

LIVRO 1 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

O OLHO DO MUNDO



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



LIVRO 2 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

A GRANDE CAÇADA



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN DIFUNDIU."

The New York Times



LIVRO 3 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

O DRAGÃO RENASCIDO



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



LIVRO 4 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

A ASCENSÃO DA SOMBRA



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



LIVRO 5 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

AS CHAMAS DO PARAÍSO



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



LIVRO 6 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

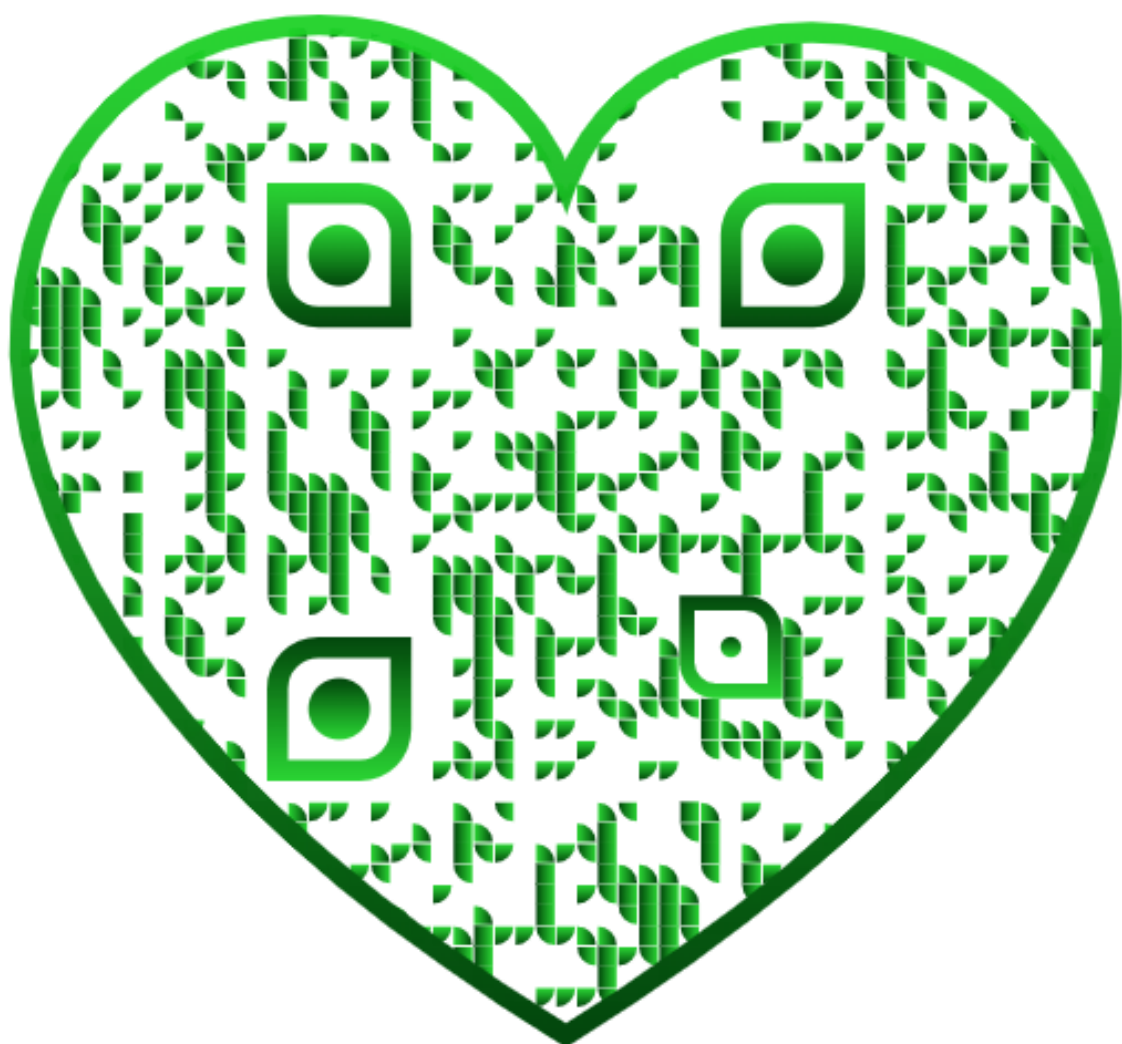
O SENHOR DO CAOS



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times





LIVRO 1 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

O OLHO DO MUNDO



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



ROBERT
JORDAN

O OLHO DO
MUNDO

LIVRO 1 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
FÁBIO FERNANDES



Copyright © 1990 by Robert Jordan

Publicado mediante acordo com Sabel Weber Associated Inc.

“The Wheel of Time®”, “The Dragon Reborn™” e o símbolo da roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan

TÍTULO ORIGINAL

The Eye of the World

TRADUÇÃO

Fábio Fernandes

REVISÃO DE TRADUÇÃO E EDIÇÃO

Raquel Zampil

PREPARAÇÃO

Paulo Bernardo Henriques

CAPA

Júlio Moreira

IMAGEM PÁGS. 2 e 3

© Cosma Andrei/Shutterstock images

IMAGEM DA RODA DO TEMPO

© Sam Weber

COURO

© Duncan P. Walker/iStockphoto

MAPAS

Ellisa Mitchell

Thomas Canty

ADAPTAÇÃO DOS MAPAS

ô de casa

ILUSTRAÇÕES INTERNAS

Matthew C. Nielsen

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-362-6

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



*Para Harriet,
coração do meu coração,
luz da minha vida,
para sempre.*

C
F
C
M
D

PRÓLOGO MONTE DO DRAGÃO

M

- 1 UMA ESTRADA DESERTA
- 2 ESTRANHOS
- 3 O MASCATE
- 4 O MENESTREL
- 5 NOITE INVERNAL
- 6 A FLORESTA DO OESTE
- 7 FORA DA FLORESTA
- 8 UM LUGAR SEGURO
- 9 HISTÓRIAS DA RODA
- 10 A PARTIDA
- 11 A ESTRADA PARA BARCA DO TAREN
- 12 CRUZANDO O TAREN

M

- 13 ESCOLHAS
- 14 CERVO E LEÃO
- 15 ESTRANHOS E AMIGOS
- 16 A SABEDORIA

- 17 VIGIAS E CAÇADORES
- 18 A ESTRADA DE CAEMLYN
- 19 ONDE A SOMBRA ESPERA
- 20 POEIRA AO VENTO
- 21 ESCUTE O VENTO
- 22 UIM CAMINHO ESCOLHIDO
- 23 IRMÃO DOS LOBOS
- 24 FUGA PELO ARINELLE
- 25 O POVO ERRANTE
- 26 PONTE BRANCA
- 27 ABRIGO DA TEMPESTADE
- 28 PEGADAS NO AR
- 29 OLHOS IMPIEDOSOS
- 30 FILHOS DA SOMBRA
- 31 O PREÇO DO SEU JANTAR
- 32 QUATRO REIS NA SOMBRA
- 33 AS TREVAS À ESPERA
- 34 A ÚLTIMA ALDEIA
- 35 CAEMLYN
- 36 A TEIA DO PADRÃO
- 37 A LONGA PERSEGUIÇÃO
- 38 RESGATE
- 39 TESSITURA DA TEIA
- 40 A TEIA SE ESTREITA
- 41 VELHOS AMIGOS E NOVAS AMEAÇAS
- 42 RECORDAÇÕES DE SONHOS
- 43 DECISÕES E APARIÇÕES
- 44 A ESCURIDÃO DOS CAMINHOS
- 45 O QUE SEGUE NA SOMBRA
- M
- 46 FAL DARA
- 47 MAIS HISTÓRIAS DA RODA
- 48 A PRAGA
- 49 O TENEBROSO SE AGITA
- 50 ENCONTROS NO OLHO
- 51 CONTRA A SOMBRA
- 52 NÃO HÁ COMEÇO NEM FIM
- 53 A RODA GIRA



Monte do Dragão

O palácio ainda estremecia de quando em quando, e a terra ressoava com a lembrança, gemendo como se quisesse negar o que havia acontecido. Feixes de luz do sol, atravessando fendas nas paredes, faziam cintilar a poeira ainda suspensa no ar. Manchas chamuscadas maculavam as paredes, o piso, o teto. Grandes nós negros cruzavam as tintas e as douraduras cheias de bolhas de murais antes brilhantes, a fuligem cobrindo frisos que se desintegravam com figuras de homens e animais que pareciam ter tentado fugir antes que a loucura se aquietasse. Os mortos jaziam por toda parte, homens, mulheres e crianças, atingidos durante a fuga pelos relâmpagos que atravessaram todos os corredores, ou encurralados pelos incêndios, ou soterrados pelas pedras do palácio, pedras que os perseguiram, voando, quase vivas, antes que o silêncio retornasse. Em um estranho contraponto, coloridas tapeçarias e pinturas, todas obras-primas, pendiam impassíveis, exceto onde paredes deformadas as haviam deslocado. Móveis finamente esculpidos, entalhados com marfim e ouro, estavam intocados, a não ser onde ondulações no piso os tinham derrubado. A distorção da mente havia atingido o núcleo, ignorando a periferia.

Lews Therin Telamon vagava pelo palácio, mantendo habilmente o equilíbrio quando a terra voltava a oscilar.

— Ilyena! Meu amor, onde está você? — A barra de seu manto cinza-claro arrastou-se pelo sangue quando ele passou por cima do corpo de uma mulher, a beleza de cabelos dourados conspurcada pelo horror de seus últimos momentos, os olhos ainda abertos, paralisados, incrédulos. — Onde você está, minha mulher? Onde todos se escondem?

Os olhos dele captaram o próprio reflexo em um espelho torto que pendia de uma parede de mármore fundido. Suas roupas, que um dia foram um traje finamente tecido e

majestoso em tons de cinza, escarlate e ouro, trazido por mercadores do outro lado do Mar do Mundo, agora estavam rasgadas e sujas, cobertas pela mesma poeira que lhe sujava o cabelo e a pele. Por um momento ele tocou o símbolo no manto, um círculo metade branco e metade preto, as cores divididas ao meio por uma linha sinuosa. Significava alguma coisa aquele símbolo. Mas o círculo bordado não prendeu sua atenção por muito tempo. Ele encarou a própria imagem com o mesmo espanto. Um homem alto recém-chegado à meia-idade, que já fora bonito, mas cujos cabelos agora eram mais brancos que castanhos, as linhas de tensão e preocupação marcando-lhe o rosto e os olhos escuros já tendo visto demais. Lews Therin começou a rir baixinho, depois jogou a cabeça para trás; sua gargalhada ecoou pelos salões sem vida.

— Ilyena, meu amor! Venha, meu amor. Você precisa ver isso.

Atrás dele o ar ondulou, tremeluziu e se solidificou na forma de um homem, que olhou ao redor, a boca contorcida de desprazer por um breve momento. Não era tão alto quanto Lews Therin, e estava todo vestido de preto, exceto pela renda branca como neve no pescoço e pelos detalhes de prata nas barras viradas das botas de cano longo. Andava com cuidado, segurando o manto com zelo para evitar que tocasse nos mortos. O chão vibrava com as réplicas dos abalos, mas sua atenção estava fixa no homem que encarava o espelho e gargalhava.

— Senhor da Manhã — ele disse. — Vim buscá-lo.

O riso cessou como se nunca tivesse começado, e Lews Therin se virou, sem parecer surpreso.

— Ah, um convidado! Você tem a Voz, estranho? Em breve será hora do Canto, e aqui todos são bem-vindos a participar. Ilyena, meu amor, temos um convidado. Ilyena, onde você está?

Os olhos do homem de preto se arregalaram e relancearam para o corpo da mulher de cabelos dourados, depois de volta para Lews Therin.

— Que Shai'tan o carregue. Será que a mácula já o afetou tanto assim?

— Esse nome. Shai... — Lews Therin estremeceu e ergueu a mão, como se para repelir alguma coisa. — Não deve dizer esse nome. É perigoso.

— Então, pelo menos disso você se lembra. É perigoso para você, tolo, não para mim. Do que mais se lembra? Lembre-se, idiota cego pela Luz! Eu não vou deixar que isso acabe com você envolto na ignorância! Lembre-se!

Por um momento Lews Therin encarou sua mão erguida, fascinado pelos desenhos da sujeira. Então, limpou-a no casaco ainda mais imundo e voltou a atenção para o outro homem.

— Quem é você? O que quer?

O homem de preto se empertigou com arrogância.

— Um dia fui chamado Elan Morin Tedronai, mas hoje...

— Traidor da Esperança. — A voz de Lews Therin era apenas um murmúrio.

A memória tentou vir à tona, mas ele virou a cabeça, esquivando-se dela.

— Então você se lembra de algumas coisas. Isso mesmo, Traidor da Esperança. Assim alguns homens me chamaram, da mesma forma que o chamaram de Dragão. Mas, ao contrário de você, eu aceitei o nome. Eles me conferiram o título para me ofender, mas ainda hei de fazê-los se ajoelharem e o adorarem. O que fará com o seu? Depois deste dia, os homens hão de chamá-lo de Fratricida. O que fará com isso?

Lews Therin franziu a testa e olhou para o salão em ruínas.

— Ilyena deveria estar aqui para dar as boas-vindas ao convidado — ele murmurou, distraído, e então levantou a voz. — Ilyena, onde está você?

O chão tremeu; o corpo da mulher de cabelos dourados se moveu como se respondesse a seu chamado. Ele não a viu.

Elan Morin fez uma careta.

— Olhe só para você — disse com escárnio. — Já foi o primeiro entre os Servos. Já usou o Anel de Tamyrlin e sentou-se no Grão-trono. Já invocou os Nove Bastões do Domínio. Agora olhe para si mesmo! Um desgraçado arruinado e digno de pena. Mas isso não basta. Você me humilhou no Salão dos Servos. Você me derrotou nos Portões de Paaran Disen. No entanto, eu sou o maior agora. E não vou deixar que você morra sem saber disso. Quando morrer, seu último pensamento será a plena consciência de sua derrota, do quanto ela é completa e absoluta. Isso, se eu o deixar morrer.

— Não consigo imaginar o que esteja segurando Ilyena. Ela vai me fazer um sermão se achar que estou lhe ocultando a presença de um convidado. Espero que aprecie uma boa conversa, pois ela adora falar. Estou lhe prevenindo: Ilyena lhe fará tantas perguntas que você poderá acabar lhe dizendo tudo que sabe.

Jogando para trás o manto preto, Elan Morin flexionou as mãos.

— É uma pena para você — ele refletiu — que uma de suas Irmãs não esteja aqui. Eu nunca fui muito hábil na Cura, e obedeço a um poder diferente agora. No entanto, mesmo uma delas só poderia lhe dar alguns minutos de lucidez, se você não a destruísse primeiro. Mas o que posso fazer também servirá a meus propósitos. — Seu sorriso súbito era cruel. — Porém, receio que a cura de Shai'tan seja diferente daquela que você conhece. Cure-se, Lews Therin!

Ele estendeu as mãos, e a luz diminuiu, como se uma sombra tivesse passado diante do sol.

A dor calcinou Lews Therin, e ele gritou, um grito saído das profundezas de seu ser, um grito que ele não conseguiu sufocar. O fogo cauterizou seus ossos; o ácido correu em suas veias. Ele caiu para trás e desabou no piso de mármore, a cabeça atingindo a pedra e quicando. Seu coração batia forte, tentando escapar do peito, e a cada pulsação lançava-lhe novamente as chamas pelo corpo. Impotente, ele começou a ter convulsões e se debater, seu crânio era uma esfera de pura agonia, prestes a explodir. Seus gritos roucos reverberavam pelo palácio.

Devagar, muito devagar, a dor foi abrandando. O alívio pareceu levar mil anos e o deixou fraco e trêmulo, arfando pela garganta ferida. Outros mil anos pareceram se passar antes que ele conseguisse se erguer, os músculos iguais a geleia, e, vacilante, pôr-se de quatro. Seus olhos pousaram na mulher de cabelos dourados, e o grito que lhe foi arrancado sobrepujou todos os anteriores. Com dificuldade, quase desabando, ele se arrastou pelo chão até ela. Precisou de cada migalha de força a fim de puxá-la para seus braços. Suas mãos tremiam ao afastar-lhe os cabelos do rosto de olhos vidrados.

— Ilyena! Que a Luz me ajude, Ilyena! — Seu corpo se curvou de forma protetora sobre ela, seus soluços o clamor a plenos pulmões de um homem que não tinha mais pelo que viver. — Ilyena, não! Não!

— Você pode tê-la de volta, Fratricida. O Grande Senhor das Trevas pode ressuscitá-la, se você o servir. Se servir a mim.

Lews Therin ergueu a cabeça, e o homem vestido de preto deu um passo involuntário para trás, afastando-se daquele olhar.

— Dez anos, Traidor — Lews Therin disse baixinho, o som suave do aço deixando a bainha. — Por dez anos seu mestre vem arruinando o mundo. E agora isso. Eu vou...

— Dez anos! Seu tolo patético! Essa guerra não durou dez anos, mas desde o início dos tempos. Você e eu travamos mil batalhas com o girar da Roda, mil vezes mil, e continuaremos a travá-la até o tempo morrer e a Sombra triunfar!

Ele terminou com um grito e o punho erguido, e foi a vez de Lews Therin recuar, respirando com dificuldade ante o brilho nos olhos do Traidor.

Com cuidado, Lews Therin pousou Ilyena no chão, os dedos roçando gentilmente seus cabelos. As lágrimas borravam sua visão quando ele se levantou, mas a voz soou fria como o ferro.

— Pelas outras coisas que você fez não pode haver perdão, Traidor, mas pela morte de Ilyena vou destruí-lo além do que seu mestre será capaz de recuperar. Prepare-se para...

— Lembre-se, seu tolo! Lembre-se de seu ataque inútil ao Grande Senhor das Trevas! Lembre-se do contra-ataque dele! Lembre-se! Neste exato instante os Cem Companheiros estão fazendo o mundo em pedaços, e todos os dias cem mais se juntam a eles. Que mão assassinou Ilyena Cabelos de Sol, Fratricida? Não foi a minha. Não foi a minha. Que mão destruiu cada vida que tinha uma gota do seu sangue, todos que o amavam, todos a quem você amava? Não foi a minha, Fratricida. Não foi a minha. Lembre-se e saiba o preço de se opor a Shai'tan!

Um suor súbito correu pelo rosto de Lews Therin, abrindo trilhas em meio ao pó e à sujeira. Ele lembrou; era uma lembrança enevoada como o sonho de um sonho, mas ele sabia que era verdade.

Seu uivo ricocheteou nas paredes, o uivo de um homem que havia descoberto que sua alma fora condenada pela própria mão, e ele cravou as unhas no rosto como se para rasgar a visão do que havia feito. Para onde quer que se voltasse, seus olhos encontravam os mortos. Dilacerados, despedaçados, queimados, ou quase soterrados pelas pedras. Por toda parte jaziam sem vida rostos que ele conhecia, rostos que ele amava. Velhos criados e amigos de infância, companheiros fiéis durante os longos anos de batalha. E seus filhos. Seus próprios filhos e filhas, espalhados como bonecos quebrados, suas brincadeiras para sempre interrompidas. Todos assassinados por sua própria mão. Os rostos de seus filhos o acusavam, os olhos vazios perguntando por quê, e as lágrimas dele não ofereciam nenhuma resposta. A gargalhada do Traidor o açoitou, abafando seus uivos. Ele não podia suportar os rostos, a dor. Não suportava ficar ali nem mais um segundo. Em desespero, buscou a Fonte Verdadeira, o *saidin* maculado, e Viajou.

A terra ao seu redor era plana e deserta. Um rio passava ali por perto, largo e reto, e ele sentia que não havia pessoas em um raio de cem léguas. Estava só, tão só quanto um homem podia estar enquanto vivesse, mas não podia fugir da memória. Os olhos o perseguiam pelas infinitas cavernas de sua mente. Não podia se esconder deles. Os olhos de seus filhos. Os olhos de Ilyena. Lágrimas cintilavam em seu rosto quando ele voltou os olhos para o céu.

— Luz, perdoe-me! — Não acreditava que ele viesse, o perdão. Não para o que havia feito. Mas gritou para o céu mesmo assim, implorou pelo que não acreditava que pudesse receber. — Luz, perdoe-me!

Ele ainda estava tocando o *saidin*, a metade masculina do poder que movia o universo, que fazia girar a Roda do Tempo, e podia sentir a mancha oleosa conspirando

sua superfície, a marca do contra-ataque da Sombra, a mácula que condenou o mundo. Por sua causa. Porque, em seu orgulho, ele acreditara que os homens podiam se equiparar ao Criador, podiam consertar o que o Criador havia feito e eles haviam destruído. Em seu orgulho, ele acreditara.

Ele recorreu à Fonte Verdadeira profundamente, e cada vez mais fundo, como um homem morrendo de sede. Em pouco tempo havia absorvido mais do Poder Único do que poderia canalizar sem ajuda; sua pele parecia estar em chamas. Com muito esforço, ele se obrigou a absorver mais, tentou absorver tudo.

— Luz, perdoe-me! Ilyena!

O ar transformou-se em fogo, e o fogo, em luz liquefeita. O raio que desceu dos céus teria carbonizado e cegado qualquer olho que o vislumbresse ainda que por um só instante. Dos céus ele veio, atravessou Lews Therin Telamon, cravou-se nas entranhas da terra. As pedras se transformaram em vapor ao seu toque. A terra se debateu como um ser vivo em agonia. A linha de luz existiu apenas por uma fração de segundo, ligando a terra ao céu, mas depois que ela se foi o solo ainda se agitava como o mar em uma tempestade. A pedra fundida jorrou a quinhentos pés de altura, e o chão, gemendo, elevou-se, lançando os jatos incandescentes cada vez mais alto. Do norte e do sul, do leste e do oeste, o vento chegou uivando, partindo árvores como gravetos, urrando e soprando como se quisesse ajudar a montanha crescente a subir ainda mais rumo aos céus. Sempre rumo aos céus.

Finalmente o vento cessou, e da terra vinham apenas murmúrios trêmulos. De Lews Therin Telamon, nenhum vestígio restava. Onde ele antes estivera erguia-se agora uma montanha de milhas de altura, a lava ainda jorrando do pico partido. O rio largo e reto afastara-se da montanha em uma curva, e nesse ponto as águas se separaram, formando uma ilha comprida no meio. A sombra da montanha quase chegava à ilha, estendendo-se escura pela terra como a mão agourenta de uma profecia. Por algum tempo os roncoss de protesto da terra eram tudo que se ouvia.

Na ilha, o ar tremeluziu e se condensou. O homem de preto estava ali, de pé, olhando para a montanha em chamas que se erguia da planície. Seu rosto se contorceu de fúria e desprezo.

— Não pode escapar tão facilmente, Dragão. A batalha entre nós dois ainda não acabou. E não acabará até o fim dos tempos.

Então ele desapareceu, e a montanha e a ilha ficaram desertas. À espera.

E a Sombra caiu sobre a terra, e o Mundo foi despedaçado, pedra por pedra. Os oceanos recuaram, as montanhas foram engolidas, e as nações se espalharam pelos oito cantos do Mundo. A lua era como o sangue, e o sol, como as cinzas. Os mares ferveram, e os vivos invejaram os mortos. Tudo se fez em pedaços, e tudo se perdeu, a não ser a memória, e uma delas acima de todas, a daquele que havia trazido a Sombra e a Ruptura do Mundo. E a ele deram o nome de Dragão.

(De *Aleth nin Taerin alta Camora*,
A Ruptura do Mundo.)

Autor desconhecido, a Quarta Era)

E assim aconteceu naqueles dias, como havia acontecido antes e tornaria a acontecer: as Trevas caíram pesadas sobre a terra e oprimiram o coração dos homens, e o que era verde extinguiu-se, e a esperança morreu. E os homens gritaram para o Criador: Ó Luz dos Céus, Luz do Mundo, deixai que o Prometido nasça da montanha, seguindo as profecias, como foi em eras passadas e será nas eras por vir. Deixai que o Príncipe da Manhã cante para a terra, que o verde vicejara e dos vales virão os cordeiros. Deixai que o braço do Senhor da Aurora nos proteja das Trevas, e a grande espada da justiça nos defenda. Deixai que o Dragão cavalgue novamente nos ventos do tempo.

(De Charal Drianaan te Calamon,

O Ciclo do Dragão.

Autor desconhecido, a Quarta Era)







Uma Estrada Deserta

A Roda do Tempo gira, e Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu nas Montanhas da Névoa. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

Nascido abaixo dos picos eternamente cobertos por nuvens que davam à montanha seu nome, o vento soprava para leste, atravessando as Colinas de Areia, outrora as margens de um grande oceano, antes da Ruptura do Mundo. Ele desceu e fustigou os Dois Rios, penetrando na mata densa chamada de Floresta do Oeste, e flagelou dois homens que seguiam com uma carroça e um cavalo por uma via estreita e pedregosa chamada de Estrada da Pedreira. Ainda que a primavera devesse ter chegado um bom mês antes, o vento trazia consigo um arrepio gelado, como se preferisse trazer a neve.

Rajadas colavam o manto de Rand al'Thor às suas costas, chicoteavam a lã cor de terra ao redor de suas pernas e depois a faziam tremular atrás dele. Rand desejou que seu casaco fosse mais pesado ou que tivesse vestido uma camisa extra. Metade das vezes em que tentava puxar o manto, trazendo-o de volta à frente do corpo, ele se prendia na aljava que balançava em seus quadris. Tentar segurar o manto com uma das mãos não ajudava muito; na outra mão ele segurava o arco, a flecha encaixada, pronta para disparar.

Quando uma rajada particularmente forte arrancou o manto de sua mão, ele olhou de relance para o pai por cima do dorso da égua marrom peluda. Sentia-se um tanto tolo por querer se assegurar de que Tam ainda estava ali, mas era um daqueles dias. O vento uivava, mas, tirando isso, o silêncio na terra era pesado. Comparado a ele, o suave

rangido do eixo da carroça soava alto. Nenhum pássaro cantava na floresta, nenhum esquilo se agitava nos galhos das árvores. Não que ele esperasse ouvi-los, de fato; não naquela primavera.

Somente as árvores que não perdiam suas folhas ou agulhas durante o inverno tinham algum vestígio de verde. Restos dos espinheiros do ano anterior espalhavam teias marrons sobre as pedras embaixo das copas. As urtigas eram maioria entre as poucas ervas; o resto era do tipo que tinha carrapichos afiados, espinhos ou trombeteiras, que deixavam um cheiro rançoso na bota descuidada que as esmagasse. Trechos brancos e dispersos de neve ainda pontilhavam o chão onde as árvores se adensavam e conservavam uma sombra mais sólida. O sol fraco pairava acima da vegetação a leste, mas sua luz era fria e apagada, como se misturada à sombra. Era uma manhã estranha, própria para se ter pensamentos desagradáveis.

Sem pensar, ele tocou a rabeira da flecha; estava pronta para ser puxada até seu rosto em um único e suave movimento, do jeito que Tam lhe ensinara. O inverno havia sido bastante ruim nas fazendas, o pior de que até mesmo as pessoas mais velhas se lembravam, mas devia ter sido ainda mais duro nas montanhas, se o número de lobos levados a descer para os Dois Rios servia de indicativo. Eles atacavam os redis de ovelhas e invadiam os celeiros atrás do gado e dos cavalos. Os ursos também haviam atacado ovelhas, mesmo onde um urso não era visto havia anos. Já não era seguro andar por aí após o anoitecer. Homens se tornavam presas com a mesma frequência das ovelhas, e nem sempre era preciso que o sol se tivesse posto.

Tam caminhava a passo firme do outro lado de Bela, usando a lança como cajado, ignorando o vento que fazia seu manto marrom drapejar como um estandarte. De vez em quando tocava levemente o flanco da égua, para lembrá-la de seguir em frente. Com o peito forte e o rosto largo, ele era um pilar de realidade naquela manhã, como uma pedra no meio de um sonho flutuante. A face marcada pelo sol podia ter suas rugas, e os cabelos, apenas uns poucos fios pretos, mas havia nele uma solidez, como se uma enchente pudesse passar por ele sem tirar seus pés do lugar. Agora seguia pela estrada, impassível. Lobos e ursos não eram um problema, dizia sua postura, criaturas a que qualquer pastor de ovelhas devia estar atento, mas era melhor que não tentassem impedir Tam al'Thor de chegar a Campo de Emond.

Começando a se sentir culpado, Rand voltou a vigiar seu lado da estrada, a atitude simples e direta de Tam fazendo-o lembrar-se de sua tarefa. Ele era uma cabeça mais alto que o pai, mais alto que qualquer pessoa no distrito, e tinha pouco de Tam fisicamente, exceto talvez os ombros largos. Os olhos cinzentos e o tom avermelhado dos cabelos vinham da mãe, assim dizia Tam. Era estrangeira, e, além de um rosto sorridente, Rand pouco se recordava dela embora pusesse flores em seu túmulo todos os anos, no Bel Tine, na primavera, e aos domingos, no verão.

Dois barris pequenos do conhaque de maçã de Tam seguiam na carroça sacolejante e oito barris maiores de sidra, levemente forte depois de fermentar ao longo do inverno. Tam entregava a mesma carga todos os anos à Estalagem Fonte de Vinho, para uso durante o Bel Tine, e afirmara que seria preciso mais do que lobos ou um vento frio para impedi-lo nessa primavera. Mesmo assim, eles haviam passado semanas sem ir à aldeia. Nem Tam viajava muito naqueles dias. Mas dera a palavra a respeito do conhaque e da sidra, apesar de ter esperado até a véspera do Festival para fazer a entrega. Manter a palavra era algo importante para Tam. Rand estava simplesmente contente por sair da

fazenda, quase tão contente quanto pela chegada do Bel Tine.

Enquanto Rand vigiava seu lado da estrada, crescia nele a sensação de estar sendo observado. Durante algum tempo tentou ignorá-la. Nada se movia nem fazia qualquer ruído entre as árvores, a não ser o vento. Mas a sensação não apenas persistiu; ela aumentou. Os pelos dos braços se arrepiaram; a pele formigou, como se coçasse por dentro.

Irritado, ele mudou o arco de posição para coçar os braços e disse a si mesmo que não deixasse se levar por fantasias. Não havia nada na floresta no seu lado da estrada, e Tam teria avisado se houvesse alguma coisa do outro. Ele olhou por cima do ombro... e piscou. A menos de vinte braças atrás deles na estrada uma figura a cavalo, coberta por um manto, os seguia, cavalo e cavaleiro negros, escuros e sombrios.

Foi mais o hábito do que qualquer outra coisa que o fez caminhar de costas ao lado da carroça enquanto olhava.

O manto do cavaleiro o cobria até a ponta das botas, o capuz bem puxado à frente de modo a não mostrar nenhuma parte do rosto. Rand pensou vagamente que havia algo de estranho no cavaleiro, mas era a abertura ensombreada do capuz que o fascinava. Ele só conseguia ver traços vagos de um rosto, mas tinha a sensação de que estava olhando bem nos olhos do cavaleiro. E não conseguia desviar o olhar. Sentiu o estômago embrulhar. Só podia ver sombras sob o capuz, mas sentia um ódio tão agudo quanto se pudesse ver um rosto enfurecido, um ódio por todas as coisas vivas. Ódio por ele principalmente, por ele acima de todas as coisas.

De repente, uma pedra bateu em seu calcanhar e ele tropeçou, os olhos se desviando da figura negra. Seu arco caiu na estrada, e apenas a mão estendida que agarrou os arreios de Bela evitou que ele se estatelasse de costas no chão. Resfolegando de susto, a égua parou, girando a cabeça para ver o que a havia detido.

Tam franziu a testa para ele por cima do dorso de Bela.

— Tudo bem com você, rapaz?

— Um cavaleiro — disse Rand sem fôlego, apurando-se. — Um estranho nos seguindo.

— Onde? — Tam ergueu a lança de lâmina larga e olhou cautelosamente para trás.

— Ali atrás na... — As palavras de Rand morreram quando ele se virou para apontar. A estrada atrás deles estava deserta. Sem acreditar, ele olhou para a floresta que ladeava a estrada. As árvores de galhos nus não ofereciam esconderijos, mas não havia o menor vestígio do cavalo nem do cavaleiro. Ele deu com o olhar questionador de seu pai. — Ele estava ali. Um homem de manto preto, num cavalo preto.

— Eu não duvidaria de sua palavra, rapaz, mas para onde ele foi?

— Não sei. Mas estava ali. — Ele pegou o arco e a flecha caídos, verificou apressadamente as aletas antes de recolocar a flecha no encaixe e puxou a corda até a metade antes de deixá-la relaxar. Não havia nada em que mirar. — Estava, sim.

Tam balançou a cabeça grisalha.

— Se você diz, rapaz. Vamos. Um cavalo deixa marcas de cascos, mesmo num terreno destes. — Ele começou a se encaminhar na direção da traseira da carroça, o manto drapejando ao vento. — Se as encontrarmos, vamos saber com certeza que ele esteve ali. Se não... bem, dias como estes fazem um homem achar que está vendo coisas.

Subitamente Rand percebeu o que havia achado estranho no cavaleiro, além do fato de ele simplesmente estar ali. O vento que o fustigava e a Tam não havia deslocado uma

dobrar sequer daquele manto negro. Rand sentiu a boca ficar seca de repente. Devia mesmo ter imaginado aquilo. O pai estava certo: era uma manhã do tipo que mexia com a imaginação de um homem. Mas ele não acreditava nessas coisas. No entanto, como poderia dizer ao pai que o homem que aparentemente havia desaparecido em pleno ar vestia um manto intocado pelo vento?

Com a testa franzida, ele espiou a floresta ao redor; parecia diferente do que sempre fora. Praticamente desde que aprendera a andar, ele corria solto por ali. As lagoas e riachos da Floresta das Águas, além das últimas fazendas a leste de Campo de Emond, eram onde ele havia aprendido a nadar. Havia explorado as Colinas de Areia, o que muita gente nos Dois Rios dizia que dava azar, e certa vez chegara ao sopé das Montanhas da Névoa, ele e seus amigos mais próximos, Mat Cauthon e Perrin Aybara. Isso era muito mais longe do que a maioria das pessoas de Campo de Emond jamais tinha ido; para eles, uma jornada até a aldeia seguinte, subindo até a Colina da Vigília ou descendo até a Trilha de Deven, era um grande acontecimento. De todos aqueles lugares, não houvera um só que o fizesse sentir medo. Naquele dia, porém, a Floresta do Oeste não era mais o lugar do qual ele se lembrava. Um homem capaz de desaparecer tão de repente podia reaparecer da mesma maneira, talvez até mesmo ao lado deles.

— Não, pai, não há necessidade.

Quando Tam parou, surpreso, Rand encobriu o rubor puxando o capuz de seu manto.

— O senhor provavelmente tem razão. Não há necessidade de sair procurando o que não existe, não quando podemos aproveitar esse tempo para seguir até a aldeia e sair deste vento.

— Um cachimbo não seria nada mau — disse Tam devagar —, assim como uma caneca de cerveja num lugar quente. — Subitamente ele abriu um sorriso. — E imagino que você esteja ansioso para ver Egwene.

Rand conseguiu dar um sorriso fraco. De todas as coisas em que ele poderia querer pensar naquele instante, a filha do prefeito estava lá no fim da lista. Ele não precisava de mais confusão. Durante o último ano ela o vinha deixando cada vez mais nervoso sempre que estavam juntos. Pior, ela nem sequer parecia se dar conta disso. Não, ele certamente não queria somar Egwene a seus pensamentos.

Estava torcendo para que o pai não tivesse notado que ele estava com medo quando Tam falou:

— Lembre-se da chama, rapaz, e do vazio.

Essa era uma coisa estranha que Tam lhe havia ensinado. Concentrar-se em uma única chama e alimentá-la com todas as suas paixões — medo, ódio, raiva — até sua mente ficar vazia. Torne-se um com o vazio, dizia Tam, e poderá fazer qualquer coisa. Ninguém mais em Campo de Emond falava assim. Mas Tam vencia o campeonato de arco e flecha no Bel Tine todo ano com sua chama e seu vazio. Rand achava que esse ano poderia obter uma boa colocação também, se conseguisse se ater ao vazio. O fato de Tam tocar no assunto naquele momento significava que *havia* notado, mas não disse mais nada a respeito.

Tam estalou a língua, incitando Bela a voltar a andar, e eles retomaram sua jornada, o homem mais velho caminhando como se nada fora do normal tivesse acontecido e nada fora do normal pudesse acontecer. Rand queria poder imitá-lo. Tentou criar o vazio em sua mente, mas ele lhe escapava. A todo instante imagens do cavaleiro de manto negro

ficavam se formando em sua cabeça.

Ele queria acreditar que Tam tinha razão, que o cavaleiro havia sido apenas imaginação, mas lembrava-se do sentimento de ódio muito bem. Alguém *tinha* estado ali. E esse alguém havia lhe desejado mal. Ele não parou de olhar para trás até os telhados pontudos e altos de Campo de Emond começarem a cercá-lo.

A aldeia ficava perto da Floresta do Oeste, a mata aos poucos rareando até as últimas árvores se erguerem já entre as casas baixas e sólidas. A terra se inclinava suavemente, descendo na direção do leste. Embora houvesse trechos de mata, fazendas e campos e pastos demarcados por cercas vivas cobriam a terra como uma colcha de retalhos além da aldeia até a Floresta das Águas e seu emaranhado de riachos e lagoas. A terra que se estendia para oeste era igualmente fértil, e os pastos ali vicejavam quase todos os anos, mas havia apenas um punhado de fazendas na Floresta do Oeste. Mesmo essas poucas desapareciam completamente a milhas das Colinas de Areia, para não mencionar as Montanhas da Névoa, que se elevavam acima das copas das árvores da Floresta do Oeste, distantes, mas perfeitamente visíveis de Campo de Emond. Uns diziam que a terra era rochosa demais, como se não houvesse rochas por toda parte nos Dois Rios, e outros diziam que a terra trazia má sorte. Uns poucos resmungavam que não havia por que se aproximar das montanhas mais do que o necessário. Fossem quais fossem as razões, apenas os homens mais corajosos cultivavam a terra na Floresta do Oeste.

Crianças pequenas e cães começaram a cercar a carroça em enxames, gritando e latindo, assim que Tam e Rand passaram pela primeira fileira de casas. Bela seguia pacientemente, ignorando os pequenos que gritavam e se acotovelavam embaixo de seu focinho, brincando de pique e com bambolês. Nos últimos meses pouco se vira de risos ou brincadeiras de criança; mesmo quando o tempo abrandara o suficiente para que elas pudessem sair, o medo dos lobos as mantivera dentro de casa. Parecia que a aproximação do Bel Tine as havia ensinado a brincar novamente.

O Festival havia afetado também os adultos. As janelas estavam escancaradas, e em quase todas as casas a dona se punha ali, vestindo avental e usando um lenço nos longos cabelos trançados, sacudindo lençóis ou pendurando colchões nos peitoris. Independentemente do aparecimento ou não de folhas nas árvores, nenhuma mulher deixaria o Bel Tine chegar antes de fazer sua limpeza anual. Em cada quintal viam-se tapetes pendurados em varais, e as crianças que não foram rápidas o bastante para escapular livres pelas ruas descontavam sua frustração nos tapetes com batedores de vime. Em todos os telhados o dono da casa se empoleirava, verificando a cobertura de palha para ver se os danos do inverno necessitavam de uma visita do velho Cenn Buie, o telhador.

Por várias vezes Tam parou para conversar rapidamente com um ou outro aldeão. Como ele e Rand haviam ficado semanas sem sair da fazenda, todos queriam saber como as coisas andavam por aqueles lados. Poucos homens da Floresta do Oeste tinham aparecido na aldeia. Tam falou de prejuízos com as tempestades do inverno, cada uma pior que a anterior, de ovelhas natimortas, de campos marrons onde as plantações deveriam estar brotando e os pastos verdejando, de bandos de corvos se reunindo onde nos anos anteriores havia pássaros canoros. Conversas lúgubres, com os preparativos para o Bel Tine acontecendo por toda parte ao redor deles, e muitas cabeças anuindo. Era a mesma coisa em todos os lugares.

A maioria dos homens dava de ombros e dizia:

— Bem, se a Luz quiser, nós vamos sobreviver.

Outros sorriam e acrescentavam:

— E, se a Luz não quiser, vamos sobreviver assim mesmo.

Assim era a maioria das pessoas dos Dois Rios. Pessoas obrigadas a ver o granizo arrasar suas colheitas ou os lobos levarem suas ovelhas e recomeçar, não importando por quantos anos isso se repetisse, não desistiam facilmente. A maioria dos que desistiam já partiria havia muito tempo.

Tam não teria parado para Wit Congar se o homem não tivesse saído para o meio da rua obrigando-os a frear ou deixar Bela passar por cima dele. Os Congars — e os Coplins; as duas famílias casavam tanto entre si que não se sabia de fato onde uma acabava e a outra começava — eram conhecidos da Colina da Vigília até Trilha de Deven, e talvez até Barca do Taren, como gente queixosa e encrenqueira.

— Preciso levar isto para Bran al'Vere, Wit — disse Tam, indicando com a cabeça os barris na carroça.

Mas o homem magricela ficou onde estava com uma expressão azeda no rosto. Momentos antes ele estivera esparramado na soleira da porta, e não em cima do telhado, embora a cobertura estivesse com um aspecto tão ruim que parecia precisar com urgência dos cuidados de Mestre Buie. Wit nunca parecia pronto a retomar o trabalho ou terminar o que havia começado. A maioria dos Coplins e dos Congars era assim, os que não eram piores.

— O que vamos fazer a respeito de Nynaeve, al'Thor? — questionou Congar. — Não podemos ter uma Sabedoria assim em Campo de Emond.

Tam deu um suspiro profundo.

— Não é da nossa conta, Wit. A Sabedoria é assunto das mulheres.

— Bem, é melhor fazermos alguma coisa, al'Thor. Ela disse que teríamos um inverno ameno. E uma boa colheita. Agora pergunte o que ela ouve no vento, e ela simplesmente olha para você de cara feia e sai pisando duro.

— Se você a questionou com seus modos habituais, Wit — disse Tam com paciência —, tem sorte de ela não o ter acertado com aquele cajado que carrega. Agora, se não se importa, este conhaque...

— Nynaeve al'Meara é jovem demais para ser uma Sabedoria, al'Thor. Se o Círculo das Mulheres não fizer nada, então o Conselho da Aldeia terá de fazer.

— O que você tem a ver com a Sabedoria, Wit Congar? — rugiu uma voz feminina. Wit se encolheu quando sua mulher saiu marchando da casa. Daise Congar tinha o dobro da largura de Wit, uma mulher de rosto endurecido sem um só grama de gordura no corpo. Ela o fuzilou com os olhos, as mãos nos quadris. — Experimente se meter nos assuntos do Círculo das Mulheres e veja se gosta de cozinhar sua própria comida. Coisa que você não vai fazer na minha cozinha. E lavar as próprias roupas e arrumar a própria cama. O que não vai ser embaixo do meu teto.

— Mas, Daise — Wit gemeu —, eu só estava...

— Com seu perdão, Daise — disse Tam. — Wit. Que a Luz brilhe sobre os dois.

Ele pôs Bela em movimento, fazendo-a desviar-se do sujeito magricela. Daise estava concentrada no marido agora, mas a qualquer minuto poderia perceber com quem Wit estivera conversando.

Era essa a razão de os al'Thors não terem aceitado nenhum dos convites para comer alguma coisa nem tomar algo quente. Sempre que viam Tam, as donas de casa de Campo

de Emond punham-se de orelha em pé, como perdigueiros ao avistarem um coelho. Não havia uma só delas que não conhecesse a esposa perfeita para um viúvo com uma boa fazenda, mesmo que fosse na Floresta do Oeste.

Rand afastou-se na mesma velocidade que Tam, talvez até mais rápido. Ele às vezes se via encurralado quando o pai não estava por perto, sem outra maneira de escapar que não fosse a grosseria. Levado até um banco ao lado do fogo na cozinha, eram-lhe servidos doces, bolos de mel ou tortas de carne. E os olhos da dona da casa sempre o pesavam e mediam com a mesma precisão das balanças e fitas métricas de um mercador enquanto ela lhe dizia que o que ele estava comendo não era nem de perto tão bom quanto o que sua irmã viúva, ou sua prima mais velha, sabia preparar. Tam certamente não estava ficando mais jovem, ela diria. Era bom que ele tivesse amado tanto a esposa — isso era um ótimo sinal para a próxima mulher em sua vida —, mas seu luto já havia durado tempo demais. Tam precisava de uma boa esposa. Era fato, diria ela — isso ou algo parecido —, que um homem simplesmente não podia ficar sem uma mulher que cuidasse dele e o mantivesse longe de problema. As piores eram aquelas que nesse momento se detinham, pensativas, e então perguntavam com um descompromisso estudado exatamente quantos anos *ele* tinha agora.

Como a maior parte do povo dos Dois Rios, Rand tinha como forte traço de personalidade a teimosia. Os forasteiros às vezes diziam que essa era a principal característica da gente da região: eram capazes de dar aulas a mulas e ensinar às pedras. As mulheres eram boas e gentis em sua maioria, mas ele detestava ser forçado a fazer qualquer coisa, e elas o deixavam com a sensação de estar sendo conduzido com varas pontudas. Assim, ele acelerou o passo, torcendo para que Tam apressasse Bela também.

Não demorou para que a rua se abrisse, indo dar no Campo, uma ampla área no meio da aldeia. Normalmente coberto por uma grama espessa, o Campo nessa primavera mostrava apenas alguns trechos de verde em meio ao marrom-amarelado da grama morta e o negro da terra nua. Uns poucos gansos vagavam pelo local, olhando atentos o chão, sem no entanto achar nada que valesse a pena bicar, e uma vaca leiteira fora amarrada ali perto para pastar na grama esparsa.

Mais para a extremidade oeste do Campo, a fonte propriamente dita do riacho Fonte de Vinho jorrava de um afloramento baixo na rocha em um fluxo que nunca falhava, um fluxo forte o bastante para derrubar um homem e doce o suficiente para justificar seu nome cem vezes. Da nascente, as águas corriam ligeiras para o leste, alargando-se rapidamente, as margens pontilhadas de salgueiros ao longo de todo o caminho até o moinho de Mestre Thane e além, até se dividir em dezenas de córregos nas profundezas pantanosas da Floresta das Águas. Duas pontes baixas e estreitas para pedestres atravessavam o límpido riacho no Campo, assim como outra mais larga e forte o bastante para suportar o peso de carroças. A Ponte das Carroças marcava o ponto onde a Estrada do Norte, que vinha de Barca do Taren e da Colina da Vigília, tornava-se a Estrada Velha, que levava até Trilha de Deven. Os forasteiros costumavam achar engraçado que a estrada tivesse um nome ao norte e outro ao sul, mas, até onde os habitantes de Campo de Emond sabiam, era assim que sempre fora, e isso bastava. Era motivo suficiente para a gente dos Dois Rios.

Do outro lado das pontes, os montes já estavam crescendo para as fogueiras do Bel Tine, três pilhas de troncos, cuidadosamente arrumados, quase do tamanho de casas. Elas tinham de ficar na terra nua, naturalmente, e não no Campo, por mais esparsa que a

grama estivesse. No Festival, o que não acontecia ao redor das fogueiras acontecia no Campo.

Perto da Fonte de Vinho um grupo de mulheres mais velhas cantava baixinho enquanto erguia o Pau da Primavera. Despido dos galhos, o tronco reto e esguio de um abeto elevava-se a dez pés de altura, mesmo no buraco que elas haviam escavado para ele. Um bando de meninas jovens demais para usar os cabelos trançados encontrava-se ali perto. Sentadas de pernas cruzadas, elas observavam com inveja, ocasionalmente cantando fragmentos da canção das mulheres.

Tam estalou a língua, como se para incitar Bela a acelerar o passo, embora ela o ignorasse, e Rand manteve deliberadamente os olhos afastados do que as mulheres estavam fazendo. Pela manhã os homens fingiriam surpresa ao encontrar o Pau; depois, ao meio-dia, as mulheres solteiras dançariam ao redor dele, enrolando-o com longas fitas coloridas enquanto os homens solteiros cantavam. Ninguém sabia quando esse costume começara nem por quê — era mais uma prática que seguia do jeito que sempre fora —, mas era uma desculpa para cantar e dançar, e ninguém nos Dois Rios precisava de muita desculpa para isso.

O dia inteiro do Bel Tine seria tomado com cantoria, danças e banquetes, com corridas e competições de quase tudo. Haveria prêmios não somente para o melhor com arco e flecha, mas também com funda e lança. Haveria concursos de enigmas e charadas, de cabo de guerra e de levantamento e lançamento de pesos, prêmios para o melhor cantor, o melhor dançarino e o melhor tocador de rabeca, para o mais rápido a tosquirar uma ovelha, e até mesmo para o melhor em bocha e nos dardos.

O Bel Tine devia acontecer quando a primavera houvesse chegado de verdade, os primeiros cordeiros tivessem nascido e a primeira colheita estivesse brotando. Mas, mesmo com o frio ainda intenso, ninguém sequer pensara em adiar o Festival. Um pouco de música e dança faria bem a todos. E, para completar, se os rumores fossem verdadeiros, uma grande exibição de fogos de artifício estava planejada para o Campo — se o primeiro mascate do ano aparecesse a tempo, é claro. Isso vinha gerando um falatório considerável; dez anos haviam se passado desde a última exibição desse tipo, e as pessoas ainda falavam dela.

A Estalagem Fonte de Vinho ficava na extremidade leste do Campo, bem ao lado da Ponte das Carroças. O primeiro andar da construção era de pedras do rio, embora a fundação fosse de rochas mais antigas, que, diziam uns, vinham das montanhas. O segundo andar, de paredes caiadas — onde Brandelwyn al'Vere, estalajadeiro e Prefeito de Campo de Emond pelos últimos vinte anos, vivia nos fundos com a mulher e as filhas —, projetava-se além da área do andar inferior. As telhas vermelhas, único telhado desse tipo na aldeia, reluziam à luz fraca do sol, e saía fumaça de três das doze chaminés altas da estalagem.

No lado sul da estalagem, distante do riacho, estendiam-se os vestígios de uma fundação de pedra muito maior, outrora parte da construção — ou pelo menos assim diziam. No meio dela agora crescia um imenso carvalho, cujo tronco tinha cerca de trinta passos de diâmetro, e os galhos que se espalhavam eram da grossura de um homem. No verão, Bran al'Vere dispunha cadeiras e mesas embaixo daqueles galhos, que, carregados de folhas, davam uma boa sombra, e ali as pessoas podiam beber alguma coisa e desfrutar da brisa fresca enquanto conversavam ou arrumavam o tabuleiro para um jogo de pedras.

— Aqui estamos, rapaz. — Tam estendeu a mão para os arreios de Bela, que se

deteve diante da estalagem antes mesmo que ele encostasse no couro. — Conhece o caminho melhor do que eu. — Ele deu uma risada.

Quando o último rangido do eixo da carroça já não se ouvia, Bran al'Vere surgiu de dentro da estalagem, parecendo como sempre pisar leve demais para um homem de sua circunferência, quase o dobro da de todos os demais na aldeia. Um sorriso dividiu seu rosto redondo, que era encimado por uma franja esparsa de cabelos grisalhos. O estalajadeiro estava de mangas curtas apesar da friagem, o avental de um branco imaculado amarrado na cintura. Um medalhão de prata na forma de uma balança de dois pratos pendia em seu peito.

O medalhão, junto com a balança de tamanho real usada para pesar as moedas dos mercadores que desciam de Baerlon para negociar lã ou tabac, era o símbolo do cargo de Prefeito. Bran só o usava para lidar com os mercadores e para festividades e casamentos. Agora ele o estava usando com antecedência, mas aquela seria a Noite Invernal, a véspera do Bel Tine, quando todos fariam visitas de um lado para o outro quase a noite inteira, trocando presentinhos e comendo e bebendo um pouco em cada casa. *Depois desse inverno*, pensou Rand, *ele provavelmente considera a Noite Invernal desculpa suficiente para não esperar até amanhã.*

— Tam! — o Prefeito gritou ao ir apressado até eles. — Que a Luz brilhe sobre mim, é bom vê-lo finalmente. E você também, Rand. Como vai, meu rapaz?

— Vou bem, Mestre al'Vere — disse Rand. — E o senhor?

Mas a atenção de Bran já havia voltado a Tam.

— Eu já estava começando a pensar que você não traria seu conhaque este ano. Você nunca esperou tanto assim antes.

— Não me agrada deixar a fazenda, Bran — respondeu Tam. — Não com os lobos do jeito que estão. E esse tempo.

Bran pigarreou.

— Gostaria que alguém quisesse falar sobre outra coisa que não o tempo. Todo mundo reclama disso, e gente que deveria saber das coisas espera que eu resolva a questão. Acabei de passar vinte minutos explicando à Senhora al'Donel que nada posso fazer quanto às cegonhas. De qualquer forma, o que ela esperava que eu fizesse... — Ele sacudiu a cabeça.

— Um mau agouro — uma voz áspera anunciou. — Nenhum ninho de cegonha nos telhados no Bel Tine. — Cenn Buie, encarquilhado e enegrecido como uma raiz velha, marchou até Tam e Bran apoiando-se em seu cajado, quase tão alto quanto ele e igualmente encarquilhado. Tentou encarar os dois homens ao mesmo tempo com seus olhos miúdos. — Coisas piores virão, ouçam o que eu digo.

— Então você se tornou vidente, interpretando presságios? — Tam perguntou, seco. — Ou você escuta o vento, como uma Sabedoria? Vento é o que não falta. E alguns não vêm de longe daqui.

— Pode zombar se quiser — resmungou Cenn —, mas, se o tempo não esquentar o bastante para as lavouras brotarem logo, mais de um celeiro vai estar vazio antes que se possa fazer a colheita. No próximo inverno pode ser que não haja nada vivo nos Dois Rios exceto lobos e corvos. Se chegarmos ao próximo inverno. Talvez seja ainda neste.

— E o que é que você quer dizer com isso? — perguntou Bran, ríspido.

Cenn olhou para os dois com azedume.

— Não tenho muita coisa boa a dizer sobre Nynaeve al'Meara. Você sabe disso. Para

começar, ela é jovem demais para... Não importa. O Círculo das Mulheres parece desaprová-lo que o Conselho da Aldeia sequer comente os assuntos delas, embora elas interfiram nos nossos sempre que desejam, coisa que acontece na maior parte do tempo, ou assim parece...

— Cenn — interrompeu Tam —, você quer chegar a algum lugar com essa conversa?

— O que quero dizer é o seguinte, al"Thor: pergunte à Sabedoria quando o inverno irá terminar, e ela se afasta. Talvez ela não queira nos contar o que ouve no vento. Talvez o que ouça seja que o inverno não irá terminar. Talvez esse inverno simplesmente continue até a Roda girar e a Era chegar ao fim. Isso é o que eu quero dizer.

— E talvez as ovelhas saiam voando — retorquiu Tam.

Bran ergueu as mãos no ar.

— Que a Luz me proteja dos tolos. Você, que se senta no Conselho da Aldeia, Cenn, agora anda espalhando essa conversa de Coplin. Bem, escute aqui, já temos problemas suficientes sem...

Um rápido puxão na manga de Rand e uma voz baixa, destinada somente a seus ouvidos, distraiu-o da conversa dos homens mais velhos.

— Venha, Rand, enquanto eles estão discutindo. Antes que ponham você para trabalhar.

Rand olhou para baixo e teve de sorrir. Mat Cauthon encontrava-se agachado ao lado da carroça de forma que Tam, Bran e Cenn não podiam vê-lo, seu corpo magricela contorcido como uma cegonha tentando se dobrar ao meio.

Os olhos castanhos de Mat brilhavam antecipando alguma travessura, como de costume.

— Dav e eu pegamos um texugo velho enorme. Ele ficou todo zangado por ter sido arrancado da toca. Vamos soltá-lo no Campo e ver as garotas correrem.

O sorriso de Rand se abriu; aquilo não lhe soou tão divertido quanto teria sido um ou dois anos antes, mas Mat parecia não crescer nunca. Rand lançou um olhar rápido para o pai — os homens ainda tinham as cabeças muito próximas, todos os três falando ao mesmo tempo — e então abaixou a própria voz.

— Prometi descarregar a sidra. Mas posso encontrar vocês mais tarde.

Mat revirou os olhos.

— Carregar barris! Que me queimem, eu preferiria brincar com minha irmãzinha. Bom, sei de coisas melhores que um texugo. Temos estranhos nos Dois Rios. Ontem à noite...

Por um instante Rand parou de respirar.

— Um homem a cavalo? — ele perguntou com interesse. — Um homem coberto por um manto preto, montado num cavalo preto? E seu manto não se move com o vento?

Mat engoliu o sorriso, e a voz tornou-se um sussurro ainda mais rouco.

— Você o viu também? Achei que tinha sido o único. Não ria, Rand, mas ele me assustou.

— Não estou rindo. Ele também me apavorou. Eu podia jurar que ele me odiava, que queria me matar. — Rand estremeceu. Até aquele dia jamais pensara que alguém pudesse querer matá-lo, matá-lo de verdade. Esse tipo de coisa simplesmente não acontecia nos Dois Rios. Trocar uns socos, talvez, lutas, mas matar, não.

— Não sei sobre essa história de ódio, Rand, mas ele era bastante assustador de

qualquer maneira. Tudo que fez foi ficar sentado em seu cavalo, olhando para mim, na entrada da aldeia, mas eu nunca senti tanto medo em minha vida. Então, quando desviei os olhos, só por um instante... e isso não foi fácil, veja bem... e olhei de novo, ele havia desaparecido. Sangue e cinzas! Isso já tem três dias, e eu mal consigo parar de pensar nele. Fico olhando o tempo todo por cima do ombro. — Mat tentou uma risada que acabou saindo como um grasnido. — É gozado como o medo toma conta da gente. Faz a gente pensar coisas estranhas. Eu cheguei a pensar... só por um minuto, veja bem... que pudesse ser o Tenebroso. — Ele tentou dar outra risada, mas dessa vez nenhum som saiu de sua garganta.

Rand respirou fundo. Tanto para lembrar a si mesmo quanto por qualquer outro motivo, disse mecanicamente:

— O Tenebroso e todos os Abandonados estão presos em Shayol Ghul, além da Grande Praga, presos pelo Criador no momento da Criação, presos até o fim dos tempos. A mão do Criador protege o mundo, e a Luz brilha sobre todos nós. — Ele respirou fundo mais uma vez e continuou: — Além disso, se estivesse livre, o que o Pastor da Noite estaria fazendo nos Dois Rios? Vigando garotos de fazenda?

— Não sei. Só sei que aquele cavaleiro era... mau. Não ria. Posso jurar que sim. Talvez ele fosse o Dragão.

— Você está mesmo cheio de pensamentos animadores, hein? — Rand resmungou. — Está pior que Cenn.

— Minha mãe sempre disse que os Abandonados viriam me pegar se eu não me corrigisse. Se algum dia eu vi alguém que parecesse com Ishamael ou Aginor, esse alguém foi ele.

— Toda mãe assusta os filhos com os Abandonados — disse Rand secamente —, mas a maioria cresce e supera isso. Por que não o Homem das Sombras, já que você tocou no assunto?

Mat o fuzilou com o olhar.

— Eu não sentia tanto medo desde... Não, nunca senti tanto medo assim, e não me importo de admitir isso.

— Eu também não. Meu pai acha que eu estava com medo das sombras das árvores.

Mat assentiu, sombrio, e se recostou na roda da carroça.

— Meu pai também. Contei a Dav, e a Elam Dowtry. Eles estão atentos feito gaviões desde então, mas não viram nada. Agora Elam acha que eu estava tentando enganá-lo. Dav acredita que o cavaleiro vem lá de Barca do Taren... um ladrão de ovelhas, ou de galinhas. Ladrão de galinhas! — Ele caiu num silêncio afrontado.

— Provavelmente isso tudo não passa mesmo de uma bobagem — disse Rand por fim. — Talvez seja realmente só um ladrão de ovelhas. — E tentou visualizar a cena, mas era como visualizar um lobo tomando o lugar de um gato na frente da toca de um rato.

— Bem, eu não gostei de como ele olhou para mim. Nem você, não pelo jeito como reagiu ao assunto. Deveríamos contar a alguém.

— Já falamos, Mat, nós dois, e não acreditaram. Já imaginou tentar convencer Mestre al'Vere sobre esse sujeito, sem que ele o veja? Ele nos mandaria para Nynaeve para ver se estamos doentes.

— Mas agora somos dois. Ninguém poderia achar que nós dois imaginamos a mesma coisa.

Rand esfregou rapidamente o topo da cabeça, perguntando-se o que dizer. Mat era

uma figura conhecida na aldeia. Poucas pessoas haviam escapado de suas traquinagens. Agora seu nome surgia sempre que um varal deixava cair as roupas no chão ou uma fivela de sela frouxa derrubava um fazendeiro na estrada. Nem era preciso que Mat estivesse por perto. O apoio dele podia ser pior que não ter apoio nenhum.

Depois de um instante Rand falou:

— Seu pai acharia que você me convenceu a inventar isso, e o meu... — Ele olhou por cima da carroça para onde Tam, Bran e Cenn estavam conversando, e se viu olhando nos olhos do pai.

O prefeito ainda repreendia Cenn, que agora ouvia quieto e amuado.

— Bom dia, Matrim — disse Tam, animado, erguendo um dos barris de conhaque até apoiá-lo na lateral do carro. — Estou vendo que você veio ajudar Rand a descarregar a sidra. Bom garoto.

Mat se levantou de um salto já na primeira palavra e começou a recuar.

— Bom dia para o senhor, Mestre al'Thor. E para o senhor, Mestre al'Vere. Mestre Buie. Que a Luz brilhe sobre os senhores. Meu pai me mandou aqui para...

— Claro que mandou — disse Tam. — E claro que, como você é um rapaz que executa suas tarefas imediatamente, já terminou o que veio fazer. Bem, quanto mais rápido vocês levarem a sidra ao porão de Mestre al'Vere, mais rápido poderão ver o menestrel.

— Menestrel! — exclamou Mat, parando de supetão onde estava, no mesmo instante em que Rand perguntava:

— Quando ele vai chegar?

Rand só conseguia se lembrar da visita de dois menestrelis aos Dois Rios em toda a sua vida, e em uma dessas visitas ele era tão pequeno que pôde sentar-se nos ombros de Tam para assistir. O fato de terem um deles ali de verdade durante o Bel Time, com a harpa e a flauta, as histórias e tudo o mais... Dali a dez anos, Campo de Emond ainda estaria comentando aquele Festival, mesmo que não houvesse fogos de artifício.

— Bobagem — resmungou Cenn, mas calou-se com um olhar de Bran que tinha todo o peso do cargo de Prefeito.

Tam recostou-se na lateral da carroça, usando o barril de conhaque como apoio para o braço.

— Sim, um menestrel, e ele já está aqui. Segundo Mestre al'Vere, neste exato momento ele se encontra em um quarto da estalagem.

— Chegou na calada da noite. — O estalajadeiro balançou a cabeça em desaprovação. — Bateu na porta da frente até acordar a família inteira. Não fosse pelo Festival, eu teria dito que levasse o próprio cavalo para o estábulo e que dormisse na baía com ele, menestrel ou não. Imagine chegar assim no escuro.

Rand ficou olhando intrigado. Ninguém viajava além dos limites da aldeia à noite, não naqueles dias, certamente não sozinho. O telhador resmungou baixinho novamente, muito baixo dessa vez para que Rand compreendesse mais do que uma ou duas palavras. “Louco” e “anormal”.

— Ele não usa um manto negro, usa? — perguntou Mat de repente.

A barriga de Bran balançou com a risada.

— Negro? O manto dele é igual ao manto de todo menestrel que já vi na vida. Tem mais remendos do que manto, e mais cores do que você possa imaginar.

Rand surpreendeu-se rindo muito alto, um riso de puro alívio. O ameaçador

cavaleiro de negro como menestrel era mesmo uma ideia ridícula, mas... Ele cobriu a boca com a mão, envergonhado.

— Está vendo, Tam? — disse Bran. — Não tem havido muito riso neste vilarejo desde a chegada do inverno. Agora até mesmo o manto do menestrel é motivo de gargalhada. Só isso já vale a despesa de tê-lo trazido lá de Baerlon.

— Digam o que quiserem — pronunciou-se Cenn subitamente. — Eu ainda acho que é um desperdício de dinheiro. Isso e esses fogos de artifício que vocês todos insistiram em mandar trazer.

— Então há mesmo fogos de artifício — disse Mat.

Mas Cenn prosseguiu:

— Deveriam ter chegado há um mês, com o primeiro mascate do ano, mas não houve nenhum mascate sequer, não foi? Se ele não vier até amanhã, o que vamos fazer com os fogos? Realizar outro Festival só para soltá-los? Isto é, se ele os trouxer, é claro.

— Cenn. — Tam suspirou — Você confia tanto nas pessoas quanto um homem de Barca do Taren.

— Onde ele está, então? Diga-me isso, al'Thor.

— Por que o senhor não nos contou? — perguntou Mat em tom ofendido. — A aldeia toda teria se divertido tanto com a espera quanto com o próprio menestrel. Ou quase, pelo menos. Dá para ver como todo mundo ficou só com o boato de fogos.

— É, dá para ver — respondeu Bran, olhando de esguelha para o telhado. — E se eu tivesse certeza de como esse boato começou... Se eu achasse, por exemplo, que alguém andou reclamando do preço das coisas onde as pessoas pudessem ouvi-lo, quando as coisas deveriam ser segredo...

Cenn pigarreou.

— Meus ossos estão velhos demais para este vento. Se vocês não se importam, vou ver se a Senhora al'Vere pode me servir um pouco de vinho quente para espantar a friagem. Prefeito. Al'Thor.

Ele já seguia para a estalagem antes de terminar de falar, e, quando a porta se fechava atrás dele, Bran suspirou.

— Às vezes acho que Nynaeve tem razão sobre... Bem, isso não é importante agora. Vocês, jovens, pensem por um minuto. Todos estão empolgados com os fogos, é verdade, e isso só com um boato. Pensem como eles vão ficar se o mascate não chegar aqui a tempo, depois de toda a expectativa. E, com o clima do jeito que está, quem sabe quando ele virá? Todos ficariam cinquenta vezes mais empolgados com um menestrel.

— E se sentiriam cinquenta vezes piores se ele não tivesse vindo — disse Rand devagar. — Talvez nem mesmo o Bel Tine conseguiria alegrar o espírito das pessoas.

— Você tem a cabeça no lugar quando resolve usá-la — disse Bran. — Ele vai seguir seus passos no Conselho da Aldeia um dia, Tam. Ouça o que digo. Neste momento, não se sairia pior do que alguém que conheço.

— Nada disso vai descarregar a carroça — disse Tam vigorosamente, entregando o primeiro barril ao Prefeito. — Quero uma lareira quente, meu cachimbo e uma caneca da sua boa cerveja. — Ele ergueu o segundo barril de conhaque e o colocou no ombro. — Tenho certeza de que Rand vai lhe agradecer a ajuda, Matrim. Lembre-se: quanto mais cedo a sidra estiver no porão...

Quando Tam e Bran desapareceram no interior da estalagem, Rand olhou para o amigo.

— Não precisa ajudar. Dav não vai conseguir segurar aquele texugo por muito tempo.

— Ah, por que não? — perguntou Mat, resignado. — Como seu pai falou, quanto mais rápido isso estiver no porão... — Apanhando um dos barris de sidra nos braços, ele correu na direção da estalagem num meio trote. — Talvez Egwene esteja por aí. Ver você olhar para ela feito um boi abatido com uma alabarda é tão divertido quanto qualquer texugo.

Rand deteve-se no momento em que colocava o arco e a aljava na parte de trás da carroça. Ele havia de fato conseguido tirar Egwene da cabeça. Isso por si só já era incomum. Mas provavelmente ela estaria em algum lugar da estalagem. Não havia muita chance de conseguir evitá-la. Naturalmente, já fazia semanas desde que a vira pela última vez.

— E então? — Mat gritou da frente da estalagem. — Eu não disse que ia fazer tudo sozinho. Você ainda não está no Conselho da Aldeia.

Com um sobressalto, Rand apanhou um barril e o seguiu. Talvez ela não estivesse ali, afinal. Estranhamente, essa possibilidade não o fez se sentir nem um pouco melhor.





Estranhos

Quando Rand e Mat passaram com os primeiros barris pelo salão, Mestre al'Vere já estava enchendo um par de canecas com sua melhor cerveja escura, de fabricação própria, servida de um dos barris empilhados junto a uma parede. Coceira, o gato amarelo da estalagem, estava deitado em cima dele, os olhos fechados e a cauda enrolada ao redor das patas. Tam encontrava-se de pé diante da grande lareira feita de pedras do rio, enchendo um cachimbo comprido com tabac de uma lata polida que o estalajadeiro sempre mantinha sobre o console plano de pedra. A lareira estendia-se por metade do comprimento do grande salão quadrado, com um lintel da altura do ombro de um homem, e as chamas que nela crepitavam derrotavam a friagem que vinha lá de fora.

Naquela hora da agitada véspera do Festival, Rand esperava encontrar o salão vazio, exceto por Bran, seu pai e o gato, mas quatro outros membros do Conselho da Aldeia, incluindo Cenn, estavam sentados em cadeiras de espaldar alto diante do fogo, canecas nas mãos, a fumaça cinza-azulada dos cachimbos formando guirlandas acima de suas cabeças. Dessa vez, nenhum dos tabuleiros de pedras estava em uso, e todos os livros de Bran encontravam-se ociosos na prateleira em frente à lareira. Os homens nem sequer falavam, mas olhavam silenciosamente suas cervejas ou batiam as piteiras dos cachimbos nos dentes, impacientes, enquanto aguardavam que Tam e Bran se juntassem a eles.

A preocupação não era algo incomum ao Conselho da Aldeia naqueles dias, não em Campo de Emond, e provavelmente não na Colina da Vigília, nem em Trilha de Deven. Ou mesmo em Barca do Taren, embora ninguém pudesse saber o que a gente de Barca do Taren realmente achava a respeito de qualquer coisa.

Somente dois homens diante do fogo, Haral Luhhan, o ferreiro, e Jon Thane, o moleiro, ergueram os olhos para os garotos quando eles entraram. Mestre Luhhan,

entretanto, deu mais que uma olhada de relance. Os braços do ferreiro eram grossos como as pernas da maioria dos homens, cobertos de músculos fortes, e ele ainda usava o avental comprido de couro, como se tivesse saído correndo da forja direto para a reunião. Seu olhar carrancudo abarcou os dois, e então ele se endireitou deliberadamente na cadeira, voltando, com interesse exagerado, a atenção novamente para o cachimbo no qual seu enorme polegar batia.

Curioso, Rand reduziu o passo, mas teve de engolir um grito quando Mat chutou-lhe o tornozelo. O amigo acenava insistentemente com a cabeça na direção da porta dos fundos do salão e correu para lá, sem esperar. Mancando de leve, Rand o seguiu, menos apressado.

— O que houve? — quis saber assim que entrou no corredor que levava para a cozinha. — Você quase quebrou meu...

— É o velho Luhhan — disse Mat, espiondo o salão por cima do ombro de Rand. — Acho que ele suspeita que fui eu quem... — Ele parou bruscamente quando a Senhora al'Vere saiu num rompante da cozinha, o aroma de pão quentinho flutuando à frente dela.

A bandeja em suas mãos trazia alguns dos pães crocantes pelos quais ela era famosa em Campo de Emond, bem como pratos de picles e queijo. Isso subitamente lembrou Rand de que ele só havia comido uma ponta de pão antes de deixar a fazenda naquela manhã. Seu estômago roncou constrangedoramente.

Uma mulher esbelta, com a trança grossa de cabelos que já começavam a ficar grisalhos caída em um dos ombros, a Senhora al'Vere sorriu com ar maternal para os dois.

— Há mais destes na cozinha, se vocês dois estiverem com fome, e nunca conheci garotos da sua idade que não estivessem. Nem de qualquer outra idade, para ser sincera. Se preferirem, estou assando bolos de mel agora.

Ela era uma das poucas mulheres casadas da região que nunca tentavam dar uma de casamenteira com Tam. Em relação a Rand, seu jeito maternal se expressava em sorrisos afetuosos e um lanche rápido sempre que ele passava pela estalagem, mas ela agia assim com todos os rapazes do lugar. Se de vez em quando ela o olhava como se quisesse fazer mais, pelo menos não ia além do olhar, e ele se sentia profundamente grato por isso.

Sem esperar resposta, a Senhora al'Vere se apressou para o salão. Imediatamente ouviu-se o som de cadeiras sendo arrastadas quando os homens se levantaram, e exclamações quanto ao cheiro do pão. Ela era de longe a melhor cozinheira de Campo de Emond, e não havia um só homem num raio de milhas que, se tivesse chance, não iria correndo se sentar à sua mesa.

— Bolos de mel — disse Mat, estalando os lábios.

— Depois — Rand falou com firmeza —, ou não vamos acabar nunca.

Um lampião pendia acima da escada que levava à adega, ao lado da porta da cozinha, e outro criava um poço de luz no aposento de paredes de pedra embaixo da estalagem, banindo toda a escuridão a não ser por uma leve penumbra nos cantos mais distantes. Prateleiras de madeira ao longo das paredes e suportes no chão sustentavam barris de conhaque e sidra, e outros maiores de cerveja e vinho, alguns com torneiras. Muitos dos barris de vinho estavam marcados com giz na letra de Bran al'Vere, indicando o ano em que haviam sido comprados, que vendedor os tinha trazido, e em que cidade foram produzidos, mas toda a cerveja e o conhaque eram de fabricação dos fazendeiros dos

Dois Rios ou do próprio Bran. Mascates, e até mesmo mercadores, às vezes traziam conhaque ou cerveja de fora, mas esses jamais eram tão bons quanto os locais, além de custarem uma fortuna, e ninguém nunca bebia deles mais de uma vez.

— Agora — disse Rand, quando colocavam os barris nos suportes —, o que você fez para ter de evitar Mestre Luhhan?

Mat deu de ombros.

— Nada, na verdade. Eu só disse a Adan al'Caar e a alguns de seus amigos melequentos... Ewin Finngar e Dag Coplin... que alguns fazendeiros viram cães fantasmas cuspiendo fogo e correndo pela floresta. Eles engoliram tudo como se fosse creme de nata.

— E Mestre Luhhan está furioso com você por causa disso? — perguntou Rand, desconfiado.

— Não exatamente. — Mat fez uma pausa, depois balançou a cabeça. — Sabe, eu cobri dois cachorros dele com farinha de trigo, para que ficassem todos brancos. Então os soltei perto da casa de Dag. Como é que eu ia saber que eles iriam voltar correndo para casa? Não é minha culpa, de verdade. Se a Senhora Luhhan não tivesse deixado a porta aberta, eles não poderiam ter entrado. Não é como se eu tivesse a intenção de espalhar farinha pela casa dela toda. — Ele deu uma gargalhada que mais parecia um latido. — Ouvi dizer que ela botou tanto o velho Luhhan quanto os cachorros, todos os três, para fora da casa com uma vassoura.

Rand fez uma careta e riu ao mesmo tempo.

— Se eu fosse você, estaria mais preocupado com Alsbet Luhhan do que com o ferreiro. A mulher é quase tão forte quanto ele, só que o temperamento dela é bem pior. Mas não importa. Se andar rápido, talvez ele não repare em você.

A expressão de Mat dizia que ele não estava achando graça em Rand.

No entanto, quando voltaram pelo salão, não houve a menor necessidade de Mat se apressar. Os seis homens haviam agrupado suas cadeiras num nó apertado diante da lareira. De costas para o fogo, Tam falava baixo, e os outros se inclinavam para a frente para ouvir, tão concentrados nas palavras dele que provavelmente não teriam notado se um bando de ovelhas tivesse passado por ali. Rand queria se aproximar, ouvir sobre o que eles estavam conversando, mas Mat puxou a manga de sua roupa e lhe lançou um olhar agoniado. Com um suspiro, ele seguiu Mat até a carroça lá fora.

Quando retornaram ao corredor eles encontraram uma bandeja no alto da escada, com bolos de mel quentes que enchiam o ar com seu aroma doce. Também havia duas canecas, e um bule de sidra fumegante. Apesar de sua própria advertência quanto a aguardar até mais tarde, Rand se viu fazendo as duas últimas viagens entre a carroça e a adega tentando equilibrar um barril e um bolo quente.

Ao colocar o último barril no suporte, ele limpou as migalhas da boca enquanto Mat descarregava seu fardo e então falou:

— Agora, vamos ao menes...

Da escada veio um ruído de pés, e Ewin Finngar quase caiu na adega de tanta pressa, o rosto gorducho brilhando de ansiedade para transmitir suas notícias.

— Há estranhos na aldeia. — Ele respirou fundo e dirigiu um olhar atravessado a Mat. — Não vi nenhum cão fantasma, mas ouvi dizer que alguém cobriu de farinha os cachorros do Mestre Luhhan. Também ouvi dizer que a Senhora Luhhan tem lá suas suspeitas sobre quem fez isso.

A diferença de idade que separava Rand e Mat de Ewin, que tinha apenas quatorze anos, em geral era mais do que suficiente para que eles não dessem muita importância a qualquer coisa que o garoto tivesse a dizer. Dessa vez, porém, os dois trocaram um olhar preocupado, e então começaram a falar ao mesmo tempo.

— Na aldeia? — questionou Rand. — Não na floresta?

Enquanto ele ainda falava, Mat também perguntou:

— O manto dele era preto? Você conseguiu ver o rosto dele?

Ewin olhou inseguro de um para o outro, depois falou rapidamente quando Mat deu um passo ameaçador em sua direção:

— É claro que consegui ver o rosto dele. E o manto é verde. Ou talvez cinza. Ele muda de cor. Parece que assume as cores de onde quer que esteja. Às vezes você não o vê mesmo quando olha diretamente para ele, não se ele não se mexer. E o dela é azul, como o céu, e dez vezes mais luxuoso do que qualquer roupa de festa que eu já vi na vida. Ela também é dez vezes mais bonita que qualquer pessoa que já vi. É uma dama nobre, como as das histórias. Tem de ser.

— Ela? — perguntou Rand. — De quem você está falando? — Ele olhou para Mat, que havia colocado as duas mãos na cabeça e fechado bem os olhos.

— Era deles que eu estava querendo lhe falar — murmurou Mat — antes que você me levasse a... — E se interrompeu, abrindo os olhos e lançando um olhar afiado para Ewin. — Chegaram ontem à noite — Mat continuou depois de um momento — e alugaram quartos aqui na estalagem. Eu os vi chegar a cavalo. E que cavalos, Rand! Nunca vi tão altos nem tão lustrosos. Pareciam capazes de correr para sempre. Eu acho que ele trabalha para ela.

— A serviço — interrompeu Ewin. — É assim que falam nas histórias: ele está a serviço dela.

Mat continuou como se Ewin não tivesse falado.

— De qualquer maneira, ele obedece a ela, faz o que ela manda. Só que não parece um criado. Um soldado, talvez. A maneira como leva a espada, é como se ela fizesse parte dele, como a mão ou o pé. Ele faz os guardas dos mercadores parecerem vira-latas. E ela, Rand. Eu nunca sequer imaginei que existisse alguém como ela. Parece que saiu de uma história de menestrel. Ela é como... como... — Ele fez uma pausa e dirigiu um olhar ácido a Ewin. — Como uma dama nobre — concluiu com um suspiro.

— Mas quem são eles? — perguntou Rand. A não ser pelos mercadores que chegavam uma vez por ano para comprar tabac e lã e pelos mascates, forasteiros nunca apareciam nos Dois Rios, ou quase nunca. Talvez em Barca do Taren, mas nunca tão ao sul. Já fazia uns bons cinco anos desde a última vez em que um estranho de verdade aparecera em Campo de Emond, e assim mesmo porque o sujeito estava tentando se esconder de algum problema em Baerlon que ninguém na aldeia compreendeu. Ele não ficara por muito tempo. — O que eles querem?

— O que eles querem?! — exclamou Mat. — Não me importo com o que eles querem. São estranhos, Rand, e estranhos como você nunca sonhou. Pense nisso!

Rand abriu a boca, depois tornou a fechá-la sem falar. O cavaleiro de manto negro o havia deixado tão nervoso quanto um gato em um canil. Aquilo parecia simplesmente uma imensa coincidência, três estranhos na aldeia ao mesmo tempo. Isto é, três se o manto do sujeito que mudava de cores nunca mudasse para preto.

— O nome dela é Moiraine — disse Ewin no silêncio momentâneo. — Ouvi

quando ele disse o nome. Moiraine, foi assim que a chamou. Lady Moiraine. O nome dele é Lan. A Sabedoria pode não gostar dela, mas eu gosto.

— O que faz você pensar que Nynaeve não gosta dela? — perguntou Rand.

— Hoje cedo ela pediu informação à Sabedoria sobre como chegar a algum lugar — contou Ewin — e a chamou de “criança”. — Rand e Mat assoviam baixinho, e Ewin, na pressa de explicar, acabou tropeçando nas palavras. — Lady Moiraine não sabia que ela era a Sabedoria. Pediu desculpas quando descobriu. Pediu, sim. E fez algumas perguntas sobre ervas, e sobre quem é quem em Campo de Emond, com o mesmo respeito que qualquer mulher da aldeia demonstraria... mais até do que algumas. Ela está sempre fazendo perguntas, sobre a idade das pessoas e há quanto tempo estão onde moram e... ah, e não sei o que mais. De qualquer forma, Nynaeve respondeu como se tivesse mordido uma fruta verde. Então, quando Lady Moiraine se afastou, Nynaeve ficou olhando para ela, como... Bem, não foi de maneira amigável, isso eu posso garantir.

— Isso é tudo? — perguntou Rand. — Você conhece o temperamento de Nynaeve. Quando Cenn Buie a chamou de criança no ano passado, ela deu na cabeça dele com o cajado, e ele faz parte do Conselho da Aldeia e, além disso, é velho o bastante para ser avô dela. Ela se enfurece com qualquer coisa, mas a raiva passa assim que vira as costas.

— Para mim isso já é tempo demais — murmurou Ewin.

— Não me interessa em quem Nynaeve bate. — Mat ri. — Desde que não seja em mim. Esse vai ser o melhor Bel Tine de todos. Um menestrel, uma lady... quem poderia pedir mais? Quem precisa de fogos de artifício?

— Um menestrel? — perguntou Ewin, a voz elevando-se subitamente.

— Vamos lá, Rand — continuou Mat, ignorando o menino mais novo. — Já acabamos aqui. Você tem de ver aquele sujeito.

Ele subiu os degraus aos pulos, com Ewin esforçando-se para acompanhá-lo e gritando:

— Tem mesmo um menestrel, Mat? Não é que nem os cães fantasmas, é? Ou os sapos?

Rand fez uma pausa para apagar o lampião, depois foi correndo atrás deles.

No salão, Rowan Hum e Samel Cawe haviam se juntado aos outros perto da lareira, de modo que todo o Conselho da Aldeia estava ali reunido. Bran al'Vere falava, a voz normalmente grave num tom tão baixo que, além da aglomeração de cadeiras, ouvia-se somente um murmúrio surdo. O Prefeito enfatizava as palavras batendo um indicador grosso na palma da outra mão e olhando para os homens, um de cada vez. Todos assentiam, concordando com o que quer que ele estivesse dizendo, embora Cenn o fizesse de modo mais relutante.

A maneira como os homens se aglomeravam falava com mais clareza do que uma placa pintada. Qualquer que fosse o assunto era somente para o Conselho da Aldeia, pelo menos por enquanto. Eles não iriam gostar de ver Rand tentando escutar. Com relutância, ele se afastou dali. Ainda havia o menestrel. E os estranhos.

Do lado de fora, Bela e a carroça haviam sumido, levados por Hu ou por Tad, os cavaleiros da estalagem. Mat e Ewin estavam ali, parados, fuzilando um ao outro com o olhar a poucos passos da entrada da estalagem, o vento fustigando seus mantos.

— Pela última vez — gritou Mat —, eu *não* estou pregando uma peça em você. Vamos ter *mesmo* um menestrel. Agora vá embora. Rand, quer dizer a este cabeça de bagre que estou falando a verdade, para ver se ele me deixa em paz?

Fechando o manto, Rand avançou para apoiar Mat, mas suas palavras morreram quando os pelos de sua nuca se eriçaram. Ele estava sendo observado novamente. A sensação estava longe de ser a que o cavaleiro de capuz lhe causara, mas tampouco era agradável, especialmente tão pouco tempo depois daquele encontro.

Uma rápida olhada pelo Campo mostrou-lhe apenas o que ele tinha visto antes — crianças brincando, pessoas se preparando para o Festival e ninguém detendo o olhar mais do que alguns segundos em sua direção. O Pau da Primavera erguia-se sozinho agora, à espera. A algazarra e os gritos infantis enchiam as ruas menores. Tudo estava como deveria. Exceto pelo fato de que ele estava sendo observado.

Então alguma coisa o levou a se virar, a erguer os olhos. No beiral da estalagem um corvo enorme encontrava-se empoleirado, oscilando um pouco com as rajadas do vento que vinha das montanhas. Sua cabeça estava inclinada para o lado, e um olhinho preto estava fixo... nele, Rand pensou. Então engoliu em seco, e subitamente uma raiva queimou nele, uma raiva ardente e aguda.

— Comedor de carniça imundo — ele resmungou.

— Estou cansado de ser observado — grunhiu Mat, e Rand percebeu que o amigo havia parado ao seu lado e que também estava olhando de cenho franzido para o corvo.

Eles trocaram um olhar, e então, como se fossem um só, suas mãos dispararam em busca de pedras.

Duas pedras voaram precisamente... e o corvo deu um passo para o lado; as pedras passaram assoviando pelo espaço onde ele havia estado. Afofando as asas uma vez, ele tornou a inclinar a cabeça, fitando-os com um olho preto sem expressão, sem medo, como se nada houvesse acontecido.

Rand encarou o pássaro, intrigado.

— Você já viu um corvo fazer isso? — perguntou baixinho.

Mat sacudiu a cabeça sem desviar seu olhar da ave.

— Nunca. Nem outro pássaro.

— Um pássaro vil — soou uma voz de mulher atrás deles, melodiosa apesar do tom de repugnância —, no qual não se pode confiar mesmo nas melhores épocas.

Com um grito agudo o corvo se lançou no ar com tamanha violência que duas penas pretas caíram do beiral, flutuando.

Assustados, Rand e Mat se viraram para acompanhar o voo do pássaro, acima do Campo e na direção das Montanhas da Névoa, com seus cumes envoltos em nuvens erguendo-se além da Floresta do Oeste, até que ele não passasse de um pontinho no oeste e desaparecesse de vista.

O olhar de Rand desceu até a mulher que havia falado. Ela também acompanhara o voo do corvo, mas nesse momento se virou, e seus olhos encontraram os dele. Rand não podia deixar de olhá-la. Só podia ser Lady Moiraine, e ela era tudo que Mat e Ewin tinham dito, tudo e um pouco mais.

Quando soube que ela chamara Nynaeve de criança, Rand a imaginou mais velha, mas não. Pelo menos ele não conseguia atribuir a ela nenhuma idade. De início, achou que fosse tão jovem quanto Nynaeve, mas quanto mais a olhava mais pensava que ela era mais velha. Havia uma maturidade em seus olhos grandes e escuros, um ar de conhecimento que ninguém poderia ter adquirido ainda jovem. Por um instante, achou que aqueles olhos fossem poços profundos prestes a engoli-lo. Também estava claro por que Mat e Ewin a consideravam uma dama saída de um conto de menestrel. Seu porte era

ativo, e havia nela um ar de autoridade que o fazia sentir-se sem jeito e desastrado. A cabeça dela mal chegava ao peito de Rand, mas sua presença era tal que sua altura parecia apropriada, e ele se sentia inadequado com o próprio tamanho.

Em todos os aspectos, ela não se parecia com ninguém que ele já tivesse conhecido. O capuz largo do manto emoldurava-lhe o rosto e os cabelos escuros, que pendiam em cachos suaves. Ele jamais havia visto uma mulher adulta sem os cabelos presos numa trança; toda garota dos Dois Rios aguardava ansiosamente que o Círculo das Mulheres de seu vilarejo determinasse que tinha idade suficiente para trançar os cabelos. Suas roupas eram igualmente estranhas. O manto era de veludo azul-celeste, com folhas, vinhas e flores num denso bordado prateado por toda a borda. O vestido cintilava discretamente quando ela se movia, num azul mais escuro que o do manto, com veios creme. Um colar de pesados elos de ouro pendia de seu pescoço, enquanto outra corrente de ouro, delicada e presa em seus cabelos, sustentava uma pequena e reluzente pedra azul no meio de sua testa. Um cinturão largo de ouro trançado envolvia-lhe a cintura, e no segundo dedo da mão esquerda havia um anel de ouro no formato de uma serpente picando a própria cauda. Ele certamente nunca vira um anel assim, embora reconhecesse a Grande Serpente, um símbolo da eternidade ainda mais antigo que a Roda do Tempo.

Mais luxuoso que qualquer roupa de festa, Ewin dissera, e ele estava certo. Ninguém jamais se vestia assim nos Dois Rios. Jamais.

— Bom dia, Senhora... hã... Lady Moiraine — disse Rand, seu rosto ficou quente com o tropeço da língua.

— Bom dia, Lady Moiraine — ecoou Mat um pouco mais tranquilamente, mas só um pouco.

Ela sorriu, e Rand pegou-se pensando se havia alguma coisa que pudesse fazer por ela, algo que lhe desse uma desculpa para ficar perto dela. Ele sabia que ela estava sorrindo para todos, mas parecia que o sorriso se destinava somente a ele. Era de fato como se um conto de menestrel houvesse adquirido vida. Mat tinha um sorriso bobo colado no rosto.

— Você sabem meu nome — disse ela, parecendo encantada. Como se sua presença, ainda que breve, não fosse se tornar o principal assunto das conversas da aldeia por um ano inteiro! — Mas vocês devem me chamar de Moiraine, não de lady. E seus nomes, quais são?

Ewin deu um pulo para a frente antes que um dos outros pudesse falar.

— Meu nome é Ewin Finngar, minha senhora. Fui eu quem contou a eles seu nome; é por isso que sabem. Ouvi Lan chamá-la, mas não estava espionando. Ninguém como a senhora jamais veio a Campo de Emond. Um menestrel está na aldeia também, para o Bel Tine. E hoje teremos a Noite Invernal. A senhora vai à minha casa? Minha mãe fez bolos de maçã.

— Terei de ver — ela respondeu, pondo a mão no ombro de Ewin. Os olhos dela cintilaram, divertidos, embora ela não desse nenhum outro sinal de agrado. — Não sei como poderia competir com um menestrel, Ewin. Mas vocês todos devem me chamar de Moiraine. — Ela olhou, em expectativa, para Rand e Mat.

— Eu sou Matrim Cauthon, La... hã... Moiraine — disse Mat.

Ele fez uma medida dura e desajeitada, e estava com o rosto vermelho quando se endireitou.

Rand estava se perguntando se deveria fazer algo parecido, do jeito que os homens

faziam nas histórias, mas, com o exemplo de Mat, simplesmente disse seu nome. Pelo menos não tropeçou na própria língua dessa vez.

Moiraine olhou dele para Mat e novamente para ele. Rand achou que o sorriso dela, uma simples curva nos cantos da boca, era agora do tipo que Egwene exibia quando tinha um segredo.

— Talvez eu venha a ter algumas pequenas tarefas esporádicas enquanto estiver em Campo de Emond — ela disse. — Quem sabe vocês não estejam dispostos a me ajudar? — Ela riu ao vê-los assentirem, um mais ávido que o outro. — Aqui — disse, e Rand ficou surpreso quando ela pressionou uma moeda na palma de sua mão, fechando a mão dele com as dela.

— Não é preciso — ele começou a falar, mas ela dispensou seu protesto com um gesto enquanto também dava a Ewin uma moeda, e em seguida pôs outra na mão de Mat do mesmo jeito que fizera com Rand.

— É claro que é. Não se pode esperar que vocês trabalhem de graça. Considerem isso um pagamento simbólico, e guardem-no com vocês, para que se lembrem de que concordaram em vir quando eu chamar. Entre nós existe agora um compromisso.

— Eu nunca vou esquecer — afirmou Ewin.

— Mais tarde conversaremos — disse ela —, e deverão me contar tudo sobre vocês.

— Lady... quer dizer, Moiraine? — chamou Rand, hesitante, quando ela lhes deu as costas. Ela parou e olhou sobre o ombro, e ele teve de engolir em seco antes de continuar. — Por que veio a Campo de Emond?

A expressão no rosto dela manteve-se impassível, mas subitamente ele desejou não ter perguntado, embora não soubesse dizer por quê. De qualquer forma, apressou-se em explicar.

— Não quis ser rude. Desculpe. É só que ninguém vem aos Dois Rios, a não ser os mercadores, e os mascates quando não há neve demais para descer de Baerlon. Quase ninguém. Certamente ninguém como você. Os guardas dos mercadores às vezes dizem que isto aqui é o fim do mundo, e suponho que é o que deve parecer a qualquer pessoa de fora. Eu só fiquei imaginando...

Então o sorriso dela foi desaparecendo, lentamente, como se ela tivesse se recordado de alguma coisa. Por um momento ela apenas ficou olhando para ele.

— Eu sou uma estudante de história — disse ela por fim —, uma colecionadora de antigas histórias. Este lugar que vocês chamam de os Dois Rios sempre me interessou. Às vezes eu estudo as histórias sobre o que aconteceu aqui há muito tempo, aqui e em outros lugares.

— Histórias? — perguntou Rand. — O que aconteceu nos Dois Rios que possa interessar a alguém como... quer dizer, o que pode ter acontecido aqui?

— E de que outro nome você chamaria isto aqui além de os Dois Rios? — acrescentou Mat. — É assim que sempre foi chamado.

— À medida que a Roda do Tempo gira — disse Moiraine, quase que para si mesma e com uma expressão distante nos olhos —, os lugares recebem nomes diferentes. Os homens recebem muitos nomes, muitas faces. Faces diferentes, mas sempre o mesmo homem. No entanto, ninguém conhece o Grande Padrão que a Roda tece, nem sequer o Padrão de uma Era. Nós só podemos observar, estudar e ter esperança.

Rand ficou olhando para ela, sem palavras, nem mesmo para perguntar o que ela

queria dizer. Ele não tinha certeza se ela tivera a intenção de que eles ouvissem aquilo. Os outros dois estavam igualmente mudos, ele percebeu. Ewin estava boquiaberto.

Moiraine voltou a se concentrar neles, e todos os três estremeeceram um pouco, como se despertassem.

— Conversaremos mais tarde — disse ela. Nenhum deles replicou. — Mais tarde. — Ela seguiu na direção da Ponte das Carroças, parecendo deslizar sobre o chão em vez de andar, o manto se abrindo de ambos os lados de seu corpo como asas.

Quando ela se afastava, um homem alto que Rand não notara antes saiu da frente da estalagem e a seguiu, uma das mãos descansando no punho longo de uma espada. Suas roupas eram de um verde-escuro acinzentado que teria desaparecido entre folhas ou sombras, e o manto alternava entre tons de cinza, verde e marrom quando se agitava ao vento. Às vezes ele parecia quase desaparecer, o manto misturando-se ao que quer que estivesse atrás dele. Seus cabelos eram compridos e grisalhos nas têmporas, afastados do rosto por uma faixa estreita de couro. O rosto tinha linhas e ângulos rígidos, desgastados pelo tempo mas sem rugas, apesar do cinza nos cabelos. Quando ele se movia, Rand não conseguia pensar em outra coisa que não lobos.

Ao passar pelos três jovens seu olhar os percorreu, olhos tão frios e azuis quanto a aurora no solstício de inverno. Era como se ele os estivesse pesando em sua mente, e não havia nenhum sinal em seu rosto do que as balanças lhe diziam. Ele apertou o passo até alcançar Moiraine, então diminuiu a velocidade para caminhar ao lado dela, curvando-se para lhe falar. Rand soltou a respiração que nem havia percebido que estivera prendendo.

— Aquele era Lan — disse Ewin com a voz rouca, como se ele também tivesse prendido a respiração. Fora um olhar capaz de fazer isso. — Aposto que ele é um Guardião.

— Não seja tolo. — Mat riu, mas era um riso nervoso. — Guardiões só existem em histórias. De qualquer maneira, Guardiões têm espadas e armadura cobertas de ouro e joias, e passam todo o tempo no norte, na Grande Praga, combatendo o mal, os Trollocs e coisas assim.

— Ele *poderia* ser um Guardião — Ewin insistiu.

— Você viu algum ouro ou alguma joia? — zombou Mat. — Temos algum Trolloc nos Dois Rios? Nós temos ovelhas. O que pode ter acontecido aqui algum dia para interessar a alguém como ela?

— Algo pode ter acontecido — respondeu Rand devagar. — Dizem que a estalagem está aqui há mil anos, talvez mais.

— Mil anos de ovelhas — disse Mat.

— Um pêni de prata! — Ewin gritou. — Ela me deu um pêni de prata inteirinho! Pensem só no que vou poder comprar quando o mascate chegar.

Rand abriu a mão para olhar a moeda que ela lhe dera e quase a deixou cair de surpresa. Não reconheceu a moeda grossa de prata com a imagem em relevo de uma mulher equilibrando uma única chama na mão com a palma erguida para o alto, mas ele havia observado Bran al'Vere pesar as moedas que os mercadores traziam de uma dezena de terras, e tinha uma ideia de seu valor. Tanta prata assim compraria um bom cavalo em qualquer parte dos Dois Rios, e ainda sobraria algum dinheiro.

Ele olhou para Mat e viu a mesma expressão atordoada que sabia que seu próprio rosto devia exibir. Inclinando a mão para que Mat pudesse ver a moeda, mas não Ewin, ele ergueu uma sobrancelha em interrogação. Mat assentiu, e por um minuto eles ficaram

olhando um para o outro, perplexos e maravilhados.

— Que tipo de tarefa ela nos pedirá? — perguntou Rand por fim.

— Não sei — disse Mat com firmeza — e não me interessa. Também não vou gastar esse dinheiro. Nem mesmo quando o mascate vier. — E enfiou a moeda no bolso do casaco.

Assentindo, Rand lentamente fez a mesma coisa. Não sabia ao certo por quê, mas por alguma razão o que Mat dissera parecia correto. A moeda não deveria ser gasta. Não tendo vindo dela. Ele não conseguia pensar em nenhuma outra utilidade para a prata, mas...

— Vocês acham que eu devia guardar a minha também? — A angústia e a indecisão coloriam o rosto de Ewin.

— Só se você quiser — respondeu Mat.

— Acho que ela deu a moeda para você gastar — disse Rand.

Ewin olhou sua moeda, depois balançou a cabeça e enfiou o pêni de prata no bolso.

— Vou guardar — disse ele, meio triste.

— Ainda temos o menestrel — lembrou Rand, e o rosto do menino se iluminou.

— Se ele acordar algum dia — acrescentou Mat.

— Rand — chamou Ewin —, tem *mesmo* um menestrel?

— Você vai ver — respondeu Rand com uma risada. Estava claro que Ewin só ia acreditar quando pusesse os olhos no menestrel. — Ele vai ter de descer, mais cedo ou mais tarde.

Gritos vieram da direção da Ponte das Carroças, e quando Rand olhou procurando o motivo, sua risada ficou ainda mais espontânea. Uma multidão crescente de aldeões, de velhos grisalhos a criancinhas que mal sabiam andar, escoltava um carroção alto rumo à ponte, um carroção imenso puxado por oito cavalos, de cuja parte externa da lona arredondada pendiam sacos que pareciam cachos de uvas. O mascate havia finalmente chegado. Estranhos e um menestrel, fogos de artifício e um mascate. Aquele seria o melhor Bel Tine de todos.





O Mascate

Pencas de painéis chacoalhavam ruidosamente quando o carroção do mascate passou ribombando sobre as toras pesadas da Ponte das Carroças. Ainda cercado por uma nuvem de aldeões e fazendeiros que haviam chegado para o Festival, o vendedor puxou as rédeas dos cavalos e fez com que parassem diante da estalagem. De todas as direções surgiam pessoas, aumentando a multidão ao redor da grande carroça, de rodas mais altas do que qualquer uma daquelas pessoas cujos olhos não desgrudavam do mascate acima delas, no banco do condutor.

O homem na carroça era Padan Fain, um sujeito pálido e magricela, com braços desengonçados e um narigão que mais parecia um bico. Fain, sempre sorridente e gargalhando como se soubesse uma piada que ninguém mais conhecia, levava sua carroça e seus cavalos para Campo de Emond toda primavera, desde que Rand podia se lembrar.

A porta da estalagem se abriu de supetão bem no instante em que os cavalos se detinham com um tilintar dos arreios, e o Conselho da Aldeia apareceu, liderado por Mestre al'Vere e por Tam. Eles saíram marchando com determinação, até mesmo Cenn Buie, no meio de toda a gritaria animada dos outros que pediam alfinetes, rendas, livros e uma dezena de outras coisas. Com relutância, a multidão se abriu para deixá-los passar, fechando o caminho rapidamente atrás deles sem que cessassem os gritos para o vendedor. Mais do que tudo, os aldeões pediam notícias.

Aos olhos dos aldeões, agulhas, chá e coisas do gênero não eram mais que a metade da carga da carroça de um mascate. Igualmente importantes eram as notícias de fora, notícias do mundo além dos Dois Rios. Alguns mascates simplesmente contavam o que sabiam, vomitando tudo de uma vez, um amontoado de bobagens que para eles não

tinham a menor importância. Outros precisavam ter cada palavra arrancada deles, falando de má vontade, com maus modos. Fain, porém, falava à vontade, ainda que muitas vezes em tom provocador, e desandava a contar histórias, dando um espetáculo capaz de rivalizar com o de qualquer menestrel. Ele gostava de ser o centro das atenções, exibindo-se como um galo nanico, com todos os olhos voltados para ele. Nesse momento, ocorreu a Rand que Fain talvez não gostasse muito de encontrar um menestrel de verdade em Campo de Emond.

O mascate deu ao Conselho e aos aldeões exatamente a mesma atenção enquanto lutava para amarrar as rédeas, o que significava praticamente nenhuma. Ele assentia para ninguém em particular. Sorria sem sorrir e acenava, distraído, para pessoas das quais era particularmente amigo, embora sua amizade sempre fosse de um tipo peculiarmente distante, calorosa sem nunca se aproximar demais.

As exigências para que ele falasse foram aumentando, mas Fain aguardou, desincumbindo-se de uma tarefa ou outra no banco do condutor, até que a multidão e a expectativa atinssem o nível que ele desejava. Só o Conselho permanecia em silêncio. Eles mantinham a dignidade que cabia à sua posição, mas as nuvens cada vez mais densas de fumaça de cachimbo que se elevavam sobre suas cabeças demonstravam quanto esforço isso demandava.

Rand e Mat enfiaram-se na multidão, aproximando-se o máximo possível do carroção. Rand teria parado a meio caminho, mas Mat foi se espremendo por entre a massa, puxando-o consigo, até ficarem bem atrás do Conselho.

— Eu estava pensando que você ia ficar lá na fazenda o Festival inteiro — Perrin Aybara gritou para Rand acima do clamor.

Meia cabeça mais baixo que Rand, o aprendiz de ferreiro de cabelos encaracolados era tão troncudo que parecia ter a largura de um homem e meio, com braços e ombros fortes o bastante para rivalizar com os do próprio Mestre Luhhan. Ele poderia facilmente ter aberto caminho empurrando as pessoas na multidão, mas isso não era do seu feitio. Ele escolhia o caminho cuidadosamente, pedindo desculpas às pessoas, que mal notavam qualquer coisa que não fosse o mascate. Mas ele se desculpava mesmo assim, e tentava não empurrar ninguém enquanto pelejava por entre a multidão até Rand e Mat.

— Imagine só — disse ele quando finalmente os alcançou. — O Bel Tine e um mascate, os dois ao mesmo tempo. Aposto que haverá fogos de artifício mesmo.

— Você não sabe nem um quarto da história. — Mat riu.

Perrin o fitou, desconfiado, depois olhou para Rand.

— É verdade — gritou Rand, então fez um gesto apontando a massa de pessoas que crescia cada vez mais, todas falando ao mesmo tempo. — Mais tarde. Eu explico mais tarde. Mais tarde, eu disse!

Nesse momento Padan Fain levantava-se no banco da carroça, e a multidão ficou em silêncio por um instante. As últimas palavras de Rand explodiram no silêncio absoluto, apanhando o mascate com um braço levantado dramaticamente e a boca aberta. Todos se viraram para olhar Rand. O homenzinho ossudo em cima da carroça, pronto para arrebatá-lo a todos na expectativa de suas primeiras palavras, dirigiu a Rand um olhar agudo e perscrutador.

O rosto de Rand ficou vermelho, e ele desejou ser do tamanho de Ewin para não se destacar tão claramente. Seus amigos também mexeram-se, pouco à vontade. Fora somente no ano anterior que Fain lhes dera atenção pela primeira vez, reconhecendo-os

como homens. Fain normalmente não tinha tempo para alguém que fosse jovem demais para comprar um bom lote de mercadorias de seu vagão. Rand torceu para não ser relegado novamente à condição de criança aos olhos do mascate.

Pigarreando bem alto, Fain ajeitou seu manto pesado.

— Não, mais tarde não — declamou o mascate, mais uma vez erguendo a mão num gesto grandioso. — Eu lhes contarei agora. — Enquanto falava, fazia gestos largos, lançando as palavras sobre a multidão. — Vocês pensam que estão enfrentando problemas nos Dois Rios, não é? Ora, o mundo inteiro tem problemas, desde a Grande Praga, ao sul, até o Mar das Tempestades, do Oceano de Aryth, a oeste até o Deserto Aiel, a leste. E mesmo além. O inverno foi o mais duro que vocês já viram, frio o suficiente para congelar seu sangue e rachar seus ossos? Ahhh! O inverno foi rigoroso em toda parte. Nas Terras da Fronteira, as pessoas chamariam seu inverno de primavera. Mas a primavera não chega?, vocês se perguntam. Os lobos têm atacado suas ovelhas? Talvez até homens? É assim que tem sido? Ora, ora. A primavera está atrasada em toda parte. Há lobos em todo lugar, todos famintos por qualquer carne em que possam cravar os dentes, seja de ovelha, vaca ou homem. Mas existem coisas piores do que os lobos ou o inverno. Há gente que ficaria feliz em ter apenas os pequenos problemas de vocês.

Ele fez uma pausa para gerar expectativa.

— O que poderia ser pior do que lobos matando ovelhas e homens? — Cenn Buie exigiu saber, e outros murmuraram em apoio.

— Homens matando homens. — A resposta do mascate, em tons portentosos, trouxe murmúrios chocados que aumentavam à medida que ele prosseguia. — Estou falando de guerra. Há guerra em Ghealdan, guerra e loucura. As neves da Floresta de Dhallin estão vermelhas com o sangue dos homens. Os corvos e seus gritos enchem o ar. Exércitos marcham para Ghealdan. Nações, grandes casas e grandes homens, estão enviando seus soldados para lutar.

— Guerra? — A boca de Mestre al'Vere encaixou desajeitadamente a palavra com a qual não estava acostumada. Ninguém nos Dois Rios jamais tivera qualquer coisa a ver com uma guerra. — Por que eles estão em guerra?

Fain sorriu de orelha a orelha, e Rand teve a sensação de que ele estava zombando do isolamento dos aldeões e da ignorância deles. O mascate inclinou-se para a frente como se fosse compartilhar um segredo com o Prefeito, mas seu sussurro tinha a intenção de ser ouvido por mais gente, e foi o que aconteceu:

— O estandarte do Dragão foi erguido, e os homens se reuniram para se opor a isso. E para apoiar.

Um longo arquejo escapou de todas as gargantas ao mesmo tempo, e Rand estremeceu involuntariamente.

— O Dragão! — alguém gemeu. — O Tenebroso está solto em Ghealdan!

— Não o Tenebroso — grunhiu Haral Luhhan. — O Dragão não é o Tenebroso. E é um Dragão falso, de qualquer maneira.

— Vamos ouvir o que Mestre Fain tem a dizer — disse o Prefeito, mas ninguém queria se calar assim tão facilmente.

As pessoas gritavam de todos os lados, homens e mulheres berrando um mais alto que o outro.

“É tão ruim quanto o Tenebroso!”

“O Dragão fez o mundo ruir, não foi?”

“Foi ele quem começou! Ele provocou o Tempo da Loucura!”

“Vocês conhecem as profecias! Quando o Dragão renascer, seus piores pesadelos vão parecer seus sonhos mais doces!”

“Ele é apenas outro falso Dragão. Tem de ser!”

“Que diferença isso faz? Você se lembra do último Dragão falso. Ele também começou uma guerra. Milhares morreram, não é verdade, Fain? Ele sitiou Illian.”

“Estes são tempos ruins! Ninguém reivindicou ser o Dragão Renascido por duas décadas, e agora são três nos últimos cinco anos. Tempos ruins! Olhem só o clima como está!”

Rand trocou olhares com Mat e Perrin. Os olhos de Mat brilhavam de empolgação, mas Perrin tinha a testa franzida, preocupado. Rand podia se lembrar de cada história que havia ouvido sobre os homens que se consideravam o Dragão Renascido, e se, por um lado todos haviam se mostrado falsos Dragões ao morrer ou desaparecer sem realizar nenhuma das profecias, por outro o que haviam feito já era ruim o bastante. Nações inteiras devastadas por batalhas, e cidades e vilarejos incendiados. Os mortos caíam como folhas de outono, e os refugiados entupiam as estradas como ovelhas num redil. Assim os mascates diziam, e os mercadores, e ninguém nos Dois Rios com algum bom senso duvidava. O mundo ia acabar, diziam alguns, quando o verdadeiro Dragão renascesse.

— Parem com isso! — gritou o Prefeito. — Fiquem quietos! Parem de ficar dando trela à imaginação. Deixem que Mestre Fain nos fale sobre esse falso Dragão.

As pessoas começaram a se aquietar, mas Cenn Buie se recusou a ficar em silêncio.

— Mas será *mesmo* um falso Dragão? — o telhador perguntou com amargura.

Mestre al’Vere piscou como se apanhado de surpresa, então retrucou:

— Não aja como um velho tolo, Cenn!

Mas Cenn havia incendiado a multidão novamente.

“Ele não pode ser o Dragão Renascido! A Luz nos ajude, ele não pode ser!”

“Buie, seu velho tolo! Você *quer* chamar o azar, não quer?”

“Vai dizer o nome do Tenebroso a seguir! Você está possuído pelo Dragão, Cenn Buie! Está tentando trazer o mal para todos nós!”

Cenn olhou ao redor com ar desafiador, não se deixando intimidar pelos que o fitavam de cara fechada, e elevou a voz:

— Eu não ouvi Fain dizer que esse Dragão era falso. Vocês ouviram? Usem os olhos! Onde estão as colheitas que deveriam estar na altura dos joelhos ou até mais altas? Por que ainda é inverno, se a primavera já devia estar aqui há um mês?

Vários gritos para Cenn segurar a língua se fizeram ouvir.

— Eu não vou ficar quieto! Esta conversa também não me agrada, mas não vou enfiar a cabeça em um cesto até um homem de Barca do Taren chegar para cortar minha garganta. E não vou ficar aqui ao bel-prazer de Fain, não desta vez. Desembuche logo, mascate. O que foi que você ouviu? Hein? O tal homem é um Dragão falso?

Se Fain estava perturbado pela notícia que trazia ou pelo alvoroço que havia provocado, não demonstrou. Simplesmente deu de ombros e encostou um dedo ossudo no nariz.

— Bem, quanto a isso, quem poderá dizer até tudo acabar? — Ele fez uma pausa com um de seus sorrisos misteriosos, passando os olhos pela multidão como se imaginando como ela reagiria e achando isso divertido. — O que sei — disse, casualmente demais — é que ele sabe usar o Poder Único. Os outros não sabiam. Mas ele

consegue canalizá-lo. O chão se abre sob os pés de seus inimigos, e paredes firmes desabam com seu grito. Raios vêm quando ele chama e atinge o que ele aponta. Foi isso que ouvi, e de homens em quem acredito.

Fez-se um silêncio atordoado. Rand olhou para os amigos. Perrin parecia não gostar do que via, mas Mat *ainda* parecia empolgado.

Tam, o rosto um pouco menos composto que de costume, puxou o Prefeito para perto, mas, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Ewin Finngar irrompeu a falar.

— Ele vai ficar maluco e morrer! Nas histórias, homens que canalizam o Poder sempre ficam loucos, e depois definham e morrem. Só mulheres podem tocar o Poder. Ele não sabe disso? — Ewin abaixou-se, esquivando-se de um cascudo de Mestre Buie.

— Chega disso agora, garoto. — Cenn sacudiu um punho encarquilhado na cara de Ewin. — Mostre o devido respeito e deixe o assunto com os mais velhos. Vá embora daqui!

— Calma, Cenn — grunhiu Tam. — O garoto só está curioso. Não há necessidade dessas suas bobagens.

— Aja como um homem de sua idade — acrescentou Bran. — E, para variar, lembre-se de que você é um membro do Conselho.

O rosto enrugado de Cenn foi escurecendo a cada palavra de Tam e do Prefeito, até ficar quase roxo.

— Vocês sabem de que tipo de mulher ele está falando. Pare de franzir a testa para mim, Luhhan, e você também, Crawe. Esta é uma aldeia decente, de gente decente, e já é ruim o suficiente ter Fain aqui falando de Dragões falsos usando o Poder sem esse garoto tolo possuído pelo Dragão metendo Aes Sedai na história. Algumas coisas não deveriam sequer ser mencionadas, e não me interessa se vocês vão deixar aquele menestrel idiota contar a história que quiser. Isso não é certo nem decente.

— Nunca vi, ouvi nem cheirei nada que não pudesse ser comentado — disse Tam.

Fain, porém, ainda não havia terminado.

— As Aes Sedai já estão na história. — O mascate ergueu a voz. — Um grupo delas partiu a cavalo de Tar Valon para o sul. Já que ele consegue lidar com o Poder, somente as Aes Sedai podem derrotá-lo, por todas as batalhas que travam, ou lidar com ele assim que for derrotado. Se ele for derrotado.

Alguém na multidão gemeu alto, e até mesmo Tam e Bran trocaram olhares preocupados. A multidão de aldeões formava grupos compactos, e alguns se enrolaram um pouco mais em seus mantos, embora o vento tivesse na verdade diminuído.

— É claro, ele será derrotado! — alguém gritou.

“Eles sempre são derrotados no fim, os falsos Dragões.”

“Ele tem de ser derrotado, não tem?”

“E se não for?”

Tam havia finalmente conseguido falar baixinho no ouvido do Prefeito, e Bran, assentindo a intervalos e ignorando o burburinho ao redor deles, esperou até o outro terminar antes de levantar a própria voz.

— Vocês todos, ouçam. Calem-se e ouçam! — Os gritos se tornaram murmúrios novamente. — Isso vai além de meras notícias do mundo lá fora. A questão deve ser discutida pelo Conselho da Aldeia. Mestre Fain, se puder se juntar a nós na estalagem, temos perguntas a fazer.

— Uma boa caneca de vinho quente até que não me cairia mal agora — o mascate

respondeu com uma risada. Ele desceu da carroça com um pulo, limpou no casaco a poeira da estrada que estava em suas mãos e ajeitou, animado, seu manto. — Vocês podem cuidar dos meus cavalos, por gentileza?

“Eu quero ouvir o que ele tem a dizer!” Mais de uma voz se elevou em protesto.

— Vocês não podem levá-lo! Minha mulher me mandou comprar alfinetes! — Esse era Wit Congar, que se encolheu um pouco com os olhares que alguns dos outros lhe dirigiram, mas ainda assim manteve-se firme.

— Nós também temos o direito de fazer perguntas — alguém no fundo da multidão gritou. — Eu...

— Fiquem quietos! — o Prefeito urrou, produzindo um silêncio assustado. — Quando o Conselho tiver feito suas perguntas, Mestre Fain voltará para lhes contar todas as notícias. E vender a vocês suas panelas e alfinetes. Hu! Tad! Levem os cavalos de Mestre Fain para o estábulo.

Tam e Bran ladearam o mascate, o resto do Conselho se reuniu atrás deles, e o grupo inteiro seguiu apressado para a Estalagem Fonte de Vinho, fechando com firmeza a porta na cara daqueles que tentaram entrar depois. Bater na porta provocou um único grito do Prefeito:

— Vão para casa!

As pessoas ficaram perambulando diante da estalagem, resmungando sobre o que o vendedor itinerante falara, e o que aquilo queria dizer, e que perguntas o Conselho estaria fazendo, e por que o povo deveria ter permissão de fazer suas próprias perguntas. Alguns espiavam pelas janelas da frente da estalagem, e outros chegaram até mesmo a interpelar Hu e Tad, embora não estivesse claro o que se esperava que eles soubessem. Os dois impassíveis cavaleiros limitaram-se a grunhir em resposta, e continuaram removendo metodicamente os arreios dos cavalos. Um a um, eles levaram dali os animais de Fain e, após o último, não voltaram.

Rand ignorou a multidão. Ele se sentou na beira da velha fundação de pedra, embrulhou-se bem no próprio manto e ficou olhando para a porta da estalagem. Ghealdan. Tar Valon. Os nomes por si só já eram estranhos e empolgantes. Eram lugares que ele conhecia apenas das notícias trazidas pelos mascates, e de histórias contadas pelos guardas dos mercadores. Aes Sedai, guerras e falsos Dragões: disso eram feitas as histórias contadas tarde da noite na frente da lareira, com uma vela criando estranhas formas na parede e o vento uivando nos postigos. No todo, ele preferia as nevascas e os lobos. No entanto, devia ser diferente lá fora, além dos Dois Rios... Como viver no meio da história contada por um menestrel. Uma aventura. Uma longa aventura. Uma vida inteira de aventuras.

Lentamente os aldeões se dispersaram, ainda resmungando e balançando a cabeça. Wit Congar fez uma pausa para olhar para dentro do carroção agora abandonado, como se pudesse encontrar outro mascate escondido ali. Por fim, restaram apenas alguns dos mais jovens. Mat e Perrin dirigiram-se para onde Rand estava.

— Não vejo como o menestrel vai conseguir superar isso — disse Mat, empolgado. — Será que a gente ainda vai ver esse falso Dragão?

Perrin sacudiu a cabeça desgrenhada.

— Eu não quero vê-lo. Talvez em algum outro lugar, mas não nos Dois Rios. Não se isso significar a guerra.

— Não se isso significar termos Aes Sedai aqui, tampouco — acrescentou Rand. —

Ou vocês já esqueceram quem provocou a Ruptura? O Dragão pode ter começado, mas foram as Aes Sedai que realmente partiram o mundo.

— Certa vez, ouvi uma história — começou Mat devagar — do guarda de um comprador de lã. Ele disse que o Dragão renasceria na hora de maior necessidade da humanidade e nos salvaria a todos.

— Bem, ele era um idiota se acreditava nisso — disse Perrin com firmeza. — E você foi idiota de ouvir. — Ele não soava zangado; era difícil Perrin se zangar. Mas às vezes ficava exasperado com as fantasias imprevisíveis de Mat, e havia um toque dessa exasperação em sua voz. — Suponho que ele também tenha afirmado que depois todos iríamos viver numa nova Era das Lendas.

— Eu não disse que acreditava nisso — protestou Mat. — Apenas ouvi. Nynaeve também ouviu, e achei que ela fosse esfolar a mim e ao guarda juntos. Ele disse... o guarda disse... que muita gente acredita nisso, só que tem medo de dizer, medo das Aes Sedai ou dos Filhos da Luz. Ele não falou mais nada depois que Nynaeve desceu a lenha na gente. Ela contou ao mercador, que afirmou que aquela era a última viagem do guarda com ele.

— Uma boa medida — disse Perrin. — O Dragão vindo nos salvar? Isso me parece papo de Coplin.

— Que tipo de necessidade seria grave o bastante para que recorrêssemos ao Dragão para nos salvar? — ponderou Rand. — Seria o mesmo que pedir ajuda ao Tenebroso.

— Ele não disse — respondeu Mat pouco à vontade. — Nem mencionou nenhuma nova Era das Lendas. Disse que o mundo seria destruído pela vinda do Dragão.

— Isso com certeza nos salvaria — disse Perrin secamente. — Outra Ruptura.

— Que me queimem! — grunhiu Mat. — Só estou dizendo a vocês o que o guarda falou.

Perrin sacudiu a cabeça.

— Só espero que as Aes Sedai e o Dragão, falso ou não, fiquem onde estão. Talvez assim os Dois Rios sejam poupados.

— Você acha que elas são mesmo Amigas das Trevas? — Mat franzia a testa, pensativo.

— Quem? — perguntou Rand.

— As Aes Sedai.

Rand olhou para Perrin, que deu de ombros.

— As histórias... — ele começou devagar, mas Mat o cortou.

— Nem todas as histórias dizem que elas servem ao Tenebroso, Rand.

— Pela Luz, Mat! — retrucou Rand. — Foram elas que provocaram a Ruptura. O que mais você quer?

— Sei lá. — Mat suspirou, mas no instante seguinte já estava sorrindo de novo. — O velho Bili Congar diz que essas coisas não existem. Aes Sedai. Amigas das Trevas. Diz que são somente histórias. E que tampouco acredita no Tenebroso.

Perrin bufou.

— Papo de Coplin vindo de um Congar. O que mais você esperava?

— O velho Bili invocou o Tenebroso. Aposto que dessa você não sabia.

— Pela Luz! — disse Rand baixinho.

O sorriso de Mat se alargou.

— Foi na primavera passada, pouco antes de as lagartas aparecerem nos campos dele

e nos de ninguém mais. Pouco antes de todos na casa dele caírem doentes com febre do olho amarelo. Eu o ouvi fazer isso. Ele ainda diz que não acredita, mas sempre que lhe peço para invocar o Tenebroso agora, ele joga alguma coisa em cima de mim.

— Você é mesmo burro o bastante para fazer isso, não é, Matrim Cauthon? — Nynaeve al'Meara entrou no meio deles, a trança escura puxada sobre o ombro quase se eriçando de raiva.

Rand mais que depressa se pôs de pé. Magra e mal passando do ombro de Mat, naquele momento a Sabedoria parecia mais alta que qualquer um deles, e o fato de ser jovem e bonita não alterava nada.

— Suspeitei de algo desse tipo em relação a Bili Congar na época, mas achei que você pelo menos tivesse mais juízo para saber que não deve ficar tentando convencê-lo a fazer uma coisa assim. Você pode ter idade suficiente para se casar, Matrim Cauthon, mas na verdade ainda não deveria ter saído da barra das saias de sua mãe. Daqui a pouco, você é quem vai invocar o Tenebroso.

— Não, Sabedoria — protestou Mat, com cara de quem queria estar em qualquer lugar menos ali. — Foi o velho Bil... quer dizer, Mestre Congar, não eu! Sangue e cinzas, eu...

— Olha essa língua, Matrim!

Rand se endireitou, embora o olhar feroz dela não estivesse direcionado a ele. Perrin parecia igualmente desconcertado. Mais tarde iriam quase certamente queixar-se de terem sido admoestados por uma mulher que não era nem tão mais velha — isso sempre acontecia depois de uma das broncas de Nynaeve, ainda que nunca na frente dela —, mas a diferença de idade sempre parecia mais do que suficiente quando se estava cara a cara com ela. Especialmente se estivesse zangada. O cajado em sua mão era grosso em uma das extremidades e quase um graveto na outra, e Nynaeve era capaz de dar uma bordoadada em qualquer um que, na sua opinião, estivesse agindo como tolo — na cabeça, nas mãos ou nas pernas —, sem se importar com idade ou posição social.

A Sabedoria prendera tanto sua atenção que no começo Rand não viu que ela não estava só. Quando percebeu seu erro, começou a pensar em ir embora, independentemente do que Nynaeve diria ou faria mais tarde.

Egwene estava parada alguns passos atrás da Sabedoria, observando tudo com atenção. Da mesma altura que Nynaeve e com os mesmos cabelos escuros, ela poderia naquele momento ser um reflexo do humor da outra, braços cruzados sob os seios, os lábios apertados em sinal de desaprovação. O capuz de seu manto cinza-claro sombreava-lhe o rosto, e os grandes olhos castanhos não tinham naquele momento nenhum traço de riso.

Se houvesse alguma justiça no mundo, pensou, ser dois anos mais velho que ela deveria lhe dar uma certa vantagem, mas não era assim que as coisas funcionavam. Nem em seus melhores momentos ele era muito ágil com a língua quando falava com alguma garota da aldeia, não como Perrin, mas sempre que Egwene lhe dirigia aquele olhar intenso, com os olhos tão arregalados quanto possível, como se toda a sua atenção estivesse voltada para ele, Rand simplesmente parecia não conseguir fazer as palavras saírem como queria. Talvez ele conseguisse escapar assim que Nynaeve terminasse. Mas sabia que não iria a lugar nenhum, mesmo sem entender por quê.

— Se você já me olhou o bastante com essa cara de cordeiro aluado, Rand al'Thor — disse Nynaeve —, quem sabe não consegue me dizer por que estavam

conversando sobre uma coisa que até mesmo vocês três, seus bezerros superdesenvolvidos, deveriam ter o bom senso de nem sequer pronunciar.

Rand levou um susto e afastou os olhos de Egwene; ela havia aberto um sorriso desconcertante quando a Sabedoria começara a falar. A voz de Nynaeve era áspera, mas ela também tinha no rosto o início de um sorriso cúmplice... até Mat dar uma gargalhada. O sorriso da Sabedoria desapareceu, e o olhar que ela lançou a Mat cortou a risada dele e a transformou em um grasnido estrangulado.

— Então, Rand? — perguntou Nynaeve.

Pelo canto do olho ele viu Egwene ainda sorrindo. *Qual é a graça que ela está vendo nisso?*

— Era natural falarmos disso, Sabedoria — ele apressou-se a dizer. — O mascate... Padan Fain... hã... Mestre Fain... trouxe notícias de um falso Dragão em Ghealdan, e de uma guerra, e de Aes Sedai. O Conselho achou que isso era importante o bastante para conversarem com ele. Do que mais estaríamos falando?

Nynaeve balançou a cabeça.

— Então é por isso que a carroça do mascate está abandonada. Ouvi as pessoas correrem para ir ao encontro dele, mas eu não poderia deixar a Senhora Ayellin antes de a febre dela ceder. O Conselho está interrogando o mascate sobre o que está acontecendo em Ghealdan, não é? Se bem os conheço, estão fazendo todas as perguntas erradas e deixando de fazer as certas. Será preciso que o Círculo das Mulheres descubra algo de útil. — Ajeitando o manto firmemente sobre os ombros, ela desapareceu no interior da estalagem.

Egwene não seguiu a Sabedoria. Quando a porta da estalagem se fechou atrás de Nynaeve, a jovem se colocou à frente de Rand. Seu rosto já não estava franzido, mas seus olhos que não piscavam o faziam se sentir desconfortável. Ele olhou para os amigos, mas eles se afastaram, o sorriso aberto ao abandoná-lo.

— Você não deveria deixar Mat metê-lo em suas tolices, Rand — disse Egwene, tão solene quanto uma Sabedoria, então de repente deu um risinho. — Não o vejo com essa cara desde que Cenn Buie pegou você e Mat trepados nas macieiras dele quando tinham dez anos.

Ele mudou o peso do corpo para a outra perna e olhou de relance para os amigos. Eles não estavam muito longe dali, Mat gesticulando, empolgado, enquanto falava.

— Dança comigo amanhã? — Não era isso que Rand pretendia dizer. Ele queria dançar com ela, mas ao mesmo tempo tudo que menos queria era o desconforto que sentia quando estava com ela. Que era o que ele estava sentindo naquele exato instante.

Os cantos da boca de Egwene curvaram-se de súbito num sorrisinho.

— À tarde — ela disse. — Vou estar ocupada de manhã.

Dos outros veio a exclamação de Perrin:

— Um menestrel!

Egwene virou-se naquela direção, mas Rand pôs a mão no braço dela.

— Ocupada? Com quê?

Apesar do frio, ela empurrou para trás o capuz do manto e com aparente casualidade puxou os cabelos para a frente, sobre o ombro. Da última vez em que ele a vira, seus cabelos pendiam em ondas escuras abaixo dos ombros, com apenas uma fita vermelha mantendo-os afastados do rosto; agora estavam penteados em uma longa trança.

Ele olhou para aquela trança como se ela fosse uma víbora, depois olhou de relance

para o Pau da Primavera, agora erguendo-se solitário no Campo, pronto para o dia seguinte. Pela manhã, as mulheres solteiras em idade de se casar dançariam ao redor do Pau. Rand engoliu em seco. Por alguma razão, nunca lhe havia ocorrido que ela chegaria à idade de se casar ao mesmo tempo que ele.

— Só porque alguém tem idade para se casar — ele murmurou —, não quer dizer que deva. Não imediatamente.

— É claro que não. Ou nunca, pensando bem.

Rand piscou, surpreso.

— Nunca?

— Uma Sabedoria quase nunca se casa. Sabe, Nynaeve está me ensinando. Ela diz que levo jeito, que posso aprender a escutar o vento. Nynaeve diz que nem todas as Sabedorias conseguem isso, mesmo que digam que sim.

— Sabedoria! — Ele riu, sem perceber o brilho perigoso nos olhos dela. — Nynaeve será Sabedoria por pelo menos mais uns cinquenta anos. Provavelmente mais. Você vai passar o resto da vida como aprendiz dela?

— Existem outras aldeias — ela respondeu acaloradamente. — Nynaeve diz que as aldeias ao norte do Taren sempre escolhem uma Sabedoria de longe. Aham que isso evita que ela tenha favoritos entre o povo da aldeia.

O ar divertido dele desapareceu tão rapidamente quanto havia surgido.

— Fora dos Dois Rios? Eu nunca mais veria você.

— E você não ia gostar disso? Ultimamente não tem dado nenhum sinal de que se importaria.

— Ninguém jamais sai dos Dois Rios — ele continuou. — Talvez alguém de Barca do Taren, mas eles todos são estranhos mesmo. Não parecem gente dos Dois Rios.

Egwene deu um suspiro exasperado.

— Bem, talvez eu também seja estranha. Talvez eu queira ver alguns dos lugares sobre os quais ouço falar nas histórias. Já pensou nisso?

— É claro que já. Às vezes eu sonho acordado, mas sei a diferença entre o que é sonho e o que é real.

— E eu não sei? — perguntou ela, furiosa, e prontamente lhe virou as costas.

— Não foi o que eu quis dizer. Eu estava falando de mim. Egwene?

Ela puxou o manto bruscamente em torno do corpo, uma muralha para mantê-lo a distância, e afastou-se alguns passos, o corpo rígido. Ele esfregou a cabeça, frustrado. Como explicar? Não era a primeira vez que ela espremia suas palavras e extraía significados que ele não sabia que havia ali. No humor em que ela se encontrava, um passo em falso só tornaria as coisas piores, e ele tinha certeza de que quase tudo o que dissesse seria um passo em falso.

Então Mat e Perrin voltaram. Egwene ignorou a aproximação deles. Eles a olharam, hesitantes, e então se acercaram de Rand.

— Moiraine deu uma moeda a Perrin também — disse Mat. — Igual a nossa. — Ele fez uma pausa antes de acrescentar: — E ele viu o cavaleiro.

— Onde? — Rand quis saber. — Quando? Mais alguém o viu? Você contou a alguém?

Perrin levantou as mãos grandes num gesto lento.

— Uma pergunta de cada vez. Eu o vi nos arredores da aldeia, observando a ferraria, ontem ao crepúsculo. Ele me deu arrepios. Contei a Mestre Luhhan, só que, quando ele

foi olhar, não havia ninguém lá. Ele disse que eu estava vendo sombras. Mas carregou seu maior martelo enquanto apagávamos o fogo da forja e guardávamos as ferramentas. Ele nunca tinha feito isso antes.

— Então ele acreditou em você — disse Rand.

Mas Perrin deu de ombros.

— Não sei. Perguntei a ele por que estava carregando o martelo se tudo o que vi foram sombras, e ele disse alguma coisa sobre lobos se atrevendo o bastante para entrar na aldeia. Talvez achasse que era isso o que eu tinha visto, mas devia saber que conheço a diferença entre um lobo e um homem a cavalo, mesmo no crepúsculo. Eu sei o que vi, e ninguém vai me fazer acreditar em outra coisa.

— Acredito em você — disse Rand. — Lembre-se, eu também o vi.

Perrin deu um grunhido de satisfação, como se antes não estivesse muito certo daquilo.

— Do que vocês estão falando? — Egwene perguntou de repente.

Rand desejou ter falado mais baixo. É o que teria feito se tivesse percebido que ela estava escutando. Mat e Perrin, sorrindo feito bobos, apressaram-se em contar a ela de seus encontros com o cavaleiro de negro, mas Rand manteve-se em silêncio. Tinha certeza de que sabia o que ela iria dizer quando eles acabassem.

— Nynaeve tem razão — Egwene anunciou aos céus quando os dois jovens se calaram. — Nenhum de vocês está pronto para sair da barra das saias da mãe. As pessoas andam a cavalo, sabiam? Isso não faz delas monstros saídos de uma história de menestrel.

Rand assentiu para si mesmo; exatamente como ele havia pensado. Ela acertou-se dele.

— E você tem espalhado essas histórias. Às vezes não tem juízo, Rand al'Thor. O inverno já foi assustador demais. Você não precisa ficar por aí apavorando as crianças.

Rand fez uma careta amarga.

— Eu não espalhei nada, Egwene. Mas vi o que vi, e não foi um fazendeiro procurando uma vaca perdida.

Egwene respirou fundo e abriu a boca, mas o que quer que fosse dizer se perdeu quando a porta da estalagem se abriu e um homem de cabelos brancos desgrehados saiu correndo como se estivesse sendo perseguido.





O Menestrel

A porta da estalagem fechou-se com um estrondo atrás do homem de cabelos brancos, e ele se virou e a fuzilou com o olhar. Magro, ele seria alto se não fossem os ombros encurvados, e andava com uma leveza tal que disfarçava a idade. Seu manto parecia um amontoado de remendos, de formas e tamanhos diferentes, agitando-se a cada rajada de vento com mil cores. O tecido era muito espesso, Rand viu, apesar do que Mestre al'Vere dissera, com os remendos meramente costurados à guisa de decoração.

— O menestrel! — Egwene sussurrou, empolgada.

O homem de cabelos brancos girou, o manto se abrindo. Seu casaco comprido tinha estranhas mangas folgadas e bolsos grandes. Bigodes grossos, tão brancos quanto a cabeça, estremeciam ao redor da boca, e o rosto era encarquilhado como uma árvore que já vira tempos difíceis. Ele fez um gesto imperioso para Rand e os outros com um cachimbo longo, de entalhes intrincados, que deixava um tênue rastro de fumaça. Olhos azuis espiavam por baixo das espessas sobrelancelhas brancas, perscrutando tudo que olhavam.

Rand fitou os olhos do homem quase tanto quanto o restante do corpo. Todos nos Dois Rios tinham olhos escuros, assim como a maioria dos mercadores e seus guardas, e todos que ele já tinha visto. Os Congars e os Coplins haviam zombado de seus olhos cinzentos até o dia em que ele finalmente dera um soco no nariz de Ewal Coplin; a Sabedoria ficara em cima dele por causa disso. Ele se perguntava se existiria um lugar onde ninguém tivesse olhos escuros. *Talvez Lan venha de lá também.*

— Que espécie de lugar é este? — perguntou o menestrel, com uma voz grave que, de certo modo, soava mais pomposa do que a de um homem comum. Mesmo a céu

aberto, ela parecia preencher um grande salão e ressoar nas paredes. — Os caipiras na aldeia da colina me disseram que eu conseguiria chegar aqui antes de escurecer, mas se esqueceram de dizer que só se eu partisse bem antes do meio-dia. Quando eu chego, finalmente, gelado até os ossos e pronto para uma cama quente, seu estalajadeiro resmunga sobre a hora, como se eu fosse um criador de porcos sem eira nem beira e seu Conselheiro da Aldeia não tivesse implorado para que eu exibisse minha arte neste seu festival. E ele nem sequer me disse que era o Prefeito. — Parou para respirar, fuzilando a todos com o olhar, mas voltou a falar no mesmo instante. — Quando eu desço para fumar meu cachimbo à lareira e tomar uma caneca de cerveja, cada homem no salão me encara como se eu fosse seu pior cunhado pedindo dinheiro emprestado. Um vovô velho começa a me admoestar sobre o tipo de histórias que eu deveria ou não contar, e então uma mocinha grita comigo para que eu saia, e me ameaça com um porrete enorme quando não saio com a rapidez que ela espera. Alguém já ouviu falar de um menestrel sendo tratado assim?

O rosto de Egwene congelou, a expressão dos olhos arregalados de fascínio por ver um menestrel em carne e osso em conflito com o desejo de defender Nynaeve.

— Com seu perdão, Mestre Menestrel — disse Rand. Sabia que ele próprio estava sorrindo como um bobo. — Aquela é a nossa Sabedoria, e...

— Aquele fiapinho de moça? — exclamou o menestrel. — Uma Sabedoria de aldeia? Ora, naquela idade ela deveria estar flertando com os rapazes em vez de ficar prevendo o tempo e curando os doentes.

Rand mudou de posição, incomodado. Torceu para que Nynaeve jamais ouvisse a opinião do homem. Pelo menos, não até que ele tivesse terminado de se apresentar. Perrin se encolheu com as palavras do menestrel, e Mat assoviou sem emitir som algum, como se ambos pensassem como Rand.

— Os homens eram o Conselho da Aldeia — Rand continuou. — Tenho certeza de que eles não pretendiam ser rudes de forma alguma. Sabe, nós acabamos de saber que está acontecendo uma guerra em Ghealdan, e que um homem afirma ser o Dragão Renascido. Um falso Dragão. As Aes Sedai estão indo de Tar Valon para lá. O Conselho está tentando decidir se estamos em perigo aqui.

— Essa notícia é velha, até mesmo em Baerlon — disse o menestrel, despreocupado —, e olhe que aquele é o último lugar do mundo a ouvir qualquer coisa. — Ele fez uma pausa, olhando a aldeia ao seu redor, e acrescentou secamente: — Ou quase o último. — Então seus olhos caíram sobre o carroção na frente da estalagem, agora sozinho, com os cabecinhos no chão. — Pois bem. Achei que tinha reconhecido Padan Fain lá dentro. — Sua voz ainda era grave, mas a ressonância havia desaparecido, substituída por desprezo. — Fain sempre foi de levar notícias ruins com rapidez. E, quanto piores, mais rápido. Ele é mais corvo do que gente.

— Mestre Fain vem com frequência a Campo de Emond, Mestre Menestrel — disse Egwene, uma ponta de desaprovação finalmente surgindo no meio de seu deleite. — Ele está sempre cheio de risos, e traz muito mais notícias boas que ruins.

O menestrel a olhou por um momento, então abriu um sorriso.

— Ora, que moça adorável! Deveria ter botões de rosa nos cabelos. Infelizmente, não posso tirar rosas do ar, não este ano, mas o que acha de ficar ao meu lado amanhã durante uma parte de minha apresentação? Para me entregar a flauta quando eu pedir, assim como outros aparatos. Eu sempre escolho a garota mais bela como minha

assistente.

Perrin sorriu com desdém, e Mat, que sorria assim antes, gargalhou. Rand piscou, surpreso; Egwene o olhava, furiosa, e ele nem sequer havia sorrido. Ela se endireitou e falou, muito calma.

— Obrigada, Mestre Menestrel. Seria um prazer ajudá-lo.

— Thom Merrilin — disse o menestrel. Todos ficaram olhando para ele. — Meu nome é Thom Merrilin, não Mestre Menestrel. — Ele ajeitou o manto multicolorido sobre os ombros, e subitamente sua voz pareceu mais uma vez reverberar em um grande salão. — Outrora um Bardo da Corte, agora estou de fato elevado ao alto posto de Mestre Menestrel, mas meu nome é simplesmente Thom Merrilin, e menestrel é apenas o título que me glorifica. — E fez uma mesura tão elaborada com floreios de seu manto que Mat bateu palmas, e Egwene murmurou em tom apreciativo.

— Mestre... hã... Mestre Merrilin — disse Mat, sem saber exatamente que forma de tratamento adotar a partir do que Thom Merrilin dissera —, o que está *realmente* acontecendo em Ghealdan? O senhor sabe de alguma coisa sobre esse falso Dragão? Ou sobre as Aes Sedai?

— Por acaso pareço um mascate, garoto? — resmungou o menestrel, batendo o cachimbo na palma da mão. Então fez o cachimbo desaparecer no interior do manto, ou do casaco; Rand não sabia onde nem como. — Sou um menestrel, não um mexeriqueiro. E faço questão de nunca saber de nada sobre as Aes Sedai. É muito mais seguro assim.

— Mas a guerra... — começou Mat, ansioso, porém foi interrompido por Mestre Merrilin.

— Nas guerras, garoto, tolos matam outros tolos por causas tolas. Isso é tudo que qualquer um precisa saber. Estou aqui pela minha arte. — Subitamente ele apontou um dedo para Rand. — Você, rapaz. Você é alto. Embora ainda não tenha crescido tudo que tem para crescer, duvido que haja outro homem na região com sua altura. Também não há muita gente na aldeia com olhos dessa cor, aposto. O fato é que você tem a largura de um cabo de machado de um ombro a outro e é alto como um Aiel. Qual é o seu nome, rapaz?

Rand o deu com hesitação, sem saber se o homem estava zombando dele ou não, mas o menestrel já havia voltado a atenção para Perrin.

— E você tem quase o tamanho de um Ogier. Ou perto disso. Como se chama?

— Só se eu subisse nos meus próprios ombros. — Perrin riu. — Receio que Rand e eu sejamos apenas sujeitos comuns, Mestre Merrilin, não criaturas inventadas de suas histórias. Eu sou Perrin Aybara.

Thom Merrilin cofiou uma das pontas de seu bigode.

— Ora, ora. Criaturas inventadas de minhas histórias. É isso o que elas são? Vocês, rapazes, são bem viajados então, ao que parece.

Rand ficou de boca fechada, agora certo de que estavam sendo alvo de uma brincadeira, mas Perrin falou:

— Nós todos já fomos até a Colina da Vigília e até Trilha de Deven. A maioria das pessoas daqui não foi tão longe. — Ele não estava se gabando; Perrin raramente fazia isso. Só estava dizendo a verdade.

— Também já vimos o Charco — acrescentou Mat, e ele, sim, parecia se gabar. — É o pântano no fim da Floresta das Águas. Absolutamente ninguém vai até lá, pois o local está cheio de areia movediça e lodaçais... só a gente. E ninguém vai às Montanhas da

Névoa também, mas nós fomos uma vez. Ao sopé delas, pelo menos.

— Até lá? — o menestrel murmurou, agora sem parar de esfregar os bigodes.

Rand achou que ele estava escondendo um sorriso, e viu que Perrin tinha a testa franzida.

— Dá azar subir as montanhas — afirmou Mat, como se precisasse se defender por não ter ido além. — Todo mundo sabe disso.

— Isso é bobagem, Matrim Cauthon — interrompeu Egwene, zangada. — Nynaeve diz que... — Ela se deteve, as bochechas corando, e o olhar que dirigiu a Thom Merrilin já não era tão amigável quanto antes. — Não é correto fazer... Não é... — O rosto dela ficou mais vermelho, e ela calou-se. Mat piscou, como se começasse a desconfiar do que estava acontecendo.

— Você tem razão, criança — disse o menestrel, contrito. — Peço desculpas humildemente. Estou aqui para entreter. Ah, minha língua sempre me meteu em apuros.

— Talvez não tenhamos viajado tão longe quanto você — disse Perrin sem rodeios —, mas o que a altura de Rand tem a ver com isso?

— O seguinte, rapaz: daqui a pouco vou deixar você tentar me levantar, mas você não será capaz de tirar meus pés do chão. Nem você nem seu amigo alto ali... Rand, é isso?... Nem nenhum outro homem. Então, o que acha disso?

Perrin deu uma risada de desdém.

— Acho que consigo levantar você agora mesmo.

Mas, quando ele deu um passo à frente, Thom Merrilin fez um gesto para que recuasse.

— Depois, rapaz, depois. Quando houver mais gente para assistir. Um artista precisa de plateia.

Um grupo havia se reunido no Campo desde que o menestrel deixara a estalagem, de rapazes e moças a crianças, que espiaavam, quietas e de olhos arregalados, por trás dos espectadores mais velhos. Todos pareciam estar esperando coisas milagrosas do menestrel. O homem de cabelos brancos correu os olhos por eles — parecia estar contando —, depois balançou ligeiramente a cabeça e suspirou.

— Suponho que seja melhor eu lhes dar uma pequena amostra. Assim vocês podem correr e contar para os outros. Hein? Só um gostinho do que verão amanhã no festival.

Ele recuou um passo e, subitamente, deu um salto, contorcendo-se em uma cambalhota e indo pousar de frente para eles, em cima do velho alicerce de pedra. Além disso, três bolas — vermelha, branca e preta — começaram a dançar entre suas mãos antes mesmo que ele pousasse.

Um som suave veio dos espectadores, meio de assombro, meio de satisfação. Até Rand esqueceu sua irritação. Ele abriu um sorriso espontâneo para Egwene e recebeu outro, delicioso, em retribuição, e então ambos se viraram para olhar para o menestrel abertamente.

— Vocês querem histórias? — declamou Thom Merrilin. — Pois eu tenho histórias, e as darei a vocês. Eu as farei ganhar vida diante de seus olhos. — Uma bola azul juntou-se às outras vinda de algum lugar, depois uma verde e outra amarela. — Histórias de grandes guerras e grandes heróis para os homens e meninos. Para as mulheres e moças, todo o *Ciclo Aptarigino*. Histórias de Artur Paendrag Tanreall, Artur Asa-de-gavião, Artur, o Grão-rei, que um dia governou todas as terras do Deserto Aiel até o Oceano de Aryth, e mesmo além. Histórias maravilhosas de gente estranha e

terras estranhas, do Homem Verde, de Guardiões e Trollocs, de Ogier e Aiel. *Os mil contos de Anla, a Sábia conselheira*. “Jaem, o Matador de Gigantes”. *Como Susa domou Jain, o Viajante*. “Mara e os três reis tolos”.

— Conte-nos sobre Lenn — pediu Egwene. — Como ele fugiu para a lua na barriga de uma águia feita de fogo. Conte sobre sua filha Salya caminhando entre as estrelas.

Rand olhou para ela pelo canto do olho, mas Egwene parecia totalmente concentrada no menestrel. Ela nunca gostara de histórias de aventuras e longas jornadas. Suas favoritas sempre haviam sido as engraçadas, ou histórias sobre mulheres mais espertas que aqueles que deveriam ser mais inteligentes que todo mundo. Ele tinha certeza de que ela havia pedido histórias sobre Lenn e Salya só para provocá-lo. Certamente ela conseguia ver que o mundo lá fora não era lugar para gente dos Dois Rios. Ouvir histórias de aventura, até mesmo sonhar com elas, era uma coisa; tê-las acontecendo à sua volta seria outra totalmente diferente.

— Histórias antigas, essas — disse Thom Merrilin, e de repente ele já estava jogando três bolas coloridas em cada mão. — Histórias da Era anterior à Era das Lendas, dizem alguns. Talvez até mais antigas. Mas eu tenho *todas* as histórias, vejam vocês, de Eras que foram e que ainda serão. Eras em que os homens comandavam os céus e as estrelas, e Eras em que os homens eram irmãos dos animais. Eras de maravilhas e Eras de horrores. Eras que chegaram ao fim com chuvas de fogo caindo dos céus e Eras condenadas por neve e gelo que cobriram terra e mar. Eu tenho todas as histórias e contarei todas elas. Contos de Mosk, o Gigante, com sua Lança de fogo que podia chegar ao outro lado do mundo, e suas guerras com Elsbet, a Rainha de Todos. Contos de Materese, a Curandeira, Mãe do Admirável Ind.

As bolas agora dançavam entre as mãos de Thom em dois círculos que se entrelaçavam. Sua voz era quase um cântico, e ele virou-se devagar, como se inspecionasse minuciosamente os espectadores para medir o efeito que provocava neles.

— Eu lhes contarei sobre o fim da Era das Lendas, sobre o Dragão e sua tentativa de libertar o Tenebroso no mundo dos homens. Eu lhes contarei sobre o Tempo da Loucura, quando Aes Sedai causaram a Ruptura do Mundo; sobre as Guerras dos Trollocs, quando homens combateram Trollocs pelo domínio da terra; sobre a Guerra dos Cem Anos, quando homens combateram homens, e as nações dos nossos dias foram forjadas. Eu contarei sobre as aventuras de homens e mulheres, ricos e pobres, grandes e pequenos, orgulhosos e humildes. *O cerco dos Pilares do Céu*. “Como a dona de casa Karil curou seu marido dos roncões.” *O Rei Darith e a queda da Casa de...*

O fluxo de palavras e os malabarismos pararam abruptamente. Thom simplesmente apanhou as bolas no ar e parou de falar. Sem que Rand percebesse, Moiraine havia se juntado aos espectadores. Lan estava ao lado dela, embora Rand tenha precisado olhar duas vezes para vê-lo. Por um instante Thom olhou para Moiraine de esguelha, o rosto e o corpo imobilizados, exceto pelo gesto de fazer as bolas desaparecerem nas amplas mangas de seu casaco. Então ele fez uma mesura para ela, abrindo bem o manto.

— Com seu perdão, mas você certamente não é deste distrito.

— Lady! — Ewin sibilou, feroz. — Lady Moiraine.

Thom piscou, depois voltou a se curvar, mais baixo.

— Seu perdão mais uma vez... hã, Lady. Não tive a intenção de desrespeitá-la.

Moiraine fez um breve gesto, deixando o assunto de lado.

— Não percebi nenhum desrespeito, Mestre Bardo. E meu nome é simplesmente

Moiraine. Sou de fato uma estranha aqui, uma viajante como o senhor, longe de casa e só. O mundo pode ser um lugar perigoso quando se é um estranho.

— Lady Moiraine coleciona histórias — interrompeu Ewin. — Histórias sobre coisas que aconteceram nos Dois Rios. Embora eu não faça ideia do que aconteceu aqui algum dia que dê uma história.

— Acredito que você também vá gostar de minhas histórias... Moiraine. — Thom a observou com uma desconfiança óbvia. Não parecia muito satisfeito por encontrá-la ali.

Subitamente, Rand se perguntou que espécie de entretenimento poderia ser oferecido a uma dama como ela numa cidade como Baerlon, ou Caemlyn. Certamente não seria nada melhor do que um menestrel.

— É uma questão de preferência, Mestre Bardo — replicou Moiraine. — Gosto de algumas histórias. De outras, não.

A mesura de Thom foi mais intensa ainda, curvando seu corpo em paralelo ao chão.

— Eu lhe asseguro: nenhuma de minhas histórias vai desagradar. Todas agradarão e entreterão. E a senhora muito me honra. Eu sou apenas um simples menestrel; isso é nada mais.

Moiraine respondeu à mesura dele com um gracioso aceno de cabeça. Por um instante ela pareceu ainda mais a dama que Ewin havia descrito, aceitando uma oferenda de um de seus súditos. Então ela se afastou, e Lan a seguiu, um lobo atrás de um cisne deslizante. Thom ficou olhando para os dois, as grossas sobrancelhas baixas enquanto ele acariciava os longos bigodes com os nós dos dedos, até o par ter cruzado metade do Campo. *Ele não está nem um pouco satisfeito*, pensou Rand.

— O senhor vai fazer mais um pouco de malabarismo agora? — Ewin quis saber.

— Engula fogo! — Mat gritou. — Quero ver você comer fogo.

— Harpa! — uma voz gritou do meio da multidão. — Toque a harpa! — Mais alguém gritou pedindo a flauta.

Naquele momento a porta da estalagem foi aberta e o Conselho da Aldeia saiu, Nynaeve entre eles. Rand reparou que Padan Fain não estava junto; aparentemente o vendedor itinerante havia decidido permanecer no salão aquecido com seu vinho quente.

Resmungando sobre “um conhaque forte”, Thom Merrillin bruscamente pulou do velho alicerce. Ignorou os gritos daqueles que o estavam observando e forçou passagem em meio aos Conselheiros antes mesmo de eles terminarem de passar pela porta.

— Ele é um menestrel ou um rei? — Cenn Buie perguntou com um tom de voz aborrecido. — Um desperdício de dinheiro, se querem saber a minha opinião.

Bran al’Vere virou-se ligeiramente para olhar o menestrel, depois balançou a cabeça.

— Aquele homem pode dar mais trabalho do que ele vale.

Nynaeve, ocupada em ajeitar o manto em torno do corpo, fungou alto.

— Preocupe-se com o menestrel o quanto quiser, Brandelwyn al’Vere. Pelo menos ele está em Campo de Emond, coisa que não se pode dizer desse falso Dragão. Mas, já que você está preocupado, há outras aqui que *deveriam* de fato preocupá-lo.

— Se não se importa, Sabedoria — disse Bran com rigidez —, faça a gentileza de deixar que eu decido com quem me preocupo. A Senhora Moiraine e Mestre Lan são hóspedes em minha estalagem, e gente decente e respeitável, é o que digo. *Nenhum* dos dois me chamou de tolo na frente de todo o Conselho. *Nenhum* dos dois disse ao Conselho que, juntando todos os seus membros, não se faz um cérebro completo.

— Parece que minha estimativa foi até muito otimista — retorquiu Nynaeve.

Então ela se foi, sem olhar para trás, deixando Bran abrindo e fechando a boca em busca de uma resposta.

Egwene olhou para Rand como se fosse falar, mas acabou saindo em disparada atrás da Sabedoria. Rand sabia que devia haver algum jeito de impedi-la de deixar os Dois Rios, mas o único modo que lhe ocorria era um para o qual não estava preparado, mesmo que ela estivesse. E ela havia praticamente dito que não queria, o que o fez se sentir ainda pior.

— Aquela moça precisa de um marido — Cenn Buie resmungou, na ponta dos pés. Seu rosto estava arroxeadado, e ficando ainda mais escuro. — Ela não tem o devido respeito. Nós somos o Conselho da Aldeia, não moleques varrendo o quintal dela, e...

O Prefeito respirou fundo e subitamente voltou-se contra o velho telhador.

— Cale-se, Cenn! Pare de agir como um Aiel de véu negro!

O homem magro ficou paralisado, surpreso. O Prefeito nunca se descontrolava, mas agora o fuzilava com os olhos.

— Que me queimem, mas temos coisas melhores para fazer do que nos preocupar com essa bobagem. Ou você pretende provar que Nynaeve tem razão? — Com isso, Bran voltou pisando forte para o interior da estalagem e bateu a porta.

Os outros membros do Conselho olharam para Cenn, depois cada um seguiu seu caminho. Todos menos Haral Luhhan, que acompanhou o telhador carrancudo, falando baixinho. O ferreiro era o único que conseguia trazer Cenn de volta à razão.

Rand foi ao encontro do pai, e seus amigos o seguiram.

— Nunca vi Mestre al'Vere tão furioso — foram as primeiras palavras de Rand, que lhe renderam um olhar de desaprovação de Mat.

— O Prefeito e a Sabedoria raramente concordam — disse Tam —, e hoje concordaram ainda menos que de costume. Foi isso. Acontece a mesma coisa em todas as aldeias.

— E quanto ao falso Dragão? — A pergunta de Mat se fez acompanhar de murmúrios ansiosos de Perrin. — E as Aes Sedai?

Tam sacudiu a cabeça devagar.

— Mestre Fain sabia pouco mais do que já havia contado. Pouco que nos interessasse, pelo menos. Batalhas ganhas ou perdidas. Cidades tomadas e retomadas. Tudo em Ghealdan, graças à Luz. A guerra não se espalhou, ou pelo menos ainda não havia se espalhado, segundo as últimas notícias que Mestre Fain teve.

— Batalhas me interessam — disse Mat.

— O que foi que ele disse sobre elas? — Perrin acrescentou.

— Batalhas não me interessam, Matrim — afirmou Tam. — Mas tenho certeza de que ele ficará feliz em lhe contar tudo sobre elas mais tarde. O que me interessa de fato é que não devemos ter de nos preocupar com elas aqui, até onde o Conselho pode dizer. Não vemos nenhum motivo para que as Aes Sedai passem por aqui a caminho do sul. E quanto à jornada de volta, não é provável que queiram atravessar a Floresta de Sombras nem nadar pelo Rio Branco.

Rand e os outros riram com a ideia. Havia três motivos pelos quais ninguém ia para os Dois Rios a não ser pelo norte, cruzando Barca do Taren. As Montanhas da Névoa, a oeste, eram o primeiro, é claro, e o Charco bloqueava o caminho pelo leste com a mesma eficiência. Ao sul ficava o Rio Branco, cujo nome se devia à maneira como as rochas e pedras agitavam as águas rápidas, transformando-as em espuma. E além do Branco ficava

a Floresta de Sombras. Pouca gente dos Dois Rios já havia atravessado o Branco, e um número ainda menor havia retornado. O que todos sabiam, porém, era que a Floresta de Sombras se estendia para o sul por mais de cem milhas sem estrada nem aldeia, mas com muitos lobos e ursos.

— Então para nós é o fim — disse Mat. Ele parecia um pouco decepcionado.

— Não exatamente — comentou Tam. — Depois de amanhã vamos enviar homens para a Trilha de Deven e a Colina da Vigília, e também para Barca do Taren, para que seja organizado um sistema de vigilância. Cavaleiros ao longo do Branco e do Taren, e patrulhas entre os dois. Isso deveria ser feito hoje, mas apenas o Prefeito concorda comigo. O restante não vê a necessidade de pedir a alguém que passe o Bel Tine cavalcando pelos Dois Rios.

— Mas pensei que o senhor tivesse dito que não tínhamos de nos preocupar — disse Perrin.

Tam balançou a cabeça.

— Eu disse que não deveríamos, rapaz, não que não nos preocupamos. Já vi homens morrerem porque tinham certeza de que o que não deveria acontecer não aconteceria. Além disso, a luta vai agitar todo tipo de gente. A maioria só vai tentar encontrar um lugar seguro, mas outros vão procurar um jeito de lucrar com a confusão. Vamos oferecer ajuda aos primeiros, mas precisamos estar prontos para despachar o segundo tipo.

Abruptamente Mat falou:

— Podemos participar? Eu quero, pelo menos. O senhor sabe que sei cavalgar tão bem quanto qualquer um na aldeia.

— Você quer algumas semanas de frio, tédio e camas desconfortáveis? — Tam riu. — Porque provavelmente é tudo que vai ter. É o que eu espero. Estamos fora do caminho até mesmo para refugiados. Mas pode falar com Mestre al'Vere, se estiver realmente decidido. Rand, está na hora de voltarmos à fazenda.

Rand piscou, surpreso.

— Achei que íamos ficar para a Noite Invernal.

— Há trabalho a fazer na fazenda, e preciso de você lá comigo.

— Mesmo assim, poderíamos ficar aqui mais algumas horas. E eu também quero me oferecer como voluntário para as patrulhas.

— Nós vamos agora — o pai replicou num tom de voz que não admitia discussões. E com um tom mais suave acrescentou: — Amanhã voltaremos com tempo de sobra para você falar com o Prefeito. E com tempo de sobra para o Festival também. Agora você tem cinco minutos. Depois me encontre no estábulo.

— Você vai se juntar a Rand e a mim na vigilância? — Mat perguntou a Perrin quando Tam se afastou. — Aposto que nada parecido jamais aconteceu nos Dois Rios. Ora, se chegarmos ao Taren, pode até ser que vejamos soldados, ou sabe-se lá o quê. Talvez até Latoeiros.

— Eu espero que sim — Perrin disse devagar —, se Mestre Luhhan não precisar de mim, quer dizer.

— A guerra é em Ghealdan — retrucou Rand. Com esforço, ele abaixou a voz. — A guerra é em Ghealdan, e só a Luz sabe onde as Aes Sedai estão, mas nenhuma delas está aqui. O homem do manto preto está, ou vocês já esqueceram dele?

Os outros trocaram olhares envergonhados.

— Desculpe, Rand — resmungou Mat. — Mas uma oportunidade de fazer alguma coisa além de ordenhar as vacas do meu pai não aparece com muita frequência. — Ele endireitou os ombros sob os olhares espantados deles. — Bem, eu as ordenho mesmo, e todos os dias.

— O cavaleiro negro — Rand lembrou. — E se ele machucar alguém?

— Talvez ele seja um refugiado da guerra — Perrin disse, em tom de dúvida.

— Seja lá o que for — disse Mat —, a guarda vai encontrá-lo.

— Talvez — retrucou Rand —, mas ele parece desaparecer quando quer. Talvez fosse melhor se soubessem que deviam procurá-lo.

— Vamos contar a Mestre al'Vere quando nos apresentarmos como voluntários para as patrulhas — disse Mat. — Depois ele conta ao Conselho, e eles à guarda.

— O Conselho! — exclamou Perrin, incrédulo. — Teríamos sorte se o Prefeito não risse na nossa cara. Mestre Luhhan e o pai de Rand já acham que nós dois estamos com medo de sombras.

Rand suspirou.

— Se vamos fazer isso, então é melhor fazer agora. Ele não vai rir mais alto hoje que amanhã.

— Talvez — disse Perrin, olhando de soslaio para Mat — devêssemos tentar encontrar outras pessoas que o viram. Vamos ver praticamente todo mundo na aldeia esta noite.

A cara de Mat fechou-se ainda mais. Ele, porém, não disse nada. Todos entenderam que Perrin queria dizer que deveriam encontrar testemunhas que fossem mais confiáveis que Mat.

— Ele não vai rir mais alto amanhã — acrescentou Perrin quando Rand hesitou. — E eu preferia ter mais alguém conosco quando formos falar com ele. Metade da aldeia estaria bom para mim.

Rand assentiu devagar. Ele já podia ouvir Mestre al'Vere rindo. Mais testemunhas certamente não poderiam fazer mal. E se três deles haviam visto o sujeito, então outras pessoas deviam tê-lo visto também. Precisavam ter visto.

— Amanhã, então. Vocês dois encontrem quem puderem esta noite, e amanhã iremos até o Prefeito. Depois disso...

Olharam para ele em silêncio, ninguém dando voz à pergunta do que aconteceria se não conseguissem encontrar mais alguém que tivesse visto o homem do manto negro. Mas o questionamento estava claro nos olhos deles, e Rand não tinha resposta. Ele suspirou profundamente.

— É melhor eu ir agora. Meu pai deve estar se perguntando se caí em um buraco.

Acompanhado pelas despedidas dos outros dois, Rand seguiu apressado até o estábulo onde a carroça de rodas altas estava apoiada nos varais.

O estábulo era uma construção comprida e estreita, encimada por um telhado de palha alto e pontudo. As baias, com o chão coberto de palha, ocupavam ambos os lados da penumbra do interior, iluminado somente pelas portas duplas abertas nas duas extremidades. Os cavalos do mascate comiam aveia em oito baias, e os imensos Dhurrans de Mestre al'Vere, os animais que ele alugava quando os fazendeiros tinham trabalho demais para seus próprios cavalos, enchiam mais seis, mas somente três outras estavam ocupadas. Rand percebeu que podia associar cada cavalo com seu cavaleiro facilmente. O garanhão negro, alto, de peito largo, que balançava a cabeça ferozmente, só podia ser de

Lan. A égua branca esguia com pescoço arqueado, os passos rápidos tão graciosos quanto os de uma garota dançando, mesmo dentro da baía, só podia pertencer a Moiraine. E o terceiro cavalo desconhecido, um cavalo castrado alto e magricela, de um marrom poeirento, combinava perfeitamente com Thom Merrilin.

Tam encontrava-se nos fundos do estábulo, segurando Bela por uma corda e conversando baixinho com Hu e Tad. Antes que Rand tivesse dado dois passos dentro do estábulo, o pai acenou com a cabeça para os cavaleiros e conduziu Bela para fora, juntando-se a Rand no caminho sem dizer uma palavra.

Eles puseram os arreios na égua peluda em silêncio. Tam parecia estar tão perdido em seus pensamentos que Rand segurou a língua. Não estava lá muito animado para tentar convencer o pai, e muito menos o Prefeito, a respeito do cavaleiro negro. No dia seguinte deveria haver tempo suficiente, quando Mat e o restante tivessem encontrado outros que houvessem visto o homem. Se encontrassem.

Quando a carroça começou a andar, Rand pegou o arco e a aljava na traseira, prendendo, meio atrapalhado, a aljava na cintura enquanto quase corria ao lado dela. Quando chegaram à última fileira de casas da aldeia, ele encaixou uma flecha no arco, carregando-a um pouco levantada e parcialmente puxada. Não havia nada para ver exceto árvores, em sua maior parte desfolhadas, mas os ombros dele se retesaram. O cavaleiro negro poderia surgir em cima deles antes que qualquer um dos dois percebesse. Poderia não haver tempo para puxar o arco se ele já não o tivesse quase pronto.

Rand sabia que não podia manter a tensão na corda do arco por muito tempo. Ele próprio o havia construído, e Tam era um dos poucos no distrito que conseguia puxá-lo todo até o rosto. Olhou ao redor, em busca de alguma coisa para afastar sua mente do cavaleiro negro. Cercados pela floresta, com seus mantos ondulando ao vento, isso não era fácil.

— Pai — disse finalmente —, não entendo por que o Conselho precisou interrogar Padan Fain. — Com esforço, ele desviou a atenção da floresta e olhou para Tam por cima de Bela. — Parece-me que a decisão a que vocês chegaram poderia ter sido tomada na hora. O Prefeito assustou todo mundo falando de Aes Sedai e do falso Dragão aqui nos Dois Rios.

— As pessoas são engraçadas, Rand. As melhores são assim. Haral Luhhan, por exemplo. Mestre Luhhan é um homem forte e corajoso, mas não consegue ver um açougueiro em ação. Fica branco feito um lençol.

— O que isso tem a ver com o que estamos falando? Todo mundo sabe que Mestre Luhhan não aguenta ver sangue, e ninguém, a não ser os Coplins e os Congars, vê problema nisso.

— É exatamente isso, rapaz. As pessoas nem sempre pensam ou se comportam da maneira que você espera. Aquela gente na aldeia... Se o granizo arrasar suas plantações, o vento levar cada telhado deles e os lobos matarem metade de suas ovelhas, eles vão arregaçar as mangas e começar do zero. Vão se lamentar, mas não perderão tempo. Mas é só você fazê-los pensar em Aes Sedai e em um falso Dragão em Ghealdan, e num instante eles começam a pensar que Ghealdan não é tão longe assim, do outro lado da Floresta de Sombras, e que uma linha reta de Tar Valon a Ghealdan não passaria tão longe a leste. Como se as Aes Sedai não fossem pegar a estrada por Caemlyn e Lugard, em vez de seguir pelo meio do nada! Amanhã pela manhã metade da aldeia já teria certeza de que a guerra estava prestes a se abater sobre nós. Essa confusão levaria semanas para ser desfeita. Um

belo Bel Tine isso daria. Então Bran lhes deu a ideia antes que eles pudessem tê-la por conta própria.

“Eles viram o Conselho levar o problema em consideração, e a esta altura estarão ouvindo o que decidimos. Eles nos escolheram para o Conselho da Aldeia porque confiam que possamos pensar nas coisas da melhor maneira para todos. Eles confiam em nossas opiniões. Até mesmo na de Cenn, o que não diz muita coisa em nosso favor, suponho. De qualquer maneira, eles ouvirão que não há nada com que se preocupar, e vão acreditar. Não é que eles não pudessem chegar à mesma conclusão, ou não acabassem chegando a ela em algum momento, mas desse jeito o Festival não será arruinado, e ninguém terá de passar semanas se preocupando com uma coisa que provavelmente não acontecerá. Se acontecer, contra todas as probabilidades... bem, as patrulhas nos darão aviso com tempo suficiente para fazermos o que pudermos. Mas realmente acho que a coisa não vai chegar a esse ponto.”

Rand estufou as bochechas. Aparentemente, fazer parte do Conselho era mais complicado do que ele pensava. A carroça rodava barulhenta pela Estrada da Pedreira.

— Alguém além de Perrin viu esse cavaleiro estranho? — Tam perguntou.

— Mat viu, mas... — Rand piscou, depois olhou de volta para o pai por cima de Bela.

— O senhor acredita em mim? Então tenho de voltar. Tenho de contar a eles. — O grito de Tam o deteve quando ele se virou para voltar correndo para a aldeia.

— Calma, rapaz, calma! Você acha que esperei até agora para falar sem nenhum motivo?

Com relutância, Rand permaneceu ao lado da carroça ainda rangendo atrás da paciente Bela.

— O que fez o senhor mudar de ideia? Por que não posso avisar os outros?

— Eles vão saber em breve. Perrin, pelo menos, saberá. Quanto a Mat, não tenho certeza. A notícia tem de ser levada para as fazendas da melhor maneira possível, mas daqui a mais uma hora não haverá ninguém em Campo de Emond acima de dezesseis anos, pelo menos os responsáveis, que não saiba que um estranho anda espreitando por aí, e que provavelmente não é o tipo que você convidaria para o Festival. O inverno já está sendo ruim o bastante sem isso para assustar os mais jovens.

— Festival? — perguntou Rand. — Se o senhor o tivesse visto, não ia querer vê-lo nem a dez milhas de distância. Talvez nem a cem.

— Talvez — disse Tam placidamente. — Ele poderia ser apenas um refugiado dos problemas em Ghealdan, ou mais provavelmente um ladrão que pensa que vai ser mais fácil fazer um ganho aqui do que em Baerlon ou Barca do Taren. Mesmo assim, ninguém aqui por perto possui o suficiente para se dar ao luxo de ter suas posses roubadas. Se o homem estiver tentando fugir da guerra... bem, ainda assim isso não é desculpa para assustar as pessoas. Quando a guarda for montada, vai encontrá-lo ou afugentá-lo daqui.

— Espero que ela o afugente. Mas por que acredita em mim agora, se não acreditou hoje de manhã?

— Naquele momento, eu tinha de acreditar nos meus próprios olhos, rapaz, e eu não vi nada. — Tam sacudiu a cabeça grisalha. — Só jovens veem esse sujeito, ao que parece. Quando Haral Luhhan mencionou que Perrin estava se assustando com sombras, a questão veio à tona. O filho mais velho de Jon Thane também o viu, assim como o garoto de Samel Crawe, Bandy. Bem, quando quatro de vocês dizem que viram uma

coisa... e todos rapazes sérios... começamos a pensar que talvez a coisa esteja ali, quer sejamos capazes de vê-la ou não. Todos menos Cenn, é claro. De qualquer maneira, é por isso que estamos indo para casa. Com nós dois longe, esse estranho poderia estar aprontando qualquer coisa por lá. Se não fosse pelo Festival, eu não voltaria nem amanhã. Mas não podemos nos tornar prisioneiros em nossa própria casa só porque esse sujeito está à espreita.

— Eu não sabia de Ban nem de Lem — disse Rand. — O restante de nós ia ao Prefeito amanhã, mas estávamos preocupados com a possibilidade de que ele também não acreditasse.

— Termos cabelos grisalhos não significa que nossos cérebros tenham virado coalhada — disse Tam, seco. — Então fique de olhos abertos. Talvez eu também o veja se ele aparecer novamente.

Rand então dedicou-se justamente a isso. E ficou surpreso ao perceber que seus passos pareciam mais leves. Os nós haviam desaparecido de seus ombros. Ele ainda estava assustado, mas não tanto quanto antes. Tam e ele estavam tão sós na Estrada da Pedreira quanto naquela manhã, mas de certa maneira ele tinha a sensação de que toda a aldeia estava com eles. O fato de outros saberem e acreditarem fazia toda a diferença. Não havia nada que o cavaleiro de negro pudesse fazer que o povo de Campo de Emond, unido, não fosse capaz de enfrentar.





Noite Invernal

O sol estava descendo após o ápice do meio-dia quando a carroça alcançou a casa da fazenda. Não era uma casa grande, nem de perto tão grande quanto algumas das casas de fazenda do leste, habitações que se esparramavam, crescendo ao longo dos anos para que nelas coubessem famílias inteiras. Nos Dois Rios isso frequentemente incluía três ou quatro gerações sob o mesmo teto, com tias, tios, primos e sobrinhos. Tam e Rand eram considerados fora do comum, tanto por serem dois homens morando sozinhos quanto por terem uma fazenda na Floresta do Oeste.

Ali, a maioria dos aposentos ficava em um único andar, um retângulo perfeito, sem alas nem acréscimos. Eram dois quartos e um sótão para armazenagem sob o telhado de palha inclinado. Embora a cal praticamente não existisse mais nas paredes de madeira maciça depois das tempestades de inverno, a casa ainda estava em bom estado de conservação — o telhado sem buracos e as portas e postigos das janelas bem encaixados em seus lugares.

A casa, o celeiro e o redil de pedra das ovelhas formavam as pontas de um triângulo ao redor do pátio da fazenda, onde algumas galinhas haviam se aventurado para ciscar no chão gelado. Um galpão aberto para a tosquia e um cocho de pedra ficavam ao lado do redil. Bem junto aos campos, entre o pátio e as árvores, elevava-se o cone alto de uma estreita casa de cura. Poucos fazendeiros nos Dois Rios conseguiam sobreviver sem lã e tabac para vender quando os mercadores apareciam.

Quando Rand deu uma olhada no redil, o carneiro líder do rebanho, de chifres pesados, olhou para ele, mas a maioria do rebanho de cara preta permaneceu placidamente onde estava deitada ou manteve a cabeça enfiada no cocho de comida. Os

pelos estavam grossos e encaracolados, mas ainda fazia frio demais para a tosquia.

— Não acho que o homem do manto negro tenha vindo aqui — gritou Rand para seu pai, que caminhava devagar ao redor da casa, lança em riste, examinando o chão com atenção. — As ovelhas não estariam tão tranquilas se ele tivesse.

Tam assentiu, mas não parou. Quando completou a volta pela casa, fez a mesma coisa no celeiro e no redil, ainda estudando o chão. Chegou até mesmo a verificar a casa de defumação e a casa de cura. Puxando um balde de água do poço, ele encheu a mão, cheirou a água e, com cautela, provou-a com a ponta da língua. Subitamente ele deu uma gargalhada, depois bebeu tudo num gole.

— Acho que não — ele disse a Rand, enxugando a mão na frente do casaco. — Toda essa história de homens e cavalos que não consigo ver nem ouvir só me faz olhar desconfiado para tudo. — Ele esvaziou a água do poço em outro balde e seguiu para a casa, balde numa das mãos e lança na outra. — Vou começar a preparar um pouco de ensopado para o jantar. E, já que estamos aqui, podemos pôr algumas tarefas em dia.

Rand fez uma careta, lamentando não passar a Noite Invernal em Campo de Emond. Mas Tam estava certo. Numa fazenda, o trabalho nunca tinha fim; assim que uma coisa acabava, havia sempre mais duas à espera. Ele hesitou, mas manteve o arco e a aljava por perto. Se o cavaleiro negro aparecesse, Rand não tinha nenhuma intenção de enfrentá-lo apenas com uma enxada.

A primeira coisa a fazer era colocar Bela no estábulo. Depois de tirar seus arreios e acomodá-la no celeiro em uma baía ao lado da vaca, ele pôs o manto de lado e esfregou a água com punhados de palha seca. Em seguida, escovou-lhe o pelo. Subindo a escada estreita até o jirau, jogou para baixo o feno para alimentá-la. Também serviu para ela alguns punhados de aveia, embora lhes restasse pouco e pudesse demorar até terem mais, a não ser que o tempo esquentasse logo. A vaca havia sido ordenhada naquela manhã antes do amanhecer, dando um quarto da produção normal; ela parecia estar secando com o prolongamento do inverno.

Eles haviam deixado para as ovelhas comida suficiente para dois dias — elas deviam estar no pasto nessa época, mas ainda não havia nada digno desse nome —, e Rand completou a água delas. Os ovos postos também precisavam ser recolhidos. Só havia três. As galinhas pareciam estar ficando mais espertas em escondê-los.

Ele estava levando uma enxada para a horta atrás da casa quando Tam saiu e se sentou num banco na frente do celeiro para consertar um arreiro, encostando a lança a seu lado. Isso fez Rand se sentir melhor com relação ao arco deitado sobre seu manto a um passo de onde estava.

Poucas ervas haviam crescido, mas eram mais numerosas que qualquer outra coisa. Os repolhos estavam bem pequenos, mal se podia ver um broto de feijão ou ervilha despontando, e não havia sinal de beterraba. Nem tudo fora plantado, claro; apenas parte, na esperança de que o frio pudesse acabar a tempo de se fazer qualquer colheita antes que a despensa ficasse vazia. Não levou muito tempo para Rand terminar de capinar, o que teria sido ótimo para ele nos anos anteriores, mas agora ele se perguntava o que fariam se nada acontecesse este ano. Não era um pensamento agradável. E ainda havia lenha para partir.

Para Rand, era como se anos tivessem se passado desde o tempo em que *não* era necessário cortar lenha. Mas reclamar não ia aquecer a casa, então ele foi buscar o machado, encostou o arco e a aljava ao lado do cepo e se pôs a trabalhar. Pinho para uma

chama rápida e quente, carvalho para queimar devagar. Em pouco tempo ele sentia calor suficiente para tirar o casaco. Quando a pilha de lenha partida já estava grande o bastante, ele a arrumou na lateral da casa, do lado de outras pilhas que já estavam lá. Normalmente, àquela altura do ano, as pilhas de lenha eram pequenas e em menor quantidade, mas não daquela vez. Cortando e empilhando, cortando e empilhando, ele se perdeu no ritmo do machado e nos movimentos de empilhar a madeira. A mão de Tam no seu ombro o trouxe de volta à realidade, e por um momento ele ficou piscando, surpreso.

Um crepúsculo cinzento havia chegado enquanto ele trabalhava, e já desaparecia rapidamente rumo à noite. A lua cheia se destacava bem acima do topo das árvores, tremeluzindo pálida e volumosa, como se estivesse prestes a cair sobre suas cabeças. O vento também havia esfriado mais sem que ele se desse conta, e fiapos de nuvens corriam pelo céu, que escurecia.

— Vamos nos lavar, rapaz, e se apronte para a ceia. Já carreguei a água para o banho quente antes de dormir.

— Qualquer coisa quente me parece ótima — disse Rand, pegando seu manto e o jogando sobre os ombros. A camisa estava encharcada, e o vento, esquecido no calor do balanço do machado, parecia estar tentando congelar seu suor agora que ele havia parado de trabalhar. Ele reprimiu um bocejo, estremecendo ao recolher o resto das coisas. — E dormir também, por falar nisso. Eu bem que poderia simplesmente dormir durante o Festival inteiro.

— Quer apostar dinheiro nisso?

Tam sorriu, e Rand teve de sorrir também. Ele não perderia o Bel Tine nem que tivesse ficado uma semana sem dormir. Ninguém perderia.

Tam havia exagerado nas velas e o fogo crepitava na grande lareira de pedra, de forma que a sala principal tinha uma atmosfera alegre e calorosa. Ao lado da lareira, uma ampla mesa de carvalho era o principal objeto da sala, uma mesa comprida o bastante para acomodar uma dúzia ou mais de pessoas, embora raras vezes tivesse havido tanta gente assim por ali desde a morte da mãe de Rand. Alguns armários e baús, a maioria deles construída habilidosamente pelo próprio Tam, alinhavam-se ao longo das paredes, e cadeiras de espaldar alto cercavam a mesa. A cadeira almofadada que Tam chamava de sua poltrona de leitura estava posicionada perpendicularmente diante das chamas. Rand preferia ler deitado no tapete em frente do fogo. A estante de livros perto da porta não era nem de perto tão grande quanto a da Estalagem Fonte de Vinho, mas livros eram artigo raro por ali. Poucos mascates carregavam mais que um punhado deles, e esses tinham de ser divididos parcimoniosamente entre todos os que os queriam.

Se a sala não parecia ter sido limpa com o cuidado que a maioria das donas de casa de fazenda teriam — o apoio para cachimbo de Tam e *As jornadas de Jain*, o *Viajante* encontravam-se em cima da mesa, enquanto outro livro com encadernação de madeira repousava na almofada de sua poltrona de leitura; uma peça de arreo a ser consertada estava no banco ao lado da lareira, e algumas camisas a serem costuradas formavam uma pilha em uma das cadeiras —, se não estava tão impecável, pelo menos mostrava-se limpa e arrumada o bastante, e com um aspecto de lugar habitado quase tão caloroso e reconfortante quanto o fogo na lareira. Ali era possível esquecer a friagem além das paredes. Ali não havia falso Dragão. Não havia guerras nem Aes Sedai. Nem homens em mantos negros. O aroma do caldeirão de ensopado pendurado sobre o fogo tomava conta da sala, e encheu Rand de uma fome voraz.

Seu pai mexeu o caldeirão com uma colher de pau comprida e provou o caldo.

— Só mais um tempinho.

Rand correu para lavar o rosto e as mãos; havia um jarro e uma bacia no lavatório ao lado da porta. O que ele queria era um banho quente, para tirar o suor e acabar com a friagem, mas isso viria quando a chaleira grande na sala dos fundos estivesse quente.

Tam revirou um armário e retirou de lá uma chave longa como sua mão. Ele a girou na grande fechadura de ferro na porta. Ao ver o olhar inquisitivo de Rand, falou:

— Por questão de segurança. Talvez eu esteja fantasiando, ou talvez o tempo esteja me deixando cismado, mas... — Ele suspirou e balançou a chave na palma da mão. — Vou cuidar da porta de trás. — E desapareceu rumo aos fundos da casa.

Rand não conseguia se lembrar de quando uma daquelas duas portas havia sido trancada. Ninguém nos Dois Rios trancava portas. Não havia necessidade. Até aquele momento, pelo menos.

Lá de cima, do quarto de Tam, veio um som áspero, como se alguma coisa estivesse sendo arrastada pelo chão. Rand franziu a testa. A menos que Tam tivesse subitamente decidido trocar os móveis de lugar, ele só podia estar puxando o velho baú que guardava embaixo da cama. Outra coisa que nunca havia sido feita até onde Rand se lembrava.

Ele encheu uma chaleira pequena de água para o chá e pendurou-a num gancho sobre o fogo, depois pôs a mesa. Ele próprio havia esculpido as tigelas e colheres. Os postigos da frente ainda estavam fechados, e de quando em quando ele dava uma espiada lá fora. Mas a noite já havia caído por completo, e tudo que ele conseguia ver eram as sombras da lua. O cavaleiro negro podia facilmente estar lá fora, mas Rand tentou não pensar nisso.

Quando Tam voltou, Rand olhou-o, surpreso. Um cinturão grosso cruzava, inclinado, a cintura de Tam, e do cinto pendia uma espada, com uma garça de bronze na bainha preta e outra no longo punho. Os únicos homens que Rand já vira usando espadas eram os guardas dos mercadores. E Lan, é claro. O fato de que seu pai pudesse possuir uma jamais havia lhe ocorrido. Exceto pelas garças, a espada parecia muito com a de Lan.

— De onde isso veio? — ele perguntou. — O senhor comprou de um mascate? Quanto custou?

Lentamente Tam desembainhou a arma; a claridade do fogo brincou ao longo da lâmina reluzente. Não se parecia nada com as espadas simples e toscas que Rand já tinha visto nas mãos dos guardas dos mercadores. Nem ouro nem pedras preciosas a adornavam, mas ela lhe pareceu grandiosa mesmo assim. A lâmina, muito levemente curva e afiada apenas de um lado, trazia outra garça gravada no aço. Pequenos guardamãos, trabalhados para se parecerem com tranças, flanqueavam o punho. Parecia quase frágil se comparada às espadas dos guardas dos mercadores; a maioria daquelas era de dois gumes, e grossas o bastante para cortar uma árvore ao meio.

— Eu a comprei muito tempo atrás — disse Tam —, muito longe daqui. E paguei caro demais; dois cobres é demais para uma destas. Sua mãe não aprovou, mas ela sempre foi mais sábia que eu. Eu era jovem, e o preço me pareceu justo na época. Ela sempre quis que eu me livrasse da espada, e mais de uma vez eu achei que ela estava certa, que deveria dá-la.

Os reflexos do fogo fizeram a lâmina parecer em chamas. Rand levou um susto. Muitas vezes sonhara em ter uma espada.

— Dá-la? Como poderia dar uma espada como essa?

Tam bufou.

— Não tem muita utilidade para cuidar de ovelhas, não é? Não dá para arar um campo nem ceifar a colheita com ela. — Por um longo minuto ele ficou olhando a espada como se estivesse se perguntando o que estava fazendo com uma coisa daquelas. Por fim, soltou um suspiro profundo. — Mas, se eu não estiver apenas tendo ideias sombrias, se nossa sorte acabar, talvez nos próximos dias fiquemos felizes por eu tê-la enfiado naquele baú velho em vez de ter me desfeito dela. — Ele deslizou a espada suavemente de volta à bainha e limpou a mão na camisa com uma careta. — O ensoiado já deve estar pronto. Vou servi-lo enquanto você prepara o chá.

Rand assentiu e pegou a latinha com chá, mas queria saber tudo. Por que Tam compraria uma espada? Ele não podia imaginar. E onde Tam a havia encontrado? Quão longe? Ninguém jamais saía dos Dois Rios; ou muito poucos, pelo menos. Ele sempre tivera a vaga impressão de que seu pai devia ter viajado para fora — sua mãe era uma estrangeira —, mas uma espada...? Ele tinha muitas perguntas para fazer assim que se sentassem à mesa.

A água do chá estava fervendo ferozmente, e ele precisou enrolar um pano na alça da chaleira para tirá-la do gancho. O calor atravessou o tecido imediatamente. Quando ele se afastou do fogo, uma batida pesada na porta sacudiu a tranca. Todos os pensamentos sobre a espada, ou sobre a chaleira quente em sua mão, desapareceram.

— Um dos vizinhos — disse sem muita segurança. — Mestre Dautry querendo emprestado... — Mas a fazenda de Dautry, seu vizinho mais próximo, ficava a uma hora de distância, mesmo à luz do dia, e não parecia provável que Oren Dautry, mesmo desavergonhado que era para pedir coisas emprestadas, saísse de casa no escuro.

Tam pôs suavemente as tigelas cheias de ensoiado e afastou-se devagar da mesa. As mãos repousavam no punho da espada.

— Acho que não... — ele começou, e a porta se abriu de supetão, pedaços da fechadura de ferro girando pelo chão.

Uma figura preencheu o vão da porta, e era maior que qualquer homem que Rand já tivesse visto, uma figura vestindo uma cota de malha preta que caía até os joelhos, com espigões de metal nos pulsos, cotovelos e ombros. Uma das mãos segurava uma espada pesada, semelhante a uma foice; a outra estava aberta diante dos olhos, como se para protegê-los da luz.

Rand sentiu o começo de uma estranha espécie de alívio. Quem quer que fosse aquele, não era o cavaleiro de manto negro. Então ele viu os chifres curvos de carneiro na cabeça que roçava no topo do portal, e onde deveriam estar boca e nariz havia um focinho peludo. Ele viu tudo isso enquanto inspirava com força o ar, que soltou num grito aterrorizado quando, sem pensar, atirou a chaleira quente naquela cabeça semi-humana.

A criatura urrou, parte grito de dor, parte rugido animal, quando a água fervente caiu em sua cara. No mesmo instante em que a chaleira atingiu a criatura, a espada de Tam surgiu. O rugido subitamente se tornou um gorgolejo, e o vulto imenso tombou para trás. Antes que terminasse de cair, outro estava tentando abrir caminho com suas garras. Rand vislumbrou uma cabeça deformada encimada por chifres semelhantes a espigões antes que Tam voltasse a atacar, e dois corpos imensos bloquearam a porta. Ele percebeu que seu pai estava gritando, dirigindo-se a ele.

— Corra, rapaz! Esconda-se na floresta!

Os corpos na porta estremeceram quando outros do lado de fora tentaram puxá-los para abrir caminho. Tam enfiou um ombro sob a mesa maciça. Com um grunhido, ele a ergueu e atirou sobre a confusão de corpos.

— Eles são muitos para conter! Pelos fundos! Vá! Vá! Eu já estou indo!

No instante em que Rand se virou para ir, a vergonha tomou conta dele por ter obedecido tão prontamente. Queria ficar e ajudar o pai, embora não pudesse imaginar como, mas o medo o havia pegado pelo pescoço, e suas pernas se moviam sozinhas. Ele deixou a sala em disparada, indo na direção dos fundos da casa, mais rápido do que jamais corraera em sua vida. Ruídos de coisas se quebrando e gritos vindos da porta da frente o perseguiram.

Ele estava com as mãos na barra que travava a porta dos fundos quando seu olhar deu com a fechadura de ferro que nunca era trancada. Só que Tam havia feito isso justamente naquela noite. Deixando a barra onde estava, ele disparou para uma janela lateral, levantou a vidraça e abriu os postigos. A noite havia substituído completamente o crepúsculo. A lua cheia e as nuvens carregadas pelo vento criavam sombras salpicadas que caçavam umas as outras pelo pátio da fazenda.

Sombras, ele disse a si mesmo. Apenas sombras. A porta dos fundos rangeu quando alguém ou algo lá fora tentou abri-la à força. A boca de Rand ficou seca. Um estrondo sacudiu a porta em seu caixilho e o fez se apressar; ele escorregou pela janela como uma lebre entrando na toca, e se agachou encostado à lateral da casa. Lá dentro, a madeira se estilhaçou com o som de um trovão.

Rand forçou-se a se levantar um pouco e espiar o lado de dentro, só com um dos olhos, só no canto da janela. No escuro ele não conseguia enxergar muita coisa, no entanto o que via já era mais do que realmente queria ver. A porta pendia torta das dobradiças, e formas ensombreadas entraram cautelosamente na casa, falando em vozes baixas e guturais. Rand não entendeu nada do que foi dito; a linguagem soava áspera, inadequada a uma língua humana. Machados, lanças e objetos pontudos refletiam sem muito fulgor fragmentos dispersos de luar. Botas raspavam o chão, e havia um clique ritmado, como se fosse de cascos também.

Ele tentou umedecer a boca. Inspirando profunda e irregularmente o ar, gritou o mais alto que pôde:

— Estão vindo pelos fundos! — As palavras saíram num grasnado, mas pelo menos saíram. Ele não tinha certeza de que saíam. — Eu estou aqui fora. Corra, pai! — Com a última palavra ele saiu em disparada, afastando-se da casa da fazenda.

Gritos roucos e furiosos na estranha língua soaram na sala dos fundos. Um som alto e agudo de vidros se quebrando, e em seguida alguma coisa desabou pesadamente no chão lá atrás. Rand deduziu que um deles havia passado arrombando a janela, em vez de tentar se espremer pela abertura, mas não olhou para trás para ver se tinha razão. Como uma raposa fugindo de cães, ele correu para as sombras mais próximas, como se tomasse a direção da floresta, e então caiu deitado de bruços e voltou se arrastando sorrrateiramente para o celeiro, com suas sombras muito maiores e mais profundas. Alguma coisa caiu em seus ombros, e ele começou a se debater, sem saber se estava tentando lutar ou fugir, até perceber que lutava com o novo cabo de enxada que Tam estivera esculpindo.

Idiota! Por um momento ficou ali deitado, tentando acalmar a respiração. *Seu burro, idiota, parece um Coplin!* Por fim, voltou a se arrastar até os fundos do celeiro, levando

conseguiu o cabo da enxada. Não era muita coisa, mas era melhor que nada. Com cuidado, olhou pelo canto do celeiro para ver o pátio e a casa.

Da criatura que havia pulado atrás dele não havia nem sinal. Podia estar em qualquer lugar. À caça de Rand, com certeza. Até mesmo espreitando às suas costas naquele exato instante.

Balidos assustados enchiam o redil das ovelhas à esquerda; o rebanho corria de um lado para o outro como se tentasse achar um jeito de escapar. Formas ensombreadas tremeluziam nas janelas iluminadas da frente da casa, e o clangor de aço contra aço ecoava na escuridão. Subitamente uma das janelas explodiu numa chuva de vidro e madeira quando Tam pulou por ela, ainda empunhando a espada. Ele caiu de pé, mas em vez de sair correndo para longe da casa, correu para os fundos, ignorando as criaturas monstruosas que saíam atrás dele pela janela quebrada e pela porta.

Rand ficou olhando aquilo sem acreditar. Por que o pai não estava tentando fugir? Então compreendeu. Tam havia ouvido sua voz na parte dos fundos da casa.

— Pai! — ele gritou. — Estou aqui!

No meio do caminho Tam girou, mas não correu na direção de Rand, e sim num ângulo que se distanciava dele.

— Corra, rapaz! — ele gritou, gesticulando com a espada como se para alguém à sua frente. — Esconda-se!

Uma dezena de formas imensas corria atrás dele, gritos roucos e uivos agudos estremecendo o ar.

Rand voltou para as sombras atrás do celeiro. Ali ele não podia ser visto, caso alguma das criaturas ainda estivesse dentro da casa. Estava a salvo; pelo menos por enquanto. Mas Tam, não. Tam, que estava tentando levar aquelas coisas para longe dele. Suas mãos apertaram com força o cabo da enxada, e ele precisou trincar os dentes para conter uma gargalhada repentina. Um cabo de enxada. Enfrentar uma daquelas criaturas com um cabo de enxada não seria muito parecido com brincar de bastão com Perrin. Mas ele não podia deixar Tam encarar sozinho as coisas que o perseguiam.

— Se eu me mover como se estivesse perseguindo um coelho — sussurrou para si mesmo —, eles não vão me ouvir nem ver. — Os gritos assustadores ecoavam na escuridão, e ele tentou engolir em seco. — Estão mais para uma matilha de lobos famintos. — Sem fazer ruído, ele se afastou do celeiro, indo na direção da floresta, agarrando o cabo da enxada com tanta força que suas mãos doíam.

De início, ao se ver cercado pelas árvores, sentiu-se aliviado. Elas ajudavam a escondê-lo do que quer que fossem aquelas criaturas que haviam atacado a fazenda. Enquanto se esgueirava pela floresta, entretanto, as sombras da lua se deslocavam, e começou a parecer que a escuridão da floresta mudava de formas e se movia também. Árvores assomavam, malévolas; galhos se contorciam em sua direção. Mas seriam mesmo apenas árvores e galhos? Ele quase podia ouvir os risos roucos sufocados em suas gargantas enquanto esperavam por ele. Os uivos dos perseguidores de Tam não enchiam mais a noite, mas no silêncio que os substituiu ele se encolhia toda vez que o vento raspava um galho contra outro. Ele foi se agachando cada vez mais e se movendo ainda mais devagar. Mal se atrevia a respirar por medo de ser ouvido.

Subitamente uma mão forte tampou sua boca por trás, e seu pulso foi agarrado pelo que parecia uma alga de ferro. Desesperado, ele tentou agarrar seu agressor por cima do ombro com a mão livre.

— Não vá quebrar meu pescoço, rapaz — disse Tam num sussurro rouco.

O alívio invadiu Rand, inundando e relaxando seus músculos. Quando o pai o soltou, ele caiu de quatro, arfando como se tivesse corrido por milhas. Tam desabou ao seu lado, apoiando-se em um cotovelo.

— Não teria tentado isso se tivesse pensado no quanto você cresceu nos últimos anos — sussurrou Tam. Seus olhos se movimentavam o tempo todo enquanto ele falava, atentos à escuridão. — Mas eu precisava ter certeza de que você não iria gritar. Alguns Trollocs têm a audição aguçada como a de um cão. Talvez até melhor.

— Mas Trollocs são só... — Rand deixou as palavras morrerem. Não eram só uma história, não depois daquela noite. Aquelas coisas podiam ser Trollocs ou o próprio Tenebroso, até onde ele sabia. — O senhor tem certeza? — ele sussurrou. — Quer dizer... Trollocs?

— Tenho certeza. Quanto ao que os trouxe até os Dois Rios... Nunca tinha visto um antes desta noite, mas já conversei com homens que viram, portanto sei um pouco. Talvez o bastante para nos manter vivos. Escute com atenção. Um Trolloc consegue ver melhor do que um homem no escuro, mas luzes brilhantes os cegam, pelo menos por um tempo. Essa pode ser a única razão para termos conseguido escapar de tantos deles. Alguns podem rastrear pelo faro ou pela audição, mas dizem que são preguiçosos. Se conseguirmos nos manter longe deles por tempo suficiente, eles devem desistir.

Isso fez com que Rand se sentisse apenas ligeiramente melhor.

— Nas histórias, eles odeiam os homens e servem ao Tenebroso.

— Se há algo que pertença aos rebanhos do Pastor da Noite, rapaz, são os Trollocs. Eles matam pelo prazer de matar, foi o que me disseram. Mas isso é tudo que sei, além do fato de que não se pode confiar neles, a menos que tenham medo de você, e mesmo assim não muito.

Rand estremeceu. Não tinha a menor vontade de conhecer alguém de quem um Trolloc tivesse medo.

— O senhor acha que ainda estão nos caçando?

— Talvez sim, talvez não. Eles não parecem muito espertos. Assim que chegamos à floresta, mandei os que estavam atrás de mim na direção das montanhas sem muito problema. — Tam apalpou seu lado direito e então aproximou a mão do rosto. — Mas é melhor agirmos como se estivessem.

— O senhor está ferido.

— Fale baixo. É só um arranhão, e de qualquer maneira não há nada que se possa fazer agora. Pelo menos o tempo parece estar esquentando. — Ele se recostou e deu um suspiro profundo. — Talvez não seja tão ruim passar a noite ao ar livre.

No fundo, Rand estava justamente se lembrando com carinho de seu casaco e seu manto. As árvores bloqueavam a maior parte do vento, mas as rajadas que passavam ainda cortavam como uma faca congelada. Hesitante, ele tocou o rosto de Tam e estremeceu.

— O senhor está queimando. Preciso levá-lo até Nynaeve.

— Daqui a pouco, rapaz.

— Não temos tempo a perder. É um longo caminho no escuro.

Ele se levantou apressado e tentou ajudar o pai a se erguer. Um grunhido que Tam mal conseguiu conter entredentes fez com que Rand rapidamente o acomodasse outra vez no chão.

— Deixe-me repousar um pouco, garoto. Estou cansado.

Rand deu um soco na própria perna. Se estivessem confortáveis dentro de casa, com fogueira e cobertores, muita água e casca de salgueiro, ele poderia estar disposto a esperar o dia amanhecer antes de preparar Bela e levar Tam até a aldeia. Ali não havia fogo, nem cobertor, nem carro e nem Bela. Mas aquelas coisas ainda estavam na casa. Se ele não podia carregar Tam até elas, quem sabe não poderia pelo menos trazer algumas delas para Tam. Se os Trollocs tivessem ido embora. Eles teriam de ir, mais cedo ou mais tarde.

Olhou para o cabo da enxada, depois o largou. Em seguida, puxou a espada de Tam. A lâmina tinha um brilho fosco à luz pálida do luar. O punho longo parecia estranho à sua mão; o peso era diferente do que ele conhecia. Ele cortou o ar algumas vezes antes de parar com um suspiro. Golpear o ar era fácil. Se tivesse de fazer isso contra um Trolloc, provavelmente acabaria fugindo ou ficando paralisado a ponto de não conseguir se mover até o Trolloc brandir uma daquelas espadas estranhas e... *Pare com isso! Não está ajudando nada!*

Quando ele começou a se levantar, Tam o pegou pelo braço.

— Aonde você está indo?

— Precisamos da carroça — ele disse baixinho. — E de cobertores. — Estava chocado com a facilidade com que tirou a mão do pai de sua roupa. — Descanse, eu vou voltar.

— Tenha cuidado — disse Tam, soltando o ar com dificuldade.

Ele não podia ver o rosto do pai ao luar, mas podia sentir seu olhar.

— Terei. — *O mesmo cuidado de um camundongo explorando o ninho de um gavião*, ele pensou.

Silenciosamente, como se fosse mais uma sombra, Rand deslizou para dentro da escuridão. Pensou em todas as vezes em que havia brincado de pique com seus amigos na floresta, quando eram crianças, emboscando uns aos outros, esforçando-se ao máximo para não serem ouvidos até colocarem a mão no ombro de alguém. Por alguma razão ele não conseguia evocar a mesma sensação.

Esgueirando-se de uma árvore a outra, tentou bolar um plano, mas, quando chegou à beira da floresta, havia feito e descartado uns dez. Tudo dependia de os Trollocs ainda estarem lá ou não. Se tivessem partido, ele poderia simplesmente entrar na casa e pegar o que quisesse. Se ainda estivessem lá... Nesse caso, não havia nada a fazer a não ser voltar para Tam. Essa ideia não lhe agradava nem um pouco, mas ele em nada ajudaria Tam se estivesse morto.

Ele espiou na direção das construções da fazenda. O celeiro e o redil das ovelhas eram apenas formas escuras ao luar. Mas havia luz saindo pelas janelas da frente da casa e também pela porta da frente aberta. *São apenas as velas que papai acendeu ou há Trollocs esperando?*

O pio agudo de uma coruja o fez dar um pulo de susto; ele teve de se encostar numa árvore, tremendo e com as pernas bambas. Aquilo não o estava levando a lugar algum. Deitando-se de bruços, se pôs a rastejar, segurando a espada à sua frente de modo desajeitado. Manteve o queixo na terra o caminho todo até o redil.

Agachando-se contra a mureta de pedra, apurou os ouvidos. Nenhum ruído perturbava a noite. Com cuidado, ajeitou-se o suficiente para olhar por cima da mureta. Nada se movia no pátio. Nenhuma sombra passava nas janelas iluminadas da casa, nem na porta. *Bela e o carro primeiro ou os cobertores e as outras coisas?* Foi a luz que o fez decidir. O

celeiro estava escuro. Qualquer coisa poderia estar à espreita, e ele não teria como saber até que fosse tarde demais. Na casa, pelo menos, conseguiria enxergar o que havia lá dentro.

Quando começou a se abaixar novamente, parou. Ali não havia ruído *nenhum*. A maioria das ovelhas poderia já ter se acomodado e voltado a dormir, embora isso não fosse provável, mas algumas sempre ficavam acordadas mesmo no meio da noite, fazendo algum barulho, balindo de vez em quando. Ele tinha conseguido enxergar os montinhos escuros no chão. Uma delas estava deitada quase embaixo dele.

Tentando não fazer nenhum ruído, ele se ergueu e debruçou na mureta até conseguir estender a mão para a forma na penumbra. Seus dedos tocaram a lâ encaracolada, depois alguma coisa úmida; a ovelha não se moveu. O ar escapou de seus pulmões subitamente quando ele recuou, quase deixando a espada cair no chão do lado de fora do redil. *Eles matam por diversão*. Tremendo, limpou a mão na terra.

Furioso, Rand disse a si mesmo que nada havia mudado. Os Trollocs tinham feito sua chacina e partido. Repetindo isso mentalmente, ele continuou se arrastando ao longo do pátio, mantendo o corpo o mais colado à terra possível, mas tentando olhar em todas as direções também. Ele nunca tinha pensado que fosse sentir inveja de uma minhoca.

Na frente da casa, ele parou ao lado da parede embaixo da janela quebrada e apurou a audição. O pulsar surdo do sangue em seus ouvidos era o som mais alto que ouvia. Lentamente, ele se ergueu e espiou lá dentro.

O caldeirão de enopado encontrava-se emborcado nas cinzas da lareira. A sala estava entulhada com pedaços de madeira quebrada e estilhaçada; nem uma só peça da mobília permaneceria intacta. Até a mesa estava caída de lado, duas pernas amputadas e transformadas em tocos. Todas as gavetas haviam sido puxadas para fora e destruídas; cada armário e gabinete encontrava-se aberto, muitas das portas penduradas por uma única dobradiça. Seu conteúdo esparramava-se sobre os escombros, e tudo estava coberto por um pó branco. Farinha e sal, a julgar pelos sacos cortados atirados ao lado da lareira. Quatro corpos retorcidos formavam um emaranhado em meio ao que restava da mobília. Trollocs.

Rand reconheceu um pelos chifres de carneiro. Os outros eram praticamente iguais, mesmo em suas diferenças: uma repulsiva mistura de rostos humanos distorcidos por focinhos, chifres, penas e pelo. As mãos, quase humanas, só faziam a coisa piorar. Dois usavam botas; os outros tinham cascos. Ele ficou olhando sem piscar até os olhos arderem. Nenhum dos Trollocs se moveu. Só podiam estar mortos. E Tam estava esperando.

Ele entrou correndo pela porta da frente e estacou, quase vomitando com o fedor. Um estábulo cujo esterco não fosse recolhido por meses era a única coisa que lhe ocorria que poderia se igualar àquilo. Manchas nojentas sujavam as paredes. Tentando respirar pela boca, ele começou apressadamente a remexer a bagunça do chão. Havia guardado em um dos armários um odre de água.

Um som áspero às suas costas fez um arrepio correr por sua medula, e ele girou, quase caindo por cima dos restos da mesa. Conseguiu se segurar e gemeu entredentes, que estariam batendo caso ele não os tivesse trincado até o maxilar doer.

Um dos Trollocs estava se levantando. Um focinho de lobo projetava-se abaixo dos olhos fundos. Olhos vazios, sem emoção, e demasiado humanos. Orelhas peludas e pontudas que se contraíam sem parar. Ele passou por cima de um dos companheiros

mortos com seus cascos afiados de bode. A mesma cota de malha preta que os outros vestiam raspava na calça de couro, e uma imensa espada em forma de foice balançava ao lado de seu corpo.

Ele soltou um murmúrio gutural e agudo, e então disse:

— Outros vão embora. Narg fica. Narg esperto.

As palavras estavam distorcidas e eram difíceis de entender, vindas de uma boca que não se destinava à fala humana. Seu tom de voz pretendia ser tranquilizador, pensou Rand, sem no entanto conseguir tirar os olhos dos dentes manchados, compridos e afiados, que sobressaíam toda vez que a criatura falava.

— Narg sabe que uns voltam às vezes. Narg espera. Você não precisa espada. Coloca espada no chão.

Até o Trolloc falar, Rand não havia percebido que segurava, vacilante, a espada de Tam à frente do corpo com ambas as mãos, a ponta voltada para a imensa criatura, cuja cabeça e ombros erguiam-se acima de Rand, com peitoral e braços capazes de fazer os de Mestre Luhhan parecerem pequenos.

— Narg não machuca. — Ele deu um passo à frente, gesticulando. — Você coloca espada no chão. — Os pelos pretos nas costas de suas mãos eram grossos como a pelagem de um animal.

— Para trás — disse Rand, desejando que sua voz não tremesse tanto. — Por que vocês fizeram isso? Por quê?

— *Vlja daeg roghda!* — O rugido rapidamente se transformou em um sorriso cheio de dentes. — Coloca espada no chão. Narg não machuca. Myrddraal quer falar você. — Um lampejo de emoção atravessou o rosto distorcido. Medo. — Outros voltam, você fala Myrddraal. — Ele deu mais um passo, uma mãozorra repousando no cabo da própria espada. — Você coloca espada no chão.

Rand umedeceu os lábios. Myrddraal! A pior das histórias estava ganhando vida esta noite. A chegada de um Desvanecido fazia de um Trolloc uma bobagem, em comparação. Ele precisava fugir. Mas se o Trolloc puxasse aquela espada gigantesca, não haveria chance. Forçou os lábios a se abrirem num sorriso trêmulo.

— Está certo. — Segurando a espada ainda com mais força, Rand deixou as mãos caírem ao lado do corpo. — Eu vou falar.

O sorriso de lobo se tornou um rosnado, e o Trolloc lançou-se em sua direção. Rand não havia imaginado que uma coisa tão grande pudesse mover-se com tanta rapidez. Desesperado, ele ergueu a espada. O corpo monstruoso chocou-se com o seu, atirando-o com violência contra a parede. Todo o ar escapou de seus pulmões de uma só vez. Ele lutou para respirar enquanto caíam no chão juntos, o Trolloc por cima. Rand debateu-se freneticamente sob o peso que o esmagava, tentando evitar as mãos grossas que tentavam agarrá-lo, assim como as mandíbulas que tentavam mordê-lo.

O Trolloc teve um espasmo súbito e ficou imóvel. Esgotado e ferido, meio sufocado pela massa em cima dele, por um instante Rand só conseguiu ficar ali, caído, sem acreditar. Mas rapidamente recuperou os sentidos, o suficiente para se esgueirar de sob o corpo, pelo menos. Cadáver, na verdade. A lâmina ensanguentada da espada de Tam projetava-se do centro das costas do Trolloc. Ele a erguera a tempo, afinal. As mãos de Rand também estavam cobertas de sangue, que formava uma mancha enegrecida na frente de sua camisa. Seu estômago revirou, e ele engoliu em seco para não vomitar. Tremia tanto quanto no aque de seu medo, mas, dessa vez, de alívio por ainda estar vivo.

Outros voltam, dissera o Trolloc. Os outros Trollocs voltariam à casa da fazenda. E um Myrddraal, um Desvanecido. As histórias contavam que os Desvanecidos tinham seis metros de altura, olhos de fogo, e montavam as sombras como se elas fossem cavalos. Quando um Desvanecido virava de lado, desaparecia, e nenhuma parede podia detê-los. Rand tinha de concluir o que fora fazer ali e ir embora rápido.

Grunhindo com o esforço, ele rolou o corpo do Trolloc para chegar até a espada — e quase saiu correndo quando deparou com os olhos abertos que o encaravam. Ele levou alguns instantes para perceber que os globos o olhavam através do verniz da morte.

Rand limpou as mãos num trapo — que ainda naquela manhã era uma das camisas de Tam — e arrancou a lâmina do corpo do Trolloc. Estava limpando a espada quando, relutante, deixou o trapo cair no chão. Não havia tempo para aquilo, pensou ele com uma gargalhada que, para conter, precisou cerrar os dentes. Ele não via como poderiam limpar a casa o suficiente para viverem nela. O fedor horrível provavelmente já havia se entranhado na madeira. Mas não havia tempo para pensar. *Não há tempo para limpeza. Talvez não haja tempo para nada.*

Ele tinha certeza de que estava esquecendo uma série de coisas de que iriam precisar, mas Tam esperava, e os Trollocs voltariam. Recolheu tudo em que pôde pensar às pressas. Cobertores nos quartos do andar de cima e panos limpos para cobrir o ferimento de Tam. Seus mantos e casacos. Um odre de água que ele carregava quando levava as ovelhas para o pasto. Uma camisa limpa. Não sabia quando teria tempo para trocar de roupa, mas queria se livrar daquela camisa suja de sangue na primeira oportunidade que tivesse. Os saquinhos de casca de salgueiro e seus outros remédios eram agora uma pilha escura e de aspecto lamacento que ele não se atreveu a tocar.

Um balde da água que Tam havia carregado para dentro de casa ainda estava ao lado da lareira, milagrosamente intocado e cheio. Ele encheu o odre ali, lavou apressadamente as mãos com o que sobrou e fez mais uma busca rápida por qualquer coisa que pudesse ter esquecido. Encontrou seu arco no meio dos escombros, partido em dois na parte mais grossa. Estremeceu ao deixar os pedaços caírem. O que ele já havia apanhado teria de servir, decidiu. Empilhou tudo rapidamente do lado de fora.

A última coisa que fez antes de deixar a casa foi desencavar na bagunça do chão um lampião apagado que ainda tinha óleo. Acendendo-o com uma das velas, fechou os postigos — em parte por causa do vento, mas o motivo principal era para não atrair atenção — e correu para fora com o lampião numa das mãos e a espada na outra. Não sabia o que iria encontrar no celeiro. O redil das ovelhas fazia com que ele não tivesse muitas esperanças. Mas precisava da carroça para levar Tam até Campo de Emond, e para a carroça ele precisava de Bela. A necessidade o fez ter um pouco de esperança.

As portas do celeiro estavam escancaradas, uma delas rangendo nas dobradiças com o balanço do vento. O interior, a princípio, parecia o mesmo de sempre. Então seus olhos deram com as baías vazias, as portas arrancadas. Bela e a vaca não estavam lá. Rapidamente ele foi até os fundos do celeiro. A carroça estava tombada de lado, metade dos aros das rodas quebrados. Um dos varais era apenas um toco de um pé de comprimento.

O desespero, que até então ele havia conseguido controlar, invadiu-o. Não tinha certeza se conseguiria carregar Tam até a aldeia mesmo que o pai suportasse ser carregado. A dor poderia matá-lo mais rápido do que a febre. No entanto, era a única

chance que lhe restava. Ele já havia feito tudo o que podia ali. Quando se virou para partir, seus olhos deram com o varal quebrado da carroça caída no chão cheio de palha. Subitamente ele sorriu.

Apressado, Rand colocou o lampião e a espada no chão e no instante seguinte já estava pelejando com a carroça, desvirando-a e colocando-a novamente de pé, com o estalo de mais aros quebrados, depois erguendo-a do outro lado, com o ombro. A trave intacta projetava-se para a frente. Agarrando a espada, ele começou a cortar a madeira ressecada. Para sua agradável surpresa, a cada golpe voavam grandes lascas, e ele cortou a trave tão rapidamente quanto se tivesse usado um bom machado.

Quando a trave caiu, ele olhou maravilhado para a lâmina da espada. Até mesmo o machado mais bem afiado teria ficado cego depois de cortar aquela madeira velha e dura, mas a espada parecia brilhante e afiada como sempre. Ele tocou o gume com o polegar e levou-o rapidamente à boca. A lâmina ainda era como uma navalha.

Mas Rand não tinha tempo para ficar maravilhado. Apagando o lampião com um sopro — não havia necessidade de, além de tudo, incendiar o celeiro —, ele recolheu os varais e correu para pegar o que havia deixado na casa.

A carga ficou meio desajeitada empilhada em cima das duas traves. Não pesava, mas era difícil de equilibrar e carregar, a madeira deslizava e rolava em seus braços enquanto ele atravessava aos tropeços o campo arado. Assim que voltou à floresta a coisa ficou ainda pior, porque as traves iam batendo nas árvores e quase o derrubavam. Teria sido mais fácil arrastá-las, mas isso deixaria uma trilha clara atrás dele. Sua intenção era esperar o máximo possível antes de fazer isso.

Tam estava exatamente onde Rand o havia deixado, aparentemente dormindo. Rand torceu para que fosse mesmo sono. Com um medo súbito, ele largou seu fardo no chão e levou a mão ao rosto do pai. Tam ainda respirava, mas a febre havia piorado.

O toque despertou Tam, mas apenas para um estado nebuloso de consciência.

— É você, garoto? — Ele arquejou. — Estava preocupado com você. Tive sonhos com o passado. Pesadelos. — Em meio a murmúrios, ele voltou a dormir.

— Não se preocupe — disse Rand, cobrindo o pai com o casaco e o manto para protegê-lo do vento. — Vou levá-lo até Nynaeve o mais rápido possível. — Enquanto continuava falando, mais para se tranquilizar do que para benefício de Tam, tirou sua camisa manchada de sangue, quase nem notando o frio em sua pressa de se livrar dela, e vestiu apressadamente a outra, limpa. Jogar a camisa velha fora o fez se sentir como se tivesse acabado de tomar um banho. — Vamos chegar a salvo à aldeia num instante, e a Sabedoria vai dar um jeito em tudo. O senhor vai ver só. Vai ficar tudo bem.

Esse pensamento era como um farol a guiá-lo enquanto ele vestia o casaco e se curvava para cuidar do ferimento de Tam. Eles estariam a salvo assim que chegassem à aldeia, e Nynaeve curaria Tam. Rand só tinha de levá-lo até lá.



A Floresta do Oeste

À luz do luar, Rand não conseguia enxergar de fato o que estava fazendo, mas a ferida de Tam parecia apenas um corte superficial ao longo das costelas, não mais que o comprimento da palma de sua mão. Ele balançou a cabeça, sem acreditar. Já tinha visto o pai ser ferido mais de uma vez e nem sequer parar de trabalhar, exceto para lavar o machucado. Examinou Tam rapidamente da cabeça aos pés para ver se havia algo sério o bastante que justificasse a febre, mas o corte foi tudo o que ele conseguiu encontrar.

Mesmo pequeno, esse único corte era grave o bastante; a carne ao redor do ferimento queimava ao toque. Estava ainda mais quente do que o resto do corpo de Tam, que já estava febril o bastante para fazer Rand trincar os dentes. Uma temperatura escaldante daquelas podia matar, ou deixar um homem apenas uma sombra do que fora antes. Rand encharcou um pano com água do odre e o colocou na testa de Tam.

Ele tentou ser delicado ao lavar e fazer o curativo na ferida nas costelas do pai, mas os murmúrios de Tam ainda assim eram cortados por gemidos. Galhos pontudos projetavam-se ao redor deles, ameaçadores, quando se mexiam ao vento. Certamente os Trollocs iriam embora quando não conseguissem achá-los, quando voltassem à casa da fazenda e a encontrassem ainda vazia. Ele tentou acreditar nisso, mas a destruição gratuita da casa, a falta de sentido daquilo tudo não lhe davam muita chance de acreditar em nada do gênero. Acreditar que eles desistiriam antes de matar tudo e todos que pudessem encontrar era perigoso, um risco tolo que ele não podia se dar ao luxo de correr.

Trollocs. Luz do céu, Trollocs! Criaturas saídas das histórias dos menestréis, surgidas da noite para

arrombar a porta. E um Desvanecido. A Luz me ilumine, um Desvanecido!

Subitamente Rand percebeu que estava segurando as pontas soltas da atadura nas mãos imóveis. *Paralisado como um coelho que viu a sombra de um gavião*, ele pensou com desdém. Sacudindo a cabeça com irritação, terminou de amarrar a atadura em torno do peito de Tam.

Saber o que tinha de fazer, mesmo durante o ato, não impedia que sentisse medo. Quando os Trollocs voltassem, certamente iriam começar a vasculhar a floresta em torno da fazenda em busca de algum vestígio das pessoas que haviam fugido deles. O corpo do que ele havia matado lhes diria que aquelas pessoas não estavam longe dali. Quem sabia o que um Desvanecido faria ou poderia fazer? Além disso, o comentário de seu pai a respeito da audição dos Trollocs ressoava tão alto em sua mente como se Tam tivesse acabado de fazê-lo. Rand se viu controlando o impulso de cobrir com a mão a boca de Tam, a fim de abafar seus grunhidos e murmúrios. *Alguns rastreiam pelo faro. O que eu posso fazer quanto a isso? Nada.* Ele não podia perder tempo se preocupando com problemas sobre os quais nada podia fazer.

— O senhor precisa fazer silêncio — sussurrou no ouvido do pai. — Os Trollocs vão voltar.

Tam falou em um tom rouco e abafado:

— Você ainda é linda, Kari. Ainda linda como uma menina.

Rand fez uma careta. Sua mãe estava morta fazia quinze anos. Se Tam achava que ela ainda estava viva, então a febre era pior que Rand havia pensado. Como impedi-lo de falar, agora que o silêncio poderia salvar sua vida?

— Mamãe quer que o senhor fique quieto — sussurrou Rand. Ele parou para limpar a garganta subitamente apertada. As mãos dela eram suaves; disso ele se lembrava. — Kari quer que o senhor fique quieto. Aqui. Beba.

Tam engoliu com sede a água do odre, mas depois de alguns goles virou a cabeça para o lado e começou a murmurar baixinho novamente, baixo demais para que o filho compreendesse. Rand torceu para que fosse baixo demais também para ser ouvido pelos Trollocs que os caçavam.

Tratou de fazer rapidamente o que precisava ser feito. Trançou três dos cobertores ao redor e entre os varais cortados da carroça, criando uma liteira improvisada. Ele só seria capaz de carregar uma das pontas, deixando a outra arrastar no chão, mas isso teria de bastar. Do último cobertor ele cortou uma longa tira com a faca do seu cinturão, depois amarrou uma ponta da tira à outra trave.

Com o máximo de delicadeza que lhe foi possível, ergueu Tam e o colocou na maca, encolhendo-se a cada gemido. Seu pai sempre parecera indestrutível. Nada podia machucá-lo; nada podia detê-lo, nem sequer fazê-lo ir mais devagar. Vê-lo naquela condição quase tirava de Rand a pouca coragem que ele havia conseguido reunir. Mas tinha de continuar. Só isso o fazia continuar agindo. A necessidade.

Com Tam finalmente deitado na maca, Rand hesitou, depois tirou o cinturão com a espada da cintura do pai. Quando o colocou na própria cintura, pareceu-lhe estranho; fez com que ele se sentisse estranho. Cinturão, bainha e espada juntos só somavam alguns quilos, mas, quando ele embainhou a lâmina, ela pareceu um grande peso.

Zangado, repreendeu a si mesmo. Não era hora nem lugar para devaneios tolos. Aquilo era apenas uma faca grande. Quantas vezes ele já não havia sonhado em usar uma espada e viver aventuras? Se podia matar um Trolloc com ela, certamente poderia

combater outros também. Porém, sabia muito bem que o que acontecera na casa havia sido a mais pura sorte. E suas aventuras do tempo em que sonhava acordado nunca tinham incluído dentes batendo, nem fugas para salvar a pele no meio da noite, nem seu pai à beira da morte.

Apressadamente ele enfiou o último cobertor ao redor de Tam e ajeitou o odre de água e o restante das roupas ao lado do pai na maca. Respirando fundo, ajoelhou-se entre os varais e passou a tira de cobertor pela cabeça, ajeitando-a nos ombros e sob os braços. Quando segurou as traves e se empertigou, a maior parte do peso ficou nos ombros. Não pareceu nada absurdo. Tentando manter o passo firme, partiu para Campo de Emond, a maca arranhando o chão atrás dele.

Rand já havia decidido seguir até a Estrada da Pedreira e de lá até a aldeia. O perigo com quase toda certeza seria maior ao longo da estrada, mas não haveria ajuda alguma para Tam se ele se perdesse tentando achar o caminho no meio da mata na escuridão.

No escuro, antes que se desse conta, já estava quase chegando à Estrada da Pedreira. Quando percebeu onde estava, sua garganta se fechou. Mais que depressa ele fez meia-volta com a maca e a arrastou de volta para as árvores, depois parou para recuperar o fôlego e deixar o coração voltar a bater normalmente. Ainda ofegante, ele se voltou para leste, na direção de Campo de Emond.

Seguir entre as árvores era mais difícil do que levar Tam pela estrada, e a noite certamente não ajudava, mas sair para a estrada propriamente dita seria loucura. A ideia era chegar à aldeia *sem* se encontrar com nenhum Trolloc; sem nem sequer vê-los, se dependesse de sua vontade. Rand tinha de supor que os Trollocs ainda estavam à caça deles, e que mais cedo ou mais tarde perceberiam que os dois haviam partido para a aldeia. Esse seria o lugar mais provável para irem, e a Estrada da Pedreira, a rota mais provável. A noite e as sombras das árvores pareciam uma cobertura terrivelmente pobre sob a qual se ocultar dos olhos de qualquer um que passasse por ali.

O luar que atravessava os galhos nus só fornecia iluminação suficiente para iludir seus olhos e levá-lo a achar que enxergava o que estava aos seus pés. Raízes o ameaçavam com tropeços a cada passo, emaranhados de galhos velhos agarravam suas pernas e depressões ou elevações súbitas no terreno quase o faziam cair quando seu pé só encontrava o ar onde ele esperava terra firme, ou tropeçar quando seus dedos davam com o chão mesmo ainda estando no alto. Os resmungos de Tam se transformavam em um gemido agudo todas as vezes em que uma das traves batia com mais velocidade numa raiz ou numa rocha.

A incerteza fazia Rand espreitar a escuridão até os olhos queimarem e apurar os ouvidos como nunca havia feito antes. Cada ruído de galhos raspando, cada sussurro das agulhas dos pinheiros o fazia parar, ouvidos atentos, quase não se atrevendo a respirar com medo de não conseguir ouvir algo que o alertasse, e com medo de ouvir. Só seguia em frente quando tinha certeza de que era somente o vento.

Aos poucos, o cansaço começou a subir por seus braços e pernas, reforçado por um vento noturno que brincava com seu manto e casaco. O peso da maca, pequeno no começo, agora tentava puxá-lo para baixo. Seus tropeços não se deviam apenas aos obstáculos do chão. O esforço quase constante para não cair exigia tanto dele quanto o trabalho real de puxar a maca. Ele havia acordado antes do amanhecer para começar suas tarefas e, mesmo com a viagem a Campo de Emond, havia feito o trabalho de quase um dia inteiro. Em qualquer noite normal ele estaria descansando diante da lareira, lendo um

dos livros da pequena coleção de Tam antes de ir para a cama. O frio agudo penetrava seus ossos, e seu estômago o lembrava de que não havia comido nada desde os bolinhos de mel da Senhora al'Vere.

Resmungou para si mesmo, zangado por não ter apanhado nenhuma comida na fazenda. Alguns minutos a mais poderiam não ter feito nenhuma diferença. Alguns minutos para achar um pouco de pão e queijo. Os Trollocs não teriam voltado em apenas alguns minutos. Ou só o pão. É claro, a Senhora al'Vere insistiria em pôr uma refeição quentinha na frente dele assim que chegassem à estalagem. Um prato fumegante do espesso ensopado de cordeiro dela, provavelmente. E um pouco daquele pão que ela estava fazendo antes. E muito chá quente.

— Eles apareceram sobre a Muralha do Dragão como um dilúvio — Tam disse de repente, com uma voz forte e furiosa — e lavaram a terra com sangue. Quantos morreram pelo pecado de Laman?

Rand quase caiu de susto. Cansado, baixou a maca até o chão e se soltou. A faixa de cobertor deixou uma marca de queimadura nos seus ombros. Mexendo-se para desfazer os nós dos músculos, ele se ajoelhou ao lado de Tam. Enquanto procurava o odre de água, espiou entre as árvores, tentando em vão na penumbra do luar enxergar a estrada, de um lado e do outro, a menos de vinte passos de onde ele estava. Nada se movia ali, exceto sombras. Nada, exceto sombras.

— Não há nenhum dilúvio de Trollocs, pai. Pelo menos não agora. Daqui a pouco estaremos seguros em Campo de Emond. Beba um pouco de água.

Tam dispensou o odre com um braço que parecia ter recuperado toda a força. Agarrou Rand pela gola, puxando-o perto o bastante para que o filho sentisse o calor da febre do pai em seu próprio rosto.

— Eles os chamaram de selvagens — disse Tam com urgência. — Os tolos disseram que eles poderiam ser varridos como lixo. Quantas batalhas perdidas, quantas cidades incendiadas, antes que encarassem a verdade? Antes que as nações se reunissem contra eles? — Ele afrouxou a mão que agarrava Rand, e sua voz encheu-se de tristeza. — O campo em Marath ficou coberto com os corpos dos mortos, e os únicos sons que restaram foram os gritos dos corvos e o zumbido das moscas. As torres sem topos de Cairhien queimando na noite como tochas. Por todo o caminho até as Muralhas Reluzentes eles incendiaram e chacinaram antes de serem rechaçados. Por todo o caminho até...

Rand tapou a boca do pai com a mão. O barulho voltou, uma batida ritmada, que vinha através das árvores sem direção específica, desaparecendo e depois se tornando mais forte com a mudança do vento. Franzindo a testa, ele virou a cabeça devagar, tentando decidir de onde vinha. Captou um movimento de relance pelo canto do olho, e num instante estava agachado por cima de Tam. Assustou-se ao sentir o cabo da espada preso com firmeza em sua mão, mas quase toda a sua atenção estava concentrada na Estrada da Pedreira, como se a estrada fosse a única coisa verdadeira no mundo.

Sombras oscilantes a leste se transformaram lentamente em um cavalo e um cavaleiro, seguidos estrada acima por formas altas e grandes que trotavam para acompanhar o animal. A luz fraca da lua brilhava nas pontas das lanças e lâminas dos machados. Nem por um instante sequer Rand pensou que poderia haver aldeões vindo ajudar. Ele sabia quem eles eram. Podia sentir, como cascalho raspando seus ossos, mesmo antes de eles chegarem perto o suficiente para que o luar revelasse o manto encapuzado cobrindo o

cavaleiro, um manto que o vento não perturbava. Todas as formas pareciam negras na noite, e os cascos do cavalo produziam o mesmo som que os de qualquer outro, mas Rand não confundiria aquele cavalo.

Atrás do cavaleiro negro vinham formas com chifres, focinhos e bicos, parecendo saídas de um pesadelo. Trollocs em fila dupla, todos no mesmo ritmo, botas e cascos batendo no chão ao mesmo tempo, como se obedecessem a uma única mente. Rand contou vinte enquanto passavam. Ficou imaginando que espécie de homem ousaria dar as costas a tantos Trollocs. Ou mesmo a um só que fosse.

A coluna desapareceu trotando a oeste, seus passos trovejantes sumindo na escuridão, mas Rand permaneceu onde estava, sem mover um só músculo, a não ser para respirar. Alguma coisa lhe dizia para se certificar, com certeza absoluta, de que eles haviam partido, antes de voltar a se mexer. Por fim, ele respirou fundo e começou a se escurar.

Dessa vez o cavalo não fez nenhum som. No silêncio lúgubre, o cavaleiro negro retornou, sua montaria de sombras parando de vez em quando enquanto voltava devagar ao longo da estrada. O vento soprava mais forte, gemendo por entre as árvores; o manto do cavaleiro continuava parado como a morte. Sempre que o cavalo parava, a cabeça coberta pelo manto girava de um lado para o outro enquanto o cavaleiro examinava a floresta, à procura de algo. Exatamente diante de Rand o cavalo voltou a parar, a abertura ensombreada do capuz se virando para onde ele se encontrava agachado sobre o pai.

A mão de Rand apertava convulsivamente o cabo da espada. Ele sentia o olhar, assim como havia sentido naquela manhã, e voltou a estremecer de ódio, ainda que não conseguisse enxergar. Aquele homem coberto pelo manto odiava tudo e todos, tudo que tivesse vida. Apesar do vento frio, o suor formou gotículas no rosto de Rand.

Então o cavalo começou a andar, dando alguns passos sem som e parando, até que tudo que Rand podia ver era um borrão que mal se distinguia na noite, muito além na estrada. Podia ser qualquer coisa, mas ele não havia tirado os olhos daquilo por um só segundo. Receava que, se o perdesse, na próxima vez em que visse o cavalo silencioso o cavaleiro negro já o teria atacado.

Bruscamente a sombra voltou a correr, passando por ele em um galope silencioso. O cavalo olhava somente à frente dele enquanto ia rápido para oeste noite adentro, na direção das Montanhas da Névoa. Na direção da fazenda.

Rand desabou, engolindo em seco e limpando o suor frio do rosto com a manga da roupa. Não estava mais preocupado com o motivo pelo qual os Trollocs haviam vindo. Se ele nunca descobrisse por quê, estaria tudo bem, contanto que aquilo tudo tivesse terminado.

Com um tremor, voltou a se concentrar, verificando rapidamente seu pai. Tam ainda estava murmurando, mas tão baixinho que Rand não conseguia entender as palavras. Tentou lhe dar um pouco d'água, mas o líquido se derramou pelo queixo do pai. Tam tossiu e se engasgou com o pouco que chegou à sua boca, depois recomeçou a murmurar, como se não tivesse havido nenhuma interrupção.

Rand molhou um pouco mais o tecido na testa de Tam, guardou o odre e voltou a se colocar entre as traves da maca.

Começou a caminhar como se tivesse tido uma boa noite de sono, mas a força renovada não durou muito. O medo mascarou seu cansaço no início, mas, embora o medo permanecesse, a máscara se derreteu rapidamente. Em pouco tempo ele avançava

novamente cambaleando, tentando ignorar a fome e os músculos doloridos. Concentrou-se em colocar um pé na frente do outro sem tropeçar.

Em sua mente visualizava Campo de Emond, os postigos das janelas abertos e as casas iluminadas para a Noite Invernal, pessoas gritando saudações enquanto iam de um lado para o outro em suas visitas, as rabecas enchendo as ruas com “Loucura de Jaem” e “Garça na Asa”. Haral Luhhan teria tomado conhaque demais e começado a cantar “O Vento na Cevada” com uma voz de sapo coaxando — ele sempre fazia isso — até sua mulher conseguir fazê-lo se calar, e Cenn Buie decidiria provar que ainda podia dançar tão bem quanto antes, e Mat teria alguma coisa planejada que não acabaria exatamente do jeito que ele havia imaginado, e todo mundo saberia que ele fora o responsável mesmo que ninguém pudesse provar. Ele quase podia sorrir pensando sobre como seria.

Depois de algum tempo Tam voltou a falar:

— *Avendesora*. Dizem que não dá semente, mas trouxeram um ramo para Cairhien, uma muda. Um presente real maravilhoso para o rei.

Embora seu tom fosse de raiva, ele falava tão baixo que Rand quase não conseguiu ouvi-lo. Qualquer um que conseguisse também seria capaz de ouvir a maca raspando no chão. Rand seguiu em frente, escutando-o apenas em parte.

— Eles nunca selam a paz. Nunca. Mas trouxeram uma muda, como sinal de paz. Por quinhentos anos ela cresceu. Quinhentos anos de paz com aqueles que não fazem a paz com estranhos. Por que ele a cortou? Por quê? O sangue foi o preço pela *Avendoraldera*. O sangue foi o preço pelo orgulho de Laman. —
E ele voltou aos murmúrios.

Cansado, Rand ficou imaginando que sonho febril Tam poderia estar tendo. *Avendesora*. Supunha-se que a Árvore da Vida tinha toda sorte de qualidades milagrosas, mas nenhuma das histórias mencionava uma muda, nem algum “eles”. Só havia uma, e ela pertencia ao Homem Verde.

Naquela mesma manhã ele teria se sentido tolo ao devanear sobre o Homem Verde e a Árvore da Vida. Eram apenas histórias. *Serão mesmo? Os Trollocs eram apenas histórias hoje de manhã*. Talvez todas as histórias fossem tão reais quanto as notícias que os mascates e os mercadores traziam, todas as histórias dos menestréis e todas as histórias contadas à noite diante da lareira. Depois daquilo ele poderia encontrar até o próprio Homem Verde, ou um gigante Ogier, ou um Aiel, selvagem, de véu negro.

Tam estava falando novamente, Rand percebeu, às vezes apenas um murmúrio, às vezes alto o suficiente para que ele entendesse. De vez em quando parava para arfar, lutando para respirar, depois continuava como se achasse que não tivesse se interrompido.

— ...as batalhas são sempre quentes, mesmo na neve. O calor do suor. O calor do sangue. Somente a morte é fria. A encosta da montanha... único lugar que não tinha o fedor da morte. Eu tinha de me afastar do cheiro dela... da visão dela... Ouvi um bebê chorar. As mulheres deles lutam ao lado dos homens, às vezes, mas por que a deixaram vir, eu não... Deu à luz ali, sozinha, antes de morrer em razão das feridas... Cobriu a criança com seu manto, mas o vento... soprou o manto para longe... Criança, azul de frio. Devia estar morta também... chorando ali. Chorando na neve. Eu não podia simplesmente deixar uma criança... Não tínhamos filhos nossos... Sempre soube que você queria filhos. Eu sabia que você o aceitaria em seu coração, Kari. Sim, garota. Rand é um bom nome. Um bom nome.

Subitamente as pernas de Rand perderam o pouco de força que tinham. Tropeçando, ele caiu de joelhos. Tam gemeu com o solavanco, e a faixa de cobertor enterrou-se nos ombros de Rand, mas ele nem se deu conta disso também. Se um Trolloc tivesse saltado na frente dele naquele momento, Rand teria simplesmente se limitado a fitá-lo. Olhou por cima do ombro para Tam, que havia voltado aos murmúrios sem palavras. *Sonhos de febre*, ele pensou estupidamente. Febres sempre traziam pesadelos, e aquela era uma noite de pesadelos, mesmo sem febre.

— O senhor é meu pai — disse ele em voz alta, estendendo a mão para tocar Tam —, e eu sou... — A febre estava pior. Muito pior.

Carrancudo, ele lutou para se levantar. Tam murmurou alguma coisa, mas Rand se recusou a ouvir mais. Jogando seu peso contra os arreios improvisados, tentou concentrar-se totalmente em dar um passo pesado como chumbo depois do outro, em chegar à segurança de Campo de Emond. Mas não conseguia cessar o eco no fundo de sua mente. *Ele é meu pai. Isso foi só um sonho febril. Ele é meu pai. Isso foi só um sonho febril. Luz, quem sou eu?*





Fora da Floresta

A primeira luz cinzenta surgiu enquanto Rand ainda cambaleava pela floresta. A princípio ele não a enxergou de verdade. Quando finalmente conseguiu vê-la, encarou surpreso a escuridão que se dissipava. Independentemente do que os olhos lhe diziam, ele mal conseguia acreditar que havia passado a noite inteira tentando cobrir a distância entre a fazenda e Campo de Emond. Naturalmente, a Estrada da Pedreira durante o dia, com pedras e tudo, era muito diferente da floresta à noite. Por outro lado, ele tinha a impressão de que haviam se passado dias desde que vira o cavaleiro do manto negro na estrada, semanas desde que ele e Tam haviam entrado em casa para a ceia. Ele não sentia mais a faixa de tecido enterrando-se em seus ombros, mas tampouco sentia nos ombros outra coisa que não dormência, nem nos pés. Entre uma extremidade e outra, porém, a história era diferente. A respiração saía em arquejos ofegantes que havia muito tempo queimavam sua garganta e seus pulmões, e a fome revirava seu estômago a ponto de lhe causar enjoo.

Tam estava calado fazia algum tempo. Rand não sabia ao certo quanto se passara desde que os murmúrios haviam cessado, mas não se atrevia a parar para conferir o estado do pai. Se parasse, não conseguiria se forçar a recomeçar. De qualquer maneira, fosse qual fosse a situação de Tam, ele não podia fazer nada além do que estava fazendo. A única esperança estava adiante, na aldeia. Ele tentou, exausto, acelerar o passo, mas as pernas pesadas como troncos continuavam a se arrastar lentamente pela terra. Ele mal percebia o frio ou o vento.

Sentiu vagamente o odor de lenha queimando. Se conseguia sentir o cheiro das chaminés da aldeia, pelo menos estava quase lá. Entretanto, um sorriso cansado mal havia

começado a se esboçar em seu rosto quando se transformou em uma expressão de preocupação. A fumaça no ar era pesada — pesada demais. Com a temperatura do jeito que estava, era bem provável que houvesse um fogo queimando em cada lareira da aldeia, mas ainda assim a fumaça era intensa demais. Em sua mente, ele viu mais uma vez os Trollocs na estrada. Trollocs vindo do leste, da direção de Campo de Emond. Forçou a vista para enxergar melhor à frente, tentando distinguir as primeiras casas, pronto para gritar pedindo ajuda assim que visse qualquer pessoa, até mesmo Cenn Buie ou um dos Coplins. Uma vizinha no fundo da mente o mandava ter a esperança de que alguém ali ainda pudesse ajudar.

Subitamente uma casa se tornou visível por entre as últimas árvores de galhos nus, e ele precisou se conter para não parar de andar. Com a esperança transformando-se em desespero agudo, ele entrou cambaleante na aldeia.

Pilhas carbonizadas de escombros erguiam-se nos pontos antes ocupados por metade das casas em Campo de Emond. Chaminés de tijolos cobertas de fuligem espetavam o céu como dedos sujos erguendo-se de pilhas de toras enegrecidas. Fiapos de fumaça ainda subiam das ruínas. Aldeões de rostos sujos, alguns ainda em suas roupas de dormir, remexiam as cinzas, puxando uma panela aqui, simplesmente cutucando sem esperança os escombros com paus ali. O pouco que fora resgatado das chamas pontilhava as ruas; espelhos de corpo inteiro, aparadores polidos e cômodas altas se destacavam no pó entre cadeiras e mesas enterradas sob roupas de cama, utensílios de cozinha e pequenas pilhas de roupas e pertences pessoais.

A destruição parecia aleatória ao longo da aldeia. Cinco casas encontravam-se intocadas uma ao lado da outra, enquanto em outro lugar um sobrevivente solitário estava parado em meio à desolação.

Do outro lado do Rio Fonte de Vinho, as três imensas fogueiras do Bel Tine rugiam, aticadas por um grupo de homens. Espessas colunas de fumaça negra se curvavam para o norte com o vento, salpicadas por faúlhas indiferentes. Um dos garanhões de Mestre al'Vere arrastava uma coisa que Rand não conseguia ver na direção da Ponte das Carroças e das chamas.

Antes que Rand se afastasse muito das árvores, um Haral Luhhan com o rosto coberto de fuligem correu em sua direção, segurando firme um machado de lenhador em uma das mãos de dedos grossos. O camisolão manchado de cinzas do ferreiro corpulento ia até as botas; uma marca vermelha e inflamada de queimadura cruzava-lhe o peito, aparecendo por um rasgão no tecido. Ele caiu ajoelhado ao lado da maca. Os olhos de Tam estavam fechados, a respiração, fraca e difícil.

— Trollocs, rapaz? — Mestre Luhhan perguntou com uma voz rouca de fumaça. — Aqui também. Aqui também. Bem, talvez nós tenhamos tido mais sorte do que podíamos esperar, se é que dá para crer nisso. Ele precisa da Sabedoria. Agora, onde ela está, pela Luz?! Egwene!

Egwene, correndo com os braços cheios de lençóis rasgados fazendo as vezes de ataduras, olhou na direção deles sem reduzir o passo. Seus olhos fitavam alguma coisa à distância; círculos escuros faziam com que parecessem bem maiores do que eram de fato. Então ela viu Rand e parou, respirando fundo e estremeecendo.

— Ah, não, Rand, seu pai não... Ele está...? Venha, vou levar vocês a Nynaeve.

Rand estava cansado demais, aturdido demais, para falar. Durante toda a noite, Campo de Emond fora um refúgio, onde ele e Tam estariam seguros. Naquele momento

tudo que ele parecia fazer era encarar, consternado, o vestido sujo de fuligem dela. Ele reparava em detalhes estranhos como se fossem muito importantes. Os botões da parte de trás do vestido estavam abotoados errado. E as mãos dela estavam limpas. Ele se perguntou por que as mãos dela estavam limpas se as bochechas estavam sujas de fuligem.

Mestre Luhhan pareceu entender o que se passava com ele. Colocando o machado em cima das traves, o ferreiro pegou a parte de trás da maca e seguindo-a deu um empurrão suave, impulsionando Rand para que fosse atrás de Egvene. Ele cambaleou atrás dela como um sonâmbulo. Por um breve instante ficou se perguntando como Mestre Luhhan sabia que as criaturas eram Trollocs, mas foi um pensamento que passou rapidamente. Se Tam podia reconhecê-los, não havia motivo para que Haral Luhhan não pudesse também.

— Todas as histórias são verdadeiras — ele murmurou.

— É o que parece, rapaz — disse o ferreiro. — É o que parece.

Rand mal conseguiu ouvi-lo. Estava se concentrando em acompanhar a forma esguia de Egvene. Ele se recuperou o suficiente apenas para desejar que se apressasse, embora na verdade ela estivesse contendo o passo para que os dois homens pudessem segui-la com seu fardo. Ela os levou, atravessando o Campo, até a casa dos Calders. O carvão enegrecera as bordas do telhado de palha, e a fuligem manchava as paredes caiadas. Das casas de ambos os lados restavam apenas as pedras das fundações e dois amontoados de cinzas e toras queimadas. Uma era a casa de Berin Thane, um dos irmãos do moleiro. A outra era a de Abell Cauthon, o pai de Mat. Até mesmo as chaminés haviam desabado.

— Esperem aqui — disse Egvene e lhes dirigiu um olhar como se esperasse resposta.

Quando eles se limitaram a ficar parados em pé ali, ela resmungou alguma coisa entendentes e entrou correndo.

— Mat — disse Rand. — Ele está...?

— Está vivo — disse o ferreiro. Ele abaixou sua extremidade da maca e lentamente endireitou o corpo. — Eu o vi há pouco. É de se admirar que qualquer um de nós esteja vivo. Do jeito como eles atacaram minha casa e a forja, parecia que eu tinha ouro e joias lá dentro. Alsbet rachou o crânio de um com uma frigideira. Ela deu uma olhada nas cinzas da nossa casa esta manhã e saiu caçando ao redor da aldeia com o maior martelo que conseguiu desenterrar do que restou da forja, para o caso de algum deles ter se escondido em vez de fugir. Eu quase tive pena da coisa que ela por acaso encontrasse. — Ele indicou com a cabeça a casa dos Calders. — A Senhora Calder e outros receberam alguns dos feridos, aqueles cuja casa não está mais de pé. Depois que a Sabedoria tiver visto Tam, vamos encontrar um leito para ele. Talvez na estalagem. O Prefeito já ofereceu, mas Nynaeve disse que os feridos iriam se curar melhor se não ficassem tantos em um mesmo lugar.

Rand caiu de joelhos. Retirando seus arreios de cobertor, verificou, exausto, as cobertas de Tam, que não se moveu nem emitiu um som sequer, nem mesmo quando as mãos rígidas de Rand o sacudiram. Mas pelo menos ele ainda estava respirando. *Meu pai. Aquilo era apenas por causa da febre.*

— E se voltarem? — ele perguntou, ausente.

— Há de ser o que a Roda tecer — Mestre Luhhan disse, desconfortável. — Se voltarem... Bem, eles se foram, por ora. Então vamos juntar os pedaços, reconstruir o que foi destruído. — Ele suspirou, o rosto relaxando enquanto massageava a base da

coluna com os nós dos dedos.

Pela primeira vez Rand percebeu que o homem enorme estava tão cansado quanto ele, talvez até mais. O ferreiro olhou para a aldeia, sacudindo a cabeça.

— Acho que hoje não vai ser o melhor Bel Tine que já tivemos por aqui. Não. Mas nós vamos superar isso. Sempre superamos. — Pegou o machado bruscamente, e seu rosto ficou sério. — Tenho trabalho me esperando. Não se preocupe, rapaz. A Sabedoria tomará conta dele direitinho, e a Luz cuidará de todos nós. E se não cuidar, bem, nós mesmos cuidaremos. Lembre-se: somos dos Dois Rios.

Ainda de joelhos, Rand olhou para a aldeia enquanto o ferreiro se afastava — ele a olhou de fato pela primeira vez. Mestre Luhhan tinha razão, pensou, e ficou surpreso por não estar surpreso com o que via. As pessoas ainda remexiam as ruínas de suas casas, mas mesmo no curto tempo em que ele estava ali um número maior delas havia começado a se movimentar com um senso de propósito. Ele conseguia quase sentir a determinação crescente. E se perguntou: eles haviam visto Trollocs; será que tinham visto o cavaleiro de manto negro? Será que haviam sentido seu ódio?

Nynaeve e Egwene surgiram de dentro da casa dos Calders, e ele se levantou de um salto. Ou melhor, tentou se levantar de um salto; foi mais um tropeço, que quase o fez cair de cara na poeira.

A Sabedoria se ajoelhou ao lado da maca sem lhe dirigir sequer um olhar. O rosto e o vestido estavam ainda mais sujos que os de Egwene, e as mesmas sombras escuras circundavam seus olhos, embora as mãos também estivessem limpas. Ela apalpou o rosto de Tam e abriu suas pálpebras com os polegares. Franzindo a testa, puxou as cobertas e afastou devagar o curativo para ver a ferida. Antes que Rand pudesse ver o que havia por baixo ela já havia recolocado o pano atalhado no lugar. Com um suspiro, ajustou o cobertor e o manto novamente até o pescoço de Tam com um movimento delicado, como se estivesse ajustando uma criança na hora de dormir.

— Não há nada que eu possa fazer — ela disse. Teve de pôr as mãos nos joelhos para se levantar. — Lamento, Rand.

Por um momento ele ficou ali, parado, sem entender, enquanto ela começava a voltar para a casa. Então correu atrás dela e a puxou para que o encarasse.

— Ele está morrendo! — gritou.

— Eu sei — respondeu ela simplesmente, e ele quase desabou de franqueza.

— Você precisa fazer alguma coisa. Tem de fazer. Você é a Sabedoria.

A dor contorceu o rosto dela, mas somente por um momento. Depois ela se mostrou resoluta novamente, os olhos fundos e a voz firme e sem emoção.

— Sim, eu sou. Sei o que posso fazer com meus remédios e sei quando é tarde demais. Não acha que eu faria algo se pudesse? Mas não posso. Não posso, Rand. E há outros que precisam de mim. Pessoas a quem eu *posso* ajudar.

— Eu o trouxe até você o mais rápido que pude — ele murmurou.

Mesmo com a aldeia em ruínas, a Sabedoria era uma esperança. Sem isso, ele não tinha mais nada.

— Eu sei que sim — ela disse gentilmente. E tocou-lhe o rosto com a mão. — Não é culpa sua. Você fez o melhor que qualquer um poderia fazer. Desculpe, Rand, mas tenho outros para tratar. Receio que nossos problemas estejam apenas começando.

Ele a seguiu com o olhar vazio até a porta da casa se fechar atrás dela. Não conseguia pensar em nada, a não ser em que ela não iria ajudar.

Subitamente Rand cambaleou para trás quando Egwene se atirou sobre ele, envolvendo-o com os braços. O abraço foi forte o bastante para fazer com que ele soltasse um grunhido em qualquer outra ocasião; agora ele ficou simplesmente olhando em silêncio para a porta atrás da qual suas esperanças haviam desaparecido.

— Lamento tanto, Rand — ela disse encostada em seu peito. — Luz, eu queria poder fazer alguma coisa!

Anestesiado, ele passou os braços ao redor dela.

— Eu sei. Eu... eu tenho de fazer alguma coisa, Egwene. Não sei o quê, mas não posso simplesmente deixar que ele... — Sua voz falhou, e ela o abraçou ainda mais forte.

— Egwene! — Com o grito de Nynaeve vindo da casa, Egwene deu um pulo. — Egwene, preciso de você! E lave as mãos de novo!

Ela se soltou dos braços de Rand.

— Ela precisa da minha ajuda, Rand.

— Egwene!

Rand pensou ter ouvido um soluço quando ela se virou, afastando-se. Então ela se foi, e ele ficou sozinho ao lado da maca. Por um momento olhou para Tam no chão, sem sentir nada além de uma sensação vazia de desamparo. Subitamente seu rosto endureceu.

— O Prefeito saberá o que fazer — ele disse, levantando as traves mais uma vez. — O Prefeito saberá.

Bran al'Vere sempre sabia o que fazer. Com uma obstinação exausta ele partiu para a Estalagem Fonte de Vinho.

Outro dos garanhões Dhurran passou por ele, as tiras de seus arreios atadas nos tornozelos de uma forma grande coberta por um cobertor sujo. Braços cobertos de pelos duros arrastavam-se na poeira atrás do cobertor, e um canto estava levantado, revelando um chifre de bode. Os Dois Rios não eram lugar para as histórias se tornarem horrivelmente reais. Se os Trollocs pertenciam a algum canto, era ao mundo lá fora, a lugares onde havia Aes Sedai e falsos Dragões e somente a Luz saberia mais o quê, coisas saídas das histórias de menestréis. Não aos Dois Rios. Não a Campo de Emond.

Enquanto ele percorria o Campo, as pessoas o chamavam, algumas de dentro das ruínas de suas casas, perguntando se podiam ajudar. Ele as ouvia apenas como murmúrios ao fundo, mesmo quando caminhavam ao seu lado por um tempo enquanto falavam. Sem de fato pensar no que dizia, ele conseguia emitir palavras que expressavam que ele não precisava de ajuda, que tudo estava sendo resolvido. Quando as pessoas o deixavam, com olhares preocupados, e às vezes um comentário sobre enviar Nynaeve, ele notava apenas vagamente. A única coisa de que tinha consciência era do objetivo que havia metido na cabeça. Bran al'Vere poderia fazer alguma coisa para ajudar Tam. No que de fato poderia ser feito, ele tentou não pensar demais. Mas o Prefeito seria capaz de fazer alguma coisa, de pensar em algo.

A estalagem escapara quase completamente à destruição que havia arrasado metade da aldeia. Algumas poucas marcas de incêndio maculavam suas paredes, mas as telhas vermelhas reluziam na luz do sol com o brilho de sempre. Tudo que restava da carroça do mascate, porém, eram os aros de ferro das rodas, enegrecidos, encostados na carcaça esturricada, agora caída no chão. Os grandes elos redondos que sustentavam a cobertura de lona inclinavam-se para todos os lados, cada um num ângulo diferente.

Thom Merrill estava sentado de pernas cruzadas nas pedras da velha fundação, cortando cuidadosamente as pontas chamuscadas dos remendos de seu manto com uma

pequena tesoura. Pôs de lado manto e tesoura quando Rand se aproximou. Sem perguntar se Rand precisava ou queria ajuda, ele pulou das pedras e segurou a parte de trás da maca.

— Lá dentro? Claro, claro. Não se preocupe, garoto. Sua Sabedoria vai cuidar dele. Eu a vi trabalhar, desde ontem à noite, e ela tem a mão boa e grande habilidade. Poderia ser bem pior. Alguns morreram ontem à noite. Talvez não muitos, mas qualquer morte já é demais para mim. O velho Fain simplesmente desapareceu, e isso é o pior. Trollocs comem qualquer coisa. Você deveria agradecer à Luz por seu pai ainda estar aqui, e vivo para que a Sabedoria o cure.

Rand bloqueou as palavras — *Ele é meu pai!* — reduzindo a voz a um ruído sem sentido que não passou de um zumbido de mosca. Não podia suportar mais compaixão, mais nenhuma tentativa de animá-lo. Não agora. Não até que Bran al'Vere lhe dissesse como ajudar Tam.

De repente ele se descobriu encarando algo rabiscado na porta da estalagem, uma linha curva arranhada com um pedaço de pau chamuscado, uma lágrima de carvão equilibrada na ponta. Tanta coisa havia acontecido que ele não se surpreendeu ao encontrar a Presa do Dragão marcada na porta da Estalagem Fonte de Vinho. Por que alguém iria querer acusar o estalajadeiro ou sua família de praticar o mal ou de trazer má sorte à estalagem, ele não fazia ideia, mas a noite o havia convencido de uma coisa: tudo era possível. Absolutamente tudo.

Com um empurrão do menestrel, ele ergueu o trinco e entrou.

O salão estava vazio, exceto por Bran al'Vere, e frio também, pois ninguém havia encontrado tempo para acender a lareira. O Prefeito estava sentado a uma das mesas, mergulhando sua pena em um tinteiro, a testa franzida em concentração e a cabeça de franja grisalha curvada sobre uma folha de pergaminho. Com o camisolão enfiado apressadamente dentro das calças, sobrando ao redor da cintura considerável, ele coçava distraído um pé descalço com os dedos do outro. Seus pés estavam sujos, como se ele tivesse estado do lado de fora mais de uma vez sem se importar em calçar botas, apesar do frio.

— Qual é o seu problema? — ele perguntou sem levantar a cabeça. — Fale rápido. Eu tenho duas dúzias de coisas a fazer neste instante, e outras tantas que já deveriam ter sido feitas há uma hora. Portanto não tenho nem muito tempo nem paciência. Então? Desembuche!

— Mestre al'Vere? — disse Rand. — É o meu pai.

O Prefeito levantou a cabeça bruscamente.

— Rand? Tam! — Ele jogou a caneta em cima da mesa e derrubou a cadeira ao se levantar num salto. — Talvez a Luz não tenha nos abandonado completamente. Temia que vocês dois estivessem mortos. Bela chegou galopando à aldeia uma hora depois que os Trollocs foram embora, espumando e resfolegando, como se tivesse corrido o tempo todo da fazenda até aqui, e eu pensei... Bem, não há tempo para isso agora. Vamos levá-lo para cima. — Ele agarrou a parte de trás da maca, empurrando o menestrel com o ombro, tirando-o do caminho. — Você vá buscar a Sabedoria, Mestre Merrillin. E diga a ela que mandei que se apressasse, ou vou querer saber o porquê! Fique tranquilo, Tam. Num instante você vai estar numa cama boa e macia. Vá, menestrel, vá!

Thom Merrillin desapareceu porta afora antes que Rand pudesse falar.

— Nynaeve não fez nada. Disse que não podia ajudá-lo. Eu sabia... esperava que o

senhor pensasse em algo.

Mestre al'Vere lançou um olhar mais agudo a Tam, e então balançou a cabeça.

— Vamos ver, garoto. Vamos ver. — Mas sua voz já não soava confiante. — Vamos pô-lo numa cama. Pelo menos ele vai poder descansar tranquilo.

Rand deixou-se conduzir na direção da escada nos fundos do salão. Esforçou-se muito para manter a certeza de que de algum modo Tam ficaria bem, mas ela já não era muito grande desde o início, e a súbita dúvida na voz do Prefeito o abalou.

No segundo andar da estalagem, na parte da frente, havia meia dúzia de quartos aconchegantes e bem localizados, com janelas que davam para o Campo. A maior parte deles era usada pelos mascates, ou pelas pessoas que desciam da Colina da Vigília ou subiam de Trilha de Deven, mas os mercadores que vinham todo ano frequentemente ficavam surpresos ao encontrar quartos tão confortáveis. Três deles estavam ocupados agora, e o Prefeito apressou Rand a ocupar um dos outros.

Rapidamente o edredom e os cobertores foram retirados da cama larga, e Tam foi transferido para o colchão de penas grossas, com travesseiros de penas de ganso enfiados sob sua cabeça. Ele não emitiu nenhum som além da respiração laboriosa ao ser movido, nem mesmo um gemido, mas o Prefeito afastou as preocupações de Rand e mandou que ele acendesse o fogo para espantar a friagem do quarto. Enquanto Rand tirava lenha e gravetos da caixa ao lado da lareira, Bran abriu as cortinas da janela, deixando a luz da manhã entrar, e depois começou a lavar gentilmente o rosto de Tam. Quando o menestrel retornou, as chamas já aqueciam o aposento.

— Ela não vem — Thom Merrill anunciou ao entrar furtivamente no quarto. Lançou um olhar furioso para Rand, as sobrançelas brancas e peludas franzindo-se bruscamente. — Você não me falou que ela já o tinha visto. Ela quase arrancou minha cabeça.

— Eu achei... Não sei... talvez o Prefeito pudesse fazer alguma coisa, pudesse fazê-la ver... — Mãos cerradas de ansiedade, Rand se virou da lareira para Bran. — Mestre al'Vere, o que posso fazer?

O homem rotundo sacudiu a cabeça, impotente. Ele colocou um pano que acabara de umedecer na testa de Tam e evitou o olhar de Rand.

— Não posso simplesmente ficar aqui e vê-lo morrer, Mestre al'Vere. Preciso fazer alguma coisa.

O menestrel se mexeu como se fosse falar. Rand ansioso se virou para ele.

— O senhor tem alguma ideia? Eu tento qualquer coisa.

— Eu só estava me perguntando — disse Thom, batendo com o polegar no cachimbo comprido — se o Prefeito saberia quem rabiscou a Presa do Dragão em sua porta. — Ele espiou dentro do forninho, depois olhou para Tam e voltou a colocar o cachimbo apagado entre os dentes com um suspiro. — Parece que alguém não gosta mais dele. Ou talvez não gostem dos seus hóspedes.

Rand lhe dirigiu um olhar de desgosto e virou-se para fitar o fogo. Seus pensamentos dançavam como chamas e, como elas, concentravam-se fixamente em uma coisa. Não iria desistir. Não podia ficar ali parado vendo Tam morrer. *Meu pai*, pensou ferozmente. *Meu pai*. Assim que a febre passasse, isso também poderia ser esclarecido. Primeiro, porém, a febre. Mas como?

Bran al'Vere contraiu os lábios enquanto olhava as costas de Rand, e o olhar furioso que ele lançou ao menestrel teria feito um urso titubear, mas Thom se limitou a ficar

aguardando com expectativa, como se não tivesse nem notado.

— Isso provavelmente é obra de um dos Congars, ou um Coplins — disse o Prefeito finalmente —, embora só a Luz saiba qual deles. Eles são muitos, e se houver algo de ruim a se dizer de alguém, ou mesmo que não haja, eles dirão assim mesmo. Eles fazem Cenn Buie parecer bonzinho.

— Aquele bando que chegou logo antes do amanhecer? — perguntou o menestrel. — Eles não sentiram sequer o cheiro de um Trolloc, e tudo que queriam saber era quando o Festival ia começar, como se não pudessem ver que metade da aldeia estava em cinzas.

Mestre al'Vere assentiu, taciturno.

— Um ramo da família. Mas nenhum deles é muito diferente. Aquele tolo do Darl Coplin passou metade da noite exigindo que eu expulsasse a Senhora Moiraine e Mestre Lan da estalagem e da aldeia, como se fosse nos restar ainda alguma aldeia de pé sem eles.

Rand só havia ouvido metade da conversa, mas essas últimas palavras o levaram a falar.

— O que foi que eles fizeram?

— Ora, ela invocou bolas de raios em um céu noturno límpido — respondeu Mestre al'Vere. — Mandou-as direto para cima dos Trollocs. Já vimos árvores estilhaçadas por raios. Os Trollocs não tiveram sorte diferente.

— Moiraine? — Rand perguntou, incrédulo.

E o Prefeito assentiu.

— Senhora Moiraine. E Mestre Lan virou um redemoinho com aquela espada dele. Espada? O homem por si só já é uma arma, e estava em dez lugares ao mesmo tempo, ou assim parecia. Que me queimem, mas eu não acreditaria se não tivesse saído e visto... — Passou a mão pela careca. — As visitas da Noite Invernal mal tinham começado. Estávamos com as mãos cheias de presentes e bolos de mel, e a cabeça cheia de vinho, e então os cães começaram a rosnar. De repente os dois saíram em disparada da estalagem, correndo pela aldeia, gritando sobre Trollocs. Eu achei que haviam bebido vinho demais. Afinal de contas... Trollocs? Então, antes que qualquer um de nós entendesse o que estava acontecendo, aquelas... aquelas coisas estavam nas ruas junto com a gente, cortando as pessoas com suas espadas, ateando fogo às casas, soltando uivos de congelar o sangue de um homem. — Ele emitiu um som gutural de nojo. — Nós simplesmente fugimos como galinhas, como se houvesse uma raposa no galinheiro, até Mestre Lan nos dar um pouco de coragem.

— Não precisa ser tão duro — disse Thom. — Você fez o possível. Nem todo Trolloc lá fora caiu pelos golpes dos dois.

— Hummm... Bem, sim. — Mestre al'Vere se sacudiu. — Ainda é demais para acreditar. Uma Aes Sedai em Campo de Emond. E Mestre Lan é um Guardião.

— Uma Aes Sedai? — sussurrou Rand. — Não pode ser. Eu conversei com ela. Ela não é. Ela não...

— Você achou que elas usavam placas? — perguntou o Prefeito, irônico. — “Aes Sedai” pintado nas costas e, quem sabe, “Perigo, mantenha distância”? — Subitamente ele bateu a mão na testa. — Aes Sedai. Eu sou um velho idiota, e estou perdendo meu tino. Existe uma chance, Rand, se você estiver disposto a correr o risco. Não posso lhe dizer como fazer isso, e não sei se eu teria coragem se fosse comigo.

— Uma chance? — replicou Rand. — Eu corro qualquer risco se ajudar.

— As Aes Sedai podem curar, Rand. Que me queimem, rapaz, você já ouviu as histórias! Elas podem curar o que os remédios não conseguem. Menestrel, você deveria saber disso mais do que eu. Histórias de menestrelis são cheias de Aes Sedai. Por que não falou, em vez de me deixar aqui me debatendo?

— Eu sou um estranho aqui — disse Thom, olhando, saudosos, para seu cachimbo apagado —, e o Senhor Coplin não é o único que não quer ter nada a ver com as Aes Sedai. É melhor que a ideia tenha partido de você.

— Uma Aes Sedai — murmurou Rand, tentando fazer a mulher que havia sorrido para ele se encaixar nas histórias.

A ajuda de uma Aes Sedai às vezes era pior do que nenhuma ajuda, assim diziam as histórias, como veneno em uma torta, e seus presentes sempre tinham uma armadilha, como uma isca de peixe. Subitamente a moeda em seu bolso, a moeda que Moiraine lhe dera, pareceu um carvão em brasa. Ele teve de se controlar para não arrancá-la do casaco e atirá-la pela janela.

— Ninguém quer se envolver com Aes Sedai, rapaz — disse o Prefeito lentamente. — É a única chance que consigo ver, mas mesmo assim não é uma decisão fácil. Não posso tomá-la por você, mas não vi a Senhora Moiraine fazer nada além do bem... Moiraine Sedai, suponho que é como deveria chamá-la. Às vezes... — Ele lançou um olhar significativo para Tam — ...é preciso correr o risco, mesmo que as chances não sejam grandes.

— Algumas histórias são exagero, de certa forma — Thom adicionou, como se as palavras estivessem sendo arrancadas dele à força. — Algumas. Além disso, garoto, que escolha você tem?

— Nenhuma. — Rand suspirou.

Tam ainda não havia movido um só músculo; seus olhos estavam afundados, como se ele estivesse doente por uma semana.

— Eu vou... eu vou tentar encontrá-la.

— Do outro lado das pontes — disse o menestrel —, onde eles estão... se livrando dos Trollocs mortos. Mas tome cuidado, garoto. As Aes Sedai fazem o que fazem por motivos próprios, e nem sempre são os motivos que os outros pensam.

A última frase foi um grito que acompanhou Rand porta afora. Ele precisou segurar o cabo da espada para evitar que a bainha esbarrasse em suas pernas enquanto corria, mas não parou para tirá-la. Desceu a escada ruidosamente e saiu da estalagem em disparada, esquecendo todo o cansaço naquele instante. Uma chance para Tam, por menor que fosse, era o bastante para ele superar uma noite sem dormir, pelo menos por algum tempo. Que essa chance viesse de uma Aes Sedai, ou qual preço teria, eram coisas em que não queria pensar. E quanto a realmente encarar uma Aes Sedai... Ele respirou fundo e tentou ir ainda mais rápido.

As fogueiras estavam bem além das últimas casas ao norte, do lado da estrada que levava para a Colina da Vigília, que dava para a Floresta do Oeste. O vento ainda carregava as colunas de fumaça preta e oleosa para longe da aldeia, mas mesmo assim um cheiro doce e enjoativo preenchia o ar, como o de um assado que tivesse ficado tempo demais no espeto. Rand teve ânsia de vômito com o cheiro, mas engoliu em seco quando percebeu de onde vinha. Uma coisa boa a se fazer com as fogueiras do Bel Tine. Os homens que mexiam nas fogueiras estavam usando panos cobrindo o nariz e a boca, mas suas caretas deixavam claro que o vinagre que umedecia os panos não era o bastante.

Mesmo que aquilo eliminasse o fedor, eles ainda sabiam que o fedor estava ali e ainda sabiam o que estavam fazendo.

Dois homens estavam desamarrando as tiras dos arreios de um dos Dhurrans dos tornozelos de um Trolloc. Lan, agachado ao lado do corpo, havia afastado o cobertor o suficiente para revelar os ombros e a cabeça com focinho de bode. Quando Rand se aproximava, o Guardião retirou um emblema de metal, um tridente pintado de vermelho-sangue, de um ombro espinhento da cota de malha preta.

— Ko'bal — ele anunciou. Jogou o emblema que tinha na palma da mão para o alto e o agarrou no ar, grunhindo. — Isso contabiliza sete bandos até agora.

Moiraine, sentada de pernas cruzadas no chão ali perto, balançava a cabeça, cansada. Um cajado, coberto de uma ponta a outra com entalhes de vinhas e flores, descansava sobre seus joelhos, e seu vestido tinha o aspecto amarrotado de uma roupa que não era tirada fazia tempo.

— Sete bandos. Sete! Um número grande assim não agia junto desde as Guerras dos Trollocs. Uma notícia ruim atrás da outra. Estou com medo, Lan. Achei que tivéssemos alguma vantagem em relação a eles, mas podemos estar mais para trás do que nunca.

Rand ficou olhando fixo para ela, incapaz de falar. Uma Aes Sedai. Tentara se convencer de que ela não teria um aspecto diferente agora que ele sabia para quem... ou o que ele estava olhando, e para sua surpresa era verdade. Ela não parecia mais tão imaculada, não com fiapos de cabelo arrepiados em todas as direções e uma leve mancha de fuligem no nariz, mas tampouco estava assim tão diferente. Certamente devia haver alguma coisa numa Aes Sedai que indicasse o que ela era. Por outro lado, se a aparência externa refletisse o interior, e se as histórias fossem verdadeiras, então ela deveria se parecer mais com um Trolloc do que com uma linda mulher cuja dignidade não havia sido afetada por estar sentada na terra. E ela podia ajudar Tam. Fosse qual fosse o custo, isso estava acima de tudo.

Ele respirou fundo.

— Senhora Moiraine... Quer dizer, Moiraine Sedai.

Os dois se viraram para encará-lo, e ele congelou sob o olhar dela. Não o olhar calmo e sorridente do qual ele se lembrava do Campo. O rosto estava cansado, mas os olhos escuros eram os de um gavião. Aes Sedai. Destruidoras do mundo. Titereiras que manipulavam e faziam tronos e nações dançarem de acordo com os desígnios que somente as mulheres de Tar Valon conheciam.

— Um pouco mais de luz na escuridão — a Aes Sedai murmurou. Ela levantou a voz. — Como estão seus sonhos, Rand al'Thor?

Ele a encarou.

— Meus sonhos?

— Uma noite como esta pode fazer um homem ter pesadelos, Rand. Se você tiver pesadelos, deve me falar deles. Às vezes eu posso ajudar com sonhos ruins.

— Não há nada de errado com meus... É o meu pai. Ele está ferido. Não é muito mais do que um arranhão, mas a febre o está consumindo. A Sabedoria não vai ajudar. Diz que não pode. Mas as histórias...

Ela ergueu uma sobrancelha, e ele parou e engoliu em seco. *Luz, existe alguma história com uma Aes Sedai em que ela não seja a vilã?* Ele olhou para o Guardião, mas Lan parecia mais interessado no Trolloc morto do que em qualquer coisa que Rand pudesse dizer. Constrangido com o olhar dela, ele prosseguiu:

— Eu... hã... dizem que as Aes Sedai podem curar. Se a senhora puder ajudá-lo... Qualquer coisa que puder fazer por ele... Qualquer que seja o custo... Quer dizer... — Ele respirou fundo e terminou de uma só vez: — Paguei qualquer preço que estiver em meu poder se a senhora ajudá-lo. Qualquer um.

— Qualquer preço — ponderou Moiraine. — Falaremos de preços depois, Rand, se chegarmos a esse ponto. Não posso prometer nada. A Sabedoria sabe o que faz. Farei o que puder, mas está além do meu poder impedir a Roda de girar.

— A Morte chega mais cedo ou mais tarde para todos — disse o Guardião, sombrio —, a menos que se sirva ao Tenebroso, e apenas tolos estão dispostos a pagar esse preço.

Moiraine estalou a língua.

— Não seja tão lúgubre, Lan. Até que temos um motivo para comemorar. Pequeno, mas temos. — Ela usou o cajado para se erguer. — Leve-me a seu pai, Rand. Vou ajudá-lo como puder. Muita gente aqui tem recusado minha ajuda. Eles também ouviram as histórias — acrescentou secamente.

— Ele está na estalagem — disse Rand. — Por aqui. E obrigado. Obrigado!

Eles seguiram Rand, mas os passos apressados dele o levaram rapidamente adiante. Ele reduziu, impaciente, para que eles o alcançassem, então disparou à frente mais uma vez e teve de esperar novamente.

— Por favor, rápido — ele pediu, tão concentrado em obter ajuda para Tam que nem por um instante levou em conta a temeridade de provocar uma Aes Sedai. — A febre o está consumindo.

Lan o fuzilou com os olhos.

— Não vê que ela está cansada? Mesmo com um *angreal*, o que ela fez noite passada foi como correr ao redor da aldeia com um saco cheio de pedras nas costas. Não sei se você vale o sacrifício, pastor de ovelhas, não importa o que ela diga.

Rand piscou e conteve a língua.

— Calma, meu amigo — disse Moiraine.

Sem diminuir o passo, ela estendeu a mão para dar palmadinhas no ombro do Guardião. Ele se avultava, protetor, sobre ela, como se pudesse lhe dar forças simplesmente por estar perto.

— Você pensa apenas em cuidar de mim. Por que ele não deveria pensar o mesmo em relação ao pai dele?

Lan fechou a cara, mas ficou em silêncio.

— Estou indo o mais rápido que posso, Rand, eu lhe garanto.

Entre a ferocidade nos olhos dela e a calma na voz — que não era exatamente suavidade; era mais uma firmeza de comando —, Rand não sabia em qual acreditar. Ou talvez as duas coisas se combinassem, afinal. Aes Sedai. Ele estava comprometido agora. Acertou o passo com o deles e tentou não pensar em qual seria o preço sobre o qual conversariam depois.



Um Lugar Seguro

Enquanto Rand ainda passava pela soleira da porta, seu olhar foi direto para seu pai — seu pai, não importava o que *qualquer um* dissesse. Tam não havia se movido um só centímetro; seus olhos ainda estavam fechados, e a respiração saía em arquejos penosos, baixa e áspera. O menestrel de cabelos brancos interrompeu a conversa com o Prefeito — que se encontrava novamente curvado sobre a cama, cuidando de Tam, e lançou um olhar inquieto para Moiraine. A Aes Sedai o ignorou. Na verdade, ela ignorou a todos, exceto Tam, para quem olhou preocupada.

Thom enfiou o cachimbo apagado entre os dentes, depois o tirou e olhou o objeto.

— Um homem não pode nem fumar em paz — resmungou. — É melhor eu me certificar de que nenhum fazendeiro vai roubar meu manto para agasalhar sua vaca. Pelo menos vou poder fumar meu cachimbo lá fora. — E saiu apressado da sala.

Lan observou-o sair, o rosto anguloso inexpressivo como uma pedra.

— Não gosto desse homem. Há alguma coisa nele que não me inspira confiança. Não vi nem um fio de cabelo dele ontem à noite.

— Ele estava lá — disse Bran, observando Moiraine, inseguro. — Deve ter estado. O manto dele não se chamuscou na frente da lareira.

Rand não dava a mínima se o menestrel havia passado a noite escondido no estábulo.

— Meu pai? — disse ele a Moiraine em tom de súplica.

Bran abriu a boca, mas, antes que pudesse falar, Moiraine disse:

— Deixe-me com ele, Mestre al'Vere. Não há nada que o senhor possa fazer aqui agora a não ser ficar no meu caminho.

Por um minuto Bran hesitou, dividido entre o desprazer de receber ordens em sua

própria estalagem e a relutância em desobedecer a uma Aes Sedai. Finalmente, ele se endireitou para segurar o ombro de Rand.

— Venha, rapaz. Vamos deixar Moiraine Sedai com seu... hã... seu... Tem muita coisa em que você pode me ajudar lá embaixo. Antes que se dê conta Tam já estará gritando, pedindo seu cachimbo e uma caneca de cerveja.

— Posso ficar? — Rand dirigiu-se a Moiraine, embora ela não parecesse realmente estar ciente de ninguém além de Tam.

A mão de Bran o segurou mais firme, mas Rand o ignorou.

— Por favor? Eu fico fora do seu caminho. Você nem vai saber que estou aqui. Ele é meu pai — acrescentou com uma ferocidade que o assustou e fez os olhos do Prefeito se arregalarem de surpresa.

Rand torceu para que os outros atribuissem aquilo ao cansaço ou à tensão de lidar com uma Aes Sedai.

— Sim, sim — disse Moiraine, impaciente. Ela havia jogado o manto e o cajado descuidadamente em cima da única cadeira do aposento, e arregaçava as mangas do vestido, desnudando os braços até os cotovelos. Sua atenção não se desviou de Tam, nem mesmo enquanto ela falava. — Sente-se ali. E você também, Lan. — Ela fez um gesto vago na direção de um banco comprido encostado na parede. Seus olhos deslizaram devagar dos pés de Tam até a cabeça, mas Rand teve a sensação arrepiante de que, de algum modo, ela estava olhando *além* dele. — Podem conversar se quiserem — continuou, distraída —, mas bem baixo. Agora o senhor pode ir, Mestre al'Vere. Este é o quarto de alguém doente, não um salão de reunião. Cuide para que eu não seja perturbada.

O Prefeito resmungou baixinho, embora não alto o suficiente para que ela ouvisse, é claro, apertou o ombro de Rand mais uma vez e, então, obedientemente, ainda que com relutância, saiu e fechou a porta.

Murmurando para si mesma, a Aes Sedai ajoelhou-se ao lado da cama e pousou as mãos suavemente no peito de Tam. Fechou os olhos, e por um longo tempo não se moveu nem emitiu qualquer som.

Nas histórias, as maravilhas das Aes Sedai eram sempre acompanhadas por relâmpagos e trovões ou outros sinais para indicar prodígios e grandes poderes. O Poder Único, retirado da Fonte Verdadeira que movia a Roda do Tempo. Aquilo era algo em que Rand não queria pensar, o Poder envolvido com Tam, ele no mesmo aposento onde o Poder poderia ser usado. Na mesma aldeia já era ruim o suficiente. Contudo, pelo que via, Moiraine podia ter simplesmente dormido. Mas ele achou que a respiração de Tam soava mais tranquila. Ela devia estar fazendo alguma coisa. Rand estava tão concentrado que deu um pulo quando Lan falou baixinho:

— Bela arma essa que você usa. Ela tem, por acaso, uma garça gravada na lâmina também?

Por um momento Rand encarou o Guardião, sem entender do que ele estava falando. Na tensão de lidar com uma Aes Sedai, havia esquecido completamente da espada de Tam, que já não parecia mais tão pesada.

— Tem, sim. O que ela está fazendo?

— Eu jamais esperaria encontrar uma espada com a marca da garça num lugar assim — disse Lan.

— Ela pertence ao meu pai. — Rand olhou para a espada de Lan, o punho pouco visível na borda de seu manto; as duas espadas se pareciam muito, só que não havia

nenhuma garça na do Guardião. Ele voltou o olhar para a cama. A respiração de Tam de fato soava mais fácil; a aspereza se fora. Estava certo disso. — Ele a comprou há muito tempo.

— Coisa estranha para um pastor comprar.

Rand olhou de esguelha para Lan. Para um estranho, fazer perguntas sobre a espada era se meter onde não era chamado. Já para um Guardião... Ainda assim, ele sentia que precisava dizer alguma coisa.

— Até onde sei, ele nunca fez uso dela. Disse que ela *não tinha* utilidade. Até a noite passada, pelo menos. Eu nem sequer sabia da existência dela até então.

— Ele a chamou de inútil, hein? Não deve ter pensado sempre assim. — Lan tocou com o dedo a bainha na cintura de Rand por um breve momento. — Há lugares em que a garça é um símbolo do mestre espadachim. Essa lâmina deve ter percorrido um estranho caminho até acabar com um pastor nos Dois Rios.

Rand ignorou a pergunta implícita. Moiraine ainda não havia se movido. Será que a Aes Sedai estava *mesmo* fazendo alguma coisa? Ele estremeceu e esfregou os braços, sem saber ao certo se queria de fato saber o que ela estava fazendo. Uma Aes Sedai.

Outra pergunta, essa dele próprio, pipocou em sua cabeça então, uma pergunta que ele não queria fazer, mas de cuja resposta precisava.

— O Prefeito... — Ele pigarreou para limpar a garganta e respirou fundo. — O Prefeito disse que a única razão de ter sobrado alguma coisa da aldeia foram você e ela. — Ele se obrigou a olhar para o Guardião. — Se alguém tivesse lhes falado a respeito de um homem na floresta... um homem que faz as pessoas ficarem com medo só de olhar para elas... isso teria alertado vocês? Um homem cujo cavalo não faz nenhum barulho? E cujo manto não se move com o vento? Vocês teriam sabido o que estava para acontecer? Você e Moiraine Sedai teriam evitado isso se tivessem sabido a respeito dele?

— Não sem meia dúzia de minhas irmãs — disse Moiraine, assustando Rand.

Ela ainda estava ajoelhada à beira da cama, mas havia tirado as mãos de Tam e se voltara parcialmente para os dois. O tom de sua voz não sofrera nenhuma alteração, mas seu olhar pregava Rand na parede.

— Se eu tivesse sabido que encontraria Trollocs e Myrddraal aqui quando deixei Tar Valon, teria trazido meia dúzia delas, uma dúzia, nem que tivesse de puxá-las pelos cabelos. Sozinha, um aviso de um mês não teria feito muita diferença. Talvez nenhuma. Existe um limite para o que uma pessoa sozinha pode fazer, até mesmo invocando o Poder Único, e havia provavelmente bem mais de uma centena de Trollocs espalhados por este distrito ontem à noite. Um punho inteiro.

— Ainda assim teria sido bom saber — disse Lan, seco, e a secura se dirigia a Rand. — Quando foi que você o viu exatamente, e onde?

— Isso não importa agora — respondeu Moiraine. — Não vou permitir que o garoto pense que é culpado por algo de que não é. Sou igualmente culpada. Aquele maldito corvo de ontem, a maneira como ele se comportou, deveria ter me alertado. E a você também, meu velho amigo. — Estalou a língua, zangada. — Fui confiante demais, ao ponto da arrogância, certa de que a mão do Tenebroso não iria tão longe. Não com tanta força, não ainda. Certa demais.

Rand piscou.

— O corvo? Não estou entendendo.

— Comedores de carniça. — A boca de Lan se retorceu com nojo. — Os servos do

Tenebroso frequentemente encontram espíões entre criaturas que se alimentam dos mortos. Geralmente corvos e gralhas. Ratos, nas cidades, às vezes.

Um breve arrepio percorreu Rand. Corvos e gralhas como espíões do Tenebroso? Havia corvos por toda parte ultimamente. A mão do Tenebroso, Moiraine dissera. O Tenebroso estava sempre presente — ele sabia disso —, mas se você tentasse caminhar na Luz, se tentasse viver no bem, e não o invocasse, ele não podia lhe fazer mal. Era nisso que todos acreditavam, o que todos aprendiam ainda no colo da mãe. Mas Moiraine parecia estar dizendo...

O olhar dele recaiu sobre Tam, e tudo o mais foi esquecido. O rosto de seu pai estava visivelmente menos lívido que antes, e sua respiração soava quase normal. Rand teria dado um pulo se Lan não o tivesse segurado pelo braço.

— Você conseguiu.

Moiraine balançou a cabeça e suspirou.

— Ainda não. E espero que seja apenas por enquanto. As armas dos Trollocs são feitas em forjas no vale chamado Thakan'dar, nas encostas da própria Shayol Ghul. Algumas delas ganham a mácula daquele lugar, uma marca de maldade no metal. Essas lâminas maculadas fazem feridas que não se curam sem ajuda, ou provocam febres mortais, doenças estranhas que os remédios não conseguem tratar. Eu aliviei a dor de seu pai, mas a marca, a mácula, ainda está dentro dele. Se nada mais for feito, ela crescerá novamente e o consumirá.

— Mas você vai fazer alguma coisa. — As palavras de Rand soaram em parte como um pedido, em parte como uma ordem, e ele ficou chocado ao perceber que havia falado daquele jeito com uma Aes Sedai.

Ela, porém, pareceu não reparar em seu tom de voz.

— Vou — ela simplesmente concordou. — Estou muito cansada, Rand. Não tive oportunidade de descansar desde ontem à noite. Normalmente isso não teria importância, mas para esse tipo de ferimento... Isto — ela retirou um pedaço de seda branca de sua bolsa — é um *angreal*. — Viu a expressão no rosto dele. — Então você sabe o que é um *angreal*. Ótimo.

Ele recuou inconscientemente, distanciando-se dela e do que ela segurava. Algumas poucas histórias mencionavam *angreal*, relíquias da Era das Lendas que as Aes Sedai usavam para realizar suas maiores maravilhas. Ele ficou espantado ao vê-la desembulhar uma figura de marfim liso, à qual o tempo dera um tom marrom-escuro. Pouco menor que a mão dela, representava uma mulher com traje esvoaçante e cabelos compridos que lhe caíam sobre os ombros.

— Perdemos o segredo de como fazê-los — disse ela. — Tanta coisa se perdeu, e talvez jamais seja redescoberta... Restam tão poucos que o Trono de Amyrlin quase não me permitiu trazer este. Foi bom para Campo de Emond, e para seu pai, que eu tenha tido a permissão. Mas não espere demais. Agora, mesmo com isto, não posso fazer muito mais do que poderia sem ele ontem, e a mácula é forte. Ela teve tempo de inflamar.

— Você pode ajudá-lo — disse Rand com fervor. — Eu sei que pode.

Moiraine sorriu, mal curvando os lábios para cima.

— Vamos ver.

Então ela se voltou para Tam novamente, pousando uma das mãos em sua testa enquanto segurava com a outra a figura de marfim. De olhos fechados, seu rosto assumiu um ar de concentração. Ela mal parecia respirar.

— Aquele cavaleiro do qual você falou — disse Lan baixinho —, o que meteu medo em você... aquilo era certamente um Myrddraal.

— Um Myrddraal! — exclamou Rand. — Mas Desvanecidos têm seis metros de altura e... — As palavras morreram sob o sorriso triste do Guardião.

— Às vezes, pastor, as histórias tornam as coisas maiores do que a verdade. Acredite, a verdade já basta com um Meio-homem. Meio-homem, Espreitor, Desvanecido, Homem-sombra; o nome depende da terra em que você está, mas todos eles significam Myrddraal. Desvanecidos são crias dos Trollocs, quase um retrocesso à linhagem humana que os Senhores do Medo usaram para criar os Trollocs. Quase. Mas, se a parte humana é fortalecida, o mesmo ocorre com a mácula que distorce os Trollocs. Meios-homens têm poderes do tipo que vem do Tenebroso. Somente a mais fraca das Aes Sedai não seria páreo para um Desvanecido num embate um contra um, mas muitos homens bons e de valor caíram frente a eles. Desde as guerras que puseram fim à Era das Lendas, desde que os Abandonados foram aprisionados, eles são o cérebro que diz aos punhos dos Trollocs onde atacar. No tempo das Guerras dos Trollocs, os Meios-homens os lideravam nas batalhas, sob o comando dos Senhores do Medo.

— Ele me apavorou — disse Rand debilmente. — Olhou para mim, e... — Rand estremeceu.

— Não precisa ficar envergonhado, pastor. Eles também me apavoram. Eu já vi homens que foram soldados a vida toda ficarem paralisados como um pássaro enfeitiçado por uma cobra quando confrontados por um Meio-homem. Ao norte, nas Terras da Fronteira ao longo da Grande Praga, existe um ditado: a visão dos Sem-olhos é o medo.

— Os Sem-olhos? — perguntou Rand, e Lan assentiu.

— Os Myrddraal enxergam como águias, na escuridão ou na luz, mas eles não têm olhos. Não consigo pensar em muitas coisas mais perigosas que um Myrddraal. Moiraine Sedai e eu tentamos matar o que estava aqui ontem à noite e falhamos em todas as tentativas. Meios-homens têm a sorte do próprio Tenebroso.

Rand engoliu em seco.

— Um Trolloc disse que o Myrddraal queria falar comigo. Não sei o que ele quis dizer.

Lan ergueu a cabeça de supetão; seus olhos eram pedras azuis.

— Você *falou* com um Trolloc?

— Não exatamente — gaguejou o rapaz. O olhar do Guardião o prendia como uma armadilha. — Ele falou comigo. Disse que não me machucaria, que o Myrddraal queria falar comigo. Então, tentou me matar. — Rand umedeceu os lábios e esfregou a mão no couro nodoso do punho da espada. Em frases curtas e entrecortadas, explicou o retorno à casa da fazenda. — Mas, em vez disso, fui eu que o matei — concluiu. — Por acidente, na verdade. Ele saltou em cima de mim, e eu estava com a espada na mão.

O rosto de Lan suavizou-se, se é que se pode dizer que uma rocha se suaviza.

— Ainda assim, esse é um feito e tanto, pastor. Até ontem à noite havia poucos homens ao sul das Terras da Fronteira que podiam afirmar ter visto um Trolloc, quanto mais ter matado um.

— E menos ainda que mataram um Trolloc sozinhos e sem ajuda — Moiraine disse, cansada. — Está feito, Rand. Lan, ajude-me a levantar.

O Guardião correu para o lado dela, mas não mais rápido do que Rand para chegar até a cama. A pele de Tam estava fresca, embora seu rosto tivesse um aspecto pálido e

esbranquiçado, como se tivesse passado tempo demais longe do sol. Seus olhos ainda estavam fechados, mas sua respiração era profunda como se dormisse normalmente.

— Ele vai ficar bem agora? — perguntou Rand, ansioso.

— Com repouso, sim — disse Moiraine. — Algumas semanas de cama e ficará tão bem quanto antes.

Ela caminhava sem firmeza, apesar de estar segurando o braço de Lan. Ele retirou rapidamente o cajado e o manto de cima da cadeira para que ela se acomodasse, e ela se sentou com um suspiro. Lenta e cuidadosamente Moiraine embrulhou o *angreal* e o devolveu à bolsa.

Os ombros de Rand tremiam; ele mordeu o lábio para reprimir uma gargalhada. Ao mesmo tempo, precisou passar a mão pelos olhos para enxugar as lágrimas.

— Obrigado.

— Na Era das Lendas — prosseguiu Moiraine —, algumas Aes Sedai podiam atizar o fogo da vida e da saúde se restasse uma mínima fagulha. Mas esses tempos se foram... talvez para sempre. Muito se perdeu; não só a feitura dos *angreal*. Tanta coisa podia ser feita naquela época que nem sequer ousamos sonhar hoje, se é que conseguimos ao menos nos lembrar. Somos em número muito menor agora. Alguns talentos já quase desapareceram, e muitos dos que permanecem parecem mais fracos. Agora é preciso que haja tanto vontade quanto força para que o corpo possa se alimentar dessa reserva, ou nem mesmo a mais forte entre nós poderá fazer nada no caminho da Cura. É uma sorte que seu pai seja um homem forte, tanto em corpo quanto em espírito. Ele usou grande parte de sua força na luta pela vida, e tudo o que lhe resta agora é para sua recuperação. Isso levará tempo, mas a mácula se foi.

— Jamais poderei retribuir — ele disse sem tirar os olhos de Tam —, mas tudo que puder fazer por você eu farei. Qualquer coisa. — Ele lembrou-se da conversa sobre preços, então, e de sua promessa. Ajoelhado ao lado de Tam, suas palavras eram ainda mais sinceras do que antes, mas mesmo assim não era fácil olhar para ela. — Qualquer coisa. Contanto que não faça mal à aldeia nem a meus amigos.

Moiraine ergueu a mão, dispensando o comentário.

— Se você acha mesmo necessário. Eu gostaria mesmo de lhe falar. Sem dúvida você partirá ao mesmo tempo que nós, e poderemos conversar à vontade então.

— Partir! — ele exclamou, erguendo-se, atropalhado. — A situação é tão ruim assim? Todos me pareceram prontos para começar a reconstruir as coisas. Somos um povo com raízes aqui nos Dois Rios. Ninguém nunca parte.

— Rand...

— E para onde iríamos? Padan Fain disse que em outros lugares o tempo está tão ruim quanto aqui. Ele é... ele era... o mascate. Os Trollocs... — Rand engoliu em seco, desejando que Thom Merrilin não tivesse lhe dito o que Trollocs comiam. — O melhor a fazer, ao que me parece, é ficar aqui, no nosso lugar, nos Dois Rios, e consertar as coisas. Já temos lavouras plantadas, e daqui a pouco o tempo estará quente o bastante para a tosquia. Não sei quem começou essa conversa de partir... aposto que foi um dos Coplins... mas seja lá quem tiver sido...

— Pastor — interrompeu Lan —, você fala quando deveria estar ouvindo.

Ele se deteve, os olhos piscando. Percebeu que estava falando compulsivamente, e havia continuado sua tagarelice enquanto ela tentava falar. Enquanto uma Aes Sedai tentava falar. Ficou pensando no que dizer, em como se desculpar, mas Moiraine sorriu

enquanto ele ainda pensava.

— Entendo como você se sente, Rand — ela disse, e ele teve a desconfortável sensação de que ela realmente entendia. — Não pense mais nisso. — Moiraine contraiu os lábios e sacudiu a cabeça. — Vejo que abordei isso da forma errada. Deveria ter descansado primeiro, suponho. É você quem vai partir, Rand. É você quem deve partir, pelo bem de sua aldeia.

— Eu? — Ele pigarreou e tentou de novo. — Eu? — Dessa vez soou um pouco melhor. — Por que tenho de ir? Não estou entendendo nada. Não quero ir a lugar nenhum.

Moiraine olhou para Lan, e o Guardião descruzou os braços. Ele olhou para Rand sob a faixa de couro que lhe prendia os cabelos, e Rand teve novamente a sensação de estar sendo pesado numa balança invisível.

— Você sabia — disse Lan subitamente — que algumas casas não foram atacadas?

— Metade da aldeia está em cinzas — ele protestou, mas o Guardião fez um gesto de indiferença.

— Algumas casas só foram incendiadas para criar confusão. Os Trollocs as ignoraram depois, assim como ignoraram as pessoas que fugiram delas, a menos que se colocassem em seu caminho. A maior parte das pessoas que vieram das fazendas não viu nem mesmo um pelo de Trolloc, e as que viram, foi a distância. Muitas nem souberam que havia algum problema até olharem para a aldeia.

— Eu ouvi sobre Darl Coplin — disse Rand devagar. — Mas acho que não tinha entendido direito.

— Duas fazendas foram atacadas — prosseguiu Lan. — A sua e uma outra. Por causa do Bel Tine, todos que viviam na segunda fazenda já estavam na aldeia. Muita gente se salvou porque o Myrddraal ignorava os costumes dos Dois Rios. O Festival e a Noite Invernal tornaram a tarefa dele praticamente impossível, mas ele não sabia disso.

Rand olhou para Moiraine, recostada na cadeira. Ela, porém, não disse nada, continuando a observá-lo, um dedo sobre os lábios.

— Nossa fazenda e a de quem mais? — ele finalmente perguntou.

— A fazenda dos Aybaras — respondeu Lan. — Aqui em Campo de Emond, eles atacaram primeiro a forja e a casa do ferreiro, Mestre Cauthon.

A boca de Rand subitamente ficou seca.

— Isso é loucura — conseguiu dizer, depois pulou quando Moiraine se endireitou.

— Loucura não, Rand — ela disse. — Intencional. Os Trollocs não vieram a Campo de Emond por acaso, e não fizeram o que fizeram pelo prazer de matar e queimar, por mais que isso lhes agrade. Eles sabiam do quê, ou melhor, de quem, estavam atrás. Os Trollocs vieram para matar ou capturar jovens de uma certa idade que vivem nas proximidades de Campo de Emond.

— A minha idade? — A voz de Rand tremeu, e ele não se importou com isso. — Luz! Mat. E quanto a Perrin?

— Vivo e a salvo. — Moiraine lhe garantiu. — Ainda que um tanto sujo de fuligem.

— Ban Crawe e Lem Thane?

— Não correram nenhum perigo — disse Lan. — Pelo menos, não mais do que qualquer outra pessoa.

— Mas eles também viram o cavaleiro, o Desvanecido, e têm a mesma idade que eu.

— A casa de Mestre Crawe não sofreu nenhum dano — disse Moiraine —, e o

moleiro e a família dormiram durante metade do ataque antes que o barulho os despertasse. Ban é dez meses mais velho que você, e Lem é oito meses mais novo. — Ela sorriu secamente ao ver a surpresa dele. — Eu lhe disse que fiz perguntas. E também disse jovens de uma *aeta* idade. Você e seus dois amigos nasceram com apenas semanas de diferença. Eram vocês que o Myrddraal buscava, e mais nenhum outro.

Rand mudou de posição, desconfortável, desejando que ela não o olhasse daquela maneira, como se seus olhos lhe pudessem perfurar o cérebro e ler o que havia em cada canto dele.

— O que eles iriam querer conosco? Somos simples fazendeiros, pastores.

— Esta é uma pergunta cuja resposta não está nos Dois Rios — disse Moiraine baixinho. — Mas a resposta é importante. Trollocs, onde não eram vistos há quase dois mil anos, nos dizem isso.

— Muitas histórias falam de ataques de Trollocs — afirmou Rand, teimoso. — Nós só nunca tivemos um aqui antes. Os Guardiões combatem Trollocs o tempo todo.

Lan bufou.

— Garoto, eu espero combater Trollocs ao longo da Grande Praga, mas não aqui, quase seiscentas léguas ao sul. A incursão de ontem à noite foi tão violenta quanto eu esperaria que fosse em Shienar ou em qualquer das Terras da Fronteira.

— Em um de vocês — disse Moiraine — ou em todos os três, existe algo que o Tenebroso teme.

— Isso é... isso é impossível. — Rand cambaleou até a janela e ficou olhando fixamente para a aldeia, para as pessoas trabalhando entre as ruínas. — Não importa o que aconteceu... isso é impossível. — Alguma coisa no Campo chamou sua atenção. Ele firmou o olhar e então percebeu que era o toco enegrecido do Pau da Primavera. Um ótimo Bel Tine, com mascate, menestrel e estranhos. Ele estremeceu e sacudiu a cabeça violentamente. — Não. Não. Sou um pastor. O Tenebroso não pode estar interessado em mim.

— Foi preciso um grande esforço — afirmou Lan, sombrio — para trazer tantos Trollocs tão longe sem levantar um grito de alerta das Terras da Fronteira até Caemlyn e além. Quisera eu saber como eles fizeram isso. Você realmente acredita que eles se deram a todo esse trabalho só para queimar algumas casas?

— Eles voltarão — acrescentou Moiraine.

Rand já abria a boca para argumentar com Lan, mas as palavras dela o detiveram. Ele girou para encará-la.

— Voltarão? Não tem como impedi-los? Você fez isso noite passada, sendo que foi apanhada de surpresa. Agora já sabe que eles estão aqui.

— Talvez — respondeu Moiraine — eu pudesse mandar uma mensagem a Tar Valon chamando algumas de minhas irmãs. Talvez tivessem tempo de fazer a jornada antes de precisarmos delas. O Myrddraal também sabe que *eu* estou aqui, e provavelmente não atacará, pelo menos não abertamente. Não sem reforços, sem outros Myrddraal e mais Trollocs. Com Aes Sedai e Guardiões suficientes, os Trollocs podem ser derrotados, embora eu não saiba dizer quantas batalhas serão necessárias para isso.

Uma imagem dançava na cabeça de Rand, com Campo de Emond todo coberto de cinzas. Todas as fazendas incendiadas. E a Colina da Vigília, e Trilha de Deven, e Barca do Taren. Tudo em cinzas e sangue.

— Não — ele disse, sentindo-se dilacerado por dentro, como se tivesse perdido o

chão. — É por isso que tenho de partir, não é? Os Trollocs não voltarão se eu não estiver aqui. — Um último vestígio de obstinação o fez acrescentar: — Se estiverem mesmo atrás de mim.

Moiraine ergueu as sobrancelhas como se estivesse surpresa por ele não estar convencido, mas Lan falou:

— Você estaria disposto a apostar sua aldeia nisso, pastor? Seus Dois Rios inteiros? A teimosia de Rand desapareceu.

— Não — repetiu, e sentiu aquele vazio por dentro de novo. — Perrin e Mat precisam ir também, não é? — Deixar os Dois Rios. Deixar sua casa e seu pai. Pelo menos Tam iria melhorar. Pelo menos Rand iria poder ouvi-lo dizer que tudo aquilo na Estrada da Pedreira havia sido bobagem. — Poderíamos ir para Baerlon, suponho, ou até mesmo Caemlyn. Ouvi dizer que existem mais pessoas em Caemlyn do que em toda a região dos Dois Rios. Estaríamos seguros lá. — Tentou uma risada que soou vazia. — Eu costumava sonhar em visitar Caemlyn. Nunca pensei que a conheceria dessa maneira.

Um longo silêncio se fez, seguido pelas palavras de Lan:

— Eu não iria para Caemlyn em busca de segurança. Se os Myrddraal quiserem vocês de verdade, encontrarão um jeito. Paredes são um obstáculo fácil para um Meio-homem. E você seria um tolo se não acreditasse que eles querem vocês de verdade.

Rand achava que não poderia ficar mais deprimido, porém com isso seu ânimo despencou.

— Existe um lugar seguro — disse Moiraine baixinho, e Rand se pôs a escutar com atenção. — Em Tar Valon vocês estariam entre Aes Sedai e Guardiões. Mesmo durante as Guerras dos Trollocs as forças do Tenebroso temiam atacar as Muralhas Reluzentes. Na única vez em que tentaram, sofreram sua maior derrota, até o último soldado. E Tar Valon detém todo o conhecimento que nós, Aes Sedai, temos coletado desde o Tempo da Loucura. Alguns fragmentos datam até mesmo da Era das Lendas. Se existe um lugar onde você poderá descobrir por que os Myrddraal o querem, por que o Pai das Mentiras o quer, é Tar Valon. Isso eu posso garantir.

Uma jornada até Tar Valon era quase impensável. Uma jornada até um lugar onde ele estaria cercado de Aes Sedai. Claro, Moiraine havia curado Tam — ou pelo menos assim parecia —, mas havia todas aquelas histórias. Já era desconfortável ficar num aposento com uma Aes Sedai, mas estar em uma cidade cheia delas... E ela ainda não havia estipulado seu preço. Sempre havia um preço, assim diziam as histórias.

— Por quanto tempo meu pai vai dormir? — perguntou ele finalmente. — Eu... eu preciso contar a ele. Ele não pode acordar e simplesmente descobrir que fui embora. — Rand achou ter ouvido um suspiro de alívio vindo de Lan. Olhou curioso para o Guardião, cujo rosto, porém, como sempre, era inexpressivo.

— É improvável que ele acorde antes de partirmos — disse Moiraine. — Pretendo ir logo assim que escurecer inteiramente. Um único dia de atraso poderia ser fatal. Será melhor você deixar um bilhete para ele.

— À noite? — perguntou Rand em dúvida, e Lan assentiu.

— Muito em breve o Meio-homem descobrirá que partimos. Não precisamos facilitar ainda mais as coisas para ele.

Rand ajeitou os cobertores de seu pai. Era um caminho muito longo até Tar Valon.

— Neste caso... Neste caso, é melhor eu procurar Mat e Perrin.

— Eu cuido disso. — Moiraine levantou-se bruscamente e vestiu seu manto com um vigor subitamente renovado. Pôs a mão em seu ombro, e ele fez um grande esforço para não se encolher. Ela não apertou com força, mas era um toque de ferro, que o deteve com a firmeza de um forçado contendo uma serpente. — Será melhor se mantivermos tudo isso só entre nós. Você entende? Os mesmos que puseram a Presa do Dragão na porta da estalagem poderiam criar problemas se soubessem.

— Entendo. — Ele respirou fundo, aliviado, quando ela retirou a mão.

— Vou pedir à Senhora al'Vere que traga algo para você comer. — Ela continuou como se não tivesse notado a reação dele. — Depois precisa dormir. Teremos uma jornada difícil esta noite, mesmo que esteja descansado.

A porta fechou-se quando deixaram o quarto, e Rand ficou parado em pé, olhando para Tam — olhando-o, mas sem ver nada. Foi somente naquele instante que ele percebeu que Campo de Emond era parte dele tanto quanto ele era parte da aldeia. Percebia isso porque sabia que aquele era o chão que perdera. Estava separado da aldeia agora. O Pastor da Noite o queria. Isso era impossível — ele era um simples fazendeiro —, mas os Trollocs vieram, e Lan tinha razão em uma coisa. Ele não podia arriscar a segurança da aldeia contando com a possibilidade de Moiraine estar errada. Ele não podia sequer contar a ninguém; os Coplins realmente criariam problemas com uma coisa dessas. Ele precisava confiar numa Aes Sedai.

— Não vá acordá-lo agora — disse a Senhora al'Vere quando o Prefeito entrou com ela e fechou a porta.

Da bandeja que ela carregava coberta por um pano exalavam aromas cálidos e deliciosos. Ela a depositou sobre a cômoda encostada na parede e afastou Rand da cama com firmeza.

— A Senhora Moiraine me falou do que ele precisa — ela disse baixinho —, e isso não inclui você desabando de exaustão em cima dele. Eu lhe trouxe uma coisinha para comer. Não vá deixar esfriar.

— Eu gostaria que você não a chamasse assim — disse Bran um pouco chateado. — Moiraine Sedai é o adequado. Ela pode ficar furiosa.

A Senhora al'Vere lhe deu um tapinha no rosto.

— Deixe que eu me preocupo com isso. Nós duas tivemos uma longa conversa. E fale baixo. Se acordar Tam, vai ter de se haver comigo e com Moiraine Sedai. — Ela enfatizou o título de Moiraine, fazendo a insistência de Bran parecer boba. — Vocês dois, saiam do meu caminho. — Dirigindo um sorriso carinhoso ao marido, ela se virou para a cama e para Tam.

Mestre al'Vere lançou um olhar frustrado para Rand.

— Ela é uma Aes Sedai. Metade das mulheres da aldeia age como se ela fosse parte do Círculo das Mulheres, e o restante como se ela fosse um Trolloc. Nenhuma delas parece perceber que é preciso tomar cuidado com uma Aes Sedai por perto. Os homens podem estar olhando atravessado para ela, mas pelo menos não estão fazendo nada que vá provocá-la.

Cuidado, pensou Rand. Não era tarde demais para começar a tomar cuidado.

— Mestre al'Vere — ele disse devagar —, quantas fazendas foram atacadas?

— Que eu tenha ouvido até agora, somente duas, contando com a de vocês. — O Prefeito fez uma pausa, franzindo a testa, depois deu de ombros. — Não parece muito diante do que aconteceu aqui. Eu deveria estar feliz com isso, mas... Bem, provavelmente

vamos ficar sabendo de outras até o fim do dia.

Rand suspirou. Não era preciso perguntar quais fazendas.

— Aqui na aldeia, eles... Quer dizer, aconteceu algo que mostrasse o que eles procuravam?

— Procurar, garoto? Que eu saiba, eles não estavam procurando nada, a não ser talvez matar todos nós. Aconteceu exatamente como falei. Os cães latindo, e Moiraine Sedai e Lan correndo pelas ruas, então alguém gritou que a casa de Mestre Luhhan e a forja estavam pegando fogo. A casa de Abell Cauthon irrompeu em chamas... O que foi muito estranho: ela fica quase no meio da aldeia. De qualquer maneira, no momento seguinte os Trollocs estavam entre nós. Não, não creio que eles estivessem *procurando* alguma coisa. — Ele soltou uma gargalhada súbita, mas a interrompeu, com um olhar cauteloso para a mulher. Ela não desviou o olhar de Tam. — Para dizer a verdade — ele continuou, baixando mais a voz —, eles pareciam quase tão confusos quanto nós. Duvido que esperassem encontrar uma Aes Sedai aqui, ou um Guardião.

— Suponho que não — comentou Rand, com uma careta.

Se Moiraine dissera a verdade sobre aquilo, provavelmente havia contado a verdade sobre o resto também. Por um momento ele pensou em pedir um conselho ao Prefeito, mas Mestre al'Vere obviamente sabia pouco mais sobre Aes Sedai do que qualquer outra pessoa na aldeia. Além disso, ele estava relutante em contar até mesmo ao Prefeito o que estava acontecendo — o que Moiraine dissera que estava acontecendo. Rand não tinha certeza se temia que rissem dele ou que acreditassem. Passou um polegar no cabo da espada de Tam. Seu pai tinha andado pelo mundo lá fora; devia saber mais sobre Aes Sedai do que o Prefeito. Mas se Tam havia realmente estado fora dos Dois Rios, então talvez o que dissera na Floresta do Oeste... Ele esfregou as duas mãos nos cabelos, afastando essa linha de pensamento.

— Você precisa dormir, rapaz — disse o Prefeito.

— Precisa mesmo — acrescentou a Senhora al'Vere. — Está quase caindo aí.

Rand piscou, surpreso. Não tinha sequer se dado conta de que ela havia saído do lado de seu pai. Precisava de fato dormir; só pensar nisso já o fez bocejar.

— Pode dormir na cama no quarto ao lado — disse o Prefeito. — A lareira já está acesa.

Rand olhou para o pai; Tam ainda estava mergulhado num sono profundo, e isso o fez bocejar mais uma vez.

— Eu prefiro ficar aqui, se não se importarem. Para quando ele acordar.

O cuidado com os doentes era território da Senhora al'Vere, e o Prefeito deixou a decisão para ela, que hesitou apenas por um momento antes de assentir.

— Mas deixe que ele acorde sozinho. Se perturbá-lo no sono...

Ele tentou dizer que faria conforme ela estava mandando, mas suas palavras se emaranharam em mais um bocejo. Ela balançou a cabeça com um sorriso.

— Você vai adormecer num instantinho. Se precisa ficar aqui, deite-se perto do fogo. E tome um pouquinho desse caldo de carne antes de dormir.

— Vou tomar — disse Rand. Ele teria concordado com qualquer coisa que o mantivesse dentro daquele quarto. — E não vou despertá-lo.

— É melhor que não mesmo — disse a Senhora al'Vere com firmeza, mas sem ser indelicada. — Vou lhe trazer um travesseiro e cobertores.

Quando eles saíram, e a porta finalmente se fechou, Rand arrastou a única cadeira no

aposento para o lado da cama e sentou-se onde conseguia ver Tam. A Senhora al'Vere podia falar em dormir — ele estalou os maxilares ao sufocar um bocejo —, mas ele ainda não ia cair no sono. Tam poderia despertar a qualquer momento, e talvez ficasse acordado apenas por um breve período. Rand precisava estar à espera quando isso acontecesse.

Ele fez uma careta e se contorceu na cadeira, afastando, distraído, o cabo da espada de suas costelas. Ainda se sentia relutante em contar a alguém o que Moiraine dissera, mas era Tam, afinal de contas. Ele era... Sem perceber, Rand firmou o maxilar com determinação. *Meu pai. Posso contar qualquer coisa ao meu pai.*

Revirou-se um pouco mais na cadeira e recostou a cabeça no espaldar. Tam era seu pai, e ninguém podia dizer a ele o que contar ou não a seu pai. Ele só precisava ficar acordado até Tam despertar. Só precisava...





Histórias da Roda

O coração de Rand martelava enquanto ele corria e olhava em desalento as colinas áridas que o cercavam. Aquele não era simplesmente um lugar onde a primavera estava demorando a chegar; ali a primavera jamais chegara e jamais chegaria. Nada crescia no solo frio que estalava sob suas botas, nem sequer um pouco de líquen. Ele escalou velozmente rochedos com o dobro de sua altura; a poeira cobria as pedras como se jamais uma gota de água as tivesse tocado. O sol era uma bola inchada cor de sangue, mais inclemente que no dia mais quente do verão e brilhante o bastante para queimar os olhos, destacando-se contra o caldeirão plúmbeo de um céu onde nuvens negras e prateadas rolavam e fervilhavam por todo o horizonte. Apesar das nuvens turbulentas, entretanto, nenhum sopro de brisa tocava a terra, e apesar do sol sinistro, o ar queimava frio, como nas profundezas do inverno.

Rand olhava sobre o ombro a todo instante enquanto corria, mas não conseguia ver seus perseguidores. Somente colinas desoladas e montanhas negras com picos pontudos, muitos dos quais encimados por plumas altas de fumaça negra que subiam para se juntar às nuvens que rolavam pelo ar. Mas se ele não podia ver seus caçadores, podia ouvi-los, uivando atrás dele, vozes guturais gritando com o prazer da caçada, uivando com o prazer do sangue por vir. Trollocs. Eles se aproximavam, e Rand sentiu que suas forças estavam quase esgotadas.

Com uma pressa desesperada, correu cambaleando até o topo de uma cordilheira serrilhada e então caiu de joelhos com um gemido. Abaixo dele, uma parede de rocha reta despencava, uma encosta de trezentos metros de altura despenhando e se transformando em um vasto cânion. Névoas enfumaçadas cobriam o chão, sua espessa

superfície cinzenta rolando em ondas sombrias, rolando e quebrando contra a encosta abaixo dele, mais lentamente, porém, do que qualquer onda do oceano. Manchas de neblina reluziram com um brilho vermelho por um instante, como se grandes fogueiras houvessem subitamente irrompido lá embaixo e, depois, se apagado. Trovões roncavam nas profundezas do vale, e relâmpagos estalavam em meio ao cinza, às vezes saltando rumo aos céus.

Não era o vale propriamente dito que lhe sugava as forças e preenchia os espaços vazios com desespero. Do centro dos vapores furiosos uma montanha projetava-se subitamente, uma montanha mais alta que qualquer outra que ele houvesse visto nas Montanhas da Névoa, e tão negra quanto a perda de toda esperança. Essa torre de pedra negra e desolada, uma adaga apunhalando os céus, era a fonte de sua aflição. Ele nunca a vira antes, mas a conhecia. Sua lembrança lhe escapava num átimo, como mercúrio, quando ele tentava tocá-la, mas estava ali, presente. Ele sabia que estava.

Dedos invisíveis o tocavam, puxavam seus braços e pernas, tentando arrastá-lo para a montanha. Seu corpo se contraía, pronto para obedecer. Os braços e as pernas enrijeciam-se como se ele pensasse que podia enterrar os dedos das mãos e dos pés na pedra. Fios fantasmagóricos entrelaçavam-se em torno de seu coração, puxando-o, chamando-o para a montanha alta e íngreme. Lágrimas escorriam por seu rosto, e ele desabou no chão como um saco vazio. Sentiu a força de vontade se esvair de seu corpo como a água vazando de um balde furado. Mais um pouco e ele iria para onde estava sendo chamado. Obedeceria, faria o que lhe mandavam. Subitamente descobriu outra emoção: raiva. Empurrá-lo, puxá-lo... Ele não era uma ovelha para ser tângido para dentro de um redil. A raiva se concentrou em um nó bem apertado, e ele se agarrou a ela como teria se agarrado a uma jangada no meio de um dilúvio.

Sirva-me, uma voz sussurrou na quietude de sua mente. Uma voz familiar. Se ele apurasse o ouvido o suficiente, tinha certeza de que saberia quem era. *Sirva-me*. Ele sacudiu a cabeça tentando expulsar a voz. *Sirva-me!* E sacudiu o punho na direção da montanha negra.

"Que a Luz o consuma, Shai'tan!"

Subitamente o cheiro da morte se adensou ao seu redor. Uma figura assomou sobre ele, vestindo um manto da cor de sangue seco, uma figura com um rosto... Ele não queria ver aquele rosto que o olhava de cima. Não queria pensar naquele rosto. Pensar nele era o bastante para lhe causar dor, para transformar sua mente em brasa. Uma mão se estendeu em sua direção. Sem se importar se iria despencar lá do alto, ele se afastou. Precisava escapar. Para bem longe. E caiu, debatendo-se no ar, querendo gritar, sem fôlego para gritar, sem fôlego para nada.

De repente ele não estava mais naquela terra árida, não estava mais caindo. Suas botas se assentavam numa grama invernal amarronzada; pareciam flores. Ele quase riu ao ver árvores e arbustos espalhados, mesmo sem folhas, pontilhando a planície ondulada que agora o cercava. A distância uma única montanha se destacava, o cume partido e fendido, mas essa montanha não trazia nenhuma sensação de medo nem de desespero. Era apenas uma montanha, embora estranhamente deslocada ali, sem nenhuma outra à vista.

Um rio largo fluía perto da montanha, e em uma ilha no meio desse rio havia uma cidade como as das histórias dos menestréis, uma cidade cercada por muralhas altas que emitiam um brilho branco e prateado ao sol cálido. Com um misto de alívio e alegria, ele partiu na direção das muralhas, em busca da segurança e da serenidade que de algum

modo sabia que encontraria atrás delas.

Ao se aproximar ele distinguiu torres altíssimas, muitas ligadas por espantosas passarelas que cruzavam o céu aberto. Pontes elevadas arqueavam-se de ambas as margens do rio até a cidade insular. Mesmo de longe ele conseguia ver um trabalho rendilhado nas pedras daqueles vãos, parecendo delicadas demais para suportar as águas velozes que corriam abaixo delas. Além daquelas pontes estava a segurança. Santuário.

Subitamente um frio percorreu os seus ossos; uma umidade gelada cobriu sua pele, e o ar ao seu redor tornou-se fétido e úmido. Sem olhar para trás, ele correu, fugindo do perseguidor cujos dedos congelantes roçavam suas costas e puxavam seu manto, correu da figura devoradora de luz com o rosto que... Ele não conseguia se lembrar do rosto, exceto como terror. Não queria se lembrar do rosto. Ele correu, e o chão passava por baixo dos seus pés, colinas redondas e campinas planas... e ele queria uivar como um cão enlouquecido. À frente, a cidade se afastava. Quanto mais corria, mais longe ficavam as muralhas brancas reluzentes e o refúgio. Iam ficando cada vez menores, até que no horizonte restava apenas um pontinho pálido. A mão fria de seu perseguidor o agarrava pelo colarinho. Se aqueles dedos o tocassem, ele sabia que ficaria louco. Ou pior. Muito pior. No momento em que essa certeza lhe ocorreu ele tropeçou e caiu...

"Nããã!", gritou.

...e gemeu quando as pedras do pavimento o fizeram perder o fôlego numa pancada seca. Sem nada entender, ele se levantou. Estava parado no início de uma das pontes maravilhosas que vira sobre o rio. Pessoas sorridentes passavam por ele de ambos os lados, pessoas vestidas com tantas cores que o faziam pensar num campo de flores. Algumas delas falavam com ele, mas Rand não conseguia entender, embora as palavras soassem como se devesse entendê-las. Mas os rostos eram amigáveis, e as pessoas faziam gestos para que ele seguisse em frente, atravessando a ponte com seu intrincado trabalho de cantaria, na direção das muralhas cintilantes, raíadas de prata, e das torres mais além. Na direção da segurança que ele sabia que o aguardava ali.

Juntou-se à multidão que descia a ponte e entrou na cidade por portões maciços montados em muralhas altas e impecáveis. Do lado de dentro havia uma terra de maravilhas onde mesmo a menor estrutura parecia um palácio. Era como se os construtores tivessem recebido a ordem de pegar pedra, tijolo e azulejo e criar uma beleza para tirar o fôlego dos mortais. Não havia edifício, não havia monumento que não o fizesse arregalar os olhos. As ruas se enchiam de música, mil canções diferentes, mas todas se fundindo com o clamor das multidões para criar uma harmonia grandiosa e alegre. Os aromas de perfumes adocicados e de temperos picantes, de comidas maravilhosas e miríades de flores, todos fluíam no ar, como se todos os cheiros bons do mundo estivessem reunidos ali.

A rua pela qual ele adentrou a cidade, ampla e pavimentada com pedra cinza lisa, estendia-se reta à sua frente na direção do centro da localidade. Ao seu final assomava uma torre maior e mais alta que qualquer outra na cidade, uma torre tão branca quanto neve que acabara de cair. Essa torre era onde estavam a segurança e o conhecimento que ele buscava. Mas a cidade era algo que ele jamais havia sonhado ver. Decerto não faria diferença caso se atrasasse só um pouco em sua caminhada até a torre... Ele dobrou em uma rua lateral estreita, onde malabaristas passeavam entre ambulantes que vendiam estranhas frutas.

À frente, descendo a rua, havia uma torre branca como a neve. A mesma torre. Daqui

a um instantinho, ele pensou e dobrou outra esquina. No fim dessa rua, lá estava a mesma torre branca. Teimosamente, ele virou outra esquina, e outra, e a cada vez a torre de alabastro surgia diante de seus olhos. Ele girou para fugir dela... e deteve-se subitamente. À sua frente, a torre branca. E teve medo de olhar para trás, medo de que ela estivesse lá também.

Os rostos ao seu redor ainda eram amigáveis, mas cheios de uma esperança estilhaçada, uma esperança que ele havia despedaçado. As pessoas ainda gesticulavam para que ele avançasse, gestos de quem implorava. Na direção da torre. Os olhos brilhavam com uma necessidade desesperada, e somente ele poderia satisfazê-la, somente ele poderia salvá-los.

Muito bem, pensou. A torre era, afinal de contas, aonde ele queria ir.

Já em seu primeiro passo adiante a decepção desvaneceu os que o rodeavam, e sorrisos cingiram cada um dos rostos. Eles o acompanharam, e criancinhas cobriram seu caminho com pétalas de flores. Olhou para trás, confuso, imaginando para quem seriam as flores, mas atrás só havia mais pessoas sorridentes gesticulando para que seguisse em frente. *Devem ser para mim*, pensou e se perguntou por que aquilo subitamente não parecia mais estranho. Mas o assombro durou apenas um instante antes de desaparecer; tudo era como deveria ser.

Primeiro uma, depois outra pessoa começou a cantar, até que todas as vozes se ergueram em um hino glorioso. Ele ainda não conseguia compreender as palavras, mas uma dúzia de harmonias entrelaçadas entoava aos brados a alegria e a salvação. Músicos dançavam no meio da multidão que fluía, adicionando flautas, harpas e tambores de diversos tamanhos ao hino, e todas as canções que ele ouvira antes se misturavam naturalmente. Garotas dançavam ao seu redor, depositando guirlandas de botões de cheiro doce sobre seus ombros, pondo-as em seu pescoço. Elas sorriam para ele, cujo deleite crescia a cada passo. Ele não conseguiu deixar de sorrir de volta. Seus pés coçavam para se juntar à dança e, ao pensar nisso, ele já estava dançando, os passos se encaixando como se conhecesse aquela dança desde que nascera. Ele jogou a cabeça para trás e riu; seus pés pareciam mais leves do que jamais haviam sido, dançando com... Não conseguia lembrar o nome, mas isso não parecia importante.

É seu destino, uma voz sussurrou em sua cabeça, e o sussurro era um acorde no hino.

Carregando-o como um graveto na crista de uma onda, a multidão fluiu para uma praça enorme no meio da cidade, e pela primeira vez ele viu que a torre branca se elevava de um grandioso palácio de mármore branco, esculpido em vez de construído, paredes curvas e amplos domos e torres delicadas tocando o céu. O conjunto todo o fez arquejar, assombrado. Degraus largos de pedra branca subiam da praça, e ao pé daquela escadaria as pessoas se detiveram, mas a música delas subiu ainda mais. As vozes que se elevavam impulsionaram seus pés. *Seu destino*, a voz sussurrou, agora insistente, ansiosa.

Ele não estava mais dançando, mas tampouco parou. Subiu as escadas sem hesitação. Aquele era o lugar ao qual pertencia.

Volutas cobriam as portas maciças no alto das escadas, relevos tão intrincados e delicados que ele não conseguia imaginar uma faca com a lâmina fina o suficiente para se encaixar ali. Os portais se abriram, ele entrou, e então se fecharam com o ecoar de um trovão.

— Estávamos esperando por você — sibilou o Myrddraal.

Rand se levantou de um salto, tremendo e ofegando, o olhar fixo. Tam ainda dormia na cama. Lentamente sua respiração foi se normalizando. Achas um tanto consumidas ardiam na lareira, já com uma boa camada de brasas ao redor das grades de ferro; alguém havia estado ali para cuidar do fogo enquanto ele dormia. Um cobertor caíra quando ele acordara, e estava aos seus pés. A maca improvisada tinha desaparecido também, e os mantos dele e de Tam haviam sido pendurados na porta.

Ele enxugou o suor frio do rosto com a mão não muito firme e perguntou-se se nomear o Tenebroso em sonho atraía sua atenção do mesmo jeito que fazê-lo em voz alta.

O crepúsculo escurecia a janela; a lua estava bem alta no céu, redonda e gorda, e as estrelas vespertinas brilhavam sobre as Montanhas da Névoa. Ele havia dormido o dia inteiro. Esfregou um ponto dolorido na lateral do corpo. Aparentemente havia dormido com o cabo da espada espetando-o nas costelas. Com isso, um estômago vazio e a noite anterior, não era de surpreender que houvesse tido pesadelos.

Sua barriga roncou. Ele se levantou, enrijecido, e foi até a mesa onde a Senhora al'Vere havia deixado a bandeja. Puxou de lado o guardanapo branco. Apesar do tempo dormindo, o caldo de carne ainda estava morno, e o pão, crocante também. A mão da Senhora al'Vere era evidente; a bandeja havia sido trocada. Uma vez tendo decidido que você precisava de uma refeição quentinha, ela não desistia até a comida estar dentro de você.

Ele engoliu um pouco de caldo e mal conseguiu colocar carne e queijo entre dois pedaços de pão antes de meter tudo na boca. Dando grandes mordidas, ele voltou à cama.

A Senhora al'Vere aparentemente também cuidara de Tam. Ele havia sido despido, suas roupas agora estavam limpas e cuidadosamente dobradas na mesinha de cabeceira, e um cobertor fora puxado até seu queixo. Quando Rand tocou a testa do pai, Tam abriu os olhos.

— Aí está você, garoto. Marin disse que você estava aqui, mas eu não conseguia sequer me sentar para ver. Ela disse que você estava cansado demais para que ela o acordasse só para eu poder vê-lo. Nem mesmo Bran consegue fazê-la mudar de ideia quando ela se decide.

A voz de Tam estava fraca, mas seu olhar era límpido e firme. *A Aes Sedai tinha razão*, pensou Rand. Com descanso ele ficaria tão bem quanto antes.

— O senhor quer alguma coisa para comer? A Senhora al'Vere deixou uma bandeja.

— Ela já me alimentou... se é que se pode dizer isso. Não me deixou comer nada a não ser caldo. Como pode um homem evitar pesadelos com nada a não ser caldo na... — Tam tirou a mão de sob a coberta e tocou a espada na cintura de Rand. — Então não foi um sonho. Quando Marin me disse que eu estava doente, achei que eu houvesse... Mas você está bem. Isso é tudo o que importa. E a fazenda?

Rand respirou fundo.

— Os Trollocs mataram as ovelhas. Acho que mataram a vaca também, e a casa precisa de uma boa limpeza. — Ele conseguiu dar um sorriso fraco. — Tivemos mais sorte do que alguns. Eles queimaram metade da aldeia.

Contou a Tam tudo que havia acontecido, ou pelo menos a maior parte. Tam escutou com atenção e fez perguntas incisivas. Rand se viu tendo de contar sobre o retorno à casa da fazenda depois de esconder-se na floresta, e isso levou ao Trolloc que ele havia matado. Teve de contar que Nynaeve dissera que Tam estava morrendo para

explicar por que a Aes Sedai havia cuidado dele em lugar da Sabedoria. Os olhos de Tam se arregalaram com isso, uma Aes Sedai em Campo de Emond. Mas Rand não viu necessidade de repassar cada passo da jornada da fazenda até ali, nem seus temores nem o Myrddraal na estrada. Certamente não os pesadelos enquanto dormia à beira da cama. E não via razão, em especial, para mencionar os devaneios de Tam durante a febre. Ainda não. A história de Moiraine, porém, não havia como evitar.

— Bem, essa é uma história digna de um menestrel — murmurou Tam quando Rand chegou ao fim. — O que os Trollocs iriam querer com vocês, rapazes? Ou o Tenebroso, que a Luz nos ajude?

— O senhor acha que ela estava mentindo? Mestre al’Vere disse que ela estava dizendo a verdade sobre apenas duas fazendas terem sido atacadas. E sobre a casa de Mestre Luhhan e a de Mestre Cauthon.

Tam ficou em silêncio por um momento antes de pedir:

— Diga-me o que ela falou. As palavras exatas que ela usou, veja bem. Exatamente como ela as disse.

Rand tentou se concentrar. Quem se lembra das palavras *exatas* que ouviu? Mordeu o lábio e coçou a cabeça, e pouco a pouco foi falando, o mais fielmente possível.

— Não consigo lembrar de mais nada — concluiu ele. — Não tenho certeza se alguma parte ela não contou um pouco diferente, mas de qualquer maneira é quase isso.

— Está bom o bastante. Tem de estar, não é? Sabe, rapaz, as Aes Sedai são traçoeiras. Elas não mentem, não diretamente, mas a verdade que uma Aes Sedai lhe conta nem sempre é a verdade que você pensa. Tome cuidado quando estiver perto dela.

— Eu já ouvi as histórias — Rand retorquiu. — Não sou criança.

— Não é, não é mesmo. — Tam suspirou pesadamente, então deu de ombros, irritado. — Eu deveria ir com você, mesmo assim. O mundo fora dos Dois Rios não é nem um pouco parecido com Campo de Emond.

Era uma abertura para perguntar sobre as viagens de Tam e todo o resto, mas Rand não a aproveitou. Em vez disso, ficou boquiaberto.

— Assim, sem mais nem menos? Pensei que o senhor fosse ter mil razões para eu não ir. — Percebeu que estivera torcendo para que Tam tivesse mil razões, e das boas.

— Talvez não mil — disse Tam, resfolegando —, mas algumas me vieram à mente. Só que elas não têm importância. Se os Trollocs estão atrás de você, estará mais seguro em Tar Valon do que aqui. Só se lembre de manter-se sempre alerta. Aes Sedai fazem coisas por suas próprias razões, e nem sempre são as razões que você pensa.

— O menestrel disse uma coisa parecida — observou Rand, devagar.

— Então ele sabe do que está falando. Ouça com atenção, pense bem, e segure a língua. Este é um bom conselho para quaisquer assuntos além dos Dois Rios, especialmente lidando com Aes Sedai. E com Guardiões. Conte alguma coisa a Lan, e será o mesmo que ter contado a Moiraine. Se ele é um Guardião, está ligado a ela tão certamente quanto o sol nasceu esta manhã, e não vai guardar muitos segredos, se é que vai guardar algum.

Rand sabia pouco a respeito da ligação entre Aes Sedai e Guardiões, embora ela desempenhasse um grande papel em todas as histórias sobre Guardiões que ele já ouvira. Tinha algo a ver com o Poder, uma dívida para o Guardião ou talvez alguma espécie de troca. Os Guardiões recebiam toda sorte de benefícios, de acordo com as histórias. Eles se curavam mais rapidamente que outros homens e resistiam mais tempo sem comida,

água ou sono. Supostamente, podiam pressentir a presença de Trollocs, se estivessem perto o bastante, e de outras criaturas do Tenebroso também, o que explicava como Lan e Moiraine haviam tentado alertar a aldeia antes do ataque. Quanto ao que a Aes Sedai ganhava com isso, as histórias não contavam, mas ele não ia acreditar que elas não ganhassem nada.

— Vou tomar cuidado — disse Rand. — Só queria saber por quê. Não faz o menor sentido. Por que eu? Por que nós?

— Eu também queria saber, garoto. Sangue e cinzas, como queria saber! — Tam deu um suspiro profundo. — Mas não faz sentido tentar colocar um ovo quebrado de volta na casca, eu acho. Quanto tempo você tem antes de ir embora? Vou poder me levantar em um ou dois dias, e poderemos cuidar de começar um novo rebanho. Oren Dautry tem bons animais, que poderia estar disposto a ceder, já que os pastos se foram todos, e Jon Thane também.

— Moiraine... a Aes Sedai disse que o senhor tinha de ficar na cama. Ela disse semanas.

Tam abriu a boca, mas Rand continuou:

— E ela falou com a Senhora al'Vere.

— Ah. Bem, talvez eu possa convencer Marin. — Mas Tam não parecia esperançoso. Dirigiu um olhar afiado a Rand. — O jeito como você evitou responder significa que tem de partir logo. Amanhã? Ou esta noite?

— Esta noite — disse Rand baixinho, e Tam assentiu com tristeza.

— Sim. Bem, se deve ser feito, melhor não atrasar. Mas vamos ver quanto a esse negócio de “semanas”. — Ele puxou as cobertas com mais irritação que força. — Talvez eu siga em alguns dias de qualquer maneira. Alcance vocês na estrada. Vamos ver se Marin consegue me manter na cama quando eu quiser me levantar.

Ouviu-se uma batida na porta, e Lan enfiou a cabeça no quarto.

— Despeça-se rápido, pastor, e venha. Parece que há um problema.

— Problema? — perguntou Rand, e o Guardião grunhiu, impaciente.

— Só se apresse logo!

Rand agarrou seu manto, apressado. Começou a soltar o cinto da espada, mas Tam disse:

— Fique com ela. Você provavelmente vai precisar mais do que eu, embora, se a Luz quiser, nenhum de nós precisará. Cuide-se, rapaz. Está me ouvindo?

Ignorando os grunhidos constantes de Lan, Rand se curvou para dar um abraço em Tam.

— Eu vou voltar. Prometo que vou.

— É claro que sim. — Tam riu. Retribuiu o abraço com fraqueza e terminou dando palmadinhas nas costas de Rand. — Eu sei disso. E vou ter o dobro de ovelhas para você cuidar quando voltar. Agora vá, antes que o sujeito acabe tendo um troço.

Rand tentou ficar ali mais um pouco, tentou encontrar as palavras para a pergunta que não queria fazer, mas Lan entrou no quarto para pegá-lo pelo braço e puxá-lo para o corredor. O Guardião havia vestido uma túnica verde-escura fosca de escamas de metal sobrepostas. Sua voz estava áspera de irritação.

— Precisamos correr. Você não entende a palavra *problema*?

Do lado de fora do quarto, Mat aguardava, de casaco, manto e com o arco nas mãos. Uma aljava pendia de sua cintura. Ele se balançava, ansioso, nos calcanhares e não parava

de olhar na direção das escadas com o que parecia uma mistura de impaciência e medo.

— Isso não se parece muito com as histórias, não é, Rand? — perguntou, rouco.

— Que tipo de problema? — Rand quis saber, mas o Guardião correu à frente dele em vez de responder, descendo os degraus de dois em dois, e Mat saiu correndo atrás dele com gestos rápidos para que Rand os seguisse.

Vestindo seu manto, ele os alcançou no pé da escada. Apenas uma luz baça enchia o salão; metade das velas havia se apagado e a maior parte das que restavam estava chegando ao fim. O salão estava vazio, exceto pelos três. Mat encontrava-se ao lado de uma das janelas da frente, espiando lá fora como se tentasse não ser visto. Lan abriu uma fresta na porta e espiou o quintal da estalagem.

Perguntando-se o que poderiam estar observando, Rand foi juntar-se a eles. O Guardião murmurou para que tomasse cuidado, mas abriu a porta um pouco mais para dar espaço para que Rand olhasse também.

No começo ele não teve certeza do que exatamente estava vendo. Uma multidão de aldeões, mais de trinta, aglomerados perto da carcaça queimada da carroça do mascate, a noite afastada pelas tochas que alguns deles carregavam. Moiraine os encarava, de costas para a estalagem, apoiada com aparente casualidade em seu cajado. Hari Coplin destacava-se à frente da multidão com seu irmão, Darl, e Bili Congar. Cenn Buie também estava lá, parecendo pouco à vontade. Rand se assustou ao ver Hari agitar o punho na direção de Moiraine.

— Vá embora daqui! — gritou o fazendeiro de cara amarrada.

Umas poucas vozes na multidão repetiram o que ele disse, mas com hesitação, e ninguém avançou. Eles podiam estar dispostos a confrontar uma Aes Sedai do meio da multidão, mas ninguém queria ser identificado isoladamente. Não por uma Aes Sedai que tinha todos os motivos para se ofender.

— Você trouxe esses monstros! — rugiu Darl.

Ele agitou uma tocha acima da cabeça, e ouviram-se gritos de “Foi você quem os trouxe!” e “A culpa é sua”, liderados por seu primo Bili.

Hari deu uma cotovelada em Cenn Buie, e o velho telhador franziu os lábios e o olhou de esguelha.

— Aquelas coisas... aqueles Trollocs só apareceram depois que você veio para cá — resmungou Cenn, tão baixo que mal pôde ser ouvido. Ele balançava a cabeça de um lado para outro amargamente, como se desejasse estar em outro lugar e procurando uma maneira de chegar lá. — Você é uma Aes Sedai. Não queremos ninguém da sua espécie nos Dois Rios. Aes Sedai levam problemas aonde quer que vão. Se você ficar, só vai trazer mais.

Seu discurso não teve eco nos aldeões reunidos, e Hari fez uma careta de frustração. O povo dos Dois Rios podia se defender se fosse atacado, mas a violência estava longe de ser algo comum, e ameaçar pessoas além de um simples punho brandido na cara de alguém era incomum para eles. Cenn Buie, Bili Congar e os Coplins se viram sozinhos na frente da multidão. Bili parecia querer recuar também.

Hari se assustou um pouco, incomodado com a falta de apoio, mas se recuperou rapidamente.

— Vá embora! — Ele tornou a gritar, no que foi ecoado por Darl e, de modo mais fraco, por Bili. Hari olhou fuzilando para os outros, e a maior parte da multidão não conseguiu olhar nos olhos dele.

Subitamente Bran al'Vere e Haral Luhhan saíram das sombras, parando a certa distância tanto da Aes Sedai quanto da multidão. Em uma das mãos o Prefeito levava casualmente o grande martelo de madeira que usava para enfiar torneiras em barris.

— Alguém aí sugeriu tocar fogo na minha estalagem? — ele perguntou baixinho.

Os dois Coplins deram um passo para trás, e Cenn Buie afastou-se deles. Bili Congar mergulhou na multidão.

— Isso não — disse Darl, rápido. — Nós nunca dissemos isso, Bran... hã, Prefeito. Bran assentiu.

— Então talvez eu tenha ouvido vocês ameaçando hóspedes da minha estalagem.

— Ela é uma Aes Sedai. — Hari começou, zangado, mas suas palavras foram cortadas quando Haral Luhhan se aproximou.

O ferreiro simplesmente se espreguiçou, esticando os braços grossos sobre a cabeça, fechando os punhos maciços até os dedos estalarem, mas Hari olhou para o homem atarracado como se um daqueles punhos tivesse sido sacudido debaixo de seu nariz. Haral cruzou os braços diante do peito.

— Perdão, Hari. Não tive a intenção de interrompê-lo. O que você ia dizendo mesmo...?

Mas Hari, os ombros curvados como se estivesse tentando se dobrar para dentro de si mesmo e sumir, parecia não ter mais nada a dizer.

— Estou surpreso com vocês, gente — Bran rugiu. — Paet al'Caar, a perna do seu garoto foi quebrada ontem à noite, mas eu o vi andando e apoiando-se nela hoje... graças a ela. Eward Candwin, você estava caído de bruços com um corte nas costas feito um peixe pronto para ser limpo, até ela pôr as mãos em você. Agora parece que isso aconteceu há um mês, e a menos que eu esteja muito enganado em breve não lhe restará nem cicatriz. E você, Cenn. — O telhador começou a se misturar à multidão, mas deteve-se, desconfortavelmente imobilizado pelo olhar de Bran. — Eu ficaria chocado ao ver qualquer homem do Conselho da Aldeia aqui, Cenn, mas você mais do que todos. Seu braço ainda estaria pendendo inútil ao lado do corpo, uma massa de queimaduras e escoriações, se não fosse por ela. Ainda que não tenha gratidão, você não tem vergonha?

Cenn ergueu um pouco a mão direita, e então desviou o olhar, evitando-a, zangado.

— Não posso negar o que ela fez — ele resmungou, parecendo de fato envergonhado. — Ela ajudou a mim e a outros — continuou em um tom de súplica —, mas é uma Aes Sedai, Bran. Se aqueles Trollocs não vieram por causa dela, por que vieram? Não queremos nada com Aes Sedai nos Dois Rios. Deixe que elas fiquem com seus problemas longe de nós.

Uns poucos homens, seguros no fundo da multidão, gritaram então: "Não queremos problemas com Aes Sedai!", "Mandem-na embora!", "Expulsem-na!", "Por que vieram, se não por causa dela?"

Uma expressão de desprezo surgiu no rosto de Bran, mas, antes que ele pudesse falar, Moiraine subitamente ergueu sobre a cabeça seu cajado de vinhas esculpidas, girando-o com ambas as mãos. O arquejo de Rand ecoou o dos aldeões, pois uma chama branca sibilante explodiu em cada extremidade do cajado, destacando-se diretamente como pontas de lança apesar do girar do bastão. Até Bran e Haral afastaram-se dela. Moiraine baixou os braços bruscamente à frente, deixando o cajado paralelo ao chão, mas o fogo pálido ainda se projetava, mais brilhante que as tochas. Os homens recuaram, levantando as mãos para proteger os olhos da dor daquele brilho ofuscante.

— Foi nisso que o sangue de Aemon se transformou? — A voz da Aes Sedai não era alta, mas sobrepujava todos os outros sons. — Gente mesquinha lutando pelo direito de se esconder como coelhos? Você se esqueceram de quem são, esqueceram-se do que são, mas eu esperava que lhes restasse alguma coisa, alguma memória no sangue e nos ossos. Algum vestígio que os preparasse para a longa noite por vir.

Ninguém falou. Os dois Coplins pareciam desejar jamais abrir a boca novamente.

Por fim, Bran disse:

— Esquecemos de quem somos? Somos quem sempre fomos. Fazendeiros, pastores e artesãos honestos. Gente dos Dois Rios.

— Ao sul — disse Moiraine — fica o rio que vocês chamam de Rio Branco; mais longe, porém, a leste, os homens ainda o chamam pelo nome correto. Manetherendrelle. Na Língua Antiga, Águas do Lar da Montanha. Águas cristalinas que um dia cruzaram uma terra de bravura e beleza. Dois mil anos atrás o Manetherendrelle fluía pelas muralhas de uma cidade montanhesa tão bela de se contemplar que os pedreiros Ogier vinham admirá-la, assombrados. Essa região era coberta por fazendas e aldeias, e o que vocês chamam de Floresta de Sombras também, e além. Mas todo aquele povo pensava em si mesmo como o povo do Lar da Montanha, o povo de Manetheren.

“O Rei deles era Aemon al Caar al Thorin, Aemon filho de Caar filho de Thorin, e Eldrene ay Ellan ay Carlan era sua Rainha. Aemon, tão destemido que o maior cumprimento por coragem que qualquer um podia dar, mesmo entre seus inimigos, era dizer a um homem que ele tinha coração de Aemon. Eldrene era tão linda que se dizia que as flores desabrochavam para fazê-la sorrir. Bravura e beleza e sabedoria e um amor que a morte não podia destruir. Chorem, se vocês têm coração, pela perda deles, até mesmo pela perda da memória deles. Chorem pela perda do sangue deles.”

Então ela fez silêncio, mas ninguém falou. Rand estava tão preso quanto os outros no feitiço que ela havia criado. Quando ela tornou a falar, ele bebeu de suas palavras, e o resto das pessoas também.

— Por quase dois séculos as Guerras dos Trollocs haviam devastado os quatro cantos do mundo, e, onde quer que houvesse batalhas, o estandarte da Águia Vermelha de Manetheren estava à frente. Os homens de Manetheren eram uma pedra no sapato do Tenebroso e um espinho em sua mão. Cantem Manetheren, que nunca se dobrou à Sombra. Cantem Manetheren, a espada que não podia ser quebrada.

“Eles estavam longe, os homens de Manetheren, em Campo de Bekkar, o chamado Campo de Sangue, quando chegaram notícias de um exército de Trollocs marchando rumo a seu lar. Longe demais para fazer outra coisa senão aguardar para ouvir sobre a morte de sua terra, pois as forças do Tenebroso queriam dar fim a ela. Matar o poderoso carvalho cortando-lhe as raízes. Longe demais para fazer outra coisa a não ser lamentar. Mas eles eram os homens do Lar da Montanha.

“Sem hesitar, sem pensar na distância que deveriam viajar, eles marcharam do próprio campo da vitória, ainda cobertos de pó, suor e sangue. Por dias e noites eles marcharam, pois haviam visto o horror que um exército de Trollocs deixava em seu rastro, e nenhum daqueles homens poderia dormir enquanto tamanho perigo ameaçasse Manetheren. Eles avançaram como se seus pés tivessem asas, marchando mais longe e mais rápido que os amigos esperavam ou os inimigos temiam. Quando os exércitos do Tenebroso desceram sobre as terras de Manetheren, os homens do Lar da Montanha estavam diante eles, com as costas para o Tarendrelle.”

Um aldeão deu um pequeno viva, mas Moiraine continuou como se não tivesse ouvido.

— A hoste que enfrentou os homens de Manetheren era suficiente para assustar o mais bravo dos corações. Corvos negreciam o céu; Trollocs negreciam a terra. Trollocs e seus aliados humanos. Trollocs e Amigos das Trevas às dezenas de dezenas de milhares, e Senhores do Medo no comando. À noite suas fogueiras superavam as estrelas em número, e o amanhecer revelou o estandarte de Ba'alzamon na vanguarda. Ba'alzamon, Coração das Trevas. Um nome antigo para o Pai das Mentiras. O Tenebroso não pôde se livrar de sua prisão em Shayol Ghul, pois, se isso tivesse acontecido, nem todas as forças da humanidade reunidas teriam conseguido resistir, mas havia poder ali. Senhores do Medo, e um mal que fazia aquele estandarte da destruição da luz parecer a coisa certa e congelar as almas dos homens que o encarassem.

“E, no entanto, eles sabiam o que precisavam fazer. Sua terra natal estava logo do outro lado do rio. Eles deveriam manter aquela hoste, e o poder que a comandava, longe do Lar da Montanha. Aemon enviara mensageiros. Recebera a promessa de auxílio se conseguissem resistir três dias no Tarendrelle. Aguentar por três dias com toda a probabilidade de serem derrotados logo na primeira hora. Mas, de algum modo, com ataques sangrentos e uma defesa desesperada, eles se aguentaram por uma, duas, três horas. Por três dias lutaram e, embora a terra tivesse se tornado um quintal de açougueiro, não permitiram que o Tarendrelle fosse cruzado. Na terceira noite nenhuma ajuda havia chegado, nem tampouco mensageiros, e eles continuaram lutando, sozinhos. Por seis dias. Por nove. E no décimo dia Aemon conheceu o gosto amargo da traição. Nenhuma ajuda viria, e eles não podiam mais impedir a travessia do rio.”

— O que eles fizeram? — Hari quis saber.

O fogo das tochas vacilava na brisa fria da noite, mas ninguém fez um movimento para trazer o manto mais para perto de si.

— Aemon atravessou o Tarendrelle — disse-lhes Moiraine —, destruindo as pontes atrás de si. E enviou mensagens por toda a sua terra para que o povo fugisse, pois sabia que os poderes da horda de Trollocs encontrariam um jeito de atravessar o rio. Ainda enquanto a mensagem seguia, a travessia dos Trollocs começou, e os soldados de Manetheren retomaram o combate, para comprar com suas vidas as horas que pudessem a fim de que seu povo escapasse. Da cidade de Manetheren, Eldrene organizou a fuga do povo para as florestas mais fechadas e as montanhas mais longínquas.

“Mas alguns não fugiram. Primeiro num fiozinho, depois num rio, depois num dilúvio, homens acorreram, não para a segurança, mas para se juntar ao exército que combatia por sua terra. Pastores com arcos, fazendeiros com ancinhos e lenhadores com machados. As mulheres também apareceram, carregando as armas que conseguiram encontrar e marchando lado a lado com seus homens. Todos que fizeram aquela jornada sabiam que nunca voltariam. Mas era a terra deles. Fora a terra de seus pais e seria a de seus filhos, e eles foram pagar seu preço. Não se desistiu de um só palmo de terra até que estivesse encharcado de sangue, mas finalmente o exército de Manetheren foi forçado a recuar, até aqui, até este lugar que vocês hoje chamam de Campo de Emond. E aqui as hordas de Trollocs os cercaram.”

A voz dela evocava o som de lágrimas frias.

— Cadáveres de Trollocs e de renegados humanos se empilhavam aos montes, mas um número cada vez maior subia por aquelas pilhas de carnificina em intermináveis

ondas de morte. Só podia haver um fim. Nenhum homem ou mulher que houvesse estado sob o estandarte da Águia Vermelha no amanhecer daquele dia vivia quando a noite caiu. A espada que não podia ser quebrada fora estilhada.

“Nas Montanhas da Névoa, sozinha na cidade vazia de Manetheren, Eldrene sentiu Aemon morrer, e seu coração morreu com ele. E onde seu coração havia estado restou apenas a sede de vingança. Vingança por seu amor, vingança por seu povo e sua terra. Movida pela tristeza, ela buscou a Fonte Verdadeira e lançou o Poder Único sobre o exército Trolloc. E os Senhores do Medo morreram onde estavam, quer em seus conselhos secretos, quer no meio de alguma exortação aos seus soldados. Num piscar de olhos os Senhores do Medo e os generais da hoste do Tenebroso irromperam em chamas. O fogo consumiu seus corpos, e o terror consumiu seu exército recém-vitório.

“Desse momento em diante eles correram como feras em um incêndio na floresta, sem pensar em nada a não ser escapar. Para o norte e o sul eles fugiram. Milhares se afogaram tentando cruzar o Tarendrelle sem a ajuda dos Senhores do Medo, e no Manetherendrelle eles destruíram as pontes com receio do que poderia estar em seu encaço. Onde encontravam pessoas, matavam e queimavam, mas fugir era a necessidade que os dominava. Até que, por fim, não restou nenhum deles nas terras de Manetheren. Foram dispersos como pó diante de um redemoinho. A vingança final veio mais lenta, mas veio, quando eles foram caçados por outros povos, por outros exércitos em outras terras. Não restou ninguém vivo entre aqueles que mataram em Campo de Aemon.

“Mas o preço foi alto para Manetheren. Eldrene havia absorvido mais do Poder Único do que qualquer humano jamais poderia esperar sem auxílio. Quando os generais inimigos morreram, ela também morreu, e os fogos que a consumiram devoraram a cidade vazia de Manetheren, até mesmo suas pedras, até a rocha viva das montanhas. Mas o povo fora salvo.

“Nada havia restado de suas fazendas, suas aldeias ou sua cidade grandiosa. Alguns diriam que nada restara para eles, nada a não ser fugir para outras terras onde poderiam recomeçar. Não foi o que eles disseram. Tinham pago um preço muito alto em sangue e esperança pela própria terra, tal como jamais se pagara antes, e doravante estavam presos àquele solo por laços mais fortes que o aço. Outras guerras os arrasariam nos anos por vir, até que seu cantinho do mundo fosse esquecido e finalmente eles não mais soubessem o que eram as guerras e como guerrear. Manetheren jamais se ergueu. Suas torres enormes e fontes murmurantes se tornaram como um sonho a se apagar lentamente da memória de seu povo. Mas eles, e seus filhos, e os filhos de seus filhos, continuaram com a terra que era sua. Mantiveram-se nela quando os longos séculos haviam lavado de suas lembranças o porquê. Continuaram nela até que, hoje, aqui estão vocês. Chorem por Manetheren. Chorem pelo que se perdeu para sempre.”

As chamas do cajado de Moiraine se apagaram, e ela o abaixou como se pesasse cinquenta quilos. Por um longo momento, o gemido do vento era o único ruído. Então Paet al'Caar passou abrindo caminho pelos Coplins.

— Não sei quanto à sua história — disse o fazendeiro de queixo comprido. — Eu não sou uma pedra no sapato do Tenebroso, e provavelmente jamais serei. Mas meu Wil está andando por sua causa, e por isso eu me envergonho de estar aqui. Não sei se a senhora pode me perdoar, mas, perdoadando ou não, eu vou embora. E, por mim, a senhora pode ficar em Campo de Emond o tempo que quiser.

Abaixando rapidamente a cabeça, numa quase mesura, ele voltou a abrir caminho na multidão. Outros então começaram a murmurar, oferecendo uma penitência envergonhada antes de também saírem de fininho, um a um. Os Coplins, mais uma vez carrancudos, olharam os rostos ao seu redor e sumiram na noite sem dizer uma só palavra. Bili Congar havia desaparecido antes mesmo de seus primos.

Lan puxou Rand para trás e fechou a porta.

— Vamos, garoto. — O Guardiã se dirigiu para os fundos da estalagem. — Venham comigo, vocês dois. Depressa!

Rand hesitou, trocando um olhar questionador com Mat. Enquanto Moiraine contava a história, nem mesmo os Dhurrrans de Mestre al'Vere poderiam tê-lo arrastado de lá, mas agora outra coisa continha seus pés. Aquele era o verdadeiro começo, deixar a estalagem e seguir o Guardiã noite adentro... Ele se sacudiu e tentou se sentir mais resoluto. Não tinha escolha a não ser ir, mas voltaria a Campo de Emond, por mais longe que aquela jornada o levasse.

— O que vocês estão esperando? — Lan perguntou da porta nos fundos do salão. Com um susto, Mat correu até ele.

Tentando se convencer de que estava começando uma grande aventura, Rand os seguiu pela cozinha às escuras, saindo para o estábulo.





A Partida

Um único lampião, os anteparos semicerrados, pendia de um prego no poste de uma baia, provendo uma tênue iluminação. Sombras profundas engoliam a maioria das baias. Quando Rand passou pelas portas vindo do pátio, logo atrás de Mat e do Guardião, Perrin saltou sobre um monte de palha onde estava sentado com as costas na porta de uma baia, embrulhado num pesado manto.

Lan mal parou para perguntar:

— Olhou tudo como mandei, ferreiro?

— Olhei — respondeu Perrin. — Não há ninguém aqui, só nós. Por que alguém iria se esconder...

— Precaução e vida longa andam juntas, ferreiro. — O Guardião deu uma olhada rápida pelo estábulo escuro e pelas sombras mais profundas do jirau cheio de feno acima. Então, balançou a cabeça. — Não há tempo — resmungou, quase para si mesmo. — Depressa, ela disse.

Como se para confirmar as próprias palavras, ele apressou o passo até onde os cinco cavalos estavam amarrados, com arreios completos, nos fundos da poça de luz. Dois deles eram o garanhão negro e a égua branca que Rand tinha visto antes. Os outros, ainda que não tão grandes nem tão esguios, certamente pareciam estar entre os melhores que os Dois Rios tinham a oferecer. Às pressas, Lan começou a examinar fivelas e correias, e as faixas de couro que seguravam alforjes, bolsas d'água e os rolos de cobertores atrás das selas.

Rand trocou sorrisos trêmulos com os amigos, esforçando-se muito para parecer ansioso para partir.

Pela primeira vez Mat reparou na espada na cintura de Rand e apontou para ela.

— Você vai se tornar um Guardião? — Ele riu, mas então engoliu o riso, olhando de relance para Lan. O Guardião aparentemente não estava prestando atenção. — Ou pelo menos o guarda de um mercador — continuou Mat com um sorriso que parecia ligeiramente forçado. Ele ergueu seu arco. — A arma de um homem simples não é boa o bastante para ele.

Rand pensou em sacar a espada e brandi-la, mas a presença de Lan o deteve. O Guardião não estava sequer olhando em sua direção, mas Rand tinha certeza de que o homem estava ciente de tudo que se passava ao redor. Assim, ele apenas disse, com uma calma exagerada:

— Pode vir a ser útil. — Como se carregar uma espada não fosse nada fora do comum.

Perrin fez um movimento, tentando esconder alguma coisa embaixo do manto. Rand vislumbrou um cinturão de couro em torno da cintura do aprendiz de ferreiro, com o cabo de um machado enfiado num passante aberto no cinto.

— O que você tem aí? — ele perguntou.

— É um guarda de mercador mesmo — debochou Mat.

O jovem de cabelos desgrenhados olhou para Mat com uma expressão carrancuda que sugeria que ele já tinha esgotado sua cota de piadas e deu um suspiro pesado, afastando o manto para revelar o machado. Não era uma ferramenta comum de lenhador. Uma lâmina larga em forma de meia-lua em um dos lados da cabeça e uma ponta curva no outro o tornava tão estranho para os Dois Rios quanto a espada de Rand. Mas a mão de Perrin repousava nela com um senso de familiaridade.

— Mestre Luhhan fez este machado há cerca de dois anos, para o guarda de um comprador de lã. Mas, quando ela ficou pronta, o sujeito não quis pagar o que haviam combinado, e Mestre Luhhan não aceitou menos. Ele o deu para mim quando... — pigarreou para limpar a garganta, depois lançou a Rand o mesmo olhar de aviso que dirigira a Mat — ...quando me descobriu praticando. Disse que eu podia ficar com ele, já que não ia poder fazer nada de útil com aquilo.

— Praticando. — Mat riu, debochado, mas levantou as mãos, apaziguador, quando Perrin ergueu a cabeça. — Como quiser. Pelo menos um de nós sabe usar uma arma de verdade.

— Seu arco é uma arma de verdade — disse Lan subitamente. Ele jogou um braço sobre a sela de seu cavalo preto e alto e os olhou com muita seriedade. — Assim como as fundas que vi com vocês, garotos da aldeia. O fato de que nunca as usaram para nada a não ser caçar coelhos ou afugentar lobos para longe de suas ovelhas não quer dizer nada. Qualquer coisa pode ser uma arma se o homem ou mulher que a empunha tiver a coragem e a vontade de usá-la como tal. Independentemente dos Trollocs, é melhor vocês terem isso em mente antes de deixarmos os Dois Rios, antes mesmo de deixarmos Campo de Emond, se quiserem chegar vivos a Tar Valon.

Seu rosto e sua voz, frios como a morte e duros como uma lápide, sufocaram o sorriso e a língua dos garotos. Perrin fez uma careta e puxou o manto de volta para cobrir seu machado. Mat ficou olhando para os próprios pés, mexendo na palha do chão do estábulo com o dedo do pé. O Guardião soltou um grunhido e voltou à sua verificação, e o silêncio ficou ainda maior.

— Não é bem assim nas histórias. — Mat acabou dizendo.

— Não sei — retrucou Perrin, azedo. — Trollocs, um Guardião, uma Aes Sedai. O que mais você quer?

— Aes Sedai — sussurrou Mat, como se subitamente estivesse sentindo frio.

— Você acredita nela, Rand? — perguntou Perrin. — Afinal, o que Trollocs iam querer com a gente?

Como se fossem um só, eles olharam para o Guardião. Lan parecia absorto na cilha da sela da égua branca, mas os três recuaram na direção da porta do estábulo, para longe de Lan. Mesmo assim, eles se agruparam e falaram baixinho.

Rand sacudiu a cabeça.

— Eu não sei, mas falou a verdade quando disse que nossas fazendas foram as únicas atacadas. E eles atacaram a casa de Mestre Luhhan e a forja primeiro, aqui na aldeia. Eu perguntei ao Prefeito. É tão fácil acreditar que estejam atrás de nós quanto qualquer outra possibilidade que me ocorra. — Subitamente ele percebeu que ambos estavam olhando para ele.

— Você perguntou ao Prefeito? — perguntou Mat, incrédulo. — Ela disse para não contar a ninguém.

— Eu não disse a ele por que estava perguntando — protestou Rand. — Vocês estão dizendo que não falaram com absolutamente ninguém? Não contaram a ninguém que estão indo embora?

Perrin deu de ombros defensivamente.

— Moiraine Sedai disse que não era para falar a ninguém.

— Deixamos bilhetes — disse Mat. — Para nossas famílias. Eles vão encontrá-los de manhã. Rand, minha mãe pensa que Tar Valon é a coisa mais próxima de Shayol Ghul que existe. — Ele deu uma risadinha para mostrar que não compartilhava da mesma opinião. Não foi muito convincente. — Ela ia tentar me trancafiar no porão se acreditasse que eu estava sequer pensando em ir para lá.

— Mestre Luhhan é teimoso como pedra — acrescentou Perrin —, e a Senhora Luhhan é pior. Se a vissem escavando o que restou da casa, dizendo que torcia para que os Trollocs voltassem só para que pudesse pôr as mãos neles...

— Que me queimem, Rand — disse Mat. — Sei que ela é uma Aes Sedai e tudo o mais, mas os Trollocs estiveram mesmo aqui. Ela disse para não contar a ninguém. Se uma Aes Sedai não sabe o que fazer a respeito de uma coisa destas, quem sabe?

— Não sei. — Rand esfregou a testa. Sua cabeça doía; ele não conseguia tirar aquele sonho da cabeça. — Meu pai acredita nela. Pelo menos, ele concordou que tínhamos de ir.

Subitamente Moiraine estava na porta.

— Você falou com seu pai sobre esta jornada? — Ela estava vestida em cinza-escuro da cabeça aos pés, com uma saia dividida para cavalgar, e o anel de serpente era o único ouro que usava naquele momento.

Rand olhou o cajado; apesar das chamas que ele tinha visto, não havia sinal de nada queimado, nem mesmo de fuligem.

— Eu não podia ir embora sem falar com ele.

Ela o olhou por um momento, os lábios franzidos, antes de se virar para os outros.

— E vocês também decidiram que um bilhete não era o bastante? — Mat e Perrin começaram a falar, atropelando um ao outro, assegurando-lhe que só haviam deixado bilhetes, do jeito que ela havia mandado. Assentindo, ela mandou que se casassem com

um gesto e dirigiu um olhar muito sério a Rand. — O que está feito já está tecido no Padrão. Lan?

— Os cavalos estão prontos — disse o Guardião —, e temos provisões de sobra para chegarmos a Baerlon. Podemos partir a qualquer momento. Síguero agora.

— Não sem mim. — Egwene entrou de mansinho no estábulo, uma trouxa envolta num xale em seus braços. Rand quase tropeçou nos próprios pés.

Metade da espada de Lan já estava fora da bainha; quando ele viu quem era, enfiou a espada de volta, os olhos subitamente sem emoção. Perrin e Mat começaram a gaguejar, tentando convencer Moiraine de que não haviam contado a Egwene nada sobre a partida. A Aes Sedai os ignorou; ela simplesmente olhou para Egwene, tamborilando pensativa nos lábios com a ponta do dedo.

O capuz do manto marrom-escuro de Egwene estava levantado, mas não o suficiente para esconder a forma desafiadora como ela encarava Moiraine.

— Tenho tudo de que preciso aqui. Incluindo comida. E não serei deixada para trás. Provavelmente nunca terei outra chance de ver o mundo além dos Dois Rios.

— Esta não é uma viagem de piquenique para a Floresta das Águas, Egwene — grunhiu Mat. Ele deu um passo para trás quando ela olhou para ele sob as sobrelanceiras franzidas.

— Obrigada, Mat. Eu nem teria imaginado. Vocês três acham que são os únicos que querem ver o que há lá fora? Eu sonho com isso há tanto tempo quanto vocês e não pretendo deixar esta chance escapar.

— Como foi que descobriu que estávamos partindo? — quis saber Rand. — De qualquer maneira, você não pode ir conosco. Não estamos indo embora porque é divertido. Os Trollocs estão atrás de nós. — Ela lhe lançou um olhar tolerante, e ele ficou vermelho e se empetigou, indignado.

— Primeiro — ela explicou pacientemente —, vi Mat andando de um lado para o outro todo sorrateiro, esforçando-se para não ser notado. Depois vi Perrin tentando esconder esse machadão absurdo embaixo do manto. Eu sabia que Lan havia comprado um cavalo e subitamente me perguntei por que ele precisava de outro. E se ele podia comprar um, podia comprar outros. Juntando isso a Mat e Perrin se esgueirando como novinhos fingindo serem raposas... ora, eu só podia ver uma resposta. Não sei se fico surpresa ou não por encontrar você aqui, Rand, depois de todas aquelas conversas sobre seus sonhos. Com Mat e Perrin envolvidos, suponho que deveria ter sabido que você estaria dentro também.

— Preciso ir, Egwene — disse Rand. — Todos nós precisamos, ou os Trollocs voltarão.

— Os Trollocs! — Egwene riu, incrédula. — Rand, se você decidiu ver um pouco do mundo, está tudo bem, mas, por favor, me poupe de suas histórias sem sentido.

— É verdade — confirmou Perrin enquanto Mat começava:

— Os Trollocs...

— Chega — disse Moiraine baixinho, mas cortou a conversa deles tão afiada quanto uma faca. — Será que mais alguém notou isso? — A voz dela era suave, mas Egwene engoliu em seco e se endireitou antes de responder.

— Depois de ontem à noite, eles todos só conseguem pensar em reconstruir e no que fazer se acontecer novamente. Não conseguiriam ver mais nada, a menos que fosse enfiado bem embaixo de seus narizes. E eu não falei a ninguém sobre minhas suspeitas.

Ninguém.

— Muito bem — disse Moiraine depois de um momento. — Você pode vir conosco.

Uma expressão de espanto cruzou o rosto de Lan e desapareceu num instante, deixando-o calmo por fora. No entanto, palavras furiosas explodiram de dentro dele.

— Não, Moiraine!

— Agora faz parte do Padrão, Lan.

— Isso é ridículo! — ele retorquiu. — Não há motivo para ela vir junto, e todos os motivos para ela não vir.

— *Existe* um motivo para isso — disse Moiraine calmamente. — Uma parte do Padrão, Lan. — O rosto pálido do Guardião não demonstrava nada, contudo ele assentiu lentamente.

— Mas, Egwene — disse Rand —, os Trollocs estão nos caçando. Não ficaremos a salvo até chegarmos a Tar Valon.

— Não tentem me assustar — disse ela. — Eu vou.

Rand conhecia aquele tom de voz. Ele não o ouvia desde que ela decidira que escalar as árvores mais altas era coisa de criança, mas lembrava-se bem dele.

— Se você acha que ser caçada por Trollocs vai ser divertido... — começou ele.

Mas Moiraine o interrompeu:

— Não temos tempo para isso. Precisamos estar o mais longe possível daqui até o amanhecer. Se ela for deixada para trás, Rand, pode despertar a aldeia antes de termos percorrido uma milha, e isso certamente alertaria o Myrddraal.

— Eu não faria isso — protestou Egwene.

— Ela pode ir no cavalo do menestrel — disse o Guardião. — Vou deixar o bastante para que ele compre outro.

— Isso não será possível — disse a voz ressonante de Thom Merrilin, vinda do jirau de feno. A espada de Lan deixou a bainha dessa vez, e ele não tornou a guardá-la ao olhar para o menestrel no alto.

Thom atirou um cobertor enrolado para baixo, depois jogou os estojos da flauta e da harpa nas costas e alforjes enormes nos ombros.

— Esta aldeia agora não tem serventia para mim, e, além disso, eu nunca me apresentei em Tar Valon. E, embora normalmente viaje sozinho, depois de ontem à noite não faço nenhuma objeção a viajar acompanhado.

O Guardião lançou um olhar duro a Perrin, que se mexeu, desconfortável.

— Não me ocorreu olhar no jirau — ele murmurou.

Enquanto o menestrel de pernas compridas descia, célere, a escada do jirau, Lan disse, formal e rígido:

— Isto também faz parte do Padrão, Moiraine Sedai?

— Tudo faz parte do Padrão, meu velho amigo — respondeu Moiraine suavemente. — Não somos nós que escolhemos. Mas veremos.

Thom pôs os pés no chão do estábulo e afastou-se da escada, limpando palha do manto coberto de remendos.

— Na verdade — disse ele num tom mais normal —, pode-se dizer que insisto em viajar acompanhado. Passei muitas horas e muitas canecas de cerveja pensando em como poderia terminar meus dias. O caldeirão de um Trolloc não era uma de minhas opções. — Ele olhou de esguelha para a espada do Guardião. — Não há necessidade

disso. Não sou um queijo para você sair fatiando.

— Mestre Merrilin — disse Moiraine —, precisamos ir rápido, e quase certamente em grande perigo. Os Trollocs ainda estão lá fora, e nós viajamos à noite. Tem certeza de que quer ir conosco?

Thom olhou para todos com um sorriso zombeteiro.

— Se não é perigoso demais para a garota não pode ser perigoso demais para mim. Além disso, que menestrel não enfrentaria um perigozinho para se apresentar em Tar Valon?

Moiraine assentiu, e Lan enfiou a espada na bainha. Rand subitamente se perguntou o que teria acontecido se Thom tivesse mudado de ideia ou se Moiraine não tivesse concordado. O menestrel começou a encilhar seu cavalo como se tais pensamentos jamais lhe tivessem passado pela cabeça, mas Rand reparou nele olhando para a espada de Lan mais de uma vez.

— Bem — disse Moiraine —, que cavalo temos para Egwene?

— Os cavalos do mascate são tão ruins quanto os Dhurrans — respondeu com azedume o Guardião. — Fortes, mas andam devagar.

— Bela — disse Rand, recebendo de Lan um olhar que o fez desejar ter ficado calado. Mas sabia que não conseguiria dissuadir Egwene; a única coisa que restava fazer era ajudar. — Bela pode não ser tão veloz quanto os outros, mas é forte. Monto nela às vezes. Ela consegue acompanhar o ritmo.

Lan olhou para a baía de Bela, resmungando entredentes:

— Talvez seja um pouco melhor que os outros — disse ele finalmente. — Acho que não temos escolha.

— Então ela terá de servir — disse Moiraine. — Rand, ache uma sela para Bela. Depressa, vamos! Já protelamos muito.

Rand escolheu apressadamente uma sela e um cobertor no depósito do estábulo, depois pegou Bela na baía. A égua olhou-o com uma surpresa sonolenta quando ele pôs a sela em suas costas. Quando ele a cavalgava, era em pelo; ela não estava acostumada à sela. Ele emitiu sons tranquilizadores enquanto apertava a correia, e ela aceitou aquele ato estranho sem fazer nada além de balançar a crina.

Tirando a trouxa de Egwene das mãos dela, ele a amarrou atrás da sela enquanto ela montava e ajustava as saias. Como estas não eram divididas para montar, suas meias de lã ficaram à mostra até o joelho. Ela calçava os mesmos sapatos de couro macio que todas as outras garotas da aldeia, nem um pouco adequados para viajar até a Colina da Vigília, muito menos até Tar Valon.

— Ainda acho que você não deveria vir — ele disse. — Eu não estava inventando aquilo sobre os Trollocs. Mas prometo que vou tomar conta de você.

— Talvez eu tome conta de você — respondeu ela com irreverência. Diante do olhar exasperado de Rand ela sorriu e se curvou para alisar seus cabelos. — Sei que vai cuidar de mim, Rand. Nós vamos cuidar um do outro. Mas agora é melhor você tratar de montar no seu cavalo.

Rand se deu conta de que todos os demais já estavam montados e esperando por ele. O único cavalo sem cavaleiro era Nuvem, um tordilho alto de crina e cauda pretas que pertencia a Jon Thane, ou pertencera. Ele subiu na sela, embora não sem certa dificuldade, pois o tordilho começou a virar a cabeça e andar de lado quando Rand pôs o pé no estribo, e a bainha da espada prendeu em suas pernas. Não fora por acaso que seus

amigos não haviam escolhido Nuvem. Mestre Thane frequentemente colocava o veloz tordilho para correr contra os cavalos dos mercadores, e até onde Rand sabia ele nunca perdera; por outro lado, também nunca soubera de Nuvem sendo fácil para seus cavaleiros. Lan devia ter oferecido um valor alto para fazer o moleiro vendê-lo. Quando se ajeitou na sela, a dança de Nuvem aumentou, como se o tordilho estivesse ansioso para correr. Rand agarrou as rédeas com firmeza e tentou pensar que não teria problemas. Talvez, convencendo a si mesmo, conseguisse convencer também o cavalo.

Uma coruja piou na noite lá fora, e os aldeões do grupo se assustaram antes de saber o que era. Riram de nervoso e trocaram olhares envergonhados.

— Da próxima, camundongos-do-mato vão nos fazer trepar em árvores — disse Egwene com um riso inseguro.

Lan balançou a cabeça.

— Melhor que tivessem sido lobos.

— Lobos! — exclamou Perrin, e o Guardião lhe dirigiu um olhar sem expressão.

— Lobos não gostam de Trollocs, ferreiro, e Trollocs não gostam de lobos, nem tampouco de cães. Se eu ouvisse lobos, teria certeza de que não havia Trollocs à nossa espera lá fora. — Ele saiu na noite enluarada, conduzindo lentamente seu grande cavalo preto.

Moiraine o seguiu sem nenhuma hesitação, e Egwene esforçou-se para manter-se ao lado da Aes Sedai. Rand e o menestrel iam na retaguarda, atrás de Mat e Perrin.

Os fundos da estalagem estavam escuros e silenciosos, e as sombras criadas pelo luar pintalgavam o pátio do estábulo. O ruído surdo e suave dos cascos desaparecia rapidamente, engolido pela noite. Na escuridão o manto do Guardião também fazia dele uma sombra. Somente a necessidade de deixá-lo ir na frente evitava que os outros se aglomerassem ao seu redor. Sair da aldeia sem serem vistos não ia ser tarefa fácil, deduziu Rand ao se aproximar do portão. Pelo menos, sem serem vistos pelos aldeões. Muitas janelas na aldeia emitiam uma luz amarela baça, e embora esses brilhos parecessem muito pequenos na noite, formas se moviam frequentemente dentro delas, vultos de aldeões aguardando para ver o que aquela noite lhes reservava. Ninguém queria ser apanhado de surpresa novamente.

Nas sombras profundas ao lado da estalagem, já prestes a deixar o pátio do estábulo, Lan se deteve de súbito, com um gesto brusco pedindo silêncio.

Botas ecoaram na Ponte das Carroças, e aqui e ali o luar reluzia em metal. As botas retiniam por toda a ponte, raspavam no cascalho e se aproximavam da estalagem. Nenhum som vinha dos que estavam nas sombras. Rand suspeitou que seus amigos, pelo menos, estavam assustados demais para fazer barulho. Como ele.

Os passos pararam diante da estalagem, na escuridão logo além da luz baça das janelas do salão. Somente quando Jon Thane deu um passo à frente, uma lança apoiada em seu ombro robusto, um velho colete quase estourando de apertado com discos de aço costurados no peito, foi que Rand viu quem eram. Uma dúzia de homens da aldeia e das fazendas ao redor, alguns usando capacetes ou peças de armadura que haviam ficado por gerações cobertos de poeira em sótãos, todos carregando uma lança, um machado ou uma foice enferrujada.

O moleiro espiou por uma janela do salão da estalagem, e então se virou com um seco: “Parece tudo bem por aqui.” Os outros formaram duas fileiras mal alinhadas atrás dele, e a patrulha marchou pela noite como se andasse ao som de três tambores

diferentes.

— Dois Trollocs Dha'vol comeriam esses aí todos no café da manhã — Lan resmungou quando o som das botas deles se extinguiu —, mas eles têm olhos e ouvidos. — Deu a volta com seu garanhão. — Vamos.

Lenta e silenciosamente, o Guardião os levou de volta pelo pátio do estábulo, descendo a margem por entre os salgueiros e entrando no Rio Fonte de Vinho. Tão perto da Fonte de Vinho, a água fria e veloz, brilhando enquanto turbilhonava por entre as patas dos cavalos, era funda o bastante para bater na sola das botas dos cavaleiros.

Escalando a outra margem, a fileira de cavalos seguiu o caminho, sob a direção segura do Guardião, mantendo-se distante das casas da aldeia. De tempos em tempos Lan parava, fazendo sinais a todos para que ficassem quietos, embora ninguém mais ouvisse ou visse nada. A cada vez que ele fazia isso, entretanto, outra patrulha de aldeões e fazendeiros num instante passava. Lentamente eles se encaminharam na direção do limite norte da aldeia.

Rand espiou as casas de telhado alto no escuro, tentando gravá-las na memória. *Que belo aventureiro eu sou*, ele pensou. Ainda não havia nem sequer saído da aldeia e já estava com saudades de casa. Mas não deixou de olhar.

Eles ultrapassaram as últimas casas de fazenda nos arredores da aldeia e entraram no campo, andando paralelamente à Estrada do Norte que levava a Barca do Taren. Rand pensou que seguramente nenhum céu noturno em nenhum lugar poderia ser tão bonito quanto o céu nos Dois Rios. A escuridão límpida parecia se estender eternamente, e miríades de estrelas brilhavam como pontos de luz espalhados por um cristal. A lua, faltando apenas uma fina fatia para ficar inteiramente cheia, parecia quase perto o bastante para que se pudesse tocá-la com a mão, se ele se esticasse, e...

Uma forma negra atravessou devagar a bola prateada da lua. Rand puxou involuntariamente as rédeas e deteve o tordilho. Um morcego, pensou sem muita convicção, mas sabia que não era. Morcegos eram algo normal de se ver à noite, perseguindo moscas e outros petiscos ao crepúsculo. As asas que carregavam aquela criatura podiam ter a mesma forma, mas tinham o movimento amplo, lento e poderoso de uma ave de rapina. E estava caçando. A maneira como voava para um lado e para outro em longos arcos não deixava dúvidas. O pior de tudo era o tamanho. Para um morcego parecer tão grande contra a lua, teria de estar quase ao alcance da mão. Tentou calcular em sua mente a que distância ele deveria estar, e qual o seu tamanho. O corpo deveria ser tão grande quanto o de um homem, e as asas... A criatura tornou a cruzar a face da lua, descendo subitamente e sendo engolido pela noite.

Ele não percebeu que Lan havia cavalgado de volta para onde ele estava até o Guardião segurar seu braço.

— O que está olhando aí parado, garoto? Precisamos continuar. — Os outros esperavam atrás de Lan.

Quase esperando que lhe dissessem que ele estava deixando o medo pelos Trollocs tomar conta de seus sentidos, Rand contou o que tinha visto. Torceu para que Lan descartasse suas observações e atribuísse a aparição a um morcego ou a um truque de seus olhos.

Lan grunhiu uma palavra, como se ela lhe deixasse um gosto ruim na boca.

— Draghkar. — Egwene e os outros companheiros dos Dois Rios olharam nervosos para o céu em todas as direções, mas o menestrel gemeu baixinho.

— Sim — disse Moiraine. — É demais esperar outra coisa. E se o Myrddraal tem um Dragkar ao seu comando, então ele logo saberá onde estamos, se é que já não sabe. Precisamos seguir mais rápido do que nos é possível pelo campo. Ainda podemos chegar a Barca do Taren antes do Myrddraal, e ele e seus Trollocs não atravessarão com a mesma facilidade que nós.

— Um Dragkar? — perguntou Egwene. — O que é isso?

Foi Thom Merrilin quem respondeu, a voz rouca:

— Na guerra que acabou com a Era das Lendas, coisas piores que Trollocs e Meios-homens foram criadas.

A cabeça de Moiraine virou-se bruscamente enquanto ele falava. Nem mesmo a escuridão pôde esconder a intensidade de seu olhar.

Antes que qualquer um pudesse perguntar mais coisas ao menestrel, Lan pôs-se a dar instruções:

— Agora vamos pegar a Estrada do Norte. Por suas vidas, sigam-me, mantenham o ritmo e fiquem juntos.

Ele deu meia-volta com seu cavalo, e os outros galoparam atrás dele sem dizer uma palavra.





A Estrada para Barca do Taren

Na terra batida da Estrada do Norte, os cavalos se alongavam, caudas e crinas ondulando para trás ao luar enquanto corriam para norte, os cascos marcando um ritmo constante. Lan ia à frente, o cavalo negro e o cavaleiro envolto em sombras quase invisíveis na noite fria. A égua branca de Moiraine, acompanhando o garanhão passo a passo, era um dardo pálido em disparada pela escuridão. O resto seguia numa linha firme, como se estivessem todos atados a uma corda com uma ponta nas mãos do Guardião.

Rand galopava por último na fila, com Thom Merrill logo à sua frente e os outros menos visíveis mais adiante. O menestrel não virava a cabeça, reservando os olhos para onde eles corriam, não para aquilo de que estavam correndo. Se Trollocs aparecessem por trás, ou o Desvanecido em seu cavalo silencioso, ou aquela criatura voadora, o Dragkar, caberia a Rand soar um alarme.

A cada poucos minutos ele virava o pescoço para olhar para trás enquanto se agarrava à crina e às rédeas de Nuvem. O Dragkar... Pior que Trollocs e Desvanecidos, dissera Thom. Mas o céu estava vazio, e seus olhos encontravam somente a escuridão e as sombras no solo. Sombras que podiam ocultar um exército.

Agora que o tordilho havia sido deixado livre para correr, o animal disparava pela noite como um fantasma, acompanhando facilmente o ritmo do garanhão de Lan. E Nuvem queria ir ainda mais rápido. Rand tinha de ter a mão firme nas rédeas para contê-lo. Nuvem forçava o bridão como se achasse que aquilo era uma corrida, lutando contra ele pelo domínio a cada passo. Rand se agarrava à sela e às rédeas com cada músculo. Torcia fervorosamente para que sua montaria não percebesse o quanto estava apreensivo. Se isso acontecesse, ele perderia a única vantagem, ainda que precária, que possuía.

Quase deitado no pescoço de Nuvem, Rand olhava preocupado para Bela e sua amazona. Quando dissera que a égua peluda podia acompanhar os outros, não quisera dizer naquele galope. Ela só conseguia segui-los correndo de um jeito que ele não achava que ela fosse capaz. Lan não quisera Egwene entre eles. Será que ele diminuiria a velocidade por causa dela se Bela começasse a fraquejar? Ou tentaria deixá-la para trás? A Aes Sedai e o Guardião achavam que Rand e seus amigos eram importantes de alguma forma, mas, apesar de toda a conversa de Moiraine sobre o Padrão, ele não achava que incluíssem Egwene nessa importância.

Se Bela ficasse para trás, ele também ficaria, independentemente do que Moiraine e Lan tivessem a dizer a respeito. Para trás, onde o Desvanecido e os Trollocs estavam. Para trás, onde o Draghar estava. Com todo seu coração e desespero, ele gritou em silêncio para Bela correr como o vento, tentou silenciosamente instilar força nela. *Corra!* Sua pele se arrepiou, e ele teve a impressão de que seus ossos estavam congelando, prontos para rachar ao meio. *Que a Luz a ajude! Corra!* E Bela correu.

Sempre em frente eles disparavam, para o norte noite adentro, o tempo desaparecendo num borrão indistinto. De quando em quando surgiam luzes de casas de fazenda, e então desapareciam com a rapidez da imaginação. Os latidos desafiadores dos cães ficavam rapidamente para trás ou eram interrompidos de súbito quando os cães concluíam que haviam afugentado os intrusos. Os cavaleiros disparavam, atravessando a escuridão aliviada somente pela luz pálida e aguada do luar, uma escuridão onde árvores surgiam sem aviso ao longo da estrada e depois desapareciam. De resto, a penumbra os cercava, e apenas o pio de um solitário pássaro noturno, isolado e tristonho, perturbava o ritmo constante dos cascos.

Bruscamente Lan reduziu a velocidade e fez a fileira de cavalos parar. Rand não tinha certeza de quanto tempo fazia que estavam cavalgando, mas uma leve dor tomava suas pernas de tanto se agarrar à sela. À frente deles na noite, luzes tremeluziram, como se houvesse um enxame enorme de vaga-lumes entre as árvores.

Rand franziu a testa, intrigado, e então subitamente arquejou de surpresa. Os vagalumes eram janelas, as janelas das casas que cobriam as laterais e o topo de uma colina. Ali era a Colina da Vigília. Ele mal conseguia acreditar que houvessem chegado tão longe. Provavelmente nunca ninguém havia feito aquela jornada tão rápido quanto eles. Seguindo o exemplo de Lan, Rand e Thom Merrill desmontaram. Nuvem ficou parado, de cabeça baixa, os flancos subindo e descendo. Uma espuma, quase indistinta nos flancos cor de fumaça do cavalo, pontilhava aqui e ali o pescoço e os ombros do tordilho. Rand pensou que Nuvem não carregaria mais ninguém naquela noite.

— Por mais que eu queira deixar todas essas aldeias para trás — anunciou Thom —, algumas horas de descanso não fariam mal agora. Decerto temos dianteira suficiente para fazer isso, não é?

Rand esticou-se, massageando as costas.

— Se vamos parar pelo resto da noite na Colina da Vigília, bem que poderíamos ir à aldeia.

Uma rajada de vento errante trouxe um fragmento de canção da aldeia, e aromas de comida fizeram sua boca encher-se d'água. Eles ainda estavam celebrando na Colina da Vigília. Não houvera Trollocs perturbando o Bel Tine deles. Rand procurou por Egwene. Ela estava escorada em Bela, curvada de cansaço. Os outros estavam desmontando também, com muitos suspiros, alongando os músculos doloridos. Apenas o Guardião e

a Aes Sedai não demonstravam sinal visível de fadiga.

— Eu bem que gostaria de um pouco de cantoria — acrescentou Mat, cansado. — E quem sabe uma fatia de torta de carneiro quentinha no Javali Branco. — Fazendo uma pausa, acrescentou: — Nunca fui além da Colina da Vigília. O Javali Branco não chega nem perto da Estalagem Fonte de Vinho.

— O Javali Branco não é tão ruim — disse Perrin. — Uma torta de carneiro para mim também. E muito chá quente para tirar a friagem dos meus ossos.

— Não podemos parar até cruzarmos o Taren — disse Lan bruscamente. — Não por mais de alguns minutos.

— Mas os cavalos — protestou Rand. — Vamos matá-los de tanto cavalgar se tentarmos avançar mais esta noite. Moiraine Sedai, certamente você...

Ela havia notado vagamente que ela estivera caminhando entre os cavalos, mas não havia prestado atenção ao que fazia. Ela passou por ele e pousou as mãos no pescoço de Nuvem. Rand ficou em silêncio. Subitamente o cavalo jogou a cabeça para trás com um relincho suave, quase arrancando as rédeas da mão de Rand. O tordilho dançou num passo para o lado, descansado como se tivesse passado uma semana num estábulo. Sem dizer uma só palavra, Moiraine foi até Bela.

— Eu não sabia que ela podia fazer isso — disse Rand baixinho para Lan, o rosto quente.

— Você, de todas as pessoas, deveria ter suspeitado disso — replicou o Guardião. — Você a viu com seu pai. Ela levará toda a fadiga embora. Primeiro dos cavalos, depois de vocês.

— De nós. De você não?

— Não de mim, pastor. Eu não preciso, ainda não. E nem dela. O que ela pode fazer por outros não pode fazer por si. Somente um de nós cavalgará cansado. É melhor torcer para que ela não fique cansada demais antes de chegarmos a Tar Valon.

— Cansada demais para quê? — Rand perguntou ao Guardião.

— Você tinha razão quanto à sua Bela, Rand — disse Moiraine de onde estava, em pé ao lado da égua. — Ela tem um bom coração, e é tão teimosa quanto o resto de vocês, gente dos Dois Rios. Por estranho que pareça, ela é a menos cansada de todos.

Um grito rasgou a escuridão, como se viesse de um homem morrendo sob o ataque de facas afiadas, e asas deram um voo rasante sobre o grupo. Com gritos de pânico, os cavalos empinaram selvagememente.

O vento das asas do Dragkar atingiu Rand com uma sensação semelhante ao toque de algo gosmento, como um tremor na penumbra úmida de um pesadelo. Ele não teve tempo sequer de sentir medo, pois Nuvem explodiu no ar com um grito próprio, contorcendo-se desesperadamente como se tentasse se livrar de algo que o agarrava. Rand, segurando-se às rédeas, foi derrubado e arrastado, o grande tordilho gritando como se sentisse lobos dilacerando seus flancos.

De algum modo Rand conseguiu manter-se agarrado às rédeas; usando tanto a outra mão quanto as pernas, ele conseguiu ficar de pé, cambaleando e saltando para evitar cair novamente. Sua respiração era ofegante, desesperada. Não podia deixar Nuvem fugir. Estendeu uma das mãos freneticamente, não deixando a rédea escapar por um triz. Nuvem empinou, erguendo-o no ar; Rand se agarrou, indefeso, torcendo sem esperança que o cavalo se aquietasse.

O choque de voltar ao chão abalou Rand até os dentes, mas subitamente o tordilho

parou, as narinas resfolegando e os olhos revirando, tremendo, as pernas rígidas. Rand também tremia, quase soltando as rédeas. *Esse solavanco deve ter abalado esse bicho tolo também*, pensou. Ele respirou bem fundo, estremeecendo, umas três ou quatro vezes. Só então conseguiu olhar ao redor e ver o que havia acontecido aos outros.

O caos reinava no grupo. Eles seguravam as rédeas contra cabeças que sacudiam, tentando com pouco sucesso acalmar os cavalos, que empinavam e os arrastavam num pandemônio. Aparentemente, apenas dois deles não estavam tendo problema com suas montarias. Moiraine encontrava-se sentada ereta em sua sela, a égua branca afastando-se delicadamente da confusão como se nada fora do comum tivesse acontecido. Desmontado, Lan vasculhava o céu, espada numa das mãos e rédeas na outra, o esguio ganhão preto parado quieto ao seu lado.

Os sons de alegria e festa não vinham mais da Colina da Vigília. As pessoas na aldeia também deviam ter ouvido o grito. Rand sabia que eles iriam apurar os ouvidos por um tempo, e talvez procurar ver o que havia provocado isso, e depois retornando às suas festividades. Logo eles esqueceriam o incidente, a lembrança submersa pela canção, pela comida, pela dança e pela alegria. Talvez, quando ouvissem a notícia do que havia acontecido em Campo de Emond, alguns se lembrassem e se perguntassem. Uma rabeca começou a tocar, e depois de um momento uma flauta se juntou a ela. A aldeia estava retomando sua celebração.

— Montem! — Lan ordenou secamente. Embainhando a espada, pulou em cima do ganhão. — O Dragkar não teria se revelado a menos que já tivesse relatado nosso paradeiro para o Myrddraal. — Outro grito agudo e estridente veio do alto, muito distante, mais fraco, mas não menos assustador. A música que vinha da Colina da Vigília parou uma vez mais. — Está nos rastreando agora, nos marcando para o Meio-homem. Ele não deve estar longe.

Os cavalos, agora tanto descansados quanto apavorados, empinavam e recuavam, afastando-se dos que tentavam montá-los. Thom Merrilin, praguejando, foi o primeiro a montar, mas os outros o acompanharam logo em seguida. Todos, menos um.

— Depressa, Rand! — gritou Egwene. O grito agudo do Dragkar soou novamente, e Bela correu alguns passos antes que ela conseguisse puxar as rédeas. — Depressa!

Com um sobressalto, Rand percebeu que, em vez de tentar montar Nuvem, ele havia ficado ali parado, olhando para o céu numa tentativa vã de localizar a fonte daqueles gritos tenebrosos. E mais: sem se dar conta, ele havia puxado a espada de Tam como se fosse combater a coisa voadora.

Seu rosto ficou vermelho, e ele sentiu-se agradecido pela noite que o ocultava. Desajeitado, com uma das mãos ocupada pelas rédeas, tornou a embainhar a lâmina, olhando apressadamente para os outros. Moiraine, Lan e Egwene o fitavam, embora ele não pudesse ter certeza do quanto podiam ver ao luar. O restante do grupo parecia concentrado demais em manter seus cavalos sob controle para prestar atenção nele. Rand pôs uma das mãos no punho da espada e alcançou a sela num salto, como se tivesse feito isso a vida inteira. Se algum de seus amigos havia notado a espada, ele certamente teria de ouvir por isso depois. Haveria tempo suficiente para se preocupar com aquilo mais tarde.

Assim que ele se viu na sela, todos dispararam a galope novamente, subindo a estrada e a colina em forma de cúpula. Cães latiram na aldeia; a passagem deles não foi inteiramente ignorada. *Ou talvez os cães estivessem farejando Trollocs*, pensou Rand. Os latidos e as luzes da aldeia desapareceram rapidamente atrás deles.

Galopavam em um grupo compacto, os cavalos quase se esbarrando durante a carreira. Lan ordenou que se espalhassem novamente, mas ninguém queria ficar nem mesmo um pouco sozinho na noite. Um grito veio lá do alto. O Guardião cedeu e deixou que todos corressem aglomerados.

Rand estava logo atrás de Moiraine e Lan, o tordilho forçando para meter-se entre o preto do Guardião e a égua esguia da Aes Sedai. Egwene e o menestrel ladeavam-no, enquanto os amigos de Rand se aglomeravam atrás. Nuvem, incitado pelos gritos do Dragkar, disparava, e não havia nada que Rand pudesse fazer para diminuir sua velocidade, mesmo que quisesse, e no entanto o tordilho não conseguia ganhar um passo sequer em relação aos dois outros cavalos.

O grito do Dragkar desafiava a noite.

A robusta Bela corria com o pescoço esticado, cauda e crina voando ao vento de seu galope, acompanhando cada passo dos cavalos maiores. *A Aes Sedai deve ter feito mais do que simplesmente livrá-la da fadiga.*

O rosto de Egwene sorria ao luar, encantado e empolgado. Sua trança voava atrás, como a crina dos cavalos, e o brilho no olhar dela não se devia inteiramente à lua, Rand tinha certeza. Sua boca escancarou-se, surpreso, até engolir um inseto que o fez começar a tossir.

Lan devia ter feito alguma pergunta, pois Moiraine subitamente gritou acima do vento e do tropel dos cascos.

— Não posso! Ainda mais das costas de um cavalo a galope. Eles não são fáceis de matar, mesmo quando podem ser vistos. Precisamos correr e torcer.

Eles galoparam por uma neblina rala, que não passava da altura dos joelhos dos cavalos. Nuvem a atravessou em dois passos, e Rand piscou, perguntando-se se a teria imaginado. Certamente a noite estava fria demais para que houvesse neblina. Mais um trecho de cinza rarefeito passou por eles de um lado, maior que o primeiro. Estava aumentando, como se a neblina brotasse do chão. Acima deles, o Dragkar gritou de fúria. A neblina envelopou os cavaleiros por um breve momento e desapareceu, voltou e sumiu outra vez. A névoa gelada deixou uma umidade fria no rosto e nas mãos de Rand. Então, uma muralha cinza-clara assomou adiante, e eles foram subitamente envolvidos. Sua densidade abafava o som dos cascos, e os gritos vindos do alto pareciam soar do outro lado de uma parede. Rand mal conseguia distinguir as formas de Egwene e Thom Merrilin, um de cada lado.

Lan não reduziu o ritmo.

— Só podemos estar indo para um lugar — ele gritou, sua voz soando oca e sem direção.

— Os Myrddraal são astutos — replicou Moiraine. — Vou usar sua própria astúcia contra eles. — Galoparam em silêncio.

Uma neblina cor de ardósia obscureceu tanto o céu quanto o chão, de forma que os próprios cavaleiros, eles mesmos transformados em sombras, pareceram flutuar entre nuvens noturnas. Até as patas de seus cavalos pareciam ter desaparecido.

Rand mudou de posição na sela, encolhendo-se e tentando esquivar-se à neblina gelada. Saber o que Moiraine podia fazer, até mesmo vê-la em ação, era uma coisa; ter aquilo deixando uma umidade em sua pele era outra inteiramente diferente. Ele percebeu que estava contendo a respiração também, e chamou a si mesmo de idiota. Não podia cavalgar até Barca do Taren sem respirar. Ela havia usado o Poder Único em Tam, e ele

parecia bem. Mesmo assim, Rand teve de se obrigar a soltar o ar e respirar. O ar era pesado, mas, ainda que mais frio, não era diferente do de qualquer outra noite de neblina. Disse isso a si mesmo, mas não tinha certeza de que acreditava.

Lan os incentivou a ficarem próximos, a ficarem onde cada um pudesse ver a silhueta dos outros naquele cinza úmido e gelado. No entanto, nem assim o Guardião abrandou a corrida mortal de seu garanhão. Lado a lado, Lan e Moiraine lideravam em meio à neblina como se conseguissem ver claramente o que jazia adiante. O restante só podia confiar e seguir. E torcer.

Os gritos agudos que os haviam caçado foram desaparecendo enquanto eles galopavam, e então sumiram, mas isso não lhes deu muito consolo. Floresta e casas de fazenda, lua e estrada estavam encobertas e ocultas. Cães ainda latiam, latidos ocos e distantes na névoa cinza, quando eles passavam por fazendas, mas não havia outro som que não o tamborilar surdo dos cascos de seus cavalos. Nada naquela neblina acinzentada e inexpressiva mudava. Nada dava qualquer pista da passagem do tempo, exceto a crescente dor nas costas e nas pernas.

Rand tinha certeza de que deviam ter se passado horas. Suas mãos haviam agarrado as rédeas até ele não ter mais certeza de que poderia soltá-las, e ele se perguntava se um dia voltaria a andar direito. Só olhou para trás uma vez. Sombras na neblina corriam atrás dele, mas não podia sequer ter certeza do número delas. Ou sequer de que fossem mesmo seus amigos. A friagem e a umidade penetravam em seu manto, casaco e camisa, encharcavam-lhe os ossos, ou pelo menos assim parecia. Apenas o ar que passava por seu rosto em rajadas e o movimento do cavalo abaixo dele lhe diziam que estava se deslocando. Deviam ter se passado horas.

— Devagar — gritou Lan subitamente. — Puxar rédeas.

Rand levou um susto tão grande que Nuvem forçou passagem entre Lan e Moiraine, avançando meia dúzia de passos antes que ele conseguisse puxar o grande tordilho até parar e olhasse à sua volta.

Casas assomavam por toda parte em meio à neblina, casas estranhamente altas para os olhos de Rand. Ele nunca tinha visto aquele lugar antes, mas já ouvira descrições com frequência. A altura se devia a fundações altas de pedra vermelha, necessárias quando o degelo de primavera das Montanhas da Névoa fazia o Taren transbordar. Eles haviam chegado a Barca do Taren.

Lan passou por ele trotando com o cavalo de batalha preto.

— Não tenha tanta pressa, pastor.

Desconcertado, Rand voltou a seu lugar sem explicar enquanto o grupo avançava aldeia adentro. Seu rosto estava quente, e naquele momento a neblina foi bem-vinda.

Um cão solitário, invisível na cerração fria, latiu para eles furiosamente, depois fugiu. Aqui e ali uma luz aparecia numa janela quando algum madrugador se levantava. Além do cão, nenhum som, a não ser o tropel abafado dos cascos dos seus cavalos, perturbava a última hora da noite.

Rand não havia conhecido muitas pessoas de Barca do Taren. Tentou se lembrar do pouco que sabia a respeito delas. Raramente se aventuravam na área que chamavam de “aldeias de baixo”, com seu nariz empinado como se sentissem o cheiro de algo ruim. Os poucos que havia conhecido tinham nomes estranhos, como Morroalto e Barcodepedra. No todo, a gente de Barca do Taren tinha a reputação de astuta e traiçoeira. Se você apertasse a mão de um homem de Barca do Taren, diziam, era melhor contar os dedos

depois.

Lan e Moiraine pararam diante de uma casa alta e escura que era exatamente como qualquer outra na aldeia. A neblina turbilhonou ao redor do Guardião como fumaça quando ele pulou da sela e subiu as escadas que levavam até a porta da frente, cuja soleira ficava no nível da cabeça deles. No topo das escadas, Lan bateu forte com seu punho na porta.

— Achei que ele quisesse silêncio — Mat resmungou.

Lan continuou batendo com força. Uma luz apareceu na janela da casa ao lado, e alguém gritou com raiva, mas o Guardião continuou esmurando a porta.

Subitamente a porta foi escancarada por um homem vestindo um camisolão que drapejava ao redor de seus tornozelos nus. Um lampião a óleo numa das mãos iluminava um rosto estreito com traços pontudos. Ele abriu a boca com raiva, e então deixou-a aberta enquanto sua cabeça girava para abarcar a neblina, os olhos arregalados.

— O que é isso? — perguntou. — O que é isso? — Tentáculos cinza gelados se enroscaram na porta, e ele apressadamente recuou, afastando-se deles.

— Mestre Torrealta — disse Lan. — Justamente o homem de que preciso. Queremos atravessar em sua barca.

— Ele nunca, jamais, viu uma torre alta. — Mat riu.

Rand gesticulou para que seu amigo calasse a boca. O sujeito de rosto afilado levantou o lampião mais alto e olhou desconfiado para todos eles.

Depois de um minuto, Mestre Torrealta disse, irritado:

— A barca sai em dia claro. Não de noite. Nunca. E também não com esta neblina. Voltem quando o sol estiver alto e a neblina houver sumido.

Ele começou a se virar, mas Lan agarrou seu pulso. O barqueiro abriu a boca, furioso. O ouro reluziu à luz do lampião quando o Guardião contou moedas uma a uma na palma do outro. Torrealta passou a língua pelos lábios enquanto as moedas caíam, e sua cabeça aproximou-se um pouco da mão, como se ele não conseguisse acreditar no que via.

— E a mesma quantia — disse Lan — quando estivermos em segurança do outro lado. Mas partimos agora.

— Agora? — Mastigando o lábio inferior, o homem com cara de fuinha mexeu os pés, espiou a noite carregada de neblina e subitamente concordou. — Agora será, então. Bem, largue o meu punho. Preciso acordar meus puxadores. Vocês não acham que eu puxo a barca sozinho, acham?

— Vou esperar na barca — disse Lan sem emoção. — Por um tempo. — Ele soltou a mão que segurava o barqueiro.

Mestre Torrealta levou o punhado de moedas ao peito e, assentindo, fechou a porta apressadamente com o quadril.





Cruzando o Taren

Lan desceu as escadas, dizendo ao grupo que desmontasse e conduzisse os cavalos atrás dele pela neblina. Mais uma vez eles tiveram de confiar em que o Guardião soubesse para onde estava indo. A neblina turbilhonava ao redor dos joelhos de Rand, ocultando seus pés, obscurecendo tudo por mais de um metro de distância. A névoa não era tão pesada quanto havia sido fora da cidade, mas ele mal conseguia distinguir seus companheiros.

Ainda não se via nenhum ser humano na noite, à exceção deles próprios. Mais algumas janelas mostravam luzes, mas a neblina espessa transformava a maioria delas em borrões indistintos, e frequentemente aquele luzir nebuloso, pendendo ao cinza, era tudo o que se podia ver. Outras casas, revelando um pouco mais, pareciam flutuar em um mar de nuvens ou irromper abruptamente da neblina enquanto suas vizinhas permaneciam escondidas, de forma que pareciam erguer-se sozinhas num raio de várias milhas.

Rand se movia com rigidez em razão da dor causada pela longa cavalgada, perguntando-se se havia algum jeito de andar o resto do caminho até Tar Valon. Não que caminhar fosse muito melhor do que cavalgar naquele momento, claro, mas seus pés eram praticamente a única parte dele que não estava dolorida. Pelo menos ele estava acostumado a caminhar.

Apenas uma vez alguém falou alto o suficiente para que Rand ouvisse com clareza.

— Você precisa cuidar disso — afirmou Moiraine em resposta a algo que Lan disse mas que Rand não ouviu. — Ele já vai se lembrar de coisas demais do jeito que está, e não há o que fazer quanto a isso. Se eu sobressair em seus pensamentos...

Rand, irritado, mexeu o manto agora encharcado nos ombros, mantendo-se próximo aos outros. Mat e Perrin queixavam-se, murmurando baixinho, contendo suas

exclamações sempre que um davam uma topada em algo invisível. Thom Merrill também resmungava, palavras como “refeição quentinha” e “fogo”, “vinho quente” chegando até Rand, mas nem o Guardião nem a Aes Sedai notavam. Egwene os acompanhava sem dizer uma palavra, as costas retas e a cabeça erguida. Sua marcha era um tanto dolorosamente hesitante, para dizer a verdade, pois ela estava tão desacostumada a cavalgar quanto os outros.

Egwene estava tendo sua aventura, ele pensou, sombrio, duvidando que ela fosse reparar em coisinhas como neblina, umidade ou frio. Devia haver uma diferença em como se viam as coisas, parecia a ele, dependendo se você procurava aventura ou se ela lhe era impingida. As histórias podiam sem dúvida fazer com que o galope em meio a uma neblina fria, com um Draghar e só a Luz sabia o que mais caçando você, parecesse algo emocionante; ele só sentia frio, umidade e a felicidade de se encontrar em uma aldeia novamente, ainda que fosse Barca do Taren.

Abruptamente ele bateu em uma coisa grande e quente na escuridão: o garanhão de Lan. O Guardião e Moiraine haviam parado, e o restante do grupo fez o mesmo, acariciando suas montarias tanto para consolar a si mesmos quanto aos animais. A neblina ali era um pouco mais fina, o suficiente para que eles vissem um ao outro com um pouco mais de clareza, mas não o bastante para distinguir muito mais. Seus pés ainda estavam ocultos pela névoa baixa, semelhante a uma água de enchente cinza. As casas pareciam ter sido todas engolidas.

Cautelosamente Rand levou Nuvem pouco adiante e ficou surpreso ao ouvir suas botas rasparem em tábuas de madeira. O cais da barca. Ele recuou com cuidado, fazendo o tordilho recuar também. Tinha ouvido falar em como era o cais de Barca do Taren — uma ponte que não levava a lugar nenhum, a não ser à barca. O Taren devia ser largo e profundo, com correntes traiçoeiras que podiam puxar para baixo o nadador mais forte. Bem mais largo que o Fonte de Vinho, ele supôs. Somando a isso a neblina... foi um alívio quando sentiu terra sob os pés novamente.

Um feroz “Hsst!” veio de Lan, tão agudo quanto a neblina. O Guardião fez um gesto para ele e correu para o lado de Perrin, abrindo o manto do jovem parrudo e expondo o machado. Obedientemente, mesmo que ainda sem entender, Rand jogou seu próprio manto por cima do ombro para deixar a espada à mostra. Quando Lan recuou rapidamente para seu cavalo, luzes flutuantes apareceram na neblina, e passos abafados se aproximaram.

Seis homens de rosto severo e roupas rústicas seguiam Mestre Torrealta. As tochas que eles carregavam queimavam a neblina, abrindo uma clareira ao redor. Quando pararam, todo o grupo de Campo de Emond podia ser visto com clareza, o grupo inteiro cercado por uma muralha cinzenta que parecia mais espessa pelo fato de a luz das tochas refletir-se nela. O barqueiro os examinou, a cabeça estreita inclinada, o nariz tremendo como uma doninha farejando a brisa em busca de uma armadilha.

Lan se inclinou contra a sela com aparente casualidade, mas uma das mãos repousava visivelmente sobre o longo punho de sua espada. Havia nele um quê de mola de metal, comprimida, à espera.

Rand apressou-se em copiar a pose do Guardião — pelo menos o gesto de pôr a mão na espada. Não achou que conseguiria aquela pose ameaçadora. *Eles provavelmente ririam se eu tentasse.*

Perrin afrouxou o machado no laço de couro e plantou os pés deliberadamente. Mat

levou a mão à sua aljava, embora Rand não tivesse certeza de em que condição a corda do arco se encontrava depois de ficar exposta a toda aquela umidade. Thom Merrill avançou grandiosamente e estendeu a mão vazia, girando-a lentamente. De repente ele fez um gesto com um floreio, e um punhal surgiu entre seus dedos. O cabo quicou em sua palma e, com uma súbita indiferença, Thom começou a aparar as unhas com a arma.

Uma risada baixa e deliciada partiu de Moiraine. Egwene bateu palmas como se estivesse assistindo a uma exibição no Festival, então parou, parecendo envergonhada, embora sua boca se contraísse num sorriso ainda assim.

Torrealt não parecia estar achando graça nenhuma. Ele encarou Thom, depois limpou a garganta ruidosamente.

— Mencionaram que haveria mais ouro para a travessia. — Ele correu os olhos por eles novamente, um olhar sombrio e astuto. — O que você me deu antes está num lugar seguro agora, ouviu? Onde nenhum de vocês pode pegar.

— O restante do ouro — disse-lhe Lan — vai para sua mão quando estivermos do outro lado. — A bolsa de couro pendurada em sua cintura tilintou quando ele a balançou um pouco.

Por um momento os olhos do barqueiro dardejaram, mas finalmente ele assentiu.

— Então vamos logo com isso — ele resmungou e dirigiu-se para o cais acompanhado por seus seis ajudantes. A neblina se desfazia ao redor deles quando se moviam; tentáculos cinza voltavam a se fechar às suas costas, preenchendo rapidamente o espaço onde haviam estado. Rand apressou-se para acompanhá-los.

A barca propriamente dita era uma barçaça de madeira com amuradas altas, na qual se embarcava através de uma rampa que podia ser elevada para bloquear a extremidade. Cabos da grossura do pulso de um homem percorriam cada lateral, amarrados em postes maciços na extremidade do cais e desaparecendo na noite sobre o rio. Os ajudantes do barqueiro fiaram suas tochas em suportes de ferro nas laterais da barca, esperaram enquanto todos conduziam seus cavalos a bordo, depois puxaram a rampa. O convés rangeu sob cascos e pés, e a barca se deslocou com o peso.

Torrealt resmungava entredentes, grunhindo para que eles segurassem firme os cavalos e se mantivessem no centro, fora do caminho dos puxadores. Ele gritava com seus ajudantes, chamando-lhes a atenção enquanto preparavam a barca para a travessia, mas os homens se moviam com a mesma velocidade relutante independentemente do que ele dizia, e ele mesmo não parecia muito convicto, frequentemente se interrompendo no meio do grito para erguer a tocha mais alto e espiar a neblina. Por fim, parou de gritar de vez e dirigiu-se à proa, onde ficou olhando para a névoa que cobria o rio. Ele não se moveu até que um dos puxadores tocou seu braço. Então, deu um pulo, fuzilando o homem com o olhar.

— O que foi? Ah, é você? Prontos? Já era hora. Bem, homem, o que está esperando? — Ele agitava os braços, sem prestar atenção na tocha e no jeito como os cavalos relinchavam e tentavam se afastar. — Levantar âncora! Vamos! Mexam-se! — O homem se foi, arrastando-se, para obedecer às ordens, e Torrealt tornou a espiar mais uma vez a neblina à sua frente, esfregando a mão livre, inquieto, na frente do casaco.

A barca levou um tranco quando as amarras foram soltas e a corrente forte a apanhou, e em seguida veio outro solavanco quando os cabos-guia a seguraram. Os puxadores, três de cada lado, seguraram firme os cabos na frente da barca e começaram a caminhar laboriosamente na direção da popa, resmungando, preocupados, enquanto

começavam a deslizar no rio coberto pelo manto cinza.

O cais desapareceu quando a neblina os cercou, tênues feixes de luz cruzando a barca entre as tochas tremeluzentes. A barca balançava lentamente na corrente. Nada, a não ser o passo firme dos puxadores, indo para a frente para segurar os cabos e novamente para trás puxando, dava uma pista de qualquer outro movimento. Ninguém falava. Os aldeões mantinham-se o mais perto possível do centro da barca. Eles tinham ouvido falar que o Taren era bem mais largo do que os riachos aos quais estavam acostumados; a neblina o tornava infinitamente mais vasto em suas mentes.

Depois de algum tempo, Rand aproximou-se de Lan. Rios em que um homem não podia cruzar a pé, nem a nado, nem mesmo ver o outro lado enervavam qualquer um que nunca vira nada maior nem mais fundo que um lago na Floresta das Águas.

— Será que eles realmente teriam tentado nos roubar? — ele perguntou baixinho. — Parecia mais estar com medo de que nós fôssemos roubá-lo.

O Guardião olhou para o barqueiro e seus ajudantes, nenhum dos quais parecia estar escutando, antes de responder no mesmo tom de voz.

— Com a neblina para ocultá-los... Bem, quando o que fazem permanece escondido, os homens às vezes lidam com estranhos como não o fariam quando há outros olhos para ver. E os mais propensos a ferir um estranho são os que pensam mais facilmente que um estranho vai machucá-los. Esse sujeito... Acredito que poderia vender a própria mãe para Trollocs fazerem um cozido se fosse por um bom preço. Estou até surpreso por você perguntar. Ouvi o jeito como a gente de Campo de Emond fala do povo de Barca do Taren.

— Sim, mas... Bem, todo mundo diz que eles... Mas eu nunca achei que fossem mesmo... — Rand decidiu que era melhor parar de pensar que sabia alguma coisa a respeito de como as pessoas eram além de sua própria aldeia. — Ele pode contar ao Desvanecido que atravessamos na barca — disse finalmente. — Talvez traga os Trollocs atrás de nós.

Lan deu uma risada seca.

— Roubar um estranho é uma coisa, lidar com um Meio-homem é outra inteiramente diferente. Você consegue vê-lo transportando Trollocs na barca, especialmente nesta neblina, não importa quanto ouro fosse oferecido? Ou mesmo falando com um Myrddraal, se pudesse evitar? Só pensar nisso o faria correr por um mês. Não acho que precisemos nos preocupar muito com Amigos das Trevas em Barca do Taren. Não aqui. Estamos a salvo... por enquanto, pelo menos. Deste grupo, pelo menos. Cuidado.

Torrealta havia parado de observar a neblina à frente e se virado. Com o rosto pontudo projetado à frente e a tocha bem levantada, ele encarou Lan e Rand como se os visse com clareza pela primeira vez. As tábuas do convés rangiam sob os pés dos puxadores e a batida ocasional de um casco. De repente o barqueiro estremeceu ao perceber que eles o estavam vendo observá-los. Com um salto ele girou, voltando a perscrutar a margem oposta, ou fosse lá o que ele estivesse procurando na neblina.

— Não diga mais nada — disse Lan tão baixinho que Rand quase não entendeu. — Estes são tempos ruins para se falar de Trollocs, ou de Amigos das Trevas, ou do Pai das Mentiras, com ouvidos estranhos por perto. Esse tipo de conversa pode trazer coisas piores do que a Presa do Dragão rabiscada em sua porta.

Rand não tinha a menor vontade de prosseguir com suas perguntas. Sentia-se ainda

mais deprimido que antes. Amigos das Trevas! Como se Desvanecidos, Trollocs e Draghkar não fossem o bastante para se preocupar. Pelo menos podia-se identificar um Trolloc ao vê-lo.

Subitamente estacas assomaram envoltas em sombras na neblina à frente deles. A barca bateu com força contra a outra margem, e os puxadores se apressaram a amarrar rapidamente a embarcação e descer a rampa naquela ponta com um barulho abafado, enquanto Mat e Perrin anunciavam em alto e bom som que o Taren não era nem de perto tão largo quanto tinham ouvido. Lan conduziu seu ganhão rampa abaixo, seguido por Moiraine e os outros. Quando Rand, o último, levou Nuvem logo atrás de Bela, Mestre Torrealta gritou com fúria:

— Ei! Vocês! Cadê meu ouro?

— Será pago. — A voz de Moiraine veio de algum lugar na neblina. As botas de Rand passaram ruidosamente da rampa para uma plataforma de madeira. — E um marco de prata para cada um de seus homens — acrescentou a Aes Sedai — pela rápida travessia.

O barqueiro hesitou, o rosto projetado para a frente como se farejasse perigo, mas à menção de prata os puxadores se animaram. Alguns pararam para pegar uma tocha, mas todos desceram correndo a rampa antes que Torrealta pudesse abrir a boca. Com uma careta, o barqueiro seguiu sua tripulação.

Os cascos de Nuvem soavam ocos na cerração enquanto Rand avançava cautelosamente ao longo da plataforma. A névoa cinzenta era tão densa ali quanto sobre o rio. Aos pés da plataforma, o Guardião distribuía as moedas, cercado pelas tochas de Torrealta e seus camaradas. Todos os outros, exceto Moiraine, aguardavam, ansiosos, reunidos um pouco mais adiante. A Aes Sedai observava o rio, embora Rand não imaginasse o que ela poderia estar vendo. Com um tremor, ele ajeitou o manto em torno do corpo, mesmo encharcado. Agora estava mesmo fora dos Dois Rios, e a distância parecia muito maior que a largura de um rio.

— Pronto — disse Lan, entregando uma última moeda a Torrealta. — Conforme o combinado. — Ele não guardou a bolsa, e o homem com cara de fuinha olhou para ela com ganância.

Com um rangido alto, a plataforma estremeceu. Torrealta empertigou-se bruscamente, a cabeça girando na direção da barca envolta em neblina. As tochas que permaneciam a bordo eram um par de pontos de luz baços e nebulosos. A plataforma gemeu, e, com um estalo trovejante de madeira se partindo, os brilhos gêmeos se sacudiram e depois começaram a girar. Egwene gritou, e Thom soltou um palavrão.

— Está solta! — berrou Torrealta. Agarrando seus puxadores, ele os empurrou na direção da extremidade da plataforma. — A barca está solta, seus idiotas! Segurem! Segurem!

Os puxadores cambalearam alguns passos com os empurrões de Torrealta, depois pararam. As luzes tênues na barca começaram a girar mais e mais rápido. A neblina acima deles girava num turbilhão, sugadas em uma espiral. A plataforma estremeceu. O som de madeira rachando e se partindo encheu o ar quando a barca começou a se desfazer.

— Redemoinho — disse um dos puxadores, a voz cheia de assombro.

— Não existem redemoinhos no Taren. — A voz de Torrealta soava vazia. — Nunca houve um redemoinho sequer...

— Um infortúnio. — A voz de Moiraine soou oca na neblina que a transformou em

uma sombra quando ela deu as costas para o rio.

— Infortúnio — Lan concordou em um tom de voz neutro. — Parece que você não vai transportar mais ninguém pelo rio por um tempo. Uma pena que tenha perdido sua barca a nosso serviço. — Ele voltou a mergulhar a mão na bolsa, que ainda segurava. — Isto deverá compensá-lo.

Por um instante Torrealta ficou olhando fixamente para o ouro, que reluzia na mão de Lan sob a luz das tochas, então seus ombros se encurvaram e os olhos dardejaram para os outros que ele havia transportado pelo rio. Indistintos em meio à névoa, os habitantes de Campo de Emond estavam ali parados, em silêncio. Com um grito assustado e inarticulado, o barqueiro agarrou as moedas de Lan, virou e saiu em disparada, desaparecendo no meio do nevoeiro. Os puxadores já estavam em seus calcanhares, as tochas rapidamente engolidas enquanto eles corriam, subindo a margem do rio.

— Não há mais nada que nos prenda aqui — disse a Aes Sedai como se nada de extraordinário houvesse acontecido. Conduzindo a égua branca, ela começou a se afastar do cais e subir a margem.

Rand ficou olhando o rio oculto. *Poderia ter sido um acaso. Não existem redemoinhos, ele disse, mas...* De repente percebeu que todos os outros haviam partido. Então, apressou-se em subir a margem ligeiramente inclinada.

No espaço de três passadas a neblina pesada se desvaneceu e sumiu. Ele parou e olhou para trás. Ao longo de uma linha que percorria a margem, uma névoa cinzenta pesada pendia num lado, e no outro um céu noturno límpido, ainda escuro, embora a lua, clara e definida, anunciasse um amanhecer não muito distante.

O Guardião e a Aes Sedai estavam parados conferenciando ao lado de seus cavalos, a uma curta distância do limite da neblina. Os outros se agrupavam um pouco afastados; mesmo na escuridão enluarada, seu nervosismo era palpável. Todos os olhos estavam em Lan e Moiraine, e todos menos Egwene inclinavam-se para trás, como se divididos entre perder-se do par e chegar perto demais deles. Rand cobriu apressado as últimas braças até Egwene, conduzindo Nuvem, e ela sorriu para ele, que não achou que o brilho nos olhos dela se devesse apenas ao luar.

— Ela segue o rio como se tivesse sido desenhada com uma pena — dizia Moiraine em um tom satisfeito. — Não existem dez mulheres em Tar Valon que pudessem fazer isso sem ajuda. Ainda mais das costas de um cavalo em pleno galope.

— Não estou me queixando, Moiraine Sedai — disse Thom, num tom estranhamente tímido para ele —, mas não teria sido melhor nos cobrir um pouco mais além? Digamos, até Baerlon? Se aquele Dragkar olhar para este lado do rio, vamos perder tudo o que ganhamos.

— Dragkar não são muito inteligentes, Mestre Merrilin — disse a Aes Sedai com secura. — Assustadores e mortíferos, sim, e com olhos aguçados, mas de pouca inteligência. Ele dirá ao Myrddraal que este lado do rio está limpo, mas o rio propriamente dito está coberto por milhas em ambas as direções. O Myrddraal saberá o esforço extra que isso me custou. Terá de levar em conta que podemos estar fugindo rio abaixo, e isso o atrasará. Ele terá de dividir seus esforços. A neblina deverá aguentar tempo suficiente para que ele nunca tenha certeza de que não viajamos pelo menos em parte de barco. Eu poderia ter estendido a neblina um pouco mais na direção de Baerlon, mas nesse caso o Dragkar poderia vasculhar o rio em questão de horas, e o Myrddraal

saberia exatamente para onde estaríamos nos dirigindo.

Thom soltou um suspiro e balançou a cabeça.

— Peço desculpas, Aes Sedai. Espero não ter ofendido.

— Ah, Moi... ah, Aes Sedai. — Mat deteve-se e engoliu em seco ruidosamente. — A barca... hã... a senhora... quer dizer... eu não entendo por quê... — A voz dele foi morrendo, e o silêncio que se fez era tão profundo que o som mais alto que Rand ouvia era sua própria respiração.

Finalmente Moiraine falou, e sua voz preencheu agudamente o silêncio vazio.

— Vocês querem explicações, mas, se eu fosse lhes explicar todas as minhas ações, não teria tempo para mais nada. — À luz do luar, a Aes Sedai parecia mais alta de algum modo, quase se avultando sobre eles. — Saibam de uma coisa. Minha intenção é levá-los em segurança para Tar Valon. Essa é a única coisa que precisam saber.

— Se continuarmos parados aqui — interrompeu Lan —, o Dragkar não vai precisar vasculhar o rio. Se me lembro bem... — Ele conduziu o cavalo, subindo a margem.

Como se o movimento do Guardiã tivesse afrouxado alguma coisa em seu peito, Rand respirou fundo. Ouviu outros fazerem o mesmo, até mesmo Thom, e lembrou-se de um velho ditado: melhor cuspir no olho de um lobo do que irritar uma Aes Sedai. Mas a tensão havia diminuído. Moiraine não estava se avultando sobre ninguém; ela mal chegava à altura de seu peito.

— Não creio que a gente possa descansar um pouquinho, não é? — perguntou Perrin, esperançoso, terminando com um bocejo. Egwene, encostada em Bela, suspirou, cansada.

Era o primeiro som que se assemelhava mesmo remotamente com uma reclamação que Rand ouvia dela. *Talvez agora ela perceba que esta não é nenhuma aventura grandiosa afinal.* Então lembrou-se, culpado, de que, ao contrário dele, ela não havia dormido o dia todo.

— Precisamos mesmo descansar, Moiraine Sedai — disse ele. — Afinal, cavalgamos a noite toda.

— Então sugiro vermos o que Lan arranjou para nós — disse Moiraine. — Vamos.

Ela os conduziu margem acima, adentrando a floresta que beirava o rio. Galhos nus tornavam as sombras mais escuras. A umas boas cem braças do Taren eles deram com uma elevação escura ao lado de uma clareira. Ali, havia muito, uma enchente derrubara um bosque inteiro de folhas-de-couro, transformando-as num grande e espesso emaranhado, uma massa aparentemente sólida de troncos, galhos e raízes. Moiraine parou, e subitamente uma luz surgiu ao nível do chão, vinda de sob a pilha de árvores.

Estendendo um toco de tocha à sua frente, Lan saiu arrastando-se por debaixo do monte e se levantou.

— Nenhum visitante indesejado — disse ele a Moiraine. — E a madeira que deixei ainda está seca, por isso acendi uma pequena fogueira. Vamos descansar aquecidos.

— Você previu que parariamos aqui? — perguntou Egwene, surpresa.

— Parecia um lugar provável — respondeu Lan. — Gosto de estar preparado, por via das dúvidas.

Moiraine tirou a tocha da mão dele.

— Você cuida dos cavalos? Quando acabar, farei o que puder a respeito do cansaço de todos. Neste momento quero falar com Egwene. Egwene?

Rand observou as duas mulheres se abaixarem e desaparecerem sob a grande pilha

de troncos de árvores. Havia uma abertura baixa, pela qual mal dava para entrar engatinhando. A luz da tocha desapareceu.

Lan havia incluído sacos de alimentação com forragem e uma pequena quantidade de cereais nos suprimentos, mas impediu que os outros desarreassem seus cavalos. Em vez disso, apanhou correias de contenção para as patas, que também havia trazido.

— Eles descansariam melhor sem as selas, mas, se precisarmos partir rápido, pode não haver tempo de recolocá-las.

— Não me parece que eles precisem de descanso — disse Perrin enquanto tentava colocar um saco com forragem no fochinho de sua montaria. O cavalo sacudiu a cabeça antes de permitir que ele pusesse as correias no lugar. Rand também estava tendo dificuldades com Nuvem, e precisou tentar três vezes antes de conseguir colocar a sacola de lona sobre o fochinho do tordilho.

— Precisam, sim — disse-lhes Lan e levantou-se, depois de atar as patas de seu ganhão. — Ah, eles ainda podem correr. Darão tudo de si, se deixarmos, até o segundo em que caírem mortos de exaustão sem nem sentirem. Eu preferia que Moiraine Sedai não tivesse feito o que fez, mas foi necessário. — Ele deu palmadinhas no pescoço do ganhão, e o cavalo balançou a cabeça para cima e para baixo como se concordasse com as palavras do Guardião. — Precisamos ir devagar com eles durante os próximos dias, até que se recuperem. Mais devagar do que eu gostaria. Mas com sorte será o bastante.

— Foi isso o que...? — Mat engoliu em seco de um jeito ruidosamente. — Foi isso o que ela quis dizer? Sobre nosso cansaço?

Rand deu palmadinhas no pescoço de Nuvem e ficou olhando para o nada. Apesar do que ela havia feito por Tam, ele não tinha nenhum desejo de que a Aes Sedai usasse o Poder nele. *Luz, ela praticamente admitiu ter afundado a barca.*

— Algo assim. — Lan deu uma risada irônica. — Mas vocês não terão de se preocupar em correr até a morte. A não ser que as coisas fiquem bem piores do que já estão. Pense no que ela vai fazer como uma noite a mais de sono.

O grito agudo do Draghkar subitamente ecoou de cima do rio coberto de névoa. Até os cavalos se imobilizaram. O grito tornou a ser ouvido, dessa vez mais próximo, e mais uma vez, perfurando o crânio de Rand como agulhas. Então os gritos começaram a soar mais fracos, até desaparecerem por completo.

— Sorte. — Lan soltou o ar. — O Draghkar está vasculhando o rio à nossa procura. — Ele deu de ombros ligeiramente e assumiu então um tom casual. — Vamos entrar. Um chá quente e alguma coisa para encher a barriga não cairiam nada mal.

Rand foi o primeiro a entrar engatinhando pela abertura no emaranhado de árvores e percorrer um pequeno túnel. Ao fim deste, ele parou, ainda agachado. À sua frente havia um espaço de formato irregular, uma caverna de madeira grande o bastante para abrigar facilmente todos eles. O teto de troncos e galhos era baixo demais para permitir que ficassem de pé, com exceção das mulheres. A fumaça vinda de uma pequena fogueira feita sobre um leito de seixos de rio subia e passava por entre as frestas; a corrente era suficiente para manter o espaço livre de fumaça, mas o emaranhamento era espesso demais para deixar passar até mesmo um vislumbre das chamas. Moiraine e Egwene, os mantos jogados de lado, estavam sentadas de pernas cruzadas, de frente uma para a outra, ao lado do fogo.

— O Poder Único — Moiraine ia dizendo — vem da Fonte Verdadeira, a força que impulsiona a Criação, a força que o Criador gerou para girar a Roda do Tempo. — Ela

juntou as mãos à frente do corpo e empurrou-as uma contra a outra. — *Saidin*, a metade masculina da Fonte Verdadeira, e *saidar*, a metade feminina, trabalham uma contra a outra e ao mesmo tempo em conjunto para produzir essa força. *Saidin* — ela ergueu uma das mãos, depois a deixou cair — é maculado pelo toque do Tenebroso, como a água em cuja superfície uma fina película de óleo rançoso flutua. A água ainda é pura, mas não pode ser tocada sem que se toque sua impureza. Somente *saidar* pode ser usada com segurança. — Egwene estava de costas para Rand. Ele não podia ver-lhe o rosto, mas ela inclinava-se ansiosa para a frente.

Mat cutucou Rand por trás e murmurou alguma coisa, e ele avançou, entrando na caverna de árvores. Moiraine e Egwene ignoraram sua chegada. Os outros homens se amontoaram atrás dele, jogando mantos encharcados no chão, acomodando-se ao redor do fogo e estendendo as mãos para se aquecer. Lan, o último a entrar, tirou bolsas de água e sacos de couro de um nicho na parede, pegou uma chaleira e começou a preparar chá. Não prestava atenção ao que as mulheres estavam falando, mas os amigos de Rand começaram a parar de aquecer as mãos e olharam abertamente para elas. Thom fingia que todo seu interesse estava voltado para encher o forninho do seu cachimbo esculpido, mas a maneira como ele se inclinava na direção das mulheres o entregava. Moiraine e Egwene agiam como se estivessem sós.

— Não — disse Moiraine em resposta a uma pergunta que Rand havia perdido —, a Fonte Verdadeira não pode ser esgotada, assim como o rio não se esgota pela roda de um moinho. A Fonte é o rio; as Aes Sedai, a roda-d'água.

— E você acha mesmo que eu posso aprender? — perguntou Egwene. Seu rosto brilhava de ansiedade. Rand nunca a tinha visto tão linda, nem tão distante dele. — Eu posso vir a ser uma Aes Sedai?

Rand deu um pulo, batendo a cabeça no teto baixo de troncos. Thom Merrill agarrou seu braço, puxando-o com força para baixo novamente.

— Não seja tolo — murmurou o menestrel, olhando as mulheres de esguelha. Nenhuma das duas parecia ter notado, e o olhar que ele dirigiu a Rand foi de simpatia. — Isso está além de você agora, garoto.

— Criança — disse Moiraine gentilmente —, apenas poucas conseguem aprender a tocar a Fonte Verdadeira e usar o Poder Único. Algumas dessas poucas podem aprender num grau mais elevado, outras, num grau menor. Você é uma das pouquíssimas que não precisam aprender. Pelo menos, tocar a Fonte é algo que acontecerá quer você queira, quer não. Sem os ensinamentos que poderá receber em Tar Valon, entretanto, você nunca aprenderá a canalizar esse poder completamente e poderá não sobreviver. Homens que possuem a habilidade nata de tocar *saidin* morrem, é claro, se a Ajah Vermelha não os encontrar e amansar...

Thom soltou um grunhido fundo na garganta, e Rand mudou de posição, desconfortável. Homens como esses dos quais a Aes Sedai falava eram raros — ele só havia ouvido falar de três em toda a sua vida, e graças à Luz nunca nos Dois Rios —, mas o dano que haviam causado antes que as Aes Sedai os encontrassem era sempre grande o bastante para que as notícias se espalhassem, como as notícias das guerras ou de terremotos que destruíam cidades. Ele jamais conseguira entender o que as Ajahs faziam. Segundo as histórias, tratava-se de sociedades entre as Aes Sedai que pareciam disputar entre si mais que qualquer outra coisa, mas as histórias concordavam em um ponto. A Ajah Vermelha tinha como dever principal impedir outra Ruptura do Mundo, e o fazia

caçando cada homem que sequer sonhasse em possuir o Poder Único. Mat e Perrin estavam com cara de quem subitamente queria estar de volta em casa, na cama.

— ...mas algumas mulheres morrem também. É difícil aprender sem uma guia. As mulheres que não encontramos, as que sobrevivem, muitas vezes se tornam... Bem, nesta parte do mundo elas podem se tornar a Sabedoria de suas aldeias. — A Aes Sedai fez uma pausa, pensativa. — O sangue antigo é forte em Campo de Emond, e o sangue antigo canta. Eu soube o que você era no instante em que a vi. Nenhuma Aes Sedai consegue estar na presença de uma mulher capaz de canalizar, ou que está perto de sua mudança, e não sentir isso. — Ela remexeu na bolsa em seu cinto e retirou a pequena pedra azul na corrente de ouro que havia usado antes nos cabelos. — Você está muito perto de sua mudança, seu primeiro toque. Será melhor se eu guiá-la durante o processo. Assim você evitará os... efeitos desagradáveis que acometem aquelas que precisam encontrar seu próprio caminho.

Os olhos de Egwene se arregalaram quando ela olhou para a pedra, umedecendo os lábios repetidamente.

— Ela... tem o Poder?

— É claro que não — disse Moiraine bruscamente. — *Coisas* não têm o poder, criança. Mesmo um *angreal* é apenas uma ferramenta. Isto é apenas uma pedrinha azul bonita. Mas ela pode produzir luz. Veja.

As mãos de Egwene tremiam quando Moiraine depositou a pedra na ponta de seus dedos. Ela começou a puxar a mão de volta, mas a Aes Sedai segurou as mãos dela numa das suas e, com a outra, tocou gentilmente a lateral da cabeça de Egwene.

— Olhe para a pedra — disse a Aes Sedai baixinho. — É melhor assim do que ficar tateando sozinha. Esvazie sua mente de tudo que não seja a pedra. Esvazie a mente e deixe-se flutuar. Só existem a pedra e o vazio. Eu vou começar. Flutue e me deixe guiá-la. Não pense. Flutue.

Os dedos de Rand se enterraram em seus joelhos; os maxilares travaram até doer. *Ela precisa falhar. Precisa.*

Luz brotou da pedra, apenas um relâmpago de azul e depois desapareceu, não mais que a luminescência de um vaga-lume, mas ele se retraiu como se a luz o cegasse. Egwene e Moiraine fitavam a pedra, os rostos vazios. Outro relâmpago veio, e outro, até que a luz azulada pulsava como a batida de um coração. *É a Aes Sedai*, ele pensou em desespero. *É Moiraine quem está fazendo isso. Não Egwene.*

Um último e fraco tremeluzir, e a pedra voltou a ser meramente um pingente. Rand prendeu a respiração.

Por um momento Egwene continuou a olhar fixamente para a pedrinha, então ergueu a cabeça e fitou Moiraine.

— Eu... eu achei que havia sentido... alguma coisa, mas... Talvez você esteja enganada a meu respeito. Desculpe ter desperdiçado seu tempo.

— Não desperdicei nada, criança. — Um sorrisinho de satisfação passou ligeiro pelos lábios de Moiraine. — A última luz foi exclusivamente sua.

— Foi mesmo? — exclamou Egwene e voltou imediatamente a uma expressão soturna. — Mas foi praticamente nada.

— Agora você está se comportando como uma menina boba de aldeia. A maioria das que vêm a Tar Valon precisa estudar durante muitos meses antes de conseguir fazer o que você acaba de fazer. Você pode ir longe. Talvez até mesmo ao Trono de Amyrlin, um dia,

se estudar com afinco e trabalhar muito duro.

— Você quer dizer...? — Com um grito de prazer, Egwene abraçou a Aes Sedai. — Ah, obrigada. Rand, você ouviu isso? Eu vou ser uma Aes Sedai!







Escolhas

Antes que fossem dormir, Moiraine ajoelhou-se ao lado deles, um por um, e pousou as mãos em suas cabeças. Lan resmungou, dizendo que não tinha necessidade e que ela não deveria desperdiçar suas forças, mas não tentou detê-la. Egwene estava ansiosa pela experiência, Mat e Perrin claramente apavorados por passar por ela, e apavorados demais para dizer não. Thom afastou-se das mãos da Aes Sedai, mas Moiraine agarrou-lhe a cabeça grisalha com um olhar que não admitia bobagens. O menestrel exibiu uma careta durante todo o processo. Ela lhe dirigiu um sorriso zombeteiro assim que afastou as mãos. Ele franziu a testa ainda mais, mas parecia renovado. Todos pareciam.

Rand havia recuado para um nicho na parede irregular, onde esperava passar despercebido. Seus olhos queriam se fechar assim que ele encostou o corpo no emaranhado de madeira, mas forçou-se a ficar de guarda. Pressionou o punho contra a boca para abafar um bocejo. Um cochilo, de uma ou duas horas, e ele ficaria bem. Moiraine, porém, não o esqueceu.

Ele se encolheu ao sentir o toque frio dos dedos dela em seu rosto e disse:

— Eu não... — Seus olhos arregalaram-se de espanto. O cansaço escoou dele como água morro abaixo; dores e incômodos foram se desvanecendo até virarem vagas lembranças e desaparecerem. Ele a fitava, boquiaberto. Ela limitou-se a sorrir e retirou as mãos.

— Pronto — disse ela, e, quando ela se levantou com um suspiro cansado, Rand lembrou-se de que ela não podia fazer o mesmo por si própria. De fato, ela só bebeu um pouco de chá, recusando o pão e o queijo que Lan tentou forçá-la a comer, antes de se enroscar ao lado do fogo. Pareceu adormecer no instante em que se enrolou no manto.

Todos os demais, com exceção de Lan, caíam adormecidos onde quer que conseguissem encontrar um espaço para se esticar, mas Rand não conseguia imaginar por quê. Ele tinha a sensação de ter dormido uma noite inteira numa boa cama. Assim que se recostou na parede de troncos, entretanto, o sono o derrubou. Quando Lan o acordou, cutucando-o, uma hora depois, era como se tivesse descansado por três dias.

O Guardião acordou todos, com exceção de Moiraine, e mandou severamente que silenciassem qualquer som que pudesse perturbá-la. Mesmo assim, ele só lhes permitiu uma breve estada na aconchegante caverna de árvores. Antes que o sol alcançasse duas vezes a própria altura acima do horizonte, todos os vestígios de que alguém havia algum dia parado ali tinham sido apagados, e todos encontravam-se montados e seguindo para o norte na direção de Baerlon, cavalgando devagar para poupar os cavalos. A Aes Sedai tinha orelhas, mas sentava-se ereta e firme em sua sela.

A neblina ainda era espessa sobre o rio atrás deles, uma muralha cinzenta que resistia aos esforços do sol fraco de dissipá-la e ocultava das vistas os Dois Rios. Rand ficou olhando para trás enquanto cavalgava, torcendo por um último vislumbre, mesmo que fosse de Barca do Taren, até que a banquisa de névoa se perdeu de vista.

— Jamais pensei que fosse chegar tão longe assim de casa — disse ele quando as árvores finalmente esconderam tanto a neblina quanto o rio. — Lembra quando a Colina da Vigília parecia distante? — *Isso foi há dois dias. Parece uma eternidade.*

— Em um ou dois meses estaremos de volta — afirmou Perrin com a voz tensa. — Pense no que vamos ter para contar.

— Nem mesmo Trollocs podem nos caçar para sempre — disse Mat. — Que me queimem, eles não podem. — Ele se endireitou com um suspiro profundo, desabando pesado na sela como se não acreditasse em uma só palavra do que havia sido dito.

— Homens! — bufou Egwene. — Vocês têm a oportunidade de viver a aventura de que estão sempre falando, e já estão com esse papo de voltar para casa. — Ela mantinha a cabeça erguida, mas Rand reparou num tremor na voz dela então, quando mais nada podia ser visto dos Dois Rios.

Nem Moiraine nem Lan fizeram a menor tentativa de acalmá-los, nem uma palavra para dizer que com certeza eles voltariam. Rand tentou não pensar no que aquilo poderia significar. Mesmo descansado, ainda tinha dúvidas suficientes para precisar procurar por mais. Curvado na sela, começou a sonhar acordado, um sonho em que cuidava das ovelhas ao lado de Tam em um pasto com grama alta e exuberante e cotovias cantando numa manhã de primavera. E uma viagem para Campo de Emond, e o Bel Tine do jeito que sempre fora, dançando no Campo sem nenhuma preocupação além do cuidado para não tropeçar nos passos. E nesse devaneio ele se perdeu por um longo tempo.

A jornada até Baerlon levou quase uma semana. Lan reclamava da lentidão da viagem, mas era ele quem marcava o passo e forçava o restante a acompanhá-lo. Consigo mesmo e com seu garanhão, Mandarb — ele disse que significava “Lâmina” na Língua Antiga —, ele não era tão leniente. O Guardião cobria o dobro da distância deles, galopando adiante, o manto que mudava de cor turbilhonando ao vento, para rastrear o que havia à frente deles, ou ficando para trás para examinar a retaguarda. Qualquer outro que tentasse ir num ritmo mais rápido que uma caminhada, entretanto, era alvo de palavras cortantes sobre tomar conta de seus animais e palavras mordazes sobre como eles se dariam bem a pé se os Trollocs aparecessem. Nem mesmo Moiraine estava a salvo de sua língua se deixasse a égua branca marcar o próprio ritmo. Aldieb era o nome da

égua; na Língua Antiga, “Vento Oeste”, o vento que trazia as chuvas de primavera.

O trabalho de batedor do Guardião não revelava nenhum sinal de perseguição nem de emboscada. Ele só falava do que via para Moiraine, e mesmo assim baixinho, para não ser ouvido, e a Aes Sedai informava ao restante deles o que julgava que precisavam saber. No começo, Rand olhava para trás tanto quanto para a frente. Não era o único. Perrin levava a mão ao machado com frequência, e Mat cavalgava com uma flecha encaixada no arco, no começo. Mas a terra atrás permanecia livre de Trollocs e figuras em mantos negros, e o céu continuava sem Draghkar. Lentamente, Rand começou a pensar que talvez eles tivessem realmente escapado.

Não se achava nenhuma grande cobertura, nem mesmo nas partes mais densas da floresta. O inverno era tão forte ao norte do Taren quanto nos Dois Rios. Pequenos arvoredos de pinheiros, abetos ou folhas-de-couro, e aqui e ali alguns benjoeiros ou louros, pontilhavam uma floresta que, afora isso, era toda galhos cinzentos e despidos de folhas. Nem mesmo as árvores mais velhas mostravam uma folha sequer. Somente galhinhos verdes dispersos de plantas novas despontavam contra o marrom das campinas arrasadas pelas neves do inverno. Ali também muito do que crescia eram urtigas, cardos e trombeteiras. Sobre a terra nua do chão da floresta, um pouco da última neve ainda resistia, em trechos sombrios e em montes sob os galhos baixos das árvores perenes. Todos mantinham seus mantos bem fechados, pois a tênue luz do sol não tinha calor, e o frio da noite cortava fundo. Ali não voavam mais pássaros do que nos Dois Rios, nem mesmo corvos.

Não havia nada de despreocupado na lentidão do movimento deles. A Estrada do Norte — Rand continuava a pensar nela desse jeito, embora suspeitasse de que ela pudesse ter um nome diferente ali, ao norte do Taren — ainda corria quase exatamente na direção norte, mas, por insistência de Lan, o caminho deles serpenteava para cá e para lá através da floresta com a mesma frequência com que seguia ao longo da estrada de dura terra batida. Uma aldeia, ou uma fazenda, ou qualquer sinal de homens ou de civilização fazia com que dessem voltas por milhas para evitá-los, embora não encontrassem muitos desses sinais. Durante todo o primeiro dia Rand não viu evidência alguma, além da estrada, de que homens houvessem algum dia estado naquela floresta. Ocorreu-lhe que mesmo quando chegara ao pé das Montanhas da Névoa provavelmente não estivera tão longe de uma habitação humana quanto estava naquele dia.

A primeira fazenda que viu, uma enorme casa e um celeiro alto com telhados pontudos de palha, uma espiral de fumaça saindo de uma chaminé de pedra, foi um choque.

— Não é diferente de onde viemos — disse Perrin, franzindo a testa ao olhar para os prédios distantes, que mal eram visíveis entre as árvores. Pessoas andavam pelo pátio da fazenda, sem se dar conta dos viajantes.

— É claro que é — disse Mat. — Só não estamos perto o bastante para ver.

— Estou dizendo. Não é diferente — insistiu Perrin.

— Tem de ser. Estamos ao norte do Taren, afinal de contas.

— Quietos, vocês dois — grunhiu Lan. — Não queremos ser vistos, lembram? Por aqui. — Virou-se para oeste para dar, por entre as árvores, a volta na fazenda.

Olhando para trás, Rand achou que Perrin tinha razão. A fazenda se parecia bastante com qualquer outra ao redor de Campo de Emond. Havia um garotinho tirando água do poço, e garotos mais velhos cuidando de ovelhas atrás de uma cerca de madeira. Via-se

até mesmo uma estufa de cura, para o tabac. Mas Mat também tinha razão. *Estamos ao norte do Taren. Deve ser diferente.*

Eles sempre paravam enquanto ainda havia luz no céu, para escolher um ponto numa encosta, onde não houvesse acúmulo de água e fosse abrigado do vento que quase nunca parava completamente, só mudava de direção. A fogueira que faziam era sempre pequena e não podia ser vista mesmo de algumas jardas de distância, e, assim que o chá era feito, as chamas eram apagadas, e as brasas, enterradas.

Em sua primeira parada, antes de o sol se pôr, Lan começou a ensinar aos rapazes o que fazer com as armas que carregavam. Começou com o arco. Depois de ver Mat colocar três flechas num nó do tamanho da cabeça de um homem no tronco fissurado de uma folha-de-couro morta a cem passos de distância, ele disse aos outros que fizessem o mesmo. Perrin duplicou o feito de Mat, e Rand, invocando a chama e o vazio, meteu suas três onde as pontas quase se tocavam. Mat lhe deu um tapinha de congratulação no ombro.

— Bem, se todos vocês tivessem arcos — disse o Guardião com secura quando eles começaram a sorrir — e se os Trollocs concordassem em não chegar tão perto que vocês não pudessem usá-los... — Os sorrisos sumiram bruscamente. — Deixem-me ver o que posso lhes ensinar caso eles cheguem mais perto.

Mostrou a Perrin algumas técnicas para usar aquele machado de lâmina grande; erguer um machado para desferir um golpe contra alguém, ou alguma coisa, que tivesse uma arma era muito diferente de cortar lenha ou brandir a arma de brincadeira. Lan colocou o grande aprendiz de ferreiro para fazer uma série de exercícios, bloquear, esquivar e atacar, e fez o mesmo com Rand e sua espada. Não os saltos violentos e golpes que Rand tinha em mente sempre que pensava em usá-la, mas movimentos suaves, um fluindo para o outro, quase uma dança.

— Mover a lâmina não é o bastante — disse Lan —, embora uns pensem que sim. A mente faz parte disso, a maior parte. Esvazie a mente, pastor. Esvazie-a do ódio ou do medo, de tudo. Elimine tudo. Isso serve para vocês todos. Podem aplicar isso ao machado ou ao arco, à lança ou ao bastão, ou até mesmo às mãos nuas.

Rand o encarou.

— A chama e o vazio — disse ele, admirado. — É o que você quer dizer, não é? Meu pai me ensinou isso.

O Guardião lhe devolveu um olhar indecifrável.

— Segure a espada conforme lhe mostrei, pastor. Não posso transformar um aldeão bronco num mestre da espada em uma hora, mas talvez possa evitar que você corte seu próprio pé.

Rand deu um suspiro e segurou a espada ereta com as mãos à frente. Moiraine observava sem expressão, mas na noite seguinte ela disse a Lan que continuasse com as aulas.

A refeição da noite era sempre a mesma que a do meio do dia e o jejum, pão ázimo, queijo e carne-seca, mas à noite havia chá quente para acompanhar em vez de água. De noite, Thom os entretinha. Lan não deixava que o menestrel tocasse a harpa nem a flauta — não havia necessidade de acordar o campo, dizia o Guardião —, mas Thom fazia malabarismos e contava histórias. “Mara e os Três Reis Tolos” ou uma das centenas de histórias sobre Anla, a Sábia Conselheira, ou algum conto de glória e aventura, como *A Grande Caçada de Trompa*, mas sempre com um final feliz e um alegre retorno para casa.

Entretanto, se por um lado a terra ao redor deles estava em paz, se nenhum Trolloc surgia entre as árvores, nenhum Dragkar entre as nuvens, a Rand parecia que eles conseguiam aumentar suas tensões por conta própria sempre que estas estavam em risco de desaparecer.

Como, por exemplo, na manhã em que Egwene acordou e começou a desfazer a trança de seus cabelos. Rand ficou olhando para ela de canto de olho enquanto enrolava o cobertor. À noite, quando o fogo era apagado, todos se deitavam em seus cobertores, menos Egwene e a Aes Sedai. As duas mulheres sempre se afastavam dos outros e ficavam conversando por uma ou duas horas, retornando quando todos já estavam dormindo. Egwene correu o pente pelos cabelos — cem vezes, ele contou — enquanto ele encilhava Nuvem, amarrando os alforjes e o cobertor atrás da sela. Então ela guardou o pente, jogou os cabelos soltos por cima do ombro e ergueu o capuz de seu manto.

Espantado, ele perguntou:

— O que você está fazendo? — Ela lhe lançou um olhar de esguelha sem responder. Era a primeira vez que ele falava com ela em dois dias, Rand se deu conta, desde a noite no abrigo de troncos às margens do Taren, mas não deixou que isso o detivesse. — Durante a vida toda você esperou para usar os cabelos numa trança, e agora está abrindo mão dela? Por quê? Porque ela não trança o dela?

— Aes Sedai não trançam seus cabelos — respondeu Egwene simplesmente. — Pelo menos, não se não quiserem.

— Você não é uma Aes Sedai. Você é Egwene al’Vere, de Campo de Emond, e o Círculo das Mulheres teria um chique se a visse agora.

— O que o Círculo das Mulheres faz não é da sua conta, Rand al’Thor. E eu *serei* uma Aes Sedai. Assim que chegar a Tar Valon.

Ele bufou.

— Assim que chegar a Tar Valon. Por quê? Pela Luz, me diga. Você não é uma Amiga das Trevas.

— Você acha que Moiraine Sedai é Amiga das Trevas? Acha mesmo? — Ela se virou de todo e o encarou com os punhos cerrados, e ele quase pensou que ela fosse lhe dar um soco. — Depois de ela ter salvado a aldeia? Depois de ter salvado seu pai?

— Eu não sei o que ela é, mas, seja lá o que for, isso não diz nada sobre o restante delas. As histórias...

— Cresça, Rand! Esqueça as histórias e use seus olhos.

— Meus olhos a viram afundar a barca! Negue isso! Quando você mete uma ideia na cabeça, não tira nem que alguém aponte que você está tentando andar sobre as águas. Se não fosse uma tola tão cega pela Luz, veria...!

— Tola, eu? Deixe-me contar uma ou duas coisinhas a você, Rand al’Thor! Você é o sujeito mais teimoso, mais estúpido...!

— Vocês dois estão tentando acordar todo mundo num raio de dez milhas? — perguntou o Guardião.

Ali parado de pé com a boca aberta, tentando falar, Rand subitamente percebeu que estava gritando. Os dois estavam.

O rosto de Egwene ficou vermelho até as sobrancelhas, e ela girou sobre os calcanhares com um resmungo — “Homens!” — que parecia voltado tanto para o Guardião quanto para ele.

Desconfiado, Rand olhou ao redor. Todos o fitavam, não só o Guardião. Mat e

Perrin, com o rosto branco. Thom, tenso, como se pronto para fugir ou lutar. Moiraine. O rosto da Aes Sedai não tinha expressão, mas seus olhos pareciam perfurar a cabeça dele. Desesperado, ele tentou se lembrar exatamente do que tinha dito sobre Aes Sedai e Amigos das Trevas.

— Está na hora de partirmos — anunciou Moiraine. Em seguida, virou-se para Aldieb, e Rand estremeceu como se tivesse sido libertado de uma armadilha. Ficou imaginando se não era isso o que havia acontecido.

Duas noites depois, com o fogo queimando baixo, Mat lambeu as últimas migalhas de queijo dos dedos e disse:

— Sabe, acho que os despistamos para valer. — Lan havia saído na noite, dando uma última olhada ao redor do acampamento. Moiraine e Egwene haviam se afastado para uma de suas conversas. Thom estava cochilando sobre o cachimbo, e os jovens tinham o fogo só para eles.

Perrin, cutucando as brasas distraidamente com uma vara, respondeu:

— Se os perdemos, por que Lan continua fazendo trabalho de batedor? — Quase dormindo, Rand rolou, as costas voltadas para o fogo.

— Eles nos perderam em Barca do Taren. — Mat recostou-se com os dedos trançados atrás da cabeça, olhando para o céu tomado pela lua. — Se é que estavam mesmo atrás da gente.

— Você acha que aquele Dragkar estava nos perseguindo porque gostou da gente? — perguntou Perrin.

— O que estou dizendo é: parem de se preocupar com Trollocs e coisas do gênero — continuou Mat, como se Perrin não tivesse falado — e comecem a pensar em ver o mundo. Estamos no lugar de onde as histórias vêm. Como acham que é uma cidade de verdade?

— Estamos indo para Baerlon — disse Rand, sonolento, mas Mat bufou.

— Baerlon até que não é ruim, mas eu vi aquele mapa velho de Mestre al'Vere. Se virarmos para o sul assim que chegarmos a Caemlyn, a estrada leva diretamente para Illian, e além.

— O que há de tão especial em Illian? — perguntou Perrin, bocejando.

— Para começar — respondeu Mat —, Illian não está cheia de Aes Se...

Um silêncio recaiu sobre o acampamento, e Rand subitamente viu-se de todo desperto. Moiraine havia voltado mais cedo. Egwene estava com ela, mas foi a Aes Sedai, em pé à beira da fogueira, que chamou a atenção de todos. Mat estava ali deitado, a boca ainda aberta, o olhar fixo nela. Os olhos de Moiraine capturavam a luz como pedras polidas e escuras. Rand perguntou-se há quanto tempo ela estaria ali parada.

— Os rapazes só estavam... — começou Thom.

Mas Moiraine falou, suas palavras atropelando as dele:

— Um descanso de alguns dias e vocês estão prontos para desistir. — A voz calma e baixa em um contraste agudo com seus olhos. — Um dia ou dois de tranquilidade, e vocês já se esqueceram da Noite Invernal.

— Não esquecemos — disse Perrin. — É só que...

Ainda sem levantar a voz, a Aes Sedai fez com ele o mesmo que havia feito com o menestrel.

— É assim que vocês todos se sentem? Estão ansiosos para sair correndo para Illian e esquecer de Trollocs, Meios-homens e Dragkar? — Ela correu os olhos por eles,

aquele brilho pético se sobrepondo ao tom cotidiano de voz deixava Rand perturbado, mas não deu a ninguém a chance de falar. — O Tenebroso está atrás de vocês três, de um ou de todos, e se eu deixá-los fugir para onde vocês querem, ele os pegará. Ao que quer que o Tenebroso queira, eu me oponho, então ouçam isto e saibam que é verdade. Antes de deixar que o Tenebroso pegue vocês, eu os destruirei pessoalmente.

Foi a voz dela, tão prosaica, que convenceu Rand. A Aes Sedai faria exatamente o que disse se achasse que era necessário. Ele custou muito a dormir naquela noite, e não foi o único. Mesmo o menestrel, cujo ronco só começou bem depois que as últimas brasas morreram. Dessa vez, Moiraine não ofereceu nenhuma ajuda.

Aquelas conversas noturnas entre Egwene e a Aes Sedai eram uma coisa que incomodava muito Rand. Sempre que elas desapareciam na escuridão, afastando-se dos outros em busca de privacidade, ele se perguntava sobre o que elas estariam falando, o que estariam fazendo. O que a Aes Sedai estava fazendo com Egwene?

Uma noite, ele aguardou até que os outros homens tivessem se deitado, Thom roncando feito uma serra cortando um nó num carvalho. Então ele saiu de fininho, o cobertor enrolado no corpo. Usando toda a habilidade que havia adquirido perseguindo coelhos, ele se moveu com as sombras da lua até se encontrar agachado na base de uma árvore de folha-de-couro alta, a copa densa com folhas largas e duras, perto o bastante para ouvir Moiraine e Egwene, onde elas se encontravam sentadas num tronco caído com um pequeno lampião fornecendo alguma luz.

— Pergunte — Moiraine dizia —, e, se puder lhe responder agora, eu o farei. Compreenda, há muitas coisas para as quais você ainda não está pronta, coisas que não pode aprender até ter aprendido outras que exigirão ainda outros aprendizados prévios. Mas pergunte o que quiser.

— Os Cinco Poderes — Egwene disse devagar. — Terra, Vento, Fogo, Água e Espírito. Não parece justo que os homens sejam os mais fortes para lidar com Terra e Fogo. Por que ficaram com os Poderes mais fortes?

Moiraine riu.

— É isso o que você pensa, criança? Existe uma rocha tão dura que o vento e a água não possam desgastar, um fogo tão forte que a água não possa apagar ou que o vento não possa extinguir?

Egwene ficou em silêncio por um tempo, escavando o chão da floresta com o dedo do pé.

— Eles... eles foram os que... que tentaram libertar o Tenebroso e os Abandonados, não foram? Os homens Aes Sedai? — Ela respirou fundo e prosseguiu com mais firmeza. — As mulheres não fizeram parte disso. Foram os homens que ficaram loucos e causaram a Ruptura do Mundo.

— Você está com medo — disse Moiraine num tom de voz sombrio. — Se tivesse ficado em Campo de Emond, com o tempo, se tornaria Sabedoria. Esse era o plano de Nynaeve, não era? Ou você teria se sentado no Círculo das Mulheres e gerenciado os problemas de Campo de Emond enquanto o Conselho da Aldeia achava que o fazia. Mas você fez o impensável. Deixou o Campo de Emond, deixou os Dois Rios em busca de aventura. Você queria fazer isso, mas ao mesmo tempo tem medo. E teimosamente se recusa a deixar seu medo vencê-la. Caso contrário, não teria me perguntado como uma mulher se torna uma Aes Sedai. Caso contrário, não teria deixado de lado costumes e convenções.

— Não — protestou Egwene. — Não tenho medo. Eu quero me tornar uma Aes Sedai.

— Melhor para você se tivesse medo, mas espero que se atenha a essa convicção. Poucas mulheres hoje têm a habilidade para se tornar iniciadas, quanto mais ter esse desejo. — A voz de Moiraine soava como se ela tivesse começado a ponderar consigo mesma. — Certamente nunca antes duas em uma única aldeia. O sangue antigo é de fato ainda forte nos Dois Rios.

Nas sombras, Rand se mexeu. Um graveto estalou sob seu pé. Ele se imobilizou no mesmo instante, suando e prendendo a respiração, mas nenhuma das mulheres olhou ao redor.

— Duas? — exclamou Egwene. — Quem mais? É Kari? Kari Thane? Lara Ayellan?

Moiraine estalou a língua, exasperada, então disse com severidade:

— Esqueça que eu disse isso. A estrada dela segue em outra direção. Preocupe-se com suas próprias circunstâncias. A estrada que escolheu não é fácil.

— Eu não vou retornar — disse Egwene.

— Assim seja. Mas você ainda quer uma garantia, e isso eu não posso lhe dar, não do jeito que quer.

— Não compreendo.

— Você quer ouvir que as Aes Sedai são boas e puras, que foram aqueles homens malvados das lendas que provocaram a Ruptura do Mundo, não as mulheres. Bem, foram os homens, mas eles não eram mais perversos que qualquer outro homem. Eles eram insanos, não maus. As Aes Sedai que você vai encontrar em Tar Valon são humanas, em nada diferentes de outras mulheres exceto pela habilidade que nos distingue. Elas são corajosas e covardes, fortes e fracas, bondosas e cruéis, compassivas e frias. Tornar-se uma Aes Sedai não fará você ser diferente do que é.

Egwene respirou fundo.

— Acho que era disso que eu tinha medo, de ser transformada pelo Poder. Disso e dos Trollocs. E do Desvanecido. E... Moiraine Sedai, em nome da Luz, por que os Trollocs foram a Campo de Emond?

A cabeça da Aes Sedai girou, e ela olhou direto para o esconderijo de Rand. A respiração dele ficou presa na garganta; os olhos dela estavam tão duros quanto no momento em que ela os ameaçara, e ele teve a sensação de que podiam penetrar os galhos espessos da árvore. *Luz, o que ela fará se me pegar escutando?*

Ele tentou recuar e se fundir com as sombras mais escuras. Com os olhos nas mulheres, uma raiz prendeu seu pé, e por muito pouco ele não desabou em cima de arbustos mortos que o teriam desmascarado com um espocar de galhos partidos igual a fogos de artifício. Arfando, ele saiu tropeçando de quatro, mantendo-se em silêncio mais por sorte do que por qualquer outra coisa. Seu coração batia tão forte que ele achou que os batimentos acabariam por entregá-lo. *Idiota! Ficar espionando uma Aes Sedai!*

De volta aonde os outros estavam dormindo, ele conseguiu se meter entre eles silenciosamente. Lan se mexeu quando ele caiu ao chão e puxou o cobertor, mas o Guardião voltou a se acomodar com um suspiro. Ele só havia se virado no sono. Rand soltou uma respiração longa e silenciosa.

Um instante depois Moiraine surgiu de dentro da noite, parando onde podia estudar as formas adormecidas. O luar criava um nimbo em torno dela. Rand fechou os olhos e respirou regularmente, o tempo todo de ouvidos atentos à espera de passos se

aproximando. Não ouviu nada. Quando voltou a abrir os olhos, ela havia ido embora.

Quando finalmente o sono chegou, este foi perturbado e cheio de sonhos assustadores nos quais todos os homens em Campo de Emond alegavam ser o Dragão Renascido e todas as mulheres tinham pedras azuis nos cabelos como aquela que Moiraine usava. Ele não tentou mais ouvir as conversas de Moiraine e Egwene.

A lenta jornada se prolongou pelo sexto dia. O sol frio deslizava lentamente na direção das copas das árvores, enquanto um punhado de nuvens finas vagava no alto para o norte. O vento soprou numa rajada mais forte por um momento, e Rand ajeitou o manto em torno dos ombros, resmungando consigo mesmo. Ele se perguntava se algum dia eles chegariam a Baerlon. A distância que haviam viajado desde o rio já era mais do que suficiente para levá-lo de Barca do Taren ao Rio Branco, mas, sempre que alguém perguntava, Lan dizia que era apenas uma curta jornada, que nem valia a pena chamar aquilo de jornada. Isso fazia com que ele se sentisse perdido.

Lan surgiu à frente deles na floresta, retornando de uma de suas incursões. Ele puxou as rédeas e passou a cavalgar ao lado de Moiraine, a cabeça abaixada ao lado da dela.

Rand fez uma careta, mas não perguntou mais nada. Lan simplesmente se recusava a responder qualquer pergunta dessa natureza que lhe dirigiam.

Somente Egwene entre os demais pareceu reparar no retorno de Lan, de tão acostumados a esse arranjo eles estavam, e ela também se conteve. A Aes Sedai podia ter começado a agir como se Egwene estivesse encarregada dos moradores de Campo de Emond, mas isso não lhe dava direito algum quando o Guardião fazia seus relatórios. Perrin carregava o arco de Mat, envolto no silêncio pensativo que parecia dominá-los mais e mais à medida que se afastavam dos Dois Rios. A lenta marcha dos cavalos permitia que Mat praticasse malabarismo com três pedras pequenas sob o olhar vigilante de Thom Merrilin. Assim como Lan, o menestrel também dava aulas todas as noites.

Lan terminou o que quer que estivesse contando a Moiraine, que se virou em sua sela a fim de olhar para os outros. Rand tentou não enrijecer quando os olhos dela passaram por ele. Teriam se detido sobre ele um instante a mais do que sobre os outros? Ele tinha a desagradável sensação de que ela sabia quem estivera escutando na escuridão naquela noite.

— Ei, Rand — gritou Mat. — Já consigo fazer malabarismo com quatro! — Rand acenou em resposta sem olhar para trás. — Eu disse que ia chegar a quatro antes de você. Eu... Olhe!

Eles haviam chegado ao topo de uma colina baixa, e, à frente deles, a cerca de uma milha entre as árvores nuas e as sombras compridas da noite, lá embaixo, estendia-se Baerlon. Rand arquejou, tentando sorrir e escancarar a boca ao mesmo tempo.

Uma muralha de troncos de quase vinte pés de altura cercava a cidade, com torres de vigia de madeira espalhadas ao longo de sua extensão. Do lado de dentro, telhados de ardósia e azulejo reluziam com o sol que baixava, e penachos de fumaça saíam das chaminés. Centenas de chaminés. Não havia um só telhado de palha à vista. Uma estrada larga corria para leste a partir da cidade, e outra para oeste, cada qual com pelo menos uma dezena de carroças e duas vezes a mesma quantidade de carros de boi seguindo na direção da paliçada. Fazendas jaziam espalhadas em torno da cidade, mais agrupadas ao norte, enquanto apenas algumas rompiam a floresta ao sul. Para Rand, no entanto, elas podiam muito bem não estar lá. *É maior do que Campo de Emond, a Colina da Vigília e Trilha*

de Deven, todas juntas! E talvez até Barca do Taren.

— Então isso é uma cidade. — Mat suspirou, inclinando-se para a frente sobre o pescoço do cavalo para olhar melhor.

Perrin só conseguia balançar a cabeça.

— Como pode tanta gente viver num lugar só?

Egwene ficou simplesmente olhando.

Thom Merrilin olhou de relance para Mat, depois revirou os olhos e soprou os bigodes.

— Cidade! — Ele bufou.

— E você, Rand? — perguntou Moiraine. — O que acha de sua primeira visão de Baerlon?

— Eu acho que é muito longe de casa — disse ele devagar, provocando uma risada aguda de Mat.

— Vocês ainda têm muito que percorrer — disse Moiraine. — Muito. Mas não há outra escolha, exceto fugir, esconder-se e fugir novamente, pelo resto de suas vidas. E seriam vidas curtas. Vocês precisam se lembrar disso, quando a jornada se tornar difícil. Vocês não têm escolha.

Rand trocou olhares com Mat e Perrin. Pela expressão deles, estavam pensando a mesma coisa. Como ela podia falar como se eles tivessem alguma escolha depois do que dissera. *A Aes Sedai fez a escolha por nós.*

Moiraine continuou como se o pensamento deles não fosse óbvio.

— O perigo recomeça aqui. Cuidado com o que dizem dentro dessas muralhas. Acima de tudo, não mencionem Trollocs, nem Meios-homens, nem coisas do gênero. Vocês não devem nem sequer pensar no Tenebroso. Alguns em Baerlon têm menos apreço pela Aes Sedai do que a gente de Campo de Emond, e pode haver até mesmo Amigos das Trevas. — Egwene arquejou, e Perrin murmurou entredentes. O rosto de Mat empalideceu, mas Moiraine continuou calmamente: — Precisamos atrair o mínimo de atenção possível. — Lan estava trocando seu manto de cinza e verdes mutantes por um marrom-escuro, mais comum, embora de fino corte. Seu manto de cores mutáveis formou uma grande protuberância em um de seus alforjes. — Aqui não usamos nossos nomes verdadeiros — prosseguiu Moiraine. — Aqui sou conhecida como Alys, e Lan é Andra. Lembrem-se disso. Muito bem. Vamos adentrar as muralhas antes que a noite nos pegue. Os portões de Baerlon ficam fechados do pôr do sol ao amanhecer.

Lan conduziu-os colina abaixo e pela floresta na direção da muralha de troncos. A estrada passava por meia dúzia de fazendas — nenhuma das casas ficava próxima, e nenhuma das pessoas que concluíam suas tarefas pareceu reparar nos viajantes —, terminando em portões pesados de madeira presos com cintas largas de ferro preto. Eles estavam bem fechados, mesmo com o sol ainda no céu.

Lan aproximou-se da muralha e deu um puxão em uma corda esfiapada que pendia ao lado dos portões. Um sino soou do outro lado da muralha. De repente, do alto da muralha, um rosto vincado sob um capacete de tecido surrado espiou desconfiado para baixo, olhando entre as pontas cortadas de dois dos troncos, umas boas três braças acima da cabeça deles.

— O que é isso, hein? Está muito tarde para abrir este portão. Tarde demais, eu digo. Deem a volta até o Portão de Ponte Branca se quiserem... — A égua de Moiraine foi até onde o homem no alto da muralha pudesse vê-la com clareza. Subitamente as rugas

dele se aprofundaram num sorriso em que faltavam alguns dentes, e ele pareceu hesitar entre falar e cumprir seu dever. — Eu não sabia que era a senhora. Espere. Já estou descendo. Espere só um pouquinho. Já estou chegando. Já estou chegando.

A cabeça sumiu de vista, mas Rand ainda conseguia ouvir gritos abafados para que eles ficassem onde estavam, que ele estava chegando. Com grandes rangidos decorrentes do desuso, o lado direito do portão deslizou lentamente para fora, parando quando a abertura era apenas suficiente para a passagem de um cavalo de cada vez. O vigia meteu a cabeça para fora pela abertura, ofereceu-lhes novamente seu sorriso meio desdentado e recuou correndo, saindo do caminho. Moiraine entrou seguindo Lan, com Egwene logo atrás dela.

Rand conduziu Nuvem num trote depois de Bela e se viu numa rua estreita com cercas altas de madeira e armazéns, altos e sem janelas, as grandes portas muito bem fechadas. Moiraine e Lan já estavam de pé, conversando com o vigia de rosto enrugado, e Rand também desmontou.

O homenzinho, usando manto e casaco muito remendados, segurava seu chapéu de tecido amarrotado numa das mãos e abaixava a cabeça sempre que falava. Espiou aqueles que desmontavam atrás de Lan e Moiraine, e balançou a cabeça.

— Gente das terras de baixo. — Ele sorriu. — Ora, Senhora Alys, começou a colecionar gente do sul com feno no cabelo? — Então seu olhar chegou a Thom Merrilin. — Você não é um criador de ovelhas. Eu me lembro de tê-lo deixado passar faz alguns dias. Não gostaram dos seus truques lá no sul, hein, menestrel?

— Espero que o senhor tenha se lembrado de esquecer que nos deixou passar, Mestre Avin — disse Lan, colocando uma moeda na mão livre do homem. — E de nos deixar voltar também.

— Isso não é necessário, Mestre Andra. Não é preciso. O senhor me deu o suficiente quando partiu. O suficiente. — Ainda assim Avin fez a moeda desaparecer habilmente, como se ele também fosse um menestrel. — Eu não contei a ninguém e não vou contar. Especialmente não a eles, os Mantos-brancos. — Ele terminou com uma careta. Franziu os lábios para cuspir, então olhou de relance para Moiraine e engoliu.

Rand piscou, mas ficou de boca fechada. Os outros fizeram o mesmo, embora para Mat isso parecesse ser um esforço. *Filhos da Luz*, Rand pensou imaginando. Histórias contadas sobre os Filhos por mascates, mercadores e guardas dos mercadores variavam da admiração ao ódio, mas todas concordavam que os Filhos odiavam Aes Sedai tanto quanto odiavam Amigos das Trevas. Ficou se perguntando se isso já não significava mais problemas.

— Os Filhos estão em Baerlon? — Lan exigiu saber.

— Certamente que sim. — O vigia do portão assentiu com a cabeça. — Chegaram no mesmo dia que os senhores partiram, se me lembro bem. Ninguém aqui gosta deles. A maioria não demonstra, é claro.

— Eles disseram por que estão aqui? — Moiraine perguntou, interessada.

— Por que estão aqui, senhora? — Avin ficou tão surpreso que esqueceu de abaixar a cabeça. — É claro, eles disseram por que... Ah, esqueci. A senhora estava lá para baixo. É provável que não tenha ouvido nada a não ser as ovelhas balindo. Dizem que estão aqui por causa do que está acontecendo lá em Ghealdan. O Dragão, a senhora sabe... bem, aquele que se autodenomina Dragão. Eles dizem que o sujeito está despertando o mal... o que eu imagino que esteja mesmo... e eles estão aqui para acabar

com isso. Só que ele está lá em Ghealdan, não aqui. Isso foi só uma desculpa para se meterem nos assuntos das outras pessoas, é o que eu acho. Já encontraram a Presa do Dragão nas portas de algumas pessoas. — Dessa vez ele cuspiu.

— Então eles têm causado problemas? — perguntou Lan, e Avin sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Não que não queiram, imagino, só que o Governador não confia neles mais do que eu. E não deixa entrar mais do que dez no interior das muralhas de cada vez, e eles ficam furiosos com isso. O restante fica em um acampamento um pouco ao norte, pelo que ouvi dizer. Aposto que os fazendeiros ficam de olho neles o tempo todo. Os que conseguem entrar só ficam espreitando naqueles mantos brancos, olhando de nariz empinado para gente honesta. Caminhem na Luz, eles dizem, e é uma ordem. Quase saíram no soco mais de uma vez com os condutores de carroça, mineiros e fundidores e outros, e até mesmo a Guarda, mas o Governador quer tudo em paz, e é assim que tem sido até agora. Se eles estão caçando o mal, eu pergunto: por que não estão lá em cima, em Saldaea? Estão tendo algum tipo de problema lá em cima, pelo que ouvi dizer. Ou lá embaixo, em Ghealdan? Houve uma grande batalha por lá, dizem eles. Grande mesmo.

Moiraine suspirou baixinho.

— Ouvi dizer que Aes Sedai estavam indo para Ghealdan.

— Sim, foram mesmo, senhora. — A cabeça de Avin começou a se sacudir novamente. — Foram para Ghealdan, isso mesmo, e foi isso o que começou a batalha, ou pelo menos foi o que ouvi falar. Dizem que algumas dessas Aes Sedai estão mortas. Talvez todas elas. Eu conheço alguns sujeitos que não se dão com Aes Sedai, mas eu digo, quem mais vai deter um falso Dragão? Hein? E aqueles tolos malditos que pensam que podem ser Aes Sedai homens ou coisa do gênero? O que me dizem deles? É claro que alguns dizem... não os Mantos-brancos, veja bem, e nem eu, mas alguns... que talvez esse sujeito realmente seja o Dragão Renascido. Ele pode fazer coisas, ouvi dizer. Usar o Poder Único. E tem milhares de seguidores.

— Não seja tolo — disse Lan bruscamente, e o rosto de Avin se fechou numa expressão magoadá.

— Só estou dizendo o que ouvi, está bem? Só o que ouvi, Mestre Andra. Eles dizem, alguns dizem, que ele está levando seu exército para leste e para sul, na direção de Tear. — Sua voz tornou-se solene, cheia de implicações. — Dizem que ele os chamou de Povo do Dragão.

— Nomes pouco significam — replicou Moiraine calmamente. Se alguma coisa que ouvira a perturbara, ela não dava nenhum sinal. — Você podia chamar sua mula de Povo do Dragão, se quisesse.

— Isso não seria provável, senhora. — Avin ri. — Não com os Mantos-brancos por aí, certamente. Não creio que ninguém fosse gostar muito de um nome desses também. Entendi o que a senhora quis dizer, mas... Ah, não, senhora. A *minha* mula não.

— Sem dúvida uma sábia decisão — afirmou Moiraine. — Agora precisamos ir.

— E a senhora não se preocupe — disse Avin, abaixando bem a cabeça. — Eu não vi ninguém. — Ele correu até o portão e começou a fechá-lo com puxões rápidos. — Não vi ninguém e não vi nada. — O portão se fechou com uma pancada seca, e Avin desceu a tranca com uma corda. — Na verdade, senhora, há dias que este portão não é aberto.

— Que a Luz o ilumine, Avin — disse Moiraine.

Então ela os levou dali. Rand olhou para trás uma vez, e Avin ainda estava em pé diante do portão. Ele parecia estar polindo uma moeda com a borda do manto e rindo baixinho.

O caminho levava por ruas de terra batida onde mal passavam duas carroças lado a lado, e que estavam desertas; as ruas eram todas ladeadas por armazéns e ocasionais cercas altas de madeira. Rand caminhou por algum tempo ao lado do menestrel.

— Thom, o que foi aquilo sobre Tear e o Povo do Dragão? Tear é uma cidade lá no Mar das Tempestades, não é?

— *O Cido de Karaethon* — disse Thom, seco.

Rand piscou. *As Profecias do Dragão*.

— Ninguém conta as... essas histórias nos Dois Rios. Pelo menos não em Campo de Emond. A Sabedoria esfolaria vivo quem fizesse isso.

— Acho que ela faria isso mesmo — replicou Thom com secura. Ele olhou de relance para Moiraine, que seguia adiante com Lan, viu que ela não podia ouvi-los, e continuou: — Tear é o maior porto no Mar das Tempestades, e a Pedra de Tear é a fortaleza que a protege. Dizem que foi a primeira fortaleza construída depois da Ruptura do Mundo, e em todo esse tempo ela jamais caiu, embora muitos exércitos tenham tentado derrubá-la. Uma das Profecias diz que a Pedra de Tear não cairá até que o Povo do Dragão vá até ela. Outra diz que a Pedra não cairá até que a Espada que Não Pode Ser Tocada seja brandida pela mão do Dragão. — Thom fez uma careta. — A queda da Pedra será uma das maiores provas de que o Dragão renasceu. Que a Pedra possa resistir até que eu vire pó.

— A espada que não pode ser tocada?

— É o que se diz. Não sei se é uma espada. Seja lá o que for, fica no Coração da Pedra, a cidadela central da fortaleza. Ninguém a não ser os Grão-senhores de Tear pode entrar lá, e eles nunca falam do que há lá dentro. Certamente não para menestrelis, pelo menos.

Rand franziu a testa.

— A Pedra não pode cair até que o Dragão empunhe a espada, mas como ele pode fazer isso, a menos que a Pedra já tenha caído? Será que o Dragão deve ser um Grão-senhor de Tear?

— Não vejo muita chance disso — respondeu o menestrel, seco. — Tear odeia qualquer coisa que tenha a ver com o Poder, mais ainda que Amador, e Amador é a base dos Filhos da Luz.

— Então como a Profecia poderá se realizar? — perguntou Rand. — Eu gostaria muito que o Dragão nunca renascesse, mas uma profecia que não pode ser realizada não faz muito sentido. Parece uma história criada para fazer as pessoas pensarem que o Dragão jamais renascerá. É isso mesmo?

— Você faz muitas perguntas, garoto — observou Thom. — Uma profecia que fosse facilmente cumprida não valeria de muita coisa, valeria? — Subitamente sua voz se alegrou. — Bem, chegamos. Onde quer que seja.

Lan havia parado diante de uma seção de cerca de madeira da altura de sua cabeça que não parecia diferente de nenhuma outra pela qual já haviam passado. Ele estava inserindo a lâmina de seu punhal entre duas das tábuas. Subitamente soltou um grunhido de satisfação, puxou, e uma parte da cerca se abriu como um portão. Na verdade, era mesmo um portão, Rand viu, embora a intenção original fosse de que ela se abrisse

somente pelo lado interno. O trinco de metal que Lan havia erguido com sua adaga demonstrava isso.

Moiraine entrou imediatamente, puxando Aldieb. Lan fez sinal para que os demais a seguissem e ficou na retaguarda, fechando o portão atrás de si.

Do outro lado da cerca, Rand se viu no pátio do estábulo de uma estalagem. Um grande ruído vinha da cozinha da construção, mas o que o impressionou foi o tamanho desta: ela cobria mais que o dobro da Estalagem Fonte de Vinho e tinha quatro andares de altura. Bem mais da metade das janelas reluzia no crepúsculo que se adensava. Rand admirou-se com aquela cidade, onde devia haver muitos estranhos.

Mal haviam acabado de entrar no pátio e três homens vestindo aventais de lona sujos apareceram nas amplas portas em arco do imenso estábulo. Um deles, um sujeito esguio e musculoso, e o único sem um forçado para estrume nas mãos, avançou, acenando com os braços.

— Ei! Ei! Você não podem entrar por aí! Têm de dar a volta pela frente!

A mão de Lan foi até sua bolsa mais uma vez, mas nesse instante outro homem, tão grande de cintura quanto o Mestre al'Vere, saiu correndo da estalagem. Tufos de cabelo despontavam acima de suas orelhas, e o avental branco impecável era um sinal claro, proclamando-o o estalajadeiro.

— Está tudo certo, Mutch — disse o recém-chegado. — Está tudo certo. Essas pessoas são convidados que já eram esperados. Tome conta dos cavalos deles. Tome conta muito bem.

Mutch massageou a testa com os nós dos dedos, amuado, depois fez um gesto para seus dois companheiros virem ajudar. Rand e os outros rapidamente tiraram seus alforjes e cobertores enrolados enquanto o estalajadeiro se voltava para Moiraine. Ele lhe fez uma grande mesura e falou com um sorriso genuíno:

— Bem-vinda, Senhora Alys. Bem-vinda. É bom vê-la novamente, a senhora e o Mestre Andra também. Muito bom. Sentimos falta de sua ótima conversa. Sentimos, sim. Devo dizer que fiquei preocupado com sua ida ao sul e tudo o mais. Bem, quer dizer, numa época destas, com o tempo todo enlouquecido e lobos uivando para as muralhas à noite. — Subitamente ele bateu as duas mãos na barriga redonda e balançou a cabeça. — Cá estou eu de novo, falando sem parar, em vez de levá-los para dentro. Venham. Venham. Refeições quentes e camas mornas, é isso o que vocês querem agora. E as melhores de Baerlon estão bem aqui. As melhores.

— E banhos quentes também, espero, Mestre Fitch? — perguntou Moiraine, e Egwene ecoou fervorosamente:

— Ah, isso.

— Banhos? — perguntou o estalajadeiro. — Ora, simplesmente os melhores e mais quentes de Baerlon. Vamos. Bem-vindos ao Cervo e Leão. Bem-vindos a Baerlon.



Cervo e Leão

Lá dentro, a estalagem era tão movimentada quanto os sons que vinham dela tinham dado a entender, senão mais. O grupo de Campo de Emond seguiu Mestre Fitch pela porta dos fundos, e logo se viram ziguezagueando em meio a um fluxo constante de homens e mulheres de aventais compridos, carregando no alto pratos de comida e bandejas de bebida. Os carregadores murmuravam desculpas quando entravam no caminho de alguém, mas nunca reduziam a velocidade um passo sequer. Um dos homens recebeu ordens apressadas de Mestre Fitch e desapareceu numa carreira.

— Receio que a estalagem esteja quase lotada — disse o estalajadeiro a Moiraine. — Quase até as vigas do teto. Todas as estalagens da cidade estão na mesma situação. Com o inverno que acabamos de ter... bem, assim que ele abrandou o suficiente para eles descerem das montanhas, fomos inundados... isso mesmo, esta é a palavra certa: *inundados* de homens das minas e fundições, todos contando as histórias mais horríveis. Lobos e coisas piores. O tipo de história que os homens contam quando ficam confinados o inverno inteiro. Acho que não restou mais ninguém lá em cima de tanta gente que temos aqui. Mas não temam. O lugar está meio lotado, mas farei meu melhor pela senhora e por Mestre Andra. E por seus amigos também, é claro. — Olhou curiosamente uma ou duas vezes para Rand e os outros; exceto por Thom, as roupas deles os entregavam como gente do campo, e o manto de menestrel de Thom também o tornava um estranho companheiro de viagem para a “Senhora Alys” e “Mestre Andra”. — Farei o meu melhor, podem ficar descansados.

Rand ficou olhando o frenesi ao redor deles e tentou evitar que lhe pisassem os pés, embora não parecesse haver risco algum que os ajudantes fizessem isso. Pensou em como

Mestre al'Vere e a esposa cuidavam da Estalagem Fonte de Vinho, às vezes com um pouco de ajuda das filhas.

Mat e Perrin esticaram o pescoço com interesse na direção do salão, do qual vinha uma onda de risos, cantoria e gritos joviais sempre que a porta grande no fim do corredor se abria. Resmungando algo sobre ficar sabendo das novidades, o Guardião desapareceu, taciturno, por aquela porta, engolido por uma onda de alegria.

Rand queria ir atrás dele, mas ansiava ainda mais por um banho. Teria gostado de ver pessoas e risos naquele instante, mas o salão apreciaria mais sua presença quando ele estivesse limpo. Mat e Perrin aparentemente se sentiam da mesma forma; Mat se coçava discretamente.

— Mestre Fitch — começou Moiraine —, fiquei sabendo que há Filhos da Luz em Baerlon. Alguma chance de haver problemas?

— Ah, não se preocupe com eles, Senhora Alys. Estão por aí com seus truques de costume. Afirmam que há uma Aes Sedai na cidade. — Moiraine ergueu uma sobrancelha, e o estalajadeiro abriu as mãos gorduchas. — Mas a senhora não se preocupe. Eles já tentaram isso antes. Não existem Aes Sedai em Baerlon, e o Governador sabe disso. Os Mantos-brancos pensam que, se mostrarem uma Aes Sedai, alguma mulher que eles afirmem ser uma Aes Sedai, as pessoas deixarão que todos venham para dentro das muralhas. Bem, suponho que alguns deixariam. Sim, alguns deixariam. Mas a maioria das pessoas sabe o que os Mantos-brancos realmente querem, e elas apoiam o Governador. Ninguém quer ver uma velhinha indefesa qualquer machucada só para que os Filhos possam ter uma desculpa para sair por aí criando confusão.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Moiraine com secura. Ela pôs uma das mãos no braço do estalajadeiro. — Min ainda está por aqui? Se estiver, gostaria de falar com ela.

Rand perdeu a resposta de Mestre Fitch visto que chegavam os ajudantes para levá-los aos banhos. Moiraine e Egwene desapareceram por trás de uma mulher gorda com um sorriso pronto e um monte de toalhas nos braços. O menestrel, Rand e seus amigos acabaram indo atrás de um sujeito magro de cabelos escuros, chamado Ara.

Rand tentou perguntar a Ara sobre Baerlon, mas o homem mal encadeava duas palavras, a não ser para observar que ele tinha um sotaque engraçado, e então a primeira visão da sala de banhos afastou toda a vontade de conversar da cabeça de Rand. Uma dúzia de altas banheiras de cobre posicionava-se em círculo no chão de ladrilhos, que se inclinava suavemente até um ralo no centro da grande sala de paredes de pedra. Numa banquetta atrás de cada banheira viam-se uma toalha grossa, cuidadosamente dobrada, e um grande pedaço de sabão amarelo. Ao longo de uma parede, grandes caldeirões de ferro preto esquentavam água em fogareiros. Do lado oposto, troncos queimando numa lareira profunda aumentavam o calor do ambiente.

— Quase tão bom quanto a Estalagem Fonte de Vinho — disse Perrin lealmente, ainda que sem grande compromisso com a verdade.

Thom deu uma gargalhada, e Mat zombou:

— Parece que trouxemos um Coplin conosco sem saber.

Rand tirou o manto e as roupas enquanto Ara enchia quatro das banheiras de cobre. Nenhum dos outros ficou muito atrás de Rand na hora de escolher uma banheira. Assim que as roupas estavam todas empilhadas nas banquetas, Ara trouxe para cada um deles um balde grande de água quente e uma concha. Isso feito, ele se sentou em uma banquetta ao lado da porta, recostando-se na parede com os braços cruzados, aparentemente

perdido nos próprios pensamentos.

Pouco se conversou enquanto eles esfregavam e ensaboavam uma semana de sujeira com conchas de água bem quente. Depois, entraram nas banheiras para uma longa imersão. Ara havia deixado a água quente o bastante para que o ato de se acomodar nas banheiras fosse um lento processo de suspiros luxuriantes. O ar na sala passou de morno para enevoado e quente. Por muito tempo não se ouviu nenhum som a não ser a ocasional exalação lenta e relaxante enquanto músculos tensos se soltavam e um frio que eles já tinham começado a achar que seria permanente deixava seus ossos.

— Precisam de mais alguma coisa? — perguntou Ara subitamente. Ele não tinha muita autoridade para falar do sotaque dos outros; a impressão que se tinha ao ouvi-lo, assim como a Mestre Fitch, era que falavam com a boca cheia de algodão. — Mais toalhas? Mais água quente?

— Nada — disse Thom em sua voz reverberante. De olhos fechados, ele acenou, indolente, com a mão. — Pode ir aproveitar a noite. Mais tarde cuidarei para que você receba uma recompensa mais do que adequada pelos seus serviços. — Ele se acomodou mais baixo na banheira, até a água cobrir tudo menos seus olhos e seu nariz.

Os olhos de Ara seguiram até as banquetas atrás das banheiras, onde as roupas e os pertences deles estavam empilhados. Ele olhou de relance para o arco, mas se deteve por mais tempo na espada de Rand e no machado de Perrin.

— Há problemas lá para as bandas de baixo também? — perguntou ele bruscamente. — Nos Rios, ou seja lá como vocês chamam aquele lugar?

— Os Dois Rios — disse Mat, pronunciando cada palavra de modo distinto. — É Dois Rios. Quanto a problemas, por que...

— Como assim também? — perguntou Rand. — Há algum tipo de problema aqui? Perrin, desfrutando de sua imersão, murmurou:

— Que bom! Que bom!

Thom se ergueu um pouco e abriu os olhos.

— Aqui? — Ara bufou. — Problemas? Mineiros trocando socos nas ruas altas horas da manhã não são problema. Nem... — Ele parou e os fitou por um momento. — Eu me referia ao tipo de problema de Ghealdan — disse ele finalmente. — Não, acho que não. Não há nada a não ser ovelhas lá para baixo, não é? Sem querer ofender. Só quis dizer que lá embaixo é tudo bem tranquilo. Mesmo assim, está sendo um inverno estranho. Coisas estranhas nas montanhas. Outro dia ouvi dizer que havia Trollocs em Saldaea. Mas lá são as Terras da Fronteira, não são? — Ele terminou com a boca ainda aberta, então a fechou bruscamente, parecendo surpreso por ter falado tanto.

Rand havia ficado tenso com a palavra *Trollocs*, e tentou esconder isso torcendo sua toalha por cima da cabeça. Enquanto o sujeito falava ele relaxou, mas nem todo mundo manteve a boca fechada.

— Trollocs? — Mat riu. Rand jogou água nele, mas Mat simplesmente a enxugou do rosto com um sorriso. — Deixe eu lhe contar sobre Trollocs.

Pela primeira vez desde que entrara na banheira, Thom falou:

— Por que não nos poupa? Estou um pouco cansado de ouvir minhas próprias histórias recontadas por você.

— Ele é um menestrel — explicou Perrin, e Ara lhe lançou um olhar de escárnio.

— Eu vi o manto. Você vai se apresentar?

— Só um minuto — protestou Mat. — Que história é essa de eu contar as histórias de Thom? Vocês estão todos...?

— Você só não conta tão bem quanto ele — interrompeu-o Rand rapidamente, e Perrin interveio:

— Você vive acrescentando coisas, tentando melhorar tudo, e nunca funciona.

— E você confunde tudo também — acrescentou Rand. — É melhor deixar isso com Thom.

Todos estavam falando tão rápido que Ara ficou olhando para eles de queixo caído. Mat também ficou assim, como se todos os outros tivessem subitamente enlouquecido. Rand ficou pensando em como calar a boca de Mat sem precisar pular em cima dele.

De súbito a porta se abriu para deixar entrar Lan, o manto marrom pendurado em um ombro, juntamente com uma rajada de ar mais frio que por um momento afinou a neblina.

— Ora — disse o Guardião, esfregando as mãos —, era justamente isto que eu estava procurando. — Ara apanhou um balde, mas Lan o dispensou. — Não, eu mesmo me encarrego disso. — Deixando o manto cair em cima de uma das banquetas, ele colocou o criado para fora do aposento, apesar dos protestos do sujeito, e fechou a porta com firmeza. Ficou aguardando ali por um momento, a cabeça inclinada para ouvir, e, quando se voltou para o restante deles, sua voz era de pedra e seus olhos apunhalaram Mat. — Foi ótimo eu ter voltado agora, camponês. Você não ouve o que lhe dizem?

— Eu não fiz nada — protestou Mat. — Eu só ia falar para ele sobre os Trollocs, não sobre... — Ele parou e reclinou-se, fingindo dos olhos do Guardião, colando-se na parte de trás da banheira.

— Não fale de Trollocs — disse Lan, sombrio. — Nem sequer pense em Trollocs. — Bufando, furioso, ele começou a encher uma banheira para si mesmo. — Sangue e cinzas, é melhor você lembrar que o Tenebroso tem olhos e ouvidos onde você menos espera. E, se os Filhos da Luz ouvirem falar que havia Trollocs atrás de você, vão ficar loucos para pôr as mãos em você. Para eles, seria o mesmo que você ser um Amigo das Trevas. Isso pode ser uma coisa com a qual você não está acostumado, mas, até chegarmos aonde estamos indo, não confie em ninguém a menos que a Senhora Alys ou eu dissermos o contrário. — Com sua ênfase no nome que Moiraine estava usando, Mat se encolheu.

— Havia uma coisa que aquele sujeito não quis nos contar — disse Rand. — Uma coisa que ele considerava um problema, mas não quis dizer o que era.

— Provavelmente os Filhos — disse Lan, derramando mais água quente em sua banheira. — A maioria das pessoas os considera um problema. Mas outros não, e ele não conhecia vocês bem o bastante para se arriscar. Até onde ele sabia, vocês poderiam ter saído correndo para os Mantos-brancos.

Rand sacudiu a cabeça; aquele lugar já soava pior que Barca do Taren poderia ser.

— Ele disse que havia Trollocs em... em Saldaea, não é? — perguntou Perrin.

Lan atirou seu balde vazio ao chão com um estrondo.

— Vocês vão continuar falando nisso, não vão? Sempre há Trollocs nas Terras da Fronteira, ferreiro. Só bote na sua cabeça que não queremos chamar mais atenção do que ratos numa campina. Concentre-se nisso. Moiraine quer levar todos vocês a Tar Valon vivos, e eu farei isso se puder ser feito, mas se vocês causarem qualquer mal a ela...

O restante do banho transcorreu em silêncio, e o tempo que levaram para se vestir

também.

Quando deixaram a sala de banhos, Moiraine estava parada no fim do corredor com uma garota esguia não muito mais alta do que ela. Ao menos Rand pensou que fosse uma garota, embora os cabelos escuros fossem cortados curtos e ela vestisse camisa e calças masculinas. Moiraine disse alguma coisa, e a garota olhou bruscamente para os homens, depois assentiu para Moiraine e saiu, apressada.

— Ora, ora — Moiraine falou quando eles se aproximaram. — Tenho certeza de que um banho abriu o apetite de todos vocês. Mestre Fitch nos reservou uma sala de jantar particular. — Ela falava de modo displicente, enquanto se virava e conduzia o grupo, sobre os quartos deles, sobre como a cidade estava lotada e como o estalajadeiro esperava que Thom lhe desse o prazer de se apresentar no salão com alguma música e uma ou duas histórias. Não fez nenhuma menção à garota, se é que era mesmo uma garota.

A sala de jantar particular tinha uma mesa de carvalho polida com uma dúzia de cadeiras ao redor e um tapete grosso no chão. Quando entraram, Egwene, cabelos reluzentes escovados em torno dos ombros, virou-se de onde estava aquecendo as mãos no fogo que crepitava na lareira. Rand tivera muito tempo para pensar durante o longo silêncio na sala de banhos. Os constantes avisos de Lan para não confiar em ninguém, e especialmente a desconfiança de Ara, haviam-no feito pensar em como eles realmente estavam sozinhos, afinal. Parecia que não podiam confiar em ninguém a não ser neles próprios, e ele ainda não tinha muita certeza de até que ponto podiam confiar em Moiraine, ou em Lan. Apenas em si mesmos. E Egwene ainda era Egwene. Moiraine dissera que aquilo teria acontecido com ela de qualquer maneira, aquele toque da Fonte Verdadeira. Ela não tinha controle sobre aquilo, o que significava que não tinha culpa. E ela ainda era Egwene.

Ele abriu a boca para pedir desculpas, mas Egwene se enrijeceu e virou as costas antes que ele pudesse dizer uma palavra sequer. Olhando mal-humorado para as costas dela, Rand engoliu em seco o que ia dizer. *Muito bem, então. Se ela quer que seja assim, não há nada que eu possa fazer.*

Mestre Fitch entrou apressadamente então, acompanhado por quatro mulheres vestindo aventais brancos tão compridos quanto o dele, com uma bandeja contendo três frangos assados e outras trazendo prataria, pratos de cerâmica e tigelas cobertas. As mulheres começaram a servir imediatamente enquanto o estalajadeiro se curvava diante de Moiraine.

— Minhas desculpas, Senhora Alys, por fazê-la esperar assim, mas com tanta gente na estalagem é de se espantar que alguém ainda consiga ser servido. Receio que tampouco a comida seja o que deveria ser. Apenas os frangos, e uns nabos e ervilhas, com um pouco de queijo para depois. Não, simplesmente não é o que deveria ser. Eu peço desculpas, sinceramente.

— Um banquete. — Moiraine sorriu. — Para estes tempos conturbados, é um banquete de fato, Mestre Fitch.

O estalajadeiro tornou a se curvar. Os cabelos esfiapados, projetados para todas as direções, como se ele passasse constantemente as mãos por eles, tornavam a mesura cômica, mas seu sorriso era tão agradável que qualquer um que risse estaria rindo com ele, e não dele.

— Meus agradecimentos, Senhora Alys. Meus agradecimentos. — Quando se

endireitou, ele franziu a testa e limpou uma partícula imaginária de poeira da mesa com uma ponta do avental. — Não é o que eu teria lhe servido um ano atrás, é claro. Nem de longe. O inverno. É. O inverno. Minhas despensas estão ficando vazias, e o mercado está praticamente sem nada. E quem pode culpar os fazendeiros? Quem? Certamente não é possível dizer quando eles terão outra colheita. Não há como dizer. E ainda tem os lobos que pegam as ovelhas e as vacas que deveriam ir para as mesas das pessoas, e...

Subitamente ele pareceu perceber que aquilo não era conversa que permitisse a seus convidados desfrutar uma refeição confortável.

— Mas eu não paro mesmo de falar. Sou mesmo um cabeça de vento. Mari, Cinda, deixem essa boa gente comer em paz. — Ele enxotou as mulheres com gestos e, quando elas deixaram correndo a sala, voltou a fazer uma mesura para Moiraine. — Espero que gostem da refeição, Senhora Alys. Se precisar de mais alguma coisa, é só falar, e eu trago. Só falar. É um prazer servir à senhora e ao Mestre Andra. Um prazer. — Fez mais uma mesura profunda e saiu, fechando a porta devagarinho atrás de si.

Lan havia se recostado à parede durante toda aquela cena como se estivesse meio adormecido. Então, deu um salto e chegou à porta em duas longas passadas. Encostou a orelha em um painel da porta e ficou ouvindo atento pelo tempo de uma lenta contagem até trinta, depois escancarou a porta e enfiou a cabeça no corredor.

— Eles se foram — disse ele finalmente, fechando a porta. — Podemos falar em segurança.

— Sei que vocês dizem para não confiar em ninguém — disse Egwene —, mas, se desconfiam do estalajadeiro, por que ficar aqui?

— Desconfio dele tanto quanto de qualquer outra pessoa — respondeu Lan. — Mas, até alcançarmos Tar Valon, desconfio de todos. Lá, só vou desconfiar de metade.

Rand começou a sorrir, pensando que o Guardião estivesse fazendo uma brincadeira. Então percebeu que não havia o menor traço de humor do rosto de Lan. Ele realmente desconfiaria de gente em Tar Valon. Será que algum lugar era seguro?

— Ele exagera — disse-lhes Moiraine em tom tranquilizador. — Mestre Fitch é um bom homem, honesto e de confiança. Mas gosta de falar, e, mesmo com a maior boa-fé do mundo, ele poderia deixar alguma coisa escapar ao ouvido errado. E eu jamais parei em uma estalagem onde metade das criadas não parasse para escutar atrás das portas e passasse mais tempo fofocando do que fazendo camas. Venham, vamos nos sentar antes que nossa comida esfrie.

Eles tomaram seus lugares em torno da mesa, com Moiraine à cabeceira e Lan na outra extremidade, e por um tempo todos ficaram ocupados demais enchendo os pratos para falar. Podia não ser um banquete, mas depois de quase uma semana de pão e carne-seca, era o que parecia.

Depois de algum tempo, Moiraine perguntou:

— O que você ficou sabendo no salão? — Facas e garfos pararam, suspensos no ar, e todos os olhares se voltaram para o Guardião.

— Pouco que preste — respondeu Lan. — Avin tinha razão, pelo menos segundo os boatos. Houve uma batalha em Ghealdan, e Logain foi o vencedor. Uma dezena de histórias diferentes estão circulando por aí, mas nisso todas concordam.

Logain? Esse devia ser o falso Dragão. Era a primeira vez que Rand ouvia um nome atribuído ao homem. Lan falava quase como se o conhecesse.

— As Aes Sedai? — perguntou Moiraine baixinho, e Lan balançou a cabeça.

— Não sei. Uns dizem que foram todas mortas, outros dizem que nenhuma foi. — Ele bufou. — Uns dizem até que elas passaram para o lado de Logain. Não há nada de confiável, e eu não quis demonstrar interesse demais.

— Sim — disse Moiraine. — Pouco que preste. — Respirando fundo, ela dirigiu a atenção de volta à mesa. — E quanto à nossa situação?

— Aí as notícias são melhores. Nenhum acontecimento bizarro, nenhum estranho por aí que pudesse ser um Myrddraal, certamente nenhum Trolloc. E os Mantos-brancos estão ocupados tentando criar problemas para o Governador Adan porque ele não quer cooperar com eles. Não vão nem mesmo reparar em nós, a menos que anunciemos nossa presença.

— Ótimo — disse Moiraine. — Isso se ajusta ao que a criada na sala de banho falou. A fofoca até que tem sua utilidade. Agora — ela se dirigiu a todo o grupo — ainda temos uma longa jornada à nossa frente, mas a última semana não foi fácil também. Então, proponho permanecermos aqui esta noite e a próxima, partindo bem cedo depois de amanhã. — Todos os jovens sorriram; uma cidade pela primeira vez. Moiraine sorriu, mas ainda assim disse: — O que Mestre Andra tem a dizer sobre isso?

Lan dirigiu um olhar sem expressão aos rostos sorridentes.

— Tudo bem se, para variar, eles se lembrarem do que eu lhes disse.

Thom bufou através do bigode.

— Esse povo do campo à solta numa... numa cidade. — Ele voltou a bufar e balançou a cabeça.

Com a estalagem lotada, só havia três quartos disponíveis: um para Moiraine e Egwene e dois para os homens. Rand acabou dividindo um quarto com Lan e Thom, nos fundos do quarto andar, perto dos beirais, com uma única e pequena janela que dava para o pátio do estábulo. A noite havia caído completamente, e a luz da estalagem criava uma poça do lado de fora. Era um quarto pequeno, e a cama extra colocada para Thom o tornava ainda menor, embora todas as três fossem estreitas. E duras, descobriu Rand ao se jogar na sua. Definitivamente não era o melhor quarto.

Thom ficou ali apenas tempo suficiente para tirar a flauta e a harpa da caixa, depois saiu já praticando poses grandiosas. Lan o acompanhou.

Era estranho, pensou Rand ao se mexer desconfortavelmente na cama. Uma semana antes ele teria descido como uma pedra rolando a ribanceira só pela chance de ver um menestrel se apresentar, só pelos rumores a respeito. Mas ele havia ouvido Thom contar suas histórias toda noite durante uma semana, e Thom estaria ali na noite seguinte, e na outra, e o banho quente havia afrouxado nos músculos nós que ele havia pensado que ficariam ali para sempre, e sua primeira refeição quente em uma semana o deixara letárgico. Sonolento, ele se perguntou se Lan realmente conhecia o falso Dragão, Logain. Um grito abafado veio lá de baixo, o salão saudando a chegada de Thom, mas Rand já estava dormindo.

O corredor de pedra era mal iluminado e cheio de sombras, e vazio a não ser por Rand. Ele não sabia dizer de onde vinha a luz, o pouco que dela havia; as paredes cinzentas eram despidas de velas ou lampiões, e nada justificava o brilho fraco que parecia simplesmente estar ali. O ar era parado e úmido, e em algum lugar distante ele ouvia água pingando com

um *plonc* constante e oco. Onde quer que ele estivesse, não era a estalagem. Franzindo a testa, ele a esfregou. Estalagem? Sua cabeça doía, e era difícil segurar os pensamentos. Havia alguma coisa sobre... uma estalagem? Fosse o que fosse, havia desaparecido.

Ele passou a língua pelos lábios e desejou ter algo para beber. Estava com uma sede terrível, a garganta seca como pó. Foi o gotejar que o fez se decidir. Sem nada a guiá-lo a não ser sua sede, ele partiu na direção daquele constante *plonc-plonc-plonc*.

O corredor se estendia, sem nenhum outro corredor transversal e sem a menor mudança na aparência. Os únicos traços distinguíveis eram as portas rústicas dispostas em pares a intervalos regulares, uma de cada lado do corredor, a madeira lascada e seca apesar da umidade do ar. As sombras à sua frente recuavam, inalteradas, e o gotejar nunca se aproximava. Depois de um longo tempo ele decidiu tentar uma daquelas portas. Ela se abriu facilmente, e ele entrou em uma câmara sombria com paredes de pedra.

Uma das paredes se abria em uma série de arcos para uma varanda de pedra cinza, além da qual havia um céu como ele nunca tinha visto. Nuvens rajadas de preto e cinza, vermelho e laranja, passavam céleres, como se empurradas por ventos de tempestade, tecendo e entretecendo infinitamente. *Ninguém* poderia jamais ter visto um céu assim; ele não podia existir.

Afastou os olhos da varanda, mas o restante do aposento não era melhor. Curvas estranhas e ângulos peculiares, como se a câmara tivesse sido fundida quase caoticamente na pedra, e colunas que pareciam brotar do piso cinzento. Chamas rugiam na lareira como o fogo de uma forja com os foles soprando, mas não forneciam calor. Estranhas pedras ovais compunham a lareira; elas pareciam simples pedras, molhadas e escorregadias apesar do fogo, quando ele olhou diretamente para elas, mas, quando as vislumbrou pelo canto do olho, pareciam rostos, os rostos de homens e mulheres se contorcendo de angústia, gritando silenciosamente. As cadeiras de espaldar alto e a mesa polida no meio do aposento eram perfeitamente comuns, mas isso só servia para destacar o restante. Um único espelho estava pendurado na parede, mas este não era nem um pouco comum. Quando olhou para o espelho, viu apenas um borrão onde seu reflexo deveria estar. Tudo o mais no aposento era mostrado de forma nítida, mas não ele.

Um homem estava parado diante da lareira. Ele não o havia notado quando entrou. Se não soubesse que era impossível, Rand teria dito que ninguém estava ali até o momento em que olhou para o homem. Vestindo roupas escuras de fino corte, ele parecia no auge da maturidade, e Rand supôs que as mulheres o teriam achado bonito.

— Uma vez mais nos encontramos face a face — disse o homem, e, por um único instante, sua boca e seus olhos se tornaram aberturas para cavernas infinitas de chamas.

Com um grito, Rand recuou, lançando-se para fora da sala tão rápido e com tanta força que tropeçou e bateu na porta do outro lado do corredor, abrindo-a. Ele se contorceu e agarrou a maçaneta para evitar cair no chão... e se viu encarando com os olhos arregalados uma sala de pedra, com um céu impossível através de arcos que davam para uma varanda, e uma lareira...

— Você não pode fugir de mim assim tão fácil — disse o homem.

Rand se contorceu, saindo cambaleando do aposento, tentando voltar a ficar de pé sem diminuir a velocidade. Dessa vez não havia corredor. Ele imobilizou-se, quase agachado, não muito longe da mesa polida, e olhou para o homem perto da lareira. Era melhor do que olhar para as pedras da lareira, ou para o céu.

— Isto é um sonho — afirmou ao se endireitar. Atrás dele, ouviu o clique da porta

se fechando. — É algum tipo de pesadelo. — Fechou os olhos, pensando em acordar. Quando era criança, a Sabedoria dissera que, se você pudesse fazer isso num pesadelo, ele desapareceria. *A... Sabedoria? O quê?* Se ao menos seus pensamentos parassem de lhe escapar... Se sua cabeça parasse de doer, então ele poderia pensar direito.

Tornou a abrir os olhos. O aposento ainda estava como antes. A varanda, o céu. O homem perto da lareira.

— Isto é mesmo um sonho? — disse o homem. — E isso importa? — Mais uma vez, por um instante, sua boca e seus olhos se tornaram buracos para uma fornalha que parecia se estender infinitamente. Sua voz não mudou; ele não parecia notar que aquilo estava acontecendo.

Rand deu um pulo menor dessa vez, mas conseguiu evitar gritar. *Isto é um sonho. Tem de ser.* Mesmo assim, recuou até a porta, sem nunca tirar os olhos do sujeito à beira do fogo, e experimentou a maçaneta. Ela não se moveu; a porta estava trancada.

— Você parece ter sede — disse o homem perto do fogo. — Beba.

Sobre a mesa havia um cálice, de ouro reluzente e ornamentado com rubis e ametistas. Não estava ali antes. Rand desejou poder parar de se sobressaltar. Era somente um sonho. Sua boca parecia cheia de areia.

— Estou, um pouco — disse ele, apanhando o cálice. O homem inclinou-se para a frente com interesse, uma das mãos no espaldar de uma cadeira, observando-o. O cheiro de vinho com especiarias fez Rand perceber como estava com sede, como se não bebesse nada havia dias. *Será?*

Com o cálice a meio caminho da boca, ele se deteve. Chiados de fumaça se elevavam do espaldar da cadeira entre os dedos do homem. E aqueles olhos o vigiavam atentamente, bruxuleando rapidamente com as chamas que iam e vinham.

Rand umedeceu os lábios e colocou o vinho de volta à mesa, intocado.

— Não estou com tanta sede quanto pensava. — O homem se endireitou bruscamente, o rosto sem expressão. Sua decepção não poderia ter sido mais evidente se ele tivesse praguejado. Rand se perguntou o que havia no vinho. Mas era uma pergunta idiota, naturalmente. Aquilo tudo era um sonho. *Então por que ele não acaba?* — O que você quer? — exigiu saber. — Quem é você?

As chamas cresceram nos olhos e na boca do homem; Rand achou que podia ouvi-las rugir.

— Alguns me chamam de Ba'alzamon.

Rand se viu de frente para a porta, puxando freneticamente a maçaneta. Todas os pensamentos a respeito de sonhos haviam desaparecido. O Tenebroso. A maçaneta não cedia, mas ele continuou tentando girá-la.

— É você a pessoa certa? — perguntou Ba'alzamon subitamente. — Você não pode esconder isso de mim para sempre. Não consegue nem mesmo se esconder de mim, nem na mais alta montanha ou na caverna mais profunda. Eu o conheço até o último fio de cabelo.

Rand virou-se de frente para o homem... de frente para Ba'alzamon. Engoliu em seco. Um pesadelo. Estendeu a mão novamente para dar um último puxão na maçaneta da porta, depois voltou a se empertigar.

— Está esperando a glória? — perguntou Ba'alzamon. — Poder? Eles lhe disseram que o Olho do Mundo serviria a você? Que glória ou poder existem para uma marionete? Os fios que movem você levaram séculos para serem tecidos. Seu pai foi escolhido pela

Torre Branca, como um garanhão laçado e levado para cruzar. Sua mãe não foi nada além de uma égua de cria nos planos deles. E esses planos levam à sua morte.

As mãos de Rand se fecharam em punhos.

— Meu pai é um homem bom, e minha mãe foi uma boa mulher. Não ouse falar deles!

As chamas riram.

— Então há algum espírito em você afinal. Talvez você seja *mesmo* o homem certo. De pouco isso lhe servirá. O Trono de Amyrlin o usará até que você seja consumido, assim como Davian foi usado, e Yurian Arco-de-pedra, e Guaire Amalasan, e Raolin Algoz-das-trevas. Assim como Logain está sendo usado. Usado até não restar mais nada de você.

— Eu não sei... — Rand balançava a cabeça de um lado para o outro. Aquele momento único de pensamento claro, nascido da raiva, havia desaparecido. Mesmo tentando alcançá-lo novamente, não conseguia se lembrar de como havia chegado lá da primeira vez. Seus pensamentos giravam e giravam. Ele se agarrou a um deles como uma jangada num redemoinho. Forçou as palavras a saírem, sua voz ganhando força quanto mais ele falava. — Você... está preso... em Shayol Ghul. Você e todos os Abandonados... presos pelo Criador até o fim dos tempos.

— O fim dos tempos? — zombou Ba'alzamon. — Você vive como um besouro debaixo de uma pedra, e pensa que seu limo é o universo. A morte do tempo me trará um poder que você jamais sonhou, verme.

— Você está preso...

— Idiota, eu nunca estive preso! — Os fogos de seu rosto rugiram tão quentes que Rand deu um passo para trás, abrigando-se atrás das mãos. O suor nas palmas secou com o calor. — Eu estava ao lado de Lews Therin, o Fratricida, quando ele realizou o feito que o nomeou. Fui eu quem lhe mandou matar a esposa, e os filhos, e todos os de seu sangue, e todas as pessoas que o amavam ou a quem ele amava. Fui eu quem lhe propiciou o momento de sanidade para saber o que havia feito. Você já ouviu um homem gritar até perder a alma, verme? Ele poderia ter me atacado naquele momento. Não teria vencido, mas poderia ter tentado. Em vez disso, invocou sobre si mesmo seu precioso Poder Único, com tanta força que a terra se abriu e criou a Montanha do Dragão para marcar o local de seu túmulo.

“Mil anos depois eu mandei os Trollocs vorazes para o sul, e por três séculos eles devastaram o mundo. Aquelas tolas cegas em Tar Valon disseram que fui derrotado no fim, mas o Segundo Pacto, o Pacto das Dez Nações, foi estilhaçado além de qualquer reconstrução, e quem restou para se opor a mim então? Eu sussurrei no ouvido de Artur Asa-de-gavião, e por toda a terra as Aes Sedai morreram. Voltei a sussurrar, e o Grão-rei enviou seus exércitos pelo Oceano de Aryth, através do Mar do Mundo, e selou dois destinos. O destino de seu sonho de uma só terra e um só povo, e um destino que ainda está por vir. No seu leito de morte, eu estava lá quando seus conselheiros lhe disseram que somente as Aes Sedai poderiam salvar sua vida. Eu falei, e ele ordenou que seus conselheiros fossem para a fogueira. Eu falei, e as últimas palavras do Grão-rei foram um grito: que Tar Valon fosse destruída.

“Se homens assim não puderam resistir a mim, que chance tem você, um sapo agachando ao lado de uma poça na floresta? Você irá me servir, ou dançará pelos cordéis das Aes Sedai até morrer. E então você *será* meu. Os mortos me pertencem!”

— Não — murmurou Rand. — Isto é um sonho. É um sonho!

— Você pensa que está a salvo de mim em seus sonhos? Olhe! — Ba'alzamon ordenou, apontando, e a cabeça de Rand se virou para seguir seu gesto, embora ele não a tivesse virado; ele não queria virá-la.

O cálice havia desaparecido da mesa. Em seu lugar, encontrava-se uma ratazana enorme, piscando com a luz, farejando o ar, desconfiada. Ba'alzamon curvou o dedo, e com um guincho a ratazana arqueou as costas, as patas dianteiras se erguendo no ar enquanto ela se equilibrava desajeitada nas patas traseiras. O dedo curvou-se um pouco mais, e a ratazana tombou, lutando freneticamente, as patas agarrando o nada, guinchando, as costas curvando, curvando, curvando. Com um estalo seco como o de um graveto se quebrando, a ratazana estremeceu violentamente e então ficou imóvel, quase dobrada ao meio.

Rand engoliu em seco.

— Qualquer coisa pode acontecer em um sonho — murmurou ele. Sem olhar, bateu o punho contra a porta mais uma vez. Sua mão doeu, mas mesmo assim ele não acordou.

— Então vá até a Aes Sedai. Vá à Torre Branca e conte a elas. Fale para o Trono de Amyrlin sobre este... sonho. — O homem riu, e Rand sentiu o calor das chamas em seu rosto. — Esta é uma forma de escapar delas. Assim, elas não o usarão então. Não, não quando souberem o que eu sei. Mas será que deixarão você viver, para espalhar a história do que fazem? Será que você é tolo o bastante para acreditar que sim? As cinzas de muitos como você estão espalhadas nas encostas do Monte do Dragão.

— Isto é um sonho — disse Rand, ofegante. — É um sonho, e eu vou acordar.

— Vai? — Pelo canto do olho ele viu o dedo do homem se mover e apontar para ele. — Vai mesmo? — O dedo entortou, e Rand gritou quando seu corpo se arqueou, cada músculo em seu corpo forçando-o para trás. — Será que você acordará novamente algum dia?

* * *

Rand despertou com convulsões na escuridão, as mãos agarrando o tecido. Um cobertor. Um luar fraco entrando pela única janela. As formas ensombrecidas das duas outras camas. Um ronco vindo de uma delas, como lona rasgando: Thom Merrilin. Alguns carvões brilhavam em meio às cinzas na lareira.

Então tinha sido um sonho, como o pesadelo na Estalagem Fonte de Vinho no dia do Bel Tine, tudo que ele havia ouvido e feito misturado a velhas histórias e besteiras vindas de lugar nenhum. Puxou o cobertor até o pescoço, mas não era o frio que o fazia tremer. Sua cabeça doía também. Talvez Moiraine pudesse fazer alguma coisa para acabar com esses sonhos. *Ela disse que podia ajudar com pesadelos.*

Bufando, ele voltou a se deitar. Tais sonhos eram mesmo ruins o bastante para que ele pedisse a ajuda de uma Aes Sedai? Por outro lado, será que qualquer coisa que ele fizesse agora poderia prejudicá-lo ainda mais? Havia deixado os Dois Rios, ido embora com uma Aes Sedai. Mas não tivera escolha, claro. Então teria alguma escolha além de confiar nela? Numa Aes Sedai? Pensando bem, isso era tão ruim quanto os sonhos. Ele se encolheu sob as cobertas, tentando encontrar a calma do vazio como Tam lhe havia

ensinado, mas o sono demorou muito para voltar.





Estranhos e Amigos

A luz do sol avançando por sua cama estreita finalmente acordou Rand de um sono profundo, ainda que inquieto. Ele colocou o travesseiro sobre a cabeça, mas isso não bloqueou totalmente a luz, e ele no fundo não queria voltar a dormir. Houvera mais sonhos depois do primeiro. Não conseguia se lembrar de nenhum a não ser daquele, mas sabia que não queria mais sonhos.

Com um suspiro, jogou o travesseiro de lado e se sentou, fazendo uma careta ao se espreguiçar. Todas as dores que achava que haviam escoado no banho estavam de volta. Além disso, sua cabeça ainda doía. Isso não o surpreendeu. Um sonho assim era o suficiente para dar dor de cabeça em qualquer um. Os outros sonhos já se haviam desvanecido, mas não aquele.

As outras camas estavam vazias. A luz se derramava pela janela num ângulo agudo; o sol estava bem acima do horizonte. Aquela hora, na fazenda, ele já teria feito algo para comer e estaria bem adiantado em suas tarefas. Saiu apressado da cama resmungando, zangado consigo mesmo. Uma cidade para ver, e eles nem sequer o tinham acordado. Pelo menos alguém havia cuidado de deixar água na jarra, e ela ainda estava morna.

Ele lavou o rosto e se vestiu depressa, hesitando por um momento ao ver a espada de Tam. Lan e Thom haviam deixado seus alforjes e cobertores enrolados no fundo do quarto, é claro, mas a espada do Guardião não estava em nenhum lugar que Rand pudesse ver. Lan havia desfilado com sua espada em Campo de Emond muito antes de haver qualquer indício de problema. Ele pensou em seguir o exemplo. Dizendo a si mesmo que não era porque muitas vezes sonhara acordado em percorrer as ruas de uma cidade de verdade usando uma espada, ele colocou o cinto com a arma e jogou o manto

por cima do ombro como um saco.

Descendo os degraus de dois em dois, ele se dirigiu apressado até a cozinha. Era certamente o lugar mais rápido para se arranjar algo para comer e, em seu único dia em Baerlon, ele não queria perder mais tempo do que já havia perdido. *Sangue e cinzas! Eles podiam ter me acordado!*

Mestre Fitch encontrava-se na cozinha, confrontando uma mulher gorda cujos braços estavam cobertos de farinha até os cotovelos — obviamente a cozinheira. Melhor dizendo, ela o estava confrontando, sacudindo o dedo diante do rosto dele. Empregadas, atendentes de mesas e ajudantes da cozinha, assistentes de cozinheiro e de lava-pratos, todos corriam para executar suas tarefas, ignorando deliberadamente o que se passava na frente deles.

— ...meu Cirri é um bom gato — dizia a cozinheira, ríspida —, e não quero ouvir uma palavra sequer em contrário, está entendendo? Reclamar por ele estar fazendo seu trabalho direito, é isso que você está fazendo, se quer saber.

— Eu recebi queixas. — Mestre Fitch conseguiu interrompê-la. — Queixas, senhora. Metade dos hóspedes...

— Não quero nem ouvir. Simplesmente não quero ouvir. Se eles querem reclamar do meu gato, então *eles* que cozinhem. Meu pobre e velho gato, que está só fazendo o trabalho dele, e eu vamos para algum outro lugar onde nos queiram, vocês vão ver só se não vamos. — Ela desamarrou o avental e começou a tirá-lo por cima da cabeça.

— Não! — Mestre Fitch deu um grito e pulou para impedi-la. Eles ficaram dançando em círculos, com a cozinheira tentando tirar o avental e o estalajadeiro tentando colocá-lo de volta nela. — Não, Sara — ele arquejou. — Não há necessidade disso. Não há necessidade, estou dizendo! O que eu faria sem você? Cirri é um bom gato. Um excelente gato. O melhor gato de Baerlon. Se mais alguém reclamar, vou dizer que agradeçam por ele estar fazendo o trabalho dele. É, eles que agradeçam. Você não pode ir. Sara? Sara!

A cozinheira interrompeu a dança em círculos e conseguiu arrancar o avental das mãos dele.

— Está certo, então. Está certo. — Segurando o avental com ambas as mãos, ela ainda assim não voltou a amarrá-lo. — Mas se você espera que eu tenha alguma coisa pronta para o meio-dia, é melhor sair daqui e me deixar trabalhar. Aqui pode ser sua estalagem, mas esta é a minha cozinha. A menos que você queira cozinhar. — Ela fez menção de lhe entregar o avental.

Mestre Fitch recuou com as mãos espalmadas. Abriu a boca, depois parou, olhando ao redor pela primeira vez. Os ajudantes de cozinha ainda ignoravam diligentemente a cozinheira e o estalajadeiro, e Rand começou uma busca minuciosa pelos bolsos do casaco, embora, a não ser pela moeda que Moiraine lhe dera, não houvesse nada neles além de alguns cobs e um punhado de badulaques. Sua faca de bolso e a pedra de amolar. Duas cordas de arco extras e um pedaço de barbante que ele havia achado que poderia ser útil.

— Eu tenho certeza, Sara — disse Mestre Fitch com cuidado —, de que tudo estará de acordo com a sua excelência de costume. — E, com isso, deu uma última olhada desconfiada para os ajudantes da cozinha e depois saiu com o máximo de dignidade possível.

Sara esperou até que ele se fosse antes de amarrar rapidamente seu avental, e então fixou o olhar em Rand.

— Acho que você quer algo para comer, não é? Bem, entre. — Ela lhe deu um sorriso ligeiro. — Eu não mordo, não mesmo, não importa o que você possa ter visto e que não devia. Ciel, pegue para o garoto um pouco de pão, queijo e leite. É tudo que temos agora. Sente-se, rapaz. Seus amigos saíram, tirando um rapaz que, pelo que entendi, não estava passando bem, e eu imagino que você vá querer fazer o mesmo.

Uma das empregadas trouxe uma bandeja, e Rand levou uma banquetta até a mesa. Ele começou a comer enquanto a cozinheira voltava a sovar a massa do pão, mas ela ainda não havia terminado de falar.

— Você não deve se preocupar com nada do que viu. Mestre Fitch até que é um homem bom, embora mesmo os melhores de vocês não sejam nada fáceis. As pessoas reclamando é que o deixam à beira de um ataque. E do que é que elas estão reclamando? Elas prefeririam encontrar ratos vivos aos mortos? Embora não seja do feitio de Cirri deixar trabalho para trás. E mais de uma dúzia? Cirri não deixaria tantos entrarem na estalagem, não mesmo. Além disso, aqui é um lugar limpo, e não era para ter tanto problema. E todos com as espinhas partidas. — Ela balançou a cabeça, estranhando aquilo tudo.

O pão e o queijo ficaram com gosto de cinza na boca de Rand.

— As espinhas deles estavam quebradas?

A cozinheira fez um gesto com a mão coberta de farinha.

— Pense em coisas mais felizes, é o meu jeito de encarar a vida. Tem um menestrel, sabia? No salão, neste exato instante. Bem, mas veio com ele, não é? Você é um daqueles que vieram com a Senhora Alys ontem à noite, não? Achei que fosse. Não vou ter muita chance de ver esse menestrel, estou aqui pensando, não com a estalagem cheia de gente do jeito que está, a maioria uma ralé que veio lá das minas. — Ela deu uma pancada especialmente pesada na massa. — Não são do tipo que normalmente deixamos entrar, só que a cidade inteira está repleta deles. Mas é melhor do que poderia ser com alguns outros tipos, eu acho. Ora, não vejo um menestrel desde antes do inverno, e...

Rand comeu mecanicamente, sem sentir o gosto de nada, sem escutar o que a cozinheira dizia. Ratos mortos, com as espinhas quebradas. Terminou o desjejum apressadamente, disse um obrigado gaguejado e saiu em disparada. Precisava falar com alguém.

O salão da Cervo e Leão tinha pouco em comum com a sala da Estalagem Fonte de Vinho, exceto o propósito. Tinha o dobro da largura e o triplo do comprimento, e imagens coloridas de prédios elaborados com jardins de árvores altas e flores de cores vivas pintadas bem alto nas paredes. Em vez de uma única e imensa lareira, uma de menores proporções ardia em cada parede, e dezenas de mesas ocupavam o espaço, com quase toda cadeira, banco ou banquetta ocupados.

Cada homem na multidão de fregueses com cachimbos nos dentes e canecas nas mãos se curvava para a frente atento a uma só coisa: Thom, de pé em cima de uma mesa no meio do salão, seu manto de muitas cores jogado em uma cadeira próxima. Até mesmo Mestre Fitch tinha um caneco de prata e um pano de polir nas mãos imóveis.

— ...rampantes cascos de prata e pescoços arqueados e orgulhosos — proclamava Thom, enquanto de algum modo parecia não só estar montando um cavalo, mas fazendo parte de uma longa procissão de cavaleiros. — Crinas prateadas tremulam quando as cabeças se movem. Mil estandartes esvoaçam, lançando arco-íris contra um céu infinito. Cem trombetas com suas gargantas de bronze fazem o ar estremecer, e tambores rufam

como trovões. Onda após onda, vêm as vivas dos espectadores, aos milhares, sobre os telhados e as torres de Illian, e quebram inauditos nos mil ouvidos dos cavaleiros cujos olhos e corações brilham em sua missão sagrada. A Grande Caçada à Trombeta avança, cavalga em busca da Trombeta de Valere, que invocará os heróis das Eras de volta do túmulo para batalhar pela Luz...

Isso era o que o menestrel havia chamado de Canto Simples naquelas noites à beira do fogo na cavalgada rumo ao norte. As histórias, disse ele, eram contadas em três vozes: Alto Canto, Canto Simples e Comum, que significava simplesmente contá-las do jeito que você poderia falar ao vizinho sobre sua roça. Thom contava histórias em Comum, mas não se importava em esconder seu desprezo por essa voz.

Rand fechou a porta sem entrar e desabou contra a parede. De Thom ele não conseguiria conselhos. Moiraine... o que *ela* faria se soubesse?

Ele se deu conta das pessoas que o encaravam ao passar e percebeu que estava resmungando baixinho. Ajeitando seu casaco, ele se endireitou. Precisava falar com alguém. A cozinheira dissera que um dos outros não havia saído. Controlar-se para não subir correndo lhe exigiu esforço.

Quando bateu à porta do quarto onde os outros rapazes haviam dormido e enfiou a cabeça lá dentro, apenas Perrin se encontrava ali, deitado em sua cama, ainda não vestido. Ele virou a cabeça no travesseiro para olhar para Rand e tornou a fechar os olhos. O arco e a aljava de Mat estavam encostados num canto.

— Eu soube que você não estava se sentindo bem — contou Rand, entrando e se sentando na cama ao lado. — Eu só queria conversar. E... — Não sabia como puxar o assunto, percebeu. — Se você estiver doente — disse ele, já meio de pé —, talvez seja melhor dormir. Vou embora.

— Não sei se vou conseguir dormir de novo algum dia. — Perrin suspirou. — Tive um sonho ruim, se você quer mesmo saber, e não consegui voltar a dormir. Mat vai lhe contar assim que puder. Ele riu hoje cedo, quando contei por que estava cansado demais para sair, mas ele também sonhou. A noite toda eu o ouvi se virando e resmungando, e não venha me dizer que ele teve uma boa noite de sono. — Ele jogou um braço grosso por cima dos olhos. — Luz, como estou cansado... Talvez se eu ficar aqui só por uma ou duas horas sinta vontade de levantar. Mat nunca vai me deixar em paz se eu deixar de ver Baerlon por causa de um sonho.

Rand voltou a se sentar na cama devagar. Passou a língua pelos lábios, depois disse, rápido:

— Ele matou um rato?

Perrin abaixou o braço e olhou fixo para ele.

— Você também? — perguntou finalmente. Quando Rand assentiu, ele disse: — Queria estar em casa. Ele me disse... ele disse... O que vamos fazer? Você contou a Moiraine?

— Não. Ainda não. Talvez nem conte. Não sei. E você?

— Ele disse... Sangue e cinzas, Rand, não sei. — Perrin se levantou subitamente e se apoiou no cotovelo. — Você acha que Mat teve o mesmo sonho? Ele riu, mas o riso soou forçado, e ele pareceu estranho quando eu disse que não tinha conseguido dormir por causa de um sonho.

— Talvez — disse Rand. Embora se sentisse culpado, ficou aliviado por não ser o único. — Eu ia pedir conselhos a Thom. Ele já viu muita coisa no mundo. Você... você

não acha que devíamos contar a Moiraine, acha?

Perrin voltou a se recostar no travesseiro.

— Você já ouviu as histórias sobre as Aes Sedai. Acha que podemos confiar em Thom? Se é que podemos confiar em alguém... Rand, se sairmos disso vivos, se algum dia voltarmos para casa, e você me ouvir dizer qualquer coisa sobre sair de Campo de Emond, mesmo que seja para ir até a Colina da Vigília, você me dá um chute. Está certo?

— Isso não é jeito de falar — disse Rand. Ele conseguiu sorrir, o sorriso mais animado que pôde dar. — É claro que vamos voltar para casa. Vamos lá, levante-se. Estamos numa cidade e temos um dia inteiro para vê-la. Onde estão suas roupas?

— Vá você. Eu só quero ficar deitado aqui um tempo. — Perrin voltou a colocar o braço sobre os olhos. — Vá em frente. Eu o alcanço em uma ou duas horas.

— Você é quem sabe — disse Rand, levantando-se. — Pense no que pode perder. — Parou na porta. — Baerlon. Quantas vezes falamos em ver Baerlon um dia? — Perrin ficou ali deitado com os olhos cobertos e não disse palavra. Depois de um minuto, Rand saiu e fechou a porta.

No corredor, ele se encostou na parede, o sorriso desaparecendo de seu rosto. A cabeça ainda doía; estava pior, não melhor. Ele também não estava lá muito entusiasmado com Baerlon, não naquele momento. Não conseguia se entusiasmar com nada.

Uma empregada surgiu, os braços cheios de lençóis, e lhe dirigiu um olhar preocupado. Antes que ela conseguisse falar, ele continuou pelo corredor, encolhendo-se em seu manto. Thom não terminaria no salão por horas ainda. Rand podia muito bem ver o que fosse possível na cidade. Talvez conseguisse encontrar Mat e saber se Ba'alzamon havia estado nos sonhos dele também. Desceu mais devagar dessa vez, esfregando a têmpora.

A escada terminava perto da cozinha, e ele pegou esse caminho, cumprimentando Sara com um aceno de cabeça, mas se apressando quando pareceu que ela ia continuar de onde havia parado antes. O pátio do estábulo estava vazio, a não ser por Mutch, de pé na porta, e um dos outros tratadores carregando um saco no ombro para o interior do estábulo. Rand também cumprimentou Mutch com a cabeça, mas o homem lhe dirigiu um olhar truculento e entrou. Ele torceu para que o resto da cidade fosse mais parecido com Sara e menos com Mutch. Pronto para ver como era uma cidade de verdade, apertou o passo.

Nas portas abertas do pátio do estábulo, ele parou e olhou. Pessoas enchiam a rua como ovelhas num redil, pessoas embrulhadas até os olhos em mantos e casacos, chapéus abaixados contra o frio, ziguezagueando a passos rápidos como se o vento que assoviava sobre os telhados as soprasse, acotovelando-se quase sem falar nem olhar umas para as outras. *Todos estranhos, pensou. Ninguém se conhece.*

Os cheiros também eram estranhos, ácidos, amargos e doces — tudo misturado em um caldeirão que o fazia ficar esfregando o nariz. Mesmo no ápice do Festival, ele nunca tinha visto tanta gente tão amontoadá. Nem mesmo metade daquilo. E era só uma rua. Mestre Fitch e a cozinheira tinham dito que toda a cidade estava cheia. A cidade toda... daquele jeito?

Ele recuou lentamente do portão, afastando-se da rua cheia de gente. Não era certo sair e deixar Perrin doente na cama. E se Thom terminasse de contar suas histórias enquanto Rand estivesse fora, na cidade? O menestrel poderia sair por conta própria, e Rand precisava falar com alguém. Muito melhor esperar um pouco. Deixou escapar um

suspiro de alívio ao dar as costas para o enxame que tomava conta da rua.

Mas a ideia de retornar para a estalagem não lhe agradava, não com sua dor de cabeça. Sentou-se num barril virado de cabeça para baixo que estava encostado nos fundos da estalagem e torceu para que o ar frio pudesse ajudar.

Mutch aparecia na porta do estábulo de vez em quando e ficava olhando para ele, e mesmo do outro lado do pátio Rand conseguia ver a expressão de desaprovação do homem. Será que não gostava de gente do campo? Ou ficara constrangido quando Mestre Fitch os recebera depois que ele tentara expulsá-los por entrarem pelo lado errado? *Talvez ele seja um Amigo das Trevas*, pensou Rand, esperando rir da ideia, mas não era um pensamento engraçado. Passou a mão pelo punho da espada de Tam. Não havia sobrado muita coisa que fosse engraçada.

— Um pastor com uma espada com a marca da garça — disse uma voz baixinha de mulher. — Isso é quase o bastante para me fazer acreditar em qualquer coisa. Em que problemas você está metido, garoto do sul?

Assustado, Rand se levantou de um pulo. Era a jovem de cabelos curtos que estava com Moiraine quando ele saíra do banho, ainda vestida com casaco e calças de rapaz. Era um pouco mais velha que ele, pensou, com olhos escuros ainda maiores que os de Egwene, estranhamente intensos.

— Você é Rand, não é? — continuou ela. — Meu nome é Min.

— Eu não estou com nenhum problema — disse ele. Não sabia o que Moiraine dissera a ela, mas lembrava-se do aviso de Lan para não atrair atenção. — O que faz você pensar que estou com problemas? Os Dois Rios são um lugar tranquilo, e somos todos pessoas tranquilas. Lá não é lugar de problema, a menos que tenha a ver com a colheita, ou com ovelhas.

— Tranquilas? — disse Min com um leve sorriso. — Já ouvi homens falando sobre vocês, gente dos Dois Rios. Ouvi as piadas sobre pastores cabeça-dura, e há homens que realmente já estiveram nas bandas lá de baixo.

— Cabeça-dura? — perguntou Rand, franzindo a testa. — Que piadas?

— Os que sabem do que estão falando — continuou ela como se ele não tivesse falado — dizem que vocês andam por aí todos cheios de sorrisos e boas maneiras, mansos e macios feito manteiga. Pelo menos na superfície. Por baixo, eles dizem, vocês são todos duros feito raiz de carvalho velho. É cutucar com força, eles dizem, e você encontra pedra. Mas a pedra não está enterrada muito fundo em você, nem em seus amigos. É como se uma tempestade tivesse raspado quase toda a terra que a cobria. Moiraine não me contou tudo, mas eu vejo o que vejo.

Raízes de carvalho velho? Pedra? Dificilmente parecia o tipo de coisa que os mercadores ou a gente deles diria. Mas as últimas palavras o fizeram dar um pulo.

Olhou ao redor rapidamente; o pátio do estábulo encontrava-se vazio e as janelas mais próximas estavam fechadas.

— Eu não conheço ninguém chamado... como é mesmo?

— Senhora Alys, então, se você prefere — disse Min com um olhar divertido que fez suas bochechas corarem. — Não há ninguém por perto para ouvir.

— O que faz você pensar que a Senhora Alys tem outro nome?

— Porque ela me contou — explicou Min, com tanta paciência que ele corou mais uma vez. — Não que ela tivesse escolha, suponho. Vi que ela era... diferente... logo de cara. Quando ela parou aqui antes, a caminho do sul. Ela sabia sobre mim. Já falei

com... outras como ela antes.

— “Viu”? — disse Rand.

— Bem, acho que você não vai sair correndo para contar aos Filhos. Não se considerarmos quem são seus companheiros de viagem. Os Mantos-brancos não gostariam do que faço nem um pouco mais do que daquilo que ela faz.

— Não estou entendendo.

— Ela diz que eu vejo partes do Padrão. — Min deu uma risadinha e sacudiu a cabeça. — Parece uma coisa grandiosa demais para mim. Eu apenas vejo coisas quando olho para as pessoas, e às vezes sei o que elas querem dizer. Olho para um homem e uma mulher que nunca nem falaram um com o outro e sei que vão se casar. E se casam. Esse tipo de coisa. Ela queria que eu olhasse para você. Todos vocês.

Rand estremeceu.

— E o que foi que você viu?

— Quando vocês estavam todos juntos? Fagulhas dançando em turbilhão ao redor de vocês, milhares delas, e uma sombra grande, mais escura que a meia-noite. É tão forte que fico quase espantada por ninguém conseguir ver. As fagulhas estão tentando preencher a sombra, e a sombra está tentando engolir as fagulhas. — Ela deu de ombros. — Vocês estão todos juntos em alguma coisa perigosa, mas mais do que isso eu não sei dizer.

— Todos nós? — murmurou Rand. — Egwene também? Mas eles não estavam atrás de... quero dizer...

Min não pareceu reparar no deslize dele.

— A garota? Ela faz parte disso. E também o menestrel. Todos vocês. Você está apaixonado por ela. — Ele ficou olhando fixo para Min. — Sei disso mesmo sem ver imagem nenhuma. Ela também o ama, mas ela não é para você, nem você para ela. Não do jeito que vocês dois querem.

— O que isso quer dizer?

— Quando olho para ela, vejo a mesma coisa que quando olho para... a Senhora Alys. Outras coisas também, coisas que não entendo, mas sei o que *isso* quer dizer. Ela não vai recusar.

— Isso é tudo bobagem — disse Rand, desconfortável. A dor de cabeça estava se transformando em dormência; sua cabeça parecia cheia de lã. Ele queria se afastar daquela garota e das coisas que ela via. E ao mesmo tempo... — O que você vê quando olha para... o resto de nós?

— Toda espécie de coisa — disse Min com um sorriso, como se soubesse o que ele realmente queria perguntar. — A Guerra... hã... Mestre Andra tem sete torres em ruínas ao redor da cabeça, e um bebê em um berço segurando uma espada, e... — Ela sacudiu a cabeça. — Homens como ele, sabe?... sempre têm tantas imagens que elas se amontoam umas sobre as outras. As imagens mais fortes ao redor do menestrel são um homem, mas não ele, fazendo malabarismos com fogo, e a Torre Branca, e isso não faz o menor sentido para um homem. As coisas mais fortes que vejo sobre o sujeito grande e de cabelos encaracolados são um lobo, e uma coroa quebrada, e árvores florescendo ao redor dele. E o outro, uma águia vermelha, um olho num prato de balança, uma adaga com um rubi, um chifre e um rosto que ri. Há outras coisas, mas você entende o que quero dizer. Desta vez eu não consigo entender nada disso. — Ela esperou então, ainda sorrindo, até ele finalmente pigarrear e perguntar.

— E eu?

O sorriso dela chegou a pouco menos que uma bela gargalhada.

— O mesmo tipo de coisa que o resto. Uma espada que não é uma espada, uma coroa dourada de folhas de louro, o cajado de um mendigo, você derramando água na areia, uma mão ensanguentada e um ferro branco de tão incandescente, três mulheres em pé ao lado de um esquife com você dentro, uma pedra negra molhada de sangue...

— Tudo bem — interrompeu ele, desconfortável. — Não precisa listar tudo.

— Mas principalmente vejo relâmpagos ao seu redor, alguns atingindo você, outros saindo de você. Não sei o que nada disso quer dizer, a não ser por uma coisa. Você e eu vamos nos encontrar novamente. — Ela lhe dirigiu um olhar intrigado, como se também não entendesse aquilo.

— Por que não deveríamos? — perguntou ele. — Vou passar outra vez por aqui, na volta para casa.

— Suponho que sim. — Subitamente o sorriso dela estava de volta, irônico e misterioso, e ela deu palmadinhas na bochecha dele. — Mas se eu lhe contasse tudo o que vi, seus cabelos ficariam tão encaracolados quanto os do seu amigo dos ombros largos.

Ele se afastou, como se a mão dela estivesse pegando fogo.

— Como assim? Você viu alguma coisa sobre ratos? Ou sonhos?

— Ratos! Não, ratos não. Quanto a sonhos, talvez essa seja a sua ideia de sonho, mas eu nunca achei que fosse a minha.

Ele ficou se perguntando se ela era louca, sorrindo assim.

— Tenho de ir — disse ele, dando a volta, desviando-se dela. — Eu... eu tenho de encontrar meus amigos.

— Então vá. Mas você não vai escapar.

Ele não chegou exatamente a sair correndo, mas cada passo que dava era mais rápido que o anterior.

— Corra, se quiser — gritou ela. — Você não pode fugir de mim.

O riso dela fez com que ele fugisse em disparada pelo pátio do estábulo e saísse para a rua, para o burburinho de gente. As últimas palavras dela eram muito parecidas com o que Ba'alzamon dissera. Ele esbarrou em pessoas enquanto corria pela multidão, recebendo olhares e palavras duros, mas não diminuiu a velocidade até estar a várias ruas da estalagem.

Depois de algum tempo começou a prestar atenção novamente em onde estava. Sua cabeça parecia um balão, mas ele olhava atentamente e aproveitava de qualquer maneira. Achava que Baerlon era uma cidade grandiosa, ainda que não exatamente do mesmo jeito que as cidades nas histórias de Thom. Ficou vagando por ruas largas, a maioria pavimentada com pedras, e descendo por becos estreitos e tortuosos, aonde quer que o acaso e o deslocamento das multidões o levassem. Havia chovido durante a noite, e as ruas que não eram pavimentadas haviam sido transformadas em lama pelas multidões, mas ruas lamacentas não eram novidade para ele. Nenhuma das ruas de Campo de Emond era pavimentada.

Ali certamente não havia palácios, e apenas algumas casas eram muito maiores do que as de sua região, mas todas tinham telhado de laje ou de telhas tão refinado quanto o da Estalagem Fonte de Vinho. Supôs que haveria um ou dois palácios em Caemlyn. Quanto a estalagens, ele contou nove, nenhuma menor que a Fonte de Vinho, e a maioria

tão grande quanto a Cervo e Leão, e havia muitas ruas que ele ainda não tinha visto.

As ruas eram salpicadas de lojas, com toldos na frente protegendo mesas cobertas de todo tipo de artigo — de tecidos a livros, de panelas a botas. Era como se uma centena de carroções de mascates tivesse despejado seu conteúdo ali. Ele olhava tudo tão fixamente que mais de uma vez teve de sair apressado por causa dos olhares suspeitos de algum lojista. Não havia entendido o olhar da primeira vez. Quando entendeu, começou a ficar zangado, até se lembrar de que ali o estranho era ele. De qualquer maneira, ele não poderia comprar muita coisa. Perdeu o fôlego quando viu quantos cobres eram trocados por uma dúzia de maçãs mirradas ou um punhado de nabos murchos, do tipo que seria dado aos cavalos nos Dois Rios, mas aqui as pessoas pareciam ansiosas para pagar.

Havia certamente muita gente ali. Por algum tempo o número impressionante de pessoas o deixou atônito. Um vestiam roupas de um corte mais fino que qualquer pessoa nos Dois Rios, quase tão finas quanto as de Moiraine, e muitas tinham casacos longos e forrados de pele que iam até o tornozelo. Os mineiros dos quais todos na estalagem não paravam de falar tinham o aspecto curvado de homens que trabalhavam no subterrâneo. Mas a maioria das pessoas não parecia nem um pouco diferente daquelas com as quais ele havia crescido, nem em termos de roupa nem de rosto. De algum modo, ele havia esperado que fossem. De fato, alguns tinham fisionomias tão semelhantes à da gente dos Dois Rios que ele podia imaginar que pertenciam a uma família ou outra que conhecia dos arredores de Campo de Emond. Um sujeito sem dentes, de cabelos grisalhos, com orelhas que pareciam alças de caneca, sentado num banco do lado de fora de uma das estalagens e olhando tristonho para uma caneca vazia, podia tranquilamente ser um primo próximo de Bili Congar. O alfaiate de queixo quadrado costurando na frente de sua loja poderia ser irmão de Jon Thane, idêntico até mesmo na coroinha calva. Uma imagem quase espelhada de Samel Crawe passou empurrando Rand ao virar uma esquina, e...

Sem acreditar, ele ficou olhando um homenzinho magricela, com braços compridos e nariz grande, abrir caminho apressado em meio à multidão, em roupas que pareciam um monte de farrapos. Os olhos do homem estavam fundos, e seu rosto era sujo e magro, como se não comesse nem dormisse havia dias, mas Rand podia jurar... O homem esfarrapado o viu, então, e ficou paralisado entre um passo e outro, sem se dar conta das pessoas que quase caíram por cima dele. A última dúvida na cabeça de Rand desapareceu.

— Mestre Fain! — gritou ele. — Pensamos que o senhor estivesse...

Rápido como um piscar de olhos, o mascate disparou em fuga, mas Rand o perseguiu, gritando pedidos de desculpas sobre os ombros para as pessoas nas quais esbarrava. No meio da multidão ele apenas vislumbrou Fain disparando para dentro de um beco, e foi atrás.

No beco, depois de alguns passos, o mascate havia parado. Uma cerca alta fazia dali um beco sem saída. Quando Rand parou, Fain se virou para encará-lo, agachando-se, desconfiado, e recuando. Ele movia as mãos imundas na direção de Rand, querendo mantê-lo afastado. Via-se mais de um rasgo em seu casaco, e seu manto estava gasto e esfarrapado, como se o uso tivesse sido muito mais pesado do que deveria.

— Mestre Fain? — perguntou Rand, hesitante. — Qual é o problema? Sou eu, Rand al'Thor, de Campo de Emond. Nós pensamos que os Trollocs o haviam apanhado.

Fain fez um gesto brusco e, ainda agachado, correu alguns passos tortos na direção

da extremidade aberta do beco. Não tentou passar por Rand, nem sequer chegar perto.

— Não! — gritou ele com voz rouca. Sua cabeça virava constantemente enquanto ele tentava ver tudo na rua atrás de Rand. — Não mencione — sua voz baixou e se tornou um sussurro rouco, e ele virou a cabeça, observando Rand com olhares rápidos, de esguelha — ...esse nome. Há Mantos-brancos na cidade.

— Eles não têm motivo para nos incomodar — disse Rand. — Venha para a Cervo e Leão comigo. Estou hospedado lá com amigos. O senhor conhece a maioria deles. Vão ficar felizes em vê-lo. Nós todos achávamos que o senhor estivesse morto.

— Morto? — repetiu o mascate, indignado. — Não Padan Fain. Padan Fain sabe para que lado pular e onde cair. — Ele endireitou seus farrapos como se fossem roupas de festa. — Sempre soube, e sempre saberá. Viverei um longo tempo. Mais do que... — Subitamente seu rosto se contorceu e suas mãos agarraram a frente do casaco. — Eles queimaram minha carroça e todos os meus artigos. Não tinham motivo para isso, tinham? Não consegui chegar aos meus cavalos. *Meus* cavalos, mas aquele estalajadeiro velho e gordo trancou todos no estábulo. Precisei ser rápido para não cortarem minha garganta, e de que isso me valeu? Tudo que me restou é a roupa do corpo. Então, isso é justo? É?

— Seus cavalos estão a salvo no estábulo do Mestre al'Vere. O senhor pode pegá-los quando quiser. Se vier à estalagem comigo, tenho certeza de que Moiraine ajudará o senhor a voltar aos Dois Rios.

— Aaaaah! Ela... ela é a Aes Sedai, não é? — Um olhar desconfiado tomou o rosto de Fain. — Talvez, embora... — Fez uma pausa, lambendo nervosamente os lábios. — Por quanto tempo você vai ficar nesta... Como é mesmo? Do que você chamou? Cervo e Leão?

— Vamos embora amanhã — disse Rand. — Mas o que isso tem a ver com...

— Você não faz ideia — gemeu Fain —, com essa barriga cheia e uma boa noite de sono numa cama macia. Minhas botas estão arruinadas de tanto correr, e as coisas que eu tive de comer... — Ele contorceu o rosto. — Não quero ficar nem a milhas de distância de uma Aes Sedai — cuspiu as últimas palavras —, nem sequer a milhas e milhas, mas talvez tenha de ser assim. Não tenho escolha, tenho? Pensar nos olhos dela em mim, nela sabendo onde estou... — Ele estendeu a mão para Rand como se quisesse agarrá-lo pelo casaco, mas suas mãos pararam rapidamente, tremendo, e ele chegou a dar um passo para trás. — Prometa que você não vai contar a ela. Ela me apavora. Não é necessário contar a ela, não há motivo para que uma Aes Sedai sequer saiba que estou vivo. Você tem de me prometer. Você precisa!

— Eu prometo — disse Rand num tom apaziguador. — Mas não há razão para ter medo dela. Venha comigo. O mínimo que o senhor vai conseguir será uma refeição quente.

— Talvez. Talvez. — Fain esfregou o queixo, pensativo. — Amanhã, você disse? Nesse tempo... Você não vai esquecer sua promessa? Você não vai deixar que ela...?

— Eu não vou deixar que ela o machuque — disse Rand, perguntando-se como conseguiria impedir uma Aes Sedai de fazer o que quer que ela quisesse.

— Ela não vai me machucar — afirmou Fain. — Não vai, não. Eu não vou deixar. — Como um relâmpago, ele disparou e passou por Rand na direção da multidão.

— Mestre Fain! — gritou Rand. — Espere!

Ele saiu do beco bem a tempo de avistar um casaco esfarrapado desaparecendo na

próxima esquina. Ainda gritando, ele foi atrás, fazendo a curva, desabalado. Só teve tempo de ver as costas de um homem antes de trombar nela e ambos caírem na lama.

— Por que você não olha por onde anda? — veio um resmungo debaixo dele, e Rand se levantou, surpreso.

— Mat?

Mat se sentou com um olhar furioso e começou a limpar a lama do manto com as mãos.

— Você deve estar mesmo virando um homem da cidade. Dorme a manhã inteira e sai atropelando os outros. — Levantando-se, ele olhou para as mãos enlameadas, depois resmungou e limpou-as no manto. — Escute, você nunca vai adivinhar quem eu acho que acabei de ver.

— Padan Fain — respondeu Rand.

— Padan Fa... Como é que você sabia?

— Eu estava falando com ele, mas ele fugiu.

— Então os Tro... — Mat parou para olhar ao redor, desconfiado, mas a multidão passava por eles sem sequer os notar. — Então eles não o pegaram. Eu me pergunto por que ele deixou Campo de Emond sem dizer nada daquele jeito. Provavelmente começou a correr na hora do ataque e não parou até chegar aqui. Mas por que ele estava fugindo agora?

Rand balançou a cabeça e desejou não ter feito isso. Teve a sensação de que ela ia cair.

— Não sei, só que ele tem medo de M... da Senhora Alys. — Toda essa história de ficar tomando cuidado com o que se dizia não era fácil. — Ele não quer que ela saiba que está aqui. Ele me fez prometer que não diria a ela.

— Bem, o segredo dele comigo está seguro — disse Mat. — Queria que ela não soubesse onde eu estou, também.

— Mat? — As pessoas ainda passavam apressadas por eles sem prestar a menor atenção, mas Rand abaixou a voz de qualquer maneira e curvou-se, aproximando-se mais. — Você teve um pesadelo ontem à noite? Sobre um homem que matava um rato?

Mat o encarou sem piscar.

— Você também? — disse, por fim. — E Perrin, suponho. Quase perguntei a ele hoje cedo, mas... Ele deve ter sonhado, sim. Sangue e cinzas! Agora alguém está fazendo a gente sonhar coisas. Rand, eu queria que *ninguém* soubesse onde eu estou.

— Havia ratos mortos por toda a estalagem esta manhã. — Rand não sentiu tanto medo quando disse isso quanto teria sentido mais cedo. Não estava sentindo quase nada. — As espinhas deles estavam quebradas. — Sua voz soou alta nos próprios ouvidos. Se estava ficando doente, poderia ter de recorrer a Moiraine. Estava surpreso pelo fato de que mesmo pensar no Poder Único sendo usado nele não o incomodava.

Mat respirou fundo, ajustando o manto, e olhou ao redor como se procurasse algum lugar aonde ir.

— O que está acontecendo com a gente, Rand? O quê?

— Não sei. Vou pedir conselho a Thom. Sobre se eu devo contar... a mais alguém.

— Não! Ela não. Talvez a ele, mas não a ela.

A rispidez com que Mat falou pegou Rand de surpresa.

— Então você acreditou nele? — Não precisou dizer de que “ele” estava falando; a expressão no rosto de Mat deixava claro que ele entendia.

— Não — disse Mat lentamente. — São as probabilidades, só isso. Se contarmos a ela e ele estiver mentindo, então talvez nada aconteça. Talvez. Mas talvez só o fato de ele estar nos nossos sonhos seja o bastante para... Não sei. — Ele parou para engolir em seco. — Se não contarmos a ela, talvez tenhamos mais sonhos. Ratos ou não, sonhos são melhores do que... Lembra da barca? Eu acho que a gente deve ficar quieto.

— Tudo bem. — Rand se lembrava da barca, e da ameaça de Moiraine também, mas de algum modo aquilo parecia ter acontecido muito tempo atrás. — Está certo.

— Perrin não vai dizer nada, vai? — continuou Mat, o nervosismo fazendo-o balançar-se na ponta dos pés. — Precisamos voltar para falar com ele. Se contar a ela, ela vai descobrir sobre todos nós. Pode apostar. Vamos. — Ele começou a andar energeticamente no meio da multidão.

Rand ficou ali parado olhando para Mat até que este voltou e o agarrou. Com o toque em seu braço, Rand piscou e então seguiu o amigo.

— Qual é o seu problema? — perguntou Mat. — Vai dormir de novo?

— Acho que estou resfriado — disse Rand. Sua cabeça estava tensa como um tambor, e quase tão vazia quanto.

— Você pode tomar um pouco de canja de galinha quando chegarmos à estalagem — disse Mat, que não parou de falar enquanto percorriam as ruas lotadas. Rand se esforçava para ouvir, e até mesmo para dizer alguma coisa de vez em quando, mas era *mesmo* um esforço. Não estava cansado; não queria dormir. Só tinha a sensação de que estava flutuando. Depois de um tempo se viu contando a Mat sobre Min.

— Uma adaga com um rubi, hein? — disse Mat. — Gostei. Mas não entendi nada sobre o olho. Tem certeza de que ela não estava inventando isso tudo? A mim, parece que ela saberia o que significa isso tudo se fosse realmente uma vidente.

— Ela não disse que é vidente — disse Rand. — Acredito que ela veja mesmo coisas. Lembre-se: Moiraine estava falando com ela quando terminamos o banho. E ela sabe quem Moiraine é.

Mat franziu a testa para ele.

— Pensei que não pudéssemos dizer esse nome.

— Não — murmurou Rand. Ele esfregou a cabeça com ambas as mãos. Era tão difícil se concentrar em qualquer coisa...

— Acho que talvez você esteja mesmo doente — disse Mat, ainda franzindo a testa. Subitamente ele puxou Rand pela manga do casaco e o fez parar. — Olha só para eles.

Três homens usando placas peitorais e elmos cônicos de aço, polidos até brilharem como prata, abriam caminho pela rua na direção de Rand e Mat. Até mesmo a malha nos seus braços reluzia. Seus mantos compridos, de um branco impecável e bordados no peito esquerdo com um sol radiante dourado, por pouco não alcançavam a lama e as poças na rua. Suas mãos descansavam sobre os punhos das espadas, e eles olhavam ao redor como se vissem coisas que haviam acabado de se esgueirar de baixo de troncos podres. Mas ninguém retribuía seu olhar. Ninguém nem sequer parecia reparar neles. Mesmo assim, os três não precisavam abrir caminho à força pela multidão; o burburinho se abria para ambos os lados dos homens de mantos brancos como se por acaso, deixando que caminhassem em um espaço aberto que se movia com eles.

— Você acha que eles são Filhos da Luz? — perguntou Mat em voz alta. Um passante olhou com cara feia para ele, depois apertou o passo.

Rand assentiu. Filhos da Luz. Mantos-brancos. Homens que odiavam as Aes Sedai.

Homens que diziam às pessoas como viver, criando problemas para quem se recusava a obedecer. Se é que incendiar fazendas e coisa pior poderia ser chamado de algo tão suave quanto “problemas”. *Eu devia estar com medo*, pensou. *Ou curioso*. Alguma coisa, de qualquer maneira. Em vez disso, ficou olhando fixa e passivamente para eles.

— Eles não me parecem grande coisa — disse Mat. — No entanto, parecem cheios de si, não?

— Eles não importam — afirmou Rand. — A estalagem. Precisamos falar com Perrin.

— Como Eward Congar. Ele sempre teve nariz empinado, também. — Subitamente Mat sorriu, um brilho no olhar. — Lembra de quando ele caiu da Ponte das Carroças e teve de voltar para casa todo encharcado? Aquilo baixou a crista dele por um mês.

— O que isso tem a ver com Perrin?

— Está vendo aquilo? — Mat apontou para uma carroça repousando em suas traves num beco logo à frente dos Filhos. Uma única estaca segurava uma dezena de barris empilhados no seu fundo achatado. — Observe. — Rindo, ele saiu correndo para dentro da loja de um cuteleiro à esquerda deles.

Rand ficou olhando para ele, sabendo que deveria fazer alguma coisa. Aquela expressão nos olhos de Mat sempre significava a iminência de um de seus truques. Mas, estranhamente, ele se descobriu querendo ver o que Mat ia fazer. Algo lhe dizia que aquele sentimento estava errado, que era perigoso, mas ele sorriu com a expectativa assim mesmo.

Em um minuto, Mat apareceu acima dele, com meio corpo para fora de uma janela de sótão sobre o telhado da loja. Estava com a funda nas mãos, já começando a girar. Os olhos de Rand voltaram à carroça. Quase imediatamente ouviu-se um ruído forte de algo rachando, e a estaca que segurava os barris quebrou justo quando os Mantos-brancos passavam pelo beco, um ao lado do outro. As pessoas pularam para fora do caminho enquanto os barris rolavam pela carroça com um barulho oco e quicavam na rua, espadanando lama e água suja em todas as direções. Os três Filhos pularam com a mesma rapidez dos outros, seus ares de superioridade substituídos pela surpresa. Alguns passantes caíram, provocando mais espadanadas, mas os três se moveram com agilidade, evitando os barris facilmente. Contudo, não puderam evitar a lama que voou e respingou em seus mantos brancos.

Um homem barbudo com um avental comprido saiu apressadamente do beco, agitando os braços e gritando, zangado, mas bastou um olhar para os três tentando em vão sacudir a lama de seus mantos e ele voltou para o beco, ainda mais rápido do que havia saído dele. Rand olhou de relance para o telhado da loja; Mat havia sumido. Fora um tiro fácil para qualquer rapaz dos Dois Rios, mas o efeito fora certamente tudo que se poderia esperar. Ele não pôde deixar de rir; o humor parecia amortecido, envolto em lã, mas ainda assim era engraçado. Quando se virou de volta para a rua, os três Mantos-brancos olhavam diretamente para ele.

— Está achando graça, é? — O que falou se destacava um pouco à frente dos outros. Tinha um olhar arrogante, sem piscar, com uma luz nos olhos, como se soubesse algo importante que mais ninguém sabia.

A risada de Rand foi interrompida no meio. Ele e os Filhos estavam sozinhos com a lama e os barris. A multidão que havia pouco os rodeava tinha encontrado negócios urgentes dos quais tratar rua acima ou abaixo.

— O medo da Luz está segurando sua língua? — A raiva fazia o rosto estreito do Manto-branco contrair-se ainda mais. Ele olhou de relance, sem dar a mínima, para o punho da espada que despontava do manto de Rand. — Talvez você seja o responsável por isso, hein? — Ao contrário dos outros, ele tinha um nó dourado sob o sol radiante em seu manto.

Rand se moveu para cobrir a espada, mas em vez disso jogou o manto de volta sobre o ombro. No fundo, no fundo, ele se perguntava freneticamente o que estava fazendo, mas era um pensamento distante.

— Acidentes acontecem — disse ele. — Até mesmo com os Filhos da Luz.

O homem de cara estreita ergueu uma sobrancelha.

— Você é assim tão perigoso, jovem? — Ele não era muito mais velho que Rand.

— A marca da garça, Lorde Bornhald — avisou um dos outros.

O homem de cara estreita olhou novamente de relance para o punho da espada de Rand, onde a garça de bronze era evidente, e seus olhos se arregalaram por um momento. Então seu olhar subiu até o rosto de Rand, e ele bufou em sinal de desprezo.

— Ele é jovem demais. Você não é daqui, é? — perguntou friamente a Rand. — Você vem de onde?

— Acabei de chegar a Baerlon. — Um formigamento percorreu os braços e pernas de Rand. Ele se sentiu corar, quase quente. — Você conhece uma boa estalagem por aqui?

— Você evita minhas perguntas — retrucou Bornhald. — Que mal existe em você que você não me responde? — Seus companheiros se aproximaram e puseram-se um de cada lado dele, rostos duros e sem expressão. Apesar das manchas de lama em seus mantos, não havia mais nada de engraçado neles.

O formigamento tomou conta de Rand; o calor havia se transformado em febre. Ele queria rir, de tão bom que era. Uma vizinha na sua cabeça gritava que havia algo errado, mas ele só conseguia pensar em como se sentia cheio de energia, quase explodindo com ela. Sorridente, ele balançou o corpo apoiado nos calcanhares e esperou o que ia acontecer. Vagamente, de modo distante, ficou se perguntando o que seria.

O rosto do líder tornou-se ainda mais sombrio. Um dos outros puxou a espada o bastante para exibir uma polegada de aço e falou com uma voz que tremia de fúria.

— Quando os Filhos da Luz fazem perguntas, seu moleque de olho cinza, esperam uma resposta ou... — Ele parou quando o homem de cara estreita colocou um braço na frente de seu peito. Bornhald acenou com a cabeça para cima.

A Guarda da Cidade havia chegado, uma dezena de homens usando capacetes redondos de aço e coletes de couro com rebites, carregando bastões como quem sabe usá-los. Eles estavam parados observando, em silêncio, a dez passos de distância.

— Esta cidade perdeu a Luz — grunhiu o homem que havia começado a puxar a espada. Ele ergueu a voz para gritar para a Guarda. — Baerlon jaz na Sombra do Tenebroso! — Com um gesto de Bornhald ele enfiou a lâmina de volta na bainha.

Bornhald voltou a atenção para Rand novamente. A luz do conhecimento brilhou nos seus olhos.

— Amigos das Trevas não nos escapam, jovem, mesmo numa cidade que jaz na Sombra. Nós vamos nos encontrar novamente. Pode ter certeza disso!

Ele girou nos calcanhares e foi embora, seus dois companheiros logo atrás, como se Rand tivesse cessado de existir. Por ora, pelo menos. Quando alcançaram a parte lotada

da rua, o mesmo bolsão aparentemente acidental se abriu à frente deles como antes. Os homens da Guarda hesitaram, de olho em Rand, depois puseram os bastões em cima dos ombros e seguiram os três Mantos-brancos. Tiveram de forçar passagem pela multidão, gritando:

— Abram caminho para a Guarda! — Poucos saíram da frente, e mesmo assim quem o fez foi de má vontade.

Rand ainda se balançava nos calcanhares, esperando. O formigamento era tão forte que ele quase tremia; tinha a sensação de estar queimando.

Mat saiu da loja, olhando fixo para ele.

— Você não está doente — disse por fim. — Você está louco!

Rand respirou fundo, e subitamente tudo desapareceu como uma bolha estourada. Ele cambaleou, a percepção do que havia acabado de fazer tomando conta dele. Passando a língua pelos lábios, olhou nos olhos de Mat.

— Acho que é melhor voltarmos à estalagem agora — disse ele sem firmeza.

— Sim — concordou Mat. — Sim. Acho que é melhor.

A rua havia começado a se encher novamente, e mais de um passante encarou os dois rapazes e murmurou alguma coisa a um companheiro. Rand tinha certeza de que a história se espalharia. Um louco havia tentado começar uma briga com três Filhos da Luz. Isso era algo a se comentar. *Talvez os sonhos estejam mesmo me deixando louco.*

Os dois se perderam diversas vezes nas ruas tortuosas, mas depois de um tempo encontraram Thom Merrilin fazendo uma grandiosa procissão por conta própria no meio da massa. O menestrel disse que havia saído para esticar as pernas e tomar um pouco de ar fresco, mas sempre que alguém olhava duas vezes para seu manto colorido ele anunciava com uma voz ressoante:

— Estou na Cervo e Leão, esta noite apenas.

Foi Mat quem começou a contar a Thom, de maneira atabalhoada, sobre o sonho e a preocupação deles quanto a se deviam ou não contar a Moiraine, mas Rand entrou no meio da conversa, pois havia diferenças na forma exata de como eles se lembravam do sonho. *Ou quem sabe cada sonho fosse um pouco diferente*, pensou. No entanto, a principal parte dos sonhos era a mesma.

Eles não haviam avançado muito na história antes que Thom começasse a prestar total atenção neles. Quando Rand mencionou Ba'alzamon, o menestrel agarrou cada um deles pelo ombro com uma ordem para que segurassem a língua, ergueu-se na ponta dos pés para olhar por cima das cabeças da multidão e, em seguida, os levou apressadamente para fora da balbúrdia até um beco sem saída vazio, a não ser por alguns caixotes e um cão amarelo bem magro, encolhido para se proteger do frio.

Thom ficou olhando para a multidão, procurando alguém que por acaso tivesse parado para ouvi-los, antes de voltar sua atenção para Rand e Mat. Seus olhos azuis cravaram-se nos deles, desviando-se de vez em quando para vigiar a entrada do beco.

— Jamais digam esse nome onde estranhos possam ouvir. — A voz dele era baixa, mas tinha um tom de urgência. — Nem mesmo onde exista a mera *possibilidade* de um estranho ouvir. É um nome muito perigoso, mesmo onde não há Filhos da Luz vagando pelas ruas.

Mat bufou.

— Filhos da Luz... Eu é que sei... — disse ele com um olhar cínico para Rand.

Thom o ignorou.

— Se apenas um de vocês tivesse tido esse sonho... — Ele ficou puxando furiosamente o bigode. — Contem-me tudo que puderem se lembrar a respeito. Cada detalhe. — Ele continuou mantendo sua cautelosa vigilância enquanto ouvia.

— ...ele citou os homens que disse que haviam sido usados — contou Rand por fim. Achava que já tinha dito tudo o mais. — Guaire Amalasan. Raolin Algoz-das-trevas.

— Davian — acrescentou Mat antes que o outro pudesse prosseguir. — E Yurian Arco-de-pedra.

— E Logain — concluiu Rand.

— Nomes perigosos — murmurou Thom. Seus olhos pareciam perfurá-los com ainda mais intensidade do que antes. — Quase tão perigosos quanto aquele outro, de um jeito ou de outro. Todos mortos agora, com exceção de Logain. Alguns, mortos há muito tempo. Raolin Algoz-das-trevas, há quase dois mil anos. Mas perigosos mesmo assim. É melhor que vocês não os pronunciem em voz alta, mesmo sozinhos. A maioria das pessoas não reconheceria nenhum deles, mas se a pessoa errada ouvir...

— Mas quem foram eles? — perguntou Rand.

— Homens — murmurou Thom. — Homens que fizeram tremer os pilares do céu e abalaram as fundações do mundo. — Ele sacudiu a cabeça. — Não importa. Esqueçam-se deles. Agora são pó.

— Eles... eles foram usados, como ele disse? — perguntou Mat. — E mortos?

— Pode-se dizer que a Torre Branca os matou. Pode-se dizer isso. — A boca de Thom se crispuou por um momento, e depois ele sacudiu a cabeça novamente. — Mas usados...? Não, não consigo ver isso. A Luz sabe que o Trono de Amyrlin tece muitas tramas, mas isso eu não consigo ver.

Mat estremeceu.

— Ele disse tantas coisas. Coisas loucas. Tudo aquilo sobre Lews Therin, o Fratricida, e Artur Asa-de-gavião. E o Olho do Mundo. O que, pela Luz, é isso, afinal?

— Uma lenda — disse o menestrel lentamente. — Talvez. Uma lenda tão grande quanto a Trombeta de Valere, pelo menos nas Terras da Fronteira. Lá em cima, os jovens saem à caça do Olho do Mundo como os jovens de Illian caçam a Trombeta. Talvez seja uma lenda.

— O que vamos fazer, Thom? — perguntou Rand. — Contamos a ela? Não quero ter mais sonhos como esse. Talvez ela possa fazer alguma coisa.

— Talvez a gente não goste do que ela possa fazer — grunhiu Mat.

Thom os estudou, pensando e cofiando o bigode com o nó de um dedo.

— Eu digo que vocês devem ficar calmos — sugeriu ele finalmente. — Não contem a ninguém, pelo menos por enquanto. Vocês sempre podem mudar de ideia, se for preciso, mas assim que contarem acabou, e vocês estarão mais amarrados do que nunca a... a ela. — Subitamente ele se endireitou, seu andar curvado quase desaparecendo. — O outro rapaz! Vocês disseram que ele teve o mesmo sonho? Será que ele tem bom senso suficiente para manter a boca fechada?

— Acho que sim — disse Rand ao mesmo tempo que Mat explicava:

— Estávamos voltando à estalagem para avisá-lo.

— A Luz permita que não cheguemos tarde demais! — Manto drapejando em torno dos tornozelos, Thom saiu a passos largos do beco, olhando para trás sem se deter. — Então? Seus pés estão grudados ao chão?

Rand e Mat correram atrás dele, mas Thom não esperou que eles o alcançassem.

Dessa vez ele não parou para as pessoas que olhavam seu manto, nem aqueles que o saudavam como menestrel. Abriu caminho pelas ruas lotadas como se elas estivessem vazias, Rand e Mat quase correndo para segui-lo. Em muito menos tempo do que Rand esperava, estavam chegando à Cervo e Leão.

Assim que chegaram, Perrin veio correndo, tentando jogar seu manto por cima dos ombros. Quase caiu em seu esforço para não dar de cara com eles.

— Eu estava indo à procura de vocês dois — disse, ofegante, depois de recuperar o equilíbrio. Rand o agarrou pelo braço.

— Você contou a alguém a respeito do sonho?

— Diga que não — pediu Mat.

— É muito importante — disse Thom.

Perrin olhou para eles, confuso.

— Não, não contei. Só saí da cama há uma hora. — Seus ombros curvaram-se. — Ganhei uma dor de cabeça tentando não pensar nisso, que dirá se falasse a respeito. Por que vocês contaram a ele? — Indicou o menestrel com um gesto de cabeça.

— Precisávamos contar a alguém ou íamos enlouquecer — disse Rand.

— Eu explico mais tarde — acrescentou Thom com um olhar significativo para as pessoas que entravam e saíam da Cervo e Leão.

— Está certo — respondeu Perrin devagar, ainda parecendo confuso. — Subitamente, deu um tapa na própria testa. — Vocês quase me fizeram esquecer por que estava procurando vocês. Não que eu não quisesse esquecer... Nynaeve está aí dentro.

— Sangue e cinzas! — gritou Mat. — Como foi que ela chegou aqui? Moiraine... a barca...

Perrin resfolegou.

— Você acha que uma coisinha de nada como uma barca afundada deteria Nynaeve? Ela encontrou Torrealta... Não sei como ele atravessou o rio de volta, mas ela disse que ele estava se escondendo em seu quarto e não queria nem chegar perto da água... de qualquer maneira, ela o forçou a encontrar um barco grande o bastante para ela e seu cavalo e a levá-la até o outro lado remando. Ele mesmo. Ela só lhe deu tempo para encontrar um de seus puxadores para usar outro par de remos.

— Luz! — Mat soltou o ar.

— O que ela está fazendo aqui? — Rand quis saber. Mat e Perrin dirigiram a ele um olhar de desdém.

— Veio atrás da gente — disse Perrin. — Ela está com... com a Senhora Alys neste instante, e o frio lá dentro é bastante para fazer nevar.

— Será que a gente não podia simplesmente ir para algum outro lugar por um tempo? — sugeriu Mat. — Meu pai diz que só um tolo põe a mão num vespeiro sem que isso seja absolutamente necessário.

Rand interrompeu.

— Ela não pode obrigar a gente a voltar. A Noite Invernal deveria ter sido o bastante para fazê-la enxergar isso. Se não, vamos ter de fazê-la enxergar.

Mat erguia as sobrancelhas mais alto a cada palavra e, quando Rand terminou, ele deixou escapar um assvio baixinho.

— Você já tentou fazer Nynaeve enxergar alguma coisa que ela não queira? Eu já. Sugiuro que a gente fique longe até a noite, e só então entre de fininho.

— Pelo que pude observar da jovem — disse Thom —, não acho que ela vá desistir

até ter dito o que tem a dizer. Se não deixarem que ela faça isso logo, poderá continuar até atrair uma atenção que nenhum de nós deseja.

Isso bastou para que se detivessem. Trocaram olhares, respiraram fundo e marcharam para dentro como se fossem enfrentar Trollocs.





A Sabedoria

Perrin seguiu na frente, dirigindo-se às entranhas da estalagem. Rand estava tão concentrado no que pretendia dizer a Nynaeve que não viu Min até ela agarrar seu braço e puxá-lo para o lado. Os outros ainda seguiram alguns passos pelo corredor antes de perceber que ele havia parado. Então também pararam, meio impacientes para seguir, meio relutantes em fazê-lo.

— Não temos tempo para isso, garoto — disse Thom mal-humorado.

— Vá fazer uns malabarismos, ande! — disse Min bruscamente para o grisalho menestrel, afastando Rand ainda mais dos outros.

— Eu realmente não tenho tempo — observou Rand. — Decerto não para mais conversas tolas sobre fugir e coisas do gênero. — Ele tentou soltar o braço, mas cada vez que ele soltava, ela o agarrava novamente.

— E eu também não tenho tempo para suas tolices. Quer ficar quieto? — Ela lançou um rápido olhar para os demais, depois se aproximou, abaixando a voz. — Uma mulher chegou agora há pouco... mais baixa que eu, de olhos escuros e cabelos escuros numa trança que vai até a cintura. Ela faz parte disso, juntamente com o restante de vocês.

Por um minuto Rand ficou simplesmente olhando fixo para ela. Nynaeve? *Como ela pode estar envolvida? Luz, como eu posso estar envolvido?*

— Isso é... impossível.

— Você a conhece? — sussurrou Min.

— Sim, e ela não pode estar envolvida em... no que quer que você...

— As fagulhas, Rand. Ela deu de cara com a Senhora Alys entrando, e houve fagulhas, só com as duas. Ontem eu não conseguia ver fagulhas sem pelo menos três ou quatro de vocês juntos, mas hoje tudo está mais nítido e mais furioso. — Ela olhou para

os amigos de Rand, que esperavam impacientemente, e estremeceu antes de se voltar para ele. — Eu quase me espanto que a estalagem não pegue fogo. Vocês todos estão correndo mais perigo hoje que ontem. Desde que ela chegou.

Rand olhou de relance para seus amigos. Thom, as sobrancelhas unidas formando um espesso V, estava inclinado para a frente, prestes a tomar alguma atitude para apressá-lo.

— Ela não fará nada para nos machucar — disse ele para Min. — Preciso ir agora. — Dessa vez, conseguiu arrancar seu braço da mão dela.

Ignorando o grito esganiçado dela, ele se juntou aos outros, e prosseguiram pelo corredor. Rand só olhou para trás uma vez. Min sacudiu o punho em sua direção e bateu o pé.

— O que ela tinha a dizer? — perguntou Mat.

— Nynaeve faz parte disso — disse Rand sem pensar e depois dirigiu um olhar tão duro a Mat que o pegou boquiaberto. Então a compreensão se espalhou lentamente pelo rosto de Mat.

— Parte do quê? — perguntou Thom baixinho. — Aquela garota sabe de alguma coisa?

Enquanto Rand ainda estava tentando formular em sua cabeça o que dizer, Mat falou:

— É claro que ela faz parte disso — respondeu ele, mal-humorado. — Parte do mesmo azar que estamos tendo desde a Noite Invernal. Talvez a Sabedoria aparecer aqui não seja grande coisa para você, mas eu preferia a presença dos Mantos-brancos.

— Ela viu Nynaeve chegar — disse Rand. — Viu-a falar com a Senhora Alys e achou que pudesse ter algo a ver conosco. — Thom lhe lançou um olhar de esguelha e agitou o bigode com um bufo, mas os outros pareceram aceitar a explicação de Rand. Ele não gostava de guardar segredos de seus amigos, mas o segredo de Min poderia ser tão perigoso para ela quanto os deles eram para si próprios.

Perrin parou subitamente na frente de uma porta e, apesar de seu tamanho, pareceu estranhamente hesitante. Respirou bem fundo, olhou para os companheiros, respirou fundo mais uma vez, abriu lentamente a porta e entrou. Um a um, os outros o seguiram. Rand foi o último, e fechou a porta com grande relutância.

Era o aposento onde haviam comido na noite anterior. Um fogo crepitava na lareira, e uma bandeja de prata polida estava no meio da mesa, com um bule e cálices de prata reluzentes. Moiraine e Nynaeve estavam sentadas nas cabeceiras da mesa, sem tirar os olhos uma da outra. Todas as outras cadeiras estavam vazias. As mãos de Moiraine repousavam sobre a mesa, tão imóveis quanto seu rosto. A trança de Nynaeve estava jogada sobre o ombro, a ponta presa em um punho fechado; ela ficava dando pequenos puxões, do jeito que costumava fazer quando estava sendo mais teimosa que de costume com o Conselho da Aldeia. *Perrin tinha razão*. Apesar do fogo, parecia estar fazendo um frio de congelar, e tudo isso vinha das duas mulheres à mesa.

Lan estava encostado na cornija da lareira, olhando para as chamas e esfregando as mãos em busca de calor. Egwene, as costas coladas na parede, vestia o manto com o capuz levantado. Thom, Mat e Perrin pararam, indecisos, diante da porta.

Dando desconfortavelmente de ombros, Rand caminhou até a mesa. *Às vezes você tem de agarrar o lobo pelas orelhas*, lembrou a si mesmo. Mas também recordou outro velho ditado: *Quando você prende um lobo pelas orelhas, soltar é tão difícil quanto segurar*. Sentiu os olhos de Moiraine nele, e também os de Nynaeve, e seu rosto ficou quente, mas ele se

sentou mesmo assim, entre as duas.

Por um minuto o aposento ficou tão imóvel quanto uma escultura, e então Egwene e Perrin, e finalmente Mat, dirigiram-se relutantes à mesa e se sentaram — mais para o meio, com Rand. Egwene puxou o capuz ainda mais para a frente, o bastante para ocultar metade de seu rosto, e todos evitaram olhar diretamente para alguém.

— Bem — Thom resfolegou, de seu lugar ao lado da porta —, pelo menos essa parte já passou.

— Já que todos estão aqui — disse Lan, deixando a lareira e enchendo um dos cálices de prata com vinho —, talvez você finalmente aceite isto. — Ofereceu o cálice a Nynaeve, que o olhou com desconfiança. — Não precisa ter medo — insistiu, paciente. — Você viu o estalajadeiro trazer o vinho, e nenhum de nós teve chance de colocar nada dentro dele. É bastante seguro.

A boca da Sabedoria se apertou de raiva ao ouvir a palavra *medo*, mas ela aceitou o cálice com um “obrigada” murmurado.

— Eu estou interessado — disse ele — em saber como você nos encontrou.

— Eu também. — Moiraine inclinou-se para a frente com atenção. — Talvez você esteja disposta a falar agora que Egwene e os rapazes foram trazidos até você.

Nynaeve provou o vinho antes de responder à Aes Sedai.

— Não havia para onde vocês irem a não ser Baerlon. No entanto, para me garantir, segui sua trilha. Até que vocês zigzaguearam bastante. Mas suponho que não iam querer arriscar encontrar gente decente.

— Você... seguiu nossa trilha? — perguntou Lan, surpreso pela primeira vez desde que Rand conseguia se lembrar. — Devo estar ficando descuidado.

— Você deixou pouquíssimos vestígios, mas eu sei rastrear tão bem quanto qualquer homem dos Dois Rios, exceto talvez Tam al'Thor. — Ela hesitou, depois acrescentou: — Até meu pai morrer, ele me levava para caçar, e me ensinou o que teria ensinado aos filhos que nunca teve. — Ela olhou para Lan de modo desafiador, mas este só assentiu com aprovação.

— Se você consegue seguir uma trilha que eu tentei esconder, ele lhe ensinou bem. Poucos conseguem fazer isso, mesmo nas Terras da Fronteira.

Subitamente Nynaeve enterrou o rosto no cálice. Os olhos de Rand se arregalaram. Ela estava corando. Nynaeve jamais se mostrava desconcertada. Zangada, sim; ultrajada, com frequência; mas jamais descomposta. Mas estava corando, com certeza, e tentando esconder isso no vinho.

— Talvez agora — disse Moiraine, baixinho — você responda algumas das minhas perguntas. Eu respondi as suas de bom grado.

— Com um punhado de historinhas de menestrel — retorquiu Nynaeve. — Os únicos *fatos* que consigo ver são que quatro jovens foram levados para longe por uma Aes Sedai, e a razão disso só a Luz sabe.

— Dissemos a você que isso não é sabido aqui — disse Lan com rispidez. — Precisa aprender a segurar a língua.

— Por que eu deveria? — Nynaeve quis saber. — Por que deveria ajudar a esconder vocês, ou o que vocês são? Eu vim para levar Egwene e os rapazes de volta a Campo de Emond, não para ajudar vocês a sequestrá-los.

Thom interrompeu, um tom de escárnio na voz.

— Se quiser que vejam a aldeia deles novamente, e você mesma também, é melhor ter

mais cuidado. Há aqui em Baerlon quem a mataria — ele gesticulou com a cabeça na direção de Moiraine — por causa do que ela é. E ele também — indicou Lan. Então, avançou abruptamente e pôs os punhos sobre a mesa. Inclinou-se na direção de Nynaeve, e seu longo bigode e sobrancelhas grossas de repente pareceram ameaçadores.

Os olhos dela se arregalaram, e ela começou a se inclinar para trás, afastando-se dele; então as costas dela se enrijeceram em desafio. Thom não pareceu notar, e continuou numa voz suave e lúgubre:

— Eles viriam correndo para esta estalagem como um enxame de formigas assassinas ao ouvir um rumor que seja, um sussurro. O ódio deles é grande a esse ponto, seu desejo de matar ou capturar qualquer um que seja como esses dois. E a garota? Os garotos? Você? Vocês estão todos associados a eles, o bastante para os Mantos-brancos, de qualquer maneira. Você não ia gostar do jeito como eles fazem perguntas, especialmente quando a Torre Branca está envolvida. Os Questionadores dos Mantos-brancos supõem que você seja culpada antes mesmo de começarem, e só têm uma sentença para esse tipo de culpa. Eles não se interessam em descobrir a verdade; acham que já a conhecem. Tudo que buscam com seus ferros quentes e alicates é uma confissão. É melhor se lembrar de que alguns segredos são perigosos demais para se dizer em voz alta, mesmo quando você pensa que sabe quem está ouvindo. — Ele se endireitou com um resmungo: — Acho que tenho dito muito isso às pessoas ultimamente.

— Sábias palavras, menestrel — disse Lan. O Guardião tinha aquela expressão nos olhos mais uma vez, como se estivesse medindo e avaliando. — Estou surpreso com sua preocupação.

Thom deu de ombros.

— Todos sabem que cheguei com vocês também. Não quero saber de um Questionador com um ferro quente mandando eu me arrepender de meus pecados e caminhar na Luz.

— Esta — Nynaeve interrompeu com acidez — é apenas mais uma razão para que eles voltem comigo pela manhã. Ou esta tarde. Quanto mais cedo estivermos longe de vocês, e no caminho de volta para Campo de Emond, melhor.

— Não podemos — disse Rand, feliz por seus amigos todos terem falado ao mesmo tempo. Assim o olhar furioso de Nynaeve teve de ser dividido; e ela não poupou ninguém. Mas ele havia sido o primeiro a falar, e todos ficaram em silêncio, fitando-o. Até mesmo Moiraine se recostou em sua cadeira, observando-o acima dos dedos entrelaçados. Para ele, era um esforço olhar nos olhos da Sabedoria. — Se voltarmos a Campo de Emond, os Trollocs vão voltar também. Eles estão... nos caçando. Não sei por que, mas estão. Talvez possamos descobrir por que em Tar Valon. Talvez possamos descobrir como detê-los. É o único jeito.

Nynaeve jogou as mãos para o céu.

— Você está parecendo Tam. Ele mandou que o carregassem até o encontro da aldeia e tentou convencer todo mundo. Já havia tentado com o Conselho. Só a Luz sabe como sua... Senhora Alys — pronunciou o nome com um desprezo imenso — conseguiu fazer com que ele acreditasse; normalmente ele tem um pouco mais de bom senso que a maioria dos homens. De qualquer maneira, o Conselho é um bando de tolos na maioria das vezes, mas não tolos o bastante para isso, e tampouco os outros na aldeia. Eles concordaram que vocês tinham de ser encontrados. Então Tam quis ser o encarregado de vir atrás de vocês, mesmo sem ser capaz de ficar em pé. A idiotice deve

estar no sangue da família.

Mat pigarreou, depois resmungou:

— E o meu pai? O que foi que ele disse?

— Ele tem medo de que você tente seus truques com estrangeiros e acabe apanhando. Parecia ter mais medo disso do que da... Senhora Alys aqui. Mas, também, ele nunca foi muito mais inteligente do que você.

Mat pareceu não saber ao certo como assimilar o que ela dissera, nem como responder, nem sequer se deveria responder.

— Eu espero — Perrin começou, hesitante —, quero dizer, suponho que Mestre Luhhan não tenha ficado muito satisfeito com minha partida também.

— Você esperava que ele ficasse? — Nynaeve sacudiu a cabeça em sinal de desgosto e olhou para Egwene. — Talvez eu não deva ficar surpresa com essa idiotice vinda de vocês três, mas pensei que outros tivessem mais discernimento.

Egwene se recostou de modo a ficar protegida por Perrin.

— Eu deixei um bilhete — disse ela baixinho. Puxou o capuz do manto como se tivesse medo de que os cabelos soltos aparecessem. — Expliquei tudo. — O rosto de Nynaeve ficou mais severo.

Rand suspirou. A Sabedoria estava a ponto de dar um de seus famosos açoitês verbais, e tinha todo o jeito de ser um de primeira. Se ela firmasse sua posição no calor da raiva, se dissesse que pretendia levá-los de volta a Campo de Emond não importasse o que qualquer pessoa falasse, por exemplo, seria quase impossível movê-la. Ele abriu a boca.

— Um bilhete! — começou Nynaeve, no instante em que Moiraine disse:

— Nós duas ainda precisamos conversar, Sabedoria.

Se Rand pudesse ter se contido, ele o teria feito, mas as palavras saíram como se ele tivesse aberto uma comporta em vez da boca.

— Tudo isso está muito bom, mas não muda nada. Não podemos voltar. Precisamos prosseguir. — Ele falou mais devagar ao chegar ao fim, e sua voz foi afundando até terminar num sussurro, com a Sabedoria e a Aes Sedai olhando ao mesmo tempo para ele. Era o tipo de olhar que ele recebia se encontrasse com mulheres falando sobre assuntos do Círculo das Mulheres, o tipo que dizia que ele havia se metido onde não lhe dizia respeito. Recostou-se, desejando estar em outro lugar.

— Sabedoria — disse Moiraine —, você precisa crer que eles estão mais seguros comigo do que estariam nos Dois Rios.

— Mais seguros! — Nynaeve jogou a cabeça de lado em sinal de desprezo. — Foi você quem os trouxe até aqui, onde os Mantos-brancos estão. Os mesmos Mantos-brancos que, se o menestrel estiver dizendo a verdade, podem feri-los por *sua* causa. Diga-me como eles estão mais seguros, Aes Sedai.

— Há muitos perigos dos quais não posso protegê-los — concordou Moiraine. — Assim como você não pode protegê-los de serem atingidos por um raio se eles voltarem para casa. Mas não é de raios que eles devem ter medo, e nem mesmo dos Mantos-brancos. É do Tenebroso, e dos asseclas do Tenebroso. Dessas coisas eu *posso* protegê-los. Tocar a Fonte Verdadeira, tocar *sai*dar, me confere essa proteção, assim como a todas Aes Sedai. — A boca de Nynaeve se contraiu, cética. A de Moiraine também, com raiva, mas ela seguiu em frente, a voz dura, no limite da paciência. — Mesmo aqueles coitados que se veem usando o Poder por um curto período adquirem isso, embora

algumas vezes tocar *saidin* proteja e noutras a mancha os torne mais vulneráveis. Mas eu, ou qualquer Aes Sedai, posso estender minha proteção a quem estiver próximo de mim. Nenhum Desvanecido pode machucá-los enquanto estiverem perto de mim, como estão agora. Nenhum Trolloc pode chegar a um quarto de milha sem que Lan perceba, sem que ele sinta o mal deles. Você pode oferecer metade disso se eles voltarem a Campo de Emond com você?

— Falácia — disse Nynaeve. — Temos um ditado nos Dois Rios que diz: “Quer o urso derrote o lobo ou o lobo derrote o urso, o coelho sempre sai perdendo.” Leve suas disputas para outro lugar e deixe a gente de Campo de Emond fora disso.

— Egwene — disse Moiraine, depois de um momento —, leve os outros e deixe a Sabedoria sozinha comigo um pouco. — O rosto dela estava impassível; Nynaeve endireitou-se à mesa, como se se preparasse para uma luta corpo a corpo.

Egwene levantou-se de um pulo, o desejo de agir com dignidade obviamente em conflito com seu desejo de evitar um confronto com a Sabedoria por causa de seus cabelos sem trança. Mas não teve dificuldade para reunir todos só com o olhar. Mat e Perrin afastaram suas cadeiras apressadamente, fazendo murmúrios educados enquanto o que tentavam realmente era não sair correndo para a porta. Até mesmo Lan se dirigiu para lá a um sinal de Moiraine, levando Thom consigo.

Rand os seguiu, e o Guardião fechou a porta, montando guarda do outro lado do corredor. Sob os olhos de Lan os outros percorreram uma curta distância no corredor; não lhes seria permitida sequer a menor chance de escutar. Quando haviam se afastado o suficiente do seu ponto de vista, Lan se recostou na parede. Mesmo sem o manto de cores mutantes, estava tão imóvel que seria fácil não reparar na sua presença até quase esbarrar nele.

O menestrel resmungou alguma coisa sobre ter mais o que fazer com seu tempo e saiu com um duro “Lembrem-se do que eu disse” para os rapazes. Ninguém mais parecia inclinado a sair.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntou Egwene distraída, os olhos na porta que escondia Moiraine e Nynaeve. Ela não parava de mexer no cabelo, como se dividida entre continuar a esconder o fato de que ele não estava mais trançado e descer o capuz do manto.

— Ele nos deu alguns conselhos — disse Mat.

Perrin lançou-lhe um olhar duro.

— Ele disse para não abrimos a boca até termos certeza do que íamos dizer.

— Isso me parece um bom conselho — disse Egwene, mas obviamente seu interesse não era genuíno.

Rand estava mergulhado em seus próprios pensamentos. Como Nynaeve poderia fazer parte daquilo? Como qualquer um deles poderia estar envolvido com Trollocs e Desvanecidos, e Ba'alzamon aparecendo nos sonhos deles? Era loucura. Ele se perguntou se Min havia contado a Moiraine a respeito de Nynaeve. *O que elas estão falando ali dentro?*

Não fazia ideia de quanto tempo ficara ali em pé parado quando a porta finalmente se abriu. Nynaeve saiu e levou um susto quando viu Lan. O Guardião murmurou algo que a fez virar a cabeça com raiva, então passou por ela e entrou na sala de onde ela saíra.

Nynaeve se virou na direção de Rand, e pela primeira vez ele percebeu que os outros haviam desaparecido silenciosamente. Ele não queria encarar a Sabedoria sozinho, mas não podia sair no momento que seus olhos se encontravam. *Olhos particularmente*

persecutores, pensou ele, intrigado. *O que foi que elas disseram?* Ele se endireitou quando ela se aproximou.

Ela indicou a espada de Tam.

— Ela parece se adequar a você agora, embora eu achasse melhor que não fosse assim. Você cresceu, Rand.

— Em uma semana? — Ele riu, mas o riso pareceu forçado, e ela balançou a cabeça como se ele não compreendesse. — Ela convenceu você? — perguntou ele. — É realmente o único jeito. — Fez uma pausa, pensando nas fagulhas de Min. — Você vem conosco?

Nynaeve arregalou bem os olhos.

— Ir com vocês? Por que eu faria isso? Mavra Mallen veio de Trilha de Deven para cuidar das coisas até eu retornar, mas vai querer voltar para casa assim que puder. Ainda espero fazer com que vocês vejam a razão e voltem comigo.

— Não podemos. — Ele achou ter visto alguma coisa se mover na porta ainda aberta, mas estavam sozinhos no corredor.

— Você me disse isso, e ela também. — Nynaeve franziu a testa. — Se *ela* não estivesse metida nisso tudo... Aes Sedai não são de confiança, Rand.

— Você fala como se realmente acreditasse em nós — disse ele devagar. — O que aconteceu na reunião da aldeia?

Nynaeve olhou novamente para a porta antes de responder. Agora não havia nenhum movimento ali.

— Foi uma confusão, mas ela não precisa saber que não conseguimos lidar direito com nossos problemas. E acredito em apenas uma coisa: vocês todos estarão em perigo enquanto estiverem com ela.

— Alguma coisa aconteceu — insistiu ele. — Por que quer que voltemos se acha que existe uma chance de que estejamos certos? E por que, entre todos, você? Era mais fácil mandarem o Prefeito, e não a Sabedoria.

— Você cresceu *mesmo*. — Ela sorriu, e por um momento o divertimento dela fez com que ele ficasse sem graça. — Lembro de um tempo em que você não teria questionado aonde escolho ir nem o que escolho fazer, aonde fosse ou o que fosse. Um tempo só uma semana atrás.

Ele pigarreou e insistiu.

— Não faz sentido. Por que você está realmente aqui?

Ela olhou meio de lado para a porta ainda aberta, então o pegou pelo braço.

— Vamos andar enquanto conversamos. — Ele se deixou ser conduzido para longe, e, quando estavam suficientemente distantes da porta para não serem ouvidos, ela recomeçou. — Como eu disse, a reunião foi uma confusão. Todos concordaram que alguém tinha de ser mandado atrás de vocês, mas a aldeia se dividiu em dois grupos. Um queria resgatar vocês, embora tenha havido considerável discussão sobre como isso seria feito, já que vocês estavam aqui com uma... com alguém da espécie *dela*.

Ele ficou feliz por ela se lembrar de tomar cuidado com o que dizia.

— Os outros acreditaram em Tam? — perguntou Rand.

— Não exatamente, mas achavam que vocês não deveriam estar no meio de estranhos também, especialmente não com alguém como *ela*. De qualquer maneira, entretanto, quase todos os homens queriam estar no grupo. Tam, Bran al'Vere, com as balanças do cargo penduradas no pescoço, e Haral Luhhan, até que Alsbet fez com que ele se sentasse.

Até mesmo Cenn Buie. A Luz me poupe de homens que pensam com os cabelos do peito. Embora eu não conheça nenhum outro tipo. — Ela bufou alto e olhou para ele com ar de acusação. — De qualquer maneira, imaginei que levaria mais um dia, talvez dois, antes que eles chegassem a alguma decisão, e de algum modo... de algum modo eu tinha certeza de que não podíamos esperar tanto tempo. Então, convoquei o Círculo das Mulheres e disse a elas o que tinha de ser feito. Não posso dizer que elas gostaram, mas viram que era o certo. E é por isso que estou aqui; porque os homens de Campo de Emond são cabeças-duras. Eles provavelmente ainda estão discutindo sobre quem enviar, embora eu tenha deixado recado de que cuidaria do assunto.

A história de Nynaeve explicava sua presença ali, mas não servia para tranquilizá-lo. Ela ainda estava determinada a levá-los de volta.

— O que ela disse a você ali dentro? — perguntou. Moiraine certamente teria dado todos os argumentos possíveis, mas, se ela tivesse deixado algum de lado, ele o forneceria.

— Mais do mesmo — replicou Nynaeve. — E ela queria saber sobre vocês, rapazes. Para ver se conseguia entender por que vocês... atraíram o tipo de atenção que atraíram... ela disse. — Fez uma pausa, observando-o pelo canto do olho. — Ela tentou disfarçar, porém, mais do que tudo, queria saber se algum de vocês havia nascido fora dos Dois Rios.

O rosto dele subitamente ficou tenso como a pele de um tambor. Ele conseguiu dar um riso rouco.

— Ela acha umas coisas esquisitas. Espero que você tenha garantido a ela que nascemos todos em Campo de Emond.

— É claro — respondeu ela. Apenas uma pausa ínfima antes da resposta dela, tão ínfima que ele a teria perdido se não estivesse procurando por ela.

Tentou pensar em algo a dizer, mas sua língua parecia uma tira de couro. *Ela sabe. Ela era a Sabedoria, afinal, e a Sabedoria devia saber de tudo a respeito de todos. Se ela sabe, não foi sonho de febre. Ah, que a Luz me ajude, pai!*

— Você está bem? — perguntou Nynaeve.

— Ele disse... disse que eu... não era filho dele. Quando estava delirando... com a febre. Ele disse que me encontrou. Achei que era só... — Sua garganta começou a queimar, e ele precisou parar.

— Ah, Rand. — Ela parou e tomou seu rosto entre as mãos. Precisou estender os braços para fazer isso. — Pessoas dizem coisas estranhas quando estão com febre alta. Coisas distorcidas. Coisas que não são verdadeiras, nem reais. Ouça-me bem. Tam al'Thor saiu em busca de aventura quando era um rapaz da sua idade. Eu me lembro direitinho quando ele voltou a Campo de Emond, um homem adulto com uma esposa ruiva estrangeira e um bebê embrulhadinho em cobertas. Lembro de Kari al'Thor aninhando aquela criança nos braços com o mesmo amor e prazer que já vi em qualquer mãe com seu filho. Filho dela, Rand. Você. Agora você se recomponha e pare com essa bobagem.

— É claro — disse ele. *Eu nasci mesmo fora dos Dois Rios.* — É claro. — Talvez Tam estivesse tendo um sonho febril, e talvez tivesse encontrado um bebê após uma batalha. — Por que você não disse isso a ela?

— Não é da conta de nenhum estrangeiro.

— Algum dos outros nasceu fora? — Assim que a pergunta foi feita, ele balançou a

cabeça. — Não, não responda. Também não é da minha conta. — Mas seria bom saber se Moiraine tinha algum interesse especial nele, além do interesse que demonstrava no grupo inteiro. *Teria?*

— Não, não é da sua conta — concordou Nynaeve. — Pode não significar nada. Ela poderia estar simplesmente buscando cegamente um motivo, qualquer motivo, pelo qual essas coisas estão atrás de vocês. Atrás de *todos* vocês.

Rand conseguiu um sorriso.

— Então você acredita que eles estão nos caçando.

Nynaeve balançou a cabeça secamente.

— Você certamente aprendeu a distorcer as palavras desde que a conheceu.

— O que você vai fazer? — perguntou ele.

Ela o estudou; ele a encarou com firmeza.

— Hoje, vou tomar um banho. Quanto ao resto, vamos ter de ver, não é mesmo?





Vigias e Caçadores

Depois que a Sabedoria o deixou, Rand se dirigiu até o salão. Precisava ouvir gente rindo, para esquecer tanto o que Nynaeve dissera quanto os problemas que ela poderia causar.

A sala estava lotada, de fato, mas ninguém estava rindo, embora cada cadeira e cada banco estivessem ocupados e as pessoas preenchessem todo o espaço das paredes. Thom estava se apresentando novamente, em pé sobre uma mesa encostada na parede do outro lado, seus gestos grandiosos o bastante para preencher o enorme aposento. Era *A Grande Caçada da Trompa* outra vez, mas ninguém estava reclamando, claro. Havia tantas histórias a serem contadas a respeito de cada um dos Caçadores, e tantos Caçadores sobre os quais se falar, que não havia duas maneiras iguais de se contar a história. Contar tudo de uma só vez exigiria uma semana ou mais. O único som que competia com a voz e a harpa do menestrel era o crepitar do fogo nas lareiras.

— ...para os oito cantos do mundo, os Caçadores cavalgam, para os oito pilares do céu, onde os ventos do tempo sopram e o destino agarra sem distinção poderosos e humildes pelo topete. O maior dos Caçadores é Rogosh de Talmour, Rogosh Olho-de-águia, famoso na corte do Grão-rei, temido nas encostas de Shayol Ghul... — Os Caçadores eram sempre heróis poderosos, todos eles.

Rand avistou seus dois amigos e se espremeu em um espaço que Perrin abriu para ele na ponta do banco que ocupavam. Os aromas da cozinha que chegavam à sala o lembraram de que ele estava faminto, mas até mesmo as pessoas que tinham comida diante de si davam pouca atenção à refeição. As criadas que deveriam estar servindo às mesas encontravam-se paradas como num transe, agarrando seus aventais e olhando para o menestrel, e ninguém parecia se importar nem um pouco. Ouvir era melhor do que

comer, não importava o quanto a comida fosse boa.

— ...desde o dia em que Blaes nasceu, o Tenebroso a marcou como sua, mas ela não é desse tipo: não é uma Amiga das Trevas, Blaes de Matuchin! Forte como as cinzas, ela se impõe, esguia como o galho do salgueiro, bela como a rosa. Blaes de cabelos dourados. Estaria disposta a morrer antes de se entregar. Mas ouçam! Ecoando das torres da cidade, soam trombetas, ousadas e fortes. Seus arautos proclamam a chegada de um herói à sua corte. Tambores trovejam e címbalos tinem! Rogosh Olho-de-águia chega para prestar homenagem...

“A Barganha de Rogosh Olho-de-águia” chegou ao fim, mas Thom fez apenas uma breve pausa para molhar a garganta com uma caneca de cerveja antes de iniciar “A Defesa de Lian”. Por sua vez, essa história foi seguida por “A Queda de Aleth-Loriel”, “A Espada de Gaidal Cain” e “A Última Cavalgada de Buad de Albhain”. As pausas foram ficando mais longas à medida que a noite avançava, e quando Thom trocou a harpa pela flauta todos perceberam que era o fim das histórias naquela noite. Dois homens se juntaram a Thom, com um tambor e uma cítara martelada, mas ficaram sentados ao lado da mesa enquanto ele permanecia sobre ela.

Os três jovens de Campo de Emond começaram a bater palmas com a primeira nota de “O Vento que Balança o Salgueiro”, e não foram os únicos. Era uma das canções favoritas nos Dois Rios, e em Baerlon também, ao que parecia. Aqui e ali as vozes até mesmo completavam as palavras, sem serem tão desafiadas que alguém as mandasse calar.

*“Meu amor se foi, carregado
pelo vento que balança o salgueiro,
e a terra toda é justigada
pelo vento que balança o salgueiro.
Mas eu vou guardá-la bem perto de mim,
no coração e na memória mais cara,
e com sua força para firmar minha alma,
seu amor para aquecer meu peito,
eu ficarei onde um dia cantamos,
ainda que o vento frio balance o salgueiro.”*

A segunda canção não era tão triste. Na verdade, “Só um Balde d’água”, na sequência, parecia ainda mais alegre do que de costume, o que poderia ter sido a intenção do menestrel. As pessoas correram para tirar as mesas do lugar e abrir espaço para dançar, e começaram a se empolgar até as paredes balançarem com tantos rodopios e bate-pés. A primeira dança acabou com os dançarinos deixando a pista segurando a barriga de tanto rir, e outras pessoas ocupando seus lugares.

Thom tocou as notas de abertura de “Gansos Selvagens em Voo” e depois fez uma pausa para as pessoas assumirem seus lugares para a roda.

— Acho que vou tentar alguns passos — disse Rand, levantando-se. Perrin pulou logo atrás dele. Mat foi o último a se mover, e por isso, quando deu por si, tinha ficado para trás para guardar os mantos, junto com a espada de Rand e o machado de Perrin.

— Lembrem-se de que eu também quero a minha vez — gritou Mat para eles.

Os dançarinos formaram duas fileiras longas de frente uma para a outra, homens de

um lado, mulheres do outro. Primeiro o tambor e depois a cítara começaram a marcar o ritmo, e todos os dançarinos começaram a dobrar os joelhos no compasso. A garota diante de Rand, a trança dos cabelos pretos fazendo-o lembrar-se de casa, dirigiu-lhe um sorriso tímido seguido por uma piscadela que de tímida não tinha nada. A flauta de Thom entrou na melodia, e Rand avançou para encontrar a garota morena; ela jogou a cabeça para trás e riu quando ele a girou e a passou para o homem seguinte na fila.

Todos no salão estavam rindo, pensou Rand enquanto dançava ao redor de sua parceira seguinte, uma das criadas, cujo avental esvoaçava loucamente. O único rosto sério que ele via era o de um homem encolhido ao lado de uma das lareiras, e uma cicatriz atravessava esse rosto de uma têmpora até o maxilar oposto, o que entortava o nariz e puxava o canto da boca para baixo. Quando seu olhar cruzou com o de Rand, ele fez uma careta e Rand desviou o olhar, envergonhado. Talvez com aquela cicatriz o sujeito não conseguisse sorrir.

Ele apanhou sua parceira seguinte enquanto ela girava, e a rodopiou em um círculo antes de passá-la adiante. Mais três mulheres dançaram com ele enquanto a música ganhava velocidade, e então a primeira garota morena estava de volta para um rápido desfile que alterou completamente as fileiras. Ela ainda estava rindo, e lhe deu outra piscadela.

O homem da cicatriz o olhava com uma cara bem feia. Rand errou o passo e sentiu o rosto ficar vermelho e quente. Não tivera a intenção de envergonhar o sujeito; não achava que o houvesse encarado. Virou-se para encontrar a próxima parceira e esqueceu completamente do homem. A mulher seguinte a dançar em seus braços era Nynaeve.

Ele cambaleou, quase tropeçando nos próprios pés, errando por pouco os pés dela. Dançando com graça suficiente para compensar a falta de jeito dele, ela sorria durante todo o tempo.

— Achei que você fosse um dançarino melhor — disse ela rindo quando trocaram de parceiros.

Ele só teve um instante para se recuperar antes de voltarem a trocar e ele se ver dançando com Moiraine. Se tinha se achado desastrado com a Sabedoria, aquilo nem se comparava ao que sentiu com a Aes Sedai. Ela deslizava com elegância pelo piso, o vestido girando ao seu redor; ele quase caiu por duas vezes. Ela lhe dirigiu um sorriso de simpatia, o que tornou a coisa pior em vez de ajudar. Foi um alívio passar para a próxima parceira, ainda que esta fosse Egwene.

Ele recuperou parte da compostura. Afinal, havia dançado com ela por anos. Seus cabelos ainda pendiam destrançados, mas ela os havia prendido de novo com uma fita vermelha. *Provavelmente não conseguiu se decidir se queria agradar Moiraine ou Nynaeve*, pensou ele, azedo. Os lábios dela estavam entreabertos, e ela parecia querer dizer alguma coisa, mas não falou nada, e não era ele quem iria falar primeiro. Não depois da maneira como ela interrompera sua tentativa anterior na sala de jantar privada. Eles se encararam, sérios, dançaram e se separaram sem dizer palavra.

Ele ficou feliz de voltar para o banco quando a roda acabou. A música para mais uma dança, uma jiga, começou quando ele estava se sentando. Mat apressou-se para se juntar aos dançarinos, e Perrin deslizou para o banco enquanto o outro saía.

— Você a viu? — começou Perrin antes mesmo de terminar de se sentar. — Viu?

— Qual delas? — perguntou Rand. — A Sabedoria ou a Senhora Alys? Eu dancei com as duas.

— A Ae... Senhora Alys também? — exclamou Perrin. — Eu dancei com Nynaeve. Eu nem sabia que ela dançava. Ela nunca faz isso em nenhuma das danças lá na aldeia.

— O que será — perguntou Rand, pensativo — que o Círculo das Mulheres diria sobre a Sabedoria dançar? Talvez seja por isso.

Então a música, as palmas e a cantoria ficaram altas demais para se falar qualquer coisa. Rand e Perrin se juntaram às palmas enquanto os dançarinos formavam um círculo na pista. Por diversas vezes ele se deu conta do homem da cicatriz olhando fixamente para ele. Com aquela cicatriz o homem tinha o direito de ficar melindrado, mas Rand não via nada que pudesse fazer naquele momento que não fosse tornar as coisas piores. Concentrou-se na música e evitou olhar para o sujeito.

A dança e a cantoria seguiram noite adentro. As criadas finalmente se lembraram de suas tarefas; Rand ficou contente por poder engolir um pouco de cozido quente com pão. Todo mundo comeu onde estava, sentado ou em pé. Rand dançou mais três vezes, e conseguiu sair-se melhor quando se viu dançando com Nynaeve novamente, e com Moiraine também. Dessa vez ambas o elogiaram por sua habilidade na dança, o que o fez gaguejar. Ele também dançou com Egwene mais uma vez; ela o fitou com os olhos escuros, sempre parecendo a ponto de falar, mas novamente não disse uma só palavra. Ele estava tão quieto quanto ela, mas tinha certeza de que não a havia olhado de cara feia, independentemente do que Mat disse quando ele voltou ao banco.

Perto da meia-noite, Moiraine se retirou. Egwene, depois de correr o olhar, aflita, da Aes Sedai para Nynaeve, a seguiu, apressada. A Sabedoria as observou com uma expressão inescrutável, depois entrou deliberadamente em outra dança antes de também se retirar, com um olhar de quem havia marcado um ponto em uma competição com a Aes Sedai.

Não demorou muito para que Thom colocasse a flauta em sua caixa, argumentando amigavelmente com aqueles que queriam que ele ficasse um pouco mais. Lan se aproximou para chamar Rand e os outros.

— Temos de partir cedo — disse o Guardião, inclinando-se para perto a fim de ser ouvido acima do ruído — e vamos precisar de todo o repouso que pudermos ter.

— Tem um sujeito aqui que não para de me encarar — disse Mat. — Um homem com uma cicatriz atravessando o rosto. Você não acha que ele poderia ser um... um dos amigos sobre os quais você nos avisou?

— Assim? — disse Rand, traçando com o dedo uma linha que ia do nariz até o canto da boca. — Ele ficou me encarando também. — Olhou ao redor. As pessoas estavam indo embora, e a maioria dos que ainda estavam ali se aglomerava ao redor de Thom. — Ele não está aqui agora.

— Eu vi o homem — disse Lan. — Segundo Mestre Fitch, é um espião dos Mantos-brancos. Não nos preocupa. — Talvez não, mas Rand podia ver que alguma coisa estava preocupando o Guardião.

Rand olhou de esguelha para Mat, que tinha no rosto a expressão rígida que sempre significava que ele estava escondendo algo. *Um espião dos Mantos-brancos. Será possível que Bornhald queira tanto assim nos dar o troco?*

— Vamos partir cedo? — perguntou ele. — Cedo mesmo? — Talvez pudessem partir antes que alguma coisa acontecesse.

— Assim que começar a amanhecer — respondeu o Guardião.

Quando deixavam o salão, Mat cantando baixinho trechos de canção e Perrin parando de vez em quando para experimentar um novo passo de dança que havia

aprendido, Thom se juntou a eles num ótimo humor. O rosto de Lan não tinha expressão enquanto se dirigiam para a escada.

— Onde Nynaeve está dormindo? — perguntou Mat. — Mestre Fitch disse que nós pegamos os últimos quartos.

— Ela tem uma cama — disse Thom secamente — com a Senhora Alys e a garota.

Perrin soltou um assovio baixinho, e Mat murmurou:

— Sangue e cinzas! Eu não queria estar na pele de Egwene nem por todo o ouro de Caemlyn!

Não foi a primeira vez que Rand desejou que Mat conseguisse pensar seriamente em alguma coisa por mais de dois minutos. Naquele momento, eles tampouco estavam numa posição muito confortável.

— Vou tomar um pouco de leite — disse Rand. Quem sabe isso o ajudasse a dormir. *Talvez eu não sonhe esta noite.*

Lan olhou para ele vivamente.

— Há algo errado acontecendo esta noite. Não vá para muito longe. E, lembre-se, vamos partir quer você esteja desperto o suficiente para se sentar na sela, quer tenha de ser amarrado nela.

O Guardião começou a subir as escadas; os outros o seguiram, sua alegria já amortecida. Rand ficou sozinho no salão. Depois de ter tido tantas pessoas ao seu redor, era de fato solitário ali.

Ele se apressou até a cozinha, onde uma empregada ainda estava de serviço. Ela pegou um grande jarro de barro e lhe serviu uma caneca de leite.

Quando ele saiu da cozinha, bebendo, uma forma negra fosca veio em sua direção pelo corredor, erguendo mãos pálidas para jogar para trás o capuz escuro que havia lhe ocultado o rosto. O manto pendia imóvel enquanto a figura se movia, e o rosto... O rosto era humano, mas branco pastoso, como uma lesma embaixo de uma pedra, e sem olhos. Dos cabelos pretos oleosos até as bochechas inchadas, o rosto era liso como uma casca de ovo. Rand engasgou, cuspiendo leite.

— Você é um deles, garoto — disse o Desvanecido, um sussurro rouco como uma lima raspada suavemente sobre um osso.

Rand deixou a caneca cair e recuou. Queria correr, mas mal conseguiu fazer os pés darem um passo assustado de cada vez. Ele não conseguia se libertar daquele rosto sem olhos; seu olhar estava vidrado, e seu estômago, revirado. Tentou gritar por socorro, berrar; mas sua garganta parecia de pedra. Cada respiração entrecortada doía.

O Desvanecido aproximou-se deslizando, sem pressa. Seus passos tinham uma graça sinuosa e mortal, como uma serpente, a semelhança enfatizada pelas placas pretas sobrepostas da armadura em seu peito. Lábios finos e sem sangue se curvavam num sorriso cruel, tornado mais debochado pela pele pálida e lisa onde os olhos deveriam estar. A voz fazia a de Bornhald parecer tranquila e calorosa.

— Onde estão os outros? Eu sei que eles estão aqui. Fale, garoto, e o deixarei viver.

As costas de Rand se chocaram com alguma coisa de madeira, uma parede ou uma porta; ele não conseguia se virar para ver o que era. Agora que seus pés haviam parado, ele não conseguia fazer com que comessem a andar novamente. Estremeceu, vendo o Myrddraal se aproximar mais, deslizando. A cada passo lento o tremor aumentava.

— Fale, estou dizendo, ou...

Do andar de cima veio o som ligeiro de botas, da escadaria mais além no corredor, e

o Myrddraal parou de falar, girando. O manto pairava no ar. Por um instante o Desvanecido inclinou levemente a cabeça, como se aquele olhar sem olhos pudesse perfurar a parede de madeira. Uma espada surgiu em uma das mãos brancas cadavéricas, a lâmina preta como o manto. A luz no salão pareceu diminuir na presença daquela lâmina. O som de botas tornou-se mais alto, e o Desvanecido girou de volta para Rand, um movimento tão fluido que era quase como se ele não tivesse ossos no corpo. A lâmina negra se ergueu; os lábios estreitos se repuxaram num ricto.

Tremendo, Rand soube que ia morrer. Um aço escuro como a meia-noite reluziu acima de sua cabeça... e parou.

— Você pertence ao Grande Senhor das Trevas. — A respiração roufenha daquela voz soava como unhas raspando ardósia. — Você é dele.

Girando num borrão negro, o Desvanecido disparou pelo corredor, afastando-se de Rand. As sombras no fim do corredor se estenderam e o abraçaram, e ele desapareceu.

Lan desceu os últimos degraus de um pulo, pousando com um estrondo, de espada na mão.

Rand lutou para recuperar a voz.

— Desvanecido — disse ele sem fôlego. — Ele estava... — Subitamente lembrou-se de sua espada. Com o Myrddraal a encará-lo, ele não havia sequer pensado nela. Sacou desajeitadamente a lâmina com a marca da garça, sem se importar se era tarde demais. — Ele fugiu por ali!

Lan assentiu, distraído; parecia estar escutando outra coisa.

— Sim. Ele está indo embora; desvanecendo. Não há tempo de persegui-lo agora. Estamos indo embora, pastor.

Mais botas desceram, atrapalhadas, as escadas; Mat, Perrin e Thom, com cobertores e alforjes pendurados no corpo. Mat ainda estava avelando seu cobertor enrolado, com o arco enfiado todo torto embaixo do braço.

— Indo embora? — perguntou Rand. Embainhando a espada, ele pegou suas coisas das mãos de Thom. — Agora? À noite?

— Quer esperar que o Meio-homem volte, pastor? — disse o Guardião, impaciente. — Que meia dúzia deles apareça? Agora ele sabe onde estamos.

— Vou seguir com você novamente — disse Thom ao Guardião —, se vocês não se opuserem. Gente demais se lembra de que cheguei com vocês aqui. Receio que antes de amanhã este seja um péssimo lugar para ser conhecido como amigo de vocês.

— Você pode seguir conosco, ou seguir para Shayol Ghul, menestrel. — A bainha de Lan chocalhou com a força com a qual ele guardou a espada.

Um criado do estábulo passou correndo por eles vindo da porta dos fundos, e então Moiraine apareceu com Mestre Fitch, e atrás deles Egwene, com seus pertences embrulhados em um xale nos braços. E Nynaeve. Egwene parecia apavorada quase a ponto de chorar, mas o rosto da Sabedoria era uma máscara de raiva fria.

— É preciso levar isto a sério — ia dizendo Moiraine ao estalajadeiro. — Você certamente terá problemas aqui pela manhã. Amigos das Trevas, talvez; ou coisa pior. Quando chegar, deixe claro que já fomos embora. Não ofereça resistência. Apenas deixe quem quer que seja saber que partimos à noite, e eles não deverão incomodá-lo mais. É atrás de nós que eles estão.

— Não se preocupe com problemas — respondeu Mestre Fitch jovialmente. — Nem um pouquinho. Se alguém aparecer na minha estalagem tentando criar problemas para

meus hóspedes... bem, nós e os rapazes vamos mandá-los às favas. Às favas. E não vão ouvir uma palavra sequer sobre para onde vocês foram nem quando, nem mesmo se estiveram aqui. Não tenho serventia para esse tipo de gente. Nem uma palavra será dita a respeito de vocês aqui, por ninguém. Nem uma palavra!

— Mas...

— Senhora Alys, eu realmente preciso cuidar dos seus cavalos para que a senhora parta em boas condições. — Ele soltou a mão dela de sua manga e saiu apressado na direção dos estábulos.

Moiraine deu um suspiro aborrecido.

— Mas que homem teimoso. Ele não escuta.

— Você acha que os Trollocs podem vir aqui à nossa caça? — perguntou Mat.

— Trollocs! — respondeu Moiraine, agressiva. — É claro que não! Há outras coisas a se temer, e como fomos descobertos não é a menor delas. — Ignorando o nervosismo de Mat, ela continuou. — O Desvanecido não pode acreditar que vamos continuar aqui, agora que sabemos que ele nos encontrou, mas Mestre Fitch leva os Amigos das Trevas muito pouco a sério. Ele pensa neles como pobres coitados que se escondem nas sombras, mas Amigos das Trevas podem ser encontrados nas lojas e ruas de cada cidade, e também nos mais altos conselhos. O Myrddraal pode enviá-los para ver se descobre algo de nossos planos. — Ela girou nos calcanhares e saiu, seguida imediatamente por Lan.

Quando começaram a se encaminhar para o pátio do estábulo, Rand se aproximou de Nynaeve e passou a andar ao seu lado. Ela também estava levando seus alforjes e cobertores.

— Então você vem afinal — disse ele. *Min tinha razão.*

— Havia *mesmo* alguma coisa aqui embaixo? — perguntou ela baixinho. — *Ela* disse que era... — Parou bruscamente e olhou para ele.

— Um Desvanecido — respondeu ele. Ficou surpreso por conseguir dizê-lo com tanta calma. — Ele estava no corredor comigo, e aí Lan apareceu.

Nynaeve fechou mais seu manto para se proteger do vento quando saíram da estalagem.

— Talvez haja alguma coisa atrás de você. Mas eu vim cuidar para que vocês voltem em segurança a Campo de Emond, todos vocês, e não vou partir até isso acontecer. Não vou deixar vocês sozinhos com a laia *dela*. — Luzes se moviam nos estábulos onde os cavaleiros encilhavam os cavalos.

— Mutch! — O estalajadeiro gritou da porta do estábulo onde se encontrava com Moiraine. — Mexa esses ossos! — Ele se virou novamente para ela, parecendo tentar acalmá-la em vez de realmente escutar quando ela falava, embora o fizesse com respeito, com mesuras intercaladas entre as ordens gritadas para os empregados do estábulo.

Os cavalos foram levados para fora, os empregados do estábulo resmungando baixinho sobre a pressa e o avanço da hora. Rand segurou a trouxa de Egwene e a devolveu quando ela já estava montada em Bela. Ela o olhou com olhos arregalados e cheios de medo. *Pelo menos ela não acha mais que isto é uma aventura.*

Ficou envergonhado assim que esse pensamento lhe ocorreu. Ela estava em apuros por causa dele e dos outros. Até mesmo cavalgar de volta para Campo de Emond sozinha seria mais seguro do que seguir em frente.

— Egwene, eu...

As palavras morreram em sua boca. Ela era teimosa demais para simplesmente voltar depois de dizer que iria até Tar Valon. *E quanto ao que Min viu? Ela faz parte disso. Luz, parte do quê?*

— Egwene — disse ele. — Desculpe. Parece que não estou conseguindo mais pensar direito.

Ela se inclinou para a frente e apertou sua mão com força. Na luz do estábulo ele pôde ver claramente o rosto dela. Não parecia tão assustada quanto antes.

Com todos montados, Mestre Fitch insistiu em levá-los até os portões, os homens do estábulo iluminando o caminho com seus lampiões. O estalajadeiro de barriga roliça foi fazendo medidas no caminho com garantias de que guardaria os segredos deles. Mutch os viu partir com a mesma cara feia de quando os vira chegar.

Aquele era um, pensou Rand, que não mandaria ninguém às favas, nem a lugar nenhum. Mutch diria à primeira pessoa que lhe perguntasse quando haviam partido e tudo mais de que conseguisse se lembrar a respeito deles. A certa distância rua abaixo, Rand olhou para trás. Uma figura estava parada lá atrás, com um lampião bem levantado na mão, espiando-os. Ele não precisou ver o rosto para saber que era Mutch.

As ruas de Baerlon estavam abandonadas àquela hora da noite; somente umas poucas luminescências fracas aqui e ali escapavam de postigos bem fechados, e a luz da lua minguante ia e vinha com as nuvens empurradas pelo vento. De vez em quando um cão latia enquanto eles passavam por um beco, mas nenhum outro som perturbava a noite a não ser os cascos de seus cavalos e o vento soprando sobre os telhados. Os cavaleiros mantinham um silêncio ainda mais profundo, encolhidos em seus mantos e em seus próprios pensamentos.

O Guardião ia à frente, como de costume, com Moiraine e Egwene logo atrás. Nynaeve mantinha-se perto da garota, e os demais fechavam a retaguarda em um grupo compacto. Lan mantinha os cavalos andando a passos largos.

Rand observava as ruas ao redor deles com desconfiança, e reparou que seus amigos faziam o mesmo. As sombras do luar em movimento lembravam as sombras no fim do corredor e a forma como elas pareciam se estender na direção do Desvanecido. Um ruído ocasional ao longe, como um barril tombando, ou outro cachorro latindo, fazia todas as cabeças se virarem abruptamente. Devagar, pouco a pouco, à medida que atravessavam a cidade, todos iam aproximando seus cavalos cada vez mais do garanhão negro de Lan e da égua branca de Moiraine.

No Portão de Caemlyn, Lan desmontou e bateu com o punho na porta de uma pequena construção quadrada de pedra encostada na muralha. Um Vigia cansado apareceu, esfregando o rosto, sonolento. Quando Lan falou, seu sono desapareceu, e ele olhou atentamente para o Guardião e os outros.

— Vocês querem ir embora? — exclamou ele. — Agora? À noite? Vocês devem estar loucos!

— A menos que haja alguma ordem do Governador que proíba nossa partida — disse Moiraine. Ela também havia desmontado, mas permaneceu longe da porta, distante da luz que se derramava pela rua escura.

— Não exatamente, senhora. — O Vigia olhou na direção dela, franzindo a testa ao tentar distinguir-lhe os traços. — Mas os portões ficam fechados do pôr ao nascer do sol. Ninguém deve entrar a não ser durante o dia. A ordem é esta. De qualquer maneira, há lobos lá fora. Mataram uma dúzia de vacas na semana passada. Poderiam matar um

homem com a mesma facilidade.

— Ninguém deve entrar, mas não se falou nada a respeito de sair — disse Moiraine como se isso resolvesse a questão. — Está vendo? Não estamos lhe pedindo que desobedeça ao Governador.

Lan pressionou alguma coisa na mão do Vigia.

— Pelo seu trabalho — murmurou ele.

— Suponho que sim — disse o Vigia devagar. Olhou de relance para a mão; o ouro reluziu antes que ele enfiasse o conteúdo apressadamente no bolso. — Suponho que sair não tenha sido mencionado mesmo. Só um minuto. — Enfiou a cabeça de volta lá para dentro. — Arin! Dar! Venham cá fora e me ajudem a abrir o portão. Tem gente que quer sair. Não discutam. Venham e façam o que estou dizendo.

Mais dois Vigias surgiram lá de dentro, parando para encarar, surpresos e sonolentos, o grupo de oito que esperava para sair. Sob os pedidos urgentes do primeiro Vigia eles se esforçaram para mover a grande roda que elevava a barra grossa que cruzava o portão, e então voltaram seus esforços para abri-lo. As engrenagens faziam cliques rápidos e secos, mas os portões bem lubrificados deslizaram para fora em silêncio. Antes mesmo que eles se abrissem um quarto, porém, uma voz fria soou, vinda das trevas.

— O que é isso? Não existe uma ordem para que estes portões permaneçam fechados até o sol nascer?

Cinco homens de mantos brancos caminharam até a luz que vinha da porta da guarda. Seus capuzes estavam puxados de modo a esconder seus rostos, mas cada um deles tinha a mão repousada no cabo da espada, e os sóis dourados à esquerda em seus peitos eram um anúncio simples e direto de quem eles eram. Mat resmungou entre dentes. Os Vigias pararam de abrir o portão e trocaram olhares desconfortáveis.

— Isto não é da conta de vocês — disse o primeiro Vigia, beligerante. Cinco capuzes brancos se viraram para encará-lo, e ele terminou num tom mais fraco: — Os Filhos não têm autoridade aqui. O Governador...

— Os Filhos da Luz — disse baixinho o homem de manto branco que havia falado primeiro — têm autoridade onde quer que os homens caminhem na Luz. Somente onde a Sombra do Tenebroso reina os Filhos são renegados, certo? — Ele girou seu capuz para Lan, e então subitamente deu uma segunda olhada mais desconfiada no Guardião.

O Guardião não havia se movido; na verdade, ele parecia completamente à vontade. Mas não eram muitas as pessoas que podiam olhar para os Filhos de modo tão despreocupado. O rosto pétreo de Lan bem podia estar olhando para um engraxate. Quando o Manto-branco voltou a falar, parecia suspeitar de algo.

— Que tipo de gente quer deixar a cidade à noite em tempos como estes? Com lobos espreitando na escuridão, e as obras do Tenebroso voando sobre a cidade? — Ele olhou para a faixa de couro trançado que cruzava a testa de Lan e prendia seus cabelos compridos para trás. — Um nortista, certo?

Rand se encolheu mais na sela. Um Dragkar. Tinha de ser isso, a menos que o homem simplesmente chamasse qualquer coisa que não compreendesse de obra do Tenebroso. Com um Desvanecido na Cervo e Leão, ele deveria ter esperado um Dragkar, mas, naquele momento, mal estava pensando nisso. Achou ter reconhecido a voz do Manto-branco.

— Viajantes — respondeu Lan calmamente. — Que não interessam a você nem aos seus.

— Os Filhos da Luz se interessam por todos.

Lan balançou a cabeça lentamente.

— Você está mesmo atrás de mais problemas com o Governador? Ele já limitou seu número na cidade, até mandou seguir vocês. O que ele fará quando descobrir que vocês estão molestando cidadãos honestos em seus portões? — Ele se virou para os Vigias. — Por que pararam? — Eles hesitaram, puseram as mãos de volta na manivela e então hesitaram novamente quando o Manto-branco falou:

— O Governador não sabe o que acontece debaixo do nariz dele. Existe um mal que ele não consegue ver nem farejar. Mas os Filhos da Luz veem. — Os Vigias se entreolharam; suas mãos se abriam e fechavam como se lamentando as lanças deixadas dentro da casa da guarda. — Os Filhos da Luz farejam o mal. — Os olhos do Manto-branco se voltaram para os que estavam montados a cavalo. — Nós sentimos seu cheiro e o arrancamos pela raiz. Onde quer que se encontre.

Rand tentou se encolher ainda mais, mas o movimento atraiu a atenção do homem.

— O que temos aqui? Alguém que não quer ser visto? O que você... Ah! — O homem afastou o capuz de seu manto branco, e Rand olhou para o rosto que sabia que estaria ali. Bornhald assentiu com óbvia satisfação. — Obviamente, Vigia, acabo de salvar você de um grande desastre. Estes são Amigos das Trevas que você estava prestes a ajudar a escapar da Luz. Você deveria ser reportado ao seu Governador para ser disciplinado, ou talvez entregue aos Questionadores para que descobrissem sua verdadeira intenção nesta noite. — Fez uma pausa, vendo o medo do Vigia; mas isso não pareceu ter nenhum efeito sobre ele. — Você não gostaria disso, certo? Então levarei esses rufiões até nosso acampamento, para que eles possam ser questionados na Luz... e não você, certo?

— Você vai me levar até seu acampamento, Manto-branco? — A voz de Moiraine veio subitamente de todas as direções ao mesmo tempo. Ela havia recuado novamente para a noite com a aproximação dos Filhos, e as sombras se aglomeraram ao seu redor. — Você vai me questionar? — A escuridão a coroava quando ela deu um passo à frente; o que fazia com que ela parecesse mais alta. — Você vai bloquear minha passagem?

Mais um passo, e Rand perdeu o fôlego. Ela *estava* mais alta, sua cabeça na mesma altura da dele, montado no tordilho. As sombras se aglomeravam no rosto dela como nuvens de tempestade.

— Aes Sedai! — gritou Bornhald, e cinco espadas brilharam ao serem sacadas de suas bainhas. — Morra! — Os outros quatro hesitaram, mas ele a atacou no mesmo movimento com que sacou sua espada.

Rand deu um grito quando o cajado de Moiraine se ergueu para interceptar a lâmina. Aquela madeira delicadamente esculpida não poderia deter o aço rígido. A espada encontrou o cajado, e faíscas choveram como um chafariz, um rugido sibilante lançando Bornhald para trás sobre seus companheiros de manto branco. Todos os cinco desabaram amontoados no chão. Tentáculos de fumaça se elevavam da espada de Bornhald, no chão ao lado dele, a lâmina curvada em um ângulo reto onde havia sido fundida e quase partida em duas.

— Você ousa me atacar! — A voz de Moiraine rugiu como um redemoinho. A sombra girou sobre ela, cobriu-a como um manto encapuzado; ela ficou da altura da muralha da cidade. Seus olhos fuzilavam, voltados para baixo, um gigante encarando insetos.

— Vão! — gritou Lan. Num movimento rápido como um raio ele agarrou as rédeas da égua de Moiraine e pulou para sua própria sela. — Agora! — ordenou. Seus ombros roçaram ambos os portões quando seu garanhão arremeteu como uma flecha pela abertura estreita.

Por um instante Rand permaneceu paralisado, olhando. A cabeça e os ombros de Moiraine já despontavam acima da muralha. Tanto Vigias quanto Filhos se afastaram dela, amedrontados, encolhendo-se juntos com as costas coladas na parede da frente da casa da guarda. O rosto da Aes Sedai se perdia na noite, mas seus olhos, grandes como luas cheias, brilhavam de impaciência e de raiva quando o tocaram. Engolindo em seco, ele apertou as costelas de Nuvem com as botas e saiu galopando atrás dos outros.

A cinquenta passos da muralha Lan os fez parar, e Rand olhou para trás. A forma ensombreada de Moiraine assomava acima da paliçada de troncos, cabeça e ombros de uma escuridão mais profunda contra o céu noturno, cercada por um nimbo de prata da lua oculta. Enquanto ele olhava boquiaberto, a Aes Sedai passou por cima da muralha. Os portões começaram a fechar freneticamente. Assim que seus pés atingiram o chão do outro lado, ela subitamente voltou ao tamanho normal.

— Segurem os portões! — gritou de dentro das muralhas uma voz cheia de insegurança, que Rand achou que fosse Bornhald. — Precisamos segui-los e pegá-los! — Mas os Vigias não diminuíram o ritmo de fechamento. Os portões bateram com um estrondo, e momentos depois a barra caiu retumbantemente no lugar, trancando-os. *Talvez alguns daqueles outros Mantos-brancos não estejam tão ansiosos para confrontar uma Aes Sedai quanto Bornhald.*

Moiraine correu até Aldieb, acariciando o focinho da égua branca uma vez antes de enfiar o cado embaixo da fivela do arreio. Rand não precisou olhar dessa vez para saber que não havia sequer uma lasca no cado.

— Você ficou mais alta que um gigante — disse Egwene sem fôlego, remexendo-se nas costas de Bela. Ninguém mais disse nada, embora Mat e Perrin tivessem afastado ligeiramente seus cavalos da Aes Sedai.

— Fiquei? — comentou Moiraine displicentemente quando subiu para a sela.

— Eu vi você — protestou Egwene.

— A mente prega peças à noite; os olhos veem coisas que não estão lá.

— Agora não é hora para joguinhos — começou Nynaeve, zangada, mas Moiraine a interrompeu.

— Realmente não é hora de jogos. O que ganhamos na Cervo e Leão podemos ter perdido aqui. — Ela olhou de volta para o portão e balançou a cabeça. — Se eu pudesse acreditar que o Dragkar está no chão. — Bufando em autodepreciação, ela acrescentou: — Ou se ao menos os Myrddraal fossem realmente cegos... Já que estou sonhando, posso muito bem desejar o verdadeiramente impossível. Não importa. Eles sabem o caminho que precisamos seguir, mas com sorte nos manteremos um passo à frente deles. Lan!

O Guardião partiu para leste, descendo a Estrada de Caemlyn, e os demais seguiram-no imediatamente, os cascos soando ritmicamente na terra batida.

Eles mantiveram um ritmo leve, um trote rápido que os cavalos podiam manter por horas sem nenhum auxílio da Aes Sedai. Mas, antes que tivessem seguido por uma hora, Mat deu um grito, apontando o caminho pelo qual tinham vindo.

— Olhem lá!

Todos puxaram as rédeas e olharam.

Chamas iluminavam a noite sobre Baerlon como se alguém tivesse construído uma fogueira do tamanho de uma casa, tingindo de vermelho o lado de baixo da nuvem. Fagulhas chicoteavam o céu com o vento.

— Eu avisei — disse Moiraine —, mas ele não quis levar a sério. — Aldieb dançava de lado, um eco da frustração da Aes Sedai. — Ele não quis levar a sério.

— A estalagem? — perguntou Perrin. — Aquilo lá é a Cervo e Leão? Como pode ter certeza?

— Até que ponto você acredita em coincidências? — perguntou Thom. — Poderia ser a casa do Governador, mas não é. E não é um armazém, nem o fogão na cozinha de ninguém, muito menos o palheiro da sua avó.

— Talvez a Luz tenha brilhado um pouco sobre nós esta noite — disse Lan, e Egwene se virou para ele, zangada.

— Como pode dizer isso? A estalagem do pobre Mestre Fitch está em chamas! Pode haver gente ferida!

— Se eles atacaram a estalagem — disse Moiraine —, talvez nossa saída da cidade e minha... exibição não tenham sido notadas.

— A menos que seja isso o que o Myrddraal quer que pensemos — acrescentou Lan.

Moiraine assentiu na escuridão.

— Talvez. Em todo caso, precisamos seguir em frente. Não haverá muito descanso para ninguém esta noite.

— Você diz isso com tanta facilidade, Moiraine — exclamou Nynaeve. — E quanto às pessoas na estalagem? Deve haver gente ferida, e o estalajadeiro perdeu o sustento dele, por sua causa! Apesar de toda a sua conversa sobre caminhar na Luz, você está pronta para ir em frente sem nem pensar nele. Os problemas dele são por sua causa!

— Por causa desses três — disse Lan, zangado. — O fogo, os feridos, a fuga... tudo por causa desses três. O fato de que o preço deve ser pago é prova de que vale a pena pagar por ele. O Tenebroso quer esses seus rapazes, e tudo que ele deseja tanto assim deve lhe ser negado. Ou você preferiria deixar que os Desvanecidos os pegassem?

— Fique calmo, Lan — disse Moiraine. — Fique calmo. Sabedoria, você acha que eu posso ajudar Mestre Fitch e as pessoas na estalagem? Bem, você tem razão. — Nynaeve começou a falar alguma coisa, mas Moiraine a ignorou e seguiu em frente. — Eu posso voltar sozinha e ajudar um pouco. Não demais, é claro. Isso atrairia atenção para aqueles a quem ajudei, atenção pela qual eles não me agradeceriam, especialmente com os Filhos da Luz na cidade. E isso deixaria apenas Lan para proteger vocês. Ele é muito bom, mas será preciso mais do que ele se um Myrddraal e um punhado de Trollocs encontrarem vocês. É claro, poderíamos voltar todos, embora eu duvide que consiga fazer com que todos voltemos a Baerlon sem sermos notados. E isso exporia todos vocês a quem quer que tenha provocado aquele incêndio, isso para não mencionar os Mantos-brancos. Que alternativa você escolheria, Sabedoria, se estivesse em meu lugar?

— Eu faria alguma coisa — resmungou Nynaeve a contragosto.

— E muito provavelmente entregaria a vitória ao Tenebroso — respondeu Moiraine. — Lembre-se do que... de quem... ele deseja. Nós estamos numa guerra, tão certamente quanto qualquer um em Ghealdan, embora milhares lutem lá e aqui só haja oito de nós. Mandarei ouro para Mestre Fitch, o suficiente para reconstruir a Cervo e

Leão, ouro cuja origem não possa ser rastreada até Tar Valon. E mandarei ajuda para qualquer um que tenha sido ferido. Mais do que isso só os colocará em perigo. Como vê, está longe de ser simples. Lan. — O Guardião virou seu cavalo e pegou a estrada mais uma vez.

De tempos em tempos Rand olhava para trás, até que enfim tudo que conseguia ver era o brilho nas nuvens, e depois até mesmo isso se perdeu na escuridão. Ele torceu para que Min estivesse bem.

Ainda estava bastante escuro quando o Guardião finalmente os levou para fora da estrada de terra batida e desmontou. Rand estimou que não faltassem mais que duas horas até o amanhecer. Eles amarraram os cavalos, ainda encilhados, e fizeram um acampamento sem fogueira.

— Uma hora — avisou Lan quando todos menos ele estavam se enrolando em seus cobertores. Ele montaria guarda enquanto eles dormiam. — Uma hora, e depois precisamos seguir nosso caminho. — O silêncio caiu sobre eles.

Depois de alguns minutos Mat falou num sussurro que mal chegou aos ouvidos de Rand:

— Eu me pergunto o que Dav fez com aquele texugo. — Rand balançou a cabeça em silêncio, e Mat hesitou. Por fim, ele disse: — Sabe, Rand, achei que estávamos a salvo. Nenhum sinal de nada desde que cruzamos o Taren, e nós estávamos numa cidade, com muralhas à nossa volta. Achei que estávamos a salvo. E então aquele sonho. E um Desvanecido. Será que algum dia vamos estar seguros novamente?

— Não até chegarmos a Tar Valon — disse Rand. — Foi o que ela nos disse.

— Mas estaremos seguros lá? — perguntou Perrin baixinho, e todos os três olharam para o montinho escuro que era a Aes Sedai. Lan havia se fundido com a escuridão; ele podia estar em qualquer lugar.

Rand bocejou subitamente. Os outros se mexeram, nervosos, com o som.

— Acho que é melhor a gente dormir um pouco — disse ele. — Ficar acordado não vai nos dar nenhuma resposta.

Perrin falou baixinho:

— Ela devia ter feito alguma coisa.

Ninguém respondeu.

Rand contorceu-se, virando de lado para evitar uma raiz, experimentou deitar de costas, então rolou, pondo-se de bruços para evitar uma pedra e outra raiz. Não tinham parado em um bom local para acampar, nada parecido com os pontos que o Guardião havia escolhido no caminho ao norte do Taren. Ele adormeceu perguntando-se se as raízes que espetavam suas costelas o fariam sonhar, e acordou com o toque de Lan em seu ombro, as costelas doendo, e feliz porque, se tivera algum sonho, não se lembrava.

Ainda reinava a escuridão que precedia o amanhecer, mas assim que os cobertores foram enrolados e afeilados atrás de suas selas, Lan já os fazia cavalgar, seguindo para o leste novamente. Quando o sol nascia, ainda sonolentos eles fizeram um desjejum de pão, queijo e água, comendo enquanto cavalgavam, encolhidos em seus mantos para se proteger do vento. Todos, exceto Lan. Ele comia, mas seus olhos não estavam cansados e ele não se encolhia. Voltara a vestir o manto que mudava de cor, que drapejava ao seu redor, alternando tons de cinza e de verde, e a única atenção que lhe dava era para mantê-lo distante do braço que usava a espada. Seu rosto permanecia sem expressão, mas seus olhos vasculhavam tudo constantemente, como se ele aguardasse uma emboscada a

qualquer momento.





A Estrada de Caemlyn

A Estrada de Caemlyn não era muito diferente da Estrada do Norte nos Dois Rios. Era consideravelmente mais larga, é claro, e mostrava o desgaste de um uso muito maior, mas ainda era de terra batida, ladeada por árvores que não seriam estranhas nos Dois Rios, especialmente porque ali também só as árvores perenes tinham folhas.

A terra em si, porém, era diferente, pois por volta do meio-dia a estrada chegou a um terreno de colinas baixas. Por dois dias a estrada atravessou as colinas, às vezes cortando-as diretamente, se fossem grandes o bastante para desviar demais a estrada de seu rumo, mas não altas a ponto de tornar a escavação difícil demais. À medida que o ângulo do sol se deslocava a cada dia, ficava evidente que a estrada, por mais que parecesse reta aos olhos, fazia uma ligeira curva para o sul em seu rumo para o leste. Rand havia sonhado acordado com o velho mapa de Mestre al'Vere. Metade dos garotos de Campo de Emond o fazia. Segundo se lembrava, a estrada contornava um lugar chamado Colinas de Absher até chegar a Ponte Branca.

De tempos em tempos Lan fazia com que eles desmontassem no alto de uma das colinas, de onde ele podia ter uma boa visão da estrada tanto à frente quanto atrás, assim como da paisagem campestre que os cercava. O Guardião estudava a vista enquanto os demais esticavam as pernas ou se sentavam sob as árvores e comiam.

— Eu costumava gostar de queijo — disse Egwene no terceiro dia depois da partida de Baerlon. Ela sentou-se encostada no tronco de uma árvore, fazendo uma careta para um almoço que era mais uma vez idêntico ao desjejum e ao que seria a ceia. — Nem uma chance de tomar um chá. Um chá quente e delicioso. — Ela puxou seu manto para perto e se moveu em volta da árvore num esforço inútil para evitar o vento redemoinhante.

— Chá de raiz-de-fadiga e raiz de andilay — Nynaeve ia dizendo a Moiraine — são os melhores para a fadiga. Clareiam as ideias e reduzem a queimação nos músculos cansados.

— Tenho certeza de que sim — murmurou a Aes Sedai, dando a Nynaeve um olhar de esguelha.

O maxilar de Nynaeve se retesou, mas ela prosseguiu no mesmo tom.

— Agora, se você precisar ficar sem dormir...

— Nada de chá! — disse Lan, ríspido, a Egwene. — Nada de fogo! Não podemos vê-los ainda, mas eles estão aqui em algum lugar, um Desvanecido ou dois e seus Trollocs, e eles sabem que estamos pegando esta estrada. Não há necessidade de lhes dizer exatamente onde estamos.

— Eu não estava pedindo — resmungou Egwene para dentro do manto. — Só lamentando.

— Se eles sabem que estamos na estrada — perguntou Perrin —, por que não seguimos em linha reta até Ponte Branca?

— Nem mesmo Lan consegue seguir pelo campo tão rápido quanto pela estrada — disse Moiraine, interrompendo Nynaeve —, especialmente não pelas Colinas de Absher. — A Sabedoria soltou um suspiro exasperado. Rand se perguntou o que ela estaria tramando; depois de ignorar a Aes Sedai completamente no primeiro dia, Nynaeve havia passado os dois últimos tentando conversar com ela sobre ervas. Moiraine afastou-se da Sabedoria enquanto continuava a falar. — Por que vocês acham que a estrada faz uma curva para evitá-las? E mais tarde teríamos de voltar a esta estrada. Poderíamos acabar descobrindo que eles estão à nossa frente em vez de nos seguindo.

Rand parecia em dúvida, e Mat resmungou alguma coisa a respeito de “dar uma volta enorme”.

— Você viu alguma fazenda esta manhã? — perguntou Lan. — Ou mesmo a fumaça de uma chaminé? Não viu, porque é tudo desolado de Baerlon a Ponte Branca, e Ponte Branca é onde devemos cruzar o Arinelle. É a única ponte sobre o Arinelle ao sul de Maradon, em Saldaea.

Thom bufou e soprou os bigodes.

— O que os impede de já ter alguém, alguma coisa, em Ponte Branca?

Do oeste veio o lamento agudo de uma corneta. A cabeça de Lan se virou subitamente para olhar a estrada atrás deles. Rand sentiu um arrepio. Uma parte dele permanecia calma o bastante para pensar: dez milhas, não mais.

— Nada os impede, menestrel — disse o Guardião. — Nós confiamos na Luz e na sorte. Mas agora sabemos com certeza que há Trollocs atrás de nós.

Moiraine bateu as mãos, limpando-as.

— Está na hora de seguirmos. — A Aes Sedai montou em sua égua branca.

Isso deflagrou uma correria até os cavalos, acelerada por um segundo toque da corneta. Dessa vez, outras responderam, os sons agudos do oeste como um cântico fúnebre. Rand se preparou para colocar Nuvem num galope imediatamente, e todos os outros seguraram as rédeas com a mesma urgência. Todos menos Lan e Moiraine. O Guardião e a Aes Sedai trocaram um olhar demorado.

— Mantenha-os em marcha, Moiraine Sedai — disse Lan finalmente. — Voltarei assim que puder. Você saberá se eu fracassar. — Colocando a mão na sela de Mandarb, ele pulou nas costas do garanhão negro e desceu galopando a colina. Para o oeste. As

cornetas voltaram a soar.

— A Luz o acompanhe, último Senhor das Sete Torres — disse Moiraine quase baixo demais para que Rand ouvisse. Respirando bem fundo, ela girou Aldieb para leste. — Precisamos seguir em frente — disse e iniciou num trote lento e firme. Os outros a seguiram numa linha rígida.

Rand se virou na sela para olhar para Lan, mas o Guardião já havia se perdido de vista entre as colinas baixas e as árvores sem folhas. Último Senhor das Sete Torres, ela o chamara. Ele se perguntou o que isso significava. Não havia pensado que alguém além dele próprio tivesse ouvido, mas Thom estava mastigando as pontas dos bigodes, e seu rosto estava franzido de modo especulativo. O menestrel parecia saber muitas coisas.

As cornetas soaram e responderam mais uma vez atrás deles. Rand se mexeu na sela. Estavam mais perto dessa vez; ele tinha certeza disso. Oito milhas. Talvez sete. Mat e Egwene olharam sobre o ombro, e Perrin encolheu-se, como se esperasse que alguma coisa o acertasse pelas costas. Nynaeve cavalcou até Moiraine para falar com ela.

— Não podemos ir mais rápido? — perguntou. — Essas cornetas estão chegando mais perto.

A Aes Sedai balançou a cabeça.

— E por que eles nos fazem saber que estão lá? Talvez para que nos apressemos sem pensar no que pode estar nos esperando adiante.

Eles continuaram no mesmo ritmo constante. Em intervalos, as cornetas gritavam atrás deles, e a cada vez o som ficava mais próximo. Rand tentou parar de pensar na proximidade, mas o pensamento se libertava a cada alarido. Cinco milhas, ele pensava, ansioso, quando Lan subitamente irrompeu em volta da colina atrás deles num galope.

Ele alcançou Moiraine e puxou as rédeas do garanhão.

— Pelo menos três grupos de Trollocs, cada qual liderado por um Meio-homem. Talvez cinco.

— Se você chegou perto o bastante para vê-los — disse Egwene, preocupada —, eles podem ter visto você. Podem estar bem nos seus calcanhares.

— Ele não foi visto. — Nynaeve endireitou-se quando todos olharam para ela. — Eu segui a trilha dele, lembre-se.

— Psiu — ordenou Moiraine. — Lan está nos dizendo que há, talvez, quinhentos Trollocs atrás de nós.

Um silêncio aturdido se seguiu, e então Lan voltou a falar.

— E eles estão fechando o cerco. Chegarão até nós em pouco menos de uma hora.

Quase que para si mesma, a Aes Sedai disse:

— Se eles eram tantos assim antes, por que não foram usados em Campo de Emond? Se não eram, como chegaram aqui desde então?

— Eles estão espalhados para nos atrair para a frente deles — disse Lan —, com batedores avançando à frente dos grupos principais.

— Nos ataindo na direção de quê? — ponderou Moiraine. Como se em resposta, uma corneta soou ao longe, a oeste, um longo gemido que dessa vez foi respondido por outros, todos à frente deles. Moiraine deteve Aldieb; os outros a imitaram, Thom e todos de Campo de Emond olhando ao redor com medo. Cornetas soaram à frente deles, e atrás. Rand achou que elas continham uma nota de triunfo.

— O que fazemos agora? — Nynaeve quis saber, irritada. — Para onde vamos?

— Só nos restam norte e sul — disse Moiraine, mais pensando alto do que

respondendo à Sabedoria. — Ao sul ficam as Colinas de Absher, desoladas e mortas, e o Taren, sem meio de atravessar e sem tráfego por barco. Ao norte, podemos chegar ao Arinelle antes do cair da noite, e haverá uma chance de acharmos o barco de algum comerciante se o gelo tiver quebrado em Maradon.

— Existe um lugar onde os Trollocs não irão — disse Lan, mas a cabeça de Moiraine girou bruscamente para o lado.

— Não! — Ela fez um gesto para o Guardião, que aproximou a cabeça da de Moiraine para que ninguém pudesse ouvir a conversa.

As cornetas soaram, e o cavalo de Rand pateou, nervoso.

— Estão tentando nos assustar — grunhiu Thom, tentando firmar sua montaria. Ele soava ao mesmo tempo zangado e como se os Trollocs estivessem conseguindo. — Estão tentando nos apavorar até entrarmos em pânico e fugirmos. Ai, sim, é que eles nos pegam.

A cabeça de Egwene girava violentamente a cada toque da corneta, olhando primeiro à frente deles, como se procurando os primeiros Trollocs. Rand queria fazer a mesma coisa, mas tentou esconder. Conduziu Nuvem para mais perto dela.

— Vamos para o norte — anunciou Moiraine.

As cornetas soavam agudas quando eles deixaram a estrada e trotaram para as colinas adjacentes.

As colinas eram baixas, mas o caminho era todo em subida e descida, sem um trecho plano sequer, sob árvores de galhos nus e entre arbustos rasteiros mortos. Os cavalos escalavam laboriosamente uma encosta somente para descer a outra. Lan estabeleceu um ritmo difícil, mais rápido do que haviam adotado na estrada.

Galhos chicoteavam Rand no rosto e no peito. Velhas trepadeiras se prendiam em seus braços, e às vezes agarravam seus pés, tirando-o do estribo. As cornetas se aproximavam cada vez mais, e cada vez com mais frequência.

Apesar do ritmo em que Lan os conduzia, eles não avançavam muito rápido. Viajavam dois passos para cima ou para baixo para cada um que avançavam, e cada passo era um esforço. E as cornetas iam se aproximando. *Dois milhas*, pensou. *Talvez menos.*

Depois de um tempo Lan começou a espiar primeiro para um lado e depois para o outro, suas duras feições assumindo o mais próximo de um ar de preocupação que Rand já tinha visto. Numa ocasião o Guardião se levantou nos estribos para olhar pelo caminho por onde haviam vindo. Tudo o que Rand podia ver eram árvores. Lan se acomodou de volta na sela e inconscientemente empurrou o manto para trás a fim de liberar sua espada enquanto voltava a vasculhar a floresta.

Rand dirigiu a Mat um olhar questionador, mas Mat se limitou a fazer uma careta para as costas do Guardião e dar de ombros, impotente.

Lan então falou, olhando para trás:

— Há Trollocs por perto. — Eles alcançaram o topo de uma colina e começaram a descer pelo outro lado. — Alguns dos batedores, enviados à frente do resto, provavelmente. Se depararmos com eles, fiquem comigo a todo custo, e façam o que eu fizer. Precisamos continuar no caminho que estamos seguindo.

— Sangue e cinzas! — murmurou Thom. Nynaeve fez um gesto para que Egwene ficasse perto dela.

Grupos dispersos de árvores perenes forneciam a única cobertura, mas Rand tentou espiar em todas as direções ao mesmo tempo, sua imaginação transformando troncos de

árvore cinzentos vistos de canto de olho em Trollocs. As cornetas também estavam mais próximas. E logo atrás deles. Disso Rand tinha certeza. Atrás e cada vez mais perto.

Chegaram ao topo de outra colina.

Abaixo deles, começando a subir a encosta, marchavam Trollocs carregando varas encimadas por grandes laços de corda ou ganchos compridos. Muitos Trollocs. A linha se estendia para os dois lados, as extremidades fora do campo de visão, mas no centro, diretamente à frente de Lan, cavalgava um Desvanecido.

O Myrddraal pareceu hesitar quando os humanos surgiram no topo da colina, mas no instante seguinte ele sacou uma espada com a lâmina negra da qual Rand se lembrava de modo tão nauseante, e a brandiu sobre a cabeça. A fileira de Trollocs avançou.

Antes mesmo que o Myrddraal se movesse, a espada de Lan já estava na mão.

— Fiquem comigo! — gritou, e Mandarb mergulhou colina abaixo na direção dos Trollocs. — Pelas Sete Torres! — bradou.

Rand engoliu em seco e incitou o tordilho adiante, o grupo inteiro descendo numa corrente atrás do Guardião. Ele ficou surpreso ao encontrar a espada de Tam em sua mão. Contagiado pelo grito de Lan, descobriu o seu próprio.

— Manetheren! Manetheren!

Perrin adotou o grito:

— Manetheren! Manetheren!

Mat, porém, gritou:

— *Carai an Caldazar! Carai an Ellisande! Al Ellisande!*

A cabeça do Desvanecido se virou dos Trollocs para os cavaleiros que vinham em sua direção. A espada negra ficou parada sobre sua cabeça, e a abertura de seu capuz girou, procurando algo em meio aos cavaleiros que se aproximavam.

Então Lan chegou ao Myrddraal, enquanto os humanos caíam sobre a fileira de Trollocs. A lâmina do Guardião encontrou a lâmina negra das forjas de Thakan'dar com um clangor semelhante ao de um imenso sino ecoando na grota, um relâmpago de luz azul enchendo o ar como raios acima das nuvens.

Quase-homens com focinho de fera cercaram como um enxame cada um dos humanos, com suas varas e ganchos balançando. Evitaram somente Lan e o Myrddraal; esses dois lutavam em um círculo aberto, cavalos negros enfrentando-se passo a passo, espadas lutando-se golpe a golpe. O ar faiscava e repicava.

Nuvem revirou os olhos e relinçou alto, empinando e atacando com os cascos as caras de dentes afiados que o cercavam rosnando. Corpos pesados se apinhavam ombro a ombro ao seu redor. Metendo os calcanhares sem piedade, Rand forçou o tordilho com tudo, brandindo sua espada com pouco da habilidade que Lan havia tentado lhe transmitir, golpeando como se cortasse madeira. *Egwene!* Desesperado, ele procurou por ela enquanto forçava o cavalo a seguir em frente, abrindo caminho por entre os corpos peludos como se estivesse cortando arbustos rasteiros.

A égua branca disparava e se desviava ao menor toque da mão da Aes Sedai nas rédeas. A expressão de Moiraine era tão dura quanto a de Lan enquanto seu cajado atacava. As chamas envolveram os Trollocs, depois explodiram com um rugido que deixou figuras disformes e imóveis caídas ao chão. Nynaeve e Egwene cavalgavam próximas à Aes Sedai com urgência frenética, mostrando os dentes de maneira tão feroz quanto os Trollocs, as facas na mão. Aquelas lâminas curtas não seriam de nenhuma utilidade se um Trolloc chegasse realmente perto. Rand tentou guiar Nuvem na direção

delas, mas o tordilho havia assumido o controle. Relinchando e escoiceando, Nuvem avançava, por mais forte que Rand puxasse as rédeas.

Ao redor das três mulheres um espaço se abria à medida que Trollocs tentavam fugir do cado de Moiraine, mas, enquanto eles tentavam evitá-la, ela os buscava. Chamas rugiram, e os Trollocs uivaram de ódio e fúria. Acima do rugido e dos uivos era possível ouvir o choque da espada do Guardião contra a do Myrddraal; ao redor deles, o ar reluzia com um clarão azul, seguido por outro. E mais outro.

Um laço na extremidade de uma vara passou sobre a cabeça de Rand. Com um golpe desajeitado, ele cortou o cambão em dois, depois atingiu o Trolloc com cara de bode que o empunhava. Um gancho agarrou seu ombro por trás e se prendeu em seu manto, puxando-o para trás. Freneticamente, quase perdendo a espada, ele agarrou o cepilho da sela para não cair. Nuvem contorceu-se, relinchando. Rand se segurava desesperadamente na sela e nas rédeas; sentia que estava escorregando, pouco a pouco, puxado pelo gancho. Nuvem fez meia-volta; por um instante, Rand viu Perrin, meio fora da sela, pelejando para arrancar o machado das mãos de três Trollocs. Eles o tinham prendido por um braço e ambas as pernas. Nuvem deu um salto, e a visão de Rand encheu-se de Trollocs.

Um Trolloc correu e agarrou a perna de Rand, arrancando seu pé do estribo. Ofgando, Rand se soltou da sela para golpeá-lo. No mesmo instante o gancho o puxou da sela para a traseira de Nuvem; somente o fato de ter se agarrado desesperadamente às rédeas o impediu de ir ao chão. Nuvem empinou e relinchou. E nesse exato momento Rand deixou de sentir os puxões. O Trolloc que estava agarrando sua perna ergueu os braços e gritou, um uivo igual ao de todos os cães do mundo ensandecidos.

Ao redor dos humanos, Trollocs caíam ao chão se contorcendo, puxando os cabelos, arranhando o próprio rosto. Todos os Trollocs. Mordendo o chão, atacando o nada, uivando, uivando, uivando.

Então Rand viu o Myrddraal. Ainda ereto na sela de seu cavalo, que dançava feito louco, ainda brandindo a espada negra, mas sem cabeça.

— Ele não vai morrer até o cair da noite. — Thom teve de gritar, entre uma respiração pesada e outra, acima dos gritos incessantes. — Não completamente. Pelo menos foi o que ouvi.

— Galopem! — gritou Lan com raiva. O Guardião já havia reunido Moiraine e as duas outras mulheres e subido com elas metade da colina seguinte. — Estes não são todos eles! — De fato, as cornetas voltaram a soar com seu toque fúnebre, fazendo-se ouvir acima dos gritos dos Trollocs no chão, a leste, oeste e sul.

Por mais incrível que parecesse, Mat era o único que havia sido derrubado de seu cavalo. Rand trotou em sua direção, mas Mat, estremeçando, jogou um laço com nó correção para longe, pegou seu arco e montou sem ajuda, embora esfregasse sem parar a garganta.

As cornetas soavam como cães de caça farejando um cervo. Cães de caça se aproximando. Se Lan já havia definido um ritmo difícil antes, naquele momento ele dobrou a velocidade, até os cavalos começarem a subir a colina mais rápido do que haviam descido a anterior, e quase se lançarem do outro lado. Mesmo assim, as cornetas pareciam cada vez mais próximas, até que os gritos guturais de perseguição já podiam ser ouvidos toda vez que as cornetas faziam uma pausa. Por fim, os humanos alcançaram o topo de uma colina no instante em que os Trollocs surgiam na colina logo atrás deles. O topo da colina ficou negro com tantos Trollocs, seus rostos distorcidos, com focinhos,

uivando, e três Myrddraal dominavam a todos. Apenas umas cem braças separavam os dois grupos.

O coração de Rand murchou como uma uva-passa. *Três!*

As espadas negras dos Myrddraal se ergueram como se fossem uma; Trollocs desceram a encosta aos montes, como uma substância borbulhante e espessa, gritos de triunfo se elevando aos céus, varas balançando acima deles.

Moiraine desmontou de Aldieb. Calmamente, ela retirou algo de sua bolsa e o desembulhou. Rand vislumbrou um pedaço de marfim escurecido. O *angreal*. Com o *angreal* numa das mãos e o cajado na outra, a Aes Sedai fincou bem os pés no chão, de frente para a onda de Trollocs e as espadas negras dos Desvanecidos, ergueu o cajado bem alto e cravou sua ponta com força na terra.

O chão retiniu como uma chaleira de ferro atingida por um martelo. O clangor oco foi diminuindo devagar, até desaparecer. Por um instante, então, houve silêncio. Tudo ficou em silêncio. O vento morreu. Os gritos dos Trollocs cessaram; até mesmo o avanço deles diminuiu e parou. Por um segundo, tudo ficou à espera. Lentamente, o retinido foi voltando, transformando-se em um ronco suave, crescendo até a terra começar a gemer.

O chão tremia sob os cascos de Nuvem. Aquilo era obra da Aes Sedai, como as histórias contavam; Rand desejou estar a cem milhas dali. O tremor transformou-se em um sacolejar que fez as árvores ao redor deles começarem a estremecer. O tordilho tropeçou e quase caiu. Até mesmo Mandarb e Aldieb, sem sua dona, cambalearam como se embriagados, e aqueles que cavalgavam tiveram de se segurar com força às rédeas e crinas, a qualquer coisa, para não cair da sela.

A Aes Sedai ainda estava parada no mesmo lugar, segurando o *angreal* e seu cajado ereto cravado no topo da colina, e nem ela nem o cajado se moviam um só centímetro, apesar de todos os tremores no chão ao seu redor. O terreno ondulava a partir de seu cajado na direção dos Trollocs, como ondulações em um lago, ondulações que cresciam à medida que corriam, destruindo arbustos velhos, lançando folhas mortas no ar, crescendo, tornando-se ondas de terra, rolando na direção dos Trollocs. As árvores no pequeno vale chicoteavam como relhos nas mãos de garotinhos. Na outra encosta, Trollocs caíam aos montes, tombando uns nos outros, derrubados pela terra enfurecida.

No entanto, como se o chão não estivesse se erguendo ao redor deles, os Myrddraal avançaram numa fileira, seus cavalos negros como a morte não dando um só passo em falso, os cascos em uníssono. Trollocs rolavam no chão ao redor dos corcéis negros, uivando e se agarrando às encostas da colina que corcoveava sob eles, mas os Myrddraal continuaram lentamente a avançar.

Moiraine levantou seu cajado, e a terra parou; ela, porém, ainda não havia acabado. Apontou para o pequeno vale entre as colinas, e chamas brotaram do chão, uma fonte de vinte pés de altura. Ela abriu bem os braços, e o fogo correu para a esquerda e para a direita até onde os olhos podiam ver, propagando-se em uma muralha que separava humanos e Trollocs. O calor fez Rand cobrir o rosto com as mãos, mesmo no topo da colina. As montarias negras dos Myrddraal, fossem quais fossem os estranhos poderes que possuíam, gritaram diante do fogo, empinaram e lutaram contra seus cavaleiros enquanto os Myrddraal as fustigavam, tentando forçá-las a atravessar as chamas.

— Sangue e cinzas — disse Mat debilmente. Rand assentiu, entorpecido.

Subitamente Moiraine oscilou e teria caído se Lan não tivesse pulado do cavalo para agarrá-la.

— Vão — disse ele aos outros. A rispidez da voz contrastava com a gentileza com a qual conduziu a Aes Sedai até sua sela. — Aquele fogo não vai queimar para sempre. Depressa! Cada minuto é valioso!

A muralha de chamas rugia como se de fato fosse queimar para sempre, mas Rand não discutiu. Galoparam rumo ao norte o mais rápido a que puderam forçar os cavalos. As cornetas ao longe soavam desapontadas, como se já soubessem o que havia acontecido, e então se calaram.

Lan e Moiraine logo alcançaram os outros, embora Lan conduzisse Aldieb pelas rédeas enquanto a Aes Sedai oscilava e segurava o cepilho da sela com as duas mãos.

— Logo vou estar bem — disse ela diante dos olhares preocupados de todos. Sua voz parecia cansada mas confiante, e seu olhar era penetrante como sempre. — Terra e Fogo não são o meu forte. Mas não é nada de mais.

Os dois voltaram a assumir a dianteira a um trote veloz. Rand não achou que Moiraine conseguiria se manter na sela a um passo mais rápido. Nynaeve cavalgava à frente, ao lado da Aes Sedai, firmando-a com uma das mãos. Durante algum tempo, enquanto o grupo seguia pelas colinas, as duas mulheres sussurraram, então a Sabedoria enfiou a mão em seu manto e entregou um pacotinho a Moiraine, que o desembrolhou e engoliu seu conteúdo. Nynaeve disse mais uma coisa e depois recuou para ficar com os demais, ignorando os olhares questionadores deles. Apesar das circunstâncias, Rand achou que ela exibia um leve ar de satisfação.

Na verdade, não se importava com o que a Sabedoria estava tramando. Esfregava sem parar o cabo da espada, e sempre que se dava conta do que estava fazendo olhava para ela perplexo. *Então é isso que é uma batalha.* Ele não conseguia se lembrar de muita coisa, de nenhuma parte específica. Tudo acontecia ao mesmo tempo em sua cabeça, uma massa fundida de rostos peludos e medo. Medo e calor. Tudo parecera ter acontecido debaixo de um sol quente como o meio-dia de verão. Não conseguia entender. O vento gelado tentava congelar as gotas de transpiração por todo seu rosto e corpo.

Olhou para seus dois amigos. Mat estava enxugando o suor do rosto com a ponta do manto. Perrin, olhando para alguma coisa ao longe e não gostando do que via, parecia não se dar conta das gotas que reluziam em sua testa.

As colinas foram ficando menores, e a terra começou a se aplainar, mas, em vez de forçar o avanço, Lan parou. Nynaeve se moveu como se fosse voltar a ficar ao lado de Moiraine, mas o olhar do Guardiã fez com que ela mantivesse distância. Ele e a Aes Sedai cavalgaram à frente e aproximaram as cabeças, e pelos gestos de Moiraine ficou claro que estavam discutindo. Nynaeve e Thom olhavam fixamente para eles, a Sabedoria franzindo a testa, preocupada, o menestrel resmungando baixinho e fazendo uma pausa para olhar para o lugar de onde tinham vindo, mas os demais evitavam completamente fazê-lo. Quem sabia o que poderia sair de uma discussão entre uma Aes Sedai e um Guardiã?

Depois de alguns minutos, Egwene falou baixinho para Rand, lançando um olhar inquieto para a dupla que ainda discutia.

— Aquelas coisas que você estava gritando para os Trollocs. — Ela parou como se não soubesse direito como prosseguir.

— O que têm elas? — perguntou Rand. Ele se sentia um pouco constrangido; gritos de guerra eram coisa de Guardiões; gente dos Dois Rios não fazia coisas assim, não importava o que Moiraine dissesse... Mas se ela zombasse dele por conta disso... — Mat deve ter repetido essa história umas dez vezes.

— E mal — interrompeu Thom. Mat grunhiu em protesto.

— Independentemente de como ele tenha contado — disse Rand —, nós todos ouvimos um monte de vezes. Além do mais, tínhamos de gritar alguma coisa. Quero dizer, é isso o que você faz numa hora dessas. Você ouviu Lan.

— E nós temos o direito — acrescentou Perrin, pensativo. — Moiraine diz que nós todos descendemos daquele povo de Manetheren. Eles combateram o Tenebroso, e nós estamos combatendo o Tenebroso. Isso nos dá o direito.

Egwene bufou como se para mostrar o que achava disso.

— Não era disso que eu estava falando. O que... o que foi que você estava gritando, Mat?

Mat deu de ombros, desconfortável.

— Não lembro. — Ele os encarou na defensiva. — Não lembro, ora. Está tudo nebuloso. Não sei o que foi, nem de onde veio, nem o que queria dizer. — Ele deu uma risada autodepreciativa. — Não creio que queira dizer alguma coisa.

— Eu... eu acho que sim — disse Egwene devagar. — Quando você gritou, eu achei... só por um minuto... achei ter entendido. Mas agora não sei mais. — Ela suspirou e balançou a cabeça. — Talvez você tenha razão. Estranho o que você consegue imaginar em momentos como esse, não é?

— *Carai an Caldazar* — repetiu Moiraine. Todos se viraram para fitá-la. — *Carai an Ellisande. Al Ellisande.* Pela honra da Águia Vermelha. Pela honra da Rosa do Sol. A Rosa do Sol. O antigo grito de guerra de Manetheren, e o grito de guerra de seu último rei. Eldrene era chamada de Rosa do Sol. — O sorriso de Moiraine abarcou tanto Egwene quanto Mat, embora seu olhar possa ter se detido por um instante a mais nele. — O sangue da linhagem de Arad ainda é forte nos Dois Rios. O sangue antigo ainda canta.

Mat e Egwene se entreolharam enquanto todos os outros os fitavam. Os olhos de Egwene estavam arregalados, e sua boca ficava se retorcendo num sorriso que ela procurava reprimir toda vez que nascia, como se não tivesse certeza de como encarar essa história de sangue antigo. Mat tinha certeza, a julgar por sua testa franzida e sua cara feia.

Rand achou que sabia o que Mat estava pensando. A mesma coisa que ele. Se Mat era descendente dos antigos reis de Manetheren, talvez os Trollocs estivessem realmente atrás dele e não atrás de todos os três. Esse pensamento o deixou envergonhado. Suas bochechas ficaram vermelhas, e quando ele vislumbrou um sorriso culpado no rosto de Perrin, percebeu que Perrin também havia pensado a mesma coisa.

— Não posso dizer que já tenha ouvido nada parecido — disse Thom depois de um minuto. Ele se sacudiu e falou com brusquidão: — Em outra ocasião eu poderia até criar uma história baseada nisso, mas agora... Você pretende ficar aqui pelo resto do dia, Aes Sedai?

— Não — respondeu Moiraine, pegando suas rédeas.

O som agudo de uma corneta dos Trollocs soou vindo do sul, como se para enfatizar sua palavra. Mais cornetas responderam, a leste e a oeste. Os cavalos começaram a relinchar e andar de lado, nervosos.

— Eles passaram pelo fogo — afirmou Lan com calma. Então virou-se para Moiraine. — Você não tem forças suficientes para o que pretende, não ainda, não sem descansar. E nem Myrddraal nem Trollocs entrarão naquele lugar.

Moiraine ergueu uma das mãos, como se para interrompê-lo, depois suspirou e a deixou cair.

— Muito bem — disse ela, irritada. — Suponho que você esteja certo, mas eu preferia ter outra opção. — Ela puxou o cajado de sob a cilha de sua sela. — Aproximem-se, todos vocês. Cheguem o mais perto de mim que puderem. Mais perto.

Rand levou Nuvem para perto da égua da Aes Sedai. Por insistência de Moiraine, eles continuaram aglomerando-se em um círculo ao redor dela até que cada cavalo tinha a cabeça esticada sobre o traseiro ou a cernelha de outro. Somente aí a Aes Sedai se deu por satisfeita. Então, sem falar, ela se levantou nos estribos e girou o cajado sobre as cabeças deles, esticando-se para ter certeza de cobrir a todos.

Rand se encolheu todas as vezes que o cajado passou por cima dele. A cada passagem ele sentiu um formigamento. Podia ter acompanhado o cajado sem vê-lo, só acompanhando os tremores enquanto ele se movia por cima das pessoas. Não o surpreendia o fato de que Lan fosse o único a não ser afetado.

Subitamente Moiraine apontou o cajado para oeste. Folhas mortas rodopiaram no ar e galhos chicotearam, como se um pequeno redemoinho corresse na direção para a qual ela apontava. Quando o redemoinho invisível desapareceu de vista, ela tornou a se acomodar em sua sela com um suspiro.

— Para os Trollocs — disse ela —, nossos cheiros e nossos rastros vão parecer seguir naquela direção. Com o tempo, os Myrddraal conseguirão entender, mas até lá...

— Até lá — disse Lan — nosso rastro terá se perdido.

— Seu cajado é muito poderoso — disse Egwene, recebendo um bufo de Nynaeve.

Moiraine estalou a língua.

— Eu já lhe disse, criança, coisas não têm poder. O Poder Único vem da Fonte Verdadeira, e apenas uma mente viva pode contê-lo. Este não é sequer um *angreal*, somente um auxílio para a concentração. — Cansada, ela deslizou o cajado de volta para baixo da cilha do arreio. — Lan?

— Sigam-me — disse o Guardião — e fiquem quietos. Vão estragar tudo se os Trollocs nos ouvirem.

Ele tornou a assumir a liderança no caminho para o norte, não no ritmo avassalador de antes, mas no trote rápido no qual haviam percorrido a Estrada de Caemlyn. A terra continuou a se aplainar, embora a floresta permanecesse tão espessa quanto antes.

O caminho deles não era mais reto como fora, pois Lan escolhera uma rota que ziguezagueava em meio a um terreno difícil e a afloramentos rochosos, e não os deixava mais abrir caminho à força entre arbustos emaranhados; em vez disso, levavam mais tempo dando a volta. De quando em quando ele se deixava ficar na retaguarda, estudando atentamente a trilha que deixavam. Uma simples tosse de alguém atraía um grunhido feroz da parte dele.

Nynaeve cavalgava ao lado da Aes Sedai, a preocupação lutando contra a antipatia em seu rosto. E havia um vestígio de algo a mais, pensou Rand, quase como se a Sabedoria tivesse alguma meta em vista. Os ombros de Moiraine estavam caídos, e ela segurava as rédeas e a sela com ambas as mãos, oscilando a cada passo que Aldieb dava. Estava claro que lançar a trilha falsa, por menor que pudesse ter parecido se comparado a produzir um terremoto e uma muralha de chamas, havia consumido grande parte de suas forças, forças essas que ela não tinha mais a perder.

Rand quase desejou que as cornetas recomeçassem. Pelo menos eram uma maneira de saber a que distância estavam os Trollocs. E os Desvanecidos.

Ele continuava olhando para trás, e por isso não foi o primeiro a ver o que se estendia à frente. Quando viu, ficou olhando fixamente, perplexo. Uma massa grande e irregular se estendia a perder de vista para os dois lados, em quase toda a extensão tão alta quanto as árvores que iam até ela, com pontas ainda mais altas aqui e acolá. Videiras e trepadeiras sem folhas cobriam tudo em camadas grossas. *Um desfiladeiro? As lianas vão facilitar a subida, mas jamais conseguiremos levar os cavalos.*

Subitamente, quando se aproximaram um pouco mais, ele viu uma torre. Era claramente uma torre, não uma espécie de formação rochosa, com uma estranha cúpula pontuda no topo.

— Uma cidade! — exclamou ele. Era a muralha de uma cidade, e os espigões eram torres de vigilância na muralha. Seu queixo caiu. Devia ser dez vezes maior que Baerlon. Cinquenta vezes maior.

Mat assentiu.

— Uma cidade — concordou ele. — Mas o que uma cidade está fazendo no meio de uma floresta como esta?

— E sem gente alguma — disse Perrin. Quando olharam para ele, Perrin apontou para a muralha. — As pessoas deixariam videiras crescer sobre tudo desse jeito? Vocês sabem como as trepadeiras podem derrubar uma parede. Olhem como ela está caída.

O que Rand via se reagitou em sua mente. Era como Perrin apontara. Debaixo de quase todos os pontos mais baixos na muralha havia um monte de destroços; entulho da muralha desabada acima. Não havia duas torres de vigilância da mesma altura.

— Eu me pergunto que cidade era essa — refletiu Egwene. — O que terá acontecido com ela? Não lembro de nada assim no mapa de papai.

— Ela se chamava Aridhol — informou Moiraine. — Nos tempos das Guerras dos Trollocs, era aliada de Manetheren. — Olhando para a muralha maciça, ela parecia quase não se dar conta da presença dos outros, mesmo de Nynaeve, que a apoiava na sela com uma das mãos em seu braço. — Mais tarde Aridhol desapareceu, e este lugar passou a ser chamado por outro nome.

— Que nome? — perguntou Mat.

— Aqui — disse Lan. Ele deteve Mandarb diante do que antes havia sido um portão grande o bastante para cinquenta homens marcharem lado a lado. Somente as torres de vigilância quebradas e incrustadas com trepadeiras permaneciam; dos portões não havia nem sinal. — Vamos entrar por aqui. — Cornetas de Trollocs soaram agudas ao longe. Lan olhou na direção do som e depois olhou para o sol, a meio caminho das copas das árvores a oeste. — Eles descobriram que a trilha era falsa. Vamos. Precisamos encontrar abrigo antes de escurecer.

— Que nome? — Mat tornou a perguntar.

Moiraine respondeu quando entravam na cidade.

— Shadar Logoth — disse ela. — Este lugar se chama Shadar Logoth.





Onde a Sombra Espera

Pedras quebradas do calçamento eram ruidosamente trituradas sob os cascos dos cavalos enquanto Lan conduzia o grupo muralhas adentro. Toda a cidade estava arruinada, o que Rand podia ver dela, e tão abandonada quanto Perrin dissera. Nem mesmo um pombo se movia, e ervas daninhas, em sua maioria velhas e mortas, brotavam tanto de rachaduras nas paredes quanto do calçamento. Havia mais prédios com telhados ruídos que inteiros. Paredes desabadas espalhavam leques de tijolos e pedras nas ruas. Torres interrompidas, abruptas e denteadas, projetavam-se como estacas quebradas. Montes irregulares de entulho com algumas árvores mirradas crescendo em suas encostas poderiam ter sido os restos de palácios ou de quarteirões inteiros da cidade.

E, no entanto, o que restara de pé era o bastante para tirar o fôlego de Rand. O maior prédio de Baerlon teria desaparecido nas sombras de quase tudo ali. Palácios de mármore bem claro encimados por cúpulas imensas surgiam onde quer que ele olhasse. Cada prédio parecia ter pelo menos uma cúpula; alguns tinham quatro ou cinco, e cada uma delas de um formato diferente. Longos caminhos ladeados por colunas cobriam centenas de passos até torres que pareciam se estender para o céu. A cada cruzamento havia uma fonte de bronze, ou a torre de alabastro de um monumento, ou uma estátua em um pedestal. Ainda que as fontes estivessem secas, a maioria das torres caída, e muitas das estátuas quebradas, o que permanecia era tão grandioso que ele só podia ficar maravilhado.

E eu que pensava que Baerlon era uma cidade! Que me queimem, mas Thom deve ter rido de mim o tempo todo. Moiraine e Lan também.

Estava tão concentrado em olhar para tudo que foi apanhado de surpresa quando Lan subitamente parou diante de um edifício de pedra branca que um dia tivera duas

vezes o tamanho da Cervo e Leão em Baerlon. Não havia nada a denunciar o que teria sido quando a cidade vivera e fora grandiosa. Talvez fosse até mesmo uma estalagem. Apenas uma casca vazia permanecia dos andares superiores. O céu da tarde era visível através das molduras vazias das janelas, vidro e madeira igualmente desaparecidos havia muito... Mas o térreo parecia sólido o bastante.

Moiraine, com as mãos ainda na sela, estudou o edifício atentamente antes de assentir.

— Vai servir.

Lan saltou da sela e ergueu a Aes Sedai nos braços.

— Levem os cavalos para dentro — ordenou ele. — Encontrem um quarto nos fundos para usar como estábulo. Vamos logo, camponeses. Isto aqui não é o campo da sua aldeia. — Ele desapareceu no prédio carregando a Aes Sedai.

Nynaeve desmontou e os seguiu, apressada, segurando firme seu saco de ervas e ungentos. Egwene foi atrás dela. Deixaram suas montarias onde estavam.

— “Levem os cavalos para dentro” — resmungou Thom com ironia e soprou os bigodes. Desmontou devagar, o corpo rígido, massageou as costas, soltou um longo suspiro e então pegou as rédeas de Aldieb. — E então? — disse ele, erguendo uma sobrelanceira para Rand e os amigos.

Eles desmontaram rapidamente e recolheram os demais cavalos. A entrada, sem nenhuma indicação de que algum dia existira ali uma porta, era larga o bastante para os animais passarem, mesmo dois de cada vez.

Do lado de dentro havia um aposento imenso, da largura do prédio, com um piso de ladrilhos sujo e algumas tapeçarias de parede apodrecidas, esmaecidas até um marrom fosco, que davam a impressão de que iam se desmanchar a um toque. Nada mais. Lan arrumara um lugar no canto mais próximo para Moiraine com seu manto e o dela. Nynaeve, resmungando sobre a poeira, ajoelhou-se ao lado da Aes Sedai, remexendo em sua sacola, que Egwene mantinha aberta.

— Eu posso não gostar dela, é verdade — Nynaeve estava dizendo para o Guardião enquanto Rand, conduzindo Bela e Nuvem, entrava seguindo Thom —, mas ajudo qualquer um que precise de minha ajuda, goste eu deles ou não.

— Não fiz nenhuma acusação, Sabedoria. Apenas adverti que tivesse cuidado com as ervas.

Ela o olhou de soslaio.

— O fato é que ela precisa das minhas ervas, e você também. — A voz dela começou mordaz e foi ficando mais azeda. — O fato é que há um limite no que ela pode fazer, mesmo com seu Poder Único, e ela já fez o máximo que pode sem desabar. O fato é que sua espada não pode ajudá-la agora, Senhor das Sete Torres, mas minhas ervas sim.

Moiraine pôs a mão no braço de Lan.

— Fique tranqüilo, Lan. Ela não tem intenção de fazer nenhum mal. Ela simplesmente não sabe. — O Guardião bufou com desdém.

Nynaeve parou de remexer em sua sacola e olhou para ele, franzindo a testa, mas foi com Moiraine que ela falou.

— Há muitas coisas que não sei. De que se trata?

— Para começar — respondeu Moiraine —, tudo de que eu preciso de fato é de um pouco de descanso. Além disso, concordo com você. Suas habilidades e seu conhecimento serão mais úteis do que eu pensava. Agora, se tiver alguma coisa que me

ajude a dormir por uma hora sem me deixar grogue...

— Um chá fraco de rabo-de-raposa, marisin e...

Rand perdeu a última parte da fala quando seguiu Thom até um aposento atrás do primeiro, um cômodo tão grande quanto e ainda mais vazio. Ali havia somente poeira, espessa e imóvel até eles chegarem. Nem sequer rastros de pássaros ou pequenos animais marcavam o chão.

Rand começou a tirar a sela de Bela e Nuvem, e Thom, a de Aldieb e de seu capão, e Perrin, de seu cavalo e de Mandarb. Todos menos Mat. Ele deixou cair suas rédeas no meio do aposento. Havia duas entradas no aposento além daquela pela qual haviam entrado.

— Beco — anunciou Mat, afastando a cabeça da primeira. Isso eles podiam ver de onde estavam. A segunda entrada era apenas um retângulo negro na parede dos fundos. Mat atravessou devagar e saiu muito mais rápido, limpando vigorosamente teias de aranha velhas dos cabelos. — Nada aí dentro — disse ele, olhando novamente para o beco.

— Vai cuidar do seu cavalo? — perguntou Perrin. Ele já havia terminado com o dele e estava tirando a sela de Mandarb. Estranhamente, o garanhão de olhos ferozes não lhe deu nenhum trabalho, embora o observasse o tempo todo. — Ninguém vai fazer isso por você.

Mat dirigiu um último olhar para o beco e foi até seu cavalo com um suspiro.

Quando Rand colocou a sela de Bela no chão, reparou que Mat tinha um olhar melancólico. Seus olhos pareciam a mil milhas de distância, e ele se movia como um autômato.

— Você está bem, Mat? — perguntou Rand.

Mat ergueu a sela de seu cavalo e parou com ela nas mãos.

— Mat? Mat!

Mat se assustou e quase deixou a sela cair.

— O quê? Ah. Eu... eu estava só pensando.

— Pensando? — Perrin gritou de onde estava, substituindo o bridão de Mandarb por um bocal. — Você estava era dormindo.

Mat fez uma careta.

— Eu estava pensando em... no que aconteceu lá atrás. Naquelas palavras que eu... — Todos se viraram para ele então, não só Rand, e ele mudou de posição, desconfortável. — Bem, vocês ouviram o que Moiraine falou. É como se algum homem morto estivesse falando pela minha boca. Não gosto disso. — A expressão dele fechou-se ainda mais quando Perrin riu.

— O grito de guerra de Aemon, ela disse... certo? Talvez você seja Aemon reencarnado. Pela maneira como fica toda hora dizendo como Campo de Emond é chato, pensei que você fosse gostar disso... ser um rei e herói renascido.

— Não diga isso! — Thom respirou fundo. Todos olhavam para ele agora. — É conversa perigosa, conversa idiota. Os mortos podem renascer, ou ocupar um corpo vivo, e isso não é uma coisa que se fale de modo leviano. — Ele respirou fundo mais uma vez para se acalmar antes de continuar. — O sangue antigo, ela disse. O sangue, não um morto. Já ouvi dizer que isso pode acontecer às vezes. Ouvi dizer, mas na verdade nunca pensei... São suas raízes, garoto. Uma linhagem que corre de você ao seu pai e ao seu avô, até Manetheren, e talvez além. Bem, agora você sabe que sua família é antiga. Devia deixar isso como está e se dar por satisfeito. A maioria das pessoas não costuma saber muito

mais do que o fato de que tiveram um pai.

Alguns de nós não podem sequer ter certeza disso, pensou Rand com amargura. Talvez a Sabedoria tenha razão. Luz, espero que sim.

Mat assentiu diante das palavras do menestrel.

— Suponho que sim. Só que... você acha que isso tem a ver com o que aconteceu com a gente? Os Trollocs e tudo? Quer dizer... ah, eu não sei o que isso quer dizer.

— Eu acho que você devia esquecer isso tudo e se concentrar em sair daqui em segurança. — Thom tirou seu cachimbo de cabo longo de dentro do manto. — E eu acho que vou fumar um pouco. — Balançando o cachimbo na direção deles, ele desapareceu no aposento da frente.

— Estamos todos juntos nisto, não só um de nós — disse Rand a Mat.

Mat estremeceu e riu, uma gargalhada curta e alta.

— Certo. Bem, falando de estarmos juntos nas coisas, agora que terminamos com os cavalos, por que não vamos ver um pouco mais da cidade? Uma cidade de verdade, e sem multidões para acotovelar você. Ninguém olhando você de alto a baixo com o nariz empinado. Ainda nos resta uma ou duas horas de luz do dia.

— Você não está esquecendo dos Trollocs? — perguntou Perrin.

Mat balançou a cabeça com desdém.

— Lan disse que eles não entrariam aqui, lembra? Você precisa escutar o que as pessoas dizem.

— Eu lembro — disse Perrin. — E escuto. Esta cidade... Aridhol?... era aliada de Manetheren. Viu? Eu escuto.

— Aridhol deve ter sido a maior cidade no tempo das Guerras dos Trollocs — disse Rand — para os Trollocs ainda terem medo dela. Eles não tiveram medo de entrar nos Dois Rios, e Moiraine disse que Manetheren foi... como ela disse mesmo?... um espinho no pé do Tenebroso.

Perrin ergueu as mãos.

— Não mencione o Pastor da Noite, por favor.

— O que me diz? — Mat riu. — Vamos lá.

— Devíamos pedir a Moiraine — disse Perrin, e Mat jogou as mãos para o alto.

— Pedir a Moiraine? Você acha que ela vai deixar a gente sair de perto dela? E Nynaeve? Sangue e cinzas, Perrin, por que não aproveita logo e pede à Senhora Luhhan também?

Perrin concordou, relutante, e Mat virou-se para Rand com um sorriso.

— E você? Uma cidade de verdade? Com palácios! — Ele deu uma risada matreira. — E sem Mantos-brancos para ficar encarando a gente.

Rand lhe dirigiu um olhar zangado, mas hesitou apenas por um instante. Aqueles palácios eram iguais aos de uma história de menestrel.

— Está certo.

Pisando devagar para não serem ouvidos no cômodo da frente, eles saíram pelo beco, seguindo na direção oposta à fachada do edifício até uma rua do outro lado. Caminharam rápido, e quando se encontravam a uma quadra de distância do edifício de pedra branca Mat começou subitamente a dançar saltitante.

— Livre. — Ele riu. — Livre! — Ele foi desacelerando e começou a girar em um círculo, olhando para tudo, ainda rindo. As sombras da tarde se estendiam longas e entrecortadas, e o sol que baixava dourava a cidade em ruínas. — Você já sonhou com

um lugar assim? Já?

Perrin também riu, mas Rand deu de ombros, pouco à vontade. Aquele lugar em nada se parecia com a cidade de seu primeiro sonho, mas mesmo assim...

— Se queremos ver alguma coisa — disse ele —, é melhor irmos logo. Não resta muita luz do sol.

Mat queria ver tudo, ao que parecia, e impelia os outros com seu entusiasmo. Eles escalaram fontes empoeiradas grandes o bastante para comportar todo o povo de Campo de Emond e entraram e saíram de estruturas escolhidas ao acaso, mas sempre as maiores que conseguiam encontrar. Algumas eles entendiam o que eram, outras não. Um palácio era claramente um palácio, mas o que era um imenso edifício que consistia em uma cúpula redonda, imensa e branca como uma colina do lado de fora e um único e monstruoso salão do lado de dentro? E um lugar murado, a céu aberto, e grande o bastante para conter todo Campo de Emond, cercado por fileiras e mais fileiras de bancos de pedra?

Mat foi ficando impaciente quando não encontraram nada a não ser poeira, ou entulho, ou trapos sem cor, restos de tapeçarias de parede que se desfaziam em pó ao toque. Em determinado momento, algumas cadeiras de madeira encontravam-se empilhadas de encontro a uma parede e desintegraram-se todas quando Perrin tentou pegar uma delas.

Os palácios, com suas câmaras imensas e vazias, algumas das quais poderiam ter contido toda a Estalagem Fonte de Vinho com espaço de sobra dos lados e acima também, faziam Rand pensar demais nas pessoas que um dia os haviam ocupado. Achou que todos nos Dois Rios podiam caber embaixo daquela cúpula redonda, e quanto ao lugar dos bancos de pedra... Ele quase podia ver as pessoas nas sombras, olhando com desaprovação para os três intrusos que perturbavam seu repouso.

Finalmente até Mat se cansou, por mais grandiosos que fossem os edifícios, e se lembrou de que tivera somente uma hora de sono na noite anterior. Todos começaram a lembrar disso. Bocejando, sentaram-se nos degraus de um edifício alto que apresentava na frente fileiras e mais fileiras de colunas altas de pedra e puseram-se a discutir sobre o que fariam a seguir.

— Voltar — disse Rand — e dormir um pouco. — Ele levou as costas da mão à boca. Quando pôde falar novamente, disse: — Dormir. É tudo o que eu quero.

— Você pode dormir a qualquer hora — disse Mat, determinado. — Olhe só onde estamos. Uma cidade em ruínas. Tesouros.

— Tesouros?! — Perrin estava de queixo caído. — Não há nenhum tesouro aqui. Não há nada, a não ser pó.

Rand protegeu os olhos contra o sol, uma bola vermelha quase tocando os telhados.

— Está ficando tarde, Mat. Logo irá escurecer.

— Pode haver tesouros — insistiu Mat, firme. — De qualquer maneira, eu quero escalar uma das torres. Olhem aquela ali. Está inteirinha. Aposto que dá para enxergar por milhas lá de cima. O que me dizem?

— As torres não são seguras — disse uma voz masculina atrás deles.

Rand deu um pulo de susto e virou-se, a mão no cabo da espada, e os outros foram igualmente velozes.

Um homem encontrava-se de pé nas sombras entre as colunas no alto das escadas. Ele deu um pequeno passo à frente, ergueu a mão para proteger os olhos e tornou a

recuar.

— Perdoem-me — disse suavemente. — Fiquei muito tempo no escuro lá dentro. Meus olhos ainda não estão acostumados à luz.

— Quem é você? — Rand achou que o sotaque do homem parecia estranho, mesmo depois de Baerlon; ele pronunciava algumas palavras de modo esquisito, de um jeito que Rand quase não conseguia entender. — O que está fazendo aqui? Achamos que a cidade estivesse vazia.

— Eu sou Mordeth. — Ele fez uma pausa como se esperasse que reconhecessem o nome. Quando nenhum deles deu qualquer sinal nesse sentido, ele murmurou alguma coisa baixinho e continuou: — Eu poderia fazer a mesma pergunta a vocês. Ninguém vem a Aridhol há muito tempo. Muito, muito tempo. Eu não poderia imaginar que encontraria três jovens vagando por suas ruas.

— Estamos a caminho de Caemlyn — disse Rand. — Paramos para nos abrigar esta noite.

— Caemlyn — Mordeth disse lentamente, saboreando o nome em sua língua, e depois balançou a cabeça. — Abrigo esta noite, você disse? Talvez queiram se juntar a mim.

— Você ainda não disse o que está fazendo aqui — observou Perrin.

— Ora, sou um caçador de tesouros, é claro.

— Já encontrou algum? — Mat quis saber, empolgado.

Rand achou que Mordeth deu um sorriso, mas nas sombras ele não podia ter certeza.

— Encontrei — disse o homem. — Mais do que eu esperava. Muito mais. Mais do que posso carregar. Nunca esperei encontrar três jovens fortes e saudáveis. Se me ajudarem a transportar o que eu *puder* levar até onde meus cavalos estão, cada um de vocês poderá ter uma parte do restante. O quanto puderem carregar. O que eu deixar se perderá, levado por algum outro caçador de tesouros, antes que eu consiga voltar para pegá-lo.

— Eu disse a vocês que devia haver um tesouro num lugar destes! — exclamou Mat e subiu a escada em disparada. — Nós vamos ajudar você a carregá-lo. É só nos levar até lá. — Ele e Mordeth avançaram mais para dentro das sombras entre as colunas.

Rand olhou para Perrin.

— Não podemos deixá-lo. — Perrin olhou para o sol que se punha e assentiu.

Eles subiram a escada, desconfiados; Perrin afrouxou o laço do cinto que prendia seu machado. Rand segurou o cabo da espada com mais força. Mat e Mordeth, porém, estavam esperando entre as colunas, Mordeth com os braços cruzados, Mat espiando impaciente o interior da construção.

— Venham — disse Mordeth. — Eu lhes mostrarei o tesouro. — Ele entrou, e Mat foi atrás. Não havia nada que os outros pudessem fazer a não ser segui-los.

As sombras cobriam o salão lá dentro, mas quase imediatamente Mordeth virou para o lado e começou a descer uma estreita escada em espiral que levava a profundezas cada vez mais escuras, até eles terem de continuar o caminho tateando nas trevas absolutas. Rand foi sentindo o caminho ao longo da parede com uma das mãos, sem saber se haveria um degrau abaixo até o pé encontrá-lo. Até mesmo Mat começou a ficar pouco à vontade, a julgar pela sua voz quando disse:

— Está muito escuro mesmo aqui embaixo.

— Sim, sim — respondeu Mordeth. O homem parecia não estar tendo problema algum com a escuridão. — Há luzes lá embaixo. Vamos.

De fato, as escadas em espiral subitamente deram em um corredor mal iluminado por tochas bem espaçadas e bastante esfumaçadas, enfiadas em suportes de ferro nas paredes. As chamas tremeluzentes e as sombras permitiram que Rand, pela primeira vez, desse uma boa olhada em Mordeth, que prosseguia apressado, sem parar, fazendo gestos para que o seguissem.

Havia algo de estranho nele, Rand pensou, mas não conseguiu discernir exatamente o que era. Mordeth era um homem untuoso, ligeiramente acima do peso, com pálpebras caídas que lhe davam a impressão de estar se escondendo por trás de alguma coisa, apenas olhando. Baixo e completamente careca, ele caminhava como se fosse mais alto do que qualquer um deles. Suas roupas certamente não se pareciam com nada que Rand tivesse visto antes. Calças pretas justas e botas vermelhas macias com as bordas viradas nos tornozelos. Um colete vermelho comprido ricamente bordado em ouro, e uma camisa branca como a neve de mangas largas, as pontas dos punhos quase tocando os joelhos. Certamente não eram o tipo de roupa adequado para se caçar tesouros em uma cidade em ruínas. Mas também não era exatamente isso o que o tornava estranho aos olhos de Rand.

Então o corredor terminou num aposento com paredes azulejadas, e ele esqueceu qualquer coisa estranha que pudesse haver com Mordeth. O ar que escapou de sua boca foi um eco do som que seus amigos fizeram. Ali, também, a luz vinha de algumas tochas que manchavam o teto com sua fumaça e davam várias sombras a cada um deles, mas aquela luz era refletida mil vezes pelas gemas e pelo ouro empilhados no chão, montanhas de moedas e joias, cálices, pratos e bandejas, espadas e adagas folheadas a ouro e incrustadas de pedras preciosas, tudo empilhado descuidadamente em montes que batiam na cintura deles.

Com um grito, Mat correu adiante e caiu de joelhos na frente de uma das pilhas.

— Sacos — disse ele sem fôlego, enterrando as mãos no ouro. — Vamos precisar de sacos para carregar tudo isto.

— Não podemos carregar isso tudo — disse Rand. Ele olhou ao redor, desamparado; todo o ouro que os mercadores levavam a Campo de Emond em um ano não teria chegado sequer a um milésimo de um só daqueles montes. — Não agora. Está quase escuro.

Perrin puxou um machado de um dos montes, jogando descuidadamente para trás as correntes de ouro que haviam se enroscado ao redor dele. Joias reluziam ao longo de seu cabo preto brilhante, e letras delicadas de ouro cobriam as lâminas gêmeas.

— Amanhã, então — disse ele, pesando o machado com um sorriso. — Moiraine e Lan entenderão quando lhes mostrarmos isto aqui.

— Vocês não estão sozinhos? — perguntou Mordeth. Ele os havia deixado passar correndo por ele, entrando na sala do tesouro, mas já os havia alcançado. — Quem mais está com vocês?

Mat, as mãos enterradas até os pulsos nas riquezas diante dele, respondeu, distraído.

— Moiraine e Lan. E também Nynaeve, Egwene e Thom. Este último é um menestrel. Estamos indo para Tar Valon.

Rand prendeu a respiração. Então o silêncio de Mordeth o fez olhar para o homem.

O rosto de Mordeth se retorcia de ódio, e também de medo. Seus lábios se

arreganharam, revelando os dentes.

— Tar Valon! — Ele sacudia os punhos fechados na direção deles. — Tar Valon! Vocês disseram que iam para... para essa... Caemlyn! Vocês mentiram para mim!

— Se você ainda quiser — disse Perrin a Mordeth —, voltaremos amanhã e o ajudaremos. — Cuidadosamente ele colocou o machado de volta na pilha de cálices incrustados de gemas e joias. — Se você quiser.

— Não. Isto é... — Ofegante, Mordeth sacudiu a cabeça como se não pudesse decidir. — Peguem o que quiserem. Exceto... Exceto...

Subitamente Rand percebeu o que o havia incomodado a respeito do homem. As tochas espalhadas pelo corredor haviam dado a cada um deles um anel de sombras, o mesmo acontecendo com as tochas da sala do tesouro. Só que... Ele estava tão chocado que disse em voz alta.

— Você não tem sombra.

Um cálice caiu da mão de Mat com um estrondo.

Mordeth assentiu, e pela primeira vez suas pálpebras carnudas se abriram por completo. Seu rosto macilento subitamente pareceu magro e faminto.

— Então. — Ele se empertigou, parecendo mais alto. — Está decidido. — Subitamente não havia mais dúvida. Como um balão, Mordeth inchou, distorceu-se, a cabeça fazendo pressão contra o teto, os ombros contra as paredes, preenchendo a extremidade do aposento, bloqueando a saída. As faces encovadas, os dentes arreganhados num rosnado, ele estendeu subitamente mãos grandes o bastante para envolver a cabeça de um homem.

Com um grito, Rand deu um pulo para trás. Seus pés se enroscaram numa corrente de ouro e ele caiu no chão, o ar expulso de seus pulmões. Lutando para conseguir respirar, ele tentava ao mesmo tempo pegar a espada, pelejando contra seu manto, que havia se enroscado ao redor do punho. Os gritos de seus amigos enchiam o aposento, assim como o estrondo de bandejas e cálices de ouro indo ao chão. Subitamente um grito de agonia estremeceu os ouvidos de Rand.

Quase soluçando, ele conseguiu finalmente respirar, bem no instante em que tirava a espada da bainha. Cautelosamente, Rand se levantou, perguntando-se qual de seus amigos dera aquele grito. Perrin olhou para ele do outro lado do aposento, os olhos arregalados. Agachado, segurava o machado como se estivesse prestes a derrubar uma árvore. Mat espiava por trás de uma pilha de objetos preciosos, agarrando um punhal retirado do tesouro.

Alguma coisa se moveu na parte mais funda das sombras deixadas pelas tochas, e todos pularam. Era Mordeth, segurando os joelhos de encontro ao peito, encolhido no canto mais distante que conseguiu encontrar.

— Ele enganou a gente — disse Mat, ofegante. — Foi uma espécie de truque.

Mordeth jogou a cabeça para trás e uivou; a poeira caiu em nuvens quando as paredes tremeram.

— Vocês estão todos mortos! — gritou ele. — Todos mortos! — E ergueu-se de um salto, atravessando o aposento em disparada.

O queixo de Rand caiu, e ele quase deixou cair a espada também. Quando Mordeth saltou no ar, ele se esticou e se afinou, como um tentáculo de fumaça. Com a espessura de um dedo, ele alcançou uma rachadura nos azulejos de uma parede e desapareceu dentro dela. Um último grito ecoou no aposento quando ele sumiu, desvanecendo

lentamente depois que partiu.

— Vocês estão todos mortos!

— Vamos sair daqui — disse Perrin debilmente, segurando o machado com mais força enquanto tentava olhar para todas as direções ao mesmo tempo. Ornamentos de ouro e joias espalhavam-se aos seus pés sem que ele sequer se desse conta.

— Mas o tesouro — protestou Mat. — *Não podemos simplesmente deixá-lo aqui agora.*

— Eu não quero nada dele — replicou Perrin, ainda voltando-se para todos os lados. Levantou a voz e gritou para as paredes. — O tesouro é seu, está ouvindo? Não vamos levar nada!

Rand olhou zangado para Mat.

— Você quer que ele venha atrás de nós? Ou vai esperar aqui enchendo os bolsos até ele voltar com mais dez que nem ele?

Mat simplesmente apontou para todo o ouro e as joias. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, porém, Rand agarrou um de seus braços e Perrin o outro. Eles o arrastaram dali, Mat lutando e gritando sobre o tesouro.

Mas, antes que tivessem dado dez passos no corredor, a luz já fraca atrás deles começou a falhar. As tochas da sala do tesouro estavam se apagando. Mat parou de gritar. Eles apressaram o passo. A primeira tocha do lado de fora da sala se apagou, depois a seguinte. Quando alcançaram as escadas em espiral não havia mais necessidade de arrastar Mat. Todos estavam correndo, com a escuridão se aproximando atrás deles. Mesmo o breu absoluto das escadas só os fez hesitar por um instante antes de dispararem para cima, gritando a plenos pulmões. Gritando para assustar qualquer coisa que pudesse estar à espreita; gritando para lembrar a si mesmos de que ainda estavam vivos.

Irromperam no salão acima, escorregando e caindo no mármore coberto de poeira, levantando-se e correndo desesperados por entre as colunas, tropeçando escadarias abaixo e desabando numa pilha ferida no meio da rua.

Rand se desembaraçou dos outros e pegou a espada de Tam do chão, olhando inquieto ao redor. Menos de metade do sol ainda brilhava acima dos telhados. As sombras se estendiam na direção deles como mãos escuras, ainda mais enegrecidas pela luz remanescente, tomando a rua quase completamente. Ele estremeceu. As sombras se pareciam com Mordeth, estendendo-se.

— Pelo menos saímos dessa. — Mat se levantou da base da pilha, limpando a roupa numa imitação trêmula de seu jeito costumeiro. — E pelo menos eu...

— Saímos mesmo? — perguntou Perrin.

Rand soube que dessa vez não era sua imaginação. Os pelos de sua nuca se arrepiaram. Alguma coisa os observava da escuridão entre as colunas. Ele se virou, olhando os prédios do outro lado. Conseguia sentir os olhares vindos dali também. Sua mão apertou ainda mais o cabo da espada, embora não soubesse dizer de que isso adiantaria. Tinha a sensação de que havia olhos vigilantes por toda parte. Os outros olhavam ao redor, desconfiados; Rand sabia que eles estavam sentindo o mesmo.

— Vamos ficar no meio da rua — disse ele, a voz rouca. Os outros olharam nos olhos dele; pareciam tão assustados quanto ele, que engoliu em seco. — Vamos ficar no meio da rua, o mais longe das sombras que pudermos, e andar rápido.

— Andar bem rápido — concordou Mat fervorosamente.

Os observadores os acompanharam. Isso, ou havia outros observadores, muitos

olhos em quase todas as construções. Rand não conseguia ver nada se movendo, por mais que tentasse, mas conseguia sentir os olhos, ansiosos, famintos. Não sabia o que seria pior. Milhares de olhos, ou apenas alguns, seguindo-lhes os passos.

Nos trechos onde o sol ainda os alcançava, eles reduziam o passo, só um pouco, forçando a vista, nervosos, na direção das trevas que sempre pareciam estar à frente. Nenhum deles estava ansioso para penetrar nas sombras; ninguém tinha realmente certeza de que não havia nada esperando. A expectativa dos observadores era uma coisa palpável sempre que as sombras se estendiam e atravessavam a rua, bloqueando a passagem deles. Por esses lugares escuros eles corriam gritando. Rand achou que ouvia uma gargalhada seca, como um farfalhar de folhas.

Por fim, com a noite caindo, eles avistaram o prédio de pedra branca que haviam deixado, ao que lhes parecia, dias atrás. Subitamente os olhos que os observavam partiram. Sem dizer uma só palavra, Rand disparou num passo acelerado, seguido pelos amigos, e depois numa carreira desabalada que só terminou quando passaram pela entrada e desabaram ofegantes no chão.

Uma pequena fogueira queimava no meio do piso, a fumaça desaparecendo por um buraco no teto de uma forma que trouxe a Rand a desagradável lembrança de Mordeth. Todos menos Lan estavam ali, reunidos ao redor do fogo, e suas reações variaram consideravelmente. Egwene, esquentando as mãos na beira do fogo, levantou-se de um salto quando os três irromperam no salão, levando as mãos à garganta; quando viu quem eram, um suspiro de alívio estragou sua tentativa de lhes dirigir um olhar de raiva. Thom simplesmente resmungou alguma coisa com o cachimbo na boca, mas Rand captou a palavra “tolos” antes que o menestrel voltasse a atizar as chamas com um pedaço de pau.

— Seus sabichões idiotas! — disparou a Sabedoria. Ela estava muito irritada, da cabeça aos pés; seus olhos reluziam, e pontos vermelhos brilhantes queimavam em suas bochechas. — Por que, sob a Luz, vocês fugiram assim? Vocês estão bem? Vocês não têm juízo? Lan está lá fora procurando vocês agora, e terão mais sorte do que merecem se ele não meter juízo à força na cabeça de vocês quando retornar.

O rosto da Aes Sedai não revelava absolutamente nenhuma agitação, mas, quando eles chegaram, suas mãos, os nós dos dedos ainda brancos, soltaram o vestido que agarravam. O que quer que Nynaeve lhe dera devia ter ajudado, pois ela estava de pé.

— Vocês não deviam ter feito o que fizemos — disse ela com uma voz tão límpida e serena quanto um lago da Floresta das Águas. — Falaremos sobre isso mais tarde. Alguma coisa aconteceu lá fora, ou vocês não estariam caindo um por cima do outro desse jeito. Contem-me.

— Você disse que era seguro — queixou-se Mat, levantando-se com dificuldade. — Você disse que Aridhol era aliada de Manetheren, e que os Trollocs não iam entrar na cidade, e...

Moiraine avançou tão subitamente que Mat parou de falar, boquiaberto, e Rand e Perrin detiveram-se enquanto se levantavam, ficando meio agachados ou de joelhos.

— Trollocs? Vocês viram Trollocs dentro das muralhas?

Rand engoliu em seco.

— Trollocs não — disse ele, e os três começaram a falar excitadamente, todos ao mesmo tempo.

Cada um começou de um ponto diferente. Mat iniciou com a descoberta do tesouro, quase dando a impressão de que havia feito isso sozinho, ao passo que Perrin começou a

explicar por que eles haviam saído sem comunicar a ninguém. Rand pulou direto para o que achava importante, o encontro com o estranho entre as colunas. Mas todos estavam tão agitados que ninguém contava os acontecimentos na ordem em que ocorreram; sempre que um deles pensava em alguma coisa, começava a contar, sem nenhuma conexão com o que tinha vindo antes ou com o que viria depois, nem com quem estava contando o quê. Os olhos observadores. Todos falavam atabalhoadamente sobre os observadores.

Isso fez com que a história soasse praticamente incoerente, mas o medo deles não passou despercebido. Egwene começou a lançar olhares incomodados para as janelas vazias que davam para a rua. Lá fora, os últimos vestígios do crepúsculo desvaneciam; o fogo parecia muito pequeno e fraco. Thom tirou seu cachimbo do meio dos dentes, ouvindo com a cabeça inclinada e a testa franzida. Os olhos de Moiraine demonstravam preocupação, mas não em demasia. Até que...

Subitamente a Aes Sedai sibilou e agarrou Rand pelo cotovelo com força.

— Mordeth! Tem certeza de que o nome era esse? Têm mesmo certeza, todos vocês? Mordeth?

Eles murmuraram um “sim” em coro, assustados pela intensidade da reação da Aes Sedai.

— Ele tocou vocês? — perguntou ela a todos. — Ele lhes deu alguma coisa, ou vocês fizeram alguma coisa para ele? Eu preciso saber.

— Não — disse Rand. — Nenhum de nós. Nenhuma dessas coisas.

Perrin assentiu, concordando, e acrescentou:

— Tudo o que ele fez foi tentar nos matar. Isso não é o bastante? Ele inchou até encher metade da sala, gritou que estávamos todos mortos e em seguida desapareceu. — Moveu sua mão para demonstrar. — Como fumaça.

Egwene deu um gritinho agudo.

Mat virou-se de costas, petulante.

— A salvo, você disse! Toda aquela conversa sobre Trollocs não virem até aqui. O que é que nós íamos pensar?

— Aparentemente vocês simplesmente não pensaram — disse ela, novamente composta. — Qualquer um que pensasse teria cautela em um lugar no qual os Trollocs temem entrar.

— Isso é coisa do Mat — disse Nynaeve, sem a menor sombra de dúvida. — Ele está sempre aprontando, fazendo uma traquinagem ou outra, e os outros perdem o pouco senso com o qual nasceram quando estão perto dele.

Moiraine assentiu rapidamente, mas seus olhos permaneceram em Rand e em seus dois amigos.

— No fim das Guerras dos Trollocs, um exército acampou dentro destas ruínas: Trollocs, Amigos das Trevas, Myrddraal, Senhores do Medo, milhares no total. Como eles não saíram, batedores foram enviados para o interior das muralhas. Os batedores acharam armas, pedaços de armaduras e respingos de sangue por toda parte. E mensagens rabiscadas nas paredes na língua dos Trollocs, clamando que o Tenebroso os ajudasse em sua última hora. Homens que vieram depois não encontraram vestígio nem do sangue nem das mensagens. Eles haviam sido apagados. Meios-homens e Trollocs ainda se lembram. É isso que os mantém fora deste lugar.

— E foi este o lugar que você escolheu como nosso esconderijo? — perguntou Rand

sem acreditar. — Estaríamos mais seguros lá fora tentando fugir deles.

— Se vocês não tivessem saído por aí — disse Moiraine pacientemente —, saberiam que eu dispus proteções ao redor deste prédio. Um Myrddraal sequer saberia que essas proteções estavam aqui, pois elas foram criadas para impedir um tipo diferente de mal, mas o que reside em Shadar Logoth não as atravessará, nem sequer chegará muito perto. Pela manhã poderemos partir em segurança; essas coisas não podem suportar a luz do sol. Elas se esconderão bem debaixo da terra.

— Shadar Logoth? — perguntou Egwene, hesitante. — Achei que você tinha dito que esta cidade se chamava Aridhol.

— Ela um dia se chamou Aridhol — replicou Moiraine —, e foi uma das Dez Nações, as terras que constituíram o Segundo Pacto, as terras que se posicionaram contra o Tenebroso desde os primeiros dias após a Ruptura do Mundo. Nos dias em que Thorin al'Toren al Ban era Rei de Manetheren, o Rei de Aridhol era Balwen Mayel, Balwen Mão-de-Ferro. Num período de desespero durante as Guerras dos Trollocs, quando parecia que o Pai das Mentiras certamente conquistaria tudo, o homem chamado Mordeth chegou à corte de Balwen.

— O mesmo homem? — perguntou Rand

— Não pode ser! — exclamou Mat.

Um olhar de esguelha de Moiraine os silenciou. O aposento inteiro ficou paralisado, a não ser pela voz da Aes Sedai.

— Em pouco tempo na cidade, Mordeth já tinha atraído a atenção de Balwen, e logo ele era o segundo no poder, atrás apenas do Rei. Mordeth instilou veneno nos ouvidos de Balwen, e Aridhol começou a mudar. A cidade fechou-se, endureceu-se. Diziam que havia quem preferisse ver Trollocs se aproximando a ver homens de Aridhol. A vitória da Luz é tudo. Esse foi o grito de guerra que Mordeth lhes deu, e os homens de Aridhol o proferiram enquanto seus atos se afastavam da Luz.

“A história é longa demais para que eu lhes conte na íntegra, e cruel demais também, e só se conhecem fragmentos dela, mesmo em Tar Valon. Como o filho de Thorin, Caar, veio para trazer Aridhol de volta ao Segundo Pacto, e Balwen sentou-se em seu trono, uma casca murcha com a luz da loucura nos olhos, gargalhando enquanto Mordeth sorria ao seu lado e ordenava as mortes de Caar e da embaixada sob a acusação de serem Amigos das Trevas. Como o Príncipe Caar veio a ser chamado de Caar Maneta. Como ele escapou dos calabouços de Aridhol e fugiu sozinho para as Terras da Fronteira com os assassinos sobrenaturais de Mordeth no seu encalço. Como lá ele conheceu Rhea, que não sabia quem ele era, e casou-se com ela, e definiu o fio do Padrão que levou à sua morte nas mãos dela, e à dela pela própria mão perante a tumba dele, e a queda de Aleth-Loriel. Como os exércitos de Manetheren vieram para vingar Caar e encontraram os portões de Aridhol arrebatados, nenhum ser vivo dentro das muralhas, mas algo pior que a morte. Nenhum inimigo havia chegado a Aridhol, a não ser a própria Aridhol. Desconfiança e ódio haviam trazido à luz uma coisa que se alimentou daqueles que a criaram, uma coisa que ficou presa no leito rochoso sobre o qual a cidade se erguia. Mashadar ainda espera, faminta. Os homens deixaram de falar em Aridhol. Passaram a chamá-la de Shadar Logoth, o Lugar Onde a Sombra Espera, ou, mais simplesmente, a Espera da Sombra.

“Mordeth foi o único a não ser consumido por Mashadar, mas foi capturado por ela, e ele também espera dentro destas muralhas há longos séculos. Outros já o viram. Alguns

ele conseguiu influenciar através de presentes que distorcem a mente e maculam o espírito, uma mácula que avança e recua até assumir o controle... ou matar. Se ele algum dia convencer alguém a acompanhá-lo até as muralhas, às fronteiras do poder de Mashadar, será capaz de consumir a alma dessa pessoa. Mordeth, então, partirá, usando o corpo daquele ao qual fez algo pior que matar, para espalhar seu mal pelo mundo mais uma vez."

— O tesouro — murmurou Perrin quando ela parou. — Ele queria que nós o ajudássemos a carregar o tesouro até os cavalos dele. — Seu rosto estava transtornado. — Aposto que eles estariam em algum lugar fora da cidade.

Rand estremeceu.

— Mas estamos a salvo agora, não estamos? — perguntou Mat. — Ele não nos deu nada e não tocou na gente. Estamos a salvo, não estamos, com as proteções que você preparou?

— Estamos seguros — concordou Moiraine. — Ele não pode atravessar as linhas de proteção, nem nenhum outro habitante deste lugar. E eles precisam se esconder da luz do sol, então podemos partir em segurança assim que o dia raiar. Agora tentem dormir. As proteções garantirão nossa segurança até Lan retornar.

— Já faz muito tempo que ele saiu. — Nynaeve olhou preocupada para a noite lá fora. A escuridão havia caído completamente, negra como piche.

— Lan vai ficar bem — disse Moiraine, tranquilizadora, e estendeu suas cobertas ao lado do fogo enquanto falava. — Ele foi jurado como combatente do Tenebroso antes mesmo de sair do berço, com uma espada colocada em suas mãos de bebê. Além disso, se ele morresse, eu saberia quando e como no mesmo instante, assim como ele saberia se acontecesse a mim. Descanse, Nynaeve. Tudo ficará bem. — Mas, enquanto se enrolava em suas cobertas, ela fez uma pausa, olhando na direção da rua como se também quisesse saber o que detinha o Guardião por tanto tempo.

Os braços e as pernas de Rand pareciam de chumbo, e seus olhos queriam se fechar sozinhos, mas mesmo assim o sono não veio rápido, e, quando veio, ele sonhou, murmurando e chutando os cobertores. Quando acordou, foi de repente, e olhou ao redor por um momento antes de se lembrar de onde estava.

A lua estava alta, a última e fina lasca antes da lua nova, sua luz fraca vencida pela noite. Todos os outros ainda estavam adormecidos, embora nem todos profundamente. Egwene e seus dois amigos se reviravam e murmuravam coisas inaudíveis. Os roncoss de Thom, suaves nessa noite, eram interrompidos de tempos em tempos por palavras incompletas. Ainda não havia sinal de Lan.

Subitamente ele teve a sensação de que as proteções não adiantavam de nada. Qualquer coisa podia estar ali fora na escuridão. Dizendo a si mesmo que estava sendo tolo, acrescentou lenha às últimas brasas na fogueira. As chamas eram pequenas demais para aquecer, mas a claridade aumentou.

Ele não fazia ideia do que o havia despertado de seu sonho desagradável. Era um menino novamente, carregando a espada de Tam, com um berço amarrado às costas, correndo por ruas desertas, perseguido por Mordeth, que gritava que só queria sua mão. E havia um velho que os observava e dava gargalhadas enlouquecidas o tempo todo.

Ele recolheu suas cobertas e tornou a se deitar, olhando fixamente para o teto. Queria muito poder dormir, mesmo que tivesse mais sonhos como o último, mas não conseguia fazer com que os olhos se fechassem.

De repente o Guardião chegou silenciosamente da escuridão, entrando na sala. Moiraine acordou e sentou-se como se ele tivesse tocado um sino. Lan abriu a mão; três pequenos objetos caíram nos ladrilhos na frente dela com um tilintar de ferro. Três distintivos vermelho-sangue na forma de crânios com chifres.

— Há Trollocs no interior das muralhas — informou Lan. — Estarão aqui em menos de uma hora. E os Dha'vol são os piores. — Ele começou a acordar os outros.

Moiraine se pôs a dobrar suas cobertas com cuidado.

— Quantos? Eles sabem que estamos aqui? — A voz dela soava como se não tivesse nenhuma urgência.

— Creio que não — respondeu Lan. — São bem mais de uma centena, assustados o bastante para matar qualquer coisa que se mova, inclusive uns aos outros. Os Meios-homens estão tendo de forçá-los... quatro deles só para controlar um punho. E nem mesmo os Myrddraal parecem querer qualquer coisa além de atravessar a cidade e sair o mais rápido possível. Eles não estão saindo de seu curso para fazer buscas, e são tão descuidados que, se não estivessem vindo direto na nossa direção, eu diria que não tínhamos nada com que nos preocupar. — Ele hesitou.

— Algo mais?

— Só uma coisa — disse Lan devagar. — Os Myrddraal forçaram os Trollocs a entrar na cidade. O que forçou os Myrddraal?

Todos tinham estado ouvindo em silêncio. Então Thom praguejou baixinho, e Egwene fez uma pergunta quase inaudível:

— O Tenebroso?

— Não seja tola, garota — retrucou Nynaeve. — O Tenebroso foi aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador.

— Por enquanto, pelo menos — concordou Moiraine. — Não, o Pai das Mentiras não está lá fora, mas precisamos partir de qualquer maneira.

Nynaeve fitou-a, os olhos estreitados.

— Deixar a guarida das proteções e cruzar Shadar Logoth à noite.

— Ou ficar aqui e enfrentar os Trollocs — disse Moiraine. — Mantê-los a distância exigiria o Poder Único, que destruiria as proteções e atrairia exatamente aquilo contra o que as proteções foram criadas. Além disso, seria como acender um farol no alto de uma dessas torres para cada Meio-homem num raio de vinte milhas. Partir não é o que eu gostaria de fazer, mas nós somos a lebre, e são os cães que ditam a caçada.

— E se houver mais do lado de fora das muralhas? — perguntou Mat. — O que vamos fazer?

— Vamos seguir meu plano original... — disse Moiraine. Lan olhou para ela, que estendeu a mão e acrescentou: — Que eu estava exausta demais para executar antes. Mas agora estou descansada, graças à Sabedoria. Iremos até o rio. Lá, com nossa retaguarda protegida pela água, posso erguer uma proteção menor que deterá os Trollocs e os Meios-homens até conseguirmos construir jangadas e fazer a travessia. Melhor ainda: poderemos quem sabe fazer sinal para um barco mercante que esteja descendo de Saldaea.

Os rostos de todos exceto Thom pareciam nada entender. Lan percebeu.

— Trollocs e Myrddraal odeiam águas profundas. Os Trollocs têm pavor delas. Eles não sabem nadar. Um Meio-homem não atravessa nada que ultrapasse a altura de sua cintura, especialmente se a água for corrente. Os Trollocs não fazem nem isso se tiverem um meio de evitar.

— Então, assim que atravessarmos o rio, estaremos a salvo — disse Rand, e o Guardião assentiu.

— Os Myrddraal verão que fazer os Trollocs construírem jangadas é quase tão difícil quanto foi fazê-los entrar em Shadar Logoth, e, se tentarem forçá-los a cruzar o Arinelle assim, metade fugirá e o resto provavelmente se afogará.

— Aos seus cavalos — disse Moiraine. — Ainda não atravessamos o rio.





Poeira ao Vento

Quando deixaram o edifício de pedra branca montados nos cavalos que se agitavam, nervosos, o vento gelado batia em rajadas, gemendo por cima dos telhados, fazendo os mantos tremularem como bandeiras, soprando nuvens tênues sobre a fina fatia da lua. Com uma ordem sussurrada para que se mantivessem próximos, Lan tomou a dianteira na rua. Os cavalos dançavam e puxavam as rédeas, ansiosos para estar longe dali.

Rand olhava desconfiado os prédios pelos quais passavam, erguendo-se na noite com suas janelas vazias como órbitas oculares. Sombras pareciam se mover. Ocasionalmente ouvia-se um barulho; entulho derrubado pelo vento. *Pelo menos os olhos sumiram.* Seu alívio foi momentâneo. *Por que eles sumiram?*

Thom e todos de Campo de Emond formavam um aglomerado, próximos o suficiente para tocarem uns nos outros. Os ombros de Egwene estavam encolhidos, como se ela tentasse aliviar o impacto dos cascos de Bela no pavimento. Rand não queria sequer respirar. O som poderia atrair atenção.

Subitamente ele percebeu que uma distância havia se aberto à frente deles, separando-os do Guardião e da Aes Sedai. Os dois eram formas indistintas uns bons trinta passos adiante.

— Estamos ficando para trás — murmurou ele e incitou Nuvem, fazendo-o apressar o passo. Um fino tentáculo de neblina cinza-prateada flutuava junto ao chão, atravessando a rua à sua frente.

— Parem! — O grito estrangulado de Moiraine soou firme e urgente, mas modulado para não ser ouvido muito longe.

Hesitante, ele parou. A neblina fina já cobria completamente a rua, engrossando aos

poucos, como se continuasse vazando dos prédios de ambos os lados da rua. Tinha agora a grossura do braço de um homem. Nuvem relinçou e tentou recuar mais quando Egwene, Thom e os outros pararam em cima dele. Seus cavalos também viraram a cabeça e frearam, não querendo chegar perto demais da neblina.

Lan e Moiraine se aproximaram lentamente da neblina, que já havia crescido até a espessura de uma perna, parando do outro lado, afastados dela. A Aes Sedai estudou o ramo de neblina que os separava. Rand estremeceu com um súbito arrepio de medo entre as omoplatas. Uma tênue luz acompanhava a neblina, crescendo à medida que o tentáculo nebuloso engordava, mas ainda apenas um pouco mais que o luar. Os cavalos se remexiam, inquietos, até mesmo Aldieb e Mandarb.

— O que é isso? — perguntou Nynaeve.

— O mal de Shadar Logoth — respondeu Moiraine. — Mashadar. Invisível, irracional, movendo-se pela cidade tão sem rumo quanto um verme pelo interior da terra. Se tocar vocês, vocês morrem. — Rand e os demais deixaram seus cavalos recuarem alguns passos, mas sem se afastar muito. Por mais que Rand quisesse se libertar da Aes Sedai, ela parecia um porto seguro se comparada ao que havia ao redor deles.

— Então como nos juntamos a vocês? — perguntou Egwene. — Você pode matá-lo... abrir um caminho?

A risada de Moiraine foi amarga e curta.

— Mashadar é imensa, garota, tão imensa quanto a própria Shadar Logoth. Nem a Torre Branca inteira poderia matá-la. Se eu a danificasse o bastante para deixar vocês passarem, invocar tanto assim do Poder Único atrairia os Meios-homens como o soar de uma trombeta. E Mashadar acorreria para curar qualquer dano que eu tivesse provocado, acorreria e talvez nos apanhasse em sua rede.

Rand trocou um olhar com Egwene, então repetiu a mesma pergunta. Moiraine suspirou antes de responder.

— Eu não gosto disso, mas o que tem de ser feito deve ser feito. Esta coisa não estará acima do chão em todos os lugares. Outras ruas estarão limpas. Estão vendo aquela estrela? — Ela girou na sela para apontar para uma estrela vermelha baixa no céu a leste. — Sigam na direção daquela estrela e ela os levará até o rio. Aconteça o que acontecer, não parem de seguir para o rio. Vão o mais rápido que puderem, mas, acima de tudo, não façam barulho. Os Trollocs estão por aí, lembrem-se. E quatro Meios-homens.

— Mas como encontraremos você novamente? — protestou Egwene.

— Eu os encontrarei — afirmou Moiraine. — Fiquem certos, posso encontrá-los. Agora vão. Esta coisa é profundamente irracional, mas pode pressentir a presença de comida. — De fato, fios cinza-prateados haviam se destacado do corpo maior da neblina. Eles vagavam, ondulando, como os tentáculos de um cem-braços no fundo de um lago da Floresta das Águas.

Quando Rand ergueu os olhos do tronco grosso de névoa opaca, o Guardião e a Aes Sedai haviam partido. Ele umedeceu os lábios e encarou seus companheiros, que estavam tão nervosos quanto ele. E pior: todos pareciam estar esperando que outro se movesse primeiro. A noite e as ruínas os cercavam. Os Desvanecidos estavam lá, em algum lugar, e os Trollocs, talvez logo depois da próxima esquina. Os tentáculos de neblina se aproximavam, agora a meio caminho deles, e já não ondulavam. Eles haviam escolhido

sua presa. De repente, Rand sentiu muita falta de Moiraine.

Todos ainda estavam olhando fixamente, imaginando para que lado ir. Ele virou Nuvem, e o tordilho partiu num meio-trote, forçando para ir mais rápido. Como se mover-se primeiro o tivesse transformado em líder, todos o seguiram.

Sem Moiraine, não havia quem os protegesse caso Mordeth aparecesse. Nem os Trollocs. E... Rand se forçou a parar de pensar. Seguiria a estrela vermelha. Nesse pensamento ele conseguiu se fixar.

Por três vezes eles tiveram de recuar de alguma rua bloqueada de um lado a outro por um morro de pedras e tijolos que os cavalos jamais conseguiriam transpor. Rand podia ouvir os outros respirarem, uma respiração curta e ofegante, beirando o pânico. Trincou os dentes para impedir a si mesmo de ofegar. *Você precisa pelo menos fazer com que eles pensem que você não está com medo. Está fazendo um belo trabalho, cabeça de bagre! Vai conseguir tirar todo mundo daqui em segurança.*

Dobram a esquina seguinte. Uma muralha de neblina banhava o pavimento quebrado com uma luz tão brilhante quanto a de uma lua cheia. Tentáculos da grossura dos cavalos destacaram-se e começaram a se mover na direção deles. Ninguém esperou. Dando meia-volta, saíram a galope em um grupo compacto, sem se importar com o ruído que os cascos faziam.

Dois Trollocs surgiram na rua à frente deles, a menos de dez braças de distância.

Por um instante, humanos e Trollocs se encararam fixamente, cada um mais surpreso que o outro. Outro par de Trollocs apareceu, e outro, e mais outro, colidindo com os que estavam na frente, comprimindo-se numa massa chocada com a visão dos humanos. Mas sua imobilidade só durou um instante. Uivos guturais ecoaram nos edifícios, e os Trollocs dispararam à frente. Os humanos se dispersaram como um bando de codornas.

O tordilho de Rand, com três passos, já galopava a toda.

— Por aqui! — gritou ele, mas ouviu o mesmo grito de cinco gargantas. Um olhar rápido para trás mostrou seus companheiros desaparecendo em várias direções, com Trollocs perseguindo todos eles.

Três Trollocs corriam em seu encalço, cambões oscilando no ar. Sua pele se arrepiou toda ao perceber que eles estavam acompanhando o ritmo de Nuvem, passo a passo. Abaixou-se bem sobre o pescoço do cavalo e o fustigou, perseguido por gritos roucos.

Mais adiante a rua se estreitava, edifícios com os topos quebrados inclinando-se, como se bêbados, para a frente. Lentamente as janelas vazias se encheram de um brilho prateado, uma neblina densa abaulando-se para fora. Mashadar.

Rand arriscou um olhar para trás. Os Trollocs ainda corriam a menos de cinquenta passos atrás dele; a luz da neblina era suficiente para vê-los com clareza. Um Desvanecido cavalgava atrás deles agora, que pareciam estar tanto fugindo do Meio-homem quanto perseguindo Rand. À frente de Rand, meia dúzia de tentáculos cinzentos ondulava nas janelas, uma dúzia, sentindo o ar. Nuvem sacudiu a cabeça e relinchou, mas Rand enterrou os calcanhares brutalmente, e o cavalo lançou-se adiante, enlouquecido.

Os tentáculos se enrijeceram quando passou galopando entre eles, mas Rand manteve-se bem abaixado sobre as costas de Nuvem e recusou-se a olhar para eles. O caminho à frente estava livre. *Se um deles me tocar... Luz!* Ele cravou as botas em Nuvem com mais força, e o cavalo saltou para as bem-vindas sombras adiante. Com Nuvem ainda

correndo, ele olhou para trás assim que o brilho de Mashadar começou a diminuir.

Os tentáculos cinzentos ondulantes de Mashadar bloqueavam metade da rua, e os Trollocs se recusavam a avançar, mas o Desvanecido pegou um chicote no cepilho de sua sela e o estalou por cima das cabeças dos Trollocs com o som semelhante ao de um relâmpago, lançando faíscas no ar. Abaixando-se, os Trollocs cambalearam atrás de Rand. O Meio-homem hesitou, o capuz negro estudando os braços estendidos de Mashadar, antes de ele próprio também esporear o cavalo adiante.

Os tentáculos de neblina, que engrossavam cada vez mais, oscilaram desorientados por um instante, e então atacaram como víboras. Pelo menos dois se agarraram a cada Trolloc, banhando-os em uma luz cinzenta; cabeças com focinhos lançaram-se para trás para gritar, mas a névoa rolou sobre as bocas abertas, penetrando-as, devorando os uivos. Quatro tentáculos grossos como pernas se enroscaram no Desvanecido, e o Meio-homem e seu cavalo negro começaram a se contorcer como se dançassem, até o capuz escorregar para trás, desnudando aquele rosto pálido e sem olhos. O Desvanecido soltou um grito agudo.

Não havia som naquele grito, não mais do que nos dos Trollocs, mas alguma coisa emergiu, um gemido devastador além do ponto de audição, como se todas as cornetas do mundo perfurassem os ouvidos de Rand com todo o medo que podia existir. Nuvem convulsionou, como se também conseguisse ouvir, e correu mais furiosamente do que nunca. Rand se segurou, ofegando, a garganta seca como areia.

Depois de algum tempo ele percebeu que não conseguia mais ouvir o berro silencioso do Desvanecido morrendo, e subitamente o estrépito de seu galope pareceu tão alto quanto gritos. Ele puxou com força as rédeas de Nuvem, parando ao lado de uma parede ruída, onde duas ruas se encontravam. Um monumento sem nome erguia-se na escuridão à sua frente.

Abaixado sobre a sela, ele apurou os ouvidos, mas não havia nada para ouvir a não ser o sangue martelando em seus ouvidos. Um suor frio começou a escorrer pelo seu rosto, e ele estremeceu quando o vento fustigou-lhe o manto.

Por fim ele se endireitou. Estrelas coalhavam o céu onde as nuvens não as ocultavam, mas a estrela vermelha perto do horizonte a leste era fácil de localizar. *Alguém mais está vivo para vê-la?* Estariam livres, ou nas mãos dos Trollocs? *Egwene, a Luz me cegue, por que você não me seguiu?* Se estivessem vivos e livres, estariam seguindo aquela estrela. Se não... As ruínas eram vastas; ele poderia procurar durante dias sem encontrar ninguém, se conseguisse manter distância dos Trollocs. E dos Desvanecidos, e de Mordeth, e de Mashadar. Com relutância, decidiu seguir para o rio.

Puxou as rédeas. Na rua transversal, uma pedra batera em outra, produzindo um som seco e agudo. Ele ficou paralisado, sem sequer respirar. Estava oculto nas sombras, a um passo da esquina. Freneticamente, pensou em recuar. O que estaria atrás dele? O que faria um ruído e se revelaria? Não conseguia se lembrar, e tinha medo de tirar os olhos da esquina do prédio.

A escuridão tomava conta daquela esquina, com as trevas mais compridas de um bastão despontando dela. Um cambão! Mal esse pensamento passou pela cabeça de Rand, ele meteu os calcanhares nas costelas de Nuvem, e sua espada saiu voando da bainha; um grito sem palavras acompanhou seu ataque, e ele brandiu a espada com toda a força. Apenas um esforço desesperado foi capaz de deter a lâmina, por muito pouco. Com um grito, Mat cambaleou para trás, quase caindo do cavalo e quase soltando o arco.

Rand respirou fundo e abaixou a espada. Seu braço tremia.

— Viu mais alguém? — Ele conseguiu dizer.

Mat engoliu em seco antes de voltar a subir, desajeitado, em sua sela.

— Eu... eu... Apenas Trollocs. — Levou a mão à garganta e passou a língua pelos lábios. — Apenas Trollocs. E você?

Rand sacudiu a cabeça.

— Eles devem estar tentando chegar ao rio. É melhor fazermos o mesmo.

Mat assentiu em silêncio, ainda apalmando a garganta, e começaram a cavalgar na direção da estrela vermelha.

Antes de terem coberto cem braças, o lamento de uma corneta Trolloc se elevou atrás deles nas profundezas da cidade. Outra respondeu, do lado de fora das muralhas.

Rand estremeceu, mas manteve o ritmo lento, vigiando os lugares mais escuros e evitando-os quando podia. Depois de um puxão nas rédeas, como se fosse disparar a galope, Mat acabou fazendo o mesmo. Nenhuma das cornetas voltou a soar, e foi em silêncio que eles chegaram a uma abertura na muralha coberta de lianas onde antes existira um portão. Restavam apenas as torres, os topos quebrados destacando-se contra o céu negro.

Mat hesitou no portão, mas Rand disse baixinho:

— É mais seguro aqui dentro do que lá fora? — Ele não reduziu a velocidade do tordilho, e depois de um instante Mat o seguiu, saindo de Shadar Logoth, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. Rand deixou escapar o ar lentamente dos pulmões; sua boca estava seca. *Nós vamos conseguir. Luz, nós vamos conseguir!*

As muralhas desapareceram atrás deles, engolidas pela noite e pela floresta. Apurando os ouvidos em busca do mais leve som, Rand manteve a estrela vermelha sempre à frente.

Subitamente Thom apareceu galopando por trás deles, reduzindo a velocidade apenas por tempo suficiente para gritar:

— Rápido, seus tolos! — Um instante depois gritos de caça e ruídos nos arbustos atrás dele anunciaram a presença de Trollocs em seu rastro.

Rand enterrou os calcanhares, e Nuvem disparou atrás do capão do menestrel. *O que vai acontecer quando chegarmos ao rio sem Moiraine? Luz, Egwene!*

Perrin estava nas sombras, montado em seu cavalo, observando o portão aberto a uma certa distância ainda, e correu distraído o polegar ao longo da lâmina de seu machado. O caminho parecia livre para deixar a cidade em ruínas, mas ele estava sentado ali havia cinco minutos estudando o portão. O vento mexia seus cachos embaraçados e tentava carregar-lhe o manto, mas ele o puxava de volta, ajustando-o em torno do corpo sem nem reparar no que fazia.

Ele sabia que Mat, como quase todos em Campo de Emond, o considerava lento de raciocínio. Isso devia-se em parte ao fato de ele ser grande e costumar mover-se com cuidado. Sempre tinha medo de quebrar alguma coisa ou machucar alguém acidentalmente, sendo tão maior que os garotos com os quais havia crescido. Mas na verdade ele preferia mesmo pensar tudo com calma se fosse possível. Pensar de modo rápido e descuidado havia colocado Mat em apuros muitas vezes, e o pensamento rápido de Mat normalmente acabava colocando Rand, ou ele próprio, ou ambos, no fogo junto

com Mat.

Sua garganta apertou. *Luz, nem pense em estar no fogo.* Tentou reordenar o pensamento. Pensar com cautela era o caminho.

No passado existira algum tipo de praça na frente do portão, com uma fonte imensa no meio. Parte da fonte ainda estava ali, um aglomerado de estátuas quebradas em pé sobre uma bacia grande e redonda, e o espaço ao redor delas ainda permanecia intocado. Para chegar até o portão ele teria de cavalgar quase cem braças tendo apenas a noite para protegê-lo de olhos perscrutadores. Ainda se lembrava bem demais daqueles observadores invisíveis.

Pensou nas cornetas que havia ouvido na cidade um pouco antes. Quase dera meia-volta, pensando que alguns dos outros poderiam ter sido apanhados, antes de se dar conta de que, se tivessem mesmo sido capturados, ele não conseguiria fazer nada sozinho. *Não contra... o que Lan dissera?... cem Trollocs e quatro Desvanecidos. Moiraine Sedai mandou que fôssemos para o rio.*

Voltou a olhar para o portão. O pensamento cauteloso não lhe havia valido de muita coisa, mas ele tomara sua decisão. Saiu da escuridão profunda para as sombras menores.

Nisso, outro cavalo apareceu do outro lado da praça e parou. Ele também parou e levou a mão ao machado, o que não lhe deu nenhuma grande sensação de alívio. Se aquela forma escura fosse um Desvanecido...

— Rand? — Veio um chamado suave e hesitante.

Ele soltou o ar devagar, aliviado.

— Sou eu, Perrin, Egwene — respondeu no mesmo tom suave. Mas, ainda assim, soou alto demais na escuridão.

Os cavalos se encontraram perto da fonte.

— Viu mais alguém? — perguntaram ao mesmo tempo, e ambos responderam sacudindo a cabeça.

— Eles vão ficar bem — murmurou Egwene, dando palmadinhas no pescoço de Bela. — Não vão?

— Moiraine Sedai e Lan vão cuidar deles — respondeu Perrin. — Vão cuidar de todos nós assim que chegarmos ao rio. — Ele torcia para que fosse assim.

Perrin sentiu um grande alívio quando passaram pelo portão, mesmo que *houvesse* Trollocs na floresta. Ou Desvanecidos. Interrompeu essa linha de pensamento. Os galhos nus não eram suficientes para impedi-lo de se orientar pela estrela vermelha, e agora estavam além do alcance de Mordeth. Aquilo o tinha apavorado mais que os Trollocs jamais haviam conseguido.

Logo chegariam ao rio e encontrariam Moiraine, e ela os colocaria além do alcance dos Trollocs também. Ele acreditava nisso porque precisava acreditar. O vento fazia os galhos rasparem uns contra os outros, e folhas e agulhas de pinheiros farfalharem. O pio solitário de um gavião noturno atravessou as trevas, e ele e Egwene aproximaram seus cavalos, como se estivessem se aconchegando em busca de calor. Na prática, estavam sozinhos.

Uma corneta Trolloc soou em algum lugar atrás deles, toques ligeiros e plangentes, instando os caçadores a correr, correr. Em seguida, uivos graves, semi-humanos, fizeram-se ouvir na trilha deles, atíçados pela corneta. Uivos que se tornaram mais agudos conforme os Trollocs captaram o cheiro de humanos.

Perrin lançou seu cavalo num galope, gritando:

— Vamos embora!

Egwene o seguiu, os dois cravando as botas nos cavalos, sem se importar mais se estavam fazendo barulho ou não, sem se importar com os galhos que os açoitavam quando passavam.

Enquanto disparavam entre as árvores, guiados tanto pelo instinto quanto pela luz fraca do luar, Bela ficou para trás. Perrin olhou sobre o ombro. Egwene chutava a água e batia nela com as rédeas, mas de nada adiantava. Pelos sons, os Trollocs estavam se aproximando. Ele recuou o suficiente para não deixá-la para trás.

— Depressa! — gritou ele. Já conseguia ver os Trollocs, imensas formas escuras pulando entre as árvores, urrando e resfolegando de um modo que fazia seu sangue gelar. Ele agarrou o cabo do machado, pendurado no cinto, até os dedos doerem. — Depressa, Egwene! Depressa!

Subitamente seu cavalo relinchou, e ele caiu, tombando da sela enquanto o cavalo também caía embaixo dele. Estendeu as mãos para se proteger e caiu de cabeça na água gelada. Ele havia cavalgado direto pela borda de um barranco que dava para o Arinelle.

O choque da temperatura o fez ofegar, e ele engoliu um bocado de água até conseguir voltar à superfície. Sentiu, mais do que ouviu, outra queda na água, e achou que Egwene devia ter caído logo depois dele. Arfando e ofegando, ele foi avançando na água. Não era fácil se manter à tona; o casaco e o manto já estavam ensoados, e as botas, cheias d'água. Olhou ao redor à procura de Egwene, mas só viu o brilho do luar refletido na água negra, agitada pelo vento.

— Egwene? Egwene!

Uma lança passou num relance bem diante de seus olhos e jogou água em seu rosto. Outras caíram no rio ao seu redor. Vozes guturais se erguiam, numa discussão na margem do rio, e as lanças dos Trollocs cessaram, mas ele desistiu de chamar Egwene por ora.

A corrente o arrastou rio abaixo, mas os gritos e rosnados o seguiram ao longo da margem, mantendo o mesmo ritmo. Ele soltou o manto e deixou o rio levá-lo. Um pouco menos de peso para puxá-lo para baixo. Obstinadamente, pôs-se a nadar na direção da outra margem. Não havia Trollocs lá. Assim ele esperava.

Nadou do jeito que faziam em sua terra, nos lagos da Floresta das Águas, dando braçadas simultâneas, chutando com os dois pés, mantendo a cabeça fora da água. Ou ao menos tentava deixar a cabeça fora d'água, o que não era fácil. Mesmo sem o manto, o casaco e as botas pareciam pesar tanto quanto ele. E o machado pesava em sua cintura, ameaçando fazê-lo virar, isso se não o puxasse para baixo. Pensou em deixar que o rio o levasse também; pensou nisso mais de uma vez. Seria fácil, muito mais fácil do que tentar tirar as botas, por exemplo. Mas toda vez que pensava nisso ele imaginava sair na outra margem e deparar com Trollocs à sua espera. O machado não o ajudaria muito contra meia dúzia de Trollocs, talvez nem mesmo contra um, mas era melhor que as mãos vazias.

Depois de um tempo ele não tinha certeza sequer de que seria capaz de erguer o machado se houvesse Trollocs. Seus braços e pernas viraram chumbo; movê-los demandava um grande esforço, e seu rosto não saía mais inteiramente do rio a cada braçada. Ele tossia com a água que lhe entrava pelo nariz. *Um dia na forja nem se compara com isto aqui*, pensou, cansado, e nesse instante seu pé bateu em alguma coisa. Só quando deu o chute seguinte ele percebeu o que era. O fundo. Estava na parte rasa. Estava do outro

lado do rio.

Arquejando, ele se pôs de pé, debatendo-se no instante em que as pernas quase cederam. Conseguiu tirar o machado do cinto quando chegou à margem, tremendo ao vento. Não viu nenhum Trolloc. Também não viu Egvene. Apenas algumas árvores dispersas ao longo da margem e uma faixa de luar sobre a água.

Quando voltou a respirar normalmente, tornou a chamar seus nomes. Gritos fracos do outro lado lhe responderam; mesmo àquela distância ele conseguiu distinguir as vozes roucas dos Trollocs. Mas seus amigos não responderam.

O vento ficou mais forte, seu uivo abafando as vozes dos Trollocs, e ele começou a tremer. Não estava frio o bastante para congelar a água que encharcava suas roupas, mas Perrin sentia como se isso estivesse acontecendo; o vento cortava os ossos com uma lâmina de gelo. Abraçar a si mesmo era apenas um gesto que não cessava os tremores. Sozinho e exausto, subiu a margem do rio em busca de um abrigo contra o vento.

* * *

Rand dava palmadinhas no pescoço de Nuvem, acalmando o tordilho com sussurros. O cavalo sacudiu a cabeça e bateu as patas. Os Trollocs haviam sido deixados para trás, ou assim parecia, mas Nuvem tinha o cheiro deles ainda forte nas narinas. Mat cavalgava com uma flecha encaixada no arco, atento a qualquer surpresa que surgisse da noite, enquanto Rand e Thom espiavam entre os galhos, procurando a estrela vermelha que os guiava. Mantê-la à vista havia sido bem fácil, mesmo com todos os galhos acima, contanto que estivessem cavalgando direto para ela. Mais Trollocs haviam aparecido adiante, porém, e eles saíram galopando para o lado com ambos os bandos uivando em seu encalço. Os Trollocs podiam manter o mesmo ritmo de um cavalo, mas apenas durante uns cem passos aproximadamente, e finalmente os três deixaram a perseguição e os uivos para trás. Mas, com todas as curvas e voltas que tinham feito, haviam perdido a estrela-guia.

— Eu ainda digo que é naquela direção — disse Mat, apontando para sua direita. — Nós íamos para o norte, e isso significa leste naquela direção.

— Lá está ela — anunciou Thom subitamente, apontando através dos galhos emaranhados à esquerda deles. Mat resmungou alguma coisa entredentes.

Pelo canto do olho, Rand captou o movimento quando um Trolloc saltou de trás de uma árvore em completo silêncio, balançando seu cambão. Rand enterrou os calcanhares, e o tordilho disparou à frente no exato instante em que mais dois saltavam das sombras atrás do primeiro. Um laço roçou a nuca de Rand, fazendo um arrepio percorrer sua espinha.

Uma flecha acertou o olho de uma das feras, e em seguida Mat estava a seu lado enquanto os cavalos disparavam por entre as árvores. Estavam correndo na direção do rio, ele percebeu, mas não tinha certeza se isso adiantaria de alguma coisa. Os Trollocs dispararam atrás deles, quase perto o bastante para estender a mão e agarrar a cauda de seus cavalos. Mais meio passo e os cambões arrancariam ambos de suas selas.

Ele se curvou sobre o pescoço do tordilho para aumentar um pouco mais a distância entre o seu próprio pescoço e os laços. O rosto de Mat estava quase enterrado na crina de seu cavalo. Mas Rand se perguntou onde Thom estaria. Teria o menestrel decidido que

estaria melhor por conta própria, uma vez que todos os três Trollocs haviam se concentrado nos rapazes?

Subitamente o capão de Thom surgiu galopando no meio da noite, logo atrás dos Trollocs, que só tiveram tempo de olhar para trás, surpresos, antes que as mãos do menestrel se movessem rapidamente para trás e depois para a frente. O luar reluziu no aço. Um Trolloc tombou à frente, rolando até parar embolado no chão, enquanto um segundo caía de joelhos com um grito, tentando alcançar as costas com ambas as mãos. O terceiro resfolegou, arreganhando o focinho cheio de dentes afiados, mas, quando seus companheiros caíram, ele deu meia-volta e desapareceu na escuridão. A mão de Thom voltou a fazer o movimento de chicote, e o Trolloc gritou, mas os gritos se desvaneceram na distância enquanto ele corria.

Rand e Mat pararam e fitaram o menestrel.

— Minhas segundas melhores facas — resmungou Thom, mas não fez nenhum esforço para desmontar e recuperá-las. — Aquele lá vai trazer outros. Espero que o rio não esteja muito longe. Espero que... — Em vez de dizer o que mais ele esperava, sacudiu a cabeça e partiu a galope. Rand e Mat foram atrás.

Em pouco tempo chegaram a uma encosta baixa onde as árvores cresciam até a beira da água negra como a noite, a superfície riscada pelo luar ondulada pelo vento. Rand não conseguia ver o outro lado. Não gostava da ideia de atravessar numa jangada na escuridão, mas gostava ainda menos da ideia de ficar daquele lado. *Se tiver de nadar, eu vou nadar.*

Em algum lugar distante do rio uma corneta Trolloc soou, aguda, ligeira e urgente nas trevas. Era o primeiro som das cornetas desde que haviam deixado as ruínas. Rand se perguntou se isso significaria que alguns dos outros haviam sido capturados.

— Não adianta ficar aqui a noite inteira — disse Thom. — Escolham uma direção. Vamos subir ou descer o rio?

— Mas Moiraine e os outros podem estar em qualquer lugar — protestou Mat. — Qualquer caminho que escolhermos pode simplesmente nos levar para mais longe.

— Pode. — Chamando seu capão com estalos da língua, Thom se virou para descer o rio, seguindo ao longo da margem. — Pode, sim. — Rand olhou para Mat, que deu de ombros, e os dois se viraram para ir atrás dele.

Durante algum tempo, nada mudou. A margem era mais alta em alguns pontos, mais baixa em outros, a mata ficava mais fechada, ou se abria em pequenas clareiras, mas a noite, o rio e o vento eram sempre a mesma coisa, frios e negros. E sem Trollocs. Essa era uma mudança com a qual Rand estava feliz.

Então ele viu uma luz adiante, um único ponto. Ao se aproximarem, pôde ver que a luz estava bem acima do rio, como se pendesse de uma árvore. Thom apertou o passo e começou a cantarolar baixinho.

Finalmente eles conseguiram distinguir a fonte da luz, um lampião pendurado no alto de um dos mastros de um grande barco mercante, amarrado para pernoitar ao lado de uma pequena clareira nas árvores. O barco, que tinha uns bons oitenta pés de comprimento, balançava levemente com a corrente, puxando os cabos de amarração presos às árvores. O cordame zumbia e rangia ao vento. O lampião se somava ao luar no convés, mas não havia ninguém à vista.

— Bem, isto — disse Thom ao desmontar — é melhor que a jangada de uma Aes Sedai, não é? — Ele parou com as mãos nos quadris, e mesmo no escuro era possível

perceber seu sorriso presunçoso. — Este barco não parece adequado para transportar cavalos, mas, considerando o perigo que ele corre, e do qual iremos avisá-lo, talvez o capitão seja razoável. Mas deixem que eu fale. E, por via das dúvidas, tragam seus cobertores e alforjes.

Rand desceu e começou a desamarrar as coisas atrás de sua sela.

— Você não está pensando em partir sem os outros, está?

Thom não teve chance de dizer o que estava pensando em fazer. Dois Trollocs irromperam na clareira, uivando e brandindo seus cambões, com mais quatro bem atrás deles. Os cavalos empinaram e relincharam. Gritos a distância diziam que mais Trollocs estavam a caminho.

— Para o barco! — gritou Thom. — Depressa! Larguem tudo! Corram! — Seguindo suas próprias palavras, ele correu para o barco, retalhos voando e as caixas de instrumentos em suas costas batendo umas nas outras. — Vocês aí no barco! — gritou ele. — Acordem, seus tolos! Trollocs!

Rand deu um puxão no rolo de cobertor e nos alforjes, soltando-os da última correia, e foi atrás do menestrel. Lançando seus fardos sobre a amurada, saltou atrás deles. Mal teve tempo de ver um homem enroscado no convés, começando a se sentar como se tivesse acabado de acordar, quando seus pés desceram bem em cima do sujeito. O homem grunhiu alto, Rand tropeçou, e um cambão com um gancho bateu na amurada exatamente onde ele havia estado. Gritos se espalharam por todo o navio, e o som de pés correndo encheu o convés.

Mãos peludas agarraram a amurada ao lado do cambão, e uma cabeça com chifres de bode se ergueu acima dela. Perdendo o equilíbrio, tropeçando, Rand ainda conseguiu sacar a espada e golpear. Com um grito, o Trolloc caiu.

Homens corriam para todos os lados no barco, gritando, cortando cabos de amarração com machados. A embarcação deslizou e girou como se ansiosa para partir. Na proa, três homens lutavam contra um Trolloc. Alguém passou uma lança por cima da amurada, mas Rand não conseguiu ver o que a pessoa estava estocando. A corda de um arco zuniu, e zuniu mais uma vez. O homem no qual Rand havia pisado saiu correndo, engatinhando, então levantou as mãos quando viu Rand olhando para ele.

— Me deixe! — gritou ele. — Leve o que quiser, leve o navio, leve tudo, mas me deixe!

De repente alguma coisa bateu nas costas de Rand, lançando-o de encontro ao convés. A espada escapou de sua mão estendida. Boquiaberto, buscando o ar que não vinha, ele tentou pegar a espada. Seus músculos reagiram com uma lentidão agonizante; ele se contorceu como uma lesma. O sujeito que queria que o deixassem lançou um olhar apavorado e cobiçoso à espada, e então desapareceu nas sombras.

Sentindo muita dor, Rand conseguiu olhar para trás e soube que sua sorte havia acabado. Um Trolloc com focinho de lobo se equilibrava sobre a amurada, olhando do alto para ele e segurando a ponta partida do cambão que lhe havia tirado o fôlego. Rand lutou para alcançar a espada, para se mover, para escapar, mas os braços e as pernas se moviam aos espasmos, obedecendo-lhe apenas parcialmente. Eles oscilavam e iam em direções esquisitas. Seu peito parecia preso em uma contenção de ferro; pontos prateados nadavam diante de seus olhos. Ele procurou freneticamente uma forma de escapar. O tempo pareceu desacelerar enquanto o Trolloc erguia o bastão quebrado como se fosse empalá-lo. Para Rand, a criatura parecia estar se movendo como num sonho. Ele viu o

braço grosso ir para trás; já podia sentir a vara quebrada perfurando sua espinha, sentir a dor daquilo abrindo-o ao meio. Achou que seus pulmões fossem explodir. *Eu vou morrer! Que a Luz me ajude, eu vou...*! O braço do Trolloc começou a avançar, trazendo consigo a vara lascada, e Rand encontrou o fôlego para um único grito:

— Não!

Subitamente o barco deu um solavanco, e uma retranca surgiu das sombras, indo atingir o Trolloc no peito com um som de ossos quebrados, lançando-o sobre a amurada.

Por um instante Rand ficou ali deitado, ofegante, olhando para a retranca oscilando para um lado e para o outro acima dele. *Agora a minha sorte se esgotou*, ele pensou. *Não pode ter me sobrado mais nenhuma depois dessa.*

Trêmulo, ele se levantou e apanhou a espada, dessa vez segurando-a com ambas as mãos da maneira como Lan lhe ensinara, mas não havia restado nada em que usá-la. A extensão de água negra entre o barco e a margem aumentava rapidamente; os gritos dos Trollocs iam desaparecendo na noite atrás deles.

Enquanto ele embainhava a espada e desabava contra a amurada, um homem atarracado num casaco que lhe descia até os joelhos atravessou o convés a passos largos para fuzilá-lo com o olhar. Cabelos compridos que caíam até seus ombros largos e uma barba que deixava o lábio superior nu emolduravam um rosto redondo. Redondo mas não suave. A retranca tornou a balançar, e o barbudo dirigiu parte do olhar furioso para ele ao apanhá-la, fazendo um *splat* seco contra sua mão espalmada.

— Gelb! — berrou. — Fortuna! Cadê você, Gelb? — Ele falava tão rápido, com todas as palavras coladas umas nas outras, que Rand mal conseguia entendê-lo. — Você não pode se esconder de mim no meu próprio barco! Tragam Floran Gelb cá fora!

Um tripulante apareceu com uma lanterna, e outros dois chegaram empurrando um homem de rosto estreito para o círculo de luz que ela lançava. Rand reconheceu o sujeito que lhe havia oferecido o barco. Os olhos do homem iam de um lado para o outro, sem encarar os do homem atarracado. O capitão, pensou Rand. Uma mancha roxa começava a aparecer na testa de Gelb onde uma de suas botas o havia atingido.

— Você não deveria amarrar esta retranca, Gelb? — perguntou o capitão com uma calma surpreendente, embora com a mesma rapidez de antes.

Gelb pareceu verdadeiramente surpreso.

— Mas foi o que eu fiz. Amarrei bem amarrado. Confesso que sou um pouco lento nas coisas de vez em quando, Capitão Domon, mas eu faço.

— Então você é lento, é? Não tão lento para dormir. Dormir quando devia estar montando guarda. Poderíamos estar todos mortos agora se dependesse de você.

— Não, Capitão, não. Foi ele. — Gelb apontou direto para Rand. — Eu estava de guarda, do jeito que devia estar, quando ele chegou de fininho e me atacou com um porrete. — Ele tocou o machucado na cabeça, fez uma careta pela dor e olhou fuzilando para Rand. — Eu lutei com ele, mas aí os Trollocs vieram. Ele está mancomunado com eles, Capitão. Um Amigo das Trevas. Mancomunado com os Trollocs.

— Mancomunado é com a minha avó! — rugiu o Capitão Domon. — Eu não avisei da última vez, Gelb? É em Ponte Branca que você cai fora! Some da minha vista antes que eu lhe ponha para fora agora. — Gelb saiu correndo da luz do lampião, e Domon ficou ali, abrindo e fechando as mãos enquanto olhava fixamente para o nada. — Esses Trollocs ficam a me seguir. Por que não me deixam em paz? Por quê?

Rand olhou sobre a amurada e ficou chocado por não ver mais a margem do rio. Dois homens manobravam o longo braço do leme que despontava da popa, e seis remos trabalhavam na lateral, puxando a embarcação como um inseto batendo suas múltiplas patas para avançar rio adentro.

— Capitão — disse Rand —, nós temos amigos que ficaram para trás. Se o senhor voltar e apanhá-los, tenho certeza de que irão recompensá-lo.

O rosto redondo do capitão girou na direção de Rand, e quando Thom e Mat apareceram, ele também os incluiu em seu olhar sem expressão.

— Capitão — começou Thom com uma mesura —, permita-me...

— Vocês desçam — disse o Capitão Domon — para onde eu possa ver que espécie de coisa apareceu no meu convés. Vamos. A fortuna me deixe! Alguém prenda esta maldita retranca dos chifres! — Enquanto os tripulantes corriam para pegar a retranca, ele saiu pisando forte na direção da popa. Rand e seus dois companheiros foram atrás.

O Capitão Domon tinha uma cabine bem-arrumada na popa, acessível descendo-se uma pequena escada, onde tudo dava a impressão de estar em seu devido lugar, até os casacos e mantos pendurados em pinos atrás da porta. A cabine se estendia por toda a largura do barco, com uma cama grande fixada em um dos lados e uma mesa pesada embutida no lado oposto. Só havia uma cadeira, com espaldar alto e braços fortes, e nela o capitão se acomodou, gesticulando para que os outros encontrassem lugares sobre diversas arcas e bancos que eram as únicas outras peças do mobiliário. Um longo pigarro impediu Mat de se sentar na cama.

— Bem — disse o capitão quando estavam todos sentados —, meu nome é Bayle Domon, capitão e proprietário do *Espuma*, que vem a ser este navio. Agora, quem são vocês, e para onde vão aqui no meio do nada, e por que eu não deveria jogar vocês pela amurada pelos problemas que me causaram?

Rand ainda tinha dificuldade em acompanhar a fala veloz de Domon. Quando conseguiu entender a última parte do que o capitão dissera, piscou, surpreso. *Nos lançar pela amurada?*

Mat disse, apressado:

— Não queríamos causar nenhum problema ao senhor. Estamos a caminho de Caemlyn, e de lá para...

— E de lá para onde o vento nos levar — interrompeu Thom com naturalidade. — É assim que os menestréis viajam, como poeira ao vento. Eu sou um menestrel, sabe? Thom Merrill é o meu nome. — Ele virou seu manto de modo que os retalhos multicores se agitaram, como se o capitão pudesse não ter notado. — Estes dois caipiras querem se tornar meus aprendizes, embora eu ainda não tenha muita certeza de que os quero. — Rand olhou para Mat, que sorriu.

— Sim, até aí tudo muito bem, homem — disse o Capitão Domon placidamente —, mas isso não me diz nada. Menos ainda. A fortuna me morda, aquele lugar não é estrada para Caemlyn de lugar nenhum que eu já tenha ouvido falar.

— Bem, essa é uma senhora história — disse Thom, e começou a contá-la imediatamente.

Segundo Thom, ele havia ficado preso pelas neves do inverno numa cidade mineradora nas Montanhas da Névoa além de Baerlon. Durante o tempo em que estivera lá, ouvira lendas sobre um tesouro que datava das Guerras dos Trollocs, nas ruínas perdidas de uma cidade chamada Aridhol. Acontece que, por acaso, ele havia sabido antes

a localização de Aridhol por um mapa que lhe fora dado muitos anos atrás por um amigo moribundo em Illian, cuja vida ele um dia tinha salvado, um homem cujas últimas palavras haviam afirmado que o mapa tornaria Thom rico, coisa em que Thom jamais acreditara até ouvir aquelas lendas. Quando as neves derreteram o suficiente, ele partira com alguns companheiros, incluindo seus dois futuros aprendizes, e depois de uma jornada de muitas adversidades eles haviam de fato encontrado a cidade em ruínas. No entanto, o tesouro pertencera a um dos próprios Senhores do Medo, e os Trollocs haviam sido enviados para levá-lo de volta a Shayol Ghul. Quase todos os perigos que eles tinham enfrentado de verdade, Trollocs, Myrddraal, Draghkar, Mordeth, Mashadar, os haviam atacado em um ponto ou outro da história, embora a maneira como Thom contava fizesse parecer que todos o haviam tido pessoalmente como alvo, e que todos tinham sido combatidos por ele com a maior destreza. Com muita bravura, principalmente da parte de Thom, eles haviam escapado, perseguidos por Trollocs, embora tivessem se separado na escuridão da noite, até que finalmente Thom e seus dois companheiros buscaram refúgio no último lugar que lhes restara, o muito bem-vindo barco do Capitão Domon.

Quando o menestrel chegou ao fim da história, Rand percebeu que estava de boca aberta havia algum tempo, e a fechou com um estalido. Quando olhou para Mat, o amigo olhava para o menestrel com os olhos arregalados.

O Capitão Domon batucou os dedos no braço da cadeira.

— É uma história em que muita gente não creria. Mas, naturalmente, eu vi os Trollocs, sim, como não?

— Cada palavra que eu disse é verdadeira — afirmou Thom suavemente —, contada por alguém que a viveu.

— E acontece de ter uma parte desse tesouro aí com vocês?

Thom estendeu as mãos em sinal de tristeza.

— Infelizmente, o pouco que conseguimos carregar estava com nossos cavalos, que fugiram quando esses últimos Trollocs apareceram. Tudo que me resta são minha flauta e minha harpa, alguns cobs e as roupas que levo comigo. Mas, creia em mim, o senhor não vai querer nada daquele tesouro. Ele tem a mácula do Tenebroso. Melhor deixá-lo para as ruínas e os Trollocs.

— Então vocês não têm dinheiro para pagar a passagem. Eu não deixaria meu próprio irmão navegar comigo se ele não pudesse pagar a passagem, especialmente se trouxesse Trollocs para atacar minhas amuradas e cortar meu cordame. Por que eu não deveria deixar vocês nadarem de volta para onde vieram, e me livrar de vocês?

— Você não iria simplesmente nos deixar na margem... — disse Mat. — Não com Trollocs por lá...

— Quem falou em margem? — respondeu Domon com secura. Ele os estudou por um momento, depois abriu bem as mãos sobre a mesa. — Bayle Domon é, sim, um homem razoável. Eu não jogaria vocês pela amurada se houvesse outra maneira. Agora, vejo que um de seus aprendizes tem uma espada. Preciso de uma boa espada e, bom sujeito que sou, vou deixar que tenham passagem até Ponte Branca em troca dela.

Thom abriu a boca, mas Rand falou rapidamente:

— Não! — Tam não lhe dera a espada para que ele a trocasse por qualquer coisa. Correu a mão pelo cabo, sentindo a garça de bronze. Enquanto a tivesse, era como se Tam estivesse com ele.

Domon balançou a cabeça.

— Bem, se é não, é não. Mas Bayle Domon não dá passagem de graça, nem para a própria mãe.

Com relutância, Rand esvaziou o bolso. Não havia muito. Alguns cobs e a moeda de prata que Moiraine lhe dera. Ele a estendeu para o capitão. Depois de um segundo, Mat suspirou e fez o mesmo. Thom fuzilou-os com os olhos, mas um sorriso substituiu a expressão tão rapidamente que Rand não soube ao certo se ela estivera mesmo ali.

Habilmente, o Capitão Domon tirou as duas enormes moedas de prata das mãos dos rapazes e retirou uma pequena balança e uma sacolinha tilintante de dentro de uma arca com acabamento em latão atrás de sua cadeira. Depois de pesá-las com cuidado, jogou as moedas na sacola e devolveu a cada um deles moedas menores de prata e cobre. A maioria de cobre.

— Até Ponte Branca — disse ele, fazendo uma anotação meticulosa num livro-caixa de capa de couro.

— É uma passagem pesada só até Ponte Branca — resmungou Thom.

— Mais o dano ao meu barco — respondeu o capitão placidamente. Colocou a balança e a sacolinha de volta na arca e a fechou, satisfeito. — E mais um pouco por trazerem Trollocs para cima de mim de modo que tenho de correr rio abaixo no meio da noite quando há baixios de sobra para me fazerem encalhar.

— E os outros? — perguntou Rand. — Você vai pegá-los também? Eles já devem ter chegado ao rio a esta altura, ou logo chegarão, e verão a luz no seu mastro.

O Capitão Domon ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Por acaso acha que estamos parados, homem? A fortuna me morda, estamos três, quatro milhas rio abaixo de onde vocês embarcaram. Trollocs fazem esses sujeitos porem toda a força nos remos. Eles conhecem Trollocs mais do que gostariam... e a corrente também ajuda. Mas não faz diferença. Eu não pararia esta noite mesmo que a minha velha avozinha estivesse na margem do rio. Pode ser que eu nem volte à terra novamente até chegar a Ponte Branca. Já tive minha cota de Trollocs nos meus calcanhares muito antes desta noite, e não terei mais, se puder evitar.

Thom inclinou-se para a frente, interessado.

— O senhor já teve encontros com Trollocs antes? Ultimamente?

Domon hesitou, estreitando os olhos para Thom, mas, quando falou, parecia haver apenas repugnância em sua voz.

— Passei o inverno em Saldaea, homem. Passei. Não foi escolha minha, mas o rio congelou cedo e o gelo quebrou tarde. Dizem que dá para ver a Praga das torres mais altas de Maradon, mas nem tive cabeça para isso. Já estive lá antes, e sempre houve histórias de Trollocs atacando uma fazenda ou coisa parecida. No entanto, nesse último inverno havia fazendas pegando fogo toda noite. É, e aldeias inteiras também, às vezes. Eles até chegaram às muralhas da cidade. E, como se isso já não fosse ruim o bastante, todos falam que isso quer dizer que o Tenebroso está inquieto, que os Últimos Dias estão chegando. — Ele estremeceu e coçou a cabeça como se pensar nisso fizesse seu couro cabeludo comichar. — Mal posso esperar para voltar para onde as pessoas acham que os Trollocs são só história, e que as histórias que eu conto são mentira de viajante.

Rand parou de escutar. Ficou encarando a parede oposta e pensou em Egwene e nos outros. Não parecia certo ele estar a salvo no *Espuma* enquanto eles ainda estavam lá em algum lugar no meio da noite. A cabine do capitão não pareceu mais tão confortável

quanto antes.

Surpreendeu-se quando Thom o puxou para que se levantasse. O menestrel empurrou Mat e ele na direção da escada, pedindo desculpas ao Capitão Domon pelos caipiras. Rand subiu sem dizer palavra.

Assim que se viram no convés, Thom olhou ao redor rapidamente para se certificar de que ninguém mais o ouviria, então grunhiu:

— Eu poderia ter conseguido nossa passagem em troca de algumas canções e histórias se vocês dois não tivessem saído mostrando a prata com tanta pressa.

— Não tenho tanta certeza — disse Mat. — Para mim, ele parecia sério quando falou em nos jogar no rio.

Rand caminhou devagar até a amurada e se debruçou sobre ela, olhando para trás, para o rio envolto na noite. Não conseguia ver nada a não ser o negror, nem mesmo a margem. Depois de um minuto, Thom pôs a mão em seu ombro, mas ele não se moveu.

— Não há nada que você possa fazer, rapaz. Além disso, a esta altura eles provavelmente estão seguros com a... com Moiraine e Lan. Você consegue pensar em alguém melhor do que aqueles dois para fazê-los escapar?

— Eu tentei convencê-la a não vir — disse Rand.

— Você fez o que pôde, rapaz. Ninguém poderia pedir mais do que isso.

— Eu disse a ela que cuidaria dela. Devia ter me esforçado mais. — O rangido das velas e o zumbido do cordame no vento criavam uma melodia triste. — Devia ter me esforçado mais — sussurrou.





Escute o Vento

O sol nascendo sobre o Rio Arinelle abriu caminho até a pequena grotá não muito longe da margem, onde Nynaevé estava sentada com as costas apoiadas no tronco de um carvalho novo, respirando pesadamente no sono. Seu cavalo também dormia, cabeça baixa e pernas dobradas à maneira dos cavalos. As rédeas estavam enroladas em seu pulso. Quando a luz do sol pousou nas pálpebras do cavalo, o animal abriu os olhos e levantou a cabeça, puxando as rédeas. Nynaevé acordou com um susto.

Por um momento ela ficou parada, tentando descobrir onde estava, então olhou ao redor ainda mais assustada quando se lembrou. Mas só havia as árvores, seu cavalo e um tapete de folhas velhas e secas no fundo da grotá. Na penumbra mais profunda, alguns dos cogumelos mão-de-sombra do ano anterior formavam anéis em um tronco caído.

— A Luz a proteja, mulher — murmurou ela, voltando a relaxar —, se você não consegue ficar acordada nem por uma noite. — Ela desamarrou as rédeas e massageou o pulso ao se levantar. — Você podia ter acordado no caldeirão de um Trolloc.

As folhas mortas farfalharam quando ela subiu na beira da grotá e espiou. Não havia mais do que um punhado de freixos entre ela e o rio. A casca rachada e os galhos nus lhes davam um aspecto de árvores mortas. Mais adiante, corria o rio largo de águas azul-esverdeadas. Vazio. Vazio de tudo. Grupos dispersos de coníferas, salgueiros e abetos pontilhavam a outra margem, e parecia haver menos árvores do que no lado onde ela estava. Se Moiraine ou algum dos jovens estava lá, estava bem escondido. Naturalmente, não havia motivo para que eles tivessem atravessado, ou tentado atravessar, à vista de onde ela estava. Podiam estar em qualquer lugar dez milhas rio acima ou abaixo. *Se é que estavam vivos, depois de ontem à noite.*

Com raiva de si mesma por pensar nessa possibilidade, ela deslizou de volta à grot. Nem mesmo a Noite Invernal, ou a batalha antes de Shadar Logoth, a haviam preparado para aquela noite, para aquela coisa, Mashadar. Todo aquele galope frenético, perguntando-se se mais alguém ainda estaria vivo, imaginando quando se defrontaria com um Desvanecido, ou com Trollocs. Ouvira grunhidos e gritos de Trollocs ao longe, e os sons agudos e trêmulos das cornetas dos Trollocs a haviam gelado mais profundamente do que o vento poderia, mas, afora aquele primeiro encontro nas ruínas, ela vira Trollocs apenas uma vez, e mesmo assim já do lado de fora. Uns dez deles pareceram brotar do chão menos de dez braças à frente dela, disparando em sua direção imediatamente, uivando e gritando, brandindo cambões com ganchos. Contudo, enquanto ela tentava dar meia-volta com o cavalo, eles se calaram, erguendo os focinhos para farejar o ar. Ela ficou olhando, estupefata demais para fugir, vendo-os lhe dar as costas e desaparecer na noite. E aquilo havia sido o mais assustador de tudo.

— Eles conhecem o cheiro de quem querem — disse a seu cavalo, parado na grot —, e esse alguém não sou eu. A Aes Sedai tem razão, ao que parece. O Pastor da Noite que a engula.

Tomando uma decisão, ela partiu rio abaixo, conduzindo seu cavalo. Seguiu devagar, olhando, desconfiada, para a floresta ao redor; só porque os Trollocs não a haviam querido na noite anterior não significava que a deixariam em paz se topasse com eles novamente. Por mais cuidado que tomasse com a floresta, dava ainda mais atenção ao chão à sua frente. Se os outros tivessem atravessado mais abaixo durante a noite, deveria ver alguns sinais deles, sinais que poderia perder se estivesse montada. Talvez ela até mesmo os encontrasse ainda daquele lado. Se não achasse nada, o rio acabaria por levá-la até Ponte Branca, e de lá havia uma estrada que ia para Caemlyn, seguindo até Tar Valon se preciso fosse.

A perspectiva era quase o suficiente para intimidá-la. Antes, ela se afastara de Campo de Emond não mais que os rapazes. Barca do Taren já lhe parecera estranha; Baerlon a teria deixado pasma se ela não estivesse tão concentrada em encontrar Egwene e os outros. Mas não permitiu que nada disso enfraquecesse sua resolução. Mais cedo ou mais tarde encontraria Egwene e os rapazes. Ou encontraria um jeito de fazer a Aes Sedai responder pelo que quer que tivesse acontecido com eles. Uma coisa ou outra, jurou ela.

De quando em quando encontrava rastros, muitos rastros, mas seus melhores esforços não eram suficientes para dizer se aqueles que os haviam feito estavam procurando algo, caçando ou sendo caçados. Alguns haviam sido feitos por botas que podiam pertencer tanto a humanos quanto a Trollocs. Outros eram marcas de cascos, como de bodes ou bois; esses com certeza eram Trollocs. Mas nunca um sinal claro que ela pudesse dizer definitivamente que vinha de qualquer daqueles que ela procurava.

Havia percorrido talvez quatro milhas quando o vento trouxe até ela um leve cheiro de fumaça de lenha. Vinha de mais abaixo no rio, e não de muito longe, pensou. Hesitou apenas um momento antes de amarrar seu cavalo a um abeto, bem afastado do rio, num pequeno e denso bosque de coníferas que deveria manter o animal oculto. A fumaça poderia significar Trollocs, mas a única forma de descobrir era olhar. Tentou não pensar no uso que os Trollocs poderiam estar fazendo de uma fogueira.

Abaixada, foi se esgueirando de uma árvore a outra, amaldiçoando mentalmente as saias que tinha de manter levantadas. Vestidos não eram feitos para espreitar ninguém. O som de um cavalo a fez ir mais devagar, e, quando finalmente olhou com cuidado ao

redor do tronco de um freixo, o Guardião estava desmontando de seu cavalo de guerra negro em uma pequena clareira na margem. A Aes Sedai encontrava-se sentada num tronco ao lado de uma fogueirinha onde uma chaleira com água começava a ferver. Atrás dela, sua égua branca procurava algo para comer entre ervas esparsas. Nynaeve permaneceu onde estava.

— Todos se foram — anunciou Lan, em tom sombrio. — Quatro Meios-homens partiram para o sul cerca de duas horas antes do amanhecer, até onde pude descobrir. Eles não deixam muitos vestígios. Mas os Trollocs desapareceram. Até mesmo os cadáveres, e os Trollocs não são conhecidos por carregarem seus mortos. A menos que estejam famintos.

Moiraine jogou um punhado de alguma coisa dentro da água fervente e tirou a chaleira do fogo.

— Sempre se pode torcer para que eles tenham voltado para Shadar Logoth e sido consumidos por ela, mas seria esperar demais por isso.

O odor delicioso de chá chegou ao nariz de Nynaeve. *Luz, não deixe meu estômago roncar.*

— Não havia nenhum sinal claro dos rapazes, nem de nenhum dos outros. As trilhas estão confusas demais para dizer qualquer coisa. — Em seu esconderijo, Nynaeve sorriu; o fracasso do Guardião era uma pequena vingança para o dela. — Mas há outra coisa importante, Moiraine — continuou Lan, franzindo a testa. Ele dispensou com um gesto a oferta de chá da Aes Sedai e começou a marchar de um lado para o outro na frente da fogueira, uma das mãos no punho da espada e o manto mudando de cores quando ele se virava. — Eu pude aceitar Trollocs nos Dois Rios, até mesmo uma centena deles. Mas isso? Devia haver quase mil à nossa caça ontem.

— Tivemos muita sorte por nem todos terem ficado para vasculhar Shadar Logoth. Os Myrddraal devem ter dúvida que fôssemos nos esconder lá, mas eles também temiam retornar a Shayol Ghul deixando até uma possibilidade por menos que fosse inexplorada. O Tenebroso nunca foi um mestre tolerante.

— Não tente fugir do assunto. Você sabe do que eu estou falando. Se aqueles mil estavam aqui para serem mandados para os Dois Rios, por que não foram? Só existe uma resposta. Eles só foram mandados depois que atravessamos o Taren, quando se percebeu que um Myrddraal e cem Trollocs não eram suficientes. Como? Como eles foram enviados? Se mil Trollocs podem ser trazidos até um ponto tão distante da Praga, tão rapidamente, sem serem vistos, para não falar em serem retirados da mesma maneira, será que dez mil podem ser enviados para o coração de Saldaea, Arafel ou Shienar? As Terras da Fronteira poderiam ser tomadas em um ano.

— O mundo inteiro será tomado em cinco se não encontrarmos esses rapazes — disse Moiraine simplesmente. — A questão também me preocupa, mas não tenho respostas. Os Caminhos estão fechados, e não existe uma Aes Sedai poderosa o bastante para Viajar, desde o Tempo da Loucura. A menos que um dos Abandonados esteja à solta, queira a Luz que isto não aconteça, nem agora nem nunca, ainda não há quem possa. De qualquer maneira, acho que nem mesmo todos os Abandonados juntos poderiam transportar mil Trollocs. Vamos lidar com os problemas que temos diante de nós aqui e agora; todo o resto deve esperar.

— Os garotos. — Não era uma pergunta.

— Não fiquei parada enquanto você esteve fora. Um deles atravessou o rio, vivo.

Quanto aos outros, havia um traço fraco rio abaixo, mas ele se desfez quando o encontrei. O vínculo havia sido rompido horas antes que eu iniciasse minha busca.

Abaixada atrás da árvore, Nynaeve franziu a testa, intrigada.

Lan parou de andar.

— Você acha que os Meios-homens que estão indo para o sul estão com eles?

— Talvez. — Moiraine se serviu de uma xícara de chá antes de continuar. — Mas não vou admitir a possibilidade de que eles estejam mortos. Não posso. Não me atrevo. Você sabe o quanto está em jogo. Preciso daqueles rapazes. Que Shayol Ghul os cace, eu já espero. Oposição dentro da Torre Branca, até mesmo do Trono de Amyrlin, eu aceito. Sempre haverá Aes Sedai que aprovam uma única solução. Mas... — Subitamente ela pousou a xícara e se endireitou, fazendo uma careta. — Se você vigiar demais o lobo — resmungou ela —, um rato lhe morde o calcanhar. — E ela então olhou diretamente para a árvore atrás da qual Nynaeve estava se escondendo. — Senhora al'Meara, pode sair agora, se quiser.

Nynaeve se levantou, desajeitada, limpando apressadamente folhas mortas do vestido. Lan havia girado para encarar a árvore assim que os olhos de Moiraine se moveram; sua espada estava na mão antes que ela terminasse de dizer o nome de Nynaeve. Então ele tornou a embainhá-la com mais força do que o necessário. Seu rosto estava quase tão inexpressivo quanto sempre, mas Nynaeve achou ter visto um quê de contrariedade no jeito como a boca do Guardião se crispou. Ela sentiu uma pontada de satisfação; pelo menos ele não havia percebido sua presença.

Mas essa satisfação durou apenas um momento. Ela fixou os olhos em Moiraine e caminhou até ela, firme em seu propósito. Queria permanecer fria e calma, mas sua voz tremia de fúria.

— No que você meteu Egwene e os rapazes? Em que tramas perversas das Aes Sedai você está planejando usá-los?

A Aes Sedai pegou sua xícara e provou calmamente o chá. Entretanto, quando Nynaeve chegou mais perto, Lan estendeu um braço para barrar seu caminho. Ela tentou empurrá-lo para o lado, e ficou surpresa quando o braço do Guardião não se moveu mais do que o faria um galho de carvalho. Ela não era frágil, mas os músculos dele eram como ferro.

— Chá? — ofereceu Moiraine.

— Não, eu não quero chá nenhum. Não beberia o seu chá nem que estivesse morrendo de sede. Você não vai usar ninguém de Campo de Emond nos seus esqueminhas sujos de Aes Sedai.

— Você não tem muito motivo para falar, Sabedoria. — Moiraine demonstrava mais interesse no chá quente do que em qualquer coisa que ela estivesse falando. — Você também pode usar o Poder Único, de certa forma.

Nynaeve voltou a empurrar o braço de Lan; ele continuou imóvel, e ela decidiu ignorá-lo.

— Por que você não experimenta me acusar de ser um Trolloc?

O sorriso de Moiraine tinha tanto ar de quem sabia mais do que estava falando que Nynaeve teve vontade de bater nela.

— Você acha que posso ficar cara a cara com uma mulher que pode tocar a Fonte Verdadeira e canalizar o Poder Único, ainda que apenas de vez em quando, sem saber o que ela é? Assim como você sentiu o potencial de Egwene. Como acha que eu sabia que

— Você estava atrás daquela árvore? Se eu não estivesse distraída, teria percebido no instante exato em que você se aproximou. Você com certeza não é um Trolloc para que eu possa sentir o mal do Tenebroso. Então, o que foi que eu senti, Nynaeve al'Meara, Sabedoria de Campo de Emond e usuária inconsciente do Poder Único?

Lan estava olhando para Nynaeve de um jeito que não lhe agradava; surpreso e intrigado, ao que lhe pareceu, embora nada tivesse mudado em seu rosto a não ser os olhos. Egwene *era* especial; disso ela sempre soubera. Egwene daria uma ótima Sabedoria. *Eles estão trabalhando em conjunto*, ela pensou, *tentando me desequilibrar*.

— Eu não vou ouvir mais nada disso. Você...

— Você precisa ouvir — disse Moiraine com firmeza. — Tive minhas suspeitas em Campo de Emond mesmo antes de conhecer você. As pessoas me diziam como a Sabedoria estava irritada por não ter previsto o rigor do inverno e a primavera tardia. Diziam-me como ela era boa em prever o tempo, as colheitas; diziam como as curas dela eram maravilhosas, como ela às vezes sarava ferimentos capazes de deixar as pessoas aleijadas, e os curava tão bem que mal se via uma cicatriz, e as pessoas nem sequer mancavam ou sentiam dor. As únicas palavras duras que ouvi a seu respeito foram de algumas pessoas que a achavam jovem demais para essa responsabilidade, e isso só reforçou minhas suspeitas. Tanta habilidade com tão pouca idade...

— A Senhora Barran me ensinou bem. — Ela tentou olhar para Lan, mas os olhos dele ainda a deixavam incomodada, então decidiu olhar para o rio, por cima da cabeça da Aes Sedai. *Como a aldeia ousa ficar de mexericos na frente de uma estrangeira!* — Quem disse que eu era jovem demais? — exigiu saber.

Moiraine sorriu, recusando-se a se deixar distrair.

— Ao contrário da maioria das mulheres que afirmam escutar o vento, você tem mesmo essa capacidade, às vezes. Ah, isso nada tem a ver com o vento, é claro. Está ligado ao Ar e à Água. Não é algo que precise ser ensinado; nasceu com você, assim como nasceu com Egwene. Mas você aprendeu a lidar com isso, coisa que ela ainda precisa aprender. Dois minutos depois de ficar cara a cara com você, eu já sabia. Lembra-se de como lhe perguntei de repente se você era a Sabedoria? Ora, por que pensa que eu fiz isso? Não havia nada que a distinguisse de qualquer outra moça bonita se aprontando para o Festival. Mesmo procurando por uma Sabedoria jovem, eu esperava alguém com uma vez e meia a sua idade.

Nynaeve se lembrava bem demais daquele encontro; aquela mulher, mais segura de si do que qualquer uma do Círculo das Mulheres, com um vestido mais bonito do que qualquer outro que ela já tivesse visto, dirigindo-se a ela como se ela fosse uma criança. Então, Moiraine havia subitamente piscado, como se surpresa, e do nada perguntado...

Ela passou a língua pelos lábios subitamente secos. Os dois estavam olhando para ela, o rosto do Guardião tão impossível de ler quanto uma pedra, o da Aes Sedai, compreensivo, mas bastante atento. Nynaeve balançou a cabeça.

— Não! Não, é impossível. Eu saberia. Vocês estão apenas tentando me enganar, e isso não vai funcionar.

— É claro que você não sabe — disse Moiraine em tom tranquilizador. — Por que você deveria suspeitar? Por toda sua vida você ouviu sobre escutar o vento. De qualquer maneira, você preferiria anunciar a todo Campo de Emond que era uma Amiga das Trevas a admitir para si mesma, mesmo nos recantos mais fundos de sua mente, que tem alguma coisa a ver com o Poder Único, ou com as temidas Aes Sedai. — Um quê de

divertimento perpassou o rosto de Moiraine. — Mas eu posso lhe dizer como isso começou.

— Eu não quero ouvir mais nenhuma das suas mentiras — respondeu Nynaeve, mas a Aes Sedai continuou falando.

— Talvez cerca de oito ou dez anos atrás... a idade varia, mas a coisa sempre acontece numa idade bem tenra... você desejava alguma coisa mais do que qualquer outra no mundo, algo de que você precisava. E você conseguiu. Um galho subitamente caindo onde você pudesse apanhá-lo a fim de sair de um lago e não se afogar. Um amigo, ou um animal de estimação, melhorando quando todos pensavam que ia morrer.

“Você não sentiu nada de especial naquele momento, mas uma semana ou dez dias depois teve sua primeira reação ao fato de tocar a Fonte Verdadeira. Talvez uma febre e calafrios que surgiram subitamente e a fizeram ficar de cama, para desaparecer depois de apenas algumas horas. Nenhuma das reações, e elas variam, dura mais do que algumas horas. Dores de cabeça, entorpecimento e euforia, tudo isso misturado, e você correndo riscos tolos ou agindo de forma imatura. Uma tontura súbita, quando você tropeçava e caía sempre que tentava se mover, quando não conseguia dizer uma frase sem que a língua mutilasse metade das palavras. E outras coisas mais. Você se lembra?”

Nynaeve se sentou pesadamente no chão; as pernas não suportavam seu peso. Ela se lembrava, mas balançou a cabeça em negativa assim mesmo. Tinha de ser coincidência. Ou então Moiraine havia feito mais perguntas em Campo de Emond do que ela pensava. A Aes Sedai fizera uma quantidade enorme de perguntas. Tinha de ser isso. Lan lhe estendeu a mão, mas ela nem sequer notou.

— Irei além — disse Moiraine quando Nynaeve continuou em silêncio. — Você usou o Poder para Curar ou Perrin ou Egwene em algum momento. Uma afinidade se desenvolve. Você consegue sentir a presença de alguém a quem Curou. Em Baerlon você foi direto à Cervo e Leão, embora não fosse a estalagem mais próxima de nenhum portão pelo qual você pudesse ter entrado. Das pessoas de Campo de Emond, apenas Perrin e Egwene estavam na estalagem quando você chegou. Foi Perrin ou foi Egwene? Ou os dois?

— Egwene — murmurou Nynaeve. Ela nunca pensara muito na capacidade que às vezes tinha de dizer quem estava se aproximando dela, mesmo quando não podia ver a pessoa; e até aquele instante não havia se dado conta de que era sempre alguém em quem suas curas haviam funcionado de forma quase milagrosa. E ela sempre soubera quando o remédio iria funcionar para além das expectativas, sempre sentira a certeza quando dizia que as colheitas seriam especialmente boas, ou que as chuvas viriam cedo ou tarde. Era como ela achava que deveria ser. Nem todas as Sabedorias conseguiam escutar o vento, mas as melhores sim. Era o que a Senhora Barran sempre dizia, assim como dizia que Nynaeve seria uma das melhores.

“Ela teve febre quebranta. — Nynaeve mantinha a cabeça abaixada e falava para o chão. — Eu ainda era aprendiz da Senhora Barran, e ela me colocou para vigiar Egwene. Eu era jovem, e não sabia que a Sabedoria já tinha tudo sob controle. Febre quebranta é algo terrível de ver. A criança estava encharcada de suor, e gemia e se revirava na cama até eu não conseguir entender por que não ouvia seus ossos se partindo. A Senhora Barran havia me dito que a febre cederia em um dia, dois no máximo, mas achei que ela estava sendo gentil comigo. Achei que Egwene estivesse morrendo. Eu costumava tomar conta dela às vezes quando ela era bem pequena, quando a mãe dela estava ocupada, e comecei a chorar porque seria obrigada a vê-la morrer. Quando a Senhora Barran voltou uma hora

depois, a febre havia cedido. Ela ficou surpresa, mas se preocupou comigo mais do que com Egwene. Sempre achei que ela acreditava que eu tinha dado alguma coisa à criança e estava assustada demais para admitir. Sempre achei que ela estava tentando me consolar, para garantir que eu soubesse que não havia ferido Egwene. Uma semana mais tarde, cá no chão de sua sala, alternando tremores e febre alta. Ela me pôs na cama, mas na hora da ceia tudo havia passado.”

Quando acabou de falar, escondeu o rosto nas mãos. *A Aes Sedai escolheu um bom exemplo, ela pensou, a Luz que a queime! Usando o Poder como uma Aes Sedai. Uma Aes Sedai Amiga das Trevas nojenta!*

— Você teve muita sorte — disse Moiraine, e Nynaeve se endireitou. Lan deu um passou para trás, como se aquela conversa não fosse assunto dele, e foi se ocupar com a sela de Mandarb, sem sequer olhar para elas.

— Sorte!

— Você conseguiu um controle rústico sobre o Poder, mesmo que tocar a Fonte Verdadeira ainda seja aleatório. Se não tivesse feito isso, ele já o teria matado. Como provavelmente matará Egwene se você conseguir impedi-la de ir a Tar Valon.

— Se eu aprendi a controlá-lo... — Nynaeve engoliu em seco. Era como admitir novamente que podia fazer o que a Aes Sedai disse. — Se eu aprendi a controlá-lo, ela também pode. Não há necessidade de ir para Tar Valon e se envolver nas intrigas de vocês.

Moiraine balançou a cabeça lentamente.

— As Aes Sedai procuram garotas que podem tocar a Fonte Verdadeira sem orientação com a mesma dedicação com que buscam homens que possam fazê-lo. Não é o desejo de engrassar nossas fileiras, ou pelo menos não só isso, nem o medo de que essas mulheres façam mau uso do Poder. O controle rústico que elas podem conseguir, se a Luz iluminá-las, raramente é suficiente para causar grandes estragos, especialmente porque tocar de verdade a Fonte está além do controle delas sem uma professora, e só acontece de modo aleatório. E, é claro, elas não sofrem a loucura que leva os homens a cometerem o mal ou ações perversas. Nós queremos salvar suas vidas. As vidas daquelas que nunca conseguem nenhum controle.

— A febre e os tremores que eu tive não poderiam matar ninguém — insistiu Nynaeve. — Não em três ou quatro horas. Eu tive as outras coisas também, e elas também não matariam ninguém. E pararam depois de alguns meses. E aí?

— Foram apenas reações — disse Moiraine pacientemente. — A cada vez, a reação se dá mais próxima do toque da Fonte, até que as duas acontecem quase juntas. Depois disso, nenhuma outra reação pode ser vista, mas é como se um relógio tivesse começado a contar. Um ano. Dois anos. Conheço uma mulher que durou cinco anos. A cada quatro que possuem a habilidade inata que você e Egwene têm, três morrem se não as encontramos e treinamos. Não é uma morte tão horrível quanto a dos homens, mas tampouco é bonita, se é que qualquer morte pode ser considerada bela. Convulsões. Gritos. Leva dias, e assim que se inicia não há nada que se possa fazer para detê-la, nem com todas as Aes Sedai de Tar Valon reunidas.

— Você está mentindo. Todas aquelas perguntas que fez em Campo de Emond. Você descobriu sobre a febre de Egwene, sobre a minha febre e meus tremores, tudo. Você inventou tudo isso.

— Você sabe que não fiz isso — respondeu Moiraine gentilmente.

Com relutância, mais relutância do que jamais tivera em relação a qualquer coisa na vida, Nynaeve assentiu. Fora um último e teimoso esforço para negar o que era evidente, e isso jamais trazia nada de bom, por mais desagradável que a coisa fosse. A primeira aprendiz da Senhora Barran havia morrido da maneira que a Aes Sedai descrevera quando Nynaeve ainda brincava de bonecas, e houvera uma moça em Trilha de Deven apenas alguns anos antes. Ela também era aprendiz de Sabedoria, uma que conseguia escutar o vento.

— Você tem grande potencial, eu acho — continuou Moiraine. — Com treinamento, poderia se tornar até mesmo mais poderosa que Egwene, e eu acredito que ela possa vir a se tornar uma das mais poderosas Aes Sedai que já vimos em séculos.

Nynaeve se afastou da Aes Sedai como se ela fosse uma víbora.

— Não! Eu não quero ter nada a ver com... — *Com o quê? Como mesma?* Ela parou, derrotada, e sua voz hesitou. — Eu gostaria muito que você não contasse nada disso a ninguém. Por favor. — Essas últimas palavras quase ficaram presas em sua garganta. Preferia que Trollocs tivessem aparecido ali a ter sido forçada a pedir um favor àquela mulher. Mas Moiraine apenas assentiu, concordando, e parte de sua disposição retornou. — Nada disso explica o que você quer com Rand, Mat e Perrin.

— O Tenebroso os quer — respondeu Moiraine. — Se o Tenebroso quer alguma coisa, eu me oponho a isso. Pode existir uma razão mais simples, ou melhor? — Ela terminou seu chá, observando Nynaeve sobre a borda da xícara. — Lan, precisamos partir. Sul, eu acho. Receio que a Sabedoria não vá nos acompanhar.

A boca de Nynaeve crispou com o jeito como a Aes Sedai disse a palavra “Sabedoria”; parecia sugerir que ela estava dando as costas a grandes coisas em detrimento de algo pequeno. *Ela não me quer com eles. Está tentando fazer com que eu lhes dê as costas, volte para casa e os deixe sozinhos com ela.*

— Ah, sim, eu irei com vocês. Não podem me impedir.

— Ninguém tentará impedi-la — disse Lan ao voltar a se juntar a elas. Ele esvaziou a chaleira em cima do fogo e mexeu as cinzas com um pedaço de pau. — Uma parte do Padrão? — perguntou a Moiraine.

— Talvez — respondeu ela, pensativa. — Eu devia ter conversado com Min mais uma vez.

— Sabe, Nynaeve, sua companhia é bem-vinda. — Houve uma hesitação na maneira como Lan disse o nome dela, com um vestígio de um “Sedai” não dito logo depois.

Nynaeve se enfureceu, interpretando isso como zombaria, e também se enfureceu com a maneira como eles falavam de coisas na frente dela — coisas sobre as quais ela nada sabia — sem a cortesia de uma explicação. Mas não ia lhes dar a satisfação de perguntar.

O Guardião continuou se preparando para a partida, seus gestos econômicos tão seguros e rápidos que em um instante estava tudo pronto — alforjes, cobertores e todo o resto presos atrás das selas de Mandarb e Aldieb.

— Vou buscar o seu cavalo — disse ele a Nynaeve ao terminar de amarrar a última correia de sela.

Começou a subir a margem do rio, e ela se permitiu um pequeno sorriso. Depois da maneira como o havia observado sem ser descoberta, ele ia tentar encontrar o cavalo dela sem ajuda. Descobriria que ela pouco deixava em termos de rastros quando estava seguindo alguém. Seria um prazer quando ele voltasse de mãos abanando.

— Por que para o sul? — perguntou a Moiraine. — Ouvi você dizer que um dos garotos está do outro lado do rio. E como você sabe?

— Eu dei a cada um dos rapazes uma moeda, que criou uma espécie de vínculo entre mim e eles. Contanto que eles estejam vivos e de posse dessas moedas, serei capaz de encontrá-los. — Nynaeve voltou seus olhos na direção em que o Guardião havia seguido, e Moiraine balançou a cabeça. — Não assim. Esse vínculo só me permite saber se eles ainda estão vivos, e encontrá-los caso nos separemos. Prudente sob tais circunstâncias, não acha?

— Não gosto de nada que conecte você a qualquer um de Campo de Emond — disse Nynaeve com teimosia. — Mas se ajudar a encontrá-los...

— Ajudará. Eu buscaria o jovem que está do outro lado do rio primeiro, se pudesse. — Por um momento, a voz da Aes Sedai ganhou um quê de frustração. — Ele está a apenas algumas milhas de nós. Mas não posso me dar ao luxo de usar esse tempo. Ele deverá chegar a Ponte Branca em segurança agora que os Trollocs se foram. Os dois que desceram o rio podem estar precisando mais de mim. Eles perderam suas moedas, e os Myrddraal ou os estão perseguindo ou estão tentando interceptar a todos nós em Ponte Branca. — Ela suspirou. — Preciso cuidar da necessidade maior primeiro.

— Os Myrddraal poderiam... poderiam tê-los matado — disse Nynaeve.

Moiraine balançou a cabeça levemente, dando uma sugestão como se ela fosse trivial demais para ser levada em conta. A boca de Nynaeve se contraiu.

— Onde está Egwene, então? Você nem sequer a mencionou.

— Eu não sei — admitiu Moiraine —, mas espero que ela esteja segura.

— Você não sabe? Você espera? Toda aquela conversa sobre salvar a vida dela levando-a para Tar Valon e ela pode estar morta até onde você sabe!

— Eu poderia procurar por ela e dar ao Myrddraal mais tempo antes de ir em socorro dos dois jovens que foram para o sul. São eles que o Tenebroso deseja, não ela. Eles não se importariam com Egwene, não enquanto suas verdadeiras presas permanecerem à solta.

Nynaeve se lembrou de seu próprio encontro com os Trollocs, mas se recusou a reconhecer o bom senso no que Moiraine dizia.

— Então o melhor que você tem a oferecer é que ela pode estar viva, se tiver tido sorte. Viva, talvez sozinha, assustada, até mesmo ferida, a dias da aldeia mais próxima ou de qualquer socorro a não ser nós. E sua intenção é abandoná-la.

— Ela pode estar igualmente segura com o rapaz do outro lado do rio. Ou a caminho de Ponte Branca com os outros dois. De qualquer modo, não há mais Trollocs aqui para ameaçá-la, e ela é forte, inteligente e bem capaz de encontrar seu caminho até Ponte Branca sozinha. Você prefere ficar para o caso de ela precisar de ajuda, ou quer tentar ajudar aqueles que sabemos que estão em necessidade? Você prefere que eu vá procurá-la e deixe os garotos... e os Myrddraal que certamente os estão perseguindo... irem? Por muito que eu torça pela segurança de Egwene, Nynaeve, luto contra o Tenebroso, e por ora é isto que define meu caminho.

A calma de Moiraine não se abateu em nenhum instante enquanto ela apresentava as horríveis alternativas. Nynaeve queria gritar com ela. Fechando os olhos com força para evitar as lágrimas, virou o rosto para que a Aes Sedai não pudesse ver. *Luz, uma Sabedoria deveria cuidar de toda a sua gente. Por que preciso fazer essa escolha?*

— Ah, Lan está de volta — disse Moiraine, levantando-se e ajoitando o manto sobre

os ombros.

Para Nynaeve foi apenas um pequeno golpe quando o Guardião surgiu com seu cavalo, saindo do meio das árvores. Mesmo assim, seus lábios se apertaram quando ele lhe entregou as rédeas. Teria se sentido um pouco melhor se tivesse havido um vestígio de arrogância no rosto dele em vez daquela insuportável calma pétrea. Os olhos dele se arregalaram ao verem o rosto dela, que lhe deu as costas para enxugar as lágrimas. *Como ele ousa fazer pouco do meu choro?*

— Você vem, Sabedoria? — perguntou Moiraine com frieza.

Ela dirigiu um último e lento olhar para a floresta, perguntando-se se Egwene estaria ali, antes de montar tristemente em seu cavalo. Lan e Moiraine já estavam em suas selas, virando as montarias para o sul. Ela seguiu, rígida, recusando-se a se permitir olhar para trás; em vez disso, manteve os olhos em Moiraine. A Aes Sedai tinha tanta confiança em seu poder e em seus planos, ela pensou, mas se eles não encontrassem Egwene e os rapazes, todos eles, vivos e ilesos, nem todo o seu poder seria capaz de protegê-la. Nem todo o seu Poder. *Eu posso usá-lo, mulher! Você mesma me disse. Posso usá-lo contra você!*





Um Caminho Escolhido

Num pequeno bosque, sob uma pilha de galhos de cedro cortados de qualquer maneira na escuridão, Perrin dormiu até bem depois do amanhecer. Foram as agulhas do cedro, espetando-o através das roupas ainda úmidas, que acabaram por perfurar também sua exaustão. Mergulhado profundamente num sonho com Campo de Emond, no qual trabalhava na forja do Mestre Luhhan, ele abriu os olhos e fitou, sem entender, os galhos de cheiro doce entremeados sobre seu rosto, a luz do sol gotejando através deles.

A maioria dos galhos caiu quando ele se sentou, surpreso, mas outros ficaram pendurados a esmo em seus ombros, e até na cabeça, fazendo com que ele próprio parecesse uma árvore. Campo de Emond foi desvanecendo à medida que a memória voltava rapidamente, tão vívida que por um instante a noite anterior pareceu mais real do que qualquer coisa ao seu redor naquele momento.

Arfando, frenético, ele pelejou para resgatar seu machado do meio da pilha. Agarrou-o com as duas mãos e olhou ao redor com cautela, contendo a respiração. Nada se movia. A manhã estava fria e silenciosa. Se havia algum Trolloc na margem leste do Arinelle, não estava se movendo, pelo menos não perto dele. Respirando fundo, abaixou o machado até os joelhos e esperou um momento até o coração parar de martelar.

O pequeno arvoredo de espécies perenes que o cercava havia sido o primeiro abrigo que ele encontrara na noite anterior. Era bastante esparsa, oferecendo pouca proteção contra olhos vigilantes se ele se levantasse. Arrancando galhos da cabeça e dos ombros, empurrou para o lado o resto de seu cobertor pinicante e depois engatinhou até o limite do arvoredo. Ali ficou deitado, estudando a margem do rio e coçando nos pontos em que as agulhas o haviam espetado.

O vento cortante da noite anterior se tornara uma brisa silenciosa que mal fazia a superfície da água ondular. O rio corria, calmo e vazio. E largo. Certamente largo demais e fundo demais para Desvanecidos atravessarem. A margem oposta parecia uma massa sólida de árvores até onde ele podia ver, rio acima e abaixo. Certamente nada daquele lado se movia em seu campo de visão.

Não sabia ao certo o que sentia naquela situação. Podia viver muito bem sem Desvanecidos e Trollocs, mesmo do outro lado do rio, mas uma lista inteira de preocupações teria desaparecido com a aparição da Aes Sedai, ou do Guardião, ou, ainda melhor, de qualquer um de seus amigos. *Se desejos fossem asas, as ovelhas voariam*. Era o que a Senhora Luhhan sempre dizia.

Não vira sinal de seu cavalo desde que descera o barranco, e torcia para que ele tivesse nadado para fora do rio em segurança. Estava mais acostumado a caminhar do que cavalgar, de qualquer maneira, e suas botas eram firmes e de bom solado. Não tinha nada para comer, mas sua funda ainda estava atada na cintura, e isso ou os laços para armadilha em seu bolso deviam servir para apanhar um coelho em pouco tempo. Tudo para fazer uma fogueira havia desaparecido com seus alforjes, mas os cedros lhe dariam gravetos e madeira para friccionar com um pouco de trabalho.

Estremeceu quando a brisa soprou em seu esconderijo. Seu manto estava em algum lugar do rio, e o casaco e tudo o mais que ele vestia ainda estavam pegajosos por causa do mergulho. Tinha ficado cansado demais para que o frio e a umidade o incomodassem na noite anterior, mas já estava acordado o bastante para sentir cada calafrio. Mesmo assim, decidiu não pendurar as roupas nos galhos para que secassem. Se o dia não estava exatamente frio, também não estava nem perto de estar quente.

O problema era o tempo, ele pensou com um suspiro. Roupas secas em pouco tempo. Um coelho para tostar e uma fogueira para tostá-lo em pouco tempo. Seu estômago roncou, e ele tentou esquecer totalmente o assunto comida. Havia usos mais importantes para esse tempo. Uma coisa de cada vez, e primeiro a mais importante. Esse era o jeito dele.

Seus olhos acompanharam a forte correnteza descendo o Arinelle. Ele nadava melhor que Egwene. Se ela tivesse conseguido atravessar... Não, nada de *se*. O lugar onde ela *havia* conseguido atravessar seria rio abaixo. Tamborilou com os dedos no chão, sopesando, avaliando.

Com a decisão tomada, não perdeu tempo: apanhou o machado e começou a descer o rio.

Esse lado do Arinelle não tinha a floresta espessa da margem oeste. Aglomerados de árvores despontavam sobre o que seria um gramado se a primavera viesse algum dia. Alguns deles eram grandes o bastante para serem adequadamente chamados de arvoredos, com trechos de coníferas entre freixos, bétulas e eucaliptos. Descendo mais o rio, os arvoredos eram menores e não tão próximos. Ofereciam um abrigo ruim, mas eram toda a cobertura que havia.

Ele corria de um aglomerado para outro, agachado, atirando-se ao chão quando entre as árvores para estudar as margens do rio, tanto o outro lado quanto aquele em que se encontrava. O Guardião dissera que o rio seria uma barreira para Desvanecidos e Trollocs, mas seria mesmo? Vê-lo poderia ser o bastante para superar a relutância deles em atravessar águas profundas. Assim, ficou observando cautelosamente por detrás das árvores, saindo correndo de um esconderijo para outro, rápido e abaixado.

Dessa forma, percorreu várias milhas, às estradas, até que, subitamente, a meio caminho do abrigo tentador de um arvoredor de salgueiros, ele grunhiu e estacou, olhando fixamente para o chão. Trechos de terra nua pintalgavam o marrom da grama do ano anterior, e no meio de um desses trechos, bem debaixo de seu nariz, havia uma clara marca de casco. Um sorriso lento se abriu em seu rosto. Alguns Trollocs tinham cascos, mas ele duvidava que algum deles usasse ferraduras, especialmente ferraduras com a barra cruzada dupla que Mestre Luhhan adicionava como reforço.

Esquecendo-se de possíveis olhos do outro lado do rio, ele começou a procurar mais rastros por ali. O tapete trançado de grama morta não marcava bem os rastros, mas seus olhos aguçados os encontraram mesmo assim. A trilha esparsa o levou para longe do rio, até um arvoredor denso, espesso, com folhas-de-couro e cedro que formavam uma barreira contra o vento ou olhos indiscretos. Os galhos abertos de uma tsuga solitária elevavam-se no meio de tudo.

Ainda sorridente, ele abriu caminho entre os galhos entremeados, sem se importar com o barulho que fazia. Bruscamente, entrou em uma pequena clareira sob a tsuga... e parou. Atrás de uma pequena fogueira, Egwene estava agachada, o rosto triste, empunhando um galho grosso como porrete, as costas contra o flanco de Bela.

— Acho que eu deveria ter me anunciado — disse Perrin, dando de ombros, constrangido.

Jogando o porrete no chão, ela correu para abraçá-lo.

— Pensei que você tivesse se afogado. Ainda está molhado! Aqui, sente-se à beira do fogo e se aqueça. Você perdeu o cavalo, não foi?

Ela o deixou empurrá-lo até um lugar à beira da fogueira e esfregou as mãos sobre as chamas, grato pelo calor. Ela retirou um pacote de papel encerado de seu alforje e lhe deu um pouco de pão e queijo. O pacote havia sido tão bem apertado que mesmo depois de mergulhada no rio a comida estava seca. *Você aqui preocupado com ela, e ela se saiu melhor do que você.*

— Bela atravessou comigo — disse Egwene, dando palmadinhas na égua peluda. — Ela fugiu dos Trollocs e simplesmente me levou junto. — Fez uma pausa. — Não vi mais ninguém, Perrin.

Ele ouviu a pergunta que não fora feita. Olhando, pesaroso, para o pacote que ela estava voltando a amarrar, ele lambeu as últimas migalhas dos dedos antes de falar.

— Não vi ninguém a não ser você desde ontem à noite. Também não vi Desvanecidos nem Trollocs.

— Rand tem de estar bem — disse Egwene, acrescentando rapidamente: — Todos eles têm de estar bem. Têm de estar. Provavelmente estão à nossa procura neste instante. Podem nos encontrar a qualquer momento. Moiraine é uma Aes Sedai, afinal.

— Sempre me lembram disso. Que me queimem, mas eu gostaria de poder esquecer.

— Não ouvi você reclamar quando ela impediu os Trollocs de nos pegarem — replicou Egwene asperamente.

— Eu só queria que pudéssemos nos virar sem ela. — Ele deu de ombros, sem graça sob o olhar firme dela. — Mas acho que não podemos. Andei pensando. — Ela ergueu as sobranceiras, mas ele estava acostumado com as pessoas se surpreendendo toda vez que ele anunciava ter tido uma ideia. Mesmo quando suas ideias eram tão boas quanto as delas, sempre se lembravam de como ele era lento ao pensar

nelas. — Podemos esperar que Lan e Moiraine nos encontrem.

— É claro — cortou ela. — Moiraine Sedai disse que nos encontraria se nos separássemos.

Ele a deixou terminar, então continuou.

— Ou os Trollocs poderiam nos achar primeiro. Moiraine também pode estar morta. Todos eles podem estar. Não, Egwene. Desculpe, mas podem estar sim. Espero que estejam todos em segurança. Espero que cheguem a esta fogueira a qualquer momento. Mas a esperança é como um pedaço de corda quando você está se afogando: simplesmente não é o suficiente para tirar você da água sozinho.

Egwene fechou a boca e ficou olhando para ele com determinação. Por fim, ela disse:

— Você quer descer o rio até Ponte Branca? Se Moiraine Sedai não nos encontrar aqui, é onde ela vai procurar em seguida.

— Eu acho — respondeu Perrin, devagar — que Ponte Branca é para onde *devíamos* ir. Mas os Desvanecidos provavelmente sabem disso também. É onde eles estarão procurando, e dessa vez não temos uma Aes Sedai nem um Guardião para nos proteger.

— Você vai sugerir que fuja para algum lugar, do jeito que Mat queria? Que nos escondamos em algum lugar onde os Desvanecidos ou os Trollocs não nos encontrem? Nem Moiraine Sedai?

— Não ache que eu não pensei nisso — disse ele baixinho. — Mas, toda vez que achamos que estamos livres, Desvanecidos e Trollocs nos encontram novamente. Eu não sei se *existe* algum lugar onde podemos nos esconder deles. Não gosto muito disso, mas precisamos de Moiraine.

— Então não estou entendendo, Perrin. Para onde vamos?

Ele piscou, surpreso. Ela estava esperando a resposta dele. Esperando que *ele* lhe dissesse o que fazer. Nunca lhe ocorrera que ela esperaria que ele assumisse a frente. Egwene não gostava de fazer o que outras pessoas haviam planejado, e nunca deixava ninguém lhe dizer o que fazer. Exceto talvez a Sabedoria, e ele achava que às vezes ela se furtava a isso. Então ajoitou a terra à sua frente com a mão e pigarreou alto para limpar a garganta.

— Se aqui é onde estamos agora, e aqui é Ponte Branca — ele marcou o chão duas vezes com o dedo —, então Caemlyn deve estar em algum lugar por aqui. — Fez uma terceira marca, mais para o lado.

Fez uma pausa, olhando para os três pontos na terra. Todo o seu plano se baseava no que ele se lembrava do velho mapa do pai dela. Mestre al'Vere dizia que não era muito preciso, e, de qualquer maneira, Perrin jamais babara por ele como Rand e Mat. Mas Egwene não disse nada. Quando ele levantou a cabeça, ela ainda estava olhando para ele com as mãos no colo.

— Caemlyn? — Ela parecia atordoada.

— Caemlyn. — Ele traçou uma linha na terra entre dois dos pontos. — Para longe do rio, seguindo em linha reta. Ninguém contaria com isso. Vamos esperar por eles em Caemlyn. — Limpou as mãos e esperou. Achava que era um bom plano, mas certamente ela teria objeções. Esperou que ela assumisse o controle... ela estava sempre forçando-o a fazer alguma coisa... e para ele estaria tudo bem.

Para sua surpresa, ela concordou.

— Deve haver aldeias. Podemos perguntar o caminho.

— O que me preocupa — disse Perrin — é o que vamos fazer se a Aes Sedai *não* nos encontrar lá. Luz, quem poderia imaginar que eu iria me preocupar com uma coisa desse tipo? E se ela não for para Caemlyn? Talvez pense que estamos mortos. Talvez ela leve Rand e Mat direto para Tar Valon.

— Moiraine Sedai disse que poderia nos encontrar — afirmou Egwene com firmeza. — Se ela pode nos encontrar aqui, poderá nos encontrar em Caemlyn, e ela o fará.

Perrin assentiu lentamente.

— Se você diz... Mas, se ela não aparecer em Caemlyn em alguns dias, iremos para Tar Valon e apresentaremos nosso caso perante o Trono de Amyrlin. — Ele respirou fundo. *Dois semanas atrás você nunca havia sequer visto uma Aes Sedai, e agora está falando do Trono de Amyrlin. Luz!* — De acordo com Lan, existe uma boa estrada que parte de Caemlyn. — Ele olhou para o pacote de papel encerado ao lado de Egwene e pigarreou. — Alguma chance de um pouco mais de pão e queijo?

— Isto pode ter de durar um bom tempo — disse ela —, a menos que você tenha mais sorte com as armadilhas do que eu tive ontem à noite. Pelo menos fazer a fogueira foi fácil. — Ela deu um riso suave, como se tivesse feito uma piada, voltando a enfiar o pacote de volta no alforje.

Aparentemente havia limite à extensão da liderança que ela estava disposta a aceitar. O estômago dele roncou.

— Neste caso — disse ele, levantando-se —, podemos começar agora.

— Mas você ainda está molhado — protestou ela.

— Vou secar andando — respondeu ele com firmeza e começou a chutar terra em cima da fogueira. Se ele era o líder, estava na hora de começar a liderar. O vento que vinha do rio estava aumentando de intensidade.





Irmão dos Lobos

Desde o começo, Perrin soube que a jornada até Caemlyn seria muito pouco confortável, a começar pela insistência de Egwene em que se revezassem cavalcando Bela. Eles não sabiam qual era a distância, disse ela, mas era longe demais para que ela fosse a única a cavalgar. Com o maxilar firme, os olhos dela o encaravam sem piscar.

— Sou muito grande para montar Bela — disse ele. — Estou acostumado a andar, e é o que eu prefiro.

— E eu não estou acostumada a andar? — respondeu Egwene, ríspida.

— Não foi isso o que eu...

— Eu sou a única que deve ficar dolorida com a sela, é isso? E quando você andar até seus pés estarem prestes a cair, vai esperar que eu cuide de você.

— Deixe estar — suspirou ele quando parecia que ela ia continuar. — Seja como for, o primeiro turno é seu. — A teimosia no rosto dela parecia ainda maior, mas ele se recusou a deixar que ela dissesse mais uma só palavra. — Se você não montar nessa sela sozinha, eu mesmo a coloco aí.

Ela lhe dirigiu um olhar espantado, e um sorrisinho curvou seus lábios.

— Neste caso... — Ela soou como se estivesse prestes a rir, mas montou.

Ele resmungou para si mesmo quando deu as costas ao rio. Os líderes nas histórias nunca tinham de tolerar esse tipo de coisa.

Egwene insistiu em se revezar com ele, e sempre que ele tentava evitar, ela o forçava a montar. O trabalho de ferreiro não era para gente esguia, e Bela não era uma égua lá muito grande. Toda vez que ele punha o pé no estribo, a égua peluda olhava para ele com o que, ele tinha certeza, era reprovação. Coisas pequenas, talvez, mas irritavam. Em pouco tempo ele já estremezia toda vez que Egwene anunciava:

— Sua vez, Perrin.

Nas histórias, líderes quase nunca estremeciam e nunca eram importunados. Mas, refletiu ele, também nunca tiveram de lidar com Egwene.

Só comiam pequenas porções de pão e queijo, e o pouco que havia acabou no fim do primeiro dia. Perrin montou armadilhas ao longo de prováveis trilhas de coelhos — pareciam antigas, mas valia a pena tentar. Enquanto isso, Egwene começou a fazer uma fogueira. Quando acabou, ele decidiu experimentar sua funda antes que a luz findasse completamente. Não tinham visto sinal de nada vivo, mas... Para sua surpresa, pegou um coelho raquítico quase imediatamente. Ficou tão surpreso quando o animalzinho irrompeu de sob um arbusto bem diante de seus pés que o bicho quase escapou, mas Perrin o pegou a quarenta passos, no instante em que ia desaparecer atrás de uma árvore.

Quando voltou ao acampamento com o coelho, Egwene tinha galhos quebrados para a fogueira arrumados no chão, mas estava ajoelhada ao lado da pilha com os olhos fechados.

— O que está fazendo? Você não pode simplesmente desejar que o fogo apareça.

Egwene deu um pulo quando ele falou e se virou para encará-lo com a mão na garganta.

— Você... você me assustou.

— Tive sorte — anunciou Perrin, erguendo o coelho. — Pegue sua pederneira e o aço. Pelo menos esta noite vamos comer bem.

— Eu não tenho pederneira — respondeu Egwene, devagar. — Ela estava no meu bolso, e eu a perdi no rio.

— Então como...?

— Foi tão fácil lá na margem, Perrin. Do jeito que Moiraine Sedai me mostrou. Eu simplesmente busquei e... — Fez um gesto como se fosse agarrar alguma coisa, então deixou a mão cair com um suspiro. — Agora não consigo encontrar.

Perrin umedeceu os lábios em desconforto.

— O... o Poder? — Ela assentiu, e ele a olhou fixamente. — Você está louca? Quer dizer... o Poder Único! Não pode sair brincando por aí com uma coisa dessas.

— Foi tão fácil, Perrin. Eu posso fazer. Eu posso canalizar o Poder.

Ele respirou fundo.

— Eu vou fazer um arco para acender o fogo, Egwene. Prometa que você não vai tentar essa... essa... *coisa* novamente.

— Não vou prometer. — Seu maxilar se firmou de um jeito que o fez suspirar. — Você abriria mão desse seu machado, Perrin Aybara? Sairia por aí com uma das mãos amarrada atrás das costas? Eu não vou fazer isso!

— Eu vou fazer o fogo com o arco — respondeu ele, cansado. — Não tente isso de novo hoje à noite, pelo menos. Por favor.

Ela concordou, contrariada, e, mesmo depois que o coelho estava tostando num espeto sobre as chamas, Perrin tinha a sensação de que ela sentia que podia ter feito melhor. Ela também não desistiu de tentar, todas as noites, embora o melhor que tivesse conseguido fosse um fiapo de fumaça que desapareceu quase imediatamente. Os olhos dela o desafiaram a dizer uma palavra que fosse, e ele sabiamente permaneceu de boca fechada.

Depois dessa única refeição quente, eles passaram a viver de tubérculos selvagens

crus e alguns brotos jovens. Ainda sem qualquer sinal da primavera, nada do que eles conseguiam vinha em grande quantidade, nem tinha lá muito sabor. Nenhum dos dois reclamava, mas nenhuma refeição se passava sem que um ou outro soltasse um suspiro de tristeza, e ambos sabiam que era saudade do gostinho de um pedaço que fosse de queijo, ou mesmo do cheiro de um pão. Encontrar um punhado de cogumelos — coroas-da-rainha, os melhores — numa tarde numa parte sombreada da floresta foi para eles o bastante para se sentirem num grande banquete. Devoraram tudo, rindo e contando histórias de Campo de Emond, histórias que começavam com “Você lembra quando...”, mas os cogumelos não duraram muito, nem os risos. Não havia muita alegria na fome.

Quem caminhava, cada um na sua vez, levava consigo uma funda, pronta para lançar uma pedra ao menor sinal de um coelho ou de um esquilo, mas a única vez em que atiraram uma pedra foi pela frustração. As armadilhas que preparavam com tanto cuidado todas as noites não lhes davam nada pela manhã, e eles não se atreviam a ficar um dia inteiro em um único lugar para deixar as armadilhas. Nenhum deles sabia qual era a distância até Caemlyn, e nenhum dos dois se sentiria seguro até chegarem lá, isso se viessem a sentir segurança. Perrin começou a se perguntar se seu estômago poderia encolher o suficiente para abrir um buraco no meio do corpo.

Em sua opinião, caminhavam a um bom ritmo, mas à medida que iam se afastando mais e mais do Arinelle sem verem uma aldeia, ou sequer uma casa de fazenda onde pudessem pedir orientação, suas dúvidas a respeito de seu próprio plano aumentavam. Egwene continuava a aparentar estar tão confiante quanto no instante em que haviam partido, mas ele tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde ela diria que teria sido melhor se arriscar com os Trollocs do que vagar perdidos pelo resto da vida. Ela nunca disse isso, mas ele vivia esperando que ela dissesse.

Dois dias depois de deixarem o rio, a terra mudou para colinas cobertas de florestas, tão tomadas pelo fim do inverno quanto qualquer outro lugar, e um dia depois disso as colinas se aplainaram, e as florestas densas começaram a ser interrompidas por clareiras, muitas vezes com uma milha ou mais de diâmetro. Ainda havia neve em grotas ocultas, o ar era cortante pela manhã, e o vento sempre frio. Em nenhum lugar eles viram uma estrada, um campo arado, fumaça de chaminé a distância ou qualquer outro sinal de habitação humana — pelo menos nenhuma onde ainda houvesse humanos.

Em dado momento, depararam com as ruínas de uma alta muralha de pedra cercando o topo de uma colina. Havia partes de casas de pedra sem teto no interior do círculo caído. A floresta havia muito o engolira; as árvores cresciam no meio de tudo, e teias de aranha antigas envolviam os grandes blocos de pedra. Em outra ocasião encontraram uma torre de pedra, com o topo quebrado, marrom de tanto musgo velho, inclinando-se sobre o velho carvalho cujas grossas raízes a derrubavam lentamente. Mas não viram nenhum lugar onde homens tivessem vivido em tempos recentes. As lembranças de Shadar Logoth os mantinham longe das ruínas e aceleravam seus passos até se verem uma vez mais em lugares que pareciam jamais terem visto passar um humano.

Sonhos atormentavam o sono de Perrin, sonhos assustadores. Ba'alzamon estava neles, perseguindo-o por labirintos, caçando-o, mas Perrin nunca o encontrava cara a cara, até onde conseguia se lembrar. E a jornada dos dois já era o bastante para lhes valer alguns bons pesadelos. Egwene queixou-se de pesadelos sobre Shadar Logoth, especialmente nas duas noites que se seguiram ao dia em que encontraram o forte em

ruínas e a torre abandonada. Perrin guardava seus sonhos para si, mesmo quando acordava suando e tremendo no escuro. Ela esperava que ele os levasse em segurança a Caemlyn, não que compartilhasse preocupações sobre as quais nada poderiam fazer.

Ele caminhava à frente de Bela, perguntando-se se encontrariam algo para comer aquela noite, quando sentiu o cheiro. A égua abriu bem as narinas e girou a cabeça no instante seguinte. Ele agarrou-a pelo bridão antes que ela pudesse relinchar.

— Isso é fumaça — disse Egwene, empolgada. Inclinou-se para a frente na sela e respirou fundo. — Uma fogueira. Tem alguém cozinhando. Coelho.

— Talvez — disse Perrin com cautela, e o sorriso ansioso dela se apagou. Ele trocou a funda pela sinistra meia-lua do machado. Suas mãos abriam e fechavam, inseguras, no cabo grosso. Era uma arma, mas nem seu treinamento escondido atrás da forja nem os ensinamentos de Lan o haviam realmente preparado para usá-lo como tal. Até mesmo a batalha antes de Shadar Logoth estava vaga demais em sua mente para lhe dar qualquer confiança. Além disso, ele jamais conseguiria dominar aquele vazio do qual Rand e o Guardião haviam falado.

A luz do sol penetrava de viés pelas árvores atrás deles, e a floresta era uma massa silenciosa de sombras pintalgadas. O cheiro suave de fumaça de lenha pairava ao redor deles, misturada ao aroma de carne cozida. *Pode ser mesmo coelho*, ele pensou, e seu estômago roncou. E poderia ser outra coisa, ele lembrou a si mesmo. Olhou para Egwene; ela o estava observando. Ser líder tinha suas responsabilidades.

— Espere aqui — disse baixinho. Ela franziu a testa, mas ele a interrompeu quando ela abriu a boca. — E fique quieta! Ainda não sabemos quem é. — Ela assentiu. Com relutância, mas assentiu. Perrin se perguntou por que isso não funcionava quando ele tentava fazer com que ela cavalgasse na vez dele. Respirando bem fundo, ele saiu rumo à fonte da fumaça.

Ele não havia passado tanto tempo nas florestas ao redor de Campo de Emond quanto Rand ou Mat, mas mesmo assim tivera sua cota de caça a coelhos. Ele se esgueirou de árvore em árvore sem quebrar um graveto sequer. Não levou muito tempo até estar espiando por trás do tronco de um carvalho alto com galhos abertos e sinuosos que se curvavam até tocar o chão e depois tornavam a subir. Mais além havia uma fogueira, e um homem magro e queimado de sol estava encostado em um dos galhos, próximo às chamas.

Pelo menos não era um Trolloc, mas era o sujeito mais estranho que Perrin já vira. Para começar, suas roupas pareciam ser todas feitas de peles de animais, ainda com o pelo, até mesmo as botas e a estranha boina redonda e achatada na cabeça. Seu manto era uma louca colcha de retalhos de coelhos e esquilos; as calças pareciam feitas do couro de um bode branco e marrom. Presos na nuca com uma corda, seus cabelos castanhos, já ficando grisalhos, iam até a cintura. Uma barba espessa descia até metade do peito. Uma faca longa pendia do cinto, quase uma espada, e havia um arco e uma aljava encostados num galho, ao alcance da mão.

O homem estava recostado com os olhos fechados, aparentemente dormindo, mas Perrin não se mexeu onde estava escondido. Havia seis espetos sobre a fogueira do sujeito, e em cada um deles via-se um coelho atravessado, marrom de tão tostado, de vez em quando pingando o sumo que sibilava nas chamas. O cheiro deles, tão próximo, o fez salivar.

— Já parou de babar? — O homem abriu um dos olhos e o voltou para o

esconderijo de Perrin. — Você e sua amiga podem vir se sentar e comer um pouco. Não vi vocês comerem muito nos últimos dois ou três dias.

Perrin hesitou, depois se levantou devagar, ainda agarrando o machado com força.

— Você está me observando há dois dias?

O homem riu no fundo da garganta.

— Sim, estive observando você. E a menina bonita. Ela canta mesmo de galo com você, não é? Mais que tudo, porém, eu ouvi vocês. O cavalo é o único do grupo que não faz barulho suficiente para ser ouvido a cinco milhas de distância. Vai chamá-la ou pretende comer os coelhos sozinho?

Perrin se eriçou; sabia que não fazia muito barulho. Não era possível chegar perto o bastante de um coelho na Floresta das Águas para pegá-lo com uma funda se você fizesse barulho. Mas o cheiro de coelho o fez lembrar que Egwene também estava com fome, sem falar que esperava para descobrir se era uma fogueira Trolloc o que haviam farejado.

Deslizou o cabo do machado pelo laço do cinto e levantou a voz.

— Egwene! Está tudo bem! É coelho! — Estendendo a mão, ele acrescentou num tom de voz mais normal: — Meu nome é Perrin. Perrin Aybara.

O homem olhou para a mão antes de aceitá-la, desajeitado, como se não estivesse acostumado a apertar mãos.

— Eu me chamo Elys — disse ele, erguendo a cabeça. — Elys Machera.

Perrin arquejou e quase soltou a mão de Elys. Os olhos do homem eram amarelos, como ouro brilhante e polido. Alguma coisa no fundo da memória de Perrin se agitou, mas sumiu. Tudo em que ele conseguia pensar naquele instante era que os olhos de todos os Trollocs que ele havia visto eram quase pretos.

Egwene apareceu, conduzindo Bela com cuidado. Ela amarrou as rédeas da égua a um dos galhos menores do carvalho e fez sons educados quando Perrin a apresentou a Elys, mas seus olhos continuavam se desviando para os coelhos. Não pareceu reparar nos olhos do homem. Quando Elys fez um gesto para que se servissem da comida, ela o fez com gosto. Perrin hesitou apenas por um instante antes de se juntar a ela.

Elys aguardou em silêncio enquanto eles comiam. Perrin estava tão faminto que arrancou pedaços de carne tão quente que precisou ficar jogando-os de uma das mãos para a outra antes de conseguir colocá-los na boca. Mesmo Egwene não demonstrou muito de sua compostura normal; um fio engordurado lhe descia pelo queixo. O dia se transformou em crepúsculo antes que eles começassem a comer mais devagar, a escuridão sem luar se fechando ao redor do fogo, e só então Elys falou.

— O que vocês estão fazendo aqui tão longe? Não há uma casa sequer num raio de cinquenta milhas.

— Estamos indo para Caemlyn — disse Egwene. — Talvez você pudesse... — Ela ergueu as sobrancelhas friamente quando Elys jogou a cabeça para trás e gargalhou com vontade. Perrin ficou olhando fixamente para ele, uma perna de coelho a meio caminho da boca.

— Caemlyn? — Elys disse sem fôlego quando conseguiu voltar a falar. — Pelo caminho que vocês estão seguindo, na direção em que vocês têm andado nos últimos dois dias, vão passar cem milhas ou mais a norte de Caemlyn.

— Nós íamos pedir informação — disse Egwene na defensiva. — Só não achamos nenhuma fazenda ou aldeia ainda.

— Nem vão achar — disse Elys, rindo. — Pela trilha que vocês pegaram, podem

viajar até a Espinha do Mundo sem ver outro ser humano. É claro que, se conseguissem escalar a Espinha, o que pode ser feito em alguns pontos, conseguiriam encontrar gente no Deserto Aiel, mas não gostariam de lá. Vocês torrariam durante o dia, congelariam à noite e morreriam de sede a qualquer hora. É preciso um Aiel para encontrar água no Deserto, e eles não gostam muito de estranhos. Não, não muito, eu diria. — Ele começou mais uma sessão de gargalhadas, mais furiosa que a anterior, dessa vez chegando inclusive a rolar no chão. — Não mesmo — conseguiu dizer.

Perrin se mexeu, desconfortável. *Será que estamos comendo com um louco?*

Egwene franziu a testa, mas esperou até a animação de Elyas diminuir um pouco e então disse:

— Talvez possa nos mostrar o caminho. Você parece saber muito mais sobre a localização dos lugares do que nós.

Elyas parou de rir. Levantando a cabeça, ele recolocou a boina redonda de pele, que havia caído quando ele rolou no chão, e a encarou com as sobrancelhas franzidas.

— Eu não gosto muito de gente — disse com a voz sem emoção. — Cidades estão cheias de gente. Eu não chego perto de aldeias, nem mesmo de fazendas, com muita frequência. Aldeões, fazendeiros, eles não gostam dos meus amigos. Eu nem sequer teria ajudado vocês se não estivessem tropeçando por aí, indefesos e inocentes como filhotes recém-nascidos.

— Mas pelo menos pode nos dizer para que lado ir — insistiu ela. — Se nos indicar o caminho para a aldeia mais próxima, mesmo que fique a cinquenta milhas de distância, certamente nos darão orientações de como chegar a Caemlyn.

— Fiquem quietos — disse Elyas. — Meus amigos estão chegando.

Bela subitamente relinchou de medo e começou a tentar soltar as rédeas. Perrin foi se levantando ao ver formas aparecerem ao redor deles na floresta que escurecia. Bela empinou e se debateu, guinchando.

— Acalmem a égua — disse Elyas. — Eles não vão machucá-la. Nem a vocês, se ficarem quietos.

Quatro lobos se aproximaram da luz da fogueira, formas peludas e grandes que batiam na cintura deles, com maxilares capazes de quebrar a perna de um homem. Como se as pessoas não estivessem ali, eles caminharam até a fogueira e se deitaram entre os humanos. Na escuridão entre as árvores, a luz do fogo refletia-se nos olhos de mais lobos, de todos os lados.

Olhos amarelos, pensou Perrin. Como os de Elyas. Era isso que ele estava tentando lembrar. Observando com cautela os lobos entre eles, levou a mão ao machado.

— Eu não faria isso — disse Elyas. — Se acharem que você quer lhes fazer mal, vão deixar de ser amigáveis.

Estavam olhando fixamente para ele, aqueles quatro lobos, Perrin viu. Tinha a sensação de que todos os lobos, aqueles entre as árvores também, tinham os olhos fixos nele. Aquilo lhe dava urticária. Com cuidado, afastou as mãos do machado. Imaginou sentir a tensão diminuir entre os lobos. Lentamente, voltou a se sentar; suas mãos tremiam tanto que precisou agarrar os joelhos para fazê-las parar. Egwene estava tão tensa que seu corpo quase se sacudia, mesmo imóvel. Um lobo negro, tendo apenas uma mancha cinza mais clara no focinho, estava deitado perto dela, quase a tocando.

Bela havia parado de relinchar e de empinar. Agora tremia e se mexia, numa tentativa de manter todos os lobos à vista, dando um coice ou outro para mostrar aos lobos que

podia, e que não venderia sua vida barato. Os lobos pareciam ignorá-la e também aos outros. A língua pendendo da boca, esperavam, relaxados.

— Isso — disse Elyas. — Assim é melhor.

— Eles são adestrados? — perguntou Egwene baixinho, a voz cheia de esperança. — Eles são... de estimação?

Elyas bufou.

— Lobos não se adestram, garota, nem de longe tão bem quanto os homens. Eles são meus amigos. Nós fazemos companhia uns aos outros, caçamos juntos, conversamos, de certa forma. Como qualquer amigo faz. Não é mesmo, Pintada? — Uma loba com pelo que variava entre uma dezena de tons de cinza, escuros e claros, virou a cabeça e olhou para ele.

— Você fala com eles? — perguntou Perrin, maravilhado.

— Não é exatamente falar — respondeu Elyas lentamente. — As palavras não importam, e elas também não são exatamente corretas. O nome dela não é Pintada. É algo que significa a maneira como as sombras brincam num lago da floresta num amanhecer de inverno, com a brisa ondulando a superfície, e a picada do gelo quando a água toca a língua, e um toque de neve no ar antes do cair da noite. Mas também não é exatamente isso. Não dá para se dizer em palavras. É mais uma sensação. É assim que os lobos falam. Os outros são Queimado, Saltador e Vento. — Queimado tinha uma cicatriz antiga no ombro que poderia explicar seu nome, mas não havia nada nos outros dois lobos que desse qualquer indicação do que seus nomes poderiam significar.

Apesar de toda a rabugice do homem, Perrin achou que Elyas estava contente por ter a chance de falar com outro ser humano. Pelo menos parecia ansioso para isso. Perrin olhou de esguelha para os dentes dos lobos, reluzindo à luz do fogo, e achou que poderia ser uma boa ideia mantê-lo falando.

— Como... como você aprendeu a falar com lobos, Elyas?

— Foram eles que descobriram — respondeu Elyas. — Não eu. Não no começo. É sempre assim que acontece, pelo que entendi. Os lobos encontram você, não você a eles. Algumas pessoas acharam que eu tinha sido tocado pelo Tenebroso, porque os lobos começaram a aparecer aonde quer que eu fosse. Acho que às vezes eu também pensava a mesma coisa. A maioria das pessoas decentes começou a me evitar, e os que me procuravam não eram do tipo que eu queria conhecer, de um jeito ou de outro. Então notei que havia momentos em que os lobos pareciam saber o que eu estava pensando, responder ao que estava na minha cabeça. Esse foi o verdadeiro começo. Eles estavam curiosos a meu respeito. Lobos podem sentir as pessoas normalmente, mas não desse jeito. Eles ficaram felizes por me encontrar. Dizem que faz muito tempo desde que caçaram na companhia de homens, e, quando dizem muito tempo, a sensação que tenho é como um vento frio uivando desde muito tempo, desde o Primeiro Dia.

— Nunca ouvi falar de homens caçando junto com lobos — disse Egwene. A voz dela não estava inteiramente segura, mas o fato de que os lobos estavam simplesmente deitados ali pareceu lhe dar coragem.

Se Elyas a ouviu, não deu sinal disso.

— Os lobos lembram das coisas de um modo diferente das pessoas — disse. Seus olhos estranhos mostravam uma expressão distante, como se ele estivesse navegando nas águas da memória. — Cada lobo se lembra da história de todos os lobos, pelo menos em linhas gerais. Como eu disse, ela não pode ser posta em palavras muito bem. Eles se

lembram de perseguir presas lado a lado com homens, mas isso foi há tanto tempo que é mais como a sombra de uma sombra do que uma lembrança.

— Isso é muito interessante — disse Egwene, e Elyas olhou feio para ela. — Não, é sério. De verdade. — Ela umedeceu os lábios. — Será que você... ah... será que você poderia nos ensinar a falar com eles?

Elyas bufou novamente.

— Isso não pode ser ensinado. Algumas pessoas têm essa habilidade, outras não. Eles dizem que ele pode. — E apontou para Perrin.

Perrin olhou para o dedo de Elyas como se fosse uma faca. *Ele é mesmo louco.* Os lobos olhavam fixo para ele novamente. Ele se mexeu, desconfortável.

— Vocês dizem que estão indo para Caemlyn — observou Elyas —, mas isso ainda não explica o que estão fazendo aqui, a dias de qualquer lugar. — Ele jogou o manto de pelo para trás e se deitou de lado, apoiado num cotovelo, e ficou à espera.

Perrin olhou de relance para Egwene. Dias antes eles haviam inventado uma história para quando encontrassem alguém, para explicar aonde estavam indo sem que isso lhes trouxesse problemas. Sem deixar ninguém saber de onde realmente vinham, nem para onde estavam realmente indo. Quem sabia que palavra descuidada poderia chegar aos ouvidos de um Desvanecido? Aperfeiçoaram a história todos os dias, juntando pedaços, consertando falhas. E haviam decidido que Egwene deveria contá-la. Ela era melhor com as palavras do que ele, e alegava que, pelo seu rosto, sempre sabia quando ele estava mentindo.

Egwene começou na mesma hora, a voz suave. Eles vinham do norte, de Saldaea, de fazendas nos arredores de uma pequena aldeia. Nenhum deles havia estado a mais de vinte milhas de casa em toda sua vida antes disso. Mas haviam ouvido histórias contadas por menestrelis, e casos por mercadores, e queriam ver um pouco do mundo. Caemlyn e Illian. O Mar das Tempestades, e talvez até mesmo as lendárias ilhas do Povo do Mar.

Perrin escutava com satisfação. Nem mesmo Thom Merrilin poderia ter criado uma história melhor do pouco que eles sabiam do mundo fora dos Dois Rios, ou uma que mais conviesse às suas necessidades.

— De Saldaea, hein? — disse Elyas quando ela acabou.

Perrin assentiu.

— Isso mesmo. Pensamos em visitar Maradon primeiro. Eu com certeza gostaria de ver o Rei. Mas a capital seria o primeiro lugar onde nossos pais iriam procurar.

Essa era sua parte, deixar claro que eles nunca haviam estado em Maradon. Assim, ninguém esperaria que eles soubessem nada a respeito da cidade, caso dessem de cara com alguém que realmente tivesse estado lá. Era tudo muito distante de Campo de Emond e dos eventos da Noite Invernal. Ninguém que ouvisse a história teria qualquer motivo para pensar em Tar Valon, nem em Aes Sedai.

— É uma história e tanto. — Elyas assentiu. — Sim, uma história e tanto. Tem algumas incoerências, mas a questão é o que Pintada está dizendo, que é tudo um monte de mentiras. Cada palavra do que você disse.

— Mentiras! — exclamou Egwene. — Por que mentiríamos?

Os quatro lobos não haviam se movido, mas eles não pareciam mais estar simplesmente deitados ao redor da fogueira; em vez disso, estavam agachados, prontos para agir, e seus olhos amarelos observavam os habitantes de Campo de Emond sem piscar.

Perrin não falou nada, mas sua mão dirigiu-se lentamente para o machado em sua cintura. Os quatro lobos se puseram de pé em um movimento rápido, e sua mão congelou. Eles não emitiram nenhum som, mas os pelos de seus pescoços se eriçaram. Um dos lobos que estavam no meio das árvores soltou um misto de uivo e rugido dentro da noite. Outros responderam, cinco, dez, vinte, até a escuridão ferver com eles. E, bruscamente, eles também ficaram em silêncio. Um suor frio começou a descer pelo rosto de Perrin.

— Se você acha... — Egwene parou para engolir em seco. Apesar da friagem no ar, também havia suor no rosto dela. — Se você acha que estamos mentindo, então provavelmente vai preferir que façamos nosso próprio acampamento esta noite, longe do seu.

— Em circunstâncias comuns, sim, garota. Mas neste momento quero saber sobre os Trollocs. E sobre os Meios-homens. — Perrin lutou para manter o rosto impassível e torceu para estar fazendo um trabalho melhor do que Egwene. Elys prosseguiu num tom de conversa casual. — Pintada diz que sentiu o cheiro de Meios-homens e de Trollocs em suas mentes enquanto estavam contando essa história boba. Todos eles sentiram. Vocês estão metidos de algum modo com Trollocs e com os Sem-olhos. Os lobos odeiam Trollocs e Meios-homens mais do que um incêndio na floresta, mais do que qualquer coisa, e eu também.

“Queimado quer acabar com vocês. Foram os Trollocs que lhe deixaram essa marca quando ele era filhote. Ele diz que a caça anda pouca, e que vocês são mais gordos que qualquer corça que ele tem visto há meses, e que devíamos era acabar com vocês. Mas Queimado está sempre impaciente. Por que vocês simplesmente não me contam tudo? Espero que vocês não sejam Amigos das Trevas. Não gosto de matar pessoas depois de ter dado comida a elas. Mas lembrem-se de uma coisa: eles saberão se vocês mentirem, e até mesmo Pintada está quase tão zangada quanto Queimado. — Os olhos dele, tão amarelos quanto os dos lobos, tampouco piscavam mais que os deles. *São mesmo os olhos de um lobo*, pensou Perrin.

Egwene estava olhando para ele, percebeu, esperando que ele decidisse o que deveriam fazer. *Luz, de repente voltei a ser o líder*. Eles haviam decidido desde o começo que não podiam correr o risco de contar a história real para ninguém, mas não via chance de escaparem ainda que ele conseguisse sacar seu machado antes...

Pintada soltou um rosnado vindo do fundo na garganta, e o som foi compartilhado pelos outros três ao redor da fogueira, e depois pelos lobos na escuridão. O rugido ameaçador encheu a noite.

— Está certo — disse Perrin rapidamente. — Está certo! — O grunhido parou bruscamente. Egwene afrouxou a tensão dos punhos e assentiu. — Tudo começou alguns dias antes da Noite Invernal — iniciou Perrin —, quando nosso amigo Mat viu um homem num manto preto...

A expressão no rosto de Elys não mudou, nem o jeito como estava deitado de lado, mas alguma coisa na inclinação de sua cabeça aludia a ouvidos atentos. Os quatro lobos se sentaram enquanto Perrin continuava a falar; ele teve a impressão de que também estavam escutando. A história era longa, e ele a contou quase toda. O sonho que ele e os outros tiveram em Baerlon, entretanto, ele guardou para si. Esperou que os lobos fizessem algum sinal de que haviam captado essa omissão, mas eles ficaram apenas observando. Pintada parecia amigável, Queimado, furioso. Perrin estava rouco quando

acabou.

— ...e, se ela não nos encontrar em Caemlyn, vamos seguir até Tar Valon. Não temos escolha a não ser conseguir a ajuda das Aes Sedai.

— Trollocs e Meios-homens a essa distância aqui ao sul — devaneou Elyas. — Isto sim é algo a considerar. — Procurou atrás de si e jogou uma bolsa d'água de pele para Perrin, sem olhar para ele. Parecia estar pensando. Esperou até que Perrin tivesse bebido e recolocar a tampa antes de voltar a falar. — Não me dou com as Aes Sedai. As da Ajah Vermelha, aquelas que gostam de caçar homens que mexem com o Poder Único, quis me amansar certa vez. Eu disse na cara delas que eram da Ajah Negra; que serviam ao Tenebroso, falei, e elas não gostaram nem um pouco disso. Mas não conseguiram me pegar quando entrei na floresta, embora tenham tentado. Ah, se tentaram. Pensando bem, duvido que alguma Aes Sedai tenha alguma simpatia por mim depois daquilo. Precisei matar alguns Guardiões. Negócio indigesto, esse, de matar Guardiões. Não gosto.

— Isso de falar com lobos — disse Perrin, desconfortável. — Isso... isso tem a ver com o Poder?

— Claro que não — rosnou Elyas. — Não teria funcionado em mim, o amansamento, mas me deixou furioso elas quererem tentar. Isto é coisa antiga, garoto. Mais antiga do que as Aes Sedai. Mais antiga do que qualquer pessoa usando o Poder Único. Antiga como a humanidade. Antiga como os lobos. Elas também não gostam disso, as Aes Sedai. Coisas antigas voltando. Eu não sou o único. Existem outras coisas, outras pessoas. Deixam as Aes Sedai nervosas, fazem com que resmunguem sobre barreiras antigas se enfraquecendo. As coisas estão se rompendo, elas dizem. Têm medo de que o Tenebroso se liberte, é isso. Do jeito que algumas delas olhavam para mim, alguém pensaria que a culpa era minha. As da Ajah Vermelha, pelo menos, mas algumas outras também. O Trono de Amyrlin... Aaaah! Eu fico longe delas na maior parte do tempo, e passo ao largo de amigos das Aes Sedai também. Se forem espertos, vocês também vão fazer isso.

— Para mim, não haveria nada melhor do que ficar longe das Aes Sedai — disse Perrin.

Egwene lhe lançou um olhar duro. Perrin torceu para que ela não explodisse e dissesse que queria ser uma Aes Sedai. Mas ela não disse nada, embora tivesse ficado de cara amarrada, e Perrin continuou.

— Não tivemos escolha. Tivemos Trollocs nos perseguindo, e Desvanecidos, e Dragkar. Tudo menos Amigos das Trevas. Não podemos nos esconder, e não temos como lutar sozinhos. Então quem vai nos ajudar? Quem mais é forte o bastante, além das Aes Sedai?

Elyas ficou em silêncio por um tempo, olhando para os lobos, com mais frequência para Pintada e Queimado. Perrin se remexia, nervoso, e tentava não olhar. Quando olhava, tinha a sensação de que quase podia ouvir o que Elyas e os lobos estavam dizendo uns para os outros. Mesmo que não tivesse nada a ver com o Poder, ele não queria fazer parte daquilo. *Ele tinha de estar fazendo alguma piada maluca. Eu não sei falar com lobos.* Um dos lobos — Saltador, ele achava — olhou para ele e pareceu sorrir. Perrin ficou imaginando como ele havia dado o nome ao lobo.

— Vocês poderiam ficar comigo — disse Elyas finalmente. — Conheço. — Egwene ergueu as sobrancelhas, e Perrin ficou boquiaberto. — Ora, o que poderia ser mais seguro? — questionou Elyas. — Trollocs fazem qualquer coisa para matar um lobo

solitário, mas desviavam milhas de seu caminho para evitar uma matilha. E vocês também não vão precisar se preocupar com as Aes Sedai. Elas não vêm com frequência a estas florestas.

— Não sei. — Perrin evitava olhar para os lobos que o ladeavam. Um era Pintada, e ele podia sentir os olhos dela pousados nele. — Para começar, não são só Trollocs.

Elyas soltou uma risada fria.

— Eu já vi uma matilha acabar com um dos Sem-olhos também. Perdi metade da matilha, mas eles não queriam desistir depois que sentiram o cheiro dele. Trollocs, Myrddraal, para os lobos é tudo a mesma coisa. É você que eles querem, garoto. Eles já ouviram falar em outros homens que podem falar com lobos, mas você é o primeiro que eles conhecem além de mim. Mas também vão aceitar sua amiga, e vocês vão ficar mais seguros aqui do que em qualquer cidade. Há Amigos das Trevas nas cidades.

— Escute — disse Perrin com urgência —, eu gostaria que você parasse de dizer isso. Eu não posso... fazer isso... o que você faz, o que você está dizendo.

— Como quiser, garoto. Fique se enganando, se é o que quer. Não é segurança que está procurando?

— Eu não estou me enganando. Não há nada para me enganar. Tudo o que queremos...

— Estamos indo para Caemlyn — disse Egwene com firmeza. — E de lá para Tar Valon.

Fechando a boca, Perrin devolveu o olhar furioso dela com outro. Ele sabia que ela seguia sua liderança quando queria, e não quando não queria, mas podia ao menos deixar que ele respondesse por si mesmo.

— E você, Perrin? — Ele mesmo perguntou e respondeu: — Eu? Bem, deixe-me pensar. Sim. É, eu acho que vou. — Virou-se para ela com um leve sorriso. — Bem, Egwene, agora somos dois. Acho que vou com você, afinal. É bom conversar sobre essas coisas antes de tomar uma decisão, não é? — Ela enrubescceu, mas não relaxou o maxilar.

Elyas resmungou.

— Pintada disse que era o que vocês decidiriam. Disse que a garota está plantada firmemente no mundo humano, ao passo que você — ele assentiu para Perrin — está no meio do caminho. Nessas circunstâncias, suponho que seja melhor irmos para o sul com vocês. Caso contrário, vocês provavelmente morrerão de fome, ou se perderão, ou...

Subitamente Queimado se levantou, e Elyas virou a cabeça para fitar o grande lobo. Depois de um momento, Pintada também se ergueu. Ela se aproximou mais de Elyas, de modo a também encarar Queimado. Todos permaneceram imóveis por longos minutos, então Queimado se virou e desapareceu na noite. Pintada se sacudiu, depois voltou a seu lugar, deitando-se no chão como se nada tivesse acontecido.

Elyas olhou nos olhos questionadores de Perrin.

— Pintada é a líder desta matilha — explicou ele. — Alguns dos machos poderiam derrotá-la se a desafiassem, mas ela é mais inteligente que qualquer um deles, e todos sabem disso. Ela já salvou a matilha mais de uma vez. No entanto, Queimado acha que a matilha está perdendo tempo com vocês três. O ódio aos Trollocs é tudo que existe para ele, e se há Trollocs tão longe, aqui ao sul, ele quer sair à caça deles para matá-los.

— Nós entendemos — disse Egwene, parecendo aliviada. — Nós podemos achar o caminho sozinhos, de verdade... com algumas orientações, é claro, se você as der.

Elyas agitou a mão no ar.

— Eu disse que é Pintada quem lidera a matilha, não disse? Pela manhã vou para o sul com vocês, e eles também. — Egwene fez uma cara de quem não achava que aquela era a melhor notícia que poderia ter recebido.

Perrin ficou sentado, envolto em seu próprio silêncio. Ele podia *sentir* Queimado partindo. E o macho cheio de cicatrizes não era o único; uma dezena de outros, todos machos jovens, seguiu-o. Ele queria acreditar que era apenas Elyas brincando com sua imaginação, mas não conseguia. Pouco antes que os lobos partindo sumissem de sua mente, ele sentiu um pensamento que sabia que vinha de Queimado, tão agudo e claro quanto se fosse seu próprio pensamento. Ódio. Ódio e o gosto de sangue.





Fuga pelo Arinelle

Ao longe ouvia-se o ruído de água gotejando, respingos surdos ecoando e tornando a ecoar, perdendo-se de sua origem para sempre. Havia pontes de pedra e rampas sem parapeito por toda parte, todas despontando de amplas torres de pedra de topo achatado, todas polidas, lisas e com veios vermelhos e dourados. Nível após nível, o labirinto estendia-se para cima e para baixo pela escuridão, sem começo nem fim aparente. Cada ponte levava a uma torre, cada rampa a outra torre, outras pontes. Para qualquer direção que Rand se voltasse, até onde seu olho podia distinguir na penumbra, era a mesma coisa, acima e abaixo. Não havia luz suficiente para enxergar com clareza, e ele estava quase feliz por isso. Algumas das rampas levavam a plataformas que tinham de estar diretamente acima das primeiras. Ele não conseguia ver a base de nenhuma delas. Seguia em frente, em busca de liberdade, sabendo que era uma ilusão. Tudo era ilusão.

Rand conhecia a ilusão; ele a havia seguido vezes demais para não saber. Por mais longe que fosse, para cima ou para baixo em qualquer direção, só havia a pedra brilhante. Pedra, mas a umidade da terra profunda e recém-revirada permeava o ar com a doçura enjoativa da decomposição. O cheiro de uma tumba aberta antes do tempo. Ele tentou não respirar, mas o cheiro enchia suas narinas. Agarrava-se à sua pele como óleo.

Um movimento rápido atraíu seu olhar, e ele estacou onde estava, meio agachado contra o muro de proteção reluzente que contornava o topo de uma das torres. Não era um esconderijo. Um vigia poderia tê-lo avistado de mil outros lugares. As sombras preenchiam o ar, mas não havia sombras mais profundas nas quais se esconder. A luz não vinha de lâmpioes, lanternas ou tochas; estava simplesmente lá, porque sim, como se emanasse do ar. Era suficiente para ver, de certa forma; o suficiente para ser visto. Mas a

imobilidade dava um pouco de proteção.

O movimento voltou, e agora era claro. Um homem subindo uma rampa distante, sem se preocupar com a falta de corrimões e a queda para o nada abaixo. O manto do homem ondulava com sua pressa imponente, e ele virava a cabeça, procurando, procurando. A distância era grande demais para Rand ver mais do que a forma nas sombras, mas ele não precisava estar mais perto para saber que a cor do manto era o vermelho de sangue fresco e que os olhos que tanto procuravam ardiam como duas fomalhas.

Ele tentou mapear o labirinto com os olhos, para ver por quantas conexões Ba'alzamon precisava passar antes de alcançá-lo, mas desistiu porque era inútil. As distâncias ali eram enganadoras, mais uma lição que havia aprendido. O que parecia distante podia ser alcançado virando-se uma esquina; o que parecia próximo podia estar completamente fora do alcance. A única coisa a fazer, como havia sido desde o início, era continuar andando. Continuar andando, e não pensar. Pensar era perigoso, ele sabia.

E, no entanto, quando deu as costas para a forma distante de Ba'alzamon, não conseguiu deixar de pensar em Mat. Estaria Mat em alguma parte daquele labirinto? *Ou existem dois labirintos, dois Ba'alzamons?* Sua mente fugiu dessa ideia; era apavorante demais para se pensar. *Isto é como Baerlon? Então por que ele não consegue me encontrar?* Isso era um pouco melhor. Um pequeno consolo. *Sangue e cinzas, onde está o consolo nisso?*

Em duas ou três ocasiões os dois haviam quase se cruzado, embora ele não conseguisse lembrar delas com clareza, mas por muito, muito tempo... quanto?... ele havia fugido enquanto Ba'alzamon o perseguiu em vão. Seria aquilo igual a Baerlon ou seria apenas um pesadelo, apenas um sonho como os sonhos de outros homens?

Por um instante, então, apenas pelo tempo que levou para inspirar, ele soube por que era perigoso pensar, no que era perigoso pensar. Assim como antes, toda vez que ele se permitia pensar no que o cercava como um sonho o ar tremeluzia, nublando seus olhos. E cristalizava, detendo-o. Apenas por um instante.

O calor arenoso pinicava sua pele, e sua garganta secara havia muito enquanto ele vagava quase correndo pelo labirinto de sebes espinhentas. Quanto tempo fazia? Seu suor evaporava antes de ter a chance de se condensar em gotas, e seus olhos ardiam. Sobre sua cabeça, não muito acima dela, aliás, fervilhavam nuvens metálicas furiosas, cinza rajado de preto, mas nem uma única lufada de ar soprava no labirinto. Por um momento ele pensou que havia sido diferente, mas o pensamento se evaporou no calor. Estava ali fazia muito tempo. Era perigoso pensar, disse ele sabia.

Pedras lisas, pálidas e arredondadas, compunham um esboço de pavimento, semienterrado no pó seco como osso que se levantava em nuvens ao menor passo. Fazia cócegas no nariz, ameaçando um espirro que poderia entregá-lo; quando tentou respirar pela boca, o pó obstruiu sua garganta até ele quase sufocar.

Aquele era um lugar perigoso; ele sabia disso também. À sua frente podia ver três aberturas na alta muralha de espinheiros, e depois o caminho fazia uma curva e sumia de vista. Ba'alzamon podia estar se aproximando de qualquer daquelas curvas naquele exato instante. Já houvera dois ou três encontros, embora ele não conseguisse se lembrar de muita coisa além do fato de que haviam acontecido e que havia escapado... de algum modo. Era perigoso pensar demais.

Ofegando no calor, ele parou para examinar a parede do labirinto. Arbustos de espinheiros densos e emaranhados, marrons e com aspecto de mortos, com espinhos

pretos cruéis, como ganchos com dois dedos de comprimento. Altos demais para ver por cima, densos demais para ver através deles. Desajeitado, ele tocou a parede e arquejou. Apesar de todo o seu cuidado, um espinho furou seu dedo, queimando como uma agulha quente. Ele cambaleou para trás, os calcanhares prendendo-se nas pedras, sacudindo a mão e espalhando grossas gotas de sangue. A sensação de queimadura começou a amainar, mas sua mão inteira latejava.

Subitamente ele esqueceu a dor. Seu calcanhar havia virado uma das pedras lisas, desenterrando-a da terra seca. Ele ficou olhando para ela, e órbitas oculares vazias fitaram-no de volta. Um crânio. Um crânio humano. Ele olhou ao longo do caminho para todas as pedras lisas e pálidas, todas exatamente iguais. Reposicionou os pés rapidamente, mas não podia se mover sem pisar nelas e não podia parar a não ser sobre elas. Um pensamento desgarrado foi tomando uma vaga forma: o de que as coisas poderiam não ser o que pareciam, mas ele o reprimiu sem piedade. Pensar ali era perigoso.

Assumiu precariamente o controle de si mesmo. Ficar num lugar só também era perigoso. Essa era uma das coisas que ele sabia vagamente, mas com certeza. O fluxo de sangue de seu dedo havia reduzido até gotejar lentamente, e este quase não latejava mais. Sugando a ponta do dedo, ele seguiu o caminho que, por acaso, estava à sua frente. Um caminho tão bom quanto qualquer outro ali.

Lembrou-se de ter ouvido uma vez que se podia sair de um labirinto virando sempre na mesma direção. Na primeira abertura na parede de espinheiros ele virou para a direita, depois novamente para a direita. E se viu face a face com Ba'alzamon.

O rosto de Ba'alzamon deixou transparecer uma leve surpresa, e seu manto vermelho-sangue se acomodou quando ele parou subitamente. Chamas saíam de seus olhos, mas no calor do labirinto Rand praticamente não as sentiu.

— Por quanto tempo você acha que pode fugir de mim, garoto? Por quanto tempo acha que pode fugir de seu destino? Você é meu!

Cambaleando para trás, Rand se perguntou por que estava remexendo no cinto, como se procurasse uma espada.

— Luz, me ajude — murmurou ele. — Luz, me ajude. — Ele não conseguia lembrar o que isso significava.

— A Luz não vai ajudá-lo, garoto, e o Olho do Mundo não servirá a você. Você é meu cão de caça, e, se não caçar ao meu comando, eu o estrangularei com o cadáver da Grande Serpente!

Ba'alzamon esticou a mão, e subitamente Rand percebeu um meio de escapar, uma lembrança nebulosa e incompleta que gritava, anunciando perigo, mas nada comparado ao perigo de ser tocado pelo Tenebroso.

— Um sonho! — gritou Rand. — Isto é um sonho!

Os olhos de Ba'alzamon começaram a se arregalar, de surpresa, raiva ou ambas, e então o ar tremeluziu, e seus traços se tornaram indefinidos e desvaneceram.

Rand se virou no mesmo lugar, olhando, estupefato. Encarando sua própria imagem rebatida mil vezes. Dez mil vezes. Acima, a escuridão, e escuridão abaixo, mas em toda parte ao seu redor havia espelhos, espelhos dispostos em todos os ângulos, espelhos até onde sua vista podia alcançar, todos mostrando-o, abaixado e se virando, de olhos arregalados e assustados.

Um borrão vermelho vagou pelos espelhos. Rand girava, tentando pegá-lo, mas em todos os espelhos ele vagava por trás de sua própria imagem e desaparecia. Então, voltou

de novo, mas não como borrão. Ba'alzamon passeava entre os espelhos, dez mil Ba'alzamons, vasculhando, cruzando e recruzando os espelhos prateados.

Rand se viu encarando o reflexo de seu próprio rosto, pálido e trêmulo no frio que cortava como faca. A imagem de Ba'alzamon crescia atrás dele, fitando-o; sem ver, mas ainda assim olhando direto para ele. Em cada espelho, as chamas do rosto de Ba'alzamon ardiam atrás dele, envolvendo, consumindo, fundindo. Quis gritar, mas sua garganta estava congelada. Só havia um rosto naqueles espelhos infinitos. Seu próprio rosto. O rosto de Ba'alzamon. Um só rosto.

* * *

Rand deu um pinote e abriu os olhos. Escuridão, reduzida de leve por uma luz pálida. Quase sem respirar, ele não movia nada a não ser seus olhos. Um cobertor rústico de lã o cobria até os ombros, e sua cabeça estava aninhada nos braços. Podia sentir tábuas de madeira lisas sob as mãos. Tábuas de convés. Um cordame rangia na noite. Deu um longo suspiro de alívio. Estava a bordo do *Espuma*. O sonho havia acabado... por mais uma noite, pelo menos.

Sem pensar, levou o dedo à boca. Ao sentir o gosto de sangue, parou de respirar. Lentamente, colocou a mão perto do rosto, onde podia ver na luz fraca do luar, onde podia ver a gota de sangue se formar na ponta de seu dedo. Sangue da picada de um espinho.

* * *

O *Espuma* descia devagar o Arinelle. O vento soprava forte, mas de direções que tornavam as velas inúteis. Apesar de toda a exigência de velocidade por parte do Capitão Domon, o barco se arrastava. À noite um homem na proa usava um pêndulo de chumbo à luz da lanterna, anunciando para o timoneiro a profundidade de cada trecho, enquanto a corrente carregava a embarcação, com os remos recolhidos, rio abaixo contra o vento. Não havia pedras a temer no Arinelle, mas havia bancos de areia e barras aos montes, onde um barco podia encalhar, proa e tudo o mais enterrados na lama, até que o socorro chegasse. Se socorro fosse mesmo a primeira coisa a chegar. De dia os remos trabalhavam do nascer ao pôr do sol, mas o vento lutava contra eles como se quisesse empurrar o barco de volta rio acima.

Eles não se aproximavam da margem, nem durante o dia nem à noite. Bayle Domon conduzia barco e tripulação com igual dureza, reclamando dos ventos contrários, amaldiçoando o ritmo lento. Ele vociferava com a tripulação chamando-os de preguiçosos aos remos e os fugitava com a língua a cada pequeno erro no manejo dos cabos, sua voz baixa e dura pintando Trollocs de duas braças de altura entre eles no convés, rasgando-lhes as gargantas. Por dois dias, isso foi o bastante para fazer cada homem pular de susto. Então o choque do ataque do Trolloc começou a desvanecer, e os homens começaram a resmungar, falando em uma hora para esticar as pernas na margem e sobre os perigos de descer o rio no escuro.

A tripulação continuou a resmungar baixinho, olhando com o canto dos olhos para se certificar de que o Capitão Domon não estivesse perto o bastante para ouvir, mas ele parecia ouvir tudo o que era dito em seu navio. Cada vez que os resmungos começavam, ele silenciosamente pegava a longa espada em forma de foice e o cruel machado em formato de gancho que haviam sido encontrados no convés após o ataque. Ele os pendurava no mastro por uma hora, e aqueles que haviam sido feridos passavam os dedos em seus curativos, e os resmungos se aquietavam por um dia, pelo menos, até que um ou outro membro da tripulação comesse a achar mais uma vez que eles certamente haviam deixado os Trollocs bem para trás àquela altura e o ciclo recomeçasse.

Rand reparou que Thom Merrilin permanecia longe da tripulação quando eles começavam a sussurrar juntos e a franzir as testas, embora normalmente ele distribuisse tapinhas nas costas, contasse piadas e trocasse gracejos de um jeito que levava até mesmo o trabalhador mais sério a sorrir. Thom observava esses resmungos secretos com um olho desconfiado enquanto parecia estar distraído acendendo seu cachimbo de cano longo, ou afinando sua harpa, ou fazendo quase qualquer coisa que não prestar atenção à tripulação. Rand não entendia por quê. Não eram os três que haviam subido a bordo perseguidos pelos Trollocs que a tripulação parecia culpar, mas sim Floran Gelb.

No início, durante um dia ou dois, a figura magra de Gelb podia quase sempre ser vista se dirigindo a qualquer tripulante que ele pudesse cercar num canto, contando sua versão da noite em que Rand e os outros haviam subido a bordo. Os modos de Gelb iam da agressividade ao choramingo e voltavam ao tom agressivo, e seus lábios sempre se crispavam quando apontava para Thom ou Mat, ou especialmente Rand, tentando pôr a culpa neles.

— Eles são estranhos — justificava Gelb, falando baixinho, de olho para ver se o capitão não aparecia. — O que nós sabemos deles? Os Trollocs vieram com eles, isso é o que nós sabemos. Eles estão mancomunados.

— Pela Fortuna, Gelb, pare com isso — rosnou um homem que usava os cabelos presos numa trança na nuca e tinha uma pequena estrela azul tatuada no rosto. Ele não olhou para Gelb enquanto enrolava uma corda no convés, puxando-a com os dedos dos pés nus. Todos os marinheiros andavam descalços apesar do frio; botas podiam escorregar num convés molhado. — Você acusaria sua mãe de ser Amiga das Trevas se isso aliviasse a sua barra. Sai de perto! — Ele cuspiu no pé de Gelb e voltou-se para o cabo.

Toda a tripulação se lembrava do turno de vigia que Gelb não cumprira, e a reação do homem de trança havia sido a mais educada de todas. Ninguém sequer queria trabalhar com ele, que se viu relegado a tarefas solitárias, todas elas imundas, como esfregar as panelas engorduradas da cozinha, ou rastejar pelos porões de barriga para procurar vazamentos entre anos de limo. Em pouco tempo ele parou de falar com todos. Seus ombros assumiram uma postura curva defensiva, e o silêncio ferido se tornou sua postura; quanto mais as pessoas olhavam para ele, mais ferido parecia, embora isso não lhe rendesse mais do que um resmungo. Mas, quando os olhos de Gelb caíam sobre Rand, ou Mat ou Thom, em seu rosto de nariz comprido havia um lampejo de assassinato.

Quando Rand disse a Mat que mais cedo ou mais tarde Gelb lhes causaria problemas, Mat olhou em volta, para todo o barco, dizendo:

— Será que podemos confiar em algum deles? Qualquer um deles? — Então

afastou-se, indo em busca de um lugar onde pudesse ficar sozinho, ou tão sozinho quanto fosse possível em um barco com menos de trinta passos de sua proa elevada até o leme da popa, onde os remos de navegação ficavam montados. Mat havia passado tempo demais sozinho desde a noite em Shadar Logoth; cismado, era o que parecia a Rand.

— Os problemas não vêm de Gelb, rapaz, se vierem — disse Thom. — Pelo menos não ainda. Ninguém da tripulação o apoiará, e ele não tem coragem de tentar nada sozinho. Mas os outros, bem... Domon quase parece achar que os Trollocs estão atrás dele, especificamente, mas o resto está começando a achar que o perigo passou. Talvez simplesmente resolvam que já aguentaram o bastante. Estão no limite do jeito que as coisas estão. — Pegou seu manto coberto de retalhos, e Rand teve a sensação de que ele estava verificando suas facas ocultas, seu segundo melhor conjunto. — Se eles se amotinarem, rapaz, não vão deixar passageiros para trás para contar a história. O Editto da Rainha pode não ter muita força tão longe de Caemlyn, mas mesmo um prefeito de aldeia fará algo a respeito. — Foi quando Rand também começou a tentar não ser notado quando observava os tripulantes.

Thom fazia sua parte para distrair a tripulação de pensamentos de motim. Ele contava histórias, com todos os floreios, toda manhã e toda noite, e entre uma e outra tocava qualquer canção que pedissem. Para reforçar a ideia de que Rand e Mat queriam ser aprendizes de menestrel, ele separava um tempo todos os dias para lições, e isso também servia de entretenimento para a tripulação. Ele não deixava que nenhum dos dois tocasse em sua harpa, é claro, e as sessões deles com a flauta produziam caretas doloridas, no começo pelo menos, e risos da tripulação mesmo enquanto todos cobriam as orelhas.

Ele ensinava aos rapazes algumas das histórias mais fáceis, umas cambalhotas simples e, é claro, malabarismo. Mat reclamava do que Thom exigia deles, mas Thom soprava os bigodes e devolvia o olhar furioso.

— Eu não sei como brincar de ensinar, garoto. Ou eu bem ensino uma coisa, ou não ensino. Então! Até mesmo um caipira deveria ser capaz de plantar bananeira. Vamos lá.

Tripulantes que não estavam de serviço sempre se reuniam, agachados, em um círculo ao redor dos três. Alguns até mesmo experimentavam as lições que Thom ensinava, rindo de seus próprios erros. Gelb ficava sozinho e a tudo observava com ar sombrio, odiando a todos.

Uma boa parte de cada dia Rand passava debruçado na amurada, olhando para a margem. Não que ele de fato esperasse ver Egwene ou qualquer um dos outros aparecer subitamente na margem do rio, mas o barco viajava tão devagar que ele às vezes acalentava essa esperança. Eles poderiam alcançá-los sem cavalgar com muito esforço. Se tivessem escapado. Se ainda estivessem vivos.

O rio fluía sem nenhum sinal de vida, nem qualquer barco à vista exceto o *Espuma*. Mas isso não queria dizer que não houvesse nada para se ver, e se admirar. No meio do primeiro dia, o Arinelle corria entre altos penhascos que se estendiam por meia milha de ambos os lados. Por toda essa extensão a pedra havia sido esculpida em imagens, homens e mulheres de mais de quinze braças de altura, com coroas que os proclamavam reis e rainhas. Não havia duas figuras iguais naquela procissão real, e longos anos separavam a primeira da última. O vento e a chuva haviam desgastado as da extremidade norte, deixando-as lisas e quase sem feições, os rostos e detalhes se tornando cada vez mais

distintos à medida que eles avançavam para o sul. O rio lambia os pés das estátuas, lavando-os até se tornarem blocos lisos, os que já não haviam desaparecido completamente. *Há quanto tempo eles estão aqui*, Rand se perguntou. *Quanto tempo para o rio desgastar tanta pedra?* Nenhum membro da tripulação sequer levantou a cabeça, de tantas vezes que já tinham visto as esculturas antigas.

Em outro momento, quando a margem oriental havia se tornado uma planície gramada novamente, quebrada apenas ocasionalmente por arbustos, o sol começou a reluzir em um ponto a distância.

— O que pode ser? — perguntou-se Rand em voz alta. — Parece metal.

O Capitão Domon estava passando por ali e fez uma pausa, estreitando os olhos na direção do brilho.

— É metal, sim — disse. Suas palavras ainda eram coladas umas nas outras, mas Rand já conseguia entendê-las sem ter de quebrar a cabeça para decifrá-las. — Uma torre de metal. Eu já a vi de perto, e sei. Mercadores do rio a usam como marco. Estamos a dez dias de Ponte Branca nesse ritmo.

— Uma torre de metal? — perguntou Rand, e Mat, sentado de pernas cruzadas encostado em um barril, despertou de sua cisma para ouvir.

O capitão assentiu.

— É. Aço reluzente, pelo aspecto e textura, mas nem um ponto sequer de ferrugem. Mais de trinta braças de altura, é, e da largura de uma casa, sem nenhuma marca nem nenhuma abertura que se saiba.

— Aposto que tem um tesouro lá dentro — disse Mat. Ele se levantou e ficou olhando a torre distante enquanto o rio carregava o *Espuma* para longe dela. — Uma coisa assim deve ter sido feita para proteger algo de valor.

— Talvez, rapaz — ribombou o capitão. — No entanto, existem coisas mais estranhas no mundo que esta, ah, se há. Em Tremalking, uma das ilhas do Povo do Mar, há uma mão de pedra de mais de oito braças de altura despontando de uma colina, segurando uma esfera de cristal do tamanho deste barco. Se não há tesouro debaixo daquela colina, não há tesouro em lugar nenhum, mas o povo da ilha nem quer saber de escavar ali, não, e o Povo do Mar não quer saber de nada além de navegar em seus navios e procurar o Coramoor, o Escolhido deles.

— Eu escavaria — disse Mat. — A que distância fica essa... Tremalking? — Um arvoredo passou deslizando na frente da torre brilhante, mas ele continuou olhando como se ainda pudesse vê-la.

O Capitão Domon sacudiu a cabeça.

— Não, rapaz, não é tesouro o que faz valer a pena ver o mundo, não. Se encontrar um punhado de ouro, ou as joias de algum rei morto, ótimo, mas é o que você vê de estranho que o leva ao próximo horizonte. Em Tanchico, um porto no Oceano de Aeryth, dizem que parte do Palácio do Panarca foi construída na Era das Lendas. Há uma muralha lá com uma frisa mostrando animais que nenhum homem vivo jamais viu.

— Qualquer criança pode desenhar um animal que ninguém jamais viu — disse Rand, e o capitão riu.

— É, rapaz, pode mesmo. Mas uma criança pode fabricar os ossos desses animais, pode? Em Tanchico eles podem ser vistos, todos unidos e presos, como era o animal. Ficam numa parte do Palácio do Panarca onde qualquer um pode entrar e ver. A Ruptura deixou mil maravilhas para trás, e houve meia dúzia de impérios ou mais desde então,

alguns rivalizando com o de Artur Asa-de-gavião, cada um deles deixando coisas para ver e encontrar. Bastões-de-luz, renda-navalha e pedra-do-coração. Uma grade de cristal cobrindo uma ilha, que zumbe quando a lua está alta no céu. Uma montanha escavada até tomar a forma de uma tigela, e, no centro, uma lança de prata de cem braças de altura, e qualquer um que chega a menos de uma milha dela morre. Ruínas enferrujadas, e pedaços quebrados, e coisas encontradas no fundo do mar, coisas cujo sentido nem mesmo os livros mais antigos conhecem. Eu mesmo coletei algumas. Coisas com as quais vocês nunca sonharam, em mais lugares do que vocês podem ver em dez vidas. Essa, sim, é a estranheza que vai atrair você.

— A gente costumava desenterrar ossos nas Colinas de Areia — disse Rand lentamente. — Ossos estranhos. Achamos parte de um peixe... acho que era um peixe... do tamanho deste barco uma vez. Tinha gente que dizia que dava azar, cavar nas colinas.

O capitão o olhou de lado com ar astuto.

— Já a pensar em casa, rapaz, e mal acabou de sair no mundo, é? O mundo vai colocar um anzol na sua boca. Você vai atrás do pôr do sol, espere e verá... e, se algum dia você voltar, sua aldeia não vai ser grande o bastante para segurar você, não.

— Não! — Ele se assustou. Quanto tempo fazia desde a última vez em que havia pensado em casa, em Campo de Emond? E em Tam? Tinha de ser dias. Parecia meses. — Eu vou voltar para casa, um dia, quando puder. Vou criar ovelhas, como... como meu pai, e, se eu nunca mais sair de lá, ainda assim terei ficado pouco tempo. Não é, Mat? Assim que pudermos vamos voltar para casa e esquecer que isto tudo existe.

Com um esforço visível Mat desprende os olhos da margem rio acima, onde tentava ver a torre desaparecida.

— O quê? Ah. Sim, é claro. Vamos para casa. É claro. — Quando ele se virou para se afastar, Rand o ouviu resmungar baixinho: — Aposto que ele simplesmente não quer que ninguém mais vá atrás do tesouro. — Ele não pareceu perceber que havia falado em voz alta.

Quatro dias de viagem rio abaixo depois, Rand estava no topo do mastro, sentado na ponta rombuda com as pernas enroscadas nos estais. O *Espuma* rolava suavemente pelo rio, mas cinquenta pés acima d'água aquele balanço suave fazia o topo do mastro oscilar para a frente e para trás, descrevendo grandes arcos. Rand jogava a cabeça para trás e ria no vento que soprava em seu rosto.

Os remos estavam estendidos, e dali o barco parecia uma aranha de doze patas rastejando Arinelle abaixo. Ele já havia estado àquela altura antes, em árvores lá nos Dois Rios, mas dessa vez não havia galhos para bloquear sua visão. Tudo no convés, os marinheiros nos remos, homens de joelhos esfregando o convés com pedras polidas, homens fazendo coisas com cabos e tampas de escotilhas, pareciam tão estranhos quando vistos ali do alto, todos atarracados e achatados, que ele havia passado uma hora só olhando para eles e rindo baixinho.

Ele ainda ria sempre que os olhava lá embaixo, mas naquele momento fitava as margens do rio passando. Era o que parecia: como se ele estivesse parado, exceto pelo balançar para a frente e para trás, é claro, e as margens deslizando lentamente, árvores e colinas marchando de cada lado. Ele estava parado, e o mundo inteiro passava por ele.

Num impulso súbito ele desenroscou as pernas dos estais que se prendiam ao mastro e esticou os braços e pernas para cada lado, equilibrando-se no balanço. Por três arcos completos ele manteve o equilíbrio assim, e então subitamente o perdeu. Braços e

pernas girando, ele tombou adiante e agarrou o estai dianteiro. Pernas abertas de cada lado do mastro, nada para segurá-lo em seu poleiro precário a não ser suas duas mãos no cabo, ele riu. Inspirando grandes golfadas do vento frio, ele ria com a emoção do momento.

— Rapaz! — Ele ouviu a voz rouca de Thom. — Rapaz, se está tentando quebrar esse pescoço tolo, não faça isso caindo em cima de mim.

Rand olhou para baixo. Thom se agarrava aos degraus da escada de corda logo abaixo dele, olhando com ar sinistro para a pequena distância que os separava. Assim como Rand, o menestrel havia deixado o manto lá embaixo.

— Thom — disse, encantado. — Thom, quando você subiu?

— Quando você não deu ouvidos às pessoas gritando com você. Que me queimem, garoto, todo mundo está achando que você ficou maluco.

Rand olhou para baixo e ficou surpreso ao ver todos os rostos voltados para ele. Apenas Mat, sentado de pernas cruzadas na proa de costas para o mastro, não estava olhando para ele. Até mesmo os homens nos remos tinham os olhos erguidos, deixando as remadas perderem o ritmo. E ninguém estava chamando a atenção deles por isso. Rand girou a cabeça ao redor para olhar a popa por baixo do braço. O Capitão Domon encontrava-se de pé diante do remo de navegação, punhos grandes como pernis na cintura, olhando furioso para ele no topo do mastro. Rand se virou para sorrir para Thom.

— Quer que eu desça, então?

Thom assentiu vigorosamente.

— Eu agradeceria muito.

— Está certo. — Trocando a posição das mãos no estai dianteiro, ele deu um impulso para a frente, soltando o topo do mastro. Ouviu Thom engolir uma imprecisão quando sua queda foi interrompida e ele ficou pendurado no estai dianteiro pelas mãos. O menestrel olhou de cara feia para ele, uma das mãos estendida a meio caminho de agarrá-lo. Ele sorriu para Thom novamente. — Vou descer agora.

Lançando as pernas para cima, ele enganchou um joelho no cabo grosso que corria do mastro até a proa, depois se segurou com a dobra do cotovelo... e soltou as mãos. Lentamente, depois com velocidade cada vez maior, foi escorregando para baixo. Pouco antes de chegar à proa ele se soltou e caiu de pé no convés bem na frente de Mat, deu um passo à frente para se equilibrar e se virou para encarar o navio com braços bem abertos, como Thom fazia depois de uma acrobacia.

Alguns aplausos esparsos vieram da tripulação, mas ele estava olhando surpreso para Mat, e para o que Mat segurava, escondido de todos os demais por seu corpo. Uma adaga curva com uma bainha de ouro trabalhada com estranhos símbolos. Finos fios de ouro davam a volta no cabo, que era encimado por um rubi do tamanho do polegar de Rand, e as guardas eram serpentes de escamas de ouro mostrando as presas.

Mat continuou a deslizar a adaga para dentro e para fora da bainha por um momento. Ainda brincando com a adaga, ergueu a cabeça lentamente; seus olhos tinham uma expressão distante. Subitamente eles focalizaram Rand, e ele levou um susto, enfiando a adaga dentro do casaco.

Rand se agachou, os braços cruzados sobre os joelhos.

— Onde você conseguiu isso? — Mat não disse nada, olhando rapidamente para ver se havia mais alguém por perto. Por um milagre, estavam sozinhos. — Você não a pegou

de Shadar Logoth, pegou?

Mat o fitou.

— A culpa é sua. Sua e de Perrin. Vocês dois me puxaram para longe do tesouro, e eu estava com ela na mão. Não foi Mordeth que me deu. Eu peguei, então os avisos de Moiraine sobre os presentes dele não se aplicam. Você não vai contar a ninguém, Rand. Eles podem tentar roubá-la.

— Eu não vou contar a ninguém — disse Rand. — Acho que o Capitão Domon é honesto, mas não apostaria nos outros, principalmente Gelb.

— A ninguém — insistiu Mat. — Nem Domon, nem Thom, nem ninguém. Somos os dois únicos que restam de Campo de Emond, Rand. Não podemos nos dar ao luxo de confiar em mais ninguém.

— Eles estão vivos, Mat. Egwene e Perrin. Eu sei que estão vivos. — Mat pareceu envergonhado. — Mas vou guardar seu segredo. Só nós dois. Pelo menos não precisamos nos preocupar com dinheiro agora. Podemos vendê-la e conseguir o suficiente para viajar até Tar Valon como reis.

— É claro — disse Mat, depois de um minuto. — Se for preciso. Só não conte a ninguém até eu dizer.

— Já disse que não vou fazer isso. Escute, você teve mais algum sonho desde que viemos a bordo? Como em Baerlon? Esta é a primeira chance que tenho de perguntar sem mais seis pessoas escutando.

Mat virou a cabeça, olhando-o de esquelha.

— Talvez.

— O que você quer dizer com talvez? Ou você teve ou não teve.

— Está certo, está certo, tive. Mas não quero falar sobre isso. Não quero nem pensar nisso. Não ajuda em nada.

Antes que qualquer um dos dois pudesse falar mais alguma coisa, Thom veio a passos largos pelo convés, o manto sobre o braço. O vento batia nos seus cabelos brancos, e os longos bigodes pareciam se eriçar.

— Consegui convencer o capitão de que você não é maluco — anunciou —, de que aquilo era parte do seu treinamento. — Ele segurou o estai dianteiro e o balançou. — Aquela sua exibição boba descendo escorregando pela corda ajudou, mas você teve sorte de não quebrar esse pescoço tolo.

O olhar de Rand foi até o estai dianteiro e o seguiu até o alto, e, à medida que subia, seu queixo ia caindo. Ele havia *mesmo* descido aquilo. E havia se sentado no alto do...

Subitamente pôde ver a si mesmo lá no alto, braços e pernas bem abertos. Sentou-se com força no chão, e por pouco não tombou de costas. Thom olhava para ele, pensativo.

— Eu não sabia que você tinha uma cabeça tão boa para alturas, rapaz. Talvez pudéssemos nos apresentar em Illian, ou Ebou Dar, ou até mesmo em Tear. O pessoal das cidades grandes no sul gosta de equilibristas de corda.

— Nós vamos para... — No último minuto Rand lembrou de olhar ao redor para ver se havia alguém próximo o bastante para ouvi-los. Vários membros da tripulação os observavam, incluindo Gelb, com ódio no olhar como de costume, mas ninguém podia ouvir o que ele estava falando. — Tar Valon — ele concluiu. Mat deu de ombros como se, para ele, desse na mesma para onde iam.

— No momento, rapaz — disse Thom, acomodando-se ao lado deles. — Mas amanhã.. quem sabe? Assim é a vida de um menestrel. — Ele pegou um punhado de

bolas coloridas de uma de suas mangas largas. — Já que tirei você lá do alto, vamos praticar a cruzada tripla.

O olhar de Rand vagou até o alto do mastro, e ele estremeceu. *O que está acontecendo comigo? Luz, o quê?* Ele precisava descobrir. Precisava chegar a Tar Valon antes de enlouquecer de verdade.





O Povo Errante

Bela seguia placidamente sob o sol fraco como se os três lobos trotando não muito longe fossem apenas cães de aldeia, mas o jeito como ela revirava os olhos na direção deles de tempos em tempos, mostrando apenas a parte branca, indicava que não era o que ela sentia. Egwene, no lombo da égua, não estava mais à vontade. Ela observava os lobos constantemente pelo canto do olho, e às vezes se virava na sela para olhar ao redor. Perrin tinha certeza de que ela estava procurando o restante da matilha, embora negasse, zangada, quando ele sugeria isso, negasse estar com medo dos lobos que andavam com eles, negasse estar preocupada com o resto da matilha ou com o que eles estariam fazendo. Ela negava e continuava observando, os olhos semicerrados, umedecendo os lábios, inquieta.

O resto da matilha estava bem distante; ele podia ter dito a ela. *De que serviria isso, mesmo que ela acreditasse em mim? Especialmente se ela acreditasse em mim.* Ele não estava disposto a mexer naquele vespeiro até que fosse necessário. Não queria nem pensar em como sabia. O homem vestido de peles corria à frente deles, às vezes ele mesmo parecendo um lobo, e nunca olhava ao redor quando Pintada, Saltador e Vento surgiam, mas ele também sabia.

Perrin e Egwene haviam acordado ao amanhecer naquela primeira manhã e encontrado Elyas cozinhando mais coelho e observando-os sobre sua enorme barba sem muita expressão. Exceto por Pintada, Saltador e Vento, não havia mais nenhum lobo à vista. À luz pálida do nascer do dia, sombras escuras ainda resistiam sob o grande carvalho, e as árvores nuas além pareciam dedos descarnados até o osso.

— Eles estão por perto — respondeu Elyas quando Egwene perguntou para onde fora o resto da matilha. — Perto o suficiente para ajudar, se for preciso. Longe o bastante para evitar qualquer problema humano em que nos envolvamos. Mais cedo ou mais

tarde, sempre surgem problemas quando há dois humanos juntos. Se precisarmos deles, eles virão.

Alguna coisa se remexeu no fundo da mente de Perrin quando ele arrancou com a boca um pedaço de coelho assado. Uma direção, vagamente pressentida. *É claro! Foi para lá que eles...* A carne quente e suculenta em sua boca subitamente perdeu todo o sabor. Ele ficou mordiscando os tubérculos que Elyas havia cozido nas brasas. Pareciam nabos, mas seu apetite tinha passado.

Quando partiram, Egwene insistiu para que todos se revezassem cavalgando, e Perrin nem se deu o trabalho de discutir.

— O primeiro turno é seu — disse a ela.

Ela assentiu.

— E depois você, Elyas.

— Minhas próprias pernas são boas o bastante para mim — disse Elyas. Ele olhou para Bela, e a égua revirou os olhos como se ele fosse um dos lobos. — Além do mais, acho que ela não quer que eu monte nela.

— Que bobagem — respondeu Egwene com firmeza. — Não há por que teimar. O mais sensato a se fazer é todo mundo cavalgar um pouco. Segundo você, temos um longo caminho ainda pela frente.

— Eu disse não, garota.

Ela respirou fundo, e Perrin se perguntava se ela conseguiria forçar a barra com Elyas do jeito que fazia com ele quando percebeu que ela permanecia ali parada, boquiaberta, sem dizer uma só palavra. Elyas estava olhando para ela, apenas olhando, com aqueles olhos amarelos de lobo. Egwene recuou um passo, afastando-se do homem magro, passou a língua pelos lábios e deu mais um passo para trás. Antes que Elyas se virasse, ela havia voltado até Bela e subido, apressada, nas costas da égua. Quando o homem se virou para guiá-los para o sul, Perrin achou que o sorriso dele também parecia muito com o de um lobo.

Por três dias eles viajaram dessa maneira, caminhando e cavalgando para sudeste o dia inteiro, parando apenas quando o crepúsculo se tornava mais denso. Elyas parecia escarnecer da pressa dos homens da cidade, mas não acreditava em perder tempo quando havia algum lugar aonde ir.

Os três lobos raramente eram vistos. Toda noite eles iam até a fogueira e ficavam por um tempo, e às vezes se deixavam ver durante o dia, rapidamente, aparecendo por perto quando menos se esperava e desaparecendo da mesma maneira. Perrin, porém, sabia que eles continuavam a acompanhá-los e onde se encontravam. Sabia quando estavam patrulhando o caminho à frente e quando vigiavam a retaguarda. Soube quando deixaram os costumeiros territórios de caça da matilha e Pintada os mandou voltar e esperar por ela. Às vezes os três que haviam permanecido desapareciam de sua mente, mas, muito antes que estivessem suficientemente perto para serem vistos outra vez, ele tinha consciência de seu retorno. Mesmo quando as árvores escasseavam e se transformavam em bosques esparsos separados por grandes porções de grama que morrera durante o inverno, eles eram como fantasmas quando não queriam ser vistos, mas ele poderia ter apontado o dedo direto para eles a qualquer momento. Ele não sabia como sabia, e tentou convencer a si mesmo de que era apenas sua imaginação lhe pregando peças, mas de nada adiantou. Assim como Elyas sabia, Perrin sabia.

Tentava não pensar em lobos, mas eles se imiscuíam em seus pensamentos ainda

assim. Não sonhava com Ba'alzamon desde que encontrara Elys e os lobos. Seus sonhos, tanto quanto os recordava ao despertar, eram sobre coisas cotidianas, exatamente como teria sonhado em casa... antes de Baerlon... antes da Noite Invernal. Sonhos normais, com um acréscimo. Em todo sonho de que se lembrava havia um momento em que ao se apurar junto à forja de Mestre Luhhan para enxugar o suor do rosto, ou se virar depois de dançar com as garotas da aldeia no Campo, ou levantar os olhos, desviando-os de um livro na frente da lareira, estivesse ele ao ar livre ou sob um teto, havia um lobo por perto. O lobo estava sempre de costas para ele, e ele sempre sabia — nos sonhos parecia o curso normal das coisas, mesmo na mesa de jantar de Alsbet Luhhan — que os olhos amarelos do lobo estavam vigiando, atentos ao que pudesse aparecer, em guarda contra o que pudesse aparecer. Somente quando acordado esses momentos pareciam estranhos.

Por três dias eles viajaram, com Pintada, Saltador e Vento lhes trazendo coelhos e esquilos, e Elys apontando plantas, poucas das quais Perrin reconhecia, como sendo boas para comer. Uma vez um coelho surgiu correndo por baixo dos cascos de Bela; antes que Perrin pudesse colocar uma pedra em sua funda, Elys o trespassou com sua faca longa a vinte passos. Outra, Elys derrubou um faisão gordo, em pleno voo, com seu arco. Eles comiam bem melhor do que quando estavam sozinhos, mas Perrin preferia estar de volta às rações magras se isso tivesse significado uma companhia diferente. Não sabia ao certo como Egwene se sentia, mas ele estaria disposto a passar fome se pudesse seguir sem os lobos. Até a tarde do terceiro dia.

À frente deles havia um bosque, maior do que a maioria dos que tinham visto, com umas boas quatro milhas de largura. O sol já estava baixo no céu a oeste, criando sombras oblíquas à direita deles, e o vento estava aumentando. Perrin sentiu os lobos desistirem de caçar atrás deles e começaram a avançar, sem pressa. Haviam farejado sem ver nada de perigoso. Egwene estava em seu turno em Bela. Era hora de começar a procurar um acampamento para a noite, e o grande bosque serviria bem.

Quando se aproximaram das árvores, três mastins saíram dali, cães de focinho largo, do tamanho dos lobos, e até mesmo mais pesados, mostrando os dentes em altos rosnados. Eles pararam assim que chegaram à beira da mata, mas não mais que cinco braças os separavam das três pessoas, e seus olhos escuros brilhavam com uma luz assassina.

Bela, que já estava nervosa com os lobos, relinchou e quase derrubou Egwene da sela, mas Perrin num instante girava a funda em torno de sua cabeça. Não era necessário usar o machado contra os cães; uma pedra nas costelas poria o pior cão para correr.

Elys acenou para ele com a mão sem tirar os olhos dos cães imóveis.

— Psst! Nada disso agora!

Perrin lhe lançou um olhar intrigado, mas reduziu a velocidade de giro da funda e finalmente a baixou ao lado do corpo. Egwene conseguiu controlar Bela; tanto ela quanto a égua observavam os cães com desconfiança.

Os pelos no pescoço dos mastins estavam eriçados, as orelhas apontavam para trás e seus rosnados soavam como terremotos. Abruptamente Elys ergueu um dedo até a altura dos ombros e assoviou, um assvio longo e agudo que subia, subia e não parava. Os grunhidos cessaram de repente. Os cães recuaram, ganindo e virando a cabeça, como se quisessem ir mas estivessem sendo seguros. Seus olhos permaneciam presos ao dedo de Elys.

Lentamente Elys abaixou a mão, e a intensidade de seu assvio diminuiu com ela.

Os cães acompanharam o gesto, até se encontrarem deitados no chão, a língua pendendo da boca. Três caudas balançavam.

— Vejam — disse Elyas, andando até os cães. — Não há necessidade de armas. — Os mastins lamberam suas mãos, e ele coçou as cabeças enormes, fazendo carinho em suas orelhas. — Eles parecem mais ameaçadores do que são de verdade. A intenção deles é nos assustar, e eles não nos morderiam a menos que tentássemos passar para o meio das árvores. De qualquer maneira, não temos que nos preocupar com isso agora. Podemos chegar à próxima mata antes de escurecer totalmente.

Quando Perrin olhou para Egwene, viu-a boquiaberta. Ele fechou a sua própria com um estalo dos dentes.

Ainda acariciando os cães, Elyas estudou o bosque.

— Aqui há Tuatha'an. O Povo Errante. — Eles o olharam sem entender, e ele acrescentou: — Latoeiros.

— Latoeiros?! — Perrin espantou-se. — Eu sempre quis conhecer os Latoeiros. Eles acampam do outro lado do rio lá em Barca do Taren às vezes, mas não descem para os Dois Rios, até onde eu sei. Não sei por quê.

Egwene bufou.

— Provavelmente porque o povo de Barca do Taren é tão ladrão quanto os Latoeiros. Sem dúvida eles iam acabar roubando descaradamente uns aos outros. Mestre Elyas, se realmente há Latoeiros por perto, não deveríamos seguir em frente? Não queremos que Bela seja roubada, e... bem, não temos muitas outras coisas, mas todo mundo sabe que os Latoeiros roubam qualquer coisa.

— Incluindo bebês? — perguntou Elyas, seco. — Sequestrar crianças, e tudo mais? — Ele cuspiu, e ela enrubescceu. Aquelas histórias sobre bebês eram contadas às vezes, mas na maioria das vezes por Cenn Buie e um dos Coplins ou Congars. As outras histórias todo mundo conhecia. — Os Latoeiros me deixam enjoado às vezes, mas eles não roubam mais do que a maioria das pessoas. Bem menos do que algumas que conheço.

— Vai ficar escuro daqui a pouco, Elyas — disse Perrin. — Precisamos acampar em algum lugar. Por que não com eles, se eles nos aceitarem? — A Senhora Luhhan tinha uma panela consertada por Latoeiros que ela vivia dizendo que era melhor do que nova. Mestre Luhhan não gostava muito dos elogios que sua esposa fazia ao trabalho dos Latoeiros, mas Perrin queria ver como ele era feito. Mesmo assim, havia uma relutância em Elyas que ele não entendia. — Existe alguma razão pela qual não deveríamos?

Elyas sacudiu a cabeça, mas a relutância ainda estava lá, na postura dos seus ombros e nos lábios apertados.

— Pode ser. Só não preste atenção ao que eles disserem. Um monte de bobagens. Na maioria das vezes o Povo Errante faz as coisas de qualquer maneira, mas há momentos em que eles decidem se comportar com formalidade. Nessas horas, ajam como eu agir. E guardem seus segredos. Não precisam contar tudo ao mundo.

Os cães andavam ao lado deles, abanando o rabo, enquanto Elyas os conduzia entre as árvores. Perrin sentiu os lobos irem mais devagar e soube que eles não entrariam. Não tinham medo dos cães. Desprezavam essa espécie, que havia desistido da liberdade pelo conforto de dormir à beira de uma fogueira. Mas as pessoas eles evitavam.

Elyas caminhava com segurança, como se conhecesse o caminho, e perto do centro do bosque os carroções dos Latoeiros surgiram, espalhados entre os carvalhos e os

freixos.

Como todos em Campo de Emond, Perrin havia ouvido muito a respeito dos Latoeiros, ainda que nunca tivesse visto um deles, e o acampamento era exatamente o que esperava. Os carroções eram pequenas casas sobre rodas, caixas altas de madeira laqueada e pintadas com cores brilhantes, vermelhos, azuis, amarelos e verdes e alguns tons cujo nome ele não sabia dizer. O Povo Errante estava ocupado com tarefas que eram decepcionantemente triviais: cozinhando, costurando, cuidando de crianças, consertando arreios, mas suas roupas eram ainda mais coloridas que os carroções e aparentemente escolhidas ao acaso; às vezes casaco e calças, ou vestidos e xales, combinavam-se de um jeito que fazia doer os olhos. Eles pareciam borboletas num campo de flores silvestres.

Quatro ou cinco homens em pontos diferentes do acampamento tocavam rabecas e flautas, e algumas pessoas dançavam como beija-flores das cores do arco-íris. Crianças e cães corriam, brincando entre as fogueiras. Os cães eram mastins iguais aos que haviam confrontado os viajantes, mas as crianças puxavam suas orelhas e caudas e montavam em suas costas, e os cães imensos aceitavam tudo com placidez. Os três que estavam com Elyas, a língua pendendo da boca, olhavam para o homem barbudo como se ele fosse seu melhor amigo. Perrin balançou a cabeça. Ainda eram grandes o bastante para alcançar a garganta de um homem mal tirando as patas dianteiras do chão.

Subitamente a música parou, e Perrin percebeu que todos os Latoeiros olhavam para ele e seus companheiros. Até mesmo as crianças e os cães pararam e ficaram observando, desconfiados, como se prestes a fugir.

Por um momento tudo ficou em silêncio absoluto, e então um homem magro, baixinho e de cabelos grisalhos deu um passo à frente e fez uma mesura formal para Elyas. Ele vestia um casaco vermelho de colarinho alto, e calças verdes bufantes enfiadas em botas que iam até os joelhos.

— Bem-vindo às nossas fogueiras. Você conhece a canção?

Elyas fez uma mesura semelhante, pressionando o peito com ambas as mãos.

— Suas boas-vindas aquecem meu espírito, Mahdi, como suas fogueiras aquecem o corpo, mas eu não conheço a canção.

— Então ainda buscamos — entou o homem de cabelos grisalhos. — Como foi, assim há de ser, se lembrarmos, buscarmos e encontrarmos. — Ele fez um gesto amplo com o braço, abarcando as fogueiras, com um sorriso no rosto, e sua voz assumiu uma leveza alegre. — A refeição está quase pronta. Junte-se a nós, por favor.

Como se aquilo tivesse sido um sinal, a música voltou a tocar e as crianças voltaram a rir e a correr com os cães. Todos no acampamento retomaram o que estavam fazendo, como se os recém-chegados fossem amigos aceitos havia muito tempo.

Mas o homem grisalho hesitou e olhou para Elyas.

— Seus... outros amigos? Eles vão ficar longe? Eles assustam os pobres cães.

— Eles vão ficar longe, Raen. — O balançar de cabeça de Elyas tinha um toque de pouco-caso. — A essa altura, você já devia saber disso.

O homem grisalho abriu as mãos como se querendo dizer que era sempre bom se certificar. Quando se virou para conduzi-los ao acampamento, Egwene desmontou e se aproximou de Elyas.

— Vocês dois são amigos? — Um Latoeiro sorridente apareceu para pegar Bela; Egwene entregou as rédeas com relutância, depois de um bufo irônico de Elyas.

— Nós nos conhecemos — replicou secamente o homem vestido de peles.

— O nome dele é Mahdi? — perguntou Perrin.

Elyas grunhiu alguma coisa baixinho.

— O nome dele é Raen. Mahdi é seu título. Buscador. Ele é o líder deste bando. Podem chamá-lo de Buscador se o outro nome soar estranho. Ele não vai se importar.

— Que história era aquela de canção? — perguntou Egwene.

— É por isso que eles viajam — disse Elyas —, ou pelo menos é o que dizem. Estão procurando uma canção. É isso o que o Mahdi busca. Eles dizem que a perderam durante a Ruptura do Mundo, e, se puderem encontrá-la novamente, o paraíso da Era das Lendas retornará. — Ele correu os olhos ao redor do acampamento e bufou. — Eles não sabem nem o que é a canção; afirmam que saberão quando a encontrarem. Também não sabem de que forma se espera que ela traga o paraíso, mas eles a vêm buscando há quase três mil anos, desde a Ruptura. Eu acho que vão continuar buscando até a Roda parar de girar.

Então eles chegaram à fogueira de Raen, no meio do acampamento. O carroção do Buscador era amarelo com listras vermelhas, e os raios de suas rodas altas de bordas vermelhas alternavam o vermelho e o amarelo. Uma mulher rechonchuda, tão grisalha quanto Raen, mas com o rosto ainda sem rugas, saiu do carroção e parou nos degraus da parte traseira, endireitando um xale de franjas azuis sobre os ombros. Sua blusa era amarela e a saia vermelha, ambos tons vivos. A combinação fez Perrin piscar, e Egwene deixou escapar um som estrangulado.

Quando viu as pessoas que seguiam Raen, a mulher desceu com um sorriso de boas-vindas. Era Ila, esposa de Raen, uma cabeça mais alta que o marido, e em pouco tempo fez Perrin esquecer as cores de suas roupas. Sua atitude maternal o fez lembrar-se da Senhora al'Vere e o fez sentir-se bem-vindo desde o primeiro sorriso.

Ila saudou Elyas como um velho conhecido, mas com um distanciamento que parecia magoar Raen. Elyas lhe dirigiu um sorriso seco e um assentimento com a cabeça. Perrin e Egwene se apresentaram, e ela segurou as mãos deles nas suas com muito mais calor do que havia demonstrado com Elyas, chegando até mesmo a abraçar Egwene.

— Ora, você é linda, criança — disse ela, segurando o queixo de Egwene e sorrindo. — E está gelada até os ossos, aposto. Sente-se perto do fogo, Egwene. Todos vocês, sentem-se. O jantar está quase pronto.

Troncos caídos haviam sido puxados e colocados ao redor do fogo para servirem como assentos. Elyas recusou até mesmo essa concessão à civilização. Em vez disso, acomodou-se no chão. Tripés de ferro sustentavam duas pequenas chaleiras sobre as chamas, e um forno repousava na borda dos carvões. Ila cuidava do fogo.

Enquanto Perrin e os outros tomavam seus lugares, um jovem esguio vestindo listras verdes foi andando até a fogueira. Ele deu um abraço em Raen e um beijo em Ila, e olhou com frieza para Elyas e os outros dois. Tinha mais ou menos a mesma idade de Perrin e se movia como se estivesse prestes a começar a dançar no próximo passo.

— Ora, Aram — Ila sorriu carinhosamente —, você resolveu comer com seus velhos avós para variar, não foi? — O sorriso dela deslizou até Egwene enquanto se curvava para mexer uma chaleira no fogo. — Eu me pergunto por quê...

Aram se acomodou agachado com os braços cruzados sobre os joelhos, do outro lado do fogo, diante de Egwene.

— Eu sou Aram. — Ele se dirigiu a ela num tom de voz baixo e confiante. Não parecia consciente da presença de mais ninguém ali, a não ser a dela. — Estava esperando a primeira rosa da primavera, e agora a encontro na fogueira de meu avô.

Perrin ficou esperando que Egvene desse um risinho debochado, mas então viu que ela retribuía o olhar de Aram. Ele fitou o jovem Latoeiro mais uma vez. Aram até que tinha uma boa aparência, admitiu. Depois de um minuto, Perrin percebeu quem o sujeito o lembrava. Wil al'Seen, que fazia todas as garotas olharem e sussurrarem pelas costas dele sempre que vinha de Trilha de Deven para Campo de Emond. Wil cortejava toda garota em que punha os olhos e conseguia convencer cada uma delas de que estava simplesmente sendo educado com todas as outras.

— Esses seus cães — disse Perrin em voz alta, e Egvene levou um susto — são grandes como ursos. Fico surpreso por vocês deixarem as crianças brincarem com eles.

O sorriso de Aram desapareceu, mas retornou quando ele olhou para Perrin, ainda mais confiante do que antes.

— Eles não machucam ninguém. Fazem um espetáculo para assustar o perigo, e nos avisar, mas são treinados de acordo com o Caminho da Folha.

— O Caminho da Folha? — perguntou Egvene. — O que é isso?

Aram fez um gesto na direção das árvores, os olhos fixos com intensidade nos dela.

— A folha vive o tempo que lhe cabe, e não luta contra o vento que a leva embora. A folha não provoca dano algum, e finalmente cai para alimentar novas folhas. Assim deveria ser com todos os homens. E mulheres. — Egvene ficou olhando fixamente para ele, um leve rubor tomando suas bochechas.

— Mas o que isso quer dizer? — perguntou Perrin. Aram lhe dirigiu um olhar irritado, mas foi Raen quem respondeu.

— Quer dizer que nenhum homem deve ferir outro por absolutamente nenhum motivo. — Os olhos do Buscador se dirigiram a Elyas. — Não há desculpas para a violência. Nenhuma. Nunca.

— E se alguém atacar você? — insistiu Perrin. — E se alguém bater em você, ou tentar roubar, ou matar você?

Raen suspirou, um suspiro paciente, como se Perrin simplesmente não estivesse enxergando o que era tão claro para ele.

— Se um homem me batesse, eu lhe perguntaria por que ele quis fazer tal coisa. Se ele ainda quisesse me bater, eu fugiria, assim como faria se ele quisesse me roubar ou me matar. Muito melhor que eu o deixasse tomar o que quisesse, até mesmo minha vida, do que eu cometer violência. E eu esperaria que ele não se machucasse demais.

— Mas você disse que não iria machucá-lo — disse Perrin.

— Eu não, mas a violência fere aquele que a comete tanto quanto aquele que a recebe. — Perrin pareceu duvidar. — Você poderia derrubar uma árvore com seu machado — continuou Raen. — O machado comete violência contra a árvore, e escapa sem dano. É assim que você vê? A madeira é macia se comparada ao aço, mas o aço afiado perde o fio com os golpes, e a seiva da árvore vai enferrujar e marcá-lo. O machado poderoso comete violência com a árvore indefesa, e é por ela ferido. Assim é com os homens, embora o dano seja ao espírito.

— Mas...

— Chega — grunhiu Elyas, interrompendo Perrin. — Raen, já é bastante ruim que você tente converter jovens da aldeia a essa bobagem... Isso já lhe causa confusão em quase todos os lugares aonde você vai, não é? Eu não trouxe estes dois para cá para que você os converta. Deixe isso de lado.

— E deixá-los para você? — perguntou Ila, amassando ervas entre as palmas das

mãos e deixando-as cair dentro de uma das chaleiras. Sua voz estava calma, mas as mãos esfregavam as ervas furiosamente. — Você vai ensinar a eles o seu caminho, matar ou morrer? Vai levá-los ao destino que busca para si mesmo, morrer sozinho tendo apenas os corvos e seus... seus amigos para disputar o seu corpo?

— Fique em paz, Ila — disse Raen gentilmente, como se já tivesse ouvido tudo aquilo uma centena de vezes. — Ele foi bem recebido em nossa fogueira, minha esposa.

Ila cedeu, mas Perrin notou que ela não se desculpou. Em vez disso, ela olhou para Elys e balançou a cabeça com tristeza. Então limpou as mãos e começou a pegar colheres e tigelas de cerâmica de um baú vermelho na lateral do carroção.

Raen se voltou para Elys.

— Meu velho amigo, quantas vezes preciso lhe dizer que não tentamos converter ninguém? Quando as pessoas das aldeias ficam curiosas sobre nossos costumes, nós respondemos às perguntas delas. Com mais frequência são os jovens que perguntam, é verdade, e às vezes um deles vem conosco quando partimos, mas é de livre e espontânea vontade.

— Tente dizer isso à esposa de algum fazendeiro que acabou de descobrir que seu filho ou filha fugiu com vocês Latoeiros — replicou Elys, seco. — É por isso que as cidades maiores não deixam vocês sequer montarem acampamento por perto. As aldeias toleram porque vocês consertam coisas, mas as cidades não precisam disso, e não gostam que vocês convençam seus jovens a fugir.

— Eu não faço ideia do que as cidades deixam. — A paciência de Raen parecia inesgotável. Ele certamente não demonstrava estar ficando nem um pouco zangado. — Nas cidades sempre há homens violentos. E, de qualquer maneira, não creio que a canção possa ser encontrada em uma cidade.

— Não é minha intenção ofendê-lo, Buscador — disse Perrin devagar. — Mas... bem, eu não busco violência. Acho que não luto nem brigo com ninguém há anos, exceto em competições nos festivais. Mas se alguém me batesse, eu bateria de volta. Se não fizesse isso, eu só estaria encorajando a pessoa a achar que poderia me agredir sempre que quisesse. Algumas pessoas acham que podem tirar vantagem dos outros, e, se você não fizer com que saibam que não podem fazer isso, elas continuarão intimidando qualquer pessoa mais fraca do que elas.

— Algumas pessoas — disse Aram, com grande tristeza — jamais conseguem vencer seus instintos mais básicos. — Ele disse isso com um olhar que deixava claro que não estava falando dos valentões aos quais Perrin se referia.

— Aposto que você foge um bocado — disse Perrin, e o rosto do jovem Latoeiro se contorceu de um jeito que não tinha nada a ver com o Caminho da Folha.

— Eu acho que é interessante — disse Egwene, com um olhar irritado para Perrin — encontrar alguém que não acredita que seus músculos podem resolver todos os problemas.

O bom humor de Aram voltou, e ele se levantou, oferecendo a ela suas mãos com um sorriso.

— Deixe que eu lhe mostre nosso acampamento. Nós temos várias danças.

— Eu gostaria muito. — Ela retribuiu o sorriso.

Ila, que estava retirando pães do pequeno forno de ferro, endireitou-se.

— Mas o jantar está pronto, Aram.

— Vou comer com a mamãe — disse Aram sobre o ombro enquanto levava Egwene

para longe do carroção. — Nós dois vamos comer com mamãe. — Ele dirigiu um sorriso triunfante para Perrin. Egwene riu enquanto eles corriam.

Perrin se ergueu, mas logo se deteve. Afinal, ela não estava correndo nenhum perigo, não se o acampamento seguia o tal Caminho da Folha, como Raen disse. Olhando para Raen e Ila, ambos fitando desanimados seu neto, ele disse:

— Desculpem. Sou um convidado, e não deveria ter...

— Não seja bobo — disse Ila de modo apaziguador. — A culpa foi dele, não sua. Sente-se e coma.

— Aram é um jovem problemático — acrescentou Raen com tristeza. — Ele é um bom rapaz, mas às vezes penso que ele acha o Caminho da Folha um caminho difícil. Receio que alguns pensem assim. Por favor. Minha fogueira é sua. Por favor.

Perrin sentou-se de novo lentamente, ainda se sentindo desconfortável.

— O que acontece a alguém que não consegue seguir o Caminho? — perguntou. — Um Latoeiro, quero dizer.

Raen e Ila trocaram um olhar preocupado, e Raen disse:

— Eles nos deixam. Os Perdidos vão viver nas aldeias.

Ila olhou na direção que seu neto havia seguido.

— Os Perdidos não podem ser felizes. — Ela suspirou, mas seu rosto estava plácido novamente quando ela distribuiu as tigelas e colheres.

Perrin fitou o chão, desejando não ter perguntado, e não se falou mais nada enquanto Ila enchia suas tigelas com um espesso cozido de legumes e entregava fatias grossas de seu pão crocante, nem enquanto comiam. O cozido estava delicioso, e Perrin devorou três tigelas antes de parar. Elyas, ele notou com um sorriso, esvaziou quatro.

Depois da refeição, Raen encheu o cachimbo, e Elyas pegou o seu e o encheu com o conteúdo da bolsa de oleado de Raen. Quando acabaram de acender, apertar o fumo e acender de novo, recostaram-se em silêncio. Ila pegou uma trouxa de tricô. O sol era apenas uma mancha vermelha acima da copa das árvores a oeste. O acampamento havia se acomodado para a noite, mas o burburinho não diminuía, apenas se transformara. Os músicos que estavam tocando na chegada deles ao acampamento haviam sido substituídos por outros, e ainda mais pessoas que antes dançavam à luz das fogueiras, suas sombras saltando nas laterais dos carroções. Em algum lugar no acampamento, um coral de vozes masculinas se ergueu. Perrin deslizou na frente do tronco e logo começou a cochilar.

Depois de algum tempo Raen disse:

— Esteve com algum dos Tuatha'an, Elyas, desde que nos encontrou na última primavera?

Os olhos de Perrin começaram a se abrir e se semicerraram novamente.

— Não — respondeu Elyas, com o cachimbo na boca. — Não gosto de ficar cercado por muita gente ao mesmo tempo.

Raen riu.

— Especialmente gente que vive de um jeito tão oposto ao seu, não é? Não, meu velho amigo, não se preocupe. Há muitos anos desisti de esperar que você viesse para o Caminho. Mas ouvi uma história desde nosso último encontro e, se você não a ouviu ainda, pode ser que lhe interesse. Ela me interessou, e volta e meia eu a ouço, toda vez que encontramos outros do Povo.

— Eu vou ouvir.

— Ela começa na primavera dois anos atrás, com um bando do Povo que estava

cruzando o Deserto pela rota do norte.

Perrin abriu os olhos subitamente.

— O Deserto? O Deserto Aiel? Eles estavam cruzando o Deserto Aiel?

— Algumas pessoas podem entrar no Deserto sem serem incomodadas — disse Elyas. — Menestréis. Mascates, se forem honestos. Os Tuatha'an cruzam o Deserto o tempo todo. Mercadores de Cairhien costumavam fazer isso, antes da Árvore, e da Guerra dos Aiel.

— Os Aiel nos evitam — afirmou Raen com tristeza —, embora muitos de nós tenham tentado falar com eles. Eles nos observam de longe, mas não chegam perto de nós. Às vezes temo que eles possam saber a canção, embora suponho que isso não seja provável. Entre os Aiel, os homens não cantam, sabia? Isso não é estranho? A partir do momento em que um menino Aiel se torna homem ele não canta nada além de cânticos de batalha, ou de cânticos fúnebres para os que foram abatidos em combate. Eu já os ouvi cantando para seus mortos, e para os que mataram. Essa canção é de fazer as pedras chorarem. — Ila, ouvindo, assentia enquanto continuava a tricotar.

Perrin começou a repensar rapidamente. Havia achado que os Latoeiros deviam ter medo o tempo todo, com aquela conversa de fugir, mas ninguém que tivesse medo jamais pensaria em cruzar o Deserto Aiel. Pelo que ele ouvira, ninguém que tivesse um mínimo de sanidade tentaria cruzar o Deserto.

— Se essa história for a respeito de uma canção... — começou Elyas, mas Raen sacudiu a cabeça.

— Não, meu velho amigo, não uma canção. Não tenho certeza se sei do que ela trata. — Voltou sua atenção para Perrin. — Os jovens Aiel frequentemente viajam até a Praga. Alguns dos jovens vão sozinhos, achando por alguma razão que foram convocados para matar o Tenebroso. A maioria vai em pequenos grupos. Para caçar Trollocs. — Raen sacudiu a cabeça com tristeza, e quando ele continuou sua voz estava pesada. — Há dois anos, um bando do Povo que cruzava o Deserto cerca de cem milhas ao sul da Praga encontrou um desses grupos.

— Moças — acrescentou Ila, tão pesarosa quanto o marido. — Pouco mais que meninas.

Perrin deixou escapar uma exclamação de surpresa, e Elyas sorriu ironicamente para ele.

— Garotas Aiel não cuidam da casa nem cozinham se não quiserem, garoto. As que querem ser guerreiras entram para uma das sociedades guerreiras, *fur Dareis Mai*, as Donzelas da Lança, e lutam lado a lado com os homens.

Perrin sacudiu a cabeça. Elyas riu ao ver a expressão em seu rosto.

Raen continuou a história, desgosto e perplexidade mesclados em sua voz.

— As jovens estavam todas mortas, com a exceção de uma, que estava morrendo. Ela se arrastou até os carroções. Estava claro que sabia que eles eram Tuatha'an. Sua aversão superava a dor, mas a jovem tinha uma mensagem tão importante que precisava transmitir para alguém, ainda que fosse para nós, antes de morrer. Os homens foram ver se podiam ajudar as outras, seguindo a trilha de sangue que ela deixara, mas estavam todas mortas, assim como três vezes o número delas em Trollocs.

Elyas se sentou, o cachimbo quase caindo de sua boca.

— Cem milhas dentro do Deserto? Impossível! *Djevik K'Shar*, é assim que os Trollocs chamam o Deserto. A Terra da Morte. Eles não iriam cem milhas Deserto

adentro nem que todos os Myrddraal da Praga lhes forçassem.

— Você sabe muito sobre Trollocs, Elyas — observou Perrin.

— Continue sua história — disse Elyas a Raen, com irritação.

— Pelos troféus que as Aiel carregavam, era óbvio que estavam voltando da Praga. Os Trollocs haviam seguido, mas, pelos rastros, apenas alguns sobreviveram para retornar depois de matar as Aiel. Quanto à garota, ela não deixou ninguém tocá-la, nem mesmo para cuidar de seus ferimentos. Mas agarrou o Buscador deles pelo casaco, e isto foi o que ela disse, palavra por palavra: “O Mangra-folha quer cegar o Olho do Mundo, Perdido. Ele quer matar a Grande Serpente. Avise o Povo, Perdido. O Queima-vista está chegando. Diga a eles que se preparem para Aquele Que Vem Com a Aurora. Diga a eles...” E então ela morreu. Mangra-folha e Queima-vista — Raen acrescentou para Perrin — são nomes que os Aiel dão ao Tenebroso, mas eu não entendo nem uma única outra palavra do que foi dito. E, no entanto, ela achou que isso era importante o bastante para abordar aqueles a quem ela obviamente desprezava, para passá-lo com seu último suspiro. Mas para quem? Nós somos o Povo, mas não creio que fôssemos os destinatários da mensagem. Os Aiel? Não nos deixariam contar a eles ainda que tentássemos. — Ele deu um suspiro profundo. — Ela *nos* chamou de Perdidos. Eu nunca antes havia percebido o quanto eles nos odeiam. — Ila colocou o tricô no colo e tocou-lhe a cabeça com delicadeza.

— Alguma coisa que elas descobriram na Praga... — refletiu Elyas. — Mas nada disso faz sentido. Matar a Grande Serpente? Destruir o próprio tempo? E cegar o Olho do Mundo? Podiam muito bem dizer que ele vai matar uma rocha de fome. Talvez ela estivesse balbuciando coisas sem sentido, Raen. Ferida, moribunda, ela poderia ter perdido a noção do que era real. Talvez nem sequer soubesse quem eram aqueles Tuatha'an.

— Ela sabia o que estava dizendo, e com quem estava falando. Uma coisa mais importante para ela do que sua própria vida, e não conseguimos sequer compreender o sentido. Quando vi você entrando em nosso acampamento, pensei que talvez finalmente fôssemos encontrar a resposta, já que você foi... — Elyas fez um gesto rápido com a mão, e Raen mudou o que ia dizer — ...é um amigo, e sabe muitas coisas estranhas.

— Não sobre isso — disse Elyas com um tom de voz que punha um fim à conversa. O silêncio ao redor da fogueira era quebrado apenas pela música e pelos risos que vinham de outras partes do acampamento, sob o manto da noite.

Deitado com os ombros encostados em um dos troncos ao redor do fogo, Perrin tentou resolver o enigma da mensagem da mulher Aiel, mas não fazia mais sentido para ele do que para Raen ou para Elyas. O Olho do Mundo. Isso estivera em seus sonhos, mais de uma vez, mas ele não queria pensar nesses sonhos. Quanto a Elyas... Havia ali uma questão que ele gostaria de ver respondida. O que Raen estivera prestes a dizer sobre o homem barbudo, e por que Elyas o havia interrompido? Também não teve sorte com isso. Estava tentando imaginar como eram as garotas Aiel — adentrando a Praga, aonde apenas Guardiões iam, até onde ele sabia; combatendo Trollocs — quando ouviu Egwene voltando, cantando para si mesma.

Levantando-se apressadamente, ele foi ao encontro dela, onde a luz da fogueira mal chegava. Ela parou, olhando-o com a cabeça inclinada para o lado. No escuro ele não podia ler a expressão no rosto dela.

— Ficou fora um bom tempo — disse ele. — Você se divertiu?

— Nós comemos com a mãe dele — respondeu ela. — E depois dançamos... e rimos. Parece que faz uma eternidade desde a última vez em que dancei.

— Ele me lembra Wil al'Seen. Você sempre teve juízo para não se deixar enganar pelo Wil.

— Aram é um garoto gentil, e é divertido estar com ele — disse ela, numa voz tensa. — Ele me faz rir.

Perrin suspirou.

— Desculpe. Estou feliz por você ter se divertido dançando.

Subitamente ela o abraçou, chorando na camisa dele. Desajeitado, ele deu palmadinhas nos cabelos dela. *Rand saberia o que fazer*, ele pensou. Rand sabia como lidar com as garotas. Não era como ele, que nunca sabia o que fazer nem dizer.

— Eu já pedi desculpas, Egwene. Eu realmente fico feliz por você ter se divertido dançando. É sério.

— Diga que eles estão vivos — murmurou no peito dele.

— O quê?

Ela recuou, mantendo as mãos nos braços dele, e o encarou na escuridão.

— Rand e Mat. Os outros. Diga que eles estão vivos.

Ele respirou fundo e olhou ao redor, hesitante.

— Eles estão vivos — disse por fim.

— Ótimo. — Ela enxugou as bochechas com dedos ligeiros. — Era o que eu queria ouvir. Boa noite, Perrin. Durma bem. — Ficando na ponta dos pés, ela beijou de leve o rosto dele e passou apressada por Perrin antes que ele pudesse falar.

Ele se virou para olhá-la. Ila levantou-se e foi ao encontro dela, e as duas mulheres entraram no carroção falando baixinho. *Rand talvez entendesse isso*, ele pensou, *mas eu não*.

Na noite distante os lobos uivaram para a primeira fina e prateada fatia da lua nova no horizonte, e ele estremeceu. No dia seguinte haveria tempo suficiente para se preocupar com os lobos outra vez. Mas estava errado. Eles esperavam para saudá-lo em seus sonhos.





Ponte Branca

A última e trêmula nota de algo vagamente semelhante a “O Vento que Balança o Salgueiro” felizmente acabou, e Mat baixou a flauta folheada a ouro e prata de Thom. Rand tirou as mãos que cobriam os ouvidos. Um marinheiro que enrolava um cabo no convés ali perto soltou um longo suspiro de alívio. Por um momento, os únicos sons foram a água batendo no casco, o rangido ritmado dos remos e, de vez em quando, o zumbido do cordame dedilhado pelo vento que soprava de proa no *Espuma*. As velas, inúteis, estavam recolhidas.

— Acho que deveria lhe agradecer — murmurou finalmente Thom Merrill — por me mostrar como é verdadeiro aquele velho ditado: pode ensinar o quanto for, um porco jamais tocará flauta. — O marinheiro explodiu numa gargalhada, e Mat ergueu a flauta como se fosse jogá-la em cima dele. Com destreza, Thom tomou o instrumento de Mat e o colocou em seu estojo de couro. — Achei que vocês pastores passassem o tempo com o rebanho tocando flauta ou gaita. Isso me ensina a não acreditar no que não vi com meus próprios olhos.

— Rand é o pastor — resmungou Mat. — Ele toca flauta, não eu.

— Sim, bem, ele de fato tem uma certa aptidão. Talvez você seja melhor com os malabares, garoto. Pelo menos para isso você mostra algum talento.

— Thom — disse Rand —, não sei por que você está se esforçando tanto. — Olhou de relance para o marinheiro e abaixou a voz. — Afinal de contas, não estamos realmente querendo ser menestrelis. Isso é só um disfarce até encontrarmos Moiraine e os outros.

Thom puxou uma ponta do bigode e pareceu estudar o macio couro marrom-

escuro do estojo da flauta pousado em seu no colo.

— E se vocês não os encontrarem, garoto? Não há nada que diga que eles ainda estão vivos.

— Eles estão vivos — disse Rand com firmeza. Virou-se para Mat em busca de apoio, mas as sobrelanceiras deste estavam franzidas até quase a ponta do nariz, a boca era uma linha fina, e seus olhos estavam fixos no convés. — Ande, fale — disse-lhe Rand. — Você não pode estar tão zangado assim por não ser capaz de tocar flauta. Eu também não consigo, não muito bem. Você nunca quis tocar flauta antes.

Mat levantou a cabeça, a testa ainda franzida.

— E se eles estiverem mortos? — perguntou, baixinho. — Temos de aceitar os fatos, certo?

Naquele instante, o vigia no cesto da gávea gritou:

— Ponte Branca! Ponte Branca à vista!

Por um longo momento, sem querer acreditar que Mat pudesse dizer algo assim de modo tão casual, Rand olhou nos olhos do amigo em meio à confusão de marujos se preparando para atracar. Mat lhe devolveu o olhar furioso, a cabeça enfiada entre os ombros. Havia tanta coisa que Rand queria dizer... mas não conseguia colocar tudo em palavras. Eles precisavam acreditar que os outros estavam vivos. Precisavam. *Por quê?, espicava uma voz em sua cabeça. Para que tudo aconteça como em uma das histórias de Thom? Os heróis encontram o tesouro, derrotam o vilão e vivem felizes para sempre? Algumas das histórias dele não terminam assim. Às vezes até os heróis morrem. Você é um herói, Rand al'Thor? Você é um herói, pastor?*

Subitamente Mat enrubescou e desviou o olhar. Livre de seus pensamentos, Rand ergueu-se de um salto e pôs-se a atravessar a confusão até a amurada. Mat o seguiu devagar, sem sequer se esforçar para se desviar dos marinheiros que cruzavam seu caminho.

Os homens corriam pelo barco, os pés descalços ressoando no convés, puxando cordas, amarrando alguns cabos e desamarrando outros. Alguns traziam bolsas grandes de lona tão cheias de lã que pareciam prestes a arrebentar, enquanto outros aprontavam cabos da grossura do punho de Rand. Apesar da pressa, eles se moviam com a segurança de quem havia feito aquilo mil vezes antes, mas o Capitão Domon andava de um lado para o outro no convés gritando ordens e xingando aqueles que não se moviam rápido o bastante para ele.

A atenção de Rand estava toda voltada para o que havia à frente, surgindo à vista quando fizeram uma suave curva do Arinelle. Ele havia ouvido falar nela, em canções, histórias e casos de mercadores itinerantes, mas agora ele veria de fato a lenda.

A Ponte Branca descrevia um arco elevado sobre as águas amplas, duas vezes mais alta que o mastro do *Espuma* ou mais, e de uma ponta a outra reluzia, branca e leitosa, à luz do sol, captando a luz até que ela mesma parecesse brilhar. Pilares finos como teias de aranha, feitos do mesmo material, mergulhavam na corrente forte, parecendo frágeis demais para suportar o peso e a largura da ponte. Ela parecia feita toda de uma só peça, como se tivesse sido esculpida a partir de uma única pedra ou moldada pela mão de um gigante, larga e alta, saltando o rio com uma graça etérea que quase fazia o olho esquecer seu tamanho. No fim das contas, ela se agigantava ante a cidade que se espalhava a seus pés na margem leste, embora Ponte Branca fosse de longe maior que Campo de Emond, com casas de pedra e tijolos da altura das de Barca do Taren e cais de madeira como dedos

finos esticando-se rio adentro. Pequenos barcos salpicavam em profusão o Arinelle, com pescadores puxando suas redes. E acima de todos a Ponte Branca se elevava e reluzia.

— Parece vidro — disse Rand a ninguém em particular.

O Capitão Domon fez uma pausa atrás dele e enfiou os polegares atrás do cinturão largo.

— Não, rapaz. Seja lá o que for, vidro não é, não. Pode cair a chuva mais forte que nela nem se escorrega, não, e o melhor cinzel e o braço mais forte nem fazem marca nela.

— Um resquício da Era das Lendas — observou Thom. — Sempre achei que é isso que deve ser.

O capitão deixou escapar um grunhido melancólico.

— Talvez. Mas continua útil mesmo assim. Pode ser que outros tenham construído. Nem *tem* de ser obra de Aes Sedai, a Fortuna me carregue. Nem *tem* de ser tão velha assim desse jeito. Força nisso, seu idiota! — Ele saiu apressado pelo convés.

Rand ficou olhando ainda mais admirado. *Da Era das Lendas*. Feita por Aes Sedai então. Era por isso que o Capitão Domon se sentia daquele jeito, apesar de toda a sua conversa sobre a maravilha e a estranheza do mundo. Obra de Aes Sedai. Uma coisa era ouvir falar, outra era ver, e tocar. *Você sabe disso, não sabe?* Por um instante pareceu a Rand que uma sombra atravessou, ondulante, a estrutura branca como leite. Ele desviou os olhos, na direção das docas que se aproximavam, mas a ponte ainda assomava no canto de sua visão.

— Conseguimos, Thom — disse, e então forçou uma risada. — E sem motim.

O menestrel apenas pigarreou e soprou os bigodes, mas dois marujos preparando um cabo ali perto dirigiram um olhar duro a Rand, e depois rapidamente curvaram-se e voltaram ao trabalho. Ele parou de rir e tentou não olhar para os dois pelo resto da aproximação até Ponte Branca.

O *Espuma* fez uma curva suave e parou ao lado do primeiro cais, tábuas grossas apoiadas em pilares pesados revestidos de alcatrão, com a ajuda de remos que agitavam a água, fazendo espuma ao redor das pás. Quando os remos estavam sendo recolhidos, os marujos jogaram cabos para homens no cais, que os amarraram com movimentos largos, enquanto outros tripulantes jogavam os sacos de lã sobre a amurada para proteger o casco das estacas do cais.

Antes mesmo que o barco sequer terminasse de atracar, carruagens apareceram no fim do cais, altas e laqueadas, de um preto brilhante, cada uma delas com um nome pintado na porta com letras grandes, douradas ou escarlates. Os passageiros dentro das carruagens subiram apressados pela prancha de embarque assim que ela foi colocada no lugar, homens de rostos lisos, vestidos com casacos compridos de veludo e mantos forrados de seda e sandálias de pano, cada qual seguido por um serviçal vestido com simplicidade carregando um cofre de ferro com seu dinheiro.

Eles se aproximaram do Capitão Domon com sorrisos artificiais que desapareceram quando ele subitamente rugiu na cara deles.

— Você! — Ele apontou um dedo grosso para além deles, fazendo Floran Gelb parar onde estava no meio do navio. O hematoma na testa de Gelb, causado pela bota de Rand, havia desaparecido, mas ele ainda passava os dedos no local de tempos em tempos como se para lembrar a si mesmo. — Você dormiu na vigia no meu barco pela última vez! No meu ou em qualquer outro barco, no que depender de mim. Escolha o lado que quiser, o cais ou o rio, mas fora do meu barco *agora!*

Gelb encolheu os ombros, e seus olhos reluziram de ódio, voltando-se para Rand e seus amigos, mas especialmente Rand, com um olhar venenoso. O homem magro correu os olhos pelo convés em busca de apoio, mas não havia muita esperança naquele olhar. Um a um, cada homem da tripulação parou o que estava fazendo e o encarou com frieza. Gelb murchou visivelmente, mas então seu olhar de ódio retornou duas vezes mais forte. Com uma imprecação murmurada, ele disparou para os alojamentos da tripulação, abaixo do convés. Domon mandou dois homens atrás dele para garantir que ele não fizesse nada de errado e o dispensou com um grunhido. Quando o capitão se voltou novamente para eles, os mercadores retomaram seus sorrisos e medidas, como se nunca tivessem sido interrompidos.

A uma palavra de Thom, Mat e Rand começaram a recolher suas coisas. Nenhum deles possuía muito além das roupas do corpo. Rand tinha seu cobertor enrolado, os alforjes e a espada de seu pai. Ele segurou a arma por um instante, e a saudade de casa o arrastou com tanta força que seus olhos arderam. Perguntou-se se um dia tornaria a ver Tam. Ou sua casa. Casa. *Vai passar o resto da vida correndo, correndo e com medo dos próprios sonhos.* Com um suspiro trêmulo, ele passou o cinto em torno do corpo sobre o casaco.

Gelb voltou ao convés, acompanhado por suas sombras gêmeas. Ele olhava diretamente para a frente, mas Rand ainda podia sentir o ódio se irradiando dele em ondas. Empertigado e com o rosto sombrio, Gelb desceu a prancha sério, as pernas rígidas, e abriu caminho à força pela pequena multidão que estava no cais. Num minuto ele sumiu de vista, desaparecendo além das carruagens dos mercadores.

Não havia muita gente no cais, e os que estavam lá eram uma mistura, em roupas simples, de trabalhadores, pescadores consertando redes e algumas pessoas da cidade que haviam aparecido para ver o primeiro navio do ano descendo o rio, vindo de Saldaea. Nenhuma das garotas era Egwene e ninguém se parecia nem um pouco com Moiraine, nem Lan, nem qualquer pessoa que Rand estivesse esperando ver.

— Talvez eles não tenham descido para o cais — disse.

— Talvez — respondeu Thom secamente. Ele colocou os estojos dos instrumentos nas costas com cuidado. — Vocês dois, fiquem de olho em Gelb. Se puder, ele vai criar problemas. Queremos passar por Ponte Branca tão discretamente que ninguém se lembre de que estivemos aqui cinco minutos depois que partimos.

Seus mantos drapejavam ao vento enquanto eles caminhavam até a prancha de desembarque. Mat carregava o arco cruzado na frente do peito. Mesmo depois de todos os dias no barco, ele ainda atraía alguns olhares dos tripulantes, cujos arcos eram bem menores.

O Capitão Domon deixou os mercadores para interceptar Thom na prancha.

— Vai mesmo me deixar agora, menestrel, vai? Nem posso convencê-lo a prosseguir? Vou descer até Illian, onde as pessoas dão o devido respeito aos menestrais. Nem há lugar melhor no mundo para a sua arte. Eu o deixaria lá a tempo para o Festival de Sefan, é. As competições, você sabe. Cem marcos de ouro para a melhor contação da Grande Caçada à Trombeta.

— Um grande prêmio, Capitão — replicou Thom com uma medida elaborada e um floreio do manto que fez os retalhos se agitarem —, e grandes competições, que atraem muito justamente menestrais de todo o mundo. No entanto — acrescentou com secreta —, receio que não possamos pagar a passagem ao preço que o senhor cobra.

— Sim, ora, quanto a isso... — O capitão retirou uma bolsa de couro do bolso do

casaco e a jogou para Thom. Ela tilintou quando Thom a agarrou. — Suas passagens de volta, e ainda um pouco mais. O estrago nem foi tão ruim quanto eu pensava, e você trabalhou para pagar a passagem e mais com suas histórias e sua harpa. Eu poderia talvez oferecer a mesma quantia se vocês permanecessem a bordo até o Mar das Tempestades. E eu os deixaria em Illian. Um bom menestrel pode fazer fortuna por lá, mesmo sem considerar as competições.

Thom hesitou, sopesando a bolsa na palma da mão, mas Rand pronunciou-se.

— Vamos encontrar alguns amigos aqui, Capitão, e depois seguiremos para Caemlyn. Teremos de ver Illian em outra oportunidade.

A boca de Thom se retorceu, desgostosa. Então ele soprou os longos bigodes e enfiou a bolsa no bolso.

— Talvez, se as pessoas que queremos encontrar não estiverem aqui, Capitão.

— Certo — disse Domon num tom azedo. — Pense nisso. É uma pena que eu nem possa manter Gelb a bordo para que os outros descarreguem a raiva nele, mas eu sempre faço o que digo que vou fazer. Suponho que terei de ir mais devagar agora, ainda que isso signifique levar três vezes o tempo que deveria para chegar até Illian. Bem, talvez aqueles Trollocs estivessem *mesmo* atrás de vocês três.

Rand piscou, mas ficou em silêncio. Mat, porém, não teve tanta cautela.

— Por que o senhor acha que eles não estavam? — perguntou ele. — Eles estavam atrás do mesmo tesouro que nós.

— Pode ser — grunhiu o capitão, não parecendo convencido. Passou os dedos grossos pela barba, então apontou para o bolso onde Thom havia guardado a bolsa. — Duas vezes isso se vocês voltarem para fazerem os homens esquecerem do quão duro eu os faço trabalhar. Pense nisso, sim. Lço a vela ao amanhecer. — Ele deu meia-volta e dirigiu-se aos mercadores, abrindo bem os braços enquanto se desculpava por mantê-los esperando.

Thom ainda hesitou, mas Rand o forçou a descer a prancha sem lhe dar chance de discutir, e o menestrel se permitiu ser conduzido. Um murmúrio correu entre as pessoas no cais quando elas viram o manto de retalhos de Thom, e algumas perguntaram onde ele iria se apresentar. *Isso é que é não sermos notados...* pensou Rand, desanimado. Ao pôr do sol todos em Ponte Branca saberiam que havia um menestrel na cidade. Mesmo assim, ele apressou Thom, e o menestrel, envolto num silêncio mal-humorado, nem sequer tentou desacelerar o suficiente para desfrutar a atenção recebida.

Os cocheiros olharam de seus poleiros para Thom com interesse, mas aparentemente a dignidade de suas posições os proibia de gritar. Sem fazer ideia de para onde ir exatamente, Rand voltou-se para a rua que corria ao longo do rio e passava por baixo da ponte.

— Precisamos achar Moiraine e os outros — disse. — E rápido. Devíamos ter pensado em trocar o manto de Thom.

Thom subitamente se sacudiu e parou onde estava.

— Um estalajadeiro será capaz de nos dizer se eles estão aqui, ou se passaram por aqui. O estalajadeiro certo. Estalajadeiros sabem de todas as notícias e fofocas. Se eles não estiverem aqui... — Ele olhou de Rand para Mat, voltando a Rand. — Precisamos conversar, nós três. — Com o manto girando ao redor dos tornozelos, ele partiu para a cidade, afastando-se do rio. Rand e Mat tiveram de apertar o passo para segui-lo.

O arco largo e branco leitoso que dava o nome à cidade dominava Ponte Branca tanto

de perto quanto de longe, mas quando Rand se viu nas ruas percebeu que a cidade era tão grande quanto Baerlon, embora não tão apinhada de gente. Algumas carroças andavam nas ruas, puxadas por cavalos, bois, burros ou homens, mas não se viam carruagens. Estas provavelmente pertenciam aos mercadores e estavam aglomeradas no cais.

Lojas de todos os tipos ladeavam as ruas, e muitos dos comerciantes trabalhavam diante de seus estabelecimentos, sob as placas que balançavam ao vento. Passaram por um homem consertando painéis, e um alfaiate segurando cortes de tecido contra a luz para um cliente ver. Um sapateiro, sentado à sua porta, martelava o salto de uma bota. Ambulantes anunciavam aos gritos seus serviços para amolar facas e tesouras, ou tentavam interessar os passantes com suas simplórias bandejas de frutas ou legumes, mas nenhum estava despertando muito interesse. Lojas que vendiam comida tinham os mesmos produtos, de dar pena, de que Rand se lembrava de Baerlon. Até mesmo os peixeiros exibiam apenas pequenas pilhas de peixinhos, apesar de todos os barcos no rio. Os tempos ainda não estavam de fato difíceis, mas todos podiam ver o que estava por vir se o tempo não mudasse logo, e aqueles rostos que não tinham as testas permanentemente franzidas de preocupação pareciam fitar alguma coisa invisível, alguma coisa desagradável.

No centro da cidade, a Ponte Branca descia em uma praça ampla, pavimentada com pedras desgastadas por gerações de pés e rodas de carroções. Estalagens cercavam a praça, lojas e casas altas de tijolos vermelhos com placas do lado de fora com os mesmos nomes que Rand havia visto nas carruagens no cais. Foi em uma das estalagens, aparentemente escolhida aleatoriamente, que Thom entrou. A placa sobre a porta, balançando ao vento, tinha um homem caminhando com uma sacola às costas de um lado e o mesmo homem com a cabeça no travesseiro do outro, e anunciava O Descanso dos Caminhantes.

O salão estava vazio, exceto pelo estalajadeiro gordo tirando cerveja de um barril e dois homens com roupas rústicas de trabalhador olhando desanimados para suas canecas em uma mesa nos fundos. Somente o estalajadeiro ergueu a cabeça quando eles entraram. Uma parede da altura do ombro dividia o aposento em dois da frente até os fundos, com mesas e uma lareira acesa de cada lado. Rand se perguntou, absorto, se todos os estalajadeiros eram gordos e calvos.

Esfregando as mãos vigorosamente, Thom comentou com o estalajadeiro sobre o frio tardio e pediu vinho quente com especiarias, e então acrescentou, baixinho:

— Há algum lugar onde eu e meus amigos possamos conversar sem sermos perturbados?

O estalajadeiro acenou com a cabeça para a parede baixa.

— O lado de lá é o melhor que tenho, a menos que vocês queiram alugar um quarto. Isso é para quando os marinheiros chegam do rio. Parece que metade das tripulações tem problemas com a outra metade. Não admito que minha estalagem seja quebrada por brigas, então mantenho os grupos separados. — O tempo inteiro ele olhava o manto de Thom, e nesse momento ele inclinou a cabeça de lado, um olhar malicioso. — Vocês vão ficar? Não tenho um menestrel aqui já faz um tempo. As pessoas pagariam muito bem por alguma coisa que afastasse sua mente das preocupações. Eu poderia até dar um desconto no valor do quarto e das refeições.

Sem sermos notados, pensou Rand, mal-humorado.

— Você é muito generoso — disse Thom, fazendo uma mesura. — Talvez eu aceite sua oferta. Mas, por ora, um pouco de privacidade.

— Vou lhes trazer o vinho. Um menestrel pode fazer um bom dinheiro aqui.

As mesas do outro lado da parede estavam todas vazias, mas Thom escolheu uma bem no meio do espaço.

— Assim ninguém pode nos ouvir sem que saibamos — explicou. — Vocês ouviram o sujeito? Ele vai nos dar um desconto. Ora, eu dobraria a clientela dele só por estar sentado aqui. Qualquer estalajadeiro honesto dá a um menestrel quarto e comida, além de um bom dinheiro.

A mesa sem toalha não estava nem um pouco limpa, e o chão não era varrido fazia dias, senão semanas. Rand olhou ao redor e fez uma careta. Mestre al'Vere não teria deixado sua estalagem ficar tão suja nem que tivesse de sair doente da cama para cuidar disso pessoalmente.

— Estamos aqui apenas em busca de informação. Lembra-se?

— Por que aqui? — Mat quis saber. — Passamos por outras estalagens que pareciam mais limpas.

— Saíndo direto da ponte — disse Thom — fica a estrada para Caemlyn. Qualquer um que passe por Ponte Branca atravessa esta praça, a menos que siga pelo rio, e nós sabemos que seus amigos não vão fazer isso. Se não tivermos notícias deles aqui, elas não existem. Deixem que eu falo. Isto tem de ser feito com cuidado.

Nesse momento o estalajadeiro apareceu, segurando pela alça três canecas de estanho maltratadas numa das mãos. O homem gordo passou rapidamente uma toalha na mesa, pôs as canecas e pegou o dinheiro de Thom.

— Se você ficar, não vai precisar pagar suas bebidas. Bom vinho, aqui.

O sorriso de Thom mostrou-se apenas na boca.

— Vou pensar nisso, estalajadeiro. O que há de novo? Há muito tempo não ficamos sabendo de nada.

— Grandes notícias, isso é o que há. Grandes notícias.

O estalajadeiro pendurou a toalha no ombro e puxou uma cadeira. Ele cruzou os braços em cima da mesa, soltou um longo suspiro e acomodou-se, dizendo que bom era poder se sentar um pouco. Seu nome era Bartim, e ele continuou a falar com riqueza de detalhes dos seus pés, de calos e joanetes, e de quanto tempo ele passava de pé e no que ele os mergulhava, até Thom mencionar as novidades mais uma vez, e então ele mudou de assunto sem mal fazer pausa.

As notícias eram mesmo grandes, como ele dissera. Logain, o falso Dragão, havia sido capturado após uma grande batalha perto de Lugard enquanto tentava movimentar seu exército de Ghealdan para Tear. As Profecias, eles entendiam? Thom assentiu com a cabeça, e Bartim prosseguiu. As estradas ao sul estavam lotadas de gente, os mais sortudos levando nas costas o que podiam carregar. Milhares fugindo em todas as direções.

— Ninguém — Bartim riu com ironia — apoiou Logain, é claro. Ah, não, vocês não vão encontrar muitos que admitam isso, não agora. Apenas refugiados tentando encontrar um lugar seguro durante os tumultos.

As Aes Sedai haviam participado da captura de Logain, é claro. Bartim cuspiu no chão quando disse isso, e outra vez quando falou que estavam levando o falso Dragão para o norte, para Tar Valon. Bartim era um homem decente, ele disse, um homem respeitável, e, em sua opinião, as Aes Sedai podiam ir todas de volta para a Praga, de onde vinham, e levar Tar Valon com elas. Não chegaria nem a mil milhas de distância de uma

Aes Sedai se pudesse evitar. É claro, elas estavam parando em cada aldeia e cidade no caminho para o norte a fim de exibir Logain, era o que ele tinha ouvido. Para mostrar às pessoas que o falso Dragão havia sido capturado e que o mundo estava a salvo novamente. Ele teria gostado de ver isso, ainda que significasse chegar perto de Aes Sedai. Até estava meio tentado a ir até Caemlyn.

— Elas vão levá-lo até lá para mostrar à Rainha Morgase. — O estalajadeiro tocou a testa em sinal de respeito. — Eu nunca vi a Rainha. Um homem deveria ver sua própria Rainha, não acham?

Logain podia fazer “coisas”, e a maneira como Bartim olhava de um lado para o outro e sua língua corria pelos lábios deixava claro o que ele queria dizer. Ele havia visto o último falso Dragão, dois anos antes, quando ele fora exibido em desfile pelo campo, mas aquele era apenas um sujeito que achava que podia fazer de si mesmo um rei. Daquela vez não houvera necessidade de Aes Sedai. Soldados o haviam acorrentado a um carroção. Um sujeito carrancudo e arrasado que gemia no meio do carroção, cobrindo a cabeça com os braços sempre que as pessoas lhe atiravam pedras ou o espetavam com pedaços de pau. Acontecera muitas vezes, e os soldados nada haviam feito para impedir, contanto que não matassem o sujeito. Melhor deixar o povo ver que ele não era nada de especial, afinal de contas. Ele não podia fazer “coisas”. Mas aquele Logain seria algo de se ver. Algo para Bartim contar aos seus netos. Se ao menos a estalagem lhe desse uma folga...

Rand escutava com um interesse que não precisava ser fingido. Quando Padan Fain levava em Campo de Emond as notícias de um falso Dragão, um homem que de fato usava o Poder, aquela havia sido a maior notícia a chegar aos Dois Rios em anos. O que acontecera desde então a havia jogado para o fundo de sua mente, mas aquele ainda era o tipo de coisa sobre a qual as pessoas continuariam falando por anos, e contando aos netos também. Bartim provavelmente contaria aos seus que havia visto Logain, tivesse isso acontecido ou não. Ninguém jamais pensaria que o que acontecesse a alguns aldeões dos Dois Rios valesse a pena contar, a menos que a própria pessoa fosse dos Dois Rios.

— Esse — disse Thom — seria um bom tema para uma história, uma história que eles contariam por mil anos. Eu gostaria de ter estado lá. — Ele soava como se fosse a mais pura verdade, e Rand achou que realmente era. — Talvez tentasse vê-lo de qualquer maneira. Você não disse que rota eles estavam pegando. Talvez haja outros viajantes por aqui. Eles podem ter ouvido falar.

Bartim fez um gesto de desprezo com uma das mãos, ensebada.

— Para o norte, é tudo o que se sabe por aqui. Você quer vê-lo, vá para Caemlyn. Isso é tudo o que sei. E, se existe algo para saber em Ponte Branca, eu sei.

— Sem dúvida que sim — disse Thom com jeito. — Suponho que muitos estranhos de passagem parem aqui. Sua placa chamou minha atenção lá do pé da Ponte Branca.

— Não só do oeste, isso eu lhe direi. Dois dias atrás, apareceu um camarada aqui, um homem de Illian, com uma proclamação toda enfeitada de selos e fitas. Leu-a bem ali no centro da praça. Disse que vai levá-la até as Montanhas da Névoa, talvez até o Oceano de Aryth, se as passagens estiverem abertas. Disse que eles enviaram homens para lê-la em todas as terras do mundo. — O estalajadeiro sacudiu a cabeça. — As Montanhas da Névoa. Ouvi dizer que ficam cobertas por névoa o ano inteiro, e existem coisas na névoa que arrancam a carne dos seus ossos antes que você consiga fugir. — Mat deu uma risadinha zombeteira, o que lhe valeu um olhar duro de Bartim.

Thom inclinou-se para a frente, interessado.

— O que dizia a proclamação?

— Ora, a Caçada à Trombete, é claro — exclamou Bartim. — Eu não disse isso? A gente de Illian está convocando todos aqueles dispostos a jurar suas vidas à caçada a se reunir em Illian. Pode imaginar isso? Oferecer sua vida a uma lenda? Suponho que eles vão encontrar alguns tolos. Há sempre tolos por aí. O camarada afirmou que o fim do mundo está chegando. A última batalha com o Tenebroso. — Ele riu, mas o riso tinha um som oco, um homem rindo para se convencer de que valia mesmo a pena rir de alguma coisa. — Acho que eles pensam que a Trombete de Valere tem de ser encontrada antes que isso aconteça. Agora, o que vocês acham disso? — Ele ficou mastigando o nó de um dedo, pensativo, por um minuto. — É claro, eu não sei como poderia argumentar com eles depois deste inverno. O inverno, e esse tal de Logain, e aqueles dois outros antes também. Por que todos esses sujeitos nos últimos anos resolveram afirmar que são o Dragão? E o inverno. Deve significar alguma coisa. O que você acha?

Thom não pareceu ouvi-lo. Com uma voz suave, o menestrel começou a recitar para si mesmo.

*"Na última, de todas a mais triste batalha
contra o cair da longa noite, a mortalha,
as montanhas, em guarda,
e os mortos, soldados,
pois a tumba não impede o meu chamado."*

— É isso. — Bartim sorriu como se já pudesse ver as multidões lhe entregando o dinheiro enquanto ouviam Thom. — É isso mesmo. *A Grande Caçada à Trombete*. Conte essa que vão lotar isto aqui até ficarem pendurados no teto. Todo mundo ouviu falar da proclamação.

Thom ainda parecia estar a mil milhas dali, então Rand falou.

— Estamos procurando alguns amigos que viriam nesta direção. Vindos do oeste. Houve muitos estranhos passando por aqui nas duas últimas semanas?

— Alguns — disse Bartim devagar. — Sempre aparece alguém, tanto do leste quanto do oeste. — Ele olhou para cada um deles, subitamente desconfiado. — Como são esses seus amigos?

Rand abriu a boca, mas Thom, subitamente de volta de onde quer que tivesse estado, lançou-lhe um olhar duro que o silenciou. Com um suspiro exasperado, o menestrel virou-se para o estalajadeiro.

— Dois homens e três mulheres — disse, com relutância. — Podem estar juntos, ou não. — Deu descrições genéricas, pincelando cada um com apenas algumas palavras, o suficiente para que qualquer um que os tivesse visto os reconhecesse sem entregar nada sobre quem eles eram.

Bartim esfregou uma mão na cabeça, despenteando os cabelos ralos, e levantou-se devagar.

— Esqueça a ideia de se apresentar aqui, menestrel. Na verdade, eu agradeceria se vocês bebessem seu vinho e fossem embora. Saiam de Ponte Branca, se são espertos.

— Mais alguém andou perguntando por eles? — Thom tomou um gole, como se a resposta fosse a coisa menos importante do mundo, e ergueu uma sobranceira para o

estalajadeiro. — Quem seria?

Bartim esfregou os cabelos novamente e moveu os pés, prestes a sair dali, e então assentiu para si mesmo.

— Há cerca de uma semana, pelo que me lembro, um sujeito com cara de fuinha cruzou a ponte. Louco, todo mundo pensou. Sempre falando consigo mesmo, não parava de se mexer nem quando estava parado. Perguntou sobre as mesmas pessoas... algumas delas. Perguntava como se fosse coisa importante, então agia como se não ligasse para a resposta. Metade do tempo falava como se tivesse de esperar por eles aqui, e na outra metade tinha de ir embora, estava com pressa. Num minuto estava reclamando e implorando, no minuto seguinte fazia exigências como um rei. Quase levou uma surra umas duas vezes, louco ou não. A Guarda quase o levou sob custódia para sua própria segurança. Ele partiu para Caemlyn naquele mesmo dia, falando consigo mesmo e chorando. Louco, como eu disse.

Rand olhou para Thom e Mat inquisitivamente, e ambos balançaram a cabeça. Se esse sujeito com cara de fuinha estava procurando por eles, não era ninguém que reconhecessem.

— Tem certeza de que eram as mesmas pessoas que ele procurava? — perguntou Rand.

— Algumas delas. O lutador, e a mulher de vestido de seda. Mas não era com eles que ele estava preocupado. Era com três rapazes do campo. — Seus olhos deslizaram por Rand e Mat e se afastaram novamente tão rápido que Rand não teve certeza se realmente tinha visto o olhar ou o imaginado. — Ele estava desesperado para encontrá-los. Mas louco, como eu disse.

Rand estremeceu e se perguntou quem poderia ser o louco, e por que estava procurando por eles. *Um Amigo das Trevas? Ba'alzamon usaria um louco?*

— Ele era louco, mas o outro... — Os olhos de Bartim se deslocaram, inquietos, e ele passou a língua pelos lábios, como se não conseguisse encontrar saliva suficiente para umedecê-los. — No dia seguinte... no dia seguinte o outro veio pela primeira vez. — Ficou em silêncio.

— O outro? — perguntou Thom finalmente.

Bartim olhou em volta, embora o lado deles do salão dividido estivesse vazio, exceto por eles. Ele chegou até a se levantar na ponta dos pés e olhar sobre a parede. Quando finalmente falou, foi num sussurro apressado.

— Ele anda todo de preto. Mantém o capuz do manto puxado para que você não possa ver o rosto dele, mas você pode sentir o olhar dele em você, como uma ponta de gelo enfiada na sua espinha. Ele... ele falou comigo. — O homem estremeceu e parou para morder o lábio antes de continuar. — Sua voz parecia uma serpente se arrastando entre folhas mortas. Meu estômago gelou. Toda vez que ele volta, faz as mesmas perguntas. As mesmas perguntas que o louco fazia. Ninguém nunca o vê chegando... de repente ele está ali, seja dia ou seja noite, paralisando você onde você estiver. As pessoas estão começando a olhar sobre o ombro. O pior é que os vigias dos portões afirmam que ele nunca passou por nenhum portão, entrando ou saindo.

Rand lutou para manter a expressão neutra; apertou o maxilar até os dentes doerem. Mat fez uma careta, e Thom ficou examinando seu vinho. A palavra que nenhum deles queria dizer pairava no ar entre eles. Myrddraal.

— Acho que lembraria se algum dia tivesse encontrado alguém assim — disse Thom

após um minuto.

Bartim sacudiu a cabeça furiosamente.

— Que me queimem, mas você lembraria sim. Verdade da Luz, você lembraria. Ele... ele quer o mesmo grupo que o louco, só que diz que tem uma garota com eles. E... — ele olhou de esguelha para Thom — um menestrel de cabelos brancos.

As sobranceiras de Thom se levantaram no que Rand tinha certeza de que deveria ser uma surpresa legítima.

— Um menestrel de cabelos brancos? Bem, não creio que eu seja o único menestrel do mundo com uma certa idade. Asseguro-lhe que não conheço esse sujeito, e ele não pode ter motivo para estar procurando por mim.

— Pode ser — disse Bartim, sombrio. — Ele não disse isso com tantas palavras, mas tive a impressão de que ele ficaria muito descontente com qualquer um que tentasse ajudar essas pessoas, ou tentasse escondê-las dele. De qualquer maneira, vou lhes dizer o que disse a ele. Eu não vi nenhum deles, nem ouvi falar deles, e esta é a verdade. Nenhum deles — concluiu, decidido. Colocou bruscamente o dinheiro de Thom em cima da mesa. — Terminem logo seu vinho e vão embora. Está certo? Está certo? — E afastou-se dali o mais rápido que pôde, olhando sobre o ombro.

— Um Desvanecido — sussurrou Mat quando o estalajadeiro se afastou. — Eu devia saber que eles estariam procurando a gente aqui.

— E ele vai voltar — disse Thom, inclinando-se sobre a mesa e abaixando a voz. — Eu digo que devemos voltar de fininho para o barco e aceitar a oferta do Capitão Domon. A caçada estará concentrada na estrada para Caemlyn, enquanto nós estaremos a caminho de Illian, a mil milhas de onde o Myrddraal nos espera.

— Não — disse Rand com firmeza. — Vamos esperar Moiraine e os outros em Ponte Branca, ou seguir para Caemlyn. Uma coisa ou outra, Thom. Foi o que decidimos.

— Isso é loucura, garoto. As coisas mudaram. Escute bem o que digo. Não importa o que esse estalajadeiro diga, quando um Myrddraal o encarar, ele vai dizer tudo sobre nós, do que bebemos até a quantidade de pó nas nossas botas. — Rand estremeceu, lembrando-se da expressão sem olhos do Desvanecido. — Quanto a Caemlyn... Você pensa que os Meios-homens não sabem que você quer chegar a Tar Valon? Esse é um bom momento para estar num barco que vai para o sul.

— Não, Thom. — Rand precisou forçar as palavras a saírem, pensando em estar a mil milhas de onde os Desvanecidos estavam procurando, mas respirou fundo e conseguiu firmar a voz. — Não.

— Pense, garoto. Illian! Não existe cidade mais grandiosa na face da terra. E a Grande Caçada à Trombeta! Não acontece uma Caçada à Trombeta há quase quatrocentos anos. Todo um novo ciclo de histórias esperando para ser criado. Pense só nisso. Você nunca sonhou com nada parecido. Quando o Myrddraal descobrir para onde você foi, você estará velho e grisalho e tão cansado de tomar conta de seus netos que nem vai ligar se eles encontrarem você.

O rosto de Rand assumiu uma expressão de teimosia.

— Quantas vezes tenho de dizer não? Eles vão nos encontrar aonde quer que formos. Haverá Desvanecidos aguardando em Illian também. E como escaparemos dos sonhos? Eu quero saber o que está acontecendo comigo, Thom, e por quê. Eu vou para Tar Valon. Com Moiraine, se puder; sem ela, se for preciso. Sozinho, se tiver de ser assim. Eu preciso saber.

— Mas Illian, garoto! É um caminho seguro, rio abaixo, enquanto eles o procuram em outra direção. Sangue e cinzas! Um sonho não pode ferir você.

Rand ficou em silêncio. *Um sonho não pode ferir? Espinhos de sonhos tiram sangue de verdade?* Ele quase desejou ter contado a Thom sobre esse sonho também. *Você ousa contar a alguém? Ba'alzamon está em seus sonhos, mas o que existe entre o sonho e o despertar? A quem você ousa contar que o Tenebroso o está tocando?*

Thom pareceu compreender. A expressão do menestrel se suavizou.

— Até mesmo *esses* sonhos, rapaz. Eles ainda são apenas sonhos, não são? Pelo amor da Luz, Mat, fale com ele. Eu sei que pelo menos você não quer ir para Tar Valon.

O rosto de Mat ficou vermelho, em parte por vergonha e em parte por raiva. Ele evitou olhar para Rand e fez cara feia para Thom.

— Por que está se dando a todo esse trabalho? Quer voltar para o barco? Volte para o barco. Nós cuidamos de nós mesmos.

Os ombros magros do menestrel sacudiram-se com a risada silenciosa, mas sua voz demonstrava uma raiva contida.

— Você acha que sabe o bastante sobre os Myrddraal para escapar por conta própria, é? Está pronto para entrar em Tar Valon sozinho e se entregar ao Trono de Amyrlin? Consegue ao menos distinguir uma Ajah de outra? Que a Luz me queime, garoto! Se você acha que pode sequer chegar a Tar Valon sozinho, me diga para ir embora.

— Vá — grunhiu Mat, deslizando uma das mãos para dentro do manto. Rand percebeu com um choque que ele estava agarrando a adaga de Shadar Logoth, talvez até pronto para usá-la.

Risadas roucas irromperam do outro lado da parede que dividia o aposento, e uma voz cheia de escárnio soou bem alto.

— Trollocs? Vista um manto de menestrel, homem! Você está bêbado! Trollocs! Fábulas das Terras da Fronteira!

As palavras encharcaram a raiva como um balde de água fria. Até mesmo Mat virou-se parcialmente para a parede, os olhos arregalados.

Rand se levantou apenas o bastante para ver por cima da parede, e então se abaixou novamente com um frio na barriga. Floran Gelb encontrava-se sentado do outro lado, à mesa dos fundos, com os dois homens que estavam lá quando eles entraram. Os dois riam dele, mas também o ouviam. Bartim limpava uma mesa que precisava muito disso, sem olhar para Gelb e os dois homens, mas ele também escutava, esfregando um ponto sem parar com sua toalha e inclinando-se na direção deles até parecer quase prestes a cair.

— Gelb — sussurrou Rand ao tornar a cair em sua cadeira, e os outros ficaram tensos. Thom rapidamente estudou seu lado do salão.

Do outro lado da meia-parede, a voz do segundo homem soou como um carrilhão.

— Não, não, antigamente existiam Trollocs. Mas foram todos mortos nas Guerras dos Trollocs.

— Fábulas das Terras da Fronteira! — repetiu o primeiro homem.

— É verdade, eu estou lhes dizendo — protestou Gelb quase gritando. — Eu estive nas Terras da Fronteira. Eu vi Trollocs, e eram Trollocs tão certo quanto estou sentado aqui. Aqueles três afirmaram que os Trollocs estavam seguindo eles, mas eu sei a verdade. Foi por isso que não quis ficar no *Espuma*. Eu tinha minhas suspeitas sobre Bayle

Domon já fazia um tempo, mas aqueles três são Amigos das Trevas com certeza. Estou lhes dizendo... — Risos e piadas grosseiras encobriram o resto do que Gelb tinha a dizer.

Quanto tempo, Rand se perguntou, até que o estalajadeiro ouvisse a descrição “daqueles três”? Se é que já não tinha ouvido. Se é que não faria simplesmente a ligação com os três estranhos que já havia visto. Para passar pela única porta em sua metade do salão, eles teriam de passar pela mesa de Gelb.

— Talvez o barco não seja assim uma ideia tão ruim — resmungou Mat, mas Thom sacudiu a cabeça.

— Não mais. — O menestrel falava rápido e em voz baixa. Ele puxou a bolsa de couro que o Capitão Domon lhe havia passado e dividiu apressadamente o dinheiro em três pilhas. — Essa história correrá toda a cidade em uma hora, quer alguém acredite ou não, e o Meio-homem poderá ouvi-la a qualquer momento. Domon não vai partir antes de amanhã de manhã. Na melhor das hipóteses, ele terá Trollocs atrás dele até Illian. Bem, é o que ele está praticamente esperando por algum motivo, mas isso não nos fará bem algum. Não nos resta nada agora senão fugir, e fugir imediatamente.

Mat rapidamente enfiou no bolso as moedas que Thom colocou na frente dele. Rand pegou sua pilha mais devagar. A moeda que Moiraine lhe dera não estava entre elas. Domon dera um peso igual em prata, mas Rand, por alguma razão que não podia compreender, desejou ter com ele a moeda da Aes Sedai. Enfiando o dinheiro no bolso, olhou para o menestrel de modo questionador.

— Caso nos separemos — explicou Thom. — Isso provavelmente não acontecerá, mas se acontecer... bem, vocês dois vão conseguir se sair bem sozinhos. São bons rapazes. É só ficarem longe de Aes Sedai, pelo amor que têm à vida.

— Achei que fosse ficar conosco — disse Rand.

— Eu vou, garoto. Eu vou. Mas eles estão cada vez mais perto agora, e só a Luz sabe o que vai acontecer. Bem, não importa. Não é provável que algo venha a acontecer. — Thom fez uma pausa, olhando para Mat. — Espero que você não se importe mais com a minha presença — disse secamente.

Mat deu de ombros. Ele olhou para cada um deles, depois deu de ombros novamente.

— Eu só estou nervoso. Não consigo evitar. Toda vez que paramos para respirar, eles estão lá, nos caçando. Sinto como se alguém estivesse me vigiando pelas costas o tempo todo. O que vamos fazer?

Os risos explodiram do outro lado da meia-parede, interrompidos novamente por Gelb, tentando em voz alta convencer os dois homens de que estava dizendo a verdade. Por quanto tempo mais?, Rand se perguntou. Mais cedo ou mais tarde Bartim tinha de ligar os três da história de Gelb a eles três.

Thom afastou a cadeira e se levantou, mas manteve-se agachado. Ninguém do outro lado, olhando casualmente na direção da meia-parede, poderia vê-lo. Ele fez um gesto para que os dois o seguissem, sussurrando:

— Façam silêncio total.

As janelas dos dois lados da lareira na parte deles do salão davam para um beco. Thom estudou uma das janelas com cuidado antes de levantá-la apenas o suficiente para que eles pudessem passar se espremendo. Ela mal emitiu um ruído, nada que pudesse ter sido ouvido a uma braça de distância acima da discussão e das gargalhadas do outro lado

da meia-parede.

Uma vez no beco, Mat pôs-se imediatamente a seguir na direção da rua, mas Thom o agarrou pelo braço.

— Não tão rápido — disse o menestrel. — Não até sabermos o que estamos fazendo. — Thom abaixou a janela mais uma vez o máximo que pôde do lado de fora, e se virou para estudar o beco.

Rand acompanhou os olhos de Thom. Exceto por meia dúzia de barris de captação de água da chuva encostados na parede da estalagem e no prédio ao lado, uma alfaiataria, o beco estava vazio, a terra batida seca e poeirenta.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Mat novamente. — Você ficaria mais seguro se nos deixasse. Por que está ficando com a gente?

Thom o encarou por um longo momento.

— Eu tinha um sobrinho, Owyn — disse ele, cansado, despindo o manto. Enquanto falava, fez uma pilha com seu rolo de cobertor, colocando cuidadosamente os estojos dos instrumentos por cima de tudo. — Filho único do meu irmão, meu único parente vivo. Ele se meteu em problemas com as Aes Sedai, mas eu estava ocupado demais com... outras coisas. Não sei o que eu poderia ter feito, mas, quando finalmente tentei, era tarde demais. Owyn morreu alguns anos depois. Pode-se dizer que as Aes Sedai o mataram. — Ele se endireitou, sem olhar para eles. Sua voz ainda estava firme, mas Rand vislumbrou lágrimas em seus olhos quando o menestrel virou a cabeça para o outro lado. — Se eu conseguir manter vocês dois longe de Tar Valon, talvez consiga parar de pensar em Owyn. Esperem aqui. — Ainda evitando os olhos deles, correu até a entrada do beco, reduzindo a velocidade antes de alcançá-lo. Depois de espiar rapidamente, ele entrou casualmente na rua e sumiu de vista.

Mat fez menção de se levantar para segui-lo, mas depois voltou a se abaixar.

— Ele não vai deixar isto aqui — disse, tocando os estojos de couro dos instrumentos. — Você acredita nessa história?

Rand se agachou pacientemente ao lado dos barris de chuva.

— Qual é o seu problema, Mat? Você não é assim. Não ouço você rir há dias.

— Não gosto de ser caçado como um coelho — retrucou Mat. Ele deu um suspiro, recostando a cabeça na parede de tijolos da estalagem. Até assim ele parecia tenso. Seus olhos iam desconfiados de um lado para o outro. — Desculpe. É essa correria, e todos esses estranhos, e... e simplesmente tudo. Isso me deixa nervoso. Eu olho para alguém, e não consigo deixar de pensar se essa pessoa vai nos entregar aos Desvanecidos, ou nos enganar, ou nos roubar, ou... Luz, Rand, isso não deixa você nervoso?

Rand riu, um riso rouco no fundo da garganta.

— Estou apavorado demais para ficar nervoso.

— O que você acha que as Aes Sedai fizeram com o sobrinho dele?

— Não sei — disse Rand, inseguro. Só havia uma espécie de problema que ele conhecia na qual um homem podia se meter com as Aes Sedai. — Não é o nosso caso, eu acho.

— Não. Não é o nosso caso.

Por um tempo eles ficaram recostados na parede, sem conversar. Rand não sabia ao certo quanto tempo ficaram ali esperando. Alguns minutos, provavelmente, mas pareceu uma hora, à espera da volta de Thom, à espera de Bartim e Gelb abrirem a janela e os denunciarem como Amigos das Trevas. Então um homem apareceu na entrada do beco,

um homem alto com o capuz do manto puxado para esconder o rosto, um manto negro como a noite contra a luz da rua.

Rand levantou-se bruscamente, uma das mãos envolvendo o punho da espada com tanta força que os nós dos dedos doíam. Sua boca ficou seca, e não adiantava tentar engolir. Mat ergueu-se parcialmente e manteve-se agachado, uma das mãos embaixo do manto.

O homem aproximou-se, e a garganta de Rand ia ficando mais apertada a cada passo. De repente o homem parou e jogou o capuz para trás. Os joelhos de Rand quase cederam. Era Thom.

— Ora, se vocês não me reconhecem — o menestrel sorriu —, acho que o disfarce está bom o bastante para os portões.

Thom passou por eles e começou a transferir coisas do manto de retalhos para o manto novo com tanta destreza que Rand não conseguiu distinguir nenhuma delas. O novo manto era marrom-escuro, Rand via agora. Ele respirou fundo, com dificuldade; ainda tinha a sensação de que algo apertava sua garganta. Marrom, não preto. Mat ainda estava com a mão embaixo do manto, e ficou encarando as costas de Thom como se estivesse pensando em usar a adaga oculta.

Thom ergueu os olhos para eles, depois lhes dirigiu um olhar mais duro.

— Não é hora de ficarem assustados. — Começou a dobrar habilmente seu velho manto, fazendo dele uma trouxa com os estojos de seus instrumentos, ao avesso, de forma que os retalhos ficassem ocultos. — Vamos sair daqui um de cada vez, mas perto o bastante para não nos perdemos de vista. Assim as pessoas não deverão se lembrar particularmente de nós. Você consegue se curvar um pouco? — perguntou a Rand. — Sua altura chama tanta atenção quanto um estandarte. — Ele pendurou a trouxa às costas e se levantou, recolocando o capuz. Não se parecia em nada com um menestrel de cabelos brancos. Era apenas mais um viajante, um homem pobre demais para ter um cavalo, quanto mais uma carruagem. — Vamos embora. Já perdemos muito tempo.

Rand concordou fervorosamente, mas mesmo assim hesitou antes de sair do beco para a praça. Nenhuma das pessoas esparsamente espalhadas lhes dirigiu sequer um segundo olhar. A maioria nem sequer olhou para eles. Mas seus ombros ficaram tensos, à espera do grito que os denunciaria como Amigos das Trevas e transformaria gente comum numa multidão com sede assassina. Ele correu os olhos pela área aberta, pelas pessoas cuidando de seus afazeres diários, e quando voltou ao ponto de partida um Myrddraal vinha a meio caminho na praça.

Rand não podia sequer imaginar de onde o Desvanecido tinha vindo, mas ele caminhava na direção dos três com uma lentidão mortal, um predador com a presa sob seu olhar. As pessoas se afastavam da forma coberta pelo manto negro, evitavam olhar em sua direção. A praça começou a esvaziar à medida que as pessoas resolviam que tinham coisas a fazer em outro lugar.

O capuz negro paralisou Rand onde ele estava. Ele tentou invocar o vazio, mas era como tentar agarrar fumaça. O olhar oculto do Desvanecido era uma faca em seus ossos e transformava sua medula em gelo.

— Não olhe para o rosto dele — murmurou Thom. Sua voz estava trêmula e quebrada, como se ele a forçasse a sair. — Que a Luz nos queime, mas não olhe para o rosto dele!

Rand afastou os olhos à força, e quase soltou um grunhido; era como arrancar uma

sanguessuga do rosto, mas mesmo olhando para as pedras da praça ele ainda podia ver o Myrddraal se aproximando, um gato brincando com os ratos, se divertindo com seus débeis esforços para escapar, até finalmente fechar as mandíbulas sobre eles. O Desvanecido havia reduzido a distância à metade.

— Nós vamos simplesmente ficar aqui? — murmurou Rand. — Temos de correr... fugir. — Mas ele não conseguia fazer os pés se moverem.

Mat finalmente conseguiu sacar a adaga de cabo de rubi, e a segurava com a mão trêmula. Seus lábios estavam crispados, mostrando os dentes em um ricto de medo.

— Acha... — Thom parou para engolir em seco, e continuou com a voz rouca: — Acha que consegue correr mais rápido que ele, garoto? — Começou então a resmungar para si mesmo; a única palavra que Rand conseguiu entender foi "Owyn". Subitamente Thom grunhiu: — Eu nunca deveria ter me metido com vocês, garotos. Nunca. — Então tirou o manto de menestrel das costas e o enfiou nos braços de Rand. — Cuide disto. Quando eu disser para correr, vocês corram e não parem até chegar a Caemlyn. A Bênção da Rainha. Uma estalagem. Lembrem-se disso, se... Só se lembrem disso.

— Não estou entendendo — disse Rand. O Myrddraal não estava a mais de vinte passos. Os pés de Rand pareciam feitos de chumbo.

— Só se lembrem disso! — rosnou Thom. — A Bênção da Rainha. Agora. **CORRAM!**

Ele os empurrou, uma das mãos no ombro de cada um, para que se pusessem em movimento, e Rand disparou numa corrida aos tropeços, com Mat ao seu lado.

— **CORRAM!** — Thom também começou a correr, com um longo rugido. Não atrás deles, mas na direção do Myrddraal. Suas mãos fizeram floreios, como em suas melhores apresentações, e adagas apareceram. Rand parou, mas Mat o puxou com ele.

O Desvanecido ficou tão surpreso quanto eles. Seu passo tranquilo titubeou, interrompido. Sua mão buscou o cabo da espada negra que pendia à sua cintura, mas as pernas longas do menestrel percorreram rapidamente a distância que os separava. Thom foi de encontro ao Myrddraal antes que metade da lâmina negra tivesse sido sacada, e ambos foram ao chão, um rolando por cima do outro. As poucas pessoas que ainda estavam na praça fugiram.

— **CORRAM!** — Uma luz azul cegante cortou o ar na praça, e Thom começou a gritar, mas mesmo no meio do grito ele conseguiu pronunciar uma palavra: — *CORRAM!*

Rand obedeceu. Os gritos do menestrel o perseguiram.

Agarrando o embrulho de Thom de encontro ao peito, ele correu o mais rápido que pôde. O pânico se espalhou da praça para a cidade enquanto Rand e Mat fugiam na crista de uma onda de medo. Lojistas abandonavam seus artigos quando os garotos passavam. Postigos se fechavam com estrépito sobre as vitrines das lojas, e rostos assustados apareciam nas janelas das casas, depois sumiam. Pessoas que não haviam estado perto o bastante para ver corriam loucamente pelas ruas, sem prestar atenção a nada. Elas esbarravam umas nas outras, e as que eram derrubadas se levantavam correndo ou eram pisoteadas. Ponte Branca fervilhava como um formigueiro que tivesse sido chutado.

Enquanto ele e Mat corriam na direção dos portões, Rand subitamente se lembrou do que Thom dissera sobre sua altura. Sem reduzir a velocidade, curvou-se da melhor maneira que pôde sem parecer que estava se agachando. Mas os portões propriamente ditos, de madeira grossa presa com faixas de ferro preto, estavam abertos. Os dois vigias

do portão, com capacetes de aço e túnicas de malha sobre casacos vermelhos com colarinhos brancos de aspecto barato, levavam as mãos às alabardas e olhavam desconfiados na direção da cidade. Um deles olhou de relance para Rand e Mat, mas eles não eram os únicos passando correndo pelos portões. Um fluxo constante começou a sair, homens ofegantes agarrando esposas, mulheres chorando carregando bebês e arrastando crianças aos prantos, artesãos de rostos pálidos com seus aventais, ainda, sem se dar conta, segurando suas ferramentas.

Não haveria ninguém que pudesse dizer para que lado eles haviam ido, pensou Rand enquanto corria, zonzinho. *Thom. Oh, que a Luz me salve, Thom.*

Mat cambaleou ao lado dele, recuperou o equilíbrio, e ambos correram até que a última das pessoas em fuga houvesse ficado para trás, até que a cidade e a Ponte Branca tivessem ficado para trás, fora do seu campo de visão.

Finalmente Rand caiu de joelhos na terra, aspirando o ar com dificuldade pela garganta machucada, em grandes golfadas. A estrada atrás se estendia vazia até se perder de vista entre árvores nuas. Mat o puxou.

— Vamos. Vamos — chamou Mat, arfando. Seu rosto estava sujo de suor e poeira, e ele parecia prestes a desabar. — Temos de continuar.

— Thom — disse Rand. Ele apertou os braços ao redor da trouxa do manto de Thom; os estojos dos instrumentos eram volumes duros em seu interior. — Thom.

— Ele está morto. Você viu. Você ouviu. Luz, Rand, ele está morto!

— Você acha que Egwene, Moiraine e os outros estão mortos também. Se estão mortos, por que os Myrddraal ainda os estão caçando? Responda!

Mat caiu de joelhos no pó ao lado dele.

— Está bem. Talvez eles ainda estejam vivos. Mas Thom... Você viu! Sangue e cinzas, Rand, a mesma coisa pode acontecer com a gente.

Rand assentiu devagar. A estrada atrás deles ainda estava vazia. Ele estivera quase esperando... torcia por isso, pelo menos... ver Thom aparecer, andando a passos largos, soprando os bigodes para lhes dizer quantos problemas eles lhe traziam. A Bênção da Rainha em Caemlyn. Lutou para se levantar e pendurou a trouxa de Thom nas costas ao lado de seu cobertor enrolado. Mat ergueu os olhos para ele, desconfiado.

— Vamos — disse Rand e começou a andar pela estrada, na direção de Caemlyn. Ele ouviu Mat resmungar e, depois de um momento, alcançá-lo.

Seguiram pela estrada empoeirada, cabeças baixas, sem falar. O vento fazia redemoinhos de poeira que rodopiavam em seu caminho. Às vezes Rand olhava por sobre o ombro, mas a estrada atrás deles continuava deserta.





Abrijo da Tempestade

Perrin se preocupava com os dias passados com os Tuatha'an, viajando para sul e leste sem pressa. O Povo Errante não via necessidade de se apressar; eles nunca viam. Os carroções coloridos não andavam de manhã até que o sol estivesse bem acima do horizonte, e paravam no meio da tarde se encontrassem um local agradável. Os cães trotavam tranquilamente ao lado dos veículos, e frequentemente as crianças também. Não tinham dificuldades para acompanhá-los. Qualquer sugestão de que fossem mais além, ou mais rápido, era recebida com risos, ou talvez um "Ah, mas você faria os coitados dos cavalos trabalharem tanto assim?".

Ele ficou surpreso por Elyas não partilhar de sua opinião. Elyas não andava nos carroções; ele preferia caminhar, às vezes correndo na frente da coluna, mas nunca sugeria partir, nem avançar.

O estranho homem barbudo com suas estranhas roupas de pele era tão diferente dos gentis Tuatha'an que se destacava andando entre os carroções. Mesmo estando do outro lado do acampamento, não havia como confundir Elyas com alguém do Povo, e não só por causa das roupas. Elyas se movia com a graça preguiçosa de um lobo, enfatizada ainda mais por suas peles e o chapéu de pelo, irradiando perigo como o fogo irradia calor, e o contraste com o Povo Errante era nítido. Jovens e velhos, o Povo tinha alegria nos pés. Não havia perigo em sua graça, apenas deleite. As crianças corriam de um lado para o outro levadas pelo puro prazer de estar em movimento, é claro, mas entre os Tuatha'an, barbas grisalhas e avós, também, ainda andavam com leveza, seu caminhar uma dança imponente, não menos exuberante pela dignidade. O Povo todo parecia prestes a dançar, mesmo quando estava parado, mesmo durante os raros momentos em que não havia música no acampamento. Rabecas e flautas, dulcimeres e cítaras e tambores teciam

harmonias e contrapontos ao redor dos carroções praticamente a qualquer hora, quando acampados ou em marcha. Canções de júbilo, canções de alegria, canções de humor, canções de tristeza; se houvesse alguém acordado no acampamento, normalmente havia música.

Elyas encontrava sorrisos e acenos de cabeça amigáveis em todos os carroções pelos quais passava, e uma palavra alegre em qualquer fogueira em que parava. Aquela devia ser a face que o Povo sempre mostrava à gente de fora — expressões abertas e sorridentes. Mas Perrin havia aprendido que sob a superfície estava escondida a desconfiança de uma corça semiadestrada. Algo mais profundo jazia por trás dos sorrisos direcionados aos jovens de Campo de Emond, algo que se perguntava se estavam em segurança, algo que só foi desaparecendo lentamente ao longo dos dias. Com Elyas, a desconfiança era forte, como as ondas de calor tremeluzindo no ar do verão, e ela não se dissipava. Quando ele não estava olhando, eles o observavam abertamente, como se não soubessem ao certo o que ele ia fazer. Quando ele atravessava o acampamento, pés prontos para dançar pareciam igualmente prontos para fugir.

Elyas certamente não se sentia mais confortável com o Caminho da Folha deles do que o Povo Errante se sentia com ele. Seus lábios estavam sempre estranhamente curvados quando perto dos Tuatha'an. Não era exatamente condescendência, e decerto não era desprezo, mas sua expressão parecia dizer que ele preferia estar em outro lugar, em praticamente qualquer outro lugar. Mas sempre que Perrin falava em ir embora Elyas fazia sons tranquilizadores e dizia para que descansassem apenas por alguns dias.

— Vocês passaram por dias difíceis antes de me encontrar — disse Elyas, na terceira ou quarta vez em que ele perguntou —, e terão dias mais difíceis ainda à frente, com Trollocs e Meios-homens atrás de vocês, e com Aes Sedai como amigas. — Ele sorriu com um bocado de torta de maçã desidratada de Ila na boca. Perrin ainda achava seus olhos amarelos desconcertantes, mesmo quando ele estava sorrindo. Talvez ainda mais quando estava sorrindo; sorrisos raramente tocavam aqueles olhos de caçador. Elyas descansava ao lado da fogueira de Raen, como sempre recusando-se a se sentar nos troncos colocados ali perto para esse propósito. — Não fique nessa pressa desgraçada de se colocar nas mãos das Aes Sedai.

— E se os Desvanecidos nos encontrarem? O que irá impedi-los se ficarmos simplesmente sentados aqui esperando? Três lobos não podem mantê-los afastados, e o Povo Errante não será de nenhuma ajuda. Eles sequer se defenderão. Os Trollocs vão fazer picadinho deles, e a culpa vai ser nossa. De qualquer maneira, teremos de deixá-los mais cedo ou mais tarde. É melhor que seja mais cedo.

— Alguma coisa me diz para esperar. Só alguns dias.

— Alguma coisa?!

— Relaxe, garoto. Lide com a vida conforme ela vier. Fuja quando precisar, lute quando for necessário, descanse quando puder.

— Do que você está falando? O que é alguma coisa?

— Prove um pedaço dessa torta. Ila não gosta de mim, mas ela certamente me alimenta bem quando eu faço uma visita. Sempre tem comida boa nos acampamentos do Povo.

— Que “alguma coisa”? — insistiu Perrin. — Se você sabe de alguma coisa que não está contando para nós...

Elyas olhou para o pedaço de torta na mão com a testa franzida, então colocou-a de

lado e limpou as mãos uma na outra.

— Alguma coisa — respondeu finalmente, dando de ombros como se ele próprio não entendesse por completo. — Alguma coisa me diz que é importante esperar. Mais alguns dias. Eu não tenho sensações como essa com frequência, mas, quando tenho, aprendi a confiar nelas. Já salvaram minha vida no passado. Desta vez é diferente, de alguma forma, mas é importante. Isso está claro. Se vocês querem ir embora agora, vão. Eu fico.

Isso era tudo que ele dizia, não importando quantas vezes Perrin perguntasse. Ficava ali descansando, conversando com Raen, comendo, cochilando com o chapéu cobrindo os olhos, e se recusava a falar sobre ir embora. Alguma coisa lhe dizia para esperar. Alguma coisa lhe dizia que era importante. Ele saberia quando chegasse a hora de ir. Como um pedaço de torta, rapaz. Não se desgaste. Prove um pouco deste ensopado. Relaxe.

Perrin não conseguia relaxar. À noite ele vagava em meio ao arco-íris de carroções aflito, tanto porque ninguém mais parecia ver motivo para se preocupar quanto por qualquer outra razão. Os Tuatha'an cantavam e dançavam, cozinhavam e comiam ao redor de suas fogueiras — frutas e nozes, bagas e legumes; eles não comiam carne — e realizavam uma miríade de tarefas domésticas como se não tivessem uma só preocupação no mundo. As crianças corriam e brincavam por toda parte, de esconde-esconde por entre os carroções, subindo nas árvores ao redor do acampamento, rindo e rolando no chão com os cães. Nenhuma preocupação no mundo, para ninguém.

Observando-os, ele comichava para ir embora. *Ir, antes de trazermos os caçadores aqui. Eles nos acolheram, e retribuimos a gentileza pondo-os em perigo. Pelo menos eles têm motivos para ser alegres. Não há ninguém a persegui-los. Mas o restante de nós...*

Era difícil falar com Egwene. Ou ela estava falando com Ila, a cabeça das duas próximas de um jeito que dizia que homens não eram bem-vindos, ou estava dançando com Aram, girando sem parar ao som das flautas, rabecas e tambores, das músicas que os Tuatha'an haviam reunido de todas as partes do mundo, ou das canções trinadas e intensas do próprio Povo Errante, intensas independentemente de serem lentas ou rápidas. Eles conheciam muitas canções, algumas das quais ele reconhecia de casa, embora frequentemente sob nomes diferentes daqueles por que eram chamadas nos Dois Rios. “Três Garotas na Campina”, por exemplo, os Latoeiros chamavam de “Belas Donzelas Dançando”, e diziam que “O Vento que Vem do Norte” se chamava “Chuva Forte Caindo” em algumas terras e “A Retirada de Berin” em outras. Quando ele pediu, sem pensar, que tocassem a canção “O Latoeiro Ficou com Minhas Panelas”, eles quase morreram de rir. Eles a conheciam como “Jogue as Penas”.

Ele podia entender a vontade de dançar as canções do Povo. Em Campo de Emond ninguém o considerava mais do que um dançarino mediano, mas essas canções o faziam querer mexer os pés, e ele achava que nunca havia dançado tanto, nem com tanta vontade, nem tão bem na vida. Hipnóticas, elas faziam seu sangue rufar ao ritmo dos tambores.

Na segunda noite Perrin viu pela primeira vez as mulheres dançarem algumas das canções lentas. As fogueiras estavam quase apagadas, e a noite cercava os carroções bem de perto, e dedos batucavam um ritmo lento nos tambores. Primeiro um, depois outro, até todos os tambores do acampamento começarem a manter a mesma batida grave e insistente. Silêncio, a não ser pelos tambores. Uma garota de vestido vermelho entrou andando lentamente na área iluminada, abrindo seu xale. Fios de contas pendiam de seus

cabelos, e ela havia tirado os sapatos. Uma flauta começou a melodia, com um lamento suave, e a garota pôs-se a dançar. Braços estendidos seguravam o xale aberto atrás dela; os quadris ondulavam enquanto os pés descalços se moviam ao compasso dos tambores. Os olhos escuros da garota se fixaram em Perrin, e seu sorriso era tão lento quanto a dança. Ela girava em círculos pequenos, sorrindo para ele sobre o ombro.

Ele engoliu em seco. O calor em seu rosto não era do fogo. Uma segunda garota se juntou à primeira, a franja de seus xales balançando no mesmo compasso dos tambores e da rotação lenta de seus quadris. Elas sorriram para ele, que pigarreou, rouco. Teve medo de olhar ao redor. Seu rosto estava vermelho como uma beterraba, e qualquer um que não estivesse olhando para as dançarinas provavelmente estava rindo dele. Tinha certeza.

Da forma mais casual que lhe foi possível, ele escorregou do tronco, como se estivesse apenas tentando ficar mais confortável, mas acabou deliberadamente olhando para longe do fogo, para longe das dançarinas. Não havia nada parecido em Campo de Emond. Dançar com as garotas no Campo em dia de festival não chegava nem perto daquilo. Dessa vez, ele desejou que o vento ficasse mais forte para esfriar seu corpo.

As garotas entraram dançando no seu campo de visão mais uma vez, só que agora eram três. Uma lhe dirigiu uma piscadela marota. Os olhos dele vagaram freneticamente, perdidos. *Luz*, pensou. *O que eu faço agora? O que Rand faria? Ele entende de garotas.*

As dançarinas riam baixinho; as contas batiam umas nas outras quando elas jogavam os cabelos compridos sobre os ombros, e ele achou que seu rosto seria consumido pelo fogo. Então uma mulher ligeiramente mais velha se juntou às garotas, para lhes mostrar como se fazia. Com um gemido, ele desistiu e fechou os olhos. Até mesmo por trás das pálpebras a risada delas o tentava e provocava. Até mesmo por trás das pálpebras ele ainda podia vê-las. O suor porejava em sua testa, e ele ansiava pelo vento.

Segundo Raen, as garotas não dançavam aquilo com frequência, e as mulheres raramente o faziam, e segundo Elyas era graças aos rubores de Perrin que, a partir daí, elas passaram a dançar assim todas as noites.

— Eu preciso lhe agradecer — disse-lhe Elyas, o tom de voz sóbrio e solene. — É diferente para vocês jovens, mas na minha idade é preciso mais que uma fogueira para aquecer meus ossos. — Perrin fechou a cara. Quando Elyas lhe deu as costas, havia algo em seu andar que dava a entender que ele estava rindo por dentro.

Perrin logo aprendeu que era pior desviar o olhar das mulheres e garotas dançarinas, embora os sorrisos e piscadelas ainda o levassem a querer fazer isso. Uma talvez fosse bom, mas cinco ou seis, com todo mundo olhando... Ele não chegou a conseguir dominar completamente o rubor no rosto.

Então Egwene começou a aprender a dança. Duas das garotas que haviam dançado naquela primeira noite lhe ensinavam, marcando o ritmo com palmas enquanto ela repetia os passos arrastando os pés e balançando atrás de si um xale emprestado. Perrin começou a dizer alguma coisa, mas então decidiu que era mais sábio não abrir a boca. Quando as garotas acrescentaram os movimentos dos quadris, Egwene começou a rir, e as três garotas caíram rindo nos braços umas das outras. Mas Egwene perseverou, com os olhos brilhando e o rubor colorindo suas bochechas.

Aram a observava dançar com um olhar quente e faminto. O jovem e belo Tuatha'an lhe dera de presente um colar de contas azuis que ela usava o tempo todo. A testa franzida substituíra os sorrisos que lla dera quando notara pela primeira vez o interesse do neto

por Egwene. Perrin decidiu ficar de olho no jovem Mestre Aram.

Numa ocasião ele conseguiu ficar a sós com Egwene, ao lado de um carroção pintado de verde e amarelo.

— Está se divertindo, não está? — perguntou ele.

— E por que não deveria? — Ela tocou as contas azuis ao redor do pescoço, sorrindo para elas. — Nem todos temos de nos esforçar para viver angustiados, como você faz. Não merecemos uma chance, por menor que seja, de nos divertir?

Aram não estava muito longe — ele nunca se afastava de Egwene —, com os braços cruzados sobre o peito, um leve sorriso no rosto, meio presunçoso e meio desafiador. Perrin abaixou a voz.

— Achei que você queria chegar a Tar Valon. Não vai aprender a ser uma Aes Sedai aqui.

Egwene jogou a cabeça para trás.

— E eu achei que você não queria que eu me tornasse uma Aes Sedai — disse ela, com excesso de doçura na voz.

— Sangue e cinzas, você acredita que estamos seguros aqui? Estas pessoas estão a salvo com a gente aqui? Um Desvanecido poderia nos encontrar a qualquer momento.

A mão dela tremeu segurando as contas. Ela a abaixou e respirou fundo.

— O que tiver de acontecer vai acontecer, quer partamos agora ou na semana que vem. É nisso que eu acredito agora. Divirta-se, Perrin. Pode ser a última chance que temos.

Ela passou os dedos pelo rosto dele com tristeza. Então Aram estendeu a mão para ela, e Egwene correu para ele, já rindo novamente. Enquanto eles corriam para onde as rabecas cantavam, Aram se virou para trás e dirigiu um sorriso triunfante para Perrin, como se para dizer “ela não é sua, mas será minha”.

Eles estavam se deixando enfiar demais pelo Povo, pensou Perrin. Elyas tem razão. Eles não precisam tentar converter você ao Caminho da Folha. Este se infiltra em você.

Ila o vira se encolhendo para se proteger do vento, então fora buscar um manto grosso de lã em seu carroção; um manto verde-escuro, ele ficou contente ao ver, depois de todos aqueles vermelhos e amarelos. Quando o colocou em torno dos ombros, pensando que era espantoso o manto ser grande o bastante para ele, Ila disse, séria:

— Podia caber melhor. — Ela olhou para o machado no cinto, e, quando ergueu os olhos para ele, a tristeza de seus olhos não combinava com o sorriso. — Podia caber muito melhor.

Todos os Lateiros faziam isso. Eles nunca deixavam de sorrir, jamais havia qualquer hesitação em seus convites para se juntar a eles para uma bebida ou escutar música, mas seus olhares sempre tocavam o machado, e ele podia sentir o que eles pensavam. Um instrumento de violência. Não existe nenhuma desculpa para a violência contra outro ser humano. Nunca. O Caminho da Folha.

Às vezes queria gritar com eles. Havia Trollocs no mundo, e Desvanecidos. Havia aqueles que cortariam cada folha. O Tenebroso estava lá fora, e o Caminho da Folha arderia nos olhos de Ba'alzamon. Teimoso, ele continuou a carregar o machado. Passou a usar o manto jogado para trás, mesmo quando ventava muito, de modo que a lâmina em meia-lua nunca ficasse oculta. De vez em quando Elyas olhava intrigado para a arma pendurada pesadamente ao seu lado e sorria para ele, aqueles olhos amarelos parecendo ler sua mente. Isso quase o fazia esconder o machado. Quase.

Se o acampamento Tuatha'an era fonte de constante irritação, pelo menos seus sonhos eram normais ali. Às vezes ele acordava suando de um sonho com Trollocs e Desvanecidos invadindo o acampamento, os carroções nas cores do arco-íris se transformando em fogueiras sob tochas, pessoas caindo em poças de sangue, homens, mulheres e crianças que corriam, gritavam e morriam mas não faziam nenhum esforço para se defender de espadas em forma de foice. Noite após noite ele acordava sobressaltado na escuridão, ofegante e estendendo a mão para pegar o machado até perceber que os carroções não estavam em chamas, que nenhum focinho ensanguentado resfolegava sobre corpos dilacerados e retorcidos amontoados no chão. Mas aqueles eram pesadelos comuns, e estranhamente reconfortantes à sua maneira. Se havia um lugar para o Tenebroso aparecer, que nesses sonhos, mas ele não estava lá. Nada de Ba'alzamon. Apenas pesadelos comuns.

Mas Perrin estava ciente dos lobos quando estava acordado. Eles mantinham-se longe dos acampamentos e da caravana em movimento, mas ele sempre sabia onde estavam. Podia sentir o desprezo deles pelos cães que protegiam os Tuatha'an. Feras barulhentas que haviam esquecido para que serviam suas mandíbulas, haviam esquecido o gosto do sangue quente; podiam assustar humanos, mas saíam se arrastando com medo se a matilha se aproximasse. A cada dia sua percepção ficava mais aguçada, mais clara.

Pintada ficava mais impaciente a cada pôr do sol. O fato de Elyas querer levar os humanos para o sul fazia isso valer a pena, mas, se devia ser feito, então que fosse feito. Que parassem com aquela viagem lenta. Os lobos haviam sido feitos para correr livres, e ela não gostava de ficar longe da matilha por tanto tempo. A impaciência também incomodava Vento. A caça ali era mais do que pobre, e ele desprezava viver de ratos do campo, coisa para filhotes espreitarem enquanto aprendiam a caçar, comida adequada para os velhos, que não eram mais capazes de derrubar um cervo ou um touro selvagem. Às vezes Vento achava que Queimado tinha razão; que se deixassem os problemas humanos para os humanos. Mas ele não dava vazão a esses pensamentos quando Pintada estava por perto, e muito menos ao lado de Saltador. Saltador era um lutador grisalho e cheio de cicatrizes, impassível com o conhecimento de anos, com a astúcia que mais do que compensava qualquer coisa que a idade pudesse ter lhe roubado. Ele não tinha a menor consideração pelos humanos, mas Pintada queria acabar logo com aquilo, e Saltador esperaria quando ela esperasse e correria quando ela corresse. Lobo ou homem, touro ou urso, o que quer que desafiasse Pintada encontraria as mandíbulas de Saltador à espera para despachá-lo para o longo sono. Essa era a vida para Saltador, e isso fazia Vento se manter cauteloso, e Pintada parecia ignorar os pensamentos de ambos.

Tudo isso estava claro na mente de Perrin. Ele desejou fervorosamente chegar a Caemlyn, ir ao encontro de Moiraine e Tar Valon. Mesmo que não houvesse respostas, aquilo tudo poderia acabar. Elyas olhava para ele, e ele tinha certeza de que o homem de olhos amarelos sabia. *Por favor, que isso tudo acabe...*

O sonho começou de modo mais agradável do que a maioria dos que ele vinha tendo ultimamente. Estava à mesa de Alsbet Luhhan, afiando seu machado com uma pedra. A Senhora Luhhan nunca permitia que o trabalho da forja, ou qualquer coisa que cheirasse a isso, fosse levado para dentro de casa. Mestre Luhhan tinha até de levar as facas dela para fora na hora de afiá-las. Mas, naquele momento, ela cozinhava e não disse uma palavra sequer sobre o machado. Nem quando um lobo veio do fundo da casa e se enroscou entre Perrin e a porta que dava para o quintal. Perrin continuou a amolar o

machado; em breve seria hora de usá-lo.

Subitamente o lobo se levantou, um rosnado no fundo da garganta, os pelos grossos do pescoço se eriçando. Ba'alzamon entrou na cozinha pela porta do quintal. A Senhora Luhhan continuou cozinhando.

Perrin levantou-se, apressado, erguendo o machado, mas Ba'alzamon ignorou a arma, concentrando-se no lobo. Chamas dançavam no lugar onde seus olhos deveriam estar.

— É isso o que você tem para protegê-lo? Ora, eu já enfrentei isso antes. Muitas vezes.

Ele curvou um dedo, e o lobo soltou um uivo no instante em que chamas lhe saíram pelos olhos, ouvidos, boca, pele. O fedor de carne e pelo queimados tomou a cozinha. Alsbet Luhhan ergueu a tampa de uma panela e começou a mexer com uma colher de pau.

Perrin largou o machado e pulou para a frente, tentando apagar as chamas com as mãos. O lobo desfez-se em cinzas negras entre suas mãos. Olhando a pilha disforme de carvão no chão limpo da Senhora Luhhan, ele recuou. Queria poder limpar a fuligem gordurosa de suas mãos, mas a ideia de esfregá-las na roupa embrulhou seu estômago. Pegou o machado, agarrando o cabo até os nós dos dedos estalarem.

— Deixe-me em paz! — gritou ele.

A Senhora Luhhan bateu a colher na borda da panela e recolocou a tampa, cantarolando para si mesma.

— Você não pode fugir de mim — disse Ba'alzamon. — Não pode se esconder de mim. Se é o escolhido, você é meu.

O calor do fogo em seu rosto forçou Perrin a recuar cozinha adentro até bater com as costas na parede. A Senhora Luhhan abriu o forno para verificar o pão.

— O Olho do Mundo consumirá você — continuou Ba'alzamon. — Eu o marco como meu! — Ele estendeu a mão com o punho cerrado como se fosse atirar alguma coisa; quando seus dedos se abriram, um corvo atacou o rosto de Perrin.

Perrin gritou quando o bico negro perfurou seu olho esquerdo...

...e sentou-se, as mãos no rosto, cercado pelos carroções adormecidos do Povo Errante. Lentamente ele abaixou as mãos. Não havia dor nem sangue. Mas ele se lembrava da agonia da bicada.

Ele estremeceu, e subitamente Elys estava agachado ao seu lado na claridade que precedia a aurora, uma das mãos estendida como se para sacudi-lo e acordá-lo. Além das árvores onde estavam os carroções, os lobos uivaram, um grito agudo saindo de três gargantas. Ele compartilhou as sensações deles. *Fogo. Dor. Fogo. Ódio. Ódio! Matar!*

— Sim — disse Elys suavemente. — Chegou a hora. Levante-se, garoto. É hora de irmos.

Perrin saiu apressado de sob as cobertas. Enquanto ainda estava enrolando o cobertor, Raen deixou o carroção, esfregando os olhos para afastar o sono. O Buscador olhou para o céu e se deteve no meio dos degraus, as mãos ainda no rosto. Apenas seus olhos se moviam enquanto ele estudava o céu com atenção, embora Perrin não conseguisse entender o que ele estava olhando. Algumas nuvens pairavam a leste, raiaidas de rosa do sol que ainda estava por nascer, mas não havia mais nada para se ver. Raen pareceu escutar, também, e cheirar o ar, mas não se ouvia som nenhum a não ser o vento nas árvores e nenhum cheiro a não ser dos restos levemente enfumacados das fogueiras

da noite anterior.

Elys retornou com seus pertences também escassos, e Raen desceu os últimos degraus.

— Precisamos mudar a direção de nossa viagem, meu velho amigo. — O Buscador tornou a olhar, inseguro, para o céu. — Seguiremos outro caminho hoje. Você vem conosco? — Elys balançou a cabeça em negativa, e Raen assentiu, como se soubesse o tempo todo. — Bem, cuide-se, meu velho amigo. Há alguma coisa no dia de hoje... — Ele começou a olhar para cima mais uma vez, mas abaixou a cabeça antes que os olhos ultrapassassem o topo dos carroções. — Acho que os carroções irão para o leste. Talvez até a Espinha do Mundo. Talvez encontremos um pouso e fiquemos lá por um tempo.

— Problemas nunca adentram os pousos — concordou Elys —, mas os Ogier não são lá muito abertos a estranhos.

— Todos são abertos ao Povo Errante — disse Raen e sorriu. — Além disso, até mesmo os Ogier têm painéis e coisas para consertar. Venha, vamos tomar o café da manhã e falaremos sobre isso.

— Não há tempo — disse Elys. — Também vamos embora hoje. O mais rápido possível. É um dia para não se ficar parado, ao que parece.

Raen tentou convencê-lo a pelo menos ficar tempo suficiente para comer, e, quando surgiu de dentro do carroção com Egwene, Ila acrescentou seus próprios argumentos, embora não com o mesmo vigor de seu marido. Ela disse todas as palavras certas, mas sua cordialidade era rígida, e estava patente que ela ficaria feliz de ver Elys pelas costas, se não Egwene.

Egwene não reparou nos olhares tristes que Ila lhe dava de soslaio. Perguntou o que estava havendo, e Perrin se preparou para que ela dissesse que queria ficar com os Tuatha'an, mas, quando Elys explicou, ela se limitou a assentir, pensativa, e tornou a entrar depressa no carroção a fim de apanhar suas coisas.

Finalmente Raen desistiu de argumentar.

— Está certo. Não lembro de ter algum dia deixado um visitante partir deste acampamento sem um banquete de despedida, mas... — Vacilante, ele levantou a cabeça e olhou para o céu mais uma vez. — Bem, nós mesmos precisamos sair cedo, eu acho. Talvez façamos a refeição durante a jornada. Mas pelo menos deixe que todo mundo se despeça.

Elys começou a protestar, mas Raen já estava correndo de um carroção ao outro, batendo com força nas portas onde não havia gente acordada. Quando um dos Latoeiros apareceu trazendo Bela, todo o acampamento já havia ocorrido, todos vestidos com suas roupas melhores e mais brilhantes, uma massa de cores que fazia o carroção vermelho e amarelo de Raen e Ila parecer quase discreto. Os grandes cães do acampamento passeavam pela multidão com as línguas de fora, procurando alguém que lhes fizesse carinho nas orelhas, enquanto Perrin e os outros dois resistiam a um aperto de mão atrás do outro e abraço em cima de abraço. As garotas que haviam dançado todas as noites não se contentaram com apertos de mão, e seus abraços fizeram Perrin subitamente desejar não ir embora — até se lembrar de quantas outras pessoas estavam olhando, quando seu rosto ficou quase da cor do carroção do Buscador.

Aram puxou Egwene de lado um pouco. Perrin não conseguiu ouvir o que ele tinha para dizer a ela tamanho era o barulho das despedidas, mas ela não parava de balançar a

cabeça em negativa, no começo devagar, mas depois com mais firmeza à medida que ele começava a gesticular como se implorando. O rosto dele mudou: passou de implorar a discutir, mas Egwene continuou a balançar a cabeça teimosamente em negativa até Ila resgatá-la com algumas palavras duras para o neto. De cara feia, Aram abriu caminho em meio à multidão, abandonando o resto da despedida. Ila o viu sair, hesitando quando ia chamá-lo de volta. *Ela também está aliviada, pensou Perrin. Aliviada por ele não querer ir conosco — com Egwene.*

Quando ele já tinha apertado todas as mãos do acampamento pelo menos uma vez e abraçado cada garota pelo menos duas, a multidão recuou, abrindo um pequeno espaço ao redor de Raen, Ila e dos três visitantes.

— Vocês vieram em paz — entou Raen, fazendo uma mesura formal, levando as mãos ao peito. — Partam agora em paz. Nossas fogueiras sempre os receberão, em paz. O Caminho da Folha é a paz.

— Que a paz esteja sempre com vocês — replicou Elyas — e com todo o Povo. — Ele hesitou e então acrescentou: — Eu encontrarei a canção, ou outro a encontrará, mas a canção será cantada, este ano ou em um ano por vir. Assim como foi um dia, assim haverá de ser novamente, neste mundo sem fim.

Raen ficou ali, piscando, surpreso, e Ila parecia completamente pasma, mas todos os outros Tuatha'an murmuraram em resposta:

— Mundo sem fim. Mundo e tempo sem fim. — Raen e a esposa disseram o mesmo apressadamente depois de todos os outros.

Então realmente chegou a hora de partir. Algumas últimas despedidas, algumas últimas recomendações para que tomassem cuidado, alguns últimos sorrisos e piscadelas, e eles deixaram o acampamento. Raen os acompanhou até a margem das árvores, um par de cães correndo e pulando ao seu lado.

— Sêrio, meu velho amigo, você precisa tomar muito cuidado. O dia de hoje... A maldade está à solta no mundo, receio, e, o que quer que você pretenda, você não é tão perverso que ela não o engula.

— A paz esteja convosco — disse Elyas.

— E convosco — respondeu Raen, com tristeza.

Quando Raen foi embora, Elyas fez uma cara feia ao perceber os outros dois olhando para ele.

— Não, eu não acredito na canção idiota deles — grunhiu. — Não há necessidade de fazer com que eles se sintam mal estragando a cerimônia deles, há? Eu disse a vocês que eles às vezes são muito formais com cerimônias.

— É claro — concordou Egwene gentilmente. — Não há nenhuma necessidade. — Elyas lhe deu as costas resmungando para si mesmo.

Pintada, Vento e Saltador vieram saudar Elyas, não brincando como os cães faziam, mas um encontro digno de iguais. Perrin captou o que se passou entre eles. *Olhos de fogo. Dor. Presa do coração. Morte. Presa do coração.* Perrin sabia o que eles queriam dizer. O Tenebroso. Eles estavam contando sobre o sonho dele. O sonho deles.

Ele estremeceu quando os lobos partiram à frente, para investigar o caminho. Era a vez de Egwene montar Bela, e ele caminhou ao lado dela. Elyas liderou, como de costume, com passo firme, devorando o chão.

Perrin não queria pensar em seu sonho. Ele tinha acreditado que os lobos os deixavam seguros. *Não completamente. Aceite. Coração pleno. Mente plena. Você ainda luta. Só se*

completa quando você aceita.

Ele expulsou os lobos de sua cabeça e piscou, surpreso. Não sabia que podia fazer isso. Agora estava determinado a não deixá-los voltar. *Nem em sonhos?* Não sabia ao certo se o pensamento era seu ou deles.

Egwene ainda usava o colar de contas azuis que Aram lhe dera, e um raminho de alguma coisa com folhas vermelhas brilhantes e minúsculas nos cabelos, outro presente do jovem Tuatha'an. De que Aram havia tentado convencê-la a ficar com o Povo Errante, Perrin tinha certeza. Estava feliz por ela não ter aceitado, mas queria que ela não ficasse mexendo nas contas com tanto carinho.

Finalmente ele disse:

— O que você passou tanto tempo conversando com Ila? Quando não estava dançando com aquele sujeito de pernas compridas, estava falando com ela como se tivesse algum tipo de segredo.

— Ila estava me dando conselhos sobre como ser uma mulher — respondeu Egwene, distraída.

Ele começou a rir, e ela lhe dirigiu um olhar mortiço e perigoso que ele não conseguiu ver.

— Conselhos! Ninguém nos diz como ser homens. Nós apenas somos.

— Esse — disse Egwene — provavelmente é o motivo pelo qual vocês se saem tão mal.

Lá na frente, Elyas deu uma sonora gargalhada.





Pegadas no Ar

Nynaeve fitou, assombrada, o que assomava à frente descendo o rio: a Ponte Branca reluzindo ao sol com um brilho leitoso. *Outra lenda*, ela pensou, olhando de esguelha para o Guardião e a Aes Sedai, que cavalgavam logo à sua frente. *Outra lenda, e eles nem sequer parecem reparar*. Ela resolveu não se mostrar estupefata. *Eles vão rir se me virem boquiaberta como uma caipira*. Os três continuaram cavalgando em silêncio na direção da lendária Ponte Branca.

Desde aquela manhã depois de Shadar Logoth, quando ela encontrara Moiraine e Lan na margem do Arinelle, não houvera muita conversa entre ela e a Aes Sedai. Havia se falado, claro, mas nada substancial na opinião de Nynaeve. As tentativas de Moiraine de convencê-la a ir para Tar Valon, por exemplo. Tar Valon. Iria até lá, se preciso fosse, e faria o treinamento delas, mas não pelos motivos que a Aes Sedai pensava. Se Moiraine tivesse feito algum mal a Egwene e aos garotos...

Às vezes, contra sua vontade, Nynaeve se pegava pensando no que uma Sabedoria poderia fazer com o Poder Único, no que ela poderia fazer. Mas, sempre que percebia o que estava em sua cabeça, um lampejo de raiva queimava esse pensamento ruim. O Poder era uma coisa suja. Ela não queria nada com ele. A menos que fosse necessário.

A maldita mulher só queria falar de levá-la a Tar Valon para o treinamento. Moiraine não lhe dizia nada! E ela nem queria saber tanta coisa assim.

— Como pretende encontrá-los? — ela se lembrava de ter perguntado.

— Conforme lhe falei — Moiraine respondeu sem se importar em olhar para ela —, saberei quando estiver perto dos dois que perderam suas moedas. — Não era a primeira vez que Nynaeve perguntava, mas a voz da Aes Sedai era como um lago parado

que se recusava a ondular, não importava quantas pedras Nynaeve atirasse; isso fazia o sangue da Sabedoria ferver. Moiraine seguiu adiante, como se não sentisse o olhar da Sabedoria em suas costas. Nynaeve sabia que ela devia ser capaz disso, de tão intenso que era seu olhar. — Quanto mais tempo levar, mais perto precisarei chegar, mas eu saberei. Quanto àquele que ainda conserva sua moeda, contanto que a tenha em sua posse, eu poderei segui-lo por meio mundo, se preciso for.

— E depois? O que planeja fazer depois que os encontrar, Aes Sedai? — Ela não acreditava nem por um instante que a Aes Sedai estaria tão interessada em encontrá-los se não tivesse planos.

— Tar Valon, Sabedoria.

— Tar Valon, Tar Valon. Isso é tudo o que sempre diz, e eu estou ficando...

— Parte do treinamento que você receberá em Tar Valon, Sabedoria, lhe ensinará a controlar seu temperamento. Não se pode fazer nada com o Poder Único quando a emoção governa sua mente. — Nynaeve abriu a boca, mas a Aes Sedai continuou: — Lan, preciso falar com você por um instante.

Os dois aproximaram as cabeças, e Nynaeve ficou sozinha com uma expressão de mau humor e irritação profundos que ela odiava todas as vezes que percebia no próprio rosto. Vinha com frequência quando a Aes Sedai desviava suas perguntas para outro assunto, defletidas com facilidade por suas armadilhas conversacionais, ou quando ignorava seus gritos até eles terminarem em silêncio. A cara feia fazia com que ela se sentisse uma garotinha que havia sido apanhada agindo como tola por alguém do Círculo das Mulheres. Era uma sensação com a qual Nynaeve não estava acostumada, e o sorriso calmo no rosto de Moiraine só tornava tudo pior.

Se pelo menos houvesse um jeito de se livrar da mulher. Lan estaria melhor sozinho — um Guardião deveria ser capaz de cuidar do que fosse necessário, ela disse a si mesma apressadamente, sentindo um rubor súbito; não havia nenhuma outra razão — mas a presença de um implicava a do outro.

E, no entanto, Lan a deixava ainda mais furiosa do que Moiraine. Ela não compreendia como ele conseguia afetá-la com tanta facilidade. Ele raramente falava. Às vezes não chegava a dizer uma dezena de palavras num dia inteiro, e jamais tomava parte em nenhuma das... discussões com Moiraine. Frequentemente ficava afastado das duas mulheres, investigando o terreno, mas mesmo quando estava ali ficava um pouco de lado, observando-as como se observa um duelo. Nynaeve queria que ele parasse. Se aquilo era um duelo, ela não havia conseguido marcar nem um só ponto, e Moiraine não parecia sequer perceber que estava em uma luta. Nynaeve poderia ter passado sem seus olhos azuis frios, sem uma plateia, ainda que silenciosa.

Assim havia sido a jornada deles durante a maior parte do tempo. Silenciosa, exceto quando seu temperamento levava a melhor sobre ela — e às vezes quando ela gritava, o som de sua voz parecia chocar-se contra o silêncio como vidro se quebrando. A terra em si estava silenciosa, como se o mundo fizesse uma pausa para respirar. O vento gemia nas árvores, mas todo o resto estava parado. O vento parecia distante também, mesmo quando atravessava o manto em suas costas.

No começo a quietude era um alívio, depois de tudo o que havia acontecido. Parecia que não tivera um minuto de silêncio desde antes da Noite Invernal. Ao fim do primeiro dia sozinha com a Aes Sedai e o Guardião, entretanto, olhava para trás, inquieta na sela, como se tivesse uma coceira no meio das costas, onde não podia alcançar. O silêncio

parecia um cristal condenado a se estilhaçar, e a espera da primeira rachadura deixava seus nervos à flor da pele.

Ele também pesava sobre Moiraine e Lan, por mais que parecessem imperturbáveis. Nynaeve logo percebeu que, por baixo da tranquila aparência, a cada hora que passava eles iam ficando mais tensos, como molas de um relógio retesadas prestes a se romperem. Moiraine parecia ouvir coisas que não estavam lá, e o que ela ouvia a fazia franzir a testa. Lan observava a floresta e o rio como se as árvores sem folhas e a água ampla e preguiçosa revelassem os sinais de armadilhas e emboscadas esperando adiante.

Parte dela estava feliz por ela não ser a única a notar aquela sensação de calmaria antes da tempestade, mas, se os afetava, era real, e outra parte dela só queria que aquilo não passasse de sua imaginação. Uma parte daquilo reverberava nos cantos de sua mente, como quando ela escutava o vento, mas agora ela sabia que aquilo tinha a ver com o Poder Único, e não conseguia se forçar a aceitar aquelas ondulações no limiar do pensamento.

— Não é nada — disse Lan baixinho quando ela perguntou. Ele não olhou para ela ao falar; seus olhos não paravam de analisar tudo ao redor. Então, contradizendo o que acabara de dizer, ele acrescentou: — Você devia voltar aos seus Dois Rios quando chegarmos a Ponte Branca e à Estrada de Caemlyn. É perigoso demais aqui. Mas nada tentará impedir você de voltar. — Foi o discurso mais longo que ele fez o dia todo.

— Ela faz parte do Padrão, Lan — disse Moiraine, com ar reprovador. Seu olhar também estava em outro lugar. — É o Tenebroso, Nynaeve. A tempestade nos deixou... por um tempo, pelo menos. — Ela ergueu uma das mãos como se sentisse o ar, e então a esfregou no vestido inconscientemente, como se tivesse tocado algo sujo. — Contudo, ele ainda está observando... — ela suspirou — ...e seu olhar está mais forte. Não sobre nós, mas sobre o mundo. Quanto ainda falta até ele se fortalecer o suficiente para...

Nynaeve se curvou; subitamente ela quase podia sentir alguém olhando para as suas costas. Era uma explicação que preferia que a Aes Sedai não lhe tivesse dado.

Lan investigava a trilha que seguiam rio abaixo, mas, onde antes ele havia escolhido o caminho, agora era Moiraine quem o fazia, segura como se seguisse alguma trilha invisível, pegadas no ar, o cheiro da memória. Lan se limitava a verificar a rota que ela pretendia tomar, para ver se era segura. Nynaeve tinha a sensação de que, mesmo que ele dissesse que não era, Moiraine insistiria de qualquer maneira. E ele iria, tinha certeza. Descendo direto o rio até...

Com um susto, Nynaeve deixou seus pensamentos de lado. Eles estavam aos pés da Ponte Branca. O arco pálido brilhava na luz do sol, uma teia de aranha leitosa delicada demais para se sustentar, que cruzava o Arinelle. O peso de um homem a derrubaria, quanto mais o de um cavalo. Certamente ela desabaria sob o próprio peso a qualquer momento.

Lan e Moiraine avançaram com seus cavalos sem se preocuparem, subindo a rampa branca brilhante que dava direto na ponte, cascos tinindo, não como aço sobre vidro, mas como aço sobre aço. A superfície da ponte certamente parecia escorregadia como vidro, vidro molhado, mas dava aos cavalos um apoio firme e seguro.

Nynaeve se obrigou a segui-los, mas desde o primeiro passo ela quase esperava que a estrutura inteira se estilhaçasse embaixo deles. *Se renda fosse feita de vidro*, ela pensou, *teria esse aspecto*.

Só depois que já haviam atravessado quase tudo ela reparou no cheiro forte de carvão

engrossando o ar. No instante seguinte ela viu.

Ao redor da praça aos pés da Ponte Branca, pilhas de toras enegrecidas, ainda soltando fios de fumaça, ocupavam o lugar de meia dúzia de edifícios. Homens vestindo uniformes vermelhos que mal lhes serviam e armaduras sujas patrulhavam as ruas, mas marchavam rápido, como se tivessem medo de encontrar alguma coisa, e olhavam para trás enquanto avançavam. Os habitantes da cidade, os poucos que estavam na rua, quase corriam, os ombros curvados como se alguma coisa os estivesse caçando.

Lan parecia taciturno, até mesmo para seu normal, e todos davam passagem para os três, inclusive os soldados. O Guardião farejou o ar e fez uma careta, grunhindo baixinho. Nynaeve não se espantou, com o fedor do incêndio tão forte.

— Há de ser o que a Roda tecer — murmurou Moiraine. — Nenhum olho pode ver o Padrão até que ele seja tecido.

No instante seguinte ela desmontou Aldieb e já estava falando com as pessoas da cidade. Não fez perguntas; distribuiu simpatia e, para surpresa de Nynaeve, pareceu genuína. Pessoas que se esquivavam de Lan, prontas para fugir de qualquer estranho, paravam para falar com Moiraine. Elas próprias pareciam assustadas com o que estavam fazendo, mas se abriam, de certa forma, ante o olhar límpido e a voz calmante de Moiraine. Os olhos da Aes Sedai pareciam compartilhar a dor das pessoas, solidarizar-se com a confusão que elas sentiam, e as línguas logo se soltavam.

Mas as pessoas ali ainda mentiam. A maioria delas. Algumas negavam que houvesse acontecido algum problema. Nada se passara. Moiraine mencionou os prédios queimados ao redor da praça. Tudo estava bem, insistiam eles, olhando além do que não queriam ver.

Um sujeito gordo falou com jeito bonachão e aparentemente despreocupado, mas sua bochecha se contraía a cada ruído atrás dele. Com um sorriso que a todo momento desaparecia do rosto, ele afirmou que um lampião caído havia provocado um incêndio que se espalhou com o vento antes que alguém pudesse fazer alguma coisa. Um olhar de relance mostrou a Nynaeve que nenhuma estrutura queimada estava do lado da outra.

Havia quase tantas histórias diferentes quanto pessoas. Várias mulheres abaixaram o tom de voz de um jeito conspiratório. A verdade era que havia um homem em algum lugar da cidade mexendo com o Poder Único. Estava na hora de as Aes Sedai chegarem; na opinião delas, já havia passado da hora, não importava o que os homens dissessem a respeito de Tar Valon. Que a Ajah Vermelha resolvesse as coisas.

Um sujeito afirmou que havia sido um ataque de bandidos, e outro que fora um tumulto provocado pelos Amigos das Trevas.

— Aqueles que estão indo ver o falso Dragão, a senhora sabe — confidenciou ele, um tom sinistro na voz. — Estão por toda parte. Amigos das Trevas, todos eles.

E outros ainda falavam de algum problema, sem serem específicos quanto ao tipo, que havia descido pelo rio num barco.

— Nós mostramos a eles — resmungou um homem de rosto estreito, esfregando as mãos, nervoso. — Deixe que eles fiquem com esse tipo de coisa nas Terras da Fronteira, que é o lugar dela. A gente foi até as docas e... — Ele parou tão bruscamente que seus dentes bateram. Sem dizer mais uma palavra, saiu correndo, olhando para trás, de esguelha, como se achasse que eles fossem persegui-lo.

O barco havia escapado — e isso acabou ficando claro por outras pessoas — cortando suas amarras e fugindo rio abaixo, ainda na véspera, enquanto uma multidão

enfurecida invadia as docas. Nynaeve se perguntou se Egwene e os rapazes estariam a bordo. Uma mulher afirmou que havia um menestrel a bordo. Se esse menestrel era Thom Merrilin...

Ela tentou dar sua opinião a Moiraine, de que alguém de Campo de Emond poderia ter fugido no barco. A Aes Sedai ouviu, paciente, assentindo, até ela acabar.

— Talvez — disse então, mas parecia ter dúvidas.

Uma estalagem ainda estava de pé na praça, o salão dividido em dois por uma parede que ia até a altura dos ombros. Moiraine fez uma pausa quando entrou na estalagem, sentindo o ar com a mão. Ela sorriu para o que quer que estivesse sentindo, mas não falou nada.

A refeição foi feita em silêncio, um silêncio que pairava não só na mesa deles, mas em todo o salão. O punhado de pessoas que estava comendo ali se concentrava em seus próprios pratos e pensamentos. O estalajadeiro, limpando mesas com uma ponta de seu avental, resmungava para si mesmo sem parar, mas sempre baixo demais para que fosse ouvido. Nynaeve achou que não seria agradável dormir ali; até mesmo o ar estava pesado de medo.

No momento em que afastavam seus pratos, limpos com os últimos pedaços de pão, um dos soldados de uniforme vermelho surgiu à porta. Para Nynaeve, ele pareceu resplandecente, com seu capacete pontudo e placa peitoral reluzente, até parar fazendo pose, a mão repousando no cabo da espada e uma expressão austera no rosto, e afrouxar com o dedo o colarinho apertado demais. Isso a fez pensar em Cenn Buie tentando agir como um Conselheiro de Aldeia.

Lan se dignou a lhe dirigir um olhar de relance e bufou.

— Milícia. Inútil.

O soldado olhou para a sala, deixando os olhos pousarem sobre eles. Hesitou, depois respirou fundo antes de andar a passo firme para exigir saber, apressadamente, quem eram, o que estavam fazendo em Ponte Branca e quanto tempo pretendiam ficar.

— Vamos partir assim que eu terminar minha cerveja — disse Lan. Ele tomou mais um gole lento antes de levantar a cabeça e olhar para o soldado. — Que a Luz ilumine a Rainha Morgase.

O homem de uniforme vermelho abriu a boca, depois deu uma boa olhada nos olhos de Lan e recuou um passo. Ele se recompôs imediatamente, olhando de relance para Moiraine e para ela, que por um momento pensou que ele ia fazer alguma coisa imbecil para não parecer covarde na frente de duas mulheres. Em sua experiência, os homens frequentemente eram idiotas assim. Mas muita coisa havia acontecido em Ponte Branca; incertezas demais tinham escapado dos porões das mentes dos homens. O miliciano olhou para Lan e voltou a reconsiderar. O rosto cinzelado do Guardião não tinha expressão, mas havia aqueles olhos azuis frios. Muito frios.

O miliciano acabou por dar apenas um breve aceno de cabeça.

— Faça isso mesmo. Há estranhos demais por aqui para o bem da paz da Rainha. — Girando nos calcanhares, ele saiu pisando forte novamente, praticando seu olhar duro mais uma vez. Nenhum dos locais na estalagem pareceu reparar.

— Para onde vamos? — Nynaeve perguntou ao Guardião. O clima na sala estava tão pesado que ela manteve a voz baixa, cuidando, porém, de mostrar-se firme. — Atrás do barco?

Lan olhou para Moiraine, que balançou a cabeça ligeiramente e disse:

— Primeiro preciso encontrar aquele que posso ter certeza de encontrar, e no momento ele está em algum lugar ao norte de nós. Não acho que os outros dois tenham ido com o barco, de qualquer maneira. — Um sorriso breve e satisfeito tocou seus lábios. — Eles estiveram nesta sala, talvez um dia atrás, não mais que dois. Com medo, mas partiram vivos. O vestígio não teria durado sem essa emoção forte.

— Quais dois? — Nynaeve inclinou-se atenta sobre a mesa. — Você sabe? — A Aes Sedai balançou a cabeça, um mínimo movimento, e Nynaeve voltou a se recostar. — Se eles só estão um ou dois dias à frente, por que não vamos atrás deles primeiro?

— Eu sei que eles estiveram aqui — respondeu Moiraine, com aquela voz insuportavelmente calma —, mas, além disso, não sei dizer se eles foram para leste, norte ou sul. Acredito que sejam inteligentes o suficiente para terem ido para leste, na direção de Caemlyn, mas não tenho certeza, e, como eles não têm mais seus objetos, não saberei onde estão até estar talvez a meia milha deles. Em dois dias podem ter percorrido vinte milhas, ou quarenta, em qualquer direção, se o medo os motivou, e eles certamente estavam com medo quando saíram daqui.

— Mas...

— Sabedoria, por mais medo que eles tivessem, em qualquer direção que tenham fugido, irão acabar por se lembrar de Caemlyn, e é lá que os encontrarei. Mas vou ajudar primeiro aquele que posso encontrar agora.

Nynaeve tornou a abrir a boca, mas Lan a interrompeu com a voz suave.

— Eles tinham motivo para ter medo. — Olhou ao redor, depois abaixou a voz. — Um Meio-homem passou aqui. — Ele fez uma careta, do jeito que havia feito na praça. — Ainda consigo sentir o cheiro dele por toda parte.

Moiraine suspirou.

— Mantereí a esperança até saber que ela se foi. Recuso-me a crer que o Tenebroso consiga vencer tão facilmente. Vou encontrar todos os três vivos e bem. Preciso acreditar nisso.

— Eu também quero encontrar os rapazes — disse Nynaeve —, mas e quanto a Egwene? Você jamais a menciona, e me ignora quando pergunto. Achei que você fosse levá-la até... — olhou para as outras mesas e abaixou a voz — ...até Tar Valon.

A Aes Sedai estudou o tempo da mesa por um momento antes de levantar os olhos para encontrar os de Nynaeve, e, quando o fez, a Sabedoria recuou ao ver um lampejo de raiva que quase pareceu fazer os olhos de Moiraine cintilarem. Então ela endireitou as costas, sua própria raiva crescendo, mas, antes que pudesse dizer uma só palavra, a Aes Sedai falou friamente:

— Também espero encontrar Egwene viva e bem. Não desisto facilmente de jovens com tamanha habilidade depois que as encontro. Mas há de ser como a Roda tecer.

Nynaeve sentiu uma bola fria na boca do estômago. *Será que eu sou uma dessas jovens das quais você não vai desistir? Vamos ver, Aes Sedai. A Luz que a queime, isso nós vamos ver!*

A refeição terminou em silêncio, e foram três pessoas silenciosas que atravessaram os portões a cavalo e seguiram a Estrada para Caemlyn. Os olhos de Moiraine vasculhavam o horizonte a nordeste. Atrás deles, a cidade de Ponte Branca, suja de fuligem e fumaça, encolhia-se de medo.





Olhos Impiedosos

Elyas tratou de correr pela planície de grama marrom como se tentasse compensar o tempo passado com o Povo Errante, marcando um ritmo rumo ao sul que fez até mesmo Bela parecer contente em parar quando o crepúsculo se adensou. Apesar do quanto queria avançar, entretanto, ele tomava precauções que não havia tomado antes. À noite, só faziam fogueira se já houvesse madeira morta no chão. Não os deixava quebrar um graveto sequer de árvores vivas. As fogueiras que fazia eram pequenas, e sempre ocultas dentro de um buraco cuidadosamente escavado onde ele havia recortado um tampão de lama. Assim que a refeição era preparada, ele enterrava as brasas e recolocava o tampão. Antes de voltarem a partir no cinza que antecedia a aurora, ele percorria o local do acampamento polegada por polegada para ter certeza de que não havia sinal de que qualquer pessoa tinha estado lá. Chegava até mesmo a ajeitar pedras viradas e endireitar plantas amassadas. Fazia essas coisas rapidamente, nunca levando mais do que alguns minutos, mas não partiam até que ele se desse por satisfeito.

Perrin não achava que essas precauções adiantassem muito contra sonhos, mas, quando começava a pensar nas coisas contra as quais elas podiam valer, desejou que fossem apenas os sonhos. Na primeira vez, Egwene perguntou ansiosa se os Trollocs estavam de volta, mas Elyas simplesmente balançou a cabeça em negativa e os mandou seguir em frente. Perrin não disse nada. Ele sabia que não havia nenhum Trolloc por perto; os lobos só sentiam o cheiro da grama, das árvores e de bichos pequenos. Não era medo de Trollocs o que motivava Elyas, mas aquela outra coisa que nem mesmo ele sabia ao certo o que era. Os lobos não sabiam do que se tratava, mas sentiam a desconfiança urgente de Elyas e começavam a investigar como se o perigo estivesse em seus calcanhares ou aguardasse em emboscada depois da elevação seguinte.

A terra se tornou uma extensão de cristas longas e onduladas, baixas demais para serem chamadas de colinas, elevando-se de través em seu caminho. Um tapete de grama dura, ainda ressecada pelo inverno e salpicada de ervas daninhas, espalhava-se diante deles, ondulado por um vento leste que não tinha nada para impedi-lo por cerca de cem milhas. Os bosques de árvores iam ficando cada vez mais esparsos. O sol se erguia relutante, sem calor.

Em meio às cristas baixas, Elys acompanhava os contornos da terra tanto quanto conseguia, e evitava passar pelo alto das encostas sempre que possível. Quase nunca falava, e quando o fazia...

— Você sabem quanto tempo isso vai levar, dar a volta em todo maldito morro assim? Sangue e cinzas! Só vou conseguir me livrar de vocês lá pelo verão. Não, não podemos simplesmente seguir em linha reta! Quantas vezes tenho de dizer? Você têm alguma ideia, até mesmo a mais remota, de como um homem se destaca num horizonte em um terreno desses? Que me queimem, mas estamos indo e vindo tanto quanto avançando. Serpenteando feito uma cobra. Eu podia andar mais rápido com os pés atados. Bem, vocês vão ficar me olhando ou vão andar?

Perrin e Egwene se entreolhavam. Ela punha a língua para fora pelas costas de Elys. Nenhum dos dois dizia nada. A única vez em que Egwene protestara, dizendo que Elys era quem queria dar a volta às colinas e não devia colocar a culpa neles, recebera uma lição sobre como o som se propagava, feita num rosnado que podia ter sido ouvido a uma milha de distância. Ele deu a lição olhando sobre os ombros, e sequer reduziu a velocidade enquanto falava.

Estivesse ele falando ou não, os olhos de Elys vasculhavam tudo ao redor, às vezes fixamente, como se houvesse algo para se ver além da mesma grama seca sob seus pés. Se ele via alguma coisa, Perrin não conseguia, nem tampouco os lobos. A testa de Elys franzia-se mais que o normal, mas ele não explicava, nem por que tinham de se apressar, nem o que temia que os estivesse caçando.

Às vezes havia uma ondulação mais comprida que de costume no meio do caminho, espreado-se por milhas e milhas a leste e oeste. Até mesmo Elys precisava concordar que dar a volta nos morros os desviaria demais do caminho. Mas não os deixava transpô-los simplesmente. Deixando-os na base da encosta, ele subia, arrastando-se crista acima, para espiar do alto com o máximo de cuidado, como se os lobos não tivessem passado por ali investigando dez minutos antes. Aguardando na base das elevações, minutos passavam como horas, e o suspense os oprimia. Egwene mastigava o lábio e inconscientemente batia as contas que Aram lhe presenteara entre os dedos. Perrin esperava, irrequieto. Seu estômago dava voltas de enjoo, mas ele conseguia manter o rosto tranquilo, conseguia manter o turbilhão oculto em seu interior.

Os lobos avisarão se houver perigo. Seria maravilhoso se eles fossem embora, se simplesmente desaparecessem, mas neste momento... neste momento, eles darão o alerta. O que ele está procurando? O quê?

Depois de uma longa busca deixando apenas os olhos acima da elevação, Elys sempre fazia um gesto para que se aproximassem. Todas as vezes o caminho à frente estava limpo... até a próxima vez em que achavam uma ondulação que não podiam contornar. Na terceira desse tipo, o estômago de Perrin deu um tranco. Sentiu um gosto ácido na garganta, e percebeu que, se tivesse de esperar, mesmo que cinco minutos, vomitaria.

— Eu... — Engoliu em seco. — Eu também vou.

— Fique abaixado — foi tudo que Elyas disse.

Assim que ele falou, Egwene desceu de Bela.

O homem coberto de peles empurrou seu chapéu redondo para a frente e olhou para ela por sob a aba.

— Você espera fazer essa água se arrastar? — perguntou secamente.

Ela abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Por fim, deu de ombros, e Elyas virou as costas sem dizer mais uma palavra e começou a escalar a encosta suave. Perrin correu atrás.

Pouco antes da crista, Elyas fez um movimento para baixo e um instante depois se deitou no chão, arrastando-se durante os últimos metros. Perrin se jogou de barriga no chão.

No topo, Elyas tirou o chapéu antes de levantar a cabeça bem devagar. Espiando através de um arbusto espinhoso, Perrin via apenas a planície ondulante que jazia à frente deles. A encosta descendente estava deserta, embora um aglomerado de árvores com cem passos de extensão crescesse na parte baixa, talvez meia milha ao sul da crista. Os lobos já haviam passado por ela, sem farejar nenhum vestígio de Trollocs ou Myrddraal.

A leste e oeste a terra era a mesma até onde Perrin conseguia ver, grama e arvoredos esparsos. Nada se movia. Os lobos estavam a mais de uma milha de distância, longe da vista; a essa distância ele mal podia senti-los. Eles não tinham visto nada quando cobriram aquele terreno. *O que ele está procurando? Não há nada aqui.*

— Estamos perdendo tempo — disse ele, começando a se levantar, e um bando de corvos saiu das árvores abaixo, cinquenta, cem pássaros pretos, subindo em espiral. Agachado, ele ficou paralisado enquanto eles se reuniam acima das árvores. *Os Olhos do Tenebroso. Será que me viram? O suor escorreu por seu rosto.*

Como se um único pensamento tivesse subitamente brotado em uma centena de minúsculas mentes, cada corvo partiu rapidamente na mesma direção. Sul. O bando desapareceu por cima da elevação seguinte, já descendo. A leste, de outro arvoredo brotaram mais corvos. A massa negra girou duas vezes e seguiu para o sul.

Tremendo, ele se abaixou lentamente. Tentou falar, mas sua boca estava seca demais. Depois de um minuto ele conseguiu produzir um pouco de saliva.

— Era disso que você estava com medo? Por que não disse nada? Por que os lobos não os viram?

— Lobos não procuram em cima de árvores — grunhiu Elyas. — E não, eu não estava procurando por isso. Eu lhe disse que não sabia o que... — Bem longe, a oeste, uma nuvem negra se elevou acima de outro arvoredo e voou para o sul. Estavam longe demais para se distinguirem os pássaros individualmente. — Não é uma grande caçada, graças à Luz. Eles não sabem. Mesmo depois... — Virou-se para olhar de volta o caminho pelo qual haviam vindo.

Perrin engoliu em seco. Mesmo depois do sonho, era o que Elyas havia querido dizer.

— Não é grande? — disse ele. — Lá na nossa terra você não vê tantos corvos assim num ano inteiro.

Elyas balançou a cabeça.

— Nas Terras da Fronteira eu já vi bandos de mil corvos. Não com muita frequência... Há uma recompensa por eles lá... Mas já aconteceu. — Ele ainda estava

olhando para o norte. — Silêncio agora.

Perrin sentiu então; o esforço de alcançar os lobos distantes. Elys queria que Pintada e seus companheiros parassem de investigar adiante, voltassem correndo e checassem a trilha já percorrida. Seu rosto já magro se esticou e afinou sob a tensão. Os lobos estavam tão longe que Perrin não conseguia sequer senti-los. *Depressa. Olhem para o céu. Depressa.*

Perrin captou bem de leve a resposta vinda do sul ao longe. *Estamos indo.* Uma imagem relampejou em sua mente: lobos correndo, focinhos apontados para o vento, correndo como se o fogo de uma queimada corresse atrás deles, correndo. Relampejou, e desapareceu num instante.

Elys abaixou os ombros e respirou fundo. Franzindo a testa, ele espiou sobre a elevação, depois o norte novamente, e resmungou baixinho.

— Você acha que há mais corvos atrás de nós? — perguntou Perrin.

— Pode ser — respondeu Elys vagamente. — É assim que eles fazem às vezes. Eu conheço um lugar... se pudermos chegar lá antes de escurecer... Precisamos continuar andando até escurecer completamente, de qualquer maneira, mesmo que não cheguemos lá, mas não podemos ir tão rápido quanto eu gostaria. Não posso me dar ao luxo de chegar perto demais dos corvos à nossa frente. Mas se eles estiverem atrás de nós também...

— Por que no escuro? — perguntou Perrin. — Que lugar? Um lugar a salvo dos corvos?

— A salvo dos corvos — disse Elys —, mas gente demais conhece... Corvos se recolhem à noite. Queira a Luz que os corvos sejam tudo com que tenhamos de nos preocupar. — Com mais uma olhada sobre a crista, ele se levantou e acenou para Egwene subir com Bela. — Mas ainda falta muito para escurecer. Precisamos continuar andando. — Ele começou a descer a encosta do outro lado numa corrida desengonçada, com cada passo dado já à beira de uma queda. — Mexam-se! Que os queimem!

Perrin se mexeu, meio correndo, meio deslizando.

Egwene chegou ao topo da elevação atrás deles, forçando Bela a trotar. Um sorriso de alívio brotou no rosto dela quando os viu.

— O que está acontecendo? — gritou, forçando a égua peluda a alcançá-los. — Quando vocês desapareceram assim, eu pensei... O que aconteceu?

Perrin poupou o fôlego para correr até que ela se aproximasse deles. Então explicou a respeito dos corvos e do lugar seguro de Elys, mas a história não tinha muito pé nem cabeça. Depois de um grito de "Corvos!" estrangulado, ela continuou interrompendo com perguntas para as quais, em sua maioria, ele não tinha resposta. Ele não terminou a história até chegarem à elevação seguinte.

Normalmente, se é que alguma coisa a respeito daquela jornada poderia ser chamada de normal, eles a teriam contornado, em vez de passar por cima, mas Elys insistiu em investigar de qualquer maneira.

— Você quer simplesmente sair saltitando bem no meio deles, garoto? — foi seu comentário ácido.

Egwene encarou a crista da serra, umedecendo os lábios, como se quisesse ir com Elys dessa vez e ficar onde estava ao mesmo tempo. Elys era o único que não demonstrava hesitação.

Perrin se perguntou se os corvos costumavam voltar. Seria bonito atingir a crista ao

mesmo tempo que um bando de corvos.

No topo, ele foi levantando a cabeça bem devagar até conseguir simplesmente enxergar, e soltou um suspiro de alívio quando tudo o que viu foi um arvoredor um pouco a oeste. Não se via nenhum corvo. Subitamente uma raposa irrompeu dentre as árvores, correndo depressa. Corvos deixaram os galhos atrás dela. O bater das asas deles quase abafou um gemido desesperado da raposa. Um redemoinho negro mergulhou e girou num turbilhão ao redor dela. As mandíbulas da raposa os atacavam, mas eles mergulhavam como dardos, e saíam intocados, bicos negros reluzindo úmidos. A raposa se voltou na direção das árvores, buscando a segurança de sua toca. Agora ela corria desajeitadamente, cabeça abaixada, pelo escuro e ensanguentado, e os corvos ao redor dela, cada vez mais corvos ao mesmo tempo, a massa flutuante engrossando até esconder a raposa completamente. Tão subitamente quanto haviam descido, os corvos subiram, viraram e desapareceram sobre a próxima elevação rumo ao sul. Uma massa disforme de pelo dilacerado marcava o que antes havia sido a raposa.

Perrin engoliu em seco. *Luz! Eles podiam fazer isso conosco. Uma centena de corvos. Eles podiam...*

— Mexam-se — rosnou Elyas, levantando-se de um salto. Ele acenou para que Egwene viesse e, sem esperar, começou a trotar na direção das árvores. — Mexam-se. Que os queimem! — gritou, olhando para trás. — Mexam-se!

Galopando Bela, Egwene transpôs a elevação e os alcançou antes que chegassem à base da encosta. Não havia tempo para explicações, mas seus olhos viram a raposa no mesmo instante. Seu rosto ficou branco como a neve.

Elyas alcançou as árvores e virou ali, na margem do bosque, acenando vigorosamente para que eles se apressassem. Perrin tentou correr mais rápido e tropeçou. Girando os braços, ele quase não conseguiu evitar cair de cara no chão. *Sangue e cinzas! Estou correndo o mais rápido que posso!*

Um corvo solitário saiu voando do arvoredor. Ele se inclinou na direção deles, gritou e girou na direção sul. Sabendo que já era tarde demais, Perrin tentou pegar a funda em sua cintura. Ainda estava tentando pegar uma pedra no bolso para colocar na funda quando o corvo subitamente se dobrou no ar e despencou no chão. Seu queixo caiu, e então ele viu a funda pendendo da mão de Egwene. Ela sorriu, vacilante, para ele.

— Não fiquem aí parados contando carneirinhos! — gritou Elyas.

Com um susto, Perrin correu para o meio das árvores, depois pulou para fora do caminho para não ser atropelado por Egwene e Bela.

A distância, quase sumindo de vista a oeste, o que parecia uma névoa escura elevou-se no ar. Perrin sentiu os lobos passando naquela direção, indo para o norte. Ele os sentiu notarem os corvos, à esquerda e à direita, sem reduzir o passo. A névoa negra turbilhonava ao norte como se perseguindo os lobos, então abruptamente se desfez e relampejou ao sul.

— Você acha que eles nos viram? — perguntou Egwene. — Nós já estávamos nas árvores, não estávamos? Eles não podiam nos ver a essa distância. Podiam? Não tão longe.

— Nós os vimos a essa distância — disse Elyas secamente. Perrin se mexeu, desconfortável, e Egwene respirou, assustada. — Se tivessem nos visto — rosnou —, teriam caído em nós como fizeram com aquela raposa. Pense, se quisesse continuar viva. O medo a matará se não o controlar. — Seu olhar penetrante se deteve por um instante em cada um dos dois. Por fim ele assentiu. — Agora eles já se

foram, e nós deveríamos ir também. Mantenham essas fundas à mão. Podem ser úteis novamente.

Ao saírem do arvoredor, Elyas os conduziu para oeste a partir da linha de marcha que vinham seguindo. A respiração de Perrin ficou presa na garganta; era como se eles estivessem perseguindo os últimos corvos que haviam visto. Elyas prosseguiu, incansável, e não havia nada que pudessem fazer a não ser segui-lo. Afinal, Elyas conhecia um lugar seguro. Algum lugar. Assim dissera.

Correram até a colina seguinte, esperaram os corvos se moverem, depois voltaram a correr, esperaram, correram. O progresso constante que haviam mantido era cansativo o bastante, mas todos exceto Elyas rapidamente começaram a ceder sob esse ritmo intermitente. Perrin arfava, e buscava o máximo de ar quando tinha alguns minutos para se deitar no topo de uma colina, deixando a investigação a Elyas. Bela ficava parada de cabeça baixa, narinas resfolegantes, a cada parada. O medo os fugitava, e Perrin não sabia se estava sob controle ou não. Só queria que os lobos lhes dissessem o que havia atrás deles, se é que havia algo, fosse o que fosse.

Adiante havia mais corvos do que Perrin jamais esperara ver novamente. À esquerda e à direita os pássaros pretos se acumulavam, e também ao sul. Uma dezena de vezes eles alcançaram o esconderijo de um bosque ou o parco abrigo de uma encosta apenas momentos antes de os corvos alçarem voo. Uma vez, com o sol começando a deslizar de seu auge do meio-dia, eles estavam a céu aberto, paralisados como estátuas, a meia milha do abrigo mais próximo, quando uma centena ou mais dos espíões de penas do Tenebroso passaram como um relâmpago uma mera milha a leste. O suor escorria pelo rosto de Perrin apesar do vento, até que a última forma negra se tornou um pontinho e desapareceu. Ele perdeu a conta dos retardatários que derrubaram com suas fundas.

Ele vira provas mais que suficientes caídas no caminho dos corvos para justificar seu medo. Havia encarado com fascinação nervosa um coelho dilacerado. A cabeça sem olhos jazia para cima, com os demais pedaços, pernas, entranhas, espalhados num círculo ao redor dela. Pássaros também, bicados até virarem massas disformes de penas. E mais duas raposas.

Lembrou-se de alguma coisa que Lan dissera. Todas as criaturas do Tenebroso se deleitam em matar. O poder do Tenebroso é a morte. E se os corvos os encontrassem? Olhos impiedosos brilhando como continhas pretas. Bicos afiados girando ao redor deles. Bicos pontiagudos como agulhas tirando sangue. Uma centena deles. *Ou será que eles podem chamar mais de sua espécie? Talvez todos eles na caçada?* Uma imagem nauseante surgiu em sua mente. Uma pilha de corvos do tamanho de uma colina, fervilhante como vermes, lutando por alguns poucos pedaços ensanguentados de carne.

Subitamente essa imagem foi varrida e substituída por outras, cada uma se revelando límpida por um instante, em seguida girando e se transformando na seguinte. Os lobos haviam encontrando corvos ao norte. Pássaros gritando mergulhavam, rodopiavam e tornavam a mergulhar, bicos arrancando sangue a cada volta. Lobos resfolegantes pulavam e se desviavam, contorcendo-se no ar, abrindo e fechando as mandíbulas. Vezes sem conta Perrin sentiu o gosto de penas e o gosto repulsivo de corvos esmagados vivos, sentiu a dor de cortes sangrando por todo o seu corpo, soube com um desespero que jamais se aproximava de desistir que todo o seu esforço não era o bastante. Subitamente os corvos se afastaram, voando em turbilhão para um último ataque de ódio sobre os lobos. Lobos não morrem tão facilmente quanto raposas, e eles tinham uma missão. Asas

negras batendo e eles se foram, algumas poucas penas negras caindo sobre seus mortos. O vento lambia um furo feito em sua perna esquerda. Havia algo de errado com um dos olhos de Saltador. Ignorando as próprias dores, Pintada os reuniu, e eles começaram a seguir num passo dolorido na direção que os corvos haviam seguido. O pelo deles estava coberto de sangue. *Estamos indo. O perigo vai à nossa frente.*

Movendo-se num trote cambaleante, Perrin trocou olhares com Elyas. Os olhos amarelos do homem não tinham expressão, mas ele sabia. Não disse nada. Ficou apenas olhando para Perrin e esperou, o tempo todo mantendo aquele passo sem esforço.

Esperando por mim. Esperando que eu admita que sinto os lobos.

— Corvos. — Perrin ofegou, relutante. — Atrás de nós.

— Ele tinha razão — disse Egwene baixinho. — Você consegue falar com eles.

Os pés de Perrin pareciam blocos de ferro nas pontas de varas de madeira, mas ele tentava fazê-los andar mais rápido. Ah, se pudesse correr mais rápido que os olhos deles, mais rápido que os lobos, mas, acima de tudo, mais rápido que os olhos de Egwene, que agora o conheciam por aquilo que ele de fato era. *O que é você? Maculado, a Luz me cegue! Amaldiçoado!*

Sua garganta queimava como jamais queimara ao respirar a fumaça e o calor da forja de Mestre Luhhan. Ele cambaleou e se pendurou no estribo de Egwene até ela descer e praticamente pendurá-lo na sela, apesar de seus protestos de que podia continuar. Mas não demorou muito até que ela estivesse se agarrando ao estribo enquanto corria, segurando as saias com a outra mão, e logo ele desmontava, suas pernas ainda trêmulas. Ele precisou pegá-la nos braços para colocá-la no lugar dele, mas Egwene estava cansada demais para resistir.

Elyas não reduzia o passo. Ele os forçava a seguir e os provocava, e os mantinha tão próximos atrás dos corvos que faziam sua busca ao sul, que Perrin pensou que bastaria que apenas um pássaro olhasse para trás.

— Continuem andando! Que os queimem! Achem que vão se sair melhor do que aquela raposa se eles pegarem vocês? Aquela com as entranhas empilhadas em cima da cabeça? — Egwene virou-se na sela e vomitou ruidosamente. — Eu sabia que você ia se lembrar disso. É só continuar um pouco mais. É só isso. Só um pouquinho mais. Que se queime, eu achei que vocês jovens do campo tinham resistência. Que trabalhavam o dia todo e dançavam a noite inteira. Mas me parece que dormem o dia todo e dormem a noite inteira também. Aprem esse maldito passo!

Começavam a descer as colinas assim que o último corvo desaparecia sobre a seguinte, enquanto os últimos rastreadores ainda batiam as asas acima do topo da colina. *Se um pássaro olhar para trás...* A leste e oeste os corvos vasculhavam enquanto eles corriam pelos espaços abertos no meio. *Basta um pássaro.*

Os corvos atrás deles estavam se aproximando depressa. Pintada e os outros lobos haviam dado a volta neles e se aproximavam sem parar para lamber as feridas, mas haviam aprendido todas as lições de que precisavam sobre observar o céu. *Perto? Distante?* Os lobos não tinham a mesma noção de tempo dos homens, nenhum motivo para dividir um dia em horas. As estações eram tempo bastante para eles, assim como a luz e a escuridão. Não precisavam de mais. Por fim, Perrin formou uma imagem de onde o sol estaria no céu quando os corvos os alcançassem por trás. Olhou sobre o ombro para o sol que se punha e lambeu os lábios com a língua seca. Em uma hora os corvos estariam em cima deles, talvez menos. Uma hora, e faltavam umas boas duas horas para o

crepúsculo, no mínimo duas para o escurecer total.

Vamos morrer ao pôr do sol, pensou, cambaleando enquanto corria. Estraçalhados como a raposa. Tocou o machado com os dedos, depois levou a mão à funda. Ela teria mais utilidade. Mas não o suficiente. Não contra cem corvos, cem alvos em disparada, cem bicos como armas.

— É sua vez de cavalgar, Perrin — disse Egwene, cansada.

— Daqui a pouco — respondeu ele, ofegante. — Ainda consigo andar algumas milhas. — Ela assentiu e continuou na sela. *Ela está cansada mesmo. Conto a ela? Ou deixo que pense que temos chance de escapar? Uma hora de esperança, ainda que seja desesperada, ou uma hora de desespero?*

Elyas estava olhando para ele mais uma vez, sem dizer nada. Ele devia saber, mas não falava. Perrin olhou para Egwene mais uma vez e piscou forte para afastar as lágrimas quentes. Tocou o machado e se perguntou se teria a coragem. Nos últimos minutos, quando os corvos descessem sobre eles, quando toda a esperança se fosse, ele teria a coragem de lhe poupar a mesma morte da raposa? *Luz, dai-me forças!*

Os corvos à frente deles subitamente desapareceram. Perrin ainda conseguia distinguir nuvens escuras e nebulosas, longe a leste e oeste, mas à frente... nada. *Para onde eles foram? Luz, se nós os ultrapassamos...*

Subitamente um arrepio o percorreu, um arrepio limpo e frio como se ele tivesse pulado no Rio Fonte de Vinho em pleno inverno. Ele o atravessou numa ondulação e foi como se levasse embora parte de sua fadiga, um pouco da dor nas pernas e da queimação dos pulmões. Deixou para trás... alguma coisa. Não sabia dizer o quê, só que se sentia diferente. Tropeçou até parar e olhou ao redor, amedrontado.

Elyas o observava, observava a todos, com um brilho no olhar. Ele sabia o que era, Perrin tinha certeza, mas ficou apenas olhando para eles.

Egwene puxou as rédeas de Bela e olhou à volta deles com insegurança, experimentando ao mesmo tempo dúvida e medo.

— É... estranho — sussurrou. — Sinto como se tivesse perdido algo. — Até mesmo a égua erguera a cabeça em expectativa, as narinas inflando, como se tivessem detectado um odor leve de feno recém-cortado.

— O que... o que foi isso? — perguntou Perrin.

Subitamente, Elyas deu uma risada. Ele se inclinou, sacudindo os ombros, e colocou as mãos nos joelhos.

— A segurança, eis o que foi. Nós conseguimos, seus tolos. Nenhum corvo vai cruzar esta linha... pelo menos nenhum que carregue os olhos do Tenebroso. Um Trolloc teria de ser forçado, e seria preciso algo muito forte pressionando os Myrddraal a forçá-lo. Aes Sedai também não. O Poder Único não funciona aqui; elas não podem tocar a Fonte Verdadeira. Não conseguem sequer sentir a Fonte, como se ela tivesse desaparecido. Isso faz com que sintam uma coceira por dentro. Faz com que tremam como alguém bêbado há sete dias. É a segurança.

No começo, aos olhos de Perrin, a terra não mostrava nenhuma mudança em relação às colinas ondulantes e serras que eles haviam cruzado o dia todo. Então ele notou brotos verdes em meio à grama; não muitos, e estavam lutando para sobreviver, mas eram mais numerosos do que ele vira em qualquer lugar antes. Havia menos ervas daninhas na grama também. Ele não conseguia imaginar o que era, mas havia... algo naquele lugar. E algo no que Elyas dissera aticava sua memória.

— O que é? — perguntou Egwene. — Eu sinto... Que lugar é este? Não sei se gosto dele.

— Um pouso — rugiu Elyas. — Vocês nunca ouviram histórias? É claro, não aparece um Ogier por aqui há três mil e tantos anos, não desde a Ruptura do Mundo, mas é o pouso que faz o Ogier, não o Ogier que faz o pouso.

— É só uma lenda — gaguejou Perrin. Nas histórias, os pousos eram sempre refúgios, lugares para se esconder, fosse de Aes Sedai ou de criaturas do Pai das Mentiras.

Elyas se endireitou; se não estava exatamente descansado, não dava sinal de que havia passado a maior parte do dia correndo.

— Vamos. É melhor irmos mais fundo nesta lenda. Os corvos não podem nos seguir, mas ainda podem nos ver aqui tão perto da margem, e pode haver um número suficiente deles para vigiar toda a fronteira. Deixem que eles continuem caçando e passem direto.

Perrin queria ficar bem ali, agora que havia parado; suas pernas tremiam e lhe diziam que se deitasse por uma semana inteira. O alívio que sentira havia sido momentâneo; toda a fraqueza e as dores estavam de volta. Forçou-se a dar um passo, depois outro. Não ficou mais fácil, mas ele continuou. Elyas voltou a seguir num trote confortável, reduzindo para uma caminhada apenas quando ficou claro que os outros não conseguiam acompanhar seu ritmo. Uma caminhada rápida.

— Por que nós não... ficamos aqui? — perguntou Perrin, ofegante. Estava respirando pela boca, e forçou as palavras por entre expirações profundas e doloridas. — Se isto aqui é de fato... um pouso. Nós estaríamos a salvo. Sem Trollocs. Sem Aes Sedai. Por que nós não... simplesmente ficamos por aqui... até isso tudo acabar? — *Talvez os lobos também não possam entrar aqui...*

— E por quanto tempo? — Elyas olhou para trás com uma sobrancelha erguida. — O que vocês comeriam? Grama, como o cavalo? Além disso, outros sabem deste lugar, e nada pode manter os homens do lado de fora, nem mesmo os piores deles. E só existe um lugar onde ainda se pode encontrar água. — Franzindo a testa, inquieto, ele girou num círculo completo, vasculhando a terra. Perrin o sentiu chamando os lobos. *Depressa. Depressa.* — Arriscamos nossa chance numa escolha de males, e os corvos são um mal certo. Vamos logo. São só mais uma ou duas milhas.

Perrin teria grunhido se estivesse disposto a usar o pouco fôlego que tinha.

Pedras imensas começaram a pontilhar as colinas baixas, montes cinzentos irregulares, pedras semienterradas cobertas por líquens, algumas do tamanho de casas. Todas estavam cobertas por teias de ramos finos, e arbustos rasteiros quase ocultavam a maior parte delas. Aqui e ali, no meio dos ramos de um marrom ressecado, um broto verde solitário anunciava que aquele era um lugar especial. O que quer que tivesse ferido a terra além de suas fronteiras o feria também, mas ali a ferida não era tão profunda.

Eles acabaram, com muito esforço, subindo mais uma elevação, e na base daquela colina havia um pequeno lago. Qualquer um deles podia tê-lo atravessado em dois passos, mas a água era límpida e clara o bastante para mostrar o fundo arenoso como se fosse uma lâmina de vidro. Até mesmo Elyas, ávido, desceu correndo a encosta.

Perrin se atirou de corpo inteiro no chão quando alcançou o lago e mergulhou a cabeça nele. Um instante depois, saiu arrepiado com o frio da água que emergia das profundezas da terra. Ele sacudiu a cabeça, seus cabelos compridos provocando uma

chuva de gotas. Egwene sorriu e jogou água nele também. Os olhos de Perrin foram ficando cada vez mais sérios. Ela franziu a testa e abriu a boca, mas ele voltou a enfiar a cara na água. *Sem perguntas. Não agora. Sem explicações. Nunca.* No entanto, uma vozinha o tentava. *Mas você teria feito, não teria?*

Em algum momento Elyas os chamou para longe do lago.

— Se alguém quiser comer, vou querer ajuda.

Egwene trabalhou com alegria, rindo e brincando enquanto preparavam a escassa refeição. Não havia restado nada a não ser queijo e carne-seca; não houvera chance de caçar. Pelo menos ainda havia chá. Perrin fez sua parte, mas em silêncio. Ele sentia os olhos de Egwene, via a preocupação cada vez maior no rosto dela, mas evitava olhá-la nos olhos o máximo possível. As risadas dela foram desaparecendo, e as piadas escasseando, cada uma mais forçada que a anterior. Elyas observava, sem nada dizer. Instaurou-se um clima soturno, e começaram a refeição em silêncio. O sol avermelhou a oeste, e as sombras se esticaram, compridas e finas.

Faltava menos de uma hora para o anoitecer. Se não fosse pelo pouso, todos vocês estariam mortos agora. Você a teria salvo? Você a teria cortado como já fez com tantos arbustos? Arbustos não sangram, sangram? Nem gritam, nem olham nos seus olhos e perguntam por quê?

Perrin ficou ainda mais ensimesmado. Ele podia sentir alguma coisa rindo dele, bem no fundo de sua mente. Alguma coisa cruel. Não o Tenebroso. Ele quase desejou que fosse. Não era o Tenebroso; era ele mesmo.

Daquela vez Elyas havia quebrado sua regra a respeito de fogueiras. Não havia árvores, mas ele cortara galhos mortos dos arbustos e fizera sua fogueira junto a um pedregulho enorme que se destacava na lateral da colina. Pelas camadas de fuligem que manchavam a rocha, Perrin concluiu que o local devia ter sido usado por gerações e gerações de viajantes.

A parte da rocha que aparecia acima do chão era meio arredondada, com uma quebra bem marcada de um dos lados, onde o musgo, velho e marrom, cobria a superfície rugosa. Os sulcos e ocos erodidos na parte arredondada pareciam estranhos a Perrin, mas ele estava por demais absorto em sua tristeza para ficar pensando a respeito. Egwene, entretanto, estudou a pedra enquanto comia.

— Aquilo — disse finalmente — parece um olho. — Perrin piscou; parecia *mesmo* um olho, por baixo de toda aquela fuligem.

— E é — disse Elyas. Ele se sentou de costas para a fogueira e a rocha, estudando a terra ao redor deles enquanto mastigava uma tira de carne-seca quase tão dura quanto couro. — O olho de Artur Asa-de-gavião. O olho do Grão-rei em pessoa. Foi isto o que sobrou de seu poder e sua glória, no fim. — Disse isso distraído. Estava distraído ao mastigar; seus olhos e sua atenção estavam voltados para as colinas.

— Artur Asa-de-gavião! — exclamou Egwene. — Você está brincando comigo. Isso não é nenhum olho. Por que alguém esculpiria o olho de Artur Asa-de-gavião numa rocha aqui tão longe?

Elyas se virou e olhou para ela, resmungando:

— O que ensinam a vocês, crianças de aldeia? — Ele bufou e se endireitou, voltando à sua vigília, mas continuou falando. — Artur Paendrag Tanreall, Artur Asa-de-gavião, o Grão-rei, uniu todas as terras, da Grande Praga até o Mar das Tempestades, do Oceano de Aryth até o Deserto Aiel, e até um pouco além do Deserto. Chegou até a enviar exércitos para além do Oceano de Aryth. As histórias dizem que ele governou o mundo

inteiro, mas o que realmente governou foi o suficiente para qualquer homem fora de uma história. E ele trouxe paz e justiça à terra.

— Todos eram iguais perante a lei — disse Egwene —, e nenhum homem erguia a mão contra outro.

— Então pelo menos você ouviu as histórias. — Elyas deu uma risada, um som seco. — Artur Asa-de-gavião trouxe paz e justiça, mas fez isso com o fogo e a espada. Uma criança podia cavalgar sozinha com uma sacola de ouro do Oceano de Aryth até a Espinha do Mundo e não sentir um só instante de medo, mas a justiça do Grão-rei era tão dura quanto aquela rocha ali para qualquer um que desafiasse seu poder, mesmo que fosse simplesmente sendo quem era, ou para as pessoas que acreditassem que eram um desafio. A gente comum tinha paz, justiça e barriga cheia, mas ele montou um cerco de vinte anos a Tar Valon e pôs um preço de mil coroas de ouro pela cabeça de qualquer Aes Sedai.

— Achei que você não gostasse de Aes Sedai — disse Egwene.

Elyas deu um sorriso irônico.

— Não importa do que eu gosto, garota. Artur Asa-de-gavião era um idiota orgulhoso. Uma curandeira Aes Sedai poderia tê-lo salvado quando ele caiu doente, ou foi envenenado, como dizem alguns, mas todas as Aes Sedai ainda vivas estavam cercadas atrás das Muralhas Reluzentes, usando todo o seu Poder para resistir a um exército que iluminava a noite com suas fogueiras. Ele não teria deixado nenhuma delas chegar perto dele, de qualquer maneira. Ele odiava as Aes Sedai tanto quanto odiava o Tenebroso.

Egwene apertou os lábios, mas, quando ela falou, tudo o que disse foi:

— O que isso tudo tem a ver com esse ser o olho de Artur Asa-de-gavião?

— Só o seguinte, garota: com a paz, exceto pelo que estava acontecendo do outro lado do oceano, com as pessoas dando vivas a ele aonde quer que ele fosse... Elas realmente o amavam, entende? Ele era um homem severo, mas nunca com a gente comum. Bem, com tudo isso, ele decidiu que estava na hora de construir uma capital para si mesmo. Uma cidade nova, não conectada na mente de nenhum homem a antigas causas, facções ou rivalidades. Aqui, ele a construiria, no centro exato da terra cujas fronteiras eram os mares, o Deserto e a Praga. Aqui, onde nenhuma Aes Sedai jamais viria de livre e espontânea vontade, onde não poderia usar o Poder se quisesse. Uma capital da qual, um dia, o mundo inteiro receberia paz e justiça. Quando ouviram a proclamação, as pessoas do povo contribuíram com dinheiro suficiente para construir um monumento a ele. A maioria delas o via como se estivesse apenas um passo abaixo do Criador. Um passo curto. Foram necessários cinco anos para escavar e construir. Uma estátua do próprio Asa-de-gavião, cem vezes maior que o homem. Eles a ergueram bem aqui, e a cidade deveria ser erguida ao redor dela.

— Nunca houve nenhuma cidade aqui — desdenhou Egwene. — Alguma coisa deveria ter restado se ela tivesse existido. Alguma coisa.

Elyas assentiu, ainda em sua vigia.

— De fato não houve. Artur Asa-de-gavião morreu no mesmo dia em que a estátua foi terminada, e seus filhos e o resto de seu sangue lutaram para ver quem se sentaria no trono do Asa-de-gavião. A estátua ficou sozinha em meio a estas colinas. Os filhos, sobrinhos e primos morreram, e o restante do sangue dos Asa-de-gavião desapareceu da terra, exceto talvez por alguns daqueles que atravessaram o Oceano de Aryth. Havia aqueles que apagariam até mesmo a lembrança dele se pudessem. Livros foram

queimados só porque mencionavam seu nome. No fim, não havia mais nada a seu respeito a não ser as histórias, e a maioria delas errada. Foi isso o que restou de sua glória.

“A luta não parou, é claro, só porque o Asa-de-gavião e seu sangue estavam mortos. Ainda havia um trono a ser conquistado, e cada lorde e dama que pudesse lutar o queria. Foi o começo da Guerra dos Cem Anos. Durou cento e vinte e três, na verdade, e a maior parte da história daquela época se perdeu na fumaça de cidades em chamas. Muitos conseguiram uma parte da terra, mas ninguém conseguiu a terra inteira, e em algum momento naquele período a estátua foi derrubada. Talvez eles não conseguissem suportar mais se medirem contra ela.”

— Primeiro você fala como se o desprezasse — disse Egwene —, e agora, como se o admirasse. — Ela sacudiu a cabeça.

Elyas se virou para olhá-la, um olhar fixo, seco, sem piscar.

— Pegue mais chá agora, se quiser. Quero o fogo apagado antes de escurecer.

A essa altura Perrin conseguia enxergar o olho com clareza, apesar da luz fraca. Era maior que a cabeça de um homem, e as sombras que caíam sobre ele o faziam parecer um olho de corvo, duro, negro e impiedoso. Perrin desejou que dormissem em outro lugar.





Filhos da Sombra

Egwene sentou-se à beira do fogo, olhando para cima, para o fragmento da estátua, mas Perrin desceu até a beira do lago para ficar sozinho. O dia estava acabando, e o vento noturno já vinha do leste, provocando leves ondulações na água. Ele tirou o machado do passador no cinto e o girou nas mãos. O cabo de freixo era do comprimento de seu braço, liso e frio ao toque. Ele o detestava. Tinha vergonha do orgulho que sentira do machado em Campo de Emond, antes de saber o que poderia estar disposto a fazer com ele.

— Você a odeia tanto assim? — disse Elys atrás dele.

Assustado, ele deu um pulo, começando a levantar o machado, antes de ver quem era.

— Você consegue...? Consegue ler a minha mente também? Como os lobos?

Elys inclinou a cabeça para o lado e o encarou, intrigado.

— Um cego poderia ler o seu rosto, garoto. Ora, fale logo. Você odeia a garota? Despreza? É isso. Você estava pronto para matá-la porque a despreza, sempre se arrastando, atrasando você com aquele jeito feminino dela.

— Egwene nunca se arrastou na vida — protestou Perrin. — Ela sempre faz a parte dela. Eu não a desprezo. Eu a amo. — Ele fuzilou Elys com os olhos, quase desejando que ele risse. — Não desse jeito. Quero dizer, ela não é como uma irmã, mas ela e Rand... Sangue e cinzas! Se os corvos nos pegassem... se... eu não sei.

— Sabe, sim. Se ela tivesse de escolher o jeito de morrer, qual você acha que seria? Um golpe seco do seu machado ou a maneira como vimos os animais morrerem hoje? Eu sei qual eu iria preferir.

— Eu não tenho nenhum direito de escolher por ela. Você não vai dizer a ela, vai? Sobre... — Suas mãos seguraram com mais firmeza o cabo do machado; os músculos dos braços se destacaram, músculos fortes para sua idade, trabalhados por longas horas batendo o martelo na forja de Mestre Luhhan. Por um instante ele pensou que o cabo grosso de madeira se partiria. — Eu odeio esta coisa maldita — grunhiu. — Não sei o que estou fazendo com ele, andando por aí como um idiota. Eu não conseguiria fazer aquilo, você sabe. Quando tudo era fingimento e possibilidade, eu podia andar por aí e brincar como se eu... — Ele suspirou, a voz morrendo. — Agora é diferente. Nunca mais quero usá-lo novamente.

— Você vai usá-lo.

Perrin ergueu o machado para atirá-lo no lago, mas Elyas agarrou seu pulso.

— Você vai usá-lo, garoto, e, enquanto odiar usá-lo, vai usá-lo com mais sabedoria do que a maioria dos homens. Espere. Se algum dia você não o odiar mais, aí sim será hora de jogá-lo o mais longe que puder e correr para o outro lado.

Perrin sopesou o machado nas mãos, ainda tentado a deixá-lo no lago. *É fácil para ele me dizer que espere. E se eu esperar e então não puder mais jogá-lo fora?*

Ele abriu a boca para perguntar a Elyas, mas nenhuma palavra saiu. Um chamado dos lobos, tão urgente que seus olhos ficaram vidrados. Por um instante ele esqueceu o que ia dizer, esqueceu que ia dizer qualquer coisa, esqueceu até mesmo de como falar, de como respirar. O rosto de Elyas também congelou, e seus olhos pareceram olhar para dentro e para muito longe. Então desapareceu, tão rapidamente quanto viera. Havia durado apenas um segundo, mas fora o suficiente.

Perrin balançou a cabeça e encheu fundo os pulmões. Elyas não parou; assim que o vêu se ergueu de seus olhos, ele disparou na direção do fogo sem nenhuma hesitação. Perrin correu atrás dele sem dizer nada.

— Apague o fogo! — Elyas, rouco, ordenou a Egwene. Fez um gesto de urgência, e parecia estar tentando gritar com a voz abafada. — Apague logo!

Ela se levantou, olhando para ele, insegura, então se aproximou do fogo, devagar, claramente sem compreender o que estava acontecendo.

Elyas passou por ela, apressado, empurrou-a para o lado e agarrou a chaleira, praguejando quando ela o queimou. Fazendo malabarismos com a panela quente, ele a virou toda em cima do fogo assim mesmo. Um passo atrás dele, Perrin chegou a tempo de começar a chutar terra em cima das brasas sibilantes enquanto o resto do chá caía sobre o fogo, sibilando e se elevando em tentáculos de fumaça. Não parou até que o último vestígio de fogo tivesse sido enterrado.

Elyas jogou a chaleira para Perrin, que imediatamente a deixou cair com um grito estrangulado. Perrin começou a soprar as mãos, olhando para Elyas com a testa franzida, mas este estava ocupado demais verificando apressadamente o acampamento para prestar atenção em qualquer coisa.

— Não há chance de ocultar o fato de que alguém esteve aqui — disse Elyas. — Vamos ter de simplesmente correr e torcer. Talvez eles não se importem. Sangue e cinzas, mas eu tinha certeza de que eram os corvos.

Apressadamente, Perrin jogou a sela em cima de Bela, apoiando o machado em sua coxa enquanto se curvava para apertar os arreios.

— O que foi? — perguntou Egwene. Sua voz tremia. — Trollocs? Um Desvanecido?

— Sigam para leste ou oeste — disse Elyas a Perrin. — Encontrem um lugar para se

esconder, e eu me juntarei a vocês assim que puder. Se eles virem um lobo... — Ele disparou para longe dali, abaixado quase como se tivesse a intenção de correr de quatro, e desapareceu nas sombras cada vez mais longas do anoitecer.

Egwene recolheu apressadamente seus poucos pertences, mas ainda queria uma explicação de Perrin. Sua voz era insistente e ia ficando mais assustada a cada minuto com o silêncio dele, que também estava apavorado, mas o medo fazia com que andassem mais rápido. Ele esperou até estarem seguindo rumo ao poente. Trotando à frente de Bela e segurando o machado de encontro ao peito com ambas as mãos, ele contou aos poucos o que sabia, falando sobre o ombro enquanto procurava um lugar para apear e esperar Elyas.

— Há muitos homens chegando, a cavalo. Eles vieram logo atrás dos lobos, mas não os viram. Estão indo na direção do lago. Provavelmente não têm nada a ver conosco; essa é a única água em léguas. Mas a Pintada diz que... — Ele olhou para trás. O sol do fim de tarde pintava estranhas sombras no rosto dela, sombras que escondiam a expressão de seu rosto. *O que ela está pensando? Será que está olhando para você como se não o conhecesse mais? Será que ela conhece você?* — A Pintada diz que eles têm um cheiro errado. É... assim como um cão raivoso tem o cheiro errado. — O lago havia se perdido de vista atrás deles. Perrin ainda conseguia ver pedregulhos, fragmentos da estátua de Artur Asa-de-gavião, no crepúsculo cada vez mais profundo, mas não o bastante para dizer qual a pedra onde a fogueira havia estado. — Vamos ficar longe deles, encontrar um lugar para esperar por Elyas.

— Por que eles deveriam nos incomodar? — ela perguntou. — Devíamos estar seguros aqui. Devia ser seguro. Luz, tem de haver algum lugar seguro.

Perrin começou a procurar com mais afinco algum lugar para se esconder. Não podia estar muito longe do lago, mas o crepúsculo se adensava. Em breve estaria escuro demais para viajar. Uma luz fraca ainda banhava as cristas. Dos vales rasos no meio, onde mal era possível ver qualquer coisa, elas pareciam brilhantes pelo contraste. À esquerda uma forma escura se destacava nítida contra o céu, uma grande pedra achatada que despontava de um morro, ocultando a encosta abaixo em trevas.

— Por aqui — disse ele.

Ele seguiu na direção da colina, olhando para trás em busca de algum sinal dos homens que estavam vindo. Não havia nada... ainda. Mais de uma vez ele precisou parar e esperar enquanto os outros o seguiam aos tropeços. Egwene estava abaixada sobre o pescoço de Bela, e a égua andava cuidadosamente sobre o terreno irregular. Perrin achou que ambos deviam estar mais cansados do que ele havia acreditado. *É melhor que este seja um bom esconderijo. Não acho que possamos procurar outro.*

Na base da colina ele estudou a enorme rocha achatada, com a silhueta contra o céu, emergindo da encosta quase na crista. Havia uma estranha familiaridade na maneira como o topo da pedra parecia formar degraus irregulares, três para cima e um para baixo. Ele escalou a distância curta e passou a mão pela pedra, caminhando ao longo dela. Apesar da ação dos séculos ele ainda conseguia sentir quatro colunas unidas. Olhou para cima e viu o topo da colina, em forma de degrau, elevando-se enorme sobre sua cabeça como uma imensa marquise. Dedos. *Vamos nos abrigar na mão de Artur Asa-de-gavião. Talvez um pouco de sua justiça ainda tenha restado aqui.*

Fez um gesto para que Egwene se aproximasse. Ela não se moveu. Então, ele escorregou até a base da colina e disse a ela o que havia encontrado.

Egwene espiou o alto da colina forçando a cabeça para a frente.

— Como você consegue ver alguma coisa? — perguntou ela.

Perrin abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Lambeu os lábios ao olhar ao redor, pela primeira vez realmente consciente do que estava vendo. O sol havia se posto totalmente agora, e a lua cheia estava oculta pelas nuvens, mas ele ainda parecia ver o limiar púrpura do crepúsculo.

— Eu tateei a rocha — respondeu finalmente. — Só pode ser isso. Eles não vão ser capazes de nos descobrir na sombra dela nem que cheguem até aqui. — Pegou as rédeas de Bela para conduzi-la até o abrigo da mão. Ele podia sentir os olhos de Egwene em suas costas.

Enquanto ele a ajudava a descer da sela, a noite irrompeu em gritos na direção do lago. Ela pôs a mão no braço de Perrin, que ouviu a pergunta que ela não fez.

— Os homens viram Vento — ele disse com relutância. Era difícil captar o significado dos pensamentos dos lobos. Alguma coisa sobre fogo. — Eles têm tochas. — Ele afastou a mão dela com delicadeza e se abaixou ao seu lado. — Estão se dividindo em grupos de busca. São muitos, e os lobos estão todos feridos. — Tentou fazer sua voz ficar mais forte. — Mas Pintada e os outros devem ser capazes de ficar longe deles, mesmo feridos, e eles não estão nos esperando. As pessoas não veem o que não estão esperando. Eles vão desistir num instante e montar acampamento. — Elyas estava com os lobos, e não os deixaria enquanto estivessem sendo caçados. *Tantos cavaleiros. Tão persistentes. Por que tão persistentes?*

Ele viu Egwene assentir, mas na escuridão ela não percebeu.

— Vamos ficar bem, Perrin.

Luz, pensou, pasmado, ela *está tentando me consolar*.

Os gritos não paravam. Pequenos grupos de tochas se moviam a distância, pontos tremeluzentes de luz na escuridão.

— Perrin — disse Egwene baixinho —, você dança comigo no Dia-do-Sol? Se já estivermos em casa?

Os ombros dele tremeram. Ele não fez som algum, e não sabia se estava rindo ou chorando.

— Danço. Prometo. — Contra sua vontade, suas mãos agarraram o machado com mais força, fazendo-o lembrar-se de que ainda o segurava. Sua voz se transformou num sussurro. — Eu prometo — voltou a dizer e torceu por isso.

Grupos de homens carregando tochas passaram a cavalgar pelas colinas, em bandos de dez ou doze. Perrin não sabia dizer quantos grupos havia. Às vezes três ou quatro eram avistados de uma só vez, indo de um lado para o outro. Eles continuaram a gritar uns para os outros, e às vezes ouviam-se gritos na noite, os gritos dos cavalos, os gritos dos homens.

Ele via isso tudo de mais de um ponto de vista. Estava agachado na encosta da colina com Egwene, vendo as tochas se moverem pela escuridão como vaga-lumes, e em sua mente ele corria pela noite com Pintada, Vento e Saltador. Os lobos haviam sido feridos demais pelos corvos para correrem longe ou rápido, de modo que a intenção deles era forçar os homens a deixar a escuridão, empurrá-los para o abrigo de seus fogos. No fim os homens sempre buscavam a segurança das fogueiras quando os lobos vagavam pela noite. Alguns dos homens montados conduziam fileiras de cavalos sem cavaleiros, que relinchavam e empinavam de olhos arregalados e se revirando, quando as formas

cinzentas passavam disparando entre eles, gritando e puxando suas guias das mãos dos homens que os conduziam, espalhando-se em todas as direções o mais rápido que podiam correr. Cavalos com homens em suas costas também gritavam quando sombras cinzentas saíam da escuridão em um piscar de olhos com presas afiadas, e às vezes seus cavaleiros também gritavam, logo antes de terem as gargantas rasgadas por mandíbulas. Elyas estava lá fora também, sua presença sentida de modo mais tênue, espreitando pela noite com sua faca longa, um lobo de duas pernas com um dente de aço afiado. Os gritos começaram a se tornar xingamentos com mais frequência, mas os homens se recusavam a desistir.

Subitamente Perrin percebeu que os homens com tochas estavam seguindo um padrão. A cada vez que os grupos apareciam, pelo menos um deles estava mais próximo da colina onde ele e Egwene se escondiam. Elyas dissera para que se escondessem, mas... *E se correremos? Talvez possamos nos esconder na escuridão, se continuarmos nos movendo. Talvez. Tem de estar escuro o bastante para isso.*

Ele se virou para Egwene, mas ao fazer isso viu que a decisão lhe era tirada. Várias tochas, uma dúzia delas, deram a volta na base da colina, tremendo com o trote dos cavalos. Pontas de lanças reluziam à luz das tochas. Ele ficou paralisado, contendo a respiração, segurando firme o cabo do machado.

Os cavaleiros passaram direto pela colina, mas um dos homens gritou, e as tochas voltaram. Ele pensou, desesperado, procurando um jeito de escapar. Mas assim que se movessem seriam vistos, se é que já não haviam sido, e uma vez notados eles não teriam chance, nem mesmo com a escuridão para ajudar.

Os cavaleiros pararam no pé da colina, cada homem segurando uma tocha em uma das mãos e uma lança longa na outra, guiando seu cavalo pela pressão dos joelhos. À luz das tochas, Perrin pôde ver os mantos brancos dos Filhos da Luz. Eles seguravam as tochas bem no alto e se inclinavam para a frente nas selas, perscrutando as sombras escuras sob os dedos de Artur Asa-de-gavião.

— Tem *alguma coisa* ali em cima — um deles falou. Sua voz era alta demais, como se estivesse com medo do que havia fora dos limites da luz das tochas. — Eu disse que alguém podia se esconder ali. Aquilo não é um cavalo?

Egwene pôs a mão no braço de Perrin; seus olhos estavam imensos na escuridão. Sua pergunta silenciosa óbvia apesar da sombra que escondia seus traços. O que fazer? Elyas e os lobos ainda caçavam noite adentro. Os cavalos abaixo mexiam as patas, nervosos. *Se correremos agora, eles vão nos pegar.*

Um dos Mantos-brancos avançou com seu cavalo e gritou para o alto da colina.

— Se conseguem entender a fala humana, desçam e se rendam. Vocês não serão machucados se caminharem na Luz. Se não se renderem, serão todos mortos. Vocês têm um minuto. — As lanças abaixaram, pontas compridas de aço reluzindo com a luz das tochas.

— Perrin — sussurrou Egwene —, não temos como fugir deles. Se não desistirmos, eles nos matarão. Perrin?

Elyas e os lobos ainda estavam livres. Outro grito distante e gorgolejante marcou um Manto-branco que havia caçado Pintada muito de perto. *Se correremos...* Egwene estava olhando para ele, esperando que ele lhe dissesse o que fazer. *Se correremos...* Ele balançou a cabeça cansado e se levantou, como se em transe, descendo cambaleante a colina na direção dos Filhos da Luz. Ele ouviu Egwene suspirar e ir atrás dele, arrastando os pés

com relutância. *Por que os Mantos-brancos são tão persistentes, como se odiassem os lobos? O que há de errado no cheiro deles?* Quase pensou que conseguia identificar essa sensação de “errado”, quando o vento veio dos cavaleiros.

— Largue esse machado — gritou o líder.

Perrin cambaleou em sua direção, torcendo o nariz para se livrar do cheiro que achava que sentia.

— Largue, caipira! — A lança do líder se deslocou na direção do peito de Perrin.

Por um momento ele ficou encarando a ponta de aço afiado da lança, longa o suficiente para atravessá-lo por completo, e gritou subitamente:

— Não! — Mas não foi para o cavaleiro que ele gritou.

Das profundezas da noite surgiu Saltador, e Perrin se tornou um com o lobo. Saltador, o filhote que vira as águias voarem, e quisera tanto alçar voo pelo céu como elas. O filhote que saltou e pulou até conseguir saltar mais alto que qualquer outro lobo, e que jamais perdera o desejo de filhote de sair voando pelo céu. Da noite veio Saltador, e saltou, alçando voo como as águias. Os Mantos-brancos só tiveram um momento para começar a praguejar antes que as mandíbulas de Saltador se fechassem na garganta do homem com a lança apontada para Perrin. O impulso do lobo enorme os lançou ambos para o chão pelo outro lado do cavalo. Perrin sentiu os ossos da garganta do homem sendo esmagados, sentiu o gosto do sangue.

Saltador pousou de leve no chão, já distante do homem que havia matado. Seu pelo estava manchado de sangue, o próprio e o de outros. Um corte que lhe descia pela face atravessava o buraco onde o olho esquerdo havia estado. Seu olho bom cruzou com os dois de Perrin por um breve instante. *Corra, irmão!* Ele girou para dar outro salto, para alçar voo uma última vez, e uma lança o pregou ao chão. Uma segunda vara de aço trespassou suas costelas, cravando-se no chão embaixo dele. Esperneando, ele tentou morder as lanças que o perfuravam. *Alçar voo.*

A dor preencheu o espírito de Perrin, e ele gritou, um grito sem palavras, que tinha um quê de uivo. Sem pensar, ele lançou-se à frente, ainda gritando. Todo e qualquer pensamento havia desaparecido. Os cavaleiros haviam se agrupado demais para serem capazes de usar as lanças, e o machado era uma pluma em suas mãos, uma imensa presa de lobo feita de aço. Algo lhe acertou a cabeça, e, enquanto ele caía, não sabia dizer se era Saltador ou ele quem morreria.

* * *

— ...alçar voo como as águias.

Murmurando, Perrin abriu os olhos, zozzo. Sua cabeça doía, e ele não conseguia lembrar por quê. Piscando por causa da luz, ele olhou ao redor. Egwene estava ajoelhada, observando-o. Estavam em uma tenda quadrada do tamanho de um quarto médio numa casa de fazenda, com uma lona à guisa de chão. Lâmpioes a óleo em suportes altos, um em cada canto, emitiam uma luz brilhante.

— Graças à Luz, Perrin — disse ela baixinho. — Tive medo de que eles tivessem matado você.

Em vez de responder, ele ficou olhando fixamente para o homem de cabelos

grisalhos sentado na única cadeira que havia na tenda. Um rosto velho de avô, de olhos escuros, olhava para ele, um rosto que em sua mente não se encaixava com o tabardo branco e dourado que o homem vestia, nem com a armadura reluzente por cima da roupa do mais puro branco. Parecia um rosto gentil, honesto e digno, e alguma coisa nele se adequava à elegante austeridade dos objetos da tenda. Uma mesa e uma cama dobrável, um lavabo com uma bacia branca simples e jarro, um baú de madeira incrustado em padrões geométricos simples. Onde havia madeira, ela estava polida até brilhar, e o metal reluzia, mas não tanto, e nada era espalhafatoso. Tudo na tenda tinha o ar artesanal, mas só alguém que havia visto o trabalho de artesãos, como Mestre Luhhan, ou Mestre Aydaer, o marceneiro, notaria.

Franzindo a testa, o homem mexeu duas pequenas pilhas de objetos sobre a mesa com um dedo grosso. Perrin reconheceu o conteúdo de seus bolsos em uma daquelas pilhas, e sua faca de cintura. A moeda de prata que Moiraine lhe dera rolou da pilha, e o homem a empurrou de volta, intrigado. Franzindo os lábios, ele deixou as pilhas e ergueu o machado de Perrin que também estava em cima da mesa, sopesando-o. Sua atenção se voltou para os dois prisioneiros.

Perrin tentou se levantar. Uma dor lancinante ao longo dos seus braços e pernas frustrou seu movimento. Pela primeira vez ele percebeu que estava amarrado, mãos e pés. Seu olhar seguiu para Egwene. Ela deu de ombros, desanimada, e se contorceu de modo que ele pôde ver as costas dela. Meia dúzia de laçadas amarravam seus pulsos e tornozelos; as cordas faziam marcas profundas em sua pele. Um outro pedaço de corda corria entre as amarrações ao redor de tornozelos e pulsos, curta o bastante para impedir que ela esticasse o corpo; caso tentasse se levantar, não conseguiria mais do que ficar agachada.

Perrin olhou aquelas cordas. O fato de estarem amarrados já era chocante o bastante, mas ali havia cordas suficientes para segurar cavalos. *O que eles acham que nós somos?*

O homem grisalho os observava, curioso e pensativo, como Mestre al'Vere tentando resolver um problema. Ele segurava o machado como se tivesse esquecido dele.

A aba da tenda se abriu, e um homem alto entrou. Seu rosto era comprido e magro, com olhos tão fundos que pareciam espiar de dentro de cavernas. Não havia carne sobrando nele, nem um pouco de gordura; sua pele se repuxava com força sobre os músculos e ossos.

Perrin teve um vislumbre da noite lá fora, e de fogueiras, e de dois guardas de manto branco na entrada da tenda, depois a aba voltou ao lugar. Assim que o recém-chegado entrou, parou, rígido como uma barra de ferro, olhando direto à frente, para a outra parede da tenda. Sua armadura de placas e malha reluzia como prata contra o manto e o casaco cor de neve.

— Meu Senhor Capitão. — Sua voz era tão rígida quanto a postura, e áspera, mas de algum modo apática, sem expressão.

O homem de cabelos grisalhos fez um gesto casual.

— Descanse, Filho Byar. Você contabilizou quanto nos custou este... encontro?

O homem alto separou os pés, mas, afora isso, Perrin não viu nada de descanso em sua postura.

— Nove homens mortos, meu Senhor Capitão, e vinte e três feridos, sete com gravidade. Mas todos podem cavalgar. Trinta cavalos tiveram de ser sacrificados. Os tendões deles foram dilacerados! — Ele enfatizou isso em sua voz sem emoção, como se

o que tivesse acontecido aos cavalos fosse pior do que as mortes e ferimentos dos homens. — Muitas das montarias de reserva foram dispersas. Pode ser que encontremos algumas quando o sol raiar, meu Senhor Capitão, mas, com lobos a afugentá-las, levaremos dias até recolher todas. Os homens que deveriam vigiá-las foram designados para a guarda noturna até chegarmos a Caemlyn.

— Não temos dias, Filho Byar — disse suavemente o homem de cabelos grisalhos. — Partiremos ao amanhecer. Nada pode mudar isso. Devemos chegar a Caemlyn a tempo, sim?

— Como o senhor ordenar, meu Senhor Capitão.

O homem de cabelos grisalhos olhou de relance para Perrin e Egwene, depois desviou o olhar novamente.

— E o que temos como resultado de nossa ação, além destes dois jovens?

Byar respirou fundo e hesitou.

— Mandei esfolar o lobo que estava com este grupo, meu Senhor Capitão. O pelo deverá dar um belo tapete para a tenda de meu Senhor Capitão.

Saltador! Sem perceber o que estava fazendo, Perrin rosnou e forçou as amarras. As cordas cortaram sua pele — seus pulsos começaram a ficar escorregadios de sangue —, mas não cederam.

Pela primeira vez Byar olhou para os prisioneiros. Egwene se assustou e recuou. O rosto dele era tão sem expressão quanto a voz, mas uma luz cruel ardia em seus olhos fundos tão certamente quanto as chamas ardiam nos de Ba'alzamon. Byar os odiava como se fossem inimigos de muitos anos, e não pessoas que ele vira essa noite pela primeira vez.

Perrin retribuiu o olhar de modo desafiador. Sua boca se curvou em um sorriso tenso ao pensar em seus dentes cravando-se na garganta do homem.

Subitamente seu sorriso desvaneceu, e ele estremeceu. *Meus dentes? Eu sou um homem, não um lobo! Luz, isso tem de acabar!* Mas ele continuou encarando Byar, enfrentando, ódio com ódio.

— Eu não me importo com tapetes de pele de lobo, Filho Byar. — A reprimenda na voz do Senhor Capitão era gentil, mas as costas de Byar tornaram a ficar rígidas, seus olhos se fixando na parede da tenda. — Você relatava o que conseguimos esta noite, não? Se é que conseguimos alguma coisa.

— Eu estimaria que a matilha que nos atacou tinha cinquenta feras ou mais, meu Senhor Capitão. Destes, matamos pelo menos vinte, talvez trinta. Não considere que valesse a pena perder mais cavalos para trazer as carcaças esta noite. Pela manhã mandarei recolhê-las e queimá-las, as que não tiverem sido arrastadas para longe na escuridão. Além destes dois, havia pelo menos uma dúzia de outros homens. Acredito que tenhamos acabado com quatro ou cinco, mas é improvável que encontremos algum corpo, dado o costume dos Amigos das Trevas de recolher seus mortos para esconder suas perdas. Esta parece ter sido uma emboscada coordenada, mas isso levanta a questão de...

A garganta de Perrin deu um nó enquanto o homem magro continuava. Elyas? Cautelosa e relutantemente, ele tentou sentir Elyas, os lobos... e não achou nada. Era como se ele nunca tivesse sido capaz de sentir a mente de um lobo. *Ou estão mortos ou abandonaram você.* Ele sentiu vontade de rir, de dar uma gargalhada amarga. Por fim tinha o que desejava, mas o preço era alto.

Nesse momento o homem grisalho riu, um riso rico e irônico que fez brotar um ponto vermelho em cada uma das bochechas de Byar.

— Então, Filho Byar, sua estimativa é a de que fomos atacados em uma emboscada de mais de cinquenta lobos e mais de uma dúzia de Amigos das Trevas? É isso? Talvez quando você tiver visto mais algumas ações...

— Mas, meu Senhor Capitão Bornhald...

— Eu diria seis, oito lobos, Filho Byar, e talvez nenhum outro humano além destes dois. Você tem o verdadeiro zelo, mas nenhuma experiência fora das cidades. Trazer a Luz é uma coisa diferente quando ruas e casas estão muito distantes. Os lobos podem parecer mais numerosos do que são, à noite, e os homens também. Seis ou oito no máximo, é o que penso. — O rubor de Byar se aprofundou lentamente. — Suspeito ainda que eles estavam aqui pela mesma razão que nós: a única água fácil de se obter por pelo menos um dia em qualquer direção. Uma explicação muito mais simples do que espíões ou traidores dentro dos Filhos, e a explicação mais simples é normalmente a mais verdadeira. Você aprenderá com a experiência.

O rosto de Byar ficou branco como a morte enquanto o ancião falava; por contraste, os dois pontos em suas bochechas encovadas passaram de vermelho a roxo. Ele desviou o olhar para os prisioneiros por um instante.

Ele nos odeia ainda mais, pensou Perrin, por ouvir isso. Mas por que ele nos odeia, para começo de conversa?

— O que acha disto? — perguntou o Senhor Capitão, erguendo o machado de Perrin.

Byar olhou questionador para seu comandante e esperou um assentimento em resposta antes de quebrar sua postura rígida para pegar a arma. Ele levantou o machado e soltou um grunhido de surpresa, então o girou num arco fechado sobre sua cabeça que por pouco não pegou o topo da tenda. Ele o manejava com a segurança de alguém que havia nascido com um machado nas mãos. Um olhar de relutante admiração passou por seu rosto, mas, quando abaixou o machado, estava mais uma vez sem expressão.

— Excelente, meu Senhor Capitão. Feita com simplicidade, mas por um armeiro muito bom, talvez até mesmo um mestre. — Seu olhar para os prisioneiros ardia, sinistro. — Não é arma de aldeão, meu Senhor Capitão. Nem de fazendeiro.

— Não. — O homem de cabelos grisalhos virou-se para Perrin e Egwene com um sorriso cansado e ligeiramente admoestador, um avô gentil que sabia que os netos haviam aprontado alguma. — Meu nome é Geofram Bornhald — disse-lhes. — Você é Perrin, pelo que entendi. E você, minha jovem, qual é o seu nome?

Perrin fuzilou-o com o olhar, mas Egwene balançou a cabeça.

— Não seja bobo, Perrin. Eu sou Egwene.

— Apenas Perrin, e apenas Egwene — murmurou Bornhald. — Mas suponho que, se vocês realmente são Amigos das Trevas, desejem ocultar suas identidades o máximo possível.

Perrin se colocou de joelhos; não conseguia se levantar mais que isso graças à maneira como estava amarrado.

— Nós não somos Amigos das Trevas — protestou, furioso.

As palavras não haviam acabado de sair de sua boca quando Byar o alcançou. O homem se movia como uma serpente. Perrin viu o cabo de seu próprio machado girar na sua direção e tentou se abaixar, mas a madeira grossa o pegou acima da orelha. Somente o

fato de estar se afastando do golpe evitou que seu crânio fosse rachado. Mesmo assim, luzes piscaram em seus olhos. O ar deixou seus pulmões quando ele desabou no chão. Sua cabeça zumbia, e o sangue escorreu pelo seu rosto.

— Você não tem o direito — começou Egwene, e gritou quando o cabo do machado girou em sua direção. Ela se jogou de lado, e o golpe zuniu no ar enquanto ela tombava na lona do chão.

— Você manterá sua língua educada ao se dirigir a um Ungido pela Luz — disse Byar —, ou não terá mais língua. — O pior era que a voz dele ainda não demonstrava nenhuma emoção. Cortar a língua deles não lhe daria prazer nem arrependimento; era simplesmente algo que ele faria.

— Vá com calma, Filho Byar. — Bornhald tornou a olhar para os cativos. — Imagino que vocês não saibam muito sobre os Ungidos, nem sobre Senhores Capitães dos Filhos da Luz, não é? Não, imaginei que não. Mas, pelo bem do Filho Byar, tentem não discutir nem gritar, sim? Não quero nada além de que vocês caminhem na Luz, e deixar a raiva dominá-los não ajudará nenhum de nós.

Perrin levantou a cabeça para olhar o homem de rosto magro em pé sobre eles. *Pelo bem do Filho Byar?* Ele reparou que o Senhor Capitão não mandou que o Filho Byar os deixasse em paz. Byar o olhou nos olhos e sorriu; o sorriso só tocou os lábios, mas a pele de seu rosto se repuxou ainda mais, até ele parecer uma caveira. Perrin estremeceu.

— Já ouvi falar dessa história de homens correndo com lobos — disse Bornhald, como que devaneando —, embora não tenha visto antes. Homens supostamente falando com lobos, e com outras criaturas do Tenebroso. Uma coisa asquerosa. Isso me faz temer que a Última Batalha esteja de fato se aproximando.

— Os lobos não são... — Perrin parou ao ver a bota de Byar recuar. Respirando fundo, ele continuou num tom de voz mais suave: — Os lobos não são criaturas do Tenebroso. Eles odeiam o Tenebroso. Pelo menos, odeiam Trollocs e Desvanecidos. — Ficou surpreso ao ver o homem de rosto magro assentir como se para si mesmo.

Bornhald ergueu uma sobrancelha.

— Quem lhe contou isso?

— Um Guardião — disse Egwene. Ela se encolheu ante o olhar calcinante de Byar. — Ele disse que lobos odeiam Trollocs, e Trollocs têm medo de lobos. — Perrin ficou feliz por ela não ter mencionado Elys.

— Um Guardião. — O homem grisalho suspirou. — Uma criatura das bruxas de Tar Valon. O que mais aquela espécie contaria a você, quando ele próprio é um Amigo das Trevas, e um servo de Amigas das Trevas? Você não sabe que Trollocs têm focinhos e dentes de lobos, e pelo de lobo?

Perrin piscou, tentando clarear a mente. Ainda sentia o cérebro tremer como gelatina de tanta dor, mas havia alguma coisa errada ali. Ele não conseguia pensar com lucidez bastante para entender o que era.

— Nem todos — resmungou Egwene. Perrin dirigiu a Byar um olhar desconfiado, mas o homem magro se limitou a observá-la. — Alguns têm chifres, como carneiros ou bodes, ou bicos de gaviões, ou... ou... toda espécie de coisa.

Bornhald balançou a cabeça com tristeza.

— Eu lhes dou todas as chances, e vocês se afundam cada vez mais a cada palavra. — Ele ergueu um dedo. — Vocês andam com lobos, criaturas do

Tenebroso. — Um segundo dedo. — Vocês admitem conhecer um Guardião, outra criatura do Tenebroso. Eu duvido que ele tivesse lhes contado o que contou se estivesse só de passagem. — Um terceiro dedo. — Você, garoto, carrega uma marca de Tar Valon no bolso. A maioria dos homens fora de Tar Valon se livra delas o mais rápido que pode. A menos que sirvam às bruxas de Tar Valon. — Um quarto. — Você carrega a arma de um guerreiro embora se vista como um fazendeiro. Um dissimulado então. — O polegar se levantou. — Vocês conhecem Trollocs e Myrddraal. Aqui ao sul, apenas alguns estudiosos e aqueles que viajaram pelas Terras da Fronteira acreditam que elas são algo além de histórias. Talvez vocês tenham estado nas Terras da Fronteira. Se estiveram, digam-me onde. Eu viajei muito pelas Terras da Fronteira e as conheço bem. Não? Ah, que pena então. — Ele olhou para sua mão aberta, depois a bateu com força na mesa. A expressão de avô dizia que os netos haviam feito uma travessura muito grave. — Por que não me contam a verdade sobre como passaram a correr pela noite com os lobos?

Egwene abriu a boca, mas Perrin viu a obstinação no modo como o maxilar dela se projetava e soube no mesmo instante que ela ia contar uma das histórias que eles haviam combinado. Isso não daria certo. Não naquele momento, não ali. Sua cabeça doía, e ele desejou ter tempo para pensar melhor, mas não havia tempo. Quem poderia dizer por onde esse Bornhald havia viajado, com que terras e cidades estava familiarizado? Se ele os apanhasse numa mentira, não haveria como voltar à verdade. Bornhald estaria convencido de que eram mesmo Amigos das Trevas.

— Nós somos dos Dois Rios — disse ele rapidamente.

Egwene o fitou visivelmente perplexa antes de se conter, mas ele continuou a dizer a verdade... ou uma versão dela. Eles haviam deixado os Dois Rios para ver Caemlyn. No caminho, haviam ouvido falar das ruínas de uma grande cidade, mas, quando encontraram Shadar Logoth, havia Trollocs lá. Os dois conseguiram fugir atravessando o Rio Arinelle, mas àquela altura estavam completamente perdidos. Então encontraram um homem que se ofereceu para guiá-los até Caemlyn. Ele dissera que seu nome não era da conta deles, e não parecia lá muito amigável, mas eles precisavam de um guia. O primeiro lobo que qualquer um dos dois havia visto fora depois que os Filhos da Luz apareceram. Tudo o que haviam tentado fazer era se esconder para não serem comidos por lobos nem mortos por homens a cavalo.

— ...se soubéssemos que vocês eram Filhos da Luz — concluiu —, teríamos ido até vocês em busca de ajuda.

Byar resfolegou sem acreditar. Perrin não deu muita importância a isso; se o Senhor Capitão se convencesse, Byar não poderia lhes fazer mal. Estava claro que Byar pararia de respirar se o Senhor Capitão Bornhald lhe dissesse para fazer isso.

— Não há nenhum Guardião nessa história — disse o homem grisalho depois de um instante.

A criatividade de Perrin lhe falhara; ele sabia que deveria ter tido tempo para pensar naquilo. Egwene se adiantou para preencher a brecha.

— Nós o encontramos em Baerlon. A cidade estava lotada de homens que haviam descido das minas depois do inverno, e fomos colocados na mesma mesa numa estalagem. Só falamos com ele durante uma única refeição.

Perrin voltou a respirar. *Obrigado, Egwene.*

— Devolva a eles seus pertences, Filho Byar. As armas não, claro. — Quando Byar olhou para ele, surpreso, Bornhald acrescentou: — Ou você é daqueles que passaram a

saquear os não iluminados, Filho Byar? Esse é um negócio ruim, sabe? Nenhum homem pode ser ladrão e caminhar na Luz. — Byar parecia lutar com a descrença em relação àquela sugestão.

— Então o senhor está nos soltando? — Egwene parecia surpresa. Perrin levantou a cabeça para olhar o Senhor Capitão.

— É claro que não, criança — disse Bornhald, triste. — Vocês podem estar falando a verdade sobre serem dos Dois Rios, já que sabem sobre Baerlon e as minas. Mas Shadar Logoth...? Esse é um nome que muitíssimo poucos conhecem, a maioria Amigos das Trevas, e qualquer um que conheça o bastante para saber o nome sabe o suficiente para não ir até lá. Sugiro que pensem numa história melhor na jornada até Amador. Vocês terão tempo, já que devemos fazer uma parada em Caemlyn. De preferência a verdade, criança. Existe liberdade na verdade e a Luz.

Byar esqueceu parte de sua deferência com relação ao homem de cabelos grisalhos. Ele deu as costas aos prisioneiros, e suas palavras tinham um tom de ultraje.

— O senhor não pode! Não é permitido! — Bornhald ergueu uma sobrancelha, incrédulo, e Byar recuou, engolindo em seco. — Perdoe-me, meu Senhor Capitão. Eu me esqueci de qual é o meu lugar, e humildemente peço perdão e me submeto ao castigo, mas, como meu próprio Senhor Capitão apontou, precisamos chegar a Caemlyn a tempo e, sem a maioria de nossas montarias sobressalentes, já será difícil chegar sem termos de levar prisioneiros.

— E o que você sugere? — perguntou Bornhald calmamente.

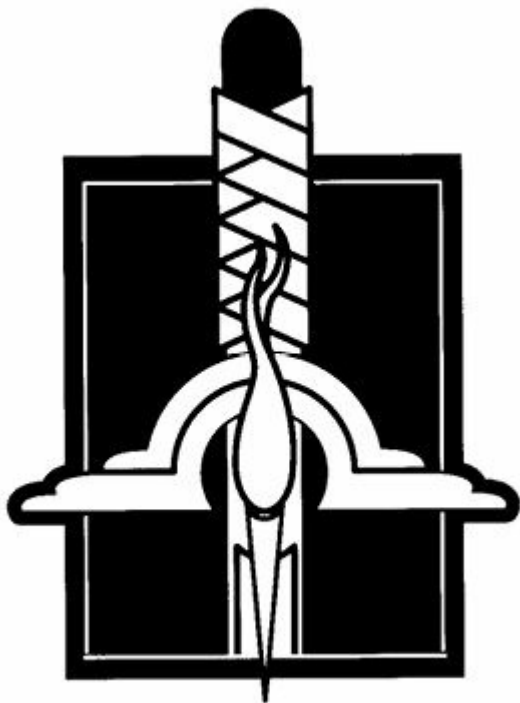
— O castigo para Amigos das Trevas é a morte. — A voz neutra tornava tudo mais aterrador. Ele parecia estar sugerindo que se pisasse num inseto. — Não existe trégua com a Sombra. Não há misericórdia para os Amigos das Trevas.

— O zelo deve ser aplaudido, Filho Byar, mas, como preciso dizer frequentemente ao meu filho Dain, o excesso de zelo pode ser uma falta grave. Lembre-se de que os Princípios também dizem: “Nenhum homem está tão perdido que não possa ser trazido para a Luz.” Esses dois são jovens. Eles não podem estar tão orgulhados na Sombra. Ainda podem ser trazidos para a Luz, se permitirem que a Sombra seja levantada de seus olhos. Devemos lhes dar essa chance.

Por um momento Perrin quase sentiu afeto pelo homem com jeito de avô que se interpunha entre eles e Byar. Então Bornhald voltou seu sorriso de avô para Egwene.

— Se você se recusar a vir para a Luz quando chegarmos a Amador, serei forçado a entregá-la aos Questionadores, e perto deles o zelo de Byar não passa de uma vela ao lado do sol. — Bornhald parecia um homem que lamentava o que devia fazer, mas que não tinha intenção de fazer outra coisa que não seu dever. — Arrependa-se, renuncie ao Tenebroso, venha para a Luz, confesse seus pecados e diga o que sabe desta vileza com lobos, e isso lhe será poupado. Você caminhará livre, na Luz. — Seu olhar se concentrou em Perrin, e ele deu um suspiro de tristeza. Um arrepio gelado percorreu a espinha de Perrin. — Mas você, Perrin dos Dois Rios, você matou dois dos Filhos. — Ele tocou o machado que Byar ainda segurava. — Você... Receio que a força o aguarde em Amador.





Rand estreitou os olhos, observando a poeira que se elevava adiante, três ou quatro curvas à frente na estrada. Mat já seguia para a cerca-viva selvagem ao longo da estrada. Suas folhas sempre verdes e galhos densamente entremeados os esconderiam tão bem quanto um muro de pedra se eles conseguissem achar uma passagem para o outro lado. O lado oposto da estrada era marcado pelos esqueletos marrons esparsos de arbustos da altura de um homem, e mais além havia um campo aberto que se estendia por meia milha até a floresta. Poderia ter sido parte de uma fazenda abandonada havia não muito tempo, mas não oferecia nenhum esconderijo rápido. Ele tentou estimar a velocidade da nuvem de poeira, e do vento.

Uma rajada súbita fez o pó da estrada girar ao seu redor, obscurecendo tudo. Ele piscou e ajustou o cachecol escuro sobre o nariz e a boca. Nem um pouco limpo àquela altura, o tecido fazia seu rosto coçar, mas evitava que ele inalasse poeira. Um fazendeiro lhes dera o cachecol, um homem de feições alongadas com marcas profundas de preocupação no rosto.

— Não sei do que vocês estão fugindo — dissera ele, franzindo a testa, ansioso —, e nem quero saber. Vocês entendem? Minha família. — Bruscamente o fazendeiro havia puxado dois cachecóis compridos do fundo do bolso e lhes empurrado o bolo de lã. — Não é muita coisa, mas tomem aqui. Pertencem aos meus garotos. Eles têm outros. Vocês não me conhecem, entenderam? Estes são tempos difíceis.

Rand considerava o cachecol um tesouro. A lista de gentilezas recebidas que fizera mentalmente desde Ponte Branca era pequena, e não acreditava que fosse aumentar muito mais.

Mat, com tudo menos os olhos escondido pelo cachecol enrolado ao redor da cabeça, percorria rapidamente a extensão da cerca-viva alta, puxando os galhos folhudos. Rand tocou o cabo com a marca da garça em seu cinto, mas deixou a mão cair. Abrir um buraco numa sebe já quase os denunciara uma vez. A nuvem de poeira estava se movendo na direção deles, e permanecendo definida por tempo demais. Não era o vento. Pelo menos não estava chovendo. A chuva assentava a poeira. Não importava com quanta força a chuva caísse, nunca transformava a estrada de terra bem batida em lama, mas quando chovia não havia poeira. A poeira era o único aviso que eles tinham antes que quem quer que fosse pudesse chegar perto o bastante para ser ouvido. Às vezes isso era tarde demais.

— Aqui — chamou Mat baixinho. Ele parecia estar passando através da cerca-viva.

Rand correu até aquele ponto. Alguém havia cortado um buraco ali algum dia. Estava parcialmente coberto outra vez, e a alguns passos de distância o local parecia tão sólido quanto o resto, mas de perto só se via uma tela fina de galhos. Quando ele passava pela abertura, ouviu os cavalos chegando. Não era o vento.

Agachou-se atrás do espaço mal coberto, agarrando o cabo da espada enquanto os cavaleiros passavam. Cinco... seis... sete. Homens vestidos de forma simples, mas espadas e lanças diziam que não eram aldeões. Uns usavam túnicas de couro com tachas de metal, e dois tinham capacetes redondos de aço. Guardas de mercadores, talvez, entre um trabalho e outro. Talvez.

Um deles olhou casualmente na direção da cerca-viva quando passou pela abertura, e Rand sacou uma polegada de sua espada. Mat resfolegou em silêncio como um texugo acuado, os olhos quase fechados acima do cachecol. Sua mão estava enfiada embaixo do casaco; sempre agarrava a adaga de Shadar Logoth quando havia perigo. Rand não tinha mais certeza se era para se proteger ou para proteger a adaga com o cabo de rubi. Ultimamente Mat às vezes parecia esquecer que tinha um arco.

Os cavaleiros passaram num trote lento, indo para algum lugar com determinação mas sem grande pressa. A poeira atravessou a cerca-viva.

Rand aguardou até que o som dos cascos começasse a sumir antes de enfiar a cabeça com cuidado pelo buraco. A nuvem de poeira estava bem longe na estrada, seguindo o caminho pelo qual tinham vindo. Para leste o céu estava limpo. Ele passou para a estrada, vendo a coluna de poeira se mover para oeste.

— Não estão atrás de nós... — disse, num misto de declaração e pergunta.

Mat saiu depois dele, olhando desconfiado para ambos os lados.

— Talvez — afirmou. — Talvez.

Rand não fazia ideia do que ele quisera dizer, mas concordou. Talvez. Não havia começado assim, a jornada deles pela Estrada de Caemlyn.

Por um longo tempo depois de deixarem Ponte Branca, Rand de repente se via olhando para trás. Às vezes ele via alguém que o fazia prender a respiração, um homem alto e magro vindo apressado pela estrada, ou um sujeito magro de cabelos brancos ao lado do condutor de um carroção, mas era sempre um vendedor, ou fazendeiros indo para o mercado, nunca Thom Merrilin. A esperança foi desaparecendo com o passar dos dias.

Havia um tráfego considerável na estrada, carroções e carroças, gente a cavalo e gente a pé. Iam sozinhos e em grupos, um comboio de carroções de mercadores ou uma dúzia de cavaleiros juntos. Eles não lotavam a estrada, e frequentemente não havia nada à vista exceto árvores sem folhas ladeando o leito de terra batida da estrada, mas havia certamente mais gente viajando do que Rand jamais vira nos Dois Rios.

A maioria seguia na mesma direção que eles, para leste, na direção de Caemlyn. Às vezes eles conseguiam uma carona na carroça de um fazendeiro por uma pequena distância, uma milha, ou cinco, mas com frequência caminhavam. Evitavam homens a cavalo; quando avistavam um cavaleiro a distância, saíam correndo da estrada e ficavam escondidos até ele passar. Nenhum usava manto preto, e Rand não achava realmente que um Desvanecido fosse permitir que eles o vissem chegar, mas nem por isso iriam se arriscar. No começo temiam apenas os Meios-homens.

A primeira aldeia após Ponte Branca era tão parecida com Campo de Emond que os pés de Rand passaram a se arrastar quando ele a viu. Casas com telhados de palha de topo alto, e donas de casa com seus aventais fofocando por cima das cercas entre as casas, e crianças brincando no campo da aldeia. Os cabelos das mulheres pendiam soltos sobre os ombros, e outras pequenas coisas eram diferentes também, mas no todo era como sua aldeia. Vacas pastavam no campo, e gansos bambolevam com aquele seu ar todo importante atravessando a estrada. As crianças riam e davam cambalhotas na terra onde a grama se fora completamente. Elas nem sequer olharam quando Rand e Mat passaram. Esse era outro ponto diferente. Estranhos não eram nada extraordinário ali; mais dois não atraíam nem mesmo um segundo olhar. Os cães da aldeia limitaram-se a erguer a cabeça para farejar quando ele e Mat passaram; nenhum se mexeu.

A noite estava chegando quando eles passaram pela aldeia, e Rand sentiu uma pontada de saudade de casa quando as luzes começaram a aparecer nas janelas. *Não importa o que pareça, uma vizinha sussurrou em sua mente, não é a sua aldeia. Mesmo que você entre numa dessas casas, Tam não estará lá. Se estivesse, você poderia olhar nos olhos dele? Você sabe agora, não sabe? Com exceção de pequenos detalhes, como de onde você vem e quem você é. Não foi um sonho febril.* Ele se encurvou ante as gargalhadas que o provocavam em sua cabeça. *Você poderia muito bem parar, debochou a voz. Qualquer lugar é tão bom quanto outro quando você não é de lugar nenhum e carrega a marca do Tenebroso.*

Mat o puxou pela manga da camisa, mas ele se soltou com um puxão e ficou olhando fixamente para as casas. Não queria parar, mas queria olhar e se lembrar. *Parece tanto com sua aldeia, mas você nunca mais vai vê-la novamente,*

vai?

Mat voltou a puxá-lo. Seu rosto estava sério, a pele ao redor da boca e dos olhos, branca.

— Vamos — murmurou Mat. — Vamos. — Ele olhava para a aldeia como se suspeitasse de que alguma coisa se escondia ali. — Vamos. Não podemos parar ainda.

Rand girou num círculo completo, abarcando toda a aldeia, e deu um suspiro. Não estavam muito longe de Ponte Branca. Se o Myrddraal pudera passar pela muralha de Ponte Branca sem ser visto, não teria problema nenhum para vasculhar aquela pequena aldeia. Ele se deixou ser puxado para o campo mais além, deixando as casas de telhado de palha para trás.

A noite caiu antes de encontrarem um lugar ao luar, sob alguns arbustos cujas folhas mortas ainda não haviam caído. Encheram a barriga com água gelada de um córrego raso próximo e se deitaram enroscados no chão, enrolados em seus mantos, sem acenderem fogueira. Uma fogueira poderia ser vista; melhor passar frio.

Incomodado com as lembranças, Rand acordava com frequência, e a cada vez que isso acontecia ele podia ouvir Mat resmungando e se remexendo no sono. Ele não sonhava, não que conseguisse se lembrar, mas não dormia bem. *Você nunca mais verá sua casa.*

Aquela não foi a única noite que passaram sem nada além dos mantos para protegê-los do vento, e às vezes da chuva fria que os encharcava. Não foi a única refeição que fizeram exclusivamente de água gelada. Juntos, tinham moedas suficientes para algumas refeições numa estalagem, mas uma cama para passar a noite custaria demais. As coisas eram mais caras fora dos Dois Rios, mais daquele lado do Arinelle que em Baerlon. O dinheiro que tinham precisava ser poupado para uma emergência.

Numa tarde, Rand mencionou a adaga com o rubi no cabo, enquanto seguiam pela estrada com a barriga vazia demais até mesmo para roncar, o sol baixo e fraco e nada à vista para passarem a noite que se aproximava a não ser mais arbustos. Nuvens negras se amontoavam acima para chover durante a noite. Ele torcia para que tivessem sorte; talvez não passasse de uma garoa gelada.

Rand continuou alguns passos antes de perceber que Mat tinha parado. Ele também parou, movendo os dedos dos pés nas botas. Pelo menos os pés estavam quentes. Afrouxou as faixas nos ombros. Seu cobertor enrolado e o manto

embrulhado de Thom não eram pesados, mas qualquer coisa pesava depois de milhas com estômago vazio.

— Qual é o problema, Mat? — perguntou.

— Por que você está tão ansioso para vendê-la? — Mat quis saber, com raiva.

— Quem encontrou fui eu, afinal. Você já parou para pensar que eu poderia querer ficar com ela? Por um tempo, pelo menos. Se quer vender alguma coisa, venda essa maldita espada!

Rand esfregou a mão ao longo do cabo com a marca da garça.

— Meu pai me deu esta espada. Era dele. Eu não pediria a você que vendesse uma coisa que seu pai lhe deu. Sangue e cinzas, Mat, você gosta de passar fome? De qualquer maneira, mesmo que eu conseguisse encontrar alguém para comprá-la, quanto uma espada nos daria? O que um fazendeiro iria querer com uma espada? Esse rubi conseguiria o suficiente para nos levar até Caemlyn numa carruagem. Talvez até Tar Valon. E comeríamos todas as refeições numa estalagem, e dormiríamos todas as noites numa cama. Talvez você goste da ideia de caminhar metade do mundo e dormir no chão... — Ele encarou Mat, fuzilando-o com o olhar, e o amigo o encarou de volta.

Ficaram parados assim no meio da estrada até que Mat subitamente deu de ombros, sem jeito, e baixou os olhos para a estrada.

— Para quem eu venderia isto, Rand? Um fazendeiro teria de pagar em galinhas; não temos como pagar uma carruagem com galinhas. E, ainda que eu a mostrasse em qualquer das aldeias pelas quais passamos, provavelmente achariam que nós a roubamos. Sabe a Luz o que aconteceria então.

Depois de um minuto, Rand assentiu com relutância.

— Você tem razão. Eu sei disso. Desculpe; não queria descontar em você. Mas é que estou com fome e meus pés doem.

— Os meus também. — Recomeçaram a andar, ainda mais cansados que antes. O vento soprava em rajadas, jogando pó em seus rostos. — Os meus também. — Mat tossiu.

Algumas fazendas lhes proporcionavam refeições e umas poucas noites fora do relento. Um palheiro era quase tão quente quanto um quarto com lareira, pelo menos se comparado ao chão sob os arbustos, e um palheiro, mesmo sem cobertura de lona, conseguia evitar que a chuva, exceto as mais fortes, entrasse,

se você se enterrasse fundo o suficiente nele. Às vezes Mat tentava roubar ovos, e uma vez tentou ordenhar uma vaca que estava sozinha, amarrada numa corda longa para pastar num campo. Mas a maioria das fazendas possuía cães, e cães de fazenda eram bem vigilantes. Uma corrida de duas milhas com cães latindo em seus calcanhares era um preço alto demais a se pagar por dois ou três ovos na opinião de Rand, especialmente quando os cães às vezes levavam horas para ir embora e deixá-los descer da árvore onde eles se haviam refugiado. As horas eram o que ele lamentava.

Mesmo não gostando de fazer isso, Rand preferia se aproximar de uma casa de fazenda abertamente, à luz do dia. De vez em quando soltavam os cachorros em cima deles mesmo assim, sem dizer uma só palavra, pois os rumores e os tempos deixavam todos que viviam longe de outras pessoas nervosos com estranhos, mas muitas vezes uma hora ou mais cortando lenha ou carregando água lhes garantia uma refeição e cama, mesmo que a cama fosse um monte de palha no celeiro. Mas uma ou duas horas fazendo tarefas caseiras eram uma ou duas horas de luz do dia em que estavam parados, uma ou duas horas para os Myrddraal os alcançarem. Às vezes ele se perguntava quantas milhas um Desvanecido conseguia cobrir em uma hora. Ele lamentava cada minuto daquilo, embora confessasse que nem tanto quando estava engolindo a sopa quente feita por uma dona de casa. E, quando não tinham comida, saber que haviam passado cada minuto possível avançando na direção de Caemlyn não fazia muito para acalmar um estômago vazio. Rand não conseguia decidir se era pior perder tempo ou passar fome, mas Mat ia além de se preocupar com a barriga ou a perseguição.

— O que sabemos a respeito deles, afinal? — Mat exigiu saber uma tarde, enquanto estavam limpando os estábulos de um pequeno sítio.

— Luz, Mat, o que eles sabem a nosso respeito? — Rand espirrou. Estavam trabalhando despidos da cintura para cima, ambos generosamente cobertos de suor e palha, e partículas de poeira da palha pendiam suspensas no ar. — O que eu sei é que eles vão nos dar um pouco de cordeiro assado e uma cama de verdade para dormir.

Mat enfiou o forcado na palha e no estrume e olhou de lado para o fazendeiro, que vinha dos fundos do celeiro com um balde numa das mãos e a banqueta de ordenha na outra. Um velho curvado com a pele feito couro e cabelos grisalhos e ralos, o fazendeiro reduziu o passo quando viu Mat olhando para ele, depois desviou o olhar rapidamente e saiu apressado do celeiro, derramando leite sobre a borda do balde na pressa.

— Ele está aprontando alguma, isso eu posso lhe garantir — disse Mat. — Viu

como ele nem me encara? Por que são tão amistosos com dois viajantes que nunca viram antes? Explique isso.

— A esposa dele me disse que nós a fazemos lembrar dos netos. Quer parar de se preocupar com eles? A coisa com que temos de nos preocupar está atrás de nós. Assim espero.

— Ele está aprontando alguma — resmungou Mat.

Quando terminaram, lavaram-se na calha de água na frente do celeiro, suas sombras compridas com o sol que se punha. Rand se enxugou com a camisa enquanto caminhavam até a casa da fazenda. O fazendeiro os encontrou na porta; estava apoiado num cajado de maneira casual demais. Atrás dele, a esposa segurava o avental e olhava por cima do ombro dele, mordendo o lábio. Rand suspirou; não achava mais que ele e Mat os lembrassem dos netos.

— Nossos filhos estão vindo nos visitar hoje à noite — disse o velho. — Todos os quatro. Eu esqueci. Os quatro estão vindo. Rapazes grandes. Fortes. Já devem estar chegando. Receio que não vamos ter a cama que prometemos a vocês.

A esposa dele ofereceu um pequeno pacote embrulhado num guardanapo por trás dele.

— Tomem. É pão, queijo, pickles e cordeiro. O suficiente para duas refeições, talvez. Tomem. — O rosto enrugado dela lhes pedia que, por favor, aceitassem e fossem embora.

Rand aceitou o pacote.

— Obrigado. Eu entendo. Vamos, Mat.

Mat o acompanhou, resmungando enquanto vestia a camisa. Rand achou melhor cobrirem o máximo de milhas que pudessem antes de parar para comer. O velho fazendeiro tinha um cão.

Podia ter sido pior, ele pensou. Três dias antes, enquanto ainda estavam trabalhando, soltaram os cachorros em cima deles. Os cães, e o fazendeiro e seus dois filhos brandindo porretes os perseguiram até a Estrada de Caemlyn e por mais meia milha antes de desistirem. Eles mal tiveram tempo de pegar seus pertences e fugir. O fazendeiro tinha um arco com uma flecha encaixada.

— E não voltem, ouviram? — gritara para eles. — Não sei o que vocês pretendem, mas não me façam ver seus olhos esquivos novamente!

Mat havia começado a se virar, mexendo na aljava, mas Rand o puxou.

— Está louco? — Mat lhe dirigiu um olhar irritado, mas pelo menos continuou correndo.

Rand às vezes se perguntava se valia a pena parar em fazendas. Quanto mais avançavam, mais desconfiado de estranhos Mat ficava, e menos era capaz de esconder isso. Ou menos se importava em fazê-lo. As refeições iam ficando cada vez mais acanhadas pelo mesmo serviço, e às vezes nem mesmo o celeiro era oferecido como lugar para dormir. Mas então uma solução para todos os seus problemas chegou a Rand, ou assim pareceu, e foi na fazenda dos Grinwells.

Mestre Grinwell e sua esposa tinham nove filhos. A filha mais velha devia ser no máximo um ano mais nova que Rand e Mat. Mestre Grinwell era um homem robusto, e com os filhos ele provavelmente não precisava de mais nenhuma ajuda, mas olhou os dois de cima a baixo, avaliando bem suas roupas sujas de viagem e botas empoeiradas, e admitiu que sempre se podia encontrar trabalho para mais mãos. A Senhora Grinwell disse que se eles quisessem comer na mesa dela, não o fariam com aquelas roupas imundas. Ela estava justamente para ir lavar roupas, e algumas peças velhas de seu marido caberiam neles bem o bastante para que pudessem trabalhar. Ela sorriu quando disse isso, e por um instante Rand pensou que ela parecia a Senhora al'Vere, embora os cabelos dela fossem amarelos; ele nunca vira cabelos daquela cor antes. Até Mat parecera relaxar um pouco de sua tensão quando o sorriso dela o tocou. A filha mais velha era outra história.

De cabelos escuros, olhos grandes e bonita, Else sorria para eles sem qualquer pudor sempre que os pais não estavam olhando. Enquanto trabalhavam, movendo barris e sacos de grãos no celeiro, ela ficava parada perto da porta de uma das baías, cantarolando para si mesma e mastigando a ponta de uma longa trança, olhando para eles. Olhava especialmente para Rand. Ele tentou ignorá-la, mas depois de alguns minutos vestiu a camisa que Mestre Grinwell lhe havia emprestado. Era apertada nos ombros e curta demais, mas era melhor que nada. Else riu alto quando ele a colocou. Rand começou a pensar que daquela vez não seria culpa de Mat quando fossem postos para fora na carreira.

Perrin saberia como lidar com isso, ele pensou. Ele faria algum comentário inusitado, e num instante ela estaria rindo das piadas dele em vez de ficar olhando como uma boba onde o pai dela pode ver. Mas ele não conseguia pensar em nenhum comentário inusitado, nem tampouco em nenhuma piada. Sempre que olhava na direção dela, Else sorria para ele de um jeito que teria feito o pai dela soltar os cachorros em cima deles se percebesse. Uma hora ela lhe disse que

gostava de homens altos. Todos os garotos das fazendas ali perto eram baixos. Mat deu uma risadinha desagradável. Desejando poder pensar numa piada, Rand tentou se concentrar em seu forçado.

As crianças, pelo menos, eram uma bênção aos olhos de Rand. A desconfiança de Mat sempre amenizava um pouco quando havia crianças por perto. Depois do jantar todos eles se acomodaram na frente da lareira, com Mestre Grinwell em sua cadeira favorita enchendo o cachimbo de tabac e a Senhora Grinwell com sua caixa de costura e as camisas que havia lavado para ele e Mat. Mat desencavou as bolas coloridas de Thom e começou a fazer malabarismos. Ele só fazia isso quando havia crianças. As crianças gargalhavam quando ele fingia quase deixar as bolas caírem, agarrando-as no último instante, e batiam palmas quando ele fazia fontes, oitos e um círculo com seis bolas que ele realmente quase deixou cair. Mas eles acharam tudo ótimo, e Mestre Grinwell e a mulher aplaudiam tanto quando seus filhos. Quando Mat acabou, fazendo medidas com tantos floreios quantos Thom faria, Rand tirou a flauta do menestrel da caixa.

Não conseguia pegar no instrumento sem uma ponta de tristeza. Tocar seus detalhes folheados a ouro e prata era como tocar a lembrança de Thom. Ele nunca lidava com a harpa, exceto para ver se ela estava segura e seca. Thom sempre dissera que a harpa não era para as mãos desajeitadas de um garoto de fazenda. Mas, sempre que um fazendeiro permitia que eles ficassem, ele tocava uma canção na flauta depois do jantar. Era apenas um pequeno extra para pagar ao fazendeiro, e talvez uma forma de manter viva a memória de Thom.

Com um clima alegre já criado pelos malabarismos de Mat, ele tocou “Três Garotas na Campina”. Os Grinwells bateram palmas, e as crianças menores dançaram, até mesmo o menorzinho, que mal sabia andar, bateu os pés no compasso. Rand sabia que não ganharia nenhum prêmio no Bel Tine, mas depois das aulas de Thom não teria vergonha de entrar no concurso.

Ela estava sentada de pernas cruzadas diante do fogo, e quando ele abaixou a flauta depois da última nota, ela se inclinou para a frente com um longo suspiro e sorriu para ele.

— Você toca tão bem. Nunca ouvi nada tão bonito.

A Senhora Grinwell fez uma pausa súbita em sua costura, ergueu uma sobancelha para a filha e depois dirigiu um olhar longo e pensativo para Rand.

Ele havia apanhado a caixa de couro para guardar a flauta, mas, sob o olhar dela, deixou a caixa cair, e quase deixa a flauta também. Se ela o acusasse de flertar com a filha... Desesperado, ele levou a flauta aos lábios novamente e tocou outra

canção, depois outra e mais outra. A Senhora Grinwell continuou olhando fixamente para ele, que tocou “O Vento que Balança o Salgueiro”, “Voltando da Garganta de Tarwin”, “O Galo da Senhora Aynora” e “O Velho Urso-negro”. Ele tocou cada canção de que conseguia se lembrar, mas a Senhora Grinwell não tirava os olhos dele. Ela não dizia nada, mas olhava e avaliava.

Estava tarde quando Mestre Grinwell finalmente se levantou, rindo e esfregando as mãos.

— Bem, esta foi uma rara diversão, mas já passou faz tempo da nossa hora de dormir. Vocês rapazes viajantes fazem seu próprio horário, mas numa fazenda a manhã chega cedo. Vou dizer a vocês, já paguei um bom dinheiro numa estalagem por um entretenimento que não era melhor do que o desta noite. Era pior, certamente.

— Eu acho que eles deviam ganhar uma recompensa, pai — disse a Senhora Grinwell ao pegar o filho mais novo, que já havia adormecido na frente do fogo. — O celeiro não é lugar adequado para dormir. Eles podem dormir no quarto de Else esta noite, e ela dormirá comigo.

Else fez uma careta. Tomou o cuidado de manter a cabeça abaixada, mas Rand viu. Ele achou que a mãe dela vira também.

Mestre Grinwell assentiu.

— Sim, sim, muito melhor do que o celeiro. Se não se importarem de dormir dois numa cama só, quero dizer. — Rand corou; a Senhora Grinwell continuava a olhar para ele. — Eu gostaria de poder ouvir mais essa flauta. E ver seus malabarismos também. Gosto desse tipo de coisa. Sabem, há uma tarefazinha com a qual vocês podiam me ajudar amanhã e...

— Eles vão querer partir cedo, pai — cortou a Senhora Grinwell. — Arien é a próxima aldeia na direção em que eles vão, e, se pretendem tentar a sorte na estalagem de lá, terão de andar o dia inteiro para chegar antes de escurecer.

— Sim, senhora — disse Rand. — Vamos mesmo. E obrigado.

Ela lhe deu um sorriso forçado como se soubesse muito bem que o agradecimento dele era por mais do que seu conselho, ou mesmo o jantar e a cama quente.

Por todo o dia seguinte Mat o provocou sobre Else enquanto eles seguiam pela estrada. Rand tentava mudar de assunto, e o que os Grinwells haviam sugerido

sobre se apresentar em estalagens era a coisa mais fácil na sua cabeça. Pela manhã, com Else fazendo beicinho enquanto ele ia embora e a Senhora Grinwell vigiando com olho de águia e cara de “já vão tarde” e “quanto mais cedo melhor”, aquilo era simplesmente algo para calar a boca de Mat. Quando chegaram à aldeia seguinte, já era outra coisa.

Com o crepúsculo descendo, eles entraram na única estalagem de Arien, e Rand falou com o estalajadeiro. Ele tocou “Barca Sobre o Rio”, que o estalajadeiro gordo chamou de “Querida Sara”, e parte de “A Estrada para Dun Aren”, e Mat fez alguns malabarismos, e o lado bom disso foi que eles dormiram em uma cama naquela noite e comeram batatas assadas e carne quente. Era o menor quarto da estalagem, claro, embaixo das vigas dos fundos, e a refeição chegou no meio de uma longa noite de música e malabarismo, mas ainda era uma cama sob um teto. Melhor ainda, para Rand, todas as horas do dia haviam sido passadas na estrada. E os frequentadores da estalagem não pareceram se importar se Mat olhava para eles com desconfiança. Alguns deles até olhavam de soslaio uns para os outros. Os tempos faziam com que desconfiar de estranhos fosse uma coisa comum, e sempre havia estranhos em estalagens.

Foi a melhor noite de sono desde que Rand deixara Ponte Branca, apesar de dividir a cama com Mat e seus resmungos noturnos. Pela manhã, o estalajadeiro tentou convencê-los a ficar mais um ou dois dias, mas, quando não conseguiu, convocou um fazendeiro de olhos cansados que havia bebido demais para guiar a própria carroça para casa na noite anterior. Uma hora depois eles estavam cinco milhas a leste dali, deitados de costas na palha da carroça de Eazil Forney.

Em esse se tornou seu jeito de viajar. Com um pouco de sorte, e uma carona ou duas, quase sempre conseguiam chegar à aldeia seguinte ao cair da noite. Se houvesse mais de uma estalagem em uma aldeia, os estalajadeiros os disputavam assim que ouviam a flauta de Rand e viam Mat fazer malabarismos. Juntos eles ainda não chegavam aos pés de um menestrel, mas eram mais do que a maioria dos aldeões via em um ano. Duas ou três estalagens em uma cidade significava um quarto melhor, com duas camas, e porções mais generosas de um corte melhor de carne, e às vezes até mesmo uns cobres a mais em seus bolsos quando partiam. Pela manhã quase sempre havia alguém para oferecer uma carona, outro fazendeiro que havia ficado até tarde e bebido demais ou um mercador que havia gostado o suficiente do entretenimento que eles lhe haviam proporcionado para não se importar que eles pulassem na parte de trás de um de seus carroções. Rand começou a pensar que eles não teriam mais problemas até Caemlyn. Mas, então, chegaram a Quatro Reis.





Quatro Reis na Sombra

A aldeia era maior que a maioria; mas ainda era uma cidadezinha insignificante para ter um nome como Quatro Reis. Como de costume, a Estrada de Caemlyn passava pelo centro da pequena cidade, mas outra rodovia de tráfego bem pesado vinha do sul também. Em sua maioria, as aldeias eram mercados e pontos de encontro dos fazendeiros da área, mas não havia muitos fazendeiros por ali. Quatro Reis sobrevivia como parada para comboios de carroções de mercadores a caminho de Caemlyn e das cidades mineiras nas Montanhas da Névoa, além de Baerlon, bem como das aldeias no meio do caminho. Pela estrada do sul seguia o comércio de Lugard com as minas a oeste; mercadores de Lugard indo a Caemlyn tinham uma rota mais direta. A área ao redor contava com poucas fazendas, que quase não eram o bastante para alimentar a si mesmas e à cidade, e tudo na aldeia girava em torno dos mercadores e seus

carroções, os homens que os dirigiam e os trabalhadores que carregavam as mercadorias.

Havia áreas de terra nua, batida até virar pó, por toda Quatro Reis, cheias de carroções estacionados roda a roda e abandonados, a não ser por alguns guardas entediados. Estábulo e cavaliças ladeavam as ruas, todas largas o bastante para permitir a passagem dos carroções e com sulcos fundos deixados pela passagem de muitas rodas. Não havia campo, e as crianças brincavam nesses sulcos, desviando-se de carroções e dos xingamentos de seus condutores. As mulheres da aldeia, as cabeças cobertas por lenços, mantinham os olhos abaixados e caminhavam apressadas, às vezes seguidas por comentários dos carroceiros que faziam Rand enrubescer; até Mat se assustou com alguns deles. Não havia mulheres fofocando por cima da cerca com as vizinhas. Casas precárias de madeira praticamente colavam-se umas nas outras, separadas apenas por vielas estreitas, e a caiação, onde alguém tivesse se dado ao trabalho de caiar as tábuas marcadas pelo tempo, era quase apagada, como se havia anos não recebessem uma nova demão. Postigos pesados nas casas não se abriam fazia tanto tempo que as dobradiças eram massas sólidas de ferrugem. Por toda parte havia barulho, clangor de oficinas de ferreiros, gritos dos condutores dos carroções, risadas estrondosas que vinham das estalagens da cidade.

Rand desceu da parte de trás de um carroção de mercador com cobertura de lona quando passaram por uma estalagem toda colorida, pintada em tons vivos de verde e amarelo que atraíam o olhar de longe entre as casas cor de chumbo. A fila dos carroções seguiu em frente. Nenhum dos condutores sequer pareceu notar que ele e Mat haviam sumido; o crepúsculo avançava, e todos só conseguiam pensar em desatrelar os cavalos e chegar às estalagens. Rand tropeçou numa vala, depois saltou rapidamente para evitar um carroção pesado que vinha chegando pelo outro lado. O condutor o xingou aos gritos ao passar. Uma mulher da aldeia desviou dele e se apressou sem sequer olhar em seus olhos.

— Este lugar... eu não sei — disse. Achou que ouvia música em meio ao burburinho, mas não sabia dizer de onde vinha. Talvez da estalagem, mas era difícil saber. — Não gosto daqui. Talvez seja melhor a gente seguir em frente desta vez.

Mat lhe dirigiu um olhar de escárnio, depois virou os olhos para o céu. Nuvens negras engrossavam acima de sua cabeça.

— E dormir sob uma cerca-viva esta noite? Com o que vem aí? Já voltei a me acostumar com camas. — Ele inclinou a cabeça para apurar o ouvido, depois

soltou um grunhido. — Talvez um desses lugares não tenha músicos. De qualquer maneira, aposto que não têm malabarista. — Ele pendurou o arco nos ombros e seguiu para a porta amarelo berrante, estudando tudo com olhos semicerrados. Rand o seguiu, vacilante.

Havia músicos lá dentro, a cítara e o tambor quase afogados por risadas roucas e gritos bêbados. Rand nem se deu ao trabalho de encontrar o senhorio. As duas estalagens seguintes também tinham músicos, e a mesma cacofonia ensurdecidora. Homens vestidos com roupas simples enchiam as mesas e andavam aos tropeços, agitando canecas e tentando acariciar criadas que serviam e se desviavam com sorrisos congelados e resignados no rosto. Os prédios tremiam com a algazarra, e o cheiro era acre, um fedor de vinho velho e corpos sujos. Dos mercadores, em suas sedas, veludos e rendas, nem sinal; salas de jantar particulares nos andares de cima protegiam-lhes os ouvidos e os narizes. Rand e Mat apenas enfiavam a cabeça pela porta antes de ir embora. Rand já começava a achar que não teriam escolha a não ser seguir em frente.

A quarta estalagem, a Carroceiro Dançante, estava em silêncio.

Ela era tão colorida quanto as outras, amarela com detalhes vermelhos brilhantes e um verde-bilis de doer os olhos, embora ali a tinta estivesse rachada e descascando. Rand e Mat entraram.

Apenas meia dúzia de homens se sentava às mesas que preenchiam o salão, todos debruçados sobre suas canecas, cada qual sozinho e melancólico com seus pensamentos. Os negócios definitivamente não iam bem, mas já tinham tido dias melhores. O número de criadas era o mesmo dos fregueses e elas se ocupavam pelo salão. Havia muita coisa a fazer... o chão estava incrustado de sujeira e teias de aranha enchiam os cantos do teto... mas a maioria não fazia nada de realmente útil. Só se movia para que não fosse vista parada.

Um homem ossudo com cabelos compridos e grudentos que caíam até os ombros se virou e olhou para eles de cara feia quando passaram pela porta. O primeiro ronco lento de trovão se fez ouvir em Quatro Reis.

— O que vocês querem? — O homem esfregava as mãos num avental engordurado que lhe caía até os tornozelos. Rand ficou se perguntando se havia mais sujeira no avental ou nas mãos do homem. Ele era o primeiro estalajadeiro magro que Rand via na vida. — Então? Falem alguma coisa, comprem uma bebida ou saiam daqui! Por acaso pareço um show de raridades?

Enrubescendo, Rand começou a fala decorada que havia aperfeiçoado nas estalagens anteriores àquela.

— Eu toco flauta, e meu amigo faz malabarismo, e você não verá dois melhores que nós em um ano. Por um bom quarto e uma boa refeição, vamos encher este seu salão. — Ele se lembrou dos salões cheios que já vira naquela noite, e especialmente do homem que havia vomitado bem à sua frente no último deles. Precisara dar um bom salto para manter as botas intocadas. Hesitou um pouco, mas respirou fundo e continuou: — Vamos encher sua estalagem com homens que irão compensar, com a comida e bebida que comprarem vinte vezes o pouco que custamos. Por que...

— Eu já tenho um homem que toca dulcimer — disse o estalajadeiro, azedo.

— Você tem um bêbado, Saml Hake — disse uma das criadas. Ela passava por ele com uma bandeja e duas canecas, e fez uma pausa para oferecer a Rand e Mat um sorriso rechonchudo. — Na maioria das vezes, ele não consegue ver o suficiente para encontrar o salão — confidenciou num sussurro alto. — Não o vejo faz dois dias.

Sem tirar os olhos de Rand e Mat, Hake casualmente virou as costas da mão no rosto dela. A mulher deu um grunhido surpreso e desabou pesadamente no chão sujo; uma das canecas quebrou, e o vinho derramado escorreu em pequenos riachos pela poeira.

— Você vai ser descontada pelo vinho e pela caneca quebrada. Vá pegar novas bebidas. E depressa. Os homens não pagam para esperar enquanto você fica de preguiça. — O tom dele era tão casual quanto o golpe. Nenhum dos frequentadores ergueu a vista do próprio vinho, e as outras criadas voltaram os olhos em outra direção.

A mulher rechonchuda esfregou a bochecha e lançou um olhar de puro ódio para Hake, mas recolheu a caneca vazia e os pedaços quebrados em sua bandeja e saiu sem dizer palavra.

Hake ficou ali chupando os dentes, pensativo, olhando para Rand e Mat. Seu olhar demorou-se na espada com a marca da garça.

— Quer saber? — disse finalmente. — Vocês podem ficar com dois catres num depósito vazio lá nos fundos. Quartos são muito caros para dar. E vocês comem depois que todo mundo tiver ido embora. Deve sobrar alguma coisa.

Rand desejou que houvesse uma estalagem em Quatro Reis que ainda não tivessem visitado. Desde Ponte Branca, ele havia encontrado frieza, indiferença e hostilidade direta, mas nada que lhe desse a sensação de desconforto que aquele homem e aquela aldeia lhe traziam. Disse a si mesmo que era só a sujeira, a

pobreza e o barulho, mas a sensação ruim persistia. Mat observava Hake como se suspeitasse de alguma armadilha, mas não deu nenhum sinal de querer desistir da Carroceiro Dançante e dormir sob uma cerca-viva. Trovões sacudiram as janelas. Rand suspirou.

— Os catres servirão se estiverem limpos, e se houver cobertores limpos suficientes. Mas nós comemos duas horas depois que escurecer totalmente, não depois, e do melhor que você tiver. Olhe. Vamos lhe mostrar o que sabemos fazer. — Estendeu a mão para a caixa da flauta, mas Hake sacudiu a cabeça.

— Não interessa. Este bando aqui se satisfaz com qualquer tipo de barulho contanto que pareça música. — Olhou mais uma vez a espada de Rand; seu sorriso fino não tocava nada a não ser os lábios. — Comam quando quiserem, mas se não puserem gente aqui dentro vão para o olho da rua. — Indicou dois homens de rosto austero sentados contra a parede atrás dele. Eles não estavam bebendo, e seus braços eram grossos como pernas. Quando Hake assentiu para eles, seus olhares deslizaram até Rand e Mat, secos e sem expressão.

Rand pôs uma das mãos no cabo da espada, torcendo para que o embrulho no estômago não se refletisse em seu rosto.

— Contanto que tenhamos o que foi acordado — disse ele num tom de voz uniforme.

Hake piscou, e por um momento ele próprio pareceu desconfortável. Subitamente ele assentiu:

— Foi o que eu disse, não foi? Bem, comecem logo. Vocês não vão trazer ninguém ficando aí parados. — E se afastou, fazendo cara feia e gritando com as criadas como se elas estivessem deixando de atender uns cinquenta clientes.

Havia uma pequena plataforma elevada na outra ponta do salão, perto da porta dos fundos. Rand colocou um banco em cima dela e ajeitou seu manto, o cobertor e o manto embrulhado de Thom atrás do banco com a espada em cima de tudo.

Ficou se perguntando se havia sido sábio em continuar usando a espada abertamente. Espadas eram coisa comum, mas a marca da garça sempre atraía atenção e especulação. Não de todos, mas qualquer um que reparasse o fazia se sentir pouco à vontade. Ele podia estar deixando um rastro claro para os Myrddraal... se é que os Desvanecidos precisavam desse tipo de rastro. Parecia que não. De qualquer maneira, relutava em deixar de usá-la. Tam a dera para ele. Seu pai. Enquanto usasse a espada, ainda haveria alguma conexão entre Tam

e ele, um fio que lhe dava o direito de ainda chamar Tam de pai. *Tarde demais agora*, pensou. Não tinha certeza do que queria dizer com isso, mas sabia que era verdade. *Tarde demais*.

Na primeira nota de “Galo do Norte”, a meia dúzia de frequentadores no salão levantou a cabeça, tirando os olhos do vinho. Até mesmo os dois leões de chácara se inclinaram um pouquinho para a frente. Todos aplaudiram quando ele terminou, incluindo os dois leões de chácara, e mais uma vez, quando Mat fez uma chuva de bolas coloridas girar em suas mãos. Do lado de fora, o céu voltou a resmungar. A chuva estava custando a cair, mas era possível sentir a pressão; quanto mais ela demorasse, com mais força desabaria.

A notícia se espalhou e, quando escureceu do lado de fora, a estalagem estava lotada de homens rindo e falando tão alto que Rand mal conseguia ouvir o que estava tocando. Só os trovões lá no alto sobrepujavam o ruído no salão. Os relâmpagos piscavam nas janelas, e nos poucos momentos de mais tranquilidade ele conseguia ouvir baixinho a chuva caindo no telhado. Os homens que entravam passaram a deixar trilhas de água no chão.

Sempre que ele fazia uma pausa, vozes gritavam nomes de canções em meio ao burburinho. Ele não reconhecia uma boa parte dos títulos, mas, quando pedia para que alguém cantarolasse um pedacinho da canção, frequentemente descobria que a conhecia. O mesmo acontecera em outros lugares antes. “Jaim Alegre” ali era “O Flerte de Rhea”, e em uma parada anterior se chamava “Cores do Sol”. Alguns nomes permaneciam os mesmos; outros mudavam numa distância de dez milhas. E ele também havia aprendido novas canções. “O Mascate Bêbado” era uma delas, embora às vezes ela se chamasse “Latoeiro na Cozinha”. “Dois Reis Vieram Caçar” era “Dois Cavalos Correndo”, além de vários outros nomes. Ele tocava as que conhecia, e os homens socavam as mesas exigindo mais.

Outros pediam que Mat voltasse a fazer malabarismos. Às vezes acontecia uma briga entre aqueles que queriam música e os que preferiam malabares. Em dado momento uma faca surgiu, uma mulher gritou e um homem recuou de uma mesa com sangue correndo pelo rosto, mas Jake e Strom, os dois leões de chácara, chegaram rapidamente e, com completa imparcialidade, jogaram todos os envolvidos na rua, com galos na cabeça. Essa era sua tática com qualquer problema. As conversas e os risos continuaram como se nada tivesse acontecido. Ninguém sequer olhou ao redor, exceto aqueles em que os leões de chácara esbarravam no caminho para a porta.

As mãos dos frequentadores também mostravam-se abusadas quando uma das

atendentes se distraía. Mais de uma vez Jakou Strom tiveram de resgatar uma das mulheres, embora nessas ocasiões eles não tivessem muita pressa. Do jeito como Hake se comportava, gritando e admoestando a mulher envolvida, ele sempre a considerava culpada, e os olhos cheios de lágrimas e os pedidos de desculpas gaguejados diziam que ela estava disposta a aceitar a opinião dele. As mulheres pulavam sempre que Hake franzia a testa, mesmo que ele estivesse olhando para outra direção. Rand ficou se perguntando por que elas aguentavam aquilo.

Hake sorria quando olhava para Rand e Mat. Depois de um tempo Rand percebeu que Hake não estava sorrindo para eles; os sorrisos vinham quando o olhar deslizava para trás deles, para onde estava a espada com a marca da garça. Uma vez, quando Rand colocou a flauta trabalhada em ouro e prata ao lado de sua banqueta, a flauta também recebeu um sorriso.

Na vez seguinte em que trocou de lugar com Mat na frente do pequeno palco, Rand se curvou para falar no ouvido de Mat. Mesmo tão de perto ele precisou falar alto, mas com todo o barulho ele duvidava que alguém mais pudesse ouvir.

— Hake vai tentar nos roubar.

Mat assentiu, como se já estivesse esperando aquilo.

— Vamos ter de bloquear nossa porta esta noite.

— Bloquear nossa porta? Jake e Strom podem quebrar uma porta com os punhos. Vamos dar o fora daqui.

— Espere pelo menos até comermos. Estou faminto. Eles não podem fazer nada aqui — acrescentou Mat. O salão lotado gritava impaciente para que continuassem. Hake fuzilava os dois com o olhar. — Seja como for, você quer dormir lá fora esta noite? — Um estrondo particularmente forte abafou todos os outros ruídos, e por um instante a luz dos relâmpagos que vinha pelas janelas ficou mais forte que a dos lâmpões.

— Eu só quero sair sem arrebentarem a minha cabeça — disse Rand, mas Mat já estava voltando para seu descanso na banqueta. Rand deu um suspiro e começou a tocar “A Estrada para Dun Aren”. Muitos ali pareciam gostar daquela canção; ele já a havia tocado quatro vezes, e ainda gritavam pedindo por ela.

A questão era que Mat tinha razão, até certo ponto. Ele também estava com fome. E não podia ver como Hake lhes traria qualquer problema enquanto o

salão estivesse cheio, e este ficava cada vez mais cheio. Para cada homem que ia embora ou era atirado para fora por Jake e Strom, dois vinham da rua. Eles gritavam pedindo o malabarista ou uma canção em particular, mas na maioria das vezes estavam interessados em beber e passar a mão nas criadas. Mas um homem era diferente.

Ele se destacava de todas as formas em meio à multidão na Carroceiro Dançante. Os mercadores aparentemente não tinham serventia para aquela estalagem caindo aos pedaços; não havia sequer salas de jantar privadas para eles, até onde Rand conseguia ver. Todos os frequentadores se vestiam humildemente, com a pele áspera de homens que trabalhavam ao sol e ao vento. Aquele homem tinha carne nos ossos, embora fosse esguio, e suas mãos tinham um aspecto suave; ele vestia um casaco de veludo, e um manto de veludo verde-escuro forrado de seda azul-escuro pendia de seus ombros. Todas as suas roupas tinham um corte caro. Os sapatos eram sapatilhas de veludo macio, não botas, e não haviam sido feitos para as ruas sujas de Quatro Reis; aliás, nem para qualquer outra rua.

Ele chegou bem depois de escurecer, sacudindo a chuva do manto enquanto olhava ao redor, a boca torcida de nojo. Vasculhou o aposento uma vez, já se virando para ir; então, subitamente se assustou com alguma coisa que Rand não pôde ver e se sentou a uma mesa que Jake e Strom haviam acabado de esvaziar. Uma criada parou em sua mesa e depois lhe trouxe uma caneca de vinho, que ele empurrou para o lado e não voltou a tocar. Ela pareceu ter pressa de afastar-se da mesa dele nas duas vezes, embora ele não tentasse tocá-la ou mesmo olhar para ela. Fosse o que fosse que ela vira nele e que a havia deixado inquieta, outros que se aproximavam também notaram. Pois, apesar de seu aspecto suave, sempre que um condutor de carroções com as mãos calejadas decidia compartilhar sua mesa, bastava um olhar para que o homem fosse procurar outro lugar. Ele se sentava como se não existisse mais ninguém no salão a não ser ele... e Rand e Mat. Estes dois ele observava sobre mãos entrelaçadas que reluziam com um anel em cada dedo. Observava-os com um sorriso de reconhecimento satisfeito.

Rand murmurou para Mat enquanto trocavam mais uma vez de lugar, e Mat assentiu.

— Eu vi — resmungou. — *Quem é ele?* Não paro de pensar que o conheço.

O mesmo pensamento havia ocorrido a Rand, lá no fundo da sua memória, mas ele não conseguia trazê-lo à tona. Entretanto, tinha certeza de que aquele era um rosto que jamais vira antes.

Quando já haviam se apresentado por duas horas, até onde podia estimar, Rand enfiou a flauta na caixa e ele e Mat recolheram seus pertences. No momento em que desciam da plataforma baixa, Hake veio correndo, o rosto estreito contorcido de raiva.

— Está na hora de comer — disse Rand para detê-lo —, e não queremos que roubem nossas coisas. Quer avisar ao cozinheiro? — Hake hesitou, ainda zangado, tentando sem sucesso tirar os olhos do que Rand segurava nos braços. Rand deslocou casualmente suas sacolas para poder descansar uma das mãos sobre a espada. — Ou você pode *tentar* nos botar para fora. — Ele deu a ênfase deliberadamente, então acrescentou: — Ainda resta muita noite pela frente para nós tocarmos. Precisamos ficar de pé se quisermos nos apresentar bem o bastante para fazer com que esta multidão continue gastando dinheiro. Por quanto tempo você acha que este salão permanecerá cheio se cairmos de fome?

Os olhos de Hake se repuxaram ante o salão cheio de homens pondo dinheiro em seu bolso. Então ele se virou e enfiou a cabeça pela porta que dava para a parte de trás da estalagem.

— Dê comida para eles! — gritou. Virando-se para Rand e Mat, ele rosnou: — Não levem a noite toda. Eu espero que vocês fiquem aqui até o último homem ir embora.

Alguns dos frequentadores gritavam pelo músico e pelo malabarista, e Hake se virou para apaziguá-los. O homem da capa de veludo era um dos ansiosos. Rand fez sinal para Mat segui-lo.

Uma porta pesada separava a cozinha da frente da estalagem, e, exceto quando ela se abria para deixar passar uma atendente, o ruído da chuva que batia no telhado era mais alto na cozinha do que os gritos do salão. Era um cômodo grande, quente e fumegante por causa dos fornos e fogões, com uma mesa imensa coberta por comida sendo preparada e pratos prontos para serem servidos. Algumas das criadas estavam sentadas espremidas num banco perto da porta dos fundos, massageando os pés e conversando todas ao mesmo tempo com a cozinheira gorda, que respondia e sacudia uma colher de pau para enfatizar o que dizia. Todas levantaram a cabeça quando Rand e Mat entraram, mas isso não reduziu a velocidade da conversa nem interrompeu a massagem nos pés.

— Devíamos sair daqui enquanto temos chance — disse Rand baixinho, mas Mat balançou a cabeça, os olhos fixos nos dois pratos que a cozinheira estava enchendo de carne, batatas e ervilhas. Ela mal olhou para os dois, continuando a

conversa com as outras mulheres enquanto empurrava coisas de lado na mesa com os cotovelos e punha os pratos ali, acrescentando garfos.

— Temos tempo suficiente para comer. — Mat escorregou para um banco e começou a usar o garfo como se fosse uma pá.

Rand suspirou, mas seguiu o exemplo de Mat. Comera apenas a ponta de um pão desde a noite anterior. Seu estômago estava vazio como a bolsa de um mendigo, e os aromas de comida que enchiam a cozinha não estavam ajudando. Num instante estava de boca cheia, embora a cozinheira estivesse reenchendo o prato de Mat antes que ele tivesse acabado metade do dele.

Não era sua intenção bisbilhotar a conversa das mulheres, mas algumas palavras chegaram até ele e o tomaram de assalto.

— Parece loucura.

— Loucura ou não, foi o que ouvi. Ele passou por metade das estalagens da cidade antes de chegar aqui. Simplesmente entrou, olhou ao redor e saiu sem dizer uma palavra, inclusive na Estalagem Real. Como se nem estivesse chovendo.

— Talvez ele tenha achado que aqui era o lugar mais confortável. — Isso provocou muitas gargalhadas.

— O que ouvi dizer é que ele só chegou a Quatro Reis depois do cair da noite, e seus cavalos estavam arfando, como se tivessem sido muito exigidos.

— De onde ele veio, para ser apanhado assim na estrada no escuro? Ninguém a não ser um idiota ou um louco viaja para qualquer lugar e planeja assim tão mal.

— Bem, talvez ele seja um idiota, mas é um idiota rico. Ouvi dizer que ele tem até outra carruagem para os servos e a bagagem. Ali tem dinheiro, ouçam o que eu digo. Viram aquele manto? Eu não me importaria de ter um daqueles.

— Ele é meio cheinho para o meu gosto, mas sempre digo que um homem nunca é gordo demais se vier com ouro suficiente. — Todas se dobraram de tanto rir, e a cozinheira jogou a cabeça para trás, gargalhando estrepitosamente.

Rand deixou o garfo cair no prato. Um pensamento indesejado borbulhou em sua mente.

— Volto num minuto — disse. Mat mal assentiu, enfiando um pedaço de batata na boca.

Rand pegou o cinturão da espada juntamente com seu manto ao se levantar, e o prendeu à cintura no caminho para a porta dos fundos. Ninguém lhe deu a menor atenção.

A chuva caía a cântaros. Ele pôs o manto nos ombros e puxou o capuz sobre a cabeça, segurando o manto junto ao corpo enquanto atravessava o pátio do estábulo numa corrida. Uma cortina de água ocultava tudo, exceto quando um raio caía, mas ele encontrou o que estava procurando. Os cavalos haviam sido levados para dentro do estábulo, mas as duas carruagens de verniz preto reluziam na chuva do lado de fora. No breve clarão ele leu um nome em letras douradas nas portas da carruagem. Howal Gode.

Sem se dar conta da chuva que caía sobre ele, ficou ali parado, olhando para o nome que não conseguia mais ver. Lembrou-se da última vez em que havia visto carruagens de verniz preto com os nomes dos donos na porta, e homens esbeltos e bem alimentados vestindo mantos de veludo forrados de seda e sapatilhas de veludo. Ponte Branca. Um mercador de Ponte Branca poderia ter uma razão perfeitamente legítima para estar a caminho de Caemlyn. *Uma razão que o manda para metade das estalagens na cidade antes de escolher aquela na qual você está? Uma razão que o faz olhar para você como se tivesse encontrado o que está procurando?*

Rand estremeceu, e subitamente percebeu a chuva escorrendo por suas costas. A trama do tecido de seu manto era bem fechada, mas ele não fora feito para aquele tipo de aguaceiro. Rand correu de volta para a estalagem, pisando em poças cada vez mais fundas. Jak bloqueou a porta quando ele fez menção de passar.

— Ora, ora, ora. Aqui fora sozinho no escuro. O escuro é perigoso, garoto.

A chuva colava o cabelo de Rand na testa. O pátio do estábulo estava vazio, a não ser por eles dois. Ele se perguntou se Hake havia decidido que queria a espada e a flauta tanto assim a ponto de esquecer a multidão no salão.

Tirando água dos olhos com uma das mãos, ele pôs a outra na espada. Mesmo molhado, o couro enrugado oferecia uma pegada firme para seus dedos.

— Hake decidiu que aqueles homens todos vão ficar só por causa da cerveja dele, em vez de irem aonde há entretenimento também? Se foi isso, vamos considerar a refeição pelo que fizemos até agora e vamos embora.

Seco na porta, o homenzarrão olhou para a chuva lá fora e resfolegou.

— Nesse tempo? — Os olhos dele foram até a mão de Rand na espada. — Sabe, eu e Strom fizemos uma aposta. Ele acha que você roubou isso da sua avó. Já eu acho que sua avó chutaria você de cara no chiqueiro e depois o poria para secar. — Ele sorriu. Seus dentes eram tortos e amarelados, e o sorriso o fazia parecer ainda mais maligno. — A noite ainda é longa, garoto.

Rand passou direto por ele, e Jako deixou entrar com uma risada maléfica.

Do lado de dentro, ele jogou o manto de lado e caiu sentado à mesa de onde havia saído minutos antes. Mat havia acabado o segundo prato e estava atacando um terceiro, comendo mais devagar, mas ainda concentrado, como se pretendesse comer até a última garfada mesmo que isso o matasse. Jak se pôs à porta que dava para o pátio do estábulo, encostado na parede, observando os dois. Nem mesmo a cozinheira pareceu ter qualquer vontade de conversar com ele ali.

— Ele é de Ponte Branca — disse Rand baixinho. Não havia necessidade de dizer quem era “ele”. A cabeça de Mat girou em sua direção, um pedaço de bife na ponta do garfo suspenso a meio caminho da boca. Consciente de Jak observando, Rand mexeu a comida no seu prato. Ele não conseguiria fazer uma garfada descer mesmo que estivesse morrendo de fome, mas tentou fingir interesse nas ervilhas enquanto falava com Mat sobre as carruagens e sobre o que as mulheres haviam dito, caso Mat não tivesse escutado.

Obviamente não escutara. Mat ficou piscando, surpreso, e assoviou por entre os dentes, depois franziu a testa para a carne em seu garfo, grunhiu e jogou o garfo no prato. Rand quis que ele pelo menos fizesse um esforço para parecer discreto.

— Atrás de nós — disse Mat quando terminou. Os vincos em sua testa ficaram mais fundos. — Um Amigo das Trevas?

— Talvez. Não sei. — Rand olhou de relance para Jak, e o homenzarrão se espreguiçou de modo elaborado, dando de ombros com músculos tão grandes quanto os de um ferreiro.

— Você acha que a gente consegue passar por ele?

— Não sem que ele faça barulho suficiente para trazer Hake e o outro. Eu sabia que a gente nunca deveria ter parado aqui.

Rand abriu a boca, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa Hake veio do salão. Strom assomava imenso atrás dele. Jak se colocou na frente da porta dos fundos.

— Vocês vão comer a noite toda? — gritou Hake. — Eu não alimentei vocês para ficarem aqui sem fazer nada.

Rand olhou para o amigo. Mais tarde, disse Mat, apenas movendo os lábios, e eles juntaram suas coisas sob os olhos vigilantes de Hake, Strom e Jak.

No salão, gritos por malabares e nomes de canções irromperam em meio à balbúrdia assim que Rand e Mat apareceram. O homem do manto de veludo, Howal Gode, ainda parecia ignorar todos ao seu redor, mas mesmo assim estava sentado na ponta da cadeira. Ao vê-los, voltou a se recostar, o sorriso de satisfação retornando aos lábios.

Rand assumiu o primeiro turno na frente do tablado, tocando “Tirando Água do Poço” sem prestar muita atenção. Ninguém pareceu reparar em algumas notas erradas. Tentou pensar em como escapariam, e tentou evitar olhar para Gode também. Se ele estava atrás deles, não havia por que deixá-lo saber que eles sabiam. Quanto a escapar...

Não havia percebido antes que bela armadilha uma estalagem dava. Hake, Jake Strom nem precisavam ficar muito atentos a eles; a multidão lhes informaria se ele ou Mat deixasse o tablado; enquanto o salão estivesse cheio, Hake não podia mandar Jake e Strom atrás deles, mas enquanto o salão estivesse cheio eles não podiam sair sem Hake saber. E Gode também observava cada movimento deles. Era tão engraçado que ele teria rido se não estivesse a ponto de vomitar. Eles teriam simplesmente de ficar de olho e esperar uma oportunidade.

Quando trocou de lugar com Mat, Rand grunhiu para si mesmo. Mat fuzilava Hake, Strom e Jak com os olhos, sem ligar se eles reparavam ou se perguntavam por quê. Quando não estava jogando as bolas, sua mão ficava debaixo do casaco. Rand sibilo, censurando-o, mas ele não prestou atenção. Se Hake visse aquele rubi, podia nem esperar até que estivessem sozinhos. Se os homens da sala comunitária o vissem, metade deles poderia se juntar a Hake.

E, o pior de tudo, Mat dirigia ao mercador de Ponte Branca — o Amigo das Trevas? — um olhar duas vezes mais intenso do que a qualquer outra pessoa, e Gode reparou. Não havia como não reparar. Mas isso não perturbou em nada sua postura. Ao contrário, ele sorriu ainda mais e assentiu para Mat como se estivesse cumprimentando um velho conhecido. Então olhou para Rand e ergueu uma sobancelha questionadora. Rand não queria saber qual era a pergunta. Tentou evitar olhar para o homem, mas sabia que era tarde demais para isso. *Tarde demais. Tarde demais novamente.*

Somente uma coisa parecia perturbar o equilíbrio do homem do manto de

veludo: a espada de Rand. Ele a havia deixado na cintura. Dois ou três homens se levantaram, cambaleantes, para perguntar se Rand achava que estava tocando tão mal que precisava de proteção, mas nenhum deles reparou na garça no cabo. Gode reparou. Suas mãos pálidas se fecharam, e ele franziu a testa para a espada por um longo tempo antes que o sorriso voltasse. Quando voltou, não estava tão seguro quanto antes.

Pelo menos uma coisa boa, pensou Rand. *Se ele acreditar que faço jus à marca da garça, talvez nos deixe em paz. Então só precisaremos nos preocupar com Hake e seus capangas.* Não era lá um pensamento muito reconfortante, e, com ou sem espada, Gode continuava observando. E sorrindo.

Para Rand a noite pareceu durar um ano inteiro. Todos aqueles olhos voltados para ele: Hake, Jake e Strom, como abutres observando uma ovelha presa num pântano, e Gode, esperando como algo ainda pior. Começou a achar que todos no salão observavam com algum motivo oculto. O vapor do vinho quente e o fedor de corpos sujos e suados faziam sua cabeça girar, e o burburinho de vozes o açoitava até sua visão ficar turva e até mesmo o som de sua flauta arranhava seus ouvidos. O som do trovão parecia ribombar dentro de sua cabeça. O cansaço pendia sobre ele como um peso de ferro.

No fim das contas, a necessidade de levantar com a aurora começou a levar os homens com relutância para a escuridão. Um fazendeiro tinha de prestar contas apenas a si mesmo, mas os mercadores eram notoriamente pouco compreensivos quanto a ressacas quando estavam pagando os condutores. No começo da madrugada o salão foi se esvaziando lentamente à medida que até mesmo aqueles que tinham quartos no andar de cima subiam, cambaleantes, em busca de suas camas.

Gode foi o último freguês. Quando Rand pegou a caixa de couro da flauta, bocejando, Gode se levantou e jogou o manto sobre o braço. As criadas limpavam, resmungando umas com as outras sobre a bagunça de vinho derramado e pratos quebrados. Hake estava trancando a porta da frente com uma chave grande. Gode abordou Hake num canto por um momento, e Hake chamou uma das mulheres para que o levasse a um quarto. O homem do manto de veludo deu um sorriso sagaz para Mat e Rand antes de desaparecer escada cima.

Hake estava olhando para Rand e Mat, ladeado por Jake e Strom.

Rand rapidamente terminou de pendurar suas coisas nos ombros, segurando tudo desajeitadamente atrás de si com a mão esquerda para poder alcançar a espada.

Ele não fez nenhum movimento na direção dela, mas queria saber que ela estava a postos. Reprimiu um bocejo; a extensão de seu cansaço era algo que eles não deveriam saber.

Mat pendurou no ombro o arco e seus poucos outros pertences de modo desajeitado, mas enfiou a mão embaixo do casaco enquanto via Hake e seus capangas se aproximarem.

Hake carregava um lampião, e, para surpresa de Rand, ele fez uma pequena mesura e um gesto indicando uma porta lateral.

— Seus catres são por ali. — Apenas um ligeiro retorcer dos lábios estragou sua atuação.

Mat apontou para Jake Strom com o queixo.

— Você precisa desses dois para nos mostrar nossas camas?

— Eu sou um homem de propriedade — disse Hake, alisando a frente de seu avental sujo —, e todo cuidado é sempre pouco para homens de propriedade. — Um som violento de trovão sacudiu as janelas, e ele olhou de relance, mas significativamente, para o teto, então dirigiu aos dois um sorriso de dentes salientes. — Vocês querem ver suas camas ou não?

Rand ficou imaginando o que aconteceria se eles dissessem que queriam ir embora. *Se você realmente soubesse mais sobre o uso de uma espada do que os poucos exercícios que Lan lhe mostrou...*

— Mostre o caminho — disse, tentando endurecer a voz. — Não gosto de ninguém atrás de mim.

Strom deu um risinho, mas Hake assentiu placidamente, virou-se na direção da porta lateral, e os dois homenzarrões foram caminhando atrás dele. Respirando fundo, Rand lançou um olhar frustrado na direção da porta da cozinha. Se Hake já tinha trancado a porta dos fundos, correr agora só daria início ao que ele estava esperando evitar. Seguiu soturnamente o dono da estalagem.

Na porta lateral ele hesitou, e Mat se colou às suas costas. O motivo para o lampião de Hake era evidente. A porta dava para um corredor negro como piche. Somente o lampião que Hake carregava, marcando Jake Strom em silhueta, lhe dava a coragem de seguir em frente. Se eles se virassem, ele saberia. *E faria o quê?* O chão rangia sob suas botas.

O corredor terminava em uma porta tosca e sem pintura. Não vira se havia outra porta no caminho. Hake e os capangas passaram, e ele seguiu rapidamente, antes que eles pudessem ter chance de montar uma armadilha, mas Hake apenas levantou o lampião bem alto e fez um gesto indicando o aposento.

— Aqui está.

Um velho depósito, ele o havia chamado, e pelo aspecto não era usado fazia algum tempo. Barris envelhecidos pelo tempo e caixotes quebrados tomavam metade do chão. Goteiras pingavam de mais de um ponto do teto, e uma vidraça quebrada na janela suja deixava o vento soprar a chuva livremente para dentro. Coisas soltas impossíveis de identificar atulhavam as prateleiras, e uma grossa camada de poeira cobria quase tudo. A presença dos catres prometidos era uma surpresa.

A espada o deixa nervoso. Ele não vai tentar nada até que estejamos ferrados no sono. Rand não tinha intenção de dormir sob o teto de Hake. Assim que o dono da estalagem saísse, ele pretendia pular pela janela.

— Serve — disse. Manteve os olhos em Hake, desconfiado, atento a um sinal para os dois homens sorridentes ao lado do estalajadeiro. Fez um esforço para não passar a língua nos lábios. — Deixe o lampião.

Hake grunhiu, mas enfiou o lampião em uma prateleira. Hesitou, olhando para eles, e Rand teve certeza de que ele ia dar a ordem para que Jake Strom pulassem em cima deles, mas seus olhos se dirigiram à espada de Rand com uma expressão calculista no rosto, e ele fez um gesto brusco com a cabeça para os dois homenzarrões. As caras largas deles demonstraram surpresa por um instante, mas eles o acompanharam para fora do cômodo sem olhar para trás.

Rand esperou que o *crec-crec-crec* de seus passos desaparecesse, depois contou até cinquenta antes de enfiar a cabeça no corredor. A escuridão era quebrada apenas por um retângulo de luz que parecia distante como a lua: a porta para o salão. Quando ele enfiou a cabeça, algo grande se moveu na escuridão perto da outra porta. Jak ou Strom, montando guarda.

Um rápido exame da porta lhe disse tudo o que ele precisava saber, e pouco disso era bom. As tábuas eram grossas e resistentes, mas não havia tranca, e nenhuma barra do lado de dentro. Mas pelo menos ela abria para dentro do cômodo.

— Achei que eles viriam para cima da gente — disse Mat. — O que estão esperando? — Ele havia sacado a adaga, e a segurava com tanta força que os dedos estavam brancos. A luz do lampião reluzia na lâmina. Seu arco e sua

aljava jaziam esquecidos no chão.

— Que a gente durma. — Rand começou a mexer entre os barris e caixotes. — Venha e me ajude a encontrar alguma coisa para bloquear a porta.

— Por quê? Você não pretende realmente dormir aqui, pretende? Vamos sair pela janela e dar o fora. Prefiro estar molhado que morto.

— Um deles está no fim do corredor. Se fizermos qualquer barulho, eles estarão em cima de nós antes que possamos piscar. Acho que Hake iria preferir nos enfrentar acordados do que correr o risco de nos deixar escapar.

Resmungando, Mat começou a procurar também, mas não havia nada de útil no lixo espalhado no chão. Os barris estavam vazios, os caixotes, quebrados e lascados, e tudo junto empilhado na frente da porta não impediria ninguém de abri-la. Então alguma coisa familiar em uma prateleira chamou a atenção de Rand. Duas cunhas, cobertas de ferrugem e poeira. Ele as pegou com um sorriso.

Enfiou as duas apressadamente embaixo da porta e, quando o trovão seguinte sacudiu a estalagem, empurrou-as com força à custa de dois chutes com o calcanhar. O som do trovão diminuiu, e ele conteve a respiração, apurando o ouvido. Tudo o que Rand escutou foi a chuva batucando no telhado. Nenhuma tábua rangendo sob pés em disparada.

— A janela — disse.

Ela não era aberta havia anos, a julgar pela quantidade de sujeira incrustada ao seu redor. Juntaram-se e empurraram com toda a força. Os joelhos de Rand ficaram trêmulos antes que a janela cedesse; ela gemia a cada polegada, relutante. Quando a abertura ficou grande o bastante para que eles pudessem passar, ele se agachou e então parou.

— Sangue e cinzas! — grunhiu Mat. — Não admira que Hake não tenha se preocupado com a possibilidade de fugirmos.

Barras de ferro em uma esquadria reluziam molhadas à luz do lampião. Rand empurrou-as; eram sólidas como um rochedo.

— Eu vi uma coisa — disse Mat. Ele começou a procurar apressadamente no meio do lixo nas prateleiras e voltou com um pé de cabra enferrujado. Enfiou a ponta dele embaixo da esquadria de ferro em um dos lados, e Rand fez uma careta.

— Lembre-se do barulho, Mat.

Mat fez uma careta e resmungou baixinho, mas esperou. Rand pôs as mãos no pé de cabra e tentou encontrar uma boa base na poça d'água cada vez maior embaixo da janela. O trovão soava, e eles faziam força. Com um gemido torturado de pregos que fazia os pelos da nuca de Rand se arrepiarem, a esquadria se deslocou... um quarto de polegada, se tanto. Calculando o momento de acordo com as trovoadas e os relâmpagos, eles tornaram a fazer força com o pé de cabra. Nada. Um quarto de polegada. Nada. Um fiozinho de cabelo. Nada. Nada.

Subitamente os pés de Rand escorregaram na água, e os dois caíram no chão. O pé de cabra bateu contra as barras como um gongo. Rand ficou deitado numa poça, prendendo a respiração e apurando o ouvido. Silêncio, a não ser pela chuva.

Mat massageou os dedos machucados e fuzilou Rand com o olhar.

— Nesse ritmo a gente nunca vai sair daqui. — A esquadria de ferro não cedera o suficiente para dois dedos passarem. Dezenas de pregos grossos cruzavam a abertura estreita.

— Temos de continuar tentando — disse Rand ao se levantar. Mas, ao colocar o pé de cabra sob a borda da moldura, a porta rangeu quando alguém tentou abri-la. As cunhas de partir lenha a mantinham fechada. Ele trocou um olhar de preocupação com Mat, que puxou a adaga novamente. A porta cedeu mais um pouquinho com um rangido.

Rand respirou fundo e tentou manter a voz firme.

— Vá embora, Hake. Estamos tentando dormir.

— Receio que estejam me confundindo. — A voz era tão ardilosa e cheia de si que já identificava o dono. Howal Gode. — Mestre Hake e seus... asseclas não nos perturbarão. Eles dormem a sono solto, e pela manhã só se perguntarão para onde vocês foram. Deixem-me entrar, jovens amigos. Precisamos conversar.

— Não temos nada para falar com você — disse Mat. — Vá embora e deixe a gente dormir.

A risadinha de Gode era cheia de malícia.

— É claro que temos coisas para falar. Vocês sabem disso tão bem quanto eu. Eu

vi nos olhos de vocês. Posso sentir isso vindo de vocês em ondas. Parte de vocês já pertence ao meu mestre. Parem de fugir e aceitem. As coisas serão tão mais fáceis para vocês. Se as bruxas de Tar Valon os encontrarem, vocês desejariam ter cortado as próprias gargantas antes que elas acabem com vocês, mas não serão capazes de fazer isso. Só meu mestre pode proteger vocês delas.

Rand custou a engolir em seco.

— Não sabemos do que você está falando. Deixe-nos em paz — As tábuas do corredor rangeram. Gode não estava só. Quantos homens ele poderia ter trazido em duas carruagens?

— Deixem de ser tolos, meus jovens amigos. Vocês sabem. Sabem muito bem. O Grande Senhor das Trevas marcou vocês como sendo dele. Está escrito que, quando ele acordar, os novos Senhores do Medo estarão lá para louvá-lo. Vocês devem ser dois deles, caso contrário eu não teria sido enviado até aqui para encontrá-los. Vida eterna, e poder além dos sonhos. — Sua voz estava repleta de fome por esse poder.

Rand olhou para trás e viu a janela no instante em que um raio partiu o céu, e quase gemeu. O breve relâmpago mostrou homens do lado de fora, homens que ignoravam a chuva que os encharcava enquanto permaneciam ali, vigiando a janela.

— Estou me cansando disto — anunciou Gode. — Vocês vão se submeter ao meu mestre, ao mestre de vocês, ou serão obrigados a isso. O que não seria nada agradável para vocês. O Grande Senhor das Trevas governa a morte, e ele pode conferir a vida na morte ou a morte em vida conforme desejar. Abram esta porta. De um jeito ou de outro, sua fuga chegou ao fim. Abram, eu já disse!

Ele devia ter dito mais alguma coisa também, pois subitamente um corpo pesado se chocou contra a porta, que estremeceu, e as cunhas deslizaram uma fração de polegada com um ruído de ferrugem arranhando a madeira do piso. Uma, duas vezes a porta tremeu enquanto corpos se jogavam contra ela. Às vezes as cunhas aguentavam firme; outras, deslizavam mais um pouquinho, e, um pouquinho de cada vez, a porta vinha inexoravelmente para dentro.

— Rendam-se — exigiu Gode, no corredor —, ou passem a eternidade desejando tê-lo feito!

— Se nós não temos escolha... — Mat lambeu os lábios sob o olhar de Rand. Seus olhos dardejavam como os de um texugo encurralado; seu rosto estava branco, e ele falava ofegante. — A gente podia concordar e escapar depois. Sangue e

cinzas, Rand, não há saída!

As palavras pareceram chegar a Rand através de chumaços de lã enfiados em seus ouvidos. *Não há saída.* No alto, trovões ressoaram e foram abafados quando um relâmpago cortou o ar. *Preciso encontrar uma saída.* Gode gritava com eles, exigindo, apelando. A porta deslizou mais uma polegada... *Uma saída!*

A luz encheu o aposento, inundando a visão; o ar rugiu e ardeu. Rand sentiu quando foi arremessado contra a parede. Ele escorregou e desabou, as orelhas zumbindo e cada pelo em seu corpo arrepiado. Atordoado, ele se levantou, cambaleante. Os joelhos tremiam, e ele pôs a mão na parede para se firmar. Olhou ao redor, espantado.

O lampião, caído de lado na beirada de uma das poucas prateleiras que se agarravam às paredes, ainda queimava e iluminava. Todos os barris e caixotes, alguns escurecidos e queimando, jaziam onde haviam sido atirados. A janela, barras e tudo, e a maior parte da parede também, havia desaparecido, deixando um buraco cheio de lascas. O teto cedera, e colunas de fumaça enfrentavam a chuva ao redor das margens serrilhadas da abertura. A porta estava pendurada pelas dobradiças, inclinada para o corredor.

Com uma sensação de irrealidade e zozno, Rand ergueu o lampião. Parecia que a coisa mais importante do mundo era garantir que ele não se quebrasse.

Uma pilha de caixotes subitamente se mexeu, e Mat se levantou do meio dela. Ele trançou os pés, piscando e se apalpando como se querendo saber se tudo ainda estava no devido lugar. Ele olhou para Rand.

— Rand? É você? Você está vivo. Achei que nós dois tivéssemos... — Ele parou, mordendo o lábio e estremeando. Rand levou um momento para perceber que ele estava rindo, e à beira da histeria.

— O que houve, Mat? Mat? Mat! O que houve?

Um último tremor arrebatou Mat, e então ele parou.

— Um raio, Rand. Eu estava olhando para a janela quando ele acertou as barras. Um raio. Não consigo ver... — Ele parou, apertando os olhos para ver a porta inclinada, e sua voz ficou subitamente sóbria. — Onde está Gode?

Nada se movia no corredor escuro além da porta. De Gode e seus companheiros não havia sinal nem som, embora qualquer coisa pudesse estar à espreita na escuridão. Rand se pegou torcendo para que estivessem mortos, mas não teria

posto a cabeça no corredor para descobrir nem que lhe oferecessem uma coroa. Nada se movia na noite além de onde a parede havia estado, mas outros estavam de pé. Gritos confusos vinham do andar de cima da estalagem, e os sons pesados de pés correndo.

— Vamos embora enquanto podemos — disse Rand.

Separando apressadamente seus pertences do entulho, ele agarrou o braço de Mat e puxou e guiou o amigo pelo buraco aberto para a noite lá fora. Mat agarrava seu braço, cambaleando a seu lado com a cabeça inclinada para a frente num esforço para enxergar.

Quando a chuva bateu no rosto de Rand, um relâmpago caiu em forquilha sobre a estalagem, e ele parou num tranco. Os homens de Gode ainda estavam ali, caídos, com os pés voltados na direção da abertura, na chuva, seus olhos abertos encarando o céu.

— O que foi? — perguntou Mat. — Sangue e cinzas! Mal consigo ver minha maldita mão!

— Nada — respondeu Rand. *Sorte. A sorte da Luz... Será?* Tremendo, ele guiou Mat cuidadosamente para se desviar dos corpos. — Só os raios.

Não havia luz a não ser os relâmpagos, e ele cambaleou nas valas enquanto corriam aos tropeços para longe da estalagem. Com Mat praticamente pendurado nele, cada tropeço quase os derrubava, mas, cambaleantes e ofegantes, eles fugiram.

Rand olhou para trás uma vez, antes que a chuva engrossasse e se tornasse uma cortina ensurdecedora que bloqueava a visão da Carroceiro Dançante. O relâmpago marcou a silhueta de um homem nos fundos da estalagem, um homem erguendo o punho para eles, ou para o céu. Gode ou Hake, ele não sabia, mas qualquer um dos dois era tão ruim quanto o outro. A chuva caía num dilúvio, isolando-os numa muralha de água. Ele correu noite adentro, tentando ouvir em meio ao rugido da tempestade algum som de perseguição.





Sob um céu plúmbeo, a carroça de rodas altas seguia aos trancos para o leste pela Estrada de Caemlyn. Rand se ergueu da palha na traseira para olhar pela lateral. Foi mais fácil do que havia sido uma hora antes. Tinha a sensação de que os braços iriam se estender em vez de erguê-lo, e por um minuto sua cabeça queria seguir em frente, ir embora dali flutuando, mas ainda assim foi mais fácil. Enganchou os cotovelos nas ripas inferiores da lateral e ficou vendo a paisagem passar. O sol, ainda escondido por nuvens opacas, permanecia alto, mas a carroça já entrava, barulhenta, em outra aldeia de casas de tijolos vermelhos cobertas de lianas. As cidadezinhas haviam ficado mais próximas umas das outras desde Quatro Reis.

Algumas das pessoas acenavam ou gritavam um cumprimento para Hyam Kinch, o fazendeiro dono da carroça. Mestre Kinch, de rosto curtido como couro e taciturno, gritava em resposta algumas palavras a cada vez, sem tirar o cachimbo preso entre os dentes. Estes, cerrados, tornavam o que ele dizia praticamente ininteligível, mas soava jovial e parecia satisfatório para as pessoas; elas voltavam ao que estavam fazendo sem outro olhar à carroça. Ninguém parecia prestar atenção aos dois passageiros do fazendeiro.

A estalagem da aldeia passou pelo campo de visão de Rand. Era caiada, com telhado de ardósia cinza. Pessoas entravam e saíam aos montes, acenando casualmente com a cabeça e as mãos uns para os outros. Algumas paravam para falar. Elas se conheciam. Aldeões, em sua maioria, a julgar pelas roupas, botas, calças e casacos não muito diferentes dos que ele próprio vestia, embora com uma preferência desmesurada por listras coloridas. As mulheres usavam boinas grandes que escondiam o rosto e aventais brancos com listras. Talvez fossem todos habitantes das cidades e fazendeiros da região. *Isso faz alguma diferença?*

Ele se deixou cair de novo sobre a palha, vendo a aldeia passar lentamente entre seus pés. Campos fechados e cercas-vivas bem-cuidadas ladeavam a estrada, e pequenas casas de fazenda com fumaça se erguendo de chaminés de tijolos vermelhos. As únicas matas perto da estrada eram pequenos arvoredos desbastados, cultivados para lenha, dóceis como um quintal. Mas os galhos se destacavam sem folhas contra o céu, desolados como as florestas selvagens a oeste.

Uma fileira de carroções que seguia na direção oposta veio barulhenta pelo meio da estrada, forçando a carroça para a beirada. Mestre Kinch mudou o cachimbo para o canto da boca e cuspiu entre os dentes. Com um dos olhos na roda lateral, para garantir que ela não se emaranhasse na cerca-viva, ele manteve a carroça em movimento. Sua boca se contraiu quando ele olhava o comboio dos mercadores.

Nenhum dos condutores dos carroções estalando seus longos chicotes no ar acima das quatro parelhas de cavalos, nenhum dos guardas de rosto endurecido curvados sobre as selas ao lado dos carroções olhou para a carroça. Rand os viu passar com um aperto no peito. Sua mão manteve-se embaixo do casaco, agarrando o cabo da espada, até que o último carroção passou.

Quando o último carroção afastou-se aos solavancos na direção da aldeia da qual eles haviam acabado de partir, Mat virou-se no banco ao lado do fazendeiro e se inclinou até olhar nos olhos de Rand. O lenço que o protegia da poeira quando necessário ensombreada-lhe os olhos, bem dobrado e amarrado em volta de sua testa. Mesmo assim ele forçou os olhos na luz cinzenta do dia.

— Está vendo alguma coisa lá atrás? — perguntou baixinho. — E os carroções?

Rand balançou a cabeça, e Mat assentiu. Ele também não havia visto nada.

Mestre Kinch olhou-os pelo canto do olho, depois mudou o cachimbo de lugar novamente e sacudiu as rédeas. Isso foi tudo, mas ele havia notado. O cavalo apressou um pouco o passo.

— Seus olhos ainda doem? — perguntou Rand.

Mat tocou o lenço ao redor da cabeça.

— Não. Não muito. A menos que eu olhe quase direto para o sol. E você? Está se sentindo melhor?

— Um pouco. — Realmente estava se sentindo melhor, percebeu. Era um espanto recuperar-se tão rápido. Mais do que isso, era um presente da Luz. *Tem de ser a Luz. Tem de ser.*

Subitamente um grupo de cavaleiros passava pela carroça, rumo ao oeste como os carroções dos mercadores. Colarinhos brancos compridos pendiam sobre suas armaduras e malhas, e seus mantos e casacos eram vermelhos, como os uniformes dos guardas dos portões em Ponte Branca, porém mais bem-feitos e de melhor ajuste. Seus capacetes cônicos brilhavam como prata. Eles montavam em seus cavalos com as costas bem retas. Finos estandartes vermelhos tremulavam sob as pontas de suas lanças, todas mantidas no mesmo ângulo.

Alguns deles olharam de relance para a carroça ao passarem em duas colunas. Barras de aço mascaravam cada rosto. Rand ficou feliz por seu manto cobrir a espada. Alguns poucos acenaram com a cabeça para Mestre Kinch, não como se o conhecessem, mas como uma saudação neutra. Mestre Kinch retribuiu o aceno

da mesma maneira, mas apesar de sua expressão imutável havia um vestígio de aprovação no gesto.

Os cavalos deles caminhavam, mas, somada a velocidade da carroça, eles a ultrapassaram rapidamente. Com parte de sua mente Rand os contou. Dez... vinte... trinta... trinta e dois. Levantou a cabeça para observar as colunas descendo a Estrada de Caemlyn.

— Quem eram? — perguntou Mat, meio surpreso, meio desconfiado.

— Guardas da Rainha — respondeu Mestre Kinch com o cachimbo na boca. Ele mantinha os olhos na estrada à frente. — Não vão muito além de Córrego de Breen, a menos que sejam convocados. Não é como antigamente. — Ele tragou, depois acrescentou: — Suponho que hoje existam partes do Reino que não vejam os Guardas há um ano ou mais. Não é como antigamente.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Rand.

O fazendeiro lhe deu uma boa olhada.

— Mantendo a paz da Rainha e garantindo a lei da Rainha. — Ele assentiu para si mesmo como se gostasse de ouvir aquilo e acrescentou: — Caçando malfetores e os levando perante um magistrado. Humm! — Ele soltou uma longa baforada. — Vocês dois devem ser de muito longe mesmo para não reconhecerem a Guarda da Rainha. De onde?

— De bem longe — respondeu Mat no mesmo instante que Rand disse: — Dos Dois Rios. — Desejou ter retirado o que disse assim que as palavras saíram. Ainda não estava pensando com clareza. Tentava se esconder, mas mencionava um nome que um Desvanecido ouviria como um sino.

Mestre Kinch olhou de relance para Mat pelo canto do olho e ficou fumando seu cachimbo em silêncio por um tempo.

— Isso é bem longe, com certeza — disse, por fim. — Quase na fronteira do Reino. Mas as coisas devem estar piores do que eu pensava se existem lugares no Reino onde as pessoas sequer *reconhecem* os Guardas da Rainha. Não é como antigamente mesmo.

Rand se perguntou o que Mestre al'Vere diria se alguém afirmasse diante dele que os Dois Rios faziam parte do reino de alguma Rainha. A Rainha de Andor, ele supôs. Talvez o Prefeito soubesse. Ele sabia um bocadinho de coisas que surpreendiam Rand. E talvez outros também soubessem, mas ele jamais ouvira

ninguém mencionar isso. Os Dois Rios eram os Dois Rios. Cada aldeia cuidava de seus próprios problemas, e se alguma dificuldade envolvesse mais de uma aldeia, os Prefeitos, e talvez os Conselhos das Aldeias, resolviam a questão entre eles.

Mestre Kinch puxou as rédeas, fazendo a carroça parar.

— Só vou até aqui. — Um caminho estreito para carroças levava para o norte; diversas casas de fazenda eram visíveis naquela direção, do outro lado de campos abertos, arados, mas ainda sem nada para colher. — Em dois dias vocês chegam a Caemlyn. Ou chegariam, se seu amigo estivesse com as pernas no lugar.

Mat desceu com um pulo e pegou seu arco e outras coisas, depois ajudou Rand a descer da parte de trás da carroça. As bolsas de Rand lhe pesavam, e suas pernas tremeram, mas ele recusou a mão do amigo e tentou dar alguns passos por conta própria. Ainda não estava firme, mas as pernas aguentaram. Elas até pareciam ficar mais fortes a cada passo.

O fazendeiro não pôs o cavalo para andar na mesma hora. Ficou estudando os dois por um minuto, pitando o cachimbo.

— Vocês podem descansar um ou dois dias na minha casa se quiserem. Não vão perder nada nesse tempo, suponho. Seja qual for a doença da qual você está se recuperando, meu jovem... bem, minha velha e eu já tivemos praticamente toda doença que você puder imaginar antes de você ter nascido, e cuidamos dos nossos filhos com elas também. De qualquer maneira, acredito que você já passou da fase de contágio.

Mat estreitou os olhos, e Rand se pegou franzindo a testa. *Nem todo mundo é parte disso. Não pode ser todo mundo.*

— Obrigado — disse. — Mas estou bem. De verdade. Quanto tempo até a próxima aldeia?

— Carysford? Vocês conseguem chegar lá, andando, antes de escurecer. — Mestre Kinch tirou o cachimbo da boca e franziu os lábios pensativo antes de continuar. — Primeiro, achei que vocês fossem aprendizes fujões, mas agora acredito que estejam fugindo de algo mais sério. Não sei o que é. Não me interessa. Sou um juiz suficientemente bom de caráter para dizer que vocês não são Amigos das Trevas, e provavelmente não vão roubar nem machucar ninguém. Não é como alguns na estrada hoje em dia. Eu mesmo já me meti em confusão uma ou duas vezes quando tinha a idade de vocês. Se precisam de um lugar para ficar longe das vistas por uns dias, minha fazenda fica

a cinco milhas naquela direção — ele indicou com a cabeça a trilha de carroças —, e ninguém nunca passa por lá. O que estiver atrás de vocês provavelmente não os encontrará lá. — Ele limpou a garganta com um pigarro como se envergonhado por falar tanto de uma só vez.

— Como é que o senhor saberia como são os Amigos das Trevas? — Mat perguntou. Ele recuou da carroça, e sua mão se enfiou embaixo do casaco. — O que o senhor sabe a respeito dos Amigos das Trevas?

O rosto de Mestre Kinch ficou rígido.

— Como quiserem — disse e atçou seu cavalo. A carroça saiu rolando pela trilha estreita, e ele não olhou para trás nem uma única vez.

Mat virou-se para Rand, e sua carranca se desfez.

— Desculpe, Rand. Você precisa de um lugar para descansar. Talvez se a gente for atrás dele... — Ele deu de ombros. — Eu simplesmente não consigo me livrar da sensação de que todo mundo está atrás de nós. Luz, eu queria saber por quê. Queria que isso acabasse. Queria... — Frustrado, deixou as palavras morrerem.

— Ainda existem algumas pessoas boas — afirmou Rand. Mat começou a andar na direção da carroça com o maxilar travado, como se fosse a última coisa que quisesse fazer, mas Rand o deteve. — Não podemos nos dar ao luxo de parar para descansar, Mat. Além do mais, não acho que exista algum lugar para nos escondermos.

Mat assentiu, seu alívio evidente. Ele tentou assumir alguns dos fardos de Rand, os alforjes e o manto de Thom enrolado ao redor da caixa da harpa, mas Rand o impediu. Estava mesmo sentindo as pernas mais fortes. *O que quer que esteja atrás de nós?*, pensou quando partiam pela estrada. *Atrás, não. À nossa espera.*

* * *

A chuva havia continuado durante toda a noite em que haviam fugido cambaleantes da Carroceiro Dançante, martelando-os com a força de um trovão em um céu negro rasgado pelo relâmpago. Suas roupas ficaram encharcadas em minutos; em uma hora a pele de Rand também parecia encharcada, mas haviam deixado Quatro Reis para trás. Mat estava praticamente cego na escuridão, semicerrando dolorosamente os olhos aos relâmpagos que destacavam por instantes as silhuetas das árvores. Rand o levava pela mão, mas Mat ainda hesitava antes de cada passo, inseguro. A preocupação marcava a testa de Rand.

Se Mat não recuperasse a visão, eles mal poderiam andar. Jamais conseguiriam escapar.

Mat pareceu sentir seu pensamento. Apesar do capuz de seu manto, a chuva havia colado os cabelos dele no rosto.

— Rand, você não vai me deixar, vai? Se eu não conseguir continuar? — Sua voz estremeceu.

— Eu não vou deixar você. — Rand apertou a mão do amigo com mais força. — Não vou deixar você não importa o que aconteça. — *Que a Luz nos ajude!* Um trovão soou lá no alto, e Mat tropeçou, quase caindo, quase jogando-o ao chão também. — Precisamos parar, Mat. Se continuarmos, você vai quebrar uma perna.

— Gode. — Um raio partiu a escuridão bem acima deles quando Mat falou, e o som do trovão abafou todos os demais ruídos, mas no clarão Rand conseguiu ler o nome nos lábios de Mat.

— Ele está morto. — *Tem de estar. Luz, que ele esteja morto...*

Rand levou Mat até alguns arbustos que o clarão do relâmpago lhe havia revelado. Os arbustos tinham folhas suficientes para fornecer um abrigo razoável da chuva. Não como uma boa árvore, mas ele não queria arriscar outro raio. Poderiam não ter tanta sorte da próxima vez.

Amontoados sob os arbustos, eles tentaram arrumar seus mantos de modo a criar uma pequena tenda sobre os galhos. Era tarde demais para pensar em ficar seco, mas só interromper o açoite incessante das gotas de chuva já seria alguma coisa. Eles se agacharam um contra o outro para dividir o pouco calor corporal que ainda tinham. Pingando como estavam, e com mais pingos que atravessavam os mantos, adormeceram tremendo.

Rand soube de saída que era um sonho. Ele voltara a Quatro Reis, mas a cidade estava vazia a não ser por ele. Os carroções estavam lá, mas sem pessoas, sem cavalos, sem cachorros. Nada vivo. Mas sabia que alguém o esperava.

Enquanto seguia a rua marcada pelos sulcos, os prédios pareciam ficar borrados ao ficarem para trás. Quando ele virava a cabeça, ainda estavam lá, sólidos, mas a sensação de imprecisão permanecia no limiar de sua visão. Era como se só o que ele via realmente existisse, e mesmo assim só enquanto estava vendo. Tinha certeza de que, se virasse rápido o bastante, veria... Não sabia ao certo o quê, mas pensar nisso o inquietava.

A Carroceiro Dançante apareceu à sua frente. De algum modo as cores vivas de sua pintura pareciam cinza e sem vida. Entrou. Gode estava lá, sentado a uma mesa.

Ele só reconheceu o homem pelas roupas, sua seda e veludos escuros. A pele de Gode estava vermelha, queimada, rachada e minando pus. Seu rosto era quase uma caveira, os lábios repuxados de modo a mostrar os dentes e as gengivas. Quando Gode virou a cabeça, um chumaço de seu cabelo se soltou, transformando-se em fuligem ao bater no ombro. Seus olhos sem pálpebras encaravam Rand fixamente.

— Então você está morto — disse Rand. Ficou surpreso por não estar com medo. Talvez por saber que era um sonho.

— Sim — disse a voz de Ba'alzamon —, mas ele achou você para mim. Isso merece uma recompensa, não acha?

Rand se virou e descobriu que podia sentir medo, mesmo sabendo que era um sonho. As roupas de Ba'alzamon eram da cor de sangue seco, e fúria, ódio e triunfo batalhavam em seu rosto.

— Sabe, meu jovem, você não pode se esconder de mim para sempre. De um jeito ou de outro eu o encontrarei. O que o protege também o torna vulnerável. Num momento você se esconde, no seguinte acende um sinal de fogo. Venha para mim, meu jovem. — Ele estendeu a mão para Rand. — Se meus sabujos tiverem de pegar você, poderão não ser tão gentis. Eles têm inveja do que você será, assim que tiver se ajoelhado aos meus pés. É o seu destino. Você me pertence. — A língua queimada de Gode emitiu um som raivoso, ansioso, gorgolejante.

Rand tentou molhar os lábios, mas não tinha saliva na boca.

— Não — conseguiu dizer, e então as palavras vieram mais facilmente. — Eu pertence a mim mesmo. Não a você. Nunca. A mim mesmo. Se seus Amigos das Trevas me matarem, você jamais me terá.

O fogo no rosto de Ba'alzamon aqueceu o aposento até que o ar começou a ondular.

— Vivo ou morto, jovem, você é meu. A tumba me pertence. Morto é mais fácil, mas vivo é melhor. Melhor para você, jovem. Os vivos têm mais poder na maioria das coisas. — Gode tornou a soltar um gorgolejo incoerente. — Sim, meu bom sabujo. Eis aqui a sua recompensa.

Rand olhou para Gode bem a tempo de ver o corpo do homem se desfazer em pó. Por um instante o rosto queimado exibiu um ar de sublime alegria, que no último instante se transformou em horror, como se tivesse visto algo inesperado à sua espera. As roupas de veludo vazias de Gode caíram na cadeira e no chão entre as cinzas.

Quando Rand se voltou novamente para ele, a mão estendida de Ba'alzamon havia se tornado um punho.

— Você é meu, jovem, vivo ou morto. O Olho do Mundo jamais servirá a você. Eu marco você como meu. — Seu punho se abriu, e ele atirou uma bola de fogo, que atingiu Rand no rosto, explodindo, calcinando.

Rand acordou no escuro com um sobressalto, com a água pingando por entre os mantos em seu rosto. Sua mão tremia quando ele tocou as bochechas. A pele parecia mais sensível, como se queimada de sol.

Subitamente ele percebeu que Mat estava se revirando e gemendo no sono. Ele o sacudiu, e Mat acordou com um gemido.

— Meus olhos! Oh, Luz, meus olhos! Ele tirou meus olhos!

Rand o abraçou, aninhando-o no peito como se fosse um bebê.

— Você vai ficar bem, Mat. Você vai ficar bem. Ele não pode nos ferir. Não vamos deixar. — Ele podia sentir Mat tremendo, soluçando em seu casaco. — Ele não pode nos machucar — sussurrou e quis poder acreditar nisso. *O que o protege o torna vulnerável. Eu estou mesmo enlouquecendo.*

Logo antes de amanhecer, a chuvarada diminuiu, a última garoa terminando ao alvorecer. As nuvens permaneceram, ameaçadoras, até a metade da manhã. Então o vento chegou, levando-as para o sul, expondo um sol sem calor e atravessando suas roupas molhadas. Não haviam dormido quase nada, e, ainda grogues, vestiram seus mantos e partiram para leste, com Rand levando Mat pela mão. Depois de algum tempo, Mat até se sentiu bem o bastante para reclamar do que a chuva fizera à corda de seu arco. Rand, porém, não o deixava parar para trocá-la por outra, seca, que havia em seu bolso; não ainda.

Chegaram a outra aldeia pouco depois do meio-dia. Rand estremeceu mais intensamente ante a visão de casas de tijolos confortáveis com fumaça saindo das chaminés, mas não se aproximou, conduzindo Mat pelas matas e campos ao sul. Um fazendeiro solitário trabalhando com um forcado num campo lamacento foi a única pessoa que ele viu, mas cuidou para que o homem não os visse,

agachando-se entre as árvores. A atenção do fazendeiro estava toda voltada para o trabalho, mas Rand ficou de olho nele até perdê-lo de vista. Se algum dos homens de Gode estivesse vivo, talvez acreditasse que ele e Mat haviam tomado a estrada para o sul, saindo de Quatro Reis, quando não conseguissem encontrar quem os tivesse visto naquela aldeia. Voltaram para a estrada longe das vistas da cidade e andaram até suas roupas ficarem, se não secas, pelo menos úmidas.

Uma hora além da cidade, um fazendeiro lhes deu uma carona em sua carroça de feno meio vazia. Rand havia sido apanhado de surpresa, perdido em sua preocupação com Mat. Este cobria os olhos com as mãos, mesmo com o sol da tarde fraco como estava, tentando enxergar entre pálpebras quase fechadas, e não parava de resmungar sobre a claridade intensa. Quando Rand ouviu o barulho da carroça de feno, já era tarde demais. A estrada encharcada de lama abafava os sons, e a carroça com seus dois cavalos estava meras cinquenta jardas atrás deles. O condutor já os observava.

Para surpresa de Rand, ele parou e lhes ofereceu carona. Rand hesitou, mas era tarde demais para tentar se esconder, e recusar uma carona poderia gravá-los na mente do homem. Ele ajudou Mat a subir até o banco ao lado do fazendeiro, fazendo o mesmo em seguida.

Alpert Mull era um homem atarracado, com mãos e rosto quadrados, ambos marcados e endurecidos pela preocupação e pelo trabalho duro, e estava à procura de alguém com quem conversar. Suas vacas haviam secado, as galinhas haviam parado de pôr ovos, e não havia nada digno de se chamar de pasto. Pela primeira vez na sua memória ele tivera de comprar feno, e metade da carroça fora tudo o que o “velho Bain” o deixara levar. Estava se perguntando se haveria alguma chance de conseguir feno em sua própria terra esse ano, ou qualquer colheita que fosse.

— A Rainha devia fazer alguma coisa, que a Luz a ilumine — resmungou, batendo com os dedos na testa num distraído sinal de respeito.

Mal olhou para Rand ou Mat, mas, quando os deixou à beira da trilha estreita e alinhada que levava à sua fazenda, hesitou, depois disse, quase como que para si mesmo:

— Não sei do que vocês estão fugindo, e não quero saber. Tenho esposa e filhos. Vocês entenderam? Minha família. São tempos difíceis para ajudar estranhos.

Mat tentou enfiar a mão embaixo do casaco, mas Rand segurou seu pulso e o deteve. Ele ficou parado em pé na estrada, olhando para o homem, sem falar.

— Se eu fosse um homem bom — disse Mull —, ofereceria a dois rapazes encharcados até os ossos um lugar para se secarem e se esquentarem na frente da lareira. Mas estes são tempos difíceis, e estranhos... Não sei do que vocês estão fugindo, e não quero saber. Vocês entenderam? Minha família. — Subitamente ele puxou dois longos cachecóis, escuros e grossos, do bolso de seu casaco. — Não é muita coisa, mas tomem. Pertencem aos meus garotos. Eles têm outros. Vocês não me conhecem, entenderam? São tempos difíceis.

— Nós nunca vimos o senhor — disse Rand ao aceitar os cachecóis. — O senhor é um homem bom. O melhor que encontramos em dias.

O fazendeiro mostrou-se surpreso, depois satisfeito. Pegando as rédeas, ele virou os cavalos e desceu a alameda estreita. Antes que ele completasse a curva, Rand já guiava Mat pela Estrada de Caemlyn.

O vento foi ficando mais forte com o cair da noite, Mat começou a perguntar, em tom de queixa, quando iriam parar, mas Rand continuou andando, puxando Mat atrás de si, procurando por um abrigo melhor do que embaixo de uma cerca-viva. Com suas roupas ainda molhadas e o vento ficando mais frio a cada minuto, ele não sabia se conseguiriam sobreviver mais uma noite a céu aberto. A noite caiu sem que ele conseguisse avistar qualquer abrigo. O vento ficou gélido, açoitando seu manto. Então, na escuridão à frente, ele viu luzes. Uma aldeia.

Sua mão deslizou para o bolso, sentindo as moedas ali dentro. Mais que o suficiente para uma refeição e um quarto para os dois. Um quarto abrigado do frio da noite. Se permanecessem a céu aberto, no vento e no frio com roupas úmidas, quem os procurasse não encontraria mais que dois cadáveres. Bastava não atrair atenção, se pudessem evitar. Nada de flauta, e, com os olhos daquele jeito, Mat certamente não teria como fazer malabarismos. Ele agarrou a mão de Rand mais uma vez e partiu na direção das luzes convidativas.

— Quando vamos parar? — perguntou Mat novamente. Do jeito que ele olhava adiante, com a cabeça inclinada para a frente, Rand não tinha certeza se Mat podia vê-lo, quanto mais as luzes da aldeia.

— Quando estivermos em algum lugar quente — ele respondeu.

Poças de luz das janelas das casas iluminavam as ruas da cidade, e as pessoas caminhavam por elas sem se preocupar com o que poderia estar lá fora no escuro. A única estalagem era um prédio grande, de um andar só, com o aspecto de que tivera cômodos acrescentados aos lotes ao longo dos anos sem qualquer planejamento. A porta da frente se abriu para deixar alguém sair, e uma onda de

gargalhadas o acompanhou.

Rand ficou paralisado no meio da rua, as risadas bêbadas da Carroceiro Dançante ecoando em sua cabeça. Ele viu o homem descer a rua com um passo nada firme, então respirou fundo e abriu a porta. Tomou cuidado para que o manto cobrisse a espada. As risadas o envolveram.

Lampiões pendurados no teto alto iluminavam a sala, e de cara ele pôde ver e sentir a diferença da estalagem de Saml Hake. Ali não havia bebedeira, para começar. Os homens da cidade, se não estavam inteiramente sóbrios, não estavam muito longe disso. As risadas eram verdadeiras, ainda que um pouco forçadas. Pessoas rindo para esquecer os problemas, mas com uma alegria genuína também. O salão propriamente dito era limpo e arrumado, e quente por conta do fogo que rugia numa grande lareira na outra extremidade. Os sorrisos das atendentes eram tão calorosos quanto o fogo, e quando elas riam Rand podia ver que era porque queriam.

O estalajadeiro era tão limpo quanto sua estalagem, com um avental de um branco reluzente em torno do corpanzil. Rand ficou contente ao ver que ele era um homem corpulento; duvidava que algum dia voltasse a confiar num estalajadeiro magricela. Seu nome era Rulan Allwine, um bom presságio, pensou Rand, com muito da sonoridade de Campo de Emond nele, e ele os olhou de cima a baixo, depois mencionou educadamente o pagamento adiantado.

— Não estou sugerindo que vocês sejam desse tipo, compreendam, mas tem havido alguns na estrada estes dias que não fazem muita questão de pagar no dia seguinte. Parece que há muitos jovens se dirigindo para Caemlyn.

Rand não se ofendeu, molhado e esgotado como estava. Quando Mestre Allwine mencionou o preço, entretanto, seus olhos se arregalaram, e Mat emitiu um som como se tivesse engasgado com alguma coisa.

A papada do estalajadeiro sacudiu quando ele balançou a cabeça lamentando, mas ele parecia estar acostumado a isso.

— São tempos difíceis — disse o estalajadeiro numa voz resignada. — Não há muita coisa, e o pouco que há custa cinco vezes o que estávamos acostumados. E vai estar mais caro no mês que vem, posso lhe assegurar.

Rand pegou seu dinheiro e olhou para Mat. A boca de Mat se apertou, teimosa.

— Quer dormir embaixo de uma cerca? — perguntou Rand. Mat suspirou e esvaziou o bolso com relutância. Quando a quantia foi paga, Rand fez uma careta

ao ver o pouco que restava para dividir com Mat.

Dez minutos depois, porém, eles estavam comendo ensopado em uma mesa num canto perto da lareira, empurrando-o para suas colheres com pedaços grandes de pão. As porções não eram tão grandes quanto Rand poderia ter desejado, mas eram quentes e enchiam o estômago. O calor da lareira foi penetrando em seu corpo lentamente. Ele fingia manter os olhos no prato, mas observava a porta com atenção. Aqueles que entravam ou saíam pareciam fazendeiros, mas isso não era o bastante para aplacar seu medo.

Mat comia devagar, saboreando cada pedaço, embora ficasse resmungando por causa da luz dos lampiões. Depois de um tempo, ele pegou o cachecol que Alpert Mull lhe dera e o enrolou ao redor da cabeça, puxando-o para baixo pela testa até que seus olhos ficassem quase escondidos. Isso lhes valeu alguns olhares que Rand gostaria que pudessem ter evitado. Ele limpou o prato com pressa, pedindo a Mat que fizesse o mesmo, depois perguntou a Mestre Allwine sobre o quarto.

O estalajadeiro pareceu surpreso por eles estarem indo se deitar tão cedo, mas não fez qualquer comentário. Pegou uma vela e os conduziu por um labirinto de corredores até um quartinho com duas camas estreitas, num canto da estalagem. Quando foi embora, Rand largou seus pertences ao lado da cama, jogou o manto em cima de uma cadeira e deixou-se cair sobre o edredom inteiramente vestido. Suas roupas ainda estavam úmidas e desconfortáveis, mas, se precisassem sair correndo, queria estar pronto. Manteve o cinturão da espada, e dormiu com a mão no cabo.

O canto de um galo o despertou com um susto pela manhã. Ele ficou ali deitado, vendo a aurora iluminar a janela, e se perguntou se ousaria dormir um pouco mais. Dormir durante o dia, quando poderiam estar andando. Um bocejo fez seus maxilares estalarem.

— Ei — exclamou Mat. — Eu consigo enxergar! — Ele se sentou na cama, olhando à sua volta com os olhos apertados. — Um pouco, pelo menos. Seu rosto ainda está meio borrado, mas dá para dizer quem é você. Eu sabia que eu ia melhorar. À noite vou enxergar melhor que você. De novo.

Rand pulou da cama, coçando-se ao vestir o manto. Suas roupas estavam amarrutadas por terem secado nele enquanto dormia, e elas pinicavam.

— Estamos desperdiçando a luz do dia — disse. Mat pulou da cama tão rápido quanto ele; também estava se coçando.

Rand se sentia bem. Estavam a um dia de distância de Quatro Reis, e nenhum dos

homens de Gode havia aparecido. Um dia mais perto de Caemlyn, onde Moiraine estaria esperando por eles. Sim, ela estaria. Nada mais de se preocupar com Amigos das Trevas assim que estivessem novamente com a Aes Sedai e o Guardião. Era estranho querer tanto estar com uma Aes Sedai. *Luz, quando eu encontrar Moiraine novamente, vou dar um beijo nela!* Riu ao pensar nisso. Sentia-se bem o bastante para investir parte de seu estoque cada vez menor de moedas no desjejum, um grande pedaço de pão e um jarro de leite frio.

Eles estavam comendo nos fundos do salão quando um jovem entrou, da própria aldeia pela aparência, com um passo arrogante e girando no dedo um chapéu de pano enfeitado com uma pluma. A única outra pessoa na sala era um velho que varria o chão e que nem sequer levantou a cabeça. O olhar do jovem correu a sala, mas, quando pousou em Rand e Mat, o chapéu lhe caiu do dedo. Ele ficou encarando os dois por um minuto inteiro antes de pegar o chapéu do chão, depois tornou a olhar mais um pouco, passando os dedos pelos cachos grandes e escuros. Finalmente, aproximou-se da mesa deles, hesitante.

Era mais velho que Rand, mas parou e ficou olhando para eles com timidez.

— Importam-se se eu me sentar? — perguntou ele e imediatamente engoliu em seco como se pudesse ter dito algo errado.

Rand achou que ele poderia estar esperando conseguir um pouco do desjejum deles, embora parecesse capaz de comprar o próprio. A camisa de listras azuis tinha o colarinho bordado, e seu manto azul-escuro era bordado nas bordas. Suas botas de couro não haviam jamais sequer passado perto de qualquer trabalho que as arranhasse, isso Rand podia ver. Então indicou uma cadeira com um gesto de cabeça.

Mat ficou encarando o sujeito enquanto ele puxava a cadeira até a mesa. Rand não soube dizer se ele estava fuzilando o rapaz com os olhos ou apenas tentando ver claramente. De qualquer maneira, a testa franzida de Mat teve seu efeito. O jovem ficou paralisado a meio caminho de se sentar, e não o fez totalmente até que Rand voltasse a sinalizar com a cabeça.

— Qual é o seu nome? — perguntou Rand.

— Meu nome? Meu nome. Ah... chamam-me de Paitr. — Seus olhos iam nervosos de um lado para o outro. — Ah... isso não foi ideia minha, entendam. Eu preciso fazer isso. Eu não queria, mas eles me obrigaram. Vocês têm de entender. Eu não...

Rand estava começando a ficar tenso quando Mat grunhiu:

— Amigo das Trevas.

Paitr levou um susto e fez menção de se levantar da cadeira, olhando ferozmente ao redor, como se cinquenta pessoas estivessem ali e pudessem ouvir. A cabeça do velho ainda estava curvada sobre a vassoura, sua atenção voltada para o chão. Paitr tornou a se sentar e olhou de Rand para Mat e de Mat para Rand com insegurança. O suor começou a porejar sobre seu lábio superior. Era uma acusação suficientemente grave para fazer qualquer um suar, mas ele não disse uma palavra sequer em protesto.

Rand balançou a cabeça devagar. Depois de Gode, ele sabia que Amigos das Trevas não tinham necessariamente a Presa do Dragão na testa, mas, exceto pelas roupas, Paitr poderia ter se encaixado perfeitamente em Campo de Emond. Nada nele sugeria qualquer pista sobre assassinatos ou coisas piores. Ninguém teria olhado duas vezes para ele. Pelo menos Gode havia sido... diferente.

— Deixe-nos em paz — disse Rand. — E diga aos seus amigos que nos deixem em paz. Não queremos nada com eles, e eles não vão conseguir nada conosco.

— Se você não fizer isso — acrescentou Mat, feroz —, vou chamá-lo pelo que é. Vamos ver o que os seus amigos da aldeia pensam disso.

Rand torceu para que não fosse essa a verdadeira intenção de Mat. Isso poderia causar tantos problemas para os dois quanto para Paitr.

Paitr pareceu levar a ameaça a sério. Seu rosto foi ficando cada vez mais pálido.

— Eu... eu ouvi o que aconteceu em Quatro Reis. Pelo menos uma parte. As notícias correm. Temos maneiras de saber das coisas. Mas aqui não há ninguém para aprisionar vocês. Eu estou sozinho, e... e só quero conversar.

— Sobre o quê? — perguntou Mat ao mesmo tempo que Rand dizia:

— Não estamos interessados.

Eles olharam um para o outro, e Mat deu de ombros.

— Não estamos interessados.

Rand engoliu o resto do leite e enfiou o bico da sua metade do pão no bolso. Com o dinheiro quase no fim, aquela poderia ser sua próxima refeição.

Como deixar a estalagem? Se Paitr descobrisse que Mat estava quase cego, contaria a outros... outros Amigos das Trevas. Uma vez Rand vira um lobo

separar uma ovelha aleijada do rebanho; havia outros lobos por perto, e ele não podia nem deixar o rebanho nem conseguir um tiro certo com seu arco. Assim que a ovelha ficou sozinha, balindo de terror, saltando freneticamente, o lobo que a perseguiu se transformou em dez como que por mágica. A lembrança da cena revirou seu estômago. Tampouco eles podiam ficar ali. Mesmo que Paitr estivesse falando a verdade e estivesse mesmo sozinho, quanto tempo permaneceria assim?

— Hora de ir embora, Mat — disse Rand e respirou fundo.

Quando Mat começou a se levantar, atraiu os olhos de Paitr para si inclinando-se para frente e dizendo:

— Deixe-nos em paz, Amigo das Trevas. Não vou repetir. Deixe-nos. Em. Paz.

Paitr engoliu em seco e recuou até dar com as costas na cadeira; era como se seu rosto não tivesse mais sangue. Rand pensou num Myrddraal.

Quando olhou novamente para Mat, este já estava de pé e não parecia debilitado. Rand pendurou apressadamente seus próprios alforjes e outros pacotes ao seu redor, tentando manter a espada sob o manto o tempo todo. Talvez Paitr já soubesse sobre ela; talvez Gode tivesse contado a Ba'alzamon, e este tivesse contado a Paitr; mas achava que não. Achava que Paitr tinha apenas uma vaga ideia do que havia acontecido em Quatro Reis. Por isso ele estava tão apavorado.

O contorno comparativamente brilhante da porta ajudou Mat a ir em linha reta naquela direção, se não rapidamente, pelo menos não tão devagar a ponto de não parecer natural. Rand o seguiu de perto, rezando para que ele não tropeçasse. Felizmente o caminho diante de Mat era limpo e reto, sem mesas nem cadeiras.

Atrás dele, Paitr subitamente se levantou de um pulo.

— Espere — pediu em desespero. — Vocês precisam esperar.

— Deixe-nos em paz — disse Rand sem olhar para trás. Eles estavam quase na porta, e Mat ainda não dera um passo errado.

— Só me escutem — insistiu Paitr e pôs a mão no ombro de Rand para fazê-lo parar.

Imagens rodopiaram na cabeça de Rand. O Trolloc Narg pulando em cima dele em sua casa. O Myrddraal que o ameaçara na Cervo e Leão, em Baerlon. Meios-homens por toda parte, Desvanecidos caçando-os até Shadar Logoth,

atacando-os em Ponte Branca. Amigos das Trevas por toda parte. Ele girou, fechando a mão.

— Eu já disse para nos deixar em paz! — Seu soco acertou Paitr em cheio no nariz.

O Amigo das Trevas caiu sentado e ficou ali no chão encarando Rand, com sangue escorrendo do nariz.

— Vocês não vão escapar — ele cuspiu, com raiva. — Não importa quão fortes sejam, o Grande Senhor das Trevas é mais forte. A Sombra engolirá vocês.

Ouviu-se um arquejo do outro lado do salão, e o barulho de um cabo de vassoura caindo no chão. O velho da vassoura finalmente tinha ouvido. Ele ficou ali parado, os olhos arregalados voltados para Paitr. O sangue sumiu de seu rosto enrugado e sua boca se abriu, mas nenhum som saiu. Paitr olhou-o por um instante, depois praguejou e se levantou de um salto, deixando correndo a estalagem e descendo a rua como se lobos famintos estivessem em seus calcanhares. O velho desviou sua atenção para Rand e Mat, nem um pouco menos apavorado.

Rand empurrou Mat para fora da estalagem e da aldeia o mais rápido que pôde, o tempo todo à espera de um grito de alerta que jamais foi dado, mas que nem por isso soava menos alto em seus ouvidos.

— Sangue e cinzas — grunhiu Mat —, eles estão sempre por perto, sempre bem nos nossos calcanhares. Nunca vamos escapar.

— Não, não estão — disse Rand. — Se Ba'alzamon soubesse que estávamos aqui, você acha que ele teria deixado isso para aquele sujeito? Teria havido outro Gode, e vinte ou trinta capangas. Eles ainda estão à caça, mas não saberão até Paitr lhes dizer, e talvez ele realmente esteja sozinho. Ele teria de ir até Quatro Reis, até onde sabemos.

— Mas ele falou...

— Não me interessa. — Ele não sabia ao certo de que “ele” Mat falava, mas isso não mudava nada. — Não vamos nos deitar e deixar que eles nos levem.

Eles pegaram seis caronas, curtas, ao longo do dia. Um fazendeiro lhes disse que um velho maluco na estalagem em Mercado de Sheran estava afirmando que havia Amigos das Trevas na aldeia. O fazendeiro mal conseguia falar; não parava de limpar lágrimas do rosto. Amigos das Trevas em Mercado de Sheran!

Era a melhor história que ele havia ouvido desde que Ackley Farren, bêbado, tinha passado a noite no telhado da estalagem.

Outro homem, um mecânico de carroças de rosto redondo com ferramentas penduradas nas laterais da carroça e duas rodas de carroção na parte de trás, contou uma história diferente. Vinte Amigos das Trevas haviam realizado um encontro em Mercado de Sheran. Homens com corpos deformados, e as mulheres piores ainda, todos sujos e vestidos com farrapos. Eles podiam fazer seus joelhos fraquejarem e o estômago revirar só de olhar para você, e, quando eles riam, as risadas nojentas soavam em seus ouvidos por horas e sua cabeça parecia que ia rachar ao meio. Ele mesmo os havia visto, a distância, longe o bastante para se sentir seguro. Se a Rainha não fizesse nada, então alguém devia pedir ajuda aos Filhos da Luz. Alguém devia fazer alguma coisa.

Foi um alívio quando o mecânico os deixou.

Com o sol baixo atrás deles, entraram em uma aldeota bem parecida com Mercado de Sheran. A Estrada de Caemlyn dividia a cidade rigorosamente em duas, mas de ambos os lados da ampla estrada se destacavam fileiras de casinhas de tijolos com telhados de palha. Teias de trepadeiras cobriam os tijolos, embora apenas algumas folhas pendessem delas. A aldeia tinha uma estalagem, um lugar pequeno, que não era maior que a Estalagem Fonte de Vinho, com uma placa em um suporte do lado de fora, rangendo para frente e para trás ao vento. O Homem da Rainha.

Estranho, pensar na Estalagem Fonte de Vinho como pequena. Rand podia se lembrar de quando achava que ela era o máximo que um prédio podia ser. Qualquer coisa maior seria um palácio. Mas ele agora já tinha visto muitas coisas, e subitamente percebeu que nada seria igual para ele quando voltasse para casa. *Se algum dia voltasse.*

Ele hesitou na entrada da estalagem, mas, mesmo que os preços na O Homem da Rainha não fossem tão altos quanto em Mercado de Sheran, eles não teriam condições de pagar por uma refeição ou um quarto.

Mat viu para onde ele estava olhando e deu umas palmadinhas no bolso onde guardava as bolas coloridas de Thom.

— Consigo ver bem o bastante, desde que não tente nada muito mirabolante. — Seus olhos haviam melhorado, embora ele ainda usasse o lenço na testa e tivesse forçado a vista sempre que olhava para o céu durante o dia. Como Rand não falou nada, Mat continuou: — Não pode haver Amigos das Trevas em cada estalagem daqui a Caemlyn. Além disso, eu não quero dormir

embaixo de um arbusto se puder dormir numa cama. — Mas não fez nenhum movimento na direção da estalagem. Limitou-se a ficar ali parado esperando por Rand.

Depois de um instante, Rand assentiu. Nunca se sentira tão cansado desde que saíra de casa. Só pensar em mais uma noite a céu aberto fazia seus ossos doerem. *Todo esse desgaste está vindo à tona. A fuga, todo o tempo olhando para trás em busca de seus perseguidores.*

— Eles não podem estar em toda parte — concordou.

Ao dar o primeiro passo no salão, perguntou-se se não teria cometido um erro. Era um lugar limpo, mas estava lotado. Todas as mesas estavam cheias, e alguns homens se encostavam nas paredes porque não tinham onde sentar. Pelo jeito como as empregadas corriam entre as mesas com olhares preocupados, e o senhorio também, era uma multidão maior do que estavam acostumados. Gente demais para a pequena aldeia. Era fácil identificar quem não era dali. Não se vestiam de modo diferente do resto, mas mantinham os olhos na comida e na bebida. Os nativos da região observavam os estranhos.

O burburinho das conversas enchia o ar, tão alto que o estalajadeiro os levou para a cozinha quando Rand lhe deu a entender que precisavam conversar com ele. O barulho era quase tão ruim ali quanto no salão, com a cozinheira e seus ajudantes batendo panelas e correndo de um lado para outro.

O estalajadeiro enxugou o rosto com um lenço grande.

— Suponho que vocês estejam a caminho de Caemlyn para ver o falso Dragão, assim como todos os outros tolos do Reino. Bem, são seis em cada quarto e dois ou três por cama, e, se isso não servir, não tenho nada para vocês.

Rand fez seu discurso com uma sensação de mal-estar. Com tanta gente na estrada, quase todos podiam ser Amigos das Trevas, e não havia como identificá-los. Mat demonstrou seu malabarismo: restringiu-se a três bolas, e mesmo assim com cuidado. E Rand pegou a flauta de Thom. Depois de uma dúzia de notas de “O Velho Urso Preto”, o estalajadeiro assentiu com impaciência.

— Vocês servem. Preciso de alguma coisa para tirar a cabeça daqueles idiotas desse tal de Logain. Já aconteceram três brigas sobre ele ser ou não o Dragão de verdade. Guardem suas coisas no canto, e eu vou arrumar um espaço para vocês. Se houver. Idiotas. O mundo está cheio de idiotas que não têm o bom senso de ficar no seu próprio lugar. É isso que está causando todo o problema. Gente que não fica no seu lugar. — Enxugando o rosto, ele saiu apressadamente

da cozinha, resmungando baixinho.

A cozinheira e seus ajudantes ignoraram Rand e Mat. Mat não parava de ajustar o cachecol ao redor da cabeça, empurrando-o para cima, depois piscando por causa da luz e puxando-o para baixo novamente. Rand ficou se perguntando se ele conseguiria enxergar bem o bastante para fazer qualquer coisa mais complicada do que malabarismos com três bolas. Quanto a ele próprio...

O incômodo em seu estômago aumentava. Caiu sentado numa banquetela baixa, levando as mãos à cabeça. A cozinha estava fria. Ele estremeceu. O ar estava cheio de vapor; fogões e fornos estalavam com o calor. Os tremores ficaram mais fortes, seus dentes começaram a bater. Ele abraçou o próprio corpo, mas de nada adiantou. Era como se seus ossos estivessem congelando.

Estava vagamente consciente de que Mat lhe perguntava alguma coisa, sacudindo seu ombro, e alguém praguejando e saindo correndo do aposento. Então o estalajadeiro apareceu, com a cozinheira franzindo a testa ao seu lado, e Mat discutindo em voz alta com ambos. Rand não conseguia entender nada do que eles diziam; as palavras eram um zumbido em seus ouvidos, e ele não conseguia pensar.

Subitamente Mat pegou seu braço, levantando-o com um puxão. Todas as suas coisas, alforjes, cobertores enrolados, as caixas dos instrumentos e o manto embrulhado de Thom, pendiam dos ombros de Mat junto com o arco. O estalajadeiro os observava, enxugando o rosto, ansioso. Trançando as pernas, apoiado em Mat, Rand deixou que o amigo o guiasse até a porta dos fundos.

— D-d-desculpe, M-m-mat — ele conseguiu dizer. Não podia impedir que os dentes batessem. — D-d-deve t-t-ter... sido a... chuva. M-mais uma... n-noite fora... n-não vai fazer mal... eu acho. — O crepúsculo escurecia o céu pontilhado por um punhado de estrelas.

— Nem pensar — disse Mat. Ele estava tentando soar animado, mas Rand podia perceber a preocupação oculta. — O estalajadeiro está apavorado com a possibilidade de que as outras pessoas descubram que há alguém doente na estalagem. Eu disse a ele que, se nos chutasse para fora, eu levaria você para o salão. Isso esvaziaria metade dos quartos dele em dez minutos. Apesar de falar muito dos idiotas, ele não quer isso.

— Então o-onde?

— Aqui — disse Mat, abrindo a porta do estábulo com um rangido alto de dobradiças.

Estava mais escuro do lado de dentro do que fora, e o ar tinha cheiro de feno, grãos e cavalo, com um forte odor subjacente de estrume. Quando Mat o baixou até o chão coberto de palha, ele se dobrou com os joelhos no peito, ainda se abraçando e tremendo da cabeça aos pés. Toda a sua força parecia ir para os tremores. Ouvia Mat tropeçar, praguejar e tropeçar mais uma vez, depois um sacolejar de metal. Subitamente a luz aflorou. Mat levantou um lampião velho e amassado.

Se a estalagem estava cheia, o mesmo acontecia com o estábulo. Todas as baias tinham um cavalo, alguns levantando a cabeça e piscando para a luz. Mat olhou de esguelha para a escada no jirau de feno, depois olhou para Rand, agachado no chão, e balançou a cabeça.

— Nunca vou conseguir botar você ali em cima — resmungou Mat. Pendurando o lampião num prego, ele subiu correndo a escada e começou a jogar braçadas de feno para baixo. Descendo apressadamente, fez um leito nos fundos do estábulo e acomodou Rand ali. Cobriu-o com ambos os mantos, mas Rand os empurrou para o lado quase imediatamente.

— Quente — murmurou Rand. Tinha uma vaga consciência de que havia sentido frio apenas um instante antes, mas naquele momento tinha a sensação de que estava dentro de um forno. Puxou seu colarinho, jogando a cabeça para trás. — Quente. — Sentiu a mão de Mat em sua testa.

— Já volto — disse Mat e desapareceu.

Rand ficou se contorcendo no feno, sem saber por quanto tempo, até Mat voltar com uma bandeja cheia numa das mãos, um jarro na outra e duas xícaras penduradas nos dedos pelas alças.

— Aqui não existe nenhuma Sabedoria — disse Mat, caindo de joelhos ao lado de Rand. Ele encheu uma das xícaras e a levou à boca de Rand, que engoliu a água como se não tivesse bebido nada em dias; era como ele se sentia. — Eles nem sequer sabem o que é uma Sabedoria. O que eles têm é alguém chamada Mãe Brune, mas ela está fora fazendo um parto, e ninguém sabe quando volta. Peguei um pouco de pão, queijo e salsicha. O bom Mestre Inlow nos dará qualquer coisa contanto que fiquemos longe das vistas dos seus hóspedes. Aqui, prove um pouco.

Rand virou a cabeça para longe da comida. Só de vê-la, só de pensar em comer, seu estômago se revirava. Depois de um minuto, Mat deu um suspiro e se acomodou para comer. Rand manteve os olhos em outras coisas e tentou não escutar.

Os calafrios vieram mais uma vez, e depois a febre, para ser substituída pelos calafrios, e a febre mais uma vez. Mat o cobria quando ele tremia e lhe dava água quando ele reclamava de sede. A noite foi avançando, e o estábulo parecia se mover na luz tremeluzente. Sombras assumiam formas e se moviam sozinhas. Então ele viu Ba'alzamon vindo pelo estábulo, os olhos ardendo, ladeado por dois Myrddraal, os rostos ocultos nas profundezas dos capuzes negros.

Com os dedos buscando o cabo da espada, ele tentou se levantar, gritando:

— Mat! Mat, eles estão aqui! Luz, eles estão aqui!

Mat acordou de repente, sentado de pernas cruzadas contra a parede.

— O quê? Amigos das Trevas? Onde?

Com os joelhos trêmulos, Rand apontava freneticamente para o outro lado do estábulo... e ficou boquiaberto. As sombras se mexeram, e um cavalo bateu as patas com força enquanto dormia. Mais nada. Rand desabou de volta na palha.

— Não há ninguém a não ser nós — disse Mat. — Aqui, deixe-me pegar isso. — Estendeu a mão para pegar o cinturão da espada de Rand, que segurou o cabo com mais força.

— Não. Não. Eu preciso guardá-la. Ele é meu pai. Entendeu? Ele é m-meu p-pai! — Os tremores tomaram conta dele mais uma vez, mas ele se agarrou à espada como se a uma tábua de salvação. — M-meu p-pai! — Mat desistiu de tentar pegá-la e pôs os mantos de volta sobre ele.

Houve outras visitas durante a noite, enquanto Mat cochilava. Rand nunca tinha certeza se estavam realmente lá ou não. Às vezes ele olhava para Mat, com a cabeça no peito, e se perguntava se ele as veria também caso acordasse.

Egwene saiu das sombras, seus cabelos em uma longa trança escura como em Campo de Emond, o rosto cheio de dor e tristeza.

— Por que você nos deixou? — ela perguntou. — Estamos mortos porque você nos deixou.

Deitado no feno, Rand balançou a cabeça com fraqueza.

— Não, Egwene. Eu não queria deixar vocês. Por favor.

— Estamos todos mortos — disse ela tristemente —, e a morte é o reino do Tenebroso. O Tenebroso nos possui, porque você nos abandonou.

— Não. Eu não tive escolha, Egwene. Por favor. Egwene, não vá. Volte, Egwene!

Mas ela se virou e entrou nas sombras, e se fez sombra.

A expressão de Moiraine era serena, mas seu rosto estava pálido, sem sangue. O manto poderia muito bem ser uma mortalha, e sua voz era um açoite.

— Isso mesmo, Rand al'Thor. Você não tem escolha. Você precisa ir a Tar Valon, ou o Tenebroso o tomará para si. A eternidade acorrentado na Sombra. Somente as Aes Sedai podem salvar você agora. Somente as Aes Sedai.

Thom sorriu sardonicamente para ele. As roupas do menestrel pendiam em farrapos queimados que o fizeram ver os clarões de luz enquanto Thom lutava com o Desvanecido para lhes dar tempo de fugir. A carne sob os trapos estava queimada e enegrecida.

— Confie nas Aes Sedai, garoto, e vai desejar estar morto. Lembre-se, o preço da ajuda das Aes Sedai é sempre menor do que você pode acreditar, e sempre maior do que você pode imaginar. E que Ajah vai encontrar você primeiro, hein? Vermelha? Talvez Negra. Melhor fugir, garoto. Fuja.

O olhar de Lan era duro como granito, e seu rosto estava coberto de sangue.

— Estranho ver uma lâmina com a marca da garça nas mãos de um pastor. Você é digno dela? É melhor que seja. Você está sozinho agora. Não há nada para apoiá-lo, nem às costas nem à frente, e qualquer um pode ser um Amigo das Trevas. — Ele exibiu um sorriso de lobo, e sua boca se encheu de sangue. — Qualquer um.

Perrin surgiu, acusando, implorando por ajuda. A Senhora al'Vere, chorando pela filha, e Bayle Domon, amaldiçoando-o por trazer Desvanecidos a bordo de seu barco, e Mestre Fitch, desesperado diante das cinzas de sua estalagem, e Min, gritando nas garras de um Trolloc, gente que ele conhecia, gente que só encontrara no caminho. Mas o pior foi Tam, que ficou diante dele, a testa franzida, balançando a cabeça, sem dizer uma só palavra.

— Você precisa me contar — implorou-lhe Rand. — Quem sou eu? Diga, por favor. Quem sou eu? *Quem sou eu?* — gritou.

— Calma, Rand.

Por um momento ele achou que era Tam respondendo, mas então viu que Tam

havia desaparecido. Mat encontrava-se debruçado sobre ele, segurando uma xícara de água junto a seus lábios.

— Fique calmo e descanse. Você é Rand al'Thor. É quem você é, com a cara mais feia e a cabeça mais dura dos Dois Rios. Ei, você está suando! A febre cedeu.

— Rand al'Thor? — sussurrou Rand. Mat assentiu, e havia algo de tão reconfortante nisso que Rand adormeceu sem sequer tocar na água.

Foi um sono sem a perturbação dos sonhos, pelo menos nenhum de que ele se lembrasse, mas leve o bastante para que seus olhos se abrissem rapidamente sempre que Mat verificava como ele estava. Uma vez se perguntou se Mat estava conseguindo dormir afinal, mas ele próprio adormeceu antes que esse pensamento fosse muito longe.

O rangido das dobradiças da porta o acordou inteiramente, mas por um momento ele só ficou ali deitado no feno, desejando ainda estar dormindo. Dormindo, ele não tomaria consciência de seu corpo. Seus músculos doíam como farrapos torcidos, e tinham praticamente a mesma força. Fraco, ele tentou levantar a cabeça; conseguiu na segunda tentativa.

Mat estava sentado no lugar de costume, apoiado na parede, ao alcance do braço de Rand. Seu queixo repousava no peito, que subia e descia no ritmo tranquilo do sono profundo. O cachecol havia descido sobre seus olhos.

Rand olhou na direção da porta. Havia uma mulher, segurando-a aberta com uma das mãos. Por um momento ela era apenas uma forma escura em um vestido, contornada pela luz fraca do começo da manhã; e então ela entrou, deixando a porta se fechar sozinha. Na luz do lampião ele pôde vê-la com mais clareza. Tinha mais ou menos a mesma idade de Nynaeve, achou, mas não era nenhuma mulher da aldeia. A seda verde-clara de seu vestido reluzia quando ela caminhava. Seu manto era de um rico e suave cinza, e uma rede de renda prendia seus cabelos. Ela corria os dedos por um pesado colar de ouro enquanto olhava pensativa para Mat e para ele.

— Mat — disse Rand, e depois mais alto: — Mat!

Mat resfolegou e quase caiu ao acordar. Esfregando os olhos para afastar o sono, ele encarou a mulher.

— Vim olhar meu cavalo — disse ela, fazendo um gesto vago na direção das baias. Mas não tirava os olhos deles dois. — Você está doente?

— Ele está bem — respondeu Mat, sério. — Ele só pegou uma friagem na chuva, só isso.

— Talvez eu deva dar uma olhada nele — disse ela. — Tenho certo conhecimento...

Rand se perguntou se ela seria uma Aes Sedai. Mais ainda que suas roupas, sua postura muito segura de si e a maneira como sua cabeça estava altiva, como se prestes a dar uma ordem, não se encaixavam ali. *E se ela é uma Aes Sedai, de que Ajah será?*

— Já estou bem — disse ele. — Sério. Não precisa.

Ela percorreu o estábulo, levantando um pouco a saia e colocando os sapatinhos cinzentos em pontos específicos do chão. Fazendo uma careta por causa da palha, ela se ajoelhou ao lado dele e sentiu sua testa.

— Sem febre — disse, estudando-o com a testa franzida. Era bonita, tinha as feições angulares, mas não havia calor em seu rosto. Também não era fria; só parecia não ter qualquer tipo de sentimento. — Mas você *esteve* doente. Sim. Sim. E ainda está fraco como um gatinho recém-nascido. Eu acho... — Ela enfiou a mão sob seu manto, e subitamente as coisas aconteceram rápido demais para Rand fazer algo mais que dar um grito estrangulado.

A mão dela saiu de dentro do casaco como um lampejo; alguma coisa reluziu quando ela pulou por cima de Rand na direção de Mat, que caiu de lado em um movimento desesperado, e ouviu-se um *tchunc* sólido de metal se cravando em madeira. Foi apenas um instante, e depois tudo ficou em silêncio.

Mat estava deitado de costas, uma das mãos agarrando o pulso dela logo acima da adaga que ela cravara na parede onde seu peito havia estado. A outra mão dele segurava a lâmina de Shadar Logoth contra a garganta dela.

Sem mover nada além dos olhos, ela tentou ver a adaga que Mat segurava. Arregalando os olhos, ela respirou com dificuldade e tentou recuar, mas ele manteve a lâmina encostada em sua pele. Depois disso, ela ficou rígida como uma pedra.

Passando a língua pelos lábios, Rand ficou olhando o quadro vivo acima dele. Mesmo que não estivesse tão fraco, não achava que pudesse ter se movido. Então seu olhar recaiu sobre a adaga dela, e sua boca ficou seca. A madeira ao redor da lâmina estava enegrecendo; finos tentáculos de fumaça subiam da madeira queimada.

— Mat! Mat, a adaga dela!

Mat olhou de relance para a adaga, depois novamente para a mulher, que continuava imóvel, ela também umedecendo os lábios, nervosa. Com dificuldade, Mat arrancou a mão dela do cabo e lhe deu um empurrão; ela caiu para trás, afastando-se deles e se apoiando com as mãos atrás do corpo, com os olhos ainda fixos na lâmina na mão de Mat.

— Não se mexa — disse ele. — Vou usar isso se você se mexer. Acredite, eu vou. — Ela assentiu lentamente; seu olhar não se desviava da adaga de Mat. — Fique de olho nela, Rand.

Rand não sabia ao certo o que deveria fazer se ela tentasse alguma coisa. Gritar, talvez; ele certamente não conseguiria correr atrás dela se tentasse fugir. Mas a mulher ficou sentada ali sem mexer um músculo enquanto Mat arrancava a adaga da parede. O ponto preto parou de crescer, embora uma leve pluma de fumaça ainda saísse do local.

Mat olhou ao redor à procura de um lugar para colocar a adaga, então a jogou para Rand. Ele a pegou, desajeitado, como se fosse uma víbora viva. Parecia comum, ainda que ornamentada, com um cabo de marfim claro e uma lâmina estreita reluzente que não era maior do que a palma de sua mão. Apenas uma adaga. Só que ele havia visto o que ela podia fazer. O cabo não estava sequer morno, mas sua mão começou a suar. Torceu para não deixá-la cair no feno.

A mulher não se moveu de sua posição enquanto observava Mat lentamente se virar em sua direção. Ela o encarava como se ponderando o que ele iria fazer a seguir, mas Rand viu os olhos de Mat se estreitarem subitamente, sua mão segurar a adaga com mais força.

— Mat, não!

— Ela tentou me matar, Rand. Ela teria matado você também. Ela é uma Amiga das Trevas. — Mat cuspiu a palavra.

— Mas nós não somos — disse Rand. A mulher soltou o ar como se tivesse acabado de perceber a intenção de Mat. — Nós não somos, Mat.

Por um momento Mat permaneceu paralisado, a lâmina em sua mão captando a luz do lampião. Então ele assentiu.

— Vá para lá — disse à mulher, gesticulando com a adaga na direção da porta do quartinho das selas.

Ela se levantou devagar, fazendo uma pausa para limpar a palha do vestido. Mesmo quando começou a andar na direção que Mat indicou, ela se movia como se não houvesse razão para ter pressa. Mas Rand reparou que ela mantinha o olhar cauteloso na adaga com cabo de rubi na mão de Mat.

— Vocês realmente deveriam parar de lutar — disse ela. — No fim, seria melhor assim. Vocês verão.

— Melhor? — disse Mat, seco, esfregando o peito onde a lâmina dela teria entrado caso ele não tivesse se movido. — Vá para lá.

Ela deu de ombros casualmente ao obedecer.

— Um erro. Tem havido uma... confusão considerável desde o que aconteceu com aquele tolo egoísta do Gode. Isso para não mencionar quem quer que tenha sido o idiota que deu início ao pânico em Mercado de Sheran. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu lá, nem como. Vocês não veem que isso torna as coisas mais perigosas para vocês? Terão lugar de honra se vierem para o Grande Senhor por vontade própria, mas enquanto fugirem haverá perseguição, e quem sabe o que pode acontecer?

Rand sentiu um arrepio. *Meus sabujos são ciumentos, e podem não ser gentis.*

— Então vocês estão tendo problemas com dois garotos fazendeiros. — A gargalhada de Mat foi sinistra. — Talvez vocês Amigos das Trevas não sejam tão perigosos quanto eu sempre ouvi dizer. — Ele escancarou a porta do quartinho das selas e recuou.

Ela fez uma pausa à porta, olhando para ele sobre o ombro. Seu olhar era gélido, e a voz mais fria ainda.

— Você vai descobrir o quanto somos perigosos. Quando o Myrddraal chegar aqui...

O resto do que ela poderia ter a dizer foi cortado quando Mat bateu a porta e desceu a barra em seus encaixes. Quando ele se virou, seu olhar era de preocupação.

— Desvanecido — disse, com a garganta apertada, voltando a guardar a adaga debaixo do casaco. — Ela diz que está vindo para cá. Como estão as pernas?

— Não dá para dançar — resmungou Rand —, mas, se você me ajudar a levantar, eu consigo andar. — Ele olhou para a lâmina em sua mão e

estremeceu. — Sangue e cinzas, posso até correr.

Depois de recolher apressadamente seus pertences, Mat puxou Rand para se levantar. As pernas de Rand tremiam, e ele precisou se apoiar no amigo para permanecer de pé, mas tentou não retardar o passo de Mat. Segurava a adaga da mulher bem longe de si. Do lado de fora da porta havia um balde de água. Ele jogou a adaga dentro dele ao passarem. A lâmina entrou na água com um chiado, vapor subindo da superfície. Com uma careta, ele tentou apressar o passo.

Quando a luz do dia chegou, havia muitas outras pessoas nas ruas, mesmo cedo. Mas cada uma cuidava da própria vida, e ninguém deu atenção a dois jovens saindo da aldeia, não com tantos estranhos por ali. Por via das dúvidas, Rand enrijeceu os músculos, tentando permanecer ereto. A cada passo ele se perguntava se algumas das pessoas que passavam apressadas seriam Amigos das Trevas. *Será que algum deles está esperando pela mulher da adaga? Pelo Desvanecido?*

A uma milha de distância da aldeia, sua força cedeu. Num minuto ele estava ofegante, pendurado em Mat; no seguinte, estavam ambos no chão. Mat o arrastou para o lado da estrada.

— Precisamos continuar — disse Mat. Ele esfregou o cabelo com a mão, depois puxou o cachecol sobre os olhos. — Mais cedo ou mais tarde alguém vai soltá-la, e eles estarão novamente atrás de nós.

— Eu sei. — Rand ofegou. — Eu sei. Me ajude aqui.

Mat voltou a puxá-lo, mas Rand titubeou, sabendo que não adiantaria. Da primeira vez em que tentasse dar um passo, cairia de cara novamente.

Segurando-o ereto, Mat esperou impacientemente que uma carroça, vindo da aldeia, passasse por eles. Mat soltou um grunhido de surpresa quando a carroça reduziu a velocidade e parou ao lado deles. Um homem com o aspecto de quem trabalha ao sol olhou do banco do condutor.

— Algo errado com ele? — perguntou, com um cachimbo na boca.

— Ele está só cansado — respondeu Mat.

Rand podia ver que isso não seria suficiente, não se inclinando sobre Mat do jeito como estava. Solto Mat, e deu um passo para longe dele. Suas pernas estremeceram, mas Rand se forçou a ficar ereto.

— Não durmo há dois dias — disse. — Comi alguma coisa que me fez mal. Estou melhor agora, mas não dormi.

O homem soltou um fio de fumaça do canto da boca.

— Estão indo para Caemlyn? Se eu tivesse a idade de vocês, acho que eu também estaria indo para lá ver esse falso Dragão.

— Sim — assentiu Mat. — É isso mesmo. Estamos indo ver o falso Dragão.

— Ora, então subam. Seu amigo vai atrás. Se ele passar mal de novo, melhor que seja na palha, e não aqui em cima. Meu nome é Hyam Kinch.





A Última Aldeia

Passava do anoitecer quando chegaram a Carysford, mais tempo do que Rand imaginara que levaria pelo que Mestre Kinch dissera ao deixá-los. Ficou se perguntando se todo o seu senso de tempo estaria prejudicado. Apenas três noites desde Howal Gode e Quatro Reis, duas desde que Paitr os havia surpreendido em Mercado de Sheran. Somente um dia desde que a Amiga das Trevas sem nome tentara matá-los no estábulo da O Homem da Rainha, mas mesmo isso parecia ter acontecido havia um ano, ou uma vida inteira.

O que quer que estivesse acontecendo ao tempo, Carysford parecia normal o bastante, pelo menos na superfície. Casas bonitinhas de tijolos vermelhos cobertas por trepadeiras e alamedas estreitas, exceto pela própria estrada de Caemlyn, quieta e aparentemente pacífica. *Mas o que há por baixo disso?*, Rand se perguntou. Mercado de Sheran parecera um lugar pacífico, assim como a aldeia onde a mulher... Ele não soubera o nome dela, e não queria mais pensar nisso.

A luz se derramava das janelas das casas para as ruas, que estavam quase completamente vazias. Isso agradou a Rand. Esgueirando-se de uma esquina a outra, ele evitava as poucas pessoas. Mat permanecia do seu lado, parando quando o som de cascalho esmigalhado anunciava a aproximação de um aldeão, esquivando-se de sombra em sombra quando o vulto indistinto passava.

O Rio Cary tinha pouco mais de trinta passos de largura ali, e a água negra se movia preguiçosamente, mas o vau havia sido coberto por uma ponte havia muito tempo. Séculos de chuva e vento haviam desgastado os pilares de pedra até que eles quase parecessem formações naturais. Anos de carroções de carga e comboios de mercadores também desgastaram as grossas tábuas de madeira. Tábuas soltas chacoalhavam sob suas botas, fazendo um som alto como o de tambores. Até muito tempo depois de terem atravessado a aldeia e entrado no

campo adiante, Rand esperou que alguma voz lhes perguntasse quem eram. Ou, pior, que já soubesse quem eram.

O campo ia ficando cada vez mais habitado à medida que avançavam. Sempre havia uma luz de casa de fazenda à vista. Cercas-vivas e cercas de trilhos ladeavam a estrada e os campos, que se estendiam infinitamente, sem nenhum trecho de floresta perto da estrada. Parecia que estavam sempre nos arredores de alguma aldeia, mesmo quando estavam a horas de distância da cidade mais próxima. Tudo bem-cuidado e pacífico. E sem nenhuma indicação de que Amigos das Trevas ou coisa pior pudessem estar à espreita.

Subitamente Mat se sentou na estrada. Ele havia puxado o cachecol para o topo da cabeça, agora que a única luz vinha da lua.

— Dois passos para cada braça — resmungou. — Mil braças para cada milha, quatro milhas para cada légua... Não vou dar mais dez passos a menos que haja um lugar para dormir ao final deles. Algo para comer também não cairia mal. Você não escondeu nada nos bolsos, escondeu? Uma maçã, talvez? Não vou me zangar com você. Você podia pelo menos procurar.

Rand espiou a estrada para cima e para baixo. Eles eram as únicas coisas que se moviam na noite. Olhou de relance para Mat, que havia tirado uma bota e estava massageando o pé. Ou tinham sido as únicas coisas que se moviam na noite. Seus próprios pés doíam também. Um tremor lhe subiu pelas pernas como se para dizer que ele ainda não havia recuperado tanta força quanto imaginava.

Montinhos escuros se destacavam num campo logo à frente deles. Montes de feno, reduzidos de tamanho pela alimentação do inverno, mas montes de feno mesmo assim.

Ele cutucou Mat com a ponta do dedão do pé.

— Vamos dormir ali.

— Montes de feno de novo. — Mat suspirou, mas enfiou a bota no pé e se levantou.

O vento estava aumentando, o frio da noite também. Eles pularam os mourões lisos da cerca e logo estavam se enfiando no feno. A lona que protegia o feno da chuva cortava o vento também.

Rand se contorceu no buraco que havia criado até encontrar uma posição confortável. O feno ainda conseguia espetá-lo através da roupa, mas já havia

aprendido a tolerar isso. Tentou contar os palheiros nos quais havia dormido desde Ponte Branca. Os heróis das histórias nunca tinham de dormir em palheiros, nem debaixo de cercas-vivas. Mas se tornara difícil fingir que era o herói de uma história, mesmo que por um instante. Com um suspiro, puxou o colarinho para cima na esperança de evitar que o feno descesse por suas costas.

— Rand? — perguntou Mat baixinho. — Rand, você acha que a gente vai conseguir chegar?

— A Tar Valon? Ainda falta muito, mas...

— Caemlyn. Você acha que a gente vai conseguir chegar a Caemlyn?

Rand levantou a cabeça, mas estava escuro no buraco deles; a única coisa que lhe dizia onde Mat estava era a voz.

— Mestre Kinch disse dois dias. No dia depois de amanhã, no dia seguinte, chegaremos lá.

— Se não houver uns cem Amigos das Trevas esperando por nós na estrada, ou um ou dois Desvanecidos. — Fez-se silêncio por um momento, então Mat falou: — Acho que somos os únicos que restaram, Rand. — Parecia apavorado. — Seja lá o que for tudo isso, somos só nós dois agora. Só nós.

Rand sacudiu a cabeça. Sabia que Mat não podia ver na escuridão, mas, de qualquer maneira, era mais para si mesmo do que para Mat.

— Vá dormir, Mat — disse, cansado. Mas ele mesmo ficou deitado acordado por um longo tempo antes que o sono chegasse. *Só nós.*

O canto de um galo o acordou, e ele se levantou, desajeitado, na claridade que antecede a aurora, limpando o feno das roupas. Apesar de suas precauções, um pouco do feno havia descido por suas costas; as palhas grudavam entre suas omoplatas e pinicavam. Ele tirou o casaco e puxou a camisa para fora das calças para conseguir livrar-se delas. Foi enquanto estava com uma das mãos na nuca e a outra toda retorcida nas costas que se deu conta das pessoas.

O sol ainda não havia realmente nascido, mas já um fluxo minguado e constante seguia pela estrada, pessoas sozinhas e em duplas, andando penosamente na direção de Caemlyn, uns com sacolas e bolsas nas costas, outros sem nada a não ser um cajado para andar, se tanto. A maioria era de rapazes, mas aqui e ali se via uma garota, ou alguém mais velho. Todos tinham o aspecto sujo de viagem de quem havia caminhado muito. Uns tinham os olhos voltados para os pés e os

ombros caídos de cansaço, mesmo àquela hora; outros tinham o olhar fixo em algo além da vista à frente, alguma coisa na direção da aurora.

Mat rolou para fora do palheiro, coçando-se vigorosamente. Ele só parou para enrolar o cachecol ao redor da cabeça, deixando um pouco menos de sombra aos olhos naquela manhã.

— Você acha que a gente consegue algo para comer hoje?

O estômago de Rand roncou em solidariedade.

— Podemos pensar nisso quando estivermos na estrada — disse ele. Arrumando apressadamente suas roupas, ele tirou sua parte das sacolas de dentro do palheiro.

Quando chegaram à cerca, Mat também havia notado as pessoas. Ele franziu a testa, parando no campo enquanto Rand pulava a cerca. Um jovem, não muito mais velho que eles, olhou de relance para os dois ao passar. Suas roupas estavam cheias de poeira, assim como o cobertor enrolado amarrado às costas.

— Para onde você está indo? — perguntou Mat.

— Caemlyn, ora, para ver o Dragão — o sujeito gritou para trás sem se deter. Ergueu uma sobancelha para os cobertores e alforjes que pendiam dos ombros deles e acrescentou: — Como vocês. — Com uma gargalhada, ele seguiu em frente, os olhos, ansiosos, já buscando alguma coisa à frente.

Mat fez a mesma pergunta diversas vezes durante o dia, e as únicas pessoas que não deram a mesma resposta eram gente da região. Se estes chegavam a responder alguma coisa, era cusindo e dando-lhes as costas, enojados. Davam as costas, mas ficavam de olho também. Olhavam para todos os viajantes da mesma forma, de soslaio. Suas expressões diziam que estranhos poderiam aprontar qualquer coisa se não fossem vigiados.

O povo da região não estava apenas desconfiado dos estranhos, parecia mais do que um pouco irritado. Havia um número relativamente grande de gente na estrada e, quando as carroças e os carroções dos fazendeiros apareceram com o sol espiando sobre o horizonte, até mesmo seu ritmo normalmente lento foi reduzido à metade. Nenhum deles estava disposto a dar carona. Um sorriso amargo, e quem sabe uma imprecisão pelo trabalho que estavam perdendo, eram mais prováveis.

Os carroções dos mercadores passavam com poucos obstáculos além de um punho eventualmente sacudido, estivessem indo na direção de Caemlyn ou

voltando de lá. Quando o primeiro comboio de mercadores surgiu, no começo da manhã, vindo a um trote rápido com o sol pouco acima do horizonte atrás dos carroções, Rand saiu do meio da estrada. Eles não davam sinal de reduzir a velocidade por nada, e ele viu outras pessoas saindo do caminho às pressas. Seguiu para a beira da estrada, mas continuou caminhando.

O lampejo de um movimento quando o primeiro carroção passou raspando foi todo o aviso que ele teve. Caiu estirado no chão quando o chicote do condutor do carroção estalou no ar onde sua cabeça havia estado. De onde estava, encarou o condutor quando o carroção passou. Olhos duros acima de uma boca contraída num esgar. Nem um mínimo de preocupação com a possibilidade de ter tirado sangue de Rand, ou mesmo um olho.

— A Luz o cegue! — gritou Mat na direção do carroção. — Você não pode... — Um guarda montado o acertou no ombro com a parte de trás da lança, derrubando-o em cima de Rand.

— Saia do caminho, seu Amigo das Trevas sujo! — grunhiu o guarda sem diminuir a velocidade.

Depois disso, eles se mantiveram longe dos carroções. E havia muitos deles. O clangor e o sacolejar de um comboio mal terminavam antes que se ouvisse outro chegando. Guardas e condutores, todos encaravam os viajantes que se dirigiam para Caemlyn como se estivessem vendo sujeira andar.

Uma vez Rand calculou errado o chicote de um condutor, apenas pela extensão da ponta. Levando a mão ao corte raso sobre a pálpebra, ele engoliu em seco para não vomitar com a proximidade do golpe em seu olho. O condutor lhe dirigiu um sorriso cínico. Com a outra mão Rand agarrou Mat, para impedir que ele encaixasse uma flecha no arco.

— Deixe estar — disse ele. Indicou com um movimento de cabeça os guardas que cavalgavam ao lado dos carroções. Alguns deles estavam rindo; outros olhavam sérios para o arco de Mat. — Se tivéssemos sorte, eles só nos bateriam com as lanças. Se tivéssemos sorte.

Mat grunhiu com amargura, mas deixou que Rand o puxasse pela estrada.

Por duas vezes, esquadrões dos Guardas da Rainha vieram trotando estrada abaixo, as flâmulas em suas lanças tremulando ao vento. Alguns dos fazendeiros os chamavam, querendo que alguma coisa fosse feita com relação aos estrangeiros, e os Guardas sempre paravam pacientemente para escutar. Perto do meio-dia, Rand deteve-se para ouvir uma dessas conversas.

Atrás das barras de seu capacete, a boca do capitão da Guarda era uma linha reta.

— Se um deles roubar alguma coisa, ou invadir a sua terra — grunhiu para o fazendeiro magricela franzindo a testa ao lado de seu estribo —, eu o arrastarei até um magistrado, mas eles não violam nenhuma Lei da Rainha por caminhar na Estrada da Rainha.

— Mas eles estão por toda parte — protestou o fazendeiro. — Quem sabe quem eles são, ou o que são? Toda essa conversa de Dragão...

— Luz, homem! Aqui só tem um punhado. As muralhas de Caemlyn estão inchando de tanta gente, e mais e mais chega a cada dia. — A careta do capitão aumentou ao notar Rand e Mat, parados ali perto na estrada. Ele fez um gesto indicando a estrada com uma manopla de aço. — Vão andando, ou prendo vocês por bloquearem o tráfego.

A voz dele não foi mais áspera com eles do que com o fazendeiro, mas eles se puseram em movimento. Os olhos do capitão os seguiram por um tempo; Rand podia senti-los às suas costas. Suspeitava que os Guardas não tinham mais muita paciência com os errantes, e nenhuma simpatia com um ladrão com fome. Decidiu impedir Mat se ele voltasse a sugerir que roubassem ovos.

Mesmo assim, havia um lado bom em todos aqueles carroções e pessoas na estrada, especialmente todos os rapazes que se dirigiam para Caemlyn. Para qualquer Amigo das Trevas que os caçasse, seria como tentar apanhar dois pombos em um bando. Se o Myrddraal na Noite Invernal não soubesse exatamente de quem estava atrás, talvez seu companheiro não se saísse melhor ali.

Seu estômago não parava de roncar, o que o lembrava de que praticamente não tinham mais dinheiro, decerto não o bastante para uma refeição aos preços cobrados ali tão perto de Caemlyn. Houve um momento em que percebeu que estava com a mão na caixa da flauta, e firmemente a empurrou para as costas. Gode sabia tudo sobre a flauta, e também sobre o malabarismo. Não havia como dizer o quanto Ba'alzamon havia sabido dele antes do fim, se o que Rand vira fora *mesmo* o fim, ou quanta informação havia sido passada a outros Amigos das Trevas.

Olhou pesaroso para uma fazenda pela qual passavam. Um homem patrulhava as cercas com um par de cães, que rosnavam e tentavam escapar às guias. O homem tinha cara de quem só queria uma desculpa para soltá-los. Nem todo fazendeiro exibia, ameaçador, os cachorros, mas ninguém estava oferecendo

trabalho a viajantes.

Antes que o sol se pusesse, ele e Mat passaram por mais duas aldeias. O povo se reunia em grupos, conversando entre si e vendo o fluxo constante passar. Seus rostos não eram mais amigáveis que os dos fazendeiros, ou dos condutores dos carroções, ou dos Guardas da Rainha. Todos aqueles estranhos indo ver o falso Dragão. Tolos que não entendiam que era melhor ficar nos lugares de onde vinham. Talvez seguidores do falso Dragão. Talvez até Amigos das Trevas. Se houvesse alguma diferença entre os dois.

Com a noite chegando, o fluxo começou a afinar na segunda aldeia. Os poucos que tinham dinheiro desapareceram estalagem adentro, embora aparentemente tenha havido alguma discussão a respeito de deixá-los entrar ou não; outros começaram a sair à caça de cercas vivas ou campos sem cães. Ao crepúsculo, ele e Mat estavam sozinhos na Estrada de Caemlyn. Mat começou a falar sobre encontrarem outro palheiro, mas Rand insistiu para que continuassem.

— Enquanto pudermos ver a estrada — disse ele. — Quanto mais pudermos avançar antes de parar, mas adiante estaremos. — *Se eles estiverem caçando você. Por que deveriam caçar agora, quando até hoje têm esperado você vir a eles?*

Esse era um argumento bom o bastante para Mat. Olhando frequentemente para trás, ele apertou o passo. Rand precisou se apressar para alcançá-lo.

A noite se adensou, aliviada somente por um pouco de luar. O surto de energia de Mat foi passando, e suas queixas recomeçaram. Nós de dor se formaram nas panturrilhas de Rand. Ele dizia a si mesmo que havia caminhado mais num dia duro trabalhando na fazenda com Tam, mas, por mais que repetisse isso, ele mesmo não conseguia acreditar. Trincando os dentes, ignorou as dores e não parou.

Com Mat reclamando e ele se concentrando em dar cada passo, estavam quase na aldeia antes que ele visse as luzes. Ele parou, cambaleando, subitamente consciente de uma queimação que subia dos seus pés até o alto das pernas. Achava que estava com uma bolha no pé direito.

Ao ver as luzes da aldeia, Mat caiu de joelhos com um gemido.

— Podemos parar agora? — disse, ofegante. — Ou você quer encontrar uma estalagem e pendurar uma placa para os Amigos das Trevas? Ou um Desvanecido.

— O outro lado da cidade — respondeu Rand, encarando as luzes. Daquela distância, no escuro, parecia Campo de Emond. *O que nos aguarda ali?* — Mais uma milha, é só.

— Só! Eu não ando mais nem uma braça!

As pernas de Rand pareciam estar em chamas, mas ele se forçou a dar mais um passo, e depois outro. Não ficou mais fácil, mas ele seguiu em frente, um passo de cada vez. Antes de avançar dez passos, ouviu Mat cambaleiar atrás dele, resmungando baixinho. Achou muito bom não conseguir ouvir o que Mat estava falando.

Era tarde o suficiente para que as ruas da aldeia estivessem desertas, embora a maioria das casas tivesse luz em pelo menos uma das janelas. A estalagem no meio da cidade estava fartamente iluminada, cercada por uma poça de luz dourada que afastava as trevas. Música e risos, abafados pelas paredes grossas, vinham do prédio. A placa sobre a porta rangia ao vento. Quase na outra extremidade da estalagem, uma carroça e um cavalo estavam parados na Estrada de Caemlyn com um homem verificando os arreios. Dois homens estavam do outro lado do edifício, nas fimbrias da luz.

Rand parou nas sombras ao lado de uma casa onde não havia luz. Estava cansado demais para caçar pelas ruelas um caminho para dar a volta. Um minuto de descanso não poderia fazer mal algum. Só um minuto. Só até os homens irem embora. Mat escorregou contra a parede com um suspiro de satisfação, inclinando-se para trás, como se sua intenção fosse dormir ali mesmo.

Alguma coisa nos dois homens à margem das sombras deixava Rand inquieto. Ele não conseguia definir o que era, no começo, mas percebeu que o homem na carroça sentia o mesmo. O homem alcançou a ponta do arreio que estava verificando, ajustou o mordedor na boca do cavalo, depois voltou e começou tudo de novo. Manteve a cabeça abaixada durante todo esse tempo, os olhos no que estava fazendo e longe dos outros homens. Poderia simplesmente não estar se dando conta deles, embora estivessem a menos de dez braças, não fosse pela maneira rígida como se movia e o modo como às vezes se virava desajeitadamente no que estava fazendo para não olhar diretamente para os dois.

Um dos homens nas sombras era apenas um vulto negro, mas o outro estava mais próximo da luz, de costas para Rand. Mesmo assim era óbvio que ele não estava muito animado com a conversa que estavam tendo. Ele torcia as mãos e mantinha os olhos no chão, de vez em quando balançando a cabeça em concordância com alguma coisa que o outro dizia. Rand não conseguia ouvir

nada, mas teve a impressão de que era o homem nas sombras quem falava; o outro, nervoso, apenas escutava, assentia e torcia as mãos ansiosamente.

No fim das contas, o que estava envolto em trevas se virou, e o sujeito nervoso começou a retornar para a luz. Apesar do frio, ele enxugava o rosto com o avental comprido que vestia, como se estivesse encharcado de suor.

A pele arrepiada, Rand observou o vulto se afastando na noite. Ele não sabia por quê, mas seu desconforto parecia acompanhar aquela figura, um formigamento vago em sua nuca e nos pelos que se arrepiavam em seus braços, como se ele subitamente tivesse percebido que havia alguém chegando de mansinho por trás dele. Sacudindo rapidamente a cabeça, esfregou os braços com força. *Você está ficando tão tolo quanto Mat, não está?*

Naquele momento, o vulto deslizou pela borda da luz que vinha de uma janela, apenas à margem dela, e a pele de Rand se arrepiou toda. A placa da estalagem fazia *cri-cri-cri* ao vento, mas o manto negro não se mexia.

— Desvanecido — sussurrou, e Mat se levantou de um pulo, como se tivesse ouvido um grito.

— O que...?

Ele tampou a boca de Mat.

— Baixinho. — O vulto escuro se perdera nas trevas. *Onde?* — Já foi embora agora. Eu acho. Espero. — Ele afastou a mão; o único som que Mat fez foi o de inspirar profundamente.

O homem nervoso estava quase na porta da estalagem. Ele parou e ajeitou o avental, visivelmente recompondo-se antes de entrar.

— Amigos estranhos esses seus, Raimun Holdwin — disse subitamente o homem da carroça. Era a voz de um velho, mas forte. Ele se endireitou, balançando a cabeça. — Amigos estranhos, no escuro, para um estalajadeiro.

O homem nervoso deu um pulo quando o outro falou, olhando ao redor como se não tivesse visto a carroça nem o outro homem até então. Então respirou bem fundo, apurou-se e disse, sério:

— E o que você quer dizer com isso, Almen Bunt?

— Exatamente o que eu disse, Holdwin. Amigos estranhos. Ele não é daqui, é? Muita gente esquisita tem vindo nas últimas semanas. Mas muita gente esquisita

mesmo.

— Você é o sujeito ideal para falar disso. — Holdwin olhou torto para o sujeito da carroça. — Eu conheço muitos homens, até mesmo de Caemlyn. Ao contrário de você, entocado sozinho naquela sua fazenda. — Ele fez uma pausa, depois continuou, como se achasse que precisava dar mais alguma satisfação. — Ele é de Quatro Reis. Está à procura de dois ladrões. Rapazotes. Roubaram dele uma espada com a marca da garça.

Rand havia prendido a respiração só de ouvir falar em Quatro Reis; à menção à espada, olhou de esguelha para Mat. Seu amigo estava com a mão pressionada com força contra a parede e olhando para as trevas com olhos tão arregalados que pareciam ser inteiramente brancos. Rand também queria vigiar a noite. O Meio-homem podia estar em qualquer lugar... Mas seus olhos voltaram aos dois homens na frente da estalagem.

— Uma espada com a marca da garça! — exclamou Bunt. — Não é à toa que ele a quer de volta.

Holdwin assentiu.

— Sim, e eles também. Meu amigo é um homem rico, um... um mercador, e eles andaram criando problemas com os homens que trabalham para ele. Contando histórias malucas e aborrecendo as pessoas. Eles são Amigos das Trevas, e seguidores de Logain também.

— Amigos das Trevas e seguidores do falso Dragão? E contando histórias malucas também? É muita coisa para rapazotes. Você disse que eles eram só rapazes, não? — Havia uma nota súbita de divertimento na voz de Bunt, mas o estalajadeiro não pareceu notar.

— Sim. Ainda não chegaram aos vinte anos. Há uma recompensa, cem coroas de ouro, pelos dois. — Holdwin hesitou, depois acrescentou: — Esses dois têm uma língua ardilosa. Sabe a Luz que espécie de histórias eles vão contar, tentando jogar as pessoas umas contra as outras. E são perigosos também, mesmo que não pareçam. Criminosos. Melhor ficar longe se achar que os viu. Dois rapazes, um com uma espada, e os dois olhando a toda hora para trás. Se forem eles mesmos, meu... meu amigo virá apanhá-los assim que forem localizados.

— Parece até que você os conhece pessoalmente.

— Vou saber quem são no instante em que olhar para eles — disse Holdwin, confiante. — Só não tente pegá-los sozinho. Ninguém precisa se machucar.

Venha me contar se os vir. Meu... amigo cuidará deles. Cem coroas pelos dois, mas ele quer o par.

— Cem coroas pelos dois — considerou Bunt, contemplativo. — Quanto por essa espada que ele tanto quer?

Subitamente Holdwin pareceu perceber que o outro estava troçando dele.

— Não sei por que estou lhe contando isso — retrucou. — Você ainda está com a ideia fixa naquele seu plano idiota, pelo que vejo.

— Não é um plano tão idiota — respondeu Bunt placidamente. — Pode não haver outro falso Dragão para eu ver antes de morrer... que assim seja, pela Luz!... e estou velho demais para comer a poeira de algum mercador o caminho todo até Caemlyn. Vou ter a estrada só para mim, e chegarei a Caemlyn bem cedinho amanhã.

— Só para você? — A voz do estalajadeiro tremia sinistramente. — Nunca se sabe o que pode estar por aí, à noite, Almen Bunt. Completamente sozinho na estrada, no escuro. Mesmo que alguém ouça você gritar, não há ninguém que vá abrir a porta para ajudar. Não hoje em dia, Bunt. Nem seu vizinho mais próximo.

Nada disso pareceu perturbar o velho fazendeiro; ele respondeu tão calmamente quanto antes.

— Se os Guardas da Rainha não conseguem manter a estrada segura tão perto assim de Caemlyn, então nenhum de nós está seguro nem em nossas próprias camas. Se quer saber minha opinião, uma coisa que os Guardas poderiam fazer para garantir que as estradas estejam seguras seria pôr esse seu amigo atrás das grades. Espreitando por aí no escuro, com medo de deixar que as pessoas o vejam. Você não vai me dizer que ele não está metido em coisa que não preste.

— Medo! — exclamou Holdwin. — Seu velho tolo, se você soubesse... — Sua boca fechou-se abruptamente, batendo os dentes, e ele se sacudiu todo. — Não sei por que perco meu tempo com você. Vá amolar outro! Pare de bloquear a entrada do meu estabelecimento. — A porta da estalagem se fechou atrás dele com um estrondo.

Resmungando consigo mesmo, Bunt segurou a borda da carroça e pôs o pé no eixo da roda.

Rand só hesitou por um momento. Mat segurou seu braço quando ele começou a avançar.

— Está louco, Rand? Ele vai nos reconhecer com certeza!

— Você prefere ficar aqui? Com um Desvanecido por aí? Que distância acha que conseguiríamos percorrer a pé antes que ele nos encontrasse? — Ele tentou não pensar na distância que conseguiriam percorrer em uma carroça se ele os encontrasse. Soltou-se de Mat e seguiu pela estrada. Segurou seu manto cuidadosamente fechado em torno do corpo para que a espada ficasse escondida; o vento e o frio eram desculpa suficiente para isso.

— Não pude deixar de ouvir que o senhor está indo para Caemlyn — disse ele.

Bunt se assustou, puxando um bastão de dentro da carroça. Seu rosto curtido era uma massa de rugas, e ele não tinha metade dos dentes, mas suas mãos nodosas empunhavam o bastão com firmeza. Depois de um minuto ele abaixou uma das pontas ao chão e se apoiou nele.

— Então vocês dois estão indo para Caemlyn. Para ver o Dragão, não é?

Rand não havia percebido que Mat o seguira. Mat, porém, estava se mantendo bem atrás, fora da luz, observando a estalagem e o velho com tanta desconfiança quanto observava a noite.

— O falso Dragão — disse Rand, enfático.

Bunt assentiu.

— É claro, é claro. — Ele deu uma olhada de esguelha para a estalagem, depois enfiou bruscamente o cajado de volta sob o banco da carroça. — Bem, se vocês querem uma carona, podem subir. Já perdi muito tempo. — Ele já estava se acomodando no banco.

Rand subiu na parte de trás no momento em que o fazendeiro puxava as rédeas. Mat correu para alcançar a carroça quando ela partia. Rand o segurou pelo braço e o puxou a bordo.

A aldeia sumiu rapidamente noite adentro ao ritmo estabelecido por Bunt. Rand ficou deitado nas tábuas nuas, lutando contra o ranger sedutor das rodas. Mat abafava os bocejos com o punho fechado, olhando, desconfiado, o cenário rural. A escuridão pesava nos campos e fazendas, pontilhada com as luzes das casas, luzes que pareciam distantes, lutando em vão contra a noite. Uma coruja piou, um lamento, e o vento gemeu como almas perdidas na Sombra.

Ele poderia estar em qualquer lugar, pensou Rand.

Bunt parecia sentir a opressão da noite também, pois subitamente falou:

— Vocês dois já estiveram em Caemlyn? — Ele deu um risinho. — Suponho que não. Bem, esperem só para vê-la. A maior cidade do mundo. Ah, eu já ouvi tudo sobre Illian, Ebou Dar, Tear e tudo mais... sempre tem algum tolo que pensa que alguma coisa é maior e melhor só porque ela fica além do horizonte... mas, juro pelo meu dinheiro, Caemlyn é a maior que existe. Não poderia ser mais grandiosa. Não, não poderia. A menos, quem sabe, que a Rainha Morgase, a Luz a ilumine, se livrasse daquela bruxa de Tar Valon.

Rand estava deitado com a cabeça no cobertor enrolado por cima do manto embrulhado de Thom, vendo a noite passar, deixando as palavras do fazendeiro passarem. Uma voz humana afastava as trevas e calava o gemido do vento. Ele se virou todo para olhar a massa escura das costas de Bunt.

— Você quer dizer uma Aes Sedai?

— E do que mais eu estaria falando? Sentada lá no Palácio como uma aranha. Eu sou um bom homem da Rainha, nunca diga que não sou, mas não é certo. Eu não sou daqueles que dizem que Elaida tem muita influência sobre a Rainha. Eu não. E quanto aos tolos que dizem que Elaida é quem realmente é a rainha em tudo menos no nome... — Ele cuspiu. — Aqui para eles. Morgase não é marionete para dançar para nenhuma bruxa de Tar Valon.

Outra Aes Sedai. Se... quando Moiraine chegasse a Caemlyn, ela poderia muito bem procurar uma irmã Aes Sedai. Se o pior acontecesse, essa Elaida poderia ajudá-los a chegar a Tar Valon. Ele olhou para Mat, e, como se tivesse falado em voz alta, Mat balançou a cabeça. Ele não podia ver o rosto de Mat, mas sabia que ele estava negando com firmeza.

Bunt continuou falando, sacudindo as rédeas sempre que seu cavalo reduzia a velocidade, mas, afora isso, deixando as mãos descansarem sobre os joelhos.

— Como eu disse, sou um bom homem da Rainha, mas até mesmo os idiotas dizem algo que preste de vez em quando. Até um porco cego encontra uma bolota de vez em quando. Algumas mudanças precisam acontecer. Este tempo, as plantações minguando, vacas secando, novilhos e ovelhas nascendo mortos, ou então com duas cabeças. Corvos malditos que nem sequer esperam que as coisas morram. As pessoas estão apavoradas. Elas querem alguém para culpar. A Presa do Dragão aparecendo nas portas das pessoas. Coisas espreitando sorrateiras à noite. Celeiros sendo incendiados. Sujeitos, como aquele amigo do Holdwin, andando por aí, assustando as pessoas. A Rainha precisa fazer alguma coisa antes que seja tarde demais. Vocês percebem isso, não percebem?

Rand fez um som neutro. Parecia que eles tinham tido mais sorte do que ele pensava ao encontrar esse velho e sua carroça. Poderiam não ter ido muito além daquela última aldeia se tivessem esperado pelo amanhecer. Coisas espreitando sorradeiras à noite. Ele se levantou para olhar sobre a lateral da carroça na escuridão. Sombras e formas pareciam se contorcer nas trevas. Ele caiu para trás antes que sua imaginação o convencesse de que havia alguma coisa ali.

Bunt tomou isso como assentimento.

— Certo. Eu sou um bom homem da Rainha, e me colocarei contra qualquer um que tentar machucá-la, mas eu tenho razão. Veja a Lady Elayne e o Lorde Gawyn agora. Eis aí uma mudança que não faria mal a ninguém, e poderia até fazer algum bem. Claro, eu sei que sempre fizemos as coisas desse jeito em Andor. Mandamos a Filha-herdeira para estudar com as Aes Sedai, e o filho mais velho para estudar com os Guardiões. Eu acredito na tradição, acredito mesmo, mas veja o que ela nos trouxe da última vez. Luc morto na Praga antes mesmo de ser ungido como o Primeiro Príncipe da Espada, e Tigraine desaparecida, fugida ou morta, quando chegou a hora de ela assumir o trono. Isso ainda nos assombra.

“Há quem diga que ela ainda está viva, sabem, que Morgase não é a Rainha de direito. Tolos malditos. Eu me lembro do que aconteceu. Lembro como se fosse ontem. Nenhuma Filha-herdeira para assumir o trono quando a velha Rainha morreu, e todas as Casas de Andor tramando e lutando pelo direito. E Taringail Damodred. Não dava nem para imaginar que ele havia perdido a esposa, ele louco para saber que Casa venceria para que pudesse se casar novamente e se tornar Príncipe Consorte afinal. Bem, ele conseguiu, embora imaginar por que Morgase escolheu... ah, nenhum homem conhece a mente de uma mulher, e uma rainha é duas vezes mulher, casada com um homem e casada com a terra. De qualquer maneira, ele conseguiu o que queria, mesmo que não do jeito que queria.

“Trouxe Cairhien para a trama antes de acabar, e você sabe como isso terminou. A Árvore derrubada, e Aiel de véus negros vindo além da Muralha do Dragão. Bem, ele acabou conseguindo ser morto depois de se tornar pai de Elayne e Gawyn, então as coisas tiveram um fim, suponho. Mas por que mandá-los a Tar Valon? Está na hora de os homens não mais juntarem o trono de Andor e as Aes Sedai no mesmo pensamento. Se eles tiverem de ir a algum outro lugar para aprender o que precisam, bem, Illian tem bibliotecas tão boas quanto as de Tar Valon, e elas ensinarão a Lady Elayne tanto sobre governar e fazer intrigas quanto as bruxas. Ninguém sabe mais de intriga do que o povo de Illian. E se os Guardas não puderem ensinar ao Lorde Gawyn o suficiente sobre ser um

soldado, bem, existem soldados em Illian também. E em Shienar, e Tear também. Eu sou um bom homem da Rainha, mas digo que devemos encerrar todo esse imbróglio com Tar Valon. Três mil anos é tempo suficiente. Tempo demais. A Rainha Morgase pode nos liderar e ajeitar as coisas sem ajuda da Torre Branca. Eu lhes digo, eis ali uma mulher que deixa um homem orgulhoso de se ajoelhar perante ela para ser abençoado. Ora, uma vez...”

Rand lutava contra o sono pelo qual seu corpo gritava, mas o rangido ritmado e o balanço da carroça o ninaram e ele começou a flutuar ao som monócordio da voz de Bunt. Sonhou com Tam. No começo eles estavam à grande mesa de carvalho da casa da fazenda, tomando chá, enquanto Tam lhe contava sobre Príncipes Consortes, e Filhas-herdeiras, e a Muralha do Dragão, e homens Aiel de véus negros. A espada com a marca da garça jazia na mesa entre eles, mas nenhum dos dois olhava para ela. Subitamente ele estava na Floresta do Oeste, puxando a liteira improvisada pela noite enluarada. Quando olhou para trás, era Thom quem estava na liteira, não seu pai, sentado de pernas cruzadas e fazendo malabarismos à luz do luar.

— A Rainha é casada com a terra — disse Thom enquanto bolas coloridas brilhantes dançavam em um círculo. — Mas o Dragão... o Dragão é um com a terra, e a terra é uma com o Dragão.

Mais adiante Rand viu um Desvanecido vindo, o manto negro imperturbável pelo vento, o cavalo caminhando silencioso como um fantasma entre as árvores. Duas cabeças cortadas pendiam do alforje do Myrddraal, pingando sangue que corria em filetes mais escuros pelo ombro negro como carvão de sua montaria. Lan e Moiraine, rostos distorcidos em esgares de dor. O Desvanecido puxava um punhado de cabrestos enquanto cavalgava. Cada cabresto seguia até os punhos amarrados de um daqueles que corria atrás dos cascos silenciosos, os rostos lívidos de desespero. Mat e Perrin. E Egwene.

— Ela não! — gritou Rand. — Que a Luz o exploda! Sou eu que você quer, não ela!

O Meio-homem fez um gesto, e chamuscas consumiram Egwene, a carne ardendo até virar cinzas, ossos enegrecendo e se esfarelando.

— O Dragão é um com a terra — dizia Thom, ainda fazendo malabarismos despreocupadamente —, e a terra é uma com o Dragão.

Rand gritou... e abriu os olhos.

A carroça rangia pela Estrada de Caemlyn, repleta da noite e da doçura do feno

havia muito desaparecido, e do leve cheiro de cavalo. Uma forma mais escura do que a noite repousava sobre seu peito, e olhos mais escuros do que a morte olhavam diretamente nos seus.

— Você é meu — disse o corvo, e o bico afiado perfurou seu olho. Ele gritou quando o corvo arrancou seu globo ocular.

Com um berro ensurdecedor, ele se sentou, levando as duas mãos ao rosto.

A luz da manhã banhava a carroça. Zonzo, ele olhou para as mãos. Não havia sangue. Não havia dor. O resto do sonho já estava desaparecendo, mas aquilo... Apalpou cautelosamente o rosto e estremeceu.

— Pelo menos... — Mat bocejou, estalando o maxilar. — Pelo menos você dormiu um pouco. — Não havia muita simpatia nos seus olhos cansados. Ele estava encolhido embaixo do manto, com o cobertor enrolado dobrado sob a cabeça. — Ele falou a noite inteira.

— Está de todo acordado? — perguntou Bunt, do banco do condutor. — Você me deu foi um susto danado gritando assim. Bom, já chegamos. — Sua mão deslizou diante deles num gesto grandioso. — Caemlyn, a maior cidade do mundo.





Caemlyn

Rand se virou para se ajoelhar atrás do banco do condutor. Não conseguiu deixar de rir de alívio.

— Nós conseguimos, Mat! Eu lhe disse que nós íamos...

As palavras morreram em sua boca quando pôs os olhos em Caemlyn. Depois de Baerlon, ainda mais depois das ruínas de Shadar Logoth, ele havia pensado que sabia como seria uma grande cidade, mas aquilo... aquilo era mais do que ele teria acreditado.

Do lado de fora da grande muralha, prédios se aglomeravam como se todas as cidadezinhas pelas quais passara tivessem sido reunidas e colocadas ali, lado a lado, e compactadas. Estalagens despontavam com seus andares superiores

acima dos telhados das casas, com armazéns atarracados, largos e sem janelas, em meio a todos eles. De tijolo vermelho, pedra cinza e branco caiado, juntos e misturados, as construções se espalhavam até onde os olhos podiam ver. Baerlon podia ter desaparecido dentro dela sem ser notada, e Ponte Branca poderia ser engolida vinte vezes e mal fazer marola.

E a muralha em si. Com a altura impressionante de quase dez braças de pura pedra cinza-clara, com veios de prata e branco, ela se estendia num grande círculo, curvando-se para norte e sul até ele se perguntar até onde ela iria. Por toda sua extensão erguiam-se torres, redondas e imponentes acima da altura da própria muralha, com bandeiras vermelhas e brancas drapejando ao vento no alto de cada uma. Do lado de dentro da muralha divisavam-se outras torres, mais finas e ainda mais altas que as muralhas, e cúpulas reluzindo brancas e douradas ao sol. Mil histórias haviam pintado cidades em sua mente, as grandes cidades de reis e rainhas, de tronos, poderes e lendas, e Caemlyn se encaixava naquelas imagens mentais como a água em um jarro.

A carroça seguiu rangendo pela ampla estrada em direção à cidade, rumo aos portões flanqueados por torres. Os carroções de um comboio de mercadores saíram daqueles portões, sob um arco imenso de pedra pelo qual poderiam passar dez gigantes lado a lado. Mercados abertos cercavam a estrada de ambos os lados, com telhas vermelhas e púrpura brilhando, com baias e chiqueiros nos espaços intermediários. Bois mugiam, gansos grasnavam, galinhas cacarejavam, cabritos berravam, ovelhas baliavam e pessoas barganhavam a plenos pulmões. Uma muralha de ruído se afunilava, conduzindo-os aos portões de Caemlyn.

— O que foi que eu disse? — Bunt teve de falar mais alto, quase gritando, para ser ouvido. — A maior cidade do mundo. Construída pelos Ogier, sabe? Pelo menos a Cidade Interior e o Palácio. Para vocês verem a idade de Caemlyn. Caemlyn, onde a boa Rainha Morgase, que a Luz a ilumine, faz a lei e mantém a paz em Andor. A maior cidade da terra.

Rand estava pronto para concordar. Boquiaberto, tinha vontade de tampar os ouvidos com as mãos para abafar o burburinho. A estrada estava lotada, tão cheia quanto o Campo no Bel Tine. Lembrou-se de achar inacreditável a quantidade de gente em Baerlon, e quase riu. Olhou para Mat e abriu um sorriso. Mat estava de fato tampando as orelhas com as mãos, e com os ombros encolhidos como se quisesse cobri-las com eles também.

— Como é que nós vamos nos esconder aqui? — perguntou alto quando viu Rand olhando. — Como vamos saber em quem confiar com tanta gente? Tanta maldita gente. Luz, que barulho!

Rand olhou para Bunt antes de responder. O fazendeiro olhava a cidade, fascinado; com o barulho, era possível que ele não tivesse ouvido. Mesmo assim, Rand falou junto ao ouvido de Mat.

— Como eles podem nos encontrar no meio de tanta gente? Não está vendo, seu idiota de cabeça de lâ? Estaremos seguros, se você conseguir aprender a segurar essa sua maldita língua! — Ele estendeu a mão para abarcar tudo, os mercados, as muralhas da cidade ainda à frente. — Olhe isso, Mat! Qualquer coisa poderia acontecer aqui. Qualquer coisa! Poderíamos até mesmo encontrar Moiraine esperando por nós, e Egwene, e todos os outros.

— Se estiverem vivos. Se você quer a minha opinião, eles estão tão mortos quanto o menestrel.

O sorriso desapareceu do rosto de Rand, e ele se virou para olhar os portões que se aproximavam. Qualquer coisa podia acontecer numa cidade como Caemlyn. Ele se ateve, teimoso, a esse pensamento.

O cavalo não conseguia andar mais rápido, por mais que Bunt sacudisse as rédeas; quanto mais perto dos portões chegavam, mais densa a multidão ficava, pessoas se empurrando coladas, pressionando as carroças e os carroções que iam entrando. Rand ficou feliz por ver que uma boa parte era de jovens a pé, cobertos de poeira e com poucos pertences. Qualquer que fosse a idade, grande parte da multidão que ia na direção dos portões tinha um aspecto fatigado de viagem, carroças caindo aos pedaços e cavalos cansados, roupas amarrotadas por muitas noites de sono difícil, passos arrastados e olhos cansados. Mas, cansados ou não, os olhares se fixavam nos portões como se passar para dentro das muralhas fosse acabar com toda a fadiga.

Meia dúzia de Guardas da Rainha postava-se junto aos portões, seus coletes vermelhos e brancos limpos e malhas e placas polidas, num contraste agudo com a maioria das pessoas que afluíam sob o arco de pedra. Costas rígidas e cabeças retas, eles olhavam os recém-chegados com desconfiança e desdém. Estava claro que prefeririam mandar voltar a maioria dos que entravam. Entretanto, além de manter a passagem livre para o tráfego que deixava a cidade e dizer palavras duras para os que tentassem forçar passagem rápido demais, eles não impediam ninguém de passar.

— Fiquem em seus lugares. Não empurrem. Não empurrem! Que a Luz os cegue! Há espaço para todos, que a Luz nos ajude. Fiquem em seus lugares.

A carroça de Bunt passou pelos portões com a maré lenta da multidão e entrou em Caemlyn.

A cidade ficava sobre colinas baixas, como degraus subindo em direção a um centro. Outra muralha cercava esse centro, reluzindo num branco puro e percorrendo as colinas. Do lado de dentro havia ainda mais torres e domos, em branco, ouro e púrpura, com sua elevação no topo das colinas fazendo-as parecer olhar de cima para o resto de Caemlyn. Rand achou que aquilo devia ser a Cidade Interior da qual Bunt havia falado.

A Estrada de Caemlyn propriamente dita mudava assim que entrava na cidade, tornando-se um amplo bulevar, dividido ao meio por largas faixas de grama arborizadas. A grama estava marrom, e os galhos das árvores estavam nus, mas as pessoas passavam apressadas como se não vissem nada fora do normal, rindo, conversando, discutindo, fazendo tudo que as pessoas fazem. Como se não tivessem ideia de que não houvera primavera naquele ano, e poderia não haver. Elas não viam, Rand percebeu, não conseguiam ou não queriam ver. Seus olhos passavam ao largo dos galhos sem folhas, e elas caminhavam pela grama morta e moribunda sem olhar para baixo uma vez sequer. O que não viam podiam ignorar; o que não viam não estava de fato ali.

Olhando boquiaberto para a cidade e as pessoas, Rand foi pego de surpresa quando a carroça virou numa rua lateral, mais estreita que o bulevar, mas ainda duas vezes mais larga que qualquer rua em Campo de Emond. Bunt fez o cavalo parar e se virou para olhar os dois, hesitante. Ali, o tráfego era um pouco mais leve; a multidão se dividia ao redor da carroça sem reduzir a velocidade.

— O que você está escondendo debaixo do seu manto é realmente o que Holdwin diz?

Rand estava no ato de jogar seus alforjes sobre os ombros. Sequer piscou.

— O que você quer dizer? — Sua voz também estava firme. O estômago estava todo embrulhado, mas a voz mostrava-se firme.

Mat abafou um bocejo com uma das mãos, mas enfiou a outra embaixo do casaco, segurando a adaga de Shadar Logoth, Rand sabia, e seus olhos tinham um olhar duro, de animal caçado, sob o cachecol que lhe envolvia a cabeça. Bunt evitou olhar para Mat, como se soubesse que havia uma arma naquela mão escondida.

— Nada, eu acho. Agora olhem só. Se vocês ouvirem que eu estava vindo para Caemlyn, ficaram ali tempo suficiente para ouvir o resto. Se eu estivesse atrás de recompensa, teria dado alguma desculpa para entrar na Ganso e Coroa e falar com Holdwin. Só que eu não gosto muito de Holwdin, e não gosto nem um pouco daquele amigo dele. Parece-me que ele quer vocês dois mais que... qualquer

outra coisa.

— Eu não sei o que ele quer — disse Rand. — Nós nunca o vimos antes. — Poderia até ser verdade. Ele não conseguia distinguir um Desvanecido de outro.

— Bom, como eu digo, eu não sei de nada, e acho que não quero saber. Já há problema suficiente para todo mundo sem que eu precise sair procurando mais.

Mat demorou a pegar as próprias coisas, e Rand já estava na rua antes que ele começasse a descer. Rand aguardou impacientemente. Rígido, Mat deu as costas à carroça, abraçando arco e aljava e o rolo do cobertor ao peito, resmungando baixinho. Sombras pesadas escureciam suas pálpebras inferiores.

O estômago de Rand roncou, e ele fez uma careta. A fome combinada com um revirar ácido no estômago o fez ter medo de vomitar. Mat o encarava, esperando. *Para que lado ir? O que fazer agora?*

Bunt se inclinou e fez um gesto para que ele se aproximasse. Ele foi, na esperança de receber algum conselho sobre Caemlyn.

— Eu esconderia essa... — O velho fazendeiro fez uma pausa e olhou ao redor, desconfiado. Pessoas passavam pelos dois lados da carroça, mas, tirando umas poucas imprecações sobre estarem bloqueando o caminho, ninguém lhes dava a menor atenção. — Pare de usá-la — disse. — Esconda, venda. Dê. Meu conselho é esse. Uma coisa dessas vai chamar atenção, e eu acho que você não quer nada disso.

Endireitou-se subitamente, estalando a língua para o cavalo, e seguiu devagar pela rua lotada sem dizer mais uma palavra nem olhar para trás. Um carroção carregado de barris veio na direção deles. Rand pulou fora do caminho, cambaleou, e quando tornou a olhar, Bunt e sua carroça haviam sumido de vista.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Mat. Ele umedeceu os lábios, fitando de olhos arregalados todas as pessoas que passavam apressadas e os prédios que se agigantavam, com até seis andares. — Estamos em Caemlyn, mas o que vamos fazer? — Ele havia destampado as orelhas, mas suas mãos tremiam como se ele quisesse pô-las de volta. Um zumbido pairava sobre a cidade, o ruído baixo e constante de centenas de lojas trabalhando, milhares de pessoas conversando. Para Rand, era como estar dentro de uma colmeia gigante. — Mesmo que estejam aqui, Rand, como poderíamos encontrá-los em tudo isto?

— Moiraine nos encontrará — disse Rand devagar. A imensidão da cidade lhe

pesava nos ombros; queria sair dali, esconder-se de todas aquelas pessoas e daquele ruído. O vazio lhe escapava, apesar dos ensinamentos de Tam; seus olhos traziam a cidade inteira com eles. Concentrou-se no que estava imediatamente à sua volta, ignorando tudo o que se encontrava mais além. Olhando apenas aquela única rua, ela quase parecia Baerlon. Baerlon, o último lugar em que haviam todos achado que estavam a salvo. *Ninguém mais está a salvo. Talvez eles estejam mesmo todos mortos. O que fazer então?*

— Eles estão vivos! Egwene está viva! — afirmou ferozmente. Diversos passantes olharam com estranheza para ele.

— Talvez — disse Mat. — Talvez. E se Moiraine não nos encontrar? E se ninguém nos encontrar a não ser o... o... — Ele estremeceu, incapaz de dizer a palavra.

— Vamos pensar nisso quando chegar a hora — respondeu Rand com firmeza. — *Se acontecer.* — A pior das hipóteses significava procurar Elaida, a Aes Sedai do Palácio. Seguiria até Tar Valon primeiro. Não sabia se Mat se lembrava do que Thom dissera sobre a Ajah Vermelha... e a Negra... mas ele certamente lembrava. Seu estômago começou a dar voltas novamente. — Thom disse para procurarmos uma estalagem chamada A Bênção da Rainha. É para lá que iremos primeiro.

— Como? Não temos condições nem sequer de dividir uma refeição.

— Pelo menos é um lugar por onde começar. Thom achou que poderíamos encontrar ajuda lá.

— Eu não posso... Rand, eles estão por toda parte. — Mat baixou os olhos até as pedras do calçamento e pareceu encolher, tentando se afastar das pessoas ao redor deles. — Para onde quer que a gente vá, eles estão bem atrás de nós, ou à nossa espera. Eles estarão na Bênção da Rainha também. Eu não posso... Nada vai deter um Desvanecido.

Rand agarrou o colarinho de Mat com a mão, que com muito esforço ele impedia de tremer. Precisava de Mat. Talvez os outros estivessem vivos... *Luz, por favor!*... mas, naquele momento, eram apenas Mat e ele. Pensar em prosseguir sozinho... Ele engoliu em seco e sentiu o gosto de bile.

Olhou ao redor rapidamente. Ninguém parecia ter ouvido Mat mencionar o Desvanecido; a multidão forçava passagem, perdida em suas próprias preocupações. Ele aproximou o rosto do de Mat.

— Nós chegamos até aqui, não chegamos? — perguntou, num sussurro rouco. — Não nos pegaram ainda. Vamos conseguir chegar até o fim. Basta não desistirmos. Eu não vou simplesmente desistir e esperar por eles como uma ovelha pelo abate. Não vou! Bem, você vai ficar parado aqui até morrer de fome? Ou até eles virem apanhá-lo num saco?

Ele soltou Mat e lhe deu as costas. Suas unhas estavam cravadas nas palmas das mãos, mas estas ainda tremiam. De repente Mat estava caminhando ao seu lado, os olhos ainda abaixados, e Rand soltou um longo suspiro.

— Desculpe, Rand — resmungou Mat.

— Esqueça — disse Rand.

Os olhos de Mat mal se erguiam o suficiente para que ele evitasse esbarrar nas pessoas enquanto as palavras saíam numa voz sem vida.

— Não consigo parar de pensar que nunca mais vou ver minha casa. Eu quero ir para casa. Pode rir se quiser; eu não ligo. O que eu não daria para ter minha mãe me fazendo um sermão neste momento. É como um peso no meu cérebro; um peso quente. Estranhos por todos os lados, e nenhum jeito de saber em quem confiar, se é que posso confiar em alguém. Luz, os Dois Rios estão tão longe que parecem estar do outro lado do mundo. Estamos sozinhos, e nunca vamos voltar para casa. Nós vamos morrer, Rand.

— Ainda não — retorquiu Rand. — Todo mundo morre. A Roda gira. Mas eu não vou me enroscar num canto e esperar que isso aconteça.

— Parece Mestre al'Vere falando — resmungou Mat, mas sua voz já havia se animado um pouco.

— Ótimo — disse Rand. — Ótimo. — *Luz, permita que os outros estejam todos bem. Por favor, não nos deixe sozinhos.*

Ele começou a pedir orientações sobre como chegar à Bênção da Rainha. As respostas variavam imensamente — um impropério contra todos que não ficavam em seus devidos lugares ou um dar de ombros e um olhar vazio sendo as mais comuns. Outros passavam direto sem mais que um olhar de relance, se tanto.

Um homem de rosto largo, quase tão grande quanto Perrin, inclinou a cabeça e disse:

— A Bênção da Rainha, hein? Vocês garotos da roça são homens da Rainha? — Ele usava um laço branco no chapéu de aba larga e uma faixa branca no braço de seu casaco longo. — Bem, vocês chegaram tarde demais.

Ele saiu gargalhando estrondosamente, deixando Rand e Mat se entreolhando, intrigados. Rand deu de ombros: havia muita gente esquisita em Caemlyn, gente como ele nunca havia visto antes.

Algumas pessoas se destacavam na multidão, com a pele muito escura ou muito clara, casacos de cortes estranhos ou cores vivas, chapéus pontudos ou com penachos longos. Havia mulheres com véus cobrindo o rosto, mulheres com vestidos armados de largura igual à altura de quem o usava, mulheres com vestidos que deixavam mais pele à mostra que qualquer empregada de taverna que ele já vira. Ocasionalmente uma carruagem, toda pintada em cores vivas e folheada a ouro, espremia-se pelas ruas lotadas atrás de uma parelha de quatro ou seis cavalos com plumas nos arreios. Liteiras estavam por toda parte, os carregadores abrindo caminho sem se importar com quem empurravam para os lados.

Rand viu uma briga começar assim, um grupo agressivo de homens balançando os punhos enquanto outro homem, de pele muito clara, usando um casaco de listras vermelhas, descia da liteira caída de lado. Dois homens vestidos de maneira rústica, que pareciam estar apenas de passagem por ali até então, pularam em cima dele antes que sáisse do caminho. A multidão que havia parado para ver começou a ficar furiosa, resmungando e brandindo os punhos. Rand puxou Mat pela manga e saiu apressado. Mat não precisou de um segundo chamado. O rugido de um pequeno tumulto os acompanhou rua abaixo.

Por diversas vezes outros homens se aproximaram dos dois, e não o contrário. Suas roupas cheias de pó os marcavam como recém-chegados, e eles pareciam agir como um ímã para certos tipos. Sujeitos furtivos que ofereciam relíquias de Logain com olhares inquietos e pés prontos para correr. Rand calculou que lhe ofereceram pedaços suficientes do manto do falso Dragão e fragmentos de sua espada para fazer duas espadas e meia dúzia de mantos. O rosto de Mat brilhou com interesse, pelo menos da primeira vez, mas Rand dava a todos um não seco, e eles o aceitavam com um aceno de cabeça e um rápido “A Luz ilumine a Rainha, bom mestre”, e sumiam. A maior parte das lojas tinha pratos e copos pintados com cenas exóticas que propunham mostrar o falso Dragão sendo exibido diante da Rainha. E havia Mantos-brancos nas ruas. Cada qual caminhava em um espaço aberto que se movia junto com ele, assim como em Baerlon.

Passar despercebido foi algo sobre o que Rand pensou bastante. Ele mantinha o

manto sobre a espada, mas isso não seria suficiente por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde alguém iria se perguntar o que ele estava escondendo. Ele não iria, não podia, aceitar o conselho de Bunt para deixar de usá-la, não seu vínculo com Tam. Com seu pai.

Muitos outros na multidão usavam espadas, mas nenhuma com a marca da garça para chamar atenção. Todos os homens de Caemlyn, entretanto, e alguns dos estranhos, tinham suas espadas envoltas em faixas de pano, bainha e punho, vermelhas amarradas com cordas brancas, ou brancas amarradas com cordas vermelhas. Uma centena de marcas da garça podia se esconder embaixo daquelas faixas e ninguém veria. Além disso, seguir a moda local faria com que eles parecessem mais ajustados ao lugar.

Uma boa quantidade de lojas apresentava na frente bancadas que exibiam os panos e cordões, e Rand parou em uma delas. O pano vermelho era mais barato que o branco, embora ele não conseguisse ver diferença entre eles além da cor, de modo que comprou esse e o cordão branco para combinar, apesar das queixas de Mat sobre quão pouco dinheiro ainda tinham. O vendedor de lábios contraídos os olhou de cima a baixo com a boca torcida enquanto aceitava os cobs de Rand, e os xingou quando Rand pediu para amarrar sua espada em um lugar ali dentro.

— Não viemos ver Logain — disse Rand pacientemente. — Viemos só para ver Caemlyn. — Lembrou-se de Bunt e acrescentou: — A maior cidade do mundo. — A carranca do vendedor permaneceu. — Que a Luz ilumine a boa Rainha Morgase — insistiu Rand, esperançoso.

— Se vocês criarem qualquer problema — disse o homem, amargo —, há cem homens ao alcance da minha voz que virão e cuidarão de vocês mesmo que os Guardas não o façam. — Fez uma pausa para cuspir, errando por pouco o pé de Rand. — Vão logo cuidar da vidinha suja de vocês.

Rand assentiu como se o homem tivesse se despedido alegremente deles e puxou Mat para longe dali. Mat continuou olhando para trás, na direção da loja, grunhindo para si mesmo, até Rand levá-lo para um beco vazio. De costas para a rua, nenhum passante podia ver o que estavam fazendo. Rand tirou o cinturão da espada e começou a envolver a bainha e o punho com o tecido.

— Aposto que ele cobrou o dobro por esse maldito pano — disse Mat. — O triplo.

Não era tão fácil quanto parecia amarrar as faixas de pano e o cordão para que a coisa toda não caísse.

— Todo mundo vai tentar nos passar a perna, Rand. Eles pensam que nós viemos ver o falso Dragão, assim como os outros. A gente vai ter sorte se ninguém acertar nossa cabeça enquanto estivermos dormindo. Isto aqui não é lugar para nós. Tem gente demais. Vamos partir para Tar Valon agora. Ou para o sul, para Illian. Eu não me importaria em ver as pessoas se reunindo para a Caçada à Trombeta. Se não pudermos ir para casa, então pelo menos vamos embora.

— Eu vou ficar — disse Rand. — Se eles já não estiverem aqui, virão para cá mais cedo ou mais tarde, procurando por nós.

Ele não sabia ao certo se havia feito as amarrações como todos faziam, mas as garças na bainha e no punho estavam escondidas e ele achou que estava tudo firme. Quando voltou para a rua, estava certo de que tinha uma coisa a menos com que se preocupar. Mat seguia ao lado dele, relutante como se estivesse sendo puxado por uma coleira.

Pouco a pouco Rand foi conseguindo as orientações que queria. No começo eram vagas, algo como “mais ou menos naquela direção” e “vá por ali”. Mas, quanto mais perto chegavam, mais claras eram as instruções, até que finalmente pararam na frente de um prédio grande de pedra, com uma placa em cima da porta rangendo ao vento. Um homem ajoelhado diante de uma mulher com cabelos ruivos acobreados e uma coroa, uma de suas mãos repousando sobre a cabeça curvada dele. A Bênção da Rainha.

— Tem certeza? — perguntou Mat.

— É claro — disse Rand. Respirou fundo e empurrou a porta.

O salão era grande, com revestimento de madeira escura, e era aquecido pelo fogo de duas lareiras. Uma criada varria o chão, embora ele estivesse limpo, e outra polia candelabros no canto. Ambas sorriram para os dois recém-chegados antes de voltarem ao trabalho.

Apenas algumas mesas estavam ocupadas, mas uma dúzia de homens era uma multidão àquela hora da manhã, e, se ninguém parecia exatamente feliz em vê-los, pelo menos todos pareciam limpos e sóbrios. O cheiro de rosbife e pão assando vinham da cozinha e fizeram a boca de Rand se encher de água.

O estalajadeiro era gordo, ele ficou contente em ver, um homem de rosto rosado com um avental branco engomado, cabelos grisalhos penteados para trás sobre uma careca que não conseguiam cobrir direito. Seu olhar aguçado os analisou da cabeça aos pés, roupas sujas de pó, trouxas e botas gastas, mas ele também tinha um sorriso pronto e agradável. Basel Gill era seu nome.

— Mestre Gill — disse Rand —, um amigo nosso nos disse que viéssemos aqui. Thom Merrilin. Ele... — O sorriso do estalajadeiro vacilou. Rand olhou para Mat, mas ele estava ocupado demais sentindo os aromas que vinham da cozinha para reparar em qualquer outra coisa. — Há algo de errado? O senhor o conhece?

— Conheço — disse Gill, seco. Parecia mais interessado na caixa da flauta ao lado de Rand do que em qualquer outra coisa. — Venham comigo. — Ele fez um gesto com a cabeça na direção dos fundos do prédio. Rand deu um puxão em Mat para que ele acordasse, e então ele o seguiu, perguntando-se o que estava acontecendo.

Na cozinha, Mestre Gill fez uma pausa para falar com a cozinheira, uma mulher gorda, com os cabelos presos num coque atrás da cabeça, que quase se equiparava ao estalajadeiro no peso. Ela não parou de mexer suas panelas enquanto Mestre Gill falava. Os cheiros eram tão bons — dois dias de fome eram um belo tempero para qualquer coisa, mas aquilo ali tinha um cheiro tão bom quanto a cozinha da Senhora al'Vere — que o estômago de Rand roncou. Mat estava se inclinando, com o nariz na direção das panelas. Rand lhe deu um cutucão; Mat limpou apressadamente o queixo onde a baba havia começado a escorrer.

Então o estalajadeiro os empurrou com pressa pela porta dos fundos. No pátio do estábulo ele olhou ao redor, certificando-se de que ninguém mais estava por perto, depois se virou para eles. Para Rand.

— O que tem aí na caixa, rapaz?

— A flauta de Thom — disse Rand devagar. Ele abriu a caixa, como se mostrar a flauta folheada a ouro e prata fosse ajudar. A mão de Mat se esgueirou para dentro do casaco.

Mestre Gill não tirou os olhos de Rand.

— Sim, eu a reconheço. Eu o vi tocá-la muitas vezes, e provavelmente não existem duas iguais fora de uma corte real. — Os sorrisos agradáveis desapareceram, e seus olhos aguçados ficaram subitamente afiados como uma faca. — Como você a conseguiu? Thom daria o braço, mas não daria essa flauta.

— Ele a deu para mim. — Rand tirou o manto embrulhado de Thom de suas costas e o colocou no chão, desdobrando o suficiente para mostrar os retalhos coloridos, bem como a ponta da caixa da harpa. — Thom está morto, Mestre Gill. Se ele era seu amigo, eu lamento. Ele também era meu amigo.

— Morto, você diz. Como?

— Um... um homem tentou nos matar. Thom jogou isto para mim e nos mandou correr. — Os remendos se agitaram ao vento como borboletas. A garganta de Rand embargou; ele dobrou o manto cuidadosamente. — Teríamos sido mortos se não fosse por ele. Estávamos vindo juntos para Caemlyn. Ele nos disse para virmos aqui, para sua estalagem.

— Vou acreditar que ele está morto — disse o estalajadeiro lentamente — quando eu vir o corpo. — Ele empurrou o manto embrulhado com a ponta do pé e pigarreou. — Não, não, eu acredito que você viu o que viu; só não acredito que ele esteja morto. Ele é um homem mais duro de matar do que vocês podem acreditar, o velho Thom Merrilin.

Rand pôs a mão no ombro de Mat.

— Está tudo bem, Mat. Ele é um amigo.

Mestre Gill olhou de relance para Mat e deu um suspiro.

— Suponho que eu seja.

Mat se endireitou devagar, cruzando os braços sobre o peito. Mas ainda observava o estalajadeiro, desconfiado, e um músculo em sua bochecha repuxava.

— Vindo para Caemlyn, você diz? — O estalajadeiro sacudiu a cabeça. — Este é o último lugar da terra para o qual eu esperava que Thom viesse, exceto talvez Tar Valon. — Ele esperou que um cavaliário passasse, conduzindo um cavalo, e mesmo assim abaixou a voz. — Imagino que vocês tenham tido problemas com as Aes Sedai.

— Sim — grunhiu Mat, ao mesmo tempo que Rand falou:

— O que faz o senhor pensar isso?

Mestre Gill deu uma risada seca.

— Eu conheço o homem, é só. Ele pularia de cabeça nesse tipo de problema, especialmente para ajudar dois rapazes da idade de vocês... — As reminiscências em seus olhos desapareceram, e ele se endireitou com um olhar cauteloso. — Agora... ah... Não estou fazendo acusação nenhuma, garoto, mas... ah... Imagino que nenhum de vocês dois possa... ah... o que estou querendo dizer é que... ah... qual é exatamente a natureza do seu problema com

Tar Valon, se não se importam que eu pergunte?

A pele de Rand se arrepiou toda quando ele percebeu o que o homem estava sugerindo. O Poder Único.

— Não, não, nada parecido com isso. Eu juro. Havia até uma Aes Sedai nos ajudando. Moiraine era... — mordeu a língua, mas a expressão do estalajadeiro não mudou em nenhum momento.

— Fico feliz por ouvir isso. Não que eu tenha muito amor pelas Aes Sedai, mas melhor elas do que... aquela outra coisa. — Ele balançou a cabeça devagar. — Está se falando muito naquele tipo de coisa com essa história de trazer Logain para cá. Não quis ofender, entendam, mas... bem, eu precisava saber, não é?

— Não nos ofendemos — disse Rand. O murmúrio de Mat poderia ter sido qualquer coisa, mas o estalajadeiro pareceu entendê-lo da mesma maneira que Rand.

— Vocês dois parecem do tipo certo, e eu acredito que vocês eram... são... amigos de Thom, mas estes são tempos difíceis e dias duros. Não suponho que possam pagar, certo? Não, achei que não. Não há nada sobrando, e o pouco que há custa os olhos da cara, então eu lhes darei camas... não as melhores, mas quentes e secas, e algo para comer, e não posso prometer mais do que isso, por mais que queira.

— Obrigado — disse Rand, lançando um olhar intrigado para Mat. — É mais do que eu esperava. — O que seria o tipo certo, e por que ele *deveria* prometer mais?

— Bem, Thom é um bom amigo. Um velho amigo. Cabeça quente, e suscetível a dizer a pior coisa possível justamente à pessoa a quem não deveria, mas um bom amigo mesmo assim. Se ele não aparecer... bem, pensaremos em algo, então. É melhor que vocês não falem mais sobre Aes Sedai ajudando vocês. Eu sou um bom homem da Rainha, mas há muitos em Caemlyn neste instante que entenderiam isso errado, e não estou falando só dos Mantos-brancos.

Mat bufou.

— Para mim, os corvos podem levar todas as Aes Sedai direto para Shayol Ghul!

— Cuidado com a língua — retrucou Mestre Gill. — Eu disse que não as amo; não disse que sou um tolo que acha que elas estão por trás de tudo o que há de

errado. A Rainha apoia Elaída, e os Guardas defendem a Rainha. A Luz faça com que as coisas não deem errado a ponto de mudar. De qualquer maneira, ultimamente alguns Guardas têm esquecido de suas posições o suficiente para serem um tanto duros com as pessoas que ouvem falando contra as Aes Sedai. Não quando estão de serviço, graças à Luz, mas já aconteceu mesmo assim. Eu não preciso de Guardas de folga quebrando meu salão para ensinar uma lição a vocês, e não preciso de Mantos-brancos incitando alguém a pintar a Presa do Dragão na minha porta. Então, se vocês quiserem alguma ajuda de mim, guardem seus pensamentos sobre as Aes Sedai para si mesmos, bons ou ruins. — Ele fez uma pausa pensativa e então acrescentou: — Talvez seja melhor que vocês também não mencionem o nome de Thom onde qualquer pessoa, exceto eu, possa ouvir. Alguns dos Guardas têm memória longa, e a Rainha também. Não há necessidade de se correr risco.

— Thom teve problemas com a Rainha? — perguntou Rand, incrédulo, e o estalajadeiro riu.

— Então ele não lhes contou tudo. Não sei por que deveria. Por outro lado, não sei por que vocês também não devam saber. Não que seja exatamente um segredo. Vocês pensam que todo menestrel se acha tão bom quanto Thom? Bom, pensando bem, acho que sim, mas sempre me pareceu que Thom tinha essa característica um pouco mais desenvolvida. Ele nem sempre foi menestrel, sabiam?, vagando de aldeia em aldeia e dormindo frequentemente debaixo de uma cerca-viva. Houve um tempo em que Thom Merrill era o bardo da Corte bem aqui em Caemlyn, e era conhecido em cada corte real de Tear a Maradon.

— Thom? — espantou-se Mat.

Rand assentiu lentamente. Ele conseguia visualizar Thom na corte de uma Rainha, com sua postura imponente e seus gestos grandiosos.

— Ele era — disse Mestre Gill. — Não foi muito depois da morte de Taringail Damodred que o... problema com seu sobrinho aconteceu. Houve quem dissesse que Thom era, digamos, mais próximo da Rainha do que seria adequado. Mas Morgase era uma viúva jovem, e Thom estava em seu auge, e a Rainha pode fazer o que desejar, em minha opinião. Só que ela sempre teve um temperamento difícil, nossa boa Morgase, e ele partiu sem dizer uma palavra quando soube em que tipo de problema seu sobrinho estava metido. A Rainha não gostou muito disso. Também não gostou que ele se metesse em assuntos das Aes Sedai. Não posso dizer que acho que isso era certo também, sobrinho ou não. De qualquer maneira, quando voltou, ele disse algumas palavras, isso é certo. Palavras que não se dizem a uma Rainha. Palavras que você não diz a nenhuma

mulher com o espírito de Morgase. Elaida se voltou contra ele por causa de sua tentativa de se meter nos negócios de Tar Valon com seu sobrinho, e entre o temperamento da Rainha e a animosidade de Elaida, Thom deixou Caemlyn apenas meio passo à frente de um passeio até a prisão, senão até o machado do carrasco. Até onde sei, o edito ainda vale.

— Se foi há tanto tempo — disse Rand —, talvez ninguém se lembre.

Mestre Gill balançou a cabeça.

— Gareth Bryne é Capitão-general dos Guardas da Rainha. Foi ele quem pessoalmente comandou os Guardas que Morgase enviou para trazer Thom de volta acorrentado, e duvido que ele jamais tenha se esquecido que retornou de mãos vazias para descobrir que Thom já havia voltado ao palácio e partido novamente. E a Rainha nunca esquece *nada*. Você já viu uma mulher que esquecesse? Nossa, mas Morgase ficou fora de si. Juro que a cidade inteira andou na ponta dos pés e sussurrando por um mês inteiro. Também há muitos outros Guardas velhos o bastante para lembrar. Não, melhor você manter Thom como um segredo tanto quanto essa sua Aes Sedai. Venham, vou lhes dar de comer. Vocês estão com cara de quem está com o estômago grudado nas costas.





A Teia do Padrão

Mestre Gill os levou até uma mesa de canto no salão e mandou uma das criadas lhes trazer comida. Rand balançou a cabeça quando viu os pratos, com algumas fatias finas de carne coberta de molho, uma porção pequena de folhas de mostarda e duas batatas em cada prato. Mas seu gesto foi de tristeza e resignação, e não de raiva. Não havia o bastante de nada, dissera o estalajadeiro. Pegando o garfo e a faca, Rand se perguntou o que aconteceria quando não restasse mais nada. Isso fez seu prato pela metade parecer um banquete. E o fez tremer.

Mestre Gill escolheu uma mesa bem distante de todos, e sentou-se de costas para o canto, a fim de vigiar o aposento. Ninguém podia se aproximar o suficiente para ouvir o que diziam sem que ele visse. Quando a criada se afastou, ele disse suavemente:

— Agora, por que vocês não me contam sobre esse problema de vocês? Se vou ajudar, é melhor saber no que estou me metendo.

Rand olhou para Mat, mas este estava olhando para seu prato de testa franzida, como se estivesse zangado com a batata que cortava. Rand respirou fundo.

— Na verdade, eu mesmo não entendo — começou.

Evitou complicar a história, e manteve os Trollocs e Desvanecidos de fora. Quando alguém oferecia ajuda, não adiantava dizer que se tratava de fábulas. Mas ele tampouco achava que fosse justo subestimar o perigo; não era justo

arrastar para o problema alguém que não fazia ideia de onde iria se meter. Alguns homens estavam atrás dele e de Mat, e de outros amigos deles também. Esses homens apareciam onde eram menos esperados, eram mortalmente perigosos e tinham a intenção de matar a ele e seus amigos, ou pior. Moiraine dissera que alguns deles eram Amigos das Trevas. Thom não confiava completamente em Moiraine, mas permanecera com eles, dissera, por causa de seu sobrinho. Eles haviam se separado durante um ataque enquanto tentavam chegar a Ponte Branca, e então, lá, Thom morrera salvando-os de outro ataque. E havia acontecido outras tentativas. Ele sabia que tinha furos na história, mas foi o melhor que conseguiu fazer sem dizer mais do que era seguro.

— Nós simplesmente seguimos até Caemlyn — explicou. — Esse era o plano original. Caemlyn, e depois Tar Valon. — Ele se mexeu, incomodado, na ponta da cadeira. Depois de manter tudo em segredo por tanto tempo, era estranho contar a alguém mesmo o pouco que ele estava dizendo. — Se continuarmos nessa rota, os outros serão capazes de nos encontrar mais cedo ou mais tarde.

— Se estiverem vivos. — Mat resmungou para seu prato.

Rand não olhou para Mat. Algo o levou a acrescentar:

— Ajudar-nos pode lhe trazer problemas.

Mestre Gill dispensou esse comentário com um gesto da mão rechonchuda.

— Não é que eu queira problemas, mas não seria minha primeira vez. Nenhum maldito Amigo das Trevas vai me fazer dar as costas aos amigos de Thom. Agora, esta sua amiga do norte... se ela vier para Caemlyn, eu ficarei sabendo. Há pessoas aqui que ficam de olho em idas e vindas como essa, e as notícias correm.

Rand hesitou, mas acabou perguntando:

— E Elaida?

O estalajadeiro também hesitou, e finalmente sacudiu a cabeça.

— Acho que não. Talvez, se vocês não tivessem ligação com Thom. Ela descobriria isso na hora, e aí onde vocês estariam? Não há como saber. Talvez numa cela. Ou pior. Dizem que ela sente as coisas... o que aconteceu, o que vai acontecer. Dizem que ela pode ir direto ao que um homem quer esconder. Eu não sei, mas não me arriscaria. Se não fosse por Thom, vocês poderiam procurar os Guardas. Eles cuidariam de qualquer Amigo das Trevas bem rápido. Mas,

ainda que vocês conseguissem deixar de mencionar Thom para os Guardas, isso chegaria aos ouvidos de Elaida assim que mencionassem os Amigos das Trevas, e aí vocês voltariam à estaca zero.

— Nada de Guardas — concordou Rand. Mat assentiu vigorosamente enquanto enfiava um garfo na boca e deixava o molho escorrer pelo queixo.

— O problema é que vocês estão metidos no limiar da política, rapaz, mesmo que isso não tenha sido provocado por vocês, e a política é um pântano nebuloso cheio de cobras.

— E se ... — começou Rand, mas o estalajadeiro fez uma careta de repente, sua cadeira rangendo sob seu peso enorme quando ele ficou ereto.

A cozinheira encontrava-se em pé na porta da cozinha, limpando as mãos no avental. Quando viu o estalajadeiro olhando, fez um gesto para que ele fosse até lá, depois sumiu de volta à cozinha.

— Até parece que sou casado com ela — suspirou Mestre Gill. — Descobre coisas que precisam de conserto antes que eu saiba que há algo de errado. Se não são os ralos ou as calhas entupidas, são os ratos. Eu mantenho este lugar limpo, entendam, mas, com tanta gente na cidade, os ratos estão por toda parte. Aglomere muito as pessoas e você terá ratos, e Caemlyn passou a ter uma praga deles de repente. Vocês não acreditariam no que um bom gato, um rateiro de primeira, está valendo hoje em dia. O quarto de vocês fica no sótão. Vou dizer às garotas qual é; qualquer uma delas poderá levá-los até lá. E não se preocupe com Amigos das Trevas. Não posso dizer muita coisa boa a respeito dos Mantos-brancos, mas, com eles e os Guardas, essa laia não vai dar as caras em Caemlyn. — Sua cadeira rangeu de novo quando ele a empurrou para trás e se levantou. — Espero que não sejam os ralos de novo.

Rand voltou à comida, mas ele viu que Mat havia parado de comer.

— Achei que você estava com fome — disse ele. Mat ficava olhando para a comida, empurrando um pedaço de batata em um círculo com o garfo. — Você precisa comer, Mat. Precisamos conservar as forças se quisermos chegar a Tar Valon.

Mat soltou, baixinho, uma risada amarga.

— Tar Valon! Todo esse tempo era Caemlyn. Moiraine estaria esperando por nós em Caemlyn. Nós iríamos encontrar Perrin e Egwene em Caemlyn. Tudo estaria bem se conseguíssemos chegar a Caemlyn. Bem, aqui estamos, e nada

está bem. Nada de Moiraine, nada de Perrin, nada de ninguém. Agora tudo vai ficar bem se conseguirmos chegar a Tar Valon.

— Estamos vivos — disse Rand, com mais rispidez do que havia pretendido. Ele respirou fundo e tentou moderar o tom de voz. — Estamos vivos. Isto é ótimo. E eu pretendo continuar vivo. Pretendo descobrir por que somos tão importantes. Eu não vou desistir.

— Todas essas pessoas, e qualquer uma delas pode ser um Amigo das Trevas. Mestre Gill prometeu nos ajudar rápido demais. Que tipo de homem simplesmente não dá a mínima para Aes Sedai e Amigos das Trevas? Não é natural. Qualquer pessoa decente nos diria para dar o fora, ou... ou... ou sei lá.

— Coma — disse Rand gentilmente, e ficou olhando até Mat começar a mastigar um pedaço de carne.

Ele deixou as mãos descansando ao lado do prato por um minuto, pressionando-as contra a mesa para evitar que tremessem. Estava apavorado. Não com Mestre Gill, claro, mas tinha motivos suficientes. Aquelas muralhas altas da cidade não deteriam um Desvanecido. Talvez ele devesse contar isso ao estalajadeiro. Mas, mesmo que Mestre Gill acreditasse, será que ele estaria disposto a ajudar se achasse que um Desvanecido poderia aparecer na Bênção da Rainha? E os ratos? Talvez ratos proliferassem quando houvesse muita gente, mas ele se lembrou do sonho que não fora um sonho em Baerlon, e uma pequena espinha se partindo. *Às vezes o Tenebroso usa comedores de carniça como seus olhos*, fora o que Lan dissera. *Corvos, ratos...*

Comeu, mas, quando acabou, não conseguia se lembrar do sabor de uma única garfada.

Uma criada da casa, a que estava polindo candelabros quando eles entraram, levou-os até o quarto no sótão. Uma lucarna se abria na parede externa inclinada, com uma cama de cada lado e ganchos próximos à porta para pendurarem seus pertences. A garota de olhos escuros retorcia a saia e dava risadinhas toda vez que olhava para Rand. Ela era bonita, mas ele sabia que se lhe dissesse qualquer coisa faria apenas papel de bobo. Ela o fez desejar ter o jeito que Perrin tinha com as garotas; ficou feliz quando ela saiu.

Esperou algum comentário de Mat, mas, assim que ela saiu, Mat se jogou numa das camas, ainda com manto e botas, e virou o rosto para a parede.

Rand pendurou suas coisas, olhando para as costas de Mat. Achou que ele estava com a mão embaixo do casaco, segurando a adaga novamente.

— Você vai ficar deitado aqui em cima, escondido? — perguntou.

— Estou cansado — resmungou Mat.

— Ainda temos perguntas a fazer ao Mestre Gill. Ele pode até ser capaz de nos dizer como encontrar Egwene e Perrin. Eles já podem estar em Caemlyn, se conseguiram manter seus cavalos.

— Eles estão mortos — disse Mat para a parede.

Rand hesitou, depois desistiu. Fechou a porta devagar e saiu, torcendo para que Mat realmente dormisse.

Lá embaixo, entretanto, não conseguiu encontrar Mestre Gill em parte alguma, embora o olhar aguçado da cozinheira dissesse que ela também estava procurando por ele. Durante um tempo Rand ficou sentado no salão, mas quando deu por si estava olhando discretamente cada frequentador que entrava; cada estranho que podia ser qualquer um, ou qualquer coisa, especialmente no momento em que não passava de uma silhueta com um manto na porta. Um Desvanecido no aposento seria como uma raposa num galinheiro.

Um Guarda entrou, vindo da rua. O homem, uniformizado de vermelho, parou logo depois de passar da porta, correndo um olhar frio por aqueles no aposento que eram obviamente de fora da cidade. Rand estudou o tampo da mesa quando os olhos do Guarda recaíram sobre ele; quando voltou a olhar para cima, o homem havia desaparecido.

A criada de olhos escuros estava passando, com os braços cheios de toalhas.

— Eles fazem isso às vezes — disse ela, num tom de confiança ao passar por ele. — Só para ver se não há nenhum problema. Eles cuidam da boa gente da Rainha, cuidam mesmo. Você não tem nada com que se preocupar. — Ela deu um risinho.

Rand balançou a cabeça. Nada com que se preocupar. O Guarda não iria abordá-lo e exigir saber se ele conhecia Thom Merrilin. Estava ficando tão mal quanto Mat. Empurrou a cadeira para trás.

Outra criada estava verificando o óleo nos lampiões ao longo da parede.

— Há outro aposento onde eu possa me sentar? — Rand perguntou a ela. Ele não queria voltar para cima e se trancar com Mat em seu isolamento mal-humorado. — Talvez uma sala de jantar particular que não esteja sendo usada?

— Tem a biblioteca. — Ela apontou para uma porta. — Por ali, à sua direita, no fim do corredor. Pode estar vazia a esta hora.

— Obrigado. Se encontrar Mestre Gill, pode lhe dizer que Rand al'Thor precisa falar com ele se tiver um minuto?

— Vou dizer — respondeu ela e sorriu. — A cozinheira também quer falar com ele.

O estalajadeiro provavelmente estava se escondendo, ele pensou ao dar-lhe as costas.

Quando entrou no aposento ao qual ela o havia direcionado, parou e olhou, estupefato. As prateleiras deviam conter trezentos ou quatrocentos livros, mais do que ele jamais havia visto em um só lugar antes. Encadernados em tecido, em couro, com detalhes dourados. Apenas uns poucos tinham lombadas de madeira. Seus olhos percorreram, famintos, os títulos, descobrindo antigos favoritos. *As Jornadas de Jain, o Viajante. Os Ensaios de Willim de Maneches*. Ele ficou sem fôlego ao ver um exemplar encadernado em couro das *Viagens Entre o Povo do Mar*. Tam sempre quisera ler esse.

Imaginando Tam, virando o livro nas mãos com um sorriso, sentindo-o antes de se acomodar diante da lareira com seu cachimbo para ler, sua própria mão segurou firme o punho da espada com uma sensação de perda e vazio que diminuiu todo o prazer que sentia com os livros.

Ouviu alguém pigarrear atrás dele, e subitamente percebeu que não estava só. Pronto para se desculpar por sua rudeza, ele se virou. Estava acostumado a ser mais alto que quase todos, mas dessa vez seus olhos subiram e subiram e subiram, e seu queixo caiu. Então chegou à cabeça, que quase tocava o teto de cerca de duas braças de altura. Um nariz tão largo quanto o rosto, que mais parecia um focinho. Sobrancelhas que pendiam como caudas, emoldurando olhos pálidos do tamanho de xícaras de chá. Orelhas que terminavam em pontas peludas que atravessavam uma juba negra. *Trolloc!* Ele soltou um grito e tentou recuar e sacar a espada. Tropeçou nos próprios pés e caiu sentado com força.

— Gostaria que vocês humanos não fizessem isso — lamentou uma voz profunda como o toque de um surdo. As orelhas peludas estremeckeram violentamente, e a voz se encheu de tristeza. — Tão poucos de vocês se lembram de nós. Suponho que a culpa seja nossa mesmo. Bem poucos de nós têm saído entre os homens desde que a Sombra caiu sobre os Caminhos. Isso foi há... ah, seis gerações. Logo depois da Guerra dos Cem Anos. — A cabeça peluda balançou e soltou um suspiro digno de um touro. — Tempo demais, tempo demais, e tão poucos para

viajar e ver que era o mesmo que nada.

Rand ficou ali sentado por um minuto, boquiaberto, olhando para a aparição trajada em botas de bico largo até os joelhos e um casaco azul-escuro abotoado do pescoço à cintura que então se abria até o alto das botas como um *kilt* sobre calças largas. Numa das mãos havia um livro, que parecia minúsculo em comparação com um dedo da grossura de três marcando a página.

— Pensei que você fosse... — começou Rand, mas então se conteve. — O que você...? — Não sou melhor. Levantando-se, ele ofereceu cautelosamente a mão num cumprimento. — Meu nome é Rand al'Thor.

Uma enorme mão, do tamanho de um pernil, engolfou a dele; foi acompanhada de uma mesura formal.

— Loial, filho de Arent, filho de Halan. Seu nome canta em meus ouvidos, Rand al'Thor.

Isso soou como um cumprimento ritual para Rand. Ele retribuiu a mesura.

— Seu nome canta em meus ouvidos, Loial, filho de Arent... ah... filho de Halan.

Tudo aquilo era um tanto irreal. Ele ainda não sabia o *que* Loial era. O toque dos dedos imensos de Loial era surpreendentemente gentil, mas mesmo assim Rand ficou aliviado por ter sua mão de volta inteira.

— Vocês humanos são muito temperamentais — disse Loial, em seu retumbante baixo profundo. — Eu já tinha ouvido todas as histórias, e lido os livros, é claro, mas não acreditei. No meu primeiro dia em Caemlyn, não pude crer na confusão. Crianças choravam, mulheres gritavam, e uma multidão me perseguiu por toda a cidade, brandindo porretes, facas e tochas e gritando: “Trolloc!” Receio que eu estivesse quase começando a ficar um pouco aborrecido. Não sei o que poderia ter acontecido se um grupo dos Guardas da Rainha não tivesse aparecido.

— Foi uma sorte — disse Rand baixinho.

— Sim, mas até mesmo os Guardas pareciam sentir quase tanto medo de mim quanto os outros. Já faz quatro dias que estou em Caemlyn, e não fui capaz de pôr o nariz para fora desta estalagem. O bom Mestre Gill chegou até a me pedir para não usar o salão. — Suas orelhas estremeçeram. — Não que ele não tenha sido muito hospitaleiro, entenda. Mas aconteceu uma certa confusão naquela primeira

noite. Todos os humanos pareciam querer ir embora ao mesmo tempo. Tantos gritos, berros, todos tentando atravessar a porta juntos. Alguns deles poderiam ter se machucado.

Rand ficou olhando, fascinado, para aquelas orelhas que tremiam.

— Eu lhe digo, não foi para isso que deixei o pouso.

— Você é um Ogier! — exclamou Rand. — Espere! Seis gerações? Você mencionou a Guerra dos Cem Anos! Quantos anos você tem? — No instante em que fez a pergunta, percebeu que tinha sido grosseiro, mas Loial mostrou-se mais defensivo que ofendido.

— Noventa anos — disse o Ogier muito sério. — Daqui a apenas mais dez vou poder me dirigir ao Cepo. Acho que os Anciões deviam ter me deixado falar, já que eles estavam decidindo se eu podia partir ou não. Mas também eles sempre se preocupam com qualquer um de qualquer idade indo para Fora. Vocês humanos são tão apressados, tão erráticos... — Ele piscou e fez uma pequena mesura. — Por favor, me perdoe. Eu não devia ter dito isso. Mas vocês realmente brigam o tempo todo, mesmo quando não há necessidade.

— Sem problema — disse Rand. Ele ainda estava tentando assimilar a idade de Loial. Mais velho do que o idoso Cenn Buie, e ainda não era velho o bastante para... Sentou-se em uma das cadeiras de espaldar alto. Loial sentou-se em outro assento, feito para acomodar duas pessoas; ele o preenchia por completo. Sentado, era tão alto quanto a maioria dos homens em pé. — Pelo menos eles deixaram você partir.

Loial olhou para o chão, franzindo o nariz e esfregando-o com um dedo grosso.

— Bem, quanto a isso... Sabe, o Cepo estava em reunião não fazia muito tempo, nem mesmo um ano, mas eu podia dizer pelo que havia ouvido que, quando eles chegassem a uma decisão, eu estaria velho o bastante para ir sem a permissão deles. Receio que eles não de dizer que não tive muita paciência, mas eu simplesmente... parti. Os Anciões sempre disseram que eu era cabeça quente demais, e receio ter provado que eles tinham razão. Pergunto-me se eles já perceberam que parti. Mas eu tinha de ir.

Rand mordeu o lábio para evitar rir. Se Loial era um Ogier de cabeça quente, ele podia imaginar como seria a maioria dos Ogier. A reunião começara não fazia muito tempo, nem mesmo um ano? Mestre al'Vere simplesmente balançaria a cabeça, pasmo; uma reunião de Conselho de Aldeia que durasse metade de um dia já faria todo mundo ficar inquieto, até mesmo Haral Luhhan. Uma onda de

saudade de casa o atingiu, dificultando sua respiração por causa das lembranças de Tam, e Egwene, e da Estalagem Fonte de Vinho, e do Bel Tine no Campo em dias mais felizes. Ele as afastou à força.

— Se não se importa que eu pergunte — disse, pigarreando —, por que você quis vir... ah, para Fora... tanto assim? Eu gostaria de nunca ter saído de casa.

— Para ver, ora — disse Loial, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Eu li os livros, todos os relatos de viajantes, e começou a arder em mim a sensação de que eu tinha de ver, não só ler. — Seus olhos pálidos brilharam, e as orelhas se enrijeceram. — Estudei cada fragmento que consegui encontrar sobre viagens, sobre os Caminhos, e os costumes das terras humanas, e as cidades que construímos para vocês após a Ruptura do Mundo. E quanto mais eu lia, mais sabia que tinha de ir para Fora, para aqueles lugares onde havíamos estado, e ver os bosques com meus próprios olhos.

Rand piscou.

— Bosques?

— Sim, os bosques. As árvores. Apenas algumas das Grandes Árvores, é claro, subindo, altaneiras, para o céu a fim de manter viva a lembrança dos pousos.

— Sua cadeira gemeu quando ele deslocou o peso para a frente, gesticulando com as mãos, uma das quais ainda segurava o livro. Seus olhos brilhavam mais do que nunca, e as orelhas quase estremeceram. — Na maioria das vezes eles utilizavam as árvores da terra e da região. Não se pode fazer a terra ir contra si mesma. Não por muito tempo; a terra se rebela. Você precisa moldar a visão à terra, não a terra à visão. Em cada bosque foi plantada cada árvore que cresceria e floresceria naquele lugar, cada uma equilibrada com relação à seguinte, cada qual colocada para complementar as outras, para o melhor crescimento, é claro, mas também de forma que o equilíbrio cantasse aos olhos e ao coração. Ah, os livros falavam de bosques que faziam Anciões chorarem e rirem ao mesmo tempo, bosques para permanecer verdes para sempre na memória.

— E quanto às cidades? — perguntou Rand. Loial lhe dirigiu um olhar intrigado. — As cidades. As cidades que os Ogier construíram. Aqui, por exemplo. Caemlyn. Foram Ogier que construíram Caemlyn, não foram? As histórias contam isso.

— Trabalhar com pedra... — Loial deu de ombros, um movimento enorme. — Foi algo que aprendemos nos anos após a Ruptura, durante o Exílio, quando ainda estávamos tentando reencontrar os pousos. É uma coisa boa, suponho, mas não é a coisa genuína. Por mais que você tente, e eu li que os Ogier

que construíram as cidades realmente tentaram, não se consegue dar vida à pedra. Uns poucos ainda trabalham com pedra, mas apenas porque vocês humanos danificam os prédios tão frequentemente com suas guerras. Havia um punhado de Ogier em... ah... Cairhien, é como se chama agora... quando passei por lá. Por sorte eram de outro pouso, então não sabiam nada a meu respeito, mas mesmo assim ficaram desconfiados por eu estar Fora sozinho tão jovem. Suponho que tenha sido bom também não haver razão para eu ficar por lá. De qualquer maneira, trabalhar com pedra é simplesmente uma coisa que nos foi imposta pela trama do Padrão; os bosques vieram do coração.

Rand balançou a cabeça. Metade das histórias com as quais ele crescera havia acabado de vir abaixo.

— Eu não sabia que os Ogier acreditavam no Padrão, Loial.

— Claro que acreditamos. A Roda do Tempo tece o Padrão das Eras, e as vidas são os fios que ela tece. Ninguém sabe dizer como o fio de sua própria vida será tecido dentro do Padrão, ou como o fio de um povo será tecido. Ela nos deu a Ruptura do Mundo, e o Exílio, e a Pedra, e a Saudade, e acabou nos devolvendo os pousos antes que todos morrêssemos. Às vezes penso que a razão pela qual vocês humanos são do jeito que são é porque seus fios são tão curtos. Eles precisam pular no meio da trama. Ah, pronto, fiz de novo. Os Anciões dizem que vocês humanos não gostam de ser lembrados do tempo tão curto que vivem. Espero não ter ferido seus sentimentos.

Rand riu e balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Suponho que seria divertido viver tanto tempo quanto vocês, mas nunca pensei a respeito. Acho que viver tanto quanto o velho Cenn Buie já seria o bastante para qualquer um.

— Ele é um homem muito velho?

Rand apenas assentiu. Não ia explicar que o velho Cenn Buie não era tão velho quanto Loial.

— Bem — disse Loial —, talvez vocês humanos tenham de fato vidas curtas, mas fazem tanta coisa com elas, sempre pulando de um lado para outro, sempre tão apressados! E vocês têm o mundo inteiro para isso. Nós, Ogier, estamos presos aos nossos pousos.

— Você está Fora.

— Por algum tempo, Rand. Mas um dia terei de voltar. Este mundo é seu, seu e da sua espécie. Os pousos são meus. Aqui Fora há muito barulho e confusão. E tanta coisa mudou em relação ao que eu havia lido...

— Bem, as coisas mudam ao longo dos anos. Algumas, pelo menos.

— Algumas? Metade das cidades sobre as quais li não existe mais, e a maioria das restantes é conhecida por nomes diferentes. Cairhien, por exemplo. O nome adequado da cidade é Al'cair'rahiennallen, Colina da Aurora Dourada. Eles nem sequer se lembram, apesar do nascer do sol em seus estandartes. E o bosque de lá? Duvido que ele tenha sido cuidado desde as Guerras dos Trollocs. É apenas outra floresta agora, onde eles cortam lenha. As Grandes Árvores desapareceram todas, e ninguém se lembra delas. E aqui? Caemlyn ainda é Caemlyn, mas eles deixaram a cidade crescer bem em cima do bosque. Não estamos nem a um quarto de milha do centro dele bem aqui onde estamos sentados... ou de onde o centro dele deveria estar. Não restou uma árvore sequer. Eu também estive em Tear e Illian. Nomes diferentes, e nenhuma lembrança. Só há pasto para seus cavalos onde ficava o bosque em Tear, e em Illian o bosque é o parque do Rei, onde ele caça seus cervos, e ninguém pode entrar sem a permissão dele. Tudo mudou, Rand. Tenho muito receio de encontrar a mesma coisa em todo lugar aonde for. Todos os bosques perdidos, todas as memórias perdidas, todos os sonhos mortos.

— Você não pode desistir, Loial. Não pode desistir jamais. Se desistisse, seria o mesmo que estar morto. — Rand afundou novamente em sua cadeira até onde podia ir, o rosto ficando vermelho. Ele esperou que o Ogier risse dele, mas em vez disso Loial concordou muito sério com um aceno de cabeça.

— Sim, é assim a sua espécie, não é? — A voz do Ogier mudou, como se ele estivesse citando alguém. — Até que os abrigos se vão, até que a água se vá, saltando na Sombra com os dentes à mostra, gritando em desafio com seu último fôlego, para cuspir no olho do Tira-visão no Último Dia. — Loial inclinou a cabeça peluda esperando algo, mas Rand não fazia ideia do quê.

Um minuto se passou com Loial esperando, depois outro, e suas sobranceiras começaram a abaixar, intrigadas. Mas ele ainda assim ficou esperando, num silêncio cada vez mais incômodo para Rand.

— As Grandes Árvores — disse Rand finalmente, só para que alguma coisa quebrasse aquele silêncio —, elas são como *Avendesora*?

Loial se endireitou na cadeira de repente; a cadeira gemeu e rangeu tão alto que Rand achou que ela iria desmontar.

— Você sabe que não é isso. Logo você.

— Eu? Como é que eu iria saber?

— Está brincando comigo? Às vezes vocês do Deserto Aiel acham engraçadas as coisas mais estranhas.

— O quê? Eu não sou do Deserto Aiel! Eu sou dos Dois Rios. Eu nunca sequer vi um Aiel!

Loial balançou a cabeça, e os tufos em suas orelhas se projetaram para fora e para baixo.

— Está vendo? Está tudo mudado, e metade do que eu sei é inútil. Espero não tê-lo ofendido. Tenho certeza de que seus Dois Rios são um lugar muito bom, seja lá onde for.

— Alguém me contou — disse Rand — que ele um dia se chamou Manetheren. Eu nunca tinha ouvido falar, mas quem sabe você...

As orelhas do Ogier se agitaram, felizes.

— Ah! Sim. Manetheren. — Os tufos desceram novamente. — Havia um belo bosque lá. Sua dor canta no meu coração, Rand al'Thor. Nós não conseguimos chegar a tempo.

Loial fez uma mesura de onde estava, e Rand retribuiu o gesto. Ele suspeitava que Loial ficaria magoado se ele não o fizesse, pensaria que era no mínimo rude. Ficou imaginando se Loial achava que ele tinha o mesmo tipo de memória que os Ogier pareciam ter. Os cantos da boca e dos olhos de Loial estavam certamente voltados para baixo, como se ele estivesse compartilhando da dor da perda de Rand, como se a destruição de Manetheren não fosse algo ocorrido mais ou menos dois mil anos antes, algo de que Rand só sabia por causa da história de Moiraine.

Depois de algum tempo, Loial suspirou.

— A Roda gira — disse ele —, e ninguém conhece o seu giro. Mas você está quase tão longe de casa quanto eu. Uma distância bem considerável, do jeito que as coisas estão hoje. Quando os Caminhos eram abertos livremente, é claro... mas isso foi há muito tempo. Diga-me: o que o traz tão longe? Há alguma coisa que você queira ver também?

Rand abriu a boca para dizer que tinham vindo para ver o falso Dragão... e não

conseguiu. Talvez fosse porque Loial agia como se não fosse mais velho do que Rand, noventa anos de idade ou não. Talvez para um Ogier noventa anos fosse o equivalente da idade dele. Fazia muito tempo desde que conseguira realmente conversar com alguém sobre o que estava acontecendo. Sempre havia o medo de que as pessoas fossem Amigos das Trevas, ou de que achessem que ele o era. Mat estava tão ensimesmado, alimentando seus temores com as próprias desconfianças, que não dava para conversar com ele. Rand se viu contando a Loial sobre a Noite Invernal. Não uma história vaga sobre Amigos das Trevas; mas a verdade sobre os Trollocs arrombando sua porta, e um Desvanecido na Estrada da Pedreira.

Parte dele sentia-se horrorizada com o que estava fazendo, mas era quase como se ele fosse duas pessoas, uma tentando segurar a língua enquanto a outra sentia apenas o alívio de ser capaz de finalmente contar tudo. O resultado foi que ele tropeçou, gaguejou e pulou de um lado para outro da história. Shadar Logoth e a perda de seus amigos na noite, sem saber se estavam vivos ou mortos. O Desvanecido em Ponte Branca, e Thom morrendo para que eles pudessem escapar. O Desvanecido em Baerlon. Amigos das Trevas depois, Howal Gode, e o garoto que tinha medo deles, e a mulher que tentara matar Mat. O Meio-homem do lado de fora da Ganso e Coroa.

Quando ele começou a falar sobre sonhos, mesmo a parte dele que queria desabafar sentiu os pelos se eriçarem na nuca. Ele se conteve e trincou os dentes. Respirando pesado pelo nariz, ficou observando o Ogier com desconfiança, torcendo para que ele achasse que se tratava de pesadelos. A Luz sabia que tudo aquilo soava como um pesadelo, ou o suficiente para dar pesadelos a qualquer um. Talvez Loial pensasse simplesmente que ele estava ficando louco. Talvez...

— *Ta'veren* — disse Loial.

Rand piscou.

— O quê?

— *Ta'veren* — Loial coçou atrás de uma das orelhas pontudas com um dedo grosso e deu de ombros levemente. — O Ancião Haman sempre dizia que eu nunca escutava, mas às vezes escutava sim. Às vezes eu escutava. Você sabe como o Padrão é tecido, sim?

— Nunca parei realmente para pensar nisso — disse Rand, devagar. — Ele simplesmente é.

— Sim, bem. Não exatamente. Sabe, a Roda do Tempo tece o Padrão das Eras, e

os fios que ela utiliza são vidas. Não é fixo, o Padrão. Nem sempre. Se um homem tenta mudar a direção de sua vida, e o Padrão tem espaço para isso, a Roda simplesmente tece e acomoda isso. Sempre existe espaço para pequenas mudanças, mas às vezes o Padrão simplesmente não aceita uma mudança grande, não importa o quanto você tente. Entende?

Rand assentiu.

— Eu poderia viver na fazenda ou em Campo de Emond, e essa seria uma mudança pequena. Mas se eu quisesse ser um rei... — Ele deu uma risada, e Loial deu um sorriso que quase partiu seu rosto em dois. Seus dentes eram brancos, e do tamanho de cinzéis.

— Sim, é isso mesmo. Mas às vezes a mudança escolhe você, ou a Roda escolhe a mudança para você. E às vezes a Roda dobra um fio de vida, ou vários fios, de forma tal que todos os fios em volta são forçados a girar em torno deles, e os segundos forçam outros fios, que por sua vez forçam mais outros, e assim por diante. Aquela primeira dobra para compor a Teia, isso é *ta'veren*, e não há nada que você possa fazer para mudá-la, não até que o próprio Padrão mude. A Teia, *ta'maral'ailen*, como ela é chamada, pode durar semanas, ou anos. Pode envolver uma cidade, ou até mesmo todo o Padrão. Artur Asa-de-gavião era *ta'veren*. Lews Therin Fratricida também era, suponho. — Ele soltou uma risadinha retumbante. — O Ancião Haman teria orgulho de mim. Ele não parava de falar, e, apesar de os livros sobre viagens serem muito mais interessantes, eu escutava às vezes.

— Isso tudo é muito bom — disse Rand —, mas não entendo o que tem a ver comigo. Eu sou um pastor, não outro Artur Asa-de-gavião. Nem Mat, nem Perrin. Isso é simplesmente... ridículo.

— Eu não disse que você era, mas quase pude sentir o Padrão girando em torno de você ao ouvi-lo contar sua história, e eu não tenho nenhum Talento para isso. Você é *ta'veren*, sim. Você é talvez seus amigos também. — O Ogier fez uma pausa, esfregando pensativamente a ponta do nariz largo. Por fim ele assentiu para si mesmo como se tivesse chegado a uma decisão. — Eu quero viajar com você, Rand.

Por um minuto Rand ficou olhando fixamente para ele, perguntando-se se havia ouvido direito.

— Comigo?! — exclamou quando conseguiu falar. — Não ouviu o que eu disse a respeito de...? — Olhou subitamente para a porta. Ela estava bem fechada, e era espessa o bastante para que qualquer um que tentasse escutar do outro lado

ouvisse apenas um murmúrio, mesmo com a orelha colada à madeira. Mesmo assim, ele continuou falando com voz baixa. — A respeito de quem está me caçando? Além do mais, pensei que você quisesse ir ver suas árvores.

— Há um bosque muito bom em Tar Valon, e me disseram que as Aes Sedai o mantêm bem cuidado. Além disso, não quero só ver as árvores. Talvez você não seja outro Artur Asa-de-gavião, mas, pelo menos durante algum tempo, parte do mundo irá se moldar ao seu redor. Talvez esteja se moldando ao seu redor neste exato momento. Até mesmo o Ancião Haman iria querer ver isso.

Rand hesitou. Seria bom ter mais alguém junto. Do jeito como Mat vinha se comportando, estar com ele era quase como estar sozinho. O Ogier era uma presença reconfortante. Talvez ele fosse jovem da maneira como os Ogier calculavam idade, mas ele parecia imóvel como uma rocha, como Tam. E Loial havia estado em todos aqueles lugares, e sabia sobre outros. Ele olhou para o Ogier, sentado ali com sua cara larga, o retrato da paciência. Sentado ali, e mais alto sentado que a maioria dos homens em pé. *Como se esconde alguém com quase duas braças de altura?* Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Não acho que seja uma boa ideia, Loial. Mesmo que Moiraine nos encontre aqui, estaremos em perigo durante todo o caminho até Tar Valon. Se ela não nos encontrar... — *Se ela não nos encontrar, então está morta, e todos os outros também. Oh, Egwene.* Balançou com força a cabeça. Egwene não estava morta, e Moiraine os encontraria.

Loial olhou para ele com simpatia e tocou seu ombro.

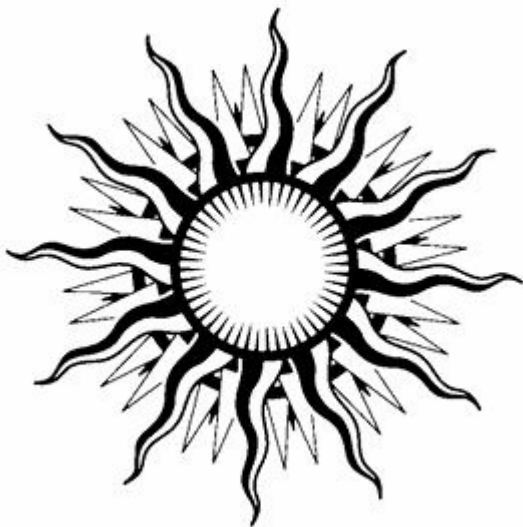
— Tenho certeza de que seus amigos estão bem.

Rand assentiu em agradecimento. Sua garganta estava apertada demais para falar.

— Você pelo menos conversará comigo de vez em quando? — Loial suspirou, um som baixo, profundo. — E talvez me enfrente em um jogo de pedras? Não falo com ninguém há dias, com exceção do bom Mestre Gill, e ele está ocupado a maior parte do tempo. A cozinheira parece fustigá-lo sem dó nem piedade. Talvez ela é que seja de fato a dona da estalagem, não?

— Sim, claro. — A voz de Rand saiu rouca. Ele pigarreou, limpando a garganta, e tentou sorrir. — E se nos encontrarmos em Tar Valon você poderá me mostrar o bosque de lá. — *Eles têm de estar bem. A Luz permita que estejam todos bem.*





A Longa Perseguição

Nynaeve segurou firme as rédeas dos três cavalos e olhou noite adentro como se pudesse de algum modo devassar a escuridão e encontrar a Aes Sedai e o Guardião. Árvores esqueléticas a cercavam, rígidas e negras à luz fraca do luar. As árvores e a noite davam uma cobertura eficiente para o que quer que Moiraine e Lan estivessem fazendo. Não que qualquer dos dois tivesse parado para explicar a ela o que era. Um “Mantenha os cavalos quietos” vindo de Lan, e eles se foram, deixando-a ali parada em pé como um cavaleiro. Ela olhou de relance para os cavalos e suspirou, exasperada.

Mandarb se fundia com a noite quase tão bem quanto o manto de seu dono. O

único motivo pelo qual o garanhão treinado para combate permitira que ela se aproximasse tanto assim era porque Lan havia ele mesmo lhe entregado as rédeas. Agora ele parecia suficientemente calmo, mas Nynaeve se lembrava bem demais dos lábios se arreganhando silenciosamente quando ela fora pegar seu bridão sem esperar a aprovação de Lan. O silêncio havia feito os dentes à mostra parecerem muito mais perigosos.

Com um último olhar desconfiado para o garanhão, ela se virou para espiar na direção em que os outros dois haviam partido, acariciando distraidamente seu próprio cavalo. Deu um pulo de susto quando Aldieb empurrou o focinho branco sob sua mão, mas depois de um instante ela também fez carinho na égua branca.

— Acho que não há necessidade de descontar em você — sussurrou — só porque sua senhora é fria e uma... — Ela se esforçou mais uma vez para enxergar no escuro. *O que eles estavam fazendo?*

Depois de deixarem Ponte Branca, eles passaram por aldeias que pareciam irreais em sua normalidade, aldeias de comércio comuns que a Nynaeve pareciam desconectadas de um mundo que tinha Desvanecidos, Trollocs e Aes Sedai. Eles seguiram pela estrada de Caemlyn até que finalmente Moiraine se inclinou para frente na sela de Aldieb, olhando para o leste como se pudesse ver toda a extensão da grande estrada, todas as muitas milhas que levavam até Caemlyn, e também o que os aguardava ali.

Depois de um tempo a Aes Sedai soltou o ar lentamente e voltou a se endireitar.

— Há de ser o que a Roda tecer — murmurou —, mas não consigo acreditar que ela teça um fim para a esperança. Primeiro devo cuidar das coisas de que posso ter certeza. Será como a Roda tecer. — E voltou sua égua para o norte, saindo da estrada e entrando na floresta. Um dos rapazes estava naquela direção com a moeda que Moiraine lhe dera. Lan a seguiu.

Nynaeve deu uma longa e última olhada para a estrada de Caemlyn. Poucas pessoas compartilhavam a estrada com eles ali, duas carroças de rodas altas e um carroção vazio ao longe, um punhado de gente a pé com seus pertences nas costas ou empilhados em carrinhos. Alguns admitiam sem problema que estavam a caminho de Caemlyn para ver o falso Dragão, mas a maioria negava com veemência, especialmente aqueles que haviam passado por Ponte Branca. Em Ponte Branca ela havia começado a acreditar em Moiraine. Um pouco. Mais, de qualquer maneira. E não havia qualquer consolo nisso.

O Guardião e a Aes Sedai quase sumiram de vista entre as árvores antes que ela começasse a segui-los. Ela correu para alcançá-los. Lan olhava frequentemente

para ela e acenava para que acompanhasse o ritmo, mas permanecia ao lado de Moiraine, e a Aes Sedai mantinha os olhos fixos à frente.

Certa noite, depois que eles deixaram a estrada, a trilha invisível falhou. Moiraine, a imperturbável Moiraine, subitamente se levantou ao lado da pequena fogueira onde a chaleira fervia o chá, arregalando os olhos.

— Sumiu — sussurrou ela para a noite.

— Ele...? — Nynaeve não conseguiu terminar a pergunta. *Luz, eu sequer sei qual deles é!*

— Ele não morreu — disse lentamente a Aes Sedai —, mas não possui mais o objeto. — Ela se sentou, o nível da voz e as mãos firmes quando tirou a chaleira das chamas e jogou dentro um punhado de chá. — Pela manhã, vamos prosseguir como temos feito. Quando eu chegar perto o bastante, poderei encontrá-lo sem a moeda.

Enquanto o fogo abaixava e se transformava em brasas, Lan se enrolou no próprio manto e foi dormir. Nynaeve não conseguiu dormir. Ficou observando a Aes Sedai. Moiraine estava com os olhos fechados, sentada com as costas retas, e Nynaeve sabia que ela estava acordada.

Muito depois que o último brilho já havia sumido das brasas, Moiraine abriu os olhos e virou-se para ela. Nynaeve podia sentir o sorriso da Aes Sedai mesmo na escuridão.

— Ele recuperou a moeda, Sabedoria. Tudo ficará bem. — Ela se deitou sobre seus cobertores com um suspiro e quase imediatamente caiu em sono profundo.

Nynaeve teve dificuldades para se juntar a ela, por mais cansada que estivesse. Sua mente conjurava o pior, não importava o quanto tentasse impedi-la. *Tudo ficará bem.* Depois de Ponte Branca ela não conseguia mais acreditar nisso assim tão fácil.

Bruscamente um susto arrancou Nynaeve de suas lembranças; havia uma mão no seu braço. Abafando o grito que lhe subiu à garganta, ela procurou a faca em seu cinto, a mão se fechando sobre o cabo antes que percebesse que a mão era de Lan.

O capuz do Guardião estava jogado para trás, mas seu manto de camaleão se fundia tão bem com a noite que o borrão tênue de seu rosto parecia pender suspenso na noite. A mão no braço dela parecia surgir em pleno ar.

Ela respirou fundo e estremeceu. Esperava que ele comentasse a facilidade com a qual havia se aproximado dela, mas em vez disso ele se virou para mexer nos próprios alforjes.

— Sua presença é necessária — disse ele e se ajoelhou para prender os cavalos com cordas.

Assim que os cavalos estavam presos, ele se levantou, segurou-a pela mão e partiu noite adentro mais uma vez. Seus cabelos escuros se ajustavam à noite quase tão bem quanto o manto, e ele fazia ainda menos barulho que ela. Relutante, Nynaeve teve de admitir que jamais poderia tê-lo seguido pela escuridão sem a mão dele como guia. De qualquer maneira, não sabia se conseguiria se soltar se ele não quisesse soltá-la; ele tinha mãos muito fortes.

Ao chegarem ao topo de uma pequena elevação que mal podia ser chamada de colina, ele se abaixou, apoiando-se num joelho e puxando-a consigo. Ela levou um instante para ver que Moiraine também estava ali. Imóvel, a Aes Sedai poderia ter passado por uma sombra em seu manto escuro. Lan fez um gesto colina abaixo até uma grande clareira entre as árvores.

Nynaeve franziu a testa à luz fraca do luar, então subitamente sorriu ao entender tudo. Aqueles borrões pálidos eram tendas em fileiras regulares, um acampamento às escuras.

— Mantos-brancos — sussurrou Lan. — Duzentos, talvez mais. Há água boa ali. E o rapaz do qual estamos atrás.

— No acampamento? — Ela sentiu, mais do que viu, Lan assentir.

— No meio dele. Moiraine consegue apontar direto para ele. Eu me aproximei o bastante para ver que ele está sob guarda.

— Prisioneiro? — perguntou Nynaeve. — Por quê?

— Não sei. Os Filhos não deveriam estar interessados num garoto de aldeia, não a menos que haja algo que os deixe desconfiados. Sabe a Luz que não é necessário muito para deixar os Mantos-brancos desconfiados, mas mesmo assim fico preocupado.

— Como você vai libertá-lo? — Só quando ele a olhou de relance ela percebeu a confiança que tinha na ideia de que ele pudesse marchar até o meio de duzentos homens e voltar com o garoto. *Bem, ele é um Guardião. Algumas das histórias devem ser verdade.*

Ela se perguntou se ele estava rindo dela, mas a voz dele tinha um tom neutro e profissional.

— Eu posso tirá-lo de lá, mas ele provavelmente não estará em forma para sair furtivamente. Se formos vistos, poderemos ter duzentos Mantos-brancos nos nossos calcanhares, e teremos de cavalgar o mais rápido que pudermos. A menos que estejam ocupados demais para nos caçar. Está disposta a correr um certo risco?

— Para ajudar alguém de Campo de Emond? É claro! Que tipo de risco?

Ele voltou a apontar para a escuridão, além das tendas. Dessa vez ela não conseguiu distinguir nada a não ser sombras.

— Os cavalos deles. Se as cordas dos piquetes forem cortadas, não totalmente, mas o bastante para que se rompam quando Moiraine criar uma distração, os Mantos-brancos estarão ocupados demais caçando seus próprios cavalos para vir atrás de nós. Há dois guardas daquele lado do acampamento, além das cordas, mas, se você tiver metade da competência que eu acho que tem, eles jamais a verão.

Ela engoliu em seco com dificuldade. Caçar coelhos era uma coisa; guardas, entretanto, com lanças e espadas... *Então ele acha que eu sou boa, é?*

— Eu consigo.

Lan assentiu novamente, como se não tivesse esperado menos que isso.

— Mais uma coisa. Há lobos por perto esta noite. Eu vi dois, e, se vi essa quantidade, provavelmente existem mais. — Ele fez uma pausa, e, embora sua voz não mudasse, ela teve a sensação de que ele estava intrigado. — Foi quase como se eles quisessem que eu os visse. De qualquer maneira, eles não devem incomodar você. Os lobos costumam manter distância das pessoas.

— Eu não teria como saber disso — disse ela docemente —, tendo crescido cercada de pastores. — Ele soltou um grunhido, e ela sorriu na escuridão.

— Vamos agora, então — ele disse.

O sorriso dela desapareceu quando ela olhou bem para o acampamento abaixo, cheio de homens armados. Duzentos homens com lanças e espadas e... Antes que ela pudesse reconsiderar, desembainhou a faca e começou a descer. Moiraine pegou-a pelo braço com quase tanta força quanto Lan.

— Cuidado — disse baixinho a Aes Sedai. — Assim que cortar as cordas, volte o mais rápido que puder. Você faz parte do Padrão também, e eu não poria sua vida em perigo mais que a de qualquer um dos outros se o mundo inteiro não estivesse em perigo.

Nynaeve esfregou o braço discretamente quando Moiraine o soltou. Não a deixaria saber que o aperto machucara. Mas Moiraine voltou a observar o acampamento abaixo assim que a soltou. E o Guardião havia sumido, Nynaeve percebeu com um susto. *Que a Luz cegue esse maldito homem!* Rapidamente ela amarrô suas saias para dar mais liberdade às pernas e saiu correndo noite adentro.

Depois daquela primeira corrida, com galhos caídos estalando sob seus pés, ela reduziu a velocidade, feliz por não haver ninguém ali para vê-la enrubescer. A ideia era fazer silêncio, e ela não estava em nenhum tipo de competição com o Guardião. *Ah, não?*

Afastou esse pensamento e se concentrou em seguir pela floresta escura. A coisa em si não era difícil; a luz fraca da lua minguante era mais que suficiente para qualquer um que tivesse aprendido com seu pai, e o terreno tinha um declive suave e tranquilo. Mas as árvores, nuas e rígidas contra o céu noturno, a lembravam constantemente de que aquilo não era nenhuma brincadeira de criança, e o som agudo do vento era muito parecido com as cornetas dos Trollocs. Sozinha na escuridão, lembrava-se de que os lobos, que normalmente fugiam de gente, haviam se comportado de modo diferente nos Dois Rios naquele inverno.

O alívio a envolveu como um calor quando finalmente sentiu o cheiro dos cavalos. Quase prendendo a respiração, deitou de bruços e começou a se arrastar contra o vento, na direção do cheiro.

Estava quase em cima dos guardas quando os viu, marchando na direção dela pela noite, mantos brancos drapejando ao vento e quase reluzindo ao luar. Se estivessem carregando tochas, a luz não poderia tê-los deixado muito mais visíveis. Ela parou onde estava, tentando se tornar parte do chão. Bem perto, à sua frente, a menos de dez passos, eles pararam de marchar com uma batida de pés, de frente um para o outro, lanças aos ombros. Logo além deles ela podia distinguir sombras que tinham de ser os cavalos. O cheiro de estábulo, cavalos e estume era forte.

— Tudo vai bem na noite — anunciou uma forma com um manto branco. — Que a Luz nos ilumine e nos proteja da Sombra.

— Tudo vai bem na noite — respondeu a outra. — Que a Luz nos ilumine e nos proteja da Sombra.

Com isso, eles se viraram e voltaram a marchar rumo à escuridão.

Nynaeve esperou, contando para si mesma enquanto eles faziam seu circuito duas vezes. De ambas eles levaram exatamente a mesma contagem, e a cada vez repetiam rigidamente a mesma fórmula, nem uma palavra a mais ou a menos. Nem sequer davam uma olhada de esguelha para o lado; olhavam direto para a frente ao virem marchando, e depois ao irem embora. Ela ficou se perguntando se eles teriam reparado nela mesmo que ela estivesse em pé.

Antes que a noite engolisse seus pálidos mantos tremulantes uma terceira vez, ela já estava de pé, correndo abaixada na direção dos cavalos. Ao se aproximar, reduziu a velocidade para não assustar os animais. Os guardas dos Mantos-brancos podiam não ver o que não estava enfiado bem debaixo de seus narizes, mas certamente investigariam se os cavalos comesçassem a relinchar.

Os cavalos nas fileiras de piquetes, e havia mais de uma fileira, eram massas quase indistintas na escuridão, com suas cabeças abaixadas. Ocasionalmente um deles resfolegava ou batia uma pata durante o sono. No luar pálido ela estava quase junto ao poste onde a corda estava amarrada antes de vê-la. Estendeu a mão para pegar a corda, e parou quando o cavalo mais próximo levantou a cabeça e olhou para ela. Sua rédea simples estava atada num laço grande ao redor da corda, da grossura de um polegar, que terminava no poste. *Um relincho.* Seu coração quase saía do peito, de tão forte que batia. Parecia tão alto que poderia chamar a atenção dos guardas.

Sem tirar os olhos do cavalo, ela cortou a corda, tateando na frente de sua lâmina para ver até que ponto havia cortado. O cavalo virou a cabeça, e ela gelou. *Só um relincho.*

Apenas alguns finos fios de cânhamo permaneciam inteiros sob seus dedos. Lentamente, ela passou para a corda seguinte, observando o cavalo até não poder mais ver se ele estava olhando para ela ou não, e então soltou o ar devagar. Se todos fossem assim, ela achava que não iria aguentar.

Mas na corda seguinte, e na seguinte, e na seguinte, os cavalos permaneceram dormindo, mesmo quando ela cortou o polegar e abafou um grito. Chupando o corte do dedo, ela olhou com desconfiança para o caminho por onde viera. Por estar contra o vento, não podia mais ouvir os guardas falarem, mas eles poderiam ouvi-la se estivessem no lugar certo. Se viessem ver o que era aquele ruído, o vento a impediria de ouvi-los até que estivessem bem em cima dela.

Hora de ir embora. Com quatro de cada cinco cavalos à solta, eles não vão perseguir ninguém.

No entanto ela não se moveu. Podia imaginar os olhos de Lan quando ele ouvisse o que ela havia feito. Não haveria acusação neles; o raciocínio dela era correto, e ele não esperaria mais dela. Ela era uma Sabedoria, não um maldito Guardião invencível que podia se tornar praticamente invisível. Travando o maxilar, ela avançou até a última corda. O primeiro cavalo ali era Bela.

Não havia como se enganar com aquela forma peluda e atarracada; pois haver outro cavalo assim, ali e agora, seria uma coincidência grande demais. Subitamente ficou tão feliz por não ter deixado para trás aquela última corda que começou a tremer. Seus braços e pernas se sacudiam tanto que lhe davam medo de tocar a corda, mas sua mente estava tão clara quanto o Fonte de Vinho. Não importava qual dos rapazes estava no acampamento, Egwene encontrava-se ali também. E se partissem os dois montados no mesmo cavalo, alguns dos Filhos os alcançariam, por mais que os cavalos estivessem dispersos, e alguém morreria. Tinha tanta certeza disso quanto se estivesse ouvindo no vento. Isso lhe deu um frio terrível na barriga, medo de *como* ela estava certa. Isso não tinha nada a ver com o tempo, colheitas ou doenças. *Por que Moiraine me disse que eu posso usar o Poder? Por que ela não me deixou em paz?*

Estranhamente, o medo fez com que Nynaeve parasse de tremer. Com mãos tão firmes como se estivesse moendo ervas em sua casa, ela cortou a corda da mesma forma que havia feito com as outras. Reembainhando a adaga, desamarrou a rédea principal de Bela. A égua peluda acordou com um susto, sacudindo a cabeça, mas Nynaeve acariciou seu focinho e sussurrou suavemente no ouvido dela. Bela resfolegou baixinho e pareceu contente.

Outros cavalos naquela fileira também acordaram e olharam para ela. Lembrando-se de Mandarb, ela estendeu hesitantemente a mão para a rédea seguinte, mas o cavalo não fez objeção à mão de uma estranha. De fato, parecia até querer um pouco do carinho no focinho que Bela havia recebido. Ela agarrou a rédea de Bela com força e passou a outra ao redor do próprio pulso, o tempo todo observando, nervosa, o acampamento. As tendas pálidas estavam a meras quinze braças, e ela podia ver homens se movimentando em meio a elas. Se reparassem nos cavalos se mexendo e viessem ver o que havia provocado aquilo...

Desesperadamente ela desejou que Moiraine não esperasse seu retorno. O que quer que a Aes Sedai fosse fazer, que fizesse agora. *Luz, que ela faça agora, antes que...*

Subitamente um relâmpago estilhaçou o céu noturno, obliterando momentaneamente a escuridão. O trovão chegou tão forte a seus ouvidos que ela achou que suas pernas lhe faltariam quando um tridente luminoso apunhalou o chão logo além dos cavalos, fazendo terra e rochas jorrarem como uma fonte. O som da terra despedaçada rivalizava com o do trovão. Os cavalos enlouqueceram, gritando e escoiceando; as cordas se partiram como barbantes onde ela as havia cortado. Outro relâmpago rasgou os céus antes que a imagem do primeiro tivesse desvanecido.

Nynaeve estava ocupada demais para comemorar. Com o primeiro barulho, Bela puxou para um lado enquanto o outro cavalo recuava na direção oposta. Ela sentiu como se os braços estivessem sendo arrancados. Por um instante interminável ela pendeu suspensa entre os cavalos, os pés fora do chão, seu grito abafado pelo segundo estrondo. Mais uma vez um raio caiu, e outro, e mais outro, num rugido ininterrupto dos céus. Bloqueados no caminho pelo qual queriam fugir, os cavalos recuaram assustados, deixando-a cair. Tudo o que ela queria era se abaixar no chão e cuidar dos ombros torturados, mas não houve tempo. Bela e o outro cavalo a fustigavam, olhos revirando selvagememente até só aparecerem os brancos, ameaçando derrubá-la e pisoteá-la. De algum modo ela conseguiu erguer os braços, agarrar a crina de Bela e subir na égua agitada. A outra rêdea ainda estava ao redor de seu pulso, enterrando-se com força na carne.

Ela ficou de queixo caído quando uma sombra cinzenta comprida passou rosnando, aparentemente ignorando-a, assim como os cavalos que estavam com ela, mas atacando com os dentes os animais enlouquecidos que disparavam em todas as direções. Uma segunda sombra da morte veio logo atrás. Nynaeve quis gritar de novo, mas nada saía de sua garganta. *Lobos! Luz, nos ajude! O que Moiraine está fazendo?*

Os calcanhares nos flancos de Bela não eram necessários. A égua saiu em disparada, e o outro cavalo ficou mais do que feliz em ir atrás. Para qualquer lugar, contanto que pudessem correr, contanto que pudessem fugir do fogo que vinha do céu e matava a noite.





Resgate

Perrin mexeu o corpo da melhor maneira que pôde com os pulsos amarrados às costas e finalmente, com um suspiro, desistiu. Cada pedra que evitava fazia com que encontrasse outras duas. Desajeitadamente, tentou cobrir-se com o manto mais uma vez. A noite estava fria, e o chão parecia sugar o calor de seu corpo, como acontecera todas as noites desde que os Mantos-brancos os capturaram. Os Filhos não achavam que prisioneiros precisassem de cobertores, nem de abrigo. Especialmente Amigos das Trevas perigosos.

Egwene se encolhia contra suas costas em busca de calor, dormindo o sono profundo da exaustão. Ela sequer murmurava quando ele se mexia. O sol já se pusera no horizonte havia muitas horas, e ele sentia dores da cabeça aos pés depois de um dia de caminhada atrás de um cavalo, com um cabresto no pescoço — mas para ele o sono não vinha.

A coluna não se movia tão rápido. Com a maioria de suas montarias de reserva perdidas para os lobos no pouso, os Mantos-brancos não podiam forçar a marcha tanto quanto queriam; o atraso era mais uma coisa que eles tinham contra os dois. Mas a linha dupla sinuosa se movia de modo constante. Lorde Bornhald queria chegar a Caemlyn a tempo fosse lá para o que fosse... E sempre no fundo da mente de Perrin estava o medo de que, se caísse, o Manto-branco que segurava sua correia não pararia, não importavam as ordens de Lorde Bornhald para mantê-los vivos para os Questionadores em Amador. Ele sabia que não se salvaria se isso acontecesse; as únicas vezes em que soltavam suas mãos eram quando ele era alimentado e para ir à latrina. O cabresto tornava cada passo arriscado, cada pedra sob seus pés potencialmente fatal. Ele caminhava com os músculos tensos, vasculhando o chão com olhos ansiosos. Sempre que olhava de esguelha para Egwene, ela estava fazendo o mesmo. Quando ela o olhava, seu rosto estava tenso e apavorado. Nenhum dos dois ousava tirar os olhos do chão por mais que um instante.

Normalmente ele desabava como um trapo torcido assim que os Mantos-brancos o deixavam parar, mas naquela noite sua mente estava a mil. Estava arrepiado de medo, um medo que crescia lentamente fazia dias. Se fechasse os olhos, só veria as coisas que Byar lhes prometia assim que chegassem a Amador.

Tinha certeza de que Egwene ainda não acreditava no que Byar lhes dizia com aquela voz neutra. Se acreditasse, não seria capaz de dormir, independentemente do quão cansada estivesse. No começo ele também não havia acreditado em Byar. Ainda não queria acreditar; as pessoas simplesmente não faziam coisas como aquelas a outras pessoas. Mas Byar não havia ameaçado de verdade; como se estivesse falando sobre tomar um gole de água, ele contara a respeito de ferros quentes e pinças, de facas cortando pele e agulhas perfurando. Não parecia estar tentando assustá-los. Não havia sequer um vestígio de satisfação em seus olhos. Ele simplesmente não se importava se estavam assustados ou não. Foi isso o que fez Perrin suar frio assim que se deu conta. Foi o que finalmente o convenceu de que Byar estava dizendo a mais pura verdade.

Os mantos dos dois guardas reluziam cinza no luar fraco. Ele não conseguia ver seus rostos, mas sabia que estavam vigiando. Como se ele e Egwene pudessem tentar fazer alguma coisa, com as mãos e os pés amarrados daquele jeito. De quando ainda havia luz suficiente para enxergar, Perrin se lembrava do nojo nos olhos semicerrados deles, como se tivessem recebido a ordem de vigiar monstros sujos, fedorentos e repelentes. Todos os Mantos-brancos olhavam para eles desse jeito. Nada mudava. *Luz, como faço para que eles acreditem que não somos Amigos das Trevas quando já estão convencidos de que somos?* Seu estômago enjoado embrulhava. No fim, ele provavelmente confessaria qualquer coisa só

para fazer os Questionadores pararem.

Alguém estava chegando, um Manto-branco trazendo um lampião. O homem parou para falar com os guardas, que responderam com respeito. Perrin não conseguiu ouvir o que era dito, mas reconheceu a forma alta e magra.

Apertou os olhos quando o lampião se aproximou muito de seu rosto. Byar levava o machado de Perrin na outra mão; ele havia se apropriado da arma. Perrin, pelo menos, não o via sem ela.

— Acorde — disse Byar, sem emoção, como se achasse que Perrin dormia com a cabeça erguida. As palavras foram acompanhadas por um chute forte nas costelas.

Perrin soltou um grunhido por entre os dentes trincados. Seu peito já era uma massa de escoriações graças às botas de Byar.

— Eu disse acorde.

O pé tornou a chutar, e Perrin falou rapidamente:

— Estou acordado. — Era preciso responder ao que Byar dizia, ou ele encontrava maneiras de atrair sua atenção.

Byar colocou o lampião no chão e se curvou para verificar as amarras dele. O homem puxou seu pulso com força, torcendo-lhe os braços e quase os deslocando. Ao encontrar os nós ainda tão apertados quanto os havia deixado, Byar puxou a corda de seu tornozelo, raspando-o contra o terreno pedregoso. O homem parecia muito esquelético para ter qualquer força, mas era como se Perrin fosse uma criança. Aquela era uma rotina noturna.

Quando Byar se endireitou, Perrin viu que Egwene ainda estava dormindo.

— Acorde! — gritou. — Egwene! Acorde!

— O qu... O quê? — A voz de Egwene estava assustada e ainda grogue de sono. Ela ergueu a cabeça, piscando com a luz do lampião.

Byar não mostrou nenhum sinal de decepção por não ser capaz de acordá-la com um chute. Simplesmente puxou com força as cordas dela do mesmo jeito que havia feito com Perrin, ignorando seus gemidos. Causar dor era outra daquelas coisas que pareciam não afetá-lo; Perrin era o único que ele realmente se esforçava para ferir. Mesmo que Perrin não conseguisse se lembrar, Byar não esquecia que ele havia matado dois dos Filhos.

— Por que Amigos das Trevas deveriam dormir — disse Byar de modo desapaixonado — quando homens decentes precisam ficar acordados para vigiá-los?

— Pela centésima vez — disse Egwene, fraca. — Não somos Amigos das Trevas.

Perrin ficou tenso. Às vezes uma negação dessas trazia uma lição num tom monocórdio rascante, sobre confissão e arrependimento, que levava a uma descrição dos métodos dos Questionadores para obtê-los. Às vezes trazia uma lição e um chute. Para sua surpresa, desta vez Byar ignorou.

Em vez disso, o homem se agachou na sua frente, todo ângulos e covas, com o machado no colo. O sol dourado no peito esquerdo de seu manto e as duas estrelas douradas embaixo dele reluziam à luz do lampião. Tirando o capacete, ele o colocou ao lado do lampião. Dessa vez havia alguma coisa além de desdém ou ódio em seu rosto, algo ilegível e determinado. Ele descansou os braços sobre o cabo do machado e ficou estudando Perrin intensamente. Perrin tentou não se mexer sob aquele olhar.

— Você está nos atrasando, Amigo das Trevas, você e seus lobos. O Conselho dos Ungidos já ouviu relatos de tais coisas, e eles querem saber mais, então você precisa ser levado para Amador e entregue aos Questionadores, mas você está nos atrasando. Eu havia esperado que pudéssemos nos mover com rapidez suficiente, mesmo sem as montarias de reserva, mas estava errado. — Ele ficou em silêncio, franzindo a testa para eles.

Perrin esperou; Byar lhe diria quando estivesse pronto.

— O Senhor Capitão está preso no abismo de um dilema — disse Byar por fim. — Por causa dos lobos ele deve levar você até o Conselho, mas ele também precisa chegar a Caemlyn. Não temos cavalos de sobra para carregar vocês, mas se continuarmos a deixá-los andar, não chegaremos a Caemlyn no tempo apazado. O Senhor Capitão vê suas tarefas com determinação e pretende colocar você perante o Conselho.

Egwene emitiu um som. Byar estava encarando Perrin fixamente, e este o encarou de volta, quase com medo de piscar.

— Não estou entendendo — disse lentamente.

— Não há o que entender — replicou Byar. — Nada a não ser especulação. Se vocês escapassem, não teríamos tempo de procurá-los. Não temos uma hora

sequer a perder se quisermos chegar a Caemlyn a tempo. Se vocês, digamos, cortassem as cordas com uma pedra afiada e sumissem à noite, o problema do Senhor Capitão estaria resolvido. — Sem tirar o olhar de Perrin, ele meteu a mão dentro do manto e jogou algo no chão.

Os olhos de Perrin seguiram a coisa automaticamente. Quando percebeu o que era, arquejou. Uma pedra. Uma pedra partida com ponta afiada.

— Mera especulação — disse Byar. — Mas seus guardas hoje também especulam.

A boca de Perrin ficou seca subitamente. *Pense direito! Luz, ajude-me. Pense direito e não cometa nenhum erro!*

Poderia ser verdade? A necessidade de os Mantos-brancos chegarem rápido a Caemlyn seria importante o bastante para isso? Deixar suspeitos de serem Amigos das Trevas escaparem? Não havia por que tentar pensar assim; ele não sabia o bastante. Byar era o único Manto-branco que falava com eles, além do Senhor Capitão Bornhald, e nenhum deles era exatamente generoso em matéria de informações. Outra linha de pensamento. Se Byar quisesse que eles fugissem, por que, simplesmente, não cortava as cordas? Byar querendo que eles fugissem? Byar, que estava convencido até a medula de que eles eram Amigos das Trevas? Byar, que odiava Amigos das Trevas mais do que odiava o próprio Tenebroso? Byar, que buscava qualquer desculpa para lhe provocar dor por ter matado dois Mantos-brancos? *Byar* queria que eles escapassem?

Se Perrin achara que sua mente estava em disparada antes, agora ela alcançava a velocidade de uma avalanche. Apesar do frio, o suor pingava de seu rosto. Olhou de esguelha para os guardas. Eram apenas sombras claras, cinzentas, mas pareceu-lhe que estavam preparados, esperando. Se ele e Egwene fossem mortos tentando escapar, e suas cordas tivessem sido cortadas numa pedra que pudesse ter ido parar ali por acaso... O dilema do Senhor Capitão teria sido resolvido sim, claro. E Byar os teria mortos, do jeito que os queria.

O homem magro pegou seu capacete ao lado do lampião e começou a se levantar.

— Espere — disse Perrin com a voz rouca. Seus pensamentos davam voltas e mais voltas enquanto ele procurava em vão uma saída. — Espere, eu quero falar. Eu...

O socorro está chegando!

O pensamento brotou em sua mente, um clarão límpido de luz em meio ao caos, tão estonteante que por um momento ele esqueceu de tudo o mais, até mesmo de onde estava. Pintada estava viva. *Elyas*, ele pensou para o lobo, exigindo sem palavras saber se o homem estava vivo. Uma imagem retornou. *Elyas*, deitado sobre um leito de ramos ao lado de uma pequena fogueira em uma caverna, cuidando de uma ferida no peito. Tudo levou apenas um instante. Ele olhou boquiaberto para *Byar*, e seu rosto se abriu num sorriso bobo. *Elyas* estava vivo. Pintada estava viva. O socorro estava chegando.

Byar fez uma pausa, agachado, olhando para ele.

— Você pensou em alguma coisa agora, *Perrin dos Dois Rios*, e eu quero saber o que foi.

Por um instante *Perrin* pensou que ele estava se referindo ao pensamento de Pintada. Seu rosto se encheu de pânico, acompanhado de alívio. *Byar* não tinha condição de saber.

Byar ficou observando suas mudanças de expressão, e pela primeira vez os olhos do Manto-branco se dirigiram para a pedra que ele havia jogado no chão.

Ele estava reconsiderando, *Perrin* percebeu. Se mudasse de ideia quanto à pedra, será que se atreveria a deixá-los vivos para falar? Cordas podiam ser cortadas depois que as pessoas que amarravam estivessem mortas, ainda que se corresse o risco da descoberta. Ele olhou no fundo dos olhos de *Byar*, os ocos ensombrecidos das órbitas dos olhos do homem dando a impressão de que ele olhava de dentro de cavernas escuras, e viu a decisão da morte.

Byar abriu a boca, e, enquanto *Perrin* esperava a sentença ser pronunciada, as coisas começaram a acontecer rápido demais para dar tempo de pensar.

Subitamente um dos guardas desapareceu. Num instante havia dois vultos na penumbra, no seguinte a noite engolia um deles. O segundo guarda se virou, o começo de um grito nos lábios, mas, antes que a primeira sílaba fosse pronunciada, ouviu-se um *tchunc* sólido e ele desabou feito uma árvore derrubada.

Byar se virou, rápido como uma víbora dando o bote, girando o machado em suas mãos com tanta rapidez que chegou a zunir. *Perrin* arregalou os olhos quando a noite pareceu fluir para dentro da luz do lampião. Sua boca se abriu para gritar, mas a garganta estava travada de medo. Por um instante ele chegou até a esquecer que *Byar* queria matá-los. O Manto-branco era outro ser humano, e a noite havia ganhado vida para levá-los a todos.

Então a escuridão que invadiu a luz se tornou Lan, o manto turbilhonando entre tons de cinza e preto enquanto ele se movia. O machado nas mãos de Byar atacou como um relâmpago... e Lan pareceu se inclinar casualmente para o lado, deixando a lâmina passar tão perto que devia ter sentido o deslocamento do ar. Byar arregalou os olhos quando a força de seu golpe o fez se desequilibrar, e o Guardião atacou com mãos e pés em rápida sucessão, tão rápido que Perrin não teve certeza do que havia acabado de ver. O que ele sabia era que Byar caiu como um fantoche. Antes que o Manto-branco tivesse acabado de desabar no chão, o Guardião estava de joelhos apagando o lampião.

No súbito retorno à escuridão, Perrin olhou sem enxergar. Lan parecia ter desaparecido novamente.

— É realmente... — Egwene soltou um soluço abafado. — Acharmos que você havia morrido. Acharmos que vocês todos haviam morrido.

— Ainda não. — O sussurro grave do Guardião tinha um tom de surpresa agradável.

Mãos tocaram Perrin, encontraram seus laços. Uma faca cortou as cordas sem quase puxar nada, e ele estava livre. Músculos doloridos protestaram quando ele se sentou. Esfregando os pulsos, ele deu uma espiada no monte acinzentado que era Byar.

— Você...? Ele está...?

— Não. — A voz de Lan respondeu baixinho da escuridão. — Eu não mato, a menos que seja minha intenção. Mas ele não vai mais incomodar ninguém por um tempo. Pare de fazer perguntas e pegue um par dos mantos deles. Não temos muito tempo.

Perrin se arrastou até onde Byar jazia. Foi necessário um certo esforço para tocar o homem, e, quando ele sentiu o peito do Manto-branco subindo e descendo, quase recolheu as mãos. Sua pele se arrepiou toda enquanto ele se forçava a soltar o manto e retirá-lo. Apesar do que Lan dissera, ele conseguia imaginar o cara de caveira levantando-se subitamente. Tateou apressadamente até encontrar seu machado, depois foi engatinhando até o guarda seguinte. Pareceu estranho, a princípio, que ele não relutasse em tocar aquele homem inconsciente, mas então a razão lhe veio. Todos os Mantos-brancos o odiavam, mas essa era uma emoção humana. Byar não sentia nada além da convicção de que ele deveria morrer; não havia ódio, absolutamente nenhuma emoção.

Recolhendo os dois mantos nos braços, ele se virou... e entrou em pânico. Na

escuridão, viu-se de repente sem senso de direção, sem saber como encontrar o caminho até Lan e os outros. Os pés se fincaram no chão, com medo de se mexer. Até mesmo Byar estava oculto pela noite sem seu manto branco. Não havia nada por que se orientar. Qualquer caminho que ele tomasse poderia dar direto no acampamento lá fora.

— Aqui.

Ele cambaleou na direção do sussurro de Lan até ser detido pelas mãos dele. Egwene era uma sombra tênue, e o rosto de Lan era um borrão; o resto do Guardião não parecia sequer estar ali. Podia sentir os olhos deles, e se perguntou se deveria explicar.

— Vistam os mantos — disse Lan baixinho. — Rápido. Enrolem os seus. E não façam barulho. Vocês ainda não estão a salvo.

Apressadamente, Perrin passou um dos mantos para Egwene, aliviado por ter sido poupado de ter de falar de seu medo. Ele transformou seu próprio manto num embrulho e pôs o branco nos ombros em seu lugar. Sentiu alguma coisa espetando quando o manto se acomodou ao redor dos ombros, uma pontada de preocupação entre as omoplatas. Ficara com o manto de Byar? Quase achou que conseguia sentir o cheiro do homem magro nele.

Lan orientou-os a ficarem de mãos dadas, e Perrin segurou firme seu machado numa das mãos e a mão de Egwene na outra, desejando que o Guardião fugisse logo com eles para que ele pudesse impedir sua imaginação de sair do controle. Mas eles simplesmente ficaram parados ali, cercados pelas tendas dos Filhos, duas formas em mantos brancos e uma que era sentida mas não vista.

— Em breve — sussurrou Lan. — Muito em breve.

O relâmpago cortou a noite acima do acampamento, tão perto que Perrin sentiu o pelo dos braços e os cabelos da cabeça se levantando quando o raio deixou o ar carregado. Logo além das tendas a terra irrompeu com o estrondo, a explosão do chão fundindo-se com a do céu. Antes que a luz se extinguisse, Lan os levou adiante.

No primeiro passo que deram outro raio rasgou o negror. Relâmpagos caíam como pedras de granizo, de modo que a noite piscava como se a escuridão estivesse vindo em lampejos momentâneos. O trovão rufava selvagememente, um rugido emendando direto no seguinte, sem interrupção, um ribombar contínuo e ensurdecedor. Cavalos apavorados relinchavam, seus gritos abafados a não ser por momentos em que o som do trovão ficava mais baixo. Homens deixavam

cambaleantes as tendas, uns com seus mantos brancos, outros apenas parcialmente vestidos, uns correndo de um lado para outro, outros parados, como se atordoados.

No meio disso tudo Lan os puxava correndo num trote, Perrin na retaguarda. Os Mantos-brancos olhavam para eles, com olhos arregalados, quando eles passavam. Alguns gritavam para eles, os gritos perdidos nos estrondos dos céus, mas, envoltos em seus mantos brancos, ninguém tentou impedi-los. Passaram pelo meio das tendas, saíram do acampamento e mergulharam na noite, e ninguém ergueu um dedo contra eles.

O chão tornou-se irregular sob os pés de Perrin, e arbustos o açoitavam enquanto ele se deixava ser arrastado. Os relâmpagos piscaram intermitentemente e desapareceram. Ecos dos trovões soaram pelo céu antes de, eles também, desaparecerem. Perrin olhou para trás. Alguns focos de incêndio ardiam em meio às tendas. Uma parte dos raios devia ter caído no alvo, ou talvez os homens, em meio ao pânico, tivessem derrubado lampiões. Homens ainda gritavam, as vozes minúsculas na noite, tentando restaurar a ordem, descobrir o que havia acontecido. A terra começou a subir numa inclinação, e tendas e incêndios e gritos ficaram para trás.

Subitamente ele quase pisou nos calcanhares de Egwene quando Lan parou. À frente, no luar, estavam três cavalos.

Uma sombra se mexeu, e eles ouviram a voz de Moiraine, com um tom de irritação.

— Nynaeve não retornou. Receio que aquela jovem tenha feito alguma tolice. — Lan girou nos calcanhares como se para voltar pelo mesmo caminho pelo qual haviam vindo, mas uma única palavra de Moiraine, rápida como um chicote, o deteve. — Não! — Ele parou, olhando-a de soslaio, apenas seu rosto e mãos realmente visíveis, e mesmo assim borrões ensombrecidos. Ela continuou, num tom mais suave; mais suave porém não menos firme. — Algumas coisas são mais importantes que outras. Você sabe disso. — O Guardião não se mexeu, e a voz dela endureceu novamente. — Lembre-se de seus juramentos, al'Lan Mandragoran, Senhor das Sete Torres! O quanto vale o juramento de um Senhor de Batalha Coroado pelo Diadema dos Malkieri?

Perrin piscou. Lan era aquilo tudo? Egwene murmurava alguma coisa, mas ele não conseguia tirar os olhos daquele quadro vivo à sua frente, Lan parado como um lobo da alcateia de Pintada, um lobo acuado pela diminuta Aes Sedai, procurando em vão fugir de seu destino.

A cena congelada foi quebrada por um ruído de galhos quebrados no bosque. Em dois passos largos, Lan já havia se colocado entre Moiraine e o som, o luar pálido criando ondas ao longo de sua espada. Acompanhando os estalos e ruídos nos arbustos, dois cavalos irromperam por entre as árvores, um deles montado.

— Bela! — Egwene exclamou ao mesmo tempo que Nynaeve disse, de cima da égua peluda:

— Eu quase não consegui encontrar vocês novamente. Egwene! Graças à Luz, você está viva!

Ela desmontou de Bela, mas, quando começou a avançar na direção dos moradores de Campo de Emond, Lan pegou-a pelo braço, e ela parou de repente, olhando para ele.

— Precisamos ir, Lan — disse Moiraine, uma vez mais soando imperturbável, e o Guardião soltou Nynaeve.

Ela esfregou o braço ao correr para abraçar Egwene, mas Perrin achou tê-la ouvido dar uma risadinha baixa também. Isso o intrigou, porque não achava que tivesse qualquer coisa a ver com sua felicidade em vê-los novamente.

— Onde estão Rand e Mat? — ele perguntou.

— Em outro lugar — respondeu Moiraine, e Nynaeve resmungou alguma coisa num tom de voz ríspido que fez Egwene arquejar. Perrin piscou; pegara o fim de um impropério de carroceiro, e um dos mais cabeludos. — Que a Luz permita que eles estejam bem — continuou a Aes Sedai, como se não tivesse notado.

— Nenhum de nós estará bem — disse Lan — se os Mantos-brancos nos encontrarem. Troquem os mantos e montem.

Perrin montou correndo no cavalo que Nynaeve havia trazido atrás de Bela. A falta de uma sela não foi obstáculo para ele; não cavalgava muito em casa, mas quando o fazia era mais em pelo do que em sela. Ainda carregava o manto branco, agora enrolado e amarrado ao cinto. O Guardião dissera que eles deveriam evitar o máximo possível deixar vestígios para os Filhos encontrarem. Ainda achava que podia sentir o cheiro de Byar naquilo.

Quando partiram, o Guardião à frente em seu alto garanhão negro, Perrin sentiu o toque de Pintada em sua mente mais uma vez. *Um dia novamente.* Mais uma sensação do que palavras, suspirando com a promessa de um encontro predestinado, com a expectativa do que estava por vir, com a resignação pelo

que estava por vir, tudo em camadas. Ele tentou perguntar quando e por quê, atrapalhado com a pressa e um medo repentino. O vestígio dos lobos foi ficando mais fraco e desaparecendo. Suas perguntas frenéticas recebiam apenas a mesma resposta carregada de significados. *Um dia novamente.* Essa mensagem pairou em sua mente, assombrando-a por muito depois que a percepção dos lobos sumiu.

Lan seguiu para o sul lenta porém continuamente. A vastidão selvagem sob o manto da noite — o terreno ondulado e a vegetação rasteira oculta até estar sob as patas dos cavalos, árvores na sombra, espessas contra o céu — não permitiam uma grande velocidade de qualquer maneira. Por duas vezes o Guardião os deixou, cavalcando de volta na direção da lua prateada, ele e Mandarb se fundindo à noite ao fundo. Em ambas as vezes ele retornou para relatar que não havia nenhum sinal de perseguição.

Egwene mantinha-se bem perto de Nynaeve. Fragmentos suaves da conversa empolgada flutuavam até Perrin. Aquelas duas estavam felizes como se tivessem chegado em casa. Ele ocupava a retaguarda da pequena coluna. Às vezes a Sabedoria se virava na sela para olhá-lo, e toda vez que ela o fazia ele acenava, como se para dizer que estava tudo bem, mas ficava onde estava. Tinha muito em que pensar, embora não conseguisse concatenar qualquer coisa em sua cabeça. *O que estava por vir. O que estava por vir?*

Perrin achou que a aurora não podia estar muito longe quando Moiraine finalmente mandou que parassem. Lan encontrou uma ravina onde poderia fazer uma fogueira escondida no oco de uma das encostas.

Finalmente permitiram que se livrassem dos mantos brancos, enterrando-os num buraco escavado perto do fogo. Quando ele ia jogar fora o manto que havia usado, o sol dourado bordado no peito chamou sua atenção, e as duas estrelas douradas embaixo também. Deixou cair o manto como se tivesse levado uma ferroada e se afastou, esfregando as mãos no casaco, indo sentar-se sozinho.

— Agora — disse Egwene, quando Lan estava jogando pás de terra no buraco — alguém quer me contar onde Rand e Mat estão?

— Acredito que eles estejam em Caemlyn — disse Moiraine com cuidado —, ou a caminho de lá. — Nynaeve soltou um grunhido alto e discordante, mas a Aes Sedai continuou como se não tivesse sido interrompida. — Se não estiverem, eu ainda os encontrarei. Isso eu prometo.

Fizeram uma refeição silenciosa de pão e queijo com chá quente. Até mesmo o entusiasmo de Egwene sucumbiu ao cansaço. A Sabedoria retirou um unguento

de sua bolsa para as marcas fundas que as cordas haviam deixado nos pulsos de Egwene, e um segundo para os outros machucados dela. Quando foi até onde Perrin estava sentado, à margem da luz do fogo, ele não levantou a cabeça.

Ela ficou parada em pé, olhando para ele em silêncio por um tempo, e depois se agachou com a bolsa ao lado, dizendo, ríspida:

— Tire o casaco e a camisa, Perrin. Disseram-me que um dos Mantos-brancos não foi muito com a sua cara.

Ele obedeceu devagar, ainda meio perdido na mensagem de Pintada, até Nynaeve arquejar. Espantado, ele a encarou, depois olhou para o próprio peito nu. Era uma massa de cores, as manchas roxas mais novas se sobrepondo a outras mais antigas que se desvaneciam em matizes de marrom e amarelo. Somente a espessa musculatura adquirida durante as horas na forja de Mestre Luhhan evitara que ele quebrassem alguma costela. Com a cabeça ocupada pelos lobos, ele havia conseguido esquecer a dor, mas agora se lembrava dela, que voltou intensa. Respirou fundo involuntariamente e apertou os lábios, grunhindo.

— O que o fez ter tanta raiva de você? — perguntou Nynaeve, intrigada.

Eu matei dois homens. Em voz alta, ele respondeu:

— Não sei.

Ela mexeu em sua bolsa, e ele fez uma careta quando ela começou a espalhar um linimento gorduroso sobre suas escoriações.

— Hera-terrestre, cinco-dedos e raiz-de-sol-radiante — disse ela.

Era quente e frio ao mesmo tempo, o que o fez tremer e começar a suar, mas ele não protestou. Já havia experimentado os unguentos e as compressas de Nynaeve antes. Enquanto os dedos dela esfregavam gentilmente a mistura, o calor e o frio desapareceram, levando com eles a dor. As manchas roxas se tornaram marrons, e as marrons e amarelas perderam a cor, algumas desaparecendo por completo. Ele experimentou respirar fundo; quase não sentiu dor.

— Você parece surpreso — disse Nynaeve. Ela própria parecia um tanto surpresa e estranhamente assustada. — Da próxima vez, pode pedir a *ela*.

— Surpreso não — respondeu para apaziguá-la. — Apenas contente. — Às vezes os unguentos de Nynaeve funcionavam rápido e às vezes devagar, mas sempre

funcionavam. — O que... o que aconteceu com Rand e Mat?

Nynaeve começou a enfiar seus frascos e potes de volta na bolsa, metendo cada um como se os estivesse forçando através de uma barreira.

— *Ela diz que eles estão bem. Ela diz que iremos encontrá-los. Em Caemlyn, ela diz. Ela diz que é importante demais para nós não fazermos isso, seja lá o que isso signifique. Ela diz muitas coisas.*

Perrin não conseguiu evitar um sorriso. O que quer que houvesse mudado, a Sabedoria ainda era ela mesma, e ela e a Aes Sedai ainda estavam longe de serem amigas.

Subitamente Nynaeve enrijeceu, encarando bem o rosto dele. Deixando a bolsa abruptamente no chão, ela levou as costas de suas mãos às bochechas e à testa dele. Ele tentou recuar, mas ela agarrou sua cabeça com ambas as mãos e abriu seus olhos com os polegares, espionando bem dentro dos olhos dele e murmurando para si mesma. Apesar de pequena, ela segurava seu rosto com facilidade; nunca era fácil se livrar de Nynaeve quando ela não queria.

— Não estou entendendo — disse ela finalmente, liberando-o e recuando para sentar-se sobre os calcanhares. — Se fosse febre do olho amarelo, você não seria capaz de ficar em pé. Mas você não tem nenhuma febre, e os brancos dos seus olhos não estão amarelos, só as íris.

— Amarelos? — perguntou Moiraine, e tanto Perrin quanto Nynaeve pularam de susto. A aproximação da Aes Sedai havia sido absolutamente silenciosa. Egwene dormia à beira do fogo, enrolada em seus mantos, Perrin viu. Suas próprias pálpebras queriam se fechar.

— Não é nada — disse ele, mas Moiraine pôs a mão no queixo dele e levantou-lhe o rosto para poder olhar em seus olhos do mesmo modo que Nynaeve. Ele se soltou, sentindo um formigamento. As duas mulheres o estavam tratando como se ele fosse uma criança. — Eu disse que não é nada.

— Não havia como prever isso — disse Moiraine, como se para si mesma. Seus olhos pareciam olhar para alguma coisa além dele. — Algo predestinado a ser tecido, ou uma mudança no Padrão? Se é uma mudança, por obra de quem? Há de ser o que a Roda tecer. Deve ser isso.

— Você sabe o que é? — Nynaeve perguntou com relutância, depois hesitou. — Você pode fazer algo por ele? Com sua Cura? — O pedido de auxílio e a admissão de que ela nada podia fazer saíram dela como se forçados.

Perrin fuzilou as duas mulheres com o olhar.

— Se vocês vão falar sobre mim, falem comigo. Eu estou sentado bem aqui. — Nenhuma das duas olhou para ele.

— Cura? — Moiraine sorriu. — Cura não pode fazer nada a este respeito. Não é uma doença, e não vai... — Ela hesitou brevemente. Então olhou de relance para Perrin, um olhar rápido que lamentava muitas coisas. Mas o olhar não o incluía, e ele resmungou com amargura quando ela voltou a olhar para Nynaeve. — Eu ia dizer que isso não lhe fará mal, mas quem há de dizer como as coisas terminarão? Pelo menos posso dizer que não lhe fará mal diretamente.

Nynaeve se levantou, limpando a terra dos joelhos, e confrontou a Aes Sedai, olho no olho.

— Isso não basta. Se há algo de errado com...

— O que é, é. O que já foi tecido não pode mais ser alterado. — Moiraine virou-se bruscamente. — Precisamos dormir enquanto podemos e partir assim que amanhecer. Se a mão do Tenebroso ficar forte demais... Precisamos chegar logo a Caemlyn.

Com raiva, Nynaeve agarrou sua bolsa e saiu dali antes que Perrin pudesse falar. Ele começou a rosnar um impropério, mas um pensamento o atingiu como um golpe e ele ficou ali sentado, em silêncio, boquiaberto. Moiraine sabia. A Aes Sedai sabia a respeito dos lobos. E ela achava que podia ser obra do Tenebroso. Um arrepio percorreu seu corpo. Apressadamente, ele tornou a vestir a camisa, enfiando-a, desajeitado, dentro da calça, e pôs o casaco e o manto novamente. As roupas não ajudaram muito; ele sentia um frio que ia até os ossos, e a medula parecia geleia congelada.

Lan sentou-se no chão com as pernas cruzadas, jogando o manto para trás. Perrin ficou feliz por isso. Era desagradável olhar para o Guardião e seus olhos passarem direto por ele.

Por um longo momento eles simplesmente ficaram se encarando. Os traços duros do rosto do Guardião eram ilegíveis, mas nos olhos dele Perrin achou ter visto... alguma coisa. Compaixão? Curiosidade? Ambas?

— Você sabe? — perguntou Perrin, e Lan assentiu.

— Sei alguma coisa, não tudo. Isso simplesmente aconteceu com você, ou você encontrou um guia, um intermediário?

— Houve um homem — disse Perrin lentamente. *Ele sabe, mas pensa o mesmo que Moiraine?* — Ele disse que seu nome era Elyas. Elyas Machera. — Lan inspirou fundo, e Perrin olhou muito sério para ele. — Você o conhece?

— Eu o conheci. Ele me ensinou muito, sobre a Praga, e sobre isto. — Lan tocou o cabo de sua espada. — Ele era um Guardião, antes... antes do que aconteceu. A Ajah Vermelha... — Ele olhou para Moiraine, deitada diante do fogo.

Era a primeira vez que Perrin se lembrava de ter visto qualquer incerteza no Guardião. Em Shadar Logoth, Lan fora seguro e forte, assim como quando enfrentava Desvanecidos e Trollocs. Ali ele não sentia medo, Perrin estava convencido disso, mas estava preocupado, como se pudesse falar demais. Como se o que dissesse pudesse ser perigoso.

— Já ouvi falar na Ajah Vermelha — disse Perrin a Lan.

— E a maior parte do que você ouviu falar está errado, não há dúvida. Você precisa entender que existem... facções dentro de Tar Valon. Umas querem combater o Tenebroso de um jeito, outras de outro. O objetivo é o mesmo, mas as diferenças... as diferenças podem significar vidas transformadas, ou interrompidas. As vidas de homens ou de nações. Ele está bem, Elyas?

— Acho que sim. Os Mantos-brancos disseram que o mataram, mas a Pintada... — Perrin olhou para o Guardião desconfortavelmente. — Eu não sei. — Lan pareceu aceitar que ele não sabia mesmo, com relutância, e isso lhe deu coragem para continuar. — Esta comunicação com os lobos. Moiraine parece achar que é algo que... algo que o Tenebroso fez. Mas não é, é? — Ele se recusava a acreditar que Elyas fosse um Amigo das Trevas.

Mas Lan hesitou, e o suor começou a brotar do rosto de Perrin, gotas frias que a noite resfriava ainda mais. Elas escorriam pelas suas bochechas quando o Guardião finalmente falou.

— Por si mesmo, não. Há quem acredite que sim, mas estão errados; isso já era antigo e havia se perdido muito tempo antes que o Tenebroso fosse encontrado. Mas e o acaso envolvido, ferreiro? Às vezes o Padrão tem uma certa aleatoriedade, aos nossos olhos, pelo menos, mas qual é a chance de você encontrar um homem que pudesse orientá-lo nessa coisa, e você ser alguém que pudesse ser orientado? O Padrão está formando uma Grande Teia, o que alguns chamam de Renda das Eras, e vocês rapazes são fundamentais para ela. Acho que não há muita escolha para vocês em suas vidas agora. Você foi escolhido, então? E, nesse caso, foi pela Luz ou pela Sombra?

— O Tenebroso não pode nos tocar, a não ser que o nomeemos. — Perrin imediatamente pensou nos sonhos com Ba'alzamon, os sonhos que eram mais do que sonhos. Enxugou o suor do rosto. — Não pode.

— Teimoso feito uma mula — disse o Guardião, pensativo. — Talvez teimoso o suficiente para se salvar, no fim. Lembre-se dos tempos em que vivemos, ferreiro. Lembre-se do que Moiraine Sedai lhe disse. Nestes tempos muitas coisas estão se dissolvendo, e se quebrando. Antigas barreiras se enfraquecem, velhas paredes desabam. As barreiras entre o que é e o que foi, entre o que é e o que será. — Sua voz ficou amarga. — As muralhas da prisão do Tenebroso. Este pode ser o fim de uma Era. Podemos ver uma nova Era nascer antes de morrermos. Ou talvez seja o fim das Eras, o fim do próprio tempo. O fim do mundo. — Subitamente ele deu um sorriso, mas era um sorriso tão sombrio que parecia mais um esgar; seus olhos emitiram um brilho de alegria, como quem ri ao pé da força. — Mas isso não é coisa para nós nos preocuparmos, hein, ferreiro? Vamos combater a Sombra enquanto pudermos respirar, e, se isso nos destruir, vamos cair lutando com unhas e dentes. Vocês, gente dos Dois Rios, são teimosos demais para se renderem. Não se preocupe se o Tenebroso interferiu ou não na sua vida. Você agora está de volta entre amigos. Lembre-se, há de ser o que a Roda tecer, e nem mesmo o Tenebroso pode mudar isso, não com Moiraine tomando conta de você. Mas é melhor encontrarmos seus amigos em breve.

— Como assim?

— Eles não têm nenhuma Aes Sedai tocando a Fonte Verdadeira para protegê-los. Ferreiro, talvez as paredes tenham enfraquecido o suficiente para que o próprio Tenebroso toque os acontecimentos. Não diretamente, ou já estaríamos acabados, mas talvez pequenos desvios nos fios da trama. Uma virada por acaso numa curva em vez de outra, um encontro fortuito, uma palavra dita por acaso, ou o que parece acaso, e eles poderiam se encontrar tão profundamente na Sombra que nem mesmo Moiraine poderia trazê-los de volta.

— Precisamos encontrá-los — disse Perrin, e o Guardião deu um grunhido com uma ponta de risada.

— O que é que eu estava dizendo? Vá dormir um pouco, ferreiro. — O manto de Lan o envolveu novamente quando ele se levantou. À luz fraca do fogo ele quase parecia fazer parte das sombras ao fundo. — Temos uns poucos dias difíceis até Caemlyn. Reze para que os encontremos lá.

— Mas Moiraine... ela pode encontrá-los em qualquer lugar, não pode? Ela diz

que pode.

— Mas será que ela poderá encontrá-los a tempo? Se o Tenebroso está forte o bastante para interferir por conta própria, o tempo está se esgotando. Reze para que os encontremos em Caemlyn, ferreiro, ou podemos estar todos perdidos.





Tessitura da Teia

Rand olhou para a multidão pela janela alta de seu quarto na Bênção da Rainha. As pessoas corriam gritando ao longo da rua, todas seguindo na mesma direção, sacudindo flâmulas e bandeiras, o leão branco montando guarda em mil campos de vermelho. Tanto a gente de Caemlyn quanto os que vinham de fora, todos corriam juntos, e para variar ninguém parecia querer arrebentar a cabeça de ninguém. Nesse dia, talvez, houvesse apenas uma facção.

Deu as costas para a janela com um sorriso. Afora o dia em que Egwene e Perrin entrassem, vivos e rindo do que tinham visto, esse era o dia pelo qual ele mais havia esperado.

— Você vem? — voltou a perguntar.

Mat olhou fuzilando de onde estava, encolhido em uma bola em cima da cama.

— Leve aquele Trolloc de quem você é tão amigo.

— Sangue e cinzas, Mat, ele não é um Trolloc. Você está sendo burro de tão teimoso. Quantas vezes quer ter essa discussão? Luz, até parece que você nunca ouviu falar de Ogier antes.

— Nunca ouvi falar que eles pareciam Trollocs. — Mat enfiou a cara no travesseiro e se enroscou ainda mais.

— Burro de tão teimoso — resmungou Rand. — Quanto tempo você vai ficar se escondendo aqui? Eu não vou ficar subindo essas escadas todas para trazer as suas refeições aqui em cima para sempre. Além disso, um banho cairia bem. — Mat se revirou na cama como se estivesse tentando se enterrar ainda mais fundo nela. Rand suspirou, depois foi até a porta. — Última chance de irmos juntos, Mat. Estou saindo agora. — Ele fechou a porta devagar, esperando que Mat mudasse de ideia, mas o amigo não se mexeu. A porta se fechou.

No corredor, ele se recostou no batente da porta. Mestre Gill dissera que havia uma velha senhora a duas ruas dali, Mãe Grubb, que vendia ervas e emplastros, além de fazer partos, cuidar dos doentes e ler a sorte. Dito assim, parecia um pouco uma Sabedoria. Mat precisava mesmo era de Nynaeve, ou quem sabe de Moiraine, mas Mãe Grubb era tudo que ele tinha. Contudo, levá-la à Bênção da Rainha também poderia atrair o tipo errado de atenção. Tanto para ela quanto para Mat e ele.

Herbalistas e curandeiros estavam atuando com muita discrição em Caemlyn naquele momento; falava-se contra qualquer pessoa que fizesse algum tipo de cura ou adivinhação. Todas as noites a Presa do Dragão era rabiscada impunemente nas portas, às vezes mesmo à luz do dia, e as pessoas podiam esquecer de quem havia curado suas febres e aliviado suas dores de dente quando o grito de Amigo das Trevas soava. Tal era o clima na cidade.

Não que Mat estivesse de fato doente. Ele comia tudo que Rand trazia da cozinha, ainda que não aceitasse nada das mãos de qualquer outra pessoa, e nunca reclamava de dores nem de febre. Ele simplesmente se recusava a sair do quarto. Mas Rand estivera certo de que aquele dia o levaria a sair.

Ajeitou o manto sobre os ombros e girou o cinturão de modo que a espada, com o pano vermelho amarrado ao seu redor, ficasse mais coberta.

Ao pé das escadas, encontrou Mestre Gill justamente começando a subir.

— Tem alguém perguntando por vocês na cidade — disse o estalajadeiro com o cachimbo na boca. Rand sentiu uma pontada de esperança. — Perguntando por você e aqueles seus amigos, pelo nome. Pelo menos por vocês jovens. Parece querer principalmente vocês, os três rapazes.

A esperança foi substituída pela ansiedade.

— Quem? — perguntou Rand. Ele ainda não conseguia evitar olhar para os dois lados do corredor. À exceção deles dois, não havia ninguém ali, da saída para o beco até a porta do salão.

— Não sei o nome dele. Só ouvi falar. Acabo sabendo da maior parte das coisas que acontecem em Caemlyn. Um mendigo. — O estalajadeiro grunhiu. — Meio maluco, pelo que ouvi dizer. Mesmo assim, poderia pegar as Graças da Rainha no Palácio, mesmo com as coisas tão ruins quanto estão. Nos Grandes Dias, a Rainha as confere com as próprias mãos, e nunca ninguém foi recusado por nenhum motivo. Em Caemlyn, ninguém precisa mendigar. Mesmo um homem procurado não pode ser preso enquanto estiver recebendo as Graças da Rainha.

— Um Amigo das Trevas? — Rand perguntou, relutante. *Se os Amigos das Trevas sabem os nossos nomes...*

— Você está mesmo com esse negócio de Amigo das Trevas na cabeça, meu jovem. Decerto há alguns deles por aí, mas só porque os Mantos-brancos estão deixando todo mundo com os nervos à flor da pele não é motivo para você pensar que a cidade esteja cheia deles. Sabe que boato aqueles idiotas começaram a espalhar agora? “Formas estranhas”. Dá para acreditar numa coisa dessas? Formas estranhas espreitando do lado de fora da cidade à noite. — O estalajadeiro riu até a barriga balançar.

Rand não tinha vontade de rir. Hyam Kinch havia falado de formas estranhas, e certamente houvera um Desvanecido na última vila.

— Que espécie de formas?

— Que espécie? Sei lá que espécie. Formas estranhas. Trollocs, provavelmente. O Homem das Sombras. Lews Therin Fratricida em pessoa, que voltou com quinze metros de altura. Que tipo de formas você *acha* que as pessoas imaginarão agora que a ideia está na cabeça delas? Mas não precisa se preocupar com isso. — Mestre Gill olhou para ele de esguelha por um momento. — Você está de saída, é? Bom, eu mesmo não posso dizer que ligo para isso, nem mesmo hoje, mas praticamente só quem sobrou aqui foi eu. Seu amigo não vai?

— Mat não está se sentindo muito bem. Talvez mais tarde.

— Bem, que seja. Cuide-se, certo? Mesmo no dia de hoje, os bons homens da Rainha estarão em menor número lá fora. Que a Luz queime o dia em que pensei que veria uma coisa dessas. É melhor você sair pelo beco. Há dois daqueles malditos traidores sentados do outro lado da rua, vigiando minha porta. Eles sabem de que lado eu estou, pela Luz!

Rand enfiou a cabeça pela porta e olhou para os dois lados antes de deslizar para o beco. Um homem corpulento que Mestre Gill havia contratado estava parado na entrada do beco, apoiado numa lança e observando as pessoas passarem correndo com aparente falta de interesse. Rand sabia que era só aparência. O sujeito, seu nome era Lamgwin, via tudo com aqueles olhos de pálpebras pesadas, e apesar de toda a sua corpulência ele podia se mover como um gato. Ele também achava que a Rainha Morgase era a Luz encarnada, ou quase isso. Como ele, havia uma dúzia espalhada ao redor da Bênção da Rainha.

Lamgwin ficou de orelha em pé quando Rand chegou à entrada do beco, mas não desviou sua desatenção da rua. Rand sabia que o homem tinha ouvido sua aproximação.

— Tome cuidado hoje, homem. — A voz de Lamgwin soava como cascalho numa frigideira. — Quando a confusão começar, vai ser bom ter alguém como você por aqui, não em outro lugar com uma faca nas costas.

Rand olhou de relance para o homem corpulento, mas sua surpresa foi muda. Ele sempre tentava manter a espada fora das vistas, mas não era a primeira vez que um dos homens de Mestre Gill supunha que ele saberia se virar em uma luta. Lamgwin não se virou para olhá-lo. O trabalho do homem era proteger a estalagem, e era o que ele fazia.

Empurrando a espada um pouco mais para trás, sob o manto, Rand se misturou ao fluxo de pessoas. Ele viu os dois homens que o estalajadeiro havia mencionado, em pé sobre barris virados para baixo na frente da estalagem para poderem ver por cima da multidão. Não achou que eles o haviam notado sair do beco. Eles não faziam segredo de sua lealdade. Não apenas suas espadas estavam envoltas em branco amarrado com vermelho como também usavam braçadeiras e rosetas brancas nos chapéus.

Em pouco tempo em Caemlyn ele aprendera que lenços vermelhos amarrados em uma espada, ou uma braçadeira ou roseta vermelhos, significavam apoio à Rainha Morgase. Branco dizia que a Rainha e seu envolvimento com as Aes Sedai e Tar Valon eram responsáveis por tudo que havia acontecido de errado.

Pelo tempo ruim, e as colheitas fracassadas. Talvez até mesmo pelo falso Dragão.

Ele não queria se envolver na política de Caemlyn. Só que agora era tarde demais. Não apenas porque ele já tivesse escolhido — por acidente, mas acontecera. A situação na cidade já havia passado do ponto em que alguém pudesse permanecer neutro. Até mesmo forasteiros usavam rosetas e braçadeiras, ou amarravam as espadas, e os que usavam branco eram mais numerosos que os que usavam vermelho. Talvez alguns não pensassem daquela maneira, mas estavam longe de casa e aquele era o lado para o qual pendia o sentimento geral em Caemlyn. Homens que apoiavam a Rainha andavam em grupos para sua própria proteção, isso quando saíam às ruas.

Mas aquele dia era diferente. Pelo menos aparentemente. Naquele dia Caemlyn comemorava uma vitória da Luz sobre a Sombra. Naquele dia o falso Dragão estava sendo trazido à cidade para ser exibido perante a Rainha antes de ser levado para Tar Valon, ao norte.

Ninguém falava dessa parte. Ninguém, a não ser as Aes Sedai, podia lidar com um homem realmente capaz de usar o Poder Único, é claro, mas ninguém queria falar disso. A Luz havia derrotado a Sombra, e soldados de Andor haviam estado na vanguarda da batalha. Por ora, isso era tudo o que importava. Por ora, tudo o mais podia ser esquecido.

Será mesmo?, Rand se perguntava. A multidão corria, cantando e sacudindo bandeiras, rindo, mas os homens que ostentavam o vermelho mantinham-se juntos em grupos de dez ou vinte, e não havia mulheres nem crianças com eles. Ele achou que pelo menos dez homens exibiam branco para cada um proclamando lealdade à Rainha. Não pela primeira vez, ele pensou que gostaria que o pano branco tivesse sido o mais barato. *Mas será que Mestre Gill teria ajudado se você estivesse mostrando o branco?*

A multidão era tão densa que abrir caminho a cotoveladas era inevitável. Nem mesmo os Mantos-brancos gozavam de seus pequenos espaços abertos na massa. Enquanto Rand deixava a multidão carregá-lo na direção da Cidade Interna, percebeu que nem todas as animosidades estavam sendo contidas. Viu um dos Filhos da Luz, de um grupo de três, levar um esbarrão com tanta força que quase caiu. O Manto-branco se segurou por pouco, e quando disparava uma saraivada de impropérios irritados contra o homem que havia esbarrado nele, outro homem cambaleou em sua direção com um ombro deliberadamente mirado nele. Antes que a coisa esquentasse mais, os companheiros do Manto-branco o puxaram para a lateral da rua, onde eles puderam se abrigar sob o umbral de uma porta. Os três

pareciam divididos entre seus costumeiros olhares mal-humorados e a incredulidade. A multidão passava como se ninguém tivesse notado, e talvez ninguém tivesse mesmo.

Ninguém teria ousado uma coisa daquelas dois dias antes. Mais do que isso, percebeu Rand, os homens que haviam esbarrado usavam rosetas brancas nos chapéus. Acreditava-se amplamente que os Mantos-brancos apoiavam os que se opunham à Rainha e sua conselheira Aes Sedai, mas isso não fez diferença. Os homens estavam fazendo coisas que nunca pensaram em fazer antes. Empurrar Mantos-brancos hoje. Amanhã, talvez, derrubar uma Rainha... Subitamente desejou que houvesse mais alguns homens perto dele exibindo o vermelho; empurrado por fitas e braçadeiras brancas, ele subitamente se sentiu muito sozinho.

Os Mantos-brancos notaram que ele os olhava e o encararam de volta como se aceitassem um desafio. Ele deixou que um grupo que cantava na multidão o carregasse para longe de suas vistas, cantando junto com eles.

“Avante o Leão,

Avante o Leão,

O Leão Branco vai a campo.

Ruge em desafio para a Sombra.

Avante o Leão,

Avante, Andor triunfante.”

A rota que levaria o falso Dragão para Caemlyn era bem conhecida. Essas ruas estavam sendo mantidas abertas por fileiras sólidas de Guardas da Rainha e lanceiros com mantos vermelhos, mas as pessoas se aglomeravam nas proximidades delas ombro a ombro, até mesmo nas janelas e nos telhados. Rand abriu caminho até a Cidade Interna, tentando chegar mais perto do Palácio. Pensava em realmente ver Logain exibido perante a Rainha. Ver o falso Dragão e uma Rainha também... isso era algo com que ele jamais havia sonhado.

A Cidade Interna fora erigida sobre colinas, e muito do que os Ogier haviam construído ainda permanecia. Enquanto as ruas da Cidade Nova corriam em sua maioria em uma colcha de retalhos maluca, ali elas seguiam as curvas das colinas como se fossem parte natural da terra. Elevações e quedas apresentavam vistas novas e surpreendentes a cada curva. Parques vistos de ângulos diferentes,

mesmo do alto, onde seus passeios e monumentos criavam padrões agradáveis ao olhar, ainda que mal tocados pelo verde. Torres subitamente reveladas, paredes ladrilhadas reluzindo à luz do sol com uma centena de cores mutantes. Elevações súbitas onde o olhar podia abranger a cidade inteira, até as planícies ondulantes e florestas além. No todo, teria sido algo maravilhoso de ver se não fosse pela multidão que o apressava antes que ele tivesse chance de realmente assimilar tudo. E todas aquelas ruas curvas tornavam impossível ver muito além.

Subitamente ele foi levado de roldão por uma curva, e lá estava o Palácio. As ruas, mesmo seguindo os contornos naturais da terra, haviam sido dispostas em espiral em torno dele — aquela história viva de menestréis, de espirais brancas, cúpulas douradas e intrincados arabescos de cantaria, com o estandarte de Andor tremulando em cada proeminência, uma peça central para a qual todas as outras vistas haviam sido projetadas. Parecia mais algo esculpido por um artista do que simplesmente construído como os edifícios comuns.

Esse vislumbre o fez perceber que não chegaria mais perto. Ninguém tinha permissão de se aproximar do Palácio. Os Guardas da Rainha formavam pelotões de dez fileiras escarlates flanqueando os portões do Palácio. Ao longo do topo das muralhas brancas, em balcões elevados e torres, mais Guardas postavam-se, rígidos, arcos inclinados com precisão sobre peitos com placas metálicas. Eles também pareciam saídos de uma história de menestrel, uma guarda de honra, mas Rand não acreditava que era por isso que eles estavam ali. A multidão clamorosa que se enfileirava pelas ruas era quase um bloco sólido com espadas atadas com lenços brancos, braçadeiras brancas e rosetas brancas. Apenas aqui e ali a muralha alva era interrompida por algumas manchas vermelhas. Os guardas de uniforme vermelho pareciam uma barreira fina contra todo aquele branco.

Desistindo de se aproximar mais do Palácio, ele procurou um lugar onde pudesse usar sua altura como vantagem. Ele não precisava estar na primeira fileira para ver tudo. A multidão se deslocava constantemente, gente empurrando para chegar mais perto da frente, gente se apressando para o que achava ser um ponto com uma vista melhor. Num desses deslocamentos ele se viu a apenas três pessoas da rua, e todos à sua frente eram mais baixos que ele, incluindo os lanceiros. Quase todo mundo era. As pessoas se aglomeravam contra ele de ambos os lados, suando pela pressão de tantos corpos. Os que estavam atrás dele resmungavam por não serem capazes de ver, e tentavam se esgueirar para passar. Ele fincou pé onde estava, criando uma muralha intransponível com os que estavam de ambos os lados. Ele estava satisfeito. Quando o falso Dragão passasse, estaria perto o bastante para ver com clareza o rosto do homem.

Do outro lado da rua, descendo na direção dos portões que davam na Cidade Nova, uma ondulação percorreu a multidão compacta; fazendo a curva, uma maré de pessoas estava se afastando para deixar alguma coisa passar. Não era como o espaço vazio que acompanhava os Mantos-brancos em qualquer dia a não ser aquele. Aquelas pessoas recuavam assustadas, com olhares de medo que se tornavam caretas de nojo. Apertando-se para sair do caminho, elas viravam o rosto para o que quer que estivesse ali, mas olhavam pelos cantos dos olhos até que passasse.

Outros olhos ao seu redor também perceberam a perturbação. Preparados para a chegada do Dragão, mas sem nada a fazer naquele momento além de esperar, a multidão achava que tudo era digno de comentários. Ele ouviu especulações que iam de uma Aes Sedai até o próprio Logain, e algumas sugestões mais desprezíveis que arrancaram gargalhadas dos homens e muxoxos de desdém das mulheres.

A ondulação serpenteava pela multidão, aproximando-se mais da margem da rua à medida que avançava. Ninguém parecia hesitar em deixá-la ir aonde quisesse, mesmo que isso significasse perder um bom lugar para ver enquanto a multidão voltava a se fechar atrás da passagem. Por fim, bem à frente de Rand, a multidão invadiu a rua, empurrando os lanceiros de mantos vermelhos que lutavam para fazê-las voltar, e rompeu o isolamento. A figura corcunda que se arrastava hesitante no espaço que se abria mais parecia uma pilha de farrapos imundos que um homem. Rand ouviu murmúrios de nojo ao seu redor.

O homem em farrapos parou do outro lado da rua. Seu capuz, rasgado e endurecido de tanta sujeira, balançava para a frente e para trás como se procurasse alguma coisa, ou estivesse tentando ouvir algo. Subitamente ele soltou um grito mudo e estendeu uma das mãos, que mais parecia uma garra suja, apontando diretamente para Rand. Imediatamente ele começou a correr agachado pela rua como um inseto.

O mendigo. Fosse qual fosse o azar que tivesse levado o homem a encontrá-lo assim, Rand subitamente teve certeza de que, Amigo das Trevas ou não, ele não queria encontrá-lo cara a cara. Consequia sentir os olhos do mendigo como água gordurosa sobre sua pele. Particularmente, não queria o homem perto dele ali, cercado por pessoas à beira da violência. As mesmas vozes que antes tinham rido agora o amaldiçoavam enquanto ele empurrava as pessoas para voltar e se afastar da rua.

Ele se apressou, sabendo que a massa densa pela qual tinha de passar empurrando e se esgueirando cederia perante o homem imundo. Lutando para

forçar passagem no meio da multidão, ele cambaleou e quase caiu quando subitamente se viu livre. Agitando os braços para manter o equilíbrio, Rand disparou numa corrida. As pessoas apontavam para ele, o único que não estava empurrando na direção oposta, e ainda por cima estava correndo. Gritos o seguiram. O manto drapejava às suas costas, expondo a espada coberta de vermelho. Ao perceber isso, correu ainda mais rápido. Um partidário solitário da Rainha, correndo, bem poderia deflagrar uma perseguição de uma turba de rosetas brancas, mesmo naquele dia. Ele correu, deixando suas pernas compridas dispararem pelas pedras do calçamento. Só quando os gritos ficaram bem para trás ele se permitiu cair de encontro a uma parede, ofegante.

Não sabia onde estava, a não ser que ainda era na Cidade Interna. Não conseguia se lembrar de quantas esquinas havia virado ao longo daquelas ruas curvas. Preparado para voltar a correr, olhou para trás, para o caminho por onde tinha vindo. Apenas uma pessoa andava na rua, uma mulher caminhando placidamente com sua cesta de compras. Quase todos na cidade estavam reunidos para ver um pouco que fosse do falso Dragão. *Ele não pode ter me seguido. Eu devo tê-lo deixado para trás.*

O mendigo não iria desistir; disso ele tinha certeza, embora não soubesse dizer por quê. Aquela figura em farrapos estaria abrindo caminho à força no meio da multidão naquele exato instante, procurando, e, se Rand voltasse para ver Logain, corria o risco de dar de cara com ele. Por um momento pensou em voltar à Bênção da Rainha, mas tinha certeza de que nunca mais teria outra chance de ver uma Rainha, e esperava jamais ter outra chance de ver um falso Dragão. Parecia haver algo de covarde em deixar um mendigo todo corcunda, mesmo que fosse um Amigo das Trevas, caçá-lo e forçá-lo a se esconder.

Olhou ao redor, pensando. A configuração da Cidade Interna era tal que os prédios eram mantidos numa altura baixa, isso quando havia prédios, de modo que alguém em pé em certo ponto não tivesse nada que lhe bloqueasse a vista planejada. Tinha de haver lugares de onde ele pudesse ver a procissão passar com o falso Dragão. Ainda que ele não pudesse ver a Rainha, poderia ver Logain. Subitamente determinado, ele seguiu em frente.

Na hora seguinte ele encontrou diversos lugares do gênero, cada um já abarrotado de pessoas coladas umas nas outras, evitando o aperto ao longo da rota da procissão. Formavam uma parede sólida de rosetas e braçadeiras brancas. Nada de vermelho. Pensando no que a visão de sua espada poderia fazer numa multidão assim, ele saiu de fininho, cuidadosa e rapidamente.

De repente vieram gritos da Cidade Nova, o clamor e o soar de trombetas, a

batida marcial de tambores. Logain e sua escolta já estavam em Caemlyn, a caminho do Palácio.

Desanimado, Rand vagou pelas ruas quase vazias, ainda com uma vaga esperança de encontrar um jeito de ver Logain. Deu com os olhos na encosta, sem edifício nenhum, erguendo-se da rua onde ele estava passando. Numa primavera comum, a encosta estaria coberta de flores e grama, mas naquele momento estava marrom até o muro alto ao longo de sua crista, um muro acima do qual era possível ver copas de árvores.

Aquela parte da rua não havia sido feita para ter nenhuma grande vista, mas logo adiante, acima dos telhados, ele podia ver parte das torres do Palácio, encimadas por estandartes do Leão Branco drapejando ao vento. Ele não sabia exatamente para onde a curva da rua seguia depois de contornar a colina, além de sua visão, mas subitamente teve uma ideia em relação àquele muro no alto da colina.

Os tambores e trombetas estavam se aproximando, os gritos ficando mais altos. Ansioso, ele subiu com dificuldade a encosta. Ela não havia sido feita para ser escalada, mas ele enfiou as botas no gramado morto e conseguiu subir usando arbustos sem folhas como apoio para as mãos. Ofegando tanto pela ânsia de conseguir quanto pelo esforço, ele subiu os últimos metros até o muro. Este erguia-se acima dele, tendo facilmente mais que o dobro de sua altura. O ar trovejava com o rufar dos tambores, ressoava com as trombetas.

O muro havia sido deixado praticamente no estado natural da pedra, os blocos imensos encaixados um no outro tão bem que as juntas eram quase invisíveis; a superfície áspera fazia com que parecesse quase um paredão natural. Rand abriu um sorriso. Os paredões além das Colinas de Areia eram mais altos, e até mesmo Perrin já os havia escalado. Suas mãos procuraram afloramentos de rocha, suas botas encontraram reentrâncias. Os tambores desafiavam-no enquanto escalava. Recusava-se a deixá-los vencer. Chegaria ao topo antes que eles chegassem ao Palácio. Na pressa, as pedras feriam suas mãos e lanhavam seus joelhos sob as calças, mas ele jogou os braços sobre o topo e se ergueu com uma sensação de vitória.

Rápido, ele virou-se para sentar no topo achatado e estreito do muro. Os galhos cheios de folhas de uma árvore enorme despontavam sobre sua cabeça, mas ele nem lhes deu atenção. Olhou por cima dos telhados, mas dali sua linha de visão estava clara. Ele se inclinou para diante, só um pouquinho, e conseguiu ver o portão do Palácio, e os Guardas da Rainha reunidos ali, e a multidão em expectativa. Em expectativa. Seus gritos eram abafados pelo trovejar de tambores e trombetas, mas ainda assim ela aguardava. Ele sorriu. *Eu ganhei.*

No momento em que se acomodava, a primeira parte da procissão fazia a curva final diante do Palácio. Vinte fileiras de trombeteiros apareceram primeiro, rasgando o ar com repiques e mais repiques triunfantes, uma fanfarra de vitória. Atrás deles, o mesmo número de tamboreiros trovejava. Depois vieram os estandartes de Caemlyn, leões brancos sobre vermelho, portados por homens a cavalo, seguidos pelos soldados de Caemlyn, fileiras e fileiras de soldados da cavalaria, armaduras reluzentes, lanças erguidas com orgulho, fâmulas vermelhas drapejando. Fileiras triplas de lanceiros e arqueiros os ladeavam, e ainda passavam quando os cavaleiros já atravessavam os portões do Palácio entre os Guardas.

O último dos soldados da infantaria fez a curva, e atrás deles havia um carroção gigantesco. Dezesseis cavalos o puxavam em pares de quatro. No centro de sua carroceria achatada havia uma grande gaiola de barras de ferro, e em cada canto do carroção sentavam-se duas mulheres, vigiando a jaula como se a procissão e a multidão não existissem. Aes Sedai, ele tinha certeza. Entre o carroção e os soldados de infantaria, e de ambos os lados, cavalgava uma dúzia de Guardiões, seus mantos se agitando e confundindo as vistas. Se as Aes Sedai ignoravam a multidão, os Guardiões a vasculhavam como se não existissem outros guardas além deles.

Com tudo isso, era o homem na jaula que atraía os olhos de Rand. Ele não estava perto o suficiente para ver o rosto de Logain, como havia desejado, mas subitamente ocorreu-lhe que não queria estar mais perto. O falso Dragão era um homem alto, com cabelos compridos e escuros caindo em cachos sobre os ombros largos. Ele se mantinha de pé, apesar do balanço do carroção, com uma das mãos nas barras acima da cabeça. Suas roupas pareciam comuns, um manto, um casaco e calças que não teriam causado comentários em nenhum vilarejo campestre. Mas a maneira como ele as usava. A maneira como se portava. Logain era um rei até o último fio de cabelo. Era como se a jaula nem estivesse ali. Ele se mantinha ereto, de cabeça erguida, e olhava por sobre a multidão como se eles tivessem ido ali para lhe prestar honras. E para onde quer que seu olhar se dirigisse, as pessoas ficavam em silêncio, olhando para ele, assombradas. Quando os olhos de Logain as deixavam, elas gritavam com fúria redobrada, como se para compensar seu silêncio, mas não fazia diferença na postura do homem nem no silêncio que passava com ele. Quando o carroção entrou pelos portões do Palácio, ele se virou para olhar para a massa reunida atrás de si. Elas uivaram para ele, algo além das palavras, uma onda de puro ódio animal e medo, e Logain jogou a cabeça para trás e gargalhou enquanto o Palácio o engolia.

Outros contingentes seguiam atrás do carroção, com bandeiras representando

outros que haviam lutado e derrotado o falso Dragão. As Abelhas Douradas de Illian, os três Crescentes Brancos de Tear, o Sol Nascente de Cairhien, outras, muitas outras, de nações e de cidades, e de grandes homens com suas próprias trombetas, seus próprios tambores para estrondear sua grandeza. Mas eram um anticlímax após Logain.

Rand se inclinou um pouco mais para a frente para tentar captar uma última visão do homem na jaula. *Ele foi derrotado, não foi? Luz, ele não estaria numa maldita jaula se não tivesse sido derrotado.*

Desequilibrando-se, ele escorregou e agarrou o topo do muro, e se colocou de volta em um ponto mais seguro. Depois de Logain sumir, deu-se conta das mãos que queimavam onde a pedra havia arranhado a palma e os dedos. Mas não conseguia esquecer as imagens. A jaula e as Aes Sedai. Logain, invicto. Não importava a jaula; aquele não era um homem derrotado. Estremeceu e esfregou as mãos doloridas nas coxas.

— Por que as Aes Sedai o estavam vigiando? — perguntou-se em voz alta.

— Elas o estão impedindo de tocar a Fonte Verdadeira, seu bobo.

Ele se virou e olhou para cima, na direção da voz de garota, e subitamente lá se foi seu assento precário. Só teve tempo de perceber que estava caindo para trás quando alguma coisa bateu em sua cabeça e um Logain às gargalhadas o perseguiu na escuridão que o tragou.





A Teia se Estreita

A Rand, parecia que estava sentado à mesa com Logain e Moiraine. A Aes Sedai e o falso Dragão olhavam para ele silenciosamente, como se um não soubesse que o outro estava lá. Subitamente Rand percebeu que as paredes da sala estavam se tornando indistintas, desvanecendo em cinza. Começou a experimentar uma sensação de urgência cada vez maior. Tudo estava borrando, esvaindo-se. Quando olhou novamente para a mesa, Moiraine e Logain haviam desaparecido, e quem estava sentado ali era Ba'alzamon. O corpo inteiro de Rand vibrou com urgência; ele sentia um zumbido cada vez mais alto dentro da cabeça. O zumbido se transformou no ruído do sangue em seus ouvidos.

Sentou-se com um movimento brusco, e imediatamente grunhiu e segurou a cabeça, zonzo. Todo o seu crânio doía; a mão esquerda encontrou algo úmido e grudento nos cabelos. Ele estava sentado no chão, na grama verde. Isso o

perturbou vagamente, mas sua cabeça girava, a visão de tudo para o que ele olhava se borrava, e ele só conseguia pensar em se deitar até que aquilo parasse.

O muro! A voz da garota!

Firmando-se com uma das mãos na grama, ele olhou lentamente ao redor. Tinha de fazê-lo com lentidão; quando tentava virar a cabeça rapidamente, tudo recomeçava a girar. Ele estava num jardim, ou num parque; um caminho pavimentado com pedras serpenteava por entre arbustos em flor a uma braça de distância, com um banco de pedra branca ao lado e um pequeno caramanchão sobre o banco para fazer sombra. Ele havia *mesmo* caído dentro da muralha. *E a garota?*

Ele encontrou a árvore, bem às suas costas, e a encontrou também — descendo da árvore. Ela alcançou o chão e se virou de frente para ele, que piscou e gemeu mais uma vez. Um manto de veludo azul-escuro forrado de pelo claro repousava sobre seus ombros; o capuz pendia às costas até a cintura, com um aglomerado de sinos de prata na ponta. Eles tilintavam quando ela se movia. Uma presilha de filigranas de prata segurava seus compridos cachos ruivos acobreados, e delicadas argolas de prata pendiam de suas orelhas, enquanto um colar de elos de prata pesados e pedras verde-escuras, que ele achou serem esmeraldas, circundava-lhe o pescoço. O vestido azul-claro estava manchado com a nódoa da árvore, mas era de seda, e era bordado com desenhos minuciosamente intrincados, a saia aberta numa fenda com inserções de uma rica cor de creme. Um cinturão largo de prata entrelaçada envolvia-lhe a cintura, e sandálias de veludo despontavam sob a bainha do vestido.

Ele só vira duas mulheres vestidas daquela maneira, Moiraine e a Amiga das Trevas que havia tentado matar Mat e ele. Não conseguia sequer começar a imaginar quem escolheria escalar árvores numa roupa como aquela, mas tinha certeza de que devia ser alguém importante. A maneira como olhava para ele redobrava essa impressão. Ela não parecia nem um pouco incomodada por ter um estranho caído em seu jardim. Havia uma aura de autoconfiança nela que o fez pensar em Nynaeve, em Moiraine.

Estava tão absorto, preocupado com haver ou não se metido em encrenca, com ela ser ou não alguém que podia chamar os Guardas da Rainha mesmo num dia em que eles tinham mais com que se ocupar, que levou alguns momentos para ver, para além das roupas elaboradas e da atitude superior, a garota propriamente dita. Ela era talvez dois ou três anos mais nova que ele, alta para uma garota, e linda, o rosto oval perfeito emoldurado por aquela massa de cachos como um sol radiante, os lábios cheios e vermelhos, os olhos mais azuis

do que parecia possível. Era completamente diferente de Egwene em altura, rosto e corpo, mas tão bonita quanto ela. Sentiu uma pontada de culpa, mas disse a si mesmo que negar o que seus olhos viam não traria Egwene sã e salva a Caemlyn nem um pouco mais rápido.

Um som de galhos farfalhando veio do alto da árvore, e pedaços de casca caíram, seguidos por um garoto que aterrissou com leveza no chão atrás dela. Ele era uma cabeça mais alto que a garota e um pouco mais velho, mas seu rosto e os cabelos indicavam que era um parente próximo. Seu casaco e manto eram nas cores vermelho, branco e dourado, com bordados e brocados, e, para um homem, ainda mais ornamentados do que os dela. Isso aumentou a ansiedade de Rand. Somente num dia de festa qualquer homem comum se vestiria de modo parecido, e nunca com tanta grandiosidade. Aquilo não era um parque público. Talvez os Guardas estivessem ocupados demais para se importar com intrusos na área do Palácio.

O garoto estudou Rand por sobre o ombro da garota, tocando uma adaga que levava na cintura. Parecia mais um tique nervoso do que uma sugestão de que pudesse usá-la. Mas não completamente. O garoto tinha a mesma postura autoconfiante da garota, e ambos olhavam para ele como se para um enigma a ser solucionado. Ele tinha a estranha sensação de que a garota, pelo menos, estava catalogando tudo sobre ele, da condição de suas botas ao estado do seu manto.

— Se mamãe descobrir isso, não vai largar do nosso pé nunca, Elayne — disse subitamente o garoto. — Ela nos disse que ficássemos em nossos quartos, mas você tinha de dar uma olhada em Logain, não tinha? Agora olhe no que deu.

— Fique quieto, Gawyn. — Ela era obviamente a mais nova dos dois, mas falava como se achasse normal que ele a obedecesse. O rosto do garoto mostrou sua hesitação, como se ele tivesse algo mais a dizer, mas, para surpresa de Rand, ele ficou quieto. — Você está bem? — perguntou subitamente.

Rand levou um instante para perceber que ela estava falando com ele. Quando o fez, tentou se pôr de pé.

— Estou bem. Eu só... — Cambaleou, e as pernas cederam. Caiu sentado com força. Sua cabeça girava. — Eu só vou pular de novo o muro e ir embora — murmurou.

Tentou se levantar novamente, mas a garota colocou a mão no seu ombro, forçando-o a se sentar. Ele estava tão tonto que a leve pressão foi o suficiente para mantê-lo no lugar.

— Você *está* machucado. — Graciosamente, ela se ajoelhou a seu lado. Seus dedos partiram suavemente os cabelos empastados de sangue no lado esquerdo de sua cabeça. — Você deve ter batido num galho ao cair. Terá sorte se não tiver quebrado nada além da cabeça. Não sei se já vi alguém com tanta perícia para escalar quanto você, mas não é tão bom na hora de cair.

— Você vai ficar com sangue nas mãos — disse ele, recuando.

Com firmeza, ela puxou a cabeça dele de volta a um ponto onde ela podia enxergar.

— Fique quieto. — Ela não falou com grosseria, mas novamente havia aquele tom em sua voz, como se esperasse ser obedecida. — Não parece *tão* ruim, graças à Luz. — De bolsos do interior de seu manto ela começou a retirar uma série de minúsculos frascos e pacotinhos de papel com as pontas retorcidas, terminando com um punhado de ataduras.

Ela ficou olhando espantado para aquela coleção. Era o tipo de coisa que ele teria esperado que uma Sabedoria carregasse, não alguém vestida como essa garota. Ela ficara com sangue nas mãos, ele viu, mas isso não pareceu incomodá-la.

— Dê-me seu cantil, Gawyn — disse ela. — Preciso lavar isto.

O garoto tirou uma garrafa de couro de seu cinto e a entregou a ela, depois se agachou com facilidade aos pés de Rand com os braços cruzados sobre os joelhos. Elayne continuou o que estava fazendo de maneira muito diligente. Ele não se esquivou da pontada provocada pela água fria quando ela lavou o corte em sua cabeça, mas a garota segurou o topo da cabeça dele com uma das mãos como se esperasse que ele tentasse se afastar de novo, e como quem não aturaria aquilo. O unguento que ela passou depois, de um de seus pequenos frascos, deu-lhe quase tanto alívio quanto um dos preparados de Nynaeve.

Gawyn sorria para ele enquanto ela trabalhava, um sorriso tranquilizador, como se ele também esperasse que Rand se afastasse e quem sabe até saísse correndo.

— Ela está sempre encontrando gatos de rua e pássaros com a asa quebrada. Você é o primeiro ser humano com quem ela trabalha. — Ele hesitou e, então, acrescentou: — Não se ofenda. Não estou chamando você de vira-lata. — Não era um pedido de desculpas, apenas a constatação de um fato.

— Não me ofendi — disse Rand, rígido. Mas a dupla agia como se ele fosse um cavalo arreado.

— Ela sabe o que está fazendo — disse Gawyn. — Teve os melhores professores. Então não tema, você está em boas mãos.

Elayne pressionou uma das ataduras contra sua têmpora e puxou um lenço de seda do cinturão, azul, creme e ouro. Para qualquer garota de Campo de Emond aquele lenço teria sido um adereço de dia de festival. Elayne começou a amarrá-lo com destreza ao redor de sua cabeça para segurar a atadura no lugar.

— Você não pode usar isso — protestou Rand.

Ela continuou amarrando.

— Eu já disse para ficar parado — replicou ela com calma.

Rand olhou para Gawyn.

— Ela sempre espera que todo mundo faça o que ela manda?

Um quê de surpresa lampejou no rosto do jovem, e sua boca se enrijeceu, revelando seu divertimento.

— Na maioria das vezes, sim. E na maioria das vezes as pessoas o fazem.

— Segure isto — disse Elayne. — Coloque a mão aqui enquanto eu amarro... — Ela soltou uma exclamação ao ver as mãos dele. — Você não arranhou isso aqui caindo. Escalando onde não devia é o mais provável. — Terminando rapidamente seu nó, ela virou as mãos dele com as palmas para cima, resmungando consigo mesma sobre a pouca água que havia restado. A lavagem fez as lacerações queimarem, mas o toque dela foi surpreendentemente delicado. — Desta vez fique quieto.

O frasco de unguento foi apanhado novamente. Ela o espalhou numa camada bem fina ao longo dos arranhões, toda a sua atenção aparentemente voltada para aplicar o unguento sem machucá-lo. Uma sensação fria se espalhou por suas mãos, como se ela estivesse, ao esfregar, removendo os cortes.

— Na maior parte das vezes as pessoas fazem exatamente o que ela manda — continuou Gawyn, com um sorriso afetuoso acima da cabeça dela. — A maioria das pessoas. Não a Mãe, claro. Nem Elaida. E nem Lini. Lini era a aia dela. Você não pode dar ordens a alguém que lhe dava varadas por roubar figos quando você era pequeno. E nem tão pequeno assim. — Elayne levantou a cabeça por tempo suficiente para lançar a ele um olhar perigoso. Ele pigarreou e tornou sua expressão cuidadosamente neutra antes de dizer

apressadamente: — E Gareth, é claro. Ninguém dá ordens a Gareth.

— Nem mesmo a Mãe — disse Elayne, abaixando a cabeça novamente para as mãos de Rand. — Ela dá sugestões, e ele sempre faz o que ela sugere, mas nunca a vi lhe dar uma ordem. — Ela sacudiu a cabeça.

— Eu não sei por que isso sempre surpreende você — retrucou Gawyn. — Nem você tenta dizer a Gareth o que fazer. Ele já serviu a três Rainhas e foi Capitão-general e Primeiro Príncipe Regente de duas. Ouso dizer que há quem pense que ele simboliza mais o Trono de Andor do que a própria Rainha.

— Mamãe devia se casar logo com ele — disse ela, distraída. Sua atenção estava voltada para as mãos de Rand. — Ela quer; ela não consegue esconder isso de mim. E resolveria tantos problemas...

Gawyn balançou a cabeça em negativa.

— Um deles precisa ceder primeiro. Mamãe não pode, e Gareth não quer.

— Se ela ordenasse...

— Ele obedeceria. Eu acho. Mas ela não fará isso. Você sabe que não.

Subitamente eles se viraram e olharam para Rand. Ele teve a sensação de que haviam esquecido que ele estava ali.

— Quem...? — Ele teve de parar para umedecer os lábios. — Quem é a mãe de vocês?

Elayne arregalou os olhos de surpresa, mas Gawyn falou num tom de voz comum que tornou suas palavras ainda mais chocantes.

— Morgase, pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-trono da Casa Trakand.

— A Rainha — murmurou Rand, o choque se espalhando por ele em ondas de entorpecimento. Por um momento ele pensou que sua cabeça ia começar a girar novamente. *Não atraia nenhuma atenção. Só caia no jardim da Rainha e deixe a Filha-herdeira cuidar de seus cortes como uma curandeira qualquer.* Ele queria rir, e soube que estava nos limites do pânico.

Respirando bem fundo, ele se levantou apressadamente. Teve de se controlar muito para não sair correndo, mas a necessidade de fugir tomou conta dele, de fugir antes que mais alguém o descobrisse ali.

Elayne e Gawyn o observaram calmamente, e quando ele deu um pulo eles se levantaram graciosamente, sem nem um pouco de pressa. Ele estendeu a mão para puxar o lenço de sua cabeça, e Elayne o agarrou pelo cotovelo.

— Pare com isso. Você vai fazer o sangramento voltar. — A voz dela continuava calma, ainda segura de que ele faria o que ela mandasse.

— Eu preciso ir — disse Rand. — Vou só escalar o muro de volta e...

— Você realmente não fazia ideia. — Pela primeira vez ela pareceu tão espantada quanto ele. — Você quer dizer que escalou aquele muro para ver Logain sem nem saber onde estava? Você podia ter uma vista muito melhor lá embaixo nas ruas.

— Eu... eu não gosto de multidões — murmurou ele. Então esboçou uma mesura para cada um deles. — Com sua licença, ah... minha senhora. — Nas histórias, as cortes reais estavam cheias de gente que vivia chamando uns aos outros de meu senhor, minha senhora, Sua Alteza Real e Majestade, mas se ele algum dia ouvira a forma de tratamento correta para a Filha-herdeira, não conseguia pensar com clareza suficiente para se lembrar. Não conseguia pensar com clareza sobre nada além da necessidade de sair dali. — Com sua licença, vou embora agora. Ah... obrigado pelo... — Ele tocou o lenço ao redor da cabeça. — Obrigado.

— Sem sequer nos dizer seu nome? — perguntou Gawyn. — Um pagamento mísero pelo cuidado que Elayne teve. Estou aqui pensando sobre você. Seu sotaque parece o de um homem de Andor, embora não de Caemlyn, certamente, mas você parece... Bem, você sabe nossos nomes. A cortesia sugere que você nos diga o seu.

Olhando desolado para o muro, Rand deu seu nome correto antes de pensar no que estava fazendo, e até acrescentou:

— De Campo de Emond, nos Dois Rios.

— Do oeste — murmurou Gawyn. — Muito longe, no oeste.

Rand olhou ao seu redor com irritação. Havia um quê de surpresa na voz do jovem, e Rand captou parte dela em seu rosto quando se virou. Mas Gawyn o substituiu por um sorriso agradável tão rapidamente que ele quase duvidou do que havia visto.

— Tabac e lã — disse Gawyn. — Preciso conhecer os principais produtos de

cada parte do Reino. De cada terra, aliás. É parte do meu treinamento. Principais produtos e atividades, e como são as pessoas. Seus costumes, suas forças e fraquezas. Dizem que o povo dos Dois Rios é teimoso. Eles podem ser liderados, se acharem que você é digno, mas quanto mais você tenta forçá-los, com mais força eles teimam. Elayne devia escolher seu marido naquela região. Vai ser preciso um homem com uma vontade de pedra para não ser atropelado por ela.

Rand ficou olhando fixamente para ele. Elayne também. Gawyn parecia tão controlado quanto ela, mas estava tagarelando. *Por quê?*

— O que é isso?

Os três deram um pulo com a voz súbita, e giraram para enfrentá-la.

O jovem que estava de pé ali parado era o homem mais bonito que Rand já tinha visto, quase bonito demais para ser masculino. Era alto e magro, mas seus movimentos sugeriam a força da corda de um arco e grande autoconfiança. De cabelos e olhos escuros, ele vestia roupas apenas um pouco menos elaboradas em vermelho e branco que as de Gawyn, como se não tivessem importância. Uma das mãos repousava sobre o cabo da espada, e seus olhos estavam fixos em Rand.

— Fique longe dele, Elayne — disse o homem. — Você também, Gawyn.

Elayne deu um passo à frente de Rand, ficando entre ele e o recém-chegado, tão segura e confiante como sempre.

— Ele é um súdito leal de nossa mãe, e um bom homem da Rainha. E está sob minha proteção, Galad.

Rand tentou se lembrar do que tinha ouvido de Mestre Kinch, e de Mestre Gill depois. Galadedrid Damodred era meio-irmão de Elayne, de Elayne e Gawyn, se ele se lembrava corretamente; os três tinham o mesmo pai. Mestre Kinch podia não ter gostado muito de Taringail Damodred — assim como qualquer outro a quem já tivesse ouvido falar dele —, mas seu filho era igualmente bem-visto pelos que usavam o vermelho e o branco, se era possível confiar no que se dizia pela cidade.

— Sei bem de sua atração por pobres coitados, Elayne — disse o homem magro num tom sensato —, mas o sujeito está armado, e não parece lá de muito boa reputação. Todo cuidado é pouco hoje em dia. Se ele é um leal homem da Rainha, o que está fazendo aqui, onde não é lugar dele? É fácil demais mudar o tecido que envolve uma espada, Elayne.

— Ele está aqui como meu convidado, Galad, e eu me responsabilizo por ele. Ou você se autoneomeou minha babá, para decidir com quem posso falar e quando?

A voz dela pingava escárnio, mas Galad parecia não notar.

— Você sabe que eu não exijo nenhum controle sobre os seus atos, Elayne, mas este... seu convidado não é adequado, e você sabe disso tão bem quanto eu. Gawyn, me ajude a convencê-la. Nossa mãe iria...

— Chega! — disse Elayne, ríspida. — Você tem razão ao dizer que não controla minhas ações, e tampouco tem qualquer direito de julgá-las. Pode ir embora. Agora!

Galad lançou um olhar irônico a Gawyn; um olhar que ao mesmo tempo parecia pedir ajuda e dizer que Elayne era simplesmente teimosa demais. O rosto de Elayne ficou mais vermelho, mas no instante em que ela abriu a boca novamente, ele se curvou, com toda a formalidade, mas com a graça de um gato. Deu um passo para trás, depois se virou e seguiu o caminho pavimentado, suas pernas compridas conduzindo-o rapidamente para fora das vistas além do caramanchão.

— Eu o odeio — disse Elayne baixinho. — Ele é vil e invejoso.

— Agora você está indo longe demais, Elayne — disse Gawyn. — Galad não conhece o significado da inveja. Ele salvou minha vida duas vezes, sem ninguém para vê-lo estender a mão. Se não tivesse feito isso, ele seria seu Primeiro Príncipe da Espada no meu lugar.

— Jamais, Gawyn. Eu escolheria qualquer um antes de Galad. Qualquer um. O mais baixo cavaleiro. — Subitamente ela sorriu e dirigiu ao irmão um olhar duro, de brincadeira. — Você fica dizendo que eu gosto de dar ordens. Bem, eu lhe ordeno que não deixe nada acontecer a si mesmo. Eu lhe ordeno que seja meu Primeiro Príncipe da Espada quando eu assumir o trono, a Luz faça com que este dia esteja bem distante!, e lidere os exércitos de Andor com a espécie de honra com que Galad não consegue sequer sonhar.

— O que ordenar, minha senhora. — Gawyn riu, fazendo uma paródia da mesura de Galad.

Elayne olhou para Rand franzindo a testa, pensativa.

— Agora precisamos tirar você daqui rápido.

— Galad sempre faz o que é certo — explicou Gawyn —, mesmo quando não deveria. Neste caso, encontrando um estranho nos jardins, o certo é notificar os guardas do Palácio. Coisa que suspeito que ele está indo fazer neste instante.

— Então está na hora de eu pular de volta o muro — disse Rand. *Que belo dia para não ser notado! Eu podia muito bem carregar uma placa!* Virou-se para o muro, mas Elayne segurou seu braço.

— Não depois do trabalho que tive com suas mãos. Você só vai arranhá-las de novo e depois deixar uma velha de algum beco colocar neles sabe a Luz o quê. Há um pequeno portão do outro lado do jardim. Ele está escondido pelas plantas, e só eu lembro que ele existe.

Subitamente Rand ouviu o rumor de botas pelas pedras do pavimento vindo na direção deles.

— Tarde demais — murmurou Gawyn. — Ele deve ter começado a correr assim que saiu das nossas vistas.

Elayne grunhiu um impropério, e as sobranceiras de Rand deram um salto. Ele já tinha ouvido aquilo da boca de um cavaleiro na Bênção da Rainha e ficara chocado. No instante seguinte ela já era senhora de si novamente.

Gawyn e Elayne pareceram tranquilos em permanecer onde estavam, mas ele não conseguia se conformar em ficar esperando os Guardas da Rainha com tamanha calma. Incapaz de ficar parado, tentou ir mais uma vez para o muro, sabendo que não estaria mais que no meio da subida quando os guardas chegassem.

Antes que ele desse três passos, homens em uniformes vermelhos apareceram, placas peitorais reluzindo ao sol enquanto eles corriam pelo caminho. Outros vieram como ondas de escarlate e aço polido, aparentemente de todas as direções. Uns empunhavam a espada; outros só esperaram firmar botas antes de erguer os arcos e encaixar as flechas. Atrás das barras de proteção dos capacetes cada olhar era sombrio, e cada flecha estava apontada diretamente para ele.

Elayne e Gawyn pularam em sincronia, colocando-se entre ele e as flechas, os braços abertos para cobri-lo. Ele permanecia paralisado e mantinha as mãos bem à vista, distantes de sua espada.

Enquanto o ruído das botas e das cordas dos arcos ainda vibrava no ar, um dos soldados, com o nó dourado de um oficial em seu ombro, gritou:

— Minha senhora, meu senhor, abaixem-se, rápido!

Apesar de seus braços estendidos, Elayne assumiu uma postura régia.

— Você ousa trazer aço nu à minha presença, Tallanvor? Gareth Bryne porá você para limpar estábulos com o soldado mais raso por isto, se você tiver sorte!

Os soldados trocaram olhares intrigados, e alguns dos arqueiros, desconfortáveis, baixaram um pouco os arcos. Só então Elayne desceu os braços, como se só os tivesse erguido casualmente. Gawyn hesitou, mas seguiu o exemplo dela. Rand podia contar os arcos que não haviam sido abaixados. Os músculos de seu estômago tensionaram como se pudessem deter uma flecha a vinte passos de distância.

O homem com o nó de oficial parecia o mais perplexo de todos.

— Minha senhora, me perdoe, mas Lorde Galadredid relatou que havia um camponês sujo à espreita nos jardins, armado e ameaçando Lady Elayne e Lorde Gawyn. — Seus olhos dirigiram-se a Rand, e sua voz tornou-se mais firme. — Se minha senhora e meu senhor me fizerem a gentileza de se afastarem, levarei o vilão sob custódia. Há muita gente de baixo nível na cidade no momento.

— Duvido muito que Galad tenha relatado algo desse tipo — disse Elayne. — Galad não mente.

— Às vezes eu gostaria que ele mentisse — disse Gawyn baixinho, para Rand ouvir. — Só uma vez. Tornaria mais fácil viver com ele.

— Este homem é meu convidado — continuou Elayne —, e está aqui sob minha proteção. Pode se retirar, Tallanvor.

— Lamento que isso não seja possível, minha senhora. Como sabe, a Rainha, senhora sua mãe, deu ordens com relação a qualquer um dentro dos muros do Palácio sem a permissão de Sua Majestade, e Sua Majestade já foi informada deste intruso. — Havia mais que uma leve satisfação na voz de Tallanvor. Rand suspeitava que o oficial já tivera de aceitar de Elayne outras ordens que não achara adequadas; mas dessa vez isso não aconteceria, não quando ele tinha a desculpa perfeita.

Elayne encarou Tallanvor; pela primeira vez, parecia não saber o que fazer.

Rand dirigiu um olhar questionador a Gawyn, que entendeu.

— Prisão — murmurou Gawyn. O rosto de Rand ficou branco, e o jovem acrescentou rapidamente: — Apenas por alguns dias, e você não será ferido. Será interrogado por Gareth Bryne, o Capitão-general, pessoalmente, mas será solto assim que ficar claro que não pretendia fazer mal algum. — Ele fez uma pausa, com pensamentos ocultos nos olhos. — Espero que você esteja dizendo a verdade, Rand al'Thor dos Dois Rios.

— Você conduzirá nós três a minha mãe — anunciou Elayne subitamente.

Um sorriso despontou no rosto de Gawyn.

Atrás das barras de aço que lhe cobriam o rosto, Tallanvor pareceu surpreso.

— Minha senhora, eu...

— Ou então conduza todos os três a uma cela — disse

Elayne. — Permaneceremos juntos. Ou você dará ordens para que coloquem as mãos em mim? — Seu sorriso era de vitória, e a maneira como Tallanvor correu os olhos ao redor, como se esperasse encontrar ajuda nas árvores, dizia que ele também achava que ela havia vencido.

Vencido o quê? Como?

— Mamãe está vendo Logain — disse Gawyn baixinho, como se tivesse lido os pensamentos de Rand —, e, mesmo que não estivesse ocupada, Tallanvor não ousaria marchar na presença dela com Elayne e eu, como se *nós* estivéssemos sob guarda. Mamãe tem um temperamento um pouco esquentado às vezes.

Rand se lembrou do que Mestre Gill dissera a respeito da Rainha Morgase. *Um pouco esquentado?*

Outro soldado de uniforme vermelho veio correndo pelo caminho, quase escorregando ao parar para uma saudação com um braço cruzado sobre o peito. Ele falou baixinho com Tallanvor, e suas palavras trouxeram a satisfação de volta ao rosto do comandante.

— A Rainha, senhora sua mãe — anunciou Tallanvor —, ordena que eu leve o intruso a ela imediatamente. É também ordem da Rainha que Lady Elayne e Lorde Gawyn se apresentem a ela. Também imediatamente.

Gawyn fez uma careta súbita, e Elayne engoliu em seco. Seu rosto composto, ela começou ainda assim a limpar, concentrada, as manchas no vestido. Além de deslocar alguns pedaços de casca, seus esforços não ajudaram em muita coisa.

— Minha senhora, por favor... — disse Tallanvor, presunçoso. — Meu senhor?

Os soldados fizeram ao redor deles uma formação retangular que se pôs em movimento, com Tallanvor à frente. Gawyn e Elayne ladeavam Rand, ambos parecendo perdidos em pensamentos desagradáveis. Os soldados haviam embainhado suas espadas e devolvido as flechas às aljavas, mas não estavam menos alertas do que quando empunhavam as armas. Eles vigiavam Rand como se esperassem que ele puxasse a espada a qualquer momento e tentasse abrir caminho para a liberdade.

Tentar alguma coisa? Não vou tentar nada. Despercebido! Hah!

Vigiando os soldados que o vigiavam, ele subitamente se deu conta do jardim. Acontecera uma coisa atrás da outra, cada novo choque vindo antes que o anterior tivesse chance de arrefecer, e o local onde estava até então não lhe chamara atenção, exceto pelo muro e seu desejo desesperado de estar de volta do outro lado dele. Naquele momento ele viu a grama verde que antes havia apenas tocado de leve o fundo de sua mente. *Verde!* Uma centena de tons de verde. Árvores e arbustos verdes e viçosos, densos de tantas folhas e frutos. Trepadeiras luxuriantes cobrindo caramanchões no caminho. Algumas ele conhecia — sol-radiante dourada e pontas-de-sebo minúsculas e rosadas, fulgor-das-estrelas rubra e glória-de-emond púrpura, rosas de todas as cores, do mais puro branco ao vermelho mais intenso —, mas outras eram estranhas, tão fantásticas em forma e cor que ele ficou se perguntando se seriam de verdade.

— Está verde — sussurrou. — Verde.

Os soldados resmungaram uns com os outros. Tallanvor olhou para trás, lançando-lhes um olhar ríspido, e eles ficaram quietos.

— Obra de Elaida — disse Gawyn, distraído.

— Não está certo — disse Elayne. — Ela perguntou se eu queria escolher a única fazenda pela qual ela podia fazer o mesmo, enquanto ao redor todas as plantações ainda mirravam, mas ainda não está certo que nós tenhamos flores quando há pessoas que não têm o bastante para comer. — Ela respirou fundo e voltou a se mostrar autoconfiante. — Lembre-se — disse bruscamente a Rand —, fale com clareza quando se dirigirem a você, mas afora isso, não diga nada. E faça o que eu fizer. Tudo vai ficar bem.

Rand desejou ter a confiança dela. Teria ajudado se Gawyn a tivesse também. Enquanto Tallanvor os conduzia para o interior do Palácio, ele olhou para o jardim atrás deles, todo aquele verde rajado de flores, cores criadas para uma

Rainha pela mão de uma Aes Sedai. Ele estava em águas profundas, e não havia nenhuma margem à vista.

Serviçais palacianos enchiam os salões, em librés vermelhas com colarinhos e punhos brancos, o Leão Branco no peito esquerdo de suas túnicas, concentrados em suas tarefas, nem todas aparentes. Quando os soldados passavam marchando com Elayne e Gawyn, e Rand no meio deles, todos paravam onde estavam para olhar, boquiabertos.

No meio de toda essa consternação, um gato de listras acinzentadas vagava despreocupado pelo salão, abrindo caminho por entre as pernas de serviçais de olhos arregalados. Subitamente Rand achou o gato estranho. Ele estivera em Baerlon tempo suficiente para saber que até mesmo a loja mais reles tinha gatos espreitando em cada canto. Desde que haviam entrado no Palácio, aquele gato era o único que ele vira.

— Vocês não têm ratos? — perguntou, incrédulo. *Todo* lugar tinha ratos.

— Elaida não gosta de ratos — murmurou Gawyn vagamente. Ele tinha a testa franzida e olhava, preocupado, na direção da outra extremidade do corredor, aparentemente já prevendo o encontro que viria com a Rainha. — Nunca temos ratos.

— Vocês dois, fiquem quietos. — A voz de Elayne foi ríspida, mas tão ausente quanto a de seu irmão. — Estou tentando pensar.

Rand observou o gato, olhando para trás até os guardas o fazerem virar uma curva, o que tirou o animal de vista. Uma quantidade grande de gatos teria feito com que ele se sentisse melhor; teria sido bom se houvesse alguma coisa de normal naquele Palácio, mesmo que fossem ratos.

O caminho que Tallanvor tomou fez tantas curvas que Rand perdeu o senso de direção. Por fim, o jovem oficial parou diante de uma porta dupla de madeira escura com um brilho distinto, não tão grandiosa quanto algumas pelas quais eles haviam passado, mas ainda toda esculpida com fileiras de leões finamente trabalhados em detalhes. De cada lado da porta, um serviçal de libré montava guarda.

— Pelo menos não é o Grande Salão. — Gawyn riu, inseguro. — Nunca ouvi dizer que nossa Mãe tenha dado ordens para cortar a cabeça de alguém aqui. — Ele soava como se achasse que ela poderia abrir um precedente.

Tallanvor estendeu a mão para pegar a espada de Rand, mas um gesto de Elayne

interrompeu seu movimento.

— Ele é meu convidado, e, por costume e pela lei, convidados da família real podem se apresentar armados mesmo na presença de minha Mãe. Ou você vai negar minha palavra de que ele é meu convidado?

Tallanvor hesitou, olhando-a nos olhos, e então assentiu.

— Muito bem, minha senhora. — Ela sorriu para Rand quando Tallanvor recuou, mas isso só durou um instante. — A primeira fileira me acompanhe — ordenou Tallanvor. — Anunciem Lady Elayne e Lorde Gawyn a Sua Majestade — disse aos porteiros. — E também o Tenente da Guarda Tallanvor, a mando de Sua Majestade, com o intruso sob escolta.

Elayne olhou de cara feia para Tallanvor, mas as portas já estavam se abrindo. Uma voz sonora se fez ouvir, anunciando os que chegavam.

Imponente, Elayne passou pelas portas, estragando apenas um pouco sua entrada régia ao fazer um gesto para que Rand ficasse bem atrás dela. Gawyn empertigou os ombros e entrou ao lado dela, um passo calculado atrás. Rand seguiu, inseguro, na mesma altura de Gawyn do outro lado dela. Tallanvor manteve-se próximo a Rand, e dez soldados entraram com ele. As portas se fecharam silenciosamente.

Subitamente Elayne se abaixou numa mesura profunda, curvando-se ao mesmo tempo da cintura para cima, e ali permaneceu, segurando a saia bem aberta. Rand levou um susto, mas rapidamente imitou Gawyn e os outros homens, deslocando o corpo de modo desajeitado até acertar o movimento. Apoiou-se sobre o joelho direito, a cabeça abaixada, curvando-se para a frente até pressionar o nós dos dedos da mão direita contra o piso de mármore, a mão esquerda repousando no cabo de sua espada. Gawyn, sem espada, colocou a mão sobre a adaga da mesma maneira.

Rand estava acabando de se parabenizar por ter feito tudo certo quando reparou que Tallanvor, a cabeça ainda abaixada, olhava de esguelha para ele por trás da viseira, fuzilando-o com o olhar. *Será que eu deveria fazer outra coisa?* Ficou subitamente com raiva por Tallanvor ter esperado que ele soubesse o que fazer quando ninguém lhe dissera. E com raiva por estar com medo dos guardas. Ele não havia feito nada para ter medo. Sabia que seu medo não era culpa de Tallanvor, mas estava com raiva dele mesmo assim.

Todos ficaram em suas posições, congelados como se esperassem pelo degelo da primavera. Ele não sabia por que estavam esperando, mas aproveitou a

oportunidade para estudar o lugar ao qual havia sido levado. Manteve a cabeça baixa, apenas virando-a o suficiente para ver. O olhar zangado de Tallanvor tornou-se mais intenso, mas ele o ignorou.

A câmara quadrada tinha mais ou menos o tamanho do salão da Bênção da Rainha. Suas paredes exibiam cenas de caça esculpidas em relevo em pedra do mais puro branco. As tapeçarias entre os entalhes eram imagens suaves de flores de cores vivas e beija-flores de plumagens brilhantes, exceto pelas duas na extremidade oposta do salão, onde o Leão Branco de Andor se erguia mais alto que um homem em campos escarlates. Essas duas tapeçarias flanqueavam uma plataforma, e sobre esta havia um trono entalhado e folheado a ouro, onde se sentava a Rainha.

Um homem corpulento e atarracado, de cabeça descoberta, estava à direita da Rainha, vestindo o vermelho das Guardas da Rainha, com quatro nós dourados no ombro de seu manto e faixas douradas largas quebrando o branco dos punhos. Suas têmporas eram totalmente grisalhas, mas ele parecia forte e sólido como uma rocha. Tinha de ser o Capitão-general, Gareth Bryne. Atrás do trono, do outro lado, uma mulher vestida de seda verde-escura estava sentada em uma banqueta baixa, tricotando algo feito de lã escura, quase negra. No começo o tricotar fez Rand pensar que se tratasse de uma velha, mas um segundo olhar fez com que ele não conseguisse definir-lhe a idade. Jovem, velha, ele não sabia dizer. A atenção dela parecia inteiramente voltada para as agulhas e o novelo, como se não estivesse na presença de uma Rainha. Era uma mulher bonita, plácida por fora, mas havia alguma coisa de terrível em sua concentração. Não havia som na sala exceto pelo clique-clique de suas agulhas.

Ele tentava olhar para tudo, mas seus olhos voltavam à mulher com a coroa reluzente de rosas finamente esculpidas na testa, a Coroa de Rosas de Andor. Uma longa estola vermelha, o Leão de Andor marchando ao longo de seu comprimento, pendia sobre o vestido de seda plissada vermelho e branco, e, quando ela tocou o braço do Capitão-general com a mão esquerda, um anel no formato da Grande Serpente devorando a própria cauda reluziu. Mas não era a grandiosidade das roupas ou das joias que atraía o olhar de Rand sem parar: era a mulher que as usava.

Morgase tinha a beleza da filha, amadurecida e florescida. Seu rosto e sua figura, sua presença, preenchiam o salão como uma luz que obscurecia os outros dois que estavam com ela. Se tivesse sido uma viúva em Campo de Emond, ela teria tido uma fileira de pretendentes do lado de fora de sua porta mesmo que fosse a pior cozinheira e mais desleixada dona de casa dos Dois Rios. Ele viu que ela o analisava e abaixou a cabeça, temendo que ela fosse capaz de ler seus

pensamentos só de ver seu rosto. *Luz, pensar na Rainha como se ela fosse uma aldeã! Seu idiota!*

— Vocês podem se levantar — disse Morgase com uma voz rica e calorosa que tinha a certeza da obediência de Elayne multiplicada por cem.

Rand se levantou com os demais.

— Mãe... — começou Elayne, mas Morgase a interrompeu.

— Ao que parece, você andou subindo em árvores, filha. — Elayne arrancou um fragmento solto de casca de árvore do vestido e, descobrindo que não havia onde colocá-lo, manteve-o em sua mão. — Na verdade — Morgase continuou calmamente — parece que, apesar de minhas ordens em contrário, você conseguiu dar sua olhada nesse Logain. Gawyn, eu esperava mais de você. Precisa aprender não só a obedecer a sua irmã, mas a ser um contraponto a ela para evitar desastres. — Os olhos da Rainha voltaram-se para o homem corpulento ao lado dela, mas logo se desviaram novamente. Bryne permaneceu impassível, como se não houvesse notado, mas Rand achava que aqueles olhos notavam tudo. — Isso, Gawyn, é tarefa do Primeiro Príncipe tanto quanto liderar os exércitos de Andor. Talvez, se seu treinamento for intensificado, você encontre menos tempo para deixar sua irmã colocar você em apuros. Pedirei ao Capitão-general para cuidar que não lhe falem coisas para fazer na jornada para o norte.

Gawyn mexeu os pés como se fosse protestar, mas então abaixou a cabeça.

— Como ordenar, mãe.

Elayne fez uma careta.

— Mãe, Gawyn não pode evitar que eu me meta em apuros se não estiver comigo. Foi somente por esse motivo que ele deixou seus aposentos. Mãe, certamente não podia haver mal nenhum em apenas olhar para Logain. Quase todos na cidade estavam mais perto dele do que nós.

— Todos na cidade não são a Filha-herdeira. — Na voz da Rainha subjazia certa rispidez. — Eu vi esse tal de Logain de perto, e ele é perigoso, criança. Enjaulado, com Aes Sedai para vigiá-lo a cada minuto, ele ainda é tão perigoso quanto um lobo. Quisera eu que ele nunca tivesse estado nem perto de Caemlyn.

— Em Tar Valon cuidarão dele. — A mulher sentada na banquetta não tirou os olhos do tricô enquanto falava. — O importante é que as pessoas vejam que a

Luz mais uma vez conquistou as Trevas. E que elas vejam que você faz parte dessa vitória, Morgase.

Morgase fez um gesto de desprezo.

— Eu ainda preferia que ele jamais tivesse se aproximado de Caemlyn. Elayne, eu sei o que você está pensando.

— Mãe — protestou Elayne —, eu tenho a intenção de obedecer à senhora. De verdade.

— Tem mesmo? — perguntou Morgase, fingindo surpresa, depois riu. — Sim, você tenta ser uma filha obediente. Mas você constantemente testa até onde pode ir. Bem, eu fazia o mesmo com minha mãe. Esse espírito a fará ter uma postura muito boa quando ascender ao trono, mas você ainda não é Rainha, criança. Você me desobedeceu e deu sua olhada em Logain. Dê-se por satisfeita com isso. Na jornada para o norte não terá permissão de chegar a menos de cem passos dele, nem você nem Gawyn. Se eu não soubesse o quão duras serão suas lições em Tar Valon, mandaria Lini junto para garantir que você obedeça. Ela, pelo menos, parece capaz de fazer com que você aja como deve.

Elayne abaixou a cabeça, mal-humorada.

A mulher atrás do trono parecia ocupada em contar os pontos.

— Em uma semana — disse ela subitamente — você vai querer voltar para casa e para sua mãe. Em um mês vai querer fugir com o Povo Errante. Mas minhas irmãs vão manter você longe do descrente. Esse tipo de coisa não é para você. Não ainda. — Bruscamente ela se virou na banquetta para olhar Elayne com atenção; toda sua placidez desapareceu como se nunca tivesse existido. — Você tem tudo para ser a maior Rainha que Andor já viu, que qualquer terra já viu em mais de mil anos. É para isso que iremos moldar você, se tiver a força para isso.

Rand a encarou. Tinha de ser Elaida, a Aes Sedai. Subitamente ele ficou feliz por não ter ido a ela em busca de ajuda, independentemente de que Ajah ela fosse. Ela irradiava uma severidade muito além da de Moiraine. Em certos momentos, ele pensava em Moiraine como aço coberto por veludo; no caso de Elaida, o veludo era apenas uma ilusão.

— Chega, Elaida — disse Morgase, franzindo a testa, desconfortável. — Ela já ouviu mais do que o suficiente. Há de ser o que a Roda tecer. — Por um momento ela ficou em silêncio, olhando para a filha. — Agora há o problema deste jovem — ela fez um gesto para Rand sem desviar o olhar do rosto de

Elayne — e de como e por que ele veio para cá, e por que você o declarou convidado real a seu irmão.

— Posso falar, mãe? — Quando Morgase assentiu concordando, Elayne narrou os eventos de forma simples, do momento em que viu Rand pela primeira vez escalando a encosta até o muro. Ele esperava que ela terminasse proclamando a inocência do que ele havia feito, mas em vez disso ela disse: — Mãe, frequentemente a senhora me diz que preciso conhecer nosso povo, do mais nobre ao mais humilde, mas sempre que conheço algum deles é cercada de uma dezena de assistentes. Como posso vir a conhecer qualquer coisa real ou verdadeira sob tais circunstâncias? Ao falar com este rapaz, aprendi mais sobre o povo dos Dois Rios, sobre que espécie de gente eles são, do que jamais aprenderia com os livros. Deve ter algum significado o fato de ele ter vindo de tão longe e vestido o vermelho, quando tantos que aqui chegam usam o branco por medo. Mãe, eu imploro que não castigue um súdito leal, alguém que me ensinou muito sobre o povo que a senhora governa.

— Um súdito leal dos Dois Rios. — Morgase suspirou. — Minha criança, você devia prestar mais atenção àqueles livros. Os Dois Rios não veem um coletor de impostos há seis gerações, e os Guardas da Rainha há sete. Ouso dizer que eles raramente sequer se lembram de que fazem parte do Reino. — Rand encolheu-se, incomodado, lembrando-se de sua surpresa quando lhe disseram que os Dois Rios faziam parte do Reino de Andor. A Rainha o viu e sorriu com tristeza para a filha. — Viu, criança?

Elaida havia colocado de lado seu tricô, Rand percebeu, e o estava estudando. Ela se levantou de sua banquetela e desceu lentamente da plataforma para postar-se diante dele.

— Dos Dois Rios? — perguntou ela. Estendeu a mão para a cabeça dele, que recuou ao toque, e ela deixou a mão cair. — Com esse vermelho nos cabelos, e os olhos cinzentos? O povo dos Dois Rios tem cabelos e olhos escuros, e raramente tem essa altura. — A mão dela disparou para afastar a manga do casaco dele, expondo uma pele mais clara que o sol não atingia com frequência. — Nem uma pele dessas.

Rand teve de se esforçar para não fechar os punhos.

— Eu nasci em Campo de Emond — disse ele, rígido. — Minha mãe era uma estrangeira; é daí que vêm os meus olhos. Meu pai é Tam al'Thor, pastor e fazendeiro, assim como eu.

Elaida assentiu devagar, sem tirar os olhos do rosto dele. Rand olhou para ela

com uma tranquilidade que desmentia a sensação de acidez em seu estômago. Ele a viu notar a firmeza de seu olhar. Ainda olhando para ele olho no olho, ela moveu a mão lentamente na direção dele mais uma vez. Ele resolveu não se afastar desta vez.

Mas foi a espada que ela tocou, não ele; a mão dela se fechou em torno do punho. Seus dedos se enrijeceram, e seus olhos se arregalaram, surpresos.

— Um pastor dos Dois Rios — disse ela baixinho, num sussurro para ser ouvido por todos — com uma espada com a marca da garça.

Essas últimas palavras tiveram na sala o mesmo efeito que haveria se ela tivesse anunciado o Tenebroso. Couro e metal rangeram atrás de Rand, botas raspando o piso de mármore. Do canto de seu olho ele pôde ver Tallanvor e os outros guardas recuando para ganhar espaço, mãos nas espadas, preparados para sacá-las e, pelos seus rostos, preparados para morrer. Em dois passos rápidos Gareth Bryne estava na frente da plataforma, entre Rand e a Rainha. Até mesmo Gawyn se colocou na frente de Elayne, uma expressão preocupada no rosto e uma das mãos na adaga. A própria Elayne olhou para ele como se o estivesse vendo pela primeira vez. Morgase não mudou a expressão do rosto, mas suas mãos apertaram os braços dourados do trono.

Somente Elaida mostrou menos reação do que a Rainha. A Aes Sedai não deu sinal de que houvesse dito nada fora do normal. Ela tirou a mão da espada, fazendo com que os soldados ficassem ainda mais tensos. Seus olhos não desviaram dos dele, inabaláveis e calculistas.

— Certamente — disse Morgase, numa voz equilibrada — ele é jovem demais para ter feito por merecer uma espada com a marca da garça. Ele não pode ser mais velho que Gawyn.

— Ela pertence a ele — disse Gareth Bryne.

A Rainha olhou, surpresa, para ele.

— Como pode?

— Não sei, Morgase — disse Bryne lentamente. — Ele é muito jovem, *sim*, e no entanto ela pertence a ele, e ele a ela. Olhe nos olhos dele. Veja sua postura, como a espada lhe serve, e ele a ela. Ele é jovem demais, mas a espada é dele.

Quando o Capitão-general ficou em silêncio, Elaida falou:

— Como você conseguiu essa espada, Rand al'Thor dos Dois Rios? — Ela o disse como se duvidasse do nome dele tanto quanto do lugar de onde ele era.

— Meu pai a deu para mim — disse Rand. — Era dele. Ele achou que eu fosse precisar de uma espada ao sair no mundo.

— Mais *outro* pastor dos Dois Rios com uma espada com a marca da garça. — O sorriso de Elaida fez sua boca ficar seca. — Quando você chegou a Caemlyn?

Ele já estava cansado de dizer a verdade àquela mulher. Ela lhe inspirava tanto medo quanto qualquer Amigo das Trevas. Estava na hora de começar a esconder as coisas novamente.

— Hoje — respondeu. — Hoje de manhã.

— Bem a tempo — murmurou ela. — Onde você está hospedado? Não diga que não encontrou um quarto. Você parece um pouco desmazelado, mas teve tempo de se refrescar um pouco. Onde?

— Coroa e Leão. — Ele se lembrou de ter passado na frente da Coroa e Leão quando procurava pela Bênção da Rainha. A estalagem ficava no lado oposto da Cidade Nova em relação à de Mestre Gill. — Tenho uma cama lá. No sótão. — Teve a sensação de que ela sabia que ele estava mentindo, mas a mulher apenas assentiu.

— Que coincidência, não? — disse ela. — Hoje o descrente foi trazido para Caemlyn. Em dois dias ele será levado para Tar Valon, ao norte, e com ele segue a Filha-herdeira para seu treinamento. E justamente nesta encruzilhada um jovem aparece nos jardins do Palácio, afirmando ser um súdito leal dos Dois Rios...

— Eu *sou* dos Dois Rios. — Todos estavam olhando para ele, mas todos o ignoraram. Todos menos Tallanvor e os guardas; aqueles olhos jamais piscavam.

— ...com uma história calculada para cativar Elayne e trazendo uma espada com a marca da garça. Ele não usa nenhuma braçadeira nem laço para proclamar sua lealdade, mas amarrações que cuidadosamente escondem a garça de olhos curiosos. Quais são as chances de isso acontecer, Morgase?

A Rainha fez um gesto para que o Capitão-general se afastasse, e quando ele o fez ela estudou Rand com um olhar preocupado. Mas foi com Elaida que ela falou.

— O que você está insinuando que ele seja? Amigo das Trevas? Um dos seguidores de Logain?

— O Tenebroso se agita em Shayol Ghul — replicou a Aes Sedai. — A Sombra se estende sobre o Padrão, e o futuro está equilibrado na ponta de um alfinete. Este rapaz é perigoso.

Subitamente Elayne jogou-se de joelhos perante o trono.

— Mãe, eu lhe imploro que não faça mal a ele. Ele teria partido caso eu não o tivesse impedido. Ele queria ir. Fui eu quem o fez ficar. Não posso acreditar que ele seja um Amigo das Trevas.

Morgase fez um gesto apaziguador para a filha, mas seus olhos permaneceram em Rand.

— Isto é uma Previsão, Elaida? Você está lendo o Padrão? Você diz que isso lhe vem quando você menos espera e desaparece tão subitamente quanto chega. Se isto é uma Previsão, Elaida, eu lhe ordeno que diga a verdade claramente, sem seu costume de envolvê-la em tanto mistério que ninguém consegue dizer se você disse sim ou não. Fale. O que você vê?

— Isto eu Predigo — respondeu Elaida —, e juro sob a Luz que não posso dizer com mais clareza. Deste dia em diante Andor marcha na direção da dor e da divisão. A Sombra ainda está para alcançar sua maior escuridão, e não consigo ver se a Luz virá depois dela. Onde o mundo já chorou uma lágrima, irá chorar milhares. Isto eu Predigo.

Uma mortalha de silêncio cobriu o salão, quebrada apenas por Morgase, que soltou o ar como se fosse sua última respiração.

Elaida continuou a fitar os olhos de Rand. Ela voltou a falar, mal movendo os lábios, tão suavemente que ele quase não conseguiu ouvi-la, mesmo a menos de um braço de distância.

— Isto também eu Predigo. Dor e divisão virão ao mundo inteiro, e este homem está no coração de tudo. Eu obedeço à Rainha — sussurrou — e falo com clareza.

Rand teve a sensação de que seus pés estavam enraizados no piso de mármore. O frio e a dureza da pedra subiram por suas pernas, e um tremor percorreu sua espinha. Ninguém mais podia ter ouvido. Mas ela ainda estava olhando para ele, e ele tinha ouvido.

— Eu sou um pastor — disse ele para todo o salão. — Dos Dois Rios. Um pastor.

— Há de ser o que a Roda tecer — disse Elaida em voz alta, e ele não soube dizer se havia um toque de deboche em seu tom ou não.

— Lorde Gareth — disse Morgase —, preciso do conselho do meu Capitão-general.

O homem corpulento sacudiu a cabeça.

— Elaida Sedai diz que o rapaz é perigoso, minha Rainha, e se ela pudesse dizer mais eu mandaria chamar o carrasco. Mas tudo o que ela diz é o que qualquer um de nós pode ver com os próprios olhos. Não há um fazendeiro no campo que não diga que as coisas vão ficar piores sem precisar de Previsão. Eu mesmo acredito que o garoto esteja aqui por mero acaso, embora um acaso que lhe seja desfavorável. Por segurança, minha Rainha, recomendo pô-lo numa cela até que Lady Elayne e Lorde Gawyn estejam bem longe, e depois deixá-lo ir embora. A menos, Aes Sedai, que você tenha mais a Predizer sobre ele.

— Eu já disse tudo o que li no Padrão, Capitão-general — disse Elaida. Ela dirigiu um sorriso duro para Rand, um sorriso que mal levantava os cantos dos lábios, fazendo pouco da incapacidade dele de dizer que ela não estava falando a verdade. — Algumas semanas de prisão não lhe farão mal, e podem me dar a chance de descobrir mais. — Seus olhos estavam famintos, o que fez o frio na espinha de Rand ficar ainda maior. — Talvez haja outra Previsão.

Por algum tempo Morgase ficou pensando, o queixo apoiado no punho fechado, o cotovelo no braço do trono. Rand teria se mexido desconfortavelmente sob o olhar intrigado dela se conseguisse se mover, mas os olhos de Elaida o paralisavam completamente. Por fim, a Rainha falou:

— A desconfiança está sufocando Caemlyn, talvez Andor inteira. O medo, e uma desconfiança negra. Mulheres denunciam suas vizinhas como Amigas das Trevas. Homens rabiscam a Presa do Dragão nas portas de pessoas que conhecem há anos. Eu não vou me tornar parte disso.

— Morgase... — começou Elaida, mas a Rainha a interrompeu.

— Eu não vou me tornar parte disso. Quando subi ao trono jurei fazer justiça para os nobres e os plebeus, e eu a farei, ainda que seja a última em Andor a se lembrar do que é justiça. Rand al'Thor, sob a Luz, você jura que seu pai, um pastor nos Dois Rios, lhe deu esta lâmina com a marca da garça?

Rand tentou produzir saliva suficiente para falar.

— Eu juro. — Subitamente, atentando na pessoa com quem estava falando, acrescentou: — Minha Rainha. — Lorde Gareth ergueu uma sobrancelha, mas Morgase não pareceu se importar.

— E você escalou o muro do jardim simplesmente para ver melhor o falso Dragão?

— Sim, minha Rainha.

— Você deseja algum mal ao trono de Andor, ou a minha filha, ou a meu filho? — Seu tom de voz dizia que os dois últimos lhe dariam ainda menos piedade que o primeiro.

— Não desejo mal algum a quem quer que seja, minha Rainha. À senhora e aos seus menos ainda.

— Então eu lhe darei justiça, Rand al'Thor — disse ela. — Primeiro, porque tenho uma vantagem sobre Elaida e Gareth, de ter ouvido a fala dos Dois Rios quando jovem. Você não tem a aparência, mas, se minha pálida lembrança não me falha, você tem os Dois Rios em sua língua. Segundo, ninguém com seu cabelo e olhos afirmaria ser um pastor dos Dois Rios a menos que fosse verdade. E que seu pai lhe deu uma espada com a marca da garça é absurdo demais para que seja mentira. E, terceiro, a voz que sussurra para mim que a melhor mentira é frequentemente ridícula demais para ser tomada como mentira... essa voz não prova nada. Eu agirei conforme as leis que criei. Eu lhe dou sua liberdade, Rand al'Thor, mas sugiro que tome cuidado com os locais que invadir no futuro. Se for encontrado em território do Palácio novamente, não se livrará assim tão fácil.

— Obrigado, minha Rainha — disse ele com a voz rouca. Podia sentir o desprazer de Elaida como um bafo quente no rosto.

— Tallanvor — disse Morgase —, escolte este... escolte o convidado de minha filha até a saída do Palácio, e demonstre toda a cortesia para com ele. O resto de vocês pode ir também. Não, Elaida, você fica. E, você também, por favor, Lorde Gareth. Preciso decidir o que fazer com relação a esses Mantos-brancos na cidade.

Tallanvor e os guardas embainharam as espadas com relutância, prontos para sacá-las novamente num instante. Mesmo assim, Rand ficou feliz em ver os soldados formarem um quadrado ao seu redor e seguirem Tallanvor. Elaida estava apenas dando parte de sua atenção ao que a Rainha dizia; ele podia sentir

os olhos dela em suas costas. *O que teria acontecido se Morgase não tivesse mantido a Aes Sedai consigo?* Esse pensamento o fez desejar que os soldados andassem mais rápido.

Para sua surpresa, Elayne e Gawyn trocaram algumas palavras do lado de fora, e então começaram a andar ao seu lado. Tallanvor também ficou surpreso. O jovem oficial olhou deles de volta para as portas, que se fechavam.

— Minha mãe — disse Elayne — ordenou que ele fosse escoltado até a saída do Palácio. Com toda a cortesia. O que está esperando?

Tallanvor fez uma careta para as portas, atrás das quais a Rainha conferenciava com seus assessores.

— Nada, minha senhora — disse, amargo, e ordenou que a escolta avançasse.

As maravilhas do Palácio passaram despercebidas por Rand. Ele estava perplexo, fragmentos de pensamento girando rápido demais para que ele pudesse assimilar. *Você não tem a aparência. Este homem está no coração de tudo.*

A escolta parou. Ele piscou, espantado, ao perceber que se encontrava no grande pátio na frente do Palácio, olhando para os portões altos e dourados, reluzentes ao sol. Aqueles portões não seriam abertos para um único homem, certamente não para um invasor, ainda que a Filha-herdeira solicitasse direitos de convidado para ele. Sem dizer palavra, Tallanvor tirou a barra de uma portinhola montada dentro de um dos portões.

— É o costume — disse Elayne — acompanhar os convidados até os portões, mas não vê-los partir. É o prazer da companhia de um convidado que deve ser lembrado, não a tristeza da partida.

— Obrigado, minha senhora — disse Rand. Ele tocou o lenço que servia de atadura em sua cabeça. — Por tudo. O costume nos Dois Rios é que um convidado traga um pequeno presente. Lamento não ter nada. Embora — acrescentou ele secamente — aparentemente eu tenha mesmo lhe ensinado algo do povo dos Dois Rios.

— Se eu tivesse dito a minha Mãe que achei você bonito, ela certamente o teria trancafiado numa cela. — Elayne lhe dirigiu um sorriso estonteante. — Adeus, Rand al'Thor.

Boquiaberto, ele a observou ir embora, uma versão mais jovem da beleza e da majestade de Morgase.

— Não tente entrar num duelo de palavras com ela. — Gawyn riu. — Ela ganha sempre.

Rand assentiu, distraído. *Bonito? Luz, a Filha-herdeira do trono de Andor!* Ele sacudiu com força a cabeça para clarear as ideias.

Gawyn parecia estar esperando algo. Rand olhou para ele por um momento.

— Meu senhor, quando lhe disse que era dos Dois Rios, o senhor ficou surpreso. E todos os outros também: sua mãe, Lorde Gareth, Elaida Sedai — um arrepio percorreu sua espinha —, nenhum deles... — Não conseguiu terminar a frase; não sabia sequer por que a havia começado. *Eu sou filho de Tam Al'Thor, ainda que não tenha nascido nos Dois Rios.*

Gawyn assentiu como se fosse isso que estivesse esperando. Mesmo assim, hesitou. Rand abriu a boca para retirar a pergunta que não havia sido feita, e Gawyn disse:

— Enrole uma *shoufa* ao redor de sua cabeça, Rand, e você será um Aiel perfeito. Estranho, já que a Mãe parece pensar que você *fala* como um homem dos Dois Rios, pelo menos. Gostaria que pudéssemos ter nos conhecido melhor, Rand al'Thor. Adeus.

Um Aiel.

Rand ficou ali parado, vendo Gawyn retirar-se até uma tosse impaciente de Tallanvor lembrá-lo de onde estava. Ele se abaixou e passou pela portinhola; Tallanvor a fechou praticamente em seus calcanhares. As barras do lado de dentro fizeram um barulho enorme ao se encaixarem no lugar.

A praça oval na frente do Palácio estava vazia. Todos os soldados, a multidão, as trombetas e tambores haviam desaparecido no silêncio. Nada restara a não ser o lixo espalhado pelo calçamento e algumas poucas pessoas cuidando, apressadas, de seus afazeres, agora que a empolgação acabara. Ele não conseguiu ver se elas usavam o vermelho ou o branco.

Aiel.

Com um susto, ele percebeu que estava parado diante dos portões do Palácio, onde Elaida poderia encontrá-lo facilmente assim que terminasse com a Rainha. Puxando seu manto mais para perto do corpo, ele pôs-se a andar rapidamente, atravessando a praça e entrando nas ruas da Cidade Interna. Ele olhava para trás frequentemente para ver se alguém o estava seguindo, mas as curvas sinuosas

impediam que ele visse muito longe. No entanto, ele conseguia se lembrar muito bem dos olhos de Elaída, e os imaginou a observá-lo. Quando chegou aos portões que davam para a Cidade Nova, já estava correndo.





Velhos Amigos e Novas Ameaças

De volta à Bênção da Rainha, Rand se jogou contra o batente da porta da frente, ofegante. Correrá o caminho inteiro, sem se importar se alguém veria que ele estava usando o vermelho, nem se usariam sua corrida como uma desculpa para persegui-lo. Achava que nem mesmo um Desvanecido poderia tê-lo alcançado.

Langwin estava sentado em um banco ao lado da porta, com um gato rajado nos braços, quando ele apareceu correndo. O homem se levantou para ver se havia algum problema na direção da qual Rand vinha, ainda coçando calmamente as orelhas do gato. Como não viu nada, voltou a se sentar, tomando cuidado para não perturbar o animal.

— Uns idiotas tentaram roubar alguns dos gatos agora há pouco — disse. Examinou os nós dos dedos antes de voltar a fazer carinho no gato. — Gatos dão

um bom dinheiro hoje em dia.

Os dois homens da facção branca ainda estavam do outro lado, Rand viu, um deles com um olho roxo e o maxilar inchado. Com uma expressão de rancor, ele esfregava o cabo da espada enquanto observava a estalagem.

— Onde está Mestre Gill? — perguntou Rand.

— Biblioteca — respondeu Lamgwin. O gato começou a ronronar, e ele sorriu. — Nada perturba um gato por muito tempo, nem mesmo alguém tentando enfiá-lo num saco.

Rand entrou apressado, passando pelo salão, com a quantidade costumeira de homens de vermelho falando enquanto bebiam sua cerveja. Sobre o falso Dragão, e se os Mantos-brancos dariam trabalho quando ele fosse levado para o norte. Ninguém dava a mínima para o que aconteceria com Logain, mas todos sabiam que a Filha-herdeira e Lorde Gawyn estariam viajando no grupo, e nenhum homem ali toleraria que eles corressem qualquer risco.

Encontrou Mestre Gill na biblioteca, jogando pedras com Loial. Havia uma gorda gata malhada em cima da mesa, as patas enfiadas debaixo do corpo, observando as mãos deles se moverem sobre o tabuleiro quadriculado.

O Ogier colocou outra pedra com um toque estranhamente delicado para seus dedos grossos. Balançando a cabeça, Mestre Gill aproveitou a desculpa da aparição de Rand para se afastar da mesa. Loial quase sempre vencias nas pedras.

— Eu estava começando a ficar preocupado com você, rapaz. Achei que você pudesse ter se metido em encrenca com alguns daqueles traidores de branco, dado de cara com aquele mendigo ou algo assim.

Por um momento Rand ficou ali parado, boquiaberto. Ele havia se esquecido completamente daquele trapo humano.

— Eu o vi — disse finalmente. — Mas isso não foi nada. Vi a Rainha também, e Elaida; e é aí que está o problema.

Mestre Gill sufocou uma gargalhada, e acabou soltando o ar pelo nariz.

— A Rainha, é? Não diga. Há mais ou menos uma hora, estávamos com Gareth Bryne aqui no salão, disputando queda de braço com o Senhor Capitão Comandante dos Filhos, mas a Rainha... Isso sim é impressionante.

— Sangue e cinzas! — grunhiu Rand. — Todo mundo acha que eu estou mentindo hoje. — Jogou o manto nas costas de uma cadeira e caiu sentado em outra. Estava agitado demais para se recostar. Ficou na ponta da cadeira, enxugando o rosto com um lenço. — Eu vi o mendigo, e ele me viu, e eu pensei... Isso não é importante. Subi num muro que cercava um jardim, de onde eu podia ver a praça na frente do Palácio, para onde levaram Logain. E caí lá dentro.

— Eu quase acredito que você não esteja brincando — disse o estalajadeiro devagar.

— *Ta'veren* — murmurou Loial.

— Ah, foi assim que aconteceu — disse Rand. — Que a Luz me ajude, foi assim mesmo.

O ceticismo de Mestre Gill foi derretendo lentamente enquanto Rand prosseguia, transformando-se em um alarme silencioso. O estalajadeiro foi se inclinando cada vez mais para a frente até estar empoleirado na ponta de sua cadeira igual a Rand. Loial escutava impassivelmente, mas com frequência esfregava o nariz enorme, e os tufo de pelos das orelhas estremeciam um pouco.

Rand contou tudo que acontecera, tudo menos o que Elaida lhe havia sussurrado. E o que Gawyn dissera no portão do Palácio. Na primeira, ele não queria pensar; a segunda não tinha nada a ver com nada. *Eu sou filho de Tam al'Thor, ainda que não tenha nascido nos Dois Rios. Eu sou! Eu tenho sangue dos Dois Rios, e Tam é meu pai.*

Subitamente percebeu que havia parado de falar, perdido em seus pensamentos, e eles o estavam encarando. Por um instante de pânico, perguntou-se se havia falado demais.

— Bem — disse Mestre Gill —, vocês não podem mais esperar pelos seus amigos. Terão de deixar a cidade, e depressa. Em dois dias, no máximo. Você vai conseguir fazer Mat se levantar nesse tempo, ou é melhor eu chamar a Mãe Grubb?

Rand lançou-lhe um olhar perplexo.

— Dois dias?

— Elaida é a conselheira da Rainha Morgase, logo depois do Capitão-general Gareth Bryne em pessoa. Quem sabe até à frente dele. Se ela puser os Guardas

da Rainha à sua procura... e Lorde Gareth não a deterá a menos que ela interfira com as outras tarefas dele... bem, os Guardas podem vasculhar cada estalagem de Caemlyn em dois dias. E isso se considerarmos que um acaso infeliz não os traga aqui no primeiro dia, ou na primeira hora. Talvez haja algum tempo se eles começarem na Coroa e Leão, mas não há tempo a perder.

Rand assentiu devagar.

— Se eu não conseguir tirar Mat daquela cama, o senhor chama a Mãe Grubb. Ainda tenho um pouco de dinheiro. Talvez seja o bastante.

— Eu me viro com a Mãe Grubb — disse o estalajadeiro, impaciente. — E suponho que possa emprestar a vocês uns dois cavalos. Experimentem ir para Tar Valon caminhando e vão gastar o que restou de suas botas no meio do caminho.

— O senhor é um bom amigo — disse Rand. — Parece que não lhe trouxemos nada a não ser encrenca, mas o senhor ainda assim está disposto a nos ajudar. Um bom amigo.

Mestre Gill pareceu constrangido. Deu de ombros, pigarreou e olhou para baixo. Isso fez com que seus olhos voltassem ao tabuleiro de pedras, e ele os desviou novamente. Loial estava definitivamente vencendo.

— Sim, bem, Thom sempre foi um bom amigo para mim. Se ele está disposto a fazer um esforço extra por vocês, eu também posso fazer alguma coisa.

— Eu gostaria de acompanhá-lo quando você partir, Rand — disse Loial subitamente.

— Achei que isso já estivesse resolvido, Loial. — Ele hesitou... Mestre Gill ainda não conhecia a extensão do perigo... e então acrescentou: — Você sabe o que aguarda a Mat e a mim, o que está nos perseguindo.

— Amigos das Trevas — respondeu o Ogier, num ribombo plácido —, e Aes Sedai, e sabe a Luz mais o quê. Ou o Tenebroso. Você está indo para Tar Valon, e lá há um bosque muito bonito, do qual ouvi dizer que as Aes Sedai cuidam bem. De qualquer maneira, há mais coisas a ver no mundo que os bosques. Você é realmente *ta'veren*, Rand. O Padrão se tece ao seu redor, e você está no coração dele.

Este homem está no coração de tudo. Rand sentiu um frio na espinha.

— Eu não estou no coração de nada — disse, ríspido.

Mestre Gill piscou, e até mesmo Loial pareceu espantado com sua raiva. O estalajadeiro e o Ogier se entreolharam, e depois voltaram os olhos para o chão. Rand forçou a expressão em seu rosto a se suavizar, respirando bem fundo. Para sua própria surpresa, encontrou o vazio que havia fugido dele tantas vezes ultimamente, e recuperou a calma. Eles não mereciam sua raiva.

— Você pode vir, Loial. Não sei por que você quer isso, mas eu gostaria da sua companhia. Você... você sabe como Mat está.

— Eu sei — disse Loial. — Ainda não posso ir à rua sem atrair uma multidão gritando “Trolloc” atrás de mim. Mas Mat, pelo menos, usa apenas palavras. Ele não tentou me matar.

— É claro que não — disse Rand. — Não Mat. *Ele não iria tão longe. Não Mat.*

Ouviram-se batidas à porta, e uma das empregadas, Gilda, enfiou a cabeça dentro do aposento. Sua boca estava contraída, e os olhos, cheios de preocupação.

— Mestre Gill, venha depressa, por favor. Há Mantos-brancos no salão.

Mestre Gill deu um pulo, soltando um impropério, o que fez a gata pular da mesa para sair do aposento, a cauda erguida, ofendida.

— Estou indo. Corra e diga a eles que estou chegando, e depois saia do caminho deles. Você me ouviu, garota? Fique longe deles. — Gilda balançou a cabeça afirmativamente e desapareceu. — É melhor você ficar aqui — disse a Loial.

O Ogier bufou, um som que lembrou o de lençóis rasgando.

— Não tenho nenhum desejo de me encontrar novamente com os Filhos da Luz.

Os olhos de Mestre Gill recaíram sobre o tabuleiro de pedras, e seu ânimo pareceu melhorar.

— Parece que vamos ter de reiniciar o jogo mais tarde.

— Não há necessidade. — Loial esticou o braço para as prateleiras e pegou um livro; suas mãos faziam o volume encadernado parecer minúsculo. — Podemos retomar de onde o tabuleiro está. É sua vez.

Mestre Gill fez uma careta.

— Se não é uma coisa, é outra — resmungou ao sair com pressa do aposento.

Rand o seguiu, mas devagar. Não desejava se envolver com os Filhos mais do que Loial. *Este homem está no coração de tudo.* Ele parou na porta do salão, de onde podia ver o que estava acontecendo, mas distante o suficiente para, assim esperava, não ser notado.

Um silêncio de morte tomava conta do salão. Cinco Mantos-brancos encontravam-se de pé no meio do aposento, sendo escrupulosamente ignorados pelas pessoas nas mesas. Um deles trazia o relâmpago prateado de um suboficial sob o sol radiante em seu manto. Lamgwin estava recostado contra a parede ao lado da porta da frente, limpando, concentrado, as unhas com uma lasca de madeira. Mais quatro dos guardas que Mestre Gill havia contratado estavam espaçados ao longo da parede, todos diligentemente não prestando qualquer atenção nos Mantos-brancos. Se os Filhos da Luz notaram algo, não deram sinal. Apenas o suboficial demonstrava qualquer emoção, batendo impacientemente as manoplas com dorso de aço na palma da mão enquanto esperava pelo estalajadeiro.

Mestre Gill atravessou o salão até ele rapidamente, um olhar cautelosamente neutro no rosto.

— A Luz o ilumine — disse, fazendo uma mesura cuidadosa, não muito profunda, mas não leve o bastante para ser insultante — e à nossa boa Rainha Morgase. Como posso ajudar...

— Não tenho tempo para essas suas bobagens, estalajadeiro — disse o suboficial, grosseiro. — Já estive em vinte estalagens hoje, um chiqueiro pior que o outro, e verei mais vinte antes que o sol se ponha. Estou procurando Amigos das Trevas, um garoto dos Dois Rios...

O rosto de Mestre Gill foi ficando mais vermelho a cada palavra. Ele bufava como se fosse explodir, e finalmente o fez, cortando o Manto-branco.

— Não há nenhum Amigo das Trevas no meu estabelecimento! Todo homem aqui é um bom homem da Rainha!

— Sim, e todos nós sabemos de que lado Morgase está — o suboficial distorceu o nome da Rainha com desprezo —, assim como a bruxa de Tar Valon, não é?

O barulho de pés de cadeira raspando no chão foi alto. Subitamente todos os homens no salão estavam em pé. Eles ficaram parados feito estátuas, mas cada um deles fitando sombriamente os Mantos-brancos. O suboficial não pareceu

notar, mas os quatro atrás dele olharam ao redor, inseguros.

— Será mais fácil para você, estalajadeiro — disse o suboficial —, se cooperar. Estes são tempos difíceis para os que abrigam Amigos das Trevas. Creio que uma estalagem com a Presa do Dragão na porta não atrairia muitos clientes. Pode até haver problemas com fogo, com isso na sua porta.

— Saiam daqui agora mesmo — disse Mestre Gill baixinho —, ou eu mando chamar os Guardas da Rainha para levar o que sobrar de vocês para o monturo.

A espada de Lamgwin saiu raspando de sua bainha, e o ruído rústico do aço no couro se repetiu por todo o salão conforme espadas e adagas eram sacadas. As criadas saíram correndo para as portas.

O suboficial olhou ao redor com desprezo, sem acreditar no que via.

— A Presa do Dragão...

— Não vai ajudar vocês cinco. — Mestre Gill terminou a frase por ele. Ergueu um punho cerrado e levantou o indicador. — Um.

— Você deve estar louco, estalajadeiro, ameaçando os Filhos da Luz.

— Os Mantos-brancos não têm autoridade em Caemlyn. Dois.

— Você realmente acredita que isto vai acabar aqui?

— Três.

— Nós voltaremos — disse o suboficial, ríspido, e em seguida mandou apressadamente os homens darem meia-volta, tentando fingir que estavam saindo ordenadamente e a seu próprio tempo. Isso foi prejudicado pela ansiedade de seus homens ao seguirem para a porta, não correndo, mas também sem fazer segredo de que queriam era estar do lado de fora.

Lamgwin barrava a porta, de espada em punho, abrindo caminho somente em resposta aos acenos frenéticos de Mestre Gill. Quando os Mantos-brancos se foram, o estalajadeiro caiu pesadamente em uma cadeira. Passou uma das mãos na testa, depois olhou para ela como se estivesse surpreso por não estar coberta de suor. Por todo o aposento, homens voltaram a se sentar, rindo pelo que haviam acabado de fazer. Alguns foram até Mestre Gill para lhe dar tapinhas no ombro.

Quando viu Rand, o estalajadeiro saiu cambaleante da cadeira e foi até ele.

— Quem diria que eu poderia dar uma de herói? — perguntou-se. — Que a Luz me ilumine. — Bruscamente ele se sacudiu todo num tremor, e sua voz quase recuperou o tom normal. — Vocês vão ter de ficar longe das vistas até eu achar um jeito de tirá-los da cidade. — Com um olhar cauteloso de volta ao salão, ele empurrou Rand mais para o fundo do corredor. — Aquele bando vai voltar, ou então alguns espíões usando vermelho por um dia. Depois desse espetáculo que eu dei, duvido que eles se importem se vocês estão aqui ou não. Vão agir como se estivessem.

— Isso é loucura — protestou Rand. A um gesto do estalajadeiro, ele abaixou a voz. — Os Mantos-brancos não têm motivo para virem atrás de mim.

— Não sei dos motivos, rapaz, mas que eles estão atrás de você e de Mat é certo. *O que* você andou aprontando? Elaida e os Mantos-brancos.

Rand levantou as mãos em protesto, depois as deixou cair. Isso não fazia sentido, mas ele tinha ouvido o Manto-branco.

— E quanto ao senhor? Os Mantos-brancos vão lhe causar problemas mesmo que não nos encontrem.

— Não se preocupe com isso, rapaz. Os Guardas da Rainha ainda mantêm a lei, mesmo que deixem traidores andarem por aí mostrando o branco. Quanto à noite... bem, pode ser que Lamgwin e seus amigos não durmam muito, mas eu quase chego a ter pena de alguém que tente colocar uma marca na minha porta.

Gilda apareceu ao lado deles, fazendo uma mesura para Mestre Gill.

— Senhor, tem... tem uma dama. Na cozinha. — Ela parecia escandalizada com essa combinação. — Ela está pedindo para ver Mestre Rand, senhor, e Mestre Mat. Chamou os dois pelo nome.

Rand trocou um olhar intrigado com o estalajadeiro.

— Rapaz — disse Mestre Gill —, se você realmente conseguiu trazer Lady Elayne do Palácio até minha estalagem, vamos todos acabar enfrentando o carrasco. — Gilda deu um gritinho com a menção da Filha-herdeira e olhou para Rand com os olhos arregalados. — Saia daqui, garota — disse o estalajadeiro, severo. — E não fale nada do que você ouviu. Não é da conta de ninguém. — Gilda assentiu de novo e disparou pelo corredor, lançando olhares para trás, dirigidos a Rand. — Em cinco minutos — Mestre Gill suspirou — ela estará contando às outras mulheres que você é um príncipe disfarçado. Ao cair da noite a Cidade Nova inteira vai saber.

— Mestre Gill — disse Rand —, eu nunca mencionei Mat a Elayne. Não pode ser... — Subitamente um sorriso imenso iluminou seu rosto, e ele correu para a cozinha.

— Espere! — gritou o estalajadeiro atrás dele. — Espere até você saber. Espere, seu tolo!

Rand escancarou a porta da cozinha, e lá estavam eles. Moiraine pousou seus olhos serenos sobre ele, sem se surpreender. Nynaeve e Egwene correram rindo para abraçá-lo, com Perrin logo atrás, todos os três dando palmadinhas em seus ombros como se precisassem se convencer de que ele estava realmente ali. Na porta que dava para o pátio do estábulo, Lan descansava com uma bota encostada no batente, dividindo sua atenção entre a cozinha e o pátio lá fora.

Rand tentou abraçar as duas mulheres e apertar a mão de Perrin, tudo ao mesmo tempo, e foi uma confusão de braços e risos complicada ainda mais por Nynaeve tentando sentir o rosto dele para ver se não havia febre. Eles pareciam um tanto maltratados. Havia escoriações no rosto de Perrin, que mantinha os olhos abaixados como jamais fizera antes. Mas estavam vivos, e juntos novamente. Sua garganta estava tão embargada que ele mal conseguia falar.

— Tive medo de nunca mais ver vocês — conseguiu finalmente dizer. — Tive medo de que vocês todos estivessem...

— Eu sabia que você estava vivo — disse Egwene, colada ao seu peito. — Eu sempre soube. Sempre.

— Eu não sabia — disse Nynaeve. Sua voz soou severa naquele instante, mas se suavizou no seguinte, e ela sorriu para ele. — Você parece bem, Rand. Não está muito bem alimentado, mas está bem, graças à Luz.

— Bem — disse Mestre Gill atrás dele —, acho que você conhece essas pessoas afinal. São os amigos que você estava procurando?

Rand assentiu.

— Sim, são os meus amigos. — Ele fez as apresentações; ainda parecia estranho dar a Lan e Moiraine seus nomes verdadeiros. Ambos lhe dirigiram um olhar agudo quando ele o fez.

O estalajadeiro saudou a todos com um sorriso franco, mas mostrou-se devidamente impressionado por conhecer um Guardião, e em especial Moiraine. Quando a viu, seu queixo caiu abertamente. Uma coisa era saber que uma Aes

Sedai ajudava os rapazes, e outra bem diferente era ela aparecer em sua cozinha. Fez uma grande medida.

— A senhora é bem-vinda à Bênção da Rainha, Aes Sedai, como minha convidada. Embora suponho que vá ficar no Palácio com Elaida Sedai, e as Aes Sedai que vieram com o falso Dragão. — Fazendo mais uma medida, ele lançou a Rand um olhar rápido e preocupado. Tudo bem dizer que não falava mal de Aes Sedai, mas isso não era o mesmo que dizer que queria uma delas dormindo sob seu teto.

Rand assentiu, tentando lhe dizer silenciosamente que estava tudo bem. Moiraine não era parecida com Elaida, com uma ameaça oculta por trás de cada olhar, sob cada palavra. *Tem certeza? Mesmo agora você tem certeza?*

— Creio que vou ficar aqui — disse Moiraine — pelo curto tempo que permanecer em Caemlyn. E você deve permitir que eu pague.

Um gato malhado pulou do corredor para se enroscar nos tornozelos do estalajadeiro. Mal ele começou, um cinza saiu correndo de sob a mesa, arqueando as costas e sibilando. O malhado armou um bote com um sibilo ameaçador, e o cinza disparou para o pátio do estábulo, passando por Lan.

Mestre Gill começou a se desculpar pelos gatos ao mesmo tempo que protestava afirmando que Moiraine o honraria sendo sua convidada, mas estava mesmo certa de que não preferia o Palácio, o que ele entenderia perfeitamente bem, embora esperasse que ela aceitasse seu melhor quarto como presente. Foi uma tagarelice à qual Moiraine pareceu não dar a menor atenção. Em vez disso, ela se curvou para coçar o gato branco e alaranjado, que prontamente trocou os tornozelos de Mestre Gill pelos dela.

— Já vi quatro outros gatos aqui até agora — disse ela. — Você tem algum problema com camundongos? Ratazanas?

— Ratazanas, Moiraine Sedai. — O estalajadeiro suspirou. — Um problema terrível. Não que eu não mantenha o lugar limpo, a senhora entende. O problema é toda essa gente. A cidade inteira está cheia de gente e de ratos. Mas meus gatos dão conta disso. A senhora não será perturbada, prometo.

Rand trocou um olhar passageiro com Perrin, que abaixou os olhos novamente no mesmo instante. Havia algo de estranho nos olhos de Perrin. E ele estava tão quieto... Perrin era quase sempre lento para falar, mas agora não estava falando absolutamente nada.

— Pode ser a quantidade de gente — disse ele.

— Com sua permissão, Mestre Gill — disse Moiraine, como se ela achasse isso óbvio. — É muito fácil manter os ratos longe desta rua. Com sorte, os ratos nem sequer perceberão que estão sendo mantidos afastados.

Mestre Gill franziu a testa ao ouvir este último comentário, mas fez uma mesura, aceitando a oferta dela.

— Se a senhora tem mesmo certeza de que não prefere se hospedar no Palácio, Aes Sedai.

— Onde está Mat? — perguntou Nynaeve de repente. — *Ela* disse que ele também estava aqui.

— Lá em cima — informou Rand. — Ele... não está passando bem.

Nynaeve levantou a cabeça.

— Ele está doente? Eu deixo os ratos com *ela*. Vou cuidar dele. Leve-me a ele agora, Rand.

— Subam todos vocês — disse Moiraine. — Encontro vocês lá em alguns minutos. Estamos atulhando a cozinha de Mestre Gill, e seria melhor se pudéssemos ficar todos em algum lugar tranquilo por um tempo. — Havia uma sugestão subjacente na voz dela. *Fiquem longe das vistas. Ainda estamos nos escondendo.*

— Venham — disse Rand. — Vamos subir pelos fundos.

Todos de Campo de Emond se amontoaram atrás dele rumo à escada dos fundos, deixando a Aes Sedai e o Guardião na cozinha com Mestre Gill. Rand não conseguia deixar de se maravilhar com o fato de estarem todos juntos novamente. Era quase como se ele estivesse em casa outra vez. Não conseguia parar de sorrir.

O mesmo alívio, quase uma alegria, parecia estar afetando os outros. Eles riam para si mesmos, e continuavam estendendo a mão para agarrar seu braço. A voz de Perrin parecia contida, e ele ainda mantinha a cabeça abaixada, mas começou a falar enquanto subiam.

— Moiraine disse que podia encontrar você e Mat, e foi o que ela fez. Quando entramos na cidade, nós não conseguíamos parar de olhar... bem, todos menos Lan, é claro... todas as pessoas, os prédios, tudo. — Seus cachos espessos

balançaram quando ele sacudiu a cabeça incrédulo. — É tudo tão grande. E tanta gente. Algumas pessoas ficaram nos encarando, gritando: “Vermelho ou branco?”, como se isso fizesse algum sentido.

Egwene tocou a espada de Rand, a ponta dos dedos no tecido vermelho.

— O que isso significa?

— Nada — respondeu ele. — Nada importante. Estamos indo para Tar Valon, lembra?

Egwene olhou para ele, mas tirou a mão da espada e continuou de onde Perrin havia parado.

— Moiraine não olhava para nada, assim como Lan. Ela nos levou de um lado para outro tantas vezes por todas aquelas ruas, como um cão farejando, que achei que vocês não podiam estar aqui. Então, de repente, ela desceu uma rua, e, quando dei por mim, estávamos entregando os cavalos ao homem do estábulo e entrando na cozinha. Ela nem perguntou se você estava aqui. Simplesmente disse a uma mulher que estava misturando massa para ir dizer a Rand al'Thor e Mat Cauthon que alguém queria vê-los. E lá estava você — ela sorriu —, como uma bola surgindo da mão de um menestrel, assim do nada.

— Onde está o menestrel? — perguntou Perrin. — Ele está com vocês?

O estômago de Rand deu uma cambalhota, e a sensação boa de estar cercado de amigos diminuiu.

— Thom está morto. Eu acho que está morto. Havia um Desvanecido... — Ele não conseguiu falar mais nada. Nynaeve balançou a cabeça, resmungando baixinho.

O silêncio se adensou ao redor deles, sufocando os risinhos, destruindo a alegria, até eles chegarem ao topo das escadas.

— Mat não está exatamente doente — disse Rand então. — É... Vocês vão ver.
— Ele escancarou a porta do quarto que dividia com Mat. — Olhe quem está aqui, Mat.

Mat ainda estava curvado numa bola sobre a cama, do jeito que Rand o havia deixado. Ele levantou a cabeça para olhar para eles.

— Como sabe que eles são realmente quem parecem ser? — perguntou, a voz rouca. Seu rosto estava lívido, a pele repuxada e molhada de suor. — Como é que

eu sei que vocês são quem aparentam ser?

— Não está doente? — Nynaeve lançou a Rand um olhar de desdém quando passou por ele, já tirando a bolsa do ombro.

— Todo mundo muda. — A voz de Mat soava áspera. — Como eu posso ter certeza? Perrin? É você mesmo? Você mudou, não mudou? — Sua gargalhada soou mais como uma tosse. — Ah, sim, você mudou.

Para surpresa de Rand, Perrin sentou-se pesadamente na beirada da outra cama, levando as mãos à cabeça, olhando para o chão. A risada cortante de Mat parecia rasgá-lo por dentro.

Nynaeve se ajoelhou ao lado da cama de Mat e levou uma das mãos ao rosto dele, afastando-lhe o lenço da cabeça. Ele se afastou dela com um olhar de desdém. Seus olhos brilhavam, embaçados.

— Você está queimando — disse ela —, mas não deveria estar suando com uma febre tão alta. — Ela não conseguiu esconder a preocupação na voz. — Rand, você e Perrin peguem alguns panos limpos e o máximo de água fria que puderem carregar. Vou baixar a sua temperatura primeiro, Mat, e...

— Bela Nynaeve — cuspiu Mat. — Uma Sabedoria não deveria pensar em si mesma como uma mulher, não é? Não uma mulher bonita. Mas você pensa, não pensa? Você não consegue se forçar a esquecer que é uma mulher bonita, e isso apavora você. Todo mundo muda. — O rosto de Nynaeve empalideceu enquanto ele falava. Se de raiva ou alguma outra coisa, Rand não soube dizer. Mat deu uma gargalhada sórdida, e seus olhos febris deslizaram para Egwene. — Bela Egwene — coaxou ele. — Bonita como Nynaeve. E agora vocês compartilham outras coisas também, não é? Outros sonhos. Você sonha agora com o quê? — Egwene recuou um passo, afastando-se da cama.

— Estamos livres dos olhos do Tenebroso por ora — anunciou Moiraine ao entrar no quarto com Lan logo atrás. Seus olhos recaíram em Mat quando ela passou pela porta, e ela sibilou como se tivesse posto a mão num fogo quente. — Afastem-se dele!

Nynaeve não se moveu, a não ser para se virar e olhar surpresa para a Aes Sedai. Em dois passos rápidos, Moiraine agarrou a Sabedoria pelos ombros, arrastando-a para o outro lado do quarto como a um saco de grãos. Nynaeve lutou e protestou, mas Moiraine não a soltou até que ela estivesse bem longe da cama. A Sabedoria continuou a protestar ao se levantar, endireitando as roupas, irritada, mas Moiraine a ignorou completamente. A Aes Sedai observava Mat,

ignorando todo o resto e olhando-o como olharia para uma serpente.

— Todos vocês, longe dele — disse. — E fiquem quietos.

Mat a encarou de volta com a mesma intensidade. Ele arreganhou os dentes num ricto silencioso, resfolegando, e se encolheu num nó ainda mais tenso, mas não tirou os olhos dela. Lentamente ela pôs uma das mãos sobre ele, de leve, num joelho dobrado até o peito. Uma convulsão o sacudiu ao toque dela, um estremecimento de asco que lhe percorreu o corpo inteiro em espasmos, e subitamente ele moveu uma das mãos, tentando cortar o rosto de Moiraine com a adaga de cabo de rubi.

Num instante Lan estava no limiar da porta, no seguinte surgia ao lado da cama, como se não existisse o espaço entre os dois pontos. Sua mão agarrou o pulso de Mat, impedindo o golpe, como se Mat tivesse atingido uma rocha. Mesmo assim, o garoto continuou encolhido em posição fetal. Somente a mão com a adaga tentava se mover, lutando contra a mão implacável do Guardião. Os olhos de Mat não se desviavam de Moiraine e queimavam de ódio.

Moiraine também não se mexia. Não se afastava da lâmina, a centímetros de seu rosto, assim como não tinha se afastado quando ele atacara.

— Como ele conseguiu isso? — indagou com uma voz de aço. — Eu perguntei se Mordeth tinha dado alguma coisa a vocês. Perguntei, e avisei, e vocês disseram que não.

— Ele não deu nada — disse Rand. — Ele... Mat pegou a adaga na sala do tesouro. — Moiraine olhou para ele. Seus olhos pareciam arder tanto quanto os de Mat. Rand quase recuou um passo antes que ela se virasse novamente para a cama. — Eu só soube depois que nos separamos. Eu não sabia.

— Você não sabia. — Moiraine estudou Mat. Ele ainda estava deitado com os joelhos levantados, ainda rosnava para ela sem fazer qualquer som, e sua mão ainda lutava contra Lan para alcançá-la com a adaga. — É um assombro que vocês tenham chegado até aqui carregando isso. Senti o mal que emana dela quando pus os olhos nele, o toque de Mashadar, mas um Desvanecido poderia sentir isso a milhas. Muito embora ele não fosse saber exatamente onde, saberia que estava perto, e Mashadar atrairia seu espírito ao mesmo tempo que seus ossos se lembrariam de que este mesmo mal engoliu um exército. Amigos das Trevas, Desvanecidos, Trollocs, tudo. Alguns Amigos das Trevas provavelmente poderiam sentir isso também. Aqueles que realmente entregaram suas almas. Decerto houve quem se espantasse por sentir isso de repente, como se o próprio ar em volta pinicasse. Eles devem ter sido compelidos a procurar. Deve tê-los

atraído como um ímã atrai limalhas de ferro.

— Houve Amigos das Trevas — disse Rand —, mais de uma vez, mas nós fugimos deles. E um Desvanecido, na noite antes de chegarmos a Caemlyn, mas ele não nos viu. — Pigarreou. — Há rumores de coisas estranhas à noite fora da cidade. Podem ser Trollocs.

— E são Trollocs, pastor — disse Lan, seco. — E onde há Trollocs há Desvanecidos. — Os tendões se destacavam nas costas da sua mão pelo esforço de segurar o pulso de Mat, mas não havia tensão em sua voz. — Eles têm tentado esconder sua passagem, mas há dois dias que vejo sinais deles. E ouço fazendeiros e aldeões resmungarem sobre coisas estranhas à noite. Os Myrddraal conseguiram atacar os Dois Rios sem serem vistos, de algum modo, mas a cada dia eles chegam mais perto daqueles que podem enviar soldados para caçá-los. Nem assim eles vão parar agora, pastor.

— Mas nós estamos em Caemlyn — disse Egwene. — Eles não podem chegar até nós enquanto...

— Não podem? — o Guardião a cortou. — Os Desvanecidos estão aumentando a tropa no campo. Isto é óbvio pelos sinais, se você souber o que está procurando. Já há mais Trollocs do que eles precisam só para vigiar os caminhos de saída da cidade, pelo menos uma dúzia de punhos. Só pode haver uma razão; quando os Desvanecidos tiverem soldados suficientes, entrarão na cidade atrás de vocês. Esse ato pode fazer metade dos exércitos do sul marchar até as Terras da Fronteira, mas a evidência é de que eles estão dispostos a correr esse risco. Vocês três escaparam deles por tempo demais. Parece que trouxeram uma nova Guerra dos Trollocs a Caemlyn, pastor.

Egwene arquejou, e Perrin balançou a cabeça como se para negar isso. Rand sentiu um mal-estar no estômago só de pensar em Trollocs nas ruas de Caemlyn. Todas aquelas pessoas se pondo umas contra as outras, sem perceber a verdadeira ameaça esperando para atravessar as muralhas. O que eles fariam quando subitamente vissem Trollocs e Desvanecidos em seu meio, matando-os? Rand podia ver as torres queimando, chamas irrompendo das cúpulas, Trollocs saqueando as ruas curvas e mirantes da Cidade Interna. O próprio Palácio em chamas. Elayne, e Gawyn, e Morgase... mortos.

— Não ainda — disse Moiraine, absorta. Ela ainda se concentrava em Mat. — Se conseguirmos encontrar um jeito de sair de Caemlyn, os Meios-homens não terão mais interesse aqui. Se. Tantos ses.

— Era melhor estarmos todos mortos — disse Perrin subitamente, e Rand deu

um pulo de susto ao eco dos próprios pensamentos. Perrin ainda estava sentado olhando para o chão, fuzilando-o agora, e sua voz soava amarga. — Para todo lugar que vamos, levamos dor e sofrimento nas costas. Seria melhor para todos se estivéssemos mortos.

Nynaeve se virou subitamente para ele, seu rosto metade fúria e metade medo e preocupação, mas Moiraine se adiantou a ela.

— O que você pensa em ganhar, para si ou para qualquer outra pessoa, morrendo? — perguntou a Aes Sedai. Sua voz era neutra, mas severa. — Se o Senhor do Túmulo já ganhou o tanto de liberdade que eu temo para tocar o Padrão, ele poderá alcançar vocês mortos mais facilmente do que vivos agora. Mortos, vocês não podem ajudar ninguém, nem as pessoas que os ajudaram, nem seus amigos e família nos Dois Rios. A Sombra está caindo sobre o mundo, e nenhum de vocês poderá detê-la morto.

Perrin ergueu a cabeça para olhar para ela, e Rand levou um susto. As íris dos olhos de seu amigo estavam mais amarelas que castanhas. Com seus cabelos despenteados e a intensidade de seu olhar, havia alguma coisa nele... Rand não conseguia identificar o que era.

Perrin falou com uma inexpressividade suave que deu às palavras mais peso do que se ele tivesse gritado.

— Também não podemos detê-la vivos, podemos?

— Terei tempo para discutir isso com você mais tarde — disse Moiraine —, mas seu amigo precisa de mim agora. — Ela deu um passo para o lado para que todos pudessem ver Mat com clareza. Ainda dirigindo a ela um olhar repleto de ódio, ele não havia se movido nem mudado de posição na cama. O rosto estava coberto de suor, e os lábios mostravam-se brancos, imobilizados num esgar. Toda a sua força parecia estar concentrada no esforço de atingir Moiraine com a adaga que Lan mantinha imóvel. — Ou você havia esquecido?

Perrin deu de ombros, envergonhado, e abriu as mãos sem dizer palavra.

— O que há de errado com ele? — perguntou Egwene.

— É contagioso? — Nynaeve acrescentou. — Ainda posso tratar dele. Não importa o que seja, aparentemente eu nunca fico doente, não importa do quê.

— Ah, se é — disse Moiraine —, e sua... proteção não a salvaria. — Ela apontou para a adaga com cabo de rubi, tomando cuidado de não deixar seu dedo tocar

nela. A lâmina estremecia enquanto Mat lutava para atingi-la com ela. — Isto é de Shadar Logoth. Não há uma pedra daquela cidade que não esteja maculada e não represente perigo ao ser levada para fora das muralhas, e isto aqui é bem mais do que uma pedrinha. O mal que matou Shadar Logoth está contido nela, e agora em Mat também. Desconfiança e ódio tão fortes que mesmo os mais próximos são vistos como inimigos, enraizados tão profundamente que por fim o único pensamento que resta é o de matar. Trazendo a adaga para além das muralhas de Shadar Logoth ele a libertou, esta semente, do que a prendia àquele lugar. Ela ganhou e perdeu forças, com a luta do que ele é bem no fundo contra o que o contágio de Mashadar procurava fazê-lo se tornar, mas agora a batalha dentro dele está quase no fim, e ele está quase derrotado. Logo, se ela não o matar primeiro, ele espalhará esse mal como uma peste para onde quer que vá. Assim como um único arranhão dessa lâmina basta para infectar e destruir, em pouco tempo alguns minutos com Mat serão tão mortais quanto ela.

O rosto de Nynaeve estava branco.

— Você pode fazer alguma coisa? — sussurrou.

— Espero que sim. — Moiraine suspirou. — Pelo bem do mundo, espero não ter chegado tarde demais. — Ela enfiou a mão na bolsa em seu cinturão e retirou o *angreal* envolto em seda. — Deixem-me. Fiquem juntos, e encontrem um lugar onde não sejam vistos, mas saiam daqui. Farei o que puder por ele.





Recordações de Sonhos

Foi um grupo desanimado que Rand conduziu escada abaixo. Ninguém queria falar com ele, nem uns com os outros. Ele também não tinha lá muita vontade de falar.

O sol já havia avançado o suficiente no céu para deixar a escada dos fundos na penumbra, mas os lampiões ainda não haviam sido acesos. A luz do sol e a sombra listravam os degraus. A expressão de Perrin estava tão fechada quanto a dos outros, mas onde a preocupação franzia as testas dos demais, a dele estava lisa. Rand achou que o olhar de Perrin era de resignação. Ele imaginou por quê, e queria perguntar, mas sempre que Perrin andava por um trecho mais profundo de sombra, seus olhos pareciam recolher o pouco de luz que havia, brilhando suavemente como âmbar polido.

Rand estremeceu e tentou se concentrar no ambiente ao redor, nas paredes com painéis de nogueira e no corrimão de carvalho, nas coisas sólidas, cotidianas. Ele enxugou as mãos no casaco diversas vezes, mas a cada vez que fazia isso o suor tornava a brotar nas palmas das mãos. *Tudo vai ficar bem agora. Estamos juntos novamente, e... Luz, Mat.*

Levou-os para a biblioteca pelo caminho dos fundos que passava pela cozinha, evitando o salão. Poucos viajantes usavam a biblioteca; a maioria dos que sabiam ler ficava em estalagens mais elegantes na Cidade Interna. Mestre Gill a mantinha mais para seu próprio prazer do que para o punhado de hóspedes que queriam um livro de vez em quando. Rand não queria pensar em por que Moiraine não queria que eles fossem vistos, mas não parava de pensar no

suboficial dos Mantos-brancos dizendo que voltaria, e nos olhos de Elaida quando perguntara onde ele estava hospedado. O que quer que Moiraine quisesse, aquilo já era motivo suficiente.

Deu cinco passos dentro da biblioteca antes de perceber que todos os outros haviam parado, aglomerados na entrada, de queixo caído e olhos arregalados. Um pequeno fogo crepitava na lareira, e Loial se esticava no sofá comprido, lendo, com um gatinho preto de patas brancas enroscado e semiadormecido em cima de sua barriga. Quando eles entraram, ele fechou o livro com um dedo imenso marcando o lugar e colocou gentilmente o gato no chão, depois se levantou para fazer uma mesura formal.

Rand estava tão acostumado com o Ogier que levou um instante para perceber que Loial era o objeto dos olhares dos outros.

— Estes são os amigos que eu estava esperando, Loial — disse. — Esta é Nynaeve, a Sabedoria da minha aldeia. E Perrin. E esta é Egwene.

— Ah, sim — disse Loial numa voz de trovão. — Egwene. Rand falou muito de você. Sim. Eu sou Loial.

— Ele é um Ogier — explicou Rand e viu a natureza do espanto deles mudar. Mesmo depois de Trollocs e Desvanecidos em carne e osso, ainda era espantoso encontrar uma lenda viva, andando e respirando. Lembrando-se de sua própria reação inicial a Loial, ele sorriu, pesaroso. Estavam indo melhor do que ele.

Loial reagiu naturalmente aos olhares deles. Rand supôs que ele mal os notasse comparados a uma turba furiosa gritando “Trolloc”.

— E a Aes Sedai, Rand? — perguntou Loial.

— Está lá em cima com Mat.

O Ogier ergueu uma sobrancelha espessa, pensativo.

— Então ele *está* doente. Sugiro que nos sentemos todos. Ela se juntará a nós? Sim. Então nada há a fazer a não ser esperar.

O ato de sentar pareceu relaxar a tensão de todos de Campo de Emond, como se estar numa poltrona estofada com uma lareira acesa e um gato enroscado perto do fogo os fizesse se sentir em casa. Assim que se acomodaram, começaram, animados, a fazer perguntas ao Ogier. Para a surpresa de Rand, Perrin foi o primeiro a falar.

— Os pousos, Loial. Eles são realmente refúgios, do jeito que as histórias contam? — A voz dele era séria, como se ele tivesse um motivo particular para perguntar.

Loial ficou feliz em falar sobre os pousos, e como ele fora parar na Bênção da Rainha, e o que havia visto em suas viagens. Rand logo se recostou, escutando apenas parcialmente. Já ouvira tudo aquilo antes, em detalhes. Loial gostava de falar, e falar muito, quando tinha a menor oportunidade, embora em geral parecesse achar que uma história precisava de duzentos ou trezentos anos de pano de fundo para ser compreendida. Seu senso de tempo era muito estranho; para ele, trezentos anos parecia uma extensão razoável de tempo para uma história ou explicação cobrir. Ele sempre falava do pouso como se o tivesse deixado apenas alguns meses antes, mas finalmente ficara claro que ele partira havia quase três anos.

Os pensamentos de Rand se dirigiram a Mat. *Uma adaga. Uma maldita faca, e poderia matá-lo só por carregá-la. Luz, eu não quero mais aventuras. Se ela puder curá-lo, nós deveríamos todos ir... para casa. Não. Não podemos ir para casa. Para algum lugar. Vamos todos para algum lugar onde nunca ninguém tenha ouvido falar em Aes Sedai ou no Tenebroso. Algum lugar.*

A porta se abriu, e por um momento Rand achou que ainda estava imaginando coisas. Mat estava ali parado, piscando, com o casaco abotoado até o alto e o cachecol escuro enrolado na testa. Então Rand viu Moiraine, com a mão no ombro de Mat, e Lan atrás dos dois. A Aes Sedai estava observando Mat cuidadosamente, como se observa um convalescente que acabou de sair do leito. Como sempre, Lan vigiava tudo enquanto aparentava não vigiar nada.

Mat parecia não ter ficado doente um dia sequer. Seu primeiro sorriso hesitante incluiu a todos, embora tenha se tornado um olhar boquiaberto à visão de Loial, como se encontrasse o Ogier pela primeira vez. Dando de ombros e sacudindo a cabeça, ele voltou a atenção novamente para os amigos.

— Eu... ah... é... — Ele respirou fundo. — Isso... ah... parece que eu andei agindo... ah... meio estranho. Na verdade, não me lembro muito bem. — Ele olhou para Moiraine, desconfortável. Ela sorriu de volta de modo confiante, e ele continuou. — Tudo está nebuloso depois de Ponte Branca. Thom e o... — Ele estremeceu e se apressou. — Quanto mais longe de Ponte Branca, mais nebuloso tudo fica. Eu realmente não me lembro de ter chegado a Caemlyn. — Ele olhou para Loial de esguelha. — Não mesmo. Moiraine Sedai disse que eu... lá em cima, eu... ah... — Ele sorriu, e subitamente ali estava o velho Mat, finalmente. — Vocês não podem culpar um homem pelo que ele faz quando fica

maluco, podem?

— Você sempre foi maluco — disse Perrin, e por um momento ele também pareceu o mesmo de antigamente.

— Não — disse Nynaeve. As lágrimas faziam seus olhos brilharem, mas ela estava sorrindo. — Nenhum de nós culpa você.

Rand e Egwene começaram a falar ao mesmo tempo então, dizendo a Mat como estavam felizes por vê-lo melhor e como ele parecia bem, fazendo alguns comentários risonhos sobre torcer para que ele fosse parar com seus truques agora que acabara de ser vítima de um tão terrível. Mat reagiu às brincadeiras com mais brincadeiras e foi até uma cadeira com todo o seu velho jogo de corpo. Quando se sentou, ainda sorrindo, tocou distraído seu casaco como se para se certificar de que alguma coisa enfiada atrás de seu cinto ainda estava ali, e Rand prendeu a respiração.

— Sim — disse Moiraine baixinho —, ele ainda está com a adaga. — Os risos e a conversa ainda prosseguiram entre o resto da gente de Campo de Emond, mas ela havia notado sua mudança súbita na respiração e visto o que a havia provocado. Aproximou-se da cadeira dele, onde não precisava levantar a voz para que ele a ouvisse com clareza. — Não posso tirá-la dele sem matá-lo. A união durou tempo demais, e se tornou forte demais. Esse nó precisa ser desatado em Tar Valon; está além de mim, ou de qualquer Aes Sedai sozinha, mesmo com um *angreal*.

— Mas ele não parece mais doente. — Algo ocorreu a Rand, que olhou para ela. — Enquanto ele tiver a adaga, os Desvanecidos saberão onde estamos. E Amigos das Trevas também, alguns deles. Você disse isso.

— Consegui conter isso, de certa forma. Se eles se aproximarem o suficiente de nós para sentir isso, já estarão em cima de nós de qualquer maneira. Eu limpei a mácula dele, Rand, e fiz o que pude para reduzir a velocidade de seu retorno, mas ela retornará, sem dúvida, com o tempo, a menos que ele receba ajuda em Tar Valon.

— Que bom que é para lá que vamos, não é? — Ele achou que talvez fosse a resignação em sua voz, e a esperança por alguma outra coisa, que a fez lhe dirigir um olhar severo antes de lhe dar as costas.

Loial estava de pé, fazendo uma mesura para ela.

— Eu sou Loial, filho de Arent, filho de Halan, Aes Sedai. O pouso oferece

santuário para os Servos da Luz.

— Obrigada, Loial, filho de Arent — respondeu Moiraine, séria —, mas eu não seria tão liberal com essa saudação se fosse você. Há talvez vinte Aes Sedai em Caemlyn neste momento, todas, exceto eu, da Ajah Vermelha. — Loial assentiu sabiamente, como se compreendesse. Rand só conseguia balançar a cabeça, confuso. Que a Luz o cegasse se *ele* soubesse o que aquilo significava. — É estranho encontrar você aqui — continuou a Aes Sedai. — Poucos Ogier têm deixado os pousos nos últimos anos.

— As velhas histórias me cativaram, Aes Sedai. Os livros antigos encheram minha cabeça indigna de imagens. Eu quero ver os bosques. E as cidades que construímos também. Parece que não resta muito de nenhuma das duas coisas de pé, mas, se os prédios são um pobre substituto para as árvores, mesmo assim ainda vale a pena vê-los. Os Anciões acham que sou esquisito, por querer viajar. Eu sempre quis, e eles sempre acharam. Nenhum deles acredita que exista algo que valha a pena ver do lado de fora do pouso. Talvez, quando eu voltar e lhes contar o que vi, eles mudem de ideia. Espero que sim. Com o tempo.

— Talvez mudem — disse Moiraine com suavidade. — Agora, Loial, você precisa me desculpar a descortesia. É uma falha da humanidade, eu sei. Meus companheiros e eu temos uma necessidade urgente de planejar nossa jornada. Poderia nos dar licença?

Foi a vez de Loial parecer confuso. Rand foi em seu socorro.

— Ele vem conosco. Prometi que ele poderia.

Moiraine ficou parada, olhando para o Ogier como se não tivesse ouvido, mas finalmente assentiu.

— Há de ser o que a Roda tecer — murmurou ela. — Lan, cuide para que não sejamos pegos de surpresa. — O Guardião desapareceu do aposento, em silêncio a não ser pelo clique da porta se fechando.

O desaparecimento de Lan foi como um sinal; todas as conversas foram interrompidas. Moiraine foi até a lareira, e, quando se virou novamente para a sala, todos olhavam para ela. Por mais baixa e esguia que fosse, sua presença dominava a sala.

— Não podemos permanecer muito tempo em Caemlyn, nem tampouco estamos seguros aqui na Bênção da Rainha. Os olhos do Tenebroso já estão na cidade. Eles não encontraram o que vieram buscar, ou não estariam mais

procurando. Isso nós temos a nosso favor. Coloquei feitiços de proteção para mantê-los longe, e, quando o Tenebroso perceber que há uma parte da cidade na qual os ratos não entram mais, já teremos partido. Entretanto, qualquer feitiço de proteção que afaste um homem é o mesmo que um farol de fogo para os Myrddraal, e há Filhos da Luz em Caemlyn também, procurando Perrin e Egwene. — Rand emitiu um som, e Moiraine ergueu uma sobrancelha para ele.

— Achei que eles estivessem procurando por Mat e por mim — disse ele.

A explicação fez a Aes Sedai erguer as duas sobrancelhas.

— Por que você acharia que os Mantos-brancos estavam à procura de vocês?

— Ouvi um deles dizer que estavam procurando alguém dos Dois Rios. Amigos das Trevas, eles disseram. O que mais eu deveria pensar? Com tudo o que tem acontecido, tenho sorte de estar conseguindo pensar.

— Eu sei que as coisas têm sido confusas, Rand — interrompeu Loial. — Mas você pode pensar com mais clareza do que isso. Os Filhos odeiam Aes Sedai. Elaida não...

— Elaida? — interrompeu Moiraine abruptamente. — O que Elaida Sedai tem a ver com isso?

Ela estava olhando para Rand com tanta intensidade que ele sentiu vontade de inclinar-se para trás.

— Ela quis me jogar na cadeia — disse ele devagar. — Eu só queria ver Logain, mas ela não acreditou que eu estava nos jardins do Palácio com Elayne e Gawyn apenas por acaso. — Todos olhavam para ele como se um terceiro olho tivesse nascido de repente em sua testa, todos exceto Loial. — A Rainha Morgase me deixou partir. Ela disse que não havia provas de que eu quisesse fazer qualquer coisa de mal e que ela faria cumprir a lei, independentemente de qualquer suspeita de Elaida. — Ele sacudiu a cabeça, a lembrança de Morgase em todo o seu esplendor fazendo-o esquecer por um minuto que alguém olhava para ele. — Vocês conseguem me imaginar encontrando uma Rainha? Ela é linda, como as rainhas das histórias. Elayne também. E Gawyn... Você iria gostar de Gawyn, Perrin. Perrin? Mat? — Eles ainda o encaravam de olhos arregalados. — Sangue e cinzas, eu só escalei o muro para ver o falso Dragão. Não fiz nada de errado.

— É o que eu sempre digo — disse Mat, tranquilo, embora subitamente exibisse um sorriso de orelha a orelha, e Egwene perguntou com uma voz decididamente

neutra:

— Quem é Elayne?

Moiraine resmungou alguma coisa, irritada.

— Uma Rainha — disse Perrin, balançando a cabeça. — Você teve mesmo aventuras. Nós só encontramos Lateiros e uns Mantos-brancos. — Ele evitava tão obviamente olhar para Moiraine que Rand percebeu. Perrin tocou as escoriações no rosto. — No geral, cantar com os Lateiros foi mais divertido que os Mantos-brancos.

— O Povo Errante vive por suas canções — disse Loial. — Por todas as canções, aliás. Pela busca por elas, pelo menos. Conheci alguns Tuatha'an alguns anos atrás, e eles queriam aprender as canções que cantamos para as árvores. Na verdade, já não são muitas as árvores que ouvem, e não são muitos os Ogier que aprendem as canções. Eu tenho um pouco desse Talento, por isso o Ancião Arent insistiu para que eu aprendesse. Ensinei aos Tuatha'an o que podiam aprender, mas as árvores nunca ouvem os humanos. Para o Povo Errante elas eram apenas canções, e como tais foram recebidas, já que nenhuma delas era a canção que eles buscavam. É assim que eles chamam o líder de cada bando. O Buscador. Eles às vezes vão ao Pouso Shangtai. Poucos humanos o fazem.

— Se fizer o favor, Loial — disse Moiraine, mas ele subitamente pigarreou e continuou a falar num murmúrio grave e rápido como se tivesse medo de que ela pudesse interrompê-lo.

— Acabei de me lembrar de uma coisa, Aes Sedai, uma coisa que eu sempre quis perguntar a uma Aes Sedai se algum dia eu encontrasse uma, já que vocês sabem muitas coisas e têm grandes bibliotecas em Tar Valon, e agora eu encontrei, claro, e... posso?

— Se puder ser breve — respondeu ela, seca.

— Breve — repetiu ele como se estivesse se perguntando o que aquilo significava. — Sim. Bem. Breve. Um homem chegou ao Pouso Shangtai há pouco tempo. Isto em si não era incomum, na época, já que muitos refugiados foram até a Espinha do Mundo fugindo do que vocês humanos chamam de a Guerra dos Aiel. — Rand sorriu. Há pouco tempo; quase vinte anos. — Ele estava à beira da morte, embora não tivesse ferimento nem marca alguma no corpo. Os Anciões acharam que podia ser algo que uma Aes Sedai tivesse feito — Loial lançou um olhar se desculpando a Moiraine —, já que ele melhorou rapidamente assim que entrou no pouso. Alguns meses. Uma noite ele partiu sem dizer uma só

palavra a ninguém. Simplesmente se esgueirou para fora quando a lua estava baixa. — Ele olhou para o rosto de Moiraine e voltou a pigarrear. — Sim. Breve. Antes de partir, ele contou uma história curiosa que ele disse que pretendia levar até Tar Valon. Ele contou que o Tenebroso pretendia cegar o Olho do Mundo, e matar a Grande Serpente, matar o próprio tempo. Os Anciões disseram que ele estava tão são de mente quanto de corpo, mas foi aquilo o que ele falou. O que eu tenho desejado perguntar é: o Tenebroso pode fazer tal coisa? Matar o próprio tempo? E o Olho do Mundo? Ele pode cegar o olho da Grande Serpente? O que significa isso?

Rand esperava quase tudo de Moiraine, exceto o que ele viu. Em vez de dar uma resposta a Loial, ou lhe dizer que não tinha tempo para aquilo naquele momento, ela ficou olhando direto através do Ogier, a testa franzida, pensativa.

— Foi isso o que os Latoeiros nos disseram — disse Perrin.

— Sim — confirmou Egwene. — A história dos Aiel.

Moiraine virou a cabeça devagar. Nenhuma outra parte dela se moveu.

— Que história?

Ela lhes lançou um olhar sem expressão, mas que fez Perrin respirar fundo. Quando ele falou, entretanto, foi com a mesma ponderação de sempre.

— Alguns Latoeiros atravessando o Deserto, eles disseram que podiam fazer isso sem sofrer mal nenhum, encontraram um bando de Aiel morrendo depois de uma batalha com Trollocs. Antes que a última Aiel morresse, ela, aparentemente eram todas mulheres, contou aos Latoeiros o que Loial acabou de dizer. O Tenebroso, que elas chamavam de Cega-vista, pretende cegar o Olho do Mundo. Isto foi apenas três anos atrás, não vinte. Significa alguma coisa?

— Talvez tudo — disse Moiraine. Seu rosto estava imóvel, mas Rand tinha a sensação de que a mente dela estava a mil por trás daqueles olhos escuros.

— Ba'alzamon — disse Perrin subitamente. O nome cortou todo e qualquer som no aposento. Ninguém parecia respirar. Perrin olhou para Rand e depois para Mat, os olhos dele estranhamente calmos e mais amarelos que nunca. — Naquela ocasião eu me perguntei onde tinha ouvido esse nome antes... o Olho do Mundo. Agora me lembro. Vocês não?

— Eu não quero me lembrar de nada — disse Mat, rígido.

— Precisamos contar a ela — continuou Perrin. — Agora é importante. Não podemos mais guardar segredo. Você entende, não entende, Rand?

— Contar o quê? — A voz de Moiraine era severa, e ela parecia estar se preparando para receber um golpe. O olhar dela se fixou em Rand.

Ele não queria responder. Assim como Mat, não queria lembrar, mas lembrava, e sabia que Perrin tinha razão.

— Eu... — Ele olhou para seus amigos. Mat assentia relutantemente, Perrin com decisão, mas pelo menos o haviam feito. Ele não precisava encará-la sozinho. — Nós temos tido... sonhos. — Ele esfregou o ponto de seu dedo onde o espinho o havia espetado, lembrando do sangue quando acordara. Lembrando-se, incomodado, da sensação do rosto queimado pelo sol em outro momento. — Só que talvez não fossem exatamente sonhos. Ba'alzamon estava neles. — Ele sabia por que Perrin havia usado esse nome; era mais fácil que dizer que o Tenebroso havia estado em seus sonhos, dentro de sua cabeça. — Ele disse... ele disse todo tipo de coisa, mas uma vez ele falou que o Olho do Mundo jamais me serviria. — Por um momento sua boca ficou seca como pó.

— Ele me disse a mesma coisa — contou Perrin, e Mat suspirou pesadamente, assentindo.

Rand descobriu que tinha saliva novamente.

— Você não está zangada conosco? — perguntou Perrin, com ar de surpresa, e Rand percebeu que Moiraine não parecia zangada. Ela os estava estudando, mas seus olhos pareciam límpidos e calmos, ainda que intensos.

— Mais comigo mesma do que com vocês. Mas eu lhes pedi que me contassem se tivessem sonhos estranhos. No começo, eu pedi. — Embora sua voz continuasse num tom neutro, um lampejo de fúria cruzou seus olhos e desapareceu num instante. — Se eu tivesse sabido depois do primeiro, teria sido capaz de... Não há uma Andarilha dos Sonhos em Tar Valon há quase mil anos, mas eu poderia ter tentado. Agora é tarde demais. Toda vez que o Tenebroso toca vocês, ele torna o toque seguinte mais fácil. Talvez minha presença ainda possa proteger vocês de algum jeito, mas mesmo assim... Lembram-se das histórias dos Abandonados ligando homens a eles? Homens fortes, homens que haviam combatido o Tenebroso desde o começo. Essas histórias são verdadeiras, e nenhum dos Abandonados tinha um décimo da força de seu mestre, nem Aginor nem Lanfear, nem Balthamel nem Demandred, nem mesmo Ishamael, o Traidor da Esperança em pessoa.

Nynaeve e Egwene estavam olhando para ele, Rand viu, ele, Mat e Perrin, todos os três. Os rostos das mulheres eram uma mistura exangue de medo e horror. *Elas têm medo por nós, ou medo de nós?*

— O que podemos fazer? — perguntou. — Tem de haver alguma coisa.

— Ficar perto de mim — respondeu Moiraine — vai ajudar. Um pouco. Lembrem-se de que a proteção do toque da Fonte Verdadeira se estende um pouco ao meu redor. Mas não há como estarem sempre próximos a mim. Vocês podem se defender se tiverem forças para isso, mas precisam encontrar essa força e a vontade dentro de vocês mesmos. Isso eu não posso lhes dar.

— Acho que já encontrei minha proteção — disse Perrin, parecendo mais resignado do que feliz.

— Sim — disse Moiraine. — Suponho que tenha encontrado. — Ela o olhou até ele abaixar os olhos, e mesmo depois continuou olhando, pensativa, para ele. Por fim, ela se virou para os outros. — Há limites para o poder do Tenebroso dentro de vocês. Cedam por um instante sequer, e ele amarrará uma corda no coração de vocês, uma corda que talvez vocês jamais possam cortar. Rendam-se, e vocês serão dele. Neguem-no, e o poder dele falhará. Não é fácil quando ele toca seus sonhos, mas pode ser feito. Ele ainda pode enviar Meios-homens contra vocês, e Trollocs, e Draghkars, e outras coisas, mas não pode tê-los a menos que vocês permitam.

— Desvanecidos já são ruins o suficiente — disse Perrin.

— Eu não quero ele dentro da minha cabeça novamente — rosnou Mat. — Não existe nenhum jeito de mantê-lo do lado de fora?

Moiraine sacudiu a cabeça.

— Loial nada tem a temer, nem Egwene, nem Nynaeve. De toda a massa da humanidade, o Tenebroso pode tocar um indivíduo apenas por acaso, a menos que essa pessoa procure isso. Mas pelo menos por algum tempo vocês três são fundamentais para o Padrão. Uma Teia do Destino está sendo tecida, e cada fio leva diretamente até vocês. O que mais o Tenebroso lhes disse?

— Eu não me lembro assim tão bem — disse Perrin. — Ele falou alguma coisa sobre um de nós ser escolhido, algo assim. Lembro que ele riu — ele terminou, sombrio — ao falar sobre por quem nós havíamos sido escolhidos. Ele disse que eu... nós poderíamos servir a ele ou morrer. E mesmo assim nós ainda o serviríamos.

— Ele disse que o Trono de Amyrlin tentaria nos usar — acrescentou Mat, sua voz enfraquecendo ao se lembrar de com quem estava falando. Engoliu em seco e continuou. — Disse que seria exatamente como Tar Valon usou... ele falou alguns nomes. Davian, eu acho. Também não lembro muito bem.

— Raolin Algoz-das-trevas — disse Perrin.

— Isso — disse Rand, franzindo a testa. Ele havia tentado esquecer tudo relacionado àqueles sonhos. Era desagradável trazê-los à tona novamente. — Yurian Arco-de-pedra era outro, e Guaire Amalasan. — Parou subitamente, torcendo para que Moiraine não tivesse notado. — Não reconheço nenhum deles.

Mas um ele havia reconhecido, agora que o puxava das profundezas da memória. O nome que por muito pouco ele não pronunciara naquele momento. Logain. O falso Dragão. *Luz! Thom disse que eram nomes perigosos. Foi isso o que Ba'alzamon quis dizer? Moiraine deseja usar um de nós como falso Dragão? Aes Sedai caçam falsos Dragões, não os usam. Será que usam? Que a Luz me ajude, será que usam?*

Moiraine estava olhando para ele, mas ele não conseguia ler seu rosto.

— Você os conhece? — perguntou ele. — Significam alguma coisa?

— O Pai das Mentiras é um bom nome para o Tenebroso — respondeu Moiraine. — Sempre foi típico dele colocar o verme da dúvida onde for possível. Esse verme devora as mentes dos homens como um câncer. Acreditar no Pai das Mentiras é o primeiro passo para a rendição. Lembre-se. Se você se render ao Tenebroso, ele o possuirá.

Uma Aes Sedai nunca mente, mas a verdade que ela diz pode não ser a verdade que você pensa que ouviu. Fora o que Tam dissera, e ela não havia realmente respondido à sua pergunta. Ele manteve o rosto impassível e as mãos ainda sobre os joelhos, tentando não enxugar o suor delas na calça.

Egwene chorava baixinho. Nynaeve tinha os braços ao redor dela, mas também parecia querer fazer o mesmo. Rand quase desejou poder chorar também.

— Eles são todos *ta'veren* — disse Loial bruscamente. Parecia empolgado com a possibilidade, ansioso para ver de perto o Padrão tecendo-se ao redor deles. Rand olhou para ele sem acreditar, e o Ogier deu de ombros meio envergonhado, mas não foi o bastante para reduzir sua ansiedade.

— São mesmo — disse Moiraine. — *Três* deles, quando eu esperava um. Aconteceram muitas coisas que eu não esperava. Essa novidade com relação ao Olho do Mundo muda muita coisa. — Ela fez uma pausa, franzindo a testa. — Por um tempo o Padrão parece estar girando ao redor de vocês três, como Loial falou, e esse turbilhão vai crescer antes de ficar menor. Às vezes, *ser ta'veren* quer dizer que o Padrão é forçado a se dobrar a você, e às vezes quer dizer que o Padrão força você a seguir o caminho necessário. A Teia ainda pode ser tecida de muitas maneiras, e alguns desses desenhos seriam desastrosos. Para vocês, para o mundo.

“Não podemos permanecer em Caemlyn, mas, por qualquer estrada, Myrddraal e Trollocs estarão em cima de nós antes de percorrermos dez milhas. E justo neste ponto ouvimos falar de uma ameaça ao Olho do Mundo, não de uma fonte, mas de três, cada qual aparentemente independente das outras. O Padrão está forçando nosso caminho. O Padrão ainda está sendo tecido ao redor de vocês três, mas que mão agora segura o fuso, e que mão controla a roca? Será que a prisão do Tenebroso enfraqueceu o suficiente para que ele exerça tanto controle assim?”

— Não há necessidade para este tipo de conversa! — disse Nynaeve bruscamente. — Você só vai assustá-los.

— E a você não? — perguntou Moiraine. — Isso me assusta. Bem, talvez você tenha razão. Não podemos permitir que o medo afete nosso curso. Seja isto uma armadilha ou um aviso bem a tempo, precisamos fazer o que é necessário, e isto significa chegar ao Olho do Mundo rapidamente. O Homem Verde precisa saber desta ameaça.

Rand levou um susto. *O Homem Verde*? Os outros também a olharam, todos a não ser Loial, cujo rosto largo parecia preocupado.

— Não posso sequer correr o risco de parar em Tar Valon em busca de ajuda — continuou Moiraine. — O tempo nos aprisiona. Ainda que pudéssemos cavalgar para fora da cidade sem obstáculos, levaríamos muitas semanas para chegar à Praga, e receio que não tenhamos semanas.

— A Praga! — Rand ouviu a si mesmo ecoado num coro, mas Moiraine ignorou todas as vozes.

— O Padrão apresenta uma crise e, ao mesmo tempo, um jeito de solucioná-la. Se eu não soubesse que era impossível, quase poderia acreditar que o Criador está intervindo. Há um caminho. — Ela sorriu como se fosse uma piada particular e virou-se para Loial. — Havia um bosque Ogier aqui em Caemlyn, e

um Portal dos Caminhos. A Cidade Nova agora se espalha sobre o local onde o bosque ficava, de modo que o Portal dos Caminhos deve estar dentro das muralhas. Eu sei que não são muitos Ogier que conhecem os Caminhos agora, mas um que possui um Talento e aprende as antigas Canções do Crescimento deve ter se sentido atraído por tal tipo de conhecimento, ainda que acredite que ele nunca será usado. Você conhece os Caminhos, Loial?

O Ogier mexeu os pés, desconfortável.

— Conheço, Aes Sedai, mas...

— Você consegue encontrar a trilha para Fal Dara ao longo dos Caminhos?

— Nunca ouvi falar em Fal Dara — disse Loial, parecendo aliviado.

— Nos tempos das Guerras dos Trollocs o lugar era conhecido como Mafal Dadaranell. *Esse* nome você conhece?

— Conheço — disse Loial com relutância —, mas...

— Então você consegue encontrar a trilha para nós — disse Moiraine. — Uma virada curiosa, de fato. Quando não podemos ficar nem partir por nenhum meio normal, fico sabendo de uma ameaça ao Olho, e no mesmo lugar existe alguém que pode nos levar até lá em dias. Seja o Criador, ou o destino ou até mesmo o Tenebroso, o Padrão escolheu nosso caminho por nós.

— Não! — disse Loial, num ribombar enfático como trovão. Todos se voltaram para ele, que piscou ante tamanha atenção, mas não havia nenhuma hesitação em suas palavras. — Se entrarmos nos Caminhos, todos morreremos... ou seremos engolidos pela Sombra.





Decisões e Aparições

A Aes Sedai parecia saber o que Loial queria dizer, mas ficou quieta. Loial olhava para o chão, esfregando o nariz com um dedo grosso, como se estivesse envergonhado por sua explosão. Ninguém queria falar.

— Por quê? — Rand finalmente perguntou. — Por que nós morreríamos? *O que são os Caminhos?*

Loial olhou de esguelha para Moiraine, que se virou para pegar uma cadeira diante da lareira. O gatinho se espreguiçou, suas garras arranhando a pedra da lareira, e languidamente saiu dali para esfregar a cabeça nos tornozelos dela, que fez um carinho atrás das orelhas dele com um dedo. O ronronar do gato era um estranho contraponto à voz neutra da Aes Sedai.

— O conhecimento é seu, Loial. Os Caminhos são a única saída para nossa segurança, a única trilha para atrasar o Tenebroso, mesmo que só por um tempo, mas essa é uma história para você contar.

O Ogier não pareceu consolado. Mexeu-se desconfortavelmente em sua cadeira antes de começar.

— Durante o Tempo da Loucura, enquanto o mundo ainda estava em ruptura, a terra estava em revolta, e a humanidade estava sendo dispersa como poeira ao vento. Nós, Ogier, também fomos espalhados, afastados dos pousos, em Exílio e na Longa Peregrinação, quando a Saudade estava gravada em nossos corações. — Ele dirigiu a Moiraine outra olhada de lado. Suas sobrancelhas compridas encolheram-se, formando dois pontos. — Tentarei ser breve, mas isto não é algo que possa ser contado com tanta brevidade. Agora é dos outros que devo falar, os poucos Ogier que ficaram em seus pousos enquanto ao redor deles o mundo se despedaçava. E dos Aes Sedai — ele evitou olhar para Moiraine nesse ponto —, os Aes Sedai homens que morriam ao mesmo tempo que destruíam o mundo em sua loucura. Foi a esses Aes Sedai, os que até aquele momento haviam conseguido evitar a loucura, que os pousos primeiro fizeram a oferta de abrigo. Muitos aceitaram, pois nos pousos eles ficavam protegidos da mácula do Tenebroso que os estava matando. Mas eles perdiam o contato com a Fonte Verdadeira. O problema não era apenas não conseguir manipular o Poder Único, ou tocar a Fonte; eles não conseguiam mais sequer sentir que a Fonte existia. No fim, nenhum deles conseguiu aceitar aquele isolamento, e um a um foram deixando os pousos, torcendo para que àquela altura a mácula tivesse desaparecido. Isso nunca aconteceu.

— Há em Tar Valon — disse Moiraine baixinho — quem diga que o santuário oferecido pelos Ogier prolongou a Ruptura e a agravou. Outras dizem que, se todos aqueles homens tivessem podido enlouquecer ao mesmo tempo, não teria restado nada do mundo. Eu sou da Ajah Azul, Loial; ao contrário da Ajah Vermelha, somos da segunda opinião. O santuário ajudou a salvar o que podia ser salvo. Continue, por favor.

Loial assentiu, satisfeito. Aliviado dessa preocupação, Rand percebeu.

— Como eu estava dizendo — continuou o Ogier —, os Aes Sedai partiram. Mas, antes de ir embora, eles deram um presente aos Ogier em agradecimento pelo abrigo que lhes demos. Os Caminhos. Entre por um Portal dos Caminhos, caminhe durante um dia, e você pode sair por outro Portal dos Caminhos a cem milhas de onde começou. Ou a quinhentas. O tempo e a distância são estranhos nos Caminhos. Diferentes trilhas, diferentes pontes, levam a lugares diferentes, e

o tempo que se leva para chegar lá depende da trilha que você pegar. Foi um presente maravilhoso, ainda mais nos tempos de então, pois os Caminhos não fazem parte do mundo que vemos ao nosso redor, nem talvez de nenhum mundo fora deles mesmos. Os Ogier não apenas foram presenteados por não terem de viajar pelo mundo, onde mesmo depois da Ruptura os homens lutavam como animais para viver, para alcançar outro pouso, como dentro dos Caminhos não havia Ruptura. A terra entre dois pousos podia se rachar e se abrir formando desfiladeiros profundos ou se erguer e se transformar em cordilheiras montanhosas, mas no Caminho entre elas não havia mudança.

“Quando os últimos Aes Sedai deixaram os pousos, eles deram aos Anciões uma chave, um talismã, que podia ser usado para semear e fazer crescer mais Caminhos. De certa forma eles são uma coisa viva, os Caminhos e os Portais dos Caminhos. Eu não entendo disso; nenhum Ogier jamais entendeu, e me disseram que mesmo as Aes Sedai esqueceram. Ao longo dos anos, o Exílio terminou para nós. Quando os Ogier que haviam recebido o presente dos Aes Sedai encontravam um pouso onde Ogier haviam retornado da Longa Peregrinação, eles criavam um Caminho até ele. Com a alvenaria que aprendemos durante o Exílio, construímos cidades para os homens e plantamos os bosques para consolar os Ogier que faziam a construção, para que a Saudade não os consumisse. Caminhos foram criados até esses bosques. Havia um bosque, e um Portal dos Caminhos, em Mafal Dadaranell, mas a cidade foi arrasada durante as Guerras dos Trollocs. Não sobrou pedra sobre pedra, e as árvores do bosque foram todas cortadas e queimadas para as fogueiras dos Trollocs. — Ele não deixou dúvidas sobre qual havia sido o maior crime.

— Os Portais dos Caminhos são praticamente impossíveis de destruir — disse Moiraine —, e a humanidade não fica muito atrás. Ainda há pessoas em Fal Dara, embora ela não seja mais a grande cidade que os Ogier construíram, e o Portal dos Caminhos ainda está lá.

— Como eles os construíram? — perguntou Egwene. Seu olhar intrigado foi tanto para Moiraine quanto para Loial. — Os Aes Sedai homens. Se não podiam usar o Poder Único num pouso, como conseguiram criar os Caminhos? Ou eles não usaram o Poder? A parte deles da Fonte Verdadeira estava maculada. Está maculada. Ainda não sei muita coisa do que Aes Sedai podem fazer. Talvez seja uma pergunta boba.

Loial explicou.

— Cada pouso tem um Portal dos Caminhos em seus limites, mas do lado de fora. Sua pergunta não é boba. Você encontrou a raiz de por que não ousamos

viajar pelos Caminhos. Nenhum Ogier usou os Caminhos no meu tempo de vida, e mesmo antes. Por edito dos Anciões, de todos os Anciões de todos os pousos, ninguém pode, humano ou Ogier.

“Os Caminhos foram feitos por homens que usavam o Poder maculado pelo Tenebroso. Cerca de mil anos atrás, durante o que vocês humanos chamam de Guerra dos Cem Anos, os Caminhos começaram a mudar. Tão devagar no começo que ninguém realmente notou, eles foram ficando mais frios, úmidos e escuros. Então a escuridão caiu ao longo das pontes. Alguns dos que entravam jamais eram vistos novamente. Viajantes falavam de serem observados da escuridão. Os desaparecimentos se tornavam mais numerosos, e alguns que escapavam saíam enlouquecidos, devaneando sobre *Machin Shin*, o Vento Negro. Curandeiras Aes Sedai conseguiram ajudar alguns, mas, mesmo com essa ajuda, eles nunca mais foram os mesmos. E nunca se lembraram de nada do que havia acontecido. E no entanto foi como se a escuridão se tivesse infundido em seus ossos. Eles nunca mais voltaram a rir, e temiam o som do vento.”

Por um momento houve silêncio, com a exceção do ronronar do gato ao lado da cadeira de Moiraine e do crepitar do fogo soltando fagulhas. E então Nynaeve explodiu num arroubo de raiva:

— E você espera que nós sigamos com você para esse lugar? Você deve estar louca!

— O que você escolheria então? — perguntou Moiraine baixinho. — Os Mantos-brancos dentro de Caemlyn ou os Trollocs lá fora? Lembre-se de que só a minha presença já confere uma certa proteção contra as obras do Tenebroso.

Nynaeve se recostou com um suspiro exasperado.

— Você ainda não me explicou — disse Loial — por que eu deveria violar o edito dos Anciões. E não tenho qualquer desejo de entrar nos Caminhos. Lamacentas que sejam, as estradas que os homens fazem têm me servido bem o bastante desde que deixei o Pouso Shangtai.

— Humanidade e Ogier, tudo o que vive está em guerra com o Tenebroso — disse Moiraine. — A maior parte do mundo nem sequer sabe disso ainda, e a maioria dos poucos que sabem combate em escaramuças e acredita que elas são batalhas. Enquanto o mundo se recusa a acreditar, o Tenebroso pode estar à beira da vitória. Existe poder suficiente no Olho do Mundo para libertá-lo de sua prisão. Se o Tenebroso tiver encontrado algum jeito de usar o Olho do Mundo a seu favor...

Rand queria que os lampiões do aposento estivessem acesos. A noite caía sobre Caemlyn, e o fogo da lareira não fornecia luz suficiente. Ele não queria sombras na sala.

— O que podemos fazer? — interrompeu Mat bruscamente. — Por que somos tão importantes? Por que temos de ir até a Praga? A Praga!

Moiraine não levantou a voz, mas esta preencheu o aposento, impossível de ignorar. Sua cadeira à beira do fogo subitamente parecia um trono. Até mesmo Morgase teria empalidecido em sua presença.

— Uma coisa nós podemos fazer. Podemos tentar. O que parece acaso muitas vezes é o Padrão. Três fios se juntaram aqui, cada um dando um aviso: o Olho. Não pode ser acaso; é o Padrão. Vocês três não escolheram; vocês foram escolhidos pelo Padrão. E vocês estão aqui, onde o perigo é conhecido. Vocês podem não agir, e talvez condenar o mundo. Fugir, esconder-se, não salvará vocês da trama do Padrão. Vocês podem tentar. Podem ir até o Olho do Mundo, três *ta'veren*, três pontos centrais da Teia, no lugar onde está o perigo. Deixem o Padrão ser tecido ao redor de vocês lá, e vocês podem salvar o mundo da Sombra. A escolha é de vocês. Eu não posso forçá-los a ir.

— Eu vou — disse Rand, tentando soar decidido. Por mais tenazmente que procurasse o vazio, imagens não paravam de passar por sua cabeça. Tam, a casa da fazenda e o rebanho no pasto. Havia sido uma vida boa; ele nunca quisera de fato nada além daquilo. Sentiu consolo, um pequeno consolo, em ouvir Perrin e Mat se juntarem a ele em concordância. Pareciam estar com a boca tão seca quanto a dele.

— Suponho que não haja escolha para Egwene, nem para mim — disse Nynaeve.

Moiraine assentiu.

— Vocês fazem parte do Padrão também, as duas, de certa forma. Talvez não *ta'veren*. Talvez. Mas são fortes mesmo assim. Sei disso desde Baerlon. E sem dúvida desta vez os Desvanecidos também sabem. E Ba'alzamon. Entretanto, vocês têm tanta opção quanto os rapazes. Podem permanecer aqui e prosseguir até Tar Valon depois que o resto de nós tiver partido.

— Ficar para trás! — exclamou Egwene. — Deixar o resto de vocês correr perigo enquanto nos escondemos embaixo das cobertas? De jeito nenhum! — Ela encarou o olhar da Aes Sedai e recuou um pouco, mas nem todo o seu ar desafiador desapareceu. — De jeito nenhum — murmurou, teimosa.

— Suponho que isso significa que nós duas acompanharemos vocês. — Nynaeve parecia resignada, mas seus olhos brilharam quando ela acrescentou: — Você ainda precisa das minhas ervas, Aes Sedai, a menos que tenha subitamente adquirido alguma habilidade da qual não sei. — Sua voz tinha uma atitude desafiadora que Rand não entendeu, mas Moiraine se limitou a assentir e virou-se para o Ogier.

— Bem, Loial, filho de Arent filho de Halan?

Loial abriu a boca duas vezes, as orelhas peludas tremelizando, antes de falar.

— Sim... bem... O Homem Verde. O Olho do Mundo. Eles são mencionados nos livros, é claro, mas não acho que algum Ogier os tenha realmente visto em, hã, um bom tempo. Suponho... Mas precisa ser pelos Caminhos? — Moiraine assentiu, e suas sobrancelhas compridas caíram até as pontas baterem nas bochechas. — Muito bem, então. Suponho que deva guiar vocês. O Ancião Haman diria que não mereço menos que isso por ser tão ansioso o tempo todo.

— Nossas escolhas estão feitas, então — disse Moiraine. — E, agora que elas foram feitas, precisamos decidir o que fazer a respeito delas, e como.

Planejaram por muito tempo noite adentro. Moiraine fez a maior parte do planejamento, com os conselhos de Loial em relação aos Caminhos, mas escutou perguntas e sugestões de todos. Assim que a escuridão caiu, Lan se juntou a eles, acrescentando seus comentários naquele tom férreo. Nynaeve fez uma lista dos suprimentos de que necessitavam, mergulhando sua pena no tinteiro com mão firme, apesar de o tempo todo resmungar baixinho.

Rand queria ser tão pragmático quanto a Sabedoria. Não conseguia parar de andar para cima e para baixo, como se tivesse energia para queimar ou explodir com ela. Sabia que sua decisão estava tomada, sabia que era a única que ele podia tomar com o conhecimento de que dispunha, mas isso não fazia com que gostasse daquilo. A Praga. Shayol Ghul ficava em algum lugar na Praga, além das Terras Devastadas.

Ele podia ver a mesma preocupação nos olhos de Mat, o mesmo medo que ele sabia ser visível nos seus próprios. Mat estava sentado, apertando as mãos. Os dedos estavam brancos. Se ele as soltasse, Rand pensou, agarraria a adaga de Shadar Logoth.

Não havia a menor preocupação no rosto de Perrin, mas o que havia ali era pior: uma máscara de resignação cansada. Era como se Perrin tivesse lutado contra alguma coisa até não poder mais e estivesse apenas esperando que ela acabasse

com ele. E, no entanto, às vezes...

— Nós fazemos o que é necessário, Rand — disse ele. — A Praga... — Por um instante aqueles olhos amarelos se iluminaram, ávidos, clarões no cansaço constante de seu rosto, como se tivessem vida própria, independente do corpulento aprendiz de ferreiro. — Há caça boa ao longo da Praga — sussurrou ele. Depois estremeceu, como se tivesse se dado conta do que dissera, e mais uma vez seu rosto voltou à resignação.

E Egwene. Rand puxou-a de lado a certa altura, até o lado da lareira, onde os que planejavam ao redor da mesa não poderiam ouvir.

— Egwene, eu... — Os olhos dela, como grandes lagos escuros a atraí-lo, fizeram-no parar e engolir em seco. — É de mim que o Tenebroso está atrás, Egwene. De mim, Mat e Perrin. Não quero saber o que Moiraine Sedai diz. De manhã, você e Nynaeve podem ir para casa, ou para Tar Valon, ou para onde quer que queiram ir, e ninguém tentará impedir vocês. Nem os Trollocs, nem os Desvanecidos, nem ninguém. Desde que vocês não estejam conosco. Vá para casa, Egwene. Ou para Tar Valon. Mas vá.

Ele esperou que ela lhe dissesse que tinha tanto direito de ir para onde queria quanto ele, que ele não tinha o direito de lhe dizer o que fazer. Para sua surpresa, ela sorriu e tocou seu rosto.

— Obrigada, Rand — disse baixinho. Ele piscou e fechou a boca enquanto ela continuava. — Mas você sabe que eu não posso. Moiraine Sedai nos disse o que Min viu em Baerlon. Você devia ter me dito quem era Min. Eu achei... Bem, Min diz que eu também faço parte disso. E Nynaeve. Talvez eu não seja *ta'veren* — ela se atrapalhou com a palavra —, mas o Padrão me manda para o Olho do Mundo também, ao que parece. O que quer que envolva você me envolve também.

— Mas, Egwene...?

— Quem é Elayne?

Por um momento ele ficou olhando fixamente para ela, e então contou a verdade.

— A Filha-herdeira do trono de Andor.

Os olhos dela pareceram se incendiar.

— Se você não consegue falar sério por mais de um minuto, Rand al'Thor, não quero mais falar com você.

Incrédulo, ele a viu, rígida, retornar à mesa, onde se apoiou nos cotovelos perto de Moiraine para escutar o que o Guardião dizia. *Preciso falar com Perrin*, pensou Rand. *Ele sabe como lidar com as mulheres*.

Mestre Gill entrou diversas vezes, primeiro para acender os lampiões, depois para trazer comida pessoalmente, e mais tarde para relatar o que estava acontecendo lá fora. Mantos-brancos estavam vigiando a estalagem de duas posições: mais acima e mais abaixo na rua. Havia acontecido um tumulto nos portões que davam para a Cidade Interna, com os Guardas da Rainha prendendo tanto rosetas brancas quanto vermelhas. Alguém havia tentado talhar a Presa do Dragão na porta da frente e fora despachado pela bota de Lamgwin.

Se o estalajadeiro achava estranho que Loial estivesse com eles, não deu a entender. Respondeu as poucas perguntas que Moiraine lhe fez sem tentar descobrir o que eles estavam planejando, e, a cada vez que aparecia, batia na porta e esperava que Lan a abrisse, como se a estalagem e a biblioteca não fossem dele. Em sua última visita, Moiraine lhe deu a folha de pergaminho preenchida pela letra bonita de Nynaeve.

— Não será fácil, a esta hora da noite — disse ele, balançando a cabeça enquanto corria os olhos pela lista —, mas eu consigo arranjar tudo.

Moiraine acrescentou uma sacolinha de couro surrado, que tilintou quando a entregou a ele pelos cordões.

— Ótimo. E cuide para que sejamos acordados antes do dia nascer. Os vigias estarão menos alertas.

— Vamos deixá-los vigiando uma toca vazia, Aes Sedai. — Mestre Gill sorriu.

Rand bocejava quando saiu do aposento arrastando as pernas com os outros em busca de banho e cama. Enquanto se limpava esfregando o corpo com um pedaço de tecido áspero em uma das mãos e uma grande barra de sabão amarelo na outra, seus olhos vagaram até a banquetta ao lado da banheira de Mat. A ponta da bainha dourada da adaga de Shadar Logoth espiava de sob a ponta do casaco bem dobrado de Mat. Lan também olhava de relance para ela de vez em quando. Rand se perguntou se era realmente tão seguro assim tê-la por perto como Moiraine afirmava.

— Você acha que meu pai vai acreditar nisso? — Mat deu uma gargalhada,

esfregando as costas com uma escova de cabo comprido. — Eu, salvando o mundo? Minhas irmãs não vão saber se riem ou se choram.

Ele falava como o velho Mat. Rand queria poder esquecer a adaga.

Estava escuro como breu quando ele e Mat finalmente subiram até seu quarto no sótão, as estrelas ocultas pelas nuvens. Pela primeira vez em muito tempo Mat tirou a roupa antes de se deitar, mas também enfiou casualmente a adaga embaixo do travesseiro. Rand apagou a vela e deitou-se. Ele conseguia sentir que havia algo errado na outra cama, não em Mat, mas embaixo de seu travesseiro. Ainda se preocupava com isso quando o sono chegou.

Desde o primeiro instante ele percebeu que era um sonho, um daqueles que não eram inteiramente sonhos. Estava em pé, olhando para a porta de madeira, com a superfície escura, rachada e toda lascada. O ar era frio e úmido, pesado, com o cheiro de matéria em decomposição. Ao longe, o ruído de água gotejando, os pingos nas poças produzindo ecos ocultos pelos corredores de pedra.

Negue-o. Negue-o, e o poder dele falhará.

Ele fechou os olhos e se concentrou na Bênção da Rainha, em sua cama, em si mesmo dormindo na cama. Quando abriu os olhos, a porta ainda estava lá. Os ecos da água começaram a combinar com as batidas do seu coração, como se sua pulsação estivesse marcando o compasso deles. Procurou a chama e o vazio, conforme Tam lhe ensinara, e encontrou tranquilidade interior, mas nada fora dele havia mudado. Devagar, abriu a porta e entrou.

Tudo estava como ele se lembrava no aposento que parecia escavado a fogo na rocha. Janelas altas em arco davam para uma varanda sem sacada, e além dela as camadas de nuvens corriam como um rio na cheia. Os lampiões de metal preto, suas chamas brilhantes demais para os olhos, reluziam, pretos e no entanto de algum modo tão brilhantes quanto se fossem de prata. O fogo rugia mas não emitia calor na apavorante lareira, onde cada pedra parecia vagamente um rosto atormentado.

Tudo estava igual, mas havia uma coisa diferente: sobre o tampo polido da mesa, três pequenas figuras, as formas toscas e sem feições de homens, como se o escultor, apressado, não tivesse finalizado o trabalho com a argila. Ao lado de uma delas havia um lobo, seus detalhes nítidos enfatizados pela crueza da forma do homem, e outro segurava uma minúscula adaga, um ponto vermelho no cabo reluzindo na luz. O último empunhava uma espada. Os pelos da nuca se arrepiando, Rand se aproximou o suficiente para ver a garça em riqueza de detalhes na pequena lâmina.

Ele levantou a cabeça em pânico e encarou diretamente o espelho solitário. Seu reflexo era ainda um borrão, mas não tão nebuloso quanto antes. Ele quase conseguia ver as próprias feições. Se imaginasse que estava forçando bem a vista, quase poderia dizer quem era.

— Você se escondeu de mim por tempo demais.

Ele girou nos calcanhares, a respiração presa na garganta. Um instante antes estava sozinho, mas naquele momento Ba'alzamon encontrava-se diante das janelas. Quando ele falava, cavernas de chamas substituíam seus olhos e sua boca.

— Tempo demais, mas não muito mais tempo.

— Eu renego você — disse Rand com a voz rouca. — Eu nego que você tenha qualquer poder sobre mim. Eu nego a sua existência.

Ba'alzamon riu, um som rico que vinha de dentro do fogo.

— Você acha que é assim tão fácil? Você sempre pensou assim. Todas as vezes que nos defrontamos, você achou que podia me desafiar.

— Como assim todas as vezes? Eu renego você!

— Você sempre renega. No começo. Esta disputa entre nós já aconteceu incontáveis vezes. A cada vez seu rosto é diferente, e seu nome também, mas é você a cada uma delas.

— Eu renego você. — Era um sussurro desesperado.

— Todas as vezes você volta sua força patética contra mim, e a cada vez, no fim, você sabe qual de nós dois é o senhor. Era após Era, você se ajoelha aos meus pés, ou morre desejando que ainda tivesse forças para se ajoelhar. Pobre tolo, você nunca conseguirá me vencer.

— Mentiroso! — gritou Rand. — Pai das Mentiras. Pai dos Tolos se não consegue fazer melhor que isso. Os homens encontraram você na última Era, na Era das Lendas, e o prenderam no seu lugar novamente.

Ba'alzamon tornou a rir, um riso de escárnio que soava como badaladas de um sino, tão altas que Rand desejou tampar os ouvidos para não ouvir mais. Forçou as mãos a permanecerem ao lado do corpo. Com ou sem vazio, elas estavam tremendo quando as risadas finalmente pararam.

— Seu verme, você não sabe absolutamente nada. Tão ignorante quanto um besouro embaixo de uma pedra, e igualmente fácil de esmagar. Esta luta tem se dado desde o momento da criação. Os homens sempre pensam se tratar de uma guerra nova, mas é simplesmente a mesma guerra redescoberta. Mas agora a mudança sopra nos ventos do tempo. Mudança. Desta vez não há volta. Aquelas Aes Sedai orgulhosas que pensam em colocar você contra mim. Eu as acorrentarei e as porei para correr nuas cumprindo as minhas ordens, ou enviarei suas almas para o Poço da Perdição para que gritem por toda a eternidade. Todas, a não ser aquelas que já servem a mim. Estas ficarão apenas um degrau abaixo de mim. Você pode escolher se juntar a elas, com o mundo rastejando aos seus pés. Ofereço mais uma vez, uma última vez. Você pode ficar acima delas, acima de cada poder e domínio, à minha exceção. Houve ocasiões em que você fez essa escolha, ocasiões em que você viveu o suficiente para conhecer seu poder.

Negue-o! Rand agarrou-se ao que podia negar.

— Nenhuma Aes Sedai serve a você. Outra mentira!

— Foi isso o que elas lhe disseram? Há dois mil anos percorri o mundo com meus Trollocs, e até entre Aes Sedai eu encontrei quem conhecesse o desespero, quem soubesse que o mundo não podia resistir a Shai'tan. Por dois mil anos a Ajah Negra caminhou entre as outras, invisível nas sombras. Talvez até mesmo as que afirmam ajudar você.

Rand sacudiu a cabeça, tentando afastar as dúvidas que surgiam dentro dele, todas as dúvidas que tinha a respeito de Moiraine, sobre o que a Aes Sedai queria dele, sobre o que ela planejava para ele.

— O que você quer de mim? — gritou. *Negue-o! A Luz me ajude a negá-lo!*

— Ajoelhe-se! — Ba'alzamon apontou para o chão a seus pés. — Ajoelhe-se e me reconheça como seu senhor! No fim, você fará isso. Você será minha criatura, ou conhecerá a morte.

A última palavra ecoou pelo aposento, reverberando de volta a si mesma, duplicando e replicando, até Rand levantar as mãos como se para proteger a cabeça de um golpe. Cambaleando para trás até bater na mesa, ele gritou, tentando afogar o som em seus ouvidos.

— Nãããããão!

Ao gritar, ele girou, derrubando as figuras no chão. Alguma coisa espetou sua

mão, mas ele ignorou, pisando a argila até as figuras aos seus pés se tornarem manchas disformes. Mas, quando seu grito falhou, o eco ainda estava lá, cada vez mais forte:

morte-morte-morte-morte-morte-Morte-Morte-Morte-Morte-MORTE-MORTE-MORTE-MORTE

O som o puxou como um redemoinho, atraindo-o, despedaçando o vazio em sua mente. A luz enfraqueceu, e sua visão se estreitou até formar um túnel com Ba'alzamon em pé no último ponto brilhante, lá no fim, diminuindo até o tamanho de sua mão, uma unha, o nada. O eco turbilhonava ao seu redor, tragando-o rumo à escuridão e à morte.

Quando ele atingiu o chão, o impacto o despertou, ainda lutando para nadar e sair daquela escuridão. O quarto estava escuro, mas não tão escuro assim. Freneticamente, ele tentou se concentrar na chama, jogou o medo dentro dela, mas a calma do vazio lhe escapava. Tremores percorreram seus braços e pernas, mas ele manteve a imagem da chama única até o sangue parar de pulsar nos ouvidos.

Mat estava se revirando na cama, gemendo enquanto dormia.

— Eu nego você, nego você, nego você... — As palavras foram se extinguindo até se tornarem gemidos ininteligíveis.

Rand estendeu a mão para acordá-lo com uma sacudidela, e ao primeiro toque Mat se sentou com um grunhido estrangulado. Por um momento Mat ficou olhando ao redor como um louco, depois respirou fundo e estremeceu, levando as mãos à cabeça. Subitamente ele se virou, enfiando as mãos embaixo do travesseiro, depois se afundou na cama, segurando a adaga com cabo de rubi de encontro ao peito. Virou a cabeça para olhar para Rand, o rosto oculto nas sombras.

— Ele voltou, Rand.

— Eu sei.

Mat assentiu.

— Havia três figuras...

— Eu também vi.

— Ele sabe quem eu sou, Rand. Eu apanhei a que tinha a adaga, e ele disse:

“Então esse é você.” E, quando voltei a olhar, a figura tinha o meu rosto. O meu rosto, Rand! Ela parecia de carne. Eu sentia como se fosse feita de carne. A Luz me ajude, eu podia sentir minha própria mão me segurando, como se eu fosse a figura.

Rand ficou em silêncio por um instante.

— Você precisa continuar a negá-lo, Mat.

— Eu fiz isso, e ele riu. Não parava de falar a respeito de uma tal de guerra eterna, e dizia que nós havíamos nos encontrado umas mil vezes antes, e... Luz, Rand, o Tenebroso sabe quem eu sou.

— Ele me disse a mesma coisa. Não acho que ele saiba — acrescentou lentamente. — Acho que ele não sabe qual de nós... — *Qual de nós o quê?*

Ao se levantar, senti uma pontada de dor na mão. Aproximando-se da mesa, ele conseguiu acender a vela depois de três tentativas, e abriu a mão espalmada à luz. Havia uma lasca grossa de madeira escura enfiada na palma, lisa e polida de um dos lados. Ele ficou olhando fixamente para ela, sem respirar. Bruscamente, estava ofegante, puxando a lasca, atrapalhando-se na pressa.

— Qual é o problema? — perguntou Mat.

— Nada.

Por fim ele conseguiu segurá-la e, com um puxão forte, a arrancou. Soltando um grunhido enojado, ele a deixou cair, mas o grunhido engasgou em sua garganta. Assim que a lasca deixou seus dedos, ela desapareceu.

Mas a ferida ainda estava em sua mão, sangrando. Havia água no jarro de pedra. Ele encheu a bacia, as mãos tremendo tanto que ele derramou água na mesa. Lavou as mãos apressadamente, apertando a palma até o polegar arrancar mais sangue, depois tornou a lavá-la. Estava aterrorizado só de pensar que uma farpa mínima que fosse pudesse ter permanecido em sua pele.

— Luz — disse Mat —, ele também me fez sentir sujo. — Mas ainda assim ficou onde estava, segurando a adaga com ambas as mãos.

— Sim — disse Rand. — Sujo. — Ele pegou desajeitadamente uma toalha de cima da pilha ao lado da bacia. Bateram à porta, e ele deu um pulo. Bateram novamente. — Sim? — perguntou.

Moiraine enfiou a cabeça dentro do quarto.

— Vocês já estão acordados. Ótimo. Vistam-se e desçam. Precisamos sair antes de começar a amanhecer.

— Agora? — Mat gemeu. — Ainda não dormimos nem uma hora.

— Uma hora? — disse ela. — Vocês dormiram quatro. Agora depressa. Não temos muito tempo.

Rand trocou um olhar confuso com Mat. Podia se lembrar com clareza de cada segundo do sonho. Ele havia começado assim que fechara os olhos, e durara apenas minutos.

Moiraine devia ter captado alguma coisa naquela troca de olhares. Ela lhes dirigiu um olhar penetrante e entrou no quarto.

— O que aconteceu? Os sonhos?

— Ele sabe quem eu sou — disse Mat. — O Tenebroso conhece o meu rosto.

Rand ergueu a mão sem dizer uma só palavra, a palma voltada para ela. Mesmo à escassa luz de uma só vela o sangue era bem visível.

A Aes Sedai deu um passo à frente e segurou a mão estendida, passando o polegar pela palma da mão dele, cobrindo a ferida. Um frio o atravessou até os ossos, tão gelado que os dedos dele se contraíram numa câimbra e ele precisou lutar para mantê-los abertos. Quando ela retirou seus dedos, o frio também desapareceu.

Então ele virou a mão, atordoado, e esfregou a fina mancha de sangue até sair. A ferida havia sumido. Lentamente ele ergueu a cabeça para olhar nos olhos da Aes Sedai.

— Depressa — disse ela baixinho. — O tempo está se esgotando.

Ele sabia que ela não estava mais falando da hora de partirem.





A Escuridão dos Caminhos

Na escuridão pouco antes do amanhecer, Rand desceu atrás de Moiraine até o corredor dos fundos, onde Mestre Gill e os demais aguardavam, Nynaeve e Egwene tão ansiosas quanto Loial, Perrin quase tão calmo quanto o Guardião. Mat seguiu nos calcanhares de Rand como se tivesse medo de ficar um pouco que fosse sozinho, mesmo a apenas um ou dois passos. A cozinheira e suas ajudantes se endireitaram, fitando o grupo que passava silenciosamente por dentro da cozinha, já bem iluminada e quente com os preparativos para o desjejum. Não era comum os hóspedes da estalagem estarem de pé àquela hora. Ao ouvir as palavras reconfortantes de Mestre Gill, a cozinheira fungou alto e bateu com força sua massa. Todas já haviam voltado a cuidar das grelhas e a sovar a massa antes que Rand chegasse à porta do pátio do estábulo.

Lá fora, a noite ainda estava como breu. Para Rand, todos eram, na melhor das hipóteses, apenas sombras mais escuras. Acompanhou o estalajadeiro e Lan cegamente, torcendo para que o conhecimento que Mestre Gill tinha de seu próprio estábulo e os instintos do Guardião os fizessem percorrê-lo sem ninguém quebrar uma perna. Loial tropeçou mais de uma vez.

— Não sei por que não podemos ter só uma luz — grunhiu o Ogier. — Não corremos de um lado para outro no escuro no pouso. Eu sou um Ogier, não um gato. — Rand teve a súbita imagem mental das orelhas peludas de Loial tremelizando de irritação.

O estábulo surgiu de repente no meio da noite, uma massa ameaçadora até a

porta se abrir com um rangido, derramando uma estreita faixa de luz no pátio. O estalajadeiro abriu apenas o suficiente para que entrasse um de cada vez, e fechou apressadamente atrás de Perrin, quase batendo nos calcanhares dele. Rand piscou várias vezes com a luz súbita no interior.

Os cavaleiros não estavam surpresos com a aparição deles como a cozinheira havia ficado. Seus cavalos estavam selados e aguardando. Mandarb, arrogante, ignorou todos menos Lan, mas Aldieb esticou a cabeça para focinhar a mão de Moiraine. Havia um cavalo de carga, levando cestos de vime, e um animal imenso com patas peludas, mais alto até mesmo que o garanhão do Guardião, para Loial. Parecia grande o bastante para puxar uma carroça de feno sozinho, mas, comparado ao Ogier, o cavalo assemelhava-se a um pônei.

Loial olhou para o cavalo grande de esguelha e resmungou, desconfiado.

— Meus próprios pés sempre me bastaram.

Mestre Gill fez um gesto para Rand. O estalajadeiro estava lhe emprestando um castanho quase da cor de seus cabelos, alto e de peito largo, mas sem o fogo nos passos que Nuvem tinha, Rand ficou feliz em ver. Mestre Gill disse que o nome dele era Vermelho.

Egwene foi direto para Bela, e Nynaeve, para sua égua de pernas compridas.

Mat levou seu cavalo castanho para perto de Rand.

— Perrin está me deixando nervoso — resmungou. Rand olhou sério para ele. — Bem, ele está estranho. Você também não está vendo isso? Juro que não é só imaginação, nem... nem...

Rand assentiu. *Nem é a adaga tomando conta dele novamente, graças à Luz.*

— Está sim, Mat, mas fique calmo. Moiraine está sabendo... seja lá o que for isso. Perrin está bem. — Desejou poder acreditar mesmo naquilo, mas suas palavras aparentemente satisfizeram Mat, ao menos um pouco.

— É claro — disse Mat, apressado, ainda observando Perrin pelo canto do olho. — Eu nunca disse que não estava.

Mestre Gill conferenciava com o chefe dos tratadores. Aquele homem de pele curtida, com a cara parecida com a de um cavalo, levou a mão à testa e correu para os fundos do estábulo. O estalajadeiro se virou para Moiraine com um sorriso satisfeito no rosto redondo.

— Ramey diz que o caminho está livre, Aes Sedai.

A parede dos fundos do estábulo parecia firme e sólida, com prateleiras enfileiradas cheias de ferramentas. Ramey e outro cavaleiro retiraram os forçados, os ancinhos e as pás, depois enfiaram as mãos atrás das prateleiras para mover travas ocultas. Subitamente uma seção da parede girou para dentro sobre dobradiças tão bem escondidas que Rand não tinha certeza se conseguiria encontrá-las mesmo com a porta escancarada. A luz do estábulo iluminava uma parede de tijolos a menos de dois passos.

— É apenas um corredor estreito entre edifícios — disse o estalajadeiro. — Mas ninguém fora deste estábulo sabe que existe uma passagem aqui. Mantos-brancos ou rosetas brancas, não haverá nenhum vigia para ver por onde vocês saem.

A Aes Sedai assentiu.

— Lembre-se, bom estalajadeiro, se temer algum problema advindo disto, escreva para Sheriam Sedai, da Ajah Azul, em Tar Valon, e ela ajudará. Receio que minhas irmãs e eu já tenhamos muito a dever aos que têm me ajudado.

Mestre Gill riu, mas não era a risada de um homem preocupado.

— Ora, Aes Sedai, a senhora já me deu a única estalagem em toda Caemlyn sem nenhum rato. O que mais eu poderia querer? Só por isso já posso dobrar as diárias. — Seu sorriso se extinguiu, e ele ficou sério. — Sejam quais forem as suas intenções, a Rainha está do lado de Tar Valon, e eu estou do lado da Rainha, então lhe desejo tudo de bom. Que a Luz a ilumine, Aes Sedai. Que a Luz ilumine todos vocês.

— Que a Luz o ilumine também, Mestre Gill — respondeu Moiraine, curvando a cabeça. — Mas, para a Luz brilhar sobre todos nós, precisamos ser rápidos. — Ela se virou rapidamente para Loial. — Você está pronto?

Com um olhar desconfiado para os dentes do cavalo enorme, o Ogier pegou suas rédeas. Tentando manter toda a extensão das rédeas entre aquela boca e sua mão, ele levou o animal até a abertura nos fundos do estábulo. Ramey pulava de um pé para outro, impaciente para fechá-la de novo. Por um momento, Loial parou com a cabeça inclinada como se sentisse uma brisa no rosto.

— Por aqui — disse ele, e saiu para o beco estreito.

Moiraine foi logo atrás do cavalo de Loial, depois Rand e Mat. Rand assumiu o primeiro turno levando o cavalo de carga. Nynaeve e Egwene compunham o

meio da fileira, com Perrin atrás delas e Lan na retaguarda. A porta oculta se fechou rapidamente assim que Mandarb saiu para o beco sujo. O *tlec-tlec* das travas se fechando, trancando-os do lado de fora, soou anormalmente alto para Rand.

O corredor, como Mestre Gill o havia chamado, era realmente muito estreito, e mais escuro até mesmo que o pátio do estábulo, se é que isso era possível. Paredes altas e nuas de tijolo ou madeira os cercavam de ambos os lados, com apenas uma estreita faixa de céu negro acima. As grandes cestas trançadas penduradas como alforjes no cavalo de carga raspavam os prédios em ambos os lados. Os alforjes estavam inchados de suprimentos para a jornada, a maioria deles jarros de argila cheios de óleo. Um maço de varas estava amarrado no sentido do comprimento no dorso do cavalo, e cada um deles tinha um lampião pendurado na ponta. Nos Caminhos, dissera Loial, era mais escuro que a noite mais densa.

Os lampiões parcialmente cheios faziam um barulho líquido com o movimento do cavalo e tilintavam um contra o outro. Não era um barulho muito alto, mas na hora que antecedia o amanhecer Caemlyn estava quieta. Em silêncio. O ruído metálico soava como se pudesse ser ouvido a uma milha de distância.

Quando o corredor desembocou em uma rua, Loial escolheu sua direção sem fazer pausa. Ele parecia saber exatamente para onde estava indo agora, como se a rota que precisava seguir estivesse se tornando mais clara. Rand não entendia como o Ogier podia encontrar o Portal dos Caminhos, e Loial não fora capaz de explicar muito bem. Ele simplesmente sabia, dissera; podia sentir. Loial afirmara que era como tentar explicar como respirar.

Enquanto subiam a rua apressados, Rand olhou para trás, na direção da esquina onde ficava a Bênção da Rainha. De acordo com Lamgwin, ainda havia meia dúzia de Mantos-brancos não muito longe daquela esquina. O interesse deles estava todo na estalagem, mas um ruído certamente os atrairia. Ninguém estaria na rua àquela hora por motivos respeitáveis. As ferraduras pareciam soar como sinos nas pedras do calçamento; os lampiões chacoalhavam como se o cavalo de carga os sacudisse de propósito. Só depois que viraram mais uma esquina ele parou de olhar para trás. Também ouviu suspiros aliviados do restante do grupo de Campo de Emond.

Loial parecia estar seguindo o caminho mais direto para o Portal dos Caminhos, não importava por onde isso os levasse a passar. Às vezes eles percorriam avenidas largas, vazias a não ser por um ou outro cão espreitando no escuro. Às vezes eles passavam por becos estreitos como o corredor do estábulo, onde coisas

eram esmagadas sob passos incautos. Nynaeve reclamou baixinho a respeito dos cheiros resultantes, mas ninguém reduziu o passo.

A escuridão começou a diminuir, desvanecendo e transformando-se em um cinza escuro. Lampejos fracos da aurora clareavam o céu acima dos telhados a leste. Algumas pessoas começaram a aparecer nas ruas, bem agasalhadas por causa do frio da manhã, cabeças abaixadas enquanto ainda sonhavam com suas camas. A maioria não prestava atenção a mais ninguém. Apenas um punhado chegou a olhar de relance para a fileira de pessoas e cavalos com Loial à frente, e só um deles realmente os viu.

Esse único homem olhou de relance para eles, como os outros, já voltando a seus próprios pensamentos quando subitamente tropeçou e quase caiu, virando-se para fitá-los. Só havia luz suficiente para ver silhuetas indefinidas, mas já era muito. Visto a distância sozinho, o Ogier poderia ter passado por um homem alto conduzindo um cavalo comum, ou um homem comum conduzindo um cavalo pequeno. Com os outros enfileirados atrás dele, dando-lhe perspectiva, Loial parecia exatamente tão grande quanto era, uma vez e meia a altura que um homem deveria ter. O homem deu uma olhada e, com um grito estrangulado, saiu correndo, o manto drapejando atrás dele.

Em breve haveria mais gente nas ruas. Muito em breve. Rand viu uma mulher passar correndo do outro lado da rua, sem ver nada a não ser o pavimento à sua frente. Mais pessoas para notar em breve. O céu a leste ficava cada vez mais claro.

— Ali — anunciou Loial finalmente. — Fica ali embaixo. — Ele apontou para uma loja, ainda fechada. As mesas do lado de fora estavam vazias, os toldos em cima, bem enrolados, a porta firmemente fechada. As janelas acima, onde o dono da loja morava, ainda estavam às escuras.

— Embaixo? — exclamou Mat sem conseguir acreditar. — Como, pela Luz, nós podemos...?

Moiraine levantou a mão e o interrompeu, e fez um gesto para que eles a seguissem até o beco ao lado da loja. Cavalos e pessoas juntos, eles se amontoaram na abertura entre os dois edifícios. Encobertos pela sombra das paredes, estava mais escuro ali do que na rua, quase noite novamente.

— Deve haver uma entrada para um porão — murmurou Moiraine. — Ah, sim.

Subitamente uma luz surgiu. Uma bola fria e reluzente, do tamanho do punho de um homem, suspensa sobre a palma da mão da Aes Sedai, movendo-se com a

mão dela. Rand achou que era uma medida do que eles haviam passado o fato de que todos ali pareceram encarar isso normalmente. Ela a aproximou das portas que havia encontrado, quase horizontais, com uma alça presa com parafusos grossos e uma fechadura de ferro maior que a mão de Rand, coberta por uma camada espessa de ferrugem velha.

Loial experimentou a fechadura.

— Eu consigo puxá-la, com alça e tudo, mas vai fazer barulho suficiente para acordar toda a vizinhança.

— Não vamos danificar a propriedade do bom homem se pudermos evitar. — Moiraine estudou a fechadura com atenção por um momento. Subitamente ela deu uma pancada no ferro com seu cajado, e a fechadura destravou-se sem esforço.

Loial abriu a fechadura apressadamente e escancarou as portas. Moiraine desceu a rampa que se revelou então, iluminando seu caminho com a bola luminosa. Aldieb entrou delicadamente atrás dela.

— Acendam os lampiões e desçam — chamou ela baixinho. — Há muito espaço. Depressa. Aí fora vai estar claro num instante.

Rand desamarrou rapidamente os lampiões das varas e os tirou do cavalo, mas antes mesmo que o primeiro fosse aceso ele já conseguia ver as feições de Mat. As pessoas estariam enchendo as ruas em minutos, e o lojista desceria para abrir seu negócio, e todos se perguntariam por que o beco estava lotado de cavalos. Mat resmungou alguma coisa, nervoso, sobre levar os cavalos para dentro, mas Rand ficou feliz por conduzir o seu rampa abaixo. Mat foi atrás, resmungando, mas com a mesma pressa.

O lampião de Rand balançava na ponta da vara, batendo no teto se ele não tomasse cuidado, e nem Vermelho nem o cavalo de carga gostaram da rampa. Então ele desceu e saiu do caminho de Mat. Moiraine deixou sua luz flutuante se apagar, mas, quando o restante se juntou a eles, a soma dos lampiões iluminou o espaço aberto.

O porão era tão comprido e largo quanto o prédio acima; a maior parte do espaço era tomada por colunas de tijolos, que subiam de bases estreitas e iam aumentando de tamanho até ficarem cinco vezes maiores no teto. O lugar parecia feito de uma série de arcos. Havia muito espaço, mas Rand ainda se sentia claustrofóbico. A cabeça de Loial roçava o teto. Como a fechadura enferrujada previra, o porão não era usado havia muito tempo. O chão estava

vazio, a não ser por alguns poucos barris quebrados cheios de tralhas e uma grossa camada de poeira. Partículas, agitadas pela grande quantidade de pés, reluziam à luz dos lampiões.

— Sangue e cinzas — grunhiu Mat —, por que eles construiriam um desses portões num lugar assim?

— Nem sempre foi assim — disse Loial. Sua voz de trovão ecoou no espaço cavernoso. — Nem sempre. Não! — O Ogier estava com raiva, Rand percebeu com um susto. — Um dia houve árvores aqui. Toda espécie de árvore que crescesse neste lugar, todo tipo de árvore que os Ogier pudessem convencer a crescer aqui. As Grandes Árvores, com uma centena de braças de altura. Sombras de galhos, e brisas frescas para apanhar o cheiro de folhas e flores e manter a memória da paz do pouso. Tudo aquilo assassinado para isto! — Socou uma coluna com o punho.

A coluna pareceu estremecer com o impacto. Rand teve certeza de ouvir tijolos rachando. Cascatas de cimento seco caíram pela coluna.

— O que já foi tramado não pode ser desfeito — disse Moiraine gentilmente. — Você derrubar o edifício sobre nossas cabeças não fará as árvores crescerem novamente. — As sobranceiras caídas de Loial o faziam parecer mais entristecido que um rosto humano poderia ter conseguido. — Com sua ajuda, Loial, talvez possamos evitar que os bosques que ainda restam caiam perante a Sombra. Você nos trouxe ao que buscamos.

Enquanto ela andava até uma das paredes, Rand percebeu que aquela era diferente das outras. Estas eram de tijolos comuns; aquela era um trabalho intrincado de cantaria, redemoinhos exóticos de folhas e lianas talhados na pedra, pálidos mesmo sob a camada de poeira. O tijolo e o cimento eram velhos, mas alguma coisa na pedra dizia que ela estava ali havia muito tempo, muito antes de os tijolos terem sido assentados. Construtores posteriores, eles próprios mortos havia séculos, tinham incorporado o que já estava em pé, e mais tarde ainda os homens tinham feito aquilo parte de um porão.

Uma porção da parede de pedra esculpida, bem no centro, era mais elaborada que o restante. Por mais bem-feita que fosse, parecia uma cópia tosca em comparação. Trabalhadas em pedra dura, aquelas folhas pareciam suaves, capturadas em um momento congelado no tempo enquanto uma suave brisa de verão as agitava. Apesar de tudo isso, tinham o aspecto da idade, mais antigas que o restante da pedra assim como o restante era mais antigo que o tijolo. Bem mais antigo. Loial olhou para eles como se preferisse estar em qualquer outro

lugar que não ali, até mesmo nas ruas com outra turba furiosa.

— *Avendesora* — murmurou Moiraine, repousando a mão em uma folha de três pontas na cantaria. Rand vasculhou as esculturas com o olhar; aquela era a única folha de sua espécie que ele conseguiu encontrar. — A folha da Árvore da Vida é a chave — disse a Aes Sedai, e a folha saiu na mão dela.

Rand piscou, surpreso; atrás dele, ouviu alguém arquejar. Aquela folha parecia fazer parte da parede tanto quanto qualquer outra. Com a mesma simplicidade, a Aes Sedai a colocou contra o padrão um palmo abaixo. A folha de três pontas se encaixou ali como se o espaço tivesse sido criado para ela, e mais uma vez se tornou parte do todo. Assim que ela se encaixou, toda a natureza do trabalho central na pedra mudou.

Então Rand teve certeza de que estava vendo as folhas sopradas por alguma brisa que ele não sentia; quase achou que elas eram verdes sob a poeira, uma tapeçaria espessa do verde da primavera ali no porão iluminado pelos lampiões. De modo quase imperceptível no começo, uma rachadura se abriu no meio da escultura ancestral, aumentando enquanto as duas metades lentamente giravam para dentro do porão até se abrirem, retas. As partes de trás dos portões eram tão trabalhadas quanto a frente, a mesma profusão de lianas e folhas, quase vivas. Atrás, onde deveria haver poeira ou o porão do prédio ao lado, um brilho suave e reflexivo captava suas imagens de forma tênue.

— Ouvi dizer — disse Loial meio triste, meio temeroso — que um dia os Portais dos Caminhos brilhavam como espelhos. Um dia, quem entrava nos Caminhos seguia pelo sol e pelo céu. Um dia.

— Não podemos mais esperar — disse Moiraine.

Lan passou direto por ela, conduzindo Mandarb, a vara com o lampião na mão. O reflexo sombrio se aproximou dele, conduzindo um cavalo sombrio. Homem e reflexo aparentemente entraram um no outro na superfície tremeluzente, e ambos desapareceram. Por um momento o garanhão negro parou, uma rédea aparentemente contínua ligando-o à forma tênue de sua própria imagem. A rédea diminuiu, e o cavalo de guerra também desapareceu.

Por um momento, todos no porão ficaram olhando para o Portal dos Caminhos.

— Depressa — disse Moiraine. — Eu preciso ser a última a passar. Não podemos deixar isto aberto para que alguém o encontre por acaso. Depressa.

Com um suspiro pesado, Loial caminhou para dentro de sua imagem

tremeluzente. Sacudindo a cabeça, o cavalo enorme tentou se afastar da superfície e foi puxado através dela. Os dois desapareceram tão completamente quanto o Guardião e Mandarb.

Com hesitação, Rand enfiou o lampião no Portal dos Caminhos. O lampião afundou em seu reflexo, os dois se fundindo até que ambos desapareceram. Ele se obrigou a caminhar adiante, vendo a vara desaparecer dentro de si mesma palmo a palmo, e então ele próprio atravessou, entrando no portão. Seu queixo caiu. Alguma coisa gelada deslizou ao longo de sua pele, como se ele estivesse atravessando uma muralha de água fria. O tempo se prolongou; o frio envolveu um cabelo de cada vez, penetrando em suas roupas fio a fio.

Subitamente o frio estourou como uma bolha, e ele fez uma pausa para respirar. Estava dentro dos Caminhos. Logo à frente, Lan e Loial esperavam pacientemente ao lado de seus cavalos. Ao redor deles havia uma escuridão que parecia se estender para sempre. Seus lampiões criavam uma pequena área de luz ao redor deles, pequena demais, como se alguma coisa pressionasse a luz de volta, ou a devorasse.

Subitamente ansioso, Rand puxou as rédeas. Vermelho e o cavalo de carga atravessaram num pulo, quase derrubando-o. Tropeçando, ele se endireitou e se apressou até o Guardião e o Ogier, conduzindo os cavalos nervosos. Os animais relincharam baixinho. Até mesmo Mandarb parecia sentir algum conforto com a presença de outros cavalos.

— Vá com calma quando você passar por um Portal dos Caminhos, Rand — aconselhou Loial. — As coisas são... diferentes dentro dos Caminhos. Veja.

Ele olhou para trás, na direção para a qual o Ogier apontou, esperando a mesma visão turva. Em vez disso, podia ver o lado de dentro do porão, como se estivesse olhando através de um pedaço grande de vidro esfumado na escuridão. De um modo perturbador, a escuridão ao redor da janela para o porão dava uma sensação de profundidade, como se a abertura estivesse sozinha, sem nada ao redor nem atrás dela a não ser a escuridão. Ele disse isso com uma risada insegura, mas Loial o levou a sério.

— Você poderia dar a volta nele que não veria nada do outro lado. Mas eu não aconselharia. Os livros não são muito claros com relação ao que existe atrás dos Portais dos Caminhos. Acho que você poderia se perder lá e nunca mais achar o caminho de volta.

Rand sacudiu a cabeça e tentou se concentrar no Portal dos Caminhos propriamente dito em vez de no que havia atrás dele, mas à sua própria maneira

ele era igualmente perturbador. Se houvesse algo para olhar na escuridão além do Portal dos Caminhos, ele teria olhado. No porão, em meio à fumaça e à baixa luminosidade, Moiraine e os outros eram visíveis o suficiente, mas se moviam como num sonho. Cada piscar de olhos parecia um gesto deliberado e exagerado. Mat estava se dirigindo para o Portal dos Caminhos como se atravessasse uma geleia transparente. Suas pernas pareciam estar nadando à frente.

— A Roda gira mais rápido nos Caminhos — explicou Loial. Ele olhou para as trevas que os cercavam, e sua cabeça afundou entre os ombros. — Ninguém vivo sabe mais do que fragmentos. Tenho medo do que não sei sobre os Caminhos, Rand.

— O Tenebroso — disse Lan — não pode ser derrotado sem riscos. Mas neste momento estamos vivos, e perante nós está a esperança de permanecer vivos. Não se renda antes de ser derrotado, Ogier.

— Você não falaria com tanta confiança se já tivesse estado nos Caminhos. — O trovão distante, normal na voz de Loial, havia sumido. Ele encarou a escuridão como se visse coisas ali. — Eu também nunca estive antes, mas já vi Ogier que passaram por um Portal dos Caminhos e saíram novamente. Você não falaria assim se tivesse visto.

Mat atravessou o portão e recuperou a velocidade normal. Por um instante ele olhou para a escuridão aparentemente infinita, depois foi correndo se juntar a eles, o lampião balançando em sua vara, o cavalo pulando atrás, quase o derrubando. Um a um, os demais atravessaram. Perrin, Egwene e Nynaeve, cada um fazendo uma pausa num silêncio chocado antes de se juntar correndo ao restante. Cada lampião aumentava a área de luz, mas não tanto quanto deveria. Era como se a escuridão se tornasse mais densa quanto mais luz existisse, espessando-se ao lutar para não ser diminuída.

Essa não era uma linha de raciocínio que Rand queria seguir. Já era ruim o bastante o simples fato de estar ali sem dar às trevas uma vontade própria. Mas todos pareciam sentir a atmosfera opressiva. Mat não fez nenhum comentário engraçadinho, e Egwene parecia desejar poder repensar sua decisão de ir com eles. Todos ficaram olhando para o Portal dos Caminhos em silêncio, a última janela para o mundo que conheciam.

Finalmente só restou Moiraine no porão, parcialmente iluminado pelo lampião que ela pegara. A Aes Sedai ainda se movia daquela maneira onírica. Estendeu a mão ao encontrar a folha de *Avendesora*, localizada num ponto mais baixo na cantaria do lado dos Caminhos, Rand viu, exatamente onde ela a havia colocado

do outro. Arrancando-a, ela a colocou de volta na posição original. Rand se perguntou se a folha correspondente do outro lado também havia voltado.

A Aes Sedai atravessou, conduzindo Aldieb, quando os portões de pedra lentamente começaram a se fechar. Ela foi se juntar a eles, a luz de seu lampião deixando os portões antes que fossem fechados. A escuridão engoliu a vista cada vez mais estreita do porão. Na luz reduzida de seus lampiões, a escuridão os cercou por completo.

Subitamente foi como se os lampiões fossem a única luz que havia restado no mundo. Rand percebeu que estava espremido ombro a ombro entre Perrin e Egwene. Esta olhava para ele com os olhos arregalados, e aproximou-se ainda mais, e Perrin não se moveu para lhe dar espaço. Havia algo de reconfortante em tocar outro ser humano quando o mundo inteiro havia acabado de ser engolido pela escuridão. Até mesmo os cavalos pareciam sentir os Caminhos forçando-os a um nó cada vez mais apertado.

Aparentemente despreocupados, Moiraine e Lan montaram em suas selas, e a Aes Sedai se inclinou para a frente, braços repousando no cajado esculpido sobre o cepilho alto da sela.

— Precisamos seguir nosso caminho, Loial.

Loial levou um susto e assentiu vigorosamente.

— Sim. Sim, Aes Sedai, você tem razão. Nem um minuto a mais do que o necessário. — Ele apontou para uma faixa larga de branco correndo sob seus pés, e Rand se afastou apressadamente dela. Todos dos Dois Rios fizeram o mesmo. Rand achou que o chão já havia sido liso antes, mas a lisura apresentava marcas, como se a pedra tivesse tido sarampo. A linha branca se interrompia em vários lugares. — Isto leva do Portal dos Caminhos até o primeiro Guia. De lá...

— Loial olhou ao redor, ansioso, depois subiu em seu cavalo sem nem um pouco da relutância que havia demonstrado antes. O cavalo tinha a maior sela que o chefe dos tratadores havia sido capaz de encontrar, mas Loial a preenchia do cepilho à patilha. Seus pés pendiam até quase os joelhos do animal. — Nem um minuto a mais do que o necessário — murmurou. Os demais montaram com relutância.

Moiraine e Lan cavalgaram cada um de um lado do Ogier, seguindo a linha branca através das trevas. Todos os outros se aglomeravam atrás o mais perto que conseguiam, os lampiões balançando sobre suas cabeças. Os lampiões deviam fornecer luz suficiente para encher uma casa; no entanto, a menos de duas braças de distância deles ela cessava. A escuridão detinha a luz como se ela

tivesse encontrado uma parede. O ranger de selas e o estalido das ferraduras pareciam ir apenas até a margem da luz.

A mão de Rand buscava continuamente a espada. Não que ele achasse que havia algo lá fora contra o que ele pudesse usar a espada para se defender; não parecia haver qualquer lugar em que pudesse haver algo. A bolha de luz ao redor deles bem poderia ser uma caverna cercada de pedra, completamente cercada, sem saída. Era como se os cavalos estivessem andando numa esteira, a julgar pelo que mudava ao redor deles. Ele agarrou o cabo da espada como se a pressão de sua mão ali pudesse afastar a pedra que ele sentia pesando sobre si. Ao tocar a espada, podia se lembrar dos ensinamentos de Tam. Por um breve tempo ele conseguia encontrar a calma do vazio. Mas o peso sempre retornava, comprimindo o vazio até ele se tornar apenas uma caverna dentro de sua mente, e então ele tinha de começar tudo de novo, tocando a espada de Tam para se lembrar.

Foi um alívio quando alguma coisa realmente mudou, ainda que fosse apenas uma placa alta de pedra, que surgiu no meio das trevas à frente deles, a linha branca larga parando em sua base. Curvas sinuosas de metal cobriam a superfície ampla, linhas graciosas que lembraram vagamente a Rand lianas e folhas. Pontos descoloridos marcavam pedra e metal igualmente.

— O Guia — disse Loial, e inclinou-se em sua sela para olhar, com a testa franzida, as incrustações cursivas em metal.

— Escrita Ogier — disse Moiraine —, mas tão destruída que mal consigo entender o que diz.

— Eu tampouco — disse Loial —, mas entendo o bastante para saber que vamos por aqui. — Ele virou seu cavalo para um lado do Guia.

As margens de sua luz alcançaram outras construções de pedra, que pareciam pontes com muretas de pedra criando arcos na escuridão, e rampas de inclinação suave, sem nenhuma espécie de apoio, levando para cima e para baixo. Mas entre as pontes e rampas corria uma balaustrada que ia até a altura do peito, como se cair fosse um perigo ali de qualquer maneira. Era feita de uma pedra branca lisa, com curvas e contornos simples encaixados em padrões complexos. Alguma coisa naquilo tudo pareceu quase familiar a Rand, mas ele sabia que tinha de ser sua imaginação tentando se agarrar a qualquer coisa familiar onde tudo era estranho.

Ao pé de uma das pontes Loial parou para ler a única linha na coluna estreita de pedra ali. Assentindo, ele cavalgou até a ponte.

— Esta é a primeira ponte de nosso caminho — disse, olhando sobre os ombros.

Rand ficou se perguntando o que sustentava a ponte. Os cascos dos cavalos produziam um som áspero, como se pedacinhos de pedra se soltassem a cada passo. Tudo o que ele podia ver estava coberto por buracos rasos, uns do tamanho de minúsculos alfinetes, outros crateras rasas e irregulares com um passo de largura, como se uma chuva de ácido tivesse caído ali, ou como se a pedra estivesse apodrecendo. A mureta de guarda também mostrava rachaduras e buracos. Em certos pontos ela desaparecia completamente por até uma braça. Até onde ele sabia, a ponte podia ser de pedra sólida levando até o centro da terra, mas o que ele via o fazia torcer para que ela aguentasse o tempo suficiente para que eles chegassem ao outro lado. *Seja lá onde for.*

Mas a ponte por fim terminou, num lugar que não parecia diferente de seu começo. Tudo o que Rand podia ver era o que a pequena área de luz deles tocava, mas tinha a impressão de que era um espaço grande, como uma colina de topo achatado, com pontes e rampas ao redor. Uma Ilha, Loial a chamou. Havia outro Guia coberto de escritos. Rand imaginou que ele ficasse no meio da Ilha, sem que houvesse jeito de saber se estava certo ou não. Loial leu e depois levou-os por uma das rampas, uma curva ascendente.

Após uma subida interminável, com curvas contínuas, a rampa os deixou em outra Ilha exatamente igual àquela onde havia começado. Rand tentou imaginar a curva da rampa e desistiu. *Esta Ilha não pode estar bem em cima da outra. Simplesmente não pode.*

Loial consultou mais outra placa repleta da escrita Ogier, encontrou mais um marco em forma de coluna e os levou para outra ponte. Rand não tinha mais a menor ideia da direção em que estavam seguindo.

Em seu pequeno aglomerado de luz nas trevas, uma ponte era exatamente idêntica à outra, mas algumas tinham rachaduras nas muretas de guarda e outras não. Somente o grau de dano aos Guias dava qualquer diferenciação entre as Ilhas. Rand perdeu a noção do tempo; ele não sabia sequer quantas pontes haviam cruzado ou por quantas rampas tinham passado. O Guardião, entretanto, devia ter um relógio na cabeça. Justamente quando Rand sentiu a primeira pontada de fome, Lan anunciou baixinho que era meio-dia e desmontou para dividir pão, queijo e carne-seca trazidos pelo cavalo de carga. Perrin conduzia o animal naquele momento. Eles se encontravam em uma Ilha, e Loial estava ocupado decifrando as direções no Guia.

Mat começou a descer de sua sela, mas Moiraine disse:

— O tempo é valioso demais nos Caminhos para que o desperdicemos. Para nós, ainda mais valioso. Vamos parar na hora de dormir. — Lan já estava de volta à sela de Mandarb.

O apetite de Rand sumiu ante a ideia de dormir nos Caminhos. Ali era sempre noite, mas não uma noite para se dormir. Contudo, comeu enquanto cavalgava, como todos os outros. Era complicado tentar equilibrar a comida, a vara do lampião e as rédeas, mas, apesar de toda a pretensa falta de apetite, ele lambeu as últimas migalhas de pão e queijo das mãos quando acabou e lamentou não haver mais. Chegou até mesmo a pensar que os Caminhos não eram assim tão ruins, nem de longe tão ruins quanto Loial havia descrito. Poderiam ter a sensação pesada do momento que antecede uma tempestade, mas ali nada mudava. Nada acontecia. Os Caminhos eram quase entediantes.

Então o silêncio foi interrompido por um grunhido assustado de Loial. Rand se levantou nos estribos para olhar além do Ogier e engoliu em seco com o que viu. Eles estavam no meio de uma ponte, e apenas alguns passos à frente de Loial a ponte terminava numa fratura irregular.





O que Segue na Sombra

A luz de seus lampiões se estendia apenas o suficiente para tocar o outro lado, que se projetava da escuridão como o dente quebrado de um gigante. O cavalo de Loial batia o casco, nervoso, e uma pedra solta despencou no negror absoluto abaixo. Se houve algum som da pedra atingindo o fundo, Rand não o ouviu.

Ele aproximou Vermelho da fenda. Até onde podia estender seu lampião na ponta da vara, não havia nada. Escuridão abaixo e escuridão acima, podando a luz. Se havia um fundo, ele podia estar mil pés abaixo. Ou simplesmente não estar. Mas, do outro lado, ele podia ver o que havia embaixo da ponte, sustentando-a. Nada. Menos de uma braça de grossura, e absolutamente nada embaixo.

De repente a pedra sob seus pés parecia fina como papel, e a queda infinita no

abismo o atraía. O lampião e a vara pareciam subitamente pesados o bastante para tirá-lo da sela. Tonto, ele recuou com o alazão para longe do abismo com a mesma cautela com que havia se aproximado.

— Foi para isto que você nos trouxe, Aes Sedai? — perguntou Nynaeve. — Tudo isso só para descobrir que precisamos voltar para Caemlyn, no fim das contas?

— Não precisamos voltar — disse Moiraine. — Não todo o caminho de volta a Caemlyn. Há muitas trilhas pelos Caminhos para qualquer lugar. Só precisamos voltar o suficiente para Loial encontrar outro caminho que leve a Fal Dara. Loial! Loial!

O Ogier obrigou-se a desviar os olhos do abismo, com visível esforço.

— O quê? Ah. Sim, Aes Sedai. Posso encontrar outro caminho. Eu tinha... — Seus olhos retornaram ao abismo, e as orelhas tremelicaram. — Eu nem sonhava que a decadência tivesse chegado a esse ponto. Se as próprias pontes estão quebrando, pode ser que eu não consiga encontrar a trilha que você quer. Pode ser que eu também não consiga encontrar um caminho de volta. As pontes podem estar caindo atrás de nós neste momento.

— Deve haver algum caminho — disse Perrin, a voz neutra. Seus olhos pareciam sugar a luz, emitir um brilho dourado. *Um lobo acuado*, pensou Rand, assustado. *É o que ele parece.*

— Há de ser o que a Roda tecer — disse Moiraine —, mas não acredito que a decadência seja tão rápida quanto você receia. Olhe para a pedra, Loial. Até eu posso dizer que esta ponte está quebrada há muito tempo.

— Sim — disse Loial devagar. — Sim, Aes Sedai. Dá para ver. Não há chuva nem vento aqui, mas essa pedra está exposta ao ar há pelo menos dez anos. — Ele assentiu com um sorriso aliviado, tão feliz com a descoberta que por um momento pareceu esquecer o medo. Então, olhou ao redor e deu de ombros, incomodado. — Eu poderia encontrar outras trilhas mais facilmente que Mafal Dadaranell. Tar Valon, por exemplo? Ou o Pouso Shangtai. São apenas três pontes para cá a partir da última Ilha. Suponho que os Anciões já queiram falar comigo a esta altura.

— Fal Dara, Loial — disse Moiraine com firmeza. — O Olho do Mundo fica depois de Fal Dara, e precisamos chegar até o Olho.

— Fal Dara — concordou o Ogier, relutante.

De volta à Ilha, Loial releu com atenção a pedra coberta de escritos, as sobancelhas caídas bem juntas enquanto ele murmurava quase para si mesmo. Em pouco tempo ele estava falando exclusivamente consigo mesmo, pois começou a falar na língua Ogier. Cheia de inflexões, a língua parecia um canto grave e profundo de pássaros. Era estranho para Rand que um povo tão grande tivesse uma linguagem tão musical.

Finalmente o Ogier assentiu. Ao levá-los para a ponte escolhida, ele voltou o olhar tristonho para um marco de sinalização ao lado de outro.

— Três travessias até o Pouso Shangtai. — Ele suspirou. Mas os levou por ali sem parar e virou na terceira ponte. Olhou para trás com tristeza quando começaram a atravessar, embora a ponte para sua casa estivesse oculta nas trevas.

Rand levou o alazão até o lado do Ogier.

— Quando isso acabar, Loial, você me mostra seu pouso, e eu lhe mostro Campo de Emond. Mas sem Caminhos. Vamos andar, ou cavalgar, mesmo que leve o verão inteiro.

— Você acredita que isso vá acabar, Rand?

Ele franziu a testa para o Ogier.

— Você disse que levaria dois dias para chegar a Fal Dara.

— Não falei dos Caminhos, Rand. Todo o resto. — Loial olhou para trás, para a Aes Sedai, que conversava baixinho com Lan enquanto eles cavalgavam lado a lado. — O que faz você achar que isso vai acabar um dia?

As pontes e rampas levavam para cima, para baixo e para a frente. Às vezes uma linha branca corria para a escuridão a partir do Guia, igual à linha que haviam seguido do Portal dos Caminhos em Caemlyn. Rand viu que não era o único que olhava aquelas linhas com curiosidade e certa tristeza. Nynaeve, Perrin, Mat, e até mesmo Egwene, deixavam as linhas com relutância. Havia um Portal dos Caminhos na outra extremidade de cada uma delas, um portão de volta para o mundo, onde havia céu, sol e vento. Mesmo o vento teria sido bem-vindo. E eles as deixavam para trás, sob o olhar vigilante da Aes Sedai. Mas Rand não era o único a olhar para trás mesmo depois que as trevas engoliam Ilha, Guia e linha.

Rand estava bocejando quando Moiraine anunciou que parariam para passar a noite numa das Ilhas. Mat olhou para as trevas ao redor deles e riu em silêncio,

mas desmontou tão rápido quanto os outros. Lan e os rapazes tiraram as selas e prenderam os cavalos enquanto Nynaeve e Egwene montavam um pequeno fogão a óleo para fazer chá. Parecido com a base de um lampião, era o que Lan dizia que os Guardiões usavam na Praga, onde poderia ser perigoso queimar madeira. O Guardião apanhou tripés nas cestas que retiraram do cavalo de carga, para que as varas dos lampiões pudessem ser dispostas em um círculo ao redor do acampamento.

Loial examinou o Guia por um momento, depois sentou-se com as pernas cruzadas e esfregou a mão na pedra empoeirada e cheia de buracos.

— Antigamente, coisas cresciam nas Ilhas — disse com tristeza. — Todos os livros contam isso. Havia grama verde para se dormir, macia como um colchão de penas. Árvores frutíferas para enriquecer a comida que você trouxesse com uma maçã, pera ou jambo-rosa, doces, frescos e suculentos fosse qual fosse a época do ano lá fora.

— Nada para caçar — rosnou Perrin, ficando surpreso depois de ter falado.

Egwene entregou uma xícara de chá a Loial. Ele a segurou sem beber, olhando fixamente para a xícara como se pudesse encontrar as árvores frutíferas em suas profundezas.

— Você não vai colocar alguma proteção? — Nynaeve perguntou a Moiraine. — Certamente deve haver coisa pior que ratos aqui. Mesmo que eu não tenha visto nada, ainda consigo sentir.

A Aes Sedai esfregou os dedos nas palmas das mãos, enojada.

— Você sente a mácula, a corrupção do Poder que fez os Caminhos. Eu não vou usar o Poder Único nos Caminhos a menos que seja necessário. A mácula é tão forte que o que eu tentasse fazer certamente seria corrompido.

Isso deixou todos tão quietos quanto Loial. Lan sentou-se para fazer sua refeição metodicamente, como se estivesse aticando uma fogueira. A comida era menos importante do que alimentar o corpo. Moiraine também comeu bem, e com elegância, como se não estivessem agachados numa pedra nua literalmente no meio do nada, mas Rand só conseguia beliscar. A minúscula chama do fogão a óleo fornecia calor suficiente apenas para ferver a água, mas ele se aproximou dela como se pudesse absorver o calor. Seus ombros roçaram Mat e Perrin. Todos fizeram um círculo bem fechado ao redor do fogão. Mat tinha pão, carne e queijo esquecidos nas mãos, e Perrin colocou seu prato de latão no chão depois de apenas algumas mordidas. O humor foi ficando cada vez mais lúgubre, e

todos abaixaram a cabeça, evitando a escuridão ao redor.

Moiraine os estudou enquanto comia. Por fim, ela colocou seu prato de lado e limpou os lábios com um guardanapo.

— Uma coisa eu posso dizer para alegrá-los. Não acredito que Thom Merrilin esteja morto.

Rand olhou para ela, sério.

— Mas... o Desvanecido...

— Mat me contou o que aconteceu em Ponte Branca — disse a Aes Sedai. — As pessoas de lá mencionaram um menestrel, mas não disseram nada a respeito de ele morrer. Acho que elas teriam dito se um menestrel tivesse sido morto. Ponte Branca não é tão grande que um menestrel seja algo sem importância. E Thom é parte do Padrão que se tece ao redor de vocês três. Uma parte importante demais, acredito, para ser descartada ainda.

Importante demais?, pensou Rand. Como Moiraine poderia saber...?

— Min? Ela viu alguma coisa sobre Thom?

— Ela viu muitas coisas — disse Moiraine, seca. — Sobre todos vocês. Gostaria de poder entender metade do que ela viu, mas nem mesmo ela entende. Velhas barreiras caem. Mas, seja o que Min faça antigo ou novo, o que ela vê é verdade. Seus destinos estão entrelaçados. O de Thom Merrilin também.

Nynaeve bufou, desdenhando, e serviu-se de mais uma xícara de chá.

— Não vejo como ela possa ter visto qualquer coisa a respeito de qualquer um de nós — disse Mat, com um sorriso cínico. — Pelo que eu me lembro, ela passou a maior parte do tempo olhando para Rand.

Egwene levantou uma sobrancelha.

— Ah? Você não me disse isso, Moiraine Sedai.

Rand olhou de relance para ela, que não estava olhando para ele, mas o tom havia sido excessivamente cuidadoso e neutro.

— Eu falei com ela uma vez — disse Rand. — Ela se veste como um garoto, e os cabelos dela são curtos como os meus.

— Você falou com ela. Uma vez. — Egwene assentiu devagar. Ainda sem olhar para ele, levou a xícara aos lábios.

— Min era apenas alguém que trabalhava na estalagem em Baerlon — disse Perrin. — Nada como Aram.

Egwene engasgou com o chá.

— Muito quente — resmungou ela.

— Quem é Aram? — perguntou Rand. Perrin sorriu, um sorriso bem parecido com o de Mat nos velhos tempos, quando estava prestes a aprontar alguma, e escondeu-se atrás de sua xícara.

— Um rapaz do Povo Errante — respondeu Egwene casualmente, mas pontos vermelhos brotaram em suas bochechas.

— Um rapaz do Povo Errante — disse Perrin, maroto. — Ele dança. Como um pássaro. Não foi isso o que você disse, Egwene? Que era como voar com um pássaro?

Egwene colocou a xícara no chão cuidadosamente.

— Não sei se alguém mais está cansado, mas eu vou dormir.

Enquanto ela se enrolava em seus cobertores, Perrin cutucou Rand nas costelas e piscou para ele. Rand percebeu que estava retribuindo com um sorriso. *Que me queimem se eu não levei a melhor dessa vez, para variar. Queria entender tanto das mulheres quanto Perrin.*

— Talvez, Rand — disse Mat, matreiro —, você devesse contar a Egwene sobre Else, a filha do fazendeiro Grinwell. — Egwene ergueu a cabeça para encarar primeiro Mat e depois ele.

Ele se levantou apressado para pegar seus próprios cobertores.

— Dormir me parece ótimo agora.

Então todos de Campo de Emond começaram a procurar seus cobertores, e Loial também. Moiraine ficou sentada tomando seu chá. E Lan. O Guardião não parecia ter a intenção de dormir, nem sequer a necessidade disso.

Mesmo preparados para dormir, ninguém queria se afastar muito dos outros. Fizeram um pequeno círculo de montinhos com cobertores bem ao redor do

fogão, quase tocando uns aos outros.

— Rand? — sussurrou Mat. — Aconteceu *mesmo* alguma coisa entre você e Min? Eu mal olhei para ela. Ela *era* bonita, mas devia ser quase da idade de Nynaeve.

— E essa Else? — acrescentou Perrin, do outro lado. — Era bonita?

— Sangue e cinzas — resmungou Rand. — Não posso nem falar com uma garota? Vocês dois são iguais a Egwene.

— Como diria a Sabedoria — admoestou Mat, de brincadeira —, modere a língua. Bem, se você não quer falar a respeito, eu vou dormir um pouco.

— Ótimo — resmungou Rand. — É a primeira coisa decente que você diz.

Mas o sono não chegou com facilidade. A pedra era dura, não importava como Rand se deitasse, e ele conseguia sentir os buracos através do cobertor. Não havia como imaginar que ele estivesse em qualquer outro lugar que não os Caminhos, criados pelos homens que haviam provocado a Ruptura do Mundo, maculados pelo Tenebroso. Ele não parava de visualizar a ponte quebrada e o nada que havia embaixo dela.

Quando se virou para o lado, viu Mat olhando para ele; olhando através dele, na verdade. As brincadeiras ficavam esquecidas ante a lembrança das trevas ao redor. Ele rolou para o outro lado, e Perrin também estava de olhos abertos. O rosto de Perrin estava menos amedrontado que o de Mat, mas ele estava com as mãos no peito, batendo os polegares um no outro, preocupado.

Moiraine passou por todos, ajoelhando-se à cabeceira de cada pessoa e se curvando para falar baixinho. Rand não conseguiu escutar o que ela disse a Perrin, mas os polegares dele pararam. Quando ela se curvou sobre Rand, o rosto dela quase o tocando, disse numa voz baixa e reconfortante:

— Até mesmo aqui, seu destino o protege. Nem mesmo o Tenebroso pode alterar completamente o Padrão. Você está a salvo dele enquanto eu estiver por perto. Seus sonhos estão seguros. Por um tempo, eles ainda estão seguros.

Quando ela passou para Mat, Rand se perguntou se ela achava que era assim tão simples, que ela podia lhe dizer que ele estava a salvo e ele acreditaria. Mas de algum modo ele se sentiu seguro... ou mais seguro, pelo menos. Pensando nisso, começou a adormecer, e não sonhou.

Lan os despertou. Rand se perguntou se o Guardião havia dormido; ele não

parecia cansado, nem de perto tão cansado quanto aqueles que haviam se deitado por algumas horas na pedra dura. Moiraine lhes permitiu tempo suficiente para preparar chá, mas só uma xícara por pessoa. Comeram o desjejum na sela, Loial e o Guardião conduzindo o grupo. Era a mesma refeição que as outras: pão, carne e queijo. Rand pensou que seria fácil se cansar de pão, carne e queijo.

Pouco depois de a última migalha ter sido lambida do último dedo, Lan disse baixinho:

— Alguém está nos seguindo. Ou alguma coisa. — Eles estavam no meio de uma ponte, com ambas as extremidades ocultas.

Mat sacou uma flecha de sua aljava e, antes que alguém pudesse detê-lo, disparou-a nas trevas atrás deles.

— Eu sabia que não devia ter feito isso — murmurou Loial. — Nunca lide com uma Aes Sedai a não ser num pouso.

Lan abaixou o arco de Mat antes que este pudesse puxar outra flecha.

— Pare com isso, seu aldeão idiota. Não há como saber quem é.

— É o único lugar em que elas não representam qualquer risco — continuou o Ogier.

— O que mais estaria em um lugar como este se não fosse algo de ruim? — Mat quis saber.

— É o que os Anciões dizem, e eu devia tê-los ouvido...

— Nós, por exemplo — respondeu o Guardião, seco.

— Talvez seja outro viajante — disse Egwene, esperançosa. — Um Ogier, quem sabe?

— Ogier têm juízo bastante para não usar os Caminhos — grunhiu Loial. — Todos a não ser Loial, que não tem juízo. O Ancião Haman sempre disse isso, e é verdade.

— O que você está sentindo, Lan? — perguntou Moiraine. — É algo que serve ao Tenebroso?

O Guardião balançou a cabeça devagar.

— Não sei — respondeu, como se aquilo o surpreendesse. — Não sei dizer. Talvez sejam os Caminhos, e a mácula. Tudo parece errado. Mas, seja quem for, ou o que for, não está tentando nos pegar. Ele quase nos alcançou na última Ilha e deu a volta na ponte para isso não acontecer. Se eu ficasse para trás, poderia surpreendê-lo e ver quem ou o que ele é.

— Se você ficar para trás, Guardião — disse Loial com firmeza —, passará o resto da vida nos Caminhos. Mesmo que soubesse ler Ogier, nunca ouvi falar nem li sobre um humano que conseguisse encontrar seu caminho depois da primeira Ilha sem um guia Ogier. Você *sabe* ler Ogier?

Lan tornou a balançar a cabeça, e Moiraine disse:

— Contanto que ele não nos perturbe, não o perturbaremos. Não temos tempo. Nenhum tempo.

Enquanto cavalgavam atravessando a ponte para a Ilha seguinte, Loial disse:

— Se bem me lembro do último Guia, existe um caminho daqui que vai dar em Tar Valon. Metade de um dia de jornada no máximo. Não é tanto tempo quanto levaremos para alcançar Mafal Dadaranell. Tenho certeza de que...

Parou de falar quando a luz de seus lampiões chegou ao Guia. Perto do topo da placa, linhas fundas escavadas, agudas e angulosas, abriam feridas na pedra. Subitamente Lan não disfarçava mais seu estado de alerta. Permanecia tranquilamente de pé na sela, mas Rand teve a impressão súbita de que o Guardião podia sentir tudo ao seu redor, até mesmo o resto deles respirando. Lan começou a dar a volta no Guia com seu garanhão, numa espiral que se distanciava da pedra. Cavalgava como se estivesse pronto para ser atacado, ou para atacar.

— Isto explica muita coisa — disse Moiraine baixinho — e me deixa com medo. Muita coisa mesmo. Eu devia ter imaginado. A mácula, a decadência. Eu devia ter imaginado.

— Imaginado o quê? — Nynaeve quis saber no momento em que Loial perguntou:

— O que é? Quem fez isto? Nunca vi nem ouvi falar em nada parecido.

A Aes Sedai os encarou com calma.

— Trollocs. — Ela ignorou seus arquejos assustados. — Ou Desvanecidos. Estas

runas são de Trollocs. Os Trollocs descobriram como entrar nos Caminhos. Deve ser assim que eles chegaram aos Dois Rios sem serem descobertos; pelo Portal dos Caminhos em Manetheren. Existe pelo menos um Portal dos Caminhos na Praga. — Ela olhou para Lan antes de continuar; o Guardião estava longe o suficiente para que apenas uma fraca luz de seu lampião pudesse ser vista. — Manetheren foi destruída, mas quase nada é capaz de destruir um Portal dos Caminhos. Foi assim que os Desvanecidos conseguiram reunir um pequeno exército ao redor de Caemlyn sem alarmar todas as nações entre a Praga e Andor. — Fazendo uma pausa, ela tocou os lábios, pensativa. — Mas eles não podem conhecer todas as trilhas ainda, caso contrário estariam jorrando em Caemlyn pelo portão que usamos. Sim.

Rand estremeceu. Atravessar o Portal dos Caminhos para encontrar Trollocs esperando nas trevas, centenas deles, talvez milhares, gigantes deformados com rostos semianimais, rosnando ao darem o bote na escuridão para matar. Ou pior.

— Eles não usam os Caminhos facilmente — disse Lan, ainda afastado. Seu lampião não estava a mais de vinte braças, mas sua luz era apenas uma bola indefinida e fraca que parecia muito distante para os que estavam em torno do Guia. Moiraine os levou até lá. Rand desejou que seu estômago estivesse vazio quando viu o que o Guardião havia encontrado.

Ao pé de uma das pontes jaziam as formas congeladas de Trollocs, no ato de brandir, desesperados, machados com ganchos e espadas semelhantes a foices. Cinza e cheios de buracos como as pedras, os corpos imensos estavam meio afundados na superfície inchada e borbulhante. Algumas das bolhas haviam estourado, revelando mais rostos com focinhos, para sempre rosnando apavorados. Rand ouviu alguém vomitando atrás dele e engoliu em seco para evitar se juntar a quem quer que fosse. Até mesmo para os Trollocs, fora uma forma horrível de morrer.

Alguns passos além dos Trollocs a ponte terminava. O marco de sinalização estava estilhaçado em mil.

Loial desceu desconfiado de seu cavalo, olhando os Trollocs como se achasse que eles poderiam voltar à vida. Examinou os restos do marco apressadamente, analisando a escrita de metal que havia sido inserida na pedra, depois voltou, desajeitado, à sua sela.

— Esta era a primeira ponte da trilha daqui para Tar Valon — disse.

Mat estava esfregando as costas da mão na boca, com a cabeça virada para longe dos Trollocs. Egwene escondia o rosto nas mãos. Rand aproximou seu

cavalo de Bela e tocou o ombro de Egwene, que se virou e o agarrou, estremecendo. Ele também queria estremecer; o fato de ela estar agarrada a ele era a única coisa que o impedia.

— Que bom que ainda não estamos indo para Tar Valon — disse Moiraine.

Nynaeve virou-se para a Aes Sedai.

— Como você pode encarar isso com tanta calma? A mesma coisa poderia acontecer conosco!

— Talvez — disse Moiraine, serena, e Nynaeve rangeu os dentes tão alto que Rand conseguiu ouvir. — Mas é mais provável — continuou Moiraine, imperturbável — que os Aes Sedai que fizeram os Caminhos os tenham protegido, construindo armadilhas para criaturas do Tenebroso. É algo que eles deviam temer na época, antes que os Meios-homens e os Trollocs tivessem sido rechaçados para a Praga. De qualquer maneira, não podemos nos deter aqui, e, seja qual for o caminho que escolhermos, para trás ou para a frente, é tão provável que haja uma armadilha nele quanto em qualquer outro. Loial, você sabe qual é a próxima ponte?

— Sim. Sim, eles não arruinaram aquela parte do Guia, graças à Luz. — Pela primeira vez Loial parecia tão ansioso para seguir em frente quanto Moiraine. Pôs seu cavalo grande a andar antes de terminar de falar.

Egwene permaneceu agarrada ao braço de Rand por mais duas pontes. Ele lamentou quando ela finalmente o soltou com um pedido de desculpas murmurado e um riso forçado, e não só porque era bom tê-la se segurando a ele assim. Era mais fácil ser corajoso, ele descobriu, quando alguém precisava de sua proteção.

Moiraine podia não ter acreditado que pudesse haver uma armadilha para eles, mas, apesar de toda a pressa de que ela falava, os fez viajar mais devagar do que antes, fazendo uma pausa antes de deixá-los passar por qualquer ponte, ou chegar a uma Ilha. Ela avançava com Aldieb, sentindo o ar à sua frente com a mão estendida, e nem mesmo Loial, ou Lan, tinha permissão de ir adiante até ela autorizar.

Rand tinha de confiar no julgamento dela a respeito de armadilhas, mas ele olhava a escuridão ao redor deles, como se realmente pudesse ver qualquer coisa a mais de duas braças, e apurava os ouvidos para escutar. Se os Trollocs podiam usar os Caminhos, então o que quer que os estivesse seguindo poderia ser mais uma criatura do Tenebroso. Ou mais de uma. Lan dissera que não conseguia

saber nos Caminhos. Mas, enquanto atravessavam uma ponte atrás da outra, comiam uma refeição ao meio-dia cavalgando e atravessavam ainda mais pontes, tudo o que podia ouvir eram suas próprias selas rangendo e os cascos dos cavalos, e às vezes um dos outros tossindo ou resmungando consigo mesmo. Depois houve um vento distante também, em algum ponto em meio às trevas. Não conseguiu dizer em qual direção. No começo ele achou que fosse sua imaginação, mas com o passar do tempo teve certeza.

Vai ser bom sentir o vento de novo, mesmo que seja frio.

Subitamente ele se lembrou de uma coisa.

— Loial, você não disse que nos Caminhos não sopra nenhum vento?

Loial parou o cavalo logo antes de chegar à Ilha seguinte e inclinou a cabeça para ouvir. Lentamente seu rosto empalideceu, e ele passou a língua pelos lábios.

— *Machin Shin* — sussurrou, a voz rouca. — O Vento Negro. A Luz nos ilumine e nos proteja. É o Vento Negro.

— Quantas pontes faltam? — perguntou Moiraine, ríspida. — Loial, quantas pontes faltam?

— Duas. Eu acho. Duas.

— Rápido então — disse ela, espicaçando Aldieb num trote para a Ilha. — Encontre-a rápido!

Loial falava consigo mesmo, ou para quem estivesse ouvindo, enquanto lia o Guia.

— Eles saíam loucos, gritando a respeito do *Machin Shin*. Que a Luz nos ajude! Mesmo aqueles que as Aes Sedai podiam curar, eles... — Seu olhar percorreu apressadamente a pedra, e ele galopou com um grito na direção da ponte escolhida: — Por aqui!

Dessa vez Moiraine não esperou para conferir. Mandou que todos galopassem, a ponte tremendo sob os cavalos, lampiões balançando loucamente sobre as cabeças. Loial passou os olhos pelo Guia seguinte e, como um corredor, fez a volta com sua grande montaria quase sem parar. O som do vento estava mais alto. Rand podia ouvi-lo até mesmo com o barulho dos cascos sobre a pedra. Atrás deles, as rajadas se aproximavam.

Não se importaram em ver o último Guia. Assim que a luz dos lampiões bateu na

linha branca correndo a partir dele, todos viraram naquela direção, ainda a galope. A Ilha desapareceu, e restaram apenas a pedra esburacada e cinzenta sob os pés deles e a linha branca. Rand arfava tão alto que não sabia mais ao certo se conseguia ouvir o vento.

Na escuridão os portões surgiram, com videiras esculpidas, sozinhos nas trevas como um pequeno pedaço de parede na noite. Moiraine se inclinou para fora da sela, estendendo a mão na direção das esculturas, e subitamente recuou.

— A folha de *Avendesora* não está aqui! — disse. — A chave sumiu!

— Luz! — gritou Mat. — Maldita Luz! — Loial jogou a cabeça para trás e soltou um grito de lamento, como um uivo de morte.

Egwene tocou o braço de Rand. Seus lábios tremiam, mas ela apenas olhou para ele, que colocou a mão sobre a dela, esperando não parecer mais assustado do que ela. Rand o sentia. Lá atrás, na direção do Guia, o vento uivava. Ele quase pensou que podia ouvir vozes nele, vozes gritando coisas vis que, mesmo semicompreendidas, fizeram a bile subir à sua garganta.

Moiraine ergueu seu cajado, e chamas saltaram da ponta. Não era a chama branca pura que Rand se lembrava de Campo de Emond e da batalha antes de Shadar Logoth. Um amarelo doentio riscava o fogo, e havia também partículas pretas, que fluuavam lentamente como fuligem. Uma fumaça fina e acre saía da chama, fazendo Loial tossir e os cavalos dançarem, nervosos, mas Moiraine estocou os portões com a chama. A fumaça arranhou a garganta de Rand e queimou seu nariz.

A pedra derreteu como manteiga, folhas e ramos murchando na chama e desaparecendo. A Aes Sedai movia a chama o mais rápido que podia, mas cortar uma abertura grande o bastante para todos passarem não era tarefa rápida. Para Rand, era como se a linha de pedra derretida caminhasse pelo arco a passo de tartaruga. Seu manto se mexeu, como se no começo de uma brisa, e seu coração gelou.

— Já dá para sentir — disse Mat, a voz trêmula. — Luz, já dá para sentir! Maldição!

A chama se apagou, e Moiraine abaixou o cajado.

— Pronto — disse ela. — Quase pronto.

Uma linha fina percorria a pedra escavada. Rand pensou ter visto luz, fraca, mas

luz mesmo assim, através da rachadura. Mas, apesar do corte, as duas grandes placas curvas de pedra ainda estavam ali, meio arco em cada porta. A abertura seria grande o bastante para todos passarem com os cavalos, embora Loial pudesse ter de se deitar bem nas costas de seu cavalo. Assim que as duas metades de pedra sumissem, seria grande o bastante. Ele se perguntou o quanto cada uma delas pesava. Mil libras? Mais? *Talvez, se todos desmontarmos e empurrarmos. Talvez possamos derrubar uma delas antes que o vento chegue aqui.* Uma rajada puxou seu manto. Ele tentou não ouvir o que as vozes gritavam.

Quando Moiraine recuou, Mandarb disparou à frente, na direção dos portões. Lan se agachou na sela. No último instante, o cavalo de guerra se virou para atingir a pedra com o ombro, como havia sido ensinado a atingir outros cavalos em batalha. Com um estrondo, a pedra tombou para fora, e o Guardiã e seu cavalo foram levados pelo impulso através do ponto tremeluzente e esfumaçado de um Portal dos Caminhos. A luz que passava por ele era a do meio da manhã, pálida e escassa, mas parecia a Rand que o sol de verão do meio-dia queimava em seu rosto.

Do outro lado do portão, Lan e Mandarb reduziram a velocidade a um passo quase arrastado, tropeçando lentamente enquanto o Guardiã puxava as rédeas para dar meia-volta com o cavalo e orientá-lo na direção do portão. Rand não esperou. Empurrando a cabeça de Bela na direção da abertura, ele deu um tapa forte na garupa da égua peluda. Egwene só teve tempo de lançar um olhar assustado para ele antes que Bela a levasse para fora dos Caminhos.

— Todos vocês, para fora! — comandou Moiraine. — Rápido! Vão!

Enquanto falava, a Aes Sedai estendia ao máximo o cajado, apontando de volta na direção do Guia. Alguma coisa pulou da ponta do cajado, como luz líquida transformada em um fluxo de fogo, uma lança flamejante de branco, vermelho e amarelo, partindo na direção do negror, explodindo, coruscando como diamantes estilizados. O vento gritava de agonia; urrava furiosamente. Os mil murmúrios que se escondiam no vento rugiram como o trovão, rugidos de loucura, vozes semiouvidas rindo e uivando promessas que faziam o estômago de Rand embrulhar tanto pelo prazer que havia nelas quanto pelo que ele quase conseguia entender do que diziam.

Meteu as botas em Vermelho para fazer com que ele avançasse, espremendo-se atrás dos outros, todos forçando passagem pelo ponto trêmulo e esfumaçado de uma só vez. O frio gélido o percorreu por completo mais uma vez, a sensação peculiar de ser lentamente baixado de cabeça em um lago no inverno, a água fria percorrendo sua pele em um movimento infinitesimal. Como da outra vez, a

sensação pareceu durar uma eternidade, enquanto sua mente acelerava, perguntando-se se o vento poderia alcançá-los enquanto estivessem suspensos daquele jeito.

Tão subitamente quanto o estouro de uma bolha, o frio desapareceu, e ele se viu do lado de fora. Seu cavalo, por um instante movendo-se duas vezes mais rápido que antes, tropeçou e quase o arremessou por cima da própria cabeça. Ele se agarrou, desesperado, ao pescoço do alazão. Enquanto voltava à sela, Vermelho se sacudiu todo, depois foi, trotando, juntar-se aos outros calmamente, como se nada de estranho tivesse acontecido. Estava frio, não o frio do Portal dos Caminhos, mas um frio natural de inverno, um frio bem-vindo, que lenta e gradualmente se entranhava na pele.

Ele puxou o manto ao seu redor, os olhos voltados para o brilho fraco do Portal dos Caminhos. A seu lado, Lan se inclinava para a frente na sela, a mão na espada; homem e cavalo estavam tensos, como se a ponto de voltar caso Moiraine não aparecesse.

O Portal dos Caminhos ficava sobre um monte de pedras na base de uma colina, oculto por arbustos a não ser onde os pedaços de pedra caídos haviam quebrado os galhos secos e nus. Ao lado das partes esculpidas nos restos dos portões, os arbustos pareciam mais sem vida que a pedra.

Lentamente a superfície turva começou a inchar, como uma bolha estranha e comprida se elevando na superfície de um lago. As costas de Moiraine surgiram rompendo a bolha. Pouco a pouco, a Aes Sedai e seu reflexo tênue afastaram-se um do outro, recuando. Ela ainda estava com o cajado estendido à frente, e o manteve nessa posição enquanto afastava Aldieb do Portal dos Caminhos, a égua branca dançando de medo, revirando os olhos. Ainda observando o Portal dos Caminhos, Moiraine recuou.

O Portal dos Caminhos escureceu. O espelho trêmulo e nebuloso foi se tornando mais escuro, de cinza a cor de carvão, depois a um preto tão profundo quanto o coração dos Caminhos. Como se de uma grande distância, o vento uivava para eles, vozes ocultas repletas de uma sede inesgotável por coisas vivas, repletas de fome de dor, repletas de frustração.

As vozes pareciam sussurrar nos ouvidos de Rand, quase nos limites da compreensão. *Carne tão boa, tão boa de rasgar, lacerar a pele; pele para arrancar em tiras, para trançar, tão bom trançar as tiras; tão bonitas, tão vermelhas as gotas que caem; sangue tão vermelho, tão vermelho, tão doce; gritos doces, gritos bonitos, gritos que cantam, grite sua canção, cante seus gritos...*

Os sussurros se extinguiram, e a escuridão diminuiu, desvaneceu, e o Portal dos Caminhos era mais uma vez algo tremeluzente e nebuloso visto através de um arco de pedra entalhada.

Rand soltou um suspiro longo e trêmulo. Não foi o único; ouviu outras exalações de alívio. Egwene estava com Bela ao lado do cavalo de Nynaeve, e as duas mulheres se abraçavam, a cabeça no ombro uma da outra. Mesmo Lan parecia aliviado, embora os traços duros de seu rosto nada demonstrassem; era mais a maneira como ele montava Mandarb, um relaxamento nos ombros ao olhar para Moiraine, uma inclinação da cabeça.

— Aquilo não podia passar — disse Moiraine. — Eu achei que não podia; esperava que não pudesse. Argh! — Ela jogou o cajado no chão e esfregou a mão no manto. Uma crosta carbonizada, preta e espessa, marcava metade do cajado. — A mácula corrompe tudo naquele lugar.

— O que era aquilo? — Nynaeve exigiu saber. — O que era aquilo?

Loial parecia confuso.

— Ora, *Machin Shin*, é claro. O Vento Negro que rouba almas.

— Mas *o que* era aquilo? — insistiu Nynaeve. — Mesmo um Trolloc, você pode olhar para ele, tocá-lo se tiver estômago forte. Mas isso... — Ela estremeceu convulsivamente.

— Algo que restou do Tempo da Loucura, talvez — respondeu Moiraine. — Ou mesmo da Guerra da Sombra, a Guerra do Poder. Alguma coisa que se esconde há tanto tempo nos Caminhos que não consegue mais sair. Ninguém, nem mesmo entre os Ogier, sabe até onde os Caminhos vão, ou a que profundidade. Poderia até mesmo ser alguma coisa dos próprios Caminhos. Como Loial disse, os Caminhos são coisas vivas, e todas as coisas vivas têm parasitas. Talvez até mesmo uma criatura da própria corrupção, algo nascido da decadência. Algo que odeia a vida e a luz.

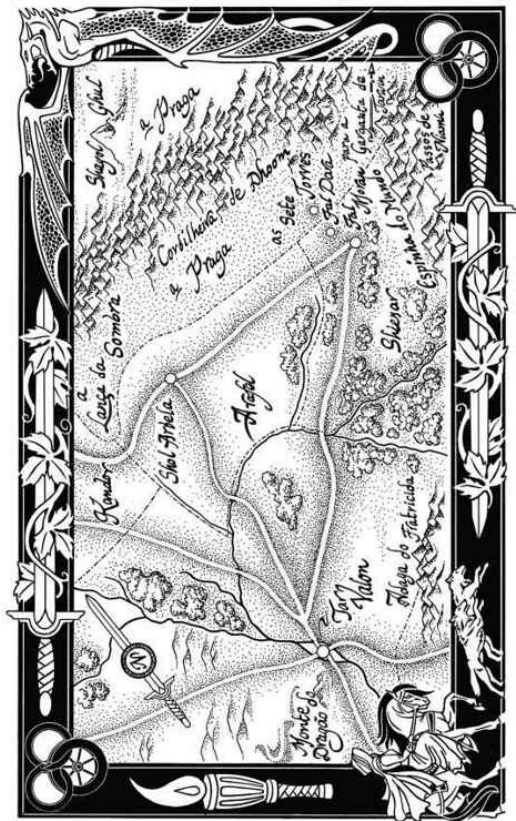
— Pare! — gritou Egwene. — Não quero ouvir mais. Eu ouvi *aquilo* dizendo... — Ela parou, tremendo.

— Há coisas piores pela frente — disse Moiraine suavemente. Rand não achou que ela tivesse dito aquilo com a intenção de ser ouvida.

A Aes Sedai subiu na sela e acomodou-se com um suspiro de alívio.

— Isso é perigoso — disse, olhando para os portões quebrados. Seu cajado esturricado recebeu apenas um olhar de relance. — A coisa não pode sair, mas qualquer um poderia entrar. Agelmar precisa enviar homens para emparedá-lo, assim que chegarmos a Fal Dara. — Ela apontou para o norte, para torres na distância enevoadas acima das copas das árvores sem folhas.







Fal Dara

A área ao redor do Portal dos Caminhos era de colinas ondulantes, cobertas por uma floresta, mas, afora os portões propriamente ditos, não havia sinal de nenhum bosque Ogier. Em sua maior parte, as árvores eram esqueletos cinzentos arranhando o céu com suas garras. Espécies perenes em menor quantidade que aquela a que Rand estava acostumado pontilhavam a floresta, e folhas e agulhas de pinheiro secas e mortas cobriam a maior parte. Loial não fez nenhum comentário além de balançar, tristonho, a cabeça.

— Tão mortas quanto as Terras Devastadas — disse Ny naeve, franzindo a testa. Egwene puxou o manto mais para si e estremeceu.

— Pelo menos saímos — disse Perrin, e Mat acrescentou:

— Saímos onde?

— Shienar — disse-lhes Lan. — Estamos nas Terras da Fronteira. — Em sua voz dura havia uma entonação que quase dizia “em casa”.

Rand apertou mais o manto contra o corpo. As Terras da Fronteira. Então a Praga estava próxima. A Praga. O Olho do Mundo. E o que eles tinham ido fazer.

— Estamos perto de Fal Dara — disse Moiraine. — Só mais algumas milhas. — Acima do topo das árvores, torres se erguiam ao norte e a leste deles, escuras contra o céu da manhã. Entre as colinas e a floresta, as torres desapareciam a todo momento enquanto eles cavalgavam, apenas para reaparecerem assim que chegavam ao topo de uma elevação mais alta.

Rand notou que as árvores estavam rachadas, como se atingidas por um raio.

— O frio — respondeu Lan quando ele perguntou. — Às vezes o inverno é tão frio aqui que a seiva congela, e as árvores explodem. Há noites em que você consegue ouvi-las estourando como fogos de artifício, e o ar é tão frio que você acha que vai se estilhaçar também. No último inverno, isso aconteceu mais que o normal.

Rand balançou a cabeça. Árvores *explodindo*? E isso era durante um inverno comum. Como devia ter sido aquele inverno? Certamente como nada que ele pudesse imaginar.

— Quem disse que o inverno passou? — perguntou Mat, os dentes batendo.

— Ora, isto aqui é uma bela primavera, pastor — disse Lan. — Uma bela primavera para se viver. Mas, se você quer calor, bem, na Praga estará quente.

Mat murmurou baixinho:

— Sangue e cinzas. Sangue e malditas cinzas!

Começaram a passar por fazendas, e, embora fosse hora de cozinhar a refeição do meio do dia, não havia qualquer fumaça saindo das compridas chaminés de pedra. Nos campos não havia homens nem gado, embora ocasionalmente se visse um arado ou um carroção abandonado, como se o dono fosse voltar a qualquer instante.

Em uma fazenda próxima uma única galinha ciscava no terreiro. Uma porta de celeiro batia livremente com o vento; na outra, a dobradiça de baixo quebrara e ela pendia em diagonal. A casa alta, estranha aos olhos de Rand, acostumados

aos Dois Rios, com seu telhado pontudo de grandes telhas de madeira correndo quase até o chão, estava parada e silenciosa. Nenhum cão apareceu para latir para eles. Uma foice jazia no meio do pátio; havia baldes virados numa pilha ao lado do poço.

Moiraine franziu a testa ao olhar a casa quando passaram. Ela ergueu as rédeas de Aldieb, e a égua branca apertou o passo.

Todos de Campo de Emond seguiam aglomerados com Loial um pouco atrás da Aes Sedai e do Guardião.

Rand balançou a cabeça. Não conseguia imaginar qualquer coisa crescendo ali, nunca. Mas também não conseguia imaginar os Caminhos. Mesmo agora que havia passado por eles, não conseguia imaginá-los.

— Acho que ela não esperava isso — disse Nynaeve baixinho, com um gesto que abarcava todas as fazendas vazias que haviam visto.

— Para onde foram todos? — perguntou Egwene. — Por quê? Não podem ter ido muito longe.

— O que faz você dizer isso? — perguntou Mat. — Pelo aspecto daquela porta de celeiro, podem ter partido no começo do inverno. — Nynaeve e Egwene olharam para ele como se ele não raciocinasse direito.

— As cortinas nas janelas — disse Egwene pacientemente. — Parecem leves demais para cortinas de inverno, mesmo daqui. Por mais frio que seja aqui, mulher nenhuma teria colocado aquelas cortinas há mais de uma semana, talvez menos. — A Sabedoria concordou com um gesto de cabeça.

— Cortinas! — Perrin riu. Ele imediatamente apagou o sorriso da cara quando as duas mulheres o olharam com as sobranceiras arqueadas. — Ah, eu concordo com vocês. Não havia ferrugem suficiente naquela foice para ter estado mais de uma semana a céu aberto. Você devia ter visto isso, Mat. Mesmo que tenha deixado de reparar nas cortinas.

Rand olhou de esguelha para Perrin, tentando não encará-lo. Seus olhos eram mais aguçados que os de Perrin, ou tinham sido, quando costumavam caçar coelhos juntos, mas ele não havia sido capaz de ver aquela foice bem o bastante para encontrar qualquer sinal de ferrugem.

— Eu realmente não dou a mínima para onde eles foram — resmungou Mat. — Só quero encontrar algum lugar com uma lareira. E rápido.

— Mas por que eles foram embora? — perguntou Rand baixinho. A Praga não ficava longe dali. A Praga, onde estavam todos os Desvanecidos e Trollocs, os que não estavam em Andor à caça deles. A Praga, para onde eles estavam indo.

Ele aumentou o volume da voz o suficiente para ser ouvido pelos que estavam perto.

— Nynaeve, talvez você e Egwene não tenham de ir até o Olho do Mundo conosco. — As duas mulheres olharam para Rand como se ele estivesse falando bobagens, mas com a Praga tão perto ele tinha de tentar uma última vez. — Talvez seja suficiente para vocês estarem perto. Moiraine não disse que vocês tinham de ir. Nem você, Loial. Vocês podiam ficar em Fal Dara. Até voltarmos. Ou já poderiam partir para Tar Valon. Talvez um comboio de mercadores passe, ou aposto que Moiraine até mesmo alugaria um coche. Nós nos encontraremos em Tar Valon quando tudo acabar.

— *Ta'veren*. — O suspiro de Loial era um rugido de trovão no horizonte. — Vocês fazem vidas girarem ao seu redor, Rand al'Thor, você e seus amigos. Seu destino escolhe o nosso. — O Ogier deu de ombros, e subitamente um sorriso enorme cruzou seu rosto. — Além disso, vai ser fantástico conhecer o Homem Verde. O Ancião Haman sempre fala sobre seu encontro com o Homem Verde, e meu pai também, e a maioria dos Anciões.

— Tantos? — disse Perrin. — As histórias dizem que o Homem Verde é difícil de encontrar, e ninguém consegue encontrá-lo duas vezes.

— Não duas vezes, não — concordou Loial. — Mas eu nunca o encontrei, nem vocês. Ele não parece evitar Ogier do jeito que evita vocês, humanos. Ele sabe muito sobre árvores. Até as Canções das Árvores.

— O que eu estava querendo dizer era... — Rand insistiu.

A Sabedoria o cortou.

— *Ela* diz que Egwene e eu fazemos parte do Padrão também. Estamos todos entremeados com vocês três. Se formos acreditar nela, existe alguma coisa na maneira como essa parte do Padrão é tecida que poderia deter o Tenebroso. E receio que acredito nela; muita coisa já aconteceu para eu não acreditar. Mas se Egwene e eu formos embora, o que poderíamos mudar no Padrão?

— Eu só estava tentando...

Nynaeve o interrompeu novamente, com brusquidão.

— Eu sei o que você estava tentando fazer. — Ela o encarou até ele se mexer desconfortavelmente na sela, então o rosto dela se suavizou. — Eu sei o que você estava tentando fazer, Rand. Não gosto muito de nenhuma Aes Sedai, e desta aqui menos que todas, eu acho. Gosto menos ainda de entrar na Praga, mas se há algo de que eu gosto menos que tudo é o Pai das Mentiras. Se vocês, rapazes... vocês, homens podem fazer o que precisa ser feito quando poderiam fazer quase qualquer outra coisa, por que você acha que eu faria menos? Ou Egwene? — Ela não parecia esperar resposta. Pegando as rédeas, franziu a testa na direção da Aes Sedai à frente. — Fico me perguntando se vamos chegar a essa tal de Fal Dara em breve, ou se ela quer que passemos a noite ao ar livre aqui?

Quando ela trotou na direção de Moiraine, Mat falou:

— Ela nos chamou de homens. Parece que foi ontem que disse que deveríamos estar debaixo da saia das nossas mães, e agora ela nos chama de homens.

— Você ainda não devia ter saído de debaixo da saia da sua mãe — disse Egwene, mas Rand não achou que ela quisesse mesmo dizer aquilo. Ela aproximou Bela do alazão dele e abaixou a voz para que nenhum dos demais pudesse ouvir, embora Mat, pelo menos, tentasse. — Eu só dancei com Aram, Rand — disse baixinho, sem olhar para ele. — Você não pensaria mal de mim por dançar com alguém que nunca vou ver de novo, pensaria?

— Não — respondeu ele. *O que a fez tocar nisso agora?* — É claro que não. — Mas subitamente ele se lembrou de uma coisa que Min dissera em Baerlon, que parecia ter sido cem anos antes. *Ela não é para você, nem você para ela; pelo menos, não do jeito que vocês dois querem.*

A cidade de Fal Dara havia sido construída sobre colinas mais altas que a área ao redor. Não era nem de longe tão grande quanto Caemlyn, mas sua muralha era igualmente alta. Do lado de fora, por uma milha inteira em todas as direções, o terreno não tinha nada mais alto que a grama, e mesmo assim cortada rente. Nada poderia se aproximar sem ser visto de uma das muitas torres altas cobertas por andaimes de madeira. Enquanto as muralhas de Caemlyn tinham uma certa beleza, os construtores de Fal Dara pareciam não ter se importado se alguém acharia sua muralha bonita. A pedra cinza era lugubramente implacável, proclamando que existia com um único objetivo: proteger. Flâmulas sobre as passarelas drapejavam ao vento, dando a impressão de que o Falcão Negro de Shienar voava ao longo das muralhas.

Lan jogou para trás o capuz de seu manto e, apesar do frio, fez um gesto para que os outros fizessem o mesmo. Moiraine já tinha abaixado o dela.

— É a lei em Shienar — disse o Guardião. — Em todas as Terras da Fronteira. Ninguém pode esconder o rosto dentro das muralhas de uma cidade.

— São todos bonitos assim? — Mat riu.

— Um Meio-homem não pode se esconder com o rosto exposto — disse o Guardião categoricamente.

O sorriso de Rand fugiu de seu rosto. Mat tirou o capuz rapidamente.

Os portões estavam abertos, altos e revestidos de ferro escuro, mas uma dúzia de homens com armaduras montava guarda com casacos amarelo-ouro exibindo o Falcão Negro. O punho de espadas longas em suas costas despontava acima dos ombros, e em cada cintura pendia uma espada larga, maça ou machado. Seus cavalos estavam presos por perto, tornados grotescos por placas de aço que cobriam peito, pescoço e cabeça, com lanças perto dos estribos, todos prontos para serem montados num instante. Os guardas não fizeram qualquer gesto para impedir Lan, Moiraine e os outros. Na verdade, eles acenaram e gritaram, alegres.

— Dai Shan! — gritou um deles, erguendo os punhos com manoplas de aço sobre a cabeça quando eles passaram. — Dai Shan!

Vários outros gritaram:

— Glória aos Construtores!

— *Kiserai ti Wansho!*

Loial pareceu surpreso, mas então um sorriso largo se abriu em seu rosto e ele acenou para os guardas.

Um homem correu ao lado do cavalo de Lan por uma parte do caminho, sem sentir o peso da armadura que usava.

— O Grou Dourado vai voar de novo, Dai Shan?

— Paz, Ragan — foi tudo o que o Guardião disse, e o homem ficou para trás. Ele retribuía os acenos dos guardas, mas seu rosto subitamente ficou ainda mais sombrio.

Enquanto cavalgavam por ruas calçadas de pedra e cheias de gente e carroções, Rand franziu a testa, preocupado. Fal Dara estava quase inchando de tanta gente, mas as pessoas não eram nem as multidões ansiosas de Caemlyn, desfrutando da

grandeza da cidade mesmo enquanto brigavam, nem as massas trabalhadoras de Baerlon. Espremidas lado a lado, essas pessoas viam seu grupo passar cavalgando com olhos pesados e rostos despídos de emoção. Carroças e carroções obstruíam cada beco, cheios de mobílias de casas inteiras em altas pilhas, e baús entalhados tão cheios que as roupas saíam pelas frestas. No topo deles, sentavam-se crianças. Os adultos mantinham as crianças onde podiam vê-las e não as deixavam se afastar nem para brincar. As crianças eram ainda mais caladas que seus pais, os olhos maiores, os olhares mais assombrados. Os vãos e as frestas entre os carroções estavam lotados de um gado peludo e porcos de manchas pretas em chiqueiros improvisados. Caixotes de galinhas, patos e gansos compensavam adequadamente o silêncio das pessoas. Agora ele sabia para onde todos os fazendeiros haviam ido.

Lan conduziu-os até a fortaleza no meio da cidade, uma estrutura de pedra maciça em cima da colina mais alta. Um fosso seco, profundo e largo, seu fundo uma floresta de estacas de aço afiadas como navalhas da altura de um homem, cercava as muralhas imensas do fortim. Um lugar para uma última defesa, se o resto da cidade caísse. De uma das torres do portão um homem com armadura gritou:

— Bem-vindo, Dai Shan!

Outro gritou para o interior da fortaleza:

— O Grou Dourado! O Grou Dourado!

Seus cascos tamborilaram nas pesadas toras da ponte levadiça quando atravessaram o fosso e passaram sob as pontas afiadas da grade maciça. Assim que cruzaram os portões, Lan desceu da sela para conduzir Mandarb, fazendo sinal para que os demais desmontassem.

O primeiro pátio era uma grande praça pavimentada com grandes blocos de pedra e cercada por torres e ameias de aspecto tão ameaçador quanto as do lado de fora das muralhas. Por maior que fosse, o pátio parecia tão lotado quanto as ruas, e com a mesma agitação, embora a multidão ali tivesse um certo ordenamento. Em toda parte havia homens e cavalos de armadura. Em meia dúzia de ferrarias que atravessavam o pátio, martelos retiniam, e grandes foles, cada um manobrado por dois homens com aventais de couro, faziam o fogo das forjas rugir. Um fluxo constante de rapazes corria com as novas ferraduras para os ferradores. Flecheiros estavam sentados fazendo flechas, e toda vez que uma cesta ficava cheia era rapidamente levada e substituída por outra vazia.

Criados de libré apareceram correndo, ansiosos e sorridentes em preto e ouro.

Rand desamarrou apressadamente seus pertences de trás da sela e entregou o alazão para um dos criados quando um homem vestido em armadura de placas, cota de malha e couro fez uma mesura formal. Ele vestia um manto amarelo vivo com borda vermelha por cima da armadura, com o Falcão Negro no peito, e uma sobrecasaca amarela com uma coruja cinza. Não usava capacete e tinha os cabelos raspados, à exceção de um rabo de cavalo amarrado com um cordão de couro.

— Já faz muito tempo, Moiraine Aes Sedai. É bom ver você, Dai Shan. Muito bom. — Ele voltou a se curvar, agora para Loial, e murmurou: — Glória aos Construtores. *Kiserai ti Wansho*.

— Não sou digno — respondeu Loial formalmente —, e a obra é pequena. *Tsinguma choba*.

— Você nos honra, Construtor — disse o homem. — *Kiserai ti Wansho*. — Virou-se novamente para Lan. — A notícia foi enviada a Lorde Agelmar, Dai Shan, assim que vocês foram vistos chegando. Ele está esperando vocês. Por aqui, por favor.

Enquanto eles o seguiam para o interior da fortaleza, por corredores de pedra com correntes de ar e tapeçarias coloridas penduradas ao lado de telas compridas de seda com cenas de caça e batalhas, ele continuou:

— Estou feliz porque o chamado chegou até você, Dai Shan. Vai erguer o estandarte do Grou Dourado mais uma vez?

Os salões estavam vazios, com exceção das tapeçarias nas paredes, e mesmo estas usavam o mínimo de figuras feitas com o mínimo de linhas necessário para transmitir o significado, ainda que em cores vivas.

— As coisas realmente estão tão ruins quanto parecem, Ingтар? — perguntou Lan baixinho. Rand se perguntou se suas próprias orelhas não estariam tremelicando como as de Loial.

O rabo de cavalo do homem balançou quando ele meneou a cabeça, mas hesitou antes de abrir um sorriso.

— As coisas nunca são tão ruins quanto parecem, Dai Shan. Um pouco piores que de costume este ano, é só. Os ataques continuaram por todo o inverno, mesmo na época mais dura. Mas não foram piores do que em qualquer outro lugar da Fronteira. Eles ainda vêm à noite, mas o que mais se pode esperar na primavera, se é que isto pode ser chamado de primavera? Os batedores voltam

da Praga, os que voltam, com notícias de acampamentos de Trollocs. Sempre com novas notícias de mais acampamentos. Mas nós vamos enfrentá-los na Garganta de Tarwin, Dai Shan, e vamos rechaçá-los como sempre fizemos.

— É claro — disse Lan, mas não parecia ter tanta certeza.

O sorriso de Ingтар hesitou, mas retornou imediatamente. Em silêncio, ele os conduziu ao estúdio de Lorde Agelmar, então se desculpou, dizendo que tinha tarefas urgentes, e saiu.

Tratava-se de um aposento tão prático quanto todo o resto da fortaleza, com fendas para flechas na parede externa e uma barra pesada para a porta grossa, que tinha seus próprios furos para flechas e era presa por cintas de ferro. Havia apenas uma tapeçaria pendurada ali. Esta cobria uma parede inteira e mostrava homens, armados como os homens de Fal Dara, lutando contra Myrddraal e Trollocs num desfileiro.

Uma mesa, um baú e algumas cadeiras eram as únicas peças de mobília, além de dois cavaletes na parede, que chamaram a atenção de Rand tanto quanto a tapeçaria. Um deles tinha uma espada de duas mãos, mais alta que um homem, uma espada larga mais comum, e abaixo delas uma maça com pontas e um longo escudo em forma de pipa, com o símbolo de três raposas. Do outro pendia uma armadura completa, disposta como se alguém fosse vesti-la. Um capacete com penacho e sua proteção facial com barras sobre um almôfar de cota de malha dupla. Uma cota longa de malha, aberta no meio para cavalgar, e um casaco de couro polido pelo uso. Placa peitoral, manoplas de aço, protetores de joelho e cotovelo, e meia placa para ombros, braços e pernas. Mesmo ali, no coração do fortim, armas e armadura pareciam prontas para serem usadas a qualquer momento. Assim como a mobília, eram decoradas de modo simples e severo com ouro.

O próprio Agelmar se levantou quando entraram e deu a volta na mesa, atulhada de mapas, resmas de papel e penas enfiadas em tinteiros. À primeira vista, ele parecia pacífico demais para o aposento em seu casaco de veludo azul de colarinho alto e largo e botas de couro macio, mas um segundo olhar mostrou outra coisa a Rand. Como todos os combatentes que ele já tinha visto, a cabeça de Agelmar estava raspada a não ser por um rabo de cavalo, totalmente branco. Seu rosto era tão duro quanto o de Lan, as únicas rugas vincando o canto dos olhos, que se assemelhavam a pedras marrons, embora apresentasse um sorriso.

— Paz, mas é bom ver você, Dai Shan — disse o Senhor de Fal Dara. — E você, Moiraine Aes Sedai, talvez ainda mais. Sua presença me aquece, Aes Sedai.

— *Ninte calichniye no domashita, Agelmar Dai Shan* — respondeu Moiraine formalmente, mas com um toque na voz que dizia que os dois eram velhos amigos. — Suas boas-vindas me aquecem, Lorde Agelmar.

— *Kodome calichniye ga ni Aes Sedai hei*. Aqui uma Aes Sedai é sempre bem-vinda. — Virou-se para Loial. — Você está longe dos pousos, Ogier, mas honra Fal Dara. Glória eterna aos Construtores. *Kiserai ti Wansho hei*.

— Não sou digno — disse Loial, fazendo uma mesura. — É o senhor quem me honra. — Olhou para as paredes de pedra escura e pareceu lutar consigo mesmo. Rand ficou feliz porque o Ogier conseguiu evitar mais comentários.

Serviçais vestidos de preto e dourado apareceram silenciosamente, os pés calçados em chinelos macios. Uns traziam toalhas dobradas, úmidas e quentes, sobre bandejas de prata, para limpar a poeira do rosto e das mãos. Outros traziam vinho quente e tigelas prateadas com ameixas e pêssegos secos. Lorde Agelmar deu ordens para que quartos fossem preparados, e também banhos.

— Uma longa jornada de Tar Valon — disse. — Vocês devem estar cansados.

— Uma jornada curta pelo caminho que tomamos — disse Lan —, mas mais cansativa que o caminho longo.

Agelmar pareceu intrigado quando o Guardião não falou mais nada, mas disse meramente:

— Alguns dias de descanso porão todos em ótima disposição.

— Peço uma noite de guarida, Lorde Agelmar — disse Moiraine —, para nós e nossos cavalos. E suprimentos frescos de manhã, se puder dispor deles. Precisamos deixá-lo cedo, lamento.

Agelmar franziu a testa.

— Mas pensei... Moiraine Sedai, não tenho direito de lhe pedir isso, mas você valeria mil lanças na Garganta de Tarwin. E você, Dai Shan. Mil homens *virão* quando souberem que o Grou Dourado voa mais uma vez.

— As Sete Torres estão quebradas — disse Lan com severidade —, e Malkier está morta; os poucos do povo dela que restaram estão espalhados pela face da terra. Eu sou um Guardião, Agelmar, jurado à Chama de Tar Valon, e estou ligado à Praga.

— É claro, Dai Sh... Lan. É claro. Mas certamente alguns dias de atraso,

algumas semanas no máximo, não farão diferença. Vocês são necessários. Você e Moiraine Sedai.

Moiraine aceitou um cálice de prata de um dos serviçais.

— Ingтар parece crer que vocês derrotarão esta ameaça assim como derrotaram muitas outras ao longo dos anos.

— Aes Sedai — disse Agelmar, seco —, se Ingтар tivesse de cavalgar sozinho até a Garganta de Tarwin, ele cavalgaria o caminho inteiro proclamando que os Trollocs seriam derrubados mais uma vez. Ele é quase orgulhoso o suficiente para acreditar que *poderia* fazer isso sozinho.

— Desta vez ele não está tão confiante quanto você pensa, Agelmar. — O Guardião ergueu uma taça, mas não bebeu. — As coisas estão tão mal assim?

Agelmar hesitou, puxando um mapa de dentro da pilha sobre a mesa. Ele ficou encarando o mapa sem enxergar por um momento, então o jogou de lado.

— Quando cavalgarmos até a Garganta — disse em voz baixa —, as pessoas serão enviadas para Fal Moran, ao sul. Talvez a capital possa resistir. Paz, ela tem de resistir. Alguma coisa tem de resistir.

— Tão mal assim? — perguntou Lan, e Agelmar assentiu, cansado.

Rand trocou olhares de preocupação com Mat e Perrin. Era fácil crer que os Trollocs reunidos na Praga estavam atrás dele. Atrás deles. Agelmar prosseguiu, pessimista:

— Kandor, Arafel, Saldaea... Os Trollocs atacaram todas ininterruptamente ao longo do inverno. Nada assim acontece desde as Guerras dos Trollocs; os ataques nunca foram tão ferozes, nem tão grandes, nem tão próximos de casa. Todo rei e conselho tem certeza de que um grande ataque está vindo da Praga, e todos nas Terras da Fronteira acreditam que está vindo contra eles. Nenhum de seus batedores, e nenhum dos guardiões, relata Trollocs se reunindo acima de suas fronteiras como temos aqui, mas eles acreditam, e todos têm medo de enviar combatentes para outros lugares. As pessoas sussurram que o mundo está chegando ao fim, e que o Tenebroso está solto novamente. Shienar cavalgará sozinha até a Garganta de Tarwin, e estaremos em desvantagem de pelo menos dez para um. Pode vir a ser a última Reunião das Lanças.

“Lan... não!, Dai Shan, pois você é um Senhor das Batalhas do Diadema de Malkier, não importa o que diga. Dai Shan, o estandarte do Grou Dourado na

vanguarda daria ânimo aos homens que sabem que estão indo para o norte para morrer. A notícia vai se espalhar como fogo na floresta, e, embora seus reis tenham ordenado que fiquem onde estão, lanças virão de Arafel e Kandor, e até mesmo de Saldaea. Embora possam não chegar a tempo para ficar ao nosso lado na Garganta, eles poderão salvar Shienar.”

Lan olhou para seu vinho. Seu rosto não mudou, mas o vinho molhou sua mão; ele esmagou o cálice de prata. Um serviçal pegou o cálice arruinado e limpou a mão do Guardião com uma toalha; um segundo pôs um novo cálice em sua mão enquanto o outro era rapidamente levado embora. Lan nem pareceu notar.

— Não posso! — murmurou ele, a voz rouca. Quando levantou a cabeça, seus olhos azuis ardiam com uma luz feroz, mas a voz estava calma novamente e sem emoção. — Eu sou um Guardião, Agelmar. — Seu olhar duro deslizou por Rand, Mat e Perrin até chegar a Moiraine. — Ao amanhecer, cavalgarei para a Praga.

Agelmar soltou um suspiro pesado.

— Moiraine Sedai, você, pelo menos, não virá? Uma Aes Sedai poderia fazer a diferença.

— Não posso, Lorde Agelmar. — Moiraine parecia preocupada. — Realmente há uma batalha a ser travada, e não é por acaso que os Trollocs estão reunidos na fronteira de Shienar, mas nossa batalha, a verdadeira batalha contra o Tenebroso, acontecerá na Praga, no Olho do Mundo. Você deve travar sua batalha, e nós a nossa.

— Você não pode estar me dizendo que ele está à solta! — O pétreo Agelmar parecia abalado, e Moiraine rapidamente sacudiu a cabeça.

— Ainda não. Se vencermos no Olho do Mundo, talvez nunca mais.

— Você consegue localizar o Olho, Aes Sedai? Se deter o Tenebroso depender disso, provavelmente já estamos mortos. Muitos tentaram e fracassaram.

— Eu posso encontrá-lo, Lorde Agelmar. A esperança ainda não está perdida.

Agelmar a estudou, e depois os outros. Ele parecia intrigado com Nynaeve e Egwene; as roupas rurais das duas contrastavam agudamente com o vestido de seda de Moiraine, embora todas estivessem igualmente sujas graças à viagem.

— Elas são Aes Sedai também? — perguntou, duvidando. Quando Moiraine sacudiu a cabeça em negativa, ele pareceu ainda mais confuso. Seu olhar seguiu

para os rapazes de Campo de Emond, detendo-se em Rand, passando pela espada com o encordoamento vermelho em sua cintura. — Uma guarda estranha que você leva consigo, Aes Sedai. Só um combatente. — Ele olhou de relance para Perrin, e o machado que pendia de seu cinturão. — Talvez dois. Mas ambos são pouco mais que rapazes. Deixe-me enviar homens com vocês. Cem lanças a mais ou a menos não farão diferença na Garganta, mas vocês vão precisar de mais do que um Guardião e três jovens. E duas mulheres não vão ajudar, a menos que sejam Aiel disfarçadas. A Praga está pior do que de costume este ano. Ela... está se agitando.

— Cem lanças seriam demais — disse Lan. — E mil não são o bastante. Quanto maior o grupo que levarmos para dentro da Praga, maior a chance de atraírmos atenção. Precisamos chegar ao Olho sem lutar, se pudermos. Você sabe que o resultado é quase certo quando os Trollocs forçam uma batalha dentro da Praga.

Agelmar assentiu com pessimismo, mas se recusou a desistir.

— Menos, então. Até mesmo dez homens bons lhe darão uma chance melhor de escoltar Moiraine Sedai e as outras duas mulheres até o Homem Verde do que apenas estes rapazes.

Rand subitamente percebeu que o Senhor de Fal Dara supunha que eram Nynaeve e Egwene que, junto com Moiraine, lutariam contra o Tenebroso. Era natural. Esse tipo de luta significava usar o Poder Único, e isso implicava mulheres. *Esse tipo de luta significa usar o Poder Único.* Enfiou os polegares no cinturão da espada e agarrou a fivela com força para evitar que suas mãos tremessem.

— Nenhum homem — disse Moiraine. Agelmar abriu a boca mais uma vez, e ela continuou antes que ele pudesse falar. — É a natureza do Olho, e a natureza do Homem Verde. Quantos de Fal Dara já encontraram o Homem Verde e o Olho?

— No total? — Agelmar deu de ombros. — Desde a Guerra dos Cem Anos, você pode contá-los nos dedos de uma só mão. Não mais do que um em cinco anos, somando todas as Terras da Fronteira.

— Ninguém encontra o Olho do Mundo — disse Moiraine —, a menos que o Homem Verde queira que essa pessoa encontre. A necessidade é a chave, e a intenção. Eu sei para onde ir. Já estive lá antes. — Rand virou a cabeça, surpreso; a dele não foi a única entre os de Campo de Emond, mas a Aes Sedai não pareceu notar. — Mas se houver um entre nós buscando glória, procurando acrescentar seu nome àqueles quatro, e pode ser que nunca o encontremos,

mesmo que eu os leve exatamente ao ponto de que me lembro.

— Você já viu o Homem Verde, Moiraine Sedai? — O Senhor de Fal Dara parecia impressionado, mas no instante seguinte franziu a testa. — Mas se você já o encontrou uma vez...

— A necessidade é a chave — disse Moiraine baixinho —, e não pode haver necessidade maior do que a minha. Do que a nossa. E eu tenho uma coisa que os outros que buscam não têm.

Seus olhos mal se desviaram do rosto de Agelmar, mas Rand tinha certeza de que eles haviam relanceado na direção de Loial antes que a Aes Sedai os trouxesse de volta. Rand encontrou os olhos do Ogier, e Loial estremeceu.

— *Ta'veren* — disse o Ogier suavemente.

Agelmar ergueu as mãos para o céu.

— Será como você diz, Aes Sedai. Paz, se a verdadeira batalha será no Olho do Mundo, estou tentado a levar o estandarte do Falcão Negro com você em vez de até a Garganta. Eu poderia abrir caminho para vocês...

— Isto seria um desastre, Lorde Agelmar. Tanto na Garganta de Tarwin quanto no Olho. Você tem sua batalha, e nós temos a nossa.

— Paz! Como quiser, Aes Sedai.

Tendo chegado a uma decisão, por menos que gostasse, o Senhor de Fal Dara pareceu tirá-la de sua cabeça raspada. Ele os convidou para a mesa, o tempo inteiro conversando sobre falcões, cavalos e cães, mas sem jamais mencionar Trollocs, ou a Garganta de Tarwin, ou o Olho do Mundo.

O aposento onde comeram era tão vazio e simples quanto o estúdio de Lorde Agelmar, com pouca mobília além da mesa e das cadeiras propriamente ditas, estas de linha e forma severas. Belas, porém severas. Uma grande lareira aquecia o aposento, mas não tanto que um homem chamado a sair às pressas passasse mal com o frio lá de fora. Criados de libré trouxeram sopa, pão e queijo, e a conversa foi sobre livros e música até Lorde Agelmar perceber que o povo de Campo de Emond não estava falando. Como um bom anfitrião, ele fez gentilmente perguntas pensadas para tirá-los de seu silêncio.

Rand em pouco tempo percebeu que estava competindo para contar sobre Campo de Emond e os Dois Rios. Foi preciso um esforço para não falar demais.

Ele torceu para que os outros segurassem a língua, especialmente Mat. Só Nynaeve se segurou, comendo e bebendo em silêncio.

— Há uma canção nos Dois Rios — disse Mat. — “Voltando da Garganta de Tarwin”. — Ele terminou com hesitação, como se subitamente percebesse que estava trazendo à baila o que vinham evitando, mas Agelmar lidou com isso de maneira tranquila.

— Não é de se espantar. Poucas terras não enviaram homens para conter a Praga ao longo dos anos.

Rand olhou para Mat e Perrin. Mat formou silenciosamente a palavra Manetheren.

Agelmar sussurrou para um dos serviçais, e enquanto outros limpavam a mesa esse homem desapareceu e voltou com um cilindro, e cachimbos de barro para Lan, Loial e Lorde Agelmar.

— Tabac, fumo dos Dois Rios — disse o Senhor de Fal Dara enquanto enchiam seus cachimbos. — É difícil de conseguir por aqui, mas vale o preço.

Quando Loial e os dois homens mais velhos soltavam baforadas alegremente, Agelmar olhou de esguelha para o Ogier.

— Você parece preocupado, Construtor. Espero que não esteja sofrendo da Saudade. Há quanto tempo está longe do pouso?

— Não é a Saudade; não parti há tanto tempo assim. — Loial deu de ombros, e a fumaça azul-acinzentada que subia de seu cachimbo fez uma espiral sobre a mesa enquanto ele gesticulava. — Eu esperava, torcia, para que o bosque ainda estivesse aqui. Alguma reminiscência de Mafal Dadaranell, pelo menos.

— *Kiserai ti Wansho* — murmurou Agelmar. — As Guerras dos Trollocs não deixaram nada a não ser lembranças, Loial, filho de Arent, e pessoas para construir algo a partir delas. Elas não podiam duplicar a obra dos Construtores, não mais do que eu poderia. Aquelas curvas e padrões intrincados que seu povo cria estão além da capacidade dos olhos e das mãos humanos. Talvez desejássemos evitar uma imitação pobre que só teria servido como um lembrete sempre presente do que havíamos perdido. Há uma beleza diferente na simplicidade, numa única linha colocada exatamente daquele jeito, uma única flor entre as rochas. A dureza da pedra torna a flor mais preciosa. Tentamos não nos ater muito ao que se foi. O coração mais forte pode se partir sob essa tensão.

— “A pétala da rosa flutua sobre a água” — recitou Lan suavemente. — “O martim-pescador dispara sobre o lago. Vida e beleza turbilhonam em meio à morte.”

— Sim — disse Agelmar. — Sim. Esses versos sempre simbolizaram a totalidade disso para mim também. — Os dois homens cumprimentaram-se com um gesto de cabeça.

Lan recitando poesia? O homem era como uma cebola; toda vez que Rand achava que sabia alguma coisa a respeito do Guardião, ele descobria mais uma camada por baixo.

Loial assentiu devagar.

— Talvez eu também me detenha demais no que se foi. E, no entanto, os bosques eram lindos. — Mas ele estava olhando para o aposento austero como se o visse pela primeira vez e subitamente descobrisse coisas dignas de serem vistas.

Ingтар apareceu e fez uma mesura para Lorde Agelmar.

— Perdão, Lorde, mas o senhor queria saber de qualquer coisa fora do comum, por menor que fosse.

— Sim, o que foi?

— Coisa pequena, Lorde. Um estranho tentou entrar na cidade. Não é de Shienar. Pelo sotaque, um homem de Lugard. Às vezes, pelo menos. Quando os guardas do Portão Sul tentaram interrogá-lo, ele fugiu. Viram-no entrar na floresta, mas pouco tempo depois ele foi encontrado escalando a muralha.

— Coisa pequena! — A cadeira de Agelmar raspou no chão quando ele se levantou. — Paz! O vigia da torre é tão negligente que um homem consegue atingir as muralhas sem ser visto, e você chama isso de coisa pequena?

— É um louco, Lorde. — Havia uma ponta de assombro na voz de Ingтар. — A Luz protege os loucos. Talvez a Luz tenha coberto os olhos do vigia da torre e permitido que o homem alcançasse as muralhas. Certamente um pobre louco que não pode fazer mal nenhum.

— Ele já foi trazido ao fortim? Ótimo. Traga-o até aqui. Agora. — Ingтар fez uma mesura e saiu, e Agelmar se virou para Moiraine. — Perdão, Aes Sedai, mas preciso cuidar disto. Talvez ele seja apenas um pobre coitado com a mente cega pela Luz, mas... Há dois dias, cinco de nossos próprios homens foram

encontrados à noite tentando serrar as dobradiças de um portão de cavalos. Pequeno, mas o suficiente para deixar os Trollocs entrarem. — Ele fez uma careta. — Amigos das Trevas, suponho, embora deteste pensar isso de qualquer shienarano. Eles foram feitos em pedaços pelo povo antes que os guardas pudessem pegá-los, portanto jamais saberei. Se shienaranos podem ser Amigos das Trevas, preciso ser especialmente cuidadoso com estrangeiros. Se desejarem se retirar, eu os mandarei para seus quartos.

— Amigos das Trevas não conhecem fronteira nem sangue — disse Moiraine. — Eles são encontrados em todas as terras, e *não são* de qualquer delas. Eu também estou interessada em ver esse homem. O Padrão está formando uma Teia, Lorde Agelmar, mas a forma final da Teia ainda não foi definida. Ela pode ainda envolver o mundo, ou se desfazer e levar a Roda a uma nova tessitura. A essa altura, até mesmo as coisas pequenas podem mudar a forma da Teia. A essa altura eu desconfio de coisas pequenas fora do comum.

Agelmar olhou de relance para Nynaeve e Egwene.

— Como desejar, Aes Sedai.

Ingтар retornou com dois guardas carregando lanças longas e escoltando um homem que parecia um saco esfarrapado virado do avesso. Seu rosto estava cheio de fuligem e grudava seus cabelos e barba compridos e emaranhados. Ele entrou curvado no aposento, com os olhos fundos se movendo de um lado para outro. Um cheiro acre emanava dele.

Rand sentou-se mais para a frente, tentando ver através de toda aquela sujeira.

— Vocês não têm motivo para me prender assim — gemeu o homem imundo. — Sou apenas um pobre sem nada, abandonado pela Luz e procurando um lugar, como todo mundo, para me abrigar da Sombra.

— As Terras da Fronteira são um lugar estranho para procurar... — começou Agelmar, quando Mat o interrompeu.

— O mascate!

— Padan Fain — concordou Perrin, assentindo.

— O mendigo — disse Rand, subitamente rouco. Ele se recostou ao ver o ódio súbito que flamejava nos olhos de Fain. — Ele é o homem que estava perguntando por nós em Caemlyn. Tem de ser.

— Então isto lhe diz respeito, afinal, Moiraine Sedai — disse Agelmar lentamente.

Moiraine assentiu.

— Receio enormemente que sim.

— Eu não queria. — Fain começou a chorar. Lágrimas grossas abriam canais na sujeira em seu rosto, mas eram incapazes de chegar à camada mais profunda. — Ele me obrigou! Ele e seus olhos de fogo. — Rand estremeceu. Mat enfiou a mão embaixo do casaco, sem dúvida segurando a adaga de Shadar Logoth. — Ele fez de mim seu cão! Seu sabujo, para caçar e seguir sem sequer um pouco de descanso. Apenas seu cão, mesmo depois que ele me jogou fora.

— Isso nos preocupa a todos — disse Moiraine, pessimista. — Há algum lugar onde eu possa conversar com ele a sós, Lorde Agelmar? — Sua boca se contraiu de nojo. — E lavem-no primeiro. Posso precisar tocar nele. — Agelmar assentiu e falou baixinho com Ingtar, que fez uma mesura e desapareceu porta afora.

— Eu não serei compelido! — A voz era de Fain, mas ele não estava mais chorando, e um tom arrogante havia substituído os gemidos. Empertigou-se e, jogando a cabeça para trás, gritou para o teto: — Nunca mais! Eu... não... aceitarei! — Encarou Agelmar como se os homens que o flanqueavam fossem seus próprios guarda-costas e o Senhor de Fal Dara seu igual, e não seu captor. O tom de voz se tornou mais leve e untuoso. — Há um mal-entendido aqui, Grande Senhor. Eu às vezes sou possuído por feitiços, mas isso passará logo. Sim, logo me livrarei deles. — Com desprezo, passou a ponta dos dedos pelos farrapos que vestia. — Não se deixe levar por isto, Grande Senhor. Precisei me disfarçar contra aqueles que tentaram me deter, e minha jornada foi longa e árdua. Mas finalmente cheguei a terras onde os homens ainda conhecem os perigos de Ba'alzamon, onde os homens ainda combatem o Tenebroso.

Rand ficou olhando fixamente para ele, os olhos arregalados. A voz era *mesmo* de Fain, mas as palavras não soavam nem um pouco como sendo do mascate.

— Então você veio aqui porque lutamos contra Trollocs — disse Agelmar. — E você é tão importante que alguém quer detê-lo. Estas pessoas dizem que você é um mascate chamado Padan Fain, e que as está seguindo.

Fain hesitou. Olhou de esguelha para Moiraine e apressadamente desviou os olhos. Seu olhar percorreu todos de Campo de Emond, depois voltou rápido para Agelmar. Rand sentiu o ódio naquele olhar, e o medo. Quando Fain tornou a falar, entretanto, sua voz estava normal.

— Padan Fain é simplesmente um dos muitos disfarces que tenho sido forçado a usar ao longo dos anos. Amigos das Trevas me perseguem, pois aprendi como derrotar a Sombra. Eu posso lhes mostrar como derrotá-la, Grande Senhor.

— Nós estamos indo tão bem quanto podem os homens — disse Agelmar, seco. — Há de ser o que a Roda tecer, mas nós combatemos o Tenebroso quase desde a Ruptura do Mundo sem mascates para nos ensinar como.

— Grande Senhor, seu poder é inquestionável, mas ele poderá resistir ao Tenebroso para sempre? O senhor não se sente com frequência pressionado a resistir? Perdoe-me a temeridade, Grande Senhor; ele o esmagará no fim, do jeito que as coisas estão. Eu sei; creia em mim, eu sei. Mas eu posso lhe mostrar como expulsar a Sombra da terra, Grande Senhor. — Seu tom de voz se tornou ainda mais untuoso, embora ainda arrogante. — Se experimentar o que aconselho, verá, Grande Senhor. Purificará a terra. O Grande Senhor pode fazer isso, se direcionar seu poder na direção correta. Não permita que Tar Valon o emaranhe em suas armadilhas, e poderá salvar o mundo. O Grande Senhor será o homem lembrado por toda a história por trazer a vitória final à Luz. — Os guardas continuavam onde estavam, mas suas mãos buscaram os longos cabos das lanças como se achassem que poderiam ter de usá-las.

— Ele se acha muito importante para um vendedor ambulante — disse Agelmar para Lan. — Acho que Ingtar tem razão. Ele é louco.

Os olhos de Fain se estreitaram, raivosos, mas sua voz permaneceu suave.

— Grande Senhor, sei que minhas palavras parecem grandiosas, mas se simplesmente... — Ele se interrompeu de modo abrupto, recuando, quando Moiraine se levantou e começou lentamente a contornar a mesa. Somente as lanças cruzadas dos guardas evitavam que Fain recuasse a ponto de sair do aposento.

Parando atrás da cadeira de Mat, Moiraine pôs a mão em seu ombro e se curvou para sussurrar em seu ouvido. O que quer que ela tenha dito, a tensão desapareceu do rosto dele, que tirou a mão de dentro do casaco. A Aes Sedai prosseguiu até se encontrar ao lado de Agelmar, confrontando Fain. Quando ela parou, o mascate se agachou mais uma vez.

— Eu o odeio — gemeu. — Quero me libertar dele. Eu quero andar na Luz novamente. — Seus ombros começaram a sacudir, e as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto ainda mais abundantes que antes. — Ele me obrigou a fazer isso.

— Receio que ele seja mais que um vendedor ambulante, Lorde Agelmar — disse Moiraine. — Menos que humano, pior do que vil, mais perigoso do que você pode imaginar. Ele pode tomar banho depois que eu tiver falado com ele. Não ousa perder um minuto sequer. Vamos, Lan.





Mais Histórias da Roda

Uma grande inquietação fazia com que Rand não parasse de andar ao lado da mesa de jantar. Doze passos. A mesa tinha exatamente doze passos de comprimento, não importava quantas vezes ele a percorresse. Irritado, ele se obrigou a parar de contar. *Que coisa idiota de se fazer. Não me interessa qual o comprimento da maldita mesa.* Alguns minutos mais tarde ele descobriu que estava contando o número de viagens de ida e volta que fazia ao lado da mesa. O que *será que ele está dizendo a Moiraine e Lan? Será que ele sabe por que o Tenebroso está atrás de nós? Será que sabe qual de nós o Tenebroso quer?*

Olhou de relance para seus amigos. Perrin havia esmigalhado um pedaço de pão e empurrava, distraído, as migalhas na mesa com um dedo. Seus olhos amarelos encaravam as migalhas sem piscar, mas pareciam ver alguma coisa distante. Mat estava escarrapachado na cadeira, os olhos semicerrados e o começo de um sorriso no rosto. Era um sorriso nervoso, não de diversão. Por fora ele parecia o velho Mat, mas de tempos em tempos tocava inconscientemente a adaga de Shadar Logoth por cima do casaco. *O que Fain está dizendo a ela? O que será que ele sabe?*

Loial, pelo menos, não parecia preocupado. O Ogier estava estudando as paredes. Primeiro ele havia ficado em pé no meio do aposento e olhado tudo, girando lentamente num círculo; estava quase pressionando o nariz largo contra a pedra enquanto gentilmente percorria uma junta com dedos mais grossos que o polegar da maioria dos homens. Às vezes ele fechava os olhos, como se a sensação fosse mais importante do que ver. Suas orelhas estremeciam ocasionalmente, e ele murmurava consigo mesmo em Ogier, parecendo ter

esquecido que havia mais alguém na sala com ele.

Lorde Agelmar conversava em voz baixa com Nynaeve e Egwene em frente da lareira comprida no fim do salão. Ele era um bom anfitrião, adepto de fazer as pessoas esquecerem seus problemas; diversas de suas histórias fizeram Egwene rir. Uma das vezes até mesmo Nynaeve jogou a cabeça para trás e gargalhou. Rand se assustou com o som inesperado e deu outro pulo quando a cadeira de Mat caiu com um estrondo.

— Sangue e cinzas! — grunhiu Mat, ignorando a maneira como a boca de Nynaeve se crispou com seu palavreado. — Por que estão levando tanto tempo? — Ele endireitou a cadeira e voltou a se sentar sem olhar para ninguém. Sua mão seguiu, distraída, até o casaco.

O Senhor de Fal Dara olhou para Mat com desaprovação. Seu olhar abarcou Rand e Perrin sem qualquer melhora, e depois se voltou para as mulheres. Os passos de Rand o haviam levado para mais perto deles.

— Meu senhor — dizia Egwene, sentindo-se tão à vontade quanto se tivesse usado títulos a vida inteira —, pensei que ele fosse um Guardião, mas o senhor o chama de Dai Shan e fala sobre um estandarte do Grou Dourado, como fizeram os outros homens. Às vezes parece que o senhor está falando com um rei. Lembro que um dia Moiraine o chamou de último Senhor das Sete Torres. Quem é ele?

Nynaeve começou a estudar com atenção seu cálice, mas era óbvio para Rand que subitamente ela estava ouvindo ainda mais atentamente do que Egwene. Rand parou e tentou ouvir sem parecer que estava bisbilhotando.

— Senhor das Sete Torres — disse Agelmar, franzindo a testa. — Um título antigo, Lady Egwene. Nem mesmo os Grão-senhores de Tear têm um título mais antigo, embora a Rainha de Andor chegue perto. — Deu um suspiro e balançou a cabeça. — Ele não fala a respeito, mas a história é bem conhecida ao longo da Fronteira. Ele é um rei, ou deveria ter sido, al'Lan Mandragoran, Senhor das Sete Torres, Senhor dos Lagos, Rei não coroado dos Malkieri. — Sua cabeça raspada se ergueu, e havia uma luz em seu olhar semelhante ao orgulho de um pai. A voz ficou mais forte, repleta da força de seu sentimento. Todo o aposento podia ouvir sem esforço. — Nós de Shienar nos chamamos de Homens da Fronteira, mas, há menos de cinquenta anos, Shienar não fazia realmente parte das Terras da Fronteira. A norte de nós, e de Arafel, ficava Malkier. As lanças de Shienar cavalgavam para o norte, mas era Malkier que detinha o avanço da Praga. Malkier, que a Paz lhe favoreça a memória e a Luz ilumine seu nome.

— Lan é de Malkier — disse a Sabedoria suavemente, erguendo os olhos. Parecia

perturbada.

Não era uma pergunta, mas Agelmar assentiu.

— Sim, Lady Nynaeve, ele é filho de al'Akir Mandragoran, último Rei coroado dos Malkieri. Como ele se tornou o que é? O início talvez tenha sido Lain. Num gesto ousado, Lain Mandragoran, irmão do Rei, liderou suas lanças através da Praga até as Terras Devastadas, talvez até à própria Shayol Ghul. A esposa de Lain, Breyan, provocou essa ousadia pela inveja que queimava seu coração pelo fato de al'Akir ter subido ao trono em lugar de Lain. O Rei e Lain eram tão próximos quanto irmãos poderiam ser, tão próximos quanto gêmeos, mesmo depois que o prefixo régio “al” foi acrescentado ao nome de Akir, mas a inveja destruiu Breyan. Lain foi aclamado por seus feitos, e com razão, mas nem mesmo ele podia ofuscar o brilho de al'Akir. Ele foi um homem e rei como não surge um em cem anos, no mínimo. A Paz o favoreça, e a el'Leanna.

“Lain morreu nas Terras Devastadas com a maioria dos que o seguiram, homens que Malkier não podia se dar ao luxo de perder, e Breyan culpou o Rei, dizendo que a própria Shayol Ghul teria caído se al'Akir tivesse liderado o resto dos Malkieri para o norte com seu marido. Por vingança, ela tramou com Cowin Gemallan, chamado Cowin Coração Justo, para tomar o trono para seu filho, Isam. Bem, Coração Justo era um herói quase tão amado quanto o próprio al'Akir, e um dos Grandes Senhores, mas, quando os Grandes Senhores haviam lançado os bastões para escolher o rei, só dois o haviam separado de Akir, e ele nunca se esqueceu de que, se dois homens houvessem atribuído uma cor diferente à Pedra da Coroação, isso o teria colocado no trono. Entre eles, Cowin e Breyan trouxeram soldados de volta da Praga para tomar as Sete Torres, transformando os Fortes da Fronteira em meras guarnições.

“Mas a inveja de Cowin foi maior. — O nojo dominou a voz de Agelmar. — O herói Coração Justo, cujos feitos na Praga eram cantados por todas as Terras da Fronteira, era um Amigo das Trevas. Com os Fortes da Fronteira enfraquecidos, Trollocs jorraram em Malkier como uma enchente. O Rei al'Akir e Lain juntos poderiam ter mobilizado a terra; eles já o haviam feito antes. Mas o destino de Lain nas Terras Devastadas havia abalado as pessoas, e a invasão dos Trollocs jogou por terra o ânimo dos homens e sua vontade de resistir. Homens demais. Números devastadores forçaram os Malkieri a recuar para a terra natal.

“Breyan fugiu com seu filho Isam, e foi alcançada por Trollocs enquanto cavalaria para o sul com ele. Ninguém sabe o destino deles com certeza, mas podemos imaginar. Tenho pena somente do garoto. Quando a traição de Cowin Coração Justo foi revelada e ele foi capturado pelo jovem Jain Charin, já

chamado de Jain, o Viajante, quando Coração Justo foi levado para as Sete Torres acorrentado, os Grandes Senhores exigiram sua cabeça na ponta de uma lança. Mas, como ele havia perdido somente para al'Akir e Lain no coração do povo, o Rei o enfrentou em combate individual e o matou. Al'Akir chorou quando matou Cowin. Uns dizem que ele chorou por um amigo que havia passado para o lado da Sombra, e outros dizem que foi por Malkier.”

O Senhor de Fal Dara balançou a cabeça, triste.

— O primeiro golpe da perdição das Sete Torres havia sido desferido. Não havia tempo de pedir a ajuda de Shienar nem de Arafel, e nenhuma esperança de que Malkier pudesse resistir sozinha, com cinco mil de suas lanças mortas nas Terras Devastadas, seus Fortes da Fronteira tomados.

“Al'Akir e sua Rainha, el'Leanna, mandaram que Lan fosse levado até eles no berço. Em suas mãos de bebê eles colocaram a espada dos reis Malkieri, a espada que ele usa hoje. Uma arma feita por Aes Sedai durante a Guerra do Poder, a Guerra da Sombra que pôs fim à Era das Lendas. Eles ungiram sua cabeça com óleo, nomeando-o Dai Shan, um Senhor da Guerra do Diadema, e o consagraram como o próximo Rei dos Malkieri, e em seu nome eles fizeram o antigo juramento dos reis e rainhas Malkieri.”

O rosto de Agelmar endureceu, e ele disse as palavras como se ele também tivesse feito aquele juramento, ou um muito semelhante.

— Enfrentar a Sombra enquanto o ferro for duro e a pedra resistir. Defender os Malkieri enquanto restar uma gota de sangue. Vingar o que não pode ser defendido.

As palavras ecoaram no salão.

— El'Leanna colocou um camafeu no pescoço do filho, para que ele se lembrasse, e o bebê, enrolado em mantas pelas mãos da própria Rainha, foi entregue a vinte escolhidos da Guarda do Rei, os melhores espadachins, os combatentes mais letais. A ordem deles: levar a criança a Fal Moran.

“Então al'Akir e el'Leanna lideraram os Malkieri para enfrentar a Sombra uma última vez. Lá eles morreram, na Passagem de Herot, e os Malkieri morreram, e as Sete Torres caíram. Shienar, Arafel e Kandor enfrentaram os Meios-homens e os Trollocs na Escadaria de Jehaan e os fizeram recuar, mas não tanto quanto eles próprios haviam sido obrigados a recuar. A maior parte de Malkier permaneceu nas mãos dos Trollocs, e ano após ano, milha a milha, a Praga a engoliu.”

Agelmar suspirou, com um peso no coração. Quando continuou, havia um orgulho triste em seus olhos e em sua voz.

— Apenas cinco dos Guardas chegaram a Fal Moran com vida, todos eles feridos, mas traziam a criança incólume. Desde o berço, eles lhe ensinaram tudo o que sabiam. Ele aprendeu a usar armas como as outras crianças aprendiam a brincar, e a conhecer a Praga como outras crianças aprendiam a conhecer o jardim de suas mães. O juramento feito sobre seu berço está gravado em sua mente. Não restou nada para defender, mas ele pode vingar. Ele renega seus títulos, mas nas Terras da Fronteira é chamado de o Não Coroado, e, se algum dia ele hasteasse o Grou Dourado de Malkier, um exército o seguiria. Mas ele não lidera homens para a morte. Na Praga, ele corteja a morte como um pretendente corteja uma donzela, mas não leva outros a ela.

“Se vocês precisam entrar na Praga, e com apenas alguns, não há homem melhor para levar vocês até lá, nem para trazê-los de volta em segurança. Ele é o melhor dos Guardiões, e isso significa que é o melhor dos melhores. Vocês podem até deixar esses rapazes aqui, para ganharem mais experiência, e depositar toda a sua confiança em Lan. A Praga não é lugar para garotos inexperientes.”

Mat abriu a boca, e tornou a fechá-la a um olhar de Rand. *Gostaria que ele tivesse aprendido a mantê-la fechada.*

Nynaeve havia ouvido com os olhos tão arregalados quanto Egwene, mas agora ela encarava sua xícara novamente, o rosto pálido. Egwene pôs a mão no braço dela e lhe ofereceu um olhar de simpatia.

Moiraine apareceu na porta, com Lan logo atrás. Nynaeve lhes deu as costas.

— O que foi que ele disse? — Rand quis saber. Mat se levantou, e Perrin também.

— Camponês idiota — murmurou Agelmar, depois ergueu a voz a um tom normal. — Você descobriu alguma coisa, Aes Sedai, ou ele é simplesmente louco?

— Ele é louco — disse Moiraine —, ou quase, mas não há nada de simples em Padan Fain. — Um dos criados de libré em preto e dourado entrou com uma mesura, trazendo uma bacia e uma jarra azuis, uma barra de sabão amarelo e uma toalhinha numa bandeja de prata; ele olhou ansiosamente para Agelmar. Moiraine o orientou para que colocasse tudo em cima da mesa.

— Perdão por dar ordens a seus criados, Lorde Agelmar — disse ela. — Tomei a liberdade de pedir isto.

Agelmar assentiu para o criado, que pôs a bandeja sobre a mesa e saiu, apressado.

— Meus criados estão ao seu comando, Aes Sedai.

A água que Moiraine derramou na bacia fumegava como se tivesse acabado de ser fervida. Ela arregaçou as mangas e começou a lavar vigorosamente as mãos sem se preocupar com o calor da água.

— Eu disse que ele era mais do que vil, mas nem cheguei perto. Não acredito já ter encontrado alguém tão abjeto e mesquinho, e ao mesmo tempo tão sujo. Sinto-me emporcalhada só de tocar nele, e não estou me referindo à sujeira de sua pele. Suja aqui. — Ela levou a mão ao peito. — A degradação de sua alma quase me faz duvidar de que ele tenha uma. É pior que um Amigo das Trevas.

— Ele parecia tão digno de pena — murmurou Egwene. — Lembro dele chegando a Campo de Emond a cada primavera, sempre rindo e cheio de notícias de fora. Tem certeza de que não há nenhuma esperança para ele? “Nenhum homem pode ficar tanto tempo na Sombra que não possa encontrar a Luz novamente” — citou.

A Aes Sedai enxugou as mãos rapidamente.

— Eu sempre acreditei nisso também — disse ela. — Talvez Padan Fain possa se redimir. Mas ele é Amigo das Trevas há mais de quarenta anos, e o que ele fez nesse meio-tempo, em sangue, dor e morte, faria o seu coração parar só de ouvir. Entre os menores desses atos, embora não seja pequeno para vocês, suspeito, ele levou os Trollocs a Campo de Emond.

— Sim — disse Rand baixinho. Ele ouviu Egwene perder o fôlego. *Eu devia ter imaginado. Que me queimem, eu devia ter imaginado, assim que o reconheci.*

— Ele trouxe algum até aqui? — perguntou Mat. Olhou para as paredes de pedra ao seu redor e estremeceu. Rand pensou que ele estava se lembrando dos Myrddraal mais do que dos Trollocs; as muralhas não haviam detido os Desvanecidos em Baerlon, nem em Ponte Branca.

— Se ele o fez — Agelmar soltou uma gargalhada —, eles vão quebrar seus dentes nas muralhas de Fal Dara. Já aconteceu com muitos outros antes. — Ele estava falando a todos, mas obviamente endereçando suas palavras a Egwene e

Nynaev, pelos olhares que dirigiu a elas. — E não se preocupem com os Meios-homens também. — O rosto de Mat ficou mais vermelho. — Todas as ruas e becos de Fal Dara são iluminados à noite. E nenhum homem pode esconder o rosto dentro das muralhas.

— Por que Mestre Fain faria isso? — perguntou Egwene.

— Há três anos... — Com um suspiro pesado, Moiraine sentou-se, arqueando como se o que havia feito com Fain tivesse sugado suas forças. — Três anos, este verão. Sim, há esse tempo todo. A Luz certamente nos favorece, ou senão o Pai das Mentiras teria triunfado enquanto eu ainda estava sentada traçando planos em Tar Valon. Há três anos, Fain vem caçando vocês para o Tenebroso.

— Isso é loucura! — disse Rand. — Ele ia aos Dois Rios toda primavera como um relógio. Três anos? Nós estávamos bem na frente dele, e ele nunca olhou para nenhum de nós duas vezes antes do ano passado.

A Aes Sedai apontou um dedo para ele.

— Fain me contou tudo, Rand. Ou quase tudo. Acredito que ele tenha conseguido esconder alguma coisa, algo importante, apesar de tudo o que consegui fazer, mas ele disse o bastante. Três anos atrás, um Meio-homem foi procurá-lo numa aldeia em Murandy. Fain ficou aterrorizado, é claro, mas é considerado uma grande honra entre os Amigos das Trevas ser convocado assim. Fain acreditou que havia sido escolhido para grandes feitos, e havia, mas não do jeito que imaginava. Ele foi trazido para o norte, até a Praga, até as Terras Devastadas. Até Shay'ol Ghul. Onde encontrou um homem de olhos de fogo, que se autodenominou Ba'alzamon.

Mat se mexeu, inquieto, e Rand engoliu em seco. Tinha de ter sido assim, é claro, mas isso não tornava as coisas mais fáceis de serem aceitas. Somente Perrin olhou para a Aes Sedai como se nada mais pudesse surpreendê-lo.

— A Luz nos proteja — disse Agelmar com fervor.

— Fain não gostou do que lhe foi feito em Shay'ol Ghul — Moiraine continuou com calma. — Enquanto conversávamos, ele gritava constantemente sobre fogo e queimação. Quase o matou trazer tudo à tona de onde ele havia escondido. Mesmo com minha Cura, ele está um farrapo estraçalhado. Custará muito para deixá-lo inteiro novamente. Mas farei o esforço, mesmo que só para descobrir o que ele ainda está escondendo. Ele havia sido escolhido por causa da região que percorria enquanto fazia seus negócios. Não — disse ela rapidamente quando olharam para ela. — Não apenas os Dois Rios, não na época. O Pai das Mentiras

sabia vagamente onde encontrar o que procurava, mas não muito mais do que nós em Tar Valon.

“Fain disse que havia sido transformado no sabujo do Tenebroso, e de certa maneira ele está certo. O Pai das Mentiras colocou Fain para caçar, primeiro alterando-o para que ele pudesse efetuar essas caçadas. São as coisas feitas para causar as mudanças que Fain teme recordar; ele odeia seu mestre por elas tanto quanto o teme. Então Fain foi mandado para farejar e caçar por todas as aldeias ao redor de Baerlon, e até as Montanhas da Névoa, além do Taren e atravessando os Dois Rios.”

— Três primaveras atrás? — perguntou Perrin devagar. — Eu me lembro dessa primavera. Fain chegou mais tarde do que de costume, mas o estranho foi que ele ficou por lá. Uma semana inteira, sem fazer nada e se queixando de ter de gastar dinheiro por um quarto na Estalagem Fonte de Vinho. Fain gosta muito do dinheiro dele.

— Eu me lembro agora — disse Mat. — Todo mundo ficou achando que ele estava doente, ou que ele havia se apaixonado por uma mulher de lá. Não que qualquer uma delas fosse se casar com um mascate, é claro. Se fosse assim, podiam muito bem casar com alguém do Povo Errante.

Egwene arqueou uma sobrancelha para ele, que calou a boca.

— Depois disso, Fain foi levado a Shayol Ghul novamente, e sua mente foi... destilada. — O estômago de Rand deu voltas com o tom da voz da Aes Sedai; ele dizia mais do que a careta que lhe cruzou rapidamente o rosto. — O que ele havia... pressentido... foi concentrado e depois devolvido. Quando ele entrou nos Dois Rios no ano seguinte, foi capaz de escolher seu alvo com mais clareza. De fato, com mais clareza até mesmo do que o Tenebroso havia esperado. Fain sabia com certeza que quem ele procurava era um de três rapazes em Campo de Emond.

Perrin soltou um grunhido, e Mat começou a praguejar num tom monocórdio suave que nem mesmo o olhar duro de Nynaeve conseguiu deter. Agelmar olhou para eles com curiosidade. Rand sentiu apenas um frio bem leve e ficou pensando por quê. Por três anos o Tenebroso o caçara... os caçara. Tinha certeza de que só isso deveria fazer seus dentes baterem.

Moiraine não permitiu que Mat a interrompesse. Ela levantou a voz o suficiente para ser ouvida apesar dele.

— Quando Fain retornou a Lugard, Ba'alzamon lhe apareceu em um sonho. Fain

se rebaixou e realizou rituais que deixariam você surdo só de ouvir metade deles, vinculando-se ainda mais ao Tenebroso. O que é feito em sonhos pode ser mais perigoso do que o que é feito desperto. — Rand se mexeu com o olhar duro de alerta, mas ela não parou. — Foram-lhe prometidas grandes recompensas, poder sobre reinos após a vitória de Ba'alzamon, e foi-lhe dito que quando ele voltasse a Campo de Emond deveria marcar os três que havia encontrado. Um Meio-homem estaria lá, esperando por ele com Trollocs. Sabemos agora como os Trollocs chegaram aos Dois Rios. Devia haver um bosque Ogier e um Portal dos Caminhos em Manetheren.

— O mais bonito de todos — disse Loial —, depois do de Tar Valon. — Ele estivera escutando com a mesma atenção dos demais. — Manetheren é lembrada com carinho pelos Ogier.

Agelmar formou o nome em silêncio, as sobrancelhas erguidas em espanto. Manetheren.

— Lorde Agelmar — disse Moiraine. — Eu lhe direi como encontrar o Portal dos Caminhos de Mafal Dadaranell. Um muro deve ser construído ao redor dele, uma guarda estabelecida para vigiá-lo, e ninguém deve ter permissão de se aproximar. Os Meios-homens não aprenderam todos os Caminhos ainda, mas esse Portal dos Caminhos fica ao sul e a poucas horas de Fal Dara.

O Senhor de Fal Dara se sacudiu todo, como se estivesse despertando de um transe.

— Ao sul? Paz! Não precisamos disso, que a Luz brilhe sobre nós. Isso será feito.

— Fain nos seguiu pelos Caminhos? — perguntou Perrin. — Ele deve ter feito isso.

Moiraine assentiu.

— Fain seguiria vocês três até o túmulo, porque ele precisa. Quando o Myrddraal fracassou em Campo de Emond, levou Fain com os Trollocs em nosso encalço. O Desvanecido não deixou Fain cavalgar com ele; embora ele achasse que deveria ter o melhor cavalo dos Dois Rios e cavalgar à frente do bando, o Myrddraal o forçou a correr com os Trollocs, e estes a carregarem-no quando seus pés não aguentavam mais. Eles conversavam de modo que ele pudesse compreender, discutindo qual a melhor maneira de cozinhá-lo quando sua utilidade tivesse chegado ao fim. Fain afirma ter se voltado contra o Tenebroso antes de chegarem ao Taren. Mas às vezes sua ganância pelas recompensas prometidas transparece com muita clareza.

“Quando escapamos pelo Taren, o Myrddraal levou os Trollocs de volta para o Portal dos Caminhos mais próximo, nas Montanhas da Névoa, e mandou Fain sozinho. Ele achou que estava livre, mas antes de chegar a Baerlon outro Desvanecido o encontrou, e esse não foi tão gentil. Ele o fez dormir todo encolhido num caldeirão Trolloc à noite, para lembrá-lo do preço do fracasso. Esse o usou até Shadar Logoth. A essa altura, Fain estava disposto a dar ao Myrddraal a própria mãe se isso fosse libertá-lo, mas o Tenebroso nunca liberta de boa vontade algo que conquistou.

“O que eu fiz lá, enviando uma ilusão de nossos rastros e cheiros na direção das montanhas, enganou os Myrddraal, mas não Fain. Os Meios-homens não acreditaram nele; depois, eles o arrastaram num cabresto. Somente quando parecíamos estar sempre logo à frente deles, não importava o quanto se esforçassem para avançar, alguns começaram a acreditar nele. Esses foram os quatro que voltaram a Shadar Logoth. Fain afirma que foi o próprio Ba'alzamon que forçou os Myrddraal a entrar.”

Agelmar balançou a cabeça com desprezo.

— O Tenebroso? Humpf! O homem está mentindo ou está louco. Se o Veneno dos Corações estivesse à solta, estaríamos todos mortos agora, ou pior.

— Fain disse a verdade tal como ele a viu — disse Moiraine. — Ele não podia mentir para mim, embora tenha escondido muita coisa. Suas palavras:

“Ba'alzamon apareceu como uma chama de vela tremeluzente, sumindo e aparecendo, nunca no mesmo lugar duas vezes. Seus olhos queimavam os Myrddraal, e os fogos de sua boca nos flagelavam.”

— *Alguma coisa* — disse Lan — impeliu quatro Desvanecidos até onde eles temiam ir, um lugar que eles temem quase tanto quanto temem a ira do Tenebroso.

Agelmar grunhiu como se tivesse levado um chute; parecia estar passando mal.

— Foi o mal contra o mal nas ruínas de Shadar Logoth — continuou Moiraine —, o sórdido contra o vil. Quando Fain falou a respeito, seus dentes bateram, e ele gemeu. Muitos Trollocs foram mortos, consumidos por Mashadar e outras coisas, incluindo o Trolloc que segurava o cabresto de Fain. Ele fugiu da cidade como se ela fosse o Poço da Perdição em Shayol Ghul.

“Fain acreditou que estava finalmente livre. Ele pretendia fugir até que Ba'alzamon nunca mais conseguisse encontrá-lo novamente, até os confins da terra se necessário. Imaginem o horror dele quando descobriu que a compulsão

de caçar não havia diminuído. Ao invés disso, ela aumentou e foi ficando mais aguçada a cada dia que passava. Ele não conseguia comer, exceto o que pudesse coletar enquanto caçava vocês. Besouros e lagartos agarrados enquanto ele corria, sobras semiapodrecidas de lixões no meio da noite. Nem podia parar até que a exaustão o fizesse desabar como um saco vazio. E, assim que ele tinha forças para se levantar novamente, seguia em frente. Quando chegou a Caemlyn, podia *sentir* sua presa mesmo a uma milha de distância. Aqui, nas celas abaixo, ele às vezes olhava para cima sem perceber o que estava fazendo. Estava olhando na direção deste salão.”

Rand sentiu uma coceira súbita entre as omoplatas; era como se conseguisse sentir os olhos de Fain nele naquele instante, através da pedra que os separava. A Aes Sedai notou esse seu movimento inquieto dos ombros, mas continuou, implacável.

— Se Fain estava parcialmente louco quando chegou a Caemlyn, afundou ainda mais quando percebeu que somente dois dos que ele procurava estavam ali. Ele tinha a compulsão de encontrar todos vocês, mas não podia fazer mais nada além de seguir os dois que estavam lá. Ele disse que gritou quando o Portal dos Caminhos se abriu em Caemlyn. O conhecimento de como fazer isso estava em sua mente; ele não sabia como tinha ido parar ali; suas mãos se moviam por conta própria, queimando com os fogos de Ba'alzamon quando ele tentava impedi-las. O dono da loja, que foi investigar o barulho, Fain assassinou. Não porque tinha de fazê-lo, mas por inveja do fato de que o homem podia sair livremente do porão enquanto os pés dele o levavam de modo inexorável para os Caminhos.

— Então foi Fain que você sentiu nos seguindo — disse Egwene. Lan assentiu. — Como foi que ele escapou do... do Vento Negro? — Sua voz tremia. Ela parou para engolir em seco. — Ele estava bem atrás de nós no Portal dos Caminhos.

— Ele escapou e não escapou — disse Moiraine. — O Vento Negro o pegou, e ele afirmou que entendeu as vozes. Algumas o saudaram como sendo iguais a ele; outras o temeram. Tão logo envolveu Fain, o Vento fugiu.

— A Luz nos preserve... — O sussurro de Loial rugiu como um besouro gigante.

— Reze para que sim — disse Moiraine. — Ainda há muita coisa oculta sobre Padan Fain, muito que eu preciso descobrir. O mal nele é profundo, e mais forte do que em qualquer homem que já vi. Pode ser que o Tenebroso, ao fazer o que fez a Fain, tenha deixado impressa uma parte de si mesmo no homem, talvez até,

sem o saber, uma parte de sua intenção. Quando mencionei o Olho do Mundo, Fain cerrou os maxilares, mas senti um reconhecimento por trás do silêncio. Se eu tivesse tempo agora... Mas não podemos esperar.

— Se esse homem sabe alguma coisa — disse Agelmar —, eu posso fazer com que ele fale. — Seu rosto não tinha nenhuma piedade por Amigos das Trevas; sua voz não prometia nenhuma piedade com Fain. — Se você puder descobrir uma parte sequer do que encontrará na Praga, vale a pena ficar aqui um dia a mais. Batalhas foram perdidas por não se saber o que o inimigo pretende.

Moiraine suspirou e balançou a cabeça tristemente.

— Meu senhor, se não precisássemos de pelo menos uma boa noite de sono antes de enfrentarmos a Praga, eu partiria em menos de uma hora, embora isso significasse o risco de encontrar um ataque de Trollocs na escuridão. Considere o que eu descobri com Fain. Três anos atrás o Tenebroso precisou levar Fain até Shayol Ghul para tocá-lo, apesar do fato de Fain ser um Amigo das Trevas dedicado até a medula. Um ano atrás, o Tenebroso conseguiu comandar Fain, o Amigo das Trevas, por seus sonhos. Este ano, Ba'alzamon caminha nos sonhos dos que vivem na Luz, e realmente aparece, ainda que com dificuldade, em Shadar Logoth. Não em seu próprio corpo, é claro, mas mesmo uma projeção da mente do Tenebroso, mesmo uma projeção vacilante, que não consiga se sustentar, é mais perigosa e mortal para o mundo que todas as hordas de Trollocs combinadas. Os selos de Shayol Ghul estão enfraquecendo desesperadamente, Lorde Agelmar. Não há tempo.

Agelmar abaixou a cabeça, concordando, mas, quando voltou a levantá-la, ainda havia uma expressão de teimosia.

— Aes Sedai, eu posso aceitar que, quando eu levar as lanças até a Garganta de Tarwin, não seremos mais do que uma distração, ou uma escaramuça nas fimbrias da verdadeira batalha. Certamente o dever leva os homens aonde for necessário, assim como a trama do Padrão, e nenhum dos dois nos promete que o que faremos será grandioso. Mas nossa escaramuça será inútil, mesmo caso vencamos, se vocês perderem a batalha. Se você diz que seu grupo precisa ser pequeno, eu digo que está tudo bem, mas imploro que façam todos os esforços para que *consigam* vencer. Deixe estes rapazes aqui, Aes Sedai. Eu lhe juro que posso encontrar três homens experientes sem nenhuma ideia de glória na cabeça para substituí-los, bons espadachins que sejam quase tão bons na Praga quanto Lan. Deixe-me cavalgar até a Garganta sabendo que fiz o que pude para ajudar vocês a serem vitoriosos.

— Eu preciso levá-los, e a nenhum outro, Lorde Agelmar — disse Moiraine gentilmente. — São eles que travarão a batalha no Olho do Mundo.

O queixo de Agelmar caiu, e ele ficou encarando Rand, Mat e Perrin. Subitamente o Senhor de Fal Dara deu um passo para trás, a mão buscando inconscientemente a espada que jamais usava dentro da fortaleza.

— Eles não são... Você não é Ajah Vermelha, Moiraine Sedai, mas certamente nem mesmo você iria... — Subitamente o suor começou a reluzir na cabeça raspada.

— Eles são *ta'veren* — disse Moiraine, apaziguadora. — O Padrão se tece ao redor deles. O Tenebroso já tentou matar cada um deles mais de uma vez. Três *ta'veren* em um só lugar são o bastante para mudar a vida ao redor deles tão certamente quanto um redemoinho muda o caminho de uma palha. Quando o lugar é o Olho do Mundo, o Padrão pode tecer até mesmo o Pai das Mentiras e torná-lo inócuo novamente.

Agelmar parou de tentar encontrar a espada, mas ainda olhou para Rand e os outros com dúvidas.

— Moiraine Sedai, se você diz que eles são, então eles são, mas não consigo ver isso. Garotos, fazendeiros. Você tem certeza, Aes Sedai?

— O sangue antigo — disse Moiraine — se dividiu como um rio se dividindo mil vezes em mil tributários, mas às vezes os tributários se juntam para criar um rio novamente. O sangue antigo de Manetheren é forte e puro em quase todos estes jovens. Você pode duvidar da força do sangue de Manetheren, Lorde Agelmar?

Rand olhou de esguelha para a Aes Sedai. *Quase todos*. Arriscou um olhar para Nynaeve; ela havia se virado para ver além de ouvir, embora ainda evitasse olhar para Lan. Ele captou o olhar da Sabedoria. Ela balançou a cabeça; não havia contado à Aes Sedai que ele não havia nascido nos Dois Rios. *O que será que Moiraine sabe?*

— Manetheren — disse Agelmar devagar, assentindo. — Eu não duvidaria desse sangue. — Então, mais rápido: — A Roda traz tempos estranhos. Rapazotes fazendeiros trazem a honra de Manetheren até a Praga, mas, se algum sangue pode dar um golpe doloroso no Tenebroso, é o sangue de Manetheren. Será feito como você deseja, Aes Sedai.

— Então deixe-nos ir para nossos quartos — disse Moiraine. — Precisamos partir ao nascer do sol, pois o tempo é cada vez mais curto. Os rapazes precisam

dormir perto de mim. Estamos próximos demais da batalha para permitirmos que o Tenebroso desfira outro golpe contra eles. Próximos demais.

Rand sentiu os olhos dela sobre ele, estudando-o, e a seus amigos, pesando a força deles, e estremeceu. Próximos demais.





A Praga

O vento fustigava o manto de Lan, às vezes tornando difícil vê-lo mesmo à luz do sol, e Ingtar e os cem lanceiros que Lorde Agelmar enviara para escoltá-los até a Fronteira, caso eles se deparassem com uma incursão Trolloc, eram uma brava imagem em sua fileira dupla com armaduras, flâmulas vermelhas e cavalos cobertos de aço liderados pelo estandarte da Coruja Cinzenta de Ingtar. Eles eram tão grandiosos quanto uma centena dos Guardas da Rainha, mas eram as torres logo à frente deles que Rand estudava. Ele tivera a manhã inteira para observar as lanças de Shienar.

Cada torre se erguia alta e sólida no topo de uma colina, a meia milha de sua vizinha. Outras se erguiam a leste e a oeste, e mais além dessas. Uma rampa larga e murada fazia uma espiral ao redor de cada cilindro de pedra, dando a volta inteira até alcançar os portões pesados a meio caminho do topo provido de ameias. Um destacamento da guarnição em missão seria protegido pela muralha até que chegasse ao chão, mas inimigos que lutassem para alcançar o portão subiriam sob uma chuva de pedras, flechas e óleo fervente dos grandes caldeirões posicionados nas rampas acima. Um grande espelho de aço, cuidadosamente virado para baixo, fora do sol, reluzia no topo de cada torre

abaixo do grande caldeirão de ferro onde fogueiras de sinalização podiam ser acesas quando o sol não brilhasse. O sinal seria refletido, primeiro para torres mais distantes da Fronteira, e destas para outras, e assim retransmitido para as fortalezas no interior, de onde os lanceiros cavalgariam para rechaçar o ataque. Se os tempos fossem normais, era o que aconteceria.

Do topo das duas torres mais próximas, alguns homens, espiando curiosos entre as ameias, observaram-nos se aproximar. Nas melhores épocas as torres tinham apenas um contingente para autodefesa, dependendo mais das paredes de pedra do que de braços fortes para sobreviver, mas todo homem que podia ser liberado estava cavalcando para a Garganta de Tarwin. A queda das torres não importaria se os lanceiros não conseguissem resistir na Garganta.

Rand estremeceu enquanto eles cavalgavam entre as torres. Era quase como se ele estivesse cavalcando através de uma muralha de ar mais frio. Aquela era a Fronteira. A terra mais além não parecia diferente de Shienar, mas lá fora, em algum lugar além das árvores sem folhas, estava a Praga.

Ingтар ergueu um punho de aço para fazer com que os lanceiros parassem pouco antes de um marco de pedra simples à vista das torres. Um posto de fronteira, marcando o limite entre Shienar e o que um dia fora Malkier.

— Seu perdão, Moiraine Aes Sedai. Perdão, Dai Shan. Perdão, Construtor. Lorde Agelmar me ordenou que não avançasse mais. — Ele parecia infeliz com isso, infeliz com a vida.

— Foi o que planejamos, Lorde Agelmar e eu — disse Moiraine.

Ingтар grunhiu, amargo.

— Perdão, Aes Sedai. — Ele pediu desculpas, mas não parecia estar sendo sincero. — Escoltar vocês até aqui significa que podemos não chegar à Garganta antes do fim da luta. Foi-me roubada a chance de lutar com os outros, e ao mesmo tempo tenho ordens de não cavalgar um passo além do posto de fronteira, como se eu nunca antes tivesse estado na Praga. E Lorde Agelmar não me diz o porquê. — Atrás das barras de seu elmo, seus olhos transformaram a última palavra em uma pergunta para a Aes Sedai. Olhou para Rand e os outros com escárnio; havia descoberto que eles acompanhariam Lan até a Praga.

— Ele pode ficar com o meu lugar — resmungou Mat para Rand. Lan dirigiu aos dois um olhar severo. Mat abaixou a cabeça, o rosto vermelho.

— Cada um de nós tem sua parte no Padrão, Ingтар — disse Moiraine com

firmeza. — Daqui precisamos tecer as nossas sozinhas.

A mesura de Ingтар foi mais dura do que sua armadura exigia.

— Como desejar, Aes Sedai. Devo deixá-los agora e forçar a cavalgada para alcançar a Garganta de Tarwin. Pelo menos me será... *permitido*... enfrentar Trollocs lá.

— Você está realmente assim tão ansioso? — perguntou Nynaeve. — Para combater Trollocs?

Ingтар observou-a intrigado, depois olhou de esguelha para Lan como se o Guardião pudesse explicar.

— Isto é o que eu faço, senhora — disse ele devagar. — Isto é o que eu sou. — Ele ergueu uma manopla de aço para Lan, a palma aberta na direção do Guardião. — *Suravye ninto manshima taishite, Dai Shan*. Que a Paz favoreça sua espada.

Puxando as rédeas de seu cavalo e dando meia-volta, Ingтар seguiu para o leste com seu porta-estandarte e seus cem lanceiros. Eles foram andando, mas a passo firme, tão rápido quanto cavalos com armadura poderiam conseguir com uma grande distância ainda a percorrer.

— Que coisa estranha de se dizer... — disse Egwene. — Por que eles usam desse jeito? Paz.

— Quando você nunca conheceu uma coisa exceto em sonho — respondeu Lan, pressionando Mandarb com os calcanhares para aticá-lo —, aquilo se torna mais do que um talismã.

Quando Rand seguiu o Guardião além do marco de pedra da fronteira, ele se virou na sela para olhar para trás, observando Ingтар e os lanceiros desaparecerem atrás de árvores nuas, o posto de fronteira sumir, e por último as torres no topo de suas colinas olhando acima das árvores. Em pouquíssimo tempo eles estavam sós, cavalgando para o norte sob o teto sem folhas da floresta. Rand afundou num silêncio vigilante, e pela primeira vez nem mesmo Mat tinha qualquer coisa a dizer.

Naquela manhã os portões de Fal Dara foram abertos com a aurora. Lorde Agelmar, de armadura e elmo como seus soldados, cavalaria com o estandarte do Falcão Negro e as Três Raposas do Portão Leste na direção do sol, ainda apenas uma fatia vermelha acima das árvores. Como uma serpente de aço

ondulando ao som de tambores de guerra, a coluna quádrupla deixara a cidade, Agelmar à frente, em sua cabeça oculta na floresta, antes de a cauda deixar o fortim de Fal Dara. Não se ouviram gritos de apoio nas ruas para apressá-los, somente os próprios tambores, e as flâmulas estalando ao vento, mas seus olhos miravam com determinação o sol nascente. A leste eles se juntariam a outras serpentes de aço, de Fal Moran, atrás do próprio Rei Easar com os filhos a seu lado, e de Ankor Dail, que sustentava as Marchas Orientais e protegia a Espinha do Mundo; de Mos Shirare, Fal Sion e Camron Caan, e todas as outras fortalezas em Shienar, grandes e pequenas. Formando todas uma serpente maior, elas virariam rumo ao norte, para a Garganta de Tarwin.

Outro êxodo havia começado ao mesmo tempo, usando o Portão do Rei, que dava para o caminho para Fal Moran. Carroças e carroções, pessoas montadas e a pé, conduzindo seu gado, carregando crianças nas costas, rostos tristes como as sombras da manhã. A relutância em deixar seus lares, talvez para sempre, os tornava mais lentos, mas o medo do que estava por vir os impulsionava, de modo que eles iam aos trancos, arrastando os pés, depois dando uma corrida por alguns passos antes de voltar mais uma vez a arrastar os pés no pó da estrada. Alguns pausavam do lado de fora da cidade para ver a linha de soldados com armadura que entrava sinuosa na floresta. A esperança brotava em alguns olhos, e preces eram murmuradas, preces por eles, preces pelos soldados, antes que se voltassem para o sul novamente, bem devagar.

A menor coluna saía do Portão de Malkier. Deixados para trás, uns poucos permaneceriam, soldados e um punhado de homens mais velhos, viúvos com seus filhos crescidos fazendo a lenta viagem para o sul. Um último punhado para que, acontecesse o que acontecesse na Garganta de Tarwin, Fal Dara não caísse sem ser defendida. A Coruja Cinza de Ingтар ia na frente, mas era Moiraine quem os levava para o norte. A fileira mais importante de todas, e a mais desesperada.

Por pelo menos uma hora depois de passarem pelo posto da fronteira não houve qualquer mudança na terra nem na floresta. O Guardião os mantinha a um passo firme, uma caminhada tão rápida quanto os cavalos podiam suportar, mas Rand não parava de se perguntar quando chegariam à Praga. As colinas ficaram um pouco maiores, mas as árvores, as trepadeiras e o mato rasteiro não eram diferentes do que vira em Shienar, cinzentas e sem folhas. Ele começou a sentir um pouco mais de calor, o bastante para pendurar o manto no cepilho da sela.

— Este é o melhor tempo que já vimos o ano todo — disse Egwene, retirando o próprio manto.

Nynaeve balançou a cabeça, franzindo a testa como se estivesse escutando o vento.

— Há algo errado.

Rand assentiu. Ele também sentia isso, embora não conseguisse dizer exatamente o que era. A sensação de que havia algo errado ia além do primeiro calor do qual conseguia se lembrar a céu aberto naquele ano; era mais que o simples fato de que não devia estar tão quente ali tão ao norte. Devia ser a Praga, mas a terra era a mesma.

O sol subiu, uma bola vermelha que não deveria dar tanto calor apesar do céu sem nuvens. Pouco depois Rand desabotoou o casaco. O suor descia pelo seu rosto.

Ele não era o único. Mat tirou o casaco, exibindo abertamente a adaga de ouro e rubi, e limpou o rosto com a ponta do cachecol. Piscando, ele voltou a enrolar o cachecol numa faixa estreita pouco acima dos olhos. Nynaeve e Egwene se abanavam; elas cavalgavam curvadas, como se estivessem murchando. Loial abriu a túnica de colarinho alto, bem como a camisa; o Ogier tinha uma faixa estreita de cabelo que ia até o meio do peito, espessa como pelo de animal. Ele murmurou desculpas para todos.

— Vocês precisam me perdoar. O Pousio Shangtai fica nas montanhas, e é fresco. — Suas narinas largas se abriram, sugando o ar que ficava cada vez mais quente. — Não gosto deste calor e desta umidade.

Estava úmido *mesmo*, Rand percebeu. Parecia o Charco no auge do verão, lá nos Dois Rios. Naquele pântano lamacento cada respiração vinha como se através de um cobertor de lã encharcado em água quente. Ali não havia charcos, apenas alguns laguinhos e riachos rasos, coisas ínfimas para alguém acostumado à Floresta das Águas, mas o ar era como o do Charco. Somente Perrin, ainda em seu casaco, respirava com facilidade. Perrin e o Guardiã.

Havia algumas folhas, em árvores que não eram perenes. Rand estendeu a mão para tocar um galho, e parou pouco antes das folhas. Um amarelo doentio pintalga o vermelho das novas folhas, e pintas pretas semelhantes a uma doença.

— Eu disse para não tocar em nada. — A voz do Guardiã soou neutra. Ele ainda usava o manto de cores mutantes, como se o calor não o incomodasse mais que o frio; ele quase fazia seu rosto anguloso parecer flutuar sem sustentação sobre o dorso de Mandarb. — Flores podem matar na Praga, e folhas podem aleijar.

Existe uma coisinha chamada Graveto, que gosta de se esconder onde as folhas são mais espessas, e parece o objeto que leva seu nome, esperando que alguém o toque. Quando alguém o toca, ele morde. Não envenena. O suco começa a digerir a presa do Graveto para ele. A única coisa que pode salvar você é cortar o braço ou a perna que foi mordida. Mas um Graveto não vai morder a menos que você o toque. Outras coisas na Praga vão.

Rand puxou a mão de volta, deixando as folhas intocadas, e a limpou na perna da calça.

— Então nós estamos na Praga? — perguntou Perrin. Estranhamente, ele não parecia assustado.

— Só na periferia — disse Lan, soturno. Seu garanhão seguia em frente, e ele falava por sobre o ombro. — A verdadeira Praga ainda está à nossa frente. Existem coisas na Praga que caçam pelo som, e algumas podem ter vagado muito ao sul. Às vezes elas cruzam as Montanhas de Dhoom. Muito piores que Gravetos. Fiquem quietos e se mantenham alertas se quiserem permanecer vivos. — Ele continuou a cavalgar num ritmo constante, sem esperar resposta.

Milha a milha, a corrupção da Praga se tornou mais aparente. Folhas cobriam as árvores numa profusão cada vez maior, mas manchadas e sarapintadas de amarelo e preto, com listras de um vermelho vivo como numa septicemia. Cada folha e ramo pareciam inchados, prontos para estourar a um toque. Flores pendentes de árvores e ervas silvestres em uma paródia de primavera, coisas de uma palidez encerada doentia, que pareciam apodrecer diante dos olhos de Rand. Quando ele respirou pelo nariz, o odor adocicado da decomposição, pesado e espesso, quase o fez vomitar. O ar tinha cheiro de carne podre. Os cascos dos cavalos faziam um som suave quando coisas podres arrebatavam embaixo deles.

Mat se curvou para fora da sela e vomitou até não haver mais nada no estômago. Rand buscou o vazio, mas a calma não ajudava muito contra a bile que não parava de lhe subir pela garganta. Com ou sem algo no estômago, Mat vomitou uma milha depois, sem botar nada para fora, e mais uma vez depois disso. Egwene parecia prestes a passar mal também, engolindo em seco constantemente, e o rosto de Nynaeve era uma máscara branca de determinação, o maxilar travado e os olhos fixos nas costas de Moiraine. A Sabedoria não admitiria se sentir mal a menos que a Aes Sedai sucumbisse primeiro, mas Rand não achava que ela esperaria muito. Os olhos de Moiraine estavam semicerrados, os lábios, pálidos.

Apesar do calor e da umidade, Loial amarrou um cachecol sobre o nariz e a boca. Quando olhou para Rand, o ultraje e o nojo do Ogier eram visíveis em seus olhos.

— Eu tinha ouvido... — começou, a voz abafada pela lã, e parou para pigarrear com uma careta. — Argh! Tem gosto de... Argh! Eu já tinha ouvido falar e lido sobre a Praga, mas nada poderia descrever... — Seu gesto de algum modo abarcava o cheiro, além das plantas nauseantes. — Que mesmo o Tenebroso possa fazer isso com as árvores! Argh!

O Guardião não era afetado, é claro, pelo menos não que Rand pudesse ver, mas, para sua surpresa, Perrin também não. Ou não do jeito que o resto deles havia sido. O jovem corpulento fuzilava com o olhar a floresta obscena através da qual cavalgavam, como encararia um inimigo, ou o estandarte de um inimigo. Ele acariciava o machado no cinturão como se não percebesse o que estava fazendo e resmungava para si mesmo, quase rosnando, de um modo que fazia os pelos da nuca de Rand se arrepiarem. Mesmo em plena luz do sol, seus olhos brilhavam, dourados e ferozes.

O calor não passou enquanto o sol sangrento descia rumo ao horizonte. Longe, ao norte, montanhas se erguiam, mais altas que as Montanhas da Névoa, negras contra o céu. Às vezes um vento gelado dos picos afiados soprava longe o bastante para alcançá-los. A umidade tórrida sugava a maior parte do frio da montanha, mas o que restava era invernal se comparado ao calor escaldante que substituíra, ainda que apenas por um momento. O suor no rosto de Rand parecia se transformar em gotas de gelo; quando o vento morria, as gotas tornavam a derreter, traçando linhas furiosas que desciam pelas bochechas, e o calor espesso retornava com mais força do que antes, em contraste. No instante em que o vento os cercava, ele varria para longe o fedor, mas Rand teria passado sem isso também se pudesse. O frio era o calafrio da tumba, e trazia consigo o odor almiscarado e poeirento de um túmulo velho recém-aberto.

— Não podemos chegar às montanhas ao cair da noite — disse Lan. — E é perigoso andar à noite, mesmo para um Guardião sozinho.

— Há um lugar não muito longe daqui — disse Moiraine. — Será um bom presságio para nós acamparmos lá.

O Guardião lhe lançou um olhar inexpressivo, depois assentiu com relutância.

— Sim. Precisamos acampar em algum lugar. Pode muito bem ser lá.

— O Olho do Mundo estava além dos desfiladeiros quando eu o encontrei —

disse Moiraine. — Melhor cruzar as Montanhas de Dhoom em plena luz do dia, ao meio-dia, quando os poderes do Tenebroso neste mundo são mais fracos.

— Você fala como se o Olho não estivesse sempre no mesmo lugar — disse Egwene para a Aes Sedai, mas quem respondeu foi Loial.

— Entre os Ogier, ninguém jamais o encontrou no mesmo lugar duas vezes. O Homem Verde parece ser encontrado quando necessário. Mas isso sempre aconteceu além dos desfiladeiros. Estes são traiçoeiros e assombrados por criaturas do Tenebroso.

— Precisamos chegar aos desfiladeiros antes de precisarmos nos preocupar com elas — disse Lan. — Amanhã estaremos realmente dentro da Praga.

Rand olhou para a floresta ao redor, cada folha e flor doente, cada ramo se decompondo enquanto crescia, e não conseguiu reprimir um tremor. *Se isto aqui não é realmente a Praga, o que é?*

Lan seguiu para oeste com eles, em diagonal em relação ao sol poente. O Guardião manteve o ritmo que havia definido antes, mas seus ombros revelavam uma certa relutância.

O sol era uma bola vermelha lúgubre quase tocando a copa das árvores quando eles chegaram ao topo de uma colina e o Guardião parou seu cavalo. Além deles, a oeste, havia uma rede de lagos, as águas reluzindo escuras à luz do sol que se punha, como gotas de tamanhos aleatórios em um colar de muitos fios. A distância, cercadas pelos lagos, havia colinas de topos serrilhados, imersas nas sombras da noite que chegava. Por um breve instante os raios de sol tocaram os topos estilizados, e Rand prendeu a respiração. Não eram colinas. As ruínas de sete torres. Ele não sabia ao certo se mais alguém havia visto aquilo; a visão desapareceu tão rapidamente quanto veio. O Guardião estava desmontando, seu rosto tão sem emoção quanto uma pedra.

— Não podemos acampar perto dos lagos? — perguntou Nynaeve, enxugando o rosto com seu lenço. — Deve ser mais fresco lá embaixo perto da água.

— Luz — disse Mat. — Eu só gostaria de enfiar a cabeça num deles. Podia nem tirá-la mais de lá.

Justamente nesse momento alguma coisa fez as águas do lago mais próximo se agitarem, a água escura fosforescendo quando um enorme corpo rolou abaixo da superfície. De um comprimento imenso e a espessura de um homem, ondulações se espalhavam, sem parar, até que finalmente uma cauda se ergueu,

balançando com uma ponta como o ferrão de uma vespa por um instante no crepúsculo, a pelo menos cinco braças de altura. Por toda aquela extensão, tentáculos gordos ondulavam como vermes monstruosos, tantos quanto as patas de uma centopeia. Ele deslizou lentamente para baixo da superfície e desapareceu; apenas as ondulações que diminuíam davam conta de que ela havia estado ali.

Rand fechou a boca e trocou um olhar com Perrin. Os olhos amarelos estavam tão descrentes quanto ele sabia que seus próprios deveriam estar. Nada tão grande poderia viver num lago daqueles. *Não podiam ter sido mãos naqueles tentáculos. Não podiam.*

— Pensando bem — disse Mat baixinho —, eu gosto daqui. Aqui está muito bom.

— Colocarei proteções ao redor desta colina — disse Moiraine. Ela já havia desmontado de Aldieb. — Uma barreira de verdade atrairia a atenção que não queremos como moscas ao mel, mas se alguma criação do Tenebroso ou qualquer coisa que sirva à Sombra chegar a uma milha de nós, eu saberei.

— Eu ficaria mais contente com a barreira — disse Mat, ao pôr as botas no chão. — Contanto que ela mantivesse aquela, aquela... coisa do outro lado.

— Ah, cale a boca, Mat — disse Egwene, brusca, ao mesmo tempo que Nynaeve perguntava:

— E fazer com que eles estejam esperando por nós assim que partirmos pela manhã? Você é *mesmo* um tolo, Matrim Cauthon.

Mat olhou furiosamente para as duas mulheres quando elas desmontaram, mas ficou de boca fechada.

Ao pegar as rédeas de Bela, Rand compartilhou um sorriso com Perrin. Por um momento era quase como se estivessem em casa, com Mat dizendo o que não devia na pior hora possível. Então o sorriso sumiu do rosto de Perrin; no crepúsculo seus olhos brilhavam *de verdade*, como se tivessem uma luz amarela atrás deles. O sorriso de Rand sumiu também. *Não, não é como se estivéssemos em casa.*

Rand, Mat e Perrin ajudaram Lan a tirar as selas e prender os cavalos enquanto os demais começaram a montar o acampamento. Loial murmurava para si mesmo ao montar o minúsculo fogão do Guardião, mas seus dedos grossos se moviam com destreza. Egwene cantarolava enquanto enchia a chaleira com o conteúdo de uma grande bolsa de água. Rand não se perguntava mais por que o

Guardião havia insistido em trazer tantas bolsas cheias d'água.

Colocando a sela do alazão enfileirada com as demais, ele afrouxou os alforjes e o rolo de cobertor da patilha, virou-se e parou com um arrepio de medo. O Ogier e as mulheres haviam sumido. O fogão e todas as cestas de vime do cavalo de carga. O topo da colina estava deserto, a não ser pelas sombras da noite.

Com a mão entorpecida, ele tentou pegar sua espada, ouvindo Mat soltar um impropério em voz baixa. Perrin havia sacado o machado, virando a cabeça despenteada para todos os lados em busca do perigo.

— Pastores — resmungou Lan. Sem se preocupar, o Guardião caminhou pelo topo da colina, e no terceiro passo desapareceu.

Rand trocou olhares assustados com Mat e Perrin, e em seguida todos dispararam para onde o Guardião havia desaparecido. Subitamente Rand parou, dando mais um passo quando Mat trombou em suas costas. De onde estava, Egwene levantou a cabeça, colocando a chaleira em cima do fogãozinho. Nynaeve fechava a tampa de um segundo lampião aceso. Estavam todos ali, Moiraine sentada de pernas cruzadas, Lan deitado apoiado num cotovelo, Loial tirando um livro de sua mochila.

Rand olhou atrás de si cautelosamente. A lateral da colina estava ali como havia estado antes, as árvores com sombras, os lagos mais além afundando na escuridão. Ele teve medo de recuar, com medo de que todos desaparecessem novamente e talvez dessa vez ele não fosse capaz de encontrá-los. Andando cuidadosamente ao redor dele, Perrin soltou a respiração devagar.

Moiraine reparou que os três estavam ali parados em pé, boquiabertos. Perrin parecia envergonhado, e pôs o machado de volta no cinturão pesado como se achasse que ninguém iria notar. Um sorriso tocou seus lábios.

— É simples — disse ela. — Uma curva, de modo que qualquer olho que nos procure veja ao nosso redor em vez de olhar direto. Não podemos deixar que os olhos lá fora vejam nossas luzes esta noite, e a Praga não é lugar para se ficar no escuro.

— Moiraine Sedai diz que eu posso ser capaz de fazer isso. — Os olhos de Egwene brilharam. — Ela diz que eu posso lidar com uma porção suficiente do Poder Único agora mesmo.

— Não sem treinamento, criança — advertiu Moiraine. — A questão mais simples envolvendo o Poder Único pode ser perigosa para os não treinados e para

aqueles ao redor deles. — Perrin bufou, e Egwene pareceu tão desconfortável que Rand ficou imaginando se ela já havia experimentado suas habilidades.

Nynaeve colocou o lampião no chão. Juntamente com a minúscula chama do fogão, o par de lâmpadas fornecia uma luz generosa.

— Quando você for a Tar Valon, Egwene — disse ela com cuidado —, talvez eu vá com você. — O olhar que ela dirigiu a Moiraine foi estranhamente defensivo. — Será bom para ela ver um rosto familiar no meio de estranhos. Ela precisará de alguém para aconselhá-la além das Aes Sedai.

— Talvez seja a melhor coisa, Sabedoria — disse Moiraine simplesmente.

Egwene riu e bateu palmas.

— Ah, isso seria maravilhoso *mesmo*. E você, Rand. Você também virá, não? — Ele parou no meio do ato de se sentar na frente dela perto do fogão, depois lentamente se abaixou. Ele pensou que os olhos dela nunca haviam sido tão grandes, nem mais brilhantes, ou mais parecidos com espelhos d'água nos quais ele poderia se perder. Pontinhos coloridos apareceram nas bochechas dela, que deu uma risadinha. — Perrin, Mat, você dois virão, não? Ficaremos todos juntos. — Mat soltou um grunhido que poderia ter significado qualquer coisa, e Perrin apenas deu de ombros, mas ela encarou isso como consentimento. — Você vai ver, Rand. Ficaremos todos juntos.

Luz, um homem poderia se afogar nesses olhos e se dar por muito feliz.
Envergonhado, ele pigarreou.

— Eles têm ovelhas em Tar Valon? Só sei fazer isso, cuidar de ovelhas e plantar tabac.

— Eu acredito — disse Moiraine — que posso encontrar alguma coisa para você fazer em Tar Valon. Para todos vocês. Não cuidar de ovelhas, mas alguma coisa que vocês achem interessante.

— Pronto — disse Egwene, como se tudo tivesse sido acertado. — Eu sei. Vou fazer de você meu Guardião, quando eu for Aes Sedai. Você não gostaria de ser Guardião? O meu Guardião? — Ela soava certa do que queria, mas ele viu a pergunta nos olhos dela. Ela queria uma resposta, precisava disso.

— Eu gostaria de ser seu Guardião — respondeu ele. *Ela não é para você, nem você para ela. Por que Min tinha de me dizer isso?*

A escuridão caiu pesadamente, e todos estavam cansados. Loial foi o primeiro a

rolar para o lado e se preparar para dormir, mas os outros o seguiram logo depois. Ninguém usou os cobertores, exceto como travesseiro. Moiraine havia posto alguma coisa no óleo dos lampiões que dispersava o fedor da Praga no topo da colina, mas nada diminuía o calor. A lua fornecia uma luz tênue, aguada, mas o sol podia estar a pino a julgar pela temperatura da noite.

Rand descobriu que era impossível dormir, mesmo com a Aes Sedai a menos de uma braça de distância para proteger seus sonhos. Era o ar espesso que o mantinha desperto. Os rancos suaves de Loial eram um trovão que fazia os de Perrin parecerem inexistentes, mas eles não impediram o cansaço de tomar conta dos demais. O Guardião ainda estava acordado, sentado não muito longe dele com a espada sobre os joelhos, observando a noite. Para a surpresa de Rand, Nynaeve também.

A Sabedoria olhou em silêncio para Lan por um longo tempo, depois serviu uma xícara de chá e a levou para ele. Quando ele estendeu a mão com um murmúrio de agradecimento, ela não soltou a xícara imediatamente.

— Eu devia saber que você era um rei — disse ela baixinho. Seus olhos estavam vidrados no rosto do Guardião, mas sua voz tremia levemente.

Lan olhou para ela com a mesma intensidade. A Rand, parecia que o rosto do Guardião chegara mesmo a se suavizar.

— Eu não sou um rei, Nynaeve. Apenas um homem. Um homem sem nada no nome, assim como o mais simples fazendeiro.

A voz de Nynaeve ficou mais firme.

— Algumas mulheres não pedem terra nem ouro. Apenas o homem.

— E o homem que pediria a ela para aceitar tão pouco não seria digno dela. Você é uma mulher notável, linda como o nascer do sol, feroz como um guerreiro. Você é uma leoa, Sabedoria.

— Sabedorias raramente se casam. — Ela fez uma pausa para respirar fundo, como se estivesse buscando forças. — Mas, se eu for a Tar Valon, pode ser que eu me torne algo que não uma Sabedoria.

— É tão raro para Aes Sedai se casarem quanto Sabedorias. Poucos homens conseguem viver com tanto poder numa esposa, ofuscando o brilho deles com o dela, mesmo sem querer.

— Alguns homens são fortes o bastante. Eu conheço um assim.

Se pudesse existir qualquer dúvida, o olhar dela não deixava nenhuma sobre de quem ela falava.

— Tudo o que tenho é uma espada, e uma guerra que não posso vencer, mas jamais posso parar de lutar.

— Eu já lhe disse que não ligo para nada disso. Luz, você já me fez dizer mais do que é adequado. Quer me envergonhar a ponto de propor a você?

— Eu jamais a envergonharei. — O tom gentil, como uma carícia, soou estranho aos ouvidos de Rand na voz do Guardião, mas fez os olhos de Nynaeve brilharem. — Eu odiarei o homem que você escolher porque ele não sou eu, e o amarei se ele fizer você sorrir. Nenhuma mulher merece a certeza do negro da viúva como dote, e você menos que todas. — Ele deixou a xícara intocada no chão e se levantou. — Preciso ver os cavalos.

Nynaeve permaneceu ali, ajoelhada, depois que ele havia partido.

Com ou sem sono, Rand fechou os olhos. Não achou que a Sabedoria iria gostar se ele a visse chorar.





O Tenebroso se Agita

A aurora despertou Rand com um susto, o sol triste pinicando suas pálpebras conforme ascendia com relutância acima das árvores da Praga. Mesmo tão cedo, o calor cobria as terras podres como um cobertor pesado. Permaneceu deitado de costas com a cabeça no rolo de cobertor que servia de travesseiro, olhando para o céu. Ele ainda era azul, o céu. Mesmo ali, isso, pelo menos, estava intocado.

Ficou surpreso ao perceber que havia dormido. Por um minuto, a tênue memória de uma conversa ouvida sem querer pareceu parte de um sonho. Então ele viu os olhos avermelhados de Nynaeve; ela não dormira, obviamente. O rosto de Lan estava mais endurecido que nunca, como se ele tivesse voltado a usar uma máscara e não pretendesse retirá-la novamente.

Egwene se aproximou e se agachou ao lado da Sabedoria, o rosto preocupado. Rand não conseguia ouvir o que elas diziam. Egwene falou, e Nynaeve balançou a cabeça. Egwene disse mais alguma coisa, e Nynaeve dispensou-a com um gesto. Ao invés de ir, Egwene abaixou a cabeça mais perto, e por alguns minutos as duas mulheres conversaram ainda mais baixo, com Nynaeve ainda

balançando a cabeça. A Sabedoria terminou a conversa com uma risada, abraçando Egwene e, por sua expressão, falando algo de apaziguador. Mas, quando Egwene se levantou, olhou com raiva para o Guardião. Lan não pareceu reparar; ele simplesmente não olhava na direção de Nynaeve.

Sacudindo a cabeça, Rand recolheu suas coisas e lavou apressadamente as mãos, o rosto e os dentes com o pouco de água que Lan permitia para essas coisas. Ficou se perguntando se as mulheres tinham como ler a mente dos homens. Era um pensamento perturbador. *Todas as mulheres são Aes Sedai*. Dizendo a si mesmo que estava deixando a Praga afetá-lo, enxaguou a boca e se apressou para colocar a sela no alazão.

Era um pouco desconcertante ver o acampamento desaparecer antes de chegar aos cavalos, mas, quando ele estava terminando de apertar a fivela da sela, todos na colina voltaram à vista num piscar de olhos. Todos estavam apressados.

As sete torres se destacavam na luz da manhã, tocos arruinados distantes, como imensas colinas áridas que deixavam entrever uma grandeza desaparecida. Os cem lagos eram de um azul plácido e liso. Nada perturbava a superfície naquela manhã. Quando olhava para os lagos e as torres em ruínas, Rand quase conseguia ignorar as coisas doentias que cresciam ao redor da colina. Lan não parecia evitar olhar para as torres, assim como também não parecia estar evitando Nynaeve, mas de algum modo ele não olhava enquanto se concentrava em prepará-los para partir.

Após os cestos de vime serem presos ao cavalo de carga, depois que toda migalha, vestígio e fragmento foram ocultados e todos estavam montados, a Aes Sedai ficou parada no meio do topo da colina de olhos fechados, sem parecer respirar. Para Rand nada estava acontecendo, mas Nynaeve e Egwene tremiam, apesar do calor, e esfregavam os braços com força. As mãos de Egwene subitamente pararam, e ela abriu a boca, encarando a Sabedoria. Antes que pudesse falar, Nynaeve também parou de esfregar os braços e as duas se entreolharam. Então Egwene assentiu e sorriu, e depois de um instante Nynaeve fez o mesmo, embora seu sorriso não fosse muito animado.

Rand esfregou os dedos nos cabelos, já mais molhados de suor do que com a água que havia jogado no rosto. Ele tinha certeza de que havia alguma coisa naquela troca de olhares silenciosa que deveria compreender, mas aquela sensação leve como uma pluma em sua mente desapareceu antes que ele conseguisse captá-la.

— O que estamos esperando? — Mat quis saber, o cachecol abaixado sobre a

testa. Ele estava com o arco apoiado no cepilho da sela com uma flecha encaixada, e sua aljava puxada no cinto para que a alcançasse mais facilmente.

Moiraine abriu os olhos e começou a descer a colina.

— Que eu remova o último vestígio do que fiz aqui ontem à noite. Os resíduos teriam desaparecido sozinhos em um dia, mas não vou correr nenhum risco que possa evitar agora. Estamos perto demais, e a Sombra é forte demais aqui. Lan?

O Guardião esperou apenas que ela se acomodasse na sela de Aldieb antes de levá-los para o norte, na direção das Montanhas de Dhoom, que assomavam, próximas. Até mesmo ao nascer do sol os picos se erguiam negros e sem vida, como dentes quebrados, e se estendiam, como uma muralha, para oeste e leste até onde os olhos podiam ver.

— Chegaremos ao Olho hoje, Moiraine Sedai? — perguntou Egwene.

A Aes Sedai lançou um olhar de esguelha a Loial.

— Espero que sim. Quando o encontrei antes, ele estava logo do outro lado das montanhas, no sopé dos desfiladeiros.

— Ele diz que o Olho se move — disse Mat, indicando Loial com a cabeça. — E se não estiver onde você está esperando?

— Então continuaremos a caçar até o encontrarmos. O Homem Verde pressente a necessidade, e não pode existir necessidade maior do que a nossa. A nossa necessidade é a esperança do mundo.

À medida que as montanhas se aproximavam, o mesmo acontecia com a verdadeira Praga. Onde uma folha havia sido avistada com pintas pretas e amarelas antes, agora a folhagem caía molhada diante de seus olhos, quebrando com o peso de sua própria corrupção. As próprias árvores eram coisas torturadas e aleijadas, galhos retorcidos arranhando o céu como se implorando pela misericórdia de algum poder que se recusava a ouvir. A seiva escorria como pus das cascas rachadas e abertas. Como se nada verdadeiramente sólido lhes restasse, as árvores pareciam tremer com a passagem dos cavalos.

— Parece que elas querem nos agarrar — disse Mat, nervoso. Nynaeve lhe dirigiu um olhar exasperado, e ele acrescentou ferozmente: — Mas parece, ora.

— E algumas delas querem mesmo — disse a Aes Sedai. Seus olhos por sobre o ombro foram mais duros que os de Lan por um instante. — Mas não querem

nem um pedaço do que eu sou, e minha presença protege vocês.

Mat riu, desconfortável, como se achasse que era uma brincadeira da parte dela.

Rand não tinha tanta certeza. Aquela *era* a Praga, afinal de contas. *Mas árvores não se mexem. Por que uma árvore agarraria um homem, mesmo que pudesse? Estamos imaginando coisas, e ela só está tentando nos manter alertas.*

Bruscamente ele olhou para a esquerda, para dentro da floresta. Aquela árvore, a menos de vinte passos de distância, *havia* tremido, e não era imaginação. Ele não sabia dizer que tipo era, ou havia sido, tão retorcida e atormentada era sua forma. Diante de seus olhos, a árvore subitamente balançou para a frente e para trás novamente, depois se curvou, batendo no chão. Alguma coisa gritou, um grito agudo e dilacerante. A árvore voltou a ficar reta; seus galhos se emaranharam ao redor de uma massa negra que estremecia, cuspia e gritava.

Ele engoliu em seco e tentou afastar Vermelho, mas as árvores os flanqueavam por todos os lados, e tremiam. O alazão revirava os olhos, mostrando o branco deles por completo. Quando deu por si, Rand estava no meio de um sólido emaranhado de cavalos enquanto todos tentavam fazer a mesma coisa que ele.

— Continuem se movendo — ordenou Lan, puxando a espada. O Guardião estava usando manoplas de aço e a túnica de malha cinza-esverdeada. — Fiquem com Moiraine Sedai. — Ele puxou Mandarb e deu meia-volta, não na direção da árvore e sua presa, mas na direção oposta. Com o manto que mudava de cor, ele foi engolido pela Praga antes que o garanhão negro sumisse de vista.

— Fiquem perto de mim — comandou Moiraine. Ela não reduziu a velocidade de sua égua branca, mas fez um gesto para que os outros se aglomerassem perto dela. — Fiquem o mais perto que puderem.

Um rugido saltou da direção em que o Guardião havia ido. Ele reverberou no ar, e as árvores tremeram com ele, e, quando desapareceu, parecia ainda ecoar. Mais uma vez o rugido veio, repleto de fúria e morte.

— Lan — disse Nynaeve. — Ele...

O som terrível a interrompeu, mas havia uma nota nova nele. Medo. Subitamente ele parou.

— Lan sabe se cuidar — disse Moiraine. — Ande, Sabedoria.

Do meio das árvores o Guardião apareceu, segurando a espada bem à sua frente e de sua montaria. Sangue negro manchava a lâmina, e um vapor se elevava

dela. Cuidadosamente, Lan limpou a lâmina com um pano que tirou dos alforjes, examinando o aço para garantir que havia retirado cada mancha. Quando deixou o pano cair, ele se desfez antes de tocar o chão; até mesmo os fragmentos se dissolveram.

Silenciosamente, um corpo enorme saltou das árvores sobre eles. O Guardião girou Mandarb, mas quando o cavalo de guerra se empinou, pronto para atacar com os cascos calçados em aço, a flecha de Mat disparou, perfurando o único olho em uma cabeça que parecia feita praticamente de boca e dentes.

Esperneando e gritando, a coisa caiu, bem perto deles. Rand ficou olhando fixamente enquanto passavam por ela apressados. A coisa era coberta de pelos duros como cerdas compridas, e tinha pernas demais, que se encaixavam em um corpo tão grande quanto um urso em ângulos estranhos. Algumas delas pelo menos, as que saíam das costas, tinham de ser inúteis para caminhar, mas as garras grandes como um dedo em suas extremidades rasgavam a terra em sua agonia de morte.

— Bom tiro, pastor. — Os olhos de Lan já haviam esquecido o que estava morrendo atrás deles e vasculhavam a floresta.

Moiraine balançou a cabeça.

— Ela não devia ter tido a disposição de chegar tão perto de alguém que toca a Fonte Verdadeira.

— Agelmar disse que a Praga está agitada — disse Lan. — Talvez a Praga também saiba que uma Teia está se formando no Padrão.

— Depressa. — Moiraine meteu os calcanhares nos flancos de Aldieb. — Precisamos chegar rápido aos desfíleiros.

Mas no instante em que ela falava a Praga se ergueu contra eles. Árvores chicotearam, estendendo os galhos na direção deles, sem se importar se Moiraine tocava a Fonte Verdadeira ou não.

A espada de Rand estava em sua mão; ele não se lembrava de tê-la tirado da bainha. Atacou sem parar, a lâmina com a marca da garça cortando galhos corrompidos. Galhos famintos recuaram com tocos cortados e se contorcendo — ele quase pensou tê-los ouvido gritar —, mas sempre vinham mais, coleando como cobras, tentando agarrar seus braços, sua cintura, seu pescoço. Dentes arreganhados num ricto, ele procurou o vazio e o encontrou no solo pedregoso e teimoso dos Dois Rios.

— Manetheren! — gritou de volta para as árvores até a garganta doer. O aço com a marca da garça reluzia na fraca luz do sol. — Manetheren! Manetheren!

Em pé nos estribos, Mat atirava uma flecha atrás da outra na direção da floresta, atacando massas deformadas que rosnavam, rangiam incontáveis dentes e abocanhavam as flechas que as matavam, e mordiam as formas cheias de garras que lutavam para alcançá-los, para chegar às figuras montadas. Mat também havia se perdido, longe do presente.

— *Carai an Caldazar!* — gritava, enquanto levava as flechas ao rosto e as soltava. — *Carai an Ellisande! Ai Ellisande! Mordero daghain pas duente cuebiyar! Ai Ellisande!*

Perrin também se levantou nos estribos, silencioso e lúgubre. Ele havia assumido a dianteira, e seu machado abria uma trilha através da floresta e de carne podre, o que quer que aparecesse à sua frente. Árvores que se debatiam e coisas que uivavam evitavam o homem corpulento com o machado, fugindo tanto dos ferozes olhos dourados quanto do machado que passava assoviando. Ele forçava o cavalo a avançar, passo a passo, com determinação.

As mãos de Moiraine disparavam bolas de fogo, e onde elas batiam uma árvore que se retorcia se tornava uma tocha, uma forma com dentes gritava e se debatia com mãos humanas, rasgando a própria carne flamejante com garras ferozes até morrer.

Repetidas vezes, o Guardião levou Mandarb até as árvores, sua lâmina e as manoplas pingando sangue, que borbulhava, fumegante. Quando ele voltava, havia muitas aberturas em sua armadura, cortes que sangravam em sua pele, e seu cavalo de guerra também cambaleava e sangrava. A cada vez a Aes Sedai fazia uma pausa para colocar as mãos nas feridas, e quando ela as afastava só havia sangue sobre a pele sem marcas.

— Estou acendendo fogueiras de sinalização para os Meios-homens — disse ela com amargura. — Vamos em frente! Vamos em frente! — Eles abriam caminho um passo lento de cada vez.

Se as árvores não tivessem caído sobre a massa de carne que as atacava tanto quanto sobre os humanos, se as criaturas, e não havia duas iguais, não tivessem combatido as árvores e as outras tanto quanto os combatiam, Rand tinha certeza de que teriam sido esmagados. Ele ainda assim não tinha certeza de que isso não aconteceria. Então um grito aflautado surgiu. Distante e agudo, cortou os rosnados dos seres da Praga ao redor deles.

Em um instante o rosnado cessou, como se tivesse sido cortado com uma faca. As formas que atacavam ficaram paralisadas; as árvores ficaram imóveis. Tão subitamente quanto as coisas com pernas haviam aparecido, elas se foram, desaparecendo no interior da floresta retorcida.

O grito agudo voltou a ser ouvido, como gaitas de pastor quebradas, e foi respondido por um coro. Meia dúzia, cantando juntas, ao longe atrás deles.

— Vermes — disse Lan, lúgubre, suscitando um gemido de Loial. — Eles nos deram um descanso, se tivermos tempo de usá-lo. — Seus olhos estavam medindo a distância que faltava até as montanhas. — Poucas coisas na Praga enfrentarão um Verme se puderem evitar. — Meteu os calcanhares nos flancos de Mandarb. — Vamos! — Todo o grupo saiu em disparada atrás dele, por uma Praga que subitamente parecia verdadeiramente morta, exceto pelo som agudo atrás deles.

— Eles se assustaram com vermes? — perguntou Mat, incrédulo. Estava quicando na sela, tentando colocar o arco nas costas.

— Um Verme — houve uma diferença profunda na maneira como o Guardião disse a palavra em relação a Mat — pode matar um Desvanecido, se este não tiver a própria sorte do Tenebroso consigo. Temos todo um bando no nosso encalço. Vamos! Vamos!

Os picos negros estavam mais próximos. Uma hora, Rand calculou, no ritmo que o Guardião estava determinando.

— Os Vermes não vão nos seguir pelas montanhas? — perguntou Egwene, sem fôlego, e Lan deu uma risada amarga.

— Não. Os Vermes têm medo do que vive nos desfiladeiros. — Loial voltou a gemer.

Rand desejou que o Ogier parasse de fazer isso. Estava bem consciente de que Loial sabia mais sobre a Praga do que qualquer um deles exceto Lan, ainda que fosse pela leitura de livros na segurança de um pouso. *Mas por que ele precisa continuar me lembrando de que há coisas piores do que as que já vimos?*

A Praga passava por eles, ervas e relva apodrecidas sob os cascos galopantes. Árvores dos tipos que antes haviam atacado nem sequer estremeciam, mesmo quando eles cavalgavam diretamente sob os galhos retorcidos. As Montanhas de Dhoom preenchiam o céu à frente, negras e inóspitas, e pareciam quase perto o bastante para tocar. O som aflautado vinha ao mesmo tempo agudo e claro, e

havia sons de coisas sendo esmagadas atrás deles, mais altos do que as coisas esmagadas sob os cascos. Alto demais, como se árvores semidecompostas estivessem sendo esmagadas por corpos imensos se arrastando sobre elas. Perto demais. Rand olhou para trás. A terra começou a se elevar na direção das montanhas, inclinando-se o suficiente para que ele percebesse que o grupo estava subindo.

— Não vamos conseguir — anunciou Lan. Ele não reduziu o galope de Mandarb, mas a espada estava subitamente em sua mão mais uma vez. — Fique alerta nos desfiladeiros, Moiraine, e você passará.

— Não, Lan! — gritou Nynaeve.

— Fique quieta, garota! Lan, nem mesmo você pode deter um bando de Vermes. Eu não vou aceitar isso. Preciso de você para o Olho.

— Flechas! — gritou Mat sem fôlego.

— Os Vermes nem as sentiriam — respondeu o Guardião, gritando de volta. — Eles precisam ser cortados em pedaços. Não sentem muita coisa além de fome. Às vezes medo.

Agarrando-se à sela desesperadamente, Rand estremeceu, tentando relaxar os ombros. Ele sentia todo o peito apertado, até mal conseguir respirar, e sentia picadas quentes por toda a pele. A Praga se tornara o sopé das colinas. Ele conseguia ver o caminho que precisariam tomar assim que chegassem às montanhas, a trilha tortuosa e desfiladeiros mais além, como um golpe de machado abrindo uma fenda na pedra negra. *Luz, o que há à frente que pode apavorar o que há atrás? Que a Luz me ajude, nunca tive tanto medo. Não quero prosseguir mais. Não quero mais!* Procurando a chama e o vazio, ele censurou a si mesmo. *Idiota! Seu idiota assustado e covarde! Você não pode ficar aqui, e não pode voltar. Vai deixar que Egwene enfrente isso sozinha?* O vazio lhe escapava, formando-se, depois estremeçando e se dividindo em mil pontos de luz, reformando-se e se estilizando novamente, cada ponto queimando em seus ossos até ele tremer de dor e achar que ia explodir. *Luz, me ajude, não posso seguir em frente. Luz, me ajude!*

Ele estava pegando as rédeas do alazão para dar meia-volta, para enfrentar os Vermes ou qualquer outra coisa que não fosse o que havia à frente, quando a natureza da terra mudou. Entre uma encosta de colina e a seguinte, entre crista e pico, a Praga havia desaparecido.

Folhas verdes cobriam galhos que se espalhavam pacificamente. Flores do

campo criavam um tapete de retalhos reluzentes em uma grama agitada por uma brisa doce de primavera. Borboletas voavam de um botão a outro, com abelhas zumbindo e pássaros trinando suas canções.

Boquiaberto, ele seguiu galopando em frente, até subitamente perceber que Moiraine, Lan e Loial haviam parado, e os outros também. Lentamente ele puxou as rédeas, o rosto congelado de surpresa. Os olhos de Egwene estavam prestes a pular fora das órbitas, e o queixo de Nynaeve caía.

— Chegamos a um lugar seguro — disse Moiraine. — Este é o lugar do Homem Verde, e o Olho do Mundo fica aqui. Nada que seja da Praga pode entrar.

— Eu pensei que ele ficasse do outro lado das montanhas — murmurou Rand, ainda vendo os picos preenchendo o horizonte ao norte, e os desfiladeiros. — Você disse que ele ficava sempre além dos desfiladeiros.

— Este lugar — disse uma voz profunda, vinda das árvores — está sempre onde está. O que muda é onde aqueles que precisam dele estão.

Uma figura saiu da folhagem, uma forma humana tão maior que Loial quanto o Ogier era maior que Rand. Uma forma humana feita de trepadeiras e folhas entrelaçadas, verdes e crescendo. Seus cabelos eram grama, que caía até os ombros; os olhos, imensas castanhas; as unhas dos dedos, bolotas de carvalho. Folhas verdes compunham a túnica e a calça; cascas inteiriças, sem interrupção, as botas. Borboletas voavam ao seu redor, pousando em seus dedos, ombros, rosto. Apenas uma coisa estragava a perfeição verdejante. Uma profunda fissura percorria sua bochecha e têmpora, e o topo da cabeça, e nela as trepadeiras eram marrons e murchas.

— O Homem Verde — sussurrou Egwene, e o rosto com a cicatriz sorriu. Por um momento pareceu que os pássaros cantavam mais alto.

— É claro que sou eu. Quem mais estaria aqui? — Os olhos de castanha encararam Loial. — É bom ver você, pequeno irmão. No passado, muitos de vocês vinham me visitar, mas poucos em dias recentes.

Loial desceu, desajeitado, de seu cavalo grande e fez uma mesura formal.

— Você me honra, Irmão-das-árvores. *Tsingu ma choshih, T'ingshen.*

Sorrindo, o Homem Verde pôs o braço ao redor dos ombros do Ogier. Ao lado de Loial, ele parecia um homem ao lado de um menino.

— Não há honra, pequeno irmão. Vamos cantar Canções de Árvores juntos, e lembrar as Grandes Árvores, e os pousos, e afastar a Saudade. — Ele estudou os outros, que só agora desciam dos cavalos, e seus olhos se iluminaram ao ver Perrin. — Um Irmão dos Lobos! Então os velhos tempos realmente estão voltando?

Rand encarou Perrin. De sua parte, Perrin virou o cavalo de forma que ficasse entre ele e o Homem Verde, e se curvou para verificar a fivela. Rand tinha certeza de que ele só queria evitar o olhar perscrutador do Homem Verde. Subitamente, o Homem Verde se dirigiu a Rand.

— Roupas estranhas você veste, Filho do Dragão. A Roda girou tanto assim? O Povo do Dragão voltou ao primeiro Pacto? Mas você usa uma espada. Isto não é nem agora nem antes.

Rand precisou salivar antes de conseguir falar.

— Não sei do que você está falando. Como assim?

O Homem Verde tocou a cicatriz marrom na cabeça. Por um momento ele pareceu confuso.

— Eu... não sei dizer. Minhas memórias estão devastadas e frequentemente se dispersam, e muito do que restou está como folhas visitadas por lagartas. E, no entanto, tenho certeza... Não, já se foi. Mas vocês são bem-vindos aqui. Você, Moiraine Sedai, é mais que uma surpresa. Quando este lugar foi criado, era para que ninguém pudesse encontrá-lo duas vezes. Como chegou aqui?

— Necessidade — respondeu Moiraine. — Minha necessidade, a necessidade do mundo. Acima de tudo, a necessidade do mundo. Viemos ver o Olho do Mundo.

O Homem Verde deu um suspiro, o vento soprando por galhos de folhagem densa.

— Então chegou novamente. Essa memória permanece completa. O Tenebroso se agita. Eu temia isso. A cada virada de anos, a Praga luta mais e mais para entrar, e desta vez a luta para mantê-la de fora tem sido maior do que jamais foi desde o começo. Venham, eu os levarei.





Encontros no Olho

Conduzindo o alazão, Rand seguiu o Homem Verde com o restante do grupo de Campo de Emond, todos de olhos arregalados, como se não conseguissem decidir se olhavam para o Homem Verde ou a floresta. O Homem Verde era uma lenda, claro, com histórias contadas a seu respeito, e da Árvore da Vida, na frente de cada lareira nos Dois Rios, e não só para as crianças. Mas, depois da Praga, as árvores e flores teriam sido uma maravilha da normalidade mesmo se o resto do mundo não estivesse mais aprisionado no inverno.

Perrin foi ficando na retaguarda. Quando Rand olhou para trás, o jovem grande de cabelos cacheados parecia não querer mais ouvir qualquer coisa que o Homem Verde tivesse a dizer. Ele entendia. *Filho do Dragão*. Observou o Homem Verde com desconfiança, caminhando à frente com Moiraine e Lan, borboletas cercando-o numa nuvem de amarelos e vermelhos. *O que ele quis dizer? Não. Eu não quero saber.*

Mesmo assim, seu passo parecia mais leve, suas pernas, mais animadas. O incômodo ainda revirava seu estômago, mas o medo havia se tornado tão difuso que era como se tivesse desaparecido. Ele não achava que pudesse querer mais que isso, não com a Praga a meia milha de distância, ainda que Moiraine estivesse certa sobre nada da Praga ser capaz de entrar ali. Os milhares de pontos incandescentes que perfuravam seus ossos haviam se apagado; no exato instante em que ele entrara no domínio do Homem Verde, tivera certeza. *Foi ele quem os apagou, pensou, o Homem Verde, e este lugar.*

Egwene sentia isso, e Nynaeve também, a paz tranquilizadora, a calma da beleza. Ele podia perceber. Elas exibiam sorrisos leves, serenos, e tocavam flores com os dedos, parando para cheirar e respirando fundo.

Quando o Homem Verde reparou, disse:

— Flores são feitas para adornar. Plantas ou humanos são a mesma coisa. Nenhuma delas se importa, contanto que vocês não peguem muitas. — E começou a arrancar uma flor de uma planta aqui e outra ali, nunca mais que duas de cada planta. Dali a pouco Nynaeve e Egwene estavam usando botões e mais botões nos cabelos, rosas silvestres, ipezinhos-amarelos e estrelas-da-manhã brancas. A trança da Sabedoria parecia um jardim rosa e branco até a cintura. Até mesmo Moiraine ganhou uma guirlanda de estrelas-da-manhã na testa, trançada com tanta destreza que as flores ainda pareciam estar crescendo.

Rand não tinha certeza de que elas não estavam mesmo crescendo. O Homem Verde cuidava de seu jardim florestal enquanto caminhava, falando baixinho com Moiraine, cuidando do que quer que precisasse de cuidado sem pensar, na verdade. Seus olhos de castanhas avistaram um galho torto numa roseira silvestre, forçada a assumir um ângulo esquisito pelo galho coberto de flores de uma macieira, e ele fez uma pausa, ainda falando, para passar a mão ao longo da curvatura. Rand não tinha certeza se seus olhos estavam lhe pregando peças, ou se os espinhos realmente se curvavam para não espetar aqueles dedos verdes. Quando a forma gigantesca do Homem Verde se moveu, o galho estava reto, espalhando pétalas vermelhas entre o branco das flores de maçã. Ele se curvou para colocar a mão imensa sobre uma minúscula semente caída numa área de pedrinhas, e, quando se endireitou, um pequeno broto havia criado raízes entre as rochas, alcançando um solo bom.

— Todas as coisas devem crescer onde estão, segundo o Padrão — explicou ele, falando por sobre o ombro como se pedisse desculpas —, e enfrentar o movimento da Roda, mas o Criador não vai se importar se eu der só uma ajudinha.

Rand conduziu Vermelho e contornou o broto, tomando cuidado para não deixar que os cascos do alazão o esmagassem. Não parecia correto destruir o que o Homem Verde havia feito só para evitar um passo extra. Egwene deu-lhe um de seus sorrisos secretos e tocou seu braço. Ela estava tão linda, com os cabelos soltos cheios de flores, que ele sorriu para ela até ela corar e abaixar os olhos. *Eu vou proteger você*, pensou. *Aconteça o que acontecer, vou cuidar para que você esteja a salvo, eu juro.*

O Homem Verde os levou ao coração da floresta primaveril, até uma abertura em arco na encosta de uma colina. Era um arco de pedra simples, alto e branco, e sobre a pedra principal havia um círculo cortado ao meio por uma linha sinuosa, uma metade áspera, a outra lisa. O símbolo ancestral das Aes Sedai. A abertura propriamente dita estava coberta por sombras.

Por um momento, todos simplesmente ficaram olhando em silêncio. Então Moiraine removeu a guirlanda dos cabelos e pendurou-a gentilmente num galho de madressilva ao lado do arco. Foi como se o movimento dela restaurasse a fala dos demais.

— Está aí dentro? — perguntou Nynaeve. — Aquilo que viemos buscar?

— Eu realmente gostaria de ver a Árvore da Vida — disse Mat, sem tirar os olhos do círculo dividido ao meio acima deles. — Podemos esperar e fazer isso primeiro, não podemos?

O Homem Verde olhou para Rand de forma estranha, depois balançou a cabeça.

— A *Avendesora* não está aqui. Eu não repousei sob aqueles galhos incultos há dois mil anos.

— Não viemos por causa da Árvore da Vida — disse Moiraine com firmeza. Ela apontou para o arco. — Viemos pelo que está ali.

— Não vou entrar com vocês — disse o Homem Verde. As borboletas ao seu redor rodopiaram como se sentissem alguma agitação. — Fui escolhido para guardá-lo há muito, muito tempo, mas não fico à vontade de chegar tão perto. Sinto como se estivesse sendo desfeito; meu fim está ligado a ele, de algum modo. Lembro-me de quando ele foi criado. Uma parte de sua criação. Uma parte. — Seus olhos de castanha se perderam na memória, e ele levou os dedos à cicatriz. — Foram os primeiros dias da Ruptura do Mundo, quando a alegria da vitória sobre o Tenebroso ficou amarga com o conhecimento de que tudo ainda poderia ser destruído pelo peso da Sombra. Uma centena deles o criou, homens e mulheres juntos. As maiores obras dos Aes Sedai eram sempre feitas assim, juntando *saidin* e *saidar*, unindo-se e completando a Fonte Verdadeira. Morreram todos para torná-lo puro, enquanto o mundo era devastado ao redor deles. Sabendo que iriam morrer, eles me encarregaram de guardá-lo para a necessidade que um dia chegaria. Não foi para isso que fui criado, mas tudo estava sendo destruído, e eles estavam sozinhos, e eu era tudo que eles tinham. Não foi para isso que fui criado, mas mantive a fé. — Ele olhou para Moiraine, assentindo para si mesmo. — Eu mantive a fé, até que fosse necessário. E agora tudo termina.

— Você manteve a fé melhor do que a maioria de nós que o encarregamos disso — disse a Aes Sedai. — Talvez não seja tão ruim quanto você teme.

A cabeça cheia de folhas e cicatrizes balançou devagar de um lado para o outro.

— Eu conheço um fim quando ele chega, Aes Sedai. Vou encontrar outro lugar para fazer as coisas crescerem. — Os olhos de castanha observavam, tristes, a floresta verde. — Outro lugar, talvez. Quando você sair, eu a verei novamente, se houver tempo.

Dizendo isso, ele se afastou, deixando uma trilha de borboletas, tornando-se um com a floresta mais completamente do que o manto de Lan jamais conseguiria.

— O que ele quis dizer? — Mat quis saber. — Se houver tempo?

— Vamos — disse Moiraine. E atravessou o arco. Lan foi logo em seguida.

Rand não tinha certeza do que esperava quando os seguiu. Os pelos de seus braços estavam arrepiados, assim como os da nuca. Mas era apenas um corredor, as paredes polidas arredondadas no alto, como o arco, fazendo uma curva suave para baixo. Havia altura de sobra para Loial; teria havido espaço bastante para o Homem Verde. O piso liso, à primeira vista escorregadio como ardósia encerada, de algum modo garantia uma pisada firme. Paredes brancas e inteiriças reluziam com incontáveis pontinhos de inúmeras cores, produzindo uma luz leve e suave mesmo depois que o arco iluminado pelo sol ficou para trás numa curva. Ele tinha certeza de que aquela luz não era natural, mas também sentia que era uma coisa benigna. *Então por que sua pele ainda está arrepiada?* Continuaram a descer cada vez mais.

— Ali — disse Moiraine finalmente. — Logo à frente.

E o corredor se abriu em um vasto espaço em forma de cúpula, a rocha áspera e nua do teto pontilhada com pedacinhos de cristais reluzentes. Abaixo, um lago tomava toda a caverna, a não ser pela passarela ao redor, de talvez uns cinco passos de largura. Na forma ovalada de um olho, o lago tinha à sua volta um anel achatado de cristais que brilhavam com uma luz mais mortíça, porém mais forte do que os cristais acima. Sua superfície era tão lisa quanto vidro e tão clara quanto a água da Fonte de Vinho. Rand sentia como se seus olhos pudessem penetrá-la para sempre, mas não conseguia ver nenhum fundo.

— O Olho do Mundo — disse Moiraine suavemente ao seu lado.

Enquanto olhava ao redor maravilhado, percebeu que os longos anos desde a

criação, três mil anos, haviam cobrado seu preço enquanto ninguém aparecia. Nem todos os cristais na cúpula brilhavam com a mesma intensidade. Uns eram mais fortes, outros mais fracos; uns piscavam, outros eram apenas pedras multifacetadas que reluziam com o reflexo de outras luzes. Se todos brilhassem, a cúpula estaria clara como o céu do meio-dia, mas naquele momento parecia apenas um fim de tarde. A passarela estava coberta de pó, pedacinhos de pedra e até mesmo de cristal. Longos anos esperando enquanto a Roda girava e moía tudo.

— Mas *o que* é isso? — perguntou Mat, cismado. — Não parece com nenhuma água que já vi na vida. — Ele chutou um pedaço de pedra preta do tamanho de seu punho para dentro do lago. — Isso...

A pedra atingiu a superfície vítrea e deslizou para dentro do lago sem fazer um som, ou sequer uma ondulação. Ao afundar, a pedra começou a inchar, ficando cada vez maior, maior e mais fina, uma bolha do tamanho de sua cabeça através da qual Rand quase conseguia enxergar, um borrão fraco de largura semelhante ao comprimento de seu braço. Então sumiu. Sua pele estava tão arrepiada que ele achou que ela fosse soltar-se de seu corpo.

— O que é isso? — perguntou Rand, e ficou chocado com a rispidez da própria voz.

— Isso poderia ser considerado a essência de *saidin*. — As palavras da Aes Sedai ecoaram por toda a cúpula. — A essência da metade masculina da Fonte Verdadeira, a pura essência do Poder dominado pelos homens antes do Tempo da Loucura. O Poder para restaurar o selo da prisão do Tenebroso, ou de rompê-lo e abri-la completamente.

— Que a Luz brilhe sobre nós e nos proteja — sussurrou Nynaeve. Egwene a agarrou como se quisesse se esconder atrás da Sabedoria. Mesmo Lan estava agitado, embora não houvesse surpresa em seus olhos.

Uma pedra bateu nos ombros de Rand, e ele percebeu que havia recuado até a parede, o mais distante do Olho do Mundo que podia. Teria atravessado a parede se pudesse. Mat também estava colado à pedra. Perrin encarava o lago tendo a mão no machado. Seus olhos brilhavam, amarelos e ferozes.

— Sempre me perguntei — disse Loial, incomodado. — Quando eu lia a respeito, sempre me perguntei o que era. Por quê? Por que eles fizeram isso? E como?

— Ninguém que esteja vivo hoje sabe. — Moiraine não estava mais olhando para o lago. Ela observava Rand e seus dois amigos, estudando-os, os olhos

perscrutadores. — Nem como, nem por quê, além de que um dia ele seria necessário e que essa necessidade seria a maior e mais desesperada que o mundo já haveria enfrentado. E talvez jamais enfrentaria.

“Muitas em Tar Valon tentaram encontrar uma forma de usar esse Poder, mas ele é tão intocável para qualquer mulher quanto a lua para um gato. Somente um homem poderia canalizá-lo, mas o último Aes Sedai se foi há quase três mil anos. E, no entanto, a necessidade que eles viam era desesperadora. Eles atravessaram a mácula do Tenebroso em *saidin* para criá-lo, e criá-lo puro, sabendo que fazer isso os mataria a todos. Aes Sedai, homens e mulheres juntos. O Homem Verde falou a verdade. As maiores maravilhas da Era das Lendas foram criadas dessa maneira, *saidin* e *saidar* juntos. Todas as mulheres em Tar Valon, todas as Aes Sedai em todas as cortes e cidades, mesmo aquelas nas terras além do Deserto, mesmo contando as que ainda podem estar vivas além do Oceano de Aryth, não poderiam preencher uma colher com o Poder sem homens para trabalhar com elas.

A garganta de Rand arranhava como se ele tivesse gritado.

— Por que você nos trouxe aqui?

— Porque vocês são *ta'veren*. — O rosto da Aes Sedai era ilegível. Seus olhos tremeluziam e pareciam atraí-lo. — Porque o poder do Tenebroso atacará aqui, e porque ele precisa ser confrontado e detido, ou a Sombra cobrirá o mundo. Não há necessidade maior do que essa. Vamos sair para a luz do sol novamente enquanto ainda há tempo. — Sem esperar para ver se eles a seguiriam, ela começou a subir de volta o corredor com Lan, que andava talvez um pouco mais rápido que o costume. Egwene e Nynaeve se apressaram em segui-la.

Rand foi dando a volta rente à parede. Não conseguia dar nem mais um passo para perto daquele lago. Desembocou no corredor embolado com Mat e Perrin. Teria corrido, se isso não significasse atropelar Egwene e Nynaeve, Moiraine e Lan. Não conseguia parar de tremer mesmo quando chegou ao lado de fora.

— Eu não gosto disso, Moiraine — disse Nynaeve, indignada, quando o sol voltou a brilhar sobre eles. — Acredito que o perigo seja tão grande quanto você diz, ou eu não estaria aqui, mas isso...

— Finalmente encontrei vocês.

Rand deu um pulo como se uma corda tivesse sido apertada em seu pescoço. As palavras, a voz... por um momento ele acreditou que fosse Ba'alzamon. Mas os dois homens que saíram de entre as árvores, o rosto oculto por capuz, não

usavam mantos da cor de sangue seco. Um dos mantos era cinza-escuro, o outro, de um verde quase tão escuro, e pareciam cheirar a mofo mesmo a céu aberto. E não eram Desvanecidos; a brisa balançava seus mantos.

— Quem são vocês? — A postura de Lan era cautelosa, a mão no cabo da espada. — Como chegaram até aqui? Se estão procurando o Homem Verde...

— Ele nos guiou. — A mão que apontava para Mat era velha e encarquilhada até um ponto em que mal parecia humana, sem uma unha e com os dedos retorcidos como nós num pedaço de corda. Mat deu um passo para trás, arregalando os olhos. — Uma coisa velha, um velho amigo, um velho inimigo. Mas ele não é o que procuramos — completou o homem de manto verde. O outro homem estava parado como se nunca fosse falar.

Moiraine se empertigou até alcançar toda a sua altura, que não chegava ao ombro de nenhum homem ali, mas subitamente pareceu tão alta quanto as colinas. Sua voz soava como um sino, exigindo saber:

— Quem são vocês?

Os homens puxaram o capuz para trás, e Rand arregalou os olhos. O velho era mais velho que a velhice; fazia Cenn Buie parecer uma criança na flor da idade. A pele de seu rosto era como um pergaminho amassado bem repuxado sobre um crânio, e depois puxado ainda mais. Tufos de cabelos bem frágeis despontavam em locais estranhos. As orelhas eram coisas murchas, como pedaços de couro velho; os olhos eram afundados e espiavam de dentro da cabeça como se do fim de túneis. Mas o outro era pior. Uma carapaça de couro preto apertado cobria a cabeça e o rosto por completo, mas a frente era trabalhada em um rosto perfeito, o rosto de um jovem, rindo loucamente, gargalhando de insanidade, eternamente paralisado. *O que ele está escondendo se o outro mostra o que mostra?* Então até mesmo o pensamento congelou em sua cabeça, estilizando-se, tornando-se pó e voando para longe.

— Eu me chamo Aginor — disse o velho. — E ele é Balthamel. Ele não fala mais com a própria língua. A Roda mói demasiado bem em três mil anos de prisão. — Seus olhos afundados se desviaram para o arco; Balthamel se inclinou para a frente, os olhos de sua máscara voltados para a abertura na pedra branca, como se quisesse seguir direto para dentro. — Tanto tempo sem — disse Aginor baixinho. — Tanto tempo...

— A Luz proteja... — começou Loial, a voz trêmula, interrompida bruscamente quando Aginor olhou para ele.

— Os Abandonados — disse Mat com a voz rouca — estão presos em Shayol Ghul...

— Estavam presos. — Aginor sorriu; seus dentes amarelados tinham o aspecto de presas. — Alguns de nós não estão mais presos. Os selos enfraquecem, Aes Sedai. Assim como Ishamael, nós caminhamos pelo mundo mais uma vez, e em breve o resto de nós virá. Eu estava perto demais deste mundo em minha prisão, eu e Balthamel, perto demais do revolver da Roda, mas logo o Grande Senhor das Trevas estará livre e nos dará uma nova carne, e o mundo será nosso outra vez. Dessa vez vocês não terão nenhum Lews Therin, o Fratricida. Nenhum Senhor da Manhã salvará vocês. Agora nós sabemos a quem buscamos, e não há mais necessidade do resto de vocês.

A espada de Lan saltou da bainha rápido demais para os olhos de Rand acompanharem. Mas o Guardião hesitou, seus olhos indo para Moiraine, para Nynaeve. As duas mulheres estavam bem distantes uma da outra; colocar-se entre qualquer uma das duas e os Abandonados o afastaria da outra. A hesitação durou apenas uma fração de segundo, mas, quando os pés do Guardião se moveram, Aginor ergueu a mão. Foi um gesto de desdém, um pequeno movimento de seus dedos retorcidos, como se ele quisesse espantar uma mosca. O Guardião voou para trás pelo ar como se um punho imenso o tivesse socado. Com um ruído seco, Lan bateu no arco de pedra, pendendo ali por um instante antes de desabar em uma pilha flácida, a espada caída ao lado da mão estendida.

— NÃO! — gritou Nynaeve.

— Fique quieta! — ordenou Moiraine, mas, antes que alguém mais pudesse se mover, a faca da Sabedoria havia deixado o cinto, e ela já estava correndo na direção do Abandonado, brandindo a pequena lâmina.

— A Luz o cegue! — gritou ela, atacando o peito de Aginor.

O outro Abandonado se moveu como uma víbora. Enquanto o golpe dela ainda descia, a mão envolta em couro de Balthamel voou para pegá-la pelo queixo, os dedos afundando em uma bochecha enquanto o polegar se afundava na outra, cortando a circulação do sangue com sua pressão e marcando a pele em sulcos pálidos. Uma convulsão tomou Nynaeve da cabeça aos pés, como se ela fosse a tira de um chicote. A faca caiu, inútil, de seus dedos moles enquanto Balthamel a erguia com a mão até onde a máscara de couro pôde encarar seu rosto ainda trêmulo. Os dedos dos pés dela se contorciam em espasmos um pé acima do solo; flores choviam de seus cabelos.

— Eu quase esqueci os prazeres da carne. — Aginor passou a língua pelos lábios

ressecados, o que soou como pedra em couro cru. — Mas Balthamel se lembra muito bem. — A risada da máscara pareceu ficar mais enlouquecida, e o uivo que Nynaeve soltou queimou os ouvidos de Rand como o desespero arrancado do coração dela.

Subitamente Egwene se moveu, e Rand viu que ela estava prestes a ajudar Nynaeve.

— Egwene, não! — gritou ele, mas ela não parou. Quando Nynaeve gritara, a mão dele fora até a espada, mas então ele a soltou e se jogou na direção de Egwene. Chocou-se com ela antes que ela desse o terceiro passo, derrubando os dois no chão. Egwene caiu embaixo dele sem fôlego debatendo-se imediatamente para se libertar.

Os outros também estavam se movendo, ele percebeu. O machado de Perrin girou em suas mãos, e seus olhos brilharam, dourados e ferozes.

— Sabedoria! — uivou Mat, a adaga de Shadar Logoth em sua mão.

— Não! — gritou Rand. — Vocês não podem lutar contra os Abandonados!

Mas os dois passaram correndo por ele como se não tivessem ouvido, seus olhos sobre Nynaeve e os dois inimigos.

Aginor olhou de relance para eles, despreocupado... e sorriu.

Rand sentiu o ar se agitar acima dele como o estalo do chicote de um gigante. Mat e Perrin, que não haviam chegado sequer à metade do caminho, pararam, como se tivessem ido de encontro a uma parede, e caíram esparramados no chão.

— Bom — disse Aginor. — Um lugar adequado para vocês. Se aprenderem a se rebaixar de modo adequado na hora de nos venerar, pode ser que eu os deixe viver.

Rand se levantou rapidamente. Talvez não conseguisse lutar contra os Abandonados. Nenhum humano comum conseguiria. Mas ele não os deixaria crer por um segundo sequer que estava se humilhando perante eles. Tentou ajudar Egwene a se levantar, mas ela lhe deu um tapa na mão e se levantou sozinha, limpando com raiva o vestido. Mat e Perrin, zonzos, também já haviam se levantado teimosamente.

— Vocês aprenderão — disse Aginor — se quiserem viver. Agora que eu

encontrei o que preciso — seu olhar foi até o arco de pedra —, terei tempo para ensinar vocês.

— Isto não acontecerá! — O Homem Verde saiu a passos rápidos do meio das árvores com uma voz como um raio atingindo um antigo carvalho. — Aqui não é o lugar de vocês!

Aginor lhe dirigiu um rápido olhar de esguelha, de desprezo.

— Desapareça! Seu tempo acabou. A sua espécie já virou pó há muito tempo, menos você. Viva o pouco de vida que lhe resta e se dê por satisfeito que não seja digno de nossa atenção.

— Aqui é meu lugar — disse o Homem Verde —, e aqui vocês não machucarão nada que viva.

Balthamel jogou Nynaeve de lado como um trapo, e como um trapo ela caiu, mole como se todos os seus ossos tivessem derretido. Uma mão envolta em couro se levantou, e o Homem Verde rugiu quando uma fumaça se ergueu dos ramos que o trançavam. O vento nas árvores ecoou sua dor.

Aginor deu as costas para Rand e os demais, como se a questão do Homem Verde tivesse sido resolvida, mas com um longo e pesado passo, braços cheios de folhas se enroscaram ao redor de Balthamel, erguendo-o alto, esmagando-o contra um peito de trepadeiras grossas, a máscara de couro preto rindo para olhos de castanhas escuros de fúria. Como serpentes, os braços de Balthamel se libertaram, as mãos enluvadas agarrando a cabeça do Homem Verde como se fossem arrancá-la. Onde essas mãos tocavam, tudo pegava fogo, ramos murchavam, folhas caíam. O Homem Verde urrou quando a fumaça escura e espessa começou a sair das trepadeiras de seu corpo. Ele rugia sem parar, como se estivesse saindo por inteiro da própria boca com a fumaça que soprava de seus lábios.

Subitamente Balthamel sofreu um espasmo nos braços do Homem Verde. As mãos do Abandonado tentaram afastá-lo ao invés de agarrá-lo. Um braço se abriu num movimento largo... e uma pequena trepadeira saiu do meio do couro preto da mão. Um fungo, como os que cercam as árvores nas sombras escuras da floresta, cercou seu braço, brotando do nada, inchando e cobrindo toda a sua extensão. Balthamel começou a se debater, e um broto de trombeteira rasgou sua carapaça, liquens enterraram suas raízes e abriram minúsculas rachaduras no couro de seu rosto, urtigas perfuraram os olhos de sua máscara, cogumelos cabeça-de-caveira dilaceraram sua boca.

O Homem Verde atirou o Abandonado no chão. Balthamel se contorceu e se sacudi enquanto todas as coisas que cresciam em lugares escuros, tudo que tinha esporos, todas as coisas que adoravam umidade, inchavam e cresciam, rasgavam tecido, couro e carne — Seria aquilo mesmo carne, vista naquele breve momento de fúria verde? — despedaçavam-no e o cobriam até que só restou um montinho, indistinguível de muitos nas profundezas sombrias da floresta verde, que não se movia mais que eles.

Com um gemido cujo som parecia o de um galho se quebrando sob um peso grande demais, o Homem Verde desabou no chão com um estrondo. Metade de sua cabeça estava esturricada e enegrecida. Tentáculos de fumaça ainda saíam dele, como trepadeiras cinzentas. Folhas queimadas caíam de seu braço enquanto ele estendia dolorosamente a mão enegrecida para envolver gentilmente uma noz.

A terra tremeu quando uma muda de carvalho começou a crescer entre seus dedos. A cabeça do Homem Verde caiu, mas a muda subiu na direção do sol, lutando. Raízes brotaram e engrossaram, enterraram-se sob o solo e voltaram a subir, engrossando ainda mais à medida que afundavam. O tronco ficou mais robusto e se estendeu para o alto, a casca tornando-se cinza, cheia de fissuras, antiga. Galhos se espalharam e se tornaram pesados, grandes como braços, grandes como homens, erguendo-se para acariciar o céu, carregados de folhas verdes, repletos de bolotas. A teia maciça das raízes revirava a terra como um arado à medida que se espalhava; o tronco já imenso estremeceu, ficou maior, redondo como uma casa. E veio o silêncio. E um carvalho que podia estar ali havia quinhentos anos cobria o ponto onde o Homem Verde estivera, marcando o túmulo de uma lenda. Nynaeve jazia caída sobre as raízes retorcidas, que haviam crescido curvadas para se acomodarem à sua forma, criando um leito sobre o qual ela descansava. O vento suspirava entre os galhos do carvalho; parecia murmurar um adeus.

Até mesmo Aginor mostrava-se espantado. Então ele levantou a cabeça, os olhos cavernosos queimando de ódio.

— Chega! Já passou da hora de acabar com isso!

— Sim, Abandonado — disse Moiraine, a voz fria como o gelo do inverno mais profundo. — Passou da hora!

A Aes Sedai ergueu a mão, e o chão cedeu sob os pés de Aginor. Chamas rugiram na cratera, atizadas num frenesi pelo vento que uivava de todas as direções, sugando um redemoinho de folhas para dentro do fogo, que parecia se

solidificar em uma geleia amarela com listras vermelhas, puro calor. No meio disso tudo estava Aginor, seus pés sustentados pelo ar. O Abandonado pareceu surpreso, mas então sorriu, e deu um passo à frente. Foi um passo lento, como se o fogo tentasse enredá-lo onde estava, mas ele deu esse passo, e depois outro.

— Corram! — ordenou Moiraine, o rosto branco de tensão. — Todos vocês, corram!

Aginor andava sobre o ar, na direção da margem das chamas.

Rand estava consciente dos outros se movendo, Mat e Perrin correndo na periferia de sua visão, as pernas compridas de Loial levando-o para o meio das árvores, mas tudo o que ele realmente conseguia ver era Egwene, que estava ali, rígida, o rosto pálido e os olhos fechados. Não era o medo que a detinha, ele percebeu. Ela estava tentando lançar seu patético domínio do Poder, sem nenhum treinamento, contra o Abandonado.

Agarrou-a pelo braço e puxou-a para que o encarasse.

— Corra! — gritou para ela. Os olhos se abriram, encarando-o, furiosa com sua interferência, líquidos de ódio por Aginor, de medo do Abandonado. — Corra — disse, empurrando-a na direção das árvores com força suficiente para impulsioná-la. — Corra! — Com isso, ela correu.

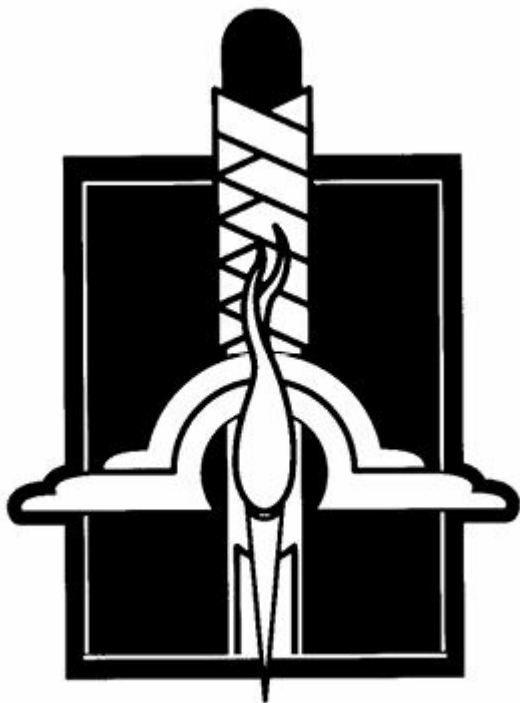
Mas o rosto engelhado de Aginor se virou na direção dele, na direção de Egwene, que corria às suas costas, enquanto o Abandonado atravessava as chamas, como se o que a Aes Sedai estava fazendo não lhe dissesse respeito. Na direção de Egwene.

— Ela não! — gritou Rand. — Que a Luz o queime! Ela não!

Ele pegou uma pedra e a arremessou, com a intenção de chamar a atenção de Aginor. A meio caminho do rosto do Abandonado, a pedra se transformou em pó.

Ele hesitou apenas por um instante, tempo suficiente para olhar para trás e ver que Egwene estava oculta nas árvores. As chamas ainda cercavam Aginor, pedaços de seu manto estavam em chamas, mas ele caminhava como se tivesse todo o tempo do mundo, e a borda do fogo estava próxima. Rand se virou e correu. Atrás dele, ouviu Moiraine começar a gritar.





A terra tendia a subir na direção que Rand tomou, mas o medo dava força a suas pernas, que cobriam o terreno a passos largos, abrindo caminho à força por entre arbustos em flor e emaranhados de roseiras silvestres, espalhando pétalas para todo lado, sem ligar se espinhos rasgavam sua roupa ou até mesmo sua carne. Moiraine havia parado de gritar. Parecia que os gritos continuariam para sempre, cada um mais devastador que o anterior, mas Rand sabia que eles haviam durado somente alguns instantes. Instantes antes que Aginor estivesse em seu encalço. Sabia que seria ele quem Aginor seguiria. Vira a certeza nos olhos vazios do Abandonado naquele último segundo antes que o terror o fizesse disparar.

A terra foi ficando ainda mais íngreme, mas ele continuou correndo aos trancos e barrancos, forçando-se a avançar, puxando punhados de arbustos rasteiros — rochas, terra e folhas descendo encosta abaixo sob seus pés — e finalmente rastejando, quando a inclinação se tornou acentuada demais. À frente, acima, ela nivelava um pouco. Ofegante, cobriu as últimas poucas e difíceis braças, levantou-se e parou, com vontade de uivar alto.

Dez passos à frente, o topo da colina terminava num despenhadeiro. Ele sabia o que veria antes de chegar lá, mas deu os passos mesmo assim, cada um mais pesado que o anterior, torcendo para que houvesse algum caminho, uma trilha de cabras, qualquer coisa. Na beirada, ele olhou para baixo, para uma queda de mais de quinze braças, uma muralha de rocha tão lisa quanto madeira aplainada.

Tem de haver algum caminho. Vou voltar e encontrar um jeito de dar a volta. Voltar e...

Quando se virou, Aginor estava acabando de chegar à crista. O Abandonado alcançou o topo da colina sem nenhuma dificuldade, subindo a encosta íngreme como se fosse terreno plano. Olhos afundados ardiam naquele rosto murcho como pergaminho ao olhar para ele; de algum modo, Aginor parecia menos murcho que antes, mais cheio de carne, como se tivesse se alimentado bem de alguma coisa. Aqueles olhos fixavam-se nele, mas quando Aginor falou, foi quase como se para si mesmo.

— Ba'alzamon dará recompensas além de qualquer sonho mortal para aquele que levar você a Shayol Ghul. E, no entanto, meus sonhos sempre foram os de outros homens, e deixei a mortalidade para trás há milênios. Qual é a diferença se você servir ao Grande Senhor das Trevas vivo ou morto? Nenhuma, para a disseminação da Sombra. Por que eu deveria compartilhar poder com você? Por que eu deveria me ajoelhar perante você? Eu, que enfrentei Lews Therin Telamon no próprio Salão dos Servos. Eu, que lancei meu poder contra o Senhor da Manhã e o enfrentei de igual para igual, golpe a golpe. Eu acho que não.

A boca de Rand ficou seca como pó; ele sentia a língua murcha como o rosto de Aginor. A beira do precipício raspava sob seus calcanhares, pedras caindo. Ele não ousava olhar para trás, mas ouviu as rochas batendo e ecoando na parede lisa, exatamente o que aconteceria com seu corpo se ele se movesse mais um dedo. Foi assim que ele percebeu que estava recuando, distanciando-se do Abandonado. *Tem de haver algum jeito de escapar dele. Algum jeito de escapar! Tem de haver! Algum jeito!*

Subitamente ele sentiu alguma coisa, viu, embora soubesse que não estava ali para ser vista. Uma corda reluzente saía de Aginor, atrás dele, branca como a luz do sol através da nuvem mais pura, mais pesada que o braço de um ferreiro, mais leve que o ar, conectando o Abandonado a algo distante além do conhecimento, algo ao alcance da mão de Rand. A corda pulsava, e a cada pulsação Aginor ficava mais forte, com mais carne, um homem tão alto e forte quanto ele próprio, um homem mais duro que o Guardião, mais mortífero que a Praga. E, no entanto, para além daquela corda brilhante, o Abandonado parecia quase não existir. A corda era tudo. Ela zumbia. Ela cantava. Ela chamava a alma de Rand. Um fio brilhante, fino como um dedo, surgiu, veio vagando, tocou-o, e ele arquejou. A luz o preencheu, e um calor que deveria queimar, mas apenas o aquecia, como se roubasse o frio do túmulo de seus ossos. O fio ficou mais grosso. *Preciso escapar!*

— Não! — gritou Aginor. — Você não o terá! Ele é meu!

Rand não se moveu, nem o Abandonado, mas lutavam como se estivessem se atracando no pó. O suor cobria o rosto de Aginor, que não era mais murcho, e sim o de um homem forte no auge da vida. Rand pulsava na batida da corda, como a batida do coração do mundo. Ela preenchia seu ser. A luz preencheu sua mente, até que restou apenas um canto para o que era ele mesmo. Ele envolveu aquele nicho com o vazio; abrigado na ausência de tudo. *Escapar!*

— Meu! — gritou Aginor. — Meu!

Um calor cresceu dentro de Rand, o calor do sol, o brilho radiante do sol, explodindo, o terrível fulgor de luz, da Luz. *Escapar!*

— Meu! — Chamas saíram pela boca de Aginor, irromperam de seus olhos como lanças de fogo, e ele gritou.

Escapar!

E Rand não estava mais no topo da colina. Ele tremia com a Luz que o preenchia por inteiro. Sua mente não funcionava; a luz e o calor o cegavam. A Luz No

meio do vazio, a Luz cegava sua mente, estonteava-o de assombro.

Ele estava no alto de uma passagem larga na montanha, cercado por picos negros irregulares como os dentes do Tenebroso. Aquilo era real; ele estava ali. Ele sentia as pedras sob suas botas, a brisa gelada no rosto.

Uma batalha o cercava, ou pelo menos o fim de uma batalha. Homens com armaduras em cavalos com armaduras, com o aço brilhante coberto de pó, cortavam e estocavam Trollocs, que rosnavam e brandiam machados com um lado perfurante e espadas semelhantes a foices. Alguns homens lutavam a pé, depois que seus cavalos haviam sido atingidos e derrubados, e cavalos com armadura galopavam em meio ao combate com selas vazias. Desvanecidos se moviam no meio de todos, seus mantos da cor da noite pendendo imóveis por mais rápido que suas montarias escuras galopassem, e onde quer que suas espadas devoradoras de luz atacassem, homens morriam. O som batia em Rand, batia nele e ricocheteava no estranhamento que o tinha preso pelo pescoço. O choque de aço contra aço, o ofegar e o grunhir de homens e Trollocs lutando, os gritos de homens e Trollocs morrendo. Por cima da algazarra, estandartes tremulavam no ar cheio de pó. O Falcão Negro de Fal Dara, a Gazela Branca de Shienar, outros. E estandartes Trollocs. Só no pequeno espaço ao seu redor ele viu o crânio com chifres dos Dha'vol, o tridente vermelho de sangue dos Ko'bal, o punho de ferro dos Dhai'mon.

E no entanto era de fato a parte final da batalha, uma pausa, enquanto humanos e Trollocs recuavam para se reagrupar. Nenhum deles pareceu reparar na presença de Rand enquanto davam uns últimos golpes e se afastavam, a galope, ou correndo, cambaleantes, até as extremidades da passagem.

Rand se viu olhando para a extremidade da passagem onde os humanos estavam se reagrupando, flâmulas balançando sob pontas reluzentes de lanças. Homens feridos oscilavam nas selas. Cavalos sem cavaleiros empinavam e galopavam. Estava claro que eles não suportariam mais um embate, mas tão claro quanto isso era o fato de que se preparavam para a carga final. Alguns deles o viram; homens se levantavam nos estribos para apontar para ele. Seus gritos chegaram até ele como sibilos quase inaudíveis.

Cambaleando, ele se virou. As forças do Tenebroso preenchiam a outra ponta da passagem, lanças negras e pontas afiadas formavam um tapete gigante sobre encostas de montanhas ainda mais enegrecidas por causa da grande massa de Trollocs que se agigantava ante o exército de Shienar. Desvanecidos às centenas cavalgavam na frente da horda, rostos focinheiros e ferozes de Trollocs se virando de medo à medida que eles passavam, corpos imensos recuando para

lhes dar passagem. Nos céus, Dragkhar rodopiavam com asas de couro, gritos desafiando o vento. Os Meios-homens o viram também, apontaram, e Dragkhar giraram e mergulharam. Dois. Três. Seis deles, soltando gritos agudos ao arremeterem em sua direção.

Ele os encarou. Um calor tomou conta dele, o calor abrasador do sol tocado. Ele podia ver claramente os Dragkhar, olhos sem alma de pálidos rostos humanos nos corpos alados que nada tinham de humanidade. Um calor terrível. Um calor crepitante.

Do céu límpido surgiram raios, cada um direto e certo, cegando-lhes os olhos, cada raio atingindo uma forma negra alada. Gritos de caça se tornaram gritos de morte, e formas carbonizadas despencaram, deixando o céu limpo novamente.

O calor. O calor terrível da Luz.

Ele caiu de joelhos; pensou poder ouvir suas lágrimas evaporando no rosto.

— Não! — Ele agarrou tufo de grama dura e seca para se ancorar de alguma forma na realidade; a grama pegou fogo. — Por favor, não! não! não!

O vento aumentou com sua voz, uivou com sua voz, rugiu com sua voz pela passagem, transformando as chamas numa parede de fogo que se afastou dele a toda a velocidade na direção da hoste Trolloc, mais rápido que um cavalo podia correr. O fogo incendiou os Trollocs, e as montanhas tremeram com os gritos deles, gritos quase tão altos quanto o vento e a voz de Rand.

— Isso tem de acabar!

Ele bateu com o punho no chão, e a terra soou como um gongo. Feriu as mãos no solo pedregoso, e a terra tremeu. As ondulações percorreram o chão à sua frente em cristas cada vez mais altas, vagas de terra e rocha que assomaram sobre Trollocs e Desvanecidos, quebrando sobre eles ao mesmo tempo que as montanhas se despedaçavam sob seus cascos. Uma massa fervilhante de carne e escombros varreu, esmagadora, o exército Trolloc. O que restou de pé ainda era uma hoste poderosa, mas não mais que duas vezes o exército humano em número, e perdidos em medo e confusão.

O vento morreu. Os gritos morreram. A terra estava parada. O pó e a fumaça voltaram pela passagem para cercá-lo.

— Que a Luz o cegue, Ba'alzamon! Isso tem de acabar!

NÃO SERÁ AQUI.

Não era o pensamento de Rand que fazia seu crânio vibrar.

EU NÃO TOMAREI PARTE NISSO. APENAS O ESCOLHIDO PODE FAZER O QUE DEVE SER FEITO, SE QUISER.

— Onde? — Rand não queria perguntar, mas não conseguiu evitar. — Onde?

A neblina que o cercava se abriu, deixando uma cúpula de ar claro e limpo de dez braças de altura, com paredes de fumaça e poeira. Diante dele se erguia uma escadaria, cada degrau suspenso no ar sozinho, estendendo-se para dentro da escuridão que obscurecia o sol.

NÃO AQUI.

Através da nuvem de poeira, como se dos confins da terra, veio um grito.

— É a vontade da Luz! — O chão rugiu com o trovão de cascos quando as forças da humanidade se lançaram em sua última carga.

Dentro do vazio, sua mente teve um momento de pânico. Os cavaleiros que atacavam não podiam vê-lo na poeira; seu ataque passaria por cima dele. A maior parte dele ignorou o chão que tremia como uma coisa boba, indigna de preocupá-lo. Com uma raiva entorpecida movendo seus pés, ele subiu os primeiros degraus. *Isso tem de acabar!*

A escuridão o cercou, o profundo negror do nada total. Os degraus ainda estavam ali, pendendo no escuro, sob seus pés e além. Quando olhou para trás, os que ele havia percorrido tinham desaparecido, desvanecidos no nada, unidos ao vazio a seu redor. Mas a corda ainda estava ali, estendida atrás dele, a linha reluzente diminuindo de tamanho e desaparecendo na distância. Não estava tão espessa quanto antes, mas ainda pulsava, bombeando força para dentro dele, bombeando vida, preenchendo-o com a Luz. Ele subiu.

Subiu pelo que parecia uma eternidade. Uma eternidade, e alguns minutos. O tempo não passava no nada. O tempo passava mais rápido. Subiu até que subitamente uma porta apareceu diante dele, sua superfície rústica, lascada e velha, uma porta da qual ele se lembrava bem. Ele a tocou, e ela explodiu em fragmentos. Enquanto estes ainda caíam, ele a atravessou, com estilhaços de madeira caindo de seus ombros.

A câmara também estava como ele se lembrava, o céu louco e estriado além da varanda, as paredes derretidas, a mesa polida, a terrível lareira com suas chamas

que rugiam sem calor. Alguns dos rostos que compunham a lareira, contorcendo-se, atormentados, gritando em silêncio, instigavam sua memória como se ele os conhecesse, mas Rand manteve o vazio por perto, flutuando dentro de si mesmo. Estava sozinho. Quando olhou para o espelho na parede, seu rosto estava ali, tão claro quanto se fosse *mesmo* ele. *Há calma no vazio.*

— Sim — disse Ba'alzamon, de seu lugar na frente da lareira. — Eu achei que a ganância de Aginor o derrotaria. Mas no fim não faz diferença. Foi uma longa busca, mas agora ela terminou. Você está aqui, e eu sei quem você é.

Em meio à Luz pairava o vazio, e no meio do vazio flutuava Rand. Ele estendeu a mão para tocar o solo de sua casa e sentiu rocha dura, seca e inabalável, pedra sem piedade, onde somente os fortes podiam sobreviver, somente aqueles tão duros quanto as montanhas.

— Estou cansado de correr. — Não conseguia acreditar que sua voz estivesse tão calma. — Cansado de você ameaçando meus amigos. Eu não vou fugir mais. — Ba'alzamon tinha uma corda também, ele viu. Uma corda negra, bem mais grossa que a dele, tão larga que o corpo humano deveria ser minúsculo se comparado a ela, e no entanto Ba'alzamon a tornava minúscula em comparação. Cada pulsação ao longo daquela veia negra comia luz.

— Você acha que faz alguma diferença, fugir ou ficar? — As chamas da boca de Ba'alzamon riram. Os rostos na lareira choraram com o regozijo de seu mestre. — Você fugiu de mim muitas vezes, e em todas elas eu o encontrei e fiz você engolir seu orgulho temperado com lágrimas amargas. Muitas vezes você ficou e lutou, e depois rastejou, derrotado, implorando misericórdia. Você tem esta chance, verme, e somente esta chance: ajoelhe-se aos meus pés e me sirva bem, e eu lhe darei poder acima dos tronos; ou seja um tolo fantoche de Tar Valon e grite enquanto a Roda o faz se juntar à poeira do tempo.

Rand se mexeu, olhando de volta para a porta como se procurasse um modo de escapar. Que o Tenebroso pensasse isso. Além da entrada havia ainda o negror do nada, cindido pelo fio reluzente que saía de seu corpo. E lá fora corria também o cordão mais pesado de Ba'alzamon, tão negro que se destacava no escuro como se contra a neve. Os dois cordões pulsavam como veias em contratempo, um contra o outro, a luz quase não resistindo às ondas das trevas.

— Há outras escolhas — disse Rand. — A Roda tece o Padrão, e não você. De cada armadilha que você montou para mim eu escapei. Eu escapei de seus Desvanecidos e Trollocs, escapei de seus Amigos das Trevas. Rastreei você até aqui, e destruí seu exército no caminho. Você não tece o Padrão.

Os olhos de Ba'alzamon rugiram como duas fornalhas. Seus lábios não se moveram, mas Rand achou tê-lo ouvido praguejar contra Aginor. Então os fogos morreram, e aquele rosto humano comum sorriu para ele de um jeito que gelava até mesmo através do calor da Luz.

— Outros exércitos podem ser formados, tolo. Exércitos com os quais você nem sequer sonhou ainda virão. E você me rastreou? Você, uma lesma embaixo de uma rocha, me rastrear? Eu comecei a definir o seu caminho no dia em que você nasceu, um caminho para levar você à sua tumba, ou trazê-lo aqui. Aiel que tiveram a permissão para fugir, e um para viver, para dizer as palavras que ecoariam por anos a fio. Jain, o Viajante, um herói — ele deturpou a palavra com seu desdém —, a quem pinteí como um tolo e enviei para os Ogier pensando que estava livre de mim. A Ajah Negra, mulheres rastejando como vermes pelo mundo inteiro à sua procura. Eu puxo os cordéis, e o Trono de Amyrlin dança e acha que controla os acontecimentos.

O vazio tremeu; rapidamente Rand tornou a firmá-lo. *Ele sabe de tudo. Ele poderia ter feito isso. Pode ter sido da maneira que ele diz.* A Luz aqueceu o vazio. A dúvida gritou e foi aquietada, até que apenas a semente permaneceu. Ele se viu num embate interno, sem saber se queria enterrar a semente ou fazê-la crescer. O vazio se firmou, menor do que antes, e ele flutuou na calma.

Ba'alzamon pareceu não notar nada.

— Não faz diferença se eu o possuir vivo ou morto, a não ser para você, e para o poder que você possa ter. Você me servirá, ou sua alma o fará. Mas eu preferia que você se ajoelhasse perante mim vivo a morto. Um único punho de Trollocs enviado para sua aldeia quando eu podia ter enviado mil. Um Amigo das Trevas para enfrentar você onde cem poderiam encontrá-lo enquanto dormia. E você, tolo, você nem sequer os conhece a todos, nem os que estão adiante, nem os que ficaram para trás, nem os que estão ao seu lado. Você é meu, sempre foi meu, meu cão na coleira, e eu o trouxe aqui para se ajoelhar perante seu dono ou morrer e deixar que sua alma se ajoelhe.

— Eu renego você. Você não tem poder sobre mim, e eu não me ajoelharei a você, vivo ou morto.

— Veja — disse Ba'alzamon. — Veja.

Mesmo sem o desejar, Rand virou a cabeça.

Egwene estava ali, e Nynaeve, pálidas e assustadas, com flores nos cabelos. E outra mulher, um pouco mais velha que a Sabedoria, de olhos cinzentos e bonita,

vestida com um vestido dos Dois Rios, botões de flor brilhantes bordados ao redor do pescoço.

— Mãe? — disse Rand baixinho, e ela sorriu, um sorriso sem esperança. O sorriso de sua mãe. — Não! Minha mãe morreu, e as outras duas estão a salvo, longe daqui. Eu renego você! — Egwene e Nynaeve ficaram borradas, tornaram-se uma névoa difusa e se dissiparam. Kari al'Thor ainda estava parada ali, os olhos arregalados de medo.

— Ela, pelo menos — disse Ba'alzamon —, é minha para fazer o que quiser.

Rand sacudiu a cabeça.

— Eu renego você. — Ele teve de forçar as palavras a saírem. — Ela está morta, e a salvo de você na Luz.

Os lábios de sua mãe tremeram. Lágrimas desceram por seu rosto; cada uma delas o queimava como ácido.

— O Senhor da Tumba está mais forte do que era, meu filho — disse ela. — Seu alcance é maior. O Pai das Mentiras tem uma língua de mel para almas incautas. Meu filho. Meu único, querido filho. Eu pouparia você se pudesse, mas agora ele é meu mestre, e cada desejo dele, a lei da minha existência. Não posso mais que obedecer a ele, e rastejar pela boa vontade dele. Só você pode me libertar. Por favor, meu filho. Por favor, me ajude. Me ajude. Me ajude! POR FAVOR!

O grito saiu rasgado dela quando Desvanecidos, rostos pálidos e sem olhos, a cercaram. Suas roupas foram arrancadas pelas mãos sem sangue deles, mãos com pinças, tornos e coisas que perfuravam, queimavam e chicoteavam sua carne nua. Seus gritos não tinham fim.

O grito de Rand ecoou o dela. O vazio ferveu em sua mente. A espada estava em sua mão. Não a lâmina com a marca da garça, mas uma lâmina de luz, uma lâmina da Luz. Ao erguê-la, um furioso raio de luz branca disparou de sua ponta, como se a própria lâmina tivesse se estendido. Ela tocou o Desvanecido mais próximo, e uma incandescência cegante preencheu a câmara, atravessando reluzente os Meios-homens como uma vela queimando papel, calcinando-os, cegando-o.

Em meio ao brilho, ele ouviu um sussurro.

— Obrigada, meu filho. A Luz. Abençoada Luz.

O clarão se apagou, e ele estava sozinho na câmara com Ba'alzamon. Os olhos de Ba'alzamon ardiam como o Poço da Perdição, mas ele se afastou da espada como se esta fosse de fato a própria Luz.

— Idiota! Você se destruirá! Você não pode lidar com isso assim, não ainda! Não até que eu lhe ensine!

— Acabou — disse Rand e golpeou a corda negra de Ba'alzamon com a espada.

Ba'alzamon gritou quando a espada desceu, gritou até as paredes de pedra tremerem, e o uivo infinito foi redobrado quando a lâmina de Luz cortou o cordão. As extremidades da corda chicotearam como se tivessem estado sob tensão. A extremidade que se estendia na direção do nada lá fora começou a murchar enquanto era puxada para longe; a outra voltou para Ba'alzamon, jogando-o contra a lareira. Houve uma risada silenciosa nos gritos sem som das faces torturadas. As paredes estremeceram e racharam; o chão se ergueu, e pedaços de pedra do teto caíram no chão.

Enquanto tudo ruía ao seu redor, Rand apontou a espada para o coração de Ba'alzamon.

— Acabou!

A lâmina disparou uma lança de luz, coruscante numa chuva de fagulhas incandescentes, brancas como gotículas de metal derretido. Uivando, Ba'alzamon ergueu os braços num vão esforço de se proteger. Chamas estrilaram em seus olhos, juntando-se a outras chamas enquanto a pedra se incendiava, a pedra das paredes que rachavam, a pedra do chão que se erguia, a pedra que chovia do teto. Rand sentiu o fio brilhante ligado a ele ficando mais fino, até restar somente um brilho suave, mas ele se esforçou mais, sem saber o que fazia, nem como, apenas que aquilo tinha de acabar. *Isso tem de acabar!*

Um fogo preencheu o aposento, uma chama sólida. Ele podia ver Ba'alzamon murchando como uma folha, ouvi-lo uivando, sentir os gritos agudos raspando seus ossos. A chama se tornou luz, pura, branca, mais brilhante que o sol. Então o último lampejo do fio desapareceu, e ele caiu por um negror infinito e pelo uivo de Ba'alzamon, que desvanecia.

Alguma coisa o atingiu com uma força tremenda, transformando-o em geleia, que tremeu e gritou, por causa das chamas furiosas em seu interior, do frio faminto e ardente, sem fim.





Não Há Começo Nem Fim

Primeiro, Rand se deu conta do sol, movendo-se por um céu sem nuvens, preenchendo seus olhos que não piscavam. Parecia andar aos trancos, ficando parado por dias e em seguida disparando adiante num risco de luz, rumo ao horizonte distante, o dia caindo junto com ele. Luz. *Isso deveria significar alguma coisa.* O pensamento era algo novo. *Eu posso pensar. E eu significa eu.* Em seguida veio a dor, a lembrança de uma febre terrível, os hematomas onde tremores de frio o haviam jogado de um lado para outro como uma boneca de pano. E um fedor. Um cheiro gorduroso, de queimado, que preenchia suas narinas e sua cabeça.

Com os músculos doloridos, ele se virou e se ergueu, conseguindo ficar de quatro. Sem compreender, olhou fixamente para as cinzas oleosas sobre as quais estivera deitado, cinzas dispersas, manchas sobre a rocha no topo da colina. Pedacos de tecido verde-escuro jaziam misturados ao carvão, fragmentos com as bordas enegrecidas que haviam escapado das chamas.

Aginor.

Seu estômago se revirou. Tentando limpar as manchas negras de cinzas de suas roupas, ele se afastou tropeçadamente dos restos do Abandonado. Suas mãos se moviam debilmente, o que não o fazia avançar muito. Tentou usar as duas mãos e caiu para a frente. Diante de seu rosto estendia-se uma queda brusca, um paredão de rocha lisa que girava em sua visão, com a altura a atraí-lo. Sua cabeça começou a rodopiar, e ele vomitou sobre a beira do precipício.

Tremendo, rastejou de bruços para trás até ver pedra sólida sob os olhos, e então se virou e caiu de costas, ofegante. Com grande esforço, tirou a espada da bainha. Apenas algumas cinzas restavam do pano vermelho. Suas mãos tremeram quando ele a segurou na frente do rosto; foram necessárias as duas mãos. Era uma lâmina com a marca da garça... *Marca da garça? Sim. Tam. Meu pai...* Mas era apenas aço. Precisou de três tentativas vacilantes para tornar a embainhá-la. *Ela havia sido alguma outra coisa. Ou então havia outra espada.*

— Meu nome — disse, depois de um tempo — é Rand al'Thor. — Mais lembranças voltaram violentamente à sua cabeça, como uma bola de chumbo, e ele gemeu. — O Tenebroso — sussurrou para si mesmo. — O Tenebroso está morto. — Não havia mais necessidade de cautela. — Shai'tan está morto. — O mundo pareceu balançar. Ele tremeu em um júbilo silencioso até as lágrimas começarem a jorrar de seus olhos. — Shai'tan está morto! — Ele riu para o céu. Outras lembranças. — Egwene! — Aquele nome significava algo importante.

Dolorosamente ele se levantou, oscilando como um salgueiro numa ventania, e passou, cambaleante, pelas cinzas de Aginor sem olhar para elas. *Isso não importa mais.* Ele mais caiu do que desceu por aquela primeira parte íngreme da encosta, tropeçando e escorregando de um arbusto a outro. Quando chegou a uma parte mais reta do terreno, seus hematomas doíam duas vezes mais, no entanto ele encontrou forças suficientes para ficar em pé, precariamente. *Egwene.* Ele partiu numa corrida desengonçada. Uma chuva de folhas e pétalas de flores caía ao seu redor enquanto ele passava aos trancos pela mata rasteira. *Tenho de encontrá-la. Quem é ela?*

Seus braços e pernas pareciam mais se vergar como longas folhas de relva que agir como ele ordenava. Vacilante, caiu de encontro a uma árvore, batendo com tanta força no tronco que soltou um grunhido. Uma chuva de folhas caiu em sua cabeça enquanto ele pressionava o rosto contra a casca rugosa, segurando-se para não cair. *Egwene.* Ele se forçou a se afastar da árvore e continuou correndo. Quase imediatamente voltou a vacilar, caindo, mas forçou as pernas a se moverem mais rápido, correrem na direção da descida, de modo que passou a cambalear numa boa velocidade, sempre a um passo de cair de cara no chão. Movimentar-se fez com que suas pernas comessem a obedecer mais. Lentamente, ele se viu correndo ereto, braços subindo e descendo, as pernas compridas levando-o aos saltos encosta abaixo. Entrou com um pulo na clareira, cuja metade fora tomada pelo grande carvalho que marcava o túmulo do Homem Verde. Lá estavam o arco de pedra branca marcado com o símbolo ancestral das Aes Sedai e o poço escuro onde fogo e vento haviam tentado capturar Aginor e falhado.

— Egwene! Egwene, onde está você? — Uma garota bonita, de olhos grandes, levantou a cabeça de onde estava ajoelhada sob os galhos, com flores no cabelo, e folhas marrons de carvalho. Era esguia e jovem, e estava com medo. *Sim, é assim que ela é. É claro.* — Egwene, graças à Luz você está bem.

Havia duas outras mulheres com ela, uma com olhos assombrados e uma longa trança, ainda decorada com algumas estrelas-da-manhã brancas. A outra jazia estendida no chão, a cabeça sobre um travesseiro de mantos dobrados, seu próprio manto azul-celeste quase não escondendo o vestido em farrapos. Viam-se pontos chamuscados e rasgões no rico tecido, e o rosto dela mostrava-se pálido, mas seus olhos estavam abertos. *Moiraine. Sim, a Aes Sedai. E a Sabedoria, Nynaeve.* As três mulheres olharam para ele, sem piscar, intensamente.

— Você está *mesmo* bem, não está? Egwene? Ele não machucou você. — Rand já conseguia andar sem tropeçar, e a visão dela o fazia ter vontade de dançar, com hematomas e tudo, mas ainda assim foi bom sentar-se de pernas cruzadas ao lado delas.

— Eu nem sequer o vi depois que você me empurrou... — Os olhos dela o observavam, inseguros. — E você, Rand?

— Eu estou bem. — Ele riu. Tocou o rosto dela e ficou se perguntando se havia imaginado um leve recuo da parte dela. — Um pouco de descanso, e estarei novo em folha. Nynaeve? Moiraine Sedai? — A sensação era de que os nomes eram novos em sua boca.

Os olhos da Sabedoria eram velhos, antigos em seu rosto jovem, mas ela balançou a cabeça.

— Um pouco machucada — respondeu, ainda a observá-lo. — Moiraine é a única... a única de nós que foi realmente ferida.

— Fui mais ferida em meu orgulho que em qualquer outro lugar — disse a Aes Sedai, irritada, puxando o manto que a cobria. Era como se ela tivesse estado doente por muito tempo, ou sofrido maus-tratos, mas, apesar dos círculos escuros sob os olhos, estes estavam aguçados e cheios de poder. — Aginor ficou surpreso e furioso por eu tê-lo segurado por tanto tempo, mas felizmente ele não tinha tempo a perder comigo. Eu mesma estou surpresa por tê-lo detido todo aquele tempo. Na Era das Lendas, Aginor quase se equiparava ao Fratricida e a Ishamael em termos de poder.

— “O Tenebroso e todos os Abandonados” — citou Egwene, com uma voz fraca

e insegura — “estão presos em Shayol Ghul, presos pelo Criador...” — Ela respirou fundo e estremeceu.

— Aginor e Balthamel devem ter sido aprisionados perto da superfície. — Moiraine soava como se já tivesse explicado aquilo, impaciente por ter de fazê-lo de novo. — O remendo na prisão do Tenebroso enfraqueceu o suficiente para libertá-los. Vamos agradecer por mais nenhum dos Abandonados ter conseguido escapar. Se isso tivesse acontecido, nós os teríamos visto.

— Não importa — disse Rand. — Aginor e Balthamel estão mortos, assim como Shai...

— O Tenebroso. — A Aes Sedai o interrompeu. Doente ou não, sua voz era firme, e seus olhos escuros transmitiam autoridade. — É melhor que ainda o chamemos de Tenebroso. Ou pelo menos de Ba'alzamon.

Ele deu de ombros.

— Como desejar. Mas ele está morto. O Tenebroso está morto. Eu o matei. Eu o queimei com... — O resto da lembrança veio numa enxurrada, deixando-o de queixo caído. *O Poder Único. Eu usei o Poder Único. Nenhum homem pode...* Ele umedeceu os lábios subitamente secos. Uma rajada de vento fez as folhas caídas rodopiarem ao redor deles, mas ela não estava mais gelada que seu coração. Elas estavam olhando para ele, as três. Observando. Nem sequer piscando. Ele estendeu a mão para Egwene, e desta vez não foi sua imaginação: ela recuou. — Egwene? — Ela virou o rosto, e ele deixou a mão cair.

Subitamente ela o abraçou, enterrando o rosto em seu peito.

— Desculpe, Rand. Desculpe. Eu não me importo. Sério, não me importo.

Seus ombros sacudiam. Ele achou que ela estava chorando. Dando palmadinhas em sua cabeça, desajeitado, olhou para as outras duas mulheres por cima da cabeça dela.

— Há de ser o que a Roda tecer — disse Nynaeve, devagar —, mas você ainda é Rand al'Thor de Campo de Emond. Contudo, que a Luz me ajude, que a Luz ajude a todos nós, você é perigoso demais, Rand. — Ele se arrepiou com o olhar da Sabedoria, sentindo-se triste, pesaroso e já aceitando a perda.

— O que aconteceu? — perguntou Moiraine. — Conte-me *tudo*!

E, com seus olhos sobre ele, imperativos, ele contou. Quis desviar, resumir tudo,

deixar coisas de fora, mas os olhos da Aes Sedai extraíram tudo dele. Lágrimas correram por seu rosto quando chegou a Kari al'Thor. Sua mãe. Ele destacou isso.

— Ele tinha minha mãe. Minha mãe! — Havia simpatia e dor no rosto de Nynaeve, mas os olhos da Aes Sedai o compeliram a continuar, a falar da espada de Luz, de cortar o cordão negro e das chamas que consumiram Ba'alzamon. Os braços de Egwene se apertaram ao seu redor como se o quisessem afastar do que havia acontecido. — Mas não fui eu — terminou. — A Luz... me puxou, me conduziu. Não fui realmente eu. Isso não faz nenhuma diferença?

— Eu desconfiei desde o começo — disse Moiraine. — Mas desconfiança não é prova. Depois que dei a vocês o símbolo, a moeda, e criei aquele vínculo, você deveria estar disposto a aceitar o que eu quisesse, mas você resistiu, questionou. Isso me disse alguma coisa, mas não o bastante. O sangue de Manetheren sempre foi teimoso, ainda mais depois que Aemon morreu e o coração de Eldrene foi estilizado. Depois veio Bela.

— Bela? — perguntou ele. *Nada faz a menor diferença.*

A Aes Sedai assentiu.

— Na Colina da Vigília, Bela não teve necessidade de que eu lhe aliviasse o cansaço; alguém já havia feito isso. Ela poderia ter ultrapassado Mandarb naquela noite. Eu deveria ter pensado em quem Bela estava carregando. Com Trollocs nos nossos calcanhares, um Draghar acima de nossas cabeças e um Meio-homem só a Luz sabia onde, como você deve ter temido que Egwene ficasse para trás... Você precisava de algo mais do que jamais precisara de qualquer coisa na vida, e buscou a única coisa que poderia dá-lo a você. *Saidin.*

Ele estremeceu. Sentia tanto frio que seus dedos doíam.

— Se eu nunca mais fizer isso novamente, se eu nunca mais tocá-lo, eu não vou... — Ele não conseguiu dizer. Enlouquecer. Levar a terra e as pessoas ao seu redor à loucura. Morrer, apodrecendo ainda em vida.

— Talvez — disse Moiraine. — Seria muito mais fácil se houvesse alguém para ensinar você, mas pode ser feito, com um esforço supremo de vontade.

— Você pode me ensinar. Certamente você... — Ele parou quando a Aes Sedai balançou a cabeça.

— Um gato pode ensinar um cão a subir em árvores, Rand? Um peixe, ensinar um pássaro a nadar? Eu conheço *saidar*, mas não posso lhe ensinar nada de *saidin*. Aqueles que poderiam estão mortos há quase três mil anos. Mas talvez você seja teimoso o bastante. Talvez sua vontade seja forte o bastante.

Egwene se endireitou, enxugando os olhos avermelhados com as costas da mão. Ela parecia querer dizer alguma coisa, mas, quando abriu a boca, nada saiu. *Pelo menos ela não está se afastando. Pelo menos ela consegue olhar para mim sem gritar.*

— E os outros? — perguntou ele.

— Lan os levou para dentro da caverna — disse Nynaeve. — O Olho se foi, mas há alguma coisa no meio do lago, uma coluna de cristal, e degraus para chegar até ela. Mat e Perrin queriam procurar você primeiro, e Loial também, mas Moiraine falou... — Ela olhou de relance para a Aes Sedai, preocupada. Moiraine retribuiu o olhar calmamente. — Ela falou que não deveríamos perturbar você enquanto você estivesse...

A garganta dele ficou apertada a ponto de ele mal conseguir respirar. *Será que eles vão virar o rosto como Egwene? Será que eles vão gritar e fugir correndo como se eu fosse um Desvanecido?* Moiraine falou como se não tivesse notado a palidez de seu rosto.

— Havia uma grande quantidade do Poder Único no Olho. Mesmo na Era das Lendas, poucos poderiam ter canalizado tanto sem ajuda e sem que isso os destruísse. Muito poucos.

— Você contou a eles? — perguntou ele, rouco. — Se todos souberem...

— Apenas Lan — disse Moiraine gentilmente. — Ele precisava saber. E Nynaeve e Egwene, pelo que elas são e pelo que se tornarão. Os outros ainda não têm necessidade.

— Por que não? — A garganta dele arranhou e fez sua voz ficar mais rouca. — Vocês vão querer me amansar, não vão? Não é o que as Aes Sedai fazem com homens que conseguem usar o Poder? Mudá-los para que não possam mais? Torná-los seguros? Thom disse que homens amansados morrem porque perdem a vontade de viver. Por que você não está falando em me levar para Tar Valon para ser amansado?

— Você é *ta'veren* — respondeu Moiraine. — Talvez o Padrão ainda não tenha terminado com você.

Rand se sentou, ereto.

— Nos sonhos, Ba'alzamon disse que Tar Valon e o Trono de Amyrlin tentariam me usar. Ele deu nomes, e eu me lembro deles agora. Raolin Algoz-das-trevas e Guaire Amalasan. Yurian Arco-de-pedra. Davian. Logain. — O último foi o mais difícil de dizer. Nynaeve ficou branca, e Egwene arquejou, mas ele continuou, irado. — Cada um deles, um falso Dragão. Não tente negar. Bem, eu não serei usado. Não sou uma ferramenta que vocês podem descartar depois de usada.

— Uma ferramenta feita para um propósito não vale menos por ter sido usada para esse propósito — a voz de Moiraine era tão dura quanto a dele próprio —, mas um homem que acredita no Pai das Mentiras diminui o próprio valor. Você diz que não será usado, e então deixa que o Tenebroso defina seu caminho como um cão enviado por seu dono para caçar um coelho.

Ele cerrou os punhos e virou a cabeça. Era semelhante demais às coisas que Ba'alzamon dissera.

— Não sou cão de ninguém. Está me ouvindo? De ninguém!

Loial e os outros apareceram no arco, e Rand se levantou com dificuldade, olhando para Moiraine.

— Eles não saberão — disse a Aes Sedai — até que o Padrão determine.

E então seus amigos se aproximaram. Lan vinha na frente, com o rosto tão duro como sempre mas ainda bastante depauperado. Tinha uma das ataduras de Nynaeve ao redor das têmporas e uma rigidez no andar. Atrás dele, Loial carregava um grande baú de ouro, ricamente trabalhado com relevos de prata. Ninguém a não ser um Ogier poderia tê-lo erguido sem ajuda. Perrin envolvia com os braços uma trouxa enorme de tecido branco dobrado, e Mat segurava com as duas mãos o que pareciam ser fragmentos de cerâmica.

— Então você está vivo afinal. — Mat riu. Seu rosto ficou sério, e ele indicou Moiraine com a cabeça. — Ela não nos deixou procurar você. Disse que tínhamos de descobrir o que o Olho escondia. Eu teria ido de qualquer maneira, mas Nynaeve e Egwene se juntaram a ela e quase me jogaram pelo arco.

— Você está aqui agora — disse Perrin —, e pelo visto nem apanhou tanto. — Seus olhos não brilhavam, mas as íris estavam completamente amarelas. — Isto é que é importante. Você está aqui, e nós terminamos o que viemos fazer, seja lá o que for. Moiraine Sedai diz que acabamos e podemos ir.

Para casa, Rand. Que a Luz me queime, mas eu quero ir para casa.

— É bom ver você vivo, pastor — disse Lan num tom áspero. — Vejo que continua com a espada. Talvez aprenda a usá-la agora. — Rand sentiu uma súbita afeição pelo Guardião; Lan sabia, mas, pelo menos por fora, nada havia mudado. Ele pensou que, talvez, para Lan, nada houvesse mudado por dentro também.

— Devo dizer — disse Loial, colocando o baú no chão — que viajar com *ta'veren* acabou sendo ainda mais interessante do que eu esperava. — Suas orelhas tremeram violentamente. — Se ficar mais interessante que isso, vou voltar ao Pouso Shangtai imediatamente, confessar tudo ao Ancião Haman e nunca mais deixar meus livros. — Subitamente o Ogier deu um sorriso, com a boca imensa, que dividiu seu rosto em dois. — É tão bom ver você, Rand al'Thor! O Guardião é o único destes três que se importa com livros, e ele não conversa. O que aconteceu com você? Nós todos fugimos e nos escondemos na floresta até Moiraine Sedai enviar Lan para nos encontrar, mas ela não nos deixou procurar por você. Por que ficou tanto tempo sumido, Rand?

— Eu corri e corri — respondeu ele devagar — até cair de uma colina e bater a cabeça numa pedra. Acho que bati em cada pedra na descida. — Isso deveria explicar os hematomas. Ele olhou para a Aes Sedai, e Nynaeve e Egwene também, mas seus rostos não se alteraram. — Quando acordei, estava perdido, e finalmente voltei para cá cambaleando. Acho que Aginor está morto, queimado. Encontrei algumas cinzas e pedaços do manto dele.

As mentiras soaram vazias aos seus ouvidos. Ele não conseguia compreender por que eles não riam, escarneciam e exigiam saber a verdade, mas seus amigos assentiram, aceitando, e se reuniram ao redor da Aes Sedai para mostrar a ela o que haviam encontrado.

— Ajudem-me a levantar — disse Moiraine. Nynaeve e Egwene a ergueram até ela ficar sentada; mesmo assim, tiveram de continuar apoiando seu corpo.

— Como essas coisas podiam estar dentro do Olho — perguntou Mat — sem serem destruídas como aquela rocha?

— Elas não foram postas ali para serem destruídas — respondeu a Aes Sedai polidamente, e desencorajou mais perguntas com a testa franzida enquanto pegava os fragmentos de cerâmica, pretos, brancos e brilhantes, com Mat.

Para Rand tudo aquilo parecia entulho, mas ela foi encaixando cada pedaço com destreza no chão ao seu lado, fazendo um círculo perfeito do tamanho da mão de um homem. O símbolo ancestral das Aes Sedai, a Chama de Tar Valon unida à

Presa do Dragão, preto lado a lado com branco. Por um momento Moiraine se limitou a olhar aquilo, seu rosto imperscrutável. Então ela pegou a faca em seu cinto e a entregou para Lan, indicando o círculo com um gesto da cabeça.

O Guardião separou a peça maior, depois ergueu a faca bem alto e golpeou com toda a força. Uma fagulha voou, o fragmento saltou com a força do impacto, e a lâmina se quebrou com um estalo. Ele examinou o toco que restou ligado ao cabo, depois a jogou de lado.

— O melhor aço de Tear — disse, seco.

Mat pegou o fragmento e grunhiu, depois mostrou-o a todos. Não havia uma marca sequer.

— *Cuendillar* — disse Moiraine. — Pedra-do-coração. Ninguém é capaz de fabricá-la desde a Era das Lendas, e mesmo então ela só era feita para os maiores propósitos. Uma vez feita, nada pode quebrá-la. Nem o próprio Poder Único usado pelos maiores Aes Sedai que já viveram auxiliados pelo mais poderoso *sa'angreal* já feito. Qualquer poder direcionado contra a pedra-do-coração só a torna mais forte.

— Então como...? — O gesto de Mat com a peça que ele segurava abarcou as outras peças no chão.

— Este era um dos sete selos da prisão do Tenebroso — disse Moiraine.

Mat deixou a peça cair como se ela tivesse ficado incandescente. Por um momento, os olhos de Perrin pareceram reluzir novamente. A Aes Sedai começou calmamente a recolher os fragmentos.

— Não importa mais — disse Rand. Seus amigos olharam para ele de modo estranho, e ele desejou ter ficado calado.

— É claro — respondeu Moiraine. Mas colocou cuidadosamente todas as peças em sua bolsa. — Traga-me o baú.

Loial o ergueu e o levou mais para perto dela.

O cubo achatado de ouro e prata parecia sólido, mas os dedos da Aes Sedai tatearam o trabalho intrincado, fazendo pressão, e com um clique súbito uma tampa se abriu como se tivesse molas por dentro. Uma trombeta de ouro estava aninhada em seu interior. Apesar de seu brilho, parecia simples ao lado do baú que a continha. A única marca era uma linha escrita em prata gravada ao redor

da embocadura. Moiraine ergueu a trombeta como quem segura um bebê.

— Isto deve ser levado a Illian — disse.

— Illian! — grunhiu Perrin. — Fica quase no Mar das Tempestades, quase tão ao sul de casa quanto estamos ao norte agora.

— Isso é...? — Loial parou para respirar. — Será possível que seja...?

— Você sabe ler a Língua Antiga? — perguntou Moiraine, e, quando ele assentiu, ela lhe entregou a trombeta.

O Ogier a pegou com tanta gentileza quanto ela, passando delicadamente o dedo enorme pela escrita. Seus olhos ficaram cada vez mais arregalados, e suas orelhas se ergueram.

— *Tia mi aven Moridin isainde vadin* — murmurou. — O túmulo não impede o meu chamado.

— A Trombeta de Valere. — Pela primeira vez o Guardião parecia realmente abalado; sua voz tinha um tom de assombro.

Ao mesmo tempo Nynaeve disse, a voz trêmula:

— Para invocar os heróis das Eras de volta dos mortos para lutar contra o Tenebroso.

— Que me queimem! — disse Mat, num suspiro.

Loial depositou reverentemente a trombeta de volta em seu ninho dourado.

— Eu começo a me perguntar — disse Moiraine. — O Olho do Mundo foi feito para atender a maior necessidade que o mundo jamais enfrentaria, mas foi feito para o uso que... nós... lhe demos? Ou para guardar estas coisas? Rápido, a última, me mostrem.

Depois das duas primeiras, Rand entendeu a hesitação de Perrin. Lan e o Ogier pegaram o tecido branco enrolado de suas mãos quando ele hesitou, e o desdobraram, cada um segurando uma ponta. Um longo estandarte branco se desfraldou, erguendo-se no ar. Rand só conseguia olhar fixamente para ele. A coisa inteira parecia feita de uma peça só, nem tecida, nem tingida, nem pintada. Uma figura como uma serpente, de escamas escarlates e douradas, percorria todo o estandarte, mas a serpente tinha também pernas escamosas, e patas com cinco longas garras douradas cada uma, e uma grande cabeça com uma juba

dourada e olhos como o sol. O tremular do estandarte fazia com que a criatura parecesse se mover, as escamas reluzindo como metais e pedras preciosas, viva, e ele quase pensou tê-la ouvido rugir em desafio.

— O que é isso? — perguntou ele.

Moiraine respondeu devagar.

— O estandarte do Senhor da Manhã quando ele liderou as forças da Luz contra a Sombra. O estandarte de Lews Therin Telamon. O estandarte do Dragão.

Loial quase deixou cair sua ponta.

— Que me queimem! — disse Mat baixinho.

— Vamos levar estas coisas conosco quando partirmos — disse Moiraine. — Elas não foram colocadas aqui por acaso, e eu preciso saber mais. — Seus dedos roçaram sua bolsa, onde estavam as peças do selo estilhaçado. — É tarde demais para começarmos agora. Vamos descansar e comer, mas partiremos cedo. A Praga está por toda parte aqui. Não é como ao longo da Fronteira, e está forte. Sem o Homem Verde, este lugar não pode resistir por muito tempo. Deixem que eu me deite — disse a Nynaeve e Egwene. — Preciso repousar.

Rand se deu conta do que estivera vendo o tempo todo, mas sem se dar conta. Folhas marrons mortas caindo do grande carvalho. Folhas mortas na brisa, transformando o chão num tapete espesso, marrom, misturado com pétalas caídas dos milhares de flores. O Homem Verde havia mantido a Praga afastada, mas ela já começava a matar o que ele havia criado.

— Acabou, não é? — perguntou Rand a Moiraine. — Chegou ao fim.

A Aes Sedai virou a cabeça em seu travesseiro de mantos. Seus olhos pareciam tão profundos quanto o Olho do Mundo.

— Nós fizemos o que viemos fazer. A partir daqui você pode viver sua vida conforme o Padrão tecer. Coma e depois durma, Rand al'Thor. Durma, e sonhe com sua casa.





A Roda Gira

O amanhecer revelou devastação no jardim do Homem Verde. O chão estava coberto de folhas caídas, que iam quase até o joelho em alguns pontos. Todas as flores haviam desaparecido, a não ser por algumas poucas que se agarravam desesperadamente às margens da clareira. Pouca coisa conseguia crescer no solo embaixo de um carvalho, a não ser um fino círculo de flores e grama centrado no tronco grosso sobre o túmulo do Homem Verde. O carvalho propriamente dito conservava apenas metade de suas folhas, e isso era bem mais do que qualquer outra árvore tinha, como se algo remanescente do Homem Verde ainda lutasse para se segurar ali. As brisas frias haviam morrido, substituídas por um calor pegajoso e crescente. As borboletas desapareceram, os pássaros se calaram. Eram um grupo silencioso, preparando-se para partir.

Rand subiu na sela do alazão com uma sensação de perda. *Não devia ser assim. Sangue e cinzas, nós vencemos!*

— Eu gostaria que ele tivesse encontrado seu outro lugar — disse Egwene ao montar em Bela.

Uma liteira, feita por Lan, havia sido amarrada entre a égua peluda e Aldieb para carregar Moiraine; Nynaeve cavalgaria ao lado, segurando as rédeas da égua branca. A Sabedoria abaixava os olhos toda vez que via Lan olhar de relance para ela, evitando-o; o Guardião olhava para ela toda vez que os olhos dela se desviavam, mas não falava com ela. Ninguém precisava perguntar de quem Egwene estava falando.

— Isso não é certo — disse Loial, olhando fixamente para o carvalho. O Ogier era o único que ainda não havia montado. — Não é certo que o Irmão-das-árvores seja vítima da Praga. — Entregou as rédeas de seu cavalo enorme a Rand. — Não é certo.

Lan abriu a boca quando o Ogier começou a andar até o grande carvalho. Moiraine, deitada na liteira, levantou fracamente a mão, e o Guardião nada disse.

Perante o carvalho, Loial se ajoelhou, fechando os olhos e estendendo bem os braços. Os tufo de suas orelhas se esticaram quando ele ergueu o rosto para o céu. E cantou.

Rand não sabia dizer se eram palavras ou se era pura canção. Naquela voz retumbante, era como se a terra cantasse, mas ele tinha certeza de ter ouvido os pássaros cantarem novamente, e brisas de primavera suspirando suaves, e o som de asas de borboleta. Perdido na canção, ele achou que haviam se passado apenas alguns minutos, mas quando Loial abaixou os braços e abriu os olhos, Rand ficou surpreso ao ver o sol bem acima do horizonte. Quando o Ogier começara, ele estava apenas tocando a copa das árvores. As folhas que ainda estavam no carvalho pareciam mais verdes e ligadas a ele com mais firmeza que antes. As flores que o cercavam estavam mais retas, as estrelas-da-manhã, brancas e vivas, os nós-de-amantes, de um carmesim forte.

Enxugando o suor de seu rosto largo, Loial se levantou e pegou as rédeas da mão de Rand. Suas sobrancelhas compridas caíram, envergonhadas, como se achasse que havia se exibido demais.

— Nunca cantei com tanta força antes. Não poderia ter feito isso se não restasse alguma coisa do Irmão-das-árvores ali. Minhas Canções das Árvores não têm tanto poder quanto ele. — Quando Loial se ajustou na sela, havia satisfação no

olhar que ele lançou para o carvalho e as flores. — Este pequeno espaço, pelo menos, não afundará na Praga. A Praga não terá o Irmão-das-árvores.

— Você é um bom homem, Ogier — disse Lan.

Loial sorriu.

— Aceitarei isso como um elogio, mas não sei o que o Ancião Haman diria.

Cavalgaram em fila, com Mat atrás do Guardião, onde podia usar melhor seu arco se necessário, e Perrin ia na retaguarda com seu machado cruzado sobre o cepilho da sela. Eles subiram uma colina, e num piscar de olhos a Praga estava por toda parte, retorcida e apodrecida em tons virulentos de um arco-íris. Rand olhou para trás, mas o jardim do Homem Verde não estava mais visível. Nada além da Praga se estendendo atrás deles como antes. E, no entanto, ele pensou, apenas por um momento, ter visto a copa alta do carvalho, verde e luxuriante, antes de tremeluzir e desaparecer. Então havia apenas a Praga.

Ele esperou que fossem ter de abrir caminho à força para sair da mesma forma que para entrar, mas a Praga estava quieta e imóvel como a morte. Nem um galho sequer tremia, querendo chicoteá-los, nada gritava nem uivava, nem de perto, nem de longe. A Praga parecia se encolher, não se preparando para o bote, mas como se tivesse sofrido um grande golpe e esperasse o próximo para cair. Até mesmo o sol estava menos vermelho.

Quando passaram pelo colar de lagos, o sol havia acabado de descer do seu zênite. Lan os manteve bem longe dos lagos, e nem sequer olhava para eles, mas Rand achou que as sete torres pareciam mais altas do que quando as vira pela primeira vez. Tinha certeza de que os topos serrilhados estavam mais distantes do chão, e acima deles algo que podia quase ser visto, torres intactas reluzindo ao sol e estandartes com Grous Dourados drapejando ao vento. Ele piscou várias vezes e olhou fixamente, mas as torres se recusaram a desaparecer completamente. Permaneceram ali, às margens da visão, até que a Praga escondesse os lagos mais uma vez.

Antes do pôr do sol, o Guardião escolheu um local para acampar, e Moiraine, com a ajuda de Nynaeve e Egwene, colocou as proteções. A Aes Sedai sussurrou-lhes nos ouvidos antes de começar. Nynaeve hesitou, mas, quando Moiraine fechou os olhos, as três mulheres o fizeram juntas.

Rand viu Mat e Perrin olhando, embasbacados, e ficou imaginando como eles podiam estar surpresos. *Toda mulher é Aes Sedai*, pensou, desconsolado. *E que a Luz me ajude... Eu também sou.* A melancolia deu um nó em sua língua.

— Por que está tudo tão diferente? — perguntou Perrin, quando Egwene e a Sazedoria ajudaram Moiraine a se deitar. — Parece... — Seus ombros grandes sacudiram como se ele não conseguisse encontrar a palavra.

— Nós demos um duro golpe no Tenebroso — respondeu Moiraine, ajeitando-se com um suspiro. — A Sombra levará muito tempo para se recuperar.

— Como? — Mat exigiu saber. — O que foi que nós fizemos?

— Durmam — disse Moiraine. — Ainda não saímos da Praga.

Mas, na manhã seguinte, nada havia mudado ainda, até onde Rand podia ver. A Praga desvaneceu à medida que seguiam para o sul, claro. Árvores retorcidas deram lugar a retas. O calor sufocante diminuiu. Folhagens apodrecidas deram lugar às meramente doentes. E depois não doentes, ele percebeu. A floresta ao redor se tornou vermelha com os novos brotos, abundantes, nos galhos. Botões nasciam na vegetação rasteira, trepadeiras cobriam as rochas de verde, e novas flores do campo pontilhavam a grama brilhante e espessa como aquela por onde o Homem Verde caminhava. Era como se a primavera, por tanto tempo represada pelo inverno, agora se apressasse para alcançar o ponto onde devia estar.

Ele não era o único que observava, atônito.

— Um duro golpe — murmurou Moiraine, e não disse mais nada.

Roseiras silvestres se entrelaçavam na coluna de pedra que marcava a Fronteira. Homens saíram das torres de vigia para saudá-los. O riso deles tinha algo de atordoado, e seus olhos brilhavam de espanto, como se não conseguissem acreditar na grama nova sob seus pés envoltos em ferro.

— A Luz conquistou a Sombra!

— Uma grande vitória na Garganta de Tarwin! Recebemos a mensagem! Vitória!

— A Luz nos abençoa novamente!

— O Rei Easar é forte na Luz — respondeu Lan a todos os gritos.

Os vigias queriam cuidar de Moiraine, ou pelo menos mandar uma escolta com eles, mas ela recusou tudo. Mesmo deitada numa liteira, a presença da Aes Sedai era tamanha que os homens de armadura recuaram, fazendo medidas e atendendo a seus pedidos. As risadas deles acompanharam Rand e os outros em

sua cavalgada.

No fim da tarde eles chegaram a Fal Dara, para encontrar a cidade de muralhas austeras badalando em comemoração. Badalando literalmente. Rand duvidava que houvesse um único sino na cidade que não soasse, dos menores sininhos de prata dos arreios até os grandes gongos de bronze no alto de suas torres. Os portões estavam escancarados, e os homens corriam, rindo e cantando, pelas ruas, com flores em seus rabos de cavalo e nas fendas de suas armaduras. A gente comum da cidade ainda não havia retornado de Fal Moran, mas os soldados eram recém-chegados da Garganta de Tarwin, e sua alegria era suficiente para encher as ruas.

— Vitória na Garganta! Nós vencemos!

— Um milagre na Garganta! A Era das Lendas voltou!

— Primavera! — Um soldado velho e grisalho ria ao pendurar uma guirlanda de estrelas-da-manhã no pescoço de Rand. Seu próprio rabo de cavalo era um aglomerado branco delas. — A Luz nos abençoa com a primavera mais uma vez!

Ao descobrirem que eles queriam ir até o fortim, um círculo de homens vestidos de aço e flores os cercou, correndo para abrir caminho através da comemoração.

O rosto de Ingtar foi o primeiro que Rand viu que não estava sorrindo.

— Cheguei tarde demais — disse Ingtar a Lan com um sorriso amargo. — Por questão de uma hora. Tarde demais para ver. Paz! — Rangeu os dentes audivelmente, mas depois sua expressão ficou envergonhada. — Perdão. A tristeza fez com que eu me esquecesse de minhas obrigações. Bem-vindo, Construtor. Bem-vindos, todos vocês. É bom vê-los em segurança fora da Praga. Trarei a curandeira para Moiraine Sedai em seus aposentos, e informarei a Lorde Agelmar que...

— Leve-me a Lorde Agelmar — ordenou Moiraine. — Leve-nos todos. — Ingtar abriu a boca para protestar e fez uma mesura sob a força do olhar dela.

Agelmar estava em seu estúdio, com as espadas e a armadura de volta a seus cavaletes, e o rosto dele era o segundo que não sorria. Tinha a testa franzida de preocupação, e isso só aumentou quando ele viu Moiraine sendo carregada em sua liteira pelos criados de libré. Mulheres de preto e dourado faziam um alvoroço por lhe trazer a Aes Sedai sem uma chance para que ela se refrescasse

ou fosse visitada pela curandeira. Loial trazia o baú de ouro. As peças do selo ainda estavam na bolsa de Moiraine; o estandarte de Lews Therin, o Fratricida, estava enrolado no cobertor dela e ainda amarrado atrás da sela de Aldieb. O cavaleiro que havia conduzido a égua branca para longe recebera ordens estritas de cuidar para que o cobertor enrolado fosse colocado, intocado, nos aposentos indicados para a Aes Sedai.

— Paz! — resmungou o Senhor de Fal Dara. — A senhora está ferida, Moiraine Sedai? Ingтар, por que não levou a Aes Sedai para a cama dela e chamou a curandeira para vê-la?

— Calma, Lorde Agelmar — disse Moiraine. — Ingтар fez o que eu lhe ordenei. Não sou tão frágil quanto todos aqui parecem pensar. — Ela fez um gesto para que duas das mulheres a ajudassem a sentar-se numa cadeira. Por um momento elas apertaram as próprias mãos, exclamando que ela estava fraca demais, que devia estar numa cama quente, que a curandeira devia ser providenciada para ela, além de um banho quente. As sobranceiras de Moiraine se ergueram; as mulheres calaram a boca imediatamente e correram para ajudá-la a sentar-se. Assim que se acomodou, ela fez um gesto irritado para que se afastassem. — Gostaria de lhe falar, Lorde Agelmar.

Agelmar assentiu, e Ingтар fez um gesto para que as criadas deixassem a sala. O Senhor de Fal Dara olhou com expectativa para aqueles que permaneceram; especialmente, Rand achou, Loial e o baú de ouro.

— Ouvimos — disse Moiraine, assim que a porta se fechou atrás de Ingтар — que você obteve uma grande vitória na Garganta de Tarwin.

— Sim — disse Agelmar lentamente, e o franzido preocupado voltou à sua testa. — Sim, Aes Sedai, e não. Os Meios-homens e seus Trollocs foram destruídos, não restou nenhum, mas quase não lutamos. Um milagre, é o que os meus homens dizem. A terra os tragou; as montanhas os soterraram. Restaram apenas alguns Dragkar, assustados demais para fazer outra coisa que não fugir o mais rápido que puderam para o norte.

— Um milagre realmente — disse Moiraine. — E a primavera voltou.

— Um milagre — disse Agelmar, balançando a cabeça. — Mas... Moiraine Sedai, os homens dizem muitas coisas sobre o que aconteceu na Garganta. Que a Luz se fez carne e lutou por nós. Que o Criador caminhou sobre a terra na Garganta para atacar a Sombra. Mas eu vi um homem, Moiraine Sedai. Eu vi um homem. E o que ele fez... não pode ser, não deve ser.

— Há de ser o que a Roda tecer, Senhor de Fal Dara.

— Como você diz, Moiraine Sedai.

— E Padan Fain? Ele está seguro? Preciso falar com ele depois que tiver repousado.

— Ele está sendo mantido sob custódia como a senhora mandou, Aes Sedai, lamuriando-se com os guardas metade do tempo e tentando lhes dar ordens na outra metade, mas... Paz, Moiraine Sedai, e vocês na Praga? Encontraram o Homem Verde? Eu vejo a mão dele nas novas coisas que estão crescendo.

— Nós o encontramos — disse ela, inexpressiva. — O Homem Verde está morto, Lorde Agelmar, e o Olho do Mundo desapareceu. Não haverá mais buscas por parte de jovens à procura de glória.

O Senhor de Fal Dara franziu a testa, balançando a cabeça, confuso.

— Morto? O Homem Verde? Não pode ser... Então vocês foram derrotados? Mas as flores, e as coisas crescendo?

— Nós vencemos, Lorde Agelmar. Vencemos, e a terra que se liberta do inverno é a prova disso, mas receio que a última batalha ainda não tenha sido travada. — Rand se mexeu, inquieto, mas a Aes Sedai lhe lançou um olhar duro, e ele tornou a ficar parado. — A Praga ainda existe, e as forjas de Thakan'dar ainda funcionam debaixo de Shayol Ghul. Ainda há muitos Meios-homens, e incontáveis Trollocs. Não pense que a necessidade de vigilância nas Terras da Fronteira acabou.

— Eu não pensei isso, Aes Sedai — disse ele, rígido.

Moiraine fez um gesto para que Loial pusesse o baú de ouro a seus pés, e, quando ele o fez, ela o abriu, revelando a Trombeta.

— A Trombeta de Valere — disse ela, e Agelmar arquejou. Rand quase achou que o homem cairia de joelhos.

— Com isso, Moiraine Sedai, não importa quantos Meios-homens ou Trollocs restem. Com os heróis de outrora voltando da tumba, marcharemos até as Terras Devastadas e arrasaremos Shayol Ghul.

— NÃO! — O queixo de Agelmar caiu de surpresa, mas Moiraine prosseguiu calmamente. — Eu não a mostrei a você para tentá-lo, mas para que saiba que, em quaisquer batalhas que estejam por vir, nosso poder será tão grande quanto o

da Sombra. O lugar da Trombeta não é aqui. Ela deve ser levada para Illian. É lá, se houver a ameaça de novas batalhas, que ela deve reunir as forças da Luz. Pedirei que uma escolta de seus melhores homens cuide para que ela chegue lá em segurança. Ainda há Amigos das Trevas, assim como Meios-homens e Trollocs, e os que vierem por causa da trombeta seguirão quem quer que a possua. Ela precisa chegar a Illian.

— Será como você diz, Aes Sedai. — Mas, quando a tampa do baú se fechou, o Senhor de Fal Dara parecia um homem a quem havia sido negado um último vislumbre da Luz.

* * *

Sete dias depois, os sinos ainda tocavam em Fal Dara. O povo havia retornado de Fal Moran, acrescentando suas comemorações às dos soldados, e gritos e cantos se misturavam com o badalar dos sinos na varanda comprida onde Rand se encontrava. Esta dava para os jardins particulares de Agelmar, verdes e floridos, mas ele mal olhou para eles. Apesar do sol alto no céu, a primavera em Shienar era mais fria do que ele estava acostumado, e no entanto o suor brilhava em seus ombros e peito nus enquanto ele empunhava a espada com a marca da garça, cada movimento preciso, porém distante de onde ele flutuava no vazio. Mesmo lá, ele se perguntava quanta alegria haveria na cidade se eles soubessem do estandarte que Moiraine ainda mantinha escondido.

— Ótimo, pastor. — Encostado na amurada com os braços cruzados, o Guardião o observava de modo crítico. — Você está indo bem, mas não force tanto. Ninguém se torna um mestre espadachim em umas poucas semanas.

O vazio desapareceu como uma bolha estourada.

— Não estou preocupado em me tornar um mestre espadachim.

— É a lâmina de um mestre espadachim, pastor.

— Eu só quero que meu pai tenha orgulho de mim. — Sua mão apertou o couro áspero do punho. *Eu só quero que Tam seja meu pai.* Enfiou a espada com força na bainha. — De qualquer maneira, eu não tenho umas poucas semanas.

— Então você não mudou de ideia?

— Você mudaria? — A expressão no rosto de Lan não havia se alterado; os traços duros de seu rosto não pareciam capazes de qualquer mudança. — Você não vai tentar me deter? Nem Moiraine Sedai?

— Você pode fazer o que quiser, pastor, ou o que o Padrão tecer para você. — O Guardião se endireitou. — Vou deixá-lo agora.

Rand se virou para ver Lan partir e encontrou Egwene ali parada.

— Mudar de ideia sobre o quê, Rand?

Ele pegou a camisa e o casaco, sentindo subitamente o frio.

— Estou indo embora, Egwene.

— Para onde?

— Algum lugar. Não sei. — Ele não queria olhá-la nos olhos, mas não conseguia parar de olhar para ela. Egwene usava rosas silvestres vermelhas nos cabelos, que lhe caíam sobre os ombros. Ela segurava o manto perto do corpo, azul-escuro e bordado na bainha com uma linha fina de flores brancas à moda de Shienar, e os botões traçavam uma linha reta até seu rosto. Não eram mais pálidos que sua face; os olhos pareciam tão grandes e escuros... — Para longe.

— Tenho certeza de que Moiraine Sedai não vai gostar que você simplesmente vá embora assim. Depois... depois do que fez, você merece alguma recompensa.

— Moiraine nem sabe que estou vivo. Eu fiz o que ela queria, e a coisa terminou aí. Ela nem sequer fala comigo quando vou até ela. Não que eu tenha tentado ficar perto dela, mas ela tem me evitado. Não vai se incomodar se eu partir, e não me importo se ela se importa ou não.

— Moiraine ainda não está totalmente bem, Rand. — Ela hesitou. — Eu preciso ir a Tar Valon para meu treinamento. Nynaeve vai comigo. E Mat ainda precisa ser Curado do que quer que o esteja prendendo àquela adaga, e Perrin quer ver Tar Valon antes de ir... para onde for. Você poderia vir conosco.

— E esperar que alguma Aes Sedai além de Moiraine descubra o que sou e me amanse? — Sua voz era ríspida, quase desdenhosa; ele não conseguia adotar outro tom. — É isso o que você quer?

— Não.

Ele sabia que jamais seria capaz de dizer a ela como se sentia grato por ela não ter hesitado antes de responder.

— Rand, você não tem medo... — Eles estavam a sós, mas ela olhou ao redor e

mesmo assim abaixou a voz. — Moiraine Sedai diz que você não precisa tocar a Fonte Verdadeira. Se você não tocar *saidin*, se não tentar usar o Poder, estará seguro.

— Ah, eu nunca mais o tocarei. Mesmo que para isso precise cortar minha mão. — *E se eu não conseguir parar? Eu nunca tentei usá-lo, nem mesmo no Olho. E se eu não conseguir parar?*

— Você irá para casa, Rand? Seu pai deve estar morrendo de vontade de ver você. Até mesmo o pai de Mat deve estar morrendo de vontade de vê-lo a essa altura. Eu voltarei a Campo de Emond no ano que vem. Por um tempo, pelo menos.

Ele esfregou a mão no cabo da espada, sentindo a garça de bronze. *Meu pai. Minha casa. Luz, como eu quero ver...*

— Para casa não. — *Algum lugar onde não haja pessoas para machucar caso eu não consiga parar. Algum lugar onde eu possa ficar só.* Subitamente a varanda lhe pareceu fria como a neve. — Vou embora, mas não para casa. — *Egwene, Egwene, por que você tinha de ser uma delas...?* Ele a abraçou e sussurrou em seus cabelos. — Para casa nunca mais.

* * *

No jardim particular de Agelmar, sob um espesso caramanchão salpicado de flores brancas, Moiraine se mexeu desconfortavelmente em seu divã. Os fragmentos do selo estavam em seu colo, e a minúscula pedra preciosa que ela às vezes usava nos cabelos girava e reluzia na corrente de ouro a partir das pontas de seus dedos. O tênue brilho azul da pedra desvaneceu, e um sorriso tocou seus lábios. A pedra não tinha nenhum poder sozinha, mas o primeiro uso do Poder Único que ela aprendera na vida, quando criança, no Palácio Real em Cairhien, era o de usar a pedra para ouvir pessoas quando elas achavam que estavam longe demais para serem ouvidas.

— As Profecias se cumprirão — sussurrou a Aes Sedai. — O Dragão Renasceu.



Uma nota sobre datas neste glossário. O Calendário Tomano (elaborado por Toma dur Ahmid) foi adotado aproximadamente dois séculos depois da morte do último Aes Sedai e registrava os anos Depois da Ruptura do Mundo (DR). Muitos registros foram destruídos nas Guerras dos Trollocs, tanto que, ao fim das Guerras, havia controvérsia sobre o ano exato conforme o antigo sistema. Um novo calendário foi proposto por Tiam de Gazar, comemorando a suposta libertação da ameaça dos Trollocs e registrando cada ano como um Ano Livre (AL). O Calendário Gazarano ganhou ampla aceitação nos vinte anos seguintes ao fim das Guerras. Artur Asa-de-gavião tentou estabelecer um novo calendário com base na fundação de seu império (DF, Desde a Fundação), mas hoje só historiadores o conhecem e comentam. Após a vasta destruição, morte e perturbação provocadas pela Guerra dos Cem Anos, um quarto calendário foi desenvolvido por Uren din Jubai Gaivota Voadora, acadêmico do Povo do Mar, e promulgado pelo Panarca Farede de Tarabon. O Calendário de Farede, que data do fim arbitrariamente decidido da Guerra dos Cem Anos e registra os anos da Nova Era (NE), está atualmente em uso.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai de todos os tempos, que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra pela promessa de imortalidade. De acordo tanto com as lendas quanto com registros fragmentários, eles foram aprisionados juntamente com o Tenebroso quando a prisão deste foi resselada. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças.

Adan, Heran: Governador de Baerlon.

Aes Sedai: Usuários do Poder Único. Desde o Tempo da Loucura, sobreviveram apenas Aes Sedai mulheres. Alvo de desconfiança e até mesmo ódio amplamente

disseminados, muitos as culpam pela Ruptura do Mundo, e em geral elas são vistas como intrometidas nos assuntos das nações. No entanto, poucos governantes passam sem uma conselheira Aes Sedai, mesmo nas terras em que a existência de tal ligação é mantida em segredo.

Agelmar; Lorde Agelmar da Casa de Jagad: Senhor de Fal Dara. Seu símbolo são três raposas vermelhas correndo.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos. Cobrem o rosto com um véu negro antes de matar, dando origem à expressão “agir como um Aiel de véu negro” para descrever alguém que está sendo violento. Guerreiros letais com armas ou sem nada além das mãos nuas, jamais tocam em espadas. Seus gaiteiros tocam músicas de dança enquanto eles entram em batalha, e os Aiel chamam a batalha de “a Dança”.

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, às quais todas as Aes Sedai pertencem. São designadas por cores: Ajah Azul, Ajah Vermelha, Ajah Branca, Ajah Verde, Ajah Marrom, Ajah Amarela e Ajah Cinza. Cada uma segue uma filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai. A Ajah Vermelha, por exemplo, devota toda sua energia a encontrar e amansar homens capazes de usar o Poder. Já a Ajah Marrom, por outro lado, renega qualquer envolvimento com o mundo e se dedica à busca de conhecimento. Há rumores (veementemente negados, e não é seguro mencioná-los na presença de uma Aes Sedai) de uma Ajah Negra dedicada a servir ao Tenebroso.

Ajah Negra: *Ver Ajah.*

Ajah Vermelha: *Ver Ajah.*

Al Ellisande!: Na Língua Antiga, “Pela rosa do sol!”

al'Meara, Nynaeve: A Sabedoria de Campo de Emond.

al'Thor, Rand: Jovem fazendeiro e pastor dos Dois Rios.

al'Thor, Tam: Fazendeiro e pastor dos Dois Rios, pai de Rand al'Thor.

al'Vere, Egwene: Filha mais nova do estalajadeiro de Campo de Emond.

Aldieb: Na Língua Antiga, “Vento Oeste”, o vento que traz as chuvas da primavera.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de isolar do Poder Único um homem capaz de canalizar. É necessário, pois qualquer homem que aprenda a canalizar enlouquecerá por causa da mácula de *saidin* e quase certamente fará coisas horripíveis com o Poder em sua loucura. Um homem que tenha sido amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas não curada, e pode-se evitar a morte caso ele seja feito cedo o bastante.

Amigos das Trevas: Os que seguem o Tenebroso e acreditam que ganharão grandes recompensas e poder quando ele for libertado de sua prisão.

Andor: Reino onde se encontram os Dois Rios. O símbolo de Andor é um leão branco rampante em um fundo vermelho.

angreal: Um tipo muito raro de objeto, que permite que qualquer um capaz de canalizar o Poder Único manipule uma quantidade maior do poder do que seria possível fazê-

lo de forma segura sem ajuda. Remanescentes da Era das Lendas, não se sabe mais como fabricá-los. *Ver também sa'angreal.*

Arafel: Uma das Terras da Fronteira. O símbolo de Arafel são três rosas vermelhas e três brancas sobre um fundo dividido em quatro partes iguais: duas brancas e duas vermelhas.

Aram: Jovem rapaz Tuatha'an.

Asa-de-gavião, Artur: Rei lendário que unificou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo, assim como algumas terras além do Deserto Aiel. Ele chegou até mesmo a enviar exércitos para o outro lado do Oceano de Aryth, mas todo contato com essas tropas foi perdido quando de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos. Seu símbolo era um gavião dourado em voo. *Ver também* Guerra dos Cem Anos.

Avendesora: Na Língua Antiga, “a Árvore da Vida”, mencionada em muitas histórias e lendas.

Aybara, Perrin: Jovem aprendiz de ferreiro em Campo de Emond.

Ba'alzamon: Na língua dos Trollocs, “Coração das Trevas”. Acredita-se que seja o nome que os Trollocs dão ao Tenebroso.

Baerlon: Cidade em Andor, na estrada entre Caemlyn e as minas das Montanhas da Névoa.

Barran, Doral: A Sabedoria de Campo de Emond antes de Nynaeve al'Meara.

Bel Tine: Festival de primavera nos Dois Rios.

Bela: Égua de Tam e Rand al'Thor.

Bornhald, Dain: Oficial dos Filhos da Luz, filho do Senhor Capitão Geofram Bornhald.

Bornhald, Geofram: Senhor Capitão dos Filhos da Luz.

braça: Medida de comprimento igual a dois passos. Mil braças perfazem uma milha.

Bryne, Gareth: Capitão-general da Guarda da Rainha em Andor. Também serve a Morgase como seu Primeiro Príncipe da Espada. Seu símbolo são três estrelas douradas, cada uma com cinco raios.

Byar, Jaret: Oficial dos Filhos da Luz.

Caemlyn: Capital de Andor.

Cairhien: Tanto uma nação que margeia a Espinha do Mundo quanto sua capital. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel (976-978 NE). O símbolo de Cairhien é um sol nascente radiante em um fundo azul cerúleo.

canalização: O controle do fluxo do Poder Único.

canalizar: Controlar o fluxo do Poder Único.

Carai an Caldazar!: Na Língua Antiga, “Pela honra da Água Vermelha!”. Antigo grito de guerra de Manetheren.

Carai an Ellisande!: Na Língua Antiga, “Pela honra da Rosa do Sol!”. Grito de guerra do último rei de Manetheren.

Cauthon, Matrim (Mat): Jovem fazendeiro dos Dois Rios.

Cem Companheiros, os: Cem Aes Sedai, entre os mais poderosos da Era das Lendas, que, sob a liderança de Lews Therin Telamon, lançaram o ataque final, que acabou

com a Guerra da Sombra ao selar novamente o Tenebroso em sua prisão. O contra-ataque do Tenebroso maculou *saidin*. Os Cem Companheiros enlouqueceram e iniciaram a Ruptura do Mundo.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon e das Aes Sedai. Uma representação estilizada de uma chama; uma lágrima branca com a ponta para cima.

Charin, Jain: *Ver* o Viajante, Jain.

Cinco Poderes, os: Há fios no Poder Único, e cada pessoa que o utiliza costuma ser capaz de compreender alguns melhor que outros. Esses fios são batizados conforme o tipo de coisa a que se prestam (Terra, Ar, Fogo, Água e Espírito) e chamados de os Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único terá um grau maior de força com um, talvez dois, deles e menos com os demais. Alguns poucos podem ter grande força com três, mas desde a Era das Lendas ninguém conseguiu ser forte em todos os cinco. Mesmo naquela época, isso era extremamente raro. O grau de força pode variar enormemente entre indivíduos, de modo que alguns dos que são capazes de canalizar são muito mais fortes que outros. Fazer certas coisas com o Poder Único requer habilidade em um ou mais dos Cinco Poderes. Por exemplo, acender e controlar um fogo requer Fogo, e afetar o clima requer Ar e Água, ao passo que Curar requer Água e Espírito. Enquanto se encontra Espírito igualmente em homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra e/ou Fogo era muito mais frequentemente encontrada em homens, e com Água e/ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos. Geralmente, nenhuma habilidade é considerada mais forte que qualquer outra, embora haja um ditado entre as Aes Sedai: “Não há rocha tão dura que a água e o vento não possam desgastar, nem fogo tão feroz que a água não possa apagar ou que o vento não possa extinguir.” Deve-se observar que esse ditado passou a ser usado muito tempo depois da morte do último Aes Sedai. Qualquer ditado semelhante entre os Aes Sedai perdeu-se há muito.

Círculo das Mulheres: Grupo de mulheres eleitas pelas habitantes de uma aldeia, responsável por decisões em temas que são considerados de responsabilidade exclusiva das mulheres (por exemplo, quando plantar a safra e quando colher). Equivalente em autoridade ao Conselho da Aldeia, seus limites e responsabilidades são claramente definidos. Costuma ter relações conturbadas com o Conselho da Aldeia.

Conselho da Aldeia: Na maior parte das aldeias, é um grupo de homens, eleito pelos homens do lugar e encabeçado por um Prefeito, responsável por tomar decisões que afetem a aldeia como um todo e negociar com outras aldeias questões que afetem mais de uma. O Conselho se indispõe com o Círculo das Mulheres em tantas aldeias que esse conflito é visto como quase tradicional. *Ver também* Círculo das Mulheres.

cuendillar: *Ver* Pedra-do-coração.

Damodred, Lorde Galadedrid: Único filho de Taringail Damodred e Tigraine: meio-

irmão de Elayne e Gawyn. Seu símbolo é uma espada alada prateada, com a ponta para baixo.

Damodred, Príncipe Taringail: Um Príncipe Real de Cairhien, casou-se com Tigraine, com quem teve Galadredrid. Quando Tigraine desapareceu e foi declarada morta, ele se casou com Morgase, com quem teve Elayne e Gawyn. Morreu em um acidente de caça. Seu símbolo era um machado de batalha dourado duplo.

Deserto Aiel: Terra hostil, severa e praticamente desprovida de água a leste da Espinha do Mundo. Nela poucos forasteiros se aventuram, não apenas por ser quase impossível que alguém não nascido lá encontre água, mas porque os Aiel se consideram em guerra com todos os povos, e estranhos não são bem-vindos.

Desvanecido: *Ver Myrddraal.*

Dha'vol, Dhaimon: *Ver Trollocs.*

Dia do Sol: Feriado e festival no meio do verão, amplamente celebrado.

Djevik K'Shar: Na língua dos Trollocs, "A Terra da Morte". O nome dos Trollocs para o Deserto Aiel.

Domon, Bayle: Capitão do *Espuma*.

Dragão Renascido: De acordo com as profecias e lendas, o Dragão renascerá na hora de maior necessidade da humanidade para salvar o mundo. Não é algo por que as pessoas anseiem, tanto porque as profecias dizem que o Dragão trará uma nova Ruptura ao mundo quanto porque Lews Therin, o Fratricida, o Dragão, é um nome que provoca arrepios, mesmo mais de três mil anos depois de sua morte.

Dragão, falso: Ocasionalmente homens afirmam ser o Dragão Renascido, e às vezes um deles consegue seguidores tão numerosos que é preciso um exército para derrubá-lo. Alguns começaram guerras que envolveram muitas nações. Ao longo dos séculos, a maioria foi de homens incapazes de canalizar o Poder Único, mas alguns podiam fazê-lo. Todos, porém, desapareceram ou foram capturados ou mortos, sem cumprir qualquer das profecias referentes ao Renascimento do Dragão. Esses homens são chamados de falsos Dragões.

Dragão, o: Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra da Sombra. Na loucura que dominou os Aes Sedai, Lews Therin matou as pessoas de seu sangue, assim como todos que amava, recebendo assim a alcunha de Fratricida. Há hoje uma expressão, "tomado pelo Dragão" ou "possuído pelo Dragão", que indica que alguém ameaça ou representa perigo para os que o cercam, especialmente de modo injustificado. *Ver também* Dragão Renascido.

Easar; Rei Easar da Casa Togita: Rei de Shienar. Seu símbolo é um cervo branco, que, conforme o costume shienarano, também é considerado símbolo de Shienar, juntamente com o Gavião Negro.

Elaida: Aes Sedai conselheira da Rainha Morgase, de Andor.

Elayne: Filha da Rainha Morgase, Filha-herdeira do Trono de Andor. Seu símbolo é um lírio dourado.

Else; Else Grinwell: Filha de um fazendeiro, que mora próximo à Estrada de Caemlyn.

Era das Lendas: A Era finda com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que os Aes Sedai realizavam maravilhas hoje apenas sonhadas. *Ver também* Roda do Tempo.

Espinha do Mundo, a: Cadeia de altíssimas montanhas, com poucos pontos de travessia, que separa o Deserto Aiel das terras a oeste.

Espreitador: *Ver* Myrddraal.

Fain, Padan: Mascate que chega a Campo de Emond pouco antes da Noite Invernal.

Far Dareis Mai: Literalmente “Donzelas da Lança”. Uma de muitas sociedades guerreiras dos Aiel. Ao contrário de todas as demais, só admite mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. (“Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.”) Tais crianças são estimadas, pois foi previsto que uma criança nascida de uma Donzela unirá os clãs e devolverá aos Aiel a grandeza que tiveram durante a Era das Lendas.

Filha-herdeira: Título da herdeira do trono de Andor. A filha mais velha da Rainha sucede a mãe no trono de Andor. Sem filhas vivas, o trono passa à parente mais próxima da Rainha.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas, dedicada a derrotar o Tenebroso e à destruição de todos os Amigos das Trevas. Fundada durante a Guerra dos Cem Anos por Lothair Mantelar para pregar contra o crescente número de Amigos das Trevas, ela evoluiu no decorrer da guerra até se tornar uma organização completamente militar, extremamente rígida em suas crenças e absolutamente certa de que apenas seus membros conhecem a verdade e sabem o que é certo. Eles odeiam as Aes Sedai, considerando-as Amigas das Trevas, o mesmo se aplicando a quem quer que as apoie ou lhes tenha amizade. São depreciativamente conhecidos como Mantos-brancos; seu símbolo é um sol radiante dourado em um fundo branco.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo, que faz girar a Roda do Tempo. É dividida em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham simultaneamente com e contra a outra. Somente homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres a *saidar*. Desde o início do Tempo da Loucura, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

Galad: *Ver* Damodred, Lorde Galadedrid.

Gawyn: Filho da Rainha Morgase, irmão de Elayne, que será Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne ascender ao trono. Seu símbolo é um javali branco.

Grande Caçada à Trombeta, a: Um ciclo de histórias sobre a lendária busca pela Trombeta de Valere nos anos entre o fim das Guerras dos Trollocs e o início da Guerra dos Cem Anos. Se contado por inteiro, o ciclo poderia durar diversos dias.

Grande Padrão, o: A Roda do Tempo tece os Padrões das Eras, que formam o Grande

Padrão, que é a totalidade da existência e da realidade, passado, presente e futuro. Também conhecido como Renda das Eras. *Ver também* Padrão de uma Era; Roda do Tempo.

Grande Praga, a: Região no extremo norte, inteiramente corrompida pelo Tenebroso. Local onde grassam Trollocs, Myrddraal e outras criaturas do Tenebroso.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro seja blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade, que já era antigo antes do início da Era das Lendas, consistindo em uma serpente mordendo a própria cauda.

Guardião: Guerreiro que possui um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único, e concede dons como cura acelerada, a capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso a distância. Enquanto o Guardião estiver vivo, a Aes Sedai com quem ele possui o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que ele esteja, e, quando ele morrer, o momento e a forma como morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que uma Aes Sedai pode ter um elo com um Guardião de cada vez, a Ajah Vermelha se recusa a estabelecer elos com qualquer Guardião, e a Ajah Verde crê que uma Aes Sedai pode estabelecer elos com quantos Guardiões quiser. Eticamente, o Guardião precisa aceitar o elo, mas sabe-se de casos em que este foi feito involuntariamente. O que uma Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado. *Ver também* Aes Sedai.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder, encerrou a Era das Lendas. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso, e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas da guerra foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com o resselamento do Tenebroso em sua prisão.

Guerra dos Cem Anos: Série de guerras concomitantes entre alianças sempre mutantes, precipitada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. Durou de 994 DR até 1117 AL. A guerra deixou quase desabitada grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel, do Mar das Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tamanha que restaram apenas alguns registros dessa época. O império de Artur Asa-de-gavião foi despedaçado, e as nações dos dias atuais foram formadas.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras, iniciadas em 1000 DR, que duraram mais de trezentos anos, durante os quais os exércitos dos Trollocs devastaram o mundo. Com o tempo os Trollocs foram mortos ou rechaçados de volta à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentários. *Ver também* Pacto das Dez Nações.

Homem-sombra: *Ver* Myrddraal.

Illian: O maior porto do Mar das Tempestades, capital do reino de mesmo nome. O

símbolo de Illian são nove abelhas douradas em um fundo verde-escuro.

Ingтар; Lorde Ingтар da Casa Shinowa: Guerreiro shienarano de Fal Dara.

Kandor: Uma das Terras da Fronteira. O símbolo de Kandor é um cavalo vermelho empinado em um fundo verde-claro.

Kinch, Hyam: Fazendeiro que vive próximo à Estrada de Caemlyn.

Ko'bal: *Ver* Trollocs.

Lan; al'Lan Mandragoran: Guerreiro do norte. Acompanha Moiraine.

Latoeiros: *Ver* Tuatha'an.

légua: Medida de comprimento equivalente a quatro milhas.

Luc; Lorde Luc da Casa de Mantear: Irmão de Tigraine, que teria sido seu Primeiro Príncipe da Espada quando ela ascendesse ao trono. Acredita-se que seu desaparecimento na Grande Praga esteja de algum modo conectado ao posterior desaparecimento de Tigraine. Seu símbolo era uma bolota de carvalho.

Machera, Elyas: Homem que Perrin e Egwene encontram na floresta.

Mahdi: Na Língua Antiga, "Buscador". Título do líder de uma caravana dos Tuatha'an.

Malkier: Nação que um dia fez parte das Terras da Fronteira, hoje consumida pela Praga. O símbolo de Malkier era um grou dourado em voo.

Mandarb: Na Língua Antiga, "lâmina". Cavalo de Lan.

Manetheren: Uma das Dez Nações que formaram o Segundo Pacto, e o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram completamente destruídas nas Guerras dos Trollocs.

Mangra-folha: *Ver* Tenebroso.

Mantos-brancos: *Ver* Filhos da Luz.

Maradon: Capital de Saldaea.

Meio-homem: *Ver* Myrddraal.

menestrel: Um contador de histórias, músico, malabarista, acrobata e mestre do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos multicoloridos, eles se apresentam principalmente em aldeias e cidades pequenas, uma vez que nas cidades maiores há outros tipos de entretenimento disponíveis.

Merrilin, Thom: Um menestrel que vai a Campo de Emond se apresentar no Bel Tine.

milha: Unidade de comprimento equivalente a mil braças. Quatro milhas perfazem uma légua. *Ver também* braça.

Min: Jovem encontrada na estalagem Cervo e Leão, em Baerlon.

Moiraine: Viajante em visita a Campo de Emond, chega pouco antes da Noite Invernal.

Morgase: Pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Grão-trono da Casa Trakand. Seu símbolo são três chaves douradas. O símbolo da casa Trakand é uma pedra angular prateada.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de Trollocs nas quais a linhagem humana usada para criá-los emerge novamente, mas maculada pelo mal que deu origem aos Trollocs. Fisicamente, são como humanos, exceto por não possuírem olhos, mas podem ver como águias tanto na luz quando

na escuridão. Possuem alguns poderes que vêm do Tenebroso, incluindo a habilidade de causar um medo paralisante com o olhar e a de sumir onde quer que haja sombras. Uma de suas poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar água corrente. Em terras diferentes eles são conhecidos por diversos nomes, entre eles Meios-homens, os Sem-olhos, Homens-sombra, Espreitadores e Desvanecidos.

Pacto das Dez Nações: União formada nos séculos após a Ruptura do Mundo (cerca de 200 DR). Dedicado à derrota do Tenebroso. Destruído pelas Guerras dos Trollocs.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era que forma a substância da realidade para aquela Era; também conhecido como Renda da Era. *Ver também ta'veren.*

Pai das Mentiras: *Ver* Tenebroso.

Pastor da Noite: *Ver* Tenebroso.

Pedra de Tear: Fortaleza que protege a cidade de Tear. Dizem ter sido a primeira fortaleza construída após o Tempo da Loucura, ou mesmo *durante* o Tempo da Loucura. *Ver também* Tear.

pedra-do-coração: *Cuendillar*. Substância indestrutível criada durante a Era das Lendas. Qualquer força conhecida usada para tentar quebrá-la é absorvida, deixando-a mais forte.

picadinha: Inseto pequeno, quase invisível, que pica.

Poder Único, o: O poder retirado da Fonte Verdadeira. Muito poucas pessoas podem aprender a canalizar o Poder Único, e um número ainda menor possui essa habilidade nata. Para esses poucos não há necessidade de aprendizado; eles tocarão a Fonte Verdadeira e canalizarão o Poder quer queiram, quer não, talvez sem nem mesmo perceberem o que estão fazendo. A habilidade nata geralmente se manifesta no fim da adolescência ou no início da idade adulta. Caso não lhes seja ensinado o controle nem consigam se tornar autodidatas (algo bem difícil, com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o Tempo da Loucura, homem nenhum foi capaz de canalizar o Poder sem enlouquecer de forma terrível; então, mesmo que tenha aprendido a ter algum controle, morre de uma doença degenerativa que faz com que o portador apodreça ainda vivo, doença essa causada, assim como a loucura, pela mácula do Tenebroso em *saidin*. Para uma mulher, a morte que vem sem o controle do Poder é menos horrível, mas igualmente certa. As Aes Sedai buscam meninas com a habilidade nata tanto para salvá-las quanto para aumentar o número de integrantes, e por homens que a apresentem para impedir as coisas terríveis que eles inevitavelmente farão em sua loucura. *Ver também* canalizar, Tempo da Loucura e Fonte Verdadeira.

pouso: Terras dos Ogier. Muitos pousos foram abandonados desde a Ruptura do Mundo. São retratados em histórias como refúgios, e com razão. Eles são resguardados de alguma forma, cuja compreensão se perdeu, de modo que neles nenhuma Aes Sedai possa canalizar o Poder Único, e nem sequer sentir que a Fonte

Verdadeira existe. Tentativas de usar o Poder Único feitas de fora de um pouso não terão qualquer efeito no interior dele. Nenhum Trolloc entrará em um pouso a menos que seja forçado, e mesmo um Myrddraal o fará apenas em caso de extrema necessidade e com grande relutância e desprazer. Até os Amigos das Trevas, caso sejam realmente dedicados, sentem-se desconfortáveis dentro deles.

Povo do Mar: Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam pouco tempo nessas ilhas, e vivem a maior parte de suas vidas nos barcos. Quase todo o comércio marítimo é feito nos navios do Povo do Mar.

Povo Errante: *Ver Tuatha'an.*

Presa do Dragão, a: Uma marca estilizada, geralmente negra, de uma lágrima equilibrada em sua ponta. Feita em uma porta, é uma acusação de que as pessoas do lado de dentro praticam o mal.

Presa-do-coração: *Ver Tenebroso.*

Primeiro Príncipe da Espada: Título normalmente dado ao mais velho dos irmãos da Rainha de Andor, treinado desde a infância para comandar os exércitos da Rainha em tempo de guerra e ser seu conselheiro em tempo de paz. Caso a Rainha não tenha irmãos vivos, ela nomeará alguém para receber o título.

punho: Unidade militar básica dos Trollocs. Varia em tamanho; sempre mais de cem, nunca mais de duzentos. Um punho é, geralmente, comandado por um Myrddraal.

Queima-vista: *Ver Tenebroso.*

Questionadores, os: Ordem dentro dos Filhos da Luz. Devotados ao objetivo de descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, tal como as concebem, são ainda mais zelosos que os Filhos da Luz em geral. Seu método normal de interrogatório é a tortura; sua atitude normal é a de que já sabem a verdade e precisam apenas fazer a vítima confessar. Os Questionadores se autorreferem como a Mão da Luz, e às vezes agem como se fossem totalmente distintos dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos.

Renda das Eras: *Ver Grande Padrão, o.*

Renda das Eras: *Ver Padrão de uma Era.*

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um sendo uma Era. Conforme a roda gira, as eras vêm e vão, deixando memórias que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e já estão esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é ligeiramente diferente a cada vez que uma Era vem, e a cada vez ele é sujeito a mudanças maiores, mas a cada vez se trata da mesma Era.

Ruptura do Mundo, a: Quando Lews Therin Telamon e os Cem Companheiros resselaram a prisão do Tenebroso, o contra-ataque maculou *saidin*. Cedo ou tarde todo Aes Sedai sucumbiu a uma terrível insanidade. Em sua loucura, esses homens, capazes de utilizar o Poder Único a um grau hoje desconhecido, alteraram a face da

terra. Causaram grandes terremotos, arrasaram cadeias de montanhas, ergueram terra firme onde antes havia oceanos, fizeram os oceanos invadir terra firme. Muitas partes do mundo ficaram totalmente despovoadas, e os sobreviventes se espalharam como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada como a Ruptura do Mundo. *Ver também* Cem Companheiros, os.

sa'angreal: Objetos extremamente raros que permitem que um indivíduo canalize muito mais do Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, mas muitíssimo mais poderoso. Remanescentes da Era das Lendas, o segredo de sua fabricação foi perdido.

Sabedoria: Nas aldeias, mulher escolhida pelo Círculo das Mulheres para participar dele por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como por seu bom senso. É uma posição de grande responsabilidade e autoridade, tanto *de fato* quanto implícita. Geralmente é considerada equivalente ao Prefeito, e, em algumas aldeias, sua superior. Diferentemente do Prefeito, sua escolha é vitalícia, e é muito raro uma Sabedoria deixar o cargo antes de morrer. Quase tradicionalmente entra em conflito com o Prefeito. *Ver também* Círculo das Mulheres.

saidar/saidin: *Ver* Fonte Verdadeira.

Saldaea: Uma das Terras da Fronteira. Seu símbolo são três peixes prateados em um fundo azul-escuro.

Segundo Pacto: *Ver* Pacto das Dez Nações.

Sem-olhos, os: *Ver* Myrddraal.

Senhores do Medo: Homens e mulheres que, capazes de canalizar o Poder Único, passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, agindo como comandantes das forças dos Trollocs.

Shadar Logoth: Na Língua Antiga, “o Lugar Onde a Sombra Espera”. Cidade abandonada e evitada desde o fim das Guerras dos Trollocs. Também chamada de a Espera da Sombra.

Shai'tan: *Ver* Tenebroso.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, local da prisão do Tenebroso.

Sheriam: Aes Sedai da Ajah Azul.

Shienar: Uma das Terras da Fronteira. O símbolo de Shienar é um gavião negro mergulhando.

shoufa: Acessório dos Aiel, um pano, geralmente em tons de areia ou rocha, que se enrola em torno da cabeça e do pescoço, deixando apenas o rosto à mostra.

ta'maral'alien: Na Língua Antiga, “Teia do Destino”.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vida próximos, ou até mesmo *todos* os fios de todas as vidas, para formar uma Teia do Destino. *Ver também* Padrão de uma Era.

tabac: Erva amplamente cultivada. Suas folhas, quando secas e curadas, são fumadas em cachimbos de madeira.

Tallanvor, Martyn: Tenente da Guarda da Rainha em Caemlyn.

Tanreall, Artur Paendrag: *Ver* Asa-de-gavião, Artur.

Tar Valon: Cidade em uma ilha do Rio Erinin. Centro do poder das Aes Sedai, onde se encontra o Trono de Amyrlin.

Tear: Grande cidade portuária no Mar das Tempestades. Capital do país de mesmo nome. O símbolo de Tear são três luas crescentes em um fundo vermelho e dourado.

Teia do Destino: Uma grande mudança no Padrão de uma Era, em torno de uma ou mais pessoas que sejam *ta'veren*.

Telamon, Lews Therin: *Ver* Dragão, o.

Tempo da Loucura: *Ver* Ruptura do Mundo.

Tenebroso, nomear o: Dizer o nome verdadeiro do Tenebroso (Shai'tan) atrai sua atenção, trazendo má sorte, na melhor das hipóteses, e desastres, na pior. Por isso são usados muitos eufemismos, entre os quais Tenebroso, Pai das Mentiras, Cega-vista, Senhor da Tumba, Pastor da Noite, Veneno dos Corações, Presa-do-coração, Queima-grama e Mangra-folha. Diz-se frequentemente que alguém que parece estar chamando o azar está “nomeando o Tenebroso”.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan: a fonte do mal, antítese do Criador. Aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador no momento da criação. Uma tentativa de livrá-lo dessa prisão causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas.

Terras da Fronteira, as: As nações que margeiam a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar.

Thakan'dar: Vale eternamente enevoadado nas encostas de Shayol Ghul.

Tigraine: Como Filha-herdeira de Andor, casou-se com Taringail Damodred, com quem teve um filho, Galadedrid. Seu desaparecimento em 972 NE, logo depois do desaparecimento de seu irmão Luc na Praga, levou a disputas em Andor, chamadas de a Sucessão, e provocou os eventos em Cairhien que acabariam por levar à Guerra dos Aiel. Seu símbolo é uma mão feminina segurando o ramo espinhoso de uma rosa branca.

Torre Branca: Palácio do Trono de Amyrlin em Tar Valon.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso, criadas durante a Guerra da Sombra. Enormes em estatura, maléficos ao extremo, são uma mistura distorcida de animais e humanos, e matam pelo puro prazer de matar. Arditos, maliciosos e traiçoeiros, apenas os que lhes inspiram medo podem confiar neles. São onívoros, e comem qualquer tipo de carne, incluindo carne humana e de outros Trollocs. De origem predominantemente humana, são capazes de procriar com humanos, mas isso geralmente resulta em natimortos, e os que sobrevivem frequentemente não o fazem por muito tempo. Os Trollocs se dividem em bandos semelhantes a tribos, dos quais os principais são os Ahf'frait, Al'ghol, Bhan'sheen, Dha'vol, Dhai'mon, Dhjin'nen, Ghar'ghael, Ghob'hlin, Gho'hlem, Ghraem'lan, Ko'bal e Kno'mon.

Trombeta de Valere: Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Supostamente, a

Trombeta pode convocar heróis mortos da tumba para lutar contra a Sombra.

Trono de Amyrlin: (1.) Título da líder das Aes Sedai. Eleita vitaliciamente pelo Salão da Torre, o mais alto conselho das Aes Sedai, formado por três representantes de cada uma das sete Ajahs. O Trono de Amyrlin tem, ao menos teoricamente, autoridade quase suprema entre as Aes Sedai. Seu status equivale ao de um rei ou rainha. (2.) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

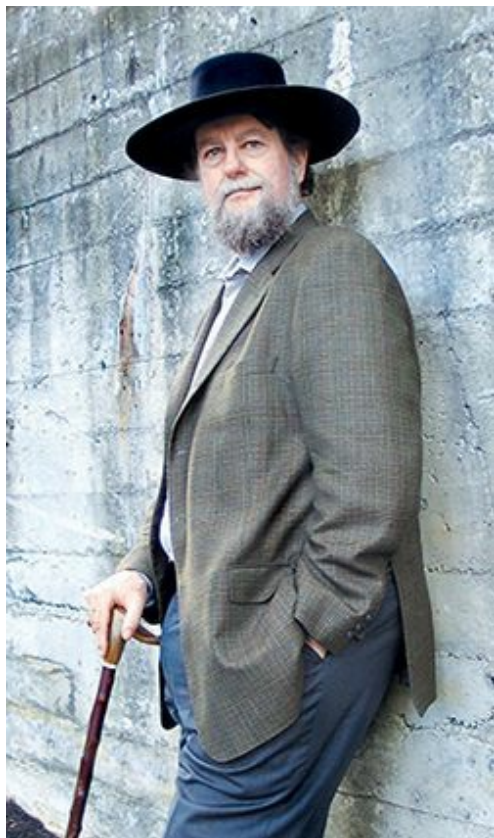
Tuatha'an: Um povo nômade, também conhecido como Latoeiros e Povo Errante, que vive em carroções vividamente coloridos e segue uma filosofia totalmente pacifista chamada Caminho da Folha. Coisas consertadas pelos Latoeiros costumam ficar melhores que antes, mas os Tuatha'an são indesejados na maioria das aldeias graças a histórias de que eles roubam crianças e tentam converter jovens a suas crenças.

Veneno dos Corações: *Ver* Tenebroso.

Viajante, Jain, o: Herói das terras do norte, que viajou por muitas terras e viveu muitas aventuras; autor de diversos livros, assim como tema de vários livros e histórias. Desapareceu em 981 NE, depois de voltar de uma viagem à Grande Praga que alguns dizem tê-lo levado até Shayol Ghul.

Sobre o autor

©Liza Groen Trombi/Locus Publications

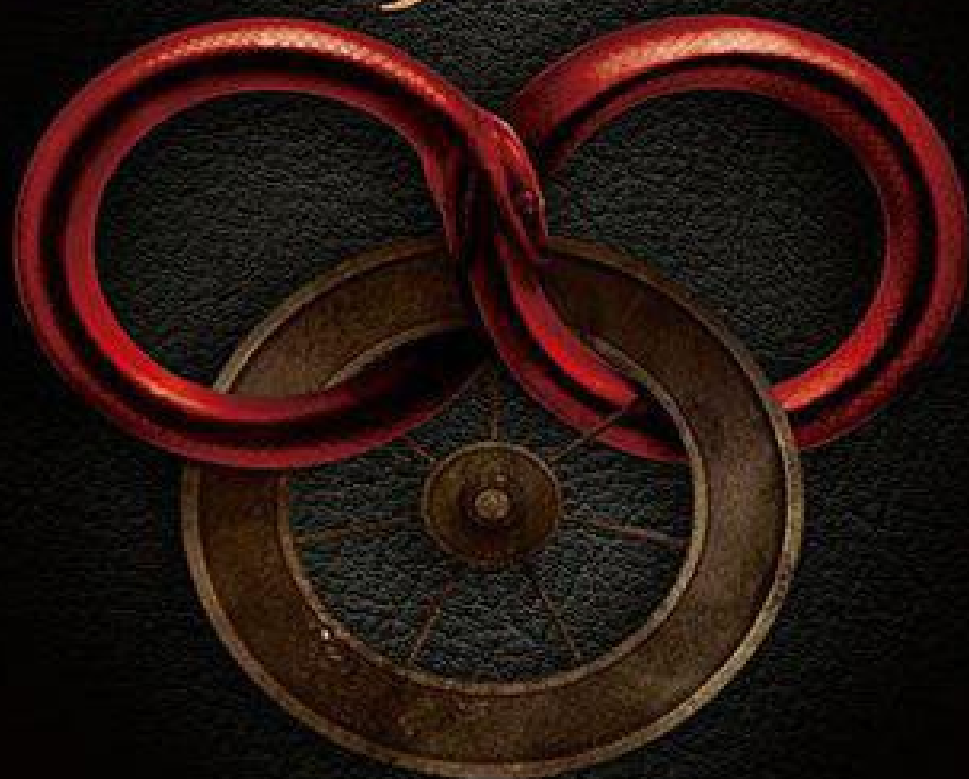


ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 17 de outubro de 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos 5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Julio Verne. Serviu na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *O Olho do Mundo* foi publicado originalmente em 1990 e é o primeiro dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, considerada a maior e mais elaborada obra de literatura fantástica desde os livros de J.R.R. Tolkien.

LIVRO 2 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

A GRANDE CAÇADA



"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN DIFUNDIU."

The New York Times



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.club](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ROBERT
JORDAN

A GRANDE
CAÇADA

LIVRO 2 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
FÁBIO FERNANDES
E JULIA HENRIQUES



Copyright © 1990 by Robert Jordan
Publicado mediante acordo com Sabel Weber Associated Inc.
“The Wheel of Time[®]”, “The Dragon Reborn[™]” e o símbolo da roda/cobra
são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan

TÍTULO ORIGINAL
The Great Hunt

EDIÇÃO
Flora Pinheiro

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Shirley Lima
Marcela de Oliveira

REVISÃO TÉCNICA
Rafael Meyer

CAPA
Júlio Moreira

IMAGEM DA RODA DO TEMPO
© Sam Weber

COURO
© Duncan P. Walker/iStockphoto

MAPA
Ellisa Mitchell

ADAPTAÇÃO DO MAPA
ô de casa

ILUSTRAÇÕES INTERNAS
Matthew C. Nielsen

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-516-3

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Este livro é dedicado a Lucinda Culpin, Al Dempsey, Tom Doherty, Susan England, Dick Gallen, Cathy Grooms, Marisa Grooms, Wilson e Janet Grooms, John Jarrold, aos Johnson City Boys (Mike Leslie, Kenneth Loveless, James D. Lund, Paul R. Robinson), Karl Lundgren, William McDougal, ao pessoal de Montana (Eldon Carter, Ray Grenfell, Ken Miller, Rod Moore, Dick Schmidt, Ray Sessions, Ed Wildey, Mike Wildey e Sherman Williams), Charlie Moore, Louisa Cheves Popham Raoul, Ted e Sydney Rigney, Robert A. T. Scott, Bryan e Sharon Webb, e Heather Wood.

Eles me ajudaram quando Deus caminhou sobre as águas e o verdadeiro Olho do Mundo passou pela minha casa.

— Robert Jordan
Charleston, Carolina do Sul
Fevereiro de 1990

SUMÁRIO

CAPA
FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
MÍDIAS SOCIAIS
DEDICATÓRIA
PRÓLOGO NA SOMBRA
EPÍGRAFE

MAPA

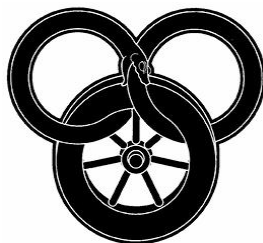
- 1 A CHAMA DE TAR VALON
- 2 AS BOAS-VINDAS
- 3 AMIGOS E INIMIGOS
- 4 A CONVOCAÇÃO
- 5 A SOMBRA EM SHIENAR
- 6 A PROFECIA DAS TREVAS
- 7 SANGUE CHAMA SANGUE
- 8 O DRAGÃO RENASCIDO
- 9 PARTIDAS
- 10 A CAÇADA COMEÇA
- 11 VISLUMBRES DO PADRÃO
- 12 TECIDO NO PADRÃO
- 13 DE PEDRA EM PEDRA
- 14 IRMÃO DOS LOBOS
- 15 FRATRICIDA
- 16 NO ESPELHO DA ESCURIDÃO
- 17 ESCOLHAS
- 18 RUMO À TORRE BRANCA
- 19 SOB A ADAGA
- 20 *SAIDIN*
- 21 OS NOVE ANÉIS
- 22 VIGIAS
- 23 O TESTE
- 24 NOVOS AMIGOS E VELHOS INIMIGOS
- 25 CAIRHIEN
- 26 DISCÓRDIA
- 27 A SOMBRA NA NOITE
- 28 UMA NOVA TRAMA NO PADRÃO
- 29 SEANCHAN
- 30 *DAES DAE'MAR*
- 31 NO RASTRO
- 32 PALAVRAS PERIGOSAS
- 33 UMA MENSAGEM DAS TREVAS

- 34 A RODA TECE
- 35 POUSO TSOFU
- 36 ENTRE OS ANCIÕES
- 37 O QUE PODERIA SER
- 38 TREINAMENTO
- 39 A FUGA DA TORRE BRANCA
- 40 *DAMANE*
- 41 DIVERGÊNCIAS
- 42 FALME
- 43 UM PLANO
- 44 CINCO AVANÇAM CAVALGANDO
- 45 MESTRE ESPADACHIM
- 46 SAIR DA SOMBRA
- 47 O TÚMULO NÃO É LIMITE PARA O MEU CHAMADO
- 48 A PRIMEIRA REIVINDICAÇÃO
- 49 O QUE DEVERIA SER
- 50 DEPOIS

GLOSSÁRIO

SOBRE O AUTOR

CONHEÇA A SÉRIE



Na Sombra

O homem que chamava a si mesmo de Bors, pelo menos naquele lugar, fez uma careta de desprezo ante o murmúrio que percorria o aposento de teto abobadado, um som semelhante ao grasnar suave de gansos. A expressão desdenhosa, porém, estava oculta pela máscara de seda negra que cobria seu rosto, idêntica às que cobriam cem outros rostos naquela câmara. Havia uma centena de máscaras negras, e uma centena de pares de olhos tentando ver o que se escondia atrás delas.

Sem olhar com atenção, era possível pensar que o imenso salão pertencia a um palácio, com grandes lareiras de mármore e lustres dourados pendendo das cúpulas do teto, tapeçarias coloridas e um piso de mosaicos com padrões intrincados. Mas apenas se a pessoa não olhasse com atenção. Para começar, as lareiras estavam frias: chamas dançavam sobre troncos da grossura da perna de um homem, mas não emitiam calor. As paredes por trás das tapeçarias e o teto lá no alto, bem acima dos lustres, eram de pedra nua, quase preta. Não havia janelas, apenas duas portas, uma de cada lado do salão. Era como se alguém tivesse tentado dar a impressão de que o cômodo era a câmara de recepção de um palácio, mas não tivesse se dado ao trabalho de traçar mais do que um esboço e adicionar poucos detalhes.

O homem que chamava a si mesmo de Bors não sabia onde aquele aposento ficava, nem achava que qualquer um dos outros soubesse. Não gostava de pensar no local onde ele poderia ficar; bastava saber que havia sido convocado. Também não gostava de pensar nisso, mas nem mesmo ele deixaria de comparecer a uma convocação daquelas.

Ajeitou seu manto, grato pelo fato de as chamas não emitirem calor; caso contrário, estaria quente demais para usar a peça de lã preta que ia até o chão. Todas as suas roupas eram pretas. As pesadas dobras do manto escondiam a corcunda falsa que usava para disfarçar a altura e impedir que os outros soubessem se era magro ou robusto. E não era o único ali com o corpo inteiro coberto de tecido.

Ficou observando seus companheiros em silêncio. A paciência marcara grande parte de sua vida. Se esperasse e observasse por tempo suficiente, alguém sempre cometia um erro. A maioria dos homens e mulheres ali talvez tivesse a mesma filosofia: eles observavam e escutavam em silêncio aqueles que precisavam falar. Algumas pessoas não conseguiam esperar ou ficar em silêncio, e acabavam revelando mais do que percebiam.

Serviçais circulavam por entre os convidados. Eram jovens esbeltos, com cabelos dourados, e ofereciam vinho com uma medida e um sorriso, sem dizer uma palavra. Tanto rapazes quanto moças vestiam calças apertadas e camisas brancas folgadas. Ambos os sexos se moviam com uma graciosidade perturbadora. Cada um parecia idêntico aos demais, como reflexos de um espelho, os rapazes tão belos quanto as garotas. Ele duvidava de sua capacidade de diferenciar uns dos outros, mesmo sendo bom em distinguir e memorizar fisionomias.

Uma garota sorridente, toda vestida de branco, ofereceu-lhe uma bebida da bandeja cheia de taças de cristal que carregava. Ele pegou um copo, mas sem intenção de beber. Se recusasse a oferta, poderia parecer desconfiado ou pior, o que seria mortal naquele lugar, mas era possível colocar qualquer coisa em uma bebida. Decerto alguns de seus companheiros não reclamariam ao ver diminuir o número de rivais na busca por poder, quem quer que fossem os azarados.

Ele se perguntava, distraído, se os serviçais precisariam ser descartados após aquela reunião. *Serviçais ouvem tudo*. Quando a moça com a bandeja se endireitou após uma medida, os olhos dos dois se encontraram por cima daquele sorriso doce. Olhos inexpressivos. Olhos vazios. Os olhos de uma boneca. Olhos mais mortos que a própria morte.

Um calafrio percorreu seu corpo quando ela se afastou com graça e, antes de se dar conta do que fazia, ele chegou a levar a taça aos lábios. Não foi o que havia sido feito à garota que o apavorou, pelo contrário: toda vez que julgava ter detectado uma fraqueza naqueles a quem agora servia, percebia que haviam se antecipado a seus pensamentos e se livrado da suposta fraqueza com uma precisão implacável, o que o deixava pasmo. Aquilo também o deixava preocupado: sua primeira regra sempre fora procurar por fraquezas, pois toda fraqueza era uma brecha por onde era possível penetrar, sondar e influenciar. Se seus mestres atuais, os mestres de agora, não tivessem fraquezas...

Franzindo a testa por trás da máscara, ele estudou seus companheiros. Ali, pelo menos, havia muitas fraquezas. O nervosismo traía até mesmo aqueles que tinham bom senso o bastante para segurar a língua. A rigidez com que um se portava, os movimentos bruscos daquela outra ao ajeitar a saia.

Um quarto dos convocados, estimou, não se dera ao trabalho de usar disfarce maior do que as máscaras negras, e suas roupas revelavam muito. Uma mulher de pé diante de uma tapeçaria dourada e carmesim, conversando em voz baixa com uma figura — impossível de identificar se homem ou mulher — vestia um manto cinza com capuz. Ela obviamente escolhera aquele local porque as cores da tapeçaria destacavam sua vestimenta. Chamar a atenção para si fora uma escolha duplamente tola, pois seu vestido escarlate com corpete decotado, para revelar mais carne, e curto demais, para exibir as sandálias douradas, indicava que vinha de Illian e que era uma mulher rica, talvez até mesmo de sangue nobre.

Não muito longe da illianense, estava outra mulher, sozinha e em um silêncio admirável. Tinha um pescoço de cisne e lustrosos cabelos negros que caíam em ondas até abaixo da cintura, e mantinha as costas para a parede de pedra, observando tudo. Não demonstrava nervosismo algum, e sim um sereno autocontrole. Uma postura exemplar, mas que era traída pela pele acobreada e pelo vestido bege de gola alta que deixava somente as mãos à mostra, embora se colasse ao corpo, apenas levemente opaco, de forma a insinuar tudo e não revelar nada. O traje a marcava como membro da nobreza de Arad Doman. E, a menos que o homem

que chamava a si mesmo de Bors estivesse completamente equivocado em suas suspeitas, o grande bracelete dourado em seu pulso esquerdo trazia os símbolos de sua Casa. Sabia que deviam ser da Casa dela, pois nenhum descendente do sangue domani abriria mão de seu imenso orgulho para usar os símbolos de outro. Uma atitude mais do que tola.

Um homem vestindo um casaco de Shienar azul-celeste e com colarinho alto passou por ele com um olhar desconfiado, examinando-o da cabeça aos pés pelos buracos dos olhos da máscara. A postura do homem revelava que era um soldado: a posição de seus ombros, a maneira como seu olhar nunca se detinha em um ponto por muito tempo e o modo como sua mão parecia pronta para sacar uma espada que não estava ali: tudo indicava isso. O shienarano não perdeu muito tempo com aquele que chamava a si mesmo de Bors: ombros caídos e costas curvadas não constituíam ameaça.

Aquele que chamava a si mesmo de Bors bufou com desdém quando o shienarano seguiu em frente, com o punho direito cerrado e o olhar distante, já estudando outros pontos em busca de perigo. Ele podia ler todos, perceber suas classes sociais e seus países. Distinguia mercadores e guerreiros, plebeus e nobres. Diferenciava pessoas de Kandor e Cairhien, Saldaea e Ghealdan. De cada nação e de quase todos os povos. Subitamente, franziu o nariz com nojo: havia até mesmo um latoeiro, usando calças verde-claras e um casaco amarelo tão brilhante que seus olhos chegavam a doer. *Quando o Dia chegar, ficaremos muito bem sem essa gente.*

A maioria dos disfarçados não estava em melhor situação, a despeito de seus mantos e capuzes. Sob um manto escuro, ele podia ver as botas enfeitadas em prata de um Grão-lorde de Tear. Teve outro vislumbre de esporas douradas em forma de cabeça de leão, usadas apenas por altos oficiais da guarda da rainha andoriana. Um sujeito magro — magro até mesmo em seu manto negro que se arrastava pelo chão e em seu capuz cinza preso por um alfinete de prata sem adornos — observava das profundezas de seu capuz. Ele podia ser qualquer um, de qualquer lugar... a não ser pela estrela de seis pontas tatuada na pele entre o polegar e o indicador da mão esquerda. Era um homem do Povo do Mar, e uma rápida olhadela em sua mão revelaria as marcas de seu clã e de sua linhagem. O homem que chamava a si mesmo de Bors nem se deu ao trabalho.

Seus olhos se estreitaram de súbito, fixando-se em uma mulher completamente envolta em negro, a não ser pelos dedos. Na mão direita, ela usava um anel de ouro em forma de serpente que engolia a própria cauda. Era uma Aes Sedai, ou pelo menos uma mulher treinada em Tar Valon pelas Aes Sedai: ninguém mais usaria aquele anel. De qualquer maneira, não fazia diferença para ele. Desviou o olhar antes que ela notasse que a observava. Quase imediatamente, avistou outra mulher envolta em preto da cabeça aos pés com um anel da Grande Serpente. Nenhuma das bruxas deu sinal de que conhecia a outra. Elas se sentavam na Torre Branca como aranhas em uma teia, puxando os cordéis que faziam reis e rainhas dançarem, intrometendo-se em todos os assuntos. *Malditas sejam todas, até a morte eterna!* Ele percebeu que rangia os dentes. Se era preciso que os números diminuíssem, o que deveria acontecer antes do Dia, haveria alguns que fariam ainda menos falta que os Latoeiros.

Um carrilhão soou, uma única nota arrepiante que vinha de todos os lugares ao mesmo tempo, silenciando todos os outros sons, como se cortados por uma faca.

As portas altas do outro lado do aposento se abriram, e dois Trollocs entraram, usando cota de malha negra até os joelhos, decorada com ponteiras. Todos recuaram, até mesmo o homem que chamava a si mesmo de Bors.

Com a cabeça e os ombros mais altos que o mais alto dos homens no recinto, os dois eram uma mistura repugnante de homem e animal, com rostos humanos retorcidos e alterados. Um deles tinha um bico grande e pontudo onde deveriam estar a boca e o nariz, e sua cabeça era coberta de penas em vez de cabelos. O outro caminhava sobre cascos, e tinha o rosto repuxado para a frente, formando um focinho peludo, e chifres de bode despontavam acima das orelhas.

Ignorando os humanos, os Trollocs se voltaram para a porta e fizeram uma mesura servil. As penas do primeiro se eriçaram, formando uma crista rígida.

Um Myrddraal passou pela porta entre os dois, que caíram de joelhos. A criatura estava vestida em um tom de preto que fazia a malha dos Trollocs e as máscaras dos humanos parecerem claras, e seus trajes pendiam imóveis, sem sofrerem uma ondulação sequer enquanto ele se movia com a graça de uma víbora.

O homem que chamava a si mesmo de Bors sentiu-se mostrar os dentes, um movimento que era parte rosnado e — ele tinha vergonha de admitir até para si mesmo — parte careta de medo. O Myrddraal estava com o rosto descoberto: sua face pálida e pastosa era de homem, mas faltavam-lhe os olhos, o que o fazia parecer um verme em um túmulo.

O rosto branco e liso se virou, parecendo analisá-los um a um, ao que parecia. Um tremor visível percorreu o ambiente sob o escrutínio daquele olhar sem olhos. Lábios finos e pálidos se contorceram no que poderia ter sido um sorriso quando, um a um, os mascarados tentaram se misturar à multidão, encolhendo-se para evitar aquele rosto. O olhar do Myrddraal fez com que formassem um semicírculo voltado para a porta.

O homem que chamava a si mesmo de Bors engoliu em seco. *Seu dia chegará, Meio-homem. Quando o Grande Senhor das Trevas voltar, escolherá seus novos Senhores do Medo, e você se curvará diante deles. Você se curvará diante dos homens. Diante de mim! Por que não fala? Pare de olhar para mim e fale!*

— Seu Mestre está chegando. — A voz do Myrddraal soava áspera, como a pele seca de uma cobra se desfazendo. — Deitem-se de barriga no chão, vermes! Rastejem, para que seu esplendor não os cegue nem queime!

O ódio tomou conta do homem que chamava a si mesmo de Bors, tanto pelo tom de voz quanto pelas palavras, mas o ar acima do Meio-homem tremeluziu, e o real significado do que dizia foi compreendido. *Não pode ser! Não pode...!* Os Trollocs já estavam deitados de barriga no chão, contorcendo-se como se quisessem se enterrar.

Sem esperar para conferir se mais alguém se movia, o homem que chamava a si mesmo de Bors se jogou no chão, grunhindo ao bater na pedra e se ferir. Palavras saíam de sua boca como um amuleto contra o perigo — eram, sim, um amuleto, embora um escudo frágil contra o que ele temia — e ele ouviu uma centena de outras vozes, arfantes de medo, falando as mesmas palavras para o chão.

— O Grande Senhor das Trevas é meu Mestre, e eu o servirei de todo o coração, até os últimos resquícios de minha alma. — No fundo de sua mente, uma voz tagarelava, cheia de medo. *O Tenebroso e todos os Abandonados estão presos...* Estremecendo, ele a forçou a se

calar. Abandonara aquela voz havia muito tempo. — Meu Mestre é o Mestre da morte. Sem nada pedir, eu sirvo, esperando o dia de sua chegada, mas sirvo na certeza e na esperança da vida eterna. — ... *Presos em Shayol Ghul, presos pelo Criador, no momento da criação. Não, eu sirvo a um mestre diferente agora.* — É certo que os fiéis serão exaltados na terra, exaltados acima dos descrentes, exaltados acima dos tronos. Por ora, sirvo humildemente, aguardando o Dia de seu Retorno. — *A mão do Criador abriga a todos, e a Luz nos protege da Sombra. Não, não! Um mestre diferente.* — Logo chegará o Dia do Retorno. Logo chegará o Grande Senhor das Trevas para nos guiar e governar o mundo para todo o sempre.

O homem que chamava a si mesmo de Bors terminou de enunciar o credo, ofegante como se tivesse corrido dez milhas. O ruído de respiração irregular ao redor indicava que não era o único.

— Levantem-se. Todos vocês, levantem-se.

A voz melíflua o pegou de surpresa. É claro que nenhum de seus companheiros, todos deitados com a barriga no chão e os rostos mascarados colados no piso de cerâmica, teria ousado falar, mas aquela não era a voz que ele esperaria de... Com extrema cautela, levantou a cabeça apenas o suficiente para espiar com um dos olhos.

A figura de um homem flutuava no espaço acima do Myrddraal, com a barra do manto vermelho-sangue pairando a uma braça da cabeça do Meio-homem. A figura também usava uma máscara vermelha. Será que o Grande Senhor das Trevas apareceria a eles como um homem? E mascarado, além de tudo? No entanto, o Myrddraal, com uma expressão de puro terror, tremia e quase se encolhia, à sombra da figura. O homem que chamava a si mesmo de Bors se agarrou a uma resposta que sua mente era capaz de conter sem arrebentar: talvez fosse um dos Abandonados.

O pensamento foi apenas um pouco menos doloroso. Mesmo assim, o fato de um dos Abandonados estar livre indicava que o Dia do Retorno do Tenebroso devia estar próximo. Os Abandonados, treze dos mais poderosos detentores do Poder Único, em uma Era repleta de detentores poderosos, foram presos em Shayol Ghul junto com o Tenebroso, isolados do mundo dos homens pelo Dragão e pelos Cem Companheiros. A energia ricocheteada pelo ato de isolamento maculara a metade masculina da Fonte Verdadeira, e todos os Aes Sedai homens, detentores amaldiçoados do Poder, enlouqueceram e destruíram o mundo, despedaçaram-no como um vaso de cerâmica jogado sobre um leito de rochas, encerrando a Era das Lendas antes de morrerem, apodrecendo ainda vivos. Fora uma morte adequada para um Aes Sedai, em sua opinião. Boa demais para eles. Só lamentou que as mulheres tivessem sido poupadas.

Lenta e dolorosamente, ele forçou o pânico para o fundo da mente, confinou-o e o conteve lá, embora o sentimento lutasse para escapar. Era o melhor que podia fazer. Nenhum dos que estavam deitados de barriga no chão havia se levantado, e apenas alguns haviam ousado levantar a cabeça.

— Levantem-se. — Dessa vez a voz da figura de máscara vermelha soou mais agressiva. Ele fez um gesto com ambas as mãos. — De pé!

O homem que chamava a si mesmo de Bors se levantou depressa, desajeitado, mas hesitou na metade do movimento. As mãos que gesticularam estavam horrivelmente queimadas, com fissuras negras por toda a sua extensão, e a carne crua entre elas era tão vermelha quanto os

mantos da figura. *Será que o Tenebroso apareceria desse jeito? Ou mesmo um dos Abandonados?* Os buracos dos olhos daquela máscara vermelho-sangue varreram lentamente o espaço, e ele se endireitou mais do que depressa quando passaram por ele. Sentira o calor de uma fornalha aberta naquele olhar.

Os outros obedeceram à ordem com a mesma falta de jeito e pavor. Quando todos estavam de pé, a figura flutuante falou novamente:

— Sou conhecido por muitos nomes, mas o que vocês devem usar para se referir a mim é Ba'alzamon.

O homem que chamava a si mesmo de Bors cerrou os dentes para impedi-los de baterem. Ba'alzamon. Na língua dos Trollocs, a palavra significava Coração das Trevas, e até mesmo os descrentes sabiam que aquele era o nome que os Trollocs davam para o Grande Senhor das Trevas. Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Aquele não era o verdadeiro nome, Shai'tan, mas ainda assim era proibido. Entre os que estavam ali reunidos e outros de sua espécie, macular qualquer um desses títulos com uma língua humana era blasfêmia. O ar passou por suas narinas com um assovio, e ele pôde ouvir que os outros ao redor também ofegavam por trás das máscaras. Os serviçais haviam partido, assim como os Trollocs, embora ele não os tivesse visto sair.

— O lugar onde vocês estão fica à sombra de Shayol Ghul.

Mais de um dos presentes no salão gemeu ao ouvir essas palavras, e o homem que chamava a si mesmo de Bors não tinha certeza de que não fora um deles. Um tom do que quase poderia ser chamado de escárnio transpareceu na voz de Ba'alzamon quando ele abriu bem os braços e continuou:

— Não temam, pois o Dia em que seu Mestre dominará o mundo está quase chegando. O Dia do Retorno está próximo. Minha presença aqui, para ser visto por vocês, os poucos escolhidos dentre seus irmãos e irmãs, não é prova disso? Em breve, a Roda do Tempo será quebrada. Em breve, a Grande Serpente morrerá, e, com o poder dessa morte, a morte do próprio Tempo, seu Mestre recriará o mundo à sua imagem e semelhança, nesta Era e em todas as que virão. E aqueles que me servem, fiéis e diligentes, vão se sentar aos meus pés, acima das estrelas no céu, e governarão o mundo dos homens para sempre. Foi isso que prometi, e é assim que será, pela eternidade. Vocês viverão e reinarão para sempre.

Um murmúrio de expectativa percorreu a multidão, e algumas pessoas até chegaram a dar um passo à frente, na direção da figura vermelha flutuante, com os olhos erguidos em êxtase. Até mesmo o homem que chamava a si mesmo de Bors sentiu a atração daquela promessa, a promessa pela qual ele vendera sua alma uma centena de vezes.

— O Dia do Retorno está próximo — continuou Ba'alzamon. — Mas ainda há muito o que fazer. Muito o que fazer.

O ar à esquerda de Ba'alzamon tremeluziu e se adensou, e a figura de um rapaz foi projetada ali, um pouco abaixo do Grande Senhor das Trevas. O homem que chamava a si mesmo de Bors não conseguiu perceber se aquilo era ou não um ser vivo. Era um camponês, a julgar por suas roupas, com um ar levemente matreiro nos olhos castanhos e um sorriso sutil nos lábios, como se estivesse se lembrando de uma peça que pregara ou estivesse na expectativa dela. A pele da figura parecia quente, mas seu peito não se movia com a respiração e seus olhos não

piscavam.

O ar à direita de Ba'alzamon bruxuleou como se houvesse uma lufada de ar quente, e uma segunda figura vestida com roupas de camponês surgiu, um pouco abaixo de Ba'alzamon. Era um jovem de cabelos encaracolados, musculoso como um ferreiro. E um detalhe estranho: trazia um machado de batalha pendurado em sua cintura, uma enorme meia-lua de aço com um cabo grosso. O homem que chamava a si mesmo de Bors se inclinou para a frente de súbito, ao reparar em algo ainda mais estranho. O jovem tinha olhos amarelos.

Pela terceira vez, o ar assumiu a forma de um rapaz, dessa vez logo abaixo dos olhos de Ba'alzamon, quase a seus pés. Um sujeito alto, com olhos que mudavam de cor com a luz, ora acinzentados, ora quase azuis, e cabelos de um tom vermelho-escuro. Outro aldeão ou fazendeiro. O homem que chamava a si mesmo de Bors perdeu o fôlego: havia mais uma coisa fora do comum, embora ele se perguntasse por que deveria esperar que qualquer coisa ali fosse normal. Uma espada de duas mãos pendia do cinturão da figura, uma espada com uma garça de bronze na bainha e outra gravada no longo cabo. *Um camponês com uma espada com a marca da garça? Impossível! O que isso significa? E um rapaz com olhos amarelos.* Ele reparou que o Myrddraal encarava as figuras, tremendo, e, a menos que estivesse completamente enganado, o tremor não era mais de medo, e sim de ódio.

Um silêncio sepulcral havia caído sobre o ambiente, um silêncio que Ba'alzamon deixou se prolongar antes de prosseguir:

— Há, agora, alguém que caminha pelo mundo, alguém que foi e que será, mas que ainda não é, o Dragão.

Um murmúrio assustado percorreu a multidão.

— O Dragão Renascido! Devemos matá-lo, Grande Senhor? — Isso veio do homem de Shienar, cuja mão ansiosa buscava a espada que deveria estar pendurada no cinturão.

— Talvez — respondeu Ba'alzamon, simplesmente. — Talvez não. Talvez ele possa servir a meus propósitos. Mais cedo ou mais tarde, é o que acontecerá, nesta Era ou em outra.

O homem que chamava a si mesmo de Bors pestanejou. *Nesta Era ou em outra? Eu achava que o Dia do Retorno estava próximo. O que me importa o que acontecerá em outra Era se eu envelhecer e morrer durante esta?* Mas Ba'alzamon já voltara a falar.

— Uma dobra começa a se formar no Padrão, um de muitos pontos em que aquele que será o Dragão poderá ser trazido para o meu lado. Precisa ser! Melhor que me sirva vivo do que morto, mas, vivo ou morto, ele deve me servir e assim fará! Vocês precisam conhecer estes três, pois cada um é um fio no padrão que *eu* pretendo tecer, e caberá a vocês cuidarem para que eles sejam dispostos de acordo com as minhas ordens. Estudem-nos bem, para serem capazes de reconhecê-los.

Subitamente, o salão ficou em silêncio. O homem que chamava a si mesmo de Bors se mexeu, desconfortável, e viu outras pessoas fazerem o mesmo. Todos, menos a mulher de Illian, percebeu. Com as mãos abertas sobre o seio, como se para ocultar o busto arredondado, e os olhos arregalados, tanto assustada quanto em êxtase, ela assentia, ansiosa, como se para alguém bem na sua frente. Às vezes, ela parecia responder algo, mas o homem que chamava a si mesmo de Bors não ouvia uma palavra. De repente, ela arqueou as costas e começou a tremer, erguendo-se na ponta dos pés. Ele não entendia como ela não caía, a menos que algo invisível a estivesse segurando. Então, do mesmo modo repentino, ela voltou a ficar

de pé e assentiu outra vez, fazendo uma medida trêmula. No instante em que ela se endireitou, uma das mulheres com anel da Grande Serpente sobressaltou-se e passou a balançar a cabeça de modo afirmativo.

Então cada um ouve suas próprias instruções, e ninguém ouve as do outro. O homem que chamava a si mesmo de Bors gemeu de frustração. Se soubesse as ordens recebidas por uma só pessoa ali, poderia usar a informação em proveito próprio, mas desse jeito... Impaciente, ele esperou pela sua vez, distraíndo-se o suficiente para permanecer ereto.

Um a um, os membros da reunião receberam suas ordens, todos em silêncio, mas fornecendo pistas que seriam interessantíssimas caso ele conseguisse decifrá-las. O homem dos Atha'an Miere, o Povo do Mar, enrijeceu-se, relutante, ao assentir. O shienarano mantinha uma postura que deixava transparecer sua confusão, apesar dos gestos de anuência. A segunda mulher de Tar Valon sobressaltou-se, como se levasse um choque, e depois a figura envolta em cinza, cujo sexo ele não conseguia determinar, balançou a cabeça antes de cair de joelhos e assentir vigorosamente. Alguns tiveram as mesmas convulsões que a mulher de Illian, como se fosse a dor que os levantasse e os fizesse ficar nas pontas dos pés.

— Bors.

O homem que chamava a si mesmo de Bors sobressaltou-se quando uma máscara vermelha preencheu seu campo de visão. Ele ainda podia ver o aposento, ainda via a forma flutuante de Ba'alzamon e as três figuras à sua frente, mas, ao mesmo tempo, tudo o que podia enxergar era a máscara vermelha. Zonzo, ele sentiu como se estivessem partindo seu crânio ao meio e espremendo seus olhos para fora da cabeça. Por um momento, achou que podia ver chamas por entre os buracos dos olhos da máscara vermelha.

— Você é fiel... Bors?

O vestígio de sarcasmo da voz ao pronunciar o nome fez com que um calafrio percorresse suas costas.

— Sou fiel, Grande Senhor. Não posso esconder isso do senhor. — *Eu sou fiel! Juro!*

— Não, não pode.

A certeza na voz de Ba'alzamon fez sua boca ficar seca, mas ele se obrigou a falar.

— Ordene, Grande Senhor, e eu obedecerei.

— Em primeiro lugar, você deverá retornar a Tarabon e continuar com suas *boas* obras. Na verdade, ordeno que redobre seus esforços.

Ele encarou Ba'alzamon, atônito, mas as chamas voltaram a explodir por trás da máscara, e ele fez uma medida para ter uma desculpa para desviar os olhos.

— Como ordenar, Grande Senhor, assim será.

— Em segundo lugar, você ficará alerta para o caso de os três rapazes aparecerem e mandará seus seguidores fazerem o mesmo. Esteja avisado: eles são perigosos.

O homem que chamava a si mesmo de Bors olhou de relance para as figuras que flutuavam à frente de Ba'alzamon. *Como poderei fazer isso? Posso vê-los, mas não consigo enxergar nada a não ser o rosto dele.* Sua cabeça parecia prestes a explodir. O suor deixava suas mãos escorregadias sob as luvas finas, e sua camisa grudava nas costas.

— Perigosos, Grande Senhor? Camponeses? Será um deles o...?

— Uma espada é perigosa para o homem que está na outra ponta, mas não para o que segura

o cabo. A não ser que o homem com a espada seja tolo, descuidado ou despreparado: nesse caso, o risco é duas vezes maior para ele do que para qualquer outro. Já basta que eu tenha lido para conhecê-los. Já basta que você me obedeça.

— Como ordenar, Grande Senhor, assim será.

— Por último, em relação àqueles que desembarcaram na Ponta de Toman e os domaneses: você não falará sobre isso com ninguém. Quando retornar a Tarabon...

O homem que chamava a si mesmo de Bors percebeu, enquanto ouvia, que estava boquiaberto. As instruções não faziam sentido. *Se soubesse as ordens que alguns dos outros receberam, talvez eu pudesse encaixar as peças.*

De repente, sentiu como se sua cabeça tivesse sido agarrada por uma mão gigante que esmagava suas têmporas e o levantava, e o mundo explodiu em mil fragmentos de estrela, cada clarão de luz se tornando uma imagem que atravessou sua mente ou saiu voando, desaparecendo ao longe antes que ele pudesse absorvê-lo. Um céu impossível, com nuvens listradas, vermelhas, amarelas e pretas, passando depressa, como se carregadas pelo vento mais forte que o mundo já vira. Uma mulher — ou seria uma menina? — vestida de branco adentrou a escuridão e desapareceu tão logo surgiu. Um corvo o olhou nos olhos, *reconhecendo-o*, e sumiu. Um homem de armadura e um elmo brutos, pintados de dourado e na forma de um inseto monstruoso e venenoso, ergueu uma espada e investiu contra algo fora de seu campo de visão. Uma trombeta curva e dourada surgiu velozmente, de muito longe. Ela tocava uma nota dissonante enquanto disparava em sua direção, atraindo sua alma com força. No último instante, ela se acendeu em um anel de luz dourado que passou por ele e o cegou, gelando seu corpo com um frio além da morte. Um lobo saltou das sombras de sua visão perdida e rasgou sua garganta. Ele não conseguiu gritar. A torrente continuou, afogando-o, soterrando-o. Ele mal conseguia se lembrar de quem era ou do que era. Dos céus, chovia fogo, e a lua e as estrelas caíram. Corria sangue nos rios, e os mortos caminhavam. A terra se abriu e rocha derretida começou a jorrar...

O homem que chamava a si mesmo de Bors viu que estava quase agachado em meio à multidão, e a maioria dos olhos se voltava para ele, em silêncio. Para onde quer que olhasse, para cima, para baixo ou em qualquer direção, o rosto mascarado de Ba'alzamon invadia seu campo de visão. As imagens que haviam inundado sua mente estavam se desvanecendo, e ele tinha certeza de que muitas já haviam desaparecido de sua memória. Hesitante, ele se endireitou, com Ba'alzamon sempre à frente.

— Grande Senhor, o quê...?

— Algumas ordens são importantes demais para que sejam conhecidas, mesmo por aquele que as executa.

O homem que chamava a si mesmo de Bors quase dobrou seu corpo em profunda reverência.

— Como ordenar, Grande Senhor — murmurou, rouco. — Assim será.

Quando se endireitou, estava sozinho no silêncio mais uma vez. Outra pessoa, o Grão-lorde de Tairen, assentia e fazia medidas para alguém que ninguém mais via. O homem que chamava a si mesmo de Bors levou uma das mãos trêmulas à testa, tentando reter um pensamento que invadira sua mente, embora não estivesse inteiramente certo de que queria se lembrar. O último fragmento se desvaneceu, e, de súbito, ele se perguntou o que tentava recordar. *Sei que havia algo, mas o quê? Havia algo! Não havia?* Esfregou as mãos, fazendo uma careta ao

sentir o suor sob as luvas, e voltou sua atenção para as três imagens suspensas diante da figura flutuante de Ba'alzamon.

O jovem musculoso de cabelos encaracolados, o fazendeiro com a espada e o rapaz com olhar matreiro. Em sua mente, o homem que chamava a si mesmo de Bors os batizara de Ferreiro, Espadachim e Trapaceiro. *Onde se encaixam no quebra-cabeças?* Eles deviam ser importantes, ou não seriam o principal assunto da reunião. Mas apenas as ordens que recebera já eram suficientes para causar a morte de todos, e precisava considerar que alguns dos outros, pelo menos, tinham ordens tão letais quanto as dele para os três. *Qual a importância deles?* Os olhos azuis podiam indicar a nobreza de Andor — coisa improvável com aquelas roupas — e havia gente nas Terras da Fronteira com olhos claros, assim como algumas pessoas de Tairen, isso para não mencionar uns poucos de Ghealdan. E, é claro... Não, isso não ajudaria em nada. Mas olhos *amarelos*? *Quem são eles? O que são eles?*

Sobressaltou-se ao sentir alguém tocar seu braço, e, quando olhou ao redor, deparou-se com um dos serviçais de branco, um rapaz de pé ao seu lado. Os outros também haviam voltado, em número ainda maior do que antes, um para cada mascarado. Ele piscou. Ba'alzamon havia partido. O Myrddraal também, e no lugar da porta que ele usara antes havia apenas uma parede de pedra. Sentiu-se observado.

— Se for de seu agrado, Lorde Bors, vou levá-lo a seu quarto.

Evitando aqueles olhos mortos, ele examinou rapidamente as três figuras mais uma vez, depois seguiu o serviçal. Incomodado, perguntou-se como o jovem soubera que nome usar. Só depois que as estranhas portas esculpidas se fecharam atrás dele e os dois já tinham dado cerca de dez passos, ele percebeu que estava sozinho no corredor com o serviçal. Suas sobrancelhas se moveram em um gesto de desconfiança por trás da máscara, mas, antes que pudesse abrir a boca, o serviçal falou:

— Os outros também estão sendo levados aos seus quartos, milorde. Se puder me acompanhar, milorde... O tempo é curto, e nosso Mestre está impaciente.

O homem que chamava a si mesmo de Bors rangeu os dentes, tanto com a falta de informação quanto com a sugestão de que ele e o serviçal eram iguais, mas seguiu em silêncio. Apenas um tolo reclamava com um serviçal, e, pior, ao se lembrar dos olhos do sujeito, não tinha certeza de que isso adiantaria. *E como ele sabia o que eu ia perguntar?* O serviçal sorriu.

O homem que chamava a si mesmo de Bors não se sentiu nem um pouco à vontade até estar de volta ao quarto onde havia aguardado ao chegar, e mesmo assim não melhorou muito. Nem mesmo encontrar seus alforjes intocados foi de muito consolo.

O serviçal permaneceu parado no corredor.

— O senhor pode se trocar e usar suas próprias roupas se desejar, milorde. Aqui, ninguém o verá partir ou chegar ao seu destino, mas pode ser melhor chegar adequadamente vestido. Alguém virá em breve para lhe mostrar o caminho.

Intocada por qualquer mão visível, a porta se fechou.

O homem que chamava a si mesmo de Bors estremeceu sem querer. Mais do que depressa, desfez os selos e as fivelas dos alforjes e retirou seu manto. No fundo da mente, uma vozinha se perguntou se o poder prometido e até mesmo a imortalidade valiam outro encontro daqueles, mas ele imediatamente riu para abafá-la. *Para ter tanto poder assim, eu louvaria o*

Grande Senhor das Trevas sob a Cúpula da Verdade. Lembrando-se das ordens que Ba'alzamon lhe dera, tocou o sol dourado e flamejante costurado no peito do manto branco e o cajado do pastor vermelho por trás do sol, símbolo de seu posto no mundo dos homens, e quase riu. Havia trabalho, um grande trabalho, a ser feito, tanto em Tarabon quanto na Planície de Almoth.



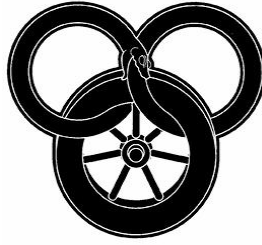
E há de chegar o dia em que as obras dos homens serão destruídas, e a Sombra cairá sobre o Padrão da Era, e a mão do Tenebroso desabará mais uma vez sobre o mundo dos homens. As mulheres verterão lágrimas, e os homens tremerão quando as nações da Terra forem despedaçadas como trapos. Ninguém se oporá ou lutará.

Mas alguém virá para enfrentar a Sombra, nascido outra vez, como nasceu antes e nascerá novamente, vezes sem-fim. O Dragão Renascerá, e seu retorno será acompanhado de choro e ranger de dentes. Ele cobrirá o povo em cinzas e aniagem e causará uma nova Ruptura do Mundo, destruindo todas as correntes que o prendem. Como a aurora libertadora, ele nos cegará e nos queimará, mas o Dragão Renascido enfrentará a Sombra na Última Batalha, e seu sangue nos trará a Luz. Deixai que as lágrimas escorram, Ó povo do mundo. Chorai por vossa salvação.

(De *O Ciclo de Karaethon*,
As Profecias do Dragão.)

Traduzido por Ellaine Marise'idin Alshinn,
Bibliotecária-chefe da Corte de Arafel,
no Ano da Graça de 231
da Nova Era, a Terceira Era)





A Chama de Tar Valon

A Roda do Tempo gira, e Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas, depois se desvanecem em mitos e já estão esquecidas há muito tempo quando a Era torna a aparecer. Em uma delas, chamada por alguns de Terceira Era, uma Era ainda por vir e há muito passada, um vento surgiu nas Montanhas de Dhoom. O vento não era o início, pois não existem nem inícios nem fins no girar da Roda do Tempo. Mas era um início.

Nascido entre picos negros e afiados como facas, onde a morte rondava as passagens altas, embora protegido de coisas ainda mais perigosas, o vento soprava para o sul, passando pelo emaranhado que era a floresta da Grande Praga, uma floresta maculada e corrompida pelo toque do Tenebroso. O cheiro doce e nauseante dessa corrupção já havia desaparecido quando o vento atravessou aquela linha invisível que os homens chamam de fronteira de Shienar, onde pendiam flores da primavera, formando grandes cachos nas árvores. O verão já devia ter chegado àquela altura, mas a primavera se atrasara, e a terra se esforçava para recuperar o tempo perdido. Um verde-claro novo nascia em cada arbusto, e brotos vermelhos despontavam de cada galho de árvore. O vento agitava os campos das fazendas que lembravam lagos esverdeados, massas sólidas de colheitas cujo crescimento era quase visível.

O cheiro de morte praticamente havia desaparecido muito antes de o vento atingir a cidade de muralhas de pedra de Fal Dara nas colinas, contornando uma torre da fortaleza bem no centro da cidade, no topo da qual dois homens pareciam dançar. Fal Dara, alta e com grossas muralhas, ao mesmo tempo fortaleza e cidade, jamais ocupada, jamais traída. O vento gemia por entre telhados de madeira, passando por altas chaminés de pedra e torres ainda mais altas, soando como um cântico fúnebre.

Nu da cintura para cima, Rand al'Thor estremeceu com a carícia fria do vento e flexionou os dedos que envolviam o longo cabo da espada de treinamento. O sol quente deixara seu peito molhado de suor, e seus cabelos vermelho-escuros estavam colados à cabeça, formando um tapete de cachos. Um leve odor trazido pela brisa fez seu nariz se franzir, mas ele não o associou à imagem de um velho túmulo recém-aberto que surgiu em sua mente em um lampejo. Mal se deu conta do cheiro ou da imagem, lutando para manter a mente vazia, mas o outro homem que estava com ele no alto da torre não parava de perturbar o vazio. Com dez passos

de extensão, o pátio no alto da torre era cercado por uma muralha com ameias que ia até a altura do peito. Era grande o bastante para uma pessoa, a não ser que compartilhasse o espaço com um Guardião.

Embora fosse bem jovem, Rand era mais alto que a maioria dos homens, mas Lan era tão alto quanto ele e bem mais musculoso, ainda que não tivesse ombros tão largos. Uma estreita faixa de couro trançado impedia que os cabelos compridos do Guardião caíssem em seu rosto anguloso, que parecia feito de pedra. Um rosto sem rugas, como se para negar os fios grisalhos nas têmporas. Apesar do calor e do esforço físico, apenas uma fina camada de suor reluzia nos braços e no peito do homem. Rand estudava os olhos azuis frios de Lan, em busca de algum indício das intenções do Guardião. Parecia que o homem nunca piscava, e a espada de treinamento movia-se com firmeza e tranquilidade em suas mãos enquanto ele passava, com graça, de uma postura a outra.

Com um feixe de ripas finas amarradas em vez de uma lâmina, a espada de treinamento emitia um ruído alto sempre que se chocava com alguma coisa e deixava marcas vermelhas na pele. Rand sabia disso muito bem: três finas linhas vermelhas ardiam em suas costelas, mais uma queimava seu ombro, e foi preciso muito esforço para não ganhar outra. Lan não tinha uma marca sequer.

Conforme aprendera, Rand formou uma única chama em sua mente e se concentrou nela, tentando alimentá-la com toda a sua emoção e paixão, a fim de criar um vazio dentro de si, deixando até mesmo o pensamento de lado. O vazio veio. Como acontecia com frequência nos últimos tempos, não era um vazio perfeito: quando não permanecia a chama, restava ainda uma sensação de luz que agitava aquela quietude. Era o suficiente, mas por pouco. A fria paz do vazio o envolveu, e ele se tornou um com a espada de treinamento, com as pedras lisas sob suas botas e até mesmo com Lan. Tudo era um, e ele se movia sem pensar, entrando no ritmo do Guardião, em sintonia com cada passo e cada movimento.

O vento ficou mais forte outra vez, trazendo o soar dos sinos da cidade. *Alguém ainda está comemorando a chegada tardia da primavera.* O pensamento mundano veio flutuando pelo vazio em ondas de luz, perturbando a quietude, e, como se o Guardião pudesse ler a mente de Rand, a espada de treinamento girou nas mãos de Lan.

Por um longo minuto, o rápido *claque-claque-claque* dos feixes de ripas se chocando preencheu o topo da torre. Rand não tentou atingir o outro homem; ele mal conseguia evitar que os golpes do Guardião o atingissem. Aparando os golpes de Lan no último instante possível, ele foi forçado a recuar. A expressão do homem não se alterou nem por um momento, e a espada de treinamento parecia viva em suas mãos. O golpe lateral do Guardião mudou, em pleno movimento, para uma estocada. Pego de surpresa, Rand recuou, já fazendo uma careta ante a perspectiva do golpe que ele sabia que não conseguiria evitar.

O vento uivou ao atravessar a torre... e o capturou. Foi como se o ar tivesse se solidificado de repente, aprisionando-o em um casulo, empurrando-o para a frente. O tempo e o movimento desaceleraram. Horrorizado, ele viu a espada de treinamento de Lan vir em direção a seu peito. O impacto não foi nem um pouco lento ou suave, e suas costelas rangeram como se tivessem sido atingidas por um martelo. Ele soltou um grunhido, mas o vento não deixou que desviasse. Pelo contrário, empurrou-o ainda mais para a frente. As ripas da espada de treinamento de Lan se vergaram — tão lentamente, pensou Rand — e se estilhaçaram. Pontas

afiadas deslizaram em direção ao seu coração, a madeira quebrada rasgando seu peito. Seu corpo foi tomado pela dor, e parecia que sua pele inteira fora rasgada. Ele se sentiu queimar, como se o sol tivesse explodido para fritá-lo como bacon em uma frigideira.

Com um grito, ele se jogou para trás, cambaleando até bater na parede de pedra. Sua mão trêmula tocou os cortes no peito, e ele levantou os dedos ensanguentados diante dos olhos cinzentos, sem conseguir acreditar.

— E que defesa idiota foi essa, pastor? — perguntou Lan, com uma voz rouca. — Você sabe que não deve tentar uma coisa dessas. Ou deveria saber, a menos que tenha esquecido tudo o que tentei ensinar. Você está muito...? — Ele parou de falar quando Rand levantou a cabeça e o encarou.

— O vento. — A boca de Rand estava seca. — Ele... ele me empurrou! Ele... ele estava sólido como uma parede!

O Guardião o estudou em silêncio, depois lhe estendeu a mão. Rand a segurou e se deixou ser levantado.

— Coisas estranhas podem acontecer tão perto da Praga — disse Lan, por fim. No entanto, apesar de toda a neutralidade das palavras, ele parecia preocupado, o que já era estranho por si só. Os Guardiões, guerreiros quase lendários que serviam às Aes Sedai, raramente demonstravam emoções, e Lan demonstrava menos ainda, até mesmo para um Guardião. Ele jogou a espada estilhaçada de lado e se recostou na parede onde estavam as verdadeiras espadas, fora do caminho do treinamento.

— Mas não coisas assim — protestou Rand. Ele foi para o lado do outro homem, agachando-se e recostando-se na pedra. Nessa posição, o muro ficava mais alto do que sua cabeça, o que o protegeria um pouco do vento. Se é que aquilo poderia ser chamado assim. Nunca sentira um vento... tão sólido. — Paz! Talvez isso não aconteça nem mesmo *dentro* da Praga.

— Com alguém como você... — Lan deu de ombros, como se aquilo explicasse tudo. — Quando você vai partir, pastor? Faz um mês que disse que ia embora, e achei que já teria feito isso há duas semanas.

Rand o encarou, surpreso. *Ele está agindo como se nada tivesse acontecido!* Franzindo a testa, deixou a espada de treinamento de lado e levou a sua própria até os joelhos, passando os dedos ao longo do cabo comprido envolto em couro, no qual uma garça de bronze fora gravada. Havia outra garça de bronze na bainha, e mais uma na lâmina, agora embainhada. Ainda achava um pouco estranho ter uma espada, qualquer que fosse, quanto mais uma com a marca de um mestre espadachim. Ele era um fazendeiro de Dois Rios, mas estava bem longe agora. Talvez ficasse longe para sempre. Era um pastor, como seu pai. *Eu era um pastor. O que sou agora?* E fora seu pai quem lhe dera uma espada com a marca da garça. *Tam é meu pai, não importa o que digam.* Ele desejou que seus pensamentos não soassem como se estivesse tentando convencer a si mesmo.

Mais uma vez, Lan pareceu ler sua mente.

— Nas Terras da Fronteira, pastor, se um homem cria uma criança, essa criança é dele, e ninguém tem o direito de dizer o contrário.

Rand fez cara feia e ignorou as palavras do Guardião. Aquele assunto dizia respeito somente

a ele.

— Quero aprender a usar isto. Preciso aprender. — Carregar uma espada com a marca da garça já lhe causara problemas. Nem todos sabiam o que significava ou mesmo a notavam, mas uma espada daquelas, ainda mais nas mãos de um rapaz que mal tinha idade para ser chamado de homem, atraía o tipo errado de atenção. — Nas ocasiões em que não pude fugir, consegui blefar. Nas outras, tive sorte. Mas o que vai acontecer quando eu não puder fugir ou blefar, e minha sorte acabar?

— Você pode vendê-la — respondeu Lan, com cuidado. — Essa lâmina é rara mesmo entre espadas com a marca da garça. Você conseguiria um bom preço por ela.

— Não! — Essa ideia já lhe ocorrera mais de uma vez, mas ele a rejeitou pela mesma razão de sempre, e nesse caso ainda mais rápido por vir de outra pessoa. *Enquanto ela for minha, terei o direito de chamar Tam de pai. Foi ele quem a deu a mim, e ela me garante esse direito.* — Achei que qualquer espada com a marca da garça fosse rara.

Lan o olhou de soslaio.

— Então Tam não lhe contou? Ele devia saber. Talvez não tenha acreditado. Muitos não acreditam. — O homem pegou sua própria espada, quase gêmea da de Rand, a não ser pela ausência da garça, e a desembainhou. A lâmina, levemente curva e com apenas um gume, reluziu prateada na luz do sol.

Era a espada dos reis de Malkier. Lan não tocava nesse assunto, nem gostava que outros falassem a respeito, mas al’Lan Mandragoran era o Lorde das Sete Torres, o Lorde dos Lagos e o Rei não coroado de Malkier. As Sete Torres estavam em ruínas agora, e os Mil Lagos eram um antro de coisas impuras. Malkier fora engolida pela Grande Praga, e somente um dos senhores malkieris ainda estava vivo.

Uns diziam que Lan tornara-se Guardião, vinculando-se a uma Aes Sedai, para buscar a morte na Praga e se juntar aos outros de seu sangue. De fato, Rand vira Lan se pôr em perigo sem parecer levar em conta a própria segurança, mas sabia que o homem se preocupava com a vida e a segurança de Moiraine, a Aes Sedai à qual estava vinculado, muito mais do que consigo. Ele não achava que Lan fosse realmente procurar a morte enquanto Moiraine vivesse.

Examinando sua espada, Lan falou:

— Durante a Guerra da Sombra, o próprio Poder Único foi usado como arma, e armas eram criadas com o Poder Único. Algumas armas *usavam* o Poder Único, eram coisas capazes de destruir uma cidade inteira com um só golpe, arrasando a terra por léguas. É bom que todas tenham sido perdidas na Ruptura, é bom que ninguém lembre como produzi-las. Mas também havia armas mais simples, para aqueles que enfrentavam as espadas dos Myrddraal e de coisas piores que os Senhores do Medo criavam.

“Com o Poder Único, Aes Sedai extraíam da terra ferro e outros metais, para derretê-los e forjá-los. Tudo isso com o Poder. Criaram espadas e também outras armas. Muitas que sobreviveram à Ruptura do Mundo foram destruídas por homens que temiam e odiavam o trabalho de Aes Sedai, enquanto outras desapareceram com os anos. Restaram poucas, e poucos homens entendem o que elas são. Existem lendas a respeito delas, contos exagerados de espadas que pareciam ter poder próprio. Você já ouviu as histórias dos menestréis, mas a realidade já basta. Falam de lâminas que não se estilhaçam ou quebram e que nunca perdem o fio. Eu já vi homens as afiarem. Fingem que afiam, na verdade, porque não conseguiam

acreditar que uma espada não precise ser afiada depois de ser usada. Mas estão apenas desgastando suas pedras de amolar.

“Essas armas foram feitas pelas Aes Sedai, e nunca haverá outras iguais. Quando tudo acabou, a guerra e a Era terminaram juntas, deixando o mundo destruído, com mais mortos a serem enterrados do que gente viva. Os que estavam vivos fugiam, tentando encontrar algum lugar seguro, qualquer que fosse. A cada segundo, uma mulher chorava porque nunca mais veria seu marido ou seus filhos. Quando tudo acabou, as Aes Sedai sobreviventes juraram nunca mais criar uma arma para que um homem matasse outro. Todas as Aes Sedai fizeram esse juramento, e cada uma dessas mulheres tem mantido a promessa. Todas, até mesmo as Vermelhas, que não se importam muito com o que acontece com os homens.

“Uma dessas, uma arma simples, de soldado, se tornou algo mais. — O Guardião voltou a embainhar sua espada com uma expressão cansada, parecendo quase triste, se é que se poderia atribuir algum tipo de emoção àquele homem. — Havia, no entanto, as que foram feitas para senhores generais, com lâminas tão duras que nenhum ferreiro poderia marcá-las, mas que ostentavam uma marca de garça. Essas espadas se tornaram muito procuradas.”

De repente, as mãos de Rand se afastaram da espada apoiada em seus joelhos. Ela escorregou para a frente, e ele a agarrou instintivamente antes que ela caísse no piso de pedra.

— Você quer dizer que Aes Sedai fizeram isto? Pensei que estivesse falando da *sua* espada.

— Nem todas as armas com a marca da garça são obra das Aes Sedai. Poucos homens dominam a espada com habilidade suficiente para serem chamados de mestres espadachins e receberem, como recompensa, uma lâmina com a marca da garça. Mesmo assim, não restaram espadas de Aes Sedai o suficiente para que pouco mais de um bando deles carregassem uma. A maioria vem de mestres ferreiros, feitas do melhor aço que os homens podem criar, mas ainda assim forjadas pelas mãos de um homem. Mas essa aí, pastor... Essa deve carregar histórias de três mil anos ou mais.

— Não vou conseguir escapar delas, não é mesmo? — resmungou Rand. O rapaz equilibrou a espada à sua frente, sobre a ponta da bainha: ela não lhe parecia diferente do que era antes de ele descobrir aquilo. — Outra obra das Aes Sedai.

Mas foi Tam quem me deu. Meu pai a deu mim. Ele se recusava a pensar em como um pastor de Dois Rios conseguira uma espada com a marca da garça. Esses pensamentos levavam a lugares perigosos, profundezas que ele não queria explorar.

— Você realmente quer escapar, pastor? Vou perguntar outra vez. Por que ainda não foi embora, então? Por causa da espada? Em cinco anos, eu poderia torná-lo digno dela, fazer de você um mestre espadachim. Você tem punhos rápidos, um bom equilíbrio e não comete o mesmo erro duas vezes. Mas eu não disponho de cinco anos para lhe ensinar, e você não tem cinco anos para aprender. Não tem sequer um ano, e sabe bem disso. Com o conhecimento que tem agora, não vai furar o próprio pé. Você se comporta como se a espada pertencesse à sua cintura, pastor, e a maioria dos valentões nas aldeias vai perceber isso. Mas você já agia dessa forma praticamente desde o dia em que começou a carregá-la. Então por que ainda está aqui?

— Mat e Perrin ainda estão aqui — resmungou Rand. — Eu não quero ir embora antes deles. Eu nunca... Talvez não os veja outra vez por... Por anos, quem sabe? — Ele encostou a

cabeça na parede. — Sangue e cinzas! Pelo menos eles só acham que eu sou louco por não voltar para casa com eles. Nynaeve quase sempre me olha como se eu fosse uma criança de seis anos com um joelho esfolado e ela fosse cuidar de tudo. No resto do tempo, parece estar observando um estranho. Um estranho que pode se ofender se ela o encarar por tempo demais. Ela é uma Sabedoria, e acho que nunca teve medo de nada, mas... — Ele sacudiu a cabeça. — E Egwene. Que me queime! Ela sabe por que tenho que ir, mas toda vez que toco no assunto ela me olha de um jeito que faz meu estômago embrulhar, e eu... — Ele fechou os olhos, pressionando o cabo da espada na testa, como se pudesse expulsar seus pensamentos. — Eu queria... Eu queria...

— Você queria que tudo pudesse ser como era antes, pastor? Ou queria que a garota partisse com você em vez de ir para Tar Valon? Você acha que ela vai desistir de se tornar uma Aes Sedai para passar o resto da vida andando por aí? E com você? Talvez, se pedisse a ela do jeito certo, ela até fosse. O amor é uma coisa estranha. — De repente, Lan parecia cansado. — Estranha como nenhuma outra.

— Não. — Era exatamente o que ele desejava, que ela quisesse ir com ele. Abriu os olhos, corrigiu a postura e continuou, com a voz firme. — Não, eu não deixaria que ela fosse comigo, se ela pedisse. — Ele não faria isso com ela. *Mas, Luz, não seria bom, ainda que só por um instante, se ela dissesse que queria?* — Ela fica teimosa como uma mula quando acha que estou tentando lhe dizer o que fazer, mas ainda posso protegê-la disso. — Rand desejou que Egwene ainda estivesse em sua casa no Campo de Emond, mas toda a esperança se fora no dia em que Moiraine chegara a Dois Rios. — Mesmo que isso signifique que ela vai se tornar uma Aes Sedai!

Pelo canto do olho, o rapaz teve um vislumbre da sobancelha erguida de Lan e enrubesceu.

— Então é só por isso? Você quer passar o máximo de tempo possível com seus amigos antes que eles partam? É por isso que está perdendo seu tempo? Você sabe o que está atrás de você.

Rand se levantou, zangado.

— Está certo, é por causa de Moiraine. Eu sequer estaria aqui se não fosse por ela, mas ela nem fala mais comigo.

— Você estaria morto se não fosse por ela, pastor — respondeu Lan, em um tom neutro, mas Rand continuou:

— Ela me contou... contou coisas horríveis a meu respeito... — Seus dedos apertaram a espada com tanta força que ficaram brancos. *Contou que vou ficar louco e morrer!* — E de repente nem sequer me dirige duas palavras. Ela age como se eu não tivesse mudado desde o dia em que me encontrou, e isso também parece errado.

— Quer que ela o trate como o que você é?

— Não! Não foi isso o que eu quis dizer. Que me queime, ultimamente já nem sei mais o que quero dizer. Não é isso o que eu quero, mas tenho medo da alternativa. Agora ela foi para algum lugar, desapareceu...

— Eu lhe disse que ela precisa ficar sozinha de vez em quando. Não cabe a você, nem a ninguém, questionar as ações dela.

— ... Sem contar a ninguém para onde ia nem quando vai voltar. Sequer falou se voltaria. Ela deve ser capaz de me contar alguma coisa que me ajude, Lan. Qualquer coisa. Ela tem que

contar. Se voltar algum dia.

— Ela já voltou, pastor. Voltou ontem à noite. Mas acho que ela já lhe contou tudo o que podia. Dê-se por satisfeito, você aprendeu o que podia com ela. — Lan sacudiu a cabeça e continuou, um pouco brusco: — Mas você certamente não está aprendendo nada enquanto fica aqui parado. Está na hora de trabalharmos um pouco seu equilíbrio. Vamos treinar o movimento de Cortar a Seda, começando pela Garça Atravessando os Juncos. Lembre-se de que essa forma da Garça é apenas para praticar o equilíbrio: usá-la em uma luta deixará sua guarda aberta. Você pode atacar a partir dela, se esperar o outro homem se mover primeiro, mas jamais conseguirá evitar o golpe dele.

— Ela *precisa* poder me dizer alguma coisa, Lan. Aquele vento... Aquilo não foi natural, não interessa se estamos perto da Praga ou não.

— Garça Atravessando os Juncos, pastor. E atenção aos pulsos.

Um leve soar de trombetas veio do sul, uma fanfarra animada que aumentava cada vez mais, acompanhada pelo dum-dum-DUM-dum dos tambores. Rand e Lan se entreolharam por um momento e, atraídos pela comoção, foram até a muralha da cidade olhar para o sul.

A cidade ficava sobre colinas altas, e o capim ao redor das muralhas fora cortado até a altura dos tornozelos por uma milha, em todas as direções, e a fortaleza ficava na colina mais alta de todas. Do alto da torre, Rand conseguia, por entre chaminés e telhados, ver a floresta. Os homens que tocavam tambores foram os primeiros a aparecer por entre as árvores, uma dezena deles, levantando seus instrumentos enquanto marchavam e girando as baquetas. Em seguida, apareceram os trombeteiros, erguendo as cornetas longas e reluzentes, ainda conduzindo a fanfarra. Àquela distância, Rand não conseguia distinguir a imensa bandeira quadrada que ondulava ao vento atrás deles. Mas Lan soltou um grunhido: o Guardião tinha olhos de águia-das-neves.

Rand olhou de relance para ele, mas o Guardião não disse nada, mantendo os olhos fixos na coluna que emergia da floresta. Homens a cavalo, usando armaduras, saíam por entre as árvores, e as mulheres que os acompanhavam também estavam montadas. Um palanquim com as cortinas baixadas vinha atrás deles, carregado por dois cavalos, um na frente e um atrás, seguido de mais homens montados. Depois vinham fileiras de homens a pé, com lanças erguidas acima da cabeça como se fossem cerdas ou espinhos compridos, e arqueiros com os arcos cruzados sobre os peitos, todos marchando ao som dos tambores. As trombetas voltaram a soar. Como uma serpente musical, a coluna ziguezagueava em direção a Fal Dara.

O vento balançava a bandeira, mais alta que um homem, deixando-a reta para um lado. Como era enorme, agora estava perto o bastante para que Rand a visse com clareza. Estampava um redemoinho de cores que não significava nada para ele, mas no centro havia uma forma semelhante a uma lágrima completamente branca. A respiração ficou presa em sua garganta: era a Chama de Tar Valon.

— Ingтар está com eles. — Lan soou distante. — Está finalmente voltando da caçada. Ficou longe por tempo demais. Será que teve alguma sorte?

— Aes Sedai — sussurrou Rand, quando finalmente conseguiu. Todas aquelas mulheres lá fora... Moiraine também era uma Aes Sedai, mas ele viajara em sua companhia e, apesar de não confiar de todo nela, pelo menos a conhecia. Ou achava que conhecia. Mas ela era apenas

uma. Tantas Aes Sedai juntas, aparecendo daquele jeito, era outra coisa. Ele pigarreou para limpar a garganta, mas, ainda assim, a voz saiu rouca. — Por que tantas, Lan? Por que vieram? E com tambores, trombetas e uma bandeira para anunciá-las?

As Aes Sedai eram respeitadas em Shienar, pelo menos pela maioria: o restante as temia respeitosamente. Mas Rand estivera em lugares em que não era assim, onde só havia o medo e, com frequência, o ódio. Onde ele tinha crescido, pelo menos alguns homens falavam das “bruxas de Tar Valon” como se falassem do Tenebroso. Tentou contar as mulheres, mas elas não se mantinham em fileiras ou em qualquer ordem aparente. Conduziam seus cavalos por entre o grupamento para conversar umas com as outras ou com quem quer que estivesse no palanquim. Ele ficou arrepiado. Viajara com Moiraine, conhecera outra Aes Sedai e havia passado a pensar em si mesmo como um homem do mundo. Ninguém jamais saía de Dois Rios, ou quase ninguém, mas ele o fizera. Ele vira coisas que ninguém em Dois Rios jamais tinha visto e também fizera coisas com as quais seus conterrâneos apenas sonhavam, se é que sonhavam. Ele vira uma rainha e conhecera a Filha-herdeira de Andor, enfrentara um Myrddraal e viajara pelos Caminhos, e nada o havia preparado para aquele momento.

— Por que tantas? — sussurrou outra vez.

— O Trono de Amyrlin veio em pessoa. — Lan olhou para Rand com uma expressão tão dura e indecifrável quanto uma rocha. — Suas lições acabaram, pastor. — Então ele fez uma pausa, e Rand quase pensou ter visto uma expressão de pena em seu rosto, o que, é claro, era impossível. — Teria sido melhor para você se já tivesse ido embora na semana passada. — Com isso, o Guardião pegou sua camisa e seguiu escada abaixo para dentro da torre.

Rand tentou umedecer a boca. Olhou para a coluna que se aproximava de Fal Dara como se ela realmente fosse uma serpente, uma víbora mortífera. Os tambores e as trombetas soavam bem alto em seus ouvidos. O Trono de Amyrlin, que comandava as Aes Sedai. *Ela veio por minha causa.* Ele não conseguia pensar em outra razão.

Elas sabiam coisas, tinham informações que poderiam ajudá-lo, ele tinha certeza, mas não se atreveria a pedir nada a qualquer uma delas. Temia que tivessem vindo para amansá-lo. *E também temia que não tivessem,* admitiu, relutante. *Luz, não sei o que me assusta mais.*

— Eu não queria canalizar o Poder — sussurrou. — Foi um acidente! Luz, não quero nada com isso. Juro que nunca mais vou tocar nele! Juro!

Sobressaltou-se ao perceber que o grupo de Aes Sedai adentrava os portões da cidade. O vento soprava feroz, quase transformando seu suor em gotas de gelo e fazendo as trombetas soarem como gargalhadas zombeteiras. Achou que sentia no ar o cheiro forte de uma tumba aberta. *Será a minha tumba, se eu continuar parado aqui.*

Pegou a camisa, desceu a escada atrapalhado e começou a correr.





As Boas-Vindas

Os salões da fortaleza de Fal Dara, com suas paredes de pedra ostentando poucas tapeçarias simples e elegantes e biombos decorados, fervilhavam com as notícias da iminente chegada do Trono de Amyrlin. Serviçais de preto e dourado se apressavam em realizar suas tarefas, correndo para preparar quartos ou levar ordens até a cozinha, lamentando-se que, sem aviso prévio, não conseguiriam preparar tudo a tempo para alguém tão importante. Guerreiros de olhos escuros e cabeças raspadas, a não ser por um rabo de cavalo preso com um cordão de couro, não corriam, mas seus passos eram apressados e seus rostos transmitiam uma empolgação normalmente reservada à batalha. Quando Rand passava, alguns comentavam:

— Ah, aí está você, Rand al'Thor. Que a paz favoreça sua espada! Está indo se lavar? Você certamente quer estar com a melhor aparência possível quando for apresentado ao Trono de Amyrlin. Ela vai querer ver você e seus dois amigos e também as outras duas mulheres, pode ter certeza.

Ele correu até as grandes escadas — amplas o bastante para passarem vinte pessoas — que davam na ala dos homens.

— A própria Amyrlin veio, e sem dar aviso, como um mascate. Deve ser por causa de Moiraine Sedai e vocês do sul, não é? Por que mais seria?

As grandes portas com trancas de ferro da ala dos homens estavam abertas e parcialmente obstruídas por homens de rabo de cavalo que conversavam baixinho sobre a chegada de Amyrlin.

— Ei, rapaz do sul! Amyrlin chegou. Veio para ver você e seus amigos, suponho. Paz, mas que honra para você! Ela raramente sai de Tar Valon e nunca veio às Terras de Fronteira, pelo que me lembro.

Ele se desvencilhou deles com algumas palavras. Precisava se lavar e encontrar uma camisa limpa. Não tinha tempo para conversar. Eles aceitavam a explicação e o deixavam passar. Nenhum deles sabia coisa alguma a seu respeito, a não ser que ele e seus amigos viajavam na companhia de uma Aes Sedai e que dois dos integrantes do grupo eram mulheres que seguiriam para Tar Valon para se tornar Aes Sedai, mas aquelas palavras o afetavam como se eles soubessem de tudo. *Ela veio me ver.*

Ele passou correndo pela ala dos homens, entrou em disparada no quarto que dividia com

Mat e Perrin... e parou bruscamente, com o queixo caído de espanto. O quarto estava repleto de mulheres vestidas de preto e dourado, todas concentradas em suas tarefas. O aposento não era grande, e as janelas, apenas um par de frestas altas e estreitas para atirar flechas que davam em um dos pátios internos, não ajudavam a fazê-lo parecer maior. Três camas dispostas sobre plataformas de azulejos pretos e brancos, cada qual com um baú aos pés, três cadeiras simples, uma pia perto da porta e um armário alto e largo faziam o quarto parecer apertado. As oito mulheres ali dentro pareciam peixes em uma cesta.

Elas mal o olharam, apenas tiraram suas roupas, as de Mat e as de Perrin do armário, e as substituíram por novas. Colocavam sobre os baús qualquer coisa que encontrassem nos bolsos e empilhavam as roupas velhas sem nenhum cuidado, como se fossem trapos.

— O que vocês estão fazendo? — exigiu saber Rand quando recuperou o fôlego. — Essas roupas são minhas!

Uma das mulheres pegou seu único casaco, cheirou-o e enfiou um dedo em um buraco da manga, depois o deixou cair na pilha que estava no chão.

Outra mulher, de cabelos pretos e ostentando um grande molho de chaves pendurado na cintura, olhou para ele. Era Elansu, *shatayan* da fortaleza. Ele pensava na mulher de rosto anguloso como uma espécie de governanta, embora a casa da qual cuidasse fosse, na verdade, uma fortaleza, e ela tivesse dezenas de serviçais sob seu comando.

— Moiraine Sedai disse que todas as roupas de vocês estão gastas, então a Lady Amalisa mandou fazer novas. Fique fora do nosso caminho — acrescentou com firmeza — e vamos acabar mais rápido.

Havia poucos homens que a *shatayan* não conseguia obrigar a obedecê-la — diziam que o próprio Lorde Agelmar se dobrava sob seu comando —, e ela claramente não esperava encontrar resistência em um rapaz com idade para ser seu filho.

Rand engoliu em seco o que estava prestes a falar. Não tinha tempo para discutir. O Trono de Amyrlin poderia mandar chamá-lo a qualquer momento.

— Honrada seja a Lady Amalisa por seu presente — conseguiu responder Rand à moda shienarana — e honrada seja a senhora, Elansu *Shatayan*. Por favor, transmita meus agradecimentos à Lady Amalisa. E diga a ela que meu coração e alma estão a seu serviço. — O povo de Shienar amava formalidades, e aquilo devia ser o bastante para as duas mulheres. — Mas agora, se a senhora me permitir, quero trocar de roupa.

— Muito bem — respondeu Elansu, bastante à vontade. — Moiraine Sedai nos pediu para buscarmos todas as roupas velhas. Cada peça, até mesmo as roupas de baixo. — Várias mulheres olharam para ele disfarçadamente. Nenhuma fez menção de se dirigir à porta.

Ele mordeu a bochecha para evitar soltar um riso histérico. Muita coisa em Shienar era diferente do que estava acostumado, e havia algumas com as quais nunca se acostumaria, ainda que vivesse ali para sempre. Ele se habituara a tomar banho de manhã bem cedo, quando as grandes banheiras de azulejos estavam vazias, depois que descobriu que uma mulher poderia entrar na água com ele sem problemas, a qualquer outra hora do dia. E podia ser tanto um serviçal da cozinha quanto a Lady Amalisa, irmã do Lorde Agelmar: nos banhos em Shienar não existia hierarquia. Elas também esperavam que ele lavasse suas costas em troca do mesmo favor, perguntando por que seu rosto estava tão vermelho, será que vinha se expondo muito ao sol? Em pouco tempo, haviam identificado a verdadeira causa de seus rubores, e todas as

mulheres na fortaleza pareciam fascinadas com eles.

Em uma hora eu posso morrer ou algo ainda pior, e essas mulheres estão esperando me ver corar! Ele pigarreou.

— Se puderem esperar do lado de fora, entregarei o restante das roupas a vocês. Pela minha honra.

Uma das mulheres deu um risinho, e até mesmo os cantos dos lábios de Elansu se repuxaram, mas a *shatayan* assentiu e mandou as outras recolherem as roupas. Então parou ao alcançar a porta, acrescentando:

— As botas também. Moiraine Sedai disse para pegar tudo.

Ele abriu a boca para responder, então voltou a fechá-la. Sabia com certeza que pelo menos suas botas ainda estavam boas, pois haviam sido feitas por Alwyn al'Van, o sapateiro de Campo de Emond, além de estarem amaciadas e bem confortáveis. Mas, se abrir mão de suas botas fosse fazer com que a *shatayan* o deixasse em paz, ele as daria, e daria tudo o mais que ela quisesse. Ele não tinha tempo.

— Sim, sim, é claro. Pela minha honra.

E empurrou a porta, forçando-a a sair.

Quando ficou sozinho, jogou-se na cama para tirar as botas. Elas *ainda* estavam boas, talvez um pouco gastas, com o couro rachado aqui e ali, mas ainda serviam e tinham a forma de seus pés. Então se despiu depressa, empilhando tudo sobre as botas, e se lavou na bacia com a mesma velocidade. A água estava fria, mas sempre estava fria na ala dos homens.

O armário tinha três grandes portas entalhadas do modo simples dos shienaranos, sugerindo, mais do que retratando, uma série de cachoeiras e lagos escavados na pedra. Ele abriu a porta central e examinou, por um momento, o que havia sido colocado no lugar dos poucos trajes que trouxera consigo. Havia uma dúzia de casacos de colarinho alto da mais fina lã, de corte tão bom quanto qualquer um que tivesse visto em um mercador ou em um lorde, e a maioria exibia bordados dignos de roupas para serem usadas em um festival. Uma dezena deles! Havia também três camisas para cada casaco, tanto de linho quanto de seda, com mangas largas e colarinhos apertados. E dois mantos. Dois, e ele se virara muito bem com um só a vida inteira. Um dos mantos era simples, de lã verde-escura grossa. O outro era azul-escuro e tinha um colarinho duro bordado com garças douradas... e no alto do peito esquerdo, onde um senhor usaria seu símbolo...

Sua mão foi para o manto por conta própria. Como se não estivessem certos do que sentiriam, os dedos roçaram o bordado de uma serpente enroscada quase em círculo. Mas era uma serpente com quatro pernas e uma juba dourada de leão, com escamas vermelhas e douradas e, em cada pata, cinco garras douradas. Afastou a mão do bordado com violência, como se a tivesse queimado. *Que a Luz me ajude! Foi Amalisa quem mandou fazer isto ou foi Moiraine? Quantas pessoas o viram? Quantas sabem o que é isto, o que significa? Se mesmo uma só pessoa souber já é demais. Que me queime, ela está tentando me matar! A maldita Moiraine sequer fala comigo, mas me deu belas roupas para morrer!*

Algumas batidas à porta o fizeram pular quase até o teto de susto.

— Já acabou? — Era a voz de Elansu. — Me dê todas as peças. Talvez seja melhor eu...

A porta rangeu como se ela estivesse tentando abrir a maçaneta.

Rand sobressaltou-se, percebendo que ainda estava nu.

— Acabei! — gritou. — Paz! Não entre! — Recolheu tudo o que estava vestindo mais do que depressa, inclusive as botas. — Vou lhe entregar!

Escondido atrás da porta, ele a abriu apenas o suficiente para enfiar a trouxa de roupas nos braços da *shatayan*. — Isso é tudo.

Ela tentou espiar pelo buraco.

— Tem certeza? Moiraine Sedai disse para pegar tudo. Talvez seja melhor eu dar uma olhadinha...

— É tudo — grunhiu. — Juro pela minha honra!

Ele empurrou a porta com o ombro, fechando-a na cara dela, e ouviu risadas do outro lado.

Resmungando baixinho, ele se vestiu depressa. Sabia que elas não deixariam de encontrar desculpas para entrar à força, de algum jeito. As calças cinza eram mais justas do que as que estava acostumado a usar, mas ainda eram confortáveis; e a camisa de mangas bufantes era branca o bastante para deixar satisfeita qualquer dona de casa no Campo de Emond em dia de lavar roupa. As botas, que iam até a altura do joelho, serviram como se ele as usasse há mais de um ano. Torceu para que fosse apenas o trabalho de um bom sapateiro, e não outra obra das Aes Sedai.

Todas aquelas roupas dariam um embrulho do seu tamanho, mas ele se reacostumara ao conforto de usar camisas limpas e de não vestir as mesmas calças todos os dias, até o suor e a sujeira as deixarem mais duras que suas botas, e ainda assim continuar usando-as. Pegou seus alforjes do baú e enfiou o que pôde dentro deles, depois abriu o manto bonito em cima da cama, com relutância, e empilhou mais algumas camisas e calças sobre ele. Dobrado daquele jeito, com o perigoso símbolo para dentro, e amarrado com uma corda de forma que pudesse ser jogado no ombro, ele não parecia muito diferente das trouxas que vira alguns jovens carregando na estrada.

Um soar de trombetas adentrou pelas seteiras, vindo tanto das que conduziam a fanfarra do lado de fora das muralhas quanto das que as respondiam, nas torres da fortaleza.

— Vou tirar esse bordado assim que puder — resmungou. Já vira mulheres retirando bordados quando erravam a costura ou mudavam de ideia, e não parecia ser assim tão complicado.

O resto das roupas — a maioria do que ganhara, na verdade —, Rand enfiou de volta no armário. Não havia necessidade de deixar evidências de sua fuga para serem encontradas pela primeira pessoa que enfiasse a cabeça quarto adentro depois que ele partisse.

Ainda franzindo a testa, ele se ajoelhou ao lado da cama. As plataformas azulejadas sobre as quais as camas repousavam eram fornalhas onde a pequena fogueira era abafada para durar a noite toda, mantendo a cama aquecida durante a pior noite do inverno de Shienar. As noites eram ainda mais frias do que ele estava acostumado naquela época do ano, mas, por ora, os cobertores bastavam. Abrindo a porta da caixa de lenha, ele retirou uma sacola que não poderia deixar para trás. Ficou feliz por não ter ocorrido a Elansu que alguém poderia guardar roupas ali dentro.

Colocando o embrulho sobre a cama, desatou uma ponta e abriu-a um pouco. Era o manto de um menestrel virado do avesso de forma a ocultar as centenas de retalhos que o cobriam,

retalhos de todos os tamanhos e cores imagináveis. O manto em si já era bem chamativo, pois os retalhos eram o símbolo de um menestrel. Foram o símbolo de um menestrel.

Dentro do manto havia duas caixas de couro. A maior continha uma harpa, que ele nunca tocara. *A harpa não era para as mãos desajeitadas de um garoto de fazenda.* A outra, comprida e fina, continha a flauta folheada a ouro e prata que usara mais de uma vez para ganhar jantar e hospedagem desde que saíra de casa. Thom Merrill lhe ensinara a tocar aquela flauta antes de morrer. Rand nunca conseguia tocá-la sem se lembrar de Thom, com olhos de um azul intenso e longos bigodes brancos, enfiando o manto embrulhado em suas mãos e gritando para que ele corresse. Depois o próprio Thom havia corrido para enfrentar o Myrddraal que viera matá-los, com as facas surgindo magicamente em suas mãos, como se ele estivesse fazendo uma apresentação.

Com um arrepio, ele refez o embrulho.

— Isso tudo acabou. — Ao pensar no vento no alto da torre, acrescentou: — Coisas estranhas acontecem assim tão perto da Praga. — Ele não tinha muita certeza de que acreditava nisso, não do mesmo jeito que Lan. De qualquer modo, já estava mais que na hora de ir embora de Fal Dara, independentemente da chegada do Trono de Amyrlin.

Ele vestiu o casaco que deixara separado. Era de um verde bem escuro e o fazia lembrar-se das florestas em casa, na fazenda de Tam na Floresta do Oeste, onde havia crescido, e no manguezal onde aprendera a nadar. Depois afivelou a espada com a marca da garça na cintura e pendurou a aljava abarrotada de flechas do outro lado. Seu arco, sem corda, estava encostado em um canto, junto com os de Mat e Perrin. O bastão de madeira era dois palmos mais alto que ele. Ele o fizera sozinho, depois de chegar a Fal Dara, e, além dele, apenas Lan e Perrin tinham força suficiente para usá-lo. Depois de enfiar os cobertores enrolados e o novo manto nas dobras dos outros embrulhos, tirou-os do ombro esquerdo, jogou-os sobre as cordas e pegou o arco. *Deixe o braço da espada livre, pensou. Tente fazê-los pensar que é perigoso. Talvez alguém acredite.*

Ao abrir devagar a porta, deparou com o corredor quase vazio. Um serviçal de libré passou correndo, sem nem sequer olhar para Rand. Assim que os passos apressados do homem deixaram de ser ouvidos, Rand se esgueirou para o corredor.

Tentou caminhar com naturalidade, despreocupado, mas sabia que os alforjes no ombro e as trouxas nas costas faziam com que parecesse ser exatamente o que era: um homem partindo em uma jornada, sem intenção de retornar. As trombetas tornaram a soar, mais fracas ali dentro da fortaleza.

Ele tinha um cavalo, um garanhão baio, no estábulo norte, que se chamava Estábulo do Senhor. Era próximo de um dos portões menores da fortificação, usado por Lorde Agelmar quando ele saía para cavalgar. Mas nem o senhor de Fal Dara nem ninguém de sua família cavalgariam hoje, e o estábulo deveria estar vazio, a não ser pelos cavaleiros. Havia duas maneiras de chegar ao Estábulo do Lorde a partir do quarto de Rand. Uma delas o faria dar a volta por toda a fortaleza, passando por trás do jardim particular de Lorde Agelmar para então sair do outro lado e passar direto por dentro da forja, que agora, por certo, estaria igualmente vazia, até o pátio do estábulo. Seria tempo suficiente para que algumas ordens fossem dadas se alguém iniciasse uma busca por ele, antes mesmo de Rand chegar ao seu cavalo. O outro caminho era bem mais curto: passava primeiro pelo pátio externo, onde o Trono de Amyrlin

estava chegando naquele instante, com mais de uma dezena de Aes Sedai.

Ficou com a pele toda arrepiada só de pensar: ele já vira mais Aes Sedai do que o suficiente para uma vida inteira. Só uma já era demais. Assim diziam todas as histórias, e ele comprovava com a experiência. Mas não ficou surpreso por seus pés o levarem até o pátio externo: ele jamais veria a lendária Tar Valon, não podia correr esse risco, nem agora nem nunca, mas podia ver o Trono de Amyrlin de longe, antes de partir. Seria o mesmo que ver uma rainha. *Não deve ser muito perigoso dar só uma espiada de longe. Vou continuar andando e terei ido embora antes mesmo que ela saiba que estive aqui.*

Ele abriu uma porta pesada com correias de ferro que dava para o pátio externo e adentrou o silêncio lá fora. As pessoas se aglomeravam ao longo da passarela da guarda, no alto de cada muralha, formando uma verdadeira floresta de gente: soldados de rabo de cavalo, criados de libré e serviçais ainda com os pés sujos de lama estavam colados uns nos outros, e crianças se sentavam nos ombros dos pais para ver por cima da multidão ou se espremiavam para espiar por entre cinturas e tornozelos. Cada sacada para arqueiros estava mais lotada que um barril de maçãs, e rostos apareciam até nas seteiras nas paredes, que serviam para atirar flechas. Uma multidão cercava o pátio, formando uma segunda muralha, e todos observavam e aguardavam em silêncio.

Ele abriu caminho pela multidão ao longo da muralha, diante das barracas dos ferreiros e dos flecheiros que davam a volta ao longo do pátio — Fal Dara era uma fortaleza, não um palácio, apesar do tamanho e de seu esplendor austero, e tudo nela era destinado à defesa — murmurando desculpas às pessoas em quem esbarrava. Algumas olhavam ao redor, franzindo a testa, e poucas notavam seus alforjes e sacolas, mas ninguém quebrava o silêncio. A maioria sequer tentava ver quem havia esbarrado nelas.

Ele conseguia enxergar por cima das cabeças da multidão com facilidade, o suficiente para saber o que estava se passando no pátio. Do lado de dentro, logo em frente ao portão principal, um grupo de catorze homens se enfileirava ao lado de seus cavalos. Não havia dois deles com armaduras ou espadas iguais, e nenhum se parecia com Lan, mas Rand não tinha dúvidas de que eram Guardiões. Havia rostos redondos, quadrados, compridos e finos, mas todos tinham o mesmo olhar, como se vissem coisas que os outros homens não viam, ouvissem coisas que os outros homens não ouviam. Parados na posição descansar, eles pareciam tão letais quanto uma matilha de lobos. Só havia uma coisa em comum entre eles: todos vestiam o manto de cores mutáveis que Rand vira pela primeira vez nas costas de Lan, o manto que quase sempre parecia camuflar-se no que quer que estivesse atrás dele. Tantos homens usando aqueles mantos não era algo fácil de se olhar nem era bom para o estômago.

A alguns passos na frente dos Guardiões, uma fileira de mulheres estava de pé, perto de seus cavalos, com os capuzes dos mantos abaixados. Agora ele conseguia contá-las: eram catorze. Catorze Aes Sedai. Tinham que ser. Eram altas e baixas, magras e gordas, morenas e loiras, com cabelos curtos e compridos, soltos e caindo às costas ou presos em tranças, e suas roupas eram tão diferentes entre si quanto as dos Guardiões, com cortes e cores tão variados quanto as mulheres que as vestiam. No entanto, elas também tinham algo em comum, uma semelhança que só era óbvia quando ficavam paradas daquele jeito, uma ao lado da outra. Pareciam não ter idade definida. Àquela distância, Rand diria que todas eram jovens, mas sabia que, se

chegasse mais perto, elas seriam como Moiraine. Tinham uma aparência que ao mesmo tempo era e não era jovem, a pele lisa e sem rugas, mas rostos maduros demais para serem novas, e olhos que já tinham visto demais.

Mais de perto? Idiota! Já estou perto demais! Que me queime, eu deveria ter ido embora há muito tempo. Continuou abrindo passagem para chegar aonde queria, outra porta com correias de ferro que ficava do lado oposto do pátio, mas não conseguia parar de olhar.

As Aes Sedai ignoravam calmamente a multidão curiosa e se mantinham atentas ao palanquim com cortinas fechadas, que agora estava no centro do pátio. Os cavalos que o carregavam estavam imóveis, como se cavaleiros estivessem segurando-os pelos arreios, embora houvesse apenas uma mulher alta ao lado do palanquim, com seu rosto de Aes Sedai, e ela não estivesse prestando atenção aos cavalos. A mulher segurava diante de si um cajado do seu tamanho, com uma chama dourada na ponta mais alta do que ela.

Lorde Agelmar observava o palanquim do outro lado do pátio, muito sério, empertigado e com o rosto inescrutável. Seu casaco azul-marinho de colarinho alto exibia as três raposas vermelhas correndo, símbolo da Casa Jagad, junto do falcão negro de Shienar. Ao seu lado, estava Ronan, enrugado pela idade, mas ainda alto. O *shambayan* carregava um cajado com três raposas esculpidas em avatine vermelho no topo. Ronan ocupava a mesma posição de Elansu na hierarquia da fortaleza. Eram *shambayan* e *shatayan*, mas Elansu deixava pouco para ele fazer, a não ser a parte cerimonial e suas tarefas como secretário do Lorde Agelmar. Os rabos de cavalo dos dois homens eram brancos como a neve.

Todos estavam parados como estátuas de pedra, os Guardiões, as Aes Sedai, o Lorde de Fal Dara e o *shambayan*. A multidão que observava parecia prender a respiração. Mesmo sem querer, Rand diminuiu o passo.

De repente, Ronan bateu seu cajado três vezes nas pedras grandes do calçamento, fazendo um som bem alto que pedia silêncio.

— Quem vem lá? Quem vem lá? Quem vem lá?

A mulher ao lado do palanquim bateu seu cajado três vezes em resposta.

— A Vigia dos Selos. A Chama de Tar Valon. O Trono de Amyrlin.

— Por que fazemos a vigia? — perguntou Ronan.

— Pela esperança da humanidade — respondeu a mulher alta.

— Contra o que montamos guarda?

— Contra a sombra ao meio-dia.

— Por quanto tempo deveremos montar guarda?

— De sol a sol, enquanto a Roda do Tempo girar.

Agelmar se curvou em uma mesura, com o rabo de cavalo branco se mexendo ao sabor da brisa.

— Fal Dara oferece pão, sal e boas-vindas. Bem-vindo é o Trono de Amyrlin a Fal Dara, pois aqui se mantém a vigia, aqui se respeita o Pacto. Sejam bem-vindas.

A mulher alta abriu a cortina do palanquim, e o Trono de Amyrlin saiu. De cabelos escuros e sem idade definida, como todas as Aes Sedai, ela olhou de relance para as pessoas reunidas enquanto se erguia. Rand se encolheu quando o olhar dela passou por ele; foi como se algo o tivesse tocado. Mas os olhos dela passaram direto e pararam no Lorde Agelmar. Um criado de libré se ajoelhou ao lado dela oferecendo uma bandeja com toalhas dobradas, ainda soltando

vapor. Com gestos formais, ela enxugou as mãos e limpou o rosto com um pano úmido.

— Agradeço as boas-vindas, meu filho. Que a Luz ilumine a Casa Jagad! Que a Luz ilumine Fal Dara e todo o seu povo!

Agelmar fez uma nova medida.

— A senhora nos honra, Mãe. — Para Rand, não foi estranho ouvi-la chamar Lorde Agelmar de filho e ele chamá-la de Mãe, ainda que as bochechas lisas dela diante do rosto enrugado dele dessem a impressão de que o homem era seu pai, ou até mesmo seu avô. Mas a mulher tinha uma presença à altura da dele. — A Casa Jagad é sua. Fal Dara é sua.

De todos os lados, irromperam vivas, que se chocaram nas muralhas da fortaleza como ondas quebrando na praia.

Tremendo, Rand correu na direção da porta em busca de segurança, deixando de se importar por esbarrar em outras pessoas. *É só sua maldita imaginação. Ela sequer sabe quem você é. Não ainda. Sangue e cinzas, se soubesse...* Ele não queria pensar no que aconteceria se ela soubesse quem era ele, o que era ele. No que aconteceria quando ela finalmente descobrisse. Ele se perguntou se aquela mulher tinha alguma coisa a ver com o vento no alto da torre: Aes Sedai podiam fazer coisas como aquela. Quando passou pela porta, que bateu atrás dele, emudecendo o rugido de boas-vindas que ainda sacudia o pátio, o rapaz suspirou aliviado.

Os salões ali estavam tão vazios quanto os outros, e ele os atravessou quase correndo. Cruzou um pátio menor, com uma fonte no centro, então passou por mais um corredor e saiu no pátio do estábulo, que tinha piso de ardósia. Era o Estábulo do Lorde, construído dentro da muralha, alto e comprido e com enormes janelas que davam para o interior da fortaleza, onde os cavalos eram mantidos em dois andares. A forja do outro lado do pátio estava silenciosa, pois o ferreiro e seus ajudantes tinham saído dali para as Boas-Vindas.

Temma, o cavaleiro-chefe com rosto muito bronzeado, recebeu-o em frente às grandes portas com uma grande medida, tocando primeiro a testa e depois o coração.

— Meu espírito e coração estão a seu serviço, milorde. Em que posso servi-lo? — Temma não usava o rabo de cavalo dos guerreiros; seus cabelos grisalhos eram cortados em forma de cuia.

Rand suspirou.

— Pela centésima vez, Temma, eu não sou um senhor.

— Como milorde desejar! — A medida do cavaleiro foi ainda maior.

Seu nome é que causara aquela confusão, devido a uma similaridade. Rand al'Thor e al'Lan Mandragoran. No nome de Lan, de acordo com o costume de Malkier, o prefixo régio “al” indicava que ele era Rei, embora o Guardião nunca o utilizasse. Para Rand, “al” era apenas uma parte de seu nome, embora ele tivesse ouvido que um dia, muito tempo atrás, antes que Dois Rios se chamasse Dois Rios, o prefixo significava “filho de”. Alguns dos serviços da fortaleza de Fal Dara, entretanto, haviam entendido que ele também era um rei, ou pelo menos um príncipe. Todos os seus protestos haviam apenas reduzido seu posto para lorde. Pelo menos, era o que ele pensava, pois nunca vira tantas medidas e cerimônias, mesmo com Lorde Agelmar.

— Preciso que o Vermelho seja encilhado, Temma. — A essa altura, já sabia que não adiantaria se oferecer para fazer isso. Temma jamais permitiria que Rand sujasse as mãos. —

Pensei em passar alguns dias viajando pela região ao redor da cidade.

Assim que montasse o garanhão baio, chegaria à beira do Rio Erinin em alguns dias, ou mesmo ao outro lado da fronteira, em Arafel. *Então elas nunca vão me achar.*

O cavaleiro fez uma reverência tão profunda que quase dobrou ao meio, e permaneceu curvado.

— Perdoe-me, milorde. — A resposta veio em um sussurro rouco. — Perdoe-me, mas Temma não pode obedecer.

Corando de vergonha, Rand olhou ao redor, ansioso. Como não havia ninguém à vista, ele agarrou o homem pelo ombro e o puxou até que ele ficasse de pé. Ele poderia não ser capaz de impedir Temma e alguns outros de agirem daquele jeito, mas podia tentar impedir que outras pessoas vissem. — Por que não, Temma? Temma, olhe para mim, por favor. Por que não?

— São as ordens, milorde — respondeu o homem, ainda sussurrando. Ele continuava olhando para o chão. Não por medo, mas por vergonha de não poder atender ao pedido de Rand. Os shienaranos reagiam à vergonha do mesmo jeito que outras pessoas reagiam a uma acusação de roubo. — Nenhum cavalo pode deixar o estábulo até que retirem a ordem. Ela vale para todos os estábulos da fortaleza, milorde.

Rand chegou a abrir a boca para dizer ao homem que estava tudo bem, mas, em vez disso, umedeceu os lábios.

— Nenhum cavalo de nenhum estábulo?

— Sim, milorde. A ordem veio há pouco tempo, há alguns momentos. — A voz de Temma ganhou força. — Todos os portões também foram fechados, milorde. Ninguém pode entrar nem sair sem permissão, nem mesmo a patrulha da cidade. Foi o que disseram.

Rand engoliu em seco, o que não diminuiu a sensação de dedos se fechando ao redor de sua garganta.

— A ordem veio de Lorde Agelmar, Temma?

— É claro, milorde. De quem mais? O Lorde Agelmar não deu a ordem pessoalmente a Temma, é claro, nem mesmo ao homem que falou com Temma. Mas, milorde, quem mais daria tal ordem em Fal Dara?

Quem mais? Rand se sobressaltou quando o maior sino na torre dos sinos da fortaleza soou, bem alto. Logo os outros sinos se juntaram a ele, seguidos pelos da cidade.

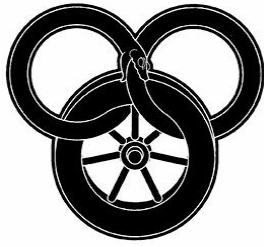
— Se Temma pode se atrever a comentar — começou o cavaleiro, falando em voz alta para ser ouvido com todo aquele barulho —, milorde deve estar muito feliz.

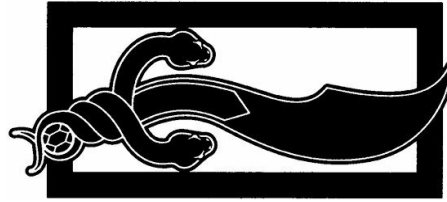
Rand precisou gritar para ser ouvido.

— Feliz? Por quê?

— As Boas-Vindas terminaram, milorde. — Temma gesticulou indicando a torre do sino. — O Trono de Amyrlin logo mandará chamá-lo, milorde, e seus amigos, para irem vê-la agora.

Rand começou a correr. Ele mal teve tempo de ver a surpresa no rosto de Temma, então sumiu. Não se importava com o que o cavaleiro pensava. *Ela vai mandar me chamar agora.*





Amigos e Inimigos

Rand não correu muito, foi só até o portão menor que ficava depois da curva do estábulo. Quando se aproximou, diminuiu a velocidade para tentar parecer tranquilo e despreocupado.

O portão em arco estava fechado. Seu tamanho só permitia que dois homens a cavalo passassem lado a lado, mas, como todos os portões da muralha externa, era feito de largas barras de ferro preto, com uma tranca de ferro mais grossa. Os dois guardas parados em frente ao portão usavam elmos cônicos simples, armadura e espadas longas nas costas. Suas sobrevestes douradas traziam o Falcão Negro no peito. Ele conhecia um deles superficialmente, Ragan. Uma cicatriz feita por uma flecha Trolloc formava um triângulo branco na bochecha escura do homem, por trás das barras do protetor facial. Sua pele esburacada se abriu em um sorriso quando ele viu Rand.

— Que a paz o favoreça, Rand al'Thor. — Ragan quase precisou gritar para ser ouvido em meio ao barulho dos sinos. — Vai sair para matar coelhos com pauladas na cabeça ou ainda insiste que esse porrete aí é um arco?

O outro guarda se mexeu, colocando-se mais na frente do portão.

— Que a paz o favoreça, Ragan — respondeu Rand, parando em frente aos dois. Teve que se esforçar para manter a voz tranquila. — Você sabe que é um arco. Já me viu atirando com ele.

— Mas não serve de cima de um cavalo — comentou o outro guarda, com acidez. — Rand o reconheceu: tinha olhos fundos, quase pretos, que nunca pareciam piscar, e que espiavam do elmo como cavernas gêmeas dentro de outra caverna. Ao deparar com Masema guardando o portão, Rand pensou que poderia ser pior, embora não soubesse bem como, a não ser que a guarda fosse uma Aes Sedai Vermelha. — É comprido demais — acrescentou o homem. — Eu consigo disparar três flechas com um arco feito para usar a cavalo no tempo em que você dispara uma com esse monstrengo aí.

Rand forçou um sorriso, como se pensasse que o comentário fosse uma piada. Até então, nunca ouvira Masema fazer uma piada ou rir de alguma. A maioria dos homens de Fal Dara aceitara Rand: ele treinava com Lan, comia à mesa com Lorde Agelmar e, o mais importante, chegara a Fal Dara na companhia de Moiraine, uma Aes Sedai. Mas alguns pareciam incapazes de esquecer que ele era um estrangeiro e mal lhe dirigiam duas palavras, apenas quando necessário. Desses, Masema era o pior.

— Para mim, serve — respondeu Rand. — Falando em coelhos, Ragan, que tal me deixar sair? Todo esse barulho e confusão são demais para mim. É melhor caçar coelhos lá fora, mesmo que eu nunca os veja por aí.

Ragan se virou para olhar seu companheiro, e Rand começou a criar esperanças. Ragan era um homem descontraído, seus modos eram o oposto daquela cicatriz sombria, e ele parecia gostar de Rand. Mas Masema já balançava a cabeça em negativa. Ragan deu um suspiro.

— Não posso, Rand al'Thor. — Sutilmente, ele indicou Masema com a cabeça, como se quisesse explicar-se. Se dependesse somente dele... — Ninguém pode sair sem permissão por escrito. É uma pena que você não tenha tentado há alguns minutos, a ordem de barrar os portões acabou de chegar.

— Mas por que o Lorde Agelmar iria querer *me* manter aqui dentro? — Masema olhava as sacolas e os alforjes nas costas de Rand, que tentou ignorá-lo. — Eu sou um convidado — continuou, dirigindo-se a Ragan. — Pela minha honra, eu poderia ter ido embora a qualquer momento nas últimas semanas. Por que essa ordem valeria para mim? É uma ordem do Lorde Agelmar, não é?

Masema piscou quando ele falou isso, e sua testa, sempre franzida, ficou ainda mais enrugada. Ele quase pareceu esquecer a bagagem de Rand.

Ragan deu uma gargalhada.

— Quem mais poderia ter dado essa ordem, Rand al'Thor? É claro que quem me passou a informação foi Uno, mas de quem mais poderia ter vindo?

Masema mantinha os olhos fixos no rosto de Rand, sem piscar.

— Eu só quero ficar sozinho, nada mais — continuou Rand. — Vou tentar um dos jardins, então. Não tem coelhos, mas pelo menos não haverá multidões lá. Que a Luz os ilumine, e a paz os favoreça!

Afastou-se sem esperar uma bênção em resposta, decidido a não chegar perto de qualquer um dos jardins. *Que me queime, assim que as cerimônias terminarem, qualquer um deles pode ficar cheio de Aes Sedai.* Ciente do olhar de Masema nas suas costas — ele tinha certeza de que era Masema —, Rand manteve o passo normal.

De repente, os sinos pararam de bater, e Rand apertou o passo. Os minutos estavam se passando. Muitos minutos. Tempo suficiente para o Trono de Amyrlin ser levado aos seus aposentos. Tempo suficiente para ela mandar chamá-lo e convocar uma busca, quando ninguém o encontrasse. Assim que saiu do campo de visão de Ragan e Masema, voltou a correr.

Perto das cozinhas das casernas, o Portão dos Carreiros, por onde todos os alimentos eram trazidos para a fortaleza, estava fechado e barrado por dois soldados. Ele atravessou o pátio da cozinha correndo, como se não tivesse nem pensado em parar.

O Portão do Cão, nos fundos da fortaleza, que só permitia a passagem de um homem a pé, também estava interditado por guardas. Ele deu meia-volta antes que o vissem. Embora fosse bem grande, a fortaleza não tinha muitos portões. Se o Portão do Cão estava sendo vigiado, todos estavam.

Talvez conseguisse encontrar uma corda... Subiu uma escada até o alto da muralha exterior e se dirigiu a uma das ameias. Não era agradável estar tão alto e exposto àquele vento que poderia voltar a soprar a qualquer momento, mas dali ele podia ver por cima das chaminés

altas e dos telhados inclinados da cidade, até a muralha do outro lado. Mesmo depois de quase um mês em Fal Dara, as casas ainda eram estranhas para seus olhos de Dois Rios. Tinham beirais que quase tocavam o solo, como se as casas inteiras fossem feitas de telhas de madeira, com chaminés inclinadas para que a neve pesada deslizesse para o chão. Uma grande praça quadrada cercava a fortaleza, mas a apenas cem passos da muralha havia ruas repletas de gente que seguia com suas atividades cotidianas. Mercadores em aventais esperavam debaixo dos toldos, que cobriam a frente de suas lojas; fazendeiros com roupas rústicas iam à cidade para comprar e vender alguns produtos; e mascates, comerciantes e habitantes da cidade se aglomeravam, sem dúvida para conversar sobre a visita surpresa do Trono de Amyrlin. Ele pôde ver carroças e pessoas entrando e saindo por um dos portões da muralha. Aparentemente, os guardas dali não haviam recebido ordem alguma a respeito de interditar a passagem.

Levantou a cabeça e olhou para a torre de vigia mais próxima. Um dos soldados ergueu a mão protegida por uma manopla, em um cumprimento. Com um riso amargo, Rand retribuiu o aceno. Não havia uma braça da muralha que não estivesse sob vigilância. Aproximando-se de uma seteira, ele espiou pelo buraco estreito em busca de um cadafalso que o ajudasse a descer a parede de pedra até o fosso seco bem abaixo, que tinha vinte passos de largura e dez de profundidade. Uma parede baixa, bastante escorregadia, de pedra polida e inclinada de modo a não servir de esconderijo, cercava o lago para evitar que alguém caísse ali por acidente. O fundo era uma floresta de pontas de lança afiadas como navalhas. Mesmo que tivesse uma corda para descer e não houvesse guardas vigiando, ele não conseguiria atravessá-lo. O que servia como último recurso para manter os Trollocs do lado de fora funcionava igualmente bem para mantê-lo do lado de dentro.

De repente, ele se sentiu cansado até os ossos, exaurido. O Trono de Amyrlin estava ali, e não havia como escapar. Não havia saída, e o Trono de Amyrlin estava ali. Se ela sabia que ele estava lá, se tinha enviado o vento que o havia agarrado, então era provável que já o estivesse caçando com seus poderes de Aes Sedai. Coelhos tinham mais chance contra seu arco, mas ele se recusava a desistir. Alguns diziam que o povo de Dois Rios podia ensinar pedras e dar aulas a mulas. Quando não restava mais nada, o povo de Dois Rios se agarrava à própria teimosia.

Desceu a muralha e passou a vagar pela fortaleza. Parou de prestar atenção aonde ia, contanto que não fosse a algum lugar onde o estivessem aguardando. Não passou perto de seu quarto, de algum estábulo ou de nenhum portão, pois Masema arriscaria até ouvir impropérios de Uno para reportar sua tentativa de sair. Também não foi aos jardins. Só conseguia pensar em ficar longe de *qualquer* Aes Sedai, até mesmo de Moiraine. Ela *sabia* sobre ele. Apesar disso, não fizera nada contra ele. *Até agora. Até onde você sabe. E se ela mudou de ideia? Talvez ela tenha mandado chamar o Trono de Amyrlin.*

Por um momento, ele se viu perdido e se recostou na parede do corredor, sentindo a dureza da pedra nos ombros. Com os olhos vazios, ele encarou o nada, a distância, e viu coisas que não queria ver. *Amansado. Seria assim tão ruim acabar logo com isso? Acabar de verdade?* Ele fechou os olhos, mas ainda podia ver a si mesmo, encolhido como um coelho, sem ter para onde fugir enquanto as Aes Sedai o cercavam como corvos. *Eles quase sempre morrem pouco*

depois, os homens amansados. Eles perdem a vontade de viver. Lembrava-se bem demais das palavras de Thom Merrillin para se obrigar a enfrentar aquilo. Sacudindo a cabeça com força, ele atravessou o corredor depressa. Não havia motivo para ficar parado em um lugar até ser encontrado. *Quanto tempo levará até que elas o encontrem, afinal? Você é como uma ovelha dentro de um aprisco. Quanto tempo?* Tocou o cabo da espada que trazia consigo. *Não, não era como uma ovelha. Nem para uma Aes Sedai nem para ninguém.* Sentiu-se um pouco tolo, mas determinado.

As pessoas estavam voltando aos seus afazeres. Um burburinho de vozes e o bater de panelas vinham da cozinha mais próxima do Grande Salão, onde seria oferecido um banquete ao Trono de Amyrlin e a seu grupo, naquela noite. Cozinheiros, serviçais e assistentes trabalhavam, apressados, e os cães do espeto trotavam em suas rodas de vime para fazer as carnes girarem na brasa. Ele avançou depressa pelo calor e pelo vapor, passando pelos cheiros dos temperos e dos pratos ainda cozinhando. Ninguém parou para olhá-lo, pois todos estavam ocupados demais.

Os salões dos fundos, onde ficava a ala dos serviçais, estavam agitados como um formigueiro que levara um chute. Homens e mulheres passavam, apressados para vestir seus melhores uniformes de libré. Crianças brincavam pelos cantos, fora do caminho. Meninos brandiam espadas de madeira, e meninas brincavam com bonecas esculpidas, algumas anunciando que *elas* eram o Trono de Amyrlin. A maioria das portas estava aberta, apenas com cortinas de contas fechando a entrada. Normalmente, aquilo significava que quem morava ali estava aberto a visitas, mas hoje mostrava apenas que os residentes estavam com pressa. Até mesmo os que faziam medidas para ele sequer interrompiam suas tarefas.

Será que algum deles ouviria, quando fosse trabalhar nos salões principais, que estavam procurando por ele, então comentaria que o vira? Comentaria com alguma Aes Sedai que ele passara depressa e diria onde encontrá-lo? Os olhos pelos quais passava de repente pareciam estudá-lo furtivamente, pensando e mancomunando às suas costas. Na sua cabeça, até mesmo as crianças tinham olhares mais aguçados. Ele sabia que era apenas imaginação, tinha certeza de que era isso, precisava ser. Mas, quando a ala dos serviçais ficou para trás, ele sentiu como se tivesse escapado de uma armadilha que estivera prestes a capturá-lo.

Alguns lugares na fortaleza estavam desertos: as pessoas que trabalhavam ali haviam sido liberadas por causa do feriado repentino. A forja do armeiro estava com todos os fogos apagados e as bigornas em silêncio. Silenciosa. Fria. Sem vida. E, de algum modo, não estava vazia. Sentiu um calafrio e deu meia-volta. Não havia ninguém ali; apenas os grandes baús quadrados cheios de ferramentas e os barris de resfriamento com óleo. Os pelos de sua nuca se eriçaram e se virou de novo. Os martelos e as pinças estavam pendurados em ganchos na parede. Furioso, ele estudou o grande aposento ao redor. *Não há ninguém aqui. É só a minha imaginação. Aquele vento e a Amyrlin foram o suficiente para me fazer imaginar coisas.*

Lá fora, no pátio do armeiro, o vento repentinamente girou ao seu redor em um turbilhão. Rand deu um pulo assustado, mesmo sem querer, pensando que o vento queria pegá-lo. Por um instante, sentiu outra vez o leve odor de decomposição, e ouviu alguém soltar uma gargalhada maliciosa atrás de si. A sensação foi apenas momentânea. Apavorado, ele deu a volta pela beira do pátio, olhando para todos os lados, com desconfiança. O pátio, pavimentado com pedra bruta, estava vazio a não ser por ele. *É só sua maldita imaginação!* Ele saiu correndo

mesmo assim, e pensou ouvir de novo a risada atrás dele, dessa vez sem o vento.

No pátio onde funcionava um depósito de madeira, teve outra vez a impressão de que não estava sozinho. Parecia que olhos o vigiavam por detrás das altas pilhas de lenha rachada armazenadas nos barracões compridos. Lançou um olhar apressado por cima das pilhas de tábuas tratadas e de toras que aguardavam, do outro lado do pátio, até serem levadas à oficina do carpinteiro, que agora estava fechada. Ele se recusou a olhar ao redor, se recusou a pensar em como um par de olhos podia mover-se com tanta velocidade, atravessando o pátio aberto do barracão de lenha para fogueiras até o de madeiras para construção sem que ele vislumbrasse qualquer movimento. Tinha certeza de que aquilo era um par de olhos. *É só a minha imaginação. Ou quem sabe eu já esteja ficando louco!* Estremeceu. *Ainda não. Por favor, Luz, ainda não.* Caminhando de modo rígido, ele começou a percorrer o pátio do depósito de madeira bem devagar, e o observador invisível o acompanhou.

Atravessou corredores compridos, iluminados apenas por algumas poucas tochas. Passou por despensas repletas de sacos de ervilhas ou feijões secos, lotadas de estantes com prateleiras cheias de nabos e beterrabas, barris de vinho, caixotes de carne-seca salgada e vasilhames de cerveja. Os olhos estavam sempre lá, às vezes seguindo-o, outras vezes aguardando sua chegada. Ele não ouvia um passo que não fosse seu nem o ranger de uma porta que ele não abrisse e fechasse, mas os olhos estavam sempre lá. *Luz, estou ficando louco.*

Então, abriu a porta de outra despensa e vozes e risadas humanas chegaram aos seus ouvidos e o encheram de alívio. Ali não haveria nenhum par de olhos invisíveis. Ele entrou.

Metade do aposento estava cheio até o teto com sacos de grãos. Na outra metade, homens se apertavam ajoelhados em um semicírculo diante de uma das paredes nuas. Todos pareciam usar os coletes de couro e o cabelo cortado em forma de cuia dos cavaleiros. Nenhum deles tinha o rabo de cavalo de um guerreiro ou usava um uniforme de libré. Não havia ninguém que pudesse traí-lo acidentalmente. *E que tal de propósito?* Ouviu o chocalhar de dados entre os murmúrios suaves, e alguém deixou escapar uma gargalhada rouca ao jogá-los.

Pensativo, Loial assistia aos homens jogarem dados, esfregando o queixo com um dedo mais grosso que o polegar de um homem grande, sua cabeça quase tocando nas vigas do teto, que ficavam a quase duas braças de altura. Nenhum dos jogadores sequer o encarava. Ogier não eram exatamente comuns nas Terras de Fronteira, ou em nenhum outro lugar, mas eram conhecidos e aceitos ali, e Loial estava em Fal Dara havia tempo o bastante para não provocar muitos comentários. A túnica escura de colarinho duro do Ogier estava abotoada até o pescoço e se abria abaixo da cintura sobre as botas de cano alto. Um dos bolsos grandes pesava com algum volume. Livros, se Rand o conhecia bem. Nem mesmo enquanto assistia aos homens em sua jogatina Loial se separava de seus livros.

Apesar de tudo, Rand percebeu que sorria. Loial muitas vezes provocava esse efeito nele. O Ogier sabia tanto sobre alguns assuntos e tão pouco sobre outros, e parecia querer saber tudo. Mas Rand ainda se lembrava da primeira vez em que o vira, com suas orelhas cheias de tufo, suas sobrancelhas que pendiam como bigodes compridos e seu nariz quase tão largo quanto a face, e achou que fosse um Trolloc. A lembrança ainda o enchia de vergonha. Ogier e Trollocs. Myrddraal e coisas dos cantos sombrios de histórias de terror. Criaturas saídas de lendas. Era assim que pensava nelas antes de sair de Campo de Emond, mas, desde que

deixara seu lar, vira histórias demais em carne e osso, bem diante de seus olhos, para ser capaz duvidar outra vez. Aes Sedai, olhos invisíveis e um vento que o agarrava e não soltava mais. Seu sorriso sumiu.

— Todas as histórias são reais — sussurrou.

As orelhas de Loial se agitaram, e sua cabeça se virou na direção de Rand. Quando o Ogier percebeu quem era, abriu um sorriso de orelha a orelha e se aproximou.

— Ah, aí está você. — Sua voz soava como um zumbido profundo de abelhas. — Eu não o vi durante as Boas-Vindas. Aquilo, sim, foi algo que eu nunca tinha visto antes. Duas coisas: as Boas-Vindas de Shienar e o Trono de Amyrlin. Ela parece cansada, não acha? Não deve ser fácil ser a Amyrlin. Deve ser pior do que ser um Ancião. — Ele fez silêncio, com um olhar pensativo. — Diga-me, Rand, você também joga dados? Eles têm um jogo mais simples aqui, com apenas três dados. No pouso, usamos quatro. E eles não querem me deixar jogar, sabia? Dizem apenas “Glória aos Construtores” e não apostam contra mim. Não acho que isso seja justo, você acha? Os dados que usam são *mesmo* um pouco pequenos... — Ele franziu a testa, olhando para uma de suas mãos, que eram grandes o bastante para cobrir uma cabeça humana. — Mas ainda acho que...

Rand agarrou seu braço, interrompendo-o. *Os Construtores!*

— Loial, os Ogier construíram Fal Dara, não é? Você conhece alguma saída além dos portões? Um buraco pelo qual alguém possa passar se arrastando? Um cano de esgoto? Qualquer coisa, desde que seja grande o bastante para um homem. Também seria bom se fosse protegido do vento.

Loial fez uma careta de sofrimento e as pontas de suas sobrancelhas quase roçaram em suas bochechas.

— Rand, os Ogier construíram Mafal Dadaranell, mas a cidade foi destruída nas Guerras dos Trollocs. Esta aqui — disse, tocando a parede de pedra com delicadeza, com as pontas dos dedos largos — foi construída pelos homens. Posso desenhar um esboço de Mafal Dadaranell, pois já vi os mapas em um livro antigo no Pouso Shangtai. Mas não sei mais do que você sobre Fal Dara. Ela é muito bem construída, não é? Não tem ornamentos, mas é bem-feita.

Desanimado, Rand se recostou na parede, fechando bem os olhos.

— Preciso sair — sussurrou. — Os portões estão barrados e não deixam ninguém passar, mas tenho que encontrar uma forma de sair.

— Mas por quê, Rand? — perguntou Loial, devagar. — Ninguém aqui vai machucá-lo. Você está bem? Rand? — De repente, ele levantou a voz. — Mat! Perrin! Acho que Rand está doente.

Rand abriu os olhos e viu seus amigos se levantando do meio do bando de jogadores de dados. Mat Cauthon tinha braços e pernas compridos como os de uma cegonha e trazia um meio sorriso no rosto, como se soubesse de algo engraçado que ninguém mais sabia. Perrin Aybara, com seus cabelos bagunçados, tinha ombros largos e braços musculosos devido ao tempo que passara como aprendiz de ferreiro. Ambos ainda usavam as roupas de Dois Rios, simples e rústicas, embora gastas pela viagem.

Ao sair, Mat jogou os dados dentro do semicírculo, e um dos homens gritou:

— Ei, rapaz do sul, você não pode parar enquanto está ganhando.

— Melhor do que parar quando estiver perdendo — retrucou Mat, com uma gargalhada. Sem nem se dar conta, ele tocou o casaco na altura da cintura, e Rand fez uma careta. Por baixo do casaco, Mat tinha uma adaga com um rubi incrustado no cabo, uma adaga que sempre levava consigo. Era uma lâmina maculada, da cidade morta de Shadar Logoth. Maculada e distorcida por um mal quase tão terrível quanto o Tenebroso, o mal que matara Shadar Logoth dois mil anos antes, mas que ainda vivia entre suas ruínas abandonadas. Essa mácula mataria Mat se ele continuasse em posse da adaga, mas o mataria ainda mais depressa caso ele se separasse dela. — Vocês terão uma chance de recuperar o que perderam.

Bufadas de descrença vieram dos homens ajoelhados, indicando que não acreditavam muito que isso fosse acontecer.

Perrin manteve os olhos fixos no chão enquanto ia com Mat até Rand. Ultimamente, Perrin sempre andava olhando para baixo e de ombros caídos, como se carregasse um peso grande demais até mesmo para seu tamanho.

— O que houve, Rand? — perguntou Mat. — Você está da cor da sua camisa. Ei! Onde foi que conseguiu essas roupas? Está virando um shienarano? Talvez eu compre um casaco desses pra mim e uma camisa bonita assim. — Ele sacudiu o bolso, provocando um tilintar de moedas. — Parece que eu tenho sorte com os dados. Mal consigo tocá-los sem ganhar.

— Você não precisa comprar nada — respondeu Rand, cansado. — Moiraine mandou substituírem todas as nossas roupas. Até onde sei, já queimaram tudo. Tudo, menos aquelas que vocês estão vestindo. Elansu provavelmente vai passar para recolher essas aí também, então eu me trocaria logo, antes que ela mesma as arranque de vocês. — Perrin continuou de cabeça baixa, mas seu rosto ficou vermelho, e o sorriso de Mat aumentou, embora parecesse forçado. Eles também tiveram alguns encontros nas banheiras, mas apenas Mat tentou fingir que não se incomodava. — E eu não estou doente. Só preciso sair daqui. O Trono de Amyrlin chegou. Lan disse... Ele disse que, com ela aqui, seria melhor para mim se eu já tivesse partido há uma semana. Preciso ir embora, mas todos os portões estão barrados.

— Ele disse isso? — Mat franziu a testa. — Não entendo, ele *nunca* falou uma palavra contra as Aes Sedai. Escute, Rand, eu também não gosto delas, mas sei que não vão fazer nada com a gente. — Ele baixara a voz antes de dizer aquelas palavras e agora olhava para trás para ver se algum dos jogadores estava ouvindo. Aes Sedai podiam ser temidas, mas estavam longe de ser odiadas nas Terras de Fronteira, e um comentário desrespeitoso sobre elas podia acabar começando uma briga ou coisa pior. — A própria Moiraine, por exemplo. Ela não é tão ruim, mesmo sendo Aes Sedai. Você está igual ao velho Cenn Buie, com aquelas histórias exageradas que ele contava lá em casa, na Estalagem Fonte de Vinho. Quer dizer, ela não fez nada contra a gente, e as outras também não vão fazer. Por que fariam?

Perrin parou de fitar o chão. Seus olhos amarelos reluziam na luz fraca como ouro velho. *Moiraine não fez nada contra a gente?*, pensou Rand. Os olhos de Perrin eram de um castanho tão escuro quanto os de Mat, quando deixaram Dois Rios. Rand não fazia ideia de como a mudança acontecera, já que Perrin não queria falar sobre o assunto — nem queria falar muito sobre nada, desde então —, mas ela fora acompanhada pelo andar curvado e por uma nova atitude distante, como se ele se sentisse sozinho mesmo cercado de amigos. Os olhos de Perrin e a adaga de Mat. Nada daquilo teria acontecido se não tivessem deixado Campo de

Emond, e foi Moiraine quem os havia tirado de lá. Ele sabia que não estava sendo justo. Eles provavelmente teriam morrido nas mãos dos Trollocs, assim como boa parte da aldeia, se ela não tivesse aparecido. Mas esse consolo não faria Perrin rir como nos velhos tempos, nem tiraria aquela adaga do cinturão de Mat. *E eu? Se eu estivesse em casa e vivo, ainda seria o que sou agora? Pelo menos não estaria preocupado com o que as Aes Sedai planejam fazer comigo.*

Mat ainda olhava para ele, intrigado, e Perrin levantara a cabeça apenas o suficiente para encará-lo. Loial aguardava, paciente. Rand não podia contar por que precisava ficar longe do Trono de Amyrlin. Os amigos não sabiam o que ele era. Lan sabia, Moiraine também. E Egwene. E Nynaeve. Ele preferiria que ninguém soubesse, e desejava, acima de tudo, que Egwene não soubesse. Mas pelo menos Mat e Perrin — e Loial também — acreditavam que ele ainda era o mesmo. Preferia morrer a contar para eles, a ver a hesitação e a preocupação que às vezes percebia nos olhares de Egwene e de Nynaeve, mesmo quando elas se esforçavam para não demonstrá-las.

— Alguém... alguém está me observando — respondeu, por fim. — Me seguindo. Só que... só que não é ninguém que eu possa ver.

Perrin levantou a cabeça de repente, e Mat umedeceu os lábios e sussurrou:

— Um desvanecido?

— É claro que não — disse Loial, descrente. — Como um dos Sem-olhos poderia entrar em Fal Dara, cidade ou fortaleza? Pela lei, ninguém pode ocultar o rosto dentro das muralhas, e os acendedores de lampiões estão encarregados de manter as ruas iluminadas à noite, para que não haja sombras onde um Myrddraal possa se esconder. É impossível.

— Muralhas não detêm um desvanecido — resmungou Mat. — Não se ele quiser entrar. Que eu saiba, leis e lampiões não funcionam muito melhor.

Ele não soava como alguém que alguns meses antes acreditava que Desvanecidos eram apenas histórias de menestréis. Ele também já vira coisas demais.

— E ainda teve um vento — acrescentou Rand. Sua voz quase não tremeu ao contar o que acontecera no alto da torre. Perrin cerrou os punhos até estalar as juntas dos dedos. — Eu só quero ir embora daqui — finalizou. — Quero ir para o sul. Para algum lugar longe daqui. Só quero ir para longe daqui.

— Mas se os portões estão barrados — perguntou Mat —, como vamos sair?

Rand o encarou.

— Vamos? — Ele precisava ir sozinho. Seria perigoso para qualquer um ficar perto dele. Ele se tornaria perigoso, e nem mesmo Moiraine sabia dizer quanto tempo ainda tinha. — Mat, você sabe que precisa ir para Tar Valon com Moiraine. Ela disse que é o único lugar onde você pode ser separado dessa maldita adaga sem morrer. E sabe o que vai acontecer se continuar com ela.

Mat tocou a adaga por cima do casaco, parecendo não se dar conta do que estava fazendo.

— “Um presente de uma Aes Sedai é como uma isca para peixes.” — citou. — Bem, talvez eu não queira morder o anzol. Talvez o que ela pretenda fazer em Tar Valon seja pior do que se eu não for. Talvez esteja mentindo. “A verdade que uma Aes Sedai conta nunca é a verdade que você pensa.”

— Você tem mais algum ditado do qual queira se livrar? — perguntou Rand. — “Um vento

do sul traz um convidado caloroso, o do vento do norte, uma casa vazia.”? “Um porco pintado de ouro ainda é um porco.”? E que tal “Conversa não tosa ovelha.”? “Palavra de tolo é poeira.”?

— Calma, Rand — intercedeu Perrin, em voz baixa. — Não precisa falar assim.

— Não preciso? Talvez eu não queira vocês dois andando comigo sempre, se metendo em encrencas e esperando que eu os tire delas. Já pararam para pensar nisso? Que me queime, algum dia já lhes ocorreu que eu poderia me cansar de sempre ter vocês por perto? Estão sempre ali, e eu estou cansado disso. — A expressão magoada de Perrin o cortou como uma faca, mas ele continuou mesmo assim. — Tem gente daqui que pensa que eu sou um lorde. Um lorde. Talvez eu goste disso. Mas olhem só para vocês, jogando dados com cavaleiros no estábulo. Quando eu for, irei sozinho. Vocês dois podem ir para Tar Valon ou podem se danar, mas eu sairei daqui sozinho.

O rosto de Mat ficou rígido e ele agarrou a adaga por cima do casaco até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Se é assim que você quer — respondeu, com frieza. — Pensei que fôssemos... Como você quiser, al’Thor. Mas, se eu decidir ir embora ao mesmo tempo que você, eu irei. E você pode ficar longe de mim, se quiser.

— Ninguém vai a lugar algum — intercedeu Perrin — se os portões estiverem barrados.

Ele estava encarando o chão outra vez. Ouviram as risadas dos jogadores quando um deles perdeu.

— Vão ou fiquem — disse Loial —, juntos ou separados, não faz diferença. Vocês são todos *ta’veren*. Até eu posso ver isso, e não tenho esse Talento. Vejo só pelo que acontece ao redor de vocês. E Moiraine Sedai diz a mesma coisa.

Mat fez um gesto de impaciência.

— Chega, Loial. Não quero mais ouvir sobre isso.

Loial sacudiu a cabeça.

— Querendo ouvir ou não, ainda é verdade. A Roda do Tempo tece o Padrão de uma Era usando a vida dos homens como fio. E vocês três são *ta’veren*, pontos centrais da trama.

— Chega, Loial.

— Por um tempo, a Roda vai curvar o Padrão ao redor de vocês três, o que quer que façam. E o que quer que façam provavelmente será definido pela Roda, e não por vocês. Os *ta’veren* impulsionam a história e moldam o Padrão apenas por existirem, mas a Roda tece os *ta’veren* com uma linha mais apertada do que qualquer outro homem. Não importa para onde forem nem o que fizerem, até que a Roda escolha outra coisa, vocês...

— Chega! — gritou Mat.

Os jogadores de dados olharam ao redor, e ele os fuzilou com o olhar até voltarem sua atenção ao jogo.

— Desculpe, Mat — respondeu Loial, com sua voz profunda. — Sei que falo demais, mas não tive a intenção...

— Eu não vou ficar aqui — interrompeu Mat, olhando para o teto — com um Ogier tagarela e um tolo com a cabeça grande demais para um chapéu. Você vem comigo, Perrin?

Perrin suspirou e olhou de relance para Rand, depois assentiu.

Rand os viu sair com um nó na garganta. *Preciso ir sozinho. Que a Luz me ajude, eu preciso.*

Loial também observou os dois partirem com as sobrancelhas caídas e um ar de preocupação.

— Rand, eu realmente não tive a intenção...

Rand se obrigou a falar com rispidez:

— O que está esperando? Vá com eles! Não sei por que ainda está aqui. Você não me serve de nada se não conhece uma saída deste lugar. Vá logo! Vá encontrar suas árvores e seus bosques preciosos, se é que já não foram todos cortados. E, se foram, já não era sem tempo.

Os olhos de Loial, do tamanho de xícaras, pareceram surpresos e feridos a princípio, mas se fecharam devagar, exprimindo algo que quase poderia ser chamado de raiva. Rand não achou que fosse o caso. Algumas das histórias antigas afirmavam que os Ogier eram ferozes, embora jamais explicassem exatamente como, mas Rand nunca conhecera alguém tão gentil quanto Loial.

— Se é o que você deseja, Rand al'Thor — respondeu Loial, muito sério. Ele fez uma medida rígida e saiu apressado atrás de Mat e Perrin.

Rand se encostou nos sacos de grãos empilhados. *Bem, provocou uma voz em sua cabeça, você conseguiu, não é? Eu precisava, respondeu à voz. Estar perto de mim vai ser perigoso. Sangue e cinzas, eu vou ficar louco, e... Não! Não, não vou! Eu não vou usar o Poder, e aí não vou enlouquecer, e... Mas não posso arriscar. Não posso, não entende?* No entanto, a voz apenas riu.

Então, percebeu que os jogadores o encaravam. Todos eles, ainda ajoelhados junto à parede, haviam se voltado para olhá-lo de frente. Os shienaranos de qualquer classe eram quase sempre educados e corretos, até mesmo com inimigos de sangue, e Ogier nunca foram inimigos de Shienar. Os jogadores estavam chocados. Seus rostos não demonstravam qualquer emoção, mas seus olhos diziam que o que ele fizera era errado. Parte dele achava que tinham razão, o que fez a acusação silenciosa pesar ainda mais. Eles apenas olharam para ele, que saiu da sala cambaleando, como se estivessem sendo perseguidos.

Entorpecido, atravessou as salas de armazenamento à procura de um lugar para se esconder até que reabrissem os portões. Talvez então ele pudesse se esgueirar sob a carreta de um comerciante. Isso se não revistassem as carretas na saída. Ou se não procurassem nas despensas, se não procurassem por ele em toda a fortaleza. Teimoso, ele se recusou a pensar a respeito e se concentrou em buscar um lugar seguro. Mas, em todo esconderijo que descobria — um buraco em uma pilha de sacos de grãos, atrás de alguns barris de vinho formando um corredor estreito ao longo da parede, uma despensa abandonada cheia de caixotes vazios e sombras —, podia imaginar batedores encontrando-o. Podia imaginar que aqueles olhos invisíveis, fossem de quem fossem — ou o que fossem — também o encontrariam. Então ele seguiu em frente, com sede, coberto de poeira e com teias de aranha nos cabelos.

Virou em um corredor mal iluminado e encontrou Egwene atravessando-o com cautela, parando de vez em quando para espiar o interior das despensas pelas quais passava. Seus cabelos escuros, que iam até a cintura, estavam presos para trás com uma fita vermelha, e ela usava um vestido cinza-claro típico de Shienar, com detalhes vermelhos. Ao vê-la, sentiu-se

tomado por tristeza e por uma sensação de perda ainda piores do que quando expulsou Mat, Perrin e Loial. Ele crescera pensando que um dia se casaria com Egwene. Os dois cresceram pensando isso. Mas agora...

Ela se sobressaltou quando ele surgiu bem à sua frente e quase soltou um grito, mas o que disse foi:

— Então aí está você! Mat e Perrin me contaram o que aconteceu. E Loial também. Eu sei o que você está tentando fazer, Rand, e acho que é pura burrice.

Ela cruzou os braços e o encarou, muito severa, com seus grandes olhos escuros. Ele sempre se perguntou como Egwene conseguia dar a impressão de estar olhando-o de cima — o que fazia sempre que queria —, embora a cabeça dela batesse na altura de seu peito, e ela fosse dois anos mais nova que ele.

— Ótimo — resmungou. De repente, o cabelo dela o deixou irritado: nunca vira uma mulher adulta usar outro penteado além de tranças até sair de Dois Rios. Lá, todas as garotas aguardavam ansiosas até que o Círculo das Mulheres da aldeia dissesse que tinham idade suficiente para trançar os cabelos. E Egwene certamente era velha o bastante, mas ali estava, com os cabelos presos apenas por uma fita. Eu quero ir para casa e não posso. Enquanto isso, ela mal pode esperar para esquecer Campo de Emond. — Vá embora e me deixe em paz também. Você não quer mais a companhia de um pastor. Há muitas Aes Sedai aqui para você correr atrás agora. E não diga a nenhuma delas que me viu. Elas estão atrás de mim, e não preciso que você as ajude.

As bochechas de Egwene ficaram muito coradas.

— Você acha que eu iria...

Ele se virou para ir embora, mas ela soltou um grito e se jogou na direção dele, agarrando suas pernas. Os dois caíram no chão de pedra e as trouxas e os alforjes se esparramaram pelo piso. Ele soltou um grunhido ao atingir o chão, pois o cabo da espada bateu em seu flanco. Depois grunhiu outra vez, quando ela se ergueu e se sentou em suas costas, como se ele fosse uma cadeira.

— Minha mãe — disse ela com firmeza — sempre falou que a melhor maneira de lidar com um homem é aprender a montar uma mula. Ela dizia que, na maioria das vezes, os dois pensam igual. E que às vezes a mula é mais inteligente.

Rand olhou para ela por cima do ombro.

— Saia de cima de mim, Egwene. Saia! Egwene, se você não sair... — Ele abaixou a voz, usando um tom sombrio. — Eu vou ter que tomar uma atitude. E você sabe o que eu sou.

Por via das dúvidas, lançou-lhe também um olhar maligno.

Egwene fungou.

— Você não faria nada contra mim, nem se pudesse. Você não machucaria ninguém. E não consegue, de qualquer jeito. Eu sei que você não pode canalizar o Poder Único sempre que quiser, é algo que simplesmente acontece e você não tem como controlar. Então, sei que você não vai fazer nada comigo, nem com qualquer outro. Eu, por outro lado, tive algumas aulas com Moiraine. Então, se você não ouvir a voz da razão, Rand al'Thor, posso simplesmente atear fogo às suas calças. Isso eu consigo fazer. Continue agindo assim e veja se não faço.

De repente, a chama da tocha mais próxima na parede ardeu intensamente, mas apenas por um segundo. Egwene soltou um gritinho e olhou assustada para a tocha.

Esticando a mão para trás, Rand agarrou o braço dela, tirou-a de suas costas e encostou-a na parede. Quando se sentou, viu que ela estava sentada em frente a ele, esfregando o braço com vigor.

— Você realmente teria feito aquilo, não é? — perguntou, zangado. — Está brincando com coisas que não entende. Poderia ter transformado nós dois em carvão!

— Homens! Quando não conseguem vencer uma discussão, fogem ou usam a força.

— Espere aí! Quem derrubou quem? Quem se sentou em cima de quem? E você ameaçou... tentou!... me... — Ele levantou as duas mãos. — Não senhora. Você faz isso comigo o tempo todo. Sempre que percebe que a discussão não está indo como gostaria, de repente começamos a discutir sobre alguma outra coisa completamente diferente. Desta vez não.

— Eu não estou discutindo — respondeu ela, muito calma — e também não estou mudando de assunto. E por acaso fugir não é se esconder? E, depois que se esconder, você vai fugir para valer. E, quanto a magoar Mat, Perrin e Loial? E a mim? Eu sei por quê. Você tem medo de machucar alguém ainda mais se deixar que fiquem por perto. Se não fizer o que não deve, não vai precisar se preocupar em machucar alguém. Você começou a sair correndo e atacando os outros sem nem saber se existe uma razão para tanto. Por que a Amyrlin, ou qualquer Aes Sedai que não Moiraine, sequer saberia da sua existência?

Ele a encarou por um momento. Quanto mais tempo ela passava com Moiraine e Nynaeve, mais agia como elas, pelo menos quando queria. Elas eram muito parecidas às vezes, a Aes Sedai e a Sabedoria, ambas distantes e sensatas. Era desconcertante quando isso vinha de Egwene. Por fim, ele contou o que Lan dissera.

— O que mais ele poderia querer dizer? — perguntou a ela por fim.

Egwene parou de esfregar o braço e franziu a testa, concentrada.

— Moiraine sabe a verdade sobre você e não fez nada, por que faria algo agora? Mas se Lan... — Ainda franzindo a testa, ela o encarou. — As despesas são o primeiro lugar em que vão procurar. Se é que vão procurar. Até descobrirmos se estão fazendo isso ou não, precisamos esconder você em um lugar onde eles jamais pensariam em olhar. Já sei, o calabouço.

Ele se levantou depressa.

— O calabouço!

— Não em uma cela, seu bobo. Eu vou lá em algumas noites para visitar Padan Fain. Nynaeve também. Ninguém vai achar estranho se eu for mais cedo hoje. Na verdade, com todas as atenções voltadas para a Amyrlin, não vão nem reparar na gente.

— Mas Moiraine...

— Ela não vai até os calabouços para interrogar Mestre Fain, manda que o levem a ela. E não faz isso há semanas. Acredite em mim, você estará seguro lá.

Mesmo assim, ele hesitou. Padan Fain.

— Por que você visita o mascate? Ele é um Amigo das Trevas, Moiraine ouviu da boca dele, e muito perigoso. Que me queime, Egwene, foi ele quem levou os Trollocs até Campo de Emond! Ele chamou a si mesmo de sabujo do Tenebroso e estava farejando o meu rastro desde a Noite Invernal.

— Bem, agora ele está seguro por trás de barras de ferro, Rand. — Foi a vez de ela hesitar.

Então olhou para ele, quase implorando. — Rand, ele levava sua carroça a Dois Rios toda primavera desde antes de eu nascer. Ele conhece todas as pessoas que eu conheço, todos os lugares. É estranho, mas, quanto mais tempo preso, mais à vontade fica. É quase como se estivesse se libertando do Tenebroso. Ele voltou a rir, conta histórias engraçadas sobre o povo de Campo de Emond e, às vezes, sobre lugares dos quais nunca ouvi falar. Às vezes, é quase como se fosse o velho Padan Fain. Eu só gosto de conversar com alguém sobre o nosso lar.

Já que comecei a evitar você, ele pensou, e Perrin começou a evitar todo mundo, e Mat, a passar o tempo todo jogando e aprontando por aí.

— Eu não deveria ter ficado tão distante — murmurou, então soltou um suspiro. — Bem, se Moiraine acha que é seguro o bastante para você, suponho que seja seguro o bastante para mim. Mas você não precisa se meter nessa história.

Egwene se levantou e se concentrou em limpar o vestido, evitando o olhar dele.

— Moiraine *disse* que é seguro, não *disse*? Egwene?

— Moiraine Sedai nunca disse que eu não podia visitar Mestre Fain — respondeu ela, com muito cuidado.

Ele a encarou por um momento, então explodiu:

— Você nunca pediu permissão. Ela não sabe. Egwene, isso é burrice! Padan Fain é um Amigo das Trevas, e é tão perigoso quanto qualquer Amigo das Trevas.

— Ele está trancado em uma cela — respondeu, muito séria — e eu não preciso pedir a permissão de Moiraine para tudo o que faço. É um pouco tarde para você começar a se preocupar em fazer o que uma Aes Sedai pensa, não é? Afinal, você vem ou não?

— Eu posso encontrar o calabouço sem você. Eles estão procurando por mim, ou vão procurar por mim, e não vai ser bom para você se for encontrada comigo.

— Sem mim — retrucou, seca —, você provavelmente vai tropeçar nos próprios pés e cair no colo do Trono de Amyrlin, para então acabar confessando tudo enquanto tenta se safar.

— Sangue e cinzas, você devia entrar no Círculo das Mulheres, lá em casa. Se os homens fossem todos tão desajeitados e indefesos como você pensa, nós nunca...

— Vai ficar aí falando até encontrarem você? Pegue suas coisas, Rand, e venha comigo.

Sem esperar resposta, ela deu meia-volta e começou a andar pelo corredor. Resmungando baixinho, ele obedeceu, relutante.

Havia poucas pessoas — a maioria serviçais — nos corredores isolados que eles percorreram, mas Rand tinha a sensação de que todas prestavam atenção especial nele. Não a atenção que prestariam em um homem preparado para uma jornada, mas *nele*, Rand al'Thor, em particular. Sabia que era sua imaginação, torcia para que fosse, mas, mesmo assim, não sentiu alívio algum quando pararam em um corredor no subsolo da fortaleza, diante de uma porta alta com uma pequena grade de ferro embutida, tão fortemente envolta com correias de ferro quanto qualquer uma da muralha externa. Uma aldrava pendia abaixo da grade.

Do outro lado da grade, Rand podia ver paredes nuas e dois soldados com rabo de cavalo sentados, sem elmo, a uma mesa com um lampião. Um dos homens afiava uma adaga, passando-a de forma lenta e demorada em uma pedra de amolar. Não parou de afiá-la nem quando Egwene bateu à porta com a aldrava, produzindo um pesado som metálico. O outro homem, com uma expressão entediada e mal-humorada, olhou para a porta como se

considerasse se deveria ou não lhe dar atenção, até que finalmente se levantou e foi até ela. Ele era baixo e atarracado; quase não era alto o suficiente para espiar por entre as barras cruzadas da grade.

— O que vocês querem? Ah, é você de novo, garota! Veio ver seu Amigo das Trevas? Quem é esse aí?

Ele não fez menção de abrir a porta.

— É um amigo meu, Changu. Ele também quer ver Mestre Fain.

O homem analisou Rand com o lábio superior contraído, mostrando os dentes. O rapaz não achou que aquele gesto fosse um sorriso.

— Ora — respondeu Changu, por fim. — Ora. Você é alto, não é? Alto. E está bem-vestido, para alguém da sua laia. Alguém o encontrou nas Marcas Orientais quando era pequeno e o domesticou? — Ele destrancou a porta e a escancarou. — Ora, se querem entrar, então entrem. — E completou, em um tom de deboche: — Cuidado para não bater a cabeça, milorde.

Não havia risco de isso acontecer, pois a porta era alta até para Loial. Rand seguiu Egwene, franzindo a testa e se perguntando se aquele tal Changu pretendia causar problemas. Ele era o primeiro shienarano rude que Rand conhecia; até mesmo Masema era apenas frio, não chegava a ser rude. Mas aquele sujeito simplesmente bateu a porta e enfiou as trancas de volta, depois foi até algumas prateleiras atrás da mesa e pegou um dos lampiões que estavam ali. O outro homem não parou de amolar a adaga nem por um segundo, sequer levantou os olhos dela. A sala não tinha mobília, a não ser pela mesa, alguns bancos e prateleiras. Havia um pouco de palha no chão e outra porta trancada com uma barra de ferro.

— Vocês vão querer um pouco de luz, não vão? — perguntou Changu. — Lá dentro, nas trevas, com seu amigo Amigo das Trevas. — Ele riu, uma risada rouca e sem humor, e acendeu o lampião. — Ele está esperando vocês. — Enfiou o lampião nas mãos de Egwene e abriu a porta interna, quase ansioso. — Esperando vocês. Lá dentro, nas trevas.

Rand parou, hesitante, diante da escuridão, e Changu sorriu atrás dele, mas Egwene o agarrou pela manga e o puxou para dentro. A porta bateu, quase pegando em seu calcanhar, e a tranca se fechou com estrépito. Só havia a luz do lampião, formando um pequeno círculo ao redor deles, nas trevas.

— Tem certeza de que ele vai nos deixar sair? — perguntou. O homem sequer olhou para sua espada ou seu arco, Rand percebeu, nem perguntou o que havia em seus alforjes. — Eles não são guardas muito bons. Poderíamos estar aqui para libertar Padan Fain e ele nem saberia.

— Ele sabe que eu não faria isso — respondeu, mas sua voz soou perturbada, e ela acrescentou: — Eles estão piores a cada vez que venho aqui. Todos os guardas estão assim, cada vez mais desagradáveis e mal-humorados. Changu me contou piadas da primeira vez que vim, e Nidao nem fala mais. Mas suponho que trabalhar em um lugar como este não deixe um homem com o coração leve. Talvez seja só eu: este lugar também não faz bem ao meu coração.

Apesar de suas palavras, Egwene o puxou para o escuro, confiante. Ele manteve a mão livre na espada.

A luz fraca do lampião revelou um largo corredor com celas de ambos os lados, construídas com grades de ferro achatadas e paredes de pedra. Apenas duas das celas pelas quais passaram tinham prisioneiros. Os ocupantes, sentados em seus catres estreitos, protegeram os

olhos com as mãos quando a luz os iluminou, fuzilando-os por entre seus dedos. Mesmo com os rostos escondidos, Rand tinha certeza de que lançavam olhares furiosos: seus olhos reluziam à luz do lampião.

— Aquele ali briga quando bebe — murmurou Egwene, indicando um sujeito robusto com as mãos machucadas. — Desta vez, ele destruiu sozinho o salão de uma estalagem na cidade e deixou alguns homens bem machucados. — O outro prisioneiro vestia um casaco bordado a ouro com mangas largas e botas de cano curto impecáveis. — Este tentou deixar a cidade sem pagar a conta da estalagem. — Ela fungou com desprezo ao dizer aquilo. Seu pai, além de prefeito de Campo de Emond, também era estalajadeiro, além de não pagar meia dúzia de comerciantes e donos de loja a quem devia.

Os homens grunhiram para eles, soltando impropérios guturais tão feios quanto os que Rand ouvira de guardas de mercadores.

— Eles também estão piorando a cada dia que passa — continuou ela, com a voz tensa, e apressou o passo.

Ela estava tão à frente, quando chegaram à cela de Padan Fain, no final do corredor, que Rand já estava completamente fora da luz. Ele parou ali, nas sombras atrás do lampião.

Fain estava sentado em seu catre, curvando-se para a frente como se os esperasse, bem como Changu dissera. Era um homem ossudo, com olhos atentos, braços compridos e nariz grande, e estava mais magro do que Rand lembrava. Não emagrecera por causa do calabouço, pois a comida ali era a mesma que os serviçais comiam, e nem mesmo o pior prisioneiro passava fome, mas sim pelo que fizera antes de chegar a Fal Dara.

Vê-lo trouxe de volta lembranças que Rand preferia não ter despertado. Fain no banco de seu grande carroção de mascate passando pela Ponte das Carroças, chegando a Campo de Emond no dia da Noite Invernal. E, na Noite Invernal, os Trollocs chegaram, matando, incendiando e caçando. Caçavam três rapazes, dissera Moiraine. *Caçariam apenas a mim, se soubessem quem eu era, e usavam Fain como sabujo.*

Fain se levantou ao ver Egwene chegar, sem cobrir os olhos ou sequer piscar por causa da luz. Ele sorriu para ela, um sorriso que só passou por seus lábios, então olhou além dela. Fitando diretamente Rand, que estava oculto na escuridão fora do círculo de luz, ele apontou um dedo longo para ele.

— Eu sinto você aí se escondendo, Rand al'Thor — disse, quase em um murmúrio suave. — Não pode se esconder, não de mim. E nem deles. Você achava que tinha acabado, não é? Mas a batalha nunca termina, al'Thor. Eles virão me buscar, e a você também, e a guerra continua. Não importa se vai viver ou morrer, nunca vai acabar para você. Nunca. De repente, ele começou a cantar.

“Em breve chegará o dia em que todos serão libertos.

Até você e até eu.

Em breve chegará o dia em que todos morrerão.

Certamente você, mas não eu.”

Deixou o braço cair e levantou a cabeça para olhar fixamente um ponto na escuridão acima.

Um sorriso torto repuxou-lhe a boca, e ele riu no fundo da garganta, como se estivesse vendo algo engraçado.

— Mordeth sabe mais que todos vocês. Mordeth sabe.

Egwene recuou até encostar em Rand, até apenas os limites do círculo de luz tocarem as barras da cela de Fain. A escuridão ocultou o mascate, mas eles ainda ouviam suas risadas. Mesmo incapaz de vê-lo, Rand tinha certeza de que Fain ainda olhava para o nada.

Com um calafrio, ele tirou os dedos do cabo da espada.

— Luz! — exclamou, com a voz rouca. — É isso que você chama de “estar como era antes”?

— Às vezes ele está melhor, e às vezes pior. — A voz de Egwene não soava firme. — Isto é pior, muito pior do que de costume.

— O que será que ele está vendo? Está louco, olhando fixamente para um teto de pedra na escuridão. — *Se o teto não estivesse ali, ele estaria olhando direto para a ala das mulheres, onde estão Moiraine e o Trono de Amyrlin.* Ele teve outro calafrio. — Ele está louco.

— Não foi uma boa ideia, Rand. — Olhando por cima do ombro para a cela, Egwene o conduziu para longe e abaixou a voz, como se tivesse medo de que Fain pudesse ouvi-la. A gargalhada do mascate os acompanhou. — Mesmo que eles não procurem aqui, não consigo ficar com ele assim. E você também não deveria. Há alguma coisa nele hoje que... — Ela respirou fundo, estremecendo. — Existe um esconderijo ainda melhor. Eu não o mencionei antes porque era mais fácil trazê-lo para cá, mas eles nunca vão procurar na ala das mulheres. Nunca.

— A ala...! Egwene, Fain pode estar louco, mas você está ainda mais. Não se pode se esconder de vespas dentro de um vespeiro.

— Que lugar melhor? Qual é a única parte da fortaleza onde nenhum homem pode entrar sem o convite de uma mulher, nem mesmo Lorde Agelmar? Qual é o único lugar em que ninguém jamais sequer pensaria em procurar por um homem?

— Qual é o único lugar da fortaleza que certamente estará cheio de Aes Sedai? É loucura, Egwene.

Cutucando as trouxas dele, ela falou como se a decisão já estivesse tomada.

— Você precisa embrulhar sua espada e seu arco no manto, assim vai parecer que está carregando coisas para mim. Não deve ser muito difícil encontrar um colete e uma camisa que não sejam tão bonitas, para você usar. Mas vai ter que andar curvado.

— Eu já disse: não vou fazer isso.

— Já que está sendo teimoso como uma mula, deveria servir logo como um animal de carga. A menos que realmente prefira ficar aqui embaixo com ele.

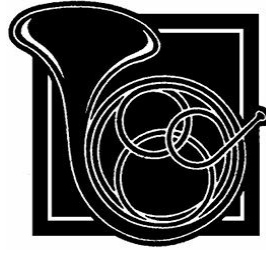
Os murmúrios da risada de Fain atravessaram as sombras.

— A batalha nunca termina, al’Thor. Mordeth sabe.

— Seria melhor pular da muralha — resmungou Rand. Entretanto, ele tirou as sacolas dos ombros e começou a embrulhar a espada, o arco e a aljava, seguindo as instruções de Egwene.

Na escuridão, Fain riu.

— Nunca termina, al’Thor. Nunca.



A Convocação

Sozinha em seu quarto na ala das mulheres, Moiraine ajustou o xale bordado com hera e videiras sobre os ombros e estudou seu reflexo no grande espelho que ficava em um canto. Seus olhos grandes e escuros podiam parecer aguçados como os de um falcão quando ela estava zangada, mas agora pareciam perfurar o espelho de prata. Era obra do acaso ela estar com o xale no alforje quando chegara a Fal Dara. Com a branca e flamejante Chama de Tar Valon no meio das costas e as longas franjas coloridas para mostrar a Ajah a que pertencia — o de Moiraine era azul como o céu da manhã —, os xales raramente eram usados fora de Tar Valon e, mesmo lá, apenas dentro da Torre Branca. Apenas raras ocasiões, como as reuniões no Salão da Torre, requeriam a formalidade dos xales, e além das Muralhas Reluzentes uma visão da Chama faria muita gente sair correndo para se esconder ou, quem sabe, para buscar os Filhos da Luz. A flecha de um Manto-branco era tão fatal para uma Aes Sedai quanto para qualquer outra pessoa, e os Filhos da Luz eram astutos demais para deixar que uma Aes Sedai visse o arqueiro antes que ele atingisse o alvo, enquanto ainda houvesse tempo para se defender. Moiraine nunca imaginou que fosse usar o xale em Fal Dara, mas uma audiência com a Amyrlin exigia algumas formalidades.

Moiraine era magra e estava longe de ser alta. O rosto sem rugas, com a idade indefinida das Aes Sedai, muitas vezes fazia com que parecesse mais nova do que era, mas sua presença tranquila e elegante impunha respeito e dominava qualquer reunião. Seus modos refinados, resultantes da criação no Palácio Real de Cairhien, foram aprimorados, não sufocados, pelos anos como Aes Sedai. Ela sabia que poderia precisar de cada minúscula porção deles, no dia de hoje. Além disso, grande parte da calma que exibia hoje estava na superfície. *Deve haver algum problema, ou ela não viria pessoalmente*, pensou pelo que julgava ser, no mínimo, a décima vez. Além desse pensamento, havia pelo menos mais mil perguntas: *Que problema será, e quem ela escolheu para acompanhá-la? Por que aqui? Por que agora? As coisas não podem dar errado agora.*

O anel da Grande Serpente em sua mão direita refletiu a luz fraca quando ela tocou a delicada corrente de ouro em seus cabelos escuros que caíam, ondulados, até os ombros. Uma pequena pedra azul pendia da corrente, no meio da testa. Muitas na Torre Branca sabiam dos truques que ela podia fazer usando aquela pedra como ponto focal. Era apenas um fragmento

polido de cristal azul, o tipo de coisa que uma jovem usa em seu aprendizado inicial, quando não há alguém para orientá-la. Quando jovem, ela se lembrara das histórias sobre os *angreal* e sobre os ainda mais poderosos *sa'angreal*, fabulosos remanescentes da Era das Lendas que permitiam que Aes Sedai canalizassem uma quantidade maior do Poder Único do que seria seguro sem ajuda. Ela se lembrara e pensara que um foco desses era sempre necessário para canalizar a energia. Suas irmãs da Torre Branca conheciam alguns de seus truques e suspeitavam de outros, inclusive de alguns que não existiam e que a haviam chocado quando ela descobriu os rumores. As coisas que fazia com a pedra eram pequenas e simples, saídas da imaginação de uma criança, embora úteis de vez em quando. Mas, se as mulheres erradas estivessem acompanhando a Amyrlin, o cristal poderia deixá-las inquietas por causa das histórias.

Alguém bateu à porta do quarto de forma rápida e insistente. Nenhum shienarano bateria à porta daquele jeito, muito menos à dela. Ela continuou olhando para o espelho até que seus olhos se mostrassem serenos e os pensamentos estivessem ocultos em suas profundezas escuras. Verificou a bolsa de couro macio pendurada em seu cinturão. *Não importa quais foram os problemas que a tiraram de Tar Valon, ela vai esquecê-los assim que eu lhe contar este.* Ouviu-se uma segunda batida, ainda mais vigorosa do que a primeira, antes que ela atravessasse o quarto para abrir a porta, lançando um sorriso calmo para as duas mulheres que vieram buscá-la.

Ela reconheceu ambas. A morena era Anaiya, com seu xale de franjas azuis, e a loura era Liandrin, com o xale vermelho. Liandrin não apenas parecia jovem, como de fato era. E também era bela: tinha o rosto de uma boneca, e sua boca era pequena e petulante. Já estava com a mão erguida, pronta para bater à porta mais uma vez. Suas sobrancelhas eram escuras e os olhos ainda mais, contrastando com as muitas tranças cor de mel que roçavam seus ombros, mas aquela combinação não era incomum em Tarabon. As duas eram mais altas que Moiraine, embora Liandrin fosse menos de um palmo maior.

O rosto comum de Anaiya irrompeu em um sorriso assim que Moiraine abriu a porta. Aquele sorriso era a única beleza que tinha, mas era o bastante: quase todos se sentiam reconfortados, seguros e especiais quando Anaiya sorria.

— Que a Luz brilhe sobre você, Moiraine! É bom vê-la outra vez. Você está bem? Faz tanto tempo.

— Meu coração fica mais leve com sua presença, Anaiya. — Isso, de fato, era verdade: era bom saber que tinha pelo menos uma amiga entre as Aes Sedai que haviam chegado a Fal Dara. — Que a Luz a ilumine!

Liandrin comprimiu os lábios e retorceu o xale nas mãos.

— O Trono de Amyrlin requer sua presença, Irmã. — Sua voz soava petulante e fria. Não por causa de Moiraine, ou não apenas por ela. Liandrin sempre parecia insatisfeita com alguma coisa. Franzindo a testa, ela tentou olhar para dentro do quarto por cima do ombro de Moiraine. — Esta câmara está protegida, não podemos entrar. Por que você tem selos de proteção contra suas irmãs?

— Contra todos — respondeu Moiraine, em um tom de voz suave. — Muitas serviçais são curiosas a respeito das Aes Sedai, e não quero que fiquem bisbilhotando meus aposentos quando não estou por aqui. Não havia necessidade de fazer distinção até agora. — Ela fechou

a porta atrás de si. — Vamos? Não devemos deixar a Amyrlin esperando.

Ela começou a descer o corredor com Anaiya tagarelando sem parar a seu lado. Liandrin ficou parada por um momento, olhando para a porta como se imaginasse o que Moiraine tentava esconder, então correu para se juntar às outras. Ela se posicionou do outro lado de Moiraine, marchando de forma tão rígida quanto um guarda, enquanto Anaiya apenas caminhava, fazendo companhia, e seus pés calçados com sandálias batiam suavemente nos tapetes espessos decorados com padrões simples.

Ao vê-las passarem, mulheres de libré faziam medidas profundas, muitas ainda mais profundas do que fariam para o próprio senhor de Fal Dara. Três Aes Sedai juntas e o próprio Trono de Amyrlin hospedado na fortaleza... Era mais honra do que qualquer uma delas imaginara ter em toda a vida. Algumas mulheres nobres também estavam nos corredores, e também fizeram medidas, o que decerto não fariam para Lorde Agelmar. Moiraine e Anaiya sorriam e curvavam as cabeças em reconhecimento a cada reverência, tanto de serviçais quanto de nobres. Liandrin ignorava todas.

Não havia homens ali, é claro; apenas mulheres. Nenhum shienarano com mais de dez anos de idade podia entrar na ala das mulheres sem permissão ou convite, mas alguns menininhos corriam e brincavam nos corredores. Desajeitados, eles se ajoelhavam em uma perna, mantendo a outra dobrada, e suas irmãs faziam medidas profundas. De vez em quando, Anaiya sorria e acariciava uma das cabecinhas, enquanto passavam pelas crianças.

— Desta vez, Moiraine — começou Anaiya —, você ficou muito tempo longe de Tar Valon. Tempo demais. Tar Valon sente sua falta, suas irmãs sentem sua falta. E a Torre Branca precisa de você.

— Algumas de nós precisam trabalhar no mundo — respondeu Moiraine, com gentileza. — Eu deixo o Salão da Torre para você, Anaiya. Mas você, que estava em Tar Valon, deve saber mais sobre o que está acontecendo no mundo do que eu. Muitas vezes, as novidades acontecem no lugar em que estive no dia anterior. Que notícias você traz?

— Mais três falsos Dragões. — Liandrin mal pôde conter a raiva. — Devastam a terra em Saldaea, Murandy e Tear três falsos Dragões. Enquanto isso, vocês, Azuis, sorriem e falam bobagens, tentando se agarrar ao passado.

Anaiya ergueu uma sobrancelha, e Liandrin comprimiu os lábios com força, fungando alto.

— Três — considerou Moiraine, em voz baixa. — Houve três nos últimos dois anos, e agora vêm mais três de uma só vez.

— Lidaremos com eles, como fizemos com os outros três. Tanto esses vermes quanto qualquer bando de vagabundos que siga seus estandartes.

Moiraine quase se divertiu com a certeza na voz de Liandrin. Quase. Mas sabia a verdade, estava ciente das possibilidades.

— Será que alguns meses foram o suficiente para você esquecer, Irmã? O último falso Dragão quase destruiu Ghealdan antes que seu exército pudesse ser derrotado, fosse ele constituído por um bando de vagabundos ou não. Sim, Logain está em Tar Valon agora, amansado e seguro, suponho, mas algumas de nossas irmãs morreram para derrotá-lo. A perda de uma irmã já é mais do que podemos suportar, mas as baixas de Ghealdan foram ainda piores. Os dois antes de Logain não podiam canalizar, mas o povo de Kandor e Arad Doman

ainda assim se lembra deles muito bem. Aldeias foram queimadas e homens morreram em combate. Como o mundo poderá lidar com três de uma só vez? Quantos não se aglomerarão sob seus estandartes? Nunca houve poucos seguidores para qualquer homem que afirmasse ser o Dragão Renascido. Qual será o tamanho das guerras, desta vez?

— A situação não está tão ruim quanto parece — respondeu Anaiya. — Até onde sabemos, apenas o de Saldaea pode canalizar. Ele ainda não teve tempo de angariar muitos seguidores, e as irmãs já devem estar lá para resolver o problema. Os habitantes de Tear estão perseguindo o falso Dragão e seus seguidores em Haddon Mirk, e o sujeito em Murandy já está preso. — Ela deu uma risada curta, parecendo intrigada. — E pensar que justamente os murandianos conseguiram lidar com seu dragão mais depressa que os outros. Se você perguntar, vai descobrir que eles sequer se chamam de murandianos, mas de lugadernos, inishinnis, ou de súditos de tal lorde ou lady. No entanto, temendo que um dos vizinhos se aproveitasse da desculpa para invadir suas terras, os murandianos atacaram o falso Dragão assim que ele abriu a boca para se autoproclamar.

— Ainda assim — retrucou Moiraine —, três Falsos Dragões ao mesmo tempo é algo que não pode ser ignorado. Será que alguma irmã já profetizou algo?

A chance era pequena, poucas Aes Sedai haviam mostrado qualquer sinal, por menor que fosse, de ter esse Talento nos últimos séculos. Por isso, Moiraine não ficou surpresa quando Anaiya negou com a cabeça. Não ficou surpresa, mas um pouco aliviada.

Elas chegaram a um encontro de corredores ao mesmo tempo que Lady Amalisa. Ela fez uma grande mesura, curvando-se quase até o chão e segurando as saias verde-claras.

— Honrada seja Tar Valon — murmurou. — Honradas sejam as Aes Sedai.

A irmã do senhor de Fal Dara pedia mais do que um mero aceno de cabeça como resposta. Moiraine segurou as mãos da mulher e a fez se levantar.

— Você nos honra, Amalisa. Levante-se, Irmã.

Amalisa se endireitou com um movimento gracioso, levemente ruborizada. Ela nunca estivera em Tar Valon, e ser chamada de Irmã por uma Aes Sedai era uma grande distinção, mesmo para alguém de sua posição social. Era uma mulher morena e baixa de meia-idade, com uma beleza madura realçada pelas bochechas coradas.

— Eu não mereço essa honra, Moiraine Sedai.

Moiraine sorriu.

— Há quanto tempo nos conhecemos, Amalisa? Preciso chamá-la de Lady Amalisa, como se nunca tivéssemos nos sentado para tomar chá?

— É claro que não! — Amalisa retribuiu o sorriso. Seu rosto tinha a mesma força do de seu irmão, em nada diminuída pelas feições mais delicadas. Alguns diziam que, por mais que fosse um lutador forte e renomado, Agelmar estava apenas à altura da irmã. — Mas, com o Trono de Amyrlin aqui... Quando o Rei Easar visita Fal Dara, eu o chamo de *Magami*, Tiozinho, em particular, como fazia quando era criança e ele me carregava em seus ombros. Mas em público deve ser diferente.

Anaiya soltou um muxoxo.

— Às vezes a formalidade é indispensável, mas os homens costumam levá-la mais a sério do que o necessário. Me chame de Anaiya, por favor, e eu a chamarei de Amalisa, se me permitir.

Pelo canto do olho, Moiraine viu Egwene desaparecer, apressada, em uma esquina, do outro lado do corredor lateral. Uma figura encurvada, trajando um colete de couro, de cabeça baixa e com os braços cheios de sacolas a seguia, desajeitada. Moiraine se permitiu um leve sorriso, que disfarçou depressa. *Se essa garota demonstrar a mesma iniciativa em Tar Valon, pensou, com ironia, um dia vai acabar se sentando no Trono de Amyrlin. Se conseguir aprender a controlar essa iniciativa. E se ainda houver um Trono de Amyrlin no qual se sentar.*

Quando ela voltou a atenção para as outras, Liandrin estava falando.

— ... E eu agradeço a oportunidade de conhecer mais esta terra — disse, com um sorriso franco e quase infantil, e seu tom de voz parecia amigável.

Moiraine se esforçou para manter uma expressão impassível enquanto Amalisa as convidava para se juntarem a ela e a outras damas em um jardim particular, e Liandrin aceitou o convite calorosamente. Liandrin tinha poucas amigas, e nenhuma delas era de fora da Ajah Vermelha. *Com certeza nenhuma seria de fora das Aes Sedai. Ela preferiria fazer amizade com um homem ou com um Trolloc.* Moiraine não sabia se Liandrin via muita diferença entre homens e Trollocs, não sabia se qualquer uma das Vermelhas via muita diferença entre eles.

Anaiya explicou que elas haviam sido convocadas pelo Trono de Amyrlin e, naquele instante, precisavam vê-lo.

— É claro — disse Amalisa. — Que a Luz a ilumine e o Criador a abrigue! Nos encontramos mais tarde, então.

Ela se manteve ereta e curvou a cabeça quando as Aes Sedai seguiram seu caminho.

Moiraine analisou Liandrin enquanto caminhavam, sem nunca olhá-la diretamente. A Aes Sedai com cabelos cor de mel olhava sempre para a frente, seus lábios vermelhos como botões de rosa estavam contraídos como se estivesse concentrada em algo. Ela parecia ter se esquecido da presença de Moiraine e de Anaiya. *O que está tramando?*

Anaiya parecia não ter notado nada fora do normal, mas ela sempre aceitava as pessoas como eram e como queriam ser. Moiraine achava impressionante o modo como Anaiya lidava tão bem com as pessoas na Torre Branca, mas as mal-intencionadas pareciam encarar sua franqueza e sua aceitação de todos como artifícios dissimulados. As pessoas sempre eram pegas de surpresa quando descobriam que Anaiya realmente acreditava no que dizia e dizia o que acreditava. Além disso, ela sempre conseguia perceber a essência de tudo e aceitar o que via. Ela continuou a contar as notícias para Moiraine de forma displicente.

— As notícias de Andor são ao mesmo tempo boas e ruins. Os levantes nas ruas de Caemlyn cessaram com a chegada da primavera, mas muitos culpam a rainha e Tar Valon pelo longo inverno. Morgase está tendo mais dificuldade para se manter no trono do que no ano passado, mas ainda continua nele, onde ficará enquanto Gareth Bryne for Capitão-general da Guarda da Rainha. E Lady Elayne, a Filha-herdeira, e seu irmão, Lorde Gawyn, chegaram em segurança a Tar Valon, para o treinamento. A Torre Branca receava que o costume fosse quebrado.

— Não enquanto Morgase tiver um sopro de vida em seu corpo — comentou Moiraine.

Liandrin se sobressaltou de leve, como se tivesse acabado de acordar.

— Reze para que ela continue a ter esse sopro de vida. O destacamento da Filha-herdeira foi seguido pelos Filhos da Luz até o Rio Erinin, até as pontes de Tar Valon. E mais Filhos ainda

estão acampados nos arredores de Caemlyn, aguardando uma chance. E há quem os ouça dentro de Caemlyn.

— Talvez seja hora de Morgase aprender a ter um pouco de cautela — comentou Anaiya, suspirando. — O mundo está cada dia mais perigoso, mesmo para uma rainha. Talvez especialmente para uma rainha. E ela sempre foi teimosa. Lembro-me dela criança, quando chegou a Tar Valon. Não tinha habilidade para se tornar uma irmã completa, o que a incomodava. Às vezes acho que ela pressiona a filha por causa disso, independente do caminho que a menina queira escolher.

Moiraine soltou um muxoxo de desdém.

— Elayne nasceu com a fagulha; não era uma questão de escolha. Morgase não se arriscaria a deixar a garota morrer por falta de treinamento nem que todos os Mantos-brancos de Amadicia cercassem Caemlyn. Ela ordenaria que Gareth Bryne e a Guarda da Rainha abrissem caminho à força até Tar Valon. E Gareth Bryne abriria, mesmo que tivesse de fazê-lo sozinho. — *Mas ela ainda precisa manter o potencial da garota em segredo. Será que o povo de Andor aceitaria que Elayne sucedesse Morgase no Trono do Leão, se soubesse? Será que aceitariam não uma rainha treinada em Tar Valon, conforme o costume, mas uma Aes Sedai completa?* Em toda a história, só havia registro de algumas rainhas que poderiam ser chamadas de Aes Sedai, e as poucas que revelaram essa informação acabaram se arrependendo. Ela sentiu uma pontada de tristeza, mas havia muito em jogo para que se desse ao luxo de ajudar ou mesmo de se preocupar com uma só terra e um só trono. — O que mais, Anaiya?

— Você deve saber que a Grande Caçada à Trombeta foi convocada em Illian pela primeira vez em quatrocentos anos. Os illianenses dizem que a Última Batalha se aproxima. — Anaiya estremeceu de leve, como seria de se esperar, mas não hesitou. — E que a Trombeta de Valere precisa ser encontrada antes da batalha final contra a Sombra. Homens de todos os lugares estão se reunindo, ansiosos por fazer parte da lenda, ansiosos para encontrar a Trombeta. Murandy e Altara estão desconfiadas, é claro, pensando que isso é tudo um engodo para uma investida contra uma delas. É provável que tenha sido por isso que os murandianos capturaram seu falso Dragão tão depressa. De qualquer modo, os bardos e os menestréis terão uma nova série de histórias para acrescentar ao ciclo. Que a Luz permita que sejam apenas novas histórias!

— Talvez não sejam as histórias que eles esperam — comentou Moiraine.

Liandrin lhe lançou um olhar severo, mas ela manteve o rosto impassível.

— Suponho que não — respondeu Anaiya, muito calma. — As histórias que eles menos esperam serão justamente as que acrescentarão ao ciclo. Mas, além disso, só ouvi rumores. O Povo do Mar está agitado, seus navios disparam de um porto a outro, quase sem parar. As Irmãs nas ilhas explicaram que o Coramoor, seu Escolhido, está chegando, mas não disseram mais que isso. Você sabe como os Atha'an Miere são com estrangeiros em relação ao Coramoor, e nossas irmãs parecem pensar mais como o Povo do Mar do que como Aes Sedai a esse respeito. Os Aiel também parecem estar inquietos, mas ninguém sabe por quê. Nunca se sabe, com os Aiel. Pelo menos não há provas de que eles queiram atravessar a Espinha do Mundo outra vez, graças à Luz. — Ela suspirou e sacudiu a cabeça. — O que eu não daria para ter uma Irmã vinda dos Aiel? Só uma. Sabemos tão pouco sobre eles!

Moiraine riu.

— Às vezes penso que você pertence à Ajah Marrom, Anaiya.

— E também há a Planície de Almoth — disse Liandrin, mas logo pareceu surpresa por ter se pronunciado.

— *Isso sim* não passa de um rumor, Irmã — respondeu Anaiya. — Ouvimos alguns poucos sussurros quando deixávamos Tar Valon. Talvez uma batalha tenha acontecido na Planície de Almoth e na Ponta de Toman também. Talvez, eu disse. Os sussurros não tinham consistência, eram rumores de rumores. Partimos antes de conseguir descobrir mais.

— Deve ser Tarabon e Arad Doman — disse Moiraine, e depois sacudiu a cabeça. — Elas disputam a Planície de Almoth há quase trezentos anos, mas nunca chegaram a um combate declarado. — Ela olhou para Liandrin: as Aes Sedai supostamente deveriam abandonar todas as antigas lealdades a terras e soberanos, mas poucas o faziam por completo. Era difícil não se importar com sua terra natal. — Por que iriam agora...?

— Chega de falar bobagens — interrompeu a mulher de cabelos cor de mel, irritada. — A Amyrlin a aguarda, Moiraine. — Ela deu três passos rápidos à frente das outras e abriu uma das duas portas altas. — E a Amyrlin não vai ficar falando bobagens com você.

Tocando a bolsinha em sua cintura sem perceber, Moiraine passou por Liandrin e entrou, inclinando a cabeça, como se agradecesse pela outra mulher estar segurando a porta para ela. Ela sequer sorriu ao ver o lampejo de fúria no rosto de Liandrin. *O que será que essa infeliz está tramando?*

Camadas de tapetes de cores vivas cobriam o chão da antessala, e o aposento estava agradavelmente mobiliado com cadeiras, bancos almofadados e mesinhas baixas, cuja madeira era trabalhada com simplicidade ou apenas polida. Cortinas com brocados ladeavam as altas seteiras, o que as fazia parecer janelas. Não havia fogo ardendo nas lareiras, pois o dia estava quente, e o frio de Shienar não chegaria até o cair da noite.

Menos de seis das Aes Sedai que haviam chegado com a Amyrlin estavam ali. Verin Mathwin e Serafelle, da Ajah Marrom, nem levantaram a cabeça quando Moiraine entrou. Serafelle estava absorta em um livro antigo, com uma capa de couro velha e gasta, folheando suas páginas frágeis com muito cuidado. Enquanto isso, a rechonchuda Verin estava sentada de pernas cruzadas sob uma seteira segurando um minúsculo botão de flor contra a luz, fazendo anotações e esboços com uma caligrafia precisa em um livro equilibrado no joelho. Havia um tinteiro aberto no chão a seu lado e uma pequena pilha de flores em seu colo. As irmãs Marrons não se preocupavam com quase nada além da busca do conhecimento. Moiraine às vezes se perguntava se elas sequer sabiam sobre o que se passava no mundo, ou mesmo o que acontecia ao redor delas.

As outras três mulheres no aposento se viraram quando ela entrou, mas não fizeram esforço algum para se aproximar de Moiraine, apenas a olharam. Ela notou que não conhecia uma delas, uma esbelta Ajah Amarela. Não passava tempo suficiente em Tar Valon para conhecer todas as Aes Sedai, embora elas não fossem mais tão numerosas, mas conhecia as outras duas. Carlinya tinha a pele tão pálida e modos tão frios quanto as franjas brancas de seu xale, o oposto da morena e feroz Alanna Mosvani, da Ajah Verde, mas ambas ficaram paralisadas olhando para ela sem dizer uma palavra, com os rostos inexpressivos. Alanna ajeitou o xale

ao redor dos ombros bruscamente, e Carlinya permaneceu imóvel. A esbelta irmã Amarela virou as costas com um ar de arrependimento.

— Que a Luz as ilumine, Irmãs! — cumprimentou Moiraine.

Ninguém respondeu. Ela não sabia dizer se Serafelle ou Verin haviam sequer ouvido. *Onde estão as outras? Não havia necessidade de todas estarem ali, e a maioria devia estar descansando em seus aposentos, recuperando-se da jornada, mas agora ela estava alerta, e todas as perguntas que não podia fazer percorriam sua mente. Nenhuma delas transpareceu em seu rosto.*

A porta interna se abriu, e Leane apareceu sem seu cajado com chama de ouro. A Curadora das Crônicas era tão alta quanto a maioria dos homens, esbelta e graciosa, e ainda bela, com a pele acobreada e cabelos escuros e curtos. Usava uma estola azul de uma mão de largura em vez de um xale, pois tinha uma cadeira cativa no Salão da Torre, embora, como Curadora, não representasse sua Ajah.

— Aí está você — disse bruscamente para Moiraine e indicou a porta atrás de si com um gesto. — Venha, Irmã. O Trono de Amyrlin a aguarda. — Seu tom de voz naturalmente rápido e entrecortado nunca mudava, estivesse zangada, alegre ou empolgada.

Enquanto Moiraine seguia Leane, perguntou-se que emoção a Curadora estaria sentindo naquele momento. Leane fechou a porta atrás delas, batendo-a com um estrondo semelhante ao de uma porta de cela se fechando.

O Trono de Amyrlin estava sentado atrás de uma grande mesa no meio de um tapete, sobre a qual repousava um cubo achatado de ouro, ornamentado com desenhos de prata, do tamanho de um baú de viagem. A mesa era bem construída, com pernas grossas, mas parecia prestes a ceder sob um peso que dois homens fortes carregariam com dificuldade.

Ao ver o cubo dourado, Moiraine teve que se esforçar para manter a expressão imperturbável. Na última vez que o vira, ele estava trancado em segurança no cofre de Agelmar. Ao saber da chegada do Trono de Amyrlin, ela planejava lhe contar pessoalmente. O fato de o objeto já estar de posse da mulher era um detalhe, mas um detalhe preocupante. Os eventos podiam estar saindo de seu controle.

Ela fez uma mesura profunda e disse, com formalidade:

— A senhora me chamou, Mãe, e eu vim. — A Amyrlin estendeu a mão, e Moiraine beijou o anel da Grande Serpente, que não era diferente do de qualquer outra Aes Sedai. Endireitando-se, ela mudou para um tom mais natural, embora não muito. Estava ciente da Curadora em pé atrás dela, ao lado da porta. — Espero que a senhora tenha feito uma viagem agradável, Mãe.

A Amyrlin nascera em Tear, em uma família de pescadores simples, não em uma Casa nobre, e seu nome era Siuan Sanche, embora poucos o tivessem usado, ou sequer pensado nele nos dez anos desde que ela fora nomeada. Ela era o Trono de Amyrlin, e isso era tudo. A grande estola listrada em seus ombros exibia as cores das sete Ajahs, pois a Amyrlin era de todas as Ajahs e de nenhuma. Ela tinha estatura mediana e uma beleza pouco feminina, mas seu rosto exibia uma força que estivera presente desde antes de sua nomeação; a força de uma garota que havia sobrevivido às ruas do Maule, o distrito portuário de Tear, e seu olhar azul límpido fizera reis, rainhas e até mesmo o Capitão Comandante dos Filhos da Luz baixarem os olhos. Seus olhos pareciam cansados, agora, e seus lábios estavam comprimidos, apreensivos.

— Chamamos os ventos para que acelerassem nossos navios Erinin acima, Filha, e até

mesmo viramos a correnteza a nosso favor. — A voz da Amyrlin soava profunda e triste. — Vi a enchente que provocamos em aldeias ao longo do rio, e só a Luz sabe o que fizemos com o clima. Não nos tornaremos mais queridas pelo estrago que provocamos e pelas colheitas que provavelmente arruinamos. E tudo isso para chegar aqui o mais rápido possível. — Seu olhar se voltou para o ornamentado cubo de ouro, e ela fez menção de tocá-lo. Quando tornou a falar, disse: — Elaida está em Tar Valon, Filha. Ela chegou com Elayne e Gawyn.

Moiraine estava ciente de Leane em pé ao seu lado, quieta como sempre ficava na presença da Amyrlin. Mas ela as observava e ouvia com atenção.

— Estou surpresa, Mãe — respondeu, com cuidado. — Não é um bom momento para Morgase ficar sem o conselho de uma Aes Sedai.

Morgase era uma das poucas governantes a admitir que tinha uma conselheira Aes Sedai. Quase todos os governantes tinham uma, mas poucos admitiam abertamente.

— Elaida insistiu, Filha. E, rainha ou não, duvido que Morgase seja páreo para ela em uma disputa de gênios. De qualquer maneira, talvez ela não tenha desejado vencer, desta vez. Elayne tem potencial, mais do que jamais vi, e já está progredindo. As irmãs Vermelhas parecem baiacus, inchadas de orgulho. Não acho que a garota esteja inclinada à maneira de pensar delas, mas é jovem e não há como saber. Ainda que não consigam dobrá-la, não fará muita diferença. Elayne pode muito bem vir a ser a Aes Sedai mais poderosa em mil anos, e foram as Vermelhas que a encontraram. Elas ganharam muito status no Salão com a garota.

— Eu trouxe duas jovens comigo para Fal Dara, Mãe — respondeu Moiraine. — Ambas de Dois Rios, onde o sangue de Manetheren ainda corre forte, embora eles sequer se lembrem de que um dia existiu uma terra com esse nome. O sangue antigo canta, Mãe, e canta alto em Dois Rios. Uma das moças da aldeia, Egwene tem, no mínimo, tanto potencial quanto Elayne. Eu vi a Filha-herdeira e sei disso. A outra, Nynaeve, era a Sabedoria da aldeia, embora seja pouco mais que uma garota. O fato de as mulheres de Dois Rios a terem escolhido como Sabedoria mesmo sendo tão jovem diz muito a seu respeito. Assim que aprender a controlar o que agora faz sem treinamento, seu poder brilhará como uma fogueira ao lado das velas de Elayne e Egwene. E não há chance de que venham a escolher o Vermelho. Elas se divertem e se exasperam com os homens, mas gostam deles. Anularão sem dificuldade qualquer influência que as Vermelhas ganharam na Torre Branca por terem encontrado Elayne.

A Amyrlin assentiu, como se aquilo não fosse muito importante. Moiraine ergueu as sobrancelhas, surpresa, antes de se dar conta do gesto e se recompor. Essas eram as duas preocupações principais no Salão da Torre: o fato de cada vez menos garotas que podiam ser treinadas para canalizar o Poder Único serem encontradas a cada ano, ou assim parecia, e de menos poder verdadeiro ser encontrado. Pior do que o medo dos que culpavam as Aes Sedai pela Ruptura do Mundo, pior do que o ódio dos Filhos da Luz, pior até mesmo do que as obras dos Amigos das Trevas era essa inexorável diminuição das Aes Sedai, em números e em habilidades. Os corredores da Torre Branca, que um dia estiveram lotados, tinham atualmente poucos habitantes. E o que, em tempos antigos, costumava ser feito sem problemas com o Poder Único agora era realizado com dificuldade, ou nem mesmo isso.

— Elaida tinha outro motivo para ir a Tar Valon, Filha. Ela enviou a mesma mensagem por seis pombos diferentes, para garantir que eu a receberia. E para quem mais de Tar Valon ela

enviou as mensagens, só posso imaginar. Então, ela mesma veio. Disse ao Salão da Torre que você está metida com um rapaz que é *ta'veren* e perigoso. Disse que ele esteve em Caemlyn, mas, quando ficou sabendo a estalagem onde ele se hospedara, descobriu que você havia fugido com ele.

— As pessoas naquela estalagem nos serviram bem e de forma fiel, Mãe. Se ela feriu alguma... — Moiraine não conseguiu evitar acidez na voz, e ouviu Leane se mexer.

Ninguém falava com o Trono de Amyrlin daquele jeito, nem mesmo um rei em seu próprio trono.

— Você deveria saber, Filha — respondeu Amyrlin, seca — que Elaida não fere ninguém que não considera perigoso, apenas Amigos das Trevas e aqueles pobres tolos que tentam canalizar o Poder Único. Ou quem ameaça Tar Valon. Todos que não são Aes Sedai poderiam muito bem ser peças em um tabuleiro de pedras para ela. Para sua sorte, o estalajadeiro, um tal Mestre Gill, se não me engano, aparentemente tem as Aes Sedai em alta conta, e respondeu às perguntas de forma satisfatória. Elaida falou bem dele, na verdade. Mas falou mais do rapaz que você levou consigo. Disse que é o homem mais perigoso desde Artur Asa-de-gavião. Ela tem o dom da Profecia às vezes, como você sabe, e suas palavras tiveram um grande peso no Salão.

Por causa de Leane, Moiraine se esforçou para falar com o máximo de suavidade possível. Ainda assim, sua voz não soou muito suave, mas era o melhor que podia fazer.

— Trago três rapazes comigo, Mãe, mas nenhum deles é rei. E duvido muito que algum sequer sonhe em unir o mundo sob um único governante. Ninguém compartilhou o sonho de Artur Asa-de-gavião desde a Guerra dos Cem Anos.

— Sim, Filha. Jovens aldeões, foi o que disse Lorde Agelmar. Mas um deles é *ta'veren*. — A Amyrlin voltou a encarar o cubo achatado. — E foi proposto no Salão que você deveria ser conduzida a um retiro para contemplação. Essa foi a sugestão de uma das Votantes da Ajah Verde. As outras duas concordaram quando ela falou.

Leane fez um som de nojo, ou talvez de frustração. Ela sempre se mantinha calada quando o Trono de Amyrlin falava, mas Moiraine pôde entender a pequena interrupção. A Ajah Verde havia sido aliada do Azul por mil anos: desde a época de Artur Asa-de-gavião elas falavam com uma só voz.

— Não tenho desejo algum de plantar legumes em uma aldeia remota, Mãe. — *E não plantarei, independente do que o Salão da Torre disser.*

— E foi proposto, também pelas Verdes, que seu retiro seja supervisionado pelas Vermelhas. As Votantes Vermelhas tentaram parecer surpresas, mas pareciam pássaros pescadores quando sabem que a presa está desprotegida. — A Amyrlin fungou com desdém. — As Vermelhas demonstraram relutância em aceitar a custódia de alguém que não é da Ajah delas, mas disseram que atenderiam aos desejos do Salão.

Mesmo sem querer, Moiraine estremeceu.

— Isso seria... muito desagradável, Mãe. — Seria pior que desagradável, muito pior: as Vermelhas nunca eram gentis. Ela afastou esse pensamento de lado com firmeza, decidida a se preocupar com isso depois. — Mãe, não consigo entender essa aparente aliança entre as Verdes e as Vermelhas. Suas crenças, suas atitudes em relação aos homens e suas visões acerca de nossos objetivos como Aes Sedai são completamente opostas. Uma Vermelha e uma

Verde não podem sequer conversar sem terminarem aos gritos.

— As coisas mudam, Filha. Quatro das últimas cinco Amyrlin vieram das Azuis. Talvez elas achem que é um número grande demais, ou talvez pensem que a maneira Azul de pensar não seja mais suficiente em um mundo cheio de falsos Dragões. Muitas coisas mudam depois de mil anos. — A Amyrlin pareceu amargurada, então continuou, como se falasse para si mesma: — Antigas barreiras enfraquecem e muralhas antigas caem. — Ela estremeceu, então sua voz se tornou mais firme. — Houve mais uma proposta, uma que ainda cheira a peixe de uma semana na beira do cais. Como Leane é da Ajah Azul e eu vim de lá, sugeriram que enviar duas irmãs Azuis comigo nesta jornada daria à Ajah quatro representantes. Isso foi dito no Salão, na minha cara, como se discutissem o concerto de um encanamento. Duas Irmãs Brancas se colocaram contra mim, e também duas Verdes. As Amarelas sussurraram entre si, mas não se posicionaram contra ou a favor. Se mais uma tivesse se oposto, suas irmãs Anaiya e Maigan não estariam aqui. Algumas disseram abertamente que eu não deveria sequer deixar a Torre Branca.

Aquilo era ainda mais chocante do que descobrir que a Ajah Vermelha a queria em suas mãos. Não importava de que Ajah viesse, a Curadora das Crônicas falava apenas pela Amyrlin, e a Amyrlin falava por todas as Aes Sedai e Ajahs. Sempre fora assim, e ninguém jamais sugerira o contrário, nem nos dias mais sombrios das Guerras dos Trollocs, nem quando os exércitos de Artur Asa-de-gavião sitiaram cada Aes Sedai sobrevivente dentro de Tar Valon. O Trono de Amyrlin era o Trono de Amyrlin, acima de tudo. Todas as Aes Sedai juravam obediência a ela. O que ela fazia ou aonde ia eram pontos inquestionáveis. Essa proposta ia contra três mil anos de tradição e lei.

— Quem ousaria, Mãe?

O Trono de Amyrlin soltou uma risada amarga.

— Quase todas, Filha. Há tumulto em Caemlyn. A Grande Caçada foi convocada sem que nenhuma de nós desconfiasse. Só descobrimos quando foi proclamada. Falsos Dragões estão nascendo mais do que mato depois da chuva. Nações desmoronam aos poucos, e os nobres estão mais envolvidos no Jogo das Casas do que em qualquer época desde que Artur Asa-de-gavião eliminou todas as suas tramas. E o pior de tudo: todas nós sabemos que o Tenebroso está se agitando outra vez. Mostre-me uma irmã que não pense que a Torre Branca está perdendo o controle sobre os acontecimentos, e eu posso dizer com segurança que, se não for uma Marrom, está louca. Pode restar pouco tempo para todas nós, Filha. Às vezes penso que quase consigo senti-lo diminuindo.

— Como a senhora mesma disse, Mãe, as coisas mudam. Mas ainda existem perigos piores fora das Muralhas Reluzentes do que do lado de dentro.

Por um longo instante, a Amyrlin sustentou o olhar de Moiraine. Então, assentiu, lentamente.

— Deixe-nos, Leane. Gostaria de conversar a sós com minha Filha Moiraine.

Houve apenas um instante de hesitação antes que Leane respondesse:

— Como desejar, Mãe.

Moiraine pôde sentir a surpresa da mulher. A Amyrlin concedia poucas audiências sem a presença da Curadora, e menos ainda para uma irmã que ela tinha motivos para punir.

A porta se abriu e se fechou atrás de Leane. Ela não diria uma palavra na antessala do que

havia acontecido ali dentro, mas a notícia de que Moiraine estava sozinha com Amyrlin se espalharia por entre as Aes Sedai em Fal Dara como um incêndio por uma floresta seca, e logo começariam as especulações.

A Amyrlin se levantou no instante em que a porta se fechou, e Moiraine sentiu um formigamento na pele quando a mulher canalizou o Poder Único. Por um instante, o Trono de Amyrlin pareceu estar cercado por uma nuvem diáfana de luz brilhante.

— Não sei se alguma das outras tem truques como os seus — disse o Trono de Amyrlin, tocando de leve a pedra azul sobre a testa de Moiraine —, mas a maioria de nós tem alguns velhos truques que trouxe da infância. De qualquer modo, ninguém pode ouvir o que vamos falar agora.

De repente, ela avançou e abraçou Moiraine. Era um abraço caloroso entre velhas amigas, e Moiraine o retribuiu com o mesmo carinho.

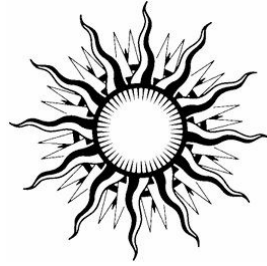
— Você é a única, Moiraine, na companhia de quem consigo me lembrar de quem eu era. Até mesmo Leane age como se eu tivesse *me tornado* a estola e o cajado, mesmo quando estamos sozinhas. Como se nunca tivéssemos dado risadas juntas, quando éramos noviças. Às vezes eu gostaria que ainda fôssemos, você e eu. Que ainda fôssemos inocentes o bastante para ver tudo isso como uma história de menestrel que se realiza, inocentes o bastante para pensar que encontraríamos homens... príncipes, lembra? Bonitos, fortes e gentis? Homens que suportariam a vida ao lado de mulheres com o poder de uma Aes Sedai. Inocentes o bastante para sonhar com o final feliz de uma história de menestrel, quando viveríamos nossa vida como as outras mulheres, apenas com algo a mais.

— Somos Aes Sedai, Siuan. Temos um dever. Ainda que você e eu não tivéssemos nascido para canalizar, você desistiria disso para ter um lar e um marido, mesmo que ele fosse um príncipe? Eu não acredito. Esse é o sonho de uma dona de casa de aldeia, e nem mesmo as Verdes vão tão longe.

A Amyrlin deu um passo para trás.

— Não, eu não desistiria disso. Pelo menos não na maior parte do tempo. Mas há momentos em que invejo as donas de casa de aldeias. Neste momento, quase me sinto assim. Moiraine, se qualquer uma delas, até mesmo Leane, descobrir o que planejamos, nós duas seremos estancadas. E não posso dizer que seria sem motivo.





A Sombra em Shienar

Estancadas. A palavra parecia tremeluzir no ar, quase visível. Quando isso era feito a um homem capaz de canalizar o Poder e que devia ser impedido antes que a loucura o levasse à destruição de tudo ao seu redor, a prática era chamada de “amansar”, mas, para uma Aes Sedai, era “estancar”. Estancadas. Não ser mais capaz de canalizar o fluxo do Poder Único. Capaz de sentir *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira, mas não ser mais capaz de tocá-la. Lembrar-se para sempre do que foi perdido. Era tão raro de acontecer que toda noviça era obrigada a aprender o nome de cada Aes Sedai que fora detida, desde a Ruptura do Mundo, e o crime pelo qual fora condenada, mas ninguém conseguia pensar naquilo sem estremecer. Mulheres reagiam ao estancamento da mesma maneira que os homens ao amansamento.

Moiraine estava ciente dos riscos desde o começo, e sabia que o que faziam era necessário, mas pensar na possível punição continuava sendo desagradável. Seus olhos se semicerraram, e apenas o brilho neles demonstrava sua raiva e preocupação.

— Leane a seguiria até as encostas de Shayol Ghul, Siuan. Até o interior do Poço da Perdição. Não imagino que ela a trairia.

— Não. Mas será que ela consideraria isso uma traição? É traição quando se trai uma traidora? Você nunca pensou nisso?

— Nunca. O que fazemos, Siuan, é o que deve ser feito. Sabemos disso há quase vinte anos. Há de ser o que a Roda tecer, e nós duas fomos escolhidas para isso pelo Padrão. Somos parte das Profecias, e elas precisam se cumprir. Precisam!

— As Profecias precisam se cumprir. Nós aprendemos que elas serão cumpridas, que devem ser. No entanto, cumpri-las é trair todo o resto que nos ensinaram. Há quem diga que fazer isso é trair tudo o que defendemos. — Esfregando os braços, o Trono de Amyrlin caminhou até a seteira e espiou o jardim abaixo. Ela tocou as cortinas. — Aqui, na ala das mulheres, penduram cortinas para dar um ar mais suave aos quartos, e também plantam belos jardins. Mas não existe um pedaço deste lugar que não tenha sido criado para a batalha, para morrer e matar — continuou, no mesmo tom pensativo. — Desde a Ruptura do Mundo, o Trono de Amyrlin foi destituído da estola e do cajado apenas duas vezes.

— Tetsuan, que traiu Manetheren por inveja dos poderes de Ellisande, e Bonwhin, que tentou usar Artur Asa-de-gavião como um fantoche para controlar o mundo e quase destruiu Tar Valon.

A Amyrlin continuou a analisar o jardim.

— Ambas eram Vermelhas, e ambas foram substituídas por Azuis. São o motivo de não haver uma Amyrlin que tenha vindo das Vermelhas desde Bonwhin, e a razão pela qual a Ajah Vermelha usará qualquer pretexto para tirar uma Amyrlin que tenha vindo da Azul. Não desejo ser a terceira a perder a estola e o cajado, Moiraine. Você, é claro seria detida e expulsa das Muralhas Reluzentes.

— Elaida, por exemplo, nunca me deixaria escapar tão facilmente. — Moiraine encarava as costas da amiga. *Luz, o que deu nela? Ela nunca agiu assim antes. Onde está sua força, seu fogo?* — Mas as coisas não chegarão a esse ponto, Siuan.

A outra prosseguiu, como se ela não tivesse falado.

— Para mim, seria diferente. Mesmo detida, uma Amyrlin que foi destituída não deve ser deixada livre, pois poderia ser vista como mártir e se tornar uma causa da oposição. Tetsuan e Bonwhin foram mantidas na Torre Branca como serviçais. Tornaram-se ajudantes na cozinha e podiam ser apontadas como exemplos do que pode acontecer aos poderosos. Ninguém luta por uma mulher que precisa lavar panelas e o chão o dia inteiro. Podem até sentir pena dela, mas não adotá-la como causa.

Com os olhos ardendo, Moiraine pousou os punhos na mesa.

— Olhe para mim, Siuan. Olhe para mim! Você está dizendo que quer desistir, depois de todos esses anos, depois de tudo o que fizemos? Desistir e deixar o mundo acabar? E tudo por medo de levar uma surra por não limpar as panelas direito?

Ela falou com todo o escárnio que conseguiu reunir e ficou aliviada quando a amiga se virou para fitá-la. A força ainda estava ali. Um pouco abatida, mas ainda ali. Aqueles olhos azuis límpidos ardiam com tanta raiva quanto os de Moiraine.

— Me lembro bem de qual de nós duas gritava mais alto quando éramos castigadas, ainda noviças. Você levava uma vida de conforto em Cairhien, Moiraine. Não se comparava com o trabalho em um barco de pesca. — De repente, Siuan deu um tapa na mesa, provocando um estalo alto. — Não, não estou sugerindo desistir, mas também não proponho que a gente fique apenas assistindo a tudo isso escapar por entre os dedos *sem que eu possa fazer nada!* A maior parte dos meus problemas com o Salão parece vir de você. Até mesmo as Verdes se perguntam por que não a chamei até a Torre e a disciplinei. Metade das irmãs acha que você deveria ser entregue às Vermelhas e, se isso acontecer, você vai desejar ser noviça outra vez, quando não havia nada de pior a esperar do que uma surra. Luz! Se alguma delas lembrar que fomos amigas quando noviças, eu serei castigada junto com você.

“Nós tínhamos um plano! Um plano, Moiraine! Era para você encontrar o garoto e levá-lo a Tar Valon, onde poderíamos escondê-lo, mantê-lo a salvo e guiá-lo. Desde que você deixou a Torre, só enviou duas mensagens. Duas! Sinto como se estivesse tentando navegar pelas Garras do Dragão no escuro. Uma mensagem para dizer que estava chegando em Dois Rios, indo para uma aldeia chamada Campo de Emond. Em breve, pensei. Ele foi encontrado, e ela em breve o terá. Depois, notícias de Caemlyn para dizer que estavam indo a Shienar, em Fal

Dara, e não a Tar Valon. Fal Dara, do lado da Praga. Fal Dara, onde Trollocs atacam e Myrddraal atravessam quase todo dia, tanto que nem faz mais diferença. Quase vinte anos de planejamento e busca, e você joga todos os planos praticamente na cara do Tenebroso. Está louca?

Como já havia reanimado a amiga, Moiraine voltou à calma exterior. Calma, sim, mas também uma firme insistência.

— O Padrão não se importa com o planejamento dos homens, Siuan. Apesar de todos os nossos esquemas, esquecemos com o que estávamos lidando. *Ta'veren*. Elaida está errada: Artur Paendrag Tanreall nunca foi um *ta'veren* tão forte. A Roda tecerá o Padrão ao redor desse rapaz do jeito que *ela* desejar, independentemente de nossos planos.

A raiva no rosto da Amyrlin foi substituída pelo choque, que a deixou pálida.

— Parece que é *você* quem está dizendo que deveríamos desistir. *Você* quem está sugerindo que cruzemos os braços e apenas observemos o mundo pegar fogo.

— Não, Siuan. Jamais, ficar de braços cruzados nunca. — *Mas o mundo vai pegar fogo, Siuan, de um jeito ou de outro, não importa o que fizermos. Você jamais conseguiria perceber isso.* — Mas agora precisamos entender que nossos planos eram precários. Temos menos controle do que achávamos. Temos apenas um controle minúsculo. Os ventos do destino estão soprando, Siuan, e precisamos segui-los para onde nos levarem.

A Amyrlin estremeceu, como se sentisse os ventos gelados na nuca. Suas mãos foram até o cubo achatado de ouro, e os dedos curtos e capazes encontraram pontos precisos nos desenhos complexos. Com um equilíbrio muito bem calculado, a tampa se abriu para revelar uma trombeta curva de ouro, aninhada em um espaço projetado para segurá-la. Ela ergueu o instrumento e passou os dedos pela escrita prateada fluida, na Língua Antiga, gravada ao redor do pavilhão largo.

— “O túmulo não é limite para o meu chamado” — traduziu, em uma voz tão baixa que parecia estar falando sozinha. — A Trombeta de Valere, criada para convocar heróis de volta do túmulo. E a profecia diz que ela só seria encontrada às vésperas da Última Batalha. — De repente, ela enfiou a Trombeta de volta em seu nicho e fechou a tampa, como se não pudesse mais suportar olhá-la. — Agelmar a colocou em minhas mãos assim que as Boas-Vindas acabaram. Ele falou que tinha medo de entrar em seu próprio cofre com isso lá dentro. A tentação era grande demais, segundo ele. A tentação de ele mesmo soar a Trombeta e liderar a horda que responderia a seu chamado para o norte, para atacar a Praga, para devastar o próprio Shayol Ghul e derrotar o Tenebroso. Sua mente ardia com o êxtase da glória, e foi isso, disse, que lhe fez perceber que não, ela não era dele, não deveria ser dele. Ele mal conseguia esperar para se livrar da Trombeta, embora ainda quisesse ficar com ela.

Moiraine assentiu. Agelmar conhecia a Profecia da Trombeta. A maioria dos que combatiam o Tenebroso a conhecia.

— “Que aquele que me soar não pense na glória, apenas na salvação!”

— Salvação. — A Amyrlin deu uma risada amarga. — Pela expressão nos olhos de Agelmar, o homem não sabia se estava abrindo mão da salvação ou evitando a condenação da própria alma. Só sabia que precisava se livrar dela antes que o consumisse. Ele tem tentado mantê-la em segredo, mas diz que já circulam rumores na fortaleza. Eu não sinto a mesma tentação que ele, mas a Trombeta, ainda assim, me dá arrepios. Ele vai ter que deixá-la em seu

cofre forte até eu partir. Eu não conseguiria dormir com isso nem mesmo no quarto ao lado. — Ela esfregou as rugas de preocupação na testa e soltou um suspiro. — E isso não deveria ser encontrado até as vésperas da Última Batalha. Será que estamos tão perto dela? Eu achava, esperava, que tivéssemos mais tempo.

— *O Ciclo de Karaethon.*

— Sim, Moiraine. Você não precisa me lembrar. Vivi com as Profecias do Dragão por tanto tempo quanto você. — A Amyrlin sacudiu a cabeça. — Nunca houve mais do que um falso Dragão por geração desde a Ruptura, e agora há três soltos no mundo de uma só vez, e tivemos outros três nos últimos dois anos. O Padrão exige um Dragão, porque o Padrão é tecido rumo a Tarmon Gai'don. Às vezes eu tenho dúvidas, Moiraine — continuou ela, pensativa, como se estivesse se questionando a respeito. — E se Logain fosse o Dragão? Ele conseguia canalizar, antes que as Vermelhas o levassem para a Torre Branca para o amansamento. Mazrim Taim, o homem de Saldaea, também pode. E se for ele? Já temos irmãos em Saldaea, ele já deve ter sido capturado a essa altura. E se estivemos erradas desde o começo? O que acontecerá se o Dragão Renascido for amansado antes da Última Batalha? Até mesmo a profecia pode falhar se o profetizado for morto ou amansado. E então enfrentaremos o Tenebroso nuas, na tempestade.

— Nenhum deles é o verdadeiro, Siuan. O Padrão não exige *um* Dragão, mas o único e verdadeiro Dragão. Até ele se proclamar, o Padrão continuará a produzir falsos Dragões, mas, depois dele, não haverá outros. Se Logain ou o outro fosse o verdadeiro, não haveria outros.

— “Pois ele virá, como a aurora que rompe o dia, e despedaçará o mundo outra vez com sua vinda, e o deixará como novo.” — Ou saímos nus na tempestade ou nos agarramos a uma proteção que vai nos arrasar. Que a Luz nos ajude! — A Amyrlin balançou a cabeça, como se quisesse se livrar de suas próprias palavras. Seu rosto estava firme, como se ela se preparasse para receber um golpe. — Você nunca conseguiu esconder o que pensa de mim, como faz com todos, Moiraine. Você tem mais coisas a dizer, e nenhuma delas é boa.

Como resposta, Moiraine pegou a bolsinha de couro em seu cinturão e entornou seu conteúdo na mesa. Parecia ser apenas uma pilha de cacos de cerâmica, diversas lascas pretas e brancas reluzentes.

O Trono de Amyrlin tocou um dos cacos com curiosidade, então perdeu o fôlego.

— *Cuendillar.*

— Pedra-do-coração — concordou Moiraine. Os conhecimentos de como produzir *cuendillar* haviam se perdido com a Ruptura do Mundo, mas o material existente havia sobrevivido ao cataclisma. Mesmo os objetos engolidos pela terra ou que foram parar no fundo do mar tinham sobrevivido, deviam ter sobrevivido. Depois que a *cuendillar* ficava pronta, nenhuma força conhecida podia quebrá-la. Mesmo o Poder Único só a tornava mais forte. Só que algum poder *havia quebrado* aquela.

A Amyrlin juntou os cacos depressa. Eles formavam um disco do tamanho da mão de um homem, metade mais negra que piche e metade mais branca que a neve, e as cores se encontravam ao longo de uma linha sinuosa, intocada pela passagem do tempo. O antigo símbolo Aes Sedai, de antes da Ruptura, quando homens e mulheres detinham o Poder juntos. Metade dele, agora, era chamado de Chama de Tar Valon. A outra metade era pintada em

portas, a Presa do Dragão, para acusar os moradores de praticar o mal. Apenas sete dessas foram feitas — tudo o que já havia sido feito com pedra-do-coração estava registrado na Torre Branca —, e essas sete eram lembradas acima de tudo. Siuan Sanche olhava para aquele disco como olharia para uma víbora em seu travesseiro.

— Um dos selos da prisão do Tenebroso — disse por fim, relutante. Era um dos sete selos que o Trono de Amyrlin deveria vigiar. Mas o segredo mais bem escondido, do qual o mundo mal se lembrava, era que nenhuma Amyrlin sabia do paradeiro dos selos desde a Guerra dos Trollocs.

— Sabemos que o Tenebroso está agitado, Siuan. Sabemos que a prisão dele não pode permanecer selada para sempre: o trabalho dos homens não pode jamais se comparar ao do Criador. Sabemos que ele tocou o mundo outra vez, ainda que, graças à Luz, apenas de forma indireta. Amigos das Trevas se multiplicam, e o que chamávamos de mal há apenas dez anos não é nada comparado ao que hoje é feito todos os dias.

— Se os selos já estão se rompendo... Pode ser que não tenhamos mais tempo.

— Temos muito pouco tempo. Mas esse pouco pode ser o suficiente. Vai ter que ser.

A Amyrlin tocou os cacos do selo e disse, com a garganta apertada, como se estivesse se forçando a falar.

— Sabe, eu vi o garoto no pátio durante as Boas-Vindas. Detectar *ta'veren* é um de meus Talentos. Um Talento raro hoje em dia, ainda mais raro do que *ta'veren*, e certamente não é muito útil. Um garoto alto, um jovem bem bonito. Não muito diferente de qualquer rapaz que se vê em algum vilarejo por aí. — Ela parou para recuperar o fôlego. — Moiraine, ele brilhava como o sol. Raras vezes tive medo em minha vida, mas vê-lo me deixou completamente apavorada. Quis me encolher, uivar. Mal conseguia falar. Agelmar achou que eu estava zangada com ele, de tão pouco que falei. Aquele jovem... É ele que temos procurado pelos últimos vinte anos.

Havia um vestígio de questionamento em sua voz. Moiraine respondeu:

— É ele.

— Tem certeza? Ele consegue... Ele consegue... canalizar o Poder Único?

Ela teve dificuldade de formar as palavras, e Moiraine também sentiu a tensão, algo que se retorcia por dentro, uma mão fria agarrando seu coração. Mas manteve o rosto inexpressivo.

— Ele consegue. — Um homem capaz de canalizar o Poder Único: algo que nenhuma Aes Sedai conseguia contemplar sem medo. Algo que o mundo inteiro temia. *E eu vou soltá-lo no mundo.* — Rand al'Thor surgirá diante do mundo como o Dragão Renascido.

A Amyrlin estremeceu.

— Rand al'Thor. Não é um nome que pareça destinado a inspirar medo e incendiar o mundo. — Ela estremeceu outra vez e esfregou os braços bem rápido, mas seus olhos brilharam com a luz de quem tem um objetivo a cumprir. — Se ele é o Dragão, então acho que realmente temos tempo o bastante. Mas ele está a salvo aqui? Trouxe comigo duas irmãs Vermelhas, e não posso mais responder pelas Verdes ou pelas Amarelas. Que a Luz me consuma, pois não posso responder por nenhuma delas! Não com isso. Até mesmo Verin e Serafelle pulariam em cima dele como se ele fosse uma víbora escarlata em um berçário.

— Por ora, ele está seguro.

A Amyrlin permaneceu calada, esperando que ela continuasse. O silêncio se estendeu, até

ficar claro que ela não falaria mais nada. Por fim, a Amyrlin falou:

— Você disse que nosso velho plano é inútil. O que sugere agora?

— Eu o deixei pensar que não tenho mais interesse nele, que por mim ele pode ir aonde quiser. — Ela ergueu as mãos quando a Amyrlin abriu a boca. — Foi necessário, Siuan. Rand al'Thor foi criado em Dois Rios, onde o sangue teimoso de Manetheren corre em cada veia. E seu próprio sangue é como pedra sobre barro, se comparado ao sangue de Manetheren. Devemos lidar com ele gentilmente, ou o garoto sairá em disparada em qualquer direção, menos aquela que queremos.

— Então vamos tratá-lo como um bebê recém-nascido. Vamos enrolá-lo em mantas e brincar com seus dedinhos, se é isso que você acha que precisamos fazer. Mas com que objetivo imediato?

— Seus dois amigos, Matrim Cauthon e Perrin Aybara, estão prontos para ver o mundo antes de voltarem à obscuridade de Dois Rios. Se é que vão poder voltar, pois também são *ta'veren*, ainda que menos do que Rand. Vou convencê-los a levar a Trombeta de Valere para Illian. — Ela hesitou, franzindo a testa. — Tem um... um problema com Mat. Ele traz consigo uma adaga de Shadar Logoth.

— Shadar Logoth! Luz, por que você os deixou chegar perto daquele lugar? Cada pedra é maculada. Que Luz nos ajude, se Mordeth tocou o garoto... — A voz da Amyrlin soava estrangulada. — Se isso acontecesse, o mundo estaria condenado.

— Mas não aconteceu, Siuan. Sempre fazemos o que é preciso, e foi preciso. Eu fiz o bastante para que Mat não contaminasse os demais, mas ele ficou muito tempo com a adaga antes que eu descobrisse. O elo ainda está ali. Tinha pensado em levá-lo a Tar Valon para curá-lo, mas, com tantas irmãs presentes, isso pode ser feito aqui. Contanto que existam algumas que você possa confiar que não verão Amigos das Trevas onde não existem. Você, eu e duas outras seremos o suficiente, se usarmos meu *angreal*.

— Leane pode ser uma delas, e eu consigo encontrar outra. — De repente, o Trono de Amyrlin deu um sorriso irônico. — O Salão quer esse *angreal* de volta, Moiraine. Não restaram muitos, e você agora... não é considerada confiável.

O sorriso Moiraine não alcançou seus olhos.

— Elas pensarão coisas ainda piores de mim antes que eu termine. Mat vai se agarrar com unhas e dentes à oportunidade de desempenhar um papel tão importante na lenda da Trombeta, e não deve ser muito difícil convencer Perrin. Ele precisa de alguma coisa para distraí-lo de seus problemas. Rand sabe o que é, pelo menos em parte, e tem medo disso, naturalmente. Ele quer ir para algum lugar sozinho, onde não possa ferir ninguém. Diz que nunca mais usará o Poder, mas tem medo de não ser capaz de impedir que isso aconteça.

— Como se ele pudesse! É mais fácil desistir de beber água.

— Exatamente. E ele quer se livrar das Aes Sedai. — Moiraine deu um sorriso triste. — Se lhe oferecerem a chance de deixar as Aes Sedai para trás e ficar com seus amigos mais um pouco, ele deve ficar tão ansioso quanto Mat.

— Mas como ele deixará as Aes Sedai para trás? Decerto, você deve viajar com ele. Não podemos perdê-lo agora, Moiraine.

— Eu não posso viajar com ele. — *É um longo caminho de Fal Dara a Illian, mas ele já*

viajou quase essa distância. — Ele precisa ser deixado sem o cabresto por algum tempo. É inevitável. Mandeí queimar todas as roupas velhas deles, já houve oportunidades demais para que algum vestígio do que eles vestiam cair em mãos erradas. Vou purificá-los antes de partirem, e eles nem perceberão. Não haverá como serem rastreados assim, e a única outra ameaça do tipo está trancafiada aqui no calabouço. — A Amyrlin, prestes a assentir em aprovação, lançou um olhar interrogativo, mas não interrompeu o gesto. — Eles viajarão do modo mais seguro que eu puder garantir, Siuan. E, quando Rand precisar de mim em Illian, estarei lá e cuidarei para que seja ele quem apresente a Trombeta ao Conselho dos Nove e à Assembleia. Eu cuidarei de tudo em Illian. Siuan, os illianenses seguiriam o Dragão, ou o próprio Ba'alzamon, se ele chegasse com a Trombeta de Valere, e a maior parte dos que se reuniram para a Grande Caçada faria o mesmo. O verdadeiro Dragão Renascido não vai precisar reunir seguidores antes que as nações se movam contra ele. Ele começará com uma nação ao seu lado e um exército às suas costas.

A Amyrlin voltou a se recostar na cadeira, mas imediatamente se inclinou para a frente. Ela parecia dividida entre o cansaço e a esperança.

— Mas ele *vai* se proclamar? Se tiver medo... A Luz sabe que ele deveria ter medo, Moiraine. Os homens que se autointitulam Dragão *querem* o poder. Se ele não quer...

— Eu tenho meios de fazer com que ele seja nomeado Dragão, querendo ou não. E, mesmo que eu fracasse, o próprio Padrão fará com que ele seja nomeado Dragão, querendo ou não. Lembre-se: ele é *ta'veren*, Siuan. Não tem mais controle sobre seu destino do que um pavio de vela tem sobre a chama.

A Amyrlin suspirou.

— É um plano arriscado, Moiraine. Arriscado. Mas meu pai costumava dizer: “Garota, se você não se arriscar, nunca vai ganhar uns cobres.” Temos preparativos a fazer. Sente-se, isso não será rápido. Vou mandar trazer vinho e queijo.

Moiraine balançou a cabeça.

— Já ficamos fechadas sozinhas por tempo demais. Se alguém tentou ouvir e descobriu seu Selo de Proteção, já deve estar imaginando coisas. Não vale o risco. Podemos nos reunir outra vez amanhã. — *Além disso, minha querida amiga, não posso lhe contar tudo, nem correr o risco de deixar você perceber que estou escondendo algo.*

— Suponho que tenha razão. Mas, logo de manhã cedo, há muito o que preciso saber.

— De manhã — concordou Moiraine. A Amyrlin se levantou, e elas se abraçaram outra vez. — Pela manhã eu lhe contarei tudo o que você precisa saber.

Quando Moiraine entrou na antessala, Leane lhe lançou um olhar severo e logo disparou para a sala da Amyrlin. Moiraine tentou exibir uma expressão abatida, como se tivesse acabado de enfrentar uma das famosas broncas da Amyrlin. A maioria das mulheres, por mais fortes que fossem, voltava dessas reuniões de olhos arregalados e pernas bambas, mas a expressão não lhe era natural. Parecia mais zangada do que qualquer coisa, o que também servia ao objetivo. Estava apenas vagamente ciente das outras mulheres no aposento externo e achou que algumas deviam ter partido e outras chegado desde que ela entrara, mas mal olhou para elas. Estava ficando tarde e havia muito a ser feito antes da manhã seguinte. Muito a ser feito antes de falar com o Trono de Amyrlin outra vez.

Apressando o passo, ela avançou ainda mais para o interior da fortaleza.

A coluna teria sido uma visão impressionante sob a lua crescente, avançando pela noite de Tarabon sob o chacoalhar de arreios, caso houvesse alguém ali para ver. Dois mil Filhos da Luz a cavalo, vestindo tabardos e mantos brancos e com armaduras bem polidas, acompanhados pela fileira de vagões de suprimentos, ferradores de cavalos e cavalaria conduzindo as montarias de reserva. Havia algumas aldeias naquele território de florestas esparsas, mas eles haviam deixado as estradas de lado e se mantido distantes até mesmo de pequenas fazendas. Precisavam encontrar... alguém... em uma aldeia minúscula perto da fronteira norte de Tarabon, na borda da Planície de Almoth.

Geofram Bornhald, cavalcando à frente de seus homens, se perguntava a razão de tudo aquilo. Ele se lembrava bem demais de sua conversa com Pedron Niall, Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz, em Amador, mas não descobrira muito.

— *Estamos a sós, Geofram — dissera o homem de cabelos brancos. Sua voz soava fraca e aguda por conta da idade. — Eu me lembro de ter feito o juramento... há... deve fazer trinta e seis anos.*

Bornhald se endireitou.

— *Meu Senhor Capitão Comandante, posso perguntar por que fui ordenado a deixar Caemlyn com tamanha urgência? Com apenas um empurrão, Morgase poderia ter sido derrubada. Algumas Casas em Andor encaram a relação com Tar Valon da mesma forma que nós, e estavam prontas para reivindicar o trono. Passei o comando para Eamon Valda, mas ele parecia decidido a acompanhar a Filha-herdeira até Tar Valon. Não ficaria surpreso se descobrisse que ele sequestrou a garota, ou até mesmo que atacou Tar Valon.*

E Dain, filho de Bornhald, chegara pouco antes do pai ser convocado. Dain era zeloso. Zeloso até demais, às vezes. O suficiente para seguir Valda cegamente.

— *Valda caminha na Luz, Geofram. Mas você é o melhor comandante de batalha entre os Filhos. Você reunirá uma legião completa, com os melhores homens que puder encontrar, e vai conduzi-la a Tarabon evitando quaisquer olhares acompanhados de uma língua capaz de contar o que viram. Qualquer língua deverá ser silenciada, se os olhos que a acompanham os virem.”*

Bornhald hesitou. Cinquenta Filhos juntos, ou mesmo cem, poderiam entrar em qualquer terra sem levantar suspeitas, pelo menos sem levantar suspeitas declaradas, mas uma legião inteira...

— *Estamos em guerra, meu Senhor Capitão Comandante? Há boatos nas ruas. Rumores exagerados, em sua maioria, sobre os exércitos de Artur Asa-de-gavião terem retornado — O velho não respondeu. — O rei...*

— *Não dá ordens aos Filhos, Senhor Capitão Bornhald. — Pela primeira vez, a voz do Capitão Comandante tinha um tom agressivo. — Eu dou. Deixe o rei ficar sentado em seu palácio e fazer o que faz de melhor: nada. Você deve ir a uma aldeia chamada Alcruna, onde receberá ordens. Sua legião deve partir em três dias. Agora vá, Geofram. Você tem trabalho a fazer.*

Bornhald franziu a testa.

— *Perdão, meu Senhor Capitão Comandante, mas quem devo encontrar? Por que estou arriscando uma guerra contra Tarabon?*

— *O que você deve saber será explicado quando chegar a Alcruna. — O Capitão Comandante de repente pareceu mais velho do que era. Distraído, puxava sua túnica branca com o grande sol dourado dos Filhos bordado no peito. — Existem forças além das que você conhece, Geofram. Além do que sequer pode conhecer. Escolha seus homens depressa. Agora vá. Não me pergunte mais nada. E que a Luz cavalgue com você.*

Agora Bornhald se endireitava em sua sela, tentando desfazer um mau jeito nas costas. *Estou ficando velho*, pensou. Um dia e uma noite na sela, com duas pausas para dar água aos cavalos, e ele estava ciente de cada fio de cabelo grisalho em sua cabeça. Não teria se incomodado alguns anos antes. *Pelo menos não matei nenhum inocente*. Ele podia ser tão duro com os Amigos das Trevas quanto qualquer homem que jurou obediência à Luz, pois Amigos das Trevas devem ser destruídos antes que consigam arrastar o mundo inteiro para a Sombra, mas primeiro precisava ter certeza de que eram *mesmo* Amigos das Trevas. Tinha sido difícil evitar olhos do povo de Tarabon com tantos homens, mesmo na área rural, mas ele conseguira. Nenhuma língua precisou ser silenciada.

Os batedores que enviara a cavalo voltaram, seguidos por mais homens em mantos brancos, alguns carregando tochas para arruinar a visão noturna de todos os que estavam à frente da coluna. Resmungando impropérios, Bornhald ordenou que parassem enquanto analisava os homens que vinham em sua direção.

Os mantos deles traziam no peito o mesmo símbolo de sol dourado que o seu, o mesmo de todo Filho da Luz, e o líder tinha até um emblema indicando seu posto equivalente ao de Bornhald, abaixo do sol. Mas, atrás do sol, havia cajados vermelhos de pastor. Os Questionadores. Com ferros quentes, pinças e gotas de água, os Questionadores arrancavam confissões e arrependimento de Amigos das Trevas, mas havia quem dissesse que eles decidiam quem era culpado antes mesmo de começarem. Geofram Bornhald era um dos que diziam isso.

Eu fui enviado para cá a fim de encontrar os Questionadores?

— Nós o esperávamos, Senhor Capitão Bornhald — falou o líder com uma voz rouca. Era um homem alto, de nariz aquilino, com um brilho de certeza no olhar comum a todos os Questionadores. — Vocês podiam ter vindo mais rápido. Eu sou Einor Saren, segundo de Jaichim Carridin, que comanda a Mão da Luz em Tarabon. — A Mão da Luz, a Mão que desenterrava a verdade, assim diziam. Eles não gostavam do nome “Questionadores”. — Há uma ponte na aldeia, mande seus homens a atravessarem. Vamos conversar na estalagem, é surpreendentemente confortável.

— O Senhor Capitão Comandante em pessoa me disse para evitar todos os olhares.

— A aldeia foi... pacificada. Agora leve seus homens. Quem comanda agora sou *eu*, e tenho ordens com o selo do Senhor Capitão Comandante, se duvida.

Bornhald suprimiu o grunhido que surgiu em sua garganta. Pacificada. Ele se perguntou se os corpos haviam sido empilhados do lado de fora da aldeia ou jogados no rio. Era típico dos Questionadores, frios o bastante para matar toda uma aldeia apenas para assegurar sigilo, e ao

mesmo tempo burros o bastante para atirar os corpos no rio, que desceriam com a corrente e alardeariam o feito de Alcruna a Tanchico.

— Eu me pergunto por que vim a Tarabon com dois mil homens, Questionador.

O rosto de Saren se enrijeceu, mas sua voz permaneceu dura e exigente.

— É simples, Senhor Capitão. Existem aldeias e vilarejos ao longo da Planície de Almoth sem nenhuma autoridade acima de prefeito ou de conselheiro da cidade. Já passou da hora de eles serem trazidos à Luz. Deve haver muitos Amigos das Trevas nesses lugares.

O cavalo de Bornhald quase escoiceou.

— Está me dizendo, Saren, que eu fiz uma legião inteira atravessar a maior parte de Tarabon em segredo apenas para arrancar uns poucos Amigos das Trevas de aldeotas empoeiradas?

— Você está aqui para fazer o que for mandado, Bornhald. Para fazer o trabalho da Luz! Ou está se afastando da Luz? — O sorriso de Saren mais parecia uma careta de desaprovação. — Se o que você busca é uma batalha, pode ser que tenha uma chance. Estrangeiros têm uma grande força na Ponta de Toman, mais do que Tarabon e Arad Doman juntas seriam capazes de conter, ainda que conseguissem parar de brigar entre si por tempo suficiente para unirem forças. Se os estrangeiros invadirem, você terá toda a luta que quiser. Os tarabonianos afirmam que os estrangeiros são monstros, criaturas do Tenebroso. Uns dizem que eles têm Aes Sedai a seu lado. Se *forem* Amigos das Trevas, esses estrangeiros, teremos de lidar com eles também. Tudo a seu tempo.

Por um momento, Bornhald perdeu o fôlego.

— Então, os rumores são verdadeiros, os exércitos de Artur Asa-de-gavião retornaram.

— São estrangeiros — corrigiu Saren, em um tom neutro. Soava arrependido de tê-los mencionado. — Estrangeiros e, provavelmente, Amigos das Trevas, de onde quer que tenham vindo. Isso é tudo o que sabemos e tudo o que você precisa saber. Eles não lhe interessam agora. Estamos perdendo tempo. Mande seus homens atravessarem o rio, Bornhald. Eu lhe darei ordens na aldeia.

Ele virou seu cavalo e galopou de volta por onde viera, com os tocheiros o seguindo de perto.

Bornhald fechou os olhos para apressar o retorno da visão noturna. *Estão nos usando como peças em um tabuleiro.*

— Byar! — Ele abriu os olhos quando seu segundo em comando se aproximou, aprumando-se na sela ao parar diante do Senhor Capitão. O homem de rosto magro tinha um brilho nos olhos quase igual ao do Questionador, mas não deixava de ser um bom soldado. — Há uma ponte adiante. Conduza a legião por ela, atravesse o rio e monte acampamento do outro lado. Eu me juntarei a vocês assim que for possível.

Pegou as rédeas e cavalgou na direção que o Questionador fora. *Peças de um tabuleiro. Mas quem nos move? E por quê?*

* * *

As sombras da tarde deram lugar ao cair da noite enquanto Liandrin se dirigia aos aposentos das mulheres. Atrás das seteiras, a escuridão se intensificava e parecia avançar contra a luz

dos lampiões no corredor. O crepúsculo era um momento perturbador para Liandrin nos últimos tempos. O crepúsculo e o amanhecer. No amanhecer, o dia nascia, assim como no crepúsculo a noite vinha ao mundo; mas, ao amanhecer, a noite morria, e no crepúsculo morria o dia. O poder do Tenebroso tinha origem na morte e, naquelas horas, a mulher julgava poder senti-lo se agitando. Algo se agitava na escuridão parcial, pelo menos. Algo que ela achou que quase conseguiria vislumbrar caso se virasse rápido o bastante, algo que estava certa de que poderia ver se prestasse atenção suficiente.

Serviçais vestidas de preto e dourado paravam e lhe faziam medidas quando ela passava, mas ela as ignorava. Mantinha os olhos fixos à frente e não as via.

Ao chegar à porta que procurava, hesitou e olhou rapidamente para os dois lados do corredor. As únicas mulheres à vista eram serviçais. Não havia homens, é claro. Ela abriu a porta à frente e entrou sem bater.

Os aposentos externos ao quarto de Lady Amalisa estavam bem iluminados, e um fogo alto na lareira afastava o frio das noites shienaranas. Amalisa e suas damas estavam sentadas em cadeiras e no chão, acomodadas em tapetes, ouvindo uma delas que, de pé, lia em voz alta para as outras. Era *A Dança do Falcão e do Beija-Flor*, de Teven Aewrin, que tinha o propósito de ensinar a conduta adequada dos homens com as mulheres e das mulheres com os homens. Liandrin comprimiu os lábios: ela certamente não lera aquele texto, mas já ouvira tudo o que precisava a respeito. Amalisa e suas damas pontuavam cada frase com uma onda de risadas, caindo umas por cima das outras e batendo os saltos dos sapatos nos tapetes, como menininhas.

A dama que estava lendo foi a primeira a se dar conta da presença de Liandrin. Parou de falar e arregalou os olhos, surpresa. As outras se voltaram para ver para o que ela estava olhando, e as risadas foram substituídas pelo silêncio. Todas menos Amalisa se levantaram depressa, ajeitando os cabelos e as saias.

Lady Amalisa se levantou com graça, sorrindo.

— Sua presença nos honra, Liandrin. É uma surpresa muito agradável. Não a esperava até amanhã. Achei que iria querer descansar depois de sua longa jor...

Liandrin a interrompeu bruscamente, fitando o vazio.

— Conversarei a sós com Lady Amalisa. Vocês devem sair agora, todas.

Houve um momento de silêncio chocado, então as outras mulheres se despediram de Amalisa. Uma a uma, fizeram suas medidas para Liandrin, que nem se dignou a responder. Continuava a olhar para o nada à sua frente, mas as via e ouvia. Suas vozes ofegantes e apreensivas pelo estado de espírito da Aes Sedai usavam títulos honoríficos. As mulheres baixavam os olhos quando eram ignoradas. Elas passaram por Liandrin para chegar à porta, afastando-se desajeitadas para que suas saias não esbarrassem nas dela.

Quando a porta se fechou atrás da última mulher, Amalisa falou:

— Liandrin, eu não estou enten...

— Você caminha na Luz, minha filha? — Nada daquela bobagem de chamá-la de Irmã, ali. A outra mulher era poucos anos mais velha, mas os modos antigos seriam respeitados: não importava há quanto tempo tivessem sido esquecidos, estava na hora de serem lembrados.

Entretanto, assim que a pergunta saiu de sua boca, Liandrin percebeu que havia cometido um erro. Era uma pergunta que decerto causaria dúvida e ansiedade por vir de uma Aes Sedai,

mas Amalisa endireitou as costas, e seu rosto se enrijeceu.

— Isto é um insulto, Liandrin Sedai. Eu sou shienarana, venho de uma Casa nobre com o sangue de soldados. Minha linhagem combatia a Sombra mesmo antes de Shienar *existir*, por três mil anos, sem falhar e sem fraquejar nem um só momento.

Liandrin mudou sua tática de ataque, mas não recuou. Atravessou o aposento, pegou o exemplar de capa de couro de *A Dança do Falcão e do Beija-Flor* que estava sobre o mantel da lareira e o levantou sem olhar.

— Em Shienar, ainda mais do que em outras terras, minha filha, a Luz deve ser preciosa, e a Sombra, temida. — Com grande naturalidade, ela atirou o livro no fogo. Chamas o consumiram como se fosse uma tora de pinheiro, ardendo ruidosamente até o topo da chaminé. No mesmo instante, cada lampião no aposento brilhou mais forte, sibilando, queimando com tamanha intensidade que a câmara ficou inundada de luz. — Aqui, mais do que em qualquer lugar. Aqui, tão perto da Praga amaldiçoada, onde a corrupção está à espreita. Aqui, até quem pensa andar na Luz pode ser corrompido pela Sombra.

Gotas de suor reluziam na testa de Amalisa. A mão que ela erguera em protesto pela perda do livro caiu ao lado do corpo, devagar. Sua expressão ainda estava firme, mas Liandrin percebeu que ela engoliu em seco e mexeu os pés.

— Não estou entendendo, Liandrin Sedai. É por causa do livro? É só uma tolice!

Havia um leve tremor em sua voz. *Ótimo*. As capas de vidro dos lampiões racharam quando as chamas aumentaram ainda mais, banhando o aposento com uma luminosidade tão intensa quanto se estivesse sob o sol de meio-dia. Amalisa permaneceu rígida como um poste, com o rosto duro, tentando manter os olhos abertos mesmo com a claridade.

— Você é que é tola, minha filha. Não me importo com livros. Aqui, homens entram na Praga e caminham na mácula. Na própria Sombra. Por que se espantar ao saber que a mácula pode se insinuar neles? Contra sua vontade ou não, pode acontecer. Por que acha que o Trono de Amyrlin em pessoa veio?

— Não — protestou ela, com a voz estrangulada.

— Eu sou Vermelha, minha filha — continuou Liandrin, implacável. — Eu caço todos os homens corrompidos.

— Não estou entendendo.

— Não caço apenas os conspurcados que canalizam o Poder Único; todos os homens corrompidos. Em todos os níveis, eu os caço, dos maiores aos menores.

— Eu não... — Amalisa umedeceu os lábios, insegura, e se esforçou visivelmente para se conter. — Não estou entendendo, Liandrin Sedai. Por favor...

— Especialmente os maiores.

— Não! — Como se algum apoio invisível tivesse desaparecido, Amalisa caiu de joelhos, e sua cabeça abaixou. — Por favor, Liandrin Sedai, diga que não está falando de Agelmar. Não pode ser ele.

Naquele momento de dúvida e confusão, Liandrin fez sua investida. Ela não se moveu, mas atacou com o Poder Único. Amalisa arfou e se sobressaltou como se tivesse sido picada por uma agulha, e a boca petulante de Liandrin se retorceu em um sorriso.

Esse era seu truque especial, desde a infância, a primeira habilidade que havia aprendido.

Ela fora proibida de usá-la assim que a Mestra das Noviças descobriu, porém, para Liandrin, aquilo era apenas mais uma coisa que precisava esconder de quem a invejava.

Ela avançou e segurou o queixo de Amalisa, erguendo-o. O metal que a enrijecera ainda estava ali, mas agora inferior, maleável às pressões certas. Lágrimas escorriam dos cantos dos olhos da outra mulher, reluzindo em suas bochechas. Liandrin deixou a intensidade dos fogos voltar ao normal, não havia mais necessidade daquilo. Ela suavizou suas palavras, mas sua voz ainda era tão implacável quanto aço.

— Ninguém quer ver você e Agelmar entregues ao povo como os Amigos das Trevas, Filha. Vou ajudá-la, mas você precisa me ajudar.

— A-ajudar você? — Amalisa levou as mãos às têmporas, confusa. — Por favor, Liandrin Sedai. Eu não... Não estou entendendo. É tudo tão... Tão...

O resultado não era perfeito, Liandrin não conseguia forçar ninguém a fazer sua vontade, embora tivesse tentado; ah, como havia tentado! Mas ela podia deixar as pessoas mais suscetíveis a seus argumentos, fazer com que quisessem acreditar nela, que quisessem mais do que tudo ser convencidas de que tinha razão.

— Obedeça, filha. Obedeça e fale a verdade, e eu lhe prometo que ninguém chamará você ou Agelmar de Amigos das Trevas. Vocês não serão arrastados nus pelas ruas, chicoteados até saírem da cidade, caso as pessoas ainda não os tenham feito em pedaços. Eu não deixarei isso acontecer. Entendeu?

— Entendi, Liandrin Sedai, entendi. Eu farei como você diz e falarei a verdade.

Liandrin se endireitou, olhando para a mulher abaixo. Lady Amalisa ficou onde estava, ajoelhada, com o rosto como o de uma criança que esperava ser consolada e ajudada por alguém mais sábio e mais forte. Para Liandrin, havia algo de certeza naquela visão. Ela nunca compreendera por que bastava se curvar ou fazer uma mesura para as Aes Sedai quando homens e mulheres se ajoelhavam para reis e rainhas. *Que rainha tem meu poder dentro de si?* Ela apertou os lábios, zangada, e Amalisa estremeceu.

— Fique tranquila, minha filha. Vim ajudá-la, e não puni-la. Apenas aqueles que merecem serão punidos. Somente a verdade, fale para mim.

— Eu falarei, Liandrin Sedai. Eu falarei, juro pela minha Casa e pela minha honra.

— Moiraine veio a Fal Dara com um Amigo das Trevas.

Amalisa estava apavorada demais para demonstrar surpresa.

— Ah, não, Liandrin Sedai. Não. Aquele homem chegou depois. Ele está nos calabouços, agora.

— Depois, diz você. Mas é verdade que ela conversa com ele com frequência? Ela fica na companhia desse Amigo das Trevas com frequência? Sozinha?

— Às v-vezes, Liandrin Sedai. Só às vezes. Ela quer descobrir por que ele veio para cá. Moiraine Sedai é...

Liandrin levantou a mão bruscamente, e Amalisa engoliu o que ia dizer.

— Três rapazes eram a companhia de Moiraine, isso eu *sei*. Onde estão? Estive em seus quartos e não os encontrei.

— Eu... eu não sei, Liandrin Sedai. Parecem bons garotos. Não pode achar que sejam Amigos das Trevas.

— Amigos das Trevas, não. Pior. Bem mais perigosos que Amigos das Trevas, minha filha.

Por causa deles o mundo inteiro está em perigo. Eles precisam ser encontrados. Você ordenará seus serviçais a vasculharem a fortaleza, e também suas damas. Até você participará da busca. Olharão em cada canto. Você cuidará pessoalmente disso. Pessoalmente! E a ninguém contará, a não ser que eu autorize. Ninguém mais pode saber. Ninguém. Devem sair de Fal Dara em segredo, esses rapazes, e ir para Tar Valon. Em segredo absoluto.

— Como a senhora ordenar, Liandrin Sedai. Mas não entendo a necessidade de sigilo. Ninguém aqui iria embarreirar o caminho de uma Aes Sedai.

— Da Ajah Negra, já ouviu falar?

Os olhos de Amalisa se arregalaram, e ela se afastou de Liandrin, erguendo as mãos como se tentasse se proteger de um golpe.

— É um r-rumor vil, Liandrin Sedai. V-vil. N-não existem Aes Sedai que s-sirvam ao Tenebroso. Não acredito nisso. Você precisa acreditar em mim! Pela Luz, j-juro que não acredito. Pela minha honra e pela minha Casa, eu juro...

Liandrin a deixou prosseguir, assistindo friamente aos últimos vestígios de força se esvaírem da mulher. Aes Sedai podiam ficar muito, muito zangadas, com quem apenas fizesse uma menção a Ajah Negra, e ainda mais com os que declarassem acreditar em sua existência secreta. Depois disso, com a vontade já enfraquecida por aquele pequeno truque dos tempos de infância, Amalisa seria como barro em suas mãos. Faltava apenas um golpe.

— A Ajah Negra é real, criança. Ela existe e está aqui dentro das muralhas de Fal Dara. — Amalisa continuou ajoelhada, boquiaberta. A Ajah Negra, Aes Sedai que também eram Amigas das Trevas. Isso era quase tão terrível quanto descobrir que o próprio Tenebroso caminhava dentro da fortaleza de Fal Dara. Mas Liandrin não a deixaria se levantar agora. — Nos corredores em que você passar, qualquer Aes Sedai pode ser uma irmã negra. Isso eu juro. Não posso dizer quais delas são, mas posso dar minha proteção. Se você caminhar na Luz e a mim obedecer.

— Eu obedecerei — murmurou Amalisa, rouca. — Eu obedecerei. Por favor, Liandrin Sedai, por favor, diga que protegerá meu irmão e minhas damas...

— Quem merecer proteção será protegido. Preocupe-se consigo mesma, minha filha. E pense apenas no que lhe ordenei. Apenas nisso. Depende disso, o destino do mundo, minha filha. Todo o resto deve ser esquecido.

— Sim, Liandrin Sedai. Sim. Sim.

Liandrin se virou e atravessou o aposento, sem olhar para trás até chegar à porta. Amalisa ainda estava de joelhos, olhando ansiosa para ela.

— Levante-se, Lady Amalisa. — A voz de Liandrin voltou a ficar agradável, restando apenas um vestígio do desprezo que sentia. *Irmã, ora! Nem um dia como noviça, essa aí duraria. E poder para comandar ela até tem.* Quando a mulher finalmente se levantou, Liandrin continuou, sua voz outra vez com a força do aço. — E se fracassar com o mundo ou fracassar comigo, você vai invejar aquele maldito Amigo das Trevas no calabouço.

Pela expressão no rosto de Amalisa, Liandrin não achou que ela fracassaria por falta de esforço.

Fechando a porta atrás de si, Liandrin sentiu um súbito arrepio. Prendendo a respiração, ela se virou e olhou de um lado a outro do corredor mal iluminado. Estava vazio. Atrás das

seteiras, o céu estava escuro. Mesmo com o corredor vazio, ela estava certa de que havia olhos vigiando-a. O corredor deserto, repleto de sombras entre os lampiões nas paredes, debochava dela. Ela estremeceu, desconfortável, e começou a andar, determinada. *Estou imaginando coisas. Não é nada de mais.*

Já era noite, e havia muito a ser feito antes do amanhecer. Suas ordens haviam sido explícitas.

* * *

O calabouço ficava permanentemente mergulhado na escuridão, a menos que alguém levasse um lampião, mas Padan Fain estava sentado na beira de seu catre com o olhar fixo nas trevas e um sorriso no rosto. Ele podia ouvir os outros dois prisioneiros resmungando no sono, murmurando por causa dos pesadelos. Padan Fain esperava por algo; algo que aguardava havia muito tempo. Tempo demais. Mas não iria demorar agora.

A porta que dava para a sala da guarda externa se abriu, deixando entrar a luz, marcando a silhueta de uma figura parada na entrada.

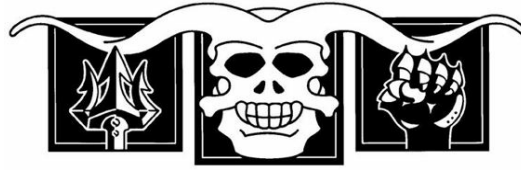
Fain se levantou.

— Você! Não era quem eu esperava. — Espreguiçou-se com uma naturalidade que não sentia. O sangue começou a correr por suas veias, e ele achou que poderia saltar por cima da fortaleza, se tentasse. — Surpresas para todos, não é? Bem, vamos lá! Já está ficando tarde, e eu vou querer dormir em algum momento.

Quando um lampião se aproximou da cela, Fain levantou a cabeça, sorrindo para algo que não podia ser visto, apenas sentido, algo além do teto de pedra do calabouço.

— Ainda não acabou — sussurrou. — A batalha nunca termina.





A Profecia das Trevas

A porta de sua casa estremeceu sob a força de socos furiosos vindos de fora, e a barra pesada que a trancava se sacudi nos suportes. Pela janela ao lado da porta, surgiu a silhueta do focinho enorme de um Trolloc. Havia janelas por toda parte, e ainda mais figuras obscuras do lado de fora. Mas as sombras não eram obscuras demais, Rand ainda podia distingui-las.

As janelas, pensou, desesperado. Afastou-se da porta, agarrando sua espada com as duas mãos. Mesmo que a porta aguente, eles podem quebrar as janelas. Por que não estão tentando entrar pelas janelas?

Com um ruído metálico ensurdecedor, um dos suportes da tranca foi parcialmente arrancado e ficou pendurado. Os pregos o prendiam precariamente, a um dedo da porta. A barra tremeu com mais uma pancada, e os pregos se soltaram ainda mais.

— Precisamos impedi-los! — gritou Rand. *Só que não podemos. Não podemos impedi-los.* Olhou ao redor, procurando um jeito de fugir, mas só havia aquela porta. A sala era uma caixa, com apenas uma porta e muitas janelas. — Precisamos fazer alguma coisa. Qualquer coisa!

— É tarde demais — disse Mat. — Você não entende? — Seu sorriso estava estranho no rosto pálido, e o cabo de uma adaga despontava do seu peito, cujo rubi da ponta brilhava como se estivesse em chamas. A gema parecia mais viva do que seu rosto. — É tarde demais para mudarmos alguma coisa.

— Finalmente me liberei deles — disse Perrin, gargalhando. O sangue corria por seu rosto como uma torrente de lágrimas, saindo dos buracos vazios de seus olhos. Ele estendia mãos vermelhas, tentando fazer Rand olhar para o que havia nelas. — Agora estou livre. Acabou.

— Nunca acaba, al'Thor — gritou Padan Fain, dançando, animado. — A batalha nunca termina.

A porta explodiu, lançando lascas de madeira, e Rand se jogou no chão para escapar delas. Duas Aes Sedai vestidas de vermelho entraram acompanhadas de seu mestre, fazendo medidas para a figura. Uma máscara cor de sangue seco cobria o rosto de Ba'alzamon, mas Rand podia ver as chamas de seus olhos através das fendas, podia ouvir o rugido das chamas da boca de Ba'alzamon.

— Ainda não está acabado entre nós, al'Thor — disse Ba'alzamon, e ele e Fain falaram juntos, como um só. — Para você, a batalha nunca termina.

Com um grito abafado, Rand se sentou no chão, sacudindo as mãos como se tentasse abrir caminho para fora do pesadelo. Ainda ouvia a voz de Fain, tão nitidamente quanto se o mascate estivesse de pé ao lado dele. *Nunca acaba. A batalha nunca termina.*

Com os olhos vermelhos, ele examinou os arredores para se convencer de que ainda estava escondido onde Egwene o deixara, deitado em um catre em um canto do quarto dela. A luz difusa de um único lampião iluminava o aposento, e ele ficou surpreso ao ver Nynaeve tricotando em uma cadeira de balanço do outro lado da cama de Egwene, com as cobertas ainda no lugar. Estava escuro do lado de fora.

Esbelta e de olhos escuros, Nynaeve prendia os cabelos em uma trança grossa que ia quase até sua cintura e que ela usava jogada sobre um ombro. Nynaeve não desistia de sua terra. Seu rosto estava calmo, e ela parecia completamente concentrada no tricô enquanto se balançava de leve. O *clique-clique* suave das agulhas era o único som no ambiente, pois o tapete abafava o barulho da cadeira de balanço.

Em algumas das últimas noites, ele havia sentido falta de um tapete no chão de pedra frio de seu quarto, mas os aposentos dos homens eram vazios e desolados em Shienar. As paredes ali tinham duas tapeçarias com cenas de montanhas e cachoeiras, além de cortinas com flores bordadas ao longo das seteiras. Havia flores, lírios brancos em um vaso achatado e redondo sobre a mesa de cabeceira, e mais delas pendiam de candeeiros nas paredes. Havia um espelho de corpo inteiro em um canto e outro sobre a mesinha, com a jarra e a bacia de listras azuis. Ele se perguntou por que Egwene precisava de dois espelhos. No quarto dele, não havia espelho algum, e ele não sentia falta. Só havia um lampião aceso, mas outros quatro estavam espalhados pelo quarto, que era quase tão grande quanto o aposento que ele dividia com Mat e Perrin. Egwene ficava sozinha naquele lugar.

Sem levantar a cabeça, Nynaeve disse:

— Se você dormir de tarde, não vai conseguir dormir à noite.

Ele franziu a testa, embora ela não pudesse ver. Pelo menos, ele achava que não. Ela era apenas alguns anos mais velha do que ele, mas ser uma Sabedoria lhe acrescentava cinquenta anos de autoridade.

— Eu precisava de um lugar para me esconder e estava cansado — explicou, mas logo acrescentou: — Não vim sem perguntar. Egwene me convidou para a ala das mulheres.

Nynaeve largou o tricô e lhe deu um sorriso divertido. Era uma mulher bonita. Ele nunca teria reparado isso em sua terra, pois ninguém olhava dessa maneira para uma Sabedoria.

— Que a Luz me ajude, Rand! Você está se tornando mais shienarano a cada dia que passa. Foi convidado para a ala das mulheres... — debochou ela. — Daqui a pouco vai começar a falar sobre sua honra e pedir que a paz favoreça sua espada. — Rand ficou vermelho e torceu para que ela não reparasse, na meia-luz. Ela olhou para sua espada, cujo cabo saía da sacola comprida ao seu lado, no chão. Ele sabia que ela não aprovava aquela espada, nem nenhuma outra, mas Nynaeve não fez qualquer comentário. — Egwene me explicou por que você precisa de um lugar para se esconder. Não se preocupe, vamos mantê-lo escondido da Amyrlin, ou de qualquer outra Aes Sedai, se é isso que quer.

Ela o encarou e logo desviou o olhar, mas Rand percebeu seu desconforto, sua dúvida. *É isso mesmo, eu posso canalizar o poder. Um homem usando o Poder Único! Você devia*

ajudar as Aes Sedai a me caçar e amansar.

Com uma careta, ele endireitou o colete de couro que Egwene encontrara e se virou para se recostar na parede.

— Assim que puder, vou me esconder em uma carroça ou escapar daqui. Vocês não vão precisar me ajudar por muito tempo. — Nynaeve não respondeu; apenas se concentrou em seu tricô, emitindo um som irritado toda vez que errava um ponto. — Onde está Egwene?

Ela deixou o tricô cair no colo.

— Não sei por que estou tentando fazer isso esta noite. Não consigo acertar os pontos, por algum motivo. Ela desceu para ver Padan Fain. Acha que ver rostos conhecidos pode ajudá-lo.

— O meu com certeza não ajudou. Ela devia ficar longe dele. Ele é perigoso.

— Ela quer ajudá-lo — respondeu Nynaeve, muito calma. — Lembre-se, ela estava treinando para ser minha assistente, e ser uma Sabedoria não é só fazer a previsão do tempo. Curar também faz parte. Egwene tem o desejo de curar na verdade, tem essa necessidade. E, se Padan Fain fosse tão perigoso, Moiraine teria dito alguma coisa.

Ele riu.

— Vocês não perguntaram a ela. Egwene admitiu, e não consigo imaginar você pedindo permissão para alguma coisa. — A sobancelha erguida dela apagou o riso do rosto dele, mas o rapaz se recusou a pedir desculpas. Estavam muito longe de casa, e ele não via como ela poderia continuar sendo a Sabedoria do Campo de Emond se estava indo para Tar Valon. — Eles já começaram a me procurar? Egwene não tem certeza de que vão fazer isso, mas Lan disse que o Trono de Amyrlin está aqui por minha causa, e eu acho que confio mais na opinião dele.

Por um momento, Nynaeve não respondeu. Em vez disso, revirou seus novelos de lã. Por fim, disse:

— Não tenho certeza. Uma das serviçais veio há pouco para preparar a cama, segundo ela. Como se Egwene já fosse dormir, com o banquete para a Amyrlin esta noite! Eu a mandei embora, ela não viu você.

— Ninguém prepara a cama para nós na ala dos homens. — Ela lhe lançou um olhar frio, que um ano antes o teria feito gaguejar. Ele sacudiu a cabeça. — Elas não usariam as serviçais para me procurar, Nynaeve.

— Quando fui à adega pegar uma xícara de leite mais cedo, havia mulheres demais nos corredores. As convidadas para o banquete já deveriam estar se vestindo, e as criadas deveriam estar ajudando-as, ou se preparando para o serviço, ou para... — Ela franziu a testa, preocupada. — Há trabalho mais do que o suficiente para todos, com a Amyrlin aqui. E elas não estavam só na ala das mulheres. Eu vi a própria Lady Amalisa saindo de uma das despensas perto da adega com o rosto todo coberto de pó.

— Isso é ridículo. Por que ela estaria participando da busca? Ou qualquer uma das mulheres, aliás? Elas vão usar os soldados do Lorde Agelmar e os Guardiões. E as Aes Sedai. Devem estar apenas preparando algo para o banquete. Que me queime, não faço ideia de quais são os preparativos para um banquete em Shienar!

— Às vezes você é um cabeça de lã, Rand. Os homens que vi também não sabiam o que as mulheres estavam fazendo. Ouvi alguns deles reclamando sobre terem que fazer o trabalho inteiro sozinhos. Eu sei que não faz sentido elas estarem procurando por você, nenhuma das

Aes Sedai parecia minimamente interessada. Mas Amalisa não estava se preparando para o banquete enquanto sujava o vestido em uma despensa. Elas estavam procurando algo; algo importante. Mesmo que começasse a se arrumar logo depois que a vi, mal teria tempo de tomar banho e trocar de roupa. Falando nisso, se Egwene não voltar logo, ela vai ter que escolher entre se trocar ou chegar atrasada.

Só então, ele percebeu que Nynaeve não estava usando as roupas de lã de Dois Rios com as quais ele estava acostumado. Seu vestido de seda era azul-claro, bordado com botões de campainha-branca ao redor do colo e nas mangas. Cada botão tinha uma minúscula pérola no centro, e seu cinturão era trabalhado em prata, com uma fivela incrustada de pérolas. Ele nunca vira a Sabedoria usando algo parecido, nem mesmo as roupas de festival em sua terra se comparavam àquilo.

— Você vai ao banquete?

— É claro. Mesmo que Moiraine não tivesse dito que eu deveria ir, nunca a deixaria pensar que eu...

Seus olhos se iluminaram com um brilho feroz por um momento, e ele soube a que ela se referia. Nynaeve jamais deixaria que alguém pensasse que ela estava com medo, mesmo que fosse verdade. Muito menos Moiraine, e Lan menos ainda. Esperava que ela não desconfiasse que ele sabia de seus sentimentos pelo Guardião.

Depois de um momento, ela fitou as mangas de seu vestido e seu olhar se suavizou.

— Lady Amalisa me deu isto — comentou, tão baixo que Rand se perguntou se ela estava falando sozinha. A mulher acariciou a seda, sentindo as flores bordadas e sorrindo, perdida em pensamentos.

— Fica muito bonito em você, Nynaeve. Você está bonita hoje. — Ele fez uma careta assim que disse isso.

Toda Sabedoria era muito sensível com relação à sua autoridade, mas Nynaeve era mais do que a maioria. O Círculo das Mulheres sempre tentava cuidar dela porque era jovem e talvez porque fosse bonita, e suas brigas com o Prefeito e o Conselho da Aldeia eram assunto de muitas histórias.

Ela tirou a mão do bordado bruscamente e olhou para ele, irritada, franzindo as sobrancelhas. Ele falou depressa, para evitar que ela dissesse algo.

— Eles não podem manter os portões fechados para sempre. Assim que forem abertos, irei embora e, então, as Aes Sedai nunca mais vão me encontrar. Perrin diz que existem lugares nas Colinas Negras e na Planície de Caralain onde é possível andar por dias sem encontrar ninguém. Talvez... talvez eu possa descobrir o que fazer sobre... — Ele deu de ombros, incomodado. Não havia necessidade de dizer aquilo, não para ela. — E se eu não conseguir, não vou machucar ninguém.

Nynaeve ficou em silêncio por um instante, então falou, devagar:

— Não tenho tanta certeza, Rand. Não posso dizer que você parece mais do que um rapaz de aldeia para mim, mas Moiraine insiste que você é *ta'veren*, e acho que ela não acredita que a Roda já fez tudo o que podia com você. O Tenebroso parece...

— Shai'tan está morto — interrompeu, ríspido, e o quarto pareceu se inclinar de repente. Ele levou as mãos à cabeça quando uma onda de tontura se abateu sobre ele.

— Seu tolo! Seu tolo, cego e idiota! Nomeando o Tenebroso, atraindo a atenção dele! Já não tem problemas o suficiente?

— Ele está morto — murmurou Rand, esfregando a cabeça. Engoliu em seco. A tontura estava passando. — Está certo, está certo. Ba'alzamon, se você prefere assim. Mas ele está morto: eu o vi morrer, eu o vi queimar.

— E acha que eu não vi sua reação quando o olho do Tenebroso caiu sobre você, agora mesmo? Não me diga que não sentiu nada que lhe dou um tabefe! Eu vi seu rosto.

— Ele está morto — insistiu Rand. A lembrança dos olhos invisíveis e do vento no topo da torre passou pela sua cabeça, e ele estremeceu. — Coisas estranhas acontecem assim tão perto da Praga.

— Você é um tolo, Rand al'Thor. — Ela sacudiu um punho em sua direção. — Eu lhe daria um *tabefe* se achasse que isso o ajudaria a ter bom sen...

O resto da frase foi engolida quando sinos soaram por toda a fortaleza.

Ele se levantou de um salto.

— Isso é um alarme! Eles estão procurando...

Nomeie o Tenebroso, e o mal cairá sobre você.

Nynaeve se levantou mais devagar, sacudindo a cabeça, incomodada.

— Não, acho que não. Se estivessem procurando por você, tudo o que os sinos fariam seria alertá-lo. Não. Se é um alarme, não é por sua causa.

— Então por quê?

Ele correu até a seteira mais próxima e espiou o lado de fora.

Luzes disparavam como vagalumes pela fortaleza coberta pelo manto da noite, lampiões e tochas carregados de um lado para o outro. Algumas iam até as muralhas externas e as torres, mas a maioria seguia pelo jardim abaixo e o único pátio que ele podia vislumbrar. O que quer que tivesse provocado o alarme estava dentro da fortaleza. Os sinos silenciaram, e Rand pôde ouvir os gritos de homens, mas era impossível entender o que estavam gritando.

Se não é por minha causa...

— Egwene — disse, de súbito.

Se ele ainda estiver vivo, se ainda existe algum mal, devia vir me procurar.

Nynaeve estava olhando por outra seteira, mas se virou para ele.

— O quê?

— Egwene. — Ele atravessou a sala a passos rápidos e tirou a espada e a bainha da sacola.

— Ela está no calabouço com Fain. E se ele conseguiu fugir?

Ela o deteve na porta, agarrando seu braço. Não chegava à altura do ombro dele, mas sua mão era forte como uma pinça de ferro.

— Não seja um tolo cérebro de cabra pior do que já é, Rand al'Thor. Mesmo que isso não tenha nada a ver com você, as mulheres estão procurando alguma coisa! Luz, homem, esta é a ala das mulheres! Provavelmente haverá Aes Sedai lá fora, nos corredores. Egwene vai ficar bem. Ela ia levar Mat e Perrin junto. Mesmo que se meta em apuros, eles cuidarão dela.

— E se ela não conseguiu encontrá-los, Nynaeve? Egwene nunca deixaria isso impedi-la. Ela iria sozinha, exatamente como você, e você sabe disso. Luz, eu avisei a ela que Fain é perigoso! Que me queime, eu avisei!

Desvencilhando-se dela, ele escancarou a porta e saiu em disparada. *Que a luz me queime, isso devia vir atrás de mim!*

Uma mulher gritou ao vê-lo em sua camisa rústica e colete e com uma espada na mão. Mesmo convidados, os homens não entravam armados na ala das mulheres, a não ser que a fortaleza estivesse sob ataque. Mulheres encheram o corredor, serviçais trajando preto e dourado, damas da fortaleza em sedas e rendas, mulheres com xales bordados e franjas compridas, todas falando alto e ao mesmo tempo, exigindo saber o que estava acontecendo. Crianças chorando se agarravam a saias por toda parte. Ele correu entre elas, desviando quando podia, murmurando desculpas quando esbarrava em alguém, tentando ignorar seus olhares espantados.

Uma das mulheres de xale se virou para voltar ao quarto, e ele viu as costas do xale, com a lágrima branca reluzente no meio. De repente, reconheceu os rostos que vira no pátio externo: Aes Sedai o encaravam, alarmadas.

— Quem é você? O que está fazendo aqui?

— A fortaleza está sendo atacada? Responda, homem!

— Ele não é soldado. Quem é ele? O que está acontecendo?

— É o jovem lorde das terras do sul!

— Alguém o detenha!

O medo o fez repuxar os lábios, mostrando os dentes, mas ele continuou andando e tentou ir mais depressa.

Então, uma mulher entrou no corredor, ficando cara a cara com ele, que parou mesmo sem querer. Reconheceu aquele rosto. Achava que se lembraria dele ainda que vivesse para sempre: o Trono de Amyrlin. Os olhos dela se arregalaram ao vê-lo, e ela recuou. Outra Aes Sedai, a mulher alta que ele vira com o cajado, se colocou entre ele e a Amyrlin, gritando alguma coisa que ele não entendeu com o burburinho cada vez maior.

Ela sabe. Que a Luz me ajude, ela sabe! Moiraine contou a ela. Com um resmungo, ele voltou a correr. *Luz, só me deixe ter certeza de que Egwene está segura antes que elas...* Ele ouviu gritos atrás de si, mas não prestou atenção.

A fortaleza estava caótica. Homens corriam para os pátios com espadas em punho, sem nem olhá-lo. Mesmo com o barulho dos sinos de alarme, era possível distinguir outros ruídos. Gritos. Berros. Metal se chocando contra metal. Ele tinha acabado de perceber que eram sons de batalhas — *Luta? Dentro de Fal Dara?* — quando três Trollocs correndo surgiram diante dele, depois de dobrarem um corredor.

Focinhos peludos distorciam o que poderiam ser rostos humanos, e um deles tinha chifres de carneiro. Eles arreganharam os dentes, levantando as harpes e correndo em sua direção.

O corredor que estivera cheio de homens apressados alguns instantes antes agora se encontrava vazio, a não ser pelos três Trollocs e ele. Pego de surpresa, ele desembainhou a espada desajeitadamente e tentou fazer a Beija-flor Beija a Rosa-de-mel. Ainda abalado por encontrar Trollocs no coração da fortaleza de Fal Dara, ele a executou tão mal que Lan teria se afastado dele, enojado. Um Trolloc de focinho de urso desviou com facilidade, esbarrando nos outros dois e os desequilibrando por um instante.

De repente, cerca de doze shienaranos passaram correndo por ele na direção dos Trollocs.

Estavam parcialmente vestidos com suas melhores roupas, para o banquete, mas traziam suas espadas consigo. O Trolloc de focinho de urso morreu com um rosnado, e seus companheiros fugiram, perseguidos por homens que gritavam e brandiam suas espadas. Gritos e berros enchiam o ar, vindos de todos os lados.

Egwene!

Rand adentrou ainda mais na fortaleza, passando por corredores desertos, embora, volta e meia, encontrasse um Trolloc morto no chão. Ou um homem morto.

Então chegou a um cruzamento de corredores, e à sua esquerda terminava um combate. Seis homens de rabo de cavalo jaziam ensanguentados e imóveis, e um sétimo estava morrendo. O Myrddraal torceu a espada ao puxar a lâmina da barriga do homem, e o soldado gritou, soltando a arma ao desabar no chão. O Desvanecido se moveu com a graciosidade de uma víbora, uma semelhança acentuada pela armadura de placas pretas sobrepostas que lhe cobriam o peito. Ele se virou, e aquele rosto pálido e sem olhos analisou Rand. Ele começou a avançar em sua direção, um sorriso nos lábios mortalmente pálidos, caminhando em um passo quase preguiçoso. Não havia necessidade de se apressar para lutar contra apenas homem.

Rand se sentia pregado ao chão, e sua língua estava grudada no céu da boca. O olhar do Sem Olhos é puro medo. Era o que diziam na Fronteira. Suas mãos tremiam quando ele levantou a espada. Ele sequer pensou em invocar o vazio. *Luz, ele acabou de matar sete soldados armados de uma vez. Luz, o que vou fazer? Luz!*

De repente, o Myrddraal parou, e seu sorriso desapareceu.

— Este aqui é meu, Rand. — O rapaz levou um susto quando Ingtar apareceu ao seu lado, um homem moreno e atarracado, vestindo um casaco de festival, segurando a espada com as duas mãos. Os olhos escuros de Ingtar não deixaram o rosto do Desvanecido. Se o shienarano sentia o medo daquele olhar, não demonstrava. — Vá treinar com um ou dois Trollocs — disse, baixinho — antes de enfrentar um destes.

— Eu estava descendo para ver se Egwene estava bem. Ela foi para o calabouço visitar Fain, e...

— Então vá vê-la.

Rand engoliu em seco.

— Vamos enfrentá-lo juntos, Ingtar.

— Você não está pronto. Vá atrás de sua garota. Vá! Quer que os Trollocs a encontrem desprotegida?

Por um momento, Rand hesitou, indeciso. O Desvanecido erguera a espada para Ingtar. Um grunhido baixo retorceu a boca do homem, mas Rand sabia que não era de medo. E Egwene podia estar sozinha no calabouço com Fain, ou coisa pior. Mesmo assim, ele se sentiu envergonhado ao correr para as escadas que levavam ao subterrâneo. Sabia que o olhar de um Desvanecido podia deixar qualquer homem apavorado, mas Ingtar vencera o medo. Seu estômago ainda dava voltas.

Os corredores subterrâneos da fortaleza estavam silenciosos, mal iluminados por lampiões que tremeluziam bem distantes uns dos outros. Ele reduziu o passo ao se aproximar dos calabouços, esgueirando-se, na ponta dos pés o mais silenciosamente possível. O som de suas botas arrastando na pedra nua parecia ecoar em seus ouvidos. A porta para os calabouços estava entreaberta. Ele deveria tê-la encontrado fechada e trancada.

Encarando a porta, tentou engolir e não conseguiu. Abriu a boca para gritar, mas fechou-a na mesma hora. Se Egwene estivesse ali dentro em apuros, gritar só alertaria quem quer que estivesse ameaçando-a. Ou o que quer que estivesse lá. Respirando fundo, ele seguiu em frente.

Em um só movimento, escancarou a porta com a bainha em sua mão esquerda e se jogou no calabouço, deixando o ombro na frente para rolar pela palha que cobria o chão e levantar, girando dali rápido demais para ter uma visão clara do aposento, procurando, desesperado, por alguém que pudesse atacá-lo. Procurando por Egwene. Não havia ninguém ali.

Quando seus olhos encontraram a mesa, ele ficou paralisado. Sua respiração e até seu pensamento estavam congelados. De cada lado do lampião ainda aceso, como se ele fosse um enfeite central, estavam as cabeças dos guardas, com duas poças de sangue. Os olhos deles o encaravam, arregalados de medo, e suas bocas estavam escancaradas em um último grito que ninguém podia ouvir. Tomado pela náusea, Rand se curvou e vomitou na palha. Por fim, conseguiu se levantar, limpando a boca com a manga. Sua garganta ardia.

Lentamente, ele foi se dando conta do que havia no restante do aposento, antes visto apenas de relance quando entrou desesperado atrás de um agressor. Pedacos de carne ensanguentada jaziam espalhados pelo chão coberto de palha. Não reconhecia outros restos humanos; apenas as duas cabeças. Alguns dos pedacos pareciam mastigados. *Então foi isso o que aconteceu com os corpos.* Ele ficou surpreso com a calma de seus pensamentos, quase como se tivesse conjurado o vazio sem tentar. Era o choque, percebeu vagamente.

Não reconheceu nenhuma das cabeças: os guardas haviam sido trocados desde que estivera ali mais cedo. Ficou feliz por isso. Conhecê-los, mesmo que fosse Changu, teria sido ainda pior. O sangue cobria as paredes também, mas em garranchos, palavras soltas e frases inteiras espalhadas por todos os lados. Algumas eram duras e angulosas, em um idioma que ele não entendia, embora reconhecesse a escrita Trolloc. Outras, ele conseguia decifrar, e preferiu não ter conseguido. Blasfêmias e obscenidades ruins o bastante para fazer um cavaliço ou um guarda de mercador empalidecer.

— Egwene. — A calma desapareceu. Enfiando a bainha no cinturão, ele arrancou o lampião da mesa, mal reparando quando as cabeças tombaram. — Egwene! Cadê você?

Ele começou a seguir na direção da porta interna e parou após dar dois passos. As palavras na porta, escuras e reluzentes, parecendo molhadas à luz de seu lampião, eram claras o bastante.

Vamos nos reencontrar na Ponta de Toman.

Nunca Termina, Al'Thor.

Sua mão, subitamente dormente, largou a espada. Sem tirar os olhos da porta, ele se abaixou para pegá-la, mas, em vez disso, agarrou um punhado de palha e começou a esfregar com força as palavras escritas na porta. Ofegante, esfregou até transformá-las em uma mancha sangrenta, mas não conseguia parar.

— O que você está fazendo?

Ao ouvir a voz ríspida atrás de si, ele deu meia-volta, abaixando-se para pegar a espada.

Uma mulher estava parada no umbral externo, com as costas rígidas de indignação. Seus cabelos eram como ouro claro, presos em uma dezena de tranças ou mais, porém tinha olhos escuros e aguçados. Ela não parecia muito mais velha do que ele e era bonita de um modo mal-humorado, mas sua boca estava contraída de um jeito que ele não gostou. Então, viu o xale que ela mantinha bem amarrado ao corpo, com as longas franjas vermelhas.

Aes Sedai. E que a Luz me ajude, ela é da Ajah Vermelha.

— Eu... Eu estava só... É uma coisa suja. Vil.

— Tudo deve ser deixado exatamente como está, para ser examinado. Não toque em nada.

— Ela deu um passo à frente, olhando bem para ele, que deu um passo para trás. — Sim. Sim, como pensei. Um dos que estão com Moiraine. O que você tem a ver com isso? — Ela gesticulou, indicando as cabeças em cima da mesa e os rabiscos sangrentos nas paredes.

Por um momento, ele apenas olhou para ela com os olhos arregalados.

— Eu? Nada! Vim procurar... Egwene!

Ele se virou para abrir a porta interna, mas a Aes Sedai gritou:

— Não! Você vai me responder!

De repente, ele quase não conseguiu se manter de pé, segurando o lampião e a espada. Um frio gelado que vinha de todas as direções o pressionou. Parecia que sua cabeça estava presa a um bloco de gelo. Mal conseguia respirar com a pressão que sentia no peito.

— Responda, garoto. Diga seu nome.

Ele soltou um grunhido involuntário, tentando responder apesar do ar frio que parecia pressionar seu rosto para dentro do crânio, apertando seu peito como faixas de ferro geladas. Trincou os maxilares para abafar o som. Lutando contra a dor, voltou os olhos para encará-la, furioso, através de um borrão de lágrimas. *Que a Luz a queime, Aes Sedai! Não direi uma palavra, a Sombra que a carregue!*

— Responda-me, garoto! Agora!

Agulhas de gelo o afligiram, perfurando seu cérebro, raspando em seus ossos. O vazio se formou sem que Rand se desse conta de que tinha pensado nele, mas não foi suficiente para conter a dor. Aos poucos, sentiu luz e calor em algum lugar distante. Algo tremeluzia de forma nauseante, mas a luz era quente, e ele sentia frio. Estavam além do conhecimento, mas de algum modo logo ao seu alcance. *Luz, está tão frio. Eu preciso alcançar... O quê? Ela está me matando. Preciso alcançar ou ela vai me matar.* Desesperado, ele lutou para alcançar a luz.

— O que está acontecendo aqui?

De repente, o frio, a pressão e as agulhas desapareceram. Seus joelhos quase cederam, mas ele os forçou a ficarem firmes. Ele não cairia de joelhos, não lhe daria aquela satisfação. O vazio também desaparecera, de forma tão súbita quanto surgira. *Ela estava tentando me matar.* Ele levantou a cabeça, ofegante. Moiraine estava parada na porta.

— Eu perguntei o que está acontecendo, Liandrin — repetiu ela.

— Encontrei este garoto aqui — respondeu calmamente a Aes Sedai Vermelha. — Foram assassinados os guardas, e aqui está ele. Um dos seus. E o que você está fazendo neste lugar, Moiraine? A batalha é lá em cima, não aqui.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta, Liandrin. — Moiraine analisou o aposento, apenas

comprimindo um pouco os lábios ao notar a carnificina. — *Por que você está aqui?*

Rand deu as costas às duas, puxou desajeitadamente as trancas da porta interna e a abriu.

— Egwene desceu por aqui — anunciou para quem quisesse saber e foi em frente, segurando o lampião bem alto. Seus joelhos continuavam querendo ceder, ele não sabia ao certo como ainda estava de pé, só que precisava encontrar Egwene. — Egwene!

Um gorgolejo e o som de algo se debatendo vieram da sua direita, e ele ergueu o lampião na direção do barulho. O prisioneiro do casaco bonito estava caído contra a grade de ferro de sua cela, uma ponta do cinturão amarrada entre as barras e a outra enlaçando seu pescoço. Diante dos olhos de Rand, ele deu um último chute, raspando a ponta do pé no chão coberto de palha, e ficou parado com a língua e os olhos saltando de seu rosto quase preto. Seus joelhos quase tocavam o chão, e ele podia ter se levantado a qualquer momento.

Com um calafrio, Rand espiou a cela seguinte. O homem grande com as mãos machucadas estava encolhido no fundo da cela, com os olhos completamente arregalados. Ao ver Rand, ele gritou e lhe deu as costas, arranhando desesperado a parede de pedra.

— Eu não vou machucar você — disse Rand.

O homem continuava a gritar e arranhar. Suas mãos estavam ensanguentadas, e seus dedos riscavam manchas escuras de sangue coagulado. Aquela não era sua primeira tentativa de escavar a rocha com as mãos nuas.

Rand lhe deu as costas, aliviado por seu estômago já estar vazio. Não havia nada que pudesse fazer por nenhum dos dois.

— Egwene!

A luz finalmente chegou ao fim das celas. A porta da cela de Fain estava escancarada, e a cela estava vazia, mas foram as duas figuras inertes no chão de pedra em frente à cela que fizeram Rand avançar com um pulo e cair ajoelhado entre elas.

Egwene e Mat estavam caídos no chão como bonecos de trapo, inconscientes... ou mortos. Então percebeu, aliviado, que ainda respiravam. Não parecia haver sequer uma marca neles.

— Egwene? Mat? — Colocando a espada no chão, ele sacudiu Egwene com delicadeza. — Egwene? — Ela não abriu os olhos. — Moiraine! Egwene está ferida! E Mat também! — Mat parecia respirar com dificuldade, e seu rosto estava mortalmente pálido. Rand quase sentiu vontade de chorar. *Era para vir atrás de mim. Fui eu quem nomeou o Tenebroso. Eu!*

— Não mexa neles. — Moiraine não parecia irritada, nem mesmo surpresa.

A câmara se iluminou quando as duas Aes Sedai entraram. Ambas equilibravam uma bola reluzente de luz fria flutuando acima de uma das mãos.

Liandrin marchou direto pelo meio do grande corredor, levantando as saias com a mão livre para que não roçassem na palha, mas Moiraine parou para olhar os dois prisioneiros antes de continuar.

— Não há nada a fazer por aquele, e o outro pode esperar — disse ela.

Liandrin alcançou Rand primeiro e começou a se curvar na direção de Egwene, mas Moiraine disparou à frente dela e pôs a mão livre na cabeça da garota. Liandrin se endireitou com uma careta.

— Não é grave — disse Moiraine, depois de um momento. — Ela foi atingida aqui. — Apontou para uma área na lateral da cabeça de Egwene, coberta por seus cabelos. Rand não conseguia ver nada de diferente ali. — Esse é seu único ferimento, ela vai ficar bem.

Rand olhou de uma Aes Sedai para a outra.

— E Mat?

Liandrin ergueu uma sobrancelha para ele e se virou para encarar Moiraine com uma expressão irônica.

— Fique quieto — ordenou Moiraine, e fechou os olhos, ainda tocando o ponto onde dissera estar o ferimento de Egwene. A garota murmurou e se agitou, depois ficou quieta.

— Ela está...?

— Está dormindo, Rand. Ela vai ficar bem, mas precisa dormir. — Moiraine foi até Mat, mas só o tocou por um instante, e então recuou. — Isto é mais sério — disse em voz baixa. Segurou o pulso de Mat, abrindo seu casaco, e soltou um som zangado. — A adaga sumiu.

— Que adaga? — perguntou Liandrin.

Eles ouviram vozes no aposento externo, vindas de homens soltando exclamações de nojo e fúria.

— Aqui dentro — gritou Moiraine. — Tragam duas liteiras. Depressa.

Alguém gritou pedindo liteiras.

— Fain sumiu — disse Rand.

As duas Aes Sedai olharam para ele. Suas expressões eram indecifráveis. Os olhos das duas brilharam com a luz.

— Eu percebi — disse Moiraine, em um tom de voz neutro.

— Eu disse a ela para não vir. Avisei que ele era perigoso.

— Quando cheguei — observou Liandrin, friamente —, ele estava apagando os escritos na câmara externa.

Ele moveu os joelhos, desconfortável. Os olhos da Aes Sedai pareciam iguais agora. Pesando-o e medindo-o, frios e terríveis.

— Era... era sujo — explicou. — Apenas palavras sujas. — Elas ainda olhavam para ele, sem falar. — Vocês não acham que eu... Moiraine, você não pode pensar que eu tive alguma coisa a ver com... com o que aconteceu aqui.

Luz, será que eu tive? Eu nomeei o Tenebroso.

Ela não respondeu, e ele sentiu um arrepio que não passou quando os homens entraram correndo com tochas e lampiões. Moiraine e Liandrin deixaram as bolas de luz se apagarem. Os lampiões e as tochas não iluminavam tão bem, e sombras se espalharam nas profundezas das celas. Homens com liteiras correram até as figuras caídas no chão. Ingtar os liderava. Seu rabo de cavalo quase tremia de raiva, e ele parecia ansioso para encontrar alguém em quem usar sua espada.

— Então o Amigo das Trevas também se foi — grunhiu. — Bem, nem se compara ao que mais aconteceu esta noite.

— Nem mesmo ao que aconteceu aqui — disse Moiraine, ríspida. Ela instruiu os homens a colocarem Egwene e Mat nas liteiras. — A garota deve ser levada para seu quarto. Ela precisa de uma mulher com ela, para o caso de acordar à noite. Pode ficar assustada, mas precisa dormir, acima de tudo. O rapaz... — Ela tocou em Mat quando os dois homens ergueram a liteira e afastou a mão depressa. — Levem-no até os aposentos do Trono de Amyrlin. Encontrem a Amyrlin, onde quer que esteja, e digam a ela que ele está lá. Digam que

o nome dele é Matrim Cauthon. Eu me juntarei a ela assim que possível.

— A Amyrlin! — exclamou Liandrin. — Você está pensando em fazer a Amyrlin de Curandeira para seu... seu bichinho de estimação? Você está louca, Moiraine.

— O Trono de Amyrlin — disse Moiraine, muito calma — não compartilha seus preconceitos de Ajah Vermelha, Liandrin. Ela pode curar um homem mesmo sem ter um propósito para ele. Sigam em frente — ordenou aos carregadores de liteira.

Liandrin os observou enquanto iam embora, Moiraine e os homens que carregavam Mat e Egwene, e então se virou para encarar Rand. Ele tentou ignorá-la. Concentrou-se em enfiar a espada na bainha e espanar a palha presa em suas calças e em sua camisa. Mas, quando levantou a cabeça, ela ainda o estava estudando com o rosto pálido como gelo. Sem dizer nada, ela se virou para olhar para os outros homens, pensativa. Um deles sustentava o corpo do homem enforcado enquanto o outro tentava afrouxar o cinturão. Ingtar e os outros aguardavam respeitosamente. Com um último olhar para Rand, ela partiu, de cabeça erguida como uma rainha.

— Uma mulher difícil — resmungou Ingtar, então pareceu surpreso por ter falado. — O que aconteceu aqui, Rand al'Thor?

Rand balançou a cabeça.

— Não sei, só que Fain de algum modo conseguiu fugir. E feriu Egwene e Mat ao escapar. Eu vi a sala da guarda... — Estremeceu. — Mas aqui dentro... o que quer que tenha sido, Ingtar, deixou aquele sujeito tão apavorado que ele se enforcou. Acho que o outro enlouqueceu por ver o que viu.

— Vamos todos enlouquecer esta noite.

— O Desvanecido... Você o matou?

— Não! — Ingtar enfiou a espada na bainha com força; o cabo despontava acima de seu ombro direito. Ele parecia zangado e envergonhado ao mesmo tempo. — Está fora da fortaleza agora, junto com aqueles que não conseguimos matar.

— Pelo menos você está vivo, Ingtar. Aquele Desvanecido matou sete homens!

— Vivo? Isso é assim tão importante? — De repente o rosto de Ingtar não estava mais zangado, apenas cansado e sofrido. — Nós a tivemos em nossas mãos. Em nossas mãos! E a perdemos, Rand. Perdemos! — Ele parecia não conseguir acreditar no que estava dizendo.

— Perdemos o quê? — perguntou Rand.

— A Trombeta! A Trombeta de Valere. Ela desapareceu, com baú e tudo.

— Mas estava no cofre.

— O cofre foi saqueado — respondeu Ingtar, cansado. — Eles não levaram muita coisa, apenas a Trombeta e o que puderam enfiar nos bolsos. Queria que tivessem levado todo o resto e deixado isso. Ronan está morto, e o vigia que guardava o cofre. — Ele continuou, bem baixo: — Quando eu era garoto, Ronan conseguiu defender a Torre de Jehaan com vinte homens contra mil Trollocs. Mas ele não caiu facilmente, o velho tinha sangue em sua adaga. Nenhum homem pode pedir mais do que isso. — Ele se calou por um momento. — Eles entraram pelo Portão do Cão e saíram pelo mesmo lugar. Nós acabamos com cinquenta ou mais, porém muitos escaparam. Trollocs! Nunca tivemos Trollocs dentro da fortaleza. Nunca!

— Como eles passaram pelo Portão do Cão, Ingtar? Um homem conseguiria deter uma centena ali, e todos os portões estavam barrados. — Ele se mexeu, incomodado, lembrando-se

do motivo. — Os guardas não teriam aberto para deixar qualquer um entrar.

— As gargantas dos guardas foram cortadas — respondeu Ingтар. Eram bons homens e foram assassinados como porcos. Foi alguém de dentro. Alguém os matou, depois abriu o portão. Alguém que podia se aproximar deles sem provocar suspeitas. Alguém que eles conheciam.

Rand olhou para a cela vazia, onde estivera Padan Fain.

— Mas isso significa...

— Sim. Há Amigos das Trevas em Fal Dara. Ou havia. Logo saberemos se é esse o caso. Kajin está vendo se falta alguém. Paz! Traição na fortaleza de Fal Dara! — Com uma careta, ele olhou ao redor do calabouço, encarando os homens que o esperavam. Todos tinham espadas e usavam roupas de festival sujas e rasgadas, e alguns também estavam de elmo. — Não estamos fazendo nada de bom aqui. Para fora! Todos! — Rand se juntou ao bando em retirada. Ingтар deu uma palmadinha no colete dele. — O que é isso? Você decidiu se tornar cavaleiro?

— É uma longa história — disse Rand. — Longa demais para contar aqui. Talvez outra hora. — *Talvez nunca, se eu tiver sorte. Talvez eu consiga escapar no meio de toda esta confusão. Não, não posso. Não até saber que Egwene está bem. E Mat. Luz, o que acontecerá com ele, sem a adaga?* — Suponho que Lorde Agelmar tenha redobrado a guarda em todos os portões.

— Ele triplicou — retrucou Ingтар, em um tom satisfeito. — Ninguém passará por aqueles portões, de dentro ou de fora. Assim que Lorde Agelmar soube do acontecido, ordenou que ninguém deixasse a fortaleza sem sua permissão.

Assim que soube...?

— Ingтар, e antes? E a ordem anterior, de que ninguém deveria sair?

— Ordem anterior? Que ordem anterior? Rand, a fortaleza não estava fechada até o Lorde Agelmar ficar sabendo disso. Alguém lhe informou mal.

Rand balançou a cabeça devagar. Nem Ragan nem Temma teriam inventado uma coisa daquelas. E, mesmo que o Trono de Amyrlin tivesse dado a ordem, Ingтар saberia. *Então quem? E como?* Ele examinou Ingтар disfarçadamente, se perguntando se o shienarano estava mentindo. *Você realmente está ficando louco, se suspeita de Ingтар.*

Eles voltaram ao aposento da guarda do calabouço. As cabeças cortadas e os restos dos guardas haviam sido levados, embora ainda tivesse manchas vermelhas na palha, indicando onde haviam estado. Duas plácidas Aes Sedai de xales de franjas marrons estavam ali, estudando as palavras rabiscadas nas paredes sem se preocupar com suas saias arrastando na palha. Ambas tinham um tinteiro em uma pasta pendurada no cinturão e faziam anotações com uma pena em um livreto. Elas sequer olharam para os soldados que passaram por elas.

— Olhe aqui, Verin — disse uma delas, apontando para um trecho da pedra com linhas de escrita Trolloc. — Isto parece interessante.

A outra foi correndo, sujando a saia com manchas vermelhas.

— Sim, estou vendo. Uma caligrafia muito melhor do que as outras. Não é de um Trolloc. Muito interessante. — Ela começou a fazer anotações em seu livro, olhando para cima a todo instante, a fim de ler as letras angulares na parede.

Rand se apressou em sair. Mesmo que não fossem Aes Sedai, ele não gostaria de

permanecer no mesmo aposento que alguém que considerava palavras Trolloc escritas com sangue humano algo “interessante”.

Ingтар e seus homens seguiram em frente, concentrados em suas tarefas. Rand ficou por ali, sem saber para onde ir. Voltar para a ala das mulheres não seria fácil sem a ajuda de Egwene. *Luz, que ela esteja bem! Moiraine disse que ela ficaria bem.*

Lan o encontrou antes que subisse as primeiras escadarias.

— Pode voltar ao seu quarto se quiser, pastor. Moiraine mandou buscar suas coisas no quarto de Egwene e levar para o seu.

— Como ela sabia...?

— Moiraine sabe de muitas coisas, pastor. Você já devia ter se acostumado. É melhor tomar cuidado, as mulheres estão todas falando sobre você disparando pelos corredores, brandindo uma espada. Chegou a encarar a Amyrlin, elas dizem.

— Luz! Lamento que elas estejam zangadas, Lan, mas eu *fui* convidado a entrar. E quando ouvi o alarme... que me queime, Egwene estava aqui embaixo!

Lan comprimiu os lábios, pensativo. Aquela era a única expressão no rosto dele.

— Ah, elas não estão exatamente zangadas, embora a maioria ache que você precisa de uma mão forte para colocá-lo em seu lugar. Fascinadas seria uma palavra mais adequada. Até mesmo Lady Amalisa não para de fazer perguntas a seu respeito. Algumas estão começando a acreditar que você é um príncipe disfarçado, pastor. Não é uma coisa ruim. Há um velho ditado aqui nas Terras de Fronteira: “Melhor uma mulher ao seu lado do que dez homens.” Do jeito que estão falando, parecem tentar decidir quem tem uma filha forte o bastante para domar você. Se não tomar cuidado, pastor, vai acabar se casando em uma Casa de Shienar sem nem perceber. — Ele explodiu em gargalhadas. Era estranho, parecia uma rocha gargalhando. — Disparando pelos corredores dos apartamentos das mulheres no meio da noite, vestindo um colete de trabalhador e brandindo uma espada. Se elas não o mandarem para o açoite, no mínimo falarão de você por anos. Elas nunca viram um homem tão estranho. Independente de qual esposa escolherem, ela provavelmente fará de você o chefe de sua Casa em dez anos e ainda o faria pensar que a ideia foi sua. Que pena que precisa ir embora!

Rand estivera olhando boquiaberto para o Guardião, mas acabou soltando um grunhido.

— Eu tentei. Os portões estavam sendo vigiados e ninguém podia partir. Eu tentei enquanto ainda era dia, mas não consegui nem tirar o Vermelho do estábulo.

— Agora não importa. Moiraine me pediu para lhe contar. Você pode partir a hora que quiser. Até mesmo agora. Moiraine pediu a Agelmar para que a ordem não se aplicasse a você.

— Por que agora, e não antes? Por que eu não podia sair antes? Foi ela quem mandou barrar os portões, então? Ingтар disse que não estava sabendo de nenhuma ordem de antes de hoje à noite sobre ninguém poder sair.

Rand achou que o Guardião pareceu preocupado, mas tudo o que disse foi:

— Quando alguém lhe dá um cavalo, pastor, não reclame que ele não é tão rápido quanto gostaria.

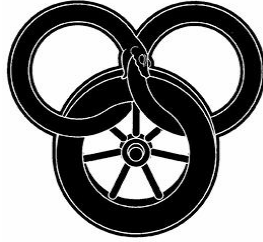
— E Egwene? E Mat? Eles estão mesmo bem? Não posso ir embora até saber se eles estão bem.

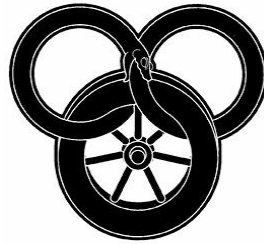
— A garota está bem. Ela vai acordar pela manhã e provavelmente nem vai se lembrar do

que aconteceu. Pancadas na cabeça fazem isso.

— E quanto a Mat?

— A escolha é sua, pastor. Você pode partir agora ou amanhã, ou mesmo na semana que vem. A escolha é sua. — Ele se afastou, deixando Rand parado em pé no corredor, nos subterrâneos da fortaleza de Fal Dara.





Sangue Chama Sangue

Quando a liteira que levava Mat deixou os aposentos do Trono de Amyrlin, Moiraine pegou o *angreal*, uma pequena escultura envelhecida de marfim representando uma mulher envolta em mantos esvoaçantes, e o embrulhou com muito cuidado em um quadrado de seda, para então guardá-lo de volta na bolsa. Trabalhar com outras Aes Sedai, reunir suas habilidades e canalizar o fluxo do Poder Único para uma tarefa era algo muito exaustivo mesmo nas melhores condições, ainda que com a ajuda de um *angreal*. E fazê-lo durante a noite, sem dormir, não era das melhores condições. Além disso, o trabalho com o garoto não havia sido fácil.

Leane orientou os homens que carregavam a liteira com alguns gestos ríspidos e poucas palavras duras. Os dois abaixavam a cabeça a todo instante, nervosos por estarem na presença de tantas Aes Sedai ao mesmo tempo, uma delas a própria Amyrlin. Ainda por cima, Aes Sedai que tinham acabado de usar o Poder. Eles haviam aguardado no corredor, agachados junto à parede enquanto as mulheres trabalhavam, e agora estavam ansiosos para sair da ala das mulheres. Mat jazia de olhos fechados, com o rosto pálido, mas seu peito subia e descia no ritmo regular de um sono profundo.

Como isso afetará a situação?, perguntou-se Moiraine. *Ele não é mais necessário, agora que a Trombeta foi levada, mas ainda assim...*

A porta se fechou atrás de Leane e dos homens com a liteira, e a Amyrlin respirou fundo, ligeiramente trêmula.

— Que coisa horrível! Horrível! — Sua expressão estava tranquila, mas ela esfregou as mãos como se quisesse lavá-las.

— Mas muito interessante — comentou Verin. Ela era a quarta Aes Sedai que a Amyrlin escolhera para ajudá-las. — É uma pena que não tivéssemos a adaga, para realizar uma Cura completa. Apesar de tudo o que fizemos esta noite, ele não viverá muito tempo. Restam-lhe alguns meses, talvez, na melhor das hipóteses.

As três Aes Sedai estavam sozinhas nos aposentos da Amyrlin. Por trás das seteiras, a aurora cobria o céu com uma camada perolada.

— Mas pelo menos agora ele terá esses meses — respondeu Moiraine, de forma brusca. — E, se recuperarmos a adaga, o vínculo ainda pode ser quebrado. *Se conseguirmos recuperá-*

la. Sim, é claro.

— Ainda pode ser quebrado — concordou Verin. Era uma mulher rechonchuda, de rosto quadrado e, mesmo com o dom das Aes Sedai de aparentar uma idade indefinida, uns poucos fios grisalhos se espalhavam por seus cabelos castanhos. Era o único sinal de envelhecimento, mas, em uma Aes Sedai, indicava que era de fato muito velha. Sua voz se mantinha firme, em harmonia com o rosto sem rugas. — Entretanto, não podemos esquecer que ele está ligado à adaga há bastante tempo. E ficará ainda mais tempo, seja ela encontrada ou não. Pode ser que ele já esteja além do alcance da Cura total, mesmo que não o suficiente para contaminar outros. É tão pequena aquela adaga — comentou —, mas é capaz de corromper quem a carregar por tempo o bastante. E quem carregá-la, por sua vez, corromperá aqueles com quem entrar em contato, que vão corromper outros, e o ódio e a desconfiança que destruíram Shadar Logoth correrão pelo mundo outra vez, fazendo com que a mão de cada homem e de cada mulher se volte contra os outros. Eu me pergunto quantas pessoas ela pode macular em, digamos, um ano. Deve ser possível fazer um cálculo aproximado.

Moiraine lançou um olhar seco à irmã Marrom. *Mais um perigo se apresenta, e ela fala como se fosse um enigma de um livro. Luz, as Marrons realmente não prestam atenção ao restante do mundo.*

— Então precisamos encontrar a adaga, Irmã. Agelmar enviará homens para perseguir os que pegaram a Trombeta e mataram seus sacramentados, que são os mesmos que pegaram a adaga. Se a Trombeta for encontrada, a adaga também será.

Verin assentiu, mas franziu a testa ao mesmo tempo.

— Mas, mesmo que seja encontrada, quem poderá devolvê-la em segurança? Quem a tocar corre o risco de se macular, se ficar com ela por muito tempo. Talvez em um baú, bem embrulhada e almofadada... só que, ainda assim, ela seria perigosa para quem ficar perto por tempo demais. Sem a própria adaga para estudar, não podemos ter certeza de quantas barreiras de proteção ela precisa. Mas você a viu. E mais, Moiraine: você lidou com ela, fez o suficiente para aquele jovem sobreviver carregando-a sem infectar outros. Você deve ter uma boa ideia da força dessa influência.

— Há alguém — disse Moiraine — que pode recuperar a adaga sem ser ferido. Alguém a quem já protegemos e isolamos do efeito da mácula o máximo possível: Mat Cauthon.

A Amyrlin assentiu.

— Sim, é claro. Pode ser ele. Se viver o bastante. Só a Luz sabe até onde ela será levada antes que os homens de Agelmar a encontrem. Se a encontrarem. E se o rapaz morrer antes... Bem, se a adaga ficar à solta por tanto tempo, teremos outra preocupação. — Ela esfregou os olhos, cansada. — Acho que também precisamos encontrar esse tal de Padan Fain. Por que esse Amigo das Trevas é tão importante para se arriscarem daquele jeito a fim de resgatá-lo? Teria sido muito mais fácil apenas roubar a Trombeta. Entrar na fortaleza como fizeram seria, de qualquer forma, tão arriscado quanto um temporal de inverno no Mar das Tempestades, mas eles se arriscaram ainda mais para libertar o Amigo das Trevas. Se os Espreitadores o consideram tão importante... — Ela hesitou, e Moiraine sabia que a mulher estava se perguntando se ainda era apenas o Myrddraal que dava as ordens. — Então também devemos considerá-lo.

— Ele precisa ser encontrado — concordou Moiraine, torcendo para que a urgência que

sentia não transparecesse —, mas é provável que seja encontrado junto com a Trombeta.

— Se é o que diz, Filha. — A Amyrlin levou a mão à boca para conter um bocejo. — Agora, Verin, se você me der licença, trocarei algumas palavras com Moiraine e depois dormirei um pouco. Imagino que Agelmar insistirá em oferecer um banquete esta noite, já que o de ontem foi arruinado. Sua ajuda foi valiosa, Filha. Por favor, lembre-se de não comentar sobre a natureza do ferimento do rapaz com ninguém. Algumas de suas irmãs veriam a Sombra nele, em vez de algo feito pelos homens.

Não havia necessidade de citar a Ajah Vermelha. E talvez, pensou Moiraine, as Vermelhas não fossem mais as únicas de quem era preciso desconfiar.

— É claro que não direi nada, Mãe. — Verin fez uma mesura, mas não se moveu na direção da porta. — Imaginei que a senhora pudesse querer ver isto, Mãe. — Ela tirou do cinturão um pequeno caderno de anotações com a capa marrom de couro macio. — É o que estava escrito nas paredes do calabouço. Não tivemos muita dificuldade de traduzir. A maioria dizia as coisas de sempre: blasfêmias e afirmações arrogantes. Parece que os Trollocs não sabem dizer muito mais que isso. No entanto, havia uma parte em uma caligrafia melhor, de um Amigo das Trevas culto ou talvez de um Myrddraal. Podia ser apenas provocação, mas tem forma de poesia, ou canção, e soa como uma profecia. Pouco sabemos sobre as profecias da Sombra, Mãe.

A Amyrlin hesitou por um instante, antes de assentir. Profecias da Sombra, profecias das trevas que tinham o costume infeliz de se cumprirem com a mesma frequência que as da Luz.

— Leia para mim.

Verin folheou as páginas, então pigarreou e começou a ler calmamente:

*“A filha da Noite volta a caminhar.
A guerra é antiga, e ela ainda luta.
Procura um novo amante, que a servirá e morrerá,
mas continuará a servi-la.
Quem resistirá à sua vinda?
As Muralhas Reluzentes se ajoelharão.
Sangue alimenta sangue.
Sangue chama sangue.
Sangue é, sangue foi e sangue sempre será.*

*O que canaliza está só.
E oferece os amigos em sacrifício.
Duas estradas se estendem à sua frente: uma leva à morte além da morte,
outra, à vida eterna.
Qual escolherá? Qual escolherá?
Que mão protegerá? Que mão matará?
Sangue alimenta sangue.
Sangue chama sangue.
Sangue é, sangue foi e sangue sempre será.*

*Luc chegou às Montanhas de Dhoom.
Isam aguardou nas passagens altas.
A caçada começou. Os cães da Sombra agora
caçam e matam.
Um viveu e outro morreu, mas ambos são.
O Tempo de Mudança chegou.
Sangue alimenta sangue.
Sangue chama sangue.
Sangue é, e sangue foi, e sangue sempre será.*

*Os Vigias aguardam na Ponta de Toman.
A semente do Martelo queima a árvore antiga.
A morte plantará, e o verão queimará antes que venha
o Grande Senhor.
A morte colherá, e corpos cairão antes que venha
o Grande Senhor.
Outra vez a semente mata o mal ancestral antes que venha
o Grande Senhor.
O Grande Senhor está vindo.
O Grande Senhor está vindo.
Sangue alimenta sangue.
Sangue chama sangue.
Sangue é, e sangue foi, e sangue sempre será.
O Grande Senhor está vindo.”*

Houve um longo silêncio depois que ela terminou.

Por fim, a Amyrlin disse:

— Quem mais viu isso, Filha? Quem sabe disso?

— Apenas Serafelle, Mãe. Assim que copiamos, mandei os homens limparem as paredes. Eles não questionaram, pois estavam ansiosos para se ver livres daquilo.

A Amyrlin assentiu.

— Ótimo. Muita gente nas Terras da Fronteira sabe decifrar a escrita Trolloc. Não há necessidade de lhes dar mais preocupações. Eles já têm o suficiente.

— O que você entendeu? — perguntou Moiraine, dirigindo-se a Verin com cuidado. — Acha que é uma profecia?

Verin inclinou a cabeça, olhando pensativa para suas anotações.

— É possível. Segue o estilo de algumas das poucas profecias da Sombra que conhecemos. E alguns trechos são bastante óbvios, mas podem ser apenas provocações. — Ela apontou para uma das linhas. — “A Filha da Noite volta a caminhar” pode significar que Lanfear está à solta outra vez. Ou que alguém quer que pensemos isso.

— Isso seria preocupante, Filha — disse o Trono de Amyrlin —, se fosse verdade. Mas os Abandonados ainda estão presos. — Ela olhou de relance para Moiraine, parecendo

perturbada por um instante, antes de controlar sua expressão. — Mesmo que os selos *estejam* enfraquecendo, os Abandonados ainda estão presos.

Lanfear. Na Língua Antiga, Filha da Noite. Seu nome verdadeiro não estava registrado em lugar algum, mas aquele era o nome que ela escolhera para si, diferentemente da maioria dos Abandonados, que haviam sido nomeados por aqueles a quem traíram. Alguns diziam que ela fora, depois de Ishamael, chamada de Traidora da Esperança, a mais poderosa dos Abandonados, mas mantivera seus poderes em segredo. Não restavam registros suficientes daquele tempo para qualquer estudioso afirmar com certeza.

— Com todos os falsos Dragões aparecendo, não surpreenderia que alguém tentasse trazer Lanfear também. — A voz de Moiraine soava tão imperturbável quanto o rosto, mas ela estava agitada por dentro. Só havia uma certeza sobre Lanfear, além do nome: antes de passar para a Sombra, antes de Lews Therin Telamon conhecer Ilyena, Lanfear fora sua amante. *Uma complicação de que não precisávamos.*

O Trono de Amyrlin franziu a testa, como se tivesse pensado o mesmo, mas Verin assentiu, como se fossem apenas palavras.

— Outros nomes também estão claros, Mãe. O Lorde Luc, é claro, era irmão de Tigraine, a então Filha-herdeira de Andor. Ele desapareceu na Praga. Entretanto, não sei quem é Isam ou qual é sua relação com Luc.

— Com o tempo, descobriremos tudo o que precisamos saber — disse Moiraine, suavemente. — Ainda não há provas de que se trata realmente de uma profecia. — Ela conhecia o nome. Isam fora filho de Breyan, esposa de Lain Mandragoran, cuja tentativa de tomar o trono de Malkier para o marido levava as hordas de Trollocs a invadirem a cidade. Breyan e seu filho, ainda bebê, desapareceram quando os Trollocs tomaram Malkier. Isam era parente de Lan. *Ou ainda é? Preciso esconder isso dele até saber como vai reagir. Até estarmos longe da Praga. Se ele pensar que Isam está vivo...*

— “Os Vígias aguardam na Ponta de Toman” — continuou Verin. — Alguns poucos ainda se agarram à antiga crença de que os exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para atravessar o Oceano de Aryth voltarão um dia, mas depois de todo esse tempo... — Ela fungou com desdém. — Os Do Miere A’vron, os Vígias das Ondas, ainda têm uma... comunidade é a melhor palavra, suponho... na Ponta de Toman, em Falme. E um dos antigos nomes de Artur Asa-de-gavião era Martelo da Luz.

— Você está sugerindo, Filha — começou o Trono de Amyrlin —, que os exércitos de Artur Asa-de-gavião, ou melhor, seus descendentes, poderiam realmente voltar, depois de mil anos?

— Há rumores de guerra na Planície de Almoth e na Ponta de Toman — falou Moiraine, devagar. — E Asa-de-gavião enviou dois de seus filhos junto com os exércitos. Se eles sobreviveram nas terras que porventura encontraram, pode ser que haja muitos descendentes de Asa-de-gavião. Ou nenhum.

A Amyrlin lançou um olhar cauteloso para Moiraine, obviamente desejando que estivessem a sós, para que pudesse exigir que a amiga contasse o que estava tramando. Moiraine fez um gesto apaziguador, e sua velha amiga fez uma careta.

Verin, com o nariz ainda enfiado nas anotações, não reparou em nada do que se passava.

— Não sei, Mãe. Mas duvido. Nada sabemos a respeito das terras que Artur Asa-de-gavião partiu para conquistar. É uma pena que o Povo do Mar se recuse a atravessar o Oceano de

Aryth. Dizem que as Ilhas dos Mortos ficam do outro lado. Gostaria de saber o que isso quer dizer, mas esse maldito silêncio do Povo do Mar... — Ela suspirou, ainda de cabeça baixa. — Tudo o que temos é uma referência a “terras sob a Sombra, além do sol poente e do Oceano de Aryth, onde os Exércitos da Noite reinam”. Não há nada que nos diga se os exércitos enviados por Asa-de-gavião foram suficientes para derrotar esses “Exércitos da Noite” sozinhos, ou se ao menos sobreviveram à morte de Asa-de-gavião. Assim que a Guerra dos Cem Anos começou, todos estavam tão decididos a conquistar sua parte do império que nem pensaram nos exércitos de além-mar. Me parece, Mãe, que, se esses descendentes ainda estivessem vivos e pretendessem voltar algum dia, não esperariam tanto.

— Então você acredita que não seja uma profecia, Filha?

— Agora, “a árvore ancestral” — continuou Verin, imersa em seus pensamentos. — Sempre houve rumores, nada mais, de que, enquanto a nação de Almoth ainda vivia, lá se cultivava um ramo de *Avendesora*, talvez até um broto. E o estandarte de Almoth era “azul como o céu acima, preto como a terra abaixo e com a Árvore da Vida para uni-las”. Bem, os tarabonianos se autodenominam “a Árvore do Homem”, e afirmam descender de governantes e nobres da Era das Lendas. E os domaneses afirmam descender daqueles que criaram a Árvore da Vida, na Era das Lendas. Existem outras possibilidades, mas a senhora pode ver, Mãe, que pelo menos três giram em torno da Planície de Almoth e da Ponta de Toman.

A voz da Amyrlin se tornou falsamente gentil.

— Você quer se decidir, Filha? Se a semente de Artur Asa-de-gavião *não* está voltando, então isso não é uma profecia e não vale uma cabeça de peixe podre saber a que árvore ancestral ela se refere.

— Eu só posso lhe dizer o que sei, Mãe — respondeu Verin, tirando os olhos de suas anotações — e deixar a decisão em suas mãos. Acredito que o último dos exércitos estrangeiros de Artur Asa-de-gavião se extinguiu há muito tempo, mas só porque acredito nisso não significa que seja verdade. O Tempo da Mudança, naturalmente, se refere ao fim de uma Era, e o Grande Senhor...

A Amyrlin deu um tapa no tampo da mesa, que soou como um trovão.

— Eu sei muito bem quem é o Grande Senhor, Filha. Acho melhor você ir agora. — Ela respirou fundo, e o esforço que fez para se conter foi visível. — Vá logo, Verin. Não quero me zangar com você. Não quero destratar quem mandava as cozinheiras me deixarem bolinhos à noite quando eu era noviça.

— Mãe — disse Moiraine —, não há nada no texto que indique uma profecia. Qualquer um com um mínimo de inteligência e de conhecimento pode entender isso, e nunca disseram que os Myrddraal não podem ser ardilosos.

— E, naturalmente — continuou Verin, com calma —, o homem que canaliza deve ser um dos três jovens que viajam com você, Moiraine.

Moiraine a encarou, chocada. *Não prestam atenção no restante do mundo? Eu sou uma idiota.* Antes de se dar conta do que fazia, tocou o brilho pulsante que sempre sentia ali, à sua espera: a Fonte Verdadeira. O Poder Único correu por suas veias, energizando-a, abafando o brilho do Poder do Trono de Amyrlin, que fazia o mesmo. Moiraine nunca sequer pensara em usar o Poder contra outra Aes Sedai. *Vivemos tempos perigosos, e o mundo pende em um*

equilíbrio frágil. O que tem de ser feito tem de ser feito. Precisa ser. Ah, Verin, por que você tinha que meter o nariz onde não devia?

Verin fechou seu caderno de anotações e o guardou de volta na parte de trás de seu cinturão, depois olhou de uma mulher para outra. Ela não poderia deixar de notar o brilho que cercava as duas, a luz que surgia quando uma Aes Sedai tocava a Fonte Verdadeira. Apenas alguém treinado em canalizar podia ver aquele brilho, e não havia chance de uma Aes Sedai deixar de percebê-lo em outra mulher.

Um vestígio de satisfação passou pelo rosto de Verin, mas ela não pareceu perceber que havia provocado um raio. Apenas parecia ter conseguido encaixar outra peça de um quebra-cabeças.

— Sim, pensei que devia ser o caso. Moiraine não poderia fazer isso sozinha, e quem melhor para ajudá-la do que a amiga de infância que costumava roubar bolinhos com ela? — Ela piscou. — Perdoe-me, Mãe. Eu não devia ter dito isso.

— Verin, Verin. — A Amyrlin balançou a cabeça, intrigada. — Você acusa sua irmã... e a mim?... de... Não vou nem dizer. E está preocupada por ter falado com o Trono de Amyrlin sem a cerimônia necessária? Você fez um buraco no barco e se preocupa se está chovendo. Pense no que está sugerindo, Filha.

É muito tarde para isso, Siuan, pensou Moiraine. Se não tivéssemos entrado em pânico e tocado a Fonte, talvez... Mas agora ela tem certeza.

— Por que está nos dizendo isso, Verin? — perguntou em voz alta. — Se acredita no que diz, deveria contar às outras irmãs. Para as Vermelhas, em particular.

Verin arregalou os olhos, surpresa.

— Sim. Sim, suponho que deveria. Não tinha pensado nisso. Mas aí, se eu o fizesse, você seria estancada, Moiraine, e você também, Mãe. E o homem seria amansado. Ninguém jamais registrou a progressão de um homem que canaliza o Poder. Quando começa a loucura, exatamente, e como toma conta dele? Com que velocidade se espalha? Será que ele conseguiria continuar a canalizar com o corpo apodrecendo? Por quanto tempo? A não ser que seja amansado, o que acontecerá ao rapaz, quem quer que seja, acontecerá independente de minha presença para descobrir as respostas. Se ele for observado e orientado, devemos ser capazes de manter algum registro com uma segurança razoável, pelo menos por algum tempo. E também há *O Ciclo de Karaethon*. — Ela retribuiu o olhar assustado das outras com muita calma. — Suponho, Mãe, que ele seja *mesmo* o Dragão Renascido! Não posso crer que a senhora faria isso, que deixaria livre um homem capaz de canalizar, a não ser que ele fosse o Dragão.

Ela só se importa com o conhecimento, pensou Moiraine, pasma. A profecia mais terrível que existe está se cumprindo, trazendo, talvez, o fim do mundo, e ela só pensa no conhecimento. Mas isso também a torna perigosa.

— Quem mais sabe? — A voz da Amyrlin soava fraca, mas ainda clara. — Serafelle, eu suponho. Quem mais, Verin?

— Ninguém, Mãe. Serafelle não está realmente interessada em algo que já não esteja em um livro, o mais antigo possível, de preferência. Ela acha que há dez vezes mais livros antigos, manuscritos e fragmentos espalhados, perdidos ou esquecidos do que já coletamos em Tar Valon. Ela tem certeza de que existe conhecimento antigo a ser encontrado suficiente para...

— Chega, Irmã — interrompeu Moiraine. Ela deixou de se agarrar à Fonte Verdadeira e, depois de um instante, sentiu a Amyrlin fazer o mesmo. Sentir o Poder escapando como sangue e vida se derramando de uma ferida aberta sempre trazia uma sensação de perda. Parte dela queria continuar a tocá-lo, mas, ao contrário de algumas irmãs, Moiraine achava crucial se obrigar a não gostar demais dessa sensação. — Sente-se, Verin, e conte-nos o que sabe e como descobriu. Não deixe nada de fora.

Quando Verin pegou uma cadeira, olhando para a Amyrlin a fim de pedir permissão para se sentar em sua presença, Moiraine a observou com tristeza.

— É improvável — começou Verin — que qualquer um que não tenha estudado cuidadosamente os registros antigos pudesse notar algo. No máximo, notaria que a senhora estava se comportando de modo um pouco estranho. Perdoe-me, Mãe. Foi há quase vinte anos, com o cerco a Tar Valon, que tive a primeira pista, e isso foi apenas...

Luz me ajude, Verin, como eu a amei por aqueles bolinhos e por seu colo para chorar. Mas farei o que devo fazer. Eu farei. Eu tenho que fazer.

* * *

Perrin olhou para as costas da Aes Sedai que se afastava, dobrando em um corredor. Ela cheirava a sabonete de lavanda, embora a maioria das pessoas não fosse capaz de sentir aquele aroma nem mesmo de muito perto. Assim que ela sumiu de vista, ele correu para a porta da enfermaria. Já tentara visitar Mat uma vez, e aquela Aes Sedai, que ouvira alguém chamar de Leane, quase arrancara sua cabeça sem sequer olhar ao redor para ver quem era. O rapaz se sentia desconfortável perto das Aes Sedai, ainda mais quando elas reparavam em seus olhos.

Parou na entrada para escutar e, como não pôde ouvir passos vindos de qualquer lado do corredor ou lá dentro, entrou e fechou a porta com delicadeza ao passar.

A enfermaria era um quarto comprido de paredes brancas, e as entradas para as seteiras de cada lado deixavam entrar muita luz. Mat estava em uma das camas estreitas junto à parede. Depois da noite anterior, Perrin esperava que a maioria dos leitos estivesse ocupada, mas então lembrou-se de que havia várias Aes Sedai na fortaleza. A única coisa que uma Aes Sedai não podia tratar com a Cura era a morte. Mas, a sala ainda assim cheirava a doença para ele.

Perrin fez uma careta quando pensou naquilo. Mat jazia inerte, com os olhos fechados e as mãos imóveis sobre as cobertas. Parecia exausto. Não estava de fato doente, era mais como se tivesse trabalhado três dias nos campos e só agora tivesse se deitado para repousar. Mesmo assim, o menino tinha cheiro... de algo errado. Não era algo que Perrin conseguisse identificar, apenas parecia errado.

Perrin sentou-se com cuidado na cama ao lado da de Mat. Ele sempre fazia as coisas com cuidado. Era maior que a maioria das pessoas e sempre fora maior do que os outros rapazes, desde que se lembrava. Era preciso tomar cuidado para não ferir alguém por acidente ou quebrar algo. Agir assim agora era natural para ele. Também gostava de pensar nas coisas com calma e, às vezes, conversar sobre elas com alguém. *Com Rand achando que é um lorde,*

não posso falar com ele. É claro que Mat não tem muito a dizer.

Ele entrara em um dos jardins na noite anterior, para pensar com calma. Lembrar disso ainda o deixava um pouco envergonhado. Se não houvesse ido, estaria em seu quarto e poderia ter ido com Egwene e Mat, talvez até impedindo que eles se ferissem. Porém o mais provável, Perrin sabia, é que ele também acabaria em um daqueles leitos, como Mat, ou morto. Mas isso não mudava o modo como se sentia. Ainda assim, ele fora ao jardim, e o que o preocupava agora não tinha nada a ver com o ataque dos Trollocs.

Algumas serviçais o haviam encontrado sentado no escuro, junto com uma das acompanhantes da Lady Amalisa, a Lady Timora. Assim que o viu, Timora virou para uma das outras e disse: “Encontre Liandrin Sedai! Rápido!”

Elas haviam ficado ali paradas, vigiando-o, como se pensassem que ele poderia desaparecer em uma nuvem de fumaça, como um menestrel. Foi então que o primeiro sinal de alarme soou, e todos na fortaleza começaram a correr.

— Liandrin — murmurou, interrompendo as memórias. — Uma Ajah Vermelha. Elas caçam homens capazes de canalizar, acima de tudo. Você não acha que ela acredita que eu sou um desses, acha? — Mat não respondeu, claro. Perrin esfregou o nariz, pesaroso. — Agora estou falando sozinho. Só faltava essa!

As pálpebras de Mat tremeram.

— Quem...? Perrin? O que aconteceu? — Seus olhos não se abriram por completo, e sua voz soava como se ele ainda estivesse meio adormecido.

— Você não se lembra, Mat?

— Do quê? — Mat, sonolento, levou uma das mãos ao rosto, depois deixou-a cair outra vez, com um suspiro. Seus olhos voltaram a se fechar. — Lembro que Egwene. Me pediu... descer... ver Fain. — Ele riu, e o riso se transformou em um bocejo. — Ela não pediu. Mandou... Não sei o que aconteceu depois... — Ele umedeceu os lábios e voltou a respirar no ritmo profundo e constante do sono.

Perrin se levantou de um salto quando seus ouvidos captaram o som de passos se aproximando, mas não havia para onde ir. Ainda estava de pé ao lado do leito de Mat quando a porta se abriu e Leane entrou. Ela parou, pôs os punhos cerrados nos quadris e o olhou de alto a baixo. Era quase tão alta quanto ele.

— Ora — começou ela, com a voz baixa, porém veemente —, você é quase bonito o bastante para me fazer desejar ser uma Verde. Quase. Mas se incomodou meu paciente... Bem, antes de ir para Torre, eu lidava com meus irmãos, que eram quase tão grandes quanto você, então não pense que esses ombros aí vão lhe servir de alguma coisa.

Perrin pigarreou. Não entendia o que as mulheres queriam dizer metade das vezes que falavam. *Você não é como Rand, ele sempre sabe falar com garotas.* Percebeu que franzia a testa e parou. Não queria pensar em Rand, mas preferia não aborrecer uma Aes Sedai, muito menos uma que já estava batendo o pé, impaciente.

— Ah... Eu não o incomodei. Ele ainda está dormindo, vê?

— Está mesmo. Que bom para você! Agora, o que está fazendo aqui? Lembro-me de ter posto você para fora uma vez. Nem pense que eu não lembro.

— Eu só queria saber como ele está.

Ela hesitou.

— Ele está dormindo, é assim que está. Ele vai sair dessa cama em algumas horas, e você vai achar que nunca houve nada de errado com ele.

A hesitação fez os pelos dele se eriçarem. Sabia que havia alguma mentira ali. Aes Sedai nunca mentiam, mas nem sempre diziam a verdade. Ele não sabia ao certo o que estava acontecendo, com Liandrin o procurando e Leane mentindo para ele, mas achou que estava na hora de sair de perto das Aes Sedai.

— Obrigado — agradeceu. — É melhor eu deixá-lo dormir, então. Com licença.

Ele tentou contornar a mulher para passar pela porta, mas as mãos dela se moveram depressa e agarraram seu rosto, inclinando-o para que ela pudesse olhá-lo bem nos olhos. Sentiu como se algo o atravessasse, uma ondulação quente que começou no topo de sua cabeça e foi até seus pés, para depois voltar. Ele tirou o rosto das mãos dela.

— Você está tão saudável quanto um filhote de animal selvagem — disse, comprimindo os lábios. — Mas, se nasceu com esses olhos, eu sou um Manto-branco.

— São os únicos olhos que já tive — grunhiu Perrin. Sentiu-se um pouco atordoado por falar com uma Aes Sedai naquele tom, mas ficou tão surpreso quanto ela quando a levantou pelos braços gentilmente e a colocou de lado, tirando-a de seu caminho. Ao se encararem, ele se perguntou se seus olhos estavam tão arregalados de choque quanto os dela. — Com licença — repetiu, e saiu quase correndo.

* * *

Meus olhos. Meus olhos amaldiçoados pela Luz! O sol da manhã bateu em seus olhos, que reluziram como ouro polido.

Rand se revirou na cama, tentando encontrar uma posição confortável no colchão fino. A luz do sol entrava por entre as seteiras, derramando-se pelas paredes de pedra nua. Ele não dormira boa parte da noite e, por mais cansado que estivesse, tinha certeza de que não conseguiria dormir agora. O colete de couro jazia no chão entre sua cama e a parede, mas, fora isso, estava completamente vestido, inclusive com as botas novas. Sua espada estava apoiada na lateral da cama, e o arco e a aljava descansavam em um canto, sobre os mantos embolados.

Não conseguia se livrar da sensação de que devia aproveitar a chance que Moiraine lhe dera e partir imediatamente. O impulso o acompanhara a noite inteira. Ele se levantou para ir embora três vezes, e em duas delas chegou até a abrir a porta. Os corredores estavam vazios, a não ser por alguns poucos serviçais que cuidavam de seus afazeres noturnos. O caminho estava livre, mas ele precisava saber.

Perrin entrou, de cabeça abaixada e bocejando, e Rand se sentou.

— Como está Egwene? E Mat?

— Ela está dormindo, segundo me disseram. Não me deixaram entrar na ala das mulheres para visitá-la. Mat está... — De repente, Perrin olhou irritado para o chão. — Se está tão interessado, por que não foi vê-lo? Pensei que não estivesse mais interessado em nós. Você disse que não estava. — Ele abriu a porta de seu armário e começou a procurar por uma camisa limpa.

— Eu fui à enfermaria, Perrin. Havia uma Aes Sedai lá, aquela alta que está sempre com o Trono de Amyrlin. Ela disse que Mat estava dormindo e que eu estava no caminho e devia voltar outra hora. Ela lembrava o Mestre Thane dando ordens aos homens no moinho. Você sabe como o Mestre Thane é, ríspido e cheio de ordens tipo “é melhor me obedecer, e é melhor me obedecer agora mesmo”.

Perrin não respondeu, apenas tirou o casaco e a camisa.

Rand estudou as costas do amigo por um momento, então soltou uma gargalhada.

— Você quer ouvir uma coisa? Sabe o que ela me falou? A Aes Sedai da enfermaria. Você viu como ela é alta, tão alta quanto a maioria dos homens. Se fosse um pouco mais alta, quase poderia me olhar nos olhos. Bem, ela olhou para mim de cima a baixo e resmungou: “Alto você, não? Onde estava quando eu tinha dezesseis anos? Ou trinta?” Então riu, como se fosse uma piada. O que você acha disso?

Perrin terminou de vestir uma camisa limpa e lançou a Rand um olhar de soslaio. Com os ombros largos e os cachos grossos, ele lembrava um urso ferido. Um urso que não entendia por que o haviam ferido.

— Perrin, eu...

— Se quiser fazer gracinhas com as Aes Sedai — interrompeu Perrin —, é problema seu, milorde. — Ele começou a enfiar as fraldas da camisa para dentro das calças. — Eu não passo muito tempo sendo... espirituoso, é essa a palavra? Espirituoso com as Aes Sedai. Mas também sou apenas um ferreiro desajeitado que se mete no caminho dos outros. Milorde. — Pegando o casaco do chão, ele se dirigiu até a porta.

— Que me queime, Perrin, desculpe! Eu estava com medo e achei que estivesse em apuros. Talvez estivesse, talvez ainda esteja, não sei. Não queria que você e Mat se metessem nisso comigo. Luz, todas as mulheres estavam me procurando ontem à noite. Imagino que isso tenha a ver com os problemas em que estou metido. Pelo menos é o que eu acho. E Liandrin... Ela... — Ele jogou as mãos para o alto, desistindo de discutir. — Perrin, acredite em mim, você não vai querer se meter nisso.

Perrin havia parado, mas continuou encarando a porta e só virou a cabeça o suficiente para que Rand visse um dos olhos dourados.

— Procurando você? Talvez elas estivessem procurando todos nós.

— Não, elas estavam me procurando. Gostaria que não, mas sei que é verdade.

Perrin sacudiu a cabeça.

— Mas Liandrin estava me procurando, eu sei. Eu ouvi.

Rand franziu a testa.

— Por que ela...? Isso não muda nada. Escute, eu falei o que não devia. Não falei sério, Perrin. Agora, por favor, quer me falar como está Mat?

— Ele está dormindo. Leane, a Aes Sedai que você mencionou, disse que ele deve acordar em algumas horas. — Ele deu de ombros, desconfortável. — Acho que estava mentindo. Sei que Aes Sedai nunca mentem, não a ponto de você poder pegá-las na mentira, mas ela estava mentindo. Ou estava escondendo alguma coisa. — Ele hesitou, olhando de soslaio para Rand. — Você não estava falando sério, então? Vamos embora juntos? Eu, você e Mat?

— Não posso, Perrin. Não posso dizer por quê, mas eu realmente preciso ir sozi... Perrin,

espere!

A porta bateu atrás de seu amigo.

Rand se jogou na cama outra vez.

— Não posso dizer — murmurou, e bateu com o punho na lateral da cama. — Não posso. — *Mas agora você pode ir*, disse uma voz, no fundo de sua cabeça. *Egwene vai ficar bem, e Mat vai se levantar em uma ou duas horas. Você pode ir agora, antes que Moiraine mude de ideia.*

Ele estava se sentando quando algumas batidas na porta o fizeram se levantar de um pulo. Se fosse Perrin voltando, não bateria. As batidas recomeçaram.

— Quem é?

Lan entrou, fechando a porta com a bota ao passar. Como de costume, levava a espada sobre um casaco verde simples, que na floresta seria quase invisível. Dessa vez, no entanto, também usava um grande cordão dourado amarrado no alto do braço esquerdo, com pontas que terminavam em franjas pendendo até quase o cotovelo. Um grou dourado em pleno voo, o símbolo de Malkier, estava preso no laço do cordão com um alfinete.

— O Trono de Amyrlin quer vê-lo, pastor. E você não pode ir assim. Tire essa camisa e penteie o cabelo, está parecendo um palheiro. — Ele escancarou as portas do armário e começou a examinar as roupas que Rand deixaria para trás.

Rand ficou parado onde estava, sentindo como se tivesse sido atingido por um martelo na cabeça. De alguma forma, imaginara que aquilo fosse acontecer, mas tinha certeza de que já teria partido antes da convocação. *Ela sabe. Luz, tenho certeza.*

— Como assim, ela quer me ver? Estou indo embora, Lan. Você tinha razão. Eu vou para o estábulo agora mesmo, pegarei meu cavalo e partirei.

— Você devia ter feito isso ontem à noite. — O Guardião jogou uma camisa de seda na cama. — Ninguém recusa uma audiência com o Trono de Amyrlin, pastor. Nem o próprio Senhor Capitão Comandante dos Mantos-brancos. Pedron Niall pode até passar o trajeto inteiro planejando matá-la, se pudesse se safar depois, mas iria. — O homem virou-se com um dos casacos de colarinho alto nas mãos e o levantou. — Este aqui serve. — Longos galhos espinhosos e enroscados subiam por cada manga vermelha, feitos de uma linha grossa e bordada a ouro, contornando cada punho. Garças douradas se destacavam nos colarinhos, cuja borda também era dourada. — A cor também é boa. — Ele parecia estar se divertindo com algo, ou pelo menos satisfeito. — Vamos logo, pastor. Troque essa camisa. Mexa-se.

Com certa relutância, Rand tirou a rústica camisa de lã de trabalhador pela cabeça.

— Vou me sentir um idiota — resmungou. — Uma camisa de seda! Nunca vesti uma camisa de seda na vida. E também nunca usei um casaco tão elegante, nem mesmo em dia de festival. — *Luz, se Perrin me vir assim... Que me queime, depois de toda essa bobagem sobre eu ser um lorde, se ele me encontrar nestas roupas nunca mais vai ouvir a voz da razão.*

— Você não pode se apresentar diante do Trono de Amyrlin vestido como um cavaleiro saído dos estábulos, pastor. Deixe-me ver suas botas. Elas servem. Bem, vamos lá, vamos lá. Não se pode deixar a Amyrlin esperando. Leve a espada.

— Minha espada! — A camisa de seda que Rand não tinha terminado de passar pela cabeça abafou o grito agudo. Ele terminou de vesti-la. — Na ala das mulheres? Lan, se eu for a uma audiência com o Trono de Amyrlin, o Trono de Amyrlin!, usando uma espada, ela...

— Não vai fazer nada — interrompeu Lan, em tom seco. — Se a Amyrlin temer você, não vai ser por causa de uma espada. E é mais inteligente achar que ela não o teme, porque não conheço nada que possa assustar aquela mulher. Agora lembre-se: ajoelhe-se quando chegar diante dela. Em apenas um joelho, preste atenção — acrescentou, ríspido. — Você não é nenhum mercador apanhado com a balança alterada. Talvez seja melhor praticar.

— Acho que sei como fazer. Eu vi os Guardas da Rainha se ajoelharem para a Rainha Morgase.

A sugestão de um sorriso passou pelos lábios do Guardião.

— Sim, imite-os. Isso lhes dará o que pensar.

Rand franziu a testa.

— Por que está me dizendo isso, Lan? Você é um Guardião, mas age como se estivesse do meu lado.

— Eu estou do seu lado, pastor. Um pouco. O suficiente para ajudá-lo um pouquinho. — O rosto do Guardião era como uma pedra, e palavras de compaixão soavam estranhas naquela voz áspera. — Eu lhe dei o pouco treinamento que teve e não admito que fique se arrastando por aí, choramingando. A Roda tece todos nós dentro do Padrão, conforme desejar. Você tem menos liberdade do que a maioria, mas, pela Luz, ainda pode encará-la dignamente. Lembre-se de quem é o Trono de Amyrlin, pastor, e mostre-lhe o devido respeito, mas faça como eu digo e a olhe nos olhos. Bem, não fique aí parado de boca aberta. E ponha a camisa para dentro das calças.

Rand fechou a boca e pôs a camisa para dentro das calças. *Lembrar-me de quem ela é? Que me queime, o que eu não daria para esquecer quem ela é!*

Lan continuou a dar uma série de instruções enquanto Rand vestia o casaco vermelho e afivelava a espada. O que dizer, e a quem, e o que não dizer. O que fazer e o que não fazer. Explicou até mesmo como ele deveria se mover. Rand não tinha certeza de que conseguiria se lembrar de tudo, pois a maioria das instruções soava estranha e fácil de esquecer, e tinha certeza de que o que esquecesse seria exatamente aquilo que deixaria as Aes Sedai irritadas com ele. *Se já não estiverem. Se Moiraine contou ao Trono de Amyrlin, a quem mais pode ter contado?*

— Lan, por que não posso apenas ir embora como planejei? Quando ela souber que não vou, já estarei a uma légua das muralhas.

— Então ela mandará rastreadores atrás de você antes que percorra duas léguas. A Amyrlin sempre consegue o que quer, pastor. — Ele ajustou o cinturão de Rand, para que a fivela pesada ficasse no centro. — Estou fazendo o melhor que posso por você, acredite.

— Mas para que tudo isso? O que isso tudo significa? Por que colocar a mão sobre o peito se o Trono de Amyrlin se levantar? Não que eu queira fazer uma refeição com ela ou coisa do tipo, mas por que recusar qualquer coisa exceto água, que depois terei que derramar um pouco no chão, dizendo “A terra tem sede”? E, se ela perguntar minha idade, por que tenho que dizer há quanto tempo me deram a espada? Não entendi metade do que você falou.

— Três gotas, pastor, e não é para derramar. É *pingar* três gotas, apenas. Você pode entender mais tarde, desde que se lembre agora. Pense nisso como uma forma de manter uma tradição. A Amyrlin lidará com você como deve. Se você acredita que pode evitá-la, então

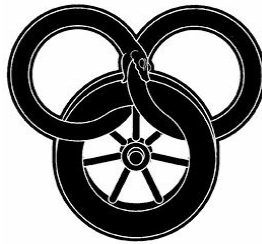
acredita que pode voar até a lua, como Lenn. Você não pode fugir dela, mas talvez possa se defender um pouco, e quem sabe manter sua dignidade, pelo menos. Que a Luz me queime, provavelmente estou perdendo meu tempo, mas não tenho nada melhor para fazer. Fique quieto. — O Guardiã tirou um longo cordão dourado com franjas na ponta do bolso e o amarrou ao redor do braço esquerdo de Rand com um nó complicado. No laço, ele prendeu um alfinete vermelho esmaltado com a figura de uma águia de asas abertas. — Mande fazer isso para dar a você, e agora é tão bom quanto qualquer outro momento. Isso lhes dará o que pensar. — Não havia dúvidas agora: o Guardiã estava sorrindo.

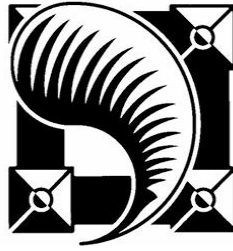
Rand olhou para o alfinete, preocupado. *Caldazar*, a Águia Vermelha de Manetheren.

— Um espinho no pé do Tenebroso — murmurou — e um arbusto cheio de espinhos nas mãos dele. — Ele olhou para o Guardiã. — Manetheren já morreu e foi esquecida há muito tempo, Lan. Agora é apenas um nome em um livro. Restou apenas Dois Rios. Não importa o que mais eu seja, sou um pastor e um fazendeiro. E só.

— Bem, a espada que não podia ser quebrada acabou se estilhaçando no final, pastor, mas combateu a Sombra até o fim. Existe uma regra, mais importante que todas, para ser um homem: enfrente de pé tudo o que vier. Agora, está pronto? O Trono de Amyrlin o espera.

Com um nó gelado no estômago, Rand seguiu o Guardiã pelo corredor.





O Dragão Renascido

Rand caminhou, com as pernas rígidas e muito nervoso, ao lado do Guardião. *Enfrente de pé.* Para Lan, era fácil falar, ele não fora convocado pelo Trono de Amyrlin. Ele não estava se perguntando se seria amansado antes do fim do dia, ou coisa pior. Rand sentia como se tivesse algo preso na garganta, algo que não conseguia engolir, por mais que quisesse.

Os corredores estavam bastante movimentados: serviçais iam e vinham, cumprindo suas tarefas matinais, e guerreiros levavam suas espadas presas sobre os mantos compridos. Alguns meninos com pequenas espadas de treinamento mantinham-se perto dos meninos maiores, imitando a maneira como andavam. Não restava sinal algum da luta do dia anterior, mas permanecia no ar uma sensação de alerta, até mesmo nas crianças. Homens crescidos pareciam gatos à espera de um bando de ratos.

Ingтар lhes lançou um olhar estranho, quase perturbado, e chegou a abrir a boca quando Rand e Lan passaram por ele, mas não falou nada. Kajin, alto, magro e encovado, ergueu os punhos acima da cabeça e gritou:

— *Tai'shar Malkier! Tai'shar Manetheren!* — O verdadeiro sangue de Malkier. O verdadeiro sangue de Manetheren.

Rand deu um pulo. *Luz, por que ele falou isso? Não seja tolo,* disse a si mesmo. *Todos aqui sabem de Manetheren. Eles conhecem cada história antiga que fale sobre lutas. Que me queime, preciso me conter!*

— *Tai'shar Shienar!* — disse Lan, erguendo os punhos em resposta.

Se ele saísse correndo, será que a multidão conseguiria escondê-lo por tempo suficiente para chegar a seu cavalo? *Se ela enviar rastreadores atrás de mim...* A cada passo, ele ficava mais nervoso.

Ao se aproximarem da ala das mulheres, Lan disse de repente, com rispidez:

— Gato Cruza o Pátio!

Pego de surpresa, Rand assumiu instintivamente a postura de caminhada que aprendera, mantendo as costas retas e cada músculo do corpo relaxado, como se pendesse de um fio no topo de sua cabeça. Caminhava como se passeasse, em uma postura tranquila e quase arrogante. Embora estivesse relaxado por fora, é certo que não se sentia dessa forma por dentro. Mas não teve tempo para se perguntar o que fazia, pois os dois já percorriam o último

corredor, lado a lado.

As mulheres na entrada da ala levantaram a cabeça, tranquilas, quando eles se aproximaram. Umavam estavam sentadas atrás de mesas inclinadas, conferindo enormes livros-caixa e, volta e meia, fazendo anotações. Outras tricotavam ou bordavam com agulhas e aros de costura. Damas com vestidos de seda e mulheres de libré mantinham a vigília, juntas. As portas em arco estavam abertas, guardadas apenas pelas mulheres. Não precisavam de mais do que isso. Nenhum shienarano entraria sem ser convidado, mas qualquer um deles estaria pronto para defender aquela porta, se necessário, e ficaria perplexo com a necessidade.

O estômago de Rand se revirou, ardendo, irritado. *Elas verão nossas espadas e nos mandarão embora. Bem, era o que eu queria, não era? Se nos mandarem embora, talvez eu ainda consiga escapar. Isso se não chamarem os guardas.* Ele se agarrou à postura que Lan recomendara como teria se agarrado a um galho flutuante em uma enchente. Concentrar-se em manter a posição era a única coisa que o impedia de dar meia-volta e sair correndo.

Nisura, uma mulher de rosto redondo, que era uma das aias de Lady Amalisa, pôs o bordado de lado e se levantou assim que eles pararam diante das portas. Ela olhou de relance para as espadas e comprimiu os lábios, mas não falou nada. Todas as mulheres pararam o que estavam fazendo para olhá-los com atenção, em silêncio.

— Honrados sejam os dois — disse Nisura, inclinando um pouco a cabeça. Ela olhou de relance para Rand, tão depressa que ele quase não teve certeza do que vira, o que o fez lembrar-se do que Perrin dissera. — O Trono de Amyrlin os aguarda.

A um gesto seu, duas outras mulheres se adiantaram para acompanhá-los. Duas damas, em vez de serviçais. Era uma honra. Elas fizeram uma mesura quase imperceptivelmente mais profunda do que a de Nisura e gesticularam para que os dois passassem pelo arco da entrada. Ambas olharam para Rand de soslaio, mas não voltaram seus olhos para ele.

Elas estavam procurando por todos nós ou apenas por mim? Por que estariam atrás de todos?

Lá dentro, receberam os olhares que Rand esperava que dois homens na ala das mulheres receberiam. Suas espadas provocaram mais de um erguer de sobrelance, mas nenhuma das mulheres protestou em voz alta. Os dois deixavam um rastro de burburinhos por onde passavam; murmúrios baixos e suaves demais para Rand poder entendê-los. Lan caminhava como se sequer reparasse neles, mas o rapaz, que se mantinha um passo atrás das acompanhantes, desejou ser capaz de compreendê-los.

E então chegaram aos aposentos do Trono de Amyrlin, onde três Aes Sedai estavam paradas no corredor, ao lado da porta. A mais alta, Leane, segurava seu cajado de chama dourada. Rand não conhecia as outras duas, uma da Ajah Branca e uma Amarela, de acordo com suas franjas. Mas se lembrava de seus rostos, que o encararam quando passou correndo por aqueles mesmos salões. Eram rostos sem rugas de Aes Sedai, com olhos experientes. Elas o analisaram com as sobrelance arqueadas e os lábios comprimidos. As mulheres que os trouxeram fizeram uma mesura, deixando-os com as Aes Sedai.

Leane analisou Rand de alto a baixo com um pequeno sorriso. Apesar disso, sua voz tinha um tom áspero.

— O que você trouxe para o Trono de Amyrlin hoje, Lan Gaidin? Um jovem leão? É melhor não deixar nenhuma Verde vê-lo, ou uma delas vai vinculá-lo como Guardiã antes que o

rapaz possa falar alguma coisa. Verdes gostam de vinculá-los quando ainda são jovens.

Rand se perguntou se era realmente possível suar por dentro da pele, pois era assim que se sentia. Queria olhar para Lan, mas lembrou-se das instruções do Guardião para aquele momento.

— Eu sou Rand al'Thor, filho de Tam al'Thor, de Dois Rios, que um dia foi Manetheren. Fui convocado pelo Trono de Amyrlin, Leane Sedai, por isso vim. Eis-me aqui. — Ele ficou surpreso por sua voz não ter tremido uma vez sequer.

Leane piscou, e seu sorriso desapareceu, transformando-se em uma expressão pensativa.

— Era para esse menino ser um pastor, Lan Gaidin? Ele não estava assim tão seguro hoje de manhã.

— Ele é um homem, Leane Sedai — respondeu Lan, com firmeza. — Nem mais nem menos. Nós somos o que somos.

A Aes Sedai balançou a cabeça.

— O mundo fica mais estranho a cada dia. Imagino que o ferreiro vai aparecer usando uma coroa e falando em Alto Canto. Espere aqui. — Ela atravessou a porta e entrou no aposento, a fim de anunciá-los.

A mulher só se ausentou por alguns instantes, mas Rand estava consciente dos olhares das Aes Sedai remanescentes, que o deixavam desconfortável. Tentou retribuí-los com a mesma intensidade, como Lan lhe instruíra a fazer. Então, elas se aproximaram umas das outras e começaram a sussurrar. *O que estão dizendo? O que sabem? Luz, será que vão me amansar? Era isso o que Lan queria dizer com “enfrentar o que vier”?*

Leane retornou e fez um gesto para que Rand entrasse. Quando Lan fez menção de segui-lo, ela bloqueou a passagem com o cajado, encostando-o no peito do guardião.

— Você não, Lan Gaidin. Moiraine Sedai tem uma tarefa para você. Seu filhote de leão ficará bem sozinho.

A porta se fechou atrás de Rand, mas ele teve tempo de ouvir a voz, forte e feroz do guardião, dizer apenas para seus ouvidos:

— *Tai'shar Manetheren!*

Moiraine estava sentada em uma ponta do aposento, e uma das Aes Sedai que ele vira no calabouço, na outra, mas foi a mulher na cadeira de espaldar alto atrás da enorme mesa que chamou sua atenção. As cortinas estavam parcialmente fechadas sobre seteiras, mas ainda deixavam passar luz o bastante por trás da mulher, dificultando a visão de seu rosto com clareza. Ainda assim, ele a reconheceu: o Trono de Amyrlin.

Ele caiu sobre um dos joelhos mais do que depressa, mantendo a mão esquerda no cabo da espada e o punho direito sobre o tapete adornado, então abaixou a cabeça.

— A senhora me convocou, Mãe, então eu vim. Eis-me aqui. — Ele levantou a cabeça a tempo de ver as sobrancelhas dela se erguerem.

— É mesmo, rapaz? — O tom de sua voz soava quase divertido, além de mais alguma outra coisa que ele não pôde distinguir, mas ela realmente não parecia estar se divertindo. — Levante-se, garoto, e deixe-me olhar para você.

Ele se levantou e tentou manter o rosto tranquilo. Foi preciso um grande esforço para não cerrar os punhos. *Três Aes Sedai. Quantas são necessárias para amansar um homem? Elas*

mandaram uma dezena ou mais atrás de Logain. Será que Moiraine faria isso comigo? Ele encarou o Trono de Amyrlin nos olhos. Ela não piscou.

— Sente-se, rapaz — disse, por fim, indicando uma cadeira simples de madeira que alguém havia colocado em frente à mesa. — Receio que isso vá demorar.

— Obrigado, Mãe. — Ele inclinou a cabeça e depois, como Lan instruíra, olhou para a cadeira de relance e tocou a espada. — Com sua permissão, Mãe, ficarei de pé. A Vigia não acabou.

O Trono de Amyrlin soltou um som exasperado e olhou para Moiraine.

— Você o deixou com Lan, Filha? Isso já vai ser difícil o bastante sem ele imitar os Guardiões.

— Lan tem treinado todos os rapazes, Mãe — respondeu Moiraine, calma. — Ele passa um pouco mais de tempo com este do que com os outros porque ele usa uma espada.

A Aes Sedai marrom se mexeu em sua cadeira.

— Os Gaidin são rígidos e orgulhosos, Mãe, mas são úteis. Eu não gostaria de ficar sem Tomas, como a senhora não gostaria de perder Alric. Já ouvi falar que algumas Vermelhas às vezes dizem que gostariam de um Guardião. E as Verdes, é claro...

Agora as três Aes Sedai o ignoravam.

— Essa espada — comentou o Trono de Amyrlin — parece ter a marca da garça. Como ele a conseguiu, Moiraine?

— Tam al'Thor deixou Dois Rios quando era rapaz, Mãe. Ele entrou para o exército de Illian e serviu na Guerra dos Mantos-brancos e nas duas últimas guerras contra Tear. Com o tempo, tornou-se um mestre espadachim e Segundo Capitão dos Companheiros. Depois da Guerra dos Aiel, Tam al'Thor retornou a Dois Rios com uma esposa de Caemlyn e um bebê. Se eu soubesse disso antes, teria nos poupado muito trabalho, mas agora sei.

Rand encarou Moiraine. Ele sabia que Tam deixara Dois Rios e voltara com uma esposa estrangeira e a espada, mas o restante... *Onde você ficou sabendo disso tudo? Não foi em Campo de Emond. A não ser que Nynaeve lhe tenha dito muito mais do que já me contou. Um bebê. Ela não disse que a criança era filho dele. Mas eu sou.*

— Contra Tear. — O Trono de Amyrlin franziu a testa, de leve. — Bem, os dois lados tiveram culpa nessas guerras. Homens tolos que preferiram lutar a dialogar. Pode dizer se essa lâmina é autêntica, Verin?

— Existem testes, Mãe.

— Então leve-a e teste-a, Filha.

As três mulheres sequer olhavam para ele. Rand deu um passo para trás, agarrando o cabo da espada com força.

— Meu pai me deu esta espada — disse, com raiva. — E ninguém vai tirá-la de mim.

Só então percebeu que Verin não saíra de sua cadeira. Olhou confuso para as mulheres, tentando recuperar a compostura.

— Ah — comentou o Trono de Amyrlin —, você tem algum fogo dentro de si, além do que Lan colocou aí dentro. Ótimo. Vai precisar.

— Eu sou o que sou, Mãe — conseguiu responder, calmo o bastante. — Eis-me aqui.

O Trono de Amyrlin fez uma careta.

— Você realmente passou tempo demais com Lan. Preste atenção, rapaz. Daqui a algumas

horas, Ingtar partirá para encontrar a Trombeta roubada. Seu amigo, Mat, irá com ele. E imagino que seu outro amigo... Perrin?... também vá. Você deseja acompanhá-los?

— Mat e Perrin vão? Por quê? — Lembrou-se, então, de acrescentar, com respeito: — Mãe.

— Sabe a adaga que seu amigo carregava? — Ela comprimiu os lábios, revelando o que pensava sobre a adaga. — Ela também foi levada. A menos que seja encontrada, o elo entre ele e a lâmina não poderá ser quebrado por completo, e ele morrerá. Você pode ir com eles, se quiser. Ou pode ficar aqui. Não tenho dúvidas de que o Lorde Agelmar deixará que fique como hóspede pelo tempo que desejar. Eu também partirei hoje. Moiraine Sedai vai me acompanhar, assim como Egwene e Nynaeve. Então você ficará sozinho, se permanecer aqui. A escolha é sua.

Rand a encarou. *Ela está dizendo que posso ir para onde quiser. Foi para isso que me trouxe até aqui? Mat está morrendo!* Ele olhou de soslaio para Moiraine, sentada, impassível, com as mãos cruzadas sobre o colo. Era como se nada no mundo pudesse preocupá-la menos do que o destino dele. *Para que lado você está tentando me empurrar, Aes Sedai? Que me queime, eu vou para o outro! Mas se Mat está morrendo... Não posso abandoná-lo. Luz, como encontraremos aquela adaga?*

— Você não precisa decidir agora — disse a Amyrlin. Ela também não parecia se importar. — Mas terá de fazê-lo antes da partida de Ingtar.

— Irei com ele, Mãe.

O Trono de Amyrlin assentiu, distraída.

— Agora que isso já está decidido, podemos passar para questões mais importantes. Sei que pode canalizar, rapaz. O que você sabe?

Rand ficou boquiaberto. Concentrado em sua preocupação com Mat, as palavras dela, naquele tom casual, o atingiram como a porta de vai e vem de um celeiro. Todos os conselhos e as instruções de Lan haviam desaparecido. Ele ficou olhando fixamente para ela, umedecendo os lábios. Uma coisa era achar que ela sabia, outra bem diferente era ter certeza. O suor finalmente começou a escorrer pela sua testa.

Ela se inclinou para a frente, ainda sentada, esperando a resposta, mas ele teve a sensação de que ela queria se recostar. Lembrou-se do que Lan dissera. *Se ela tiver medo de você...* Ele queria rir. *Se ela tivesse medo dele.*

— Não, eu não consigo canalizar. Quer dizer... Não fiz de propósito, apenas aconteceu. Eu não quero... canalizar o Poder. Nunca mais farei isso. Eu juro.

— Você não quer — repetiu o Trono de Amyrlin. — Bem, isso é sábio da sua parte. E tolo também. Alguns podem aprender a canalizar, mas a maioria não. Uns poucos, entretanto, carregam a semente desde o nascimento. Usam o Poder Único mais cedo ou mais tarde, querendo ou não. Isso é tão certo quanto ovas se tornarem peixes. Você continuará a canalizar, rapaz. Não há como evitar. E é melhor *aprender* a canalizar, aprender a controlar isso, ou não viverá tempo o bastante para enlouquecer. O Poder Único mata aqueles que não conseguem controlar seu fluxo.

— Como posso aprender? — quis saber Rand. Moiraine e Verin apenas ficaram ali sentadas, imperturbáveis, observando-o. *Como aranhas.* — Como? Moiraine disse que não pode me ensinar, e eu não sei como aprender, ou o que quer que seja. E, de qualquer forma,

não quero. Eu quero parar. Não entende? Quero parar!

— Eu lhe disse a verdade, Rand — respondeu Moiraine. Ela soava como se estivessem todos participando de uma conversa agradável. — Aqueles que poderiam ensiná-lo, os Aes Sedai homens, estão mortos há três mil anos. Nenhuma Aes Sedai viva pode lhe ensinar a tocar *saidin*, assim como você não pode aprender a tocar *saidar*. Um pássaro não pode ensinar um peixe a voar, nem um peixe consegue ensinar um pássaro a nadar.

— Sempre achei que esse era um péssimo ditado — afirmou Verin, de repente. — Existem pássaros que mergulham e nadam. E, no Mar das Tempestades, há peixes que voam. Eles têm longas barbatanas, que se esticam até o tamanho de seus braços abertos, e bicos similares a espadas, que podem perfurar... — Ela foi parando de falar e corou. Moiraine e o Trono de Amyrlin a encararam com os rostos inexpressivos.

Rand aproveitou a interrupção para tentar recuperar algum autocontrole. Ele visualizou uma única chama em sua mente e a alimentou com seus medos, procurando o vazio e sua quietude, conforme Tam lhe ensinara havia muito tempo. A chama pareceu crescer até envolver tudo, até ficar grande demais para reprimir ou criar novos pensamentos. Então desapareceu, deixando em seu lugar uma sensação de paz. Algumas emoções ainda tremeluziam nas margens, o medo e a raiva formavam manchas negras, mas o vazio continuou firme. Pensamentos roçavam sua superfície como pedras deslizando em uma camada de gelo. As Aes Sedai desviaram a atenção dele apenas por um instante, mas o rosto de Rand estava tranquilo quando elas voltaram a olhá-lo.

— Por que está falando assim comigo, Mãe? — perguntou. — A senhora deveria estar me amansando.

O Trono de Amyrlin franziu a testa e se virou para Moiraine.

— Lan ensinou isso a ele?

— Não, Mãe. Ele aprendeu isso com Tam al'Thor.

— Por quê? — indagou Rand, outra vez.

O Trono de Amyrlin o olhou bem nos olhos e disse:

— Porque você é o Dragão Renascido.

O vazio se abalou. O mundo se abalou. Tudo parecia girar ao seu redor. Ele se concentrou no nada, e o vazio retornou, deixando o mundo mais firme.

— Não, Mãe. Eu posso canalizar, que a Luz me ajude, mas não sou Raolin Algoz-das-trevas, Guaire Amalasan, nem Yurian Arco-de-pedra. A senhora pode me amansar, me matar ou me soltar; mas não serei um falso Dragão domado, usando um cabresto de Tar Valon.

Ele ouviu Verin arfar, e os olhos da Amyrlin se arregalaram em um olhar duro, como pedra azul. Aquilo não o afetou, apenas deslizou para o vazio interior.

— Onde você ouviu esses nomes? — indagou a Amyrlin. — Quem lhe disse que Tar Valon puxa os cordéis de *qualquer* falso Dragão?

— Um amigo, Mãe — respondeu. — Um menestrel. Seu nome era Thom Merrilin, mas ele morreu. — Ouviu um resmungo vindo de Moiraine e olhou de relance para ela. A mulher insistia que Thom não morrera, mas nunca havia oferecido prova alguma, e ele não entendia como alguém poderia sobreviver a um combate corpo a corpo com um Desvanecido. O pensamento era irrelevante, portanto logo se dissipou. Só havia o vazio e a unidade, agora.

— Você não é um falso Dragão — respondeu a Amyrlin, com firmeza. — Você é o

verdadeiro Dragão Renascido.

— Eu sou um pastor de Dois Rios, Mãe.

— Filha, conte a história a ele. É uma história *verdadeira*, garoto. Escute com atenção.

Moiraine começou a falar. Rand manteve os olhos no rosto da Amyrlin, mas ouviu.

— Há quase vinte anos, os Aiel atravessaram a Espinha do Mundo, a Muralha do Dragão, e foi a única vez em que o fizeram. Eles arrasaram Cairhien, destruíram cada exército enviado contra eles, queimaram a cidade de Cairhien e lutaram até chegarem a Tar Valon. Era inverno e nevava, mas frio ou calor pouco importam para um Aiel. A batalha final, a última relevante, ocorreu do lado de fora das Muralhas Reluzentes, à sombra do Monte do Dragão. Depois de três dias e três noites de luta, os Aiel bateram em retirada. Ou decidiram se retirar, pois haviam completado seu objetivo, que era matar o Rei Laman, de Cairhien, por seu pecado contra a Árvore. É aí que começa a minha história. E a sua.

Eles apareceram sobre a Muralha do Dragão como um dilúvio, indo depressa até as Muralhas Reluzentes. Rand esperou que as memórias se desvanecessem, mas ouviu a voz de Tam. Tam doente, falando coisas sem sentido, desenterrando segredos do passado. A voz se agarrava ao vazio pelo lado de fora, implorando para entrar.

— Eu era uma das Aceitas, na época — disse Moiraine. — Assim como nossa Mãe, o Trono de Amyrlin. Em breve, seríamos elevadas à irmandade, mas, naquela noite, servíamos à Amyrlin da época. Sua Curadora das Crônicas, Gitara Moroso, estava lá. Todas as outras irmãs de Tar Valon estavam fora da torre, Curando quantos feridos pudessem encontrar, até mesmo as Vermelhas. Amanhecia. O fogo na lareira não conseguia afastar o frio. A neve finalmente havia parado de cair, e, das câmaras da Amyrlin, na Torre Branca, podíamos sentir o cheiro da fumaça das aldeias ao redor, que haviam sido incendiadas no combate.

As batalhas são sempre quentes, mesmo na neve. Eu precisava escapar do fedor da morte. A voz delirante de Tam arranhava a calma oca dentro de Rand. O vazio estremecia e se encolhia, para então se firmar e voltar a ondular. O olhar da Amyrlin parecia querer perfurá-lo, e ele voltou a sentir o suor no rosto.

— Foi tudo um delírio febril — disse. — Ele estava doente. — Ele levantou a voz. — Meu nome é Rand al'Thor. Eu sou um pastor. Meu pai é Tam al'Thor, e minha mãe era...

Moiraine pausara para ele falar, mas sua voz o interrompeu, firme, suave e implacável.

— *O Ciclo de Karaethon*, as Profecias do Dragão, diz que o Dragão renascerá nas encostas do Monte do Dragão, onde morreu durante a Ruptura do Mundo. Gitara Sedai às vezes fazia Previsões. Ela era velha e seus cabelos eram brancos como a neve lá fora, mas, quando fazia Previsões, eram fortes. A luz da manhã que passava pelas janelas ficava cada vez mais forte, e eu lhe entreguei uma xícara de chá. O Trono de Amyrlin me pediu notícias do campo de batalha, e Gitara Sedai começou a se levantar de sua cadeira, com os braços e as pernas rígidos, trêmula, e sua expressão era como se olhasse para o Poço da Perdição em Shayol Ghul. Então ela gritou: “Ele nasceu novamente! Eu o sinto! O Dragão respira pela primeira vez na encosta do Monte do Dragão! Ele está chegando! Ele está chegando! Que a Luz nos ajude! Que a Luz ajude o mundo! Ele está deitado na neve e grita como um trovão! Ele queima como o sol!” e então desabou em meus braços, morta.

Na encosta da montanha. Ouvi um bebê chorar. Deu à luz ali, sozinha, antes de morrer.

Criança azul de frio. Rand tentou forçar a voz de Tam para longe. O vazio foi diminuindo.

— Foi um delírio febril — repetiu, quase sem fôlego. *Eu não podia deixar uma criança.* — Eu nasci em Dois Rios. — *Sempre soube que você queria filhos, Kari.* Ele desviou os olhos dos da Amyrlin. Tentou manter o vazio à força. Sabia que não funcionava assim, mas o vazio estava desabando sobre ele. *Sim, garota. Rand é um bom nome.* — Eu... sou... Rand... al'Thor! — Suas pernas tremiam.

— E assim soubemos que o Dragão Renascera — continuou Moiraine. — A Amyrlin nos fez jurar segredo, nós duas, pois sabia que nem todas as irmãs veriam o Renascimento como deve ser visto. Ela nos fez procurá-lo. Havia muitas crianças sem pai, depois daquela batalha. Muitas crianças. Mas ouvimos uma história de que um homem havia encontrado um bebê na montanha. Era tudo: um homem e um bebê. Então começamos a procurar. Procuramos por anos, encontrando outras pistas, examinamos as Profecias. “Ele terá sangue antigo e será criado pelo velho sangue.” Era uma, mas havia outras. Há muitos lugares onde o velho sangue, que descende da Era das Lendas, permanece forte. Então, em Dois Rios, onde o velho sangue de Manetheren ainda fervilha como um rio durante a enchente, no Campo de Emond, encontrei três rapazes cujos dias do nome têm poucas semanas de diferença do dia da batalha do Monte do Dragão. E um deles pode canalizar. Acha que os Trollocs foram atrás de você apenas porque é *ta'veren*? Você é o Dragão Renascido.

Os joelhos de Rand cederam e ele caiu agachado, batendo as mãos no tapete para evitar cair de cara no chão. O vazio desaparecera, a quietude se estilhara. Ele ergueu a cabeça e viu que as três Aes Sedai o encaravam. Seus rostos estavam serenos, suaves, como águas tranquilas, mas seus olhos não piscavam.

— Meu pai é Tam al'Thor, e eu nasci... — Elas olhavam para ele, imóveis. *Elas estão mentindo. Eu não sou... o que elas dizem! Elas estão mentindo, tentando me usar de algum jeito, de alguma maneira.* — Não serei usado por vocês.

— Uma âncora não perde seu valor por ser usada para segurar um barco — respondeu a Amyrlin. — Você foi feito para um propósito, Rand al'Thor. “Quando os ventos de Tarmon Gai'don varrerem a terra, ele enfrentará a Sombra e trará a Luz outra vez ao mundo.” As Profecias devem ser cumpridas, ou o Tenebroso se libertará e recriará o mundo à sua imagem. A Última Batalha se aproxima, e você nasceu para unir a humanidade e liderá-la contra o Tenebroso.

— Ba'alzamon está morto — respondeu Rand, com a voz rouca, e a Amyrlin bufou como um cavaliço.

— Se acredita nisso, é tão tolo quanto os domaneses. Muitos deles acreditam que ele esteja morto, ou dizem que está, mas percebo que ainda não correm o risco de dizer seu nome. O Tenebroso vive e está se libertando. Você vai enfrentá-lo. É o seu destino.

É o seu destino. Ele ouvira isso antes, em um sonho que talvez não tivesse sido exatamente um sonho. Ele se perguntou o que a Amyrlin diria se soubesse que Ba'alzamon falara com ele em seus sonhos. *Isso acabou. Ba'alzamon morreu. Eu o vi morrer.*

De súbito, reparou que estava agachado como um sapo, encolhido sob os olhares delas. Tentou formar o vazio outra vez, mas as vozes rodopiaram por sua cabeça, destruindo seus esforços. *É seu destino. Bebê deitado na neve. Você é o Dragão Renascido. Ba'alzamon morreu. Rand é um bom nome, Kari. Eu não serei usado!* Tirando forças de sua própria

teimosia nativa, ele se forçou a levantar. *Enfrente de pé o que vier. Você pode manter o orgulho, pelo menos.* As três Aes Sedai o observaram sem expressão.

— O quê... — Ele firmou a voz, com esforço. — O que vocês vão fazer comigo?

— Nada — respondeu a Amyrlin, e ele piscou, surpreso. Não era a resposta que esperava, que temia. — Você diz que quer acompanhar seu amigo junto com Ingtar e pode fazê-lo. Eu não marquei você, de nenhum jeito. Algumas das irmãs podem até saber que você é *ta'veren*, mas nada além disso. Apenas nós três sabemos quem você realmente é. Seu amigo Perrin será trazido a mim, assim como você, e eu visitarei o outro na enfermaria. Você está livre para partir, sem temer que mandemos as irmãs Vermelhas em seu encalço.

Quem você realmente é. A raiva explodiu dentro dele, quente e corrosiva. Ele a forçou a ficar lá dentro escondida.

— Por quê?

— As Profecias devem ser cumpridas. Nós deixaremos você partir, livre, sabendo quem você é. Caso contrário, o mundo que conhecemos morrerá, e o Tenebroso cobrirá a terra com fogo e morte. Mas preste atenção: nem todas as Aes Sedai pensam assim. Há algumas aqui em Fal Dara que o matariam se soubessem um décimo do que você é e não sentiriam mais remorso com isso do que se estivessem estripando um peixe. E também há homens que já riram com você e fariam o mesmo se soubessem, sem sombra de dúvidas. Tome cuidado, Rand al'Thor, Dragão Renascido.

Ele olhou para cada uma delas. *Suas Profecias não são parte de mim.* Elas retribuíram o olhar com tanta calma que era difícil acreditar que estavam tentando convencê-lo de que era o homem mais odiado e temido da história do mundo. Ele atravessara o medo e fora além, para um lugar frio. Só a raiva o mantinha aquecido. Elas poderiam amansá-lo ou queimá-lo ali mesmo até ele se tornar uma massa enegrecida, ele não se importava mais.

Lembrou-se de algumas instruções de Lan. Com a mão esquerda sobre o cabo, ele girou a espada atrás de si, segurando a bainha com a mão direita, então se curvou, com os braços retos.

— Com sua permissão, Mãe, posso deixar este lugar?

— Eu lhe dou permissão para ir, meu filho.

Endireitando-se, ele ficou parado por mais um instante.

— Eu não serei usado — disse a elas.

Houve um longo silêncio quando Rand se virou e saiu.

* * *

O silêncio se prolongou no aposento depois que o menino partiu, sendo quebrado apenas por um longo suspiro da Amyrlin.

— Não gostei do que fizemos — disse. — Foi necessário, mas... Será que funcionou, Filhas?

Moiraine balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

— Não sei. Mas *foi* necessário. E ainda é.

— Necessário — concordou Verin. Ela tocou a testa, então analisou a umidade em seus

dedos. — Ele é forte. E tão teimoso quanto você disse, Moiraine. Muito mais forte do que eu esperava. Talvez seja preciso amansá-lo, afinal. Antes que ... — Ela arregalou os olhos. — Mas não podemos, podemos? As Profecias. Que a Luz nos perdoe pelo que estamos soltando no mundo!

— As Profecias — concordou Moiraine, assentindo com a cabeça. — Faremos o que precisarmos por causa delas. É o que estamos fazendo agora.

— O que precisarmos — repetiu a Amyrlin. — Sim. Mas que a luz ajude a nós todos quando ele aprender a canalizar.

O silêncio retornou.

* * *

Uma tempestade se aproximava. Nynaeve podia sentir. Uma grande tempestade, a pior que ela já vira. Ela podia ouvir o vento e saber que tempo faria. Todas as Sabedorias afirmavam ser capazes disso, embora muitas não fossem. Nynaeve se sentia mais confortável com a habilidade antes de descobrir que era uma manifestação do Poder. Qualquer mulher que podia escutar o vento também podia canalizar, embora a maioria provavelmente fosse como ela, que o fazia sem entender seu poder, obtendo sucesso apenas de vez em quando.

Desta vez, no entanto, havia algo errado. Do lado de fora, o sol da manhã era uma bola dourada no céu azul-claro, e pássaros cantavam nos jardins, mas aquilo não indicava coisa alguma: não haveria nada de mais em ouvir o vento se não desse para prever o tempo antes de os sinais se tornarem visíveis. Havia algo de errado com aquela sensação; dessa vez, algo estava diferente. A tempestade parecia distante, longe demais para que ela pudesse senti-la. No entanto, era como se o céu acima de sua cabeça devesse estar desabando em chuva, neve e granizo, tudo ao mesmo tempo, com ventos fortes o bastante para sacudir as pedras da fortaleza. Ela podia sentir o tempo bom também, ainda duraria dias, mas estava ficando abafado sob o tempo ruim.

Um campainha-azul se empoleirou em uma seteira, como se zombasse de seu dom de prever o tempo, e ficou espiando o corredor. Quando a viu, desapareceu em uma revoada de penas azuis e brancas.

Ela ficou olhando para o local onde o pássaro havia pousado. *Há uma tempestade e não há. Isso quer dizer alguma coisa. Mas o quê?*

No final do corredor cheio de mulheres e criancinhas, ela viu Rand se afastando com uma escolta de mulheres quase correndo para acompanhar seus passos. Nynaeve assentiu com firmeza. Se havia uma tempestade que não era tempestade, ele deveria ser o centro dela. Erguendo as saias, ela saiu correndo atrás dele.

Algumas mulheres com quem fizera amizade durante a estada em Fal Dara tentaram conversar com ela. Como sabiam que Rand e ela haviam chegado juntos e que ambos eram de Dois Rios, elas queriam saber por que a Amyrlin o convocara. *O Trono de Amyrlin!* Sentindo um bloco de gelo na boca do estômago, ela desatou a correr. Mas o perdeu de vista nos inúmeros corredores movimentados antes mesmo de deixar a ala das mulheres.

— Para que lado ele foi? — perguntou a Nisura. Não era preciso explicar a quem se referia,

pois ouvira as mulheres que se aglomeravam ao redor das portas em arco conversando sobre Rand.

— Não sei, Nynaeve. Ele saiu depressa, como se tivesse o próprio Veneno do Coração em seu encaço. E não é de se espantar, já que veio para cá carregando uma espada. O Tenebroso deveria ser a menor de suas preocupações, depois disso. O que está acontecendo com o mundo? E ele foi levado à Amyrlin, em seu próprio aposento, o que não é pouco. Diga-me, Nynaeve, ele é mesmo um príncipe na sua terra?

As outras mulheres pararam de conversar e se aproximaram ainda mais para ouvir.

Nynaeve não saberia dizer qual foi sua resposta. Foi algo que as fez deixá-la partir. Ela saiu correndo da ala das mulheres, virando a cabeça em cada cruzamento de corredores à procura dele, com os punhos cerrados. *Luz, o que foi que elas fizeram com ele? Eu deveria tê-lo afastado de Moiraine de algum jeito, que a Luz a cegue! Eu sou a Sabedoria dele.*

É mesmo? provocou uma vizinha. *Você abandonou o Campo de Emond para cuidar de si. Ainda pode se considerar a Sabedoria deles?*

Eu não os abandonei, respondeu a si mesma, incisiva. *Eu chamei Mavra Mallen, de Cavalgada de Deven, para cuidar das coisas até eu voltar. Ela consegue se virar com o Prefeito e com o Conselho da Aldeia e se dá bem com o Círculo das Mulheres.*

Mavra precisará voltar para sua própria aldeia. Nenhum lugar consegue ficar sem sua Sabedoria por muito tempo. Nynaeve estremeceu por dentro. Ela estava há meses longe de Campo de Emond.

— Eu sou a Sabedoria de Campo de Emond! — exclamou em voz alta.

Um serviçal de libré que carregava um rolo de tecido a olhou de um modo estranho, então fez uma medida antes de sair correndo. Em seu rosto, era possível perceber que desejava ardentemente estar em qualquer outro lugar.

Corando, Nynaeve olhou ao redor para ver se mais alguém notara. Havia apenas alguns homens no salão, entretidos com suas próprias conversas, e algumas mulheres vestidas de preto e dourado ocupadas com seus afazeres, que se curvavam ou faziam uma medida quando ela passava. Nynaeve já tivera essa discussão consigo mesma uma centena de vezes, mas era a primeira vez que chegava ao ponto de falar sozinha em voz alta. Ela resmungou baixinho, então comprimiu os lábios com força ao perceber o que fazia.

Começava, finalmente, a se dar conta de que sua busca era inútil quando viu Lan, virado de costas para ela, observando o pátio externo através de uma seteira. O ruído que vinha do pátio era de cavalos e homens, que relinchavam e gritavam. Lan estava tão concentrado que, para variar, sequer pareceu ouvi-la. Ela detestava o fato de não conseguir se aproximar dele sem ser percebida, por mais leves que fossem seus passos. Era considerada boa em sobrevivência na floresta, lá em Campo de Emond, embora não fosse uma habilidade em que muitas mulheres estivessem interessadas.

Ela parou onde estava, levando as mãos ao estômago para tentar acalmar o frio na barriga. *Eu devia tomar uma dose de ranel e raiz de língua-de-ovelha,* pensou com amargura. Era a mistura que ela dava a qualquer um que se lamentasse por aí que estava doente ou que se comportasse como um idiota. Ranel e raiz de língua-de-ovelha levantavam um pouco o ânimo e não faziam mal algum, mas o gosto era terrível e ficava o dia inteiro na boca. Era a cura perfeita para quem agia como um tolo.

Longe dos olhos dele, ela o analisou de alto a baixo. Ele se inclinava sobre a rocha, tocando o queixo com os dedos enquanto observava o que se passava lá embaixo. *Ele é muito alto, para começar. E tem idade para ser meu pai, além disso. Um homem com um rosto desses deve ser cruel. Não, ele não é assim. Nunca será.* E ele era um rei. Sua terra fora destruída quando era criança, e ele não reivindicara uma coroa, mas mesmo assim era rei. *O que um rei iria querer com uma aldeã? E ele também é um Guardião. Tem um elo com Moiraine. Ela tem a lealdade dele até a morte e laços mais íntimos do que qualquer amante. E ela o tem. Ela tem tudo o que eu quero, que a Luz a queime!*

Ele se afastou, voltando-se para a seteira, e Nynaeve se virou para ir embora.

— Nynaeve. — A voz dele a prendeu como um laço. — Eu queria falar com você a sós. Você sempre parece estar na ala das mulheres ou acompanhada.

Ela teve que se esforçar para encará-lo, mas tinha certeza de que suas feições pareciam tranquilas quando levantou a cabeça e olhou para ele.

— Estou procurando Rand. — Não admitiria que o estava evitando. — Já conversamos sobre tudo o que precisávamos há muito tempo, eu e você. Eu me humilhei, o que não farei outra vez, e você me disse para ir embora.

— Eu nunca disse... — Ele respirou fundo. — Eu disse que nada tinha a lhe oferecer como dote, a não ser roupas de viúva. Não é um presente que um homem possa dar a uma mulher. Não se ele se considerar um verdadeiro homem.

— Entendo — respondeu, fria. — De qualquer jeito, um rei não dá presentes a aldeãs. E esta aldeã não os aceitaria. Você viu Rand? Preciso falar com ele. Ele foi ver a Amyrlin, sabe o que ela queria com ele?

Os olhos do homem faiscaram como pedras de gelo azuis ao sol. Ela firmou as pernas, para resistir ao impulso de recuar, e o encarou com firmeza.

— Que o Tenebroso carregue Rand al'Thor e o Trono de Amyrlin! — praguejou, colocando algo nas mãos dela. — Eu lhe darei um presente e você vai aceitar, nem que eu tenha que amarrá-lo em seu pescoço.

Ela desviou os olhos. Quando se zangava, o olhar do homem era penetrante como o de um gavião de olhos azuis. Em sua mão, estava um anel de sinete, era de ouro, pesado, gasto pelo tempo, e nele quase cabiam seus dois polegares. Continha a marca de um grou voando sobre uma lança e uma coroa, detalhados com primor. Ela ficou sem ar. O anel dos reis malkieris. Esquecendo-se de parecer irritada, levantou o rosto.

— Não posso aceitar isto, Lan.

Ele deu de ombros, sem cerimônia.

— Não é nada. Agora é apenas algo velho e inútil, mas ainda há quem o reconheça. Mostre-o e será recebida. Assim, terá a ajuda de qualquer lorde nas Terras da Fronteira, caso precise. Mostre-o a um Guardião, e ele lhe dará auxílio ou trará uma mensagem para mim. Mande-o para mim, ou envie uma mensagem com a marca do anel, e eu irei até você sem demora e sem falta. Eu juro.

A visão dela começou a ficar borrada nos cantos. *Se chorar agora, me mato.*

— Não posso... Não quero um presente seu, al'Lan Mandragoran. Aqui, tome.

Ele se esquivou das tentativas de devolver o anel. Sua mão envolveu a dela, gentil, mas

firme como um grilhão.

— Então aceite-o por mim, como um favor. Ou jogue-o fora, se a desagrada. Não tenho utilidade melhor para isso. — Ele passou um dedo pela bochecha dela, que se sobressaltou. — Preciso ir agora, Nynaeve *mashiara*. A Amyrlin deseja partir antes do meio-dia e ainda há muito a ser feito. Talvez tenhamos tempo de conversar na jornada a Tar Valon. — Ele se virou e partiu, seguindo pelo corredor.

Nynaeve levou a mão à bochecha. Ainda podia sentir onde ele a tocara. *Mashiara*. Significava “amada de coração e alma”. Mas também indicava um amor perdido. Perdido antes mesmo de ser ganho. *Sua mulher tola! Pare de agir como uma garotinha com o cabelo ainda sem tranças. De nada adianta deixar que ele faça você se sentir...*

Agarrando o anel com força, ela se virou e deu um pulo ao se ver face a face com Moiraine.

— Há quanto tempo você está aqui? — indagou.

— Não o bastante para ouvir algo que não devesse — respondeu a Aes Sedai, em um tom de voz suave. — Mas *partiremos* em breve. Isso, eu ouvi. Você precisa arrumar suas coisas.

Partir. Ela não havia registrado a palavra quando Lan a dissera.

— Precisarei me despedir dos rapazes — murmurou, então lançou um olhar ríspido para Moiraine. — O que você fez com Rand? Ele foi levado para a Amyrlin. Por quê? Você contou a ela sobre... sobre...? — A mulher não conseguia falar. Ele era de sua aldeia, e ela era pouco mais velha do que ele, o suficiente para ter tomado conta do rapaz uma ou duas vezes quando pequeno, mas sequer conseguia pensar no que ele se tornara sem sentir o estômago revirar.

— A Amyrlin verá todos os três, Nynaeve. *Ta'veren* não são tão comuns a ponto de ela perder a oportunidade de ver três juntos no mesmo lugar. Talvez ela lhes dê algumas palavras de incentivo, já que eles vão cavalgar com Ingтар na caçada pelos que roubaram a Trombeta. Eles partirão mais ou menos na mesma hora que nós, então é melhor você se apressar com as despedidas.

Nynaeve correu para a seteira mais próxima e espiou o pátio externo. Havia cavalos por toda parte, de carga e de sela, e homens correndo ao redor deles gritando uns com os outros. O único espaço aberto era onde estava o palanquim da Amyrlin, com o par de cavalos esperando pacientemente, desacompanhados. Alguns dos Guardiões estavam lá, cuidando de suas montarias, e do outro lado do pátio estava Ingтар, cercado por um grupo de shienaranos usando armadura. Às vezes um Guardião ou um dos homens de Ingтар cruzavam o calçamento de pedra para trocar algumas palavras.

— Eu devia ter levado os garotos para longe de você — disse, sem olhar para a outra mulher. *Egwene também, se eu tivesse como fazer isso sem matá-la. Luz, por que ela nasceu com esse dom maldito?* — Eu devia ter levado todos de volta para casa.

— Eles já passaram da idade de estar debaixo das saias de qualquer mulher — respondeu Moiraine, seca. — E você sabe muito bem por que não poderia ter feito isso. Pele menos para um deles. Além disso, isso significaria deixar Egwene ir para Tar Valon sozinha. Ou você desistiu de ir? Se não treinar o uso do Poder, jamais poderá usá-lo contra mim.

Nynaeve se virou para encarar a Aes Sedai, boquiaberta. Não pôde evitar.

— Não sei do que você está falando.

— Achava que eu não sabia, criança? Bem, como quiser... Suponho que você *vai* para Tar

Valon, então? Sim, eu imaginei que iria.

Nynaeve queria dar um soco para tirar o breve sorriso que surgiu no rosto da mulher. Aes Sedai não eram capazes de usar suas habilidades abertamente desde a Ruptura, muito menos o Poder Único; mas tramavam e manipulavam, puxando cordas como se controlassem marionetes, movendo tronos e nações como pedras em um tabuleiro. *Ela também quer me usar de algum jeito. Se usaria um rei ou rainha, por que não uma Sabedoria? Assim como está usando Rand. Eu não sou uma criança, Aes Sedai.*

— O que você está fazendo com Rand agora? Você já não o usou o bastante? Não sei por que não mandou amansá-lo, agora que a Amyrlin está aqui com todas essas Aes Sedai, mas deve haver um motivo. Deve ser parte de alguma trama que você está tecendo. Se a Amyrlin soubesse o que você está planejando, aposto que...

Moiraine a interrompeu.

— Por que a Amyrlin estaria interessada em um pastor? É claro que, se ele despertar sua atenção do modo errado, poderia acabar amansado ou até mesmo morto. Afinal, ele é o que é. E a noite de ontem deixou todos com bastante raiva, à procura de alguém para culpar. — A Aes Sedai se calou, deixando o silêncio se estender.

Nynaeve a encarou, rangendo os dentes.

— Sim — continuou Moiraine, por fim. — É muito melhor deixar que um leão adormecido continue a dormir. Você devia arrumar suas coisas agora. — Ela partiu na mesma direção de Lan, parecendo deslizar pelo chão.

Com uma careta, Nynaeve socou a parede, e o anel machucou a palma de sua mão. Ela abriu a mão para vê-lo: o anel parecia irradiar o calor de sua raiva e concentrar seu ódio. *Eu vou aprender. Você pensa que, por já saber, pode escapar de mim. Mas eu aprenderei mais do que você imagina e acabarei com você, pelo que fez. Pelo que fez a Mat e a Perrin. Por Rand, que a Luz o ajude e o Criador o proteja! Especialmente por Rand. Sua mão se fechou ao redor do pesado anel de ouro. E por mim.*

* * *

Egwene observava a serviçal de libré dobrar seus vestidos em um baú de viagem revestido de couro. Ainda ficava um pouco incomodada, mesmo depois de um mês de prática, com outra pessoa fazendo o que ela conseguia fazer muito bem sozinha. Eram roupas muito bonitas, presentes da Lady Amalisa, assim como o vestido de seda cinza para cavalgadas que usava naquele momento. Era uma peça simples, com alguns poucos botões de lírio costurados no peito, mas muitos dos vestidos eram bem mais elaborados. Qualquer um deles se destacaria no Dia do Sol ou no Bel Tine. Ela suspirou, lembrando-se de que estaria em Tar Valon no próximo Dia do Sol, e não em Campo de Emond. Do pouco que Moiraine lhe contara sobre o treinamento de noviça, que era quase nada, na verdade, ela imaginava que não estaria em casa a tempo do Bel Tine, na primavera, ou mesmo para o Dia do Sol seguinte.

Nynaeve enfiou a cabeça dentro do quarto.

— Está pronta? — Ela entrou. — Precisamos ir para o pátio em breve.

A outra mulher também usava um vestido para cavalgadas, mas de seda azul e com nós

vermelhos no peito. Mais um presente de Amalisa.

— Quase, Nynaeve. E estou meio triste de ir embora. Não imagino que teremos muitas chances de usar os belos vestidos que Amalisa nos deu em Tar Valon. — Ela soltou uma risada, de repente. — Mesmo assim, Sabedoria, não sentirei falta de tomar um banho sem passar o tempo todo olhando por cima do ombro.

— É muito melhor tomar banho sozinha — concordou Nynaeve, bruscamente. Seu rosto não mudou, mas suas bochechas coraram um instante depois.

Egwene sorriu. *Ela está pensando em Lan.* Ainda era estranho pensar em Nynaeve, a Sabedoria, suspirando por um homem. Não achava uma boa ideia dizer a Nynaeve, mas ultimamente a Sabedoria agia como uma garota apaixonada às vezes. *E por um homem que não é esperto o suficiente para ser digno dela, aliás. Ela o ama, e posso ver que ele a ama, então por que ele não tem o bom senso de se declarar?*

— Acho que você não devia me chamar mais de Sabedoria — disse Nynaeve, de súbito.

Egwene piscou. Aquilo não era uma exigência, e Nynaeve nunca insistia que usassem o título a não ser que estivesse zangada ou em uma situação formal, mas...

— Por que não?

— Você é uma mulher, agora — Nynaeve olhou para os cabelos destrançados de Egwene, que resistiu ao impulso de prendê-los depressa para fingir uma trança. As Aes Sedai usavam os cabelos como queriam, mas usar o seu solto se tornara um símbolo do início de uma nova vida. — Você é uma mulher — repetiu Nynaeve, com firmeza. — Somos duas mulheres, muito longe de Campo de Emond, e ainda vai demorar muito até vermos nossa terra outra vez. Será melhor se me chamar apenas de Nynaeve.

— Nós veremos nossa terra novamente, Nynaeve. Veremos.

— Não tente consolar a Sabedoria, garota — respondeu Nynaeve de modo mal-humorado, mas sorriu.

Bateram à porta, mas, antes que Egwene pudesse abri-la, Nisura entrou com uma expressão muito agitada.

— Egwene, aquele seu rapaz está tentando entrar na ala das mulheres. — Ela parecia escandalizada. — E está usando uma espada. Só porque a Amyrlin o deixou entrar assim... Lorde Rand já devia saber que está provocando uma grande confusão. Egwene, você precisa falar com ele.

— Lorde Rand — disse Nynaeve com desdém. — Esse rapaz está ficando muito abusado. Quando eu puser as mãos nele, vou mostrar quem é o lorde.

Egwene segurou Nynaeve pelo braço.

— Deixe-me falar com ele, Nynaeve. A sós.

— Ah, está bem! Os melhores homens não são muito melhores do que animais domesticados. — Nynaeve hesitou, então acrescentou, meio que para si mesma: — Mas, pensando bem, talvez os melhores valham o trabalho de domesticá-los.

Egwene sacudiu a cabeça enquanto acompanhava Nisura até o corredor. Meio ano antes, Nynaeve nunca acrescentaria aquela segunda parte. *Mas ela nunca vai conseguir domesticar Lan.* Seus pensamentos se voltaram para Rand. Então ele estava provocando uma confusão?

— Domesticá-lo? — murmurou. — Se a essa altura ele ainda não tiver aprendido bons modos, vou esfolá-lo vivo.

— Às vezes é o que precisa ser feito — comentou Nisura, andando rápido. — Homens não são muito mais do que seres meio civilizados, até que se casem. — Ela lançou um olhar de esguelha para Egwene. — Você pretende se casar com o Lorde Rand? Não quero me meter, mas está indo para a Torre Branca, e Aes Sedai raramente se casam. Nenhuma se casa, a não ser algumas das Ajah Verdes, até onde sei, mas mesmo assim não muitas, e...

Egwene podia completar o resto. Já ouvira a conversa na ala das mulheres acerca de uma esposa adequada para Rand. No começo, aquilo lhe provocara algumas pontadas de ciúme e raiva. Eles estavam praticamente prometidos desde crianças. Mas ela iria se tornar uma Aes Sedai, e ele era o que era: um homem capaz de canalizar. Ela até poderia se casar com ele e vê-lo enlouquecer até a morte. A única maneira de impedir isso seria amansá-lo. *Não posso fazer isso com ele. Não posso!*

— Não sei — respondeu com tristeza.

Nisura assentiu.

— Ninguém vai tomar o que é seu, mas você está indo para a Torre, e ele dará um bom marido. Assim que estiver treinado. Lá está ele.

As mulheres estavam aglomeradas ao redor da entrada para a ala das mulheres, do lado de dentro e de fora, observando os três homens no corredor externo. Rand, com a espada presa por cima do casaco vermelho, era confrontado por Agelmar e Kajin. Nenhum deles usava espada, mesmo depois do que acontecera à noite, pois aquela ainda era a ala das mulheres. Egwene parou atrás da multidão.

— Você sabe por que não pode entrar — explicava Agelmar. — Sei que as coisas são diferentes em Andor, mas você entende, não?

— Eu não tentei entrar — explicou Rand, como se não fosse a primeira vez que se explicasse. — Eu disse à Lady Nisura que queria ver Egwene, ao que ela respondeu que Egwene estava ocupada, e eu teria que esperar. Apenas gritei por ela aqui da porta. Não tentei entrar. Do jeito que elas vieram para cima de mim, parece até que eu estava chamando o Tenebroso.

— As mulheres têm o jeito delas — respondeu Kajin. Ele era alto para um shienarano, quase tanto quanto Rand, além de bem magro e de pele amarelada. Seu rabo de cavalo era negro como piche. — Elas definiram as regras para a ala das mulheres, e nós as seguimos, mesmo as mais tolas. — Diversas sobranceiras se ergueram entre as mulheres, e ele mais do que depressa pigarreou. — Você precisa enviar uma mensagem se deseja falar com uma delas, mas essa mensagem só será enviada quando elas quiserem. Até lá, precisa aguardar. Este é o nosso costume.

— Preciso vê-la — repetiu Rand, com teimosia. — Partiremos em breve. Não acho que seja breve o bastante, mas preciso vê-la mesmo assim. Vamos recuperar a Trombeta de Valere e a adaga, e então será o fim. O fim. Mas quero vê-la antes de partir. — Egwene franziu a testa. Ele parecia estranho.

— Não precisa ficar tão nervoso — respondeu Kajin. — Você e Ingтар encontrarão a Trombeta, ou não. E, se não encontrarem, outros a encontrarão. Há de ser o que a Roda tecer, nós somos apenas fios no Padrão.

— Não deixe a Trombeta se apoderar de você, Rand — disse Agelmar. — Ela pode exercer

uma forte influência sobre os homens, eu sei disso, e não é assim que vai capturá-la. Um homem deve procurar o dever, não a glória. O que tiver de acontecer, acontecerá. Se a Trombeta de Valere tiver de soar para a Luz, então assim será.

— Aí está sua Egwene — disse Kajin, avistando-a.

Agelmar olhou ao redor e assentiu, ao vê-la com Nisura.

— Eu o deixarei nas mãos dela, Rand al'Thor. Lembre-se de que aqui as palavras dela são lei, não as suas. Lady Nisura, não seja muito dura com ele: Rand só queria ver sua garota e não conhece nossos costumes.

Egwene acompanhou Nisura quando a shienarana abriu caminho por entre as mulheres que assistiam à cena. A mulher inclinou a cabeça brevemente para Agelmar e Kajin, fazendo questão de não incluir Rand. Seu tom de voz era rígido.

— Lorde Agelmar, Lorde Kajin. Ele já devia conhecer pelo menos esse costume, a esta altura. Mas é grande demais para levar umas palmadas, então deixarei que Egwene cuide dele.

Agelmar deu uma palmadinha paternal no ombro de Rand.

— Está vendo? Você vai falar com ela, mesmo que não seja exatamente do jeito que queria. Vamos, Kajin: ainda temos muito a resolver. A Amyrlin insiste que... — Sua voz foi morrendo quando os dois homens partiram. Rand ficou parado ali, olhando para Egwene.

As mulheres ainda estavam olhando, percebeu Egwene. Observando-a tanto quanto a Rand. Esperando para ver o que ela faria. *Então elas querem que eu cuide dele, não é?* Mas ela se sentia solidária. Os cabelos do rapaz precisavam de um pente, e sua expressão era de raiva, rebeldia e cansaço.

— Me acompanhe — disse ela. Um murmúrio começou atrás deles quando ele seguiu pelo corredor ao seu lado, distanciando-se da ala das mulheres. Rand parecia em um conflito interno, em busca do que dizer.

— Eu ouvi falar de suas... façanhas — disse ela, por fim. — Correndo pela ala das mulheres ontem à noite com uma espada. Usando uma espada em uma audiência com o Trono de Amyrlin. — Ele continuou sem dizer nada, apenas caminhando com ela, franzindo a testa e olhando para o chão. — Ela não... machucou você, machucou? — Egwene não conseguiu perguntar se ele fora amansado. Ele parecia tudo, menos manso, mas ela não fazia ideia de que aspecto tinha um homem depois de amansado.

Ele estremeceu.

— Não. Ela não... Egwene, a Amyrlin... — Ele sacudiu a cabeça. — Ela não me machucou.

Ela teve a sensação de que ele iria dizer algo completamente diferente. Em geral, conseguia arrancar o que ele tentava esconder dela, mas, quando ele realmente queria ser teimoso, era mais fácil tirar um tijolo da parede com as unhas. Pelo modo como seu maxilar estava travado, ele devia estar no ápice da teimosia.

— O que ela queria com você, Rand?

— Nada importante. *Ta'veren*. Ela queria ver *ta'veren*. — As feições dele se suavizaram quando ele a olhou. — E você, Egwene? Você está bem? Moiraine disse que ficaria bem, mas você nem se mexia. No começo achei que estivesse morta.

— Bem, não estou morta. — Ela riu. Não conseguia se lembrar de nada do que aconteceu depois de pedir a Mat para acompanhá-la aos calabouços, nada até acordar em sua própria cama naquela manhã. Pelo que ouvira falar da noite, ficou quase feliz por não se lembrar. —

Moiraine disse que teria me deixado com uma dor de cabeça, por ser tão tola, se pudesse curar apenas o restante, mas não podia.

— Eu avisei que Fain era perigoso — resmungou o rapaz. — Eu avisei, mas você não quis me ouvir.

— Se é desse jeito que vamos conversar — respondeu ela, com a voz firme —, vou levá-lo de volta a Nisura. Ela não vai falar com você do mesmo jeito que eu. O último homem que tentou entrar à força na ala das mulheres passou um mês enfiado até os cotovelos em água com sabão, ajudando a lavar as roupas das mulheres. E ele estava só tentando encontrar a noiva para fazer as pazes depois de uma discussão. Pelo menos foi inteligente o bastante para não aparecer usando uma espada. Só a Luz sabe o que fariam com você!

— Todo mundo quer fazer alguma coisa comigo — grunhiu. — Todo mundo quer me usar para alguma coisa. Bem, eu não serei usado. Assim que encontrarmos a Trombeta e a adaga de Mat, nunca mais serei usado.

Com um grunhido exasperado, ela o pegou pelos ombros e o virou, de forma que ele a encarasse. Ela lançou um olhar furioso a ele.

— Se você não começar a falar algo que faça sentido, Rand al'Thor, juro que vou lhe dar um tabefe.

— Agora você está falando como Nynaeve. — Ele riu. Ao olhar para ela, entretanto, seu riso foi desaparecendo. — Eu suponho... suponho que nunca mais a verei. Sei que você precisa ir a Tar Valon, sei disso. E você vai se tornar uma Aes Sedai. Já estou cheio de Aes Sedai, Egwene. Eu não serei um marionete delas, nem de Moiraine, nem de nenhuma outra.

Ele parecia tão perdido que ela teve vontade de pegar a cabeça dele e encostá-la em seu ombro, e parecia ao mesmo tempo tão teimoso que ela realmente quis dar-lhe um tabefe.

— Me escute bem, seu grande boi. Eu vou ser, *sim*, uma Aes Sedai e vou encontrar um meio de ajudar você. Eu vou.

— Da próxima vez que me encontrar, é mais provável que queira me amansar.

Ela olhou ao redor, mais do que depressa: eles estavam sozinhos.

— Se você não controlar a língua, não serei capaz de ajudá-lo. Quer que todo mundo saiba?

— Muita gente já sabe — respondeu. — Egwene, eu queria que as coisas fossem diferentes, mas não são. Eu queria... Cuide-se. E me prometa que não vai escolher a Ajah Vermelha.

Lágrimas borraram a visão de Egwene quando ela o abraçou com força.

— Cuide-se você — respondeu, enfática, com o rosto enfiado no peito dele. — Se não se cuidar, eu... eu... — Ela pensou tê-lo ouvido murmurar “eu amo você”, então sentiu que ele se soltava com firmeza do abraço e a afastava gentilmente. Ele se virou e se afastou dela, quase correndo.

Ela deu um pulo quando Nisura tocou seu braço.

— Pelo jeito, parece que você deu a ele uma tarefa desagradável. Mas não deve deixar que ele a veja chorando por isso. Vai anular o objetivo da bronca. Venha. Nynaeve está lhe chamando.

Secando as lágrimas, Egwene seguiu a outra mulher. *Cuide-se você, seu bobalhão cabeça de lã. Luz, tome conta dele.*



Partidas

Um tumulto organizado imperava no pátio externo quando Rand finalmente chegou, trazendo seus alforjes e o embrulho com a harpa e a flauta. A posição do sol indicava que era quase meio-dia. Homens andavam, apressados, ao redor dos cavalos, apertando bem as fivelas das selas e os fardos, e conversando em voz alta. Outros corriam trazendo embrulhos de mantimentos extras, levavam água para os homens que trabalhavam ou apenas corriam para buscar algo que acabavam de lembrar que precisariam. Mas todos pareciam saber exatamente o que faziam e para onde iam. As passarelas da guarda e as varandas dos arqueiros estavam, outra vez, cheias, e a empolgação era palpável no ar da manhã. Cascos batiam nas pedras do calçamento. Um dos cavalos de carga começou a escoicear e os homens do estábulo correram para acalmá-lo. O cheiro de cavalos era forte. O manto de Rand quase se balançava à brisa que fazia as bandeiras do falcão ondularem nas torres, mas seu arco, preso às costas, o segurava.

Do outro lado dos portões abertos, vinham os sons dos lanceiros e arqueiros da Amyrlin, em formação na praça. Eles tinham dado a volta, marchando, por um portão lateral. Um dos trombeteiros testou seu instrumento.

Alguns dos Guardiões olharam de soslaio para Rand quando o rapaz atravessou o pátio, e algumas sobranceiras se ergueram ao notarem a espada com a marca da garça, mas nenhum deles disse nada. Metade dos guardiões vestia aqueles mantos incômodos de se olhar. Mandarb, o garanhão de Lan, estava ali, alto, negro e de olhos ferozes, mas o homem não, assim como nenhuma das Aes Sedai, nenhuma das mulheres. A graciosa égua branca de Moiraine, Aldieb, estava ao lado do garanhão.

O garanhão baio de Rand o esperava com o outro grupo, do outro lado do pátio, onde já estavam montados Ingтар, um porta-estandarte que levava sua Coruja Cinzenta e vinte homens em armaduras, cujas lanças tinham pontas de aço de dois pés de comprimento. As barras dos elmos cobriam seus rostos, e tabardos dourados com o Falcão Negro bordado no peito escondiam suas placas e cotas de malha. Apenas o elmo de Ingтар tinha cimeira, em formato de lua crescente e começando acima da sobranceira, com as pontas arrepiadas para cima. Rand reconheceu alguns dos homens. Uno, que tinha a língua afiada, uma cicatriz comprida que cortava o rosto e apenas um olho. E também Ragan e Masema. Além de outros com quem ele

trocara algumas palavras ou jogara as pedras. Ragan acenou para ele, e Uno o cumprimentou balançando a cabeça, mas Masema não foi o único a lhe lançar um olhar frio e virar as costas. Os cavalos de carga ficaram ali, calmos, sacudindo os rabos.

O grande baio se mexeu, inquieto, enquanto Rand amarrava os alforjes e a sacola atrás da sela de cepilho alto. Ele pôs o pé no estribo e murmurou:

— Calma, Vermelho. — Apesar dessas palavras, quando sentou na sela, Rand deixou o garanhão gastar um pouco da energia que acumulara no estábulo.

Para a surpresa de Rand, Loial veio cavalgando dos estábulos e se reuniu ao grupo. O cavalo peludo do Ogier era tão grande e pesado quanto um garanhão de primeira qualidade de Dhurran. Perto dele, todos os outros cavalos pareciam ter o tamanho de Bela, mas, com seu cavaleiro na sela, o animal parecia quase um pônei.

Loial não carregava arma alguma, pelo que Rand podia ver, e o rapaz nunca ouvira falar de um Ogier portando armas. O *pouso* era proteção suficiente para eles. E Loial tinha suas prioridades, suas próprias ideias do que era necessário para uma jornada. Os bolsos de seu casaco comprido estavam estufados de um modo revelador, e seus alforjes tinham marcas quadradas de livros.

O Ogier parou seu cavalo um pouco mais adiante e olhou para Rand, com as orelhas peludas tremelicando, incertas.

— Não sabia que você viria — comentou Rand. — Achava que já estava cansado de viajar conosco. Desta vez, não dá para dizer quanto tempo passaremos na jornada ou para onde iremos.

As orelhas de Loial se ergueram um pouco.

— Também não havia como dizer da primeira vez em que o conheci. Além do mais, o que me interessava na época ainda me interessa agora. Não posso deixar passar a chance de ver a história ser tecida ao redor de um *ta'veren*. E de ajudar a encontrar a Trombeta...

Mat e Perrin vieram cavalgando atrás de Loial e pararam, hesitantes. Mat parecia ter leves olheiras de cansaço, mas seu rosto tinha uma cor saudável.

— Mat — disse Rand. — Desculpe pelo que disse. Perrin, eu não quis dizer aquilo. Estava sendo idiota.

Mat apenas o olhou de relance, então sacudiu a cabeça e murmurou para Perrin algo que Rand não conseguiu ouvir. Mat trazia apenas seu arco e aljava, mas Perrin levava também seu machado, uma grande meia-lua equilibrada por uma ponteira grossa, preso no cinturão.

— Mat? Perrin? Sério, eu não... — Os dois cavalgaram na direção de Ingtar.

— Isso não é um casaco de viagem, Rand — comentou Loial.

Rand olhou para os espinhos dourados que subiam pela manga rubra e fez uma careta. *Não é à toa que Mat e Perrin ainda pensam que estou me sentindo importante.* Ao voltar para o quarto, descobriu que tudo já fora embrulhado e enviado. Todos os casacos simples que ganhara estavam com os cavalos de carga, disseram os serviçais, e os casacos que restaram no armário eram tão elaborados quanto o que usava no momento. Seus alforjes não continham muitas roupas, a não ser algumas camisas, meias de lã e um par extra de calças. Pelo menos ele colocara o alfinete de águia vermelha no bolso. Lan lhe dera aquilo de presente, afinal.

— Vou trocar de roupa hoje à noite, quando pararmos — resmungou. Então, respirou fundo. — Loial, eu lhe disse coisas que não deveria ter dito, espero que me perdoe. Você tem todo o

direito de estar irritado comigo, mas espero que não esteja.

Loial sorriu, e suas orelhas se levantaram. Ele chegou seu cavalo mais para perto.

— Eu digo coisas inoportunas o tempo todo. Os Anciões sempre dizem que falo uma hora antes de pensar.

De repente, Lan surgiu ao lado do estribo de Rand, vestindo a armadura verde-acinzentada que o fazia praticamente desaparecer na floresta ou na escuridão.

— Preciso falar com você, pastor. — Ele olhou para Loial. — Sozinho, por gentileza, Construtor.

Loial assentiu e se afastou em seu grande cavalo.

— Não sei se deveria ouvi-lo — respondeu Rand. — Estas roupas finas e todas aquelas coisas que você falou não me ajudaram muito.

— Quando você não pode ter uma grande vitória, pastor, aprenda a aceitar as pequenas. Se fez com que eles pensassem em você como mais que um garoto de fazenda fácil de manipular, então obteve uma pequena vitória. Agora cale a boca e ouça. Só tenho tempo para mais uma lição, a mais difícil. Embainhar a Espada.

— Você passou uma hora, toda manhã, me obrigando a não fazer outra coisa que não fosse puxar esta maldita espada e colocá-la de volta na bainha. De pé, sentado, deitado. Acho que consigo colocá-la de volta na bainha sem me cortar.

— Eu disse para ouvir, pastor — rugiu o Guardiã. — Chegará o momento em que você precisará atingir um objetivo a qualquer custo. Pode ser durante um ataque ou uma defesa. E a única maneira será embainhar a espada em seu próprio corpo.

— Isso é loucura — disse Rand. — Por que eu faria...?

O Guardiã o interrompeu.

— Você saberá quando chegar a hora, pastor, quando o preço valer a pena e não lhe restar outra escolha. Isto se chama Embainhar a Espada. Lembre-se.

A Amyrlin surgiu, atravessando o pátio cheio de gente a passos largos, com Leane, carregando seu cajado, e Lorde Agelmar ao lado. Mesmo usando um casaco de veludo verde, o Senhor de Fal Dara não parecia deslocado entre tantos homens de armadura. Ainda não havia sinal das outras Aes Sedai. Quando passaram por Rand, ele ouviu parte da conversa.

— Mas, Mãe — protestava Agelmar. — A senhora não teve tempo para descansar da jornada até aqui. Fique pelo menos mais alguns dias. Prometo que lhe oferecerei um banquete esta noite, um banquete como a senhora dificilmente verá em Tar Valon.

A Amyrlin negou com a cabeça, sem parar de caminhar.

— Não posso, Agelmar. Você sabe que eu ficaria se pudesse. Não tinha planos de ficar por muito tempo, e questões urgentes exigem minha presença na Torre Branca. Eu deveria estar lá agora.

— Mãe, é uma vergonha para mim que a senhora chegue em um dia e parta no seguinte. Prometo-lhe, não haverá repetição da noite passada. Tripliquei a guarda nos portões da cidade, assim como na fortaleza. Mandeí virem malabaristas da cidade, e há um bardo chegando de Mos Shirare. Ora, o Rei Easar deve estar a caminho, vindo de Fal Moran. Mandeí notícias assim que...

As vozes foram sumindo quando eles atravessaram o pátio, engolidas pelo burburinho dos

preparativos. A Amyrlin sequer olhou na direção de Rand.

Quando Rand procurou Lan, o Guardião já havia ido, e não estava mais à vista. Loial voltou com seu cavalo para perto dele.

— É um homem difícil de agarrar ou manter por perto, não é mesmo? Não está aqui, depois está, então some, e você não o vê nem chegar nem partir.

Embainhar a Espada. Rand estremeceu. *Os Guardiões devem ser loucos.*

O Guardião com o qual a Amyrlin estava falando pulou na sela de repente. Ele já estava galopando depressa antes mesmo de chegar aos grandes portões. Ela ficou ali parada, observando-o partir, e sua postura parecia exigir que ele fosse mais rápido.

— Para onde ele vai com tanta pressa? — perguntou-se Rand em voz alta.

— Ouvi dizer — comentou Loial — que ela estava mandando alguém partir hoje, para chegar depressa a Arad Doman. Há notícias de algum problema na Planície de Almoth, e o Trono de Amyrlin quer saber exatamente o que é. O que não entendo é: por que agora? Pelo que ouvi, os rumores desse problema vieram de Tar Valon com as Aes Sedai.

Rand sentiu um calafrio. O pai de Egwene tinha um grande mapa, lá na sua terra, um mapa que Rand examinara mais de uma vez e com o qual sonhara antes de descobrir como são os sonhos, quando se realizaram. O mapa era velho, mostrava algumas terras e nações que os mercadores de fora diziam não existir mais, no entanto, a Planície de Almoth estava marcada, encostada na Ponta de Toman. *Nos encontraremos outra vez na Ponta de Toman.* Era do outro lado do mundo que conhecia, no Oceano de Aryth.

— Não tem nada a ver conosco — murmurou. — Nada a ver comigo.

Loial pareceu não ouvir. Esfregando a lateral do nariz com um dedo que mais parecia uma salsicha, o Ogier olhava para o portão por onde o Guardião havia desaparecido.

— Se queria saber a verdade, por que não mandou alguém antes de deixar Tar Valon? Mas vocês, humanos, são sempre bruscos e facilmente instigados, ficam pulando por aí e gritando. — Suas orelhas se levantaram de vergonha. — Me desculpe *mesmo*, Rand. Você entendeu o que eu quis dizer com falar antes de pensar. Eu mesmo sou ousado e facilmente instigado às vezes, como você bem sabe!

Rand riu. Foi uma risada fraca, mas foi bom ter alguma coisa da qual rir.

— Se vivêssemos tanto quanto você, Ogier, talvez fôssemos mais tranquilos. — Loial tinha noventa anos de idade, mas, pelos padrões dos Ogier, não era velho o bastante para sair do pouso sozinho. O fato de ele ter saído mesmo assim era prova, Loial insistia, de sua ousadia. Se aquele era um Ogier facilmente instigado, Rand achava que a maioria deles devia ser feita de pedra.

— Talvez — disse Loial, em tom de quem refletia —, mas vocês, humanos, fazem tanto com suas vidas. Nós não fazemos nada, a não ser nos recolher em nossos pousos. O plantio dos bosques e até mesmo as construções foram feitos antes do fim do Longo Exílio. — Eram os bosques que Loial adorava, não as cidades que os homens lembravam de os Ogier terem construído. Eram os bosques, plantados para lembrarem os Construtores Ogier dos pousos, que Loial deixara seu lar para visitar. — Desde que encontramos nosso caminho de volta para os pousos, nós... — Sua voz foi sumindo quando a Amyrlin se aproximou.

Ingтар e os outros homens se mexeram em suas selas, preparando-se para desmontar e se ajoelhar, mas ela fez um gesto para impedi-los. Leane estava a seu lado, com Agelmar um

passo atrás. Pela expressão lúgubre em seu rosto, ele parecia ter desistido de tentar convencê-la a ficar mais tempo.

A Amyrlin olhou um a um antes de falar. Seu olhar não se demorou em Rand mais do que em qualquer outro.

— Que a paz favoreça sua espada, Lorde Ingtar — disse, por fim. — Glória aos Construtores, Loial Kiseran!

— A senhora nos honra, Mãe. Possa a paz favorecer Tar Valon! — Ingtar se curvou em sua sela, e todos os outros shienaranos o imitaram.

— Toda a honra a Tar Valon — respondeu Loial, fazendo uma medida.

Apenas Rand e seus dois amigos, do outro lado do grupo, permaneceram eretos. Ele ficou se perguntando o que ela lhes dissera. A testa franzida de Leane era para os três, e os olhos de Agelmar se arregalaram, mas a Amyrlin pareceu não reparar.

— Vocês cavalgam em busca da Trombeta de Valere — disse ela. — E a esperança do mundo vai com vocês. A Trombeta não pode cair em mãos erradas, especialmente nas mãos de Amigos das Trevas. Aqueles que atenderem a seu chamado virão em auxílio daquele que portá-la, não importa quem seja, e obedecem a ela, não à Luz.

Os homens que escutavam se agitaram. Todos acreditavam que os heróis que viriam do túmulo lutariam pela Luz. Mas se lutassem pela Sombra...

A Amyrlin continuou a falar, mas Rand não estava mais escutando. Os olhos invisíveis estavam de volta, e os pelos de sua nuca se arrepiaram. Ele olhou para as varandas dos arqueiros acima, que davam para o pátio, lotadas, e para as fileiras de gente que se amontoava ao longo das passarelas da guarda, no topo das muralhas. Em algum lugar entre eles, estivera o par de olhos que o seguira sem ser visto. O olhar se agarrava a ele como óleo sujo. *Não pode ser um Desvanecido, não aqui. Então quem? Ou o quê?* Ele se virou em sua sela, conduzindo Vermelho, à procura. O cavalo baio começou a se agitar outra vez.

De repente, alguma coisa relampejou em frente ao rosto de Rand. Um homem que passava atrás da Amyrlin gritou e caiu, com uma flecha preta despontando em seu flanco. A Amyrlin permaneceu calma, olhando para o rasgo em sua manga, onde o sangue lentamente manchava a seda cinza.

Uma mulher gritou, e o pátio subitamente ecoou com clamores e gritos. As pessoas nas muralhas se agitaram, iradas, e cada homem no pátio puxou sua espada. Até mesmo Rand, que ficou surpreso ao perceber o que fizera.

Agelmar ergueu sua lâmina para o céu.

— Encontrem-no! — urrou. — Tragam-no para mim! — Seu rosto foi de vermelho a branco quando viu o sangue na manga da Amyrlin. Ele caiu de joelhos, com a cabeça abaixada. — Perdão, Mãe. Fracassei em protegê-la. É uma vergonha.

— Bobagem, Agelmar — respondeu a Amyrlin. — Leane, pare de se preocupar comigo e cuide daquele homem. Já tive cortes piores mais de uma vez limpando peixe, e ele precisa de ajuda agora. Agelmar, levante-se! Levante-se, Lorde de Fal Dara! Você não fracassou e não tem motivos para se sentir envergonhado. No ano passado, na Torre Branca, com minhas guardas em cada portão e os Guardiões ao meu redor, um homem chegou a cinco passos de mim com uma faca. Um Manto-branco, sem dúvida, embora eu não pudesse provar. Por favor,

levantando-se, ou eu é que ficarei envergonhada. — Quando Agelmar se ergueu, lentamente, ela tocou a manga cortada com as pontas dos dedos. — Um péssimo disparo para um arqueiro dos Mantos-brancos, ou mesmo para um Amigo das Trevas. — Seus olhos cruzaram com os de Rand, de relance. — Se é que ele estava mirando em mim. — Seu olhar se desviou dele antes que o rapaz pudesse ler qualquer coisa em sua expressão, mas de repente teve vontade de desmontar e se esconder.

A flecha não era para ela, e ela sabe disso.

Leane se levantou de onde estava ajoelhada. Alguém cobrira o rosto do homem que fora atingido com um manto.

— Ele morreu, Mãe. — Ela parecia cansada. — Já estava morto ao tocar o chão. Mesmo que eu estivesse ao lado dele...

— Você fez o que pôde, Filha. A morte não pode ser Curada.

Agelmar se aproximou.

— Mãe, se há assassinos dos Mantos-brancos ou Amigos das Trevas por aqui, a senhora precisa permitir que eu envie homens para escoltá-la. Pelo menos até o rio: eu não conseguiria continuar a viver se algo lhe acontecer em Shienar. Por favor, retorne à ala das mulheres. Eu protegerei aquele lugar com minha vida até que a senhora esteja pronta para partir.

— Fique em paz — respondeu ela. — Este arranhão não me atrasará um instante sequer. Sim, sim, aceitarei seus homens até o rio com prazer, se você insiste. Mas não permitirei que isso atrase Lorde Ingtar nem um minuto. Cada segundo conta até que a Trombeta seja encontrada outra vez. Com sua permissão, Lorde Agelmar, posso dar ordens aos sacramentados?

Ele curvou a cabeça, concordando. Naquele instante, ele lhe teria dado Fal Dara, se ela pedisse.

A Amyrlin se virou para Ingtar e os homens se reuniram ao redor dele. Ela não tornou a olhar para Rand, que ficou surpreso ao vê-la sorrir.

— Aposto que Illian não oferece uma despedida tão animada aos que partem em sua Grande Caçada pela Trombeta — disse. — No entanto, a sua é a verdadeira. Vocês são poucos, então podem viajar rápido, mas são suficientes para fazer o que é preciso. Eu encarrego você, Lorde Ingtar da Casa Shinowa, encarrego todos vocês de encontrar a Trombeta de Valere e não permitir que nada impeça seu caminho.

Ingtar tirou a espada das costas e beijou a lâmina.

— Juro pela minha vida e minha alma, pela minha Casa e honra, Mãe.

— Então vá!

Ingtar girou o cavalo na direção do portão.

Rand meteu os calcanhares nos flancos de Vermelho e saiu galopando atrás da coluna, que já passava pelos portões.

Sem saber o que havia ocorrido lá dentro, os lanceiros e arqueiros da Amyrlin estavam de pé, protegendo o caminho dos portões até a cidade propriamente dita, ostentando a Chama de Tar Valon em seus peitos. Os tocadores de tambor e trombeta aguardavam perto dos portões, prontos para começar a tocar quando ela partisse. Por trás das fileiras de homens em armaduras, as pessoas lotavam a praça em frente à fortaleza. Algumas saudavam aos gritos o estandarte de Ingtar, outras, sem dúvida, acharam que era o começo da partida do Trono de

Amyrlin. Um rugido crescente acompanhou Rand ao longo da praça.

Ele alcançou Ingtar onde casas de beirais baixos e lojas se enfileiravam de cada lado, e mais pessoas se aglomeravam ao longo da rua de pavimento de pedras. Algumas também gritavam, animadas. Mat e Perrin cavalgavam na frente da coluna, com Ingtar e Loial, mas reduziram o ritmo e ficaram para trás quando Rand se reuniu a eles. *Como vou pedir desculpas se eles não querem ficar perto de mim por tempo suficiente para que eu diga qualquer coisa? Que me queime, ele não parece estar morrendo!*

— Changu e Nidao se foram — disse Ingtar, bruscamente. Sua voz estava fria e zangada, mas também abalada. — Contamos cada cabeça na fortaleza, viva ou morta, ontem à noite, e voltamos a fazê-lo hoje de manhã. Eles são os únicos que não foram encontrados.

— Changu estava de guarda no calabouço ontem — informou Rand, devagar.

— Nidao também. Eles estavam no segundo turno. Sempre ficavam juntos, mesmo que tivessem que trocar com alguém ou trabalhar mais horas. Não estavam de guarda quando aconteceu, mas... Eles lutaram na Garganta de Tarwin, há um mês, e salvaram Lorde Agelmar quando seu cavalo caiu e ele foi cercado por Trollocs. Agora isso. Amigos das Trevas. — Ele respirou bem fundo. — Tudo está desmoronando.

Um homem a cavalo abriu caminho por entre a multidão, ao longo da rua, e se juntou ao grupo, atrás de Ingtar. Era um homem da cidade, a julgar por suas roupas, magro, com o rosto enrugado e os cabelos grisalhos compridos. Uma sacola e garrafas d'água estavam penduradas atrás de sua sela, e uma espada curta e uma adaga quebra-espada dentada pendiam de seu cinturão, junto com um porrete.

Ingtar percebeu que Rand observava o estranho.

— Este é Hurin, nosso farejador. Não havia necessidade de deixar as Aes Sedai saberem a respeito dele. Não que o que ele faça seja errado, entenda. O Rei mantém um farejador em Fal Moran, e existe outro em Ankor Dail. É só que as Aes Sedai raramente gostam do que não entendem, e por ele ser homem... Não tem nada a ver com o Poder, é claro. Aaaah! Explique você, Hurin.

— Sim, Lorde Ingtar — concordou o homem. Ele fez uma medida profunda para Rand, de sua sela. — Me sinto honrado em servi-lo, milorde.

— Me chame de Rand. — O rapaz estendeu a mão e, depois de um instante, Hurin sorriu e a apertou.

— Como desejar, milorde Rand. Lorde Ingtar e Lorde Kajin são mais informais, e Lorde Agelmar também, é claro, mas na cidade dizem que o senhor é um príncipe do sul, e alguns lordes estrangeiros têm regras rígidas para cada homem, em suas terras.

— Eu não sou um lorde. — *Pelo menos me livrarei disso agora.* — Sou apenas Rand.

Hurin piscou.

— Como desejar, milor... hã... Rand. Bem, sou um farejador. Neste domingo, vai completar quatro anos. Nunca tinha ouvido falar em algo assim até me tornar um, mas ouvi dizer que existem outros como eu. Tudo começou devagar, eu sentia cheiros ruins onde ninguém mais sentia, e foi aumentando. Levei um ano para perceber o que era. Eu conseguia sentir o cheiro da violência, da morte e do sofrimento. Sentia o cheiro onde essas coisas aconteciam. Farejava o rastro daqueles que a praticavam. Cada rastro é diferente, então não há chance de

confundi-los. Lorde Ingtar ouviu falar disso e me colocou a seu serviço, para servir à justiça do Rei.

— Você sente o cheiro de violência? — perguntou Rand. Ele não pôde evitar olhar para o nariz do homem. Era um nariz comum, nem grande nem pequeno. — Quer dizer que consegue realmente seguir alguém que, digamos, tenha matado outro homem? Pelo cheiro?

— Eu posso, sim, milor... hã... Rand. O cheiro passa com o tempo, mas, quanto pior a violência, mais tempo dura. Ah, eu consigo sentir o cheiro de um campo de batalha de dez anos atrás, embora os rastros dos homens que lá lutaram já tenham desaparecido. Lá em cima, perto da Praga, os rastros dos Trollocs raramente desaparecem. Trollocs só sabem matar e ferir. Mas uma luta em uma taverna que resulte em, digamos, um braço quebrado... esse cheiro some em horas.

— Entendo por que não queria que as Aes Sedai descobrissem.

— Ah, Lorde Ingtar estava certo quanto às Aes Sedai, que a Luz as ilumine... hã... Rand. Encontrei uma em Cairhien, certa vez. Era uma Ajah Marrom, mas juro que achei que fosse Vermelha, antes de ela me soltar. A mulher me prendeu por um mês, tentando descobrir como eu fazia isso. Não gostava de não saber. Ela ficava resmungando: “É antigo ou novo?” E me encarava tanto que até você pensaria que eu *estava usando* o Poder Único. Ela quase me fez pensar que estava. Mas não enlouqueci, e não *fazia* nada. Só cheirava.

Rand não pôde deixar de se lembrar de Moiraine. *Antigas barreiras se enfraquecem. Nestes tempos, muitas coisas estão se dissolvendo e se quebrando. Coisas antigas voltam a caminhar, enquanto outras, novas, nascem. Este pode ser o fim de uma Era.* Ele estremeceu.

— Então rastreamos com seu nariz os que pegaram a Trombeta.

Ingtar assentiu. Hurin sorriu, orgulhoso, e disse:

— É o que faremos, mi... hã... Rand. Certa vez, segui um assassino até Cairhien. E outro até Maradon, para trazê-los perante a justiça do Rei. — Seu sorriso desapareceu, e ele pareceu preocupado. — Mas este é o pior de todos. Assassinato cheira mal, e o rastro de um assassino fede, mas este cheiro... — Franziu o nariz. — Havia homens envolvidos, ontem à noite. Devem ser Amigos das Trevas, mas não é possível distinguir um pelo cheiro. Estou seguindo os Trollocs e os Meio-Homem. E algo ainda pior. — Sua voz foi sumindo, e ele franziu a testa, passando a resmungar para si mesmo, mas Rand ainda podia ouvir. — Algo ainda pior, que a Luz me ajude!

Eles chegaram aos portões da cidade, e, pouco depois das muralhas, Hurin levantou o rosto para a brisa. Suas narinas se dilataram, e ele arfou, enojado.

— Por ali, milorde Ingtar. — Ele apontou para o sul.

Ingtar pareceu surpreso.

— Não na direção da Praga?

— Não, Lorde Ingtar. Blergh! — Hurin limpou a boca na manga. — Quase consigo sentir o gosto deles. Sul, eles foram para o sul.

— O Trono de Amyrlin estava certo, então — comentou Ingtar, devagar — Uma mulher grande e sábia que merece coisa melhor do que eu para servi-la. Siga o rastro, Hurin.

Rand se virou e olhou na direção dos portões, seguindo a rua com os olhos até a fortaleza. Torceu para que Egwene estivesse bem. *Nynaeve vai cuidar dela. Talvez seja melhor assim: um corte limpo, feito tão rápido que só se percebe depois.*

Ele cavalgou para o sul atrás de Ingtar e do estandarte da Coruja Cinza. O vento aumentava, e ele sentia frio nas costas, apesar do sol. Pensou ter ouvido a risada no vento, leve e zombeteira.

* * *

A lua crescente iluminava as ruas úmidas e escuras na noite de Illian, que ainda ecoavam o barulho das comemorações do dia. Em apenas alguns dias, a Grande Caçada pela Trombeta teria início, com toda pompa e cerimônia que a tradição requeria, que se afirmava datar da Era das Lendas. As festividades pelos Caçadores se estenderia até o Banquete de Teven, com suas famosas competições e prêmios para os menestréis. O maior prêmio de todos, como sempre, seria pela melhor interpretação de *A Grande Caçada pela Trombeta*.

Naquela noite, os menestréis se apresentavam nos palácios e mansões da cidade, onde os poderosos se divertiam, e Caçadores chegavam de todas as nações, para depois tentarem encontrar, se não a Trombeta de Valere, pelo menos a imortalidade em canção e história. Eles teriam música e dança, e também ventiladores e gelo para aliviar o primeiro calor de verdade do ano. Mas a folia também tomava as ruas, naquela noite quente e abafada, iluminada pelo luar. Todo dia seria de festa até a Caçada partir, assim como toda noite.

As pessoas passavam correndo por Bayle Domon, usando máscaras e fantasias bizarras e elaboradas, muitas mostrando pele demais. Corriam gritando e cantando, em grupos de dez ou então em pares espalhados, dando risinhos e agarrando uns aos outros. Depois passaram mais vinte, em um grupo barulhento. Fogos de artifício brilhavam no céu, explosões de ouro e prata no fundo negro. Na cidade, havia quase tantos Iluminadores quanto menestréis.

Domon não ligava muito para os fogos de artifício ou para a Caçada. Ele ia ao encontro de homens que achava que talvez quisessem matá-lo.

Ele cruzou a Ponte das Flores, que atravessava um dos muitos canais da cidade, e entrou no Bairro Perfumado, o distrito portuário de Illian. O canal cheirava a um número excessivo de penicos e não havia sinais de que algum dia tivesse existido uma flor perto daquela ponte. O bairro tinha cheiro do cânhamo e do piche dos estaleiros e das docas e da lama acre do porto. Um odor que ficava mais forte com o ar quente, que parecia estar quase úmido o bastante para ser possível bebê-lo. Domon respirava com dificuldade. Apesar de ter nascido ali, sempre se surpreendia com o calor do início do verão illianense quando voltava das terras do norte.

Levava um pequeno porrete em uma das mãos; a outra repousava sobre o cabo da espada curta que muitas vezes usara para defender de salteadores o convés de seu navio mercante. Não eram poucos os que estavam à espreita naquelas noites de alegria, em que os ganhos eram muitos e a maioria das pessoas havia bebido bastante vinho.

Entretanto, ele era um homem de ombros largos e musculoso, e ninguém que saía em busca de um pouco de ouro o achava rico o bastante, com seu casaco de corte simples, para se arriscar a enfrentar seu tamanho e seu porrete. Os poucos que o olhavam de perto, quando ele passava por uma luz que se derramava de alguma janela, recuavam até que estivesse longe. Cabelos escuros pendendo até os ombros e uma barba comprida, que deixava o lábio superior à mostra, emolduravam um rosto redondo. Mas aquele rosto nunca fora suave, e agora tinha

uma expressão tão lúgubre que parecia que o homem estava disposto a derrubar uma parede para passar. Tinha homens a encontrar e não estava feliz com isso.

Mais foliões passaram correndo, cantando desafinados, as palavras emboladas pelo vinho. *“A Trombeta de Valere” é minha velha avó!*, pensou Domon, irritado. *Quero é saber do meu navio. E da minha vida, que a Sorte me espicace!*

Ele entrou em uma estalagem cuja placa mostrava um grande texugo de listras brancas dançando nas patas traseiras e um homem carregando uma pá de prata. O nome do lugar era Acalmando o Texugo, embora nem mesmo Nieda Sidoru, a estalajadeira, soubesse o significado. Sempre existira uma estalagem com aquele nome em Illian.

O salão estava quieto e bem iluminado, com o chão coberto de serragem e um músico dedilhando suavemente uma sabiola de doze cordas, entoando uma das tristes canções do Povo do Mar. Nieda não permitia bagunça em seu estabelecimento, e seu sobrinho, Bili, era grande o bastante para carregar um homem para fora com apenas uma das mãos. Marinheiros, trabalhadores das docas e estivadores iam até o Texugo para uma bebida e talvez uma conversa, um jogo de pedras ou dardos. O salão estava um pouco cheio, pois até mesmo homens que gostavam de quietude haviam sido atraídos pela festança. O burburinho não era tão alto, mas Domon ouviu menções à Caçada, ao falso Dragão que os murandianos haviam capturado e também ao que os tairenos estavam caçando por Haddon Mirk. Parecia haver dúvidas se seria preferível a morte do falso Dragão ou dos tairenos.

Domon fez uma careta. *Falsos Dragões! Que a Sorte me espicace, não tem nenhum lugar seguro hoje em dia!* Mas ele não se importava de verdade com falsos Dragões, não mais do que com a Caçada.

A proprietária atarracada, com os cabelos presos para trás, estava enxugando uma caneca, de olho em seu estabelecimento. Ela não parou o que estava fazendo nem o encarou, mas sua pálpebra esquerda caiu, e seus olhos se voltaram na direção de três homens em uma mesa no canto. Eles estavam quietos até mesmo para os padrões do Texugo, quase sombrios. As capas de veludo em forma de sino e os casacos escuros com listras prateadas, escarlates e douradas, bordadas sobre o peito se destacavam das roupas simples dos outros frequentadores.

Domon suspirou e se sentou sozinho em uma mesa no canto. *Gente de Cairhien, desta vez.* Ele pegou uma caneca de cerveja marrom com uma serviçal e bebeu um longo gole. Quando abaixou a caneca, os três homens de casaco listrado estavam de pé ao lado de sua mesa. Ele fez um gesto discreto, para avisar a Nieda que não precisava de Bili.

— Capitão Domon? — Era difícil distinguir qualquer um dos três, mas o que falou dava a impressão de ser o líder. Eles não pareciam estar armados e, apesar de suas roupas caras, pareciam não precisar de armas. E seus olhos eram muito duros, naqueles rostos tão comuns. — Capitão Bayle Domon, do *Espuma*?

Domon assentiu brevemente, confirmando, e os três se sentaram sem esperar convite. O mesmo homem continuou falando, enquanto os outros dois apenas observavam, quase sem piscar. *Guardas*, pensou Domon, *apesar dessas roupas caras. Quem deve ser esse aí, para andar com guardas?*

— Capitão Domon, temos uma pessoa que precisa ser levada de Mayene a Illian.

— O *Espuma* é uma embarcação fluvial — interrompeu Domon. — O calado é curto, no caso, e ela não tem quilha para águas profundas. — Não chegava a ser verdade, mas era o

suficiente para gente da terra. *Pelo menos não é como Tear. Eles estão ficando espertos por lá.*

O homem não pareceu perturbado pela interrupção.

— Ouvimos dizer que o senhor iria desistir do comércio fluvial.

— Talvez sim, talvez nem. Ainda nem decidi. — Mas ele já tinha se decidido. Não navegaria rio acima, de volta às Terras de Fronteira, nem que fosse para levar toda a seda dos fundilhos dos tairenos. Peles da Saldaea e pimenta-de-gelo não valiam a pena, e isso não tinha nada a ver com o falso Dragão que ouvira falar que andava por lá. No entanto, se perguntou, mais uma vez, como alguém poderia saber. Ele não falara disso com ninguém, mas os outros também sabiam.

— O senhor pode navegar até a costa de Mayene com tranquilidade. Capitão, o senhor certamente estaria disposto a navegar ao longo da linha da costa por mil marcos de ouro.

Domon arregalou os olhos sem querer. Era quatro vezes mais do que a última oferta que havia recebido, que já fora o bastante para deixar qualquer homem boquiaberto.

— No caso, quem vocês querem que eu leve, por tudo isso? A Primeira de Mayene em pessoa? Quer dizer, então, que Tear finalmente conseguiu fazer a Primeira abdicar?

— O senhor não precisa de nomes, Capitão. — O homem colocou uma grande bolsa de couro e um pergaminho selado em cima da mesa. A bolsa tilintou, cheia, quando ele a empurrou pela mesa. O grande círculo de cera vermelha que mantinha o pergaminho selado exibia o Sol Nascente de Cairhien, com seus muitos raios. — Duzentos marcos adiantados. Por mil, acho que o senhor não precisa de nomes. Entregue isto, com o selo intacto, ao Capitão do Porto de Mayene, e ele lhe dará mais trezentos marcos e seu passageiro. Eu pagarei o restante quando o passageiro for trazido para cá, desde que você não tenha tentado descobrir a identidade da pessoa.

Domon respirou bem fundo. *Sorte, a viagem já valeria mesmo que eu não recebesse uma moeda além do que tem nesse saco!* E mil marcos era mais dinheiro do que conseguiria em três anos. Ele suspeitava que, se sondasse um pouco mais, haveria outras pistas, apenas pistas, de que a viagem envolvia negócios escusos entre o Conselho dos Nove de Illian e a Primeira de Mayene. A cidade-estado da Primeira era província de Tear em tudo, menos no nome, e ela, sem dúvida, gostaria de contar com a ajuda de Illian. E muitos illianenses diziam que já estava na hora de outra guerra, que Tear já tinha mais do que uma fatia justa do comércio com o Mar das Tempestades. Era uma armadilha na qual ele provavelmente cairia, se já não tivesse recebido três idênticas no último mês.

Ele estendeu a mão para pegar a bolsa, e o homem que havia sido o único a falar agarrou seu pulso. Domon o olhou, irritado, mas ele apenas devolveu o olhar, imperturbável.

— O senhor deve içar velas o mais rápido possível, Capitão.

— Ao nascer do dia — grunhiu Domon, ao que o homem assentiu e soltou sua mão.

— Ao nascer do dia, então, Capitão Domon. Lembre-se: a descrição mantém um homem vivo para gastar seu dinheiro.

Domon assistiu aos três partirem, então lançou um olhar amargo para a bolsa e o pergaminho sobre a mesa à sua frente. Alguém queria que ele fosse para o leste. Tear ou Mayene, não importava, contanto que fosse para leste. Ele achou que sabia quem queria aquilo. *Mas, ao*

mesmo tempo, não tenho pistas de quem seja. Quem poderia saber se alguém era ou não um Amigo das Trevas? Mas ele sabia que os Amigos das Trevas estavam atrás dele mesmo antes de deixar Marabon para descer o rio. Amigos das Trevas e Trollocs. Disso, ele tinha certeza. A verdadeira pergunta, aquela que ele não tinha nem vestígio de resposta, era: por quê?

— Problemas, Bayle? — perguntou Nieda. — Parece que você viu um Trolloc. — Ela deu uma risadinha aguda, um som improvável para uma mulher daquele tamanho. Assim como a maioria das pessoas que nunca estiveram nas Terras de Fronteira, Nieda não acreditava em Trollocs. Ele tentara contar a verdade a ela, e ela gostava de suas histórias, mas achava que eram mentiras. Ela também não acreditava em neve.

— Problema nenhum, Nieda. — Ele abriu a bolsa de couro, tirou uma moeda sem olhar e jogou-a para ela. — Bebidas para todos até isso aí acabar, depois lhe dou outra.

Nieda olhou para a moeda, surpresa.

— Uma marca de Tar Valon! Está negociando com as bruxas, agora, Bayle?

— Nem faria isso — respondeu, rouco.

Ela mordeu a moeda e a fez desaparecer mais do que depressa em seu cinturão largo.

— Bem, é mesmo ouro. E suspeito que as bruxas não são lá tão más como as pintam, de qualquer jeito. Não poderia dizer o mesmo de muitos homens. Conheço um cambista que trabalha com estas. E não precisa me dar outra, com tão poucos fregueses esta noite. Mais cerveja, Bayle?

Ele assentiu, entorpecido, embora sua caneca ainda estivesse quase cheia, e a mulher saiu, rebolando. Ela era sua amiga e não falaria do que acabara de ver. Ele ficou ali sentado, olhando para a bolsa de couro. Mais uma caneca chegou antes de ele conseguir reunir coragem suficiente para abri-la e analisar as moedas em seu interior. Mexeu nelas com um dedo calejado. Marcos de ouro reluziram à luz dos lampiões, cada um exibindo a maldita Chama de Tar Valon. Amarrou o cordão da bolsa depressa. Eram moedas perigosas. Uma ou duas poderiam passar, mas tantas juntas fariam a maioria das pessoas pensar exatamente o mesmo que Nieda. Havia Filhos da Luz na cidade e, embora não houvesse uma lei em Illian proibindo negócios com Aes Sedai, ele nunca chegaria a um magistrado se os Mantos-brancos descobrissem. Aqueles homens tinham encontrado um meio de garantir que ele não simplesmente pegasse o ouro e ficasse em Illian.

Enquanto estava sentado ali, refletindo, Yarin Maeldan, o magricelo pensativo que parecia uma cegonha e era seu imediato no *Espuma*, entrou no Texugo com as sobrelanceiras quase tocando a ponta do nariz comprido e parou ao lado da mesa do capitão.

— Carn morreu, Capitão.

Domon o encarou, franzindo a testa. Mais três de seus homens haviam sido mortos, um para cada vez que ele recusara uma comissão que o levaria para leste. Os magistrados nada fizeram. As ruas eram perigosas à noite, diziam, e os marinheiros eram durões e briguentos. Magistrados raramente se preocupavam com o que acontecia no Bairro Perfumado, contanto que nenhum cidadão respeitável se machucasse.

— Mas desta vez eu aceitei — murmurou.

— Não é só isso, Capitão — continuou Yarin. — Eles torturaram Carn com facas, como se quisessem que ele lhes contasse algo. E mais alguns homens tentaram entrar escondidos no *Espuma* menos de uma hora depois. Os guardas da doca os puseram pra correr. É a terceira

vez em dez dias, nunca vi ratos de cais tão persistentes. Eles gostam de esperar o alerta passar e tentar de novo. E alguém entrou no meu quarto, no Golfinho Prateado, na noite passada. Levaram alguma prata, então achei que fossem ladrões, mas deixaram a minha fivela de cinturão, aquela incrustada com granadas e pedra-da-lua, que estava bem à vista. O que está acontecendo, Capitão? Os homens estão com medo, e até eu estou um pouco nervoso.

Domon se levantou.

— Reúna a tripulação, Yarin. Encontre todos e diga-lhes que o *Espuma* vai içar velas assim que tiverem chegado a bordo homens o bastante para manejá-lo. — Enfiando o pergaminho no bolso do casaco, ele agarrou o saco de ouro e empurrou seu imediato porta afora, à sua frente. — Reúna-os, Yarin, pois qualquer homem que nem chegar a tempo vai ser largado na beira do cais.

Domon deu um empurrão em Yarin, para fazer com que ele comesse a correr, então partiu na direção das docas. Até mesmo ladrõezinhos sorrateiros que ouviram o tilintar da bolsa que ele carregava mantiveram distância, pois agora ele caminhava como um homem prestes a cometer um assassinato.

Já havia tripulantes se apressando a bordo do *Espuma* quando ele chegou, e ainda mais desciam descalços o cais de pedra. Eles não sabiam que o que o capitão temia o estava perseguindo, ou sequer que havia algo perseguindo Domon, mas sabiam que ele lucrava bastante e que, como os homens de Illian, dividia os lucros com a tripulação.

O *Espuma* tinha oitenta pés de comprimento, com dois mastros, e uma boa largura de boca, com espaço para carga no convés e nos porões. Apesar do que Domon dissera aos cairhienos — se é que eram de Cairhien —, achava que o navio conseguiria se aguentar em mar aberto. O Mar das Tempestades era mais tranquilo no verão.

— Vai ter que aguentar — murmurou, então desceu para sua cabine.

Jogou o saco de ouro na cama bem encaixada no casco, como tudo o mais na cabine austera, e pegou o pergaminho. Acendendo uma lanterna pendurada em um elo giratório na viga do teto, ele estudou o documento selado, virando-o como se pudesse ler o conteúdo sem abri-lo. Alguém bateu à porta, o que o fez franzir a testa.

— Entre.

Yarin meteu a cabeça lá dentro.

— Estão todos a bordo, menos os três que não consegui encontrar, Capitão. Espalhei a notícia por todas as tavernas, buracos e salões de jogatina do bairro. Eles estarão a bordo antes que haja luz suficiente para começarmos a navegar rio acima.

— O *Espuma* vai sair agora mesmo. Para o mar! — Domon interrompeu os protestos de Yarin sobre luz, marés e sobre o *Espuma* não ser construído para o mar aberto. — Agora! Sim, o *Espuma* pode passar pelos bancos de areia na maré baixa. Você nem esqueceu como navegar com as estrelas, certo? Leve o barco para o mar, Yarin. Leve o barco agora e volte a falar comigo apenas quando estivermos além do quebra-mar.

Seu imediato hesitou: Domon nunca deixava uma parte difícil da navegação passar sem ele lá em cima no convés, dando ordens, e conduzir o *Espuma* de noite seria bem difícil, baixo calado ou não. Então assentiu e desapareceu. Em instantes, as ordens gritadas de Yarin o som de pés descalços pisando com força no convés acima puderam ser ouvidas da cabine de

Domon. Ele os ignorou, mesmo quando o navio balançou com força, pegando a maré.

Por fim, ele levantou a camisa do lampião e pôs uma faca na chama. A lâmina começou a soltar fumaça quando o óleo a queimou, mas, antes que o metal ficasse vermelho, ele empurrou os mapas para fora do caminho e achatou bem o pergaminho sobre a mesa, passando cuidadosamente o aço quente sob a cera que o selava. A dobra de cima se levantou.

Era um documento simples, sem preâmbulo ou saudações, mas fez o suor brotar de sua testa quase imediatamente.

* * *

O portador desta missiva é um Amigo das Trevas procurado em Cairhien por assassinato e outros crimes terríveis, e o menor deles é o roubo de Nossa Pessoa. Solicitamos a prisão deste homem e a apreensão de tudo o que estiver em sua posse, mesmo as coisas mais insignificantes. Nosso representante virá buscar o que ele roubou de Nós. Que tudo o que ele possui, a não ser pelo que reclamarmos, fique consigo como recompensa por tê-lo apanhado! Que o vil malfeitor seja enforcado imediatamente, para que sua vilania oriunda da Sombra não continue a macular a Luz!

Selado por Nossa Mão

Galldrian su Riatin Rie

Rei de Cairhien

Defensor da Muralha do Dragão

* * *

Em cera vermelha fina, abaixo da assinatura, estava o selo de Sol Nascente de Cairhien e das Cinco Estrelas da Casa Riatin.

— Defensor da Muralha do Dragão é a minha avó — resmungou Domon. — Sim, que direito esse homem tem de usar esse título, hoje em dia?

Ele examinou os selos e a assinatura minuciosamente, segurando o documento perto do lampião, com o nariz praticamente roçando o pergaminho, mas não conseguiu encontrar nenhuma falha, e também não fazia ideia de como era a letra de Galladrian. Se o próprio Rei não tivesse assinado, suspeitava de que quem o havia feito conseguira uma boa imitação da caligrafia de Galladrian. De qualquer maneira, não fazia a menor diferença. Em Tear, a letra seria instantaneamente condenatória nas mãos de um homem de Illian. Ou em Mayene, que sofria forte influência tairena. Não havia guerra agora, e a circulação entre os portos era livre, mas havia pouca simpatia pelos illianenses em Tear, e a recíproca era verdadeira. Seria pior com uma desculpa desse tipo.

Por um momento, ele pensou em queimar o pergaminho no lampião, pois era algo perigoso para se ter, fosse em Tear, Illian ou qualquer lugar que ele pudesse imaginar. Mas, depois de algum tempo, enfiou-o com cuidado em um nicho secreto atrás de sua mesa, oculto por um painel que só ele sabia como abrir.

— Tudo o que estiver em minha posse, hein?

Ele colecionava objetos antigos, o máximo que conseguia vivendo a bordo. O que não podia comprar, por ser muito caro ou muito grande, colecionava por observação e memória. Todos aqueles resquícios de tempos passados, aquelas maravilhas espalhadas pelo mundo que o levaram a entrar em um navio, quando ainda era um garoto. Ele acrescentara quatro delas à sua coleção em Maradon, na última viagem, e foi então que a perseguição dos Amigos das Trevas começou. E dos Trollocs também, durante um tempo. Ele ouvira dizer que a Ponte Branca fora completamente destruída por um incêndio logo depois de ter saído de lá, e havia rumores sobre a presença de Myrddraal, assim como de Trollocs. Foi aquilo, tudo aquilo junto, que o convenceu de que não estava imaginando coisas, que o fez ficar alerta quando aquela primeira comissão suspeita foi oferecida. Era dinheiro demais para uma simples viagem a Tear, e uma história muito fraca como motivo.

Procurando bem dentro de seu baú, ele colocou na mesa os objetos que havia comprado em Maradon. Um bastão de luz remanescente da Era das Lendas, era o que se dizia. Decerto ninguém sabia mais como fazê-los. Eram caros, e mais difíceis de se encontrar do que um magistrado honesto. Parecia um bastão de vidro comum, mais grosso que seu polegar e quase tão comprido quanto seu antebraço. Porém, quando ele o segurava, o objeto emitia um brilho tão intenso quanto o de uma lanterna. Bastões de luz também se quebravam como vidro, e ele quase perdera o *Espuma* no incêndio provocado pelo primeiro que havia comprado. Havia também uma pequena escultura de marfim envelhecido, representando um homem com uma espada nas mãos. O sujeito que a vendera afirmou que, se o segurasse por tempo suficiente, a pessoa começaria a sentir calor. Mas Domon nunca sentira nada, e nem os membros da tripulação que ele havia permitido segurá-lo. Mas era velho, e, para Domon, isso bastava. Outro objeto era a caveira de um gato grande como um leão e tão velha que tinha virado pedra. Mas nenhum leão jamais tivera dentes tão compridos, quase presas, com um pé de comprimento. Por último, havia um disco grosso do tamanho da mão de um homem, metade branco e metade preto, com uma linha sinuosa separando as cores. O dono da loja em Maradon dissera que era da Era das Lendas, sem acreditar muito nisso. Domon pechinchara apenas um pouco antes de comprar, porque havia reconhecido algo que passara despercebido ao lojista: o símbolo antigo das Aes Sedai, anterior à Ruptura do Mundo. Não era bem uma coisa segura para se ter, mas também não era uma oportunidade que um homem fascinado por antiguidades pudesse deixar passar.

E era feito de pedra-do-coração. O vendedor nunca teria ousado acrescentar à descrição algo que ele achava ser falso. Nenhum vendedor da frente de rio de Maradon teria condições financeiras de adquirir sequer um pedaço de *cuendillar*.

O disco era duro e liso e não tinha valor algum, a não ser pela idade, mas Domon temia que era aquilo que seus perseguidores queriam. Bastões de luz, esculturas de marfim e até mesmo ossos se transformavam em pedra, tudo isso ele já vira outras vezes, em outros lugares. Mas, mesmo sabendo o que eles queriam — se é que sabia —, ainda não fazia ideia do porquê. E não sabia mais com certeza quem eram seus perseguidores. Marcos de Tar Valon e um antigo símbolo das Aes Sedai. Ele passou a mão pelos lábios: o gosto do medo era amargo em sua língua.

Ouviu-se uma batida à porta. Ele colocou o disco na mesa e puxou um mapa aberto sobre

tudo o que estava em cima dela.

— Entre.

Yarin entrou.

— Estamos além do quebra-mar, Capitão.

Domon sentiu um lampejo de surpresa, depois veio a raiva de si mesmo. Ele jamais deveria ter ficado tão envolvido com algo a ponto de não sentir o *Espuma* atravessando as ondas.

— Siga para oeste, Yarin. Cuide disso.

— Ebou Dar, Capitão?

Não é longe o bastante. Faltam umas quinhentas léguas.

— Vamos colocar distância suficiente para eu pegar mapas e encher os barris d'água, depois seguiremos rumo oeste.

— Oeste, Capitão? Tremalking? O Povo do Mar não lida muito bem com comerciantes que não sejam deles próprios.

— O Oceano de Aryth, Yarin. Muito comércio entre Tarabon e Arad Doman, e praticamente ninguém desses lugares para nos deixar preocupados. Eles no caso nem gostam muito do mar, ouvi dizer. E todas aquelas cidadezinhas na ponta de Toman, que se mantêm livres de qualquer nação. Sim, podemos até mesmo pegar peles de Saldae e pimentas-de-gelo trazidas até Bandar Eban.

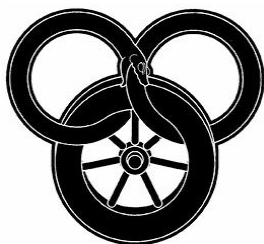
Yarin sacudiu a cabeça devagar. Ele sempre via o lado ruim, mas era um bom marinheiro.

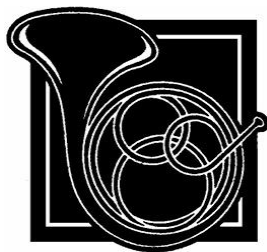
— Peles e pimentas custarão mais do que a subida do rio até elas, Capitão. E ouvi dizer que está havendo algum tipo de guerra. Se Tarabon e Arad Doman estão lutando, pode ser que não haja comércio. Duvido que dê para ganhar dinheiro só com as cidades na Ponta de Toman, mesmo que estejam a salvo. Falme é a maior, e não é muito grande.

— Os tarabonianos e os domaneses sempre brigaram pela Planície de Almoth e pela Ponta de Toman. Mesmo que a coisa tenha chegado às vias de fato, um homem cuidadoso sempre consegue encontrar comércio. Vá para oeste, Yarin.

Quando Yarin subiu, Domon mais do que depressa colocou o disco preto e branco no nicho e guardou as outras coisas no fundo do baú. *Sejam Amigos das Trevas ou Aes Sedai, não vou pelo caminho que querem que eu siga. Que a Sorte me espicace, não mesmo!*

Sentindo-se seguro pela primeira vez em meses, Domon subiu para o convés enquanto o *Espuma* era inclinado para aproveitar o vento e virar a proa para oeste, rumo ao mar escuro da noite.





A Caçada Começa

Ingтар impôs um ritmo rápido para o início de uma longa jornada, rápido o bastante para Rand ficar um pouco preocupado com os cavalos. Os animais conseguiam manter o trote por horas, mas ainda havia a maior parte do dia pela frente, e provavelmente mais dias depois daquele. Pela expressão de Ingтар, porém, Rand achava que ele tinha a intenção de capturar os ladrões da Trombeta logo no primeiro dia, na primeira hora. Como ainda se lembrava da voz do homem ao fazer o juramento ao Trono de Amyrlin, Rand não ficou surpreso. Mas resolveu manter a boca fechada. Lorde Ingтар estava no comando e, por mais simpático que tivesse sido com Rand, ainda assim não apreciaria os conselhos de um pastor.

Hurin cavalgava logo atrás de Ingтар, mas era o farejador quem os conduzia para o sul, apontando o caminho. Eles passavam por colinas de densas florestas, com muitos pinheiros, folhas-de-couro e carvalho. Mas o rastro que Hurin seguia ia quase em linha reta, como uma flecha, e nunca vacilava, a não ser para dar a volta em algumas das colinas mais altas, quando ficava claro que o caminho mais rápido seria contornando-as, e não por cima. O estandarte da Coruja Cinzenta ondulava ao vento.

Rand tentou cavalgar junto dos amigos, mas, quando deixava seu cavalo reduzir o passo para se aproximar deles, Mat cutucava Perrin, que o seguia, relutante, até o início da coluna. Dizendo a si mesmo que não havia motivos para cavalgar sozinho na retaguarda, Rand ia de volta até a dianteira. Os outros dois, então, voltavam para a retaguarda, Mat puxando Perrin mais uma vez.

Que os queimem, eu só queria pedir desculpas! Sentia-se só. Saber que a culpa era sua não ajudava.

No topo de uma colina, Uno desmontou para examinar o terreno revirado por cascos. Cutucou algumas fezes de cavalos e grunhiu.

— Esses chamejados estão se movendo depressa, milorde. — Sua voz dava a impressão de que gritava mesmo quando estava apenas falando. — Não ganhamos nem mesmo uma hora em cima deles. Que me queime, é possível que tenhamos perdido uma hora! Eles vão matar seus malditos cavalos, nesse passo. — Então passou o dedo em uma pegada de cascos. — Isto aqui não é de cavalo. É um chamejado de um Trolloc. Um pé de bode chamejado passou por aqui.

— Vamos alcançá-los — respondeu Ingтар, sério.

— Nossos cavalos, milorde. Não é bom forçar os cavalos até eles caírem antes de alcançarmos os ladrões, milorde. Mesmo que matem suas montarias, aqueles Trollocs chamejados podem continuar a correr por mais tempo que os cavalos.

— Vamos alcançá-los. Monte, Uno.

Uno fitou Rand com seu único olho, então deu de ombros e subiu na sela. Ingtar os levou encosta abaixo correndo, quase escorregando até o fundo, e subiu a colina seguinte galopando.

Por que ele olhou para mim daquele jeito?, perguntou-se Rand. Uno era um dos que nunca haviam demonstrado muita simpatia por ele. Não era como a antipatia declarada de Masema; Uno simplesmente não era simpático com ninguém, a não ser com alguns poucos veteranos tão grisalhos quanto ele. *Aposto que ele não acredita nessa história de que eu seja um lorde.*

Uno passava o tempo analisando o território à frente, mas retribuía o olhar, sem dizer uma palavra, quando surpreendia Rand o encarando. Aquilo não significava muita coisa. Ele também olhava Ingtar nos olhos. Era o jeito de Uno.

O caminho escolhido pelos Amigos das Trevas — *E o que mais?*, perguntava-se Rand, pois Hurin continuava a resmungar sobre “algo pior” — que haviam roubado a Trombeta não passava perto de nenhuma aldeia. Rand via aldeias entre um topo de colina ou outro, mas nunca se aproximavam o bastante para conseguir ver as pessoas nas ruas. Ou para que aquelas pessoas vissem o grupo que seguia para o sul. Havia fazendas também, com casas de beirais baixos, celeiros altos e chaminés fumegantes, nos topos, nas encostas e nos sopés das colinas, mas nenhuma próxima o bastante para que um fazendeiro tivesse visto o grupo que eles perseguiam.

Por fim, até mesmo Ingtar teve que admitir que os cavalos não conseguiriam suportar aquele ritmo que mantinham. Rand ouviu maldições resmungadas, e Ingtar socou a coxa com o punho coberto pela manopla, mas acabou ordenando que todos desmontassem. Então, eles seguiram a pé, correndo por uma milha, subindo e descendo uma colina, depois montaram e voltaram a cavalgar. Em seguida, desceram outra vez e correram. Corriam uma milha e cavalgavam outra. Corriam e cavalgavam.

Rand ficou surpreso ao ver Loial sorrir quando estavam no chão, subindo com dificuldade uma colina. O Ogier tivera suas reservas em relação a cavalos e cavalgadas quando se conheceram; preferia confiar nos próprios pés, mas Rand achava que ele já tinha superado isso havia muito tempo.

— Você gosta de correr, Rand? — perguntou Loial, rindo. — Eu gosto. Eu era o mais rápido do pouso de Shangtai. Certa vez, corri mais rápido que um cavalo.

Rand só conseguiu assentir com a cabeça. Não queria perder fôlego conversando. Procurou por Mat e Perrin, mas os dois ainda estavam na retaguarda, com homens demais entre eles para que Rand conseguisse avistá-los. Ficou se perguntando como os shienaranos conseguiam manter o passo naquelas armaduras. Nenhum deles reduziu a velocidade nem reclamou de nada. Uno não parecia nem suar, e o porta-estandarte não deixou a Coruja Cinzenta se inclinar nem por um instante.

Era um ritmo acelerado, mas o crepúsculo começou a cair sem trazer nem sinal daqueles a quem caçavam, a não ser pelos rastros. Por fim, relutante, Ingtar os mandou parar e montar acampamento para passar a noite na floresta. Os shienaranos se puseram a acender fogueiras e abrir linhas de piquete para os cavalos, com uma suave economia de esforço nascida da longa

experiência. Ingtar escolheu três duplas de guardas para a primeira vigia.

A primeira coisa que Rand fez foi buscar sua sacola nas cestas de vime dos cavalos de carga. Não foi difícil, pois havia poucas sacolas pessoais entre os suprimentos, mas, quando a abriu, soltou um grito que fez todos os homens do acampamento levantarem-se sobressaltados de espada na mão.

Ingtar veio correndo.

— O que foi? Paz, alguém atravessou a linha? Não ouvi os guardas.

— São estes casacos — grunhiu, ainda olhando para a sacola que abrira. Um dos casacos era preto, com um bordado prateado, e o outro, branco bordado em ouro. Ambos tinham garças nos colarinhos, e ambos eram no mínimo tão ornamentados quanto o casaco escarlate que ele vestia. — Os serviçais me disseram que eu tinha dois casacos bons e úteis aqui dentro. Olhe só para eles!

Ingtar embainhou a espada por cima do ombro. Os outros homens voltaram a se acomodar.

— Bem, eles são úteis.

— Não posso vestir isso. Não posso sair por aí vestido assim o tempo todo.

— Você pode vesti-los. Um casaco é um casaco. Soube que a própria Moiraine Sedai empacotou suas coisas. Talvez as Aes Sedai não entendam exatamente o que um homem vista no campo. — Ingtar sorriu. — Depois de capturarmos esses Trollocs, talvez haja uma festança. Pelo menos você terá roupas apropriadas, ao contrário do restante. — Ele voltou para onde as fogueiras de cozinhar já estavam acesas.

Rand não se movera desde que Ingtar mencionara Moiraine. Ficou olhando para os casacos. *O que ela está tramando? Seja lá o que for, não serei usado.* Ele embrulhou as roupas de volta e enfiou a sacola no cesto. *Eu sempre posso andar pelado*, pensou com amargura.

Os shienaranos se revezavam para cozinhar quando acampavam, e Masema era o responsável pelo caldeirão quando Rand voltou às fogueiras. O cheiro de um cozido de nabos, cebolas e carne seca começou a invadir o acampamento. Ingtar foi o primeiro a ser servido, seguido de Uno, mas todos os outros formaram uma fila. Masema jogou uma grande concha de cozido no prato de Rand, que recuou depressa para evitar que a comida transbordasse e sujasse seu casaco. Estava com o polegar queimado na boca quando abriu espaço para o homem seguinte. Masema ficou olhando para ele com um sorriso que não chegou aos olhos. Até que Uno avançou e lhe deu um tapa.

— Não estamos com comida de sobra para você ficar derramando no maldito chão. — O caolho olhou para Rand e se afastou. Masema esfregou a orelha, mas seu olhar irritado acompanhou Rand.

O rapaz foi se juntar a Ingtar e Loial, sentando-se no chão sob um enorme carvalho. Ingtar tirara o elmo e o colocara no chão, ao seu lado, mas ainda usava a armadura completa. Mat e Perrin já estavam lá, comendo com vontade. Mat olhou com desdém para o casaco de Rand, mas Perrin mal levantou a cabeça, com os olhos dourados reluzindo à meia-luz das fogueiras, antes de voltar a atenção para o seu prato.

Pelo menos eles não se afastaram desta vez.

Ele se sentou de pernas cruzadas do outro lado de Ingtar.

— Gostaria de saber por que Uno não para de me encarar. Deve ser por causa deste maldito

casaco.

Ingтар fez uma pausa, pensativo, enquanto mastigava um bocado de cozido. Por fim, falou:

— Sem dúvida, Uno está se perguntando se você é digno de uma espada com a marca da garça. — Mat fez um ruído debochado, mas Ingтар continuou, imperturbável. — Não deixe Uno aborrecê-lo. Ele trataria Lorde Agelmar como um recruta, se pudesse. Bem, talvez não Agelmar, mas qualquer outro. Ele é meio áspero, mas dá bons conselhos. E deveria, já que participa de campanhas desde antes de eu nascer. Ouça seus conselhos, não ligue para sua aspereza e, então, se dará bem com Uno.

— Achei que ele fosse como Masema. — Rand enfiou cozido na boca. Estava quente demais, mas ele engoliu tudo. Não haviam comido desde que deixaram Fal Dara, e ele estava preocupado demais para comer naquela manhã. Seu estômago roncava, lembrando-o que já passava da hora. Ele se perguntou se dizer a Masema que tinha gostado da comida ajudaria. — Ele age como se me odiasse, não entendo isso.

— Masema serviu por três anos nas Marcas Orientais — respondeu Ingтар. — Em Ankor Dail, contra os Aiel. — Ele mexeu o cozido com a colher, franzindo a testa. — Eu não faço perguntas, veja bem. Se Lan Dai Shan e Moiraine Sedai dizem que você é de Andor, de Dois Rios, então você é. Mas Masema não consegue tirar o rosto dos Aiel da cabeça, e quando o vê... — Ele deu de ombros. — Eu não faço perguntas.

Rand deixou a colher cair no prato com um suspiro.

— Todos pensam que eu sou alguém que não sou. Sou de Dois Rios, Ingтар. Cultivei tabaco com... com meu pai, e criei suas ovelhas. É isso o que sou. Um fazendeiro e um pastor de Dois Rios.

— Ele é de Dois Rios — concordou Mat, com escárnio. — Eu cresci com ele, embora agora nem dê pra ver isso. Vocês colocam essa bobagem de Aiel na cabeça dele, além do que já está aí, e só a Luz sabe qual será o resultado. Um Lorde Aiel, talvez?

— Não — comentou Loial. — Ele parece Aiel. Você lembra, Rand, que comentei isso uma vez, embora achasse que fosse apenas porque não conhecesse bem vocês, humanos, na época. Lembra? “Até a sombra sumir, até a água secar, saltando na Sombra com os dentes à mostra, gritando em desafio com seu último suspiro, para cuspir no olho do Cega-vista no Último Dia.” Você lembra, Rand?

Rand encarou o prato. *Enrole uma shoufa ao redor de sua cabeça, Rand, e você será um Aiel perfeito.* Gawyn, irmão de Elayne, a Filha-Herdeira de Andor, dissera aquilo. *Todos pensam que sou alguém que não sou.*

— O que você disse? — perguntou Mat. — Essa história de cuspir no olho do Tenebroso.

— Esse é o tempo pelo qual os Aiel dizem que lutarão — respondeu Ingтар — e não duvido que o façam. Exceto por mascates e menestréis, os Aiel dividem o mundo em dois: Aiel e inimigos. Eles deixaram de pensar assim sobre Cairhien há quinhentos anos, por algum motivo que ninguém, a não ser um deles, pode entender. Mas não acho que voltem a fazê-lo.

— Suponho que não — suspirou Loial. — Mas eles deixam os *tuatha'an*, o Povo Viajante, atravessar o Deserto. E também não veem os Ogier como inimigos, embora eu duvide que qualquer um de nós quisesse ir até lá. Os Aiel às vezes vão ao pouso de Shangtai para negociar madeira cantada. Mas são um povo duro.

Ingтар assentiu.

— Quisera eu ter homens assim tão duros. Metade do que os Aiel, até.

— Isso é alguma piada? — Mat riu. — Se eu corresse uma milha usando todo o ferro que vocês estão vestindo, cairia e dormiria por uma semana. Você fazem isso por milhas, todos os dias.

— Os Aiel são realmente duros — respondeu Ingtar. — Homens e mulheres. Já lutei contra eles, e sei. Eles correrão cinquenta milhas e lutarão uma batalha depois. Eles são a morte que anda, com qualquer arma ou sem nenhuma. Exceto por uma espada. Eles não tocam em espadas, não sei por quê. Nem montam a cavalo. Não que precisem. Se você carregar uma espada e um homem de Aiel estiver com as mãos vazias, é uma luta justa. Se você for bom. Eles cuidam de gado e cabras onde você e eu morreríamos de sede antes do fim do dia. Eles escavam seus vilarejos em rochas imensas, lá no Deserto. Estão lá desde a Ruptura, ou quase. Artur Asa-de-gavião tentou tirá-los de lá e saiu coberto de sangue. Foi a única grande derrota que sofreu. De dia, o ar no Deserto Aiel ondula com o calor, e à noite congela. E um Aiel vai encará-lo com aqueles olhos azuis e dizer que não existe outra terra em que gostaria de estar. E também não estará mentindo. Mas, se algum dia tentassem sair, seria difícil impedi-los. A Guerra dos Aiel durou três anos, e foi apenas com quatro dos treze clãs.

— Os olhos cinzentos da mãe não fazem dele um Aiel — retrucou Mat.

Ingtar deu de ombros.

— Como eu disse, não faço perguntas.

Quando Rand finalmente se ajeitou para dormir, sua cabeça estava cheia de pensamentos indesejados. *Aparência de um Aiel. Moiraine Sedai diz que você é de Dois Rios. Os Aiel devastaram tudo até Tar Valon. Nascido nas encostas do Monte do Dragão. O Dragão Renascido.*

— Eu não serei usado — resmungou, mas o sono custou a chegar.

Ingtar levantou acampamento antes que o sol nascesse. Eles já havia terminado o desjejum e cavalgavam para o sul quando as nuvens no leste ainda estavam vermelhas com o nascer do sol que vinha, e o orvalho ainda pendia na folhagem. Dessa vez, Ingtar mandou batedores, e, embora o ritmo fosse duro, não era mais de matar os cavalos. Rand achou que talvez Ingtar tivesse percebido que não iriam fazer tudo em um dia só. O rastro ainda ia para o sul, dissera Hurin. Então, duas horas após o pôr do sol, um dos batedores voltou a galope.

— Há um acampamento abandonado à frente, milorde. Logo no topo daquela colina. Devia ter no mínimo trinta ou quarenta deles ali ontem à noite, milorde.

Ingtar esporeou o cavalo como se tivesse ouvido que os Amigos das Trevas ainda estavam lá, e Rand teve que manter o passo, ou seria atropelado pelos shienaranos que subiram a colina atrás dele, galopando.

Não havia muito para ver. Apenas cinzas frias das fogueiras do acampamento, bem escondidas entre as árvores, com o que pareciam os restos de uma refeição atirada entre elas. Uma pilha de lixo também estava perto das fogueiras, já repleta de moscas zumbindo.

Ingtar manteve os outros a distância e desmontou para andar pelo acampamento com Uno, examinando o terreno. Hurin cavalgou ao redor do local, farejando. Rand ficou sentado em seu garanhão junto dos outros homens, pois não tinha nenhuma vontade de olhar para um lugar onde Trollocs e Amigos das Trevas haviam acampado. E um Desvanecido. *E coisa pior.*

Mat subiu a colina correndo e se esgueirou até o acampamento.

— Então este é um acampamento dos Amigos das Trevas? Fede um pouquinho, mas não posso dizer que seja muito diferente de qualquer outro. — Ele chutou uma das pilhas de cinzas, derrubando um pedaço de osso queimado, e se abaixou para pegá-lo. — O que os Amigos das Trevas comem? Não parece um osso de ovelha nem de vaca.

— Um assassinato foi cometido aqui — comentou Hurin, com tristeza. Ele esfregou o nariz com um lenço. — Algo pior do que assassinato.

— Havia Trollocs aqui — disse Ingтар, olhando para Mat. — Suponho que tenham ficado com fome, e os Amigos das Trevas estavam à mão. — Mat deixou o osso enegrecido cair, parecendo que ia passar mal.

— Eles não estão indo mais para o sul, milorde — disse Hurin. Isso chamou a atenção de todos. Ele apontou para trás, na direção nordeste. — Talvez tenham decidido ir para a Praga, afinal. Contornar nosso grupo. Talvez estivessem apenas tentando nos despistar, vindo para o sul. — Sua voz era de quem não acreditava naquilo. Parecia intrigado.

— O que quer que estivessem tentando — rosnou Ingтар —, vou pegá-los agora. Montem! Entretanto, pouco mais de uma hora depois, Hurin parou seu cavalo.

— Eles mudaram o rumo outra vez, milorde. Voltaram a seguir para o sul. E mataram mais alguém por lá.

Não havia cinzas no intervalo entre as duas colinas, mas encontraram um corpo depois de alguns minutos de busca. Era um homem todo enroscado e enfiado embaixo de alguns arbustos. Sua nuca fora esmagada, e seus olhos ainda estavam arregalados com a força do impacto. Ninguém o reconheceu, embora estivesse vestido como um shienarano.

— Não perderemos tempo enterrando Amigos das Trevas — grunhiu Ingтар. — Vamos cavalgar para o sul. — Já seguia suas próprias ordens antes mesmo de as palavras saírem de sua boca.

Mas o dia foi idêntico ao anterior. Uno estudou rastros e fez e disse que eles haviam encurtado um pouco a distância. O crepúsculo chegou sem trazer sinal de Trollocs ou de Amigos das Trevas, e, na manhã seguinte, encontraram mais um acampamento abandonado — e mais um assassinato, segundo Hurin — e mais uma mudança de direção, dessa vez para noroeste. Em menos de duas horas no rastro, encontraram outro corpo: um homem com o crânio rachado por um machado. E mais outra mudança de direção. Sul outra vez. Estavam chegando mais perto, segundo a leitura que Uno fizera dos rastros. Mais uma vez, viam apenas fazendas distantes até o cair da noite. E o dia seguinte foi a mesma coisa, mudanças de direção, assassinatos e tudo o mais. E no seguinte àquele também.

Todo dia chegavam um pouco mais perto de sua presa, mas Ingтар fervia de raiva. Ele sugeriu seguir reto para cortar caminho quando o rastro mudou de direção em uma manhã. Eles com certeza acabariam voltando para o sul, e assim ganhariam mais tempo. Antes que alguém pudesse falar alguma coisa, ele disse que era má ideia, caso daquela vez os ladrões não virassem para o sul. Mandou todos irem mais rápido, começarem a perseguição mais cedo e cavalgarem até depois de escurecer. Lembrou a eles da missão que o Trono de Amyrlin lhes encarregara: recuperar a Trombeta de Valere e não deixar que nada barrasse seu caminho. Falou da glória que teriam, com os nomes lembrados na História e em histórias, em contos de

menestréis e canções de bardos sobre os homens que haviam encontrado a Trombeta. Falava como se não conseguisse parar e olhava para o rastro que seguiam como se sua esperança da Luz ficasse no final dele. Até mesmo Uno começou a lhe lançar olhares enviesados.

E assim chegaram ao Rio Erinin.

* * *

Na cabeça de Rand, aquilo não podia ser realmente chamado de aldeia. Ele parou seu cavalo entre as árvores e observou a meia dúzia de casebres com telhado de madeira e beirais que iam quase até o chão, espalhados no topo de colina que dava para o rio iluminado pelo sol da manhã. Praticamente ninguém passava por ali. Fazia apenas algumas horas desde que levantaram acampamento, mas já passava da hora de encontrarem os restos do local de descanso dos Amigos das Trevas, se tudo continuasse como antes. Mas ainda não haviam visto nada do tipo.

O rio não se parecia muito com o poderoso Erinin da história, assim tão distante de sua fonte, na Espinha do Mundo. Talvez tivesse sessenta braças de uma margem a outra, e ambas eram repletas de árvores. Uma barca, semelhante a uma balsa, presa com uma corda grossa, cobria aquela distância. A barca estava parada do outro lado.

Pela primeira vez, o rastro os levara direto a uma habitação humana. Direto até as casas na colina. Ninguém se movia na única rua de terra batida ao redor da qual as habitações se aglomeravam.

— Uma emboscada, milorde? — perguntou Uno, baixinho.

Ingтар deu as ordens necessárias, e os shienaranos sacaram suas lanças, dando a volta para cercar as casas. A um sinal da mão de Ingтар, eles galoparam ruidosamente por entre as casas, provenientes de quatro direções. Os olhos atentos vasculhavam, as lanças estavam prontas e a poeira subia de seus cascos. Nada se movia, a não ser eles. Puxaram as rédeas, e a poeira começou a se acomodar.

Rand devolveu à aljava a flecha que havia encaixado no arco e voltou a pôr a arma nas costas. Mat e Perrin fizeram o mesmo. Loial e Hurin apenas esperavam onde Ingтар os deixara, observando, desconfortáveis.

Ingтар acenou, e Rand e os outros cavalgaram para se juntar aos shienaranos.

— Não gosto do cheiro deste lugar — resmungou Perrin, enquanto andavam por entre as casas. Hurin lhe lançou um olhar, que o menino retribuiu até o outro desviar os olhos. — Tem um cheiro errado.

— Aqueles Amigos das Trevas e Trollocs chamejados passaram direto, milorde — disse Uno, apontando para uns poucos rastros que não haviam sido destruídos pelos shienaranos. — Foram direto para a barca de beija-cabras, que os imbecis deixaram do outro lado. Maldito sangue e malditas cinzas! Ainda temos a sorte de eles não terem cortado a corda e deixado essa barca chamejada à deriva.

— Onde estão as pessoas? — perguntou Loial.

As portas estavam escancaradas, e as cortinas balançavam nas janelas abertas, mas ninguém havia saído, nem mesmo com todo o barulho dos cascos.

— Vasculhem as casas — ordenou Ingtar. Os homens desmontaram e correram para obedecer, mas saíram sacudindo as cabeças.

— Eles se foram, milorde — disse Uno. — Apenas se foram, que me queime! Como se tivessem empacotado tudo e decidido sair correndo no meio desse dia chamejado. — Ele parou de súbito, apontando com urgência para uma casa atrás de Ingtar. — Há uma mulher naquela janela. Como pude deixar de vê-la? Maldição... — Ele correu para a casa antes que mais alguém pudesse se mexer.

— Não a assuste! — gritou Ingtar. — Uno, precisamos de informações. Que a Luz o cegue, Uno, não a assuste! — O caolho desapareceu pela porta aberta. Ingtar ergueu a voz mais uma vez. — Não vamos machucar você, boa senhora. Somos homens sacramentados de Lorde Agelmar, de Fal Dara. Não tenha medo! Não vamos machucá-la.

Uma janela no alto da casa se escancarou, e Uno meteu a cabeça para fora, olhando ao redor, nervoso. Soltando um impropério, voltou a fechá-la. Ruídos abafados e metálicos marcaram sua volta, como se ele estivesse chutando coisas em frustração. Por fim, ele apareceu à porta.

— Foi-se, milorde. Mas estava lá. Uma mulher de vestido branco, na janela. Eu a vi. Até pensei que a tinha visto lá dentro, por um momento, mas então ela sumiu, e... — Ele respirou fundo. — A casa está vazia, milorde. — O fato de não ter soltado um impropério era uma indicação de quanto estava agitado.

— Cortinas — resmungou Mat. — Ele está levando sustos com as malditas cortinas.

Uno lhe lançou um olhar irritado e depois voltou para o cavalo.

— Para onde foram? — perguntou Rand a Loial. — Você acha que fugiram quando os Amigos das Trevas vieram? — *E Trollocs, um Myrddraal e o “algo pior” de Hurin. Eram inteligentes se correram o mais rápido que puderam.*

— Receio que os Amigos das Trevas os tenham levado, Rand — respondeu Loial, devagar. Ele fez uma careta, quase parecia bufar com o nariz largo como um focinho. — Para os Trollocs.

Rand engoliu em seco e desejou não ter feito aquela pergunta. Nunca era agradável pensar em como os Trollocs se alimentavam.

— O que quer que tenha acontecido aqui — disse Ingtar — é obra dos Amigos das Trevas. Hurin, houve alguma violência neste lugar? Morte? Hurin?

O farejador sobressaltou-se em sua sela e olhou ao redor, desesperado. Antes, estivera olhando para o outro lado do rio.

— Violência, milorde? Sim. Morte, não. Ou não exatamente. — Ele olhou de esguelha para Perrin. — Nunca senti cheiro de nada parecido antes, milorde. Mas houve feridos.

— Há alguma dúvida de que atravessaram o rio? Voltaram para cá outra vez?

— Eles atravessaram, milorde. — Hurin olhou para a outra margem, incomodado. — Eles atravessaram. Mas o que fizeram do outro lado... — Ele deu de ombros.

Ingtar assentiu.

— Uno, quero aquela barca aqui do nosso lado. E quero o outro lado examinado por batedores antes de atravessarmos. Só porque não houve emboscada aqui, não significa que não haverá uma quando estivermos divididos pelo rio. Aquela barca não parece grande o bastante para levar todo mundo em uma viagem. Cuide disso.

Uno fez uma medida e, em instantes, Ragan e Masema ajudavam um ao outro a tirar as armaduras. Despidos até estarem só com as roupas íntimas, levando uma adaga presa às costas, eles correram até o rio com as pernas arqueadas de cavaleiros e começaram a atravessar, segurando-se na corda grossa pela qual a barca corria. O cabo era mais frouxo no meio, o suficiente para abaixá-los no rio até a cintura, e a corrente era forte, puxando-os para baixo. No entanto, mais rápido do que Rand esperava, já estavam subindo nas ripas laterais da barca. Sacando suas adagas, eles desapareceram por entre as árvores.

Depois do que pareceu uma eternidade, os dois homens reapareceram e começaram a puxar a barca para o outro lado, devagar. A embarcação bateu na margem abaixo da aldeia, e Masema amarrou-a enquanto Ragan correu até onde Ingtar aguardava. Seu rosto estava branco, a cicatriz de flecha ainda mais aparente, e ele parecia abalado.

— A outra margem... Não há emboscada na outra margem, milorde, mas... — Ele fez uma medida profunda, ainda molhado e trêmulo. — Milorde, o senhor precisa ver por si mesmo. O grande carvalho-branco, a cinquenta passos a sul do cais. Não consigo falar. O senhor precisa ver por si mesmo.

Ingtar franziu a testa, olhando de Ragan para a outra margem. Por fim, disse:

— Você fez bem, Ragan. Vocês dois fizeram bem. — Sua voz se tornou mais ríspida. — Encontre alguma coisa nas casas para esses homens se secarem, Uno. E veja se alguém tem água sobrando para o chá. Ponha algo quente dentro deles, se puder. Depois traga a segunda fileira e os animais de carga. — Virou-se para Rand. — Bem, está pronto para ver a margem sul do Erinin? — Ele não esperou resposta, apenas desceu até a barca com Hurin e metade dos lanceiros.

Rand hesitou apenas por um instante antes de segui-lo. Loial foi com ele. Para sua surpresa, Perrin desceu à frente deles, com ar amargurado. Alguns dos lanceiros, fazendo piadas de mau gosto, desmontaram para puxar a corda e subir a barca.

Mat esperou até o último minuto, quando um dos shienaranos estava desamarrando a barca, antes de esporear seu cavalo e se juntar ao grupo a bordo.

— Tenho que ir mais cedo ou mais tarde, não tenho? — disse, sem fôlego, a ninguém em particular. — Tenho que encontrá-la.

Rand sacudiu a cabeça. Mat apresentava o aspecto saudável de sempre, o que fez com que ele quase se esquecesse do motivo de estar ali com eles. *Para encontrar a adaga. Que Ingtar fique com a Trombeta! Eu só quero a adaga para Mat.*

— Nós vamos encontrá-la, Mat.

Mat fez uma careta para ele, olhando com desprezo para seu casaco vermelho refinado, e lhe deu as costas. Rand suspirou.

— Tudo vai dar certo, Rand — disse Loial, baixinho. — De algum jeito, dará.

A corrente passou a carregar a barca assim que foi empurrada da margem, tensionando o cabo com um ranger agudo. Os lanceiros pareciam barqueiros estranhos, caminhando pelo convés de elmo e armadura, com as espadas presas às costas, mas conduziram a barca bem o bastante.

— Foi assim que deixamos nossa terra — disse Perrin, de repente. — Na Barca do Taren. Com o som das botas dos barqueiros batendo no convés e a água gorgolejando ao redor da

barca. Foi assim que partimos. Desta vez, será pior.

— Como pode ser pior? — perguntou Rand.

Perrin não respondeu. Ele fitou a outra margem, e seus olhos dourados quase pareciam brilhar, mas não de ansiedade.

Depois de um minuto, Mat perguntou:

— Como pode ser pior?

— Será. Posso sentir o cheiro — Foi tudo o que Perrin disse.

Hurin olhou para ele, nervoso, mas o homem parecia lançar olhares nervosos desde que tinham deixado Fal Dara.

A barca bateu na outra margem com um impacto oco de pranchas rígidas encontrando a argila dura, quase embaixo de árvores que se penduravam sobre as margens. Os shienaranos que puxavam a corda montaram em seus cavalos, exceto dois deles, que Ingтар mandou levar a barca de volta para buscar os outros. O restante o seguiu margem acima.

— Cinquenta passos até um grande carvalho-branco — disse Ingтар, enquanto cavalgavam entre as árvores. Sua voz soava tranquila demais. Se Ragan não conseguira contar o que vira... Alguns dos soldados afrouxaram as espadas nas costas e ficaram com as lanças preparadas.

No começo, Rand achou que as duas figuras penduradas pelos braços nos galhos grossos e cinzentos do carvalho-branco eram espantalhos. Espantalhos vermelhos. Então reconheceu os rostos. Changu e o outro homem que estivera de guarda com ele, Nidao. Seus olhos estavam abertos e os dentes à mostra em um berro de dor. Tinha sido uma morte lenta.

Perrin soltou um grunhido gutural, quase um rosnado.

— Nunca vi nada tão ruim, milorde — disse Hurin fracamente. — Nunca senti um cheiro tão ruim, a não ser no calabouço de Fal Dara, naquela noite.

Desesperado, Rand tentou invocar o vazio. A chama parecia atrapalhá-lo, a luz incerta tremeluzia no mesmo ritmo frenético em que ele engolia em seco, mas ele continuou tentando até conseguir se envolver no vazio. No entanto, a incerteza pulsou junto com ele. Não do lado de fora, dessa vez, mas de dentro. *Não é de se espantar, olhando esta cena.* O pensamento deslizou pelo vazio como uma gota d'água em uma grelha quente. *O que aconteceu com eles?*

— Foram esfolados vivos — disse alguém atrás dele, e Rand ouviu sons de outra pessoa vomitando. Achou que fosse Mat, mas, de dentro do vazio, tudo ficava muito distante. E aquele tremeluzir nauseante também estava ali dentro. Achou que também fosse vomitar.

— Corte as cordas e desça-os — comandou Ingтар, ríspido. Ele hesitou por um momento, então acrescentou: — Enterrem-nos. Não temos certeza de que eram Amigos das Trevas. Podiam ser prisioneiros. Podiam ser. Que conheçam o último abraço da mãe, pelo menos!

Homens avançaram a cavalo, manejando as facas sem jeito. Nem mesmo para shienaranos endurecidos pela batalha era tarefa fácil carregar os corpos esfolados de homens que haviam conhecido.

— Você está bem, Rand? — perguntou Ingтар. — Eu também não estou acostumado com isso.

— Eu... eu estou bem, Ingтар.

Rand deixou o vazio desaparecer. Sentia-se menos enjoado sem ele. Seu estômago ainda estava embrulhado, mas ele se sentia melhor. Ingтар assentiu e virou seu cavalo para ver os

homens trabalhando.

O enterro foi simples. Dois buracos foram cavados no chão, e os corpos foram colocados lá dentro enquanto os demais shienaranos observavam em silêncio. Os coveiros, sem demora, começaram a jogar pás de terra dentro dos túmulos.

Rand ficou chocado, mas Loial explicou em voz baixa:

— Os shienaranos acreditam que todos viemos da terra, e à terra devemos voltar. Eles nunca usam caixões ou mortalhas, e os corpos são enterrados despidos. A terra deve receber o corpo. O último abraço da mãe, é como chamam. E nunca há discursos, apenas “Que a Luz brilhe sobre você, e o Criador o abrigue! O último abraço da mãe lhe dá as boas-vindas em sua casa.” — Loial suspirou e sacudiu a enorme cabeça. — Não acho que alguém vá dizê-las, desta vez. Não importa o que Ingтар diga, Rand, não há muita dúvida de que Changu e Nidao mataram os guardas no Portão do Cão e deixaram os Amigos das Trevas entrarem na fortaleza. Eles devem ser os responsáveis por tudo isso.

— Então quem disparou a flecha na... na Amyrlin? — Rand engoliu em seco. *Quem disparou em mim?* Loial não respondeu.

Uno chegou com o restante dos homens e os cavalos de carga quando a última pá de terra estava sendo jogada nos túmulos. Alguém lhe disse o que haviam encontrado, e o caolho cuspiu.

— Trollocs beija-cabras fazem isso perto da maldita Praga, às vezes. Quando querem mexer com seus nervos ou avisar você para não seguir adiante. Que me queime se isso funcionar aqui também!

Antes de seguirem em frente, Ingтар parou seu cavalo ao lado dos túmulos sem sepultura, dois montinhos de terra que pareciam pequenos demais para conter homens. Depois de um momento, disse:

— Que a Luz brilhe sobre vocês, e o Criador os abrigue! O último abraço da mãe lhes dá as boas-vindas em sua casa. — Quando levantou a cabeça, olhou para um homem de cada vez. Eles o olharam de modo inexpressivo, mas o rosto mais inexpressivo de todos era o de Ingтар. — Eles salvaram Lorde Agelmar na Garganta de Tarwin — disse. Vários dos lanceiros assentiram. Ingтар virou seu cavalo. — Para que lado, Hurin?

— Sul, milorde.

— Sigam o rastro! Vamos caçar!

A floresta logo deu lugar a uma terra praticamente plana, de ondulações suaves, às vezes atravessada por um riacho raso que escavara um canal de margens altas. Mas nunca havia mais do que uma elevação baixa ou um pequeno morro, que mal merecia esse nome. Terra perfeita para os cavalos. Ingтар aproveitou a oportunidade, impondo um ritmo firme e cobrindo o terreno. Volta e meia, Rand via o que poderia ter sido uma casa de fazenda a distância. Numa das ocasiões, julgou que fosse uma vila, com fumaça saindo de chaminés a algumas milhas e algo relampejando branco sob o sol. Mas a terra perto deles permanecia sem humanos à vista, apenas longas extensões de grama pontilhadas com arbustos e uma ou outra árvore. Vez por outra, uma pequena cerca viva, mas nunca com mais de cem passos de extensão.

Ingтар enviou batedores, dois homens que foram cavalgando à frente, avistados apenas

quando chegavam ao topo de uma rara elevação. Ele levava um apito de prata pendurado no pescoço para chamá-los de volta, caso Hurin dissesse que o rastro se desviara, mas isso não aconteceu. Sul. Sempre sul.

— Chegaremos ao campo de Talidar em três ou quatro dias, a esta velocidade — comentou Ingтар enquanto cavalgavam. — A maior vitória de Artur Asa-de-gavião, quando os Meio-Homens contra ele lideraram os Trollocs até fora da Praga, durou seis dias e seis noites, e, quando acabou, os Trollocs fugiram de volta para a Praga e nunca mais ousaram desafiá-lo. Ele ergueu um monumento ali, em homenagem a essa vitória: uma torre com cem braças de altura. Não deixou que pusessem seu nome nela. Em vez disso, mandou colocarem os nomes de cada homem que tombou em combate e um sol dourado no alto, símbolo de que a Luz havia triunfado sobre a Sombra.

— Eu gostaria de vê-lo — disse Loial. — Nunca ouvi falar desse monumento.

Ingтар ficou em silêncio por um momento e, quando voltou a falar, sua voz era baixa.

— A torre não está mais lá, Construtor. Quando Asa-de-gavião morreu, os que disputaram seu império não podiam suportar a ideia de um monumento à sua vitória, mesmo que não fizesse menção a seu nome. Não restou nada, a não ser o monte onde ela ficava. Em três ou quatro dias, poderemos vê-lo, pelo menos. — Seu tom de voz não permitiu muita conversa depois disso.

Com o sol dourado sobre suas cabeças, eles passaram por uma estrutura quadrada, feita com tijolos de gesso, a cerca de uma milha do caminho. Não era alta, não tinha mais do que dois andares ainda em pé, mas cobria um bom pedaço de chão. Uma antiga atmosfera de abandono pendia sobre os telhados que haviam desaparecido, a não ser por alguns trechos de telhas escuras penduradas em pedaços de vigas. A maior parte do gesso, outrora branco, havia caído, deixando exposto o tijolo escuro e corroído pela ação do tempo. Paredes desmoronadas revelavam no interior pátios e câmaras em decomposição. Arbustos, e até mesmo árvores, cresciam nas rachaduras do que antes haviam sido pátios.

— Um solar — explicou Ingтар. O pouco bom humor que recuperara pareceu desvanecer-se quando olhou para a estrutura. — Quando Harad Dakar ainda estava de pé, imagino que o administrador do solar cultivava o raio de uma légua ao redor desta terra. Talvez tivesse pomares. Os hardanienses adoravam seus pomares.

— Harad Dakar? — indagou Rand, e Ingтар bufou, irritado.

— Ninguém mais aprende história? Harad Dakar, a capital de Hardan. A nação que ficava aqui, por onde agora passamos.

— Eu já vi um mapa antigo — respondeu Rand, com a garganta apertada. — Aprendi sobre as nações que não existem mais. Maredo, Goaban e Caralain. Mas não havia Hardan nele.

— Existiram outras que hoje também já se foram — falou Loial. — Mar Haddon, que hoje é Haddon Mirk, e Almoth. Kintara. A Guerra dos Cem Anos dividiu o império de Artur Asa-de-gavião em muitas nações, grandes e pequenas. As pequenas foram engolidas pelas grandes, ou então se uniram, como Altara e Murandy. “Forçadas a se unir” seria uma expressão melhor do que “se uniram”, suponho.

— Então o que aconteceu com elas? — inquiriu Mat. Rand não notara que Perrin e Mat tinham cavalgado até eles. Estavam na retaguarda, tão longe dele quanto podiam, da última vez que os vira.

— Não conseguiram se manter juntas — respondeu o Ogier. — As plantações fracassaram, ou o comércio fracassou. As pessoas fracassaram. Alguma coisa fracassou em cada caso, e a nação foi morrendo aos poucos. Era comum países vizinhos absorverem as terras das nações que desapareciam, mas esses anexos nunca duravam muito. Com o tempo, a terra acabou abandonada. Algumas aldeias ainda persistem aqui e ali, mas a maioria ficou deserta. Há quase trezentos anos, Harad Dakar finalmente foi abandonada, mas antes mesmo já era uma casca, com um rei que não conseguia controlar o que se passava dentro das muralhas da cidade. Harad Dakar já não existe mais, pelo que sei. E todos os vilarejos e cidades de Hardan se foram. As pedras foram levadas por fazendeiros e aldeões, para uso próprio. A maioria das fazendas e aldeias criadas com elas também já sumiu. Foi o que li, e não vi nada que negasse isso.

— Harad Dakar foi bastante disputada por quase cem anos — disse Ingтар, com amargura. — Por fim, as pessoas partiram. Depois a cidade foi levada embora, pedra por pedra. Tudo desapareceu, e o que não foi levado está desaparecendo. Tudo, em toda parte, desaparece. Quase não há nações que de fato controlem as terras que afirmam possuir no mapa, e quase não há terras que afirmem, hoje, possuir o que possuíam cem anos atrás, em um mapa. Quando a Guerra dos Cem Anos acabou, um homem cavalgava por várias nações da Praga até o Mar das Tempestades. Agora dá para cavalgar por uma vastidão selvagem e sem nação praticamente por toda a terra. Nós, das Terras de Fronteira, temos nossas lutas contra a Praga para nos manter fortes e inteiros. Talvez eles não tenham o que precisam para se manter fortes. Você diz que eles fracassaram, Construtor? Sim, fracassaram, e que nação de pé hoje, inteira, não fracassará amanhã? Estamos sendo varridos da terra, a humanidade. Somos levados como escombros em uma enchente. Quanto tempo ainda temos até que nada mais reste além das Terras de Fronteira? Quanto tempo antes que nós também tombemos e não sobre nada, a não ser Trollocs e Myrddraal, até o Mar das Tempestades?

Houve um silêncio de perplexidade. Nem mesmo Mat ousou quebrá-lo. Ingтар saiu cavalgando, perdido em seus pensamentos sombrios.

Depois de algum tempo, os batedores voltaram a galope, eretos em suas selas, com as lanças retas apontando para o céu.

— Há uma aldeia à frente, milorde. Não fomos vistos, mas ela fica bem no nosso caminho.

Ingтар pareceu pôr de lado seus pensamentos, mas só voltou a falar quando chegaram à crista de uma cordilheira baixa que dava para a aldeia. E, mesmo assim, foi apenas para ordenar uma parada enquanto retirava uma luneta dos alforjes e a erguia para examinar a aldeia.

Rand analisou a aldeia com interesse. Era tão grande quanto o Campo de Emond, embora não tão grande se comparada a alguns dos vilarejos que vira desde que deixara Dois Rios, e muito menos quando comparada às cidades. As casas baixas e recobertas de argila branca pareciam ter grama crescendo em telhados inclinados. Uma dezena de moinhos de vento espalhados pela aldeia giravam, preguiçosos, com os braços compridos e brancos, cobertos de lona, faiscando sob o sol. Uma muralha baixa, da altura do peito, cercava a aldeia, coberta de mato, e do lado de fora havia uma vala grande com o fundo coberto de estacas afiadas. Não havia portão nas partes que viu da muralha, mas supôs que podia facilmente estar escondido por um carrinho ou vagão. Não viu ninguém.

— Não há sequer um cão à vista — observou Ingtar, devolvendo a luneta aos alforjes. — Tem certeza de que não viram vocês? — perguntou aos batedores.

— Não, a menos que tenham a sorte do próprio Tenebroso, milorde — respondeu um dos homens. — Não subimos a crista da cordilheira. Também não vimos ninguém se mover, milorde.

Ingtar assentiu.

— O rastro, Hurin?

Hurin respirou fundo.

— Na direção da aldeia, milorde. Direto até ela, pelo que posso dizer daqui.

— Fiquem bem atentos — ordenou Ingtar, pegando as rédeas. — E não acreditem que sejam amigos só porque sorriem. Se houver alguém lá! — Ele os conduziu na direção da aldeia em passos lentos e estendeu a mão para soltar a espada da bainha.

Rand ouviu os sons de outros atrás de si fazendo a mesma coisa. Depois de um momento, também pegou a sua. Tentar permanecer vivo não era a mesma coisa que tentar ser herói, concluiu.

— O senhor acha que essa gente ajudaria os Amigos das Trevas? — perguntou Perrin, dirigindo-se a Ingtar.

O shienarano demorou a responder.

— Eles não gostam muito do povo de Shienar — disse, por fim. — Acham que deveríamos protegê-los. Nós, ou os cairhienos. Cairhien exigiu a posse desta terra assim que o Rei de Hardan morreu. Exigiram todo o território até Erinin. Mas não conseguiram conservá-la. Desistiram dela há quase cem anos. As poucas pessoas que ainda vivem aqui não têm que se preocupar com Trollocs, assim tão longe ao sul, mas há muitos bandoleiros humanos. É por isso que suas aldeias têm a muralha e a vala. Todas têm. Os campos devem estar ocultos em clareiras ao redor daqui, mas ninguém mora do lado de fora da muralha. Eles jurariam lealdade a qualquer rei que lhes concedesse proteção, no entanto já fazemos tudo o que podemos contra os Trollocs. Por isso eles não gostam de nós. — Quando chegaram à abertura na muralha baixa, ele voltou a dizer: — Fiquem bem atentos!

Todas as ruas davam em uma praça, mas não havia ninguém do lado de fora, nem espiando das janelas. Nem mesmo um cão se movia, sequer uma galinha ciscava. Nada vivo. Portas abertas balançavam, rangendo ao vento, em contraponto ao gemido ritmado dos moinhos de vento. Os cascos dos cavalos soavam altos na rua de terra batida.

— É como na barca — murmurou Hurin — mas diferente. — Ele cavalgava curvado em sua sela, com a cabeça abaixada, como se estivesse tentando se esconder atrás dos próprios ombros. — Houve violência, mas... não sei. Foi ruim aqui. Fede.

— Uno — disse Ingtar —, conduza um destacamento e vasculhe as casas. Se encontrar alguém, leve a mim na praça. Mas não os assuste desta vez. Quero respostas, não gente fugindo.

Ele levou os outros soldados para o centro da aldeia enquanto Uno mandava um grupo de dez desmontar.

Rand hesitou, olhando ao redor. As portas rangendo, os moinhos gemendo e os cascos dos cavalos faziam barulho demais, como se não existisse outro som no mundo. Ele olhou bem

para os cavalos. As cortinas em uma janela aberta balançavam do lado de fora da casa. Tudo parecia sem vida. Suspirando, ele desmontou e caminhou até a casa mais próxima. Então parou, encarando a porta.

É só uma porta. Do que você tem medo? Desejou não se sentir como se houvesse algo à sua espera do outro lado. Abriu a porta.

Dentro, havia um aposento bem-arrumado. A mesa estava posta para uma refeição, as cadeiras tinham encosto de ripas e pratos já estavam servidos. Algumas moscas zumbiam sobre tigelas de nabos e ervilhas, outras se arrastavam por um pedaço de carne assada que repousava em sua própria gordura congelada. Havia uma fatia meio cortada, o garfo ainda estava cravado na carne, e o facão, caído sobre a bandeja, como se alguém o tivesse deixado cair. Rand entrou.

Piscou.

Um homem careca e sorridente, usando roupas rústicas, serviu uma fatia de carne em um prato estendido por uma mulher de rosto cansado, mas que também sorria. Ela acrescentou ervilhas e nabos ao prato e o passou para uma das crianças que estavam à mesa. Eram seis crianças, meninos e meninas. Alguns quase crescidos, outros mal tinham tamanho para olhar por cima da mesa. A mulher disse alguma coisa, e a garota que pegou o prato de sua mão riu. O homem começou a cortar mais uma fatia.

De repente, outra garota soltou um grito, apontando para a porta. O homem deixou cair a faca e se virou, então gritou também, com o rosto contorcido de horror, e agarrou uma das crianças. A mulher agarrou outra, e fez gestos desesperados para as outras, mexendo a boca, aflita, sem fazer barulho. Todos saíram correndo na direção de uma porta nos fundos do aposento.

Essa porta se abriu de súbito, e...

Rand piscou.

Ele não conseguia se mover. As moscas que zumbiam acima da mesa faziam ainda mais barulho. Sua respiração formava uma nuvem de vapor na frente da boca.

Rand piscou.

Um homem careca e sorridente, usando roupas rústicas, serviu uma fatia de carne em um prato estendido por uma mulher de rosto cansado, mas que também sorria. Ela acrescentou ervilhas e nabos ao prato e o passou para uma das crianças que estavam à mesa. Eram seis crianças, meninos e meninas. Alguns quase crescidos, outros mal tinham tamanho para olhar por cima da mesa. A mulher disse alguma coisa, e a garota que pegou o prato de sua mão riu. O homem começou a cortar mais uma fatia.

De repente, outra garota soltou um grito, apontando para a porta. O homem deixou cair a faca e se virou, então gritou também, com o rosto contorcido de horror, e agarrou uma das crianças. A mulher agarrou outra, e fez gestos desesperados para as outras, mexendo a boca, aflita, sem fazer barulho. Todos saíram correndo na direção de uma porta nos fundos do aposento.

Essa porta se abriu de súbito, e...

Rand piscou.

Ele lutava, mas seus músculos pareciam congelados. O aposento estava mais frio. Ele queria tremer, mas não conseguia se mexer nem para isso. Moscas se arrastavam por toda a mesa. Procurou o vazio. A luz fraca estava lá, mas ele não se importava. Ele tinha que...

Rand piscou.

Um homem careca e sorridente, usando roupas rústicas, serviu uma fatia de carne em um prato estendido por uma mulher de rosto cansado, mas que também sorria. Ela acrescentou ervilhas e nabos ao prato e o passou para uma das crianças que estavam à mesa. Eram seis crianças, meninos e meninas. Alguns quase crescidos, outros mal tinham tamanho para olhar por cima da mesa. A mulher disse alguma coisa, e a garota que pegou o prato de sua mão riu. O homem começou a cortar mais uma fatia.

De repente, outra garota soltou um grito, apontando para a porta. O homem deixou cair a faca e se virou, então gritou também, com o rosto contorcido de horror, e agarrou uma das crianças. A mulher agarrou outra, e fez gestos desesperados para as outras, mexendo a boca, aflita, sem fazer barulho. Todos saíram correndo na direção de uma porta nos fundos do aposento.

Essa porta se abriu de súbito, e...

Rand piscou.

O aposento estava congelando. *Tão frio*. Moscas enegreciam a mesa. As paredes eram uma massa ondulante de moscas, o chão, o teto, tudo preto pela quantidade de moscas. Elas se arrastavam em cima de Rand, cobriam-no, se arrastavam sobre seu rosto, seus olhos, dentro de seu nariz, de sua boca. *Luz, me ajude. Frio*. O zumbido das moscas tinha som de trovão. *Frio*. O frio penetrava o vazio, rindo dele, encapsulando-o em gelo. Desesperado, ele procurou a luz tremeluzente. Seu estômago dava voltas, mas a luz era morna. Morna. Quente. Ele estava quente.

De repente, estava rasgando... alguma coisa. Ele não sabia o quê, ou como. Teias de aranha feitas de aço. Raios de luar escavados em pedra. Elas desmoronavam ao toque de seus dedos, mas ele sabia que não havia tocado em nada. Elas murchavam e se derretiam com o calor que o atravessava, um calor igual ao de uma forja, um calor como se o mundo pegasse fogo, um calor como...

A visão desapareceu. Ofegante, ele olhou ao redor com os olhos arregalados. Algumas poucas moscas jaziam sobre a carne assada meio cortada na bandeja. Moscas mortas. Seis moscas. *Apenas seis*. Havia mais nas tigelas, meia dúzia de pontinhos pretos entre as verduras frias. Todas mortas. Ele saiu para a rua, cambaleando.

Mat estava saindo de uma casa do outro lado da rua, balançando a cabeça.

Rand piscou.

— Ninguém lá dentro — disse a Perrin, que ainda estava montado em seu cavalo. — Parece que simplesmente se levantaram no meio do jantar e foram embora.

Um grito veio da praça.

— Encontraram alguma coisa — disse Perrin, metendo os calcanhares nos flancos do cavalo. Mat subiu correndo na sela e foi galopando atrás dele.

Rand montou em Vermelho mais devagar, e o garanhão recuou como se sentisse seu desconforto. Ele olhou de relance para as casas ao cavalgar devagar na direção da praça, mas não conseguia olhar para elas por muito tempo. *Mat entrou em uma e nada lhe aconteceu*. Ele resolveu não pôr os pés dentro de outra casa daquela aldeia, não importava o que houvesse. Metendo as botas nos flancos de Vermelho, acelerou o passo.

Todos estavam parados como estátuas diante de um grande prédio de portas duplas. Rand não achava que aquilo pudesse ser uma estalagem. Para começar, não tinha nenhuma placa.

Talvez fosse um local de reuniões da aldeia. Reuniu-se ao círculo silencioso e começou a olhar na mesma direção que os outros.

Havia um homem com os braços abertos sobre as portas, pregos enormes atravessavam-lhe os punhos e os ombros. Mais pregos haviam sido enfiados em seus olhos, para manter sua cabeça erguida. Sangue seco e escuro descia por suas bochechas, espalhando-se. Arranhões na madeira atrás de suas botas indicavam que ele estava vivo quando aquilo fora feito. Quando começou, pelo menos.

Rand prendeu a respiração. Não era um homem. Aquelas roupas pretas, mais pretas do que o preto, nunca haviam sido vestidas por qualquer humano. O vento balançava uma ponta de seu manto preto atrás do corpo, o que nem sempre acontecia, como ele bem sabia: o vento nem sempre tocava aquelas roupas. Mas nunca houve olhos naquele rosto pálido e sem sangue.

— Myrddraal — disse baixinho, e foi como se sua voz libertasse todas as outras.

Eles começaram a se mover outra vez e a respirar.

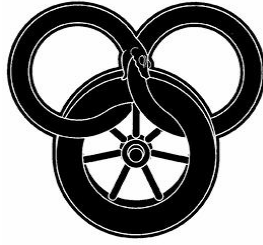
— Quem — começou Mat, mas teve de parar para engolir em seco. — Quem poderia ter feito isso com um Desvanecido? — Sua voz saiu aguda no fim da pergunta.

— Não sei — respondeu Ingтар. — Eu não sei. — Ele olhou ao redor, examinando rostos, ou talvez contando para ter certeza de que todos estavam ali. — E não acho que vamos descobrir aqui. Vamos cavalgar. Montem! Hurin, encontre a trilha para sair deste lugar.

— Sim, milorde. Sim. Com prazer. Por aqui, milorde. Eles ainda estão indo para o sul.

Eles saíram cavalgando, deixando o Myrddraal morto onde estava, e o vento balançava seu manto negro. Hurin foi o primeiro a sair da muralha, sem esperar por Ingтар dessa vez, e Rand ia logo atrás dele.





Vislumbres do Padrão

Diferente dos outros dias, Ingтар mandou que parassem com o sol dourado ainda brilhando acima do horizonte. Os resistentes shienaranos começavam a sentir os efeitos do que tinham visto na aldeia. Ingтар até então não havia ordenado uma parada tão cedo, e o local que escolhera para o acampamento parecia fácil de ser defendido. Era uma clareira oculta, quase redonda, grande o bastante para abrigar confortavelmente todos os homens e cavalos. Um bosque esparsos de carvalhos e folha-de-couros recobria as encostas externas, e a margem da clareira era alta o bastante para esconder as pessoas do acampamento, mesmo sem as árvores. Naquele lugar, as margens altas poderiam se passar por colinas.

— Tudo o que estou dizendo — falou Uno para Ragan, quando desmontavam — é que a vi, que me queime! Pouco antes de encontrarmos aquele Meio-homem beija-cabras. A mesma mulher chamejada daquela barca chamejada. Ela estava lá, e depois não estava mais. Pode dizer o que quiser, mas cuidado com as palavras que usa, ou eu esfolo você vivo e queimo sua pele, seu bebedor de leite covarde.

Rand ficou imóvel, um pé no chão e o outro ainda no estribo. *A mesma mulher? Mas não tinha mulher nenhuma na barca, só cortinas soprando ao vento. E ela não poderia ter chegado àquela aldeia na nossa frente, mesmo que tivesse aparecido antes.* A aldeia...

Ele se obrigou a parar de pensar no assunto. Queria esquecer aquela sala, as moscas e as pessoas que estavam e não estavam lá, mais do que queria esquecer o Desvanecido pregado na porta. O Meio-homem era real, todos tinham visto, mas aquela sala... *Talvez eu finalmente esteja ficando louco.* Ele queria que Moiraine estivesse lá para conversar com ele. *Queria a presença de uma Aes Sedai. Você é um idiota. Já conseguiu escapar disso, agora fique longe. Mas será que eu estou mesmo longe? O que foi que aconteceu lá?*

— Cavalos de carga e suprimentos no meio — ordenou Ingтар, quando os piqueiros começaram a montar o acampamento. — Escovem os cavalos e os selem, para o caso de precisarmos partir depressa. Cada homem dormirá ao lado de sua montaria, e esta noite não haverá fogueiras. A vigia muda a cada duas horas. Uno, quero que os batedores cavalguem o mais longe possível e voltem antes do escurecer. Quero saber o que há lá fora.

Ele também está sentindo, pensou Rand. *Não são mais apenas alguns Amigos das Trevas, alguns Trollocs e, quem sabe, um Desvanecido.* Apenas alguns Amigos das Trevas, alguns

Trollocs e, quem sabe, um Desvanecido!? Poucos dias antes não haveria nenhum “apenas” ligado a essa ideia. Até mesmo nas Terras de Fronteira, com a Praga a menos de um dia de cavalgada, Amigos das Trevas, Trollocs e Myrddraal eram ruins o bastante para um pesadelo. Ele vira um Myrddraal pregado a uma porta. *O quê, pela Luz, poderia ter feito aquilo? O que não pela Luz?* Ele entrara em um aposento onde o jantar e os risos de uma família haviam sido interrompidos. *Deve ter sido minha imaginação. Deve ter sido.* Mesmo na própria cabeça, não soava muito convincente. Ele não imaginara o vento no alto da torre, nem a Amyrlin dizendo...

— Rand. — Ele se sobressaltou quando Ingтар o chamou, às suas costas. — Vai ficar a noite toda com o pé no estribo?

Rand pôs o outro pé no chão.

— Ingтар, o que aconteceu lá naquela aldeia?

— Trollocs os pegaram. Foi a mesma coisa com as pessoas na barca. Foi isso o que aconteceu. O Desvanecido... — Ingтар estremeceu e olhou para baixo, para um pacote de lona achatado, grande e quadrado, em seus braços. Ele encarou o embrulho como se visse segredos escondidos que preferia não saber. — Os Trollocs levaram as pessoas para comer. Eles fazem isso em aldeias e fazendas perto da Praga, também, quando um grupo de ataque passa pelas torres da fronteira durante a noite. Às vezes conseguimos resgatar as pessoas, às vezes não. Às vezes as resgatamos e quase desejamos que não tivéssemos conseguido. Os Trollocs nem sempre matam antes de começar a arrancar os pedaços. E os Meio-homens gostam de... se divertir; o que é pior do que o que os Trollocs fazem! — Sua voz soava firme, como se ele estivesse falando sobre algo cotidiano. E talvez, para um soldado shienarano, estivesse.

Rand respirou fundo para acalmar o estômago.

— O Desvanecido lá atrás não se divertiu muito, Ingтар. O que poderia pregar um Myrddraal a uma porta, e vivo?

O homem hesitou, sacudindo a cabeça, depois entregou o embrulho para Rand.

— Aqui. Moiraine Sedai me disse para lhe entregar isto no primeiro acampamento ao sul do Erinin. Não sei o que tem aí dentro, mas ela falou que você precisaria disso. Ela disse para você cuidar bem desse embrulho, pois sua própria vida pode depender disso.

Rand aceitou o embrulho com alguma relutância. Sentiu arrepios ao tocar a lona. Havia alguma coisa macia ali dentro. Tecido, talvez. Ele o segurou cuidadosamente. *Ele também não quer pensar no Myrddraal. O que aconteceu naquele lugar?* De repente percebeu que, para ele, era preferível pensar no Desvanecido, ou mesmo naquele aposento, a pensar na missão para qual Moiraine poderia tê-lo enviado.

— Me mandaram dizer, quando entregasse isso, que os piqueiros seguirão você, caso algo me aconteça.

— A mim? — perguntou Rand, sem fôlego, esquecendo-se do saco e de tudo o mais. Ingтар devolveu seu olhar incrédulo, assentindo com a cabeça com muita tranquilidade. — Isso é loucura! Ingтар, eu nunca liderei nada, a não ser um bando de ovelhas. Eles não me seguiriam, de qualquer jeito. Além do mais, Moiraine não pode lhe dizer quem é seu segundo em comando. É Uno.

— Uno e eu fomos chamados à presença do Lorde Agelmar na manhã de nossa partida. Moiraine Sedai estava lá, mas foi Lorde Agelmar quem falou. Você é o segundo em comando,

Rand.

— Mas por quê, Ingtar? Por quê?

Rand conseguia ver muito bem a mão de Moiraine naquilo tudo. A dela e a da Amyrlin, forçando-o ao longo do caminho que haviam escolhido. Mas ele precisava perguntar.

O shienarano também não parecia entender, mas era um soldado e estava acostumado a receber ordens estranhas na interminável guerra contra a Praga.

— Ouvi rumores da ala das mulheres de que você era na verdade um... — Ele abriu as mãos, cobertas pelas manoplas. — Não importa. Eu sei que você nega. Assim como nega a própria aparência. Moiraine Sedai diz que você é um pastor, mas nunca vi um pastor com uma espada com a marca da garça. Não vou dizer que eu o teria escolhido, mas acho que você tem o que é necessário. Você cumprirá seu dever, se for preciso.

Rand queria dizer que não era seu dever, mas, em vez disso, falou:

— Uno sabe disso. Quem mais, Ingtar?

— Todos os piqueiros. Quando nós, shienaranos, cavalgamos, todos os homens sabem quem é o próximo na linha de sucessão caso o comandante venha a cair. Uma cadeia que permanece intacta até o último homem, mesmo que ele não seja nada além de um cavaliário. Assim, veja bem, mesmo que ele seja *de fato* o último homem, não é apenas um soldado perdido correndo e tentando permanecer vivo. Ele tem o comando, e o dever manda que ele faça o que deve ser feito. Se eu for para o último abraço da mãe, o dever será seu. Você encontrará a Trombeta e a levará para seu lugar de direito. Você o fará. — Havia uma ênfase peculiar nas últimas palavras de Ingtar.

O embrulho nos braços de Rand parecia pesar cinquenta quilos. *Luz, ela podia estar a cem léguas de distância, mas ainda assim estendia a mão e puxava o cabresto. Para cá, Rand, para cá. Você é o Dragão Renascido, Rand.*

— Eu não quero esse dever, Ingtar. Não vou aceitá-lo. Luz, sou apenas um pastor! Por que ninguém acredita nisso?

— Você cumprirá seu dever, Rand. Quando o homem no topo da cadeia fracassa, tudo abaixo dele desmorona. Já tem muita coisa desmoronando. Muita coisa. Que a paz favoreça sua espada, Rand al'Thor!

— Ingtar, eu...

Mas Ingtar já se afastava, chamando Uno para conferir se os batedores haviam sido despachados.

Rand ficou olhando para o embrulho em seus braços e umedeceu os lábios. Tinha medo de descobrir o que havia ali dentro. Queria olhar, mas também queria jogá-lo numa fogueira sem abri-lo. Julgava ser capaz de fazê-lo, se tivesse certeza de que o embrulho queimaria sem que alguém visse o que havia ali dentro, se pudesse ter certeza de que aquilo queimaria mesmo. Mas não podia olhar ali, onde outros olhos além dos seus podiam espiar o conteúdo.

Observou disfarçadamente o restante do acampamento. Os shienaranos descarregavam os animais de carga, e outros já distribuíam um jantar frio de carne-seca e pão ázimo. Mat e Perrin cuidavam de seus cavalos, e Loial se encontrava sentado em uma pedra, lendo um livro, com seu cachimbo de cabo longo preso entre os dentes e soltando uma espiral de fumaça. Agarrando o embrulho como se tivesse medo de deixá-lo cair, Rand se esgueirou por entre as

árvores.

Ele se ajoelhou em uma pequena clareira, protegida por galhos com folhagem espessa, e depositou o embrulho no chão. Por algum tempo, ficou apenas olhando fixamente para o pacote. *Ela não teria feito isso. Não poderia.* Uma vizinha respondeu: *Ah, sim, poderia. Poderia e faria.* Por fim, começou a desatar os pequenos nós nas cordas que prendiam o embrulho. Eram nós bem-feitos, atados com uma precisão que, por si só, era um elogio à mão de Moiraine. Nenhum serviçal fizera o trabalho por ela. Ela não ousaria deixar nenhum serviçal ver aquilo.

Depois de desatar o último nó, Rand revelou o que estava dobrado ali dentro com as mãos entorpecidas. Então, ficou olhando fixamente, com a boca cheia de pó. Era uma peça só, não fora costurada, tingida ou pintada. Um estandarte branco como a neve e grande o bastante para ser visto do outro lado de um campo de batalha. Por ele marchava uma figura ondulante, semelhante a uma serpente de escamas rubras e douradas. Uma serpente com quatro patas escamosas, cada qual com cinco garras douradas. Uma serpente com olhos que brilhavam como o sol e uma juba dourada de leão. Ele a vira uma vez, antes, e Moiraine lhe dissera o que era. O estandarte de Lews Therin Telamon, Lews Therin Fratricida, na Guerra da Sombra. O estandarte do Dragão.

— Olhe só para isso! Olhe o que ele tem agora! — Mat entrou na clareira de supetão. Perrin veio atrás, mais devagar. — Primeiro aqueles casacos chiques — exclamou Mat, ríspido — e agora um estandarte! Agora é que o ego dele não vai desinflar, com... — Mat se aproximou o suficiente para ver a bandeira com mais clareza, e ficou de queixo caído. — Luz! — Ele recuou um passo, cambaleando. — Que me queime! — Ele também estivera lá quando Moiraine disse o nome da bandeira. Assim como Perrin.

Uma raiva enorme começou a ferver dentro de Rand. Raiva de Moiraine e do Trono de Amyrlin, que o empurravam de um lado para outro. Ele agarrou o estandarte com as duas mãos e o sacudiu na cara de Mat, e as palavras saíram de sua boca sem controle.

— É isso mesmo! O estandarte do Dragão! — Mat deu mais um passo para trás. — Moiraine quer que eu seja uma marionete puxada pelos cordéis de Tar Valon, um falso Dragão para as Aes Sedai. Ela vai enfiar isso pela minha goela, independente da minha vontade. Mas... eu... não... serei... usado!

Mat recuou até dar com as costas em um tronco de árvore.

— Um falso Dragão? — Ele engoliu em seco. — Você? Isso... Isso é loucura.

Perrin não recuara. Ele se agachou, com os braços musculosos sobre os joelhos, e estudou Rand com aqueles olhos dourados e brilhantes. Nas sombras da noite, eles pareciam faiscar.

— Se as Aes Sedai querem que você seja um falso Dragão... — Ele hesitou, franzindo a testa e pensando com cuidado. Então falou baixinho: — Rand você consegue canalizar?

Mat ofegou.

Rand deixou o estandarte cair. Hesitou apenas por um momento antes de assentir, cansado.

— Eu não pedi isso. Eu não quero. Mas... Mas acho que não sei como impedir. — O aposento cheio de moscas voltou à sua mente, sem que ele desejasse. — Acho que elas não vão me deixar parar.

— Que me queime! — exclamou Mat, com um suspiro. — Sangue e malditas cinzas! Elas vão nos matar, vocês sabem. Todos nós. Perrin e eu iremos com você. Se Ingtar e os outros

descobrirem, cortarão nossas malditas gargantas achando que somos Amigos das Trevas. Luz, provavelmente vão pensar que ajudamos no roubo da Trombeta e na morte daquelas pessoas em Fal Dara.

— Cale a boca, Mat — interrompeu Perrin, calmo.

— Não me mande calar a boca. Se Ingтар não nos matar, Rand vai enlouquecer e fazer isso por ele. Que me queime! Que me queime! — Mat deslizou as costas pela árvore, sentando-se no chão. — Por que elas não amansaram você? Se as Aes Sedai sabiam, por que não o amansaram? Nunca ouvi falar de alguma vez em que elas deixaram um homem que consegue usar o Poder sair andando livremente.

— Nem todas sabem — suspirou Rand. — A Amyrlin...

— O Trono de Amyrlin! *Ela* sabe? Luz, não é de admirar que tenha me olhado de um jeito tão estranho.

— ... E Moiraine me disse que sou o Dragão Renascido, então elas falaram que eu estava livre para ir aonde quisesse. Você não vê, Mat? Elas estão tentando me usar.

— Isso não altera o fato de você ser capaz de canalizar — murmurou Mat. — Se eu fosse você, já estaria a meio caminho do Oceano de Aryth. E não pararia até encontrar um lugar onde não existam Aes Sedai, onde talvez elas nunca existam. Nem mais ninguém. Quer dizer... bem...

— Cale a boca, Mat — repetiu Perrin. — *Por que* você está aqui, Rand? Quanto mais tempo ficar ao redor das pessoas, maior será a chance de alguém descobrir e chamar as Aes Sedai. Aes Sedai que *não* lhe dirão para seguir com sua vida. — Ele fez uma pausa e coçou a cabeça, pensativo. — E Mat está certo quanto a Ingтар. Não duvido que ele fosse chamar você de Amigo das Trevas e matá-lo. Talvez matasse todos nós. Ele parece gostar de você, mas acho que o mataria mesmo assim. Um falso Dragão? Os outros também matariam. Masema não precisaria nem dessa desculpa para matá-lo. Então por que você ainda não foi embora?

Rand deu de ombros.

— Eu ia, mas a Amyrlin chegou, depois a Trombeta foi roubada, junto com a adaga, e Moiraine disse que Mat estava morrendo, e... Luz, pensei que podia ficar com vocês até encontrarmos a adaga, pelo menos. Pensei que podia ajudar com isso. Talvez estivesse errado.

— Você veio por causa da adaga? — perguntou Mat, em voz baixa. Ele esfregou o nariz e fez uma careta de desagrado. — Nunca pensei nisso. Nunca pensei que você quisesse... Aaaah! Você está se sentindo bem? Quer dizer, ainda não está ficando louco, está?

Rand pegou uma pedrinha do chão e jogou-a no rapaz.

— Ai! — Mat esfregou o braço. — Eu só estava perguntando. Quer dizer, todas essas roupas chiques e essa conversa sobre ser um lorde. Bom, isso não é coisa de gente que bate bem da cabeça.

— Eu estava tentando me livrar de vocês, idiota! Tive medo de ficar louco e machucar vocês. — Ele olhou para o estandarte, então abaixou a voz. — É o que vou acabar fazendo, se não parar. Luz, não sei como impedir isso.

— É disso que tenho medo — disse Mat, pondo-se de pé. — Sem ofensa, Rand, mas acho que vou dormir o mais longe possível de você, se não se importar. Isso se você continuar por aqui. Uma vez ouvi falar de um sujeito que conseguia canalizar. O guarda de um mercador me

contou. Antes que as Vermelhas o encontrassem, ele acordou uma manhã e viu que toda a aldeia estava esmagada. Todas as casas, todas as pessoas, tudo, menos a cama em que dormia, como se uma montanha tivesse rolado por cima deles.

Perrin disse:

— Nesse caso, Mat, você deveria dormir bem coladinho nele.

— Eu posso ser um idiota, mas pretendo ser um idiota vivo. — Mat hesitou, olhando de esguelha para Rand. — Escute, sei que você veio para me ajudar e fico grato por isso. De verdade. Mas você não é mais o mesmo. Você entende, não entende?

Ele aguardou, como se esperasse uma resposta. Nenhuma veio. Por fim, desapareceu por entre as árvores, indo na direção do acampamento.

— E você? — perguntou Rand.

Perrin balançou a cabeça, sacudindo os cachos.

— Não sei, Rand. Você é o mesmo, mas também não é. Um homem capaz de canalizar. Minha mãe costumava me assustar com essas histórias quando eu era pequeno. Eu simplesmente não sei. — Ele estendeu a mão e tocou uma ponta do estandarte. — Eu acho que queimaria isto, ou enterraria, se fosse você. Depois fugiria tão rápido e para tão longe que nenhuma Aes Sedai me encontraria. Quanto a isso, Mat tinha razão. — Ele se levantou, estreitando os olhos para examinar o céu a oeste, que começava a ficar vermelho com o pôr do sol. — Está na hora de voltar para o acampamento. Pense no que eu disse, Rand. Eu fugiria. Mas talvez você não possa fugir. Pense nisso também. — Seus olhos amarelos pareceram olhar para dentro, e sua voz soava cansada. — Às vezes não se pode fugir.

Então ele também se foi.

Rand ficou ajoelhado ali, olhando para o estandarte aberto no chão.

— Bem, às vezes *dá* para fugir — murmurou. — Mas talvez ela tenha me dado isto para me fazer fugir. Talvez ela tenha planejado algo para mim, caso eu fuja. Não vou fazer o que ela quer. Não vou. Vou enterrar isto bem aqui. Mas ela disse que minha vida pode depender disso, e Aes Sedai nunca mentem, então é possível pensar que... — De repente, seus ombros começaram a sacudir com gargalhadas silenciosas. — Agora estou falando sozinho. Talvez esteja *mesmo* ficando louco.

Quando voltou ao acampamento, levava consigo o estandarte enrolado na lona outra vez, mas com nós menos bem-feitos que os de Moiraine.

A luz começara a sumir e a sombra da saliência do terreno cobria metade da clareira. Os soldados estavam se acomodando, todos com os cavalos próximos de si e as lanças à mão. Mat e Perrin estavam deitados ao lado de seus cavalos. Rand lhes encarou com tristeza, depois foi atrás de Vermelho, que estava de pé onde fora deixado, com as rédeas penduradas, e foi para o lado oposto do vale, onde Hurin se juntara a Loial. O Ogier deixara a leitura de lado e estava examinando a pedra meio enterrada sobre a qual estivera sentado, traçando algo na rocha com o longo cabo de seu cachimbo.

Hurin se levantou e fez para Rand algo parecido com uma *mesura*.

— Espero que não se importe que eu faça minha cama aqui, Lorde... hã... Rand. Eu estava só conversando com o Construtor.

— Aí está você, Rand — disse Loial. — Sabe, acho que um dia esta pedra foi enfeitada. Veja, está desgastada, mas parece ter sido uma espécie de coluna. E tem marcações também.

Não consigo distingui-las, mas são familiares, de algum modo.

— Talvez você consiga vê-las melhor amanhã de manhã — respondeu Rand. Então retirou os alforjes de cima do Vermelho. — Sua companhia será um prazer, Hurin. — *Terei prazer com a companhia de qualquer um que não tenha medo de mim. Mas até quando isso será possível?*

Ele colocou tudo ao lado dos alforjes: camisas, calças e meias de lã de reserva, uma caixinha de costura, pederneira, prato e copo de latão, uma caixa de madeira verde com garfo, faca e colher, um pacote de carne-seca e pão ázimo para ração de emergência, e todas as outras necessidades de um viajante. Então enfiou o estandarte enrolado na lona dentro do bolsão vazio. Ele ficou estufado, as faixas quase não alcançavam as fivelas, mas o outro lado estava parecido. Aquilo bastaria.

Loial e Hurin perceberam seu estado de espírito e o deixaram quieto enquanto tirava a sela e as rédeas de Vermelho, esfregava tufo de grama no grande baio e o encilhava novamente. Rand recusou a comida que ofereceram, achava que, naquele momento, não teria estômago nem para a melhor refeição do mundo. Os três fizeram suas camas ao lado da pedra, dobrando um cobertor à guisa de travesseiro e se cobrindo com o manto.

O acampamento estava silencioso, mas Rand ficou acordado até bem depois de a escuridão cair por completo. Sua mente não parava quieta. O estandarte. *O que ela está tentando me levar a fazer? A aldeia. O que poderia matar um Desvanecido daquele jeito?* E o pior de tudo, a casa na aldeia. *Aquilo realmente aconteceu? Será que já estou ficando louco? Devo fugir ou ficar? Preciso ficar. Preciso ajudar Mat a encontrar a adaga.*

A exaustão finalmente tomou conta dele, e, com o sono, contra sua vontade, o vazio o cercou, tremeluzindo com um brilho incômodo que perturbou seus sonhos.

* * *

Padan Fain olhava para o norte, na noite, para além da única fogueira em seu acampamento, com um sorriso fixo que não tocava seus olhos. Ele ainda pensava em si mesmo como Padan Fain, que era o núcleo de seu ser, mas esse núcleo fora modificado, e ele sabia bem disso. Sabia de muitas coisas agora, mais do que qualquer um de seus velhos mestres poderia suspeitar. Ele fora Amigo das Trevas por muitos anos, antes de Ba'alzamon convocá-lo e colocá-lo no rastro dos três rapazes de Campo de Emond. Antes de destilar o que sabia deles, destilar a si próprio e alimentá-lo com aquela essência, para que ele pudesse *sentir*-los, *cheirar* seu rastro, segui-los para onde quer que fugissem. Especialmente aquele. Uma parte de Padan Fain ainda se encolhia ao se lembrar do que Ba'alzamon fizera com ele, mas era uma parte pequena, oculta, suprimida. Ele havia mudado. Seguir os três o levava a Shadar Logoth. Ele não queria ir, mas teve que obedecer. Daquela vez. E, em Shadar Logoth...

Fain respirou fundo e passou os dedos pela adaga com cabo de rubi que estava no cinturão. Ela viera de Shadar Logoth. Era a única arma que carregava, a única de que precisava, e sentia como se ela fizesse parte de seu corpo. Ele estava inteiro outra vez. Era tudo o que importava.

Deu uma olhadela para o entorno de sua fogueira. De um lado, os doze Amigos das Trevas

que estavam à esquerda, suas roupas, outrora finas, sujas e amarrotadas, encolhidos de lado na escuridão, não encaravam o fogo, e sim a ele. Do outro lado, agachados, estavam seus Trollocs, vinte no total, com olhos humanos demais naqueles rostos masculinos distorcidos em formas animais. Acompanhavam cada movimento seu, como ratos que observam um gato.

No começo fora difícil acordar toda manhã e descobrir que não estava totalmente inteiro, ter o Myrddraal de volta no comando, exigindo, furioso, que fossem para o norte, para a Praga, para Shayol Ghul. Mas, pouco a pouco, aquelas manhãs de fraqueza foram ficando menores, até que... Ele se lembrou da sensação do martelo em sua mão, cravando os pregos, e sorriu. Desta vez o sorriso chegou aos seus olhos, com a alegria de uma lembrança doce.

Um choro vindo das trevas chegou aos seus ouvidos, e o sorriso desapareceu. *Eu não deveria ter deixado os Trollocs pegarem tanta gente.* Toda uma aldeia atrasando-os. Se aquelas poucas casas perto da barca não estivessem vazias, talvez... Mas Trollocs eram gananciosos por natureza e, eufórico com a morte do Myrddraal, ele não prestara a devida atenção.

Olhou de relance para os Trollocs. Qualquer um deles tinha quase o dobro de sua altura e era forte o bastante para quebrá-lo em pedacinhos com uma das mãos, mas recuavam, ainda encolhidos.

— Matem-nos. Todos. Podem se alimentar, mas depois façam uma pilha de tudo o que restar... para que nossos amigos encontrem. Ponham as cabeças no topo. Com cuidado. — Ele riu, mas parou depressa. — Agora!

Os Trollocs se levantaram correndo, sacando harpes e erguendo machados com ponteiras. Em instantes, gritos e urros vieram da direção dos aldeões. Pedidos de misericórdia e gritinhos agudos de crianças eram interrompidos por impactos sólidos e ruídos desagradáveis de coisas esmagalhadas, como melões sendo partidos.

Fain deu as costas à cacofonia para olhar para seus Amigos das Trevas. Eles também lhe pertenciam, de corpo e alma. Pelo menos o pouco de alma que lhes restava. Cada um deles estava tão perdido quanto ele estivera, antes de encontrar o caminho de volta. Nenhum deles tinha para onde ir, a não ser segui-lo. Seus olhos estavam grudados nele, com medo, suplicantes.

— Vocês acham que eles sentirão fome antes de encontrarmos outra aldeia ou fazenda? Pode ser que sim. Vocês acham que eu deixarei que peguem mais alguns de vocês? Bem, talvez um ou dois. Não nos restaram muitos cavalos.

— Os outros eram apenas plebeus. — Conseguiu dizer uma mulher, com a voz trêmula. Seu rosto estava sujo de terra e ela usava um vestido de corte refinado que a identificava como uma comerciante rica. O tecido cinza de qualidade estava todo manchado, e a saia tinha um longo rasgão. — Eram camponeses. Nós servimos... *Eu servi...*

Fain a interrompeu, e seu tom de voz tranquilo tornou as palavras ainda mais duras.

— O que vocês são para mim? Menos que camponeses. Gado para os Trollocs, talvez? Se quiserem viver, gado, devem ser úteis.

A mulher perdeu a compostura e começou a soluçar. De repente, todos os outros estavam balbuciando, dizendo a ele como eram úteis. Homens e mulheres que eram influentes e ocupavam lugares importantes na sociedade antes de serem chamados para cumprir seus juramentos em Fal Dara. Eles listavam nomes de gente importante e poderosa que conheciam

nas Terras da Fronteira, em Cairhien e em outros lugares. Balbuciavam sobre o conhecimento que só eles tinham daquele país ou de outros, de situações políticas, alianças, intrigas, de tudo o que poderiam lhe dizer se Fain deixasse que o servissem. O ruído deles se fundia aos sons da carnificina dos Trollocs, em perfeita harmonia.

Fain ignorou tudo aquilo, pois não tinha medo de dar as costas a eles, não desde que viram como ele lidara com o Desvanecido, e foi até seu prêmio. Ajoelhando-se, passou as mãos pelo baú dourado e ornamentado, sentindo o poder trancado ali. Ele precisava mandar um Trolloc carregá-lo, pois não confiava o suficiente nos humanos para deixá-lo em cima de um cavalo, em um alforje de carga. Alguns sonhos de poder poderiam ser fortes o bastante para superar até mesmo o medo que tinham dele, mas os Trollocs nunca sonhavam com nada, exceto matar. E ele ainda não conseguira descobrir como abri-lo. Mas a hora chegaria. Tudo chegaria. Tudo.

Sacando a adaga da bainha, ele a colocou sobre o baú antes de se deitar diante do fogo. Aquela lâmina era um guarda melhor do que Trollocs ou humanos. Todos viram o que aconteceu quando ele a usou, certa vez, e ninguém chegaria a uma braça de distância daquela lâmina nua sem que ele mandasse. E, mesmo assim, obedeceriam com certa relutância.

Deitado em seus cobertores, ele olhou fixamente para o norte. Não conseguia mais sentir al'Thor: a distância entre eles era grande demais. Ou, talvez, al'Thor estivesse usando aquele truque de desaparecimento. Em alguns momentos, na fortaleza, o rapaz sumira dos sentidos de Fain. Não sabia como, mas o rapaz sempre voltava tão de repente quanto desaparecia. E voltaria dessa vez, também.

— Desta vez você virá a mim, Rand al'Thor. Antes, eu o seguia como um cão farejando um rastro, mas agora é você quem me segue. — Sua gargalhada era um cacarejar maligno, que até ele sabia soar louca, mas não se importava. A loucura também fazia parte dele. — Venha a mim, al'Thor. A dança ainda nem começou. Vamos dançar na Ponta de Toman, e eu me livrarei de você. Finalmente o verei morto.





Tecido no Padrão

Egwene correu atrás de Nynaeve, em direção ao grupo de Aes Sedai que cercava o palanquim de cavalos do Trono de Amyrlin. Seu desejo de saber o que provocara o tumulto em Fal Dara pesava mais até do que sua preocupação por Rand. Por ora, ele estava além de seu alcance. Bela, sua égua felpuda, estava com os cavalos das Aes Sedai, assim como a montaria de Nynaeve.

Os Guardiões, com as mãos nos cabos das espadas e os olhos atentos, formavam um círculo de aço ao redor das Aes Sedai e do palanquim. Criavam uma ilha de relativa calma no pátio, onde soldados shienaranos ainda corriam entre os habitantes horrorizados da fortaleza. Egwene abriu caminho ao lado de Nynaeve, e as duas foram praticamente ignoradas depois de um único olhar severo dos Guardiões. Todos sabiam que elas partiriam com a Amyrlin. A menina ouviu o suficiente dos murmúrios da multidão para saber que uma flecha fora disparada, aparentemente de lugar nenhum, por um arqueiro que ainda não fora encontrado.

Egwene parou, com os olhos arregalados, chocada demais até mesmo para se dar conta de que estava cercada por Aes Sedai. Um atentado contra a vida do Trono de Amyrlin. Aquilo era impensável.

A Amyrlin estava sentada em seu palanquim, com as cortinas abertas. O rasgo manchado de sangue em sua manga atraía todos os olhares. A mulher encarava Lorde Agelmar.

— Você encontrará o arqueiro ou não, meu filho. De qualquer jeito, meu trabalho em Tar Valon é tão urgente quanto o de Ingtar em sua jornada. Partirei agora.

— Mas, Mãe — protestou Agelmar —, este atentado contra sua vida muda tudo. Ainda não sabemos quem enviou o homem, ou por quê. Espere mais uma hora, e eu terei o arqueiro e as resposta para a senhora.

A Amyrlin soltou uma gargalhada sem alegria.

— Você vai precisar de uma isca mais apetitosa ou de redes melhores para apanhar esse peixe, meu filho. Quando conseguir pegar o homem, já será tarde demais para partirmos. Há muita gente que gostaria de me ver morta para que eu me preocupe tanto com isso. Pode me mandar notícias do que encontrar, se encontrar algo. — Seu olhar passeou pelas torres que davam para o pátio e pelas rampas e varandas dos arqueiros, ainda cheios de gente, embora agora em silêncio. A flecha deveria ter vindo de um daqueles lugares. — Acho que esse

arqueiro já fugiu de Fal Dara.

— Mas, Mãe...

A mulher no palanquim o interrompeu com um gesto brusco, definitivo. Nem mesmo o Lorde de Fal Dara podia pressionar o Trono de Amyrlin tanto assim. O olhar dela acabou se detendo sobre Egwene e Nynaeve; um olhar penetrante que, para Egwene, parecia ver tudo que ela gostaria de manter em segredo. Egwene deu um passo para trás, então se recompôs e fez uma mesura, perguntando-se se aquilo era o mais adequado. Ninguém lhe explicara o protocolo de apresentação ao Trono de Amyrlin. Nynaeve manteve as costas eretas e retribuiu o olhar firme da Amyrlin, mas buscou sua mão e a apertou com a mesma força com que Egwene apertou a dela.

— Então estas são as suas duas, Moiraine — comentou a Amyrlin. Moiraine fez um gesto mínimo com a cabeça, concordando, e as outras Aes Sedai se viraram para olhar as duas mulheres de Campo de Emond. Egwene engoliu em seco. Todas elas tinham o aspecto de quem *sabia* coisas, coisas que outras pessoas desconheciam, e não ajudava ter certeza de que aquilo era verdade. — Sim, eu sinto uma leve fagulha em cada uma. Mas o que essas fagulhas acenderão? Eis a questão, não é mesmo?

A boca de Egwene estava seca como pó. Ela já vira Mestre Padwhin, o carpinteiro de sua terra, olhar para as ferramentas de modo muito semelhante àquele com que a Amyrlin olhava para elas. Essa aqui tem este propósito, a outra, aquele.

De repente, a Amyrlin falou:

— Está na hora de partirmos. Aos cavalos. Lorde Agelmar e eu podemos dizer o que precisa ser dito sem vocês todas aí paradas, abestalhadas, como noviças em dia de folga. Aos cavalos!

Ao seu comando, os Guardiões se espalharam em direção às suas montarias, ainda desconfiados, e todas as Aes Sedai, exceto Leane, afastaram-se em silêncio do palanquim, em direção a seus cavalos. Quando Egwene e Nynaeve se viraram para obedecer, um serviçal apareceu ao lado de Lorde Agelmar com um cálice de prata. Agelmar o aceitou com a boca ligeiramente retorcida de insatisfação.

— Com este cálice da minha mão, Mãe, aceite meu desejo de que faça uma boa viagem neste dia, e em todos...

Egwene perdeu tudo o mais que foi dito entre os dois enquanto montava Bela. Quando deu palmadinhas na égua felpuda e ajeitou suas saias, o palanquim já se dirigia aos portões abertos, com os cavalos que o levavam avançando sem guia nem rédea. Leane cavalgava ao lado do palanquim, com o cajado apoiado no estribo. Egwene e Nynaeve conduziram suas montarias na mesma direção, atrás do restante das Aes Sedai.

Urros e gritos animados das multidões que se alinhavam nas ruas da cidade saudaram a procissão, praticamente abafando o trovão dos tamborileiros e a música dos trombeteiros. Guardiões lideravam a coluna, com o estandarte da Chama Branca ondulando, e montavam guarda ao redor das Aes Sedai, mantendo aquela multidão a distância. Arqueiros e piqueiros, com a Chama estampada nos peitos, seguiam atrás em fileiras bem organizadas. As trombetas se calaram quando a coluna saiu da cidade fazendo uma curva e virou para o sul, mas o som da multidão lá dentro ainda os acompanhava. Egwene olhava para trás a todo instante, até que as árvores e as colinas esconderam as muralhas e as torres de Fal Dara.

Nynaeve, que cavalgava ao seu lado, balançou a cabeça.

— Rand vai ficar bem. Ele está com Lorde Ingtar e mais vinte piqueiros. De qualquer modo, não há nada que você possa fazer a esse respeito. Nada que nenhuma de nós possa fazer. — Ela olhou na direção de Moiraine, a égua branca impecável da Aes Sedai e o grande garanhão negro de Lan formavam um par estranho. — Pelo menos, não por enquanto.

A coluna começava a seguir para oeste, e não avançava depressa. Mesmo os soldados da infantaria, com meia armadura, não conseguiam manter um passo rápido por entre as colinas de Shienar. Ainda assim, andavam o mais rápido que podiam.

Só montavam acampamento tarde da noite, pois a Amyrlin não permitia que parassem até que só restasse luz o suficiente para montar as tendas, cúpulas brancas de teto achatado com altura para apenas uma pessoa ficar de pé. Cada par de Aes Sedai das mesmas Ajah tinha uma, ao passo que a Amyrlin e a Curadora tinham tendas próprias. Moiraine dividia a tenda com suas duas irmãs Azuis. Os soldados dormiam no chão de seu próprio acampamento, e os Guardiões se enrolavam em seus mantos, perto das tendas das Aes Sedai a quem estavam vinculados. A tenda das irmãs Vermelhas parecia estranhamente solitária, sem nenhum Guardião, ao passo que a das Verdes parecia quase festiva, pois as duas Aes Sedai com frequência ficavam sentadas do lado de fora até bem depois de escurecer, conversando com os quatro Guardiões que haviam trazido.

Lan visitou uma vez a tenda que Egwene dividia com Nynaeve, levando a Sabedoria para um lugar não muito afastado. A menina espiou pela abertura da tenda. Não podia ouvir o que diziam, mas Nynaeve acabou explodindo de raiva e voltou pisando duro para se enrolar em seus cobertores, recusando-se a falar. Egwene achou que suas bochechas estavam molhadas, embora a mulher escondesse o rosto com uma ponta do cobertor. Lan ficou parado na escuridão, encarando a tenda por muito tempo antes de ir embora. Depois disso, não tornou a aparecer.

Moiraine não chegou perto delas, apenas as cumprimentava com a cabeça ao passar. Quando estava acordada, parecia estar sempre conversando com as outras Aes Sedai, todas, menos as irmãs Vermelhas, puxando-as de lado uma a uma enquanto cavalgavam. A Amyrlin permitiu poucas paradas para descansar, e costumavam ser curtas.

— Talvez ela não tenha mais tempo para nós — comentou Egwene, com tristeza. Moiraine era a única Aes Sedai que conhecia, e talvez, embora não quisesse admitir, a única na qual tinha certeza de que podia confiar. — Ela nos encontrou, e estamos a caminho de Tar Valon. Suponho que tenha outras coisas com que se preocupar agora.

Nynaeve fungou baixinho, desdenhosa.

— Acredito que ela só vai acabar de nos usar quando estiver morta... ou quando nós estivermos mortas. Aquela ali é ardilosa.

Outras Aes Sedai visitaram a tenda. Egwene quase morreu de susto naquela primeira noite fora de Fal Dara, quando a dobra da tenda se abriu e uma Aes Sedai rechonchuda, de rosto quadrado, com os cabelos começando a ficar grisalhos e uma expressão vagamente distraída nos olhos escuros abaixou-se para entrar. Ela olhou para o lampião pendurado no ponto mais alto da tenda e a chama aumentou um pouco. Egwene pensou ter sentido alguma coisa, quase tinha visto algo de diferente na Aes Sedai quando a chama começou a brilhar mais forte.

Moiraine lhe dissera que um dia, quando tivesse mais treinamento, Egwene seria capaz de *ver* quando outra mulher canalizasse e de saber quando uma mulher podia canalizar, mesmo sem que ela o fizesse.

— Sou Verin Mathwin — apresentou-se a mulher, com um sorriso. — E vocês são Egwene al’Vere e Nynaeve al’Meara. De Dois Rios, que um dia foi Manetheren. Sangue forte, esse. Ele canta.

Egwene trocou um olhar com Nynaeve quando as duas se levantaram.

— Isto é uma convocação para o Trono de Amyrlin? — perguntou Egwene.

Verin deu uma gargalhada. A Aes Sedai tinha uma mancha de tinta no nariz.

— Nossa, não! A Amyrlin tem coisas mais importantes a fazer do que lidar com duas jovens que sequer são noviças. Mas nunca se sabe. Vocês duas têm um potencial considerável. Especialmente você, Nynaeve. Um dia... — Ela fez uma pausa, pensativa, esfregando um dedo bem na mancha. — Mas o dia não é hoje. Estou aqui para lhe dar uma aula, Egwene. Receio que você tenha tentado acelerar as coisas.

Nervosa, Egwene olhou para Nynaeve.

— O que eu fiz? Nada, que eu saiba!

— Ah, nada de errado. Não exatamente. Um pouco perigoso, talvez, mas não é exatamente errado. — Verin se abaixou até o piso de lona, sentando e cruzando as pernas. — Sentem-se, vocês duas. Sentem-se. Não quero ficar entortando o pescoço. — Ela se mexeu até encontrar uma posição confortável. — Sentem-se.

Egwene se sentou de pernas cruzadas em frente à Aes Sedai e fez o melhor que pôde para não olhar para Nynaeve. *Não preciso parecer culpada até saber se sou. E talvez não precise, mesmo assim.*

— O que fiz que é perigoso, mas não exatamente errado?

— Ora, você tem canalizado o Poder, criança.

Egwene só conseguiu ficar boquiaberta. Nynaeve explodiu:

— Isso é ridículo. Por que estamos indo para Tar Valon então? Não é para isso?

— Moiraine me... Quer dizer, Moiraine Sedai me deu algumas aulas — conseguiu responder Egwene.

Verin ergueu as mãos pedindo silêncio, e elas se calaram. Podia soar distraída, mas era uma Aes Sedai, afinal.

— Criança, você acha que as Aes Sedai ensinam a qualquer garota que diz que quer ser uma de nós? Bem, suponho que você não seja exatamente qualquer garota, mas ainda assim... — Ela sacudiu a cabeça, séria.

— Então por que ela fez isso? — exigiu saber Nynaeve.

Ela não recebera aulas, e Egwene ainda não tinha certeza de que isso havia irritado a Sabedoria ou não.

— Porque Egwene já tinha canalizado — respondeu Verin, paciente.

— Mas eu... Mas eu também. — Nynaeve não parecia feliz ao dizer isso.

— Suas circunstâncias são diferentes, criança. O fato de que você ainda está viva mostra que superou diversas crises e que fez isso sozinha. Acho que sabe a sorte que tem. De cada quatro mulheres forçadas a fazer o que você fez, apenas uma sobrevive. É claro que as bravias... — Verin fez uma careta de desgosto. — Perdão, mas receio que seja *assim* que

nós, na Torre Branca, chamamos as mulheres que, mesmo sem nenhum treinamento, conseguiram ter um pouco de controle. É aleatório e tão fraco que mal pode ser chamado de controle, em geral, como o seu, mas ainda assim é um tipo de controle. As bravias têm dificuldades, é verdade. Quase sempre construíram muros para evitar saber o que faziam, e esses muros interferem no controle consciente. Quanto mais tempo esses muros levarem para ser construídos, mais difícil será derrubá-los. Mas se puderem ser demolidos... bem, algumas das irmãs mais competentes eram bravias.

Nynaeve mudou de posição, irritada, e olhou para a entrada como se pensasse em ir embora. — Não entendo o que isso tudo tem a ver comigo — disse Egwene.

Verin olhou para ela e piscou várias vezes, quase como se estivesse se perguntando de onde a garota surgira.

— Com você? Nada, ora. Seu problema é bem diferente. A maioria das garotas que desejam se tornar Aes Sedai, até mesmo as que têm a semente dentro delas, como você, também tem medo disso. Mesmo depois de chegarem à Torre, de aprender o que fazer e como fazer, precisam ser orientadas durante meses, passo a passo, por uma irmã ou uma das Aceitas. Mas não você. Pelo que Moiraine falou, você se jogou de cabeça assim que percebeu que podia, tateando na escuridão sem sequer pensar se haveria um poço sem fundo no próximo passo. Ah, houve outras assim, você não é única. A própria Moiraine foi uma. Quando soube o que você tinha alcançado, não havia mais nada a fazer a não ser começar a ensiná-la. Moiraine nunca lhe explicou nada?

— Nunca. — Egwene desejou que não tivesse soado tão sem ar. — Ela tinha... outras questões para tratar.

Nynaeve fungou de leve.

— Bem, Moiraine nunca acreditou que devia contar às pessoas aquilo que não precisavam saber. Saber não atende a nenhum objetivo real, mas, se pararmos para pensar, não saber também não. Quanto a mim, sempre prefiro saber a não saber.

— Existe isso? Um poço sem fundo, quer dizer?

— É claro que não chega a tanto — respondeu Verin, inclinando a cabeça. — Mas e o próximo passo? — Ela deu de ombros — Sabe, criança, quanto mais você *tenta* tocar a Fonte Verdadeira, mais fácil fica. Sim, no começo você se estende na direção da Fonte e quase sempre é como tentar agarrar o ar. Ou você consegue tocar *saidar*, mas, mesmo quando sente o Antigo Poder fluindo por seu corpo, descobre que não pode fazer nada com ele. Ou até faz alguma coisa, mas não era o que pretendia. Aí é que reside o perigo. Normalmente, com orientação, treinamento e o próprio medo reduzindo o passo, a habilidade de tocar a Fonte e de canalizar o Poder se juntam à habilidade de controlar o que se está fazendo. Mas você começou a tentar canalizar sem ninguém para lhe ensinar algum controle do que faz. Eu sei que você acha que não foi muito longe, e não foi mesmo, mas é como alguém que aprendeu sozinha a subir colinas correndo, pelo menos às vezes, mas nunca aprendeu a descer do outro lado ou a caminhar. Mais cedo ou mais tarde, vai cair, se não aprender o restante. Agora, não estou falando de algo parecido com o que acontece quando um daqueles pobres homens começa a canalizar, você não vai ficar louca nem morrer, não com irmãs para ensiná-la e guiá-la. Mas o que você poderia acabar fazendo por acidente, sem ter a intenção? — Por um instante, o ar

distraído desapareceu de Verin. Por um instante, ao que pareceu, o olhar da Aes Sedai passara de Egwene para Nynaeve com a mesma agudeza que o da Amyrlin. — Suas habilidades inatas são fortes, criança, e vão ficar mais fortes ainda. Você precisa aprender a controlá-las antes que se machuque, que machuque alguém ou muita gente. Era isso o que Moiraine estava tentando ensiná-la. É isso o que vou tentar ensinar a você esta noite, e uma irmã a ajudará com isso todas as noites, até a colocarmos nas mãos capazes de Sheriam. Ela é a Mestra das Noviças.

Egwene pensou: *Será que ela sabe a respeito de Rand? Não deve saber. Ela nunca permitiria que ele deixasse Fal Dara se sequer suspeitasse.* Mas tinha certeza de que não era imaginação o que vira.

— Obrigada, Verin Sedai. Vou tentar.

Nynaeve se levantou com elegância.

— Vou me sentar ao pé do fogo e deixar você duas sozinhas.

— Você deveria ficar — respondeu Verin. — Poderia ganhar muito com isso. Pelo que Moiraine falou, você não deve precisar de muito treinamento para se tornar uma das Aceitas.

Nynaeve hesitou apenas por um instante antes de sacudir a cabeça com firmeza.

— Agradeço a oferta, mas posso esperar até chegarmos a Tar Valon. Egwene, se precisar de mim, estarei...

— Por qualquer definição — interrompeu Verin —, você é uma mulher crescida, Nynaeve. Normalmente, quanto mais jovem a noviça, melhor ela se sai. Não apenas com o treinamento, mas também porque se espera que uma noviça faça o que lhe mandarem, quando mandarem e sem questionar. Isso só é de fato útil até o verdadeiro treinamento atingir determinado estágio: uma hesitação na hora errada ou dúvidas quanto ao que lhe mandaram fazer podem ter consequências trágicas. Mas é melhor seguir a disciplina o tempo todo. Das Aceitas, por outro lado, espera-se que questionem, pois entende-se que sabem o bastante para determinar quais perguntas podem fazer e quando fazê-las. Qual você preferiria ser?

As mãos de Nynaeve apertaram a saia, e ela voltou a olhar para a abertura da tenda, franzindo a testa. Por fim, fez um gesto ligeiro com a cabeça e voltou a se sentar no chão.

— Acho que posso ficar.

— Ótimo — respondeu Verin. — Agora, você já conhece esta parte, Egwene, mas, em consideração a Nynaeve, vou conduzi-la passo a passo. Com o tempo, isso se tornará um reflexo, e você vai fazer mais rápido do que consegue pensar. Porém agora o melhor é ir devagar. Feche os olhos, por favor. No começo, flui melhor se você não tiver distrações. — Egwene fechou os olhos. Houve uma pausa. — Nynaeve — disse Verin —, por favor, feche os olhos. De fato, ajudará muito. — Mais uma pausa. — Obrigada, criança. Agora, você deve se esvaziar. Esvazie seus pensamentos. Só existe uma coisa em sua mente: o botão de uma flor. Só isso. Apenas o botão. Você pode ver cada detalhe dele. Pode sentir o cheiro. Tocá-lo. Cada veia de cada folha, cada curva de cada pétala. Você pode sentir a seiva pulsando. Sinta-o. Conheça-o. Seja ele. Você e o botão são a mesma coisa. Vocês são um. Você é o botão.

A voz dela continuou, em um tom hipnótico, mas Egwene não estava mais ouvindo de verdade. Já fizera esse exercício antes, com Moiraine. Era lento, porém a mulher dissera que se tornaria mais rápido com a prática. Dentro de si, ela era um botão de rosa, com pétalas vermelhas bem curvadas, fechadas. No entanto, de repente havia mais alguma coisa ali. Luz.

Uma luz pressionava as pétalas. Bem devagar, as pétalas se abriram, virando-se na direção da luz, absorvendo-a. A rosa e a luz eram um. Egwene e a luz eram um. Ela podia sentir a réstia mais tênue daquilo se esgueirando por seu corpo. Esticou-se em busca de mais, se estendeu procurando mais...

Em um instante, tudo se foi: a rosa e a luz. Moiraine também lhe dissera que aquilo não poderia ser forçado. Com um suspiro, abriu os olhos. Nynaeve tinha uma expressão lúgubre no rosto. Verin estava calma como sempre.

— Você não pode *forçar* a acontecer — dizia a Aes Sedai. — Você deve *deixar* que aconteça. Deve se render ao Poder antes de poder controlá-lo.

— Isto é uma tolice sem tamanho — resmungou Nynaeve. — Eu não me sinto como uma flor. No máximo, me sinto um arbusto de abrunheiro. Acho que vou mesmo ficar esperando ao lado do fogo.

— Como desejar — respondeu Verin. — Já mencionei que as noviças executam algumas tarefas? Elas lavam pratos, limpam o chão, lavam a roupa, servem à mesa, toda espécie de tarefas. Eu acho que as serviçais fazem um trabalho bem melhor, mas o consenso é que o trabalho fortalece o caráter. Ah, você vai ficar? Ótimo. Bem, criança, lembre-se de que mesmo um arbusto de abrunheiro às vezes dá flores, lindas e brancas, por entre os espinhos. Agora voltemos ao começo, Egwene. Feche os olhos.

Várias vezes antes de Verin partir, Egwene sentiu o fluxo do Poder percorrer seu corpo, mas nunca de forma muito intensa, e o máximo que conseguiu com aquilo foi produzir uma agitação no ar que fez a dobra da tenda se mover de leve. Tinha certeza de que um espirro teria provocado o mesmo efeito. Desejou que Moiraine fosse a professora.

Nynaeve sequer chegou a sentir um vislumbre daquilo, ou pelo menos foi o que disse. No final, seus olhos estavam fixos e sua boca tão apertada que Egwene teve medo de que ela fosse começar a brigar com Verin, como se a Aes Sedai fosse uma aldeã desrespeitando sua privacidade. Mas Verin apenas lhe mandou fechar os olhos novamente, dessa vez sem Egwene.

Egwene estava sentada, assistindo às outras duas entre bocejos. A noite já avançara muito além da hora em que ela costumava dormir. Nynaeve estava com cara de quem morrera havia uma semana, com os olhos fechados, como se nunca mais tivesse a intenção de abri-los, e os punhos brancos de tão cerrados sobre o colo. Egwene torcia para que o mau humor da Sabedoria não se manifestasse, não depois de ela conseguir se manter calma por tanto tempo.

— Sinta o fluxo atravessá-la — instruía Verin. Sua voz não mudou, mas seus olhos começaram a brilhar de repente. — Sinta o fluxo. O fluxo do Poder. Um fluxo igual a uma brisa, uma leve agitação no ar. — Egwene se endireitou. Fora assim que Verin a guiara todas as vezes em que realmente sentira o Poder fluindo por seu corpo. — Uma brisa suave, o menor dos movimentos no ar. Suave.

De repente, os cobertores empilhados pegaram fogo, como se fossem lenha banhada em seiva.

Nynaeve abriu os olhos com um grito. Egwene não estava certa se gritava ou não. Tudo o que sabia era que estava de pé, tentando chutar os cobertores em chamas para fora antes que incendiassem a tenda. Antes que conseguisse dar um segundo chute, as chamas desapareceram,

deixando fios de fumaça saindo de uma massa esturricada e o cheiro de lã queimada.

— Ora — comentou Verin — Ora. Não esperava ter que apagar um incêndio. Não vá desmaiar agora, criança. Está tudo bem. Já cuidei de tudo.

— Eu... eu estava zangada — resmungou Nynaeve por entre os lábios trêmulos, o rosto pálido. — Ouvi você falando sobre uma brisa, me dizendo o que fazer, e o fogo simplesmente veio à minha cabeça. Eu... eu não queria queimar nada. Foi apenas uma pequena fogueira, na... na minha cabeça. — Ela estremeceu.

— Acho até que foi uma fogueira pequena, sim. — Verin soltou uma gargalhada que desapareceu quando ela voltou a olhar para o rosto de Nynaeve. — Você está bem, criança? Se estiver se sentindo mal, eu posso... — Nynaeve sacudiu a cabeça, e Verin assentiu. — Você precisa é de descanso. Vocês duas. Fui dura demais com vocês. Precisam descansar. A Amyrlin vai querer todas nós de pé antes do amanhecer. — Levantando-se, ela tocou os cobertores torrados com a ponta do pé. — Mandarei trazerem mais alguns cobertores para vocês. Espero que isto mostre a ambas como ter controle é importante. Vocês têm que aprender a fazer o que é preciso, e nada mais. Além de machucar outras pessoas, caso retirem mais do Poder do que conseguem usar com segurança, e vocês ainda não conseguem lidar com muito, mas isso vai aumentar... Se retirarem demais, podem destruir a si mesmas. Podem morrer. Ou podem se exaurir, destruir a habilidade que possuem. — Como se ela não tivesse dito que as duas estavam caminhando em uma corda bamba, acrescentou um animado “Durmam bem”. E foi embora.

Egwene abraçou Nynaeve com força.

— Está tudo bem, Nynaeve. Não precisa ter medo. Assim que você aprender a controlar...

Nynaeve deu uma risada rouca.

— Eu não estou com medo. — Ela olhou de relance para os cobertores fumegantes e desviou o olhar depressa. — É preciso mais do que um foguinho para me assustar.

Mas ela não voltou a olhar para os cobertores, mesmo quando um Guardião veio retirá-los dali e deixar outros novos.

Verin não voltou, como dissera. De fato, no decorrer da jornada para sul e para oeste, dia após dia, tão rápido quanto os soldados da infantaria conseguiam avançar, Verin não prestou mais atenção às duas mulheres de Campo de Emond do que Moiraine ou qualquer uma das Aes Sedai. Não é que fossem hostis; eram apenas um tanto distantes e distraídas, como se estivessem preocupadas. Sua frieza aumentou o incômodo de Egwene e trouxe de volta todas as histórias que ouvira na infância.

Sua mãe sempre lhe dissera que as histórias sobre Aes Sedai eram um monte de bobagens contadas pelos homens, mas nem sua mãe nem qualquer outra mulher no Campo de Emond haviam conhecido uma Aes Sedai antes de Moiraine chegar lá. Ela mesma passara um bom tempo com Moiraine, o que era prova de que nem todas as Aes Sedai eram como as histórias contavam. Manipuladoras frias e destruidoras implacáveis. As que provocaram a Ruptura do Mundo. Agora ela sabia que, pelo menos, os que provocaram a Ruptura do Mundo eram Aes Sedai homens, quando ainda existiam, na Era das Lendas. Mas aquilo não ajudava muito. Nem *todas* as Aes Sedai eram como as histórias contavam, mas quantas, e quais?

As Aes Sedai que vinham à tenda toda noite eram tão diferentes entre si que não a ajudavam a clarear sua mente. Alviarin era fria e ia direto ao ponto, como se fosse uma comerciante que

tivesse vindo comprar lã e tabaco. Ficou surpresa por Nynaeve participar da aula, mas aceitou. Tinha críticas afiadas, porém estava sempre pronta para tentar outra vez. Alanna Mosvani ria e passava tanto tempo falando do mundo e dos homens quanto ensinando. Mas Alanna estava interessada demais em Rand, Perrin e Mat para o gosto de Egwene. Especialmente em Rand. A pior de todas eram Liandrin, a única que usava o xale: as outras os haviam guardado na bagagem antes de deixar Fal Dara. Liandrin ficava sentada, mexendo na franja vermelha do xale, e ensinava pouco, e ainda por cima com relutância. Ela interrogava Egwene e Nynaeve como se as duas tivessem sido acusadas de algum crime, e todas as perguntas eram sobre os três rapazes. Não parou de falar até Nynaeve colocá-la para fora — Egwene não entendeu bem por que Nynaeve fizera aquilo —, mas saiu com um aviso.

— Cuidado, minhas filhas! Vocês não estão mais em sua aldeia. Agora estão molhando os dedos em águas onde há coisas para mordê-las.

Por fim, a coluna chegou à aldeia de Meddo, nas margens do Mora, um rio que corria ao longo da fronteira entre Shienar e Arafel e desembocava no Erinin.

Egwene estava certa de que eram as perguntas da Aes Sedai sobre Rand que a tinham feito começar a sonhar com ele, isso e o fato de se preocupar se ele e os outros tinham precisado seguir a Trombeta de Valere até dentro da Praga. Os sonhos eram sempre ruins, mas no começo eram apenas pesadelos normais. Entretanto, na noite em que chegaram a Meddo, os sonhos mudaram.

— Perdão, Aes Sedai — chamou Egwene, timidamente —, mas a senhora viu Moiraine Sedai? — A Aes Sedai magra a despachou com um gesto e desceu apressada pela rua lotada da aldeia, gritando para alguém tomar cuidado com o cavalo. A mulher pertencia à Ajah Amarela, embora não estivesse usando o xale naquele momento. Egwene não sabia mais nada sobre ela, nem mesmo o nome.

Meddo era uma pequena aldeia, embora Egwene tivesse ficado chocada ao perceber que o que ela agora chamava de “pequena aldeia” era do tamanho de Campo de Emond. O lugar estava lotado, com muito mais forasteiros do que habitantes. Cavalos e pessoas enchiam as ruas estreitas, acotovelando-se até as docas, passando por aldeões que caíam de joelhos sempre que uma Aes Sedai passava em disparada, quase sem ser vista. As luzes fortes das tochas iluminavam tudo. As duas docas se estendiam na direção do Rio Mora como dedos de pedra, e cada uma abrigava um par de pequenos navios de dois mastros. Lá, cavalos estavam sendo levados a bordo por faixas de contenção, com cabos e berços de lona sob as barrigas. Mais navios, de amuradas altas e resistentes, com lampiões no alto dos mastros, lotavam o rio iluminado pelo luar. Já tinham sido carregados ou aguardavam sua vez. Barcos a remo conduziam arqueiros e piqueiros, cujas lanças erguidas faziam os barcos parecerem gigantescos peixes-cobrelos nadando na superfície.

No cais esquerdo, Egwene encontrou Anaiya, que supervisionava o carregamento e chamava a atenção daqueles que não trabalhavam rápido o bastante. Embora nunca tivesse trocado mais do que duas palavras com Egwene, Anaiya parecia diferente das outras, mais semelhante a uma mulher de sua região. Egwene podia vê-la fazendo pão na cozinha, algo que não imaginava nenhuma das outras fazendo.

— Anaiya Sedai, você viu Moiraine Sedai? Preciso falar com ela.

A Aes Sedai olhou ao redor, franzindo a testa, distraída.

— O quê? Ah, é você, criança. Moiraine foi embora. E sua amiga, Nynaeve, já está na *Rainha do Rio*. Eu mesma tive que enfiá-la em um barco, enquanto a mulher gritava que não partiria sem você. Luz, que confusão! Você também deveria estar a bordo. Encontre algum barco que vá para a *Rainha do Rio*. Vocês duas vão viajar com o Trono de Amyrlin, então fique atenta quando embarcar. Nada de cenas ou chilikues.

— Em que navio Moiraine Sedai está?

— Moiraine não está em um navio, garota. Ela foi embora. Partiu há dois dias, e a Amyrlin está furiosa. — Anaiya fez uma careta de desagrado e sacudiu a cabeça, embora a maior parte de sua atenção ainda estivesse voltada para os trabalhadores. — Primeiro Moiraine desaparece com Lan, e logo em seguida Liandrin, e depois Verin. Nenhuma delas disse sequer uma palavra a alguém. Verin nem mesmo levou seu Guardião; Tomas está roendo as unhas de preocupação. — A Aes Sedai olhou para o céu. A lua crescente brilhava sem a interferência das nuvens. — Precisaremos chamar o vento mais uma vez, e a Amyrlin não vai ficar nada feliz com isso. Ela disse que nos quer a caminho de Tar Valon em uma hora e não vai aceitar atrasos. Eu não quero estar na pele de Moiraine, Liandrin ou Verin quando ela as encontrar. As três vão desejar ser noviças outra vez. Ora, criança, qual é o problema?

Egwene respirou bem fundo. *Moiraine partiu? Não pode ser! Preciso contar a alguém, alguém que não vá rir de mim.* Ela imaginou Anaiya em Campo de Emond, ouvindo os problemas da filha: a mulher se encaixava naquela imagem.

— Anaiya Sedai, Rand está em apuros.

Anaiya lhe lançou um olhar pensativo.

— Aquele garoto alto da sua aldeia. Já está sentindo saudade dele, é? Bem, eu não deveria ficar surpresa se ele *estiver* em apuros. Jovens dessa idade geralmente estão. Embora seja o outro... Mat?... que tem cara de encenqueiro. Muito bem, criança. Não queria rir de você nem fazer pouco-caso. Que tipo de problema, e como sabe? Ele e Lorde Ingtar devem ter apanhado a Trombeta e já devem estar de volta a Fal Dara, a esta altura. Ou então tiveram que segui-la até a Praga, e não há nada que se possa fazer a respeito.

— Eu... eu não acho que eles estejam na Praga ou em Fal Dara. Eu tive um sonho — disse, de forma um pouco desafiadora. Soava bobo quando falava, mas parecera bem real. Decerto fora um pesadelo, mas fora real. Primeiro havia um homem com uma máscara sobre o rosto e fogo no lugar dos olhos. Apesar da máscara, ela achou que ele tinha ficado surpreso ao vê-la. O olhar dele a apavorara até pensar que seus ossos se quebrariam de tanto tremer, mas de repente ele desapareceu, e ela viu Rand dormindo no chão, envolto em um manto. Uma mulher estava parada de pé ao lado dele, olhando-o. Seu rosto estava oculto pelas sombras, mas seus olhos pareciam brilhar como a lua, e Egwene soube que ela era maligna. Então veio um clarão de luz, e eles sumiram. Os dois. E, depois daquilo tudo, quase como se estivesse separada da cena, havia a sensação de perigo, como se uma armadilha estivesse começando a se fechar na perna de um cordeiro inocente, uma armadilha com diversas mandíbulas. Era como se o tempo tivesse desacelerado, e ela pudesse ver as mandíbulas de ferro se fechando aos poucos. O sonho não se desvanecera com o despertar, como normalmente acontecia. E o perigo parecia tão grande que ela ainda queria olhar por cima do ombro, mas, de algum modo, sabia que o

alvo era Rand, e não ela.

Ela se perguntou se a mulher era Moiraine, e se repreendeu por ter pensado aquilo. Liandrin se encaixava melhor. Ou quem sabe Alanna: ela também mostrara interesse em Rand.

Ela não conseguiu contar o que havia acontecido a Anaiya. Com muita formalidade, disse:

— Anaiya Sedai, sei que parece tolice, mas ele está em perigo. Um grande perigo. Eu sei. Pude sentir. Ainda posso.

O olhar de Anaiya se tornou pensativo.

— Ora, ora — respondeu ela, baixinho —, essa é uma possibilidade que eu aposto que ninguém considerou. Você pode ser uma Sonhadora. A chance é pequena, criança, mas... Não temos uma assim há... hã... quatrocentos ou quinhentos anos. E o Sonho está bem ligado à Profecia. Se você realmente consegue Sonhar, pode ser que consiga Prever também. *Isso* seria um dedo no olho das Vermelhas. Claro que poderia ser apenas um pesadelo comum, provocado por cansaço, pela comida fria e pela viagem difícil desde que deixamos Fal Dara. Além da saudade que você sente do seu rapaz. Muito mais provável. Sim, sim, criança, eu sei. Você está preocupada com ele. Seu sonho indicava que tipo de perigo?

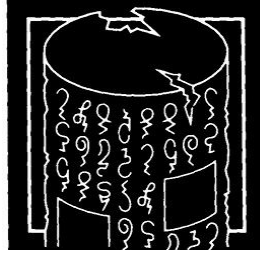
Egwene sacudiu a cabeça.

— Ele apenas desapareceu, e eu senti o perigo. E maldade. Eu senti a maldade antes mesmo de ele sumir. — Ela estremeceu e esfregou as mãos. — Ainda consigo sentir.

— Bem, falaremos mais a esse respeito na *Rainha do Rio*. Se você *for* uma Sonhadora, cuidarei para que tenha o treinamento que Moiraine deveria estar aqui para... Você aí! — gritou a Aes Sedai, de súbito, e Egwene sobressaltou-se. Um homem alto que acabara de se sentar sobre um barril de vinho fez o mesmo. Vários outros apertaram o passo. — Isso é para levar para bordo, não para você sentar! Conversaremos no barco, criança. Não, seu tolo! Você não vai conseguir carregá-lo sozinho! Quer se machucar? — Anaiya saiu andando a passos largos pela doca, mostrando aos infelizes aldeões uma língua mais áspera do que Egwene suspeitara que ela possuía.

Egwene espiou a escuridão, na direção do sul. Ele estava lá, em algum lugar. Não em Fal Dara nem na Praga. Ela tinha certeza disso. *Agente firme, seu idiota cabeça de lã. Se você for morto antes que eu consiga tirá-lo disso, vou esfolá-lo vivo.* Não lhe ocorreu se perguntar como iria tirá-lo de qualquer coisa se estava a caminho de Tar Valon.

Puxando o manto mais para junto do corpo, foi procurar um barco que a levasse para a *Rainha do Rio*.



De Pedra em Pedra

A luz do sol nascente despertou Rand, e ele se perguntou se estava sonhando. O rapaz sentou-se devagar, com o olhar fixo à sua frente. Tudo mudara, ou quase tudo. O sol e o céu estavam como ele esperava, ainda que pálidos e cobertos de nuvens. Loial e Hurin continuavam deitados um de cada lado dele, dormindo enrolados em seus mantos, e seus cavalos permaneciam amarrados a um passo de distância, mas o restante da comitiva havia desaparecido. Os soldados, os cavalos, seus amigos, tudo e todos haviam sumido.

A clareira também havia mudado, e agora eles estavam no meio, não na extremidade. Perto de sua cabeça, havia um cilindro de pedra cinza de três braças de altura e um passo inteiro de largura, com a superfície inteiramente coberta por centenas, talvez milhares, de diagramas e marcas entalhados na pedra, em algum idioma que ele não reconhecia. O chão da clareira era pavimentado com pedras brancas, nivelado como um pátio e tão polido que quase reluzia. Degraus largos e altos levavam até a borda, mais alta, em anéis concêntricos de pedra, cada qual de uma cor diferente. E, quanto à borda, as árvores estavam enegrecidas e retorcidas, como se uma chuva de fogo as tivesse atingido. Tudo parecia mais pálido do que deveria estar, como o sol, que estava mais brando, como se fosse visto através de uma neblina. Só que não havia neblina. Apenas os três homens e os cavalos pareciam realmente sólidos. Mas, quando ele tocou a pedra abaixo de si, teve a *sensação* de que ela era sólida o bastante.

Estendeu a mão e sacudiu Loial e Hurin.

— Acordem! Acordem e me digam que estou sonhando. Por favor, acordem!

— Já é de manhã? — resmungou Loial, sentando-se, então seu queixo caiu, e seus olhos grandes e redondos foram se arregalando.

Hurin acordou assustado, então se levantou de um pulo, saltando como uma pulga sobre uma pedra quente, olhando para todos os lados.

— Onde estamos? O que aconteceu? Onde estão todos? Onde estamos, Lorde Rand? — Ele caiu de joelhos, torcendo as mãos, mas seu olhar ainda dardejava de um lado para o outro. — O que aconteceu?

— Não sei — respondeu Rand, devagar. — Estava torcendo para que fosse um sonho, mas... Talvez seja um sonho. — Ele já tivera experiências com sonhos que não eram sonhos, experiências que não queria repetir nem lembrar. Levantou-se com cuidado. Tudo permaneceu

como estava.

— Acho que não é — respondeu Loial. Ele estava analisando a coluna, e não parecia feliz. Suas sobrancelhas compridas caíram sobre as bochechas, e as orelhas peludas pareciam ter murchado. — Acho que esta é a mesma pedra ao lado da qual dormimos ontem à noite. Acho que sei o que ela é, agora. — Pela primeira vez, ele parecia angustiado por saber algo.

— Isso é... — *Não*. O fato de que aquela era a mesma pedra não era mais louco do que o que ele via a seu redor: Mat, Perrin e os shienaranos haviam sumido, e tudo mudara. *Pensei que tivesse escapado, mas começou outra vez. E não é mais loucura. A menos que eu esteja louco*. Ele olhou para Loial e Hurin. Eles não estavam agindo como se ele estivesse louco, pois viam o mesmo que ele. Algo nos degraus chamou sua atenção. Eram as cores diferentes, sete no total, que iam do azul ao vermelho. — Uma para cada Ajah — disse.

— Não, Lorde Rand — gemeu Hurin. — Não. As Aes Sedai não fariam isso conosco. Elas não fariam! Eu caminho na Luz!

— Todos nós caminhamos, Hurin — respondeu Rand. — As Aes Sedai não lhe farão mal. — *A menos que você se meta no caminho delas*. Será que aquilo era obra de Moiraine, de algum jeito? — Loial, você disse que sabe o que é a pedra. O que é?

— Eu disse que acho que sei, Rand. Havia um pedaço de um livro antigo, apenas algumas páginas, mas uma delas tinha o desenho dessa pedra. Essa Pedra — havia algo no modo como ele dizia “pedra” que deixava marcada sua importância — ou uma bem parecida com ela. E abaixo dizia: “De Pedra em Pedra correm as linhas do ‘se’, entre os mundos que poderiam ser.”

— O que isso quer dizer, Loial? Não faz o menor sentido.

O Ogier balançou a enorme cabeça com tristeza.

— Eram apenas algumas páginas. Algumas diziam que, na Era das Lendas, algumas Aes Sedai, as mais poderosas, eram capazes de usar essas Pedras. Não explicava como, mas acho, pelo que pude decifrar, que talvez essas Aes Sedai utilizassem as Pedras para viajar para esses mundos, de algum jeito. — Ele olhou para as árvores queimadas e logo abaixou os olhos de novo, como se não quisesse pensar no que haveria além da borda. — Mas, ainda que as Aes Sedai possam usá-las, ou que pudessem, não havia Aes Sedai conosco para canalizar o Poder, então não sei como isso pode ter acontecido.

Rand sentiu arrepios. *Aes Sedai as utilizavam. Na Era das Lendas, quando existiam Aes Sedai homens*. Ele teve uma vaga lembrança do vazio se fechando ao seu redor ao adormecer, repleto daquele brilho incômodo. E lembrou-se da casa da aldeia e da luz na qual mergulhara para escapar. *Se aquela era a metade masculina da Fonte Verdadeira... Não, não pode ser. Mas e se for? Luz, eu estava me perguntando se deveria fugir ou não, e o tempo todo isso já estava dentro da minha cabeça. Talvez eu tenha nos trazido até aqui*. Ele não queria pensar naquilo.

— Mundos que poderiam ser? Não estou entendendo, Loial.

O enorme e desconfortável Ogier deu de ombros.

— Eu tampouco, Rand. A maioria do que estava escrito soava como: “Se uma mulher vai para a esquerda ou para a direita, o fluxo do Tempo se divide? A Roda, então, tece dois Padrões? Mil, para cada um de seus giros? Tantos quantas forem as estrelas? Um deles é real, enquanto os outros são meras sombras e reflexos?” Veja, não era muito claro. Em grande

parte, eram perguntas, e a maioria parecia se contradizer. E também não havia muitas. — Ele voltou a encarar a coluna de pedra, olhando-a como se desejasse que ela desaparecesse. — Supõe-se que exista um bom número dessas Pedras espalhadas por todo o mundo, ou que um dia existiram, mas nunca ouvi falar de alguém que tivesse encontrado uma. Nunca ouvi falar de alguém que tivesse encontrado qualquer coisa parecida com isso.

— Lorde Rand? — Agora de pé, Hurin parecia mais calmo, mas sua expressão era ansiosa, e ele agarrava o casaco na altura da cintura com ambas as mãos. — Lorde Rand, o senhor vai nos levar de volta, não vai? Para o lugar de onde viemos? Eu tenho esposa, milorde, e filhos. Melia já ficaria mal se eu morresse, mas, se não tiver sequer meu corpo para levar ao abraço da mãe, vai lamentar até o fim de seus dias. O senhor entende, milorde. Eu não posso deixá-la sem saber o que me aconteceu. O senhor vai nos levar de volta. E, se eu morrer, se não puder levar meu corpo para ela, vai lhe contar o que houve, para que ela tenha pelo menos isso. — Ele não fazia mais perguntas, no final. Um tom confiante se insinuara em sua voz.

Rand abriu a boca para explicar outra vez que não era um lorde, então a fechou sem dizer nada. Era algo bem irrelevante naquele momento. *Você o meteu nessa situação.* Ele queria negar, mas sabia o que era, sabia que podia canalizar, ainda que isso sempre parecesse acontecer independente da sua vontade. Loial disse que Aes Sedai usavam as Pedras, e aquilo só poderia significar o Poder Único. O que Loial dizia saber podia ser tomado como certo, pois o Ogier nunca afirmava saber o que não sabia. E não havia mais ninguém por perto que dominasse o Poder. *Você o envolveu nessa situação e tem que tirá-lo. Você tem que tentar.*

— Farei o melhor que puder, Hurin. — E, como Hurin era shienarano, ele acrescentou: — Pela minha Casa e pela minha honra. É a Casa de um pastor e a honra de um pastor, mas farei com que valham tanto quanto as de um lorde.

Hurin soltou o casaco. A confiança chegara a seus olhos. Ele fez uma grande medida.

— É uma honra servi-lo, milorde.

Rand sentiu-se imediatamente culpado. *Agora ele acha que você vai levá-lo para casa, porque os lordes de Shienar sempre cumprem suas promessas. O que você vai fazer agora, Lorde Rand?*

— Nada disso, Hurin. Nada de se curvar. Eu não... — De repente, percebeu que não poderia dizer ao homem que não era um lorde, mais uma vez. Tudo o que mantinha o farejador de pé era pensar que Rand era um lorde, e ele não podia tirar aquilo dele, não naquele momento. Não ali. — Nada de se curvar — concluiu, sem jeito.

— Como quiser, Lorde Rand. — O sorriso de Hurin era quase tão grande quanto o da primeira vez em que o rapaz o vira.

Rand pigarreou.

— Sim. Bem, é o que eu quero.

Ambos o encaravam, Loial curioso, e Hurin confiante, ambos esperando para ver o que ele faria. *Eu os trouxe aqui. Devo ter feito isso. Então tenho que levá-los de volta. O que quer dizer...*

Respirando fundo, ele andou pelas pedras brancas do calçamento até chegar ao cilindro coberto de símbolos. Pequenas linhas escritas em algum idioma desconhecido cercavam cada símbolo, letras estranhas que fluíam em curvas e espirais e de repente viravam ganchos

quebrados e ângulos, então continuavam a fluir. Pelo menos não era escrita Trolloc. Relutante, Rand tocou a coluna. Tinha o aspecto de qualquer pedra seca e polida, mas a sensação ao toque era de algo curiosamente escorregadio, como metal coberto de óleo.

Ele fechou os olhos e formou a chama. O vazio veio devagar, hesitante. Ele sabia que seu próprio medo o detinha, o medo do que estava tentando fazer. Quanto mais rápido alimentava a chama com medo, mais vazio vinha. *Não posso fazer isso. Canalizar o Poder. Eu não quero. Luz, deve haver outro jeito.* Sem se permitir desistir, ele forçou os pensamentos a se aquietarem. Podia sentir o suor brotando em sua testa. Continuou, determinado, alimentando a chama com seus temores, fazendo com que ela crescesse e crescesse. E o vazio estava lá.

O cerne de seu ser flutuava no vazio. Ele podia ver a luz — *saidin* — mesmo de olhos fechados, sentia seu calor cercando-o, cercando tudo, cobrindo tudo. Ela tremeluzia como a chama de uma vela vista através de papel encerado. Encerado com um óleo rançoso. Um óleo com um cheiro horrível.

Ele se estendeu em direção a ela, não sabia ao certo *como* fizera aquilo, mas fizera algo, um movimento, um esticar-se até a luz, na direção de *saidin*... e não pegou nada, como se tivesse passado os dedos por água. A sensação era a de um lago coberto de lodo, com espuma flutuando sobre a água limpa abaixo, mas ele não conseguia recolher água alguma. Ela escorreu diversas vezes por entre seus dedos, que não seguravam nem gotas da água, apenas a espuma escorregadia que fazia sua pele se arrepiar.

Desesperado, tentou formar uma imagem da clareira como era antes, com Ingtar e os piqueiros dormindo ao lado de seus cavalos, Mat e Perrin, e a Pedra enterrada até a ponta. Ele a formou fora do vazio, agarrando-se à concha de vazio que o encapsulava. Tentou vincular a imagem à luz, forçar as duas a se juntarem. A clareira como era antes, e ele, Loial e Hurin lá, junto. Sua cabeça doía. Junto com Mat, Perrin e os shienaranos. Queimando, em sua cabeça. Juntos!

O vazio se estilhaçou em mil lascas afiadas como navalhas que cortaram sua mente.

Estremecendo, ele recuou, cambaleando, com os olhos arregalados. Suas mãos doíam de tanto apertar a Pedra, e seus braços e ombros latejavam com a dor. Seu estômago ficou embrulhado com a sensação de sujeira que o cobria, e sua cabeça... Ele tentou acalmar a respiração. Aquilo nunca acontecera antes. Quando o vazio ia embora, desaparecia como uma bolha furada, apenas isso, em um piscar de olhos. Nunca se quebrava como vidro. Ele sentia a cabeça dormente, como se os mil cortes tivessem acontecido tão depressa que a dor ainda não tivera tempo de chegar. Mas cada corte parecera tão real quanto se tivesse sido feito com uma faca. Ele tocou a têmpora e ficou surpreso por não ver sangue nos dedos.

Hurin ainda estava ali parado, olhando para ele, ainda confiante. No máximo, o farejador parecia mais seguro a cada minuto que se passava. Lorde Rand estava fazendo alguma coisa. Era para isso que os lordes serviam. Eles protegiam a terra e o povo com seus corpos e vidas, e, quando algo dava errado, consertavam e cuidavam para que se fizesse o que era certo e justo. Contanto que Rand estivesse fazendo alguma coisa, qualquer coisa, Hurin estaria confiante de que tudo daria certo no fim. Era aquilo que os lordes faziam.

Loial tinha um olhar diferente, e sua testa estava franzida de modo ligeiramente intrigado, mas seu olhar também estava voltado para Rand, que se perguntou o que ele estava pensando.

— Valeu a tentativa — disse o rapaz. Teve a sensação do óleo rançoso dentro de sua

cabeça. — *Luz, está dentro de mim! Não quero isso dentro de mim!* — Estava desaparecendo devagar, mas ele ainda achava que iria vomitar. — Vou tentar de novo em alguns minutos.

Torceu para soar confiante. Não fazia ideia de como as Pedras funcionavam, se o que ele estava fazendo tinha alguma chance de dar certo. *Talvez existam regras para usá-las. Talvez seja preciso fazer algo especial. Luz, talvez você não possa usar a mesma Pedra duas vezes, ou...* Ele interrompeu a linha de raciocínio. Olhando para Loial e Hurin, achou que entendia o que Lan quis dizer ao falar que o dever era mais pesado que a montanha.

— Milorde, eu acho... — Hurin deixou as palavras morrerem, parecendo atordoado por um momento. — Milorde, talvez, se encontrarmos os Amigos das Trevas, seja possível fazer com que um deles nos diga como voltar.

— Eu perguntaria a um Amigo das Trevas ou ao próprio Tenebroso se achasse que ele responderia a verdade — respondeu Rand. — Mas somos tudo o que há. Só nós três. — *Só eu. Sou eu quem tem que fazer isso.*

— Poderíamos seguir o rastro deles, milorde. Se os pegarmos...

Rand encarou o farejador.

— Você ainda consegue sentir o cheiro deles?

— Consigo, milorde. — Hurin franziu a testa. — É fraco e pálido, como todo o resto neste lugar, mas consigo sentir o cheiro do rastro. Bem ali em cima. — Ele apontou para a beira da clareira. — Não entendo, milorde, mas... Ontem à noite, podia jurar que o rastro dava a volta na clareira, novamente por onde viemos. Bem, ela está no mesmo lugar agora, só que aqui é mais fraca, como já expliquei. Não é velha, não está fraca por isso, mas... Não sei, Lorde Rand, só sei que está aqui.

Rand parou para pensar. Se Fain e os Amigos das Trevas estavam ali, onde quer que “ali” fosse, talvez soubessem como voltar. Tinham que saber, já que haviam chegado lá. E eles estavam com a Trombeta e a adaga. Mat precisava daquela adaga. Se não tivesse outro motivo, aquele bastaria para encontrá-los. O que finalmente o fez decidir, percebeu, envergonhado, é que tinha medo de tentar outra vez. Medo de tentar canalizar o Poder. Ele tinha menos medo de confrontar Amigos das Trevas e Trollocs com apenas Hurin e Loial do que de fazer aquilo.

— Então iremos atrás dos Amigos das Trevas. — Ele tentou soar seguro, do jeito que Lan ou Ingtar falariam. — A Trombeta deve ser recuperada. Se não conseguirmos descobrir um jeito de tirá-la deles, pelo menos saberemos onde estarão quando reencontrarmos Ingtar. — *Espero que eles não perguntem como vamos reencontrá-lo.* — Hurin, certifique-se de que esse rastro é mesmo aquele que estamos seguindo.

O farejador saltou para sua sela, ansioso para fazer alguma coisa, talvez ansioso para sair da clareira, e fez o cavalo subir correndo os amplos degraus coloridos. Os cascos do animal ressoaram alto na rocha, mas não deixaram marcas.

Rand guardou as cordas que prendiam Vermelho nos alforjes. O estandarte ainda estava lá, mas ele não teria se importado muito se o embrulho tivesse sido deixado para trás. Então pegou o arco e a aljava e montou nas costas do garanhão. O embrulho do manto de Thom Merrilin se avolumava atrás da sela.

Loial conduziu sua grande montaria para mais perto. De pé, a cabeça do Ogier chegava

quase ao ombro de Rand, que estava montado. Loial ainda parecia intrigado.

— Você acha que deveríamos ficar? — perguntou Rand. — Tentar usar a Pedra mais uma vez? Se os Amigos das Trevas estiverem aqui, neste lugar, temos que encontrá-los. Não podemos deixar a Trombeta de Valere nas mãos deles, você ouviu a Amyrlin. E temos que recuperar aquela adaga. Mat morrerá sem ela.

Loial assentiu.

— Sim, Rand, precisamos. Mas as Pedras...

— Encontraremos outra. Você disse que elas estavam espalhadas por aí, e, se forem todas iguais a esta, com esses degraus enfeitando os arredores, não deve ser muito difícil encontrar outra.

— Rand, aquele fragmento dizia que as Pedras vinham de uma Era mais antiga que a Era das Lendas, e que mesmo as Aes Sedai não as entendiam, embora as utilizassem. Algumas das Aes Sedai realmente poderosas as utilizavam, com o Poder Único, Rand. Como você acha que vai usar esta aqui para nos levar de volta? Ou qualquer outra que encontrarmos?

Por um momento, Rand só pôde encarar o Ogier, pensando mais rápido do que já pensara em toda a vida.

— Se são mais antigas do que a Era das Lendas, talvez as pessoas que as construíram não tenham usado o Poder. Deve haver outro jeito. Os Amigos das Trevas chegaram aqui, e eles com certeza não usaram o Poder. Seja qual for esse outro jeito, vou descobrir. Eu levarei a gente de volta, Loial. — Rand olhou para a alta coluna de pedra com marcas estranhas e sentiu uma pontada de medo. *Luz, se pelo menos eu não precisar usar o Poder para isso.* — Eu levarei a gente de volta, Loial, eu juro. De um jeito ou de outro.

O Ogier assentiu, ainda não convencido. Montou em seu cavalo imenso e acompanhou Rand escadaria acima para se juntar a Hurin entre as árvores enegrecidas.

A terra se estendia, baixa e sinuosa, com trechos esparsos de floresta aqui e acolá, permeados de gramados, e era atravessada por mais de um riacho. A uma distância média, Rand pensou ter visto outro trecho queimado. Tudo era pálido, com as cores desbotadas. Não havia sinal de nada feito pelo homem, a não ser o círculo de pedras atrás deles. O céu estava limpo, sem fumaça de chaminés ou pássaros, apenas algumas nuvens e o pálido sol amarelo.

Mas o pior de tudo era que a terra parecia distorcer o olhar. O que estava perto parecia normal, assim como o que se via ao longe. Mas, sempre que Rand virava a cabeça, coisas que julgara distantes quando vistas pelo canto do olho pareciam se aproximar subitamente quando olhava diretamente para elas. Isso o deixava tonto, e até mesmo os cavalos relinchavam de nervosismo e reviravam os olhos. Ele tentou mover a cabeça devagar, e o aparente movimento do que devia estar fixo permaneceu, mas pareceu ajudar um pouco.

— Seu pedaço de livro dizia algo sobre isso? — perguntou Rand.

Loial sacudiu a cabeça e engoliu em seco, como se desejasse tê-la mantido parada.

— Nada.

— Suponho que não haja nada a fazer a esse respeito, então. Para que lado, Hurin?

— Sul, Lorde Rand. — O farejador mantinha os olhos no chão.

— Sul, então. — *Deve haver um modo de voltar sem usar o Poder.* Rand meteu os calcanhares nos flancos de Vermelho. Tentou falar como se não visse dificuldade no que estavam prestes a fazer. — O que Ingтар falou? Três ou quatro dias até aquele monumento

construído para Artur Asa-de-gavião? Será que ele existe aqui também, como as Pedras? Se este é um mundo que *poderia* ser, talvez ele ainda esteja de pé. Não seria algo interessante de se ver, Loial?

E cavalgaram para o sul.



Irmão dos Lobos

— Sumiram? — exclamou Ingtar para ninguém em especial. — E meus guardas não viram nada. Nada! Eles não podem ter simplesmente sumido!

Ao ouvir aquilo, Perrin, curvou os ombros e olhou para Mat, que estava um pouco distante, franzindo a testa e murmurando para si mesmo. Perrin achou que aquilo parecia mais com uma discussão do que com murmúrios. O sol começava a aparecer na linha do horizonte, já passava da hora de começarem a cavalgar. As sombras se alongavam na clareira, compridas e finas, mas ainda eram parecidas com as árvores que as criavam. Os cavalos de carga, prontos e presos à linha-guia, batiam os cascos no chão com impaciência, mas todos aguardavam ao lado de suas montarias.

Uno chegou, avançando a passos largos.

— Os beija-cabras não deixaram rastro, milorde. — Ele parecia insultado: o fracasso ofendia sua habilidade. — Que me queime, nem sequer uma chamejada de uma marca de casco! Aqueles chamejados simplesmente desapareceram.

— Três homens e três cavalos não desaparecem assim — grunhiu Ingtar. — Vá examinar o terreno outra vez, Uno. Se alguém pode descobrir para onde foram, esse alguém é você.

— Talvez tenham apenas fugido — sugeriu Mat.

Uno parou e olhou para ele, irritado. *Como se ele tivesse amaldiçoado uma Aes Sedai*, pensou Perrin.

— Por que fugiriam? — A voz de Ingtar soava perigosamente suave. — Rand, o Construtor, meu farejador... meu farejador! Por que qualquer um deles fugiria, ainda mais juntos?

Mat deu de ombros.

— Eu não sei. Rand estava... — Perrin queria jogar algo nele, dar-lhe um soco, qualquer coisa que o impedisse de falar, mas Ingtar e Uno estavam olhando. Sentiu-se muito aliviado quando Mat hesitou, para então abrir as mãos e resmungar. — Não sei por quê. Só pensei que talvez tivessem fugido.

Ingtar fez uma careta de desagrado.

— Fugido — grunhiu, como se não acreditasse naquilo nem por um instante. — O Construtor é livre para ir, mas Hurin não fugiria. Nem Rand al'Thor. Ele não faria isso, agora que conhece seu dever. Vá, Uno. Vasculhe o terreno outra vez. — Uno fez uma mesura ligeira e

saiu depressa, com o cabo da espada sacudindo sobre o ombro. Ingtar grunhiu: — Por que Hurin partiria assim, no meio da noite, sem dizer nada? Ele sabe o que viemos fazer. Como vou rastrear esse filhote da Sombra nojento sem ele? Eu daria mil coroas de ouro por uma matilha de cães farejadores. Se não fosse bem experiente, diria que os Amigos das Trevas fizeram isso para passar de mansinho para leste ou oeste sem que eu percebesse. Paz, não sei se *sou* tão experiente assim. — E saiu pisando duro atrás de Uno.

Perrin mexeu os pés, incomodado. Sem dúvida, Os Amigos das Trevas ficavam mais longe a cada minuto. Afastavam-se mais e mais, levando a Trombeta de Valere e a adaga de Shadar Logoth. Não achava que Rand, fosse lá o que o rapaz tivesse se tornado, fosse lá o que tivesse acontecido a ele, iria abandonar aquela caçada. *Mas para onde ele foi, e por quê?* Loial devia ter ido com Rand por amizade, mas e Hurin?

— Talvez ele tenha mesmo fugido — murmurou, então olhou ao redor.

Parecia que ninguém tinha ouvido. Nem mesmo Mat estava prestando atenção nele. Passou a mão pelos cabelos. Se Aes Sedai quisessem que ele fosse um falso Dragão, ele também teria fugido. Mas se preocupar com Rand não ajudava a rastrear os Amigos das Trevas.

Talvez houvesse uma maneira, se estivesse disposto a usá-la. Ele não queria fazer aquilo. Até então, estava fugindo, mas talvez não pudesse mais fugir. *Bem feito para mim, pelo que disse a Rand. Queria poder fugir.* Mesmo sabendo o que podia fazer para ajudar, o que deveria fazer, Perrin hesitou.

Ninguém estava olhando para ele. Ninguém saberia o que estava vendo, mesmo que olhasse. Por fim, e com certa relutância, o rapaz fechou os olhos e se deixou ir, deixou seus pensamentos vagarem para fora, para longe dele.

Ele tentara negar o que estava acontecendo desde o começo, muito antes de seus olhos começarem a mudar de castanho-escuro para aquele amarelo-dourado queimado. No primeiro encontro, no primeiro instante de reconhecimento, ele se recusara a acreditar, e se recusara a aceitar aquilo desde então. Ainda queria fugir.

Seus pensamentos vagaram, em busca do que devia estar lá fora, do que sempre estava lá fora, nas terras onde os homens eram escassos ou ficavam bem distantes uns dos outros: buscando sentir seus irmãos. Ele não gostava de pensar neles como irmãos, mas eram.

No começo, temeu que o que fazia tivesse a mácula do Tenebroso ou do Poder Único, o que era igualmente ruim para um homem que queria apenas ser um ferreiro e levar sua vida na Luz e em paz. Desde o começo, podia entender um pouco do que Rand sentia: tinha medo de si mesmo, não se sentia limpo. Ainda não havia superado por completo aquela sensação. Mas o que fazia era mais antigo que o uso do Poder Único, algo que remetia ao nascimento do Tempo. Não era o Poder, dissera Moiraine. Era algo que desaparecera havia muito tempo e agora tinha retornado. Egwene também sabia, embora desejasse que ela não soubesse. Gostaria que ninguém soubesse. Torcia para que ela não tivesse contado a ninguém.

Contato. Ele os sentiu, sentiu outras mentes. Sentiu seus irmãos, os lobos.

Os pensamentos dele apareceram como um redemoinho de imagens e emoções. No começo, Perrin não fora capaz de distinguir coisa alguma, a não ser a emoção crua, mas logo sua mente passou a atribuir palavras a elas. *Irmão dos lobos. Surpresa. O de duas pernas que fala.* Veio à sua mente uma imagem desbotada, apagada pelo tempo, mais antiga que o antigo, de homens correndo com lobos: duas matilhas caçando juntas. *Nós ouvimos que isso voltou a*

acontecer. Você é Dente Longo?

Veio à sua mente a fraca imagem de um homem vestido com peles e uma longa faca na mão, mas, sobreposta a ela e mais central, havia um lobo felpudo com um dente mais longo que os outros, um dente de aço que reluzia ao sol enquanto o lobo liderava a matilha em um ataque desesperado pela neve espessa. Iam na direção do cervo que lhes permitiria viver, em vez de sofrer uma morte lenta por inanição. Viu o cervo ser despedaçado e virar pó em seus estômagos. E o sol reluzindo na paisagem branca até doer os olhos, o vento uivando pelos vales, suspendendo a neve fina como neblina e... Nomes de lobos eram sempre imagens complexas.

Perrin reconheceu o homem. Elyas Machera, aquele que o apresentara aos lobos. Às vezes, ele desejava nunca ter conhecido Elyas.

Não, pensou, e tentou criar uma imagem mental de si mesmo.

Sim. Ouvimos falar de você.

Não era a imagem que ele fizera, de um rapaz com ombros fortes e volumosos cachos castanhos, com um machado no cinturão, que outros julgavam se mover e pensar muito devagar. Aquele rapaz estava ali, em algum lugar da imagem mental vinda dos lobos, porém bem mais forte que ele era a figura de um imenso touro selvagem com chifres curvos e de metal reluzente, que atravessava a noite correndo com a velocidade e a exuberância da juventude. Os pelos espessos e encaracolados reluziam ao luar enquanto o rapaz se lançava sobre Mantos-brancos a cavalo. O estava ar frio, límpido e escuro, e sangue muito vermelho cobria seus chifres, e...

Jovem Touro.

Por um instante, Perrin perdeu o contato, chocado. Ele sequer sonhara que receberia um nome. Queria não poder lembrar-se de como o recebera. Tocou o machado no cinturão, com a lâmina reluzente em forma de meia-lua. *Luz, me ajude, matei dois homens. Eles teriam me matado ainda mais depressa, e a Egwene também, mas...*

Deixou de lado esses pensamentos. Já era tarde demais, estava feito, e ele não queria ficar se lembrando. Enviou aos lobos o cheiro de Rand, Loial e Hurin e perguntou se haviam sentido a presença dos três. Era uma das coisas que viera junto com a mudança nos olhos: ele podia identificar as pessoas pelo cheiro, mesmo quando não conseguia vê-las. Sua visão também estava mais aguçada, e ele conseguia enxergar em qualquer luz que não a escuridão completa. Sempre tomava cuidado para acender lampiões ou velas. Agora, às vezes o fazia antes mesmo de alguém julgar necessário.

Dos lobos, veio uma visão de homens a cavalo se aproximando da clareira no final do dia. Fora a última vez que tinham visto ou sentido Rand e os outros dois.

Perrin hesitou. A próxima etapa seria inútil, a não ser que ele contasse a Ingtar. *E Mat morrerá se não encontrarmos aquela adaga. Que se queime, Rand, por que você levou o farejador?*

A única vez em que fora aos calabouços, com Egwene, o cheiro de Fain fizera todos os seus pelos se arrepiarem. Nem mesmo Trollocs cheiravam tão mal. Ele quis arrancar as barras da cela e dilacerar o homem, e descobrir aquela vontade dentro de si o apavorara mais do que o próprio Fain. Para mascarar o cheiro do mascate em sua própria mente, ele acrescentou o

cheiro dos Trollocs, antes de uivar bem alto.

A distância, ouviu os uivos de uma matilha de lobos, e os cavalos na clareira começaram a escoicear e relinchar assustados. Alguns dos soldados levaram as mãos às lanças de lâminas longas e analisaram, incomodados, as extremidades da clareira. Dentro da cabeça de Perrin, era muito pior. Ele sentia a fúria dos lobos, o ódio. Os lobos odiavam apenas duas coisas. Tudo o mais, apenas suportavam. Mas odiavam o fogo e os Trollocs, e atravessariam o fogo para matar Trollocs.

Mas, ainda mais do que o cheiro dos Trollocs, o odor de Fain os deixara em frenesi, como se tivessem sentido um cheiro que fazia os Trollocs parecerem algo natural e certo.

Onde?

O céu mudou depressa sobre sua cabeça, a terra girou. Lobos não conheciam leste e oeste. Eles conheciam os movimentos do sol e da lua, a mudança das estações, os contornos da terra. Perrin conseguiu entender, com algum esforço. Sul. E algo mais. Estavam ansiosos para matar os Trollocs. Os lobos deixariam o Jovem Touro participar da matança. Ele podia levar os de duas pernas de peles duras se quisesse, mas Jovem Touro, Fumaça, Dois Cervos, Aurora de Inverno e o restante da matilha caçariam os Deformados que ousaram invadir seu território. A carne intragável e o sangue amargo queimariam a língua, mas eles precisavam morrer. Mate-os. Mate os Deformados.

A fúria deles o contaminou. Seus lábios se repuxaram para trás em um rosnado, e ele deu um passo para se juntar a eles, correr com eles na caçada, na matança.

Com algum esforço, ele rompeu o contato, deixando apenas a sensação tênue de que os lobos estavam ali. Ele podia tê-los alcançado, atravessado a distância que os separava. Sentiu frio por dentro. *Sou um homem, não um lobo. Que a luz me ajude, eu sou um homem!*

— Você está bem, Perrin? — perguntou Mat, aproximando-se. Falou como sempre falava, de um jeito meio brincalhão, e ultimamente com um resquício de amargura também, mas parecia preocupado. — Era só o que me faltava. Rand fugir e você adoecer. Não sei onde encontrar uma Sabedoria para cuidar de você, aqui fora. Acho que tenho um pouco de casca de salgueiro nos meus alforjes. Posso lhe preparar um pouco de chá, se Ingtar nos deixar ficar por tanto tempo. Vai ser uma boa lição para você se eu acabar fazendo um chá forte demais.

— Eu... eu estou bem, Mat. — Ele foi procurar Ingtar, afastando-se do amigo. O lorde shienarano estava vasculhando o terreno na borda da clareira com Uno, Ragan e Masema. Os outros franziram a testa quando ele puxou Ingtar de lado. Certificou-se de que Uno e os demais estivessem distantes o bastante para conseguir ouvir antes de falar: — Não sei para onde Rand e os outros foram, Ingtar, mas Padan Fain, os Trollocs e, imagino, os demais Amigos das Trevas ainda estão indo para o sul.

— Como você sabe? — perguntou Ingtar.

Perrin respirou fundo.

— Os lobos me contaram.

Ele esperou, mesmo sem saber bem ao certo pelo quê. Uma risada de escárnio, a acusação de que era um Amigo das Trevas, de que estava louco. Enfiou os polegares por dentro do cinturão com cuidado, longe do machado. *Eu não matarei. Não outra vez. Se ele tentar me matar por me acusar de ser um Amigo das Trevas, vou fugir, mas não matarei mais ninguém.*

— Já ouvi falar de coisas assim — começou Ingtar, com cautela, depois de um momento. — Rumores. Havia um Guardião, um homem chamado Elyas Machera, que, diziam, podia falar com os lobos. Ele desapareceu faz anos. — O homem pareceu vislumbrar alguma coisa nos olhos de Perrin. — Você o conhece?

— Eu o conheço — respondeu Perrin, sem demonstrar emoção. — Foi ele quem... Não quero falar sobre isso. Eu não pedi isso. — *Foi isso o que Rand falou. Luz, queria estar em casa trabalhando na forja de Mestre Luhhan!*

— Esses lobos — continuou Ingtar — rastrearão os Amigos das Trevas e os Trollocs para nós? — Perrin assentiu. — Ótimo. Eu recuperarei a Trombeta, custe o que custar. — O shienarano olhou para Uno e para os outros ao redor, que ainda procuravam por rastros. — Mas é melhor não contar isso a mais ninguém. Lobos são considerados sinal de boa sorte nas Terras da Fronteira. Os Trollocs têm medo deles. Mas, mesmo assim, é melhor manter isso entre nós, por ora. Algumas pessoas podem não entender.

— Eu preferia que ninguém mais soubesse — concordou Perrin.

— Direi a eles que você acha que tem o talento de Hurin. Disso, eles entendem e ficarão mais à vontade. Alguns viram você franzir o nariz naquela aldeia e na barca. Já ouvi piadas sobre seu nariz delicado. Sim. Você nos manterá na trilha hoje, e Uno verá rastros o suficiente para confirmar que *de fato* é a trilha. Antes do cair da noite, todos os homens estarão convencidos de que você é um farejador. Eu *recuperarei* a Trombeta. — Ele olhou de relance para o céu e levantou a voz. — Estamos desperdiçando luz do dia! Aos cavalos!

Para a surpresa de Perrin, os shienaranos pareceram aceitar a história de Ingtar. Alguns pareciam céticos, Masema até mesmo cuspiu, mas Uno assentiu, pensativo, e aquilo bastou para a maioria. Mat foi o mais difícil de convencer.

— Um farejador? Você? Você vai rastrear assassinos pelo cheiro? Perrin, você é tão louco quanto Rand. Eu sou o único sujeito são que restou de Campo de Emond, com Egwene e Nynaeve correndo para Tar Valon para se tornarem... — Ele parou de falar, lançando um olhar incomodado aos shienaranos.

Perrin assumiu o lugar de Hurin, ao lado de Ingtar, quando a pequena coluna partiu rumo ao sul. Mat continuou soltando uma série de disparates até Uno encontrar os primeiros rastros deixados por Trollocs e homens a cavalo, mas Perrin não lhe deu muita atenção. Ele mal conseguia evitar que os lobos saíssem correndo à frente para matar os Trollocs. Os lobos só queriam saber de matar os Deformados: para eles, Amigos das Trevas não eram diferentes de qualquer outro de duas pernas. Perrin quase podia ver os Amigos das Trevas se dispersando em dezenas de direções diferentes, fugindo com a Trombeta de Valere enquanto os lobos trucidavam os Trollocs. Fugindo com a adaga. E, assim que os Trollocs estivessem mortos, ele não achava que os lobos se interessariam em rastrear os humanos, mesmo que soubesse qual deles rastrear. Ele estava em constante discussão com os lobos, e o suor cobriu sua testa muito antes de receber o primeiro clarão de imagens que reviraram seu estômago.

Puxou as rédeas do cavalo, parando-o no ato. Os outros fizeram o mesmo, olhando para ele, com expectativa. Ele olhou para a frente e xingou baixinho, com amargura.

Lobos matavam homens, mas eles não eram sua presa preferida. Lobos se lembravam das velhas caçadas juntos, para começar. Além disso, os de duas pernas tinham gosto ruim. Os

lobos eram mais seletivos com a comida do que ele pensava. Não comiam carniça, a menos que estivessem passando fome, e poucos matariam mais do que conseguiam comer. Nojo era a melhor palavra para descrever o que Perrin sentiu emanando dos lobos. E havia também as imagens. Ele podia vê-las com muito mais clareza do que gostaria. Corpos de homens, mulheres e crianças jogados em pilhas. A terra estava ensopada de sangue, revirada por cascos e marcas de tentativas frenéticas de fuga. Carne rasgada. Cabeças cortadas. Abutres batendo as asas, asas brancas tingidas de vermelho, cabeças sem penas cobertas de sangue rasgando carne e se refestelando com aquilo. Perrin cortou o contato antes que começasse a vomitar.

Acima de algumas árvores bem ao longe, ele mal podia discernir alguns pontinhos pretos que rodopiavam baixo, mergulhando e voltando a subir. Abutres lutando por sua refeição.

— Tem algo ruim lá em cima — Ele engoliu em seco, encontrando o olhar de Ingtar. Como contar aquilo se encaixaria na história de que era um farejador? *Não quero chegar perto o bastante para olhar aquilo. Mas eles vão querer investigar assim que virem os abutres. Preciso dizer a eles o suficiente para que contornem esse lugar.* — As pessoas daquela aldeia... Acho que os Trollocs as mataram.

Uno começou a praguejar em voz baixa, e alguns dos outros shienaranos resmungaram sozinhos. Mas nenhum pareceu achar o que disse estranho. Lorde Ingtar anunciara que ele era um farejador, e farejadores podiam sentir cheiro de matança.

— E tem alguém nos seguindo — completou Ingtar.

Mat virou o cavalo, ansioso.

— Talvez seja Rand. Sabia que ele não ia fugir e me deixar.

Pequenas nuvens de poeira, finas e dispersas, subiam ao norte. Um cavalo corria por trechos onde a grama quase não existia. Os shienaranos se espalharam, com as lanças prontas, olhando em todas as direções. Ali não era lugar para tratarem um estranho de modo imprudente.

Um pontinho apareceu: um cavalo e seu cavaleiro. Os olhos de Perrin identificaram uma mulher muito antes de qualquer outro deles conseguir discernir o cavaleiro. E ela se aproximava depressa. A mulher reduziu a velocidade para um trote ao se aproximar deles, abanando-se com uma das mãos. Uma mulher rechonchuda, com os cabelos quase grisalhos e o manto amarrado atrás da sela. Olhou para todos eles com um ar distraído, piscando muito.

— É uma das Aes Sedai — disse Mat, decepcionado. — Eu a reconheço. Verin.

— Verin Sedai — cumprimentou Ingtar, ríspido, então se curvou para ela de cima da sela.

— Moiraine Sedai me mandou, Lorde Ingtar — anunciou Verin, com um sorriso satisfeito. — Ela achou que o senhor poderia precisar de mim. Galopei muito. Achei que não fosse alcançá-los antes de Cairhien. O senhor viu aquela aldeia, não é? Ah, aquilo foi muito desagradável, não foi? E aquele Myrddraal. Havia corvos e gralhas em todos os telhados, mas nenhum sequer chegou perto dele, por mais morto que estivesse. Mas precisei expulsar praticamente o peso do próprio Tenebroso em moscas antes de distinguir o que era. Pena que não tive tempo de descê-lo. Nunca tive a chance de estudar um... — De repente, ela estreitou os olhos, e seu ar distraído desapareceu como fumaça. — Onde está Rand al'Thor?

Ingtar fez uma careta de insatisfação.

— Foi-se, Verin Sedai. Desapareceu na noite passada sem deixar vestígios. Ele, o Ogier e Hurin, um de meus homens.

— O Ogier, Lorde Ingtar? E seu farejador foi com ele? O que aqueles dois tinham em comum com...? — Ingtar a encarou, boquiaberto, e ela fungou. — O senhor achava que podia manter uma coisa dessas em segredo? — Ela fungou com desdém outra vez. — Farejadores. Desapareceram, o senhor disse?

— Sim, Verin Sedai. — Ingtar pareceu incomodado. Nunca era fácil descobrir que Aes Sedai sabiam dos segredos que você tentava esconder delas. Perrin torcia para que Moiraine não tivesse contado a ninguém sobre ele. — Mas eu tenho... tenho um novo farejador. — O lorde shienarano fez um gesto indicando Perrin. — Parece que este homem também tem a habilidade. Eu encontrarei a Trombeta de Valere, como jurei, não tema. Sua companhia será bem-vinda, Aes Sedai, se desejar cavalgar conosco. — Para a surpresa de Perrin, ele não soou como se de fato desejasse aquilo.

Verin olhou de relance para Perrin, que mudou de posição, nervoso.

— Um novo farejador, justamente quando você perde o antigo. Que... providencial! Você não encontrou rastros? Não, é claro que não. Você disse que foi sem vestígios. Estranho. Ontem à noite. — Ela se virou na sela, olhando outra vez para o norte, e, por um momento, Perrin quase pensou que ela cavalgaria de volta para onde viera.

Ingtar franziu a testa.

— A senhora acha que o desaparecimento deles tem algo a ver com a Trombeta, Aes Sedai? Verin voltou a se acomodar na sela.

— A Trombeta? Não. Não, eu... acho que não. Mas é estranho. Muito estranho. Não gosto de coisas estranhas até conseguir entendê-las.

— Posso mandar dois homens para escoltá-la até onde eles desapareceram, Verin Sedai. Eles não terão problemas em levar a senhora direto até lá.

— Não. Se o senhor diz que eles desapareceram sem deixar vestígios... — Ela estudou Ingtar por um longo momento, com o rosto inescrutável. — Cavalgarei com vocês. Talvez os encontremos outra vez, ou eles nos encontrarão. Converse comigo enquanto cavalgamos, Lorde Ingtar. Conte-me tudo o que puder sobre o rapaz. Tudo o que ele fez e o que disse.

Eles partiram com um chacoalhar de arreios e armaduras. Verin cavalgava bem ao lado de Ingtar e o questionava de perto, mas seu tom de voz era baixo demais para que alguém ouvisse. Ela lançou um olhar a Perrin quando ele tentou manter sua posição, e ele recuou.

— Ela está atrás de Rand — murmurou Mat —, não da Trombeta.

Perrin assentiu. *Onde quer que você tenha se metido, Rand, fique aí: é mais seguro do que aqui.*



Fratricida

As colinas estranhamente distantes pareciam deslizar na direção de Rand de uma maneira que o deixava tonto quando ele olhava diretamente para elas, a menos que buscasse refúgio no vazio. Às vezes, o vazio chegava sem que o rapaz percebesse, embora o evitasse como a morte. Era melhor ficar zozzo do que dividir o vazio com aquela luz incômoda. Era muito melhor olhar para a terra desbotada. Ainda assim, ele tentava não fixar os olhos em nada muito distante, a menos que estivesse bem à sua frente.

Hurin mantinha o olhar fixo enquanto se concentrava em farejar o rastro, como se tentasse ignorar a terra por onde passavam. Quando o farejador reparava no que havia ao seu redor, se assustava e esfregava as mãos no casaco, para, então, inclinar o nariz para a frente como se fosse um cão de caça, com olhos vidrados, ignorando todo o resto. Loial cavalgava quase deitado na sela e franzia a testa sempre que olhava ao redor, com as orelhas trêmulas de apreensão, murmurando para si mesmo.

Atravessaram mais um trecho de terra enegrecida e queimada. Os cascos dos cavalos pareciam esmigalhar o solo como se ele tivesse sido calcinado. Os trechos queimados, às vezes de uma milha de largura e outras vezes de uma centena de passos, cortavam o chão em linha reta, como o voo de uma flecha. Rand viu o final de um trecho duas vezes, uma quando cruzaram uma parte queimada e outra quando passaram por perto de outra, e percebeu que as extremidades eram mais finas. Pelo menos as pontas que ele viu eram assim, mas suspeitava que fossem todas iguais.

Certa vez, vira Whatley Eldin decorar uma carroça para o Dia do Sol, lá em Campo de Emond. What pintara as cenas com cores vivas, assim como os intrincados arabescos que as cercavam. Nas extremidades, What apenas roçara o carro com a ponta do pincel, traçando uma linha fina que engrossava à medida que ele ia aplicando mais força, para então afinar de novo quando ele diminuía a pressão. Esse era o aspecto daquela terra, como se alguém tivesse passado um gigantesco pincel de fogo por ela.

Nada crescia na terra queimada, embora alguns dos trechos dessem a impressão de ter sido

feitos havia muito tempo. No ar não havia sequer um leve odor de queimado, nem mesmo quando Rand se abaixou para quebrar um graveto enegrecido e cheirá-lo. A queimada era antiga, mas nada viera para retomar a terra. O preto dava lugar ao verde, e o verde ao preto, em linhas perfeitamente retas.

De certa forma, o restante da terra estava tão morto quanto as partes queimadas, embora o terreno tivesse grama, e as árvores, folhas. Tudo tinha aquele aspecto desbotado, como roupas lavadas em excesso e deixadas por tempo demais ao sol. Não havia pássaros ou animais, pelo menos não que Rand pudesse ver ou ouvir. Nenhum gavião pairava no céu, nenhum uivo de uma raposa caçando, nenhum canto de pássaro. Nada farfalhava na grama ou pousava em um galho de árvore. Nenhuma abelha ou borboleta. Diversas vezes, atravessaram riachos de água rasa que já tinham escavado um canal fundo com barrancos íngremes que os cavalos desciam aos trancos e precisavam escalar do outro lado. A água corria límpida, exceto pela lama que os cascos levantavam, mas nunca vislumbravam um peixinho ou um girino nadando, e não viam sequer uma aranha d'água cruzando o riacho ou um bicho-lixeiro sobrevoando a superfície.

A água era potável, o que era bom, já que seus cantis não durariam para sempre. Rand a provou primeiro, fazendo com que Loial e Hurin esperassem para ver se algo lhe aconteceria antes de deixá-los beber. Ele os metera naquela situação e a responsabilidade era dele. A água era fria e úmida, mas aquilo era o melhor que podia dizer a respeito. Era salobra, como se tivesse sido fervida. Loial fez uma careta, e os cavalos também não gostaram, sacudindo as cabeças e bebendo com certa relutância.

Havia um sinal de vida. Pelo menos, Rand achou que devia ser um. Por duas vezes, viu um filete de fumaça que percorria o céu, preguiçoso, como se fosse uma linha feita de nuvens. Eram retos demais para que fossem naturais, ao que parecia, mas ele não conseguia imaginar o que poderia ter provocado aquilo. Não mencionou as linhas aos outros. Talvez não tivessem visto, já que Hurin estava concentrado no rastro e Loial parecia tão introspectivo. De qualquer modo, eles também não as mencionaram.

De repente, depois de meia manhã de cavalgada, Loial desceu de seu cavalo imenso sem dizer uma palavra e caminhou a passos largos até uma vassoura-de-gigante, cujos vários troncos se abriam em muitos galhos grossos, rígidos e retos, a menos de um passo do chão. No alto, eles se abriam outra vez, dando lugar à folhagem densa que dava nome à árvore.

Rand puxou as rédeas de Vermelho, perguntando-se o que o outro fazia, mas algo na maneira de agir do Ogier, como se ele próprio não estivesse seguro, fez com que Rand se aquietasse. Depois de olhar fixamente para a árvore, Loial colocou as mãos em um dos troncos e começou a cantar, com uma voz grave e suave.

Rand já ouvira a Canção da Árvore dos Ogier uma vez, quando Loial cantou para uma árvore morta e a fez renascer; e já ouvira falar em madeira cantada, objetos criados a partir de árvores por meio da Canção da Árvore. O Talento estava desaparecendo, dissera Loial, e ele era um dos poucos que tinham essa habilidade. Aquilo tornava madeira cantada ainda mais preciosa. Quando ouvira Loial cantar, antes, parecia que a própria terra cantava. Mas agora o Ogier murmurava sua canção de um modo quase tímido, e a terra a ecoava em um sussurro.

Parecia pura canção, uma música sem palavras, ou pelo menos sem palavras que Rand pudesse compreender. Se a canção tinha letra, ela se fundia à música como água derramada

em um riacho. Hurin apenas olhava, sem fôlego.

Rand não sabia ao certo o que Loial fizera e nem como: por mais suave que a canção fosse, ela o havia capturado em um transe hipnótico, enchendo sua mente quase da mesma forma que o vazio fazia. Loial passou as mãos enormes ao longo do tronco, cantando, acariciando tanto com a voz quanto com os dedos. De algum modo, o tronco parecia mais macio, como se aquelas carícias o estivessem moldando. Rand piscou. Ele tinha certeza de que a parte que Loial segurava tinha galhos no topo, assim como as outras, mas agora via que ela terminava em uma ponta arredondada bem acima da cabeça do Ogier. Rand abriu a boca, mas a canção o impediu de falar. Ela soava tão familiar, aquela canção, como se ele devesse conhecê-la.

De súbito, a voz de Loial atingiu um clímax, a canção soando quase como um hino de graças, até que terminou, se dissipando no ar como uma brisa.

— Que me queime — disse Hurin, baixinho. Ele parecia atordoado. — Que me queime! Eu nunca vi nada... Que me queime!

Loial segurava um cajado de sua altura, da largura do antebraço de Rand, liso e polido. Onde o tronco estivera, na vassoura-de-gigante, havia um pequeno broto.

Rand respirou fundo. *Sempre acontece algo novo, sempre acontece algo inesperado, e, às vezes, não é horrível.*

Loial montou, sob o olhar atento de Rand, apoiando o cajado atravessado à frente, e o rapaz se perguntou por que o Ogier poderia querer um cajado, já que estavam cavalgando. Então, olhou para o grosso cajado, e reparou não em seu tamanho absoluto, mas sim em relação ao Ogier, e percebeu a maneira como Loial o segurava.

— Um bastão de combate — disse, surpreso. — Não sabia que os Ogier usavam armas, Loial.

— Normalmente não usamos — respondeu o Ogier, quase seco. — Normalmente. O preço sempre foi alto demais. — Ele levantou o imenso bastão e franziu o nariz largo, enojado. — O Ancião Haman certamente diria que estou colocando um cabo longo em meu machado, mas não estou sendo apenas apressado ou impetuoso, Rand. Este lugar... — Ele estremeceu, e suas orelhas tremelicaram.

— Logo encontraremos o caminho de volta — assegurou-lhe Rand, tentando soar seguro.

Loial continuou, como se não tivesse ouvido:

— Tudo está... interligado, Rand. Não importa se está vivo ou não, se pensa ou não, tudo o que é se conecta. A árvore não pensa, mas faz parte do todo, e o todo deixa uma... uma impressão. Não posso explicar isso mais do que posso explicar o que é ser feliz, mas... Rand, esta terra ficou satisfeita porque uma arma foi criada. Satisfeita!

— Que a Luz brilhe sobre nós — murmurou Hurin, nervoso — e a mão do Criador nos proteja! Embora estejamos nos dirigindo ao último abraço da mãe, que a Luz ilumine nosso caminho! — Ele repetia a prece como se fosse um feitiço para protegê-lo.

Rand resistiu ao impulso de olhar ao redor. E definitivamente não olhou para o alto. Tudo o que bastaria para deixá-los desesperados era mais uma daquelas linhas de fumaça no céu, bem naquele momento.

— Não há nada aqui para nos ferir — respondeu com firmeza. — E nos manteremos bem vigilantes para garantir que nada de mau aconteça.

Ele queria rir de si mesmo por soar tão certo. Ele não tinha certeza de coisa alguma. Mas, ao ver os outros naquele estado — Loial com as orelhas peludas caídas e Hurin tentando não olhar para lugar algum —, Rand sabia que ao menos um deles tinha que parecer seguro, ou o medo e a incerteza destruiriam a todos. *Há de ser o que a Roda tecer.* Ele afastou esse pensamento de sua mente. *Isso não tem nada a ver com a Roda. Nada a ver com ta'veren, Aes Sedai ou o Dragão. É apenas o que é, e só.*

— Loial, já acabou? — O Ogier assentiu, esfregando o bastão de combate com certo arrependimento. Rand se virou para Hurin. — Você ainda sente o rastro?

— Sinto, Lorde Rand. Sinto.

— Então vamos. Assim que encontrarmos Fain e os Amigos das Trevas, voltaremos para casa como heróis, levando a adaga de Mat e a Trombeta de Valere. Vá na frente, Hurin. — *Heróis? Eu ficarei feliz se todos nós sairmos daqui com vida.*

— Não gosto deste lugar — anunciou o Ogier, sério. Ele segurava o bastão como se esperasse usá-lo em breve.

— Que bom que não pretendemos ficar, não é? — retrucou Rand.

Hurin deu uma gargalhada alta, como se aquilo fosse uma piada, mas Loial lhe lançou um olhar sério.

— Que bom que não pretendemos, Rand!

Mas, enquanto cavalgavam rumo ao sul, o rapaz pôde notar que seu comentário despreocupado sobre como voltariam para casa deixara os outros dois um pouco animados. Hurin estava sentado ligeiramente menos curvado em sua sela, e as orelhas de Loial não pareciam mais tão murchas. Não era hora ou lugar para dizer a eles que também estava com medo, então guardou a informação para si e lidou com ela sozinho.

Hurin manteve o bom humor durante toda a manhã, murmurando “Que bom que não pretendemos ficar” e rindo, até Rand sentir vontade de pedir para ele se calar. Perto do meio-dia, no entanto, o farejador ficou mais quieto. Ele balançava a cabeça e franzia a testa, e Rand descobriu que gostaria que o homem ainda estivesse repetindo suas palavras e rindo.

— Há algo errado com o rastro, Hurin? — perguntou.

O farejador deu de ombros, parecendo preocupado.

— Sim, Lorde Rand. Mas também não, como se diz por aí.

— Tem que ser um ou outro. Você perdeu o rastro? Não há problema se perdeu. Você disse que estava fraco, para começar. Se não conseguirmos achar os Amigos das Trevas, encontraremos outra Pedra e voltaremos por ela. — *Luz, tudo menos isso.* Rand manteve o rosto impassível. — Se os Amigos das Trevas conseguem vir para cá e sair, nós também conseguimos.

— Ah, eu não o perdi, Lorde Rand. Ainda consigo sentir o fedor deles. Não é isso. É só... É que... — Com uma careta, Hurin soltou de uma vez: — É como se eu estivesse me lembrando do cheiro, Lorde Rand, e não sentindo. Mas não estou. Há dezenas de rastros cruzando-o o tempo todo, dezenas e dezenas, com todo tipo de cheiro de violência. Alguns são até recentes, só que pálidos, como tudo o mais. Esta manhã, logo após deixarmos a clareira, eu podia jurar que, bem onde eu estava, centenas de pessoas haviam sido assassinadas alguns minutos antes. Mas não havia corpo algum, nem marcas na grama, a não ser as dos nossos cavalos. Eu não

deveria sentir um cheiro desses sem o chão estar todo revirado e ensanguentado, mas não havia nem uma marca. É tudo assim, milorde. Mas estou seguindo o rastro. Estou. Este lugar me deixou nervoso. É isso. Deve ser.

Rand olhou de soslaio para Loial, pois o Ogier sabia de algo estranho que podia contar a eles, mas Loial parecia tão intrigado quanto Hurin. Rand fez a voz soar mais confiante do que ele se sentia.

— Eu sei que está dando o melhor de si, Hurin. Todos estamos nervosos. Siga o rastro o melhor que puder, e vamos encontrá-los.

— Como quiser, Lorde Rand. — Hurin fez o cavalo avançar. — Como quiser.

Mas, ao cair da noite, ainda não havia sinal dos Amigos das Trevas, e Hurin disse que o rastro estava bem mais fraco. O farejador não parava de murmurar para si mesmo sobre “lembrar”.

Não havia sinal deles. Nada. Rand não era um rastreador tão bom quanto Uno, mas qualquer garoto de Dois Rios era bom o bastante para encontrar uma ovelha perdida ou um coelho para o jantar. Ele não vira rastro algum. Era como se nada vivo algum dia tivesse passado pela terra antes deles. Algo devia ter acontecido, se os Amigos das Trevas estavam à frente deles. Mas Hurin continuava seguindo o rastro que dissera sentir.

Quando o sol tocou o horizonte, os três montaram acampamento em um bosque intocado pelo fogo e comeram um pouco do que havia em seus alforjes. Pão ázimo com carne-seca e, para beber, água salobra. Não era uma refeição muito boa, não satisfazia bem a fome e estava longe de ser gostosa. Rand julgou que tinham o suficiente para uma semana. Depois disso... Hurin comeu devagar, com determinação, mas Loial engoliu a comida com uma careta e se recostou com seu cachimbo, mantendo o grande bastão por perto. Rand manteve a fogueira baixa e bem escondida entre as árvores. Fain e seus Amigos das Trevas poderiam estar perto o bastante para ver uma fogueira, apesar das preocupações de Hurin sobre a estranheza daquele rastro.

Parecia-lhe estranho que tivesse começado a pensar nos outros como Amigos das Trevas da Fain, os Trollocs de Fain. Fain era apenas um louco. *Então por que eles o resgataram?* Fain era parte do esquema do Tenebroso para encontrá-lo. Talvez o resgate tivesse algo a ver com isso. *Então por que ele está fugindo, em vez de me caçar? E o que matou aquele Desvanecido? O que aconteceu naquele aposento cheio de moscas? E aqueles olhos que me vigiaram em Fal Dara? E aquele vento que me prendeu como um inseto em seiva de pinheiro? Não. Não, Ba'alzamon deve estar morto.* As Aes Sedai não acreditavam naquilo. Moiraine não acreditava, nem a Amyrlin. Teimoso, ele se recusou a continuar pensando naquilo. Tudo que precisava pensar no momento era em encontrar aquela adaga para Mat. Encontrar Fain e a Trombeta.

Nunca termina, al'Thor.

A voz era como uma leve brisa passando por sua nuca, um murmúrio fino e gelado que se esgueirava por entre as frestas de sua mente. Ele quase procurou o vazio para fugir, mas lembrou-se do que o aguardava lá e resistiu à vontade.

Na semiobscuridade do crepúsculo, ele treinou as formas da garça com sua espada, como Lan lhe ensinara, embora sem o vazio. Cortando a Seda, Beija-flor Beija a Rosa-de-mel. E Garça Atravessando os Juncos, para o equilíbrio. Perdendo-se nos movimentos rápidos e precisos, esquecendo-se de onde estava por um tempo, Rand praticou até ficar coberto de

suor. Mas tudo voltou ao acabar o treino, nada havia mudado. Não estava frio, mas ele sentiu um arrepio e fechou o manto ao redor do corpo enquanto se encolhia perto do fogo. Os outros perceberam seu estado de espírito e terminaram de comer depressa e em silêncio. Ninguém reclamou quando ele jogou terra sobre as últimas chamas.

Rand pegou a primeira vigia, caminhando nas bordas do matagal com o arco e às vezes afrouxando a espada na bainha. A lua fria estava quase cheia, erguendo-se alta na escuridão, e a noite estava tão silenciosa e vazia quanto fora o dia. Vazia era a palavra certa. A terra estava tão vazia quanto um jarro de leite empoeirado. Era difícil acreditar que houvesse alguém no mundo inteiro, naquele mundo, a não ser eles três. Era difícil acreditar que os Amigos das Trevas estivessem ali, em algum lugar à frente.

Para ter alguma companhia, ele abriu o manto de Thom Merrilin, expondo a harpa e a flauta em suas caixas de couro duro sobre os retalhos multicoloridos. Retirou a flauta de ouro e prata da caixa, lembrando-se das lições do menestrel enquanto a segurava, e tocou algumas notas de “O Vento que Balança o Salgueiro” bem baixinho, para não acordar os outros. Mesmo baixo, o som triste soava alto demais naquele lugar, real demais. Com um suspiro, recolocou a flauta na caixa e fechou o embrulho.

Manteve a vigília por um longo tempo noite adentro, deixando os outros dormirem. Não sabia quão tarde era quando percebeu, de súbito, que uma neblina se formara. Ela estava perto do chão, espessa, tornando Hurin e Loial montes indefinidos que se destacavam entre nuvens. Acima deles, ficava menos espessa, mas, ainda assim, encobria a terra ao redor, ocultando tudo, menos as árvores mais próximas. A lua parecia vista através de um líquido sedoso. Qualquer coisa poderia aproximar-se sem ser vista. Ele tocou a espada.

— Espadas não adiantam contra mim, Lews Therin. Você já devia saber disso.

A névoa se revolveu ao redor dos pés de Rand quando ele deu meia-volta, puxando a espada com as mãos, a lâmina com a marca da garça bem à frente. O vazio se abriu dentro dele, que, pela primeira vez, mal notou a luz maculada de *saidin*.

Uma figura envolta em sombras se aproximou na neblina, caminhando com um cajado grande. Atrás dela, como se a sombra da sombra fosse enorme, a neblina escureceu e ficou mais negra que a noite. Rand sentiu arrepios. A figura chegou mais perto, até assumir a forma de um homem, com roupas e luvas pretas e uma máscara de seda preta cobrindo o rosto. A sombra vinha com ela. O cajado também era preto, como se a madeira tivesse sido queimada, mas era liso e suave como água ao luar. Por um instante, os buracos para olhos da máscara brilharam, como se por trás deles houvesse fogo em vez de olhos, mas Rand não precisava daquilo para saber quem era.

— Ba'alzamon — murmurou. — Estou sonhando. Tenho que estar. Eu peguei no sono, e...

Ba'alzamon soltou uma gargalhada que soava como o rugido de uma fornalha aberta.

— Você sempre tenta negar o que é, Lews Therin. Se estender minha mão, posso tocá-lo, Fratricida. Eu sempre posso tocá-lo. Sempre, em toda parte.

— Eu não sou o Dragão! Meu nome é Rand al'...! — Rand trincou os dentes para se calar.

— Ah, eu conheço o nome que você usa agora, Lews Therin. Conheço cada nome que você usou, Era após Era, muito antes de sequer se tornar o Fratricida. — A voz de Ba'alzamon ficou mais alta, e às vezes o fogo de seus olhos subia em chamas tão altas que Rand podia vê-

los através das aberturas na máscara de seda, vê-los como mares infinitos de chama. — Eu conheço você, conheço seu sangue e sua linhagem até a primeira fagulha de vida que já existiu, até o Primeiro Momento. Você nunca poderá se esconder de mim. Nunca! Estamos ligados de forma tão certa quanto as duas faces de uma mesma moeda. Homens comuns podem se esconder na trama do Padrão, mas *ta'veren* se destacam como faróis de fogo no topo de uma colina, e você, *você* se destaca como se dez mil flechas brilhantes flutuassem no céu para indicá-lo! Você é meu, e está sempre ao alcance da minha mão!

— Pai das Mentiras! — Conseguiu dizer Rand. Apesar do vazio, sua língua queria se colar ao céu da boca. *Luz, por favor, que isso seja um sonho!* O pensamento surgiu e logo desapareceu do vazio. *Mesmo que seja um daqueles sonhos que não é sonho. Ele não pode estar parado diante de mim de verdade. O Tenebroso está preso em Shayol Ghul, preso pelo Criador no momento da Criação...* Ele sabia demais acerca da verdade para que aquilo pudesse ajudá-lo. — Esse nome lhe foi bem dado! Se pudesse apenas me levar, por que ainda não o fez? Porque não pode. Eu caminho na Luz, e você não pode me tocar!

Ba'alzamon inclinou-se sobre o cajado e olhou para Rand por um momento, depois se aproximou de Loial e Hurin, olhando bem para eles. A enorme sombra se moveu junto. Ele não fez a neblina se mover, percebeu Rand. Ele se movia, o cajado balançava com seus passos, mas a neblina cinza não se revolia nem girava ao redor de seus pés, como fazia com Rand. Aquilo lhe deu esperança. Talvez Ba'alzamon de fato *não estivesse* ali. Talvez fosse *mesmo* um sonho.

— Você tem uns seguidores estranhos — comentou Ba'alzamon. — Sempre teve. Esses dois. A garota que tenta protegê-lo. Uma proteção pobre e fraca, Fratricida. Se ela tivesse uma vida inteira para crescer, jamais ficaria forte o bastante para que você conseguisse se esconder atrás dela.

Garota? Quem? Moiraine não é uma garota.

— Não sei do que está falando, Pai das Mentiras. Você mente e mente, e, mesmo quando fala a verdade, distorce-a até virar mentira.

— É mesmo, Lews Therin? Você sabe o que é, quem é. Eu já lhe contei. Assim como aquelas mulheres de Tar Valon. — Rand mudou de posição, e Ba'alzamon soltou uma gargalhada, que soou como um pequeno trovão. — Elas acham que estão seguras em sua Torre Branca, mas, entre meus seguidores, há até algumas delas. A Aes Sedai chamada Moiraine lhe contou quem você é, não contou? Ela mentiu? Ou ela é uma das minhas? A Torre Branca quer usá-lo como um cão em um cabresto. Estou mentindo? Eu minto quando afirmo que você busca a Trombeta de Valere? — Ele gargalhou outra vez. Mesmo com a serenidade do vazio, Rand precisou se controlar para não tampar os ouvidos. — Às vezes, velhos inimigos lutam por tanto tempo que se tornam aliados e nem percebem. Eles pensam que o atacam, mas estão tão conectados que é como se você mesmo desse o golpe.

— Você não me guia — afirmou Rand. — Eu o renego.

— Eu tenho mil cordas atadas a você, Fratricida, cada uma mais fina que a seda e mais forte que o aço. O tempo atou mil cordas a nós dois. A batalha que temos lutado, você se lembra de alguma parte? Tem algum vislumbre do que lutamos antes, das incontáveis batalhas que remontam ao início do Tempo? Eu sei muita coisa que você não sabe! Essa batalha logo chegará ao fim. A Última Batalha está chegando. A última, Lews Therin. Você realmente

pensa que pode evitá-la? Seu pobre verme trêmulo! Você me servirá ou morrerá! E, desta vez, o ciclo não reiniciará com sua morte. O túmulo pertence ao Grande Senhor das Trevas. Desta vez, se você morrer, será completamente destruído. Desta vez, a Roda será quebrada não importa o que faça, e o mundo será refeito com um novo molde. Sirva-me! Sirva a Shai'tan, ou será destruído para sempre!

O ar pareceu ficar mais denso com o som daquele nome. A escuridão atrás de Ba'alzamon inchou e cresceu, ameaçando engolir tudo. Rand a sentiu engolfá-lo, ao mesmo tempo mais fria que o gelo e mais quente que carvões, era mais negra que a morte e o sugava para suas profundezas, engolindo o mundo.

Ele agarrou o cabo da espada com força, até os dedos doerem.

— Eu renego você, renego seu Poder. Eu caminho na Luz. A Luz nos preserva, e nos abrigamos na palma da mão do Criador. — Ele piscou. Ba'alzamon ainda estava ali, e a enorme escuridão ainda pendia atrás dele, mas era como se tudo o mais tivesse sido apenas ilusão.

— Você quer ver meu rosto? — A pergunta veio em um sussurro.

Rand engoliu em seco.

— Não.

— Mas devia.

Uma mão enluvada se elevou até a máscara negra.

— Não!

A máscara caiu. Era um rosto de homem horrivelmente queimado. Entre as fissuras vermelhas com bordas pretas que entrecruzavam aquele rosto, no entanto, a pele parecia saudável e suave. Olhos escuros encaravam Rand, e lábios cruéis sorriam em um clarão de dentes brancos.

— Olhe para mim, Fratricida, e veja a centésima parte de seu próprio destino. — Por um momento, aqueles olhos e boca se tornaram portas para infinitas cavernas de fogo. — É isso que usar o Poder sem restrições pode fazer, até mesmo comigo. Mas eu me curo, Lews Therin. Eu conheço os caminhos para um poder maior. Ele queimará você como uma mariposa voando direto para uma fornalha.

— Eu não o tocarei! — Rand sentiu o vazio ao seu redor, sentiu *saidin*. — Não tocarei.

— Você não consegue evitar.

— Deixe-me... em... PAZ!

— Poder. — A voz de Ba'alzamon se tornou suave, insinuante. — Você pode ter poder outra vez, Lews Therin. Está vinculado a ele agora, neste momento. Eu sei. Posso ver. Sinta o brilho dentro de você. Sinta o poder que está ao seu alcance. Tudo o que precisa fazer é estender as mãos e agarrá-lo. Mas a Sombra está no meio do caminho. Loucura e morte. Você não precisa morrer, Lews Therin, nunca mais.

— Não — respondeu Rand, mas a voz continuou, perfurando-o.

— Eu posso ensiná-lo a controlar esse poder para que ele não o destrua. Não há mais ninguém vivo que possa lhe ensinar isso. O Grande Senhor das Trevas pode protegê-lo da loucura. O poder pode ser seu, e você pode viver para sempre. Para sempre! Tudo o que precisa fazer em troca é servir. Apenas servir. Palavras simples: “Eu sou seu, Grande

Senhor.” E o poder será seu. Poder além do que sonham aquelas mulheres de Tar Valon. E vida eterna. Basta você se oferecer e servir.

Rand umedeceu os lábios. *Não enlouquecer. Não morrer.*

— Nunca! Eu caminho na Luz — exclamou, rouco — e você jamais poderá me tocar!

— Tocá-lo, Lews Therin? Tocá-lo? Eu posso consumi-lo! Experimente e entenda, como eu entendia!

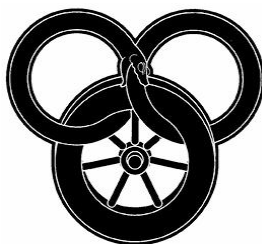
Aqueles olhos escuros se tornaram fogo outra vez, e aquela boca virou uma chama que brotou e cresceu até parecer mais brilhante que um sol de verão. Cresceu, e de repente a espada de Rand brilhou como se tivesse acabado de sair da forja. Ele berrou quando a bainha queimou suas mãos, gritou e deixou a espada cair. E a neblina pegou fogo, um fogo imprevisível, um fogo que queimava tudo.

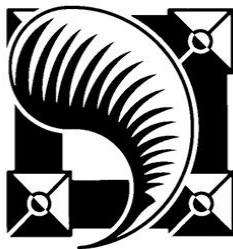
Gritando, Rand batia nas roupas fumegantes, que eram consumidas e caíam em cinzas. Batia com as mãos, que, aos poucos, escureciam e murchavam enquanto a carne nua rachava e descascava nas chamas. Ele gritou. A dor pulsava no vazio dentro dele, que tentou se arrastar mais para o fundo. O brilho estava lá, a luz maculada estava quase ao seu alcance. Meio louco, sem se importar mais com o que era, ele estendeu seus sentidos para *saidin* e tentou envolvê-la ao seu redor, tentou se esconder das queimaduras e da dor.

Tão de repente quanto começou, o fogo acabou. Rand olhou, espantado, para a mão que saía da manga vermelha de seu casaco. Não havia sequer um chamuscado na lâ. *Eu imaginei aquilo tudo.* De modo frenético, olhou ao redor. Ba'alzamon havia desaparecido. Ainda dormindo, Hurin se remexeu. O farejador e Loial ainda eram apenas dois montes se destacando na neblina baixa. *Eu imaginei mesmo.*

Antes que tivesse a chance de ficar aliviado, uma dor espetou sua mão direita, e ele a virou para olhar. Sobre a palma, estava a marca de uma garça. A garça do cabo de sua espada, furiosa e vermelha, tão bem-feita quanto se tivesse sido desenhada com a habilidade de um artista.

Rand tirou um lenço do bolso do casaco e o enrolou na mão. Ela latejava. O vazio ajudaria, pois ele ficava apenas *ciente* da dor no vazio, sem *senti-la*, mas Rand afastou o pensamento. Por duas vezes, agora, uma vez sem saber e outra de propósito, não podia esquecer, ele tentara canalizar o Poder Único enquanto estava no vazio. Era com aquilo que Ba'alzamon queria tentá-lo. Era aquilo que Moiraine e o Trono de Amyrlin queriam que ele fizesse. E ele não faria.





No Espelho da Escuridão

— O senhor não devia ter feito isso, Lorde Rand — censurou Hurin quando o rapaz os despertou logo ao raiar do dia. O sol ainda estava escondido abaixo do horizonte, mas havia luz o bastante para enxergar. A neblina havia se dissipado quando ainda estava escuro, dispersando-se com relutância. — Se você ficar cansado por ter nos poupado, milorde, quem nos levará para casa?

— Eu precisava pensar — explicou Rand. Nada indicava que Ba'alzamon ou a neblina haviam estado ali. O rapaz tocou o lenço enrolado na mão direita. Aquilo era prova de que Ba'alzamon estivera ali. Ele queria ir embora daquele lugar. — Já está na hora de subir na sela se quisermos alcançar os Amigos das Trevas de Fain. Passou da hora. Podemos comer pão enquanto cavalgamos.

Loial, que se espreguiçava, parou de repente. Seus braços atingiam uma altura que só poderiam alcançar se Hurin ficasse de pé sobre os ombros de Rand.

— Sua mão, Rand. O que houve?

— Eu a machuquei. Não foi nada.

— Eu coloquei um bálsamo nos alforjes...

— Não é nada! — Rand percebeu que falara com rispidez, mas um vislumbre da marca com certeza suscitaria perguntas às quais ele não queria responder. — Estamos perdendo tempo. Vamos embora.

Ele começou a encilhar Vermelho com dificuldade, por causa da mão ferida, e Hurin subiu em seu cavalo.

— Não precisa ficar tão nervoso — resmungou Loial.

Um rastro, decidiu Rand, quando partiram, seria algo natural naquele mundo. Havia um excesso de coisas antinaturais por ali. Até mesmo uma única pegada de cavalo seria bem-vinda. Fain, os Amigos das Trevas e os Trollocs deveriam ter deixado alguma marca. Ele se concentrou no chão por onde passavam, tentando distinguir algum sinal de que algo vivo tinha passado por ali.

Não havia nada, nem uma pedra virada ou um punhado de terra remexido. Ele chegou a olhar para o chão atrás deles, mais uma vez, apenas para se assegurar de que os cascos deixavam marcas naquela terra. O solo revirado e os talos de grama amassados indicavam a passagem

deles, mas o caminho à frente estava intacto. No entanto, Hurin insistia que podia sentir o rastro, fraco e fino, que ainda conduzia ao sul.

Mais uma vez, o farejador se concentrou no rastro que seguiam, como um cão de caça farejando cervos, e, mais uma vez, Loial cavalgou perdido em pensamentos, murmurando sozinho e esfregando o imenso bordão que levava à sua frente na sela.

Cavalgavam havia menos de uma hora quando Rand viu o pináculo à frente. Estava tão ocupado à procura de rastros que só reparou na alta coluna afunilada quando já se projetava sobre as árvores um pouco adiante.

— O que será aquilo? — A coluna ficava bem no caminho deles.

— Não sei o que pode ser, Rand — respondeu Loial.

— Se este... se aqui fosse nosso mundo, Lorde Rand... — Hurin mudou de posição na sela, desconfortável. — Bem, aquele monumento que Lorde Ingтар mencionou, que foi erguido para celebrar a vitória de Artur Asa-de-gavião sobre os Trollocs, era um enorme pináculo. Mas foi destruído havia mil anos. Não restou nada, a não ser uma grande elevação, parecida com uma colina. Eu o vi quando fui a Cairhien a mando de Lorde Agelmar.

— De acordo com Ingтар — comentou Loial —, o monumento ainda está a três ou quatro dias de viagem. Se é que há um igual aqui; não sei por que teria. Acho que não existem pessoas neste lugar.

O farejador voltou a olhar para o chão.

— Mas é isso, não é, Construtor? Não tem ninguém aqui, mas aí está o monumento à nossa frente. Talvez devêssemos ficar longe dele, milorde Rand. Não dá para saber o que é ou quem pode estar lá, em uma terra como esta.

Rand tamborilou os dedos no cepilho de sua sela por um momento, pensando.

— Precisamos ficar o mais perto possível do rastro — disse, por fim. — Não parece que estamos nos aproximando de Fain nesse passo, e não quero perder mais tempo, se puder evitar. Se virmos alguma pessoa ou qualquer coisa fora do comum, daremos a volta até retomarmos o caminho. Mas até lá, continuaremos em frente.

— Como quiser, milorde. — A voz do farejador saiu estranha, e ele olhou de soslaio para Rand. — Como quiser.

O rapaz franziu a testa por um instante, antes de entender qual era o problema, então foi sua vez de suspirar. Lordes não se explicavam a seus seguidores, apenas a outros lordes. *Eu não pedi a ele que pensasse que sou um maldito lorde. Mas ele pensa*, pareceu responder uma vozinha, *e você está deixando. Você optou por isso, a obrigação agora é sua.*

— Siga o rastro, Hurin — ordenou Rand.

Com um breve sorriso de alívio, o farejador meteu os calcanhares no cavalo e seguiu em frente.

O sol fraco se elevou enquanto cavalgaram, e chegou ao ápice quando estavam a apenas pouco mais de um quilômetro do pináculo. Havia alcançado um dos riachos, em um barranco com um passo de profundidade com árvores esparsas nas margens. Rand podia ver o monte sobre o qual repousava a construção, e ele parecia uma colina redonda de topo achatado. O pináculo cinzento tinha pelo menos cem braças de altura, e Rand viu que o topo do monumento era esculpido como um pássaro de asas estendidas.

— Um gavião — constatou ele. — É *mesmo* o monumento de Asa-de-gavião. Deve ser. Já

houve gente aqui, mesmo que pareça não ter ninguém agora. Elas ergueram o monumento em outro lugar, nesta terra, e nunca o destruíram. Pense nisso, Hurin. Quando voltarmos, você poderá contar a todos como era o monumento. Só nós três, em todo o mundo, o teremos visto.

Hurin assentiu.

— Sim, milorde. Meus filhos vão gostar de ouvir a história de como o pai deles viu a torre de Asa-de-gavião.

— Rand — começou a dizer Loial, preocupado.

— Podemos percorrer o resto do caminho a galope — interrompeu Rand. — Vamos. Um galope nos fará bem. Esse lugar pode estar morto, mas nós estamos vivos.

— Rand — insistiu Loial. — Não acho que esse seja um...

Sem esperar para ouvir, Rand enfiou as botas nos flancos de Vermelho, e o garanhão avançou depressa. Ele atravessou o fio de água rasa em duas passadas, depois subiu a outra margem. Hurin o seguiu, depressa, em seu cavalo. O rapaz ouviu Loial gritar atrás deles, mas apenas riu, acenou para que o Ogier o seguisse e continuou a galopar. Se mantivesse o olhar em um ponto fixo, a terra não parecia deslizar tanto, e o vento batia no rosto de forma agradável.

O monte era extenso, mas a subida da encosta gramada não era íngreme. O pináculo cinzento se erguia até o céu, quadrado e muito largo, e, apesar de alto o bastante para parecer enorme, era quase achatado. Rand parou de rir e puxou as rédeas de Vermelho com o rosto lúgubre.

— É o monumento de Asa-de-gavião, Lorde Rand? — perguntou Hurin, preocupado. — Parece ter algo errado, não sei o quê.

Rand reconheceu a escrita angular que cobria a superfície do monumento e também alguns dos símbolos, do tamanho de um homem, esculpidos em toda a extensão. A caveira com chifres dos Trollocs Dha'vol. O punho de ferro dos Dhai'mon. O tridente dos Ko'bal e o furacão dos Ahf'frait. Também havia um gavião escavado perto do chão. Com dez passos de envergadura, o animal jazia caído de costas, atravessado por um raio, e corvos bicavam os olhos. As asas imensas no alto do monumento pareciam bloquear o sol.

Ele ouviu Loial galopando atrás dele.

— Eu tentei avisar, Rand — explicou Loial. — É um corvo, não um gavião. Pude vê-lo com clareza.

Hurin virou seu cavalo, recusando-se até mesmo a olhar outra vez para o pináculo.

— Mas como? — indagou Rand. — Artur Asa-de-gavião venceu os Trollocs bem aqui. Ingtar me contou.

— Não aqui — disse Loial, bem devagar. — Obviamente, não aqui. “De Pedra em Pedra correm as linhas do ‘se’, entre os mundos que poderiam ser.” Andei pensando nisso, e acredito saber o que são “os mundos que poderiam ser”. Talvez. São mundos que poderiam ser o nosso, caso as coisas por lá tivessem acontecido de forma diferente. Talvez seja por isso que tudo tem um aspecto tão... desbotado. Deve ser porque é um “se”, um “talvez”. Apenas uma sombra do mundo verdadeiro. Neste mundo, eu acho, os Trollocs venceram. Deve ser por isso que não vimos aldeias ou pessoas.

Rand sentiu calafrios. Trollocs não deixavam humanos vivos quando venciam, a não ser para servir de alimento. Se haviam vencido um mundo inteiro...

— Se os Trollocs tivessem vencido aqui, estariam por toda parte. Já teríamos visto uns mil, a esta altura. Teríamos morrido ontem.

— Não sei, Rand. Talvez, depois de acabar com as pessoas, eles tenham matado uns aos outros. Trollocs vivem para matar. É tudo o que fazem, é tudo o que são. Eu não sei.

— Lorde Rand — chamou Hurin, de repente —, alguma coisa se moveu lá embaixo.

O rapaz girou seu cavalo, achando que iria ver Trollocs vindo em sua direção, mas Hurin apontava para trás, para o caminho pelo qual tinham vindo, onde não havia coisa alguma.

— O que você viu, Hurin? E onde?

O farejador abaixou o braço.

— Logo na margem daquele bosque, a cerca de uma milha de distância. Pensei ter visto... uma mulher... e algo mais, que não consegui distinguir, mas... — Ele tremeu. — É tão difícil ver aquilo que não está bem debaixo do meu nariz. Ah, este lugar faz meu estômago ficar embrulhado! Devo estar imaginando coisas, milorde. Este lugar nos faz imaginar coisas loucas. — O homem curvou os ombros, como se a torre os empurrasse para baixo. — Sem dúvida, foi apenas o vento, milorde.

Loial disse:

— Há algo mais para levar em conta, receio. — Ele parecia outra vez perturbado e apontou para o sul. — O que você vê ao longe?

Rand apertou os olhos para evitar aquela sensação de que o que estava distante se aproximava subitamente.

— Mais terra como a que acabamos de atravessar. Árvores. Depois algumas colinas e montanhas. Mais nada. Para onde você quer que eu olhe?

— Para as montanhas — disse Loial com um suspiro. Suas orelhas se dobraram, e as pontas de suas sobrelhas roçaram suas bochechas. — Aquela ali deve ser a Adaga do Fratricida, Rand. Não há outras montanhas parecidas, a menos que este mundo seja completamente diferente do nosso. Mas a Adaga do Fratricida fica a mais de cem léguas ao sul do Erinin. Bem mais do que isso. É difícil medir distâncias neste lugar, mas... acho que chegaremos lá antes de escurecer.

O Ogier não precisou dizer nem mais uma palavra. Eles não poderiam ter avançado mais de cem léguas em menos de três dias.

Sem pensar, Rand murmurou:

— Talvez este lugar seja parecido com os Caminhos. — Ouviu Hurin gemer e logo se arrependeu de não ter segurado a língua.

Não era um pensamento agradável. Bastava entrar por um Portal dos Caminhos, que podiam ser encontrados logo ao lado de um pouso ou em bosques Ogier. Bastava entrar e caminhar por um dia e você podia sair por outro Portal a cem léguas de onde veio. Os Caminhos estavam escuros e corrompidos, naquele momento, e viajar por eles significava correr o risco de morrer ou ficar louco. Até mesmo Desvanecidos temiam viajar por eles.

— Se for, Rand — começou Loial, devagar —, será que um passo em falso neste lugar também pode nos matar? Será que existem coisas que ainda não vimos que podem nos causar algo pior do que a morte?

Hurin gemeu outra vez.

Eles tinham bebido a água e vinham cavalgando como se não tivessem sequer um motivo para se preocupar. A falta de atenção matava rápido nos Caminhos. Rand engoliu em seco, desejando que seu estômago se acalmasse.

— É tarde demais para nos preocuparmos com o que já passou — disse. — Mas, de agora em diante, prestaremos bastante atenção por onde andamos. — Ele olhou de soslaio para Hurin. A cabeça do farejador afundara entre os ombros, e os olhos iam de um lado para o outro, como se o homem se perguntasse o que o atacaria, e de onde. Ele já rastreada assassinos, mas aquilo era mais do que estava acostumado. — Contenha-se, Hurin. Ainda não estamos mortos nem vamos morrer. Precisamos apenas tomar cuidado, de agora em diante. É só.

Foi então que ouviram o grito, fraco e distante.

— Uma mulher! — exclamou Hurin. Até essa parca normalidade pareceu animá-lo um pouco. — Eu sabia que tinha visto...

Outro grito se fez ouvir, mais desesperado que o primeiro.

— A menos que ela saiba voar — disse Rand —, está atrás de nós, vindo do sul. — Ele chutou os flancos de Vermelho para sair em disparada.

— Tome cuidado, você mesmo disse! — gritou Loial, atrás dele. — Luz, Rand, lembre-se! Tome cuidado!

Rand inclinou-se em sua sela, deixando o garanhão correr. Os gritos o atraíram. Era fácil dizer para tomar cuidado, mas aquela mulher estava aterrorizada. Ela não gritava como se ele tivesse tempo para tomar cuidado. À beira de outro riacho, em um canal de margens íngremes mais fundas do que a maioria, ele puxou as rédeas. Vermelho parou, provocando uma chuva de pedras e terra. Os gritos vinham... *dali!*

Um olhar bastou para ver o que se passava. A uns duzentos passos de distância, uma mulher estava de pé ao lado de seu cavalo, no riacho, ambos colados à outra margem. Com um pedaço de galho, ela se defendia de... alguma coisa que rosnava para ela. Por um momento, Rand engoliu em seco, aturdido. Era como um sapo do tamanho de um urso, ou um urso com a pele verde-acinzentada de um sapo. Um urso dos grandes.

Sem parar para pensar na criatura, ele saltou de seu cavalo e sacou o arco. Se tentasse se aproximar a cavalo, poderia não dar tempo. A mulher mal conseguia conter a... coisa... com o galho. Era uma boa distância, e ele não parava de piscar enquanto tentava calculá-la, pois ela parecia variar em algumas braças toda vez que a criatura se movia, e era um alvo grande. Sua mão enfaixada tornava difícil puxar a corda do arco, mas Rand disparou uma flecha pouco antes de seus pés tocarem o chão.

A flecha afundou até a metade naquela pele dura, e a criatura se virou para encarar Rand, que recuou um passo, apesar da distância. Jamais vira um animal com cabeça em forma de cunha, muito menos com um bico serrilhado em forma de gancho, perfeito para arrancar carne. E tinha três olhos, pequenos e ferozes, emoldurados por pelos que pareciam duros. Recuperando-se, a criatura começou a atravessar o riacho na direção de Rand em grandes saltos, espirrando água para todos os lados. Aos olhos do rapaz, alguns dos saltos pareciam cobrir o dobro da distância de outros, embora tivesse certeza de não haver diferença real entre eles.

— Nos olhos! — gritou a mulher. Ela parecia estranhamente calma, considerando seus gritos. — Você precisa acertar nos olhos para matá-lo.

Ele puxou outra flecha até a orelha. Relutante, procurou o vazio. Não queria, mas fora assim que Tam lhe ensinara, e ele sabia que nunca conseguiria acertar o alvo sem isso. *Meu pai*, pensou, com uma sensação de perda, e o vazio o preencheu. A luz tremeluzente de *saidin* estava ali, mas ele a ignorou. Ele era um com o arco, com a flecha, com a forma monstruosa que saltava em sua direção. Um com o olho minúsculo. Ele sequer sentiu a flecha abandonar a corda do arco.

A criatura subiu em mais um salto, e, no auge, a flecha atingiu o olho do meio. A coisa caiu, espalhando uma imensa quantidade de água e lama. Sua queda provocou ondulações na água, mas a criatura não se levantou.

— Um bom tiro, e disparado com bravura — disse a mulher. Ela estava montada em seu cavalo, indo a seu encontro. Rand sentiu uma vaga surpresa por ela não ter fugido assim que a criatura foi distraída. Ela passou direto pelo ser caído, cujos movimentos ainda geravam pequenas ondulações enquanto morria, e sequer olhou para baixo. Subiu a margem com seu cavalo e desmontou. — Poucos homens teriam coragem de enfrentar o ataque de um *grolm*, milorde.

Ela estava toda de branco: seu vestido de cavalgada tinha uma divisão nas saias e era cingido de prata, e as botas que despontavam sob a bainha do vestido também tinham ornamentos prateados. Até mesmo a sela era branca, com detalhes em prata. Sua égua, branca como a neve, de pescoço elegante e passos graciosos, era quase da altura do baio de Rand. Mas foi a própria mulher, que o rapaz julgou ter, talvez, a idade de Nynaeve, que chamou sua atenção. Para começar, era alta: se fosse um palmo mais alta, ela quase poderia olhá-lo nos olhos. Além disso, era linda: a pele branca como marfim contrastava muito com os longos cabelos negros como a noite e os olhos pretos. Ele já vira mulheres bonitas. Moiraine era bonita, embora fria, assim como Nynaeve, quando o mau humor não a deixava de cara feia. Egwene e Elayne, a Filha-Herdeira de Andor, eram belas o bastante para deixar um homem sem fôlego. Mas aquela mulher... Ele ficou sem fala; sentiu o coração começar a bater outra vez.

— Seus criados, milorde?

Assustado, ele olhou ao redor. Hurin e Loial haviam se juntado a eles. Hurin olhava para a mulher do jeito que Rand sabia ter olhado, e até o Ogier parecia fascinado.

— Meus amigos — respondeu. — Loial e Hurin. Meu nome é Rand. Rand al'Thor.

— Nunca pensei nisso antes — disse Loial, de súbito, como se estivesse falando sozinho —, mas se existe uma beleza humana perfeita, em rosto e forma, então você...

— Loial! — exclamou Rand.

As orelhas do Ogier se enrijeceram de vergonha. As orelhas do próprio Rand estavam vermelhas, pois as palavras de Loial eram bem parecidas com o que ele estava pensando.

A mulher soltou uma risada musical, mas no instante seguinte parecia repleta de uma formalidade régia, como uma rainha em seu trono.

— Meu nome é Selene — apresentou-se. — Você arriscou sua vida e salvou a minha. Sou sua, Lorde Rand al'Thor. — E, para horror de Rand, ela se ajoelhou diante dele.

Sem olhar para Hurin ou Loial, ele a levantou depressa.

— Um homem que não se dispõe a morrer para salvar uma mulher não é homem. — De repente, ele se envergonhou, corando. Aquele era um ditado shienarano, e ele sabia que soava pomposo antes mesmo de as palavras saírem de sua boca, mas os modos dela o contagiaram, e ele não conseguiu evitar. — Quer dizer... Isto é, foi... — *Idiota, você não pode dizer a uma mulher que salvar a vida dela não foi nada.* — A honra foi minha. — Aquilo soou vagamente shienarano e formal. Torceu para que servisse, pois sua mente estava tão vazia de ideias sobre o que dizer que era como se ele ainda estivesse no vazio.

Então se deu conta do olhar dela fixo nele. A expressão não mudara, mas aqueles olhos escuros o faziam sentir-se nu. Sem querer, pensou em Selene sem roupas. Seu rosto voltou a ficar vermelho.

— Aaah! Ah, de onde você é, Selene? Não vimos outro ser humano desde que chegamos aqui. Sua cidade fica por perto?

Ela o encarou, pensativa, e ele recuou. Aquele olhar o deixara consciente de como estavam próximos.

— Não sou deste mundo, milorde — respondeu ela. — Não existem pessoas aqui. Não há nada vivo, a não ser os *grolm* e algumas criaturas como eles. Eu sou de Cairhien. E não sei bem como vim parar aqui. Saí para cavalgar e parei para tirar um cochilo, e, quando acordei, eu e meu cavalo estávamos aqui. Só posso esperar, milorde, que o senhor possa me salvar outra vez e me ajudar a voltar para casa.

— Selene, eu não sou um... Quer dizer, por favor, chame-me apenas de Rand. — Ele sentiu as orelhas queimarem outra vez. *Luz, não fará mal algum ela pensar que sou um lorde. Que me queime, não fará mal algum!*

— Se é o que deseja... Rand. — O sorriso dela fez a garganta do rapaz se apertar. — Você vai me ajudar?

— Claro que sim. — *Que me queime, como ela é bonita! E me olha como se eu fosse o herói de alguma história.* Ele sacudiu a cabeça para espantar aqueles pensamentos tolos. — Mas antes precisamos encontrar os homens que estamos seguindo. Vou tentar mantê-la fora de perigo, mas precisamos encontrá-los. Venha conosco, é melhor do que ficar aqui sozinha.

Por um momento, ela ficou em silêncio, com o rosto impassível e calmo. Rand não tinha ideia do que ela estava pensando, mas parecia que o analisava outra vez.

— Um homem que cumpre seu dever — disse, por fim. Um pequeno sorriso tocou seus lábios. — Gosto disso. Sim. Quem são esses malfeitores que o senhor segue?

— Os Amigos das Trevas e os Trollocs, milady — respondeu Hurin, de repente. Ele fez uma medida desajeitada, ainda em sua sela. — Eles cometeram um assassinato na fortaleza de Fal Dara e roubaram a Trombeta de Valere, milady, mas Lorde Rand vai recuperá-la.

Rand olhou com pesar para o farejador, e Hurin deu um sorrisinho fraco. *Lá se vai o segredo.* Aquilo não importava ali, imaginou, mas quando voltassem ao seu mundo...

— Selene, você não deve contar sobre a Trombeta a ninguém. Se a notícia se espalhar, teremos mil pessoas em nossos calcanhares tentando pegá-la para si mesmas.

— Não, de jeito nenhum — retrucou Selene —, pois *ela* não pode cair em mãos erradas. A Trombeta de Valere. Não consigo lhe dizer quantas vezes sonhei em tocá-la, segurá-la em

minhas mãos. O senhor precisa me prometer que, quando a pegar, vai me deixar tocá-la.

— Antes de fazer isso, precisamos encontrá-la. E é melhor começarmos a andar. — Rand ofereceu a mão para ajudá-la a montar, e Hurin desceu correndo para segurar o estribo. — Seja o que for aquilo que matei... um *grolm*?... Pode haver mais deles por perto.

A mão dela era firme, segurando a sua com uma força surpreendente, e sua pele era como... seda? Algo mais macio, mais suave. Rand sentiu um arrepio.

— Sempre há — respondeu Selene. A égua branca e alta agitou-se e mostrou os dentes para Vermelho, mas o toque de Selene nas rédeas a aquietou.

Rand colocou o arco atravessado nas costas e montou em Vermelho. *Luz, como a pele de alguém pode ser tão suave?*

— Hurin, onde está o rastro? Hurin? Hurin?

O farejador levou um susto e parou de encarar Selene.

— Sim, Lorde Rand. Ah... o rastro. Sul, milorde. Ainda sul.

— Então vamos cavalgar. — Rand olhou apreensivo para a massa verde-acinzentada do *grolm* caída no riacho. Tinha sido melhor acreditar que eles três eram as únicas coisas vivas naquele mundo. — Siga o rastro, Hurin.

No começo, Selene cavalcou ao lado de Rand, tagarelando sobre tudo, fazendo-lhe diversas perguntas e chamando-o de lorde. Ele tentou dizer várias vezes que não era lorde, e sim um pastor, e todas as vezes em que a olhava, não conseguia pronunciar as palavras. Uma dama como ela não conversaria do mesmo jeito com um pastor, mesmo que esse pastor tivesse salvo sua vida.

— Você será um grande homem quando encontrar a Trombeta de Valere — disse-lhe ela. — Um homem digno de lendas. O homem que soar a Trombeta criará suas próprias lendas.

— Eu não quero soá-la, nem quero fazer parte de lenda nenhuma. — Ele não sabia se ela estava usando perfume, mas a mulher parecia exalar um aroma, algo que ocupava toda a sua cabeça com ela. Especiarias doces e picantes provocavam cócegas em seu nariz, fazendo-o engolir em seco.

— Todos os homens querem ser grandes. Você poderia ser o maior de todas as Eras.

Aquilo parecia demais com o que Moiraine dissera. O Dragão Renascido decerto se destacaria ao longo das Eras.

— Não — respondeu, com fervor. — Eu só... — Ele pensou no desprezo dela se lhe dissesse agora que era apenas um pastor depois de deixá-la acreditar que era um lorde, e mudou o que ia dizer. — Eu só estou tentando encontrá-la. E ajudar um amigo.

Ela ficou calada por um instante, então observou:

— Você machucou sua mão.

— Não é nada.

Ele tentou enfiar a mão ferida no casaco. Ela latejava de tanto segurar as rédeas, mas Selene estendeu uma das mãos e pegou a dele.

Rand ficou tão surpreso que permitiu, e então não havia nada a fazer, apenas puxar a mão com brutalidade ou deixá-la desamarrar o lenço. O toque dela era frio e seguro. A palma dele estava bem vermelha e inchada, mas a garça ainda se destacava, muito óbvia.

Ela tocou a marca com um dedo, mas não disse nada a respeito, nem mesmo para perguntar como acontecera.

— Você pode ficar sem conseguir dobrar direito a mão, se isto não for tratado. Tenho um unguento que pode ajudar. — De um bolso interno do manto, ela puxou um pequeno frasco de pedra, abriu-o e começou a esfregar uma pomada branca na queimadura com suavidade, enquanto cavalgavam.

O unguento era frio no começo, mas depois pareceu derreter-se e liberar calor na pele. E funcionou tão bem quanto os de Nynaeve às vezes funcionavam. Ele observou, surpreso, a vermelhidão desaparecer e o inchaço diminuir sob o toque suave de Selene.

— Alguns homens — começou ela, sem tirar os olhos da mão dele — escolhem buscar a grandeza, ao passo que outros são forçados a ela. É sempre melhor escolher do que ser forçado. Um homem que é forçado nunca é inteiramente senhor de si, precisa dançar de acordo com os cordéis de quem o forçou.

Rand puxou a mão. A marca parecia ter sido gravada em sua pele havia uma semana ou mais, praticamente curada.

— Como assim? — quis saber, quase ríspido.

Ela sorriu para ele, que sentiu vergonha de sua explosão.

— Ora, a Trombeta, é claro — respondeu, bem calma, guardando a pomada. Sua égua, que andava ao lado do Vermelho, era alta o bastante para que os olhos dela ficassem apenas um pouco abaixo dos de Rand. — Se você encontrar a Trombeta de Valere, não haverá como escapar da grandeza. Mas ela lhe será forçada ou você a tomará para si? Eis a questão.

Ele flexionou a mão. Selene tinha um jeito de falar tão parecido com o de Moiraine.

— Você é uma Aes Sedai?

As sobranceiras de Selene se ergueram. Seus olhos escuros reluziram para ele, mas sua voz saiu suave:

— Aes Sedai? Eu? Não.

— Não quis ofendê-la. Desculpe.

— Me ofender? Não estou ofendida, mas não sou Aes Sedai. — Seu lábio se curvou em desprezo, mas até essa expressão era bonita. — Elas se encolhem no que pensam ser segurança quando poderiam fazer tanta coisa. Elas servem quando poderiam governar; deixam homens lutarem em guerras quando poderiam trazer ordem ao mundo. Não, nunca me chame de Aes Sedai. — Ela sorriu e pôs a mão no braço de Rand, para mostrar que não estava zangada. Aquele toque o fez engolir em seco. O rapaz ficou aliviado quando ela deixou a égua ficar para trás, ao lado de Loial. Hurin abaixou a cabeça para ela, como um velho criado de família.

Rand ficou aliviado, mas também sentiu falta de sua companhia. Ela estava apenas a duas braças de distância. Ele se virou na sela para vê-la cavalgando ao lado de Loial, que se curvava na sela para falar com a jovem. Mas não era a mesma coisa do que ela estar logo ali a seu lado, perto o bastante para sentir aquele cheiro inebriante, perto o bastante para tocá-la. Ele se endireitou, com raiva. Não que quisesse tocá-la exatamente. Lembrou a si mesmo de que amava Egwene e sentiu-se culpado por precisar desse lembrete. Mas ela era linda, achava que ele era um lorde e dissera que ele poderia ser um grande homem. Ele discutiu consigo mesmo, amargo, em pensamentos. *Moiraine também diz que você pode ser grande, que é o Dragão Renascido. Selene não é uma Aes Sedai. Isso mesmo, ela é uma nobre de Cairhien, e*

você é um pastor. Ela não sabe disso. Por quanto tempo você vai deixar que ela acredite nessa mentira? Só até sairmos daqui. Se sairmos. Ao se dar conta daquilo, seus pensamentos se aquietaram, deixando um silêncio lúgubre.

Ele tentou ficar de olho no terreno por onde cavalgavam, pois, se Selene dissesse que havia mais daquelas coisas, daqueles *grolm*, por ali, ele acreditava. Hurin estava concentrado demais em farejar o rastro para reparar em qualquer outra coisa, e Loial estava concentrado demais em sua conversa com Selene para notar algo até que aquilo o mordesse no calcanhar, mas era difícil manter-se atento. Virar a cabeça rápido demais fazia seus olhos lacrimejarem, e uma colina ou um bosque podiam estar a uma milha de distância de um ângulo e a poucas centenas de braças de outro.

As montanhas estavam ficando mais próximas, disso, ele tinha certeza. A Adaga do Fratricida assomava-se no céu, uma imensidão serrilhada e de picos nevados. A terra ao redor deles já se elevava em pequenos morros, que anunciavam a chegada das montanhas. Eles alcançariam a borda das montanhas bem antes de escurecer, talvez em apenas uma hora. *Mais de cem léguas em menos de três dias. Pior do que isso: passamos grande parte de um dia ao sul do Erinin, no mundo real. Foram mais de cem léguas em menos de dois dias aqui.*

— Ela diz que você tinha razão a respeito deste lugar, Rand.

Rand levou um susto, até que percebeu que Loial cavalgara até o seu lado. Procurou por Selene e descobriu que ela acompanhava Hurin. O farejador sorria, abaixando a cabeça e quase batendo os nós dos dedos na testa em sinal de respeito para tudo o que ela dizia. Rand olhou de relance para o Ogier.

— Estou surpreso que você a tenha largado, do jeito que estavam conversando. Como assim, eu tinha razão?

— Ela é uma mulher fascinante, não é? Alguns dos Anciões não sabem tanto quanto ela sobre história, especialmente sobre a Era das Lendas, e sobre... Ah, sim. Ela diz que você tinha razão a respeito dos Caminhos, Rand. Aes Sedai estudaram mundos como este, e esse estudo foi a base da criação dos Caminhos. Ela diz que existem mundos em que é o tempo que muda, e não a distância. Se passar um dia em um, quando voltar você vai descobrir que no mundo verdadeiro se passou um ano, ou vinte. Ou o contrário. Esses mundos, este e todos os outros, são reflexos do mundo verdadeiro, segundo ela. Este aqui parece desbotado porque é um reflexo fraco, um mundo que teve pouca chance de acontecer. Outros são quase tão prováveis quanto o nosso, por isso são tão sólidos quanto o nosso, e têm pessoas. E ela disse que são as mesmas pessoas, Rand. Imagine só! Você pode ir a um desses mundos e encontrar a si mesmo. O Padrão tem variações infinitas, disse ela, e cada variação que pode ser, será.

Rand sacudiu a cabeça. Então desejou não ter feito aquilo, pois a paisagem começou a ir para frente e para trás, e seu estômago se embrulhou. Ele respirou fundo.

— E como ela sabe disso tudo? Você sabe mais do que qualquer pessoa que já conheci, Loial, e tudo o que sabia a respeito deste mundo não era mais que um rumor.

— Ela é de Cairhien, Rand. A Biblioteca Real de Cairhien é uma das maiores do mundo, talvez a maior fora de Tar Valon. Os Aiel a pouparam quando incendiaram Cairhien. Eles não destroem livros. Você sabia que eles...

— Os Aiel não me interessam — interrompeu Rand, irritado. — Se Selene sabe tanto, espero que tenha lido sobre como nos levar para casa. Queria que ela...

— Você queria que ela o quê? — A mulher riu ao se juntar a eles.

Rand a encarou como se ela tivesse sumido por meses, e era assim que se sentia.

— Queria que Selene cavalgasse comigo um pouco mais — respondeu.

Loial riu, e Rand sentiu o rosto queimar.

Selene sorriu e olhou para Loial.

— Queira nos desculpar, *alantin*.

O Ogier fez uma medida, do alto de sua sela, e com isso seu enorme cavalo atrasou o passo, abaixando os tufos das orelhas com relutância.

Por um tempo, Rand cavalgou em silêncio, desfrutando da presença de Selene. Volta e meia a olhava de canto de olho. Desejou poder compreender seus sentimentos por ela. Será que ela era uma Aes Sedai, apesar de negar? Será que tinha sido enviada por Moiraine para forçá-lo a seguir qualquer que fosse o caminho que as Aes Sedai queriam? Moiraine não tinha como saber que ele seria levado para aquele mundo estranho, e nenhuma Aes Sedai teria tentado afastar aquela criatura com um pedaço de pau, pois poderia matá-la ou espantá-la com o Poder. Bem. Já que Selene pensava que ele era um lorde e ninguém em Cairhien sabia a verdade, ele bem que podia deixá-la continuar pensando assim. Decerto, ela era a mulher mais bela que já vira, além de ser inteligente e culta, e achava que ele era corajoso. O que mais um homem poderia querer de uma esposa? *Isso também é loucura. É com Egwene que eu me casaria, se pudesse me casar com alguém. Mas não posso pedir a uma mulher que se case com um homem que vai enlouquecer e pode machucá-la.* Mas Selene era tão bonita.

Ele percebeu que ela estava analisando sua espada. Preparou as palavras em sua cabeça. Não, não era um mestre espadachim: seu pai lhe dera aquela espada. *Tam. Luz, por que você não pode ser meu pai de verdade?* Afastou esse pensamento com vontade.

— Aquele foi um disparo magnífico — comentou Selene.

— Não, eu não sou... — começou Rand, então piscou. — Um disparo?

— Sim. Aquele olho era um alvo pequeno, se movia, e estava a uns cem passos. Você tem uma mão maravilhosa com aquele arco.

Rand mudou de posição, sem jeito.

— Ah... obrigado. Foi um truque que meu pai me ensinou. — Ele lhe contou sobre o vazio, sobre como Tam lhe ensinara a usá-lo com o arco. Quando deu por si, já estava contando sobre Lan e suas aulas de espada.

— A Unidade — disse ela, soando satisfeita. Ela percebeu o olhar questionador dele e acrescentou: — É como isso se chama... em alguns lugares. A Unidade. Para aprender seu uso completo, é melhor estar constantemente envolvido nela, habitá-la o tempo todo. Pelo menos, foi o que ouvi dizer.

Ele nem precisava pensar naquilo que o esperava dentro do vazio para formar uma resposta, mas disse apenas:

— Pensarei a respeito.

— Mergulhe nesse seu vazio o tempo todo, Rand al'Thor, e aprenderá usos para ele de que jamais suspeitou.

— Eu disse que pensarei a respeito. — Ela abriu a boca outra vez, mas ele a interrompeu. — Você sabe de todas essas coisas. Sobre o vazio, ou a Unidade, como o chama. Sobre este

mundo. Loial lê o tempo todo, já leu mais livros do que eu já vi reunidos, e ele nunca viu mais do que um fragmento a respeito das Pedras.

Selene se endireitou na sela. De repente, ela o fez pensar em Moiraine e na Rainha Morgase quando ficavam zangadas.

— Existe um livro sobre esses mundos — respondeu, muito séria. — *Espelhos da Roda*. Sabe, o *alantin* não leu *todos* os livros que existem.

— O que é esse título, *alantin*, que você usa para chamá-lo? Nunca ouvi falar...

— A Pedra-portal perto da qual acordei fica lá em cima — interrompeu Selene, apontando para as montanhas a leste do rastro deles. Rand se viu desejando outra vez o calor e os sorrisos dela. — Se me levar até ela, poderá me enviar de volta ao meu lar, como prometeu. Podemos chegar lá em uma hora.

Rand mal conseguia olhar para onde ela apontava. Usar a Pedra, a Pedra-portal, como ela a chamara, era usar o Poder, se quisesse levá-la de volta para o mundo real.

— Hurin, como está o rastro?

— Mais fraco do que nunca, Lorde Rand, mas ainda está aqui. — O farejador deu um sorriso rápido e abaixou a cabeça para Selene. — Acho que está começando a se desviar para oeste. Há algumas passagens mais fáceis ali, na direção do cume da Adaga, pelo que me lembro de quando fui a Cairhien, daquela vez.

Rand suspirou. *Fain ou um de seus Amigos das Trevas devem conhecer outra maneira de usar as Pedras. Um Amigo das Trevas não pode usar o Poder.*

— Eu preciso seguir a Trombeta, Selene.

— Como sabe que sua preciosa Trombeta sequer está neste mundo? Venha comigo, Rand. Você encontrará sua lenda, eu juro. Venha comigo.

— Você pode usar essa Pedra, essa Pedra-portal, sozinha — respondeu, zangado. Antes que as palavras deixassem sua boca, ele desejou poder retirar o que disse. *Por que ela precisa ficar falando de lendas?* Ele se forçou a continuar, com teimosia. — A Pedra-portal não a trouxe aqui. Foi você, Selene. Se você a fez trazê-la até aqui, pode fazer com que a leve de volta. Eu a levarei até a Pedra, mas depois devo continuar atrás da Trombeta.

— Eu não sei como usar as Pedras-portais, Rand. Se fiz algo com aquela, não sei o que foi.

Rand a observou. Ela estava sentada na sela, empertigada e com uma aparência tão régia quanto a de antes, mas, de algum modo, também parecia mais suave. Parecia orgulhosa, porém vulnerável, e precisando dele. Ele imaginou que talvez Selene tivesse a idade de Nynaeve, alguns anos mais velha do que ele, mas percebeu que estava errado. Ela era mais ou menos da idade dele, bonita, e precisava de sua ajuda. A ideia, apenas a ideia, do vazio passou por sua cabeça de relance, e a da luz também. *Saidin*. Para usar a Pedra-portal, ele deveria mergulhar outra vez naquela mácula.

— Fique comigo, Selene — disse. — Encontraremos a Trombeta de Valere e a adaga de Mat, depois acharemos um caminho de volta. Eu prometo. Basta ficar comigo.

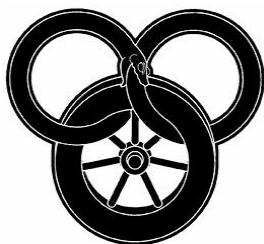
— Você sempre... — Selene respirou fundo, como se tentasse se acalmar. — Você é sempre tão teimoso. Bem, eu posso admirar a teimosia de um homem. Aqueles que obedecem fácil não valem grande coisa.

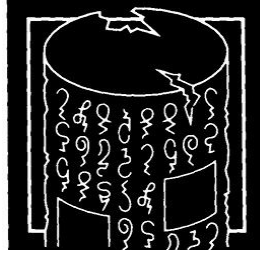
Rand ficou vermelho. Aquilo era muito parecido com o que Egwene às vezes falava, e eles eram praticamente prometidos um ao outro desde crianças. Vindas de Selene, as palavras e o

olhar franco que as acompanhava eram um choque. Ele se virou para mandar Hurin continuar a seguir o rastro.

De trás deles, veio um grunhido distante, parecido com uma tosse. Antes que Rand pudesse virar Vermelho para ver o que era, ouviu outro grunhido, seguido por mais três, ainda mais próximos. No começo, não conseguia ver de onde vinham, pois a paisagem parecia tremeluzir diante de seus olhos, mas então viu as criaturas por entre as várias árvores, bem no topo de uma colina. Cinco delas, era o que parecia, a apenas meia milha de distância, mil passos no máximo, se aproximando em saltos de trinta pés.

— *Grolm* — constatou Selene, calma. — Um bando pequeno, mas parece que sentiram nosso cheiro.





Escolhas

— Vamos correr — disse Rand. — Hurin, você consegue galopar e continuar seguindo o rastro?

— Sim, Lorde Rand.

— Então vá na frente. Nós vamos...

— Não vai adiantar nada — interrompeu Selene. Sua égua branca era a única montaria que não estava inquieta com os grunhidos abafados vindos dos *grolm*. — Eles não desistem, nunca. Se sentem um cheiro, os *grolm* não param de segui-lo, dia e noite, até vencerem pelo cansaço. Você precisa matar todos ou encontrar um jeito de ir para outro lugar. Rand, a Pedra-portal pode nos levar a outro lugar.

— Não! Nós *podemos* matá-los. Eu consigo. Já matei um. São apenas cinco. Basta eu encontrar... — Ele olhou ao redor, em busca do ponto ideal, e o encontrou. — Sigam-me! — Apertando Vermelho com os calcanhares, ele fez o cavalo galopar, confiante de que os outros o seguiriam antes mesmo de ouvir o barulho dos cascos.

O lugar que escolhera era uma colina baixa e arredondada, sem árvores. Nada chegaria perto sem ser visto. Ele desceu da sela e pegou o arco. Loial e Hurin se juntaram a ele no chão, o Ogier erguendo o enorme bastão e o farejador com a espada curta em punho. Nem bastão nem espada seriam de muita utilidade caso os *grolm* se aproximassem deles. *Não vou deixar que se aproximem.*

— Este risco é desnecessário — disse Selene. Ela mal olhou na direção dos *grolm* enquanto se curvava na sela, concentrando-se em Rand. — Alcançaríamos a Pedra-portal antes deles sem dificuldade.

— Eu vou detê-los. — Rand contou depressa as flechas restantes na aljava. Dezoito, todas do comprimento do seu braço, e dez com pontas largas como as de um cinzel, feitas para penetrar em armaduras de Trollocs, que também serviriam bem para os *grolm*. Fincou quatro no chão à sua frente e encaixou a quinta no arco. — Loial, Hurin, vocês não servirão de nada aqui. Montem e estejam prontos para levar Selene até a Pedra caso algum deles passe por mim. — Ele se perguntou se conseguiria matar alguma daquelas criaturas com a espada, caso fosse necessário. *Você está mesmo louco! Nem o Poder é tão ruim quanto isto!*

Loial disse algo, mas ele não ouviu: já buscava o vazio, tanto para escapar dos próprios

pensamentos quanto por necessidade. *Você sabe o que o espera. Mas assim eu não preciso tocá-lo.* O brilho estava ali, a luz em um ponto próximo, mas fora de seu campo de visão. Ela parecia fluir em sua direção, mas o vazio era tudo. Pensamentos passavam depressa pela superfície, visíveis sob aquela luz maculada. *Saidin. O Poder. Loucura. Morte.* Eram pensamentos exteriores. Ele era um com o arco, com a flecha, com as coisas que subiam a colina mais próxima.

Os *grolm* se aproximaram, ultrapassando uns aos outros com os saltos. Cinco grandes formas de pele dura, com três olhos e bicos pontudos escancarados. Seus grunhidos altos ricocheteavam no vazio, e Rand mal os ouvia.

O rapaz não percebeu que levantava o arco ou que puxava a flecha até a orelha. Ele era um com as feras, um com o olho central da primeira. Então, a flecha se fora. O primeiro *grolm* morreu, e um de seus companheiros pulou em cima da criatura caída, arrancando nacos de carne com o bico. Ele rosnou para os outros, que passaram longe, desviando. Mas continuaram a vir, e, como se compelido, o outro abandonou sua refeição e saiu pulando atrás deles, com o bico pontudo coberto de sangue.

Os movimentos de Rand eram fluidos e inconscientes, ele encaixava e soltava a flecha. Encaixava e soltava.

A quinta flecha deixou o arco, e o rapaz o abaixou, ainda profundamente mergulhado no vazio, enquanto o quarto *grolm* caía, como um imenso fantoche cujos cordéis tinham sido cortados. Embora a última flecha ainda estivesse no ar, ele sabia, de algum modo, que não havia necessidade de disparar outra. A última fera caiu como se seus ossos derretessem, e uma haste com penas despontava de seu olho central. Sempre do olho central.

— Magnífico, Lorde Rand — parabenizou Hurin. — Eu... eu nunca vi disparos assim.

O vazio envolvia Rand. A luz o chamava, e ele... se estendia... em sua direção. Ela o cercava, o preenchia.

— Lorde Rand? — Hurin tocou seu braço, e Rand levou um susto. O vazio foi preenchido pelo que estava ao seu redor. — O senhor está bem, milorde?

Rand esfregou a testa com as pontas dos dedos. Ela estava seca, mas ele sentia que deveria tê-la encontrado coberta de suor.

— Eu... eu estou bem, Hurin.

— Fica cada vez mais fácil, pelo que ouvi dizer — comentou Selene. — Quanto mais habitar a Unidade, mais fácil fica.

Rand olhou de relance para ela.

— Bem, não vou precisar disso outra vez, pelo menos não por enquanto. — *O que aconteceu? Eu quis...* Ele ainda queria, percebeu, horrorizado. Ele *queria* voltar para o vazio, sentir aquela luz preenchê-lo mais uma vez. Naquele momento, parecia que estivera realmente vivo, com a mácula e tudo, e agora era apenas uma imitação. Não, pior. Ele quase estivera vivo, e agora sabia como era. Tudo o que precisava fazer era tocar *saidin*...

— Não haverá outra vez — murmurou. Olhou para os *grolm* mortos, cinco formas monstruosas caídas no chão. Não representavam mais perigo. — Agora podemos seguir nosso...

Um grunhido semelhante a uma tosse, familiar demais, soou além dos *grolm* mortos, além da próxima colina, e outros responderam. E vinham ainda mais, do leste e do oeste.

Rand fez menção de erguer o arco.

— Quantas flechas restaram? — exigiu saber Selene. — Você consegue matar mais vinte *grolm*? Trinta? Cem? *Precisamos* chegar à Pedra-portal.

— Ela tem razão, Rand — concordou Loial, devagar. — Você não tem escolha, agora.

Hurin o observava com ansiedade. Os *grolm* gritavam, uma dezena de grunhidos se sobrepondo.

— Para a Pedra — concordou Rand, com relutância. Irritado, ele montou outra vez e colocou o arco nas costas. — Leve-nos até a Pedra, Selene.

Assentindo, ela virou a égua e meteu as botas em seus flancos até que o animal começasse a trotar. Rand e os demais a seguiram, os dois outros ansiosos, e ele, mais contido. Os gritos dos *grolm* os seguiam, parecia haver centenas deles. Os gritos sugeriam que os *grolm* estavam em semicírculo ao redor deles, aproximando-se de todas as direções, menos pela frente.

Depressa e confiante, Selene os conduziu pelas colinas. A terra começava a se elevar no sopé das montanhas, as encostas se tornaram mais íngremes e os cavalos passavam com dificuldade pelos afloramentos de rocha desbotada e arbustos esparsos e pálidos que se agarravam a eles. O caminho ia se tornando cada vez mais árduo, e a terra, cada vez mais íngreme.

Não vamos conseguir, pensou Rand, na quinta vez em que Vermelho escorregou e deslizou, provocando uma chuva de pedras. Loial largou seu bastão: não serviria de nada contra os *grolm* e só estava atrasando-os. O Ogier desistira de cavalgar. Ele usava uma das mãos para subir e puxava o grande cavalo atrás de si com a outra. O animal de machinhos peludos era pesado, mas subia com mais facilidade do que quando levava Loial. Os *Grolm* gritavam atrás deles, mais próximos.

Então, Selene puxou as rédeas e apontou para uma clareira abrigada pelo granito, abaixo deles. Estava tudo ali: os sete grandes degraus coloridos ao redor de um piso pálido e a alta coluna de pedra no meio.

Ela desmontou e conduziu a égua até a clareira, descendo os degraus até a coluna que se assomava à frente. Ela se virou para olhar Rand e os outros. Os *grolm* davam gritos e grunhidos, dezenas deles. Bem alto. Perto.

— Eles vão chegar a qualquer momento — disse. — Você precisa usar a Pedra, Rand. Ou então precisa encontrar um jeito de matar todos os *grolm*.

Com um suspiro, Rand desmontou e guiou Vermelho até a clareira. Loial e Hurin o seguiram, apressados. Ele encarou a coluna coberta de símbolos, a Pedra-portal, ansioso. *Ela deve ser capaz de canalizar, mesmo que não saiba, ou a Pedra não a teria trazido até aqui. O Poder não fere as mulheres.*

— Se isto a trouxe até aqui — começou, mas Selene o interrompeu.

— Eu sei o que é isso — disse, com firmeza —, mas não sei usar a Pedra. Você deve fazer o que precisa ser feito. — Ela passou os dedos por um símbolo um pouco maior do que os outros. Era um triângulo equilibrado sobre a ponta, dentro de um círculo. — Este representa o mundo verdadeiro, nosso mundo. Acredito que ajudará se você mantiver esta imagem em mente enquanto... — Ela abriu as mãos, como se não tivesse muita certeza do que ele deveria fazer.

— Hã... milorde? — interveio Hurin, sem jeito. — Não temos muito tempo. — Ele olhou para trás, para a beira do vale. Os gritos estavam mais altos. — Aquelas coisas chegarão aqui em minutos.

Loial assentiu.

Respirando fundo, Rand pôs a mão sobre o símbolo que Selene apontara. Ele a olhou, tentando confirmar se estava fazendo aquilo certo, mas ela apenas o observava, sem nem uma ruga de preocupação franzindo a testa pálida. *Ela está segura de que você pode salvá-la. Você precisa salvá-la.* O perfume dela enchia suas narinas.

— Hã... milorde?

Rand engoliu em seco e buscou o vazio. Ele veio fácil, surgindo ao seu redor sem esforço. Vazio. Vazio, a não ser pela luz, que oscilava de um jeito que embrulhava seu estômago. Vazio, a não ser por *saidin*. Mas mesmo o desconforto estava distante. Ele se tornou um com a Pedra-portal. A coluna era macia e um pouco oleosa ao toque, mas o triângulo dentro do círculo parecia quente contra a marca na palma de sua mão. *Preciso levá-los para um lugar seguro. Preciso levá-los para casa.* Parecia que a luz se inclinava em sua direção, o cercava, e ele... a... aceitou.

A luz o preencheu. O calor o preencheu. Ele podia ver a Pedra e os outros o observando, Loial e Hurin ansiosos, Selene parecendo não duvidar de que ele conseguiria salvá-la. Mas era como se eles não estivessem ali. A luz era tudo. O calor e a luz, espalhando-se por seus braços e pernas como água encharcando areia seca, preenchendo-o. O símbolo queimava sua pele. Ele tentou sugar tudo, todo o calor e toda a luz. Tudo. O símbolo...

De repente, como se o sol sumisse enquanto piscava os olhos, o mundo tremeluziu. Uma, duas vezes. O símbolo era como carvão em brasa sob sua mão, e Rand se embebia de luz. O mundo pareceu piscar. E piscar. Aquela luz o deixava enjoado, mas era como água para um homem sedento. Piscou. Ele a sugava. Ela o fazia querer vomitar, e ele a queria toda. Piscou. O triângulo com o círculo o queimava, ele podia senti-lo carbonizando sua mão. Piscou. Ele queria tudo! Ele gritou, uivando de dor, uivando de desejo.

Piscou... piscou... piscou piscou piscou...

Algumas mãos o puxaram, ele as percebeu apenas vagamente. Recuou, cambaleante, enquanto o vazio desaparecia. A luz e também o mal-estar que se insinuava nele. A luz. Ele a viu desaparecer com tristeza. *Luz, que loucura desejar isso. Mas eu estava tão cheio dela! Eu estava tão...* Zonzo, ele encarou Selene. Era ela quem o segurava pelos ombros, encarando-o intrigada. Ele ergueu a mão na frente do rosto. A marca de garça estava lá, porém nada além disso. Nenhum triângulo dentro de um círculo fora marcado em sua pele.

— Notável — comentou Selene, devagar. Ela olhou de relance para Loial e Hurin. O Ogier parecia aturdido, com os olhos arregalados do tamanho de pratos, e o farejador estava agachado com uma das mãos no chão, como se não tivesse certeza de que conseguiria se equilibrar de outra forma. — Todos estamos aqui, e também todos os cavalos. E você sequer sabe o que fez. Notável.

— Estamos...? — Rand começou a perguntar com a voz rouca, mas precisou parar para engolir em seco.

— Olhe ao redor — respondeu Selene. — Você nos trouxe para casa. — De repente, ela

soltou uma gargalhada. — Você trouxe todos nós para casa.

Pela primeira vez, Rand se deu conta do ambiente que, outra vez, o cercava. Ao redor, havia uma clareira sem nenhuma escada, embora aqui e ali houvesse um pedaço suspeito de pedra lisa colorida, vermelha ou azul. A coluna jazia junto à encosta da montanha, meio enterrada pela rocha que se soltara em um deslizamento. Os símbolos não estavam claros, o vento e a água os haviam desgastado por muito tempo. E tudo parecia real. As cores eram sólidas, o granito era de um cinza forte e os arbustos, verdes e marrons. Depois daquele outro mundo, tudo parecia quase vívido demais.

— Casa — murmurou Rand, então começou a rir também. — Estamos em casa.

A risada de Loial soou como o mugido de um touro. Hurin dançou e deu piruetas.

— Você conseguiu — constatou Selene, inclinando-se para mais perto, até seu rosto ocupar o campo de visão de Rand. — Eu sabia que conseguiria.

Rand parou de rir.

— Eu... É, acho que consegui. — Ele olhou de relance para a Pedra-portal caída e conseguiu dar uma risada fraca. — Mas gostaria de saber o que foi que fiz.

Selene olhou bem no fundo dos olhos dele.

— Talvez um dia você saiba — disse, com a voz suave. — Você com certeza está destinado a grandes feitos.

Os olhos dela pareciam tão escuros e profundos quanto a noite, macios como veludo. Sua boca... *Se eu a beijasse...* Ele piscou e recuou depressa, pigarreando.

— Selene, por favor, não conte isso a ninguém. Sobre a Pedra-portal e sobre mim. Eu não entendo o que acontece, e ninguém mais entenderá. Você sabe como as pessoas são com as coisas que não entendem.

O rosto dela não tinha expressão alguma. De repente, desejou com fervor que Mat e Perrin estivessem ali. Perrin sabia falar com garotas, e Mat sabia mentir. Ele não era capaz de fazer nenhuma das duas coisas direito.

De súbito, Selene sorriu e fez uma mesura debochada.

— Mantereí seu segredo, lorde Rand al'Thor.

Rand olhou de relance para ela e pigarreou outra vez. *Ela está zangada comigo? Ficaria zangada se eu tivesse tentado beijá-la, acho.* Desejou que ela não o olhasse daquele jeito, como se soubesse o que ele estava pensando.

— Hurin, existe alguma chance de que os Amigos das Trevas tenham usado essa Pedra antes de nós?

O farejador negou com a cabeça, timidamente.

— Eles estavam se desviando para oeste, Lorde Rand. A menos que esses portais sejam mais comuns do que eu imagino, diria que ainda estão naquele outro mundo. Mas eu não levaria nem uma hora para verificar. A terra aqui é a mesma de lá, e eu conseguiria encontrar o lugar onde perdi o rastro, se é que o senhor me entende, e ver se eles já estão longe.

Rand olhou para o céu. O sol, um sol maravilhosamente forte e nem um pouco pálido, já ia baixo a oeste, estendendo as sombras dos quatro sobre a clareira. O crepúsculo deveria chegar em mais uma hora.

— Pela manhã — respondeu. — Mas receio que já os perdemos. — *Não podemos perder aquela adaga! Não podemos!* — Selene, se esse for o caso, pela manhã nós a levaremos de

volta ao seu lar. Fica na cidade de Cairhien mesmo, ou...?

— Pode ser que vocês ainda não tenham perdido a Trombeta de Valere — disse Selene, baixinho. — Como sabem, eu sei *um pouco* sobre esses mundos.

— *Espelhos da Roda* — concordou Loial.

Ela o olhou, então assentiu.

— Sim. Exatamente. Esses mundos de fato são uma espécie de espelhos, ainda mais aqueles que não têm gente. Uns refletem apenas grandes acontecimentos do mundo verdadeiro, enquanto outros já têm uma sombra desse reflexo antes mesmo que o evento ocorra. A passagem da Trombeta de Valere decerto seria um grande acontecimento. Reflexos do que será se revelam mais fracos do que reflexos do que é ou do que foi, e Hurin disse que o rastro que seguiu estava fraco.

Hurin piscou, incrédulo.

— A senhora quer dizer, milady, que eu estava sentindo o cheiro de onde aqueles Amigos das Trevas *vão* passar? Que a Luz me ajude, eu não gostaria disso! Já é ruim o bastante sentir onde a violência esteve, sem ter que sentir também onde ela *vai estar*. Não deve haver muitos pontos onde não acontecerá *algum* tipo de violência em *algum* momento. Isso seria o bastante para me deixar louco. Aquele lugar de onde acabamos de sair quase conseguiu. Lá, eu podia sentir o tempo todo o cheiro de morte, sofrimento e o mal mais vil que se pode imaginar. Podia até mesmo sentir o cheiro daquilo em nós. Em todos nós. Até mesmo na senhora, milady, se me permite dizer. É que aquele lugar mexeu tanto comigo como mexia com meus olhos. — Ele tremeu. — Estou feliz por termos saído. Ainda não consegui parar de sentir aquele cheiro.

Rand esfregou a marca na palma da mão, distraído.

— O que acha, Loial? Será que é mesmo possível estarmos à frente dos Amigos das Trevas de Fain?

O Ogier deu de ombros, franzindo a testa.

— Não sei, Rand. Não sei nada sobre isso. Acho que voltamos ao nosso mundo. Acho que estamos na Adaga do Fratricida. Tirando isso... — Ele deu de ombros outra vez.

— Deveríamos levá-la para casa, Selene — disse Rand. — Sua família deve estar preocupada.

— Em alguns dias veremos que estou certa — interrompeu ela, com impaciência. — Hurin consegue descobrir onde perdeu o rastro, ele mesmo disse. Podemos vigiar o rastro. A Trombeta de Valere não deve estar muito além do alcance, aqui. A Trombeta de Valere, Rand. Pense nisso. O homem que soar a Trombeta será uma lenda para sempre.

— Eu não quero ter nada a ver com lendas — respondeu, ríspido. *Mas se os Amigos das Trevas passarem por você... E se Ingтар os perder? Os Amigos das Trevas ficarão com a Trombeta de Valere para sempre, e Mat morrerá*. — Está certo, em alguns dias. Na pior das hipóteses, é provável que a gente encontre Ingтар e os outros. Não acho que eles tenham parado ou voltado só porque nós... fomos embora.

— Sábia decisão, Rand — concordou Selene —, e bem pensada.

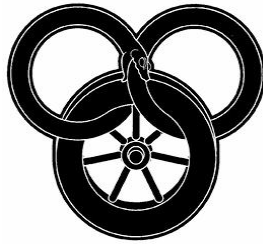
Ela tocou o braço dele e sorriu, e Rand se viu pensando outra vez em beijá-la.

— Ah... precisamos ir mais para perto de onde eles passarão, se passarem. Hurin, pode

encontrar um lugar para acamparmos antes de escurecer, um lugar de onde possamos vigiar o ponto onde você perdeu o rastro? — Ele olhou de relance para a Pedra-portal e pensou em dormir ali ao lado, mas se lembrou de como o vazio se insinuara nele durante o sono, da última vez, e na luz dentro do vazio. — Um lugar bem longe daqui.

— Pode deixar, Lorde Rand. — O farejador subiu na sela depressa. — Juro que nunca mais vou dormir sem analisar o tipo de pedra que existe por perto.

Quando Rand tirou Vermelho da clareira, surpreendeu-se olhando mais para Selene do que para Hurin. Ela parecia tão calma e controlada... Não era mais velha do que ele, mas tinha um aspecto régio. No entanto, quando sorria para Rand, como fizera havia pouco... *Egwene não teria dito que eu era sábio. Ela teria me chamado de cabeça de lã.* Irritado, meteu os calcanhares nos flancos de Vermelho.





Rumo à Torre Branca

Egwene se equilibrou no convés instável enquanto o *Rainha do Rio* descia depressa o largo Erinin, sob um céu de nuvens escuras, com as velas bem infladas e o estandarte da Chama Branca balançando com violência no mastro principal. A intensidade do vento aumentara assim que o último passageiro subiu a bordo dos navios, lá em Meddo, e desde então não falhara nem diminuía por um instante sequer, de dia ou de noite. A corrente do rio aumentara e ele transbordara, como ainda fazia, batendo nos navios enquanto os impulsionava para a frente. O vento e o rio não diminuía a velocidade, muitos menos os navios que viajavam juntos. O *Rainha do Rio* liderava, o que era de se esperar do transporte que levava o Trono de Amyrlin.

O timoneiro segurava o leme muito sério, com os pés bem separados plantados no convés, e os marinheiros caminhavam descalços, concentrados em suas tarefas. Quando olhavam para o céu ou para o rio, afastavam os olhos de repente, resmungando em voz baixa. Uma aldeia desaparecia do campo de visão atrás deles naquele instante, e um garoto corria ao longo da margem. Ele correria com os navios por uma curta distância, mas agora estava ficando para trás. Quando o menino desapareceu, Egwene foi lá para baixo.

Na pequena cabine que dividiam, Nynaeve, em sua cama estreita, a olhou irritada.

— Disseram que chegaremos a Tar Valon ainda hoje. Que a Luz me ajude, mas vou ficar feliz em pôr os pés em terra firme outra vez, mesmo que seja em Tar Valon. — O navio sacolejou com o vento e a correnteza, e Nynaeve engoliu em seco. — Nunca mais pisarei em um barco — disse, sem fôlego.

Egwene sacudiu as gotículas de água do rio de seu manto e o pendurou em um gancho na porta. Não era uma cabine grande, não havia cabines grandes no navio, pelo que parecia, nem mesmo a do capitão, que a Amyrlin tomara para si, embora fosse maior do que as outras. Com as duas camas embutidas nas paredes, prateleiras entre elas e gabinetes acima, tudo ficava mais à mão.

Embora não fosse fácil manter o equilíbrio, os movimentos do navio não a incomodavam como à Nynaeve. Egwene desistira de oferecer comida à Sabedoria depois da terceira vez que a mulher jogou a tigela nela.

— Estou preocupada com Rand — disse.

— Estou preocupada com todos eles — respondeu Nynaeve, com tristeza. Depois de um instante, perguntou: — Teve outro sonho ontem à noite? Do jeito que ficou olhando para o nada desde que se levantou...

Egwene assentiu. Ela nunca fora muito boa em esconder as coisas de Nynaeve, e nem tentara esconder os sonhos. A Sabedoria procurou tratá-la com seus remédios no começo, até descobrir que uma das Aes Sedai estava interessada, então passou a acreditar.

— Foi como os outros. Diferente, mas do mesmo tipo. Rand está passando por algum tipo de perigo. Eu sei. E está ficando pior. Ele fez ou está prestes a fazer algo que vai deixá-lo... — Ela se jogou na cama e se inclinou na direção da outra mulher. — Só queria conseguir entender um pouco disso tudo.

— Canalizar? — perguntou Nynaeve, baixinho.

Sem querer, Egwene olhou ao redor para ver se alguém ouvia. Elas estavam sozinhas, com a porta fechada, mas, ainda assim, respondeu em voz baixa.

— Não sei. Talvez. — Não havia como dizer o que as Aes Sedai poderiam fazer se ouvissem aquilo, e ela já vira o bastante para acreditar em todas as histórias sobre seus poderes, então não correria o risco de ser ouvida. *Não posso colocar Rand em perigo. Se fosse para fazer o que é certo, eu contaria a elas. Mas Moiraine sabe e não disse a ninguém. E é Rand! Não posso.* — Não sei o que fazer.

— Anaiya disse mais alguma coisa sobre esses sonhos? — Nynaeve parecia fazer questão de nunca acrescentar o honorífico “Sedai”, mesmo quando as duas estavam sozinhas. A maioria das Aes Sedai parecia não ligar, mas o hábito tinha atraído alguns olhares estranhos e outros bem ríspidos. Ela iria começar o treinamento na Torre Branca, afinal.

— “Há de ser o que a Roda tecer.” — disse Egwene, citando Anaiya. — “O rapaz está longe, criança, e não há nada que possamos fazer até termos mais informações. Eu mesma testarei você assim que chegarmos à Torre Branca, criança.” Aarrgh! Ela *sabe* que há alguma verdade nesses sonhos. Eu sei que ela sabe. Gosto dela, Nynaeve, de verdade. Mas ela não vai me *dizer* o que quero saber. E eu não posso contar tudo a ela. Talvez, se pudesse...

— Sonhou com o homem mascarado outra vez?

Egwene assentiu. De algum modo, estava certa de que era melhor não contar a Anaiya a respeito dele. Não podia imaginar por quê, mas estava certa disso. O homem com olhos de fogo aparecera em seus sonhos três vezes, ele vinha sempre que ela sonhava algo que a convencia de que Rand estava em perigo. E sempre usava uma máscara cobrindo o rosto. Às vezes ela conseguia ver seus olhos, às vezes via apenas fogo no lugar deles.

— Ele riu de mim. Foi com tanto... desprezo. Como se eu fosse um cachorrinho que ele precisava empurrar com o pé para fora do caminho. Isso me assusta. Ele me assusta.

— Você tem certeza de que isso tem algo a ver com os outros sonhos, com Rand? Às vezes um sonho é só um sonho.

Egwene ergueu as mãos em um gesto frustrado.

— E às vezes, Nynaeve, você fala como a Anaiya Sedai! — Ela enfatizou o título e ficou satisfeita quando Nynaeve fez uma careta de desagrado.

— Quando eu conseguir sair desta cama, Egwene...

Batidas à porta interromperam o que a Sabedoria estava prestes a dizer. Antes que Egwene pudesse falar ou se mexer, a própria Amyrlin entrou e fechou a porta ao passar. Ela estava

sozinha, por um milagre. Era raro a mulher deixar sua cabine, e, mesmo assim, sempre o fazia na companhia de Leane e, muitas vezes, de outra Aes Sedai.

Egwene se levantou em um salto. O quarto ficou um pouco abarrotado com as três ali dentro.

— Vocês duas estão se sentindo bem? — perguntou a Amyrlin, animada. Ela inclinou a cabeça para examinar Nynaeve. — Também estão comendo direito, espero? E de bom humor?

Nynaeve sentou-se com dificuldade, mantendo as costas na parede.

— Meu humor está ótimo, obrigada.

— Estamos honradas, Mãe — começou Egwene, mas a Amyrlin fez um gesto para que se calasse.

— É ótimo estar na água outra vez, mas, depois de um tempo sem ter o que fazer, as coisas ficam tediosas, paradas como o lago de um moinho. — O navio se inclinou, e, sem parecer notar, a mulher mudou de posição para continuar ereta. — Eu ensinarei a lição de hoje. — Ela se sentou na ponta da cama de Egwene, dobrando as pernas embaixo do corpo. — Sente-se, criança.

Egwene se sentou, mas Nynaeve começou a tentar se levantar.

— Acho que vou subir ao convés.

— Eu disse sente-se! — A voz da Amyrlin soou cortante como um chicote, mas Nynaeve continuou se levantando, com movimentos incertos. Ela ainda mantinha as mãos na cama, mas estava quase de pé. Egwene estava pronta para segurar quando a Sabedoria caísse.

Fechando os olhos, a mulher voltou a se sentar na cama, devagar.

— Talvez eu fique. Sem dúvida, está ventando lá em cima.

A Amyrlin deu uma gargalhada.

— Me disseram que você tem o temperamento de um martim-pescador com uma espinha entalada na garganta. Algumas delas, criança, disseram que passar um tempo como noviça lhe faria bem, independentemente de sua idade. Eu acho que, se tiver a habilidade da qual ouvi falar, você merece ser uma das Aceitas. — E deu outra gargalhada. — Sempre acredito que se deve dar às pessoas o que elas merecem. Sim, acho que você aprenderá muito quando chegar à Torre Branca.

— Preferia que um dos Guardiões me ensinasse a usar uma espada — resmungou Nynaeve. Engoliu em seco com dificuldade e abriu os olhos. — Tem uma pessoa em quem eu gostaria de usá-la. — Egwene lançou um olhar severo para ela. Será que a Sabedoria se referia à Amyrlin, o que era estúpido, além de perigoso, ou a Lan? Ela era ríspida com Egwene toda vez que o homem era mencionado.

— Uma espada? — perguntou a Amyrlin. — Nunca achei que espadas fossem de muita serventia. Mesmo que você tivesse a habilidade, criança, sempre vai haver um homem tão bom quanto você, e com muito mais força. Mas se é uma espada o que quer... — Ela ergueu a mão. Egwene perdeu o fôlego, e até mesmo Nynaeve arregalou os olhos: na mão da Aes Sedai havia uma espada. Com a lâmina e o cabo de um estranho branco-azulado, a arma parecia um pouco... fria. — Foi feita do ar, criança, com Ar. É tão boa quanto muitas lâminas de aço, melhor do que a maioria, mas, mesmo assim, não é de muita utilidade. — A espada se tornou uma faca de corte. Ela não encolheu, apenas era um objeto em um instante e outro no momento seguinte. — Isto, sim, é útil. — A faca de corte virou névoa, e a névoa se dissipou. A Amyrlin

pousou a mão vazia no colo. — Mas qualquer uma requer mais esforço do que vale a pena. É melhor, mais fácil, apenas carregar uma boa faca. Você precisa aprender quando e como deve utilizar sua habilidade, e quando é melhor fazer as coisas do mesmo modo que qualquer mulher faria. Deixe que um ferreiro fabrique as facas para estripar peixes. Se usar o Poder Único com frequência demais, por qualquer motivo, vai acabar gostando dele mais do que deve. É aí que mora o perigo. Você começa a desejar mais dele, e, mais cedo ou mais tarde, corre o risco de canalizar mais do que consegue lidar. E isso pode exaurir sua habilidade, deixá-la como um toco de vela queimado...

— Se preciso aprender tudo isso — interrompeu a Sabedoria, ríspida —, prefiro aprender algo útil. Todo esse... esse... “Faça o ar se mexer, Nynaeve. Acenda a luz, Nynaeve. Agora apague. Acenda de novo.” Argh!

Egwene fechou os olhos por um momento. *Por favor, Nynaeve. Por favor, se controle*. Ela mordeu o lábio para evitar dizer essas palavras em voz alta.

A Amyrlin ficou em silêncio por um instante.

— Útil — disse, por fim. — Algo útil. Você queria uma espada. Suponha que um homem me atacasse com uma espada. O que eu faria? Algo útil, pode ficar certa disso. Isto, eu acho.

Por um instante, Egwene julgou ter visto um brilho ao redor da mulher na outra ponta da cama. Então, o ar pareceu engrossar. Aos olhos de Egwene, nada havia mudado, mas era possível sentir a diferença. Tentou levantar o braço: ele não se mexeu mais do que o faria se ela estivesse enterrada até o pescoço em geleia espessa. Não conseguia mover membro algum, apenas a cabeça.

— Me solte! — grunhiu Nynaeve. Seu olhar estava furioso e sua cabeça virava com força para os lados, mas o restante de seu corpo continuava sentado com a mesma rigidez de uma estátua. Egwene percebeu que não era a única que estava sendo contida. — Me solte!

— Útil, não acha? E é apenas Ar — comentou a Amyrlin com naturalidade, como se estivessem conversando durante o chá. — Um homem grande, com músculos e espada, e isso lhe é de tanta serventia quanto os pelos do peito.

— Me solte, estou mandando!

— E se eu não gostar de onde ele está, ora, posso levantá-lo.

Nynaeve gritou, furiosa, quando seu corpo subiu devagar, ainda sentado, até a cabeça quase tocar o teto.

A Amyrlin sorriu e continuou:

— Muitas vezes, eu quis usar isso para voar. Os registros dizem que as Aes Sedai *conseguiam* voar na Era das Lendas mas não explicam bem como. Não era assim, no entanto. Não funciona deste jeito. Você poderia carregar um baú do seu peso; Você parece forte. Mas, por mais que tente, não dá para carregar a si mesma.

Nynaeve sacudiu a cabeça com violência, mas nenhum outro músculo se mexeu.

— Que a Luz a queime, me solte!

Egwene engoliu em seco e torceu para não ser levantada também.

— Então — continuou a Amyrlin —, homem grande, peludo, e por aí vai. Ele não consegue me atingir, mas eu posso fazer o que quiser com ele. Ora, se eu quisesse... — Ela se inclinou para a frente, mantendo os olhos fixos em Nynaeve, e de repente seu sorriso não parecia mais tão amigável. — Se eu quisesse, poderia virá-lo de cabeça para baixo e lhe dar umas

palmas no traseiro. Bem as... — De repente, a Amyrlin voou para trás com tanta força que sua cabeça bateu na parede e ficou ali, como se algo a empurrasse.

Egwene a encarou, com a boca seca. *Isto não está acontecendo. Não está.*

— Elas tinham razão — comentou a Amyrlin. Sua voz soava forçada, como se estivesse com dificuldade de respirar. — Disseram que você aprendia rápido. E também que era preciso deixá-la queimando de raiva para alcançar o ápice da sua capacidade. — Ela respirou fundo, com dificuldade. — Vamos nos soltar juntas, criança?

Nynaeve, ainda flutuando e com os olhos em chamas, respondeu:

— Me solte agora mesmo ou eu... — De repente, uma expressão de espanto percorreu seu rosto, uma expressão de perda. Ela mexeu a boca, mas não fez barulho.

A Amyrlin se sentou, ajeitando os ombros.

— Você ainda não sabe tudo, não é, criança? Nem a centésima parte de tudo. Não suspeitava que eu podia isolá-la da Fonte Verdadeira. Você ainda pode senti-la, mas não pode tocá-la, assim como um peixe não pode tocar a lua. Quando aprender o suficiente para ser elevada à condição de irmã, nenhuma mulher será capaz de fazer isso com você. Quanto mais forte se tornar, mais Aes Sedai serão necessárias para prendê-la contra sua vontade. Agora acha que quer aprender? — Nynaeve pressionou os lábios em uma linha fina e a encarou com um olhar lúgubre. A Amyrlin suspirou. — Se você tivesse um pouquinho menos de potencial, criança, eu lhe mandaria para a Mestra das Noviças e diria a ela para mantê-la lá pelo resto da vida. Mas você vai ter o que merece.

Nynaeve arregalou os olhos e só teve tempo para esboçar um grito antes de cair, atingindo a cama com um estrondo. Egwene estremeceu: os colchões eram finos, e a madeira embaixo era dura. O rosto de Nynaeve permaneceu impassível ao ajeitar o corpo quase imperceptivelmente.

— E agora — continuou a Amyrlin, com firmeza —, a menos que queira mais demonstrações, seguiremos com a lição. Continuaremos com sua lição, podemos dizer.

— Mãe? — murmurou Egwene. Ela ainda não conseguia mexer nada abaixo do queixo.

A Amyrlin lançou-lhe um olhar interrogativo, então sorriu.

— Ah, desculpe, criança. Me distraí com sua amiga, receio. — Egwene pôde se mover outra vez. Ela levantou os braços, só para se convencer disso. — Vocês duas estão prontas para aprender?

— Sim, Mãe — respondeu Egwene, mais do que depressa.

A Amyrlin ergueu uma sobancelha para Nynaeve.

Depois de um instante, a Sabedoria respondeu, com a voz embargada:

— Sim, Mãe.

Egwene soltou um suspiro de alívio.

— Ótimo. Agora vamos lá. Esvaziem seus pensamentos de tudo, a não ser um botão de flor.

Egwene estava suando quando a Amyrlin partiu. Achava que algumas das outras Aes Sedai fossem professoras duras, mas aquela mulher sorridente e de rosto simples sugava cada gota de esforço, extraía-a de você, e, quando não restava mais nada, parecia perfurar seu íntimo e puxar o que ainda havia lá. Mas tudo correria bem. Quando a porta se fechou atrás da Amyrlin, Egwene levantou a mão: uma chama minúscula surgiu, equilibrada um milímetro acima da

ponta de seu dedo indicador, depois saiu pulando de ponta em ponta, em cada um de seus dedos. Ela não deveria fazer aquilo sem uma professora, ou pelo menos uma das Aceitas para vigiá-la, mas estava empolgada demais com o progresso para se lembrar disso.

Nynaeve se levantou em um pulo e jogou o travesseiro na porta que se fechava.

— Essa... essa vil, desprezível, miserável... bruxa! Que a Luz a queime! Eu gostaria de dá-la de comer aos peixes! Gostaria de lhe dar um remédio que a deixaria verde pelo resto da vida! Não me interessa se ela é velha o bastante para ser minha mãe, se estivéssemos em Campo de Emond, ela não ficaria sentada assim tão confortável nem por... — Seus dentes rangeram tão alto que Egwene deu um pulo.

Deixando a chama se apagar, Egwene olhou fixamente para o colo. Desejou poder pensar em uma maneira de se esgueirar para fora do quarto sem atrair a atenção de Nynaeve.

A lição não fora boa para Nynaeve, que havia contido seu temperamento em rédea curta até a Amyrlin ir embora. Ela nunca conseguia fazer muito, a menos que estivesse zangada, e tudo saía numa explosão. Depois de uma falha atrás da outra, a Amyrlin fizera todo o possível para atirá-la outra vez. Egwene desejou que Nynaeve esquecesse que ela estivera lá para testemunhar tudo aquilo.

Nynaeve caminhou, rígida, até a cama e ficou ali parada, encarando a parede atrás com o punho cerrado ao lado do corpo. Egwene olhava cobiçosamente para a porta.

— Não foi culpa sua — disse Nynaeve, e Egwene levou um susto.

— Nynaeve, eu...

A mulher se virou para olhá-la.

— Não foi culpa sua — repetiu, sem soar muito convencida. — Mas se você disser sequer uma palavra a respeito, eu... eu...

— Nem uma palavra — concordou Egwene, mais do que depressa. — Eu nem me lembro de nada para comentar.

Nynaeve a encarou por mais um instante, então assentiu. E deu um sorriso amargo e repentino.

— Luz, eu não sabia que *alguma coisa* podia ter um gosto pior que raiz de língua-de-ovelha crua. Me lembrarei disso da próxima vez que você fizer uma gracinha, então tome cuidado.

Egwene estremeceu. Aquela fora a primeira tentativa da Amyrlin de provocar a fúria de Nynaeve. Uma massa viscosa escura que brilhava como gordura e tinha um cheiro repulsivo aparecera de súbito e, enquanto a Amyrlin segurava a Sabedoria com o Poder, fora forçada para dentro da boca da mulher. A Amyrlin chegara até mesmo a segurar o nariz de Nynaeve para fazê-la engolir. E a Sabedoria se lembrava das coisas, bastava vê-las sendo feitas apenas uma vez. Egwene não achava que houvesse um jeito de impedi-la se lhe desse vontade de fazer aquilo. Apesar de todo o seu sucesso em fazer uma chama dançar, *ela* não conseguiria segurar a Amyrlin contra a parede.

— Pelo menos o navio não está mais deixando você enjoada.

Nynaeve soltou um grunhido, depois soltou uma risada seca e curta.

— Estou zangada demais para ficar enjoada. — Com outra risada melancólica, sacudiu a cabeça. — Estou mal demais para ficar enjoada. Luz, parece que fui arrastada por um nó de madeira. Se é esse o treinamento de uma noviça, você tem um incentivo para aprender depressa.

Egwene olhou para os próprios joelhos com uma careta de desagrado. Comparada a Nynaeve, a Amyrlin apenas a provocara de leve. Sorrira com seus sucessos, fora compreensiva com seus fracassos e depois a provocara outra vez. Mas todas as Aes Sedai disseram que seria diferente na Torre Branca. Mais difícil, embora não explicassem como. Se ela tivesse de passar pelo que Nynaeve passou dia após dia, achava que não poderia suportar.

Alguma coisa mudou no movimento do navio. O balançar cessou, e pés correram no convés acima de suas cabeças. Um homem gritou algo que Egwene não entendeu bem.

Ela olhou para Nynaeve.

— Você acha... Tar Valon?

— Só há um jeito de descobrir — respondeu a outra, tirando o manto do gancho com determinação.

Quando chegaram ao convés, viram marinheiros correndo por todos os lados, soltando cordas, encurtando velas, preparando remos compridos. O vento diminuía e agora era apenas uma brisa, e as nuvens começavam a se espalhar.

Egwene correu para a amurada.

— É sim! É Tar Valon!

Nynaeve se juntou a ela com o rosto inexpressivo.

A ilha era tão grande que mais parecia que o rio se dividira em dois. Pontes que pareciam feitas de renda se estendiam em arcos de uma margem à outra, cruzando tanto o terreno pantanoso quanto o rio. As muralhas da cidade, as Muralhas Reluzentes de Tar Valon, brilharam brancas quando o sol irrompeu por entre as nuvens. E, na margem oeste, o topo quebrado soltava uma tênue linha de fumaça: o Monte do Dragão assomava, negro, contra o céu, uma montanha se destacando entre terras planas e colinas. O Monte do Dragão, onde o Dragão morrera. O Monte do Dragão, criado pela morte do Dragão.

Egwene desejou não pensar em Rand ao olhar para a montanha. *Um homem que pode canalizar. Luz, ajude-o.*

O *Rainha do Rio* passou por uma grande abertura em uma muralha alta e circular que se projetava rio adentro. No interior, um longo cais cercava um porto redondo. Marinheiros recolhiam as últimas velas e usavam apenas os remos para mover o navio até a doca e atracá-lo com a popa voltada para a frente. Ao redor do cais comprido, os navios que chegavam eram conduzidos a blocos de ancoragem entre os navios que já se encontravam lá. O estandarte do Chama Branca fez com que os trabalhadores corressem pelo ancoradouro já cheio.

A Amyrlin chegou ao convés antes que os cabos da margem fossem amarrados, mas os trabalhadores das docas colocaram uma prancha a bordo assim que ela apareceu. Leane caminhava ao seu lado, com o cajado com ponta de chama na mão, e as outras Aes Sedai no navio as seguiram até a margem. Nenhuma delas sequer se dignou a olhar para Egwene ou Nynaeve. No cais, uma delegação saudou a Amyrlin. Aes Sedai vestidas com seus xales beijaram o anel da Amyrlin e curvaram-se em mesuras formais. O ancoradouro fervilhava entre navios descarregando e a chegada do Trono de Amyrlin. Soldados entravam em formação no desembarque, homens montavam hastes de apoio para cargas, trombetas soavam nas muralhas, competindo com os gritos de alegria dos passantes.

Nynaeve fungou desdenhosamente.

— Parece que se esqueceram de nós. Venha. Vamos nos virar.

Egwene relutou em deixar sua primeira visão de Tar Valon para trás, mas seguiu Nynaeve para baixo a fim de pegar seus pertences. Quando voltaram para o convés com as sacolas nos braços, os soldados e as trombetas haviam sumido, assim como as Aes Sedai. Homens abriam alçapões ao longo do cais e baixavam cabos nos porões de carga.

No convés, Nynaeve agarrou um estivador pelo braço, um sujeito atarracado vestindo uma camisa marrom de tecido grosso e sem mangas.

— Nossos cavalos — começou.

— Estou ocupado — grunhiu ele, se soltando com violência. — Todos os cavalos serão levados para a Torre Branca. — Ele as olhou de cima a baixo. — Se vocês têm negócios a tratar com a Torre, é melhor correrem. Aes Sedai não gostam que as novatas se atrasem.

Outro homem, pelejando com um fardo de feno que estava sendo puxado para fora do porão com um cabo, gritou para ele, que abandonou as mulheres sem olhar para trás. Egwene trocou olhares com Nynaeve. Parecia que elas de fato precisariam se virar.

A Sabedoria saiu do navio com um sorriso determinado no rosto, mas Egwene, deprimida, desceu a prancha, sentindo o cheiro de alcatrão que se espalhava pelo cais. *Toda aquela conversa de nos quererem aqui, e agora elas não parecem se importar.*

Escadarias largas levavam do cais até um grande arco de pedra vermelho-escura. Ao alcançá-la, Egwene e Nynaeve pararam para olhar.

Cada edifício parecia um palácio, embora a maioria dos que estavam próximos ao arco parecesse conter estalagens ou lojas, a julgar pelas placas sobre as portas. Padrões intrincados de cantaria se espalhavam por toda parte, e as linhas de uma estrutura pareciam projetadas em harmonia com a seguinte, conduzindo o olhar como se tudo fizesse parte de um grande desenho. Algumas estruturas não eram nem um pouco como edifícios, e sim como ondas gigantescas quebrando, conchas imensas ou encostas sofisticadas esculpidas pelo vento. Bem em frente ao arco, havia uma grande praça, com uma fonte e árvores, e Egwene podia ver outra mais adiante. As torres se elevavam acima de tudo, enormes e graciosas, algumas com pontes as interligando bem lá no alto. E acima de todas se erguia uma torre, mais alta e larga do que as outras e tão branca quanto as Muralhas Reluzentes.

— A beleza é de tirar o fôlego, à primeira vista — disse uma mulher atrás delas. — À décima vista também, aliás. E à centésima.

Egwene se virou. A mulher era uma Aes Sedai, a menina tinha certeza, embora não usasse xale. Ninguém mais tinha aquele rosto de idade indefinida, e ela se portava com uma segurança e uma confiança que pareciam confirmar aquilo. Um olhar para sua mão revelou o anel dourado de serpente mordendo a própria cauda. A Aes Sedai era um pouco rechonchuda, com um sorriso caloroso, e uma das mulheres com a aparência mais estranha que Egwene já vira: o excesso de peso não ocultava as maçãs do rosto altas, os olhos eram um pouco enviesados e do mais claro e pálido verde, e os cabelos eram quase da cor do fogo. Egwene mal conseguia deixar de olhar para aquela cabeleira e para aqueles olhos ligeiramente puxados.

— Foi construída pelos Ogier, é claro — continuou a mulher —, e é sua melhor obra, dizem.

Uma das primeiras cidades construídas depois da Ruptura. Não havia quinhentas pessoas reunidas aqui, na época, e não mais do que vinte irmãs, mas eles a construíram para o que seria necessário.

— É uma cidade linda — respondeu Nynaeve. — Precisamos ir até a Torre Branca. Viemos aqui para o treinamento, mas parece que ninguém se importa se vamos ou ficamos.

— Elas se importam — respondeu a mulher, sorrindo. — Eu vim para encontrá-las, mas me atrasei conversando com a Amyrlin. Sou Sheriam, a Mestra das Noviças.

— Eu não serei uma Noviça — exclamou Nynaeve com a voz firme, embora um pouco depressa demais. — A própria Amyrlin disse que eu seria uma das Aceitas.

— Foi o que me disseram — respondeu Sheriam, em tom de divertimento. — Nunca ouvi falar nisso antes, mas dizem que você é... excepcional. Porém, lembre-se de que mesmo uma das Aceitas pode ser mandada até mim. Requer que mais regras sejam quebradas do que com uma noviça, mas já aconteceu. — E virou-se para Egwene, como se ela não tivesse notado Nynaeve franzir a testa. — E você é nossa nova noviça. É sempre bom ver uma de vocês chegar. Temos bem poucas, hoje em dia. Com você, são quarenta. Só quarenta. E não mais do que oito ou nove serão elevadas às Aceitas. Embora eu não ache que você terá de se preocupar muito com isso, se trabalhar duro e se empenhar. O trabalho é árduo, e, mesmo para alguém com o potencial que dizem que você possui, não será facilitado. Se não conseguir se manter no ritmo, não importa quão duro for, ou se for do tipo que quebra sob pressão, é melhor descobriremos agora e deixá-la seguir seu caminho do que esperar até que seja uma irmã completa e outras dependam de você. A vida de uma Aes Sedai não é fácil. Aqui iremos prepará-la para isso, se você tiver o que é necessário dentro de si.

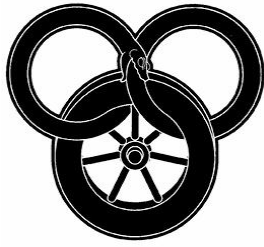
Egwene engoliu em seco. *Quebrar sob pressão?*

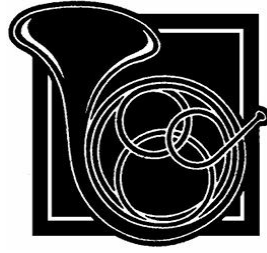
— Eu tentarei, Sheriam Sedai — respondeu, com a voz fraca. *E não quebrarei.*

Nynaeve olhou para ela, preocupada.

— Sheriam... — Ela parou e respirou fundo. — Sheriam Sedai — Pareceu se esforçar para usar o título. — Precisa ser assim tão duro para ela? Carne e osso não aguentam tanto. Eu sei... um pouco... do que as noviças precisam passar. Decerto, não há necessidade de tentar quebrá-la apenas para descobrir a força dela.

— Você quer dizer o que a Amyrlin fez a você hoje? — As costas de Nynaeve se enrijeceram. Sheriam parecia estar tentando disfarçar seu divertimento. — Eu lhe disse que conversei com a Amyrlin. Não se preocupe com sua amiga: o treinamento das noviças é rígido, mas não tanto. Isso é guardado para as primeiras semanas das Aceitas. — Nynaeve ficou boquiaberta, e Egwene achou que os olhos da Sabedoria pulariam de sua cabeça. — Para pegar as poucas que possam ter passado pelo treinamento das noviças quando não deveriam. Não podemos correr o risco de ter uma de nós, uma Aes Sedai completa, que vá quebrar sob a pressão do mundo exterior. — A Aes Sedai puxou as duas, passando um braço ao redor dos ombros de cada uma. Nynaeve mal pareceu perceber para onde iam. — Venham — disse Sheriam. — Vou levá-las a seus quartos. A Torre Branca as aguarda.





Sob a Adaga

A noite nos arredores da Adaga do Fratricida estava fria, como sempre eram frias as noites nas montanhas. O vento forte descia sobre eles trazendo o ar gelado dos picos nevados. Rand se remexia no chão duro, puxando o manto e o cobertor, semiadormecido. Levou a mão até a espada ao seu lado. *Mais um dia*, pensou, sonolento. *Só mais um, então vamos embora. Se ninguém vier amanhã, Ingтар ou os Amigos das Trevas, levarei Selene até Cairhien.*

Ele já dissera isso a si mesmo antes. Dizia a si mesmo que já era hora de partir todos os dias que passavam por ali, ao lado da montanha, observando o lugar onde Hurin tinha dito que o rastro estivera no outro mundo — onde Selene afirmava que os Amigos das Trevas decerto apareceriam neste. Selene falava da Trombeta de Valere, tocava em seu braço e olhava em seus olhos, e, antes que se desse conta, ele já havia concordado em esperar mais um dia antes de partirem.

Rand tremeu por causa do vento frio e pensou em Selene tocando em seu braço e olhando em seus olhos. *Se Egwene visse isso, me tosquiaria como a uma ovelha, e Selene também. Egwene já deve estar em Tar Valon a essa altura, aprendendo a ser uma Aes Sedai. Da próxima vez que me vir, ela provavelmente tentará me amansar.*

Enquanto ele se mexia, sua mão deslizou pela espada e tocou o embrulho que continha a harpa e a flauta de Thom Merrilin. Sem perceber, seus dedos agarraram com força o manto do menestrel. *Eu era feliz naquela época, acho, mesmo fugindo para salvar minha vida. Tocando a flauta para pagar meu jantar. Era ignorante demais para entender o que estava se passando. Não há como voltar atrás.*

Tremendo, ele abriu os olhos. A única luz vinha da lua minguante, que tinha acabado de sair da fase cheia e estava baixa no céu. Uma fogueira os denunciaria para aqueles que aguardavam. Loial resmungou em seu sono, produzindo um ronco baixo. Um dos cavalos batia o casco no chão. Hurin pegara a primeira vigília e estava em um afloramento de rocha um pouco acima, na montanha. Em pouco tempo, viria acordar Rand para a troca de turnos.

Ele se virou... e parou. Sob o luar, podia ver a forma de Selene curvada sobre sua sela, com as mãos nos estribos. Seu vestido branco refletia a luz fraca.

— Você precisa de alguma coisa?

Ela deu um pulo e olhou para ele.

— Você... você me assustou.

Ele se levantou, deixando o cobertor de lado e se enrolando no manto, e foi até ela. Tinha certeza de que deixara os alforjes bem ao seu lado ao se deitar, pois sempre os mantinha por perto. Ele os tirou das mãos dela. Todas as fivelas estavam amarradas, até as laterais, que seguravam a maldita bandeira. *Como minha vida pode depender dela? Se alguém a vir e souber o que ela é, morrerei por levá-la comigo.* Olhou desconfiado para Selene.

Ela permaneceu onde estava, olhando para ele. O luar refletia em seus olhos escuros.

— Ocorreu-me — explicou — que estou usando este vestido há tempo demais. Eu podia escová-lo, ao menos, se tivesse outra coisa para vestir enquanto o escovo. Uma das suas camisas, talvez.

Rand assentiu, sentindo um súbito alívio. A roupa dela parecia tão limpa quanto na primeira vez em que a vira, mas ele sabia que, se uma manchinha aparecesse no vestido de Egwene, ela não sossegava até limpá-lo.

— É claro.

Ele abriu o bolso enorme, dentro do qual enfiara tudo o que tinha, exceto o estandarte, e puxou uma das camisas de seda branca.

— Obrigada.

Ela levou as mãos até as costas. Até os botões, ele percebeu.

Arregalando os olhos, ele se virou na hora.

— Se você pudesse me ajudar com eles, seria muito mais fácil.

Rand pigarreou.

— Não seria correto. Não é como se estivéssemos prometidos, ou... — *Pare de pensar nisso! Você nunca poderá se casar!* — Não seria correto, só isso.

A risada suave de Selene fez com que ele se arrepiasse todo, como se ela tivesse passado um dedo ao longo de suas costas. Ele tentou não prestar atenção ao farfalhar atrás de si. E começou a falar:

— Ah... amanhã... amanhã, partiremos para Cairhien.

— E a Trombeta de Valere?

— Talvez estivéssemos errados. Talvez eles não estejam vindo para cá, afinal. Hurin diz que existem várias passagens pela Adaga do Fratricida. Se eles fossem apenas um pouco mais para oeste, não precisariam entrar nas montanhas.

— Mas o rastro que seguimos levava até aqui. Eles virão para cá. A Trombeta virá para cá. Você já pode se virar.

— É o que você diz, mas não sabemos... — Ele se virou, e as palavras morreram em sua garganta. O vestido estava pendurado nos braços de Selene, e a jovem usava sua camisa, que nela ficava folgada. Era uma camisa de fraldas longas, feita para sua altura, mas ela era alta para uma mulher. A barra ia até pouco mais da metade das coxas. Não que ele nunca tivesse visto as pernas de uma garota antes, as garotas de Dois Rios sempre amarravam as saias antes de atravessar os lagos do Manguezal. Mas paravam de fazê-lo bem antes de terem idade suficiente para trançar os cabelos. Além disso, estava escuro, e o luar parecia fazer a pele dela brilhar.

— O que é que você não sabe, Rand?

O som daquela voz descongelou suas juntas. Com uma tosse alta, ele se virou para olhar

para o outro lado.

— Hã... eu acho... hã... eu... hã...

— Pense na glória, Rand. — A mão dela tocou suas costas, e ele quase soltou um gritinho humilhante. — Pense na glória que terá aquele que encontrar a Trombeta de Valere. Como vou me orgulhar de estar ao lado daquele que segurar a Trombeta. Você não faz ideia de onde chegaremos juntos, você e eu. Com a Trombeta de Valere em suas mãos, você pode ser um rei. Pode ser o próximo Artur Asa-de-gavião. Você...

— Lorde Rand! — Hurin apareceu no acampamento, ofegante. — Milorde, eles... — Ele parou de repente, quase escorregando, produzindo um som engasgado. Voltou seu olhar para o chão e ficou ali parado, mexendo as mãos. — Me perdoe, milady. Eu não quis... Eu... Me perdoe.

Loial se sentou, e o cobertor e o manto que usava escorregaram.

— O que houve? Já é a minha vez de montar guarda? — Ele olhou na direção de Rand e Selene, e, mesmo ao luar, era possível ver seus olhos arregalados.

Rand ouviu Selene suspirar atrás de si. Ele se afastou, ainda sem olhá-la. *As pernas dela são tão brancas, tão lisas.*

— O que foi, Hurin? — Esforçou-se para soar calmo. Estava zangado com Hurin, consigo mesmo ou com Selene? *Não há por que ficar zangado com ela.* — Você viu algo, Hurin?

O farejador respondeu sem olhá-lo:

— Uma fogueira, milorde, lá nas colinas. Levou algum tempo até eu ver. Eles fizeram uma bem pequena para ficar escondida, mas só conseguiram esconder de alguém que os estivesse seguindo, não de alguém mais adiantado e daqui de cima. Duas milhas, Lorde Rand. Menos de três, com certeza.

— Fain — disse Rand. — Ingtar não teria medo de ser seguido. Deve ser Fain. — De repente, ele não sabia mais o que fazer. Estiveram esperando por Fain, mas naquele momento, que o homem estava a apenas poucas milhas de distância, Rand se viu indeciso. — Amanhã... Amanhã vamos segui-los. Quando Ingtar e os outros nos alcançarem, poderemos apontar o caminho certo para eles.

— Então — concluiu Selene —, você deixará esse tal de Ingtar ficar com a Trombeta de Valere. E a glória.

— Eu não quero... — Sem pensar, ele se virou, e lá estava ela, com pernas pálidas ao luar e parecendo tão indiferente a isso como se estivesse sozinha. *Como se nós estivéssemos sozinhos*, foi o pensamento que lhe ocorreu. *Ela quer o homem que encontrar a Trombeta.* — Nós três não conseguiremos recuperá-la sozinhos. Ingtar traz vinte piqueiros consigo.

— Você não sabe se conseguiria recuperá-la ou não. Quantos seguidores esse homem tem? Você também não sabe. — A voz dela soava calma, mas insistente. — Você nem sabe se aqueles homens acampados estão com a Trombeta. A única maneira de saber é descer até lá e ver por si mesmo. Leve o *alantin* com você: a espécie dele tem uma visão aguçada, até mesmo ao luar. E ele é forte o bastante para carregar o baú da Trombeta, se você tomar a decisão certa.

Ela tem razão. Você não tem certeza de que é Fain. Que maravilha seria se tivesse feito Hurin seguir um rastro que não estava ali, mantendo todos em campo aberto caso os

verdadeiros Amigos das Trevas finalmente aparecessem.

— Eu vou sozinho — disse. — Hurin e Loial vão proteger você.

Rindo, Selene foi até ele com tanta graça que quase parecia dançar. As sombras da lua cobriam seu rosto com um véu de mistério quando ela olhou para ele, e o mistério a tornava ainda mais bonita.

— Eu sou capaz de me defender sozinha até você voltar para me proteger. Leve o *alantin*.

— Ela está certa, Rand — concordou Loial, se levantando. — Eu posso ver à noite melhor do que você. Com meus olhos, talvez não seja preciso chegarmos tão perto quanto se você fosse sozinho.

— Muito bem. — Rand caminhou até a espada e a afivelou à cintura. Deixou o arco e a aljava onde estavam: um arco não era muito útil no escuro, e ele pretendia olhar, não lutar. — Hurin, mostre-me a fogueira.

O farejador obedeceu, escalando meio atrapalhado a encosta até o afloramento, que mais parecia um imenso polegar de rocha despontando da montanha. A fogueira era apenas uma fagulha, e o rapaz não conseguiu vê-la da primeira vez que Hurin a apontou. Quem quer que a tivesse feito não queria que fosse vista. Ele a gravou em sua mente.

Quando voltaram ao acampamento, Loial já encilhara Vermelho e seu próprio cavalo. Quando Rand subiu nas costas do baio, Selene pegou sua mão.

— Lembre-se da glória — disse, com suavidade. — Lembre-se. — A camisa parecia lhe servir melhor do que ele lembrava, moldando-se ao seu corpo.

Ele respirou fundo e retirou a mão da dela.

— Guarde-a com sua vida, Hurin. Loial?

Pressionou os calcanhares nos flancos de Vermelho com gentileza. A grande montaria do Ogier o seguiu devagar.

Não tentaram ir depressa. A noite envolvia a encosta da montanha, e as sombras da lua tornavam seus passos incertos. Rand não podia mais ver a fogueira, sem dúvida ela ficava mais bem escondida de olhares que vinham da mesma altura, mas se lembrava de sua localização. Para alguém que aprendera a caçar na fechada Floresta do Oeste, em Dois Rios, encontrar a fogueira não seria muito difícil. *E depois o quê?* O rosto de Selene surgia diante dele. *Como vou me orgulhar de estar ao lado daquele que segurar a Trombeta!*

— Loial — disse de súbito, tentando espairecer —, por que ela o chama de *alantin*?

— É a Língua Antiga, Rand. — O cavalo do Ogier, inseguro, escolhia com cuidado onde pisar, mas Loial o guiava com quase tanta segurança como se fosse dia. — Significa Irmão, e é diminutivo de *tia avende alantin*. Irmão das Árvores. Irmão das Árvores. É muito formal, mas ouvi dizer que os cairhienos são mesmo formais. Pelo menos as Casas nobres. As pessoas comuns que eu vi não eram nem um pouco formais.

Rand franziu a testa. Um pastor não seria muito aceitável para uma Casa nobre formal de Cairhien. *Luz, Mat estava certo. Você é louco, e se acha muito importante. Mas se eu pudesse me casar...*

Desejou parar de pensar e, antes que se desse conta, o vazio se formara dentro de si, afastando os pensamentos, como se fossem de outra pessoa. *Saidin* brilhava para ele, tentando-o. Ele trincou os dentes e o ignorou. Era como ignorar um carvão em brasa dentro de sua cabeça, mas pelo menos conseguia mantê-lo sob controle. Por pouco. Quase deixou o

vazio, mas os Amigos das Trevas estavam lá fora na noite, e cada vez mais próximos. E os Trollocs. Ele precisava do vazio, precisava até daquela calma inquietante. *Eu não preciso tocá-lo. Não preciso.*

Depois de um tempo, puxou as rédeas de Vermelho. Estavam na base de um morro, com as esparsas árvores nas encostas negras na noite.

— Acho que já estamos chegando — disse em voz baixa. — É melhor seguirmos o restante do caminho a pé.

Ele desmontou da sela e amarrou as rédeas do baio a um galho.

— Você está bem? — sussurrou Loial, também desmontando. — Você parece estranho.

— Estou bem. — Sua voz soava diferente, percebeu. Tensa. *Saidin* o chamava. *Não!* — Tome cuidado. Não sei bem a distância exata, mas aquela fogueira deve estar em algum lugar logo à frente. No alto daquele morro, eu acho.

O Ogier assentiu.

Rand se esgueirou devagar, de árvore em árvore, pisando com cuidado e segurando a espada com força, para que ela não batesse em nenhum tronco. Ficou grato pela falta de mato rasteiro. Loial o seguia como uma enorme sombra, e Rand não podia distingui-lo melhor do que isso. Tudo o mais estava envolto em sombras do luar e escuridão.

De repente, o luar iluminou as sombras à sua frente, e Rand ficou imóvel, junto ao tronco áspero de um arbusto. Montes escuros no chão se tornaram homens enrolados em cobertores e, um pouco afastado, havia um grupo de montes maiores. Trollocs adormecidos. Eles haviam apagado o fogo. Um raio de luar, atravessando os galhos, provocou um brilho de ouro e prata no chão entre os dois grupos. O luar pareceu ficar mais brilhante, e, por um instante, ele pôde ver com clareza. A forma de um homem adormecido jazia perto do brilho, mas não foi aquilo que atraiu seu olhar. *O baú. A Trombeta.* E algo acima dele, uma ponta vermelha faiscando ao luar. *A adaga! Por que Fain colocaria...?*

A imensa mão de Loial tapou a boca de Rand, além de uma boa parte de seu rosto. Ele se contorceu para olhar para o Ogier, que apontou para sua direita, lentamente, como se o movimento pudesse chamar a atenção.

A princípio, Rand não conseguiu distinguir coisa alguma, então uma sombra se moveu a menos de dez passos. Uma sombra alta e corpulenta, com um focinho. Rand prendeu a respiração. Um Trolloc. Ele levantou o focinho, como se estivesse farejando. Alguns desses monstros caçavam pelo faro.

Por um instante, o vazio tremeluziu. Alguém se mexeu no acampamento dos Amigos das Trevas, e o Trolloc se virou para olhar naquela direção.

Rand ficou imóvel, deixando a calma do vazio envolvê-lo. Sua mão estava na espada, mas ele não reparou. O vazio era tudo. O que tivesse de acontecer aconteceria. Ele ficou observando o Trolloc, sem piscar.

A sombra com focinho ficou olhando para o acampamento dos Amigos das Trevas por um momento, e depois, como se estivesse satisfeita, deitou-se junto a uma árvore. Quase no mesmo instante, começou a emitir um som baixo, como de tecido grosso rasgando.

Loial aproximou a boca do ouvido de Rand.

— Está dormindo — sussurrou, incrédulo.

Rand assentiu. Tam lhe dissera que Trollocs eram preguiçosos, tendendo a desistir de qualquer tarefa que não fosse matar, a menos que o medo os obrigasse a continuar. Ele voltou a olhar o acampamento.

Tudo estava quieto e silencioso ali, outra vez. O luar não brilhava mais sobre o baú, mas ele agora sabia qual sombra era. Podia vê-la em sua mente, flutuando além do vazio, reluzindo dourada, com entalhes de prata, sob o brilho de *saidin*. A Trombeta de Valere e a adaga de que Mat precisava, ambas quase ao alcance de suas mãos. O rosto de Selene surgia junto ao baú. Eles poderiam seguir o grupo de Fain pela manhã e esperar até que Ingтар os alcançasse. Se ele realmente viesse, se ainda conseguisse seguir o rastro sem seu farejador. Não, nunca haveria uma chance melhor. Tudo estava ao alcance de suas mãos. Selene esperava na montanha.

Gesticulando para que Loial o seguisse, Rand deitou-se de bruços e se arrastou na direção do baú. Ele ouviu o suspiro abafado do Ogier, mas seus olhos estavam fixos naquele monte escuro à frente.

Amigos das Trevas e Trollocs jaziam à sua esquerda e à sua direita, mas ele já vira Tam se esgueirar perto o bastante de um cervo para colocar a mão no flanco do animal antes que ele saísse aos pinotes, e tentara aprender a fazer o mesmo. *Loucura!* O pensamento passou, indistinto, quase fora de alcance. *Isso é loucura. Você-está-ficando-louco!* Pensamentos vagos, pensamentos de outra pessoa.

Lenta e silenciosamente, ele se esgueirou até aquela sombra específica e estendeu a mão. Seus dedos tocaram relevos ornamentados feitos de ouro. Aquele era *mesmo* o baú que guardava a Trombeta de Valere. Sua mão tocou outra coisa em cima da tampa. A adaga, desembainhada. Seus olhos se arregalaram na escuridão. Ao se lembrar do que ela havia causado a Mat, ele afastou a mão de repente, e o vazio fraquejou com sua inquietação.

O homem que dormia ali perto, a menos de dois passos do baú — não havia outra pessoa a algumas braças —, gemia em seu sono e se debatia sob os cobertores. Rand permitiu que o vazio varresse os pensamentos e o medo. Murmurando desconfortável em seu sono, o homem se aquietou.

Rand levou a mão outra vez à adaga, mas sem tocá-la. Ela não fizera mal a Mat no começo. Não muito, pelo menos, não tão depressa. Com um movimento ligeiro, ele ergueu a adaga, enfiou-a na parte de trás do cinturão e retirou a mão, como se aquilo fosse minimizar o tempo de contato com a pele nua. Talvez ajudasse, e Mat morreria sem ela. Rand podia senti-la ali, quase como um peso puxando-o para baixo, pressionando-o. Mas sensações era tão remotas quanto pensamentos, no vazio, e o toque da adaga se desvaneceu depressa, tornando-se algo a que ele estava acostumado.

Ele perdeu apenas mais um instante olhando para o baú envolto em sombras — a Trombeta deveria estar ali dentro, mas ele não sabia abri-lo e não conseguiria erguê-lo sozinho —, então olhou ao redor em busca de Loial. Encontrou o Ogier agachado não muito longe, atrás, com a imensa cabeça virando de um lado para o outro enquanto olhava dos humanos, os Amigos das Trevas, para os Trollocs, todos adormecidos. Mesmo à noite, era possível notar que os olhos de Loial estavam tão arregalados quanto podiam, do tamanho de pratos sob o luar. Rand estendeu a mão e pegou a de Loial.

O Ogier se assustou e ofegou. Rand pôs um dedo em seus lábios, então colocou a mão de Loial no baú e fez um gesto, como se o erguesse. Loial o encarou, pelo que pareceu uma eternidade naquela noite, com os Amigos das Trevas e os Trollocs por toda parte, mas não deviam ter passado mais que alguns segundos. Então, lentamente, pôs os braços ao redor do baú dourado e se levantou. Ele fez tudo parecer fácil.

Com todo o cuidado, ainda mais do que tomara ao entrar no acampamento, Rand começou a ir embora, seguindo Loial e o baú. Com ambas as mãos na espada, ele observou os Amigos das Trevas adormecidos e as formas inertes dos Trollocs. Todas aquelas figuras nas sombras começaram a ser engolidas pela escuridão, ao se afastarem. *Praticamente livres. Conseguimos!*

O homem que estava dormindo perto do baú se sentou de súbito, soltou um grito abafado e se levantou de um pulo.

— Sumiu! Acordem, seus porcos! Sumiiiii! — A voz era de Fain: mesmo no vazio, Rand a reconhecia. Os outros se ergueram depressa, Amigos das Trevas e Trollocs, perguntando o que havia acontecido, grunhindo e resfolegando. A voz de Fain aumentou até se tornar um uivo. — Eu sei que foi você, al’Thor! Você está se escondendo de mim, mas eu sei que está aí, em algum lugar! Encontrem-no! Encontrem-no! Al’Thooooor!

Homens e Trollocs se espalharam em todas as direções.

Envolto no vazio, Rand continuou em frente. Quase esquecido quando o rapaz adentrara o acampamento, *saidin* voltou a pulsar para ele.

— Ele não pode nos ver — sussurrou Loial. — Assim que alcançarmos os cavalos...

Um Trolloc saído da escuridão investiu contra eles, com um cruel bico de águia no rosto humano, bem onde deveriam estar a boca e o nariz, e cortou o ar com sua harpe.

Rand se moveu sem pensar. Era um com a lâmina. Gato Dança no Muro. O Trolloc soltou um grito ao cair e outro ao morrer.

— Corra, Loial! — ordenou. *Saidin* o chamava. — Corra!

Ele mal percebeu Loial saindo em disparada, desajeitado, mas outro Trolloc surgiu da escuridão, com focinho e presas de javali, erguendo um machado. Rand deslizou suavemente entre o Trolloc e o Ogier. Loial precisava escapar com a Trombeta. Mais alto do que Rand e quase duas vezes mais largo, o Trolloc partiu para cima dele com uma careta silenciosa. O Cortesão Abana Seu Leque. Não houve gritos dessa vez. Ele andou de costas, na direção de Loial, vigiando a escuridão. *Saidin* cantava para ele, uma canção melodiosa. *O Poder poderia queimar todos eles, queimar Fain e sua corja, até restarem apenas cinzas. Não!*

Mais dois Trollocs, lobo e carneiro, com dentes faiscantes e chifres curvos. Lagarto no Arbusto de Espinhos. Ele se ergueu graciosamente, endireitando uma das pernas que havia dobrado, quando o segundo desabou, com os chifres quase roçando seu ombro. A canção de *saidin* o acariciava, sedutora, puxava-o com mil fios de seda. *Queime todos eles com o Poder. Não, não! Melhor morrer. Se eu morresse, tudo isso acabaria.*

Um bando de Trollocs apareceu, procurando sem muita certeza. Três deles, quatro. De repente, um deles apontou para Rand e soltou um uivo que os outros responderam ao partirem para cima dele.

— Vamos acabar logo com isso! — gritou Rand, saltando na direção deles.

Por um instante, a surpresa reduziu a velocidade deles, mas os Trollocs logo avançaram, soltando grunhidos, animados, sedentos de sangue, com espadas e machados erguidos. Rand dançou entre eles ao som da canção de *saidin*. Beija-Flor Beija a Rosa-de-mel. Tão astuta essa canção, preenchendo-o por completo. Gato na Areia Quente. A espada parecia viva em suas mãos como nunca estivera, e ele lutava como se uma espada com a marca de garça pudesse manter *saidin* longe. A Garça Alça Voo.

Rand encarou as formas imóveis caídas no chão ao seu redor.

— Melhor morrer — murmurou.

Levantou a cabeça, olhando na direção do acampamento na colina. Fain estava lá, com os Amigos das Trevas e mais Trollocs. Eram muitos para combater. Muitos para enfrentar e sobreviver. Ele deu um passo naquela direção. E outro.

— Rand, vamos! — O sussurro urgente de Loial o alcançou no vazio. — Pela vida e pela Luz, Rand, vamos!

Com cuidado, Rand se abaixou para limpar a lâmina nas vestes de um Trolloc. Então, com a mesma formalidade que teria em um treino com Lan, ele a embainhou.

— Rand!

Como se não tivesse pressa, Rand foi até Loial, que aguardava ao lado dos cavalos. O Ogier estava amarrando o baú dourado na sela usando os cordões de seus alforjes. Pusera seu manto embaixo do baú, para ajudar a equilibrá-lo na sela arredondada.

Saidin não cantava mais. Estava ali, com aquele brilho de embrulhar o estômago, mas mantinha distância, como se Rand realmente tivesse conseguido afastá-lo. Intrigado, o rapaz deixou o vazio desaparecer.

— Acho que estou enlouquecendo — disse. De repente, percebendo onde estavam, olhou para trás e viu o caminho por onde tinham vindo. Ouviu gritos e uivos de dezenas de direções. Sinais de uma busca, mas não de uma perseguição. Ainda. Montou Vermelho.

— Às vezes não entendo metade do que você diz — comentou Loial. — Se você vai enlouquecer, pode pelo menos esperar até reencontrarmos Lady Selene e Hurin?

— Como é que você vai cavalgar com isso na sela?

— Eu vou correr!

O Ogier pontuou as palavras pondo-se a correr em um trote acelerado, puxando o cavalo atrás de si pelas rédeas. Rand o seguiu.

O ritmo que Loial definiu era o mais rápido que o cavalo conseguia trotar. Rand tinha certeza de que o Ogier não conseguiria mantê-lo por muito tempo, mas Loial não se cansou. Rand deduziu que aquilo que o amigo dissera, certa vez, sobre correr mais rápido que um cavalo poderia de fato ser verdade. De vez em quando, Loial olhava para trás enquanto corria, mas os gritos dos Amigos das Trevas e os uivos dos Trollocs diminuíram com a distância.

Mesmo quando o chão começou a ficar mais íngreme, o ritmo de Loial quase não diminuiu, e ele chegou trotando ao acampamento na subida da montanha, apenas um pouco ofegante.

— Você a trouxe. — A voz de Selene soou exultante quando seu olhar repousou sobre o baú ornamentado preso à sela de Loial. Ela estava usando o vestido outra vez, que, para Rand, parecia tão branco quanto neve fresca — Eu sabia que você faria a escolha certa. Posso... ver?

— Algum deles o seguiu, milorde? — perguntou Hurin, ansioso. Ele olhou para o baú com assombro, mas seus olhos se voltaram para a noite, montanha abaixo. — Se algum deles o seguiu, teremos que fugir depressa.

— Acho que não. Vá ver se consegue descobrir algo. — Rand desmontou enquanto Hurin subia a montanha apressado. — Selene, não sei abrir o baú. Loial, você sabe?

O Ogier negou com a cabeça.

— Deixe-me tentar...

Mesmo para uma mulher do tamanho de Selene, a sela de Loial era bem alta. Ela estendeu as mãos para tocar os padrões intrincados do baú, passou os dedos por eles e apertou. Ouviu-se um clique, e ela empurrou a tampa para cima, deixando-a aberta.

Selene ficou na ponta dos pés para enfiar uma das mãos no baú, mas Rand adiantou-se e pegou a Trombeta de Valere por cima do ombro dela. Ele já a vira uma vez, mas nunca a havia tocado. Embora fosse belíssima, não parecia um objeto muito antigo ou poderoso. Era uma trombeta dourada e curva, que reluzia na luz fraca, exibindo uma escrita prateada entalhada ao redor da boca da trompa. Ele tocou as letras estranhas. Pareciam refletir o luar.

— *Tia mi aven Moridin isainde vadin* — leu Selene. — O túmulo não é limite para o meu chamado. Você *será* maior do que Artur Asa-de-gavião.

— Vou levar a Trombeta para Shienar, para Lorde Agelmar. — *Ela deveria ir para Tar Valon, pensou, mas não quero mais saber de Aes Sedais. Que Agelmar ou Ingtar cuidem disso!* Ele colocou a Trombeta de volta no baú. O objeto refletia o luar, atraía o olhar.

— Isso é loucura — retrucou Selene.

Rand estremeceu ao ouvir aquela palavra.

— Loucura ou não, é o que farei. Eu lhe disse, Selene, não quero essa grandeza. Antes achei que quisesse. Durante um tempo, achei que quisesse coisas... — *Luz, ela é tão linda. Egwene. Selene. Não sou digno de nenhuma delas.* — Algo pareceu me dominar. — *Saidin veio atrás de mim, mas eu o combati com uma espada. Ou isso também é loucura?* Ele respirou fundo. — É para Shienar que a Trombeta de Valere deve ir. Se o lugar dela não for lá, Lorde Agelmar saberá o que fazer.

Hurin surgiu no alto da montanha.

— A fogueira foi acesa outra vez, Lorde Rand, e está bem maior. E acho que ouvi gritos. Dá para ouvi-los de todas as colinas, mas acho que ainda não chegaram à montanha.

— Você não entendeu o que eu quis dizer, Rand — explicou Selene. — Não pode recuar. Já está envolvido. Aqueles Amigos da Escuridão não vão embora só porque você pegou a Trombeta. Pelo contrário. A menos que saiba um modo de matá-los, eles vão caçá-lo como você os caçou.

— Não! — Loial e Hurin pareceram surpresos com a veemência de Rand. Ele suavizou seu tom de voz. — Não sei como matar todos eles. Se depender de mim, eles podem viver para sempre.

Selene balançou a cabeça, sacudindo seus longos cabelos.

— Então, você não pode voltar, apenas seguir em frente. Poderá chegar à segurança das muralhas de Cairhien muito antes do que conseguiria retornar a Shienar. A ideia de passar mais alguns dias em minha companhia é tão terrível assim?

Rand olhou fixamente para o baú. A companhia de Selene estava longe de ser um fardo, mas, perto dela, ele não conseguia deixar de pensar em coisas que não deveria. Mesmo assim, se tentasse cavalgar de volta para o norte, correria o risco de encontrar Fain e seus seguidores. Nisso, Selene tinha razão. Fain jamais desistiria. Ingtar também não. Se Ingtar viesse pelo sul, e Rand não via motivos para ele desviar do caminho, chegaria a Cairhien mais cedo ou mais tarde.

— Cairhien — concordou. — Você terá que me mostrar onde mora, Selene. Nunca estive em Cairhien.

Ele estendeu a mão para fechar o baú.

— Você pegou mais alguma coisa dos Amigos da Escuridão? — perguntou Selene. — Você mencionou uma adaga.

Como pude esquecer? Ele deixou o baú aberto e tirou a adaga do cinturão. A lâmina nua era curvada como um chifre, e a bainha era de serpentes douradas. Cravado no cabo, um rubi do tamanho de seu polegar brilhava como um olho maligno à luz do luar. Por mais ornamentada que fosse, por mais maculada que fosse, como ele bem sabia, não parecia diferente de qualquer outra faca.

— Tome cuidado — disse Selene. — Não vá se cortar.

Rand sentiu um calafrio. Se carregá-la já era perigoso, ele não queria saber o que um corte faria.

— Isto é de Shadar Logoth — contou aos outros. — Ela perverte quem a carrega por muito tempo, macula até os ossos, assim como Shadar Logoth é maculada. Sem a Cura das Aes Sedai, essa mácula acaba matando.

— Então, esse é o mal que aflige Mat — comentou Loial, suavemente. — Eu nunca suspeitei.

Hurin ficou olhando fixamente para a adaga na mão de Rand e limpou as próprias mãos na frente do casaco. O farejador não parecia contente.

— Nenhum de nós deve segurá-la por mais tempo que o necessário — prosseguiu Rand. — Encontrarei um jeito de carregá-la...

— Ela é perigosa. — Selene franziu a testa, olhando para a lâmina como se as serpentes fossem de verdade, e venenosas. — Jogue-a fora. Deixe-a, ou enterre-a se deseja evitar que outras mãos a toquem, mas livre-se dela.

— Mat precisa dela — respondeu Rand, com firmeza.

— Ela é perigosa demais. Você mesmo disse.

— Ele precisa dela. A Am... As Aes Sedai disseram que Mat morreria se elas não a usassem na hora da Cura. — *Elas ainda têm um cordão amarrado nele, mas esta lâmina vai cortá-lo. Até que eu me livre dela e da Trombeta, elas também terão um cordão amarrado em mim, mas eu não vou dançar, por mais que o puxem.*

Ele colocou a adaga no baú, dentro da curva da Trombeta, onde cabia perfeitamente, e abaixou a tampa, que se fechou com um estalo seco.

— Isso deverá nos proteger.

Torceu para que fosse verdade. Lan dissera que a hora de parecer mais certo era quando se tinha menos certeza.

— O baú decerto nos protegerá — concordou Selene, com a voz contida. — E agora

pretendo terminar o que restou da minha noite de sono.

Rand sacudiu a cabeça.

— Estamos perto demais. Fain parece capaz de me encontrar, às vezes.

— Busque a Unidade, se tem medo — respondeu Selene.

— Eu quero estar o mais longe possível desses Amigos das Trevas quando a manhã chegar. Vou encilhar sua égua.

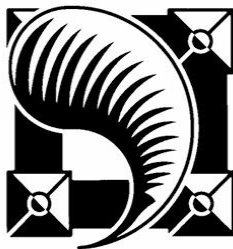
— Teimoso! — Ela parecia zangada e, quando a olhou, Rand viu que sua boca estava curvada em um sorriso que não chegava aos olhos escuros. — Homens teimosos são melhores depois que... — Ela não terminou a frase, o que o preocupou. Parecia que as mulheres sempre deixavam coisas não ditas, e, em sua experiência limitada, era o que elas não diziam que acabava por causar mais problemas. Ela observou em silêncio enquanto ele jogava a sela dela nas costas da égua branca e se curvava para apertar as correias.

— Reúna todos! — ordenou Fain, ríspido. O Trolloc de focinho de bode recuou. A fogueira, agora alimentada por muita madeira, iluminava o topo do morro com sombras tremeluzentes. Seus seguidores humanos se aglomeravam perto do fogo, com medo de ficar no escuro com o restante dos Trollocs. — Reúna todos, cada um que ainda estiver vivo, e, se alguém pensar em fugir, faça com que saibam que terão o mesmo fim que aquele ali. — Ele indicou o primeiro Trolloc que lhe trouxera a notícia de que al'Thor não fora encontrado. Ele ainda se debatia no chão enlameado pelo próprio sangue, os cascos escavando a terra enquanto estrebuchava. — Vá — sussurrou Fain, e o Trolloc de focinho de bode saiu correndo noite afora.

Fain olhou com desprezo para os outros humanos — *Eles ainda serão úteis* — e depois se virou para a noite, na direção da Adaga do Fratricida. Al'Thor estava lá em cima, em algum lugar nas montanhas. Com a Trombeta. Seus dentes rangeram audivelmente ao pensar naquilo. Ele não sabia bem onde, mas algo o puxava na direção das montanhas. Na direção de al'Thor. Essa parte do... dom... do Tenebroso permanecia com ele. Ele mal pensara naquilo, tentara não pensar, até que, de repente, quando a Trombeta desapareceu — *Desapareceu!* —, al'Thor estava ali, atraindo-o como a carne atrai um cão faminto.

— Eu não sou mais um cão. Não sou mais um cão! — Ele ouviu os outros se mexerem, desconfortáveis, ao redor da fogueira, mas os ignorou. — Você pagará pelo que aconteceu comigo, al'Thor! O mundo pagará! — Ele riu para a noite, uma gargalhada louca. — O mundo pagará!





Saidin

Rand fez o grupo cavalgar noite adentro, permitindo apenas uma breve parada ao amanhecer, para os cavalos descansarem. E para Loial descansar. Com o baú da Trombeta de Valere ocupando sua sela, o Ogier caminhava ou trotava à frente de seu grande cavalo, sem nunca reclamar ou atrasá-los. Em algum momento da noite, eles haviam cruzado a fronteira de Cairhien.

— Eu quero vê-la de novo — declarou Selene, quando pararam. Ela desmontou e foi até o cavalo de Loial. Suas sombras, compridas e finas, apontavam para oeste sob o sol que começava a despontar no horizonte. — Desça-a do cavalo para mim, *alantin*. — Loial começou a desamarrar o baú. — A Trombeta de Valere.

— Não — retrucou Rand, desmontando de Vermelho. — Loial, não.

O Ogier olhou de Rand para Selene, com as orelhas tremelicando em dúvida, mas, mesmo assim, afastou as mãos.

— Eu quero ver a Trombeta — disse Selene, em tom de exigência.

Rand tinha certeza de que ela não era mais velha do que ele, mas naquele momento pareceu tão velha e fria quanto as montanhas, e com postura mais régia do que a Rainha Morgase no ápice de sua altivez.

— Acho que deveríamos manter a adaga protegida — respondeu Rand. — Até onde sei, olhar para ela pode ser tão ruim quanto tocá-la. Deixe-a ficar onde está até que eu possa deixá-la nas mãos de Mat. Ele... ele pode levá-la de volta para as Aes Sedai. — *E que preço elas cobrarão por essa Cura? Mas ele não tem escolha.* Sentiu-se um pouco culpado pelo alívio que sentiu por ele, ao menos, já não ter mais nada a tratar com as Aes Sedai. *Eu não tenho mais nada a ver com elas. De um jeito ou de outro.*

— A adaga! Você só se importa com essa adaga. Eu já disse para se livrar dela. Agora, a Trombeta de Valere, Rand.

— Não.

Ela foi até ele, com um andar que o fez se sentir como se tivesse algo preso na garganta.

— Tudo o que quero é vê-la à luz do dia. Não vou nem tocá-la. Você a segura. É algo para eu lembrar, você segurando a Trombeta de Valere nas mãos. — Ao dizer aquilo, ela segurou suas mãos. O toque deixou sua pele formigando e sua boca, seca.

Algo para lembrar, quando ela tivesse partido... Ele fecharia a adaga no baú assim que a Trombeta estivesse do lado de fora. Seria algo impressionante, segurar a Trombeta em suas próprias mãos, onde poderia vê-la na luz.

Desejou saber mais sobre as Profecias do Dragão. A única vez em que ouvira um guarda de mercador contar parte delas, lá em Campo de Emond, Nynaeve quebrara um cabo de vassoura nos ombros do homem. Nada, do pouco que ouvira, mencionava a Trombeta de Valere.

Aes Sedai tentando me levar a fazer o que querem. Selene ainda o fitava intensamente, seu rosto tão jovem e belo que ele desejava beijá-la, apesar de seus pensamentos estarem naquelas mulheres. Ele nunca vira uma Aes Sedai agir como ela, que parecia jovem, e não de idade indefinida. *Uma garota da minha idade não poderia ser Aes Sedai, mas...*

— Selene — perguntou, com delicadeza —, você é uma Aes Sedai?

— Aes Sedai! — Ela quase cuspiu, afastando as mãos depressa. Aes Sedai! Você sempre me vem com isso! — Ela respirou fundo e alisou seu vestido, como se estivesse se recompondo. — Eu sou o que e quem sou. E não sou uma Aes Sedai! — Ela se envolveu em uma frieza silenciosa que fez até o sol da manhã parecer gelado.

Loial e Hurin suportaram tudo aquilo com a maior compostura possível, tentando conversar e escondendo seu embaraço, até que ela os paralisou com um olhar. E eles seguiram em frente.

Quando montaram acampamento naquela noite, ao lado de uma montanha com um riacho que lhes proporcionou peixes para o jantar, Selene parecia ter recuperado um pouco de seu bom humor e conversava com o Ogier sobre livros ou dizia palavras gentis a Hurin.

Mas naquela noite ela mal falou com Rand, a não ser quando ele se dirigia a ela primeiro, e nem no dia seguinte, quando cavalgaram por entre as montanhas que se erguiam de cada lado como imensas muralhas cinzentas e serrilhadas, cada vez mais altas. Mas, sempre que ele a olhava, ela já o estava observando, e sorria. Às vezes, era um tipo de sorriso que ele retribuía; outras, era daqueles que o faziam pigarrear e corar pelos próprios pensamentos; outras vezes, ainda, era o mesmo sorriso misterioso e astuto que Egwene tinha. Era uma espécie de sorriso que sempre o deixava desconfiado, mas pelo menos era um sorriso.

Ela não pode ser uma Aes Sedai.

O caminho se tornou um declive, e, com a promessa do crepúsculo no ar, a Adaga do Fratricida finalmente deu lugar a colinas suaves, com mais mato do que árvores, mais arbustos que floresta. Não havia estrada; apenas uma trilha de terra batida, como aquelas que poderiam ser usadas por carretas, de tempos em tempos. Campos haviam sido escavados nas colinas, formando terraços, campos cheios de colheitas mas sem pessoas, àquela hora. Nenhuma das poucas casas de fazenda estava perto o suficiente do caminho pelo qual cavalgavam a ponto de Rand perceber algo mais além do fato de que eram todas feitas de pedra.

Quando ele viu a aldeia à frente, algumas luzes já piscavam em janelas, contrastando com a chegada da noite.

— Dormiremos em camas esta noite — falou.

— Disso, eu vou gostar, Lorde Rand — disse Hurin, rindo.

Loial assentiu, concordando.

— Uma estalagem de aldeia. — Selene fungou, desdenhosa. — Suja, sem dúvida, e cheia de homens encardidos bebendo cerveja. Por que não podemos dormir sob as estrelas outra vez? Descobri que gosto de dormir sob as estrelas.

— Você não gostaria se Fain nos alcançasse enquanto dormimos — explicou Rand. — Ele e aqueles Trollocs. Ele está vindo atrás de mim, Selene. E da Trombeta também, mas é a mim que ele pode encontrar. Por que acha que eu mantive uma vigilância tão cuidadosa nas últimas noites?

— Se Fain nos pegar, você vai lidar com ele — disse com uma segurança fria. — E pode haver Amigos das Trevas na aldeia, também.

— Mas, mesmo que saibam quem somos, eles não podem fazer muito com o resto dos aldeões ao redor. A menos que você pense que todos na aldeia sejam Amigos das Trevas.

— E se eles descobrirem que você está levando a Trombeta? Não importa se você deseje grandeza ou não, qualquer fazendeiro sonha com isso.

— Ela tem razão, Rand — disse Loial. — Receio que até mesmo fazendeiros queiram pegá-la.

— Desenrole seu cobertor, Loial, e cubra o baú. Mantenha-o assim. — Loial obedeceu, e Rand assentiu. Era óbvio que havia uma caixa ou um baú sob o cobertor listrado do Ogier, mas nada sugeria que fosse mais do que um baú de viagem. — O baú de roupas de milady — disse Rand, com um sorriso e uma mesura.

Selene devolveu a brincadeira com seu silêncio e um olhar inescrutável. Um pouco depois, eles voltaram a cavalgar.

Quase no mesmo instante, à esquerda de Rand, o sol que se punha refletiu em algo no chão. Algo grande. Algo muito grande, a julgar pelo reflexo. Curioso, ele virou seu cavalo naquela direção.

— Milorde? — perguntou Hurin. — A aldeia?

— Eu só quero ver isso primeiro — explicou Rand. *É mais brilhante do que a luz do sol refletindo na água. O que pode ser?*

Com os olhos fixos no reflexo, ele ficou surpreso quando Vermelho parou de repente. Estava a ponto de forçar o cavalo a andar quando percebeu que estavam à beira de um precipício de argila sobre uma enorme escavação. A maior parte da colina havia sido escavada a uma profundidade de uns cem passos. Decerto mais de uma colina desaparecera, e talvez alguns campos de fazendas, pois o buraco tinha a largura pelo menos dez vezes maior que a profundidade. A terra do outro lado parecia ter sido bem batida para formar uma rampa. Havia homens no fundo, uma dezena, acendendo uma fogueira. Lá embaixo, a noite já caía. Aqui e ali, entre eles, armaduras refletiam a luz, e espadas balançavam ao lado de seus corpos. Ele mal olhou para eles.

Saindo da argila, no fundo do poço, uma gigantesca mão de pedra segurava uma esfera de cristal, e fora isso que havia brilhado com os últimos raios de sol. O queixo de Rand caiu ao ver o tamanho do objeto, uma bola lisa. Ele tinha certeza de que não havia um só arranhão em sua superfície, com pelo menos vinte passos de diâmetro.

A certa distância da mão, um rosto de pedra igualmente grande fora desenterrado. O rosto de um homem de barba, que se projetava do solo com a dignidade de muitos anos. As gigantescas feições pareciam transmitir sabedoria e conhecimento.

Sem ser invocado, o vazio se formou, inteiro e completo em um instante, com *saidin* brilhando, chamando. Ele estava tão concentrado no rosto e na mão que sequer percebeu o que

acontecera. Certa vez, ouvira o capitão de um navio falar sobre uma gigantesca mão que segurava uma imensa esfera de cristal: Bayle Domon afirmara que ela despontava de uma colina na ilha de Tremalking.

— Isto é perigoso — disse Selene. — Vamos embora, Rand.

— Acho que consigo encontrar um jeito de descer até lá — respondeu, distraído. *Saidin* cantava. A imensa bola parecia emitir um brilho branco com a luz do sol que se punha. A luz parecia girar e dançar no ritmo da canção de *saidin*, nas profundezas do cristal. Rand se perguntou por que os homens lá embaixo pareciam não reparar.

Selene cavalgou para perto e segurou seu braço.

— Por favor, Rand, você precisa vir. — Ele olhou para a mão dela, intrigado, então seu olhar seguiu o braço, até o rosto. Ela parecia genuinamente preocupada, talvez até com medo. — Se esta margem não ceder sob o peso de nossos cavalos e quebrar nossos pescoços com a queda, veremos que aqueles homens são guardas, e ninguém põe guardas para proteger algo que desejam que qualquer passante examine. Que bem lhe fará evitar Fain se os guardas de algum lorde o prenderem? Vamos embora.

De repente, com um pensamento vago e distante, ele percebeu que o vazio o cercava. *Saidin* cantava, e a esfera pulsava, o que ele podia sentir mesmo sem olhar, e lhe ocorreu o pensamento de que, se cantasse a canção de *saidin*, aquele imenso rosto de pedra abriria a boca e cantaria com ele. Com ele e com *saidin*. Como um.

— Por favor, Rand — repetiu Selene. — Eu irei para a aldeia com você. Não vou mencionar mais a Trombeta. Apenas vamos embora!

Ele liberou o vazio... que não desapareceu. *Saidin* cantava, e a luz na esfera pulsava como um coração. Como seu coração. Loial, Hurin, Selene, todos o olhavam, mas pareciam não ver o flamejar glorioso que vinha do cristal. Ele tentou afastar o vazio, que permanecia imóvel como granito. Ele flutuava em um vazio duro como pedra. A canção de *saidin*, a canção da esfera, ele podia senti-las vibrando em seus ossos. Inflexível, ele se recusou a ceder, penetrando mais fundo em si mesmo... *Eu não vou...*

— Rand. — Ele não sabia de quem era aquela voz.

... tentou alcançar o centro de quem era, o centro do que era...

... *eu não...*

— Rand. — A canção o preenchia, preenchia o vazio.

... tocava a pedra, quente sob um sol implacável, fria sob uma noite impiedosa...

... *não...*

A luz o preenchia, cegava-o.

— Até a sombra sumir — murmurou —, até a água secar...

O poder o preencheu. Ele era um com a esfera.

— ... saltando na Sombra com seus dentes à mostra...

O poder era seu. O Poder era seu.

— ... para cuspir no olho do Cega-vista...

Poder para Romper o Mundo.

— ... no Último Dia! — As palavras saíram em um grito, e o vazio se foi. Vermelho se assustou com o berro, e um pedaço de argila se despedaçou sob os cascos do garanhão, caindo no poço. O grande baio caiu de joelhos. Rand se inclinou para a frente, agarrando as rédeas, e

Vermelho disparou para um local seguro, distanciando-se da beira.

Todos o encaravam, ele reparou. Selene, Loial, Hurin, todos eles.

— O que aconteceu? — *O vazio*... Ele tocou a testa. O vazio não desaparecera quando ele o liberou, o brilho de *saidin* se tornara mais forte, e... Ele era incapaz de se lembrar de mais qualquer coisa. *Saidin*. Ele sentiu frio. — Eu fiz... Eu fiz alguma coisa? — Ele franziu a testa, tentando lembrar. — Falei alguma coisa?

— Você se limitou a ficar ali sentado, duro como uma estátua — disse Loial —, resmungando para si mesmo, não importava o que qualquer um dissesse. Eu não pude entender o que você falou, até que gritasse “dia!” alto o bastante para despertar os mortos e quase jogar seu cavalo pela borda. Você está doente? Está agindo de um modo cada vez mais estranho a cada dia.

— Eu não estou doente — respondeu Rand, ríspido, então suavizou a voz. — Estou bem, Loial.

Selene o observou com desconfiança. Do poço, veio o som de gritos dos homens, mas as palavras eram indistinguíveis.

— Lorde Rand — começou Hurin. — Acho que aqueles guardas finalmente notaram nossa presença. Se conhecerem um caminho para subir por este lado, podem chegar aqui a qualquer momento.

— Sim — concordou Selene. — Vamos sair logo daqui.

Rand voltou-se para a escavação, mas desviou o olhar depressa. O grande cristal não continha nada, apenas refletia a luz do sol da tarde, mas ele não queria vê-lo. Rand quase podia se lembrar... de *algo* sobre aquela esfera.

— Eu não vejo por que esperar por eles. Não fizemos nada. Vamos procurar uma estalagem. — Ele virou Vermelho na direção da aldeia, e logo eles deixaram o buraco e os gritos dos guardas para trás.

Assim como muitas aldeias, Tremonsien cobria o topo de uma colina, mas, como as fazendas pelas quais haviam passado, aquela colina fora esculpida em uma área cercada de pedras que formavam muralhas de contenção. Casas quadradas, de pedra, foram construídas em terrenos planejados, com jardins perfeitos na parte de trás, ao longo de algumas ruas retas que se encontravam em ângulos retos. Não se admitiam curvas em ruas que davam a volta na colina.

Mesmo assim, as pessoas pareciam abertas e amistosas o bastante, parando para trocar cumprimentos com acenos de cabeça enquanto se apressavam em concluir as últimas tarefas antes do cair da noite. Era um povo de baixa estatura, ninguém passava do ombro de Rand, e poucos eram da altura de Hurin; tinham olhos escuros e rostos brancos e finos e usavam roupas escuras, a não ser por alguns que tinham tiras de tecido colorido sobre o peito. Cheiros de comida sendo feita com temperos estranhos ao nariz de Rand preenchiam o ar, embora algumas donas de casa ainda estivessem paradas nas portas, conversando. As portas eram divididas ao meio, de forma que era possível deixar a parte de cima aberta enquanto a de baixo permanecia fechada. As pessoas olhavam para os recém-chegados com curiosidade e sem sinal de hostilidade. O olhar de alguns se deteve um pouco em Loial, um Ogier caminhando ao lado de um cavalo grande como um garanhão de Dhurran, mas não mais do que um instante.

A estalagem, que ficava bem no topo da colina, era de pedra, assim como todas as construções da cidade, e era assinalada de forma simples, com uma placa pintada pendurada sobre as grandes portas. Os Nove Anéis. Rand desmontou com um sorriso e amarrou Vermelho a um dos postes na frente da estalagem. “Os Nove Anéis” era uma de suas histórias de aventura favoritas na infância. Na verdade, ainda era.

Selene ainda parecia incomodada quando ele a ajudou a desmontar.

— Você está bem? — perguntou Rand. — Eu não assustei você lá atrás, assustei? Vermelho nunca cairia de uma encosta comigo. — Ele imaginou o que de fato acontecera.

— Você me deixou apavorada — respondeu ela, com a voz tensa —, e eu não me assusto com facilidade. Você podia ter se matado, matado... — Ela alisou o vestido. — Cavalgue comigo. Esta noite. Agora. Traga a Trombeta, e ficarei ao seu lado para sempre. Pense nisso. Eu ao seu lado, e a Trombeta de Valere em suas mãos. E isso seria apenas o começo, eu juro. O que mais você poderia querer?

Rand balançou a cabeça.

— Não posso, Selene. A Trombeta... — Ele olhou ao redor. Um homem espiou pela janela, do outro lado da rua, e fechou a cortina. A noite caía, escurecendo a rua, e não havia mais ninguém à vista, a não ser Loial e Hurin. — A Trombeta não é minha. Eu já lhe disse.

Ela lhe deu as costas, e seu manto branco o manteve longe com a mesma eficiência de uma muralha.



Os Nove Anéis

Rand esperava encontrar o salão da estalagem vazio, já que era quase hora do jantar, mas alguns homens se aglomeravam em uma das mesas, jogando dados em meio a canecas de cerveja, enquanto outro comia sozinho. Embora os jogadores aparentemente não portassem armas nem usassem armaduras, apenas casacos simples e calças de um tom azul-escuro, algo na postura deles fez Rand crer que eram soldados. Sua atenção se voltou para o homem solitário. Um oficial, com botas de cano alto dobradas e a espada apoiada na mesa ao lado de sua cadeira. Uma tira de tecido vermelho e outra amarela cruzavam seu peito por cima do casaco azul, de ombro a ombro, e a frente de sua cabeça estava raspada, embora seus cabelos pretos pendessem compridos nas costas. Os cabelos dos soldados eram bem aparados e idênticos, como se todos usassem a mesma tigela na hora de cortá-los. Todos os sete se viraram para olhar quando Rand e os outros entraram.

A estalajadeira era uma mulher magra de nariz comprido e cabelos quase grisalhos, mas suas rugas mais pareciam parte de seu sorriso fácil do que qualquer outra coisa. Ela entrou apressada no recinto, enxugando as mãos em um avental branco impecável.

— Boa noite para vocês — seus olhos perspicazes logo notaram o casaco vermelho bordado de ouro de Rand e o fino vestido branco de Selene —, milorde, milady. Sou Maglin Madwen, milorde. Sejam bem-vindos à estalagem Os Nove Anéis. E um Ogier. Não são muitos da sua espécie que passam por aqui, amigo Ogier. O senhor deve ser do Pousio Tsofu, não é?

Loial conseguiu fazer meia medida desajeitada sob o peso do baú.

— Não, boa estalajadeira. Venho do outro lado, das Terras da Fronteira.

— Das Terras da Fronteira, você diz. Ora. E você, milorde? Perdão por perguntar, mas o senhor não tem cara de quem vem de lá, se não se importa que eu o diga.

— Eu sou de Dois Rios, senhora Madwen, em Andor. — Ele olhou de relance para Selene: ela parecia não reconhecer sua existência, seu olhar frio mal parecia ver o aposento ou qualquer pessoa em seu interior. — Lady Selene é de Cairhien, da capital, e eu sou de Andor.

— Como queira, milorde. — A senhora Madwen olhou para a espada de Rand. As garças de bronze eram visíveis na bainha e no cabo. Ela franziu a testa de leve, mas sua expressão se suavizou em um piscar de olhos. — Milorde vai querer uma refeição, para o senhor, sua bela

Lady e seus acompanhantes. E quartos, imagino. Vou mandar que cuidem dos cavalos, também. Tenho uma boa mesa para vocês, é só seguir por aqui, e tem porco com pimentões amarelos no fogo. O senhor está caçando a Trombeta de Valere então, milorde, junto com sua Lady?

Prestes a segui-la, Rand quase tropeçou.

— Não! Por que a senhora pensaria isso?

— Sem ofensa, milorde. Mas dois já estiveram por aqui no mês passado, enfeitados como heróis. Não estou sugerindo nada do tipo a seu respeito, milorde. Não aparecem muitos estranhos por esses lados, a não ser comerciantes da capital para comprar aveia e cevada. Eu não acho que a Caçada já tenha saído de Illian, mas talvez alguns pensem que não precisam tanto da bênção e que vão tomar a dianteira se começarem sem ela.

— Não estamos caçando a Trombeta, senhora. — Rand não deu uma olhada sequer para o embrulho nos braços de Loial. O cobertor com listras coloridas pendia enrolado embaixo dos braços grossos do Ogier e disfarçava bem o baú. — Claro que não. Estamos a caminho da capital.

— Como queira, milorde. Perdoe-me por perguntar, mas sua Lady está bem?

Selene olhou para ela e falou pela primeira vez:

— Eu estou muito bem. — Sua voz deixou o ar tão frio que silenciou a todos por um momento.

— A senhora não é de Cairhien, senhora Madwen — comentou Hurin, de repente. Por estar carregando os alforjes de todos e o embrulho de Rand, ele mais parecia um carro de bagagens ambulante. — Perdão, mas a senhora não fala como uma cairhiena.

As sobranceiras da senhora Madwen se ergueram, e ela olhou rapidamente para Rand, depois sorriu.

— Eu devia imaginar que o senhor seria do tipo que deixa seus homens falarem livremente, mas já me acostumei com... — Ela olhou de relance na direção do oficial, que voltara a comer. — Luz, não. Não sou de Cairhien, mas, para pagar meus pecados, casei-me com um cairhieno. Vivemos vinte e três anos juntos e, quando ele morreu, que a Luz brilhe sobre ele, eu estava pronta para voltar a Lugard. Mas ele riu por último, ah, se riu! Deixou a estalagem para mim e o dinheiro para o irmão, quando eu estava certa de que seria o contrário. Malandro e cheio de planos, esse era Barin, como todo homem que já conheci. Os cairhienos principalmente. Gostaria de se sentar, milorde? Milady?

A estalajadeira piscou surpresa quando Hurin se sentou à mesa com eles. Um Ogier, pelo que parecia, era uma coisa, mas, para ela, Hurin era obviamente um serviçal. Com outra olhadela para Rand, ela disparou para a cozinha, e, em pouco tempo, algumas garotas trouxeram a refeição, rindo e olhando para o lorde, a lady e o Ogier, até que a senhora Madwen as mandou voltarem ao trabalho.

No começo, Rand olhou a comida com certa desconfiança. O porco estava picado, misturado com longas tiras de pimentão amarelo, ervilhas e diversas verduras e coisas que ele não reconhecia, servidos em alguma espécie de molho claro e espesso. Tinha um cheiro picante e doce. Selene apenas beliscou, mas Loial comia com vontade.

Hurin sorriu para Rand por sobre seu garfo.

— Eles temperam a comida de um jeito estranho, esses cairhienos, Lorde Rand, mas não é ruim, apesar disso.

— A comida não vai morder, Rand — acrescentou Loial.

Rand deu uma garfada, hesitante, e quase cuspiu com a surpresa. O gosto era idêntico ao cheiro, picante e doce, e o porco estava crocante por fora e macio por dentro, com dezenas de sabores e temperos diferentes, todos misturados e contrastando. Era diferente de qualquer coisa que ele já colocara na boca. Tinha um sabor maravilhoso. Ele raspou o prato e, quando a senhora Madwen retornou com as serviçais para limpar a mesa, quase pediu mais, como Loial fizera. O prato de Selene ainda estava pela metade, mas ela fez um gesto seco para que uma das garotas o levasse.

— Com prazer, amigo Ogier. — A estalajadeira sorriu. — É preciso muito para encher um de vocês. Catrine, traga mais um prato. E seja rápida. — Uma das garotas saiu em disparada. A senhora Madwen dirigiu seu sorriso para Rand. — Milorde, tinha um homem aqui que tocava sabiola, mas ele se casou com uma garota de uma das fazendas e agora ela o manda dedilhar as rédeas atrás de um arado. Não pude deixar de notar o que parece ser a caixa de uma flauta despontando do embrulho do seu serviçal. Já que meu músico foi embora, o senhor permitiria que seu serviçal tocasse um pouco para nós?

Hurin parecia envergonhado.

— Ele não toca — explicou Rand. — Eu toco.

A mulher piscou. Ao que parecia, lordes não tocavam flauta, pelo menos não em Cairhien.

— Retiro o pedido, milorde. Pela verdade da Luz, não quis ofender, eu lhe asseguro. Eu nunca pediria ao senhor para tocar em meu salão.

Rand hesitou apenas por um instante. Já fazia um bom tempo que não praticava com a flauta em vez de com a espada, e as moedas em sua bolsa não durariam para sempre. Assim que ele se livrasse daquelas roupas chiques, assim que entregasse a Trombeta para Ingtar e a adaga para Mat, precisaria da flauta para ganhar seu jantar outra vez, enquanto estivesse em busca de algum lugar a salvo das Aes Sedai. *E a salvo de mim mesmo? Alguma coisa aconteceu hoje mais cedo. O quê?*

— Não me importo — respondeu. — Hurin, me dê a caixa. É só puxá-la. — Não havia necessidade de mostrar o manto de um menestrel, já havia perguntas o bastante no brilho dos olhos escuros da senhora Madwen.

Feito de ouro com detalhes de prata, o instrumento parecia do tipo que um lorde tocaria, se lordes tocassem flauta. A garça marcada na palma de sua mão direita não afetava o movimento de seus dedos. As pomadas de Selene haviam funcionado tão bem que ele praticamente só se lembrava da marca quando a via. Mas ela estava em seus pensamentos agora, e, inconscientemente, ele começou a tocar “Garça ao Vento”.

Hurin balançou a cabeça ao som da melodia, e Loial começou a marcar o compasso na mesa, batucando com um dedo grosso. Selene olhou para Rand como se estivesse se perguntando o que ele era — *Não sou um lorde, milady. Sou um pastor, e toco a flauta em salões de estalagens* —, mas os soldados pararam de conversar para ouvi-lo, e o oficial fechou a capa de madeira do livro que começara a ler. O olhar firme de Selene acendeu uma fagulha teimosa dentro de Rand. Com determinação, ele evitou qualquer canção que pudesse ser tocada em um palácio ou na mansão de um lorde. Ele tocou “Apenas um Balde D’Água” e “A Velha Folha de Dois Rios”, “O Velho Jak Sobe Uma Árvore” e “O Cachimbo do Bom Priket”.

Quando começou a tocar a última, os seis soldados passaram a acompanhá-lo, desafinados, embora não fosse a letra que Rand conhecia.

*“Descemos até o Rio Iralell
Só para ver chegarem os tairenos.
Esperamos ao longo das margens
Com o sol nascente.
Seus cavalos escureciam a planície de verão,
Seus estandartes escureciam o céu,
Mas nós defendemos nossa terra nas margens
do Rio Iralell.
Ah, nós defendemos nossa terra.
Sim, nós defendemos nossa terra.
Defendemos nossa terra ao longo do rio
naquela manhã.”*

Não era a primeira vez que Rand descobria que uma melodia tinha uma letra e um nome diferentes em outras terras, às vezes mesmo em aldeias do mesmo reino. Tocou até que parassem de cantar, dando palmadas nos ombros uns dos outros e dizendo grosserias sobre a voz dos companheiros.

Quando Rand abaixou a flauta, o oficial se levantou com um gesto seco. Os soldados fizeram silêncio imediatamente, arrastaram as cadeiras ao se levantarem e saudaram o oficial com uma medida e a mão no peito, depois fizeram o mesmo com Rand e saíram sem olhar para trás.

O oficial foi até a mesa de Rand e se curvou, com a mão no coração. Parecia ter passado um pó branco na parte raspada de sua cabeça.

— Que a Graça o favoreça, milorde! Espero que não o tenham incomodado com essa cantoria. Eles são gente comum, mas não tiveram a intenção de insultá-lo, eu lhe garanto. Eu sou Aldrin Caldevwin, milorde. Capitão a Serviço de Sua Majestade, que a Luz o ilumine!

Seus olhos examinaram a espada de Rand, que teve a sensação de que Caldevwin notara as garças assim que ele entrou.

— Não me senti insultado. — O sotaque do oficial o fazia se lembrar de Moiraine. Era um modo preciso de falar, com cada palavra sendo pronunciada com clareza. *Será que ela realmente me deixou ir embora? Me pergunto se não estará me seguindo. Ou me esperando.*

— Sente-se, capitão. Por favor. — Caldevwin puxou uma cadeira de outra mesa. — Diga-me, capitão, se não se importa. O senhor viu outros estranhos, recentemente? Uma dama, magra e de baixa estatura, e um soldado de olhos azuis. Ele é alto e, às vezes, usa a espada presa às costas.

— Não vi nenhum estranho — respondeu o homem, sentando-se com rigidez em sua cadeira. — Apenas o senhor e sua dama, milorde. Poucos nobres vêm até aqui. — Seus olhos se dirigiram para Loial e sua testa franziu de leve. Ele ignorou Hurin como se o farejador fosse um serviçal.

— Foi apenas um pensamento que me ocorreu.

— Sob a Luz, meu Lorde, não tenho a intenção de desrespeitá-lo, mas posso saber seu nome? Estranhos são tão raros por aqui que gosto de conhecer todos.

Rand apresentou-se. Não usou título algum ao dizer seu nome, mas o oficial não pareceu reparar. E completou, da mesma forma que fizera com a estalajadeira.

— Sou de Dois Rios, em Andor.

— Um lugar maravilhoso, pelo que ouvi dizer, Lorde Rand... Posso chamá-lo assim? E são ótimos homens, os andorianos. Nunca vi um cairhieno tão jovem quanto o senhor com uma espada de mestre espadachim. Já conheci alguns andorianos, entre eles o Capitão-General dos Guardas da Rainha. Mas seu nome me fugiu, que vergonha! Talvez o senhor possa me lembrar?

Rand percebeu as serviçais ao fundo, começando a limpar e varrer a sala. Caldevwin parecia apenas estar puxando conversa, mas seu olhar tinha um tom inquisitivo.

— Gareth Bryne.

— É claro. Jovem demais para tanta responsabilidade.

Rand manteve a voz fria.

— Gareth Bryne tem cabelos grisalhos e idade para ser seu pai, Capitão.

— Perdoe-me, Lorde Rand. Quis dizer que ele começou cedo. — Caldevwin se virou para Selene e, por um momento, apenas a olhou fixamente. Por fim, sacudiu a cabeça, como se saísse de um transe. — Perdoe-me por olhar dessa forma para a senhora, milady, e perdoe-me por falar assim, mas a Graça decerto a favoreceu. A senhora poderia me dar um nome para me referir a tamanha beleza?

No momento em que Selene abriu a boca para responder, uma das serviçais soltou um grito e deixou cair um lampião que estava tirando de uma prateleira. Um pouco de óleo se espalhou, criando uma poça de chamas no chão. Rand se levantou de um pulo junto com os outros na mesa, mas a senhora Madwen apareceu antes que qualquer um deles pudesse se mover, e ela e a garota apagaram as chamas com os aventais.

— Já lhe falei para tomar cuidado, Catrine — ralhou a estalajadeira, balançando o avental agora sujo de fuligem embaixo do nariz da garota. — Assim você vai tocar fogo na estalagem e queimar junto com ela.

A garota parecia estar à beira das lágrimas.

— Eu *estava* tomando cuidado, senhora, mas senti um beliscão forte no braço.

A senhora Madwen ergueu as mãos com impaciência.

— Você sempre tem alguma desculpa, e quebra mais pratos do que todas as outras. Ah, está bem. Limpe isso, e cuidado para não se queimar. — A estalajadeira se virou para Rand e os outros, que ainda estavam de pé ao redor da mesa. — Espero que nenhum de vocês leve isto a mal. A garota não vai queimar a estalagem. Ela é meio desastrada com os pratos quando começa a gostar de algum rapaz, mas nunca deixou um lampião cair antes.

— Eu gostaria de ser levada ao meu quarto. Não estou me sentindo bem, afinal — falou Selene, com um tom de voz vacilante, como se estivesse enjoada. Mas, apesar disso, sua aparência e voz tinham a frieza e calma de sempre. — Com toda essa jornada, e o fogo.

A estalajadeira ficou preocupada como uma galinha com seus ovos.

— É claro, milady. Tenho um ótimo quarto para a senhora e seu lorde. Devo chamar Mãe

Caredwain? Ela tem uma mão ótima com ervas calmantes.

A voz de Selene se tornou mais áspera.

— Não. E quero um quarto só para mim.

A senhora Madwen olhou de relance para Rand, mas no instante seguinte, com uma mesura, já conduzia Selene, muito solícita, na direção das escadas.

— Como desejar, milady. Lidan, seja uma boa garota e vá buscar as coisas dela agora mesmo. — Uma das serviçais saiu correndo para pegar os alforjes de Selene de Hurin, e as mulheres sumiram no andar acima, Selene ainda rígida e distante.

Caldevwin ficou olhando para elas até sumirem, então sacudiu a cabeça outra vez. Ele esperou até Rand se sentar antes de pegar sua cadeira.

— Perdoe-me, milorde Rand, por ficar olhando daquela forma para sua dama, mas a Graça decerto o favoreceu com ela. Não tive a intenção de ofendê-lo.

— Não estou ofendido — respondeu Rand. Ele se perguntou se todos os homens sentiam o mesmo que ele quando olhavam para Selene. — Quando estava cavalgando para a aldeia, Capitão, vi uma esfera imensa. Cristal, ao que parecia. O que era?

O olhar do cairhieno tornou-se aguçado.

— Ela faz parte da estátua, milorde Rand — respondeu, devagar. Ele olhou de relance para Loial. Por um instante, pareceu ter uma ideia.

— Estátua? Eu vi uma mão e um rosto também. Ela deve ser imensa.

— E é, milorde Rand. E muito antiga. — Caldevwin fez uma pausa. — Da Era das Lendas, foi o que disseram.

Rand sentiu um arrepio. A Era das Lendas, quando Poder Único era usado por toda parte, se é que era possível acreditar nas histórias. *O que aconteceu lá? Eu sei que houve alguma coisa.*

— A Era das Lendas — comentou Loial. — Sim, deve ser. Ninguém construiu algo tão grande desde então. Será um trabalho enorme desenterrar aquilo tudo, Capitão.

Hurin continuou sentado em silêncio, não apenas como se não escutasse, mas também como se não estivesse ali.

Caldevwin assentiu com relutância.

— Tenho quinhentos trabalhadores no acampamento, além das escavações, e mesmo assim só conseguiremos desenterrar tudo depois do fim do verão. São homens do Portão da Frente. Metade do meu trabalho é mantê-los cavando, a outra metade é evitar que venham para esta aldeia. Homens do Portão da Frente gostam muito de beber e aprontar, o senhor entende, e esta gente daqui leva uma vida tranquila. — Seu tom de voz mostrava que estava do lado dos aldeões.

Rand assentiu. Ele não tinha interesse nos homens do Portão da Frente, fossem quem fossem.

— O que você vai fazer com ela?

O capitão hesitou, mas Rand ficou apenas encarando-o até que ele respondesse.

— O próprio Galldrian ordenou que ela seja levada para a capital.

Loial piscou várias vezes.

— Vai ser um trabalho e tanto. Não sei se algo assim tão grande pode ser transportado para tão longe.

— Sua Majestade ordenou — retrucou Caldevwin, ríspido. — Ela será colocada do lado de

fora da cidade, como um monumento à grandeza de Cairhien e da Casa Riatin. Os Ogier não são os únicos que sabem mover pedras. — Diante da expressão chocada de Loial, o capitão se acalmou visivelmente. — Perdoe-me, amigo Ogier. Eu falei sem pensar e fui rude. — Sua voz ainda soava um pouco agressiva. — O senhor vai ficar muito tempo em Tremonsien, milorde Rand?

— Partiremos pela manhã — respondeu Rand. — Vamos para Cairhien.

— Por coincidência, enviarei alguns de meus homens de volta à cidade amanhã. Preciso revezá-los, eles ficam imprestáveis depois de muito tempo assistindo a outros homens trabalharem com pás e picaretas. O senhor não se importaria se eles cavalgassem em sua companhia? — Ele falou em tom de pergunta, mas como se a concordância fosse a resposta óbvia. A senhora Madwen apareceu nas escadas, e ele se levantou. — Se me desculpar, Lorde Rand, preciso subir cedo. Até de manhã, então! Que a Graça o favoreça! — Ele fez uma mesura para Rand, inclinou a cabeça para Loial e partiu.

Quando as portas se fecharam atrás do cairhieno, a estalajadeira se aproximou da mesa.

— Já acomodei sua lady, milorde. E tenho bons quartos preparados para o senhor e seu servo, e também para você, amigo Ogier. — Ela fez uma pausa, analisando Rand. — Desculpe-me se estou sendo inconveniente, milorde, mas acho que posso ser franca com um senhor que deixa seus homens falarem livremente. Se eu estiver errada... bem, não é minha intenção insultá-lo. Por vinte e três anos, Barin Madwen e eu passávamos discutindo o tempo em que não estávamos nos beijando, por assim dizer. Falo isso para dizer que tenho alguma experiência. Neste momento, o senhor deve estar pensando que sua lady nunca mais vai querer vê-lo, mas, pelo que eu imagino, se o senhor bater à porta dela esta noite, ela vai abri-la. Sorria e diga que a culpa foi sua, seja isso verdade ou não.

Rand pigarreou e torceu para que seu rosto não estivesse vermelho. *Luz, Egwene me mataria se soubesse que sequer pensei nisso. E Selene me mataria se eu o fizesse. Ou não?* Aquilo fez suas bochechas arderem.

— Eu... Obrigado pela sugestão, senhora Madwen. Os quartos... — Ele evitou olhar para o baú oculto pelo cobertor na cadeira de Loial. Eles não se atreveram a deixá-lo sem alguém para vigiá-lo. — Nós três dormiremos no mesmo quarto.

A estalajadeira pareceu espantada, mas se recuperou depressa.

— Como desejar, milorde. Por aqui, por favor.

Rand a seguiu escada acima. Loial carregou o baú sob o cobertor, e as escadas rangeram sob o peso dele e do baú juntos, mas a estalajadeira pareceu pensar que era apenas o peso maciço do Ogier. Hurin ainda carregava todos os alforjes e o manto enrolado com a harpa e a flauta.

A senhora Madwen mandou trazer uma terceira cama, que foi montada e feita bem depressa. Uma das camas que já estavam lá ia quase de parede a parede, e obviamente fora posta ali para Loial, desde o começo. Mal havia espaço para andar entre as camas. Assim que a estalajadeira saiu, Rand se virou para os outros. Loial empurrara o baú ainda coberto para baixo da cama e experimentava sentar no colchão. Hurin estava ajeitando os alforjes.

— Algum de vocês sabe por que aquele capitão estava tão desconfiado de nós? Porque ele estava, tenho certeza. — Ele sacudiu a cabeça. — Quase cheguei a pensar que ele achava que fôssemos roubar a estátua, pelo jeito que falou.

— *Daes Dae'mar*, Lorde Rand — respondeu Hurin. — O Grande Jogo. O Jogo das Casas, dizem alguns. Esse tal de Caldevwin acha que o senhor deve estar tentando se beneficiar de alguma maneira, ou não estaria aqui. E, para ele, o que beneficiar o senhor pode prejudicá-lo, então o homem acha que precisa tomar cuidado.

Rand balançou a cabeça.

— “O Grande Jogo”? Que jogo?

— Não é um jogo, Rand — explicou Loial de sua cama. Ele havia tirado um livro do bolso, mas o mantinha fechado sobre o peito. — Não sei muito sobre o assunto, pois os Ogier não se envolvem nessas coisas, mas já ouvi falar disso. Os nobres e as Casas nobres fazem manobras em busca de vantagens. Fazem coisas que acreditam que os ajudarão, ou atrapalharão um inimigo, ou ambos. Em geral, tudo é feito em segredo. Caso contrário, eles tentam fazer com que pareça ser algo diferente do que realmente é. — Ele coçou uma orelha peluda, intrigado. — Mesmo sabendo o que é, não entendo. O Ancião Haman sempre disse que era preciso ter uma mente maior que a dele para compreender as atitudes humanas, e não conheço muitos tão inteligentes quanto o Ancião Haman. Vocês humanos são esquisitos.

Hurin lançou um olhar enviesado ao Ogier, mas respondeu:

— Ele tem o direito de *Daes Dae'mar*, Lorde Rand. Os cairhienos participam mais desse jogo do que a maioria, embora todos os homens do sul o joguem.

— Os soldados que vão nos escoltar de manhã — perguntou Rand — fazem parte desse Grande Jogo de Caldevwin? Não podemos nos dar ao luxo de nos meter em algo assim. — Não era preciso mencionar a Trombeta. Todos estavam conscientes demais de sua presença.

Loial sacudiu a cabeça.

— Não sei, Rand. Ele é humano, então pode ser qualq'uer coisa.

— Hurin?

— Também não sei. — Hurin parecia tão preocupado quanto o Ogier. — Ele pode estar fazendo só o que falou, ou... É assim que funciona o Jogo de Casas: nunca se sabe. A maior parte do tempo que passei em Cairhien foi no Portão da Frente, Lorde Rand, e não sei muito sobre a nobreza cairhiena, mas... bem, *Daes Dae'mar* pode ser perigoso em qualquer lugar, mas, pelo que ouvi dizer, especialmente em Cairhien. — De repente, ele se animou. — Lady Selene, Lorde Rand. Ela deve saber mais do que eu ou o Construtor. O senhor poderá perguntar a ela amanhã de manhã.

Mas, na manhã seguinte, Selene já havia partido. Quando Rand desceu para o salão da estalagem, a senhora Madwen lhe entregou um pergaminho selado.

— Se o senhor me perdoar a intrusão, milorde, devia ter me escutado. Devia ter batido à porta de sua lady.

Rand esperou até ela ir embora antes de quebrar o selo de cera branca. A cera exibia uma lua crescente com estrelas.

Preciso deixar você por algum tempo. Há gente demais por aqui, e não gosto de Caldevwin. Esperarei por você em Cairhien. Nunca pense que estou longe demais, pois você sempre estará em meus pensamentos, assim como sei que estarei nos seus.

Não estava assinado, mas aquela caligrafia fluida e elegante parecia típica de Selene.

Ele dobrou a carta com cuidado e a guardou no bolso antes de sair, e Hurin já o aguardava ali fora com os cavalos.

O Capitão Caldevwin também estava lá, com outro oficial mais jovem e cinquenta soldados a cavalo enchendo a rua. Os dois oficiais tinham as cabeças raspadas, mas usavam manoplas de aço e armaduras de placas com detalhes em ouro presas sobre os casacos azuis. Um cajado curto estava amarrado ao arreio às costas de cada um, sustentando um pequeno e rígido estandarte azul sobre suas cabeças. A bandeira de Caldevwin ostentava uma única estrela branca, ao passo que a do homem mais jovem era cruzada por duas barras brancas. Eles contrastavam muito com os soldados em armaduras simples e elmos que pareciam sinos com metal cortado para expor seus rostos.

Caldevwin fez uma reverência quando Rand saiu da estalagem.

— Bom dia para o senhor, milorde Rand. Este é Elricain Tavolin, que será o comandante da sua escolta, se é que posso chamá-la assim. — O outro oficial fez uma mesura. Sua cabeça era raspada da mesma forma que a de Caldevwin. Ele não falou.

— Uma escolta será bem-vinda, Capitão — respondeu Rand, conseguindo deixar a voz tranquila. Fain não tentaria nada contra cinquenta soldados, mas Rand desejou poder ter certeza de que aquilo era apenas uma escolta.

O capitão olhou de esguelha para Loial, que se encaminhava para seu cavalo com o baú oculto pelo cobertor.

— Um fardo pesado, Ogier.

Loial quase parou onde estava.

— Não gosto de me separar de meus livros, Capitão. — Sua boca enorme se abriu, revelando dentes muito brancos em um sorriso tímido, e ele se apressou em amarrar o baú à sela.

Caldevwin olhou ao redor, franzindo a testa.

— Sua lady ainda não desceu. E o belo animal que a acompanha não está aqui.

— Ela já foi — explicou Rand. — Precisou seguir depressa para Cairhien, durante a noite.

Caldevwin ergueu as sobrancelhas.

— Durante a noite? Mas meus homens... Perdoe-me, milorde Rand. — Ele puxou o jovem oficial para o lado, falando com ele em sussurros apressados.

— Ele mandou vigiarem a estalagem, Lorde Rand — sussurrou Hurin. — Lady Selene deve ter passado por eles sem ser vista, de algum modo.

Rand montou na sela de Vermelho com uma careta de desgosto. Se houvesse alguma chance de Caldevwin não suspeitar de que eles estavam fazendo algo de errado, parecia que Selene acabara com ela.

— Gente demais, ela disse — resmungou. — Em Cairhien haverá bem mais gente.

— Falou alguma coisa, milorde?

Rand levantou a cabeça quando Tavolin se juntou a ele, montado em um alto corcel castanho. Hurin também já estava em sua sela, e Loial aguardava de pé ao lado de seu enorme cavalo. Os soldados estavam em formação, em fileiras. Ele não viu Caldevwin em lugar algum.

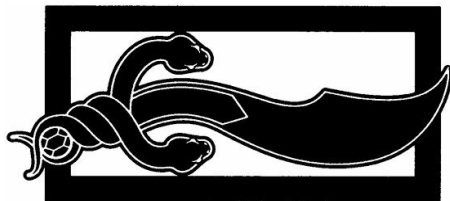
— Nada está indo como eu esperava — respondeu Rand.

Tavolin lhe dirigiu um breve sorriso, pouco mais do que um retorcer dos lábios.

— Vamos em frente, milorde?

A estranha procissão seguiu para a estrada de terra batida que levava à cidade de Cairhien.





Vigias

— Nada está indo como eu esperava — resmungou Moiraine, sem esperar uma resposta de Lan.

A mesa comprida e polida diante dela estava atulhada de livros e papéis, rolos e manuscritos, muitos dos quais encontravam-se empoeirados devido ao longo armazenamento e puídos pela passagem do tempo, alguns reduzidos a fragmentos. A sala parecia quase feita de livros e manuscritos, os quais preenchiam estantes que ocupavam todas as paredes, a não ser onde havia portas e janelas ou a lareira. As cadeiras tinham bom estofamento e espaldar alto, mas metade delas, assim como a maioria das mesinhas, estava ocupada por livros. Outras tinham livros e rolos enfiados debaixo. No entanto, apenas a bagunça diante de Moiraine era obra dela.

Ela se levantou e foi até a janela, examinando a noite à procura das luzes da aldeia, que não ficava muito longe. Não havia perigo de alguém persegui-la por ali. Ninguém imaginaria que ela fosse para lá. *Clarear as ideias e começar outra vez*, pensou. *Isso é tudo o que posso fazer.*

Nenhum dos aldeões suspeitava que as duas velhas irmãs que moravam naquela casa confortável eram Aes Sedai. Não se suspeitava de coisas desse tipo em um lugarejo como Poço de Tifan, uma comunidade rural bem no interior das planícies relvadas de Arafel. Os aldeões procuravam as irmãs em busca de conselhos para seus problemas e cura para suas doenças, e as respeitavam como mulheres abençoadas pela Luz, nada além disso. Adeleas e Vandene estavam em um retiro voluntário, juntas, havia tanto tempo que poucas, mesmo na Torre Branca, sequer lembravam que ainda estavam vivas.

Com o único e igualmente velho Guardião que permanecia em sua companhia, elas viviam com discrição, ainda tencionando escrever a história do mundo desde a Ruptura, e o máximo que conseguissem incluir do que acontecera antes dela. Um dia. Enquanto isso, havia muita informação a coletar, muitos enigmas a solucionar. A casa delas era o lugar perfeito para Moiraine encontrar as informações de que precisava. Só que a informação não estava lá.

Um movimento chamou sua atenção, e ela se virou. Lan estava encostado na lareira de tijolos amarelos, imperturbável como uma rocha.

— Você se lembra de quando nos conhecemos, Lan?

Ela o observava com atenção, ou não teria notado quando a sobrancelha do homem se

arqueou brevemente. Não era sempre que o pegava de surpresa. Aquele era um assunto que nenhum dos dois mencionava. Ela lhe dissera quase vinte anos antes, com todo o orgulho inflexível de alguém ainda jovem o bastante para ser chamado de jovem, ela lembrava, que nunca mais tocaria no assunto e que esperava o mesmo silêncio dele.

— Eu me lembro. — Foi tudo o que disse.

— E suponho que ainda não vá me pedir desculpas? Você me jogou dentro de um lago. — Ela não sorriu, embora agora conseguisse achar graça da situação. — Fiquei completamente encharcada e isso foi no que vocês, Homens da Fronteira, chamam de nova primavera. Eu quase congelei.

— E também me lembro de que fiz uma fogueira e pendurei cobertores para que você pudesse se aquecer com privacidade. — Ele atçou a lenha e recolocou o atizador no gancho. Até mesmo as noites de verão eram frias nas Terras de Fronteira. — Lembro também que, enquanto eu dormia naquela noite, você jogou metade do lago em mim. Teria poupado muito frio e arrepios de ambas as partes se você tivesse apenas me dito que era uma Aes Sedai, em vez de demonstrar. Em vez de tentar me separar de minha espada. Não foi uma boa maneira de se apresentar a um Homem da Fronteira, mesmo para uma mulher jovem.

— Eu *era* jovem e estava sozinha, e você era tão grande quanto é hoje, mas sua ferocidade era menos discreta. Não queria que você soubesse que eu era uma Aes Sedai. Naquele momento, me pareceu que você responderia às minhas perguntas com mais sinceridade se não soubesse. — Ela ficou em silêncio por um momento, pensando nos anos que haviam se passado desde aquele encontro. Havia sido bom encontrar um companheiro para se juntar a ela na jornada. — Nas semanas seguintes, você suspeitou que eu fosse lhe pedir para se vincular a mim? Eu sabia que seria você logo no primeiro dia.

— Eu nunca suspeitei — respondeu ele, secamente. — Estava ocupado demais me perguntando se sobreviveria a escoltá-la até Chachin. Toda noite você tinha uma surpresa diferente para mim. Lembro-me das formigas, em particular. Acho que não tive sequer uma noite de sono em toda aquela viagem.

Ela se permitiu um sorrisinho ao lembrar daquilo.

— Eu era jovem — repetiu. — E o elo ainda o incomoda, depois de todos esses anos? Você não é um homem fácil de se botar um cabresto, mesmo um tão leve quanto o meu. — Era uma alfinetada dolorosa, e aquela era sua intenção.

— Não. — Sua voz soou fria, mas ele pegou o atizador outra vez e mexeu nas brasas com força, sem necessidade. Uma cascata de faíscas subiu pela chaminé. — Foi de livre escolha, e eu sabia o que isso significava. — A vara de ferro voltou ao gancho com um clangor, e ele fez uma medida formal. — Honra em servir, Moiraine Aes Sedai. Sempre foi e sempre será.

Moiraine fungou com desdém.

— Sua humildade, Lan Gaidin, sempre conteve mais arrogância do que a maioria dos reis conseguiria demonstrar, mesmo com exércitos às costas. Desde o primeiro dia em que o vi foi assim.

— Por que falar tanto do passado agora, Moiraine?

Pela centésima vez, ou pelo menos era o que parecia para ela, a mulher parou para escolher as palavras.

— Antes de deixarmos Tar Valon, tomei providências para que, caso alguma coisa aconteça

comigo, seu elo passe para outra. — Ele a encarou em silêncio. — Quando você sentir minha morte, também se sentirá compelido a procurar por ela imediatamente. Não quero que isso o pegue de surpresa.

— Compelido — Ele soltou um leve suspiro raivoso. — Você nunca usou meu elo para me forçar a algo. Achei que você reprovava esse tipo de coisa.

— Se eu não o tivesse feito, você ficaria livre do elo com minha morte, e nem mesmo a ordem mais veemente que eu lhe desse se sustentaria. Não permitirei que você morra em uma tentativa inútil de me vingar, e não permitirei que retorne à sua guerra particular na Praga, igualmente inútil. A guerra que travamos é a mesma, gostaria que você conseguisse ver isso e cuidarei para que a trave com algum propósito. Nem vingança nem uma morte sem funeral na Praga servirão.

— E você pretende morrer em breve? — Sua voz estava baixa, e seu rosto, inexpressivo, ambos como pedra em uma nevasca terrível. Era um comportamento que ele já havia apresentado muitas vezes, em geral quando estava prestes a ser violento. — Você planejou algo, sem que eu saiba, que resultará em sua morte?

— De repente estou muito feliz por não haver um lago neste aposento — murmurou, levantando as mãos quando ele enrijeceu, ofendido pelo tom leve da voz dela. — Eu vejo minha morte todos os dias, assim como você. Como poderia ser diferente, com essa tarefa que temos cumprido ao longo desses anos? Agora, com tudo atingindo um ponto crítico, preciso encará-la como algo ainda mais provável.

Por um momento, ele analisou suas mãos grandes e quadradas.

— Eu nunca pensei — começou, devagar — que talvez não seja o primeiro de nós a morrer. De algum modo, mesmo nos piores momentos, sempre me pareceu... — Ele esfregou as mãos bruscamente. — Se existe a chance de que eu ser dado como um cãozinho de estimação, gostaria pelo menos de saber a quem.

— Nunca pensei em você como um bicho de estimação — repreendeu-o Moiraine, com rispidez —, e Myrelle também não.

— Myrelle. — Ele fez uma careta de insatisfação. — Sim, tinha que ser Verde, ou então uma menininha que acabou de se tornar uma irmã.

— Se Myrelle consegue manter seus três Gaidin na linha, talvez tenha alguma chance de lidar com você. Embora ela fosse gostar de mantê-lo, prometeu passar seu elo para outra quando encontrar alguém que mais adequado.

— Então. Não sou um bicho de estimação, mas um pacote. Myrelle será uma... uma cuidadora! Moiraine, nem mesmo as Verdes tratam seus Guardiões assim. Nenhuma Aes Sedai passou seu elo para outra em quatrocentos anos, mas você pretende fazer isso comigo não uma, porém duas vezes!

— Está feito, e não vou desfazer.

— Que a Luz me cegue se eu for passado de mão em mão! Você pelo menos tem alguma ideia de em que mãos acabarei?

— O que faço é para seu próprio bem, e talvez também para o de outros. Pode ser que Myrelle encontre uma menininha que tenha acabado de se tornar irmã, não foi o que você disse? Uma que precise de um Guardião endurecido pelas batalhas e versado nos artifícios do

mundo, uma menininha que talvez precise de alguém que a jogue dentro de um lago. Você tem muito a oferecer, Lan, e ver isso desperdiçado em uma tumba sem nome ou deixado para os corvos em vez de para uma mulher que precisa seria pior do que o pecado do qual os Mantos-brancos falam sem parar. Sim, acredito que ela precisará de você.

Os olhos de Lan se arregalaram de leve, o que, para ele, era equivalente a ficar boquiaberto. Era raro Moiraine o ver tão fora de si. Ele abriu a boca duas vezes antes de falar.

— E quem você tem em mente para isso...

Ela o interrompeu.

— Você tem certeza de que o elo não o incomoda, Lan Gaidin? Percebe pela primeira vez, apenas agora, a força desse elo, a profundidade dele? Você poderia terminar com alguma Branca iniciante, toda razão e sem coração, ou com uma jovem Marrom que o vê como nada mais que um par de mãos para carregar seus livros e esboços. Eu posso levá-lo para onde quiser, como um pacote ou um cãozinho de estimação, e você não pode fazer nada além de seguir. Tem certeza de que isso não o incomoda?

— Esse é o objetivo disso tudo? — perguntou ele com a voz rouca. Seus olhos queimavam como fogo azul, e sua boca estava retorcida. Raiva: pela primeira vez, ela via o rosto dele abertamente marcado pela raiva. — Toda esta conversa não passou de um teste... um teste! E para ver se você podia fazer meu elo me incomodar? Depois de todo este tempo? Desde o dia em que jurei obediência, cavaleguei para onde você mandou, mesmo quando achei que era uma burrice, mesmo quando tinha motivos para cavalgar em outra direção. Você nunca precisou de meu elo para me forçar a algo. Sob seu comando, vi você ir direto para o perigo e fiquei parado sem fazer nada quando queria apenas puxar minha espada e abrir um caminho seguro para você. E depois disso você ainda vem me testar?

— Não é um teste, Lan. Falei com clareza, sem distorcer as palavras, e de fato fiz o que disse. Mas, em Fal Dara, comecei a me perguntar se você ainda estava comigo por inteiro. — Uma desconfiança se mostrou nos olhos dele. *Lan, me perdoe. Eu não queria abrir fendas nas muralhas que você construiu com tanto esforço, mas preciso saber.* — Por que você agiu daquela forma com Rand? — Ele piscou. Obviamente não era por aquela pergunta que estava esperando. Ela sabia o que ele havia pensado que seria a pergunta, mas não deixaria que ele se recobrasse agora que estava despreparado. — Você o mandou para a Amyrlin falando e agindo como um senhor da Fronteira e um soldado nato. Isso se encaixou, de certa maneira, com o que eu tinha planejado para ele, mas nunca conversamos sobre ensinar ao rapaz nada disso. Por que, Lan?

— Pareceu... correto. Um jovem cão de caça precisa enfrentar seu primeiro lobo um dia, mas se o lobo o enxergar como um filhote, se ele agir como um filhote, o lobo certamente o matará. O cão de caça precisa parecer um cão de caça aos olhos do lobo ainda mais do que aos seus próprios, se quiser sobreviver.

— É assim que você vê as Aes Sedai? A Amyrlin? A mim? Lobos prestes a atacar seu jovem cão de caça? — Lan sacudiu a cabeça. — Você sabe o que ele é, Lan. Sabe o que ele precisa se tornar. Precisa. Aquilo pelo qual tenho trabalhado desde o dia em que nos conhecemos, e antes disso. Você agora duvida do que faço?

— Não. Não, mas... — Ele estava se recuperando, reconstruindo suas muralhas. Mas elas ainda não estavam inteiras. — Quantas vezes você disse que *ta'veren* puxam quem está ao

redor como gravetos em um redemoinho? Talvez eu também tenha sido puxado. Só sei que me pareceu certo. Aqueles camponeses precisavam de alguém ao seu lado. Pelo menos Rand precisava. Moiraine, eu acredito no que você faz, mesmo agora, ainda que só saiba em partes. Acredito, assim como acredito em você. Não pedi para ser liberado do meu elo, nem pedirei. Sejam quais forem seus planos para mim ao morrer, terei um grande prazer em mantê-la viva e fazer com que pelo menos esses planos não resultem em nada.

— *Ta'veren*. — Moiraine suspirou. — Talvez tenha sido isso. Em vez de guiar uma lasca de madeira descendo um riacho, eu estou tentando guiar uma tora por uma corredeira. Toda vez que a empurro, ela me empurra, e a tora vai aumentando de tamanho à medida que avançamos. No entanto, devo conduzi-la até o fim. — Ela deu uma risadinha. — Não ficarei triste, meu velho amigo, se você conseguir estragar esses planos. Agora, por favor, me deixe. Preciso ficar sozinha para pensar. — Ele hesitou apenas por um instante antes de se virar na direção da porta. Mas, no último segundo, ela não conseguiu deixá-lo partir sem mais uma pergunta. — Você já sonhou com algo diferente, Lan?

— Todos os homens sonham. Mas eu sei que sonhos são sonhos. Isto — ele tocou o cabo da espada — é a realidade. — As muralhas estavam de volta, altas e impenetráveis como sempre.

Durante um tempo após sua partida, Moiraine ficou sentada na cadeira olhando para o fogo. Pensou em Nynaeve e em fendas em uma muralha. Sem tentar, sem pensar no que fazia, aquela jovem havia criado fendas nas muralhas de Lan e as semeara com ramos de hera, que agora a infestavam. Lan achava que estava seguro, aprisionado em sua fortaleza pelo destino e por sua própria vontade, mas lenta e pacientemente as plantas derrubavam as paredes e desnudavam o homem em seu interior. Ele já compartilhava algumas das lealdades de Nynaeve. No começo, ele era indiferente ao povo de Campo de Emond, pensava nelas apenas como pessoas em quem Moiraine tinha um certo interesse. Nynaeve mudara isso da mesma forma que mudara Lan.

Para sua surpresa, Moiraine sentiu uma pontada de ciúmes. Ela nunca sentira aquilo antes, e decerto não por qualquer uma das mulheres que tinham jogado seus corações aos pés de Lan, ou pelas que estiveram na cama dele. De fato, ela jamais pensara nele como um objeto de ciúmes, jamais pensara tal coisa de homem algum. Ela era casada com sua batalha, assim como ele era casado com a dele. Mas eles eram companheiros nessas batalhas fazia muito tempo. Ele cavalgara até matar o cavalo, depois corra quase até ele próprio cair morto, para carregá-la nos braços até Anaiya, para receber a Cura. Ela havia tratado de suas feridas mais de uma vez, usando suas artes para preservar uma vida que o homem estivera pronto para jogar fora apenas para salvá-la. Ele sempre dissera que estava casado com a morte. Agora, uma nova noiva capturara seu olhar, embora ele estivesse cego. Ele achava que ainda estava seguro atrás de suas muralhas, mas Nynaeve já amarrara flores nupciais em seus cabelos. Será que ele ainda seria capaz de desafiar a morte com tanta naturalidade? Moiraine se perguntou quando ele lhe pediria que o liberasse de seu elo. E o que ela faria quando ele pedisse.

Ela se levantou com uma careta. Havia assuntos mais importantes para se preocupar. Bem mais importantes. Seus olhos percorreram os livros abertos e os papéis que atulhavam o aposento. Tantas pistas, nenhuma resposta.

Vandene entrou com uma bandeja com um bule de chá e xícaras. Ela era magra e graciosa, com costas retas e os cabelos presos com elegância na altura da nuca, quase brancos. O rosto com idade indefinida carregava longos, longos anos.

— Eu teria mandado Jaem trazer isto para não vir eu mesma perturbá-la, mas ele está no celeiro praticando com a espada. — Ela fez um som de desaprovação ao empurrar um manuscrito surrado de lado para colocar a bandeja na mesa. — A presença de Lan o fez se lembrar de que é mais do que um jardineiro e faz-tudo. Gaidins são muito arrogantes. Achei que Lan ainda estivesse aqui, por isso trouxe uma xícara a mais. Encontrou o que estava procurando?

— Sequer sei bem o que estou procurando. — Moiraine franziu a testa, estudando a outra mulher. Vandene era da Ajah Verde, não Marrom, como sua irmã, mas as duas haviam passado tanto tempo estudando juntas que ela sabia tanto de história quanto Adeleas.

— Seja o que for, você não parece sequer saber onde procurar. — Vandene mexeu em alguns dos livros e manuscritos que estavam sobre a mesa, sacudindo a cabeça. — Tantos assuntos. As Guerras dos Trollocs. Os Vigias das Ondas. A lenda do Retorno. Dois tratados sobre a Trombeta de Valere. Três sobre profecias das trevas, e... Luz, o livro de Santhra sobre os Abandonados. Coisa feia, essa. Tão feia quanto essa sobre Shadar Logoth. E as Profecias do Dragão, em três traduções e o original. Moiraine, *o que* você está procurando? As Profecias eu posso entender, ouvimos algumas notícias por aqui, apesar de estarmos afastadas. Ficamos sabendo um pouco do que está acontecendo em Illian. Existe até um boato na aldeia de que alguém já encontrou a Trombeta. — Ela mexeu em um manuscrito sobre a Trombeta e tossiu com a poeira que subiu. — Disso, eu duvido, claro. Haverá rumores. Mas o quê...? Não. Você disse que queria privacidade, e eu a concederei.

— Espere um pouco — interrompeu Moiraine, detendo a outra Aes Sedai um pouco antes da porta. — Talvez você possa responder a algumas perguntas.

— Vou tentar. — Vandene sorriu de repente. — Adeleas vive dizendo que eu deveria ter escolhido as Marrons. Pergunte. — Ela serviu duas xícaras de chá e entregou uma para Moiraine, depois se sentou em uma cadeira diante do fogo.

As xícaras soltaram vapor enquanto Moiraine escolhia suas perguntas com cuidado. *Para encontrar as respostas e não revelar demais.*

— A Trombeta de Valere não é mencionada nas Profecias, mas está ligada ao Dragão em algum texto?

— Não. Exceto pelo fato de que a Trombeta precisa ser encontrada antes de Tarmon Gai'don e o Dragão Renascido supostamente deve lutar a Última Batalha, não há ligação alguma entre eles. — A mulher de cabelos brancos tomou um gole de seu chá e ficou esperando.

— Há algo que ligue o Dragão à Ponta de Toman?

Vandene hesitou.

— Sim e não. Este é um ponto de discordância entre mim e Adeleas. — A voz dela assumiu um tom professoral, e, por um momento, ela falou como uma Marrom. — Existe um verso no original que é traduzido literalmente como “Cinco avançam cavalgando, e quatro retornam. Ele se proclamará acima dos vigias e, com seu estandarte, atravessará o céu em chamas...”

Bem, o texto continua. A questão é a palavra *ma'vron*. Eu digo que ela deveria ser traduzida não simplesmente como “vigias”, que é *a'vron*. *Ma'vron* carrega mais peso. Eu digo que ela significa Os Vigias das Ondas, embora eles se refiram a si mesmos como *Do Miere A'vron*, é claro, e não *Ma'vron*. Adeleas diz que estou me preocupando com detalhes. Mas acredito que isso significa que o Dragão Renascido aparecerá em algum lugar acima da Ponta de Toman, em Arad Doman ou na Saldaea. Adeleas pode achar que sou tola, mas eu presto atenção em cada mínima novidade que ouço chegando de Saldaea, hoje em dia. Mazrim Taim pode canalizar, pelo que ouvi dizer, e nossas irmãs ainda não conseguiram capturá-lo. Se o Dragão Renasceu e a Trombeta de Valere foi encontrada, então logo virá a Última Batalha. Pode ser que nunca terminemos nossa história. — Ela estremeceu, e então deu uma risada repentina. — Algo estranho de se preocupar. Suponho que estou *mesmo* me tornando Marrom. Mas é algo horrível de imaginar. Faça sua próxima pergunta.

— Acho que você não precisa se preocupar com Taim — respondeu Moiraine, distraída. Era uma ligação com a Ponta de Toman, ainda que pequena e tênue. — Vão cuidar dele, assim como cuidaram de Logain. E quanto a Shadar Logoth?

— Shadar Logoth! — Vandene fez um som desdenhoso. — Resumindo, a cidade foi destruída por seu próprio ódio, junto com toda a vida. Exceto Mordeth, o conselheiro que começou aquilo tudo por usar as táticas dos Amigos das Trevas contra os próprios Amigos das Trevas. E agora ele fica lá, aprisionado, à espera de uma alma para roubar. Não é seguro entrar, e não é seguro tocar em nada na cidade. Mas toda noviça perto de se tornar Aceita sabe pelo menos isso. Para saber a história toda, você teria que ficar aqui um mês inteiro ouvindo Adeleas falar, ela sabe tudo sobre o assunto, mas até mesmo eu posso lhe dizer que não há nenhuma relação com o Dragão nessa história. Esse lugar estava morto cem anos antes de Yurian Arco-de-pedra se erguer das cinzas das Guerras dos Trollocs, e a história dele é a que mais se aproxima da dessa cidade dentre todos os falsos Dragões.

Moiraine levantou a mão.

— Eu não fui clara, e não estou falando sobre o Dragão, agora, Renascido ou falso. Você consegue pensar em alguma razão para um Desvanecido pegar um objeto que tivesse vindo de Shadar Logoth?

— Não se ele soubesse o que o objeto realmente é. O ódio que matou Shadar Logoth foi um ódio pensado para ser usado *contra* o Tenebroso. Ele destruiria Filhos das Sombras da mesma forma que fazia com aqueles que caminham na Luz. Eles temem Shadar Logoth tanto quanto nós, e com razão.

— E o que você pode me contar sobre os Abandonados?

— Você gosta de pular de um assunto para outro. Não posso lhe dizer muito mais do que o que você aprendeu como noviça. Ninguém sabe muito mais dos Sem Nome do que isso. Você quer que eu continue falando do que ambas aprendemos quando éramos garotas?

Por um instante, Moiraine ficou em silêncio. Não queria falar demais, mas Vandene e Adeleas tinham mais conhecimento nas pontas de seus dedos do que existia em qualquer outro lugar além da Torre Branca, onde mais complicações a aguardavam do que ela gostaria de lidar naquele momento. Ela deixou o nome sair por entre os lábios como se tivesse escapado sem querer.

— Lanfear.

— Para variar — disse a outra mulher com um suspiro —, não sei absolutamente nada além do que sabia quando noviça. A Filha da Noite permanece tão misteriosa quanto se realmente estivesse envolta em trevas. — Ela fez uma pausa, olhando para dentro da xícara, e quando levantou a cabeça seus olhos encararam o rosto de Moiraine com dureza. — Lanfear estava ligada ao Dragão, a Lews Therin Telamon. Moiraine, você tem alguma pista sobre onde o Dragão Renascerá? Ou já Renasceu? Isso já aconteceu?

— Se tivesse — respondeu Moiraine, sem mudar o tom de voz —, por acaso estaria aqui, e não na Torre Branca? A Amyrlin sabe tanto quanto eu, juro. Você recebeu alguma convocação dela?

— Não, e suponho que receberíamos. Quando chegar a hora de enfrentar o Dragão Renascido, a Amyrlin precisará de cada irmã, cada Aceita, cada noviça que puder acender uma vela sem ajuda. — Vandene diminuiu o tom de voz, perdida em devaneios. — Com o poder que ele terá, será preciso dominá-lo antes que tenha a chance de usá-lo contra nós, antes que enlouqueça e destrua o mundo. Mas primeiro precisamos deixar que ele enfrente o Tenebroso. — Ela soltou uma risada melancólica ao notar a expressão de Moiraine. — Eu não sou Vermelha. Estudei as Profecias o bastante para saber que não podemos ousar amansá-lo primeiro. *Se for possível* amansá-lo. Eu sei tão bem quanto você, tão bem quanto qualquer irmã que se dê o trabalho de pesquisar, que os selos que prendem o Tenebroso em Shayol Ghul estão enfraquecendo. Os illianenses convocaram a Grande Caçada da Trombeta. Falsos Dragões surgem aos montes. E dois deles, Logain e agora este sujeito de Saldaea, são capazes de canalizar. Quando foi a última vez que as Vermelhas encontraram dois homens capazes de canalizar em menos de um ano? Quando foi que encontraram pelo menos um em cinco anos? Não foi em momento algum da minha vida, e eu sou bem mais velha que você. Os sinais estão em toda parte. Tarmon Gai'don está chegando. O Tenebroso vai se libertar. O Dragão Renascerá. — Vandene pousou a xícara no pires com um ruído. — Acho que é por isso que eu temia que você tivesse visto algum sinal dele.

— Ele virá — retrucou Moiraine, tranquila —, e nós faremos o que deve ser feito.

— Se eu achasse que serviria de algo, arrancaria o nariz de Adeleas de seu livro e partiria para a Torre Branca. Mas vejo que estou feliz por estar onde estou. Talvez tenhamos tempo de terminar nossa história.

— Espero que sim, Irmã.

Vandene se levantou.

— Bem, tenho que cuidar de alguns afazeres antes de dormir. Se você não tem mais perguntas, vou deixá-la com seus estudos. — Mas ela fez uma pausa e revelou que, por mais tempo que tivesse passado com os livros, ainda era da Ajah Verde. — Você deveria tomar alguma atitude a respeito de Lan, Moiraine. O homem está mais inquieto por dentro do que o Monte do Dragão. Mais cedo ou mais tarde, ele vai entrar em erupção. Conheci homens o bastante para perceber quando um deles está preocupado com uma mulher. Vocês dois estão juntos há muito tempo. Talvez ele finalmente tenha começado a enxergá-la como uma mulher, além de uma Aes Sedai.

— Lan me vê como eu sou, Vandene. Uma Aes Sedai. E ainda como amiga, espero.

— Vocês, Azuis! Sempre tão prontas para salvar o mundo que perdem a si mesmas.

Depois que a Aes Sedai de cabelos brancos saiu, Moiraine pegou seu manto e, resmungando sozinha, foi para o jardim. Havia algo no que Vandene dissera que a incomodava, mas ela não lembrava o que era. Uma resposta, ou uma pista para uma resposta, a uma pergunta que ela não fizera, mas que também não conseguia lembrar.

O jardim era pequeno, como a casa, mas dava para ver que era bem cuidado mesmo ao luar, apenas com o auxílio do brilho amarelado das janelas do chalé mostrando os caminhos de areia entre canteiros de flores bem preservados. Ela afrouxou o manto nos ombros, para protegê-la da brisa fresca da noite. *Qual era a resposta, e qual a pergunta?*

Ouviu um som de alguém pisando na areia logo atrás de si e se virou, pensando que era Lan.

Uma sombra se assomava a apenas alguns passos dela; uma sombra que parecia ser um homem alto demais e envolto em seu manto. Mas o luar iluminou seu rosto pálido e com bochechas magras e olhos negros grandes demais acima de uma boca pequena e repuxada de lábios vermelhos. O manto se abriu, desdobrando-se em grandes asas, como as de um morcego.

Sabendo que era tarde demais, ela se abriu para *saidar*, mas o Draghkar começou a emitir um som melodioso, cujo zumbido baixo a tomou por completo, vencendo sua vontade. *Saidar* escapou. Ela sentiu apenas uma vaga tristeza ao dar um passo na direção da criatura, pois o cantar melodioso e profundo que a atraía mais para perto reprimia o sentimento. Mãos muito, muito brancas se estendiam na direção dela. Pareciam com as mãos de um homem, mas tinham garras nas pontas. E lábios da cor de sangue se curvaram na paródia de um sorriso, revelando dentes afiados, mas tão pouco, tão pouco, que ela sabia que não morderiam nem arrancariam um pedaço. Tema o beijo do Draghkar. Assim que aqueles lábios a tocassem, ela estaria praticamente morta, teria sua alma sugada, e, depois, a própria vida. Quem a encontrasse, ainda que chegasse no instante em que o Draghkar a deixasse cair no chão, veria um cadáver sem marcas, frio, como se estivesse morto havia dois dias. E se chegassem antes de ela ter morrido, encontrariam coisa pior, e que não seria mais ela, de fato. O som melodioso a puxou para o alcance daquelas mãos pálidas, e a cabeça do Draghkar se abaixou lentamente em sua direção.

Ela sentiu apenas a menor das surpresas quando a lâmina de uma espada faiscou sobre seu ombro e perfurou o peito do Draghkar, e apenas um pouco mais quando uma segunda passou por cima de seu outro ombro para atingir o ponto ao lado do primeiro.

Aturdida e cambaleante, ela assistiu como se de muito longe à criatura ser empurrada para trás, para longe dela. Lan apareceu em seu campo de visão, depois Jaem. Os braços ossudos do Guardião de cabelos grisalhos seguravam sua espada com tanta força e firmeza quanto os do mais jovem. As mãos pálidas do Draghkar se encheram de sangue quando tentaram arrancar o aço afiado, e ele bateu as asas em desespero, produzindo estalidos altos como trovões com os quais tentava atingir os dois homens. De repente, ferido e sangrando, ele começou a emitir seu murmúrio melodioso outra vez. Para os Guardiões.

Com dificuldade, Moiraine reuniu suas forças. Ela se sentia quase tão sem energia quanto se a criatura a tivesse beijado. *Não tenho tempo para ser fraca.* Em um instante, ela se abriu para *saidar* e, quando o Poder a preencheu, fortaleceu-se para tocar o Filho das Sombras. Os dois homens estavam próximos demais, qualquer coisa que fizesse os machucaria junto com a

criatura. Mesmo usando o Poder Único, ela sabia que se sentiria profanada pelo Dragghkar.

Mas, assim que começou, Lan gritou:

— Abrace a morte!

Jaem repetiu com firmeza:

— Abrace a morte!

E os dois homens avançaram para o alcance do toque do Dragghkar e cravaram as lâminas até o cabo.

Jogando a cabeça para trás, a criatura soltou um urro, um grito agudo que pareceu perfurar a cabeça de Moiraine com agulhas. Mesmo envolta em *saidar*, ela podia senti-lo. Como uma árvore caindo, o Dragghkar tombou para a frente, uma das asas derrubando Jaem e o fazendo cair de joelhos. Lan desabou, como se estivesse exausto.

Lampiões chegaram, apressados, de dentro da casa, trazidos por Vandene e Adeleas.

— Que barulho foi esse? — indagou Adeleas. Ela era quase idêntica à irmã. — Por acaso Jaem veio aqui fora e... — A luz do lampião iluminou o Dragghkar, e ela parou de falar.

Vandene pegou as mãos de Moiraine.

— Ele não...? — Ela deixou a pergunta no ar. Aos olhos de Moiraine, uma nuvem negra a cercava. Sentindo a força fluir das outras mulheres para dentro dela, Moiraine desejou, não pela primeira vez, que Aes Sedai pudessem fazer por si mesmas o que faziam pelos outros.

— Não — respondeu, agradecida. — Cuidem dos Gaidin.

Lan olhou para ela com a boca rígida.

— Se você não tivesse me deixado tão zangado a ponto de ir praticar as formas com Jaem, tão zangado que acabei desistindo para voltar para dentro...

— Mas deixei — respondeu. — O Padrão leva tudo isso em conta ao tecer.

Jaem estava resmungando, mas permitiu que Vandene cuidasse de seu ombro. O homem era só osso e tendões, mas parecia duro como raízes velhas.

— Como — indagou Adeleas — uma criatura da Sombra pode chegar tão perto sem que a sentíssemos?

— A criatura tinha um selo de proteção — respondeu Moiraine.

— Impossível — retrucou Adeleas. — Só uma irmã poderia... — Ela hesitou, e Vandene tirou os olhos de Jaem e virou-se para a Aes Sedai mais jovem.

Moiraine disse as palavras que nenhuma delas queria ouvir.

— A Ajah Negra. — Gritos vieram da aldeia. — É melhor esconder isso — disse, indicando o Dragghkar, caído sobre um canteiro de flores —, e rápido. Eles virão perguntar se você precisa de ajuda, mas ver esta criatura aqui iniciará uma conversa da qual você não vai gostar.

— Sim, é claro — respondeu Adeleas. — Jaem, vá ao encontro deles. Diga que você não sabe o que fez esse ruído, mas que está tudo bem por aqui. Atrase-os. — O Guardião de cabelos grisalhos correu noite adentro, indo em direção ao som dos aldeões que se aproximavam. Adeleas se virou para estudar o Dragghkar, como se aquilo fosse uma passagem intrigante em um de seus livros. — Independente de terem Aes Sedai envolvidas ou não, o que poderia tê-lo trazido aqui?

Vandene olhou para Moiraine em silêncio.

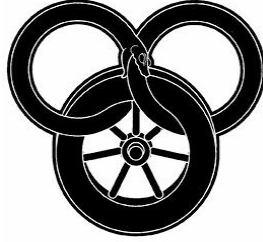
— Receio que preciso deixá-las — disse Moiraine. — Lan, pode preparar os cavalos? —

Ao sair, acrescentou: — Deixarei cartas com vocês para serem enviadas à Torre Branca, se puderem cuidar disso.

Adeleas assentiu, distraída, sua atenção ainda na criatura morta no chão.

— E você encontrará suas respostas no lugar para onde está indo? — perguntou Vandene.

— Pode ser que eu já tenha encontrado uma resposta que não sabia que estava procurando. Só espero não estar atrasada. Precisarei de pena e pergaminho. — Ela puxou Vandene consigo para dentro da casa, deixando que Adeleas cuidasse do Draghkar.





O Teste

Bem abaixo da Torre Branca, Nynaeve examinou a imensa câmara com desconfiança, e olhou de soslaio para Sheriam, que estava ao seu lado, com a mesma desconfiança. A Mestra das Noviças parecia olhá-la com expectativa, talvez até um pouco de impaciência. Em seus poucos dias em Tar Valon, Nynaeve vira apenas serenidade nas Aes Sedai, e uma aceitação sorridente de que as coisas aconteciam em seu próprio tempo.

O aposento com teto abobadado era escavado direto da rocha da ilha. A luz de lampiões pendurados bem alto refletia nas paredes de pedra branca e lisa. Embaixo da cúpula, bem no centro, havia um artefato formado por três arcos de prata arredondados, com altura suficiente para uma pessoa passar por baixo deles. As bases dos arcos se tocavam, interligadas por um círculo de prata, compondo uma mesma peça. Ela não conseguia ver o que havia do lado de dentro, pois a luz ali cintilava de um modo estranho e a deixava enjoada quando olhava diretamente por muito tempo. No ponto em que as bases dos arcos se interligavam, havia uma Aes Sedai sentada de pernas cruzadas sobre a pedra nua do piso, com o olhar fixo na peça de prata. Mais outra estava ali perto, ao lado de uma mesa simples, sobre a qual repousavam três grandes cálices de prata. Cada um deles, Nynaeve sabia, ou pelo menos era o que lhe disseram, estava cheio de água límpida. Todas as quatro Aes Sedai usavam seus xales, assim como Sheriam. Franjas azuis para a Mestra das Noviças, vermelhas para a mulher morena próxima à mesa, verde, branca e cinza para as outras três ao redor dos arcos. Nynaeve ainda usava um dos vestidos que ganhara em Fal Dara, verde-claro com pequenas flores brancas bordadas.

— Primeiro você me deixa olhando para as paredes o dia inteiro — murmurou Nynaeve —, e agora é tudo uma correria.

— O tempo não espera mulher alguma — respondeu Sheriam. — Há de ser o que a Roda tecer, e *quando* a Roda tecer. Paciência é uma virtude que deve ser aprendida, mas todas devemos estar prontas para a mudança num instante.

Nynaeve tentou não fuzilá-la com o olhar. A coisa mais irritante que ela já descobrira a respeito da Aes Sedai de cabelos de fogo era que ela às vezes falava como se estivesse recitando citações, mesmo quando não estava.

— O que é isso?

— Um *ter'angreal*.

— Bem, isso não quer dizer nada para mim. O que ele faz?

— *Ter'angreal* fazem muitas coisas, criança. Assim como *angreal* e *sa'angreal*, são remanescentes da Era das Lendas que usam o Poder Único, embora não sejam tão raros quanto os outros dois. Alguns *ter'angreal* só funcionam com a ajuda de Aes Sedai, como este aqui, enquanto para outros basta a presença de uma mulher capaz de canalizar. Dizem até que existem alguns que funcionam com qualquer um. Ao contrário de *angreal* e *sa'angreal*, eles foram criados para fins específicos. Temos outro na Torre que reforça os elos dos juramentos. Quando você for elevada à condição de irmã completa, fará seus votos finais segurando esse *ter'angreal*: não dizer uma palavra que não seja verdadeira; não criar uma arma que ajude um homem a matar outro; nunca usar o Poder Único como arma, exceto contra Amigos das Trevas e Filhos das Sombras, ou no caso extremo de precisar defender a própria vida, a de seu Guardião ou a de outra irmã.

Nynaeve balançou a cabeça. Parecia coisa demais para se jurar, ou coisa de menos, e foi o que disse.

— Antigamente, não se exigia que as Aes Sedai fizessem juramentos. Sabia-se o que as Aes Sedai eram e o que defendiam, e nada mais era necessário. Muitas de nós gostariam que isso ainda fosse dessa forma. Mas a Roda gira, e os tempos mudam. Por fazermos esses juramentos, por sabermos que estamos vinculadas, as nações lidam conosco sem temer que usemos nosso poder, o Poder Único, contra elas. Fizemos essa escolha entre as Guerras dos Trollocs e a Guerra dos Cem Anos, e é por causa dela que Torre Branca ainda está de pé e que ainda somos capazes de fazer o que pudermos contra a Sombra. — Sheriam respirou fundo. — Luz, criança, estou tentando ensiná-la o que qualquer outra mulher que estivesse onde você está teria aprendido no decorrer de anos. Não pode ser feito. Você deve se preocupar com os *Ter'angreal* agora. Não sabemos por que eles foram feitos, ousamos utilizar apenas alguns deles, e de maneiras que podem não ter relação alguma com os objetivos iniciais de seus criadores. A maioria, aprendemos a evitar depois de sofrer as consequências. Ao longo dos anos, muitas Aes Sedai morreram ou exauriram seus Talentos antes de aprendermos a evitá-los.

Nynaeve ficou arrepiada.

— E você quer que eu entre nesses arcos? — A luz dentro dos arcos estava tremeluzindo menos, mas ainda não era possível ver o que havia ali dentro.

— Nós sabemos o que este aqui faz. Colocará você diante de seus maiores medos. — Sheriam sorriu de modo agradável. — Ninguém lhe perguntará o que você enfrentou. Você não precisará dizer mais do que desejar. Toda mulher é dona de seus próprios medos.

Nynaeve pensou em seu nervosismo com relação a aranhas, ainda mais no escuro, mas não achou que era sobre aquilo que Sheriam falava.

— É só entrar por um arco e sair pelo outro? Três vezes, e pronto?

A Aes Sedai ajustou seu xale com um puxão irritado no ombro.

— Se você quer resumir tanto assim, é isso — respondeu, muito seca. — Eu já lhe expliquei no caminho até aqui o que você precisa saber a respeito da cerimônia, pelo menos o tanto que alguém tem permissão de saber com antecedência. Se você fosse uma noviça, já saberia de cor. Mas não se preocupe em cometer erros. Eu a lembrarei, se for necessário. Tem certeza de

que está pronta para encarar isso? Se quiser parar agora, ainda posso colocar seu nome no livro das noviças.

— Não!

— Muito bem, então. Vou lhe dizer duas coisas que nenhuma mulher ouve até entrar neste aposento. A primeira é: assim que começar, você terá que ir até o fim. Caso se recuse a prosseguir, não importa seu potencial: você será posta para fora da Torre com muita delicadeza e prata o bastante para sustentá-la por um ano, sem permissão para voltar, nunca mais. — Nynaeve abriu a boca para dizer que não recusaria, mas Sheriam a interrompeu com um gesto brusco. — Escute, e fale apenas quando souber o que dizer. Segundo: procurar se esforçar significa enfrentar o perigo. Aqui, você enfrentará algo perigoso. Algumas mulheres entraram e nunca saíram. Quando o *ter'angreal* se aquietou, elas... não estavam... lá. E nunca mais foram vistas. Se quiser sobreviver, precisa ser firme. Hesite, fracasse, e... — Seu silêncio foi mais eloquente do que qualquer palavra. — Esta é sua última chance, criança. Você pode recuar agora, neste instante, e eu colocarei seu nome no livro das noviças. Você terá apenas uma marca negativa. Terá permissão de vir até aqui mais duas vezes, e apenas na terceira recusa será expulsa da Torre. Não é uma vergonha recusar. Muitas o fazem. Eu mesma não consegui na primeira vez que vim aqui. Agora você pode falar.

Nynaeve olhou de relance para os arcos prateados. A luz neles não tremeluzia mais, e eles estavam repletos de um brilho branco e suave. Para aprender o que queria, ela precisava da liberdade de questionamento de uma Aceita, para estudar por conta própria, apenas com a orientação que solicitasse. *Eu preciso fazer Moiraine pagar pelo que ela fez conosco. Eu preciso.*

— Eu estou pronta.

Sheriam entrou na câmara devagar. Nynaeve foi ao seu lado.

Como se aquilo fosse um sinal, a irmã Vermelha falou em voz alta e formal:

— Quem trazes contigo, Irmã?

As três Aes Sedai ao redor dos arcos continuaram com a atenção voltada para o *ter'angreal*.

— Alguém que se apresenta como candidata para a Aceitação, Irmã — respondeu Sheriam, com a mesma formalidade.

— Ela está pronta?

— Ela está pronta para deixar para trás o que era, e, ao passar por seus medos, ser Aceita.

— Ela conhece seus medos?

— Ela nunca os encarou, mas agora está disposta.

— Então que ela encare o que teme!

Sheriam parou a duas braças dos arcos, e Nynaeve parou com ela.

— Seu vestido — sussurrou Sheriam, sem olhá-la.

As bochechas de Nynaeve coraram por já ter esquecido o que Sheriam lhe explicara no caminho do quarto até ali. Ela retirou as roupas, sapatos e meias depressa. Por um instante, quase conseguiu esquecer os arcos enquanto dobrava suas vestes e as empilhava em um canto. Enfiou o anel de Lan embaixo do vestido com cuidado, pois não queria que ficassem olhando para ele. Então acabou, e o *ter'angreal* continuava ali, continuava esperando.

A pedra sob seus pés descalços estava fria, o que lhe provocou calafrios, mas ela manteve

as costas eretas e começou a respirar devagar. Não deixaria que nenhuma daquelas mulheres visse que estava com medo.

— A primeira vez — disse Sheriam — é pelo que foi. O caminho de volta só aparecerá uma vez. Seja firme.

Nynaeve hesitou. Então avançou, atravessou o arco e adentrou o brilho, que a cercou como se o próprio ar reluzisse, como se ela estivesse se afogando em luz. A luz estava por toda parte. A luz era tudo.

* * *

Nynaeve sobressaltou-se ao perceber que estava nua, então olhou ao redor, assombrada. Duas muralhas de pedra se elevavam ao seu redor, uma de cada lado, ambas com o dobro de sua altura e lisas, como se tivessem sido esculpidas. Mexeu os dedos dos pés no chão empoeirado de pedras irregulares. O céu acima parecia plano e cinzento, apesar da falta de nuvens, e o sol, inchado e vermelho, estava logo acima de sua cabeça. Em ambas as direções havia aberturas na parede, portais marcados por colunas baixas e quadradas. As muralhas restringiam seu campo de visão, mas o chão descia em uma encosta a partir do ponto onde estava, tanto na frente quanto atrás. Através dos portais, ela podia ver mais muralhas, com passagens entre elas. Estava em um gigantesco labirinto.

Onde estou? Como cheguei aqui? Como se fosse uma voz diferente, outro pensamento surgiu. *A saída só aparecerá uma vez.*

Ela balançou a cabeça.

— Se só existe uma saída, não vou encontrá-la parada aqui. — Pelo menos o ar era quente e seco. — Espero encontrar algumas roupas antes de pessoas — murmurou.

Lembrou-se vagamente de brincar de traçar labirintos no papel quando era criança. Havia um truque para encontrar a saída, mas ela não se lembrava de qual era. Tudo no passado parecia vago, como se tivesse acontecido com outra pessoa. Passando a mão pela parede, ela começou seu percurso, levantando pequenas nuvens de poeira com os pés descalços.

Na primeira abertura na parede, percebeu que olhava para outra passagem, que parecia indistinguível daquela em que estava. Respirando fundo, ela seguiu em frente, atravessando mais passagens exatamente iguais. Agora estava em uma diferente. O caminho se bifurcava. Ela escolheu o da esquerda, que depois de algum tempo voltou a se bifurcar. Mais uma vez, escolheu o da esquerda. Na terceira bifurcação, o caminho da esquerda acabou por dar em um beco sem saída.

Sem titubear, ela caminhou de volta até a última bifurcação e virou à direita. Dessa vez, precisou virar à direita quatro vezes para chegar a outro beco sem saída. Por um momento, ficou olhando irritada para a parede.

— Como foi que cheguei aqui? — indagou bem alto. — Onde estou? *A saída só aparecerá uma vez.*

Novamente, ela se virou. Tinha certeza de que devia haver um truque no labirinto. Na última bifurcação, virou à esquerda, e escolheu a direita na seguinte. Determinada, ela se manteve em movimento. Esquerda, depois direita. Em frente até chegar a uma bifurcação. Esquerda, depois

direita.

Aquilo parecia estar funcionando. Pelo menos, ela passara por uma dezena de bifurcações sem chegar a uma parede, dessa vez. E chegou a mais uma.

Pelo canto do olho, vislumbrou um movimento rápido. Quando se virou para olhar, havia apenas a passagem empoeirada entre paredes lisas de pedra. Ela começou a pegar o caminho da esquerda... e se virou quando captou mais um vislumbre de movimento. Não havia nada lá, mas dessa vez tinha certeza. Alguém estava atrás dela. Alguém estivera lá. Nervosa, ela começou a acelerar o passo na direção oposta.

A todo instante, bem nos limites de seu campo de visão, enquanto caminhava por uma passagem ou por outra, ela via algo se mover. Era rápido demais para distinguir e desaparecia antes que ela pudesse virar a cabeça para ver com clareza. Ela começou a correr. Poucos garotos haviam sido capazes de correr mais rápido que ela, quando menina em Dois Rios. *Dois Rios? O que é isso?*

Um homem saiu de uma passagem à sua frente. Suas roupas escuras tinham um aspecto mofado, meio apodrecido, e ele era velho. Mais velho do que apenas velho. Uma pele que lembrava um pergaminho fino cobria seu crânio magro demais, como se não houvesse carne alguma por baixo. Pequenos tufos de cabelos quebradiços cobriam uma cabeça cheia de feridas, e seus olhos estavam tão encovados que pareciam espiar de dentro de duas cavernas.

Ela parou bruscamente, e as pedras irregulares do calçamento machucaram seus pés.

— Eu sou Aginor — disse o homem, sorrindo — e vim buscá-la.

O coração dela tentou pular para fora do peito. Um dos Abandonados.

— Não. Não, não pode ser!

— Você é bonita, garota. Eu vou gostar bastante.

De repente, Nynaeve lembrou-se de que não usava sequer um trapo. Com um gritinho e o rosto corando não apenas de raiva, ela seguiu correndo o cruzamento mais próximo. Risadas ensandecidas a perseguiram, junto com o som abafado de passos acelerados que pareciam correr tanto quanto ela e promessas sussurradas sobre o que ele faria quando a pegasse. Promessas que lhe embrulhavam o estômago, mesmo quando quase não as ouvia.

Ela procurava, desesperada, uma saída, olhando para os lados freneticamente enquanto corria com os punhos cerrados. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.* Não havia nada, apenas mais labirintos infinitos. Por mais que corresse, as palavras nojentas dele sempre estavam logo atrás dela. Lentamente, o medo se transformou em raiva.

— Que o queime! — exclamou com um soluço. — Que a Luz o queime! Ele não tem o direito! — Dentro dela, sentiu um florescer, um abrir, um desdobrar-se para a luz.

Com os dentes cerrados, ela se virou para enfrentar seu perseguidor no mesmo instante em que Aginor apareceu, rindo, correndo cambaleante.

— Você não tem o direito! — Ela socou o ar na direção dele, abrindo os dedos como se atirasse algo. Não ficou tão surpresa ao ver uma bola de fogo deixar sua mão.

Ela explodiu no peito de Aginor, derrubando-o no chão. Ele ficou ali caído por apenas um instante, então se levantou cambaleante. Parecia não perceber que a frente de seu casaco fumegava.

— Como ousa? Como ousa? — Ele tremia de raiva, e um fio de baba escorria pelo queixo.

De repente, o céu se encheu de nuvens, massas ondulantes e ameaçadoras de cinza e preto.

Relâmpagos saíram delas, vindo em direção ao coração de Nynaeve.

Pareceu-lhe, por apenas um segundo, que o tempo quase havia parado, como se aquele segundo tivesse levado uma eternidade. Ela sentiu o fluxo dentro de si, e um pensamento distante o nomeou: *saidar*. Sentiu o fluxo respondendo ao relâmpago. E alterando a sua direção. O tempo voltou a correr.

Com uma explosão, o raio destruiu a pedra acima da cabeça de Aginor. Os olhos encovados do Abandonado se arregalaram, e ele recuou.

— Você não pode! Não pode ser! — Ele saltou quando um relâmpago acertou o lugar onde estivera, e a pedra explodiu em lascas.

Inflexível, Nynaeve partiu em sua direção. E Aginor fugiu.

Saidar era uma torrente percorrendo seu corpo. Ela podia sentir as rochas ao redor, sentir o ar, sentir os fragmentos minúsculos e fluidos do Poder Único que as recobriam e as compunham. E ela também podia sentir Aginor fazendo... alguma coisa. Ela sentia aquilo vagamente, como se fosse algo que jamais poderia saber de verdade, mas via os efeitos ao seu redor e sabia o que significavam.

O chão roncava e tremia sob seus pés. Paredes desabavam à sua frente, criando pilhas de pedra que bloqueavam seu caminho. Ela passou correndo por elas, sem se importar se a pedra afiada cortava suas mãos e pés, sempre mantendo Aginor à vista. Um vento começou a soprar, uivando por entre passagens contra seu corpo, soprando com força até achatar suas bochechas e arrancar lágrimas de seus olhos, tentando derrubá-la. Ela mudou o fluxo, e Aginor caiu e rolou pela passagem, como um arbusto cuja raiz foi arrancada. Ela tocou o fluxo no chão, redirecionando-o, e muralhas de pedra desabaram ao redor de Aginor, prendendo-o. Raios caíam com seu olhar furioso, atingindo o chão ao redor dele, e pedras explodiam cada vez mais perto. A mulher podia senti-lo lutando para empurrar tudo de volta para ela, mas, pouco a pouco, os relâmpagos estonteantes avançavam na direção do Abandonado.

Alguma coisa reluziu à sua direita, algo revelado pelas paredes derrubadas.

Nynaeve pôde sentir Aginor enfraquecendo, sentir seus esforços para atingi-la ficarem cada vez mais fracos e frenéticos. No entanto, ela sabia, de algum modo, que ele não desistira. Se o deixasse agora, ele a perseguiria com tanta força quanto antes, convencido de que era fraca demais para derrotá-lo, afinal, fraca demais para impedi-lo de fazer o que desejasse com ela.

Um arco de prata estava no lugar onde estivera a pedra, um arco repleto de um brilho prateado e suave. *A saída...*

Ela percebeu quando o Abandonado deixou de lado o ataque, o momento em que abriu mão de todos os esforços para detê-la. E o poder dele não era o bastante, ele já não podia se proteger de seus golpes. Agora ele tinha de esquivar das lascas de pedras lançadas pelos raios dela, das explosões que ameaçavam derrubá-lo novamente.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Os relâmpagos não caíam mais. Nynaeve deu as costas a Aginor, que se arrastava, e olhou para o arco. Depois outra vez para Aginor, bem a tempo de vê-lo desaparecer, se arrastando para fora do monte de pedras. Ela sibilou de frustração. A maior parte do labirinto ainda estava de pé, com centenas de novos lugares para se esconder nos escombros que ela e o Abandonado criaram. Levaria tempo para encontrá-lo outra vez, mas tinha certeza de que, se

não o achasse primeiro, ele a encontraria. E a atacaria com toda a força, quando ela menos esperasse.

A saída só aparecerá uma vez.

Assustada, ela voltou a olhar e ficou aliviada ao ver que o arco ainda estava lá. Se encontrasse Aginor depressa...

Seja firme.

Com um grito raivoso de frustração, ela escalou o monte de pedras caídas na direção do arco.

— Seja quem for o responsável por eu estar aqui — murmurou —, farei com que desejem receber o mesmo tratamento de Aginor. Eu vou... — Ela passou por dentro do arco, e a luz a envolveu.

— Eu vou... — Nynaeve saiu do arco e parou para olhar ao redor. Estava tudo como se lembrava, o *ter'angreal* prateado, as Aes Sedai, a câmara, mas lembrar era como um golpe, memórias esquecidas voltavam de súbito. Ela saía do mesmo arco pelo qual entrara.

A irmã Vermelha ergueu bem alto um dos cálices de prata e derramou um fio de água límpida e fria sobre a cabeça de Nynaeve.

— Você está lavada de qualquer pecado que possa ter cometido — entoou a Aes Sedai — e dos cometidos contra você. Você está sendo lavada de qualquer crime que possa ter cometido, e dos cometidos contra você. Você vem a nós lavada e pura, de coração e alma.

Nynaeve tremia enquanto a água escorria pelo seu corpo, pingando no chão.

Sheriam a pegou pelo braço com um sorriso aliviado, mas a voz da Mestra das Noviças não transparecia qualquer preocupação.

— Você está indo bem, até agora. Voltar significa estar indo bem. Lembre-se de qual é seu objetivo, e continuará a ir bem. — A ruiva começou a conduzi-la, dando a volta no *ter'angreal*, até outro arco.

— Foi tão real — sussurrou Nynaeve. Ela podia se lembrar de tudo, podia se lembrar de canalizar o Poder Único com a mesma facilidade com que levantava a mão. Podia se lembrar de Aginor e das coisas que o Abandonado queria fazer com ela. Sentiu outro arrepio. — Era real?

— Ninguém sabe — respondeu Sheriam. — Parece real na memória, e algumas saíram carregando as marcas reais de ferimentos provocados lá dentro. Outras se cortaram gravemente e voltaram sem uma marca sequer. Para cada mulher que entra, a experiência é diferente. Os antigos dizem que existiam muitos mundos. Talvez este *ter'angreal* leve a eles. Mas, se for isso, ele o faz sob regras muito rígidas para uma coisa criada apenas para levar você de um lugar a outro. Acredito que não seja real. Mas lembre-se: não importa se o que acontece é real ou não, o *perigo* é tão verdadeiro quanto uma faca sendo cravada em seu coração.

— Eu canalizei o Poder. Foi tão fácil!

Sheriam quase tropeçou.

— Isso não deveria ser possível. Você não deveria sequer se lembrar de ser capaz de canalizar. — Ela estudou Nynaeve. — No entanto, não está ferida. Posso sentir a habilidade em você, tão forte quanto sempre foi.

— Você fala como se fosse perigoso — respondeu Nynaeve, devagar, e Sheriam hesitou

antes de responder.

— Ninguém achou necessário avisá-la, já que você não deveria ser capaz de lembrar, mas... O *ter'angreal* foi encontrado durante as Guerras dos Trollocs. Nós temos os registros de seus estudos nos arquivos. A primeira irmã a entrar recebeu os feitiços de proteção mais fortes possíveis, já que ninguém sabia o que isso faria. Ela conservou suas memórias e canalizou o Poder Único quando foi ameaçada. E saiu com as habilidades totalmente exauridas, incapaz de canalizar, incapaz até mesmo de sentir a Fonte Verdadeira. A segunda a entrar também foi protegida, e também foi destruída da mesma maneira. A terceira entrou desprotegida, não se lembrava de nada ao entrar e retornou ilesa. Este é um dos motivos pelos quais enviamos você completamente desprotegida. Nynaeve, você não deve canalizar dentro do *ter'angreal* de novo. Eu sei que é difícil se lembrar de qualquer coisa, mas tente.

Nynaeve engoliu em seco. Ela podia se lembrar de tudo, podia se lembrar de não lembrar.

— Eu não vou canalizar — respondeu. — *Se puder me lembrar de não fazê-lo.* Teve vontade de soltar uma risada histérica.

Eles haviam chegado ao próximo arco. O brilho ainda preenchia todos. Sheriam lançou a Nynaeve um último olhar de aviso e a deixou ali parada em pé, sozinha.

— A segunda vez é pelo que é. A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Nynaeve encarou o arco de prata brilhante. *O que haverá ali dessa vez?* As outras estavam esperando, observando. Ela atravessou a luz, determinada.

* * *

Nynaeve olhou, surpresa, para o vestido marrom e simples que vestia, depois levou um susto. Por que estava olhando para seu próprio vestido? *A saída só aparecerá uma vez.*

Olhando ao redor, ela sorriu. Estava na beira do Campo, em Campo de Emond, rodeada de casas com telhado de palha e com a Estalagem Fonte de Vinho bem à sua frente. O próprio rio Fonte de Vinho jorrava do afloramento de rocha que despontava entre as folhas de relva do Campo, e o rio corria para leste sob os salgueiros ao lado da estalagem. As ruas estavam vazias, mas a maioria das pessoas devia estar ocupada com suas tarefas àquela hora da manhã.

Olhando para a estalagem, seu sorriso desapareceu. Havia mais do que apenas um ar de descuido no local. A cal estava desbotada, um postigo de janela pendia quase solto e a extremidade apodrecida de uma viga aparecia por um buraco no telhado. *O que deu em Bran? Será que ele tem passado tanto tempo como Prefeito que está se esquecendo de cuidar da própria estalagem?*

A porta da estalagem se abriu, e Cenn Buie saiu, parando assim que a viu. O velho telhador estava encurvado como uma raiz de carvalho, e o olhar que lançou para ela não era muito amistoso.

— Então você voltou, não foi? Ora, por que não vai embora de novo?

Nynaeve franziu a testa quando ele cuspiu aos seus pés e passou apressado por ela. Cenn nunca fora um homem agradável, mas raramente era tão grosso. Pelo menos, nunca com ela. Nunca na sua frente. Seguindo-o com os olhos, ela viu sinais de descaso por toda a aldeia, telhados que deveriam ter sido consertados, ervas daninhas infestando quintais. A porta da

casa da Senhora al'Caar estava quase solta, pendurada apenas por uma dobradiça quebrada.

Sacudindo a cabeça, Nynaeve abriu a porta da estalagem e entrou. *Vou ter mais do que uma simples conversa com Bran sobre isso.*

O salão da estalagem estava vazio exceto por uma mulher sozinha, cuja trança grossa e grisalha estava puxada sobre o ombro. Estava limpando uma das mesas, mas, pelo jeito que olhava para o tampo, Nynaeve achava que ela não estivesse prestando atenção ao que fazia. O aposento parecia cheio de pó.

— Marin?

Marin al'Vere sobressaltou-se, levando uma das mãos à garganta, e olhou para a frente. Parecia anos mais velha. Acabada.

— Nynaeve? Nynaeve! Ah, é você. Egwene? Você trouxe Egwene de volta? Diga que trouxe.

— Eu... — Nynaeve levou a mão à cabeça. *Onde está Egwene?* Parecia que ela *deveria* se lembrar. — Não. Não, eu não a trouxe de volta. *A saída só aparecerá uma vez.*

A Senhora al'Vere desabou em uma das cadeiras de espaldar alto.

— Eu tinha tantas esperanças. Desde que Bran morreu...

— Bran morreu? — Nynaeve não conseguia pensar naquilo. Aquele homenzarrão sorridente sempre dera a impressão de que viveria para sempre. — Eu tinha que estar aqui.

A outra mulher se levantou de um salto e correu para espiar, preocupada, por uma janela que dava para o Campo e a aldeia.

— Se Malena souber que você está aqui, teremos problemas. Eu sei que Cenn saiu correndo atrás dela. Agora ele é o Prefeito.

— Cenn? Como foi que esses cabeças de lã escolheram Cenn?

— Foi Malena. Ela colocou o Círculo das Mulheres inteiro atrás de seus maridos para votar nele. — Marin quase apertou o rosto contra a janela, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. — Esses homens bobos não conversam sobre o nome que vão colocar na caixa, acho que todos que votaram em Cenn pensaram ser os únicos cujas mulheres o importunaram para fazer isso. Pensaram que um voto não fosse fazer diferença. Bem, agora eles aprenderam. Todos nós aprendemos.

— Quem é essa Malena que leva o Círculo das Mulheres a fazer suas vontades? Nunca ouvi falar dela.

— Ela é da Colina da Vigia. Ela é a Sabe... — Marin deu as costas à janela, torcendo as mãos. — Malena Aylar é a Sabedoria, Nynaeve. Quando você não voltou... Luz, espero que ela não descubra que você está aqui.

Nynaeve balançou a cabeça, perplexa.

— Marin, você tem medo dela. Você está tremendo. Que tipo de mulher ela é? Por que o Círculo das Mulheres escolheria alguém assim?

A Senhora al'Vere deu uma risada amarga.

— Devíamos estar loucas. Malena veio ver Mavra Mallen na véspera de Mavra voltar para Trilha de Deven. Naquela noite, algumas crianças ficaram doentes, e Malena ficou para cuidar delas, e então as ovelhas começaram a morrer, e Malena cuidou disso também. Simplesmente pareceu natural escolhê-la, mas... Ela é uma valentona, Nynaeve. Força você a fazer o que quer. Ela vai forçando, e vai forçando, até você estar cansada demais para dizer não. E o pior:

ela deu uma surra em Alsbet Luhhan.

Uma imagem veio à mente de Nynaeve, de Alsbet Luhhan e seu marido, Haral, o ferreiro. Ela era quase tão alta quanto ele, e um pouco atarracada, porém bonita.

— Alsbet é quase tão forte quanto Haral. Não consigo acreditar...

— Malena não é uma mulher grande, mas ela... Ela é feroz, Nynaeve. Ela surrou Alsbet por todo o Campo com um bastão, e nenhum de nós teve a coragem de tentar impedir. Quando ficaram sabendo, Bran e Haral disseram que ela tinha de ir embora, mesmo que estivessem interferindo nos assuntos do Círculo das Mulheres. Eu acho que algumas das mulheres do Círculo talvez pudessem ouvir, mas Bran e Haral ficaram doentes na mesma noite e morreram com um dia de diferença um do outro. — Marin mordeu o lábio e olhou ao redor da sala, como se achasse que alguém podia estar escondido ali. Então abaixou a voz. — Malena preparou os remédios deles. Disse que era seu dever, mesmo que tivessem falado contra ela. Eu vi... Eu vi funcho cinza no meio das coisas dela.

Nynaeve perdeu o fôlego.

— Mas... Tem certeza, Marin? Tem certeza? — A outra mulher assentiu, à beira das lágrimas. — Marin, se você sequer suspeitou de que essa mulher pode ter envenenado Bran, como pôde não ter ido ao Círculo?

— Ela disse que Bran e Haral não caminhavam na Luz — murmurou Marin — falando contra a Sabedoria daquele jeito. Disse que foi por isso que morreram, que a Luz os abandonou. Ela fala de pecado o tempo todo. Disse que Paet al'Caar pecou, falando contra ela quando Bran e Haral morreram. Tudo o que ele falou foi que ela não tinha o mesmo jeito para Curar que você, mas ela desenhou a Presa do Dragão em sua porta, com o pedaço de carvão na mão, na frente de todo mundo. Os dois filhos dele morreram antes do fim daquela semana: quando a mãe foi acordá-los, estavam mortinhos. Pobre Nella! Nós a encontramos vagando, rindo e chorando ao mesmo tempo, gritando que Paet era o Tenebroso e que matara seus filhos. Paet se enforcou no dia seguinte. — Ela se arrepiou, e sua voz ficou tão baixa que Nynaeve mal conseguiu ouvi-la. — Eu ainda tenho quatro filhas vivendo sob meu teto. Vivendo, Nynaeve. Você entende o que digo. Elas ainda estão vivas, e eu quero mantê-las assim.

Nynaeve sentiu um calafrio que chegou aos ossos.

— Marin, você não pode permitir isso. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.* Ela afastou o pensamento. — Se o Círculo das Mulheres se unir, vocês podem se livrar dela.

— Se unir contra Malena? — A risada de Marin era quase um soluço. — Nós todas temos medo dela. Mas ela é boa com as crianças. As crianças estão sempre doentes hoje em dia, pelo que parece, mas Malena faz o melhor que pode. Quase ninguém morria de doença quando você era a Sabedoria.

— Marin, me escute. Você não vê por que sempre há crianças doentes? Se ela não consegue fazer vocês terem medo dela, faz vocês pensarem que precisam dela por causa das crianças. É ela quem está fazendo isso, Marin. Exatamente como fez com Bran.

— Ela não poderia — respondeu Marin, sem fôlego. — Não faria isso. Não com os pequenos.

— Ela está fazendo isso, Marin. — *A saída* — Nynaeve afastou o pensamento sem titubear. — Existe alguém no Círculo que não tenha medo? Alguém que escute?

A outra mulher respondeu:

— Ninguém que não tenha medo. Mas Corin Ayellin poderia escutar. Se ela o fizer, pode ser que traga mais duas ou três. Nynaeve, se gente suficiente no Círculo escutar, você pode voltar a ser nossa Sabedoria? Acho que você é a única que não se curvará a Malena, mesmo que todas nós saibamos a verdade. Você não sabe do que ela é capaz.

— Eu serei. — *A saída* — *Não! Esta é minha gente!* — Pegue seu manto, e vamos ver Corin.

Marin estava insegura quanto a deixar a estalagem, e, assim que Nynaeve conseguiu fazer com que ela saísse, a mulher desceu a escada devagar, um degrau atrás do outro, curvada e muito atenta.

Antes da metade do caminho para a casa de Corin Ayellin, Nynaeve viu uma mulher alta e magricela vindo a passos largos pelo outro lado do Campo na direção da estalagem, afastando o mato com um bastão grosso de salgueiro. Era bem magra, mas parecia forte, e sua boca grande, que parecia talhada a golpe de faca, estava comprimida em uma expressão determinada. Cenn Buie corria atrás dela.

— Malena. — Marin puxou Nynaeve para um espaço entre duas casas e sussurrou, como se tivesse medo de que a mulher pudesse ouvir, mesmo do outro lado do Campo. — Eu sabia que Cenn iria buscá-la.

Alguma coisa fez Nynaeve olhar para trás. Atrás dela estava um arco de prata, estendendo-se de uma casa a outra, emitindo um brilho branco. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.*

Marin deu um grito abafado.

— Ela nos viu. Que a Luz nos ajude, ela está vindo para cá!

A mulher alta mudara de direção, deixando Cenn parado e sem saber o que fazer. Não havia incerteza no rosto de Malena. Ela caminhava devagar, como se não houvesse esperança de fuga, com um sorriso cruel que crescia a cada passo.

Marin puxou a manga do vestido de Nynaeve.

— Temos que fugir. Temos que nos esconder. Nynaeve, venha. Cenn deve ter dito a ela quem é você. Ela odeia que qualquer pessoa sequer fale de você.

O arco de prata atraía o olhar de Nynaeve. *A saída...* Ela sacudiu a cabeça, tentando se lembrar. *Não é real.* Ela olhou para Marin: o rosto da mulher estava deformado de tão aterrorizado. *Você precisa ser firme se quiser sobreviver.*

— Por favor, Nynaeve. Ela me viu com você. Ela me viu! Por favor, Nynaeve!

Malena se aproximava, implacável. *Minha gente.* O arco reluzia. *A saída. Não é real.*

Com um soluço e um safanão, Nynaeve soltou seu braço da mão de Marin e mergulhou na direção do brilho prateado.

O grito agudo de Marin a perseguiu.

— Pelo amor da Luz, Nynaeve, me ajude. ME AJUDE!

O brilho a envolveu por inteiro.

* * *

Com os olhos fixos à frente, Nynaeve saiu do arco cambaleando, mal reparando no aposento

ou nas Aes Sedai. O último grito de Marin ainda zumbia em seus ouvidos. Ela sequer estremeceu quando a água fria foi derramada em sua cabeça.

— Você está sendo lavada e purificada de falso orgulho. Você está sendo lavada e purificada de falsa ambição. Você vem a nós lavada e purificada, de coração e alma. — Quando a Aes Sedai Vermelha recuou, Sheriam veio para pegar Nynaeve pelo braço.

Nynaeve sobressaltou-se, e então percebeu quem era. Ela agarrou o colarinho do vestido de Sheriam com as duas mãos.

— Me diga que não era real. Me diga!

— Ruim? — Sheriam soltou as mãos dela como se estivesse acostumada a essa reação. — É sempre pior, e a terceira vez é a pior de todas.

— Eu deixei minha amiga... eu deixei minha *gente*... no Poço da Perdição, para voltar. — *Por favor, Luz, não foi real. Eu não fiz aquilo de verdade... Eu preciso fazer Moiraine pagar. Eu preciso!*

— Sempre existe alguma razão para não retornar, algo que nos impeça, algo que nos distraia. Este *ter'angreal* tece armadilhas para você com sua própria mente, e as tece fortes e apertadas, mais duras que aço e mais mortíferas que veneno. É por isso que o usamos como teste. Você precisa querer ser Aes Sedai mais do que qualquer coisa no mundo inteiro, o bastante para enfrentar qualquer coisa ou lutar para se libertar de qualquer coisa para conseguir. A Torre Branca não pode aceitar menos. É o que exigimos de você.

— Vocês exigem demais. — Nynaeve encarou o terceiro arco enquanto a Aes Sedai de cabelos ruivos a levava até ele. *O terceiro é o pior.* — Estou com medo — sussurrou. *O que poderia ser pior do que aquilo que acabei de fazer?*

— Ótimo — respondeu Sheriam. — Você quer ser uma Aes Sedai, quer canalizar o Poder Único. Ninguém deveria querer isso sem medo e respeito. O medo fará você ter cautela, e a cautela a manterá viva. — Ela virou Nynaeve de frente para o arco, mas não recuou imediatamente. — Ninguém a forçará a entrar uma terceira vez, criança.

Nynaeve umedeceu os lábios.

— Se eu recusar, vocês vão me expulsar da Torre e nunca mais vão me deixar voltar. — Sheriam assentiu. — E este é o pior. — Sheriam voltou a assentir. Nynaeve respirou fundo. — Estou pronta.

— A terceira vez — entouou Sheriam, com formalidade — é pelo que será. A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Nynaeve se lançou dentro do arco.

* * *

Rindo, ela correu por entre nuvens de borboletas que se erguiam das flores do campo que recobriam a campina no alto do morro, como um cobertor colorido que ia até a altura dos joelhos. Sua égua cinzenta se remexia na beira da campina, nervosa, com as rédeas penduradas, e Nynaeve parou de correr para não assustar ainda mais o animal. Algumas borboletas pousaram em seu vestido, sobre flores bordadas e pérolas minúsculas, outras voejaram ao redor das safiras e pedras da lua em seus cabelos, que caíam em cascata sobre

seus ombros.

Abaixo da colina, Mil Lagos se estendia pela cidade de Malkier, refletindo as Sete Torres que se erguiam até as nuvens, ostentando o Grou Dourado em seus topos, em meio à neblina. A cidade tinha mil jardins, mas ela preferia aquele, um jardim selvagem no topo da colina. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.*

O som de cascos a fez virar.

Al'Lan Mandragoran, rei de Malkier, desmontou de seu cavalo e caminhou a passos largos por entre as borboletas, rindo, seguindo em sua direção. O rosto dele tinha o aspecto de um homem severo, mas os sorrisos que dirigia para ela suavizavam os traços duros como pedra.

Ela olhou para ele, boquiaberta, apanhada de surpresa quando ele a tomou nos braços e a beijou. Por um momento, ela se agarrou a ele, perdida, retribuindo o beijo. Seus pés pendiam no ar, e ela não se importou.

De repente, ela o empurrou, afastando o rosto.

— Não. — Empurrou com mais força. — Me solte. Ponha-me no chão. — Intrigado, ele a abaixou até que seus pés tocaram o chão, e ela se afastou dele. — Isto não — disse. — Não posso enfrentar isto. Tudo menos isto. — *Por favor, deixe-me enfrentar Aginor outra vez.* Sua mente parecia girar. *Aginor?* Ela não sabia de onde aquele pensamento viera. A memória ia e vinha, fragmentos se deslocavam como placas de gelo quebradas em um rio descongelando. Ela estendeu as mãos para os pedaços, tentando se agarrar a algo.

— Você está bem, meu amor? — perguntou Lan, preocupado.

— Não me chame assim! Eu não sou seu amor! Não posso me casar com você!

Ele a assustou, jogando a cabeça para trás e dando uma gargalhada como um urro.

— Sua insinuação de que não somos casados pode aborrecer nossos filhos, esposa. E como você não é meu amor? Eu não tenho outro, nem terei.

— Preciso voltar. — Ela procurou pelo arco, desesperada, mas só viu a campina e o céu. *Mais duro que aço e mais mortífero que veneno. Lan. Os bebês de Lan. Luz, me ajude!* — Preciso voltar agora.

— Voltar? Para onde? Para o Campo de Emond? Claro, se é o que quer. Mandarei cartas para Morgase e ordenarei uma escolta.

— Sozinha — murmurou ela, ainda procurando. *Onde está? Preciso ir.* — Não vou ficar presa aqui. Não conseguiria suportar. Não isto. Preciso ir *agora!*

— Presa em que, Nynaeve? O que é que você não conseguiria suportar? Não, Nynaeve. Você pode cavalgar sozinha por aqui se quiser, mas, se a Rainha dos malkieris fosse para Andor sem uma escolta apropriada, Morgase ficaria escandalizada, para não dizer ofendida. Você não quer ofendê-la, quer? Achei que fossem amigas.

Nynaeve sentiu como se tivesse levado uma pancada na cabeça; várias, na verdade, uma atrás da outra.

— Rainha? — perguntou ela, hesitante. — Nós temos bebês?

— Tem certeza de que está bem? Acho melhor levar você até Sharina Sedai.

— Não. — Ela voltou a se afastar dele. — Nada de Aes Sedai. — *Isso não é real. Não vou ser levada para dentro disto desta vez. Não vou!*

— Muito bem — respondeu ele, devagar. — Como minha esposa, como você poderia não ser Rainha? Aqui somos malkieris, não gente do sul. Você foi coroada nas Sete Torres quando

trocamos anéis. — Sem perceber, ele moveu a mão esquerda: uma simples aliança de ouro envolvia seu dedo indicador. Ela olhou de relance para a própria mão, para o anel que sabia que estaria ali, e colocou a mão sobre ele, mas não sabia dizer se o fez para negar sua presença escondendo-o ou para segurá-lo. — Você se lembra, agora? — continuou ele, estendendo a mão, como se para acariciar o rosto dela, que recuou mais seis passos. Ele suspirou. — Como quiser, meu amor. Temos três filhos, embora só um possa ser considerado um bebê. Maric já está quase batendo no seu ombro e não consegue decidir se gosta mais de cavalos ou de livros. Elnore já começou a praticar como virar a cabeça dos rapazes, isso quando não está aborrecendo Sharina sobre quando terá idade suficiente para ir para a Torre Branca.

— Elnore era o nome de minha mãe — murmurou ela.

— Foi o que você disse quando o escolheu. Nynaeve...

— Não. Eu não serei arrastada para dentro disto desta vez. Não assim. Não serei! — Atrás dele, entre as árvores ao lado da campina, ela viu o arco de prata. As árvores o haviam escondido antes. *A saída só aparecerá uma vez.* Virou-se na direção dele. — Preciso ir. — Ele a pegou pela mão, e foi como se seus pés tivessem criado raízes: não conseguia se obrigar a sair do lugar.

— Eu não sei o que está perturbando você, esposa, mas, seja o que for, me conte, e eu darei um jeito. Sei que não sou o melhor dos maridos. Eu era muito sério quando a conheci, mas você amaciou um pouco desta rocha, pelo menos.

— Você é o melhor marido de todos — murmurou em resposta. Para seu horror, ela se descobriu lembrando-se dele como marido, lembrando-se de risos e lágrimas, de brigas amargas e doces reconciliações. Eram lembranças vagas, mas ela podia senti-las mais fortes, mais quentes. — Eu não posso. — O arco estava ali, a apenas alguns passos de distância. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.*

— Eu não sei o que está acontecendo, Nynaeve, mas sinto como se a estivesse perdendo. Eu não poderia suportar isso. — Ele pôs a mão nos cabelos dela. Fechando os olhos, ela pressionou o rosto contra os dedos dele. — Fique comigo para sempre.

— Eu quero ficar — respondeu, baixinho. — Eu quero ficar com você. — Quando ela abriu os olhos, o arco havia sumido... *só aparecerá uma vez.* — Não. Não!

Lan se virou para encará-la.

— O que está perturbando você? Precisa me dizer o que houve se quiser que eu a ajude.

— Isto não é real.

— Não é real? Antes de conhecer você, eu achava que nada era real a não ser a espada. Olhe ao redor, Nynaeve. Isto é real. O que você quiser que seja a realidade, nós podemos construir juntos, você e eu.

Surpresa, ela olhou à sua volta. A campina ainda estava lá. As Sete Torres ainda se assomavam sobre os Mil Lagos. O arco desaparecera, mas nada mais havia mudado. *Eu poderia ficar aqui. Com Lan. Nada mudou.* Seus pensamentos voltaram. *Nada mudou. Egwene está sozinha na Torre Branca. Rand vai canalizar e enlouquecer. E quanto a Mat e Perrin? Será que eles conseguirão recuperar algum fragmento de suas vidas? E Moiraine, que despedaçou as nossas, ainda caminha em liberdade.*

— Eu preciso voltar — sussurrou ela. Incapaz de suportar a dor no rosto dele, ela se libertou de seus braços. Determinada, formou um botão de flor na mente, um botão branco em um ramo de espinheira negra. Imaginou espinhos afiados e cruéis, desejando que eles pudessem rasgar sua carne, sentindo como se estivesse pendurada nos galhos da espinheira. A voz de Sheriam Sedai dançava logo além do limite de sua audição, dizendo que era perigoso tentar canalizar o Poder. O botão de abriu, e *saidar* a preencheu de luz.

— Nynaeve, diga-me qual é o problema.

A voz de Lan chegava até ela mesmo com sua concentração, mas ela se recusava a se permitir ouvi-la. Ainda devia haver um caminho de volta. Olhando para onde o arco de prata estivera, ela tentou encontrar algum vestígio dele. Não havia nada.

— Nynaeve...

Ela tentou visualizar o arco em sua mente, dar-lhe forma até o menor dos detalhes, a curva de metal reluzente repleta de um brilho idêntico a fogo nevado. Ele parecia ondular ali, na sua frente. Primeiro estava entre ela e as árvores, depois não, depois estava de volta ali.

— ... eu amo você...

Ela sugou *saidar*, bebendo do fluxo do Poder Único até achar que iria explodir. A irradiação a preencheu, brilhando ao seu redor, fazendo até seus olhos doerem. O calor parecia consumi-la. O arco que tremeluzia se firmou e ficou fixo, inteiro, diante dela. Fogo e dor pareciam tomá-la por completo, ela sentia como se seus ossos estivessem queimando e seu crânio parecia uma fornalha fumegante.

— ... de todo o meu coração.

Ela correu do arco de prata, sem se permitir olhar para trás. Antes, tinha certeza de que a coisa mais amarga que ouviria era o grito de socorro de Marin al'Vere quando a abandonou, mas aquilo era como mel em comparação ao som da voz angustiada de Lan a perseguindo.

— Nynaeve, por favor, não me deixe.

O brilho branco a consumiu.

* * *

Nua, Nynaeve atravessou, cambaleante, o arco e caiu de joelhos, boquiaberta, soluçando, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Sheriam se ajoelhou ao seu lado. Ela olhou irritada para a Aes Sedai de cabelos ruivos.

— Eu odeio você! — Conseguiu dizer, com ferocidade, a respiração difícil. — Eu odeio todas as Aes Sedai!

Sheriam deu um pequeno suspiro, depois levantou Nynaeve.

— Criança, quase toda mulher que passa por isso diz a mesma coisa. Não é pouco ser obrigada a encarar seus medos. O que é isto? — perguntou, de repente, virando as palmas das mãos de Nynaeve para cima.

As mãos de Nynaeve tremeram com uma dor súbita que ela nunca sentira antes. Cravado em cada palma, bem no centro, havia um longo espinho negro. Sheriam os puxou com cuidado, e Nynaeve sentiu a fria Cura do toque das Aes Sedai. Quando os espinhos saíram, restou apenas uma pequena cicatriz na frente e nas costas da mão.

Sheriam franziu a testa.

— Não deveria haver nenhuma cicatriz. E como foi que você conseguiu apenas duas, e ambas tão precisas? Se você se emaranhou em uma espinheira, deveria estar coberta de arranhões e espinhos.

— Deveria — concordou Nynaeve, com amargura. — Talvez eu achasse que já paguei o bastante.

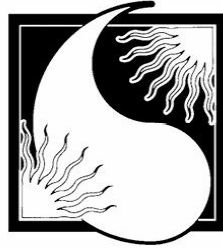
— Sempre existe um preço — concordou a Aes Sedai. — Venha. Você pagou o primeiro. Receba aquilo pelo qual pagou. — Ela deu um empurrãozinho em Nynaeve.

A mulher percebeu que havia mais Aes Sedai no aposento. A Amyrlin, com sua estola listrada, estava lá, com uma irmã de cada Ajah usando seus xales, paradas em fileiras de cada lado dela, todas observando Nynaeve. Lembrando-se das instruções de Sheriam, ela avançou, trêmula, e se ajoelhou diante da Amyrlin. Era ela quem segurava o último cálice, que derramou devagar sobre a cabeça de Nynaeve.

— Você está lavada de Nynaeve al'Meara, de Campo de Emond. Você está lavada de todos os laços que a prendem ao mundo. Você vem a nós lavada de coração e alma. Você é Nynaeve al'Meara, Aceita da Torre Branca. — Entregando o cálice a uma das irmãs, a Amyrlin ajudou Nynaeve a se erguer. — Você agora está ligada a nós.

Os olhos da Amyrlin pareciam ter um brilho escuro. O calafrio que percorreu o corpo de Nynaeve nada tinha a ver com o fato de estar nua e molhada.





Novos amigos e velhos inimigos

Egwene seguia a Aceita pelos salões da Torre Branca. Tapeçarias e pinturas cobriam as paredes, tão brancas quanto as do exterior da torre, e o chão era coberto por mosaicos de azulejos. O vestido branco da Aceita era idêntico ao seu, a não ser pelas sete faixas coloridas na bainha e nos punhos. A menina franziu a testa, examinando o vestido. Nynaeve usava as roupas de uma Aceita desde o dia anterior, e não parecia nem um pouco feliz com isso, nem com o anel dourado em forma de uma serpente engolindo o próprio rabo que indicava sua posição na ordem. Nas poucas vezes em que Egwene conseguira encontrar-se com a Sabedoria, observara que o olhar de Nynaeve parecia perdido, como se ela tivesse visto coisas que desejava, de todo coração, nunca ter visto.

— Aqui — disse a Aceita rispidamente, apontando para uma porta. Ela se chamava Pietra, e era uma mulher baixa e bem magra, um pouco mais velha que Nynaeve, que sempre falava com rispidez. — Este tempo lhe foi concedido porque é seu primeiro dia, mas eu a estarei esperando na cozinha quando o gongo soar as Altas, nem um instante depois.

Egwene fez uma mesura, mas mostrou a língua quando a Aceita se virou para ir embora. Apesar de Sheriam ter colocado seu nome no livro das noviças no dia anterior, a menina já sabia que não gostava de Pietra. Ela abriu a porta e entrou.

O aposento era pequeno e simples, com paredes brancas, e dentro dele, sentada em um dos bancos duros, havia uma moça cujos cabelos dourados levemente avermelhados caíam sobre os ombros. O chão não tinha tapetes: as noviças não costumavam circular por aposentos que os tivessem. Egwene julgou que a garota devia ter mais ou menos a sua idade, mas sua postura transmitia uma dignidade e uma autoconfiança que a faziam parecer mais velha. O vestido de noviça, de corte simples, parecia cair melhor nela. Ficava elegante. Era isso.

— Meu nome é Elayne — apresentou-se ela, então inclinou a cabeça, estudando Egwene. — E você é Egwene, de Campo de Emond, em Dois Rios. — Ela falou como se aquilo significasse alguma coisa, mas prosseguiu, sem parar: — Uma noviça que já está aqui há algum tempo é sempre designada para orientar uma recém-chegada durante alguns dias. Sente-se, por favor.

Egwene acomodou-se no outro banco, de frente para Elayne.

— Pensei que as Aes Sedai é que iriam me ensinar, agora que finalmente sou uma noviça.

Mas, até então, tudo o que aconteceu foi Pietra me acordar umas duas horas antes do amanhecer e me mandar varrer os salões. Ela também disse que eu tenho que ajudar a lavar os pratos depois do jantar.

Elayne fez uma careta.

— Detesto lavar pratos. Nunca precisei... Bem, isso não importa. Você receberá treinamento. Na verdade, passará a treinar todos os dias nesta mesma hora, de agora em diante. Do café da manhã até as Altas, e depois do jantar até a Tríade. Se seu progresso for especialmente rápido ou lento, talvez a façam treinar do jantar até as Cheias, também, mas esse tempo costuma ser reservado para realizar mais tarefas. — Os olhos azuis de Elayne assumiram um ar pensativo. — Você nasceu assim, não nasceu? — Egwene assentiu. — Sim, pensei ter sentido isso. Eu também nasci assim. Não fique decepcionada caso não tenha percebido, você aprenderá a sentir a habilidade das outras mulheres. Eu tive a vantagem de crescer ao lado de uma Aes Sedai.

Egwene teve vontade de pedir explicações. *Quem cresce com uma Aes Sedai?* Mas Elayne continuou.

— E também não fique decepcionada se demorar um pouco até conseguir fazer alguma coisa. Com o Poder Único, quer dizer. Até mesmo a tarefa mais simples leva um tempo. Paciência é uma virtude que precisa ser aprendida. — Ela franziu o nariz. — Sheriam Sedai sempre diz isso, e ela dá o melhor de si para que todas nós aprendamos. Tente correr quando ela ordenar que ande e será levada ao gabinete dela em um piscar de olhos.

— Eu já tive algumas lições — comentou Egwene, tentando soar modesta. Ela se abriu a *saidar*, o que era mais fácil, agora, e sentiu o calor invadir seu corpo. Tentou fazer a coisa mais avançada que sabia. Esticou a mão, e uma esfera brilhante de pura luz se formou sobre sua palma. A esfera tremeluzia, pois a jovem ainda não conseguia manter seu brilho firme, mas estava lá.

Calma, Elayne também estendeu a mão, e uma bola de luz apareceu sobre sua palma. A dela também tremeluzia.

Depois de um instante, uma luz tênue brilhou ao redor de todo o corpo de Elayne. Egwene sobressaltou-se e sua bola desapareceu.

Elayne soltou um risinho, de repente, e sua luz também se apagou, tanto a da esfera quanto a outra que a cercava.

— Você viu a luz ao meu redor? — perguntou, empolgada. — Eu a vi envolvendo você. Sheriam Sedai disse que eu veria, uma hora ou outra. Foi a primeira vez. Para você também?

Egwene assentiu, rindo junto com a outra garota.

— Gostei de você, Elayne. Acho que vamos ser amigas.

— Eu também acho, Egwene. Você é de Dois Rios, de Campo de Emond. Conhece um rapaz chamado Rand al'Thor?

— Eu o conheço. — De súbito, Egwene lembrou-se de uma história que Rand havia contado, uma história na qual ela não acreditara, sobre como ele caiu de cima de um muro, foi parar em um jardim e conheceu... — Você é a Filha-herdeira de Andor — disse, sem fôlego.

— Sim — respondeu Elayne, com simplicidade. — Se Sheriam Sedai sequer me ouvisse mencionar isso, acho que me levaria para seu gabinete antes que eu terminasse de falar.

— Todas falam sobre ser chamada para o gabinete de Sheriam. Até mesmo as Aceitas. As

reprimendas dela são tão ferozes assim? Ela me parece gentil.

Elayne hesitou, e, quando respondeu, falou bem devagar, sem olhar nos olhos de Egwene:

— Ela guarda uma vareta de salgueiro em sua mesa. Diz que, já que você não consegue aprender a seguir as regras de maneira civilizada, vai ensinar de outro jeito. Existem tantas regras para noviças que é muito difícil não quebrar algumas — concluiu.

— Mas isso... isso é horrível! Eu não sou uma criança nem você. Não serei tratada como uma.

— Mas nós somos crianças! As Aes Sedai, as irmãs completas, são as adultas. As Aceitas são as moças, velhas o bastante para serem deixadas sozinhas sem supervisão constante. E as noviças são as crianças, que precisam de alguém para protegê-las e cuidar delas, que precisam de orientação para seguir na direção certa e são castigadas quando fazem o que não deveriam. É assim que Sheriam Sedai explica. Ninguém vai castigá-la por causa das lições, a não ser que você tente algo que lhe disseram para não tentar. É difícil não tentar, às vezes. Você vai se descobrir querendo canalizar tanto quanto quer respirar. Mas se quebrar pratos demais porque está sonhando acordada quando deveria estar lavando, for desrespeitosa com uma Aceita, sair da Torre sem permissão, falar com uma Aes Sedai antes que ela lhe dirija a palavra, ou... O que resta é fazer o melhor possível. Não há *nada* mais o que fazer.

— Quase parece que estão tentando nos fazer ir embora — protestou Egwene.

— Não estão, mas também estão. Egwene, há apenas quarenta noviças na Torre. Só quarenta, e não mais de sete ou oito vão se tornar Aceitas. Sheriam Sedai diz que isso não é o bastante. Ela diz que não existem Aes Sedai o bastante, agora, para fazer o que precisa ser feito. Mas a Torre não vai... não pode... baixar seus padrões de qualidade. As Aes Sedai não podem aceitar uma mulher como irmã se ela não tiver a habilidade, a força e o desejo. Elas não podem dar o anel e o xale a quem não conseguir canalizar o Poder bem o suficiente, a quem se deixar intimidar ou a quem der meia-volta quando o caminho ficar difícil. Treinamento e testes cuidam da canalização, mas quanto à força e ao desejo... Bem, se você quiser partir, eles a deixarão ir. Assim que souber o bastante para não morrer de ignorância.

— Suponho — respondeu Egwene, lentamente — que Sheriam nos falou um pouco sobre isso. Mas nunca pensei que não existissem Aes Sedai suficientes.

— Ela tem uma teoria. Diz que fizemos uma seleção da humanidade. Você já ouviu falar de seleção? Tirar do rebanho os animais que têm características que você não gosta? — Egwene assentiu, impaciente. Ninguém crescia perto de ovelhas sem saber sobre essa seleção do rebanho. — Sheriam Sedai diz que, com a Ajah Vermelha caçando homens capazes de canalizar por três mil anos, acabamos excluindo a habilidade de canalizar da humanidade. Eu não mencionaria isso perto de uma Vermelha se fosse você. Sheriam Sedai já ficou aos gritos mais de uma vez por causa disso, e somos apenas noviças.

— Não vou mencionar.

Elayne fez uma pausa e, então, perguntou:

— Rand está bem?

Egwene sentiu uma pontada súbita de ciúmes — Elayne era muito bonita — que foi abafada por uma pontada maior ainda, de medo. Ela lembrou o pouco que sabia sobre o único encontro do rapaz com a Filha-herdeira, consolando-se: ela não tinha como saber que Rand

podia canalizar.

— Egwene?

— Ele está tão bem quanto poderia — *Espero que esteja, aquele idiota cabeça de lã.* — Ele estava saindo em cavalgada com alguns soldados shienaranos da última vez em que o vi.

— Shienaranos! Ele me disse que era um pastor. — Ela sacudiu a cabeça. — Eu me pego pensando nele nos momentos mais estranhos. Elaida acha que, de algum jeito, ele é importante. Ela não disse isso, mas ordenou uma busca e ficou furiosa quando soube que ele já tinha saído de Caemlyn.

— Elaida?

— Elaida Sedai, conselheira da minha mãe. Ela é da Ajah Vermelha, mas, apesar disso, minha mãe parece gostar dela.

Egwene ficou com a boca seca. *Uma Ajah Vermelha, e interessada em Rand.*

— Eu... Eu não sei onde ele está agora. Ele foi embora de Shienar, e não acho que vá voltar.

Elayne lhe lançou um olhar neutro.

— Eu não diria a Elaida onde encontrá-lo, mesmo que soubesse, Egwene. Ele não fez nada de errado, pelo que sei, e receio que ela queira usá-lo de algum modo. De qualquer jeito, eu não a vi desde o dia em que chegamos, com Mantos-brancos no nosso encalço. Eles ainda estão acampando na encosta do Monte do Dragão. — Ela se levantou de um salto. — Vamos falar de coisas mais alegres. Há duas outras que conhecem Rand, e eu gostaria de lhe apresentar uma delas.

Ela pegou Egwene pela mão e a puxou para fora do aposento.

— Duas garotas? Rand parece conhecer um bocado de garotas.

— Hã? — Ainda puxando Egwene corredor abaixo, Elayne a analisou. — Sim. Bem. Uma delas é uma boba preguiçosa, seu nome é Else Grinwell, e acho que ela não vai durar muito tempo. Foge das tarefas e está sempre escapando para ver os Guardiões praticarem luta. Ela diz que Rand esteve na fazenda de seu pai com um amigo, Mat. Parece que mostraram a ela que existe um mundo além da próxima aldeia, e Else fugiu para se tornar uma Aes Sedai.

— Homens — resmungou Egwene. — Eu danço algumas músicas com um garoto legal, e o Rand fica de cara amarrada, mas ele...

Ela parou quando um homem entrou no salão, antes delas. Ao seu lado, Elayne também parou, e apertou sua mão com força.

Não havia nada de alarmante nele, exceto seu aparecimento súbito. Era alto e bonito, com cabelos compridos, escuros e encaracolados, mas andava encurvado e tinha um olhar triste. Ele não fez menção de se aproximar de Egwene e Elayne, apenas ficou ali parado, olhando para elas, até que uma das Aceitas surgiu ao seu lado.

— Você não deveria estar aqui — disse ela, quase em tom gentil.

— Eu queria passear. — A voz dele era grave, tão triste quanto seus olhos.

— Você pode passear no jardim, onde deveria estar. A luz do sol lhe fará bem.

O homem deu uma gargalhada amarga.

— Com duas ou três de vocês vigiando cada movimento meu? Vocês só estão com medo de que eu encontre uma faca. — Ao ver a expressão nos olhos da Aceita, ele voltou a rir. — Para usar em mim, mulher. Para usar em mim. Leve-me para seu jardim, de volta para seus olhos vigilantes.

A Aceita tocou o braço dele de leve e o levou para longe.

— Logain — disse Elayne, quando ele se foi.

— O falso Dragão!

— Ele foi amansado, Egwene. Não é mais perigoso do que qualquer outro homem, agora. Mas me lembro de tê-lo visto antes, quando foram necessárias seis Aes Sedai para evitar que ele usasse o Poder e destruísse a todas nós. — Ela estremeceu.

Egwene fez o mesmo. Era isso o que a Ajah Vermelha faria com Rand,

— Eles sempre precisam ser amansados? — perguntou. Elayne olhou fixamente para ela, de queixo caído, e a menina rapidamente acrescentou: — É só que achei que as Aes Sedai poderiam ter encontrado algum outro jeito de lidar com eles. Tanto Anaiya quanto Moiraine disseram que os maiores feitos da Era das Lendas exigiram homens e mulheres trabalhando juntos com o Poder. Só pensei que elas tentariam encontrar um jeito.

— Bem, não deixe uma irmã Vermelha ouvir você falando isso. Egwene, elas tentaram. Por trezentos anos, depois da construção da Torre Branca, elas tentaram. Elas desistiram porque não havia nada a fazer. Venha. Quero que você conheça Min. Não no jardim para onde Logain está indo, graças à Luz.

O nome soou vagamente familiar, e Egwene soube o porquê quando viu a jovem. Havia um riachinho no jardim em que entraram, com uma pequena ponte de pedra, e Min estava sentada de pernas cruzadas sobre a mureta da ponte. Ela vestia as calças justas e a camisa folgada de um homem e, com os cabelos curtos, quase podia se passar por um rapaz, embora um rapaz mais bonito do que o comum. Um casaco cinza estava ao seu lado, estendido na cumeeira.

— Eu conheço você — disse Egwene. — Você trabalhava na estalagem em Baerlon.

Uma brisa suave agitava de leve a água sob a ponte, e periquitos-cinzentos cantavam nas árvores do jardim.

Min sorriu.

— E você foi uma dos que levaram os Amigos das Trevas que a queimaram. Não, não se preocupe. O mensageiro que foi me buscar trouxe ouro suficiente para Mestre Fitch reconstruí-la com o dobro do tamanho. Bom dia, Elayne. Não está se matando de trabalhar no seu treinamento? Ou lavando panelas na cozinha?

As perguntas tinham um tom de brincadeira, como entre amigas, o que foi comprovado pelo sorriso que Elayne deu em resposta.

— Vejo que Sheriam ainda não conseguiu enfiar você em um vestido.

Min deu uma risada matreira.

— Eu não sou uma noviça. — Ela fez uma vozinha aguda. — Sim, Aes Sedai. Não, Aes Sedai. Posso varrer outro chão, Aes Sedai? — Voltou a falar com seu tom de voz normal, mais grave: — Eu me visto do jeito que quiser. — E virou-se para Egwene. — E Rand, está bem?

Egwene comprimiu os lábios. *Ele devia ter chifres de carneiro, feito um Trolloc* pensou, com raiva.

— Fiquei triste quando soube que sua estalagem pegou fogo, que bom que Mestre Fitch conseguiu reconstruí-la. Por que veio a Tar Valon? Está claro que você não quer ser uma Aes Sedai.

Min arqueou uma sobrancelha, em um gesto que Egwene tinha certeza de que indicava divertimento.

— Ela gosta dele — explicou Elayne.

— Eu sei. — Min olhou de relance para Egwene, que por um instante pensou ter visto uma expressão de tristeza... ou seria arrependimento? — Eu estou aqui — respondeu Min, com cuidado — porque foram me buscar, e eu pude escolher entre vir cavalgando ou amarrada dentro de um saco.

— Você sempre exagera — retrucou Elayne. — Sheriam Sedai viu a carta e disse que foi uma solicitação. Min vê coisas, Egwene. É por isso que ela está aqui, para que as Aes Sedai possam estudar como ela faz isso. Não é o Poder.

— Solicitação — disse Min com uma risadinha desdenhosa. — Quando uma Aes Sedai solicita sua presença, é como uma ordem de uma rainha acompanhada de cem soldados para garantir que seja cumprida.

— Todo mundo vê coisas — replicou Egwene.

Elayne balançou a cabeça.

— Não como Min. Ela vê... auras... ao redor das pessoas. E imagens.

— Não o tempo todo — interrompeu Min. — Não ao redor de todo mundo.

— E ela pode descobrir coisas sobre você a partir delas, embora eu não tenha certeza de que ela sempre diz a verdade. Min contou que eu precisaria dividir meu marido com duas outras mulheres, e eu jamais aceitaria uma coisa dessas. Ela apenas ri e diz que também nunca foi seu ideal de relacionamento. Mas afirmou que eu seria uma rainha quando nem sabia quem eu era, disse que viu uma coroa, e era a Coroa de Rosas de Andor.

Sem conseguir se controlar, Egwene perguntou:

— O que você vê quando olha para mim?

Min lançou um olhar rápido para ela.

— Uma chama branca, e... Ah, todo tipo de coisa. Não sei o que significam.

— Ela diz isso o tempo todo — comentou Elayne, seca — Uma das coisas que disse que viu ao olhar para mim foi uma mão decepada. Que não era minha, segundo ela. Ela também afirmou que não sabe o que isso significa.

— Porque eu não sei — explicou Min. — Não sei o que metade das coisas significa.

O som de passos se aproximando as fez olhar ao redor. Elas viram dois rapazes que traziam suas camisas e casacos pendurados nos braços, exibindo os peitos nus suados e carregando nas mãos as espadas embainhadas. Egwene percebeu que olhava para o homem mais bonito que já vira. Alto e esbelto, mas forte; ele se movia com a graciosidade de um gato. De repente ela percebeu que fazia uma medida e segurava sua mão — sequer sentira quando ele a pegou — e lutou para se lembrar do nome que ele dissera.

— Galad — murmurou.

Os olhos escuros dele a encararam. Ele era mais velho que ela. Mais velho que Rand. Ao pensar em Rand, ela se sobressaltou e caiu em si.

— E eu sou Gawyn — disse o outro rapaz com um sorriso —, já que acho que você não ouviu da primeira vez.

Min também sorria, apenas Elayne estava com a testa franzida.

Egwene de repente se lembrou de sua mão, que Gawyn ainda segurava, e a puxou.

— Se seus afazeres permitirem — disse Galad —, gostaria de vê-la novamente, Egwene. Poderíamos caminhar ou, se você obtiver permissão para deixar a Torre, fazer um piquenique fora da cidade.

— Isso... Isso seria bom. — Ela estava consciente demais da presença dos outros. Min e Gawyn ainda sorriam com divertimento, Elayne ainda estava com cara de desagrado. Ela tentou se acalmar, pensar em Rand. *Ele é tão... lindo*. Ela se sobressaltou, com medo de ter falado em voz alta.

— Até lá. — Finalmente tirando os olhos dela, Galad fez uma mesura para Elayne. — Irmã. — Esguio como uma lâmina, ele seguiu pela ponte.

— Aquele ali — murmurou Min, olhando-o — sempre fará o que é certo. Doa a quem doer.

— Irmã? — perguntou Egwene. A careta de desagrado de Elayne diminuía apenas um pouco. — Achei que fosse seu... Quer dizer, do jeito que você está franzindo a testa... — Ela havia pensado que Elayne estava com ciúmes, e ainda não tinha certeza do contrário.

— Eu não sou irmã dele — respondeu Elayne, com firmeza. — E me recuso a ser.

— Nós temos o mesmo pai — explicou Gawyn, seco. — Você não pode negar isso, a menos que queira chamar nossa mãe de mentirosa. E isso, eu acho, precisaria de mais coragem do que nós dois temos juntos.

Pela primeira vez, Egwene percebeu que ele tinha os mesmos cabelos dourados levemente avermelhados de Elayne, ainda que estivessem um pouco mais escuros e encaracolados devido ao suor.

— Min tem razão — comentou Elayne. — Galad não tem o mínimo de humanidade. Ele coloca o que é certo acima da misericórdia, da pena, ou... Ele não é mais humano do que um Trolloc.

O sorriso de Gawyn voltou.

— Não sei disso, não. Não pelo jeito que ele estava olhando para Egwene, aqui. — Ele percebeu o olhar dela e de sua irmã e levantou as mãos, como se para se defender com a espada embainhada. — Além disso, ele é o melhor que já vi com uma espada. Os Guardiões só precisam mostrar um movimento uma vez, e ele aprende. Eles me fazem quase morrer de tanto suar só para aprender metade do que Galad faz sem esforço.

— E ser bom com uma espada basta? — perguntou Elayne com desprezo. — Homens! Egwene, como você pode ter imaginado, este idiota vergonhosamente desnudo é meu irmão. Gawyn, Egwene conhece Rand al'Thor. Eles são da mesma aldeia.

— É mesmo? Ele realmente nasceu em Dois Rios, Egwene?

Egwene se obrigou a assentir calmamente. *O que ele sabe?*

— Claro que sim. Eu cresci junto com ele.

— É claro — concordou Gawyn, devagar. — Um sujeito tão estranho. Um pastor, foi o que disse, embora não parecesse nem agisse como qualquer pastor que eu já tenha visto. Estranho. Já conheci todo tipo de gente, e eles conheceram Rand al'Thor. Algumas sequer sabem o nome dele, mas a descrição não podia ser de mais ninguém, e ele mudou cada uma de suas vidas. Houve um velho fazendeiro que foi a Caemlyn apenas para ver Logain, quando ele passou na cidade no caminho para cá, mas que ficou para lutar por minha mãe quando começaram os

levantes. Tudo por causa de um rapaz que saiu para ver o mundo, que o fez pensar que havia mais coisas na vida do que sua fazenda. Rand al'Thor. Dá até para pensar que ele é *ta'veren*. Elaida certamente está interessada nele. Será que nossas vidas mudarão no Padrão, porque o conhecemos?

Egwene olhou para Min e Elayne. Tinha certeza de que elas não podiam fazer ideia de que Rand realmente era *ta'veren*. Nunca dera muita atenção para aquilo antes: ele era apenas Rand, e fora amaldiçoado com a habilidade de canalizar. Mas *ta'veren* influenciavam a vida das pessoas, quisessem elas ou não.

— Eu realmente gosto de vocês — disse, subitamente, gesticulando de forma a incluir as duas garotas. — Quero ser sua amiga.

— E eu também quero — respondeu Elayne.

Egwene a abraçou, de forma impulsiva, então Min pulou da mureta, e as três ficaram ali na ponte, abraçadas.

— Nós três *estamos* conectadas — comentou Min — e não podemos deixar homem nenhum ficar entre nós. Nem mesmo ele.

— Será que alguma de vocês se incomodaria em me dizer do que isso se trata? — perguntou Gawyn, gentilmente.

— Você não entenderia — respondeu sua irmã, e as três garotas começaram a rir e não conseguiram parar.

Gawyn coçou a cabeça, então a sacudiu.

— Bem, se tem algo a ver com Rand al'Thor, tomem cuidado para que Elaida não ouça. Ela já veio três vezes para cima de mim como um Questionador dos Mantos-brancos, desde que chegamos. Não acho que ela vá fazer alguma... — Ele levou um susto: uma mulher atravessava o jardim, uma mulher com um xale de franjas vermelhas. — “Nomeie o Tenebroso” — citou o rapaz — “e ele aparece”. Não preciso de outra bronca a respeito de como devo usar minha camisa quando estiver fora dos pátios de treinamento. Bom dia para vocês!

Ao surgir na ponte, Elaida deu uma olhadela de relance para Gawyn, que já se afastava. Era uma mulher de beleza quase masculina, reparou Egwene, mas aquela idade indefinida a marcava de um modo tão claro quanto seu xale: somente as irmãs aceitas mais recentemente ainda não tinham aquele rosto. Seu olhar passou por Egwene, parando apenas por um momento, e a menina percebeu certa dureza na Aes Sedai. Ela sempre havia pensado em Moiraine como alguém forte, aço sob seda, mas Elaida dispensava a seda.

— Elaida — disse Elayne —, esta é Egwene. Ela também nasceu com a semente dentro de si. E já teve algumas aulas, então está no mesmo nível que eu. Elaida?

A expressão da Aes Sedai era inescrutável.

— Em Caemlyn, criança, eu sou conselheira de sua mãe, a Rainha, mas esta é a Torre Branca, e você é uma noviça. — Min fez menção de partir, mas Elaida a deteve com um ríspido: — Fique, garota. Quero falar com você.

— Conheço você minha vida inteira, Elaida — retrucou Elayne, incrédula. — Você me viu crescer, você fazia os jardins florescerem no inverno para que eu pudesse brincar.

— Criança, lá você era a Filha-herdeira. Aqui você é uma noviça. Precisa aprender isso. Você será grande um dia, mas precisa aprender!

— Sim, Aes Sedai.

Egwene estava perplexa. Se alguém a tivesse esnobado daquele jeito na frente de outras pessoas, teria ficado furiosa.

— Agora saiam, vocês duas. — Um gongo começou a soar, seu tom grave e sonoro, e Elaida inclinou a cabeça. O sol estava a meio caminho de sua posição mais alta. — Altas — disse Elaida. — Vocês precisam se apressar, se não quiserem mais reprimendas. E Elayne? Vá encontrar a Mestra das Noviças em seu gabinete, depois que terminar seus afazeres. Uma noviça não fala com uma Aes Sedai, a menos que tenha permissão. Corram, vocês duas. Vão se atrasar. Corram!

E elas correram, levantando as saias. Egwene olhou para Elayne, que tinha duas manchas vermelhas nas bochechas e um olhar determinado no rosto.

Atrás delas, Egwene ouviu a Aes Sedai começar a falar:

— Deram-me a entender, garota, que você foi trazida para cá por Moiraine Sedai.

Ela queria ficar e ouvir, tentar descobrir se Elaida perguntaria sobre Rand, mas o gongo anunciava as Altas por toda a Torre Branca, ela estava sendo convocada para suas tarefas. Ela correu como Elaida tinha ordenado.

— Eu serei uma Aes Sedai — grunhiu.

Elayne deu um sorriso rápido e compreensivo, e elas apertaram o passo.

* * *

A camisa de Min estava grudada no corpo quando ela finalmente deixou a ponte. Não havia suado por causa do sol, mas por causa das perguntas de Elaida. Ela olhou para trás para se certificar de que a Aes Sedai não a seguia, mas não viu Elaida em parte alguma.

Como a Aes Sedai sabia que Moiraine a chamara? Min tinha certeza de que aquele era um segredo que apenas ela, Moiraine e Sheriam sabiam. E todas aquelas perguntas sobre Rand. Não fora fácil fazer cara de paisagem e olhá-la firme nos olhos enquanto mentia na cara de uma Aes Sedai que nunca ouvira falar dele e não sabia nada a seu respeito. *O que será que ela quer com ele? Luz, o que Moiraine quer com ele? O que ele é? Luz, eu não quero me apaixonar por um homem que só encontrei uma vez, e ainda por cima um caipira.*

— Que a Luz a cegue, Moiraine — resmungou. — Seja lá o motivo pelo qual você me trouxe até aqui, saia de onde quer que esteja se escondendo e me diga logo, para eu poder ir embora!

A única resposta foi a doce canção dos periquitos-cinzentos. Com uma careta, ela saiu em busca de algum lugar para se refrescar.





Cairhien

A cidade de Cairhien ficava do outro lado das montanhas, às margens do Rio Alguenya, e a primeira vez que Rand a viu foi do alto das colinas ao norte, à luz do sol do meio-dia. Elricain Tavolin e os cinquenta soldados cairhienos ainda lhe pareciam guardas, especialmente depois de atravessarem a ponte no Gaelin, pois foram ficando mais empertigados à medida que iam avançando para o sul. Mas Loial e Hurin não pareciam se importar, então ele também tentou não ligar. Analisou a cidade, tão grande quanto qualquer uma que já vira. Enormes navios e largas barcas preenchiam o rio, e havia silos altos distribuídos ao longo da outra margem, mas Cairhien parecia disposta de forma precisa atrás de suas muralhas altas e cinzentas. As muralhas formavam um quadrado perfeito, com um lado paralelo ao rio. Em um padrão igualmente planejado, torres se erguiam das muralhas, elevando-se a até vinte vezes sua altura, e mesmo das colinas Rand podia ver que todas terminavam em um topo serrilhado.

Fora das muralhas, cercando-os de uma margem à outra do rio, havia um labirinto de ruas se entrecruzando em diversos ângulos e fervilhando de gente. Rand sabia que aquela área se chamava Portão da Frente, pois Hurin lhe dissera. Um dia houvera uma aldeia que servia de mercado para cada portão da cidade, mas, ao longo dos anos, elas foram crescendo e se tornaram uma só, um caldeirão de ruas e becos que se estendiam para todos os lados.

Quando Rand e os outros adentraram aquelas ruas de terra batida, Tavolin mandou alguns de seus soldados abrirem caminho por entre a massa, gritando e instigando os cavalos como se fossem passar por cima de qualquer um que não saísse do caminho rápido o bastante. As pessoas saíam da frente sem olhar duas vezes, como se aquilo fosse uma ocorrência cotidiana. Mas Rand se pegou sorrindo.

As roupas dos moradores de Portão da Frente eram, em sua maioria, de má qualidade, mas muitas tinham cores vivas, e o lugar era bastante animado. Mascotes gritavam, anunciando seus produtos, e os donos das lojas chamavam as pessoas para examinarem os artigos expostos sobre mesas diante de suas lojas. Barbeiros, vendedores de frutas, amoladores de facas, homens e mulheres oferecendo dezenas de serviços e centenas de artigos à venda vagavam pelas multidões. Era possível ouvir música, vinda de mais de um lugar, em meio ao burburinho. No começo, Rand pensou que vinha das estalagens, mas as placas na frente de

todas as casas mostravam homens tocando flautas e harpas, fazendo malabares ou equilibrismo, e, apesar de serem grandes, não tinham janelas. A maioria das construções de Portão da Frente parecia ser de madeira, por maiores que fossem, e muitas pareciam novas, ainda que mal-acabadas. Rand ficou boquiaberto diante de vários prédios com sete ou mais andares. Eles balançavam de leve, embora as pessoas que entravam e saíam apressadas não parecessem notar.

— Camponeses — resmungou Tavolin, olhando direto para a frente, enojado. — Olhe só para eles, corrompidos por costumes estrangeiros. Nem deviam estar aqui.

— E onde deviam estar? — perguntou Rand. O oficial de Cairhien o fuzilou com o olhar e esporeou o cavalo para que avançasse, batendo na multidão com seu relho.

Hurin tocou o braço de Rand.

— Foi a Guerra dos Aiel, Lorde Rand. — Ele olhou ao redor para se certificar de que nenhum dos soldados estava perto demais para ouvir. — Muitos dos fazendeiros estavam com medo de voltar para suas terras, perto da Espinha do Mundo, e vieram para cá, que é bastante próximo. É por isso que Galldrian mantém o rio cheio de barcas de grãos vindos de Andor e Tear. Não há colheitas chegando das fazendas a leste daqui, pois não existem mais fazendas por lá. Mas é melhor não mencionar isso a um cairhieno, milorde. Eles gostam de fingir que a guerra nunca aconteceu, ou, pelo menos, que a venceram.

Apesar do chicote de Tavolin, eles foram forçados a parar quando uma estranha procissão atravessou o caminho. Cerca de dez de homens, batendo tambores e dançando, abriam caminho para uma fileira de enormes marionetes, cada qual com uma vez e meia o tamanho dos homens que os faziam se movimentar com a ajuda de longas varas. Gigantescas figuras de homens e mulheres usando coroas e longos mantos ornamentados faziam medidas para a multidão, em meio a diversas feras fantásticas. Um leão com asas. Um bode andava nas patas traseiras ostentando duas cabeças que deveriam cuspir fogo, a julgar pelas fitas vermelhas que pendiam das duas bocas. Havia uma criatura que parecia ser metade gato e metade águia, e outra com uma cabeça de urso em um corpo humano, que Rand supôs representar um Trolloc. A multidão ria e dava vivas enquanto eles passavam dançando.

— Os homens que fizeram aquilo nunca viram um Trolloc — resmungou Hurin. — A cabeça é grande demais, e ele é muito magro. Provavelmente também não acreditam neles, milorde, não mais do que acreditam naquelas outras bestas. Os únicos monstros em que o povo de Portão da Frente acredita são os Aiel.

— Isso é a celebração de algum Festival? — perguntou Rand.

Ele não vira indícios daquilo, a não ser pela procissão, mas julgou que deveria haver uma razão para aquela festa. Tavolin ordenou que seus soldados avançassem outra vez.

— Não é nada fora do normal, Rand — respondeu Loial. Caminhando ao lado de seu cavalo com o baú envolto no cobertor ainda amarrado à sela, o Ogier atraía tantos olhares quanto as marionetes. Alguns até riam e batiam palmas, como haviam feito com os bonecos. — Receio que Galldrian mantenha o povo calado por meio do entretenimento. Ele oferece a músicos e menestréis o Presente do Rei, uma recompensa em prata para se apresentarem em Portão da Frente, e todos os dias patrocina corridas de cavalos à beira do rio. Também há fogos de artifício todas as noites. — Sua voz tinha um tom desgostoso. — O Ancião Haman diz que Galldrian é uma desgraça. — Ele piscou várias vezes, percebendo o que acabara de dizer, e

mais do que depressa olhou ao redor para verificar se algum dos soldados ouvira. Aparentemente, não.

— Fogos de artifício — disse Hurin, balançando a cabeça em concordância. — Pelo que ouvi dizer, os Iluminadores construíram uma sala do capítulo aqui, como em Tanchico. Até que gostei de ver os fogos de artifício, da última vez que vim.

Rand sacudiu a cabeça. Ele nunca vira fogos de artifício elaborados o bastante para exigir sequer um Iluminador. Ouvira dizer que eles só saíam de Tanchico para fazer exhibições para governantes. Ele fora parar em um lugar estranho.

Ao chegarem ao alto portão quadrado da cidade, Tavolin ordenou que todos parassem e desmontou ao lado de um prédio baixo, feito de pedra, que ficava logo ao lado da entrada. As muralhas tinham seteiras em vez de janelas e uma porta pesada, trancada com barras de ferro.

— Um momento, milorde Rand — pediu o oficial. Jogando suas rédeas para um dos soldados, ele desapareceu no interior do edifício.

Com um olhar desconfiado para os soldados, montados com uma postura rígida em duas fileiras compridas, Rand se perguntou o que eles fariam caso ele, Loial e Hurin tentassem partir. Ele aproveitou a oportunidade para analisar a cidade diante de si.

A cidade de Cairhien era um contraste impressionante com o caos de Portão da Frente. As ruas eram amplas e pavimentadas, largas o bastante para fazer com que a quantidade de gente que passava por elas parecesse menor do que de fato era, e elas se cruzavam em ângulos retos. Assim como em Tremonsien, as colinas haviam sido escavadas para aplanar o terreno. Liteiras fechadas avançavam de forma decidida, algumas ostentando a bandeira de uma Casa, e carruagens percorriam as ruas lentamente. As pessoas andavam em silêncio, trajando roupas escuras, sem cores vivas, a não ser por faixas de tecido que, volta e meia, enfeitavam o peito de um casaco ou vestido. Quanto mais faixas, mais orgulhosa a pessoa andava, mas ninguém ria ou sequer esboçava um sorriso. Os prédios eram todos de pedra, com ornamentos em linhas retas e ângulos agudos. Não havia mascates nas ruas, e até mesmo as lojas pareciam mais quietas, ostentando apenas tabuletas pequenas, sem artigos expostos do lado de fora.

Ele podia ver as grandes torres com mais clareza, cercadas por andaimes feitos de varas amarradas umas às outras, onde trabalhadores subiam e desciam como um enxame de insetos, assentando novas camadas de pedras para deixar as torres ainda mais altas.

— As Torres Sem Fim de Cairhien — murmurou Loial, com certa tristeza. — Bem, um dia já foram altas o bastante para justificar esse nome. Quando os Aiel tomaram Cairhien, mais ou menos na época em que você nasceu, as torres foram incendiadas, racharam e desabaram. Não vejo nenhum Ogier entre os pedreiros. Nenhum Ogier gostaria de trabalhar aqui, pois os homens de Cairhien querem tudo do seu jeito, sem nenhum embelezamento, mas havia alguns Ogier quando eu vim, antes.

Tavolin saiu do edifício, trazendo atrás de si outro oficial e dois escrivães. Um deles carregava um enorme livro-caixa com capa de madeira, o outro, uma bandeja com ferramentas para a escrita. A frente da cabeça do oficial estava raspada como a de Tavolin, embora a calvície parecesse ter-lhe roubado mais cabelos do que a navalha. Ambos os oficiais olharam de Rand para o baú escondido sob o cobertor listrado de Loial, então para Rand outra vez. Nenhum deles perguntou o que havia embaixo do cobertor. Tavolin olhara muitas vezes para o

baú no caminho de Tremonsien, mas também não fizera perguntas. O homem calvo também olhou para a espada de Rand e comprimiu os lábios por um momento.

Tavolin apresentou o outro oficial como Asan Sandair, e anunciou em alto e bom som:

— Lorde Rand da Casa al'Thor, em Andor, e seu homem, de nome Hurin, acompanhados de Loial, Ogier do pouso Shangtai. — O escrivão que levava o livro-caixa o abriu em seus braços, e Sandair escreveu os nomes com uma letra arredondada.

— O senhor deve retornar a esta guarita a esta mesma hora amanhã, milorde — explicou Sandair, deixando que o segundo escrivão espalhasse o pó para secar a tinta —, e informar o nome da estalagem onde se hospedará.

Rand olhou para as ruas calmas de Cairhien, depois para a animação de Portão da Frente.

— Pode me dizer o nome de uma boa estalagem lá? — Ele gesticulou com a cabeça, indicando Portão da Frente.

Hurin fez um *psst* desesperado e se curvou para a frente.

— Não seria adequado, Lorde Rand — sussurrou. — Se o senhor ficar em Portão da Frente, sendo um Lorde e tudo o mais, eles terão certeza de que está tramando alguma coisa.

Rand percebeu que o farejador tinha razão. Sandair estava de queixo caído, Tavolin erguera as sobrancelhas com a pergunta, e ambos o olhavam fixamente. Ele queria lhes explicar que não estava jogando o Grande Jogo, mas em vez disso falou:

— Nos hospedaremos na cidade. Podemos ir agora?

— É claro, milorde Rand. — Sandair fez uma mesura. — Mas... a estalagem?

— Eu o informarei quando encontrarmos uma. — Rand fez Vermelho virar, então parou. O bilhete de Selene fez um ruído em seu bolso. — Preciso encontrar uma jovem de Cairhien. Lady Selene. Ela é da minha idade, e muito bonita. Não sei qual é sua Casa.

Sandair e Tavolin se entreolharam, e o primeiro respondeu:

— Investigarei, milorde. Talvez eu seja capaz de lhe dar uma resposta quando o senhor voltar, amanhã.

Rand assentiu e conduziu Loial e Hurin para dentro da cidade. Eles não atraíram muita atenção, embora houvesse poucos cavaleiros. Nem mesmo Loial atraiu muitos olhares. As pessoas pareciam quase ostentar indiferença.

— Será que eles vão interpretar mal — perguntou Rand, para Hurin — o fato de eu ter perguntado sobre Selene?

— Quem sabe, com essa gente de Cairhien, Lorde Rand? Eles parecem pensar que tudo tem a ver com *Daes Dae'mar*.

Rand deu de ombros. Sentia como se as pessoas o estivessem observando. Mal podia esperar para vestir um casaco bom e simples outra vez e parar de fingir ser o que não era.

Hurin conhecia diversas estalagens na cidade, embora tivesse ficado em Portão da Frente a maior parte do tempo que passou em Cairhien. O farejador os levou a uma estalagem chamada O Defensor da Muralha do Dragão, cuja placa exibia um homem com uma coroa segurando a espada junto à garganta de outro homem, mantendo-o deitado com o pé sobre seu peito. O sujeito caído tinha cabelos ruivos.

Um cavaliço apareceu para buscar os cavalos, lançando rápidos olhares para Rand e Loial quando pensou que não estava sendo observado. Rand disse a si mesmo para parar de pensar bobagens: nem todas as pessoas da cidade estavam jogando esse tal Jogo. E, se estivessem,

ele não iria fazer parte daquilo.

O salão da estalagem era limpo e bem-arrumado, com as mesas dispostas com o mesmo rigor da cidade, e havia apenas alguns ocupantes. Eles olharam de relance para os recém-chegados, então voltaram imediatamente a olhar para suas canecas de vinho, mas Rand teve a sensação de que ainda estava sendo observado. Uma pequena fogueira ardia na grande lareira, embora o dia estivesse ficando quente.

O estalajadeiro era um homem gordo e lisonjeiro, e uma única faixa verde cruzava a frente de seu casaco cinza-escuro. Ele se assustou quando os viu, e Rand não ficou surpreso. Loial, carregando o baú oculto pelo cobertor listrado, precisou abaixar a cabeça para passar pela porta; Hurin estava sobrecarregado com todos os alforjes e sacos, e seu próprio casaco vermelho contrastava com as cores sombrias das roupas das pessoas nas mesas.

O estalajadeiro pegou o casaco e a espada de Rand, e seu sorriso lisonjeiro voltou. Ele se curvou, esfregando as mãos macias.

— Perdoe-me, milorde. Apenas por um instante o tomei por... Perdoe-me. Meu cérebro não é mais o que era. O senhor deseja um quarto, milorde? — Ele fez outra medida, menos profunda, para Loial. — Meu nome é Cuale, milorde.

Ele achou que eu fosse um Aiel, pensou Rand, com amargura. Queria sair de Cairhien, mas aquele era o único lugar onde Ingтар poderia encontrá-los. E Selene dissera que esperaria por ele lá.

Levou um tempo para que os quartos ficassem prontos, e Cuale explicou com muitos sorrisos e medidas que fora necessário mover uma cama para Loial. Rand queria que todos dividissem um quarto outra vez, mas entre os olhares escandalizados do estalajadeiro e a insistência de Hurin (“Precisamos mostrar a esses cairhienos que sabemos tanto quanto eles o que é certo, Lorde Rand.”) eles acabaram com dois, um apenas para ele, mas com uma porta comunicando os dois quartos.

Os quartos eram quase idênticos, mas um tinha duas camas, uma delas grande o bastante para acomodar um Ogier, e o outro tinha apenas uma cama dossel, do tamanho das outras duas juntas, com esteios quadrados maciços que quase tocavam o teto. A cadeira estofada de espaldar alto e o lavabo também eram quadrados e maciços, e o armário encostado na parede era esculpido em um estilo rígido e pesado, que fazia o objeto parecer pronto para cair em alguém. Havia duas janelas ao lado da cama que davam para a rua, dois andares abaixo.

Assim que o estalajadeiro saiu, Rand abriu a porta e deixou Loial e Hurin entrarem no aposento.

— Este lugar me dá nos nervos — falou. — Todos olham como se achassem que estamos tramando alguma coisa. Vou voltar para Portão da Frente, nem que seja por uma hora. Pelo menos lá as pessoas riem. Qual de vocês quer o primeiro turno para vigiar a Trombeta?

— Eu — ofereceu-se Loial, mais do que depressa. — Gostaria de um tempo para ler um pouco. E só porque não vi nenhum Ogier, não quer dizer que não tenha nenhum construtor do pouso Tsofu. Ele não fica longe da cidade.

— Achei que você fosse querer encontrar com eles.

— Ah... Não, Rand. Da última vez, eles já fizeram perguntas o bastante sobre eu estar viajando sozinho. Se tiveram alguma notícia do Pouso Shangtai... Bem, vou só descansar por

aqui e ler, eu acho.

Rand sacudiu a cabeça. Ele sempre se esquecia de que Loial fugira de casa para ver o mundo.

— E quanto a você, Hurin? Em Portão da Frente há música e gente rindo. Aposto que lá ninguém joga *Daes Dae'mar*.

— Eu não estou tão certo disso, Lorde Rand. De qualquer modo, agradeço pelo convite, mas acho que não irei. Há tantas lutas... e mortes... em Portão da Frente que o lugar fede, se o senhor me entende. Não que eles fossem incomodar um lorde, é claro: os soldados cairiam em cima deles caso isso acontecesse. Mas, se o senhor não se importar, eu gostaria de beber alguma coisa no salão lá embaixo.

— Hurin, você não precisa da minha permissão para nada. Sabe disso.

— Como quiser, milorde. — O farejador fez uma pequena medida.

Rand respirou fundo. Se não deixassem Cairhien logo, Hurin começaria a fazer profundas reverências a torto e a direito. E se Mat e Perrin vissem isso, nunca o deixariam esquecer.

— Espero que nada atrase Ingtar. Se ele não vier depressa, nós mesmos precisaremos levar a Trombeta de volta a Fal Dara. — Ele tocou o bilhete de Selene por fora do casaco. — Teremos que fazer isso. Loial, voltarei logo para que você possa ver um pouco da cidade.

— Prefiro não arriscar — respondeu Loial.

Hurin desceu com Rand. Assim que chegaram ao salão, Cuale fez uma reverência diante de Rand, estendendo uma bandeja em sua direção. Três pergaminhos dobrados e selados estavam sobre a bandeja. Rand os apanhou, já que aquela parecia ser a intenção do estalajadeiro. Eram pergaminhos de boa qualidade, suaves e macios ao toque. Caros.

— O que são? — perguntou.

Cuale fez outra medida.

— Convites, milorde, é claro. De três das Casas nobres. Fez mais uma medida e se afastou.

— Quem me mandaria convites? — Rand os segurou e virou. Nenhum dos homens sentados às mesas levantou a cabeça, mas ele tinha a sensação de estar sendo observado assim mesmo. Não reconheceu os selos. Nenhum deles tinha a lua crescente e as estrelas usadas por Selene. — Quem saberia que estou aqui?

— Todo mundo já deve saber a essa altura, Lorde Rand — respondeu Hurin, em voz baixa. Ele também parecia sentir os olhos vigilantes. — Os guardas no portão não iam ficar de boca fechada com um lorde estrangeiro chegando a Cairhien. O cavaliço, o estalajadeiro... todo mundo conta o que sabe para quem acha que vai beneficiá-los mais, milorde.

Fazendo uma careta, Rand deu dois passos e jogou os convites no fogo. Eles queimaram imediatamente.

— Eu não estou jogando *Daes Dae'mar* — disse, alto o bastante para todos ouvirem. Nem mesmo Cuale olhou para ele. — Não tenho nenhum interesse no seu Grande Jogo. Só estou aqui à espera de alguns amigos.

Hurin agarrou seu braço.

— Por favor, Lorde Rand. — Sua voz soava como um sussurro nervoso. — Por favor, não faça isso de novo.

— De novo? Você acha mesmo que vou receber outros convites?

— Tenho certeza. Luz, o senhor me lembrou de quando Teva ficou tão irritado com algumas

vespas zumbindo perto de seu ouvido que deu um chute no vespeiro. O senhor deve ter acabado de convencer todo mundo nessa sala de que está profundamente envolvido no Jogo. Deve estar, na cabeça deles, para o senhor negar tão completamente o que está fazendo. *Todo lorde e toda lady* de Cairhien jogam. — O farejador olhou de soslaio para a lareira, onde os pergaminhos curvavam-se, enegrecidos pelas chamas, e fez uma careta. — E o senhor deve ter feito inimigos em três Casas. Não em grandes Casas, ou não teriam agido tão depressa, mas, mesmo assim, eles são nobres. Você precisa responder a todos os outros convites que receber, milorde. Recuse-os se quiser, mas saiba que eles buscarão significados para quais deles o senhor recusar. E quais o senhor aceitar. Naturalmente, se o senhor recusar todos, ou aceitar todos...

— Não farei parte disso — respondeu Rand, também em voz baixa. — Sairemos de Cairhien assim que pudermos. — Ele enfiou os punhos cerrados nos bolsos do casaco e sentiu o bilhete de Selene sendo amassado. Retirando-o do bolso, ajeitou-o na parte da frente de seu casaco. — Assim que pudermos — murmurou, guardando-o no bolso outra vez. — Vá tomar sua bebida, Hurin.

Ele saiu irritado, sem saber ao certo se estava bravo consigo mesmo, com Cairhien e seu Grande Jogo, com Selene, por ter desaparecido, ou com Moiraine. Ela é que havia começado aquilo tudo, roubando seus casacos e lhe dando as roupas de um lorde. Mesmo agora, que se considerava livre delas, uma Aes Sedai ainda conseguia interferir em sua vida. Isso sem sequer estar presente.

Voltou pelo mesmo portão pelo qual entrara na cidade, já que era o caminho que conhecia. Um homem parado em frente à casa da guarda percebeu que ele vinha — seu casaco de cores vivas o destacava dos cairhienos, assim como sua altura — e correu para dentro, mas Rand não reparou. Os risos e a música de Portão da Frente o atraíam.

Se seu casaco vermelho com bordados dourados o fazia se destacar do lado de dentro das muralhas, em Portão da Frente ele se encaixava muito bem. Muitos dos homens que caminhavam pelas ruas lotadas usavam os mesmos tons escuros que as pessoas da cidade, mas com a mesma frequência se viam casacos vermelhos, azuis, verdes ou dourados, alguns brilhantes o bastante para passarem por roupas de um Latoeiro. Um número maior ainda de mulheres usava vestidos bordados e lenços ou xales coloridos. A maioria das roupas era esfarrapada ou grande demais, como se tivessem sido feitas para outra pessoa. Mas, se alguns daqueles que as usavam reparavam em seu belo casaco, não pareciam achá-lo fora do normal.

Rand teve que dar passagem a outra procissão de marionetes gigantes. Enquanto os tamborileiros batiam seus tambores e dançavam, um Trolloc de focinho e presas de porco lutava com um homem com uma coroa na cabeça. Após algumas pancadas sem entusiasmo, a fera desabou, provocando risos e aplausos dos espectadores.

Rand grunhiu. *Eles não morrem tão fácil assim.*

Olhou de relance para um dos prédios grandes e sem janelas, parando para olhar pela porta. Para sua surpresa, o edifício parecia composto de um único salão, com a parte central a céu aberto e diversas varandas internas, com uma plataforma enorme em uma das extremidades. Ele nunca vira ou ouvira falar sobre algo parecido. As varandas e o chão estavam repletos de pessoas que assistiam a outras pessoas se exibirem sobre a plataforma. Ele deu uma espiadela

ao passar por edifícios similares e viu malabaristas, músicos, toda sorte de equilibristas e até mesmo um menestrel, com seu manto de retalhos, declamando uma história de A Grande Caçada à Trombeta em Alto Canto.

Aquilo o fez pensar em Thom Merrilin, e Rand seguiu em frente, apressado. Lembranças de Thom eram sempre tristes. Thom fora um amigo. Um amigo que morrera por ele. *Enquanto eu fugia e o deixava morrer.*

Em outra das grandes estruturas, uma mulher trajando volumosos mantos brancos parecia fazer coisas desaparecerem de uma cesta e aparecerem em outra, para então desaparecerem de suas mãos em grandes nuvens de fumaça. A multidão que assistia àquele espetáculo soltava gritos de espanto.

— Dois cobres, meu bom Lorde — disse um homenzinho com aspecto de roedor que estava parado na porta. — Dois cobres para ver a Aes Sedai.

— Melhor não. — Rand olhou de relance para a mulher, uma última vez. Um pombo branco aparecera em suas mãos. *Aes Sedai?* — Não. — Fez uma pequena mesura para o homem com aspecto de roedor e se afastou.

Ele abria caminho por entre a multidão, pensando no que veria em seguida, quando uma voz grave, acompanhada pelo dedilhar de uma harpa, veio de uma porta sobre a qual havia uma placa com o símbolo de um malabarista.

— ... frio sopra o vento que desce pelo Passo de Shara. Fria é a tumba sem lápide. Mas todos os anos, no Dia de Sol, sobre aquelas pedras empilhadas, aparece uma única rosa, ali colocada pela bela mão de Dunsinin, pois ela é fiel ao trato feito por Rogosh Olho-de-águia. Rand foi atraído para a voz como se tivesse sido puxado por uma corda invisível. Adentrou a porta enquanto os aplausos cresciam.

— Dois cobres, meu bom lorde — disse um homem com cara de rato, que podia muito bem ser gêmeo do outro. — Dois cobres para ver...

Rand bateu por algumas moedas e jogou-as para o homem. Ele entrou meio zozinho, encarando fixamente o homem que se curvava sobre a plataforma para receber os aplausos dos que o ouviam, segurando a harpa com um dos braços e abrindo bem o manto de retalhos com o outro, como se quisesse aprisionar todo o som que eles faziam. Era um homem alto, magro e não muito jovem, com bigodes compridos, tão brancos quanto os cabelos em sua cabeça. E, quando ele se endireitou e viu Rand, os olhos que se arregalaram eram vívidos e azuis.

— Thom. — O sussurro do rapaz se perdeu no ruído da multidão.

Mantendo seus olhos nos de Rand, Thom Merrilin acenou de leve com a cabeça, indicando uma portinha ao lado da plataforma. Então, fez mais uma mesura, sorrindo e se deliciando com os aplausos.

Rand foi até a porta e a atravessou. Era apenas um pequeno corredor com três degraus, que subiam até a plataforma. Na outra direção, pôde ver um malabarista praticando com bolas coloridas e seis equilibristas se preparando.

Thom apareceu nos degraus, mancando, como se sua perna direita não dobrasse tão bem como antes. Ele olhou para o malabarista e os equilibristas de soslaio, bufou com desdém e se virou para Rand.

— Tudo o que querem ouvir é *A Grande Caçada à Trombeta*. Seria de se esperar, com as notícias de Haddon Mirk e Saldaea, que um deles pedisse *O Ciclo de Karaethon*. Bem, talvez

não isso, mas eu pagaria a mim mesmo só para poder contar outra coisa. — Ele olhou Rand de cima a baixo. — Você parece estar bem, rapaz. — Passou os dedos pelo colarinho de Rand e apertou os lábios. — Muito bem.

Rand não conseguiu conter o riso.

— Saí de Ponte Branca com a certeza de que você tinha morrido. Moiraine disse que você ainda estava vivo, mas eu... Luz, Thom, é bom ver você de novo! Eu deveria ter voltado para ajudá-lo.

— Teria sido uma tolice imensa, rapaz. Aquele Desvanecido... — Ele olhou ao redor; não havia ninguém por perto para ouvir, mas Thom abaixou a voz assim mesmo. — Aquele Desvanecido não estava interessado em mim. Ele me deixou essa perna de presente e saiu correndo atrás de você e de Mat. Tudo o que você poderia ter feito era morrer. — Ele fez uma pausa, com ar pensativo. — Moiraine disse que eu ainda estava vivo, é mesmo? Ela ainda está com vocês, então?

Rand negou com a cabeça. Para sua surpresa, Thom pareceu decepcionado.

— É uma pena, de certa forma. Ela é uma boa mulher, ainda que seja... — Ele não terminou a frase. — Então, ela estava atrás de Mat ou de Perrin. Não vou perguntar qual dos dois. Eram bons rapazes, e não quero saber. — Rand trocou de posição, desconfortável, e se assustou quando Thom o espetou com um dedo ossudo. — O que quero saber é: você ainda está com minha harpa e minha flauta? Eu as quero de volta, rapaz. As que eu tenho agora não são dignas nem de um porco.

— Ainda estou com elas, Thom. E vou trazê-las para você, juro. Não consigo acreditar que está vivo. E não consigo acreditar que não esteja em Illian. A Grande Caçada está partindo. Tem um prêmio para o melhor contador da *Grande Caçada à Trombeta*. Você estava louco para ir!

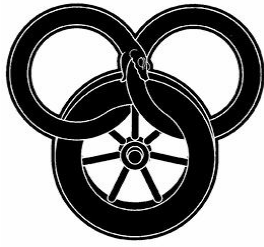
Thom fungou, desdenhoso.

— Depois de Ponte Branca? Era provável que eu morresse se chegasse lá. Mesmo que eu tivesse conseguido alcançar o barco antes que ele partisse, Domon e a tripulação espalhariam por toda Illian que eu estava sendo caçado por Trollocs. Se vissem o Desvanecido ou ouvissem falar nele antes de Domon cortar os cabos... a maioria dos illianenses acredita que Trollocs e Desvanecidos são lendas, mas há gente o bastante que iria querer saber por que um homem estava sendo perseguido por essas feras, o que tornaria Illian um tanto desconfortável.

— Thom, eu tenho muitas coisas para lhe contar.

O menestrel o interrompeu.

— Mais tarde, rapaz. — Ele e o homem de rosto fino que estava na porta, do outro lado do salão, entreolharam-se. — Se eu não voltar e contar outra história, aposto que ele vai mandar o malabarista, e aquela multidão vai botar o salão abaixo. Vá até a estalagem Cacho de Uvas, logo depois do Portão de Jangai. Eu aluguei um quarto lá. Qualquer um sabe dizer onde fica. Chego lá em mais ou menos uma hora. Eles vão ter que se dar por satisfeitos com só mais uma história. — Ele começou a subir os degraus outra vez e gritou por cima do ombro: — E leve minha harpa e minha flauta!





Discórdia

Rand disparou pelo salão da estalagem O Defensor da Muralha do Dragão e subiu as escadas depressa, abrindo um sorriso largo diante do olhar assustado do estalajadeiro. Queria sorrir para tudo e para todos. *Thom está vivo!*

Escancarou a porta do quarto e foi direto ao guarda-roupa.

Loial e Hurin abriram a porta que comunicava os quartos e enfiaram as cabeças para dentro do aposento, ambos já sem os casacos de viagem e com cachimbos na boca, soltando fumaça.

— Aconteceu alguma coisa, Lorde Rand? — perguntou Hurin, ansioso.

Rand pegou o manto embrulhado de Thom e pôs sobre o ombro.

— A melhor coisa que poderia acontecer, tirando a chegada de Ingтар. Thom Merrill está vivo. E está aqui, em Cairhien.

— O menestrel de quem você me falou? — perguntou Loial. — Isso é maravilhoso, Rand! Eu gostaria de conhecê-lo.

— Então venha comigo, se Hurin estiver disposto a ficar de guarda por um tempo.

— Seria um prazer, Lorde Rand. — Hurin tirou o cachimbo da boca. — Aquele pessoal no salão ficou tentando me fazer falar, mas sem que eu percebesse o que estavam fazendo, é claro. Queriam saber quem era você, milorde, e o que estamos fazendo em Cairhien. Eu disse que viemos encontrar alguns amigos, mas, como bons cairhienos, eles concluíram que eu estava escondendo uma informação mais importante.

— Deixe que pensem o que quiserem. Vamos, Loial.

— Acho que não. — suspirou o Ogier. — Eu realmente prefiro ficar por aqui. — Ele ergueu um livro com a página marcada por um dos dedos grossos. — Posso conhecer Thom Merrill alguma outra hora.

— Loial, você não pode ficar trancado aqui em cima para sempre. Nós nem sabemos quanto tempo vamos ter que passar em Cairhien. De qualquer jeito, não vimos nenhum Ogier. E se virmos, eles não estariam caçando você, estariam?

— Não estariam bem me caçando, mas... Rand, posso ter sido muito precipitado em deixar o Pouso Shangtai do jeito que o fiz. Quando voltar para casa, eu talvez tenha muitos problemas. — Suas orelhas abaixaram, desanimadas. — Mesmo que eu espere até ficar tão

velho quanto o Ancião Haman. Talvez eu consiga encontrar um *pouso* abandonado para morar, até lá.

— Se o Ancião Haman não o deixar voltar, você pode viver em Campo de Emond. É um lugar bem bonito. — *Um lugar lindo.*

— Tenho certeza de que é, Rand, mas não seria possível. Sabe...

— Falaremos disso quando chegar a hora, Loial. Agora estamos indo ver Thom.

O Ogier tinha quase o dobro de seu tamanho, mas Rand o forçou a vestir a longa túnica e descer a escada. Quando atravessaram o salão a passos largos, Rand piscou para o estalajadeiro, então riu de seu olhar assustado. *Ele que pense que estou indo jogar esse maldito Grande Jogo. Ele que pense o que quiser. Thom está vivo.*

Depois de passarem pelo Portão de Jangai, na muralha leste da cidade, parecia que todos conheciam a Cacho de Uvas. Rand e Loial logo se viram diante dela, em uma rua calma para os padrões de Portão da Frente, com o sol a meio caminho de se pôr.

Era uma velha estrutura de três andares, feita de madeira e de aparência instável, mas o salão era limpo e estava cheio. Alguns homens jogavam dados em um canto, e algumas mulheres jogavam dardos em outro. Metade das pessoas parecia ser de Cairhien, magras e pálidas, mas Rand também ouviu sotaques andorianos, além de outros desconhecidos. Todos usavam roupas típicas de Portão da Frente, uma mistura de estilos de diferentes terras. Alguns se viraram para olhar quando Rand e Loial entraram, mas todos logo retomaram o que estavam fazendo.

A estalajadeira tinha um cabelo tão branco quanto o de Thom, e seus olhos aguçados pararam para analisar tanto Loial quanto Rand. Não era cairhiena, a julgar pela pele escura e pelo sotaque.

— Thom Merrillin? É, ele alugou um quarto. Subindo a escada, a primeira porta à direita. Dana deve deixar vocês esperarem por ele lá. — Ela olhou para a espada e para o casaco vermelho de Rand, com as garças bordadas no colarinho alto e os espinheiros dourados bordados nas mangas. — Milorde!

A escada rangeu sob as botas de Rand, e fez ainda mais barulho sob as de Loial. O rapaz não sabia dizer por quanto tempo mais o prédio aguentaria. Ele encontrou a porta e bateu, perguntando-se quem seria Dana.

— Entre! — gritou uma voz de mulher. — Não posso abrir para você.

Rand abriu a porta, hesitante, e pôs apenas a cabeça para dentro. Havia uma grande cama desarrumada junto a uma parede, e o restante do quarto estava quase todo ocupado por um par de guarda-roupas, vários baús fechados com tiras e pregaria de latão, uma mesa e duas cadeiras de madeira. A mulher esguia, sentada de pernas cruzadas na cama com a saia presa embaixo do corpo, mantinha seis bolas coloridas girando em um círculo entre as mãos.

— O que quer que seja — disse ela, prestando atenção ao malabarismo que fazia —, deixe aí na mesa. Thom vai pagar quando voltar.

— Você é Dena? — perguntou Rand.

Ela recolheu as bolas ainda no ar e se virou para olhar Rand. Era apenas alguns anos mais velha que ele, e bonita, com a pele alva dos cairhienos e cabelos escuros soltos na altura dos ombros.

— Não conheço você. Este quarto é meu. Meu e de Thom Merrillin.

— A estalajadeira disse que talvez você nos deixasse esperar por Thom aqui — explicou Rand. — Se você for a tal Dena...

— Nos deixar? — Rand entrou no quarto para que Loial pudesse passar abaixado pela porta, e as sobranceiras dela se ergueram. — Então os Ogier voltaram. Eu sou Dena. O que vocês querem? — Ela olhou para o casaco de Rand de forma tão deliberada que o fato de não tratá-lo como “milorde” tinha de ser proposital, embora suas sobranceiras tenham se erguido outra vez, ao reparar nas garças da bainha e do cabo da espada.

Rand ergueu o embrulho que carregava.

— Vim devolver a harpa e a flauta de Thom. E quero conversar com ele — acrescentou mais do que depressa, pois ela parecia prestes a dizer para deixá-las ali e partir. — Não o vejo há muito tempo.

Ela fitou o embrulho.

— Thom vive resmungando sobre ter perdido a melhor flauta e a melhor harpa que já teve. Dá para pensar que ele era bardo de alguma corte pelo jeito que fala. Muito bem. Vocês podem esperar, mas eu preciso praticar. Thom disse que vai deixar eu me apresentar nos salões na semana que vem. — Ela se levantou com graça e sentou-se em uma das cadeiras, gesticulando para que Loial se sentasse na cama. — Zera faria Thom pagar por seis cadeiras se você quebrasse uma dessas, amigo Ogier.

Rand lhes disse seus nomes ao sentar na outra cadeira, que rangeu de forma preocupante, mesmo sob seu peso, e perguntou, em dúvida:

— Você é aprendiz dele?

Dena deu um sorrisinho.

— Pode-se dizer que sim. — Ela voltara a praticar malabarismo, e sua atenção estava nas bolas no ar.

— Nunca ouvi falar de menestres mulheres — comentou Loial.

— Serei a primeira. — O grande círculo se dividiu em dois círculos menores, sobrepostos. — Verei o mundo inteiro antes de me aposentar. Thom diz que, quando tivermos dinheiro o bastante, iremos até Tear. — Ela passou a jogar três bolas com cada mão. — E, de lá, talvez sigamos para as ilhas do Povo do Mar. Os Atha'an Miere pagam bem aos menestres.

Rand examinou o aposento, com todos aqueles baús e malas. Não parecia o quarto de alguém que pretendesse partir tão cedo. Havia até mesmo uma flor em um vaso na janela. Ele fitou a grande cama solitária, onde Loial estava sentado. *Este quarto é meu. Meu e de Thom Merrilin.* Dena lhe lançou um olhar de desafio por entre o grande círculo que voltara a fazer. Rand enrubesceu.

Ele pigarreou.

— Talvez seja melhor esperarmos lá embaixo — começou a dizer, quando a porta se abriu e Thom entrou, com o manto de retalhos que ia até os tornozelos balançando atrás dele. Os estojos de uma flauta e uma harpa estavam pendurados às costas. Eram de madeira avermelhada, polida pelo manuseio.

Dena fez as bolas desaparecerem em seu vestido e correu para abraçar Thom, ficando na ponta dos pés.

— Senti sua falta — disse, e o beijou.

O beijo durou um bom tempo, tão longo que Rand começou a se perguntar se ele e Loial deveriam sair, mas Dena soltou um suspiro e fez seus calcanhares voltarem ao chão.

— Você sabe o que aquele idiota do Seaghan fez dessa vez, menina? — perguntou Thom, olhando para ela. — Contratou um bando de patetas que se autointitulam “intérpretes”. Eles andam por aí fingindo *ser* Rogosh Olho-de-águia, Blaes, Gaidal Cain e... Aaagh! Penduram um pedaço de pano pintado atrás de si, que devia ter o objetivo de fazer o público acreditar que aqueles tolos estão no Salão de Matuchin, ou nos altos passos das Montanhas de Dhoom. *Eu* faço quem me ouve ver cada estandarte, sentir o cheiro de cada batalha, sentir cada emoção. Eu os faço acreditar que *são* Gaidal Cain. Seaghan vai ver a casa cair em seus ouvidos se colocar esse pessoal atrás de mim.

— Thom, nós temos visita. Loial, filho de Arent, filho de Halan. Ah, e um rapaz que diz se chamar Rand al’Thor.

Thom olhou para Rand por cima da cabeça dela, franzindo a testa.

— Deixe-nos a sós por um tempo, Dena. Aqui. — Ele pôs algumas moedas de prata na mão dela. — Suas facas estão prontas. Por que você não vai pagar Ivon? — Ele acariciou a bochecha lisa dela com um dedo enrugado. — Pode ir. Eu a recompensarei depois.

Ela lhe lançou um olhar zangado, mas jogou o manto por cima do ombro, murmurando:

— É melhor que Ivon tenha acertado o centro de gravidade delas.

— Ela um dia ainda vai ser uma barda — comentou Thom, com uma pontada de orgulho, depois que ela saiu. — Ela ouve uma história uma vez, uma vez só, e decora tudo certinho. Não só as palavras, mas também todas as nuances, todos os ritmos. Tem uma mão boa para a harpa e, da primeira vez que tocou a flauta, se saiu melhor do que você em qualquer tentativa. — Ele colocou os estojos de madeira dos instrumentos sobre um dos baús maiores, e então se sentou na cadeira que ela ocupara. — Quando passei por Caemlyn, a caminho daqui, Basel Gill me disse que você tinha partido em companhia de um Ogier. Entre outros. — Ele se curvou para Loial, conseguindo até mesmo fazer um floreio com a capa, apesar de estar sentado nela. — É um prazer conhecê-lo, Loial, filho de Arent, filho de Halan.

— Digo o mesmo, Thom Merrilin. — Loial se levantou para retribuir a mesura, mas, ao ficar de pé, sua cabeça quase roçou o teto, e ele prontamente voltou a se sentar. — A jovem disse que quer ser uma menestrel.

Thom negou com a cabeça, como se descartando a ideia.

— Isso não é vida para uma mulher. Nem é grande coisa para um homem, aliás. Vagar de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, perguntando-se como vão tentar lhe passar a perna da próxima vez. Passar metade do tempo se perguntando de onde virá a próxima refeição. Não. Vou fazê-la mudar de ideia. Em pouco tempo, ela será barda na corte de algum rei ou rainha. Aaagh! Você não veio até aqui para falar de Dena. Meus instrumentos, garoto. Você os trouxe?

Rand empurrou o embrulho por cima da mesa. Thom o desfez depressa, piscando ao ver que era seu antigo manto, todo coberto de retalhos coloridos, como o que usava no momento. Então, abriu o estojo de couro rígido, balançando a cabeça, feliz, ao ver a flauta prateada e dourada aninhada ali.

— Ganhei abrigo e comida com ela, depois que nos separamos — comentou Rand.

— Eu sei — respondeu o menestrel, seco. — Parei em algumas dessas estalagens, mas tive

que me virar com malabarismos e algumas histórias simples, já que você estava com a minha... Você não tocou na harpa, não é? — Ele abriu o outro estojo de couro escuro e retirou uma harpa de ouro e prata tão ornamentada quanto a flauta, aninhando-a nos braços como a um bebê. — Suas mãos desastradas de pastor não foram feitas para a harpa.

— Não toquei nela — garantiu-lhe Rand.

Thom dedilhou duas cordas, fazendo uma careta.

— Pelo menos não foi tolo o suficiente para tentar mantê-la afinada — murmurou. — Poderia tê-la arruinado.

Rand se inclinou por cima da mesa, na direção dele.

— Thom, você queria ir a Illian ver a Grande Caçada partir e ser um dos primeiros a fazer histórias novas sobre ela, mas não pôde. O que diria se eu lhe contasse que ainda pode ter um papel nisso? E um grande papel.

Loial se agitou, inquieto:

— Rand, tem certeza?

Rand gesticulou para que ele ficasse quieto, mantendo o olhar em Thom. O menestrel olhou para o Ogier e franziu a testa.

— Isso depende de que papel, e como. Se você tem motivo para crer que um dos Caçadores está vindo para cá... Acho que todos já devem ter saído de Illian, mas ele ainda estaria a semanas daqui, mesmo cavalgando sem parar, e por que faria isso? É um desses sujeitos que nunca foram a Illian? Ele não vai sequer aparecer nas histórias sem a bênção, não importa o que faça.

— Não importa se a Caçada deixou Illian ou não. — Rand percebeu que Loial havia parado de respirar. — Thom, nós estamos com a Trombeta de Valere.

Por um momento, o silêncio foi mortal. Thom o quebrou com uma estrondosa gargalhada.

— Vocês dois estão com a Trombeta? — Um pastor e um Ogier imberbe estão com a Trombeta de... — Ele se curvou para a frente, rindo e batendo no joelho. — A Trombeta de Valere!

— Mas nós estamos mesmo com ela — respondeu Loial, sério.

Thom respirou fundo. Pequenos ecos da gargalhada ainda pareciam pegá-lo de surpresa.

— Não sei o que vocês encontraram, mas posso levá-los a dez tavernas onde um sujeito dirá que conhece alguém que conhece o homem que já encontrou a Trombeta, e ele também lhe dirá como ela foi encontrada... se você lhe pagar uma cerveja. Posso levá-los a três homens que tentarão lhes *vender* a Trombeta, e eles vão jurar por suas almas sob a luz que é a verdadeira. Tem até um lorde na cidade que possui o que afirma ser a Trombeta trancada em sua mansão. Ele diz que é um tesouro passado de geração em geração em sua Casa, desde a Ruptura. Não sei se os caçadores encontrarão a trombeta algum dia, mas encontrarão dez mil mentiras no caminho.

— Moiraine disse que é a Trombeta.

O sorriso de Thom desapareceu.

— Ela disse, é? Achei que você tivesse dito que não estavam juntos.

— E não mesmo, Thom. Não a vejo desde que saí de Fal Dara, em Shienar, e ela não me dirigiu mais que duas palavras durante um mês, antes disso. — Ele não conseguiu impedir que a amargura transparecesse em sua voz. *E, quando ela finalmente falou, desejei que tivesse*

continuado a me ignorar. Nunca mais dançarei a música dela, que a Luz a queime, a ela e a todas as Aes Sedai. Não. Menos Egwene. E Nynaeve. Ele estava ciente de que Thom o observava atentamente. — Ela não está aqui, Thom. Eu não sei onde ela está e nem quero saber.

— Bem... Pelo menos você teve o bom senso de manter segredo. Se não o tivesse feito, a notícia já teria se espalhado por toda Portão da Frente, a esta altura, e metade de Cairhien estaria à espreita para tomá-la de vocês. Meio mundo estaria.

— Ah, mantivemos o segredo, Thom. E preciso devolvê-la a Fal Dara sem que Amigos das Trevas ou qualquer outra pessoa a pegue. É uma história grande o bastante para você, não é? E um amigo que conheça o mundo virá a calhar. Você já esteve em todos os lugares, sabe de coisas que eu não consigo sequer imaginar. Loial e Hurin sabem mais que eu, mas nós três estamos perdidos.

— Hurin...? Não, não me conte. Eu não quero saber. — O menestrel se levantou da cadeira e foi olhar pela janela. — A Trombeta de Valere. Isso significa que a Última Batalha está chegando. Quem vai notar? Você viu as pessoas rindo lá fora, nas ruas? Deixe as barcas de grãos pararem de funcionar por uma semana, e elas vão parar de rir. Galdrian vai achar que todos viraram Aiel. Todos os nobres jogam o Jogo das Casas, tramando para se aproximar do Rei, tramando para ganhar mais poder que o Rei, tramando para derrubar Galdrian e *ser* o próximo Rei. Ou Rainha. Todos eles vão achar que Tarmon Gai'don é apenas mais uma trama no Jogo. — Ele deu as costas para a janela. — Não acho que você esteja falando em simplesmente cavalgar até Shienar e entregar a Trombeta para... quem?... o Rei? Por que Shienar? Todas as lendas ligam a Trombeta a Illian.

Rand olhou para Loial. As orelhas do Ogier estavam caídas.

— Shienar, porque eu sei a quem entregá-la lá. E há Trollocs e Amigos das Trevas atrás de nós.

— Por que isso não me surpreende? Não, eu posso ser um velho tolo, mas serei um velho tolo à minha maneira. Fique com a glória, garoto.

— Thom...

— Não!

Fez-se um silêncio, quebrado apenas pelo rangido da cama quando Loial mudou de posição. Por fim, Rand falou:

— Loial, você se importaria em deixar Thom e eu conversarmos a sós por um momento? Por favor.

Loial pareceu surpreso. Os tufos em suas orelhas ficaram quase duros de tão arrepiados, mas ele assentiu e se levantou.

— Aquele jogo de dados no salão parecia interessante. Talvez me deixem jogar.

Thom olhou desconfiado para Rand quando a porta se fechou atrás dele.

Rand hesitou. Havia coisas que ele precisava saber, coisas que tinha certeza de que Thom sabia... O menestrel parecia saber muito sobre uma quantidade surpreendente de coisas, mas Rand não sabia bem como perguntar.

— Thom — começou, por fim —, existem livros com *O Ciclo de Karaethon*? — Era mais fácil chamá-lo assim do que “As Profecias do Dragão”.

— Sim, nas grandes bibliotecas — respondeu Thom, sem pressa. — Diversas traduções, e até mesmo na Língua Antiga, aqui e ali. — Rand começou a perguntar se havia algum meio de encontrar um desses livros, mas o menestrel continuou. — A Língua Antiga tinha musicalidade, mas muitos, mesmo entre os nobres, não têm paciência para ouvi-la hoje em dia. Era de se esperar que os nobres soubessem a língua antiga, mas muitos aprendem apenas o suficiente para impressionar os que não sabem. As traduções não têm a mesma sonoridade, a menos que sejam em Alto Canto, o que às vezes muda os significados ainda mais que as traduções comuns. Há um verso no ciclo... Não fica bom traduzido palavra por palavra, mas assim não se perde o sentido. Ele é assim:

*“Por duas e mais duas vezes ele será marcado,
duas vezes para viver e duas vezes para morrer.
Uma vez a garça, para traçar seu caminho.
Duas vezes a garça, para proclamá-lo verdadeiro.
Uma vez o Dragão, atrás da memória perdida.
Duas vezes o Dragão, cobrar o preço a ser pago.”*

* * *

Ele esticou a mão para tocar as garças bordadas no colarinho alto de Rand.

Por um momento, Rand pôde apenas olhar, boquiaberto. Quando conseguiu falar, sua voz soou vacilante.

— Com a espada, são cinco. Cabo, bainha e lâmina. — Ele virou a mão para que a palma ficasse na mesa, escondendo a marca. Pela primeira vez desde que o unguento de Selene fizera efeito, ele podia senti-la. Não doía, mas ele sabia que estava lá.

— Parece que são. — Thom deixou escapar uma risada. — Tem outro trecho que me vem à mente.

O dia raia duas vezes quando seu sangue é derramado.

Uma para o luto e outra para o nascimento.

Vermelho no preto, o sangue do Dragão mancha a rocha de Shayol Ghul.

No Poço da Perdição seu sangue libertará os homens da Sombra.

Rand sacudiu a cabeça em negação, mas Thom pareceu não notar.

— Não vejo como um dia pode raiar duas vezes, mas, até aí, boa parte disso não faz o menor sentido, mesmo. A Pedra de Tear não cairá até que *Callandor* seja empunhada pelo Dragão Renascido, mas a Espada que Não Pode Ser Tocada jaz no Coração da Pedra. Então como ele pode empunhá-la primeiro, hein? Bem, seja como for, suspeito que as Aes Sedai querem fazer com que os eventos se encaixem nas Profecias do modo mais próximo que conseguirem. Morrer em algum lugar das Terras Devastadas seria um preço alto a se pagar por colaborar com elas.

Rand teve que fazer muito esforço para manter a voz controlada, mas conseguiu.

— Nenhuma Aes Sedai está me usando para nada. Eu lhe disse que a última vez em que vi Moiraine foi em Shienar. Ela falou que eu podia ir para onde quisesse, e fui embora.

— E não há nenhuma Aes Sedai com você, agora? Nem umazinha?

— Nenhuma.

Thom cofiou seu bigode branco com os nós dos dedos. Ele pareceu satisfeito, mas, ao mesmo tempo, intrigado.

— Então por que perguntar sobre as Profecias? Por que mandar o Ogier sair do quarto?

— Eu... não queria aborrecê-lo. Ele já está nervoso o bastante com essa história da Trombeta. É algo que eu queria perguntar. A Trombeta é mencionada nas... nas Profecias? — Ele ainda não conseguia se forçar a falar tudo de uma vez. — Todos esses falsos Dragões, e agora a Trombeta é encontrada. Todos acham que a Trombeta de Valere deveria chamar os heróis mortos para enfrentar o Tenebroso na Última Batalha, e o... o Dragão Renascido deve enfrentar o Tenebroso na Última Batalha. Pareceu natural perguntar.

— Acho que é natural, sim. Não são muitos que sabem sobre o Dragão Renascido lutar a Última Batalha, ou, se sabem, acham que ele vai lutar ao lado do Tenebroso. Não são muitos os que leram as profecias para descobrir. O que foi que você disse sobre a Trombeta? “Deveria”?

— Aprendi algumas coisas desde que nos separamos, Thom. Eles virão para qualquer um que toque a Trombeta, mesmo um Amigo das Trevas.

As sobrancelhas espessas se ergueram quase até o alto da testa de Thom.

— Dessa, eu não sabia. Você aprendeu algumas coisas.

— Isso não significa que eu deixaria a Torre Branca me usar como um falso Dragão. Não quero nada com as Aes Sedai nem com falsos Dragões. Nem com o Poder, nem... — Rand mordeu a língua. *É só ficar irritado que você começa a falar demais, seu idiota!*

— Por um tempo, garoto, achei que você fosse o rapaz que Moiraine queria, e até achei que sabia o porquê. Sabe, nenhum homem escolhe canalizar o Poder. É algo que acontece, como uma doença. Você não pode culpar um homem por ficar doente, mesmo que você possa morrer junto.

— Seu sobrinho podia canalizar, não podia? Você me disse que foi por isso que nos ajudou, porque seu sobrinho teve problemas com a Torre Branca e não havia ninguém para ajudá-lo. Só há um tipo de problema que homens podem ter com as Aes Sedai.

Thom estudou o tampo da mesa, apertando os lábios.

— Não acho que adianta negar. Você entende que não é o tipo de coisa sobre a qual um homem fala, ter um parente que podia canalizar. Aaagh! A Ajah Vermelha não deu sequer uma chance a Owyn. Elas o amansaram, e ele morreu. Ele simplesmente desistiu de viver. — O menestrel suspirou com pesar.

Rand estremeceu. *Por que Moiraine não fez isso comigo?*

— Uma chance, Thom? Quer dizer que havia algum jeito de ele lidar com isso? Sem enlouquecer? Nem morrer?

— Owyn resistiu por quase três anos. Ele nunca machucou ninguém. Não usava o Poder a menos que precisasse, e o fazia apenas para ajudar sua aldeia. Ele... — Thom jogou as mãos para o alto. — Acho que não havia escolha. As pessoas de onde ele morava me disseram que ele estava agindo de forma estranha durante o último ano. Eles não queriam falar muito sobre

o assunto e quase me apedrejaram quando descobriram que eu era tio dele. Acho que ele *estava* ficando louco. Mas era do meu sangue, garoto. Não posso amar as Aes Sedai pelo que fizeram com ele, mesmo que tenha sido necessário. Se Moiraine o deixou partir, então você está a salvo disso.

Por um momento, Rand ficou em silêncio. *Idiota! Claro que não há como lidar com isso. Você vai ficar louco e morrer, não importa o que faça. Mas Ba'alzamon disse...*

— Não! — Ele corou ao se ver sob o escrutínio de Thom. — Quer dizer, estou a salvo disso, Thom. Mas ainda estou com a Trombeta de Valere. Pense nisso, Thom. A Trombeta de Valere. Outros menestrelis podem contar histórias sobre ela, mas você pode dizer que a teve nas mãos. — Ele percebeu que soava como Selene, mas aquilo apenas o fez se perguntar onde ela estava. — Na minha opinião, não há ninguém melhor para seguir conosco agora, Thom.

Thom franziu a testa, como se estivesse pensando no assunto, mas no fim sacudiu a cabeça com firmeza.

— Garoto, gosto bastante de você, mas você sabe tão bem quanto eu que só ajudei antes porque havia uma Aes Sedai na história. Seaghan não tenta me passar para trás mais do que o esperado, e, somando a Dádiva do Rei, eu sei que não ganharia tanto nas aldeias. Para minha enorme surpresa, Dena parece me amar, e, o que é igualmente surpreendente, eu correspondo o sentimento. Agora, por que eu iria largar isso tudo para ser perseguido por Trollocs e Amigos das Trevas? Pela Trombeta de Valere? Ah, é uma tentação, vou admitir, mas não. Não vou me envolver nisso outra vez.

Ele se curvou para pegar um dos estojos de madeira dos instrumentos, longo e fino. Quando o abriu, Rand viu que dentro havia uma flauta de confecção simples, mas com detalhes em prata. O menestrel fechou o estojo e o empurrou pela mesa.

— Você pode precisar ganhar seu pão de novo algum dia, garoto.

— Posso, de fato — concordou Rand. — Pelo menos podemos conversar. Estarei na...

O menestrel estava sacudindo a cabeça.

— É melhor nos separarmos completamente, garoto. Se você sempre estiver por perto, mesmo que não a mencione, eu não vou conseguir tirar a Trombeta da cabeça. E não vou me envolver nisso. Não vou.

* * *

Depois que Rand saiu, Thom jogou o manto na cama e apoiou os cotovelos na mesa. *A Trombeta de Valere. Como foi que esse camponês encontrou...* Ele interrompeu a linha de raciocínio. Se pensasse na Trombeta por muito tempo, acabaria fugindo com Rand para levá-la a Shienar. *Isso daria uma boa história, levar a Trombeta de Valere até as Terras da Fronteira, com Trollocs e Amigos das Trevas em seu encalço.* Fazendo uma careta, ele se obrigou a pensar em Dena. Mesmo que ela não o amasse, um talento como aquele não se encontrava todo dia. E ela o amava, mesmo que ele não conseguisse imaginar por quê.

— Velho idiota — resmungou.

— Isso mesmo, um velho idiota — respondeu Zera, da porta. Ele levou um susto: estivera tão absorto em seus pensamentos que não ouvira a porta se abrir. Conhecida Zera havia muitos

anos, no ir e vir de suas andanças, e ela sempre se aproveitara da amizade para falar o que pensava. — Um velho idiota, que está jogando o Jogo das Casas outra vez. A menos que meus ouvidos se enganem, esse jovem lorde tem o sotaque de Andor. Ele não é cairhieno, mas não é mesmo. *Daes Dae'mar* já é perigoso o bastante sem deixar um lorde estrangeiro meter você nos esquemas dele.

Thom piscou, e então parou para pensar na aparência de Rand. Aquele casaco decerto era sofisticado o bastante para um lorde. Estava ficando velho, deixando coisas como aquela passarem despercebidas. Com amargura, percebeu que estava pensando se contava a verdade a Zera ou se a deixava continuar ponderando sobre aquilo. *Basta pensar no Grande Jogo, e eu já começo a jogá-lo.*

— O garoto é um pastor, Zera, de Dois Rios.

Ela riu com desdém.

— É, e eu sou a Rainha de Ghealdan. Estou falando. O Jogo ficou mais perigoso em Cairhien, nesses últimos anos. Não é o que você conheceu em Caemlyn. Agora tem assassinatos. Você vai acabar com a garganta cortada se não se cuidar.

— Já lhe disse, não estou mais no Grande Jogo. Isso ficou para trás, há uns vinte anos.

— Claro. — Ela não parecia acreditar. — Mas, seja como for, e deixando de lado o jovem lorde, você começou a se apresentar nas mansões dos nobres.

— Eles pagam bem.

— E você vai ser arrastado para as tramas deles assim que acharem um jeito. Eles veem um homem e pensam em como usá-lo, para eles é natural como respirar. Esse seu jovem lorde não vai ajudar, eles vão comer o garoto vivo.

Ele desistiu de tentar convencê-la de que estava fora daquilo.

— Você subiu aqui para dizer isso, Zera?

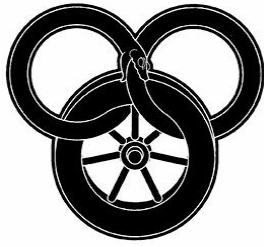
— Foi. Esqueça o Grande Jogo, Thom. Case-se com Dena. Aquela boba vai aceitá-lo, mesmo magricela e grisalho desse jeito. Case-se com ela e esqueça esse jovem lorde e o *Daes Dae'mar*.

— Agradeço o conselho — respondeu, seco. *Casar-se com ela? Dar a ela o fardo de um marido velho. Ela nunca será barda com meu passado pesando sobre sua cabeça.* — Se não se importar, Zera, quero ficar sozinho por um tempo. Vou me apresentar para Lady Arilyn e seus convidados hoje à noite, preciso me preparar.

Ela bufou, sacudiu a cabeça e bateu a porta ao sair.

Thom tamborilou no tampo da mesa. Com casaco fino ou não, Rand ainda era apenas um pastor. Se fosse mais que isso, se fosse aquilo que Thom suspeitara, um homem capaz de canalizar, nem Moiraine e nem qualquer outra Aes Sedai o deixaria partir sem amansá-lo. Com ou sem a Trombeta, o garoto ainda era apenas um pastor.

— Ele está fora disso — disse, em voz alta —, e eu também.





A Sombra na Noite

— Não entendo — exclamou Loial. — Eu estava vencendo quase todas as partidas. Então Dena chegou, entrou no jogo e ganhou tudo de volta. Cada lance. E disse que aquilo era uma pequena lição. O que ela quis dizer com isso?

Rand e o Ogier estavam a caminho de Portão da Frente, deixando para trás a estalagem Cacho de Uvas. O sol estava baixo no oeste, uma bola vermelha metade abaixo do horizonte, projetando longas sombras atrás deles. A rua estava vazia, exceto por uma das marionetes gigantes, um Trolloc com chifres de bode e espada no cinturão, que se aproximava deles, manejado por cinco homens. Mas os sons da diversão ainda vinham de outras partes da cidade, dos salões de entretenimento e tavernas. Ali, as portas já estavam trancadas, e as janelas, fechadas.

Rand parou de mexer no estojo de madeira da flauta e o pendurou no ombro. *Acho que eu não podia esperar que ele fosse largar tudo para vir comigo, mas pelo menos ele podia falar comigo. Luz, queria que Ingтар aparecesse.* Ele pôs as mãos nos bolsos e sentiu o bilhete de Selene.

— Você não acha que ela... — Loial fez uma pausa, desconfortável. — Você não acha que ela trapaceou, acha? Todos estavam sorrindo como se ela estivesse sendo esperta.

Rand deu de ombros sob o manto. *Preciso pegar a Trombeta e sair daqui. Se esperarmos Ingтар, qualquer coisa pode acontecer. Fain virá, mais cedo ou mais tarde. Preciso continuar à frente dele.* Os homens com a marionete estavam quase os alcançando.

— Rand — disse Loial, de repente —, não acho que aquilo seja um...

De repente, os homens deixaram as varas caírem no chão de terra batida. Por reflexo, Rand desembainhou a espada, brandindo-a em um arco. Lua Sobre os Lagos. O Trolloc cambaleou para trás com um grito gorgolejante, rosnando mesmo enquanto caía.

Por um instante, todos congelaram. Então os homens, que só podiam ser os Amigos das Trevas, olharam do Trolloc que jazia no chão para Rand, com a espada na mão e Loial ao lado. Deram meia-volta e saíram correndo.

Rand também olhava fixamente para o Trolloc. O vazio o envolvera antes mesmo de sua mão tocar o cabo da espada. *Saidin* brilhava em sua mente, nauseante, chamando-o. Com esforço, o rapaz fez o vazio desaparecer e umedeceu os lábios. Sem o vazio, o medo lhe deu calafrios.

— Loial, precisamos voltar à estalagem. Hurin está sozinho, e eles... — Gemeu ao ser

erguido no ar por um braço longo o suficiente para imobilizar os seus junto ao peito. Uma mão peluda envolveu sua garganta. Rand teve o vislumbre de um focinho com longas presas logo acima de sua cabeça. Um cheiro rançoso, que lembrava suor azedo e chiqueiro, encheu seu nariz.

Tão depressa quanto o agarrara, a mão em seu pescoço foi obrigada a soltá-lo. Rand olhou fixamente para os grossos dedos do Ogier, que seguravam o pulso do Trolloc.

— Agente firme, Rand. — Loial parecia estar fazendo muita força. Com a outra mão, o Ogier segurou o braço que mantinha Rand fora do chão. — Agente firme.

Rand foi sacudido de um lado a outro com os movimentos bruscos da briga do Ogier e do Trolloc. De repente, foi solto. Cambaleante, deu dois passos para longe da confusão e se virou, espada em punho.

Ofegante por conta do esforço, Loial, parado atrás do Trolloc com focinho de javali, segurava-o pelo pulso e antebraço, mantendo-o de braço abertos. A besta soltou um rosnado na língua rude dos Trollocs, jogando a cabeça para trás na esperança de acertar Loial com uma presa. As botas dos dois se arrastavam na terra batida da rua.

Rand tentou encontrar uma abertura para acertar o Trolloc com a lâmina sem ferir Loial, mas a besta e o Ogier giravam tanto, em uma dança violenta, que não havia como.

Com um grunhido, o Trolloc conseguiu libertar o braço esquerdo, mas, antes de se soltar por completo, Loial passou o próprio braço em torno do pescoço da criatura, mantendo-a bem próxima. A besta buscou a espada freneticamente, mas a harpe pendia do lado contrário, difícil de ser empunhada pela mão esquerda. Pouco a pouco o aço escuro começou a deslizar para fora da bainha. Ainda assim eles se engalfinhavam, o que tornava impossível para Rand desferir um golpe sem pôr Loial em risco.

O Poder. Talvez aquilo ajudasse. Como, ele não sabia, mas não tinha outra ideia. O Trolloc já estava com meia espada desembainhada. Quando conseguisse empunhar a lâmina curva, mataria Loial.

Rand formou o vazio, relutante. *Saidin* brilhava sobre ele, atraindo-o. Pareceu se lembrar vagamente de uma vez em que *saidin* cantara para ele, mas naquele momento sentia apenas uma enorme atração, como o perfume de uma flor atraindo uma abelha, o fedor do lixo atraindo uma mosca. Ele se abriu, tentou alcançá-lo. Não havia nada lá. Parecia estar tentando literalmente segurar a luz. A mácula deslizou para ele, conspurcando-o, mas não houve qualquer fluxo de luz dentro dele. Impelido por um desespero distante, Rand tentou de novo e de novo. E, a cada vez, sentiu apenas a mácula.

Com um esforço súbito, Loial arremessou o Trolloc de lado, tão forte que ele caiu e foi de encontro à lateral de um prédio. A besta bateu a cabeça, com um estrondo, e deslizou pela parede até parar no chão, com o pescoço torcido em um ângulo impossível. Loial ficou olhando a cena, arquejando.

Rand apenas olhou, ainda envolvido pelo vazio, antes de perceber o que acontecera. Mas, assim que entendeu o que se passava, deixou o vazio e a luz maculada e correu até Loial.

— Eu nunca... nunca matei antes, Rand. — disse o Ogier, trêmulo.

— Ele o teria matado — respondeu Rand. Olhou para os becos, janelas fechadas e portas trancadas, ansioso. Onde havia dois Trollocs, devia haver mais. — Lamento que você tenha precisado fazer isso, Loial, mas ele teria matado nós dois, ou feito coisa pior.

— Eu sei. Mas não consigo gostar disso. Mesmo tendo sido um Trolloc. — Apontando para o sol poente, o Ogier segurou o braço de Rand. — Há mais um.

Contra o sol, Rand não pôde distinguir os detalhes, mas parecia que outro grupo de homens com uma marionete gigante ia em direção a ele e a Loial. Contudo, agora que sabia o que via, percebeu que a “marionete” movia as pernas de modo natural demais, e que a cabeça com focinho se erguia para farejar o ar sem que ninguém mexesse uma das varas. Rand achava que o Trolloc e os Amigos das Trevas não conseguiam vê-lo em meio às sombras do entardecer, nem percebiam as feras que jaziam na rua, à sua volta. Estavam se movendo devagar demais. Ainda assim, era claro que estavam caçando, e que chegavam cada vez mais perto.

— Fain sabe que estou aqui em algum lugar — constatou, limpando, apressado, a lâmina no manto do Trolloc morto. — Ele os mandou para me encontrarem. Mas tem medo de que os Trollocs sejam vistos, ou não teria mandado que se disfarçassem. Se conseguirmos chegar a uma rua movimentada, estaremos seguros. Precisamos ir até Hurin. Se Fain o encontrar lá, sozinho com a Trombeta...

Ele puxou Loial pela esquina seguinte e virou na direção do som mais próximo de risos e música, mas bem antes de chegarem até ele avistaram outro grupo de homens em uma rua vazia, levando uma marionete que não era uma marionete. Rand e Loial dobraram na rua seguinte. Ela os levou para leste.

Toda vez que Rand tentava chegar até a música e as risadas, havia um Trolloc no caminho, muitas vezes farejando o ar. Alguns deles caçavam pelo faro. Às vezes, em lugares desertos, um Trolloc espreitava sozinho. Mais de uma vez, Rand teve certeza de que era um que já vira antes. Estavam se aproximando, garantindo que ele e Loial não deixassem as ruas desertas de janelas fechadas. Lentamente, os dois foram forçados a seguir para leste, para longe da cidade e de Hurin, para longe de outras pessoas, percorrendo ruas estreitas cada vez mais escuras, que seguiam em todas as direções, subindo e descendo. Rand olhava as casas pelas quais passavam, os prédios altos que ficavam fechados à noite, e não foi com pouco pesar. Mesmo que esmurrasse uma porta até que alguém abrisse, e mesmo que as pessoas lá dentro acolhessem Loial e ele, nenhuma daquelas portas deteria um Trolloc. Tudo que faria seria oferecer mais vítimas, além dele e de Loial.

— Rand — disse o Ogier, por fim —, não há mais para onde ir.

Haviam chegado ao limiar leste de Portão da Frente, e os prédios altos que se estendiam dos dois lados eram os últimos. As luzes nos andares de cima zombavam dele, mas nos andares mais baixos estava tudo fechado. À frente estavam as colinas, encobertas pelo primeiro manto do crepúsculo, desprovidas de uma casa de fazenda que fosse. No entanto, não estavam totalmente vazias. Com dificuldade, Rand pôde divisar um muro pálido ao redor de uma das maiores colinas, que ficava talvez a uma milha de distância, com prédios do lado de dentro.

— Quando eles nos fizerem sair — começou Loial —, não vão precisar se preocupar em ser vistos.

Rand indicou o muro em torno da colina com um gesto.

— Aquilo deve deter um Trolloc. Deve ser a mansão de algum lorde. Talvez nos deixem entrar. Um Ogier e um lorde estrangeiro? Este casaco tem que servir para alguma coisa, uma hora. — Rand olhou para a rua atrás de si. Não havia Trollocs à vista ainda, mas mesmo

assim puxou Loial, contornando o prédio.

— Acho que aquela é a sala do capítulo dos Iluminadores, Rand. Iluminadores guardam muito bem seus segredos. Não acho que deixariam nem mesmo o próprio Galldrian entrar lá.

— Que problema você arrumou dessa vez? — perguntou uma voz feminina familiar. De repente, o ar se encheu de um perfume apimentado.

Rand olhou, estupefato: Selene dobrou a esquina que haviam acabado de virar, com o vestido branco brilhando na penumbra.

— Como você chegou aqui? E o que você está fazendo? Precisa ir embora agora mesmo. Corra! Há Trollocs atrás de nós!

— Eu vi. — A voz dela era seca, porém calma e equilibrada. — Vim procurar você e o vejo deixando que Trollocs o conduzam como se fosse uma ovelha. Como o homem que possui a Trombeta de Valere pode permitir que o tratem assim?

— Não estou com ela aqui — retrucou, irritado —, e não sei se ela poderia ajudar, mesmo se estivesse. Os heróis mortos não deveriam ser chamados de volta para me salvar de Trollocs. Selene, você precisa fugir. Agora! — Ele espiou a esquina.

A não mais de cem passos, despontava a cabeça chifruda de um Trolloc, farejando a noite. Uma enorme sombra a seu lado devia ser outro Trolloc, e havia sombras menores, também. Os Amigos das Trevas.

— Tarde demais — murmurou Rand. O rapaz segurou o estojo da flauta para tirar o manto e cobrir Selene com ele. Era longo o bastante para esconder todo o vestido branco e ainda arrastar no chão. — Você vai precisar levantar isso para correr — disse a ela. — Loial, se eles não abrirem a porta para nós, precisaremos encontrar um jeito de entrar despercebidos.

— Mas, Rand...

— Você prefere esperar pelos Trollocs? — Ele deu um empurrão em Loial, para fazê-lo começar a correr, e pegou a mão de Selene, para que ela o acompanhasse. — Encontre um caminho pelo qual não vamos quebrar o pescoço, Loial.

— Você está se permitindo ficar afobado — censurou Selene. — Ela parecia ter menos dificuldade do que Rand para seguir Loial na luz escassa. — Busque a Unidade e fique calmo. Quem é destinado à grandeza deve sempre estar calmo.

— Os Trollocs talvez a ouçam — retrucou Rand. — Não quero grandeza — Julgou ouvir Selene soltar um grunhido irritado.

Algumas pedras às vezes deslizavam sob seus pés, mas avançar pelas colinas não era difícil, apesar das sombras do crepúsculo. As árvores, até mesmo os arbustos, tinham sido cortados para fornecer lenha, muito tempo atrás. Nada crescia, exceto a grama na altura dos joelhos, que roçava de leve em suas pernas. Uma brisa noturna soprou, suave, e Rand ficou preocupado com a possibilidade de ela carregar o cheiro deles até os Trollocs.

Loial parou quando alcançaram o muro, que tinha o dobro da altura do Ogier, com as pedras cobertas de reboco esbranquiçado. Rand olhou na direção de Portão da Frente. A luz das janelas distantes chegavam a ele como raios de uma roda, vindas das muralhas da cidade.

— Loial — disse Rand, baixinho —, você consegue vê-los? Eles estão nos seguindo?

O Ogier olhou na direção de Portão da Frente e assentiu, infeliz.

— Vejo apenas alguns Trollocs, mas eles estão vindo nessa direção. Correndo. Rand, eu realmente acho que não...

Selene o interrompeu.

— Se ele quer entrar, *alantin*, precisa de uma porta. Como aquela ali. — Ela apontou para uma mancha escura um pouco mais à frente, no muro.

Mesmo com ela apontando, Rand não tinha certeza de que aquilo era de fato uma porta, mas, quando Selene foi até lá e a puxou, a porta abriu.

— Rand — começou Loial.

Rand o empurrou em direção à porta.

— Depois, Loial. E faça silêncio. Estamos nos escondendo, lembra? — Ele os fez entrar e fechou a porta. Havia encaixes para uma barra, mas nenhuma à vista. Aquilo não deteria ninguém, mas talvez os Trollocs hesitassem em entrar na propriedade.

Estavam em uma viela que subia a colina entre dois prédios longos, baixos e sem janelas. A princípio ele achou que também fossem de pedra, mas depois percebeu que a massa branca fora aplicada sobre madeira. Já estava escuro o suficiente para que a lua refletida nas paredes gerasse uma iluminação fraca.

— É melhor ser preso pelos Iluminadores do que pego pelos Trollocs — murmurou Rand, começando a subir a colina.

— Mas é isso que eu estava tentando lhe dizer — protestou Loial. — Ouvi dizer que os Iluminadores matam os intrusos. Eles guardam seus segredos a sete chaves, Rand.

Rand parou e olhou de volta para a porta. Os Trollocs ainda estavam lá fora. Na pior das hipóteses, devia ser mais fácil lidar com humanos do que com os Trollocs. Ele podia tentar convencer os Iluminadores a deixá-los partir, mas Trollocs não paravam para ouvir antes de matar.

— Peço desculpas por tê-la envolvido nisso, Selene.

— O perigo confere um algo mais — respondeu ela, baixinho. — E, até agora, você tem lidado bem com ele. Vamos ver o que nos aguarda adiante? — Ela encostou nele ao passar na frente, começando a subir a viela.

Rand a seguiu, com aquele perfume apimentado enchendo-lhe as narinas.

No topo da colina, a viela desembocava em um espaço aberto de terra batida, lisa e quase tão clara quanto o reboco do muro. O lugar era quase todo cercado por mais prédios brancos e sem janelas, com sombras de vielas estreitas entre um e outro. Mas, à direita de Rand, havia um prédio com janelas cuja luz se projetava no chão claro. Ele recuou para as sombras da viela quando um homem e uma mulher apareceram, atravessando o pátio sem pressa.

Pelas roupas, eles com certeza não eram cairhienos. O homem usava calças tão folgadas quanto as mangas da camisa, ambos de um amarelo suave, com bordados nas pernas e no peito. O vestido da mulher tinha um bordado elaborado no torso e parecia ser de um verde pálido, e seu cabelo estava preso em pequenas tranças.

— Tudo está em ordem, você disse? — perguntou a mulher. — Você tem certeza, Tammuz? Tudo mesmo?

O homem ergueu as mãos.

— Sempre você vem conferir meu trabalho, Aludra. Tudo está em ordem. A queima, ela poderia começar neste exato momento.

— Os portões e portas estão todos fechados, não é? Todos os... — A voz dela foi sumindo

na distância, conforme a dupla seguia para o outro lado do prédio iluminado.

Rand examinou o pátio, sem reconhecer quase nada do que via. No meio, dezenas de tubos estavam posicionados na vertical, cada um quase tão alto quanto ele e com um pé ou mais de diâmetro, dispostos em largas bases de madeira. De cada tubo saía um pavio escuro e retorcido, que corria pelo chão até a parte de trás de uma mureta de cerca de três passos de comprimento, que ficava do outro lado do pátio. Em todo o entorno, havia um amontoado de cavaletes de madeira carregados de tigelas, tubos e varas forçadas, além de diversos outros objetos.

Todos os fogos de artifício que Rand vira podiam ser segurados com apenas uma das mãos, e aquilo era tudo que sabia sobre eles, além do fato de que estouravam com grande estrondo, serpenteavam, faiscando em espirais pelo chão, ou às vezes voavam pelo ar. Sempre vinham com avisos dos Iluminadores, dizendo que abrir um deles podia provocar a detonação. De qualquer forma, fogos de artifício eram caros demais para que o Conselho da Aldeia autorizasse a abertura por qualquer pessoa que não soubesse bem o que estava fazendo. Rand lembrava muito bem da vez em que Mat tentara fazer exatamente isso, e quase uma semana se passou antes de qualquer um, além da própria mãe, lhe dirigisse a palavra. A única coisa que Rand reconheceu foram os barbantes, os pavios. Ali, sabia, era onde se ateava fogo.

Olhando de relance para a porta que não estava fechada, Rand fez um gesto para que os outros o seguissem e avançou, contornando os tubos. Se iriam buscar algum lugar para se esconder, que fosse o mais longe possível daquela porta.

Para isso, precisavam passar por entre os cavaletes, e Rand prendia a respiração cada vez que roçava algum. Os objetos dispostos balançavam ao menor toque, chacoalhando. Tudo parecia feito de madeira, sem um pedaço sequer de metal. Ele conseguia imaginar a barulheira que faria se derrubasse um deles. Olhava para os tubos altos com certo receio, lembrando-se do barulho produzido por um que era apenas do tamanho de seu dedo. Se fossem fogos de artifício, não queria ficar tão perto deles.

Loial murmurava sozinho o tempo inteiro, especialmente quando esbarrava em um dos cavaletes e se assustava tanto que pulava para trás e esbarrava em outro. O Ogier avançava devagar, deixando um rastro de esbarrões e murmúrios.

Selene não o deixava menos nervoso. Andava com tanta naturalidade que era como se estivessem em uma rua na cidade. Não esbarrava em nada nem fazia qualquer ruído, mas também não fazia qualquer esforço para manter o manto fechado. O branco de seu vestido parecia brilhar mais que todas as paredes juntas. Rand olhava para as janelas iluminadas, esperando que alguém aparecesse. Bastaria uma pessoa, pois Selene não conseguiria evitar ser vista, e soariam o alarme.

No entanto, as janelas permaneceram vazias. Rand estava quase suspirando de alívio ao se aproximarem da mureta e das vielas e prédios atrás dela, quando Loial esbarrou em outro cavalete, ao lado da mureta. Nele, havia dez bastões que pareciam acolchoados, do comprimento do braço de Rand, com filetes de fumaça saindo das extremidades. O cavalete quase não fez barulho ao cair, e os bastões fumegantes se espalharam sobre um dos pavios. Com estalidos e um sibilo, o pavio irrompeu em chamas, e o fogo disparou rumo a um dos tubos altos.

Rand arregalou os olhos por apenas um instante, então, tentou soltar um grito, ainda

sussurrando:

— Atrás da mureta!

Selene fez um som irritado quando Rand a derrubou atrás da mureta, mas ele não se importou. Tentou se posicionar sobre ela de forma a protegê-la, enquanto Loial se espremia ao lado deles. Esperando pela explosão do tubo, Rand se perguntou se sobraria alguma coisa da mureta. Houve um estampido surdo, que ele sentiu no chão tanto quanto escutou. Com cuidado, saiu de cima de Selene o suficiente para olhar por cima da mureta. Ela lhe deu um murro nas costelas, com força, e esperneou para sair de debaixo dele, xingando em um idioma que Rand não reconheceu, mas ele mal registrou.

Um filete de fumaça saía de um dos tubos. E só. Ele balançou a cabeça, intrigado. *Se isso é tudo...*

Com um ribombar de trovão, uma imensa flor vermelha e branca desabrochou alto no céu já escuro, e então começou a desaparecer devagar, em faíscas.

Enquanto Rand olhava estupefato, o prédio iluminado irrompeu em um alvoroço. Homens e mulheres aos gritos se amontoaram nas janelas, olhando e apontando.

Rand olhou desejoso para a viela escura, a pouco mais de dez passos. No primeiro passo, estariam à vista das pessoas nas janelas. Ouviu passos apressados vindos do prédio.

Ele empurrou Selene e Loial para junto da mureta, torcendo para que parecessem apenas mais uma sombra.

— Fiquem parados e quietos — sussurrou. — É nossa única esperança.

— Às vezes — disse Selene, em voz baixa —, se você ficar bem parado, ninguém é capaz de vê-lo. — Ela não parecia nem um pouco preocupada.

Botas corriam para cima e para baixo, do outro lado da mureta, e vozes furiosas se elevavam, especialmente a que Rand reconheceu como de Aludra.

— Seu grande palhaço, Tammuz! Um porco é o que você é! Sua mãe, ela era uma cabra, Tammuz! Um dia você vai matar todos nós!

— Não sou eu o culpado, Aludra — protestou o homem. — Eu conferi, tudo estava onde deveria, e os acendedores, eles estavam...

— Você nem venha falar comigo, Tammuz! Porcos não merecem falar como gente! — A voz de Aludra mudou para responder a uma pergunta de outro homem. — Não há tempo para preparar outro. Galldrian vai ter que ficar satisfeito com o restante para hoje à noite, ah vai. E com este adiantado. E você, Tammuz! Você vai deixar tudo certinho, e amanhã vai sair com as carroças para comprar estrume. Se qualquer outra coisa der errado esta noite, nem o estrume vou mais confiar a você!

Alguns passos se encaminharam para o prédio, acompanhando os improperios de Aludra. Tammuz ficou, resmungando baixinho sobre como aquilo era injusto.

Rand prendeu a respiração quando o homem foi endireitar o cavalete caído. Escondido nas sombras, apoiado de costas na mureta, ele podia ver as costas e ombros de Tammuz. Tudo que o homem precisava fazer era virar a cabeça, então não deixaria de ver Rand e os outros. Ainda resmungando sozinho, o homem arrumou os bastões fumegantes no cavalete e seguiu para o prédio aonde os demais haviam se dirigido.

Voltando a respirar, Rand deu uma olhada rápida para o homem e, então, retornou às

sombras. Algumas pessoas ainda estavam nas janelas.

— Não podemos esperar ter mais qualquer sorte essa noite — sussurrou.

— Dizem que grandes homens fazem a própria sorte — respondeu Selene, baixinho.

— Você pode parar com isso? — pediu Rand, cansado.

Queria que o cheiro dela não preenchesse seus pensamentos daquele jeito, pois tornava difícil raciocinar com clareza. Conseguia se lembrar da sensação do corpo dela ao empurrá-la para o chão, era macio e firme em uma combinação perturbadora, o que também não ajudava.

— Rand? — Loial estava olhando para além da mureta, para o lado oposto do prédio iluminado. — Acho que precisaremos de mais alguma sorte.

Rand se virou para olhar por cima do ombro do Ogier. Além do pátio, na viela que dava para a porta que não estava fechada, três Trollocs espiavam as janelas iluminadas com cautela, escondidos nas sombras. Havia uma mulher em uma das janelas, mas ela não parecia vê-los.

— Então — começou Selene, em voz baixa —, isso virou uma armadilha. Essas pessoas podem matar você, se o pegarem. E os Trollocs o matariam com certeza. Mas talvez você possa matar os Trollocs antes que tenham tempo de gritar. Ou talvez consiga impedir que essas pessoas o matem para preservar seus segredinhos. Você pode não querer grandeza, mas é necessário um grande homem para fazer essas coisas.

— Você não precisa parecer feliz com isso — retrucou Rand.

Ele tentou parar de pensar no cheiro dela, na sensação de ter o corpo dela junto ao seu, e o vazio quase o cercou. Ele o afastou. Os Trollocs ainda não pareciam tê-los visto. Ele voltou a seu lugar, examinando a viela escura mais próxima. Quando tentassem alcançá-la, os Trollocs certamente os veriam, assim como a mulher na janela. Seria uma corrida para saber quem os alcançaria primeiro, Trollocs ou Iluminadores.

— Sua grandeza me fará feliz. — A despeito das palavras, Selene parecia furiosa. — Talvez eu devesse deixar você encontrar seu próprio caminho, por um tempo. Se não aceitar a grandeza quando ela está a seu alcance, talvez mereça morrer.

Rand se recusou a olhar para ela.

— Loial, você consegue ver se há outra porta no fim daquela viela?

O Ogier sacudiu a cabeça.

— Está muito claro aqui e muito escuro ali. Se eu estivesse ali, conseguiria.

Rand passou os dedos pelo cabo da espada.

— Leve Selene. Assim que vir uma porta, se vir, me chame que eu siga. Se não houver porta, você terá que levantar Selene, para que ela possa chegar ao topo da muralha e pular para o outro lado.

— Está bem, Rand. — O Ogier pareceu preocupado. — Mas, quando sairmos daqui, aqueles Trollocs virão atrás de nós, não importa quem esteja olhando. Mesmo que haja uma porta, eles vão estar logo atrás.

— Deixe que eu me preocupo com os Trollocs. — *Três deles. Eu posso vencê-los, com o vazio.* Pensar em *saidin* fez com que ele se decidisse. Muitas coisas estranhas haviam acontecido quando ele aceitara a metade masculina da Fonte Verdadeira. — Eu vou atrás se vocês assim que puder. Vá! — Rand se virou para vigiar os Trollocs pela lateral da mureta.

Pelo canto de olho, o rapaz teve a impressão de ver o vulto de Loial se movendo e do

vestido branco de Selene, meio encoberto por seu manto. Um dos Trollocs além dos tubos apontou para eles, agitado, mas os três ainda hesitaram, olhando para a janela de onde a mulher ainda observava. *São três. Tem que haver um jeito. Sem o vazio. Sem saidin.*

— Há uma porta! — avisou Loial em voz baixa.

Um dos Trollocs deu um passo para fora das sombras e os outros o seguiram, se agrupando. Como se estivesse em outro lugar, Rand ouviu a mulher dar o alarme e Loial gritar alguma coisa.

Sem pensar, estava de pé. Precisava deter os Trollocs de algum jeito, ou eles o matariam, e também Loial e Selene. Pegou um dos bastões fumegantes e se atirou no tubo mais próximo. Este entortou e começou a cair, e ele agarrou sua base quadrada de madeira, fazendo o tubo apontar direto para os Trollocs. Eles diminuíram o passo, hesitantes, a mulher na janela deu um berro, e Rand encostou o bastão fumegante no pavio, exatamente onde ele entrava no tubo.

O estampido surdo veio imediatamente, e a espessa base de madeira se chocou contra o rapaz, derrubando-o. Um estrondo como uma trovada quebrou o silêncio da noite, e uma explosão cegante de luz rasgou a escuridão.

Piscando, Rand se levantou, cambaleante, tossindo por causa da fumaça acre, ouvidos zumbindo. Olhou boquiaberto, estupefato. Metade dos tubos e todos os cavaletes haviam tombado, e um canto do prédio ao lado do qual os Trollocs estavam desaparecera, restando apenas chamas consumindo as extremidades de tábuas e vigas. Não havia sinal dos Trollocs.

Em meio ao zumbido em seus ouvidos, Rand pôde escutar os gritos dos Iluminadores no prédio. Lançou-se em uma corrida vacilante e entrou na viela mancando. Na metade do caminho, tropeçou em alguma coisa e percebeu que era seu manto. Pegou-o sem parar de correr. Atrás dele, os gritos dos Iluminadores enchiam a noite.

Loial batia os pés, impaciente, ao lado da porta aberta, e estava sozinho.

— Onde está Selene? — indagou Rand.

— Ela voltou. Eu tentei segurá-la, mas ela se soltou e escapou.

Rand se virou para a barulheira. Em meio ao zumbido incessante em seus ouvidos, mal se distinguiam alguns dos gritos. As chamas iluminavam o pátio.

— Os baldes de areia! Peguem os baldes de areia, rápido!

— Isso é um desastre! Um desastre!

— Alguns deles foram por ali!

Loial segurou Rand pelos ombros.

— Você não pode ajudá-la agora, Rand. Não se for capturado. Precisamos ir. — Alguém apareceu no final da viela, uma silhueta contra a luz das chamas ao fundo, e apontou para eles. — Vamos, Rand!

Rand se deixou ser puxado porta afora na escuridão. O fogo diminuiu atrás deles, até se tornar apenas um brilho suave na noite, e as luzes de Portão da Frente se aproximavam. Rand quase desejou que mais Trollocs aparecessem, para ter algo contra o que lutar. Mas havia apenas a brisa noturna agitando a grama.

— Eu tentei impedi-la — explicou Loial. Houve um longo silêncio. — Realmente não podíamos ter feito nada. Eles teriam nos capturado também.

Rand suspirou.

— Eu sei, Loial. Você fez o que pôde. — Ele deu alguns passos para trás e ficou olhando o brilho suave. Parecia menor. Os iluminadores deviam estar apagando o fogo. — Eu preciso ajudá-la de alguma forma. — *Como? Saidin? O Poder?* Sentiu um calafrio. — Eu preciso.

Seguiram por Portão da Frente, atravessando as ruas iluminadas em um silêncio que os isolava da alegria ao redor.

Ao entrarem na Defensor da Muralha do Dragão, o estalajadeiro estendeu uma bandeja com um pergaminho selado.

Rand o pegou e olhou para o selo branco. Uma lua crescente e estrelas.

— Quem deixou isso? Quando?

— Uma senhora idosa, milorde. Não faz nem um quarto de hora. Era uma serva, embora não tenha dito de qual Casa. — Cuale sorriu como se o convidasse a partilhar seus segredos.

— Obrigado — respondeu Rand, ainda olhando para o selo.

O estalajadeiro os observou com uma expressão pensativa enquanto subiam a escada.

Hurin tirou o cachimbo da boca quando Rand e Loial entraram no quarto. O farejador colocara a espada curta e o quebra-espadas na mesa, e limpava as armas com um trapo embebido em óleo.

— Vocês passaram muito tempo com o menestrel, milorde. Ele está bem?

Rand levou um susto.

— O quê? Thom? Ele está... — Ele abriu o selo com o polegar e leu.

Quando acho que sei o que você vai fazer, você faz outra coisa. Você é um homem perigoso. Talvez não se passe muito tempo até estarmos juntos outra vez. Pense na Trombeta. Pense na glória. E pense em mim, pois você será sempre meu.

Mais uma vez, não havia assinatura além da própria caligrafia elegante.

— Será que todas as mulheres são loucas? — perguntou Rand, dirigindo-se ao teto. Hurin deu de ombros. Rand se jogou na outra cadeira, a que fora feita para os Ogier. Seus pés não tocavam o chão, mas ele não se importava. Olhou para o baú sob o cobertor, debaixo da cama de Loial. *Pense na glória.* — Eu queria que Ingtar chegasse logo.





Uma Nova Trama no Padrão

Em seu cavalo, Perrin observava desconfortável as montanhas da Adaga do Fratricida. A subida ainda era íngreme, e parecia que continuaria assim para sempre, embora ele achasse que não devia faltar muito para alcançar o topo da trilha. De um lado, o terreno descia íngreme até um córrego raso vindo da montanha, batendo com força em rochas afiadas. Do outro, as montanhas se erguiam em uma série de picos serrilhados, como cataratas de pedra congeladas. A trilha seguia por uma área de pedregulhos, alguns do tamanho da cabeça de um homem, outros grandes como uma carroça. Não seria preciso muita habilidade para se esconder ali.

Os lobos tinham informado que havia gente nas montanhas. Perrin se perguntava se seriam os Amigos das Trevas de Fain. Os lobos não sabiam nem se importavam. Sabiam apenas que os Distorcidos estavam à frente, em algum lugar. Ainda estavam muito à frente, embora Ingtar tivesse forçado bastante o ritmo da marcha. Perrin notou que Uno observava as montanhas ao redor assim como ele.

Mat, com o arco preso às costas, cavalgava sem parecer preocupado, fazendo malabarismos com três bolas coloridas, mas também parecia um pouco mais pálido. Verin o examinava duas ou três vezes por dia, franzindo a testa, e Perrin tinha certeza de que ela até mesmo tentara Curá-lo, pelo menos uma vez, mas aquilo não fizera nenhuma diferença visível. De qualquer forma, ela parecia mais preocupada com algo que não mencionava.

Rand, pensou Perrin, olhando para as costas da Aes Sedai. Ela cavalgava sempre à frente da coluna com Ingtar, e sempre queria que seguissem ainda mais rápido do que o lorde shienarano permitiria. *De algum jeito, ela sabe sobre Rand.* Imagens enviadas pelos lobos lampejaram em sua mente. Casas de pedra em fazendas e aldeias em terrenos aplanados, todas além dos picos das montanhas. Os lobos não viam as construções humanas de modo muito diferente de como viam colinas ou campinas, a não ser pela sensação de que eram terras estragadas. Por um momento, Perrin percebeu que compartilhava aquele lamento, lembrando-se de lugares que os de duas pernas abandonaram havia muito tempo, lembrando-se da carreira veloz por entre as árvores e da força de sua mandíbula, dando um bote quando a corça tentava fugir, e... Com dificuldade, afastou os lobos de seus pensamentos. *Essas Aes Sedai vão destruir todos nós.*

Ingтар deixou o cavalo desacelerar até ser alcançado pelo do rapaz. Às vezes, aos olhos de Perrin, a crista crescente no elmo do shienarano lembrava os chifres de um Trolloc. Ingтар falou, em voz baixa:

— Conte-me outra vez o que os lobos disseram.

— Eu já lhe contei dez vezes — murmurou Perrin.

— Conte outra vez! Qualquer detalhe que eu possa ter perdido, qualquer coisa que me ajude a encontrar a Trombeta... — Ingтар respirou fundo e expirou devagar. — Preciso encontrar a Trombeta de Valere, Perrin. Conte outra vez.

Não havia necessidade de organizar tudo em sua mente, não depois de tantas repetições. O jovem disse, monotonamente:

— Alguém, ou algo, atacou os Amigos das Trevas à noite e matou os Trollocs que encontramos. — Seu estômago já não ficava mais embrulhado ao pensar na cena. Corvos e abutres faziam muita sujeira ao se alimentar. — Os lobos o chamam, o que quer que seja, de Matador de Sombras. Acho que era um homem, mas eles não chegaram perto o suficiente para ver direito. Eles não têm medo desse Matador de Sombras, apenas ficaram admirados. Dizem que os Trollocs agora estão seguindo-o. E que Fain está com eles. — Mesmo tanto tempo depois, a lembrança do cheiro de Fain, da sensação que o homem provocava, o fazia contorcer sua boca. — Então os outros Amigos das Trevas também deve estar.

— Matador de Sombras — murmurou Ingтар. — Algum aliado do Tenebroso, como um Myrddraal? Já vi coisas na Praga que poderiam ser chamadas de Matadoras de Sombras, mas... Eles não viram mais nada?

— Eles não queriam se aproximar muito. Não era um Desvanecido. Eu já disse, eles tentariam matar um Desvanecido mais rápido do que tentariam matar um Trolloc, mesmo que isso signifique a morte de metade da matilha. Ingтар, os lobos que viram o que aconteceu passaram a informação para outros, e esses para outros, antes de chegar até mim. Só posso lhe dizer o que eles passaram adiante, e depois de ser passado tantas vezes... — Ele parou de falar quando Uno se juntou aos dois.

— Vi um Aiel nas pedras — alertou o caolho, em voz baixa.

— Tão longe do Deserto? — perguntou Ingтар, incrédulo. Uno conseguiu parecer ofendido sem alterar sua expressão, e Ingтар acrescentou: — Não, não estou duvidando de você. Só estou surpreso.

— O chamejado queria que eu o visse, ou eu provavelmente não teria visto. — Uno não parecia feliz em admitir aquilo. — E aquela cara estava sem véu, então ele não veio para matar. Mas, quando se encontra um desses Aiel chamejados, tem sempre outros que não dá para ver. — De repente, os olhos dele se arregalaram. — Que me queime, mas acho que o miserável quer bem mais do que ser visto. — Ele apontou. Um homem aparecera no caminho, à frente deles.

Masema baixou a lança no mesmo instante, posicionada para um ataque, e enfiou os calcanhares no flanco do cavalo, que partiu a pleno galope em três passadas. E não foi o único: quatro pontas de aço arremetiam contra o homem no chão.

— Alto! — bradou Ingтар. — Eu disse alto! Vou cortar as orelhas de qualquer um que não parar onde está!

Masema fez o cavalo parar, puxando as rédeas com violência. Os outros também pararam,

formando uma nuvem de poeira a menos de dez passos do Aiel, com as lanças ainda apontadas para seu peito. Ele ergueu uma das mãos para afastar a poeira, quando a nuvem o alcançou, e foi o primeiro movimento que fez.

Era um homem alto, com a pele queimada de sol e cabelos vermelhos curtos, exceto por uma mecha que saía da nuca e ia até a altura dos ombros. Das botas macias amarradas até os joelhos ao pano folgado, enrolado no pescoço, suas roupas eram todas em tons de marrom e cinza, fáceis de confundir em meio às pedras e à terra. A ponta de um arco curto, feito de chifres, despontava atrás de um de seus ombros, e uma aljava lotada de flechas estava presa na lateral do cinturão. Uma longa faca pendia do outro lado. Na mão esquerda, ele segurava um broquel de couro e três lanças com menos da metade de sua altura e pontas tão longas quanto as das shienaranas.

— Não tenho gaiteiros para tocarem música — anunciou o homem, com um sorriso —, mas se quiserem dançar... — Ele não alterou a postura, entretanto Perrin notou uma súbita prontidão. — Meu nome é Urien, do ramo das Duas Torres dos Aiel Reyn. Eu sou um Escudo Vermelho. Lembrem-se de mim.

Ingтар desmontou e avançou, removendo o elmo. Perrin hesitou apenas um instante antes de descer do cavalo e se juntar a ele. Não podia perder a chance de ver um Aiel de perto. E ainda por cima um que agia como Aiel de véu negro. Em diversas histórias, aqueles homens eram tão mortais e perigosos quanto os Trollocs, e alguns chegavam a dizer que todos eram Amigos das Trevas. Mas o sorriso de Urien não parecia tão perigoso, apesar de ele parecer pronto para dar um bote. Seus olhos eram azuis.

— Ele se parece com Rand. — A voz de Mat fez Perrin olhar para trás, percebendo que o rapaz também se juntara a eles. — Talvez Ingтар esteja certo — acrescentou o amigo, discretamente. — Talvez Rand seja um Aiel.

Perrin assentiu com a cabeça.

— Mas isso não muda nada.

— Não, não muda. — Mat parecia falar sobre algo diferente do que Perrin queria dizer.

— Estamos ambos longe de casa — observou Ingтар ao Aiel —, e nós, pelo menos, viemos por motivos que não lutar. — Perrin teve que rever sua interpretação do sorriso de Urien: o homem parecia desapontado.

— Como quiser, shienarano. — Urien se voltou para Verin, que terminava de desmontar do cavalo, e se curvou de modo estranho, fincando as lanças no chão e estendendo a mão direita com a palma para cima. Sua voz soou respeitosa. — Sábia, minha água é sua.

Verin entregou as rédeas a um dos soldados. Então analisou o Aiel, enquanto se aproximava.

— Por que me chama assim? Acha que sou uma Aiel?

— Não, Sábia. Mas você tem a aparência de alguém que fez a jornada a Rhuidean e sobreviveu. Os anos não tocam as Sábias da mesma forma que tocam as outras mulheres ou homens.

Uma expressão empolgada surgiu no rosto da Aes Sedai, mas Ingтар a cortou, impaciente:

— Perseguimos Amigos das Trevas e Trollocs, Urien. Teve algum sinal deles?

— Trollocs? Aqui? — Os olhos de Urien brilharam. — É um dos sinais mencionados pelas profecias. Quando os Trollocs saírem outra vez da Praga, deixaremos a Terra da Trindade e

retomaremos nossas antigas moradas.

Houve um burburinho entre os shienaranos que ainda estavam montados. Urien os encarou com um orgulho que fazia parecer que os olhava de cima.

— A Terra da Trindade? — perguntou Mat.

Perrin achou que ele parecia ainda mais pálido. Não tinha uma aparência exatamente doente, era mais como se houvesse passado muito tempo sem pegar sol.

— Vocês chamam de Deserto — explicou Urien —, mas para nós é a Terra da Trindade. Uma pedra para nos moldar, um teste para provar nosso valor e uma punição por nosso pecado.

— Que pecado? — indagou Mat.

Perrin prendeu a respiração, esperando que as lanças na mão de Urien voassem.

O Aiel deu de ombros.

— Foi há tanto tempo que ninguém se lembra. A não ser as Sábias e os chefes dos clãs, e eles não falam sobre isso. Deve ter sido um grande pecado, para eles não conseguirem nos contar, mas o Criador nos pune bem.

— Trollocs — insistiu Ingтар. — Você viu algum Trolloc?

Urien negou com a cabeça.

— Eu os mataria assim que visse, mas não encontrei nada além das pedras e do céu.

Ingтар fez um meneio com a cabeça, perdendo o interesse, mas Verin falou, com evidente curiosidade:

— Essa Rhuidean. O que é? Onde fica? Como as meninas são escolhidas para ir?

O rosto de Urien tornou-se indecifrável; seus olhos, guardados.

— Não posso falar sobre isso, Sábیا.

Perrin não conseguiu evitar que sua mão fosse até o machado. Havia algo na voz de Urien... Ingтар também se preparou, pronto para puxar a espada, e houve certa agitação entre os homens montados. Mas Verin se aproximou do Aiel, até quase tocar-lhe o peito e o encarou.

— Eu não sou uma Sábیا como as que você conhece, Urien — insistiu. — Sou uma Aes Sedai. Diga-me o que puder sobre Rhuidean.

O homem que estivera pronto para enfrentar vinte outros parecia louco para escapar daquela mulher gorducha de cabelos grisalhos.

— Eu... posso contar apenas o que todos sabem. Rhuidean fica nas terras dos Aiel Jenn, o décimo terceiro clã. Não posso falar deles, exceto para nomeá-los. Ninguém pode entrar, a não ser as mulheres que desejem se tornar Sábias ou os homens que desejem se tornar chefes de clã. Talvez os Aiel Jenn os escolham, mas não sei. Muitos vão, poucos voltam, e os que voltam fica marcados como Sábias ou chefes de clã. Não posso dizer mais, Aes Sedai. Não posso.

Verin continuou a encará-lo, com os lábios comprimidos.

Urien olhou para o céu como se estivesse tentando fixá-lo na memória.

— Vai me matar agora, Aes Sedai?

Ela piscou, sobressaltada.

— O quê?

— Você vai me matar agora? Uma das antigas profecias diz que, se falharmos outra vez com as Aes Sedai, elas vão nos matar. Sei que o poder de vocês é maior que o das Sábias. — O

Aiel riu, de repente. Era um riso amargo. Havia uma luz selvagem em seus olhos. — Traga os seus raios, Aes Sedai. Vou dançar com eles.

O Aiel pensava que ia morrer, mas não estava com medo. Perrin percebeu que estava boquiaberto e se recompôs, fechando a boca com um estalo.

— O que eu não daria — murmurou Verin, contemplando-o — para ter você na Torre Branca... Ou simplesmente disposto a falar. Ah, fique quieto, homem. Não vou ferir você. A menos que pretenda me ferir, com essa sua história de dança.

Urien pareceu estupefato. Olhou para os shienaranos, imóveis em seus cavalos, como se suspeitasse de algum truque.

— Você não é uma Donzela da Lança — explicou, devagar. — Como eu poderia atacar uma mulher que não se casou com a lança? É proibido, exceto para salvar a vida, e mesmo assim eu me feriria para evitar isso.

— Por que você está aqui, tão longe da sua terra? — perguntou ela. — Por que você veio a nós? Podia ter permanecido nas rochas, e jamais saberíamos que você estava lá. — O Aiel hesitou, e ela acrescentou: — Diga apenas o que estiver disposto a dizer. Não sei o que suas Sábias fazem, mas eu não vou feri-lo nem tentar forçá-lo a nada.

— É os que as Sábias dizem — respondeu o homem, secamente —, mas ainda assim até mesmo um chefe de clã precisa ter estômago para evitar fazer o que elas querem. — Ele pareceu escolher as palavras com cuidado. — Estou à procura de... alguém. Um homem. — O olhar dele passou por Perrin, Mat e os shienaranos, descartando todos. — Aquele Que Vem Com a Manhã. Dizem que haverá grandes sinais e presságios de sua vinda. Eu percebi que vocês eram de Shienar, pelas armaduras da escolta, e você tinha a aparência de uma Sábia, então achei que poderiam ter notícias de grandes eventos, eventos que possam anunciar a vinda dele.

— Um homem? — A voz de Verin era suave, mas seu olhar era afiado como uma adaga. — Quais são esses sinais?

Urien sacudiu a cabeça.

— Dizem que saberemos quando os ouvirmos, e que o reconheceremos quando o virmos, porque ele estará marcado. Ele virá do oeste, de além da Espinha do Mundo, mas será do nosso sangue. Ele irá a Rhuidean e nos guiará para fora da Terra da Trindade. — Ele pegou uma das lanças com a mão direita. Couro e metal rangeram quando os soldados estenderam as mãos para as espadas, e Perrin percebeu que segurara outra vez seu machado, mas Verin os fez ficar imóveis com um olhar irritado. Urien esboçou na terra um círculo com a ponta da lança, traçando uma linha sinuosa no meio. — Dizem que ele conquistará sob este símbolo.

Ingтар franziu a testa enquanto examinava o símbolo, a expressão em seu rosto indicava que não o reconhecia, mas Mat murmurou um xingamento entre dentes e Perrin sentiu a boca ficar seca. *O antigo símbolo dos Aes Sedai.*

Verin apagou o desenho com o pé.

— Não posso lhe dizer onde ele está, Urien — respondeu ela —, e não ouvi falar de quaisquer sinais ou presságios que possam levá-lo a ele.

— Então continuarei minha busca.

Não foi uma pergunta, mas ainda assim Urien esperou que ela assentisse antes de lançar um

olhar orgulhoso e desafiador para os shienaranos e lhes dar as costas. Ele se afastou em silêncio e sumiu por entre as rochas sem olhar para trás.

Alguns dos soldados começaram a resmungar. Uno falou algo sobre os “chamejados Aiel malucos”, e Masema rosnou que deveriam ter deixado o Aiel para os corvos.

— Desperdiçamos um tempo valioso — anunciou Ingtar, bem alto. — Vamos cavalgar mais depressa para compensar.

— Sim — concordou Verin. — Precisamos ir mais rápido.

Ingtar olhou para ela, mas a Aes Sedai encarava a mancha no chão, onde estivera o símbolo que ela apagara com o pé.

— Desmontar! — ordenou ele. — Botem as armaduras nos cavalos de carga. Estamos em Cairhien agora. Não queremos que os cairhienos pensem que viemos atacá-los. E sejam rápidos!

Mat se inclinou para chegar mais perto de Perrin.

— Você...? Você acha que ele estava falando de Rand? É loucura, eu sei, mas até Ingtar acha que ele é um Aiel.

— Não sei — respondeu Perrin. — Tudo tem sido uma loucura desde que nos metemos com as Aes Sedai.

Em voz baixa, como se falasse para si mesma, Verin murmurava, ainda olhando para o chão:

— Deve ser uma parte, mas como? Será que a Roda do Tempo tece fios no padrão do quais nada sabemos? Ou será que as mãos do Tenebroso tocam o Padrão outra vez?

Perrin sentiu um calafrio.

Verin olhou para os soldados, que tiravam as armaduras.

— Rápido! — ordenou, com mais autoridade do que Ingtar e Uno juntos. — Precisamos nos apressar!





Seanchan

Geofram Bornhald ignorou o cheiro das casas em chamas e os corpos estendidos na rua. Byar e uma guarda de cem Mantos-brancos entraram na aldeia, cavalgando logo atrás dele. Era apenas metade dos homens que trazia consigo. Sua legião estava espalhada demais para seu gosto, com os Questionadores ocupando cargos de comando demais, mas as ordens haviam sido explícitas: obedecer aos Questionadores.

Houvera pouca resistência ali. Apenas meia dúzia das casas soltava colunas de fumaça. A estalagem ainda estava de pé, percebeu. Era de pedras cobertas com reboco branco, como quase todas as construções na Planície de Almoth.

Parando em frente à estalagem, passou os olhos direto pelos prisioneiros que seus soldados detinham perto do poço e os fixou na longa trave da forca que maculava o campo comum da aldeia. Fora feita às pressas, era apenas uma longa trave com suportes, mas sustentava trinta corpos, cujas roupas ondulavam ao sabor da brisa. Havia corpos pequenos entre os maiores. Até mesmo Byar olhava estupefato e incrédulo.

— Muadh! — urrou. Um homem grisalho trotava entre os homens que detinham os prisioneiros. Muadh caíra uma vez nas mãos dos Amigos das Trevas, e seu rosto cheio de cicatrizes chocava até mesmo os mais fortes. — Isso é obra sua, Muadh, ou dos Seanchan?

— De nenhum dos dois, meu Senhor Capitão. — A voz de Muadh era um rosnado rude e sussurrado, outro presente dos Amigos das Trevas. Ele não disse mais nada.

Bornhald franziu a testa.

— Com certeza não foi obra daqueles ali — retrucou, indicando os prisioneiros.

Os Filhos não pareciam tão impecáveis quanto na ocasião em que os guiara por Tarabon, mas pareciam prontos para um desfile comparados com os maltrapilhos camponeses agachados sob seus olhares vigilantes. Homens vestidos em farrapos e pedaços de armadura, com expressões sombrias. Restos do exército que Tarabon enviara contra os invasores na Ponta de Toman.

Muadh hesitou, depois respondeu, escolhendo bem as palavras:

— Os aldeões dizem que eles usavam mantos tarabonianos, meu Senhor Capitão. Havia um

homem grande entre eles, com olhos cinza e um bigode longo, que pela descrição parece gêmeo do Filho Earwin. Junto com ele estava um jovem que tentava esconder o rostinho bonito e a barba loura e lutava com a mão esquerda. Quase parece ser o Filho Wuan, meu Senhor Capitão.

— Questionadores! — exclamou Bornhald. Earwin e Wuan estavam entre os homens que ele precisara ceder aos Questionadores. Ele já vira as táticas dos Questionadores antes, mas era a primeira vez que se deparava com corpos de crianças.

— Se meu Senhor Capitão diz... — Muadh fez as palavras soarem como uma concordância fervorosa.

— Corte as cordas — ordenou Bornhald, cansado. — E deixe claro para os aldeões que não haverá mais mortes. — *A menos que algum tolo resolva ser corajoso só porque a mulher está vendo e eu precise dar um exemplo.* Ele desmontou, observando outra vez os prisioneiros, enquanto Muadh corria atrás de escadas e facas. Tinha muito mais em que pensar do que o excesso de zelo dos Questionadores. Na verdade, queria poder parar de pensar nos Questionadores.

— Eles não resistem por muito tempo, meu Senhor Capitão — falou Byar —, nem esses tarabonianos ou o que sobrou dos domaneses. Ameaçam atacar como ratos acuados, mas correm assim que algo os ameaça de volta.

— Vamos ver como nos saímos contra esses invasores, Byar, antes de desprezarmos os homens, está bem? — Os rostos dos prisioneiros traziam uma expressão de derrota antes mesmo de seus homens chegarem. — Peça a Muadh para separar um deles para mim. — Só o rosto daquele Filho era o suficiente para enfraquecer a determinação da maioria dos homens. — Um representante, de preferência. Um que pareça inteligente o bastante para contar o que viu sem firulas, mas jovem o suficiente para não se achar durão. Diga a Muadh para não ser muito gentil, está bem? Faça o sujeito crer que eu pretendo fazer com ele coisas piores do que ele sequer imagina, a menos que me convença do contrário. — Ele jogou as rédeas para um dos Filhos e entrou na estalagem a passos largos.

Surpreendentemente, o estalajadeiro estava lá. Era um homem solícito e suave bastante, com a camisa suja apertada na barriga de forma que os arabescos vermelhos bordados pareciam prestes a saltar. Bornhald o dispensou. Estava vagamente ciente de uma mulher e uma criança encolhidas no batente de uma porta, até que o estalajadeiro gordo as conduziu para fora.

Bornhald tirou uma das manoplas e se sentou a uma das mesas. Ele sabia muito pouco sobre os invasores, os estrangeiros. Era assim que quase todos os chamavam, pelo menos aqueles que não se punham a falar besteiras sobre Artur Asa-de-gavião. Sabia que se autodenominavam Seanchan, e *Hailene*. Conhecia o suficiente da língua antiga para saber que a segunda palavra significava Os que Vêm Antes, ou os Precursores. Eles também se autodenominavam *Rhyagelle*, Os que Voltam para Casa, e falavam sobre *Corenne*, o Retorno. Era quase o bastante para fazê-lo acreditar nas histórias sobre o retorno dos exércitos de Artur Asa-de-gavião. Ninguém sabia de onde os Seanchan vieram, sabiam apenas que tinham chegado em navios. Os pedidos de informação de Bornhald ao Povo do Mar haviam sido respondidos apenas com o silêncio. Amador não tinha qualquer simpatia pelos Atha'an Miere, e o sentimento era entusiasmadamente reciprocado. Tudo o que sabia dos Seanchan ele ouvira de homens como os prisioneiros que estavam ali fora, maltrapilhos derrotados que

falavam, com os olhos arregalados, pingando de suor, sobre homens que entravam na batalha montados tanto em monstros quanto em cavalos, que lutavam lado a lado com monstros e que traziam Aes Sedai para destruir a terra sob os pés de seus inimigos.

Um som de passos à porta o fez dar um sorriso ameaçador, mas Byar não estava acompanhado de Muadh. O Filho da Luz ao lado dele, curvado e com o elmo debaixo do braço, era Jeral, que Bornhald imaginara estar a cem milhas de distância. Sobre a armadura, o jovem usava um manto de corte domanês com bordas azuis, não o manto branco dos Filhos.

— Muadh está falando com um jovem agora, meu Senhor Capitão — explicou Byar. — O Filho Jeral acabou de chegar com uma mensagem.

Bornhald gesticulou para que Jeral começasse a falar.

O jovem não endireitou a postura.

— Os cumprimentos de Jaichim Carridin — começou, olhando bem para a frente —, que guia a Mão da Luz na...

— Não preciso dos cumprimentos do Questionador — resmungou Bornhald, notando o olhar assustado do Filho. Jeral ainda era jovem. De qualquer forma, Byar também parecia desconfortável. — Transmita logo a mensagem, está bem? E nada de repetir palavra por palavra, a menos que eu peça. Só me diga o que ele quer.

O Filho, pronto para recitar, engoliu em seco antes de começar.

— Meu Senhor Capitão, ele... ele diz que o senhor está trazendo homens demais para tão perto da Ponta de Toman. Ele diz que os Amigos das Trevas na Planície de Almoth precisam ser extirpados, e o senhor deve... Perdoe-me, Senhor Capitão... O senhor deve retornar imediatamente e seguir para o coração da planície. — Ele permaneceu imóvel, esperando.

Bornhald estudou o jovem. A poeira da planície manchava-lhe o rosto, assim como o manto e as botas.

— Vá e procure alguma coisa para comer — ordenou Bornhald. — Deve haver água para você se lavar em uma dessas casas, se quiser. Volte aqui em uma hora. Terei mensagens para você levar. — E dispensou o jovem.

— Os Questionadores podem estar certos, meu Senhor Capitão — disse Byar, quando Jeral foi embora. — Há muitas vilas espalhadas pela planície, e os Amigos das Trevas...

O tapa de Bornhald na mesa o interrompeu.

— Que Amigos das Trevas? Não vi nada em qualquer uma das aldeias que ordenaram que tomássemos, a não ser fazendeiros e artesãos preocupados com a possibilidade de queimarmos seu sustento e algumas velhas que cuidam dos doentes. — O rosto de Byar estava cuidadosamente inexpressivo. Ele sempre previa Amigos das Trevas mais rápido do que Bornhald. — E as crianças, Byar? As crianças aqui eram Amigos das Trevas?

— Os pecados da mãe se estendem à quinta geração — citou Byar —, e os do pai, à décima. — Mas ele parecia desconfortável. Nem mesmo Byar matara uma criança, antes.

— Você não se pergunta, Byar, por que Carridin tirou nossos estandartes e os mantos dos homens liderados pelos Questionadores? Até mesmo os próprios Questionadores abandonaram o branco. Isso quer dizer alguma coisa, sim?

— Ele deve ter seus motivos, Senhor Capitão — respondeu Byar, com cuidado. — Os Questionadores sempre têm motivos, mesmo quando não compartilham com o restante de nós.

Bornhald lembrou a si mesmo de que Byar era um bom soldado.

— Filhos ao norte usam mantos tarabonianos, Byar, e os ao sul, mantos domaneses. Não gosto do que isso sugere. Há Amigos das Trevas aqui, mas estão em Falme, e não na planície. Quando Jeral partir, não irá sozinho. Enviarei mensagens para cada grupo dos Filhos que eu puder encontrar. Pretendo levar a legião à Ponta de Toman, Byar, e ver o que os verdadeiros Amigos das trevas, esses Seanchan, estão tramando.

Byar pareceu preocupado, mas, antes que pudesse falar, Muadh surgiu com um dos prisioneiros. O jovem suado, vestindo uma placa peitoral ornada e desgastada, lançava olhares assustados para o rosto hediondo do homem que o acompanhava.

Bornhald puxou a adaga e começou a aparar as unhas. Jamais entendera por que aquilo deixava alguns homens nervosos, mas se aproveitava disso mesmo assim. Até seu sorriso de avô fez o rosto sujo do prisioneiro empalidecer.

— Agora, meu jovem, você vai me dizer o que sabe desses estranhos, está bem? Se precisar pensar no que tem a dizer, mandarei você de volta lá para fora para pensar, acompanhado do Filho Muadh.

O prisioneiro lançou um olhar apavorado para Muadh. E então as palavras começaram a jorrar.

* * *

As altas ondas do oceano de Aryth faziam o *Espuma* balançar, mas Domon mantinha-se equilibrado com os pés afastado enquanto segurava o longo tubo da luneta e analisava a grande embarcação que os perseguia. Perseguia, alcançando-os pouco a pouco. O vento que soprava onde o *Espuma* ao navegava não era dos melhores, nem dos mais fortes, mas não poderia ser melhor onde o outro navio atingia as ondulações em montanhas de espuma, com aquela proa larga. A costa da Ponta de Toman se avultava ao leste, com penhascos escuros e estreitas faixas de areia. Domon não se importara de levar o *Espuma* ao mar aberto, mas, naquele momento, temia que fosse pagar por isso.

— São forasteiros, Capitão? — A voz de Yarin tinha o som do suor. — É um navio dos forasteiros?

Domon baixou a luneta, mas sua visão ainda parecia tomada por aquele navio alto, de aspecto quadrado, com suas estranhas velas cheias de talas.

— Seanchan — respondeu, e ouviu Yarin gemer. Tamborilou os dedos grossos na amurada, então disse ao timoneiro: — Vá para mais perto da costa. Aquele navio nem vai ousar entrar nas águas rasas por onde o *Espuma* pode passar.

Yarin gritou as ordens e a tripulação correu para puxar as retrancas enquanto o timoneiro virava o leme, apontando a proa para a costa. O *Espuma* se movia mais devagar, indo a contravento, mas Domon tinha certeza de que conseguiria chegar às águas rasas antes que a outra embarcação o alcançasse. *Estivesse eu com o porão cheio, esse barco ainda assim aguentaria uma água mais rasa do que aquele lastro imenso.*

O *Espuma* estava mais alto na água do que quando saíra de Tanchico. Um terço da carga de fogos de artifício que ele pegara já se fora, vendida nas aldeias de pescadores na Ponta de

Toman, mas a prata que receberam em troca da carga viera acompanhada de relatos perturbadores. As pessoas falavam sobre visitas de navios altos, parecidos com caixotes, dos invasores. Quando os navios dos Seanchan ancoravam ao largo da costa, os aldeões que se erguiam para defender seus lares eram atingidos por raios que caíam do céu, enquanto pequenos barcos ainda traziam os invasores à terra, e o chão irrompia em fogo sob seus pés. Domon pensou que estivesse ouvindo bobagens, até lhe mostrarem o chão enegrecido. E já vira aquilo em aldeias demais para continuar duvidando. Monstros lutavam ao lado dos soldados Seanchan... não que sobrasse muita gente para resistir, contavam os aldeões. E alguns chegavam a afirmar que os próprios Seanchan eram monstros, com cabeças como as de insetos gigantes.

Em Tanchico, ninguém sequer soubera como eles se autodenominavam, e os tarabonianos falavam, confiantes, sobre seus soldados, fazendo os invasores recuarem para o mar. Mas a história era outra em cada uma das cidadezinhas costeiras que visitavam. Os Seanchan diziam à população estupefata que as pessoas deveriam refazer os juramentos que haviam quebrado, mas sem se dignarem a explicar quando eles foram quebrados ou o que significavam. As jovens eram levadas uma a uma para serem examinadas, e algumas eram levadas para os navios e nunca mais se tinha notícia delas. Certas mulheres mais velhas também sumiam, algumas das Guias e Curandeiras. Novos prefeitos eram escolhidos pelos Seanchan, assim como novos Conselhos, e qualquer um que protestasse contra os desaparecimentos das mulheres ou a ausência de voz na escolha podia ser enforcado, irromper em chamas ou ser enxotado como um cão cujo latido incomoda. Não havia como dizer o que aconteceria até ser tarde demais.

E, quando as pessoas já haviam sido completamente intimidadas, quando haviam sido forçadas a se ajoelhar e jurar, perplexas, que obedeceriam aos Precursores, esperariam pelo Retorno e serviriam a Os Que Voltam Para Casa com suas vidas, os Seanchan partiam e geralmente não voltavam mais. Falme, dizia-se, era a única cidade sob a qual mantinham controle.

Em algumas das aldeias das quais haviam partido, homens e mulheres voltavam às antigas vidas de forma lenta e relutantemente, e chegavam a ponto de falar em eleger novos Conselhos, mas a maioria olhava nervosa para o mar e protestava com feições pálidas, dizendo que pretendiam cumprir os juramentos que haviam sido obrigados a fazer, mesmo que não os compreendessem.

Domon não tinha intenção alguma de encontrar um Seanchan, se pudesse evitar.

Erguia a luneta para ver o que conseguiria distinguir no convés daquele navio estranho que se aproximava, quando, com um rugido, a superfície do mar irrompeu em um jorro de água e chamas a menos de cem passos a bombordo. Antes mesmo de seu queixo cair, outra coluna de chamas cortou o mar a estibordo, e, enquanto Domon se virava para olhar para ela, outra explodiu à frente. As erupções pararam tão rápido quanto começaram, chovendo respingos no convés. Onde estiveram, o mar borbulhava como se fervesse.

— Nós... nós vamos chegar às águas rasas antes que eles consigam nos alcançar — disse Yarin, devagar. Parecia estar tentando não olhar para a água fervendo sob as nuvens de vapor.

Domon negou com a cabeça.

— Sim, seja lá o que tenham feito, eles podem nos estraçalhar. Mesmo se formos para a

arrebentação. — Ele estremeceu, pensando na chama dentro dos jorros d'água e em seu convés cheio de fogos de artifício. — Que a Sorte me espicace... podemos nem viver para nos afogar. — Ele cofiou a barba e esfregou o lábio superior, sem pelos, relutando em dar a ordem... a embarcação e o que ela carregava eram tudo que tinha no mundo... mas, finalmente, se forçou a falar. — Leve o *Espuma* de volta para o vento, Yarin, e baixe as velas. Rápido, homem, rápido! Antes que eles achem que ainda vamos tentar escapar.

Quando um tripulante correu para baixar as velas triangulares, Domon se virou para ver o navio Seanchan se aproximar. O *Espuma* perdera a vantagem e balançava com as ondas. A outra embarcação estava mais alta na água do que o navio de Domon, e tinha torres de madeira na proa e na popa. Havia homens no convés, içando aquelas velas estranhas, e pessoas vestidas em armaduras se postavam no topo das torres. Um escaler foi baixado de bordo e seguiu depressa até o *Espuma*, impelido por dez remos. Nele, havia silhuetas em armaduras, e Domon franziu a testa, surpreso, ao notar que também havia duas mulheres agachadas na popa. O escaler bateu de leve contra o casco do *Espuma*.

O primeiro a subir foi um dos homens de armadura, e Domon logo percebeu por que alguns dos aldeões afirmavam que os Seanchan eram monstros. O elmo parecia muito a cabeça de um inseto monstruoso, com finas plumas vermelhas como antenas. A pessoa que o usava parecia olhar por trás de mandíbulas. Era pintado e folheado a ouro para acentuar a ilusão, e o restante da armadura do homem também era enfeitada com tinta e ouro. Placas sobrepostas pretas e vermelhas com bordas douradas cobriam o peito e desciam pela parte de fora dos braços e pela frente das coxas. Mesmo as partes externas das manoplas de aço eram vermelhas e douradas. Onde o homem não estava coberto de metal, as roupas eram de couro escuro. A espada de duas mãos em suas costas, com a lâmina curva, também tinha bainha e cinturão em couro preto e vermelho.

Então a figura de armadura removeu o elmo, e Domon ficou estupefato. Era uma mulher. O cabelo dela estava cortado curto, e o rosto tinha uma expressão severa, mas não havia dúvida. O capitão do *Espuma* jamais ouvira falar de algo assim, exceto entre os Aiel, e todos sabiam que os Aiel eram loucos. Tão desconcertante quanto aquilo, era o fato de que o rosto da mulher não parecia tão exótico como ele imaginara uma Seanchan. Os olhos eram azuis, é verdade, e a pele, excessivamente clara, mas ele já vira aquilo antes. Se aquela mulher estivesse de vestido, ninguém lhe olharia duas vezes. Ele a observou com mais atenção e mudou de ideia: aquele olhar frio e aquelas bochechas austeras fariam com que ela se sobressaísse em qualquer lugar.

Os outros soldados seguiram a mulher e subiram a bordo. Domon ficou aliviado ao perceber, quando alguns tiraram seus elmos estranhos, que os outros, ao menos, eram homens. Homens de olhos negros ou castanhos, que poderiam ter passado despercebidos em Tanchico ou Illian. Domon já tinha começado a imaginar exércitos de mulheres de olhos azuis carregando espadas. *Aes Sedai com espadas*, pensou, lembrando-se do mar em erupção.

A Seanchan analisou o navio com arrogância, então identificou Domon como o capitão: tinha de ser ele ou Yarin, pelas roupas, mas o jeito como Yarin fechava os olhos e murmurava preces sugeria que era Domon. Ela o fitou com um olhar que parecia um dardo.

— Há alguma mulher em sua tripulação ou entre seus passageiros? — Ela falava de um jeito

suave e arrastado que tornava difícil compreendê-la, mas seu tom indicava que estava acostumada a obter as respostas que queria. — Fale, homem, se for o capitão. Se não for, acorde o outro tolo e diga-lhe para falar.

— Sou eu, sim, o capitão, milady — respondeu Domon, com cautela. — Não fazia ideia de como se dirigir a ela, e não queria pisar em falso. — Nem tenho passageiros nem mulheres na minha tripulação. — Ele pensou nas meninas e mulheres que haviam sido levadas, e, não pela primeira vez, se perguntou o que aquela gente queria com elas.

Domon percebeu, atônito, que as duas mulheres vestidas como mulheres subiam do escaler, uma conduzindo a outra com uma corrente de metal. A corrente ia de um bracelete usado pela primeira a uma coleira em torno do pescoço da segunda. Ele não conseguia dizer se a corrente estava entrelaçada ou fundida, já que de alguma forma parecia as duas coisas, mas claramente era uma única peça, do bracelete ao colar. A primeira mulher enrolava a corrente conforme a segunda subia ao convés. A mulher de coleira usava roupas simples de um cinza-escuro e permanecia com uma das mãos sob a outra e o olhar fixo nas tábuas sob seus pés. A outra tinha painéis vermelhos ostentando raios prateados que se bifurcavam no colo do vestido azul e nas laterais da saia, que terminava quase no tornozelo das botas. Domon as observava com desconforto.

— Fale devagar, homem — exigiu a guerreira de olhos azuis, com a fala arrastada. Ela atravessou o convés para confrontá-lo, olhando para cima para encará-lo, mas, de alguma forma, parecendo maior e mais larga que ele. — Você é ainda mais difícil de entender do que os outros habitantes dessa terra abandonada pela luz. E eu sequer afirmei ser do Sangue. Ainda não. Depois do *Corenne*... Sou a capitã Egeanin.

Domon repetiu o que dissera, tentando falar mais devagar, e acrescentou:

— Eu sou, sim, um mercador pacífico. Nem lhe desejo mal, nem tenho qualquer coisa a ver com sua guerra. — Ele não conseguiu evitar olhar outra vez para as mulheres ligadas pela corrente.

— Mercador pacífico? — repetiu Egeanin. — Neste caso, você estará livre para partir quando jurar lealdade outra vez. — Ela percebeu seu olhar e virou-se para as duas mulheres com o orgulho de quem olha uma propriedade. — Você admira minha *damane*? Ela custou caro, mas valeu cada moeda. Poucos além dos nobres possuem uma *damane*, e a maioria é propriedade do trono. Ela é forte, mercador. Poderia ter despedaçado seu navio, se eu quisesse.

Domon olhou para a mulher e para a corrente prateada. Ele ligara a que ostentava os raios com os jorros flamejantes no mar, e presumira que fosse uma Aes Sedai. Egeanin acabara de dar um nó em sua cabeça. *Ninguém conseguiria fazer isso com...*

— Ela é uma Aes Sedai? — perguntou, incrédulo.

O tapa, dado sem hesitação, com as costas da manopla, o pegou totalmente de surpresa. Ele cambaleou. O aço cortara-lhe o lábio.

— Esse nome nunca é dito — informou-lhe Egeanin, com uma suavidade perigosa. — Há apenas as *damane*, as Encolaradas, e agora elas servem à verdade e fazem jus ao nome. — Os olhos dela faziam o gelo parecer quente.

Domon engoliu um pouco de sangue e manteve os punhos cerrados ao lado do corpo. Mesmo com uma espada à mão, ele não condenaria sua tripulação à morte contra uma dezenas de

soldados armados, mas foi um esforço manter a voz humilde.

— Nem quis ofender, capitã. Nem sei nada sobre vocês ou seus costumes. Se no caso ofendi foi por ignorância, sem intenção.

Ela olhou para ele e disse:

— Vocês são todos ignorantes, capitão, mas vão pagar a dívida de seus antepassados. Essa terra foi nossa, e será nossa outra vez. Com o Retorno, ela será nossa outra vez. — Domon não sabia o que dizer... *Ela não pode estar tentando dizer que aquela baboseira sobre Artur Asa-de-gavião é verdade...* então manteve a boca fechada.

— Você seguirá com sua embarcação para Falme. — Ele tentou protestar, mas o olhar severo dela o silenciou. — Lá, você e o navio serão examinados. Se for apenas um mercador pacífico, como diz, poderá seguir seu caminho quando tiver feito os juramentos.

— Juramentos, capitã? Que juramentos?

— Obedecer, aguardar e servir. Seus ancestrais deveriam ter se lembrado.

Ela reuniu seus soldados, exceto por um homem que usava uma armadura simples, indicando que era de baixa patente tanto quanto o tamanho de sua reverência à capitã Egeanin, e seguiu no escaler para o navio maior. O Seanchan que ficou não deu quaisquer ordens, limitou-se a sentar de pernas cruzadas no convés e começar a afiar a espada enquanto a tripulação içava as velas e o navio partia. Ele não parecia nem um pouco temeroso de estar sozinho, e o próprio Domon teria jogado ao mar qualquer homem que erguesse a mão contra ele, pois, enquanto o *Espuma* seguia seu caminho pela costa, o navio dos Seanchan os seguia por águas mais profundas. Uma milha separava as duas embarcações, mas Domon sabia que não havia chance de escapar, e pretendia devolver o homem à capitã Egeanin tão seguro quanto se ele tivesse sido ninado nos braços da própria mãe.

Era um longo caminho até Falme, e Domon finalmente persuadiu o estrangeiro a falar um pouco. Seu nome era Caban, tinha olhos escuros, estava na meia-idade e ostentava uma velha cicatriz acima dos olhos e outra no queixo. Além disso, não sentia nada além de desprezo por qualquer pessoa deste lado do Oceano de Aryth. Aquilo fez Domon parar por um instante. *Talvez eles sejam mesmo... Não. Isso sim é loucura.* A fala de Caban era arrastada igual a de Egeanin, mas, enquanto a dela era como seda deslizando em ferro, a dele lembrava mais couro raspando na pedra, e ele falava mais sobre batalhas, bebida e as mulheres que conhecera. Metade das vezes, Domon não sabia ao certo se estavam falando dali e do presente ou de qualquer terra de onde o homem tivesse vindo. O Seanchan decerto não era solícito em responder ao que quer que Domon quisesse saber.

Domon do *Espuma* chegou a perguntar sobre as *damane*. Caban ergueu a espada, ainda sentado em frente ao timoneiro, e encostou a ponta da lâmina no pescoço dele.

— Cuidado com a língua, ou vai acabar ficando sem ela. Isso é assunto do Sangue, não da sua laia. Nem da minha. — Ele sorriu ao dizer aquilo, e, assim que acabou, voltou a deslizar uma pedra ao longo da lâmina curva e pesada.

Domon tocou a gota de sangue acima do colarinho e resolveu não fazer mais perguntas. Pelo menos, não sobre aquele assunto.

Quanto mais perto as embarcações chegavam de Falme, por mais navios dos Seanchan, altos e de aparência quadrada, eles passavam. Alguns estavam em movimento, porém mais ainda se

encontravam ancorados. Cada um deles tinha uma proa larga com torres e era maior que qualquer embarcação que Domon já tivesse visto, mesmo entre o Povo do Mar. Alguns barcos locais, reparou, atravessavam as ondas verdejantes com suas proas agudas e velas inclinadas. A visão lhe deixou confiante de que Egeanin falara a verdade sobre liberá-lo para partir.

Quando o *Espuma* chegou ao cabo onde se situava Falme, Domon ficou boquiaberto com a quantidade de navios Seanchan ancorados no porto. Tentou contá-los e desistiu no cem, antes mesmo de chegar à metade. Já vira aquela quantidade de navios em um só lugar antes, em Illian, Tear, ou mesmo Tanchico, mas naquele caso houvera embarcações menores. Resmungando baixinho, ele levou o *Espuma* ao porto, conduzido por seu grande cão de guarda Seanchan.

Falme ficava em um braço de terra no extremo da Ponta de Toman, sem nada a oeste além do Oceano de Aryth. Penhascos altos flanqueavam os dois lados da entrada do porto, e, no topo, de modo que todos os navios que ali entrassem precisassem passar por baixo delas, ficavam as torres dos Vigias das Ondas. Havia uma gaiola pendurada ao lado de uma delas, com um homem sentado parecendo sem esperanças, com as pernas pendendo pelas barras.

— Quem é aquele? — perguntou Domon.

Caban finalmente cansara de afiar a espada, depois de Domon começar a se perguntar se ele pretendia se barbear com ela. O Seanchan ergueu o olhar para onde Domon apontava.

— Ah. Aquele é o Primeiro Vigia. Não o que se sentava na cadeira quando chegamos, claro. Toda vez que ele morre, escolhem outro e o colocamos na gaiola.

— Mas por quê? — indagou Domon.

O sorriso de Caban mostrou dentes demais.

— Eles mantiveram vigília esperando pela coisa errada e esqueceram o que deveriam ter continuado a lembrar.

Domon se forçou a parar de olhar para o Seanchan. O *Espuma* deslizou pela última ondulação real do mar e adentrou as águas mais calmas do porto. *Eu sou só um comerciante, e nem é da minha conta.*

Falme se erguia das docas de pedra nas encostas da depressão onde ficava o porto. Domon não soube dizer se as casas escuras de pedra compunham uma aldeia grande ou uma cidade pequena. Com certeza não vira um prédio sequer que rivalizasse com o menor dos palácios de Illian.

Ele conduziu o *Espuma* até uma das docas, e se perguntou, enquanto a tripulação aportava o barco, se os Seanchan comprariam alguns dos fogos de artifício em seu porão. *Nem é da minha conta.*

Para sua surpresa, Egeanin fez com que os remadores a levassem à doca com sua *damane*. Outra mulher usava o bracelete, com os mesmos painéis vermelhos e raios bifurcados no vestido, mas a *damane* era a mesma mulher de expressão triste que jamais erguia o olhar a menos que a outra falasse com ela. Egeanin mandou Domon e a tripulação serem retirados do navio e se sentarem na doca sob o olhar atento de dois soldados. Ela parecia achar que não precisava de mais, e o capitão do *Espuma* não discutiria. Enquanto isso, os outros vasculhavam a embarcação sob a supervisão dela. A *damane* ajudava na busca.

Mais à frente, nas docas, uma coisa apareceu. Domon não conseguia pensar em outra forma de descrevê-la. Era uma criatura corpulenta com uma pele de couro verde-acinzentado e um

bico no lugar da boca, com uma cabeça em forma de cunha. E três olhos. Ela andava pesadamente ao lado de um homem cuja armadura tinha três olhos pintados, iguais aos da criatura. Os locais, estivadores e marinheiros em camisas de bordados rústicos e longos coletes que se estendiam até os joelhos, afastavam-se, temerosos. Mas nenhum Seanchan os olhava duas vezes. O homem com a fera parecia lhe dizer para onde ir por meio de gestos.

Homem e criatura viraram e sumiram por entre os prédios, deixando Domon estupefato e a tripulação murmurando baixinho entre si. Os dois guardas Seanchan escarneceram em voz baixa. *Nem é da minha conta*, Domon lembrou a si mesmo. O que era de sua conta era seu navio.

O ar tinha um cheiro familiar de água salgada e piche. Ele mudou de posição, inquieto, pisando no chão de pedra aquecido pelo sol, e se perguntou o que os Seanchan estariam procurando. O que a *damane* estaria procurando. O que era aquela coisa. Gaivotas grasnaram, circulando acima do porto. Ele pensou nos sons que um homem em uma gaiola poderia fazer. *Nem é da minha conta*.

Por fim, Egeanin levou os outros de volta à doca. A capitã Seanchan trazia algo embrulhado em um pedaço de seda amarela, Domon notou, preocupado. Algo pequeno o bastante para ser carregado em uma única mão, mas que ela segurava com as duas, com muito cuidado.

Ele se levantou. Devagar, por causa dos soldados, embora os olhares deles tivessem o mesmo desprezo que vira no de Caban.

— Vê, capitã? Eu sou, sim, apenas um comerciante pacífico. Quem sabe seu povo não queira comprar alguns fogos de artifício?

— Talvez, comerciante. — Havia nela um ar de empolgação reprimida que o deixava desconfortável, e as palavras seguintes intensificaram a sensação: — Você vem comigo.

Ela disse aos dois soldados para acompanhá-los, e um deles empurrou Domon para fazê-lo andar. Não foi um empurrão rude. Ele já vira fazendeiros empurrarem vacas daquele jeito, apenas para que se movessem. Trincando os dentes, ele seguiu Egeanin.

A rua calçada de pedras seguia encosta acima, e deixaram para trás o cheiro do porto. As casas com tetos de lajotas ficavam maiores e mais altas conforme a rua subia. Ficou surpreso ao perceber que, em uma cidade sob o comando de invasores, havia mais gente local nas ruas do que soldados, e de vez em quando passava uma liteira carregada por homens sem camisa. A população de Falme parecia seguir com a vida como se os Seanchan não estivessem ali. Ou quase. Quando uma liteira ou um soldado passavam, tanto os pobres, com roupas sujas um pouco esfarrapadas, quanto os mais ricos, com camisas, coletes e vestidos cobertos dos ombros à cintura em bordados de padrões intrincados, curvavam-se e permaneciam assim até que os Seanchan passassem. Fizeram o mesmo para Domon e sua escolta. Egeanin e os guardas sequer olharam na direção deles.

Domon percebeu, com um choque, que algumas das pessoas pelas quais passavam tinham adagas no cinturão, e, em alguns casos, espadas. Estava tão surpreso que falou sem pensar:

— Alguns deles estão do lado de vocês?

Egeanin olhou para trás e franziu a testa, obviamente intrigada. Sem diminuir o passo, ela olhou para as pessoas e assentiu para si mesma.

— Você está falando das espadas. Eles são do nosso povo, agora, comerciante: eles fizeram

os juramentos. — Ela parou abruptamente, apontando para um homem alto, de ombros musculosos, com um colete bastante bordado e uma espada pendendo em um cinturão de couro liso. — Você.

O homem parou no meio de um passo, com um pé no ar e uma expressão assustada no rosto. Era um rosto duro, mas ele parecia querer correr. Em vez disso, virou-se para ela e se curvou, com as mãos nos joelhos e os olhos fixos nas botas da capitã.

— Como posso servi-la, capitã? — perguntou, tenso.

— Você é um mercador? — indagou Egeanin. — Fez os juramentos?

— Sim, capitã. Sim. — Ele não desviou o olhar das botas dela.

— O que diz às pessoas quando vai ao interior com seus carroções?

— Que eles precisam obedecer os Precursores, capitã, aguardar o Retorno e servir a Os Que Voltam Para Casa.

— E você nunca pensa em usar essa espada contra nós?

As mãos do homem ficaram brancas de tanto apertar os joelhos, e sua ansiedade transpareceu na voz.

— Eu fiz os juramentos, capitã. Eu obedeço, aguardo e sirvo.

— Viu? — perguntou Egeanin, virando-se para Domon. — Não há motivo para proibir armas. Precisa haver comércio, e os mercadores precisam se proteger de bandidos. Deixamos que as pessoas venham e vão como quiserem, desde que obedeçam, aguardem e sirvam. Os antepassados deles quebraram os juramentos, mas esses aqui aprenderam a não fazê-lo. — Ela continuou a subir o morro, e os soldados empurraram Domon para que a seguisse.

Ele olhou de volta para o mercador. O homem permaneceu curvado como estava até que Egeanin estivesse mais dez passos à frente, na rua. Então, se endireitou e se apressou na outra direção, descendo a ladeira às pressas.

A capitã e os guardas também não olharam para trás quando uma tropa montada dos Seanchan passou por eles, rua acima. Os soldados montavam criaturas que pareciam quase gatos do tamanho de cavalos, mas com escamas reptilianas reluzindo como bronze sob as selas. Patas com garras se agarravam às pedras do calçamento. Uma cabeça com três olhos se virou para olhar para Domon enquanto a tropa passava. Independente de qualquer outra coisa, ela parecia... inteligente demais para a paz de espírito dele. Por toda a rua, a população de Falme se espremia junto às paredes dos prédios, alguns de olhos fechados. Os Seanchan não lhes davam a menor atenção.

Domon entendeu por que os forasteiros podiam permitir às pessoas tanta liberdade. Ele se perguntava se teria tido coragem suficiente para resistir. *Damane*. Monstros. Ele se perguntava se havia algo que pudesse impedir os Seanchan de marcharem até a Espinha do Mundo. *Nem é da minha conta*, forçou-se a lembrar, e considerou se haveria alguma possibilidade de evitar aquela gente em suas transações futuras.

Chegaram ao topo da elevação, onde a cidade dava lugar a colinas. Não havia muralhas. À frente, estavam as estalagens que atendiam os mercadores que faziam negócios no interior, pátios para carroções e estábulos. Ali, as casas seriam consideradas mansões respeitáveis para os lordes menores de Illian. A maioria tinha uma guarda de honra de soldados Seanchan na frente, e um estandarte de borda azul com um gavião dourado de asas abertas ondulando. Egeanin entregou a espada e a adaga antes de levar Domon para dentro. Seus dois soldados

permaneceram na rua. Domon começou a suar. Ele sentia cheiro de nobreza naquilo, e era sempre ruim fazer negócios com um lorde em seu próprio território.

No salão da frente, Egeanin deixou Domon na porta e falou com um serviçal. Um homem local, a julgar pelas mangas folgadas da camisa e as espirais bordadas de um lado ao outro do peito. Domon julgou ouvir a palavra “Grão-lorde”. O serviçal saiu às pressas, retornando para levá-los ao que certamente era o maior aposento da casa. Todo vestígio de mobília fora retirado, até mesmo os tapetes, e o chão de pedra fora polido até brilhar. Biombos com pinturas de pássaros estranhos ocultavam as paredes e janelas.

Egeanin parou na entrada do aposento. Quando Domon tentou perguntar onde estavam e por quê, ela o silenciou com um olhar feroz e um rosnado. Não se movia, mas parecia inquieta. Segurava o que quer que tivesse pegado do *Espuma* como se fosse precioso. Ele tentou imaginar o que poderia ser.

De repente, um gongo soou baixo, e a capitã se ajoelhou, pondo o embrulho de seda a seu lado com cuidado. A um olhar dela, Domon também se abaixou. Lordes tinham costumes estranhos, e ele suspeitava que os lordes Seanchan tivessem alguns ainda mais estranhos.

Dois homens apareceram à porta, do outro lado da sala. Um tinha o lado esquerdo da cabeça raspado, com o restante dos cabelos louros pálidos trançados e caindo por sobre a orelha até o ombro. Sua túnica, de um amarelo profundo, deixava apenas os bicos de sandálias amarelas à mostra quando andava. O outro usava uma túnica de seda azul, com brocados de pássaros, longa o suficiente para arrastar quase uma braça no chão atrás dele. Sua cabeça era inteiramente raspada, e suas unhas tinham pelo menos uma polegada, com as dos dois primeiros dedos de cada mão pintadas de azul. Domon ficou boquiaberto.

— Você está na presença do Grão-lorde Turak — entoou o louro —, que lidera Os Que Vêm Antes e auxilia no Retorno.

Egeanin se prostrou com as mãos ao lado do corpo. Domon a imitou prontamente. *Nem mesmo os Grão-lordes de Illian exigiriam isso*, pensou. Pelo canto do olho, viu Egeanin beijar o chão. Com uma carranca, resolveu que havia um limite. *Eles nem podem ver o que eu faço ou nem faço, de qualquer jeito.*

Egeanin se levantou de repente. Ele também começou a se erguer, e chegou a erguer um joelho antes que um rosnado dela e um olhar scandalizado do homem da trança o fizessem voltar a se abaixar, com o rosto rente ao chão, resmungando entre dentes. *Eu nem faria isso nem para o Rei de Illian e o Conselho dos Nove juntos.*

— Seu nome é Egeanin? — Tinha de ser a voz do homem de túnica azul. Sua fala arrastada tinha um ritmo quase cantado.

— Assim fui chamada no meu dia da espada, Grão-lorde — respondeu ela, humilde.

— É um exemplar excelente, Egeanin. Bastante raro. Você deseja um pagamento?

— Deixar o Grão-lorde contente é pagamento suficiente. Eu vivo para servir, Grão-lorde.

— Mencionei seu nome à Imperatriz, Egeanin. Depois do Retorno, novos nomes serão chamados ao Sangue. Mostre-se digna, e poderá abandonar o nome Egeanin e adotar outro, mais nobre.

— O Grão-lorde me honra.

— Sim. Você pode ir.

Domon não conseguiu ver nada além das botas dela recuando para sair do aposento, parando regularmente para se curvar. A porta se fechou, e houve um longo silêncio. Já via o suor de sua testa pingar no chão quando Turak falou outra vez.

— Pode se levantar, comerciante.

Domon ficou de pé, e viu o que Turak segurava entre os dedos com unhas compridas. O disco de *cuendillar* no formato do antigo símbolo das Aes Sedai. Lembrando-se da reação de Egeanin quando as mencionou, Domon começou a suar ainda mais. Não havia animosidade nos olhos escuros do Grão-lorde, apenas uma leve curiosidade, mas Domon não confiava em lordes.

— Você sabe o que é isso, comerciante?

— Não, Grão-lorde. — A resposta de Domon foi firme como uma rocha: nenhum comerciante durava muito se não conseguisse mentir com a cara deslavada e a voz tranquila.

— E ainda assim o mantinha em um lugar secreto.

— Eu coleciono antiguidades, Grão-lorde, de épocas passadas. Sim, há quem roubaria esse tipo de coisa, caso a tivesse ao alcance.

Turak observou o disco preto e branco por um momento.

— Isso é *cuendillar*, comerciante. Você conhece esse nome? E é mais antigo do que você pensa, talvez. Venha comigo.

Domon seguiu o homem com cautela, sentindo-se um pouco mais seguro de si. Com qualquer lorde das terras que conhecia, os guardas já teriam sido chamados se essa fosse a intenção. Mas o pouco que vira dos Seanchan mostrara que eles não faziam as coisas como os demais. Então manteve sua expressão impassível.

Ele foi levado a outro aposento. Achou que a mobília ali devia ter sido trazida por Turak. Parecia toda feita de curvas, sem uma linha reta sequer, e a madeira era polida para realçar uma granulação estranha. Havia uma cadeira, em um tapete de seda tecida com pássaros e flores, e um grande armário circular. Biombos formavam novas paredes.

O homem de trança abriu as portas do armário para revelar prateleiras que abrigavam toda sorte de figuras estranhas, taças, tigelas, vasos... cinquenta coisas diferentes, nenhuma igual a outra em tamanho e formato. Domon engasgou quando Turak colocou o disco, com muito cuidado, ao lado de um gêmeo idêntico.

— *Cuendillar* — começou Turak — é o que eu coleciono, comerciante. Apenas a própria Imperatriz tem uma coleção melhor.

Os olhos de Domon quase saltaram da cabeça. Se tudo naquelas prateleiras era realmente de *cuendillar*, era o suficiente para comprar um reino, ou pelo menos fundar uma grande Casa. Até mesmo um rei talvez precisasse mendigar para comprar tanto, se soubesse onde encontrar essa quantidade. Deu um sorriso.

— Grão-lorde, por favor, aceite esta peça como um presente. — Não queria abrir mão dela, mas era melhor do que enfurecer aquele Seanchan. Talvez os Amigos das Trevas passem a perseguir aquele Lorde. — Sim, sou apenas um simples comerciante. Quero apenas fazer meus negócios. Deixe que eu parta, e eu lhe prometo...

A expressão de Turak não se alterou, mas o homem com a trança interrompeu Domon e vociferou:

— Seu cão barbado! Você fala sobre dar ao Grão-lorde o que a capitão Egeanin já deu. Você barganha, como se o Grão-lorde fosse um... um mercador! Você será esfolado vivo por nove dias, cão, e... — O mínimo movimento do dedo de Turak o silenciou.

— Não posso permitir que você parta, comerciante — disse o Grão-lorde. — Nesta terra abandonada pela luz por perjuros, não encontro ninguém capaz de conversar com um homem de sensibilidades. Mas você é um colecionador. Talvez sua conversa seja interessante. — Ele sentou na cadeira, recostando-se em suas curvas para estudar Domon.

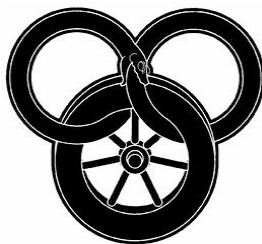
Domon deu o que esperava ser um sorriso simpático.

— Grão-lorde, sou, sim, um simples comerciante apenas. Nem tenho jeito para falar com grandes Lordes.

O homem da trança o fitou com raiva, mas Turak pareceu não ouvir. Uma jovem magra e bonita surgiu, com passos rápidos, de detrás dos biombos e ajoelhou-se ao lado do Grão-lorde, oferecendo uma bandeja laqueada com um único copo fino contendo algum líquido preto fumegante. Seu rosto escuro e redondo lembrava vagamente o Povo do Mar. Turak pegou o copo com cuidado nas mãos de unhas grandes, sem olhar para a jovem, e inalou a fumaça. Domon deu uma olhada na menina e desviou os olhos com um engasgo estrangulado: a túnica que vestia, de seda e bordada com flores, era tão fina que ele conseguia ver através dela, e não havia nada por baixo além da própria magreza da moça.

— O aroma do *kaf* — disse Turak — é quase tão agradável quanto o gosto. Agora, comerciante. Descobri que o *cuendillar* é ainda mais raro aqui do que em Seanchan. Explique-me como um simples mercador conseguiu aquela peça. — Ele sorveu um pequeno gole de seu *kaf* e esperou.

Domon respirou fundo e começou a tentar abrir caminho para fugir de Falme. Mentindo.



*Daes Dae'mar*

No quarto de Loial e Hurin, Rand olhou pela janela, observando as linhas ordenadas e os terraços de Cairhien, as construções de pedra e os telhados de lajotas. Não conseguiria ver a sala do capítulo dos Iluminadores de lá nem mesmo se as enormes torres e as mansões de grandes lordes não estivessem no caminho, pois as muralhas da cidade o impediriam. Os Iluminadores ainda eram assunto de toda a cidade, mesmo dias depois da noite em que haviam soltado uma única flor noturna no céu, e antes da hora prevista. Havia umas dez versões diferentes sobre o escândalo, desconsiderando-se as variações menores, mas nenhuma se aproximava da verdade.

Rand se virou. Esperava que ninguém tivesse se ferido no incidente, mas até o momento os Iluminadores sequer haviam admitido que houvera um incêndio. Eles mantinham segredo sobre tudo o que ocorria em seu capítulo.

— Eu fico de guarda no próximo turno — falou para Hurin —, assim que voltar.

— Não precisa, milorde. — Hurin fez uma reverência tão profunda quanto a de qualquer cairhieno. — Eu posso ficar. De verdade, milorde não precisa se preocupar.

Rand respirou fundo e Loial e ele se entreolharam. O Ogier se limitou a dar de ombros. O farejador ficava mais formal a cada dia que passavam em Cairhien, mas Loial apenas dissera que os humanos agem de modo estranho com muita frequência.

— Hurin — começou a dizer Rand —, você costumava me chamar de Lorde Rand e fazer reverências toda vez que eu olhava para você. — *Eu quero que ele pare de fazer reverências e me chame de Lorde Rand de novo*, pensou, admirado. *Lorde Rand! Luz, precisamos sair daqui antes que eu comece a querer que ele faça as reverências.* — Por favor, sente-se? Só de olhar para você fico cansado.

Hurin ficou de pé, com as costas rígidas, ainda parecendo pronto para fazer tudo o que Rand pedisse. Não se sentou nem relaxou.

— Não seria adequado, milorde. Precisamos mostrar a esses cairhienos que sabemos nos comportar tão bem quanto...

— Quer parar de dizer isso? — gritou Rand.

— Como quiser, milorde.

Rand fez um esforço para não suspirar outra vez.

— Hurin, me desculpe. Não deveria ter gritado com você.

— É seu direito, milorde — respondeu Hurin, com simplicidade. — Se eu desagradá-lo, milorde tem o direito de gritar.

Rand deu um passo na direção do farejador com a intenção de agarrá-lo pelo colarinho e sacudi-lo.

Uma batida na porta que comunicava o quarto com o de Rand fez com que todos no aposento congelassem, mas o rapaz gostou de ver que Hurin não pediu permissão antes de pegar a espada. A lâmina com a marca da garça estava presa à cintura de Rand, que tocou em seu cabo ao se dirigir à porta. Esperou que Loial se sentasse sobre a cama longa, ajustando as pernas e as barras do casaco para ocultar melhor o baú sob o cobertor debaixo da cama, e então abriu a porta de supetão.

O estalajadeiro estava ali, inquieto e ansioso, estendendo a bandeja para Rand. Nela, havia dois pergaminhos selados.

— Desculpe-me, milorde — disse Cuale, sem fôlego. — Eu não podia esperar até o senhor descer, e não havia ninguém em seu quarto, e... e... Perdoe-me, mas... — Ele sacudiu a bandeja.

Rand agarrou os convites com violência. Já recebera muitos. Não olhou para eles, apenas pegou o estalajadeiro pelo braço e o levou em direção à porta do corredor.

— Mestre Cuale, muito obrigado por todo o trabalho. Queira nos deixar a sós, por favor...

— Mas, milorde — protestou Cuale. — Esses são do...

— Muito obrigado. — Rand empurrou o homem para o corredor e fechou a porta com firmeza. Então jogou os pergaminhos sobre a mesinha. — Ele nunca fez isso antes. Loial, você acha que ele estava ouvindo atrás da porta, antes de bater?

— Você está começando a pensar como esses cairhienos — zombou o Ogier, mas suas orelhas tremeram de modo pensativo, e ele acrescentou: — Mesmo assim, ele é daqui, então poderia muito bem estar ouvindo. Não acho que tenhamos dito nada que ele não devesse escutar.

Rand tentou se lembrar. Nenhum deles mencionara a Trombeta de Valere, Trollocs ou Amigos das Trevas. Quando percebeu que se perguntava o que Cuale poderia deduzir do que disseram, obrigou-se a parar.

— Este lugar está afetando você também — murmurou para si mesmo.

— Milorde? — Hurin pegara os pergaminhos e fitava os selos com os olhos arregalados. — Milorde, esses são do Lorde Balthanes, Grão-trono da Casa Damodred, e... — sua voz ficou mais baixa pelo assombro — do Rei.

Rand os dispensou com um gesto.

— Eles vão para o fogo como os outros. Sem serem abertos.

— Mas, milorde!

— Hurin — explicou Rand, pacientemente —, você e Loial me explicaram esse Grande Jogo. Se eu aceitar qualquer um desses convites, os cairhienos concluirão algo, então vão achar que sou parte da trama de alguém. Se eu não for, eles também vão concluir alguma coisa. Se eu mandar uma resposta, vão procurar significados ocultos nela, e farão o mesmo se

eu não responder. E já que metade de Cairhien parece espionar a outra metade, todos sabem o que eu faço. Queimei os primeiros dois e vou queimar esses aqui, assim como todos os outros. — Certo dia, houvera uma pilha de mais de dez pergaminhos que ele jogara na lareira do salão com os selos intactos. — O que quer que eles concluam com isso, pelo menos é o mesmo para todos. Não apoio nem estou contra ninguém em Cairhien.

— Eu tentei lhe dizer — retrucou Loial — que acho que não funciona assim. Os Cairhienos acharão que você está tramando algo, independente do que fizer. Pelo menos é o que o Ancião Haman sempre dizia.

Hurin estendeu os convites selados para Rand como se lhe oferecesse ouro.

— Milorde, este tem o selo pessoal de Galldrian. O selo pessoal, milorde. E este aqui tem o selo pessoal do Lorde Balthanes, que é o homem mais poderoso depois do Rei. Milorde, se queimar esses convites, fará os inimigos mais poderosos que conseguirá em toda a vida. Queimar as cartas funcionou até agora porque as outras Casas estão esperando para ver o que você está tramando, pensando que você deve ter aliados muito poderosos para se arriscar a insultá-las. Mas Lorde Balthanes... e o Rei! Insulte-os, e eles com certeza vão responder à ofensa.

Rand passou as mãos pelos cabelos.

— E se eu recusar os dois?

— Não vai funcionar, milorde. Todas as casas já lhe mandaram convites. Se recusar esses... Bem, pelo menos uma das outras Casas vai deduzir que, se você não é aliado do Rei ou de Balthanes, também pode responder seu insulto de queimar o convite dela. Milorde, ouvi dizer que as Casas de Cairhien usam assassinos agora. Uma facada nas ruas. Uma flecha vinda de um telhado. Veneno em seu vinho.

— Você poderia aceitar ambos — sugeriu Loial. — Sei que não quer, Rand, mas pode até ser divertido passar uma noite na mansão de um Lorde, ou até mesmo no palácio real. Rand, os shienaranos acreditaram em você.

Rand fez uma careta de preocupação. Ele sabia que fora pura sorte os shienaranos pensarem que ele era um lorde, apenas uma coincidência sobre seu nome, um rumor entre os serviçais, e Moiraine e a Amyrlin incentivando tudo. Mas Selene também acreditara. *Talvez ela esteja em algum desses lugares.*

Hurin balançava a cabeça com força, contudo.

— Construtor, você não conhece o *Daes Dae'mar* tão bem quanto pensa. Pelo menos não o jeito que se joga em Cairhien hoje em dia. Com a maioria das Casas, isso não importaria. Mesmo quando estão tramando cravar uma faca nas costas umas contra as outras, em público agem como se nada estivesse acontecendo. Mas não essas duas. A Casa Damodred estava no trono até Laman perdê-lo, e eles o querem de volta. O Rei os esmagaria se não fossem quase tão poderosos quanto ele. Você não vai achar maiores rivais do que a Casa Riatin e a Casa Damodred. Se o senhor aceitar os dois convites, eles vão saber assim que enviar as respostas, e os dois vão achar que o senhor é parte de alguma trama do outro. Vão usar a faca e o veneno imediatamente.

— E eu suponho — grunhiu Rand — que, se eu só aceitar um, o outro vai achar que eu sou aliado da Casa do convite que aceitei. — Hurin assentiu. — E eles provavelmente vão tentar me matar para impedir qualquer coisa em que eu esteja envolvido. — Hurin assentiu outra

vez. — Então você tem alguma sugestão de como evitar que *qualquer* um deles queira me matar? — Hurin negou com a cabeça. — Queria não ter queimado os dois primeiros.

— Sim, milorde. Mas não teria feito muita diferença, eu acho. Não importa que convite o senhor tivesse aceitado ou recusado, esses cairhienos ainda buscariam significados ocultos.

Rand estendeu a mão, e Hurin lhe entregou os dois pergaminhos dobrados. Um tinha o selo do touro avançando de Balthanes, e não da árvore e a coroa da Casa Damodred. O outro trazia o cervo de Galldrian. Selos pessoais. Pelo que parecia, ele conseguira atrair o interesse dos círculos mais altos fazendo... absolutamente nada.

— Essa gente é louca — disse, tentando pensar em uma forma de escapar.

— Sim, milorde.

— Vou deixar que me vejam no salão com isso aqui — disse, com cuidado. Qualquer coisa vista no salão ao meio-dia já era notícia em dez casas ao cair da noite, e em todas ao amanhecer. — E não vou romper os selos. Assim vão saber que ainda não respondi. Enquanto estiverem esperando para ver para que lado eu vou, talvez eu consiga ganhar mais alguns dias. Ingtar precisa chegar logo. Precisa *mesmo*.

— Isso sim é pensar como um cairhieno, milorde — retrucou Hurin, sorrindo.

Rand lhe lançou um olhar azedo, então pôs os pergaminhos no bolso, junto às cartas de Selene.

— Vamos, Loial. Talvez Ingtar tenha chegado.

Quando ele e Loial entraram no salão, nenhum homem ou mulher olhou para Rand. Cuale polia uma bandeja de prata como se sua vida dependesse de deixá-la brilhando. As serviçais corriam de um lado a outro, entre as mesas, como se Rand e o Ogier não existissem. Cada pessoa sentada fitava a própria caneca como se os segredos do poder estivessem no vinho e na cerveja. O silêncio era total.

Depois de um instante, Rand puxou os dois convites do bolso e estudou os selos. Cuale quase deu um salto quando o rapaz foi em direção à porta. Antes que ela se fechasse, ouviu a conversa recomeçar.

Rand andava pela rua tão rápido que Loial nem precisava dar passos curtos para acompanhá-lo.

— Precisamos achar um jeito de sair dessa cidade, Loial. Esse truque com os convites não vai durar mais que dois ou três dias. Se Ingtar não chegar, precisamos ir embora assim mesmo.

— Concordo — respondeu Loial.

— Mas como?

Loial começou a enumerar os problemas com os dedos grossos.

— Fain está lá fora, ou não haveria Trollocs em Portão da Frente. Se sairmos, eles cairão sobre nós assim que estivermos fora das vistas da cidade. Se viajarmos com a comitiva de um mercador, eles certamente vão atacá-lo. Nenhum mercador teria mais do que cinco ou seis guardas, e eles fugiriam assim que vissem um Trolloc. Se soubéssemos quantos Trollocs estão com Fain... ou quantos Amigos das Trevas... Você ajudou a diminuir o número deles. — Ele não mencionou o Trolloc que matara, mas, pela testa franzida e longas sobrancelhas caídas até as bochechas, estava lembrando-se daquilo.

— Não importa quantos ele tenha — retrucou Rand — Dez é tão ruim quanto cem. Acho que

não conseguiríamos escapar de novo, se dez Trollocs nos atacassem.

Ele tentou não pensar em como poderia, quem sabe, derrotar dez Trollocs. Afinal, não tinha funcionado quando tentara ajudar Loial.

— Também acho que não conseguiríamos. E acho que não temos dinheiro para uma passagem para muito longe, mas, mesmo que tivéssemos, se tentássemos chegar às docas de Portão da Frente... Bem, Fain deve ter Amigos das Trevas vigiando. Se ele achasse que partiríamos de navio, não creio que se importaria se as pessoas veriam os Trollocs ou não. Mesmo que os enfrentássemos e escapássemos, teríamos que nos explicar para a guarda da cidade, e eles certamente não acreditariam que não sabemos abrir o baú, então...

— Não vamos deixar nenhum cairhieno ver aquele baú, Loial.

O Ogier assentiu.

— Também não conseguiríamos escapar pelas docas da cidade. — As docas da cidade eram reservadas para as barcas de grãos e os barcos de veraneio de lordes e ladies. Ninguém ia lá sem permissão. Dava para ver as docas lá embaixo, da muralha, mas era uma queda que quebraria até mesmo o pescoço de Loial. O Ogier mexia o polegar como se procurasse um último motivo para então levantá-lo também. — Acho que é uma pena não conseguirmos ir para o Pouso Tsofu. Os Trollocs jamais entrariam em um *pouso*. Mas acho que não chegaríamos tão longe sem sofrer um ataque.

Rand não respondeu. Haviam chegado à grande guarita logo na entrada, no portão por onde haviam entrado em Cairhien pela primeira vez. Do lado de fora, Portão da Frente se agitava e fervilhava, enquanto uma dupla de guardas os vigiava. Rand pensou ver um homem, vestido no que já haviam sido boas roupas shienaranas, misturar-se à multidão ao vê-lo, mas não conseguiu ter certeza. Havia gente demais usando roupas de muitas terras diferentes, todas andando apressadas. Ele subiu a escada e entrou na parte superior da guarita, passando por guardas com armaduras de placas posicionados dos dois lados da porta.

A grande antessala tinha bancos duros de madeira, para as pessoas com negócios a resolver ali, a maioria esperando com uma paciência humilde, usando as roupas simples e escuras que indicavam os plebeus mais pobres. Havia algumas pessoas de Portão da Frente entre eles, distintas pelo desalinho e pelas cores brilhantes, sem dúvida aguardando permissão para procurar emprego no interior das muralhas.

Rand seguiu direto para a longa mesa no fundo da sala. Havia um único homem, que não era soldado, sentado atrás dela. Usava uma faixa de tecido verde atravessada no casaco. Era um sujeito gordo, cuja própria pele lhe parecia apertada demais, e ajustou os documentos sobre a mesa e mudou a posição do tinteiro duas vezes antes de erguer o olhar para Rand e Loial com um sorriso falso.

— Como posso ajudá-lo, milorde?

— Da mesma forma que eu esperava que pudesse me ajudar ontem — respondeu Rand, com mais paciência do que realmente tinha —, e anteontem, e antes. Lorde Ingtar chegou?

— Lorde Ingtar, milorde?

Rand deu um longo suspiro.

— Lorde Ingtar, da Casa Shinowa, de Shienar. O mesmo homem pelo qual perguntei todos os dias, desde que cheguei.

— Ninguém com este nome entrou na cidade, milorde.

— Você tem certeza? Não precisa nem olhar suas listas?

— Milorde, a lista dos estrangeiros que chegam a Cairhien é compartilhada entre as guaritas ao amanhecer e ao pôr do sol, e eu as examino assim que chegam a mim. Nenhum lorde shienarano entra em Cairhien há muito tempo.

— E Lady Selene? Antes que me pergunte outra vez, não, eu não sei a Casa dela. Já lhe dei seu nome e a descrevi três vezes. Não é o bastante?

O homem ergueu as mãos abertas ao lado do rosto.

— Desculpe-me, milorde. Não saber a Casa dela dificulta muito. — Ele permanecia inexpressivo. Rand se perguntava se ele responderia, mesmo se soubesse.

Um movimento em uma das portas atrás da mesa chamou a atenção de Rand, um homem fizera menção de entrar na antessala, mas dera meia-volta, apressado.

— Talvez o capitão Caldevwin possa me ajudar — disse Rand ao funcionário sentado.

— Capitão Caldevwin, milorde?

— Acabei de vê-lo atrás de você.

— Perdão, milorde. Se houvesse um capitão Caldevwin em minha guarita, eu saberia.

Rand encarou o homem até Loial tocar-lhe o ombro.

— Rand, acho que depois disso podemos ir embora.

— Obrigado pela ajuda — disse Rand, com dificuldade. — Voltarei amanhã.

— É um prazer fazer o que está ao meu alcance — respondeu o homem, com um sorriso falso.

Rand saiu da guarita tão depressa que Loial teve de correr para alcançá-lo na rua.

— Ele estava mentindo, Loial, você sabe. — Ele não desacelerou, apressando-se, em vez disso, como se pudesse queimar sua frustração com o esforço físico. — Caldevwin estava lá. Ele podia estar mentindo sobre tudo. Ingтар pode já estar aqui, procurando por nós. Aposto que ele também conhece Selene.

— Talvez, Rand. *Daes Dae'mar...*

— Luz! Estou cansado de ouvir falar desse Grande Jogo. Não quero jogá-lo. Não quero ter nada a ver com isso. — Loial andava a seu lado, sem dizer uma palavra. — Eu sei — soltou Rand, por fim. — Eles acham que sou um Lorde, e, em Cairhien mesmo os Lordes de terras estrangeiras são parte do jogo. Queria nunca ter posto este casaco. — *Moiraine*, pensou, amargo. *Ela ainda está me arrumando problemas.* Porém, quase na mesma hora, mesmo com relutância, ele admitiu que aquilo dificilmente poderia ser culpa dela. Sempre houvera algum motivo para Rand fingir ser quem não era. Primeiro, para manter o moral de Hurin. Depois, para tentar impressionar Selene. Depois dela, não parecia haver escapatória. Diminuiu o ritmo de seus passos até parar. — Quando Moiraine me deixou partir, achei que as coisas seriam fáceis de novo. Mesmo no encalço da Trombeta, mesmo... mesmo com tudo, eu achei que seria fácil. — *Mesmo com saidin dentro da sua cabeça?* — Luz, o que eu não daria pra fazer com que tudo voltasse a ser fácil...

— *Ta'veren* — começou Loial.

— Também não quero ouvir falar disso. — Rand voltou a andar, tão rápido quanto antes. — Só quero entregar a adaga a Mat e a Trombeta a Ingтар. — *E então o quê? Enlouquecer? Morrer? Se eu morrer antes de enlouquecer, pelo menos não vou ferir mais ninguém. Mas*

também não quero morrer. Lan pode até falar em Embainhar a Espada, mas eu sou um pastor, não um Guardião. — Se conseguir não tocá-lo — murmurou para si mesmo —, talvez eu possa... Owyn quase conseguiu.

— O que foi, Rand? Não ouvi.

— Nada — respondeu o rapaz, cansado. — Queria que Ingтар chegasse. E Mat. E Perrin.

Andaram um tempo em silêncio, Rand perdido nos próprios pensamentos. O sobrinho de Thom durara quase três anos canalizando apenas quando achava necessário. Se Owyn conseguira limitar a frequência com que canalizava, devia ser possível simplesmente não canalizar, independente de quão sedutor fosse *saidin*.

— Rand — disse Loial —, tem um incêndio lá na frente.

Rand se livrou daqueles pensamentos indesejados e olhou para o centro da cidade, franzindo a testa. Uma coluna grossa de fumaça negra se elevava acima dos telhados. Não conseguiu ver que construção queimava, mas parecia perto demais da estalagem.

— Amigos das Trevas — disse, olhando para fumaça. — Os Trollocs não podem entrar na cidade sem serem vistos, mas os Amigos das Trevas... Hurin! — Ele começou a correr, e Loial o acompanhou sem dificuldade.

Quanto mais perto chegavam, mais certeza Rand tinha. Até que viraram a última esquina de prédios de pedra e avistaram a estalagem Defensor da Muralha do Dragão, fumaça saindo das janelas mais altas e chamas irrompendo do telhado. Uma multidão se aglomerava na frente da estalagem. Cuale, gritando e pulando, orientava homens que carregavam móveis para a rua. Duas fileiras de homens passavam baldes cheios de água até o interior, tirada de um poço mais à frente na rua, e enviava de volta os baldes vazios. A maior parte das pessoas apenas observava a cena. Uma nova língua de fogo saiu pelo telhado de lajotas, e a multidão soltou um sonoro *aaaaah*.

Rand abriu caminho pela multidão até o estalajadeiro.

— Onde está Hurin?

— Cuidado com essa mesa! — berrou Cuale. — Não a arranhe! — Ele olhou para Rand e piscou. — Milorde? Quem? Seu serviçal? Não me lembro de vê-lo, milorde. Com certeza saiu. Não deixe esses castiçais caírem, idiota! São de prata! — Cuale saiu para discutir com os homens que retiravam seus pertences da estalagem.

— Hurin não teria saído — disse Loial. — Ele não teria deixado a... — Ele olhou em volta e não terminou a frase. Alguns dos espectadores pareciam achar um Ogier tão interessante quanto o incêndio.

— Eu sei — respondeu Rand, e entrou correndo na estalagem.

De dentro do salão, mal parecia que a estalagem estava em chamas. As duas fileiras de homens se estendiam escada acima, passando os baldes, enquanto outros corriam para carregar o que restava da mobília, mas não havia mais fumaça do que se alguém tivesse queimado algo na cozinha. Quando Rand abriu caminho para o segundo andar, ela começou a aumentar. Subiu a escada tossindo.

As fileiras que passavam os baldes paravam antes do segundo andar, e dois homens na metade da escada atiravam água em direção a um corredor cheio de fumaça.

Um dos homens agarrou o braço de Rand.

— O senhor não pode ir lá em cima, milorde. Está tudo perdido a partir daqui. Ogier, fale

com ele.

Foi quando Rand percebeu que Loial o seguira.

— Volte, Loial. Eu vou tirá-lo de lá.

— Você não consegue carregar Hurin e o baú ao mesmo tempo, Rand. — O Ogier deu de ombros. — Além disso, eu não vou deixar meus livros queimarem.

— Então fique abaixado. Mantenha-se abaixo da linha da fumaça. — Rand se abaixou e começou a engatinhar escada acima. O ar perto do chão estava mais limpo. Ainda com fumaça suficiente para fazê-lo tossir, mas era respirável. No entanto, até mesmo o ar parecia escaldante. Ele não conseguia inalar o suficiente pelo nariz. Respirou pela boca e sentiu a língua secar.

Um pouco da água que os homens jogavam caiu nele, encharcando-o. O frescor foi apenas um alívio momentâneo, o calor voltou logo em seguida. Rand continuou, determinado, ciente de que Loial estava atrás de si apenas por causa da tosse do Ogier.

Uma parede do corredor estava quase toda em chamas, e o chão perto dela já começara a soltar filetes de fumaça que se juntavam à nuvem que pairava sobre eles. Rand ficou feliz por não conseguir ver o que havia acima da fumaça. Os estalos sinistros já diziam o bastante.

A porta para o quarto de Hurin ainda não pegara fogo, mas estava quente o suficiente para que Rand precisasse de duas tentativas antes de conseguir abri-la. A primeira coisa que viu foi Hurin, caído no chão. Ele rastejou até o farejador e o ergueu. Havia um calombo do tamanho de uma ameixa na lateral de sua cabeça.

Hurin abriu os olhos desfocados.

— Lorde Rand? — murmurou debilmente. — ... bateram à porta... achei que fossem mais conv... — Os olhos dele reviraram. Rand tentou sentir o pulso e suspirou de alívio ao perceber uma batida fraca.

— Rand... — Loial tossiu. Estava ao lado da cama, com a coberta levantada, revelando as tábuas nuas embaixo. O baú se fora.

Acima da fumaça, o teto estalou e pedaços de madeira em chamas caíram no chão.

Rand disse:

— Pegue seus livros. Eu levo Hurin. Rápido! — Ele começou a erguer o farejador desacordado apoiando-o nos ombros, mas Loial segurou Hurin.

— O livros terão que queimar, Rand. Você não pode carregá-lo e rastejar, e não vai conseguir chegar até a escada se ficar em pé. O Ogier jogou Hurin nas costas largas, com os braços e pernas pendendo dos dois lados. O teto estalou alto. — Precisamos correr, Rand.

— Vá, Loial. Eu vou atrás.

O Ogier se arrastou para o corredor levando o farejador, e Rand foi atrás dele. Então parou, olhando por cima do ombro para a porta que comunicava os dois quartos. O estandarte ainda estava lá. O estandarte do Dragão. *Que queime*, pensou, mas outro pensamento veio em resposta, como se tivesse ouvido Moiraine falar. *Sua vida pode depender dele. Ela ainda está tentando me usar. Sua vida pode depender dele. Aes Sedai nunca mentem.*

Com um gemido, ele rolou pelo chão e abriu a porta do outro quarto com um chute.

Seu quarto era uma massa de chamas. A cama era uma fogueira, e trilhas de fogo já atravessavam o chão. Não daria para se arrastar naquilo. Levantando-se, entrou depressa e

agachado, encolhendo-se com o calor, tossindo, engasgando. Seu casaco úmido fumegava. Um lado do guarda-roupa já incendiava. Ele abriu a porta depressa. Seus alforjes estavam ali, ainda protegidos do fogo. Uma das laterais estava estufada com o estandarte de Lews Therin Thelamon, e o estojo de madeira da flauta estava guardado ao lado da bagagem. Por um instante, ele hesitou. *Eu ainda posso deixá-lo queimar.*

O teto gemeu. Ele agarrou os alforjes e o estojo da flauta e se atirou de volta pela porta, caindo de joelhos enquanto as vigas em chamas desabavam no ponto onde ele estivera. Arrastando o fardo, ele seguiu agachado pelo corredor. O chão estremeceu com a queda de mais vigas.

Os homens com os baldes não estavam mais lá quando ele chegou à escada. Ele praticamente escorregou pelo último lance, levantou e correu pelo prédio já vazio até a rua. A multidão o encarou, ao vê-lo com o rosto enegrecido e o casaco coberto de fuligem, mas Rand cambaleou até onde Loial recostara Hurin na parede de uma casa do outro lado da rua. Uma mulher da multidão limpava o rosto do farejador com um pano, mas os olhos dele ainda estavam fechados, e a respiração, ofegante.

— Tem alguma Sabedoria por aqui? — indagou Rand. — Ele precisa de ajuda. — A mulher olhou para ele, sem compreender, e o rapaz tentou se lembrar de todos os outros nomes pelos quais ouvira chamarem as mulheres que seriam Sabedorias em Dois Rios. — Uma Sábia? Uma mulher que vocês talvez chamem de Mãe? Uma mulher que conheça de ervas e cura?

— Eu sou uma Leitora, se é o que você quer dizer — respondeu a mulher —, mas tudo que posso fazer por este aqui é deixá-lo confortável. Algo se quebrou dentro da cabeça dele, infelizmente.

— Rand! É você *mesmo*!

Rand olhou, estupefato. Era Mat, vindo a cavalo pelo meio da multidão com o arco atravessado às costas. Um Mat de rosto pálido e abatido, mas ainda assim Mat, e exibindo um sorriso, ainda que fraco. E atrás dele vinha Perrin, com os olhos amarelos brilhando ao fogo e atraindo tantos olhares quanto o incêndio, e Ingtar, desmontando, com um casaco de colarinho alto em vez de armadura, mas ainda com o cabo da espada despontando atrás do ombro.

Rand sentiu um calafrio percorrer o corpo.

— Tarde demais — disse. — Vocês chegaram tarde demais. — Então sentou-se na rua e começou a rir.





No Rastro

Rand não sabia que Verin estava com eles até a mulher segurar seu rosto entre as mãos. Por um momento, ele conseguiu notar a expressão preocupada da Aes Sedai, talvez até temerosa, e então sentiu como se tivessem jogado um balde de água fria em sua cabeça. Não estava molhado, mas sentiu o arrepio. Estremeceu e parou de rir, e a mulher o soltou e foi se debruçar sobre Hurin. A Leitora a observou com atenção. Rand fez o mesmo. *O que ela está fazendo aqui? Como se eu não soubesse.*

— Para onde vocês foram? — perguntou Mat, com voz rouca. — Vocês simplesmente desapareceram, e agora o encontramos em Cairhien, antes de nós. Loial? — O Ogier deu de ombros, inseguro, e olhou para a multidão com as orelhas tremelizando. Metade das pessoas dera as costas ao fogo para observar os recém-chegados. Alguns se aproximavam, tentando escutar o que diziam.

Rand deixou que Perrin o ajudasse a levantar.

— Como vocês encontraram a estalagem? — Ele olhou de relance para Verin, ajoelhada com as mãos na cabeça do farejador. — Ela?

— De certa forma — respondeu Perrin. — Os guardas no portão quiseram saber nossos nomes, e um sujeito vindo da guarita se assustou quando ouviu Ingтар dizer o dele. Ele falou que não sabia de nada, mas estava com um sorriso que gritava “mentira” a uma milha de distância.

— Acho que sei de quem você está falando — comentou Rand. — Ele sorri desse jeito o tempo todo.

— Verin mostrou o anel a ele — acrescentou Mat —, então sussurrou em seu ouvido. — Sua voz e seu aspecto eram de um enfermo, com as bochechas pálidas e macilentas, mas ainda conseguiu sorrir. Era a primeira vez que as maçãs de seu rosto ficavam visíveis. — Não consegui ouvir o que ela falou, mas não sabia se os olhos dele iam saltar da cabeça ou se ele engoliria a língua primeiro. De repente, começou a nos ajudar como se nada fosse mais importante. E nos disse que você estava esperando por nós, e onde estava hospedado. Até se ofereceu para nos trazer até aqui, mas pareceu realmente aliviado quando Verin disse que não precisava. — Então acrescentou, em tom desdenhoso: — Lorde Rand da Casa al’Thor.

— É uma história longa demais para explicar agora — respondeu Rand. — Onde estão Uno e os outros? Precisaremos deles.

— Em Portão da Frente. — Mat olhou para ele e franziu a testa, então prosseguiu, devagar: — Uno disse que preferia ficar lá a atravessar as muralhas. Pelo que posso ver, também preferia estar com eles. Rand, por que vamos precisar de Uno? Você encontrou... *eles*?

De repente, Rand percebeu que aquele era o momento que estivera evitando. Ele respirou fundo e olhou nos olhos do amigo.

— Mat, eu encontrei a adaga, mas a perdi. Os Amigos das Trevas a tomaram de volta. — Ele percebeu que os cairhienos que os ouviram soltaram exclamações chocadas, mas não se importou. Eles podiam jogar seu Grande Jogo se quisessem, mas Ingtar chegara, e, para Rand, aquilo finalmente acabara. — Mas eles não podem ter ido longe.

Ingtar estivera em silêncio, mas então deu um passo à frente e segurou firme o braço de Rand.

— Você estava com ela? E a... — Ele olhou em volta, examinando a multidão que os observava. — ... a outra coisa?

— Eles a tomaram de volta, também — respondeu Rand, em voz baixa.

Ingtar deu um soco na mão e lhe virou as costas.

Alguns cairhienos recuaram ante a expressão no rosto dele. Mat mordeu o lábio, e então sacudiu a cabeça.

— Eu não sabia que ela tinha sido encontrada, então não é como se eu a tivesse perdido de novo. Ela simplesmente continua perdida. — Era óbvio que ele falava da adaga, e não da Trombeta de Valere. — Vamos encontrá-la de novo. Temos dois farejadores agora. Perrin também é um. Ele seguiu o rastro até Portão da Frente, depois que você sumiu com Hurin e Loial. Eu achei que você tinha simplesmente fugido... Bem, sabe o que quero dizer. Para *onde* você foi? Ainda não consigo entender como passaram tanto à nossa frente. Aquele sujeito disse que vocês estão aqui há dias.

Rand olhou de relance para Perrin. *Ele é um farejador?* E viu que ele também o analisava. Achou que Perrin murmurava alguma coisa. *Matador de Sombras? Devo ter ouvido errado.* Os olhos amarelos se detiveram em Rand por um momento, parecendo guardar segredos sobre ele. Dizendo a si mesmo que estava delirando, Rand desviou os olhos. *Não estou louco. Ainda não.*

Verin ajudava Hurin, ainda fraco, a se levantar.

— Me sinto como penas de ganso — dizia ele. — Ainda um pouco cansado, mas... — Ele não concluiu a frase, parecendo vê-la pela primeira vez, parecendo perceber o que se passara pela primeira vez.

— O cansaço vai durar algumas horas — respondeu a mulher. — O corpo precisa de muito esforço para se curar tão depressa.

A Leitora cairhiena se levantou.

— Aes Sedai? — perguntou, gentilmente.

Verin inclinou a cabeça, e a Leitora fez uma medida profunda.

Apesar de terem sido discretas, as palavras “Aes Sedai” percorreram a multidão em tons que iam do assombro ao medo, passando pela indignação. Todos estavam observando, nem

mesmo Cuale prestava atenção à estalagem em chamas, e Rand achou que alguma cautela não lhes faria mal, afinal.

— Vocês já conseguiram quartos? — perguntou. — Precisamos conversar, mas não podemos fazer isso aqui.

— Boa ideia — respondeu Verin. — Já me hospedei aqui antes, na Grande Árvore. Vamos até lá.

Loial foi buscar os cavalos. O telhado da estalagem desabara inteiro, mas os estábulos tinham ficado intactos. Não demorou para seguirem pelas ruas, todos a cavalo. A não ser Loial, que dizia ter se acostumado a andar novamente. Perrin conduzia a linha dos cavalos de carga que haviam trazido para o sul.

— Hurin — perguntou Rand —, quando você deve estar pronto para seguir o rastro deles outra vez? Você consegue? Os homens que atacaram você e começaram o incêndio, eles deixaram uma trilha, não deixaram?

— Posso seguir agora, milorde. Eu conseguia farejá-los na rua. Mas não vai durar muito. Não havia muitos Trollocs, e eles não mataram ninguém. Só homens, milorde, Amigos das Trevas, eu acho, mas nem sempre dá pra ter certeza pelo cheiro. Um dia, talvez, antes que suma.

— E acho que eles não sabem como abrir o baú, Rand — afirmou Loial —, ou teriam levado apenas a Trombeta. Seria muito mais fácil do que levar o baú inteiro.

Rand assentiu.

— Eles devem ter colocado o baú em uma carroça, ou em um cavalo. Quando saírem de Portão da Frente, vão se juntar aos Trollocs, tenho certeza. Então você conseguirá seguir o rastro, Hurin.

— É claro, milorde.

— Então descanse até estar em condições — ordenou Rand. O farejador parecia melhor, mas ainda cavalgava curvado, com o rosto cansado. — Na melhor das hipóteses, eles vão estar poucas horas à nossa frente. Se cavalgarmos depressa... — De repente, se deu conta de que os outros olhavam para ele. Verin e Ingtar, Mat e Perrin. Então percebeu o que estava fazendo e corou. — Desculpe-me, Ingtar. Eu acho que acabei me acostumando a ficar no comando. Não estava tentando tomar seu lugar.

Ingtar assentiu devagar.

— Moiraine fez bem em pedir a Lorde Agelmar para nomeá-lo meu segundo no comando. Talvez fosse melhor se o Trono de Amyrlin tivesse nomeado você em vez de mim. — O shienarano riu com amargura. — Pelo menos você conseguiu encostar na Trombeta.

Depois disso, prosseguiram em silêncio.

A Grande Árvore era quase idêntica à Defensor da Muralha do Dragão: uma grande construção de pedra retangular com um salão revestido em painéis de madeira escura e decorado em prata, com um grande relógio polido sobre a lareira. A estalajadeira poderia ser a irmã gêmea de Cuale. Madame Tiedra tinha a mesma aparência levemente rechonchuda, o mesmo jeito lisonjeiro... e o mesmo olhar penetrante, o mesmo ar de quem ouve o que está por trás das palavras que são ditas. Mas Tiedra conhecia Verin, e o sorriso de boas-vindas que deu à Aes Sedai foi caloroso. Ela não mencionou o nome Aes Sedai em voz alta em momento algum, mas Rand tinha certeza de que sabia.

Tiedra e um enxame de serviçais cuidaram de seus cavalos e os acomodaram em quartos. O de Rand era tão bom quanto o que pegara fogo, mas ele estava mais interessado na grande banheira de cobre que dois serviçais fizeram passar pela porta com dificuldade e nos baldes fumegantes de água que as serventes trouxeram da cozinha. Uma olhada no espelho acima do lavatório mostrou que ele parecia ter esfregado carvão no rosto e que seu casaco de lã vermelho estava coberto de manchas pretas.

Ele se despiu e entrou na banheira, mas pensou tanto quanto se lavou. Verin estava ali. Uma das três Aes Sedai nas quais podia confiar que não o amansariam nem o entregariam às que o fariam. Pelo menos, era o que parecia. Uma das três que queriam que ele acreditasse ser o Dragão Renascido, que queriam usá-lo como um falso Dragão. *Ela é os olhos de Moiraine me vigiando, a mão de Moiraine tentando me fazer de marionete. Mas eu cortei os cordéis.*

Seus alforjes haviam sido trazidos para cima, junto com um embrulho do cavalo de carga, com roupas limpas. Ele se secou, abriu o embrulho... e suspirou, desanimado. Esquecera que os dois outros casacos que tinha eram tão elegantes quanto o que ele jogara na cadeira para uma serviçal lavar. Depois de pensar um pouco, optou pelo preto, para combinar com seu estado de espírito. Garças prateadas despontavam no colarinho alto, e corredeiras prateadas desciam por seus braços, com a água virando espuma ao bater em pedras afiadas.

Ao transferir as coisas que guardava no casaco anterior para os bolsos do novo, encontrou os pergaminhos. Distraído, colocou os convites no bolso enquanto examinava as duas cartas de Selene. Ele se perguntava como podia ter sido tão tolo. Ela era a jovem e bela filha de uma Casa nobre. Ele era um pastor que as Aes Sedai estavam tentando usar, um homem condenado a enlouquecer, se não morresse primeiro. Ainda assim, conseguia sentir a atração por ela só de olhar para a caligrafia, conseguia quase sentir seu perfume.

— Eu sou um pastor — disse às cartas —, não um grande homem. E, se pudesse me casar com qualquer pessoa, seria Egwene. Mas ela quer ser uma Aes Sedai, e como posso me casar com qualquer mulher, amar qualquer mulher, quando vou enlouquecer e talvez matá-la?

Mas as palavras não conseguiam diminuir a força da lembrança da beleza de Selene, nem da forma como ela deixava seu sangue quente só de olhá-lo. Quase pareceu que ela estava no quarto com ele, que ele podia sentir seu perfume, tanto que Rand olhou em volta e riu ao perceber que estava sozinho.

— Estou imaginando coisas como se já estivesse maluco — murmurou.

De repente, ele tirou o vidro do lampião sobre mesa de cabeceira, acendeu-o e colocou as cartas dela no fogo. Do lado de fora da estalagem, o vento aumentou e rugiu, entrando pelas frestas das janelas e alimentando as chamas, que devoraram o pergaminho. Mais do que depressa Rand jogou as cartas em chamas na lareira quente, quando o fogo estava prestes a tocar seu dedo. Ele esperou até que a última ponta negra retorcida se apagasse antes de pôr a espada no cinturão e sair do quarto.

* * *

Verin alugara uma sala de jantar privada, onde as prateleiras nas paredes escuras exibiam ainda mais prataria do que as do salão. Mat tentava fazer malabarismos com três ovos cozidos

e aparentar indiferença. Ingtar olhava fixo para a lareira apagada, franzindo a testa. Loial ainda tinha alguns livros de Fal Dara nos bolsos, e lia um ao lado do lampião.

Perrin estava sentado preguiçosamente à mesa, analisando as mãos espalmadas sobre o tampo. Para seu nariz, a sala cheirava à cera de abelha usada para polir o revestimento. *Era ele, pensou. Rand é o Matador de Sombras. Luz, o que está acontecendo com todos nós?* Cerrou os punhos grandes e quadrados. *Essas mãos foram feitas para um martelo de ferreiro, não para um machado.*

Olhou para Rand quando o rapaz entrou. Achou que ele parecia determinado, como se decidido a seguir algum plano. A Aes Sedai lhe indicou uma poltrona de espaldar alto em frente à dela.

— Como está Hurin? — perguntou Rand, ajustando a espada para se sentar. — Descansando?

— Ele insistiu em sair — respondeu Ingtar. — Eu disse a ele para seguir o rastro até sentir cheiro de Trollocs. Podemos continuar a partir de lá amanhã. Ou você quer persegui-los hoje à noite?

— Ingtar — respondeu Rand, desconfortável —, eu realmente não estava tentando assumir o comando. Só falei sem pensar.

Ainda assim, Rand não estava tão nervoso quanto teria ficado antes, pensou Perrin. Matador de Sombras. Estamos todos mudando.

Ingtar não respondeu. Em vez disso, continuou fitando a lareira.

— Há algumas coisas que muito me interessam, Rand — disse Verin, muito calma. — Uma delas é como você sumiu do acampamento de Ingtar sem deixar rastros. Outra é como chegou a Cairhien uma semana antes de nós. Aquele funcionário foi muito claro. Você teria precisado voar.

Um dos ovos de Mat caiu no chão e quebrou. No entanto, ele não olhou para a bagunça que fizera, e sim para Rand, e até Ingtar havia se voltado para observá-lo. Loial fingia ainda estar lendo, mas tinha uma expressão preocupada e suas orelhas se ergueram, formando duas setas peludas.

Perrin se deu conta de que também observava a cena com atenção. Então disse:

— Bem, ele não voou. Não estou vendo nenhuma asa. Talvez ele tenha coisas mais importantes para nos contar. — Verin voltou sua atenção para ele apenas por um momento. Ele conseguiu olhá-la nos olhos, mas foi o primeiro a desviar o olhar. *Aes Sedai. Luz, por que fomos idiotas o suficiente para seguir uma Aes Sedai?* Rand também lhe lançou um olhar agradecido, e Perrin sorriu de volta. Não era o velho Rand... parecia ter crescido dentro daquele casaco chique, que agora parecia lhe cair bem... Mas ele ainda era o garoto com quem Perrin crescera. *Matador de Sombras. Um homem com o qual os lobos ficaram admirados. Um homem capaz de canalizar.*

— Eu não me importo — respondeu Rand, e contou sua história de forma simples.

Perrin se viu boquiaberto. Pedras-portais. Outros mundos, onde a terra parece se mover. Hurin seguiu o rastro dos Amigos das Trevas. E uma bela mulher em apuros, como em uma história de menestrel.

Mat deu um assovio baixo, pensativo.

— E ela trouxe vocês de volta? Por uma dessas... dessas Pedras?

Rand hesitou por um segundo.

— Deve ter trazido — respondeu. — Mas então, foi assim que ficamos tão à frente de vocês. Quando Fain apareceu, Loial e eu conseguimos roubar a Trombeta de Valere, à noite. E seguimos até Cairhien porque achávamos que não conseguiríamos passar por eles depois de serem atacados, e eu sabia que Ingтар continuaria a vir para o sul atrás deles e chegaria a Cairhien mais cedo ou mais tarde.

Matador de Sombras. Rand o encarou com um olhar intrigado, e Perrin se deu conta de que dissera o nome em voz alta. Pelo menos parecia não ter dito alto o bastante para que qualquer outra pessoa escutasse. Ele percebeu que estava com vontade de contar a Rand sobre os lobos. *Eu sei sobre você. É justo que você saiba o meu segredo, também.* Mas Verin estava lá. Não poderia falar sobre aquilo na frente dela.

— Interessante — disse a Aes Sedai, com uma expressão pensativa. — Gostaria muito de conhecer essa menina. Se ela pode usar uma Pedra-portal... O próprio nome não é muito conhecido. — Ela se recompôs. — Bem, talvez em outra oportunidade. Uma menina alta não deve ser difícil de se encontrar nas Casas cairhienas. Ah, a comida chegou.

Perrin sentiu o cheiro do cordeiro antes mesmo de Madame Tiedra entrar à frente da procissão que trazia as travessas de comida. Salivou mais por aquilo do que pelas ervilhas, abóboras, cenouras e nabos que vinham junto, ou pelos pães quentinhos e crocantes. Ele ainda achava os legumes saborosos, mas, às vezes, nos último tempos, tinha vontade de comer carne vermelha. E nem mesmo precisava estar cozida, na verdade. Era desconcertante perceber que achava que as boas fatias rosadas de cordeiro que a estalajadeira cortava estavam passadas demais. Com firmeza, serviu-se de uma porção de cada coisa. E de duas do cordeiro.

Foi uma refeição silenciosa, com todos distraídos com os próprios pensamentos. Perrin achou doloroso ver Mat comer. O apetite do rapaz estava como sempre, e ele enchia a boca de comida como se aquela fosse sua última refeição. Perrin manteve os olhos no próprio prato pelo máximo de tempo possível e desejou jamais ter deixado Campo de Emond.

Depois que as serviçais limparam tudo e saíram, Verin insistiu que permanecessem juntos até Hurin voltar.

— Ele pode trazer notícias que exijam nossa partida imediata.

Mat voltou a praticar malabarismos, e Loial retomou a leitura. Rand perguntou à estalajadeira se havia mais livros, e ela lhe trouxe *As Jornadas de Jain, o Viajante*. Perrin também gostava daquele volume, com histórias de aventuras com o Povo do Mar e jornadas a terras além do Deserto Aiel, de onde vinha a seda. Não estava com disposição para ler, então ele e Ingтар armaram um tabuleiro de pedras na mesa. O shienarano tinha um estilo de jogo agressivo e ousado. Perrin sempre jogara de modo obstinado, cedendo terreno com relutância, mas se viu colocando as pedras de forma tão descuidada quanto Ingтар. A maior parte das partidas terminou empatada, mas ele conseguiu vencer tanto quanto o lorde. O shienarano o encarava com um respeito renovado no início da noite, quando o farejador retornou.

O sorriso de Hurin era ao mesmo tempo triunfante e perplexo.

— Eu os encontrei, Lorde Ingтар. Lorde Rand. Rastreei os Amigos das Trevas até o covil onde estão escondidos.

— Covil? — perguntou Ingтар, quase ríspido. — Quer dizer que eles estão se escondendo

em algum lugar por perto?

— Sim, Lorde Ingtar. Os que levaram a Trombeta, eu os segui direto para lá. E tinha cheiro de Trolloc por todo lado, embora eles estivessem se esgueirando, como se não ousassem ser vistos nem mesmo lá. E não é de se admirar. — O farejador respirou fundo. — É a grande mansão que o Lorde Barathanes acabou de construir.

— Lorde Barathanes! — exclamou Ingtar. — Mas ele... ele é... ele é...

— Há Amigos das Trevas tanto entre os ilustres como entre os humildes — respondeu Verin, tranquila. — Os poderosos entregam suas almas à Sombra com tanta frequência quanto os fracos.

Ingtar abriu uma carranca, como se não quisesse pensar naquilo.

— Há guardas — continuou Hurin. — Não vamos entrar com vinte homens, não se quisermos sair vivos. Cem poderiam conseguir, mas duzentos seria melhor.

— E o Rei? — indagou Mat. — Se esse Barathanes é um Amigo das Trevas, o Rei vai nos ajudar.

— Tenho bastante certeza — retrucou Verin, seca — de que Galldrian Riatin agiria contra Barathanes Damodred só diante do *rumor* de que Lorde Barathanes seja um Amigo das Trevas, e ficaria grato pela desculpa. Mas também tenho bastante certeza de que Galldrian jamais deixaria a Trombeta de Valere escapar, uma vez que a tivesse em mãos. Ele a exibiria às pessoas em dias de festividades e diria quão grande e poderosa é Cairhien, e ninguém jamais a veria a não ser nesses momentos.

Perrin piscou, atônito.

— Mas a Trombeta de Valere precisa estar no lugar da Última Batalha, quando ela for travada. Ele não pode simplesmente ficar com ela.

— Conheço pouco dos cairhienos — respondeu Ingtar —, mas já ouvi o suficiente sobre Galldrian. Ele nos daria um banquete e nos agradeceria pela glória que trouxemos a Cairhien. Encheria nossos bolsos de ouro e jogaria honras e mais honras em nossas cabeças. Mas, se tentássemos partir com a Trombeta, ele cortaria nossas honradas cabeças sem pestanejar.

Perrin passou uma das mãos pelos cabelos. Quanto mais descobria sobre os Reis, menos gostava deles.

— E a adaga? — perguntou Mat timidamente. — Ele não ia querer ficar com aquilo, ia? — Ingtar lhe lançou um olhar furioso, e ele mudou de posição em seu assento, desconfortável. — Sei que a Trombeta é importante, mas eu não vou lutar na Última Batalha. Aquela adaga...

Verin descansou as mãos nos braços da cadeira.

— Galldrian também não pode tê-la. Precisamos de uma forma de entrar na mansão de Barathanes. Se conseguirmos encontrar a Trombeta, também conseguiremos encontrar uma forma de recuperá-la. Sim, Mat, e a adaga. Quando sabem que uma Aes Sedai está na cidade... Bem, eu geralmente evito essas coisas, mas se deixar escapar para Tiedra que gostaria de ver a nova mansão de Barathanes, acho que recebo um convite em um dia ou dois. Não deve ser difícil levar alguns de vocês. O que é, Hurin?

O farejador ficara inquieto, ansioso desde o momento em que ela falara sobre o convite.

— Lorde Rand já tem um. De Lorde Barathanes.

Perrin olhou para Rand, e não foi o único.

Rand puxou dois pergaminhos selados do bolso do casaco e os entregou à Aes Sedai sem

dizer palavra.

Ingтар se aproximou para olhar os selos, curioso, por cima do ombro dela.

— Barathanes e... E Galldrian! Rand, como você conseguiu isso? O que andou fazendo?

— Nada — disse Rand. — Eu não fiz nada. Eles simplesmente me mandaram isso. — Ingтар soltou um longo suspiro. O queixo de Mat caíra. — Bem... É verdade, eles só mandaram — respondeu Rand, calmo. Havia nele uma dignidade de que Perrin não se lembrava: seu amigo olhava para a Aes Sedai e para o Lorde shienarano como iguais.

Perrin sacudiu a cabeça. *O casaco realmente lhe cai bem. Estamos todos mudando.*

— Lorde Rand queimou todos os outros — informou Hurin. — Os convites chegavam todo dia, e ele os queimava todo dia. Até que vieram esses dois, é claro. A cada dia vinha um envelope de Casas ainda mais poderosas. — Ele soava orgulhoso.

— A Roda do Tempo tece a todos nós no Padrão conforme sua vontade — comentou Verin, olhando para os pergaminhos —, mas às vezes fornece aquilo de que precisamos antes mesmo de precisarmos. — Ela amassou o convite do Rei sem muito cuidado e o jogou na lareira, onde ele ficou, intacto, sobre as brasas frias. Rompendo o outro selo com o polegar, ela leu a carta. — Sim, isso servirá muito bem.

— Como eu posso ir? — perguntou Rand. — Eles vão saber que não sou um Lorde. Sou um pastor e um fazendeiro. — Ingтар pareceu cético. — Sou, Ingтар. Eu lhe disse que era.

O shienarano deu de ombros, mas ainda não parecia convencido. Hurin olhava para Rand com evidente descrença.

Que me queimem, pensou Perrin, se eu não o conhecesse, também não acreditaria. Mat observava Rand com a cabeça inclinada, franzindo a testa como se olhasse para algo que nunca vira antes. *Agora ele também enxerga.*

— Você consegue, Rand — respondeu Perrin. — Eu sei que consegue.

— Vai ajudar — retrucou Verin — se você parar de dizer a todos o que não é. As pessoas veem o que esperam ver. Além disso, olhe-os nos olhos e fale com firmeza. Assim como você está falando comigo — acrescentou, seca, e Rand ruborizou, mas sustentou o olhar. — O que você dirá não tem importância. Eles vão atribuir qualquer comportamento estranho ao fato de você ser estrangeiro. Também vai ajudar se você se lembrar de como se comportou perante a Amyrlin. Se for arrogante daquele jeito, eles vão acreditar que você é um Lorde mesmo que esteja vestindo trapos.

Mat riu, baixinho.

Rand jogou as mãos para o alto, em um gesto de desistência.

— Tudo bem. Eu vou. Mas ainda acho que vão descobrir cinco minutos depois de eu abrir a boca. Quando?

— Barathanes lhe ofereceu cinco datas diferentes, e uma delas é amanhã à noite.

— Amanhã! — explodiu Ingтар. A Trombeta já pode estar cinquenta milhas rio abaixo amanhã à noite, ou...

Verin o interrompeu.

— Uno e seus soldados podem vigiar a mansão. Se eles tentarem levar a Trombeta para qualquer lugar, podemos segui-los sem dificuldade, e talvez possamos recuperá-la ainda mais facilmente do que de dentro das muralhas de Barathanes.

— Talvez — concordo Ingтар, a contragosto. — Só não gosto de esperar sabendo que a Trombeta está quase em minhas mãos. Eu vou encontrá-la. Eu devo! Eu preciso!

Hurin encarou o lorde.

— Mas não é assim, Lorde Ingтар. O que acontece, acontece, e o que deve ser se... — O olhar furioso de Ingтар o interrompeu, mas o farejador ainda assim resmungou, entre dentes cerrados: — Não é assim, com essa história de “devo”.

Ingтар voltou-se outra vez para Verin, rígido.

— Verin Sedai, os cairhienos são muito rigorosos com suas formalidades. Se Rand não enviar uma resposta, Barthanes pode ficar insultado a ponto de não nos deixar entrar, mesmo com esse pergaminho em mãos. Mas se Rand... Bom, Fain, pelo menos, o conhece. Poderíamos estar mandando um alerta para montarem uma armadilha.

— Vamos surpreendê-los. — O breve sorriso que ela deu não foi agradável. — Mas eu acho que Barthanes vai querer encontrar Rand de qualquer jeito. Amigo das Trevas ou não, duvido que ele tenha desistido de tramar contra o trono. Rand, ele disse que você se interessou por um dos projetos do Rei, mas não disse qual. O que ele quer dizer?

— Não sei — respondeu Rand, pensando bem. — Não fiz absolutamente nada desde que cheguei. Espere. Talvez ele esteja falando da estátua. Viemos por uma aldeia onde estavam desenterrando uma estátua gigantesca. Disseram que foi construída na Era das Lendas. O Rei quer transportá-la para Cairhien, embora eu não saiba como ele pode mover algo daquele tamanho. Mas tudo o que fiz foi perguntar o que era.

— Passamos por ela durante o dia, e não paramos para fazer perguntas. — Verin deixou o convite cair no colo. — Talvez não seja muito sábio da parte de Galldrian desenterrar aquilo. Não que haja qualquer perigo real, mas, para os que não sabem o que estão fazendo, nunca é sábio mexer com coisas da Era das Lendas.

— O que é aquilo? — perguntou Rand.

— Um *sa'angreal*. — Ela falava como se aquilo não tivesse muita importância, mas Perrin teve a súbita sensação de que os dois haviam começado uma conversa particular, dizendo coisas que mais ninguém podia ouvir. — Ele tem um par, foram os dois maiores já feitos que se tem notícia. E também é um par estranho. Um deles ainda está enterrado em Tremalking, e só pode ser usado por mulheres. Esse aqui só pode ser usado por homens. Eles foram feitos durante a Guerra dos Poderes, para serem usados como armas. Mas, se há algo pelo que podemos ser gratos sobre o fim daquela Era ou a Ruptura do Mundo, é que o fim veio antes que eles pudessem ser usados. Juntos, eles devem ser poderosos o bastante para Romper o mundo outra vez, talvez de um jeito ainda pior do que a primeira Ruptura.

Perrin cerrou os punhos com força. Ele evitou encarar Rand, mas mesmo olhando-o de soslaio conseguiu ver a palidez em seu rosto. Achou que o amigo devia estar com medo, e não o culpou nem um pouco.

Ingтар parecia abalado, como era de se esperar.

— Aquela coisa precisa ser enterrada de novo, tão fundo quanto é possível empilhar pedras e terra. O que aconteceria se Logain tivesse encontrado aquilo? Ou qualquer desgraçado que consiga canalizar, quanto mais um que afirme ser o Dragão Renascido. Verin Sedai, você precisa alertar Galldrian sobre o que ele está fazendo.

— O quê? Ah, não há necessidade, eu acho. Os dois precisam ser usados juntos para canalizar Poder Único o suficiente para Romper o Mundo. Era assim na Era das Lendas: um homem e uma mulher trabalhando juntos eram sempre dez vezes mais fortes do que separados. E que Aes Sedai, hoje em dia, ajudaria um homem a canalizar? Um sozinho já é poderoso o suficiente, mas consigo pensar em poucas mulheres fortes o bastante para sobreviver ao fluxo, no de Tremalking. A Amyrlin, é claro. Moiraine e Elaida. Talvez mais uma ou duas. E três ainda em treinamento. Quanto a Logain, apenas evitar ser incinerado exigiria toda a força dele, sem deixar mais nada para fazer o que quer que fosse. Não, Ingtar. Não acho que você precise se preocupar. Pelo menos, não até que o verdadeiro Dragão Renascido se proclame, e a essa altura teremos coisas o bastante com que nos preocuparmos de qualquer forma. Vamos pensar agora no que faremos quando estivermos dentro da mansão de Barathanes.

Ela estava falando com Rand. Perrin sabia, e, pelo olhar incomodado de Mat, ele também. Até mesmo Loial se ajeitou, nervoso, na cadeira. *Ah, luz, Rand*, pensou Perrin. *Luz, não deixe que ela use você.*

Rand apoiava as mãos no tampo da mesa com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos, mas sua voz saiu firme. Os olhos dele não se desviaram da Aes Sedai.

— Primeiro temos que recuperar a Trombeta e a adaga. Depois disso acabou, Verin. Depois, acabou.

Ao ver o sorriso de Verin, discreto e misterioso, Perrin sentiu um calafrio. Achava que Rand não sabia nem metade do que pensava saber. Nem metade.



Palavras Perigosas

A mansão do Lorde Barathanes parecia um enorme sapo agachado no escuro da noite, ocupando uma área quase tão extensa quanto a de uma fortaleza, com todos os anexos e muros. No entanto, não era uma fortaleza, pois janelas compridas espalhadas por todos os lados deixavam escapar a luz e o som de música e risadas do interior. Ainda assim, Rand pôde ver guardas se movendo nos topos das torres e pelas passarelas nos telhados, e nenhuma das janelas ficava perto do chão. Ele desmontou de Vermelho, ajeitou o casaco e ajustou o cinturão da espada. Os outros também desmontaram ao redor dele, ao pé de uma larga escadaria de pedra branca que levava às enormes portas da mansão, cobertas de entalhes.

Havia uma escolta de dez shienaranos, sob o comando de Uno. O caolho trocou leves acenos de cabeça com Ingtar antes de levar seus soldados para se juntarem às outras escoltas, junto a uma grande fogueira onde assava um boi inteiro preso em um espeto e cerveja era oferecida aos homens.

Os outros dez shienaranos haviam sido deixados para trás, junto com Perrin. Cada uma das pessoas presentes estaria lá com um propósito, explicara Verin, e não havia motivos para Perrin participar. Aos olhos cairhienos, uma escolta era necessária para transmitir dignidade, mas parecia suspeita se fosse composta por mais de dez pessoas. Rand iria porque recebera o convite. Ingtar, para acrescentar o prestígio de seu título de lorde ao grupo. Loial os acompanharia porque os Ogier eram cobiçados na alta nobreza cairhiena. Hurin fingiria ser o serviçal pessoal de Ingtar, mas seu verdadeiro propósito era farejar os Amigos das Trevas e Trollocs, se pudesse, pois a Trombeta de Valere não deveria estar muito longe de onde eles estivessem. Mat, ainda resmungando, fingiria ser o serviçal pessoal de Rand, já que conseguia sentir a adaga quando ela estava por perto. Se Hurin falhasse, talvez ele conseguisse encontrar os Amigos das Trevas.

Quando Rand perguntou a Verin por que ela iria, ela se limitou a sorrir e responder:

— Para manter vocês longe de problemas.

Enquanto subiam a escada, Mat murmurou:

— Ainda não entendo por que tenho que fingir ser um serviçal. — Ele e Hurin caminhavam atrás dos demais. — Que me queime. Se Rand pode ser um Lorde, eu também posso colocar

um casaco metido a besta desses.

— Um serviçal — respondeu Verin, sem olhar para trás —, pode entrar em muitos lugares que outros homens não conseguiriam, e muitos nobres sequer vão reparar em sua presença. Você e Hurin têm objetivos a cumprir.

— Fique quieto agora, Mat — acrescentou Ingtar —, a menos que queira nos entregar.

Estavam chegando às portas, onde havia meia dúzia de guardas com a Árvore e a Coroa da Casa Damodred estampada no peitoral, e mais meia dúzia de homens vestindo uniformes verde-escuros com a Árvore e a Coroa na manga.

Respirando fundo, Rand apresentou o convite.

— Sou Lorde Rand, da Casa al'Thor — recitou, bem depressa, para acabar logo com aquilo. — E estes são meus convidados. Verin, Aes Sedai da Ajah Marrom. Lorde Ingtar, da Casa Shinowa, de Shienar. Loial, filho de Arent, filho de Halan, do Pousio Shangtai. — Loial pedira para deixarem seu *pousio* fora daquilo, mas Verin insistira que precisavam apresentar toda a formalidade que conseguissem.

O serviçal, que recebera o convite com a reverência exigida pela situação, sobressaltou-se de leve ao ouvir o nome de cada acompanhante. No de Verin, seus olhos se arregalaram. Com uma voz abafada, ele respondeu:

— Sejam bem-vindos à Casa Damodred, milordes. Seja bem-vinda, Aes Sedai. Seja bem-vindo, amigo Ogier.

Ele gesticulou para que os outros serviçais abrissem bem as portas e fez uma reverência enquanto Rand e os outros entravam. Lá dentro, ele se apressou em entregar o convite a outro homem uniformizado, sussurrando algo em seu ouvido.

O homem tinha a Árvore e a Coroa em um grande bordado no peito do casaco verde.

— Aes Sedai — disse, usando o longo cajado para fazer a reverência, quase levando a cabeça aos joelhos a cada cumprimento que fazia. — Milordes. Amigo Ogier. Me chamo Ashin. Por favor, sigam-me.

No salão externo havia apenas serviçais, mas Ashin os levou até um grande aposento repleto de nobres, com um malabarista se apresentando em uma ponta e acrobatas na outra. Vozes e música vinham de outros lugares, indicando que aqueles não eram os únicos convidados, nem o único entretenimento. Os nobres conversavam em pares, trios ou quartetos. Às vezes os grupos eram compostos tanto de homens quanto de mulheres, às vezes apenas de um ou de outro sexo. No entanto, sempre havia um espaço calculado com muito cuidado entre eles, para que ninguém pudesse entre ouvir a conversa de outro grupo. Os convidados usavam as roupas escuras típicas dos cairhienos, a maioria com listras brilhantes que iam até pelo menos a metade do peito, uns poucos com listras que iam até a cintura. As mulheres usavam os cabelos presos em altas torres de cachos, cada uma diferente da outra, e suas saias escuras eram tão armadas nas laterais que elas precisariam se virar de lado para passar por portas mais estreitas que as da mansão. Nenhum dos homens tinha a cabeça raspada característica dos soldados. Todos usavam chapéus de veludo preto sobre os cabelos longos, alguns com formato de sino, outros de topo reto. E, assim como as mulheres, tinham as mãos parcialmente ocultas por camadas de renda que lembrava marfim negro.

Ashin bateu seu cajado no chão e os anunciou em voz alta, começando por Verin.

O grupo atraiu todos os olhares. Verin usava seu xale de franjas marrons com bordados de

parreiras. Um murmúrio percorreu a multidão de nobres quando a presença de uma Aes Sedai foi anunciada, e o malabarista deixou cair uma das argolas, mas ninguém reparou, pois ninguém mais olhava para ele. Loial recebeu quase a mesma quantidade de olhares, antes mesmo de Ashin dizer seu nome. A despeito dos bordados prateados no colarinho e nas mangas, o casaco quase completamente preto de Rand o fazia parecer quase austero perto dos cairhienos, e sua espada e a de Ingтар atraíram muitos olhares. Nenhum dos lordes parecia estar armado. Rand ouviu as palavras “marca da garça” mais de uma vez. Alguns dos olhares que recebia pareciam irritados, e ele suspeitava de que vinham de homens que insultara ao queimar seus convites.

Um homem belo e esbelto se aproximou. Tinha cabelos longos, já meio grisalhos, e listras de diversas cores cruzavam a frente de seu casaco cinza-escuro, indo do pescoço até quase a bainha, logo acima dos joelhos. Era extremamente alto para um cairhieno, apenas cerca de meia cabeça mais baixo que Rand, e sua postura o fazia parecer ainda mais alto. Ele mantinha o queixo empinado, o que dava a impressão de que sempre estava olhando a todos de cima. Seus olhos eram completamente pretos. No entanto, o homem olhou para Verin com cautela.

— A Graça me honra com sua presença, Aes Sedai. — A voz de Barthanes Damodred era grave e segura. Seu olhar passou pelos demais. — Não esperava companhia tão distinta. Lorde Ingтар. Amigo Ogier. — A mesura que fez a cada um foi pouco mais que um cumprimento com a cabeça: Barthanes sabia bem qual era a dimensão de seu poder. — E você, meu jovem Lorde Rand. Sua presença na cidade gerou muitos comentários, até mesmo nas Casas. Talvez tenhamos a oportunidade de conversar hoje à noite. — Seu tom dizia que, se a conversa não acontecesse, também não lhe faria falta, e que não se interessara pelos comentários, mas seus olhos desviaram de modo quase imperceptível antes de encontrar os de Rand, examinando Ingтар, Loial e Verin. — Sejam bem-vindos. — Ele se deixou ser levado por uma bela mulher, que pôs a mão cheia de anéis e coberta de rendas em seu braço, mas voltou a olhar para Rand enquanto se afastava.

As conversas recomeçaram, e o malabarista voltou a jogar suas argolas, em um arco estreito que quase chegava ao teto ornamentado, umas boas quatro braças acima. Os acrobatas não haviam sequer interrompido a apresentação: uma mulher saltou dos braços de um de seus companheiros. Sua pele untada com óleo brilhava à luz de cem lampiões enquanto ela girava no ar, até aterrissar com os pés bem nas mãos de um outro homem apoiado nos ombros de um terceiro. Ele a ergueu nos braços estendidos enquanto o homem abaixo o erguia da mesma forma, e ela abriu os braços como se esperasse aplausos. Nenhum dos cairhienos pareceu notar.

Verin e Ingтар se misturaram à multidão. O shienarano recebeu alguns olhares desconfiados. Algumas pessoas fitavam a Aes Sedai de olhos arregalados, e outras, com uma expressão preocupada, como se estivessem perto demais de um lobo raivoso. Estes últimos eram mais homens do que mulheres, e algumas das mulheres chegaram a conversar com ela.

Rand percebeu que Mat e Hurin já haviam sumido cozinha adentro, onde todos os serviçais que acompanhavam os convidados aguardavam até serem chamados. Torcia para que os dois não tivessem problemas em sair despercebidos.

Loial se curvou, de modo a falar apenas para os ouvidos de Rand:

— Rand, há um Portal dos Caminhos aqui por perto. Eu posso sentir.

— Você quer dizer que este lugar era um bosque Ogier? — perguntou Rand, e voz baixa, e Loial assentiu.

— O Pouso Tsofu ainda não tinha sido reencontrado quando o bosque foi plantado, ou os Ogier que ajudaram a construir Al'cair'rahienallen não precisariam de um bosque para lembrá-los dos *pousos*. Este lugar era uma floresta quando eu passei por Cairhien antes, e pertencia ao Rei.

— Barthanes deve ter tomado a terra em alguma trama — Rand olhou em volta, nervoso. Todo mundo ainda estava envolvido nas conversas, mas não eram poucos os que observavam Loial e ele. Não conseguia ver Ingtar. Verin estava no centro de um aglomerado de mulheres. — Queria que pudéssemos permanecer juntos.

— Verin disse que não é uma boa ideia, Rand. Ela explicou que isso deixaria todos desconfiados e furiosos, achando que somos esnobes. Precisamos evitar suspeitas até que Mat e Hurin encontrem o que quer que seja.

— Eu ouvi o que ela disse tão bem quanto você, Loial. Mas ainda acho que, se Barthanes é um Amigo das trevas, ele deve saber por que estamos aqui. Passear por aí sozinho é quase pedir para levar uma pancada na cabeça e acabar desacordado.

— Verin falou que Barthanes não fará nada até descobrir se podemos ser úteis. Só faça o que ela mandou, Rand. As Aes Sedai sabem o que fazem.

Dizendo isso, Loial adentrou a multidão, e alguns nobres já se agrupavam a seu redor antes mesmo que conseguisse avançar dez passos.

Outros vieram em direção a Rand, assim que ele ficou sozinho, mas ele se virou para o outro lado e se afastou depressa. *As Aes Sedai até podem saber o que fazem, mas eu não, e gostaria de saber. Não gosto nada disso. Luz, eu queria conseguir perceber se ela está falando a verdade. Aes Sedai nunca mentem, mas a verdade pode não ser a que você pensa que ouviu.*

Ele continuou andando pela mansão, para evitar ter que conversar com os nobres. Havia muitos outros aposentos, todos cheios, e todos com atrações: três menestréis em seus mantos, outros malabaristas, acrobatas e mais: músicos tocavam flautas, sabiolas, saltérios e alaúdes, cinco tamanhos diferentes de rabeca, seis tipos de trombeta, retas curvas ou enroladas, e dez tamanhos de tambores, de surdos a tamboretes. Ele parou para olhar alguns dos trombeteiros, em especial os que tocavam trombetas enroladas, mas os instrumentos eram todos simples, de bronze.

Eles não deixariam a Trombeta de Valere às vistas de todos, seu tolo, pensou. A não ser que Barthanes queira convocar heróis mortos para fazerem parte do entretenimento.

Havia até mesmo um bardo, usando botas tairenas trabalhadas em prata e um casaco amarelo, que circulava os salões dedilhando sua harpa e, às vezes, parando para declamar em Alto Canto. Ele olhava os menestréis com desdém e não se demorava nos aposentos em que eles estavam, mas Rand notou pouca diferença entre eles, além das roupas.

De repente, Rand percebeu que Barthanes andava a seu lado. Na mesma hora, um serviçal de libré ofereceu sua bandeja de prata com uma reverência. Barthanes pegou uma taça de cristal cheia de vinho. Andando de costas à frente deles, ainda curvado, o serviçal manteve a bandeja

erguida na direção de Rand até ele negar com um gesto de cabeça, então desapareceu na multidão.

— Você parece inquieto — comentou Barathanes, bebericando seu vinho.

— Gosto de andar. — Rand pensou em como seguir o conselho de Verin, e lembrando-se do que a Aes Sedai dissera sobre sua visita à Amyrlin, assumiu a postura Gato Cruza o Pátio. Não conhecia jeito mais arrogante que aquele de andar. Barathanes comprimiu os lábios, e Rand achou que o lorde talvez achasse o andar arrogante demais, mas o conselho de Verin era tudo o que ele tinha para se guiar, então continuou. Para quebrar um pouco a tensão, disse, em um tom amigável: — Uma festa excelente. Você tem muitos amigos, e nunca vi tantas atrações.

— Muitos amigos — concordou Barathanes. — Você pode contar a Galldrian quantos, e quem são. Alguns dos nomes poderiam surpreendê-lo.

— Nunca conheci o Rei, Lorde Barathanes, e não acredito que isso vá acontecer.

— Mas é claro. Você passou por aquela aldeiazinha suja apenas por acaso. Decerto não estava avaliando o progresso da recuperação da estátua. Uma grande empreitada, aquela.

— Sim. — Começara a pensar em Verin outra vez, desejando que ela tivesse dado algum conselho sobre como se dirigir com um homem que presumia que ele estivesse mentindo. Acrescentou, sem pensar: — É perigoso mexer com as coisas da Era das Lendas quando não se sabe o que está fazendo.

Barathanes fitou o próprio vinho, refletindo, como se Rand tivesse acabado de dizer algo muito profundo.

— Está dizendo que não apoia Galldrian nisso? — perguntou, por fim.

— Já lhe disse: nunca conheci o Rei.

— Sim, é claro. Não sabia que vocês, andorianos, jogavam tão bem o Grande Jogo. Não se vê muitos do seu povo aqui em Cairhien.

Rand respirou fundo para se impedir de responder ao homem, irritado, que não estava jogando o Jogo deles.

— Há muitas barcaças de grãos vindas de Andor, no rio.

— Mercadores e comerciantes. Quem nota gente como essa? É como notar besouros nas folhas. — A voz de Barathanes demonstrava um desprezo igual por besouros e mercadores, mas ele franziu a testa outra vez, como se Rand tivesse acabado de fazer uma alusão. — Não são muitos os que viajam em companhia de uma Aes Sedai. Você parece jovem demais para ser um Guardiã. Imagino que Lorde Ingtar seja o Guardiã de Verin Sedai, não?

— Somos quem dissemos ser — respondeu Rand, e fez uma careta. *Menos eu.*

Barathanes estudava o rosto de Rand quase sem disfarçar.

— Jovem. Jovem demais para carregar uma espada com a marca da garça.

— Tenho menos de um ano — respondeu Rand, sem pensar, e no mesmo instante desejou não tê-lo feito. A frase parecia tola a seus ouvidos, mas Verin dissera para agir como fizera com o Trono de Amyrlin, e aquela era a resposta que Lan lhe mandara dar. Um homem das Fronteiras considerava o dia do nome aquele em que recebera a espada.

— Então você é andoriano, mas foi treinado nas Terras da Fronteira. Ou foi treinado como Guardiã? — Os olhos de Barathanes se estreitaram, analisando Rand. — Sei que Morgase tem apenas um filho. Ouvi dizer que se chama Gawyn. Você deve ser mais ou menos da idade dele.

— Já o conheci — respondeu Rand, com cautela.

— Esses olhos. Esse cabelo. Ouvi dizer que a linhagem real de Andor tem uma coloração quase Aiel nos cabelos e olhos.

Rand tropeçou, embora o chão fosse de mármore polido.

— Não sou Aiel, Lorde Barathanes, nem da linhagem real.

— Como queira. Você me deu muito em que pensar. Acredito que vamos nos entender quando tivermos outra oportunidade de conversar. — Barathanes balançou a cabeça e ergueu a taça em uma pequena saudação, então se virou para conversar com um homem grisalho com muitas listras coloridas no casaco.

Rand sacudiu a cabeça e continuou a andar, evitando mais conversas. Já fora ruim o bastante ter que falar com um lorde cairhieno, não queria se arriscar com mais um. Barathanes parecia encontrar significados profundos nos comentários mais triviais. Rand percebeu que acabara de aprender o suficiente sobre *Daes Dae'mar* para saber que não fazia ideia de como se jogava. *Mat, Hurin, encontrem alguma coisa rápido, para sairmos daqui. Essas pessoas são loucas.*

Até que entrou em outro aposento e reparou que o menestrel do outro lado do salão, dedilhando sua harpa e recitando uma história da *Grande Caçada à Trombeta*, era Thom Merrilin. Rand parou de andar. Thom não pareceu vê-lo, embora seu olhar tivesse passado por ele duas vezes. Parecia que Thom havia falado sério. Uma separação completa.

Rand se virou para se afastar, mas uma mulher se pôs em sua frente com muita graça e encostou uma das mãos em seu peito. Rendas pendiam de seu pulso delicado. A cabeça dela mal alcançava os ombros de Rand, mas o penteado alto com cachos chegava à altura de seus olhos. O colarinho alto do vestido fazia babados de renda se aglomerarem sob o queixo dela, e as listras na frente do vestido azul-escuro iam até logo abaixo dos seios.

— O meu nome é Elaine Chulidred, e você é o famoso Rand al'Thor. Acredito que Barathanes tenha o direito de conversar com você primeiro, estando em sua própria mansão, mas ficamos todos fascinados com o que ouvimos a seu respeito. Ouvi dizer até que você toca flauta. Seria verdade?

— Eu toco flauta. — *Como é que ela...? Caldevwin. Luz, é verdade: todo mundo fica sabendo de tudo em Cairhien.* — Com sua licença...

— Já ouvi falar que alguns lordes estrangeiros tocam música, mas nunca acreditei. Eu gostaria muito de ouvi-lo tocar. Talvez você possa conversar comigo sobre um assunto ou outro. Barathanes pareceu achar sua conversa fascinante. Meu marido passa os dias supervisionando os vinhedos e acaba me deixando muito sozinha. Nunca está em casa para conversar comigo.

— Você deve sentir falta dele — respondeu Rand, tentando contornar aquela saia enorme. A mulher soltou uma risada tilintante, como se ele tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo.

Outra mulher postou-se ao lado da primeira, e outra mão tocou o peito de Rand. O vestido dela tinha tantas listras quanto o de Elaine, e as mulheres eram da mesma idade, ambas quase dez anos mais velhas que ele.

— Está pensando que vai ficar com ele todo para você, Elaine? — As duas sorriram, mas seus olhos pareciam perfurar uma a outra. A segunda virou-se, ainda sorrindo, para Rand. — Me chamo Belevaere Osiellin. Todos os andorianos são assim, tão altos? E tão bonitos?

Ele pigarreou.

— Ah... alguns são altos. Perdoem-me, mas com sua li...

— Vi você conversando com Barthanes. Dizem que você conhece Galldrian, também. Precisa me visitar para conversarmos. Meu marido viajou para cuidar de nossas propriedades no sul.

— Você tem a sutileza de uma meretriz de taverna — sibilou Alaine, e sorriu para Rand logo em seguida. — Ela não tem finesse. Nenhum homem gostaria de uma mulher de modos tão rudes. Leve sua flauta à minha mansão e conversaremos melhor. Quem sabe não me ensina a tocar?

— O que Alaine considera sutileza — comentou Belevaere, docemente — não passa de falta de coragem. Um homem que carrega uma espada com a marca da garça deve ser muito corajoso. É mesmo uma espada com a marca da garça, não é?

Rand tentou se afastar delas.

— Se me dão licença, eu... — Elas o acompanharam a cada passo, até que ele estivesse encurralado em uma parede. As largas saias, unidas, formava outra parede à sua frente.

Ele se sobressaltou quando uma terceira mulher se amontoou ao lado das outras duas, com a saia se unindo às delas para formar a parede daquele lado. Era mais velha que as outras, porém igualmente atraente, e seu sorriso de divertimento não diminuía a agudeza de seu olhar. Sua roupa tinha ainda mais listras do que Alaine e Belevaere, quase metade a mais, e as duas fizeram pequenas medidas e a olharam com intenso desgosto.

— Essas duas aranhas estão tentando capturá-lo em suas teias? — A mulher riu. — Metade das vezes elas se enrolam mais firme entre si do que conseguem se enrolar com qualquer outra pessoa. Venha comigo, meu jovem e belo andoriano, e eu vou lhe contar alguns dos problemas que elas lhe trariam. Para começar, não tenho um marido com quem me preocupar. Maridos sempre causam problemas.

Por cima da cabeça de Alaine, Rand pôde ver Thom, erguendo-se de uma reverência sem aplausos ou qualquer atenção. Com uma careta, o menestrel apanhou uma taça da bandeja de um serviçal assustado.

— Acabei de ver uma pessoa com quem preciso falar — disse Rand às mulheres, e se espremeu para sair da caixa na qual o haviam prendido bem no momento em que a recém-chegada estendia a mão para tomar seu braço. As três o encararam enquanto ele ia depressa até o menestrel.

Thom o fitou por cima da borda da taça e tomou outro longo gole.

— Thom, sei que você disse que queria que nos separássemos completamente, mas eu precisava escapar daquelas mulheres. Elas só falavam sobre seus maridos estarem fora, mas já começavam a fazer outras insinuações. — Thom engasgou com o vinho, e Rand lhe deu um tapa nas costas. — Se beber rápido demais, alguma coisa vai descer pelo caminho errado. Thom, elas pensam que estou tramando com Barthanes ou com Galldrian, e acho que não vão acreditar se eu disser que não estou. Eu só precisava de uma desculpa para sair de perto delas.

Thom cofiou os bigodes com os nós dos dedos e lançou um olhar discreto para as três mulheres do outro lado da sala. Elas ainda estavam juntas, observando-os.

— Reconheço aquelas três, garoto. Breane Taborwin sozinha já lhe daria uma bela lição, do tipo que todo homem deveria receber ao menos uma vez na vida, se conseguisse sobreviver. Preocupadas com os maridos. Gostei dessa, garoto. — De repente o olhar do menestrel pareceu mais aguçado. — Você disse que tinha se livrado das Aes Sedai. Metade das conversas da noite são sobre o *lorde* andoriano que apareceu sem aviso, acompanhado de uma Aes Sedai. Barathanes e Galldrian. Dessa vez você deixou a Torre branca enfiá-lo direto na panela.

— Ela só chegou ontem, Thom. E, assim que a Trombeta estiver a salvo, vou me livrar delas outra vez. Vou ter certeza disso.

— Você fala como se ela não estivesse a salvo agora — comentou Thom, escolhendo as palavras. — Não foi o que disse da outra vez.

— Os Amigos das Trevas a roubaram, Thom. E a trouxeram para cá. Barathanes é um deles.

Thom pareceu analisar o vinho em sua taça, mas seus olhos foram de um lado a outro para garantir que ninguém estivesse perto o suficiente para ouvir. Outras pessoas, além das três mulheres, os observavam de soslaio enquanto fingiam conversar, mas cada grupo mantinha distância de todos os outros. Ainda assim, Thom falou baixo:

— Coisa perigosa de se dizer, se não for verdade. E mais ainda se for. Uma acusação dessas, e contra o homem mais poderoso do reino... Você disse que ele está com a Trombeta? Suponho que queira minha ajuda de novo, agora que se enrolou com a Torre Branca mais uma vez.

— Não. — Chegara à conclusão de que Thom estava certo, mesmo que o menestrel não soubesse por quê. Não podia envolver ninguém em seus problemas. — Eu só queria escapar daquelas mulheres.

O menestrel soprou os bigodes, surpreso.

— Bem. Sim. Está bom. Da última vez em que o ajudei, fiquei manco, e você parece ter se deixado cair novamente nas amarras de Tar Valon. Vai ter que sair dessa sozinho, dessa vez.

— Ele parecia estar tentando se convencer.

— Eu vou, Thom. Eu vou. — *Assim que a Trombeta estiver a salvo e Mat recuperar aquela maldita adaga. Mat, Hurin, onde vocês estão?*

Como se tivesse ouvido seu pensamento, Hurin apareceu na sala, procurando com os olhos entre a multidão de nobres. Todos olhavam através dele: serviçais não existiam, a menos que fossem necessários. Quando encontrou Rand e Thom, contornou os pequenos aglomerados de nobres e fez uma reverência.

— Milorde, fui enviado para lhe comunicar que seu serviçal sofreu uma queda e torceu o joelho. Não sei dizer se é grave, milorde.

Por um momento, Rand encarou Hurin, sem compreender. Ciente de todos os olhares sobre si, falou, alto o suficiente para os nobres mais próximos o ouvirem:

— Aquele idiota desastrado. De que me serve sem conseguir andar? Imagino que o melhor seja eu mesmo checar o quanto ele se feriu.

Parecia a coisa certa a dizer. Hurin soou aliviado ao dizer, curvando-se outra vez:

— Como desejar, milorde. Se puder me seguir, milorde...

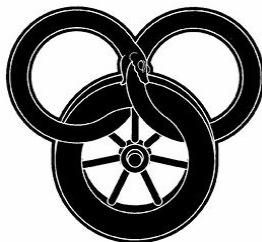
— Você interpreta um lorde muito bem — comentou Thom, suavemente. — Mas lembre-se:

os cairhienos podem até jogar o *Daes Dae'mar*, mas foi a Torre Branca que criou o Grande Jogo, para começo de conversa. Tome cuidado, garoto.

Lançando um olhar irritado para os nobres, o menestrel colocou a taça vazia sobre a bandeja de um serviçal que passava e se afastou, dedilhando a harpa. Então começou a recitar *Mili*, a *Dona de Casa e o Mercador de Seda*.

— Mostre o caminho, homem — ordenou Rand, sentindo-se tolo.

Conseguia sentir os olhos da multidão acompanhando-o enquanto seguia Hurin.





Uma Mensagem das Trevas

— Vocês encontraram? — perguntou Rand enquanto seguia Hurin, descendo um estreito lance de escadas. As cozinhas ficavam nos andares de baixo, e os serviçais que acompanhavam os convidados haviam sido mandados para lá. — Ou Mat está machucado de verdade?

— Ah, está tudo bem com Mat, Lorde Rand. — O farejador franziu a testa. — Pelo menos ele fala como se estivesse tudo bem, e resmunga como alguém saudável. Não quis preocupá-lo, mas precisava de um motivo para trazer o senhor aqui embaixo. Encontrei o rastro. Foi fácil. Todos os homens que incendiaram a estalagem entraram em um jardim murado atrás da mansão. E os Trollocs foram com eles. Isso aconteceu ontem, eu acho. Talvez até mesmo anteontem à noite. — Ele hesitou. — Lorde Rand, eles não saíram mais. Ainda devem estar lá dentro.

Ali no pé da escada dava para ouvir o som dos serviçais se divertindo, o som de risadas e cantoria. Alguém tocava uma sabiola, tirando um som rouco que acompanhava as palmas e os passos de dança. Não havia paredes enfeitadas ou tapetes por ali, apenas pedra nua e um revestimento de madeira simples. A luz nos corredores vinha de tochas rústicas que deixavam o teto cheio de fumaça, com tanto espaço entre elas que a luz era mais fraca no meio.

— Fico feliz por você ter voltado a falar com naturalidade comigo — comentou Rand. — Depois daquele monte de reverências, estava começando a pensar que você era mais cairhieno que os próprios cairhienos.

Hurin corou.

— Bem, quanto a isso... — Ele olhou de relance na direção da origem do barulho, no fim do corredor, e pareceu querer cuspir. — Eles fingem ser tão educados, mas... Lorde Rand, todos dizem que são leais a seus mestres ou mestras, mas insinuam que estão dispostos a vender o que sabem ou o que ouviram. E depois de alguns copos, quando decidem contar as coisas baixinho, sussurrando em seu ouvido, os segredos que revelam sobre seus senhores deixariam você de cabelos em pé. Eu sei que eles são cairhienos, mas nunca ouvi falar de uma coisa dessas.

— Em breve estaremos longe daqui, Hurin. — Rand esperava que aquilo fosse verdade. — Onde fica esse jardim? — Hurin virou em um corredor lateral que levava aos fundos da

mansão. — Você já trouxe Ingтар e os outros aqui embaixo?

O farejador negou com a cabeça.

— Lorde Ingтар se deixou encurralar por seis ou sete daquelas senhoras que se dizem damas. Não consegui chegar perto o bastante pra falar com ele. E Verin Sedai estava com Barthanes. Pelo olhar que ela me lançou quando cheguei perto, preferi nem tentar contar o que tinha acontecido.

Dobramos outro corredor, e lá estavam Loial e Mat. O Ogier precisava ficar um pouco curvado por causa do teto baixo.

O sorriso de Loial ia de orelha a orelha.

— Ah, aí está você! Nunca fiquei tão feliz em escapar de alguém quanto daquela gente lá em cima. Eles ficavam me perguntando se os Ogier voltariam, se Galldrian concordara em pagar o que devia. Parece que todos os construtores Ogier foram embora porque Galldrian parou de pagá-los, a não ser com promessas. Eu disse várias vezes que não sabia nada a respeito, mas metade pareceu achar que eu estava mentindo, e a outra metade, que eu estava insinuando alguma coisa.

— Logo iremos embora daqui — assegurou Rand. — Mat, você está bem? — O rosto do rapaz parecia ainda mais encovado do que ele se lembrava, mesmo na estalagem, e suas maçãs do rosto estavam mais proeminentes.

— Estou me sentindo bem — respondeu Mat, ranzinza —, mas certamente não tive problemas em deixar os *outros* serviçais. Os que não me perguntavam se você me deixava passar fome pensavam que eu estava doente, e aí não queriam chegar muito perto.

— Você sentiu a presença da adaga? — perguntou Rand.

Mat negou com a cabeça, carrancudo.

— A única coisa que senti foi que havia alguém me observando quase o tempo todo. Essa gente é tão ruim quanto os Desvanecidos, em matéria de espreitar. Que me queime! Meu coração quase saiu pela boca quando Hurin disse que tinha encontrado o rastro dos Amigos das Trevas. Rand, eu não consigo sentir nada, e procurei do porão ao sótão desse prédio maldito.

— Isso não significa que ela não está aqui, Mat. Eu a coloquei no baú junto com a Trombeta, lembra? Talvez isso o impeça de senti-la. Acho que Fain não sabe abrir o baú, ou não teria se dado ao trabalho de carregar aquele peso, mesmo quando fugiu de Fal Dara. Todo aquele ouro é insignificante perto da Trombeta de Valere. Quando a encontrarmos, também encontraremos a adaga. Você vai ver.

— Desde que eu não precise mais que fingir que sou seu serviçal... — resmungou Mat. — E desde que você não enlouqueça e... — Ele apertou os lábios e não terminou a frase.

— Rand não está louco, Mat — respondeu Loial. — Os cairhienos jamais o deixariam entrar aqui se ele não fosse um Lorde. Eles é que são os loucos.

— Eu não estou louco — retrucou Rand, ríspido. — Ainda não. Hurin, me mostre esse jardim.

— Por aqui, Lorde Rand.

Eles saíram para a noite, atravessando uma porta tão pequena que Rand precisou se curvar para passar, e Loial foi forçado a se agachar e encolher os ombros. Havia luz amarelada suficiente vindo das janelas acima para que Rand conseguisse divisar paredes de tijolos entre

os canteiros de flores quadrados. As sombras dos estábulos e de outros prédios próximos se confundiam na escuridão, dos dois lados. Fragmentos de música chegavam até ali, tanto vinda dos serviçais se divertindo, abaixo, quanto das pessoas que entretinham a nobreza, acima.

Hurin os guiou pelos rastros do jardim até não haver resquício nem mesmo da luz mais pálida, e eles precisavam da luz do luar para divisar o caminho, enquanto as botas raspavam suavemente nos tijolos. Os arbustos, que teriam parecidos exuberantes e cheios de flores à luz do dia, eram montes de formas estranhas no escuro. Rand mantinha mão na espada e não permitia que seus olhos se detivessem em qualquer ponto. Uma centena de Trollocs podia estar ao redor deles, sem ser vista. Ele sabia que Hurin teria sentido o cheiro dos Trollocs, se eles estivessem próximos, mas saber aquilo não era de muita ajuda. Se Barathanes era um Amigo das Trevas, então pelo menos alguns de seus serviçais e guardas também eram, e Hurin nem sempre conseguia farejá-los. Não seria muito melhor se os Amigos das Trevas saíssem das sombras, em vez dos Trollocs.

— Ali, Lorde Rand — sussurrou Hurin, apontando.

À frente, erguia-se um muro de pedra um pouco mais alto que a cabeça de Loial, formando um quadrado de no máximo cinquenta passos de lado. Rand não conseguia ter certeza no escuro, mas parecia que os jardins se estendiam além da construção. Perguntou-se por que Barathanes teria uma seção murada no meio do próprio jardim. Não se via qualquer telhado nas paredes. *Por que eles entrariam e ficariam ali?*

Loial se curvou para falar no ouvido de Rand.

— Eu disse a você que isso aqui já foi um bosque Ogier, um dia. Rand, o Portal dos Caminhos fica atrás desse muro. Eu posso sentir.

Rand ouviu Mat suspirar, perdendo as esperanças.

— Não podemos desistir, Mat — disse.

— Não estou desistindo. Só sou inteligente o bastante para não querer viajar outra vez pelos Caminhos.

— Pode ser que a gente precise fazer isso — retrucou Rand. — Vá atrás de Ingtar e Verin. Dê um jeito de falar com eles a sós, não importa como, e avise que acho que Fain fugiu por um Portal dos Caminhos com a Trombeta. Não deixe mais ninguém ouvir. E lembre-se de mancar: todos acham que você sofreu uma queda.

Ficava admirado por alguém se arriscar pelos caminhos, até mesmo Fain, mas aquela parecia ser a única resposta. *Eles não ficariam um dia e uma noite simplesmente sentados ali, a céu aberto.*

Mat curvou-se em uma grande reverência, e sua voz estava carregada de sarcasmo.

— Agora mesmo, milorde. Como quiser, milorde. Devo portar seu estandarte, milorde? — E foi na direção da mansão, até seus resmungos sumirem com a distância. — Agora eu tenho que mancar. Da próxima vez vai ser um pescoço quebrado, ou...

— Ele só está preocupado com a adaga, Rand. — comentou Loial.

— Eu sei — respondeu Rand. *Mas quanto falta até que ele diga a alguém o que sou, mesmo sem querer?* Não conseguia acreditar que Mat o trairia de propósito, achava que ainda havia amizade o suficiente entre eles pelo menos para isso. — Loial, preciso de um apoio para ver por cima do muro.

— Rand, se os Amigos das Trevas ainda estiverem...

— Não estão. Loial, me ajude aqui.

Os três se aproximaram do muro, e Loial se abaixou e juntou as mãos para sustentar o pé de Rand. O Ogier ficou em pé com facilidade, mesmo com o peso, e ergueu Rand apenas o suficiente para que ele olhasse por cima do muro.

A fina lua minguante não oferecia muita luz, e a maior parte da área estava mergulhada nas sombras, mas não parecia haver arbustos ou flores no interior do quadrado murado. Havia apenas um pálido banco de mármore, posicionado de forma a permitir que um homem se sentasse nele para observar o objeto que se erguia no centro do quadrado, parecendo uma enorme lápide.

Rand segurou o topo do muro e se alçou. Loial soltou um protesto abafado e tentou segurar seu pé, mas ele se soltou e passou por cima do muro, descendo do lado de dentro. A grama sob seus pés estava curta, e Rand pensou, vagamente, que Barathanes devia deixar pelo menos algumas ovelhas entrarem. Pôs-se a observar a placa de pedra sob as sombras, o Portal dos Caminhos, e se assustou ao ouvir o som de botas aterrissando no chão ao seu lado.

Hurin se levantou, espanando a poeira das roupas.

— O senhor deveria tomar mais cuidado quando fizer essas coisas, Lorde Rand. Qualquer um podia estar escondido aqui. Ou qualquer coisa. — Ele examinou a escuridão por entre os muros, tocando o cinturão como se buscasse a espada curta e a quebra-espada que tivera que deixar na estalagem, uma vez que serviçais não andavam armados em Cairhien. — Se pular num buraco sem olhar primeiro, sempre encontrará uma cobra.

— Você teria sentido o cheiro deles — retrucou Rand.

— Talvez. — O farejador inspirou profundamente. — Mas só posso sentir o que eles já fizeram, não o que pretendem fazer.

Rand ouviu o som de algo raspando no muro acima de sua cabeça, e logo em seguida avistou Loial, pendurado do lado de dentro. O Ogier sequer precisou esticar os braços para encostar as botas no chão.

— Impulsivos — resmungou. — Vocês, humanos, são sempre tão impulsivos e apressados... E agora você me fez agir da mesma forma. O Ancião Haman usaria seu tom de voz mais severo comigo, e minha mãe... — A escuridão escondia o rosto de Loial, mas Rand tinha certeza de que as orelhas do Ogier tremelicavam bruscamente. — Rand, se você não começar a ser pelo menos um pouco cuidadoso, vai me causar problemas.

Rand foi até o Portal dos Caminhos e andou ao redor dele. Mesmo de perto, aquilo não parecia mais do que um espesso quadrado de pedra um pouco mais alto que ele, que passou a mão sobre a pedra bem depressa, mas notou que a parte de trás era lisa e fria ao toque, enquanto a frente fora esculpida pelas mãos de um artista. Vinhas, folhas e flores cobriam a superfície, cada uma tão bem-feita que quase pareciam reais à luz fraca do luar. Rand tateou o chão à frente do Portal: parte da grama fora arrancada, formando dois arcos, como os que o Portal faria ao abrir.

— Isso é um Portal dos Caminhos? — perguntou Hurin, hesitante. — Já ouvi falar deles, é claro, mas... — Ele farejou o ar. — O rastro vai direto até ele e para, Lorde Rand. Como vamos seguir os Amigos das Trevas agora? Ouvi falar que quem entra em um Portal dos

Caminhos sai louco, isso quando sai.

— Dá para atravessar o Portal, Hurin. Eu já fiz isso, e também Loial, Mat e Perrin. — Rand não desviou os olhos do emaranhado de folhas gravado na pedra. Uma delas era diferente das outras, ele sabia. Encontrou a folha de três pontas da lendária *Avendesora*, a Árvore da Vida, e a tocou. — Aposto que você consegue seguir o rastro deles pelos Caminhos. Podemos segui-los para onde quer que tenham ido. — Não haveria mal em provar a si mesmo que conseguia se forçar a atravessar o Portal. — Espere, eu vou mostrar.

Ele ouviu Hurin gemer. A folha estava esculpida na pedra igual a todas as outras, mas ele conseguiu pegá-la. Loial também gemeu.

Por um segundo, o enfeite de pedras deu a impressão de ser feito de plantas vivas. As folhas pareceram ter sido agitadas por uma brisa, e as flores pareceram ganhar cor, mesmo no escuro. No centro da figura surgiu uma linha, e as duas metades da placa de pedra se abriram bem devagar, na direção de Rand. Ele recuou para deixá-las se abrirem por completo. O que apareceu no espaço entre as placas não era o outro lado do quadrado murado, mas também não era o reflexo prateado e opaco que Rand lembrava. Em vez disso, o que se via era uma paisagem negra, tão escura que parecia tornar a noite ao redor um pouco mais clara. O breu avançou devagar por entre os portões, que ainda se abriam.

Rand pulou para trás com um grito e acabou derrubando a folha de *Avendesora*. Loial gritou: — *Machin Shin!* O Vento Negro!

O som do vento encheu seus ouvidos. A grama balançou, e a poeira no chão começou a subir. O vento parecia carregar os gritos de mil vozes insanas. Dez mil, sobrepondo-se, sufocando umas às outras. Rand conseguia distinguir algumas delas, embora tentasse não fazê-lo.

... *sangue tão doce, tão doce beber o sangue, o sangue que pinga, pinga, pinga tão vermelho. Olhos bonitos, muito bonitos, eu não tenho olhos, arrancar os olhos da sua cabeça. Moer seus ossos, quebrar seus ossos dentro da carne, sugar o tutano enquanto você grita. Grita, grita, gritos cantantes, cante seus gritos...* E, pior que todas as vozes, um sussurro no meio de tudo o mais: *Al'Thor. Al'Thor. Al'Thor.*

Rand se envolveu com o vazio e o abraçou, sem se importar com o brilho torturante e nauseante de *saidin* logo no canto dos olhos. O maior de todos os perigos dos Caminhos era o Vento Negro, que roubava a alma dos que matava e enlouquecia os que deixava viver. *Machin Shin* era parte dos Caminhos, não era capaz de atravessar os Portais. Mas ali estava ele, soprando noite adentro, e o Vento Negro chamava seu nome.

O Portal dos Caminhos ainda não estava totalmente aberto. Se conseguissem colocar a folha de *Avendesora* de volta... Rand viu Loial engatinhando, à procura, tateando a grama na escuridão.

Saidin o preencheu. Rand sentiu como se seu ossos estivessem vibrando, sentiu o fluxo calcinante e gélido do Poder Único, sentiu-se verdadeiramente vivo, como jamais se sentira sem aquilo, sentiu a mácula oleosa... *Não!* Ele gritou uma resposta para si mesmo, dentro de sua cabeça, sem fazer barulho: *Aquilo está vindo atrás de você! E vai matar todos nós!* Ele investiu com tudo contra o volume negro, que já se arrastava uma braça à frente do Portal. Não sabia o que usava para investir, nem como o fazia, mas uma fonte radiante de luz nasceu no coração daquelas trevas.

O Vento Negro guinchou, agonizando em dez mil uivos sem palavras. Lentamente, cedendo palmo a palmo, relutante, a escuridão retrocedeu. O avanço se reverteu aos poucos, de volta para o Portal ainda aberto.

O Poder corria por Rand como uma torrente. Ele sentia sua ligação com *saidin*, que era como um rio transbordando. Sentia a conexão entre ele e o fogo puro que ardia no coração do Vento Negro, uma catarata em fúria. O calor dentro dele era calcinante, mais do que isso, era capaz de derreter pedras, vaporizar aço e fazer até mesmo o ar irromper em chamas. O frio aumentou até que o ar em seus pulmões já devesse estar congelado, duro e sólido como metal. Sentia que aquilo o oprimia, sentia a vida sendo desmanchada aos poucos, como a terra macia nas margens de um rio, sentia a essência de seu ser sendo consumida.

Não posso parar! Se aquilo sair... Preciso matá-lo! Eu... não... posso... parar! Desesperado, ele se agarrou a fragmentos de si mesmo. O Poder Único atravessava-o, rugindo, e ele o navegava como um tronco solto em uma corredeira. O vazio começou a derreter e transbordar, começou a fumar com o frio congelante.

O Portal dos Caminhos parou e começou a se fechar.

Rand observou aquilo, certo, em seus pensamentos vagos, que flutuavam para fora do vazio, de que estava apenas vendo o que queria ver.

Os portões se aproximaram mais um do outro, empurrando *Machin Shin* de volta como se o Vento Negro fosse sólido. O inferno ainda rugia lá dentro.

Tentando entender o que acontecia, com a mente vaga e distante, Rand assistiu a Loial, ainda engatinhando, afastar-se dos portões que se fechavam.

A fenda foi diminuindo até sumir. As folhas e vinhas se fundiram em uma parede sólida, que virou pedra.

Rand sentiu a ligação entre ele e o fogo se romper, sentiu cessar o fluxo do Poder que o atravessava. Mais um instante, e ele teria sido completamente arrebatado. Tremendo, caiu de joelhos. Aquilo estava lá, dentro dele. *Saidin*. Não fluía mais, mas estava ali, em um reservatório. Ele era um reservatório do Poder Único. Vibrava com aquilo. Conseguia sentir o cheiro da grama, a terra abaixo, a pedra dos muros. Mesmo no escuro, via cada folha de grama, sozinha e em conjunto com as outras, todas elas ao mesmo tempo. Conseguia sentir cada minúscula movimentação do ar em seu rosto. Sentia na língua o gosto azedo da mácula, e seu estômago embrulhado sofria espasmos.

Ele se debateu freneticamente, tentando sair do vazio. Ainda de joelhos, sem se mover, lutou para se libertar. E então tudo o que restava era aquela impureza se desmanchando em sua língua, o embrulho em seu estômago, e a lembrança. *Tão... vivo*.

— Você nos salvou, Construtor. — Hurin estava com as costas contra o muro, e sua voz saiu rouca. — Aquela coisa... aquilo era o Vento Negro?... Era pior do que... E ia tacer aquele fogo na gente? Lorde Rand! Aquilo feriu o senhor? Aquele negócio encostou em você?

Ele foi correndo até Rand, que tentava se levantava, ajudando-o. Loial também estava se levantando, limpando as mãos e os joelhos.

— Nunca conseguiremos seguir Fain por ali. — Rand tocou o braço de Loial. Obrigado. Você nos salvou *mesmo*. — *Você me salvou, pelo menos. Aquilo estava me matando. Estava me matando, e foi... maravilhoso...* Ele engoliu em seco. Ainda havia um leve vestígio do

gosto da mácula em sua boca. — Quero beber alguma coisa.

— Eu só encontrei a folha e a coloquei no lugar — respondeu Loial, dando de ombros. — Parecia que o Vento ia nos matar se não conseguíssemos fechar o Portal. Temo não ser um herói muito bom, Rand. Estava com tanto medo que mal conseguia pensar.

— Nós dois estávamos com medo — retrucou Rand. — Podemos até ser um péssimo par de heróis, mas é o que temos. É bom que Ingtar continue conosco.

— Lorde Rand — perguntou Hurin, hesitante —, será que a gente pode... ir embora agora?

O farejador fez um escarcéu, pois não queria deixar Rand pular o muro primeiro, não sem saberem quem os esperava do outro lado. Até que o rapaz lembrou que, dos três, era o único armado. Mesmo assim, Hurin não pareceu feliz em deixar Loial erguer Rand.

Rand caiu de pé, com um baque, passando a examinar a noite com os olhos e ouvidos. Por um instante, teve a impressão de ter visto algo se mover e pensou ter ouvido o som de passos no calçamento de tijolos, mas nada daquilo se repetiu, e ele achou que o nervosismo o estivesse fazendo imaginar tudo. Achava que tinha o direito de estar nervoso. Virou-se para ajudar Hurin a descer.

— Lorde Rand — começou Hurin, assim que pôs os pés no chão —, como a gente vai seguir os Amigos das Trevas agora? Pelo que ouvi sobre essas coisas, a essa altura eles já devem estar a meio mundo daqui, em qualquer lugar.

— Verin vai saber como. — De repente, Rand sentiu vontade de rir: para encontrar a Trombeta e a adaga, se é que elas ainda podiam ser encontradas, ele precisava voltar para o lado das Aes Sedai. Elas o haviam libertado, e agora ele precisava voltar. — Não deixarei Mat morrer sem tentar.

Loial se juntou a eles, e os três retornaram à mansão. Foram recebidos por Mat, que abriu a portinhola bem na hora que Rand levava a mão à maçaneta.

— Verin disse que não é para você fazer nada. Disse que, se Hurin descobriu onde está a Trombeta, é tudo o que podemos fazer por enquanto. E também disse que partiremos assim que você voltar e bolaremos um plano. E estou dizendo que essa é a última vez que eu corro de um lado para outro levando recados. Se quiser dizer alguma coisa a alguém, pode falar você mesmo, daqui para a frente. — Mat olhou para trás deles, analisando a escuridão. — A Trombeta está em algum lugar lá fora? Em outro prédio? Você viu a adaga?

Rand o fez virar e voltar para dentro.

— Não está em nenhum prédio, Mat. Espero que Verin tenha uma boa ideia do que fazer agora, porque eu não tenho nenhuma.

Mat parecia querer fazer perguntas, mas se deixou empurrar pelo corredor mal iluminado. E até se lembrou de mancar quando chegaram ao andar de cima.

Quando Rand e os outros entraram mais uma vez nos salões cheios de nobres, receberam numerosos olhares. Rand se perguntou se, de alguma forma, todos sabiam sobre o que acontecera lá fora ou se deveria ter mandado Hurin e Mat esperarem no salão da frente. Até que percebeu que os olhares não eram diferentes dos de antes, curiosos e calculistas, imaginando o que o lorde e o Ogier estiveram tramando. Os serviçais eram invisíveis para aquelas pessoas. Ninguém tentou se aproximar deles, já que estavam juntos. Parecia haver protocolos conspiratórios no Grande Jogo: qualquer um podia tentar ouvir uma conversa particular, mas não podia se intrometer.

Verin e Ingтар estavam juntos, e, portanto, sozinhos. Ingтар parecia um pouco atordoado. Verin olhou para Rand e os outros três de relance, franziu a testa ao perceber suas expressões, ajeitou o xale e foi em direção ao salão de entrada.

Barthanes apareceu assim que entraram no aposento, como se alguém tivesse avisado que o grupo estava de partida.

— Vão embora tão cedo? Verin Sedai, não consigo persuadi-la a ficar um pouco mais?

Verin negou com a cabeça.

— Precisamos ir, Lorde Barthanes. Não venho a Cairhien há anos. Fiquei feliz por seu convite ao jovem Rand. Foi... interessante.

— Então que a Graça a leve em segurança à estalagem. A Grande Árvore, não é? Quem sabe vocês não me honram com suas presenças outra vez? Você me honraria, Verin Sedai, assim como você, Lorde Rand, e você, Lorde Ingтар. Sem mencionar você, Loial, filho de Arent, filho de Halan. — Sua reverência foi um pouco mais profunda para a Aes Sedai do que para os outros, mas mesmo assim não foi mais que uma leve inclinação da cabeça.

Verin assentiu.

— Quem sabe. Que a Luz o ilumine, Lorde Barthanes. — Ela se virou para a porta.

Quando Rand se moveu para seguir os outros, Barthanes segurou a manga de sua camisa com dois dedos, detendo-o. Mat fez menção de ficar também, mas Hurin o puxou para junto de Verin e dos demais.

— Você joga o Grande Jogo em um nível mais profundo do que eu imaginava — começou Barthanes, em voz baixa. — Quando ouvi seu nome, não consegui acreditar. Ainda assim você veio e se encaixa na descrição, e... Recebi uma mensagem para você. Acho que vou repassá-la, no fim das contas.

Rand sentira um calafrio enquanto Barthanes falava, mas a última frase o fez encarar o lorde.

— Uma mensagem? De quem? Lady Selene?

— De um homem. Não o tipo de homem para o qual eu normalmente levaria recados, mas ele sabe... alguns... segredos meus, de maneira que não posso ignorá-lo. Não me disse o nome, mas era lugaderno. Ah, você o conhece.

— Conheço. — *Fain deixou uma mensagem?* Rand examinou o grande salão ao redor. Mat, Verin e os outros esperavam perto da porta. Serviçais de libré aguardavam, rijos, ao longo das paredes, prontos para saltar à primeira ordem, mas parecendo não ver nem ouvir o que se passava. Os sons da festa chegavam até ele, vindos do interior da mansão. Não parecia um lugar propício a ataques de Amigos das Trevas. — Que mensagem?

— Ele diz que esperará por você na Ponta de Toman. Ele tem o que você procura, e, se quiser de volta, terá que segui-lo. Caso você se recuse, ele diz que caçará seu sangue, sua gente e os que você ama até que você o enfrente. Parece loucura, claro, um homem como aquele dizendo que vai caçar um lorde. Mas há algo estranho nele. Acho que ele é *mesmo* louco. Chegou a negar que você fosse um lorde, mesmo quando qualquer um pode ver a verdade... Mas ainda tinha alguma coisa. O que é que ele leva consigo, que precisa de Trollocs para guardar? O que é que você procura? — Barthanes parecia chocado com a franqueza das próprias perguntas.

— Que a luz o ilumine, Lorde Barthanes. — Rand conseguiu fazer uma reverência, mas

estava com as pernas tremendo quando se juntou a Verin e aos demais. *Ele quer que eu o siga? E vai ferir as pessoas do Campo de Emond e Tam, se eu não o seguir.* Não tinha dúvidas de que Fain poderia fazê-lo e de que o faria. *Pelo menos Egwene está a salvo na Torre Branca.* Teve visões nauseantes de hordas de Trollocs marchando sobre Campo de Emond, de Desvanecidos sem olhos espreitando Egwene. *Mas como segui-lo? Como?*

Percebeu que já estava do lado de fora, montando Vermelho. Verin, Ingtar e os outros estavam em seus cavalos, e a escolta de shienaranos se agrupava ao redor deles.

— O que você descobriu? — exigiu saber Verin. — Onde ela está?

Hurin pigarreou alto, e Loial se remexeu na sela alta. A Aes Sedai os fitou.

— Fain usou um Portal dos Caminhos para levar a Trombeta até a Ponta de Toman — respondeu Rand, apático. — A esta altura ele já deve estar lá me esperando.

— Falaremos disso mais tarde — respondeu Verin, com tanta firmeza que ninguém mais conversou no caminho de volta à Grande Árvore.

Uno os deixou, depois de uma ordem discreta de Ingtar, levando os soldados de volta para a estalagem em Portão da Frente. Hurin precisou apenas olhar o rosto decidido de Verin, à luz do salão, para murmurar alguma coisa sobre tomar uma cerveja e recolher-se a uma mesa em um canto, sozinho. A Aes Sedai dispensou os cumprimentos solícitos da estalajadeira que esperava que ela tivesse se divertido e, em silêncio, levou Rand e os demais à sala de jantar reservada.

Perrin ergueu os olhos de *As Jornadas de Jain, o Viajante* quando eles entraram e franziu a testa ao notar suas expressões.

— Acho que não deu muito certo, não é? — perguntou, fechando o livro encadernado em couro.

Lampiões e velas espalhados pela sala iluminavam bem o ambiente. Madame Tiedra cobrava caro, mas não economizava.

Verin dobrou o xale com muito cuidado e o pendurou no espaldar de uma cadeira.

— Conte outra vez. Os Amigos das Trevas levaram a Trombeta por um *Portal dos Caminhos*? Na mansão de Barthanes?

— O terreno da mansão já foi um bosque Ogier — explicou Loial. — Quando construímos... — As palavras se perderam em sua boca, e suas orelhas baixaram sob o olhar da Aes Sedai.

— Hurin os seguiu direto até o Portal. — Rand se jogou, cansado, em uma cadeira. *Agora, mais do que nunca, preciso seguir Fain. Mas como?* — Eu o abri, para mostrar a ele que ainda podíamos seguir a trilha não importava onde fossem, e o Vento Negro estava lá e tentou nos alcançar. Loial conseguiu fechar o Portal antes que aquilo se libertasse completamente. — Ele ruborizou um pouco na última parte, mas *era verdade*: Loial fechara o Portal. Até onde sabia, *Machin Shin* poderia ter se libertado se o Ogier não tivesse agido. — O Vento estava de guarda.

— O Vento Negro — Mat suspirou, parando a meio caminho de uma cadeira.

Perrin também fitava Rand, assim como Verin e Ingtar. Mat caiu na cadeira com um estrondo.

— Você deve estar enganado — respondeu Verin, por fim. — *Machin Shin* não poderia ser usado como guarda. Ninguém pode forçar o Vento Negro a fazer o que quer que seja.

— Aquilo é uma coisa do Tenebroso — retrucou Mat, entorpecido. — E eles são os Amigos

das Trevas. Talvez saibam como pedir a ajuda dele ou fazê-lo ajudar.

— Ninguém sabe bem o que é *Machin Shin* — respondeu Verin —, a não ser, talvez, que é a essência da loucura e da crueldade. Não se pode argumentar com ele, Mat, nem negociar nem falar. Ele não pode sequer ser forçado a fazer algo. Nenhuma Aes Sedai viva conseguiria, e talvez nem mesmo qualquer uma que já tenha vivido. Você realmente acha que Padan Fain conseguiria fazer o que dez Aes Sedai não conseguem?

Mat negou com a cabeça.

Um clima de desesperança pairava na sala, um ar de fracasso. Agora que o objetivo desaparecera, até mesmo Verin tinha uma expressão hesitante.

— Nunca imaginei que Fain teria a coragem necessária para se aventurar pelos Caminhos. — Ingtar parecia quase sereno, mas socou a parede de repente. — Não me importa como, ou mesmo se, mas sei que *Machin Shin* trabalha a favor de Fain. Eles levaram a Trombeta de Valere pelos Caminhos, Aes Sedai. A esta altura já podem estar na Praga, a meio caminho de Tear ou Tanchico, ou do outro lado do Deserto Aiel. A Trombeta está perdida. Eu estou perdido. — Ele deixou as mãos caírem junto ao corpo, e seus ombros se curvaram. — Estou perdido.

— Fain está levando a Trombeta para a Ponta de Toman — disse Rand, tornando-se outra vez o centro das atenções.

Verin o estudou com um olhar de desconfiança.

— Você disse isso antes. Como sabe?

— Ele deixou uma mensagem com Barathanes — respondeu Rand.

— Um truque — disse Ingtar, com desdém. — Ele não nos diria para onde segui-lo.

— Não sei o que o resto de vocês planeja fazer — interrompeu-o Rand —, mas eu vou para a Ponta de Toman. Preciso ir. Parto com a primeira luz do dia.

— Mas Rand — retrucou Loial —, levaremos meses para chegar à Ponta de Toman. O que o faz pensar que Fain nos esperará por lá?

— Ele vai esperar. — *Mas quanto tempo vai levar para pensar que eu não estou a caminho? Por que ele deixou aquilo de guarda se queria que eu seguisse?* — Loial, pretendo cavalgar o mais rápido que puder, e, se Vermelho morrer, comprarei outro cavalo, ou roubarei um, se for preciso. Tem certeza de que quer vir comigo?

— Fiquei com você esse tempo todo, Rand. Por que o abandonaria agora? — Loial puxou o cachimbo e a bolsa e começou a encher a cuia de tabaco. — Sabe, eu gosto de você. E gostaria de você mesmo que não fosse *ta'veren*. Talvez eu goste de você apesar disso. Várias vezes até parece que você me deixa até o pescoço em água fervente. De qualquer forma, eu vou junto. — Ele sugou o pito para testar, então pegou um palito de um jarro de pedra sobre a lareira e o mergulhou na chama de uma vela, para acender o cachimbo. — E acho que você não pode me impedir.

— Bem, eu vou — acrescentou Mat. — Fain ainda está com a adaga, então eu vou. Mas essa história de serviçal acaba hoje.

Perrin suspirou, com uma expressão pensativa nos olhos amarelos.

— Acho que também vou. — Depois de um momento, sorriu. — Alguém precisa manter o Mat longe de problemas.

— E nem foi um truque inteligente — murmurou Ingtar. — Vou dar um jeito de me encontrar a sós com Barathanes, então descobrirei a verdade. Meu objetivo é recuperar a Trombeta de Valere, não perseguir uma história furada.

— Pode não ser um truque — sugeriu Verin, medindo as palavras. — Havia certas coisas deixadas nas masmorras de Fal Dara, alguns escritos, que indicavam uma conexão entre o que aconteceu naquela noite e... — Ela olhou de relance para Rand, com as sobrancelhas franzidas —... a Ponta de Toman. E acredito que encontraremos a Trombeta lá.

— Mesmo que estejam indo para a Ponta de Toman — retrucou Ingtar —, Fain ou algum outro Amigos das Trevas pode já ter tocado a Trombeta cem vezes quando chegarmos lá, e os heróis que voltarem do túmulo lutarão ao lado da Sombra.

— Fain poderia ter tocado a Trombeta cem vezes desde que saiu de Fal Dara — respondeu Verin. — E eu acho que teria, se soubesse abrir o baú. Precisamos nos preocupar é com ele encontrar alguém que saiba. Precisamos segui-lo pelos Caminhos.

A cabeça de Perrin se ergueu abruptamente, e Mat se mexeu na cadeira. Loial soltou um gemido baixinho.

— Mesmo que conseguíssemos dar um jeito de passar pelos guardas de Barathanes — disse Rand —, acho que ainda encontraríamos Machin Shin lá. Não podemos usar os Caminhos.

— E quantos de nós conseguiriam entrar despercebidos no terreno de Barathanes? — perguntou Verin, descartando a hipótese. — Há outros Portais dos Caminhos. O Pouso Tsofu não fica muito longe da cidade, para o sul e para o leste. É um *pouso* jovem, foi redescoberto há, talvez, seiscentos anos, mas os anciões Ogier ainda cultivavam Portais dos Caminhos naquela época. Então o Pouso Tsofu deve ter um Portal. Ele está lá, e partiremos à primeira luz da manhã.

Loial soltou um gemido um pouco mais alto, e Rand não soube dizer se era por causa do Portal dos Caminhos ou do *pouso*.

Ingtar ainda não parecia convencido, mas Verin era suave e implacável como neve deslizando pela montanha.

— Ordene que seus soldados fiquem prontos para partir, Ingtar. Mande Hurin informar Uno antes que ele vá para a cama. E acho que deveríamos todos dormir o mais cedo possível. Esses Amigos das Trevas ganharam pelo menos um dia de vantagem, e eu pretendo diminuir a diferença amanhã.

A Aes Sedai rechonchuda era tão firme que já estava empurrando Ingtar pela porta antes mesmo de terminar de falar.

Rand seguiu os outros para fora, mas parou ao lado da Aes Sedai, quando chegou à porta, e observou Mat seguir pelo corredor à luz das velas.

— Por que ele está com essa aparência? — perguntou. — Achei que você o tivesse Curado, pelo menos para ele ainda ter algum tempo.

Ela esperou que Mat e os outros virassem na escada e subissem, antes de falar:

— Parece que isso não funcionou tão bem nele quanto esperávamos. A doença tomou um rumo interessante nele. Sua força permanece, e acho que ele a manterá até o fim. Mas seu corpo está se desgastando. Diria que ele tem mais algumas semanas, no máximo. Está vendo? Há motivo para nos apressarmos.

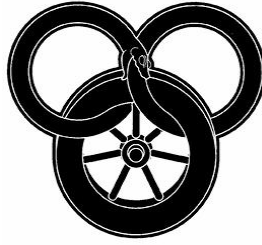
— Não preciso de outro empurrão, Aes Sedai — respondeu Rand, fazendo o título soar duro. *Mat. A Trombeta. A ameaça de Fain. Luz, até Egwene! Que me queime, eu não preciso de outro empurrão.*

— E você, Rand al'Thor? Sente-se bem? Ainda resiste ou se rendeu à Roda?

— Vou com você em busca da Trombeta — respondeu. — Além disso, não há nada entre eu e qualquer Aes Sedai. Está me entendendo? Nada!

Ela não respondeu, e ele se afastou. Mas, quando se virou para subir a escada, viu que ela ainda o observava, com os olhos escuros aguçados e pensativos.





A Roda Tece

A primeira luz da manhã já cobria o céu de uma luz perolada quando Thom Merrillin voltou à estalagem Cacho de Uvas, quase se arrastando. Mesmo nos lugares com maior concentração de casas de espetáculos e tavernas, havia um breve momento em que Portão da Frente ficava silenciosa, como se tomasse fôlego. Mas, no seu presente estado de espírito, Thom sequer notaria se a rua vazia estivesse em chamas.

Alguns dos convidados de Barthanes insistiram em mantê-lo lá muito depois de a maioria ter ido embora, bem depois de Barthanes ter se retirado para seus aposentos. Fora sua própria culpa, pois deixara de lado a *Grande Caçada à Trombeta*, decidindo em vez disso recitar e cantar as mesmas histórias e canções que apresentava nas aldeias. *Mara e o Três Reis Tolos*, *Como Susa Domou Jain*, *o Viajante*, e histórias de Anla, a Sábia Conselheira. A intenção fora debochar da estupidez da plateia, sem sequer imaginar que qualquer pessoa ali fosse ouvi-lo, quanto mais ficar intrigada. É, podia-se dizer que ficaram intrigados. Pediram que continuasse, mas riram nos momentos errados e das coisas erradas. Também riram dele, aparentemente achando que ele não perceberia, ou que a bolsa de dinheiro cheia, enfiada em seu bolso, curaria quaisquer feridas. Thom já chegara perto de jogá-la fora duas vezes.

A bolsa pesada que ardia em seu bolso e feria seu orgulho não era o único motivo para seu mau humor, nem o desprezo dos nobres. Eles haviam feito perguntas sobre Rand, sem sequer se preocuparem em ser sutis com um mero menestrel. Por que Rand estava em Cairhien? Por que um lorde andoriano falara em particular com ele, um menestrel? Perguntas demais. E Thom não sabia ao certo se suas respostas haviam sido sagazes o suficiente. Estava um pouco enferrujado no Grande Jogo.

Antes de seguir para a Cacho de Uvas, o menestrel fora até a Grande Árvore. Não era difícil descobrir onde alguém estava hospedado em Cairhien, se estivesse disposto a distribuir um pouco de prata. Ele ainda não sabia o que havia pretendido dizer. Rand partira, junto com seus amigos e a Aes Sedai. Aquilo o deixara com a sensação de uma tarefa incompleta. *O garoto está por conta própria agora. Que me queime, estou fora dessa!*

Ele atravessou o salão da estalagem, vazio como em poucos momentos, e subiu a escada de dois em dois degraus. Pelo menos, foi o que tentou fazer: sua perna direita não dobrava muito bem, e ele quase caiu. Resmungando baixinho, terminou de subir em um ritmo mais lento e

abriu a porta do quarto delicadamente, para não acordar Dena.

Não conseguiu deixar de sorrir ao vê-la deitada na cama, com o rosto voltado para a parede, ainda de vestido. *Dormiu esperando por mim, essa menina tola.* Mas foi um pensamento terno. Thom não conseguia pensar em algo que ela pudesse fazer que ele não fosse perdoar ou explicar. Resolvendo em um impulso que aquela seria a noite em que a deixaria se apresentar pela primeira vez, colocou o estojo da harpa no chão e tocou o ombro dela com uma das mãos, para acordá-la e dar a notícia.

Ela rolou, inerte, fitando-o com os olhos vidrados, sua garganta cortada. O lado da cama que estivera oculto por seu corpo estava escuro e encharcado.

O estômago de Thom ficou embrulhado. Se não tivesse um nó na garganta impedindo-o de respirar, teria vomitado. Ou gritado. Ou as duas coisas.

Teve como aviso apenas o ranger das portas do armário. Virou-se, com as facas já saindo das mangas e deixando suas mãos em um só movimento. A primeira lâmina acertou a garganta de um homem gordo e careca que empunhava uma adaga. O estranho cambaleou para trás, com o sangue escorrendo por entres os dedos que tateavam a faca enquanto ele tentava gritar.

Girar apoiado na perna ruim o atrapalhou quando lançou a segunda faca: a lâmina se cravou no ombro direito de um homem muito musculoso, com cicatrizes no rosto, que saía do outro guarda-roupa. A faca do grandalhão escorregou de sua mão, que de repente não queria mais obedecê-lo, e ele partiu desesperado em direção à porta.

Antes que o homem conseguisse dar o segundo passo, Thom puxou outra faca e acertou a parte de trás de sua perna. O homem gritou e tropeçou, e Thom agarrou um punhado de cabelo oleoso, batendo a cabeça do outro na parede ao lado da porta com toda a força. O homem gritou mais uma vez, quando o cabo da faca em seu ombro bateu na porta.

Thom segurou a faca em sua mão a dois dedos do olho do desconhecido. As cicatrizes lhe davam uma aparência dura, mas ele encarava a ponta, sem piscar, e não movia um músculo. O gordo, que jazia com metade do corpo dentro do armário, soltou um último espasmo e ficou imóvel.

— Antes de eu matar você — começou Thom —, me diga o motivo. — Sua voz estava calma, entorpecida. Ele se sentia entorpecido por dentro.

— O Grande Jogo — respondeu o homem, mais do que depressa. Seu sotaque era das ruas, assim como as roupas, mas elas eram um pouco mais elegantes do que o normal, novas demais: aquele homem tinha mais dinheiro para gastar do que alguém de Portão da Frente deveria ter. — Não é nada pessoal, entende? É só o Jogo.

— O Jogo? Não estou metido em *Daes Dae'mar*! Quem iria querer me matar por causa do Grande Jogo? — O homem hesitou. Thom aproximou a faca ainda mais. Se o sujeito piscasse, seus cílios a tocariam. — Quem?

— Barthanes. — Foi a resposta, rouca. — Lorde Barthanes. Mas não íamos matar você. Barthanes quer informações. Só queríamos descobrir o que você sabe. Pode ter ouro nessa, para você. Uma boa coroa gorda de ouro pelo que você sabe. Talvez duas.

— Mentiroso! Estive na mansão de Barthanes ontem à noite, e fiquei tão perto dele quanto estou de você. Se ele quisesse qualquer coisa comigo, eu jamais teria saído vivo de lá.

— Estou dizendo, há dias estamos procurando por você ou por qualquer um que saiba alguma coisa sobre esse lorde andoriano. Nunca tinha ouvido seu nome até ontem à noite, ali

embaixo. Lorde Barathanes é generoso. Quem sabe cinco coroas.

O homem tentou afastar a cabeça da faca na mão de Thom, que o empurrou mais forte contra a porta.

— Que lorde andoriano? — Mas ele sabia. Que a luz o ajudasse, ele sabia.

— Rand, da Casa al'Thor. Alto. Jovem. E um mestre espadachim, ou que pelo menos usa a espada de um. Eu sei que ele veio vê-lo, ele e um Ogier, e que vocês conversaram. Me diga o que sabe. Posso até lhe dar uma coroa ou duas eu mesmo.

— Seu idiota — bufou Thom. — *Dena morreu por isso? Ah, Luz, ela está morta...* Sentiu vontade de chorar. — O garoto é um pastor. — *Um pastor usando um casaco chique, com Aes Sedai em volta dele como abelhas em uma rosa-de-mel.* — Só um pastor. — Ele segurou o cabelo do homem ainda mais forte.

— Espere! Espere! Você pode ganhar mais de cinco coroas, até mesmo dez. Cem, é mais provável. Todas as casas querem informações sobre esse Rand al'Thor. Duas ou três já falaram comigo. Se juntarmos o que você sabe com o meu conhecimento de quem quer saber, podemos os dois encher os bolsos. E tinha uma mulher, uma lady que eu vi mais de um vez enquanto perguntava por ele. Se conseguirmos descobrir quem ela é... Ora, podemos vender essa informação também.

— Você cometeu um grande erro — comentou Thom.

— Erro? — O homem começou a baixar a mão esquerda em direção ao cinturão. Sem dúvida havia outra adaga ali. Thom o ignorou.

— Você não devia ter tocado na garota.

O homem moveu-se depressa, tentando alcançar o cinturão, mas teve um espasmo quando a faca de Thom atingiu o alvo.

O menestrel deixou o corpo cair longe da porta e ficou parado um momento antes de se abaixar, cansado, para recolher as facas. A porta abriu com um estrondo, e ele se virou, rosando.

Zera recuou, levando uma das mãos ao pescoço, e olhou para ele.

— Aquela tola da Ella acaba de me contar — começou, vacilante — que dois homens a serviço de Barathanes estiveram aqui ontem à noite, perguntando por você. Juntando isso com o que ouvi essa manhã... Achei que você tivesse me dito que estava fora do Jogo.

— Eles me encontraram — retrucou, abatido.

Os olhos dela se desviaram de seu rosto e se arregalaram ao registrarem os corpos dos dois homens. Ela entrou no quarto, apressada, fechando a porta.

— Isso é péssimo, Thom. Você vai precisar ir embora de Cairhien. — Seu olhar se deteve na cama, e ela perdeu o fôlego. — Ah, não!... Ah, não... Ah, Thom... Eu sinto muito...

— Não posso ir embora ainda, Zera. — Ele hesitou, então, em um gesto carinhoso, colocou um lençol sobre Dena, cobrindo-lhe o rosto. — Tenho que matar outro homem primeiro.

A estalajadeira se recompôs e desviou o olhar da cama. Ela estava ofegante.

— Se está falando de Barathanes, é tarde demais. Todo mundo já está comentando. Ele morreu. Os serviçais acharam o corpo esta manhã, esquartejado em seus aposentos pessoais. Só souberam que era ele porque a cabeça estava enfiada em uma estaca acima da lareira. — Ela tocou o braço do menestrel. — Thom, você não vai conseguir esconder que esteve lá

ontem à noite, não se alguém realmente quisesse saber. E, com mais esses dois mortos, ninguém em Cairhien vai acreditar que você não estava envolvido. — Havia um leve tom inquisitivo nas palavras dela, como se também considerasse aquilo.

— Acho que não importa — respondeu ele, apático. Não conseguia parar de olhar para a forma na cama. — Talvez eu volte para Andor. Para Caemlyn.

Ela o segurou pelos ombros, virando-o de costas para a cama.

— Vocês, homens... — suspirou. — Sempre pensando com os músculos ou com o coração, nunca com a cabeça. Caemlyn é tão ruim quanto Cairhien, para você. Em qualquer uma delas vai acabar morto ou preso. Acha que é isso que ela ia querer? Se quer honrar a memória dela, continue vivo.

— Você pode cuidar do... — Ele não conseguiu dizer. *Ficando velho*, pensou. *Amolecendo*. Ele tirou a bolsa pesada do bolso e a colocou nas mãos dela. — Isso deve ser o suficiente... para tudo. E também deve ajudar quando começarem a perguntar por mim.

— Vou cuidar de tudo — respondeu ela, gentil. — Você precisa ir, Thom. Agora.

Ele assentiu, relutante. Bem devagar, começou a enfiar pertences em um conjunto de alforjes. Enquanto ele cuidava disso, Zera examinou pela primeira vez o gordo com metade do corpo dentro do armário, então ofegou alto. Thom olhou para ela, intrigado: desde que a conhecia, ela nunca tinha sido do tipo que desmaia ao ver sangue.

— Esses não são homens de Barathanes, Thom. Pelo menos esse aqui não é. — Ela indicou o gordo com a cabeça. — Deve ser o segredo mais mal guardado de Cairhien, mas ele trabalha para a Casa Riatin. Para Galldrian.

— Galldrian — repetiu Thom, com voz monótona. *No que aquele pastor maldito me enfiou? No que será que as Aes Sedai enfiaram nós dois? Mas foram os homens de Galldrian que a mataram...*

Alguns de seus pensamentos devem ter transparecido em seu rosto, pois Zera falou, severa:

— Dena quer que você viva, seu idiota! Se tentar matar o rei, vai morrer antes de chegar a cem braços dele. Isso se conseguir chegar tão perto!

Ouviram-se um rugido vindo das muralhas da cidade, como se metade de Cairhien estivesse gritando. Franzindo a testa, Thom olhou pela janela. Além do topo das muralhas cinzentas, acima dos telhados de Portão da Frente, uma grossa coluna de fumaça se elevava em direção ao céu. Bem depois das muralhas. Ao lado da coluna negra, alguns filetes cinzentos logo se transformaram em outra, e mais fagulhas apareceram um pouco mais longe. Ele estimou a distância e respirou fundo.

— Talvez você também devesse pensar em partir. Parece que alguém está incendiando os celeiros.

— Eu já sobrevivi a outras revoltas. Agora vá, Thom. — Com uma última olhada para o corpo de Dena sob a mortalha, ele pegou suas coisas. Mas, quando estava prestes a partir, Zera falou outra vez: — Você está com um brilho perigoso no olhar, Thom Merrilin. Imagine se Dena estivesse sentada aqui, viva e bem. Pense no que ela diria. Ela deixaria você sair daqui para morrer à toa?

— Eu sou apenas um velho menestrel — respondeu ele, da porta. *E Rand al'Thor é apenas um pastor, mas nós dois fazemos o que precisamos fazer*. — Quem me acharia perigoso?

Ao fechar a porta, ocultando Zera, ocultando Dena, um sorriso lupino, meio melancólico,

broto em seu rosto. Sua perna doía, mas ele mal sentiu a dor ao descer a escada, veloz e determinado, e sair da estalagem.

* * *

Padan Fain puxou as rédeas do cavalo no topo de uma colina acima de Falme, em um dos poucos arvoredos esparsos que ainda restavam nos arredores da cidade. O cavalo de carga que transportava o precioso fardo esbarrou em sua perna, e ele o chutou nas costelas sem nem olhar. O animal bufou e voltou a esticar a corda que o mantinha preso à sela de Fain. A mulher não quisera ceder o cavalo, assim como os Amigos das Trevas que o haviam seguido não queriam ser deixados sozinhos com os Trollocs nas colinas sem a presença protetora de Fain. A solução para os dois problemas fora simples. Carne nos caldeirões dos Trollocs não precisaria de uma montaria. Os companheiros da mulher já tinham ficado abalados com a viagem pelos Caminhos até o Portal próximo a um antigo *pouso* abandonado na Ponta de Toman. E assistir aos Trollocs preparando o jantar deixara os Amigos das Trevas remanescentes extremamente dóceis.

Do limiar das árvores, Fain analisou a cidadela sem muralhas e bufou com desdém. Uma pequena comitiva de mercadores passava com estrépito por entre os estábulos, currais e pátios de carroções que margeavam a cidade. Enquanto isso, outra saía, levantando pouca poeira da terra batida por anos de tráfego semelhante. Os homens guiando os carroções e os outros poucos que cavalgavam ao lado deles eram todos locais, pelas roupas, mas, mesmo assim, os homens montados levavam espadas em talabartes, e alguns outros tinham até lanças e arcos. Os poucos soldados que vira não pareciam vigiar os homens armados que supostamente haviam conquistado.

Ele aprendera alguma coisa sobre essas pessoas, esses Seanchan, no dia e noite que passara na Ponta de Toman. Ao menos, aprendera o que a população derrotada sabia. Nunca era muito difícil encontrar alguém sozinho, e essas pessoas sempre respondiam as perguntas, se fossem feitas da forma certa. Os homens tinham sempre mais informações sobre os invasores, como se realmente acreditassem que, em algum momento, encontrariam utilidade para elas, mas às vezes tentavam omitir algo. As mulheres, em sua maioria, pareciam interessadas em continuar com suas vidas não importava quem fossem seus governantes, mas notavam detalhes que os homens ignoravam e falavam mais rápido depois que paravam de gritar. As crianças eram as que começavam a falar mais depressa, porém raramente diziam muita coisa de útil.

Descartara três quartos do que ouvira como absurdos e rumores se tornando fábulas, mas revia algumas de suas conclusões naquele momento. Ao que parecia, qualquer um podia entrar em Falme. Tomado pela surpresa, ele viu a verdade em mais alguns “absurdos” quando vinte soldados saíram montados da cidade. Não conseguia distinguir as montarias muito bem, mas certamente não eram cavalos. Elas corriam com graciosidade, e as peles escuras pareciam reluzir ao sol da manhã, como se cobertas de escamas. Esticou o pescoço para vê-las desaparecer rumo ao interior e, então, impeliu o cavalo em direção à cidade com os calcanhares.

A população local entre os estábulos, carroções estacionados e currais não lhe dirigiu mais

que um olhar ou dois. Ele também não tinha qualquer interesse neles. Entrou na cidade, passando pelas ruas calçadas de pedra que desciam até o porto. Conseguia vê-lo claramente, assim como os grandes navios Seanchan, com seus formatos estranhos, que estavam ancorados. Ninguém o importunou em sua busca por ruas nem cheias, nem vazias. Havia mais soldados Seanchan ali. As pessoas se apressavam em cuidar de seus afazeres de cabeça baixa, fazendo medidas sempre que os soldados passavam, mas os Seanchan não lhes davam atenção. Tudo parecia pacífico, a despeito dos Seanchan de armadura andando pelas ruas e dos navios no porto, mas Fain conseguia sentir a tensão sob a superfície. Ele sempre se saía bem onde os homens estavam tensos e temerosos.

Chegou a uma casa grande com mais de dez soldados de guarda na porta. Fain parou e apeou. Exceto por um óbvio oficial, a maioria usava armaduras de um preto liso, e seus elmos o lembravam cabeças de lagosta. Duas feras com pele de couro, três olhos e bicos chifrudos em vez de bocas ladeavam a porta da frente, agachados como sapos. Os soldados ao lado de cada uma das criaturas tinham três olhos pintados no peitoral da armadura. Fain examinou o estandarte de bordas azuis que tremulava acima do telhado, um gavião de asas abertas segurando raios em suas garras, e riu por dentro.

Mulheres entravam e saíam de uma casa do outro lado da rua, mulheres ligadas por correntes de prata, mas ele as ignorou. Descobrira a existência das *damane* por intermédio dos aldeões. Elas poderiam ter alguma utilidade depois, mas não naquele momento.

Os soldados estavam olhando para ele, especialmente o oficial, cuja armadura era toda dourada, vermelha e verde.

Forçando um sorriso simpático no rosto, Fain se obrigou a fazer uma profunda reverência.

— Milordes, trago comigo algo que interessará o Grão-lorde. Garanto a vocês que ele vai querer ver este objeto, e a mim, pessoalmente. — Gesticulou, indicando a forma quase quadrada sobre o cavalo de carga, ainda envolta no grande cobertor listrado em que seus homens o haviam encontrado.

O oficial o olhou de cima a baixo.

— Você me soa estrangeiro a esta terra. Já fez os juramentos?

— Eu obedeco, aguardo e servirei — respondeu Fain, suavemente. Todos os que interrogara haviam recitado os juramentos, embora nenhum deles soubesse seu significado. Se aquelas pessoas queriam juramentos, ele estava preparado para jurar qualquer coisa. Já fazia muito tempo que perdera a conta de quantos juramentos fizera.

O oficial gesticulou para que dois de seus homens olhassem o que havia debaixo do cobertor. Resmungos surpresos ante o peso, ao baixarem o enorme volume da sela, se tornaram arquejos quando retiraram o cobertor. O oficial encarou, sem qualquer expressão no rosto, o baú de ouro trabalhado em prata que jazia ali nas pedras da rua. Então olhou para Fain.

— Um presente digno da própria Imperatriz. Você vem comigo.

Um dos soldados revistou Fain com certa violência, mas ele suportou em silêncio, notando que o oficial e os dois soldados que carregavam o baú entregaram as espadas e adagas antes de entrar. Qualquer coisa que pudesse aprender sobre aquelas pessoas, não importava quão pequena, poderia ajudar, embora já estivesse confiante de seu plano. Ele sempre estava confiante, mas nunca ficava mais confortável do que em um lugar onde os lordes temiam a faca

de um assassino vinda de seus próprios seguidores.

Enquanto passavam pela porta, o oficial franziu a testa, olhando para ele, e, por um momento, Fain se perguntou o motivo. *É claro! As feras.* Fossem o que fossem, certamente não eram piores do que Trollocs, e nada, se comparadas a um Myrddraal, de modo que ele não lhes dirigira um segundo olhar. Era tarde demais para fingir ter medo delas. Mas o Seanchan nada disse, limitando-se a levá-lo para dentro.

E assim, Fain avançou até ter que ficar de cara no chão, em uma sala desprovida de qualquer mobília, além de biombos que escondiam as paredes, enquanto o oficial contava ao Grão-lorde Turak sobre ele e o presente. Serviçais trouxeram uma mesa para colocar o baú, de modo que o Grão-lorde não precisasse se curvar para examiná-lo. Tudo que Fain pôde ver foram os chinelos apressados. Impaciente, ele deu tempo ao tempo. Cedo ou tarde, chegaria um momento em que não seria ele a se curvar.

Então os soldados foram dispensados, e Fain foi instruído a se levantar. Ele o fez bem devagar, analisando tanto o Grão-lorde, com aquela cabeça raspada, unhas longas e túnica de seda azul com brocados floridos, quanto o homem ao lado dele, com a metade não raspada de seus cabelos claros presa em uma longa trança. Fain tinha certeza de que o sujeito de verde era apenas um serviçal, embora importante. Serviçais podiam ser úteis, especialmente quando eram os favoritos de seus mestres.

— Um presente maravilhoso. — Os olhos de Turak se ergueram do baú para Fain. Um aroma de rosas emanava do Grão-lorde. — Contudo, há uma pergunta natural: como alguém como você se apossou de um baú pelo qual muitos lordes menores não conseguiriam pagar? Você é um ladrão?

Fain deu um puxão na túnica desgastada e não muito limpa.

— Às vezes é necessário que um homem aparente ser menos do que é, Grão-lorde. Meu presente desalinho me permitiu trazer-lhe esse presente sem ser incomodado. O baú é antigo, Grão-lorde, antigo como a Era das Lendas, e dentro dele jaz um tesouro no qual poucos já puseram os olhos. Logo, em pouquíssimo tempo, serei capaz de abri-lo e dar-lhe aquilo que o permitirá tomar estas terras até onde desejar. Até a Espinha do Mundo, o Deserto Aiel e as terras além. Nada poderá resistir, Grão-lorde, uma vez que eu... — Ele parou de falar quando Turak começou a passar os dedos com unhas longas por sobre o baú.

— Já vi baús como este, baús da Era das Lendas — falou o Grão-lorde —, embora nenhum tão refinado. São feitos para serem abertos apenas pelos que conhecem a combinação, mas eu... Ah! — Turak fez alguma pressão entre as voltas e saliências ornamentadas, até que ouviu-se um clique e ele levantou a tampa. Um vislumbre do que se poderia considerar decepção passou por seu rosto.

Fain mordeu a própria bochecha até sangrar para se impedir de rosnar. Não ter sido a pessoa a abrir o baú prejudicava seu poder de barganha. Ainda assim, tudo o mais poderia correr conforme o plano se ele conseguisse se obrigar a ser paciente. Mas já fora paciente por muito tempo.

— Estes são tesouros da Era das Lendas? — indagou Turak, erguendo a Trombeta em uma das mãos e a adaga curva com o rubi encrustado no cabo de ouro na outra. Fain cerrou os punhos ao lado do corpo para não agarrar a adaga. — A Era das Lendas — repetiu Turak, em

voz baixa, percorrendo a inscrição prateada gravada no pavilhão dourado da Trombeta com a ponta da lâmina da adaga. Suas sobranceiras se ergueram com o espanto, a primeira expressão espontânea que Fain via nele. Mas, no instante seguinte, o rosto de Turak estava inexpressivo como sempre. — Você faz alguma ideia do que isso é?

— A Trombeta de Valere, Grão-lorde — respondeu Fain, muito calmo, feliz em ver o homem de trança ficar boquiaberto.

Turak limitou-se a assentir, como se balançasse a cabeça para si mesmo.

O Grão-lorde se virou. Fain piscou, surpreso, e chegou a abrir a boca para falar. Então, diante de um gesto firme do louro, seguiu os dois em silêncio.

Era mais uma sala sem nada da mobília original, que fora substituída por biombos e uma única cadeira voltada para um armário redondo. Ainda segurando a Trombeta e a adaga, Turak olhou para o armário, e então para o lado. Não disse uma palavra, mas o outro Seanchan deu ordens rápidas, e, em instantes, apareceram homens vestindo túnicas simples de lã, vindos de uma porta atrás dos biombos, trazendo uma pequena mesa. Uma jovem de cabelos tão claro que eram quase brancos veio atrás deles, com os braços cheios de pequenos suportes de madeira polida, de diversas formas e tamanhos. A roupa dela era de seda branca, tão fina que Fain conseguia ver o corpo da jovem através do tecido, mas ele tinha olhos apenas para a adaga. A Trombeta era um meio para um fim, mas a adaga era parte dele.

Turak tocou muito brevemente um dos suportes de madeira que a garota segurava, e ela o colocou no centro da mesa. Os homens giraram a cadeira para que ficasse de frente para ela, sob a orientação do homem de trança. Os cabelos dos serviçais inferiores iam até os ombros. Eles se retiraram mais do que depressa, com reverências tão profundas que suas cabeças quase tocavam os joelhos.

Turak colocou a Trombeta no suporte de modo a deixá-la na vertical, então posicionou a adaga de frente para ela sobre a mesa e se sentou na cadeira.

Fain não conseguiu mais aguentar. Estendeu a mão para pegar a adaga.

O louro segurou seu pulso em um aperto esmagador.

— Seu cão barbado! Saiba que a mão que toca a propriedade do Grão-lorde sem autorização é cortada!

— Ela é minha — rosnou Fain. *Paciência! Tanto tempo...*

Turak, reclinando em sua cadeira, ergueu uma unha pintada de azul. Com isso, Fain foi retirado do caminho, para que o Grão-lorde pudesse ver a Trombeta sem obstruções.

— Sua? — indagou Turak. — Dentro de um baú que você não conseguia abrir? Se achá-lo interessante, posso lhe dar a adaga. Mesmo que ela seja da Era das Lendas, não, esse tipo de coisa não me chama a atenção. Antes de mais nada você vai me responder uma pergunta. Por que trouxe a Trombeta de Valere para mim?

Fain olhou desejosamente para a adaga uma última vez, então libertou seu pulso e o massageou ao fazer uma reverência.

— Para que o Grão-lorde a toque. Então, poderá conquistar toda esta terra, se desejar. Todo o mundo. Poderá destruir a Torre Branca e transformar as Aes Sedai em pó, pois mesmo os poderes delas não são capazes de deter os heróis que voltarem dos mortos.

— *Eu* devo tocá-la. — A voz de Turak não traía qualquer sentimento. — E destruir a Torre Branca. Mais uma vez, por quê? Você afirma obedecer, aguardar e servir, mas esta é uma terra

de traidores. Por que me entrega sua terra? Você tem alguma desavença especial com essas... mulheres?

Fain tentou tornar sua voz convincente. *Paciente, como um verme vindo de dentro.*

— Grão-lorde, minha família tem uma tradição, passada de geração em geração. Servimos ao Grão-rei Artur Paendrag Tanreall, e, quando ele foi assassinado pelas bruxas de Tar Valon, não abandonamos nossos juramentos. Enquanto outros guerreavam e despedaçavam o que Artur Asa-de-gavião construiu, nos agarramos a nossas promessas e sofremos por isso, mas ainda assim as respeitamos. Esta é nossa tradição, Grão-lorde, passada de pai para filho e de mãe para filha ao longo dos anos, desde que Artur Asa-de-gavião foi assassinado. Aguardamos o retorno dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou ao outro lado do Oceano de Aryth, aguardamos o retorno do sangue de Artur Asa-de-gavião para destruir a Torre Branca e recuperar o que foi do Grão-rei. E, quando o sangue de Asa-de-gavião retornar, serviremos e aconselharemos, como fizemos pelo Grão-rei. Grão-lorde: exceto pela borda, o estandarte que tremula sobre este telhado é o de Luthair, o filho de Artur Paendrag Tanreall, enviado com seus exércitos para o outro lado do oceano. — Fain caiu de joelhos, em uma boa imitação de alguém arrebatado. — Grão-lorde, desejo apenas servir e aconselhar o sangue do Grão-rei.

Turak ficou em silêncio por tanto tempo que Fain começou a se perguntar se ele precisava de mais convencimento. Estava pronto para mais, tanto quanto fosse necessário. Finalmente, contudo, o Grão-lorde falou.

— Você parece saber o que ninguém, nem ilustre, nem humilde, pôde nos dizer desde que avistamos esta terra. Aqui, fala-se disso como um rumor entre dez outros, mas você sabe. Posso ver em seus olhos, ouvir em sua voz. Eu quase poderia acreditar que você foi enviado aqui para me fazer cair em uma armadilha. Mas quem, de posse da Trombeta de Valere, a usaria dessa forma? Nenhum dos do Sangue que vieram com o *Hailene* poderia possuir a Trombeta, pois a lenda diz que ela estava escondida nesta terra. E certamente qualquer lorde daqui a usaria contra mim em vez de colocá-la em minhas mãos. Como você se apossou da Trombeta de Valere? Você afirma ser um herói, como na lenda? Já realizou feitos valorosos?

— Não sou herói, Grão-lorde. — Fain arriscou um sorriso modesto, mas a expressão de Turak não se alterou, e ele desistiu. — A Trombeta foi encontrada por um ancestral meu durante o tumulto após a morte do Grão-rei. Ele sabia abrir o baú, mas esse segredo morreu com ele na Guerra dos Cem Anos, que fragmentou o império de Artur Asa-de-gavião. De modo que tudo que nós, seus descendentes, sabíamos era que a Trombeta jazia ali dentro. E que deveríamos mantê-la em segurança até que o sangue do Grão-rei retornasse.

— Eu seria quase capaz de acreditar em você.

— Acredite, Grão-lorde. Quanto tiver tocado a Trombeta...

— Não estrague o quanto já conseguiu ser convincente. Eu não tocarei a Trombeta de Valere. Quando retornar a Seanchan, eu a apresentarei à Imperatriz como o maior de meus troféus. Talvez a própria Imperatriz a toque.

— Mas — protestou Fain — o Grão-lorde precisa... — Ele se viu prostrado de lado, com os ouvidos zumbindo. Somente quando sua visão clareou foi que pôde ver o homem da trança loura massageando os nós dos dedos e se deu conta do que acontecera.

— Algumas palavras — disse o sujeito, com suavidade —, jamais são usadas com o Grão-lorde.

Fain decidiu como aquele homem morreria.

Turak olhou de Fain para a Trombeta com muita calma, como se não tivesse visto a cena.

— Talvez eu o entregue à Imperatriz junto com a Trombeta de Valere. Ela deve achar interessante ver um homem que afirma que a própria família permaneceu fiel enquanto todos os outros quebraram os juramentos ou os esqueceram.

Fain escondeu seu júbilo enquanto voltava a ficar de pé. Ele sequer soubera da existência de uma Imperatriz até Turak mencioná-la, mas acesso a outro governante... aquilo abriria novos caminhos, novos planos. Acesso a uma governante com o poder dos Seanchan a seus pés e a Trombeta de Valere nas mãos. Muito melhor do que transformar aquele Turak em um Grão-rei. Ele podia aguardar algumas partes de seu plano. *Calma. Não deve deixá-lo ver o quanto você quer isso. Depois de tanto tempo, um pouquinho mais de paciência não vai doer.*

— Como o Grão-lorde desejar — disse, tentando soar como um homem que quer apenas servir.

— Você parece quase ansioso — retrucou Turak, e Fain mal reprimiu um sobressalto. — Contarei a você por que não vou tocar a Trombeta de Valere, nem sequer ficar com ela, e talvez isso cure sua ansiedade. Não quero que um presente meu ofenda a Imperatriz com suas ações. Se essa sua ansiedade não puder ser curada, ela jamais será satisfeita, pois você jamais deixará estas terras. Você sabia que a pessoa que tocar a Trombeta de Valere estará ligada a ela a partir do momento em que a soar? Que, enquanto essa pessoa viver, ela não será mais do que uma trombeta comum para qualquer outro? — Ele não parecia esperar respostas, e, de qualquer forma, não parou para ouvi-las. — Sou o décimo segundo na linha de sucessão para o Trono de Cristal. Se eu ficasse com a Trombeta de Valere, todos entre o Trono e eu pensariam que tenho pretensões de ser o primeiro. E, embora seja claro que a Imperatriz deseja que disputemos uns com os outros para que os mais fortes e mais astutos a sucedam, por hora ela favorece sua segunda filha, Tuon. E não ficaria feliz com qualquer ameaça a ela. Se eu a tocasse, mesmo que pusesse esta terra aos pés dela e encoleirasse todas as mulheres da Torre Branca, a Imperatriz, que ela viva para sempre, decerto pensaria que eu pretendo ser mais do que apenas um herdeiro.

Fain esteve prestes a dizer que aquilo seria possível com a ajuda da Trombeta, mas se conteve. Algo na voz do Grão-lorde sugeria, embora Fain tivesse dificuldade em acreditar, que ele realmente desejava que ela vivesse para sempre. *Preciso ser paciente. Um verme nas raízes.*

— Os Ouvidores da Imperatriz podem estar em qualquer lugar — continuou Turak. — Podem ser qualquer um. Huan é nascido e criado na Casa Aladon, assim como sua família, por onze gerações antes dele. Mas mesmo ele poderia ser um Ouvidor. — O homem de trança fez menção de protestar antes de voltar à imobilidade. — Até mesmo um grão-lorde ou grã-lady pode descobrir que seus segredos mais profundos são de conhecimento dos Ouvidores. Podem acordar e se ver entregues aos Inquiridores da Verdade. A verdade é sempre difícil de encontrar, mas os Inquiridores não medem esforços na busca, e procurarão enquanto julgarem ser necessário. Eles fazem grandes esforços para que um grão-lorde ou grã-lady não morra

sob seus cuidados, é claro, pois nenhuma mão pode matar alguém em cujas veias corre o sangue de Artur Asa-de-gavião. Se a Imperatriz precisa ordenar uma morte dessas, o infeliz é colocado vivo em um saco de seda, e o saco é pendurado na Torre dos Corvos e deixado lá até apodrecer. Não se tomaria tal cuidado com alguém como você. Na Corte das Nove Luas, em Seandar, alguém como você seria entregue aos Inquiridores apenas por um olhar, uma palavra mal colocada ou um capricho. Você ainda está ansioso?

Fain conseguiu fazer seus joelhos tremerem.

— Desejo apenas servir e aconselhar, Grão-lorde. Sei de muito que pode ser útil. — Aquela corte de Seandar parecia ser o tipo de lugar onde seus planos e habilidades encontrariam solo fértil.

— Até que eu retorne a Seanchan, você me divertirá com as histórias sobre sua família e sua tradição. É um alívio encontrar outro homem interessante nesta terra abandonada pela Luz, ainda que você e o primeiro estejam mentindo, como suspeito. Você pode ir. — Não foi dita qualquer outra palavra, mas a garota de cabelos quase brancos apareceu, com passos rápidos, para se ajoelhar de cabeça baixa ao lado do Grão-lorde, oferecendo-lhe um único copo sobre uma bandeja laqueada.

— Grão-lorde — disse Fain. O homem de trança segurou seu braço, mas ele o libertou com um puxão. Os lábios de Huan se crisparam, furiosos, quando Fain fez a reverência mais profunda que já fizera até então. *Vou matá-lo devagar, sim.* — Grão-lorde, há pessoas me perseguindo. Eles querem tomar a Trombeta de Valere. São os Amigos das Trevas e coisas piores, Grão-lorde, e não devem estar a mais de um ou dois dias atrás de mim.

Turak bebericou o líquido negro do copo fino, equilibrado nas pontas de seus dedos de unhas longas.

— Restam poucos Amigos das Trevas em Seanchan. Os que sobrevivem aos Inquiridores da Verdade encontram o machado do carrasco. Pode ser divertido conhecer um Amigo das Trevas.

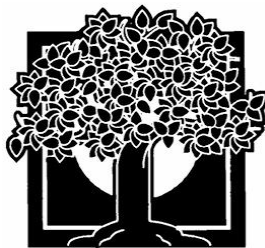
— Grão-lorde, eles são perigosos. Trazem Trollocs consigo. São liderados por um homem que se chama Rand al'Thor. É jovem, porém mais vil na Sombra do que se pode acreditar, com uma língua mentirosa e diabólica. Em muitos lugares, afirmou ser muitas coisas, mas os Trollocs sempre aparecem quando ele está lá, Grão-lorde. Os Trollocs sempre vêm... e matam...

— Trollocs — disse Turak, pensativo. — Não havia Trollocs em Seanchan. Mas os Exércitos da Noite tinham outros aliados. Outras coisas. Já me perguntei muitas vezes se um *grolm* seria capaz de matar um Trolloc. Mandarei montarem guarda para evitar seus Trollocs e Amigos das Trevas, se é que eles não são outra mentira. Esta terra me deixa entediado. — Ele suspirou e inalou a fumaça do copo.

Fain deixou que Huan, carrancudo, o tirasse da sala, mal escutando os rosnados sobre o que aconteceria caso ele não saísse da presença do Grão-lorde Turak quando recebesse a permissão. Mal notou que foi empurrado para a rua com uma moeda e instruções para voltar no dia seguinte. Rand al'Thor era dele, agora. *Finalmente o verei morto. E então o mundo vai pagar pelo que fizeram a mim.*

Rindo baixinho, entre dentes, ele conduziu os cavalos, descendo pela cidade em busca de uma estalagem.





Pouso Tsofu

Depois de meio dia de cavalgada, as colinas à margem do rio onde se erguia a cidade de Cairhien deram lugar a terras mais planas e florestas. Os shienaranos continuavam a deixar as armaduras nos cavalos de carga, e Verin os pressionava para irem mais rápido. Ingtar cedia aos apelos da Aes Sedai, resmungando o tempo inteiro sobre estarem sendo enganados, afirmando que Fain nunca diria para onde estava indo de verdade, embora também reclamasse que estavam cavalgando no sentido oposto à Ponta de Toman como se parte dele achasse que o lugar ficava a meses de viagem apenas pelo caminho que haviam escolhido. O estandarte da Coruja Cinzenta tremulava ao vento enquanto seguiam, velozes.

Rand cavalgava com uma determinação taciturna, evitando conversar com Verin. Precisava fazer aquilo, cumprir seu dever, como Ingtar teria chamado, e então se veria livre das Aes Sedai de uma vez por todas. Perrin parecia partilhar um pouco de seu estado de espírito, olhando sempre para a frente, para o nada, enquanto cavalgavam. Quando finalmente pararam para passar a noite nos limites de uma floresta, já estava quase escuro. Perrin fez algumas perguntas a Loial, sobre os *pousos*. Trollocs não entrariam em um *pouso*, mas e lobos? Loial deu algumas respostas curtas, dizendo que apenas criaturas da Sombra relutavam em entrar naqueles lugares. E Aes Sedai, é claro, já que não conseguiam tocar a Fonte Verdadeira dentro de um, nem mesmo canalizar o Poder Único. O próprio Ogier parecia ser o mais relutante em ir ao Pouso Tsofu. Mat era o único que parecia ansioso, quase desesperado. Quem visse sua pele pensaria que ela não tomava sol havia um ano, e suas bochechas tinham começado a encovar, embora ele dissesse que se sentia pronto para disputar uma corrida. Verin colocou as mãos sobre ele para Curá-lo, antes de Mat dormir, e outra vez antes de montarem pela manhã, mas aquilo não fez diferença em sua aparência. Até mesmo Hurin franzia a testa ao olhar para Mat.

O sol já ia alto no segundo dia quando Verin se endireitou na sela, de repente, e olhou em volta. Ao lado dela, Ingtar levou um susto.

Rand não conseguia perceber nada de diferente na floresta que os cercava. A vegetação rasteira não era muito espessa, pois haviam encontrado um caminho mais fácil sob a copa de carvalhos, nogueiras e faias, pontilhadas aqui e ali por um pinheiro ou uma folha-de-couro mais altos, ou por uma pincelada branca de melaleucas. Mas, ao segui-los, sentiu um súbito

calafrio percorrer seu corpo, como se tivesse pulado em uma lagoa da Floresta das Águas em pleno inverno. O arrepiou passou em um segundo, deixando para trás uma sensação de frescor, de renovação. E também havia uma leve sensação de perda, embora ele não conseguisse imaginar do quê.

Cada cavaleiro, ao chegar àquele ponto, estremecia ou soltava uma interjeição. O queixo de Hurin caiu, e Uno exclamou:

— Mas que... — Então sacudiu a cabeça, como se não conseguisse pensar e mais nada para dizer.

Havia uma expressão de reconhecimento nos olhos amarelos de Perrin. Loial soltou um longo suspiro.

— É uma sensação... boa... estar de volta em um *pouso*.

Franzindo a testa, Rand olhou em volta. Esperara que um *pouso* fosse um pouco diferente do ambiente ao redor, mas, exceto por aquele único calafrio, era a mesma floresta pela qual cavalgaram o dia todo. Havia uma súbita sensação de estar descansado, é claro. Então uma Ogier saiu de trás de um carvalho.

Ela era mais baixa que Loial, mas ainda assim a cabeça de Rand não chegava a seus ombros. Tinha o mesmo nariz largo e olhos grandes, a mesma boca larga e orelhas com tufo de pelos. No entanto, suas sobrelanceiras não eram tão longas quanto as de Loial, e suas feições pareciam delicadas ao lado das dele, os tufo em suas orelhas pareciam mais macios. Ela usava um longo vestido verde e um casaco da mesma cor bordado com flores, e carregava um ramo de halesias como se estivesse ocupada em colhê-las. E os encarou com muita calma, esperando.

Loial mais do que depressa desmontou de seu cavalo alto e fez uma medida. Rand e os outros fizeram o mesmo, embora não tão rápido. Até mesmo Verin inclinou a cabeça. Loial os apresentou de modo formal, mas não mencionou o nome de seu *pouso*.

Por um momento a garota Ogier, e Rand tinha certeza de que ela não era mais velha do que Loial, os analisou. Depois sorriu.

— Sejam bem-vindos ao Pouso Tsofu. — A voz dela era uma versão mais leve que a de Loial, um profundo zumbido de abelha, só que um pouco mais suave. — Sou Erith, filha de Ila, filha de Alar. Sejam bem-vindos. Temos tão poucos visitantes humanos desde que os Construtores deixaram Cairhien, e agora vejo tantos de uma vez! Ora, tivemos até alguns do Povo Errante, embora, é claro, eles tenham ido embora quando as... Ah, eu falo demais. Levarei vocês aos Anciões. Mas... — Ela olhou para o grupo, procurando um líder, e concluiu que devia ser Verin. — Aes Sedai, você traz tantos homens consigo, e armados... Poderia, por favor, deixar alguns lá Fora? Perdoe-me, mas é sempre inquietante ter tantos humanos armados no *pouso* de uma só vez.

— É claro, Erith — respondeu Verin. — Ingтар, pode providenciar isso?

Ingтар deu ordens a Uno, de forma que ele e Hurin foram os únicos shienaranos a seguir Erith *pouso* adentro.

Conduzindo o cavalo pela rédea, como os demais, Rand olhou para cima quando Loial se aproximou. O Ogier olhava bastante para Erith, que ia na frente com Verin e Ingтар. Hurin andava entre os dois grupos, olhando, maravilhado, embora Rand não soubesse ao certo para quê. Loial se curvou para falar em voz baixa.

— Ela não é linda, Rand? E a voz dela canta.

Mat riu, mas, quando Loial olhou interrogativamente para ele, apenas disse:

— É muito bonita, Loial. Meio alta demais para o meu gosto, entende? Mas muito bonita, tenho certeza.

Loial franziu a testa, incerto, mas assentiu.

— Sim, ela é. — A expressão dele ficou mais suave. — É mesmo uma sensação boa, estar de volta a um *pouso*. Não que a Saudade estivesse me afetando, sabe como é.

— A Saudade? — perguntou Perrin. — Não entendi, Loial.

— Nós, Ogier, somos ligados aos *pousos*, Perrin. Dizem que, antes da Ruptura do Mundo, podíamos ir aonde quiséssemos e passar quanto tempo desejássemos, assim como vocês humanos. Mas isso mudou. Os Ogier ficaram dispersos, assim como todos os outros povos, e não conseguiram encontrar nenhum dos *pouso* de novo. Tudo tinha se movido, tudo havia mudado. Montanhas, rios, até mesmo os mares.

— Todos sabem sobre a Ruptura — cortou Mat, impaciente. — O que isso tem a ver com essa... Saudade?

— Foi durante o exílio, quando vagávamos perdidos, a primeira vez que a Saudade se abateu sobre nós. O desejo de voltar aos *pousos*, de encontrar nossos lares outra vez. Muitos morreram por causa disso. — Loial sacudiu a cabeça, triste. — Tivemos mais mortos do que sobreviventes. Quando finalmente começamos a reencontrar os *pousos*, um de cada vez, durante os anos do Pacto das Dez Nações, parecia que havíamos finalmente derrotado a Saudade. Mas ela tinha nos modificado, deixado sementes em nós. Agora, se um Ogier fica do Lado de Fora por muito tempo, a Saudade retorna: ele começa a enfraquecer, e morre se não voltar.

— Você precisa ficar por aqui um tempo? — perguntou Rand, ansioso. — Não precisa se matar para vir conosco.

— Eu vou saber quando ela chegar — disse Loial, rindo. — Vai demorar bastante até ela ficar forte o suficiente para me causar qualquer mal. Ora, Dalar passou dez anos com o Povo do Mar, sem ver um único *pouso*, e voltou sã e salva para casa.

Uma Ogier apareceu em meio às árvores, parando um momento par falar com Erith e Verin. Ela olhou Ingтар de cima a baixo e pareceu desconsiderá-lo, o que o fez piscar, confuso. Os olhos dela passaram por Loial e relancearam para Hurin e todos de Campo de Emond, antes de ela voltar à floresta. Loial parecia estar tentando se esconder atrás do cavalo.

— Além disso — continuou ele, olhando para a Ogier com cautela, de trás da sela —, a vida é chata nos *pousos*, comparada a viajar com três *ta'veren*.

— Se você for começar com essa história de novo... — resmungou Mat, e Loial se corrigiu depressa:

— Três amigos, então. Vocês são meus amigos, espero.

— Eu sou — respondeu Rand, apenas, e Perrin assentiu.

Mat riu.

— Como eu poderia não ser amigo de alguém tão ruim nos dados? — Ele jogou as mãos para o alto com impaciência quando Rand e Perrin o fitaram. — Ah, tudo bem. Eu gosto de você, Loial. Você é meu amigo. Só não saia por aí... Aaagh! Às vezes é tão ruim ficar perto de você quanto de Rand. — A voz dele baixou a um murmúrio. — Pelo menos estamos a salvo

aqui, em um *pouso*.

Rand franziu a testa. Sabia o que Mat queria dizer. *Aqui em um pouso, aqui onde eu não posso canalizar.*

Perrin deu um soco no ombro de Mat, mas pareceu se arrepender quando Mat lhe retribuiu com uma careta com aquele rosto cadavérico.

A primeira coisa que Rand percebeu foi a música: flautas e rabecas em algum lugar da floresta tocavam uma canção animada, e vozes graves acompanhavam os instrumentos, cantando e rindo.

*Limpem o campo, aplainem o chão,
Não deixem uma erva nem talo de pé,
Aqui trabalhamos, aqui labutamos,
As árvores altas aqui crescerão.*

Quase no mesmo instante, Rand percebeu que a forma imensa que via entre as árvores também era uma árvore, com um tronco sulcado de cerca de vinte passos de diâmetro e raízes enormes. Boquiaberto, ele olhou até a parte de cima, através do dossel da floresta, até galhos que se espalhavam em uma forma que lembrava o topo de um cogumelo gigante, uns bons cem passos acima do solo. Acima, eram ainda mais altos.

— Que me queime — exclamou Mat. — Dava para construir dez casas só com uma dessas. Cinquenta casas.

— Cortar uma Grande Árvore? — Loial pareceu escandalizado, e até mesmo um pouco furioso. Suas orelhas estavam rígidas, e as longas sobrancelhas chegavam às bochechas. — Jamais cortamos uma das Grandes Árvores. A menos que ela morra, e elas quase nunca morrem. Poucas sobreviveram à Ruptura, mas algumas das maiores que temos eram apenas sementes durante a Era das Lendas.

— Desculpe — disse Mat. — Eu só estava comentando como elas são grandes. Não vou machucar suas árvores.

Loial assentiu, parecendo mais tranquilo.

Mais Ogier surgiram, andando em meio às árvores. A maioria parecia se concentrar no que quer que estivessem fazendo. Embora todos olhassem para os recém-chegados, e até chegassem a balançar a cabeça de forma amigável ou fazer uma leve reverência, ninguém parou ou falou com eles. Tinham um modo curioso de se mover, que, de alguma forma, combinavam um jeito cuidadoso e deliberado com uma alegria despreocupada e quase infantil. Eles sabiam quem eram e onde estavam e gostavam disso, e pareciam em paz consigo mesmos e com tudo ao redor. Rand percebeu que os invejava.

Poucos dos mais velhos eram mais altos que Loial, mas era fácil identificá-los: todos tinham bigodes tão longos quanto as sobrancelhas e barbas curtas sob o queixo. Os mais jovens tinham o rosto liso, como Loial. Muitos dos Ogier vestiam camisas de manga e carregavam pás, picaretas, serras e baldes de piche. Os demais usavam casacos simples, abotoados até o pescoço, com pregas na cintura que lembravam saiotos. As mulheres pareciam preferir bordados de flores, e muitas também usavam flores no cabelo. Nas mais jovens, os bordados

eram limitados aos casacos. Já as mais velhas tinham os vestidos bordados, também. E algumas, grisalhas, tinham flores e vinhas bordadas do pescoço à bainha. Algumas Ogier, a maioria mulheres e meninas, pareciam reparar em Loial: ele andava olhando bem para a frente, com as orelhas tremelizando cada vez mais, conforme avançavam.

Rand se assustou ao ver um Ogier que parecia ter saído do chão, de uma das elevações cobertas de grama e flores silvestres que se espalhavam por entre as árvores. Então percebeu algumas janelas nas elevações e uma Ogier atrás de uma delas, parecendo usar um rolo para amassar a massa de uma torta, e entendeu que estava olhando para moradias Ogier. As esquadrias das janelas eram de pedra, mas além de pareciam formações naturais, também tinham o aspecto de algo esculpido pelo vento e pela água por gerações.

As Grandes Árvores, com seus troncos enormes e raízes que se espalhavam, grossas como cavalos, precisavam de muito espaço entre elas, mas várias cresciam no meio da cidadezinha. Rampas de terra batida davam nas próprias raízes. Na verdade, além das trilhas, a única coisa que diferenciava a cidadezinha da floresta, à primeira vista, era um grande espaço aberto no centro, em volta do que só podia ser o toco de uma das Grandes Árvores. Com quase cem passos de largura, a superfície do toco era tão polida quanto qualquer assoalho, com escadas levando a diversos pontos do interior. Rand estava tentando imaginar quão alta deveria ter sido aquela árvore quando Erith falou, alto o suficiente para que todos escutassem:

— Aí vêm nossas outras hóspedes.

Três humanas se aproximaram, contornando o imenso toco. A mais jovem carregava uma tigela de madeira.

— Aiel — disse Ingтар. — Donzelas da Lança. Foi bom *mesmo* eu ter deixado Masema com os outros. — Ainda assim, ele se afastou de Verin e Erith e levou a mão às costas, para desembainhar a espada.

Rand estudou as Aiel com uma curiosidade desconfortável. Elas eram o que muita gente, gente demais, tentara afirmar que ele era. Duas das mulheres eram mais maduras, a outra, pouco mais que uma menina, mas as três eram altas para mulheres. Seus cabelos curtos iam do castanho-acobreado até quase o dourado, com uma mecha fina que ia até a altura dos ombros nas costas. Usavam calças folgadas enfiadas em botas macias, e todas as roupas eram em tons de marrom, cinza ou verde. Ele achou que aqueles trajes se camuflariam em pedras ou na floresta quase tão bem quanto um manto de Guardião. Arcos curtos despontavam acima dos ombros, aljavas e facas longas pendiam de seus cinturões, e cada uma carregava um pequeno escudo redondo de couro e um feixe de lanças com cabos curtos e pontas longas. Mesmo a mais jovem se movia com uma graciosidade que indicava que sabia usar as armas que portava.

De repente, as mulheres os notaram: pareceram tão assustadas por estarem assustadas quanto por terem visto Rand e os outros, mas se moveram como um raio. A jovem gritou:

— Shienaranos! — E se virou para depositar a tigela no chão atrás de si com muito cuidado. As outras duas se levantaram depressa os panos marrons pendurados no pescoço, envolvendo a cabeça com eles, então cobriram o rosto com um véu negro, deixando apenas os olhos visíveis, e a outra se preparou para fazer o mesmo. Abaixadas, elas avançaram em um passo decidido, com os escudos cobrindo todas as lanças, a não ser as que empunhavam com a outra mão.

A espada de Ingтар deixou a bainha.

— Afaste-se, Aes Sedai. Erith, afaste-se. — Hurin sacou a quebra-espadas e ficou indeciso entre pegar o porrete e a espada com a outra mão. Então, depois de mais uma olhada nas lanças das Aiel, optou pela espada.

— Vocês não podem! — protestou a Ogier. De mãos unidas, ela se virava de Ingтар para as Aiel, e delas para ele. — Vocês não podem!

Rand percebeu que a lâmina com a marca da garça estava em suas mãos. Perrin já estava com metade do machado para fora do cinturão e hesitava, sacudindo a cabeça.

— Vocês dois são malucos? — indagou Mat. O arco dele permanecia preso em suas costas. — Não me importo se elas são Aiel. Elas são mulheres.

— Parem com isso! — ordenou Verin. — Parem com isso imediatamente! — As Aiel não se detiveram, e a Aes Sedai cerrou os punhos, frustrada.

Mat recuou, colocando um pé no estribo.

— Estou indo embora — anunciou. — Vocês estão me ouvindo? Eu não vou ficar para deixar que elas enfiem aquelas coisas em mim, e também não vou atirar em uma mulher!

— O Pacto! — gritava Loial. — Lembrem-se do Pacto!

Aquilo não teve mais efeito do que os apelos de Verin e Erith.

Rand percebeu que tanto a Aes Sedai quanto a Ogier se mantinham fora do caminho das Aiel. Ficou se perguntando se Mat tomara a melhor atitude. Não sabia ao certo se conseguiria ferir uma mulher, mesmo que ela estivesse *de fato* tentando matá-lo. O que o fez decidir foi o fato de que, mesmo que conseguisse chegar à sela de Vermelho, as Aiel já não estavam a mais de trinta passos. Ele suspeitava que aquelas lanças curtas podiam ser arremessadas àquela distância. Enquanto as mulheres se aproximavam, ainda agachadas, com as lanças a postos, ele parou de se preocupar em não feri-las e começou a se preocupar em como impedi-las de feri-lo.

Nervoso, buscou o vazio. E o vazio veio. Junto com o pensamento distante, que flutuava fora dele, de que ali havia apenas o vazio. O brilho de *saidin* não estava lá. O vazio estava maior do que em qualquer momento de que ele se lembrasse, mais vasto, como uma fome grande o suficiente para consumi-lo. Uma fome de algo mais. *Deveria* haver algo mais.

De repente, um Ogier avançou entre os dois grupos a passos largos. Sua barba curta tremia.

— O que significa isso? Larguem as armas! — Ele parecia escandalizado. — Para vocês... — O olhar furioso incluiu Ingтар, Hurin, Rand, Perrin e não poupou Mat, mesmo de mãos vazias. — ... ainda há alguma desculpa, mas para vocês... — Ele se virou para as Aiel, que haviam parado de avançar. — Vocês esqueceram o Pacto?

As mulheres desvelaram os rostos com tanta pressa que pareciam tentar fingir que eles jamais haviam sido cobertos. O da menina estava vermelho, e mesmo as duas mais velhas pareciam constrangidas. Uma delas, a de cabelo avermelhado, disse:

— Perdoe-nos, Irmão das Árvores. Nos lembramos do Pacto, e não teríamos descoberto o aço, mas estamos na terra dos Assassinos da Árvore, onde todas as mãos estão contra nós, e vimos homens armados.

Rand reparou que os olhos dela eram cinza, como os dele.

— Vocês estão em um *pouso*, Rhian — respondeu o Ogier, com gentileza. — Todos estão a

salvo em um *pouso*, irmãzinha. Não há lutas aqui, e não se ergue a mão contra o outro.

Ela assentiu, envergonhada, e o Ogier olhou para Ingтар e os outros.

Ingтар embainhou a espada, e Rand fez o mesmo, embora não com tanta rapidez quanto Hurin, que parecia quase tão constrangido quanto as Aiel. Perrin sequer sacara o machado. Quando tirou a mão do cabo, Rand deixou o vazio e sentiu um calafrio. O vazio se fora, mas deixara para trás um eco que desaparecia devagar. O eco da sensação do nada que o preenchia e do desejo de algo para preenchê-lo.

O Ogier virou-se para Verin e fez uma reverência.

— Aes Sedai, eu me chamo Juin, filho de Lacel, filho de Laud. Vim levá-la aos Anciões. Eles gostariam de saber por que uma Aes Sedai vem a nós, acompanhada de homens armados e um de nossos jovens.

Loial encolheu os ombros, como se tentasse desaparecer.

Verin dirigiu um olhar lamentoso às Aiel, como se quisesse falar com elas, e então gesticulou para que Juin seguisse em frente. Ele a levou sem mais uma palavra e sem sequer olhar para Loial.

Por alguns instantes, Rand e os outros continuaram encarando as três Aiel, desconfortáveis. Pelo menos, Rand sabia que se sentia desconfortável. Ingтар parecia firme como uma rocha, tão inexpressivo quanto uma. As Aiel podiam ter desvelado os rostos, mas ainda estavam com as lanças nas mãos, e olhavam para os quatro homens como se tentassem ver dentro deles. Rand, em particular, recebia olhares cada vez mais enfurecidos. Ele ouviu a jovem murmurar:

— Ele está usando uma espada... — disse ela em um tom que unia horror e desprezo. Então as três se retiraram, parando para apanhar a tigela de madeira e olhando para trás, para Rand e os outros, até desaparecerem entre as árvores.

— Donzelas da Lança — murmurou Ingтар. — Nunca achei que parariam depois de cobrir o rosto. Pelo menos, não com meia dúzia de palavras. — Ele olhou para Rand e seus dois amigos. — Vocês deveriam ver um batalhão dos Escudos Vermelhos, ou dos Cães de Pedra. São tão fáceis de deter quanto uma avalanche.

— Elas não romperiam o Pacto depois de serem lembradas dele — retrucou Erith, sorrindo. — Vieram em busca de madeira cantada. — Uma ponta de orgulho surgiu na voz da Ogier. — Temos dois Cantores das Árvores aqui no Pouso Tsofu. Eles são raros hoje em dia. Ouvi falar que o Pouso Shangtai tem um Cantor das Árvores jovem muito talentoso, mas nós temos dois. — Loial enrubesceu, mas ela não pareceu notar. — Se vierem comigo, mostrarei onde podem esperar até que os Anciões tenham se pronunciado.

Enquanto a seguiam, Perrin murmurou:

— Madeira cantada meu pé esquerdo. Aquelas Aiel estão procurando por Aquele que Vem com a Aurora.

Mat acrescentou, seco:

— Elas estão procurando você, Rand.

— A mim! Isso é loucura. O que faz você pensar...

Parou de falar quando Erith os levou escada abaixo, para uma casa coberta de flores silvestres que parecia reservada para hóspedes humanos. Os cômodos tinham vinte passos de uma parede de pedra a outra, com tetos pintados a cerca de duas braças do chão, mas os Ogier tinham feito o melhor que podiam para transformá-lo em algo agradável para os humanos.

Mesmo assim, os móveis eram um tanto largos demais para serem confortáveis. As cadeiras eram altas o suficiente para um homem se sentar sem conseguir apoiar os pés no chão, e a mesa, mais alta que a cintura de Rand. Hurin, pelo menos, poderia ter ficado de pé dentro da lareira de pedra, que parecia ter sido esculpida pela água, em vez de por mãos. Erith olhou para Loial, em dúvida, mas ele dispensou sua preocupação com um gesto e foi se acomodar em uma das cadeiras no canto mais difícil de ser visto da porta.

Assim que a garota Ogier saiu, Rand puxou Mat e Perrin de lado.

— O que você quer dizer com essa história de elas estarem procurando por mim? Por quê? Qual o motivo? Elas olharam diretamente para mim e foram embora.

— Elas olharam para você — respondeu Mat, sorrindo — como se você não tomasse banho há um mês e tivesse mergulhado em adubo. — O sorriso sumiu. — Mas podiam estar procurando por você. Encontramos outro Aiel antes.

Rand ouviu a história do encontro na Adaga do Fratricida com espanto crescente. Mat contou a maior parte, e Perrin o corrigiu de vez em quando, quando ele enfeitava demais. Mat fez um espetáculo quando contou como o Aiel era perigoso e quão perto o encontro chegara de um combate.

— E já que você é o único Aiel que a gente conhece — finalizou —, bem, podia muito bem ser você. Ingtar disse que nenhum Aiel mora fora do Deserto, então você deve ser o único.

— Isso não é engraçado, Mat — rosnou Rand. — Eu não sou Aiel. — *A Amyrlin disse que você é. Ingtar acha que você é. Tam disse... Ele estava doente, febril.* Eles haviam cortado as raízes que ele achava que tinha, Tam e as Aes Sedai juntos, embora Tam estivesse doente demais para saber o que dizia. Elas o haviam deixado à solta para ser carregado pelo vento, e então tinham oferecido algo novo para ele se apegar. Falso Dragão. Aiel. Não podia adotar aquilo como suas raízes. E não o faria. — Talvez eu não pertença a ninguém, mas Dois Rios é o único lar que conheço.

— Eu não quis dizer nada demais — protestou Mat. — É só que... Que me queime! Ingtar diz que você é. Masema também. Urien podia ser seu primo, e se Rhian colocasse um vestido e dissesse que era sua tia, até você acreditaria. Ah, está bem. Não me olhe desse jeito, Perrin. Que diferença isso faz, de qualquer forma?

Perrin balançou a cabeça.

Meninas Ogier trouxeram água e toalhas para que eles lavassem o rosto e as mãos, além de queijo, frutas e vinho. A bebida veio em cálices de peltre um pouco grandes demais para serem segurados de um modo confortável. Outras mulheres também vieram, com aqueles vestidos cobertos de bordados. Apareceram uma a uma, cerca de dez, para perguntar se os humanos estavam confortáveis. Todas voltaram suas atenções para Loial antes de sair. Ele deu as respostas de forma respeitosa, mas com a menor quantidade de palavras que Rand já o ouvira usar, e ficara segurando um livro de capa de madeira, do tamanho adequado para um Ogier, bem junto ao peito, como um escudo. E, quando elas foram embora, ele se encolheu na cadeira com o livro cobrindo o rosto. Os livros da casa eram outra coisa desproporcional para humanos.

— Sinta só o cheiro desse ar, Lorde Rand — comentou Hurin, enchendo os pulmões com um sorriso. Os pés dele pendiam de uma das cadeiras à mesa, e o fãrejador os balançava, como

um menino. — Eu nunca pensei que os lugares onde passei cheirassem mal, mas isso aqui... Lorde Rand, acho que *nunca* aconteceu um assassinato aqui. Nem mesmo agressões, a não ser por acidente.

— Os *pousos* são seguros para qualquer um — respondeu Rand. Estava observando Loial. — É o que as histórias dizem, de qualquer forma. — Ele engoliu o último pedaço de queijo branco e foi até o Ogier. Mat o seguiu com um cálice na mão. — O que houve, Loial? — perguntou. — Você está nervoso como um gato no canil desde que chegamos aqui.

— Não é nada — respondeu Loial, inseguro, olhando de relance para a porta.

— Você está com medo de que descubram que você deixou o Pouso Shangtai sem a permissão dos seus Anciões?

Loial olhou em volta, alarmado, com os tufos das orelhas tremendo.

— Não diga isso! — sibilou. — Não onde qualquer um poderia ouvir. Se eles descobrissem... — Com um longo suspiro, ele se deixou afundar na cadeira, olhando de Rand para Mat. — Não sei como vocês humanos fazem isso, mas, entre os Ogier... Se uma garota vê um garoto de quem gosta, ela fala com a mãe. Ou, às vezes, a mãe vê alguém que julga adequado. De qualquer forma, se elas concordarem, a mãe da garota vai à mãe do garoto, e quando ele se dá conta, está com o casamento arranjado.

— E o rapaz não tem voz nisso, não? — perguntou Mat, incrédulo.

— Nenhuma. As mulheres sempre dizem que, se deixassem por nossa conta, passaríamos a vida casados com as árvores. — Loial mudou de posição, carrancudo. — Metade dos nossos casamentos acontece entre *pousos* diferentes: grupos de Ogier jovens visitam diversos *pousos* para ver e serem vistos. Se descobrirem que estou aqui sem permissão, é quase certo que os Anciões decidam que eu preciso de uma esposa para sossegar. Quando eu der por mim, já terão enviado uma mensagem ao Pouso Shangtai, para minha mãe, e ela virá aqui me casar antes mesmo de tirar a poeira da viagem. Ela sempre disse que sou apressado demais e que preciso de uma esposa. Acho que ela já estava procurando quando eu saí. Qualquer esposa que ela escolha para mim... bem, qualquer esposa que seja não vai me deixar ir para o Lado de Fora até minha barba ficar grisalha. As mulheres dizem que não se deveria deixar um homem ir para o Lado de Fora até ele sossegar o suficiente para controlar o próprio temperamento.

Mat deu uma gargalhada alta o bastante para atrair todos os olhares, mas, com um gesto frenético de Loial, continuou, falando em voz baixa.

— Entre nós, os homens escolhem. E esposa alguma pode impedir um homem de fazer o que quer.

Rand franziu a testa, lembrando-se de como Egwene começara a segui-lo quando ambos eram pequenos. Fora nessa época que a Senhora al'Vere começara a se interessar por ele, mais do que pelos outros meninos. Nos últimos tempos, algumas garotas dançavam com ele nos festivais e outras não, e as que dançavam eram sempre amigas de Egwene. As que não dançavam eram garotas de quem Egwene não gostava. Também parecia se lembrar da Senhora al'Vere puxando Tam de lado... *Reclamando que Tam não tinha uma esposa com quem ela pudesse falar!*... E, depois disso, Tam e todos os outros passaram a agir como se ele e Egwene estivessem prometidos, mesmo não tendo se ajoelhado ante o Círculo das Mulheres para fazer os votos. Jamais havia pensado no que acontecera daquele jeito antes: as coisas

entre ele e Egwene pareciam simplesmente sempre ter sido como eram, e pronto.

— Acho que fazemos do mesmo jeito — murmurou, e, quando Mat riu, acrescentou: — Você se lembra do seu pai já ter feito alguma coisa que sua mãe realmente não queria que ele fizesse?

Mat abriu a boca com um sorriso, então franziu a testa, pensativo, e voltou a fazer silêncio.

Juin entrou, descendo a escada.

— Será que todos podem vir comigo, por favor? — Os Anciões gostariam de vê-los. — Ele não olhou para Loial, mas mesmo assim ele quase deixou o livro cair.

— Se os Anciões tentarem fazer você ficar — comentou Rand —, diremos que precisamos que você vá conosco.

— Aposto que isso não tem nada a ver com você — concordou Mat. — Aposto que só vão dizer que podemos usar o Portal dos Caminhos. — Ele estremeceu, e sua voz ficou ainda mais grave. — Precisamos mesmo fazer isso, não é? — Não era uma pergunta.

— Ficar e me casar ou viajar pelos Caminhos. — Loial franziu a testa, com pesar. — A vida é muito perturbadora com amigos *ta'veren*.



Entre os Anciões

Enquanto eram conduzidos por Juin pela cidade dos Ogier, Rand percebeu que a ansiedade de Loial aumentava. As orelhas do amigo estavam tão rígidas quanto as costas, e os olhos ficavam maiores cada vez que Loial percebia outro Ogier olhando para ele, especialmente as mulheres e garotas, e um grande número delas o notava, aparentemente. Ele parecia estar esperando a própria execução.

O Ogier barbado indicou uma série de largos degraus que levavam para baixo, adentrando um monte gramado que era de longe o maior de todos. Era uma colina, para todos os efeitos, quase na base de uma das Grandes Árvores.

— Por que você não espera aqui fora, Loial? — sugeriu Rand.

— Os Anciões... — começou Juin.

— ... provavelmente só querem ver o restante do grupo — completou Rand.

— Por que não o deixam em paz? — acrescentou Mat.

Loial assentiu vigorosamente.

— Sim, sim, acho que... — Algumas mulheres Ogier o observavam, de avós com cabelos brancos a jovens da idade de Erith. Diversas delas conversavam entre si, mas mantinham os olhos nele. As orelhas de Loial tremelicaram, mas ele olhou para a porta larga no final da escadaria e assentiu mais uma vez. — Sim, vou me sentar e ler. É isso. Vou ler. — Remexendo no bolso do casaco, ele puxou um livro. Então se sentou no monte, ao lado da escada, com o pequeno livro nas mãos e fixou o olhar nas páginas. — Vou me sentar aqui e ler até vocês saírem. — As orelhas tremelicavam como se ele pudesse sentir os olhares das mulheres.

Juin balançou a cabeça. Então deu de ombros e indicou outra vez a escada, com um gesto.

— Por favor. Os Anciões estão esperando.

* * *

O grande aposento sem janelas que ficava dentro do monte havia sido feito para Ogier, e tinha um teto de vigas grossas a mais de quatro braças de altura. Considerando o tamanho do

aposento, eles poderiam estar em um palácio. Os sete Ogier sentados na plataforma que ficava de frente para a porta fizeram o aposento parecer um pouco menor, em comparação, mas Rand ainda se sentia como se estivesse em uma caverna. As pedras escuras do piso eram bem lisas, embora grandes e de formato irregular. As paredes, no entanto, podiam pertencer à lateral de um penhasco. As vigas do teto, entalhadas de um jeito rústico, lembravam grandes raízes.

Exceto pela cadeira de espaldar alto em que Verin se sentou, diante da plataforma, a única mobília eram as pesadas cadeiras com entalhes de vinhas dos Anciões. Havia uma mulher no meio da plataforma, sentada em uma cadeira um pouco mais elevada do que as outras. Três homens barbados estavam à sua esquerda, usando longos casacos folgados, e três mulheres à sua direita, com vestidos parecidos com o dela, com bordados de flores e vinhas da bainha até o pescoço. Todos tinham rostos idosos e cabelos completamente brancos, até nos tufos das orelhas, além de um ar de dignidade colossal.

Hurin não tentou esconder o fato de estar boquiaberto, e até Rand teve vontade de apenas encará-los, pasmo. Nem mesmo Verin tinha o mesmo ar de sabedoria que ele via nos grandes olhos dos Anciões. Nem Morgase, com sua coroa, tinha o mesmo ar de autoridade. E nem Moiraine tinha a mesma serenidade calma. Ingтар foi o primeiro a se curvar, e do modo mais formal que Rand já o vira fazer. Ele se mexeu enquanto todos ainda estavam plantados em seus lugares, estupefatos.

— O meu nome é Alar — apresentou-se a mulher sentada na cadeira mais alta, depois de eles finalmente irem para o lado de Verin. — Sou a Mais Velha dos Anciões do Pouso Tsofu. Verin nos contou que vocês precisam usar o Portal dos Caminhos daqui. Recuperar a Trombeta de Valere das mãos dos Amigos das Trevas é, de fato, uma grande necessidade. Mas não permitimos que ninguém viaje pelos Caminhos há mais de cem anos. Nem nós, nem os Anciões de qualquer outro *pouso*.

— Eu vou encontrar a Trombeta — retrucou Ingтар, irritado. — Eu preciso. Se vocês não nos deixarem usar o Portal dos Caminhos... — O homem fez silêncio ao receber um olhar de Verin, mas a expressão de desgosto permaneceu em seu rosto.

Alar sorriu.

— Não seja tão apressado, shienarano. Vocês humanos nunca param para pensar. Apenas as decisões tomadas com calma são acertadas. — O sorriso dela se desmanchou em uma expressão séria, mas sua voz manteve o tom calmo e ponderado. — Os perigos dos Caminhos não podem ser enfrentados com uma espada nas mãos, pois não são uma investida dos Aiel ou um bando de Trollocs descontrolados. Preciso informá-los de que entrar nos Caminhos é arriscar não apenas a morte e a loucura, mas talvez suas próprias almas.

— Já vimos *Machin Shin* — respondeu Rand.

Mat e Perrin concordaram, mas não conseguiram parecer ansiosos para encontrá-lo outra vez.

— Seguirei a Trombeta até a própria Shayol Ghul, se for preciso — afirmou Ingтар, firme.

Hurin apenas assentiu, como se incluísse a si mesmo nas palavras do shienarano.

— Traga Trayal — ordenou Alar. Então Juin, que permanecera à porta, fez uma reverência e saiu. — Não é o bastante — explicou — ouvir falar sobre o que pode acontecer. Vocês precisam ver, precisam saber no coração.

Fez-se um silêncio desconfortável até Juin retornar. Então ficou ainda mais desconfortável

quando ele voltou, acompanhado por duas Ogier. Elas conduziam um Ogier de meia-idade com uma barba preta, que cambaleava entre elas como se não soubesse muito bem como as pernas funcionavam. Seu rosto estava abatido, sem qualquer expressão, e seus olhos grandes eram vazios e não piscavam. Ele não olhava para ninguém nem via nada. Sequer parecia querer enxergar. Uma das mulheres enxugou gentilmente a baba que escorria pelo canto da boca. As duas seguraram-lhe os braços, para fazê-lo parar. Seu pé continuou, incerto, e voltou para trás pisando com força. Ele parecia tão satisfeito parado quanto andando, ou, pelo menos, parecia não se importar.

— Trayal foi um dos últimos de nós a trilhar os Caminhos — comentou Alar, com a voz suave. — Ele saiu desse jeito, como o veem agora. Será que pode tocá-lo, Verin?

A Aes Sedai a encarou por um bom tempo. Então se levantou e foi até Trayal. Ele não se moveu quando ela pôs as mãos em seu peito largo, sequer fez o menor movimento com olhos que indicasse que percebia o toque. Com um sibilo agudo, ela se afastou de súbito, encarando-o. Então se virou para os Anciões.

— Ele está... vazio. O corpo está vivo, mas não há nada dentro dele. Nada.

Todos os Anciões pareceram insuportavelmente tristes.

— Nada — concordou uma das Anciãs à direita de Alar. Os olhos dela pareciam carregar toda a dor que os de Trayal não podiam mais transmitir. — Sem mente. Sem alma. Não resta nada de Trayal, além do corpo.

— Ele era um bom Cantor das Árvores. — suspirou um dos homens à esquerda da cadeira mais elevada.

Alar fez um gesto, e as duas mulheres viraram Trayal para levá-lo para fora. Elas precisaram empurrá-lo para que ele começasse a andar.

— Conhecemos os riscos — disse Verin. — Mas, quaisquer que sejam, precisamos seguir a Trombeta de Valere.

A Mais Velha assentiu.

— A Trombeta de Valere. Não sei se a pior notícia é que ela esteja nas mãos de Amigos das Trevas ou que tenha sido encontrada, para começar. — Ela olhou para a fileira de Anciões. Cada um deles assentiu, mas um dos homens cofiou a barba primeiro, em dúvida. — Muito bem. Verin afirma que o tempo urge. Eu mesma os levarei ao Portal dos Caminhos. — Rand se sentia um pouco aliviado e um pouco temeroso, até que ela acrescentou: — Vocês chegaram aqui com um jovem Ogier. É Loial, filho de Arent, filho de Halan, do Pouso Shangtai. Ele está longe de casa.

— Precisamos dele — disse Rand, mais do que depressa. Suas palavras perderam a velocidade sob os olhares dos Anciões e de Verin, mas ele prosseguiu, por teimosia: — Precisamos que ele venha conosco, e ele quer vir.

— Loial é um amigo — afirmou Perrin, ao mesmo tempo em que Mat dizia:

— Ele não fica no caminho e faz sua parte.

Nenhum dos três parecia confortável com o olhar dos Anciões sobre si, mas não recuaram.

— Há algum motivo para ele não vir conosco? — indagou Ingtar. — Como Mat disse, ele faz sua parte. Não sei dessa história de precisarmos dele, mas, se ele quiser vir, por que...

— Nós realmente precisamos dele — intrometeu-se Verin, com gentileza. — Poucos ainda

conhecem os Caminhos, mas Loial os estudou. Ele consegue decifrar os Guias.

Alar olhou para cada um deles de uma vez, e então passou a analisar Rand. Ela parecia saber coisas. Todos os Anciões pareciam, mas ela ainda mais.

— Verin disse que você é *ta'veren* — falou, por fim —, e posso sentir isso. O fato de eu poder fazê-lo significa que você deve ser um *ta'veren* muito forte, já que esses Talentos aparecem cada vez mais fracos em nós, quando aparecem. Por acaso você atraiu Loial, filho de Arent, filho de Halan, para *ta'maral'ailen*, a Teia que o Padrão tece à sua volta?

— Eu... eu só quero encontrar a Trombeta e... — Rand não terminou a frase. Alar não mencionara a adaga de Mat. Ele não sabia se Verin contara aos Anciões ou se a omitira por algum motivo. — Ele é meu amigo, Mais Velha.

— Seu amigo — repetiu Alar. — Para nós, ele é jovem. Você também é jovem, mas é *ta'veren*. Cuidará dele e, quando a tessitura estiver completa, garantirá que ele volte a salvo para casa, no Pousio Shangtai.

— Eu vou — respondeu Rand.

Teve a sensação de que fizera uma promessa, um juramento.

— Então vamos para o Portal dos Caminhos.

Do lado de fora, Loial ficou de pé assim que eles apareceram, com Alar e Verin à frente. Ingтар mandou Hurin correr para buscar Uno e os outros soldados. Loial olhou para a Mais Velha, desconfiado, e então se juntou a Rand no fim da procissão. Todas as mulheres Ogier que estiveram observando-o haviam sumido.

— Os Anciões disseram alguma coisa a meu respeito? Ela...? — Ele olhou para as costas largas de Alar quando ela mandou Juin trazer os cavalos dos visitantes. Ela começou a andar à frente com Verin, curvando a cabeça para falar mais baixo, enquanto Juin ainda se retirava, fazendo reverências.

— Ela mandou Rand tomar conta de você — respondeu Mat, solene, enquanto eles seguiam o grupo — e garantir que você chegue em casa seguro como um bebê. Não vejo por que não fica aqui e se casa.

— Ela disse que você podia vir conosco. — Rand olhou com raiva para Mat, o que fez o rapaz rir baixinho. A risada soava estranha, vinda daquele rosto acabado. Loial girava o talo de um broto de coração-verdadeiro entre os dedos. — Você foi colher flores? — perguntou.

— Erith me deu. — Loial observou as pétalas amarelas girarem. — Ela é realmente muito bonita, mesmo que Mat não consiga ver.

— Isso quer dizer que você não quer vir conosco, afinal?

Loial se assustou.

— O quê? Ah, não. Quer dizer, sim. Eu quero ir. Ela só me deu uma flor. Só uma flor. — No entanto, ele tirou um livro do bolso e pôs o botão dentro, atrás da capa. Enquanto guardava o livro de volta, murmurou baixinho, quase para si mesmo, e quase baixo o bastante para que Rand não ouvisse: — E ela também disse que eu era bonito. — Mat sufocou uma risada e se dobrou ao meio, abraçando a si mesmo, e Loial enrubesceu. — Bem... Foi ela quem disse, não eu.

Perrin deu um cascudo no amigo.

— Ninguém nunca disse que Mat era bonito. Ele só está com ciúmes.

— Não é verdade — retrucou Mat, endireitando-se de repente. — Marisa Ayellin me acha

bonito. Ela me disse mais de uma vez.

— Marisa é bonita? — perguntou Loial.

— Ela tem cara de bode — respondeu Perrin, inexpressivo.

Mat se engasgou com a pressa em protestar.

Rand não conseguiu se impedir de sorrir. Marisa era quase tão bonita quanto Egwene. E aquilo era quase como nos velhos tempos, quase como estar de volta em casa, fazendo piadas, quando nada era mais importante do que rir e tirar sarro dos companheiros.

Enquanto seguiam pela cidadezinha, diversos Ogier cumprimentaram Alar, fazendo reverências e mesuras, e olhavam para os humanos com interesse. Mas a expressão decidida da Mais Velha impedia qualquer um de parar para fazer perguntas. Quando deixaram o povoado, só perceberam pela ausência de elevações. Ainda havia alguns Ogier examinando árvores, às vezes trabalhando com piche e serra ou com um machado, quando precisavam podar galhos mortos ou ajudar alguma árvore que precisava de sol. Eles cumpriam suas tarefas com dedicação.

Juin se juntou a eles, trazendo os cavalos. Hurin chegou a cavalo com Uno, os outros soldados e os cavalos de carga logo antes de Alar apontar e dizer:

— É ali na frente.

As piadas cessaram.

Rand sentiu uma surpresa momentânea. O Portal dos Caminhos precisava ficar do Lado de Fora do *pouso*. Eles haviam sido criados com o Poder Único, então não poderiam ter sido feitos do lado de dentro. Mas não havia nada que indicasse que haviam ultrapassado os limites do *pouso*. Até que Rand percebeu que havia uma diferença: a sensação que lhe acompanhava desde que chegara de que havia perdido algo se fora. Aquilo lhe deu outro tipo de calafrio. *Saidin* estava ali novamente, à espera.

Alar os levou além de um carvalho alto, e ali, em uma pequena clareira, estava a grande placa de pedra do Portal dos Caminhos. A frente era delicadamente esculpida com densas vinhas e folhas de centenas de plantas diferentes. Nos limites da clareira, os Ogier haviam construído uma mureta de pedra que quase parecia ter crescido ali, ostentando o que poderia ser um círculo de raízes. A aparência deixava Rand desconfortável. Ele levou um momento para perceber que aquelas raízes eram de espinheiros, urzes, folhardente e sumagre-venenoso. Não eram o tipo de planta em que gostaria de tropeçar.

A Mais Velha parou um pouco antes da mureta.

— Esta parede foi feita para avisar qualquer um que venha aqui para se afastar. Não são muitos que o fazem. Eu mesma não a cruzarei. Mas vocês podem seguir. — Juin não se aproximou tanto quanto ela. O Ogier ficou esfregando as mãos na frente do casaco, sem olhar para o Portal dos Caminhos.

— Obrigada — respondeu Verin. — A necessidade é grande, ou eu não teria pedido.

Rand ficou tenso quando a Aes Sedai pulou a mureta e se aproximou do Portal. Loial respirou fundo e murmurou baixinho. Uno e os outros soldados ficaram inquietos em suas selas e soltaram as espadas nas bainhas. Uma espada não tinha serventia nos Caminhos, mas o gesto os ajudava a se convencer de que estavam prontos. Apenas Ingtar e a Aes Sedai pareciam calmos: até mesmo Alar segurou a saia com as duas mãos, bem firme.

Verin puxou a folha de *Avendesora* e Rand se inclinou para a frente, observando a cena. Teve um impulso de buscar o vazio, de ir para um lugar onde poderia alcançar *saidin*, caso fosse necessário.

A vegetação entalhada no Portal dos Caminhos se agitou com uma brisa que ninguém sentiu, e as folhas se sacudiram para formar uma linha no centro. Então as duas metades começaram a se abrir.

Rand encarou a fresta fixamente. Não havia um reflexo opaco e prateado atrás dela, apenas um negror mais escuro que piche.

— Feche! — gritou. — É o Vento Negro! Feche!

Verin olhou, assustada, e colocou a folha de três pontas em seu lugar. A folha de pedra permaneceu lá quando ela retirou a mão e recuou até a mureta. O Portal dos Caminhos havia começado a fechar assim que Verin colocou a folha no lugar. A fenda desapareceu. Vinhas e folhas se fundiam, ocultando o negror de *Machin Shin*, e o Portal dos Caminhos virou, outra vez, um bloco pedra, ainda que o enfeite esculpido parecesse mais vivo do que era possível.

Alar soltou a respiração, ofegante.

— *Machin Shin*. Tão perto.

— Ele não tentou sair — disse Rand.

Juin soltou um som engasgado.

— Eu disse a vocês — afirmou Verin. — O Vento Negro é uma criatura dos Caminhos. Não pode sair deles. — Ela parecia calma, mas ainda assim limpou as mãos na saia. Rand abriu a boca para falar e desistiu. — Ainda assim — prosseguiu —, fico intrigada por ele estar aqui. Primeiro em Cairhien, agora aqui. Eu me pergunto...

Ela olhou para Rand de soslaio, de um jeito inquietante. Foi tão rápido que ele achou que ninguém mais tivesse notado, mas, para Rand, ela parecia ver alguma ligação entre ele e o Vento Negro.

— Nunca ouvi falar disso — afirmou Alar, lentamente. — *Machin Shin* à espera diante de um Portal dos Caminhos. Ele sempre vagou pelos Caminhos. Mas faz muito tempo. Talvez o Vento Negro tenha fome e espere pegar algum desavisado que entre por um portal. Verin, tenho certeza de que vocês não podem usar este Portal. E, apesar da sua grande necessidade, não posso dizer que lamento. Os Caminhos pertencem à Sombra agora.

Rand olhou para o Portal e franziu a testa. *Será que ele está me seguindo?* Tinha perguntas demais a fazer. Será que, de algum modo, Fain dera uma ordem ao Vento Negro? Verin dizia que era impossível. E por que Fain exigiria que ele o seguisse e depois tentaria detê-lo? Só sabia que acreditava na mensagem. Precisava ir à Ponta de Toman. Mesmo que encontrassem a Trombeta de Valere e a adaga de Mat embaixo de uma moita no dia seguinte, ainda teria que ir.

Verin permaneceu com o olhar perdido, pensativa. Mat estava sentado na mureta com a cabeça enterrada nas mãos, e Perrin o observava, preocupado. Loial parecia aliviado por não poderem usar o Portal, e envergonhado por isso.

— Terminamos aqui — anunciou Ingтар. — Verin Sedai, eu a segui, contrariando minha própria razão, mas não posso mais continuar. Pretendo voltar a Cairhien. Barathanes pode me dizer para onde foram os Amigos das Trevas, e vou encontrar uma forma de fazê-lo falar.

— Fain foi para a Ponta de Toman — respondeu Rand, cansado. — E a Trombeta foi com ele. Assim como a adaga.

— Suponho... — Perrin deu de ombros, relutante. — Suponho que possamos tentar usar outro Portal dos Caminhos. Em outro *pouso*?

Loial esfregou os dedos no queixo e falou depressa, como se para compensar pelo alívio ao ver o plano falhar.

— O Pouso Cantoine fica logo acima do rio Iralell, e o Pouso Taijing é a leste da Espinha do Mundo. Mas o Portal em Caemlyn, onde ficava o bosque, é mais perto. E o do Bosque de Tar Valon é o mais próximo de todos.

— Temo que, independente do portal escolhido — comentou Verin, distraída —, encontraremos *Machin Shin* à espera.

Alar dirigiu um olhar curioso à Verin, mas a Aes Sedai não disse mais qualquer palavra alto o suficiente para outra pessoa ouvir. Em vez disso, passou a murmurar sozinha, balançando a cabeça, como se discutisse consigo mesma.

— O que precisamos — sugeriu Hurin, timidamente — é de uma daquelas Pedras-portais. — Ele olhou para Alar, depois para Verin, e, como nenhuma das duas lhe mandou ficar quieto, continuou a falar, parecendo cada vez mais confiante: — Lady Selene disse que as Aes Sedai de antigamente estudaram aqueles mundos, e que foi assim que souberam como fazer os Caminhos. E o lugar onde fomos parar... Bem, levamos apenas dois dias, talvez menos, para viajar cem léguas. Se conseguíssemos usar uma Pedra-portal para ir para aquele mundo ou algum como aquele... Ora, a gente não levaria mais que uma ou duas semanas para chegar ao Oceano de Aryth, e acho que dá pra sair bem na Ponta de Toman. Talvez não seja tão rápido quanto os Caminhos, mas é muito mais rápido do que cavalgar para o oeste. O que vocês acham, Lorde Ingtar, Lorde Rand?

Verin respondeu.

— O que você sugere pode muito bem ser possível, farejador, mas temos tanta chance de abrir este Portal outra vez e descobrir que *Machin Shin* se foi quanto de encontrar uma Pedra-portal. Não sei de nenhuma mais perto do que a que fica no Deserto Aiel. Mas penso que poderíamos voltar à Adaga do Fratricida se você, Rand ou Loial acharem que conseguiriam encontrar aquela Pedra outra vez.

Rand olhou para Mat. Seu amigo erguera a cabeça, esperançoso, com aquela conversa sobre as Pedras. Apenas algumas semanas, dissera Verin. Se simplesmente cavalgassem para o oeste, Mat jamais sobreviveria para ver a Ponta de Toman.

— Eu consigo encontrá-la — interveio Rand, relutante.

Ele se sentia envergonhado. *Mat vai morrer. Os Amigos das Trevas estão com a Trombeta de Valere. Fain machucará as pessoas de Campo de Emond se você não segui-lo, e você está com medo de canalizar. Só uma vez para ir e outra para voltar. Mais duas vezes não vão deixá-lo louco.* O que lhe deu medo, porém, foi a avidez que sentiu ao pensar em canalizar outra vez, em sentir o Poder preenchê-lo, em sentir-se verdadeiramente vivo.

— Não entendo — comentou Alar, devagar. — As Pedras-portais não são ativadas desde a Era das Lendas. Achava que não havia alguém que ainda soubesse como usá-las.

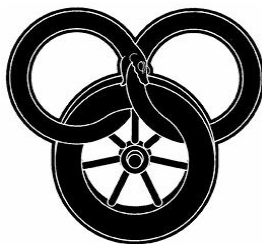
— A Ajah Marrom sabe muitas coisas — retrucou Verin, seca —, e eu sei como as Pedras

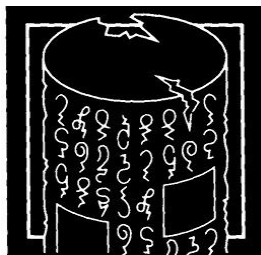
podem ser usadas.

A Mais Velha assentiu.

— Há mesmo maravilhas na Torre Branca com as quais sequer sonhamos. Mas, se você consegue usar uma Pedra-portal, não há necessidade de cavalgarem até a Adaga do Fratricida. Há uma não muito longe daqui.

— Há de ser o que a Roda tecer, e o Padrão sempre provê o que é necessário. — A expressão ausente sumira por completo do rosto de Verin. — Leve-nos a ela — disse, de forma brusca. — Já perdemos muito tempo.





O que Poderia Ser

Alar os conduziu para longe do Portal dos Caminhos em um passo digno, embora Juin parecesse mais do que ansioso para deixar o lugar para trás correndo. Mat, pelo menos, parecia olhar à frente, ansioso, enquanto Hurin parecia confiante. Loial, por sua vez, parecia mais preocupado com a possibilidade de Alar mudar de ideia sobre deixá-lo ir do que com qualquer outro assunto. Rand não se apressou ao levar Vermelho pelas rédeas. Não achava que Verin pretendesse ativar a Pedra em si.

A coluna de pedra cinzenta se erguia a quase quinze braças do chão, ao lado de uma faia, e tinha quase quatro passos de diâmetro. Rand teria considerado aquela faia uma árvore grande, se não tivesse visto as Grandes Árvores. Ali não havia uma mureta para alertar quem passasse pelo local, apenas algumas flores silvestres que despontavam da forragem de folhas no chão da floresta. A Pedra-portal estava desgastada, mas ainda era possível ler os símbolos que a cobriam.

Os soldados shienaranos montados formaram um círculo ao redor da Pedra e dos membros do grupo a pé.

— Nós a levantamos — comentou Alar — quando a encontramos, há muitos anos. Mas não a movemos. Ela... quase parecia... resistir a ser movida. — Seguiu direto até a pedra e pôs uma das mãos grandes nela. — Sempre a considereei um símbolo do que foi perdido, do que foi esquecido. Na Era das Lendas, ela podia ser estudada e compreendida em alguma medida. Mas, para nós, é apenas pedra.

— Bem, espero que seja mais do que isso. — A voz de Verin ficou ainda mais brusca. — Mais Velha, agradeço a ajuda. Perdoe-nos pela falta de cerimônia ao deixá-la, mas a Roda não espera por mulher alguma. Pelo menos não perturbaremos mais a paz de seu *pouso*.

— Chamamos de volta os Construtores que estavam em Cairhien — começou a responder Alar —, mas ainda ouvimos notícias sobre o que acontece no mundo lá Fora. Falsos Dragões. A Grande Caçada à Trombeta. Nós ouvimos, e as notícias passam direto por nós. Mas acho que Tarmon Gai'don não passará direto por nós, nem nos deixará em paz. Passe bem, Verin Sedai. Todos vocês, passem bem, e que possam se abrigar na palma da mão do Criador. Juin. — Ela fez uma pausa, apenas para fitar Loial pela última vez e dirigir a Rand um último olhar de repreensão, e então os Ogier sumiram em meio às árvores.

Ouviram-se estalos nas selas enquanto os soldados se ajeitavam. Ingtar observou o círculo que formavam.

— Isso é realmente necessário, Verin Sedai? Mesmo que seja possível... Sequer sabemos se os Amigos das Trevas realmente levaram a Trombeta para a Ponta de Toman. Ainda acho que consigo fazer Barathanes...

— Se não podemos ter certeza — respondeu Verin, em um tom calmo, interrompendo-o —, a Ponta de Toman ainda é um lugar tão bom para procurarmos quanto qualquer outro. Já o ouvi dizer mais de uma vez que iria até Shayol Ghul para recuperar a Trombeta, se for necessário. Você recua agora, diante disso? — Ela indicou a Pedra sob a árvore de casca lisa.

As costas de Ingtar ficaram eretas.

— Eu não recuo diante de nada. Não importa se nos levará à Ponta de Toman ou a Shayol Ghul. Se a Trombeta de Valere estiver no fim do caminho, vou segui-la.

— Está bem, Ingtar. Agora, Rand, você foi transportado por uma Pedra-portal há menos tempo do que eu. Venha. — Ela o chamou com um gesto, e o rapaz conduziu Vermelho até ela, perto da Pedra.

— Você já usou uma Pedra-portal? — Ele olhou por cima do ombro, para ter certeza de que não havia ninguém próximo o suficiente para ouvir. — Então acho que não espera que eu o faça. — Ele deu de ombros, aliviado.

Verin o encarou com uma expressão neutra.

— Eu nunca usei uma Pedra, e é por isso que a sua experiência é mais recente que a minha. Conheço bem meus limites. Eu seria destruída antes de chegar perto de canalizar Poder o suficiente para ativar uma Pedra-portal. Mas sei um pouco sobre elas. O bastante para ajudá-lo, pelo menos um pouquinho.

— Mas eu não sei *nada*. — Ele conduziu o cavalo, contornando a Pedra, olhando-a de cima a baixo. — A única coisa que me lembro é do símbolo do nosso mundo. Selene me mostrou, mas eu não o vejo aqui.

— Claro que não. Não em uma Pedra *deste* mundo, já que os símbolos ajudam a *ir* para um mundo. — Ela sacudiu a cabeça. — O que eu não daria para conversar com essa garota de quem você tanto fala. Ou, melhor ainda, para pôr as mãos nesse livro dela. Acredita-se que nenhuma cópia de *Espelhos da Roda* sobreviveu inteira à Ruptura. Serafelle sempre diz que há mais livros que acreditamos estar perdidos do que eu tenho fé de que possam ser encontrados. Bem, não ajuda em nada me preocupar com o que não sei. Mas sei de algumas coisas. Os símbolos na metade de cima da Pedra representam os mundos. Não todos os Mundos que Poderiam Ser, é claro. Ao que parece, nem toda Pedra se conecta a todos os mundos, e os Aes Sedai da Era das Lendas acreditavam que havia mundos que nenhuma Pedra tocava. Você não vê nenhum que seja familiar?

— Nada. — Se ele encontrasse o símbolo certo, poderia usá-lo para encontrar Fain e a Trombeta, salvar Mat e impedir que Fain fizesse mal aos habitantes de Campo de Emond. Se encontrasse o símbolo, precisaria tocar *saidin*. Queria salvar Mat e deter Fain, mas não queria tocar *saidin*. Tinha medo de canalizar, mas ansiava por aquilo como um faminto ansiava por comida. — Nenhum deles.

Verin suspirou.

— Os símbolos na base indicam pedras de outros lugares. Se você souber como funciona,

pode não nos levar para esta mesma Pedra em outro mundo, mas para uma das outras pedras de lá, ou mesmo para uma das outras deste mundo. Imagino que seja semelhante a Viajar, mas, assim como ninguém se lembra de como Viajar, ninguém se lembra de como funciona. Sem esse conhecimento, tentar fazer isso pode destruir a todos nós com muita facilidade. — Ela apontou para duas linhas onduladas paralelas, cruzadas por um estranho rabisco, entalhadas em uma parte bem baixa da coluna. — Este símbolo indica uma Pedra na Ponta de Toman. É uma das três pedras cujo símbolo eu conheço, e a única que visitei. Não aprendi absolutamente nada depois de quase ser pega pela neve nas Montanhas da Névoa e de quase congelar na Planície de Almoth. Você joga dados ou cartas, Rand al'Thor?

— Mat é quem gosta de jogar. Por quê?

— Certo. Bem, vamos deixá-lo fora disso, eu acho. Também conheço esses outros símbolos.

Ela passou um de seus dedos por um retângulo contendo oito entalhes bastante parecidos, representando um círculo e uma flecha. Mas em metade deles a flecha estava circunscrita, enquanto na outra metade ela atravessava o círculo. As flechas apontavam para a esquerda, para a direita, para cima e para baixo. Em volta de cada círculo havia uma linha diferente que Rand tinha certeza que era algum tipo de escrita, embora não fosse em nenhuma língua conhecida. Era toda composta de linhas curvas, que subitamente se tornavam ganchos afiados, para depois voltar a fluir.

— Sei pelo menos o seguinte — prosseguiu Verin. — Cada um representa um mundo, e o estudo sobre eles serviram de base para a criação dos Caminhos. Estes aqui não são todos os mundos que chegaram a ser estudados, mas são os com os símbolos que eu conheço. É aqui que entra a sorte; não sei como são esses mundos. Acredita-se que, em alguns, um ano lá dura apenas um dia daqui. E em outros, um dia lá equivale a um ano aqui. Supõe-se que haja mundos em que o próprio ar pode matá-lo, e outros que mal são reais o suficiente para se manterem inteiros. Não vou especular sobre o que poderia acontecer se caíssemos em um desses. Você precisa escolher. Como meu pai diria, é hora de rolar os dados.

Rand olhou, estupefato, balançando a cabeça.

— Eu poderia matar todos nós com minha escolha.

— Você não está disposto a correr o risco? Pela Trombeta de Valere? Por Mat?

— Por que você está tão disposta? Eu nem sei se consigo fazer isso. Não... não funciona todas as vezes que tento. — Ele sabia que ninguém se aproximara, mas olhou para trás assim mesmo. Todos esperavam, mais ou menos em círculo ao redor da Pedra. Observavam a cena, mas não estavam perto o suficiente para ouvir. — Às vezes *saidin* está logo ali. Eu posso senti-lo, mas ele podia muito bem estar na lua quando tento tocá-lo. E, mesmo se funcionar, o que acontece se eu nos levar para um mundo onde não dê para respirar? Que bem isso faria a Mat? Ou à Trombeta?

— Você é o Dragão Renascido — respondeu ela, em voz baixa. — Ah, você pode até morrer, mas acredito que o Padrão não vá deixá-lo escapar antes de terminar o que precisa fazer com você. No entanto, a Sombra recobre o Padrão, agora. Quem poderia dizer como isso afeta a tessitura? Tudo que você pode fazer é seguir seu destino.

— Eu sou Rand al'Thor — respondeu, quase rosnando. — Não sou o Dragão Renascido. E não serei um falso Dragão.

— Você é o que é. Vai escolher ou vai ficar aí parado até seu amigo morrer?

Rand ouviu seus dentes rangerem e se forçou a relaxar a mandíbula. Os símbolos poderiam muito bem ser todos iguais, já que não tinham muito significado para ele. Aqueles escritos poderiam muito bem ser as pegadas de uma galinha. Por fim, escolheu um cuja seta apontava para a esquerda, porque naquela direção ficava a Ponta de Toman. Escolheu uma flecha perfurando o círculo, pois ela havia se libertado, como ele queria fazer. Quis rir. Eram detalhes tão pequenos para apostar suas vidas...

— Cheguem mais perto — ordenou Verin para os outros. — Vai ser melhor se vocês estiverem mais perto. — Eles obedeceram, com uma leve hesitação. — Está na hora — continuou ela, enquanto eles se reuniam à sua volta.

Ela abriu o manto e colocou as mãos na coluna, mas Rand percebeu que ela o observava pelo canto do olho. Estava ciente das tossidas nervosas e dos pigarros dos homens ao redor da Pedra, de um impropério de Uno dirigido a alguém que se mantinha afastado, de uma piada fraca de Mat, de Loial engolindo em seco, bem alto. Ele buscou o vazio.

Naquele momento foi tão fácil... A chama consumiu o medo e as paixões, sumindo quase antes de ele pensar em formá-la. Ela se foi, deixando apenas o vazio e *saidin*, brilhante, nauseante, fascinante, de embrulhar o estômago, sedutor. Rand... o buscou... e o Poder o preencheu, o tornou vivo. Não moveu um músculo, mas sentiu como se estivesse tremendo com a torrente do Poder Único dentro de si. O símbolo se formou sozinho, a seta perfurando o círculo, flutuando logo além do vazio, sólido como o material em que fora esculpido. Ele deixou o Poder Único fluir por ele, indo até o símbolo.

O símbolo tremulou e piscou.

— Tem algo acontecendo — disse Verin. — Algo...

O mundo piscou.

* * *

A fechadura de ferro saiu rolando pelo chão, e Rand deixou cair o bule de chá quente quando uma enorme figura com chifres de carneiro chegou à porta, trazendo a escuridão da Noite Invernal atrás de si.

— Corra! — gritou Tam.

A espada de seu pai lampejou, fazendo o Trolloc tombar, mas a fera se engalfinhou com Tam enquanto caía, levando-o ao chão.

Mais Trollocs se aglomeravam à porta. Formas vestidas de cotas de malha negras, seus rostos como os de humanos, mas distorcidos com focinhos, bicos e chifres. Carregavam espadas estranhamente curvas e davam estocadas em Tam, que tentava se levantar. Machados pontudos o golpeavam, e o sangue vermelho manchava o aço.

— Pai! — gritou Rand.

Puxando a faca do cinturão, o rapaz se atirou por cima da mesa para ajudar o pai, gritando uma última vez quando a primeira espada atravessou seu peito.

O sangue saiu por sua boca, e uma voz sussurrou em sua cabeça. *Venci de novo, Lews Therin.*

Pisca.

* * *

Rand lutou para se agarrar ao símbolo, vagamente ciente da voz de Verin.

— ... está...

O Poder o inundou.

Pisca.

* * *

Rand estava feliz com seu casamento com Egwene. Ele tentava não deixar que a melancolia o dominasse, naqueles momentos em que achava que deveria ter acontecido algo mais, algo diferente. As notícias do mundo lá fora chegavam a Dois Rios por meio de mascates e mercadores que iam comprar lã e tabaco. Eles sempre traziam notícias de novos problemas, guerras e Falsos Dragões que apareciam em toda parte. Houve um ano em que não apareceu nenhum mercador ou mascate e, quando voltaram no ano seguinte, todos traziam a notícia de que os exércitos de Artur Asa-de-gavião haviam retornado, ou ao menos seus descendentes. As velhas nações estavam derrotadas, e os novos mestres do mundo, que usavam Aes Sedai encoleiradas em suas batalhas, derrubaram a Torre Branca e salgaram a terra onde Tar Valor se erguera. Não havia mais Aes Sedai.

Tudo aquilo fazia pouca diferença para o pessoal de Dois Rios. As safras ainda precisavam ser plantadas, as ovelhas, tosquiadas, e os cordeiros, cuidados. Tam tivera netos e netas, que brincaram de cavalinho em seus joelhos, antes de ser enterrado ao lado da esposa, e a antiga casa da fazenda ganhara novos quartos. Egwene se tornara Sabedoria, e a maioria achava que ela era ainda melhor do que a antiga, Nynaeve al'Meara. E era bom que fosse, pois suas curas, que funcionavam milagrosamente nos outros, conseguiam por pouco manter Rand vivo, a despeito da doença que parecia ameaçá-lo constantemente. Seu estado de espírito estava cada vez pior, mais sombrio, e ele se enfurecia e dizia que as coisas deveriam ter acontecido de outro jeito. Egwene passou a ficar cada vez mais assustada quando ele ficava daquele jeito, pois coisas estranhas aconteciam quando ele estava em seus piores momentos: tempestades de raios que ela não percebera ao escutar o vento, incêndios na floresta... Mas ela o amava, então cuidava dele e o mantinha são, embora alguns murmurassem que Rand al'Thor era louco e perigoso.

Quando ela morreu, ele passou a ficar horas sentado sozinho em seu túmulo, com lágrimas ensopando a barba, que já estava ficando grisalha. A doença voltou, e ele piorou: perdeu dois dedos da mão direita e um da esquerda, suas orelhas pareciam cicatrizes e os homens murmuravam que ele cheirava a podridão. Sua depressão se agravou.

Ainda assim, quando chegaram as terríveis notícias, ninguém se recusou a aceitá-lo a seu lado. Trollocs, Desvanecidos e coisas jamais sonhadas irromperam da Praga, e os novos mestres do mundo estavam sendo vencidos, apesar de todo o seu poder. Então, Rand pegou o

arco. Restavam-lhe apenas os dedos que precisava para atirar, mas ele mancou com os que marchavam rumo ao norte até o rio Taren. Homens de cada vila e fazenda e de todos os cantos de Dois Rios, levando arcos, machados, lanças para caçar javalis e espadas que até então apenas enferrujavam nos sótãos. Rand também tinha uma espada, marcada com uma garça na lâmina, que encontrara depois da morte de Tam. Mas não sabia como usá-la. Algumas mulheres foram também, levando nos ombros qualquer arma que conseguissem encontrar, marchando ao lado dos homens. Alguns riam, dizendo que tinham a estranha sensação de que já haviam feito aquilo antes.

E foi no Taren que o povo de Dois Rios enfrentou os invasores. Fileiras intermináveis de Trollocs, liderados por Desvanecidos saídos de pesadelos, marchavam sob um estandarte negro como a morte, que parecia devorar a luz. Rand viu aquele estandarte e achou que a loucura o tomara outra vez, pois parecia que nascera para aquilo, para enfrentar aquele estandarte. Atirou todas as flechas contra ele, tão certas quanto a habilidade e o vazio permitiam, sem se preocupar com os Trollocs que forçavam passagem pelo rio ou com os homens e mulheres que morriam a seu lado. Foi um daqueles Trollocs que o derrotou, antes de trotar aos uivos em busca de sangue no interior de Dois Rios. Enquanto jazia na margem do Taren, vendo o céu escurecer ao meio-dia, com a respiração cada vez mais lenta, ele ouviu uma voz dizer: *Venci de novo, Lews Therin.*

Pisca.

* * *

A seta e o círculo se contorceram, transformando-se em duas linhas paralelas onduladas, e ele lutou para fazê-las voltar ao que eram.

Veio a voz de Verin.

— ... errado. Alguma coisa...

O Poder rugia.

Pisca.

* * *

Tam tentou consolar Rand quando Egwene ficou doente e morreu, uma semana antes do casamento. Nynaeve também tentou, mas ela própria estava bastante abalada. Nem mesmo toda a sua habilidade a Sabedoria entendia o que matara a garota. Rand se sentara ao lado da casa de Egwene enquanto ela morria, e parecia não haver lugar em Campo de Emond onde não ouvisse seus gritos. Sabia que não poderia ficar. Tam lhe deu uma espada com uma lâmina com a marca da garça e, embora não tenha explicado muito bem como um pastor de Dois Rios encontrara aquela arma, ele o ensinou a usá-la. No dia em que partiu, Rand recebeu uma carta de Tam. Seu pai explicou que ela poderia fazer com que ele fosse aceito no exército de Illian e o abraçou, dizendo:

— Nunca tive outro filho, e nem quis ter. Volte com uma esposa se puder, menino, assim como eu. Mas volte, de qualquer jeito.

No entanto, Rand teve seu dinheiro roubado em Baerlon, assim como a carta de apresentação, e por pouco não perdeu a espada junto. Então encontrou uma mulher chamada Min, que lhe disse coisas tão loucas sobre ele que o rapaz decidiu deixar a cidade para fugir dela. Suas andanças o levaram a Caemlyn, e lá sua habilidade com a espada lhe valeu um lugar entre os Guardas da Rainha. Às vezes ele se pegava olhando para a Filha-herdeira, Elayne, e, naqueles momentos, se enchia de ideias estranhas de que aquilo não era como as coisas deveriam ser, de que precisava haver algo mais em sua vida. Elayne não olhava para ele, é claro. Ela se casou com um príncipe taireno, embora não parecesse feliz com aquilo. Rand era apenas um soldado, que já fora pastor em uma pequena aldeia. Era um lugar tão distante, na direção da fronteira ocidental, que apenas algumas linhas em uma mapa ainda a conectavam a Andor. Além disso, tinha a reputação de ser um homem de acessos de violência.

Alguns diziam que ele era louco, e, em tempos normais, talvez nem mesmo sua habilidade com a espada o teria mantido na Guarda. Mas aqueles não eram tempos comuns. Falsos Dragões brotavam como ervas daninhas. Cada vez que um era derrotado, outros dois se proclamavam, ou três. Até que todas as nações estavam arrasadas pela guerra. E a estrela de Rand brilhou, pois ele descobriu o segredo de sua loucura. Um segredo que ele sabia que precisava guardar, e foi o que fez. Ele era capaz de canalizar. Havia sempre lugares, momentos, em que tentava canalizar. Às vezes durante uma batalha, quando um pouco do poder, nada grande o suficiente para ser notado em meio à confusão, podia garantir a sorte. Às vezes funcionava, às vezes não. Mas dava certo com frequência suficiente. Ele sabia que estava louco, e não se importava. Uma doença degenerativa se abateu sobre ele, que também não se importou, nem ninguém mais. Chegaram notícias de que os exércitos de Artur Asa-de-gavião haviam retornado para reivindicar a terra.

Rand liderou mil homens quando os Guardas da Rainha cruzaram as Montanhas da Névoa. Nem pensou em fazer um desvio para visitar Dois Rios. Já não pensava no vilarejo com muita frequência. E comandou a Guarda quando o que restou dela recuou pelas montanhas. Lutou e recuou por toda a extensão de Andor, entre hordas de refugiados em fuga. Até que chegou a Caemlyn. Muitas pessoas de Caemlyn já haviam fugido, e muitas aconselhavam o exército a recuar ainda mais. Mas Elayne era Rainha, àquela altura, e jurara não deixar o lugar. Ela não olhava para seu rosto arruinado, marcado pelas cicatrizes da doença, mas ele não queria deixá-la. Então o que havia restado dos Guardas da Rainha se preparou para defendê-la enquanto seu povo fugia.

O Poder veio a ele durante a batalha em Caemlyn, e ele arremessou raios e fogo contra os invasores e partiu a terra a seus pés. Mas mesmo assim, teve a sensação de que nascera para algo mais. Apesar de seus esforços, o exército inimigo era grande demais para ser detido, e alguns deles também conseguiam canalizar. Por fim, um raio lançou Rand da muralha do Palácio. Quebrado, sangrando e queimado, enquanto seu último suspiro se arrastava na garganta, ele ouviu uma voz sussurrar. *Venci de novo, Lews Therin.*

Pisca.

Rand lutou para segurar o vazio, que tremia sob as marretadas do mundo que piscava. Tentou se agarrar a um símbolo enquanto mil outros dardejavam pela superfície. Lutou para se agarrar a qualquer símbolo que fosse.

— ... deu errado! — gritou Verin.

O Poder era tudo.

Pisca. Pisca. Pisca. Pisca. Pisca. Pisca.

* * *

Ele foi um soldado. Foi um pastor. Foi um mendigo, um rei. Foi fazendeiro, menestrel, marinho, carpinteiro. Nasceu, viveu e morreu Aiel. Morreu louco, apodrecendo, doente, por acidente, de velhice. Foi executado, e multidões comemoraram sua morte. Proclamou-se o Dragão Renascido e fez tremular seu estandarte pelo céu. Fugiu do Poder Único e se escondeu. Viveu e morreu sem nunca saber. Conteve a loucura e a doença por anos, sucumbiu entre um inverno e outro. Às vezes, Moiraine aparecia e o levava embora de Dois Rios, sozinho ou com alguns de seus amigos que haviam sobrevivido à Noite Invernal. Às vezes ela não ia. Às vezes outra Aes Sedai ia buscá-lo. Às vezes era uma da Ajah Vermelha. Egwene se casou com ele. Egwene, com uma expressão severa, usando a estola do Trono de Amyrlin, liderou as Aes Sedai que o amansaram. Egwene, com lágrimas nos olhos, cravou uma adaga em seu coração, e ele agradeceu ao morrer. Ele amou outras mulheres, casou-se com outras mulheres. Elayne, Min, a filha loura de um fazendeiro da estrada de Caemlyn, e mulheres que nunca vira antes de viver aquelas vidas. Cem vidas. Mais. Tantas que ele não conseguia contar. E, no fim de cada uma, quando jazia às portas da morte, enquanto dava seu último suspiro, uma voz sussurrava em seu ouvido: *Venci de novo, Lews Therin.*

Pisca pisca.

O vazio desapareceu, o contato com *saidin* lhe escapou, e Rand caiu com um baque que o teria deixado sem ar, caso já não estivesse parcialmente dormente. Ele sentiu a pedra áspera embaixo de seu rosto e suas mãos. Estava fria.

Tinha consciência de Verin, levantando-se com dificuldade de onde caíra com as costas no chão, colocando-se de quatro. Ouviu alguém vomitar com violência, e levantou a cabeça. Uno estava ajoelhado no chão, esfregando a boca com as costas da mão. Todos haviam caído, e os cavalos estavam com as patas rígidas, tremendo, revirando os olhos de um modo incontrolável. Ingtar olhava fixamente para o nada e tinha a espada na mão. Ele segurava o cabo com tanta força que a lâmina tremia. Loial estava sentado, esparramado, com os olhos arregalados, atordoado. Mat se encolhia em posição fetal com os braços sobre a cabeça, e Perrin cravava os dedos no rosto como se quisesse arrancar o que vira, ou talvez arrancar os olhos que viram aquelas coisas. Nenhum dos soldados estava em condição melhor. Masema nem tentava esconder o choro. Lágrimas rolavam pelo rosto, enquanto Hurin olhava em volta como se procurasse para onde fugir.

— O que...? — Rand parou para engolir em seco. Estava prostrado em uma pedra áspera e desgastada, parcialmente coberta de terra. — O que aconteceu?

— Um pico do Poder Único. — A Aes Sedai ficou de pé, cambaleante, e se enrolou no manto com um calafrio. — Foi como se estivéssemos sendo forçados... impelidos... Pareceu vir do nada. Você precisa aprender a controlá-lo. Precisa! Essa quantidade de Poder poderia transformá-lo em cinzas.

— Verin, eu... eu vivi... eu fui... — Ele percebeu que a pedra abaixo era arredondada. A Pedra-portal. Depressa, trêmulo, ele se forçou a ficar de pé. — Verin, eu vivi e morri não sei quantas vezes. E cada vez foi diferente, mas era eu. Era eu.

— As linhas que unem os Mundos que Podem Ser foram estabelecidas por aqueles que conheciam os Números do Caos. — Verin estremeceu. Parecia estar falando sozinha. — Nunca ouvi falar disso, mas não há motivos para não termos nascido naqueles mundos, embora nossas vidas fossem diferentes. É claro. Vidas diferentes para as diferentes formas como as coisas poderiam ter acontecido.

— Foi isso que aconteceu? Eu... nós... vimos como nossas vidas poderiam ter sido? — *Venci de novo, Lews Therin. Não! Eu sou Rand al'Thor!*

Verin se recompôs e olhou para ele.

— Você fica tão surpreso em saber que sua vida poderia ser modo diferente se tivesse feito escolhas diferentes ou se coisas diferentes tivessem acontecido? Mas nunca havia pensado que eu... Bem, o importante é que estamos aqui. Mesmo que não tenha sido como esperávamos.

— Aqui onde? — indagou Rand.

O bosque do Pouso Tsofu se fora, substituído por um terreno aberto. Parecia haver uma floresta não muito longe a oeste, e algumas colinas. O sol estivera alto no dia em que haviam se reunido no *pouso*, mas ali já estava baixo, quase no entardecer, em um céu cinzento. Algumas árvores próximas tinham os galhos nus, ou então umas poucas folhas de cores brilhantes. Um vento frio soprava do leste, remexendo as folhas pelo chão.

— Na Ponta de Toman — respondeu Verin. — Esta é a Pedra que visitei. Você não deveria ter tentado nos trazer direto para cá. Não sei o que deu errado, e acho que jamais saberei, mas, a julgar pelas árvores, diria que estamos no fim do outono. Rand, não ganhamos tempo com isso. Perdemos. Eu diria que levamos cerca de quatro meses para chegar aqui.

— Mas eu não...

— Você precisa me deixar guiá-lo nessas coisas. Não posso lhe ensinar, é verdade, mas talvez possa ao menos impedi-lo de se matar. E de matar o restante do grupo por ir longe demais. Mesmo que você não se mate, se o Dragão Renascido se exaurir, como uma vela queimada até o fim, quem enfrentará o Tenebroso? — Ela não esperou que ele repetisse os protestos. Em vez disso, foi até Ingtar.

O shienarano tomou um susto quando ela tocou seu braço, e a fitou com olhos enlouquecidos.

— Eu caminho na Luz! — afirmou, rouco. — E vou encontrar a Trombeta de Valere e derrubar o poder de Shayol Ghul! Eu vou!

— É claro que vai — respondeu ela, acalmando-o. Então tomou o rosto dele nas mãos, e o homem inspirou subitamente, recuperando-se do que o afetava. No entanto, a lembrança ainda permanecia em seus olhos. — Pronto — disse ela. — Isso vai resolver seu problema. Vou ver como posso ajudar os outros. Ainda podemos recuperar a Trombeta, mas nosso caminho não ficou mais fácil.

Enquanto ela andava por entre os outros, parando por um tempo diante de cada um, Rand foi até seus amigos. Quando tentou ajudar Mat a se levantar, o rapaz se soltou e o encarou com o olhar fixo. Então segurou o casaco de Rand com as duas mãos.

— Rand, eu nunca contaria sobre... sobre você a ninguém. Eu não o trairia! Você precisa acreditar!

Ele parecia pior do que nunca, mas Rand achou que era principalmente por estar assustado.

— Eu acredito — respondeu. E se perguntou que vidas Mat teria vivido, e o que fizera. *Ele deve ter contado a alguém, ou não estaria tão ansioso.* Não podia culpá-lo. Aqueles haviam sido outros Mats, não esse. Além disso, depois de algumas alternativas que vira para si mesmo... — Eu acredito em você. Perrin?

O jovem de cabelos encaracolados deixou as mãos caírem do rosto com um suspiro. Marcas vermelhas manchavam sua testa e as bochechas onde ele cravara as unhas. Os olhos amarelos ocultavam seus pensamentos.

— Não temos muita escolha, não é mesmo, Rand? O que quer que aconteça, o que quer que a gente faça, algumas coisas quase sempre são as mesmas. — Ele soltou mais um longo suspiro.

— Onde estamos? Esse é um daqueles mundos de que você e Hurin falaram?

— Aqui é a Ponta de Toman — explicou Rand. — No nosso mundo. Pelo menos foi o que Verin disse. E é outono.

Mat pareceu preocupado.

— Como é que...? Não, não quero saber como aconteceu. Mas como vamos encontrar Fain e a adaga agora? Ele pode estar em qualquer lugar, a essa altura.

— Ele está aqui — garantiu Rand.

Torcia para estar certo. Fain tivera tempo para embarcar em um navio para qualquer lugar que quisesse. Tempo para cavalgar até Campo de Emond. Ou Tar Valon. *Por favor, Luz, que ele não tenha cansado de esperar. Se tiver feito algum mal a Egwene, ou a qualquer pessoa de Campo de Emond, eu vou... A luz que me queime, eu tentei chegar a tempo.*

— As maiores cidades da Ponta de Toman são todas a oeste daqui — anunciou Verin, alto o bastante para que todos a ouvissem. Todos já estavam de pé outra vez, exceto Rand e seus dois amigos. Ela foi até eles e encostou as mãos em Mat, enquanto dizia: — Não que por aqui existam muitas aldeias grandes o suficiente para serem chamadas de cidadezinhas. Mas se buscamos qualquer vestígio dos Amigos das Trevas, devemos começar pelo oeste. E acho que não deveríamos desperdiçar luz do dia aqui, sentados.

Quando Mat piscou e ficou de pé, ainda parecendo doente, mas com movimentos mais firmes, ela virou-se para pôr as mãos em Perrin. E Rand recuou quando ela as estendeu para ele.

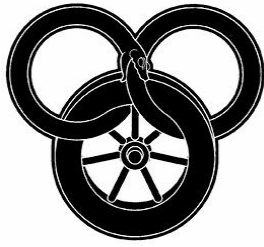
— Não seja tolo — repreendeu.

— Não quero sua ajuda — respondeu Rand, em voz baixa. — Nem a ajuda de qualquer Aes Sedai.

Ela comprimiu os lábios.

— Como quiser.

Montaram no mesmo instante e cavalgaram para oeste, deixando a Pedra-portal para trás. Ninguém protestou, muito menos Rand. *Luz, espero não chegar tarde demais.*





Treinamento

Sentada de pernas cruzadas na cama, em seu vestido branco, Egwene fazia com que três pequenas bolas de luz dançassem acima de suas mãos. Não tinha autorização para fazer aquilo sem ao menos uma das Aceitas supervisionando-a, mas, andando furiosa de um lado a outro em frente à pequena lareira estava Nynaeve. Afinal de contas, a Sabedoria usava o anel de serpente dado às Aceitas, e seu vestido tinha faixas de tecido colorido em torno da bainha, mesmo que ainda não tivesse permissão para ensinar alguém. E Egwene descobrira, ao longo das últimas treze semanas, que não conseguia resistir. Ela sabia como era fácil tocar *saidar*, àquela altura. Consequia sempre sentir a fonte lá, esperando-a. Era como o aroma de um perfume ou a textura da seda, atraindo-a, atraindo-a. E, quando a tocava, quase nunca conseguia resistir a canalizar, ou pelo menos tentar. Falhava com quase a mesma frequência com que tinha sucesso, o que era apenas mais um estímulo.

Muitas vezes, aquilo a assustava. Ver o quanto queria canalizar a assustava, assim como ver como se sentia entediada e melancólica em comparação a quando não estava canalizando. Ela queria beber toda a fonte, a despeito dos avisos sobre a possibilidade de se exaurir, e essa vontade a assustava mais que tudo. Às vezes, desejava nunca ter ido para Tar Valon. Mas o receio não conseguia fazê-la parar por muito tempo, nem o medo de ser flagrada por uma Aes Sedai ou pelas Aceitas, a não ser Nynaeve.

No entanto, era seguro o suficiente ali, em seu próprio quarto. Min estava lá, sentada no banco de três pés, observando-a. Mas ela já conhecia Min bem o suficiente, àquela altura, para saber que a menina jamais a deduraria. Julgava ser afortunada por ter feito amigas tão boas desde que chegara a Tar Valon.

Era um quarto pequeno e sem janelas, como o de todas as noviças. Três passos curtos levavam Nynaeve de uma parede branca à outra. O quarto da Sabedoria era muito maior, mas, como ela não fizera amigas entre as outras Aceitas, sempre ia ao quarto de Egwene quando precisava conversar com alguém, mesmo em momentos como aquele, nos quais não dizia uma palavra. O pequeno fogo na lareira estreita afastava bem a primeira friagem do outono que se aproximava, embora Egwene tivesse certeza de que não funcionaria tão bem quando o inverno chegasse. A pequena mesa de estudos completava a mobília, e seus pertences estavam pendurados de modo muito organizado em uma fileira de cavilhas na parede ou dispostos na

pequena prateleira acima da mesa. Em geral, as noviças recebiam tarefas demais para passar tempo em seus quartos, mas aquele era um dia livre, o terceiro desde que ela e Nynaeve haviam chegado à Torre Branca.

— Else estava babando por Galad enquanto ele treinava com os Guardiões — comentou Min, equilibrando-se em dois pés do banco.

As bolinhas tremeluziram por um instante acima das mãos de Egwene.

— Ela pode olhar para quem quiser — respondeu a menina, em um tom despreocupado. — Não consigo imaginar por que eu estaria interessada nisso.

— Por nada, suponho. Ele é muito bonito, apesar de ser tão rígido. Muito agradável aos olhos, especialmente sem camisa.

As bolas giraram furiosamente.

— Eu não tenho vontade alguma de olhar para Galad, com ou sem camisa.

— Eu não deveria provocá-la — disse Min, arrependida. — Desculpa. Mas você gosta de olhar para ele... não me venha com essa cara! E quase todas as mulheres da Torre Branca gostam, a não ser as Vermelhas. Já vi Aes Sedai lá embaixo, nos jardins de treinamento, quando ele está praticando as formas, especialmente as Verdes. Dizem que estão observando seus Guardiões, mas nunca vi tantas quando Galad não está. Até as serviçais e cozinheiras aparecem para assistir.

As bolas estacaram, e, por um momento, Egwene olhou fixamente para elas. Então sumiram. De repente, ela soltou um risinho.

— Ele é bonito mesmo, não é? Até quando anda parece dançar. — Suas bochechas ficaram ainda mais coradas. — Sei que não deveria ficar olhando para ele, mas não consigo evitar.

— Eu também não consigo — respondeu Min —, e olha que posso ver como ele é.

— Mas ele é bom...?

— Egwene, Galad é tão bom que a faria arrancar os cabelos. Ele seria capaz de ferir alguém para servir a um bem maior. E sequer notaria quem feriu, estaria concentrado demais. Além disso, se notasse, esperaria que a pessoa compreendesse e achasse que está tudo bem, tudo certo.

— Imagino que você esteja certa — respondeu Egwene.

Ela já conhecia a habilidade de Min de olhar para as pessoas e ler todo tipo de coisa sobre elas. Min não contava tudo que via, e nem sempre via tudo, mas já dera provas o suficiente para Egwene acreditar. Ela olhou para Nynaeve, que ainda andava de um lado para outro e resmungava sozinha, então buscou *saidar* outra vez e voltou a fazer os malabarismos desordenados.

Min deu de ombros.

— Acho que não faz mal contar a você. Ele nem reparou no que Else estava fazendo. E perguntou a ela se você por acaso passearia pelo Jardim Sul depois da ceia, já que hoje é um dia livre. Fiquei até com pena dela.

— Pobre Else... — murmurou Egwene, e as esferas de luz sobre suas mãos ficaram mais brilhantes.

Min riu.

A porta se abriu de supetão, empurrada pelo vento. Egwene soltou um gritinho e fez as bolas sumirem, antes de reparar que era apenas Elayne.

A Filha-herdeira de Andor, de cabelos dourados, fechou a porta com um empurrão e pendurou o manto em uma cavilha.

— Acabei de saber — anunciou. — Os rumores são verdadeiros. O Rei Galldrian morreu. Isso inicia uma guerra de sucessão.

Min fez um som de desdém.

— Guerra civil. Guerra de sucessão. Um monte de nomes bobos para a mesma coisa. Se importa de não conversarmos sobre isso? É só o que se ouve falar hoje em dia. Guerra em Cairhien. Guerra na Ponta de Toman. Podem até ter capturado o falso Dragão em Saldaea, mas ainda há guerra em Tear. E a maior parte do que sabemos é apenas boato mesmo. Ontem ouvi uma das cozinheiras dizer que ouviu falarem que Artur Asa-de-gavião estava marchando contra Tanchico. Artur Asa-de-gavião!

— Achei que você não quisesse falar sobre isso — comentou Egwene.

— Eu vi Logain — contou Elayne. — Ele estava sentado em um banco no Pátio Interno, chorando. E correu quando me viu. Não consigo deixar de ter pena dele.

— Melhor ele chorar do que o resto de nós, Elayne — retrucou Min.

— Eu sei o que ele é — respondeu Elayne, com a voz calma. — Ou melhor, o que era. Ele não é mais, então posso ter pena dele.

Egwene se apoiou na parede, desanimada. *Rand*. Logain sempre a fazia pensar em Rand. Não sonhava com ele havia meses, pelo menos não o tipo de sonho que tivera a bordo do *Rainha do Rio*. Anaiya ainda a fazia anotar todos os sonhos que tinha e depois os lia em busca de sinais ou de relações com eventos. Mas não havia notícias de Rand, nada além daqueles sonhos que, segundo a Aes Sedai, apenas significavam que ela sentia falta do rapaz. Parecia estranho, mas ela sentia que era quase como se ele não estivesse mais lá, como se tivesse cessado de existir junto com seus sonhos, algumas semanas depois de sua chegada à Torre Branca. *E eu aqui, sentada, pensando em como Galad anda de um jeito bonito*, pensou, com amargura. *Rand deve estar bem. Se tivesse sido capturado e amansado, eu teria ouvido algum rumor*.

Aquilo lhe deu um calafrio. A ideia de Rand ser amansado, Rand chorando e desejando morrer, como Logain, sempre lhe dava calafrios.

Elayne sentou-se ao lado de Egwene na cama, acomodando os pés sob o corpo.

— Se estiver babando pelo Galad, Egwene, não sentirei pena de você. E ainda farei Nynaeve preparar para você uma daquelas misturas horríveis de que ela sempre fala. — Ela franziu a testa ao olhar para Nynaeve, que sequer havia notado sua chegada. — O que aconteceu com ela? Não me digam que também começou a suspirar pelo Galad!

— Eu não mexeria com ela se fosse você. — Min se inclinou na direção das duas e baixou a voz. — Aquela Aceita magricela, a Irella, disse que ela era desastrada como uma vaca e que tinha metade dos Talentos de uma. Então Nynaeve respondeu com uma bofetada no pé da orelha dela. — Elayne fez uma careta de dor. — Exatamente — murmurou Min. — Ela foi levada para o gabinete de Sheriam em um piscar de olhos, e está de mau humor desde então.

Aparentemente Min não baixara a voz o suficiente, pois Nynaeve rosnou. De repente, a porta se abriu de supetão mais uma vez, e uma ventania uivou pelo quarto. O vento não moveu os cobertores na cama de Egwene, mas Min e o banquinho tombaram, rolando até a parede. O

vento morreu no mesmo instante e Nynaeve parou de andar, com um olhar arrependido.

Egwene correu até a porta e espiou para o lado de fora. O sol do meio-dia secava os últimos vestígios da tempestade da noite anterior. Ainda úmida, a varanda que cercava o Pátio das Noviças estava vazia, e todas as portas dos quartos, dispostas em uma longa fileira, estavam fechadas. As noviças que aproveitaram o dia livre para se divertir nos jardins sem dúvida já estavam recuperando o sono atrasado. Ninguém poderia ter visto aquilo. Ela fechou a porta e voltou a seu lugar ao lado de Elayne, enquanto Nynaeve ajudava Min a se levantar.

— Me desculpe, Min — disse Nynaeve, tensa. — Às vezes meu mau humor... Não posso lhe pedir que me perdoe, não por isso. — Ela respirou fundo. — Se quiser me denunciar a Sheriam, vou entender. Eu mereço.

Egwene desejou não ter ouvido aquela admissão. Nynaeve podia ficar irritadiça por ela ter ouvido. Procurando por outra coisa para prestar atenção, uma na qual Nynaeve conseguisse acreditar que ela estivesse concentrada, a jovem percebeu que tocava *saidar* outra vez. Então recomeçou os malabarismos com bolas de luz. Elayne se juntou a ela mais do que depressa. Egwene viu o brilho se formar em torno na Filha-herdeira antes mesmo de as três pequenas bolas aparecerem sobre as mãos dela. As duas começaram a passar as pequenas esferas brilhantes uma para a outra, em padrões cada vez mais intrincados. Às vezes uma esfera se apagava quando uma delas não conseguia mantê-la acesa ao recebê-la, mas logo voltava com pequenas alterações na cor ou no tamanho.

O Poder Único enchia Egwene de vida. Ela sentia o leve aroma de rosas do sabão que Elayne usara em seu banho matinal. Conseguia sentir a massa áspera da parede e a pedra lisa do chão tão bem como a cama onde se sentava. E podia ouvir Min e Nynaeve respirarem, e ouvia ainda melhor as palavras discretas que trocavam...

— Se a questão é o perdão, você também precisa me perdoar. Você tem mau humor, mas eu tenho uma boca grande. Perdoo você se você me perdoar. — Com murmúrios de “perdoado”, as duas se abraçaram. — Mas, se fizer isso de novo — zombou Min, rindo —, *eu* é que vou lhe dar uma bofetada na orelha.

— Da próxima vez — respondeu Nynaeve —, eu jogo alguma coisa em você. — Ela também ria, mas a risada cessou assim que olhou para Egwene e Elayne. — E vocês duas parem com isso, ou alguém vai *mesmo* ser mandada à Mestra das Noviças. Dois alguéns.

— Nynaeve, você não faria isso! — protestou Egwene. Porém, ao notar a expressão nos olhos da Sabedoria, cortou o contato com *saidar* mais do que depressa. — Tudo bem. Eu acredito em você. Não precisa provar.

— Precisamos praticar — protestou Elayne. — Elas pedem cada vez mais da gente. Se não praticássemos por conta própria, não conseguiríamos acompanhar o ritmo! — A expressão em seu rosto era de uma compostura calma, mas ela abandonara *saidar* tão depressa quanto Egwene.

— E o que vai acontecer quando você for longe demais — perguntou Nynaeve — e não houver ninguém para impedir? Queria que vocês tivessem mais medo. Eu tenho. Acham que não sei como se sentem? Está sempre lá, e você quer se preencher com aquilo. Às vezes eu mal consigo parar, quero tudo. Eu sei que viraria torrada, mas quero assim mesmo. — Ela estremeceu. — Só gostaria que vocês tivessem mais medo.

— Eu tenho medo — respondeu Egwene. — Estou aterrorizada. Mas não adianta de nada. E

você, Elayne?

— A única coisa que me aterroriza — respondeu a Filha-herdeira, em um tom despreocupado — é lavar a louça. Parece que tenho que fazer isso todo dia. — Egwene atirou o travesseiro nela. Elayne o levantou acima da cabeça e atirou de volta, mas depois disso baixou os ombros, desanimada. — Ah, tudo bem. Estou com tanto medo que não sei como meus dentes não estão batendo. Elaida disse que eu ficaria tão assustada que ia ter vontade de fugir com o Povo Errante, mas na época eu não havia entendido. Todos olhariam torto para um homem que conduzisse seus bois com o mesmo rigor com que nos tratam aqui. Passo o tempo todo cansada. Acordo cansada e vou para a cama exausta, e às vezes tenho tanto medo de sem querer canalizar mais do que consigo controlar que... — Olhando para o colo, ela não completou a frase.

Egwene sabia o que ela deixara de falar. Seus quartos ficavam um ao lado do outro, e, como em muitos dos outros quartos das noviças, tinha um pequeno buraco na parede que os separava, aberto havia muito. Era pequeno demais para ser notado, a menos que a pessoa soubesse onde procurar, mas era útil para conversar depois que os lampiões se apagavam, quando as noviças não podiam mais deixar seus quartos. Mais de uma vez, Egwene ouvira Elayne chorar até dormir. E não tinha dúvidas de que Elayne também ouvira o seu choro.

— Fugir com o Povo Errante é uma opção tentadora — concordou Nynaeve —, mas não importa aonde vá, isso não vai mudar o que você é capaz de fazer. Não se pode fugir de *saidar*. — Ela não parecia gostar do que estava dizendo.

— O que você vê, Min? — perguntou Elayne. — Nós seremos Aes Sedai poderosas, passaremos o resto da vida lavando louça, como noviças, ou... — Ela deu de ombros, desconfortável, como se não quisesse enunciar a terceira alternativa que lhe viera à mente.

Ser mandada para casa. Expulsa da Torre. Duas noviças haviam sido expulsas desde a chegada de Egwene, e todas falavam delas aos sussurros, como se tivessem morrido.

Min mudou de posição no banco.

— Não gosto de ler amigos — murmurou. — A amizade atrapalha a leitura, me faz tentar interpretar o que vejo da melhor forma possível. É por isso que não leio mais vocês três. De qualquer forma, nada mudou. Pelo menos, nada que eu possa... — Ela semicerrou as pálpebras, fitando-as e franziu a testa de repente. — Isso é novo — disse, quase em um sussurro.

— O quê? — perguntou Nynaeve, ríspida.

Min hesitou antes de responder.

— Perigo. Vocês estão em algum tipo de perigo. Ou estarão, muito em breve. Não consigo distinguir, mas é perigo.

— Estão vendo? — ralhou Nynaeve, falando com as duas meninas sentadas na cama. — Vocês precisam tomar cuidado. Todas nós precisamos. E quero que as duas prometam que não vão canalizar de novo sem alguém como guia.

— Não quero mais falar sobre isso — disse Egwene.

Elayne assentiu veementemente.

— Isso. Vamos falar de outra coisa. Min, se você colocasse um vestido, aposto que Gawyn a chamaria para um passeio. Sabe que ele anda olhando para você, mas eu acho que pensa duas

vezes ao ver essas calças e esse casaco de homem.

— Eu me visto do jeito que gosto, não vou mudar por causa de um lorde. Mesmo que ele seja seu irmão — respondeu Min, distraída, ainda com as pálpebras semicerradas e a testa franzida. Já tinham conversado sobre aquilo antes. — Às vezes é útil se passar por garoto.

— Ninguém que preste atenção acredita que você seja um garoto. — Riu Elayne.

Egwene se sentia desconfortável. Elayne falava com falsa alegria, Min mal prestava atenção ao que era dito e Nynaeve parecia querer adverti-las de novo.

Quando a porta se abriu outra vez, Egwene se levantou de um pulo para fechá-la, grata por ter algo para fazer além de assistir as outras fingirem que estava tudo bem. Antes de chegar até lá, porém, entrou no quarto uma Aes Sedai com olhos escuros e o cabelo louro preso em várias pequenas tranças. Egwene piscou, tão surpresa por haver uma Aes sedai em seu quarto quanto por ela ser Liandrin. Não sabia que a mulher havia retornado à Torre Branca. E, além disso, as noviças eram chamadas se uma Aes Sedai quisesse algo com elas. Uma irmã em seu quarto não era bom sinal.

O aposento ficou pequeno demais com cinco mulheres dentro dele. Liandrin parou para ajeitar o xale de franjas vermelhas, olhando para elas. Min não se mexeu, mas Elayne se levantou. As três que estavam de pé fizeram uma mesura, embora Nynaeve mal tenha flexionado os joelhos. Egwene achava que a Sabedoria nunca ia se acostumar a outras pessoas tendo autoridade sobre ela.

O olhar de Liandrin se fixou na Aceita.

— E por que está aqui, na ala das noviças, criança? — Seu tom era gélido.

— Estou visitando minhas amigas — respondeu Nynaeve, tensa. Depois de um instante, acrescentou, tarde demais: — Liandrin Sedai.

— Elas não deveriam ter amigas entre as noviças, as Aceitas. A esta altura, isso já era para você ter aprendido. Mas é até bom que eu tenha encontrado você aqui. Você e você — ela apontou para Elayne e Min — vão embora.

— Volto mais tarde. — Min se levantou com displicência, fazendo questão de mostrar que não tinha pressa em obedecer, e passou por Liandrin com um sorriso. A Aes Sedai pareceu não perceber. Elayne dirigiu um olhar preocupado a Egwene e Nynaeve, antes de fazer uma breve reverência e sair.

Depois que Elayne fechou a porta, Liandrin ficou parada olhando para Egwene e Nynaeve. A mais jovem começou a ficar inquieta sob o escrutínio, mas Nynaeve se manteve firme, sem mostrar mais que um leve enrubescimento.

— Vocês duas são da mesma aldeia que os garotos que viajaram com Moiraine, sim? — perguntou Liandrin, de repente.

— Você tem alguma notícia do Rand? — perguntou Egwene, ávida. A mulher ergueu uma sobrancelha. — Perdoe-me, Liandrin Sedai. Esqueci minhas maneiras.

— Você tem notícias deles? — indagou Nynaeve, quase exigindo uma resposta.

As Aceitas não tinham regras sobre não falar com uma Aes Sedai até que elas lhe dirigissem a palavra.

— Vocês se preocupam com eles. Isso é bom. Eles estão em perigo, e vocês talvez sejam capazes de ajudar.

— Como sabe que eles estão com problemas? — Dessa vez, não houve dúvida sobre a

exigência na voz de Nynaeve.

Liandrin comprimiu os lábios em forma de botão de rosa, mas seu tom de voz não se alterou.

— Embora vocês não saibam disso, Moiraine mandou cartas à Torre Branca sobre vocês. Moiraine Sedai se preocupa com vocês e com seus jovens... amigos. Eles estão em perigo, garotos. Vocês querem ajudar ou preferem deixá-los à própria sorte?

— Sim — respondeu Egwene, ao mesmo tempo em que Nynaeve perguntava:

— Que tipo de problema? Por que *você* quer ajudá-los? — A Sabedoria olhou para as franjas vermelhas do xale de Liandrin. — E achei que você não gostasse de Moiraine.

— Não presuma coisas demais, criança — respondeu Liandrin, ríspida. — Ser uma Aceita não é ser uma irmã. Aceitas e noviças ouvem quando uma irmã fala e fazem o que lhes é pedido. — Ela tomou fôlego e prosseguiu. O tom era frio e sereno, mas manchas pálidas, de raiva, eram visíveis em suas bochechas. — Algum dia, certa estou, você servirá a uma causa. Então aprenderá que para servi-la é necessário trabalhar até mesmo com as pessoas de quem não gosta. Já trabalhei com muita gente com quem não dividiria a mesma sala, se tivesse escolha, isso posso dizer. Você não se uniria àqueles que mais odeia, se fosse para salvar seus amigos?

Nynaeve assentiu, relutante.

— Mas você ainda não disse em que tipo de perigo eles estão, Liandrin Sedai.

— O perigo vem de Shayol Ghul. Eles estão sendo caçados, da mesma forma que conforme soube, foram antes. Se comigo vierem, ao menos podem ser eliminados alguns perigos. Não perguntem como, pois não posso contar, mas, sem pestanejar, afirmo que é verdade.

— Nós iremos, Liandrin Sedai — afirmou Egwene.

— Iremos para onde? — indagou Nynaeve. Egwene lhe dirigiu um olhar exasperado.

— Para a Ponta de Toman.

O queixo de Egwene caiu, e Nynaeve murmurou:

— A Ponta de Toman está em guerra. Esse perigo tem algo a ver com os exércitos de Artur Asa-de-gavião?

— Você acredita em boatos, criança? E, mesmo que fossem verdade, seriam o bastante para detê-la? Pensei que chamasse de amigos esses homens. — Havia algo nas palavras de Liandrin que sugeria que ela nunca faria o mesmo.

— Nós iremos — disse Egwene. Nynaeve abriu a boca outra vez, mas Egwene prosseguiu: — Nós iremos, Nynaeve. Se Rand precisa da nossa ajuda, assim como Mat e Perrin, temos que ajudar.

— Eu sei — respondeu Nynaeve —, mas o que quero saber é por que nós? O que podemos fazer que Moiraine ou você, Liandrin, não podem?

As palidez nas bochechas de Liandrin se intensificaram. Egwene se deu conta de que Nynaeve esquecera de acrescentar o honorífico ao se dirigir a ela, mas a mulher apenas respondeu:

— Vocês vieram da mesma vila que os rapazes. De algum jeito que não entendo muito bem, estão conectadas a eles. Mais que isso, não posso dizer. E essas perguntas tolas, nenhuma delas será respondida. Vocês virão comigo, pelo bem deles? — Ela fez uma pausa, esperando pela concordância. Ficou visivelmente menos tensa quando as duas assentiram. — Bom.

Vocês devem me encontrar na orla norte do bosque Ogier uma hora antes do pôr do sol. Levem seus cavalos e o que mais forem precisar para a viagem. Sobre isso, não devem falar com ninguém.

— Nós não podemos deixar a área da Torre sem permissão — comentou Nynaeve, medindo as palavras.

— Vocês têm minha permissão. Não contem a ninguém. Ninguém. Caminha nos salões da Torre Branca a Ajah Negra.

Egwene engasgou e ouviu um eco vindo de Nynaeve. A Sabedoria se recuperou rápido.

— Achei que todas as Aes Sedai negassem a existência da... disso.

Liandrin comprimiu os lábios com desdém.

— Muitas negam. Mas Tarmon Gai'don se aproxima, e já passou o tempo de negar isso. Ela é o oposto de tudo que a Torre representa, a Ajah Negra. Mas existe, criança. Está em todo lugar, qualquer mulher pode pertencer a ela, e trabalha a serviço do Tenebroso. Se estão sendo perseguidos pela Sombra, seus amigos acham que a Ajah Negra deixaria vocês vivas e livres para ajudá-los? Não contem a ninguém. Ninguém! Ou podem não sobreviver para chegar à Ponta de Toman. Uma hora antes do pôr do sol. Não falhem comigo. — E, com isso, ela se foi, fechando a porta com firmeza após sair.

Egwene desabou na cama com as mãos nos joelhos.

— Nynaeve, ela é uma Ajah Vermelha. Não pode saber do Rand. Se descobrir...

— Ela não pode saber — concordou Nynaeve. — Queria entender o que leva uma Vermelha a querer ajudar. Ou por que ela está disposta a trabalhar com Moiraine. Eu poderia jurar que uma negaria água se a outra estivesse morrendo de sede.

— Acha que ela está mentindo?

— Ela é uma Aes Sedai — respondeu Nynaeve, seca. — Aposto minha melhor abotoadura de prata contra um mirtilo que cada palavra que disse era verdade. Mas me pergunto se ouvimos o que achamos que ouvimos.

— A Ajah Negra. — Egwene estremeceu. — Não há dúvida sobre o que ela contou a respeito disso, que a Luz nos ajude.

— Nenhuma dúvida — concordou Nynaeve. — E ela também nos impediu de pedir conselho a qualquer pessoa, porque, depois disso, em quem podemos confiar? Que a Luz nos ajude mesmo.

Min e Elayne entraram de supetão, batendo a porta.

— Vocês vão mesmo? — perguntou Min.

Elayne indicou o buraco na parede acima da cama de Egwene, dizendo:

— Escutamos de lá do meu quarto. Ouvimos tudo.

Egwene e Nynaeve se entreolharam, perguntando-se o quanto elas teriam escutado, e percebeu a mesma preocupação no rosto da Aceita. *Se conseguirem deduzir a verdade sobre Rand...*

— Vocês precisam manter isso em segredo — alertou Nynaeve. — Imagino que Liandrin tenha conseguido a permissão para irmos com Sheriam. Mas, mesmo que não tenha, mesmo que comecem a vasculhar a Torre de cima a baixo procurando por nós amanhã, vocês duas não podem dizer uma palavra.

— Manter segredo? — perguntou Min. — Não se preocupe. Vou com vocês. Tudo que eu

faço o dia inteiro é tentar explicar a uma irmã Marrom ou de outra Ajah algo que nem eu mesma entendo. Não posso nem sair para passear sem que a própria Amyrlin surja do nada e me peça para ler quem estiver pelo caminho. Quando aquela mulher pede, não tem muito jeito de escapar. Já devo ter lido metade da Torre Branca, mas ela sempre pede outra demonstração. Eu só precisava era de uma desculpa para ir embora, e é essa. — O rosto da jovem tinha uma expressão determinada, de quem não aceitaria quaisquer argumentos.

Egwene se perguntou por que Min estava tão determinada a ir com elas em vez de apenas partir por conta própria. Antes que pudesse pensar mais no assunto, Elayne afirmou:

— Eu também vou.

— Elayne — começou Nynaeve, gentil —, Egwene e eu somos conterrâneas dos garotos, somos de Campo de Emond. Você é a Filha-herdeira de Andor. Desaparecer da Torre Branca pode... pode começar uma guerra.

— Minha Mãe não começaria uma guerra contra Tar Valon nem que me curtissem e salgassem, algo que podem muito bem estar tentando fazer. Se vocês três podem sair e ter uma aventura, não podem achar que eu vou ficar aqui e lavar louça, esfregar o chão e ouvir alguma Aceita me recriminar porque não fiz uma chama do tom de azul que ela queria. Gawyn vai morrer de inveja quando descobrir. — Elayne sorriu e estendeu os braços para dar um puxão carinhoso no cabelo de Egwene. — Além disso, se você deixar Rand dando sopa, eu talvez tenha uma chance de ficar com ele para mim.

— Acho que nenhuma de nós vai ficar com ele — respondeu Egwene, triste.

— Então encontraremos quem ele escolher e tornaremos a vida dela miserável. Mas acho que ele não seria idiota o suficiente para escolher outra pessoa, quando poderia ter uma de nós. Ah, por favor, Egwene. Eu sei que ele é seu. Só me sinto... — Ela hesitou, buscando a palavra — ... livre. Nunca vivi uma aventura. Aposto que, em uma aventura, nenhuma de nós vai chorar até dormir. E, se chorarmos, vamos ter que garantir que os menestréis deixem essa parte de fora.

— Isso é estupidez — interrompeu Nynaeve. — Vamos para a Ponta de Toman. Você ouviu as notícias e os rumores. Vai ser perigoso. Você precisa ficar aqui.

— Eu também ouvi Liandrin falar da... da Ajah Negra. — A voz de Elayne se tornou quase um sussurro ao dizer aquele nome. — Acham mesmo que vou continuar segura se *elas* estão aqui? Se minha mãe sequer suspeitasse que a Ajah Negra existe de verdade, acho que até me jogaria no meio de uma batalha para me afastar delas.

— Mas Elayne...

— Só há uma forma de me impedir de ir. Contar à Mestra das Noviças. Vai ser uma bela cena, nós três enfileiradas no escritório dela. Nós quatro. Acho que a Min não escaparia de algo assim. Então, já que vocês não contarão à Sheriam Sedai, eu vou junto.

Nynaeve ergueu as mãos em um gesto de desistência.

— Talvez você possa dizer alguma coisa que a convença — pediu a Min.

Min estava encostada na porta, encarando Elayne intensamente, e negou com a cabeça.

— Acho que ela precisa ir tanto quanto vocês. Quanto nós. Consigo ver o perigo ao redor de vocês com mais clareza agora. Não está claro o bastante para que eu possa distinguir o que é, mas acho que tem algo a ver com a decisão de ir. É por isso que está mais claro, porque é

mais certo.

— Não há motivo para ela ir — retrucou Nynaeve, e Min negou com a cabeça outra vez.

— Ela está tão ligada a esses garotos quanto você, Egwene, ou eu. Ela é parte disso, Nynaeve, seja lá o que isso for. Parte do Padrão, como imagino que uma Aes Sedai diria.

Elayne pareceu surpresa, mas também interessada.

— Eu sou? Que parte, Min?

— Não consigo ver muito bem. — A jovem olhou para o chão. — Às vezes eu queria não conseguir ler as pessoas. De qualquer jeito, a maioria não fica feliz com o que vejo.

— Se todas nós vamos — começou Nynaeve —, é melhor começarmos a planejar.

Não importava o quanto se opusesse a princípio, quando a decisão estava tomada, Nynaeve sempre partia direto para as questões práticas: o que precisavam levar, se fazia frio na Ponta de Toman e como tirariam os cavalos dos estábulos sem serem impedidas.

Enquanto ouvia a Sabedoria, Egwene não conseguiu evitar imaginar que perigo seria esse que Min vira para elas. E que perigo ameaçaria Rand. Ela conhecia apenas um perigo que poderia ameaçá-lo, e gelava só de pensar naquilo. *Aguente firme, Rand. Aguente firme, seu idiota cabeça de lã. Vou dar um jeito de ajudar você.*





A Fuga da Torre Branca

Egwene e Elayne inclinavam ligeiramente a cabeça, cumprimentando cada grupo de mulheres pelas quais passavam enquanto atravessavam a Torre. Egwene achava bom que houvesse tanta gente de fora da Torre naquele dia, mulheres demais para que cada uma estivesse acompanhada de uma Aceita ou de uma Aes Sedai. Elas ficavam em silêncio, aguardando a vez de fazer uma pergunta ou apresentar petições à Torre. Andavam sozinhas ou em pequenos grupos, vestiam roupas simples ou sofisticadas, vindas de diversas terras, algumas ainda com os trajes empoeirados da viagem a Tar Valon. Certas mulheres, as que eram ladies, mercadoras ou esposas de mercadores, estavam acompanhadas pelas próprias serviçais. Até mesmo alguns homens tinham vindo com suas petições. Eles ficavam sozinhos, parecendo pouco à vontade por estarem na Torre Branca e observavam a todos com evidente desconforto.

Nynaeve seguia na frente, com a cabeça erguida e uma expressão determinada, o manto balançando atrás de si, andando como se soubesse para onde iam — e sabia, contanto que ninguém as detivesse — e tivesse todo o direito de ir até lá — o que era outra história, é claro. Estavam vestidas com as roupas que haviam trazido para Tar Valon, e certamente não pareciam residentes da Torre. Cada uma escolhera o melhor vestido de saia dividida para cavalgar, além de mantos de lã fina com bordados sofisticados. Desde que ficassem longe de todos que pudessem reconhecê-las — já haviam se esquivado de várias pessoas que conheciam seus rostos —, Egwene achava que conseguiriam.

— Essas roupas seriam mais apropriadas para um passeio nos jardins de algum lorde do que para cavalgar até a Ponta de Toman — resmungara Nynaeve, seca, enquanto Egwene a ajudava com os botões do vestido de seda cinza com bordados de ouro e flores peroladas no quadril e nas mangas —, mas deve nos ajudar a passar despercebidas.

Egwene ajeitou o manto, alisou o próprio vestido de seda verde e olhou para Elayne, com uma roupa azul com detalhes creme, torcendo para que a Sabedoria estivesse certa. Até o momento, todos pensaram que elas fossem visitantes, nobres, ou pelo menos mulheres de posses, mas mesmo assim elas pareciam se destacar. Egwene se surpreendeu ao perceber o motivo: sentia-se desconfortável em um vestido caro, depois de meses usando a roupa branca

e simples das noviças.

Um pequeno grupo de aldeãs em roupas de lã rústicas e escuras fez leves medidas à sua passagem. Egwene olhou para trás, para Min, assim que se afastaram. Min continuava usando a calça e a camisa masculinas folgadas, escondidas sob um manto masculino marrom e um velho chapéu de abas largas enfiado sobre os cabelos curtos.

— Uma de nós tem que ser o serviçal — explicara, rindo. — Mulheres vestidas como vocês sempre estão acompanhadas de pelo menos um. E vocês vão ficar com inveja das minhas calças, se precisarmos correr. — Ela carregava quatro conjuntos de alforjes abarrotados de roupas quentes, pois certamente o inverno chegaria antes de voltarem. Também levavam pacotes de comida afanados das cozinhas, apenas o suficiente para sobreviverem até poderem comprar mais.

— Tem certeza de que não posso carregar alguns deles, Min? — perguntou Egwene, com gentileza.

— Eles só são ruins de carregar — respondeu Min, com um sorriso —, não estão pesados. — Ela parecia achar que era tudo uma brincadeira, ou ao menos fingia que achava. — E com certeza as pessoas se perguntariam por que uma lady refinada como você estaria carregando os próprios alforjes. Você pode levar os seus, e os meus também, se quiser, quando a gente... — O sorriso sumiu, e ela sussurrou com urgência: — Aes Sedai!

Egwene olhou depressa para a frente. Uma Aes Sedai de cabelo liso, longo e preto e de pele cor de marfim envelhecido seguia pelo corredor na direção delas, ouvindo os pedidos de uma mulher com roupas rústicas de fazenda e um manto remendado. A Aes Sedai ainda não as vira, mas Egwene a reconheceu: Takima, da Ajah Marrom, que ensinava História da Torre Branca e das Aes Sedai. E que era capaz de reconhecer uma de suas pupilas a cem passos de distância.

Nynaeve entrou em um corredor transversal sem diminuir o passo, mas uma das Aceitas, uma mulher magricela com o rosto sempre franzido, passou apressada por elas, puxando uma noviça de rosto vermelho pela orelha.

Egwene precisou engolir em seco antes de conseguir falar.

— Era Irella. E Else. Será que elas viram a gente? — Ela não conseguia se forçar a olhar para trás para ter certeza.

— Não — respondeu Min, um instante depois. — Tudo o que viram foram nossas roupas.

Egwene deu um longo suspiro de alívio. Pôde ouvir Nynaeve fazer o mesmo.

— Acho que meu coração vai explodir antes de chegarmos aos estábulos — murmurou Elayne. — As aventuras são assim o tempo todo, Egwene? A gente fica sempre com o coração na boca e um frio na barriga?

— Imagino que sim — respondeu Egwene, devagar.

Era difícil lembrar da época em que estava ansiosa para viver uma aventura, para fazer algo perigoso e emocionante como as pessoas das histórias. Naquele momento, achava que a parte empolgante era o que você recordava e relatava aos outros, e que as histórias deixavam de fora vários detalhes desagradáveis. Foi o que disse a Elayne.

— Ainda assim — afirmou a Filha-herdeira, com firmeza —, nunca me senti empolgada de verdade antes. E nunca me sentiria assim se dependesse da minha mãe. Sei que vai depender dela até eu assumir o trono.

— Quietas, vocês duas — ralhou Nynaeve. Elas estavam sozinhas em um corredor, para

variar, sem ninguém à vista. Ela apontou para uma escadaria estreita que levava a um andar inferior. — Deve ser a que procuramos, se é que eu não fiquei completamente desorientada com todas essas curvas e desvios.

Ela desceu a escada mesmo assim, agindo como se tivesse certeza, e as outras a seguiram. E estava certa, pois a pequena porta no fim da descida as levou ao pátio empoeirado do Estábulo Sul. Era lá que ficavam os cavalos que chegavam com algumas noviças até que elas precisassem deles, o que geralmente não acontecia até se tornarem Aceitas ou serem mandadas para casa. O vulto reluzente da Torre se assomava atrás delas. O terreno da Torre era muito grande, e as muralhas, mais altas do que as de muitas cidades.

Nynaeve entrou no estábulo como se fosse dona do lugar, que cheirava a feno e cavalos, e duas longas fileiras de baias se estendiam pelas sombras, iluminadas aqui e ali pela luz que entrava pelas claraboias. Por incrível que parecesse, Bela e a égua cinzenta de Nynaeve estavam em baias próximas à porta. O focinho de Bela apareceu por cima da porta e a égua relinchou baixinho para Egwene. Havia apenas um cavaleiro à vista, um sujeito de aparência agradável, com a barba um pouco grisalha, mascando uma palhinha.

— Nossos cavalos serão selados — ordenou Nynaeve, na melhor voz de autoridade que tinha. — Esses dois. Min, vá atrás do seu cavalo e do de Elayne. — Min deixou os alforjes e saiu, puxando Elayne para o fundo do estábulo.

O cavaleiro franziu a testa, olhando para elas, e tirou a palha da boca sem pressa.

— Deve haver algum engano, milady. Esses animais...

— ... são nossos — declarou Nynaeve, firme, cruzando os braços de modo que o anel com a serpente ficasse evidente. — Você vai selá-los imediatamente.

Egwene prendeu a respiração. Tinham combinado que Nynaeve, como último recurso, tentaria se passar por uma Aes Sedai, caso tivessem dificuldade com alguém capaz de acreditar na mentira. Não funcionaria com Aes Sedai ou Aceitas, é claro, e talvez nem mesmo uma noviça. Mas um cavaleiro...

O homem piscou, olhando para o anel de Nynaeve e, então, a encarou.

— Falaram que viriam duas — disse, por fim, sem parecer se impressionar. — Uma Aceita e uma noviça. Não falaram nada sobre quatro de vocês.

Egwene teve vontade de rir. É claro que Liandrin não acreditaria que elas eram capazes de conseguir os cavalos sozinhas.

Nynaeve pareceu desapontada, e sua voz se tornou mais ríspida.

— Você, tire esses cavalos depressa e sele-os, ou vai precisar da Cura de Liandrin, se ela estiver disposta a oferecê-la.

O cavaleiro balbuciou o nome da Aes Sedai, mas bastou um olhar para a expressão de Nynaeve para se apressar em arrumar os cavalos com apenas alguns resmungos, baixos o bastante para que ninguém escutasse. Min e Elayne voltaram com suas montarias enquanto ele terminava de apertar o segundo arreio. O de Min era um capão alto cor de terra. A de Elayne, uma égua baia com um pescoço longo.

Quando já estavam montadas, Nynaeve se dirigiu uma última vez ao cavaleiro.

— Sem dúvida lhe avisaram para manter isso em segredo, e nada mudou. Não importa se somos duas ou duzentas. Se pensa que isso mudou, imagine o que Liandrin fará caso você fale

sobre o que o ordenaram a manter em segredo.

Enquanto saíam, Elayne jogou uma moeda para ele e murmurou:

— Pelo seu trabalho, meu bom homem. Você fez bem. — Do lado de fora, ela trocou e Egwene se entreolharam, e a Filha-herdeira sorriu. — Minha mãe sempre diz que uma vara com mel funciona melhor do que uma vara sem nada.

— Espero não precisarmos de nada disso com os guardas — respondeu Egwene. — Espero que Liandrin também tenha falado com eles.

No entanto, não havia como saber se alguém falara ou não com os guardas do Portão de Tarloman, na grande muralha meridional da área da Torre. Eles deixaram as quatro mulheres passarem sem mais do que um olhar e uma reverência obrigatória. Os guardas estavam ali para manter as pessoas perigosas do lado de fora e pareciam não ter ordens para manter alguém do lado de dentro.

Uma brisa fria do rio lhes deu uma desculpa para erguerem os capuzes dos mantos enquanto seguiam devagar pelas ruas da cidade. O som dos cascos dos cavalos nas pedras do calçamento se perdia no burburinho da multidão que enchia as ruas e na música vinda de alguns prédios pelos quais passavam. Havia gente vestida em trajes de todas as terras, das sóbrias roupas cairhienas às cores vivas e brilhantes do Povo Errante, passando por todos os estilos entre os dois extremos. As pessoas se apertavam para dar passagem a elas como um rio se abre para uma rocha, mas mesmo assim elas não conseguiam avançar em um passo mais rápido que o de uma lenta caminhada.

Egwene não prestou atenção nas fabulosas torres ligadas por pontes que cruzavam os céus e nem aos prédios que não pareciam feitos de pedra, construídos para lembrar ondas quebrando, penhascos esculpidos pelo vento ou conchas elaboradas. As Aes Sedai iam à cidade com frequência, e, naquela multidão, o grupo poderia acabar cara a cara com uma a qualquer momento. Depois de um tempo, percebeu que as outras estavam tão atentas quanto ela. Ainda assim, sentiu-se muito aliviada quando o bosque Ogier apareceu.

As Grandes Árvores já eram visíveis acima dos telhados, com os largos topos erguendo-se a mais de cem braças do chão. Carvalhos, olmos, folhas-de-couro e abetos, todos enormes, pareciam pequenos perto delas. Uma espécie de muro cercava o bosque, a cerca de duas milhas de onde estavam, mas era composto apenas por uma série de arcos de pedra, cada um com cinco braças de altura e o dobro de largura. Do lado de fora do muro, carruagens, carroças e pessoas enchiam a rua. Já do lado de dentro havia uma espécie de área selvagem. O bosque não tinha a aparência inofensiva de um parque e tampouco o caos completo das profundezas das florestas. Em vez disso, parecia o ideal da natureza, como se aquela fosse uma mata perfeita, a floresta mais bela que podia existir. Algumas das folhas já começavam a mudar de cor, e mesmo as pequenas manchas de laranja, amarelo e vermelho naquela imensidão verde, aos olhos de Egwene, pareciam ter a aparência exata que as folhas do outono deveriam ter.

Algumas pessoas passeavam pelos arcos, mas ninguém prestou atenção às quatro mulheres que entraram a cavalo na mata. Logo perderam a cidade de vista, e até mesmo os sons foram abafados, e pouco depois bloqueados, pelo bosque. Após poucos passos já pareciam estar a milhas da cidade mais próxima.

— Ela disse que nos encontraria na orla norte do bosque — murmurou Nynaeve, olhando ao

redor. — Não há nenhum ponto mais ao norte do que... — Ela parou de falar quando dois cavalos saíram de trás de um sabugueiro. Uma égua escura e lustrosa, levando uma mulher, e um cavalo de carga com poucos volumes.

A égua escura empinou quando Liandrin puxou as rédeas com força. O rosto da Aes Sedai era uma máscara de fúria.

— Eu disse para não contarem a ninguém! Ninguém!

Egwene notou que o cavalo de carga levava algumas lanternas presas em hastes, o que achou estranho.

— Elas são nossas amigas — começou Nynaeve, empertigando-se em sua sela, mas Elayne a interrompeu.

— Perdoo-nos, Liandrin Sedai. Elas não nos contaram nada, nós é que ouvimos a conversa. Não tivemos a intenção de ouvir nada que não devêssemos, mas acabamos ouvindo. Também queremos ajudar Rand al'Thor. E os outros, é claro — acrescentou, depressa.

Liandrin fitou Elayne e Min. A luz do sol do fim da tarde, filtrada pelos galhos, sombreava os rostos das duas, escondidos sob os capuzes dos mantos.

— Então — respondeu a Aes Sedai, por fim, ainda observando as meninas. — Eu havia providenciado para que cuidassem de vocês. Mas, já que estão aqui, estão aqui. Quatro podem fazer a jornada tão bem quanto duas.

— Cuidassem de nós, Liandrin Sedai? — perguntou Elayne. — Não entendi.

— Criança, você e essa outra são conhecidas como amigas dessas duas. Não acha que algumas pessoas as interrogariam quando elas desaparecessem? Acredita que seria gentil com você, a Ajah Negra, só porque você é herdeira de um trono? Se permanecessem na Torre Branca, poderiam não ter sobrevivido a esta noite. — Depois disso, todas ficaram em silêncio. Até que Liandrin virou a égua e as chamou: — Sigam-me.

A Aes Sedai as levou mais para o interior do bosque, até chegarem a uma cerca de ferro alta e robusta, encimada por uma massa de espinhos afiados como navalha. Curvando-se ligeiramente, como se envolvesse uma área enorme, a cerca se perdia de vista entre as árvores. E havia um portão, com uma grande fechadura trancada. Liandrin tirou uma chave do manto, abriu a fechadura, sinalizou para que passassem, trancou-a de volta, atrás delas, e imediatamente foi para a frente do grupo e prosseguiu a cavalgada. Um esquilo chiou para elas, de um galho acima, e de algum lugar veio o martelar agudo de um pica-pau.

— Para onde estamos indo? — indagou Nynaeve. Liandrin não respondeu, e a Aceita olhou para as outras, irritada. — Por que estamos adentrando mais essa floresta? Precisamos cruzar uma ponte ou pegar um navio, se vamos sair de Tar Valon. E não tem pontes nem navios nessa...

— Tem isso — anunciou Liandrin. — Ela mantém afastados aqueles que poderiam se ferir, essa cerca, mas hoje a necessidade urge. — Ela gesticulou, indicando uma placa alta e grossa que parecia pedra. Estava fincada no chão, e um dos lados fora esculpido com um intrincado padrão de vinhas e folhas.

Egwene sentiu um nó na garganta. Entendeu na mesma hora por que Liandrin trouxera lanternas, e não gostou nada daquilo. Ouviu Nynaeve sussurrar:

— Um Portal dos Caminhos... — Ambas se lembravam bem demais dos Caminhos.

— Já passamos por eles uma vez — lembrou, tanto a si mesma quanto a Nynaeve. — Podemos passar de novo. — *Se Rand e os outros precisam de nós, temos que ajudá-los. Simples assim.*

— Isso é mesmo...? — começou Min, com a voz engasgada, e não conseguiu terminar.

— Um Portal dos Caminhos — completou Elayne, em um sussurro. — Eu achava que os Caminhos não podiam mais ser usados. Achava que usá-los não era mais permitido.

Liandrin já desmontara e retirara a folha de *Avendesora*, de três pontas, dos entalhes. O bloco de pedra se abriu, como duas grandes portas feitas de vinhas vivas, revelando o que parecia ser um espelho opaco e prateado que refletia uma imagem pálida do exterior.

— Vocês não precisam vir — disse Liandrin. — Podem esperar por mim aqui, em segurança, dentro da cerca, até eu vir buscá-las. Ou talvez a Ajah Negra as encontre antes de qualquer outro. — O sorriso que ela deu não foi agradável. Atrás dela, o Portal dos Caminhos terminou de se abrir.

— Eu não disse que não iria — respondeu Elayne, mas lançou um olhar demorado à floresta que escurecia.

— Se é para fazer isso — começou Min, rouca —, então vamos de uma vez. — Ela olhava fixamente para o Portal, e Egwene julgou tê-la ouvido murmurar: — Que a Luz o queime, Rand al'Thor.

— Preciso entrar por último. Todas vocês, para dentro. Eu sigo. — Ela também olhava para a floresta, como se pensasse que alguém poderia tê-las seguido. — Rápido! Rápido!

Egwene não sabia o que Liandrin tentava ver, mas, qualquer um que aparecesse provavelmente tentaria impedi-las de usar o Portal. *Rand, seu idiota cabeça de lã*, pensou, *por que não podia se meter em algum problema que não me obrigasse a agir como a heroína de alguma história?*

Ela enfiou os calcanhares nos flancos de Bela, e a égua peluda, indócil por todo o tempo que passou no estábulo, saltou à frente.

— Devagar! — gritou Nynaeve, mas era tarde demais.

Egwene e Bela avançaram em direção aos próprios reflexos. Dois cavalos peludos tocaram os narizes, parecendo fluir um para dentro do outro. Então Egwene se fundiu com a própria imagem com um calafrio. O tempo pareceu se alongar, como se aquele frio se arrastasse por um fio de cabelo por vez, levando minutos para passar por cada um deles.

De repente, Bela tropeçou tão rápido no breu que quase caiu com uma cambalhota. Ela se recuperou e ficou parada, tremendo, enquanto Egwene desmontava depressa, tateando as patas da égua no escuro para ver se ela se machucara. Estava quase grata pela escuridão, que escondia seu rosto rubro. Sabia que o tempo, assim como as distâncias, eram diferentes do outro lado de um Portal dos Caminhos. Agira sem pensar.

Havia apenas a escuridão ao seu redor, em todas as direções, exceto pelo retângulo do Portal aberto, que parecia uma janela de vidro fumê pelo lado de dentro. Ele não deixava a luz passar, e o negrume parecia fazer pressão no vidro. Através dele, Egwene conseguia ver as outras, que se moviam devagar, pouco a pouco, como figuras de um pesadelo. Nynaeve insistia em distribuir as lanternas nas varas e acendê-las, ao que Liandrin concordava de má vontade, insistindo para que se apressassem.

Quando Nynaeve passou pelo Portal, conduzindo a égua cinza com extrema lentidão, Egwene quase correu para abraçá-la. Pelo menos metade da vontade foi por causa da lanterna que a Sabedoria carregava. A área que o fogo iluminava era menor do que deveria ser: a escuridão parecia resistir à luz, tentando empurrá-la de volta para a lanterna. E Egwene começara a sentir a escuridão pressioná-la, como se tivesse peso. Em vez de se mover, a jovem se contentou em falar:

— Bela está bem. E eu não quebrei o pescoço, como merecia.

Já houvera luz nos Caminhos, antes que a mácula do poder com o qual haviam sido construídos, a mácula que o Tenebroso deixara em *saidin*, começasse a corrompê-los.

Nynaeve entregou a vara da lanterna a Egwene e se virou para tirar outra debaixo dos arreios de sua sela.

— Se sabe que merecia, então você não merecia. — De repente, a Sabedoria riu baixinho. — Às vezes acho que foram os ditados como esse, mais do que qualquer outra coisa, que criaram o título de Sabedoria. Bem, vou dizer outro: Se você quebrar o pescoço eu o coloco no lugar só para poder quebrá-lo de novo eu mesma.

Aquilo foi dito em um tom leve, e Egwene percebeu que também ria. Até que se lembrou de onde estava. A alegria de Nynaeve também não durou muito.

Min e Elayne atravessaram o Portal, hesitantes, conduzindo os cavalos e carregando as lanternas. Pensavam que, no mínimo, haveria monstros do outro lado, à espera. A princípio, pareceram aliviadas por não encontrarem nada além de escuridão, mas a opressão daquele véu negro logo as deixou inquietas, passando o peso de um pé para o outro, nervosas. Liandrin colocou a folha de *Avendesora* no lugar e atravessou o Portal montada, puxando o cavalo de carga.

A Aes Sedai não esperou que o portal terminasse de fechar: jogou a corda do cavalo de carga para Min sem dizer uma palavra e começou a seguir uma linha branca, fracamente iluminada pela luz de sua lanterna, conduzindo-as pelo interior dos Caminhos. O chão parecia de pedra, carcomido e corroído por ácido. Egwene subiu depressa no dorso de Bela, mas não seguiu a Aes Sedai mais rápido do que as outras. Não parecia haver nada no mundo além daquele chão áspero sob os cascos dos cavalos.

Reta como uma flecha, a linha branca seguia pela escuridão até uma grande placa de pedra coberta de escritos Ogier incrustados em prata. Os mesmos buracos que marcavam o chão também interrompiam as inscrições, em alguns lugares.

— Um Guia — murmurou Elayne, mexendo-se na sela para olhar em volta, inquieta. — Elaida me ensinou um pouco sobre os Caminhos. Ela não falava muita coisa. Não o suficiente — acrescentou, taciturna. — Ou talvez tenha falado demais.

Liandrin, muito calma, comparou o Guia com o pergaminho. Guardou-o de volta em um bolso do manto antes de Egwene conseguir ler o que havia nele.

O halo de luz de suas lanternas parava de forma abrupta, em vez de diminuir aos poucos, mas era grande o bastante para Egwene notar uma grossa balaustrada de pedra, desgastada em alguns pontos, enquanto a Aes Sedai se afastava do Guia. Uma Ilha, foi como Elayne a chamou. Na escuridão, era difícil saber o tamanho da Ilha, mas Egwene achava que devia ter cerca de cem passos de largura.

Pontes de pedra e rampas atravessavam a balaustrada, cada uma identificada por um marco de pedra ao lado, com uma única linha na escrita Ogier. As pontes pareciam se estender rumo ao nada. As rampas subiam ou desciam. Era impossível ver mais que o início de qualquer uma pela qual passavam.

Parando apenas para olhar os marcos de pedra, Liandrin conduziu o grupo por uma rampa que descia. Logo não havia nada além da rampa e da escuridão. Um silêncio abafado pairava sobre tudo, e Egwene tinha a sensação de que mesmo o barulho dos cascos dos cavalos na pedra áspera não era ouvido muito além da luz.

A rampa descia mais e mais, espiralando-se até chegar a outra Ilha, com uma balaustrada quebrada posicionada entre diversas pontes e rampas. Ela também tinha um Guia, que Liandrin comparou ao pergaminho. Aquela Ilha parecia ser de pedra sólida, assim como a primeira. Egwene desejou não ter tanta certeza de que a primeira Ilha estava bem acima de suas cabeças.

Nynaeve falou de repente, verbalizando pensamentos de Egwene. Sua voz tinha um tom firme, mas ela teve que parar no meio para engolir em seco.

— Po-pode ser — respondeu Elayne, com a voz fraca. Ela olhou para o alto, mas logo seus olhos se voltaram para o chão. — Elaida disse que as leis da natureza não se aplicam aos Caminhos. Pelo menos, não da mesma forma que do lado de fora.

— Luz! — murmurou Min, antes de erguer a voz. — Quanto tempo você quer que a gente fique aqui?

As tranças cor de mel da Aes Sedai balançaram quando ela se virou para encará-las.

— Até que eu as deixe sair — respondeu, direta. — Quanto mais me incomodarem, mais tempo vai levar. — Ela voltou a estudar o pergaminho e o Guia.

Egwene e as outras se calaram.

Liandrin as levou de Guia em Guia, atravessando rampas e pontes que pareciam se elevar sem suportes por entre a escuridão infindável. A Aes Sedai prestava pouca atenção às outras, e Egwene se perguntou se a mulher voltaria caso alguma delas ficasse para trás. Talvez suas amigas tenham pensado o mesmo, pois seguiam coladas aos calcanhares da égua escura.

Egwene ficou surpresa ao perceber que ainda sentia a atração de *saidar*. Sentia tanto a presença da metade feminina da Fonte Verdadeira quanto o desejo de tocá-la, de canalizar seu fluxo. De alguma forma, pensara que a mácula da Sombra nos Caminhos a ocultaria. E também conseguia sentir a mácula, de certo modo. Era fraca, e nada tinha a ver com *saidar*, mas Egwene tinha certeza de que buscar a Fonte Verdadeira naquele lugar seria como estender o braço através de uma fumaça imunda e oleosa para alcançar um copo limpo. O que quer que fizesse seria maculado. Pela primeira vez em semanas, não foi difícil resistir à tentação de canalizar.

A noite fora dos Caminhos já devia estar muito avançada quando Liandrin desmontou de repente, em uma Ilha. A Aes Sedai então anunciou que parariam para cear e dormir, e que trouxera comida com o cavalo de carga.

— Dividam com parcimônia — disse, sem se importar em determinar quem o faria. — Levaremos quase dois dias para chegar à Ponta de Toman. Eu não faria vocês chegarem com fome caso fossem tolas o bastante para não trazer comida. — Ela tirou a sela e prendeu a égua

de forma brusca, mas depois se sentou e esperou que uma delas lhe trouxesse algo para comer.

Elayne levou para ela pão de massa fina e queijo. A Aes Sedai deixou claro que não queria a companhia das outras, de modo que as mais jovens comeram um pouco afastadas, sentadas nas próprias selas, mantendo-se bem unidas. A escuridão que se estendia além das lanternas era um péssimo tempero.

Depois de um tempo, Egwene perguntou:

— Liandrin Sedai, e se encontrarmos o Vento Negro? — Min murmurou o nome interrogativamente, mas Elayne apenas gemeu. — Moiraine Sedai disse que não se pode matá-lo, nem mesmo feri-lo, e consigo sentir a mácula deste lugar esperando para distorcer qualquer coisa que a gente tente fazer com o Poder.

— Vocês não vão sequer pensar na Fonte a menos que eu mande — retrucou Liandrin, ríspida. — Ora, se alguém como você tentasse canalizar aqui, nos Caminhos, poderia muito bem enlouquecer, como um homem. Nem o treinamento para lidar com a mácula dos homens que fizeram este lugar vocês têm. Se o Vento Negro aparecer, cuidarei dele. — Ela comprimiu os lábios, olhando para um pedaço de queijo branco. — Não sabe tanto quanto pensa Moiraine. — E enfiou o queijo na boca com um sorriso.

— Eu não gosto dela — murmurou Egwene, baixo o bastante para que a Aes Sedai não ouvisse.

— Se Moiraine consegue trabalhar com ela — afirmou Nynaeve, em voz baixa —, nós também conseguimos. Não que eu goste de Moiraine mais do que dela, mas se as duas estão se metendo com Rand e os outros de novo... — Ela se aquietou, apertando o manto. A escuridão não era fria, mas era como se devesse ser.

— O que é esse Vento Negro? — perguntou Min. Quando Elayne explicou, usando muitas palavras de Elaida e da mãe, Min soltou um suspiro desanimado. — O Padrão tem muito pelo que se explicar. Não sei se algum homem vale isso.

— Você não precisava ter vindo — lembrou Egwene. — Poderia ter ido embora a qualquer momento. Ninguém a impediria de sair da Torre.

— Ah, eu poderia ter saído por aí — respondeu Min, com uma careta —, com tanta facilidade quanto você ou Elayne. O Padrão não se importa muito com o que queremos. Egwene, e se, depois de tudo pelo que você está passando por ele, Rand não se casar com você? E se ele se casar com alguma mulher que você nunca viu antes, com Elayne, ou comigo? E aí?

Elayne riu.

— Minha mãe nunca aprovaria.

Egwene ficou em silêncio por um tempo. Rand poderia não viver o suficiente para se casar com quem quer que fosse. E se vivesse... Ela não conseguia imaginá-lo ferindo alguém. *Nem mesmo depois de ter enlouquecido?* Devia haver alguma forma de impedir aquilo, alguma forma de mudar as coisas. As Aes Sedai sabiam tanto, podiam fazer tanta coisa... *Se elas pudessem impedir, por que não o fariam?* A única resposta possível era que não podiam, e não era a que ela queria.

Ela tentou deixar a voz descontraída.

— Eu não acredito que vá *mesmo* me casar com ele. É raro Aes Sedai se casarem, você sabe. Ou mesmo você, Elayne. Eu acho que ele não... — Sua voz embargou, e ela tossiu para

disfarçar. — Eu acho que ele não vai chegar a se casar. Mas, se acontecer, desejo tudo de bom para quem for escolhida, mesmo que seja uma de vocês. — Ela achou que sua voz soava sincera. — Ele é teimoso como uma mula e insensato até demais, mas é gentil. — Sua voz vacilou, mas ela conseguiu transformar o tremor em uma risada.

— Por mais que diga que não se importa — respondeu Elayne —, eu acho que você aprovaria menos ainda do que minha mãe. Ele é interessante, Egwene. Mais do que qualquer homem que já conheci, mesmo sendo um pastor. Se você for tola o bastante para jogá-lo fora, só vai ter a si mesma para culpar se eu resolver enfrentar você e minha mãe juntas. Não seria o primeiro Príncipe de Andor sem títulos. Mas você não vai ser tão boba, então não tente fingir. Não tenho dúvidas de que você vai escolher a Ajah Verde e vai torná-lo um dos seus Guardiões. As únicas Verdes que conheço com apenas um Guardião são casadas com eles.

Egwene se obrigou a entrar na brincadeira, dizendo que, caso se tornasse Verde, teria dez Guardiões.

Min a observava, franzindo a testa, e Nynaeve observava Min, pensativa. Todas já estavam em silêncio na hora que trocaram as roupas por outras mais adequadas para viagem, que trouxeram nos alforjes. Não era fácil manter a animação naquele lugar.

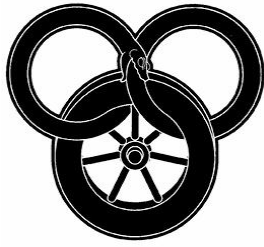
Como era de se esperar, o sono não veio fácil para Egwene, e foi cheio de sonhos ruins. Não sonhou com Rand, mas com o homem de olhos de fogo. O rosto dele não estava mascarado dessa vez. E era um rosto horrível, coberto de queimaduras quase curadas. Ele apenas a olhou e riu, mas foi pior do que os sonhos que se seguiram, em que estava eternamente perdida nos Caminhos, com o Vento Negro a persegui-la. Ficou agradecida quando o bico da bota de montaria de Liandrin cutucou suas costelas para acordá-la, e sentia-se como se não tivesse dormido nada.

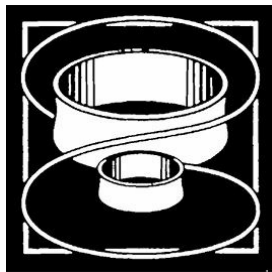
Liandrin forçou uma marcha acelerada no dia seguinte, ou o que se passava por dia. Não tinham nada além das lanternas como sol, e sequer puderam parar para dormir até estarem quase caindo das selas. A pedra era uma cama dura, mas Liandrin as acordou sem delicadeza algumas horas depois, mal esperando que montassem antes de prosseguir viagem. Rampas e pontes, Ilhas e Guias. Egwene viu tantas no breu que até perdeu a conta. Perdera a conta das horas ou dos dias havia muito. A Aes Sedai permitia apenas breves paradas para comer e descansar os cavalos, e a escuridão pesava sobre os ombros. Todas se curvavam nas selas como sacas de grãos, a não ser Liandrin. A mulher parecia não se afetar com o cansaço ou a escuridão. Estava descansada como estivera na Torre Branca, e tão fria quanto antes. Não deixava que ninguém visse o pergaminho que comparava com os Guias e, quando Nynaeve perguntou do que se tratava, guardou-o, respondendo com um curto:

— Nada que vocês pudessem compreender.

E então, enquanto Egwene piscava, cansada, Liandrin se afastou de um Guia. Não foi em direção a outra ponte ou rampa: seguiu uma linha branca esburacada que avançava escuridão adentro. Egwene encarou as amigas, e as quatro logo se apressaram em seguir a mulher. À frente, à luz da lanterna, a Aes Sedai já removia a folha de *Avendesora* do intrincado padrão de um Portal dos Caminhos.

— Chegamos — disse Liandrin, sorrindo. — Trouxe vocês aonde devem ir.





Damane

Egwene desmontou enquanto o Portal dos Caminhos se abria, e, quando Liandrin apressou-as com um gesto, conduziu Bela para fora com muito cuidado. Mesmo assim, ela e a égua tropeçaram na vegetação que o Portal achatara ao abrir, pois de repente pareceram se mover ainda mais devagar. Várias moitas densas cercavam e ocultavam o Portal dos Caminhos. Havia apenas algumas poucas árvores por perto, e uma brisa matinal agitava a folhagem um pouco mais colorida do que a de Tar Valon.

Observando suas amigas saírem, Egwene ficou parada um bom tempo antes de perceber que havia outras pessoas por perto, um pouco escondidas do outro lado do Portal. Quando as notou, passou a observá-las, preocupada. Eram o grupo mais estranho que já tinha visto, e tinha ouvido rumores demais sobre a guerra na Ponta de Toman.

Eram pelo menos cinquenta homens de armadura, com placas de aço sobrepostas cobrindo o torso e elmos negros opacos em forma de cabeças de insetos. Estavam montados ou parados ao lado dos cavalos, e todos olhavam para ela e as mulheres que saíam, encarando o Portal dos Caminhos, murmurando entre si. O único que estava com a cabeça exposta, um sujeito alto, de pele escura e nariz aquilino que apoiava o elmo pintado e folheado na cintura, olhava a cena, estupefato. Também havia mulheres entre os soldados. Duas delas usavam vestidos simples, de um cinza-escuro, e enormes coleiras de prata, e observavam atentamente as que saíam do Portal. Atrás de cada uma havia outra mulher, perto o suficiente para sussurrar em seu ouvido. Duas outras mulheres, um pouco mais afastadas das quatro, usavam grandes saias divididas que mal chegavam aos tornozelos, com bordados de raios bifurcados no peito e nas saias. A mais estranha de todas, no entanto, era a última mulher. Estava reclinada em uma liteira carregada por oito homens musculosos sem camisa e de calças pretas folgadas. As laterais de sua cabeça eram raspadas, de modo que apenas uma alta crista de cabelos negros descia por suas costas. Uma longa túnica creme com bordados de flores e pássaros emoldurados por linhas azuis havia sido arrumada com cuidado para mostrar a saia branca plissada. Suas unhas tinham cerca de uma polegada de comprimento, e as duas primeiras de cada mão estavam pintadas de azul.

— Liandrin Sedai — perguntou Egwene, nervosa —, sabe quem são essas pessoas? — Suas

amigas mexiam nas rédeas como se considerassem montar e sair em disparada, mas Liandrin recolocou a folha de *Avendesora* e avançou com confiança enquanto o Portal dos Caminhos fechava.

— Grã-lady Suroth? — falou Liandrin. Sua voz a meio caminho entre uma pergunta e uma afirmação.

A mulher na liteira concordou com um minúsculo meneio de cabeça.

— Você é Liandrin. — O sotaque era arrastado, e Egwene demorou a entender suas palavras. — Aes Sedai — acrescentou Suroth, comprimindo os lábios, e houve um burburinho entre os soldados. — Você precisa se apressar, Liandrin. Há patrulhas, e não seria agradável ser encontrada. Você não acharia as atenções dos Inquiridores da Verdade mais agradáveis do que eu. Pretendo estar de volta a Falme antes que Turak descubra que saí.

— Do que está falando? — indagou Nynaeve. — Do que ela está falando, Liandrin?

Liandrin pôs uma das mãos no ombro de Nynaeve e a outra no de Egwene.

— Essas são as duas de quem lhe falaram. E há outra. — Indicou Elayne com um gesto de cabeça. — Ela é a Filha-herdeira de Andor.

As duas mulheres com ornamentos de raios nos vestidos se aproximavam do grupo em frente ao Portal dos Caminhos. Egwene notou que elas carregavam correntes de metal prateado enroladas nas mãos, e o soldado sem elmo avançava com elas. Ele sorria com naturalidade e não levou a mão ao cabo da espada que despontava atrás de seu ombro, mas Egwene ainda o observava com desconfiança. Liandrin não deu qualquer sinal de agitação, ou Egwene teria pulado em Bela naquele instante.

— Liandrin Sedai — perguntou, com urgência —, quem são essas pessoas? Elas também estão aqui para ajudar Rand e os outros?

De repente, o homem de nariz aquilino agarrou Min e Elayne pela nuca, e, no instante seguinte, tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. O homem gritou um impropério. Uma mulher berrou, ou talvez mais de uma; Egwene não conseguiu saber ao certo. De repente, a brisa virou uma ventania que carregava os gritos furiosos de Liandrin em nuvens de poeira e folhas e fazia as árvores se dobrarem e rangerem. Os cavalos empinavam e relinchavam. Uma das mulheres avançou e prendeu algo em torno do pescoço de Egwene.

Com o manto inflado como uma vela, Egwene se protegeu do vento e tocou o que parecia uma coleira de metal. Ela não abria. Sob seus dedos desesperados, parecia uma peça inteiriça, embora ela soubesse que deveria haver algum tipo de fecho. A corrente prateada que a mulher carregava enrolada se estendia sobre o ombro de Egwene, e a outra ponta estava ligada a um bracelete brilhante no pulso esquerdo da mesma mulher. Cerrando firme o punho, Egwene golpeou a outra com toda a sua força, direto no olho... Então cambaleou, caindo de joelhos, com a cabeça zumbindo. Parecia que um homem enorme socara seu rosto.

Quando voltou a enxergar, o vento já havia cessado. Diversos cavalos vagavam soltos, entre eles Bela e a égua de Elayne, e alguns dos soldados se levantavam, resmungando impropérios. Liandrin limpava o pó e as folhas de seu vestido com muita calma. Min estava de joelhos, grogue, apoiada nas mãos e tentando se levantar. O homem de nariz aquilino estava ao lado dela com uma das mãos sangrando. A faca de Min jazia logo além de seu alcance, com a lâmina manchada de vermelho de um dos lados. Nynaeve e Elayne não estavam à vista, e a égua de Nynaeve também sumira. Além disso, alguns soldados e uma das duplas de mulheres

também haviam sumido. As outras duas ainda estavam ali, e Egwene pôde ver, então, que estavam ligadas por uma corrente prateada idêntica à que ainda a unia à mulher de pé a seu lado.

A mulher esfregava o rosto, agachada. Um hematoma já surgia em torno de seu olho esquerdo. Ela tinha cabelos escuros e longos e grandes olhos castanhos, era bem bonita, e parecia ser cerca de dez anos mais velha que Nynaeve.

— Essa foi sua primeira lição — disse, enfaticamente. Não havia qualquer animosidade na voz. Seu tom era quase amigável. — Não darei mais punições dessa vez, já que eu deveria ter ficado mais atenta, lidando com uma *damane* recém-capturada. Saiba o seguinte. Você é uma *damane*, uma Encolarada, e eu sou uma *sul'dam*, uma Senhora do Colar. Quando uma *damane* e uma *sul'dam* estão ligadas, a *damane* sente o dobro de qualquer dor que a *sul'dam* sinta. É assim até a morte. Então você precisa se lembrar de que nunca deve atacar uma *sul'dam*, e de que precisa protegê-la ainda mais do que a si mesma. Eu me chamo Renna. Qual o seu nome?

— Eu não sou... isso que você disse — murmurou Egwene. Ela puxou a coleira mais uma vez, mas não teve mais efeito do que antes. Pensou em derrubar a mulher e tentar arrancar o bracelete do pulso dela, mas desistiu. Mesmo que os soldados não tentassem detê-la, já que até o momento estavam ignorando Renna e ela, Egwene tinha a desalentadora sensação de que o que a mulher dizia era verdade. Tocar seu olho esquerdo a fez estremecer de dor. Não parecia inchado, então talvez não fosse ganhar um hematoma para combinar com o de Renna, mas doía. Seu olho esquerdo e o olho esquerdo de Renna. Ela ergueu a voz.

— Liandrin Sedai? Por que está deixando que eles façam isso?

Liandrin bateu as mãos para tirar o pó, sem olhar para ela.

— A primeira coisa que você precisa aprender — disse Renna — é a obedecer sem demora.

Egwene engasgou. De repente sua pele começou a queimar e espetar como se ela rolasse em agulhas que a perfuravam da sola dos pés ao couro cabeludo. Começou a sacudir a cabeça quando a sensação de queimação aumentou.

— Muitas *sul'dam* — prosseguiu Renna, naquele tom quase amigável — acreditam que *damanes* não deveriam ter permissão para ter nomes, ou que devem ter apenas os nomes que recebem. Mas eu capturei você, de modo que ficarei encarregada do seu treinamento, e vou permitir que continue com seu próprio nome. Se você não me desagradar demais. Estou um pouco irritada com você, neste momento. Pretende levar isso adiante até que eu fique com raiva?

Tremendo, Egwene cerrou os dentes. Cravou as unhas nas palmas das mãos, resistindo para não se coçar violentamente. *Idiota! É só seu nome.*

— Egwene. — Conseguiu dizer. — Eu me chamo Egwene al'Vere. — A coceira ardente cessou no mesmo instante. Ela soltou um suspiro longo, trêmula.

— Egwene — disse Renna. — É um bom nome. — E, para horror da jovem, Renna lhe deu tapinhas na cabeça, como faria com um cão.

Percebeu então que era aquilo que detectara na voz da mulher mais cedo: uma certa boa vontade com um cão em treinamento, não o sentimento amistoso que alguém teria por outro ser humano.

Renna riu baixinho.

— Agora você está ainda mais irritada. Se for me bater de novo, lembre-se de dar um golpe fraco, porque vai sentir duas vezes mais dor. Não tente canalizar: você jamais fará isso sem uma ordem minha.

O olho de Egwene latejava. Ela se forçou a ficar de pé e tentou ignorar Renna, tanto quanto era possível ignorar alguém que segurava uma corrente atada a uma coleira em seu pescoço. Sua face ardeu quando a mulher riu mais uma vez. Ela queria ir até Min, mas o tanto de corrente que Renna deixava livre não chegaria até lá. Ela a chamou, em voz baixa.

— Min, tudo bem?

Sentando-se nos calcanhares bem devagar, Min assentiu. Então, levou a mão à cabeça, como se desejasse não tê-la movido.

Raios ribombavam, apesar do céu limpo, e caíam em meio às árvores a uma certa distância. Egwene deu um pulo, então sorriu de repente. Nynaeve ainda estava livre. Assim como Elayne. Se havia alguém capaz de libertá-la e a Min, esse alguém era Nynaeve. O sorriso se desfez em um olhar de ódio voltado para Liandrin. Por algum motivo, a Aes Sedai as traíra, e haveria troco. *Algum dia. De algum jeito.* O olhar não adiantou de nada: Liandrin não desviou a atenção da liteira.

Os homens sem camisa se ajoelharam, baixando a liteira até o nível do chão, e Suroth desceu, ajeitando a túnica com cuidado. Então foi até Liandrin, caminhando sobre sapatilhas macias. As duas mulheres eram do mesmo tamanho. Olhos castanhos encararam os olhos negros de frente.

— Você deveria me trazer duas — afirmou Suroth. — Em vez disso, tenho apenas uma, enquanto duas estão à solta. Uma delas é de longe muito mais poderosa do que me levaram a acreditar. Ela vai atrair cada uma de nossas patrulhas em um raio de duas léguas.

— Eu lhe trouxe três — respondeu Liandrin, muito calma. — Se não consegue contê-las, talvez nosso mestre deva encontrar outro de vocês para servi-lo. Você se apavora com coisas insignificantes. Se aparecerem patrulhas, mate-as.

Raios lampejaram outra vez a uma curta distância, e momentos depois ouviu-se o que parecia um trovão não muito longe de onde os raios haviam caído. Uma nuvem de poeira se elevou no ar. Nem Liandrin nem Suroth pareceram notar.

— Eu ainda poderia voltar para Falme com duas novas *damane* — suspirou Suroth. — Para mim é uma pena permitir que uma... Aes Sedai — falou como se fosse um insulto — continue livre.

A expressão de Liandrin não se alterou, mas Egwene viu um halo envolvê-la de repente.

— Cuidado, Grã-lady — alertou Renna. — Ela está a postos!

Houve uma agitação entre os soldados, que sacaram espadas e lanças, mas Suroth se limitou a juntar as mãos à frente do rosto, sorrindo para Liandrin por cima das unhas compridas.

— Você não fará nada contra mim, Liandrin. Nosso mestre desaprovava, já que tenho certeza de que sou mais necessária aqui do que você, e você o teme mais do que teme se tornar *damane*.

Liandrin sorriu, embora manchas brancas de raiva, marcassem suas bochechas.

— E você, Suroth, o teme mais do que teme que eu a transforme em cinzas aí onde está.

— Exatamente. Ambas o tememos. Ainda assim, mesmo as necessidades de nosso mestre

mudarão com o tempo. Cedo ou tarde, todas as *marath'damane* serão encolaradas. Talvez seja eu quem coloque o colar nesse seu pescoço adorável.

— Como disse, Suroth, elas mudarão, as necessidades de nosso mestre. Vou lembrá-la disso no dia em que diante de mim você se ajoelhar.

Uma enorme folha-de-couro, a mais ou menos uma milha de distância, de repente irrompeu em chamas.

— Isso está ficando cansativo — afirmou Suroth. — Elbar, chame-os de volta. — O homem de nariz aquilino puxou uma trombeta menor que o próprio punho. O instrumento produziu um som rouco e agudo.

— Aquela mulher, Nynaeve, você precisa encontrá-la — lembrou Liandrin, ríspida. — Elayne não tem qualquer importância, mas quando vocês partirem a mulher e essa garota precisam estar nos navios.

— Eu sei muito bem o que foi ordenado, *marath'damane*, embora gostaria muito de saber por quê.

— O quanto lhe foi dito, criança — retrucou Liandrin, com desdém —, é o quanto lhe é permitido saber. Lembre-se de que você serve e obedece. Precisam ser enviadas para o outro lado do Oceano de Aryth, essas duas, e mantidas lá.

Suroth bufou.

— Não vou continuar aqui para encontrar essa Nynaeve. Minha utilidade para nosso mestre acabará se Turak me entregar aos Inquiridores da Verdade. — Liandrin abriu a boca para responder, irritada, mas Suroth se recusou a deixar que ela dissesse uma palavra sequer. — A mulher não permanecerá livre por muito tempo. Nenhuma das duas. Quando partirmos desse pedaço miserável de terra, levaremos, encolarada e acorrentada, toda mulher capaz de canalizar o mínimo que seja. Se você quiser ficar e procurar por ela, faça isso. Em breve haverá patrulhas aqui, atrás da escória que ainda se esconde nos campos. Algumas patrulhas também levam *damane*, e não vão se importar com a que mestre você serve. Caso sobreviva ao encontro, a corrente e o colar vão lhe ensinar uma vida nova, e eu acredito que nosso mestre não se preocupará em acabar com uma mulher tola o suficiente para se permitir ser capturada.

— Se for permitido que qualquer uma delas permaneça aqui — afirmou Liandrin, tensa —, nosso mestre vai se ocupar com você, Suroth. Leve as duas ou pague o preço. — Ela seguiu para o Portal dos Caminhos, segurando firme as rédeas da égua. Não demorou para que ele começasse a se fechar às suas costas.

Os soldados que estavam perseguindo Nynaeve e Elayne voltaram a galope junto com as duas mulheres unidas pela corrente, pela coleira e pelo bracelete. *Damane* e *sul'dam* cavalgando lado a lado. Três homens conduziam cavalos com cadáveres deitados nas selas. Egwene sentiu uma onda de esperança ao notar que todos os cadáveres usavam armadura. Não haviam capturado Nynaeve ou Elayne.

Min começou a se levantar, mas o homem de nariz aquilino pisou entre suas omoplatas e a empurrou de volta para o chão. Ofegante, ela se contorceu, sem forças.

— Peço permissão para falar, Grã-lady — disse ele. Suroth fez um leve gesto com a mão, e ele continuou: — Essa camponesa me feriu. Se a Grã-lady não tiver utilidade para ela... — Suroth fez outro gesto discreto, já lhe dando as costas, e ele ergueu a mão acima do ombro

para puxar o cabo da espada.

— Não! — gritou Egwene. Ela ouviu Renna xingar baixinho, e de repente as agulhadas ardente cobriram sua pele outra vez, pior do que antes, mas ela não parou. — Por favor! Grã-lady, por favor! Ela é minha amiga! — Uma dor que ela jamais sentira a atingiu em meio à queimação. Cada músculo se contorceu em câimbras, e ela caiu com o rosto no chão, gemendo. Mas ainda conseguia ver a pesada lâmina curva de Elbar sendo desembainhada, pôde ver o homem erguê-la com ambas as mãos. — Por favor! Ah, Min!

De repente, foi como se a dor nunca tivesse existido. Restava apenas a lembrança. As sapatilhas de veludo azul de Suroth, já sujas de terra, surgiram em frente a seu rosto, mas era para Elbar que a mulher olhava. Ele permaneceu ali, parado, com a espada acima da cabeça e todo o peso no pé nas costas de Min... e não se moveu.

— Esta camponesa é sua amiga? — indagou Suroth

Egwene começou a se levantar, mas, ao notar a Grã-lady erguer as sobrancelhas em surpresa, permaneceu onde estava e apenas levantou a cabeça. Precisava salvar Min. *Se para isso eu precisar me humilhar...* Ela abriu a boca e esperou que os dentes trincados passassem por um sorriso.

— Sim, Grã-lady.

— E, se eu poupá-la e permitir que ela a visite de vez em quando, você vai se esforçar para aprender o que lhe ensinarem?

— Vou, Grã-lady. — Ela prometeria muito mais para impedir que aquela espada rachasse o crânio de Min. *E vou até cumprir a promessa*, pensou, amargamente, *enquanto for preciso*.

— Ponha a garota no cavalo em que veio, Elbar — disse Suroth. — Amarre-a, se ela não conseguir ficar sentada. Se esta *damane* se provar uma decepção, talvez eu permita que você corte a cabeça da garota. — Ela já estava voltava para a liteira.

Renna puxou Egwene com força para fazê-la levantar e a empurrou até Bela, mas Egwene só tinha olhos para Min. Elbar não foi mais gentil com Min do que Renna com ela, mas parecia estar tudo bem com a amiga. Pelo menos Min não aceitou a tentativa de Elbar de amarrá-la atravessada na sela e subiu no cavalo com pouca ajuda.

O estranho grupo partiu para o oeste, com Suroth na frente e Elbar logo atrás da liteira, mas perto o bastante para atender a qualquer chamado imediatamente. Renna e Egwene cavalgavam atrás, acompanhando Min e a outra *sul'dam* acorrentada à *damane*, atrás dos soldados. A mulher que deveria ter posto a coleira em Nynaeve mexia com a corrente prateada que ainda carregava, parecendo irritada. Florestas esparsas cobriam o terreno plano, e a fumaça da folha-de-couro em chamas logo se tornou apenas uma mancha no céu atrás deles.

— Você foi honrada — comentou Renna, depois de um tempo —, pela Grã-lady ter falado com você. Em outra circunstância, eu a deixaria usar uma fita para marcar a honra. Mas já que você chamou a atenção dela para si...

Egwene gritou quando sentiu uma vara acertá-la nas costas, depois na perna e no braço. Os golpes pareciam vir de todas as direções. Ela sabia que não havia como bloqueá-los, mas não conseguia se impedir de mover os braços como se para deter a vara. Mordeu o lábio para abafar os gemidos, mas as lágrimas ainda desciam pelo rosto. Bela relinchava e dançava, mas

Renna segurava a corrente prateada, impedindo-a de se afastar com Egwene. Nenhum dos soldados sequer olhou para trás.

— O que você está fazendo com ela? — gritou Min. — Egwene? Pare com isso!

— Você só está viva por um ato de boa vontade... Min, não é? — respondeu Renna, com a voz branda. — Farei disso uma lição para você também. Enquanto tentar interferir, isso não vai parar.

Min ergueu um punho... e voltou a baixá-lo.

— Não vou interferir. Só pare, por favor. Me desculpe, Egwene.

Os golpes invisíveis continuaram por mais alguns instantes, como se para mostrar a Min que a intervenção dela não tivera efeito, e então cessaram. Mas Egwene não conseguiu parar de tremer. A dor não foi embora depois da punição. Ela puxou a manga do vestido, pensando que veria marcas. A pele estava imaculada, mas a sensação não havia passado. Ela engoliu em seco.

— Não foi culpa sua, Min. — Bela jogou a cabeça de um lado para o outro, revirando os olhos, e Egwene fez carinho no pescoço peludo da égua. — Não foi sua culpa também.

— A culpa foi sua, Egwene — retrucou Renna. Ela parecia muito paciente, lidando com gentileza com uma pessoa estúpida demais para entender o que era certo, e aquilo fez Egwene ter vontade de gritar. — Quando uma *damane* é punida, é sempre culpa dela, mesmo que ela não saiba o motivo. Uma *damane* precisa prever os desejos de sua *sul'dam*. Mas, dessa vez, você sabe por quê. *Damane* são como mobília ou instrumentos, sempre ali, prontas para serem usadas, mas sem nunca tentar chamar atenção. E principalmente a atenção de alguém do Sangue.

Egwene mordeu o lábio até sentir gosto de sangue. *Isso é um pesadelo. Não pode ser real. Por que Liandrin nos trouxe aqui? Por que isso está acontecendo?*

— Posso... posso fazer uma pergunta?

— A mim, pode. — Renna sorriu. — Muitas *sul'dam* usarão seu bracelete ao longo dos anos. Sempre há mais *sul'dam* do que *damane*. E algumas arrancariam seu couro se você tirar os olhos do chão ou abrir a boca sem autorização, mas não vejo motivo para não permitir que fale, contanto que seja cuidadosa com o que diz.

Uma das outras *sul'dam* bufou alto. Ela estava unida a uma mulher bonita, de cabelos escuros e meia-idade, que mantinha os olhos fixos nas próprias mãos.

— Liandrin — Egwene nunca mais usaria o título honorífico — e a Grã-lady falaram de um mestre ao qual ambas servem. — Teve a visão de um homem com o rosto maculado por queimaduras quase curadas e olhos que de vez em quando se transformavam em fogo, mas, mesmo que aquilo fosse apenas uma imagem em seus sonhos, parecia terrível demais para se contemplar. — Quem é ele? O que ele quer comigo e... e Min? — Ela sabia que era tolo evitar dizer o nome de Nynaeve. Não pensava que aquelas pessoas a esqueceriam apenas porque o nome dela não fora mencionado, e muito menos a *sul'dam* de olhos azuis que mexia na corrente vazia. Mas, ainda assim, era a única forma de resistência que lhe ocorria naquele momento.

— Os assuntos do Sangue — respondeu Renna — não são para as minhas atenções, e muito menos para as suas. A Grã-lady me dirá o que quiser que eu saiba, e eu lhe direi o que eu quiser que você saiba. Se ouvir qualquer outra informação, deve agir como se aquilo nunca

tivesse sido dito, como se nunca tivesse acontecido. Esse é o caminho seguro, ainda mais para uma *damane*. *Damane* são valiosas demais para serem mortas por qualquer motivo, mas você pode acabar não apenas punida com vigor, mas desprovida de língua para falar e mãos para escrever. *Damane* podem fazer o que precisam sem essas coisas.

Egwene estremeceu, embora o ar não estivesse muito frio. Quando puxou o manto por cima dos ombros, sua mão roçou na coleira, e ela a afastou depressa.

— Isso é horrível. Como podem fazer isso com qualquer pessoa? Que mente doentia inventou isso?

A *sul'dam* de olhos azuis e corrente vazia rosnou.

— Essa já podia muito bem perder a língua, Renna.

Renna se limitou a sorrir, pacientemente.

— Como isso pode ser horrível? Como poderíamos deixar à solta qualquer pessoa capaz de fazer o que uma *damane* faz? Às vezes nascem homens que seriam *marath'damane* se fossem mulheres, ouvi dizer que o mesmo acontece aqui, e eles precisam ser mortos, é claro. Mas as mulheres não enlouquecem. É melhor elas se tornarem *damane* do que começar a criar problemas por lutar por poder. Quanto à mente que inventou o *a'dam*, foi a de uma mulher que se autodenominava Aes Sedai.

Egwene percebeu que a incredulidade devia estar estampada em seu rosto, pois Renna soltou uma risada.

— Quando Luthair Paendrag Mondwin, filho de Asa-de-gavião, enfrentou pela primeira vez os Exércitos da Noite, encontrou diversas mulheres que se chamavam de Aes Sedai. Elas disputavam entre si, e usavam o Poder Único no campo de batalha. Uma dessas, uma mulher chamada Deain, pensou que se sairia melhor servindo ao Imperador. Ele ainda não era Imperador àquela altura, é claro, já que não tinha Aes Sedai em seus exércitos. Bem, Deain, foi até ele com uma peça que construía, o primeiro *a'dam*, preso ao pescoço de uma de suas irmãs. Embora a mulher não quisesse servir a Luthair, o *a'dam* a forçava a fazê-lo. Deain fez mais *a'dam*, as primeiras *sul'dam* foram encontradas, e mulheres capturadas que se autodenominavam Aes Sedai descobriram que na verdade eram apenas *marath'damane*, Aquelas que Devem Ser Encolaradas. Dizem que quando foi a vez de Deain receber o colar, seus gritos abalaram as Torres da Meia-Noite. Mas ela também era uma *marath'damane*, e não se pode permitir que uma delas fique à solta. Talvez você seja uma das que possuem a habilidade de construir um *a'dam*. Se for o caso, garanto que será paparicada.

Egwene olhou desejosa para os campos pelos quais passavam. Pequenas elevações começavam a surgir no terreno, e a floresta pouco densa dera lugar a arvoredos esparsos, mas a jovem tinha certeza de que conseguiria desaparecer por entre eles.

— Eu deveria estar ansiosa para ser paparicada como um cachorro de estimação? — perguntou, ácida. — Para passar a vida acorrentada a um homem ou mulher que acha que sou uma espécie de animal?

— Homens não. — Renna riu. — Todas as *sul'dam* são mulheres. Na maioria das vezes em que um homem coloca o bracelete, não é muito diferente de pendurá-lo em um pino na parede.

— E pode ser — interveio a *sul'dam* de olhos azuis, rude —, que você e ele morram gritando. — A mulher tinha feições agudas e lábios finos, e Egwene notou que a raiva parecia

ser sua expressão permanente. — De tempos em tempos a Imperatriz brinca com os lordes unindo-os a uma *damane*. Isso os faz suar e entretém a Corte das Nove Luas. O lorde nunca sabe se vai viver ou morrer, e nem a *damane*. — Ela soltou uma risada perversa.

— Só a Imperatriz pode se dar ao luxo de desperdiçar *damane* dessa forma, Alwhin — rebateu Renna —, e eu não pretendo treinar essa aqui só para que ela seja jogada fora.

— Eu ainda não vi treinamento até agora, Renna. Só um monte de conversa fiada, como se você e essa *damane* fossem amigas de infância.

— Talvez seja hora de ver o que ela pode fazer — comentou Renna, estudando Egwene. — Você já tem controle suficiente para canalizar àquela distância? — Ela apontou para um grande carvalho solitário no topo de uma colina.

Egwene franziu a testa ao examinar a árvore, a talvez meia milha da trilha que os soldados e a liteira de Suroth seguiam. Nunca tinha tentado qualquer coisa além do alcance de sua mão, mas achava que podia ser possível.

— Não sei — respondeu.

— Tente — mandou Renna. — Sinta a árvore, sinta a seiva da árvore. Quero que você deixe tudo quente, tão quente que cada gota de seiva em cada galho evapore em um instante. Agora.

Egwene ficou chocada ao perceber uma ânsia de fazer o que Renna ordenava. Não canalizava, nem sequer tocava *saidar*, havia dois dias. O desejo de preencher a si mesma com o Poder Único lhe deu um calafrio.

— Eu... — Na mesma hora ela descartou o “não vou”: os vergões que não estavam lá ainda queimavam com intensidade demais para que ela agisse de forma tão tola — ... não consigo — finalizou, em vez disso. — É muito longe, e nunca fiz isso antes.

Uma das *sul'dam* soltou uma gargalhada estrondosa, e Alwhin falou:

— Ela nem tentou.

Renna sacudiu a cabeça, quase triste.

— Quando alguém já foi *sul'dam* por tempo suficiente — disse a Egwene —, consegue saber muito sobre as *damane*, mesmo sem estarem ligadas pelo bracelete. Com ele, no entanto, é sempre possível saber se uma *damane* tentou canalizar. Você não deve mentir para mim, nunca, e nem para qualquer *sul'dam*, não importa quão pequena a mentira seja.

De repente os golpes invisíveis voltaram, atingindo seu corpo todo. Gritando, ela tentou atacar Renna, mas a *sul'dam* aparou seu soco, e Egwene sentiu como se Renna tivesse acertado seu braço com um porrete. Ela cravou os calcanhares nos flancos de Bela, mas a corrente que a *sul'dam* segurava quase a arrancou da sela. Ela buscou *saidar*, desesperada. Queria ferir Renna o suficiente para fazê-la parar, devolver o mesmo tipo de sofrimento que ela lhe causara. A *sul'dam* sacudiu a cabeça amargamente. Egwene uivou quando sentiu a pele ser esquentada. O ardor só começou a diminuir quando ela abandonou *saidar*, mas os golpes invisíveis sequer diminuíram. Egwene tentou gritar que tentaria obedecer, caso Renna parasse, mas tudo que conseguia era berrar e se contorcer.

Estava vagamente ciente de Min gritando, furiosa, e tentando cavalgar para perto dela. De Alwhin arrancando as rédeas de Min das mãos da menina, e de outra *sul'dam* falando de um jeito ríspido com sua *damane*, que olhou para Min. Então Min também começou a gritar e se debater como se tentasse se defender de golpes invisíveis ou afastar insetos que a picavam. Em sua própria dor, Min parecia distante.

Os gritos das duas foram suficientes para fazer alguns dos soldados se virarem nas selas. Depois de uma rápida olhadela, eles riam e voltavam a olhar para a frente. A forma que as *sul'dam* lidavam com as *damane* não era assunto deles.

Para Egwene, pareceu durar uma eternidade, mas o castigo chegou ao fim, finalmente. Ela jazia esparramada sobre a patilha da sela, com o rosto banhado em lágrimas, soluçando na crina de Bela. A égua relinchava, nervosa.

— É bom que tenha personalidade forte — comentou Renna, muito calma. — As melhores *damane* são as que têm uma personalidade forte para ser esculpida e moldada.

Egwene fechou os olhos com força. Queria poder fechar os ouvidos, também, para calar a voz de Renna. *Preciso fugir. Preciso, mas como? Nynaeve, me ajude. Luz, alguém me ajude.*

— Você vai ser uma das melhores — comentou Renna, em uma voz satisfeita. Ela acariciou os cabelos de Egwene como uma dona consolando seu cachorro.

* * *

Nynaeve se inclinou na sela para olhar em volta da cobertura de moitas de folhas espinhosas. Seus olhos encontraram árvores esparsas, algumas com folhas que começavam a mudar de cor. As áreas de grama e moitas entre elas pareciam vazias. Nada se movia, pelo que ela podia ver, exceto a coluna de fumaça da folha-de-couro que se afinava, levada pela brisa.

Aquilo fora obra dela, a folha-de-couro. E também um raio no céu limpo, assim como algumas outras coisas que nunca pensara em tentar até aquelas duas mulheres usarem contra ela. Achava que elas deviam trabalhar juntas de algum jeito, embora não conseguisse entender a relação de uma com a outra. Pareciam estar acorrentadas. Uma delas usava uma coleira, mas a outra não parecia tão acorrentada quanto a primeira. O que Nynaeve sabia com certeza era que uma delas era Aes Sedai, ou ambas. Não conseguira vê-las com clareza para reparar no brilho da canalização, mas tinha que ser isso.

Ah, vai ser um prazer contar isso a Sheriam, pensou, seca. Aes Sedai não usam o Poder Único como arma, não é?

Ela usara. No mínimo tinha derrubado as duas mulheres com aquele raio, e vira um dos soldados, ou seu cadáver, queimado por uma bola de fogo que arremessara contra eles. Mas não via os estranhos já fazia algum tempo.

O suor escorria por sua testa, e não era apenas pelo esforço. O contato com *saidar* se fora, e ela não conseguia trazê-lo de volta. Na fúria por saber que Liandrin as traíra, *saidar* surgira quase antes de ela perceber que o Poder Único a inundava. Era como se pudesse fazer qualquer coisa. E, enquanto a perseguiam, a fúria por estar sendo caçada como um animal a alimentara. A perseguição havia terminado. Quanto mais tempo ficara sem ver um inimigo que pudesse atacar, mais Nynaeve começara a se preocupar com a possibilidade de sofrer algum tipo de emboscada, e mais tempo tinha para se preocupar com o que estava acontecendo com Egwene, Elayne e Min. Naquele momento, era forçada a admitir que o que mais sentia era medo. Medo por elas, medo por si mesma. Era de raiva que precisava.

Alguma coisa se mexeu atrás de uma árvore.

Ela perdeu o fôlego e buscou *saidar*, em desespero, mas todos os exercícios que Sheriam e

as outras haviam ensinado, todos os brotos desabrochando em sua mente, todos os cursos d'água imaginários que ela continha como as margens, tudo aquilo de nada adiantava. Consequia senti-la, sentir a Fonte, mas não conseguia tocá-la.

Elayne saiu de trás da árvore, agachada e temerosa, e Nynaeve afundou em sua sela, aliviada. O vestido da Filha-herdeira estava sujo e rasgado, seu cabelo dourado era um emaranhado de nós e folhas, e seus olhos atentos estavam tão grandes quanto os de uma corça assustada, mas ela empunhava uma adaga curta com a mão firme. Nynaeve puxou as rédeas, saindo de trás das moitas.

Elayne sobressaltou-se. Então, levou a mão ao pescoço e respirou fundo. Nynaeve desmontou e as duas se abraçaram, confortando-se em terem encontrado uma à outra.

— Por um momento — disse Elayne, quando o abraço terminou —, achei que você fosse... Você sabe o que eles são? Tinha dois homens me seguindo. Mais alguns minutos e eles teriam me capturado, porém uma trombeta soou e eles deram meia-volta com os cavalos e foram embora, galopando. Eles conseguiam me ver, Nynaeve, e apenas foram embora.

— Eu também ouvi, e não vi nenhum deles desde então. Você viu Egwene ou Min?

Elayne balançou a cabeça, sentando-se no chão.

— Não desde que... Aquele homem bateu em Min, ele a derrubou. E uma daquelas mulheres estava tentando prender alguma coisa no pescoço de Egwene. Vi isso tudo antes de correr. E acho que elas não escaparam, Nynaeve. Eu devia ter feito alguma coisa. Min esfaqueou a mão que estava me segurando, e Egwene... Eu só corri, Nynaeve. Percebi que estava livre e corri. É melhor minha mãe se casar com Gareth Bryne e ter outra filha assim que puder. Eu não sou digna de assumir o trono.

— Não seja ingênua — respondeu Nynaeve, severa. — Lembre-se de que eu tenho um pacote de raiz de língua-de-ovelha no meio das minhas ervas. — Elayne estava com a cabeça enterrada nas mãos. Aquele sermão não gerou sequer um murmúrio em resposta. — Ouça o que eu digo, garota. Você me viu ficar para enfrentar vinte ou trinta homens armados, sem falar nas Aes Sedai? Se tivesse ficado, é muito mais provável que também tivesse sido pega. Isso se eles não resolvessem matar você. Eles pareciam estar mais interessados em mim e em Egwene, por algum motivo. Talvez não se importassem se você permaneceria viva ou não. — *Por que estão interessados em mim e na Egwene? Por que nós, em especial? Por que Liandrin fez isso? Por quê?* Não tinha mais respostas naquele momento do que na primeira vez em que se fizera aquelas perguntas.

— Se eu tivesse morrido tentando ajudá-las... — começou Elayne.

— ... você estaria morta. E não seria de grande ajuda, para si mesma ou para as outras. Agora levante-se e limpe esse vestido. — Nynaeve procurou uma escova de cabelo nos alforjes. — E penteie o cabelo.

Elayne se levantou devagar e pegou a escova, dando uma pequena risada.

— Você me lembra Lini, minha antiga ama. — Ela começou a escovar o cabelo, fazendo caretas quando puxava os nós. — Mas como vamos ajudá-las, Nynaeve? Você pode ser forte como uma irmã plena quando está com raiva, mas eles também têm mulheres capazes de canalizar. Não consigo pensar nelas como Aes Sedai, mas pode ser que sejam. Nem sabemos em que direção as levaram.

— Para o oeste — respondeu Nynaeve. — Aquela criatura, Suroth, mencionou Falme, que

fica tão a oeste quanto possível, na Ponta de Toman. Vamos para Falme. Espero que Liandrin esteja lá. Vou fazer com que ela amaldiçoe o dia em que a mãe pôs os olhos no pai. Mas primeiro acho melhor encontrarmos algumas roupas no campo. Vi mulheres tarabonianas e domanesas na Torre, e as roupas delas não parecem nem um pouco com o que estamos vestindo. Todos iriam reparar em nós em Falme. Pensariam que somos estrangeiras.

— Eu não me importaria de usar um vestido domanês, embora minha mãe com certeza fosse dar um ataque se descobrisse e Lini fosse falar até o fim dos tempos. Mas, mesmo que a gente consiga encontrar uma vila, como pagaremos por vestidos novos? Não tenho ideia de quanto dinheiro você tem, mas eu tenho apenas dez peças de ouro e talvez o dobro disso em prata. Isso vai nos sustentar por duas ou três semanas, mas não sei o que faremos depois.

— Alguns meses como noviça em Tar Valon — começou Nynaeve, rindo — não fizeram você parar de pensar como a herdeira de um trono. Não tenho um décimo do que você tem, mas tudo isso junto vai nos manter por dois ou três meses com conforto. Mais tempo, se formos cuidadosas. Não tenho intenção de comprar vestidos, e, de qualquer forma, eles não serão novos. Meu vestido de seda cinza vai vir a calhar, com todas aquelas pérolas e bordados de ouro. Se eu não encontrar uma mulher que troque duas ou três mudas de roupa por aquilo, entrego meu anel para você e serei eu a noviça.

Ela subiu na sela e estendeu a mão para ajudar Elayne a montar atrás de si.

— O que faremos quando chegarmos a Falme? — perguntou Elayne, enquanto se acomodava na traseira da égua.

— Não vou saber até chegarmos lá. — Nynaeve fez uma pausa, deixando a égua continuar parada. — Você tem certeza de que quer fazer isso? Vai ser perigoso.

— Mais perigoso do que para Egwene e Min? Elas nos resgatariam se estivéssemos no lugar delas, tenho certeza. Vamos ficar aqui o dia todo?

Elayne bateu os calcanhares, e a égua começou a andar. Nynaeve virou o cavalo até que o sol, bem perto da posição de meio-dia, brilhasse às suas costas.

— Precisaremos tomar cuidado. As Aes Sedai que conhecemos são capazes de reconhecer uma mulher com o poder de canalizar a apenas um braço de distância. Essas Aes Sedai podem ser capazes de nos identificar em uma multidão, se estiverem procurando por nós, e é melhor presumirmos que estão. — *Elas com certeza estavam atrás de mim e de Egwene. Mas por quê?*

— Sim, muito cuidado. Você estava certa antes também. Não vamos fazer nenhum bem a elas se formos capturadas. — Elayne ficou em silêncio por um instante. — Acha que era tudo mentira, Nynaeve? O que Liandrin nos contou sobre Rand estar em perigo? E os outros? Aes Sedai não mentem.

Foi a vez de Nynaeve permanecer em silêncio, lembrando-se de quando Sheriam contou os juramentos que uma mulher fazia ao ser elevada à irmandade plena, juramentos feitos segurando um *ter'angreal* que a forçava a cumpri-los. *Não dizer qualquer palavra que não seja verdadeira.* Era um deles, mas todos sabiam que a verdade que uma Aes Sedai dizia podia não ser a verdade que você pensava que ouvia.

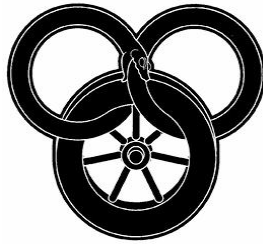
— Espero que Rand esteja aquecendo os pés em frente à lareira de Lorde Agelmar, em Fal Dara, neste momento — respondeu. *Não posso me preocupar com ele agora. Tenho que*

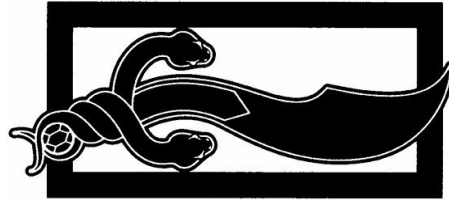
pensar em Egwene e Min.

— Imagino que esteja — concordou Elayne, com um suspiro. Ela se mexeu atrás da sela. — Se Falme for muito longe, Nynaeve, espero que me deixe ir na sela metade do tempo. Este não é um assento muito confortável. E nunca chegaremos lá se você deixar esse cavalo seguir no próprio ritmo o caminho inteiro.

Nynaeve forçou a égua a um trote rápido, e Elayne deu um gritinho e se agarrou no manto da Sabedoria. A mulher disse a si mesma que chegaria sua vez de cavalgar atrás e que não reclamaria se Elayne pusesse a montaria a galope, mas depois disso ignorou os gemidos da mulher que quicava atrás de si. Estava ocupada demais torcendo para que, quando chegassem a Falme, conseguisse deixar de sentir medo e começasse a sentir raiva.

A brisa as atingiu, fria e cortante, com um indício do inverno ainda por vir.





Divergências

O trovão rugiu, atravessando o céu escuro da tarde. Rand puxou o capuz do manto mais para a frente, tentando se proteger de pelo menos parte da chuva fria. Vermelho teimava em pisar nas poças lamacentas. O capuz pendia sobre a cabeça de Rand, tão encharcado quanto o manto em seus ombros, e o casaco elegante também estava molhado e gelado. A temperatura não precisaria baixar muito mais antes de a neve começar a cair, com ou sem chuva. As pessoas em uma aldeia pela qual passaram disseram que já tinha nevado duas vezes naquele ano. Logo voltaria a nevar. Tremendo, Rand quase desejou que estivesse nevando. Assim, pelo menos, não estaria ensopado até os ossos.

A coluna avançava devagar, vigiando com preocupação o terreno plano. A Coruja Cinzenta de Ingtar pendia, pesada, mesmo quando batia o vento. Hurin às vezes puxava o capuz para farejar o ar. O farejador dizia que o frio e a chuva não afetavam o rastro, pelo menos não o tipo que estava procurando, mas até então ele nada encontrara. Rand ouviu Uno murmurar um impropério atrás de si. Loial verificava os alforjes com frequência: não se incomodava por ficar molhado, mas se preocupava com seus livros. Todos se sentiam péssimos, exceto Verin, que parecia perdida demais em pensamentos para notar até mesmo que o capuz caíra, expondo sua cabeça à chuva.

— Você não pode fazer alguma coisa a respeito disso? — indagou Rand. Uma pequena voz no fundo de sua mente respondeu que ele mesmo poderia tomar uma atitude. Tudo que precisava fazer era abraçar *saidin*. Tão doce, o chamado de *saidin*. Ser preenchido pelo Poder Único, se tornar um com a tempestade. Fazer os céus ficarem ensolarados ou cavalgar a tempestade em sua fúria e varrer a Ponta de Toman do mar à planície. Abraçar *saidin*. Ele reprimiu o desejo sem piedade.

A Aes Sedai se assustou.

— O quê? Ah. Suponho que sim. Pelo menos um pouco. Eu não conseguiria interromper uma tempestade desse tamanho, não sozinha, já que ela afeta uma área grande demais, mas posso abrandá-la um pouco. Na área em que estamos, pelo menos. — Ela secou o rosto molhado pela chuva e puxou o capuz de volta, distraída, parecendo perceber pela primeira vez que ele havia escorregado.

— Então por que não faz isso? — perguntou Mat. O rosto que tremia e os olhava por debaixo de seu capuz parecia às portas da morte, mas sua voz era forte.

— Porque, se eu usasse tanto do Poder Único, qualquer Aes Sedai em um raio de dez milhas saberia que alguém canalizou. Não queremos atrair esses Seanchan para nós com algumas daquelas *damane*. — Ela apertou os lábios, furiosa.

Haviam aprendido um pouco sobre os invasores na aldeia anterior, chamada Moinho de Atuan, embora a maior parte do que ouviram trouxesse mais perguntas que respostas. As pessoas tagarelavam sem parar em um momento e não falavam mais nada no seguinte, tremendo e olhando em volta desconfiados. Todos morriam de medo de que os Seanchan voltassem com seus monstros e suas *damane*. Mulheres que deveriam ter sido Aes Sedai, mas eram, em vez disso, encoleiradas como animais. Elas assustavam ainda mais os aldeões do que as estranhas criaturas dos Seanchan, feras que o povo de Moinho de Atuan só conseguia descrever aos sussurros, dizendo que pareciam ter saído de pesadelos. E, o pior de tudo, os exemplos que os Seanchan tinham deixado antes de partir ainda davam calafrios naquele povo. Eles já tinham enterrado os mortos, mas temiam limpar a grande área carbonizada na praça da aldeia. Ninguém queria falar sobre o que havia acontecido ali, mas Hurin vomitara no instante que chegou à aldeia e se recusara a chegar perto do chão enegrecido.

Moinho de Atuan estava quase vazia. Alguns habitantes tinham fugido para Falme, pensando que os Seanchan não deviam ser tão severos em uma cidade sobre a qual tinham controle total. Outros haviam ido para o leste, e alguns diziam pensar em fazer o mesmo. Havia conflitos na Planície de Almoth, onde tarabonianos enfrentavam os domaneses, segundo diziam, mas as casas e os celeiros queimados lá eram destruídos pelas mãos de homens, pelo menos. Até mesmo uma guerra seria mais fácil de enfrentar do que as coisas que os Seanchan tinham feito, que eles poderiam fazer.

— Por que será que Fain trouxe a Trombeta para cá? — murmurou Perrin. A pergunta fora feita por cada um deles em um momento ou outro, e ninguém tinha resposta. — O lugar está em guerra, e tem os Seanchan e esses monstros. Por que aqui?

Ingтар se virou para trás, ainda montado, para olhar para o restante da comitiva. Seu rosto parecia quase tão acabado quanto o de Mat.

— Há sempre aqueles que enxergam a chance de tirar vantagem em meio à confusão da guerra. Fain é um desses. Sem dúvida já está pensando em roubar a Trombeta outra vez, agora do Tenebroso, e usá-la para seu proveito.

— O Pai das Mentiras jamais traça planos simples — afirmou Verin. — Pode ser a vontade dele que Fain traga a Trombeta até aqui, por algum motivo conhecido apenas em Shayol Ghul.

— Monstros — disse Mat, bufando com desprezo. Seu rosto estava magro, os olhos, encovados. E aquela voz saudável só tornava tudo ainda pior. — Eles viram alguns Trollocs ou um Desvanecido, se vocês querem saber. Ora, por que não? Se os Seanchan têm Aes Sedai lutando por eles, por que não Desvanecidos e Trollocs? — Mat percebeu que Verin o olhava e se encolheu um pouco. — Bem, são Aes Sedai, encoleiradas ou não. Podem canalizar, e isso faz delas Aes Sedai. — Ele olhou para Rand e deu uma risada rouca. — Isso faz de você um Aes Sedai também, que a luz ajude todos nós.

Masema voltou a galope de um pouco adiante, atravessando a lama e a chuva pesada.

— Há outra aldeia à frente, milorde — informou, enquanto emparelhava com Ingтар. Seus olhos apenas passaram por Rand, mas, quando isso aconteceu, se estreitaram, e o shienarano não olhou outra vez para o rapaz. — Está vazia, milorde. Nada de aldeões, de Seanchan, nem

ninguém. Mas todas as casas pareciam em perfeito estado, exceto duas ou três que... bem, não estão mais lá, milorde.

Ingтар ergueu a mão e sinalizou para que reduzissem a marcha a um trote.

A aldeia que Masema encontrara cobria as encostas de uma colina. No topo ficava uma praça pavimentada, com um círculo de muros de pedra no centro. As casas também eram de pedra, todas com teto plano e poucas com mais de um andar. Três que antes eram bem maiores que as outras, em um dos cantos da praça, agora não passavam de pilhas de escombros enegrecidos. Fragmentos de pedras e vigas de telhados jaziam espalhados pela praça. Algumas janelas batiam quando o vento soprava.

Ingтар desmontou em frente à única construção grande que ainda permanecia de pé. A placa que rangia acima da porta mostrava uma mulher fazendo malabarismos com estrelas, mas não exibia um nome. A chuva dobrava as esquinas, alcançando-os em duas rajadas firmes. Verin entrou depressa, enquanto Ingтар falava.

— Uno, vasculhem todas as casas. Se ainda houver alguém por aqui, talvez essa pessoa possa explicar o que aconteceu, e quem sabe não descobriremos um pouco mais sobre esses Seanchan. Se encontrarem alguma comida e cobertores, tragam também. — Uno assentiu e começou a despachar os homens. Ingтар se virou para Hurin. — O que você consegue sentir? Fain passou por aqui?

Hurin, esfregando o nariz, sacudiu a cabeça.

— Ele não, milorde, e nem os Trollocs. Mas quem fez isso deixou um fedor terrível. — Ele apontou para os escombros do que haviam sido casas. — Foi assassinato, milorde. Tinha gente lá dentro.

— Seanchan — rosnou Ingтар. — Vamos entrar. Ragan, procure algo que sirva de estábulo para os cavalos.

Verin já tinha acendido as duas grandes lareiras nas extremidades do salão e aquecia as mãos em uma delas. Seu manto encharcado estava estendido em uma das mesas, pingando no chão de ladrilhos. Ela também encontrara duas velas, que queimavam em uma mesa, apoiadas na própria cera derretida. O vazio e o silêncio, exceto pelo ruído ocasional de um trovão, somavam-se às sombras tremulantes para dar ao lugar uma sensação cavernosa. Rand jogou seu manto, também ensopado, em outra mesa e se juntou à mulher. Apenas Loial parecia mais interessado em verificar o estado de seus livros do que em se aquecer.

— Nunca encontraremos a Trombeta de Valere assim — afirmou Ingтар. — Já se passaram três dias desde que... desde que chegamos aqui. — Ele estremeceu e passou uma das mãos pelo cabelo. Rand se perguntou o que o shienarano vira em suas outras vidas. — Temos pelo menos mais dois pela frente, até Falme, e não encontramos sequer um fio de cabelo de Fain ou dos Amigos das Trevas. Há dezenas de aldeias ao longo da costa. Ele pode ter ido para uma e embarcado um navio para qualquer lugar a esta altura. Se é que esteve aqui.

— Ele está aqui — respondeu Verin, muito calma —, e foi para Falme.

— E ainda está aqui — completou Rand. *Esperando por mim. Por favor, Luz, que ele ainda esteja esperando...*

— Hurin ainda não achou um vestígio sequer dele — retrucou Ingтар. O farejador deu de ombros, como se pensasse ser culpado pela falha. — Por que ele escolheria Falme? Se formos

acreditar naqueles aldeões, eles dizem que Falme está sob o controle desses Seanchan. Eu daria meu melhor sabujo para saber quem eles são e de onde vieram.

— Não importa quem eles são. — Verin se ajoelhou e abriu os alforjes que trazia, pegando uma muda de roupa seca. — Pelo menos temos quartos para trocar de roupa, mesmo que isso não vá adiantar muito se o tempo não mudar. Ingtar, pode até ser que o que os aldeões nos disseram seja verdade, que os Seanchan sejam os descendentes dos exércitos de Artur Asa-de-gavião que voltaram para casa. O que importa é que Fain foi para Falme. As palavras nas paredes da masmorra de Fal Dara...

— ... não mencionavam Fain. Perdoe-me, Aes Sedai, mas isso podia ser tanto um truque quanto uma profecia das trevas. Não consigo acreditar que nem mesmo Trollocs seriam estúpidos o suficiente para nos contar tudo o que farão antes de fazê-lo.

Verin se virou para olhar para ele.

— E o que você pretende fazer, se não vai seguir meus conselhos?

— Pretendo recuperar a Trombeta de Valere — respondeu Ingtar, com firmeza. — Perdoe-me, mas preciso confiar em meu próprio bom senso mais do que nas palavras rabiscadas por um Trolloc...

— Um Myrddraal, com certeza — murmurou Verin, mas o shienarano sequer hesitou.

— ... ou um Amigo das Trevas traído pela própria boca. Pretendo esquadrinhar o terreno até Hurin farejar um rastro ou encontrarmos Fain em carne e osso. Eu preciso recuperar a Trombeta de Valere, Verin Sedai. Eu preciso!

— Não é isso — repreendeu Hurin, falando baixinho. — Não é “precisar”. O que acontece, acontece.

Ninguém lhe deu qualquer atenção.

— Todos precisamos — murmurou Verin, procurando algo nos alforjes. — Mas algumas coisas podem ser ainda mais importantes do que isso.

Ela não falou mais, porém Rand fez uma careta. Queria ficar longe daquela mulher e de suas insinuações e indiretas. *Eu não sou o Dragão Renascido. Luz, eu só queria poder escapar de vez dessas Aes Sedai.*

— Ingtar, acho que vou continuar seguindo para Falme. Fain está lá, tenho certeza, e, se eu não aparecer logo, ele... ele vai fazer algo de ruim aos habitantes de Campo de Emond. — Rand não mencionara essa parte antes.

Todos o encararam. Mat e Perrin franziram a testa, preocupados, mas pensativos. Verin parecia ter acabado de encontrar uma nova peça que se encaixava em um quebra-cabeça. Loial parecia estupefato, e Hurin, confuso. Já Ingtar estava incrédulo.

— Por que ele faria isso? — perguntou o shienarano.

— Não sei — mentiu Rand —, mas era parte da mensagem que Barthanes passou.

— E Barthanes disse que Fain estava indo para Falme? — indagou Ingtar. — Não. Não faria diferença se tivesse dito. — Ele deu uma risada amarga. — Para os Amigos das Trevas, mentir é tão natural quanto respirar.

— Rand — interveio Mat —, se soubesse como impedir Fain de fazer mal aos habitantes de Campo de Emond, eu impediria. Se eu tivesse certeza de que ele faria isso. Mas preciso daquela adaga, Rand, e Hurin tem mais chance de encontrá-la.

— Eu vou aonde quer que você vá, Rand — afirmou Loial. Ele já terminara de verificar se

os livros estavam secos e tirava o casaco ensopado. — Mas não vejo como alguns dias a mais mudariam qualquer coisa, de uma forma ou de outra, a esta altura. Tente ser um pouco menos apressado, para variar.

— Para mim, não importa se vamos para Falme agora, amanhã ou nunca — começou Perrin, dando de ombros —, mas se Fain está mesmo ameaçando Campo de Emond... Bem, Mat está certo, Hurin é a melhor forma de encontrá-lo.

— Eu consigo encontrá-lo, Lorde Rand — acrescentou Hurin. — Só me deixe encontrar um vestígio que seja, que levo o senhor direto até ele. Nunca vi algo que deixasse um rastro como aquele.

— Você precisa fazer sua própria escolha, Rand — disse Verin, medindo as palavras —, mas lembre-se de que Falme está sob poder de invasores a respeito dos quais não sabemos quase nada. Se for para lá sozinho, pode ser feito prisioneiro ou pior, e isso não vai adiantar de nada. Tenho certeza de que qualquer escolha que você faça será a correta.

— *Ta'veren* — ecoou Loial.

Rand ergueu as mãos em um gesto de desistência.

Uno voltou da praça, sacudindo o manto molhado de chuva.

— Não tem nenhuma maldita alma, milorde. Me parece que eles fugiram como porcos pelados. Até a droga do gado sumiu, e também não sobrou uma carroça ou carroção. Metade das casas está completamente vazia. Aposto meu soldo do mês que vem que dá pra seguir essas pessoas pela mobília que jogaram na beira da estrada quando perceberam que ela só fazia peso nas porcarias dos carroções.

— E roupas? — perguntou Ingtar.

Uno piscou um olho só, surpreso.

— Apenas uma coisa aqui e outra ali, milorde. A maioria das coisas que não acharam que valia a pena levar.

— Vão ter que servir. Hurin, acho melhor vestir você e mais alguns como gente daqui, do melhor jeito possível. Assim vocês não se destacam. Quero que vão pra longe, do norte ao sul, até cruzarem com a trilha. — Mais soldados entravam no aposento, e todos se reuniram ao redor de Ingtar e Hurin para ouvir as instruções.

Rand apoiou as mãos na cornija da lareira e ficou olhando para as chamas. Elas o faziam pensar nos olhos de Ba'alzamon.

— Não temos muito tempo — disse. — Eu sinto... alguma coisa... me puxando para Falme, e não temos muito tempo. — Ele notou que Verin o observava e acrescentou, severo: — Não isso. É Fain que eu preciso encontrar. Isso não tem nada a ver com... aquilo.

Verin assentiu.

— Há de ser o que a roda tecer, e todos nós estamos presos ao padrão. Fain chegou aqui semanas antes de nós, talvez meses. Alguns dias a mais farão pouca diferença no que tiver que acontecer.

— Vou dormir um pouco — resmungou, pegando seus alforjes. — Eles não podem ter levado todas as camas embora.

Ele, de fato, encontrou camas no andar de cima, mas apenas algumas ainda estavam com colchões, que eram tão irregulares que ele achou que talvez fosse melhor dormir no chão. Por

fim, escolheu uma cama em que o colchão estava apenas afundado no meio. Não havia mais nada no quarto além de uma cadeira de madeira e uma mesa com uma perna bamba.

Ele tirou as roupas molhadas, vestindo uma camisa e uma calça secas antes de se deitar, já que não havia lençóis nem cobertores, e encostou a espada ao lado da cabeceira. Pensou com amargura que a única coisa seca que tinha para se cobrir era o estandarte do Dragão. Mas deixou-o guardado, seguro em seus alforjes.

A chuva batia no telhado, o trovão rugia acima e, de vez em quando, o lampejo de um raio iluminava as janelas. Tremendo de frio, ele rolou de um lado para o outro no colchão em busca de uma posição confortável, ponderando se não seria melhor usar o estandarte como cobertor, questionando se não era melhor continuar a seguir para Falme.

Rolou para um lado, e viu Ba'alzamon de pé ao lado da cadeira, com o tecido branco do estandarte do Dragão nas mãos. O quarto parecia mais escuro ali, como se Ba'alzamon estivesse na beira de uma nuvem de fumaça negra e oleosa. Aquele rosto estava marcado por queimaduras quase curadas, e, sob o escrutínio de Rand, aqueles olhos escuros como breu sumiram por um instante, substituídos por cavernas de fogo. Os alforjes de Rand estavam a seus pés, com as fivelas desfeitas, e a parte que escondia o estandarte estava aberta.

— A hora está chegando, Lews Therin. Mil fios puxados com firmeza, e logo você será amarrado e preso, enviado em um caminho que não pode mudar. Loucura. Morte. Antes de morrer, será que matará mais uma vez tudo aquilo que ama?

Rand olhou de relance para a porta, mas se moveu apenas para se sentar na beira da cama. De que adiantava tentar correr do Tenebroso? Sentia como se sua garganta estivesse cheia de areia.

— Eu não sou o Dragão, Pai das Mentiras! — respondeu, rouco.

A escuridão atrás de Ba'alzamon se revolveu, e fomalhas rugiram quando ele riu.

— Você me honra. E se diminui. Eu o conheço bem demais. Enfrentei você mil vezes. Mil vezes mil. Conheço até sua alma miserável, Lews Therin Fratricida. — Ele riu outra vez.

Rand pôs as mãos na frente do rosto para se proteger do calor daquela boca flamejante.

— O que você quer? Não vou servi-lo. Não farei nada que você queira. Prefiro morrer!

— Você *vai* morrer, verme! Mas quantas vezes morreu ao longo das Eras, seu tolo, e de que sua morte adiantou? O túmulo é frio e solitário, exceto para os vermes. O túmulo é meu. Dessa vez você não renascerá. Dessa vez, a Roda do Tempo será quebrada, e o mundo será refeito à imagem da Sombra. Dessa vez sua morte será para sempre! O que você escolherá? A morte eterna? Ou a vida eterna... e poder?

Rand mal percebeu que estava de pé. O vazio o cercara, *saidin* estava lá, e o Poder Único fluiu para dentro dele. Aquilo quase partiu o vazio. Era real? Era um sonho? Será que ele conseguia canalizar em um sonho? Mas a torrente que corria para dentro dele acabou com todas as dúvidas que tinha. Ele arremeteu contra Ba'alzamon, golpeando com puro Poder Único, com a força que girava a Roda do Tempo, uma força que podia fazer os mares ferverem e devorar montanhas.

Ba'alzamon deu meio passo para trás, segurando o estandarte diante de si com firmeza. As chamas cresceram em seus olhos e boca e a escuridão pareceu cobri-lo em um manto feito de sombras. Feito da Sombra. O Poder afundou naquela névoa negra como água na areia seca.

Rand sugou *saidin*, buscando mais e mais. Seu corpo parecia tão frio que bastaria um toque

para se estilhaçar, tão quente que poderia evaporar. Seus ossos pareciam prestes a se calcinar até virar cinzas frias e cristalinas. Ele não se importava. Era como beber da própria vida.

— Idiota! — rugiu Ba'alzamon. — Você vai se destruir!

Mat. O pensamento flutuou em algum lugar além da inundação que o consumia. *A adaga. A Trombeta. Fain. Campo de Emond. Não posso morrer ainda.*

Não soube ao certo como o fez, mas de repente o Poder se fora, junto com *saidin* e o vazio. Tremendo de forma incontrollável, ele caiu de joelhos ao lado da cama, abraçando-se em um esforço inútil para impedir o tremor em seus braços.

— Assim é melhor, Lews Therin. — Ba'alzamon jogou o estandarte no chão e apoiou as mãos no espaldar da cadeira. Fios de fumaça subiam por entre seus dedos. A sombra não o envolvia mais. — Aqui está seu estandarte, Fratricida. Vai lhe servir de muita coisa. Mil fios dispostos ao longo de mil anos o trouxeram até aqui. Dez mil fios, tecidos ao longo das Eras, o prendem como uma ovelha no matadouro. A própria Roda o aprisiona a seu destino, Era após Era. Mas eu posso libertá-lo. Seu vira-lata covarde, apenas eu, em todo o mundo, posso ensiná-lo a usar o Poder. Apenas eu posso impedir que o poder o mate antes de você ter a chance de enlouquecer. Apenas eu posso deter a loucura. Você já me serviu antes. Sirva-me outra vez, Lews Therin, ou seja destruído para sempre!

— Meu nome — forçou Rand, entre os dentes que batiam — é Rand al'Thor. — O tremor o forçou a fechar os olhos com força, e, quando voltou a abri-los, estava sozinho.

Ba'alzamon se fora. A sombra se fora. Seus alforjes estavam apoiados na cadeira com as fivelas fechadas e um lado mais estufado com o volume do estandarte do Dragão, exatamente como os deixara. No entanto, no espaldar da cadeira, filetes de fumaça ainda saíam das marcas de dedos.





Falme

Nynaeve empurrou Elayne de volta para a viela estreita entre a loja de um comerciante de roupas e a oficina de um oleiro, quando o par daquelas mulheres unidas por uma corrente prateada passou perto delas, em direção à calçada de pedras que levava ao porto de Falme. Elas não ousariam deixar aquele par se aproximar demais. As pessoas nas ruas abriam caminho para as duas mulheres ainda mais rápido do que para os soldados Seanchan ou a ocasional liteira de um nobre, fechada com grossas cortinas agora que fazia frio mesmo durante o dia. Nem mesmo os artistas de rua se ofereciam para desenhá-las a giz ou lápis, embora importunassem todos os demais. Nynaeve apertou os lábios enquanto seus olhos acompanhavam a *sul'dam* e a *damane* em meio à multidão. Mesmo depois de semanas naquela cidade, a imagem ainda a deixava enjoada. Talvez até mais do que antes. Não conseguia se imaginar fazendo aquilo a mulher alguma, nem mesmo Moiraine ou Liandrin.

Bem, talvez Liandrin, admitiu, amarga. Às vezes, durante a noite, no quarto pequeno e fedorento que haviam alugado bem em cima de uma peixaria, Nynaeve pensava no que gostaria de fazer com Liandrin quando pusesse as mãos nela. Pensava em Liandrin ainda mais do que em Suroth. Mais de uma vez ficara chocada com a própria crueldade, mesmo quando admirava sua criatividade.

Ainda tentando não perder o par de vista, acabou pousando o olhar em um homem ossudo, parado mais adiante na rua. Teve apenas um vislumbre antes de perdê-lo na multidão outra vez, um grande nariz em um rosto fino. O homem usava uma túnica sofisticada de veludo bronze e de corte Seanchan por cima das roupas, mas Nynaeve achou que ele era estrangeiro. Apesar disso, o serviçal que o acompanhava era Seanchan, um alto servo na hierarquia, com um dos lados da cabeça raspado. O povo local não adotara os costumes Seanchan, principalmente não o modo de se vestir. *Parecia Padan Fain*, pensou, incrédula. *Não pode ser. Não aqui.*

— Nynaeve — perguntou Elayne, em voz baixa —, podemos sair daqui agora? Aquele sujeito vendendo maçãs está olhando para a mesa como se pensasse que havia uma quantidade maior há alguns instantes, e eu não gostaria que ele parasse para se perguntar o que tenho nos

bolsos.

Ambas usavam longos casacos de pele de ovelha, com a lã virada para dentro e espirais de um vermelho vivo bordadas no peito. Era uma roupa típica de camponesa, mas não levantava suspeitas em Falme, onde havia muita gente das fazendas e aldeias. Em meio a tantos estranhos, as duas tinham conseguido passar despercebidas. Nynaeve desfizera a trança, e guardara o anel de ouro com a serpente comendo a própria cauda aninhado sob o vestido ao lado do pesado anel de Lan, preso no cordão de couro em seu pescoço.

Os bolsos largos do casaco de Elayne estavam estufados de um modo suspeito.

— Você roubou aquelas maçãs? — sibilou Nynaeve, tentando ser discreta, puxando a outra para a rua movimentada. — Elayne, não precisamos roubar. Pelo menos não por enquanto.

— Não? Quanto dinheiro ainda temos? Você tem estado “sem fome” com muita frequência nas refeições dos últimos dias.

— Bem, eu estou sem fome — disparou Nynaeve, tentando ignorar o vazio em seu estômago. Tudo era bem mais caro do que ela esperava. Já ouvira o povo local reclamando do grande aumento dos preços desde a chegada dos Seanchan. — Me dê uma. — A maçã que Elayne tirou do bolso era pequena e dura, mas inundou a boca de Nynaeve com uma doçura deliciosa quando ela a mordeu, fazendo barulho. A Sabedoria lambeu o caldo dos lábios. — Como foi que você... — Ela fez Elayne parar e olhou bem nos olhos da jovem. — Você...? Você...? — Não conseguia pensar em uma forma de dizer aquilo, não com tantas pessoas passando por elas, mas Elayne entendeu.

— Só um pouquinho. Derrubei aquela pilha de melões velhos e manchados, e, quando ele foi colocá-los no lugar... — Nynaeve notou que a garota não teve sequer a decência de parecer envergonhada. Comendo uma das maçãs, despreocupada, Elayne deu de ombros. — Não precisa franzir a testa desse jeito. Eu olhei em volta antes para ter certeza de que não havia nenhuma *damane* por perto. — Ela fungou com desdém. — Se eu fosse uma prisioneira, não ajudaria meus captores a encontrar outras mulheres para escravizar. Mas, pelo jeito que essa gente de Falme se comporta, dá para pensar que eles passaram a vida inteira sendo servos dos que deveriam ser seus inimigos mortais. — Ela olhou em volta, sem esconder o desprezo pelas pessoas que passavam, apressadas. Mesmo de longe, era possível ver o caminho de qualquer Seanchan, até mesmo os soldados comuns, pelas ondas de reverências que marcavam sua passagem. — Eles deveriam resistir. Deviam lutar.

— Como? Contra... aquilo.

Elas tiveram que se espremer no canto da rua com todos os demais quando uma patrulha dos Seanchan se aproximou, vinda do porto. A reverência de Nynaeve, com as mãos nos joelhos, foi feita com uma expressão perfeitamente suave. A de Elayne foi mais lenta, e ela se curvou com os lábios apertados de desgosto.

Vinte homens e mulheres em armaduras compunham a patrulha. E estavam a cavalo, para o alívio de Nynaeve. Não conseguia se acostumar à visão de pessoas montadas em criaturas que pareciam felinos sem cauda e com o corpo coberto de escamas de bronze. Além disso, ver alguém montado em uma das feras voadoras era sempre o bastante para deixá-la tonta. Ficava feliz por haver tão poucas delas. Ainda assim, duas criaturas acorrentadas trotavam, acompanhando a patrulha. Pareciam pássaros sem asas, com a pele de couro áspero e bicos afiados que chegavam mais alto do que os elmos nas cabeças dos soldados montados. As

patas longas e sinuosas pareciam capazes de correr mais do que qualquer cavalo.

Ela se ergueu devagar depois da passagem dos Seanchan. Algumas das pessoas que tinham se curvado para a patrulha chegaram quase ao ponto de correr: ninguém ficava confortável ao ver as bestas dos Seanchan, a não ser os próprios Seanchan.

— Elayne — disse, baixo, quando voltaram a subir a rua —, se formos pegas, juro que, antes de nos matarem ou o que quer que façam, vou implorar de joelhos para me deixarem lhe dar uma coça de cima a baixo com a vara mais grossa que eu conseguir encontrar! Se você ainda não aprendeu a tomar cuidado, talvez seja hora de pensar em mandá-la de volta para Tar Valon ou para casa, em Caemlyn, ou para qualquer lugar que não este.

— Eu tomo cuidado. Pelo menos olhei em volta para ter certeza de que não tinha nenhuma *damane* por perto. E você? Eu vi você canalizar com uma bem à vista.

— Sim, mas eu sabia que não estavam olhando para mim — resmungou Nynaeve. Fora preciso concentrar toda a sua raiva ao ver mulheres acorrentadas como animais para conseguir canalizar. — E fiz apenas uma vez. Foi só uma gotinha.

— Uma gotinha!? Tivemos que passar três dias escondidas no quarto fedendo a peixe enquanto elas vasculhavam a cidade em busca de quem tinha feito aquilo! Você chama isso de tomar cuidado?

— Eu precisava descobrir se havia uma forma de abrir aqueles colares. — Ela achava que sim. Precisaria fazer mais um teste antes de ter certeza, e não estava muito animada diante da perspectiva. Pensara, como Elayne, que as *damane* eram prisioneiras ansiosas por escapar, mas fora a mulher com o colar quem dera o alarme.

Naquele instante, passou um homem empurrando um carrinho de mão que quicava nas pedras do calçamento, anunciando seus serviços de amolador de tesouras e facas.

— Elas deviam encontrar uma forma de resistir — rosnou Elayne. — Mas agem como se não percebessem o que acontece ao redor quando há um Seanchan envolvido.

Nynaeve apenas suspirou. Afinal, ficava difícil continuar a defesa quando parte dela concordava com Elayne. A princípio, pensara que a submissão do povo de Falme devia ser uma fachada, mas não encontrara evidências de qualquer resistência. E procurara aliados, no início, na esperança de conseguir ajuda para libertar Egwene e Min, mas todos se apavoravam à mera insinuação de que pudessem se opor aos Seanchan. Ela desistiu de fazer perguntas antes que começasse a chamar atenção demais. Na verdade, não podia imaginar como as pessoas *conseguiriam* lutar. *Monstros e Aes Sedai. Como lutar contra monstros e Aes Sedai?*

Mais adiante havia cinco casas de pedra, algumas das maiores da cidade, formando um quarteirão. Uma rua antes delas, Nynaeve encontrou uma viela ao lado de uma alfaiataria, de onde poderiam pelo menos ficar de olho em algumas das entradas das casas. Não era possível ver todas as portas de uma vez, e não se arriscaria a deixar Elayne sair por conta própria para vigiar mais algumas. Além disso, não era prudente chegar mais perto. Acima dos telhados, na rua seguinte, o estandarte do gavião dourado do Grão-lorde Turak tremulava ao vento.

Apenas mulheres saíam ou entravam naquelas casas, e a maioria era *sul'dam*. Andavam sozinhas ou acompanhadas de uma *damane*. Os prédios haviam sido ocupados pelos Seanchan para abrigar as *damane*. Egwene devia estar lá, e, talvez Min. Não haviam qualquer sinal da outra menina até então, embora fosse possível que ela estivesse apenas escondida na multidão,

assim como elas. Nynaeve ouvira muitas histórias sobre mulheres e meninas sendo presas nas ruas ou trazidas das aldeias. Todas entravam naquelas casas e, quando eram vistas novamente, usavam uma coleira.

Sentada em um caixote ao lado de Elayne, a Sabedoria tirou algumas das pequenas maçãs do casaco da outra. Havia menos gente local andando naquelas ruas. Todos sabiam o que eram aquelas casas, e todos as evitavam, como faziam com os estábulos onde os Seanchan mantinham as feras. Não era difícil ficar de olho nas portas entre os transeuntes. Nynaeve e Elayne eram apenas duas mulheres que pararam para comer na rua. Apenas mais duas que não podiam pagar por uma refeição em uma estalagem. Nada que atraísse mais do que um olhar de relance.

Comendo de forma mecânica, Nynaeve tentou fazer planos mais uma vez. Ser capaz de abrir o colar, se é que era possível, não serviria de nada a menos que encontrasse Egwene. Achou que as maçãs não estavam mais tão doces.

* * *

Olhando pela janela estreita, abaixo do beiral, de dentro de um dos muitos quartos pequenos cujas paredes divisórias foram erguidas sem cuidado para modificar o que quer que fosse o aposento anterior, Egwene podia ver o jardim onde as *damane* eram levadas para passear pelas *sul'dam*. Havia sido diversos jardins, antes de os Seanchan se apossarem das grandes casas para abrigar suas *damane* e derrubarem os muros que os separavam. As árvores estavam quase sem folhas, mas as *damane* ainda eram levadas para tomar ar, querendo ou não. Egwene observava o jardim porque Renna estava lá embaixo, conversando com outra *sul'dam*. Enquanto Renna estivesse em seu campo de visão, ela não chegaria de surpresa.

Alguma outra *sul'dam* podia chegar, no entanto. Havia muito mais *sul'dam* do que *damane*, e todas as *sul'dam* queriam a sua vez de usar um bracelete. Era o que chamavam de “estar completa”. Porém, Renna estava encarregada de seu treinamento, e era ela quem usava seu bracelete na maioria das vezes. Se qualquer pessoa aparecesse, não haveria nada para impedir sua entrada. Não havia fechaduras nas portas dos quartos das *damane*. O aposento de Egwene tinha apenas uma cama dura e estreita, um jarro lascado e uma bacia para se lavar, uma cadeira e uma pequena mesa, e não havia espaço para mais mobília. *Damane* não precisavam de conforto, privacidade ou pertences. *Damane* eram pertences. Min também tinha um quarto exatamente como aquele, em outra casa. Mas a garota podia ir e vir quando quisesse, ou quase. Os Seanchan adoravam regras: tinham mais regras para toda a população do que a Torre Branca tinha para as noviças.

Egwene estava bem afastada da janela. Não queria que alguma das mulheres lá embaixo olhasse para cima e por acaso notasse o brilho que sabia que a cercava por canalizar o Poder Único, sondando cuidadosamente a coleira em seu pescoço, em uma investigação inútil. Sequer podia dizer se o colar era trançado ou feito de elos. Às vezes parecia ser de um jeito, às vezes, de outro. Mas sempre parecia uma peça única. Era apenas uma gota minúscula do Poder, a menor quantidade que ela conseguia imaginar, mas ainda fazia o suor escorrer por sua testa e embrulhava o estômago. Era uma das propriedades do *a'dam*: se a *damane* tentasse

canalizar sem uma *sul'dam* usando o bracelete, sentia-se mal, e, quanto mais Poder canalizava, pior se sentia. Acender uma vela além do alcance da mão teria feito Egwene vomitar. Certa vez, Renna mandara que ela fizesse malabarismos com as bolinhas de luz enquanto o bracelete estava sobre a mesa. A lembrança ainda lhe dava calafrios.

Naquele momento, a corrente prateada serpenteava pelo chão e subia pela parede de madeira sem pintura até o pino em que o bracelete estava pendurado. A visão dele ali a fazia cerrar os dentes, furiosa. Se um cão fosse preso com tanto descuido, fugiria. Se uma *damane* movesse o bracelete um pé sequer de onde fora tocado pela última vez por uma *sul'dam*... Renna também a mandara fazer aquilo, carregar o próprio bracelete pelo quarto. Ou pelo menos tentar. Tinha certeza de que haviam se passado apenas alguns minutos antes que a *sul'dam* prendesse o bracelete no próprio pulso. Para Egwene, no entanto, os gritos e as câimbras que a fizeram se contorcer no chão pareceram durar horas.

Alguém bateu na porta, e Egwene sobressaltou-se antes de se dar conta de que não deveria ser uma *sul'dam*: nenhuma delas bateria antes de entrar. Ela deixou *saidar*. Estava começando a passar mal mesmo.

— Min?

— Aqui estou, para minha visita semanal — anunciou Min, entrando e fechando a porta. A animação soava um tanto forçada, mas a menina sempre fazia o possível para animar Egwene.

— O que acha?

A jovem girou, exibindo o vestido de corte Seanchan, de lã verde-escura. Um manto pesado, combinando, estava pendurado no braço. Uma fita verde prendia os cabelos escuros, embora mal fossem compridos o suficiente para isso. A faca, no entanto, ainda estava embainhada na cintura. Egwene havia ficado surpresa quando Min aparecera usando a arma pela primeira vez, mas os Seanchan pareciam confiar em todos. Até que violassem alguma regra.

— É bonito — respondeu Egwene, medindo as palavras. — Mas... por quê?

— Não passei para o lado do inimigo, se é o que você está pensando. Era isso ou encontrar algum lugar fora da cidade, e aí eu talvez não conseguir visitá-la de novo. — Ela tentou se sentar de frente para o espaldar na cadeira, como fazia quando estava de calça, mas balançou a cabeça, irritada, e virou o assento. — “Todos têm um lugar no Padrão” — imitou —, “e o lugar de todos precisa ser aparente.” Parece que aquela bruxa velha da Mulaen cansou de não saber qual era o meu lugar só de olhar, então resolveu que seria com as serviçais. Ela me deixou escolher. Você precisa ver algumas das roupas que as serviçais dos Seanchan usam, as que servem aos lordes. Talvez fosse divertido, mas só se eu estivesse prometida, ou, melhor ainda, casada. Bem, não há como voltar atrás. Pelo menos, ainda não. Mulaen queimou meu casaco e minha calça. — Com uma careta para mostrar o que pensava daquilo, Min pegou uma pedra de uma pequena pilha na mesa e passou a jogá-la de uma das mãos para a outra. — Não é tão ruim — disse, com uma risada —, tirando o fato de que faz tanto tempo que não uso saia que acabo tropeçando.

Egwene também fora obrigada a assistir a suas roupas serem queimadas, inclusive aquele vestido de seda verde adorável. Ficou feliz por não ter levado mais roupas que ganhara de presente da Lady Amalisa, mesmo que talvez nunca mais fosse vê-las e nem a Torre Branca. Naquele momento, usava o mesmo cinza-escuro que todas as outras *damane*. *Damane não têm pertences*, haviam lhe explicado. *O vestido que uma damane usa, a comida que come, a cama*

em que dorme são todos presentes de sua sul'dam. Se a sul'dam quiser que sua damane durma no chão em vez de em uma cama, ou em uma baia em um estábulo, é decisão exclusiva dela. Mulaen, a encarregada dos aposentos das *damane*, tinha uma voz anasalada e monótona, mas era severa com qualquer uma que não lembrasse de cada palavra de seus discursos entediantes.

— Não deve haver escapatória para mim, nunca — retrucou Egwene, com um suspiro, afundando na cama. Ela indicou as pedras na mesa. — Renna me passou um teste ontem. Tive que identificar o pedaço de ferro e o de cobre, de olhos vendados. Acertei todas as vezes. Ela deixou as pedras aí, para me lembrar do sucesso. Parecia achar que ser lembrada disso era alguma espécie de recompensa.

— Não parece muito pior do que o resto... E nem de longe é tão ruim quanto fazer as coisas explodirem como fogos de artifício... Mas você não podia mentir? Dizer que não sabia qual era qual?

— Você ainda não sabe como é. — Egwene puxou a coleira. Puxá-la era tão inútil quanto canalizar. — Quando Renna está usando o bracelete, sabe o que estou fazendo ou não com o Poder. Às vezes, parece saber até quando não está usando. E disse que as *sul'dam* desenvolvem o que ela chama de afinidade, depois de um tempo. — A jovem suspirou. — Ninguém nem pensou em testar minha habilidade para isso antes. Dos cinco poderes, a terra era um dos mais fortes nos homens. Quando consegui identificar as pedras, ela me levou para fora da cidade. E lá pude apontar direto para uma mina de ferro abandonada. Estava coberta de mato, e não havia abertura à vista, mas, depois que aprendi como, eu conseguia sentir o ferro ainda no solo. Faz uns cem anos que lá não tem mais o suficiente para valer a pena explorar, mas eu sabia onde estava. E não consegui mentir para ela, Min. Ela sabia que eu tinha sentido a mina assim que a percebi. E ficou tão animada que me prometeu um pudim na ceia. — Ela sentiu a face ruborizar de raiva e constrangimento. — Parece — continuou, amarga —, que sou valiosa demais para ser desperdiçada fazendo coisas explodirem. Qualquer *damane* sabe fazer isso, mas poucas são capazes de encontrar minérios no solo. Luz, odeio fazer coisas explodirem, mas queria só saber fazer isso.

O rubor em seu rosto aumentou. Odiava mesmo aquilo, fazer árvores se estilhaçarem e a terra tremer. Era um treinamento para a batalha, para matar, e ela não queria participar de batalhas. Ainda assim, qualquer coisa que os Seanchan a deixassem fazer era outra chance de tocar *saidar*, de sentir o Poder fluir por seu corpo. Odiava as coisas que Renna e as outras *sul'dam* a forçavam a fazer, mas tinha certeza de que conseguia lidar com muito mais Poder do que antes de sair de Tar Valon. Tinha certeza de que conseguia fazer coisas que nenhuma irmã da Torre pensara antes. Elas nunca pensaram em fazer a terra se abrir para matar homens.

— Talvez você não precise se preocupar com essas coisas por muito mais tempo — sugeriu Min, com um sorriso. — Encontrei um navio, Egwene. O capitão está sendo mantido aqui pelos Seanchan, e está quase pronto para zarpar, com ou sem permissão.

— Se ele estiver disposto a levá-la, Min, vá com ele — retrucou Egwene, cansada. — Eu já expliquei que sou valiosa agora. Renna disse que mandarão um navio de volta a Seanchan em alguns dias. E só para me levar.

O sorriso da amiga sumiu, e as duas se encararam. De repente, Min atirou a pedra na pilha

sobre a mesa, fazendo-as caírem para todos os lados.

— Deve haver um jeito de sair daqui! Deve haver um jeito de tirar essa coisa do seu pescoço!

Egwene inclinou a cabeça para trás, apoiando-a na parede.

— Você já sabe que os Seanchan recolheram todas as mulheres capazes de canalizar que conseguiram encontrar, mesmo que só uma gota do Poder. Elas vêm de todos os lugares, não apenas de Falme, e também das aldeias de pescadores e das pequenas cidades agrícolas do interior. Tarabonianas, domanesas e passageiras de navios que eles interceptaram. Há duas Aes Sedai entre elas.

— Aes Sedai! — exclamou Min. Pela força do hábito, olhou em volta para ter certeza de que nenhum Seanchan a ouvira dizer aquilo. — Egwene, se há Aes Sedai por aqui, elas podem nos ajudar. Só me deixe falar com elas, e aí...

— Elas não conseguem nem ajudar a si mesmas, Min. Eu só consegui falar com uma. O nome dela é Ryma. A *sul'dam* não a chama assim, mas é o nome dela: ela quis ter certeza de que eu lembraria. E também me disse que havia outra. Falou isso entre lágrimas. Ela é uma Aes Sedai, Min, e estava chorando! Também tem uma coleira no pescoço, é obrigada a responder por Pura, e não há nada o que possa fazer, como eu. Foi capturada quando Falme caiu. E estava chorando porque já começou a parar de resistir, porque não aguenta mais ser punida. Estava chorando porque quer tirar a própria vida, e nem isso pode fazer sem permissão. E Luz, eu sei como ela se sente!

Min mudou de posição, pouco à vontade, alisando o vestido com as mãos que de repente ficaram trêmulas.

— Egwene, você não quer... Egwene, não pode pensar em fazer mal a si mesma! Eu vou dar um jeito de tirar você daqui! Eu vou!

— Não vou me matar — respondeu Egwene, seca. — Mesmo que pudesse. Me empreste sua faca. Vamos, eu não vou me machucar. Só me empreste aqui.

Min hesitou antes de desembainhar a faca, bem devagar. Ela a estendeu com cautela, pronta para agir caso Egwene tentasse alguma coisa.

Egwene respirou fundo e estendeu a mão para pegar o cabo. Um pequeno tremor percorreu os músculos de seu braço. Quando a mão chegou a pouco mais de um palmo da faca, uma câimbra contorceu seus dedos de repente. Com os olhos fixos, ela tentou forçar a mão mais para perto. A câimbra tomou todo o braço, dando nós nos músculos até o ombro. Com um gemido, ela afundou de volta na cama, esfregando o braço e concentrando os pensamentos em não tocar a faca. Aos poucos, a dor começou a diminuir.

Min a encarou, incrédula.

— O quê...? Não entendi.

— *Damane* não têm permissão para tocar em armas de qualquer tipo. — Ela massageava o braço, sentindo as câimbras diminuírem. — Até mesmo nossa carne já vem cortada. Não quero fazer mal a mim mesma, e não poderia, ainda que quisesse. Nenhuma *damane* é deixada sozinha onde poderia pular de um lugar alto. Essa janela, por exemplo, é fechada com pregos. E também não é deixada sozinha perto de rios.

— Bem, isso é bom. Quer dizer... Ah, não sei do que estou falando. Se você pudesse pular em um rio, poderia escapar.

Egwene prosseguiu, apática, como se Min não tivesse falado.

— Elas estão me treinando, Min. As *sul'dam* e o *a'dam* estão me treinando. Não consigo tocar em nada que eu sequer pense ser uma arma. Algumas semanas atrás, considerei bater em Renna com aquele jarro, e aí não pude despejar a água para me lavar por três dias. Depois que pensei nele daquela forma, não foi suficiente parar de pensar em bater nela com o jarro: precisei me convencer de que nunca, em nenhuma circunstância, bateria nela com aquilo. E então pude tocá-lo de novo. Ela sabia o que tinha acontecido, então apenas disse o que eu precisava fazer e não deixou que eu me lavasse de nenhum outro jeito, a não ser com aquele jarro e aquela bacia. Você tem sorte de isso ter acontecido entre suas visitas. Renna fez questão de que eu passasse aqueles dias suando da hora em que acordava até a hora de dormir, exausta. Estou tentando resistir, mas estão me treinando, assim como treinam Pura. — Ela levou a mão à boca, gemendo entre dentes. — O nome dela é Ryma. Preciso me lembrar do nome *dela*, e não do nome que colocaram nela. Ela é Ryma, da Ajah Amarela, e resistiu o máximo que pôde. Não é culpa dela não ter mais forças para lutar. Eu queria saber quem é a outra irmã que ela mencionou. Queria saber o nome dela, também. Lembre-se de nós duas, Min. De Ryma, da Ajah Amarela, e de Egwene al'Vere. Não Egwene, a *damane*. E sim de Egwene al'Vere, de Campo de Emond. Você pode fazer isso?

— Pare com isso! — ralhou Min. — Pare com isso agora mesmo! Se você for mandada para Seanchan, irei com você. Mas não acredito que vá. Você sabe que eu li sua aura, Egwene. Não entendo a maior parte, quase nunca entendo, mas vejo coisas que tenho certeza de que a ligam a Rand, Perrin, Mat, e... é, até mesmo Galad, que a Luz a ajude por ser tão idiota. Como essas coisas vão acontecer se os Seanchan a levarem para o outro lado do mar?

— Talvez eles conquistem o mundo inteiro, Min. Se conquistarem o mundo, não há motivo para que Rand, Galad e os outros não acabem em Seanchan.

— Sua idiota cabeça oca!

— Estou sendo prática — retrucou Egwene, ríspida. — Não pretendo parar de resistir, não enquanto conseguir respirar, mas também não tenho esperanças de me ver livre do *a'dam*. Assim como não tenho esperanças de que alguém consiga deter os Seanchan. Min, se esse capitão puder levá-la, vá com ele. Pelo menos uma de nós ficará livre.

A porta se abriu, e Renna entrou.

Egwene ficou de pé em um salto e fez uma profunda reverência, assim como Min. O quarto era atravancado demais para se curvar, mas os Seanchan insistiam em manter o protocolo mesmo às custas do conforto.

— É seu dia de visita, não é? — perguntou Renna. — Eu tinha me esquecido. Bem, temos treinamento mesmo em dias de visita.

Egwene observou com atenção a *sul'dam* pegar o bracelete, abri-lo e então fechá-lo em torno do pulso. Não conseguiu ver como aquilo era feito. Se pudesse sondar com o Poder Único, teria visto, mas Renna saberia no mesmo instante. Quando o bracelete se fechou no pulso da mulher, a expressão da *sul'dam* se alterou, e Egwene sentiu calafrios.

— Você andou canalizando — falou Renna com calma, mas havia um lampejo de raiva em seus olhos. — Sabe que isso é proibido, a não ser quando estamos completas. — Egwene umedeceu os lábios. — Talvez eu tenha sido leniente demais com você. Talvez você acredite

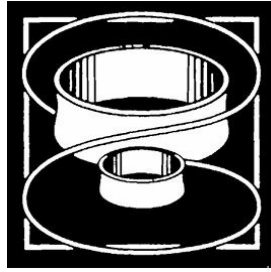
que, por ser valiosa, terá privilégios. Acho que cometi um erro deixando que você continuasse com o antigo nome. Eu tive uma gatinha chamada Tuli, quando pequena. De agora em diante, seu nome é Tuli. Você pode ir agora, Min. Seu dia de visita a Tuli acabou.

Min hesitou apenas por tempo suficiente para lançar um olhar angustiado para Egwene antes de sair. Nada que Min pudesse fazer ou dizer teria outro efeito que não piorar as coisas. Mesmo assim, Egwene não pôde evitar lançar um olhar de desalento para a porta que se fechava.

Renna se sentou na cadeira, lançando um olhar severo para Egwene.

— Preciso dar uma punição severa por isso. Nós duas seremos chamadas à Corte das Nove Luas, por conta da sua habilidade. E eu, como sua *sul'dam* e treinadora, não vou permitir que você me desgrace aos olhos da Imperatriz. Só vou parar quando você me disser como adora ser *damane* e como será obediente depois disso. E, Tuli... Faça com que eu acredite em cada palavra.





Um Plano

Do lado de fora do quarto, no corredor de teto baixo, Min cravou as unhas nas palmas das mãos quando ouviu o primeiro grito. Avançou um passo em direção à porta antes de conseguir se conter, e, quando o fez, lágrimas lhe vieram aos olhos. *Que a Luz me ajude, eu só iria piorar as coisas. Sinto muito, Egwene. Sinto muito.*

Sentindo-se mais do que inútil, ela levantou a saia e correu. Os gritos de Egwene a perseguiram. Não conseguia se forçar a ficar, mas ir embora fez com que se sentisse uma covarde. Com a visão turva pelas lágrimas, só se deu conta de que estava do lado de fora quando se viu parada na rua. Tivera a intenção de voltar para o próprio quarto, mas não conseguia, naquele momento. Não conseguia suportar a ideia de Egwene sofrendo enquanto ela ficava sentada sob o teto ao lado, aquecida e confortável. Enxugando as lágrimas, colocou o manto sobre os ombros e seguiu pela rua. Sempre que secava os olhos, novas lágrimas começavam a escorrer pelo rosto. Não estava acostumada a chorar na frente dos outros, mas também não estava acostumada a se sentir tão indefesa e inútil. Não sabia para onde ia, sabia apenas que precisava ficar o mais longe possível daqueles gritos.

— Min!

O chamado em voz baixa a fez parar onde estava. A princípio, não conseguiu distinguir de onde vinha a voz. Não era muita gente que andava pelas ruas tão próximas de onde as *damane* ficavam. Com exceção de um artista que tentava convencer dois soldados Seanchan a comprarem um retrato que faria com seus gizes coloridos, as pessoas tentavam passar rápido pelo local, mas sem parecer que estavam correndo. Um par de *sul'dam* passou por ela, seguidas por suas duas *damane* caminhando com os olhos voltados para o chão. As *sul'dam* falavam sobre quantas *marath'damane* esperavam encontrar antes de zarpar. Min olhou de relance para duas mulheres em longos casacos de lã e então voltou a olhá-las, maravilhada, quando elas foram em sua direção.

— Nynaeve? Elayne?

— Nós mesmas. — O sorriso de Nynaeve foi forçado. As duas estavam com os olhos semicerrados, como se lutassem para esconder as expressões de preocupação. Min achou que nunca tivera uma visão tão maravilhosa quanto aquelas duas. — Essa cor lhe cai bem —

continuou Nynaeve. — Você deveria ter começado a usar vestidos há muito tempo, embora eu até tenha pensado em usar calças quando a vi com elas. — A voz ficou mais incisiva quando a Sabedoria se aproximou o suficiente para ver o rosto de Min. — O que aconteceu? Qual o problema?

— Você andou chorando — observou Elayne. — Aconteceu alguma coisa com Egwene?

Min sobressaltou-se e olhou para trás. Uma *sul'dam* e uma *damane* desceram os mesmos degraus pelos quais ela viera e seguiram na direção dos estábulos e currais. Outra mulher usando o vestido com raios bordados estava no alto da escada, falando com alguém que ainda estava do lado de dentro. Min pegou as amigas pelo braço e as conduziu, apressada, pela rua, na direção do porto.

— Aqui é perigoso para vocês duas. Luz, Falme inteira é perigosa para vocês. Há *damane* por todos os lados, e se elas virem uma de vocês... Sabem o que são *damane*? Ah, não imaginam como é bom ver vocês duas...

— Imagino que quase tão bom quanto é ver você — respondeu Nynaeve. — Sabe onde Egwene está? Ela está em um daqueles prédios? Está bem?

Min hesitou uma fração de segundo antes de dizer:

— Ela está tão bem quanto se poderia esperar. — Min sabia que se contasse o que estava acontecendo com Egwene naquele exato momento era bem provável que Nynaeve invadisse o lugar para tentar impedir. *Luz, permita que aquilo já tenha acabado. Luz, que ela baixe a cabeça ao menos uma vez antes de quase a cortarem.* — Mas não sei como tirá-la de lá. Encontrei um capitão que acho que pode nos levar em seu navio, se conseguirmos chegar até lá com Egwene. Ele não vai ajudar se não conseguirmos, e não posso dizer que o culpo. Mas não tenho ideia de como fazer isso.

— Um navio — repetiu Nynaeve, pensativa. — Meu plano era apenas seguir para leste a cavalo, mas devo dizer que não estou segura dele. Tudo leva a crer que precisaríamos estar quase fora da Ponta de Toman antes de nos vermos livres das patrulhas do Seanchan. Além disso, dizem que há conflito de algum tipo na Planície de Almoth. Não tinha pensado em um navio. Nós temos cavalos, mas não temos dinheiro para a passagem. Quanto esse homem cobrou?

Min deu de ombros.

— Não cheguei a falar disso. Também não temos dinheiro. Achei que poderíamos adiar o pagamento até depois de zarpar. Depois... Bem, não acredito que ele vá nos largar em qualquer porto em que haja Seanchan. E onde quer que nos deixasse, seria melhor do que aqui. O problema é convencer o homem a ir. Querer ele quer, mas também estão patrulhando a saída do porto, e não há como dizer se haverá uma *damane* nos navios de patrulha até que seja tarde demais. Ele sempre diz: “Arranje uma *damane* para meu convés, e eu zarpo agora mesmo.” E então começa a falar sobre calado, baixios e sota-vento. Eu não entendo nada disso, mas, se sorrir e balançar a cabeça de vez em quando, ele continua falando. Acho que, se conseguir mantê-lo falando por tempo suficiente, ele vai convencer a si mesmo a partir. — Ela respirou fundo, trêmula, e seus olhos começaram a lacrimejar outra vez. — Só que acho que não temos mais tempo para deixar que ele se convença sozinho. Nynaeve, eles vão mandar Egwene para Seanchan, e não vai demorar muito.

Elayne engasgou.

— Mas por quê?

— Ela consegue encontrar minérios — explicou Min, arrasada. — Ela disse que é uma questão de dias, e não sei se isso será o suficiente para o homem se convencer. Mesmo que seja, como vamos tirar aquele maldito colar da Sombra do pescoço dela? Como vamos tirá-la da casa?

— Queria que Rand estivesse aqui — suspirou Elayne. Quando as outras duas olharam para ela, a jovem enrubesceu e acrescentou mais do que depressa: — Bem, ele tem uma espada. Queria que tivéssemos alguém com uma espada. Dez deles. Cem.

— Não é de espadas ou músculos que precisamos agora — retrucou Nynaeve —, mas de cérebro. Os homens costumam pensar com o cabelo do peito. — Ela tocou o seio, absorta, como se tateasse algo embaixo do casaco. — A maioria deles, pelo menos.

— E precisaríamos de um exército — completou Min. — Um exército bem grande. Os Seanchan estavam em menor número quando enfrentaram os tarabonianos e domaneses, e venceram todas as batalhas com facilidade, pelo que soube. — Ela puxou Nynaeve e Elayne depressa para o outro lado da rua, quando uma *damane* e uma *sul'dam* passaram por onde estavam. Ficou aliviada por não precisar insistir: as outras observaram as mulheres se afastarem com tanta cautela quanto ela. — Já que não temos um exército, teremos que nos virar só nós três. Espero que uma de vocês consiga pensar em algo em que eu ainda não pensei. Já quebrei a cabeça, mas sempre empaco quando chego no *a'dam*, com a corrente e o colar. As *sul'dam* não gostam que ninguém as observe quando abrem os braceletes. Acho que consigo colocar vocês lá dentro, se isso ajudar. Pelo menos uma de vocês. Elas me veem como uma serviçal, mas posso receber visitas. Desde que não saiam dos aposentos das serviçais.

Nynaeve franziu a testa, pensativa, mas sua expressão se desanuviou quase tão depressa, assumindo um semblante decidido.

— Não se preocupe, Min. Eu tenho algumas ideias. Não passei esse tempo todo sem fazer nada. Você vai me levar até esse homem. Se for mais difícil lidar com ele do que com o Conselho da Aldeia contra a parede, eu como esse casaco.

Elayne assentiu com um grande sorriso, e Min sentiu esperança de verdade pela primeira vez desde que chegara em Falme. Por um instante, se surpreendeu lendo as auras das outras duas. Havia perigo, mas era de se esperar... E havia coisas novas entre as imagens que vira antes. Isso às vezes acontecia. Um anel de homem, feito de ouro, flutuava sobre a cabeça de Nynaeve. Sobre a de Elayne havia um ferro incandescente e um machado. Aquilo indicava problemas, Min tinha certeza, mas pareciam distantes, em algum momento futuro. A leitura durou apenas um segundo, e então tudo o que viu foi que Elayne e Nynaeve a observavam, com expectativa.

— É lá embaixo, perto do porto — disse.

Quanto mais desciam, mais movimentada ficava a ladeira. Mascates de rua esbarravam em mercadores que vinham das aldeias do interior com os carroções. Eles não partiriam até que o inverno chegasse e fosse embora. Ambulantes carregando bandejas anunciavam seus produtos para os passantes, falmenos com mantos bordados esbarravam em famílias de camponeses que vestiam casacos de lã. Muita gente fugia das aldeias mais distantes da costa para a cidade.

Min não via sentido naquilo, já que haviam trocado a ameaça de uma visita dos Seanchan pela certeza de estarem cercados por eles, mas ouvira falar sobre o que aquele exército fazia quando visitava uma aldeia pela primeira vez, e não culpava os aldeões por temerem outra aparição. Todos se curvavam quando um Seanchan passava ou quando uma liteira encortinada era carregada pela ladeira íngreme.

Min ficou aliviada ao notar que Nynaeve e Elayne sabiam que deveriam fazer reverências. Os carregadores sem camisa não davam mais importância às pessoas que se curvavam do que os soldados arrogantes, em suas armaduras. Mas deixar de fazê-lo com certeza chamaria atenção.

Elas conversaram um pouco enquanto desciam a rua, e Min ficou surpresa em saber que as outras haviam chegado à cidade poucos dias depois dela e Egwene. No entanto, depois de um instante concluiu que não era de se espantar que não tivessem se encontrado. Não era fácil encontrar alguém por acaso, com aquela multidão nas ruas. Min relutava em passar mais tempo do que o necessário longe da amiga capturada. Sempre ficava com medo de chegar para a visita semanal que lhe era permitida e descobrir que a menina não estava mais lá. *E agora é o que vai acontecer. A não ser que Nynaeve consiga pensar em uma solução.*

O cheiro de sal e piche ficou mais forte. Algumas gaivotas grasnavam, voando em círculos. Também começaram a surgir marinheiros em meio à multidão, muitos ainda de pés descalços, apesar do frio.

A estalagem fora rebatizada às pressas como “As Três Flores de Ameixeira”, mas parte da palavra “Vigia” ainda aparecia sob a pintura descuidada da placa. Apesar da multidão do lado de fora, o salão não estava cheio. Os preços estavam altos demais para a maioria conseguir se dar ao luxo de pagar para sentar um tempo e tomar uma cerveja. Fogos altos nas lareiras das duas extremidades do salão aqueciam o ambiente, e o estalajadeiro gordo não usava casaco, apenas uma camisa de manga. Ele olhou para as três mulheres, franzindo a testa, e Min julgou que seu vestido Seanchan foi o que o impediu de pedir a elas que se retirassem. Nynaeve e Elayne, com aqueles casacos de camponesa, com certeza não pareciam ter dinheiro algum para gastar.

O homem pelo qual procurava estava sozinho em uma mesa a um canto, seu lugar habitual, murmurando para o vinho.

— Você tem tempo para conversar, Capitão Domon? — perguntou Min.

Ele olhou para cima, passando a mão pela barba ao notar que ela não estava sozinha. Ela ainda achava estranho a barba cheia sem bigode.

— Então você trouxe umas amigas para beber com meu dinheiro? Bem, aquele Lorde Seanchan, no caso, comprou minha carga, então dinheiro eu tenho. Sentem. — Elayne sobressaltou-se quando o homem urrou. — Estalajadeiro! Vinho quente aqui!

— Está tudo bem — assegurou Min, sentando na ponta de um dos bancos da mesa. — De urso, ele só tem aparência. — Elayne sentou na outra ponta, parecendo duvidar.

— Um urso, eu pareço? — disse Domon, rindo. — Sim, talvez eu seja, sim. Mas e você, menina? Desistiu de pensar em ir embora? Pra mim, esse seu vestido parece Seanchan.

— Nunca! — respondeu Min, enfática, mas ficou quieta quando surgiu uma serviçal trazendo o vinho fumegante com especiarias.

Domon ficou tão preocupado quanto ela. Esperou até que a garota fosse embora com suas

moedas, antes de dizer:

— Que a sorte me espicace, menina. Nem quero ofender. No caso, a maioria dessas pessoas quer só seguir com suas vidas, nem ligam se seus lordes são Seanchan ou de outro tipo.

Nynaeve se debruçou sobre a mesa.

— Também queremos seguir com nossas vidas, capitão. Mas sem nenhum Seanchan. Soube que você pretende zarpar em breve.

— Zarparia hoje, se pudesse, sim. — respondeu Domon, desanimado. — A cada dois ou três dias, aquele Turak me chama pra contar histórias das coisas antigas que já vi. Eu pareço um menestrel para você, por acaso? No caso, pensei que podia contar uma história ou outra e seguir minha vida. Mas agora acho que, quando perder a graça, a chance é igual de eu poder ir embora ou mandarem cortar minha cabeça. Aquele homem até parece meio mole, sim, mas é duro e frio como ferro.

— Seu navio consegue fugir dos Seanchan? — indagou Nynaeve.

— Que a sorte me espicace! Se desse pra sair desse porto sem uma *damane* estraçalhar meu *Espuma*, no caso, ele até conseguiria. Se eu nem deixar um desses navio Seanchan com uma dessas *damane* chegar perto demais quando for pro mar aberto, sim. Tem baixios por essa costa toda, no caso, e o *Espuma* tem pouco calado. Sim, consigo entrar com ele em águas onde aqueles monstros desajeitados nem podem se arriscar. Eles precisam ter cuidado com os ventos assim, tão perto da costa, ainda mais nessa época do ano. E assim que eu levar o *Espuma*...

Nynaeve o interrompeu.

— Então vamos com você, capitão. Seremos quatro, e espero que você esteja pronto para partir assim que estivermos a bordo.

Domon esfregou um dedo no lábio superior e olhou para o vinho.

— Bem, no caso, ainda tem a questão de sair do porto, compreende? Essas *damane*...

— E se eu lhe disser que você vai zarpar com algo melhor do que uma *damane*? — perguntou Nynaeve, em voz baixa.

Os olhos de Min se arregalaram quando ela percebeu o que a Sabedoria queria dizer com aquilo. Elayne murmurou, em um tom quase inaudível:

— E você ainda me diz para tomar cuidado...

Domon tinha olhos apenas para Nynaeve. E sua expressão era de desconfiança.

— Do que você está falando? — sussurrou.

Nynaeve abriu o casaco para mexer em algo na nuca. Por fim, puxou um cordão de couro que estivera escondido no forro do vestido. Dois anéis de ouro estavam pendurados nele. Min arfou ao olhar para um deles: era o anel grosso de homem que vira ao ler a aura da outra na rua. Mas entendeu que foi o segundo, mais fino e feito para o dedo mais delicado de uma mulher, que fez os olhos de Domon saltarem. Uma serpente mordendo o próprio rabo.

— Você sabe o que isso significa — disse Nynaeve. Ela fez menção de tirar o anel de Serpente do cordão, mas Domon fechou a mão em volta dele.

— Guarde isso. — Ele olhou ao redor, nervoso. Ninguém olhava para eles, pelo que Min pôde ver. Mas ele parecia pensar que todos olhavam, e fixamente. — Esse anel é muito perigoso, realmente. Se alguém vir...

— Bem, se você sabe o que significa... — respondeu Nynaeve, com uma calma que causou inveja em Min. Ela puxou o cordão da mão de Domon e voltou a amarrá-lo no pescoço.

— Eu sei, sim — respondeu ele, em um tom áspero. — Eu sei, sim, o que significa. No caso, talvez haja mesmo uma chance se vocês... Quatro, você disse? Essa menina que gosta de me ouvir tagarelar, ela é uma das quatro, no caso. E você, e... — Ele franziu a testa ao olhar para Elayne. — Com certeza essa criança nem é... nem é como você.

Elayne se empertigou, irritada, mas Nynaeve pôs uma das mãos em seu braço e deu um sorriso tranquilizador para Domon.

— Ela está comigo, capitão. Você ficaria surpreso com o que podemos fazer mesmo antes de ter direito a um anel. Quando zarparmos, haverá três em seu navio capazes de enfrentar *damane*, se for necessário.

— Três — suspirou, impressionado. — Há mesmo uma chance. Talvez... — A expressão dele se animou por um momento, mas, assim que olhou para elas, ficou sério outra vez. — Eu devia levar vocês pro *Espuma* agora mesmo e seguir viagem. Mas a Sorte que me espicace. Eu nem consigo dizer o que enfrentam se ficarem, e talvez se forem comigo, no caso. Ouçam, prestem atenção no que eu digo. — Ele examinou os arredores outra vez, com cautela, mas ainda assim baixou a voz e escolheu as palavras com cuidado. — Eu vi uma... uma mulher que usava um anel como esse. Ela foi levada pelos Seanchan. Baixinha, magrinha e bonitinha, ela era, e tinha um Guar... Um homem grandalhão que, no caso, parecia saber como usar uma espada. Um deles deve ter se descuidado, sim, já que os Seanchan tinham uma emboscada armada para os dois. O grandalhão derrubou uns seis ou sete antes de morrer. A... a mulher... No caso, botaram seis *damane*, seis, em volta dela. Todas saíram das vielas de uma vez. Achei que ela ia... fazer alguma coisa, vocês sabem do que estou falando... mas... bem, eu não sei nada dessas coisas. Uma hora ela parecia que ia destruir todas elas, sim, até que fez uma cara de pânico e gritou.

— Elas cortaram o contato dela com a Fonte Verdadeira. — O rosto de Elayne estava branco.

— Não importa — respondeu Nynaeve, muito calma. — Não permitiremos que façam o mesmo conosco.

— Sim, pode até ser como você diz. Mas vou me lembrar daquilo até a morte. Ryma, me ajude! Foi isso que ela gritou. E uma das *damane* caiu no chão chorando, no caso. Aí colocaram uma daquelas coleiras no pescoço da... mulher, e eu... eu corri mesmo. — Ele deu de ombros, coçou o nariz e olhou para o vinho. — Vi três mulheres serem levadas, sim, e nem tenho estômago pra isso. Eu largaria até minha própria avó esperando no cais pra conseguir zarpar daqui, mas, no caso, precisava mesmo dizer isso a vocês.

— Egwene disse que eles têm duas prisioneiras — comentou Min, escolhendo as palavras. — Ryma, uma Amarela, e ela não sabia o nome da outra. — Nynaeve lançou um olhar severo, e ela se calou, ruborizada.

Pela expressão de Domon, não ajudara em nada dizer que os Seanchan tinham duas Aes Sedai como prisioneiras, e não apenas uma.

Ainda assim, ele encarou Nynaeve de repente e tomou um grande gole de vinho.

— É por isso que estão aqui, no caso? Pra resgatar... aquelas duas? Sim, você disse que

seriam três de vocês.

— Você sabe o que precisa saber — respondeu Nynaeve, ríspida. — Precisa estar pronto para zarpar a qualquer momento, durante os próximos dois ou três dias. Vai fazer isso ou vai ficar aqui esperando para ver se vão cortar ou não sua cabeça? Há outros navios, capitão, e quero garantir minha passagem ainda hoje.

Min prendeu a respiração. Apertava os dedos em um nó, debaixo da mesa.

Por fim, Domon assentiu.

— Vou estar pronto, sim.

Quando voltaram à rua, Min ficou surpresa ao ver Nynaeve se apoiar na parede da estalagem no instante em que a porta se fechou.

— Você está passando mal, Nynaeve? — perguntou, preocupada.

A Sabedoria respirou fundo e voltou a ficar ereta, ajeitando o casaco.

— Para algumas pessoas — respondeu — é preciso aparentar segurança. Se mostrar uma ponta de dúvida, elas vão levá-lo em alguma direção que você não quer seguir. Luz, como eu estava com medo de que ele fosse dizer não. Venham. Ainda temos planos a fazer. Ainda temos que resolver um ou dois probleminhas.

— Espero que você não se incomode com cheiro de peixe, Min — comentou Elayne.

Um ou dois probleminhas?, pensou Min, ao segui-las. Esperava que Nynaeve não estivesse apenas aparentando segurança de novo.





Cinco Avançam Cavalgando

Perrin observava os aldeões com desconfiança, pouco à vontade, tentando ajustar o manto pequeno demais, com o bordado no peito e alguns buracos que sequer haviam sido remendados. Mas ninguém prestou muita atenção a ele, apesar do traje incomum e do machado na cintura. Debaixo do manto, Hurin usava um casaco com espirais azuis bordados no peito. Mat usava calças folgadas que se avolumavam acima das botas, onde haviam sido enfiadas. Era o que haviam encontrado na aldeia abandonada. Perrin imaginava se aquela aldeia também não seria abandonada em breve. Metade das casas de pedra estava vazia, e, em frente à estalagem, logo adiante na rua de terra batida, algumas famílias se reuniam em torno de três carros de boi cuja carga excessiva estava coberta por lonas e amarrada com cordas.

Enquanto os observava, aglomerados e se despedindo dos que, pelo menos por enquanto, ficariam, Perrin concluiu que não era uma questão de falta de interesse em estranhos, da parte dos aldeões. Eles tinham o cuidado de evitar olhá-los. Aquele povo aprendera a não demonstrar curiosidade em relação a forasteiros, mesmo os que obviamente não eram Seanchan. Nos últimos tempos, desconhecidos podiam ser perigosos, na Ponta de Toman, e tinham encontrado a mesma indiferença deliberada nas aldeias anteriores. Havia mais cidadezinhas ali, a poucas léguas da costa, e cada uma se considerava independente. Pelo menos costumavam se considerar independentes, até a chegada dos Seanchan.

— Acho que é hora de pegar os cavalos — sugeriu Mat —, antes que resolvam começar a fazer perguntas. A qualquer momento pode haver uma primeira vez.

Hurin tinha o olhar fixo em um círculo enegrecido no chão, que conspurcava a grama marrom do pasto comum da aldeia. Ele parecia desgastado, mas ninguém tentara apagá-lo.

— Deve ter uns seis ou oito meses — murmurou —, mas ainda fede. Todo o Conselho da Aldeia e suas famílias. Por que fariam uma coisa dessas?

— Quem é que sabe por que eles fazem qualquer coisa? — resmungou Mat. — Os Seanchan não parecem precisar de motivos para matar outras pessoas. Pelo menos, não precisam de nenhum que eu possa imaginar.

Perrin tentou não olhar para a mancha escura no chão.

— Hurin, tem certeza sobre Fain? Hurin? — Fora difícil fazer o farejador olhar para qualquer outro lugar desde que entraram na aldeia. — Hurin!

— O quê? Ah. Fain. Sim. — As narinas do homem se dilataram, e ele franziu o nariz na mesma hora. — Não há como confundir, mesmo sendo um rastro antigo. Perto dele, um Myrddraal cheira a rosas. Ele passou por aqui, tenho certeza, mas acho que estava sozinho. Ou pelo menos não estava com Trollocs. Se veio acompanhado de algum Amigo das Trevas, foi um que não andou aprontando muito.

Houve algum tipo de agitação próximo à estalagem, e pessoas gritavam e apontavam. Não para Perrin e os outros, mas para algo que o rapaz não conseguia ver. Algo nas colinas baixas a leste da aldeia.

— Podemos pegar os cavalos agora? Podem ser os Seanchan.

Perrin assentiu, e os três saíram correndo para onde tinham deixado os cavalos amarrados, atrás de uma casa abandonada. Perrin olhou para trás, na direção da estalagem, e parou, estupefato. Os Filhos da Luz entravam na cidade a galope, em uma longa coluna.

Ele se apressou na direção dos outros.

— Mantos-brancos!

Hurin e Mat o olharam, incrédulos, mas logo pularam nas selas. Mantendo-se escondidos atrás de casas, fora da vista da rua principal da aldeia, os três saíram a galope rumo a oeste, olhando por cima do ombro para ver se estavam sendo seguidos. Ingтар dissera para evitarem qualquer coisa que pudesse atrasá-los, e Mantos-brancos fazendo perguntas com certeza os atrasariam, mesmo que conseguissem dar respostas que os satisfizessem. Perrin observara com mais atenção que os outros dois: tinha seus próprios motivos para não querer encontrar Mantos-brancos. *O machado em minhas mãos. Luz, o que eu não daria para mudar o que fiz...*

As colinas com árvores esparsas ocultaram a aldeia em pouco tempo, e Perrin começou a achar que talvez não estivessem sendo perseguidos, afinal. Ele puxou as rédeas e fez um sinal para os outros pararem. Quando lhe obedeceram, passou a escutar com atenção. Sua audição estava mais aguçada do que costumava ser, mas ele não ouviu som de cascos.

Com relutância, Perrin procurou os lobos com a mente. Ele os encontrou quase no mesmo instante: uma pequena alcateia estava descansando nas colinas acima da aldeia da qual acabavam de sair. A surpresa foi tão forte que a sentiu quase como se fosse sua. Aqueles lobos tinham ouvido rumores, mas não haviam acreditado que realmente houvesse um de duas pernas capaz de falar com sua espécie. Forçou-se a fazer a longa apresentação. Enviou a contragosto a imagem do Jovem Touro e acrescentou o próprio cheiro, como era costume entre os lobos, que adoravam apresentações formais. Perrin, por fim, pôde fazer sua pergunta. Os lobos, de fato, não tinham qualquer interesse nos de duas pernas que não fossem capazes de falar com eles, mas concordaram em dar uma olhada, invisíveis aos olhos fracos dos de duas pernas.

Depois de um tempo, Perrin recebeu as imagens que os lobos viam. Homens de mantos brancos vinham a cavalo, cercando a aldeia. Passavam por entre as casas e ao redor delas, mas nenhum estava indo embora. Principalmente, não para o oeste. Os lobos disseram que tudo o que farejavam indo para oeste era ele e outros dois de duas pernas montados em três dos pés-duros altos.

Perrin ficou feliz em quebrar o contato com os lobos, ciente de que Mat e Hurin o observavam.

— Não estão nos seguindo — disse.
— Como você pode ter certeza? — questionou Mat.
— Eu tenho! — respondeu, ríspido. Depois, em um tom mais suave, continuou: — Apenas sei.

Mat abriu a boca e a fechou outra vez, então falou:

— Bem, se não estão atrás de nós, acho que deveríamos voltar para Ingтар e seguir o rastro de Fain. Continuar parado aqui não vai nos aproximar daquela adaga.

— Não podemos voltar para o rastro tão perto dessa aldeia — afirmou Hurin. — Não sem o risco de encontrar os Mantos-brancos. E acho que Lorde Ingтар não gostaria disso, nem Verin Sedai.

Perrin assentiu.

— Nós o encontraremos outra vez daqui a algumas milhas, de qualquer jeito. Mas fiquem atentos. Não devemos estar muito longe de Falme, agora. Não adianta nada evitar os Mantos-brancos e dar de cara com uma patrulha Seanchan.

Quando retomaram a cavalgada, Perrin não pôde deixar de se perguntar o que os Mantos-brancos estavam fazendo ali.

* * *

Geofram Bornhald observava a rua da aldeia, sentado em sua sela, enquanto a legião se espalhava e cercava a área. Havia algo no homem de ombros largos que saía cavalgando, algo familiar... *Sim, claro! O rapaz que dizia ser ferreiro. Qual era o nome dele?*

Byar parou em sua frente com a mão no peito.

— A aldeia está segura, meu senhor Capitão.

Desnorteados e nervosos, aldeões com casacos pesados de pele de ovelha eram conduzidos pelos Manto-brancos para perto dos carros de boi em frente à estalagem. Crianças choravam agarradas às saias das mães, mas ninguém parecia disposto a desafiá-los. Os rostos dos adultos os observavam com olhos apáticos, passivos, esperando pelo que aconteceria. Pelo menos por aquilo Bornhald estava grato. Não estava com vontade de usar uma daquelas pessoas como exemplo, nem queria perder tempo.

Desmontando do cavalo, ele jogou as rédeas para um dos Filhos.

— Providencie comida para esses homens, Byar. Coloque os prisioneiros na estalagem com toda a comida e água que conseguirem carregar, e então pregue as portas e janelas. Faça com que pensem que deixarei alguns homens de guarda, está bem?

Byar levou a mão ao peito outra vez e virou seu cavalo para gritar as ordens. Os soldados passaram a conduzir os aldeões para dentro da estalagem de telhado plano, enquanto outros Filhos vasculhavam as casas em busca de martelos e pregos.

Observando as expressões arrasadas que passavam por ele, Bornhald achou que seria preciso dois ou três dias para que algum deles reunisse coragem suficiente para fugir da estalagem e descobrir que não havia guardas. Dois ou três dias era tudo de que ele precisava, mas ele não queria arriscar que os Seanchan fossem alertados de sua presença àquela altura.

Deixando homens bem para trás, de modo a fazer os Questionadores pensarem que toda a

legião ainda estava espalhada pela Planície de Almoth, ele conseguira levar mais de mil Filhos até quase o fim da Ponta de Toman. E fizera isso sem ser descoberto, pelo que sabia. Os três encontros com patrulhas dos Seanchan haviam terminado bem depressa. Os estrangeiros estavam acostumados a enfrentar inimigos já derrotados, e os Filhos da Luz tinham sido uma surpresa mortal. Ainda assim, os Seanchan lutavam tão bem quanto as hordas do Tenebroso, e o comandante não conseguia deixar de se lembrar do encontro que lhe custara mais de cinquenta homens. Ainda não sabia qual das duas mulheres cobertas de flechas, que vira depois da luta, era a Aes Sedai.

— Byar! — Um dos homens de Bornhald lhe ofereceu água em um copo de cerâmica de um dos carros de boi. O líquido desceu gelado em sua garganta.

O homem de rosto esquelético desceu da sela.

— Sim, Senhor Capitão?

— Quando eu for enfrentar o inimigo, Byar — começou Bornhald, devagar —, você não tomará parte. Apenas observará de longe, e levará ao meu filho um relatório do que acontecer.

— Mas meu senhor Capitão...!

— Isso é uma ordem, Filho Byar! — retrucou, firme. — Você vai obedecer, não vai?

Byar se empertigou e ergueu a cabeça.

— Às suas ordens, meu senhor Capitão.

Bornhald estudou o homem por um momento. Ele obedeceria, mas era melhor dar outro motivo, além de contar a Dain como o pai havia morrido. Não era como se não tivesse informações urgentes para Amador. Tinha notícias urgentes desde que o encontro com a Aes Sedai... *Eram uma ou duas? Trinta soldados dos Seanchan, bons soldados, e duas mulheres me custaram mais do que o dobro de baixas.* Desde aquilo, ele não tinha mais esperanças de sobreviver a Ponta de Toman. Na improvável hipótese de os Seanchan não darem cabo de sua vida, os Questionadores com certeza se encarregariam disso.

— Depois que tiver encontrado meu filho, que deve estar com o senhor Capitão Eamon Valda, perto de Tar Valon, e contado a ele, você deve seguir para Amador e se apresentar ao senhor Capitão Comandante. A Pedron Niall em pessoa, Filho Byar. Você contará a ele o que descobrimos sobre os Seanchan. Deixarei as informações por escrito. Certifique-se de que ele compreenda que não podemos mais pensar que as bruxas de Tar Valon estão satisfeitas em manipular os acontecimentos dos bastidores. Se elas lutam pelos Seanchan, tenho certeza de que as enfrentaremos em outras batalhas. — Ele hesitou. A última informação era a mais importante de todas. As pessoas do Domo da Verdade precisavam saber que, mesmo com todos os famosos juramentos, as Aes Sedai estavam dispostas a entrar em batalha. Aquilo o deprimia, um mundo em que Aes Sedai usavam o Poder na guerra. Não sabia ao certo se lamentaria deixá-lo. Mas havia mais uma mensagem que ele queria que fosse levada a Amador. — E Byar... conte a Pedron Niall como fomos usados pelos Questionadores.

— Às suas ordens, meu senhor Capitão — respondeu Byar.

Mas Bornhald suspirou ao notar a expressão no rosto do outro. O homem não compreendia. Para Byar, ordens eram para ser obedecidas. Não importava se vinham do senhor Capitão ou dos Questionadores, e não importava quais fossem.

— Também escreverei essa mensagem, para que você a entregue a Pedron Niall — completou Bornhald. Tampouco sabia ao certo se aquilo adiantaria. Um pensamento lhe

ocorreu, e ele franziu a testa ao olhar para a estalagem, onde os filhos martelavam os pregos nas janelas e portas com estrépito. — Perrin — murmurou. — Esse era o nome. Perrin, de Dois Rios.

— O Amigo das Trevas, meu senhor Capitão?

— Talvez, Byar. — Ele mesmo não tinha certeza, mas sabia que um homem por quem os lobos pareciam lutar não poderia ser outra coisa. E sabia que aquele Perrin matara dois Filhos. — Acho que o vi quando chegamos, mas não lembro de algum dos prisioneiros parecer um ferreiro.

— O ferreiro deles foi embora há um mês, meu senhor Capitão. Alguns estavam reclamando que teriam partido antes de chegarmos, se não tivessem precisado consertar as rodas dos carros sozinhos. Acha que aquele homem era Perrin, meu senhor Capitão?

— Quem quer que fosse, não há mais sinal dele, não é mesmo? E ele pode contar sobre nós aos Seanchan.

— Um Amigo das Trevas com certeza faria isso, meu senhor Capitão.

Bornhald engoliu o resto da água e jogou o copo no chão.

— Os homens não farão refeições aqui, Filho Byar. Não deixarei esses Seanchan me pegarem cochilando. Não importa se será Perrin, de Dois Rios, ou outra pessoa que os avise. Ordene que a legião monte, Filho Byar!

Longe, acima de suas cabeças, uma grande forma alada descrevia círculos no céu, sem que ninguém a visse.

* * *

Rand praticava as formas com a espada, na clareira onde haviam montado acampamento, dentro de um arvoredor no topo de uma colina. Queria parar de pensar. Tivera algumas chances de procurar o rastro de Fain com Hurin. Todos tiveram, de dois em dois ou três em três, para não atraírem muita atenção, e não haviam encontrado nada, até então. Naquele momento, aguardavam o retorno de Mat e Perrin com o farejador. Os três deveriam ter voltado havia algumas horas.

Loial estava lendo, é claro, e não dava para dizer se o tremelicar das orelhas peludas era por causa da história ou do atraso do grupo. Uno e a maioria dos soldados shienaranos estavam sentados, tensos, lubrificando as espadas ou vigiando as árvores, como se esperassem que os Seanchan fossem aparecer a qualquer momento. Apenas Verin parecia despreocupada. A Aes Sedai estava sentada em um tronco, ao lado da pequena fogueira, murmurando sozinha e rabiscando a terra com um longo graveto. Volta e meia ela balançava a cabeça, apagava tudo com o pé e começava outra vez. Todos os cavalos estavam selados e prontos para partir, e cada um dos animais shienaranos estava amarrado a uma lança fincada no chão.

— A Garça Atravessando os Juncos — observou Ingtar. Estava sentado, recostado em uma árvore, deslizando uma pedra de amolar pela lâmina da espada e observando Rand. — Você não deveria perder tempo com essa. Deixa a guarda completamente aberta.

Por um instante, Rand se equilibrou na ponta de um dos pés, segurando a espada acima da cabeça com ambas as mãos, apontando a lâmina para a frente, guarda reversa. Depois, com um

movimento suave, passou a se equilibrar no outro pé.

— Lan disse que é uma boa forma para treinar o equilíbrio. — Algo que achava difícil. Quando estava envolto no vazio, tinha a impressão de que seria capaz de manter o equilíbrio até em cima de um pedregulho rolando, mas não se atrevia a buscá-lo. A vontade era grande demais. Não podia confiar que não faria algo errado.

— Você sempre vai usar sem querer as posições que pratica demais. Até dá para enfiar a espada no oponente desse jeito, se for rápido, mas não antes de ter a lâmina dele entre suas costelas. Isso é praticamente um convite. Acho que eu não seria capaz de lutar contra alguém com a guarda tão aberta e não enfiar a espada nele, mesmo que ele pudesse me acertar também.

— É só para treinar o equilíbrio, Ingtar. — Rand se balançou sobre apenas um pé e teve que colocar o outro no chão, para não cair. Embainhou a espada com força e pegou o manto cinza que usava como disfarce. O tecido já estava comido por traças, e a bainha, toda esfiapada. Mas a lã era grossa, e o vento já estava mais forte, trazendo o frio do oeste. — Queria que eles voltassem logo.

Como se sua frase tivesse sido um sinal, Uno anunciou, com certa urgência:

— Tem alguns desgraçados cavalgando em nossa direção, milorde. — As bainhas tilintaram quando os homens que ainda não estavam com as espadas na mão as sacaram. Alguns saltaram nas selas, puxando as lanças.

A tensão se dissipou quando Hurin entrou na clareira trotando, à frente dos outros dois. Mas voltou quando ele informou:

— Achamos o rastro, Lorde Ingtar.

— Nós o seguimos quase até Falme — completou Mat, enquanto descia do cavalo. Um rubor em suas bochechas pálidas dava a falsa impressão de um rosto saudável, mas ele estava magro demais. Os shienaranos se reuniram em volta dos recém-chegados, tão empolgados quanto o rapaz. — É só de Fain, mas não tem outro lugar para onde ele possa ter ido. E ele deve estar com a adaga.

— Também encontramos Mantos-brancos — comentou Perrin, apeando. — Centenas.

— Mantos-brancos?! — exclamou Ingtar, franzindo a testa. — Aqui?! Bem, se eles não nos importunarem, não vamos importuná-los. Talvez isso nos ajude a chegar à Trombeta, se os Seanchan ficarem ocupados com eles. — Seu olhar recaiu sobre Verin, ainda sentada ao lado do fogo. — Imagino que vá me dizer que eu deveria tê-la ouvido, Aes Sedai. O homem foi mesmo para Falme.

— Há de ser o que a roda tecer — respondeu Verin, calma. — Na companhia de *ta'veren*, o que acontece é o que deveria acontecer. Pode ser que o Padrão exigisse esses dias a mais. Tudo é colocado com precisão em seu devido lugar, e, se tentamos mudar algo, ainda mais quando *ta'veren* estão envolvidos, a tessitura se altera para nos colocar de volta dentro do Padrão, como deveríamos estar. — Fez-se um silêncio desconfortável, que ela pareceu não notar. A mulher continuava parada, rabiscando com o graveto. — Agora, acho que precisamos fazer planos. O Padrão nos leva a Falme, por fim. A Trombeta de Valere foi levada para lá.

Ingtar se agachou em frente a ela, do outro lado da fogueira.

— Quando muita gente afirma a mesma coisa, eu tendo a acreditar. E o povo daqui afirma que os Seanchan não parecem se importar com quem entra ou sai de Falme. Vou à cidade com

Hurin e alguns outros. Depois que ele seguir a trilha de Fain até a Trombeta... bem, veremos o que acontece.

Com o pé, Verin apagou um círculo que riscara na terra. Desenhou então duas linhas curtas que se tocavam nas pontas.

— Ingtar e Hurin. E Mat, já que ele consegue sentir a adaga, se chegar perto o suficiente. Você quer ir, não quer, Mat?

Mat parecia abatido, mas assentiu como se tivesse um espasmo.

— Eu tenho que ir, não é mesmo? Preciso encontrar aquela adaga.

Uma terceira linha foi rabiscada junto às outras, formando um desenho similar a uma pegada de pássaro. Verin olhou de esguelha para Rand.

— Eu vou — afirmou ele. — Foi por isso que vim. — Uma estranha luz se acendeu nos olhos da Aes Sedai, o brilho do olhar de alguém que sabe das coisas, que o deixou desconfortável. — Para ajudar Mat a encontrar a adaga — afirmou, ríspido — e Ingtar a encontrar a Trombeta. — *E Fain*, acrescentou para si mesmo. *Preciso encontrar Fain, se já não for tarde demais.*

Verin rabiscou uma quarta linha, fazendo o desenho lembrar uma estrela torta.

— E quem mais? — perguntou, em voz baixa. Segurava o graveto, a postos.

— Eu — respondeu Perrin, um segundo antes de Loial acrescentar, em sua voz musical:

— Acho que também gostaria de ir. — Uno e todos os outros shienaranos começaram a pedir para se juntar ao grupo.

— Perrin falou primeiro — declarou Verin, como se aquilo resolvesse a questão. Ela acrescentou uma quinta linha e traçou um círculo ao redor delas. Os cabelos da nuca de Rand se eriçaram. Era o mesmo desenho que ela apagara no início. — Cinco cavalgam adiante — murmurou.

— Ah, eu realmente gostaria de conhecer Falme — protestou Loial. — Nunca vi o Oceano de Aryth. Além disso, posso carregar o baú, se a Trombeta ainda estiver nele.

— É melhor me deixar ir também, milorde. — disse Uno. — O senhor e Lorde Rand vão precisar de mais uma espada de cobertura, se esses Seanchan chamejados tentarem impedi-los de avançar.

Todos os outros soldados informaram que se sentiam da mesma forma.

— Não sejam tolos — ralhou Verin, severa. O olhar dela os silenciou. — Não dá para todos irem. Não importa se os Seanchan parecem não se incomodar com estranhos, eles com certeza notarão vinte soldados. E vocês não pareceriam outra coisa, mesmo sem as armaduras. E um ou dois não vão fazer diferença. Cinco é um número pequeno o bastante para não chamar atenção, e é adequado que três deles sejam os três *ta'veren* que nos acompanham. Não, Loial, você também precisa ficar. Não há Ogier na Ponta de Toman. Você atrairia tantos olhares quanto todos os outros juntos.

— E quanto a você? — perguntou Rand.

Verin sacudiu a cabeça.

— Você se esquece das *damane*. — Ela apertou os lábios com desgosto, ao dizer aquilo. — A única forma de ajudá-los seria canalizando, o que não ajudaria em nada se atraísse *damane* até vocês. Mesmo que não estejam perto o suficiente para ver, é possível sentir uma mulher

canalizando. Ou homem, por sinal. É preciso tomar cuidado para canalizar apenas uma pequena quantidade do Poder.

Ela não olhou para Rand. Ele teve a sensação de que ela fazia questão de não olhá-lo, e Mat e Perrin de repente voltaram a atenção para os próprios pés.

— Um homem — bufou Ingтар. — Verin Sedai, por que juntar mais problemas? Já temos muito com que nos preocupar sem supor que eles também tenham homens canalizando. Mas seria bom se você fosse. Se precisarmos de você...

— Não. Os cinco precisam ir sozinhos. — Ela passou o pé outra vez sobre o desenho da roda, apagando um pedaço. Ela encarou os cinco um a um, concentrada, com a testa franzida. — Cinco cavalgam adiante.

Por um momento, Ingтар pareceu prestes a pedir mais uma vez. No entanto, ao encarar a mulher, deu de ombros e se virou para Hurin.

— Quanto tempo até chegarmos a Falme?

O farejador coçou a cabeça.

— Se sairmos agora e cavalgarmos durante a noite, conseguimos chegar lá amanhã, no nascer do sol.

— Então é o que vamos fazer. Não perderei mais tempo. Selem os cavalos. Uno, quero que você traga os outros, venham depois de nós. Mas não sejam vistos, nem deixem qualquer pesso...

Rand fitou a roda rabiscada no chão enquanto Ingтар continuava a dar instruções. Estava quebrada, agora, e com apenas quatro raios. Por algum motivo, aquilo lhe deu um calafrio. Ele percebeu que Verin o observava, com os olhos escuros brilhantes e atentos como os de um pássaro. Precisou se esforçar para desviar o olhar e começar a arrumar os próprios pertences.

Você está se deixando levar por fantasias, ralhou consigo mesmo, irritado. Ela não pode fazer nada se não estiver lá.





Mestre Espadachim

O sol nascente avermelhado despontou no horizonte, projetando longas sombras nas ruas calçadas de pedra, que desciam rumo ao porto de Falme. Uma brisa marinha dobrava a fumaça das chaminés, acesas para o preparo dos cafés da manhã. Apenas os que acordavam cedo estavam fora de casa, soltando nuvens de vapor pela boca por conta do frio da manhã. A cidade parecia quase vazia em comparação à multidão que tomaria as ruas uma hora mais tarde.

Sentada sobre um barril virado, na frente de uma loja de ferragens ainda fechada, Nynaeve aquecia as mãos debaixo dos braços e inspecionava seu exército. Min estava sentada no batente de uma porta do outro lado da rua, envolta no manto Seanchan, comendo uma ameixa seca. Elayne, em seu casaco de lã, se encolhia na entrada de um beco um pouco mais à frente. Um saco grande, afanado das docas, estava ao lado de Min, dobrado com cuidado. *Meu exército*, pensou Nynaeve, taciturna. *Mas não há mais ninguém.*

Ela avistou uma *sul'dam* e uma *damane* subindo a rua. A loira usava o bracelete, a morena, o colar, e ambas bocejavam, sonolentas. Os poucos falmenos também na rua desviavam os olhos e mantinham distância. Seu campo de visão ia até o porto, e não havia outro Seanchan à vista. Ela não virou a cabeça. Em vez disso, espreguiçou-se e moveu os ombros gelados, como se precisasse massageá-los e depois voltar à mesma posição. Min pôs a ameixa meio comida de lado, olhou para a rua com naturalidade e se recostou na porta. O caminho também estava livre naquela direção, ou ela teria apoiado as mãos nos joelhos. A menina havia começado a esfregar as mãos, nervosa, e Nynaeve percebeu que Elayne também se remexia, inquieta.

Se essas duas nos denunciarem, acerto a cabeça delas. Mas ela sabia que, se fossem descobertas, os Seanchan é quem diriam o que seria feito das três. Estava ciente de que não tinha ideia se o plano funcionaria ou não. Sua própria falha poderia ser o que as denunciaria. Mais uma vez, decidiu que, se qualquer coisa saísse errado, chamaria a atenção para si mesma enquanto Min e Elayne escapavam. Havia mandado as duas fugirem caso houvesse algum

problema, e as fizera pensar que também fugiria. O que faria depois, não sabia. *Mas não vou deixar que me peguem viva. Por favor, Luz, isso não.*

Sul'dam e *damane* subiram a ladeira até alcançarem o ponto onde as três mulheres estavam à espera. Uma dezena de falmenos passava por ali, todos mantendo distância do par unido pela corrente.

Nynaeve reuniu toda a raiva que tinha. Encolaradas e Senhoras do Colar. Elas tinham prendido uma daquelas coleiras imundas no pescoço de Egwene, fariam o mesmo com ela e Elayne, se pudessem. Ela obrigara Min a contar como as *sul'dam* impunham sua vontade. Tinha certeza de que a jovem omitira alguns detalhes, os piores, mas o que ouvira fora suficiente para deixá-la com uma fúria incandescente. Em um instante, uma flor branca brotou em um ramo negro e espinhoso, abrindo-se para a luz, para *saidar*, e o Poder Único a preencheu. Ela sabia que havia um brilho à sua volta, para os que eram capazes de vê-lo. A *sul'dam* pálida levou um susto, e a *damane* morena ficou boquiaberta, mas Nynaeve não lhes deu nem chance. Canalizou apenas uma gota do poder, que estalou como um chicote.

A coleira prateada se abriu e caiu com um tinido sobre as pedras do calçamento. Nynaeve soltou um suspiro pesado de alívio, mas, no mesmo instante, levantou-se de um salto.

A *sul'dam* olhou para a coleira no chão como se encarasse uma cobra venenosa. A *damane* levou uma das mãos ao pescoço, trêmula. Antes que a mulher no vestido com desenhos de raios tivesse tempo de se mover, a *damane* se virou e socou na cara dela. Os joelhos da *sul'dam* cederam, e ela quase caiu.

— Bem feito! — gritou Elayne.

Ela também já avançava, assim como Min.

Antes de qualquer uma delas conseguir chegar até as duas mulheres, a *damane* olhou em volta, assustada, e correu o mais depressa que podia.

— Não vamos machucar você! — chamou Elayne. — Somos amigas!

— Fique quieta! — sibilou Nynaeve. Ela puxou um punhado de trapos do bolso e enfiou na boca da *sul'dam*, que ainda cambaleava, de queixo caído. Min sacudiu o saco, formando uma nuvem de poeira, e o enfiou pela cabeça da *sul'dam*, cobrindo-a até a cintura. — Já estamos atraindo atenção demais.

Era verdade, mas não totalmente. A rua em que estavam se esvaziava depressa, e as pessoas que se afastavam, pensando que era melhor estar em outro lugar, evitavam olhar para o grupo. Nynaeve contava com aquilo para ganhar alguns instantes, com as pessoas fazendo o melhor que podiam para ignorar tudo que tivesse relação com os Seanchan. Os boatos apareceriam, mais cedo ou mais tarde, mas seriam apenas sussurros. Talvez levasse horas até que os Seanchan soubessem que qualquer coisa acontecera.

A mulher encapuzada começou a lutar, soltando gritos que eram abafados pelo saco, mas Nynaeve e Min a envolveram com os braços e a forçaram em direção a uma viela próxima. A corrente e a coleira se arrastavam atrás, tilintando contra as pedras.

— Pegue isso — mandou Nynaeve, dirigindo-se para Elayne com um tom ríspido. — Ela não vai morder você!

Elayne respirou fundo e segurou o metal prateado com cuidado, como se tivesse mesmo medo que ele fosse mordê-la. Nynaeve sentiu certa pena, mas não muita. Tudo dependia de seguirem o plano.

A *sul'dam* esperneava e tentava se soltar, mas, juntas, Nynaeve e Min a levaram à força pela viela até uma outra passagem um pouco mais larga atrás das habitações. Passaram por outra viela e, por fim, adentraram uma cabana rústica, de madeira, que já abrigara dois cavalos, a julgar pelas baias. Não eram muitos que podiam arcar com a manutenção de cavalos desde a chegada dos Seanchan, e, depois de um dia de vigia, Nynaeve não vira ninguém se aproximar do lugar. O interior estava úmido e empoeirado, indícios de abandono. Assim que todas entraram, Elayne deixou cair a corrente prateada e limpou as mãos na palha.

Nynaeve canalizou outra gota de poder, e o bracelete caiu no chão sujo. A *sul'dam* guinchava e se debatia.

— Prontas? — perguntou Nynaeve. As outras duas assentiram, e elas arrancaram o saco da cabeça da prisioneira.

A *sul'dam* respirava, ofegante, com os olhos azuis lacrimejando por causa da poeira, mas seu rosto estava vermelho tanto pelo saco quanto pela raiva. Ela tentou correr para a porta, mas as outras a impediram logo no primeiro passo. Não era fraca, mas eram três contra uma. Quando terminaram, a *sul'dam* estava sem o vestido e jazia em uma das baias, com as mãos e os pés amarrados com uma corda grossa enquanto outra corda a impedia de cuspir a mordação.

Massageando um lábio inchado, Min examinou o vestido com raios e as botas macias que haviam estendido no chão.

— Pode ser que sirva em você, Nynaeve. Não vai caber em Elayne ou em mim.

A outra jovem tirava palha do cabelo.

— Eu percebi. Mas você nunca foi uma opção mesmo. Elas a conhecem bem demais. — Nynaeve despiu-se depressa. Jogou as roupas de lado e pôs o vestido da *sul'dam*. Min ajudou com os botões.

Nynaeve mexeu os dedos nas botas. Estavam um pouco apertadas. O vestido também estava apertado no peito, mas folgado no restante do corpo. A bainha ia quase até o chão, mais baixa do que a *sul'dam* usava, mas ficaria ainda pior nas outras duas. Pegando o bracelete, ela respirou fundo e o prendeu no pulso esquerdo. As extremidades se fundiram, ele parecia sólido. A sensação era de nada além de um bracelete. Receara que não fosse assim.

— Pegue o vestido, Elayne. — Tinham escondido ali um par de vestidos que tingiram, um dela e um de Elayne, com o mesmo tom cinza-escuro que as *damane* usavam, ou o mais próximo que conseguiram. A menina não se moveu, exceto para encarar o colar aberto e umedecer os lábios. — Elayne, você precisa usar o colar. Muitas delas já viram Min, para ela correr o risco. Eu o usaria se o vestido coubesse em você. — Ela achava que enlouqueceria se precisasse usar a coleira, então não conseguiu usar um tom severo com Elayne.

— Eu sei — suspirou a jovem. — Só queria saber melhor sobre o que essa coisa faz com quem usa. — Ela tirou o cabelo louro acobreado do caminho. — Min, por favor, me ajude. — A outra começou a desabotoar as costas do vestido de Elayne.

Nynaeve conseguiu pegar a coleira prateada sem vacilar.

— Só há um jeito de descobrir. — Após um breve momento de hesitação, ela se abaixou e a prendeu no pescoço da *sul'dam*. *Se alguém merece isso, é ela*, disse a si mesma, com firmeza. — Ela talvez possa nos dizer algo de útil, de qualquer forma. — Os olhos azuis da mulher fitaram a corrente prateada que ia de seu pescoço ao pulso de Nynaeve, a quem encarou com

desprezo.

— Não é assim que funciona — tentou dizer Min, mas Nynaeve mal pôde ouvir.

Ela estava... ciente... da outra mulher, do que ela sentia, da corda apertando os tornozelos e os pulsos atrás das costas, do gosto rançoso de peixe dos trapos na boca, da palha pinicando através do tecido fino do que ela usara por baixo do vestido. Não era como se ela, Nynaeve, sentisse aquelas coisas. Em sua cabeça havia um aglomerado de sensações que sabia pertencerem à *sul'dam*.

Engoliu em seco, tentando ignorá-las, mas elas não iam embora. Então se dirigiu à mulher amarrada:

— Não vou machucá-la se responder às minhas perguntas. Nós não somos Seanchan, mas, se você mentir para mim... — Ela ergueu a corrente de forma ameaçadora.

Os ombros da mulher tremeram, e os lábios se entortaram em volta da mordação. Levou apenas um instante para Nynaeve perceber que a *sul'dam* estava rindo.

Ela cerrou os dentes, mas então teve uma ideia. Aquele aglomerado de sensações em sua cabeça pareciam ser tudo o que a outra mulher sentia, fisicamente. Experimentou acrescentar sensações àquilo.

A *sul'dam* deu um berro que a mordação não abafou muito bem, e seus olhos se arregalaram de repente. Sacudindo as mãos como se tentasse afastar alguma coisa, ela se arrastou pela palha em uma vã tentativa de escapar.

Nynaeve ficou boquiaberta, e apagou a sensação extra mais do que depressa. A *sul'dam* arquejava, choramingando.

— O quê... O que você... fez com ela? — perguntou Elayne, com a voz débil.

Min apenas olhava, estupefata.

Nynaeve respondeu em um tom áspero:

— O mesmo que Sheriam fez quando você jogou um copo em Marith. — *Luz, isso é nojento!*

Elayne engoliu em seco bem alto.

— Ah!

— Mas um *a'dam* não deveria funcionar assim — afirmou Min. — Elas sempre dizem que não funciona em mulheres incapazes de canalizar.

— Não me importa como deveria funcionar, contanto que funcione.

Nynaeve segurou a corrente de metal prateado bem onde ela se ligava à coleira. Então ergueu a outra apenas o suficiente para encará-la nos olhos.

— Você me ouça, e ouça bem. Quero respostas, e, se não recebê-las, farei você achar que arranquei seu couro. — Uma expressão de puro terror passou pelo rosto da mulher, e Nynaeve sentiu o estômago embrulhar de repente, quando se deu conta de que a *sul'dam* entendera a ameaça de forma literal. *Se ela acha que eu posso, é porque sabe. É isso que essa corrente faz.* Ela fez força para se controlar, tentando se impedir de arrancar o bracelete do pulso. Em vez disso, endureceu a expressão. — Está pronta para responder? Ou precisa de mais persuasão?

O balançar de cabeça frenético foi resposta suficiente. Quando Nynaeve removeu a mordação, a mulher parou apenas para engolir uma vez antes de começar a tagarelar.

— Eu não vou denunciá-las. Eu juro. Só tirem isso do meu pescoço. Eu tenho ouro. Levem. Eu juro. Nunca contarei a ninguém.

— Fique quieta — ordenou Nynaeve, e a mulher se calou no mesmo instante. — Qual é seu nome?

— Setah. Por favor, vou responder, mas por favor... tire isso de mim! Se alguém vir isso em mim... — Os olhos da mulher baixaram para fixar a corrente, e então se fecharam com força. — Por favor? — sussurrou.

Nynaeve se deu conta de uma coisa: jamais conseguiria fazer Elayne usar aquela coleira.

— É melhor acabarmos logo com isso — falou a Filha-herdeira, com a voz firme. Estava apenas com a roupa de baixo. — Espere um momento para eu colocar esse outro vestido e...

— Ponha suas roupas de novo — mandou Nynaeve.

— Alguém tem que fingir ser *damane* — argumentou Elayne —, ou nunca chegaremos a Egwene. Esse vestido cabe em você, e não pode ser Min. Só resta eu.

— Eu disse para vestir suas roupas. Temos alguém para ser a Encolarada. — Nynaeve puxou a corrente que prendia Setah, e a *sul'dam* ofegou.

— Não! Não, por favor! Se alguém me vir... — Ela parou, diante do olhar frio de Nynaeve.

— Pelo que sei, você é pior do que uma assassina, pior do que uma Amiga das Trevas. Não consigo pensar em nada pior do que você. O fato de eu ter de usar essa coisa no meu pulso, ter que fingir ser o mesmo que você, mesmo que por apenas uma hora, me dá náuseas. Então, se acha que eu evitaria fazer qualquer coisa a você, pense outra vez. Você não quer ser vista? Bom. Nós também não. Mas ninguém olha de verdade para uma *damane*. Enquanto ficar de cabeça baixa, como uma Encolarada deve fazer, ninguém vai notar sua existência. Mas é bom que você dê o seu melhor para garantir que nós também não sejamos vistas. Se formos, tenho certeza de que você também será. E se isso não for o suficiente para conter sua língua, prometo que farei você amaldiçoar o primeiro beijo que sua mãe deu no seu pai. Estamos entendidas?

— Sim — respondeu Setah, com a voz fraca. — Eu juro.

Nynaeve precisou remover o bracelete para que passassem o vestido tingido de Elayne pela corrente e pela cabeça de Setah. Não cabia direito na mulher, ficava folgado no peito e apertado no quadril, mas o de Nynaeve ficaria tão ruim quanto, e curto demais. A Sabedoria torcia para que as pessoas de fato não olhassem para as *damane*. Ela recolocou o bracelete com relutância.

Elayne recolheu as roupas de Nynaeve, envolveu-as no outro vestido tingido e fez uma trouxa. O tipo de trouxa que uma mulher vestida como camponesa carregaria enquanto segue uma *sul'dam* e uma *damane*.

— Gawyn vai comer o próprio coração quando souber disso — disse, rindo. A risada soou forçada.

Nynaeve olhou bem para ela, e então para Min. Estava na hora da parte perigosa.

— Vocês estão prontas?

O sorriso de Elayne se desfez.

— Estou pronta.

— Pronta — respondeu Min.

— Onde vocês... nós... vamos?... — perguntou Setah, acrescentando mais do que depressa um: — ... Se me permite a pergunta.

— À cova dos leões — respondeu Elayne.

— Dançar com o Tenebroso — acrescentou Min.

Nynaeve suspirou e sacudiu a cabeça.

— O que elas estão tentando dizer é que vamos para onde ficam todas as *damane*, e pretendemos libertar uma delas.

Setah ainda estava boquiaberta quando foi empurrada para fora do estábulo.

* * *

Bayle Domon observava o sol nascente do convés de seu navio. As docas já começavam a ficar movimentadas, embora as ruas que saíam do porto estivessem bastante vazias. Uma gaivota empoleirada em uma estacada o encarava. Gaivotas tinham olhos impiedosos.

— Tem certeza, capitão? — indagou Yarin. — Se os Seanchan se perguntarem o que estamos todos fazendo a bordo...

— No caso, você só precisa ter certeza de que tem mesmo um machado perto de cada corda — retrucou Domon, seco. — E Yarin? No caso de um homem tentar cortar qualquer corda antes que aquelas mulheres estejam a bordo, eu vou quebrar a cabeça dele.

— E se elas não vierem, capitão? E se em vez delas vierem os soldados Seanchan?

— Acalme essas tripas, homem! Se os soldados vierem, disparo para a entrada do porto e que a Luz tenha piedade de nós. Mas até os soldados chegarem, vou esperar mesmo aquelas mulheres. Agora vá fingir que não está fazendo nada.

Domon voltou a olhar para a cidade, na direção de onde as *damane* eram mantidas. Seus dedos tamborilavam nervosamente na amurada.

* * *

A brisa do mar trazia o cheiro das fogueiras acesas para o café da manhã e tentava balançar o manto carcomido de Rand, mas ele o segurava junto ao corpo com uma das mãos, enquanto Vermelho se aproximava da cidade. Não haviam encontrado casaco algum que coubesse nele entre as roupas deixadas para trás naquele vilarejo, e ele achou que era melhor tomar o cuidado de manter escondidos os bordados prateados nas mangas e as garças no colarinho. A tolerância dos Seanchan aos conquistados que portavam armas poderia não se estender àqueles com espadas com a marca da garça.

As primeiras sombras da manhã se alongavam à sua frente. Ele conseguia distinguir Hurin avançando com o cavalo pelos pátios de carroções e cercados para as montarias. Apenas um ou dois homens andavam entre as fileiras de carroções dos mercadores, e todos usavam os longos aventais de fabricantes de rodas e ferreiros. Ingtar, o primeiro a entrar, já estava fora de seu campo de visão. Perrin e Mat seguiam atrás de Rand um pouco afastados um do outro. Ele não olhou para trás para ver como estavam. Teoricamente, não se conheciam. Eram apenas cinco homens que chegavam a Falme nas primeiras horas da manhã, mas não estavam juntos.

Ele adentrou a área dos cercados. Os cavalos já se aglomeravam perto da cerca à espera da

comida. Hurin enfiou a cabeça para fora, entre dois estábulos com as portas ainda fechadas e travadas, notou Rand e fez um sinal antes de voltar a se esconder. Rand passou a conduzir o garanhão baio naquela direção.

Hurin estava parado, segurando o cavalo pelas rédeas. Usava uma longo manto em vez do casaco, e, apesar do tecido pesado ocultar a espada e a quebra-espadas, ele tremia de frio.

— O Lorde Ingtar está logo ali atrás — disse, indicando a passagem estreita com um gesto de cabeça. — Ele mandou a gente deixar os cavalos aqui e seguir o resto do caminho a pé. — Enquanto Rand apeava, o farejador acrescentou: — Fain seguiu direto por aquela rua, Lorde Rand. Quase posso sentir o cheiro dele daqui.

Rand levou Vermelho até a parte de trás do estábulo, onde estava o cavalo de Ingtar, já amarrado. O shienarano não parecia muito um lorde naquele casaco de lã sujo, com o couro esburacado e desgastado em diversos pontos. A espada parecia estranha presa ao cinturão sobre aquela roupa. Mas seu olhar era fervoroso.

Depois de amarrar Vermelho ao lado do garanhão de Ingtar, Rand parou diante de seus alforjes. Não conseguira deixar o estandarte para trás. Não achava que algum dos soldados fosse mexer em suas bolsas, mas não podia dizer o mesmo de Verin. Também não podia prever o que ela faria se encontrasse o estandarte. Ainda assim, ficava nervoso por tê-lo consigo. Resolveu deixar os alforjes para trás, amarrados na sela.

Mat se juntou a eles, e alguns instantes depois chegaram Hurin e Perrin. Mat usava uma calça larga enfiada nas botas, e Perrin, um manto curto demais. Rand achou que pareciam um grupo de mendigos mal-intencionados, mas haviam passado despercebidos pela maior parte do caminho até ali.

— Agora — disse Ingtar. — Vamos ver o que acontece.

Eles saíram conversando pela rua de terra batida como se estivessem caminhando a esmo, passaram pelos pátios dos carroções e seguiram pelas ladeiras com calçamento de pedra. Rand não prestava muita atenção ao que dizia, e muito menos ao que qualquer um dos outros falava. O plano de Ingtar era parecerem como qualquer grupo de homens andando juntos, mas havia pouquíssima gente fora de casa. Cinco homens já compunham uma multidão naquelas ruas frias pela manhã.

Eles andavam em grupo, mas era Hurin quem os conduzia, farejando o ar e virando em uma rua ou outra. Os demais seguiam atrás dele, fingindo ser o que pretendiam fazer desde o início.

— Ele andou de um lado para o outro nessa cidade — resmungou Hurin, franzindo a testa. — Espalhou o cheiro por tudo que é lado, e fede tanto que é difícil distinguir o antigo do novo. Pelo menos sei que ele ainda está aqui. Parte do rastro não pode ter mais do que um dia ou dois, tenho certeza. Tenho certeza — acrescentou, com mais convicção.

Mais algumas pessoas começaram a aparecer. Um vendedor de frutas arrumando as mercadorias na mesa, um sujeito apressado levando um grande rolo de pergaminho debaixo do braço e uma prancheta atravessada nas costas, um amolador de facas passando óleo no eixo de sua roda, apoiada em um carrinho de mão. Duas mulheres passaram, indo na direção oposta. Uma estava com os olhos baixos e uma coleira prateada no pescoço, a outra usava um vestido com bordados de raios, segurando uma corrente prateada enrolada no braço.

Rand parou e prendeu a respiração. Fez um esforço para não se virar e olhar para elas.

— Aquilo era...? — Os olhos encovados de Mat estavam arregalados. — Aquilo era uma

damane?

— Foi assim que foram descritas — respondeu Ingтар, seco. — Hurin, vamos passar por cada rua dessa maldita cidade da Sombra?

— Ele andou por toda parte, Lorde Ingтар — respondeu o farejador. — O fedor dele está em todo lugar. — Tinham chegado em uma área onde as casas de pedra tinham três ou quatro andares e eram grandes como estalagens.

Dobraram uma esquina, e Rand foi surpreendido com a visão de cerca de vinte soldados Seanchan montando guarda em frente a uma grande casa em um dos lados da rua... Além de duas mulheres com vestidos de raios conversando na entrada de outra, do lado oposto da rua. Um estandarte tremulava ao vento acima da casa que os soldados protegiam: um gavião dourado segurando raios em suas garras. Nada identificava a casa onde as mulheres conversavam, a não ser elas mesmas. A armadura do oficial resplandecia, com tons de vermelho, preto e dourado, e o elmo folheado fora pintado para parecer a cabeça de uma aranha. Então Rand notou as duas grandes silhuetas agachadas entre os soldados, ambas com a pele de couro, e quase tropeçou.

Grolm. Não tinha como confundir aquelas cabeças em forma de cunha com três olhos. *Não pode ser.* Talvez ele estivesse mesmo dormindo, e aquilo tudo fosse um pesadelo. *Talvez a gente ainda nem tenha chegado em Falme.*

Os outros olharam para as feras, estupefatos, enquanto passavam pela casa protegida.

— Em nome da Luz, o que são aquelas coisas? — perguntou Mat.

Os olhos de Hurin estavam do tamanho do rosto.

— Lorde Rand, são... Aqueles são...

— Não importa — respondeu Rand.

Após um instante, Hurin assentiu.

— Estamos aqui pela Trombeta — lembrou Ingтар —, não para ficar admirando os monstros dos Seanchan. Concentre-se em encontrar Fain, Hurin.

Os soldados mal os olharam. A rua ia direto até o porto arredondado. Rand conseguia ver os navios ancorados lá embaixo: eram altos, com um formato quadrado e mastros altos, mas estavam pequenos àquela distância.

— Ele veio aqui muitas vezes. — Hurin coçou o nariz com o dorso da mão. — A rua fede com camadas e mais camadas do cheiro dele. Acho que ele talvez tenha vindo aqui faz pouco tempo. Ontem, Lorde Ingтар. Talvez ontem à noite.

De repente, Mat agarrou o casaco com as duas mãos.

— Está lá dentro — sussurrou. Ele se virou e andou de costas, olhando para a grande casa com o estandarte. — A adaga está lá dentro. Não notei antes por causa daqueles... daquelas coisas, mas consigo sentir.

Perrin o cutucou nas costelas.

— Bem, pare com isso. Antes que eles comecem a se perguntar por que você está olhando para lá como um idiota.

Rand olhou para trás. O oficial já olhava na direção deles.

Mat se virou, desanimado.

— Mas vamos só continuar andando? Está lá dentro, estou dizendo.

— É a Trombeta que estamos procurando — rosnou Ingtar. — Quero encontrar Fain e obrigá-lo a me dizer onde ela está. — Ele não diminuiu o passo.

Mat não disse uma palavra, mas sua expressão inteira suplicava.

Preciso encontrar Fain também, pensou Rand. *Preciso*. Mas, quando olhou para o rosto do amigo, falou:

— Ingtar, se a adaga está naquela casa, é provável que Fain também esteja. Não o imagino deixando a adaga ou a Trombeta muito longe da vista.

Ingtar parou. Depois de um instante, respondeu:

— Pode até ser, mas nunca saberemos daqui de fora.

— Podemos esperar que ele saia — sugeriu Rand. — Se sair agora de manhã, é porque passou a noite lá. E aposto que dorme bem onde está a Trombeta. Se ele sair, é capaz de voltarmos para Verin ao meio-dia e ter um plano antes do anoitecer.

— Não pretendo esperar por Verin — afirmou Ingtar —, e nem pelo anoitecer. Já esperei demais. Terei a Trombeta nas mãos antes do sol se pôr.

— Mas não sabemos, Ingtar.

— Eu sei que a adaga está lá dentro — interveio Mat.

— E Hurin disse que Fain esteve aqui ontem à noite. — Ingtar ignorou as tentativas de Hurin de falar. — Foi a primeira vez que você aceitou dizer que era mais recente que um dia ou dois. Vamos recuperar a trombeta agora. Agora!

— Como? — perguntou Rand. O oficial não olhava mais para eles, mas ainda havia pelo menos vinte soldados na frente do prédio. E dois *grolm*. *Isso é loucura. Não pode haver grolm por aqui*. Contudo, pensar naquilo não fazia as feras desaparecerem.

— Parece que atrás de todas essas casas há alguns jardins — começou Ingtar, olhando, pensativo, ao redor. — Se uma dessas vielas passar por um dos muros de um jardim... Às vezes os homens se ocupam tanto com a proteção da frente que negligenciam a retaguarda. Venham.

Ele seguiu direto para a viela estreita mais próxima, entre duas das casas altas. Hurin e Mat seguiram depressa, logo atrás dele. Rand e Perrin se entreolharam. O amigo de cabelos encaracolados deu de ombros, resignado, e os dois também seguiram o grupo.

A viela era pouco mais larga que os ombros de todos, mas seguia entre os altos muros dos jardins até cruzar com outra, larga o suficiente para um carrinho de mão grande ou uma carroça pequena. Também tinha calçamento de pedra, mas apenas os fundos dos prédios davam vista para ela. Viam janelas fechadas, paredões de pedra e os altos muros dos jardins, acima dos quais despontavam galhos quase sem folhas.

Ingtar os conduziu pela viela até estarem do lado oposto do estandarte tremulante. Ele calçou as manoplas com dorso de aço que tirou do casaco, saltou, segurando-se no topo do muro, e alçou o corpo o suficiente para olhar por cima. Então relatou, em um voz baixa e monótona:

— Árvores. Canteiros de flores. Passeios. Não há uma alma a... Esperem! Um guarda. Um homem. Ele não está sequer usando elmo. Contem até cinquenta e me sigam. — Ele passou um pé por cima do muro e rolou para dentro, desaparecendo antes mesmo que Rand pudesse dizer uma palavra.

Mat começou a contar devagar. Rand prendeu a respiração. Perrin passou os dedos pelo

machado. Hurin segurou firme os cabos das armas.

— ... cinquenta. — Hurin escalou o muro e pulou antes que a palavra deixasse os lábios de Mat. Perrin o seguiu.

Rand pensou que Mat talvez precisasse de ajuda, já que parecia tão pálido e abatido, mas o rapaz não deu sinal disso ao subir. O muro de pedra oferecia muitos pontos de apoio, e segundos depois Rand já estava agachado do outro lado, com Mat, Perrin e Hurin.

O jardim já exibia sinais do outono avançado. Os canteiros estavam vazios, exceto por alguns arbustos perenes, e os galhos das árvores estavam quase sem folhas. O vento que fazia o estandarte tremular levantava poeira nos caminhos de ladrilhos. Por um momento, Rand não conseguiu ver Ingtar. Então localizou o shienarano. Estava com o corpo grudado à parede da casa, gesticulando com a espada na mão para que fossem até ele.

Rand correu agachado, mais ciente das janelas da casa que davam para os jardins, onde não havia qualquer movimento, do que dos amigos correndo a seu lado. Foi um alívio alcançar a parede da casa ao lado de Ingtar.

Mat não parava de repetir para si mesmo:

— Está ali dentro. Eu posso sentir.

— Onde está o guarda? — sussurrou Rand.

— Morto — respondeu Ingtar. — O homem tinha excesso de confiança. Sequer tentou dar um alarme. Escondi o corpo embaixo de uma daquelas moitas.

Rand o encarou. *O Seanchan tinha excesso de confiança?* A única coisa que o impedia de voltar naquele momento eram os murmúrios angustiados de Mat.

— Estamos quase lá. — Ingtar também parecia estar falando sozinho. — Quase lá. Venham.

Rand sacou a espada quando começaram a subir a escada dos fundos. Estava ciente de Hurin, que desembainhou a espada e a quebra-espadas, e de Perrin, que sacou o machado do cinturão, com relutância.

O corredor de dentro da casa era estreito. Uma porta semiaberta à direita cheirava a cozinha. Diversas pessoas moviam-se naquele cômodo, de onde vinha um som de vozes indistintas e, volta e meia, o tilintar suave de uma tampa de panela.

Ingtar fez um gesto para que Mat seguisse na frente, e todos se esgueiraram para passar pela porta. Rand observou a abertura estreita até que virassem no corredor seguinte.

Uma jovem esbelta, de cabelos escuros, saiu por uma porta à frente deles carregando uma bandeja com um copo. Todos ficaram paralisados. Ela virou para o outro lado sem olhar para eles. Os olhos de Rand se arregalaram: a longa túnica branca era quase transparente. Ela dobrou em outro corredor e sumiu de vista.

— Vocês viram aquilo? — perguntou Mat, rouco. — Dava para ver através...

Ingtar pôs a mão sobre a boca de Mat e sussurrou:

— Concentre-se no que viemos fazer aqui. Agora encontre. Encontre a Trombeta para mim.

Mat apontou para uma escada curva estreita. Subiram um lance, que os levou para a parte da frente da casa. Havia poucos móveis nos corredores, e parecia que a maioria era feita de linhas curvas. As paredes eram cobertas por tapeçarias ou escondidas por biombos, todos com pinturas de pássaros em galhos, ou a figura de uma ou duas flores. A imagem de um rio atravessava um dos biombos, mas, exceto pela água ondulante e algumas faixas estreitas como margens, o restante era branco.

Por todos os lados, Rand ouvia os sons de pessoas se mexendo, sapatilhas arrastando no chão e murmúrios suaves de conversas. Não viu uma alma sequer, mas conseguia imaginar muito bem alguém entrando no corredor, deparando-se com cinco homens que se esgueiravam com armas em punho e soando um grito de alarme.

— Ali dentro — sussurrou Mat, apontando para um par de grandes portas de correr logo à frente, com puxadores entalhados por um único ornamento. — Pelo menos a adaga está ali.

Ingтар olhou para Hurin. O farejador abriu as portas, e o lorde saltou para dentro com a espada a postos. Não havia ninguém ali. Rand e os outros entraram às pressas, e Hurin fechou as portas mais do que depressa.

Biombos decorados ocultavam todas as paredes e qualquer outra porta que pudesse haver no recinto, além de velar a luz que entrava pelas janelas que deviam dar para a rua. Em uma das extremidades da grande sala havia um armário alto circular. Na outra, uma pequena mesa, com uma cadeira solitária sobre um tapete, virada de frente para ela. Rand ouviu Ingтар ofegar, mas teve vontade apenas de suspirar aliviado. A Trombeta de Valete, curva e dourada, estava apoiada em um suporte na mesa. Abaixo dela, o rubi no cabo da adaga ornada refletia a luz.

Mat correu até a mesa, pegando a Trombeta e a adaga.

— Conseguimos! — exclamou, brandindo a adaga na mão. — Conseguimos as duas.

— Não fale tão alto — protestou Perrin, se encolhendo um pouco. — Ainda não saímos daqui com elas. — Ele mantinha as mãos no cabo do machado, mas parecia querer segurar qualquer outra coisa.

— A Trombeta de Valere. — A voz de Ingтар era reverente. Ele a tocou, hesitante, passando um dedo pela inscrição prateada ao redor da boca e balbuciando a tradução. Então, afastou a mão com um tremor de empolgação.

Hurin afastava os biombos que ocultavam as janelas. Tirou o último do caminho e olhou para a rua abaixo.

— Aqueles soldados ainda estão ali, parece que criaram raízes. — Ele estremeceu. — E aquelas... coisas, também.

Rand se juntou a ele. As duas feras eram *grolm*, não havia como negar.

— Como foi que eles... — Quando ergueu o olhar da rua, as palavras morreram. Olhava por cima de um muro, para o jardim da grande casa do outro lado da rua. Conseguia ver onde outros muros haviam sido derrubados, unindo-o a outros jardins. Ali, algumas mulheres sentavam-se em bancos ou andavam pelas trilhas, sempre aos pares. Mulheres unidas pelo pescoço e pelo pulso pela corrente prateada. Uma das que usavam uma coleira no pescoço olhou para cima. Estava longe demais para ele distinguir as feições com clareza, mas, por um instante, pareceu que seus olhares se encontraram, então ele soube. Seu rosto ficou pálido. — Egwene — ofegou.

— Do que está falando? — indagou Mat. — Egwene está em Tar Valon. Quem me dera estar lá também.

— Ela está aqui — afirmou Rand. As duas mulheres estavam se virando, caminhando em direção a um dos prédios do outro lado dos jardins. — Ela está aqui, ali do outro lado da rua. Ah, Luz, e está usando uma daquelas coleiras!

— Você tem certeza? — perguntou Perrin. Ele foi olhar pela janela. — Não a vejo, Rand.

E... e eu reconheceria Egwene se visse, mesmo a essa distância.

— Tenho certeza — retrucou Rand. As duas mulheres desapareceram dentro de uma das casas que davam para a rua seguinte. Sentiu o estômago dar um nó. *Ela devia estar segura. Ela devia estar na Torre Branca.* — Eu preciso tirá-la de lá. O restante de vocês...

— Então! — A voz arrastada era suave como o som das portas deslizando nos trilhos. — Vocês não são quem eu esperava.

Por um breve instante, Rand o encarou, estupefato. O homem alto de cabeça raspada que entrara na sala usava uma longa túnica azul que arrastava no chão. Suas unhas eram tão longas que Rand se perguntou como ele conseguia segurar qualquer coisa. Os outros dois que se postavam atrás dele, subservientes, tinham apenas metade do cabelo escuro raspado, e o restante preso em uma trança do lado direito do rosto. Um deles trazia uma espada embainhada nos braços.

Rand teve apenas um instante para olhar, e então os biombos caíram para revelar, de cada lado da sala, uma porta apinhada com quatro ou cinco soldados Seanchan. Todos sem elmos, mas de armadura e com as espadas em punho.

— Vocês estão na presença do Grão-lorde Turak — começou o homem que segurava a espada, olhando com raiva para Rand e os outros.

Um leve movimento de um dedo com a unha pintada de azul o interrompeu. O outro serviçal avançou com uma reverência e começou a tirar a túnica de Turak.

— Quando um dos meus guardas foi encontrado morto — começou o homem de cabeça raspada, com a voz calma —, suspeitei daquele que se apresenta como Fain. Suspeito dele desde que Huan morreu daquele jeito misterioso, e ele sempre quis essa adaga.

Ele abriu os braços para que o serviçal removesse a túnica. Apesar da voz suave e quase musical, Rand viu que os braços e o peito liso eram fortes e musculosos quando o estranho ficou nu até a faixa azul que segurava uma calça branca larga, feita de centenas de vincos. O homem parecia desinteressado e indiferente às lâminas nas mãos dos outros cinco. — E então encontro estranhos que pegaram não apenas a adaga, mas também a Trombeta. Será agradável matar um ou dois por perturbarem minha manhã. Os que sobraem me contarão quem são e por que vieram. — Ele estendeu uma das mãos sem olhar, e o homem com a espada embainhada pôs o cabo em sua mão. Ele sacou a lâmina pesada e curva. — Eu não gostaria que a Trombeta fosse danificada.

Turak não deu qualquer outro sinal, mas um dos soldados entrou na sala e estendeu a mão para pegar a Trombeta. Rand não sabia se ria ou não. O homem estava de armadura, mas sua expressão arrogante era tão indiferente às armas deles quanto a de Turak.

Mat acabou com aquilo. Quando o soldado estendeu a mão, Mat a feriu com a adaga com cabo de rubi. Soltando um impropério, o soldado pulou para trás, parecendo surpreso. Então gritou. O grito gelou a sala e paralisou todos onde estavam, estupefatos. A mão trêmula que ele erguia diante do rosto enegrecia, com a escuridão se espalhando do talho sangrento que cruzava a palma. Ele abriu a boca o máximo que conseguiu e uivou, arranhando o próprio braço, depois o ombro. Esperneando e debatendo-se, caiu no chão, guinchando enquanto o rosto enegrecia e os olhos saltavam como ameixas passadas, até que a língua escura e inchada o sufocou. Teve espasmos, asfixiando de um jeito angustiante, batendo os calcanhares, e não se moveu mais. Cada pedaço de pele estava negro como piche podre e parecia prestes a

estourar ao menor toque.

Mat umedeceu os lábios e engoliu em seco. Então mudou, apreensivo, a forma de segurar a adaga. Até mesmo Turak encarava a cena, boquiaberto.

— Pois é — disse Ingтар, muito calmo. — Não somos presa fácil. — De repente, ele saltou sobre o cadáver e foi em direção aos soldados que ainda encaravam, com olhos arregalados, o que restava do homem que estivera ao seu lado momentos antes. — Shinowa! — bradou. — Sigam-me! — Hurin saltou atrás dele, e os soldados entraram em formação diante deles. Os sons de aço contra aço aumentavam cada vez mais.

Os Seanchan do outro lado da sala avançaram assim que Ingтар se moveu, mas recuaram ante à adaga que Mat usava para golpear. Pareciam temê-la ainda mais do que o machado que Perrin usava para atacar, dando rosnados sem palavras.

Em poucos instantes, Rand se viu sozinho, encarando Turak. O homem segurava a lâmina em frente ao corpo, na vertical. O choque havia passado. Ele encarava rosto de Rand. O cadáver enegrecido e inchado de um de seus soldados podia muito bem não existir. O corpo também não parecia estar ali para os dois serviçais, não mais do que Rand e sua espada ou os sons do combate, espalhando-se pelos cômodos dos dois lados e avançando pela casa. Os serviçais tinham começado a dobrar a túnica, com muito cuidado, assim que o Grão-lorde pegou a espada. Os dois não olharam para a frente nem mesmo ao ouvir os guinchos do soldado morto e, naquele momento, se ajoelhavam ao lado da porta e observavam a cena com o olhar impassível.

— Eu suspeitei que acabaria sendo apenas você e eu. — Turak girou a lâmina com facilidade, fazendo um círculo para um lado e depois para o outro. Os dedos de unhas longas moviam-se pelo cabo com delicadeza. As unhas não pareciam atrapalhá-lo em nada. — Você é jovem. Vamos ver o que é preciso para merecer a garça desse lado do oceano.

De repente, Rand viu. Imponente, na lâmina de Turak, havia uma garça. Apesar do pouco treinamento que tinha, estava frente a frente com um verdadeiro mestre espadachim. Mais do que depressa, jogou o manto com forro de lã para um lado, livrando-se do peso e do estorvo. Turak esperou.

Ele queria buscar o vazio desesperadamente. Estava claro que precisaria de toda a habilidade que conseguisse reunir, e mesmo assim tinha pouca chance de deixar a sala com vida. Precisava sair vivo dali. Egwene estava quase perto o suficiente para ele chamá-la com um grito, e precisava dar um jeito de libertá-la. Mas *saidin* esperava no vazio. A ideia fazia seu coração saltar ao mesmo tempo que lhe embrulhava o estômago. Mas, tão perto quando Egwene, estavam aquelas outras mulheres. *Damane*. Se tocasse *saidin*, se não conseguisse se impedir de canalizar, elas saberiam, dissera Verin. Saberiam e fariam perguntas. Tantas, tão perto. Talvez sobrevivesse a Turak apenas para morrer enfrentando as *damane*, e não podia morrer antes que Egwene estivesse livre. Rand ergueu a lâmina.

Turak aproximou-se com passos silenciosos. Lâmina retiniu contra lâmina como um martelo contra uma bigorna.

Desde o início, ficou claro para Rand que o homem o estava testando, pressionando-o apenas o suficiente para descobrir o que ele era capaz de fazer. Então avançava um pouco, e depois mais um pouco. Os pulsos e pés rápidos o mantinham vivo tanto quanto a habilidade

com a espada. Sem o vazio, estava sempre um segundo atrasado. A ponta da espada pesada de Turak causou um corte fino e dolorido logo abaixo de seu olho esquerdo. Um retalho da manga de seu casaco pendia do ombro, mais escuro por estar molhado. Sob um corte seco debaixo do braço direito, preciso como o de um alfaiate, o rapaz conseguia sentir a umidade se espalhando pelas costelas.

A expressão do Grão-lorde era de desapontamento. Ele recuou um passo com um gesto de desgosto.

— Onde você encontrou essa lâmina, garoto? Ou será que neste lugar a garça é dada a gente com menos habilidade que você? Não importa. Aceite seu destino. É hora de morrer. — Ele avançou outra vez. O vazio envolveu Rand. *Saidin* fluiu para ele, brilhando com a promessa do Poder Único, mas foi ignorado. Não era mais difícil do que ignorar um espinho serrilhado se contorcendo em sua carne. Recusou-se a ser preenchido pelo Poder, a se tornar um com a metade masculina da Fonte Verdadeira. Ele era um com a espada em suas mãos, um com o chão sob seus pés. Um com Turak.

Reconheceu as formas que o Grão-lorde usava. Eram um pouco diferentes das que aprendera, mas não o suficiente. A Andorinha Alça Voo foi enfrentada com Cortando A Seda. Lua na Água foi de encontro a O Perdiz da Floresta Dança. Contra Fita no Ar, Pedras Caindo do Penhasco. Eles se moviam pela sala como se dançassem, e a música vinha do aço contra aço.

O desapontamento e o desgosto sumiram dos olhos escuros de Turak, substituídos pela surpresa, e então pela concentração. O suor escorria pelo rosto do Grão-lorde conforme ele pressionava Rand mais e mais. Raio de Três Pontas contra Folha ao Sabor da Brisa.

Os pensamentos de Rand fluíam para fora do vazio, longe dele próprio, quase despercebidos. Não era suficiente. Enfrentava um mestre da lâmina e, com o vazio e toda a sua habilidade, mal conseguia resistir. Por muito pouco. Precisava acabar com aquilo antes que Turak o fizesse. *Saidin? Não! Às vezes é necessário Embainhar a Espada no próprio corpo.* Mas aquilo também não ajudaria Egwene. Precisava acabar com aquilo naquele momento. Imediatamente.

Os olhos de Turak se arregalaram quando Rand avançou. Até o momento, ele apenas defendera. Agora atacava, e com tudo. O Javali Dispara Montanha Abaixo. Cada movimento da lâmina era uma tentativa de atingir o Grão-lorde. Tudo o que Turak podia fazer era recuar e se defender, atravessando a sala quase até a porta.

Em um instante, enquanto Turak ainda tentava enfrentar o Javali, Rand investiu. O Rio Erode a Margem. Ele se apoiou em um joelho, atravessando a lâmina na horizontal. Não precisava do arquejo de Turak ou da resistência da carne na lâmina para saber. Ouviu dois baques e virou o rosto, sabendo o que veria. Olhou para a própria lâmina, molhada e vermelha, e para onde jazia o Grão-lorde, com a espada caída de sua mão débil. Um líquido escuro manchava os pássaros do tapete sob seu corpo. Os olhos de Turak ainda estavam abertos, mas já tinham o véu da morte.

O vazio estremeceu. Enfrentara Trollocs antes, enfrentara Crias das Trevas. Jamais enfrentara um ser humano com uma espada, a não ser durante o treinamento ou em algum blefe. *Acabei de matar um homem.* O vazio tremeu, e *saidin* tentou preenchê-lo.

Ele lutou para se libertar, desesperado. A respiração estava difícil enquanto olhava ao

redor. Tomou um susto ao notar os dois serviçais ainda ajoelhados ao lado da porta. Esquecera deles, e não sabia o que fazer a respeito dos dois. Nenhum deles parecia estar armado, mas tudo que precisavam fazer era gritar.

Não olharam para ele, nem um para o outro. Em vez disso, fitaram o cadáver do Grão-lorde em silêncio. Puxaram adagas de dentro das túnicas, e Rand segurou a espada com mais firmeza, mas eles encostaram as pontas nos próprios peitos.

— Do nascimento à morte — entoaram em uníssono —, eu sirvo ao Sangue. — Então cravaram as adagas nos próprios corações. Tombaram para a frente quase sem sofrer, morrendo com as cabeças no chão como se em profunda reverência ao Lorde.

Rand olhou para eles, incrédulo. *Loucos*, pensou. *Eu posso até enlouquecer um dia, mas esses dois já estavam malucos.*

Estava se levantando, trêmulo, quando Ingtar e os outros voltaram correndo. Todos tinham feridas e cortes. O couro do casaco de Ingtar estava manchado em mais de um lugar. Mat ainda segurava a Trombeta e a adaga, com a lâmina mais escura que o rubi no cabo. O machado de Perrin também estava vermelho, e ele parecia prestes a vomitar.

— Você cuidou deles? — perguntou Ingtar, olhando para os cadáveres. — Então terminamos, se nenhum alarme foi dado. Aqueles tolos não pediram ajuda nem uma vez.

— Vou ver se os guardas ouviram alguma coisa — disse Hurin, correndo para a janela.

Mat sacudiu a cabeça.

— Rand, essa gente é louca. Sei que já disse isso antes, mas é mesmo verdade. Aqueles serviçais... — Rand prendeu a respiração, se perguntando se todos tinham se matado. Mat continuou: — Sempre que nos viam lutando, caíam de joelhos, com o rosto no chão e os braços ao redor da cabeça. Não se moviam nem gritavam. Não tentaram ajudar os soldados ou soar qualquer alarme. E ainda estão lá, pelo que sei.

— Bom, eu não contaria com isso, com eles ainda estarem ajoelhados — afirmou Ingtar, seco. — Partiremos agora, e o mais rápido possível.

— Vocês vão — respondeu Rand. — Egwene...

— Seu tolo! — ralhou Ingtar. — Já temos o que viemos buscar. A Trombeta de Valere. A esperança da salvação. De que pode valer uma garota, mesmo a que você ama, comparada à Trombeta e ao que ela representa?

— Por mim, o Tenebroso pode ficar com a Trombeta, se quiser. De que vale encontrá-la se eu abandonar Egwene nesse estado? Se eu fizesse isso, a Trombeta não poderia me salvar. O Criador não poderia me salvar. Eu estaria condenado pelas minhas próprias mãos.

Ingtar o encarou com uma expressão indecifrável.

— Você está sendo sincero, não é?

— Alguma coisa está acontecendo lá fora — avisou Hurin, com urgência. — Um homem acaba de chegar correndo, e estão num alvoroço só, como peixes em um balde. Esperem. O oficial está vindo aqui para dentro!

— Vão! — bradou Ingtar. Ele tentou pegar a Trombeta, mas Mat já estava correndo. Rand hesitou, mas Ingtar agarrou seu braço e o puxou para o corredor. Os outros seguiram em fila atrás de Mat. Perrin dirigiu apenas um olhar sofrido para Rand, antes de ir. — Você não vai conseguir salvar a garota se ficar aqui e morrer!

Rand correu com eles. Parte dele se odiava por fugir, mas outra parte sussurrava: *Eu vou voltar. Vou dar um jeito de libertá-la.*

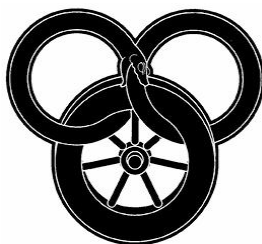
Quando chegaram ao fim da escada estreita e curva, ele pôde ouvir a voz profunda de um homem se erguer na parte da frente da casa, exigindo, com irritação, que alguém se levantasse e falasse. Uma serviçal vestida com uma túnica quase transparente se ajoelhava ao pé da escada. Uma mulher grisalha, toda coberta de lã branca e com um longo avental, fazia o mesmo à porta da cozinha. Ambas estavam exatamente como Mat descrevera, com o rosto no chão e os braços ao redor da cabeça, e não moveram sequer um dedo quando Rand e os outros passaram. Ele ficou aliviado ao notar que ainda respiravam.

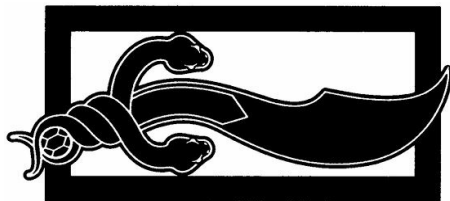
Atravessaram o jardim em uma corrida desabalada, escalando o muro dos fundos mais do que depressa. Ingtar xingou quando Mat jogou a Trombeta de Valere à frente, e tentou pegá-la outra vez ao aterrissar do outro lado, mas o rapaz a apanhou com um rápido:

— Não está nem arranhada. — E disparou pela viela.

Mais gritos vinham da casa da qual haviam acabado de sair. Ouviu-se o berro de uma mulher e alguém começou a soar um gongo.

Voltarei para buscá-la. Vou dar um jeito. Rand correu atrás dos outros o mais rápido que pôde.





Sair da Sombra

Ao se aproximarem dos prédios onde ficavam as *damane*, Nynaeve e as outras ouviram gritos distantes. A multidão começava a aumentar, e as pessoas na rua pareciam nervosas, andando com passos um pouco mais apressados. Pareciam mais cautelosos do que o normal ao olharem de relance para Nynaeve, em seu vestido com raios, e para a mulher que ela levava, presa pela corrente prateada.

Reacomodando a trouxa que trazia em seus braços, Elayne, também nervosa, olhava na direção do barulho e dos gritos. A comoção estava a uma rua dali, onde o estandarte do gavião dourado com um raio em suas garras tremulava ao vento.

— O que está acontecendo?

— Nada que tenha a ver conosco — respondeu Nynaeve, firme.

— É o que você espera — comentou Min. — E eu também. — Ela apressou o passo, subindo a escada antes das outras, e desapareceu dentro da alta casa de pedra.

Nynaeve encurtou a corrente.

— Lembre-se, Setah, você quer que tudo corra bem tanto quanto a gente.

— Sim, sim — respondeu a Seanchan, com fervor. — Não causarei nenhum problema para vocês, eu juro.

Enquanto subiam os degraus de pedra cinza, uma *sul'dam* e uma *damane* surgiram no topo da escada, descendo-a. Após olhar de relance para se certificar de que a mulher na coleira não era Egwene, Nynaeve não prestou mais atenção a elas. Usava o *a'dam* para manter Setah bem junto a si, de modo que, caso a *damane* percebesse a habilidade de canalizar em uma delas, pensaria que tratava-se de Setah. Contudo, ainda sentiu o suor escorrendo pelas costas, até perceber que as duas não lhe deram mais atenção do que dera a elas. Tudo que viam foi um vestido com raios e outro cinza, e a corrente prateada de um *a'dam* que unia as duas mulheres. Eram apenas mais uma Senhora do Colar com sua Encolarada, seguidas por uma garota local que corria com um embrulho pertencente à *sul'dam*.

Nynaeve empurrou a porta, e elas entraram.

Qualquer que fosse o alvoroço ao redor do estandarte de Turak, a confusão não chegara até ali. Pelo menos, ainda não. Apenas mulheres se deslocavam de um lado a outro no salão de entrada, e todas podiam ser identificadas com facilidade pelas vestimentas. Três *damane* de vestidos cinza, acompanhadas por suas *sul'dam*. Duas mulheres em vestidos de raios

bifurcados estavam paradas conversando, e outras três atravessavam o salão, sozinhas. Quatro outras, vestidas como Min, com roupas simples de lã, passavam apressadas carregando bandejas.

Min estava parada, esperando do outro lado do salão, quando elas entraram. Olhou de relance para elas apenas uma vez e seguiu mais para dentro da casa. Nynaeve conduziu Setah atrás de Min, com Elayne na cola. Ninguém prestou atenção nelas, pelo que pareceu à Sabedoria, mas ela achava que o fio de suor que descia por suas costas logo se tornaria um rio. Forçou Setah a andar mais depressa, de modo que ninguém tivesse a chance de examiná-las com atenção ou, pior ainda, de fazer alguma pergunta. Com os olhos fixos nos próprios pés, a mulher precisou de tão pouco incentivo que Nynaeve achou que ela correria, se não estivesse presa por uma corrente.

Perto dos fundos da casa, Min subiu por uma estreita escada em espiral. Nynaeve empurrou Setah na frente, até o quarto andar. O teto ali era baixo, e os corredores, vazios e silenciosos, exceto pelos suaves sons de choro. O choro parecia combinar com aqueles corredores gélidos.

— Este lugar... — começou Elayne, e então sacudiu a cabeça. — Dá uma sensação...

— Sim, dá — concordou Nynaeve, em tom sombrio.

Ela olhou com ódio para Setah, que mantinha a cabeça baixa. O medo deixava a pele da Seanchan ainda mais pálida do que o normal.

Sem dizer uma palavra, Min abriu uma porta e entrou, e as outras a seguiram. O cômodo fora dividido em quartos menores com paredes rústicas de madeira, e um corredor estreito levava a uma janela. Nynaeve seguiu atrás de Min, que foi, apressada, para a última porta e entrou, abrindo-a com um empurrão.

Uma garota esbelta, vestida de cinza e com cabelos compridos estava sentada a uma pequena mesa, descansando a cabeça nos braços cruzados. Mesmo antes de ela olhar para cima, Nynaeve sabia que era Egwene. Uma corrente de metal brilhante ia da coleira prateada em seu pescoço até um bracelete pendurado em um pino na parede. Os olhos dela se arregalaram ao vê-las, e ela balbuciou palavras soltas. Quando Elayne fechou a porta, Egwene soltou uma risadinha súbita, então pôs as mãos na boca para abafá-la. O pequeno quarto estava mais do que lotado com todas dentro.

— Sei que não estou sonhando — disse, com a voz trêmula —, porque, se estivesse, seriam Rand e Galad em garanhões altos. Ando sonhando. Achei que Rand estava aqui. Não consegui vê-lo, mas achei que... — Ela não terminou a frase.

— Se você prefere esperar por eles... — começou Min, seca.

— Ah, não! Não, vocês são todas lindas, as coisas mais lindas que já vi! De onde saíram? Como fizeram isso? Esse vestido, Nynaeve, e o *a'dam*... E quem é... — Ela soltou um guincho. — É Setah. Como...? — Sua voz endureceu tanto que Nynaeve mal a reconheceu. — Gostaria de enfiá-la em um caldeirão fervente.

A mulher mantinha os olhos bem fechados, e suas mãos agarravam a saia. Ela tremia.

— O que fizeram com você? — perguntou Elayne. — O que poderiam ter feito para você desejar cometer uma coisa dessas?

Egwene não desviou os olhos da Seanchan um momento sequer.

— Gostaria de fazer com que ela sentisse isso. Foi o que ela fez comigo, me fez sentir como

se estivesse imersa até o pescoço em... — Ela estremeceu. — Você não sabe como é usar uma dessas, Elayne. Não sabe o que elas podem fazer com você. Não consigo decidir quem é pior, Setah ou Renna, mas todas são horríveis.

— Acho que eu sei — respondeu Nynaeve, em voz baixa.

Ela conseguia sentir o suor encharcando a pele de Setah, os tremores frios em seus braços. A Seanchan loura estava aterrorizada. A Sabedoria quase não conseguiu se impedir de fazer com que os terrores da mulher se concretizassem ali mesmo.

— Você consegue tirar isso de mim? — perguntou Egwene, tocando o colar. — Deve conseguir, se colocou esse ne...

Nynaeve canalizou, apenas um filete. A coleira no pescoço de Egwene lhe dava raiva suficiente. Mesmo se não desse, o medo de Setah, saber como aquele sentimento era merecido e a consciência do que ela própria queria fazer com aquela mulher teriam bastado. A coleira se abriu e caiu da garganta de Egwene. Com uma expressão de extrema felicidade, a jovem tocou o pescoço livre.

— Coloque o meu vestido e meu casaco — mandou Nynaeve. Elayne já desembrulhava as roupas na cama. — Sairemos daqui andando e ninguém vai notar você. Ela considerou manter o contato com *saidar*. Decerto estava com raiva suficiente, e a sensação era tão maravilhosa... Relutante, ela abandonou a Fonte. Aquele era o único lugar em Falme onde não havia chance de que uma *sul'dam* e uma *damane* fossem investigar, caso sentissem alguém canalizando. Mas com certeza o fariam caso uma *damane* visse uma mulher que julgava ser *sul'dam* envolta no brilho da canalização. — Não sei por que você ainda está aqui. Sozinha, mesmo que não conseguisse descobrir como tirar essa coisa, poderia ter simplesmente agarrado tudo e saído correndo.

Enquanto Min e Elayne a ajudavam a trocar de roupa depressa, Egwene explicou o que aconteceria se tirasse o bracelete do lugar onde a *sul'dam* o colocara, e como canalizar a fazia passar mal, a menos que o bracelete estivesse sendo usado. Naquela manhã, descobrira como a coleira podia ser aberta sem o Poder... E, em seguida, que tocar o fecho com a intenção de fazê-lo causava contrações na mão, inutilizando-a. Podia tocá-lo quantas vezes quisesse, desde que não pensasse em abrir o fecho. Com a menor vontade, porém...

Nynaeve se sentiu mal. O bracelete em seu pulso lhe dava náuseas. Era horrível demais. Ela queria aquilo longe de seu pulso antes de descobrir mais coisas sobre o *a'dam*, antes aprender algo que a faria se sentir suja para sempre por tê-lo usado.

Abrindo o bracelete prateado, ela o tirou, fechou e pendurou em um dos pinos.

— Não pense que isso significa que você pode gritar por ajuda agora — advertiu, brandindo o punho sob o nariz de Setah. — Eu ainda posso fazê-la desejar nunca ter nascido, se você abrir a boca. E não preciso dessa... dessa coisa maldita.

— Você... você não pode me deixar aqui com isso — pediu Setah, em um sussurro. — Não pode! Me amarre. Me amordace para que eu não possa dar o alarme. Por favor!

Egwene soltou uma risada amarga.

— Deixe nela. Ela não vai pedir ajuda, mesmo sem mordaca. É melhor torcer para que quem a encontrar remova o *a'dam* e guarde seu segredinho, Setah. Esse segredinho sujo, não é mesmo?

— Do que está falando? — perguntou Elayne.

— Pensei muito sobre isso — respondeu Egwene. — Pensar era tudo o que eu podia fazer quando elas me deixavam sozinha aqui em cima. As *sul'dam* afirmam que desenvolvem uma afinidade depois de alguns anos. A maioria consegue dizer se uma mulher está canalizando, não importa se estiver usando o colar ou não. Eu não tinha certeza, mas Setah é a prova.

— Prova de quê? — indagou Elayne. Então seus olhos se arregalaram de repente, ao se dar conta, mas Egwene prosseguiu.

— Nynaeve, os *a'dam* funcionam apenas em mulheres capazes de canalizar. Você vê? As *sul'dam* podem canalizar tanto quanto as *damane*. — Setah grunhiu entre dentes, sacudindo a cabeça com violência, em negação. — Uma *sul'dam* morreria antes de admitir ser capaz de canalizar, mesmo que soubesse que pode, e elas nunca treinam a habilidade. Então não conseguem fazer nada com o poder, mas podem canalizar.

— Eu disse a você — lembrou Min — que a coleira não deveria ter funcionado nela. — A jovem abotoava as últimas casas na base das costas de Egwene. — Qualquer mulher incapaz de canalizar poderia arrebenhá-la enquanto você tentasse controlá-la.

— Como isso acontece? — perguntou Nynaeve. — Achei que os Seanchan encolaravam todas as mulheres capazes de canalizar.

— Todas que conseguem encontrar — retrucou Egwene. — Mas essas são como você, eu, e Elayne. Nascemos com essa capacidade. Não importa se nos ensinariam ou não. Mas e as meninas Seanchan que não nascem com a habilidade, mas que poderiam aprender? Não é qualquer mulher que pode se tornar uma... uma Senhora do Colar. Renna achou que estava sendo legal ao me contar isso. Parece que há uma festa nas aldeias, quando as *sul'dam* chegam para testar as meninas. Elas vão em busca de qualquer uma como você ou eu para encolarar, mas deixam todas as outras meninas colocarem o bracelete para ver se conseguem sentir o que a pobre mulher com a coleira sente. Todas que conseguem são levadas para o treinamento de *sul'dam*. São as mulheres que poderiam ser ensinadas.

Setah gemia entre sussurros, repetindo:

— Não. Não. Não...

— Eu sei que ela é horrível — começou Elayne —, mas sinto como se devesse ajudá-la, de algum jeito. Ela podia ser uma de nossas irmãs, mas os Seanchan distorceram tudo.

Nynaeve abriu a boca para dizer que era melhor se preocuparem em ajudar a si mesmas, então a porta se abriu.

— O que está acontecendo aqui? — indagou Renna, entrando no quarto. — Uma audiência? — Ela olhou para Nynaeve com as mãos na cintura. — Não dei permissão para que mais ninguém usasse o bracelete da minha Tuli. Nem sei quem você... — O olhar dela recaiu em Egwene. Ela usava o vestido de Nynaeve, em vez do cinza das *damane*. Estava sem coleira no pescoço... Seus olhos se arregalaram. Ela sequer teve a chance de gritar.

Antes que qualquer outra pessoa pudesse se mover, Egwene pegou o jarro do lavatório e golpeou a boca do estômago de Renna. Estilhaços voaram quando o jarro se partiu, e a *sul'dam* perdeu o fôlego com um gorgolejo, curvando-se para a frente. Enquanto Renna caía, Egwene saltou sobre ela com um rosnado, deixando-a estendida no chão. Então pegou a coleira que usara, ainda no chão, e prendeu no pescoço da mulher. Depois, dando um puxão na

corrente, alcançou o bracelete e o pôs no pulso. Com os dentes à mostra e os olhos fixos no rosto de Renna, ela começou a se concentrar. Ajoelhando-se sobre os ombros da *sul'dam*, tapou a boca da mulher com ambas as mãos. O corpo de Renna deu um enorme solavanco, seus olhos se arregalaram. Sons roucos saíam de sua garganta, gritos contidos pelas mãos de Egwene. Seus calcanhares batiam no chão.

— Pare com isso, Egwene! — Nynaeve agarrou os ombros da jovem, arrancando-a de cima da mulher. — Egwene, pare com isso! Não é isso que você quer! — Renna jazia, mortalmente pálida, suando, com os olhos irrequietos vidrados no teto.

De repente, Egwene se atirou sobre Nynaeve, soluçando, descontrolada, em seu peito.

— Ela me machucou, Nynaeve. Me machucou. Todas elas. Me fizeram sentir dor, e mais dor, até que eu fizesse o que queriam. Odeio todas. Odeio elas por me fazerem sentir dor, odeio elas por não conseguir impedir que me obrigassem a fazer o que queriam.

— Eu sei — respondeu Nynaeve, em tom gentil. Ela afagou o cabelo de Egwene. — Não tem nada de errado em odiá-las. Não mesmo. Elas merecem. Mas não é certo deixar que façam você se tornar uma delas.

Setah cobria o rosto com as mãos. Renna tocava a coleira no próprio pescoço, incrédula e trêmula.

Egwene se empertigou, secando as lágrimas, depressa.

— Não sou. Não sou como elas. — Ela quase arrancou o bracelete do pulso e o jogou no chão. — Eu não sou assim. Mas gostaria de poder matá-las.

— Elas merecem. — Min encarava as duas *sul'dam* com uma expressão sombria.

— Rand mataria alguém que fizesse uma coisa dessas — concordou Elayne. Parecia estar se forçando a ficar insensível. — Tenho certeza.

— Talvez elas mereçam — afirmou Nynaeve —, e talvez ele matasse. Mas os homens muitas vezes confundem a vingança e a matança com justiça. Não costumam ter estômago para a justiça. — Ela se sentara muitas vezes em julgamentos, com o Círculo das Mulheres. Às vezes, os homens as procuravam, pensando que as mulheres talvez lhes dessem mais ouvidos do que os homens do Conselho da Aldeia. Mas eles sempre achavam que podiam influenciar a decisão com eloquência ou pedidos de misericórdia. O Círculo das Mulheres era misericordioso quando mereciam, mas sempre fazia justiça, e era a Sabedoria quem anunciava o veredito. Ela pegou o bracelete que Egwene jogara no chão e o fechou. — Eu libertaria todas as mulheres aqui, se pudesse, e destruiria cada um desses. Mas, já que não posso... — Ela o colocou no mesmo pino em que estava o outro e se dirigiu às *sul'dam*. *Não são mais Senhoras do Colar*, disse a si mesma. — Talvez, se permanecerem bem quietas, vocês consigam ficar sozinhas por tempo suficiente para tirar as coleiras. Há de ser o que a Roda tecer, e pode ser que vocês tenham feito bem o suficiente para equilibrar o mal que causaram. O suficiente para que lhes seja permitido tirá-las. Caso contrário, mais cedo ou mais tarde serão encontradas. E acho que quem as encontrar fará muitas perguntas, antes de tirar as coleiras. Talvez vocês aprendam em primeira mão como é a vida que deram a outras mulheres. — Ela hesitou e acrescentou, dirigindo-se às outras: — Isso se chama justiça.

Renna estava com uma expressão de horror, o olhar fixo. Os ombros de Setah sacudiam enquanto ela chorava, apoiada nas mãos. Nynaeve endureceu o coração. *Isso é justiça*, disse a si mesma. *É*. Então empurrou as outras para fora do quarto.

Ninguém prestou mais atenção enquanto elas saíram do que quando entraram. Nynaeve supôs que aquilo era graças ao vestido de *sul'dam*, mas mal conseguia esperar para vestir outra coisa. Qualquer coisa. O trapo mais sujo seria mais limpo do que aquela roupa.

As garotas permaneceram em silêncio, andando logo atrás dela, até alcançarem a rua de pedras. Nynaeve não sabia se faziam aquilo em resposta aos seus atos ou por medo de que alguém as parasse. Sua expressão era de extremo mau humor. Será que todas se sentiriam melhor se ela tivesse deixado chegarem ao ponto de cortar as gargantas das outras mulheres?

— Cavalos — disse Egwene. — Precisaremos de cavalos. Sei qual é o estábulo para onde levaram Bela, mas acho que não conseguiremos chegar até lá.

— Precisamos deixar Bela aqui — informou Nynaeve. — Vamos embora de navio.

— Onde estão todos? — perguntou Min.

De repente, Nynaeve se deu conta de que a rua estava vazia.

A multidão se fora sem deixar vestígios. Todas as lojas e janelas estavam bem fechadas. Subindo a ladeira, vindo do porto, havia uma formação de soldados Seanchan. Cem ou mais, em fileiras organizadas, com um oficial à frente, vestindo armaduras pintadas. Ainda estavam a meia rua de distância, mas marchavam a um passo soturno e implacável. Nynaeve sentiu que parecia que cada olhar estava fixo nela. *Isso é ridículo. Não consigo ver os olhos dentro daqueles elmos, e, se alguém tivesse dado um alarme, estariam atrás de nós.* Ela parou mesmo assim.

— Tem mais atrás de nós — murmurou Min. Nynaeve já conseguia ouvir as botas. — Não sei qual deles chega aqui primeiro.

A Sabedoria respirou fundo.

— Eles não têm nada a ver conosco. — Ela olhou para além dos soldados que se aproximavam, para o porto, cheio daqueles navios altos, que pareciam caixotes. Não conseguia ver o *Espuma*. Rezava para que ele ainda estivesse lá, e a postos. — Vamos passar direto. — *Luz, espero que a gente consiga.*

— E se eles quiserem que você se junte a eles, Nynaeve? — perguntou Elayne. — Você está usando esse vestido. Se começarem a fazer perguntas...

— Não vou voltar — interrompeu Egwene, sombria. — Prefiro morrer. Me deixem mostrar o que me ensinaram. — Aos olhos de Nynaeve, uma nuvem dourada envolveu a menina, de repente.

— Não! — exclamou, mas era tarde demais.

Com o rugido de um trovão, o chão sob as primeiras fileiras dos Seanchan entrou em erupção. Terra, pedras e homens de armadura voaram como o jorro de um chafariz. Ainda brilhando, a jovem se virou para o outro lado da rua, e o rugido se repetiu. Choveu terra sobre elas. Soldados Seanchan, aos gritos, se dispersaram ainda em formação, abrigando-se em vielas e atrás de obstáculos. Em instantes, não havia mais nenhum à vista, exceto os que jaziam em torno das duas crateras que desfiguravam a rua. Alguns se mexiam, fracos, e gemidos ecoavam pela rua.

Nynaeve ergueu as mãos em frustração, tentando olhar para os dois lados ao mesmo tempo.

— Sua idiota! Estamos tentando *não* chamar atenção! — Não havia esperança de isso acontecer, àquela altura. Torcia apenas para que conseguissem contornar os soldados e seguir

até o porto pelas vielas. *As damane também já devem estar sabendo. Não poderiam ter deixado de notar.*

— Não vou voltar para o colar! — gritou Egwene, feroz. — Não vou!

— Cuidado! — gritou Min.

Com um guincho estridente, uma bola de fogo do tamanho de um cavalo descreveu um arco acima dos telhados e começou a cair. Bem em cima delas.

— Corram! — berrou Nynaeve, e se atirou, mergulhando rumo à viela mais próxima, entre duas lojas fechadas.

Com um gemido, ela caiu de barriga, aterrissando de qualquer jeito. Perdeu o fôlego quando a bola de fogo chegou. Um vento quente soprou pela passagem estreita. Engolindo em seco, ela rolou, parando de barriga para cima, e olhou para a rua.

As pedras do calçamento estavam lascadas, rachadas e enegrecidas em um raio de dez passos de onde estiveram. Elayne estava agachada em outra viela, do outro lado da rua. Não havia sinal de Min ou Egwene. Nynaeve levou a mão à boca, horrorizada.

Elayne pareceu entender o que ela estava pensando. A Filha-herdeira sacudiu a cabeça com força e apontou para a rua, mais à frente. Elas tinham ido naquela direção.

Nynaeve soltou um suspiro de alívio que no mesmo instante se transformou em um rosnado. *Garota idiota! Podíamos ter passado direto por eles!* Mas não havia tempo para recriminações. Ela correu para a esquina e olhou por trás do prédio com cautela.

Uma bola de fogo do tamanho de uma cabeça lampejou pela rua em sua direção. Nynaeve pulou para trás logo antes de o projétil explodir contra a esquina, passando onde sua cabeça estivera e cobrindo-a de lascas de pedra.

A raiva a deixou em contato com o Poder Único antes mesmo que ela se desse conta. Raios caíram do céu, atingindo algum ponto mais acima na ladeira, perto de onde viera a bola de fogo. Outro relâmpago cruzou o céu, e ela correu para longe da rua. Atrás de si, um raio atingiu a entrada da viela.

Se Domon não estiver esperando com aquele navio, eu... Luz, que a gente consiga chegar lá a salvo.

* * *

Bayle Domon se levantou de um salto quando os raios cruzaram o céu cinza-chumbo, caindo em algum lugar da cidade. Então os viu outra vez. *Nem tem nuvem no céu pra isso!*

Algo produziu um estrondo na parte alta da cidade, e uma bola de fogo atingiu um telhado ao lado das docas, arremessando lajotas estilhaçadas para todos os lados. Um pouco antes, o porto estivera vazio, exceto por uns poucos Seanchan. Mas, no momento, eles corriam desesperados, sacando espadas e gritando. Um homem saiu de um dos armazéns com um *grolm* ao lado, correndo para acompanhar os longos saltos da fera enquanto os dois subiam uma das ladeiras e sumiam.

Um dos tripulantes de Domon pulou, pegou um machado e o ergueu sobre um dos cabos de amarração.

Com dois passos largos, Domon agarrou o machado no alto com uma das mãos e a garganta

do homem com a outra.

— O *Espuma* vai ficar até *eu* dizer que pode zarpar, Aedwin Cole!

— Eles estão enlouquecendo, capitão! — berrou Yarin. Uma explosão ecoou pelo porto com um estrondo, fazendo as gaivotas voarem em círculos, grasnando. Raios lampejaram outra vez, caindo sobre Falme. — As *damane* vão matar todo mundo! Vamos fugir enquanto estão ocupadas matando umas às outras. Eles não vão nem notar até a gente ter ido embora!

— Eu dei minha palavra — retrucou Domon. Ele arrancou o machado da mão de Cole e o jogou no convés com um estrépito. — Eu dei mesmo minha palavra. — *Corra, mulher*, pensou, *Aes Sedai ou o que quer que seja. Corra!*

* * *

Geofram Bornhald observou os raios caindo sobre Falme sem se preocupar. Alguma criatura alada enorme, sem dúvida um dos monstros dos Seanchan, voava pelo céu em desespero, tentando desviar. Se houvesse uma tempestade, seria tão ruim para os Seanchan quanto para ele. Colinas quase sem árvores, algumas com arvoredos esparsos no topo, ainda o impediam de ver a cidade. E também impediam a cidade de vê-lo.

Seus mil homens se dispunham, alinhados, dos dois lados, uma longa fileira montada avançando pelos vales entre as colinas. O vento frio soprava os mantos brancos e fazia o estandarte ao lado de Bornhald tremular. Ele exibia o sol dourado com raios ondulantes dos Filhos da Luz.

— Vá agora, Byar — ordenou. O homem de rosto cadavérico hesitou, e Bornhald repetiu, com a voz severa: — Eu disse vá, Filho Byar!

O homem levou uma das mãos ao coração e se curvou.

— Às suas ordens, meu senhor Capitão. — Ele deu a volta com o cavalo e se afastou. Cada parte de seu corpo mostrava relutância.

Bornhald tirou Byar da cabeça. Fizera o que estava a seu alcance. Então ergueu a voz.

— Legião, marchar!

Com um ranger de selas, a longa linha de homens em mantos brancos avançou lentamente em direção à Falme.

Da esquina, Rand espiou os soldados Seanchan que se aproximavam e voltou para a viela estreita entre os dois estábulos com uma expressão preocupada. Logo chegariam onde estavam. Havia sangue coagulado em seu rosto. Os cortes que Turak abrira ardiam, mas não havia nada a fazer naquele momento. Raios lampejaram no céu outra vez. Ele pôde sentir sob seus pés o estrondo que fizeram ao cair. *Em nome da Luz, o que está acontecendo?*

— Estão perto? — perguntou Ingtar. — A Trombeta de Valere precisa ser salva, Rand.

Apesar dos Seanchan, apesar dos raios e das estranhas explosões no meio da cidade, o homem parecia mais preocupado com os próprios pensamentos. Mat, Perrin e Hurin estavam mais à frente, na outra extremidade da viela, observando outra patrulha Seanchan. Estavam muito perto de onde haviam deixado os cavalos. Bastava chegarem lá.

— Ela está em apuros — murmurou Rand.

Egwene. Estava com uma sensação estranha, como se partes de sua vida estivessem em

perigo. Egwene era um pedaço, um fio no cordão que compunha sua vida. Mas havia outras, e ele conseguia senti-las ameaçadas. Lá embaixo, em Falme. E, se qualquer um daqueles fios fosse cortado, sua vida jamais seria completa, jamais seria do jeito que deveria ser. Ele não compreendia, mas tinha certeza disso.

— Um homem pode conter outros cinquenta aqui — comentou Ingtar. Os dois estábulos eram muito próximos, mal havia espaço para ele e Rand ficarem lado a lado. — Um homem contra cinquenta, em uma passagem estreita. Não é um jeito ruim de morrer. Já fizeram canções por menos.

— Não será necessário — retrucou Rand. — Ou assim espero. — Ouviu um telhado explodir na cidade. *E agora, como é que vou voltar para lá? Preciso encontrá-la. Ou seria encontrá-las?* Sacudindo a cabeça, ele olhou da esquina mais uma vez. Os Seanchan estavam cada vez mais perto, e continuavam avançando.

— Eu nunca nem pensei no que ele ia fazer — comentou Ingtar, em voz baixa, como se falasse sozinho. Ele sacara a espada e testava a lâmina com o polegar. — Um homenzinho pálido, parecia que não dava para notá-lo mesmo quando se estava olhando diretamente para ele. “Leve-o para dentro de Fal Dara”, foi o que me disseram. “Deixe-o entrar na fortaleza.” Eu não queria, mas precisei obedecer. Você me entende? Foi preciso. Não sabia o que ele ia fazer até ele atirar aquela flecha. Ainda não sei se o alvo era a Amyrlin ou você.

Rand sentiu um calafrio. Virou-se para encarar Ingtar.

— Do que você está falando? — sussurrou.

Analizando a lâmina, o shienarano não pareceu ouvir.

— A humanidade está sucumbindo em todos os lados. Nações caem e desaparecem. Os Amigos das Trevas estão por toda parte, e nenhum desses sulistas parece se importar. Lutamos para defender as Terras da Fronteira, para mantê-los a salvo em suas casas. Mas, a cada ano, apesar de tudo que conseguimos fazer, a Praga avança. E esses sulistas acham que Trollocs são lendas, que os Myrddraal são histórias de menestrel. — Ele franziu a testa e sacudiu a cabeça. — Parecia ser o único jeito. Seríamos destruídos por nada, defendendo gente que sequer sabe, que sequer se importa. Parecia lógico. Por que sermos destruídos por eles quando podemos criar nossa própria paz? Achei que era melhor a Sombra do que o esquecimento inútil, como Caralain, Hardan ou... Parecia tão lógico...

Rand segurou Ingtar pelo colarinho.

— Você não está falando coisa com coisa. — *Ele não pode estar falando o que eu penso que está. Não pode.* — Fale sem rodeios, diga o que quer dizer. Você está se comportando como um louco!

Pela primeira vez, Ingtar olhou para Rand. Seus olhos brilhavam com lágrimas que não caíam.

— Você é um homem melhor do que eu. Pastor ou lorde, ainda é um homem melhor. A profecia diz “Que aquele que me soar não pense na glória, apenas na salvação”. Era na minha salvação que eu estava pensando. Eu tocaria a Trombeta e lideraria os heróis das Eras contra Shayol Ghul. Com certeza isso seria o suficiente para me salvar. Nenhum homem pode andar na Sombra por tanto tempo que não possa voltar para a Luz. É o que dizem. Com certeza seria suficiente para lavar o que fui e o que fiz.

— Ó, Luz! Ingtar! — Rand o soltou e se jogou na parede do estábulo. — Eu acho... Eu acho

que basta querer. Acho que tudo o que você precisa fazer é deixar de ser... um deles.

Ingтар estremeceu, como se Rand tivesse dito “Amigo das Trevas” em voz alta.

— Rand, quando Verin nos trouxe até aqui com a Pedra-portal, eu... eu vivi outras vidas. Às vezes eu carregava a Trombeta, mas nunca a tocava. Eu tentava escapar do que tinha me tornado, mas nunca conseguia. Sempre havia mais alguma exigência, e sempre pior do que a anterior, até que eu estivesse... Você estava pronto para desistir dela apenas para salvar uma amiga. Não pense na glória. Ó, Luz, me ajude...

Rand não sabia o que dizer. Era como se Egwene contasse que assassinara algumas crianças. Horrível demais para acreditar. Horrível demais para que qualquer pessoa admitisse, a menos que fosse verdade. Horrível demais.

Depois de um tempo, Ingтар voltou a falar, com a voz firme:

— Precisa haver um preço, Rand. Sempre há um preço. Talvez eu possa pagá-lo aqui.

— Ingтар, eu...

— Todo homem tem o direito, Rand, de escolher quando Embainhar a Espada. Até mesmo alguém como eu.

Antes que Rand conseguisse dizer qualquer coisa, Hurin veio correndo pela viela.

— A patrulha virou — declarou, apressado — e desceu para a cidade. Parece que estão se agrupando lá. Mat e Perrin seguiram na frente. — Ele olhou depressa para a rua e recuou. — É melhor fazermos o mesmo, Lorde Ingтар, Lorde Rand. Aqueles Seanchan com cabeça de inseto estão quase aqui.

— Vá, Rand — disse Ingтар. Ele se virou para encarar a rua e não olhar outra vez para Rand ou Hurin. — Leve a trombeta para onde é o lugar dela. Eu sempre soube que a Amyrlin deveria ter lhe deixado no comando. Mas tudo o que sempre quis foi que Shienar se mantivesse inteira, impedir que fôssemos varridos e esquecidos.

— Eu sei, Ingтар. — Rand respirou fundo. — Que a Luz brilhe sobre você, Lorde Ingтар da Casa Shinowa, e que você possa se abrigar na palma da mão do Criador. — Ele tocou o ombro do homem. — O último abraço da mãe lhe dá as boas-vindas ao lar. — Hurin ofegou.

— Obrigado — respondeu Ingтар, com a voz suave. Uma tensão pareceu abandoná-lo. Pela primeira vez desde a noite do ataque dos Trollocs em Fal Dara, ele estava como quando Rand o conheceu: confiante e relaxado. Em paz.

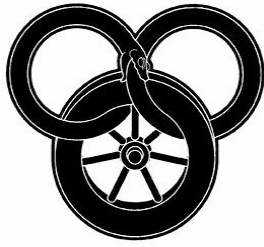
Rand se virou e percebeu que Hurin os encarava.

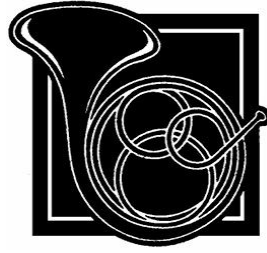
— É hora de partir.

— Mas Lorde Ingтар...

— ... fará o que precisa fazer — respondeu Rand, ríspido. — Mas nós vamos.

Hurin assentiu e Rand seguiu correndo atrás dele. Já podia ouvir os passos em marcha das botas dos Seanchan. Não olhou para trás.





O Túmulo Não é Limite Para o Meu Chamado

Mat e Perrin já estavam montados quando Rand e Hurin chegaram. Atrás de si, bem distante, Rand ouviu Ingtar Gritar:

— Luz e Shinowa! — O choque do aço se uniu ao clamor de outras vozes.

— Onde está Ingtar? — gritou Mat. — O que está acontecendo? — Ele amarrara a Trombeta no cepilho da sela como se fosse um instrumento qualquer, mas a adaga estava em seu cinturão. O cabo com ponta de rubi estava protegido por sua mão pálida, que parecia feita apenas de ossos e tendões.

— Ele está morrendo — disse Rand, bruscamente, subindo no dorso de Vermelho.

— Então precisamos ajudar — afirmou Perrin. — Mat pode levar a Trombeta e a adaga para...

— Ele resolveu fazer isso para que a gente possa escapar — retrucou Rand. *Também foi por isso.* — Vamos levar a Trombeta para Verin, e aí vocês podem ajudar a entregá-la onde quer que ela mande.

— O que você quer dizer? — perguntou Perrin.

Rand cravou os calcanhares nos flancos do baio, e Vermelho saltou rumo às colinas além da cidade.

— Luz e Shinowa! — O brado de Ingtar o perseguiu, soando triunfante, e os raios trovejaram pelo céu em resposta.

Rand estalou as rédeas em Vermelho e se inclinou junto ao pescoço do garanhão enquanto o cavalo disparava em uma corrida desabalada, crina e rabo tremulando ao vento. Queria não ter a sensação de que fugia dos brados de Ingtar, do que deveria fazer. *Ingtar, um Amigo das Trevas. Não me importo. Ele ainda era meu amigo.* O galope do baio não era capaz de afastar os próprios pensamentos. *A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha. Tantos deveres... Egwene. A Trombeta. Fain. Mat e a adaga. Por que não pode ser um de cada vez? Preciso cuidar de todos eles. Ah, Luz, Egwene!*

Ele puxou as rédeas tão de repente que Vermelho derrapou até parar, sentado no próprio lombo. Estavam em uma área com poucas árvores, quase sem folhas, no topo de uma das colinas com vista para Falme. Os demais subiam atrás dele a galope.

— O que você queria dizer? — exigiu Perrin. — Nós podemos ajudar Verin a levar a

Trombeta para onde ela deve ir? E você?

— Talvez ele já esteja enlouquecendo — sugeriu Mat. — Ele não ia querer ficar conosco se estivesse ficando louco. Não é mesmo, Rand?

— Vocês três, levem a Trombeta para Verin — mandou Rand. *Egwene. Tantos fios, em tanto perigo... Tantos deveres...* — Vocês não precisam de mim.

Mat acariciou o cabo da adaga.

— Sim, mas e você? Que me queime, você não pode enlouquecer ainda. Não pode!

Hurin olhava para eles boquiaberto, sem entender metade do que ouvia.

— Vou voltar — respondeu Rand. — Eu não deveria ter saído de lá. — De alguma forma, aquilo não soava muito certo em seus ouvidos, nem parecia certo em sua mente. — Preciso voltar. Agora. — Assim estava melhor. — Egwene ainda está lá, lembrem-se. E com uma daquelas coleiras no pescoço.

— Tem certeza? — perguntou Mat. — Eu não vi... Aaaah! Se você diz que ela está lá, então ela está. Vamos levar a Trombeta para Verin, depois voltamos para buscá-la. Você não acha que eu deixaria Egwene aqui, acha?

Rand sacudiu a cabeça. *Fios. Deveres.* Ele sentia que estava prestes a explodir como fogos de artifício. *Luz, o que está acontecendo comigo?*

— Mat, Verin precisa levar você e a adaga para Tar Valon, para você finalmente se livrar dessa doença. Você não tem tempo a perder.

— Salvar Egwene não é perda de tempo! — Mas a mão de Mat apertara a adaga com força, até tremer.

— Nenhum de nós vai voltar — declarou Perrin. — Ainda não. Olhem. — Ele apontou para Falme.

Os pátios dos carroções e os cercados de cavalos já estavam pretos, tomados por soldados Seanchan, que se estendiam fileira após fileira, aos milhares. Homens montados em feras escamosas ao lado de cavaleiros em armaduras, pontuados por estandartes coloridos que indicavam os oficiais. *Grolm* faziam parte das fileiras, junto com outras criaturas estranhas, quase uma mistura de aves e lagartos monstruosos, e gigantescas feras que não lembravam qualquer coisa possível de descrever, com pele cinza e enrugada e presas enormes. Em intervalos ao longo das fileiras, estavam posicionadas dezenas de *sul'dam* e *damane*. Rand se perguntou se Egwene era uma delas. Na cidade atrás dos soldados, um telhado explodia de vez em quando e raios ainda riscavam o céu. Duas bestas voadoras, com asas de couro com vinte braças de envergadura, pairavam no alto, mantendo-se longe da dança de raios brilhantes.

— Tudo isso por nossa causa?! — perguntou Mat, incrédulo. — Quem eles acham que a gente é?

Uma resposta ocorreu a Rand, mas ele a descartou antes que ela tivesse a chance de se completar.

— Também não podemos ir para o outro lado, Lorde Rand — afirmou Hurin. — Mantos-brancos. Centenas deles.

Rand virou o cavalo e olhou para onde o farejador apontava. Uma longa fileira de Mantos-brancos avançava devagar pelas colinas, indo em direção a eles.

— Lorde Rand — murmurou Hurin —, se aquele pessoal puser os olhos na Trombeta de

Valere, nunca vamos conseguir chegar perto de uma Aes Sedai com ela. E nunca conseguiríamos pôr a mão nela.

— Talvez seja por isso que os Seanchan estão se reunindo — sugeriu Mat, esperançoso. — Por causa dos Mantos-brancos. Talvez não tenha nada a ver conosco.

— Não importa se tem ou não — afirmou Perrin, seco —, em alguns minutos acontecerá uma batalha aqui, neste lugar.

— E qualquer lado pode nos matar, mesmo que não veja a Trombeta. Se virem...

Rand não conseguia pensar nos Mantos-brancos ou nos Seanchan. *Eu preciso voltar. Preciso.* Percebeu que olhava fixamente para a Trombeta de Valere. Todos olhavam. A trombeta dourada, com suas voltas, pendia do cepilho da sela de Mat. Todos os olhos estavam voltados para ela.

— Ela precisa estar no lugar da última batalha — lembrou Mat, umedecendo os lábios. — Mas nada diz que ela não pode ser usada antes. — Ele puxou e soltou a amarração da Trombeta e olhou para eles, nervoso. — Nada diz que ela não pode ser usada.

Ninguém mais falou uma palavra. Rand achava que não seria capaz de falar. Os próprios pensamentos eram urgentes demais para deixar espaço para a fala. *Eu preciso voltar. Preciso voltar.* Quanto mais olhava para a Trombeta, mais urgentes os pensamentos ficavam. *Preciso. Preciso.*

Com a mão trêmula, Mat levou a Trombeta aos lábios.

Ele tocou uma nota límpida, dourada como a Trombeta. As árvores ao redor pareceram ressoar com ela, assim como o chão sob seus pés e o céu acima. Aquele longo som englobava o mundo inteiro.

Do nada, surgiu uma névoa. A princípio, eram apenas fiapos pairando no ar, então ficaram maiores, até que a terra estava coberta de nuvens.

* * *

Geofram Bornhald se endireitou na sela quando ouviu o som, tão doce que quis rir, tão triste que quis chorar. Parecia vir de todas as direções. Um nevoeiro começou a surgir, crescendo a olhos vistos.

Os Seanchan. Estão tentando alguma coisa. Sabem que estamos aqui.

Era cedo demais, e a cidade ainda estava muito longe, mas ele sacou a espada. Um retinir de bainhas percorreu a fileira de sua meia legião. Ele anunciou:

— Legião, avançar em trote!

Àquela altura, a névoa cobria tudo. Mas Bornhald sabia que Falme ainda estava lá, à frente. O som dos cavalos aumentou. Não conseguia vê-los, mas podia ouvir.

De repente, o chão à frente ergueu-se com um estrondo, lançando terra e pedras sobre ele. Da brancura cegante à direita veio outro estrondo, e homens e cavalos gritaram. E então da esquerda, e de novo, e de novo. Trovões e gritos, ocultos pelo nevoeiro.

— Legião, atacar! — Seu cavalo deu um salto à frente quando ele cravou os calcanhares em seu lombo, e ele ouviu o clamor do que restou da legião a segui-lo.

Trovões e gritos, ocultos pelo branco.

Seu último pensamento foi arrependimento. Byar não teria como contar a seu filho, Dain, de que modo o pai morrera.

* * *

Rand não conseguia mais ver as árvores ao redor. Mat baixara a Trombeta, de olhos arregalados, mas o som ainda ecoava nos ouvidos de Rand. A névoa cobria tudo com ondas de um branco como o da mais fina lã alvejada, mas Rand ainda conseguia ver. Consequia ver, mas era loucura. Falme flutuava em algum lugar abaixo dele, preta com as fileiras dos Seanchan. Raios rasgavam as ruas. Falme pairava sobre sua cabeça. Lá, Mantos-brancos investiam e morriam quando a terra se abria em fogo sob os cascos dos cavalos. Lá, os homens corriam nos conveses de navios altos e quadrados no porto. E, em um navio, um navio familiar, homens temerosos aguardavam. Conseguiu até mesmo reconhecer o rosto do capitão. Bayle Domon. Ele levou as mãos à cabeça. As árvores estavam ocultas, mas ele conseguia ver cada um dos amigos muito bem. Hurin estava ansioso. Mat resmungava, temeroso. Perrin parecia saber que aquilo estava fadado a acontecer. A névoa se espalhava em espiral, cobrindo tudo ao redor.

Hurin ofegou.

— Lorde Rand! — Não era necessário que ele apontasse.

Pelo redemoinho de névoa, como se ela fosse a encosta de uma montanha, avançavam silhuetas a cavalo. A princípio, o nevoeiro pesado o impedia de ver mais. Porém, aos poucos as figuras se aproximaram, e foi a vez de Rand perder o fôlego. Ele as conhecia. Homens, nem todos de armaduras, e mulheres. As roupas e armas vinham de todas as Eras, mas ele conhecia cada um deles.

Rogosh Olho-de-águia, um homem de aparência paternal, cabelos brancos e olhar tão aguçado que seu nome mal lhe fazia justiça. Gaidal Cain, um homem de pele morena, com os cabos das duas espadas despontando detrás dos ombros largos. Birgitte, dos cabelos dourados, com um arco prateado brilhante e uma aljava cheia de flechas de prata. Outros. Ele conhecia aqueles rostos, sabia os nomes. Mas ouvia cem nomes ao olhar para cada um daqueles rostos, alguns tão diferentes que ele sequer os reconhecia, embora soubesse quem eram. Michael em vez de Mikel. Patrick em vez de Paedrig. Oscar em vez de Otarin.

Ele conhecia o homem que cavalgava à frente de todos, também. Era alto e de nariz aquilino, tinha olhos escuros e carregava a montante, Justiça, ao lado do corpo. Artur Asa-de-gavião.

Mat os encarou boquiaberto quando puxaram as rédeas em frente ao grupo.

— Isso é... Esses são todos vocês? — Eram pouco mais de cem, notou Rand. Então se deu conta de que, de alguma forma, já sabia que eram eles que viriam. O queixo de Hurin permanecia caído, e os olhos quase saltavam do rosto.

— É preciso mais do que bravura para ligar um homem à Trombeta. — A voz de Artur Asa-de-gavião era profunda e ressonante, uma voz acostumada a dar ordens.

— Ou uma mulher — completou Birgitte, ríspida.

— Ou uma mulher — concordou Asa-de-gavião. — Apenas poucos são ligados à Roda, tecidos por vezes sem fim para fazer a vontade da Roda no Padrão das Eras. Você poderia

contar a ele, Lews Therin, se conseguisse se lembrar de quando via a carne. — Ele olhava para Rand.

Rand sacudiu a cabeça, mas não perderia tempo discutindo.

— Invasores chegaram. Homens que se chamam Seanchan. Eles usam Aes Sedai acorrentadas na batalha. Precisam ser rechaçados de volta para o mar. E... e há uma garota. Egwene al'Vere. Uma noviça da Torre Branca. Prisioneira dos Seanchan. Precisam me ajudar a libertá-la.

Para sua surpresa, várias pessoas do pequeno grupo atrás de Artur Asa-de-gavião riram baixinho. Birgitte riu sem nem tentar esconder, testando seu arco.

— Você sempre escolhe mulheres que lhe causam problemas, Lews Therin. — Era um comentário agradável, uma brincadeira entre velhos amigos.

— Meu nome é Rand al'Thor — disparou. — Vocês precisam se apressar. Não temos muito tempo.

— Tempo? — indagou Birgitte, sorrindo. — Temos todo o tempo. — Gaidal Cain largou as rédeas e, guiando o cavalo com os joelhos, sacou uma espada em cada mão. Por toda a pequena tropa de heróis, houve um desembainhar de espadas, empunhar de arcos, erguer de lanças e machados.

Justiça brilhava como um espelho na mão de Artur Asa-de-gavião, coberta pela manopla.

— Já lutei ao seu lado inúmeras vezes, Lews Therin, e o enfrentei outras tantas. A Roda nos tece com propósitos próprios, não com os nossos, para servir ao Padrão. Eu o conheço, mesmo que você não conheça a si mesmo. Vamos rechaçar esses invasores para ajudá-lo. — O cavalo pateou, e ele olhou em volta, franzindo a testa. — Algo está errado aqui. Alguma coisa me detém. — De repente, ele voltou seu olhar aguçado para Rand. — Você está aqui. Está com o estandarte?

Um burburinho se espalhou pelo grupo atrás dele.

— Sim. — Rand abriu as fivelas do alforje e puxou o estandarte do Dragão. Ele enchia suas mãos e caía até os joelhos de Vermelho. O burburinho entre os heróis aumentou.

— O padrão se tece em volta de nossos pescoços como cabrestos — comentou Asa-de-gavião. — Você está aqui. O estandarte está aqui. A tessitura do momento está definida. Viemos pela Trombeta, mas precisamos seguir o estandarte. E o Dragão.

Hurin produziu um som débil, como se sua garganta tivesse se fechado.

— Que me queime — disse Mat, ofegante. — É verdade. Que me queime!

Perrin hesitou apenas por um instante antes de descer do próprio cavalo e sair andando nevoeiro adentro. Houve um som de cortes e, quando ele voltou, carregava um galho reto e sem pontas.

— Me entregue isso, Rand — pediu, sério. — Se eles precisam do estandarte... Deixe ele comigo.

Mais do que depressa, Rand o ajudou a amarrar o estandarte no bastão. Quando Perrin voltou a montar, com o bastão na mão, uma corrente de ar pareceu fazer tremular o tecido branco, de modo que o Dragão em forma de serpente parecesse se mover, parecesse vivo. O vento não tocava a névoa pesada, apenas o estandarte.

— Você fica aqui — ordenou Rand, falando com Hurin. — Quando acabar... Você ficará a salvo, aqui.

Hurin sacou a espada curta, empunhando-a como se a arma de fato pudesse ser usada a cavalo.

— Peça seu perdão, Lorde Rand, mas acho que não. Não entendo um décimo do que ouvi...
— Sua voz virou um murmúrio, antes de aumentar. — ... Nem do que vejo... Mas cheguei até aqui, e acho que vou até o fim.

Artur Asa-de-gavião deu um tapinha no ombro do farejador.

— Às vezes a roda aumenta nosso número, amigo. Talvez um dia você esteja entre nós. — Hurin se empertigou, como se tivessem lhe oferecido uma coroa. Asa-de-gavião se curvou para Rand com formalidade, ainda na sela. — Com sua permissão... Lorde Rand. Trombeteiro, pode tocar a música? É adequado que a Trombeta de Valere cante nossa entrada em batalha. Porta-estandarte, vamos avançar?

Mat soou a Trombeta outra vez, um toque longo e agudo, e o nevoeiro ressoou com ele. Perrin bateu os calcanhares no cavalo para avançar. Rand sacou a lâmina com a marca da garça e cavalgou entre os dois.

Não conseguia ver nada além de espessos redemoinhos brancos, mas de alguma forma ainda conseguia ver o que vira antes, também. Falme, onde alguém usava o Poder nas ruas, o porto, o exército dos Seanchan, os Mantos-brancos que morriam. Tudo abaixo, tudo pairando acima, tudo exatamente como estivera. Era como se o tempo não tivesse transcorrido desde que a Trombeta fora tocada pela primeira vez, como se o tempo tivesse parado enquanto os heróis atendiam ao chamado. Mas então voltou a correr.

O troar selvagem que Mat arrancava da Trombeta ecoava na névoa, e o som dos cascos dos cavalos que ganhavam velocidade marcava o ritmo. Rand avançou nevoeiro adentro, perguntando-se para onde iam. As nuvens ficaram mais densas, ocultando as extremidades da fileira de heróis que galopava de ambos os lados dele. Obscurecendo o campo de visão cada vez mais, até que ele só conseguia ver Mat, Perrin e Hurin. O farejador se abaixava na sela, instigando o cavalo, com os olhos arregalados. Mat soava a Trombeta e ria, nos intervalos. Perrin, com os olhos amarelos brilhando, levava o estandarte do Dragão, que se estendia atrás dele. E então eles também sumiram, e Rand seguiu sozinho, ao que parecia.

De certa forma, ainda conseguia vê-los; mas do mesmo jeito que conseguia ver Falme e os Seanchan. Não podia dizer onde estavam, nem onde ele mesmo estava. Segurou a espada mais firme e perscrutou o nevoeiro à frente. Investia sozinho pela névoa, e, de algum jeito, sabia que era assim que deveria ser.

De repente, Ba'alzamon surgiu diante dele no nevoeiro, com os braços abertos.

Vermelho empinou com selvageria, arremessando Rand da sela. Ele se agarrou à espada enquanto caía, desesperado. Não foi uma aterrissagem difícil. Na verdade, pensou, surpreso, que era muito semelhante a aterrissar em... nada. Em um segundo atravessava o nevoeiro, no outro, não.

Quando ficou de pé, seu cavalo sumiu. Mas Ba'alzamon ainda estava lá, avançando em sua direção com um longo bastão preto, calcinado, nas mãos. Estavam sozinhos, apenas eles e a névoa. Atrás de Ba'alzamon havia sombra. Não que o nevoeiro às suas costas fosse escuro. Aquele negrume anulava completamente a névoa branca.

Rand tinha consciência de outras coisas também. Artur Asa-de-gavião e os outros heróis

enfrentavam os Seanchan em meio à névoa densa. Perrin, levando o estandarte, usava o machado mais para rechaçar os que tentavam golpeá-lo do que em ofensiva. Mat ainda tirava notas selvagens da Trombeta de Valere. Hurin, fora da sela, lutava com a espada curta e a quebra-espada, do jeito que sabia. Parecia que a superioridade numérica dos Seanchan os esmagaria. Mas eram eles, com as armaduras escuras, que recuavam.

Rand avançou ao encontro de Ba'alzamon. Relutante, buscou o vazio, a Fonte Verdadeira. Foi preenchido pelo Poder Único. Não havia outro jeito. Talvez não tivesse chance contra o Tenebroso, mas qualquer possibilidade de vencer estava no Poder. Ele se infiltrou em seus membros, pareceu banhar todo o seu eu. As roupas, a espada. Rand sentia que deveria estar brilhando como o sol. Aquilo o deixava arrepiado, o fazia querer vomitar.

— Saia do meu caminho — ordenou, áspero. — Eu não estou aqui por sua causa.

— A garota? — Ba'alzamon riu. Sua boca se transformou em chamas. As queimaduras estavam quase curadas, restando apenas algumas cicatrizes rosadas que já desapareciam. Parecia um homem bonito de meia-idade, exceto pelos olhos e boca. — Qual delas, Lews Therin? Você não terá ninguém para ajudá-lo, dessa vez. Será meu ou morrerá, e então será meu de qualquer jeito.

— Mentiroso! — rosnou Rand. Ele atacou Ba'alzamon, mas o bastão de madeira carbonizada desviou a lâmina com uma chuva de faíscas. — Pai das Mentiras!

— Idiota! Aqueles outros idiotas não lhe contaram quem você é? — As chamas do rosto de Ba'alzamon ecoaram a gargalhada.

Mesmo flutuando no vazio, Rand sentiu um calafrio. *Será que eles mentiram? Não quero ser o Dragão Renascido.* Ele segurou a espada mais firme. Tentou Cortando a Seda, mas Ba'alzamon defendeu todas as investidas. Fagulhas voaram, como se viessem da forja e do martelo de um ferreiro.

— Tenho assuntos a resolver em Falme, e nada para tratar com você. Nunca terei assuntos com você — decretou Rand. *Preciso prender a atenção dele até que consigam libertar Egwene.* Ainda daquele jeito estranho, ele conseguia ver a batalha. Ela varria os pátios de carroções e cercados de cavalos envoltos em névoa.

— Seu desgraçado, patético! Você tocou a Trombeta de Valere. Está ligado a ela, agora. Acha que aqueles vermes da Torre Branca vão libertá-lo algum dia, depois disso? Elas prenderão seu pescoço com correntes tão pesadas que você não será capaz de parti-las.

Rand ficou tão surpreso que sentiu aquilo dentro do vazio. *Ele não sabe de tudo. Ele não sabe!* Tinha certeza de que deixaria a sensação transparecer em seu rosto. Para encobrir seu deslize, atacou Ba'alzamon com ferocidade. Beija-flor Beija a Rosa-de-mel. Lua na Água. A Andorinha Plana no Ar. Raios cruzavam o espaço entre a espada e o bastão. Pontos de luz cegantes banhavam a névoa. Ainda assim, Ba'alzamon recuou, com os olhos ardendo como fomalhas.

No limiar da consciência, Rand percebeu os Seanchan recuando para as ruas de Falme, lutando em desespero. *Damane* rasgavam a terra com o Poder Único, mas aquilo era incapaz de ferir Artur Asa-de-gavião e os outros heróis da Trombeta.

— Você vai continuar sendo uma lesma embaixo de uma pedra? — rosnou Ba'alzamon. A escuridão atrás dele fervia e se agitava. — Vai se matar enquanto ficamos aqui. O Poder corre por você com fúria. Ele o queima. Isso está matando você! Apenas eu, no mundo inteiro, posso

ensiná-lo a controlá-lo. Sirva-me e viva. Sirva-me ou morra!

— Nunca! — *Preciso segurá-lo por tempo suficiente. Rápido, Asa-de-gavião. Rápido!* Ele se lançou contra Ba'alzamon outra vez. A Pomba Alça Voo. A Folha que Cai.

Dessa vez, ele foi rechaçado. Vagamente, Rand viu os Seanchan abrirem caminho até os estábulos. Redobrou os esforços. O Martim-pescador Pega Um Dorso-prateado. Os Seanchan cederam a uma investida. Artur Asa-de-gavião e Perrin estavam lado a lado na vanguarda. Enrolando a Palha. Ba'alzamon deteve o golpe em um chafariz de fagulhas, explodindo como borboletas rubras, e Rand precisou saltar antes que o bastão acertasse sua cabeça. O golpe passou tão perto que agitou seus cabelos. Os Seanchan avançaram. Golpeando a Centelha. Fagulhas voaram como uma chuva de granizo. Ba'alzamon pulou para evitar o golpe e os Seanchan foram empurrados de volta para as ruas de pedra.

Rand quis uivar alto. De repente, percebeu que as batalhas estavam ligadas. Quando ele avançava, os heróis da Trombeta faziam os Seanchan recuar. Quando recuava, os Seanchan se recuperavam e avançavam.

— Eles não vão salvá-lo — explicou Ba'alzamon. — As pessoas que poderiam salvá-lo serão levadas para longe, para além do Oceano de Aryth. Se as vir de novo, elas serão escravas encolaradas. Destruirão você sob ordem de seus novos mestres.

Egwene. Eu não posso deixar que façam isso com ela.

A voz de Ba'alzamon se sobrepôs a seus pensamentos.

— Resta-lhe apenas uma salvação, Rand al'Thor. Lews Therin, o Fratricida. Eu sou sua única salvação. Sirva-me, e eu lhe darei o mundo. Resista, e o destruirei, como já fiz inúmeras vezes. Mas, desta vez, destruirei até sua alma. Vou destruí-lo completamente, para sempre.

Venci de novo, Lews Therin. O pensamento estava além do vazio, e mesmo assim foi necessário esforço para ignorá-lo, para não pensar em todas as vidas em que ouvira aquilo. Ele mudou a postura, e Ba'alzamon preparou o cajado.

Pela primeira vez, Rand se deu conta de que Ba'alzamon agia como se a lâmina com a marca da garça pudesse feri-lo. *Aço não pode ferir o Tenebroso.* Mas o inimigo olhava para a espada com preocupação. Rand era um com a lâmina. Podia sentir cada partícula dela, pedaços minúsculos mil vezes menores do que era possível enxergar com os olhos. E podia sentir o Poder que o inundava correndo também para a espada, percorrendo os desenhos intrincados forjados por Aes Sedai durante a Guerra do Poder.

Foi outra voz que ele ouviu, naquele momento. A voz de Lan. *Chegará o momento em que você desejará algo ainda mais do que a própria vida.* A voz de Ingtar. *Todo homem tem direito de escolher quando Embainhar a Espada.* Pensou em Egwene, encolarada, vivendo a vida de uma damane. *Fios da minha vida em perigo.* Egwene. *Se Asa-de-gavião entrar em Falme, pode salvá-la.* Antes de perceber, já assumira a primeira posição da Garça Atravessando os Juncos. Equilibrando-se em um pé só, com a espada no alto, com a guarda aberta. *A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha.*

Ba'alzamon ficou olhando para ele.

— Por que está sorrindo como um idiota, seu tolo? Não sabe que posso destruí-lo por completo?

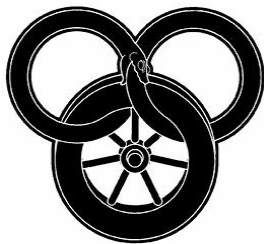
Rand sentia uma calma além da que vinha do vazio.

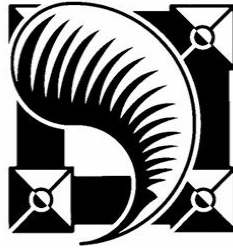
— Nunca servirei a você, Pai das Mentiras. Em mil vidas, nunca servi. Sei disso. Tenho certeza. Venha. É hora de morrer.

Os olhos de Ba'alzamon se arregalaram. Por um instante, viraram fornalhas que fizeram o rosto de Rand suar. O negrume atrás do Tenebroso fervia ao redor, e sua expressão endureceu.

— Então morra, verme! — Ele golpeou com o bastão, como se segurasse uma lança.

Rand gritou ao senti-lo perfurando seu flanco, queimando como um atizador incandescente. O vazio tremeu, mas ele o manteve com as últimas forças que tinha e cravou a lâmina com marca de garça no coração de Ba'alzamon. O Tenebroso gritou, e a escuridão atrás dele também. O mundo explodiu em fogo.





A Primeira Reivindicação

Min subiu a ladeira de calçamento de pedra com dificuldade, abrindo caminho à força pela multidão que permanecia pálida e vidrada. Pelo menos, era como se comportavam os que não estavam dando gritos histéricos. Alguns corriam, parecendo não ter ideia de para onde ir, mas a maioria apenas se movia como marionetes mal manipuladas, mais temerosos de sair do que de ficar. Ela procurou entre os rostos, esperando encontrar Egwene, Elayne ou Nynaeve, mas via apenas falmenos. E algo a atraía, tão certo quanto se a puxasse por uma corda.

Ela se virou uma vez para olhar para trás. Navios Seanchan queimavam no porto. Ela conseguia ver outros, em chamas, além da entrada da enseada. Muitas embarcações quadradas já pareciam pequenas contra o sol poente, seguindo para oeste tão depressa quanto as *damane* conseguiam impeli-las. Um pequeno navio se afastava do porto, inclinando-se para pegar um vento que o levaria ao longo da costa. O *Espuma*. Não culpava Bayle Domon por desistir de esperar. Não depois do que vira. Achava admirável ele ter ficado tanto tempo.

Havia uma embarcação dos Seanchan no porto que não estava em chamas, embora as torres estivessem pretas pelo fogo já apagado. Enquanto o navio alto saía para o mar, uma figura a cavalo surgiu de repente por trás dos rochedos, contornando as margens do porto. Ela cavalgava sobre as águas. Min ficou boquiaberta. A figura ergueu um arco que cintilou ao sol. Um feixe prateado voou do arco até a embarcação, descrevendo uma linha brilhante. Com um rugido que Min conseguiu ouvir mesmo àquela distância, o fogo engolfou a torre da popa outra vez, e os marinheiros se agitaram no convés.

Min piscou e, quando voltou a olhar, a silhueta sumira. O navio seguia devagar rumo ao oceano, com a tripulação lutando contra as chamas.

Ela se forçou a recuperar o foco e continuou a subir a ladeira. Vira coisas demais naquele dia para que considerar alguém cavalcando sobre as águas apenas uma distração momentânea. *Mesmo que de fato fosse Birgitte e seu arco. E Artur Asa-de-gavião. Eu o vi. Tenho certeza.*

Em frente a um dos prédios altos de pedra, ela parou, hesitante, ignorando as pessoas em que esbarrava como se estivesse atordoada. Era ali, em algum lugar, que ela precisava estar. Correu escada acima e empurrou a porta.

Ninguém tentou detê-la. Pelo que podia dizer, não havia ninguém na casa. A maior parte de Falme estava fora, nas ruas, tentando chegar à conclusão de que todos haviam ou não

enlouquecido juntos. Ela atravessou a casa, alcançou o jardim dos fundos, e lá estava ele.

Rand jazia, esparramado de barriga para cima sob um carvalho. Estava com o rosto pálido e os olhos fechados. A mão esquerda segurava firme o cabo de uma lâmina de pouco mais de um palmo cuja ponta parecia ter derretido. Seu peito subia e descia devagar, mas não com a regularidade de uma respiração normal.

Respirando fundo para se acalmar, Min foi até ele ver o que podia fazer para ajudá-lo. Primeiro precisava se livrar daquele toco de lâmina: ele podia se machucar, ou machucá-la, se comesse a se debater. Ela abriu a mão dele e estremeceu quando o cabo ficou preso na palma. Jogou a arma de lado com uma careta. A garça no cabo havia marcado sua mão. Mas era óbvio que não fora aquilo o que o deixara ali, inconsciente. *Como ele ficou assim? Nynaeve pode passar um unguento nisso, mais tarde.*

Um exame apressado mostrou que a maioria dos cortes e contusões não era recente. Ao menos, o sangue tivera tempo de coagular, e as escoriações já começavam a amarelar nas bordas. Mas havia um buraco queimado no casaco, do lado esquerdo. Ela o abriu e levantou a camisa. Então assoviou entre dentes, perdendo o fôlego. Uma ferida calcinada marcava a lateral do corpo, mas havia cauterizado sozinha. O que a abalou foi a sensação que teve ao tocar a pele de Rand. Estava gelada. Fazia o ar parecer quente.

Segurando-o pelos ombros, ela começou a arrastá-lo para a casa. Ele pendia, mole. Um peso morto.

— Seu grande palerma — resmungou. — Você bem que podia ser pequeno e leve, não podia? Precisa ter tudo isso de perna e ombro. Eu devia deixar você largado aqui.

Com dificuldade, ela subiu a escada, tomando cuidado para não deixá-lo bater nos degraus mais do que conseguia evitar, e o puxou para dentro. Deixando-o à beira da porta, massageou a base da coluna, resmungando sozinha sobre o Padrão, e fez uma busca rápida. Nos fundos da casa havia um pequeno quarto, talvez para serviçais. Lá, encontrou uma cama com uma pilha de cobertores e toras de madeira na lareira. Em instantes, arrumou os cobertores e acendeu o fogo, assim como um lampião na mesa de cabeceira. Então voltou para buscar Rand.

Não foi tarefa fácil levá-lo até o quarto e colocá-lo na cama, mas ela conseguiu. Ficou apenas um pouco ofegante pelo esforço, mas logo o cobriu. Depois de um instante, colocou uma das mãos sob os cobertores. Então fez uma careta e balançou a cabeça. Os lençóis estavam gelados: ele não tinha calor corporal para os cobertores conservarem. Com um suspiro exausto, entrou debaixo das cobertas e deitou ao lado dele. Por fim, aninhou a cabeça de Rand em seu braço. Os olhos dele ainda estavam fechados, e a respiração, entrecortada, mas ela estava com medo de que ele morresse enquanto saía para buscar Nynaeve. *Ele precisa de uma Aes Sedai, pensou. Tudo que posso fazer é tentar lhe dar um pouco de calor.*

Analizou o rosto do rapaz por um tempo. Via apenas o rosto: nunca conseguia ler alguém inconsciente.

— Eu gosto de homens mais velhos — disse. — Homens de educação e perspicácia. Não tenho interesse em fazendas, ovelhas ou pastores. E muito menos em garotos pastores. — Com um suspiro, ela alisou o cabelo dele, tirando-o do rosto. Rand tinha cabelos sedosos. — Mas até aí você não é um pastor, não é mesmo? Não mais. Luz, por que o Padrão precisava me envolver com você? Por que eu não podia ter uma vida segura e simples, como naufragar sem comida em companhia de uma dúzia de Aiel famintos?

Ouviu um som no corredor, e levantou a cabeça assim que a porta abriu. Egwene estava ali, encarando-os à luz do fogo e do lampião.

— Ah... — Foi tudo o que disse.

As bochechas de Min ruborizaram. *Por que estou agindo como se tivesse feito algo errado? Idiota!*

— Eu... Eu só estou mantendo ele quente. Rand está inconsciente. E frio como gelo.

Egwene não avançou para dentro do quarto.

— Eu... Eu senti ele me puxando. Precisando de mim. Elayne também sentiu. Pensei que devia ter algo a ver com... com o que ele é, mas Nynaeve não sentiu nada. — Ela respirou fundo, soltando um suspiro trêmulo. — Elayne e Nynaeve estão pegando os cavalos. Encontramos Bela. Os Seanchan deixaram a maior parte dos cavalos para trás. Nynaeve disse que precisamos partir assim que der, e... e... Min, agora você sabe o que ele é, não sabe?

— Sei. — Min queria tirar o braço de debaixo da cabeça de Rand, mas não conseguia se forçar a movê-lo. — Pelo menos, acho que sei. Mas não importa o que ele é, está ferido. Não posso fazer nada além de mantê-lo aquecido. Talvez Nynaeve consiga.

— Min, você sabe... Sabe que ele não pode se casar. Ele não é... seguro... para nenhuma de nós, Min.

— Fale por você — respondeu a garota. Ela puxou o rosto de Rand para junto do peito. — É como Elayne disse. Você o trocou pela Torre Branca. Por que se importaria se eu ficasse com ele?

Egwene a encarou pelo que pareceu um longo tempo. Não olhava para Rand, de forma alguma, apenas para ela. Min sentiu o rosto aquecer e quis desviar o olhar, mas não conseguiu.

— Vou buscar Nynaeve — disse Egwene, por fim, e saiu do quarto de cabeça erguida.

Min quis chamá-la, ir atrás dela, mas permaneceu ali, como se estivesse congelada. *É o que deve ser. Eu sei. Li isso em todos eles. Luz, não quero ser parte disso.*

— É tudo culpa sua — disse ao corpo inerte de Rand. — Não, não é. Mas você vai pagar por isso, eu acho. Estamos todos presos como moscas em uma teia de aranha. E se eu dissesse a ela que ainda há uma mulher por vir, alguém que ela não conhece? Por sinal, o que você pensaria disso, meu belo Lorde Pastor? Você não é nada feio, mas... Luz, eu nem sei se sou quem você vai escolher. Não sei se quero que me escolha. Ou vai tentar deixar nós três a seus pés? Pode não ser culpa sua, Rand al'Thor, mas não é justo.

— Rand al'Thor, não — corrigiu uma voz melodiosa à porta. — Lews Therin Telamon. O Dragão Renascido.

Min olhou, estupefata. Era a mulher mais linda que já vira, com a pele pálida e lisa, longos cabelos pretos e olhos escuros como a noite. O vestido era de um branco que faria a neve parecer encardida, e ela usava um cinturão de prata. Todas as joias dela também eram de prata. Min sentiu arrepios.

— O que quer dizer? Quem é você?

A mulher entrou e parou ao lado da cama. Seus movimentos eram tão graciosos que Min sentiu uma pontada de inveja, mesmo jamais tendo invejado qualquer outra mulher. Ela alisou o cabelo de Rand como se Min não estivesse lá.

— Ele ainda não acredita, eu acho. Sabe, mas não acredita. Eu guiei os passos dele, o

empurrei, puxei, seduzi. Ele sempre foi teimoso, mas dessa vez vou moldá-lo. Ishamael acha que controla os acontecimentos, mas quem faz isso sou eu. — O dedo dela tocou de leve a testa de Rand, como se desenhasse uma marca. Min achou, desconfortável, que parecia a Presa do Dragão. Rand se mexeu, murmurando. Era o primeiro som e o primeiro movimento que fazia desde que fora encontrado.

— Quem é você? — indagou Min.

A mulher olhou para ela. Apenas olhou, mas Min percebeu que se encolhia nos travesseiros, agarrando-se a Rand com força.

— Garota, eu me chamo Lanfear.

De repente, a boca de Min ficou tão seca que ela não conseguiria falar, nem mesmo se sua vida dependesse disso. *Um dos Abandonados! Não! Luz, não!* Tudo que conseguiu fazer foi balançar a cabeça. A negação fez Lanfear sorrir.

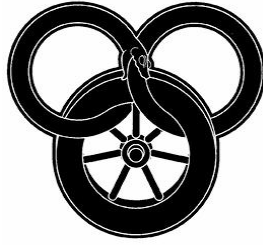
— Lews Therin foi e é meu, garota. Cuide bem dele para mim até eu vir buscá-lo. — Então sumiu.

Min ficou boquiaberta. Em um instante ela estava ali, e então havia desaparecido. A jovem percebeu que abraçava o corpo inconsciente de Rand com força. Como gostaria de não sentir que queria que ele a protegesse...

* * *

Com o rosto cadavérico decidido, Byar galopava com o sol poente às costas e não olhava para trás. Vira tudo que precisava ver. Tudo que conseguira, com aquele maldito nevoeiro. A legião tinha morrido, o senhor Capitão Geofram Bornhald tinha morrido, e havia apenas uma explicação: foram traídos por Amigos das Trevas. Amigos das Trevas como aquele Perrin de Dois Rios. Aquela era a notícia que precisava levar a Dain Bornhald, filho do senhor Capitão, que estava com os Filhos da Luz que montavam vigília em Tar Valon. Mas tinha coisas piores a contar, e para ninguém menos do que o próprio Pedron Niall. Precisava contar o que vira no céu acima de Falme. Atiçou o cavalo com as rédeas e não olhou para trás.





O Que Deveria Ser

Rand abriu os olhos e notou que olhava para cima, para a luz do sol atravessando uma folhade-couro. As folhas largas e grossas ainda estavam verdes, apesar da época do ano. O vento que agitava os galhos trazia o anúncio da neve que cairia ao anoitecer. Estava deitado de barriga para cima e conseguia sentir os cobertores sob suas mãos. Seu casaco e sua camisa pareciam ter sumido, mas alguma coisa estava amarrada em seu peito, e sentia dor do lado esquerdo do corpo. Virou a cabeça e viu Min sentada ali, no chão, observando-o. Quase não a reconheceu ao vê-la em um vestido. Ela sorriu, hesitante.

— Min. É você. De onde saiu? Onde estamos?

A memória voltava em lampejos, fragmentada. Consequia se lembrar de acontecimentos antigos, mas os últimos dias pareciam pedaços de um espelho quebrado girando em sua mente, mostrando vislumbres que sumiam antes que conseguisse vê-los direito.

— Saímos de Falme — respondeu a jovem. — Estamos cinco dias a leste de lá agora, e você dormiu o tempo todo.

— Falme. — Mais lembranças. Mat tocara a Trombeta de Valere. — Egwene! Ela está...? Eles a libertaram? — Ele prendeu a respiração.

— Eu não sei quem são esses “eles” que você está falando, mas ela está livre. Nós a libertamos sozinhas.

— Nós? Não entendo. — *Ela está livre. Pelo menos ela está...*

— Nynaeve, Elayne e eu.

— Nynaeve? Elayne? Como? *Todas* vocês estavam em Falme? — Ele tentou se levantar, mas ela o empurrou de volta com facilidade e ficou ali parada, com as mãos em seus ombros e o olhar fixo em seu rosto. — Onde ela está?

— Foi embora. — O rosto de Min corou. — Todos foram embora. Egwene, Nynaeve, Mat, Hurin e Verin. Hurin não queria deixar você para trás, de verdade. Estão todos a caminho de Tar Valon. Egwene e Nynaeve retomarão o treinamento na Torre, e Mat vai ver o que as Aes Sedai podem fazer a respeito da adaga. E levaram a Trombeta de Valere. Não consigo acreditar que a vi de verdade.

— Foi embora — murmurou ele. — Ela nem esperou eu acordar.

O rubor no rosto de Min aumentou, e ela se sentou, fitando o próprio colo.

Ele ergueu as mãos para passá-las no rosto, mas parou, encarando as palmas, chocado. Havia mais uma garça na palma da mão esquerda, para combinar com a da mão direita. As linhas eram nítidas e fortes. *Uma vez a garça, para traçar seu caminho; Duas vezes a garça, para proclamá-lo verdadeiro.*

— Não!

— Eles foram embora — disse ela. — Negar não muda isso.

Ele sacudiu a cabeça. Algo lhe dizia que a dor na lateral do corpo era importante. Não conseguia se lembrar de ter sido ferido, mas era importante. Começou a levantar os cobertores para olhar, mas Min afastou suas mãos com um tapa.

— Você não pode fazer nada a respeito disso. Ainda não sarou completamente. Verin tentou a Cura, mas disse que não funcionou como deveria. — Ela hesitou, mordendo o lábio. — Moiraine disse que Nynaeve deve ter feito alguma coisa, ou você não teria sobrevivido até o levarmos para Verin. Mas Nynaeve afirmou que estava assustada demais até para acender uma vela. Tem... algo errado com sua ferida. Você vai ter que esperar que ela cure naturalmente. — Ela parecia perturbada.

— Moiraine está aqui? — Ele soltou uma risada amarga. — Quando você disse que Verin tinha ido embora, achei que estivesse livre das Aes Sedai.

— Estou aqui — respondeu Moiraine.

Ela apareceu, toda de azul e serena como se estivesse na Torre Branca, e se aproximou para sentar ao lado dele. Min franzia a testa para a Aes Sedai. Rand tinha a estranha sensação de que ela queria protegê-lo da mulher.

— Queria que não estivesse — retrucou para a Aes Sedai. — No que me diz respeito, pode voltar para onde quer que estivesse se escondendo e ficar por lá.

— Não estava me escondendo — respondeu Moiraine, muito calma. — Fiz tudo o que podia, tanto na Ponta de Toman quando em Falme. Foi pouco, mas descobri muitas coisas. E falhei em resgatar duas de minhas irmãs antes que os Seanchan as levassem nos navios junto com as outras Encolaradas, mas fiz o que podia.

— O que podia. Você mandou Verin me vigiar, mas eu não sou nenhuma ovelha, Moiraine. Você disse que eu poderia ir para onde quisesse, e pretendo ir para onde você não estiver.

— E não mandei Verin segui-lo. — Moiraine franziu a testa. — Ela foi atrás de você por conta própria. Muita gente se interessa por você, Rand. Foi Fain quem o encontrou ou o contrário?

A súbita mudança de assunto o pegou de surpresa.

— Fain? Não. Belo herói eu sou. Tentei resgatar Egwene, e Min a resgatou antes de mim. Fain disse que faria mal ao pessoal de Campo de Emond se eu não o enfrentasse, e nem cheguei a vê-lo. Ele também partiu com os Seanchan?

Moiraine sacudiu a cabeça.

— Não sei. Queria saber. Mas é bom que você não o encontre. Pelo menos, não até entender o que ele é.

— Ele é um Amigo das Trevas.

— Mais que isso. Pior que isso. Padan Fain era uma criatura do Tenebroso até as profundezas da alma, mas creio que tenha sido corrompido por Mordeth, em Shadar Logoth. Aquele homem era tão vil em sua luta contra a Sombra quanto a própria Sombra foi. Mordeth

tentou consumir a alma de Fain, ter um corpo humano outra vez, mas encontrou uma alma tocada pelo Tenebroso. O resultado... Bem, não foi Padan Fain, e nem Mordeth. Foi algo muito pior, uma mistura dos dois. Fain... Bem, vamos chamá-lo assim. Fain é mais perigoso do que você acredita. Você poderia não ter sobrevivido ao encontro, e, se tivesse, poderia ter acontecido algo pior do que ser levado para o lado da Sombra.

— Se ele está vivo, e se não foi com os Seanchan, eu preciso... — Ele parou quando ela tirou a espada com a marca da garça de baixo do manto. A lâmina terminava de repente, um pouco além de um palmo do cabo, como se tivesse sido derretida. A lembrança veio com um choque. — Eu o matei — disse, em voz baixa. — Dessa vez, eu o matei.

Moiraine deixou a espada arruinada de lado como a coisa inútil que passara a ser e esfregou as mãos.

— Não se mata o Tenebroso assim tão fácil. O simples fato de ele ter aparecido nos céus acima de Falme já é mais do que preocupante. Ele não deveria ser capaz de fazer isso, se estivesse preso como acreditamos. E, se não está, por que não destruiu tudo?

Min mudou de posição, nervosa.

— Nos céus? — perguntou Rand, admirado.

— Vocês dois — respondeu Moiraine. — A batalha aconteceu nos céus, em plena vista de todos em Falme. Talvez em outras cidades da Ponta de Toman também, se der para acreditar em metade do que tenho ouvido.

— Nós... nós vimos tudo — disse Min, com a voz fraca. Ela pôs uma das mãos sobre a de Rand, para confortá-lo.

Moiraine colocou a mão sob o manto outra vez e tirou um rolo de pergaminho. A folha era grande, como as que os artistas de rua usavam em Falme. O giz borrou um pouco quando ela o desenrolou, mas a imagem ainda estava nítida o bastante. Um homem cujo rosto era uma chama sólida lutava com um bastão contra outro, com uma espada, entre as nuvens. Raios dançavam ao redor, e, atrás deles, tremulava o estandarte do Dragão. O rosto de Rand era fácil de reconhecer.

— Quantas pessoas viram isso? — indagou ele. — Rasgue. Queime.

A Aes Sedai deixou o pergaminho se enrolar outra vez.

— Não adiantaria de nada, Rand. Comprei isso há dois dias, em uma aldeia por onde passamos. Há centenas, talvez milhares, e em todo lugar se ouve a história de como o Dragão enfrentou o Tenebroso nos céus de Falme.

Rand olhou para Min. Ela assentiu com relutância e apertou sua mão. Parecia assustada, mas não se afastou nem um milímetro. *Me pergunto se foi por isso que Egwene partiu. Ela estava certa em ir.*

— O Padrão tece ainda mais apertado à sua volta — explicou Moiraine. — Você precisa de mim, agora, mais do que nunca.

— Eu não preciso de você — respondeu, áspero — e não a quero por perto. Não terei nada a ver com isso. — Ele se lembrou de ser chamado de Lews Therin. E não apenas por Ba'alzamon, mas também por Artur Asa-de-gavião. — De jeito nenhum. Luz, o Dragão vem para Romper o mundo outra vez, deixar tudo em pedaços. Não serei o Dragão.

— Você é o que é — replicou Moiraine. — Você já agita o mundo. A Ajah Negra se revelou

pela primeira vez em dois mil anos. Arad Doman e Tarabon estavam à beira da guerra, e isso só vai piorar quando as notícias de Falme chegarem. Cairhien está em guerra civil.

— Eu não fiz nada em Cairhien — protestou. — Você não pode me culpar por isso.

— Não fazer nada sempre foi um movimento do Grande Jogo — respondeu a Aes Sedai, com um suspiro. — Especialmente do jeito que jogam agora. Você foi a centelha, e Cairhien explodiu como os fogos de um Iluminador. O que acha que vai acontecer quando as notícias de Falme chegarem a Arad Doman e Tarabon? Sempre houve homens dispostos a lutar em favor de qualquer um que se declarasse o Dragão, mas eles nunca tiveram sinais como esse. E tem mais. Aqui. — Ela jogou uma pequena bolsa sobre o peito de Rand.

O rapaz hesitou por um momento, antes de abrir. Dentro, havia fragmentos do que parecia ser uma porcelana transparente, preta e branca. Ele já vira algo assim antes.

— Outro selo da prisão do Tenebroso — murmurou.

Min ofegou. O aperto em sua mão agora buscava conforto, em vez de oferecê-lo.

— Dois — afirmou Moiraine. — Três dos sete já estão quebrados. O que estava comigo e dois que encontrei na residência do Grão-lorde, em Falme. Quando todos os sete forem quebrados, talvez antes, o remendo que os homens colocaram no buraco que abriram na prisão feita pelo Criador será rompido. Então o Tenebroso conseguirá estender a mão por esse buraco outra vez e tocará o mundo. E a única esperança do mundo é que o Dragão Renascido esteja lá para enfrentá-lo.

Min tentou impedir que Rand se descobrisse, mas ele a empurrou de lado gentilmente.

— Preciso andar. — Ela o ajudou a levantar, mas com muitos suspiros e resmungos sobre ele estar fazendo o ferimento piorar. Percebeu que seu tórax estava envolto em ataduras. Min pôs um dos cobertores sobre seus ombros, como um manto.

Por um momento, ele ficou olhando para baixo, para a lâmina com a marca da garça, ou o que restara dela, que jazia no chão. *A espada de Tam. A espada do meu pai.* Com relutância, mais do tivera para qualquer coisa na vida, abandonou a esperança de descobrir que Tam era de fato seu pai. Sentiu como se arrancasse o próprio coração. Mas aquilo não mudava seus sentimentos por Tam, e Campo de Emond ainda era o único lar que conhecera. *Fain é o que importa. Ainda tenho um dever a cumprir. Detê-lo.*

As duas precisaram apoiá-lo, uma em cada braço, levando-o até onde as fogueiras já ardiam, não muito longe de uma estrada de terra batida. Loial estava lá, lendo um livro chamado *Navegar Além do Pôr do Sol*. Perrin também estava, e olhava fixamente para uma das fogueiras. Os shienaranos faziam preparativos para o jantar. Lan estava sentado sob uma árvore, afiando a espada. O Guardião dirigiu um olhar cauteloso a Rand, então assentiu.

E havia outra coisa, também. O estandarte do Dragão tremulava ao vento no meio do acampamento. Havia encontrado uma haste adequada para substituir o galho de Perrin.

— O que isso está fazendo aqui, onde qualquer um que passe pode ver? — exigiu saber Rand.

— É tarde demais para se esconder, Rand — afirmou Moiraine. — Sempre foi tarde demais para você se esconder.

— Mas você não precisa colocar um sinal dizendo “estou aqui”. Nunca vou encontrar Fain se alguém me matar por causa desse estandarte. — Ele se virou para Loial e Perrin. — Estou feliz por vocês terem ficado. Mas entenderia se não tivessem.

— Por que eu não ficaria? — perguntou Loial. — Você é ainda mais *ta'veren* do que eu pensava, é verdade, mas é meu amigo. Espero que ainda seja. — As orelhas dele tremelicaram, transmitindo sua insegurança.

— Sou — respondeu Rand. — Enquanto for seguro para você ficar por perto, e mesmo depois. — O Ogier deu um sorriso de orelha a orelha.

— Eu também vou ficar — afirmou Perrin. Havia uma ponta de resignação, ou aceitação, em sua voz. — A Roda nos tece com firmeza no Padrão, Rand. Quem teria pensado nisso, lá em Campo de Emond?

Os shienaranos se aglomeravam em volta deles. Para a surpresa de Rand, todos caíram de joelhos. Cada um deles o observava.

— Queremos jurar nossa lealdade a você — disse Uno.

Os outros que se ajoelhavam assentiram.

— Os juramentos de vocês são a Ingtar e a Lorde Agelmar — protestou Rand. — Ingtar teve uma boa morte, Uno. Ele morreu para que o resto de nós pudesse escapar com a Trombeta. — Não havia necessidade de contar o restante a ninguém. Esperava que Ingtar tivesse encontrado a Luz novamente. — Diga isso ao Lorde Agelmar, quando voltar a Fal Dara.

— Dizem — começou o caolho, com cautela — que, quando o Dragão Renascer, ele quebrará todos os juramentos, desfazendo todos os laços. Agora nada nos prende. Nós queremos fazer juramentos a você.

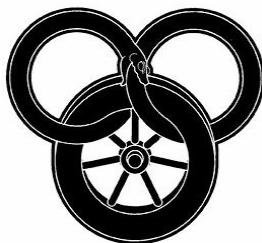
Ele sacou a espada e colocou-a diante de si, com o cabo voltado para Rand. Os outros shienaranos fizeram o mesmo.

— Você enfrentou o Tenebroso — falou Masema. Masema, que o odiava. Masema, que olhava para ele como se estivesse diante de uma visão da Luz. — Eu vi, Lorde Dragão. Sou seu homem até a morte. — Seus olhos escuros brilhavam com fervor.

— Você precisa escolher, Rand — afirmou Moiraine. — O mundo será rompido, não importa se é você quem o fará. Tarmon Gai'don chegará, e só isso já é o suficiente para fazer o mundo em pedaços. Você tentará se esconder do que é e deixar o mundo enfrentar a Última Batalha indefeso? Faça sua escolha.

Todos olhavam para ele, todos esperavam. *A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha.* Ele tomou sua decisão.





Depois

As histórias se espalharam por barco e cavalo, por carroções de mercadores e homens a pé. Foram contadas e recontadas, com algumas pequenas variações, mas ainda a mesma história. Alcançaram Arad Doman, Tarabon e além, falando dos sinais e portentos nos céus de Falme. Alguns homens se proclamaram a favor do Dragão, outros homens os mataram.

E então morreram por isso.

Outras histórias também se espalharam, sobre uma coluna que cavalgava vinda do sol poente, atravessando a Planície de Almoth. Cem homens da Fronteira, diziam os relatos. Não, mil. Não, mil heróis haviam voltado de seus túmulos em resposta ao chamado da Trombeta de Valere. Dez mil. Eles haviam destruído uma legião inteira dos Filhos da Luz. Eles haviam combatido os exércitos regressados de Artur Asa-de-gavião, mandando-os de volta para o mar. Eles eram os exércitos de Artur Asa-de-gavião, que voltavam. E seguiam rumo às montanhas, rumo à aurora.

Ainda assim, uma coisa era igual em todas as histórias.

À frente deles, ia um homem cujo rosto fora visto nos céus de Falme, e eles cavalgavam sob o estandarte do Dragão Renascido.

* * *

E homens clamaram ao Criador, dizendo: Ó, Luz dos Céus, Luz do Mundo, deixe que o prometido nasça da montanha, conforme as Profecias, como aconteceu em Eras passadas e acontecerá nas Eras vindouras. Deixe que o Príncipe da Manhã cante para a terra sobre as coisas verdes que crescerão e os vales que gerarão cordeiros. Deixe que a mão do Lorde da Manhã nos abrigue do Escuro, e que a montante da justiça nos defenda. Deixe que o Dragão cavalgue novamente nos ventos do tempo.

— de Charal Drianaan te Calamon, *O Ciclo do Dragão*.

Autor desconhecido, Quarta Era



Nota sobre as datas deste glossário. Três sistemas de registro de datas têm sido amplamente utilizados desde a Ruptura do Mundo. O primeiro contava os anos Depois da Ruptura (DB). Como os anos do evento e os que vieram logo em seguida foram de caos total, e considerando que o calendário foi adotado cerca de cem anos após o fim da Ruptura, sabe-se que o ponto inicial foi definido de forma arbitrária. Ao fim das Guerras dos Trollocs, muitos registros haviam se perdido, de tal modo que havia discussões sobre qual seria o ano inicial exato, de acordo com o antigo sistema. Então, um novo calendário foi estabelecido, datando do fim das Guerras e celebrando a suposta libertação do mundo da ameaça dos Trollocs. Esse segundo calendário registrava cada ano como um Ano Livre (AL). Depois da desorganização, morte e destruição causados pela Guerra dos Cem Anos, surgiu uma terceira forma de registro: é o calendário da Nova Era (NE), que encontra-se atualmente em uso.

a'dam: Dispositivo que consiste em uma coleira ligada a um bracelete por correntes de metal prateadas que pode ser usado para controlar, contra a vontade, qualquer mulher capaz de canalizar. A coleira é usada pelas damane, e o bracelete, pelas sul'dam. *Ver também damane; sul'dam.*

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai de todos os tempos, que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra ante a promessa de imortalidade. De acordo com as lendas e fragmentos de registros, eles foram aprisionados com o Tenebroso quando a prisão dele foi selada outra vez. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças.

acre: Unidade de medida de área para terrenos, equivalente a 100 x 100 passos.

Aes Sedai: Pessoas capazes de canalizar o Poder Único. Desde o Tempo da Loucura, sobreviveram apenas as Aes Sedai mulheres. Alvo de desconfiança, medo e até mesmo ódio amplamente disseminados, muitos as culpam pela Ruptura do Mundo e as acusam de interferir em assuntos das nações. Ao mesmo tempo, poucos governantes optam por não ter uma conselheira Aes Sedai, mesmo nas terras em que a existência desse aconselhamento precisa ser mantida em segredo. *Ver também Ajah; Trono de Amyrlin; Tempo da Loucura.*

Agelmar; Lorde da Casa Jagad: Senhor de Fal Dara. Tem como símbolo três raposas vermelhas correndo.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos. Cobrem o rosto com um véu negro antes de matar, o que deu origem à expressão “agir como um Aiel de véu negro” para descrever alguém que se comporta de forma violenta. Guerreiros letais com armas ou apenas com as mãos, jamais tocam em espadas. Seus flautistas tocam músicas enquanto eles entram em batalhas, e os Aiel chamam a luta de “a Dança”. *Ver também sociedades guerreiras dos Aiel; Deserto Aiel.*

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, às quais todas, exceto o Trono de Amyrlin, pertencem. São designadas por cores: Azul, Vermelha, Branca, Verde, Marrom, Amarela e Cinza. Cada uma segue uma filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai. A Ajah Vermelha, por exemplo, dedica toda a sua energia a encontrar homens capazes de canalizar o Poder e amansá-los. Já a Ajah Marrom, por outro lado, renega qualquer envolvimento com o mundo e se dedica à busca por conhecimento. Há rumores (negados com veemência, e não é seguro mencioná-los na presença de

qualquer Aes Sedai) de uma Ajah Negra dedicada a servir o Tenebroso.

al'Meara, Nynaeve: Mulher de Campo de Emond, em Dois Rios, distrito de Andor.

al'Thor, Rand: Jovem de Campo de Emond que era pastor.

al'Vere, Egwene: Uma jovem de Campo de Emond.

Alanna Mosvani: Aes Sedai da Ajah Verde.

alantín: Na Língua Antiga, “irmão”. É uma forma abreviada de *tia avende alantín*, “Irmão das Árvores”.

Alar: Mais Velha dos Anciões do Pousio Tsofu.

Aldieb: Na Língua Antiga, “Vento Oeste”, o vento que traz as chuvas da primavera.

Amalisa; Lady: Shienarana da Casa Jagad, irmã do Lorde Agelmar.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de extinguir a capacidade de um homem de canalizar o Poder Único. É necessário, pois os homens que aprendem a canalizar enlouquecem por causa da mácula de *saidin* e quase certamente fazem coisas horríveis com o Poder, em sua loucura. Um homem amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas não curada, e pode-se evitar a morte caso o procedimento seja feito cedo o bastante. *Ver também* Poder Único; estancamento.

Amigos das Trevas: Os que seguem o Tenebroso e acreditam que ganharão poder, grandes recompensas e até mesmo a imortalidade quando ele for libertado.

Anaiya: Aes Sedai da Ajah Azul.

angreal: Um tipo muito raro de objeto que permite a qualquer um capaz de canalizar o Poder Único manipular uma quantidade maior do poder do que seria possível fazê-lo de forma segura, sem ajuda. São remanescentes da Era das Lendas, e não se sabe mais como fabricá-los. Restam poucos. *Ver também* *sa'angreal*; *ter'angreal*.

Arad Doman: Nação no Oceano de Aryth.

Arafel: Uma das Terras da Fronteira.

Árvore, a: *Ver Avendesora*.

Asa-de-gavião, Artur: Rei lendário (governou entre AL 943-994) que unificou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo. Chegou a enviar exércitos para o outro lado do Oceano de Aryth (AL 992), mas todo contato com as tropas foi perdido na ocasião de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos. Seu símbolo era um gavião dourado em pleno voo. *Ver também* Guerra dos Cem Anos.

Assassinos da Árvore: Nome dos Aiel para os cairhienos, sempre usado em tom de horror e desgosto.

Avendesora: Na Língua Antiga, a “Árvore da Vida”, mencionada em muitas histórias e lendas.

Aybara, Perrin: Jovem de Campo de Emond que era aprendiz de ferreiro.

Ba'alzamon: Na língua dos Trollocs, “Coração das Trevas”. Acredita-se que seja o nome que os Trollocs dão ao Tenebroso. *Ver também* Tenebroso; Trollocs.

Barthanes; Lorde da Casa Damodred: Lorde cairhieno de poder inferior apenas ao do rei. Tem como símbolo pessoal um Javali Avançando. O símbolo da Casa Damodred é a Coroa e a Árvore.

Bel Tine: Festival de primavera que celebra o fim do inverno, o brotamento da safra e o nascimento dos primeiros cordeiros.

Birgitte: Heroína de cabelos louros, personagem de lendas e histórias de menestréis. Usava arco e flechas de prata e jamais errava um tiro.

Bornhald, Geofram: Um dos Senhores Capitães dos Filhos da Luz.

braça: *Ver* comprimento, unidades de.

Byar, Jaret: Oficial dos Filhos da Luz.

Caemlyn: Capital de Andor.

Cães de Pedra: *Ver* sociedades guerreiras dos Aiel.

Cairhien: É o nome de uma nação às margens da Espinha do Mundo e também de sua capital. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel (976 - 978 NE). Tem como símbolo um sol nascente com muitos raios em um fundo de céu azul.

canalizar: Controlar o fluxo do Poder Único. *Ver também* Poder Único.

canção das árvores: *Ver* Cantor das Árvores.

Cantor das Árvores: Ogier com a habilidade de cantar para as árvores (chamada de canção das árvores), curando-as, ajudando-as a crescer e florescer ou confeccionando coisas de madeira sem ferir a árvore. Objetos feitos dessa forma são chamados de “madeira cantada”, e são muito valiosos. Restam poucos Cantores das Árvores entre os Ogier. O Talento

parece estar desaparecendo.

Caralain: Uma das nações que se ergueram sob o império de Artur Asa-de-gavião durante a Guerra dos Cem Anos. Perdeu o poder, posteriormente, e seus últimos vestígios desapareceram em torno de 500 NE.

Cauthon, Mat: Um jovem de Dois Rios. Nome completo: Matrim Cauthon.

Cem Companheiros, os: Cem Aes Sedai entre os mais poderosos da Era das Lendas que, sob a liderança de Lews Therin Telamon, lançaram o ataque final que acabou com a Guerra da Sombra ao selar outra vez o Tenebroso em sua prisão. O contra-ataque do Tenebroso maculou *saidin*. Os Cem Companheiros enlouqueceram e iniciaram a Ruptura do Mundo. *Ver também* Tempo da Loucura; Ruptura do Mundo; Fonte Verdadeira; Poder Único.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon, do Trono de Amyrlin e das Aes Sedai. É uma representação estilizada de uma chama, uma lágrima branca com a ponta para cima.

Ciclo de Karaethon, O: *Ver* Dragão, Profecias do.

Cinco Poderes, os: Há fios no Poder Único, e cada pessoa que o utiliza costuma ser capaz de compreender alguns melhor que outros. Eles são batizados conforme o tipo de coisa a que se prestam (Terra, Ar, Fogo, Água e Espírito) e chamados de os Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único é mais forte com um, talvez dois, e menos com os demais. Alguns poucos podem ter grande força com três, mas, desde a Era das Lendas, ninguém se mostrou forte em todos os cinco. Mesmo naquela época, era algo extremamente raro. O grau de força pode variar muito entre indivíduos, de modo que algumas pessoas capazes de canalizar são muito mais fortes que outras. Fazer certas coisas com o Poder Único requer habilidades em um ou mais dos Cinco Poderes. Por exemplo, acender e controlar um fogo requer Fogo, já afetar o clima requer Ar e Água, ao passo que Curar requer Água e Espírito. Enquanto Espírito é encontrado igualmente em homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra e/ou Fogo era muito mais frequente em homens, e com Água e/ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos. Geralmente, nenhuma habilidade é considerada mais forte que outra, embora haja um ditado entre as Aes Sedai: “Não há rocha tão dura que a água e o vento não desgaste, nem fogo tão feroz que a água não apague ou que o vento não elimine.” Deve-se observar que esse ditado passou a ser usado muito tempo depois da morte do último Aes Sedai. Qualquer ditado semelhante entre os homens perdeu-se há muito.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 3 mãos = 1 pé = 3 pés = 1 passo; 2 passos = 1 braça; 1000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

Corenne: Na Língua Antiga, “Retorno” ou “o Retorno”.

Crônicas, Curadora das: Segunda em autoridade depois do Trono de Amyrlin entre as Aes Sedai, também atua como secretária da Amyrlin. É apontada para o cargo vitalício pelo Salão da Torre. Costuma ser da mesma Ajah à qual pertencia a Amyrlin. *Ver também* Trono de Amyrlin; Ajah.

cuendillar: Também conhecido como pedra-do-coração. *Ver* pedra-do-coração.

Daes Dae'mar: O Grande Jogo, também conhecido como Jogo das Casas. Nome dado às armações, tramas e manipulações das Casas Nobres em busca de poder. Nele, é dado grande valor à dissimulação, a buscar uma coisa enquanto parece estar atrás de outra e a atingir objetivos com o mínimo de esforço visível.

Dai Shan: Um título nas Terras da Fronteira cujo significado é Lorde das Batalhas do Diadema.

damane: Na Língua Antiga, “Encolaradas”. Mulheres capazes de canalizar que são mantidas prisioneiras pelos *a'dam* e utilizadas pelos Seanchan com diversos propósitos, principalmente como armas de guerra. *Ver também* Seanchan; *a'dam*; *sul'dam*.

Damodred, Lorde Galadedrid: Meio-irmão de Elayne e Gawyn. Tem como símbolo uma espada de prata alada com a ponta para baixo.

Deserto Aiel: Terra hostil, severa e praticamente desprovida de água que fica a leste da Espinha do Mundo. Poucos forasteiros se aventuram na região. Não apenas por ser quase impossível alguém não nascido lá encontrar água, mas também porque os Aiel se consideram em guerra com todos os povos, e estrangeiros não são bem-vindos.

Dia do Sol: Feriado e festival no meio do verão, celebrado em diversas partes do mundo.

Do Miere A'vron: *Ver* Vigias das Ondas.

Domo da Verdade: Grande salão de audiências dos Filhos da Luz, localizado em Amador, capital de Amadícia. Há um Rei em Amadícia, mas na prática são os Filhos da Luz que governam. *Ver também* Filhos da Luz.

Domon, Bayle: Capitão do *Espuma*, colecionador de artefatos antigos.

Dragão, falso: De tempos em tempos alguns homens afirmam ser o Dragão Renascido, e às vezes um deles consegue

seguidores tão numerosos que é preciso um exército para derrubá-lo. Alguns começaram guerras que envolveram diversas nações. Ao longo dos séculos, a maioria era incapaz de canalizar o Poder Único, mas alguns podiam fazê-lo. Todos, porém, desapareceram, foram capturados ou mortos sem cumprir qualquer uma das profecias referentes ao Renascimento do Dragão. Esses homens são chamados de falsos Dragões. Entre os capazes de canalizar, os mais poderosos foram Raolin Algoz-das-trevas (335-36 DR), Yurian Arco-de-pedra (cerca de 1300-1308 DR), Davian (AL 351), Guaire Amalasan (AL 939-43) e Logain (997 NE). *Ver também* Dragão Renascido

Dragão, o: Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra da Sombra. Sofrendo da loucura que se abateu sobre os Aes Sedai, Lews Therin matou todas as pessoas de seu sangue e todos os outros que amava, recebendo a alcunha de Fratricida. *Ver também* Dragão Renascido; Dragão, Profecias do.

Dragão, Profecias do: Pouco conhecidas e raramente comentadas, as Profecias registradas em *O Ciclo de Karaethon* predizem que o Tenebroso será libertado mais uma vez para tocar o mundo. E que Lews Therin Telamon, o Dragão, Rompedor do Mundo, renascerá para lutar em Tarmon Gaidon, a última batalha contra a Sombra. *Ver também* Dragão, o.

Dragão Renascido: De acordo com as lendas e profecias, o Dragão renascerá na hora de maior necessidade da humanidade com o objetivo de salvar o mundo. Não é algo pelo que as pessoas anseiem, seja porque as profecias dizem que o Dragão trará uma nova Ruptura ao mundo ou porque Lews Therin, o Fratricida, conhecido como o Dragão, é um nome que provoca arrepios, mesmo mais de três mil anos após sua morte. *Ver também* Dragão, o; Dragão, falso; Dragão, Profecias do.

Draghkar: Criatura do Tenebroso, criada através da deturpação de material humano. Parece um homem alto com asas de morcego, pele extremamente pálida e olhos grandes demais. O canto de um Draghkar atrai a presa, vencendo a vontade da vítima. Há um ditado: “O beijo do Draghkar é a morte.” Ele não morde, mas o beijo consome a alma da vítima e, depois, a vida.

Elaida: Aes Sedai da Ajah Vermelha conselheira da Rainha Morgase, de Andor. Às vezes faz Profecias.

Elayne: Filha da rainha Morgase, Filha-herdeira do trono de Andor. Tem como símbolo um lírio dourado.

Encolaradas: *Ver damane.*

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais hoje em dia se pode apenas sonhar. *Ver também* Roda do Tempo; Ruptura do Mundo; Guerra da Sombra.

Escudos Vermelhos: *Ver* sociedades guerreiras dos Aiel.

Espinha do Mundo, a: Cadeia de altíssimas montanhas, com poucos pontos de travessia, que separa o Deserto Aiel das terras a oeste.

estancamento: Ato, realizado pelas Aes Sedai, de isolar uma mulher capaz de canalizar do Poder Único. Uma mulher que tenha sido estancada pode sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la.

Fain, Padan: Homem aprisionado na fortaleza de Fal Dara por ser Amigo das Trevas.

Far Dareis Mai: Literalmente “Donzelas da Lança”. Sociedade guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite apenas mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. (“Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.”) Tais crianças são estimadas, pois foi previsto que alguém nascido de uma Donzela unirá os clãs e devolverá aos Aiel a grandeza que tiveram durante a Era das Lendas. *Ver também* sociedades guerreiras dos Aiel.

Filha da Noite: *Ver* Lanfear.

Filha-herdeira: Título da herdeira do trono de Andor. A filha mais velha da Rainha sucede a mãe. Sem filhas vivas, o trono passa à parente consanguínea mais próxima da Rainha.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas dedicada a derrotar o Tenebroso e a destruir todos os Amigos das Trevas. Foi fundada durante a Guerra dos Cem Anos por Lothair Mantelar, com o objetivo de pregar contra o crescente número de Amigos das Trevas, mas evoluiu no decorrer da guerra até se tornar uma organização militar extremamente rígida em suas crenças e absolutamente certa de que apenas os membros conhecem a verdade e sabem o que é certo. Odeiam as Aes Sedai e as consideram Amigas das Trevas, assim como a todos que as apoiem. São chamados de Mantos-brancos, um apelido depreciativo. Têm como símbolo um sol dourado radiante em um fundo branco.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo, que faz girar a Roda do Tempo. É dividida em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham ao mesmo tempo com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer a *saidin*, e

apenas mulheres, a *saidar*. Desde o Tempo da Loucura, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

Gaidin: Literalmente “Irmão nas Batalhas”. Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões. *Ver também* Guardião.

Galad: *Ver* Damodred, Lorde Galadedrid.

Galdrian su Riatin Rie: Literalmente, Galdrian da Casa Riatin, Rei. Rei de Cairhien. *Ver também* Cairhien.

Gawyn: Filho da Rainha Morgase, irmão de Elayne. Tem como símbolo um javali branco.

Goaban: Uma das nações construídas sob o império de Artur Asa-de-gavião durante a Guerra dos Cem Anos. Enfraqueceu até desaparecer em torno de 500 NE. *Ver também* Asa-de-gavião, Artur, Guerra dos Cem Anos.

Grande Caçada à Trombeta, a: Ciclo de histórias sobre a lendária busca pela Trombeta de Valere que ocorreu nos anos entre o fim das Guerras dos Trollocs e o início da Guerra dos Cem Anos. Se contado por inteiro, o ciclo pode durar vários dias.

Grande Jogo, o: *Ver* Daes Dae'mar.

Grande Praga, a: Região no extremo norte inteiramente corrompida pelo Tenebroso. Local onde vivem Trollocs, Myrddraal e outras criaturas da Sombra.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro é uma blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade, que já era antigo antes do início da Era das Lendas, consistindo em uma serpente mordendo a própria cauda. Um anel na forma da Grande Serpente é concedido às Aceitas entre as Aes Sedai.

Guardião: Guerreiro que possui um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único, e concede dádivas como cura acelerada, capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso à distância. Enquanto o Guardião permanece vivo, a Aes Sedai com quem ele possui o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que ele esteja, e, quando ele morre, ela sabe o momento e a forma como morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que é natural uma Aes Sedai ter um elo com apenas um Guardião de cada vez, a Ajah Vermelha se recusa a estabelecê-los, e a Ajah Verde crê que seja possível estabelecer elos com quantos Guardiões quiserem. Pela ética, é preciso que o Guardião aceite o elo, mas há casos em que este foi feito involuntariamente. O que a Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado. *Ver também* Aes Sedai.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder, encerrou a Era das Lendas. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso, e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso. *Ver também* Cem Companheiros; Dragão, o.

Guerra do Poder: *Ver* Guerra da Sombra.

Guerra dos Cem Anos: Série de guerras concomitantes entre alianças em constante mudança, precipitada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. Durou de 994 AL até 1117 AL. A guerra deixou grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel quase desabitadas, do Mar das Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tanta que restam apenas alguns registros da época. O império de Artur Asa-de-gavião foi fragmentado, e as nações dos dias atuais foram formadas.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram mais de trezentos anos, ao longo dos quais os exércitos dos Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os Trollocs foram mortos ou forçados a voltar à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentados. *Ver também* Pacto das Dez Nações.

Hailene: Na Língua Antiga, “Os Que Vêm Antes” ou “Precursores”.

Hardan: Uma das nações construídas a partir do império de Artur Asa-de-gavião, há muito esquecida. Ficava entre Cairhien e Shienar.

Hurin: Shienarano com a habilidade de farejar lugares onde a violência ocorreu e seguir o rastro de quem a cometeu. Chamado de “farejador”, ele serve à justiça do Rei em Fal Dara, em Shienar.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

Ingtar; Lorde da Casa Shinowa: Guerreiro shienarano. Tem como símbolo uma Coruja Cinzenta.

Ishamael: Na Língua Antiga, “Traidor da Esperança”. Um dos Abandonados. Nome dado ao líder dos Aes Sedai que desertaram para o lado do Tenebroso na Guerra da Sombra. Dizem que até mesmo ele esqueceu seu nome verdadeiro. *Ver também* Abandonados.

Jogo das Casas, o: *Ver Daes Dae'mar.*

Laman: Rei de Cairhien, da Casa Damodred, que perdeu o trono e a vida na Guerra dos Aiel.

Lan; al'Lan Mandragoran: Guardião, ligado pelo elo a Moiraine. Rei Não Coroado de Malkier, Dai Shan e último lorde dos malkieris. *Ver também* Guardião; Moiraine; Malkier; Dai Shan.

Lanfear: Na Língua Antiga, “Filha da Noite”. Uma dos Abandonados, talvez a mais poderosa depois de Ishamael. Diferente dos demais Abandonados, ela mesma escolheu o nome. Dizem ter sido apaixonada por Lews Therin Telamon. *Ver também* Abandonados; Dragão, o.

latoeiros: *Ver Tuatha'an.*

Leane: Aes Sedai da Ajah Azul e Curadora das Crônicas. *Ver também* Ajah; Crônicas, Curadora das.

légua: *Ver* comprimento, unidades de.

Lews Therin Telamon; Lews Therin, o Fratricida: *Ver* Dragão, o.

Liandrin: Aes Sedai da Ajah Vermelha, de Tarabon.

Logain: Falso Dragão, amansado pelas Aes Sedai.

Loial: Ogier do Pousio Shangtai.

Luc; Lorde Luc da Casa Mantear: Irmão de Tigraine. Acredita-se que seu desaparecimento na Grande Praga esteja de algum modo relacionado ao posterior desaparecimento de Tigraine. Tinha como símbolo uma bolota de carvalho.

Luthair: *Ver* Mondwin, Luthair Paendrag.

madeira cantada: *Ver* Cantor das Árvores.

Malkier: Nação que um dia fez parte das Terras da Fronteira, hoje consumida pela Praga. O símbolo de Malkier era um grou dourado em pleno voo.

Manetheren: Uma das Dez Nações que formaram o Segundo Pacto, e o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram completamente destruídas nas Guerras dos Trollocs.

Mantos-brancos: *Ver* Filhos da Luz.

marath'damane: Na Língua Antiga, “As Que Devem Ser Encolaradas”. Termo usado pelos Seanchan para mulheres capazes de canalizar que ainda não foram capturadas e encolaradas. *Ver também* damane; a'dam; Seanchan.

Masema: Soldado shienarano que odeia os Aiel.

mashiara: Na Língua Antiga, “amada”, mas denotando um amor perdido além de qualquer esperança.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Meio-homem: *Ver* Myrddraal.

menestréis: Contadores de histórias, músicos, malabaristas, acrobatas e mestres do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos de retalhos multicoloridos, eles se apresentam principalmente em aldeias e cidades pequenas.

Merrilin, Thom: Um menestrel.

milha: *Ver* comprimento, unidades de.

Min: Moça com a capacidade de ler as auras que às vezes enxerga em torno das pessoas.

Moiraine: Aes Sedai da Ajah Azul.

Mondwin, Luthair Paendrag: Filho de Artur Asa-de-gavião que comandava os exércitos enviados para o outro lado do Oceano de Aryth. Tinha como estandarte um gavião dourado de asas abertas segurando raios. *Ver também* Asa-de-gavião, Artur.

Mordeth: Conselheiro que levou a cidade de Aridhol a usar os métodos dos próprios Amigos das Trevas contra eles, o que provocou a destruição da cidade e a levou a receber um novo nome: Shadar Logoth (“Onde a Sombra Espera”). Apenas uma coisa sobrevive em Shadar Logoth além do ódio que a matou: o próprio Mordeth, aprisionado há dois mil anos nas ruínas, aguardando alguém cuja alma possa consumir para tomar posse de um novo corpo.

Morgase: Rainha de Andor, Grão-trono da Casa Trakand.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de Trollocs nas quais o material humano usado para criá-los ressurge, mas maculado pelo mal que originou os Trollocs. Parecem humanos, exceto por não possuírem olhos. Apesar disso, podem ver tão bem quanto águias, tanto na luz quanto no escuro. Possuem alguns poderes que vêm do Tenebroso, incluindo a habilidade de causar um medo paralisante com o olhar e a de sumir onde quer que haja sombras. Uma das poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar água corrente. Em terras diferentes, são conhecidos por diversos nomes, entre eles Meios-homens, Sem-olhos, Homens-sombra, Espreitadores e Desvanecidos.

Niall, Pedron: Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz. *Ver também* Filhos da Luz.

Nisura, Lady: Nobre shienarana, uma das damas que acompanha Lady Amalisa.

Pacto das Dez Nações: Aliança dedicada à derrota do Tenebroso, formada nos séculos após a Ruptura do Mundo, quando as nações foram recriadas pela primeira vez (cerca de 300 DR). Foi destruído pelas Guerras dos Trollocs. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a substância da realidade para aquela Era. *Ver também* *ta'veren*.

pedra-do-coração: Substância indestrutível criada durante a Era das Lendas. Qualquer força conhecida usada para tentar quebrá-la é absorvida, deixando-a mais forte. *Ver também* *cuendillar*.

Poder Único: O poder retirado da Fonte Verdadeira. A grande maioria das pessoas é incapaz de aprender a canalizá-lo. Pouquíssimos podem ser ensinados, e para uma parcela ainda menor não há necessidade de aprendizado, pois tocarão a Fonte Verdadeira e canalizarão o Poder independente da sua vontade, e talvez sequer percebam que o fazem. A habilidade nata geralmente se manifesta no fim da adolescência ou início da idade adulta. Caso não aprendam a controlar, com ajuda ou por si mesmo (algo bem difícil, com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o Tempo da Loucura, homem algum é capaz de canalizar sem enlouquecer de forma terrível e, em seguida, mesmo aprendendo a ter certo controle, morrer de alguma doença degenerativa, que faz com que o portador apodreça ainda vivo. Essa doença é causada, assim como a loucura, pela mácula do Tenebroso em *saidin*. Para uma mulher, a morte oriunda do uso de Poder sem controle é menos terrível, mas igualmente certa. As Aes Sedai buscam meninas com a habilidade inata tanto para salvá-las quanto para aumentar o número de irmãs, e buscam homens capazes de canalizar para impedir as coisas terríveis que farão em sua loucura. *Ver também* canalizar; Tempo da Loucura; Fonte Verdadeira.

Poderes, os Cinco: *Ver* Cinco Poderes.

pouso: Terras dos Ogier. Muitos pousos foram abandonados desde a Ruptura do Mundo. Têm alguma forma de proteção, cuja compreensão se perdeu, de modo que nenhuma Aes Sedai possa canalizar o Poder Único ou sequer sentir a Fonte Verdadeira dentro deles. Tentativas de usar o Poder Único feitas de fora de um *pouso* não terão qualquer efeito no interior. Nenhum Trolloc entra em um pouso, a menos que seja forçado, e mesmo um Myrddraal o fará apenas em caso de extrema necessidade e com grande relutância e desprazer. Até os Amigos das Trevas, caso sejam realmente dedicados, sentem-se desconfortáveis dentro deles.

Povo do Mar: O nome mais adequado é Atha'an Miere. Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam pouco tempo nas ilhas, levando grande parte de suas vidas nos navios. A maioria do comércio marítimo é feita nos navios do Povo do Mar.

Povo Errante: *Ver* *Tuatha'an*.

Praga, a: *Ver* Grande Praga.

Presa do Dragão, a: Uma marca estilizada, geralmente negra, de uma lágrima ao contrário. Feita em uma porta, pode ser uma acusação de que as pessoas daquele lugar praticam o mal ou uma tentativa de atrair a atenção do Tenebroso, e, portanto, o mal, para elas.

Questionadores, os: Ordem dentro dos Filhos da Luz cujos objetivos são descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, seu método usual de interrogatório é a tortura. Costumam agir como se já soubessem a verdade e precisassem apenas de uma confissão. Os Questionadores referem-se a si mesmos como a Mão da Luz, a Mão que desenterra a verdade, e às vezes agem como se fossem completamente independentes dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos. Têm como símbolo o cajado vermelho-sangue de um pastor.

Ragan: Guerreiro shienarano.

Renna: Mulher Seanchan. Uma *sul'dam*. *Ver também* Seanchan; *sul'dam*.

Rhyagelle: Na Língua Antiga, “Os Que Voltam Para Casa” ou “Os Que Chegam em Casa”.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era. Conforme a roda gira, as eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez ele é sujeito a mudanças maiores, mas sempre se trata da mesma Era.

Ruptura do Mundo, a: Durante o Tempo da Loucura, os Aes Sedai, tomados pela loucura e capazes de usar o poder único em um grau que hoje é desconhecido, desfiguraram a terra. Eles causaram grandes terremotos, arrasaram antigas cadeias de montanhas, ergueram terra onde havia oceanos e fizeram os oceanos invadirem a terra. Muitas partes do mundo ficaram

completamente despovoadas, e os sobreviventes se dispersaram como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada em contos, lendas e na História como a Ruptura do Mundo. *Ver também* Tempo da Loucura.

sa'angreal: Objetos que permitem que um indivíduo canalize muito mais do Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém muitíssimo mais poderoso. O volume do poder que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. Remanescentes da Era das Lendas, o segredo de sua fabricação foi perdido. Restam apenas alguns, que são muito mais raros que os *angreal*.

Sabedoria: Nas aldeias, mulher escolhida para participar do Círculo das Mulheres por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como seu bom senso. É uma posição de grande responsabilidade e autoridade, tanto declarada quanto implícita. Geralmente é considerada equivalente ao Prefeito, assim como o Conselho das Mulheres é equivalente ao Conselho da Aldeia. Diferente do Prefeito, a escolha é vitalícia, e é muito raro uma Sabedoria deixar o cargo antes de morrer. Dependendo da região o título pode ser outro, como Guia, Curandeira, Sábia ou Leitora.

Sabiola: Instrumento musical que pode ter seis, dez ou doze cordas. É colocado sobre os joelhos e tocado em pizzicato ou dedilhado.

saidar/saidin: *Ver* Fonte Verdadeira.

Saldaea: Uma das Terras da Fronteira.

Sanche, Siuan: Aes Sedai, ex-membro da Ajah Azul. Elevada a Trono de Amyrlin em 988 NE. O Trono de Amyrlin pertence a todas as Ajahs e a nenhuma.

Seanchan: (1) Descendentes dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth, que voltaram para reclamar as terras de seus antepassados. (2) A terra onde vivem esses descendentes. *Ver também* Hailene; Coreenne; Rhyagelle.

Seandar: Capital de Seanchan, onde a Imperatriz ocupa o Trono de Cristal na Corte das Nove Luas.

Selene: Mulher encontrada durante a viagem a Cairhien.

Senhores do Medo: Homens e mulheres que, capazes de canalizar o Poder Único, passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, agindo como comandantes das forças dos Trollocs.

Setah: Uma Seanchan. Uma *sul'dam*. *Ver também* Seanchan; *sul'dam*.

Shadar Logoth: Cidade abandonada e evitada desde as Guerras dos Trollocs. Seu solo é maculado, nem mesmo uma pedra é segura. *Ver também* Mordeth.

Shai'tan: *Ver* Tenebroso.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, local da prisão do Tenebroso.

Sheriam: Aes Sedai da Ajah Azul. Mestra das Noviças na Torre Branca.

Shienar: Uma das Terras da Fronteira. O símbolo de Shienar é um gavião negro mergulhando no ar.

shoufa: Peça da indumentária Aiel: um pano, geralmente cor de areia ou pedra, que se enrola em torno da cabeça e do pescoço, deixando apenas o rosto à mostra.

sociedades guerreiras dos Aiel: Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das sociedades guerreiras, como os Cães de Pedra, os Escudos Vermelhos e as Donzelas da Lança. Cada sociedade tem seus próprios costumes e, às vezes, deveres específicos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia. Os Cães de Pedra muitas vezes fazem votos de não recuar depois de entrarem em batalha, e perderão até o último homem, se necessário, para cumprir os votos. É frequente os clãs lutarem entre si, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, mesmo que os clãs o façam. Dessa forma, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs, mesmo quando em guerra declarada. *Ver também* Aiel; Deserto Aiel; Far Dareis Mai.

sul'dam: Mulher que passou nos testes para demonstrar que consegue usar o bracelete de um *a'dam* e controlar uma *damane*. *Ver também* *a'dam*; *damane*.

Suroth, Grã-lady: Nobre Seanchan de alta estirpe.

ta'maral'ailen: Na Língua Antiga, “Teia do Destino”. Uma grande mudança no Padrão de uma Era, centrada em uma ou mais pessoas, denominadas *ta'veren*. *Ver também* Padrão de uma Era; *ta'veren*.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vida próximos, ou até mesmo todos os fios de todas as vidas, para formar uma Teia do Destino. *Ver também* Padrão de uma Era.

Tai'shar: Na Língua Antiga, “Sangue Verdadeiro de”.

Tanreall, Artur Paendrag: *Ver* Asa-de-gavião, Artur.

Tar Valon: Cidade em uma ilha do Rio Erinin. Centro do poder das Aes Sedai, onde se localiza a Torre Branca.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Dragão, o; Dragão, Profecias do; Trombeta de Valere.

Tear: Grande cidade portuária no Mar das Tempestades. Capital do país de mesmo nome.

Teia do Destino: *Ver ta'maral'ailen.*

Telamon, Lews Therin : *Ver* Dragão, o.

Tempo da Loucura: Os anos após o contra-ataque do Tenebroso macular a metade masculina da Fonte Verdadeira, quando os Aes Sedai enlouqueceram e causaram a Ruptura do Mundo. Não se sabe a duração exata desse período, mas acredita-se que tenha durado aproximadamente cem anos. Terminou com a morte do último Aes Sedai. *Ver também* Cem Companheiros; Fonte Verdadeira; Poder Único; Ruptura do Mundo.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan: a fonte de todo mal e antítese do Criador. Foi aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador, no momento da criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas.

Tenebroso, nomear o: Dizer o nome verdadeiro do Tenebroso (Shai'tan) atrai sua atenção, trazendo inevitavelmente má sorte, na melhor das hipóteses, e desastres, na pior. Por isso muitos eufemismos são usados, entre os quais Tenebroso, Pai das Mentiras, Cega-vista, Senhor do Túmulo, Pastor da Noite, Veneno do Coração, Presa-do-coração, Queima-grama e Mangra-folha. Diz-se com frequência que alguém que parece chamar o azar está “nomeando o Tenebroso”.

ter'angreal: Qualquer objeto remanescente da Era das Lendas que utilize o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para um determinado objetivo. Por exemplo, um obriga a cumprir os votos feitos com seu auxílio. Alguns são usados pelas Aes Sedai, mas o propósito original é, em grande medida, desconhecido. Alguns matarão qualquer mulher que os use ou destruirão sua habilidade de canalizar. *Ver também* *angreal*; *sa'angreal*.

Terras da Fronteira, as: As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar.

Terras Devastadas: Terras desoladas em torno de Shayol Ghul, além da Grande Praga.

tia avente alantin: Irmão das Árvores.

Tia mi aven Moridin isainde vadin: Na Língua Antiga, “O túmulo não impede o meu chamado”. Inscrição na Trombeta de Valere. *Ver também* Trombeta de Valere.

Tigraine: Como Filha-herdeira de Andor, casou-se com Taringail Damodred, com quem teve um filho, Galadedrid. Seu desaparecimento em 972 NE, logo depois do desaparecimento de seu irmão Luc, na Praga, levou a disputas em Andor, chamadas de A Sucessão, e provocou em Cairhien os eventos que acabariam por levar à Guerra dos Aiel. Tem como símbolo uma mão feminina segurando o ramo espinhoso de uma rosa branca.

Torre Branca: Palácio do Trono de Amyrlin em Tar Valon, e lugar onde as Aes Sedai são treinadas.

Traidor da Esperança: *Ver* Ishamael.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso, criadas durante a Guerra da Sombra. Seres enormes e maléficos ao extremo, são uma mistura distorcida de animais e humanos, e matam pelo puro prazer de matar. Ardilosos, maliciosos e traiçoeiros, só são confiáveis quando governados pelo medo. Os Trollocs se dividem em bandos semelhantes a tribos, dentre elas os Dha'vol, Ko'bal e Dhai'mon.

Trombeta de Valere : Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Dizem poder convocar os heróis mortos para lutar contra a Sombra.

Trono de Amyrlin: (1) Título da líder das Aes Sedai. O Salão da Torre, o mais alto conselho das Aes Sedai, formado por três representantes de cada uma das sete Ajahs (as Votantes), elege uma mulher para esse cargo vitalício. O Trono de Amyrlin tem, ao menos em teoria, autoridade quase suprema entre as Aes Sedai. O status equivale ao de um rei ou rainha. Uma forma de tratamento um pouco menos formal é apenas “Amyrlin”. (2) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

Tuatha'an: Um povo nômade, também conhecido como Latoeiros e Povo Errante, que vive em carroções muito coloridos e segue uma filosofia pacifista chamada Caminho da Folha. Objetos consertados pelos Latoeiros costumam ficar melhores que antes. Estão entre os poucos que conseguem atravessar o Deserto Aiel sem serem molestados, pois os Aiel evitam todo contato com eles.

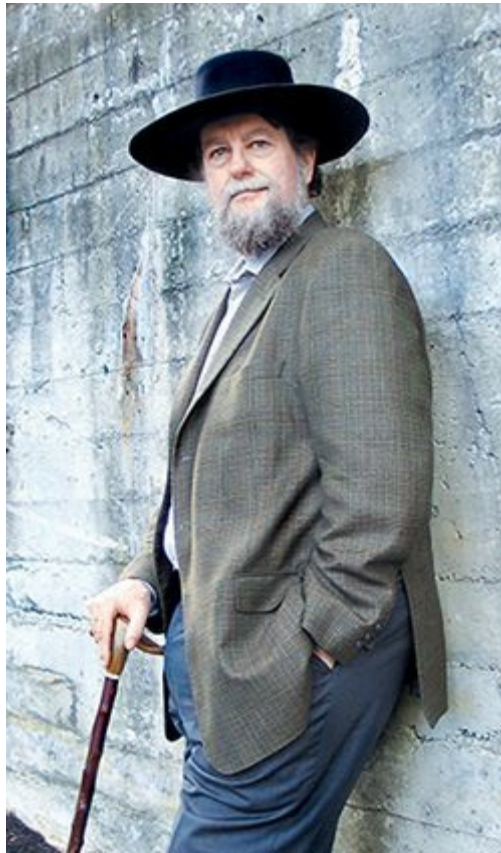
Turak, Grão-lorde da Casa Aladon: Seanchan de alta estirpe, comandante dos Hailene. *Ver também* Seanchan; *Hailene*.

Verin: Aes Sedai da Ajah Marrom.

Vigias das Ondas : Grupo que acredita que os exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth voltarão um dia, e permanece vigilante da cidade de Falme, na Ponta de Toman.

Sobre o autor

©Liza Groen Trombi/Locus Publications



ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 17 de outubro de 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos 5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Julio Verne. Serviu na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *A Grande Caçada* é o segundo dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, considerada a maior e mais elaborada obra de literatura fantástica já criada desde os livros de J.R.R. Tolkien. Robert Jordan morreu em 16 de setembro de 2007.

Conheça a série



O olho do mundo

Acesse o site:

www.intrinseca.com.br/arodadotempo

LIVRO 3 DE A RODA DO TEMPO



ROBERT JORDAN

O DRAGÃO RENASCIDO



"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

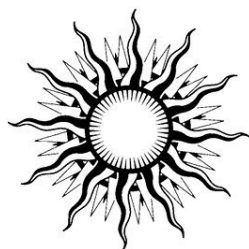
The New York Times



As profecias do Dragão predizem que a Pedra de Tear, a lendária fortaleza, cairá quando Callandor , A Espada Que Não Pode Ser Tocada, for empunhada pelo Dragão. Será um dos sinais de que ele de fato renasceu e que a Última Batalha se aproxima. Rand alThor, recém-proclamado Dragão Renascido, ainda tem dúvidas sobre seu destino, e decide que é hora de partir sozinho em sua jornada.

Enquanto isso, Nynaeve, Egwene e Elayne seguem para Tar Valon, onde Mat precisa ser Curado ou morrerá. Entretanto, com a presença da Ajah Negra na Torre Branca, as jovens logo descobrem que suas próprias vidas correm perigo. Perrin, por sua vez, acompanha Moiraine na busca por Rand. Todos os caminhos parecem levar a Tear, onde o Dragão Renascido enfrentará um desafio que pode pôr tudo a perder.

PRÓLOGO



A Fortaleza da Luz

Os velhos olhos de Pedron Niall examinaram sua sala de audiências particular, mas aqueles olhos escuros, enevoados por pensamentos, não viram coisa alguma. Tapeçarias esfarrapadas, antigos estandartes de batalhas dos inimigos de sua juventude, se fundiam aos painéis de madeira escura assentados às paredes de pedra, que, mesmo ali, no coração da Fortaleza da Luz, eram robustas. A única cadeira do recinto, pesada, de espaldar alto, quase um trono, estava invisível a seus olhos, assim como as poucas mesas espalhadas que completavam o mobiliário. Até o homem de manto branco, com sua avidez mal contida, ajoelhado sobre o sol desenhado nas amplas tábuas no chão, escapou por um instante aos pensamentos de Niall, embora poucos fossem tão rápidos em deixar de lado as notícias que ele trazia.

Jaret Byar teve tempo de se lavar antes de ser levado até Niall, mas tanto o elmo como a armadura estavam sem brilho por causa da viagem e maltratados pelo uso. Olhos escuros e profundos brilhavam com uma luz febril e premente, que parecia ter consumido todo e qualquer pedaço de carne. Ele não portava espada, uma vez que armas não eram permitidas na presença de Niall, mas parecia prestes a cometer uma violência, como um cão esperando ser solto da coleira.

Duas fogueiras em lareiras compridas, nas duas extremidades do aposento, afastavam o frio do fim do inverno. Era uma sala simples e de um estilo militar, na verdade, tudo bem-feito, mas nada extravagante, exceto pelo sol desenhado no chão. A mobília da sala de audiências do Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz era escolhida pelo homem que

assumia o cargo. O sol dourado no piso ficara gasto após gerações de suplicantes, então fora pintado novamente e se gastara mais uma vez. Nele havia ouro suficiente para comprar qualquer estado de Amadícia, junto com o título de nobreza que o acompanhava. Niall passou dez anos caminhando naquele ouro, mas jamais pensou nele duas vezes, não mais do que pensou no sol radiante que adornava seu peitoral por cima da túnica branca. Pedron Niall não se interessava por ouro.

Enfim, ele voltou os olhos para a mesa a seu lado, repleta de mapas, cartas e relatórios espalhados. Três desenhos frouxamente enrolados jaziam entre a desordem. Pegou um, relutante. Não importava qual: todos retratavam a mesma cena, embora por mãos diferentes.

A pele de Niall era fina como pergaminho gasto, contraída e retesada pela idade sobre um corpo que parecia todo feito de ossos e nervos, mas nada havia de frágil nele. Nenhum homem havia ocupado aquela posição antes de ter os cabelos brancos, muito menos um homem mais fraco que as pedras do Domo da Verdade. Ainda assim, ele de súbito se deu conta da velhice da mão que segurava o desenho, e percebeu que precisava ser rápido. O tempo estava se esgotando. *Seu* tempo estava se esgotando. Tinha que ser suficiente. Ele teria que fazer o pouco que lhe restava ser suficiente.

Obrigou-se a desenrolar o pergaminho grosso pela metade, o suficiente para ver o rosto que despertara seu interesse. Os rabiscos de carvão estavam um pouco borrados por conta da viagem nos alforjes, mas o rosto estava nítido. Um jovem de olhos cinza e cabelos ruivos. Parecia alto, mas era difícil ter certeza. À exceção dos cabelos e olhos, o rapaz poderia fixar-se em qualquer cidade sem causar grande alvoroço.

— Este... *garoto* se proclama o Dragão Renascido? — murmurou Niall.

O Dragão. O nome o fez sentir o frio do inverno e da idade. O nome que Lews Therin Telamon usava quando condenou cada homem capaz de canalizar o Poder Único, naquela hora e para sempre, à insanidade e à morte, ele mesmo inclusive. Fazia mais de três mil anos que o orgulho das Aes Sedai e a Guerra da Sombra tinham posto um fim à Era das Lendas. Três mil anos, mas a profecia e a lenda avivavam a lembrança dos homens, traziam ao menos a essência daquela memória, embora os detalhes escapassem. Lews Therin Telamon, o Fratricida. O homem que iniciara a Ruptura do Mundo, quando loucos capazes de liberar o poder que regia o universo derrubaram montanhas e afundaram terras antigas sob os oceanos, quando toda a terra se alterou e todos os que sobreviveram fugiram como bestas diante de fogo. Não terminou até que o último homem Aes Sedai tombasse morto, e uma raça humana dispersa começasse a tentar

reconstruir tudo a partir dos escombros, pelo menos onde havia vestígios de escombros. O acontecimento foi marcado na memória pelas histórias que as mães contavam aos filhos. E, segundo as profecias, o Dragão iria renascer.

Niall não tinha intenção de que o tom fosse interrogativo, mas Byar entendeu assim.

— Sim, meu Senhor Capitão Comandante, é isso mesmo. A loucura do rapaz é pior do que a de qualquer falso Dragão de que já ouvi falar. Milhares já se declararam a favor dele. Tarabon e Arad Doman estão em guerra civil, além de estarem em guerra entre si. As lutas se estendem por toda a Planície de Almoth e a Ponta de Toman, tarabonianos contra domaneses contra Amigos das Trevas, clamando pelo Dragão, pelo menos até o inverno chegar e resfriar quase tudo. Nunca vi algo se alastrar tão depressa, meu Senhor Capitão Comandante. Foi como lançar um archote sobre um monte de feno. A neve talvez os tenha enfraquecido, mas com a primavera as chamas explodirão ainda mais fortes do que antes.

Niall o interrompeu com o dedo em riste. Já era a segunda vez que o deixava contar aquela história, a voz queimando cheia de raiva e ódio. Algumas partes Niall ficara sabendo por outras fontes, e alguns pontos conhecia mais do que Byar, mas a cada vez que escutava, irritava-se outra vez.

— Geofram Bornhald e mil Filhos mortos. Obra das Aes Sedai. Você tem certeza, Filho Byar?

— Certeza absoluta, meu Senhor Capitão Comandante. Depois de um conflito no caminho para Falme, vi duas das bruxas de Tar Valon. Nos custaram mais de cinquenta homens antes que cravássemos nossas flechas nelas.

— Você tem certeza... tem *certeza* de que eram Aes Sedai?

— O chão explodiu sob nossos pés. — A voz de Byar era firme e confiante. Jaret Byar tinha pouca imaginação. A morte era parte da vida de um soldado, independentemente de como ela viesse. — Surgiram raios do céu azul que atingiram nosso grupo. Meu Senhor Capitão Comandante, o que mais poderiam ser?

Niall assentiu com uma careta de desgosto. Não havia homens Aes Sedai desde a Ruptura do Mundo, mas as mulheres que ainda reivindicavam o título eram ruins o bastante. Elas tagarelavam sobre seus Três Juramentos: não pronunciar palavras que não fossem verdadeiras, não fabricar armas para um homem matar outro, usar o Poder Único como arma apenas contra Amigos das Trevas e criaturas da Sombra. No entanto, haviam finalmente

revelado que esses juramentos eram mentiras. Ele sempre soubera que ninguém poderia querer o poder que elas tinham para outra coisa que não desafiar o Criador, o que significava servir ao Tenebroso.

— E você não sabe nada a respeito dos invasores de Falme, que mataram metade de uma das minhas legiões?

— O Senhor Capitão Bornhald disse que eles se autodenominam Seanchan, Senhor Capitão Comandante — afirmou Byar, impassível. — Disse que eram Amigos das Trevas. E a investida dele dominou as forças inimigas, ainda que tenha lhe custado a vida. — Sua voz ganhou intensidade. — Há muitos refugiados de lá. Todos com quem falei concordaram que os forasteiros foram derrotados e fugiram. Foi o Senhor Capitão Bornhald quem os venceu.

Niall deu um leve suspiro. Eram quase as mesmas palavras que Byar havia usado nas duas primeiras vezes que falara a respeito do exército que supostamente surgira do nada para invadir Falme. *Um bom soldado*, pensou Niall, *como Geofram Bornhald sempre disse, mas não um homem capaz de pensar.*

— Meu Senhor Capitão Comandante — começou Byar, de repente —, o Senhor Capitão Bornhald *ordenou* que eu ficasse longe da batalha. Eu estava ali para observar os acontecimentos e relatá-los ao senhor. E também para contar ao filho dele, Lorde Dain, como ele morreu.

— Sim, sim — disse Niall, com impaciência. Estudou o rosto encovado de Byar por um instante, para depois acrescentar: — Ninguém duvida de sua coragem e honestidade. É exatamente o tipo de coisa que Geofram Bornhald faria, lançar-se em uma batalha mesmo temendo que todos os seus homens morressem. — *E não o tipo de coisa que sua imaginação lhe permitiria pensar.*

Não havia mais o que descobrir com aquele homem.

— Você agiu bem, Filho Byar. Tem minha permissão para levar a notícia da morte de Geofram Bornhald a seu filho. Dain Bornhald está com Eamon Valda perto de Tar Valon, segundo o último informe. Pode se juntar a eles.

— Obrigado, meu Senhor Capitão Comandante. Obrigado. — Byar se levantou e fez uma mesura enfática. Porém, hesitou ao endireitar o corpo. — Meu Senhor Capitão Comandante, nós *fomos* traídos. — O ódio o fez falar entre dentes.

— Por esse Amigo das Trevas que mencionou antes, Filho Byar? — Ele não conseguia esconder a rispidez da própria voz. Os planos feitos ao longo de um ano jaziam arruinados entre os corpos de mil Filhos, e Byar só queria

falar sobre aquele homem. — O tal jovem ferreiro que você viu apenas duas vezes, o tal Perrin de Dois Rios?

— Sim, meu Senhor Capitão Comandante. Não sei como, mas sei que ele é o culpado. Eu sei.

— Verei o que pode ser feito a respeito, Filho Byar. — Byar abriu a boca mais uma vez, mas Niall levantou a mão, interrompendo-o. — Está dispensado.

O homem de rosto abatido não teve escolha a não ser fazer outra medida e sair.

Quando a porta se fechou atrás dele, Niall largou-se na cadeira de espaldar alto. O que haveria provocado o ódio de Byar pelo tal Perrin? Havia muitos Amigos das Trevas para alguém gastar tanta energia odiando um em particular. Amigos das Trevas demais, espalhados pelo mundo, escondidos por trás de palavras amáveis e sorrisos abertos, servindo ao Tenebroso. Ainda assim, um nome a mais na lista não faria mal algum.

Ele mudou de posição na cadeira dura, tentando dar algum conforto aos velhos ossos. Considerou vagamente, não pela primeira vez, que uma almofada talvez não fosse luxo demais. E não pela primeira vez, afastou o pensamento. O mundo despencava para o caos, e não havia tempo para se render à idade.

Deixou todos os sinais que prenunciavam o desastre correrem por sua mente. Tarabon e Arad Doman estavam em guerra, enquanto Cairhien passava por uma guerra civil, e um princípio de confronto ganhava contorno entre Tear e Illian, que já eram velhas inimigas. Talvez aquelas guerras não significassem nada sozinhas, pois os homens lutavam sempre, mas em geral ocorria uma de cada vez. E, além do falso Dragão em algum lugar da Planície de Almoth, outro assolava Saldaea, e um terceiro atingia Tear. Três de uma só vez. *Todos devem ser falsos Dragões. Têm que ser!*

Além disso, havia pequenas coisas, algumas talvez apenas rumores infundados, mas que, somadas ao resto... Aiel vistos bem a oeste, em Murandy e Kandor. Apenas dois ou três em cada lugar, mas, fossem um ou mil, era a primeira vez em todos os anos desde a Ruptura que os Aiel saíam do Deserto. Eles haviam posto os pés para fora daquele deserto ermo apenas durante a Guerra dos Aiel. Dizia-se que os Atha'an Miere, o Povo do Mar, andavam abrindo mão de negócios para ir em busca de sinais e presságios — quais exatamente, não diziam — e viajavam em navios com metade da tripulação ou mesmo sem ninguém. Illian convocara a Grande Caçada à Trombeta pela primeira vez em quase quatrocentos anos e enviara os Caçadores em busca da lendária Trombeta de Valere, que,

segundo as profecias invocaria os heróis mortos de seus túmulos para lutar em Tarmon Gai'don, a Última Batalha contra a Sombra. Segundo rumores, os Ogier, sempre tão reclusos que a maioria do povo comum pensava que eram apenas uma lenda, haviam convocado reuniões entre cada um de seus pousos remotos.

E o mais impressionante de tudo, para Niall, era que as Aes Sedai pareciam ter revelado suas intenções. Diziam que elas haviam enviado algumas irmãs à Saldaea, para enfrentar o falso Dragão Mazrim Taim. Por mais raro que aquilo fosse entre os homens, Taim era capaz de canalizar o Poder Único. O que era, por si só, algo a temer e desprezar. Mas poucos pensavam que um homem como aquele poderia ser derrotado sem a ajuda das Aes Sedai. Era melhor deixá-las ajudarem do que enfrentar os horrores inevitáveis quando ele enlouquecesse, como sempre acontecia. Porém, parecia que Tar Valon enviara outras Aes Sedai para apoiar o outro falso Dragão em Falme. Nada mais fazia sentido.

O padrão o arrepiou até os ossos. O caos se multiplicava, acontecimentos dos quais jamais se ouvira passavam a ocorrer repetidas vezes. O mundo inteiro parecia estar em um redemoinho, se remexendo, prestes a entrar em ebulição. Estava muito claro para ele. A Última Batalha se aproximava.

Todos os seus planos estavam destruídos, planos que garantiriam que seu nome fosse repetido entre os Filhos da Luz por uma centena de gerações. No entanto, inquietude era sinônimo de oportunidades, e ele tinha novos planos, com novos objetivos. Se fosse capaz de manter as forças e a determinação para levá-los até o fim. *Luz, deixe-me continuar vivo por tempo suficiente.*

Uma batida respeitosa na porta o tirou dos pensamentos sombrios.

— Entre! — ordenou, com rispidez.

Um servo de casaco e calças de tecido branco e dourado fez uma medida e entrou. Com os olhos baixos, anunciou que Jaichim Carridin, Ungido pela Luz, Inquisidor da Mão da Luz, viera a mando do Senhor Capitão Comandante. Carridin surgiu logo atrás do homem, sem esperar que Niall respondesse. O homem dispensou o servo com um gesto.

Antes que a porta se fechasse por completo, Carridin se abaixou, apoiando-se em um dos joelhos, e fez um floreio com o manto branco. Por trás do sol na frente do manto, jazia o cajado escarlate da Mão da Luz, símbolo do grupo que muitos chamavam de Questionadores, embora não diante de um deles.

— Como o senhor ordenou minha presença, meu Senhor Capitão Comandante — disse, com a voz grave —, retornei de Tarabon.

Niall o analisou por um instante. Carridin era alto, já estava na meia-idade e tinha cabelos levemente grisalhos, mas era forte e vigoroso. Os olhos escuros e profundos pareciam, como sempre, perspicazes. E não piscavam sob o exame silencioso do Senhor Capitão Comandante. Poucos homens tinham uma consciência tão tranquila ou tanta serenidade. Carridin permanecia ajoelhado, aguardando com calma, como se fosse parte do cotidiano receber uma ordem ríspida para deixar o comando e retornar a Amador sem demora, sem explicações. No entanto, também dizia-se que Jaichim Carridin podia ser mais impassível que uma pedra.

— Levante-se, Filho Carridin. — Enquanto o homem se erguia, Niall acrescentou: — Recebi notícias inquietantes de Falme.

Carridin ajeitou as dobras do manto enquanto respondia. Sua voz beirava o limite do respeito apropriado, quase como se conversasse de igual para igual, não com o homem a quem havia jurado obediência até a morte.

— Meu Senhor Capitão Comandante se refere às notícias trazidas pelo Filho Jaret Byar, segundo no comando do Senhor Capitão Bornhald.

O canto do olho esquerdo de Niall tremulou, um prenúncio conhecido de fúria. Supostamente apenas três homens estavam cientes de que Byar estava em Amador, e ninguém além de Niall sabia de onde ele viera.

— Não seja tão astuto, Carridin — respondeu. — Seu desejo em saber tudo pode um dia levá-lo às mãos de seus próprios Questionadores.

Ao ouvir aquele nome, Carridin não esboçou reação além de um leve comprimir dos lábios.

— Meu Senhor Capitão Comandante, a Mão persegue a verdade em todos os lugares, para servir à Luz.

Para servir à Luz. Não para servir aos Filhos da Luz. Todos os Filhos serviam à Luz, mas Pedron Niall se perguntava com frequência se os Questionadores de fato se consideravam parte dos Filhos.

— E que verdade você traz para mim a respeito do que ocorreu em Falme? — perguntou Niall.

— Amigos das Trevas, Senhor Capitão Comandante.

— Amigos das Trevas? — A risada de Niall não esboçou qualquer alegria. — Há algumas semanas, recebi relatórios seus informando que Geofram Bornhald era um servo do Tenebroso por ter contrariado suas ordens e deslocado soldados para a Ponta de Toman. — A voz ganhou um tom brando perigoso. — Agora quer que eu acredite que Bornhald, um

Amigo das Trevas, levou mil Filhos da Luz à morte em uma luta contra outros Amigos das Trevas?

— Se ele era ou não Amigo das Trevas, jamais saberemos — retrucou Carridin, impassível —, pois morreu antes de ser questionado a respeito. As tramas da Sombra são obscuras, e com frequência parecem insensatas aos que caminham na Luz. Mas que a invasão de Falme foi arquitetada por Amigos das Trevas, disso não tenho dúvidas. Amigos das Trevas e Aes Sedai, em prol de um falso Dragão. Foi o Poder Único que destruiu Bornhald e seus homens, estou certo disso, Senhor Capitão Comandante. Assim como foi o Poder Único que destruiu os exércitos que Tarabon e Arad Doman enviaram a Falme para combater os Amigos das Trevas.

— E quanto às histórias de que os invasores de Falme cruzaram o Oceano de Aryth?

Carridin negou com a cabeça.

— Meu Senhor Capitão Comandante, o povo vive inventando rumores. Alguns alegam que era o exército enviado por Artur Asa-de-gavião para cruzar o oceano, mil anos atrás, voltando para reivindicar a terra. Ora, alguns alegam terem visto Asa-de-gavião em pessoa, em Falme. E mais metade dos heróis lendários. O oeste está fervilhando, de Tarabon a Saldaea, e uma centena de rumores novos brotam todos os dias, cada um mais ultrajante que o outro. Esses tais Seanchan eram apenas mais uma escória de Amigos das Trevas reunidos para defender um falso Dragão, só que dessa vez com o apoio declarado das Aes Sedai.

— Que provas você tem disso? — Niall fez a voz soar como se duvidasse daquilo. — Tem algum prisioneiro?

— Não, Senhor Capitão Comandante. Como o Filho Byar sem dúvida lhe informou, Bornhald fez com que se dispersassem. E certamente ninguém que interrogamos admitiria ter lutado por um falso Dragão. Quanto às provas... eu as trago em duas partes. O Senhor Capitão Comandante me permite?

Niall gesticulou com impaciência.

— A primeira parte é negativa — prosseguiu Carridin. — Poucos navios tentaram cruzar o Oceano de Aryth, e a maioria jamais retornou. Os que tentaram voltaram antes que acabassem a água e a comida. Nem mesmo o Povo do Mar cruza Aryth, e eles navegam para qualquer terra onde haja negócios, mesmo que fiquem depois do Deserto Aiel. Meu Senhor Capitão Comandante, se *há* terras do outro lado do oceano, elas são muito distantes, e o oceano é muito vasto. Cruzá-lo com um exército seria tão impossível quanto voar.

— Talvez — respondeu Niall, devagar. — Faz sentido, sem dúvida. Qual é a segunda parte?

— Senhor Capitão Comandante, muitos dos que interrogamos mencionaram monstros lutando ao lado dos Amigos das Trevas e mantiveram a palavra até o fim do interrogatório. O que poderiam ser, além de Trollocs e outras criaturas da Sombra que conseguiram dar um jeito de escapar da Praga? — Carridin estendeu as mãos, como se aquilo fosse uma prova conclusiva. — A maioria das pessoas pensa que Trollocs não passam de mentiras e histórias de viajantes, e quase todo o restante acredita que foram todos mortos nas Guerras dos Trollocs. Caso vissem um Trolloc, como o descreveriam, se não como um “monstro”?

— Sim. Sim, talvez você esteja certo, Filho Carridin. Talvez, é o que eu digo. — Não daria a Carridin a satisfação de saber que concordava. *Deixe-o suar um pouco.* — Mas e ele? — Niall apontou para os desenhos enrolados. Se bem conhecia Carridin, o Inquisidor tinha algumas cópias em seus próprios aposentos. — Ele é muito perigoso? É capaz de canalizar o Poder Único?

O Inquisidor apenas deu de ombros.

— Talvez seja, talvez não. Se quisessem, as Aes Sedai sem dúvida fariam o povo acreditar que até um gato é capaz de canalizar. Quanto a ser perigoso... qualquer falso Dragão é perigoso até ser abatido, e um com o apoio de Tar Valon é dez vezes mais. Porém é menos agora do que será daqui a meio ano, se não for controlado. Os prisioneiros que interroguei nunca o tinham visto, nem faziam ideia de onde está agora. Suas forças estão divididas. Duvido que haja mais de duzentos homens reunidos em um só lugar. Tanto tarabonianos quanto domaneses poderiam cuidar dele, se não estivessem tão ocupados lutando um contra o outro.

— Nem um falso Dragão é o bastante para fazê-los esquecer quatrocentos anos de disputa pela posse da Planície de Almoth — comentou Niall, secamente. — Como se algum deles tivesse força para manter o domínio sobre ela.

O rosto de Carridin não se alterou, e Niall se perguntou como ele conseguia permanecer tão calmo. *Essa calma não vai durar muito, Questionador.*

— Isso não tem importância, Senhor Capitão Comandante. O inverno mantém todos em seus acampamentos, exceto por alguns conflitos e ataques isolados. Quando o tempo esquentar o suficiente para as tropas se deslocarem... Bornhald levou apenas metade de sua legião à morte, na

Ponta de Toman. Com a outra metade, caçarei este falso Dragão até a morte. Um cadáver não oferece perigo a ninguém.

— E se você enfrentar o mesmo que Bornhald parece ter enfrentado? Aes Sedai canalizando o Poder para matar?

— A bruxaria delas não as protege de flechadas, nem de uma facada na escuridão. Morrem tão rápido quanto qualquer um. — Carridin sorriu. — Eu prometo, terei sucesso antes do verão.

Niall assentiu. O homem estava confiante. Sem dúvidas pensava que as perguntas mais perigosas já teriam chegado, se estivessem a caminho. *Você deveria ter se lembrado, Carridin, de que fui considerado um excelente estrategista.*

— Por que — continuou o interrogatório, muito calmamente — você não levou suas próprias forças até Falme? Com os Amigos das Trevas na Ponta de Toman, invadindo o lugar com um exército, por que tentou deter Bornhald?

Carridin piscou, mas manteve a voz firme.

— No início eram apenas rumores, Senhor Capitão Comandante. Rumores tão bárbaros que ninguém podia acreditar. No momento em que descobri a verdade, Bornhald já havia entrado em batalha. Estava morto, e as forças dos Amigos das Trevas, dispersas. Além do mais, eu estava incumbido de levar a Luz à Planície de Almoth. Não podia desobedecer às ordens por conta de alguns rumores.

— Incumbido? — perguntou Niall, a voz se erguendo enquanto ficava de pé. Carridin era uma cabeça mais alto que ele, mas o Inquisidor recuou um passo. — Incumbido? Você estava incumbido de tomar a Planície de Almoth! Uma porcaria que não pertence a ninguém, exceto por palavras e papéis, e sua única tarefa era tomá-la. A nação de Almoth teria revivido, governada pelos Filhos da Luz, sem precisar adular um rei idiota. Amadícia e Almoth, seria fácil agarrar Tarabon. Em cinco anos, teríamos tanta influência lá quanto temos aqui em Amadícia. E você estragou tudo!

Enfim o sorriso se foi.

— Senhor Capitão Comandante — protestou Carridin —, como eu poderia prever os acontecimentos? Mais um falso Dragão. Tarabon e Arad Doman finalmente entraram em guerra, após tanto tempo rosnando uma para a outra. E Aes Sedai revelaram suas verdadeiras faces depois de três mil anos de disfarces! Mesmo assim, entretanto, nem tudo está perdido. Posso encontrar e destruir esse falso Dragão antes que seus seguidores se reúnam. E, quando os tarabonianos e domaneses estiverem enfraquecidos, poderão ser expulsos da planície sem...

— Não! — gritou Niall. — Seus planos terminam por aqui, Carridin. Talvez eu deva entregá-lo a seus próprios Questionadores agora mesmo. O Grão-inquisidor não faria objeção. Está rangendo os dentes, doido para apontar um culpado por tudo o que aconteceu. Ele jamais entregaria um dos seus, mas duvido que protestaria se eu mencionasse seu nome. Alguns dias de interrogatório e você confessaria qualquer coisa. Chamaria a si mesmo de Amigos das Trevas, inclusive. Em uma semana, teria uma bela visão da sombra do machado do carrasco.

O suor brotava na testa de Carridin.

— Senhor Capitão Comandante... — Ele hesitou e engoliu em seco. — Senhor Capitão Comandante parece afirmar que há outra maneira. Basta dizer qual, e juro obedecê-lo.

Agora, pensou Niall. Jogue os dados agora. Uma comichão percorreu sua pele, como se ele estivesse em plena batalha e de súbito percebesse que cada homem a cem passos de distância era um inimigo. Capitães Comandantes não eram executados pelo machado do carrasco, no entanto mais de um morrera de forma inesperada, para então ser rapidamente pranteado e rapidamente substituído por homens de ideias menos controversas.

— Filho Carridin — começou, com a voz firme —, você deverá garantir que esse falso Dragão não morra. E, caso qualquer Aes Sedai se oponha a ele em vez de protegê-lo, pode lançar mão da velha “facada na escuridão”.

O Inquisidor ficou boquiaberto. Contudo, recuperou-se depressa, lançando a Niall um olhar especulativo.

— Matar Aes Sedai é um dever, mas... permitir que um falso Dragão saia por aí? Isso... isso seria... traição. E blasfêmia.

Niall respirou fundo. Podia sentir as facas invisíveis à espreita em meio às sombras. Mas era tarde demais para recuar.

— Não é traição fazer o que precisa ser feito. E mesmo a blasfêmia pode ser tolerada em prol de uma causa. — Essas duas frases, por si só, eram suficientes para matá-lo. — Você sabe como reunir seguidores, Carridin? Sabe qual é a maneira mais rápida? Não? Solte um leão, um leão raivoso, no meio da rua. Quando todos forem tomados pelo pânico, quando todos estiverem com as calças borradas, diga calmamente que você resolverá o problema. Depois mate o leão e ordene que pendurem a carcaça onde todos possam ver. Antes que tenham tempo de pensar, dê outra ordem, e ela será obedecida. Então, se continuar a dar ordens, eles continuarão a obedecê-las, pois você será o homem que salvou suas vidas, e quem melhor para liderá-los?

Carridin moveu a cabeça, confuso.

— O senhor planeja... tomar tudo, Senhor Capitão Comandante? Não só a Planície de Almoth, mas também Tarabon e Arad Doman?

— O que tenho em mente é problema meu. O seu é obedecer conforme o juramento que fez. Espero ter notícias de mensageiros em cavalos velozes partindo para as planícies hoje à noite. Estou certo de que você sabe como emitir as ordens de modo que ninguém suspeite do que não deve. Se tiver que destruir alguém, que sejam tarabonianos e domaneses. Não seria nada bom se eles matassem meu leão. Não, sob a Luz, devemos forçar a paz entre eles.

— Como meu Senhor Capitão Comandante ordenar — disse Carridin, com a voz suave. — Eu escuto e obedeco. — Suave demais.

Niall deu um sorriso frio.

— Caso seu juramento não tenha força o bastante, saiba de uma coisa. Se esse falso Dragão morrer antes que eu ordene, ou se for levado pelas bruxas de Tar Valon, você acordará uma bela manhã com uma adaga cravada no coração. E se qualquer... acidente... me acontecer, ou mesmo que eu morra de velhice, você não durará um mês.

— Senhor Capitão Comandante, eu jurei obedecer...

— Jurou, mesmo — interrompeu-o Niall. — Lembre-se disso. Agora vá!

— Como meu Senhor Capitão Comandante ordenar. — Dessa vez a voz de Carridin não mostrava tanta firmeza.

A porta se fechou atrás do Inquisidor. Niall esfregou as mãos. Sentia frio. Os dados estavam rolando, e não havia como dizer que face mostrariam ao parar. A Última Batalha decerto estava próxima. Não a lendária Tarmon Gai'don, com o Tenebroso se libertando para enfrentar o Dragão Renascido. Não, ele estava certo. Os Aes Sedai da Era das Lendas podem ter aberto um buraco na prisão do Tenebroso em Shayol Ghul, mas Lews Therin Fratricida e seus Cem Companheiros a selaram outra vez. O contra-ataque havia maculado a metade masculina da Fonte Verdadeira para sempre e os deixado todos loucos, e assim teve início a Ruptura. Mas um desses antigos Aes Sedai era capaz de fazer sozinho o que dez bruxas de Tar Valon dos dias atuais juntas jamais conseguiriam. Os selos que eles fizeram aguentariam.

Pedron Niall era um homem de lógica calculista, e havia chegado a uma conclusão sobre como seria Tarmon Gai'don. Hordas de Trollocs marchariam da Grande Praga em direção ao sul, como nas Guerras dos Trollocs dois mil anos antes, sob o comando de Myrddraal, os Meios-homens, e talvez até de novos Senhores do Medo humanos surgidos entre

os Amigos das Trevas. A humanidade, dividida entre nações em guerra, não poderia oferecer resistência. Mas ele, Pedron Niall, uniria os homens sob o estandarte dos Filhos da Luz. Novas lendas surgiriam para contar como Pedron Niall lutara em Tarmon Gai'don e vencera.

— Primeiro — murmurou —, solte um leão raivoso no meio da rua.

— Um leão raivoso?

Niall deu meia-volta, e um homenzinho ossudo com um nariz enorme aquilino deslizou por detrás de um dos estandartes pendurados. Houve apenas o vaivém de um painel se fechando quando o estandarte caiu de volta na parede.

— Eu lhe mostrei essa passagem, Ordeith — rosnou Niall —, para que você entrasse quando eu o chamasse sem que metade da fortaleza tomasse conhecimento, e não para que escutasse minhas conversas particulares.

Ordeith fez uma reverência suave ao cruzar o aposento.

— Escutar, Grande Senhor? Eu jamais faria tal coisa. Cheguei neste instante e não pude deixar de ouvir suas palavras finais. Nada mais que isso. — O sujeito tinha um sorriso meio zombeteiro que Niall jamais vira deixar seu rosto, mesmo quando não havia razão para desconfiar de que alguém o estivesse observando.

Um mês antes, em pleno inverno, o homenzinho desengonçado chegara a Amadícia, em farrapos e quase congelado, e dera um jeito de levar na lábia todas as camadas de sentinelas até chegar a Pedron Niall em pessoa. Parecia saber coisas sobre os eventos na Ponta de Toman que não constavam nos relatórios extensos, embora obscuros, de Carridin, e muito menos nas histórias de Byar ou em qualquer outro comunicado ou rumor que tivesse chegado a Niall. Seu nome era falso, naturalmente. Na língua antiga, Ordeith significava “amargura”. Contudo, quando Niall o questionou a respeito, o homem disse apenas: “Quem fomos está perdido aos homens, e a vida é amarga.” Mas o sujeito era sagaz. Fora ele quem havia ajudado Niall a perceber o padrão que emergia nos eventos.

Ordeith andou até a mesa e pegou um dos desenhos. Ao desenrolá-lo, revelou o rosto do jovem rapaz e abriu ainda mais o sorriso, quase fazendo uma careta.

Niall ainda estava irritado com o homem que entrara sem ser chamado.

— Você acha engraçado um falso Dragão, Ordeith, ou ele o assusta?

— Um falso Dragão? — perguntou Ordeith, baixinho. — Sim. Sim, é claro, deve ser. Quem mais poderia ser? — Ele soltou uma risada estridente que deu nos nervos de Niall. Às vezes, o homem pensava que Ordeith era no mínimo um pouco louco.

Mas, louco ou não, o sujeito é esperto.

— O que quer dizer, Ordeith? Parece que você o conhece.

Ordeith levou um susto, como se tivesse se esquecido da presença do Senhor Capitão Comandante.

— Que eu o conheço? Ah, sim, eu o conheço. Seu nome é Rand al'Thor. Ele é de Dois Rios, no interior de Andor, e é um Amigo das Trevas tão enterrado na Sombra que faria a alma do senhor se encolher de medo.

— Dois Rios — comentou Niall, pensativo. — Alguém mencionou outro Amigo das Trevas de lá, outro jovem. É estranho pensar que Amigos das Trevas venham de um lugar como aquele. Mas a verdade é que eles estão em toda parte.

— Outro, Grande Senhor? — perguntou Ordeith. — De Dois Rios? Seria Matrim Cauthon ou Perrin Aybara? A idade desses dois é próxima à dele, e a maldade não fica muito atrás.

— O nome mencionado foi Perrin — respondeu Niall, franzindo a testa. — Três deles, você disse? De Dois Rios sai apenas lã e tabaco. Duvido que haja lugar mais isolado do resto do mundo ainda habitado por homens.

— Em uma cidade, os Amigos das Trevas precisam esconder sua natureza. Afinal, têm que se relacionar com outras pessoas e estranhos que vêm de fora e partem para contar o que viram. No entanto, em aldeias tranquilas, afastadas do mundo, onde poucos forasteiros aparecem... que melhor lugar há para todos serem Amigos das Trevas?

— Como é que você sabe os nomes de três Amigos das Trevas, Ordeith? Três Amigos das Trevas vindos do fim do mundo. Você guarda muitos segredos, Amargura, e tira da manga mais surpresas que um menestrel.

— Como pode um homem contar *tudo* o que sabe, Grande Senhor? — retrucou o homenzinho, com delicadeza. — Até terem alguma utilidade, seriam apenas tagarelices. Eu lhe direi uma coisa, Grande Senhor. Esse Rand al'Thor, esse Dragão, tem raízes profundas em Dois Rios.

— Falso Dragão! — reforçou Niall, com rispidez, e o outro se curvou.

— É claro, Grande Senhor. Eu falei errado.

De repente, Niall percebeu que o desenho nas mãos de Ordeith estava amassado e rasgado. Mesmo ao manter o semblante tranquilo, exceto por um sorriso irônico, as mãos dele se contorciam convulsivamente enquanto seguravam o pergaminho.

— Pare com isso! — ordenou Niall. Ele tomou o desenho de Ordeith e o desamassou o quanto foi possível. — Eu não tenho imagens desse homem sobrando para permitir que uma delas seja destruída assim. — O desenho

estava quase todo borrado, e um rasgo atravessara o peito do rapaz, mas, por milagre, o rosto estava intacto.

— Peço perdão, Grande Senhor. — Ordeith fez uma medida profunda, sem jamais abandonar o sorriso. — Eu odeio os Amigos das Trevas.

Niall examinou o rosto desenhado a carvão. *Rand al'Thor, de Dois Rios.*

— Talvez eu deva fazer planos para Dois Rios. Quando a neve derreter. Talvez.

— Como o Grande Senhor quiser — respondeu Ordeith em tom inexpressivo.

* * *

A careta no rosto de Carridin, que percorria os corredores da Fortaleza a passos largos, fez os outros homens o evitarem, embora poucos buscassem a companhia de Questionadores. Os servos, apressados em suas tarefas, tentavam desaparecer por entre as paredes de pedra, e até os homens que ostentavam insígnias douradas nos mantos brancos decidiam pegar outro corredor ao se deparar com ele.

Ele abriu a porta de seus aposentos com um tranco e a fechou com força atrás de si, sem sentir nada da satisfação habitual ao ver os finos carpetes de Tarabon e Tear em exuberantes tons de vermelho, dourado e azul, os espelhos chanfrados de Illian, a longa mesa folheada a ouro e repleta de entalhes intrincados que ficava no centro da sala. Um mestre artesão de Lugard havia trabalhado nela por quase um ano. Ele mal reparou na mesa.

— Sharbon! — Seu camareiro não apareceu. O homem devia estar aprontando os quartos. — Que a Luz o queime, Sharbon! Onde foi que você se meteu?

Ele viu um movimento pelo canto do olho e se virou, pronto para fazer Sharbon murchar com seus xingamentos. Os próprios xingamentos murcharam quando um Myrddraal deu outro passo em sua direção, com a graça sinuosa de uma serpente.

Tinha a forma de um homem, não maior que a maioria, mas a semelhança terminava ali. As roupas e o manto negros, que quase não se agitavam quando ele se mexia, faziam a pele branca como uma larva parecer ainda mais pálida. E ele não tinha olhos. Aquele olhar sem olhos encheu Carridin de medo, como já fizera com milhares de outros.

— O que... — Carridin parou para molhar os lábios e tentar ajustar o tom de voz. — O que você está fazendo aqui? — Ainda soava estridente.

Os lábios lívidos do Meio-homem se arreganharam em um sorriso.

— Posso caminhar por onde houver sombra. — Sua voz era como o farfalhar de uma cobra por cima de folhas mortas. — Gosto de observar todos que me servem.

— Eu sir...

Era inútil. Com dificuldade, Carridin desviou os olhos daquele rosto liso, pálido e desbotado e virou as costas. Um arrepio o percorreu por dar as costas a um Myrddraal. Ele via tudo com nitidez no espelho da parede à sua frente. Tudo, menos o Meio-homem. O Myrddraal era um borrão indistinto. Nada confortável de encarar, mas melhor que enfrentar aquele olhar. Carridin recobrou um pouco de força na voz.

— Eu sirvo ao...

Ele parou e de repente se deu conta de onde estava. No coração da Fortaleza da Luz. Bastaria um rumor de que sussurrara as palavras que estava prestes a proferir para entregá-lo à Mão da Luz. O Filho mais baixo na hierarquia o mataria ali mesmo se o ouvisse. Estava sozinho, exceto pelo Myrddraal e, talvez, Sharbon — *Onde está esse desgraçado?* Seria bom ter alguém com quem compartilhar o olhar do Meio-homem, mesmo que precisasse se livrar dele em seguida —, mas ainda assim baixou a voz e disse:

— Eu sirvo ao Grande Senhor das Trevas, assim como o senhor. Ambos servimos.

— Se deseja ver dessa forma. — O Myrddraal riu, um som que fez Carridin estremecer até os ossos. — Ainda assim, quero saber por que está aqui e não na Planície de Almoth.

— Eu... vim até aqui por ordem do Senhor Capitão Comandante.

O Myrddraal se irritou.

— As palavras do seu Senhor Capitão Comandante são esterco! A ordem foi encontrar e matar o humano chamado Rand al'Thor. Isso antes de qualquer coisa. Antes de qualquer coisa! Por que não está obedecendo?

Carridin respirou fundo. Aquele olhar em suas costas era como o fio de uma faca raspando sua coluna.

— As coisas... mudaram. Algumas questões já não estão tanto sob meu controle quanto antes.

Um arranhão forte e áspero o fez virar a cabeça em um impulso.

O Myrddraal arrastava uma das mãos pela superfície da mesa, arrancando lascas finas de madeira.

— Nada mudou, humano. Você renunciou a seus juramentos à Luz e fez novos, e é a esses que deve obedecer.

Carridin assustou-se com os cinzéis que arruinavam a madeira polida e engoliu em seco.

— Não compreendo. Por que de repente é tão importante matar esse homem? Pensei que o Grande Senhor das Trevas pretendesse usá-lo.

— Está me questionando? Eu deveria arrancar sua língua. Seu papel não é questionar. Nem entender. Seu papel é obedecer! Sua obediência deverá servir de exemplo aos cães. Está *entendendo*? Ajoelhe-se, cão, e obedeça a seu mestre.

A raiva subiu rastejando por cima do medo, e Carridin tateou o lado do corpo com a mão, mas sua espada não estava lá. Estava no quarto ao lado, onde a deixara antes de atender ao chamado de Pedron Niall.

O Myrddraal foi mais rápido que uma víbora dando o bote. Carridin abriu a boca para gritar assim que a mão esmagou seu pulso. Os ossos quase se partiram, enviando ondas de dor pelo braço inteiro. No entanto, o grito jamais saiu de sua boca, pois o Meio-homem agarrou seu queixo com a outra mão e fechou sua mandíbula à força. Seus calcanhares se elevaram, depois os dedos dos pés deixaram o chão. Grunhindo e gorgolejando, ele balançava, suspenso pelo punho do Myrddraal.

— Ouça bem, humano. Você encontrará esse jovem e o matará o mais rápido possível. Não pense que pode me enganar. Há outros *Filhos* que me contarão se você se desviar de seu propósito. Mas lhe darei um incentivo. Se Rand al'Thor não estiver morto dentro de um mês, levarei alguém do seu sangue. Um filho, uma filha, uma irmã, um tio. Você só saberá quem quando o escolhido gritar até a morte. Se ele viver por mais um mês depois disso, levarei mais um. E então outro, e outro. E, quando não houver mais ninguém de seu sangue, se ele ainda estiver vivo, levarei você a Shayol Ghul. — Ele sorriu. — Passará anos à beira da morte, humano. Está me entendendo agora?

Carridin emitiu um som que era metade gemido, metade lamúria. Pensou que fosse quebrar o pescoço.

Com um rosnado, o Myrddraal o arremessou do outro lado do aposento. Carridin bateu na parede e deslizou até o tapete, atordoados. Com a cara no chão, lutou para respirar.

— Está me entendendo, humano?

— Eu... eu ouço e obedeço — conseguiu dizer Carridin, com a cara enfiada no tapete. Não houve resposta.

Ele virou a cabeça, encolhendo-se pela dor no pescoço. Não havia mais ninguém no recinto. Meios-homens cavalgavam as sombras como cavalos, diziam as lendas, e desapareciam quando se viravam de lado. Nenhuma

parede era capaz de detê-los. Carridin quis chorar. Levantou-se, maldizendo a físgada de dor no pulso.

A porta se abriu, e Sharbon adentrou depressa, um homem roliço com um cesto nos braços. Ele parou e encarou Carridin.

— Mestre, o senhor está bem? Perdoe-me por não estar aqui, mestre, mas fui comprar frutas para seu...

Com a mão boa, Carridin acertou o cesto que Sharbon segurava, fazendo as maçãs de inverno mirradas rolarem pelo tapete, e deu um tapa no rosto do homem.

— Perdoe-me, mestre — sussurrou Sharbon.

— Traga papel, caneta e tinta — rosnou Carridin. — Ande logo, seu idiota! Preciso enviar algumas ordens. — *Mas quais? Quais?* Enquanto Sharbon corria para obedecê-lo, Carridin encarou as marcas no tampo da mesa e estremeceu.

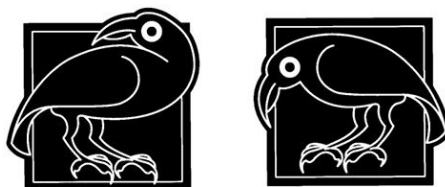


E muitos serão seus caminhos, e muitos saberão seu nome, pois muitas vezes ele renascerá entre nós, sob diversas formas, como foi e sempre será, tempo sem fim. Sua vinda será como a ponta afiada do arado, revirando e sulcando nossas vidas a começar do ponto onde jazemos em silêncio. O destruidor de elos, o forjador de correntes. O fazedor de futuros, o desmoldador do destino.

(De *Comentários sobre as Profecias do Dragão*, Jurith Dorine, braço direito da Rainha de Almoren, 742 DR, a Terceira Era)



CAPÍTULO 1



À Espera

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que lhes deu origem retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu nas Montanhas da Névoa. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

O vento varria extensos vales, vales sombrios onde a bruma da manhã pairava, suspensa no ar, uns repletos de árvores perenes, outros nus, onde capim e flores silvestres em breve brotariam. Silvava por ruínas semienterradas e monumentos destruídos, todos tão esquecidos quanto aqueles que os haviam erguido. Gemia nas passagens, fissuras abertas pelo tempo entre picos cobertos de neve que jamais derretia. Nuvens espessas agarravam-se ao cume das montanhas, fazendo a neve e o nevoeiro branco se tornarem um.

Nas planícies, o inverno estava terminando ou prestes a terminar, embora ali nas alturas ainda resistisse, forrando as encostas com largos retalhos brancos. Apenas as árvores perenes mantinham as folhas, todas as outras permaneciam nuas, marrons e cinzentas, junto ao solo pedregoso ainda congelado. Não havia som além das rajadas cortantes de vento sobre a neve e as pedras. A terra parecia à espera. À espera de uma explosão.

Sentado em seu cavalo, bem no meio de uma mata de pinheiros e folhas-de-couro, Perrin Aybara tremia e apertava o manto forrado de pele ainda mais no corpo, o máximo que podia com um arco longo em uma das mãos e um enorme machado em forma de meia-lua no cinto. Era um bom machado

de aço frio. Fora Perrin quem bombeara o fole no dia em que mestre Luhhan o fabricara. O vento balançava o manto, puxando o capuz para trás dos cachos desgrenhados, penetrando pelo casaco. Perrin agitava os dedos dos pés dentro das botas para se aquecer e se remexia sobre a sela de cepilho alto, mas de fato não prestava atenção ao frio. Observando os cinco companheiros, ele se perguntou se também sentiam aquilo. Não a espera por que haviam sido enviados até lá, mas algo mais.

Galope, seu cavalo, se mexia e sacudia a cabeça. Ele nomeara o garanhão castanho por conta das pernas ágeis, mas no momento Galope parecia sentir a irritação e impaciência do cavaleiro. *Estou cansado de toda essa espera, de ficar aqui sentado enquanto Moiraine nos mantém sob rédeas curtas. Que a Luz queime aquela Aes Sedai! Quando isso vai terminar?*

Sem pensar, farejou o vento. O cheiro de cavalo predominava no ar, junto com o de homens e de suor masculino. Um coelho passara por aquelas árvores não fazia muito tempo, correndo, impulsionado pelo medo, mas a raposa em seu encalço não o matara ali. Ele percebeu o que estava fazendo e parou. *Achei que meu nariz ficaria entupido com todo esse vento. Quase desejei que de fato estivesse. E eu não deixaria Moiraine fazer nada a respeito.*

Estava desconfiado de algo. Recusava-se a pensar no assunto. Não mencionou a sensação aos companheiros.

Os outros cinco homens permaneciam sentados em suas selas, arcos curtos a postos, os olhos esquadrinhando tanto o céu quanto as encostas com árvores escassas abaixo. Pareciam imperturbáveis pelo vento que agitava os mantos como estandartes. O cabo de uma espada de duas mãos aparecia por uma abertura no manto sobre o ombro de cada um dos homens. A visão das cabeças desnudas, completamente raspadas, a não ser pelos rabos de cavalo, fez Perrin sentir ainda mais frio. Para eles, aquele tempo já era plena primavera. Tiveram toda a brandura removida a marteladas, em uma forja mais dura que ele jamais vira. Eram shienaranos, vindos das Terras da Fronteira com a Grande Praga, onde ataques de Trollocs poderiam ocorrer bem no meio da noite, onde até um mercador ou fazendeiro poderia ter que pegar em arcos ou espadas. E aqueles homens não eram fazendeiros, mas soldados, quase desde o nascimento.

Às vezes, ele refletia sobre a forma como aqueles homens respondiam a ele e seguiam sua liderança. Era como se o considerassem detentor de algum direito especial, algum conhecimento inacessível a eles. *Ou talvez apenas sejam meus amigos*, pensou, com sarcasmo. Não eram altos como ele, nem tão grandes, pois os anos como aprendiz de ferreiro lhe renderam

braços e ombros com o dobro do tamanho da maioria, mas Perrin passara a se barbear todos os dias para acabar com as piadas acerca de sua pouca idade. Eram amistosas, mas ainda assim eram piadas. Não queria que comessem outra vez apenas por ele mencionar uma desconfiança.

Com um susto, Perrin lembrou-se de que também deveria estar atento. Conferindo a flecha encaixada no arco longo, observou o vale que corria pelo oeste e se estendia a distância, o chão entremeado com faixas amplas de neve, resquícios da estação fria. A maioria das árvores dispersas lá embaixo ainda tentavam agarrar o céu com os galhos rígidos do inverno, mas havia bastante árvores perenes, pinheiros, folhas-de-couro, abetos, azevinhos e até um pouco de madeira-verde nas encostas do vale e na parte baixa para dar cobertura a qualquer um que soubesse tirar proveito delas. Porém, ninguém iria até ali sem um propósito específico. As minas eram todas muito distantes ao sul, e mais distantes ainda ao norte. A maioria das pessoas acreditava que as Montanhas da Névoa traziam mau agouro, e poucos adentravam-nas se pudessem evitar. Os olhos de Perrin brilhavam como ouro polido.

A desconfiança cresceu dentro dele. *Não!*

Ele era capaz de deixá-la de lado, mas a sensação não o abandonava. Como se cambaleasse à beira de um precipício. Como se tudo o mais cambaleasse. Ele se perguntou se haveria algo desagradável nas montanhas ao redor. Talvez houvesse uma forma de saber. Em lugares como aquele, onde os homens raramente pisavam, quase sempre havia lobos. Ele parou antes que o pensamento se formasse por completo em sua mente. *É melhor continuar imaginando. Melhor do que isso.* Eles não eram muitos em número, mas tinham batedores. Se houvesse algo por perto, os outros encontrariam. *Esta é a minha forja. Cuidarei dela e deixarei que cuidem das deles.*

Ele enxergava mais longe que os outros, por isso foi o primeiro a avistar o cavaleiro que vinha da direção de Tarabon. Mesmo a seus olhos, a criatura a cavalo era somente um pontinho de cores brilhantes, percorrendo um caminho sinuoso em meio as árvores a distância, ora à vista, ora escondido. *O cavalo é malhado,* pensou. *E já não era sem tempo!* Abriu a boca para anunciar a aproximação: era uma mulher, como todos os outros cavaleiros haviam sido. Então Masema resmungou de súbito, como um xingamento:

— Corvo!

Perrin olhou rapidamente para cima. Um pássaro grande e negro sobrevoava as árvores, a menos de cem passos de distância. Sua presa

devia ser alguma carniça abatida na neve ou um animal menor, mas Perrin não quis correr o risco. O pássaro não pareceu tê-los visto, mas o cavaleiro que se aproximava logo estaria ao alcance de seus olhos. Assim que avistou o corvo, elevou o arco, ergueu a flecha, puxando-a até o rosto, a bochecha, a orelha. Então a soltou, em movimentos suaves. Tinha leve consciência do som das cordas dos arcos atrás de si, mas sua atenção estava voltada para o pássaro negro.

De súbito, o corvo rodopiou ao encontrar a flecha de Perrin, e uma chuva de penas negras rolou do céu, enquanto duas outras flechas passavam como raios pelo ponto onde ele estivera. Com os arcos meio erguidos, os outros shienaranos varriam o céu, tentando ver se o animal estava acompanhado.

— Os corvos precisam reportar o que viram — perguntou-se Perrin, baixinho — ou... *ele...* vê o que eles veem? — Não tinha intenção de que alguém o escutasse, mas Ragan, o shienarano mais jovem, menos de dez anos mais velho que ele, respondeu, encaixando outro arco na flecha curta.

— Precisam reportar. Geralmente a um Meio-homem. — Nas Terras da Fronteira, dava-se uma recompensa pelos corvos. Ninguém por lá jamais ousou presumir que qualquer um deles fosse apenas um pássaro. — Luz, se o Veneno dos Corações visse o que os corvos veem, estaríamos todos mortos antes de chegarmos às montanhas. — A voz de Ragan era calma. Aquele era um assunto corriqueiro para um soldado shienarano.

Perrin estremeceu, mas não de frio, e algo rosnou nas profundezas de sua mente, um desafio até a morte. Veneno dos Corações. Nomes diferentes em terras diferentes, como Veneno das Almas e Presa-do-coração, Senhor do Túmulo e Senhor do Crepúsculo, mas era chamado de Pai das Mentiras e Tenebroso em todas elas, tudo para evitar pronunciar o nome verdadeiro e atrair sua atenção. O Tenebroso costumava usar corvos e gralhas-pretas. Nas cidades, usava ratos. Perrin tirou outra flecha da aljava em seu quadril, pendurada para equilibrar o peso do machado do outro lado.

— Isso deve ter o tamanho de um porrete — disse Ragan, admirado, olhando o arco de Perrin —, mas atira bem. Não quero nem ver o que faria a um homem de armadura. — Os shienaranos estavam usando apenas uma malha leve sob os casacos simples, mas em geral lutavam de armadura, tanto homens quanto cavalos.

— Muito comprido para usar cavalgando — comentou Masema, com uma expressão debochada. A cicatriz triangular em seu rosto escuro tornava o sorriso de desprezo ainda mais contorcido. — Uma boa placa peitoral detém até uma pilha de flechas, a não ser a curta distância. Além

disso, se o primeiro lançamento falhar, você pode acabar sendo estripado pelo sujeito em quem tentou atirar.

— É justamente isso, Masema. — Ragan relaxou um pouco quando notou que o céu continuava vazio. O corvo devia estar sozinho. — Com esse arco de Dois Rios, aposto que não é preciso ficar tão perto.

Masema abriu a boca.

— Mas que droga! Parem de falatório, suas duas lavadeiras! — ralhou Uno. Com uma grande cicatriz na parte inferior da face esquerda e aquele olho faltando, ele tinha as feições duras mesmo para um shienarano. Adquirira um tapa-olho pintado no caminho para as montanhas, durante o outono. O olho carrancudo estampado em vermelho vivo não tornava mais fácil encará-lo. — Se vocês dois chamejados não conseguem prestar atenção no que devem fazer, vou ver se um turno de guarda extra hoje à noite dá uma acalmada nos dois. — Ragan e Masema encolheram-se sob o olhar do homem, que lhes lançou uma última careta de censura e virou-se para Perrin, com uma expressão mais suave. — Já está vendo alguma coisa? — Seu tom era um pouco mais áspero do que talvez usasse com um comandante acima dele por ordem do Rei de Shienar ou do Senhor de Fal Dara, mas ainda assim havia algo nele que indicava que estava pronto para fazer o que Perrin sugerisse.

Os shienaranos sabiam que ele podia enxergar muito longe, mas, assim como faziam com a cor de seus olhos, pareciam encarar aquilo com naturalidade. Não sabiam de nada, nem da metade, mas o aceitavam como era. Como pensavam que era. Pareciam aceitar tudo e todos. O mundo estava mudando, diziam. Tudo girava nas rodas da sorte e da transformação. Se um homem tinha os olhos de uma cor jamais vista pelos olhos dos outros homens, que lhes importava naquele momento?

— Ela está vindo — disse Perrin. — Vai aparecer agora. Ali. — Ele apontou, e Uno esticou-se para a frente, o olho verdadeiro semicerrado, até que finalmente assentiu, hesitante.

— Há algum troço se mexendo lá embaixo.

Alguns dos outros assentiram e murmuraram também. Uno cravou o olhar neles, que voltaram a examinar o céu e as montanhas.

De súbito, Perrin percebeu o que significavam as cores brilhantes nas roupas da cavaleira a distância. Uma saia de um verde vivo aparecia por detrás de um manto vermelho.

— Ela é do Povo Errante — disse, atônito. Não sabia de ninguém mais que se vestia com cores tão brilhantes e combinações tão estranhas, não por escolha própria.

As mulheres que eles haviam encontrado e guiado para o interior das montanhas diversas vezes eram de todos os tipos: uma pedinte maltrapilha enfrentando uma nevasca a pé, uma mercadora que levava sozinha uma fileira de cavalos de carga carregados, uma lady vestida em seda e finas peles, montada em um palafrém com rédeas de borlas vermelhas e sela trabalhada em ouro. A pedinte partiu com uma bolsa cheia de prata, mais do que Perrin pensou que poderiam dar, mas a senhora lhes deixou uma bolsa de ouro ainda mais gorda. Mulheres completamente diferentes, todas sozinhas, vindas de Tarabon, Ghealdan e até de Amadícia. Mas ele jamais imaginara encontrar uma Tuatha'an.

— Uma chamejada de uma latoeira? — exclamou Uno.

Os outros ecoaram sua surpresa.

O rabo de cavalo de Ragan balançou, acompanhando a cabeça.

— Uma latoeira não se meteria com isso. Ou ela não é latoeira ou não é quem devemos encontrar.

— Latoeiros — grunhiu Masema. — Covardes inúteis.

Uno espremeu o único olho até parecer o furo de ponteira de uma bigorna. Ao lado do outro, o vermelho pintado no tapa-olho, compunha a expressão cruel.

— Covardes, Masema? — retrucou, muito calmo. — Se você fosse mulher, teria os colhões de cavalgar até aqui, sozinha e sem uma droga de uma arma? — Não restava dúvida de que ela estaria desarmada, se fosse Tuatha'an. Masema manteve a boca fechada, mas a cicatriz em seu rosto continuou retesada e pálida.

— Que me queime se eu fizesse isso — disse Ragan. — E que me queime se você fizesse uma coisa dessas também, Masema.

O outro shienarano ajeitou o manto e examinou o céu atentamente.

Uno bufou com desdém.

— Queira a Luz que aquele maldito comedor de carniça estivesse sozinho — murmurou.

Lentamente, a égua felpuda marrom e branca veio serpenteando mais para perto, abrindo caminho pelo chão aberto entre extensos montes de neve. A mulher de roupas alegres parou brevemente para observar algo no chão, depois ajeitou o capuz do manto na cabeça e afundou os calcanhares no cavalo, seguindo adiante a passos lentos. *O corvo*, pensou Perrin. *Pare de olhar o pássaro e ande logo, mulher. Talvez você traga as notícias que enfim vão nos tirar daqui. Isso se Moiraine tiver intenção de que partamos antes da primavera. Que a queime!* Por um instante ele não soube dizer se pensava na Aes Sedai ou na latoeira, que parecia não ter pressa alguma.

Se seguisse reto por onde ia, a mulher entraria no outro lado da moita, a uma distância de cerca de trinta passos. Com os olhos fixos no solo onde o cavalo malhado pisava, ela não dava sinal de vê-los por entre as árvores.

Perrin cutucou os flancos do cavalo com os calcanhares, e o garanhão deu um salto para a frente, espalhando neve com os cascos. Atrás dele, Uno deu o comando, baixinho:

— Adiante!

Galope estava na metade do caminho quando a mulher pareceu reparar neles e parou a égua com um tranco, assustada. Ela os observou formarem um círculo ao seu redor. O bordado azul de doer os olhos, em um ponto chamado labirinto taireno, tornava seu manto vermelho ainda mais espalhafatoso. A mulher não era jovem, os cabelos descobertos pelo capuz revelavam um tufo grisalho, mas seu rosto exibia poucas linhas além do franzido de desaprovação que lançou diante das armas do grupo. Se ficou alarmada por encontrar homens armados no coração de montanhas desoladas, no entanto, não deu sinal. Suas mãos repousavam tranquilas sobre o cepilho alto da sela gasta, mas bem conservada. E a mulher não cheirava a medo.

Pare com isso!, Perrin disse a si mesmo. Preparou um tom de voz suave, para não assustá-la.

— Meu nome é Perrin, boa senhora. Se precisar de ajuda, farei o que puder. Se não, vá com a Luz. Mas, a não ser que os Tuatha'an tenham alterado suas rotas, a senhora está longe dos carroções.

Ela os examinou por um instante antes de falar. Havia certa amabilidade em seus olhos escuros, o que não era de se surpreender em alguém do Povo Errante.

— Procuro uma... mulher.

A pausa foi pequena, mas aconteceu. Ela não buscava qualquer mulher, mas uma Aes Sedai.

— Essa mulher tem nome, boa senhora? — perguntou Perrin. Ele fizera a mesma pergunta muitas vezes nos últimos dois meses para que precisasse de resposta, mas era melhor ter certeza.

— O nome dela é... às vezes, o nome dela é Moiraine. Eu me chamo Leya. Perrin assentiu.

— Nós a levaremos até ela, Senhora Leya. Temos uma fogueira e, com sorte, algo quente para comer. — Porém, ele não ergueu as rédeas de imediato. — Como foi que nos encontrou? — Também fizera aquela pergunta antes, todas as vezes que Moiraine o mandara aguardar, em um

local designado por ela, alguma mulher que sabia que chegaria. A resposta seria a mesma de sempre, mas ele precisava perguntar.

Leya deu de ombros e respondeu, hesitante.

— Eu... sabia que, se viesse para cá, alguém me encontraria e me levaria até ela. Eu... só... sabia. Trago notícias.

Perrin não perguntou que notícias eram. As mulheres revelavam a informação que traziam apenas para Moiraine.

E a Aes Sedai nos conta o que escolhe contar, pensou. Aes Sedai nunca mentiam, mas todos sabiam que a verdade que uma delas contava nem sempre era a verdade que você pensava ouvir. *Agora já é muito tarde para ter receio disso. Não é mesmo?*

— Por aqui, Senhora Leya — disse, apontando para o alto da montanha. Os shienaranos, com Uno na liderança, começaram a subir em fila indiana atrás de Perrin e Leya. O homem das Terras da Fronteira ainda analisavam o céu e a terra, e os dois últimos prestavam muita atenção à retaguarda.

Eles andaram por algum tempo em total silêncio, a não ser pelos sons dos cascos dos cavalos, que às vezes esmagavam pedaços de gelo, ou pisoteavam pedrinhas nos trechos de terra batida. De vez em quando, Leya lançava olhares a Perrin, seu arco, machado e rosto, mas nada dizia. Ele mudava de posição, constrangido com o exame minucioso, e evitava olhá-la. Sempre tentava fazer com que os estranhos não tivessem a menor chance de notar seus olhos.

— Fiquei surpreso em ver alguém do Povo Errante, presumindo que a senhora seja — disse, por fim.

— É possível opor-se ao mal sem praticar a violência. — A voz mostrava a simplicidade de alguém que anunciava uma verdade óbvia.

Perrin grunhiu com amargura e murmurou uma desculpa no mesmo instante.

— Deve ser isso mesmo, Senhora Leya.

— A violência fere tanto a vítima quanto quem a pratica — prosseguiu Leya, com a voz calma. — Por isso fugimos dos que nos fazem mal. Por nossa segurança, sim, mas também para protegê-los do mal que eles mesmos praticam. Se praticarmos a violência para nos opor ao mal, em breve não seremos diferentes daquilo que desejamos combater. É com a força de nossa crença que combatemos a Sombra.

Perrin não pôde evitar uma bufada de desdém.

— Senhora, espero que jamais tenha que enfrentar Trollocs com a força de sua crença. A força das espadas deles iria dilacerá-la bem aí, onde está.

— É melhor morrer do que... — começou ela, mas a raiva fez Perrin interrompê-la. Raiva de que ela de fato preferisse morrer a machucar alguém, mesmo que vil.

— Se a senhora correr, eles vão caçá-la, matá-la e comer seu cadáver. Ou talvez nem esperem *até* virar um cadáver. De todo modo, a senhora estará morta, e o mal terá vencido. E existem homens tão cruéis quanto Trollocs. Amigos das Trevas e outros. Mais do que eu acreditaria, alguns anos atrás. Deixe só os Mantos-brancos decidirem que vocês, latoeiros, não caminham na Luz e veja quantos a força da sua crença é capaz de salvar.

A mulher lançou a Perrin um olhar penetrante.

— E nem assim você está satisfeito com suas armas.

Como é que ela sabia disso? Ele sacudiu a cabeça, irritado, balançando os cabelos bagunçados.

— O Criador fez o mundo — resmungou —, e não eu. Tenho que viver da melhor forma possível no mundo, do jeito que ele é.

— Tão triste para alguém tão jovem — disse a mulher, com delicadeza. — Por que tanta tristeza?

— Eu deveria estar de vigia, não de conversa — respondeu Perrin, secamente. — A senhora não vai me agradecer se eu errar o caminho. — Fincou os calcanhares em Galope, que avançou o suficiente para cortar qualquer conversa que viesse a surgir, mas sentia o olhar da mulher. *Triste? Não estou triste, só... Luz, eu não sei. Tem que haver uma saída melhor, apenas isso.* A desconfiança brotou outra vez em seus pensamentos, mas, concentrado em ignorar o olhar de Leya atrás de si, ele também ignorou a sensação incômoda.

O grupo subiu a colina e desceu até um vale com uma floresta e um córrego largo cuja água fria batia nas patas dos cavalos. A distância, de um dos lados da montanha, erguiam-se duas formas esculpidas. Perrin imaginava que deviam ser as formas de um homem e de uma mulher, embora o vento e a chuva as tivessem deixado indecifráveis havia muito. Nem Moiraine tinha certeza do que eram ou de quando o granito fora esculpido.

Peixes-cobrelos e pequenas trutas disparavam em fuga dos cascos dos cavalos, lampejos prateados a saltitar na água límpida. Um cervo que pastava ergueu a cabeça, hesitou ao ver o grupo saindo do riacho e correu para o meio das árvores, e um grande gato-da-montanha, cinza com listras e pontos pretos, levantou-se do chão, frustrado por ter que dar fim à tocaia. O animal observou os cavalos por um instante e, com um movimento do rabo, sumiu atrás do cervo. No entanto, ainda se via pouca vida nas

montanhas. Apenas um punhado de pássaros empoleirados em galhos ou bicando o chão onde a neve havia derretido. Outros voltariam a voar dentro de algumas semanas, mas ainda não. Eles não avistaram mais corvos.

Era fim de tarde quando Perrin os conduziu por entre duas montanhas muito íngremes, com picos cobertos de neve e envoltos em nuvens, e contornou um riacho menor que corria sobre pedras cinza, formando uma série de cachoeiras diminutas. Um pássaro cantou no alto das árvores, e outro respondeu mais adiante.

Perrin sorriu. Canto de campainha-azul. Um pássaro das Terras da Fronteira. Ninguém trilhava aquele caminho sem ser visto. Ele esfregou o nariz, sem olhar para a árvore de onde o primeiro “pássaro” chamara.

O caminho se estreitava enquanto o grupo avançava em meio a folhas-de-couro raquíticas e alguns poucos carvalhos retorcidos. O terreno plano ao lado do córrego reduziu-se a ponto de só permitir a passagem de um homem a cavalo por vez, e o próprio córrego já comportava apenas a travessia de um homem alto.

Perrin ouviu Leya falando sozinha atrás de si. Quando olhou por cima do ombro, viu-a lançando olhares preocupados para as escarpas dos dois lados da montanha. Árvores esparsas elevavam-se perigosamente acima deles. Parecia impossível não caírem. Os shienaranos avançavam com facilidade, enfim começando a relaxar.

De súbito, uma depressão oval abriu-se entre as montanhas diante deles, com as laterais íngremes, mas não tanto quanto a passagem estreita. O córrego nascia de uma pequena fonte no lado oposto. O olhar aguçado de Perrin avistou um homem com um rabo de cavalo shienarano no alto dos galhos de um carvalho à esquerda. Se tivesse imitado o canto de uma gralha-de-asa-vermelha, em vez de um campainha-azul, não estaria sozinho, e a entrada do grupo não teria sido tão fácil. Alguns poucos homens poderiam proteger aquela passagem contra um exército. Se um exército viesse, alguns poucos teriam que ser suficientes.

Por entre as árvores que circundavam o vale espalhavam-se cabanas não visíveis à primeira vista, de forma que o grupo reunido em torno das fogueiras na base da depressão oval parecia estar desprotegido. Havia menos pessoas à vista do que cabanas. E outras poucas escondidas, Perrin sabia. A maioria virou-se ao ouvir o som de cavalos, e algumas acenaram. O vale cheirava a homens e cavalos, a comida cozida e madeira queimada. Um grande estandarte branco pendia frouxamente de um poste alto próximo a eles. Um vulto com no mínimo a metade da altura a mais que todos os outros, sentado em um tronco, lia, absorto, um livro que parecia pequeno

nas mãos gigantescas. Ele não desviou a atenção da leitura, nem mesmo quando a única pessoa que não tinha um rabo de cavalo gritou.

— Você a encontrou, foi? Pensei que passaria a noite fora dessa vez. — Era uma voz feminina, mas a mulher usava calças e casaco masculinos e tinha o cabelo bem curto.

Uma rajada de vento remoinhou para dentro do vale, agitando mantos e balançando o estandarte. Por um instante, a criatura representada pareceu cavalgar o vento. Uma serpente de quatro patas com escamas douradas e escarlates, a juba dourada como a de um leão e cinco garras douradas nas pontas de cada uma das patas. Um estandarte lendário. Um estandarte que a maioria dos homens não reconheceria se visse, mas cujo nome era temido.

Perrin acenou com uma das mãos, conduzindo todos para o interior do vale.

— Bem-vinda ao acampamento do Dragão Renascido, Leya.



CAPÍTULO 2



SAIDIN

Com o rosto sem expressão, a mulher Tuatha'an olhou para o estandarte, que parou de balançar, depois voltou a atenção às pessoas em volta da fogueira. Em especial à criatura que lia, o sujeito que tinha uma vez e meia a altura de Perrin e o dobro da largura.

— Tem um Ogier aqui. Eu nunca pensei... — Ela sacudiu a cabeça. — Onde está Moiraine Sedai? — Falava como se o estandarte do Dragão nem estivesse ali.

Perrin apontou para a cabana tosca na subida da encosta, no extremo oposto do vale. Com as paredes e o teto inclinado feitos de troncos brutos, era a maior delas, embora não fosse muito grande. Talvez apenas grande o bastante para ser chamada de choupana, em vez de cabana.

— É ali que ela fica. Ela e Lan, seu Guardião. Depois que você beber algo para se esquentar...

— Não. Preciso falar com Moiraine.

Ele não se surpreendeu. Todas as mulheres que chegavam insistiam em falar com Moiraine imediatamente, e a sós. As informações que a Aes Sedai escolhia compartilhar com o restante do grupo nem sempre pareciam tão importantes, mas as mulheres eram como um caçador que persegue o último coelho do mundo para a família faminta. A velha pedinte, quase congelada, recusara cobertores e um prato de cozido quente e fora se arrastando até a cabana de Moiraine, de pés descalços na neve que ainda caía.

Leya deslizou para fora da sela e entregou as rédeas a Perrin.

— Pode alimentá-la? — A mulher afagou o nariz da égua malhada. — Piesa não está acostumada a me conduzir por terrenos tão severos.

— A comida ainda está escassa — respondeu Perrin —, mas daremos a ela o que pudermos.

Leya assentiu e saiu correndo encosta acima sem dizer outra palavra, suspendendo as saias verde vivo, com o manto vermelho de bordados azuis esvoaçando atrás de si.

Perrin desceu da sela e trocou algumas palavras com os homens que chegaram para levar os cavalos. Entregou o arco ao que levou Galope. Não, além de um corvo, não tinham visto nada que não montanhas e a mulher Tuatha'an. Sim, haviam matado o corvo. Não, ela não contara nada do que estava ocorrendo fora das montanhas. Não, ele não fazia ideia se iriam embora logo.

Ou algum dia, acrescentou para si mesmo. Moiraine os fizera ficar ali o inverno inteiro. Os shienaranos não achavam que era ela quem mandava, não ali, mas Perrin sabia que Aes Sedai de um jeito ou de outro sempre acabavam conseguindo o que queriam. Ainda mais Moiraine.

Depois de acomodar os cavalos no estábulo tosco feito de troncos, os cavaleiros foram se aquecer. Perrin jogou o manto nas costas e aproximou as mãos do fogo, agradecido. O grande caldeirão, que, pelo estilo, devia ter sido feito em Baerlon, emanava aromas que lhe davam água na boca havia algum tempo. Parecia que alguém tivera sorte na caça de hoje. Raízes grumosas giravam em outra fogueira próxima, exalando um cheiro suave de nabo assado. Ele franziu o nariz e concentrou-se no cozido. Cada vez mais, acima de tudo, queria carne.

A mulher vestida de homem olhava para Leya, já quase desaparecendo para dentro da cabana de Moiraine.

— O que está vendo, Min? — perguntou Perrin.

Ela aproximou-se dele, os olhos escuros aflitos. Ele não entendia por que a moça insistia em usar calças em vez de saias. Talvez fosse porque a conhecia, mas não entendia como alguém poderia olhar para ela e ver um jovem de boa aparência em vez de uma bela mulher.

— A latoeira vai morrer — respondeu, baixinho, observando os outros perto das fogueiras. Ninguém estava perto o suficiente para ouvir.

Ele ficou paralisado, pensando no rosto amável de Leya. *Ah, Luz! Latoeiros não fazem mal a ninguém!* Sentiu frio, apesar do calor do fogo. *Que me queime, preferia não ter perguntado.* Mesmo as poucas Aes Sedai que sabiam das visões não compreendiam o que Min fazia. Era comum que

ela visse imagens e auras ao redor das pessoas, e em algumas vezes sabia até interpretar seu significado.

Masuto veio mexer o cozido com uma grande colher de pau. O shienarano olhou para eles, depois pôs o dedo ao lado do nariz comprido, deu um largo sorriso e saiu.

— Sangue e cinzas! — murmurou Min. — Ele deve ter deduzido que somos namorados trocando cochichos ao pé do fogo.

— Tem certeza? — perguntou Perrin. Ela ergueu as sobrancelhas para ele, que acrescentou depressa: — Sobre Leya.

— É esse o nome dela? Preferia não saber. Sempre torna as coisas piores, saber e não ser capaz de... Perrin, eu vi o rosto dela pairando por cima do ombro, banhado em sangue, os olhos vidrados. Nada pode ser mais claro que isso. — Ela estremeceu e esfregou as mãos com força. — Luz, queria ver mais coisas felizes. Parece que não acontecem mais.

Ele abriu a boca para sugerir que avisassem a Leya, mas fechou-a em seguida. Jamais houvera dúvidas a respeito do que Min via e sabia, para o bem ou para o mal. Se ela tinha certeza, acontecia.

— Sangue no rosto — murmurou ele. — Isso quer dizer que ela vai ter uma morte violenta? — Estremeceu por ter dito aquelas palavras com tanta facilidade. *Mas o que posso fazer? Se contar a Leya, se der algum jeito de fazê-la acreditar nisso, ela passará seus últimos dias com medo, o que não vai mudar nada.*

Min assentiu com um breve meneio de cabeça.

Se ela vai ter uma morte violenta, pode significar que o acampamento será atacado. Porém, todos os dias, batedores eram enviados para vasculhar os arredores, e havia sentinelas montando guarda dia e noite. Além do mais, segundo Moiraine, o acampamento tinha recebido selos de proteção: nenhuma criatura do Tenebroso poderia vê-lo, a não ser que entrasse nele por acaso. Ele pensou nos lobos. *Não!* Os batedores encontrariam qualquer pessoa ou coisa que tentasse se aproximar do acampamento.

— Estamos bem longe do povo dela — disse, meio para si mesmo. — Os latoeiros não iriam trazer seus carroções para depois do sopé das colinas. Qualquer coisa poderia acontecer com ela na volta.

Min assentiu com tristeza.

— E não estamos em número suficiente para emprestar sequer um guarda para ela. Ainda que isso adiantasse alguma coisa.

Ela havia contado a ele; quando era bem pequena, tentava avisar as pessoas sobre as coisas ruins que via, mas, aos seis ou sete anos, percebeu

que nem todos podiam ver o mesmo que ela. Não tinha dito mais nada, mas Perrin ficou com a impressão de que as advertências acabavam só piorando as coisas, nas vezes em que chegavam a lhe dar ouvidos. Era difícil acreditar nas visões de Min até que se tivesse provas.

— Quando? — perguntou. A palavra soou fria, além de dura como aço. *Não posso fazer nada por Leya, mas talvez consiga descobrir se seremos atacados.*

Assim que a palavra saiu da boca de Perrin, ela jogou as mãos para cima em um gesto de impaciência. No entanto, não elevou o tom de voz.

— Não é assim que funciona. Nunca consigo prever *quando* algo vai acontecer. Só sei que vai, e isso quando sei o que a visão significa. Você não entende. As visões não vêm quando eu quero, nem a minha compreensão em relação a elas. Apenas acontecem, e às vezes eu entendo. Parte delas. Um pouco. É algo que simplesmente acontece. — Ele tentou dizer algumas palavras de consolo, mas ela continuou despejando tudo em um fluxo incontrolável. — Posso ver coisas ao redor de uma pessoa num dia, e no dia seguinte não ver nada, ou o contrário. Na maior parte do tempo, não vejo nada em volta das pessoas. Aes Sedai sempre têm imagens ao redor de si, é claro, e Guardiões também, mas é sempre muito mais difícil entender o que significam do que as visões que tenho com as pessoas comuns. — Ela lançou a Perrin um olhar penetrante, os olhos semicerrados. — Outros poucos também sempre têm.

— Não venha contar o que vê quando olha para mim — cortou ele, com rispidez, e depois encolheu os ombros largos. Desde pequeno, Perrin era maior que a maioria das crianças e aprendera depressa como era fácil machucar os outros sem querer quando se era maior que eles. Isso o tornara cuidadoso e cauteloso, além de fazê-lo se arrepender quando deixava sua raiva transparecer. — Desculpe, Min. Não devia ter falado assim com você. Não quis ofender.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Não ofendeu. Felizmente, são poucas as pessoas que *querem* saber o que vejo. A Luz sabe que eu não ia querer, se outra pessoa pudesse fazer isso por mim. — Nem as Aes Sedai sabiam de mais alguém com o mesmo talento. “Talento” era como elas viam aquilo, ainda que Min não encarasse da mesma forma.

— Só queria fazer algo em relação a Leya. Não suportaria viver como você, sabendo de algo sem poder fazer nada a respeito.

— É estranho como você parece se preocupar tanto com os Tuatha’an — respondeu ela, com ternura. — Eles são tão pacíficos, e eu sempre vejo

violência ao redor...

Ele virou a cabeça, e ela parou de falar de repente.

— Tuatha'an? — bradou uma voz retumbante, como o zumbido de uma abelha gigantesca. — O que têm os Tuatha'an?

O Ogier veio juntar-se a eles à beira do fogo, marcando a página do livro com o dedo do tamanho de um salsichão. Um filete de fumaça de tabaco subiu do cachimbo que segurava na outra mão. Vestia um casaco de gola alta de lã marrom-escura, abotoado até o pescoço e aberto nos joelhos por cima das botas com as barras viradas. Perrin alcançava no máximo a altura de seu peitoral.

O rosto de Loial já havia assustado mais de uma pessoa, com o nariz que era quase uma tromba de tão largo e a boca demasiadamente grande. Os olhos eram do tamanho de dois pires, as sobrancelhas grossas pendiam como bigodes quase até as bochechas, e as orelhas pontudas se projetavam dos longos cabelos, cheias de tufo de pelos. Quem jamais tinha visto um Ogier confundia Loial com um Trolloc, embora tanto Trollocs quanto Ogier não passassem de lenda para a maioria.

Ao se dar conta de que tinha interrompido a conversa, Loial pestanejou, hesitante, e seu sorriso largo diminuiu. Perrin se perguntou como alguém poderia temer um Ogier por muito tempo. *Mesmo assim, algumas das antigas histórias os chamavam de inimigos ferozes e implacáveis.* Ele não conseguia acreditar. Ogier não eram inimigos de ninguém.

Min contou a Loial sobre a chegada de Leya, mas não sobre a visão. Ela tinha por hábito não revelar suas visões, sobretudo quando eram ruins. Em vez disso, acrescentou:

— Você deve entender como me sinto, Loial, cercada de repente por Aes Sedai e esse pessoal de Dois Rios. — Loial soltou um murmúrio imparcial, mas Min pareceu considerar que ele concordara. — Pois é — continuou, enfática. — Lá estava eu, levando minha vida em Baerlon, do meu jeitinho, quando de repente fui agarrada pelo cangote e jogada para a Luz sabe onde. Bem, foi quase isso. Minha vida não é mais minha desde que conheci Moiraine. E esses fazendeiros de Dois Rios. — Ela revirou os olhos para Perrin, com um sorriso estranho nos lábios. — Eu só queria viver do meu jeito, me apaixonar pelo homem que escolhesse... — Ela corou de repente, então pigarreou. — Quer dizer, o que tem de errado em querer viver sem tantas reviravoltas?

— *Ta'veren* — começou Loial. Perrin fez um gesto para interrompê-lo, mas quase sempre era impossível conter o Ogier, muito menos interrompê-lo quando ele ficava empolgado. Para o padrão dos Ogier, Loial era

considerado extremamente impetuoso. Ele enfiou o livro em um dos bolsos do casaco e prosseguiu, gesticulando com o cachimbo. — Todos nós, todas as nossas vidas, afetam as vidas de outros, Min. Quando a Roda do Tempo nos tece para dentro do Padrão, a trama da nossa vida se agarra às tramas das vidas ao nosso redor e as arrasta. *Ta'veren* são assim também, só que muito, muito mais fortes. Eles arrastam todo o Padrão, pelo menos por um tempo, e o forçam a se moldar em torno de si. Quanto mais perto estamos deles, mais diretamente somos afetados. Dizem por aí que um sujeito que estivesse na mesma sala que Artur Asa-de-gavião era capaz de sentir o próprio Padrão se reorganizando. Não sei o quanto disso é verdade, mas já li que era. No entanto, isso não funciona só em uma via. Os próprios *Ta'veren* são tecidos com uma trama mais justa que o restante de nós, com menos escolhas.

Perrin fez uma careta. *Com bem menos escolhas que mais fariam diferença.*

Min jogou a cabeça para trás.

— Eu só queria que eles não fossem tão... *ta'veren* o tempo inteiro, droga. *Ta'veren* puxando de um lado, Aes Sedai interferindo em tudo do outro. Que chances tem uma mulher como eu?

Loial deu de ombros.

— Muito poucas, imagino, enquanto estiver perto de *ta'veren*.

— Como se eu tivesse escolha — resmungou Min.

— Foi sorte sua, ou azar, dependendo do ponto de vista, acabar não com um, mas três *ta'veren*. Rand, Mat, Perrin. Eu vejo como extrema sorte, e veria dessa forma mesmo que não fossem meus amigos. Acho até que eu deveria... — O Ogier olhou para eles, sentindo-se encabulado de repente, as orelhas tremelizando. — Prometem que não vão rir? Acho que eu deveria escrever um livro sobre isso. Ando tomando notas.

Min abriu um sorriso amistoso, e as orelhas de Loial se eriçaram outra vez.

— Isso é incrível — disse ela. — Mas alguns de nós nos sentimos como marionetes nas mãos desses *ta'veren*.

— Eu não pedi isso — interrompeu Perrin bruscamente. — Não pedi.

Ela o ignorou.

— Foi isso que aconteceu com você, Loial? É por isso que viaja com Moiraine? Sei que os Ogier quase nunca deixam seus *pousos*. Será que um desses *ta'veren* acabou arrastando você?

Loial ficou absorto, analisando o cachimbo.

— Eu só queria ver os bosques que os Ogier plantaram — murmurou. — Só ver os bosques. — Olhou para Perrin como se pedisse ajuda, mas o rapaz apenas abriu um sorriso forçado.

Vejamos se a ferradura está bem presa no casco. Ele não sabia de tudo, mas sabia que Loial fugira. O amigo tinha noventa anos de idade, mas ainda não era velho o bastante, de acordo com os Ogier, para deixar o *pouso* ou ir para Fora, como eles diziam, sem permissão dos Anciões. Na opinião dos humanos, Ogier viviam por muito tempo. Loial dizia que os Anciões não estariam muito satisfeitos quando pusessem as mãos nele outra vez. Parecia tentar adiar esse momento ao máximo possível.

Os shienaranos começaram a se alvoroçar, e alguns homens se levantaram. Rand estava saindo da cabana de Moiraine.

Mesmo àquela distância, Perrin conseguia enxergá-lo com clareza. Um jovem de cabelos avermelhados e olhos cinzentos. Sua idade era a mesma de Perrin, e ele era meia cabeça mais alto, além de mais magro, embora ainda de ombros largos. Espinhos dourados bordados subiam pelas mangas do casaco vermelho de gola alta, e, no peito do manto escuro, estava a mesma criatura do estandarte, a serpente de quatro pernas e juba dourada. Rand e ele haviam crescido juntos, como amigos. *Ainda somos amigos? Podemos ser? Agora?*

Os shienaranos se curvaram, todos ao mesmo tempo, em uma mesura, cabeças erguidas e mãos nos joelhos.

— Lorde Dragão — disse Uno —, estamos prontos. Honra em servi-lo.

Uno, que mal conseguia dizer uma frase sem um palavrão, agora falava com o mais profundo respeito.

— Honra em servi-lo — repetiram os outros.

Masema, que via mal em tudo, naquele momento tinha os olhos brilhando em completa devoção. Ragan e todos os outros aguardavam qualquer comando que Rand tivesse o prazer de emitir.

Do alto da encosta, Rand os encarou por um instante, depois virou-se e desapareceu por entre as árvores.

— Andou discutindo com Moiraine de novo — disse Min, baixinho. — Dessa vez, o dia inteiro.

Perrin não se surpreendeu, mas ainda ficava um pouco chocado. Discutir com uma Aes Sedai. Todas as histórias da infância lhe voltavam à memória. Aes Sedai, que moviam cordéis escondidos e faziam tronos e nações dançarem. Aes Sedai, cujos presentes eram sempre iscas, presentes cujo preço parecia sempre menor do que se esperaria, mas acabava sempre se revelando maior do que se imaginava. Aes Sedai, cuja raiva era capaz de

abrir o chão e invocar raios. Algumas histórias não eram verdade, hoje ele sabia. Porém, ao mesmo tempo, não se contava nem a metade delas.

— É melhor eu ir até lá — disse. — Depois de discutirem, ele sempre precisa de alguém para conversar. — Além de Moiraine e Lan, apenas eles três, Min, Loial e ele, não encaravam Rand como alguém mais importante que um rei. E Perrin era o único dos três que ele conhecia de outros tempos.

Ele subiu a encosta, parando apenas para olhar a porta fechada da cabana de Moiraine. Leya estava lá, e Lan também. Era raro o Guardião sair de perto da Aes Sedai.

A cabana de Rand, muito menor, ficava um pouco mais adiante, bem escondida entre as árvores e afastada de todo o acampamento. Ele tentara viver lá embaixo, junto ao grupo, mas a adoração constante dos outros homens o afastou. Agora vivia isolado. Isolado demais, na opinião de Perrin. No entanto, ele sabia que Rand não fora para a cabana daquela vez.

Perrin seguiu depressa para o lado em que o vale oval desembocava em um desfiladeiro elevando-se a cinquenta passos de altura, um paredão liso, exceto por alguns arbustos espinhosos agarrados aqui e ali. Sabia exatamente onde havia uma fissura na parede de pedras cinza, abrindo-se para uma passagem não muito maior que a largura de seus ombros. Uma fina faixa da luz do fim da tarde iluminava o caminho: era como adentrar um túnel.

A trilha se estendia por meia milha e se abria de súbito em um vale estreito de menos de uma milha de comprimento, com o chão coberto de pedras e rochas. Até os declives íngremes estavam cobertos por uma floresta de folhas-de-couro altas, pinheiros e abetos. Sombras compridas alongavam-se enquanto o sol começava a se esconder atrás dos topos das montanhas. O lugar estava cercado por paredões inteiriços, exceto por onde havia a abertura, e eram íngremes como se entalhados por um machado gigante. Seria ainda mais fácil de defender que o vale com poucos homens, mas ali não havia córrego ou nascente. Ninguém ia até lá. Apenas Rand, depois de discutir com Moiraine.

O amigo estava perto da entrada, apoiado em um tronco áspero de folha-de-couro, encarando as palmas das mãos. Perrin sabia que em cada uma havia uma garça, marcada na pele. Rand não se mexeu ao ouvir a bota do outro roçar a pedra.

De repente, começou a recitar baixinho, sem tirar os olhos das mãos:
— Por duas e mais duas vezes ele será marcado,
duas vezes para viver e duas vezes para morrer.

uma vez a garça, para traçar seu caminho.

Duas vezes a garça, para proclamá-lo verdadeiro.

uma vez o Dragão, atrás da memória perdida.

Duas vezes o Dragão, cobrar o preço a ser pago.

Com um arrepio, ele enfiou as mãos sob os braços.

— Mas nada de Dragões, por enquanto — completou Rand, dando uma risada seca. — Não por enquanto.

Perrin o fitou por um instante. Um homem capaz de canalizar o Poder Único. Um homem condenado a enlouquecer pela mácula de *saidin*, a metade masculina da Fonte Verdadeira, e a destruir tudo a seu redor com sua loucura. Um homem — uma coisa! — que todos aprenderam a temer e odiar desde a infância. No entanto... era difícil não enxergar o garoto com quem crescera. *Como se deixa de ser amigo de alguém?* Perrin escolheu uma pedra com topo liso, sentou-se e esperou.

Depois de um tempo, Rand virou-se e olhou para ele.

— Será que Mat está bem? Ele parecia tão doente da última vez que o vi.

— Deve estar melhor agora. — *Deve estar em Tar Valon agora. Elas vão curá-lo, por lá. E Nynaeve e Egwene cuidarão para que ele não arrume problemas.* Egwene e Nynaeve, Rand, Mat e Perrin. Todos de Campo de Emond, em Dois Rios. Poucos forasteiros iam até Dois Rios, a não ser alguns mascates e mercadores que iam uma vez por ano comprar lã e tabaco. Quase ninguém saía de lá. Até que a Roda escolhera seus *ta'veren*, e cinco simples camponeses não puderam mais ficar onde estavam. Não puderam mais ser o que eram.

Rand assentiu e se calou.

— Ultimamente — disse Perrin —, me pego desejando que ainda fosse um ferreiro. Você... acha que gostaria de ainda ser só um pastor?

— Dever — murmurou Rand. — A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha. É o que dizem em Shienar. “O Tenebroso está se agitando. A Última Batalha se aproxima. E o Dragão Renascido enfrentará o Tenebroso na Última Batalha, ou a Sombra se abaterá sobre tudo. A Roda do Tempo será destruída. Cada Era será recriada à imagem do Tenebroso.” Eu sou o único. — Ele soltou uma risada desconsolada, sacudindo os ombros. — É o meu dever porque sou o único, não sou?

Perrin mudou de posição, incomodado. A risada era tão crua que lhe deu arrepios.

— Percebi que você e Moiraine discutiram de novo. O mesmo de sempre?

Rand soltou um longo suspiro.

— Não discutimos sempre pela mesma coisa? Estão todos lá, na Planície de Almoth, e sabe a Luz onde mais. Centenas. Milhares. Apoiaram o Dragão Renascido porque ergui esse estandarte. Porque me deixei ser chamado de Dragão. Porque não vi outra escolha. E estão todos morrendo. Lutando, procurando e rezando pelo homem que deveria liderá-los. Morrendo. E eu, sentado aqui nas montanhas em segurança durante todo o inverno. Eu... tenho uma dívida... com eles.

— Acha que gosto disso? — Perrin sacudiu a cabeça com irritação.

— Você aceita tudo o que ela diz — retorquiu Rand, irritado. — Nunca a enfrenta.

— E de que adiantou você enfrentá-la? Vocês discutiram o inverno inteiro, e ficamos todos sentados aqui feito idiotas o inverno inteiro.

— Porque ela está certa. — Rand soltou outra risada que lhe deu arrepios. — Que a Luz me queime, ela está certa. Estão todos divididos em pequenos grupos e espalhados pela planície, em Tarabon e Arad Doman. Se eu me juntar a algum deles, os Mantos-brancos, o exército domanês e os tarabonianos partirão para cima deles sem piedade.

Perrin quase soltou uma risada, confuso.

— Se concorda com ela, por que, pela Luz, vocês discutem o tempo todo?

— Porque preciso tomar alguma atitude. Ou então... vou acabar explodindo feito um melão podre!

— Tomar que atitude? Se escutar o que ela diz...

Rand não deu a Perrin a chance de dizer que ficariam ali para sempre.

— Moiraine diz! Moiraine diz! — Rand levantou-se de supetão, apertando a cabeça com as mãos. — Moiraine sempre tem uma opinião a respeito de tudo! Moiraine diz que não devo ir até os homens que estão morrendo em meu nome. Moiraine diz que saberei qual é o próximo passo, porque o Padrão vai me forçar a tomá-lo. Moiraine diz! Mas ela nunca diz como vou saber. Ah, não! Isso ela não sabe. — Ele abaixou as mãos e virou-se para Perrin, a cabeça inclinada e os olhos semicerrados. — Às vezes sinto que Moiraine está guiando meus passos como se eu fosse um garanhão taireno em uma exposição. Você sente isso?

Perrin passou uma das mãos pelos cabelos desgrehados.

— Eu... seja lá o que estiver nos empurrando ou puxando, sei quem é o inimigo, Rand.

— Ba'alzamon — disse o amigo, calmamente. Um nome antigo para o Tenebroso. Na língua dos Trollocs, quer dizer Coração das Trevas. — E eu

preciso enfrentá-lo, Perrin. — Ele fechou os olhos e contorceu o rosto em uma careta que era metade sorriso, metade sofrimento. — Que a Luz me ajude. Metade do tempo eu desejo que aconteça logo, que tudo termine de uma vez, e a outra metade... quantas vezes será que vou poder... Luz, ele me puxa com tanta força. E se eu não conseguir... e se não... — O chão tremeu.

— Rand? — perguntou Perrin, preocupado.

Rand estremeceu. Apesar do frio, havia suor em seu rosto. Ainda tinha os olhos bem fechados.

— Ah, Luz — gemeu —, puxa com tanta força.

De repente, o solo abaixo de Perrin se moveu, e um grande estrondo ressoou pelo vale. Parecia que de repente o chão não estava mais sob seus pés. Ele caiu, ou foi a terra que saltou ao seu encontro. O vale tremeu, como se uma mão gigante tivesse descido do céu para arrancá-lo da terra. Ele agarrou-se ao chão, enquanto a mão tentava jogá-lo como uma bola. Pedregulhos saltaram, rolando diante de seus olhos, e ondas de poeira subiram.

— Rand! — O grito se perdeu em meio ao estrondo ensurdecedor.

A cabeça de Rand continuava jogada para trás, os olhos ainda bem fechados. Ele não parecia sentir o tremor do chão que o balançava de um lado para o outro. Não importava o quanto se sacudisse, jamais perdia o equilíbrio. Perrin não tinha certeza, com tudo tremendo tanto, mas pensou ter visto um sorriso triste no rosto de Rand. As árvores se debatiam, e a folha-de-couro de repente se partiu em duas. O maior pedaço do tronco caiu a menos de três passos de Rand. Ele mal percebeu, assim como mal percebia todo o resto.

Perrin lutou para encher os pulmões de ar.

— Rand! Pelo amor da Luz, Rand! Pare com isso!

Tão de repente quanto havia começado, tudo terminou. Um galho enfraquecido de um carvalho mirrado se partiu, produzindo um estalo agudo. Perrin levantou-se devagar, tossindo. A poeira estava suspensa no ar, partículas brilhantes sob os raios do sol poente.

Rand naquele momento olhava para o nada, arfando como se tivesse acabado de correr dez milhas. Aquilo nunca havia acontecido antes, nem qualquer coisa minimamente parecida.

— Rand — começou a dizer Perrin, medindo as palavras —, o que...

O rapaz ainda tinha o olhar perdido ao longe.

— Está sempre lá. Me chamando. Me puxando. *Saidin*. A metade masculina da Fonte Verdadeira. Às vezes não consigo resistir a tocá-la. —

Ele fez um gesto como se pegasse algo no ar, depois olhou o punho fechado. — Consigo sentir a mácula antes mesmo de tocá-la. A mácula do Tenebroso, uma camada fina de maldade tentando esconder a Luz. Meu estômago fica embrulhado, mas não consigo resistir. Não consigo! Só que às vezes tento tocá-la, e é como tentar pegar o ar. — Ele abriu a mão vazia e soltou uma risada amarga. — E se isso acontecer na hora da Última Batalha? E se eu estender a mão e não conseguir tocar nada?

— Bem, dessa vez você conseguiu — retrucou Perrin, com a voz rouca. — O que estava fazendo?

Rand olhou em volta como se visse tudo pela primeira vez. A folha-de-couro caída, os galhos quebrados. Perrin notou, surpreso, que pouco estrago fora feito. Esperava ver enormes rasgões na terra. O paredão de árvores estava quase intacto.

— Foi sem querer. Era como se eu estivesse tentando abrir uma torneira, e em vez disso a puxasse inteirinha para fora do barril. Eu me senti... cheio. Precisava descarregar de alguma forma, antes que me destruísse, mas... não queria que fosse assim.

Perrin sacudiu a cabeça. *De que adianta dizer a ele para não tentar fazer aquilo de novo? Ele tem tanta noção do que faz quanto eu.* Contentou-se em falar:

— Já tem bastante gente querendo ver você morto, e a todos nós também, então não precisa fazer o serviço para eles. — Rand não parecia escutar. — É melhor a gente voltar para o acampamento. Já vai escurecer, e não sei quanto a você, mas eu estou com fome.

— O quê? Ah. Vá você, Perrin. Já estou indo. Quero ficar sozinho mais um pouco.

Perrin hesitou e depois virou-se, relutante, seguindo em direção à abertura no paredão do vale. Ao ouvir novamente a voz de Rand, ele parou.

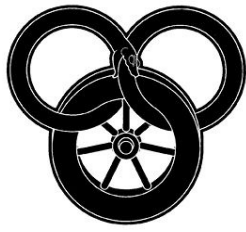
— Você sonha quando dorme? Sonhos bons?

— Às vezes — respondeu, com cautela. — Não me lembro muito dos meus sonhos. — Ele aprendera a permanecer alerta enquanto sonhava.

— Eles estão sempre lá, os sonhos — disse Rand, tão baixinho que Perrin quase não ouviu. — Talvez nos contem coisas. Verdades. — Ele ficou em silêncio, pensativo.

— O jantar está esperando — disse Perrin, mas Rand estava imerso nos próprios pensamentos.

Enfim, Perrin foi embora e o deixou lá, parado.



CAPÍTULO 3



Notícias da Planície

A escuridão encobria parte da fissura na rocha. Os tremores haviam derrubado um pedaço da parede do lado oposto, em um ponto bem no alto. Perrin olhou para cima no escuro, cauteloso, antes de passar correndo por baixo, mas a placa de pedra parecia bem presa no lugar. Aquela desconfiança havia retornado, agora mais forte que antes. *Não, que me queime! Não!* Então ela foi embora.

Ao avistar o acampamento de cima, viu o vale repleto de sombras estranhas formadas pelo sol poente. Moiraine, do lado de fora da cabana, examinava a fissura. Ele parou de repente. Ela era uma mulher esguia e bonita, com cabelos escuros que caíam nos ombros e o ar etéreo de todas as Aes Sedai que usavam o Poder Único havia algum tempo. Não era possível precisar sua idade: ela tinha o rosto muito suave para ser velha e olhos escuros muito sábios para ser jovem. O vestido de renda azul-escuro estava todo desalinhado e empoeirado, e mechas bagunçadas despontavam dos cabelos normalmente bem penteados. O rosto estava sujo de terra.

Perrin baixou os olhos. Ela sabia sobre ele; de todos no acampamento, apenas ela e Lan sabiam, e ele não gostava da expressão que ela fazia ao encarar seus olhos. Olhos amarelos. Algum dia, talvez, ele chegasse a perguntar o que ela sabia. Uma Aes Sedai devia saber mais sobre aquilo do que ele. Mas não era a hora. Nunca parecia ser a hora certa.

— Ele... não fez por querer... foi um acidente.

— Um acidente — retrucou a mulher, com a voz indiferente, depois sacudiu a cabeça e desapareceu dentro da cabana. A porta se fechou com um baque um pouco alto.

Perrin respirou fundo e continuou descendo em direção às fogueiras. Haveria outra discussão entre Rand e a Aes Sedai na manhã seguinte, se não àquela noite.

Havia meia dúzia de árvores caídas nas encostas do vale, com as raízes expostas, formando arcos no solo. O rastro de destruição e o solo enlameado levavam à margem do córrego e a um pedregulho que não estivera ali antes. Uma das cabanas acima, na encosta oposta, havia desabado com os tremores, e a maioria dos shienaranos estava reunida em torno dela, reconstruindo-a. Loial estava com eles. O Ogier era capaz de levantar sozinho um tronco que precisaria de quatro homens para ser erguido. De vez em quando, era possível ouvir os xingamentos de Uno.

Min estava perto do fogo, mexendo um caldeirão com uma expressão de desagrado. Tinha um pequeno hematoma no rosto. Um leve aroma de cozido queimado enchia o ar.

— Odeio cozinhar — anunciou, e espiou, desconfiada, dentro do caldeirão. — Se alguma coisa sair ruim, a culpa não é minha. Rand derrubou metade disso aqui no fogo com aquele... que direito ele tem de ficar sacudindo a gente feito sacos de grão? — Ela esfregou os fundilhos das calças e estremeceu. — Quando eu puser as mãos nele vou dar uma surra que ele jamais esquecerá. — Ela balançou a colher de pau na direção de Perrin, como se pretendesse começar a surra por ele.

— Alguém ficou ferido?

— Só se contar os hematomas — respondeu Min, em um tom de voz sombrio. — No início, todos ficaram irritados, sem dúvida. Depois viram Moiraine olhando na direção do esconderijo de Rand e concluíram que havia sido obra dele. Se o *Dragão* resolve chacoalhar a montanha bem nas nossas cabeças, o *Dragão* deve ter um bom motivo para isso. Se decidisse fazê-los arrancar a própria pele e virar esqueletos dançantes, todos achariam muito normal. — Ela bufou em desagrado e bateu com a colher na borda do caldeirão.

Ele olhou para trás, em direção à cabana de Moiraine. Se Leya estivesse ferida, se estivesse morta, a Aes Sedai não teria simplesmente voltado para dentro. A sensação de que algo estava prestes a acontecer ainda persistia. *Seja lá o que for, ainda não aconteceu.*

— Min, talvez seja melhor você ir embora. Amanhã, assim que acordar. Posso dar alguma prata para você levar. Tenho certeza de que Moiraine lhe daria o suficiente para embarcar no trem de algum mercador saindo de Ghealdan. Estará de volta em Baerlon em um piscar de olhos.

Ela o encarou até ele começar a desconfiar de que tinha dito algo errado. Enfim, disse:

— É muito gentil da sua parte, Perrin. Mas não.

— Achei que queria ir embora. Está sempre reclamando de ter que ficar aqui.

— Certa vez, conheci uma velha illianense — começou Min, devagar. — Quando ela era jovem, a mãe arranhou um casamento com um homem que ela nunca tinha visto antes. Illian tem dessas coisas, às vezes. Ela disse que passou os cinco primeiros anos lutando contra o sujeito, e os cinco seguintes tramando como tornar a vida do homem um pesadelo sem que ele soubesse quem culpar. Foi apenas anos depois, quando o marido morreu, que a mulher percebeu que na realidade ele tinha sido o grande amor da vida dela.

— Não entendi o que isso tem a ver com o assunto.

O olhar da moça sugeria que ele não estava nem tentando entender, e sua voz assumiu um tom extremamente paciente.

— Não é só porque o destino escolheu algo para você, em vez de deixá-lo escolher sozinho, que precisa ser ruim. Mesmo se for algo que você sabe que não escolheria por nada desse mundo. “Melhor dez dias de amor que dez anos de arrependimento.” — citou.

— Estou entendendo menos ainda — retrucou o rapaz. — Você não precisa ficar, se não quiser.

Ela pendurou a colher em um galho alto e bifurcado enfiado no chão, depois ergueu-se nas pontas dos pés e surpreendeu Perrin com um beijo na bochecha.

— Você é um bom homem, Perrin Aybara. Mesmo que não entenda nada.

Perrin pestanejou, vacilante. Desejou ter certeza de que Rand estava com o juízo perfeito ou que Mat estivesse por perto. Ele se sentira muito seguro em relação a garotas, mas Rand sempre pareceu saber o que fazer. Mat também. A maioria das garotas em Campo de Emond pensava que Mat jamais iria amadurecer, mas ele parecia levar jeito com elas.

— E você, Perrin? Não tem vontade de ir para casa?

— O tempo todo — respondeu, com fervor. — Mas... acho que não posso. Não por enquanto. — Ele lançou um olhar em direção ao vale de Rand. *Ao que parece, estamos atados, não é, Rand?* — E talvez nunca possa. — Ele pensou que tinha falado baixo demais, mas Min lhe lançou um olhar cheio de compaixão. E de concordância.

Ele ouviu passos leves atrás de si e olhou para trás, para a cabana de Moiraine. Duas silhuetas desciam a encosta sob o crepúsculo que avançava. Uma delas era uma mulher, delgada e graciosa mesmo enquanto caminhava no solo duro e inclinado. O homem, bem mais alto que a companheira, desviou-se para o local onde os shienaranos trabalhavam. Mesmo aos olhos de Perrin, a figura do homem era indistinta: às vezes parecia sumir por completo, para logo depois reaparecer bem no meio de um passo. Partes de seu corpo sumiam na noite e ressurgiam com o soprar do vento. Apenas o manto de um Guardião, com suas cores em constante mudança, era capaz disso, o que indicava que Lan era a figura maior, e a menor, sem dúvida, era Moiraine.

Logo atrás deles, outra silhueta, ainda mais opaca, deslizava por entre as árvores. *Rand*, pensou Perrin, *voltando para a cabana. Vai passar mais uma noite sem comer porque não aguenta os olhares de todos os outros.*

— Você deve ter olhos nas costas — comentou Min, franzindo a testa para a mulher que se aproximava. — Ou a audição mais aguçada que já vi. É Moiraine?

Descuidado. Ele já estava tão acostumado ao fato de que os shienaranos sabiam de sua visão aguçada — à luz do dia, pelo menos: não sabiam nada em relação à visão noturna —, que começava a cometer alguns deslizes. *Esse descuido ainda vai me matar.*

— A mulher Tuatha'an está bem? — perguntou Min, quando Moiraine se aproximou do fogo.

— Está descansando. — A voz baixa da Aes Sedai tinha a musicalidade habitual, como se falar estivesse a meio caminho de cantar, e o cabelo e as roupas estavam perfeitos outra vez. Ela esfregou as mãos diante do fogo. Usava um anel de ouro na mão esquerda, uma serpente mordendo a própria cauda. A Grande Serpente, um símbolo ainda mais antigo para a eternidade que a Roda do Tempo. Todas as mulheres treinadas em Tar Valon usavam o mesmo anel.

Por um instante Moiraine fixou o olhar em Perrin, parecendo ver o seu íntimo.

— Ela caiu e abriu a cabeça quando Rand... — Ela contraiu os lábios, mas no instante seguinte já tinha o rosto tranquilo outra vez. — Eu a curei, e ela está dormindo. Até a menor ferida na cabeça sangra bastante, mas não foi nada sério. Você viu algo em relação a ela, Min?

Min pareceu hesitar.

— Eu vi... achei que tinha visto a morte dela. O rosto todo coberto de sangue. Eu tive certeza do que significava, mas se ela abriu a cabeça... tem

certeza de que está bem? — A pergunta era um indício de seu desconforto. Uma Aes Sedai nunca deixava nada errado em alguém que acabasse de Curar. Além disso, os Talentos de Cura de Moiraine eram particularmente fortes.

Min soou tão preocupada que Perrin se surpreendeu por um instante. Em seguida, assentiu para si mesmo. Ela não gostava de fazer o que fazia, mas era parte dela, e acreditava saber como aquilo funcionava, pelo menos um pouco. Se estivesse errada, seria quase como descobrir que não sabia usar as próprias mãos.

Moiraine refletiu por um momento, serena e controlada.

— Você nunca errou em qualquer uma das leituras que fez para mim, não em uma ocasião em que eu tivesse como saber. Talvez essa seja a primeira vez.

— Quando eu sei, eu sei — sussurrou Min, obstinada. — Que a Luz me ajude, eu sei.

— Ou talvez ainda vá acontecer. Ela tem um longo caminho a percorrer até chegar de volta aos carroções, e viajará por terras perigosas.

A voz da Aes Sedai era uma canção fria, sem compaixão. Perrin soltou um som involuntário pela garganta. *Luz, será que foi desse jeito que eu falei? Não vou deixar uma morte ser tão pouco importante para mim.*

Moiraine o encarou, como se ele tivesse falado em alto e bom som.

— Há de ser o que a Roda tecer, Perrin. Eu lhe disse há muito tempo que estávamos em guerra. Não podemos parar apenas porque alguns de nós podem morrer. Qualquer um de nós pode morrer antes de tudo terminar. As armas de Leya podem não ser iguais às nossas, mas ela sabia que talvez morresse ao tomar parte nisso.

Perrin baixou os olhos. *Pode até ser assim, Aes Sedai, mas jamais vou aceitar as coisas da mesma forma que você.*

Lan juntou-se a eles diante do fogo, acompanhado por Uno e Loial. As chamas formavam sombras bruxuleantes sobre o rosto do Guardião, fazendo-o parecer ainda mais entalhado em pedra que de costume, as feições duras e retas. Não era muito mais fácil observar seu manto à luz do fogo. Às vezes parecia só um manto cinza-escuro, ou preto, mas o cinza e o preto se contorciam e alteravam se vistos de perto, com sombras e espectros penetrantes deslizando por ele. Outras vezes era como se Lan tivesse aberto um buraco na noite e puxado a escuridão para cobrir os próprios ombros. Não era nada fácil de ver, e o homem que o usava não facilitava em nada.

Lan era alto e forte, com ombros largos e olhos azuis feito lagos congelados. Ele se movia com uma graça mortal, e a espada em seu quadril parecia fazer parte do próprio corpo. Não era apenas uma questão de parecer capaz de matar e cometer atos violentos: aquele homem domara a morte e a violência e as guardava no próprio bolso, pronto para libertá-las em um piscar de olhos, ou abraçá-las, a um comando de Moiraine. Comparado a Lan, até Uno parecia menos perigoso. Havia um toque grisalho nos longos cabelos do Guardião, presos por uma corda trançada de couro que lhe contornava a testa, mas mesmo os homens mais jovens evitavam enfrentá-lo. Se fossem sábios.

— A Senhora Leya trouxe as notícias de sempre da Planície de Almoth — disse Moiraine. — Todos lutando uns contra os outros. Aldeias incendiadas. Gente fugindo para todos os lados. E surgiram Caçadores na planície, à procura da Trombeta de Valere. — Perrin mudou de posição, desconfortável: a Trombeta estava onde nenhum Caçador da Planície de Almoth poderia encontrá-la, e onde esperava que ninguém jamais a encontrasse. Antes de prosseguir, Moiraine lançou-lhe um olhar frio. Não gostava que falassem sobre a Trombeta. Exceto quando era ideia dela, é claro. — Ela trouxe outras notícias também. Os Mantos-brancos destacaram cerca de cinco mil homens para a Planície de Almoth.

Uno grunhiu.

— Isso deve ser a bost... ah, me perdoe, Aes Sedai. Isso deve ser metade da força deles. Nunca puseram tantos em um lugar.

— Então suponho que todos os que apoiaram Rand estão mortos ou espalhados — murmurou Perrin. — Ou estarão em pouco tempo. Você estava certa, Moiraine. — Ele não gostava de pensar nos Mantos-brancos. Não gostava nem um pouco dos Filhos da Luz.

— É aí que vem a parte estranha — disse Moiraine. — Os Filhos dizem que seu propósito é trazer a paz, mas isso é normal. O que *não* é normal é que, embora tentem fazer tarabonianos e domaneses recuarem para suas respectivas fronteiras, não deslocaram nenhuma força contra os que estão apoiando o Dragão.

Min soltou uma exclamação de surpresa.

— Ela tem certeza disso? Não parece algo que um Manto-branco faria.

— Não devem ter sobrado tantos daqueles chamej... hã... tantos latoeiros na planície — disse Uno. Sua voz falhou pela tensão de ter que moderar o linguajar na frente da Aes Sedai. Ele franziu a sobrancelha do olho verdadeiro, igualando a expressão à do pintado. — Eles não gostam de

ficar perto de nenhum tipo de problema, muito menos de lutas. Não podem estar em número suficiente para ver tudo.

— Estão em número suficiente para os meus objetivos — retrucou Moiraine, com firmeza. — A maioria se foi, mas alguns permaneceram porque eu pedi. E Leya está certíssima. Ah, sim, os Filhos capturaram alguns Devotos do Dragão, em um lugar onde apenas um pequeno grupo estava reunido. Porém, embora afirmem que derrotarão este *falso* Dragão, com mil homens supostamente caçando-o, eles evitam contato com qualquer grupo de mais de cinquenta Devotos. Não abertamente, entendem? Mas sempre acontece algum atraso, algo que dá a chance de os perseguidos escapulirem.

— Então Rand pode encontrá-los, como tanto quer. — Loial piscou ao olhar para a Aes Sedai, indeciso. Todo o acampamento sabia das brigas entre ela e Rand. — A Roda abriu um caminho para ele.

Uno e Lan abriram a boca ao mesmo tempo, mas o shienarano cedeu a palavra com uma pequena mesura.

— É mais provável — disse o Guardião — que seja alguma conspiração dos Mantos-brancos, mas que a Luz me queime se eu souber o que é. Mas sabe, quando um Manto-branco me dá um presente, eu logo procuro a agulha envenenada escondida. — Uno assentiu, com uma careta. — Além do mais — Lan acrescentou —, domaneses e tarabonianos ainda estão tentando matar os Devotos do Dragão com o mesmo empenho com que tentam matar uns aos outros.

— E ainda tem outra coisa — continuou Moiraine. — Três rapazes morreram em vilarejos próximos de onde passaram os carroções da Senhora Leya. — Perrin percebeu um leve tremor nas pálpebras de Lan. Para o Guardião, aquilo era equivalente a um grito de surpresa vindo de outro homem. Lan não esperava ouvir. Moiraine prosseguiu: — Um morreu envenenado, e dois, esfaqueados. Os três em circunstâncias em que ninguém poderia se aproximar sem ser visto, mas foi assim que aconteceu. — Ela olhou para as chamas. — Todos eram mais altos que a maioria e tinham olhos claros. Olhos claros são pouco comuns na Planície de Almoth, mas acho que é muita falta de sorte ser um rapaz alto de olhos claros por lá agora.

— Como? — perguntou Perrin. — Como é que eles foram mortos se ninguém podia se aproximar?

— O Tenebroso tem assassinos que nem conseguimos ver, só quando já é tarde demais — respondeu Lan, baixinho.

Uno estremeceu.

— Os Sem-alma. Nunca ouvi falar de um ao sul das Terras da Fronteira.

— Chega desse assunto — declarou Moiraine, com firmeza.

Perrin tinha muitas perguntas — *O que, pela Luz, são Sem-alma? São como Trollocs ou Desvanecidos? O que são?* —, mas não fez nenhuma. Quando Moiraine decidia que já fora dito o bastante a respeito de qualquer coisa, não revelava mais nada. E, uma vez que ela fechava a boca, não era possível abrir a de Lan nem com uma barra de ferro. Os shienaranos também seguiam as ordens dela. Ninguém queria irritar uma Aes Sedai.

— Luz! — murmurou Min, olhando incomodada para a escuridão que se adensava ao redor. — Nós nem conseguimos *ver*? Pela Luz!

— Então nada mudou — disse Perrin, sombrio. — Nada mesmo. Não podemos descer até a planície, e o Tenebroso quer nos ver mortos.

— Tudo muda — disse Moiraine, muito calma —, e o Padrão absorve tudo. Devemos seguir o Padrão, não as mudanças momentâneas. — Ela encarou um de cada vez e prosseguiu: — Uno, tem certeza de que seus batedores não deixaram passar nada de suspeito? Nem algo pequeno?

— O Renascimento do Lorde Dragão afrouxou os nós da certeza, Moiraine Sedai, e jamais há certezas quando se luta contra Myrddraal, mas aposto minha própria vida que os batedores fizeram um trabalho tão bom quanto o de qualquer Guardiã. — Era um dos discursos mais longos que Perrin já havia escutado Uno fazer sem dizer um palavrão. O esforço deixara a testa do homem toda suada.

— Todos podemos errar — disse Moiraine. — O que Rand fez pode muito bem ter sido um chamariz para qualquer Myrddraal em um raio de dez milhas.

— Talvez... — começou Min, hesitante. — Talvez você devesse erguer uma proteção para mantê-los afastados. — Lan lançou a ela um olhar severo. Muitas vezes, ele próprio questionava as decisões de Moiraine, ainda que raramente se deixasse ser ouvido. No entanto, não aprovava que outros fizessem o mesmo. Min retribuiu a cara feia. — Bem, Myrddraal e Trollocs são bem ruins, mas pelo menos podemos vê-los. Não gosto da ideia de que um desses... Sem-alma... chegue sorrateiro e me degole sem que eu perceba.

— A proteção que ergui antes nos esconderá tanto dos Sem-alma quanto de outras criaturas da sombra — explicou Moiraine. — Em geral, quando alguém está fraco como estamos agora, a melhor opção é se esconder. Se houver um Meio-homem perto o suficiente para... Bem, colocar uma proteção que mate quem tentar invadir o acampamento está além das minhas capacidades. E, mesmo que eu pudesse fazê-lo, uma

proteção dessas acabaria apenas nos prendendo aqui. Como não é possível erguer dois tipos de proteção de uma só vez, deixarei os batedores, os guardas e Lan a postos para nos defenderem e usarei o único tipo de proteção que pode ser mais útil.

— Posso verificar o entorno do acampamento — ofereceu-se Lan. — Se os batedores tiverem deixado passar alguma coisa lá fora, eu encontrarei. — Ele não estava se gabando, apenas constatando um fato. Uno até assentiu, concordando.

Moiraine negou com a cabeça.

— Se precisarmos de você esta noite, meu Gaidin, será aqui. — Ela ergueu o olhar em direção às montanhas escuras ao redor. — Há algo estranho no ar.

— Algo prestes a acontecer. — As palavras saíram da boca de Perrin antes que ele pudesse se conter. Moiraine olhou para ele, para dentro dele, o que o fez se arrepender de ter falado.

— Sim — concordou ela. — Prestes a acontecer. Faça com que seus guardas fiquem especialmente alerta hoje à noite, Uno. — Não havia necessidade de sugerir que os homens dormissem com as armas à mão, aquele já era um hábito dos shienaranos. — Durmam bem — acrescentou, dirigindo-se a todos, como se naquele momento houvesse alguma chance de aquilo acontecer. Depois partiu de volta para a cabana. Lan ainda ficou ali por tempo o bastante para encher três pratos de cozido e depois correu atrás dela, sendo rapidamente tragado pela noite.

Os olhos dourados de Perrin brilhavam ao seguir o Guardiã escurecido adentro.

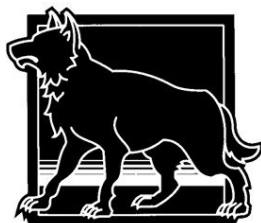
— Durmam bem — murmurou. O cheiro de carne cozida de repente o deixou enjoado. — Uno, o terceiro turno é meu? — O shienarano assentiu. — Então vou tentar seguir o conselho dela. — Outros homens aproximavam-se do fogo, e o burburinho o acompanhou até a encosta.

Ele tinha uma cabana só para si, uma pequena construção de troncos onde quase não cabia de pé, as fendas repletas de lama seca. Uma cama dura, cujo colchão era apenas uma camada de ramos de pinheiro escondida sob um cobertor, ocupava quase metade do espaço. A pessoa que tirou as selas de Galope também escorou o arco de Perrin bem atrás da porta. Ele pendurou o cinturão em um pino, ainda com o machado e a aljava, depois se despiu até ficar apenas com as roupas de baixo, tremendo. As noites ainda eram geladas, mas pelo menos o frio o impedia de dormir profundamente. Com o sono profundo vinham sonhos dos quais não podia se livrar.

Durante um tempo, Perrin ficou deitado olhando para o teto de troncos, com apenas um cobertor no corpo, tremendo. Então o sono veio, e, com ele, os sonhos.



CAPÍTULO 4



Sombras Adormecidas

Estava frio no salão da estalagem, apesar do fogo que ardia na comprida lareira de pedra. Perrin esfregou as mãos diante das chamas, mas não conseguiu se aquecer. O frio proporcionava um estranho conforto, entretanto, como se fosse um escudo. Contra o quê, ele não conseguia imaginar. Um murmúrio ressoou no fundo de sua mente, um som indistinto que ele quase não ouvia, como se algo arranhasse a porta de leve, pedindo para entrar.

— Você vai desistir, então. É o melhor a fazer. Venha. Sente-se, vamos conversar.

Perrin virou-se para ver quem falava com ele. As mesas redondas espalhadas pelo salão estavam vazias, a não ser por um homem solitário sentado a um canto, na penumbra. O restante do recinto parecia um tanto obscuro, como se fosse produto da imaginação, e não um lugar real. Percebia isso sobretudo nos pontos que não encarava diretamente. Ele voltou a olhar para o fogo, que agora ardia em uma lareira de tijolos. Por algum motivo, nada daquilo o incomodava. *Deveria*, mas ele não conseguia explicar por quê.

O homem acenou, e Perrin se aproximou da mesa. Uma mesa quadrada. As mesas eram quadradas. Com a testa franzida, estendeu a mão para tocar o tampo, mas afastou-a. Não havia iluminação naquele canto do salão, e, apesar da luz em todo o resto, o homem e a mesa permaneciam quase escondidos, quase parte da penumbra.

Perrin teve a sensação de conhecer o homem, mas era tão vaga quanto o que via com o canto do olho. Era um sujeito bonito de meia-idade, vestido

bem demais para uma estalagem no interior. Usava trajes de veludo escuro, quase preto, com babados de renda branca para fora do colarinho e dos punhos. O homem estava sentado ereto, e às vezes pressionava a mão no peito, como se sentisse dor ao se mexer. Tinha os olhos negros cravados no rosto de Perrin, dois pontos cintilando nas sombras.

— Desistir de quê? — perguntou Perrin.

— Disso, é claro. — O homem inclinou a cabeça para o machado na cintura de Perrin. Parecia surpreso, como se fosse um assunto sobre o qual os dois já tivessem conversado, uma discussão antiga que recomeçava.

Perrin não tinha percebido que o machado estava ali, não sentira seu peso no cinturão. Ele passou a mão pela lâmina em meia-lua e pelo cabo grosso que mantinha o equilíbrio ideal. O aço parecia... sólido. Mais sólido que tudo ao redor. Talvez até mais sólido que ele próprio. Deixou a mão parada ali, querendo se agarrar a algo real.

— Pensei no assunto — respondeu —, mas acho que não consigo. Ainda não. — *Ainda não?* A estalagem parecia tremeluzir, e o murmúrio começou a ressoar outra vez em sua mente. *Não!* O ruído morreu.

— Não? — O homem abriu um sorriso frio. — Você é um ferreiro, garoto. E dos bons, pelo que ouvi dizer. Suas mãos foram feitas para segurar um martelo, não um machado. Foram feitas para construir, não para destruir. Volte a ser o que era, antes que seja tarde demais.

Perrin percebeu que assentia.

— Sim. Mas sou *ta'veren*. — Era a primeira vez que dizia aquilo em voz alta. *Mas ele já sabe.* Tinha certeza daquilo, embora não soubesse explicar por quê.

Por um instante, o rosto do homem se contorceu em uma careta, mas logo ele voltou mais forte que antes. Uma força fria.

— Existem muitas formas de mudar as coisas, garoto. Formas até mesmo de evitar o destino. Sente-se, vamos conversar a respeito. — As sombras pareciam se deslocar, adensar, tentando tocá-lo.

Perrin deu um passo atrás, bem para o meio da luz.

— Acho que não.

— Pelo menos beba um pouco comigo. Em nome dos anos passados e dos que estão por vir. Aqui, beba isso e enxergará as coisas com mais clareza. — A caneca que o homem empurrou pela mesa não estivera ali um segundo antes. Era de prata brilhante, cheia até a borda com um vinho escuro como sangue.

Perrin analisou o rosto do homem. Mesmo sob o olhar aguçado, as sombras pareciam encobrir as feições do sujeito como o manto de um

Guardião. A escuridão o delineava, como uma carícia. Havia algo nos olhos dele, algo que Perrin achava possível recordar, se fizesse algum esforço. O murmúrio retornou.

— Não — respondeu. Falara em resposta ao ruído que ressoava baixinho em sua cabeça, mas, quando o homem contraiu os lábios em um lampejo de ira suprimido no instante que surgiu, Perrin decidiu que a negativa também serviria para o vinho. — Não estou com sede.

Ele se virou e começou a caminhar em direção à porta. A lareira era feita de seixos redondos de rio, e umas poucas mesas compridas com bancos enfileirados preenchiam o salão. De súbito, ele desejou estar do lado de fora, em qualquer lugar longe daquele homem.

— Você não terá muitas chances — disse o sujeito atrás dele, com a voz dura. — Três tramas trançadas juntas compartilham da mesma sorte. Quando uma é cortada, todas as outras também são. Seu destino é capaz de matá-lo. Isso se não fizer algo pior.

Perrin sentiu um calor repentino subir pelas costas para logo desaparecer, como se a porta de uma imensa fornalha escaldante tivesse sido aberta e fechada em um segundo. Atônito, voltou-se para o salão. Estava vazio.

É só um sonho, pensou, tremendo de frio, e no mesmo instante tudo mudou.

Olhou para o espelho. Uma parte dele não compreendeu o que viu, mas a outra aceitou. Usava um capacete dourado com forma de cabeça de leão que cobria suas feições como se pertencesse a seu corpo. Folhas de ouro cobriam a placa peitoral de acabamento martelado, e detalhes em ouro adornavam a placa e a malha nos braços e nas pernas. Apenas o machado preso na lateral de seu corpo era liso. Uma voz, sua própria, sussurrou em sua mente. Disse que ele preferia o machado a qualquer outra arma, que o carregara mil vezes, em cem batalhas. *Não!* Queria removê-lo, atirá-lo longe. *Não posso!* Um som ressoava em sua cabeça, um pouco mais alto que um murmúrio, quase inteligível.

“Um homem destinado à glória.”

Ele deu meia-volta, afastando-se do espelho, e se viu diante da mulher mais linda que já vira. Não reparava em mais nada no salão, não se importava em olhar para mais nada além dela. Os olhos eram dois lagos negros, a pele era pálida e lisa, sem dúvida mais suave que o vestido de seda branca. Quando ela caminhou até ele, Perrin sentiu a boca ficar seca. Percebeu que todas as outras mulheres que já havia visto eram feias e desajeitadas. Estremeceu e se perguntou por que sentia frio.

— Um homem precisa agarrar o próprio destino com as duas mãos — disse ela, sorrindo. Aquele sorriso era quase suficiente para aquecê-lo. Ela era alta, seus olhos ficavam menos de um palmo mais baixos que os de Perrin. Os cabelos, mais escuros que a asa de um corvo, estavam presos por pentes de prata. Usava um cinturão de elos prateados; a cintura tão fina que o rapaz poderia envolvê-la apenas com as mãos.

— Sim — sussurrou em resposta. Em seu âmago, a surpresa e a aceitação duelavam. Ele desprezava a glória. Porém, ao ouvir as palavras da mulher, não desejou nada mais. — Quer dizer... — O murmúrio lhe voltou à cabeça. — Não! — Desapareceu, e por um instante a aceitação também sumiu. Quase. Ele levou uma das mãos à cabeça, tocou o capacete dourado e o removeu. — Eu... acho que não quero isso. Não é meu.

— Você não quer? — Ela riu. — Que homem com sangue correndo nas veias não desejaria a glória? A mesma glória que teria se soasse a Trombeta de Valere.

— Eu não quero — respondeu, embora parte dele gritasse que aquilo era mentira. A Trombeta de Valere. *A Trombeta soou, iniciando uma investida desenfreada. A morte cavalgava em seus ombros, porém ainda o aguardava adiante. Era seu amor. Sua ruína.* — Não! Sou um ferreiro.

Ela exibia um sorriso de compaixão.

— É tão pouco para se desejar. Não dê ouvidos aos que tentam desviá-lo de seu destino. Eles querem degradá-lo, humilhá-lo. Destruí-lo. Lutar contra o destino só lhe trará dor. Por que escolher a dor quando pode ter a glória? Quando pode ter seu nome lembrado ao lado de todos os heróis lendários?

— Não sou um herói.

— Você não sabe a metade do que é. A metade do que pode ser. Venha, beba comigo, ao destino e à glória. — Ela segurava uma caneca brilhante de prata, cheia de vinho cor de sangue. — Beba.

Ele encarou a caneca com a testa franzida. Havia algo... familiar naquilo. Um murmúrio zumbia em sua cabeça.

— Não! — Ele lutava e resistia, recusando-se a escutar. — Não!

Ela segurava a caneca dourada diante dele.

— Beba.

Dourada? Pensei que a caneca fosse... a caneca era... Ele não conseguia concluir o pensamento. Porém, na confusão, o murmúrio surgiu outra vez, atormentando-o por dentro, exigindo ser ouvido.

— Não — repetiu. — Não! — Encarou o capacete dourado nas mãos e o atirou longe. — Sou um ferreiro. Sou... — O som em sua mente lutava para

ser ouvido. Ele segurou a cabeça com os braços para afastá-lo, mas só conseguiu prendê-lo lá dentro. — Eu... sou... um... homem! — gritou.

A escuridão o envolveu, mas a voz da mulher o acompanhou, sussurrando:

— Sempre haverá outras noites, e os sonhos vêm para todos os homens. Sobretudo você, meu selvagem. E eu estarei sempre em seus sonhos.

Silêncio.

Perrin baixou os braços. Estava outra vez vestido com as próprias roupas, casaco e calças grossos e bem-feitos, embora simples. Trajes apropriados para um ferreiro ou qualquer outro camponês. Ainda assim, ele mal prestou atenção neles.

Estava de pé em uma ponte de pedra em forma de arco que ligava o parapeito baixo de duas amplas torres, também de pedra, com o topo achatado. As torres se erguiam de profundezas tão longínquas que nem mesmo seus olhos aguçados enxergavam o que havia lá embaixo. A luz teria sido fraca demais para qualquer outro par de olhos, e ele não era capaz de saber de onde ela vinha. Apenas existia. Em cada canto que olhava, à esquerda, à direita, acima e abaixo, via mais pontes, mais torres, outras rampas sem parapeito. A paisagem parecia não ter fim nem ordem. Pior, algumas das rampas levavam a topos de torres que só poderiam estar diretamente acima do lugar onde a rampa se originava. Um som de água corrente ecoava na paisagem. Parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo. Perrin tremia de frio.

De repente, captou um movimento com o canto do olho e, sem pensar, agachou-se atrás do parapeito de pedras. Era perigoso ser visto. Não sabia por quê, mas sabia que era verdade. Apenas sabia.

Espiando por cima do parapeito com cuidado, procurou pelo que vira se mover. Um borrão branco cintilou em uma rampa distante. Uma mulher. Teve certeza, embora não fosse capaz de distingui-la. Uma mulher de vestido branco correndo em direção a algum lugar.

Em uma ponte um pouco abaixo de onde ele estava, bem mais próxima do que a rampa por onde havia passado a mulher, surgiu um homem de repente. Era alto, escuro e esguio. Tinha cabelos prateados, que lhe conferiam uma aparência distinta, e o casaco verde-escuro coberto de bordados dourados. O cinto e a bolsa eram trabalhados em ouro, pedras preciosas cintilavam na bainha da adaga, e franjas douradas circundavam a ponta das botas. De onde viera?

Outro homem, que surgiu tão de repente quanto o primeiro, começou a cruzar a ponte pelo lado oposto. Listras pretas atravessavam as mangas

bufantes do casaco vermelho, e uma renda clara e espessa despontava do colarinho e dos punhos. As botas tinham tantos detalhes em prata que era difícil enxergar o couro. Ele era mais baixo e robusto do que o sujeito que ia ao seu encontro, que tinha os cabelos bem curtos e tão brancos quanto a renda. No entanto, a idade não o fazia parecer frágil. Ele caminhava a passos largos, ostentando a mesma força arrogante do outro.

Os dois se aproximaram, cautelosos. *Como dois negociantes de cavalos que sabem que o outro sujeito vai tentar vender uma égua manca*, pensou Perrin.

Os homens começaram a conversar. Perrin aguçou os ouvidos, mas não conseguiu ouvir nada além de um murmúrio por cima dos ecos da água corrente. Viu caretas, olhares penetrantes e movimentos ágeis que quase pareciam golpes. Eles não confiavam um no outro. Perrin pensou que talvez até se odiassem.

Ele ergueu os olhos e procurou pela mulher, mas ela desaparecera. Quando olhou de volta para baixo, outro homem havia se juntado aos dois primeiros. Perrin o conhecia de algum lugar, de alguma forma, com o sentimento vago de uma antiga lembrança. Um belo sujeito de meia-idade, com roupas de veludo quase preto e renda branca. *Uma estalagem*, pensou Perrin. *E algo antes disso. Algo...* Algo que acontecera havia muito tempo, ao que parecia. Mas a lembrança não vinha.

Os dois primeiros homens se posicionaram lado a lado, como se a presença do recém-chegado os obrigasse a fazer uma aliança. O sujeito gritou para eles e sacudiu o punho. Os outros mudaram de posição, incomodados, recusando-se a encará-lo. Se os dois se odiavam, estava claro que temiam aquele homem ainda mais.

Os olhos, pensou Perrin. *O que há de estranho com os olhos dele?*

O homem alto e escuro começou a discutir com os outros. No começo, falava devagar, mas com crescente fervor. O homem de cabelos brancos entrou na discussão, e a aliança temporária foi desfeita. Todos gritavam ao mesmo tempo, cada um com os outros dois. De repente, o homem de veludo negro abriu os braços, como se exigisse um fim à questão. E uma bola de fogo cada vez maior os envolveu e escondeu, expandindo-se constantemente.

Perrin cobriu a cabeça com os braços, jogou-se atrás da balaustrada de pedras e permaneceu agachado enquanto o vento o açoitava e rasgava suas roupas, um vento quente como o fogo. Um vento feito de fogo. Mesmo com os olhos fechados, podia ver as chamas se alastrando e engolindo tudo. A tempestade de fogo também rugia em sua direção. Perrin podia senti-la

queimando-o, arrastando-o, tentando consumi-lo e espalhar as cinzas. Ele gritou e tentou se segurar, sabendo que não era suficiente.

E, entre duas batidas de seu coração, o vento cessou. De uma vez. Em um instante uma tempestade de chamas o golpeava, e, no seguinte, silêncio. O único som era o eco da água que gotejava.

Perrin sentou-se devagar e examinou o próprio corpo. As roupas estavam intactas, e a pele, exposta, sem queimaduras. Apenas a lembrança do calor o fazia crer que aquilo acontecera. Uma lembrança que existia só em sua mente: seu corpo não se recordava de nada.

Com cuidado, espiou por cima da balaustrada. Restava somente um pedaço meio derretido da base em cada uma das extremidades da ponte onde os homens estavam. Deles, nenhum sinal.

Um arrepio em sua nuca o fez olhar para cima. Em uma rampa acima e à direita, um lobo cinzento e peludo o encarava.

— Não! — Ele se levantou e saiu correndo. — Isso é um sonho! Um pesadelo! Quero acordar! — Ele corria, e sua visão começou a embaçar. Os borrões se mexiam. Um zumbido encheu seus ouvidos, depois sumiu, e o movimento dos borrões cessou.

Ele tremia de frio. Sabia que era um sonho, tinha certeza, desde o primeiro instante. Tinha a vaga consciência de alguma lembrança obscura de sonhos que ocorreram antes, mas aquele ele conhecia bem. Já estivera naquele lugar em noites anteriores e, ainda que não entendesse nada, sabia que era um sonho. Pela primeira vez, não fazia diferença saber.

Havia gigantescas colunas de pedras vermelhas polidas em torno do espaço aberto onde ele se encontrava, sob um teto em domo a cinquenta passos ou mais acima de sua cabeça. Caso se juntasse a outro homem tão grande quanto ele próprio, os dois não seriam capazes de envolver uma daquelas colunas com os braços. O piso era revestido com enormes placas de pedras cinza-claro. Eram duras, mas já estavam gastas por incontáveis gerações de pés que por elas caminharam.

Centralizada sob o domo estava a razão pela qual tantos pés haviam pisado naquela câmara. Uma espada pairava com o cabo para baixo, parecendo não ter suporte. Estava onde qualquer um poderia estender a mão e pegá-la. Girava devagar, como se movida por uma leve brisa. Contudo, não era exatamente uma espada. Lâmina, cabo e guarda-mão pareciam feitos de vidro, talvez cristal. Absorviam toda a luz do ambiente e a refletiam em milhares de feixes cintilantes.

Perrin caminhou até ela e estendeu a mão, como fizera todas as outras vezes. Lembrava com clareza. O cabo erguido ali, bem diante de seus olhos,

ao alcance das mãos. A um passo da espada reluzente, sua mão esbarrou no ar. Foi como se tocasse pedra. Como sabia que seria. Ele empurrou com mais força, no entanto mais parecia que empurrava uma parede. A espada girava, cintilante, a um passo de distância, mas tão fora de seu alcance que parecia estar do outro lado de um oceano.

Callandor. Ele não sabia ao certo se o sussurro vinha de dentro ou de fora de sua cabeça. Parecia ecoar pelas colunas, suave como o vento, insistente, onipresente. *Callandor. Quem me controla, controla o destino. Pegue-me e comece a jornada final.*

Deu um passo para trás, assustado. Jamais ouvira aquele sussurro. Já era a quarta vez que tinha o mesmo sonho, conseguia se lembrar dele, até naquele momento. Quatro noites, uma após a outra, e aquela era a primeira mudança.

Os Distorcidos chegaram.

Era um sussurro diferente, vindo de algum lugar conhecido, e ele deu um salto como se tivesse sido tocado por um Myrddraal. Havia um lobo ali, entre as colunas. Um lobo da montanha, quase da altura de seu quadril e com a pelugem malhada de branco e cinza. Encarava-o com muita atenção, com olhos tão amarelos quanto os seus.

Os Distorcidos chegaram.

— Não — gritou Perrin com a voz áspera. — Não! Não vou deixar vocês entrarem! Eu. Não. Vou!

Dentro da cabana, ele fez um esforço para acordar e se sentou, tremendo de medo, frio e raiva.

— Eu não vou — sussurrou, rouco.

Os Distorcidos chegaram.

O pensamento era claro em sua cabeça, mas não pertencia a ele.

Os Distorcidos chegaram, irmão.



CAPÍTULO 5



Pesadelos Ambulantes

Saltando da cama, Perrin agarrou o machado e correu para fora, ainda descalço, vestido apenas com linho fino, sem se importar com o frio. A lua banhava as nuvens de um branco pálido. Luz mais que suficiente para seus olhos, mais que suficiente para enxergar as formas de todos os tamanhos que deslizavam por entre as árvores. Formas quase tão enormes quanto Loial, mas com rostos distorcidos por focinhos e bicos, ostentando cabeças meio humanas, mas com chifres e cristas emplumadas. Formas ocultas que avançavam, furtivas, sobre cascos, patas e pés calçados de botas.

Ele abriu a boca para emitir um alerta, mas de repente a porta da cabana de Moiraine se abriu com um solavanco, e Lan saiu de espada na mão, clamando:

— Trollocs! Acordem, salvem suas vidas! — Gritos vieram em resposta assim que os homens começaram a sair cambaleantes das cabanas, ainda em trajes de dormir, o que para a maioria significava traje nenhum, mas com espadas em riste. Emitindo rugidos bestiais, os Trollocs avançaram de encontro às espadas de aço e dos urros de “Shienar!” e “Dragão Renascido!”.

Lan estava completamente vestido, Perrin apostava que nem tinha dormido. O Guardiã jogou-se no meio dos Trollocs como se a lâ das roupas que usava fosse uma armadura. Parecia dançar de um para outro, homem e espada fluindo como água ou vento. Onde o Guardiã dançava, Trollocs gritavam e morriam.

Moiraine também saíra para a noite, dançando a própria dança entre os Trollocs. A única arma que parecia carregar era uma vara, mas uma linha

de fogo surgia na carne dos Trollocs que golpeava. A mão livre lançava bolas flamejantes que ela tirava do nada, e os Trollocs urravam enquanto eram consumidos pelas chamas, se debatendo no chão.

Uma árvore inteira irrompeu em labaredas, da raiz à copa, depois outra e mais outra. Os Trollocs guincharam sob a luz repentina, mas não pararam de brandir os machados com a ponta de trás comprida e as espadas curvas como foices.

De repente, Perrin viu Leya sair hesitante da cabana de Moiraine, no outro extremo do vale, e todos os demais pensamentos o abandonaram. A mulher Tuatha'an apoiou as costas na parede de troncos, levando a mão à garganta. À luz das árvores em chamas, ele viu o sofrimento, o horror e a repulsa no rosto dela, que assistia à carnificina.

— Vá se esconder! — gritou Perrin. — Volte para dentro e se esconda! — O rugido cada vez mais alto de luta e morte engoliu suas palavras. Ele correu em direção a ela. — Vá se esconder, Leya! Pelo amor da Luz, vá se esconder!

Um Trolloc se assomou por cima dele, com um bico cruel e curvo onde deveriam estar boca e nariz. Coberto dos ombros aos joelhos por uma malha negra e cheia de pregos, ele caminhava sobre garras de gavião, balançando uma daquelas espadas estranhamente curvas. Fedia a suor, sujeira e sangue.

Perrin se abaixou, esquivando-se da investida com urros sem palavras enquanto golpeava com o machado. Sabia que deveria estar com medo, mas a ansiedade sufocara o pavor. Tudo o que importava era alcançar Leya e deixá-la em segurança. E havia um Trolloc em seu caminho.

A criatura desabou, rugindo e chutando, Perrin não sabia onde o atingira, nem se ele estava morrendo ou apenas ferido. Pulou por cima da criatura caída que se debatia e saiu correndo encosta acima.

As árvores em chamas espalhavam sombras sinistras pelo pequeno vilarejo. Uma sombra bruxuleante ao lado da cabana de Moiraine de repente se transformou em um Trolloc chifrudo com focinho de bode. Com as mãos agarradas a um machado com as costas da lâmina cheias de pontas, ele parecia a ponto de correr para a briga. Então olhou para Leya.

— Não! — gritou Perrin. — Luz, não! — As pedras deslizavam sob seus pés descalços, mas ele não sentia os ferimentos. O Trolloc ergueu o machado. — Leyaaaaaaaaa!

No último instante o Trolloc girou, jogando o machado na direção de Perrin. O rapaz se jogou no chão, soltando um grito quando o aço lhe atingiu as costas. Em desespero, estendeu uma das mãos, segurou um dos

cascos de bode e puxou com toda a força. O Trolloc perdeu o equilíbrio e caiu com um estrondo. Mas, ao deslizar pela encosta, a besta agarrou Perrin com mãos do dobro do tamanho das dele, e os dois saíram rolando juntos. O fedor invadiu as narinas de Perrin, um fedor que misturava cheiro de cabra e de suor azedo. Sentiu braços gigantescos envolverem seu peito feito uma serpente, fazendo-o perder o ar, e suas costelas rangeram, começando a se quebrar. O Trolloc perdera o machado na queda, mas afundou os dentes de bode no ombro de Perrin, triturando-o com as mandíbulas poderosas. O rapaz grunhiu ao sentir a fisgada de dor descer pelo braço. Seus pulmões lutavam por ar, e a escuridão tomava os cantos de sua visão, mas ele tinha a vaga consciência de que o outro braço estava livre, de que tinha dado um jeito de não largar o próprio machado. Segurou bem a ponta do cabo, como um martelo, mantendo a parte pontuda para a frente. Com um urro que acabou com todo o ar que lhe restava, ele cravou a ponta do machado na têmpora do Trolloc. O bicho convulsionou em silêncio, os braços abertos se debatendo com violência, tentando empurrá-lo para longe. Por puro instinto, Perrin manteve a mão agarrada firme ao machado, relaxando-a quando o Trolloc deslizou, ainda se contorcendo, encosta abaixo.

Por um instante Perrin ficou parado, respirando com dificuldade. O corte em suas costas queimava, e ele as sentiu molhadas de sangue. Ao se levantar, o ombro doeu.

— Leya?

Ela ainda estava lá, encolhida diante da cabana, a menos de dez passos encosta acima. Tinha um olhar que ele mal suportava encarar.

— Não sinta pena de mim! — rosnou ele. — Não sinta...!

O salto que o Myrddraal deu do telhado da cabana pareceu levar um bom tempo, e a capa profundamente negra pairou no ar durante a queda lenta, como se o Meio-homem já estivesse no chão. Ele encarou Perrin com o rosto sem olhos. Tinha cheiro de morte.

O frio invadia os braços e pernas de Perrin enquanto o Myrddraal o encarava. Seu peito parecia um bloco de gelo.

— Leya — sussurrou. Tudo o que podia fazer era não correr. — Leya, por favor, se esconda. Por favor.

O Meio-homem começou a avançar em direção a ele, devagar, confiante de que o medo o paralisava, erguendo uma espada tão preta que somente as labaredas das árvores a tornavam visível.

— Corte uma perna do tripé — disse a criatura, baixinho —, e ele desaba por inteiro. — A voz era áspera como couro podre.

De repente, Leya se mexeu, atirando-se para a frente, tentando agarrar as pernas do Myrddraal. A criatura girou a espada negra para trás de forma quase displicente, sem sequer olhar para os lados, e a mulher desabou no chão.

Lágrimas brotaram nos cantos dos olhos de Perrin. *Eu devia tê-la ajudado... tê-la salvo.... Devia ter feito... alguma coisa!* Porém, sob o olhar sem olhos do Myrddraal, até pensar era um esforço enorme.

Chegamos, irmão. Chegamos, Jovem Touro.

As palavras ressoavam em sua cabeça como o badalar de um sino, as reverberações o faziam estremecer. Com as palavras vieram os lobos, muitos deles, invadindo sua mente como ele sabia que faziam com o vale oval. Lobos-da-montanha que chegavam quase até a cintura de um homem, todos brancos e cinza, eclodindo pela noite em disparada, cientes da surpresa dos de duas pernas enquanto corriam para atacar os Distorcidos. Os lobos encheram sua mente até ele quase esquecer que era humano. Seus olhos, dourados e reluzentes, concentravam a luz. O Meio-homem parou de avançar, como se tomado por uma súbita hesitação.

— Desvanecido — disse Perrin, secamente. Mas então um nome diferente surgiu em sua mente, vindo dos lobos. Trollocs, os Distorcidos, criados durante a Guerra das Sombras a partir do cruzamento entre homens e animais, eram ruins o bastante, mas o Myrddraal... — Desnascido! — cuspiu o Jovem Touro. Com os lábios contorcidos em um rosnado, ele se lançou de encontro à criatura.

O Myrddraal se movia como uma víbora, mortal e sinuosa, e a espada negra era veloz como um raio, mas ele era o Jovem Touro. Era assim que os lobos o chamavam. Jovem Touro, cujos chifres de aço ele controlava com as próprias mãos. Ele e os lobos eram um. Ele era um lobo, e qualquer lobo morreria cem vezes para ver um Desnascido morrer. O Desvanecido recuou diante dele, a espada dardejante agora tentando amparar os golpes.

Tendão e garganta, era assim que os lobos matavam. O Jovem Touro se jogou de repente para um lado e caiu de joelhos, atingindo a parte de trás do joelho do Meio-homem com o machado. A criatura gritou, era um som de ranger os ossos que teria deixado Perrin arrepiado em qualquer outra ocasião, e caiu, apoiando-se em uma das mãos. O Meio-homem, o Desnascido, ainda segurava a espada com força, mas antes que pudesse se endireitar o machado do Jovem Touro atacou outra vez. Meio degolada, a cabeça do Myrddraal caiu para trás e ficou pendurada nas costas. Ainda assim, apoiado em uma das mãos, o Desnascido brandia a espada loucamente. Os Desnascidos sempre demoravam a morrer.

Tanto pelas imagens dos lobos quanto pelos próprios olhos, o Jovem Touro via Trollocs se debatendo no chão, ganindo, intocados por lobos ou homens. Estavam ligados àquele Myrddraal e morreriam quando ele morresse, se ninguém os matasse antes.

A ânsia de descer a encosta e juntar-se a seus irmãos, juntar-se à matança dos Distorcidos e ir à caça dos Desnascidos que restavam era forte, mas um fragmento escondido do homem que ele ainda era se lembrou: *Leya*.

Ele largou o machado e virou-se para ela, devagar. O rosto da mulher estava coberto de sangue, e ela o encarava, os olhos paralisados pela morte. Parecia um olhar acusatório.

— Eu tentei — disse. — Tentei salvar você. — O olhar dela não se alterou. — O que mais eu poderia ter feito? Ele teria matado você se eu não o tivesse matado!

Venha, Jovem Touro. Venha matar os Distorcidos.

Os lobos voltaram, envolvendo Perrin outra vez. Ele deixou Leya deitada onde estava e pegou o machado, que tinha um brilho molhado na lâmina. Seus olhos brilhavam enquanto ele descia a encosta pedregosa correndo. Ele era o Jovem Touro.

As árvores espalhadas ao redor do vale oval queimavam como tochas. Um pinheiro alto ardia em chamas quando o Jovem Touro se uniu à batalha. O ar da noite brilhava em um tom azulado, semelhante a um raio dentro de uma nuvem, quando Lan começou a lutar com outro Myrddraal. Aço antigo feito por Aes Sedai contra aço negro forjado em Thakan'dar, na escuridão de Shayol Ghul. Loial manjava um bastão do tamanho de uma vara de cerca, um pedaço de madeira rodopiante que delimitava um espaço onde nenhum Trolloc era capaz de entrar sem cair. Homens lutavam desesperados sob as sombras dançantes, mas o Jovem Touro, Perrin, reparou a distância que muitos dos de duas pernas shienaranos haviam sido abatidos.

Os irmãos e irmãs lutavam em pequenos grupos de três ou quatro, esquivando-se das espadas em forma de foice e dos machados com um lado perfurante, investindo com os dentes afiados tentando dilacerar tendões, tentando abocanhar as gargantas de suas presas caídas. Não havia honra na forma em que lutavam, nem glória ou compaixão. Não estavam ali para batalhar, mas para matar. O Jovem Touro juntou-se a um dos pequenos grupos, a lâmina do machado fazendo as vezes de dentes.

Já não pensava na batalha como um todo. Havia apenas o Trolloc que ele e os lobos — os irmãos — apartavam do resto e traziam ao chão. Logo

haveria outro, e mais outro, até que não restasse mais Trollocs. Não ali, nem em lugar algum. Ele sentiu um ímpeto de largar o machado e usar os dentes, de correr em quatro patas como faziam seus irmãos. Correr por elevados estreitos das montanhas. Correr afundado até a barriga na neve solta, à caça de cervos. Correr com o vento gelado sacudindo os pelos. Ele rosnou junto aos irmãos, e os Trollocs ganiram, ainda mais amedrontados por seus olhos amarelos do que pelos dos outros lobos.

De súbito, percebeu que não havia mais Trollocs em nenhum ponto do vale, embora sentisse que seus irmãos perseguiam os que fugiam. Um grupo de sete tinha uma presa diferente, lá fora na escuridão. Um dos Desnascidos tentou alcançar o de quatro patas de pés duros que lhe pertencia — o cavalo, lembrou uma parte distante dele —, e os irmãos partiram em seu encalço, focinhos farejando o cheiro da criatura, a essência da morte. Em sua mente, Perrin estava com eles, enxergava com os olhos deles. Ao se aproximarem, o Desnascido se virou, praguejando, espadas e roupas negras feito a noite. Mas era na noite que seus irmãos e irmãs caçavam.

O Jovem Touro soltou um rosnado quando o primeiro irmão morreu, a dor de sua morte a lanciná-lo. Os outros, porém, fecharam o cerco, e mais irmãos e irmãs morreram, no entanto as mandíbulas puxaram o Desnascido para o chão. A criatura agora lutava com os próprios dentes, dilacerando gargantas, cravando unhas que retalhavam pele e carne igual à garra dura empunhada pelo de duas pernas, mas os irmãos atacavam até a morte. Por fim, uma irmã solitária saiu arquejante da pilha que ainda se contorcia e cambaleou para o lado. Era chamada de Bruma da Manhã, mas, assim como todos os nomes deles, era mais do que aquilo: uma manhã congelante, com o prenúncio de neve cortante pairando no ar, a névoa grossa se enroscando pelo vale, serpenteando com a brisa gélida que trazia a promessa de uma boa caçada. Erguendo a cabeça, Bruma da Manhã uivou para a lua encoberta pelas nuvens, lamentando seus mortos.

O Jovem Touro jogou a cabeça para trás e uivou com ela, lamentou com ela.

Quando baixou a cabeça, viu que Min olhava para ele.

— Você está bem, Perrin? — perguntou, hesitante. Tinha um ferimento no rosto e uma das mangas do casaco estava rasgada. Segurava um porrete em uma das mãos e uma adaga na outra, ambas sujas de sangue e pelos.

Todos o encaravam, ele reparou, todos os que ainda estavam de pé. Loial se apoiava no bastão comprido, exausto. Os shienaranos, que haviam levado os mortos para um canto, onde Moiraine se agachava sobre um

deles, Lan ao seu lado. Até a Aes Sedai o olhava. As árvores flamejantes, feito imensas tochas, emitiam uma luz bruxuleante. Trollocs jaziam mortos por toda parte. Havia mais shienaranos caídos do que de pé, e os corpos de seus irmãos espalhavam-se entre eles. Eram tantos...

Perrin percebeu que queria uivar outra vez. Em um frenesi, encerrou o contato com os lobos. Imagens e emoções o penetravam enquanto ele tentava refreá-las. Finalmente, porém, parou de sentir os lobos, sua dor, sua raiva, seu desejo de caçar os Distorcidos ou de correr... Ele se sacudiu. A ferida nas costas queimava como fogo, e o ombro dilacerado parecia ter sido martelado em uma bigorna. Os pés descalços, arranhados e feridos, latejavam de dor. O cheiro de sangue estava em toda parte. Cheiro de Trollocs e morte.

— Eu... Eu estou bem, Min.

— Você lutou bem, ferreiro — comentou Lan. O Guardião ergueu a espada ainda suja de sangue sobre a cabeça. — *Tai'shar Manetheren! Tai'shar Andor!* — O verdadeiro sangue de Manetheren. O verdadeiro sangue de Andor.

Os shienaranos ainda de pé — restavam tão poucos — ergueram as espadas e juntaram-se a ele.

— *Tai'shar Manetheren! Tai'shar Andor!*

Loial assentiu.

— *Ta'veren* — acrescentou.

Perrin baixou os olhos, envergonhado. Lan o poupava de perguntas que ele não queria responder, mas lhe concedera uma honra que ele não merecia. Os outros não compreendiam. Ele se perguntou o que diriam se soubessem a verdade. Min se aproximou, e ele murmurou:

— Leya morreu. Eu não consegui... quase cheguei a tempo.

— Não teria feito diferença — respondeu ela, baixinho. — Você sabe disso. — Ela se inclinou para espiar as costas dele e estremeceu. — Moiraine vai cuidar de você. Está curando quem pode.

Perrin assentiu. Sentia as costas pegajosas do sangue que secava, escorrido até o quadril, mas, apesar da dor, mal notava a ferida. *Luz, quase não voltei, agora há pouco. Não posso deixar que isso aconteça de novo. Não vou! Nunca mais!*

No entanto, quando estava com os lobos era tudo tão diferente. Não precisava se preocupar com estranhos que se assustavam só por causa de seu tamanho. Ninguém o achava devagar demais só porque tentava ser cuidadoso. Os lobos conheciam uns aos outros mesmo sem jamais terem se visto, e, ao lado deles, Perrin era apenas mais um lobo.

Não! Ele agarrou o cabo do machado. *Não!* Levou um susto quando Masema se pronunciou, de repente:

— Isso foi um sinal — disse o shienarano, voltando-se para se dirigir a todos. Ele tinha sangue nos braços e no peito, pois lutara apenas de calças, e mancava ao caminhar, mas o brilho em seus olhos refletia um fervor jamais visto. Um fervor maior. — Foi um sinal para confirmar o nosso destino. Até os lobos vieram lutar pelo Dragão Renascido. Na Última Batalha, o Lorde Dragão convocará até as bestas das florestas para lutar do nosso lado. É um sinal para seguirmos adiante. Apenas os Amigos das Trevas não se juntarão a nós.

Dois shienaranos assentiram.

— Cale essa sua boca imunda, Masema! — ralhou Uno. Parecia ileso, mas aquele homem já lutava com Trollocs antes mesmo de Perrin nascer. Mesmo assim, estava curvado de cansaço. Apenas o olho pintado em seu tapa-olho parecia disposto. — Seguiremos adiante quando o Lorde Dragão mandar e não antes! É bom que esses seus fazendeiros chamejados se lembrem disso! — O caolho encarou a fileira crescente de homens já atendidos por Moiraine. Poucos mal conseguiam sentar, mesmo depois de ela terminar. Ele sacudiu a cabeça. — Pelo menos teremos muito couro de lobo para aquecer os feridos.

— *Não!* — Os shienaranos se surpreenderam com a veemência na voz de Perrin. — Eles lutaram por nós, e vamos enterrá-los com nossos mortos.

Uno franziu a testa e abriu a boca como se fosse discutir, mas Perrin o encarou com olhos firmes e amarelos. Foi o shienarano quem baixou o olhar primeiro, depois assentiu.

Perrin pigarreou, mais uma vez envergonhado, enquanto Uno ordenava aos shienaranos que estavam em condições que recolhessem os lobos mortos. Min o olhava de soslaio, como fazia quando pressentia as coisas.

— Onde está Rand? — perguntou ele a ela.

— Por aí, no escuro — respondeu ela, inclinando a cabeça para o alto da encosta sem tirar os olhos dele. — Não quer falar com ninguém. Só fica sentado brigando com qualquer um que se aproxime.

— Ele vai falar comigo — disse Perrin. Ela foi atrás, resmungando o tempo inteiro que ele deveria esperar Moiraine olhar suas feridas. *Luz, o que será que ela vê quando olha para mim? Não quero saber.*

Rand estava sentado no chão logo depois do clarão das árvores incendiadas, encostado no tronco de um carvalho atrofiado. Fitava o vazio, com os braços cruzados em torno do corpo e as mãos enfiadas sob o casaco vermelho, como se sentisse frio. Não pareceu notar a aproximação dos dois.

Min sentou-se a seu lado, mas ele não se mexeu quando ela pousou a mão em seu braço. Mesmo ali, Perrin sentia cheiro de sangue, e não era só o dele.

— Rand — começou Perrin, mas o outro o interrompeu.

— Sabe o que eu fiz durante a luta? — Ainda com o olhar distante, Rand se dirigia à noite. — Nada! Nada de útil. Primeiro, quando busquei a Fonte Verdadeira, não consegui tocá-la, não mantive o contato. Ficava me escapando. Depois, quando finalmente consegui, queria queimar todos eles, queria queimar todos os Trollocs e Desvanecidos. E tudo o que consegui foi atear fogo a algumas árvores. — Ele estremeceu com um riso silencioso, depois parou, com uma expressão sofrida. — *Saidin* me preencheu até eu pensar que explodiria como os fogos de artifício. Eu tinha que canalizar contra alguma coisa, tinha que me livrar daquilo antes que me consumisse, e me peguei pensando em derrubar a montanha e soterrar todos os Trollocs. Quase tentei. Essa foi a minha luta. Não contra os Trollocs. Contra mim mesmo. Para evitar que acabássemos todos soterrados pelas montanhas.

Min lançou a Perrin um olhar sofrido, como se pedisse ajuda.

— Nós... demos conta deles, Rand — respondeu Perrin. Ele tremeu, pensando em todos os homens feridos lá embaixo. E nos mortos. *Melhor que a montanha desabando sobre nós.* — Você não foi necessário.

Rand jogou a cabeça para trás, apoiando-a na árvore, e fechou os olhos.

— Eu senti a chegada deles — disse, quase em um sussurro. — Mas não soube o que era. Eles são iguais à mácula de *saidin*. E *saidin* está sempre lá, me chamando, cantando para mim. Quando percebi a diferença, Lan já estava emitindo o alerta. Se eu pelo menos conseguisse controlar o poder, poderia ter dado o alerta antes que chegassem ainda mais perto. Só que, na metade das vezes em que consigo de fato tocar *saidin*, não tenho a menor ideia do que estou fazendo. Mas eu poderia ter avisado.

Incomodado, Perrin mexeu os pés machucados.

— Recebemos avisos suficientes. — Ele sabia que soava como se tentasse convencer a si próprio. *Eu também poderia ter avisado, se tivesse falado com os lobos. Eles sabiam que havia Trollocs e Desvanecidos nas montanhas. Estavam tentando me avisar.* Mas refletiu: se não tivesse tirado os lobos da cabeça, será que não estaria correndo com eles naquele mesmo instante? Havia um homem, Elyas Machera, que também era capaz de falar com lobos. Elyas corria com os lobos o tempo todo, mas ainda parecia se lembrar de que era um homem. Contudo, nunca revelara a Perrin como conseguia, e fazia muito tempo que Perrin não o via.

O barulho de botas nas pedras anunciou a chegada de duas pessoas, e o vento trouxe seus odores até Perrin. No entanto, ele teve o cuidado de não revelar nomes até que Lan e Moiraine se aproximassem o suficiente para serem reconhecidos por olhos comuns.

O Guardião estava com uma das mãos posicionada sob o braço da Aes Sedai, como se tentasse apoiá-la sem que ela percebesse. Moiraine tinha os olhos cansados, e uma de suas mãos segurava a pequena escultura de uma mulher, em marfim, enegrecida pelo tempo. Perrin sabia que era um *angreal*, um fragmento da Era das Lendas que possibilitava que uma Aes Sedai canalizasse em segurança uma quantidade maior do Poder do que poderia sem ajuda. Utilizá-lo nas curas era um indicativo do cansaço de Moiraine.

Min levantou-se para ajudar a mulher, mas a Aes Sedai a afastou.

— Já cuidei de todos os outros — disse a Min. — Quando terminar aqui, poderei descansar. — Também dispensou Lan com um gesto, e um olhar de concentração surgiu em seu rosto quando ela passou a mão fria pelo ombro ensanguentado de Perrin, depois pela ferida em suas costas. O toque arrepiou a pele dele. — Não está tão mal — disse. — O ferimento no ombro foi mais profundo, mas os cortes são superficiais. Agente firme. Não vai doer, mas...

Ele jamais havia considerado fácil ficar perto de alguém canalizando o Poder Único, e menos ainda se ele estivesse envolvido. Mesmo assim passara por uma ou duas situações como essa e achava que sabia o que uma canalização envolvia, mas aquelas haviam sido curas menores, simples revigoramentos quando Moiraine não podia se dar ao luxo de tê-lo abatido. Nunca houvera nada como aquilo.

Os olhos da Aes Sedai de repente pareciam enxergar dentro dele, através dele. Ele engasgou, quase deixando cair o machado. Podia sentir a pele das costas se arrastando, os músculos se contorcerem ao se fundirem outra vez. Seu ombro estremeceu de um jeito incontrolável, e tudo virou um borrão. O frio lhe calcinou os ossos, depois queimou ainda mais fundo. Ele tinha a impressão de se mover, de desabar, de voar. Não sabia ao certo o que era, mas sentia-se como se estivesse correndo — para algum lugar, de alguma forma — para sempre, a grande velocidade. Depois de uma eternidade, o mundo entrou em foco outra vez. Moiraine deu um passo atrás, meio cambaleante, e Lan segurou-a pelo braço.

Boquiaberto, Perrin olhou o próprio ombro. Os cortes e contusões haviam desaparecido, e ele sentia apenas pontadas. Virou-se com cuidado, mas também não sentia dor nas costas. Nem nos pés, e não precisou olhá-

los para saber que os arranhões e hematomas também já não estavam lá. Seu estômago roncou alto.

— Você precisa comer assim que possível — disse Moiraine. — Uma boa parte da força para isso veio de você. Precisa repô-la.

Fome, acompanhada de imagens de comidas, já começava a dominar os pensamentos de Perrin. Um bife sangrento, carne de veado, de carneiro, de... Ele fez um esforço e se obrigou a parar de pensar em carne. O que encontraria era um daqueles tubérculos que cheiravam a nabo depois de cozidos. Seu estômago resmungou em protesto.

— Quase não ficou cicatriz, ferreiro — comentou Lan, atrás dele.

— A maioria dos lobos feridos foi embora para a floresta — disse Moiraine, se espichando e massageando as costas —, mas eu curei os que consegui encontrar. — Perrin lhe lançou um olhar aguçado, mas ela parecia estar apenas comentando. — Talvez tiveram motivos para vir, mas sem dúvida estaríamos todos mortos sem a ajuda deles. — Perrin mudou de posição, incomodado, e baixou os olhos.

A Aes Sedai estendeu o braço em direção ao ferimento no rosto de Min, que recuou:

— Não estou tão machucada, e você já está cansada. Já fiquei pior só caindo sozinha.

Moiraine sorriu e abaixou a mão. Lan pegou seu braço. A mulher oscilou, amparada por ele.

— Muito bem. E você, Rand? Está ferido? O menor talho da espada de um Myrddraal pode ser mortal, e as de alguns Trollocs são igualmente ruins.

Perrin percebeu algo pela primeira vez.

— Rand, seu casaco está molhado.

Rand afastou do casaco a mão direita, banhada em sangue.

— Não foi um Myrddraal — disse, absorto, olhando para a própria mão. — Não foi nem um Trolloc. A ferida que sofri em Falme abriu.

Moiraine sibilou, desvencilhou-se de Lan com um solavanco e jogou-se de joelhos ao lado de Rand. Puxou a lateral do casaco para trás e examinou a ferida. Perrin não conseguia ver, pois a cabeça dela estava na frente, mas o cheiro de sangue estava mais forte. As mãos de Moiraine se mexiam, e Rand fazia caretas de dor.

— “O sangue do Dragão Renascido sobre as pedras de Shayol Ghul libertará a humanidade da Sombra.” Não era isso que diziam as Profecias do Dragão?

— Quem lhe disse isso? — perguntou Moiraine, ríspida.

— Se você pudesse me levar a Shayol Ghul agora — continuou Rand, sonolento — por um Portal dos Caminhos ou uma Pedra-portal, isso tudo poderia terminar. Nenhuma outra morte. Nenhum outro sonho. Mais nada.

— Se fosse simples assim — retrucou Moiraine, com uma careta —, eu daria um jeito de levar você, mas nem tudo em *O Ciclo de Karaethon* pode ser levado ao pé da letra. Para cada trecho literal, há outros dez que podem estar sujeitos a cem interpretações diferentes. Não pense que você sabe de tudo o que *deve* acontecer, mesmo que tenha ouvido alguém recitar as Profecias inteiras. — Ela fez uma pausa, como se reunisse forças. Apertou ainda mais o *angreal* e deslizou a mão livre pelo corpo de Rand, como se ele não estivesse banhado em sangue. — Prepare-se.

De repente, Rand arregalou os olhos e se sentou ereto, arfando, trêmulo, paralisado. Quando foi curado, Perrin pensou que aquilo havia levado uma eternidade, mas em poucos instantes Moiraine ajudava Rand a se encostar outra vez no carvalho.

— Eu fiz... tudo o que pude — disse, com a voz fraca. — Tudo o que pude. Você precisa tomar cuidado. A ferida pode abrir de novo, se... — A voz foi morrendo, e ela desabou.

Rand a amparou, mas em um segundo Lan chegou para pegá-la nos braços. Naquele instante uma expressão percorreu o rosto do Guardiã, a expressão mais próxima de afeto que Perrin podia imaginar em Lan.

— Exausta — disse o Guardiã. — Ela cuidou de todos os outros, mas não há ninguém para ajudar com o cansaço dela. Vou colocá-la na cama.

— Tem Rand — sugeriu Min devagar, mas o Guardiã negou com a cabeça.

— Não é que eu pense que você não tentaria, pastor — disse —, mas sabe tão pouco que poderia acabar matando-a em vez de ajudar.

— Está certo — concordou Rand, em um tom amargo. — Não sou confiável. Lews Therin Fratricida matou todos ao seu redor. Talvez eu faça o mesmo antes de morrer.

— Mantenha o controle, pastor — retrucou Lan, com dureza. — Você carrega o mundo inteiro nos ombros. Lembre-se de que é um homem e faça o que tem de ser feito.

Rand olhou para o Guardiã, e, inesperadamente, toda a amargura pareceu se dissipar.

— Lutarei da melhor maneira que puder — respondeu. — Porque não há mais ninguém, e isso tem de ser feito, e o dever é meu. Vou lutar, mas não sou obrigado a gostar do que me tornei. — Ele fechou os olhos como se fosse dormir. — Eu vou lutar. Sonhos...

Lan o encarou por um instante, então assentiu. Ergueu a cabeça e olhou para Perrin e Min, que estavam diante de Moiraine.

— Tratem de deitá-lo na cama, depois vão dormir vocês dois também. Temos planos a fazer, e só a Luz sabe o que acontecerá em seguida.



CAPÍTULO 6



A Caçada Começa

Perrin não esperava pegar no sono, mas o estômago cheio de cozido frio — a decisão de que comeria apenas tubérculos havia durado apenas até o cheiro das sobras do jantar chegarem ao seu nariz — e o cansaço profundo o derrubaram na cama. Se sonhou, não lembrava. Acordou com Lan sacudindo seus ombros. A claridade da aurora que entrava pela porta transformava o Guardião em uma sombra com halo luminoso.

— Rand foi embora. — Foi tudo o que Lan disse antes de sair correndo, mas era mais que suficiente.

Perrin rastejou para fora da cama bocejando e se vestiu depressa, sob o frio da manhã. Do lado de fora havia apenas um punhado de shienaranos à vista. Arrastavam corpos de Trollocs para a floresta com a ajuda dos cavalos, e, a julgar pelo modo como se moviam, a maioria deveria estar na cama, recuperando-se. O organismo precisava de tempo para restituir a força que a Cura exigia.

A barriga de Perrin roncou, e ele farejou a brisa, na esperança de que alguém já tivesse começado a cozinhar. Comeria aquelas raízes com cara de nabo, mesmo que cruas. Sentiu apenas o fedor persistente de Myrddraal e Trollocs mortos, de homens, vivos e mortos, de cavalos e árvores. E de lobos mortos.

A cabana de Moiraine, no alto do outro extremo do vale, parecia bastante movimentada. Min entrou nela correndo, e em instantes Masema saiu, depois Uno. Mais do que depressa, o caolho sumiu em meio às árvores em direção ao muro íngreme de pedras que ficava depois da cabana, enquanto os outros shienaranos mancavam pela descida da encosta.

Perrin foi correndo na direção da cabana. Patinhando pelo córrego raso, cruzou com Masema. O shienarano tinha uma expressão exausta, a cicatriz pálida na bochecha estava mais proeminente, e os olhos, mais fundos que o habitual. No meio do córrego, ergueu a cabeça de repente e agarrou a manga do casaco de Perrin.

— Você é da mesma aldeia que ele — disse, com a voz rouca. — Deve saber. Por que o Lorde Dragão nos abandonou? Que pecado cometemos?

— Pecado? Do que está falando? Seja lá por que Rand tenha ido embora, não foi por nada do que tenham feito ou deixado de fazer. — Masema não parecia satisfeito, continuava agarrado à manga de Perrin, perscrutando seu rosto como se ali houvesse alguma resposta. A água congelante começou a entrar pela bota esquerda de Perrin. — Masema — tentou dizer, com cuidado —, seja lá o que o Lorde Dragão tenha feito, estava dentro dos planos dele. O Lorde Dragão não nos abandonaria.

Ou será que abandonaria? Se eu estivesse no lugar dele, faria isso?

Masema assentiu devagar.

— Sim. Sim. Estou entendendo. Ele saiu sozinho para anunciar sua chegada. Nós precisamos espalhar a notícia também. Sim. — Ele avançou pelo riacho mancando, murmurando sozinho.

Chapinhando a cada dois passos, Perrin subiu até a cabana de Moiraine e bateu à porta. Não houve resposta. Ele hesitou por um instante, depois entrou.

O cômodo externo, onde Lan dormia, era tão simples e austero quanto a cabana de Perrin. Tinha uma cama dura encostada em uma parede, ganchos para pendurar os pertences e uma prateleira. Não entrava muita luz pela porta aberta, e a única iluminação extra vinha de lampiões grosseiros na prateleira, além de lascas de madeira embebidas em óleo enfiadas nas rachaduras das pedras que soltavam filetes de fumaça, formando uma nuvem sob o teto. Ao sentir o cheiro, Perrin franziu o nariz.

O teto baixo era só um pouco mais alto que sua cabeça. A de Loial chegava a tocá-lo no teto, mesmo com o Ogier sentado encolhido em uma ponta da cama de Lan. As orelhas peludas do amigo tremiam, mostrando seu desconforto. Min estava sentada de pernas cruzadas no chão sujo ao lado da porta do quarto de Moiraine, enquanto a Aes Sedai andava de um lado para o outro, absorta em seus pensamentos. Deviam ser pensamentos sombrios. Ela só podia dar três passos em cada direção, mas fazia uso vigoroso do espaço, e a calma em seu rosto era desmentida pelos passos ansiosos.

— Acho que Masema está ficando louco — disse Perrin.

Min fungou com desdém.

— Com aquele ali, como dá para saber?

Moiraine parou diante de Perrin, com a boca contraída. Tinha a voz suave. Suave demais.

— Masema é a sua maior preocupação na manhã de hoje, Perrin Aybara?

— Não. Queria saber a que horas Rand foi embora, e por quê. Alguém o viu partir? Alguém sabe para onde foi? — Ele encarou Moiraine com um olhar tão firme e inabalável quanto o dela. Não foi nada fácil. Era bem mais alto que ela, mas a mulher era Aes Sedai. — Isso foi por sua causa, Moiraine? Você tentou conter Rand até ele ficar tão impaciente que quis sair correndo para qualquer lugar, fazer qualquer coisa, só para não ficar mais parado?

Loial enrijeceu as orelhas e sinalizou uma advertência furtiva com o dedo grosso de uma das mãos.

Moiraine perscrutou Perrin com a cabeça inclinada, e ele precisou de toda a sua força de vontade para não baixar os olhos.

— Não foi por minha causa — respondeu ela. — Ele partiu em algum momento no meio da noite. Quando, como e por quê, ainda espero descobrir.

Loial ergueu os ombros, com um discreto suspiro de alívio. Discreto para um Ogier, mas soava como um silvo de vapor escapando de ferro escaldante.

— Jamais irrite uma Aes Sedai — disse, em um sussurro obviamente dirigido para si mesmo, mas que todos ouviram. — “É melhor abraçar o sol do que irritar uma Aes Sedai.”

Min estendeu o braço e entregou a Perrin um pedaço de papel dobrado.

— Loial foi ver Rand ontem à noite, depois que fomos dormir, e ele pediu caneta, papel e tinta emprestados.

O Ogier mexeu as orelhas e franziu a testa, preocupado, até que as longas sobancelhas encostaram nas bochechas.

— Eu não sabia o que ele estava planejando. Não sabia.

— Nós sabemos — tranquilizou-o Min. — Ninguém está acusando você, Loial.

Moiraine olhou o papel com a testa franzida, mas não tentou impedir Perrin de ler. Era a caligrafia de Rand.

Faço o que faço porque não há outra saída. Ele está me caçando de novo, e, desta vez, acho que um de nós tem que morrer. Não é

necessário que todos à minha volta morram também. Muitos já morreram por mim. Também não quero morrer, e nem pretendo, se conseguir evitar. Há mentiras nos sonhos, e morte, mas os sonhos também dizem a verdade.

Era só aquilo, sem assinatura. Não havia motivo para Perrin se perguntar de que “ele” Rand estava falando. Para o amigo, para todos eles, só podia ser um. Ba'alzamon.

— Ele enfiou o papel por debaixo da porta — disse Min, com a voz tensa. — Pegou umas roupas velhas que os shienaranos tinham deixado secando no varal, a flauta e um cavalo. E um pouquinho de comida, até onde sabemos. Nenhum dos guardas o viu, e ontem à noite eles teriam visto até um rato passando.

— E quem disse que adiantaria caso o tivessem visto? — perguntou Moiraine, com calma. — Será que algum deles teria impedido o *Lorde Dragão* ou sequer o questionado? Alguns, como Masema, por exemplo, cortariam a própria garganta se o *Lorde Dragão* ordenasse.

Foi a vez de Perrin analisá-la.

— Você esperava outra coisa? Eles juraram segui-lo. Pela Luz, Moiraine, ele jamais teria se intitulado Dragão se não fosse por você. Que atitude esperava deles? — Ela não se pronunciou, e ele prosseguiu, falando mais baixo. — Você acredita nisso, Moiraine? Acredita mesmo que ele é o Dragão Renascido? Ou pensa que ele é só alguém que você pode usar até o Poder Único matar ou enlouquecer?

— Calma, Perrin — disse Loial. — Sem tanta raiva.

— Vou me acalmar quando ela me responder. E então, Moiraine?

— Ele é o que é — respondeu ela, ríspida.

— Você falou que o Padrão acabaria forçando Rand a seguir pelo caminho certo. É isso mesmo ou ele está só tentando fugir de você? — Por um instante, Perrin pensou que tinha ido longe demais. Os olhos negros de Moiraine faiscavam de raiva. Porém, recusou-se a recuar. — E então?

Moiraine respirou fundo.

— Pode muito bem ter sido decidido pelo Padrão, mas eu não queria que ele partisse sozinho. Apesar de tão poderoso, ele é, sob muitos aspectos, indefeso como um bebê, além de ignorante a respeito do mundo. Rand canaliza, mas não controla se estabelece contato com o Poder Único ou não, quando tenta tocá-lo, e, nas vezes em que é bem-sucedido, também não controla o que pode fazer com ele. Se não adquirir um pouco de controle, o próprio Poder vai matá-lo antes que ele tenha a chance de

enlouquecer. Ele tem tanto a aprender. E quer correr antes de aprender a andar.

— Você briga por bobagens e joga pistas falsas, Moiraine — afirmou Perrin, com desdém. — Se ele é o que você diz, já lhe ocorreu que talvez ele saiba mais do que você o que precisa fazer?

— Ele é o que é — repetiu ela, com firmeza —, mas preciso mantê-lo vivo se é para ele realizar alguma coisa. Não cumprirá nenhuma profecia morto, e, mesmo que evite os Amigos das Trevas e criaturas da sombra, existem milhares de mãos dispostas a matá-lo. Basta uma pista que indique um centésimo do que ele é. No entanto, se fosse apenas isso que tivesse para enfrentar, minha preocupação não chegaria sequer à metade. Ainda temos que considerar os Abandonados.

Perrin se sobressaltou. Loial, em um canto, soltou um gemido.

— “O Tenebroso e todos os Abandonados estão presos em Shayol Ghul...” — começou a dizer Perrin, sem pensar, mas ela não lhe deu tempo de terminar.

— Os selos estão enfraquecendo, Perrin. Alguns estão quebrados, embora o mundo não saiba. O mundo não pode saber. O Pai das Mentiras não está livre. Por enquanto. Mas os selos enfraquecem cada vez mais, e quais dos Abandonados já podem estar livres? Lanfear? Sammael? Asmodean, Be’lal, Rahvin? Talvez o próprio Ishamael, Traidor da Esperança? Eram treze ao todo, Perrin, todos presos pelos selos, não na prisão que mantém o Tenebroso. Os treze Aes Sedai mais poderosos da Era das Lendas, o mais fraco deles ainda mais forte que as dez mais fortes Aes Sedai de hoje em dia. O mais ignorante detinha todo o conhecimento da Era das Lendas. Cada um desses homens e mulheres abdicou da Luz e entregou a alma à Sombra. E se estiverem livres, soltos, à espera dele? Não vou permitir que o levem.

Perrin estremeceu, em parte pela frieza determinada das últimas palavras dela, em parte por pensar nos Abandonados. Não queria imaginar que houvesse sequer um Abandonado à solta no mundo. Sua mãe o assustara com aqueles nomes quando ele era criança. *Ishamael vem pegar os meninos que mentem para as mães. Lanfear vem puxar os pés dos meninos que não vão para a cama na hora de dormir.* Ser adulto não diminuía em nada seu medo, não quando sabia que todos eram reais. Não quando Moiraine dizia que poderiam estar livres.

— Presos em Shayol Ghul — sussurrou, desejando ainda acreditar. Preocupado, releu a carta de Rand. — Sonhos. Ele também falou sobre sonhos ontem.

Moiraine se aproximou e o encarou.

— Sonhos? — Lan e Uno entraram, mas ela acenou para que fizessem silêncio. O pequeno aposento estava completamente lotado, com cinco pessoas e mais um Ogier. — Quais foram os *seus* sonhos nos últimos dias, Perrin? — Ela ignorou o protesto dele de que não havia nada de errado com seus sonhos. — Me conte — insistiu. — Que sonhos incomuns você andou tendo? Me conte. — O olhar dela o prendia como uma pinça de ferreiro, impelindo-o a falar.

Ele olhou para os outros — todos o encaravam fixamente, até Min —, e contou, hesitante, o único sonho que lhe parecia incomum, o que tinha todas as noites. O sonho da espada que ele não conseguia tocar. Não mencionou o lobo que aparecera no último.

— *Callandor* — sussurrou Lan, quando Perrin terminou de contar. Rosto de pedra ou não, ele parecia chocado.

— Sim — disse Moiraine —, mas precisamos ter certeza absoluta. Fale com os outros. — Assim que Lan saiu, ela se virou para Uno. — E você? Também sonhou com alguma espada?

O shienarano mexeu os pés. O olho vermelho pintado no tapa-olho encarava Moiraine, mas o verdadeiro piscava e tremia.

— Eu sonho com essas bost... hã, com espadas o tempo todo, Moiraine Sedai — respondeu, severo. — Acho que sonhei com uma espada nas últimas noites. Não me lembro dos meus sonhos como Lorde Perrin se lembra dos dele.

— Loial? — perguntou Moiraine.

— Meus sonhos são sempre os mesmos, Moiraine Sedai. Os bosques, as Grandes Árvores e os *pousos*. Nós Ogier sempre sonhamos com os *pousos* quando estamos longe deles.

A Aes Sedai virou-se outra vez para Perrin.

— Foi só um sonho — disse ele. — Só isso.

— Eu duvido — retrucou a mulher. — Você descreveu em detalhes o salão chamado Coração da Pedra, que fica dentro fortaleza chamada Pedra de Tear. E a espada brilhante é *Callandor*, a Espada Que Não É Espada, a Espada Que Não Se Pode Tocar.

Loial se empertigou, batendo a cabeça no teto. Não pareceu nem reparar.

— As Profecias do Dragão dizem que a Pedra de Tear não cairá até que *Callandor* seja empunhada pela mão do Dragão — disse ele. — A queda da Pedra de Tear será um dos principais sinais do Renascimento do Dragão. Se

Rand empunhar *Callandor*, o mundo inteiro deverá reconhecê-lo como o Dragão.

— Talvez. — A palavra saiu dos lábios da Aes Sedai como uma lasca de gelo em águas paradas.

— Talvez? — perguntou Perrin. — Talvez? Achei que esse fosse o último sinal, o último presságio do cumprimento das Profecias.

— Não é nem o primeiro nem o último — respondeu Moiraine. — *Callandor* cumprirá apenas uma das profecias previstas em *O Ciclo de Karaethon*, assim como o nascimento dele nas encostas do Monte do Dragão cumpriu antes. Ele ainda precisa dividir as nações ou destruir o mundo. Nem os sábios que estudaram as Profecias durante a vida inteira sabem interpretar todas elas. O que significa “ele matará seu povo com a espada da paz e o destruirá com a folha”? O que significa “ele fará as nove luas o servirem”? No entanto, essas passagens têm o mesmo peso de *Callandor*, no *Ciclo*. E ainda há outras. Quais “chagas de loucura e talhos de esperança” ele curou? Quais correntes rompeu e quem foi que o acorrentou? Algumas são tão obscuras que ele talvez já tenha cumprido, embora eu não esteja ciente. Mas, não. *Callandor* está muito longe de ser o fim.

Perrin deu de ombros, incomodado. Ele só conhecia alguns trechos das Profecias, e gostava ainda menos de escutá-los desde que Rand deixara Moiraine pôr aquele estandarte em suas mãos. Não, na verdade desde antes disso. Desde que uma viagem por uma Pedra-portal o convencera de que sua vida estava atrelada à de Rand.

Moiraine prosseguiu:

— Se pensa que basta ele estender a mão, Loial, filho de Arent, filho de Halan, você é um tolo, assim como ele, se pensar como você. Ainda que ele sobreviva à viagem a Tear, talvez jamais alcance a Pedra. Os tairenos não têm amor pelo Poder Único, muito menos por qualquer homem que afirme ser o Dragão. Canalizar é proibido, e Aes Sedai até são toleradas, contanto que não canalizem. Em Tear, narrar as Profecias do Dragão ou sequer possuir uma cópia já é o bastante para ser mandado para a prisão. E ninguém adentra a Pedra de Tear sem a permissão dos Grãos-lords. Ninguém, a não ser os próprios Grãos-lords, entra no Coração da Pedra. Ele não está preparado. Não está.

Perrin soltou um leve grunhido. A Pedra só cairia quando o Dragão Renascido empunhasse *Callandor*. *Como, pela Luz, ele vai conseguir alcançá-la dentro da porcaria de uma fortaleza antes que o lugar desabe? É loucura!*

— Por que estamos sentados aqui? — explodiu Min. — Se Rand está indo para Tear, por que não vamos atrás? Ele pode morrer, ou... ou... por que estamos aqui sentados?

Moiraine colocou a mão na cabeça de Min.

— Porque preciso ter certeza — disse, com delicadeza. — Não é nada confortável ser escolhido pela Roda, ser grande ou estar muito próximo à grandeza. Aos escolhidos pela Roda resta apenas aceitar o que vem.

— Estou cansada de aceitar o que vem. — Min esfregou os olhos. Perrin pensou ter visto lágrimas. — Rand pode estar morrendo enquanto esperamos.

Moiraine afagou os cabelos de Min. O olhar no rosto da Aes Sedai era quase de piedade.

Perrin sentou-se na ponta da cama de Lan, do lado oposto de Loial. Havia um cheiro forte de gente no quarto — gente, medo e preocupação. Loial, além de preocupação, cheirava a livros e a árvores. Parecia uma armadilha, com as paredes em volta, todas tão próximas. As lascas de madeira queimada fediam.

— Como meu sonho pode dizer aonde Rand está indo? — perguntou. — Quem sonhou fui eu.

— Aqueles capazes de canalizar o Poder Único — explicou Moiraine, com calma —, aqueles que são muito fortes em Espírito, às vezes conseguem fazer com que seus sonhos penetrem nos dos outros. — Ela continuava a consolar Min. — Principalmente nos mais... suscetíveis. Não creio que Rand tenha feito isso de propósito, mas os que tocam a Fonte Verdadeira podem ter sonhos muito poderosos. Os de alguém com a força dele poderiam dominar uma aldeia inteira, talvez até uma cidade. Ele sabe muito pouco a respeito do que faz, e sabe menos ainda controlar suas ações.

— Então por que você não sonhou também? — indagou o rapaz. — Ou Lan. — Uno olhava para a frente, como se preferisse estar em qualquer outro lugar, e as orelhas de Loial estavam caídas. Perrin estava cansado e faminto demais para se importar em demonstrar o devido respeito a uma Aes Sedai. Além de muito irritado, notou. — Por quê?

Moiraine respondeu com muita calma:

— Aes Sedai aprendem a resguardar os sonhos. Faço isso sem pensar quando durmo. Aos Guardiões, com o elo, algo parecido é concedido. Um Gaidin não poderia fazer o que é preciso com a Sombra invadindo seus sonhos. Todos ficamos vulneráveis enquanto dormimos, e durante a noite a Sombra ganha força.

— Você sempre conta alguma novidade — resmungou Perrin. — Será que não dava para explicar as coisas antes, em vez de esperar elas acontecerem?

Uno parecia estar tentando pensar em alguma desculpa para sair.

Moiraine lançou a Perrin um olhar indiferente.

— Quer que eu compartilhe com você uma vida inteira de conhecimento no intervalo de uma tarde? Ou de um ano? Vou lhe contar uma coisa. Tome cuidado com os sonhos, Perrin Aybara. Tome muito cuidado.

Ele desviou o olhar.

— Eu tomo — murmurou. — Eu tomo.

Depois daquilo um silêncio se abateu, e ninguém pareceu querer quebrá-lo. Min continuava sentada, encarando as pernas cruzadas, aparentemente reconfortada pela presença de Moiraine. Uno permanecia de pé diante da parede, sem olhar para ninguém. Loial se distraiu de tal forma que puxou um livro do bolso do casaco e começou a tentar ler na penumbra. A espera era longa, e nada fácil para Perrin. *Não é a Sombra em meus sonhos que me amedronta. São os lobos. Não vou deixá-los entrar. Não vou!*

Lan retornou, e Moiraine se empertigou, ansiosa. O Guardião respondeu à pergunta em seus olhos.

— Metade deles se lembra de sonhar com espadas nas últimas quatro noites seguidas. Alguns se lembram de um lugar com grandes colunas, e cinco disseram que a espada era de cristal ou de vidro. Masema afirmou que viu Rand erguer a espada ontem à noite.

— Isso já basta. — Moiraine esfregou as mãos com força. Parecia cheia de energia. — *Agora* tenho certeza. Mas ainda gostaria de saber como foi que ele saiu daqui sem ser visto. Se redescobriu algum Dom da Era das Lendas...

Lan olhou para Uno, e o caolho deu de ombros, consternado.

— Acabei me esquecendo, com todo esse falatório chamej... — Ele limpou a garganta, olhando para Moiraine. Ela correspondeu o olhar, esperando que prosseguisse, e ele continuou: — Quer dizer... hã... quer dizer, eu segui o rastro do Lorde Dragão. Agora existe outro caminho que dá naquele vale fechado. O... terremoto derrubou o paredão mais afastado. É uma subida difícil, mas dá para ir a cavalo. Encontrei mais pegadas no topo, e de lá é fácil contornar a montanha. — Ao terminar de falar, respirou fundo.

— Bom — disse Moiraine. — Pelo menos ele não redescobriu como voar, ficar invisível ou qualquer coisa saída das lendas. Precisamos ir atrás dele agora mesmo. Uno, vou lhe dar ouro suficiente para todos chegarem em Jehannah, além do nome de uma pessoa por lá que proverá mais. O povo de Ghealdan é cauteloso com estranhos, mas, se vocês não se expuserem, não serão incomodados. Fiquem lá, aguardando notícias minhas.

— Mas vamos com você — protestou ele. — Todos juramos seguir o Dragão Renascido. Não vejo como nós, sendo tão poucos, poderemos tomar uma fortaleza que nunca desabou, mas com a ajuda do Lorde Dragão faremos o que tem de ser feito.

— Então agora somos o “Povo do Dragão”. — Perrin soltou uma risada melancólica. — “A Pedra de Tear não cairá antes da vinda do Povo do Dragão.” Você nos deu um novo nome, Moiraine?

— Segure a língua, ferreiro — rosnou Lan, duro e frio.

Moiraine lançou aos dois um olhar penetrante, e eles se calaram.

— Me desculpe, Uno — disse ela —, mas precisamos seguir viagem rápido se quisermos ter esperanças de alcançar Rand. Vocês são os únicos shienaranos com preparo físico para uma caminhada difícil, e não podemos perder os dias necessários para que os outros recuperem a energia. Mando buscar vocês assim que puder.

Uno pareceu não gostar da ideia, mas fez uma mesura aquiescente. Assim que ela o dispensou, ele ajeitou os ombros e partiu para dar as ordens.

— Bem, eu vou junto, não importa o que você diga — falou Min, com firmeza.

— Você vai para Tar Valon — ordenou Moiraine.

— Não vou, não!

A Aes Sedai prosseguiu calmamente, como se a outra mulher não tivesse dito palavra.

— O Trono de Amyrlin deve ser informado a respeito do que aconteceu, e não posso ter certeza de que encontrarei alguém de confiança que tenha algum pombo-correio; nem que o Trono verá uma mensagem enviada por um pombo. Vai ser uma viagem longa e difícil. Não mandaria você sozinha se houvesse alguém para ir junto, mas vou lhe dar algum dinheiro e cartas que poderão ajudar no trajeto. No entanto, vai ter que cavalgar depressa. Quando um cavalo se cansar, compre outro ou roube um, se for preciso, mas cavalgue depressa.

— Deixe Uno levar a mensagem. Ele tem preparo físico, você mesma disse. Eu vou atrás de Rand.

— Uno tem as próprias obrigações, Min. Além disso, você acha que um homem poderia simplesmente cruzar os portões da Torre Branca e pedir uma audiência com o Trono de Amyrlin? Até um rei teria que esperar por dias se chegasse sem avisar, e temo que qualquer um dos shienaranos teria que esperar semanas, senão a vida inteira. Sem falar que algo tão estranho chegaria aos ouvidos de todos em Tar Valon antes do primeiro crepúsculo. Poucas mulheres pedem audiências com o Trono, mas pode acontecer, e o fato não gera grande alvoroço. Ninguém pode sequer saber que o Trono de Amyrlin recebeu uma mensagem minha. A vida dela, e a nossa, pode depender disso. É você quem deve ir.

Min continuava sentada, abrindo e fechando a boca, claramente procurando outros argumentos, mas Moiraine já prosseguia com as ordens:

— Lan, temo que encontremos mais evidências da passagem dele do que gostaria, mas confio na sua capacidade de rastrear. — O Guardião assentiu. — Perrin? Loial? Vocês podem vir comigo atrás de Rand? — De onde estava, encostada na parede, Min soltou um chiado de indignação, mas a Aes Sedai a ignorou.

— Eu vou — disse Loial, no mesmo instante. — Rand é meu amigo. E eu admito... não quero perder nada. Para o meu livro, entende?

Perrin demorou mais a responder. Rand era seu amigo, não importava o que tivesse se tornado ao ser forjado. E havia aquela quase certeza de que seus futuros estavam interligados, embora ele, se pudesse, evitaria aquela parte.

— Tem de ser feito, não tem? — disse por fim. — Eu vou.

— Bom. — Moiraine esfregou as mãos mais uma vez, com a expressão de alguém se preparando para o trabalho. — Vão todos se aprontar de uma vez. Rand está algumas horas à nossa frente. Pretendo avançar bastante antes do meio-dia.

Apesar de esguia, a força de sua presença fez todos seguirem para a saída, exceto Lan. Loial foi caminhando curvado até passar pela porta. Perrin achou que a cena parecia a de uma dona de casa espantando seus gansos.

Do lado de fora, Min se afastou por um instante e interpelou Lan com um sorriso excessivamente doce.

— Deseja que eu transmita alguma mensagem? A Nynaeve, talvez?

O Guardião, desprevenido, cambaleou como um cavalo de três pernas.

— Todo mundo está sabendo...? — Quase no mesmo instante recobrou o equilíbrio. — Se houver algo mais que ela precise saber de mim, eu mesmo direi. — Ele fechou a porta quase na cara de Min.

— Homens! — murmurou a jovem diante da porta. — Tão cegos que não enxergam o que até uma pedra poderia ver, e tão teimosos que não podemos deixá-los pensando por si próprios.

Perrin inspirou profundamente. Um leve cheiro de morte ainda pairava no ar do vale, mas era melhor que o quarto abafado. Um pouco melhor.

— Ar puro — suspirou Loial. — A fumaça estava começando a me incomodar um pouco.

Os três desceram a encosta juntos. Perto do córrego abaixo, os shienaranos capazes de se manter de pé estavam reunidos em torno de Uno. Pelos gestos, o caolho tentava recuperar todo o tempo que precisara passar sem xingar.

— Como é que vocês dois conseguiram esse privilégio? — indagou Min, de supetão. — Ela *perguntou* a vocês. Não fez a gentileza de me perguntar.

Loial balançou a cabeça.

— Acho que ela perguntou porque sabia qual seria a nossa resposta, Min. Moiraine parece saber interpretar a mim e a Perrin, conhece nossas reações. Já você é um livro fechado para ela.

Min pareceu apenas um pouco mais calma. Olhou para eles, de um lado Perrin, cujos ombros estavam na altura de sua cabeça, e de outro Loial, muito maior.

— Como se isso me adiantasse alguma coisa. Estou indo para onde ela quer, feito vocês, cordeirinhos. Você estava indo bem, Perrin. Enfrentou Moiraine como se ela tivesse lhe vendido um casaco com a costura solta.

— Enfrentei mesmo, não foi? — repetiu Perrin, pensativo. — Ele ainda não havia se dado conta do que fizera. — Não foi tão ruim quanto pensei.

— Você teve sorte — resmungou Loial. — “Irritar uma Aes Sedai é meter a cabeça em um ninho de vespas.”

— Loial — chamou Min —, preciso falar com Perrin. A sós. Você se incomoda?

— Ah, claro que não. — Ele aumentou a velocidade dos passos, entrando no ritmo costumeiro, e se afastou depressa dos dois, puxando cachimbo e tabaco de um dos bolsos do casaco.

Perrin a encarou, cauteloso. Ela mordida o lábio, como se refletisse sobre o que dizer.

— Você já teve alguma visão com ele? — perguntou, inclinando a cabeça para o Ogier.

Ela fez que não.

— Acho que só funciona com humanos. Mas já vi algumas coisas à sua volta que você deveria saber.

— Eu já disse...

— Não seja mais teimoso que o necessário, Perrin. Foi lá na cabana, logo depois que você disse que iria. Não tinha visto antes. Deve ter a ver com a sua viagem. Ou pelo menos com a decisão de ir.

Após um momento ele perguntou, relutante:

— O que foi que você viu?

— Um Aiel dentro de uma jaula — respondeu ela, sem cerimônias. — Um Tuatha'an com uma espada. Um falcão e um gavião empoleirados nos seus ombros. Duas fêmeas, eu acho. E todo o resto, é claro. O que está sempre lá. Escuridão à sua volta e...

— Já chega! — retrucou, mais do que depressa. Quando teve certeza de que ela tinha parado de falar, coçou a cabeça, pensativo. Nada daquilo fazia o menor sentido. — Você tem alguma ideia do que significam? Quer dizer, as coisas novas.

— Não, mas são importantes. Tudo o que vejo sempre é. Um momento decisivo na vida das pessoas ou algo que está traçado. Sempre é importante. — Ela hesitou por um momento, olhando para ele. — Mais uma coisa — continuou, devagar. — Se você conhecer uma mulher, a mulher mais bonita que já viu, fuja!

Perrin piscou os olhos.

— Você viu uma mulher bonita? Por que eu deveria fugir de uma mulher bonita?

— Será que você não pode simplesmente seguir o conselho? — perguntou ela, irritada. Chutou uma pedra e olhou-a rolar pelo barranco.

Perrin não gostava de tirar conclusões precipitadas, era uma das razões por que algumas pessoas o julgavam meio lento, mas considerou todas as coisas que Min dissera nos últimos dias e chegou a uma conclusão assustadora. Parou, estupefato, procurando as palavras.

— Hã... Min, você sabe que eu gosto de você. Gosto de você, mas... hã... você me lembra um pouco as minhas irmãs. Quer dizer, você... — Parou de falar quando ela ergueu a cabeça e olhou para ele, sobrancelhas arqueadas e um leve sorriso.

— Ora, Perrin, sabe que eu amo você. — Ela ficou parada vendo a boca dele se mexer, depois continuou, devagar e cuidadosa. — Como um irmão, sua grande besta quadrada! Não canso de me espantar com a arrogância

dos homens. Todos pensam que tudo diz respeito a eles, que todas as mulheres os desejam.

Perrin sentiu o rosto esquentar.

— Eu nunca... eu não... — Limpou a garganta. — O que foi que você viu com uma mulher?

— Apenas siga o meu conselho. — Ela prosseguiu córrego abaixo, caminhando depressa. — Se esquecer todo o resto — gritou por cima do ombro —, lembre-se disso!

Ele franziu a testa atrás dela. Pelo menos daquela vez seus pensamentos se organizaram bem depressa. Então a alcançou com dois passos.

— É Rand, não é?

Ela fez um barulho com a garganta e olhou para ele de soslaio. No entanto, não reduziu o passo.

— Talvez você não seja tão cabeça-dura, afinal de contas — murmurou. Depois de um instante acrescentou, como se para si mesma: — Estou amarrada a ele feito as ripas de madeira de um barril. Mas não sei se ele algum dia retribuirá o meu amor. E não sou a única.

— Egwene sabe disso? — perguntou.

Rand e Egwene eram praticamente prometidos desde a infância. Só faltava os dois se ajoelharem diante do Círculo das Mulheres da aldeia para anunciar o noivado. Ele não sabia ao certo o quanto estavam longe disso, nem se estavam.

— Ela sabe — disse Min, de um jeito rude. — E isso não adianta muito para nenhuma de nós duas.

— E Rand? Sabe?

— Ah, é claro — respondeu, amarga. — Eu contei a ele, não contei? “Rand, tive uma visão sua, e parece que tenho que me apaixonar por você. Também tenho que dividir você, e não gosto muito, mas é isso aí.” Você é mesmo um belo idiota, Perrin Aybara. — Ela passou as mãos pelos olhos, irritada. — Se eu pudesse estar com ele, sei que ajudaria. De alguma forma. Luz, se ele morrer, não sei se vou aguentar.

Perrin deu de ombros, incomodado.

— Escute, Min. Vou fazer o possível para ajudá-lo. — *Tanto quanto for possível.* — Prometo. É mesmo melhor você ir até Tar Valon. Estará segura por lá.

— Segura? — Ela testou a palavra, como se tentasse entender o significado. — Você acha que Tar Valon é segura?

— Se não houver segurança em Tar Valon, não haverá em nenhum outro lugar.

Ela deu uma fungada de desdém, e, em silêncio, os dois foram se juntar aos que se preparavam para partir.



CAPÍTULO 7



A Descida das Montanhas

A descida das montanhas foi difícil, mas, quanto mais avançavam, menos necessário o manto de Perrin com forro de pele se tornava. Hora após hora, o grupo deixava para trás os resíduos do inverno e adentrava os primeiros dias da primavera. Os últimos resquícios de neve desapareciam, e grama e flores silvestres — como esperanças-de-donzela brancas e amores-perfeitos cor-de-rosa — começavam a cobrir os altos prados por onde passavam. Árvores surgiam em maior número e com mais folhagem, e sabiás e cotovias cantarolavam nos galhos. E havia lobos. Nunca ficavam à vista — nem Lan mencionara ter visto algum —, mas Perrin sabia. Ele se esforçava para que não invadissem seus pensamentos, ainda que de vez em quando uma leve inquietação o fizesse lembrar que estavam próximos.

Lan passava a maior parte do tempo montado em Mandarb, seu cavalo negro de batalha, cavalgando à frente em busca dos rastros de Rand, enquanto o resto do grupo seguia os sinais deixados pelo Guardião. Uma seta feita de pedras no chão, um leve arranhão na parede de uma passagem bifurcada. Virem para cá. Cruzem esta passagem. Peguem este zigue-zague, esta trilha, este caminho pelas árvores córrego abaixo, ainda que nada indicasse que alguém já tivesse trilhado aquele caminho antes deles. Nada além dos sinais de Lan. Um tufo de grama ou ervas amarrado de uma forma para mandar que virassem à direita, de outra forma para mandar que virassem à esquerda. Um galho entortado. Uma pilha de pedrinhas indicava uma subida difícil à frente, duas folhas cravadas em um espinho indicavam uma descida íngreme. O Guardião tinha centenas de sinais, pelo que Perrin percebia, e Moiraine conhecia todos eles. Lan só retornava quando o grupo

montava acampamento, e conversava baixinho com Moiraine, longe da fogueira. Quando o sol nascia, em geral ele já partira havia horas.

Moiraine era sempre a primeira a montar depois dele, assim que o céu começava a clarear a leste. Não fosse o fato de Lan se recusar a seguir adiante depois que a luz começava a enfraquecer, a Aes Sedai não desceria de Aldieb, sua égua branca, até escurecer completamente.

— Vamos demorar ainda mais se um cavalo quebrar a pata — dizia o Guardião, quando Moiraine reclamava.

A resposta dela também era sempre a mesma:

— Se não consegue andar mais rápido que isso, talvez seja melhor despachá-lo para Myrelle antes que fique velho demais. Bem, talvez dê para esperar, mas você precisa ser mais rápido.

Ela soava um pouco como se a ameaça fosse uma verdade irritante, e um pouco como se fosse uma piada. Mas Perrin não tinha dúvidas de que havia certo tom de ameaça na fala, talvez de aviso, pela forma como Lan contraía os lábios mesmo quando ela sorria logo depois e lhe dava um tapinha reconfortante nas costas.

— Quem é Myrelle? — perguntou Perrin, desconfiado, da primeira vez que aquilo aconteceu.

Loial sacudiu a cabeça e resmungou algo a respeito de coisas desagradáveis acontecerem a quem bisbilhotava os assuntos das Aes Sedai. Seu cavalo de patas peludas era alto e pesado feito um garanhão de Dhurran, mas, com as pernas compridas do Ogier penduradas de cada um dos lados, o animal ficava parecendo um pônei grandalhão. Moiraine abriu um sorriso bem-humorado e misterioso.

— Só uma irmã Verde. Alguém a quem Lan deverá um dia entregar um pacote.

— Não tão cedo — retrucou Lan, e sua voz expressava abertamente raiva. — Nunca, se eu puder evitar. Você vai viver muito mais que eu, Moiraine Aes Sedai!

Ela tem muitos segredos, pensou Perrin, mas não perguntou mais nada sobre aquele assunto capaz de tirar do sério o controlado Guardião.

A Aes Sedai levava uma trouxa envolta em um cobertor amarrado atrás da sela: o estandarte do Dragão. Perrin sentia certo desconforto em relação àquilo, mas Moiraine não havia pedido a opinião dele nem escutado quando ele a ofereceu. Não que alguém fosse reconhecer o estandarte se o visse, mas ele esperava que ela soubesse guardar segredos dos outros tão bem quanto sabia guardar dele.

De início, pelo menos, foi uma viagem entediante. As montanhas cercadas por neblina eram todas muito parecidas, e cada passo era pouco diferente do seguinte. Em geral, jantavam os coelhos abatidos pelas pedras do estilingue de Perrin. Ele não tinha tantas flechas para arriscar perdê-las tentando acertar coelhos naquele terreno rochoso. O café da manhã era quase sempre coelho frio, assim como o almoço, que comiam montados.

Às vezes, quando acampavam perto de algum córrego e havia luz suficiente, ele e Loial tentavam pegar trutas-da-montanha. De barrigas no chão, com os braços enfiados na água até os cotovelos, expulsavam delicadamente os peixes de escamas verdes das saliências das rochas onde se escondiam. Os dedos de Loial, mesmo enormes, eram ainda mais ágeis que os de Perrin.

Uma vez, no terceiro dia de viagem, Moiraine juntou-se a eles, deitando-se à beira do córrego e desatando as fileiras de botões de pérolas para arregaçar as mangas enquanto perguntava como se fazia. Perrin e Loial trocaram olhares surpresos. O Ogier deu de ombros.

— Não é tão difícil, na verdade — disse Perrin. — É só enfiar a mão por trás do peixe e por baixo, como se quisesse coçar a barriga dele. Depois basta puxar. Mas é preciso prática. Talvez você não pegue nada das primeiras vezes que tentar.

— Eu tentei vários dias até conseguir alguma coisa — acrescentou Loial. Ele já começava a mergulhar as enormes mãos na água, tomando cuidado para não deixar sua sombra assustar os peixes.

— É tão difícil assim? — murmurou Moiraine. Ela deslizou as mãos para dentro do córrego, e no instante seguinte elas retornaram espirrando água, segurando uma truta robusta, que se debatia na superfície. Ela riu alegremente e jogou o peixe na ribanceira.

Perrin piscou diante do peixe imenso que se contorcia sob a luz fraca do crepúsculo. Devia pesar pelo menos uns dois quilos e meio.

— Você deu sorte — disse Perrin. — Trutas desse tamanho não costumam se esconder em uma saliência tão pequena. Vamos ter que subir um pouco. Vai escurecer antes de outra dessas entrar nessa saliência aqui.

— É mesmo? — retrucou Moiraine. — Vão vocês dois. Acho que vou tentar aqui mais uma vez.

Perrin hesitou por um instante antes de rumar ribanceira acima até outra saliência. Ela estava aprontando alguma, mas ele não imaginava o que era. Aquilo o preocupava. De barriga no chão, tomando cuidado para que sua sombra não batesse na água, ele espiou pela margem. Havia meia dúzia de silhuetas pequenas, paradinhas, quase sem sequer mover as barbatanas.

Todas elas juntas não chegavam ao peso do peixe de Moiraine, concluiu, com um suspiro. Se tivessem sorte, Loial e ele talvez capturassem duas trutas cada um, mas as sombras das árvores na margem mais distante já se espichavam por cima da água. Deveriam se contentar com o que conseguissem agora, e Loial sozinho tinha apetite o bastante para engolir quatro peixes daqueles e um pedaço do maior. Loial já começava a aproximar as mãos de uma das trutas.

Antes que Perrin sequer mergulhasse as dele na água, Moiraine gritou:

— Acho que três já devem bastar. As duas últimas são maiores que a primeira.

Perrin lançou a Loial um olhar de espanto.

— Não pode ser!

O Ogier se endireitou, assustando a pequena truta.

— Ela é Aes Sedai — disse, simplesmente.

Como esperado, ao reencontrarem Moiraine viram três enormes trutas que jaziam na margem. Ela já abotoava as mangas outra vez.

Perrin pensou em lembrar a ela que quem pesca é que deve limpar o peixe, mas no mesmo instante ela olhou para ele. Seu rosto tranquilo não mostrava nenhuma expressão em particular, mas os olhos negros não vacilavam: pareciam saber o que ele estava prestes a dizer e rejeitavam a ideia sem pestanejar. Quando ela virou de costas, parecia tarde demais para dizer qualquer coisa.

Resmungando para si mesmo, Perrin puxou a faca do cinturão, cortou a cabeça do peixe e começou a limpá-lo.

— De uma hora para outra parece que ela se esqueceu da divisão de tarefas. Daqui a pouco vai querer que a gente cozinhe também e lave tudo depois.

— Sem dúvida vai — afirmou Loial, sem parar de limpar o peixe. — Ela é Aes Sedai.

— Acho que me lembro de ter ouvido isso. — A faca de Perrin dilacerava o peixe. — Os shienaranos podiam estar dispostos a servir de criados para ela, mas agora somos só nós quatro. Temos que dividir as tarefas. É o mais justo.

Loial soltou uma enorme risada de desdém.

— Duvido que ela pense dessa forma. Primeiro teve que aguentar Rand discutindo com ela o tempo inteiro, e agora você está pronto para assumir o papel dele. Aes Sedai não costumam deixar ninguém discutir com elas. Acho que antes de chegarmos à primeira aldeia já teremos recuperado o hábito de fazer tudo o que ela manda.

— Um excelente hábito — disse Lan, jogando o manto para trás. À meia-luz, o homem parecia ter surgido do nada. Perrin quase caiu para trás de susto, e as orelhas de Loial se enrijeceram com o choque. Nenhum dos dois ouvira os passos do Guardião. — Um hábito que jamais deveriam ter perdido — acrescentou, depois seguiu em direção a Moiraine e aos cavalos.

As botas quase não faziam barulho, mesmo no chão cheio de pedras, e a uns passos de distância o manto lhe conferia a inquietante aparência de dois braços e uma cabeça sem corpo flutuando na superfície do córrego.

— Precisamos que ela encontre Rand — disse Perrin, baixinho —, mas não vou mais deixar que conduza minha vida. — Ele voltou a destripar o peixe com vigor.

Pretendia manter a promessa, pretendia mesmo, mas nos dias que se seguiram percebeu que, de uma forma que não compreendia muito bem, Loial e ele estavam cozinhando, limpando e realizando todas as outras pequenas tarefas que Moiraine julgava necessárias. Ele até se deu conta de que assumira os cuidados de Aldieb, sem saber por quê. Todas as noites, desarreava e escovava a égua enquanto Moiraine descansava, aparentemente imersa nos próprios pensamentos.

Loial se rendeu como se aquilo fosse inevitável, mas Perrin não. Tentava resistir e se negar, mas era difícil quando ela fazia um pedido razoável, e outro pequeno logo em seguida. Só que sempre havia mais um pedido, tão pequeno e razoável quanto o primeiro, e depois mais um. Apenas o poder de sua presença e a força de seu olhar tornavam os protestos difíceis. Os olhos negros dela encaravam os dele no instante em que ele abria a boca. Um leve erguer de sobrancelhas para indicar que ele estava sendo rude, um arregalar surpreso de olhos diante da sua capacidade de recusar um pedido tão simples, um olhar direto típico de Aes Sedai, todas aquelas coisas o faziam hesitar, e depois que hesitava, não havia como se recuperar. Ele a acusou de estar usando o Poder Único com ele, embora não achasse que fosse verdade, e ela lhe disse para não ser bobo. Perrin começou a se sentir como um pedaço de ferro que tentava impedir um ferreiro de transformá-lo em uma foice.

Muito de repente, as Montanhas da Névoa deram lugar ao sopé coberto de florestas das colinas de Ghealdan, uma terra que parecia toda montanhosa, mas não muito alta. Os cervos, que nas montanhas costumavam observá-los, cautelosos, como se não soubessem ao certo o que era um homem, começavam a saltar para longe, balançando os rabos brancos, ao primeiro sinal dos cavalos. Mesmo Perrin só conseguia ver de

relance os gatos-da-montanha listrados, que pareciam sumir feito fumaça. Estavam adentrando a terra dos homens.

Lan parou de usar o manto de Guardião e começou a cavalgar de volta até os outros com mais frequência para avisar o que os aguardava. Em muitos pontos já não havia árvores. Em pouco tempo, campos circundados por paredes de pedra bruta e fazendeiros arando os sopés das montanhas eram visões comuns, senão frequentes, assim como fileiras de pessoas cruzando o solo arado plantando sementes que carregavam em sacos nos ombros. Casas de fazenda isoladas e celeiros de pedras cinzentas se assentavam nos cumes das colinas.

Os lobos não deveriam estar naquela região. Lobos evitavam locais por onde os homens andavam, mas Perrin ainda podia senti-los, como uma tela invisível circundando e escoltando o grupo a cavalo. A impaciência o dominava, impaciência para chegar em alguma aldeia ou cidade, para chegar em qualquer lugar onde houvesse homens o suficiente para afastar os lobos.

Um dia depois de avistarem o primeiro campo, assim que o sol tocou o horizonte atrás deles, chegaram à aldeia de Jahra, não muito distante ao norte da fronteira com Amadícia.



CAPÍTULO 8



Jahra

Casas de pedras cinza com telhados de ardósia se amontoavam pelas poucas e estreitas ruas de Jahra, construída em uma encosta logo acima de um córrego, onde havia uma ponte baixa de madeira. As ruas lamacentas da aldeia estavam vazias, assim como o campo inclinado, exceto por um homem que varria os degraus da única estalagem da área, atrás do estábulo de pedra. No entanto, o campo parecia ter abrigado uma grande quantidade de pessoas havia pouco tempo. No centro do terreno, estavam dispostos em círculo meia dúzia de arcos trançados com galhos verdes e salpicados das pouquíssimas flores que era possível encontrar no começo do ano. O chão parecia pisoteado, e havia outros sinais de uma celebração: um cachecol vermelho de mulher jazia emaranhado ao pé de um dos arcos, assim como um chapéu infantil de tricô, um jarro de estanho tombado e alguns restos de comida.

Aromas de vinho doce e bolos de especiarias impregnavam o local, misturados à fumaça de dezenas de chaminés e ao cheiro das refeições noturnas sendo preparadas. Por um instante, o nariz de Perrin captou outro odor, um que ele não soube identificar: um traço fraco e tão repulsivo que eriçou os pelos de sua nuca. Então, desapareceu. No entanto, ele tinha certeza de que algo havia passado por ali, algo... errado. Esfregou o nariz como se quisesse eliminar a lembrança daquilo. *Não pode ser Rand. Luz, mesmo que ele tenha enlouquecido, não pode ser ele. Será?*

Uma placa pendia na porta da estalagem, um homem apoiado em um pé só, com os braços para o alto: Salto de Harilin. Ao pararem os cavalos diante da construção quadrada de pedras, o varredor se endireitou com um

enorme bocejo. Assustou-se com os olhos de Perrin, mas seus próprios olhos saltados arregalaram-se ao notar Loial. Com a boca larga e quase sem queixo, o homem parecia um pouco com um sapo. Tinha um cheiro estranho de vinho azedo, pelo menos para Perrin. O sujeito sem dúvida havia participado da celebração no campo.

O homem se sacudiu, gesto que imediatamente transformou em uma mesura, repousando uma das mãos na fileira dupla de botões ao longo do casaco. Passou os olhos por cada um dos visitantes, arregalando-os ainda mais toda vez que olhava para Loial.

— Seja bem-vinda, boa senhora, e que a Luz ilumine seu caminho. Sejam bem-vindos, bons mestres. Desejam comidas, quartos, banhos? Temos tudo aqui no Salto. Mestre Harod, o estalajadeiro, mantém a casa em ordem. Eu me chamo Simion. Se desejarem alguma coisa, é só chamar Simion, e cuidarei de tudo. — O homem bocejou de novo, cobrindo a boca, envergonhado, e emendou uma mesura para disfarçar. — Peço perdão, boa senhora. Os senhores vêm de longe? Trazem notícias da Grande Caçada? A Caçada à Trombeta de Valere? Ou do falso Dragão? Andam dizendo que há um falso Dragão em Tarabon. Ou talvez em Arad Doman.

— Não viemos de tão longe — respondeu Lan, descendo da sela. — Sem dúvida sabe mais do que eu.

Todos começaram a desmontar.

— Houve um casamento por aqui? — perguntou Moiraine.

— Um casamento, boa senhora? Ora, tivemos um casamento atrás do outro. Parecia mais uma infestação. Todos nos últimos dois dias. Não existe uma só mulher com idade para anunciar noivado que ainda esteja solteira em toda a aldeia, e nem a milhas de distância. Ora, até a viúva Jorath arrastou o velho Banas para os arcos, e os dois tinham jurado que jamais se casariam outra vez. Foi como se tivesse passado um furacão. Foi a filha do tecelão, a Rilith, que começou, pedindo Jon, o ferreiro, em casamento. Ele tem idade para ser pai dela. O velho bobo tirou o avental e aceitou, e ela mandou que os arcos fossem erguidos na mesma hora. Não queria saber de esperar o tempo apropriado, e todas as outras mulheres a apoiaram. Desde então, tivemos casamentos dia e noite. Ora, acho que ninguém nem pregou os olhos.

— Muito interessante — comentou Perrin quando Simion fez uma pausa para bocejar outra vez —, mas o senhor viu um jovem...

— É mesmo muito interessante — disse Moiraine, interrompendo-o —, e eu quero ouvir mais sobre isso, talvez mais tarde. Por enquanto, gostaríamos de quartos e uma refeição.

Lan fez um gesto discreto para Perrin, como se o mandasse segurar a língua.

— Sem dúvida, boa senhora. Uma refeição. Quartos. — Simion olhou para Loial e hesitou. — Vamos ter que juntar duas camas para... — Ele se aproximou de Moiraine e baixou a voz. — Peço perdão, minha senhora, mas... é... o que exatamente... ele é? Com todo o respeito — acrescentou, apressado.

Não falou baixo o suficiente, pois as orelhas de Loial se contorceram de irritação.

— Sou um Ogier! O que achou que eu fosse? Um Trolloc?

Ao som daquela voz estrondosa, Simion deu um passo atrás.

— Trolloc, bom... hã... mestre? Ora, já sou um homem crescido. Não acredito em historinhas infantis. Hã, o senhor disse Ogier? Ora, Ogier são historin... quer dizer... hã... — Desesperado, ele se virou e berrou em direção ao estábulo anexo à estalagem. — Nico! Patrim! Hóspedes! Venham pegar os cavalos!

Um instante depois, dois rapazes cheios de feno nos cabelos saíram do estábulo aos tropeços, bocejando e esfregando os olhos. Simion indicou os degraus com uma mesura enquanto os rapazes recolhiam as rédeas.

De arco na mão e alforjes e cobertor pendurados no ombro, Perrin seguiu Moiraine e Lan para dentro, com Simion acenando e fazendo reverências à frente. Loial precisou se encolher ao passar pelo lintel, e o teto do lado de dentro era apenas um pé mais alto que ele, que resmungava sozinho que não entendia por que tão poucos humanos se lembravam dos Ogier. Sua voz parecia um trovão distante. Mesmo Perrin, logo à frente, não compreendia metade do que dizia.

A estalagem cheirava a cerveja e vinho, queijo e cansaço, e de algum lugar nos fundos vinha o aroma de carneiro assado. Os poucos homens no salão se debruçavam nas canecas como se de fato quisessem se deitar nos bancos e dormir. Em um dos barris no canto do salão, a garçonete gorducha enchia uma caneca de cerveja. O próprio estalajadeiro, com um avental branco e comprido, jazia sentado em um banco alto em um dos cantos, apoiado na parede. Quando os recém-chegados entraram no salão, ele levantou a cabeça, os olhos vermelhos. Ao ver Loial, ficou boquiaberto.

— Hóspedes, Mestre Harod — anunciou Simion. — Querem quartos. Mestre Harod? Ele é um Ogier, Mestre Harod. — A garçonete se virou, olhou para Loial e deixou a caneca cair com um estrépito. Nenhum dos homens exaustos sequer ergueu os olhos. Um deles tinha encostado a cabeça na mesa e roncava.

As orelhas de Loial tremeram violentamente.

Mestre Harod levantou-se devagar, mantendo os olhos fixos em Loial, alisando o avental o tempo inteiro.

— Pelo menos não é um Manto-branco — disse, por fim, e se sobressaltou, como se estivesse surpreso por ter falado aquilo em voz alta. — Quer dizer, seja bem-vinda, boa senhora. Bons mestres. Perdoem meus maus modos. Posso apenas alegar estar cansado, boa senhora. — Ele lançou outro olhar incrédulo a Loial e murmurou “Ogier”.

Loial abriu a boca, mas Moiraine se antecipou.

— Como disse seu ajudante, bom estalajadeiro, desejo quartos para meu grupo passar a noite, além de uma refeição.

— Ah! É claro, boa senhora. É claro. Simion, leve essas boas pessoas aos melhores quartos, para que guardem seus pertences. Mandarei servir uma ótima refeição para os senhores quando retornarem, boa senhora. Uma refeição de primeira.

— Queira por gentileza me acompanhar, boa senhora — disse Simion. — Bons mestres. — Ele foi se curvando em mesuras pelo caminho até a escada em um lado do salão.

Atrás deles, um dos homens nas mesas exclamou de repente:

— O que é isso, em nome da Luz? — Mestre Harod começou a explicar sobre os Ogier, dando a entender estar muito familiarizado com eles.

A maior parte do que Perrin ouviu antes de deixarem a conversa para trás estava errada. As orelhas de Loial tremiam sem parar.

No segundo andar, a cabeça do Ogier quase encostava no teto. O corredor estreito estava parcialmente escuro, com apenas uma nesga de luz do pôr do sol entrando pela janela próxima à porta do outro lado do corredor.

— Temos velas nos quartos, boa senhora — disse Simion. — Eu devia ter trazido um lampião, mas minha cabeça ainda está tonta depois de todos esses casamentos. Vou mandar alguém para acender o fogo, se a senhora desejar. E decerto a senhora vai querer água para se lavar. — Ele abriu uma porta com um empurrão. — Nosso melhor quarto, boa senhora. Não temos muitos, pois não recebemos muita gente de fora, mas este é o melhor.

— Vou ficar no quarto ao lado — disse Lan. Ele levava nos ombros tanto os alforjes e o cobertor de Moiraine quanto os próprios, além da trouxa com o estandarte do Dragão.

— Ah, bom mestre, aquele quarto não é nada bom. A cama é estreita. Tudo muito apertado. É destinado a servos, eu suspeito, como se fôssemos receber aqui alguém que tivesse um servo. Lamento muito, boa senhora.

— Fico com ele mesmo assim — retrucou Lan, com firmeza.

— Simion — disse Moiraine —, Mestre Harod desaprova os Filhos da Luz?

— Bem, ele desaprova, boa senhora. Não antes, mas agora sim. Não é de bom tom desaprovar os Filhos, não tão perto da fronteira como estamos. Eles aparecem em Jahra o tempo inteiro, como se a fronteira não existisse. Mas tivemos problemas ontem. Um bocado de problemas. E isso no meio dos casamentos.

— O que aconteceu, Simion?

O homem lançou a Moiraine um olhar atento antes de responder. À meia-luz, Perrin achou que ninguém mais tinha reparado.

— Chegaram uns vinte deles, anteontem. Até aí, problema nenhum. Mas ontem... Ora, três deles se levantaram e anunciaram que não eram mais Filhos da Luz. Tiraram os mantos e simplesmente foram embora.

Lan grunhiu.

— O juramento dos Mantos-brancos é vitalício. O que foi que o comandante deles fez?

— Ora, ele teria feito alguma coisa, bom mestre, pode ter certeza, mas outro anunciou que iria procurar a Trombeta de Valere. E um terceiro disse que deveriam estar caçando o Dragão. E esse último falou que seguiria para a Planície de Almoth quando foi embora. Então alguns deles começaram a dizer coisas não apropriadas para as mulheres nas ruas e a agarrá-las. As mulheres começaram a gritar, e os outros Filhos passaram a gritar com os que estavam incomodando as mulheres. Nunca vi tanta confusão.

— Nenhum de vocês tentou impedi-los? — perguntou Perrin.

— Bom mestre, o senhor parece saber usar esse machado no seu cinturão, mas não é tão fácil enfrentar homens com espadas, armaduras e tudo o mais, quando tudo o que se sabe empunhar é uma vassoura ou enxada. Os outros Mantos-brancos, os que não tinham desertado, deram um fim à coisa toda. Quase chegaram a desembainhar as espadas. E isso não foi o pior. Dois deles simplesmente enlouqueceram, como se os outros já não estivessem loucos. Esses dois começaram a ter alucinações de que Jahra estava cheia de Amigos das Trevas. Tentaram incendiar a aldeia. Até anunciaram o que fariam, e que começariam pelo Salto. Dá para ver as marcas chamuscadas lá nos fundos, que foi por onde começaram. Eles lutaram com os Mantos-brancos que tentaram impedi-los. Os Mantos-brancos que ficaram nos ajudaram a pôr os outros para fora, amarraram aqueles dois com bastante força e foram embora, de volta para Amadícia. Já foram tarde, eu digo, e se não voltarem nunca mais ainda será muito cedo.

— Comportamento agressivo — disse Lan —, até para os Mantos-brancos.

Simion assentiu.

— Isso mesmo, bom mestre. Eles nunca agiram desse jeito antes. Andar por aí como se fossem os maiores, sim. Olham para você como se não passasse de esterco e metem o nariz onde não são chamados. Mas nunca causaram problemas. Não desse jeito, de todo modo.

— Eles já foram embora — disse Moiraine —, e os problemas foram com eles. Tenho certeza de que passaremos uma noite tranquila.

Perrin manteve a boca fechada, mas não estava tranquilo por dentro. *Todos esses casamentos e Mantos-brancos, tudo bem, mas eu preferia saber se Rand esteve aqui e para onde seguiu. Esse cheiro não pode ter sido ele.*

Simion o conduziu pelo corredor até outro quarto, com duas camas, um lavatório, dois banquinhos e não muito mais. Loial se abaixou para passar a cabeça pela porta. Pouca luz entrava pelas janelas estreitas. As camas eram bem grandes, com cobertores e colchas dobrados, mas os colchões pareciam encaroçados. Simion vasculhou a cornija acima da lareira até encontrar uma vela e um acendedor.

— Vou pedir que juntem duas camas para o senhor, bom... hã... Ogier. Sim, só um instante. — Ele não demonstrou pressa, no entanto. Parecia preocupado em posicionar o castiçal da forma certa. Perrin o achou inquieto.

Bem, eu estaria muito inquieto se Mantos-brancos comesçassem a agir assim em Campo de Emond.

— Simion, algum outro estranho passou por aqui nos últimos dois dias? Um homem jovem, alto, com olhos cinzentos e cabelo avermelhado? Talvez tenha tocado flauta em uma refeição ou na cama.

— Eu me lembro dele, bom mestre — disse Simion, ainda arrumando o castiçal. — Chegou ontem de manhã, bem cedinho. Parecia faminto, ah, parecia. Tocou flauta em todos os casamentos de ontem. Um sujeito bem-apegoado. Algumas mulheres ficaram olhando para ele, a princípio, mas... — Ele hesitou, olhando de esguelha para Perrin. — Ele é amigo do senhor, bom mestre?

— Eu o conheço — respondeu Perrin. — Por quê?

Simion hesitou.

— Por razão nenhuma, bom mestre. Era um sujeito estranho, só isso. Falava sozinho algumas vezes, e outras vezes ria sem ninguém ter dito coisa alguma. Dormiu bem aqui neste quarto a noite passada, ou parte dela. Acordou a todos no meio da noite, aos berros. Tinha sido só um pesadelo,

mas ele não queria ficar mais nenhum instante. Mestre Harod não se esforçou muito para persuadi-lo, depois de toda aquela barulheira. — Simion fez outra pausa. — Ele disse algo estranho na hora de partir.

— O quê? — perguntou Perrin.

— Disse que havia alguém atrás dele. Disse... — O homem sem queixo engoliu e prosseguiu mais devagar. — Disse que o matariam, se ele não fosse embora. “Um de nós deve morrer, e, por mim, será ele.” Suas exatas palavras.

— Não falava de nós — resmungou Loial. — Somos amigos dele.

— É claro, bom... hã... bom Ogier. É claro que não falava dos senhores. Eu... hã... eu não quero falar mal de um amigo dos senhores, mas... eu... hã... acho que ele está doente. Da cabeça, entendem?

— Nós vamos cuidar dele — retrucou Perrin. — É por isso que estamos seguindo seu rastro. Para onde ele foi?

— Eu sabia — disse Simion, entusiasmado. — Sabia que ela poderia ajudar assim que vi os senhores. Para onde? Para leste, bom mestre. Leste, e rápido, como se o Tenebroso em pessoa estivesse no encalço dele. O senhor acha que ela pode me ajudar? Quer dizer, ajudar meu irmão? Noam está muito doente, e Mãe Roon diz que não pode fazer nada.

Perrin não esboçou expressão. Apoiou o arco em um canto e pousou os alforjes e o cobertor em uma das camas, ganhando algum tempo para pensar. O problema era que pensar não ajudava muito. Ele olhou para Loial, mas não adiantou: a consternação fizera as orelhas dele abaixarem, e as longas sobranceiras estavam caídas sobre as bochechas.

— O que faz você pensar que ela pode ajudar seu irmão?

Que pergunta idiota! A pergunta correta é: o que ele pretende fazer a respeito?

— Ora, eu viajei a Jehannah uma vez, bom mestre, e vi duas... duas mulheres como ela. Não tem como confundir, depois daquilo. — O homem baixou o tom de voz para um sussurro. — Dizem que elas *ressuscitam* os mortos, bom mestre.

— Quem mais sabe disso? — perguntou Perrin bruscamente.

No mesmo instante, Loial disse:

— Se seu irmão está morto, não há nada que ninguém possa fazer.

O homem com cara de sapo olhou de um a outro, ansioso, e balbuciou:

— Ninguém sabe além de mim, bom mestre. Noam não está morto, bom Ogier, só doente. Juro que ninguém mais seria capaz de reconhecê-la. Nem mesmo Mestre Harod viajou mais de vinte milhas. Ele está muito doente. Eu mesmo pediria a ela, mas meus joelhos acabariam tremendo tanto que

ela não conseguiria ouvir minha voz. E se ela se ofendesse e lançasse um raio na minha cabeça? E se eu estivesse enganado? Não é o tipo de coisa de que se acusa uma mulher sem... quer dizer... hã... — Ele ergueu as mãos, meio para suplicar, meio para se defender.

— Não posso prometer nada — respondeu Perrin —, mas vou falar com ela. Loial, por que você não faz companhia a Simion enquanto converso com Moiraine?

— Claro — estrondeou o Ogier. Simion levou um susto quando a mão de Loial engoliu seu ombro. — Ele me mostrará meu quarto, e conversaremos. Diga lá, Simion, o que você sabe sobre as árvores?

— Á-á-árvores, b-bom Ogier?

Perrin não esperou nem mais um segundo. Atravessou o corredor escuro depressa e bateu à porta de Moiraine, mal esperando pelo peremptório “Entre!” antes de abri-la.

Meia dúzia de velas revelavam que o melhor quarto do Salto não era assim tão bom, embora a única cama tivesse um dossel de quatro colunas, e o colchão parecesse menos encaroçado que o de Perrin. Havia um pedaço de carpete no chão e duas cadeiras acolchoadas, em vez de banquinhos. Fora isso, não era muito diferente do quarto dele. Moiraine e Lan, diante da lareira fria, pareciam discutir alguma coisa, e a Aes Sedai não pareceu satisfeita em ser interrompida. O rosto do Guardiã estava impassível como uma escultura.

— Rand passou mesmo por aqui — começou Perrin. — O tal Simion se lembrou dele.

Moiraine sibilou entre dentes.

— Você recebeu ordens para ficar de boca fechada — rosnou Lan.

Perrin endireitou os pés para encarar o Guardiã. Era mais fácil que encarar o olhar penetrante de Moiraine.

— Como iríamos descobrir se ele esteve aqui sem fazer perguntas? Você pode me dizer? Ele foi embora ontem à noite, se querem saber, e seguiu para o leste. E andou repetindo algo sobre alguém que estava atrás dele, tentando matá-lo.

— Leste — assentiu Moiraine. A completa calma em sua voz destoava do olhar desaprovador. — É bom saber disso, embora fosse o previsto, já que ele está a caminho de Tear. Eu já sabia que ele tinha passado por aqui mesmo antes de ouvir sobre os Mantos-brancos, e foi isso que me fez ter certeza. Rand está quase certo a respeito de uma coisa, Perrin. Não creio que sejamos os únicos atrás dele. E, se nos descobrirem, decerto tentarão nos impedir. Já temos que lutar contra muita coisa apenas para tentar

encontrar Rand. Você precisa aprender a segurar a língua até eu mandá-lo falar.

— Mantos-brancos? — perguntou Perrin, incrédulo. *Segurar a língua? Que me queime, não farei isso!* — Como você soube por causa del...? A loucura de Rand é *contagiosa*?

— Não foi a loucura de Rand — disse Moiraine —, se é que ele já chegou ao ponto de ser chamado de louco. Perrin, ele é o *ta'veren* mais forte que já surgiu desde a Era das Lendas. Ontem, nesta aldeia, o Padrão... se moveu, se moldou em torno dele como argila em uma forma. Os casamentos, os Mantos-brancos e tudo, a qualquer um que soubesse escutar, já eram indício suficiente de que Rand passou por aqui.

Perrin deu um longo suspiro.

— É isso que encontraremos em todos os lugares por onde ele passar? Luz, se as criaturas da Sombra estão mesmo atrás dele, serão capazes de rastreá-lo tão fácil quanto nós.

— Talvez — disse Moiraine. — Talvez não. Ninguém sabe nada sobre *ta'veren* fortes como Rand. — Por um instante ela pareceu irritada por também não saber. — Artur Asa-de-gavião foi o *ta'veren* mais forte mencionado pelos escritos. E Asa-de-gavião nem de longe era tão forte quanto Rand.

— Dizem — intrometeu-se Lan — que havia vezes em que as pessoas na mesma sala que Asa-de-gavião falavam a verdade quando pretendiam mentir ou tomavam decisões que nem sequer imaginavam considerar. Vezes em que cada dado lançado e cada carta virada mostravam resultados a favor dele. Mas só algumas vezes.

— Quer dizer que você não sabe — concluiu Perrin. — Ele pode deixar um rastro de casamentos e Mantos-brancos enlouquecidos por todo o caminho até Tear.

— Quer dizer que eu sei tanto quanto é possível saber — retrucou Moiraine, com rispidez. Seus olhos negros açoitavam Perrin como um chicote. — O Padrão é tecido com primor em torno de *ta'veren*, e outros podem acompanhar a forma dessa trama se souberem onde olhar. Tome cuidado para não desenrolar a língua mais do que imagina.

Perrin curvou os ombros involuntariamente, como se recebesse um golpe de verdade.

— Bem, você devia estar feliz por eu ter aberto a boca dessa vez. Simion sabe que você é Aes Sedai. Quer que você cure o irmão dele, Noam, de alguma doença. Se não tivesse falado com ele, ele jamais teria coragem de pedir, mas talvez já tenha começado a comentar com os amigos.

Lan olhou para Moiraine, e por um instante os dois se encararam. O Guardião tinha o aspecto de um lobo prestes a dar um salto. Enfim, Moiraine sacudiu a cabeça.

— Não — disse.

— Como quiser. A decisão é sua. — Lan parecia achar que era a decisão errada, mas já não parecia mais um lobo.

Perrin olhou para os dois.

— Vocês estavam pensando que... Simion não contaria nada a ninguém se estivesse morto, não é mesmo?

— Ele não morrerá por minhas ações — replicou Moiraine. — Mas não posso, e nem vou, prometer que será sempre assim. Precisamos encontrar Rand, e não falharei nessa missão. Está claro o bastante para você? — Preso ao olhar dela, Perrin não conseguiu responder. Ela assentiu, como se o silêncio já fosse uma resposta. — Agora me leve até Simion.

A porta do quarto de Loial permanecia aberta, e a luz da vela iluminava um pouco o corredor. As duas camas no interior haviam sido dispostas lado a lado, e Loial e Simion estavam sentados no canto de uma delas. O homem sem queixo encarava Loial com a boca aberta e uma expressão de espanto.

— Ah, sim, os *pousos* são maravilhosos — dizia Loial. — Há tanta paz por lá, debaixo das Grandes Árvores. Vocês, humanos, podem ter suas guerras e rixas, mas nada é capaz de abalar os *pousos*. Nós cuidamos das árvores e vivemos em harmonia... — A voz dele foi morrendo quando notou Moiraine, com Lan e Perrin atrás.

Simion ficou de pé mais do que depressa, curvou-se em uma mesura e recuou até encostar na parede oposta.

— Ah... boa senhora... ah... ah... — O homem continuava a menear a cabeça feito um boneco de corda.

— Leve-me até seu irmão — ordenou Moiraine —, e farei o que puder. Perrin, você vem também, já que este bom homem falou primeiro com você. — Lan ergueu uma sobrancelha, e ela balançou a cabeça. — Se formos todos, podemos chamar atenção. Perrin pode me dar a proteção necessária.

Lan assentiu com relutância, depois lançou a Perrin um olhar severo.

— Acho bom mesmo, ferreiro. Se alguma coisa acontecer com ela... — Os olhos azuis gélidos concluíram a promessa.

Simion agarrou uma das velas e avançou para o corredor, ainda se curvando em reverências e fazendo sua sombra dançar à luz do castiçal.

— Por aqui... hã boa senhora. Por aqui.

A porta no fim do corredor levava a uma escada externa, que conduzia a um caminho estreito no andar de baixo, entre a estalagem e o estábulo. A

noite reduzia a luz da vela a um pontinho bruxuleante. A meia-lua se erguia no céu salpicado de estrelas, fornecendo luz mais do que suficiente para os olhos de Perrin. Ele se perguntava quando Moiraine diria a Simion que ele podia parar com as medidas, mas ela nunca dizia. A Aes Sedai caminhava com elegância, erguendo as saias para não sujá-las de lama, como se a passagem escura fosse o salão de um palácio, e ela, uma rainha. O ar já estava esfriando, as noites ainda entoavam os ecos do inverno.

— Por aqui. — Simion os conduziu até um pequeno galpão atrás do estábulo e abriu a porta, apressado. — Por aqui. — Ele apontou. — Ali, boa senhora. Ali. Meu irmão. Noam.

O outro extremo do galpão havia sido bloqueado com ripas de madeira, no que parecia ter sido um trabalho apressado. Um robusto cadeado de ferro trancava uma porta tosca feita de ripas. Atrás das barras, havia um homem deitado de barriga para baixo no chão coberto de palha. Estava descalço, com a camisa e as calças rasgadas, como se tivesse tentado arrancá-las do corpo. Havia o odor de um corpo não lavado, e Perrin achou que até Simion e Moiraine estivessem sentindo.

Noam ergueu a cabeça e os encarou em silêncio inexpressivo. Nada indicava que ele era irmão de Simion. Para começar, o homem tinha queixo, além de ser corpulento, com ombros pesados. Mas não foi aquilo que assustou Perrin. Noam os encarava com reluzentes olhos dourados.

— Fazia quase um ano que estava meio maluco, boa senhora, dizendo que conseguia... falar com lobos. E os olhos dele... — Simion lançou um olhar a Perrin. — Bem, ele costumava começar a falar essas coisas quando bebia demais. Todo mundo ria dele. Então, há um mês ou dois, não retornou à cidade. Fui ver qual era o problema, e o encontrei... assim.

Relutante e cauteloso, Perrin tentou estabelecer contato com Noam, como faria com um lobo. *Correndo pela floresta com vento frio no nariz. Investindo para fora do esconderijo, dentes trincados por detrás da coxa. Gosto de sangue forte na boca. Morte.* Perrin recuou de súbito, como se estivesse diante de uma labareda, e se fechou. Não eram sequer pensamentos, apenas uma mistura caótica de desejos e imagens, parte lembranças, parte anseios. Mas de fato havia ali mais lobo do que qualquer outra coisa. Ele apoiou a mão na parede para se equilibrar, sentia os joelhos fracos. *Que a Luz me ajude!*

Moiraine tocou o cadeado.

— Mestre Harod tem a chave, boa senhora. Não sei se ele...

Ela deu um puxão, e o cadeado se abriu. Simion ficou boquiaberto. Ela levantou a tranca solta, e o homem sem queixo virou-se para Perrin.

— Será que isso é seguro, bom mestre? Ele é meu irmão, mas Mãe Roon levou uma mordida quando tentou ajudar, e... ele já matou uma vaca. Com os próprios dentes — completou, quase sem forças.

— Moiraine — disse Perrin —, o homem é perigoso.

— Todos os homens são perigosos — retrucou ela, com indiferença. — Agora fique quieto.

Ela abriu a porta e entrou. Perrin prendeu a respiração.

Ao primeiro passo de Moiraine, Noam arreganhou os dentes e começou a rosnar, cada vez mais forte, até a boca inteira estremecer. Moiraine o ignorou e continuou a se aproximar. Ainda rosnando, Noam se contorceu por cima da palha e recuou até encostar em um canto. Ou até que ela o tivesse forçado a se encostar.

Lenta e calmamente, a Aes Sedai se ajoelhou e tomou a cabeça do homem entre as mãos. Antes que Perrin pudesse se mexer, o rosnado de Noam tornou-se um urro e foi morrendo até virar um choramingo. Moiraine sustentou a cabeça de Noam por um longo instante e depois, com a mesma calma, soltou-a e se levantou. A garganta de Perrin deu um nó quando ela deu as costas para Noam e saiu da jaula, mas o homem apenas a encarava. Ela encostou a porta de ripas e deslizou o cadeado pelo fecho outra vez, sem se preocupar em trancá-lo. Rosnando e tentando morder, Noam se atirou nas grades de madeira. Rosnando, ele as mordeu, golpeou com os ombros e forçou a cabeça por entre os vãos.

Moiraine limpou a palha da saia com a mão firme, sem expressão no rosto.

— Você se arrisca bastante — sussurrou Perrin.

Ela olhou para ele, um olhar firme e sagaz, e o rapaz baixou os olhos. Olhos amarelos.

Simion fitava o irmão.

— Pode ajudá-lo, boa senhora? — perguntou o homem, com a voz rouca.

— Sinto muito, Simion — respondeu ela.

— Não pode fazer nada, boa senhora? Qualquer coisa? Uma dessas... — ele baixou a voz a um sussurro — coisas de Aes Sedai?

— A Cura não é simples, Simion, e vem tanto de quem a realiza quanto da pessoa a ser Curada. Não há nada aqui que se lembre de ser Noam, nada que se lembre de ser um homem. Não há nenhum mapa indicando a ele o caminho de volta, e nada sobrou para que ele siga esse caminho. Noam se foi, Simion.

— Ele... ele só dizia coisas estranhas, boa senhora, quando bebia demais. Ele só... — Simion esfregou a mão nos olhos e piscou. — Obrigada, boa senhora. Sei que teria feito alguma coisa, se fosse possível.

Ela tocou o ombro do homem, murmurou palavras de conforto e saiu do galpão.

Perrin sabia que deveria ir atrás dela, mas o homem — o que um dia fora um homem —, ainda abocanhando as grades de madeira, o impediu. Ele deu um passo rápido e se surpreendeu removendo o cadeado pendurado no fecho. Era um cadeado de qualidade, trabalho de um mestre ferreiro.

— Bom mestre?

Perrin olhou o cadeado nas mãos e o homem enjaulado. Noam havia parado de morder as ripas, apenas encarava Perrin, desconfiado e sem fôlego. Alguns dentes estavam quebrados em lascas pontiagudas.

— Pode mantê-lo aqui para sempre — disse Perrin —, mas eu... não acho que ele algum dia vá melhorar.

— Se ele sair daqui, bom mestre, vai morrer!

— Ele vai morrer aqui dentro ou lá fora, Simion. Lá fora pelo menos estará livre e muito mais feliz. Ele não é mais o seu irmão, mas você é o único que tem o direito de decidir. Pode deixá-lo aqui para servir de atração, deixá-lo encarando as grades desta jaula até se consumir. Você não pode prender um lobo, Simion, e esperar que ele viva feliz. Ou que tenha uma vida longa.

— Sim — concordou Simion, lentamente. — Sim, eu entendo. — Ele hesitou, depois assentiu e inclinou a cabeça em direção à porta do galpão.

Era tudo o que Perrin precisava. Ele abriu a porta de ripas e saiu do caminho.

Por um instante Noam encarou a passagem. De repente partiu em disparada, correndo de quatro, mas com uma agilidade surpreendente. Saiu da jaula, do galpão, adentrou a noite. *Que a Luz ajude a nós dois*, pensou Perrin.

— Acho que é melhor ele ficar livre. — Simion estremeceu. — Mas não sei o que Mestre Harod vai dizer quando vir esta porta aberta e Noam desaparecido.

Perrin fechou a porta da jaula, e o enorme cadeado fez um clique.

— Deixe ele descobrir sozinho.

Simion soltou uma risada breve e a interrompeu de repente.

— Ele vai inventar alguma história. Todo mundo inventa. Uns dizem que Noam virou um lobo, com pelos e tudo, quando mordeu Mãe Roon. Não

é verdade, mas é o que dizem.

Estremecendo, Perrin apoiou a cabeça na porta da jaula. *Ele pode não ter pelos, mas é um lobo. É um lobo, não um homem. Luz, me ajude.*

— Não o deixávamos aqui o tempo todo — disse Simion de repente. — Ele ficava na casa de Mãe Roon, mas ela e eu pedimos que Mestre Harod o trouxesse para cá depois que os Mantos-brancos chegaram. Eles andam com uma lista com os nomes dos Amigos das Trevas que procuram. Foi por causa dos olhos de Noam, entende? Um dos nomes na lista dos Mantos-brancos era o de um tal Perrin Aybara, um ferreiro. Diziam que ele tinha olhos amarelos e corria com os lobos. O senhor entende por que eu não quis que soubessem sobre Noam.

Perrin virou a cabeça e encarou Simion por cima do ombro.

— Você acha que esse Perrin Aybara é um Amigo das Trevas?

— Um Amigo das Trevas não se importaria em ver meu irmão morrer dentro de uma jaula. Creio que ela tenha encontrado o senhor logo depois que isso aconteceu. A tempo de ajudar. Gostaria que ela tivesse vindo a Jahra uns meses mais cedo.

Perrin sentiu vergonha por ter comparado aquele homem a um sapo.

— E eu gostaria que ela tivesse podido fazer algo por ele. — *Que me queimem, eu gostaria mesmo.* De súbito imaginou que talvez toda a aldeia já estivesse sabendo sobre Noam. Sobre seus olhos. — Simion, você pode me levar algo para comer no quarto?

Mestre Harod e o restante talvez estivessem muito impressionados com Loial para reparar nos olhos de Perrin, mas certamente notariam se o vissem no salão.

— É claro. E de manhã também. O senhor não precisa descer antes da hora de montar o cavalo.

— Você é um bom homem, Simion. Um bom homem.

Simion parecia tão satisfeito ao ouvir isso que Perrin sentiu vergonha mais uma vez.



CAPÍTULO 9



Sonhos de Lobo

Perrin voltou para o quarto pela entrada dos fundos, e depois de algum tempo Simion chegou com uma bandeja coberta. O pano não abafava os aromas de carneiro cozido, vagem, nabo e pão fresco, mas Perrin continuou na cama, olhando para o teto caiado, até a comida esfriar. Sem cessar, imagens de Noam vinham à sua mente. Noam mastigando as ripas de madeira. Noam correndo e sumindo na escuridão. Ele tentou pensar em fazer fechaduras, em temperar e moldar o aço com cuidado, mas não adiantou.

Ignorando a bandeja, levantou-se e foi até o quarto de Moiraine.

— Pode entrar, Perrin — respondeu ela à batida na porta.

Por um instante, pensou em todas as histórias antigas sobre Aes Sedai, mas as deixou de lado e abriu a porta.

Moiraine estava sozinha — ele ficou grato por isso —, sentada, equilibrando um frasco de tinta no joelho e rabiscando em um pequeno caderno com capa de couro. Ela arrolhou o frasco e limpou a ponta de aço da pena em um pedaço de pergaminho, sem olhar para ele. A lareira estava acesa.

— Estava aguardando você há algum tempo — disse. — Não toquei no assunto antes porque estava óbvio que você não queria. Mas, depois de hoje à noite... O que deseja saber?

— É isso que vai acontecer comigo? — perguntou ele. — Vou acabar assim?

— Talvez.

Ele esperou que ela dissesse algo mais, porém a mulher apenas guardou caneta e tinta no pequeno estojo de madeira-rosa polida e soprou o rascunho para secá-lo.

— É só isso? Moiraine, não me venha com respostas evasivas de Aes Sedai. Se você sabe alguma coisa, então me diga. Por favor.

— Sei muito pouco, Perrin. Enquanto buscava outras respostas entre os livros e manuscritos de pesquisa de duas amigas, encontrei a cópia do fragmento de um livro da Era das Lendas. Falava sobre... situações como a sua. Talvez fosse a única cópia no mundo inteiro, e não esclareceu muita coisa.

— Mas esclareceu *o quê*? Qualquer coisa já é mais do que tudo o que sei agora. Que me queime, eu aqui me preocupando se Rand poderia ficar louco, sem nem imaginar que teria que me preocupar comigo!

— Perrin, mesmo na Era das Lendas se sabia muito pouco a respeito disso. Quem escreveu o livro parecia não estar certo de que fosse verdade ou lenda. E eu vi apenas um fragmento, não se esqueça disso. Dizia que alguns que falavam com os lobos se perdiam, e que o ser humano acabava devorado pelo lobo. Alguns. Se quis dizer um em dez, ou cinco, ou nove, eu não sei.

— Eu consigo bloqueá-los. Não sei como, mas sou capaz de me recusar a escutá-los. Posso me recusar a ouvi-los. Isso ajudaria?

— Pode ser. — Ela o observou, parecendo escolher as palavras com cuidado. — O trecho que li era sobretudo sobre sonhos. Sonhar pode ser perigoso para você, Perrin.

— Você já disse isso uma vez. O que quer dizer?

— De acordo com o livro, os lobos vivem parte neste mundo, parte em um mundo dos sonhos.

— Mundo dos sonhos? — perguntou ele, incrédulo.

Moiraine o encarou com um olhar penetrante.

— Foi isso que eu disse, e era isso que estava escrito. A maneira como os lobos conversam entre si, e com você, está de alguma forma ligada a esse mundo dos sonhos. Não digo que entendo como isso acontece. — Ela fez uma pausa e franziu a testa de leve. — Pelo que li sobre Aes Sedai que tinham o Talento de Sonhar, os Sonhadores às vezes diziam encontrar lobos nos sonhos, até mesmo alguns lobos que serviam de guias. Temo que você precise aprender a ser tão cuidadoso dormindo quanto acordado, se quiser evitar os lobos. Se essa for a sua decisão.

— Se essa for a minha decisão? Moiraine, eu não vou terminar como Noam. Não vou!

Ela lhe lançou um olhar questionador e balançou a cabeça devagar.

— Você fala como se fosse dono de todas as suas escolhas, Perrin. Você é *ta'veren*, não se esqueça. — Ele lhe deu as costas e contemplou a escuridão da noite pelas janelas, mas ela continuou. — Talvez, por saber o que Rand é, por saber como ele é um *ta'veren* forte, eu tenha prestado pouca atenção aos outros dois *ta'veren* que encontrei com ele. Três *ta'veren* na mesma aldeia, todos nascidos com semanas de diferença? Nunca se ouviu falar nisso. Talvez você e Mat tenham propósitos maiores para o Padrão do que imaginávamos.

— Não quero ter propósito *nenhum* para o Padrão — resmungou Perrin. — E sem dúvida não poderei ter, se esquecer que sou um homem. Você pode me ajudar, Moiraine? — Era muito difícil dizer aquelas palavras. *E se para isso ela tiver que usar o Poder Único? Não seria melhor eu esquecer que sou um homem?* — Pode me ajudar a não... me perder?

— Se eu puder manter você inteiro, farei isso. Eu prometo, Perrin. Mas não pretendo arriscar a luta contra a Sombra. Você também precisa saber disso.

Quando ele se virou para encará-la, ela o observava sem piscar. *E se a sua luta me levar amanhã mesmo para o túmulo, você vai adiante?* Ele teve a certeza fria de que sim.

— O que foi que você não me contou?

— Não vá longe demais, Perrin — retrucou ela, friamente. — Não me pressione a dizer mais do que julgo apropriado.

Ele hesitou antes de fazer a pergunta seguinte.

— Pode fazer por mim o que fez por Lan? Pode blindar meus sonhos?

— Eu já tenho um Guardiã, Perrin. — Seus lábios se contorceram em um esboço de sorriso. — E terei apenas um. Sou da Ajah Azul, não da Verde.

— Você entendeu. Não quero ser Guardiã. — *Luz, eu preso por um elo a uma Aes Sedai pelo resto da vida? É tão ruim quanto os lobos.*

— Não adiantaria nada, Perrin. A blindagem é para os sonhos externos. O perigo dos seus sonhos está dentro de você. — Ela abriu outra vez o pequeno livro. — Você deveria dormir — completou, dispensando-o. — Tenha cuidado com os sonhos, mas alguma hora vai precisar dormir.

Ela virou uma página, e ele foi embora.

De volta ao próprio quarto, Perrin relaxou um pouco, só um pouquinho, e deixou seus sentidos aflorarem. Os lobos ainda estavam lá fora, fora da aldeia, rodeando Jahra. Quase no mesmo instante, retornou ao rígido autocontrole.

— Eu preciso é de uma cidade — murmurou. Aquilo os manteria distantes. *Depois de encontrar Rand. Depois de concluir o que precisa ser concluído.* Ele não sabia ao certo o quanto lamentava por Moiraine não ter podido protegê-lo. O Poder Único ou os lobos: era uma escolha que homem nenhum deveria ter de fazer.

Ele deixou o fogo da lareira se extinguir e abriu as duas janelas. O ar frio da noite entrou. Ele atirou os cobertores e a colcha no chão e deitou-se, todo vestido, na cama encaroçada, sem se esforçar para encontrar uma posição confortável. O último pensamento antes de adormecer foi que, se havia alguma coisa capaz de evitar o sono profundo e os sonhos perigosos, seria aquele colchão.

* * *

Ele estava em um corredor longo. As paredes e o teto alto de pedras, rajados de sombras estranhas, tinham um brilho úmido. As sombras se contorciam em faixas, desaparecendo tão abruptamente quanto surgiam, escuras demais para a luz entre elas. Ele não fazia ideia de onde vinha a luz.

— Não — disse, depois repetiu, mais alto: — Não! Isso é um sonho. Preciso acordar. Acordar!

O corredor não se alterou.

Perigo. Era o pensamento de um lobo, fraco e distante.

— Eu vou acordar. Eu vou!

Deu um murro na parede. Doeu, mas ele não acordou. Pensou ter visto uma das sombras sinuosas desviar do golpe.

Corra, irmão. Corra.

— Saltador? — perguntou, assombrado. Tinha certeza de que reconhecia o lobo cujos pensamentos acabara de ouvir. Saltador, que havia invejado as águias. — Saltador está morto!

Corra!

Perrin começou a correr, desajeitado, segurando o machado para que o cabo não batesse em sua perna. Não sabia para onde corria, ou por quê, mas a urgência do chamado de Saltador não podia ser ignorada. *Saltador está morto, pensava. Está morto!* Mas Perrin corria.

O corredor por onde ele avançava cruzava com outros em inclinações estranhas, às vezes descendo, às vezes subindo. No entanto, nenhum parecia muito diferente de onde ele estava. Paredes ininterruptas de pedras úmidas, sem nenhuma porta, rajadas de escuridão.

Ao passar por um dos corredores que cruzavam o principal, ele deu uma derrapada e parou. Havia um homem ali. Piscava, indeciso, o casaco aberto por cima dos quadris e as bainhas da calça abertas por sobre as botas. Ambos eram amarelo vivo, mas as botas eram apenas um pouco mais claras.

— É mais do que consigo suportar — disse o homem para si mesmo, não para Perrin. Tinha um sotaque estranho, ligeiro e pronunciado. — Não sonho apenas com camponeses, mas agora com camponeses estrangeiros, a julgar pelas roupas. Saia dos meus sonhos, rapaz!

— Quem é você? — perguntou Perrin.

O homem ergueu as sobrancelhas, como se ofendido.

As faixas de sombra se retorciam em torno deles. Uma delas se descolou do teto, em um dos cantos, e se esgueirou até a cabeça do estranho. Parecia se enroscar em seus cabelos. O homem arregalou os olhos, e tudo aconteceu muito rápido. A sombra disparou de volta para o teto, dez pés acima, levando algo pálido. Pingos salpicaram o rosto de Perrin. Um guincho agudo e ensurdecedor cortou o ar.

Paralisado, Perrin encarou a silhueta ensanguentada vestida com as roupas do homem, gritando e se debatendo no chão. Sem pensar, ele ergueu os olhos para ver o objeto pálido que pendia do teto como um saco vazio. Uma parte já fora absorvida pela faixa negra, mas ele não teve dificuldade em reconhecer a pele humana, aparentemente inteira.

As sombras em volta dele dançavam, agitadas, e Perrin correu, perseguido pelos gritos do homem, que morria. Ondas percorriam as faixas escuras, acompanhando-o.

— Mude, que o queime! — gritou ele. — Sei que é um sonho! Que a luz o queime, mude!

Tapeçarias coloridas pendiam das paredes, e altos pedestais dourados com dezenas de velas iluminavam o chão de ladrilhos brancos e o teto, pintado com nuvens macias e pássaros extravagantes em pleno voo. Nada se movia além das chamas bruxuleantes ao longo do corredor, estendendo-se até onde a vista alcançava, ou dos arcos angulosos de pedra branca que de vez em quando irrompiam das paredes.

Perigo. O chamado era ainda mais fraco que o anterior. E mais urgente, se é que era possível.

De machado na mão, Perrin começou a avançar pelo corredor, cauteloso, falando sozinho.

— Acorde. Acorde, Perrin. Se você sabe que é um sonho, ou ele muda ou você acorda. Acorde, que queime! — O corredor era tão concreto quanto

qualquer outro lugar por onde ele já havia passado.

Ele parou diante da primeira arcada, branca e bem angulosa. Ela levava a um imenso salão aparentemente sem janelas, mas tão suntuoso quanto um palácio. A mobília era toda trabalhada, coberta de ouro e marchetada de marfim. Havia uma mulher de pé no centro do salão, encarando um manuscrito esfarrapado aberto em uma mesa com a testa franzida. Uma bela mulher, de cabelos e olhos negros, vestida de branco e prateado.

Ao mesmo tempo em que ele a reconheceu, ela ergueu a cabeça e o encarou de frente. Arregalou os olhos, chocada e cheia de raiva.

— Você! O que está fazendo aqui? Como foi que... Você vai estragar coisas que sequer pode imaginar!

De repente, o recinto pareceu se achatar, como se Perrin observasse um desenho e não mais o salão. A imagem plana virou-se de lado e tornou-se apenas uma linha vertical brilhante em meio às sombras. Uma luz branca piscou, e a linha desapareceu, deixando apenas a escuridão, mais negra que o próprio negro.

Bem diante das botas de Perrin, os azulejos do chão de súbito chegaram ao fim. Enquanto ele olhava, as bordas brancas se dissolviam em uma areia negra levada pela água. Mais do que depressa, ele deu um passo atrás.

Corra.

Perrin se virou e viu Saltador, um enorme lobo cinzento com uma cicatriz.

— Você está morto. Eu vi você morrer. *Senti* você morrer!

Um chamado inundou os pensamentos de Perrin.

Corra, agora! Você não pode ficar aqui. Perigo. Enorme perigo. Maior que todos os Desnascidos. Você precisa ir. Vá agora! Agora!

— Como? — gritou Perrin. — Eu quero ir, mas como?

Vá! Arreganhando os dentes, Saltador pulou em direção à garganta de Perrin.

* * *

Com um grito abafado, Perrin sentou-se na cama, as mãos na garganta para estancar o sangramento. Encontrou a pele intacta. Engoliu em seco, aliviado, mas no instante seguinte seus dedos tocaram uma região úmida.

Quase caindo, ele pulou para fora da cama, cambaleou até a pia, agarrou o cântaro e encheu a bacia, espalhando água por todos os lados. Ao lavar o rosto, a água se tornou cor-de-rosa. Por causa do sangue do homem com as roupas estranhas.

Mais pontos escuros salpicavam seu casaco e as calças. Ele os arrancou do corpo e os atirou bem longe. Pretendia deixá-los ali. Simion podia queimá-los.

Uma rajada de vento açoitou a janela aberta. Trêmulo, de camiseta e roupas íntimas, sentou-se no chão e recostou na cama. *Aqui deve ser bastante desconfortável.* Tinha os pensamentos cheios de amargura, além de medo e preocupação. E determinação. *Não vou ceder a isso. Não vou!*

Ele ainda tremia quando enfim adormeceu, um sono leve e vigilante dominado pela vaga consciência do quarto ao redor e pela lembrança do frio. Mas os pesadelos que vieram eram melhores que alguns outros.

* * *

Rand se aninhava sob as árvores no escuro, observando o cão negro e corpulento aproximar-se de seu esconderijo. Sentia dor em um dos lados do corpo, no ferimento que Moiraine não fora capaz de curar, mas a ignorou. O luar fraco mal permitia que ele distinguisse o cão da altura de seu quadril, com pescoço grosso, cabeça pesada e dentes com um brilho que lembrava prata molhada em meio à noite. Ele farejou o ar e trotou em direção a Rand.

Mais perto, pensou Rand. Chegue mais perto. Nada de aviso a seu mestre desta vez. Mais perto. É isso aí. O cão estava a apenas dez passos de distância. Um rosnado profundo ressoava em seu peito, e ele de repente saltou para a frente. Direto para cima de Rand.

O Poder o preencheu. Algo projetou-se de seus braços abertos, ele não sabia ao certo o quê. Uma barra de luz branca, sólida como aço. Fogo líquido. Por um instante, no meio daquilo tudo, o cão ficou transparente, depois desapareceu.

A luz branca se enfraqueceu, deixando apenas a marca da imagem nos olhos de Rand. Ele desabou no tronco da árvore mais próxima, sentindo a casca da árvore arranhar o rosto. O alívio e um riso silencioso o fizeram vibrar. *Funcionou. Que a Luz me salve, desta vez funcionou.* Não era sempre. Tinha encontrado outros cães aquela noite.

O Poder Único pulsava dentro dele, e seu estômago estava embrulhado por conta da mácula do Tenebroso em *saidin*, ameaçando fazê-lo vomitar. O suor pingava de seu rosto, apesar do vento frio da noite, e a boca estava com gosto de vômito. Ele queria se deitar e morrer. Queria que Nynaeve lhe desse algum remédio, ou que Moiraine o Curasse, ou... alguma coisa, qualquer coisa que acabasse com aquele mal-estar sufocante.

Mas *saidin* também o inundava de vida. Vida, energia e consciência, misturadas à náusea. A vida sem *saidin* era uma mera cópia. Qualquer outra coisa era uma débil imitação.

Mas podem me encontrar se eu continuar canalizando. Podem me rastrear, me encontrar. Preciso chegar a Tear. Lá descobrirei. Se eu for o Dragão, tudo terá um fim. E, se eu não for... se tudo não passar de uma mentira, haverá um fim de todo modo. Um fim.

Com relutância, bem devagar, rompeu o contato com *saidin*, abandonou o abraço como se abandonasse o sopro da vida. A noite parecia opaca. As sombras haviam perdido as formas nítidas e estavam misturadas.

Ao longe, a oeste, um cão uivou, um choro trêmulo no silêncio da noite.

Rand ergueu a cabeça. Olhou na direção do cão, como se pudesse enxergá-lo se fizesse algum esforço.

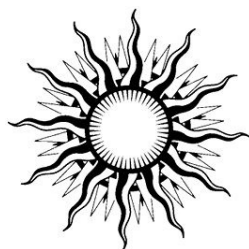
Um segundo cão respondeu ao primeiro, depois mais um, e mais dois, todos espalhados em algum ponto a oeste.

— Venham me caçar — rosnou Rand. — Venham me caçar se quiserem. Não sou presa fácil. Não mais!

Com um empurrão, ele se afastou da árvore e seguiu caminhando por um córrego raso e congelante, rumo a leste. A água fria entrava em suas botas, mas ele a ignorou. A noite se aquietava novamente ao seu redor, mas ele também a ignorou. *Venham me caçar. Eu também sei caçar. Não sou presa fácil.*



CAPÍTULO 10



Segredos

Ignorando os companheiros de viagem por um instante, Egwene al’Vere apoiou-se no estribo na esperança de avistar Tar Valon ao longe, mas só conseguiu ver um borrão indistinto e esbranquiçado brilhando sob o sol da manhã. No entanto, só podia ser a cidade na ilha. A montanha solitária de topo quebrado, chamada Monte do Dragão, surgira pela primeira vez no horizonte no fim da tarde anterior, erguendo-se na planície irregular, ao lado do Rio Erinin de Tar Valon. Era um ponto de referência, aquela montanha semelhante a um dente pontudo erguendo-se no meio das planícies que podia ser vista com facilidade a milhas de distância e muito fácil de evitar, como faziam todos, até mesmo os que seguiam para Tar Valon.

O Monte do Dragão era, segundo diziam, onde Lews Therin Fratricida havia morrido. Muito se falava sobre a montanha, profecias e advertências. Fortes razões para ficar longe daquelas encostas negras.

Egwene tinha motivo para não ficar longe, e mais de um, na verdade. Apenas em Tar Valon poderia obter o treinamento de que precisava, o treinamento pelo qual tinha de passar. *Nunca mais usarei o colar!* Ela afastou o pensamento, que insistia em retornar. *Nunca mais perderei minha liberdade!* Em Tar Valon, Anaiya voltaria a testar seus sonhos. A Aes Sedai precisaria fazer aquilo, embora não tivesse encontrado provas de que Egwene era uma Sonhadora, como suspeitava. Andava tendo sonhos perturbadores desde que deixaram a Planície de Almoth. Além dos sonhos com os Seanchan, que ainda a faziam acordar suando, sonhava cada vez

mais com Rand. Rand correndo. Correndo em direção a algo, mas também correndo de algo.

Ela forçou a vista na direção de Tar Valon. Anaiya estaria lá. *E Galad também, quem sabe.* Egwene enrubesceu sem querer e baniu por completo o rapaz de seus pensamentos. *Pense no tempo. Pense em qualquer outra coisa. Luz, como está quente.*

Naquela época do ano, o inverno já era somente uma lembrança. O Monte do Dragão ainda estava coberto de branco, mas ali embaixo a neve já tinha derretido. As primeiras folhas verdes despontavam na grama marrom do ano anterior, e o primeiro vermelho dos novos brotos já surgia sobre as árvores que cobriam as montanhas baixas aqui e ali. Depois de passar o inverno viajando, às vezes presa por dias em aldeias ou acampamentos, por causa das tempestades, às vezes cobrindo distâncias menores durante o dia inteiro por causa da neve que batia na barriga dos cavalos do que faria se caminhasse até o meio-dia em condições melhores, era bom ver um sinal da primavera.

Tirando o manto pesado de lã do caminho, Egwene desabou na sela de cepilho alto e alisou as saias com impaciência. Tinha os olhos negros cheios de desgosto. Já passara tempo demais com o mesmo vestido, dividido pelas próprias mãos hábeis na agulha para cavalgar, mas o único outro que tinha estava ainda mais imundo. Era da mesma cor, o cinza-escuro das Encolaradas. Semanas antes, no início da viagem até Tar Valon, a escolha fora entre cinza ou nada.

— Juro que nunca mais usarei cinza, Bela — disse, dando umas palmadinhas no pescoço da égua peluda. *Não que eu vá ter muitas opções quando voltarmos à Torre Branca,* pensou. Na Torre, todas as noviças usavam branco.

— Falando sozinha de novo? — perguntou Nynaeve, puxando o capão baio para perto de Egwene. As duas mulheres tinham altura e roupas similares, mas a diferença em seus cavalos deixava a antiga Sabedoria de Campo de Emond uma cabeça mais alta. Nynaeve franziu a testa e deu um puxão na trança grossa de cabelos escuros por cima do ombro, como costumava fazer quando estava preocupada ou apreensiva, ou quando se preparava para ser especialmente teimosa, até mesmo para os seus padrões. Um anel da Grande Serpente no dedo a identificava como Aceita. Ainda não era Aes Sedai, mas já estava um longo passo à frente de Egwene. — É melhor prestar atenção.

Egwene segurou a língua e não respondeu que estava procurando Tar Valon. *Ela acha que subi no estribo porque não gosto da sela?* Nynaeve

parecia esquecer com frequência que já não era a Sabedoria de Campo de Emond e que Egwene não era mais uma criança. *Mas ela tem um anel, e eu não... ainda! E para ela isso significa que nada mudou!*

— Você gostaria de saber como Moiraine está tratando Lan? — perguntou, de um jeito doce, sentindo uma satisfação momentânea com o puxão forte que Nynaeve deu na trança. A satisfação, porém, foi embora depressa. Comentários venenosos não eram de sua natureza, e ela sabia que os sentimentos de Nynaeve a respeito do Guardião eram como um novelo de lã embaraçado por um gatinho. Mas Lan não era nenhum gatinho, e a mulher teria que tomar alguma atitude antes que a nobreza teimosa do sujeito a irritasse a ponto de Nynaeve assassiná-lo.

Eles estavam em seis ao todo, vestidos com roupas simples para passarem despercebidos pelas aldeias e vilarejos no caminho, mas mesmo assim talvez fizesse tempo que um grupo tão estranho cruzou o Relvado de Caralain. Quatro eram mulheres, e um dos homens ia estirado em uma liteira estendida entre dois cavalos. Os cavalos da liteira também carregavam pequenos volumes, com suprimentos para os trechos longos entre as aldeias que surgiam pelo caminho.

Seis pessoas, pensou Egwene, e quantos segredos? Todos dividiam mais de um, segredos que talvez devessem ser guardados até na Torre Branca. A vida era mais simples em casa.

— Nynaeve, será que Rand está bem? E Perrin? — acrescentou, depressa.

Não podia mais se dar ao luxo de fazer de conta que um dia se casaria com Rand. Naquele momento, sabia que não passaria mesmo de faz de conta. Não gostava da ideia, não estava totalmente em paz, mas sabia.

— São os sonhos? Estão perturbando você outra vez? — Nynaeve parecia preocupada, mas Egwene não estava com ânimo para aceitar a compaixão dela.

Ela se esforçou para manter a voz o mais natural possível.

— Pelos rumores que ouvimos não dá para dizer o que pode estar acontecendo. Tudo o que contam é tão distorcido, tão errado.

— Tudo vem dando errado desde que Moiraine entrou nas nossas vidas — reclamou Nynaeve, ríspida. — Perrin e Rand... — Ela hesitou e fez uma careta. Egwene pensou que Nynaeve acreditava que tudo o que Rand havia se tornado era obra de Moiraine. — Eles terão que se cuidar sozinhos por enquanto. Creio que já tenhamos muito com que nos preocupar. Tem alguma coisa errada. Eu... sinto.

— Você sabe o que é? — perguntou Egwene.

— Parece quase uma tempestade. — Os olhos negros de Nynaeve perscrutaram o céu da manhã, claro e azul, com apenas algumas nuvens brancas isoladas, e ela sacudiu a cabeça outra vez. — Uma tempestade a caminho. Nynaeve sempre fora capaz de prever o tempo. Ouvir o vento, como chamavam, era algo esperado da Sabedoria de todas as aldeias, embora muitas não conseguissem de fato fazê-lo. No entanto, desde que saíram de Campo de Emond, a habilidade de Nynaeve havia crescido, ou mudado. Naquele momento, as tempestades que ela sentia tinham por vezes mais a ver com os homens do que com o clima.

Egwene mordeu o lábio inferior, pensativa. O grupo não podia ser detido ou atrasado, não depois de chegar tão longe, não tão perto de Tar Valon. Pelo bem de Mat e por razões que sua consciência talvez afirmasse serem mais importantes que a vida de um jovem da aldeia, um amigo de infância, mas que seu coração não julgava tão fortes. Ela olhou os outros e se perguntou se alguém havia notado algo.

Verin Sedai, pequena, roliça e toda vestida em tons de marrom, seguia aparentemente perdida nos próprios pensamentos, o capuz do manto puxado para a frente até quase esconder o rosto. Ia à frente do grupo, mas deixava seu cavalo seguir no ritmo próprio. Pertencia à Ajah Marrom, e as irmãs marrons em geral se importavam mais em buscar conhecimento do que com qualquer coisa no mundo à sua volta. Egwene, no entanto, não tinha tanta certeza do desprendimento de Verin. Por acompanhá-los, Verin havia se envolvido bastante com os assuntos do mundo.

Elayne, de idade próxima à de Egwene e também noviça, mas de cabelos louros e olhos azuis, enquanto os de Egwene eram escuros, seguia atrás, ao lado da liteira onde Mat jazia inconsciente. Vestida nos mesmos tons de cinza de Egwene e Nynaeve, observava o rapaz com a mesma preocupação das outras. Mat não se levantava já fazia três dias. O homem esguio e de cabelos compridos do outro lado da liteira parecia querer olhar para todos os cantos sem que ninguém percebesse, e suas linhas de expressão se pronunciavam de tanta concentração.

— Hurin — disse Egwene, e Nynaeve assentiu. Elas reduziram a marcha para que a liteira as alcançasse. Verin seguia na frente, em passadas lentas.

— Está sentindo alguma coisa, Hurin? — perguntou Nynaeve.

Elayne ergueu os olhos, de súbito atentos, para a liteira de Mat.

Com as três a encará-lo, o homem magro se remexeu na sela e esfregou o nariz comprido.

— Problemas — respondeu, ao mesmo tempo breve e relutante. — Acho que talvez... problemas.

Hurin era o apanhador de ladrões do Rei de Shienar e, embora não usasse o rabo de cavalo dos guerreiros shienaranos, a espada curta e a adaga quebra-espada dentada em seu cinturão estavam gastas pelo uso. Os anos de experiência pareciam ter garantido ao homem algum talento para farejar malfeitores, em especial os que praticavam violência.

Em duas ocasiões durante a viagem, ele os aconselhara a deixar uma aldeia depois de menos de uma hora. Da primeira vez, todos se recusaram, dizendo que estavam muito cansados, mas antes do cair da noite o estalajadeiro e outros dois homens da aldeia tentaram matá-los enquanto dormiam. Eram meros ladrões, não Amigos das Trevas, ávidos pelos cavalos e o que mais houvesse nos alforjes e trouxas. Mas o resto da aldeia ficou sabendo do ocorrido, e aparentemente não via problema em roubar de estranhos. O grupo foi forçado a fugir de uma multidão agitando ancinhos e cabos de machados. Da segunda vez, Verin ordenou que fossem embora assim que Hurin abriu a boca.

O apanhador de ladrões, no entanto, era sempre cauteloso ao falar com as companheiras. Mas não com Mat. Quando o rapaz ainda conseguia conversar, os dois faziam piadas e jogavam dados quando as mulheres não estavam por perto. Egwene pensava que ele poderia se sentir constrangido por estar, para todos os efeitos, sozinho com uma Aes Sedai e três mulheres em treinamento. Alguns homens achavam mais fácil encarar uma luta do que uma Aes Sedai.

— Que tipo de problemas? — perguntou Elayne.

Ela falou com naturalidade, mas era tão óbvio que esperava uma resposta que Hurin abriu a boca:

— Eu sinto um cheiro... — Parou de falar e piscou, como se surpreso, os olhos saltando de uma mulher para outra. — É só uma sensação — disse, por fim. — Um... pressentimento. Vi umas pegadas ontem e hoje. Muitos cavalos. Uns vinte ou trinta seguindo para este lado, e outros vinte ou trinta, para o lado de lá. E fiquei pensando. É só isso. Uma sensação. Mas sei que são problemas.

Pegadas? Egwene não havia percebido. Nynaeve disse, com rispidez:

— Não vi nada de preocupante nelas. — Nynaeve se orgulhava de seguir rastros tão bem quanto qualquer homem. — Eram de dias atrás. O que faz você achar que se tratavam de problemas?

— Só acredito que sejam — respondeu Hurin, devagar, como se quisesse dizer algo mais. Baixou os olhos, esfregou o nariz e inspirou fundo. — Faz um bom tempo que não vemos uma aldeia — murmurou. — Quem é que sabe que notícias de Falme chegaram na nossa frente? Talvez não

tenhamos uma recepção tão agradável quanto esperamos. Acho que esses homens podem ser bandidos, assassinos. Precisamos ter cuidado, na minha opinião. Se Mat estivesse de pé, eu seguiria à frente como batedor, mas talvez seja melhor não deixar vocês sozinhas.

Nynaeve ergueu as sobrancelhas.

— Acha que não somos capazes de nos cuidar sozinhas?

— O Poder Único não adianta de muita coisa se alguém matá-la antes que você consiga usá-lo — retrucou Hurin, dirigindo-se ao cepilho alto de sua sela. — Me desculpem, mas acho que... vou seguir com Verin Sedai por um tempo. — Ele afundou o calcanhar e galopou adiante antes que alguém se pronunciasse outra vez.

— Isso sim é uma surpresa — disse Elayne, ao ver Hurin reduzir a velocidade ao lado da irmã Marrom. Verin não pareceu notar o homem mais do que notava todo o resto, e ele pareceu satisfeito com a situação. — Ele ficou o mais distante possível de Verin, desde que saímos da Ponta de Toman. Sempre a encara como se tivesse medo do que ela pode dizer.

— Respeitar as Aes Sedai não quer dizer não ter medo delas — disse Nynaeve. Então acrescentou, relutante: — De nós.

— Se ele acha que pode haver algum problema, é melhor mandarmos patrulhar à frente. — Egwene respirou fundo e lançou às outras duas mulheres o olhar mais firme que pôde. — Se houver algum problema, conseguiremos nos defender melhor do que ele seria capaz, mesmo com cem soldados para ajudar.

— Ele não sabe disso — retrucou Nynaeve, indiferente —, e não sou eu que vou contar. Nem a ele nem a ninguém.

— Posso imaginar o que Verin teria a dizer sobre isso. — Elayne parecia ansiosa. — Queria ter alguma ideia do quanto ela sabe. Egwene, não sei se minha mãe conseguiria me ajudar se a Amyrlin descobrisse, muito menos a vocês duas. Não sei nem se ela tentaria. — A mãe de Elayne era a Rainha de Andor. — Ela só aprendeu um pouco do Poder antes de deixar a Torre Branca, por mais que viva como se tivesse sido elevada a irmã completa.

— Não podemos ficar torcendo para contar com Morgase — disse Nynaeve. — Ela está em Caemlyn, e nós estaremos em Tar Valon. Não, talvez já tenhamos muitos problemas por conta da nossa fuga, independentemente do que estamos levando de volta. Será melhor mantermos a discrição, nos comportarmos com humildade e não fazermos nada que atraia ainda mais atenção.

Em qualquer outro momento, Egwene teria rido ao pensar em Nynaeve fingindo humildade. Até Elayne se sairia melhor. Mas, naquele instante, não

sentia vontade de rir.

— E se Hurin estiver certo? E se formos atacados? Ele não pode nos defender de vinte ou trinta homens, e é capaz de morrermos se esperarmos Verin tomar alguma atitude. Você disse que sente uma tempestade, Nynaeve.

— Sente? — perguntou Elayne. Os cachos louro-acobreados se balançaram quando ela sacudiu a cabeça. — Verin não vai gostar se nós... — A voz dela foi morrendo. — Independentemente de Verin gostar ou não, talvez seja preciso.

— Farei o que for preciso — disse Nynaeve, com rispidez —, se algo tiver que ser feito. E você duas vão fugir, se for preciso. A Torre Branca pode estar em polvorosa com o potencial de vocês, mas não pensem que não vão estancá-las se o Trono de Amyrlin ou o Salão da Torre julgarem necessário.

Elayne engoliu em seco.

— Se nos estancarem por isso — disse, com a voz fraca —, farão o mesmo com você. Devemos todas fugir juntas ou agir juntas. Hurin já acertou antes. Se quisermos ficar vivas para enfrentar os problemas na Torre, talvez tenhamos... que fazer o que for preciso.

Egwene estremeceu. Estancada. Separada de *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira. Poucas Aes Sedai haviam sofrido essa punição, ainda que houvesse atos que a Torre condenasse com essa penalidade. As noviças eram obrigadas a decorar os nomes de todas Aes Sedai que já haviam sido estancadas, além de seus crimes.

Ela sempre conseguia sentir a Fonte presente, logo além do alcance dos olhos, como o sol do meio-dia em seus ombros. Ainda que com frequência não alcançasse nada ao buscar *saidar*, queria tocá-la. Quanto mais a tocava, mais tinha vontade, o tempo inteiro, não importava o que Sheriam Sedai, a Mestra das Noviças, dissesse sobre os perigos de se apegar demais à sensação do Poder Único. Ser apartada disso, ainda ser capaz de sentir *saidar*, mas jamais poder tocá-la novamente...

As outras também pareciam não querer falar.

Para disfarçar o tremor, ela se inclinou por cima da sela para olhar a liteira, que balançava suavemente. Os cobertores de Mat estavam bagunçados, expondo a adaga curvada de bainha dourada em uma das mãos, com um rubi do tamanho de um ovo de pombo na ponta do cabo. Com cuidado para não encostar na adaga, ela ajustou os cobertores por cima da mão dele. O rapaz era apenas alguns anos mais velho que ela, mas o rosto encovado e a pele amarelada o envelheciam. O peito mal se movia

com a respiração rouca. Um saco de couro encaroçado jazia a seus pés. Ela ajeitou o cobertor por cima do saco também. *Precisamos levar Mat até a Torre*, pensou. *E o saco.*

Nynaeve também se inclinou e tocou a testa de Mat.

— A febre aumentou. — Ela parecia preocupada. — Se pelo menos eu tivesse um pouco de raiz-do-sossego ou mata-febre.

— Talvez se Verin tentasse Curá-lo de novo — sugeriu Elayne.

Nynaeve balançou a cabeça, acariciou os cabelos de Mat e deu um suspiro antes de se endireitar para falar.

— Ela disse que tudo o que pode fazer agora é mantê-lo vivo, e eu acredito nela. Eu... tentei Curá-lo sozinha ontem à noite, mas nada aconteceu.

Elayne arfou.

— Sheriam Sedai disse que não devemos tentar Curar antes de sermos guiadas passo a passo uma centena vezes.

— Você poderia tê-lo matado — concordou Egwene, com rispidez.

Nynaeve fungou alto.

— Eu já Curava antes de sequer pensar em ir para Tar Valon, mesmo sem saber disso. Mas parece que preciso dos meus remédios para fazer a coisa funcionar. Se pelo menos eu tivesse um pouco de mata-febre. Acho que ele já não tem muito tempo. Horas, talvez.

Egwene pensou que Nynaeve parecia quase tão triste em saber o que sabia quanto se sentia em relação a Mat. Ela se perguntou mais uma vez por que Nynaeve havia decidido ir a Tar Valon para o treinamento, para começar. Ela aprendera a canalizar involuntariamente, mesmo que nem sempre fosse capaz de controlar seus atos, e superara a crise que matava três entre quatro mulheres que aprendiam a canalizar sem a orientação de uma Aes Sedai. Nynaeve dizia que queria aprender mais, entretanto, com frequência se mostrava tão relutante a respeito quanto uma criança obrigada a tomar chá de língua-de-ovelha.

— Logo chegaremos à Torre Branca — disse Egwene. — Lá, ele será Curado. A Amyrlin vai cuidar dele. Ela vai cuidar de tudo. — Ela não olhava para os pés de Mat, onde o cobertor escondia o saco. As outras duas mulheres tinham o cuidado de também não olhar. Havia alguns segredos dos quais todas se sentiriam aliviadas em se livrar.

— Cavaleiros — avisou Nynaeve de repente, mas Egwene já os avistara. Mais de vinte homens surgiam por cima de uma pequena encosta à frente, os mantos brancos esvoaçando enquanto o grupo galopava em direção a eles.

— Filhos da Luz — acrescentou Elayne, como se fosse um xingamento. — Acho que encontramos sua tempestade e o problema de Hurin.

Verin havia parado, com uma das mãos no braço de Hurin para impedir que ele desembainhasse a espada. Egwene tocou o cavalo que conduzia a liteira e o freou bem atrás da Aes Sedai roliça.

— Podem deixar que eu falo, crianças — disse a Aes Sedai, muito calma, empurrando o capuz para trás e revelando os cabelos grisalhos. Egwene não sabia dizer qual seria a idade de Verin. Achava-a velha o bastante para ser avó, mas as mechas cinza eram o único sinal da idade da Aes Sedai. — O que quer que façam, não permitam que eles as irritem.

O rosto de Verin era tão tranquilo quanto sua voz, mas Egwene pensou ter visto a Aes Sedai calculando a distância até Tar Valon. Os topos das torres já estavam visíveis, assim como a ponte alta em forma de arco que atravessava o rio que levava à ilha, elevada o bastante para a passagem dos navios mercantes que apinhavam os rios.

Perto o bastante para ver, pensou Egwene, mas longe demais para adiantar de alguma coisa.

Por um instante, ela teve certeza de que os Mantos-brancos que se aproximavam pretendiam atacá-los, mas o líder ergueu uma das mãos, e de súbito o grupo puxou as rédeas, a cerca de quarenta passos de distância, levantando poeira à frente.

Nynaeve murmurou, raivosa, entre dentes, e Elayne sentou-se, ereta e cheia de orgulho, como se prestes a repreender os Mantos-brancos pelos péssimos modos. Hurin ainda segurava o punho da espada, parecia pronto para se colocar entre as mulheres e os Mantos-brancos, independentemente do que Verin dissesse. Tranquila, a Aes Sedai abanou de leve uma das mãos diante do rosto, para dissipar a poeira. Os cavaleiros de mantos brancos se espalharam em semicírculo, bloqueando a passagem com firmeza.

As placas peitorais e os elmos cônicos brilhavam devido ao polimento, e até a malha nos braços dos homens reluzia. Cada um deles tinha o sol dourado ofuscante no peitoral. Alguns encaixaram as flechas nos arcos, que não ergueram, mas deixaram a postos. O líder era um homem jovem, mas com dois nós dourados de graduação abaixo do sol no manto.

— Duas bruxas de Tar Valon, se meu palpite estiver certo, não é mesmo? — disse, com um sorriso tenso no rosto fino. A arrogância brilhava em seus olhos, como se ele soubesse alguma verdade que os outros eram muito idiotas para enxergar. — Mais duas em formação e um par de

cachorrinhos, um velho e um doente. — Hurin se indignou, mas foi contido pela mão de Verin. — De onde vocês vêm? — inquiriu o Manto-branco.

— Viemos do oeste — respondeu Verin, muito calma. — Saia de nosso caminho e nos deixe seguir. Os Filhos da Luz não têm autoridade aqui.

— Os Filhos têm autoridade onde quer que a Luz esteja e levam a Luz aonde ela não estiver. Respondam às minhas perguntas! Ou será que devo levá-los ao nosso acampamento e deixar que os Questionadores os interroguem?

Mat não aguentaria se eles demorassem ainda mais a chegar à Torre Branca para obter ajuda. E, mais importante — Egwene estremecia em pensar daquela maneira —, não podiam deixar o conteúdo daquele saco cair nas mãos dos Mantos-brancos.

— Já respondi — disse Verin, ainda calma —, e com mais educação do que você merece. Acredita mesmo que podem nos impedir? — Alguns Mantos-brancos ergueram os arcos como se ela tivesse proferido uma ameaça, mas a mulher prosseguiu, com a voz inalterada: — Em outras terras vocês podem exercer autoridade por meio de ameaças, mas não aqui, às vistas de Tar Valon. Realmente acreditam que neste lugar terão permissão para matar uma Aes Sedai?

O oficial mudou de posição na sela, desconfortável, como se de súbito refletisse se poderia cumprir o que prometera. Então olhou para os homens atrás — ou para recordar-se de seu apoio ou porque lembrara que eles o observavam — e se controlou.

— Não tenho medo de seus modos de Amigos das Trevas, bruxa. Responda a mim ou responda aos Questionadores. — Ele não soava tão seguro quanto antes.

Verin abriu a boca como se fosse apenas conversar, mas, antes que pudesse falar, Elayne pulou na frente, com uma voz autoritária.

— Eu sou Elayne, Filha-herdeira de Andor. Se não saírem do nosso caminho de uma vez, responderão à Rainha Morgase, Mantos-brancos!

Verin sibilou, irritada.

O Manto-branco pareceu surpreso por um instante, mas depois soltou uma risada.

— Ah, sim, você acha mesmo? Talvez descubra que Morgase já não tem tanto amor pelas bruxas, garota. Se eu tirar você daqui e levá-la de volta, ela vai me agradecer por isso. O Senhor Capitão Eamon Valda gostaria muito de falar com você, Filha-herdeira de Andor.

Ele ergueu uma das mãos. Egwene não soube dizer se era um gesto ou um sinal a seus homens. Alguns Mantos-brancos seguraram as rédeas.

Não posso mais esperar, pensou Egwene. *Nunca mais usarei correntes!* Ela se abriu ao Poder Único. Era um exercício simples, que depois de muita prática havia se tornado bem mais fácil. Em um piscar de olhos sua mente esvaziou-se de tudo, tudo além de um único botão de rosa, flutuando no vazio. Ela era o botão de rosa, abria-se à luz, abria-se a *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira. O Poder a inundou, ameaçando engoli-la. Era como ser preenchida de luz, com a Luz, como se fundir com a Luz em um êxtase glorioso. Ela lutou para não ser arrebatada e manteve o foco no chão à frente do cavalo do oficial Manto-branco. Um pequeno pedaço de chão, ela não queria matar ninguém. *Vocês não vão me capturar!*

A mão do homem ainda estava erguida. Com um estrondo, o chão diante dele explodiu em uma fonte estreita de sujeira e pedras acima de sua cabeça. O cavalo empinou, gritando, e ele rolou da sela feito uma saca.

Antes que o homem caísse no chão, Egwene levou o foco para mais perto dos outros Mantos-brancos, e o chão irrompeu em outra pequena explosão. Bela dançou para o lado, mas ela controlou a égua com as rédeas e os joelhos sem sequer pensar no que fazia. Imersa no vazio, ainda se surpreendeu com uma terceira erupção, não causada por ela, e uma quarta. Viu Nynaeve e Elayne ao longe, ambas envoltas no brilho tênue que confirmava também terem abraçado *saidar* e terem sido abraçadas por ela. O brilho só podia ser visto pelas mulheres capazes de canalizar, mas os resultados eram visíveis a todos. Explosões acertavam os Mantos-brancos por todos os lados, cobrindo-os de poeira, abalando-os com o barulho, fazendo os cavalos dispararem loucamente.

Hurin olhou em volta, boquiaberto, obviamente tão assustado quanto os Mantos-brancos, enquanto tentava evitar que os cavalos da liteira e o dele próprio saíssem em disparada. Verin tinha os olhos arregalados de surpresa e raiva. Gritava furiosa, mas o que quer que estivesse dizendo se perdia em meio ao estrondo.

Então os Mantos-brancos começaram a fugir, alguns em pânico, largando os arcos e galopando como se o Tenebroso em pessoa estivesse em seu encalço. Todos menos o jovem oficial, que se levantava do chão. De ombros curvados, ele encarou Verin, mostrando apenas o branco dos olhos. A poeira cobria seu belo manto branco e seu rosto, mas ele não parecia notar.

— Pode me matar, bruxa — disse o homem, trêmulo. — Vá em frente. Mate-me como matou meu pai!

A Aes Sedai o ignorou. Tinha toda a atenção voltada para as companheiras. Como se também tivessem esquecido seu oficial, os Mantos-

brancos em fuga desapareceram pela mesma encosta por onde haviam surgido, todos juntos e sem olhar para trás. O cavalo do oficial correu com eles.

Sob o olhar furioso de Verin, Egwene soltou *saidar*, devagar e relutante. Era sempre difícil deixar ir. Ainda mais lentamente, o brilho tênue ao redor de Nynaeve desapareceu. Ela olhava o rosto contraído do Manto-branco à frente deles com uma careta firme, como se o homem ainda fosse capaz de algum tipo de artifício. Elayne parecia chocada com o que acabara de fazer.

— O que vocês fizeram... — começou Verin, então parou e respirou fundo. Olhava as três mulheres mais jovens. — O que fizeram é uma abominação. Uma abominação! Uma Aes Sedai só usa o Poder como arma contra criaturas da Sombra ou em última instância para proteger a própria vida. Os Três Juramentos...

— Eles iam matar a gente — interrompeu Nynaeve, inflamada. — Iam matar ou torturar. Ele estava dando a ordem.

— Nós não... não usamos realmente o Poder como arma, Verin Sedai. — Elayne tinha o queixo erguido, mas sua voz tremia. — Não machucamos ninguém, nem ao menos tentamos machucar. Sem dúvida...

— Não discutam bobagens comigo! — rebateu Verin. — Quando forem Aes Sedai completas... se algum dia se tornarem Aes Sedai completas, terão o compromisso de obedecer aos Três Juramentos, mas até as noviças precisam se esforçar para viver como se já estivessem sob eles.

— E ele? — Nynaeve apontou para o oficial Manto-branco, ainda parado ali, atônito. Parecia quase tão irritada quanto a Aes Sedai. — Estava prestes a nos levar como prisioneiras. Mat vai morrer se não chegarmos logo à Torre, e... e...

Egwene sabia o que Nynaeve lutava para não dizer em voz alta. *E não podemos deixar aquele saco cair em outras mãos além das da Amyrlin.*

Verin olhou o Manto-branco, exausta.

— Ele estava só tentando nos intimidar, criança. Sabia muito bem que não poderia nos obrigar a ir aonde não quiséssemos, não sem arrumar mais problemas do que estava disposto. Não aqui, não às vistas de Tar Valon. Eu teria dado conta dele na conversa, com um pouco de tempo e paciência. Sim, talvez ele tentasse nos matar se pudesse fazer isso às escondidas, mas nenhum Manto-branco com o mínimo de inteligência tentaria machucar uma Aes Sedai bem na frente dela. Vejam só o que vocês fizeram! Que histórias esses homens contarão, e que mal isso causará?

O rosto do oficial corou quando ela disse “às escondidas”.

— Não é covardia não querer invocar os poderes que fizeram o mundo ruir — explodiu ele. — Vocês, bruxas, querem causar a Ruptura do Mundo outra vez, a serviço do Tenebroso!

Verin balançou a cabeça, cansada e descrente.

Egwene desejou consertar um pouco dos danos que causara.

— Sinto muito pelo que fiz — disse ao oficial. Estava contente por não ter o compromisso das Aes Sedai plenas de não proferir qualquer palavra que não fosse verdadeira, pois o que dissera era no máximo uma meia verdade. — Não deveria ter feito, e peço desculpas. Tenho certeza de que Verin Sedai Curará seus ferimentos. — Ele recuou, como se ela tivesse se oferecido para esfolá-lo vivo, e Verin fungou alto. — Viemos de muito longe — prosseguiu Egwene —, desde a Ponta de Toman, e se não estivéssemos tão cansadas jamais teríamos...

— Cale a boca, garota! — gritou Verin.

— Ponta de Toman? — rosnou o Manto-branco, ao mesmo tempo. — Falme! Vocês estavam em Falme! — Ele cambaleou mais um pouco para trás e desembainhou a espada até a metade. Pelo olhar em seu rosto, Egwene não sabia se o homem pretendia atacar ou se defender. Hurin aproximou o cavalo do Manto-branco, uma das mãos na adaga quebra-espada, mas o homem de rosto fino seguiu vociferando e cuspiendo, furioso. — Meu pai morreu em Falme! Byar me contou! Vocês, bruxas, o mataram para defender seu falso Dragão! Eu as verei mortas por isso! Eu as verei queimarem!

— Crianças impetuosas — suspirou Verin. — Quase tão ruim quanto os garotos, por deixarem as línguas dominarem vocês. Vá com a Luz, meu filho — disse ao Manto-branco.

Sem mais uma palavra, ela passou com o grupo pelo lado do homem, mas os gritos dele os seguiram.

— Meu nome é Dain Bornhald! Lembrem-se disso, Amigas das Trevas! Eu as farei temer meu nome! Lembrem-se do meu nome!

Enquanto os gritos de Bornhald ficavam mais distantes, o grupo avançou em silêncio por algum tempo. Enfim, Egwene disse, a ninguém em particular:

— Eu estava só tentando melhorar as coisas.

— Melhorar! — murmurou Verin. — Você precisa aprender que existem momentos para dizer toda a verdade e momentos para segurar a língua. É a menor das lições que deve aprender, mas muito importante, se deseja viver tempo o suficiente para usar o xale de uma irmã completa.

Será que nunca ocorreu a você que as notícias de Falme podem ter chegado antes de nós?

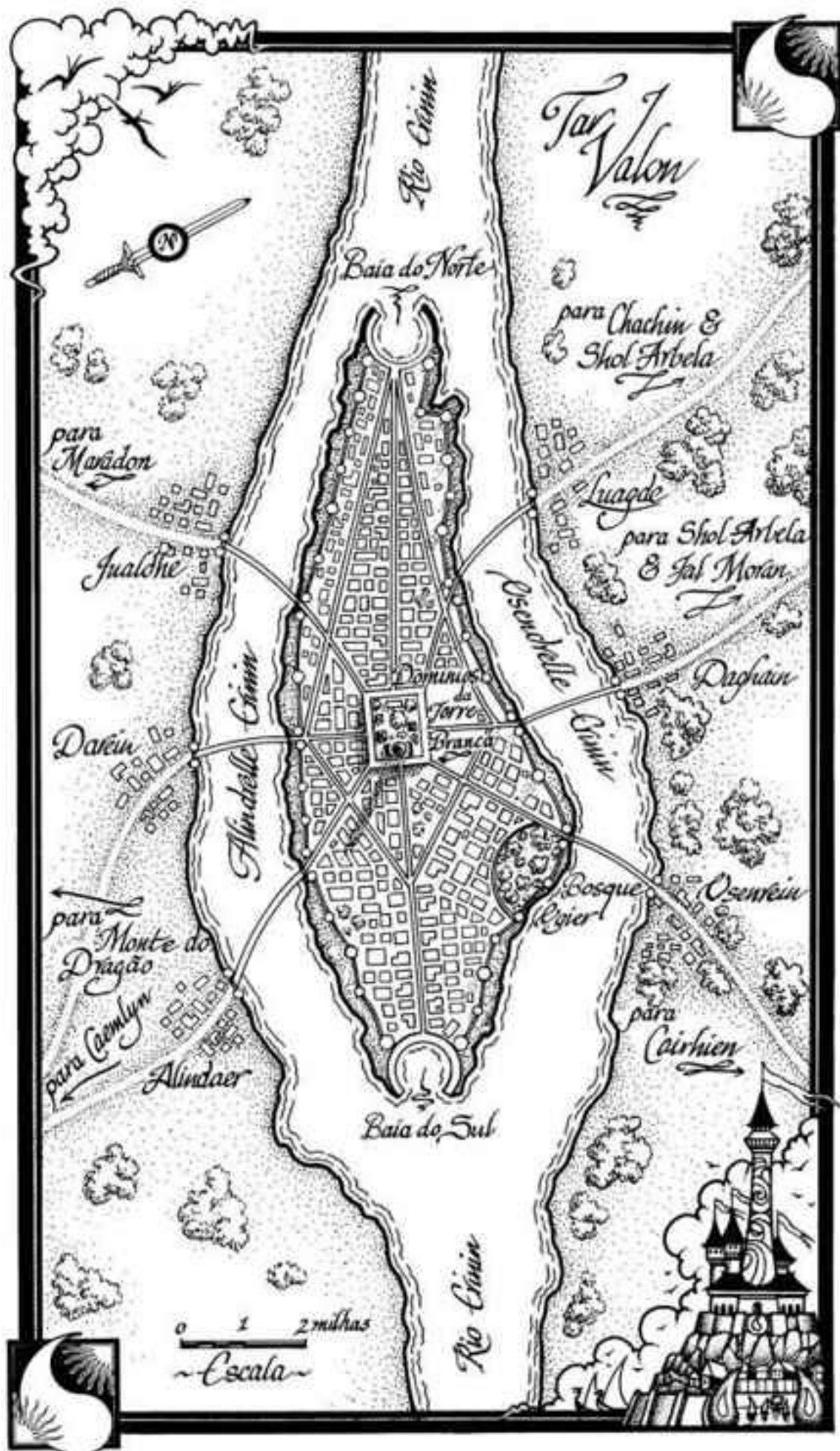
— Por que isso teria ocorrido a ela? — perguntou Nynaeve. — Ninguém que conhecemos antes disso tinha ouvido nada além de rumores, quando muito, e durante o último mês nós avançamos ainda mais rápido que os rumores.

— E por acaso todas as notícias têm que seguir pelas mesmas estradas por que passamos? — retrucou Verin. — Estamos avançando devagar. Os rumores voam por centenas de caminhos diferentes. Sempre se prepare para o pior, criança. Assim só terá surpresas agradáveis.

— O que ele quis dizer sobre a minha mãe? — perguntou Elayne, de repente. — Ele devia estar mentindo. Ela jamais se viraria contra Tar Valon.

— As Rainhas de Andor sempre foram amigas de Tar Valon, mas tudo muda. — O rosto de Verin estava tranquilo de novo, no entanto havia tensão em sua voz. Ela se virou na sela para examiná-los, as três jovens, Hurin e Mat na liteira. — O mundo está estranho, e tudo está mudando. — Eles alcançaram o topo. Podiam avistar uma aldeia adiante, os telhados amarelos aglomerados ao redor da grande ponte que levava a Tar Valon. — Agora vocês precisam ficar atentos de verdade — disse Verin ao grupo. — Agora, começa o verdadeiro perigo.





CAPÍTULO 11



Tar Valon

A pequena aldeia de Darein situava-se à margem do Rio Erinin havia quase tanto tempo quanto Tar Valon ocupava sua ilha. As pequenas casas e lojas de tijolos marrons e vermelhos e as ruas pavimentadas de pedra lhe davam um ar perene, embora a aldeia houvesse sido incendiada nas Guerras dos Trollocs, saqueada durante o sítio a Tar Valon pelos exércitos de Artur Asa-de-gavião, pilhada mais de uma vez durante a Guerra dos Cem Anos e incendiada de novo na Guerra dos Aiel, menos de vinte anos antes. Uma história turbulenta para uma aldeia tão pequena, mas a localização de Darein, ao pé de uma das pontes que levavam a Tar Valon, era uma garantia de que ela sempre seria reconstruída, não importasse quantas vezes fosse destruída. Pelo menos, enquanto Tar Valon existisse.

No início, Egwene achou que Darein estava à espera de uma nova guerra. Piqueiros marchavam pelas ruas, dispostos em fileiras ordenadas que formavam um quadrado. Eram seguidos por arqueiros em elmos achatados com abas, aljavas cheias nos cinturões e arcos enviesados no peito. Um esquadrão de cavaleiros em armaduras, com os rostos escondidos pelos elmos, abriu caminho para Verin e seu grupo com um aceno da manopla de aço do oficial. Todos ostentavam no peito a Chama Branca de Tar Valon, uma lágrima cor de neve.

Ainda assim, o povo da cidade seguia sua vida com aparente tranquilidade. Uma multidão de mercadores se espalhava entre os soldados, como se os homens em marcha fossem obstáculos com os quais todos estivessem havia muito acostumados. Alguns poucos homens e mulheres com bandejas de frutas acompanhavam os soldados, tentando

oferecer-lhes maçãs enrugadas e peras colhidas no inverno, mas, fora esses, lojistas e mascates não lhes davam atenção. Verin também parecia ignorá-los, conduzindo Egwene e os outros pela aldeia em direção à grande ponte em forma de arco elevada sobre quase uma meia milha de água, tal qual renda trançada na pedra.

Ao pé da ponte, mais soldados montavam guarda, uma dezena de piqueiros e meia dúzia de arqueiros que detinham todos que queriam cruzá-la. O oficial do grupo, um homem quase calvo com o elmo pendurado no cabo da espada, parecia atormentado com a fila de pessoas à espera, a pé, a cavalo, em carroças conduzidas por bois, cavalos ou pelo próprio dono. A fila não tinha mais de cem passos de comprimento, mas a cada vez que alguém recebia permissão para atravessar a ponte, outro cidadão se juntava ao início. Ainda assim, o homem quase calvo parecia não poupar tempo para se certificar de que cada um tinha o direito de entrar em Tar Valon antes de deixar que passassem.

Ele abriu a boca com raiva quando Verin conduziu seu grupo ao início da fila, depois a olhou melhor e enfiou depressa o elmo na cabeça. Ninguém que realmente as conhecesse precisava de um anel da Grande Serpente para identificar uma Aes Sedai.

— Bom dia para a senhora, Aes Sedai — disse o homem, levando uma das mãos ao coração em uma reverência. — Bom dia. Queiram passar, por gentileza.

Verin parou ao lado dele. Um burburinho se iniciou na fila, mas ninguém elevou a voz para reclamar.

— Problemas com os Mantos-brancos, guarda?

Por que paramos? Egwene se perguntou, aflita. *Será que ela se esqueceu de Mat?*

— Não exatamente, Aes Sedai — respondeu o oficial. — Nada de lutas. Eles tentaram entrar no Mercado de Eldone, do outro lado do rio, mas nós mostramos quem é que manda. A Amyrlin quer ter certeza de que não tentarão outra vez.

— Verin Sedai — começou Egwene, cautelosa. — Mat...

— Só um instante, criança — retrucou a Aes Sedai, soando apenas meio distraída. — Não me esqueci dele. — Sua atenção retornou de imediato ao oficial. — E nas aldeias mais afastadas?

O homem deu de ombros, constrangido.

— Não temos condição de manter os Mantos-brancos longe, Aes Sedai, mas eles somem assim que nossas patrulhas chegam. Parecem estar tentando nos provocar. — Verin assentiu e teria seguido em frente, mas o

oficial continuou a falar. — Perdão, Aes Sedai, mas é óbvio que estão vindo de longe. Vocês trouxeram alguma notícia? Novos rumores sobem o rio com cada navio mercante. Dizem que há um novo falso Dragão em algum lugar do oeste. Ora, dizem até que atrás dele vem o exército de Artur Asa-de-gavião, renascido dos mortos, e que ele já matou vários Mantos-brancos e destruiu uma cidade, Falme é o nome, em Tarabon, é o que dizem.

— Dizem que Aes Sedai o ajudaram! — gritou um homem que aguardava na fila. Hurin respirou fundo e se virou, como se esperasse algum ataque.

Egwene olhou para trás, mas não viu sinal de quem havia gritado. Todos pareciam se preocupar apenas em esperar, paciente ou impacientemente, pela própria vez de passar. As coisas haviam mudado, e não para melhor. Quando ela deixara Tar Valon, qualquer pessoa que se pronunciasse contra Aes Sedai teria sorte de escapar apenas com um soco no nariz de quem ouvisse as palavras. Corado, o oficial olhou irritado para a fila.

— Rumores raramente são verdadeiros — disse Verin. — Posso lhe dizer que Falme ainda está de pé. E nem fica em Tarabon, guarda. Dê menos ouvidos aos rumores, e mais ao Trono de Amyrlin. Que a Luz brilhe sobre você. — Ela puxou as rédeas, fazendo o cavalo avançar, e ele fez uma medida enquanto o grupo passava.

Egwene achou a ponte incrível, como todas em Tar Valon. Os muros com intrincados ornamentos vazados não deixavam nada a dever ao trabalho da melhor artesã-rendeira. Era difícil crer que algo como aquilo fora feito com pedra, ou que era capaz de sustentar o próprio peso. O rio rolava, forte e firme, cerca de cinquenta passos abaixo, e, apesar da extensão de meia milha, a ponte se erguia da margem até a ilha.

Ainda mais incrível, à sua própria maneira, era a sensação de que a ponte a conduzia para casa. Incrível e surpreendente. *Campo de Emond é minha casa*. Mas em Tar Valon ela aprenderia o necessário para se manter viva, para se manter livre. Em Tar Valon ela saberia — teria de saber — por que seus sonhos a perturbavam tanto, e por que às vezes pareciam ter significados que ela não era capaz de decifrar. Tar Valon era onde estava sua vida naquele momento. Se ela algum dia voltasse a Campo de Emond — o “se” doía, mas ela precisava ser honesta —, seria como visita, para ver os pais. Já fora longe demais para ser a filha de um estalajadeiro. Esse vínculo não a prenderia outra vez, não porque ela os detestasse, mas porque os havia superado.

A ponte era apenas o começo. Levava até os muros que circundavam a ilha, muralhas altas de pedras raiadas em prata que emitiam um brilho

branco, com topos de onde dava para ver a ponte de cima. De vez em quando, as muralhas abrigavam guaritas, feitas com as mesmas pedras brancas, as gigantescas bases erodidas pelo rio. Porém, era para acima e além dos muros que se erguiam as verdadeiras torres de Tar Valon, as torres históricas, pináculos pontudos com caneluras em espirais, algumas ligadas por pontes a uns cem passos ou mais do solo. Ainda assim, era apenas o começo.

Não havia guardas nos portões de bronze. Eles se abriam para uma das largas avenidas que entrecortavam a ilha, e o espaço entre eles era suficiente para vinte homens passarem lado a lado. A primavera mal havia chegado, mas o ar já exalava aromas de flores, fragrâncias e temperos.

A cidade deixou Egwene sem fôlego, como se a visse pela primeira vez. Cada quarteirão e esquina tinha sua própria fonte, estátua ou monumento, alguns no topo de grandes colunas do tamanho de torres, mas a cidade em si era o mais deslumbrante. Apesar das formas simples, tinha tantos adornos e recortes que acabava parecendo um ornamento, ou, quando não exibía decoração, ostentava o esplendor da própria forma. Construções grandes e pequenas, de pedras de todas as cores, parecendo conchas, ondas, ou paredões esculpidos pelo vento, harmoniosas e exóticas, capturadas da natureza ou da imaginação humana. Habitações, estalagens, estábulos: até as construções mais insignificantes de Tar Valon haviam sido erguidas para a beleza. Pedreiros Ogier construíram a maior parte da cidade durante os longos anos após a Ruptura do Mundo, e eles diziam que aquele fora seu melhor trabalho.

Homens e mulheres de todas as nações andavam pelas ruas. Egwene via peles escuras, pálidas e de todos os tons intermediários, e vestimentas em cores e estampas vistosas, ou apagadas mas enfeitadas com franjas, tranças e botões brilhantes, ou austeras e severas. Algumas roupas eram mais reveladoras do que Egwene julgava apropriado, outras deixavam visíveis apenas os olhos e as pontas dos dedos. Liteiras trançavam a multidão, com os carregadores gritando “Abram caminho!”. Carruagens fechadas avançavam devagar, e os cocheiros de libré berravam “Eia!” e “Epa!” como se acreditassem que eram capazes de andar mais rápido. Músicos de rua tocavam flautas, harpas ou gaitas, às vezes acompanhados de um malabarista ou acrobata, sempre de chapéus preparados para as moedas. Mascates gritavam, oferecendo seus produtos, e os lojistas diante das lojas anunciavam a excelência de seus artigos. O zunido que preenchia a cidade era como uma canção viva.

Verin escondera o rosto sob o capuz. Ninguém na multidão parecia lhes dar qualquer atenção, pensava Egwene. Nem mesmo Mat a cavalo na maca atraíu uma segunda olhadela, embora alguns tivessem se afastado quando o grupo passou apressado. As pessoas às vezes traziam os doentes à Torre Branca, para que fossem Curados, e talvez o que ele tivesse fosse contagioso.

Egwene cavalgou para junto de Verin e se inclinou para falar com a Aes Sedai.

— Está mesmo esperando algum problema agora? Estamos na cidade. Estamos quase chegando. — A Torre Branca já estava à vista, e a imensa construção reluzia, grandiosa e imponente.

— Eu sempre espero problemas — respondeu Verin, calma —, e você deveria fazer o mesmo. Principalmente na Torre. Todas vocês precisam ser mais cuidadosas do que nunca. Seus... truques — ela contraiu a boca por um instante antes de recuperar a serenidade — assustaram os Mantos-brancos, mas dentro da Torre vocês podem muito bem acabar mortas ou estancadas.

— Eu não faria aquilo na Torre — protestou Egwene. — Nenhuma de nós faria.

Nynaeve e Elayne haviam se juntado a elas e deixado Hurin tomando conta dos cavalos da liteira. Elas assentiram, Elayne com fervor, e Nynaeve, ao que pareceu a Egwene, como se não estivesse tão certa.

— Vocês jamais deverão fazer isso de novo, crianças. Não podem! Nunca mais! — Verin olhou de esguelha para elas pela fresta do capuz e sacudiu a cabeça. — E eu espero de verdade que tenham aprendido que é uma tolice falar quando se deve permanecer em silêncio. — O rosto de Elayne ficou todo vermelho, e as bochechas de Egwene, quentes. — Quando adentrarmos os muros da Torre, segurem as línguas e aceitem o que acontecer. *Seja o que for!* Vocês não têm ideia do que nos aguarda na Torre, e ainda que tivessem não saberiam como proceder. Então fiquem caladas.

— Farei o que manda, Verin Sedai — disse Egwene, e Elayne repetiu as palavras.

Nynaeve apenas fungou. A Aes Sedai a encarou, e ela assentiu, relutante.

A rua se abria em uma larga praça no centro da cidade. No meio da praça ficava a Torre Branca, brilhando sob o sol, elevando-se até quase tocar o céu, um palácio de domos, pináculos delicados e outras formas rodeadas pelos muros da Torre. Havia poucas pessoas na praça, o que foi uma surpresa. Então Egwene lembrou a si mesma, inquieta, que ninguém adentrava a Torre a menos que tivesse negócios a tratar.

Hurin guiava o cavalo da liteira à frente, e o grupo adentrou a praça.

— Verin Sedai, preciso deixá-la agora.

Ele olhou a Torre uma vez e tentou não olhá-la de novo, embora fosse difícil olhar para qualquer outra coisa. Hurin vinha de uma terra onde Aes Sedai eram respeitadas, mas respeitá-las era bem diferente de querer estar cercado por elas.

— Você foi de grande ajuda na nossa jornada, Hurin — disse Verin —, e foi uma longa viagem. Poderá descansar na Torre antes de seguir viagem.

Hurin negou com a cabeça, enfático.

— Não posso perder nem um dia, Verin Sedai. Nem mais uma hora. Preciso voltar a Shienar, para contar ao Rei Easar e a Lorde Agelmar a verdade sobre o que ocorreu em Falme. Preciso contar a eles sobre... — Ele parou de repente e olhou em volta. Não havia ninguém por perto para escutar, mas mesmo assim baixou a voz e disse apenas: — Sobre Rand. Que o Dragão renasceu. Deve haver navios partindo rio acima, e pretendo embarcar no próximo.

— Sendo assim, vá pela Luz, Hurin de Shienar — disse Verin.

— Que a Luz ilumine todas vocês — respondeu ele, segurando as rédeas. Hesitou ainda um instante e acrescentou: — Se precisarem de mim... a qualquer hora... mandem uma mensagem a Fal Dara, e darei um jeito de vir. — Ele pigarreou, como se acanhado, virou o cavalo e foi embora, passando pela Torre. Em pouco tempo, havia desaparecido.

Nynaeve sacudiu a cabeça, exaltada.

— Homens! Sempre dizem para chamá-los se for preciso, mas, quando precisamos deles de verdade, precisamos na mesma hora.

— Homem nenhum pode ajudar onde estamos indo agora — retrucou Verin, seca. — Lembrem-se. Fiquem caladas.

Egwene teve uma sensação de perda com a partida de Hurin. Ele mal falava com elas, apenas com Mat, e Verin estava certa. Era só um homem, e impotente feito um bebê quando se tratava de encarar o que as aguardava na Torre. Ainda assim, sua partida reduziu o grupo em um, e ela não conseguia parar de pensar que era muito útil ter um homem com uma espada por perto. E ele fora um elo com Rand. E com Perrin. *Tenho minhas próprias perturbações*. Rand e Perrin teriam que se virar com Moiraine para cuidar deles. *E é claro que Min vai cuidar de Rand*, pensou, com um lampejo de ciúmes que tentou sufocar. Quase conseguiu.

Ela suspirou e assumiu o comando do cavalo da liteira. Mat estava deitado, todo vestido, e sua respiração era um ronco seco. *Falta pouco*,

pensou. *Você será Curado daqui a pouco. E nós vamos descobrir o que nos aguarda.* Ela desejou que Verin parasse de tentar assustá-las.

Verin fez o grupo contornar os muros da Torre até um pequeno portão lateral que se encontrava aberto, com dois guardas. A Aes Sedai puxou o capuz para trás, inclinou-se na sela e conversou em voz baixa com um dos homens. Ele levou um susto e lançou um olhar surpreso para Egwene e os outros. Com um rápido “Como a senhora ordenar, Aes Sedai”, o homem disparou para dentro dos muros. Enquanto ele falava, Verin avançava pelos portões. Cavalgava como se não tivesse pressa.

Egwene a seguiu com a liteira, trocando olhares com Nynaeve e Elayne e se perguntando o que Verin teria dito ao homem.

Havia um posto de guarda de pedras cinza do lado de dentro do portão, no formato de uma estrela de seis pontas caída de lado. Um pequeno grupo de guardas descansava na entrada. Os homens pararam de falar e fizeram uma reverência quando Verin passou.

Aquele poderia ter sido o jardim de algum senhor, com árvores e arbustos podados e amplos caminhos de pedras. Era possível avistar outras construções depois das árvores, e a Torre se assomava sobre todo o resto.

O caminho levava a um estábulo entre as árvores, e cavaleiros em vestes de couro chegaram correndo para recolher os cavalos. Por instrução da Aes Sedai, desamarraram a liteira e a pousaram com todo o cuidado no chão. Enquanto os cavalos eram conduzidos para dentro do estábulo, Verin pegou o saco de couro dos pés de Mat e o enfiou debaixo do braço de forma descuidada.

Nynaeve parou de massagear as costas e franziu a testa para a Aes Sedai.

— Você disse que ele talvez tenha algumas horas. Você vai só...

Verin ergueu uma das mãos, mas se foi o gesto ou o som de passos esmigalhando o cascalho ao se aproximar que interrompeu Nynaeve, Egwene não soube dizer.

No mesmo instante Sheriam Sedai surgiu, seguida por três Aceitas de vestidos brancos com bainhas que exibiam as cores de todas as sete Ajahs, da Azul à Vermelha, e dois homens robustos em casacos grosseiros. A Mestra das Noviças era uma mulher levemente roliça e de maçãs do rosto altas, algo comum em Saldaea. Os cabelos vermelho-fogo e os olhos verdes, claros e oblíquos, tornavam o rosto liso de Aes Sedai mais impressionante. Ela olhou Egwene e os outros com calma, mas a boca estava contraída.

— Então você trouxe de volta nossas três fugitivas, Verin. Com tudo o que aconteceu, quase desejei que não tivesse conseguido.

— Nós não... — começou a dizer Egwene, mas Verin a cortou, severa:

— SILÊNCIO!

Verin encarou cada uma das três, como se a força de seu olhar pudesse calá-las.

Egwene estava certa de que podia, pelo menos ela. Nunca vira Verin irritada antes. Nynaeve cruzou os braços sob os seios e murmurou entre dentes, mas não disse nada. As três Aceitas atrás de Sheriam permaneciam em silêncio, naturalmente, mas Egwene pensou poder vê-las apurando os ouvidos para escutar.

Quando teve certeza de que Egwene e as outras continuariam quietas, Verin virou-se novamente para Sheriam.

— O garoto precisa ser levado para um local isolado. Está doente e representa perigo. Tanto aos outros quanto a si mesmo.

— Alguém me disse que havia uma liteira para carregar. — Sheriam fez um gesto para que os dois homens a erguessem, falou algo baixinho a um deles, e Mat foi levado embora em um piscar de olhos.

Egwene abriu a boca para dizer que ele precisava de ajuda imediatamente, mas o olhar de Verin, furioso e penetrante, a fez fechá-la. Nynaeve puxou a trança com tanta força que quase a arrancou da cabeça.

— Eu suponho — disse Verin — que a Torre inteira já saiba que retornamos.

— Os que não sabem — respondeu Sheriam — saberão em pouco tempo. Idas e vindas têm sido o principal tópico das conversas e fofocas. Mesmo antes de Falme, e muito antes da guerra em Cairhien. Você achou que manteria segredo?

Verin apanhou o saco de couro com as duas mãos.

— Preciso ver a Amyrlin. Imediatamente.

— E essas três?

Verin analisou Egwene e as amigas, a testa franzida.

— Precisam ser vigiadas de perto até que a Amyrlin deseje falar com elas. Se desejar. Vigiadas de perto, prestem atenção. Pode ser nos próprios quartos, suponho. Não há necessidade de celas. Nenhuma palavra a ninguém.

Verin falava com Sheriam, mas Egwene soube que a última frase fora dita como um lembrete a ela e às outras. Nynaeve tinha as sobrancelhas caídas e puxava a trança como se quisesse bater em algo. Os olhos azuis de Elayne estavam arregalados, e o rosto, ainda mais pálido que de costume. Egwene não sabia ao certo que sentimentos demonstrava, se raiva, medo ou preocupação. Um pouco dos três, pensou.

Com um último olhar penetrante às três companheiras de viagem, Verin saiu apressada, o saco agarrado ao peito, o manto drapejando atrás de si. Sheriam levou as mãos à cintura e examinou Egwene e as outras duas. Por um instante Egwene sentiu a tensão aliviar. A Mestra das Noviças sempre tinha um temperamento sereno e um senso de humor complacente, mesmo ao passar tarefas extras aos que quebravam as regras.

Sheriam, no entanto, falou com a voz severa:

— Nem uma palavra, foi o que disse Verin Sedai, e nem uma palavra será. Se alguma das três abrir a boca para dizer algo, a não ser, é claro, em resposta a uma Aes Sedai, farei vocês desejarem ter só uma surra e algumas horas limpando o chão para se preocupar. Estamos entendidas?

— Sim, Aes Sedai — respondeu Egwene, e escutou as outras dizerem o mesmo, embora Nynaeve tivesse pronunciado as palavras como um desafio.

Sheriam soltou um som gutural desgostoso, quase um rosnado.

— Menos moças vêm hoje em dia à Torre para ser treinadas do que antigamente, mas ainda vêm. A maioria vai embora sem jamais ter aprendido a sentir a Fonte Verdadeira, muito menos a tocá-la. Umas poucas aprendem, antes de ir embora, o suficiente para não se machucar. Pouquíssimas podem almejar se tornar Aceitas, e menos ainda usar o xale. É uma vida difícil, de difícil disciplina, e ainda assim todas as noviças lutam para aguentar, para obter o anel e o xale. Mesmo quando choram todas as noites antes de dormir de tanto medo, elas lutam para aguentar. E vocês três, que nasceram com uma habilidade maior do que eu jamais esperei ver na vida, deixaram a Torre sem permissão, fugiram feito crianças irresponsáveis, ainda quase sem treinamento, e passaram meses fora. E agora voltam como se nada tivesse acontecido, como se pudessem retomar o treinamento amanhã de manhã. — Ela respirou fundo, como se do contrário fosse explodir. — Faolain!

As três Aceitas se sobressaltaram como se tivessem acabado de ser pegas bisbilhotando, e uma delas, uma mulher escura de cabelos encaracolados, deu um passo à frente. Eram todas jovens, embora mais velhas que Nynaeve. A Aceitação rápida de Nynaeve fora extraordinária. Uma noviça costumava levar anos para receber os anéis da Grande Serpente usados pelas Aceitas, e mais alguns anos até poder ter a esperança de ser elevada a Aes Sedai completa.

— Levem as moças para os quartos — ordenou Sheriam. — Elas podem receber pão, caldo frio e água até que o Trono de Amyrlin diga o contrário. E, se alguma pronunciar uma palavra sequer, podem levá-la para as

cozinhas e colocá-las para esfregar panelas. — Ela se virou e saiu a passos largos. Até suas costas expressavam raiva.

Faolain olhou Egwene e as outras com um ar quase esperançoso, em especial Nynaeve, que tinha uma expressão furiosa. O rosto redondo de Faolain não demonstrava amor pelas que quebravam as regras de maneira tão extravagante, e menos ainda por alguém como Nynaeve, uma bravia que recebera o anel sem nunca ser noviça, que canalizara antes de sequer ter entrado em Tar Valon. Quando ficou óbvio que Nynaeve manteria a raiva para si, Faolain deu de ombros.

— Quando a Amyrlin mandar buscar vocês, provavelmente serão estancadas.

— Já chega, Faolain — retrucou outra das Aceitas, a mais velha das três, de pescoço delgado, pele cor de cobre e andar gracioso. — Vou levar você — disse a Nynaeve. — Eu me chamo Theodrin, e também sou bravia. Vou seguir as ordens de Sheriam Sedai, mas não vou atormentá-la. Venham.

Nynaeve lançou a Egwene um olhar preocupado, depois deu um suspiro e deixou que Theodrin a levasse.

— Bravias — murmurou Faolain. Vinda dela, a palavra soava como um palavrão. Ela se virou e encarou Egwene.

A terceira Aceita, uma jovem bonita de maçãs do rosto redondas e vermelhas, parou ao lado de Elayne. Tinha a boca repuxada nos cantos como se quisesse sorrir, mas o olhar austero que lançou a Elayne dizia que ela não toleraria bobagens.

Egwene retribuiu o olhar de Faolain com a maior placidez possível e, esperava, algo semelhante ao desprezo ativo e silencioso que Elayne adotara. *Ajah Vermelha*, pensou. *Essa definitivamente escolherá as Vermelhas*. Mas era difícil não pensar em suas próprias preocupações. *Luz, o que elas vão fazer com a gente?* Ela se referia às Aes Sedai, à Torre, não àquelas mulheres.

— Muito bem, vamos — disse Faolain, ríspida. — Já vai ser péssimo ter que montar guarda na sua porta sem ficar parada aqui o dia inteiro. Vamos.

Egwene respirou fundo, agarrou a mão de Elayne e seguiu. *Luz, tomara que elas Curem Mat*.



CAPÍTULO 12



O Trono de Amyrlin

Siuan Sanche andava de um lado para o outro em seu gabinete, fazendo uma pausa ou outra para dar uma espiada, com um par de olhos azuis capazes de atordoar governantes, a caixa de madeira-negra entalhada que estava na mesa comprida no centro da sala. Esperava não precisar usar nenhum dos documentos cuidadosamente redigidos que havia dentro. Ela própria os preparara e selara em segredo, para cobrir uma série de possíveis eventualidades. A caixa continha uma proteção que reduziria o conteúdo a cinzas em um instante caso alguém além dela a abrisse. Era muito provável que a própria caixa explodisse em chamas.

— E tomara que queime essa gaivota ladra de peixes, seja lá quem for, para que ela jamais se esqueça disso — murmurou.

Pela centésima vez desde que soubera do retorno de Verin, ajeitou a estola nos ombros sem se dar conta do que estava fazendo. A estola pendia abaixo de sua cintura, grande e listrada com as cores das sete Ajahs. O Trono de Amyrlin era de todas as Ajahs e de nenhuma, não importava a qual tivesse pertencido antes.

O quarto era bem ornamentado, pois pertencera a gerações de mulheres que usaram a estola. A lareira alta com centro largo e frio eram feitos em mármore dourado entalhado de Kandor, e o chão era de azulejos em forma de diamante, de pedra vermelha polida das Montanhas da Névoa. As paredes, duras como ferro, eram de alguma madeira opaca e tinham entalhes de bestas e pássaros fantásticos de plumagem incrível, painéis trazidos pelo Povo do Mar de terras para além do Deserto Aiel, antes do nascimento de Artur Asa-de-gavião. Janelas altas em arco, agora abertas

para deixar entrar o aroma da vegetação nova, levavam a uma varanda que dava para o pequeno jardim particular, onde era raro ela ter tempo de caminhar.

Tanto esplendor fazia um contraste rígido com as peças de mobília que Siuan Sanche trouxera para o quarto. A única mesa e a cadeira pesada atrás dela eram simples, ainda que bastante polidas pelo tempo e por cera de abelha, assim como a única outra cadeira do recinto. Ficava encostada em um canto, perto o suficiente para ser puxada caso ela quisesse oferecê-la a um visitante. Um pequeno tapete taireno fora estendido em frente à mesa, com tecido tramado em padrões simples de azul, marrom e dourado. Um único desenho, pequeninos barcos de pesca em meio a juncos, encontrava-se pendurado acima da lareira. Meia dúzia de suportes continham livros abertos próximos ao chão. Aquilo era tudo. Mesmo os lampiões poderiam pertencer à casa de um fazendeiro.

Siuan Sanche nascera pobre, em Tear, e trabalhara no barco de pesca do pai, igualzinho aos do desenho, no delta chamado Presas do Dragão, antes de sequer sonhar em vir para Tar Valon. Mesmo os quase dez anos desde que fora elevada ao Trono não a deixavam à vontade em meio a tamanho luxo. Seu dormitório era ainda mais simples.

Dez anos com a estola, pensou. Quase vinte desde que decidi navegar essas águas perigosas. E, se eu tombar agora, vou me arrepender de não ter ficado puxando redes.

Ao ouvir um som, ela deu meia-volta. Outra Aes Sedai entrara de mansinho, uma mulher de pele cor de cobre e cabelos escuros e curtos. Ela se conteve a tempo de manter a voz firme e dizer apenas o que era esperado.

— Sim, Leane?

A Curadora das Crônicas fez uma mesura tão profunda quanto teria feito se houvesse outros no recinto. A Aes Sedai, alta como a maioria dos homens, era a segunda no poder na Torre Branca, abaixo apenas da Amyrlin. Embora Siuan a conhecesse desde que ambas eram noviças, às vezes a insistência de Leane em garantir a dignidade do Trono de Amyrlin era o suficiente para ela ter vontade de gritar.

— Verin está aqui, Mãe, pedindo licença para falar com a senhora. Eu disse que está ocupada, mas ela quer...

— Não estou tão ocupada para falar com ela — respondeu Siuan. Mais depressa do que deveria, ela se deu conta, mas não se importou. — Mande-a entrar. Não precisa ficar, Leane. Falarei a sós com ela.

O único indício de surpresa da Curadora foi um leve erguer de sobrancelhas. Era raro a Amyrlin receber alguém, ainda que fosse uma rainha, sem a presença da Curadora. Mas a Amyrlin era a Amyrlin. Leane fez uma mesura ao sair, e em instantes Verin tomou seu lugar, ajoelhando-se para beijar o anel da Grande Serpente no dedo de Siuan. A irmã Marrom trazia um saco de tamanho considerável sob o braço.

— Obrigada por me receber, Mãe — disse Verin, ao se levantar. — Trago notícias urgentes de Falme. E mais. Não sei nem por onde começar.

— Comece por onde quiser — respondeu Siuan. — Esses aposentos são bem protegidos, caso alguém pense em usar truques infantis para bisbilhotar. — Verin ergueu as sobrancelhas, surpresa, e a Amyrlin acrescentou: — Muito mudou desde que você partiu. Fale.

— Então, o mais importante é que Rand al'Thor se proclamou o Dragão Renascido.

Siuan sentiu a tensão se afrouxar no peito.

— Esperava que fosse ele — respondeu, baixinho. — Tenho recebido relatos de mulheres capazes de contar apenas os boatos que escutaram, e inúmeros rumores chegam com cada barco de comerciante e cada carroção de mercador, mas eu não pude ter certeza. — Ela respirou fundo. — Mesmo assim, acho que sei o dia exato em que aconteceu. Você sabia que os dois falsos Dragões não estão mais perturbando o mundo?

— Eu não sabia, Mãe. É uma excelente notícia.

— Pois é. Mazrim Taim está nas mãos de nossas irmãs em Saldaea, e o tal de Haddon Mirk, que a Luz tenha piedade de sua alma, foi capturado pelos tairenos e executado por lá mesmo. Ninguém sequer soube o nome do infeliz. Os dois foram capturados no mesmo dia e, segundo rumores, sob as mesmas circunstâncias. Estavam em batalha, e vencendo, quando de repente um forte clarão cintilou no céu, e uma visão apareceu por um pequeno instante. Há dezenas de versões diferentes a respeito do que foi a visão, mas o resultado foi exatamente o mesmo em ambos os casos. O cavalo do falso Dragão empinou e o arremessou. Ele caiu, inconsciente, seus seguidores gritaram que ele estava morto e fugiram do campo, e ele foi capturado. Alguns relatos mencionam visões no céu em Falme. Aposto uma moeda de ouro contra um peixinho que foi no instante em que Rand al'Thor se proclamou.

— O verdadeiro Dragão renasceu — disse Verin, quase para si mesma —, e assim o Padrão não tem mais espaço para falsos Dragões. Nós soltamos o Dragão Renascido no mundo. Que a Luz tenha piedade de nós.

A Amyrlin sacudiu a cabeça, irritada.

— Nós fizemos o que precisava ser feito. — *E, se mesmo a noviça mais nova ficar sabendo, serei estancada antes do nascer do dia, isso se não for reduzida a pedaços antes de qualquer coisa. Eu, Moiraine e Verin, e provavelmente qualquer outra que for considerada nossa amiga.* Não era fácil levar adiante uma conspiração tão grande com o conhecimento de apenas três mulheres, quando até um amigo próximo poderia traí-las e ainda considerar que cumpria um dever. *Luz, queria tanto ter a convicção de que não teriam razão em fazer isso.* — Pelo menos ele está a salvo nas mãos de Moiraine. Ela vai guiá-lo e fará o que precisa ser feito. O que mais você tem para me dizer, Filha?

Como resposta, Verin depositou o saco de couro na mesa e pegou uma trombeta de ouro com uma gravação em prata ao redor da embocadura. Ela depositou a trombeta na mesa, depois olhou para a Amyrlin com uma expectativa contida.

Siuan não precisava ler a inscrição para saber o que dizia. *Tia mi aven Moridin isainde vadin.* “O túmulo não é limite para o meu chamado.”

— A Trombeta de Valere? — perguntou, quase engasgando. — Você atravessou centenas de léguas para trazê-la até aqui, com Caçadores procurando por ela em todos os cantos? Luz, mulher, deveria tê-la deixado com Rand al'Thor.

— Eu sei, Mãe — retrucou Verin, muito calma —, mas todos os Caçadores esperam encontrar a Trombeta em alguma grande aventura, não em um saco com quatro mulheres escoltando um jovem doente. E ela não adiantaria de nada para Rand.

— O que está dizendo? Ele lutará em Tarmon Gai'don. A Trombeta invocará os heróis mortos de volta do túmulo para lutar na Última Batalha. Será que Moiraine mais uma vez fez uma mudança de planos sem me consultar?

— Moiraine não tem nada a ver com isso, Mãe. Nós fazemos planos, mas a Roda tece o Padrão conforme a própria vontade. Rand não foi o primeiro a soar a Trombeta. Foi Matrim Cauthon. E Mat agora está abatido, morrendo por ter se ligado à adaga de Shadar Logoth. A não ser que possa ser Curado aqui.

Siuan estremeceu. Shadar Logoth, a cidade morta, tão maculada que até os Trollocs tinham medo dela, e com razão. Por obra do destino, uma adaga daquele lugar chegara às mãos do jovem Mat, entrelaçando-o e maculando-o com o mal que matara a cidade muito tempo atrás. *Matando-o. Por obra do destino? Ou do Padrão? Ele também é ta'veren, afinal de contas. Mas... Mat soou a Trombeta. Então...*

— Enquanto Mat viver — prosseguiu Verin—, a Trombeta de Valere não será mais que uma trombeta para qualquer outra pessoa. Se ele morrer, é claro, outro poderá soá-la e forjar um novo vínculo entre homem e Trombeta. — Ela mantinha o olhar firme e imperturbável, apesar do que parecia sugerir.

— Muitos morrerão antes de terminarmos, Filha. — *E quem mais eu poderia usar para soá-la outra vez? Não vou correr o risco de tentar devolver a Trombeta a Moiraine agora. Um Gaidin, quem sabe. Quem sabe.* — O Padrão ainda precisa esclarecer o destino desse rapaz.

— Sim, Mãe. E a Trombeta?

— Por enquanto — disse a Amyrlin, por fim —, encontraremos um lugar para escondê-la, onde ninguém saiba além de nós duas. Pensarei sobre o que fazer depois.

Verin assentiu.

— Como quiser, Mãe. É claro, dentro de algumas horas a decisão será tomada pela senhora.

— Isso é tudo o que tem para mim? — resmungou Siuan. — Se for, tenho que resolver o que acontecerá com aquelas três fugitivas.

— Há também os Seanchan, Mãe.

— O que têm eles? Todos os relatos dizem que fugiram de volta para o oceano, ou seja lá qual for o lugar de onde vieram.

— Parece que sim, Mãe. Mas receio que teremos que lidar com eles mais uma vez. — Verin puxou um pequeno caderno de couro de trás do cinto e começou a folheá-lo. — Referiam-se a si mesmos como os Precursores, ou Aqueles Que Vêm Antes, e falavam sobre Retorno e sobre reivindicar esta terra como sendo deles. Tomei nota de tudo o que ouvi a respeito. Mas só dos que de fato os viram, é claro, ou que tinham algum tipo de relação com eles.

— Verin, você está se preocupando com um peixe-leão no Mar das Tempestades, enquanto aqui e agora os lúcios estão furando as nossas redes.

A irmã Marrom continuava a virar as páginas.

— Uma metáfora apropriada, o peixe-leão. Certa vez, vi um peixe-leão perseguir um tubarão gigante até a superfície e matá-lo. — Ela deu uma pancadinha em uma das páginas, com um dedo. — Aqui. Essa é a pior parte. Mãe, os Seanchan usam o Poder Único em batalha. Usam-no como arma.

Siuan apertou as mãos com força na cintura. Os relatos trazidos pelos pombos mencionavam a mesma coisa. A maioria apenas ouvira falar, mas algumas poucas mulheres afirmaram ter visto com os próprios olhos. O

Poder usado como arma. Cada gota de tinta seca no papel indicava uma ponta de histeria do momento em que a mensagem fora escrita.

— Isso já está nos causando problemas, Verin, e causará ainda mais conforme as histórias se espalharem e forem aumentadas. Mas não posso fazer nada a respeito. Fui informada de que essas pessoas tinham ido embora, Filha. Você tem alguma prova do contrário?

— Bem, não, Mãe, mas...

— Enquanto não tiver, vamos expulsar os lúcios das nossas redes, antes que eles comecem a furar o barco, também.

Relutante, Verin fechou o caderno e guardou-o no cinturão.

— Como quiser, Mãe. Se me permite a pergunta, o que pretende fazer com Nynaeve e as outras duas garotas?

A Amyrlin hesitou, pensativa.

— Antes mesmo de eu terminar com elas, as três desejarão descer o rio e se oferecer como iscas de peixe. — Era a mais pura verdade, mas podia ser interpretada de diversas formas. — Agora, pode se sentar e me contar tudo o que aquelas três disseram e fizeram durante o tempo que passaram com você. Tudo.



CAPÍTULO 13



Punições

Deitada na cama estreita, Egwene franzia a testa para as sombras tremeluzentes que o único lampião do quarto formava no teto. Desejava poder criar algum plano, ou ao menos deduzir o que esperar. Não tinha ideia. As sombras eram mais organizadas que seus pensamentos. Ela mal conseguia se preocupar com Mat, porém mesmo isso não a fazia sentir mais do que uma leve vergonha, esmagada pelas paredes ao redor.

Era um quarto austero e sem janelas, como todos no alojamento das noviças, pequeno, quadrado e pintado de branco, com pinos para pendurar pertences em uma parede, uma cama encostada em outra e uma pequenina prateleira em uma terceira, onde em outros tempos ela guardava alguns livros que pegara emprestados da biblioteca da Torre. Um lavatório e um banquinho de três pés completavam o mobiliário. As tábuas do chão eram quase brancas de tanto serem esfregadas. Ela fizera isso, ajoelhada no chão, todos os dias em que morou ali, além de outras tarefas domésticas e lições. As noviças levavam uma vida simples, não importava se eram filhas de estalajadeiros ou a Filha-herdeira de Andor.

Ela usava outra vez o vestido branco e simples de noviça, até mesmo o cinturão e a bolsa eram brancos, mas não estava feliz por ter se livrado daquele cinza odioso. Seu quarto se tornara muito similar a uma prisão. *E se elas tiverem intenção de me manter aqui? Neste quarto, feito uma cela? Feito o colar, e...*

Ela olhou para a porta — a Aceita de pele escura sem dúvida ainda montava guarda do outro lado —, e se aproximou da parede caiada. Logo acima do colchão havia um pequeno buraco, quase imperceptível para

quem não soubesse onde ficava, aberto por noviças de muito tempo atrás. Egwene chamou, em um sussurro:

— Elayne? — Não houve resposta. — Elayne? Está dormindo?

— Como é que eu posso dormir? — respondeu Elayne pelo buraco, com um sussurro agudo. — Sabia que teríamos problemas, mas não esperava por isso. Egwene, o que elas vão fazer com a gente?

Egwene não soube responder, e os palpites que tinha não eram do tipo que gostaria de pronunciar em voz alta. Ela preferia nem pensar a respeito.

— Cheguei a pensar que seríamos consideradas heroínas, Elayne. Nós trouxemos a Trombeta de Valere de volta e a salvo. Descobrimos que Liandrin era da Ajah Negra. — Sua voz falhou ao dizer isso. Aes Sedai sempre negaram a existência de uma Ajah Negra, uma Ajah que servia ao Tenebroso, e era notório como se irritavam com quem sequer insinuasse que aquilo fosse verdade. *Mas sabemos que é verdade.* — Deveríamos ser consideradas heroínas, Elayne.

— “Ias” e “devias” não erguem pontes — retrucou Elayne. — Luz, eu odiava quando mamãe me dizia isso, mas é verdade. Verin disse que não devemos mencionar a Trombeta, ou Liandrin, a ninguém além dela ou do Trono de Amyrlin. Acho que nada disso vai ser como imaginamos. Não é justo. Já passamos por tanta coisa, você já passou por tanta coisa. Simplesmente não é justo.

— Verin disse, Moiraine disse. Sei por que as pessoas pensam que Aes Sedai são titereiras. Quase consigo sentir as cordinhas nos meus braços e pernas. Seja lá o que fizerem, será apenas o que considerarem bom para a Torre Branca, e não bom ou justo para nós.

— Mas você ainda quer ser uma Aes Sedai. Não quer?

Egwene hesitou, mas jamais houve dúvida em relação à resposta.

— Sim — respondeu. — Ainda quero. É a única maneira de nos mantermos seguras. Mas vou dizer uma coisa. Não vou deixar me estancarem. — Aquela era uma ideia nova, verbalizada assim que se formou, mas ela percebeu que não queria voltar atrás no que disse. *Desistir de tocar a Fonte Verdadeira?* Era capaz de senti-la ali mesmo, naquele instante, o brilho tênue bem acima de seu ombro e logo sumindo de vista. Ela resistiu ao desejo de tentar alcançá-la. *Desistir de ser preenchida pelo Poder Único, de me sentir mais viva do que nunca?* Não! — Não sem lutar.

Um longo silêncio se fez do outro lado da parede.

— Como é que você poderia impedir isso? Você até pode ser forte como elas agora, mas nem eu e nem você sabemos o suficiente para sequer

impedir uma Aes Sedai de bloquear nosso acesso à Fonte, e há dezenas delas por aqui.

Egwene refletiu e, por fim, disse:

— Eu poderia fugir. Fugir de verdade, dessa vez.

— Elas iriam atrás da gente, Egwene. Tenho certeza. É só você mostrar a menor habilidade que for, e elas não a deixarão ir embora até aprender o suficiente para não se matar. Ou até acabar morrendo.

— Não sou mais uma simples garotinha de aldeia. Já conheço o mundo. Posso me manter longe das Aes Sedai, se quiser. — Ela tentava convencer tanto Elayne quanto a si mesma. *E se eu ainda não souber o suficiente? Sobre o mundo, sobre o Poder? E se eu ainda puder morrer só por canalizar?* Ela se recusava a pensar naquilo. *Ainda tenho tanto a aprender. Não vou deixar que me impeçam.*

— Minha mãe talvez possa nos proteger — disse Elayne —, se o que aquele Manto-branco disse for verdade. Nunca pensei que algum dia fosse desejar que uma coisa daquelas fosse verdade. Mas, se não for, é muito provável que a Mãe nos mande embora acorrentadas. Você vai me ensinar a viver em uma aldeia?

Egwene apenas piscou.

— Você virá comigo? Quer dizer, se chegarmos a esse ponto?

Outro longo silêncio se fez, seguido de um sussurro fraco.

— Não quero ser estancada, Egwene. Não vou ser estancada. Não vou!

A porta se abriu com um tranco e bateu na parede. Assustada, Egwene se sentou. Ela ouviu a pancada de uma porta do outro lado da parede. Faolain entrou no quarto de Egwene sorrindo, e seus olhos miraram o buraco diminuto. Havia buracos como aqueles na maioria dos quartos das noviças, qualquer mulher que tivesse ocupado aquela posição sabia disso.

— Cochichando com a amiga, é? — perguntou a Aceita de cabelos cacheados com surpreendente simpatia. — Está certo, é muito solitário esperar sozinha. A conversa foi agradável?

Egwene abriu a boca, mas fechou-a mais do que depressa. Ela podia responder a uma Aes Sedai, dissera Sheriam. E a mais ninguém. Olhou a Aceita com uma expressão firme e esperou.

A falsa simpatia sumiu do rosto de Faolain como água escorrendo de um telhado.

— De pé. A Amyrlin não pode ficar esperando por gente da sua laia. Vocês tiveram sorte por eu não ter chegado a tempo de escutar as duas. Ande!

As noviças deveriam obedecer às Aceitas quase com a mesma rapidez com que obedeciam às Aes Sedai, mas Egwene levantou-se bem devagar e ficou alisando o vestido pelo tempo que sua coragem permitiu. Depois, fez uma pequena medida e deu um sorrisinho a Faolain. A carranca que surgiu no rosto da Aceita fez o sorriso de Egwene se alargar ainda mais antes que ela se lembrasse de contê-lo: não havia por que provocá-la demais. De pé, disfarçando a tremedeira nos joelhos, ela saiu do quarto na frente da Aceita.

Elayne já aguardava do lado de fora com a Aceita de maçãs do rosto salientes, parecendo determinada a ser corajosa. De alguma forma, conseguia dar a impressão de que a Aceita era uma criada que levava suas luvas. Egwene esperou que tivesse ao menos a metade daquele desempenho.

Os corredores gradeados do alojamento das noviças subiam por muitos andares em uma coluna oca, e desciam tantos outros até o Pátio das Noviças. Não havia outras mulheres à vista. No entanto, mesmo que cada noviça da Torre estivesse ali, menos de um quarto dos dormitórios seriam preenchidos. As quatro atravessaram os corredores vazios e desceram as rampas espiraladas em silêncio: ninguém suportaria os sons de vozes acentuando o vazio.

Egwene jamais adentrara a parte da Torre onde ficavam os aposentos da Amyrlin. Os corredores eram tão amplos que uma carroça passaria por ali sem dificuldade, e a altura era ainda maior que a largura. Tapeçarias coloridas pendiam das paredes em dezenas de estilos, desenhos florais e cenários florestais, feitos heroicos e padrões intrincados, alguns tão antigos que talvez se despedaçassem se fossem manuseados. Os sapatos produziam estalidos altos no chão de azulejos em formato de diamantes que reproduziam as cores das setes Ajahs.

Havia poucas mulheres à vista: algumas Aes Sedai aqui e ali, com seu andar majestoso, sem tempo para reparar em Aceitas ou noviças, e cinco ou seis Aceitas andando apressadas para cuidar de suas tarefas ou estudos, com um ar todo importante. Além delas, havia um punhado de servas com bandejas, esfregões ou uma pilha de lençóis ou toalhas nos braços, e umas poucas noviças cheias de incumbências, ainda mais apressadas que as servas.

Nynaeve e sua acompanhante de pescoço delgado, Theodrin, juntaram-se a elas. Nenhuma das duas disse uma palavra. Nynaeve usava um vestido de Aceita, branco com as sete faixas coloridas na barra, mas o cinturão e a bolsa eram dela. Ela deu a Egwene e Elayne um sorriso reconfortante e um

abraço. Egwene estava tão aliviada em ver outro rosto amigo que retribuiu o abraço quase sem pensar que Nynaeve agia como se consolasse uma criança. Mas, à medida que foram caminhando, Nynaeve passou a dar uns puxões fortes na trança grossa.

Pouquíssimos homens iam àquela parte da Torre, e Egwene viu apenas dois: Guardiões que caminhavam lado a lado, conversando. Um com a espada na cintura, e o outro, nas costas. Um era pequeno e esbelto, quase esguio, o outro era alto com ombros muito largos. Ainda assim, ambos se moviam com uma graça perigosa. Os mantos que mudavam de cor deixavam enjoado quem tentasse encarar os dois Guardiões por muito tempo, e algumas partes dos mantos às vezes pareciam sumir por entre as paredes. Ela viu Nynaeve olhando para eles e balançou a cabeça. *Ela precisa tomar alguma atitude em relação a Lan. Isso se alguma de nós for capaz de tomar qualquer atitude, depois de hoje.*

A antessala do gabinete do Trono de Amyrlin era suntuosa o bastante para pertencer a um palácio, embora as cadeiras espalhadas para os que precisassem esperar fossem simples. No entanto, Egwene só tinha olhos para Leane Sedai. A Curadora usava a pequena estola que revelava seu ofício, feita de pano azul, para mostrar sua Ajah de origem. Seu rosto poderia ter sido esculpido em pedra marrom lisa. Não havia mais ninguém ali.

— Elas causaram algum problema? — O jeito áspero de falar da Curadora não indicava raiva nem simpatia.

— Não, Aes Sedai — disseram Theodrin e a Aceita com as maçãs do rosto salientes.

— Essa aqui teve que ser puxada pelos cabelos, Aes Sedai — disse Faolain, apontando para Egwene. A Aceita soava indignada. — Empacou como se tivesse esquecido da disciplina da Torre Branca.

— Liderar — respondeu Leane — não é empurrar e nem puxar. Vá até Marris Sedai, Faolain, e peça permissão para meditar a respeito disso enquanto varre os corredores do Jardim da Primavera. — Ela dispensou Faolain e as outras duas Aceitas, que se curvaram em mesuras profundas. Antes mesmo de se levantar, Faolain lançou a Egwene um olhar furioso.

A Curadora não deu atenção à saída das Aceitas. Em vez disso, examinou as outras mulheres, batendo o indicador nos lábios, até que Egwene teve a sensação de que todas haviam sido avaliadas do dedão do pé até o último fio de cabelo. Nynaeve agarrava a trança com firmeza e tinha um brilho perigoso nos olhos.

Enfim, Leane ergueu uma das mãos em direção à porta do gabinete da Amyrlin. Um passo adiante, a Grande Serpente mordia o próprio rabo, gravada na madeira escura de cada uma das portas.

— Entrem — disse.

Nynaeve prontamente deu um passo à frente e abriu uma das portas. Foi o bastante para fazer Egwene se mexer. Elayne segurou sua mão com força, e a jovem retribuiu o aperto com a mesma intensidade. Leane seguiu as três e se posicionou de um dos lados, entre as moças e a mesa no centro da sala.

A Amyrlin estava sentada atrás da mesa, examinando alguns papéis. Não ergueu os olhos. Nynaeve chegou a abrir a boca, mas fechou-a outra vez, sob o olhar de advertência da Curadora. As três formaram uma fila diante da mesa da Amyrlin e aguardaram. Egwene tentou não se inquietar. Longos minutos se passaram, pareceram horas, até que a Amyrlin levantou a cabeça. Mas, quando aqueles olhos azuis encararam uma de cada vez, Egwene decidiu que não teria sido ruim esperar mais um pouco. O olhar da Amyrlin era como duas lanças de gelo enterrando-se em seu coração. A sala estava fria, mas um fio de suor começou a descer pelas costas de Egwene.

— Então! — começou a Amyrlin, enfim. — Nossas fugitivas estão de volta.

— Nós não fugimos, Mãe. — Era óbvio que Nynaeve se esforçava para manter a calma, mas sua voz tremia. De raiva, Egwene sabia. Aquela obstinação de Nynaeve costumava vir acompanhada de raiva. — Liandrin nos mandou seguir com ela, e... — O ruído forte da mão da Amyrlin batendo na mesa a interrompeu.

— Não fale o nome de Liandrin aqui, criança! — cortou a mulher, ríspida. Leane assistia a tudo com uma calma impassível.

— Mãe, Liandrin é da Ajah Negra — soltou Elayne.

— Já sabemos disso, criança. Suspeitamos, pelo menos, e já é o suficiente. Liandrin deixou a Torre alguns meses atrás, e doze outras... *mulheres* foram atrás dela. Nenhuma foi vista desde então. Antes de partirem, elas tentaram invadir o depósito onde guardamos *angreal* e *sa'angreal*. Conseguiram até entrar no depósito onde ficam os *ter'angreal* menores. Roubaram vários, muitos dos quais não temos certeza da serventia.

Nynaeve encarava a Amyrlin, horrorizada, e de súbito Elayne esfregou os braços como se sentisse frio. Ela sabia que também estava tremendo. Imaginara tantas vezes retornar para confrontar e acusar Liandrin, para vê-la sofrer alguma punição... mas jamais conseguira pensar em um castigo

com a severidade adequada para os crimes daquela Aes Sedai com cara de boneca. Até concebera voltar e descobrir que Liandrin havia fugido — o que costumava ser acompanhado pelo temor de que ela voltasse. Mas jamais cogitara algo desse tipo. Se Liandrin e as outras — não quisera de fato crer que havia outras — tinham roubado aqueles fragmentos da Era das Lendas, era impossível prever o que poderiam fazer com eles. *Graças à Luz elas não pegaram nenhum sa'angreal*, pensou. Terem levado os *ter'angreal* já era ruim o bastante.

Sa'angreal eram como *angreal*: permitiam que uma Aes Sedai canalizasse com segurança muito mais do Poder do que sua capacidade em geral permitia, mas eram muitíssimo mais poderosos e raros. Os *ter'angreal* eram um pouco diferentes. Existiam em maior número que os *angreal* e *sa'angreal*, embora não fossem muito comuns. Eles utilizavam o Poder Único, em vez de ajudar a canalizá-lo, e ninguém os compreendia direito. Muitos funcionavam apenas para aqueles capazes de canalizar e requeriam que isso acontecesse, enquanto outros funcionavam com qualquer um. Todos os *angreal* e *sa'angreal* de que Egwene já ouvira falar eram pequenos, mas os *ter'angreal* podiam, ao que parecia, assumir qualquer tamanho. Pelo que sabia, cada um fora fabricado com um propósito específico, por Aes Sedai de três mil anos atrás. E, desde então, Aes Sedai morreram tentando descobrir quais eram esses propósitos. Morreram ou tiveram a capacidade de canalizar destruída. Algumas irmãs da Ajah Marrom tinham os *ter'angreal* como objeto de estudo.

Alguns estavam em uso, mesmo que talvez não para os propósitos para os quais haviam sido fabricados. A pesada barra branca que as Aceitas seguravam ao fazer os Três Juramentos quando se tornavam Aes Sedai completas era um *ter'angreal*, e gravava os juramentos nas mulheres de maneira tão profunda que era como se fossem incrustados em seus cernes. Outro *ter'angreal* era o local do teste final para uma noviça ser elevada a Aceita. Havia ainda outros, incluindo muitos que ninguém era capaz de ativar, e muitos que pareciam não ter propósito.

Por que elas levaram coisas que ninguém sabe usar? Egwene se perguntou. *Ou talvez a Ajah Negra saiba usar.* Essa possibilidade fez seu estômago se embrulhar. Talvez aquilo fosse tão ruim quanto um *sa'angreal* nas mãos de Amigos das Trevas.

— O roubo — prosseguiu a Amyrlin, em um tom tão frio quanto seus olhos — não foi o que fizeram de pior. Três irmãs morreram naquela noite, assim como dois Guardiões, sete guardas e nove serviçais. Cometeram assassinatos para encobrir o roubo e a fuga. Talvez isso não prove que elas

são da... *Ajah Negra* — as palavras deixaram sua boca como um chiado —, mas não posso acreditar em outra coisa. Se há cabeças de peixe e sangue na água, não é preciso ver os lúcios para ter certeza da sua presença.

— Então por que estamos sendo tratadas feito criminosas? — inquiriu Nynaeve. — Fomos enganadas por uma mulher da... Ajah Negra. Isso já deveria ser o suficiente para nos absolver de qualquer transgressão.

A Amyrlin soltou uma gargalhada desconsolada.

— Você acredita mesmo nisso, criança? Talvez sua salvação seja que ninguém na Torre além de Verin, Leane e eu sequer suspeite que vocês têm algo a ver com Liandrin. Se isso se espalhasse, ou mesmo a pequena demonstração que fizeram para os Mantos-brancos... não precisam se espantar, Verin me contou tudo. Se ficarem sabendo que vocês partiram com Liandrin, o Salão sem dúvida votará pelo estancamento das três antes que consigam piscar os olhos.

— Isso não é justo! — reclamou Nynaeve. Leane mudou de posição, inquieta, mas Nynaeve prosseguiu: — Isso não é certo! Isso...

A Amyrlin se levantou. Foi só o que fez, mas Nynaeve parou.

Egwene se considerou sensata por ficar calada. Sempre acreditara que Nynaeve era mais forte e tinha mais força de vontade que todos. Até conhecer a mulher da estola listrada. *Por favor, não perca a cabeça, Nynaeve. Nós somos como crianças, como bebês enfrentando a mãe, e essa Mãe pode nos dar muito mais do que umas palmadas.*

Ela sentiu que a Amyrlin lhes oferecia uma saída, mas não soube ao certo qual.

— Mãe, peço perdão por falar, mas o que a senhora pretende fazer conosco?

— Fazer com vocês, criança? Pretendo punir você e Elayne por deixarem a Torre sem permissão, e a Nynaeve por deixar a cidade sem permissão. Primeiro, cada uma será chamada ao gabinete de Sheriam Sedai, onde já pedi que ela lhes encha de varadas até desejarem passar a próxima semana em cima de uma almofada. Já anunciei isso às noviças e às Aceitas.

Egwene piscou, surpresa. Elayne soltou um grunhido alto, endireitou as costas e murmurou algo entre dentes. Nynaeve era a única que parecia ter recebido a notícia sem choque. As punições, fossem trabalhos extras ou qualquer outra coisa, eram sempre mantidas entre a Mestra das Noviças e quem fosse enviada a ela. Em geral eram noviças, mas também acontecia com Aceitas que desobedeciam às regras. *Sheriam sempre mantém tudo entre você e ela*, pensou Egwene, sombria. *Ela não pode ter contado a todo mundo. Mas é melhor do que ficar presa. Melhor do que ser estancada.*

— O anúncio faz parte da punição, é claro — prosseguiu a Amyrlin, como se tivesse lido os pensamentos de Egwene. — Também anunciei que vocês três serão mandadas às cozinhas, para trabalhar com as ajudantes até segunda ordem. E deixei escapar que a “segunda ordem” pode significar o resto da sua vida. Alguma objeção?

— Não, Mãe — respondeu Egwene depressa. Nynaeve odiaria esfregar panelas, até mais que a visita ao gabinete de Sheriam. *Poderia ser pior, Nynaeve. Luz, poderia ser muito pior.* A Sabedoria inflou as narinas, mas fez que não com a cabeça, rígida.

— E você, Elayne? — inquiriu a Amyrlin. — A Filha-herdeira de Andor está acostumada a um tratamento mais amável.

— Quero ser Aes Sedai, Mãe — respondeu Elayne, com a voz firme.

A Amyrlin apontou para um papel na mesa diante de si e pareceu analisá-lo por um instante. Quando ergueu a cabeça, tinha um sorriso nada agradável.

— Se alguma de vocês tivesse sido burra o bastante para responder qualquer outra coisa, eu ainda acrescentaria outra coisa à lista, algo que as faria amaldiçoar o dia em que seu pai roubou o primeiro beijo de sua mãe. Arrancaria vocês da Torre feito crianças inconsequentes. Nem um bebê cairia nessa armadilha. Vou ensiná-las a pensar antes de agir ou usá-las para tapar as fendas da represa!

Egwene percebeu que agradecia em silêncio. Um arrepio percorreu sua pele quando a Amyrlin prosseguiu:

— Agora, quanto ao que mais pretendo fazer com vocês. Parece que todas as três tiveram progresso considerável na habilidade de canalizar desde que deixaram a Torre. Vocês aprenderam bastante. Inclusive algumas coisas — acrescentou, com rispidez — que pretendo que desaprendam!

Nynaeve surpreendeu Egwene ao dizer:

— Sei que fizemos... coisas... que não deveríamos ter feito, Mãe. Eu garanto à senhora que faremos todo esforço possível para viver como se já tivéssemos feito os Três Juramentos.

A Amyrlin soltou um grunhido.

— Façam isso mesmo — respondeu, seca. — Se eu pudesse, colocaria o Bastão dos Juramentos nas mãos das três hoje mesmo, mas como ele é reservado às que são elevadas a Aes Sedai, devo confiar que o bom senso de vocês, se é que ainda lhes resta algum, as conservará inteiras. Sendo assim, você, Egwene, e você, Elayne, serão elevadas a Aceitas.

Elayne ofegou, e Egwene gaguejou, chocada:

— Obrigada, Mãe.

Leane se remexeu onde estava. A Curadora não parecia muito satisfeita. Não parecia surpresa — estava claro que sabia o que aconteceria —, mas também não estava satisfeita.

— Não me agradeçam. Vocês levaram as habilidades longe demais para continuarem como noviças. Alguns pensarão que não deveriam usar o anel, não depois do que fizeram, mas vê-las com os cotovelos enfiados em panelas engorduradas calará as críticas. E, para que *não* comecem a achar que isso é algum tipo de recompensa, lembrem-se de que as primeiras semanas como Aceitas servem para separar os peixes podres dos bons. O pior dia que tiveram como noviças parecerá um sonho dourado comparado ao aprendizado mais simples que terão durante as próximas semanas. Suspeito que algumas das irmãs instrutoras lhes darão testes ainda piores do que deveriam ser, a rigor, mas não creio que vocês vão reclamar. Estou errada?

Posso aprender, pensou Egwene. Escolherei meus próprios estudos. Posso aprender sobre os sonhos, aprender a...

O sorriso da Amyrlin interrompeu seus pensamentos. Aquele sorriso afirmava que nada do que as irmãs fizessem com elas seria pior do que mereciam, se as deixassem vivas. O rosto de Nynaeve era uma mistura de profunda compaixão e recordação horrorizada de suas próprias primeiras semanas como Aceita. A combinação bastou para fazer Egwene engolir em seco.

— Não, Mãe — respondeu, com a voz fraca.

A resposta de Elayne foi um sussurro rouco.

— Então está resolvido. Sua mãe não ficou nada contente com seu sumiço, Elayne.

— Ela sabe? — perguntou a jovem, com voz aguda.

Leane fungou, e a Amyrlin arqueou uma sobrancelha.

— Não tive como esconder. Vocês se desconstruíram por menos de um mês, o que pode ter sido bom para você. Talvez você não tivesse sobrevivido àquele encontro. Ela entrou aqui com cara de quem iria roer um remo, furiosa com você, comigo, com a Torre Branca.

— Posso imaginar, Mãe — disse Elayne, baixinho.

— Acho que não pode, criança. Talvez você tenha acabado com uma tradição que começou *antes* de Andor existir. Um costume mais forte que a maioria das leis. Morgase se recusou a levar Elaida de volta. Pela primeira vez, a Rainha de Andor não tem uma conselheira Aes Sedai. Ela exigiu que você retornasse a Caemlyn imediatamente, assim que fosse encontrada. Eu

a convenci de que seria mais seguro que você treinasse um pouco mais por aqui. Ela também queria retirar seus dois irmãos do treinamento com os Guardiões. Eles a dissuadiram sozinhos. Ainda não sei como conseguiram.

Elayne pareceu refletir, talvez estivesse imaginando Morgase em toda a sua fúria. Ela estremeceu.

— Gawyn é meu irmão — disse, absorta. — Galad, não.

— Não seja infantil — retrucou a Amyrlin. — Ter o mesmo pai torna Galad seu irmão também, quer você goste dele ou não. Não permitirei este tipo de imaturidade, menina. É possível tolerar certa dose de estupidez em uma noviça. Em uma Aceita, não.

— Está bem, Mãe — cedeu Elayne, taciturna.

— A Rainha deixou uma carta para você com Sheriam. Além de lhe passar um sermão, acredito que ela vá expor a intenção de levar você para casa assim que for seguro. Ela tem certeza de que, em alguns meses, você será capaz de canalizar sem pôr a própria vida em risco.

— Mas eu quero aprender, Mãe. — A frieza retornou à voz de Elayne. — Quero ser uma Aes Sedai.

A Amyrlin deu um sorriso ainda mais sombrio que o anterior.

— Que bom, criança, porque eu não tenho intenção nenhuma de deixar que Morgase a leve daqui. Você tem potencial para ser mais forte que qualquer Aes Sedai em mil anos, e não deixarei que vá embora antes de obter o xale e o anel. Mesmo que para isso precise arrancar seu couro. *Não vou desistir de você.* Estamos entendidas?

— Estamos, Mãe. — Elayne parecia incomodada, e Egwene não a culpava. Dividida entre Morgase e a Torre Branca feito um osso entre dois cachorros, dividida entre a Rainha de Andor e o Trono de Amyrlin. Se Egwene em alguns momentos chegou a invejar Elayne pela riqueza e pelo trono que um dia ocuparia, aquele sem dúvida não era um deles.

A Amyrlin disse com vigor:

— Leane, desça com Elayne até o gabinete de Sheriam. Ainda tenho umas palavrinhas para dizer às outras duas. Palavras que creio que não gostarão de ouvir.

Egwene e Nynaeve trocaram olhares assustados por um instante: a preocupação dissolveu a tensão entre as duas. *O que ela tem para dizer a nós e não a Elayne?*, pensou. *Não importa, desde que não me impeça de aprender. Mas por que não Elayne, também?*

Elayne fez uma careta ao ouvir a menção ao gabinete da Mestra das Noviças, mas se endireitou quando Leane se aproximou.

— Como a senhora ordenar, Mãe — disse, em um tom formal e curvou-se em uma medida perfeita, segurando a saia —, assim farei. — E saiu atrás de Leane, de cabeça erguida.



CAPÍTULO 14



Os Espinhos da Rosa

O Trono de Amyrlin não falou imediatamente. Primeiro caminhou até as altas janelas em arco e olhou pela varanda para o jardim abaixo, apertando as mãos com força atrás de si. Minutos se passaram até que a mulher se pronunciou, ainda de costas para as duas.

— Eu impedi a pior parte do que aconteceu de se espalhar, mas por quanto tempo? As serviçais não estão sabendo dos *ter'angreal* roubados, nem enxergaram a relação entre as mortes e a partida de Liandrin e das outras. Não foi fácil, com as fofocas. Elas acreditam que as mortes foram obra de Amigos das Trevas. E foram mesmo. Os rumores já estão chegando à cidade. Que Amigos das Trevas entraram na Torre, que cometeram crimes. Não houve maneira de impedir que os rumores escapassem. O que só faz mal à nossa reputação, mas pelo menos é melhor que a verdade. Pelo menos ninguém fora da Torre, e poucos aqui dentro, sabem que algumas Aes Sedai foram mortas. Amigos das Trevas infiltrados na Torre Branca. Argh! Passei a vida inteira negando isso. Não os deixarei entrar aqui. Vou pescá-los, estripá-los e pendurá-los ao sol, para secar.

Nynaeve lançou a Egwene um olhar inseguro — com metade da insegurança que Egwene sentia —, depois respirou fundo.

— Mãe, receberemos outras punições? Além das que senhora já nos deu?

A Amyrlin olhou para elas por cima do ombro. Tinha os olhos perdidos na sombra.

— Outras punições? De certa forma. Alguns dirão que dei uma recompensa, ao elevá-las. Agora sintam os espinhos da rosa. — Ela andou

rapidamente até a cadeira e se sentou, depois pareceu perder a pressa mais uma vez. Ou ganhar incerteza.

Ver a Amyrlin hesitante fez Egwene ficar com um nó no estômago. O Trono de Amyrlin era sempre segura, sempre caminhava com serenidade e confiança. A Amyrlin era a personificação da força. Egwene sabia que, apesar do próprio potencial, a mulher do outro lado da mesa tinha conhecimento e experiência para fazê-la rodar feito um peão. De repente, vê-la fraquejar como uma garota que sabia que precisava mergulhar a cabeça em uma lagoa sem ter ideia da profundidade ou mesmo se havia pedras e lama no fundo lhe deu calafrios. *O que ela quis dizer com os espinhos da rosa? Luz, o que ela pretende fazer com a gente?*

Mexendo em uma caixa preta esculpida sobre a mesa diante de si, a Amyrlin encarou o conteúdo como se estivesse distraída.

— A questão é: em quem posso confiar? — disse, baixinho. — Devo poder confiar em Leane e Sheriam, pelo menos. Mas será que tenho coragem? Verin? — Ela deu de ombros com uma risada rápida e silenciosa. — Já entrego nas mãos de Verin mais que a minha vida, mas até onde posso ir? Moiraine? — Ela ficou em silêncio por um instante. — Sempre acreditei que pudesse confiar em Moiraine.

Egwene mudou de posição, incomodada. Quanto será que a Amyrlin sabia? Aquele não era o tipo de coisa que ela podia perguntar, não ao Trono de Amyrlin. *Será que ela sabe que um rapaz da minha aldeia, o homem com quem eu achava que um dia me casaria, é o Dragão Renascido? Sabe que duas de suas Aes Sedai o estão ajudando?* Pelo menos ela tinha certeza de que a Amyrlin não sabia de seu sonho com ele na noite anterior, correndo de Moiraine. Achava que tinha certeza. Ficou em silêncio.

— Do que a senhora está falando? — interpelou Nynaeve. A Amyrlin ergueu os olhos, e ela moderou o tom ao complementar: — Peço perdão, Mãe, mas receberemos outras punições? Não estou entendendo essa conversa sobre em quem confiar. Se a senhora quiser saber a minha opinião, Moiraine não é confiável.

— Essa é a sua opinião, não é? — retrucou a Amyrlin. — Saiu de sua aldeia há um ano e agora pensa que conhece bem o mundo, bem o suficiente para saber em que Aes Sedai confiar ou não? Um mestre velejador que mal aprendeu a erguer a vela!

— Ela não estava falando sério, Mãe — respondeu Egwene, mas sabia que era mentira.

Lançou um olhar de advertência a Nynaeve, que deu um puxão forte na trança, mas ficou de boca fechada.

— Bem, quem sabe? — perguntou a Amyrlin, pensativa. — Às vezes, a confiança é mais escorregadia que uma cesta de enguia. A questão é que vocês duas são o que eu tenho para trabalhar, por mais que sejam como palha de junco fino.

Nynaeve contraiu a boca, mas manteve a voz firme.

— Junco fino, Mãe?

A Amyrlin prosseguiu como se a outra não tivesse falado.

— Liandrin tentou enfiar a cabeça de vocês em uma barragem, e pode muito bem ter fugido porque descobriu que vocês estavam voltando e poderiam desmascará-la, por isso preciso acreditar que vocês não são da... Ajah Negra. Preferia ter que comer escamas e vísceras — murmurou —, mas acho que terei que me acostumar a pronunciar esse nome.

Egwene ficou boquiaberta, em choque — *Ajah Negra? Nós? Luz!* —, mas Nynaeve vociferou:

— É claro que não somos! Como se atreve a dizer uma coisa dessas? Como se atreve a sequer sugerir uma coisa dessas?

— Se duvida de mim, criança, vá em frente! — respondeu a Amyrlin com a voz severa. — Vocês podem ter o poder de uma Aes Sedai às vezes, mas ainda não são Aes Sedai, nem de longe! Então? Falem, se tiverem algo mais a dizer. Juro que as farei implorar perdão! “Junco fino”? Eu partirei vocês ao meio, feito junco! Já perdi toda a paciência.

Nynaeve abria e fechava a boca. Por fim, se sacudiu e respirou, tentando se acalmar. Quando falou, sua voz ainda era ríspida, mas muito pouco.

— Peço perdão, Mãe. Mas a senhora não deveria... nós não somos... jamais faríamos uma coisa dessas.

Com um pequeno sorriso, a Amyrlin voltou a se inclinar na cadeira.

— Então você é capaz de se controlar, quando quer. Eu precisava saber disso. — Egwene se perguntou quanto daquilo havia sido um teste. A tensão nos olhos da Amyrlin sugeria que ela talvez tivesse mesmo perdido a paciência. — Gostaria de ter encontrado uma forma de elevá-la ao xale, Filha. Verin disse que você já é tão forte quanto qualquer mulher na Torre.

— O xale! — exclamou Nynaeve. — Aes Sedai? Eu?

A Amyrlin fez um gesto suave, como se descartasse a ideia, mas pareceu arrependida.

— Não há razão para desejar o que não vai acontecer. Eu não poderia elevá-la a irmã completa e mandá-la esfregar panelas. Além disso, Verin disse que você só é capaz de canalizar quando furiosa. Eu estava pronta para cortar seu contato com a Fonte Verdadeira se houvesse qualquer indicação de que você abraçaria *saidar*. Os testes finais para o xale

requerem que você canalize mantendo profunda calma, mesmo sob pressão. Extrema pressão. Eu não poderia, nem vou, deixar essa condição de lado.

Nynaeve estava atônita. Encarava a Amyrlin boquiaberta.

— Não estou entendendo, Mãe — disse Egwene, depois de um instante.

— Imagino que não. Vocês são as duas únicas na Torre que tenho certeza absoluta de que não são da Ajah Negra. — A Amyrlin ainda contorcia a boca ao proferir as palavras. — Liandrin e as outras doze fugiram, mas será que são só elas? Ou será que deixaram algumas para trás, feito um toco cravado em águas rasas, que só percebemos ao ver o furo no barco? Pode ser que eu descubra tarde demais, mas não deixarei Liandrin e as outras escaparem depois do que fizeram. Não depois do roubo, e, principalmente, das mortes. Ninguém mata minha gente e sai impune. E não posso deixar treze Aes Sedai treinadas servirem à Sombra. Pretendo encontrá-las e estancá-las!

— Não vejo o que isso tem a ver com a gente — comentou Nynaeve, bem devagar. Ela parecia não gostar do que estava pensando.

— Pois vou dizer o que tem a ver com vocês, criança. Vocês duas caçarão a Ajah Negra para mim. Ninguém suspeitará, não de duas Aceitas em treinamento que humilhei publicamente.

— Isso é loucura! — Nynaeve arregalou os olhos na hora em que a Amyrlin pronunciou as palavras “Ajah Negra”, e seus dedos ficaram brancos pela força com que agarrou a trança. Ela abafou as palavras, e em seguida as cuspiu: — Elas são Aes Sedai completas. Egwene ainda não foi nem elevada a Aceita, e a senhora sabe que não posso canalizar o suficiente para acender uma vela se não estiver furiosa. Que chance teríamos?

Egwene concordou com a cabeça. A língua estava presa ao céu da boca. *Caçar a Ajah Negra? Preferia caçar um urso com uma vara! Ela está só tentando nos assustar, nos punir ainda mais. Só pode ser!* Se aquela era de fato a intenção, a Amyrlin estava indo muito bem.

A Aes Sedai também concordava com a cabeça.

— Tudo o que disse é verdade. Mas cada uma de vocês é mais do que páreo para Liandrin em termos de poder absoluto, e ela é a mais forte de todas. Ainda assim, elas são treinadas, e vocês não. E você, Nynaeve, tem limitações, por enquanto. Mas, quando não se tem um remo, criança, qualquer tábuia pode servir para conduzir o barco até a margem.

— Eu seria inútil — deixou escapar Egwene. Sua voz saiu como um ganido, mas ela estava assustada demais para se envergonhar. *Ela está falando sério! Ah, Luz, ela está falando sério! Liandrin me entregou aos*

Seanchan, e agora ela quer que eu cace treze iguais? — Meus estudos, minhas aulas, o trabalho nas cozinhas. É claro que Anaiya Sedai vai querer continuar me testando para saber se sou uma Sonhadora. Mal vou ter tempo para comer e dormir. Como é que vou poder caçar qualquer coisa?

— Você vai encontrar tempo — respondeu a Amyrlin, mais uma vez fria e serena, como se caçar a Ajah Negra fosse uma tarefa tão simples quanto varrer o chão. — Como Aceita, você escolherá os próprios estudos, dentro dos limites, e estabelecerá os horários apropriados. E as regras são um pouco mais flexíveis para as Aceitas. Um pouco mais. Nós precisamos encontrá-las, criança.

Egwene olhou para Nynaeve, mas esta disse apenas:

— Por que é que Elayne não vai participar? Não pode ser porque a senhora pensa que ela é da Ajah Negra. É porque ela é Filha-herdeira de Andor?

— Rede cheia no primeiro arremesso, criança. Eu juntaria vocês três se pudesse, mas no momento Morgase já está me causando muitos problemas. Depois que eu colocá-la de volta no caminho certo, talvez Elayne se junte a vocês. Quem sabe.

— Então deixe Egwene de fora também — retrucou Nynaeve. — Ela mal tem idade para ser uma mulher. Eu entro na caçada para a senhora.

Egwene soltou um som de protesto — eu *sou* uma mulher! —, mas a Amyrlin se pronunciou antes.

— Não estou enviando vocês como isca, criança. Ainda que eu tivesse cem iguais a vocês, não estaria satisfeita. Porém, só tenho vocês duas, então vocês duas serão.

— Nynaeve — começou Egwene —, não entendo você. Está dizendo que quer fazer isso?

— Querer, não quero — respondeu Nynaeve, em um tom cansado —, mas prefiro sair à caça do que ficar sentada me perguntando se a Aes Sedai que está me dando aulas é uma Amiga das Trevas. E, seja lá o que elas estiverem tramando, não quero esperar até terminarem para descobrir.

A decisão que Egwene tomou lhe deu frio na barriga.

— Então eu também vou. Também não quero ficar sentada imaginando coisas. — Nynaeve abriu a boca, e Egwene sentiu um lampejo de raiva. Foi um alívio, depois de sentir tanto medo. — E não se atreva a dizer mais uma vez que eu sou jovem demais. Pelo menos consigo canalizar quando quero. Na maioria das vezes. Não sou mais uma garotinha, Nynaeve.

Nynaeve ficou parada mexendo na trança, sem dizer uma palavra. Enfim, a rigidez se dissipou.

— Não é mesmo, não é? Eu já tinha dito a mim mesma que você já era uma mulher, mas acho que no fundo não acreditava de verdade. Garota... quer dizer, mulher. Mulher, espero que você se dê conta de que entrou em um caldeirão comigo, e o fogo já já será aceso.

— Eu sei. — Egwene se orgulhou por sua voz quase não vacilar.

A Amyrlin sorriu como se estivesse satisfeita, mas algo naqueles olhos azuis fez Egwene suspeitar que a mulher sabia qual seria a decisão das duas desde o princípio. Por um instante, sentiu as cordas do titereiro em seus braços e pernas.

— Verin... — A Amyrlin hesitou, depois murmurou para si mesma: — Se eu tiver que confiar em alguém, que seja nela. Ela já sabe tanto quanto eu, talvez mais. — Sua voz ganhou força. — Verin lhes passará as informações a respeito de Liandrin e das outras, além de uma lista dos *ter'angreal* que foram levados e suas funções. As que forem conhecidas. Quanto a ainda haver alguém da Ajah Negra na Torre... Escutem, observem e tomem cuidado com as perguntas. Ajam feito ratos. Se tiverem a menor suspeita, falem comigo. Eu mesma vou ficar de olho em vocês. Ninguém vai achar estranho, dada a razão por que estão sendo punidas. Podem fazer seus relatórios durante minhas visitas. Lembrem-se, elas já mataram antes. Podem muito bem matar de novo.

— Está tudo muito bem — retrucou Nynaeve —, mas ainda somos Aceitas, e estamos caçando Aes Sedai. Qualquer irmã completa pode nos mandar cuidar da nossa vida ou nos entregar roupas para lavar, e não teremos escolha senão obedecer. Há locais onde as Aceitas não têm permissão para ir e coisas que não têm permissão para fazer. Luz, se descobríssemos que alguma irmã é da Ajah Negra, ela poderia ordenar aos guardas que nos trancassem em nossos quartos, e eles obedeceriam. Sem dúvida não acreditariam em uma Aceita em vez de em uma Aes Sedai.

— Na maioria das vezes — disse a Amyrlin —, vocês terão que trabalhar dentro das limitações das Aceitas. A ideia é que ninguém desconfie de vocês. Mas... — Ela abriu a caixa preta na mesa, hesitou e olhou as duas, como se ainda tivesse dúvidas. Em seguida, tirou alguns papéis enrijecidos e dobrados. Folheando-os com cuidado, hesitou mais uma vez, depois escolheu dois. Enfiou o restante de volta na caixa e entregou os dois papéis a Egwene e Nynaeve.

— Escondam isso com cuidado. É só para emergências.

Egwene desdobrou a folha grossa de papel. Continha um texto escrito à mão, em uma caligrafia cuidadosa e arredondada, e um selo na base, com a Chama Branca de Tar Valon.

O que o portador fizer é feito sob meu comando e autoridade. Obedeça e mantenha o silêncio, por ordem minha.

*Siuan Sanche
Vigia dos Selos
Chama de Tar Valon
O Trono de Amyrlin*

— Eu poderia fazer qualquer coisa com isso — disse Nynaeve, pensativa. — Ordenar os guardas a marchar. Comandar os Guardiões. — Ela soltou uma risadinha. — Eu poderia fazer um Guardião dançar com isso aqui.

— Até que eu descobrisse — concordou a Amyrlin, em tom seco. — A não ser que me dessem um motivo muito convincente, eu as faria desejar que Liandrin as tivesse capturado.

— Eu não pretendo fazer nada disso — retrucou Nynaeve, depressa. — Só quis dizer que dá mais autoridade do que eu tinha imaginado.

— Talvez vocês precisem. Mas não se esqueçam, crianças. Um Amigo das Trevas não dará mais atenção a isso que um Manto-branco. É possível que ambos matem vocês apenas por terem isso nas mãos. Se esse papel é um escudo, bem, escudos de papel são frágeis, e esse decerto tem um alvo bem no meio.

— Sim, Mãe — responderam Egwene e Nynaeve juntas.

Egwene dobrou o papel e o enfiou na bolsa do cinturão, decidida a tirá-lo dali apenas em caso de extrema necessidade. *E como vou saber que a hora chegou?*

— E Mat? — perguntou Nynaeve. — Ele está muito doente, Mãe, e não tem mais muito tempo de sobra.

— Eu darei notícias — respondeu a Amyrlin com frieza.

— Mas, Mãe...

— Eu darei notícias! Agora saiam daqui, crianças. O destino da Torre está em suas mãos. Vão para os seus quartos e descansem um pouco. Não se esqueçam dos compromissos que têm com Sheriam, nem das panelas.





O Homem Cinza

Do lado de fora do gabinete do Trono de Amyrlin, Egwene e Nynaeve encontraram os corredores vazios, exceto por uma ou outra serviçal de passagem, ocupada com seus afazeres, os pés calçados em chinelos macios. Egwene se sentiu grata pela presença delas. De súbito, os corredores pareciam cavernas, apesar de toda a tapeçaria e cantaria. Cavernas perigosas.

Nynaeve caminhava firme em seu propósito, puxando a trança, e Egwene corria para acompanhá-la. Não queria ficar sozinha.

— Nynaeve, se a Ajah Negra *ainda* estiver aqui, e se alguma delas sequer suspeitar do que estamos fazendo... espero que não tenha falado sério sobre agirmos como se já tivéssemos feito os Três Juramentos. Não pretendo deixar ninguém me matar, se puder canalizar para impedir.

— Egwene, se alguma delas ainda estiver aqui, saberá o que estamos fazendo assim que puser os olhos em nós. — Apesar do discurso, Nynaeve soava preocupada. — Ou, no mínimo, nos verá como uma ameaça, o que dá no mesmo.

— Como é que vão nos ver como ameaça? Ninguém se sente ameaçado por alguém a quem pode dar ordens. Ninguém se sente ameaçado por alguém que esfrega panelas e fica girando espetos três vezes ao dia. É por isso que a Amyrlin está nos mandando trabalhar na cozinha. Pelo menos em parte.

— Talvez a Amyrlin não tenha pensado direito — respondeu Nynaeve, distraída. — Ou talvez tenha um plano diferente do que contou a nós. Pense, Egwene. Liandrin não teria tentado nos tirar no caminho se não nos

considerasse uma ameaça. Não entendo por quê, mas também não vejo como isso poderia ter mudado. Se ainda houver alguém da Ajah Negra aqui, é certo que elas nos enxergam da mesma forma, independentemente de suspeitarem do que estamos fazendo.

Egwene engoliu em seco.

— Não tinha pensado nisso. Luz, queria ser invisível. Nynaeve, se elas ainda estiverem atrás de nós, posso até ser estancada, mas não deixo um Amigo das Trevas me matar, ou talvez fazer algo pior. E também não acredito que você permitirá isso, apesar do que disse à Amyrlin.

— Eu falei sério. — Por um instante, Nynaeve pareceu despertar de seus pensamentos. Ela reduziu a velocidade da caminhada. Uma noviça de cabelos claros passou apressada, carregando uma bandeja. — Falei sério do início ao fim, Egwene. — Quando a noviça já não podia ouvir, Nynaeve continuou: — Nós temos outras formas de nos defender. Se não fosse assim, Aes Sedai morreriam todas as vezes que deixassem a Torre. Nós só precisamos entender quais são essas formas, e usá-las.

— Eu já conheço várias formas, e você também.

— São perigosas. — Egwene abriu a boca para dizer que só eram perigosas para quem as atacava, mas Nynaeve continuou, sem deixá-la falar: — Você pode acabar gostando demais. Quando liberei toda a minha raiva naqueles Mantos-brancos, hoje de manhã... me senti muito bem. Isso é muito perigoso. — Ela estremeceu e apressou o passo mais uma vez, Egwene precisou correr para acompanhá-la.

— Você está parecendo Sheriam. Nunca falou assim. Sempre resistiu a todos os limites impostos. Por que os aceitaria agora, justo quando talvez tenhamos que ignorá-los para sobreviver?

— E de que adiantaria isso se acabássemos expulsas da Torre? Estancadas ou não, de que adiantaria? — Nynaeve baixou a voz, como se falasse sozinha. — Eu consigo fazer isso. Preciso fazer, se quiser ficar aqui tempo suficiente para aprender, e preciso aprender se quiser... — De repente, percebeu que falava alto. Lançou um olhar severo para Egwene e disse, com a voz firme: — Preciso pensar. Por favor, fique quieta e me deixe pensar.

Egwene ficou de boca fechada, mas por dentro fervilhava com perguntas. Que razão especial Nynaeve teria para querer aprender mais do que a Torre Branca tinha para ensinar? O que pretendia fazer? Por que estava escondendo isso dela? *Segredos. Aprendemos a guardar muitos segredos desde que chegamos à Torre. A Amyrlin também está guardando segredos de nós. Luz, o que será que ela vai fazer com Mat?*

Nynaeve a acompanhou até o alojamento das noviças, sem seguir para o das Aceitas. Os corredores ainda estavam vazios, e as duas não viram ninguém enquanto subiam as rampas em espiral.

Quando chegaram ao quarto de Elayne, Nynaeve parou, bateu à porta uma vez e imediatamente a abriu e enfiou a cabeça para olhar lá dentro. Na mesma hora, bateu de volta a porta branca e seguiu para o quarto ao lado, de Egwene.

— Ela ainda não chegou — disse. — Preciso falar com vocês duas.

Egwene puxou-a com força pelos ombros.

— O que...? — Sentiu algo tocar seus cabelos, além de uma fisgada de dor na orelha. Um borrão preto passou como um raio diante de seu rosto e acertou a parede, e em um piscar de olhos Nynaeve a derrubou no chão do corredor, atrás da amurada.

Estirada, de olhos arregalados, Egwene fitou o objeto no chão diante de sua porta, onde havia caído. A flecha de uma besta. Alguns fios do seu cabelo tinham ficado presos nas quatro pontas robustas, feitas para perfurar armaduras. Ela ergueu a mão trêmula e tocou o pequeno corte na orelha, úmido com o sangue. *Se eu não tivesse parado naquele instante... se eu não tivesse...* A flecha teria atravessado sua cabeça e provavelmente matado Nynaeve também.

— Sangue e cinzas! — arquejou. — Sangue e malditas cinzas!

— Modere o linguajar — advertiu Nynaeve, mas foi uma repreensão distraída. Ainda deitada, estava olhando por entre as pedras brancas da amurada para o outro lado dos corredores. Um brilho tênue a envolveu, aos olhos de Egwene. Ela abraçara *saidar*.

Mais do que depressa, Egwene também tentou buscar o Poder Único, mas no início a pressa a atrapalhou. A pressa e as imagens que invadiam o vazio, imagens de sua cabeça sendo destroçada feito um melão podre por uma flecha imensa que seguia adiante para atingir Nynaeve. Ela respirou fundo e tentou mais uma vez, e enfim a rosa flutuou no nada, abriu-se à Fonte Verdadeira, e o Poder a preencheu.

Ela virou-se de barriga para baixo e espiou pela amurada, ao lado de Nynaeve.

— Está vendo alguma coisa? Está vendo quem nos atacou? Vou jogar um raio nele! — Ela conseguia sentir o raio se formando, bem como a urgência em liberá-lo. — É um homem, *não é*? — Ela era incapaz de imaginar um homem entrando no alojamento da noviças, mas era impossível visualizar uma mulher carregando uma besta pela Torre.

— Eu não sei. — A voz de Nynaeve estava tomada por uma raiva silenciosa. A raiva dela era sempre pior quando crescia em silêncio. — Pensei que tinha visto... isso! Ali! — Egwene sentiu o Poder pulsar na outra mulher, e então Nynaeve ficou de pé, apressada, e limpou o vestido como se não houvesse mais nada com que se preocupar.

Egwene a encarou.

— O quê? O que você fez, Nynaeve?

— “Dos Cinco Poderes” — disse Nynaeve em um tom professoral, levemente debochado —, “o Ar, às vezes chamado de Vento, é considerado por muitos o elemento de menor utilidade. Essa é uma grande inverdade.” — Ela finalizou com uma risadinha contida. — Eu disse que havia outras formas de nos defender. Usei o Ar, para prendê-lo com o ar. Se é que é um homem, não consegui enxergar muito bem. Um truque que a Amyrlin me mostrou uma vez, embora eu duvide que ela tenha imaginado que eu estava prestando atenção. Então, vai ficar aí deitada o dia inteiro?

Egwene se levantou e saiu correndo atrás dela pelos corredores. Em pouco tempo, ao virar uma curva, as duas avistaram um homem vestindo calças e casaco marrons. Ele olhava para o lado oposto, equilibrado na ponta de um dos pés e com o outro suspenso no ar, como se tivesse parado bem no meio de uma corrida. O homem decerto se sentia afundado em uma espessa geleia, mas havia somente ar endurecido ao redor dele. Egwene também se lembrava do truque da Amyrlin, mas achava que não conseguiria reproduzi-lo. Para Nynaeve, bastava assistir a algo uma vez para aprender a fazer sozinha. Quando conseguia canalizar, é claro.

Elas se aproximaram, e a conexão de Egwene com o Poder desapareceu em meio ao choque. Havia uma adaga cravada no peito do homem. Seu rosto estava inexpressivo, a morte já estampada nos olhos semicerrados. Desabou no chão quando Nynaeve desfez a armadilha que o havia aprisionado.

Era um homem de aparência comum, peso e altura medianos, com feições tão normais que Egwene não seria capaz de distingui-lo entre dois outros. No entanto, ela o observou apenas por um instante antes de perceber que faltava algo. A besta.

Ela se assustou e começou a procurar em volta, desesperada.

— Devia haver outro, Nynaeve. Alguém pegou a besta. E o apunhalou. Esse outro pode estar por aí, pronto para atirar de novo.

— Fique calma — retrucou Nynaeve, mas olhou para os dois lados do corredor, puxando a trança. — Fique calma, e nós vamos descobrir o que...

— Suas palavras foram interrompidas pelo barulho de passos na rampa que levava ao andar onde estavam.

O coração de Egwene quase saiu pela boca. Com os olhos fixos no topo da rampa, ela tentava desesperadamente tocar *saidar* mais uma vez, mas para isso era preciso ter calma, e as batidas do seu coração destruíam qualquer calma.

Sheriam Sedai parou no topo da rampa, franzindo a testa para o que acabava de ver.

— O quê, em nome da Luz, aconteceu aqui? — Ela correu em direção às duas, sem sua calma característica.

— Nós o encontramos — anunciou Nynaeve, enquanto a Mestra das Noviças se ajoelhava ao lado do corpo.

Sheriam pousou a mão no peito do homem e afastou-a depressa, com um sibilo. Tentando visivelmente reunir forças, tocou o homem outra vez.

— Está morto — murmurou. — O mais morto que se pode estar, talvez até mais. — Ela se endireitou, puxou um lenço da manga e limpou os dedos. — Vocês o encontraram? Aqui? Desse jeito?

Egwene assentiu com a cabeça, certa de que, se falasse, Sheriam saberia que estava mentindo.

— Encontramos — respondeu Nynaeve, com firmeza.

Sheriam balançou a cabeça.

— Um homem... um homem morto... no alojamento das noviças já seria um escândalo e tanto, mas isso...!

— O que ele tem de diferente? — perguntou Nynaeve. — E como é que pode estar *mais* que morto?

Sheriam respirou fundo e lançou a cada uma um olhar perscrutador.

— Este homem é um Sem-alma. Um Homem Cinza. — Absorta, limpou os dedos de novo, os olhos encarando outra vez o corpo. Olhos preocupados.

— Sem-alma? — perguntou Egwene, com a voz trêmula.

Nynaeve soltou ao mesmo tempo:

— Um Homem Cinza?

Sheriam encarou as duas com um olhar rápido e penetrante.

— Isso ainda não faz parte do aprendizado, mas vocês duas já transpuseram as regras de muitas formas. Ainda mais levando em conta que encontraram... isso. — Ela apontou para o corpo. — Os Sem-alma, os Homens Cinza, abrem mão da alma para servir como assassinos do Tenebroso. A partir desse momento, não estão mais vivos de verdade. Não estão exatamente mortos nem totalmente vivos. Apesar do nome, alguns

Homens Cinza são mulheres. Bem poucos. Mesmo entre os Amigos das Trevas, apenas algumas mulheres são burras o bastante para fazer esse sacrifício. Podemos olhar um desses e mal notá-lo até que seja tarde demais. Ele já estava morto enquanto ainda podia andar. Agora, só os meus olhos podem dizer que o que jaz ali nem chegou a viver. — Ela lançou ao homem outro longo olhar. — Nenhum Homem Cinza se atrevia a entrar em Tar Valon desde as Guerras dos Trollocs.

— O que a senhora vai fazer? — perguntou Egwene. Sheriam ergueu as sobancelhas, e ela de pronto acrescentou: — Se me permite perguntar, Sheriam Sedai.

A Aes Sedai hesitou.

— Creio que permito, já que você teve o azar de encontrá-lo. Isso vai depender do Trono de Amyrlin, mas, com tudo o que anda acontecendo, acredito que ela vá querer resolver isso da forma mais discreta possível. Não precisamos de mais rumores. Vocês não comentarão sobre isso com ninguém além de mim. Ou a Amyrlin, caso ela mencione o assunto.

— Sim, Aes Sedai — disse Egwene, com fervor. A voz de Nynaeve foi um pouco mais fria.

Sheriam pareceu certa de que a obedeceriam. Não deu sinal de tê-las escutado. Sua atenção estava toda no homem. O Homem Cinza. O Sem-alma.

— Não teremos como esconder o fato de que um homem foi morto aqui. — O brilho tênue do Poder Único de súbito a circundou, e, da mesma forma abrupta, um domo baixo e comprido envolveu o corpo no chão, tão cinzento e opaco que era difícil ver que havia um corpo debaixo dele. — Mas isso impedirá que alguém o toque e descubra sua natureza. Preciso tirá-lo daqui antes que as noviças voltem.

Os olhos verdes e oblíquos fitaram as duas como se ela tivesse acabado de se dar conta de sua presença.

— Vocês podem ir agora. Para o seu quarto, Nynaeve, eu acho. Levando em conta o que já estão enfrentando, se alguém souber que se envolveram em mais essa, mesmo como espectadoras... podem ir.

Egwene fez uma mesura e puxou Nynaeve pela manga, mas esta disse:

— Por que a senhora veio até aqui, Sheriam Sedai?

Por um instante, Sheriam pareceu surpresa, mas logo em seguida franziu a testa. Com as mãos na cintura, olhou para Nynaeve com toda a firmeza de sua posição.

— Então agora a Mestra das Noviças precisa de motivos para vir até o alojamento das noviças, Aceita? — perguntou, em um tom delicado. — Aceitas agora questionam Aes Sedai? A Amyrlin pretende dar uma

oportunidade a vocês, mas, independentemente disso, vou lhes ensinar boas maneiras, pelo menos. Agora saiam daqui antes que eu arraste as duas para o meu gabinete e as faça perder o compromisso que o Trono de Amyrlin já determinou para vocês.

De súbito, um pensamento ocorreu a Egwene.

— Peço perdão, Sheriam Sedai — disse, bem depressa —, mas preciso buscar meu manto. Estou com frio. — Antes que a Aes Sedai pudesse responder, ela disparou pelo corredor.

Se Sheriam encontrasse aquela flecha de besta diante da porta dela, faria um monte de perguntas. E aí, nada de fingir que elas somente haviam encontrado o homem, que não tinham qualquer ligação com ele. Porém, quando ela alcançou a porta do quarto, a pesada flecha havia desaparecido. A lasca pontuda na pedra, junto à porta, era o único indício de que estivera ali.

A pele de Egwene se arrepiou toda. *Como é que alguém poderia ter levado sem que víssemos? ... Outro Homem Cinza!* Antes que percebesse, ela já abraçara *saidar*, e apenas o fluxo suave do Poder dentro dela informava o que acabara de fazer. Ainda assim, abrir aquela porta e entrar no quarto foi uma das coisas mais difíceis que já fizera. Não havia ninguém lá dentro. Ela puxou o manto de cima do pino, saiu correndo, descuidada, e não liberou *saidar* antes de chegar à metade do caminho de volta.

Algo mais ocorrera entre as duas mulheres enquanto ela não estava ali. Nynaeve tentava demonstrar humildade, mas só conseguia parecer que estava com dor de estômago. Sheriam tinha as mãos na cintura e batia o pé, irritada. O olhar dela para Nynaeve, como uma pedra de moinho prestes a triturar farinha de cevada, também foi dirigido a Egwene.

— Peço perdão, Sheriam Sedai — disse, apressada, curvando-se em uma mesura e ajustando o manto nos ombros ao mesmo tempo. — Isso... encontrar um homem morto... um Homem Cinza... me deu frio. Podemos ir agora?

Ao sinal contido de dispensa de Sheriam, Nynaeve fez uma mesura simples. Egwene puxou-a pelo braço e a levou embora, apressada.

— Está tentando *criar* mais problemas para nós? — perguntou, quando já estavam dois andares abaixo. E bem longe dos ouvidos de Sheriam, esperava. — O que mais disse a ela para fazê-la cravar os olhos em você daquele jeito? Mais perguntas, suponho? Espero que você tenha descoberto algo pelo qual tenha valido a pena irritá-la.

— Ela não disse nada — murmurou Nynaeve. — Precisamos fazer perguntas se quisermos fazer algo de bom, Egwene. Vamos ter que nos

arriscar um pouco, senão nunca descobriremos nada.

Egwene deu um suspiro.

— Bem, seja um pouco mais cautelosa. — Pela rigidez no rosto de Nynaeve, ela não tinha intenção de pegar mais leve ou evitar riscos. Egwene soltou outro suspiro. — A flecha sumiu, Nynaeve. Algum outro Homem Cinza deve ter levado.

— Então foi isso que você... Luz! — Nynaeve fechou a cara e deu um puxão forte na trança.

Depois de um tempo, Egwene disse:

— O que ela fez para cobrir o... corpo? — Não queria pensar nele como um Homem Cinza, o que a fazia lembrar que havia outro à solta. Não queria pensar em nada na verdade.

— Ar — respondeu Nynaeve. — Ela usou ar. Um ótimo truque, e acho que sei como fazer algo útil com ele.

O uso do Poder Único era dividido entre os Cinco Poderes: Terra, Ar, Fogo, Água e Espírito. Talentos diferentes requeriam combinações diferente dos Cinco Poderes.

— Não consigo entender algumas combinações dos Cinco Poderes. A Cura, por exemplo. Entendo por que requer Espírito e talvez Ar, mas por que Água?

Nynaeve virou-se para ela.

— Que baboseira é essa? Esqueceu o que estamos fazendo? — Ela olhou em volta. Havia chegado ao alojamento das Aceitas, um amontoado de corredores abaixo do alojamento das noviças, que rodeava um jardim em vez de um pátio. Não havia ninguém à vista além de uma Aceita que passava correndo por outro andar, mas ela baixou a voz. — Você se esqueceu da Ajah Negra?

— Estou tentando esquecer — retrucou Egwene, feroz. — Pelo menos por um tempo. Estou tentando esquecer que acabamos de ver um homem morto. Estou tentando esquecer que ele quase me matou e que tem um comparsa que provavelmente vai tentar de novo. — Ela tocou a orelha. O sangue havia secado, mas o corte ainda doía. — Nós duas temos sorte em não estarmos mortas.

A expressão de Nynaeve se abrandou, mas, ao falar, sua voz tinha algo do tempo em que fora a Sabedoria de Campo de Emond, quando dizia o que precisava ser dito pelo bem de alguém.

— Lembre-se daquele corpo, Egwene. Lembre-se de que ele tentou matar você. Matar nós duas. Lembre-se da Ajah Negra. Lembre-se de tudo o

tempo inteiro. Porque, se você se esquecer, nem que seja por um instante, da próxima vez será seu o corpo estirado no chão.

— Eu sei. — Egwene suspirou. — Mas não preciso gostar de tudo isso.

— Você percebeu uma coisa que Sheriam não mencionou?

— Não. O quê?

— Ela nem questionou quem o teria esfaqueado. Agora, vamos. Meu quarto está logo aqui embaixo, e você pode descansar os pés enquanto conversamos.



CAPÍTULO 16



Três Caçadoras

O quarto de Nynaeve era consideravelmente maior que os das noviças. Tinha uma cama de verdade, não uma embutida na parede, duas cadeiras de madeira com braço, em vez de um banquinho, e um guarda-roupas. A mobília era simples, apropriada para a casa de um fazendeiro mediano, mas, comparada às noviças, as Aceitas viviam no luxo. Havia até um pequeno tapete de tramas amarelas, vermelhas e azuis. Quando Egwene e Nynaeve entraram, o quarto não estava vazio.

Elayne estava parada diante da lareira, de braços cruzados e olhos vermelhos, pelo menos em parte por conta da raiva. Dois jovens estavam largados nas cadeiras, altos, pernas e braços compridos. Um deles usava o casaco verde-escuro desabotoado, revelando uma camisa branca como neve, tinha os mesmos olhos verdes e cabelos louros acobreados de Elayne, e o sorriso em seu rosto o denunciava como irmão da moça. O outro, da idade de Nynaeve, estava vestido com um casaco cinza muito bem abotoado, era esbelto, de cabelos e olhos escuros. Ele se levantou, seguro e elegante, quando Elayne e Nynaeve entraram. Era, pensou Egwene não pela primeira vez, o homem mais bonito que já vira. Seu nome era Galad.

— É bom ver você de novo — disse ele, tomando a mão dela. — Fiquei muito preocupado com você. Nós ficamos muito preocupados.

Seu pulso acelerou, e ela puxou de volta a mão antes que ele percebesse.

— Obrigada, Galad — murmurou. *Luz, como ele é bonito.* Ordenou a si mesma que parasse de pensar. Não era fácil. Percebeu que alisava o vestido, desejando que ele estivesse vendo-a vestida em seda, não naquela simples lã branca. Quem sabe até em um daqueles vestidos domaneses de

que Min havia falado, aqueles justos e que até pareciam transparentes de tão finos, embora não fossem. Ela enrubesceu, furiosa, e afastou a imagem da cabeça, querendo que ele parasse de encará-la. Não ajudava que metade das mulheres da Torre, das empregadas às próprias Aes Sedai, olhassem para o rapaz como se pensassem as mesmas coisas. Não ajudava que ele parecesse sorrir só para ela. Na verdade, aquele sorriso piorava tudo. *Luz, se ele sequer suspeitasse dos meus pensamentos, eu morreria!*

O jovem de cabelos dourados se inclinou para a frente na cadeira.

— A questão é: onde é que vocês estavam? Elayne evita minhas perguntas como se tivesse a bolsa cheia de figos e não quisesse me dar nenhum.

— Eu já disse, Gawyn — retrucou Elayne, em um tom ríspido —, não é da conta de vocês. Eu vim para cá — acrescentou a Nynaeve — porque não queria ficar sozinha. Eles me viram e me seguiram. Não aceitaram “não” como resposta.

— Pois é — respondeu Nynaeve, impassível.

— Mas isso é da nossa conta, irmã — disse Galad. — A sua segurança é muito da nossa conta. — Ele olhou para Egwene, e ela sentiu o coração saltar. — A segurança de todas vocês é muito importante para mim. Para nós.

— Eu não sou sua irmã — rebateu Elayne, irritada.

— Se não queria ficar sozinha — disse Gawyn a Elayne, com um sorriso —, somos tão boa companhia quanto qualquer outra. Além do mais, depois do que passamos só para entrar aqui, merecemos uma explicação sobre onde vocês estavam. Prefiro apanhar de Galad o dia inteiro no pátio de treinamento do que encarar nossa mãe por mais um minuto. Prefiro ver Coulin furioso comigo.

Coulin era Mestre de Armas, e levava os rapazes que chegavam para treinar na Torre Branca na rédea curta, não importava se aspirassem a se tornar Guardiões ou apenas a aprender com eles.

— Negue a ligação, se quiser — disse Galad em um tom grave, para Elayne —, mas ela não vai deixar de existir. E nossa mãe colocou a sua segurança em nossas mãos.

Gawyn fez uma careta.

— Elayne, se alguma coisa acontecer com você, nossas cabeças vão rolar. Tivemos que ser rápidos, ou ela teria nos arrastado de volta para casa. Nunca ouvi falar em uma rainha que mandasse os próprios filhos para o carrasco, mas nossa mãe parecia pronta a abrir uma exceção se não levássemos você de volta para casa sã e salva.

— Tenho certeza — disse Elayne — de que todo esse convencimento foi mesmo por minha causa. E não para vocês ficarem aqui treinando com os Guardiões.

Gawyn corou.

— Sua segurança foi a nossa primeira preocupação. — Galad soava sincero, e Egwene tinha certeza de que ele estava sendo. — Conseguimos convencer mamãe de que, se você voltasse para cá, precisaria de alguém para cuidar de você.

— Cuidar de mim! — exclamou Elayne, mas Galad prosseguiu:

— A Torre Branca se tornou um lugar perigoso. Houve mortes... assassinatos... sem nenhuma explicação. Até algumas Aes Sedai foram mortas, embora tenham tentado encobrir isso. E ouvi rumores sobre a Ajah Negra circulando dentro da própria Torre. Por ordem de mamãe, quando for seguro para você deixar seu treinamento, devemos levá-la de volta a Caemlyn.

Como resposta, Elayne ergueu o queixo e afastou-se um pouco do rapaz.

Gawyn passou a mão pelos cabelos, frustrado.

— Luz, Nynaeve, Galad e eu não somos vilões. Só queremos ajudar. Ajudaríamos de qualquer forma, mas são ordens de nossa mãe, então não existe a menor chance de você nos dissuadir.

— As ordens de Morgase não têm peso nenhum em Tar Valon — retrucou Nynaeve, com a voz firme. — Quanto à sua oferta de ajuda, vou me lembrar dela. Se precisarmos de ajuda, você será um dos primeiros a saber. Por enquanto, queiram se retirar. — Ela apontou para a porta, mas ele a ignorou.

— Está tudo muito bem, mas nossa mãe vai querer saber que Elayne está de volta. E por que fugiu sem dizer uma palavra, além do que andou fazendo durante todos esses meses. Luz, Elayne! A Torre virou uma confusão só. Nossa mãe quase enlouqueceu de tão assustada. Pensei que ela ia derrubar a Torre com as próprias mãos. — O rosto de Elayne revelou uma dose de culpa, e Gawyn aproveitou a vantagem. — Você deve isso a ela, Elayne. Você me deve isso. Que me queime, está sendo turrone demais. Você desapareceu por meses, e tudo o que sei é que desobedeceu Sheriam. E só sei disso porque você andou chorando e não quer sentar. O olhar indignado de Elayne indicava que o rapaz desperdiçara qualquer vantagem temporária que pudesse ter obtido.

— Chega — disse Nynaeve. Galad e Gawyn abriram a boca. Ela levantou a voz. — Eu disse chega! — Cravou os olhos nos rapazes até ter certeza de que não falariam mais nada, então prosseguiu. — Elayne não deve *nada* a

vocês dois. Se ela escolheu não contar nada a vocês, está decidido. Agora, este é o meu quarto, não o salão de uma estalagem, e quero os dois fora daqui.

— Mas, Elayne... — começou Gawyn.

— Nós só queríamos... — disse Galad ao mesmo tempo.

Nynaeve falou, com a voz alta o bastante para calá-los:

— Duvido que tenham pedido permissão para entrar no alojamento das Aceitas. — Os dois olharam para ela, surpresos. — Imaginei que não. Se não saírem do meu quarto e da minha frente antes que eu conte até três, escreverei para o Mestre de Armas relatando isso tudo. Coulin Gaidin tem braços muito mais fortes que os de Sheriam Sedai, e vocês podem ter certeza de que estarei lá para vê-lo fazer bom uso deles.

— Nynaeve, você não faria... — começou Gawyn, aflito, mas Galad o silenciou com um gesto e aproximou-se de Nynaeve.

Ela manteve o semblante inflexível, mas ajustou a frente do vestido sem perceber enquanto ele sorria para ela. Egwene não se surpreendeu. Jamais conhecera uma mulher de fora da Ajah Vermelha que não fosse afetada pelo sorriso de Galad.

— Nynaeve, me desculpe por impormos nossa presença — disse, baixinho. — Vamos embora, é claro. Mas não esqueçam que estamos aqui, caso precisem. E, seja lá o que tenha feito vocês fugirem, também podemos ajudar com isso.

Nynaeve retribuiu o sorriso.

— Um — disse.

Galad piscou, com o sorriso murchando, e virou-se com calma para Egwene. Gawyn se levantou e começou a andar na direção da porta.

— Egwene — disse Galad —, sabe bem que você, em especial, pode me chamar a qualquer hora, por qualquer motivo. Espero que saiba disso.

— Dois — disse Nynaeve.

Galad lançou a ela um olhar irritado.

— Nos falamos depois — disse a Egwene, segurando sua mão e fazendo uma medida. Com um último sorriso, deu um passo lento em direção à porta.

— Trrrrrrrrrr — Gawyn saltou pela porta, e até Galad apressou as passadas graciosas — ês — terminou Nynaeve quando a porta se fechou com uma pancada atrás delas.

Elayne bateu palmas, alegre.

— Ah, muito bem — elogiou ela. — Excelente. Eu nem sabia que os homens também eram proibidos de entrar no alojamento das Aceitas.

— Não são — respondeu Nynaeve, seca —, mas esses palhaços também não sabem disso. — Elayne bateu palmas mais uma vez, gargalhando. — Eu teria simplesmente os deixado ir embora — acrescentou Nynaeve —, se Galad não tivesse feito questão de sair bem devagar. O rapazote tem um rostinho bonito demais para o meu gosto. — Egwene quase soltou uma risada. Galad não era mais que um ano mais jovem que Nynaeve, se tanto, e esta já ajeitava outra vez o vestido.

— Galad! — exclamou Elayne, com uma fungada desdenhosa. — Ele vai vir nos perturbar de novo, e não sei se esse seu truque vai funcionar mais de uma vez. Ele faz o que considera certo, doa a quem doer, inclusive a si mesmo.

— Então vou pensar em outra coisa — respondeu Nynaeve. — Não podemos permitir que eles fiquem de olho na gente o tempo todo. Elayne, se quiser, posso preparar um bálsamo calmante para você.

Elayne balançou a cabeça, depois deitou-se na cama com o queixo apoiado nas mãos.

— Se Sheriam descobrisse, nós duas sem dúvida seríamos chamadas para outra visita ao gabinete. Você não falou muita coisa, Egwene. O gato comeu a sua língua? — Ela ficou um pouco mais carrancuda. — Ou talvez Galad tenha comido?

Egwene corou.

— Eu apenas optei por não discutir com eles — retrucou, no tom mais digno que foi capaz.

— É claro — disse Elayne, amargurada —, admito que Galad é bonito. Mas ele é horrendo também. Sempre faz a coisa certa, ou o que julga certo. Sei que não soa horrendo, mas é. Ele nunca desobedeceu nossa mãe, nem nas menores coisinhas. Não mente, nem mesmo mentiras pequenas, e nunca quebra regras. Se ele dedurar você por ter quebrado alguma, faz isso sem a menor maldade. Na verdade, até demonstra certa tristeza por você não fazer jus ao padrão dele, mas isso não muda o fato de que é um deduro.

— Isso parece... desagradável — disse Egwene com cuidado —, mas não é horrendo. Não consigo imaginar Galad fazendo alguma coisa horrenda.

Elayne sacudiu a cabeça, como se incrédula com a dificuldade de Egwene em enxergar algo tão claro para ela.

— Se você quiser prestar atenção em alguém, tente Gawyn. Ele é bem bonzinho, na maior parte das vezes, e gosta de você.

— Gawyn! Ele nem olha direito para mim.

— É claro que não, sua boba, pelo jeito que você crava os olhos em Galad a ponto de quase caírem do rosto. — Egwene sentiu as bochechas quentes, mas receou que fosse verdade. — Galad salvou a vida de Gawyn, quando eram crianças — prosseguiu Elayne. — Gawyn jamais admitiria gostar de uma mulher por quem Galad estivesse interessado, mas eu já o escutei falando de você, e sei disso. Ele não conseguiria esconder nada de mim.

— Bom saber — disse Egwene, e riu ao ver o sorriso largo de Elayne. — Talvez eu consiga fazê-lo dizer essas coisas todas para mim, em vez de você.

— Você poderia escolher a Ajah Verde, sabe? As irmãs Verdes às vezes se casam. Gawyn gosta de você de verdade, e você faria bem a ele. Além disso, eu adoraria tê-la como irmã.

— Quando as duas acabarem com o papinho de meninas — interrompeu Nynaeve —, temos assuntos importantes a discutir.

— Pois é — respondeu Elayne —, como o que o Trono de Amyrlin disse a vocês depois que saí.

— Prefiro não falar sobre isso — retrucou Egwene, incomodada. Não gostava de mentir para Elayne. — Ela não disse nada agradável.

Elayne fungou, descrente.

— A maioria das pessoas pensa que as minhas punições são mais leves porque sou a Filha-herdeira de Andor. A verdade é que elas acabam sendo ainda piores por isso. Nenhuma de vocês duas fez nada que eu não tenha feito, e se as palavras da Amyrlin foram severas para vocês, teriam sido ainda piores para mim. Então, o que foi que ela disse?

— Isso tem que ficar entre nós três — disse Nynaeve. — A Ajah Negra...

— Nynaeve! — exclamou Egwene. — A Amyrlin disse para mantermos Elayne fora disso!

— A Ajah Negra! — Elayne quase gritou, pondo-se apressadamente de joelhos no meio da cama. — Vocês não podem me deixar de fora depois de falar uma coisa dessas. Eu não vou ficar de fora.

— Nunca tive a intenção de deixá-la de fora — assegurou Nynaeve. Egwene só conseguia olhar para ela, estupefata. — Egwene, fomos eu e você que Liandrin considerou uma ameaça. Fomos eu e você a quase morrer...

— Quase morrer? — sussurrou Elayne.

— ...talvez porque ainda sejamos uma ameaça ou talvez porque elas já saibam que tivemos uma conversa a portas fechadas com a Amyrlin. Talvez saibam até o que ela disse. Precisamos nos unir a alguém de quem elas não

tenham conhecimento, e, se a Amyrlin também não tomar conhecimento, melhor ainda. Não sei muito bem se podemos confiar muito mais na Amyrlin do que na Ajah Negra. Ela quer nos usar para os próprios objetivos. Eu quero que ela não nos use até nos matar. Você está entendendo?

Egwene assentiu com relutância. Ainda assim, disse:

— Vai ser perigoso, Elayne, tão perigoso quanto o que enfrentamos em Falme. Talvez até mais. Dessa vez, você não precisa fazer parte disso.

— Eu sei — respondeu Elayne, com calma. Fez uma pausa, depois prosseguiu: — Quando Andor entra em guerra, o Primeiro Príncipe da Espada comanda o exército, mas a Rainha também cavalga com eles. Há setecentos anos, na Batalha de Cuallin Dhen, os andorianos estavam sendo aniquilados quando a Rainha Modrellein saiu cavalgando, sozinha e desarmada, com o estandarte do Leão no braços, bem no meio do exército taireno. Os andorianos se mobilizaram, atacaram mais uma vez para salvá-la e venceram a batalha. Esse é o tipo de coragem que se espera da Rainha de Andor. Se ainda não aprendi a controlar meu medo, preciso fazer isso antes de ocupar o lugar de minha mãe no Trono do Leão. — De súbito, o tom sombrio deu lugar a uma risadinha. — Além disso, vocês acham mesmo que eu ia desistir de uma aventura para ficar esfregando painéis?

— Você vai esfregá-las mesmo assim — disse Nynaeve —, e vai torcer para todo mundo pensar que é a única coisa que está fazendo. Agora escute com atenção.

Elayne escutou, e foi ficando boquiaberta enquanto ouvia Nynaeve contar tudo o que o Trono de Amyrlin dissera a elas, a tarefa que receberam e o atentado contra as duas. Ela teve calafrios ao saber do Homem Cinza, leu, fascinada, o documento que a Amyrlin entregara a Nynaeve e o devolveu, murmurando:

— Queria poder ter esse papel na próxima vez que encarar mamãe. — Quando Nynaeve terminou o relato, no entanto, o rosto de Elayne era o retrato da indignação. — Ora, é como mandarem você subir a colina e encontrar leões, só que você não sabe se há leões. Mas, se houver, eles podem estar caçando você, e talvez estejam disfarçados de arbustos. Ah, e, se encontrar algum leão, tente não deixar que ele devore você antes de dizer onde ele está.

— Se estiver com medo — disse Nynaeve —, ainda há tempo de desistir. Depois de começarmos, vai ser tarde demais.

Elayne ergueu bem o queixo.

— É claro que estou com medo. Não sou boba. Mas não com tanto medo que me faça desistir antes mesmo de começar.

— Tem mais uma coisa — completou Nynaeve. — Estou achando que a Amyrlin pretende deixar Mat morrer.

— Mas uma Aes Sedai deve Curar qualquer um que peça. — A Filha-herdeira parecia dividida entre descrença e indignação. — Por que ela deixaria Mat morrer? Não posso acreditar nisso! Não vou acreditar!

— Nem eu! — exclamou Egwene. *Ela não pode ter dito isso! A Amyrlin não pode deixar Mat morrer!* — Durante todo o trajeto até aqui, Verin disse que a Amyrlin cuidaria para que ele fosse Curado.

Nynaeve balançou a cabeça.

— Verin disse que a Amyrlin iria “cuidar dele”. É diferente. E a Amyrlin evitou dizer que sim ou não quando perguntei a ela. Talvez ainda não tenha se decidido.

— Mas por quê? — perguntou Elayne.

— Porque a Torre Branca faz o que faz por suas próprias razões. — A voz de Nynaeve fez Egwene estremecer. — Não sei por quê. Ajudar Mat a viver ou deixá-lo morrer vai depender do que servir aos objetivos da Torre. Nenhum dos Três Juramentos diz que elas são obrigadas a Curá-lo. Mat é só um instrumento ao olhos da Amyrlin. E nós também. Ela vai nos usar para caçar a Ajah Negra, mas, quando alguém quebra uma ferramenta de forma irreparável, não fica lamentando a perda. Apenas arruma outra. É melhor que vocês duas se lembrem disso.

— O que faremos em relação a ele? — perguntou Egwene. — O que podemos fazer?

Nynaeve foi até o guarda-roupa e vasculhou o fundo. Quando voltou, segurava um saco de ervas de tecido listrado.

— Com os meus remédios e um pouco de sorte, talvez eu consiga Curá-lo sozinha.

— Verin não conseguiu — rebateu Elayne. — Moiraine e Verin juntas não conseguiram, e Moiraine tinha um *angreal*. Nynaeve, se você usar muito do Poder Único, pode acabar virando cinzas. Ou, só estancando a si mesma, se tiver sorte. Se é que podemos chamar isso de sorte.

Nynaeve deu de ombros.

— Vivem me dizendo que eu tenho potencial para ser a Aes Sedai mais poderosa dos últimos mil anos. Quem sabe não está na hora de descobrir se estão certas. — Ela deu um puxão na trança.

Por mais corajosas que fossem as palavras de Nynaeve, estava claro que ela sentia medo. *Mas ela não vai deixar Mat morrer, mesmo que para isso*

precise arriscar a própria vida.

— Vivem dizendo que nós três somos tão poderosas, ou seremos. Talvez, se tentarmos todas juntas, possamos conseguir dividir o fluxo entre as três.

— Nunca tentamos trabalhar juntas — comentou Nynaeve, devagar. — Não sei ao certo como combinar nossas habilidades. Tentar isso pode acabar sendo tão perigoso quanto usar muito do Poder.

— Ah, se vamos fazer isso — resmungou Elayne, descendo da cama —, que seja de uma vez. Quanto mais conversarmos, mais assustada eu vou ficar. Mat está em um dos quartos de hóspedes. Não sei em qual deles, mas Sheriam disse que ele estava por lá.

Como se colocasse um ponto final naquela frase, a porta se abriu com um tranco, e uma Aes Sedai entrou como se aquele fosse seu próprio quarto, e elas, as intrusas.

Egwene se curvou em uma mesura profunda, tentando esconder o desânimo em seu rosto.



CAPÍTULO 17



A Irmã Vermelha

Elaida era de uma beleza quase masculina, e a severidade de seu rosto acrescentava maturidade às feições de idade indefinida das Aes Sedai. Não parecia velha, mas Egwene não conseguia imaginar que ela algum dia fora jovem. Exceto em ocasiões mais formais, poucas Aes Sedai usavam o xale bordado de vinhas com a lágrima branca da Chama de Tar Valon nas costas, mas Elaida estava com o seu, a franja vermelha comprida anunciando sua Ajah. O vermelho também entrecortava o vestido de seda creme, e os calçados vermelhos despontaram sob a bainha da saia quando ela entrou no quarto. Os olhos negros fitaram as moças com a mesma expressão de um pássaro encarando uma lesma.

— Então estão todas juntas. De certa forma, não me surpreende. — A voz não ostentava mais que a postura: era uma mulher de autoridade, pronta para exercê-la se julgasse necessário, uma mulher que sabia mais do que aqueles com quem falava, quer fosse uma rainha ou uma noviça.

— Peço perdão, Elaida Sedai — disse Nynaeve, curvando-se em outra medida —, mas eu já estava de saída. Tenho muitos estudos para pôr em dia. A senhora me perdoe...

— Seus estudos podem esperar — respondeu Elaida. — Afinal de contas, já esperaram até demais. — Ela arrancou o saco de tecido das mãos de Nynaeve e desamarrou o nó, mas, depois de uma olhadela dentro, atirou-o no chão. — Ervas. Você não é mais uma Sabedoria de aldeia, criança. Ficar presa ao passado só vai atrapalhar seu progresso.

— Elaida Sedai — disse Elayne —, eu...

— Fique quieta, noviça. — A voz de Elaida era fria e suave, como um pedaço de seda enrolado em aço. — Você pode ter destruído um laço milenar entre Tar Valon e Caemlyn. Fale quando se dirigirem a você.

Os olhos de Elayne fitaram o chão diante de seus pés. Suas bochechas ficaram muito vermelhas. De culpa ou raiva? Egwene não soube dizer.

Ignorando as três, Elaida sentou-se em uma das cadeiras e ajeitou as saias com cuidado. Não gesticulou para que as outras se sentassem. Nynaeve contraiu o rosto e começou a dar pequenos puxões na trança. Egwene desejou que ela fosse capaz de se conter para não ocupar a outra cadeira sem permissão.

Quando Elaida terminou de se acomodar, examinou as três em silêncio por um instante, o rosto indecifrável. Enfim, disse:

— Vocês sabiam que a Ajah Negra está entre nós?

Egwene trocou olhares surpresos com Nynaeve e Elayne.

— Fomos informadas — respondeu Nynaeve, cautelosa. E acrescentou, após uma pausa: — Elaida Sedai.

Elaida arqueou uma sobrancelha.

— Sim. Imaginei que soubessem. — Egwene se assustou com o tom, que insinuava muito mais nas entrelinhas, e Nynaeve abriu a boca cheia de raiva, mas o olhar impassível da Aes Sedai silenciava qualquer língua. — Vocês duas — prosseguiu Elaida, em um tom displicente — desapareceram, carregando a Filha-herdeira de Andor, a menina que *talvez* se torne Rainha de Andor um dia, se eu não lhe arrancar o couro e vender a um fabricante de luvas. Desapareceram sem permissão, sem dizer uma palavra, sem deixar rastros.

— Eu não fui carregada — retrucou Elayne, olhando para o chão. — Fui por vontade própria.

— Vai me obedecer, criança? — Um brilho tênue circundou Elaida. A Aes Sedai tinha os olhos cravados em Elayne. — Ou devo ensiná-la aqui e agora?

Elayne ergueu a cabeça, e não restou dúvida da expressão em seu rosto. Raiva. Por um longo instante, encarou Elaida também.

Egwene cravou as unhas nas palmas das mãos. Era irritante. Ela, Nynaeve ou Elayne poderia destruir Elaida ali mesmo, naquela cadeira. Se pegassem Elaida de surpresa, pelo menos. Afinal, ela tinha treinamento completo. *E, se fizermos outra coisa que não seja aceitar o que ela tem a nos dar, estragaremos tudo. Não estrague tudo agora, Elayne.*

Elayne baixou a cabeça.

— Peço perdão, Elaida Sedai — murmurou. — Eu... esqueci qual é o meu lugar.

O brilho tênue se extinguiu, e Elaida fungou alto.

— Você adquiriu péssimos hábitos, seja lá para onde tenha ido com essas duas. Não pode se dar ao luxo de ter péssimos hábitos, criança. Você será a primeira Rainha de Andor a ser Aes Sedai. A primeira rainha de qualquer lugar a ser Aes Sedai em mil anos. Será a mais forte de todas desde a Ruptura do Mundo, talvez forte o bastante para ser a primeira governante desde a Ruptura a revelar abertamente ao mundo que é Aes Sedai. Não arrisque isso tudo, criança, pois pode acabar perdendo tudo. Eu investi muito tempo nisso. Está me entendendo?

— Acho que sim, Elaida Sedai — respondeu Elayne. Soava como se não houvesse entendido uma palavra. Egwene também não entendera.

Elaida mudou de assunto.

— Vocês podem estar correndo grave perigo. Todas as três. Vocês sumiram e voltaram, e, nesse intervalo, Liandrin e suas... companheiras... foram embora. É inevitável que apontem a coincidência. Temos certeza de que Liandrin e as que foram com ela são Amigas das Trevas. Ajah Negra. Não quero ver Elayne enfrentar as mesmas acusações e, para protegê-la, parece que preciso proteger as três. Contem-me por que fugiram e o que fizeram durante todos esses meses, e verei o que posso fazer por vocês. — Seus olhos fuzilaram Egwene como dois raios.

Egwene se atrapalhou em busca de uma resposta que a Aes Sedai pudesse aceitar. Diziam que Elaida às vezes era capaz de identificar mentiras.

— Foi... foi Mat. Ele está muito doente. — Ela tentou escolher as palavras com cuidado, preocupada em não dizer algo que não fosse verdade, mas não sinalizar nada próximo da verdade. *Aes Sedai fazem isso o tempo todo.* — Nós fomos... nós o trouxemos de volta para ser Curado. Se não trouxéssemos, ele morreria. A Amyrlin vai Curá-lo. — *Eu espero.*

Ela se obrigou a encarar a Aes Sedai Vermelha, esforçando-se para não remexer os pés e denunciar a culpa. Pela expressão de Elaida, não havia como dizer se ela havia acreditado.

— Já basta, Egwene — disse Nynaeve. O olhar penetrante de Elaida voltou-se para ela, mas a moça não demonstrou ter sido afetada. Encarou a Aes Sedai sem piscar. — Peço perdão por interromper, Elaida Sedai — disse, suavemente —, mas o Trono de Amyrlin disse que nossas transgressões deveriam ficar para trás e ser esquecidas. Como parte de um

novo começo, não devemos sequer falar sobre elas. A Amyrlin disse que seria como se nada tivesse acontecido.

— Ela disse isso, foi? — Nada na voz ou no rosto de Elaida indicava se ela acreditava ou não. — Interessante. Depois de a punição ser anunciada à Torre inteira, é difícil esquecer completamente. Sem precedentes, isso. Jamais se ouviu falar de algo anunciado assim, ao não ser em casos de estancamento. Posso ver por que está ávida por deixar tudo para trás. Compreendo que será elevada a Aceita, Elayne. E Egwene também. Isso está longe de ser uma punição.

Elayne olhou a Aes Sedai, como se pedisse permissão para falar.

— A Mãe disse que estávamos prontas — falou. Um toque de desafio adentrou sua voz. — Eu aprendi, Elaida Sedai, e cresci. Se eu não tivesse, ela não teria me indicado a ser elevada.

— Aprendeu — repetiu Elaida, contemplativa. — E cresceu. Talvez você tenha mesmo. — Não havia indício em sua voz de que considerasse aquilo bom. Ela olhou de volta a Egwene e Nynaeve, indagativa. — Vocês retornaram com este Mat, um jovem da aldeia de vocês. Havia outro rapaz da aldeia. Rand al'Thor.

Egwene sentiu uma mão gelada lhe agarrar o estômago.

— Espero que ele esteja bem — disse Nynaeve, com a voz calma, mas com o punho cerrado em volta da trança. — Não o vemos há algum tempo.

— Um jovem interessante. — Elaida observava as três enquanto falava. — Eu só o vi uma vez, mas o achei... bem interessante. Acredito que ele seja *ta'veren*. As respostas a muitas perguntas podem estar nele. Esse Campo de Emond deve ser um lugar incomum, para ter produzido vocês duas. E Rand al'Thor.

— É só uma aldeia — respondeu Nynaeve. — Uma aldeia como qualquer outra.

— Sim. É claro. — Elaida sorriu, um esgar de lábios que fez o estômago de Egwene revirar. — Fale sobre ele. A Amyrlin não ordenou que ficasse calada a respeito do rapaz também, ordenou?

Nynaeve deu um puxão na trança. Elayne encarava o carpete como se algo importante estivesse escondido ali, e Egwene quebrava a cabeça à procura de uma resposta. *Ela identifica mentiras, é o que dizem. Luz, se ela realmente for capaz de identificar mentiras...* O momento se arrastou, até que por fim Nynaeve abriu a boca.

No mesmo instante, a porta se abriu. Sheriam olhou o quarto com certa surpresa.

— Que bom encontrar você aqui, Elayne. Quero falar com todas as três. Não esperava ver você, Elaida.

Elaida ficou parada, ajeitando o xale.

— Estamos todas curiosas sobre essas moças. Por que fugiram. Que aventuras viveram enquanto estiveram longe. Dizem que a Mãe ordenou que não falassem a respeito.

— É bom que não falem — confirmou Sheriam. — Elas serão punidas, e fim da história. Sempre achei que, depois da aplicação de uma punição, a falta que a originou devesse ser apagada.

Por um longo instante, as duas Aes Sedai ficaram olhando uma para a outra, sem expressão nos rostos plácidos. Então, Elaida disse:

— Naturalmente. Quem sabe eu converse com elas outra hora. Sobre outros assuntos. — Ela lançou às três mulheres de branco um olhar que pareceu a Egwene conter um aviso, depois passou depressa por Sheriam.

Segurando a porta aberta, a Mestra das Noviças observou a outra Aes Sedai descer o corredor. Seu rosto ainda era indecifrável.

Egwene soltou uma respiração aliviada, que ecoou em Nynaeve e Elayne.

— Ela me ameaçou — disse Elayne, incrédula, meio para si mesma. — Ela ameaçou me estancar se eu não deixar de ser... teimosa!

— Foi um mal-entendido — disse Sheriam. — Se ser teimosa fosse uma ofensa que requeresse estancamento, a lista de estancadas seria maior do que você imagina. Poucas mulheres submissas conseguem obter anel e xale. Isso não significa, naturalmente, que você não deva aprender a agir de forma submissa quando for preciso.

— Sim, Sheriam Sedai — disseram as três em uma só voz, e Sheriam sorriu.

— Estão vendo? Vocês são capazes de aparentar submissão, pelo menos. E terão muitas oportunidades de praticar antes de conquistarem o direito de cair de volta nas graças da Amyrlin. E nas minhas. Da minha parte, será mais difícil.

— Sim, Sheriam Sedai — disse Egwene, mas dessa vez apenas Elayne a acompanhou.

— E o... corpo, Sheriam Sedai? — perguntou Nynaeve. O... Sem-alma? A senhora descobriu quem o matou? Ou por que ele entrou na Torre?

Sheriam contraiu os lábios.

— Você avança um passo, Nynaeve, e em seguida retrocede. Dada a falta de espanto de Elayne, presumo que tenha contado a ela, *mesmo eu tendo mandado que não falasse sobre o assunto!* Sendo assim, há exatamente sete

peessoas na Torre que estão cientes de que um homem foi morto hoje no alojamento das noviças, e duas delas são rapazes que não sabem nada mais. Exceto que precisam manter as bocas caladas. Se uma ordem da Mestra das Noviças não tem peso algum para você, e se esse for o caso, eu corrigirei isso. E talvez você obedeça a uma do Trono de Amyrlin. Não deve falar sobre isso com ninguém exceto comigo ou a Mãe. A Amyrlin não aceitará mais rumores somados àqueles contra os quais já temos que lutar. Fui clara?

A firmeza da voz da mulher produziu um coro de “Sim, Sheriam Sedai”, mas Nynaeve recusou-se a parar por ali.

— A senhora disse sete, Sheriam Sedai. Mais a pessoa que o matou. E talvez o assassino tivera ajuda para entrar na Torre.

— Isso não é da sua conta. — O olhar firme de Sheriam incluía todas as três. — Eu farei todas as perguntas necessárias a respeito deste homem. Vocês devem esquecer que sabem qualquer coisa sobre o assunto. Se eu descobrir que estão fazendo algo diferente disso... bem, há afazeres piores que esfregar panelas para ocupar a cabeça de vocês. Não aceitarei nenhuma desculpa. Por acaso têm mais alguma pergunta?

— Não, Sheriam Sedai.

Dessa vez, para alívio de Egwene, Nynaeve juntou-se ao coro. Não que o alívio fosse grande. A vigilância de Sheriam tornaria ainda mais difícil a caça à Ajah Negra. Por um instante, Egwene sentiu vontade de rir de forma histérica. *Se a Ajah Negra não nos pegar, Sheriam vai fazer isso.* A ânsia de rir desapareceu. *Isso se a própria Sheriam não for da Ajah Negra.* Ela desejou afastar o pensamento.

Sheriam assentiu.

— Muito bem, então. Vocês vêm comigo.

— Aonde? — perguntou Nynaeve, acrescentando, um instante antes da Aes Sedai apertar os olhos: — Sheriam Sedai.

— Você esqueceu — retrucou Sheriam, em um tom áspero — que, na Torre, a Cura é sempre realizada na presença daqueles que trouxeram o doente?

Egwene pensou que o estoque de paciência da Mestra das Noviças com elas já estava esgotado, mas, antes que pudesse se conter, ela gritou:

— Então ela *vai* Curá-lo!

— O próprio Trono de Amyrlin, entre outras, cuidará dele. — O rosto de Sheriam era tão inexpressivo quanto a voz. — Vocês tinham alguma razão para duvidar disso? — Egwene conseguiu apenas balançar a cabeça. — Pois

então estão desperdiçando o tempo do amigo de vocês, paradas aqui. O Trono de Amyrlin não pode ficar esperando.

Apesar das palavras da Aes Sedai, Egwene teve a sensação de que ela não tinha a menor pressa.



CAPÍTULO 18



Cura

Lampiões em suportes de ferro presos às paredes iluminavam os subterrâneos da Torre, por onde Sheriam as conduzia. As poucas portas pelas quais passavam direto estavam fechadas. Algumas estavam trancadas, outras eram entalhadas de modo tão engenhoso que Egwene só reparava nelas quando passava bem em frente. Quase todos os cruzamentos entre corredores davam para passagens escuras, e, em algumas outras, via somente o brilho fraco de luzes espaçadas ao longe. Não havia ninguém por ali. Aquele local não era muito frequentado, nem mesmo pelas Aes Sedai. O ar não era frio nem quente, mas Egwene tremia, ao mesmo tempo que sentia um filete de suor escorrendo pelas costas.

Era ali, nas profundezas da Torre Branca, que as noviças passavam pelo último teste antes de serem elevadas a Aceitas. Ou expulsas da torre, caso falhassem. Ali, as Aceitas faziam os Três Juramentos após passarem pelo teste final. Egwene percebeu que ninguém jamais revelara o que acontecia a uma mulher que falhasse. Ali, em algum lugar, ficava a sala onde eram guardados os poucos *angreal* e *sa'angreal* da Torre, assim como os locais onde os *ter'angreal* eram armazenados. A Ajah Negra invadira aqueles depósitos. E se alguma delas estivesse à espreita, em um daqueles corredores escuros? E se Sheriam não estivesse levando-as até Mat, mas sim até...

Ela soltou um gritinho quando a Aes Sedai parou de repente, e ruborizou ao notar o olhar indagativo das outras.

— Estava pensando na Ajah Negra — explicou, sem forças.

— Não pense nisso — retrucou Sheriam, e dessa vez soou como a Mestra das Noviças de sempre: gentil, porém firme. — A Ajah Negra não deve ser uma preocupação de vocês pelos próximos anos. Vocês têm aquilo que o resto de nós não têm: tempo para se prepararem até que precisem enfrentar isso. Por ora, bastante tempo. Quando entrarmos, fiquem encostadas na parede e em silêncio. A presença de vocês é uma concessão, apenas para que possam observar, não para perturbar ou interferir. — Ela abriu uma porta de metal cinza, entalhada de modo a se assemelhar à pedra.

A sala quadrada era espaçosa, com paredes de pedra nuas e pálidas. A única peça de mobília era uma mesa comprida de pedra forrada com pano branco, bem no meio da sala. Mat estava deitado sobre ela, todo vestido, mas descalço e sem casacos, os olhos fechados e o rosto tão encovado que Egwene sentiu vontade de chorar. A respiração ofegante do rapaz produzia um chiado rouco. A adaga de Shadar Logoth pendia, embainhada no cinturão. O rubi da empunhadura parecia ter acumulado luz e brilhava intensamente, como um olho vermelho, sem sequer ser ofuscado pela luz de dez lampiões, que era ampliada pelas paredes claras e pelo chão de azulejos brancos.

O Trono de Amyrlin estava de pé diante da cabeça de Mat, e Leane, aos pés do rapaz. Quatro Aes Sedai estavam de um dos lados da mesa, e três, do outro. Sheriam se juntou às três. Uma delas era Verin. Egwene reconheceu Serafelle, outra irmã Marrom, Alanna Mosvani, da Ajah Verde, e Anaiya, da Azul, que era a Ajah de Moiraine.

Alanna e Anaiya tinham sido suas professoras em algumas aulas sobre como se abrir para a Fonte Verdadeira, se entregar a *saidar* e poder controlá-la. Além disso, entre a chegada e a partida da Torre Branca, Egwene fora testada cerca de cinquenta vezes por Anaiya, para descobrir se era uma Sonhadora. Os testes não foram conclusivos, mas a gentil Anaiya, cujo rosto comum carregava o sorriso terno que era sua única beleza, continuava a chamá-la para novos testes, implacável como um pedregulho a rolar colina abaixo.

As outras eram desconhecidas, exceto por uma mulher de olhar frio que ela pensou ser uma Branca. A Amyrlin e a Curadora usavam as estolas, naturalmente, mas nenhuma das outras portava qualquer coisa que as identificasse, com exceção dos anéis da Grande Serpente e os rostos de idade indefinida das Aes Sedai. Nenhuma delas deu sinais de que percebia a presença de Egwene e das outras duas, nem sequer por um olhar.

Apesar da calma aparente das mulheres em volta da mesa, Egwene percebeu pequenos sinais de insegurança. Uma tensão nos lábios de Anaiya. Um leve franzir no rosto belo e escuro de Alanna. Sem perceber, a mulher de olhos frios não parava de alisar o vestido azul-claro na altura dos quadris.

Uma Aes Sedai que Egwene não conhecia pousou uma caixa de madeira comprida, estreita, lisa e polida na mesa, então a abriu. Do forro de seda vermelha, a Amyrlin retirou uma varinha branca e canelada do comprimento de seu antebraço. Poderia ser de osso ou marfim, mas não era de qualquer um dos dois materiais. Ninguém vivo sabia de que era feita.

Egwene nunca vira aquela varinha, mas reconheceu o objeto de uma palestra que Anaiya dera às noviças. Um dos poucos *sa'angreal*, talvez o mais poderoso que a Torre guardava. *Sa'angreal* não tinham poder próprio, é claro, eram meros instrumentos para concentrar e ampliar o tanto que uma mulher conseguia canalizar, mas, com aquele bastão, uma Aes Sedai poderosa talvez fosse capaz de derrubar os muros de Tar Valon.

Egwene agarrou a mão de Nynaeve e a de Elayne, cada uma de um lado. *Luz! Elas não têm certeza se poderão Curá-lo, mesmo com um sa'angreal. Mesmo com este sa'angreal! Que chances nós três teríamos? É provável que o matássemos, e a nós mesmas também. Luz!*

— Vou combinar os fluxos — disse a Amyrlin. — Tomem cuidado. O Poder necessário para quebrar o elo com a adaga e Curar os danos causados por ela é muito próximo do que pode matá-lo. Vou me concentrar. Vamos lá.

Ela segurou a varinha bem à frente com ambas as mãos, acima do rosto de Mat. Ainda inconsciente, o rapaz sacudiu a cabeça e agarrou o punho da adaga, murmurando algo que parecia uma negativa.

Um brilho tênue surgiu ao redor de cada Aes Sedai, aquela luz branca e suave que podia ser vista apenas por uma mulher capaz de canalizar. Bem lentamente, as luzes se propagaram, e o brilho que emanava de cada uma tocou o da mulher ao lado, fundindo-se até que se tornassem uma única luz. Uma luz que, aos olhos de Egwene, reduzia os lampiões a nada. Naquele brilho, via-se ainda outra luz, mais forte. Um bastão de fogo branquíssimo. *O sa'angreal.*

Egwene conteve o ímpeto de se abrir a *saidar* e acrescentar seu fluxo à corrente. Era uma atração tão forte que quase a derrubava de joelhos. Elayne apertou sua mão com mais força. Nynaeve deu um passo em direção à mesa, depois parou, sacudindo a cabeça. *Luz, pensou Egwene, eu consigo.*

Mas não sabia o que dizia que conseguia. *Luz, é tão forte. É tão... maravilhoso.* A mão de Elayne tremia.

Mat se agitava na mesa, em meio ao brilho, dando trancos convulsivos, emitindo murmúrios indistintos. Porém, não soltava a adaga e mantinha os olhos fechados. Devagar, muito devagar, ele começou a arquear as costas, os músculos tensos a ponto de estremecer. Ainda assim, lutou e resistiu até que apenas os ombros e calcanhares tocassem a mesa. A mão que segurava a adaga se abriu e soltou o cabo, trêmula. Foi forçada, relutante, a se afastar. Os lábios se desprenderam dos dentes, se abrindo em um rosnado, uma careta de dor, e a respiração saía em grunhidos forçados.

— Estão matando ele — sussurrou Egwene. — A Amyrlin está matando Mat! Precisamos fazer alguma coisa!

Também baixinho, Nynaeve respondeu:

— Se as impedirmos... se conseguirmos impedi-las... ele vai morrer. Acho que eu só daria conta de metade desse tanto de Poder. — Ela fez uma pausa, como se acabasse de ouvir a si própria afirmar ser capaz de canalizar metade do que dez Aes Sedai completas conseguiam com um *sa'angreal*, e sua voz ficou ainda mais fraca. — Luz, me ajude, eu quero...

Ela se calou de repente. Estava dizendo que queria ajudar Mat ou que queria canalizar todo aquele fluxo de Poder? Egwene sentia o mesmo anseio, como uma canção que a impelia a dançar.

— Precisamos confiar nelas — continuou Nynaeve, por fim, em um sussurro forte. — Ou ele não terá chance.

De repente, Mat soltou um grito alto e forte:

— *Muad'drin tia dar allende caba'drin rhadiem!* — Estava arqueado e se contorcia, os olhos bem fechados, mas urrava as palavras com clareza. — *Los Valdar Cuebiyari! Los! Carai an Caldazar! Al Caldazar!*

Egwene franziu a testa. Aprendera o suficiente para reconhecer a Língua Antiga, ainda que não compreendesse mais que algumas palavras. *Carai an Caldazar! Al Caldazar!* “Pela honra da Águia Vermelha! Pela Águia Vermelha!” Antigos gritos de guerra de Manetheren, uma nação extinta durante as Guerras dos Trollocs. Uma nação que vivia onde agora estava Dois Rios. Disso, ela sabia. No entanto, de alguma forma teve a sensação, por um instante, de que deveria compreender o restante também. Como se o significado estivesse logo ali, na ponta da língua.

Com um barulho alto de couro se rasgando, a adaga de punho dourado se soltou do cinturão de Mat e se elevou cerca de um pé acima do corpo enrijecido. O rubi reluzia, parecendo emanar faíscas vermelhas, como se também resistisse à Cura.

Mat abriu os olhos e encarou as mulheres ao redor com raiva.

— *Mia ayende, Aes Sedai! Caballein misain ye! Inde muagdhe Aes Sedai misain ye! Mia ayende!* — Então começou a gritar, um rugido raivoso e incessante, até que Egwene se perguntou se ainda restava algum ar dentro dele.

Depressa, Anaiya inclinou-se para alcançar uma caixa escura de metal sob a mesa e a arrastou, como se estivesse pesada. Quando a pousou ao lado de Mat e abriu a tampa, não havia muito espaço dentro das laterais de duas polegadas. Anaiya inclinou-se outra vez, alcançou um pegador parecido com os usados na cozinha pelas donas de casa e pinçou a adaga flutuante com o mesmo cuidado que teria com uma serpente venenosa.

Os gritos de Mat aumentaram, frenéticos. O rubi reluzia intensamente, com seu brilho vermelho-sangue.

A Aes Sedai atirou a adaga na caixa, a qual tapou bruscamente, soltando um suspiro alto ao ouvir o clique da tampa se fechando.

— Uma imundície — falou.

Assim que a adaga foi encoberta, Mat parou de berrar e entrou em colapso, como se os músculos e ossos tivessem se transformado em água. Um instante depois, o brilho tênue que envolvia as Aes Sedai e a mesa se extinguiu.

— Pronto — completou a Amyrlin com a voz rouca, como se também tivesse se esgoelado. — Acabou.

Algumas Aes Sedai estavam encurvadas, e mais de uma testa pingava de suor. Anaiya puxou um lenço de linho da manga e limpou o rosto sem cerimônias. A Branca de olhos frios dava pancadinhas quase furtivas nas bochechas com um pedaço de renda de Lugard.

— É fascinante — comentou Verin. — Que o sangue antigo possa fluir com tanta intensidade em alguém, nos dias de hoje. — Ela e Serafelle aproximaram as cabeças e conversaram baixinho, gesticulando muito.

— Ele está Curado? — perguntou Nynaeve. — Vai... viver?

Mat estava deitado, parecia dormir, mas ainda tinha as bochechas fundas e o ar abatido. Egwene nunca ouvira falar de uma Cura que não curasse *tudo*. *A não ser que separá-lo da adaga tenha esgotado todo o poder que usaram. Luz!*

— Brendas — disse a Amyrlin —, leve-o de volta ao quarto.

— Como a senhora ordenar, Mãe — respondeu a mulher de olhos frios, com uma mesura tão indiferente quanto ela própria. Quando ela saiu para convocar os carregadores, várias das outras Aes Sedai também se foram,

incluindo Anaiya. Verin e Serafelle a seguiram, ainda conversando em um tom baixo demais para que Egwene entendesse o que diziam.

— Mat está bem? — inquiriu Nynaeve.

Sheriam ergueu as sobrancelhas. O Trono de Amyrlin virou-se para elas.

— Na medida do possível — respondeu friamente. — Apenas o tempo pode dizer. Carregar algo com a mácula de Shadar Logoth por um período tão longo... quem sabe que efeitos isso pode ter causado? Talvez nenhum, talvez muitos. Veremos. Mas o elo com a adaga está desfeito. Agora ele precisa de descanso e do máximo de comida possível. E deve viver.

— O que ele estava gritando, Mãe? — perguntou Elayne, acrescentando depressa: — Se me permite a pergunta.

— Estava comandando soldados. — A Amyrlin lançou um olhar intrigado ao jovem na mesa. Ele não se movia desde o desmaio, mas Egwene achou a respiração mais tranquila e regular. — Em uma batalha de dois mil anos atrás, eu diria. O sangue antigo está voltando.

— Ele não falou só da batalha — retrucou Nynaeve. — Ouvi as palavras “Aes Sedai”. Isso não era de uma batalha... Mãe — acrescentou, um pouco tarde.

A Amyrlin refletiu por um instante. Talvez pensando no que dizer, talvez considerando se deveria dizer algo.

— Creio que, durante alguns momentos — começou, por fim —, o passado e o presente tenham sido um só. Ele estava lá e aqui, e sabia quem éramos. Ordenou que o libertássemos. — Ela fez outra pausa. — “Sou um homem livre, Aes Sedai. Não sou comida de Aes Sedai.” Foi o que disse.

Leane fungou alto, e algumas das outras Aes Sedai murmuraram entre dentes, irritadas.

— Mas, Mãe — retrucou Egwene —, não deve ter sido intenção dele dizer isso. Manetheren era aliada de Tar Valon.

— Manetheren era aliada, criança — respondeu a Amyrlin —, mas quem é que compreende o coração de um homem? Nem ele próprio, imagino. O homem é o animal mais fácil de prender a uma corrente, mas o mais difícil de controlar. Mesmo quando ele próprio decide ser preso.

— Mãe — disse Sheriam —, está tarde. As cozinheiras devem estar esperando as ajudantes.

— Mãe — perguntou Egwene, ansiosa —, será que podemos ficar com Mat? Se ele ainda tem chances de morrer...

O olhar da Amyrlin era firme, e o rosto, inexpressivo.

— Vocês têm trabalho a fazer, criança.

Ela não se referia a esfregar panelas. Egwene tinha certeza.

— Sim, Mãe. — Ela fez uma medida, e suas saias roçaram as de Nynaeve e Elayne, que também se curvavam. Lançou um último olhar a Mat e saiu atrás de Sheriam. O rapaz ainda não se movera.



CAPÍTULO 19



Despertar

Mat abriu os olhos bem devagar e encarou o teto de gesso branco, perguntando-se onde estava e como chegara até ali. Ornamentos de folhas douradas margeavam o teto, e o colchão sob suas costas parecia feito de penas. Estava em um lugar rico, portanto. Um lugar com dinheiro. Mas não se lembrava de “onde” e “como”, nem de muitas outras coisas.

Ele andara sonhando, e partes do sonho ainda se misturavam às lembranças em sua cabeça. Ele não conseguia distinguir o que era real do que não era. Fugas e lutas violentas, pessoas estranhas do outro lado do oceano, Caminhos, Pedras-portais e fragmentos de outras vidas saídos direto dos contos de um menestrel... essa parte tinha que ser sonho. Pelo menos era o que ele achava. Mas Loial não era parte de um sonho, e era um Ogier. Trechos de conversas lhe voltaram à memória, conversas com o pai, os amigos, Moiraine, uma bela mulher, o capitão de um navio e um homem bem-vestido que falava como um pai que dá sábios conselhos. Aquilo provavelmente era real. Mas não passavam de fragmentos. À deriva.

— *Muad'drin tia dar allende caba'drin rhadiem* — murmurou. As palavras eram apenas sons, mas o fizeram se lembrar de... algo.

As fileiras abarrotadas de lanceiros estendiam-se por mais de uma milha de cada lado abaixo dele, pontilhadas com as bandeiras e os estandartes das cidades, vilarejos e Casas menores. O rio protegia o flanco da esquerda, e os pântanos e atoleiros, o da direita. Do alto da colina, ele observava os lanceiros lutarem contra a massa de Trollocs que tentava invadir, em um número dez vezes maior que os humanos. Lanças penetravam as armaduras negras dos Trollocs, e machados de guerra abriam buracos sangrentos entre

as fileiras de humanos. Gritos e urros varavam o ar. O sol ardia alto no céu límpido, o calor tremeluzia sobre as linhas de batalha. Flechas ainda choviam sobre os inimigos, dilacerando Trollocs e humanos indiscriminadamente. Ele suspendera o ataque dos arqueiros, mas os Senhores do Medo não se importavam com o próprio exército, contanto que destruíssem a linha. No cume atrás dele, a Guarda Cardial aguardava seu comando, e os cavalos pisoteavam o chão, impacientes. As armaduras de homens e cavalos brilhavam prateadas sob a luz do sol. Nenhum deles aguentaria aquele calor por muito mais tempo.

Precisavam vencer ou morreriam. Sua fama de jogador era notória, e chegara a hora de rolar os dados. Com uma voz que podia ser ouvida mesmo com o tumulto abaixo, ele emitiu a ordem enquanto subia na sela.

— Soldados de infantaria, preparem-se para passar adiante da cavalaria!

O porta-estandarte pôs-se ao seu lado, a Águia Vermelha drapejando acima da cabeça, e o comando foi repetido de um extremo a outro da fila.

Abaixo, os lanceiros se moveram de repente, desviando-se com muita disciplina, estreitando a formação e abrindo largos espaços entre as fileiras, para onde os Trollocs correram, com urros bestiais, avançando como uma onda negra e mortal.

Ele desembainhou a espada e a ergueu bem alto.

— Avante a Guarda Cardial! — Fincou os calcanhares no cavalo, que saiu trotando encosta abaixo. Atrás dele, cascos estrondearam ao seu comando.

— Avante! — Ele foi o primeiro a atacar os Trollocs, a espada subindo e descendo, o porta-estandarte logo atrás. — Pela honra da Águia Vermelha!

— A Guarda Cardial avançou para os espaços entre os lanceiros, esmagando a onda, fazendo-a recuar. — A Águia Vermelha! — Rostos semi-humanos rosnavam para ele, espadas com curvaturas estranhas o acossavam, mas ele forçou a passagem ainda mais. Vencer ou morrer. — Manetheren!

Mat levou as mãos trêmulas à testa.

— Los Valdar Cuebiyari — murmurou. Ele tinha quase certeza do que significava: “Avante a Guarda Cardial” ou talvez “A Guarda Cardial avançará”. Mas não podia ser isso. Moiraine lhe ensinara algumas palavras da Língua Antiga, e era tudo o que ele sabia. O restante poderia muito bem ser inventado. — Besteira — disse asperamente. — Nem deve ser a Língua Antiga. Só baboseiras. Aquela Aes Sedai é louca. Foi só um sonho.

Aes Sedai. Moiraine. Ele de repente se deu conta de que estava com o pulso fino e as mãos ossudas, e os encarou. Estivera doente. Algo a ver com uma adaga. Uma adaga com um rubi no punho, e uma cidade, havia muito morta e corrompida, chamada Shadar Logoth. Tudo era distante e

nebuloso, e nada fazia sentido, mas ele sabia que não era sonho. Egwene e Nynaeve haviam trazido-o a Tar Valon para ser Curado. Pelo menos daquilo ele se lembrava.

Tentou se sentar e caiu de volta, fraco como um cordeiro recém-nascido. Com dificuldade, conseguiu se levantar e jogou para longe o cobertor de lã. Não usava roupas. Talvez estivessem no armário de videiras esculpidas encostado na parede. Por um instante, não se preocupou com aquilo. Lutou para ficar de pé, cruzou o carpete florido, cambaleando, agarrou-se a uma poltrona de espaldar alto e lançou-se com uma guinada até a mesa com volutas douradas nos pés e bordas.

Velas de cera de abelha, quatro em cada suporte alto, com pequenos espelhos atrás das chamas, iluminavam bem o recinto. Um espelho maior na parede acima do lavatório muito bem polido refletia sua figura encovada e enfraquecida, com rosto magro, olhos negros e fundos, cabelos úmidos de suor, curvado como um velho, e trêmulo feito pasto ao vento. Corrigiu a postura, mas não fez grande diferença.

Sobre a mesa à frente havia uma grande bandeja coberta, e ele sentiu o cheiro de comida. Puxou o pano, revelando duas grandes jarras de prata e travessas de porcelana fina e verde. Ouvira dizer que o Povo do Mar cobrava o peso daquela porcelana em prata. Esperava ver caldo de carne ou molejas, o tipo de comida que se empurra pela goela dos inválidos. Em vez disso, um dos pratos continha uma pilha de fatias generosas de rosbife, com mostarda marrom e raiz-forte. Nos outros havia batatas assadas, vagem com cebolas, repolho e ervilhas, além de pickles e um naco de queijo amarelo. Grossas fatias de pão com casca e uma manteigueira. Uma das jarras estava cheia de leite, ainda coberto das gotículas formadas pela condensação, e a outra cheirava a vinho com especiarias. Havia comida e bebida suficientes para quatro homens. Sua boca ficou cheia d'água, e seu estômago roncou.

Primeiro, preciso descobrir onde estou. Porém, enrolou uma fatia de rosbife e mergulhou na mostarda antes de se afastar da mesa em direção às três janelas compridas e estreitas.

As persianas de madeira esculpidas com padrões de renda estavam fechadas, mas pelos vãos ele viu que já era noite lá fora. As luzes das outras janelas formavam pontinhos na escuridão. Por um instante, Mat se debruçou no peitoril da janela, frustrado, mas logo começou a pensar.

Seu pai sempre dizia que é possível tirar vantagem das piores coisas, basta pensar, e sem dúvida Abell Cauthon era o melhor negociante de cavalos de Dois Rios. Quando alguém parecia levar vantagem sobre o pai de

Mat, sempre acabavam descobrindo que o sujeito na verdade levava a pior. Não que Abell Cauthon fosse desonesto, mas nem mesmo o povo de Barca do Taren se aproveitava dele, e todos sabiam como aquela gente adorava sair por cima. E era assim porque seu pai sempre analisava as coisas e pensava em todas as possibilidades.

Tar Valon. Só podia ser Tar Valon. Aquele quarto era digno de um palácio. Só o carpete domanês florido devia custar o preço de uma fazenda. E mais, ele sentia que não estava mais doente, e, pelo que ouvira dizer, Tar Valon era a única chance que tinha de ficar bom. Nunca se sentira doente de fato, não que pudesse lembrar, nem mesmo quando Verin, outro nome que surgira do nada, dissera a alguém próximo que ele estava morrendo. Agora, sentia-se fraco como um bebê e faminto como um lobo, mas de alguma forma tinha certeza de que passara por uma Cura. *Eu me sinto... inteiro e disposto, é isso. Fui Curado.* Encarou as persianas com uma careta.

Curado. Aquilo significava que haviam usado o Poder Único nele. A ideia lhe deu arrepios, mas ele já imaginava que isso aconteceria.

— Melhor que morrer — disse a si mesmo. Algumas histórias que ouvira sobre Aes Sedai voltaram à mente. — Tem que ser melhor que morrer. Até Nynaeve pensou que eu morreria. De qualquer modo, agora já foi. E ficar me preocupando com isso não vai ajudar em nada. — Ele percebeu que terminara de comer a fatia de rosbife e que lambia os dedos.

Cambaleante, voltou para a mesa. Havia um banquinho debaixo dela. Puxou e se sentou. Sem ligar para os talheres, enrolou outra fatia de rosbife. Como é que poderia, em Tar Valon — *na Torre Branca, só podia ser* —, tirar vantagem de alguma coisa?

Tar Valon significava Aes Sedai. Aquilo era motivo bastante para não ficar ali nem por uma hora. O que se lembrava do período com Moiraine, e depois com Verin, não era suficiente para tirar conclusões. Não conseguia se lembrar de nenhuma das duas fazendo algo muito terrível, mas também não recordava muita coisa daquele período. De qualquer forma, fosse lá o que as Aes Sedai fizessem, faziam por seus próprios motivos.

— E esses motivos nem sempre são os que você imagina — resmungou, com a boca cheia de batatas, depois as engoliu. — Uma Aes Sedai nunca mente, mas a verdade que ela conta nem sempre é a verdade que você pensa ouvir. Disso eu preciso me lembrar: não posso confiar nelas, mesmo quando penso que sei a verdade. — Não era uma conclusão animadora. Ele encheu a boca de ervilhas.

Pensar sobre Aes Sedai o fez se lembrar de algumas coisas a respeito delas. As sete Ajahs: Azul, Vermelha, Marrom, Verde, Amarela, Branca e

Cinza. As Vermelhas eram as piores. *Exceto pela Ajah Negra, que todas dizem que não existe.* Mas a Ajah Vermelha não deveria representar ameaça. Elas se interessavam apenas pelos homens capazes de canalizar.

Rand. Que me queime, como é que pude me esquecer disso? Onde é que ele está? Será que está bem? Soltou um suspiro de lamento e espalhou manteiga num pedaço de pão ainda quente. *Será que já enlouqueceu?*

Ainda que soubesse as respostas, nada podia fazer para ajudar Rand. E tinha dúvidas se o ajudaria, caso pudesse. O amigo era capaz de canalizar, e Mat crescera ouvindo histórias de homens que canalizavam, histórias contadas para assustar as crianças. Histórias que também assustavam os adultos, pois algumas eram verdadeiras até demais. Descobrir que Rand era capaz de canalizar fora como ficar sabendo que seu melhor amigo torturava animaizinhos e matava bebês. Depois de finalmente acreditar, ficava difícil continuar chamando-o de amigo.

— Preciso cuidar de mim mesmo — disse, irritado. Virou a jarra de vinho na caneca de prata e percebeu, surpreso, que estava vazia. Então, encheu a caneca com leite. — Egwene e Nynaeve querem ser Aes Sedai. — Não se lembrava disso até dizer a frase em voz alta. — Rand está seguindo Moiraine por aí e dizendo ser o Dragão Renascido. Sabe a Luz o que Perrin está aprontando. Tem agido feito louco desde que ficou com os olhos estranhos. Preciso cuidar de mim. — *Que me queime, eu preciso! Sou o único que ainda está lúcido. Só sobrou eu.*

Tar Valon. Bem, supostamente essa era a cidade mais rica do mundo, e o centro de comércio entre as Terras da Fronteira e o sul, o centro do poder das Aes Sedai. Achava pouco provável que uma Aes Sedai fosse querer jogar e apostar com ele. Ou que fosse confiar no rolar dos dados ou no virar das cartas dele, caso a convencesse a jogar. Mas tinha que haver mercadores, além de outras pessoas com ouro e prata. E ele poderia aproveitar um pouco da cidade por alguns dias. Sabia que viajara bastante desde que deixara Dois Rios, mas, exceto por algumas vagas lembranças de Caemlyn e Cairhien, não se lembrava de nada das cidades grandes. Sempre desejava conhecer uma cidade grande.

— Mas não uma cheia de Aes Sedai — resmungou, amargo, raspando as últimas ervilhas. Engoliu-as de uma só vez e foi pegar um pouco mais de rosbife.

Absorto, se perguntou se as Aes Sedai o deixariam ficar com o rubi da adaga de Shadar Logoth. Suas lembranças da adaga eram um tanto confusas, porém mesmo assim era como se recordar de um ferimento terrível. Seu estômago se embrulhou, e uma dor aguda lhe perfurou as

têmporas. Porém, a lembrança do rubi era muito clara em sua mente: do tamanho de seu dedão, escuro feito uma gota de sangue, brilhante como um olho carmesim. Mas sem dúvida tinha mais direito a ele do que elas, e a joia devia valer umas dez fazendas perto de casa.

Provavelmente vão dizer que também está maculado. E decerto estava. Ainda assim, alimentava a fantasia de oferecer o rubi a algum dos Coplins em troca da melhor terra que tinham. Quase todos daquela família eram encrenqueiros desde o berço, quando também não eram mentirosos e ladrões, e mereciam tudo o que lhes pudesse acontecer e muito mais. No entanto, ele não acreditava de verdade que as Aes Sedai lhe devolveriam o rubi, nem apreciava a ideia de levá-lo até Campo de Emond, caso o fizessem. Além do mais, ser o dono da maior fazenda de Dois Rios já não era um pensamento tão empolgante quanto fora, um dia. Aquela já havia sido sua maior ambição, além de se tornar um mercador de cavalos à altura do pai. Nesse momento, parecia um desejo tão pequeno, tendo em vista o mundo inteiro que estava à sua espera.

Antes de tudo, decidiu, encontraria Egwene e Nynaeve. *Talvez elas tenham recobrado o bom senso. Talvez tenham desistido dessa bobagem de se tornarem Aes Sedai.* Não acreditava que teriam, mas não podia partir sem vê-las. Ele partiria, isso era certo. Uma visita a elas, um dia para ver a cidade, talvez um jogo de dados para encher os bolsos, e ele partiria para algum lugar onde não houvesse Aes Sedai. Queria ver um pouco do mundo antes de voltar para casa — *voltarei para casa um dia. Um dia, eu voltarei* —, mas sem Aes Sedai para fazê-lo dançar conforme suas músicas.

Revirando a bandeja à procura de algo mais para comer, surpreendeu-se ao perceber que não havia nada além de algumas migalhas de pão e restos de queijo. As duas jarras estavam vazias. Ele encarou o estômago com os olhos apertados, atônito. Deveria estar se sentindo empanturrado até as orelhas, com toda aquela comida, mas parecia não ter comido quase nada. Juntou as últimas lascas de queijo entre o polegar e o indicador. Suas mãos pararam a meio caminho da boca.

Eu soei a Trombeta de Valere. Baixinho, ele assobiou uma nota, mas a interrompeu quando as palavras lhe ocorreram:

*Estou no fundo do poço.
É noite, e a chuva está caindo.
As paredes estão desabando,
e não há corda para escalar.
Estou no fundo do poço.*

— Bem que podia ter uma maldita corda para escalar — sussurrou. Deixou as lascas de queijo caírem na bandeja. Por um instante, sentiu-se mal outra vez. Determinado, tentou pensar, tentou penetrar a névoa que encobria todos os seus pensamentos.

Verin trouxera a Trombeta até Tar Valon, mas ele não conseguia lembrar se ela sabia que fora ele quem soara o instrumento. Em nenhum momento ela dissera algo que indicasse que sim. Tinha certeza. *E daí se ela souber? E daí se todas souberem? A não ser que Verin tenha feito algo com aquilo que eu não saiba, elas estão com a Trombeta. Não precisam de mim.* Mas quem poderia dizer o que Aes Sedai achavam que precisavam?

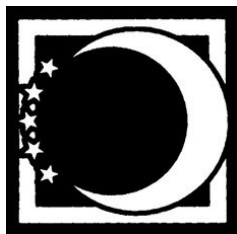
— Se elas perguntarem — disse, sombrio —, digo que nunca pus as mãos nela. Se elas souberem... se souberem, eu... vejo o que fazer na hora. Que me queime, elas não podem querer nada de mim. Não podem!

Uma batida suave na porta o fez ficar de pé, cambaleante, pronto para correr. Se houvesse para onde correr, e se ele fosse capaz de dar mais de três passos. Mas não havia, e ele não era capaz.

A porta se abriu.



CAPÍTULO 20



Visitas

A mulher que entrou, toda vestida em renda branca e prata, fechou a porta atrás de si e recostou-se para examiná-lo com os olhos mais negros que Mat já vira. Era tão bonita que ele quase se esqueceu de respirar, os cabelos negros como a noite presos por uma fina faixa de lã prateada. Parecia tão graciosa parada quanto qualquer outra mulher dançando. Ele chegou a pensar que a conhecia, mas descartou a ideia sem pestanejar. Homem nenhum esqueceria uma mulher como aquela.

— Ficaré mais apresentável, suponho, depois de recuperar o peso — disse —, mas, por ora, talvez possa vestir algo.

Por um instante, Mat continuou a encará-la. Então, de repente, percebeu que estava nu. Enrubescido, cambaleou até a cama, enrolou o cobertor no corpo como um manto e desabou, sentando no canto do colchão.

— Me desculpe por... quer dizer... hã... eu não esperava... eu... — Ele respirou fundo. — Peço desculpas por me encontrar desse jeito.

Ainda sentia as bochechas quentes. Por um instante, desejou que Rand, independentemente do que tivesse se tornado, ou até mesmo Perrin, estivessem ali para ajudá-lo. Os dois sempre se entenderam bem com as mulheres. Até as garotas que sabiam que Rand era quase prometido a Egwene olhavam para ele, e todas pareciam considerar gentil e atraente o jeito lento de Perrin. Por mais que se esforçasse, ele sempre conseguia fazer papel de bobo na frente das garotas. E acabava de repetir o feito.

— Eu não teria vindo visitá-lo desse jeito, Mat, mas estava aqui na... Torre Branca... — Ela sorriu, como se achasse o nome engraçado. — ...Por outro motivo, e queria ver todos vocês. — O rosto de Mat enrubesceu outra

vez, e ele apertou o cobertor em torno de si, mas ela não parecia estar de provocação. Mais graciosa que um cisne, ela deslizou até a mesa. — Você está com fome. Isso já era esperado, dada a forma como elas fazem as coisas. Coma tudo o que lhe derem. Ficaré surpreso com a rapidez com que vai recuperar o peso e a resistência.

— Desculpe — disse Mat, tímido —, mas eu a conheço? Não quero ofender, mas você me é... familiar.

Ela o encarou até ele começar a se remexer, constrangido. Uma mulher como aquela esperava ser lembrada.

— Talvez você já tenha me visto — respondeu ela, por fim. — Em algum lugar. Meu nome é Selene. — Ela inclinou a cabeça de leve, parecia esperar que ele reconhecesse o nome.

O nome parecia querer despertar uma lembrança. Ele achava que já o ouvira antes, mas não sabia dizer quando ou onde.

— Você é Aes Sedai, Selene?

— Não. — A palavra saiu suave, mas com uma ênfase surpreendente.

Pela primeira vez, ele a examinou, agora em condições de enxergar além de sua beleza. Ela tinha quase a altura dele, era esguia e, ele suspeitou pelos movimentos, forte. Não soube dizer qual seria sua idade, talvez fosse um ano ou dois mais velha que ele, ou quem sabe dez, mas tinha o rosto liso. O colar de pedras brancas e prata trançada combinava com o cinturão, mas ela não usava o anel da Grande Serpente. A ausência não deveria tê-lo surpreendido, nenhuma Aes Sedai responderia que não era Aes Sedai, mas surpreendeu. Ela tinha certo ar, uma autoconfiança, uma segurança de que seu próprio poder fazia frente ao de qualquer rainha, e algo a mais que o fazia pensar em Aes Sedai.

— Você não é uma noviça, é? — Ele ouvira que as noviças vestiam branco, mas não acreditava que ela fosse uma. *Ela faz Elayne parecer desprezível.* Elayne. Outro nome que vagava em sua cabeça.

— Tampouco isso — respondeu Selene, contorcendo a boca. — Digamos que sou alguém cujos interesses coincidem com os seus. Essas... Aes Sedai querem usá-lo, mas no geral acho que você vai gostar. E aceitar. Você não precisa de convencimento para perseguir a glória.

— Me usar? — Ele lembrou que já havia pensado isso, mas a respeito de Rand, que as Aes Sedai pretendiam usar Rand, não ele. *Não tenho serventia para elas. Luz, não posso ter!* — O que está querendo dizer? Não sou importante. Não sirvo para ninguém além de mim mesmo. Que tipo de glória?

— Sabia que isso o atrairia. Você, acima de todos.

O sorriso da mulher deixou Mat tonto. Ele esfregou os cabelos com uma das mãos. O cobertor deslizou, e ele o recuperou depressa, antes que caísse.

— Escute, elas não têm interesse em mim. — *E quanto a eu ter soado a Trombeta?* — Sou só um fazendeiro. — *Talvez elas pensem que estou atrelado a Rand de alguma forma. Não, Verin disse...* Ele não tinha certeza do que Verin dissera, nem Moiraine, mas achava que a maioria das Aes Sedai não sabia absolutamente nada sobre Rand. Queria manter as coisas desse jeito, pelo menos até que já estivesse bem longe. — Um simples sujeito do interior. Só quero conhecer um pouco mais do mundo e voltar para a fazenda do meu pai. — *O que ela quis dizer com glória?*

Selene sacudiu a cabeça, como se tivesse ouvido os pensamentos dele.

— Você é mais importante do que sabe, por enquanto. Sem dúvida mais importante do que essas tais Aes Sedai sabem. Você *pode* obter glória, se souber o suficiente para não confiar nelas.

— Você sem dúvida fala como se não confiasse nelas. — *Tais?* Um pensamento lhe veio à mente, mas ele não conseguiu dizê-lo em voz alta. — Você é...? Você é...? — Não era o tipo de coisa da qual simplesmente se acusa alguém.

— Uma Amiga das Trevas? — completou Selene, com ar jocoso. Soava alegre, não irritada. Soava desdenhosa. — Um desses seguidores patéticos de Ba'alzamon que pensam que ele lhes dará poder e imortalidade? Não sigo ninguém. Existe um homem ao lado de quem eu poderia caminhar, mas não sigo ninguém.

Mat riu, nervoso.

— É claro que não. — *Sangue e cinzas, uma Amiga das Trevas não se denominaria como tal. Ela deve ter uma faca envenenada, se for.* Ele teve a vaga lembrança de uma mulher vestida em trajes nobres, uma Amiga das Trevas com uma adaga mortal na mão magra. — Eu não ia dizer nada disso. Você parece... parece uma rainha. Era isso que eu ia dizer. É uma Lady?

— Mat, Mat, precisa aprender a confiar em mim. Ah, eu também vou usá-lo. Sua natureza é desconfiada demais para eu tentar negar, ainda mais depois de ter carregado aquela adaga. Mas ser usado por mim lhe trará riqueza, poder e glória. Não vou obrigá-lo. Sempre acreditei que os homens se saem melhor quando convencidos, em vez de forçados. Essas Aes Sedai sequer imaginam como você é importante, e ele vai tentar dissuadi-lo ou matá-lo, mas eu posso dar o que você deseja.

— Ele? — disse Mat, depressa. — *Matar? Luz, é de Rand que elas estão atrás, não de mim. Como é que ela sabe da adaga? Imagino que a Torre inteira saiba.* — Quem é que quer me matar?

Selene contraiu a boca, como se tivesse falado demais.

— Você sabe o que quer, Mat, e eu sei disso tanto quanto você. Deve escolher em quem vai confiar para obter tudo isso. Eu admito que vou usá-lo. Essas Aes Sedai jamais o farão. Eu o conduzirei à riqueza e à glória. Elas o manterão acorrentado até morrer.

— Você fala bastante — observou Mat —, mas como é que vou saber se o que diz é verdade? Como vou saber se posso confiar mais em você do que nelas?

— Escutando o que dizem e o que não dizem. Será que elas vão lhe contar que seu pai veio até Tar Valon?

— Meu pai esteve aqui?

— Um homem chamado Abell Cauthon, e outro chamado Tam al'Thor. Atormentaram todos até conseguirem ser ouvidos, pelo que soube, querendo saber onde estavam você e seus amigos. Siuan Sanche os mandou de volta para Dois Rios de mãos vazias, sem sequer saberem se vocês estavam vivos. Será que elas contarão isso sem que você pergunte? Talvez nem se perguntar, pois você pode tentar fugir de volta para casa.

— Meu pai pensa que estou morto? — inquiriu Mat, devagar.

— Ele pode ser informado de que está vivo. Posso conseguir isso. Pense bem em quem vai confiar, Mat Cauthon. Será que mesmo agora elas lhe contarão que Rand al'Thor está tentando fugir e que há uma tal de Moiraine no encalço dele? Será que lhe contarão que a Ajah Negra infesta a preciosa Torre Branca? Será que contarão ao menos como pretendem usar você?

— Rand está tentando fugir? Mas... — Talvez ela soubesse que Rand se declarou o Dragão Renascido, talvez não, mas ele não diria nada. *A Ajah Negra! Sangue e malditas cinzas!* — Quem é você, Selene? Se não é Aes Sedai, o que é?

O sorriso dela guardava segredos.

— Apenas lembre-se de que há outra escolha. Você não precisa ser uma marionete da Torre Branca ou uma presa para os Amigos das Trevas de Ba'alzamon. O mundo é mais complexo do que imagina. Faça o que essas Aes Sedai desejam agora, mas lembre-se de que tem outras escolhas. Está bem?

— Creio que não tenho muita escolha — respondeu, sombrio. — Então acho que está bem.

O olhar de Selene se aguçou. A cordialidade deslizou de sua voz como uma cobra trocando a pele.

— Acha? Não vim até aqui e falei com você desse jeito para você achar, Matrim Cauthon. — Ela estendeu a mão magra.

A mão estava vazia, e ela permanecia de pé no meio do quarto, mas ele recuou como se ela estivesse bem em cima dele com uma adaga. Em verdade, não sabia por quê, exceto por uma certa ameaça nos olhos da mulher, algo que ele tinha certeza de que era real. Sentiu a pele começar a formigar, e a dor de cabeça voltou.

De repente, o formigamento e a dor desapareceram juntos, e Selene virou a cabeça como se escutasse algo atrás das paredes. Sua testa se franziu de leve, e ela baixou a mão. Seu rosto voltou ao normal.

— Conversaremos outra vez, Mat. Tenho muito a lhe dizer. Lembre-se de suas escolhas. Lembre-se de que há muitas mãos para matá-lo. Posso sozinha lhe garantir sua vida, e tudo o mais que busca, se fizer como eu disser. — Ela deslizou pela porta, tão silenciosa e delicadamente quanto entrara.

Mat soltou um longo suspiro. O suor escorria por seu rosto. *Quem, pela Luz, é ela?* Uma Amiga das Trevas, talvez. Exceto por demonstrar tanto desprezo por Ba'alzamon quanto pelas Aes Sedai. Amigos das Trevas falavam de Ba'alzamon da mesma forma com que outras pessoas se referem ao Criador. E ela não pedira para ele guardar segredo da sua visita das Aes Sedai.

Está certo, pensou, amargo. Com licença, Aes Sedai, mas essa mulher veio me visitar. Não era Aes Sedai, mas acho que talvez tenha começado a usar o Poder Único em mim. Ela me disse que não era Amiga das Trevas, mas falou que vocês pretendem me usar, e que a Ajah Negra está na sua torre. Ah, e ela disse que sou importante. Não sei como. Posso ir agora?

A ideia de ir embora parecia melhor a cada minuto. Desajeitado, ele deslizou para fora da cama e caminhou, vacilante, até o guarda-roupa, ainda enrolado no cobertor. Suas botas estavam no chão, dentro do armário, e o manto pendia de um pino, sob o cinturão, com a bolsa e a faca de cintura na bainha. Era apenas uma faca comum com uma lâmina pesada, mas servia tão bem quanto qualquer adaga. As outras roupas, dois casacos de lã robustos, três pares de calças, meia dúzia de camisas de linho e roupas de baixo, tinham sido escovadas ou lavadas e dobradas com cuidado sobre as prateleiras que ocupavam um dos lados do guarda-roupa. Ele sentiu a bolsa que pendia do cinturão, mas estava vazia. O conteúdo estava amontoado sobre uma prateleira, junto ao que fora esvaziado dos bolsos.

Ele separou uma pena de gavião vermelha, uma pedra lisa e listrada de cujas cores gostara, a navalha e o canivete com cabo de osso e livrou a bolsa de couro lavado de alguns rolos extras de cordas de arcos. Quando a abriu, descobriu que a memória para aquele assunto estava boa até demais.

— Dois marcos de prata e um punhado de cobres — resmungou. — Não vou muito longe com isso. — Esse dinheiro já parecera uma pequena fortuna para ele, mas isso fora antes de deixar Campo de Emond.

Ele se inclinou para espiar dentro da prateleira. *Onde estão?* Começou a temer que as Aes Sedai os tivessem jogado fora, da mesma forma que sua mãe faria se os encontrasse. *Onde...?* Sentiu uma explosão de alívio. Bem no fundo, atrás do acendedor e do bolo de corda para armadilhas e afins, estavam seus dois copos de dados de couro.

Os dados chacoalharam quando ele puxou os copos, mas mesmo assim ele abriu as tampas redondas de encaixe justo. Estava tudo dentro dos conformes. Cinco dados entalhados com símbolos, para jogar coroas, e cinco marcados com pontinhos. Os dados com pontinhos serviam para vários outros jogos, mas os homens pareciam jogar coroas mais do que qualquer outra coisa. Com esses, os dois marcos que tinha nas mãos seriam suficientes para levá-lo bem longe de Tar Valon. *Longe das Aes Sedai e de Selene.*

A porta foi aberta, imediatamente após uma batida de aviso. Ele deu meia-volta. O Trono de Amyrlin e a Curadora das Crônicas estavam entrando. Ele as reconheceria mesmo sem a estola larga e listrada da Amyrlin e a estola azul e menor da Curadora. Tinha visto as duas apenas uma única vez, muito longe de Tar Valon, mas jamais se esqueceria das duas mulheres mais poderosas entre as Aes Sedai.

A Amyrlin ergueu as sobrancelhas ao vê-lo de pé ali, com o cobertor pendendo dos ombros e a bolsa e os copos de dados nas mãos.

— Creio que você não precisará disso por algum tempo, filho — disse, em um tom seco. — Guarde-os e volte para a cama antes que caia de cara no chão.

Ele hesitou. Tinha as costas rígidas, mas os joelhos escolheram aquele momento para fraquejar, e as duas Aes Sedai ficaram olhando para ele, olhos negros e azuis encarando-o do mesmo modo, como se parecessem ler cada um de seus pensamentos rebeldes. Ele obedeceu à ordem, envolvendo o cobertor no corpo com ambas as mãos. Deitou-se reto feito uma tábua, sem saber ao certo o que mais poderia fazer.

— Como está se sentindo? — perguntou a Amyrlin bruscamente, pondo uma das mãos na testa de Mat. Arrepios percorreram sua pele. Será que ela fizera algo com o Poder Único ou será que o mero toque de uma Aes Sedai provocava calafrios?

— Estou bem — respondeu. — Ora, já estou pronto para ir. Preciso só me despedir de Egwene e Nynaeve e depois paro de encher vocês. Quer

dizer, depois eu me vou... hã... Mãe. — Moiraine e Verin nunca pareceram dar muita atenção ao palavreado dele, mas, de qualquer modo, aquela era o Trono de Amyrlin.

— Bobagem — retrucou a Amyrlin. Ela puxou a cadeira de espaldar alto para perto da cama, sentou-se e dirigiu-se a Leane. — Os homens sempre se recusam a admitir que estão doentes, até ficarem doentes o bastante para dar o dobro de trabalho às mulheres. Depois, afirmam que estão bem cedo demais, e o resultado é o mesmo.

A Curadora lançou um olhar a Mat e assentiu.

— Sim, Mãe, mas este aqui não pode alegar que está bem, já que mal consegue ficar de pé. Pelo menos comeu tudo o que tinha na bandeja.

— Eu ficaria surpresa se ele deixasse migalhas suficientes para atrair um tentilhão. E ainda sente fome, se eu não estiver enganada.

— Posso mandar alguém trazer uma torta, Mãe. Ou alguns bolos.

— Não, acho que ele já comeu bastante por ora. Colocar tudo para fora não lhe fará nada bem.

Mat fechou a cara. Parecia que ficar doente o tornava invisível às mulheres, a não ser que estivessem de fato falando com ele. E elas o tratavam como se fosse pelo menos dez anos mais novo. Nynaeve, sua mãe, suas irmãs, o Trono de Amyrlin, todas agiam assim.

— Não estou com a menor fome — anunciou. — Estou bem. Se me deixarem vestir minhas roupas, mostro a vocês como estou bem. Vou dar o fora daqui antes que percebam. — As duas olhavam para ele, que pigarreou. — Hã... Mãe.

A Amyrlin soltou um grunhido.

— Você comeu uma refeição para cinco, e comerá três ou quatro como essas por mais alguns dias, ou morrerá de fome. Acabou de ser Curado de um elo com o mal que matou todos os homens, mulheres e crianças em Aridhol, e esse mal não enfraqueceu durante os dois mil anos que passou aguardando pelo resgate. Estava matando você da mesma forma que os matou. Não é como prender uma espinha de peixe no dedo, garoto. Nós quase o matamos tentando salvá-lo.

— Não estou com fome — insistiu. Seu estômago roncou alto, denunciando-o.

— Eu compreendi você muito bem da primeira vez que o vi — disse a Amyrlin. — Soube desde o início que você fugiria feito um pássaro pescador assustado se pensasse que alguém está tentando prendê-lo. Por isso, tomei precauções.

Ele olhou as duas, desconfiado.

— Precauções?

Elas o encararam de volta com serenidade. Os olhares das mulheres eram como pregos cravando-o na cama.

— Seu nome e descrição estão a caminho dos guardas da ponte — disse a Amyrlin — e dos arrais. Não vou tentar prendê-lo dentro da Torre, mas você não poderá deixar Tar Valon até se recuperar. Se tentar se esconder na cidade, a fome eventualmente o trará de volta para cá, ou, se não trouxer, nós o encontraremos antes que morra de inanição.

— Por que querem tanto me manter aqui? — inquiriu. Ouviu a voz de Selene. *Querem usar você.* — Por que se importam se eu morrer de fome? Sou capaz de me alimentar.

A Amyrlin soltou um risinho pouco satisfeito.

— Com dois marcos de prata e um punhado de cobre, meu filho? Seria preciso de fato muita sorte nos dados para comprar toda a comida necessária pelos próximos dias. Não Curamos alguém para depois deixá-los jogar nosso trabalho fora, morrendo enquanto ainda precisam de cuidados. Além do mais, talvez você ainda precise de mais Cura.

— Mais? A senhora disse que havia me Curado. Por que eu precisaria de mais?

— Meu filho, você carregou aquela adaga por meses. Creio que conseguimos remover todos os traços, mas, se tivermos deixado escapar a menor partícula, ainda pode ser fatal. E quem é que sabe que efeitos esse objeto pode ter causado, por ficar em sua posse por tanto tempo? Daqui a seis meses ou um ano, pode ser que ainda deseje uma Aes Sedai por perto para Curá-lo de novo.

— Quer que eu passe um ano aqui? — perguntou, incrédulo, num tom alto.

Leane mexeu os pés e o olhou com rispidez, mas o rosto tranquilo da Amyrlin não se alterou.

— Talvez não tanto tempo, meu filho. Porém, o suficiente para termos certeza. Sem dúvida você quer o mesmo. Entraria num barco sem saber se a calafetagem é segura ou se o assoalho está firme?

— Nunca me interessei por barcos — resmungou Mat. Talvez fosse verdade. Aes Sedai nunca mentiam, mas havia “talvez” e “porém” demais naquelas promessas. — Estou longe de casa há muito tempo, Mãe. Meus pais provavelmente pensam que estou morto.

— Se quiser escrever uma carta para eles, posso garantir que chegue até Campo de Emond.

Mat esperou por algo mais, mas nada veio.

— Obrigado, Mãe. — Ele ensaiou uma pequena risada. — Estou bem surpreso por meu pai não ter vindo procurar por mim. Ele é o tipo de homem que faria isso. — Não tinha certeza, mas achou que a Amyrlin hesitou levemente antes de responder.

— Ele veio. Leane conversou com ele.

A Curadora se pronunciou no mesmo instante.

— Ainda não sabíamos onde você estava, Mat. Eu disse isso a ele, e ele foi embora antes das nevascas. Dei algum ouro para ajudar na viagem de volta para casa.

— Sem dúvida — prosseguiu a Amyrlin — ele ficará feliz em ter notícias suas. E sua mãe também, decerto. Pode me entregar a carta assim que escrevê-la, eu cuidarei dela.

Elas contaram, mas ele tivera que perguntar. *E não mencionaram o pai de Rand. Talvez por pensarem que eu não me importaria, e talvez porque... Que me queime, não sei. Quem é que sabe, quando se trata das Aes Sedai?*

— Eu estava viajando com um amigo, Mãe. Rand al'Thor. A senhora se lembra dele. Sabe se ele está bem? Aposto que o pai dele também está preocupado.

— Até onde sei — disse a Amyrlin, muito calma —, o rapaz está bem, mas quem pode garantir? Eu o vi apenas uma vez, quando encontrei vocês em Fal Dara. — Ela se virou para a Curadora. — Talvez seja bom trazer um pedaço de torta, Leane. E algo para a garganta, se o rapaz continuar falando assim. Pode providenciar isso?

A Aes Sedai alta saiu, murmurando:

— Como a senhora ordenar, Mãe.

Quando a Amyrlin se virou de volta para Mat, ela sorria, mas tinha os olhos azuis como gelo.

— Há certas coisas perigosas de se conversar, talvez mesmo na frente de Leane. Uma língua solta pode matar mais homens do que muitas tempestades.

— Perigosas, Mãe? — Ele de súbito sentiu a boca seca, mas resistiu ao impulso de lambe os lábios. *Luz, quanto será que ela sabe sobre Rand? Se pelo menos Moiraine não guardasse tantos segredos.* — Mãe, não sei de nada perigoso. Mal consigo me lembrar da metade do que sei.

— Você se lembra da Trombeta?

— Que trombeta é essa, Mãe?

Ela levantou-se e partiu para cima dele tão depressa que Mat mal a viu se mover.

— Se ficar de brincadeiras comigo, garoto, farei você chorar pedindo pela mamãe. Não tenho tempo para brincadeiras, e nem você. Então... você... se lembra?

Ele agarrou o cobertor com força em volta do corpo. Precisou engolir antes de responder:

— Eu me lembro, Mãe.

Ela pareceu relaxar, pelo menos um pouco, e o rapaz encolheu os ombros, nauseado. Sentia como se acabasse de receber permissão para erguê-los de um cepo de decapitação.

— Bom. Muito bom, Mat. — Ela se sentou devagar, examinando-o. — Você sabia que está ligado à Trombeta? — Em choque, ele repetiu a palavra “ligado” apenas movendo os lábios, e ela assentiu. — Imaginei que não soubesse. Você foi o primeiro a soar a Trombeta de Valere, depois que ela foi encontrada. Por você, ela invocará heróis mortos de volta dos túmulos. Para qualquer outro, é apenas uma trombeta, enquanto você viver.

Ele respirou fundo.

— Enquanto eu viver — repetiu, com a voz inexpressiva, e a Amyrlin assentiu. — Vocês poderiam ter me deixado morrer. — Ela assentiu outra vez. — Então qualquer outro poderia soar a Trombeta. — Mais uma anuência. — Sangue e cinzas! Querem que eu soe a Trombeta para vocês. Quando a Última Batalha chegar, querem que eu invoque os heróis mortos das tumbas para lutar contra o Tenebroso. Sangue e malditas cinzas!

Ela pousou o cotovelo em um dos braços da cadeira e apoiou o queixo na mão. Não desviou os olhos dele.

— Preferia a outra opção?

Ele franziu a testa, depois lembrou qual era a outra opção. Se mais alguém tivesse que soar a Trombeta...

— Querem que eu soe a Trombeta? Então soarei a Trombeta. Nunca disse que não faria isso, disse?

A Amyrlin soltou um suspiro exasperado.

— Você me lembra do meu tio, Huan. Ele não se comprometia com nada. Também gostava de jogar e preferia a diversão ao trabalho. Morreu salvando crianças de uma casa em chamas. Não parou de retornar à casa até todas serem salvas. Será que você é como ele, Mat? Estará presente na hora do incêndio?

Ele não conseguia olhá-la nos olhos. Encarava os próprios dedos, que puxavam o cobertor com irritação.

— Não sou um herói. Farei o que for preciso, mas não sou um herói.

— Muitos a quem chamamos de heróis fizeram apenas o que tinham que fazer. Acho que já basta. Por enquanto. Não deve falar com ninguém a respeito da Trombeta, meu filho. Ou de sua ligação com ela.

Por enquanto?, pensou. *Não vai conseguir mais nada, nem agora nem nunca.*

— Não pretendo espalhar essa porcaria... — Ela arqueou uma sobrancelha, e ele baixou a voz outra vez. — Não pretendo contar a ninguém. Queria que ninguém soubesse. Por que a senhora quer manter isso em segredo? Não confia nas suas Aes Sedai?

Por um instante ele pensou que fora longe demais. O rosto da mulher enrijeceu, e ela lançou um olhar capaz de decepar o cabo de machado.

— Se eu pudesse deixar isso somente entre nós dois — respondeu, com frieza —, deixaria. Quanto mais pessoas sabem de algo, mais a informação se espalha, mesmo com a melhor das intenções. A maioria acredita que a Trombeta de Valere não passa de uma lenda, e os que sabem a verdade creem que os Caçadores ainda não a encontraram. Mas Shayol Ghul sabe que ela foi encontrada, e isso significa que pelo menos alguns Amigos das Trevas também sabem. Mas eles não sabem onde ela está, e, se a Luz nos iluminar, também não sabem que você a souou. Quer ter Amigos das Trevas no seu encalço? Meios-homens ou outras criaturas da sombra? Eles querem a Trombeta. Você precisa estar ciente disso. Ela servirá tão bem para a Luz quanto para a Sombra. Mas, se for para servir a eles, precisam levá-lo ou matá-lo. Quer arriscar isso?

Mat desejou ter outro cobertor, e também um edredom de penas de ganso. O quarto de repente esfriara demais.

— Está dizendo que Amigos das Trevas podem me perseguir até aqui? Pensei que a Torre Branca fosse capaz de mantê-los longe. — Ele se lembrou do que Selene dissera sobre a Ajah Negra, e imaginou o que a Amyrlin diria a respeito.

— Excelente razão para ficar, não acha? — Ela se levantou, alisando a saia. — Descanse, meu filho. Logo estará se sentindo bem melhor. — Fechou a porta com delicadeza ao passar.

Por um bom tempo, Mat ficou deitado, encarando o teto. Mal notou quando uma serviçal entrou com a fatia de torta e outra jarra de leite, levando a bandeja com os pratos vazios ao sair. Seu estômago roncou alto com o aroma cálido de maçãs e especiarias, mas ele também não deu atenção. A Amyrlin pensava que o controlava como uma ovelha em um redil. E Selene... *Pela Luz, quem é ela? O que será que ela quer?* Selene tinha razão em relação a certas coisas, porém, a Amyrlin afirmara que pretendia

usá-lo, e como. De certa forma. Ela deixara informações demais de fora para o gosto dele, informações que poderiam ser sobre algo mortal. A Amyrlin queria algo, Selene queria algo, e ele era a corda que cada uma puxava para si. Pensou que preferia enfrentar Trollocs a estar no meio daquelas duas.

Tinha de haver um meio de sair de Tar Valon sem que nenhuma das duas o agarrasse. Depois de atravessar o rio, estaria longe das mãos da Aes Sedai, de Selene e também dos Amigos das Trevas. Tinha certeza. Tinha de haver um meio. Ele só precisava pensar em todas as possibilidades.

A torta esfriou na mesa.



CAPÍTULO 21



O Mundo dos Sonhos

Egwene cruzou, apressada, o corredor mal iluminado, ainda limpando as mãos em uma toalha. Já as lavara duas vezes, mas ainda as sentia engorduradas. Jamais imaginara que pudesse haver tantas panelas no mundo. E tinha sido dia de assado, por isso baldes de cinzas tiveram de ser removidos dos fornos. E os fogões, limpos. E as mesas, polidas com areia fina até ficarem brancas, o chão, esfregado, com Egwene ajoelhada no chão. Havia manchas de cinzas e de gordura em seu vestido branco. Sua cabeça doía, e ela queria estar na cama, mas Verin fora até as cozinhas, supostamente para solicitar uma refeição para levar para o quarto, e chamou-a com um sussurro ao passar.

Os aposentos de Verin ficavam acima da biblioteca, em corredores usados apenas por algumas outras irmãs Marrons. Havia um ar empoeirado naqueles corredores, como se as mulheres que vivessem ali fossem muito ocupadas para se preocupar em chamar as serviçais para limpar com frequência. As passagens faziam muitas curvas, às vezes com subidas e declives inesperados. Havia pouca tapeçaria, os tecidos coloridos, que pareciam ser limpos com a mesma frequência que todo o restante, estavam desbotados. Muitos lampiões estavam apagados, e a maior parte da ala ficava imersa na escuridão. Egwene pensava ter toda a ala para si, exceto por uma luz que piscava mais adiante, talvez de uma noviça ou serviçal em alguma tarefa. Seus sapatos estalavam nos azulejos brancos e pretos, produzindo ecos. Não era um lugar confortável para alguém cujos pensamentos giravam em torno da Ajah Negra.

Ela encontrou o que Verin a mandara procurar: uma porta com painéis no topo de uma rampa, ao lado da tapeçaria empoeirada de um rei montado em um cavalo enquanto recebia a rendição de outro rei. Verin dissera os nomes dos dois, mortos centenas de anos antes do nascimento de Artur Asa-de-gavião. A mulher sempre sabia essas coisas, mas Egwene não conseguia se lembrar dos nomes dos homens ou dos países havia muito extintos que eles governavam. Porém, aquela era a única tapeçaria de parede que correspondia à descrição de Verin.

Sem o som de seus próprios passos, o corredor parecia ainda mais vazio que antes, e mais ameaçador. Ela bateu à porta e entrou, apressada, assim que ouviu um distraído “Quem é? Pode entrar”.

Depois de um passo para dentro do quarto, ela parou e olhou em volta. Prateleiras preenchiam as paredes, exceto onde havia uma porta, que decerto levava aos cômodos internos, e nos pontos onde estavam pendurados mapas e gráficos que pareciam retratar o céu noturno. Ela reconheceu os nomes de algumas constelações, o Fazendeiro e a Carroça de Feno, o Arqueiro e as Cinco Irmãs, mas as outras eram um mistério. Livros, papéis e rolos de pergaminho cobriam quase todas as superfícies, e todo tipo de objetos estranhos se intercalavam entre as pilhas ou sobre elas. Tinham formatos estranhos, feitos de vidro ou metal. Esferas e tubos interligados e círculos dentro de outros círculos estavam largados em meio a ossos e crânios de todos os tamanhos e formas. O que parecia ser uma coruja marrom empalhada, não muito maior do que a mão de Egwene, estava sobre o que talvez fosse o crânio branco de um lagarto, mas poderia não ser, pois era maior que o braço dela e tinha dentes tortos maiores que seus dedos. Havia candelabros dispostos de forma caótica, o que deixava a iluminação irregular, parecendo a ponto de incendiar alguns papéis. A coruja piscou para ela, e Egwene sobressaltou-se.

— Ah, sim — disse Verin. A mulher estava sentada atrás de uma mesa tão atulhada quanto tudo o mais que havia no quarto, segurando com muito cuidado uma folha rasgada. — É você. Sim. — Ela notou o olhar de esguelha que Egwene lançou à coruja e disse, distraída: — Afugenta os ratos. Eles comem papel. — Ela fez um gesto que abrangeu o quarto inteiro, então lembrou-se da folha que segurava. — Fascinante, isso aqui. Rosel de Essam afirmou que mais de cem páginas sobreviveram à Ruptura, e ela devia estar certa, já que escreveu apenas uns duzentos anos depois, mas, até onde sei, hoje em dia só existe este pedaço. Talvez apenas esta cópia. Rosel escreveu que elas guardavam segredos que o mundo não teria condições de encarar,

sobre os quais não falaria abertamente. Li esta página mil vezes, tentando decifrar o que ela quis dizer.

A pequena coruja piscou para Egwene outra vez. Ela tentou não olhar.

— O que a página diz, Verin Sedai?

A mulher piscou, quase como a coruja.

— O que diz? É uma tradução direta, veja bem, e lê-se quase como o recital de um bardo em Alto Canto. Escute: “Coração das Trevas. Ba'alzamon. Nome encoberto por nome oculto por nome. Segredo sepultado sobre segredo escondido por segredo. Traidor da Esperança. Ishamael trai toda a esperança. A verdade arde e queima. A esperança diante da verdade. Uma mentira é nosso escudo. Quem pode se opor ao Coração das Trevas? Quem pode enfrentar o Traidor da Esperança? Alma da Sombra, Alma da Sombra, ele é...” — Ela parou, com um suspiro. — Termina aqui. O que acha?

— Não sei — respondeu Egwene. — Não gostei.

— Ora, e por que deveria, criança? Gostar ou compreender? Eu o estudei por quase quarenta anos e também não gosto nem entendo. — Verin guardou a folha com cuidado em uma pasta de couro rígida forrada de seda, depois a jogou com displicência em uma pilha de papéis. — Mas você não veio aqui para isso. — Ela revirou a mesa, resmungando sozinha, e várias vezes mal conseguiu conter o desabamento de uma pilha de livros ou manuscritos. Enfim, pegou um punhado de folhas escritas em caligrafia fina e ininteligível e presas com um barbante espesso. — Tome, criança. Tudo o que se sabe sobre Liandrin e as mulheres que fugiram com ela. Nomes, idades, Ajahs, locais de nascimento. Tudo o que encontrei nos registros. Até como se saíram nos estudos. E também tudo o que sabemos sobre os *ter'angreal* que levaram, o que não é muito. A maior parte é apenas de descrições. Não sei se alguma dessas coisas pode ajudar. Não encontrei nada de útil.

— Talvez uma de nós encontre alguma coisa. — Uma súbita onda de desconfiança tomou Egwene de surpresa. *Se ela não tiver deixado nada de fora.* A Amyrlin parecia confiar em Verin apenas porque precisava. E se a própria Verin fosse da Ajah Negra? Ela se obrigou a parar aquela linha de raciocínio. Viajara da Ponta de Toman até Tar Valon com Verin, e se recusava a acreditar que a estudiosa roliça pudesse ser uma Amiga das Trevas. — Eu confio na senhora, Verin Sedai. — *Será que posso, mesmo?*

A Aes Sedai piscou para ela mais uma vez, depois afastou qualquer pensamento que houvesse lhe ocorrido sacudindo a cabeça.

— Essa lista que lhe entreguei pode ser importante, e também pode ser um desperdício de papel, mas não é a única razão pela qual a chamei aqui.

— Ela começou a mover os objetos na mesa para liberar espaço, aumentando ainda mais algumas pilhas já instáveis. — Soube por Anaiya que você pode se revelar uma Sonhadora. A última foi Corianin Nedead, há quatrocentos e setenta e três anos, e, pelo que entendi dos registros, ela mal merecia o título. Seria muito interessante se você se tornasse uma.

— Ela me testou, Verin Sedai, mas não soube dizer se meus sonhos preveem o futuro.

— Isso é apenas parte do que faz uma Sonhadora, criança. Talvez a menor parte. A educação que Anaiya acredita que seja melhor para as garotas é muito lenta, na minha opinião. Olhe aqui. — Com um dedo, Verin traçou um número de linhas paralelas ao longo da área que havia liberado, linhas sobre a poeira que cobria a cera de abelha velha. — Digamos que isso represente mundos que poderiam existir se escolhas diferentes tivessem sido feitas, se os grandes momentos decisivos do Padrão tivessem conduzido a outros caminhos.

— Os mundos alcançados pelas Pedras-portais — disse Egwene, para mostrar que havia prestado atenção às lições de Verin no caminho desde a Ponta de Toman. O que aquilo tinha a ver com ela ser ou não uma Sonhadora?

— Muito bem. Mas o Padrão pode ser ainda mais complexo que isso, criança. A Roda tece nossas vidas para formar o Padrão de uma Era, mas as próprias Eras são tecidas na Renda da Era, no Grande Padrão. No entanto, quem é que pode afirmar se essa é sequer a décima parte da trama? Parece que algumas pessoas da Era das Lendas acreditavam que havia ainda outros mundos, até mais difíceis de alcançar do que os mundos das Pedras-portais, se é que se pode acreditar nisso. Eles ficam dispostos dessa forma. — Ela desenhou outras linhas, entrecruzando as primeiras. Por um instante, observou-as. — O fuso e a urdidura da trama. Talvez a Roda do Tempo teça um Padrão ainda maior para os mundos. — Ela se endireitou e espanou a poeira das mãos. — Bem, não importa. Em todos esses mundos, ou em qualquer uma de suas variações, poucas coisas são constantes. Uma delas é que o Tenebroso está preso em todos os mundos.

Involuntariamente, Egwene deu um passo à frente para espiar as linhas que Verin havia traçado.

— Em todos eles? Como pode? Quer dizer que existe um Pai das Mentiras para cada mundo? — A ideia de haver tantos Tenebrosos a fez estremecer.

— Não, criança. Há apenas um Criador, que existe em todos os lugares ao mesmo tempo, em todos esses mundos. Da mesma forma, há apenas um Tenebroso, que também existe em todos os mundos ao mesmo tempo. Se ele for libertado da prisão que o Criador construiu em um dos mundos, será libertado em todos os outros. Enquanto permanecer preso em um, permanecerá preso em todos.

— Isso não parece fazer muito sentido — protestou Egwene.

— É um paradoxo, criança. O Tenebroso é a personificação do paradoxo e do caos, o exterminador da razão e da lógica, o destruidor do equilíbrio, o desmantelador da ordem.

De repente, a coruja levantou voo com as asas silenciosas e pousou em um grande crânio branco que havia em uma prateleira atrás da Aes Sedai. Encarou as duas mulheres, piscando. Egwene havia notado o crânio ao entrar no quarto, com chifres torcidos e focinho, e se perguntou que tipo de carneiro teria uma cabeça tão grande. Agora, percebia como a cabeça era redonda, e a testa, alta. Não era um crânio de carneiro. Era de um Trolloc.

Ela ofegou, trêmula.

— Verin Sedai, o que isso tem a ver com ser uma Sonhadora? O Tenebroso está preso em Shayol Ghul, e não quero nem imaginá-lo escapando. — *Mas os selos da prisão estão enfraquecendo. Até as noviças já sabem disso.*

— O que tem a ver com ser uma Sonhadora? Ora, nada, criança. Exceto que todos nós precisamos enfrentar o Tenebroso, de uma forma ou de outra. Ele está preso agora, mas o Padrão não trouxe Rand al'Thor ao mundo à toa. O Dragão Renascido enfrentará o Senhor do Túmulo, disso não há dúvidas. Se Rand sobreviver até lá, é claro. O Tenebroso tentará distorcer o Padrão, se puder. Bem, até que já avançamos bastante, não é?

— Me desculpe, Verin Sedai, mas se isso — Egwene indicou as linhas traçadas na poeira — não tem nada a ver com ser uma Sonhadora, por que a senhora está me dizendo todas essas coisas?

Verin a encarou, como se a burrice da garota fosse proposital.

— Nada? É claro que tem algo a ver, criança. A questão é que há uma terceira constante além do Criador e do Tenebroso. Existe um mundo que se encontra *dentro* de cada um desses outros, dentro de todos eles ao mesmo tempo. Ou talvez ao redor deles. Os escritores da Era das Lendas o chamavam de *Tel'aran'rhiod*, “o Mundo Invisível”. Talvez “o Mundo dos Sonhos” seja uma tradução melhor. Muitas pessoas, gente comum que sequer pensaria em canalizar, às vezes vislumbram *Tel'aran'rhiod* em seus sonhos e até veem uma centelha desses outros mundos através dele. Pense

em algumas das coisas peculiares que seus sonhos já lhe mostraram. No entanto, criança, uma Sonhadora, uma verdadeira Sonhadora, é capaz de adentrar *Tel'aran'rhiod*.

Egwene engoliu em seco.

— Eu... acho que não sou uma Sonhadora, Verin Sedai. Os testes de Anaiya Sedai...

Verin a interrompeu:

— Não provam nada, nem que sim nem que não. E Anaiya ainda acredita que você pode muito bem ser uma.

— Acho que vou acabar descobrindo se sou ou não — murmurou Egwene. *Luz, eu quero ser, não quero? Quero aprender! Quero tudo.*

— Não há tempo a perder, criança. A Amyrlin confiou uma grande tarefa a você e Nynaeve. Vocês precisam buscar quaisquer ferramentas que sejam capazes de usar. — Verin desenterrou uma caixa de madeira vermelha da bagunça na mesa. A caixa era grande o bastante para conter folhas de papel, mas, quando a Aes Sedai abriu a tampa, puxou apenas um anel de pedra entalhada, todo pontilhado e listrado de azul, marrom e vermelho, grande demais para caber em qualquer dedo. — Tome, criança.

Egwene largou os papéis para pegá-lo e arregalou os olhos, surpresa. O anel sem dúvida parecia de pedra, mas era mais duro que aço e mais pesado que chumbo. E o aro era todo retorcido. Se ela passasse o dedo pela borda, percorreria o anel inteiro, dentro e fora, sem deixar de tocá-la. Parecia que ele era todo feito de uma mesma superfície, de um só lado. Ela passou o dedo por ele duas vezes, só para se convencer.

— Corianin Nedeal manteve a posse desse *ter'angreal* por quase toda a vida — explicou Verin. — Agora, ele será seu.

Egwene quase deixou o objeto cair. *Um ter'angreal? Eu terei um ter'angreal?*

Verin pareceu não ter percebido o choque.

— Segundo Corianin, ele facilita a passagem para *Tel'aran'rhiod*. Ela afirmava que funcionava tanto para os sem Talento quanto para Aes Sedai, desde que a pessoa o tocasse durante o sono. Naturalmente, existem riscos. *Tel'aran'rhiod* não é como outros sonhos. O que acontece por lá é real: em vez de apenas vislumbrar, você estará de fato presente. — Ela puxou a manga do vestido, revelando uma cicatriz fraca, da extensão de seu antebraço. — Eu já tentei uma vez, há alguns anos. A cura de Anaiya não funcionou tão bem quanto deveria. Lembre-se disso. — A Aes Sedai voltou a cobrir a cicatriz com a manga.

— Vou tomar cuidado, Verin Sedai. — *Real? Meus sonhos já são ruins o bastante. Não quero sonhos que deixem cicatrizes! Vou guardar esse anel em um saco, enfiar em um canto escuro e deixá-lo por lá. Vou...* Mas ela queria aprender. Queria ser uma Aes Sedai, e não existiam Sonhadoras havia quase quinhentos anos. — Vou tomar muito cuidado. — Ela guardou o anel dentro da bolsa e puxou a corda com força, depois recolheu os papéis que Verin havia lhe entregado.

— Lembre-se de escondê-lo, criança. Nenhuma noviça, nem sequer uma Aceita, deve ter um objeto como esse em sua posse. No entanto, ele pode se provar útil para você. Esconda-o.

— Está bem, Verin Sedai. — Ao se lembrar da cicatriz da mulher, quase desejou que outra Aes Sedai chegasse naquele instante e tomasse o anel dela.

— Muito bem, criança. Agora saia daqui. Já está tarde, e você precisa se levantar cedo para ajudar com o café da manhã. Durma bem.

* * *

Depois que a porta se fechou ao Egwene passar, Verin permaneceu sentada, encarando-a, por algum tempo. A coruja piou baixinho atrás dela, que puxou a caixa vermelha, abriu a tampa e franziu a testa para o que preenchia quase todo o espaço.

Página e mais páginas, cheias de palavras escritas em uma caligrafia precisa, e a tinta preta quase não desbotara depois de quase quinhentos anos. As anotações de Corianin Nedéal, tudo o que ela havia aprendido durante os cinquenta anos que estudou aquele *ter'angreal* peculiar. Uma mulher misteriosa, Corianin. Escondia dos outros a maior parte de seu conhecimento, confiando-o apenas àquelas páginas. Apenas a sorte e o hábito de revirar papéis antigos da biblioteca haviam levado Verin até elas. Até onde ela descobrira, nenhuma Aes Sedai além da própria Corianin sabia do *ter'angreal*: a mulher conseguira apagar todos os registros de sua existência.

Mais uma vez, Verin considerou queimar o manuscrito, da mesma forma que havia considerado entregá-lo a Egwene. Entretanto, destruir conhecimento, qualquer conhecimento, era inconcebível para ela. E dá-lo... *Não. É muito melhor deixar as coisas como estão. O que tiver de acontecer acontecerá.* Ela fechou a tampa. *Agora... onde foi que deixei aquela folha?*

Franzindo a testa, começou a revirar as pilhas de livros e papéis à procura da pasta de couro. Egwene já não ocupava mais seus pensamentos.



CAPÍTULO 22



O Preço do Anel

Egwene mal havia saído dos aposentos de Verin quando Sheriam a encontrou. A Mestra das Noviças estava de testa franzida, preocupada.

— Se alguém não tivesse se lembrado de vê-la conversando com Verin, eu não a teria encontrado. — A Aes Sedai parecia um pouco irritada. — Venha, criança. Só estamos esperando você! Que papéis são esses?

Egwene os agarrou com um pouco mais de força. Tentou soar ao mesmo tempo submissa e respeitosa.

— Verin Sedai acha que eu devo estudá-los, Aes Sedai.

O que faria se Sheriam pedisse para vê-los? Que desculpa daria para se recusar a entregá-los, que explicação teria para as páginas que mencionavam as treze mulheres da Ajah Negra e os *ter'angreal* roubados?

Sheriam, no entanto, pareceu se esquecer dos papéis no instante em que perguntou por eles.

— Deixe isso para lá. Você está sendo chamada, todas estão aguardando. — Ela puxou Egwene pelo braço e a forçou a caminhar mais depressa.

— Chamada, Sheriam Sedai? Estão me esperando para quê?

Sheriam balançou a cabeça, exasperada.

— Você esqueceu que será elevada a Aceita? Quando for ao meu gabinete, amanhã, já estará usando o anel, embora eu duvide que isso vá torná-la mais mansa.

Egwene tentou parar de andar, mas a Aes Sedai a mandou seguir, entrando em um lance de escadas estreitas, que conduziam abaixo em espiral pelas paredes da biblioteca.

— Hoje à noite? Já? Mas estou morrendo de sono, Aes Sedai, e suja, e... pensei que ainda teria alguns dias. Para ficar pronta. Para me preparar.

— O tempo não espera por mulher alguma — retrucou Sheriam. — Há de ser o que a Roda tecer, *quando* a Roda tecer. Além do mais, como é que você iria se preparar? Já sabe tudo de que precisa. Mais do que sua amiga, Nynaeve, sabia. — Ela empurrou Egwene por uma porta minúscula ao pé da escadaria e a conduziu apressadamente por outro corredor, até uma rampa que descia em curva.

— Eu prestei atenção às aulas — protestou Egwene — e me lembro de todas, mas... será que não posso ter uma noite de sono primeiro? — A rampa sinuosa parecia não ter fim.

— O Trono de Amyrlin decidiu que não há razão para esperar. — Sheriam lançou um sorriso de soslaio a Egwene. — As palavras exatas foram “depois que se decide estripar um peixe, não há por que esperar que ele apodreça”. A essa hora, Elayne já passou pelos arcos, e a Amyrlin quer que você passe também, ainda hoje. Não que eu veja motivo para tanta pressa — acrescentou, quase para si mesma —, mas, quando a Amyrlin ordena, nós obedecemos.

Egwene se deixou ser levada pela rampa em silêncio, um nó se formando no estômago. Nynaeve estava longe de conversar abertamente sobre o que aconteceu quando foi elevada a Aceita. Tudo o que dizia sobre o assunto era um “odeio as Aes Sedai!”, acompanhado de uma careta. Quando a rampa enfim terminou em um corredor largo, bem abaixo da Torre no rochedo da ilha, Egwene tremia.

O corredor era simples e sem decoração, a pedra clara onde ele fora construído tinha sido alisada, mas fora isso estava intocada. Bem no final havia apenas uma porta dupla de madeira escura, feita de tábuas com bom acabamento e ajuste fino, além de alta e larga como o portão de uma fortaleza, e tão simples quanto o restante do ambiente. As grandes portas eram tão bem-feitas que Sheriam abriu uma delas sem dificuldade com um empurrão, puxando Egwene atrás de si e adentrando um grande aposento com teto abobadado.

— Já não era sem tempo! — reclamou Elaida.

Ela estava parada em um dos cantos, usando o xale de franjas vermelhas, ao lado de uma mesa na qual jaziam três grandes cálices de prata.

Lampiões em suportes altos iluminavam o aposento e o que havia no centro, embaixo da cúpula. Era um artefato formado por três arcos de prata arredondados, com altura suficiente para ultrapassar uma pessoa, e cujas

bases se tocavam, interligadas por um círculo de prata, compondo uma mesma peça. Uma Aes Sedai estava sentada de pernas cruzadas na pedra nua que havia à frente de cada um dos pontos onde os arcos se apoiavam no círculo. As três usavam os xales. Alanna era da Ajah Verde, mas Egwene não conhecia a irmã Amarela e nem a Branca.

Envoltas pelo brilho tênue de *saidar*, as três Aes Sedai olhavam fixamente para os arcos, e, no interior da estrutura de prata, um brilho crescente cintilava em resposta. A estrutura era um *ter'angreal*, e qualquer que tivesse sido seu propósito na Era das Lendas, nesse momento era por onde as noviças passavam para se tornarem Aceitas. Ali dentro, Egwene teria que enfrentar seus medos. Três vezes. A luz branca no interior dos arcos já não cintilava, apenas pairava dentro deles, como se estivesse confinada. Mas ainda assim preenchia o espaço, tornando-o opaco.

— Calma, Elaida — respondeu Sheriam, muito tranquila. — Não vai demorar. — Ela se virou para Egwene. — As noviças recebem três chances. Você pode se recusar a entrar duas vezes, mas, na terceira recusa, será expulsa da Torre para sempre. Em geral, é assim que acontece, e você sem dúvida tem o direito de recusar, mas não creio que o Trono de Amyrlin ficará satisfeita se isso acontecer.

— Ela não deveria ter essa chance. — A voz de Elaida era como ferro, e seu rosto não era muito mais suave. — Não me interessa qual é seu potencial. Ela deveria ser expulsa da Torre. Ou ser obrigada a esfregar o chão pelos próximos dez anos.

Sheriam lançou à irmã Vermelha um olhar cortante.

— Você não foi tão inflexível em relação a Elayne. E exigiu participar, Elaida, talvez por causa de Elayne, e agora também fará sua parte por essa garota, como deve ser. Ou sairá daqui, e eu encontrarei outra.

As duas Aes Sedai se encararam, e Egwene não se surpreenderia se visse o brilho do Poder Único envolvê-las. Enfim, Elaida jogou a cabeça para trás e fungou alto.

— Se deve ser feito, façamos logo. Dê a essa infeliz a chance de recusar e acabar logo com tudo. Está tarde.

— Não vou recusar. — A voz de Egwene vacilou, mas ela a deixou mais firme e ergueu a cabeça. — Quero continuar.

— Bom — disse Sheriam. — Bom. Agora, vou lhe dizer duas coisas que mulher alguma ouve até chegar no lugar onde você se encontra. Depois que começar, deve ir até o fim. Caso se recuse a prosseguir, em qualquer momento, será expulsa da Torre como se tivesse se recusado a começar pela terceira vez. E segundo, buscar, se empenhar, significa enfrentar o

perigo. — Ela parecia ter repetido aquela frase inúmeras vezes. Havia um lampejo de compaixão em seus olhos, mas o rosto era quase tão austero quanto o de Elaida. A compaixão assustou Egwene mais do que a austeridade. — Algumas mulheres entraram e nunca saíram. Quando o *ter'angreal* se aquietou, elas... não... estavam... lá. E nunca mais foram vistas. Se quiser sobreviver, precisa ser firme. Se hesitar, se falhar... — A expressão de Sheriam pronunciava as palavras não ditas. Egwene estremeceu. — Esta é sua última chance. Caso se recuse agora, conta apenas como a primeira. Ainda poderá tentar outras duas. Se aceitar agora, não há como voltar atrás. Não é uma vergonha recusar. Eu mesma não consegui na minha primeira vez que vim aqui. Escolha.

Elas nunca voltaram? Egwene engoliu em seco. *Quero ser uma Aes Sedai. Mas antes tenho que me tornar Aceita.*

— Eu aceito.

Sheriam assentiu.

— Então apronte-se.

Egwene apenas piscou, e então lembrou. Tinha que entrar sem roupas. Ela se agachou para depositar o embrulho de papéis que Verin tinha lhe entregado... e hesitou. Se os deixasse ali, Sheriam ou Elaida poderiam mexer neles enquanto ela estivesse dentro do *ter'angreal*. Poderiam descobrir o *ter'angreal* menor em sua bolsa. Se ela se recusasse a prosseguir, poderia escondê-los, talvez deixá-los com Nynaeve. Ela prendeu a respiração. *Não posso recusar agora. Já comecei.*

— Decidiu recusar, criança? — perguntou Sheriam, franzindo a testa. — Sabendo o que isso significa, a essa altura?

— Não, Aes Sedai — respondeu Egwene, mais do que depressa.

Rapidamente, ela se despiu e dobrou as roupas, depois as depositou sobre a bolsa e os papéis. Teria que ser suficiente.

Junto ao *ter'angreal*, Alanna falou de repente:

— Há uma espécie de... ressonância. — Ela não tirou os olhos dos arcos. — Quase um eco. Não sei de onde vem.

— Algum problema? — perguntou Sheriam, com rispidez. Também parecia surpresa. — Não vou mandar mulher nenhuma aí para dentro se houver algum problema.

Egwene olhou, ansiosa, para a pilha de roupas. *Por favor, sim, Luz, um problema. Alguma coisa que me permita esconder esses papéis sem ter que me recusar a entrar.*

— Não — respondeu Alanna. — Parece o zumbido de um picadinha voando em volta da nossa cabeça quando estamos tentando pensar, mas

não chega a interferir. Não teria mencionado, mas nunca aconteceu antes, que eu saiba. — Ela balançou a cabeça. — Já passou.

— Talvez — disse Elaida, secamente — outras tenham pensado que ocorrências tão pequenas não valessem a pena ser mencionadas.

— Vamos em frente. — Pelo tom, Sheriam não toleraria mais distrações. — Venha.

Egwene lançou um último olhar às roupas e aos papéis escondidos e seguiu em direção aos arcos. A pedra sob seus pés estava gélida.

— Quem trazes contigo, Irmã? — inquiriu Elaida.

Em seu ritmo comedido, Sheriam respondeu:

— Alguém que se apresenta como candidata à Aceitação, Irmã.

As três Aes Sedai ao redor do *ter'angreal* não se moviam.

— Ela está pronta?

— Está pronta para deixar para trás o que era e, ao passar por seus próprios medos, ser Aceita.

— Ela conhece seus medos?

— Ela nunca os encarou, mas agora está disposta.

— Então que ela encare o que teme. — Mesmo com a formalidade, havia um toque de satisfação na voz de Elaida.

— A primeira vez — disse Sheriam — é pelo que foi. A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Egwene respirou fundo e deu um passo à frente, adentrando o arco e o brilho. A luz a tragou por inteiro.

* * *

— Jaim Dawtry passou por aqui. Ele disse que o mascate trouxe uma notícia estranha de Baerlon.

Egwene ergueu a cabeça do berço que balançava. Rand estava parado diante da porta. Por um instante, ficou tonta. Ela olhou de Rand — *meu marido* — para a criança no berço — *minha filha* — e de volta para ele, admirada.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Não era seu pensamento, mas uma voz que poderia estar ou não dentro de sua cabeça, feminina ou masculina, impassível e irreconhecível. Por alguma razão, não parecia estranha.

O momento de assombro passou, e a única coisa a se perguntar era por que havia ficado admirada antes. É claro que Rand era seu marido — seu marido lindo e carinhoso —, e Joiya, sua filha — a garotinha mais linda e

delicada de Dois Rios. Tam, pai de Rand, estava fora com as ovelhas, supostamente para deixar Rand trabalhar no celeiro, mas na verdade era para que ele pudesse ter mais tempo para passar com Joiya. Naquela tarde, os pais de Egwene viriam da aldeia. E talvez Nynaeve, para ver se ser mãe estava interferindo em seus estudos a fim de um dia substituí-la como Sabedoria.

— Que notícia? — perguntou. Voltou a embalar o berço, e Rand se aproximou e sorriu para a criança pequenina, toda enroladinha. Egwene riu, baixinho, para si mesma. Ele estava tão encantado com a filha que não ouvia o que metade das pessoas diziam, metade do tempo. — Rand? Que notícia é essa? Rand?

— O quê? — O sorriso dele desapareceu. — Uma notícia estranha. Guerra. Está acontecendo alguma guerra grande, envolvendo a maior parte do mundo, foi o que disse Jim. — Era mesmo uma notícia estranha: relatos de guerra raramente chegavam a Dois Rios até que a guerra estivesse terminada havia muito tempo. — Ele disse que todo mundo está lutando contra um povo chamado Shawkin, ou Sanchan, ou algo do tipo. Nunca ouvi falar.

Egwene sabia, ou achava que sabia... Mas independentemente do que fosse, já estava terminado.

— Está tudo bem? — perguntou ele. — Não é nada que vá nos incomodar por aqui, coração. As guerras nunca chegam a Dois Rios. Estamos muito longe de tudo e de todos.

— Não estou preocupada. Jaim disse mais alguma coisa?

— Nada que dê para acreditar. Ele parecia um Coplin falando. Disse que o mascate contou que esse povo usa Aes Sedai nas batalhas, mas que depois comentou que estão oferecendo mil marcos de ouro a quem lhes entregar uma Aes Sedai. E que matam quem as esconder. Não faz sentido. Bem, não há nada para nos preocupar. Está tudo muito longe daqui.

Aes Sedai. Egwene pôs a mão na cabeça. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.*

Ela notou que Rand também havia levado uma das mãos à cabeça.

— São as dores de cabeça? — perguntou.

Ele assentiu, os olhos apertados.

— Aquele pó que Nynaeve me deu não tem funcionado.

Ela hesitou. Aquelas dores de cabeça a preocupavam. Vinham cada vez mais fortes nos últimos tempos. E o pior de tudo era algo que ela não percebera a princípio, algo que quase desejou jamais ter percebido. Quando a cabeça de Rand doía, coisas estranhas aconteciam logo em seguida.

Relâmpagos no céu azul reduziram a pó o enorme toco de carvalho do qual ele removera a raiz dois dias antes, para ele e Tam abrirem um campo novo. Tempestades que Nynaeve não havia previsto ao escutar o vento. Incêndios na floresta. E, quanto maior a dor, pior era o que acontecia em seguida. Ninguém mais ligara aqueles acontecimentos a Rand, nem mesmo Nynaeve, e Egwene era muito grata por isso. Ela não queria pensar no que tudo aquilo poderia significar.

Isso é uma baita estupidez, disse a si mesma. Preciso saber, se quiser ajudá-lo.

Ela tinha um segredo próprio, que a assustava mesmo quando tentava desvendar o significado. Nynaeve estava ensinando a Egwene sobre as ervas, instruindo-a para um dia ocupar seu lugar como Sabedoria. As curas de Nynaeve com frequência funcionavam de forma quase milagrosa, feridas curadas sem sequer uma cicatriz, gente doente praticamente trazida de volta do túmulo. No entanto, Egwene já havia curado três pessoas cujos casos Nynaeve julgara sem solução. Por três vezes, ela se sentara para segurar a mão de alguém durante a última hora e vira a pessoa se levantar do leito de morte. Nynaeve a questionara com muita atenção a respeito do que fizera, que ervas usara e em que combinações. Até então, Egwene não tivera coragem de admitir que não tinha feito nada. *Devo ter feito alguma coisa. Uma vez só poderia até ser culpa do acaso, mas três... Preciso descobrir o que foi. Preciso aprender.* Aquilo disparou um alarme em sua cabeça, como se as palavras ecoassem em seu cérebro. *Se pude fazer algo por eles, posso ajudar meu marido.*

— Me deixe tentar, Rand — disse.

Enquanto permanecia de pé, ela viu, através da porta aberta, um arco de prata bem na frente da casa. Um arco cheio de luz branca. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.* Antes que pudesse se impedir, deu dois passos em direção à porta.

Então parou de repente e olhou para trás. Joiya balbuciava no berço, e Rand ainda pressionava a cabeça, olhando-a como se perguntasse aonde ela ia.

— Não — disse. — Não, é isso o que eu quero! É isso o que eu quero! Por que não posso ter, também? — Ela não compreendia as próprias palavras. É claro que era aquilo o que queria... e tinha.

— O que é que você quer, Egwene? — perguntou Rand. — Se for algo que eu possa dar a você, sabe que darei. Se eu não puder, eu fabricarei.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Ela deu outro passo em direção à porta. O arco de prata a chamava. Algo a aguardava do outro lado. Algo que ela queria mais do que tudo no mundo. Algo que ela deveria fazer.

— Egwene, eu...

Um baque ressoou atrás dela, que olhou para trás, por cima do ombro, e viu Rand de joelhos, curvado, com a cabeça apoiada nas mãos. A dor nunca o atingira com tanta força. *O que acontecerá depois disso?*

— Ah, Luz! — arfou ele. — Luz! Dói! Luz, dói mais do que nunca! Egwene?

Seja firme.

Aquilo estava à espera. Algo que ela precisava fazer. Precisava. Ela deu um passo. Foi difícil, mais difícil que qualquer coisa que já fizera na vida. Para fora, em direção ao arco. Atrás dela, Joiya ria.

— Egwene? Egwene, eu não consigo... — Ele parou, com um gemido alto de dor.

Firme.

Ela endireitou a postura e seguiu caminhando, mas não pôde conter as lágrimas que desciam por seu rosto. Os gemidos de Rand aumentaram até virarem gritos, sufocando as risadas de Joiya. Pelo canto do olho, Egwene viu Tam chegando, correndo o mais depressa que conseguia.

Ele não pode ajudar, pensou, e as lágrimas se transformaram em soluços de desalento. *Ele não pode fazer nada. Mas eu posso. Eu posso.*

Ela adentrou a luz... e foi arrebatada.

* * *

Tremendo e soluçando, Egwene saiu pelo mesmo arco que entrara, as lembranças voltando, jorrando como uma cascata ao encarar o rosto de Sheriam. Elaida derramou sem pressa o conteúdo de um cálice de prata em sua cabeça, e a água límpida e gelada lavou suas lágrimas. Ela continuava a chorar, pensava que jamais pararia.

— Você está lavada — enunciou Elaida — de qualquer pecado que possa ter cometido, e dos cometidos contra você. Você está sendo lavada de qualquer crime que tenha cometido, e dos cometidos contra você. Você vem a nós lavada e pura, de coração e alma.

Luz, pensou Egwene, enquanto a água caía pelo seu corpo, *que assim seja. Será que a água pode lavar o que eu fiz?*

— O nome dela era Joiya — disse a Sheriam, entre soluços. — Joiya. Nada pode valer o que eu acabei de... o que eu...

— Tornar-se Aes Sedai tem um preço — retrucou Sheriam, mas a compaixão havia retornado ao olhar da mulher, agora mais forte do que antes. — Sempre tem um preço.

— Isso foi real? Ou eu sonhei? — O choro consumiu o restante do que ela queria dizer. *Eu abandonei Rand lá, para morrer? Abandonei minha filha?*

Sheriam a envolveu com um dos braços e começou a conduzi-la ao redor do círculo de arcos.

— Toda mulher que vi sair dali fez a mesma pergunta. A resposta é que ninguém sabe. Já se especulou que talvez algumas que não voltaram tenham escolhido ficar por terem encontrado um lugar mais feliz, e viveram o resto da vida do outro lado. — A voz dela ficou mais severa. — Se isso for verdade, se elas ficaram por escolha própria, espero que não sejam nada felizes. Não tenho pena de quem foge das responsabilidades. — Ela suavizou um pouco o tom firme. — Eu, particularmente, não acredito que seja real. Mas o perigo é. Lembre-se disso. — Ela parou diante do próximo arco luminoso. — Está pronta?

Nervosa, Egwene assentiu, e Sheriam tomou-a pelo braço.

— A segunda vez é pelo que é. A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Egwene estremeceu. *Seja lá o que aconteça, não tem como ser pior que o anterior. Não tem como.* Então adentrou a luz.

* * *

Ela olhou para o próprio vestido, de seda azul com pérolas costuradas, todo empoeirado e rasgado. Ergueu a cabeça e viu as ruínas de um grande palácio ao redor. O Palácio Real de Andor, em Caemlyn. Sabia daquilo, e quis gritar.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

O mundo não era como ela gostaria, e não havia forma de pensar naquilo sem ter vontade de chorar, mas suas lágrimas tinham secado havia muito tempo, e o mundo era o que era. Ruínas eram exatamente o que ela esperava ver.

Sem se preocupar em rasgar ainda mais o vestido, mas tão atenta aos sons quanto um rato, ela escalou uma das pilhas de cascalho e avistou as curvas das ruas da Cidade Interior. Em todas as direções, viu apenas ruínas e destruição, prédios que pareciam ter sido destroçados por homens insanos, colunas grossas de fumaça subindo de fogueiras que ainda ardiam. Havia gente nas ruas, bandos de homens armados em ronda, vasculhando.

E Trollocs. Os homens se mantinham longe dos Trollocs, e os Trollocs rosnavam para eles e riam, soltando gargalhadas roucas e guturais. Mas eles se conheciam, trabalhavam juntos.

Um Myrddraal avançou pela rua a passos largos. O manto negro drapejava de leve com os passos, mesmo sob as rajadas de vento que carregavam poeira e lixo ao redor dele. Homens e Trollocs acovardaram-se diante daquele rosto que os encarava sem olhos.

— Cacem! — A voz soava como algo em decomposição havia muito tempo. — Não fiquem aí parados, tremendo! Encontrem-no!

Egwene escorregou de volta para a pilha de pedras amontoadas do modo mais silencioso que pôde.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Ela parou, temendo que o sussurro tivesse vindo do Filho das Sombras. De alguma forma, no entanto, tinha certeza de que não viera. Ela olhou por cima do ombro, quase com medo de ver o Myrddraal parado bem atrás dela, então correu para a frente e entrou no palácio em ruínas, escalando vigas de madeira caídas e espremendo-se entre blocos pesados de alvenaria enquanto abria caminho. Chegou a pisar no braço de uma mulher que saía de debaixo do monte de gesso e tijolos que já haviam constituído uma parede interna e talvez parte do piso superior. Mal percebeu o braço, e tampouco o anel da Grande Serpente em um dos dedos da mão. Ela aprendera a não enxergar os mortos enterrados na montanha de sucata em que os Trollocs e Amigos das Trevas haviam transformado Caemlyn. Nada podia fazer pelos mortos.

Forçando passagem entre um vão estreito, onde parte do teto havia desabado, ela chegou em um aposento meio soterrado sob o que ficava acima dele, antes de tudo aquilo. Rand estava no chão, com uma viga pesada comprimindo seu quadril, as pernas escondidas sob os blocos de pedra que preenchiam metade do recinto. Tinha o rosto coberto de poeira e suor. Quando ela se aproximou, ele abriu os olhos.

— Você voltou. — Ele proferiu as palavras com dificuldade, em um ruído rouco. — Eu pensei que... não importa. Você precisa me ajudar.

Cansada, ela se jogou no chão.

— Eu poderia levantar essa viga com Ar sem dificuldade, mas assim que ela se mover tudo vai desabar bem em você. Em nós dois. Não consigo dar conta de tudo isso, Rand.

Ele soltou uma risada amarga e dolorida, interrompida quase no instante em que começou. O suor cintilava em seu rosto, e ele falava com dificuldade.

— Eu mesmo poderia deslocar a viga. Você sabe disso. Eu poderia mover a viga e as pedras acima, todas elas. Mas preciso me entregar para fazer isso, e não posso confiar nela. Não posso confiar... — Ele hesitou, sem fôlego.

— Não estou entendendo — retrucou ela, devagar. — Se entregar? Em quem é que você não pode confiar?

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme. Ela esfregou as mãos na orelha com força.

— Na loucura, Egwene. Eu estou... na verdade... mantendo-a... afastada. — A risada sem fôlego fez a pele de Egwene se arrepiar. — Mas fazer isso requer toda a minha força. Se eu parar, mesmo por um instante, a loucura vai me consumir. Então não vou mais me importar com o que fizer. Você precisa me ajudar.

— Como, Rand? Já tentei tudo o que sei. Diga-me como, e eu farei.

Ele deixou a mão cair ao lado de uma adaga que jazia na poeira, a lâmina à mostra.

— A adaga — sussurrou. Com muito esforço, levou a mão de volta até o peito. — Aqui. No coração. Me mate.

Ela olhou para ele e para a adaga, como se ambos fossem serpentes venenosas.

— Não! Rand, não vou fazer isso. Não posso! Como é que você me pede uma coisa dessas?

Bem devagar, ele arrastou a mão de volta até a adaga. Mais uma vez, os dedos não a alcançaram. Ele se esticou, gemendo, e tocou a arma com a ponta dos dedos. Antes que ele pudesse tentar de novo, ela chutou o objeto para longe. Rand desabou em soluços.

— Por quê? — exigiu saber. — Por que está me pedindo para... matar você? Eu vou Curá-lo, farei qualquer coisa para tirá-lo daqui, mas não posso matá-lo. Por quê?

— Eles podem me obrigar, Egwene. — A respiração dele era tão angustiante que ela quis chorar. — Se me levarem... o Myrddraal... os Senhores do Medo... podem me levar para a Sombra. Se a loucura me dominar, não vou poder resistir. Não vou nem saber o que estão fazendo, até que seja tarde demais. Se houver a menor centelha de vida em mim quando eles me encontrarem, poderão levar tudo adiante. Por favor, Egwene. Pelo amor da Luz. Me mate.

— Eu... eu não consigo, Rand! Que a Luz me ajude, eu não consigo!

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Ela olhou por cima do ombro, e um arco de prata repleto de luz branca ocupou a maior parte do espaço entre os destroços.

— Egwene, me ajude.

Seja firme.

Ela se levantou e deu um passo em direção ao arco. Estava bem na sua frente. Mais um passo, e...

— Por favor, Egwene. Me ajude. Eu não consigo alcançar. Pelo amor da Luz, Egwene, me ajude!

— Não posso matar você — sussurrou. — Não posso. Me perdoe.

Ela deu um passo à frente.

— EGWENE, ME AJUDE!

A luz a reduziu a cinzas.

* * *

Ela saiu do arco cambaleante, sem perceber ou se importar com a nudez. Um tremor a percorreu, e ela cobriu a boca com as mãos.

— Eu não consegui, Rand — sussurrou. — Não consegui. Por favor, me perdoe. — *Luz, ajude-o. Por favor, Luz, ajude Rand.*

A água fria escorreu por sua cabeça.

— Você está sendo lavada e purificada do falso orgulho — entoou Elaida. — Você está sendo lavada e purificada da falsa ambição. Você vem a nós lavada e purificada, de coração e alma.

Quando a irmã Vermelha se virou, Sheriam tomou os ombros de Egwene com gentileza e a conduziu até o último arco.

— Mais um, criança. Mais um, então estará acabado.

— Ele disse que eles poderiam levá-lo para a Sombra — balbuciou Egwene. — Disse que o Myrddraal e os Senhores do Medo o obrigariam.

Sheriam tropeçou e olhou em volta depressa. Elaida estava quase de volta à mesa. As Aes Sedai em volta do *ter'angreal* encaravam o objeto, alheias a todo o resto.

— Algo muito desagradável de se dizer, criança — falou Sheriam, por fim, bem baixinho. — Venha. Só mais um.

— Eles podem? — insistiu Egwene.

— É costume não falar sobre o que ocorre dentro do *ter'angreal* — respondeu Sheriam. — Os medos de uma mulher pertencem apenas a ela própria.

— Eles podem?

Sheriam suspirou, olhou mais uma vez para as outras Aes Sedai, baixou a voz a um sussurro e disse, bem depressa:

— Isso é um fato que somente poucos conhecem, criança, mesmo dentro da Torre. Você não deveria saber disso agora, talvez nunca, mas vou lhe contar. A capacidade de canalizar traz... uma fraqueza. Aprendermos a nos abrir para a Fonte Verdadeira significa podermos... nos abrir para outras coisas. — Egwene estremeceu. — Fique calma, criança. Não é tão fácil assim. Esse tipo de coisa não é feito, até onde sei, e que a Luz permita, desde as Guerras dos Trollocs. Foram necessários treze Senhores do Medo, Amigos das Trevas capazes de canalizar, combinando o fluxo através de treze Myrddraal. Vê? Não é tão fácil assim. Não há Senhores do Medo hoje em dia. Esse é um segredo da Torre, criança. Se outros soubessem, jamais poderíamos convencê-los de que estão seguros. Apenas alguém capaz de canalizar pode ser dominado dessa forma. É a fraqueza de nossa força. Todos os outros estão seguros como fortalezas, apenas seus próprios atos e vontades podem entregá-los à Sombra.

— Treze — disse Egwene, baixinho. — A mesma quantidade de mulheres que deixaram a Torre. Liandrin, mais outras doze.

O rosto de Sheriam endureceu.

— Não há por que insistir nesse assunto. Esqueça. — A voz retornou ao volume normal. — A terceira vez é pelo que será. A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Egwene encarou o arco reluzente, depois olhou um pouco adiante. *Liandrin e outras doze. Treze Amigas das Trevas capazes de canalizar. Que a Luz nos ajude.* Ela adentrou a luz. A luz a preenchia. Brilhava através dela. Queimava seus ossos, fazia sua alma arder. Ela brilhava, incandescente, sob a luz. *Que a Luz me ajude! Não havia nada além de luz. E dor.*

* * *

Egwene olhou para o espelho de corpo inteiro sem saber se estava mais surpresa com a placidez de idade indefinida de seu rosto ou com a estola listrada que pendia do pescoço. A estola do Trono de Amyrlin.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Treze.

Ela cambaleou, agarrou o espelho com força e quase caiu junto com ele no chão de azulejos azuis do quarto de vestir. *Há algo errado,* pensou. A estranheza não tinha nada a ver com a tontura súbita, ou pelo menos não

era aquilo que ela achava que estava errado. Era outra coisa. Mas ela não fazia ideia do quê.

Havia uma Aes Sedai a seu lado, uma mulher com as mesmas maçãs do rosto salientes de Sheriam, mas de cabelos escuros e olhos castanhos e apreensivos, exibindo nos ombros a pequena estola de Curadora. Porém não era Sheriam. Egwene jamais a vira, no entanto, tinha certeza de que a conhecia tão bem quanto a si mesma. Hesitante, deu um nome à mulher. Beldeine.

— Está passando mal, Mãe?

A estola dela é verde. Significa que foi elevada da Ajah Verde. A Curadora sempre vem da mesma Ajah que a Amyrlin a quem serve. Isso quer dizer que, se eu sou a Amyrlin... se... também sou da Ajah Verde. O pensamento a abalou. Não por ser da Ajah Verde, mas por ter precisado chegar àquela conclusão. *Luz, há algo errado comigo.*

A saída só apa... A voz em sua cabeça enfraqueceu e terminou em um murmúrio.

Treze Amigos das Trevas.

— Estou bem, Beldeine — respondeu Egwene. O nome pareceu estranho em sua boca, como se estivesse repetindo-o havia anos. — Não podemos deixá-las esperando. — *Deixar quem esperando?* Ela não sabia, sabia apenas que se sentia infinitamente triste em acabar com aquela espera, sentia uma relutância sem fim.

— Eles ficarão ainda mais impacientes, Mãe. — A voz de Beldeine vacilou, como se ela sentisse a mesma hesitação que Egwene, mas por razão diferente.

A não ser que o palpite de Egwene estivesse errado, Beldeine estava apavorada por trás daquela calma aparente.

— Nesse caso, é melhor acabarmos logo com isso.

A mulher assentiu, depois respirou fundo e cruzou o tapete até o ponto em que o cajado de seu posto, com a lágrima da Chama Branca de Tar Valon na ponta, estava apoiado junto à porta.

— Creio que sim, Mãe. — Ela pegou o cajado, abriu a porta para Egwene e correu na frente. As duas partiram em procissão, a Curadora das Crônicas conduzindo o Trono de Amyrlin.

Egwene mal notou os corredores por onde passavam. Estava perdida nos próprios pensamentos. *O que está acontecendo comigo? Por que não consigo me lembrar? Por que tudo de que eu... quase me lembro está errado?* Ela tocou a estola com sete listras no ombro. *Por que tenho quase certeza de que ainda sou uma noviça?*

A saída só aparecerá... — Dessa vez, a frase terminou de repente.

Treze da Ajah Negra.

Ela deu um tropeção. Era um pensamento assustador, mas o calafrio que sentiu ia além do medo. Parecia... pessoal. Ela quis gritar, correr e se esconder. Sentiu-se como se alguém a estivesse perseguindo. *Bobagem. A Ajah Negra foi destruída.* Aquele também parecia um pensamento estranho. Parte dela se lembrava de algo chamado Grande Expurgo. Parte dela tinha certeza de que aquilo jamais acontecera.

Com os olhos fixos à frente, Beldeine não percebeu o tropeção. Egwene precisou apressar o passo para alcançá-la. *Esta mulher está assustada até a raiz dos cabelos. Aonde, pela Luz, ela está me levando?*

Beldeine parou diante de portas duplas altas, cuja madeira escura era marchetada com a Chama de Tar Valon, grande e prateada. Limpou as mãos no vestido, como se estivessem ficando suadas de repente. Então abriu uma das portas e conduziu Egwene pela subida de uma rampa reta, feita das mesmas pedras brancas rajadas de prata que formavam os muros de Tar Valon. Mesmo ali, elas pareciam brilhar.

A rampa levava a uma sala ampla e circular, com um teto abobado a pelo menos trinta passos de altura. Uma plataforma elevada se estendia na extremidade do aposento, toda rodeada por degraus, exceto pela rampa em que estavam e onde havia outras duas, todas com espaçamento igual ao redor do círculo. A Chama de Tar Valon estava marcada no chão, bem no centro, rodeada por espirais largas com as cores das sete Ajahs. Do lado oposto à rampa, encontrava-se uma cadeira de espaldar alto, pesada e ornamentada com entalhes de vinhas e folhas, pintada com as cores de todas as Ajahs.

Beldeine bateu forte com o cajado no chão. Sua voz soou trêmula.

— Ela chegou. A Vigia dos Selos. A Chama de Tar Valon. O Trono de Amyrlin. Ela chegou.

Com um farfalhar de saias, as mulheres de xale na plataforma levantaram-se de suas cadeiras. Vinte e uma cadeiras em grupos de três, cada trio pintado e estofado com a mesma cor das franjas dos xales das mulheres que nelas se sentavam.

O Salão da Torre, pensou Egwene enquanto caminhava até sua cadeira. A cadeira do Trono de Amyrlin. É isso o que é. *O Salão da Torre*, e as *Votantes das Ajahs*. *Já estive aqui mil vezes.* Mas não conseguia se lembrar de nenhuma delas. *O que estou fazendo no Salão da Torre? Luz, elas vão me esfolar viva quando virem...* Ela não tinha certeza do que elas veriam, mas rezava para que não o fizessem.

A saída só aparecerá...

A saída...

A...

A Ajah Negra aguarda. Aquela frase, ao menos, estava completa. Vinha de toda parte. Por que parecia que ninguém mais ouvia?

Acomodando-se na cadeira do Trono de Amyrlin, que também era o Trono de Amyrlin, ela percebeu que não tinha ideia do que fazer em seguida. As outras Aes Sedai se sentaram depois dela, todas exceto Beldeine, que continuou a seu lado com o cajado, engolindo em seco, nervosa. Todas pareciam esperar que Egwene fizesse algo.

— Comecem — disse, enfim.

Parecia o suficiente. Uma das Representantes Vermelhas se levantou. Egwene ficou chocada ao reconhecer Elaida. Ao mesmo tempo, soube que a mulher era a principal Votante Vermelha, além de sua maior e mais amarga inimiga. O olhar no rosto da mulher que a encarava do outro lado do recinto fez Egwene estremecer por dentro. Era duro, frio e... triunfante. Fazia promessas sobre as quais era melhor não pensar.

— Tragam-no — disse a Vermelha, em voz alta.

De uma das rampas, não a que Egwene havia usado para entrar, veio o ruído de botas batendo na pedra. Pessoas surgiram. Doze Aes Sedai rodeavam três homens. Dois deles eram guardas corpulentos portando a lágrima branca da Chama de Tar Valon no peito. Eles puxavam as correntes que prendiam o terceiro homem; este cambaleava, atordoado.

Egwene inclinou-se para a frente na cadeira. O homem acorrentado era Rand. Com os olhos semicerrados e a cabeça inclinada, parecia quase dormir, movendo-se apenas para onde as correntes o conduziam.

— Este homem — anunciou Elaida — proclamou-se o Dragão Renascido. — Houve um burburinho de repugnância, não como se a plateia estivesse surpresa, mas como se não fosse algo agradável de ouvir. — Este homem canalizou o Poder Único. — O burburinho cresceu, agora expressando nojo e um pouco de medo. — Há apenas uma penalidade para este caso, conhecida em todas as nações, mas anunciada apenas aqui, em Tar Valon, no Salão da Torre. Convoco o Trono de Amyrlin a pronunciar a sentença de amansamento para este homem.

Os olhos de Elaida brilharam para Egwene. *Rand. O que eu faço? Luz, o que eu faço?*

— Por que hesita? — inquiriu Elaida. — A sentença foi redigida há trezentos anos. Por que hesita, Egwene al’Vere?

Uma das Votantes Verdes ficou de pé, claramente irritada apesar da calma.

— Que vergonha, Elaida! Demonstre respeito pelo Trono de Amyrlin! Respeito pela Mãe!

— O respeito — retrucou Elaida, com frieza — pode ser perdido, bem como conquistado. E então, Egwene? Será que enfim demonstrará sua fraqueza, sua inaptidão para a posição que ocupa? Será que não pronunciará a sentença para este homem?

Rand tentou erguer a cabeça, mas não conseguiu.

Egwene lutou para se levantar. Sua mente girava, tentando se lembrar de que era o Trono de Amyrlin e de que tinha o poder de comandar todas aquelas mulheres. Sua mente gritava que era uma noviça, que não pertencia àquele lugar, que algo estava absurdamente errado.

— Não — disse, trêmula. — Não, eu não posso! Não vou...

— Ela está se traindo! — O grito de Elaida sufocou a tentativa de Egwene de falar. — A própria boca a condena! Levem-na!

Quando Egwene abriu a boca, Beldeine aproximou-se dela. Em seguida, o cajado da Curadora atingiu-lhe a cabeça.

Escuridão.

Primeiro, sentiu a cabeça doer. Havia algo duro sob suas costas, e estava frio. Depois vieram as vozes. Murmúrios.

— Ela ainda está inconsciente?

Era um ruído rouco, parecia uma lixa rapando um osso.

— Não se preocupe — disse uma mulher, em algum lugar muito, muito longe. Parecia inquieta e assustada, mas tentava não demonstrar isso. — Tudo será resolvido antes que ela perceba o que está acontecendo. Então ela será nossa, e nós decidiremos o que fazer. Talvez a entreguemos para vocês se divertirem.

— Depois que terminarem com ela.

— Naturalmente.

As vozes ao longe ficaram ainda mais distantes.

Ela roçou a mão na perna e tocou a pele nua e áspera. Abriu os olhos de leve. Estava despida, machucada, deitada em uma mesa tosca de madeira, dentro do que parecia ser uma despensa desativada. Farpas espetavam suas costas. Ela sentia um gosto metálico de sangue na boca.

Um grupo de Aes Sedai conversava entre si de um dos lados do aposento, as vozes baixas, porém urgentes. A dor de cabeça não deixava Egwene raciocinar direito, mas parecia importante contá-las. Treze.

Outro grupo, composto por homens de mantos negros e capuzes, juntou-se às Aes Sedai, que pareciam divididas entre se encolher e tentar dominá-los com a própria presença. Um dos homens virou a cabeça para olhar em direção à mesa. O rosto pálido e morto dentro do capuz não tinha olhos.

Egwene não precisou contar os Myrddraal. Ela sabia. Treze Myrddraal e treze Aes Sedai. Sem pensar duas vezes, soltou um grito de puro terror. Ainda assim, em meio ao medo que a dilacerava, tentou alcançar a Fonte Verdadeira, tentou desesperadamente agarrar *saidar*.

— Ela acordou!

— Não pode ser! Ainda não!

— Blindem-na! Rápido! Rápido! Cortem-na da Fonte!

— É muito tarde! Ela é forte demais!

— Prendam-na! Rápido!

Mãos tentaram agarrar seus braços e pernas. Mãos pálidas como lesmas que vivem debaixo das pedras, controladas por mentes detrás de rostos brancos e sem olhos. Se aquelas mãos tocassem sua carne, ela sabia que enlouqueceria. O Poder a preencheu.

As chamas irromperam da pele dos Myrddraal e se alastraram pelo tecido preto como se fossem adagas de fogo. Meios-homens ganiam enquanto queimavam como papel encerado. Pedacos de pedra do tamanho de punhos se desprenderam das paredes e foram lançadas pela sala, fazendo todos os golpeados soltarem ganidos e grunhidos. O ar se agitava, revoltado, chiando, em um vendaval.

Lenta e dolorosamente, Egwene lançou-se para fora da mesa. O vento açoitava seus cabelos e a fazia cambalear, mas ela continuou a conduzi-lo enquanto andava em direção à porta. Uma Aes Sedai surgiu à sua frente, uma mulher ferida e sangrando, rodeada pelo brilho tênue do Poder. Uma mulher com a morte nos olhos negros.

A mente de Egwene deu um nome ao rosto. Gyldan. A maior confidente de Elaida, sempre de segredinhos nos corredores, à espreita durante as madrugadas. Egwene contraiu a boca. Ignorando as pedras e o vento, fechou o punho e socou Gyldan bem entre os olhos, com toda a força que tinha. A irmã Vermelha, ou melhor, a irmã *Negra*, se contorceu como se seus ossos derretessem.

Esfregando as juntas dos dedos, Egwene saiu, cambaleante, em direção ao corredor. *Obrigada, Perrin, pensou, por me ensinar a fazer isso. Mas você não me contou como a nossa mão dói, também.*

Ela fechou a porta com força contra o vento e canalizou. As pedras ao redor da entrada estremeceram, tiritaram e se arrumaram sobre a madeira. Não iria contê-las por muito tempo, mas qualquer coisa que as atrasasse por um minuto sequer já valia a pena. Minutos poderiam significar sua vida. Reunindo toda a força, ela se obrigou a sair correndo. Cambaleava, mas pelo menos estava correndo.

Precisava encontrar algumas roupas, decidiu. Uma mulher vestida tinha mais autoridade do que nua, e ela precisaria de toda a autoridade possível. O primeiro lugar onde procurariam por ela seria em seus aposentos, mas Egwene tinha um vestido, um par de sapatos extra e uma estola no gabinete, que não estava muito longe.

Era inquietante cruzar os corredores vazios. A Torre Branca já não tinha tanta gente quanto antes, mas sempre havia alguém por perto. O som mais alto era o baque de seus pés descalços nos azulejos.

Ela correu pela antessala do gabinete chegando ao cômodo interno, até que finalmente encontrou alguém. Beldeine estava sentada no chão, as mãos agarrando a cabeça, aos prantos.

Egwene parou, receosa, quando os olhos vermelhos de Beldeine encontraram os seus. Nenhum brilho de *saidar* envolvia a Curadora, mas Egwene ainda estava cautelosa. E confiante. Não era capaz de ver o próprio brilho, naturalmente, porém, o poder — o Poder — que se avolumava dentro dela era suficiente. Ainda mais quando somado ao seu segredo.

Beldeine esfregou uma das mãos no rosto molhado por lágrimas.

— Eu não tive escolha. Você precisa entender. Elas... elas... — Inspirando de forma trêmula e profunda, ela soltou tudo de uma vez: — Três noites atrás elas me pegaram enquanto eu dormia e me estancaram. — Ela elevou o tom de voz quase a um ganido. — Elas me *estancaram*! Não posso mais canalizar!

— Luz. — Egwene suspirou. A sobrecarga de *saidar* amorteceu o choque. — Que a Luz ajude e conforte você, minha filha. Por que não me contou? Eu teria... — Ela deixou a voz morrer, sabendo que não havia nada que pudesse ter feito.

— O que a senhora teria feito? O quê? Nada! Não há nada a se fazer. Mas elas disseram que poderiam reverter, com o poder do... o poder do Tenebroso. — Ela fechou os olhos, e as lágrimas escorreram. — Elas me machucaram, Mãe, e me fizeram... Ah, Luz, elas me machucaram! Elaida disse que me tornariam plena de novo, capaz de canalizar outra vez, se eu obedecesse. É por isso que... não tive escolha!

— Então Elaida é da Ajah Negra — comentou Egwene, com a voz severa. Havia um guarda-roupa estreito na parede, e dentro dele pendia um vestido de seda verde, guardado para quando ela não tinha tempo de retornar aos aposentos. Uma estola listrada estava pendurada ao lado do vestido. Mais do que depressa, ela começou a se vestir. — O que fizeram com Rand? Para onde o levaram? Responda, Beldeine! Onde está Rand al'Thor?

Beldeine abraçou o próprio corpo, os lábios trêmulos, os olhos frios virados para dentro, mas por fim se recompôs o suficiente para dizer:

— O Pátio dos Traidores, Mãe. Elas levaram Rand para o Pátio dos Traidores.

Calafrios dominaram Egwene. Calafrios de medo. Calafrios de raiva. Elaida não esperara uma hora sequer. O Pátio dos Traidores tinha apenas três propósitos: execuções, o estancamento de uma Aes Sedai e o amansamento de um homem capaz de canalizar. Mas todos os três requeriam uma ordem do Trono de Amyrlin. *Quem está usando a estola lá fora?* Elaida, não tinha dúvidas. *Mas como ela conseguiu que a aceitassem tão depressa, sem que eu fosse julgada e sentenciada? Não pode haver outra Amyrlin até que eu seja destituída da estola e da função. E não vou facilitar para elas. Luz! Rand!* Ela correu em direção à porta.

— O que a senhora pode fazer, Mãe? — gritou Beldeine. — O que a senhora pode fazer? — Não estava claro se ela se referia a Rand ou a si mesma.

— Mais do que qualquer um suspeita — respondeu Egwene. — Eu nunca segurei o Bastão dos Juramentos, Beldeine. — O arquejo da mulher a seguiu pela sala.

A memória de Egwene ainda brincava de esconde-esconde com ela. Não conhecia nenhuma mulher que tivesse conquistado o xale e o anel sem entoar os Três Juramentos com o Bastão firme nas mãos, o *ter'angreal* que gravava os juramentos nas mulheres de maneira tão profunda que era como se fossem incrustados em seus cernes. Nenhuma mulher se tornava Aes Sedai sem proferir os juramentos. Ainda assim, ela sabia que, de alguma forma que não era capaz de revelar, fizera exatamente aquilo.

Seus sapatos faziam estalidos rápidos no chão, enquanto ela corria. Pelo menos descobrira por que os corredores estavam vazios. Cada Aes Sedai, exceto talvez aquelas que deixara no depósito, cada Aceita, cada noviça, até mesmo as servas, todas estariam reunidas no Pátio dos Traidores, como manda a tradição, para assistir à consumação da vontade de Tar Valon.

E os Guardiões decerto estariam cercando o pátio, para o caso de alguém tentar libertar o homem que seria amansado. Os remanescentes dos exércitos de Guaire Amalasan já tinham tentado invadir o pátio, logo ao fim do que alguns chamavam de Guerra do Segundo Dragão, pouco antes da ascensão de Artur Asa-de-gavião dar novas preocupações a Tar Valon. E também os seguidores de Raolin Algoz-das-trevas, muitos anos antes. Se Rand tinha ou não seguidores, ela não conseguia lembrar, mas os Guardiões sempre se lembravam dessas coisas e tomavam as devidas precauções.

Se Elaida, ou qualquer outra, estivesse de fato usando a estola da Amyrlin, os Guardiões com certeza não permitiriam a entrada de Egwene no Pátio dos Traidores. Ela sabia que teria de entrar à força. Seria preciso agir rápido, não adiantaria nada se Rand fosse amansado enquanto ela ainda estivesse envolvendo os Guardiões em Ar. E até mesmo Guardiões cairiam se ela disparasse raios, fogo devastador ou se abrisse o chão sob seus pés. *Fogo devastador?*, pensou. Mas também não adiantaria nada se ela destruísse o poder de Tar Valon para salvar Rand. Tinha que salvar os dois.

Pouco antes de chegar ao Pátio dos Traidores, virou-se e começou a escalar escadas e rampas que se estreitavam a cada passo, até que abriu um alçapão com um tranco e foi até o topo inclinado de uma torre, um teto de azulejos quase brancos. De lá, era possível enxergar, depois dos tetos das outras torres, o grande átrio do Pátio dos Traidores.

O lugar estava lotado, exceto por um espaço vazio no meio. Pessoas observavam das janelas que tinham vista para o centro, aglomeravam-se nas sacadas e até no terraço, mas ela conseguiu distinguir o homem solitário, pequenino a distância, que se balançava nas correntes bem no meio do espaço vazio. Rand. Doze Aes Sedai o rodeavam, e outra, que Egwene sabia que devia estar usando uma estola de sete listras, mesmo sem ser capaz de enxergar, postou-se diante de Rand. *Elaida*. As palavras que ela talvez estivesse falando tomaram forma na cabeça de Egwene.

Este homem, abandonado pela Luz, tocou saidin, a metade masculina da Fonte Verdadeira. Por isso o detemos. Agindo de forma abominável, este homem canalizou o Poder Único, sabendo que saidin está maculado pelo Tenebroso, maculado pelo orgulho dos homens, maculado pelos pecados dos homens. Por isso o acorrentamos.

Egwene esforçou-se para afastar o restante da fala de seus pensamentos. *Treze Aes Sedai. Doze irmãs e a Amyrlin, o número tradicional para o amansamento. O mesmo número de...* Ela também afastou aquele pensamento. Não havia tempo para nada além do que era preciso fazer. Se ao menos pudesse descobrir como fazê-lo.

Àquela distância, pensou que talvez pudesse erguê-lo com Ar. Retirá-lo do círculo de Aes Sedai e trazê-lo flutuando até si. Talvez. Mesmo que tivesse força para isso, mesmo que não o deixasse cair e morrer no meio do caminho, seria um processo lento e o tornaria alvo fácil para os arqueiros, além do brilho de *saidar* que denunciaria sua localização para qualquer Aes Sedai que estivesse olhando. Aliás, também para qualquer Myrddraal.

— Luz — murmurou —, não há outra forma de fazer isso senão dando início a uma guerra dentro da Torre Branca. E eu o farei mesmo assim. — Ela reuniu o Poder, desenrolou o novelo, direcionou os fluxos.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Fazia tanto tempo que ela não ouvia aquelas palavras que levou um susto, escorregou nos azulejos lisos e quase não conseguiu se segurar na beirada. O chão ficava a cerca de cem passos abaixo. Ela olhou por cima do ombro.

Ali, no topo da torre, equilibrado nos azulejos inclinados, pairava um arco de prata tomado por um brilho luminoso. O arco cintilava e tremeluzia. Faixas de amarelo e vermelho vivo saltavam através da luz branca.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

O arco se enfraqueceu até ficar transparente... então retornou à forma sólida.

Em um frenesi, Egwene lançou um olhar na direção do Pátio dos Traidores. Tinha que dar tempo. Tinha que dar. Ela só precisava de alguns minutos, talvez dez, e de sorte.

Vozes lhe perfuravam a cabeça, não vozes desconhecidas que a mandavam ser firme, mas vozes de mulheres que ela quase acreditava conhecer.

— ...não posso aguentar muito mais. Se ela não sair agora...

— *Aguente! Aguente, que a queime, ou eu estripo todas vocês feito peixes!*

— ...enlouquecendo, Mãe! Não vamos conseguir.

As vozes se atenuaram e formaram um zumbido, mas a outra, irreconhecível, pronunciou-se mais uma vez.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Existe um preço para ser Aes Sedai.

A Ajah Negra a aguarda.

Com um grito de raiva e sofrimento, Egwene atirou-se dentro do arco que reluzia como uma névoa incandescente. Quase desejou errar o salto e ser arrastada para a morte.

A luz a destroçou, fibra por fibra, dilacerou-as em pedaços ainda menores, então dividiu os pedaços até partículas minúsculas. Tudo aquilo se desfez com a luz. Para sempre.



CAPÍTULO 23



Ligada

A luz a destroçou, fibra por fibra, dilacerou-as em partículas minúsculas, que se espalharam, queimando. Vagando, em chamas, para sempre. Para sempre.

* * *

Egwene saiu do arco de pedra, gelada e rígida de raiva. Queria que a gelidez da raiva se opusesse às queimaduras da memória. Seu corpo ainda carregava a memória do fogo, mas outras lembranças ardiam e marcavam com mais força. Raiva fria como a morte.

— É esse o meu destino? — inquiriu. — Abandoná-lo todas as vezes? Trair, fracassar, todas as vezes? É esse o meu destino?

De repente, percebeu que as coisas não estavam como deveriam. A Amyrlin estava presente, como Egwene sabia que estaria, junto com uma irmã com o xale de cada Ajah, mas todas a olhavam com preocupação. Em cada ponto de encontro dos arcos, estavam sentadas na pedra nua duas outras Aes Sedai, o com os rostos suados. O *ter'angreal* emitia um zumbido, quase uma vibração, e intensas faixas coloridas rasgavam a luz branca dentro dos arcos.

O brilho suave de *saidar* envolveu Sheriam por um breve instante quando ela pousou a mão na cabeça de Egwene, causando-lhe mais um calafrio.

— Ela está bem. — A Mestra das Noviças soava aliviada. — Não está ferida. — Era como se não esperasse por aquilo.

As outras Aes Sedai que observavam Egwene pareceram aliviadas. Elaida soltou um longo suspiro, depois correu para o último cálice. Apenas as Aes Sedai próximas ao *ter'angreal* não relaxaram. O zumbido enfraqueceu, e a luz começou a tremeluzir, sinalizando que o objeto estava começando a voltar ao normal, mas as Aes Sedai ainda pareciam lutar com todas as forças.

— O quê...? O que aconteceu? — perguntou Egwene.

— Fique quieta — disse Sheriam, com delicadeza. — Por enquanto, apenas fique em silêncio. Você está bem, é isso que importa, e precisamos concluir a cerimônia.

Elaida aproximou-se, quase correndo, e entregou o último cálice de prata à Amyrlin.

Egwene hesitou por um instante e se ajoelhou. *O que aconteceu?*

Bem devagar, a Amyrlin despejou o conteúdo do cálice na cabeça de Egwene.

— Você está lavada de Egwene al'Vere, do Campo de Emond. Você está lavada de todos os laços que a prendem ao mundo. Você vem a nós lavada, de coração e alma. Você é Egwene al'Vere, Aceita da Torre Branca. — A última gota respingou nos cabelos da jovem. — Você agora está ligada a nós.

As últimas palavras pareciam ter um significado especial, apenas entre Egwene e a Amyrlin. A Amyrlin entregou o cálice para uma das outras Aes Sedai e exibiu um anel de ouro na forma de uma serpente mordendo a própria cauda. Egwene tremeu involuntariamente ao erguer a mão esquerda, e tremeu outra vez enquanto a Amyrlin pôs o anel da Grande Serpente em seu dedo do meio. Quando se tornasse Aes Sedai, usaria o anel no dedo em que escolhesse, ou não usaria, se fosse preciso esconder quem era, mas as Aceitas usavam a Grande Serpente apenas no dedo do meio.

Impassível, a Amyrlin levantou Egwene.

— Seja bem-vinda, Filha — disse, beijando-lhe a face. Egwene surpreendeu-se com a empolgação que sentiu. Não criança, mas filha. Antes, ela sempre fora chamada de criança. A Amyrlin beijou sua outra face. — Bem-vinda.

Dando um passo atrás, a Amyrlin a analisou com um olhar crítico, mas dirigiu-se a Sheriam.

— Leve-a para se secar e vestir umas roupas, depois certifique-se de que ela está bem. Certifique-se, entendeu?

— Eu tenho certeza, Mãe — Sheriam soou surpresa. — A senhora me viu examiná-la.

A Amyrlin soltou um grunhido e olhou para o *ter'angreal*.

— Pretendo descobrir o que deu errado aqui hoje. — Ela avançou na direção em que seus olhos estavam cravados, com passos rápidos e seguros, as saias balançando. A maioria das outras Aes Sedai juntou-se a ela ao redor do *ter'angreal*, que então era apenas uma estrutura prateada de arcos sobre aros.

— A Mãe está preocupada com você — disse Sheriam, enquanto levava Egwene para um canto, onde havia uma toalha grossa para o cabelo e outra para o corpo.

— Ela tem motivo? — perguntou Egwene.

A Amyrlin não quer que nada aconteça a seu cão de caça antes que o cervo seja abatido.

Sheriam não respondeu. Apenas franziu de leve a testa, aguardou Egwene se secar e entregou-lhe um vestido branco com sete faixas na barra.

Ela vestiu a roupa com uma pontada de decepção. Era uma Aceita, tinha o anel e o vestido com as faixas. *Por que não me sinto diferente?*

Elaida aproximou-se, trazendo o vestido e os sapatos de noviça de Egwene, além do cinto e da bolsa. E os papéis que Verin havia entregado a ela. Nas mãos de Elaida.

Egwene forçou-se a aguardar que a mulher entregasse a trouxa em vez de agarrá-la.

— Obrigada, Aes Sedai.

Tentou dar uma olhadela furtiva nos papéis, mas não soube dizer se alguém tinha mexido neles. O barbante ainda estava amarrado. *Como vou saber se ela não leu tudo?* Espremeu a bolsa escondida sob o vestido de noviça e sentiu o estranho anel, o *ter'angreal*, do lado de dentro. *Pelo menos isso ainda está aqui. Luz, ela poderia tê-lo levado, e não sei se eu teria me importado. Sim, teria. Acho que teria.*

O rosto de Elaida estava tão frio quanto sua voz.

— Não queria que você fosse Aceita hoje à noite. Não por temer o que aconteceu, ninguém poderia prever uma coisa dessas. Mas pelo que você é. Uma bravia. — Egwene tentou protestar, mas Elaida continuou, implacável como um vento glacial: — Sim, sei que você aprendeu a canalizar instruída pelas Aes Sedai, mas ainda assim é uma bravia. Bravia no espírito, bravia nos modos. Você tem um potencial enorme, caso contrário não teria sobrevivido a esta noite, mas potencial não muda nada. Não acredito que você algum dia venha a fazer parte da Torre Branca, não do jeito que todas nós fazemos, não importa em qual dedo use o anel. Teria sido melhor se

tivesse se contentado a aprender o suficiente para sobreviver e voltado para sua aldeia pacata. Muito melhor. — Ela se virou e saiu da sala, a passos largos.

Se ela não for da Ajah Negra, pensou Egwene com amargura, *é quase isso*.

— Você poderia ter falado alguma coisa. Poderia ter me ajudado.

— Eu teria ajudado uma noviça, criança — retrucou Sheriam, muito calma, e Egwene estremeceu. Voltara a ser chamada de “criança”. — Tento defender as noviças quando é preciso, pois elas não são capazes de fazer isso sozinhas. Você agora é uma Aceita. Já é hora de aprender a se defender.

Egwene examinou os olhos de Sheriam e se perguntou se a ênfase na última frase teria sido sua imaginação. A Mestra das Noviças tivera tanta oportunidade quanto Elaida de ler a lista de nomes e concluir que Egwene estava mancomunada com a Ajah Negra. *Luz, você está começando a suspeitar de todo mundo. Melhor do que morrer ou ser capturada por treze delas e...* Ela interrompeu a linha de pensamento mais do que depressa: não queria aquilo martelando em sua cabeça.

— Sheriam, o que aconteceu hoje? — perguntou. — Não me enrole. — A mulher ergueu as sobrelanceiras quase até o alto da testa, e Egwene corrigiu a pergunta: — Quer dizer, Sheriam Sedai. Peço perdão, Sheriam Sedai.

— Lembre-se de que ainda não é uma Aes Sedai, criança. — Apesar da rigidez da voz, um sorriso formou-se nos lábios da mulher, mas desapareceu assim que ela continuou a falar. — Não sei o que aconteceu. Só sei que creio piamente que você quase tenha morrido.

— Quem sabe o que acontece com as que não saem de um *ter'angreal*? — perguntou Alanna, juntando-se a elas. A irmã Verde era conhecida pelo gênio forte e pelo senso de humor, e diziam que era capaz de ir de um a outro em um piscar de olhos. Mas o olhar que ela lançou a Egwene era quase acanhado. — Criança, eu deveria ter interrompido tudo quando tive a chance, quando comecei a perceber a... reverberação. E ela voltou. Foi isso o que aconteceu. Voltou mil vezes mais forte. Dez mil. O *ter'angreal* parecia quase estar tentando interromper o fluxo de *saídar*, ou se desintegrar no chão. Peço desculpas, embora palavras não sejam o suficiente pelo que quase aconteceu a você. Por causa do Primeiro Juramento, você sabe que digo a verdade. Para mostrar meu remorso, pedirei à Mãe que me deixe dividir seu tempo nas cozinhas. E suas visitas a Sheriam. Se eu tivesse feito o que deveria, não teria posto sua vida em risco, e pretendo reparar meu erro.

Sheriam soltou uma risada escandalizada.

— Ela nunca permitirá isso, Alanna. Uma irmã nas cozinhas, que dirá... Nunca se ouviu falar de algo assim. É impossível! Você fez o que julgou certo. Não tem culpa nenhuma.

— Não foi culpa sua, Alanna Sedai — concordou Egwene. *Por que Alanna está fazendo isso? Talvez queira me convencer de que não teve nada a ver com o que deu errado. E talvez queira me vigiar o tempo todo.* Foi a imagem de uma Aes Sedai orgulhosa com os cotovelos enfiados em panelas gordurosas três vezes por dia, só para vigiar alguém, que a convenceu de que estava deixando sua imaginação ir longe demais. Porém, também era impensável que Alanna fizesse o que disse que faria. Em qualquer um dos casos, a irmã Verde decerto não tivera chance de ver os nomes enquanto cuidava do *ter'angreal*. *Mas, se Nynaeve estiver certa, ela não precisaria ver os nomes para querer me matar, se for da Ajah Negra. Pare com isso!* — Não foi mesmo, de verdade.

— Se eu tivesse feito o que deveria — insistiu Alanna —, isso nunca teria acontecido. A única vez que vi uma coisa dessas foi há anos, quando tentamos usar, no mesmo recinto, dois *ter'angreal* que talvez estivessem relacionados de alguma forma. É extremamente raro encontrar dois assim. Ambos se desintegraram, e todas as irmãs que se encontravam em um raio de cem passos tiveram uma dor de cabeça tão forte que foram incapazes de canalizar sequer uma gota por uma semana. Qual é o problema, criança?

Egwene espremera a mão dentro da bolsa até o anel de pedra retorcido formar uma marca em sua palma por cima do tecido grosso. Estava quente? *Luz, a culpa foi minha.*

— Nada, Alanna Sedai. Aes Sedai, a senhora não fez nada de errado. Não há motivo para dividir minhas punições. Motivo nenhum!

— Um tanto veemente — observou Sheriam —, mas correto.

Alanna apenas balançou a cabeça.

— Aes Sedai — continuou Egwene, devagar —, o que significa ser da Ajah Verde?

Sheriam arregalou os olhos, bem-humorada, e Alanna abriu um largo sorriso.

— Mal pôs o anel no dedo — respondeu a irmã Verde — e já está pensando em que Ajah escolherá? Primeiro, você precisa amar os homens. Não digo estar apaixonada, mas amá-los. Não como as Azuis, que só gostam de homens desde que compartilhem de suas causas e não fiquem no caminho. E sem dúvida não como as Vermelhas, que os desprezam como se cada um deles fosse responsável pela Ruptura. — Alviarin, a irmã Branca que viera com a Amyrlin, lançou-lhes um olhar indiferente e continuou

andando. — E nem como as Brancas — completou Alanna, com uma risada —, que não têm lugar em suas vidas para qualquer tipo de paixão.

— Não foi o que eu quis dizer, Alanna Sedai. Quero saber o que *significa* ser uma irmã Verde. — Ela não sabia ao certo se Alanna entenderia, já que ela mesma não tinha certeza de que compreendia o que queria saber, mas Alanna assentiu devagar, como se entendesse.

— Marrons buscam conhecimento, Azuis se metem em causas, e Brancas contemplam as questões da verdade com lógica implacável. Nós fazemos um pouco de tudo isso, é claro. Mas ser uma Verde significa estar a postos. — Um tom de orgulho transparecia na voz de Alanna. — Nas Guerras dos Trollocs, éramos conhecidas como a Ajah Guerreira. Todas as Aes Sedai ajudavam onde e quando podiam, mas apenas a Ajah Verde estava sempre ao lado dos exércitos, em quase todas as batalhas. Éramos a oposição aos Senhores do Medo. A Ajah Guerreira. E agora continuamos a postos, aguardando que os Trollocs invadam o sul mais uma vez, à espera de Tarmon Gai'don, a Última Batalha. Estaremos lá. É isso que significa ser uma Verde.

— Obrigada, Aes Sedai — respondeu Egwene. *É isso que eu era? Ou o que serei? Luz, queria tanto saber se aquilo foi real, se teve alguma relação com aqui e agora.*

A Amyrlin se aproximou, e todas se curvaram em mesuras profundas.

— Você está bem, Filha? — perguntou ela a Egwene. Seus olhos captaram a ponta dos papéis nas mãos de Egwene, que se projetavam por debaixo o vestido de noviça, e voltaram-se para o rosto dela no mesmo instante. — Saberei o motivo dos acontecimentos de hoje antes de terminar por aqui.

Egwene enrubesceu.

— Estou bem, Mãe.

Alanna surpreendeu Egwene ao pedir à Amyrlin exatamente o que disse que pediria.

— Nunca ouvi falar de uma coisa dessas — vociferou a Amyrlin. — O dono do barco não se mete com os estivadores, mesmo se tiver enfiado o barco em um lodaçal. — Ela olhou para Egwene e estreitou os olhos, preocupada. E irritada. — Compartilho da sua preocupação, Alanna. Seja lá o que essa criança tenha feito, não merecia isso. Muito bem. Se vai acalmar seu coração, pode visitar Sheriam. Mas isso fica estritamente entre vocês duas. Não aceitarei que Aes Sedai sejam expostas ao ridículo, nem mesmo dentro da Torre.

Egwene abriu a boca para confessar tudo e deixar que elas levassem o anel — *eu nem quero essa porcaria, na verdade* —, mas Alanna se antecipou.

— E a outra punição, Mãe?

— Não seja ridícula, Filha. — A Amyrlin estava com raiva e soava ainda mais irritada a cada palavra. — Você seria motivo de chacota, ou então tida como louca. E não pense que isso não iria afetar seu futuro. Histórias assim arrumam um jeito de se espalhar. Ouviríamos falar sobre a Aes Sedai ajudante de cozinha de Tear a Maradon. E isso prejudicaria todas as irmãs. Não. Se precisa se livrar de algum sentimento de culpa e não é capaz de lidar com ele como uma mulher, muito bem. Eu já disse que pode visitar Sheriam. Acompanhe-a hoje à noite, quando sair daqui. Assim terá o resto da noite para decidir se isso ajudou em alguma coisa. E amanhã pode começar a investigar o que aconteceu de errado aqui!

— Sim, Mãe. — A voz de Alanna era perfeitamente neutra.

O desejo de confessar morreu dentro de Egwene. Alanna demonstrara apenas um breve lampejo de decepção ao perceber que a Amyrlin não permitiria que ela se juntasse a Egwene nas cozinhas. *Ela não deseja ser punida mais do que qualquer pessoa sensata. Queria apenas uma desculpa para estar em minha companhia. Luz, ela não poderia ter causado o problema no ter'angreal, fui eu quem fiz aquilo. Será que ela é da Ajah Negra?*

Perdida em pensamentos, Egwene ouviu um pigarro, e depois outro, mais áspero. Apertou os olhos. A Amyrlin a encarava, e, quando falou, pronunciou bem cada palavra.

— Como parece estar dormindo em pé, criança, sugiro que vá para a cama. — Por um instante, ela dirigiu o olhar aos papéis quase escondidos nas mãos de Egwene. — Você tem muito trabalho a fazer amanhã, e por muitos outros dias. — Encarou Egwene por mais um instante, e saiu a passos largos antes que qualquer uma delas pudesse se curvar em uma reverência.

Sheriam virou-se para Alanna assim que a Amyrlin saiu do alcance de sua voz. A Aes Sedai Verde fechou a cara e manteve-se em silêncio.

— Você *está* louca, Alanna! Uma idiota, e duplamente idiota se acha que vou pegar leve com você só porque fomos noviças juntas. Por acaso foi tomada pelo Dragão, para estar...? — De repente, Sheriam se deu conta da presença de Egwene, e o alvo de sua raiva mudou. — Eu não ouvi o Trono de Amyrlin mandá-la para a cama, Aceita? Se sussurrar sequer uma palavra sobre isso, vai desejar que eu tivesse enterrado você em um campo para

servir de adubo. Nos veremos amanhã de manhã no meu gabinete, quando o sino soar a primeira hora, nem um segundo depois. Agora, vá!

Egwene saiu, a mente em turbilhão. *Será que posso confiar em alguém? Na Amyrlin? Ela nos mandou à caça de treze Ajah Negras e se esqueceu de mencionar que treze é o número necessário para levar à Sombra, contra vontade, uma mulher capaz de canalizar. Em quem posso confiar?*

Ela não queria ficar sozinha, nem podia aguentar pensar naquilo, então correu até o alojamento das Aceitas, pensando que no dia seguinte ela própria se mudaria para lá, e abriu a porta de Nynaeve um instante depois de bater. Podia confiar nela em relação a tudo. Nela e em Elayne.

Nynaeve, porém, estava sentada em uma das duas cadeiras do aposento, com a cabeça de Elayne enterrada em seu colo. Os ombros de Elayne se sacudiam ao som de um choro, o choro suave que vem quando não resta energia para soluços mais profundos, mas a emoção ainda arde. O rosto de Nynaeve também estava molhado. O anel da Grande Serpente que brilhava em sua mão ao acariciar os cabelos da Filha-herdeira era idêntico ao anel na mão de Elayne que agarrava a saia de Nynaeve.

A jovem, que chorava baixinho, ergueu o rosto vermelho e inchado, fungando entre os soluços ao notar a recém-chegada.

— Eu não posso ser tão horrível, Egwene. Não posso!

O acidente com o *ter'angreal*, o temor de que alguém pudesse ter lido os papéis que Verin havia lhe entregado, as suspeitas sobre todas as presentes naquela sala, tudo fora terrível, mas servira para distanciá-la de uma forma ríspida e violenta dos acontecimentos dentro do *ter'angreal*. Tinham vindo de fora, e tudo o mais estava dentro dela. As palavras de Elayne romperam a barreira, e o que estava dentro de Egwene atingiu como se o teto tivesse desabado. Rand, seu marido, e Joiya, sua bebê. Rand preso, implorando que ela o matasse. Rand acorrentado e prestes a ser amansado.

Antes de se dar conta dos próprios movimentos, estava ajoelhada ao lado de Elayne, e todas as lágrimas que deveriam ter se derramado antes passaram a cair, como uma torrente.

— Não pude ajudá-lo, Nynaeve — soluçou. — Simplesmente o larguei lá.

A mulher recuou, como se atingida por um soco, mas no instante seguinte já abraçava Egwene e Elayne, envolvendo e embalando as duas.

— Calma — entoou, baixinho. — Vai melhorar com o tempo. Vai melhorar um pouco. Um dia, faremos todas elas pagarem. Calma... calma.



CAPÍTULO 24



Investigações e Descobertas

A luz do sol que entrava pelas persianas esculpidas e começava a invadir a cama acordou Mat. Por um instante, ele permaneceu deitado com o cenho franzido. Não conseguira bolar um plano para fugir de Tar Valon antes que o sono o dominasse, porém também não desistira. Muitas lembranças ainda estavam enevoadas, mas ele não desistiria.

Duas serviçais entraram, agitadas, trazendo água quente e uma bandeja pesada de comida, rindo e dizendo que ele já parecia melhor e logo estaria de pé outra vez, se seguisse as ordens da Aes Sedai. Ele respondeu em um tom seco, tentando não soar amargo. *Deixe pensarem que pretendo obedecer.* Seu estômago roncou com os aromas que vinham da bandeja.

Quando as mulheres foram embora, Mat jogou o cobertor de lado e pulou da cama, parando apenas para enfiar uma fatia de presunto na boca antes de preparar a água para fazer a barba e se lavar. Encarou o espelho acima do lavatório e parou, ensaboando o rosto. De fato parecia melhor.

O rosto ainda estava magro, mas não tanto quanto antes. As olheiras tinham sumido, e seus olhos já não pareciam tão encovados. Era como se cada mordida que dera na noite anterior houvesse servido para engordá-lo. Ele até se sentia mais forte.

— Neste ritmo — balbuciou —, vou embora antes que elas percebam.

No entanto, ainda se surpreendeu quando, depois de se barbear, sentou-se e devorou cada pedacinho de presunto, nabos e peras na bandeja.

Tinha certeza de que esperavam que ele voltasse para a cama depois de comer, mas, em vez disso, se vestiu. Batendo os pés para acomodá-los

dentro das botas, olhou a muda de roupas sobressalente e decidiu deixá-las ali, por enquanto. *Primeiro, preciso saber o que fazer. E, se eu tiver que deixá-las...* Enfiou os copos de dados na bolsa. Com eles, conseguiria todas as roupas de que precisasse.

Abriu a porta e espiou o lado de fora. Outras portas de madeira clara e dourada se enfileiravam pelo corredor, com tapeçarias coloridas entre elas, e uma tira de carpete azul marcava o caminho no piso branco azulejado. Nenhum guarda. Ele jogou o manto por cima do ombro e saiu correndo. Tinha que encontrar uma saída.

Precisou perambular um pouco, descendo escadas e cruzando corredores e pátios abertos, até encontrar o que procurava: uma porta de saída. Antes disso, viu algumas pessoas: serviçais e noviças de branco, andando, apressadas, para cuidar de suas tarefas, as noviças correndo ainda mais que as serviçais. E também um punhado de serviçais homens vestidos de maneira rústica e carregando grandes armaduras e outras cargas pesadas, além de Aceitas em vestidos de barras listradas. Até algumas Aes Sedai.

Estas não pareciam notá-lo, concentradas no que quer que fosse, ou no máximo lhe lançavam uma olhadela. As roupas dele eram simples, mas de qualidade. Não aparentava ser um vagabundo, e a presença dos serviçais comprovava que era permitida a circulação de homens naquela parte da Torre. Suspeitou que elas talvez o tomassem por mais um serviçal, e para ele isso estava ótimo, desde que ninguém lhe pedisse para carregar alguma coisa.

Mat sentia certa frustração por não ter cruzado com Egwene, Nynaeve ou até Elayne. *Ela é bonita, mesmo com aquele nariz em pé o tempo todo. E poderia me ajudar a encontrar Egwene e a Sabedoria. Não posso ir embora sem me despedir. Luz, será que alguma delas me entregaria, só porque agora estão prestes a se tornarem Aes Sedai? Que me queime, mas que idiota! Elas nunca fariam uma coisa dessas. De todo modo, vale o risco.*

Entretanto, uma vez do lado de fora, sob o céu claro da manhã com apenas algumas nuvens brancas, ele afastou as mulheres de seus pensamentos. Estava diante de um grande pátio de pedras com uma fonte plana no centro e uma caserna do outro lado, feita de pedras cinzentas. Parecia quase um imenso rochedo entre as poucas árvores que cresciam em meio a buracos com aros nas pedras próximas. Havia guardas uniformizados diante do edifício largo e baixo, vigiando armas, armaduras e arreios. Guardas eram o que ele queria agora.

Perambulou pelo pátio e observou os soldados como se não tivesse nada melhor a fazer. Enquanto trabalhavam, eles conversavam e riam entre si, como homens após a colheita. Vez ou outra, algum olhava com curiosidade para Mat, que passeava entre eles, mas nenhum questionou seu direito de estar ali. De tempos em tempos, o rapaz perguntava alguma coisa, displicente. Por fim, conseguiu a resposta que buscava.

— Guarda da ponte? — perguntou um homem robusto de cabelos escuros, no máximo cinco anos mais velho que Mat. Falava com um forte sotaque illianense. Por mais jovem que fosse, uma fina cicatriz branca cruzava sua face esquerda, e as mãos que lubrificavam a espada se moviam com familiaridade e competência. Ele apertou os olhos para Mat antes de voltar à tarefa. — Eu, no caso, vigio a ponte, e estarei de volta lá hoje à noite. Por que pergunta?

— Estava só imaginando quais seriam as condições do outro lado do rio. — É melhor eu descobrir isso também. — Boas para viajar? Não pode estar lamacento, a não ser que tenha chovido mais do que estou sabendo.

— De que lado do rio? — perguntou o guarda, muito calmo. Não tirou os olhos do trapo besuntado que esfregava na lâmina.

— Ah... para o leste. Para o lado leste.

— Nada de lama. Mantos-brancos. — O homem inclinou-se para um dos lados e cuspiu, mas não alterou a voz. — Sim, os Mantos-brancos estão metendo o nariz em todas as aldeias em um raio de dez milhas. Ainda nem feriram ninguém, no caso, mas a mera presença deles incomoda o pessoal. Que a Sorte me espicace se nem estiverem querendo nos provocar, pois de fato parece que atacariam, se pudessem. Nada bom para quem, no caso, quer viajar.

— E para o oeste, então?

— Mesma coisa. — O guarda ergueu o olhar para Mat. — Mas o senhor vai cruzar é nada, meu camarada, nem a leste nem a oeste. Sim, seu nome, no caso, é Matrim Cauthon, ou a Sorte que me abandone. Ontem à noite uma irmã, a própria em pessoa, veio até a ponte onde monto guarda. Ela descreveu você com detalhes até que cada um de nós pudesse repetir a descrição. Um convidado, ela disse, e nem podemos machucá-lo. Mas nem podemos também permitir que saia da cidade, ainda que seja preciso amarrar seus pés e mãos. — Ele apertou os olhos. — Será que, no caso, o senhor roubou alguma coisa delas? — perguntou, desconfiado. — Nem tem cara de ser um dos convidados das irmãs.

— Eu não roubei nada! — gritou Mat, indignado. *Que me queime, nem tive a chance de facilitar as coisas. Eles todos devem saber quem sou.* — Não

sou nenhum ladrão!

— Sim, nem é que isso esteja estampado na sua cara. Nada de ladroagem. Mas o senhor é, no caso, parecido com o sujeito que tentou me vender a Trombeta de Valere três dias atrás. Pelo menos foi o que ele disse que era, toda arrebetada e avariada como estava. O senhor está vendendo uma Trombeta de Valere? Ou quiçá seria a espada do Dragão?

Mat deu um salto ao ouvir a menção à Trombeta, mas conseguiu manter a voz firme.

— Eu estava doente. — Agora, outros guardas olhavam para ele. *Luz, todos eles já sabem que não tenho permissão para sair.* Ele forçou uma risada. — As irmãs me Curaram. — Alguns guardas franziram a testa. Talvez achassem que os homens deveriam demonstrar mais respeito do que chamar as Aes Sedai de irmãs. — Acho que as Aes Sedai não querem que eu saia antes de recuperar todas as forças. — Ele tentou convencer os homens, todos os que agora o observavam, a aceitar aquilo. *Apenas um homem Curado. Nada mais. Não há razão para grandes preocupações.*

O illianense assentiu.

— O senhor de fato está com cara de doente. Talvez esse seja mesmo, no caso, o motivo. Mas nunca ouvi falar de tantos esforços para manter um doente na cidade.

— Esse é o motivo — disse Mat, com firmeza. Todos ainda o encaravam. — Bem, preciso ir. Elas disseram que preciso caminhar. Muitas caminhadas longas. Para recuperar a força, entendem?

Ao se virar, sentiu todos os olhos o acompanhando e fechou a cara. Só queria descobrir o quanto sua descrição havia se espalhado. Se somente os guardas da ponte a tivessem, talvez ele conseguisse escapular. Sempre tivera talento para entrar nos lugares sem ser notado. E sair deles. Era um talento que um sujeito desenvolvia quando tinha uma mãe que sempre suspeitava de que ele estivesse aprontando alguma, além de duas irmãs dedos-duros. *Agora acabei de garantir que quase todos os guardas da caserna me reconheçam. Sangue e malditas cinzas!*

A Torre tinha muitos jardins arborizados, repletos de folhas-de-couro, ulmeiros e malaleucas, e logo ele se viu percorrendo um amplo caminho de cascalhos. Poderia levar a um campo, se não fossem as torres visíveis acima das copas das árvores, e a magnitude branca da própria Torre, que estava atrás dele, mas o pressionava como se ele a carregasse nos ombros. Se houvesse algum caminho para fora dos muros da Torre que não fossem vigiados, aquele parecia o local certo para encontrá-lo. Se ele existisse.

Uma garota em roupas brancas de noviça surgiu diante dele, caminhando em sua direção a passos largos e decididos. Perdida nos próprios pensamentos, ela não o viu de primeira. Quando se aproximou o suficiente para que ele visse seus olhos grandes e negros e a forma com que seus cabelos estavam trançados, ele abriu um sorriso. Conhecia a garota, as lembranças emergiam de profundezas ocultas, embora jamais esperasse encontrá-la ali. Na verdade, achava que não a veria nunca mais. Ele sorriu para si mesmo. *Sorte para equilibrar o azar.* Pelo que lembrava, ela era muito atenta aos rapazes.

— Else — chamou ele. — Else Grinwell. Você se lembra de mim, não é? Mat Cauthon. Um amigo e eu visitamos a fazenda do seu pai. Lembra? Então você decidiu se tornar Aes Sedai?

Ela parou de repente, olhando para ele.

— O que você está fazendo aqui fora? — perguntou, com frieza.

— Você está sabendo, não é? — Ele se aproximou dela, mas ela recuou, mantendo a distância. Ele parou. — Não é contagioso. Eu fui Curado, Else. — Os olhos grandes e negros pareciam mais astutos e menos afetuosos do que ele se recordava, porém ele supôs que a preparação para se tornar Aes Sedai pudesse ter esse efeito. — Qual é o problema, Else? Parece até que você não me conhece.

— Eu conheço você — respondeu ela. Os modos da moça também não eram os mesmos de antes. Ele pensou que ela agora talvez desse aulas a Elayne. — Eu tenho... um trabalho a fazer. Me deixe passar.

Ele fez uma careta. O corredor era largo o bastante para seis pessoas caminharem lado a lado sem se esbarrar.

— Eu disse que não é contagioso.

— Me deixe passar!

Resmungando para si mesmo, ele deu um passo para o canto. Ela passou pelo outro lado, observando-o para garantir que ele não se aproximaria. Depois de passar, a jovem apressou o passo, olhando por cima do ombro até fazer uma curva e desaparecer.

Ela quis ter certeza de que eu não a seguiria, pensou, amargo. Primeiro os guardas, e agora Else. Estou sem sorte hoje.

Ele voltou a caminhar e logo ouviu uma intensa algazarra de um lado mais à frente, como o som do açoite de dez varas ao mesmo tempo. Curioso, tomou um desvio em direção ao barulho, para dentro das árvores.

Um pequeno caminho o conduziu a uma extensa área de chão batido, com pelo menos cinquenta passos de comprimento e quase o dobro de largura. Entremeados sob as árvores ao redor, havia suportes de madeira

contendo bastões e espadas de treino feitas de ripas de madeira frouxamente atadas, além de algumas espadas de verdade, machados e lanças.

Espalhados pela área, duplas de homens, a maioria sem camisa, lutavam com outras espadas de treino. Alguns se moviam de modo tão suave que quase pareciam dançar uns com os outros, fluindo de forma em forma, golpe a contragolpe, em movimentos contínuos. Não havia nada de aparente, além de suas habilidades, que os distinguisse de outros homens, mas Mat teve a certeza de que observava Guardiões.

Os que não se moviam com tanta suavidade eram todos mais novos, cada par sob os olhos atentos de um senhor mais velho que irradiava uma graça perigosa, mesmo parado de pé. *Guardiões e alunos*, concluiu Mat.

Ele não era o único na plateia. A menos de dez passos de distância, meia dúzia de mulheres com os rostos de idade indefinida, típicos das Aes Sedai, e outras tantas usando vestidos brancos com faixas de Aceitas observavam uma dupla de alunos, despidos até a cintura e ensopados de suor, sob a supervisão de um Guardião cuja figura parecia um bloco de pedra. O Guardião segurava um cachimbo de cano curto soltando fumaça de tabaco, apontando-o para dar instruções aos alunos.

Mat sentou-se de pernas cruzadas sob uma folha-de-couro, pegou três pedras do chão e começou a fazer malabarismos, absorto. Não se sentia exatamente fraco, mas era bom se sentar. Se houvesse uma saída dos muros da Torre, ela não desapareceria enquanto ele descansava um pouquinho.

Antes de se passarem cinco minutos, ele já sabia quem as Aes Sedai e Aceitas observavam. Um dos alunos do Guardião troncado era um jovem alto e ágil, que se movia feito um gato. *E quase tão bonito quanto uma garota*, pensou Mat, com ironia. Todas as mulheres olhavam o homem alto com os olhos brilhantes, até as Aes Sedai.

O homem manuseava a espada de treino quase com a mesma destreza dos Guardiões e de vez em quando ganhava um comentário seco do professor em aprovação. Não que seu oponente, um jovem de cabelos louros-acobreados de altura similar à de Mat, fosse inábil. Longe disso, pelo que Mat podia ver, embora jamais houvesse tido a pretensão de saber algo sobre espadas. O sujeito louro respondia a todos os ataques rápidos, desviando-os antes que as ripas amarradas os golpeassem, e até arriscava uma ou outra investida. Porém, o rapaz bonito reagia e contra-atacava em um piscar de olhos.

Mat passou as pedras para a outra mão, mas continuou jogando-as. Não gostaria de enfrentá-los. Muito menos com uma espada.

— Intervalo! — A voz do Guardião soava como pedras jogadas de um balde. Ofegantes, os dois homens largaram as espadas de treino. Tinham os cabelos empapados de suor. — Podem descansar enquanto termino meu cachimbo. Mas descansem rápido, estou quase no fim.

Agora que haviam terminado a dança, Mat pôde dar uma boa olhada no rapaz de cabelos louro-acobreados e largou as pedras. *Que me queime, aposto todo o meu dinheiro que é o irmão de Elayne. E, se o outro não for Galad, eu como minhas próprias botas.* Na viagem desde a Ponta de Toman, Elayne parecia ter passado metade do tempo falando a respeito das virtudes de Gawyn e dos vícios de Galad. Sim, Gawyn tinha alguns vícios, de acordo com Elayne, mas eram pequenos. Para Mat, pareciam o tipo de coisa que só uma irmã consideraria de fato vícios. Quanto a Galad, quando Elayne era pressionada a ser sincera, ele parecia aquilo que toda mãe dizia querer de seu filho. Mat não achava que gostaria de passar muito tempo na companhia do sujeito. Egwene enrubescia toda vez que tocavam no nome dele, embora pensasse que ninguém percebia.

Um leve burburinho pareceu se formar entre as mulheres quando Gawyn e Galad pararam e avançaram juntos, como se fossem um só. No entanto, Gawyn avistou Mat, disse algo em segredo para Galad, e a dupla passou direto pelas mulheres. Aes Sedai e Aceitas se viraram para segui-los com o olhar. Mat ficou de pé mais do que depressa ao ver os rapazes se aproximarem.

— Você é Mat Cauthon, não é? — perguntou Gawyn, com um largo sorriso. — Sabia que o reconheceria, pela descrição de Egwene. E de Elayne. Soube que esteve doente. Está melhor?

— Estou bem — respondeu Mat.

Perguntou a si mesmo se deveria chamar Gawyn de “milorde” ou algo do tipo. Ele se recusava a chamar Elayne de “milady”, ainda que ela de fato não exigisse, e decidiu que não seria diferente com o irmão.

— Veio ao pátio de treinamento para aprender a lutar com a espada? — perguntou Galad.

Mat negou com a cabeça.

— Estava só caminhando um pouco. Não entendo muito de espadas. Acho que confio mais em um bom arco ou em um bom bastão. Esses, eu sei usar.

— Se passar muito tempo com Nynaeve — disse Galad —, vai precisar de arco, bastão e espada para se proteger. E nem sei se tudo isso é

suficiente.

Gawyn olhou para ele, espantado.

— Galad, você quase contou uma piada.

— Eu tenho senso de humor, Gawyn — retrucou Galad, de cara fechada.
— Você só acha que não tenho porque não gosto de zombar dos outros.

Gawyn balançou a cabeça e virou-se outra vez para Mat.

— Deveria aprender a usar a espada. Todo mundo precisa desse tipo de conhecimento hoje em dia. Seu amigo Rand al'Thor andava com uma espada bem esquisita. O que sabe dele?

— Não vejo Rand há um bom tempo — retrucou Mat, depressa. Por um breve instante, ao mencionar Rand, o olhar de Gawyn ganhou intensidade. *Luz, será que ele sabe de Rand? Impossível. Se soubesse, estaria me acusando de ser Amigo das Trevas só por ser amigo dele. Mas ele sabe de alguma coisa.*

— Espadas não são a única arma que presta, sabiam? Acho que me sairia muito bem contra qualquer um dos dois, vocês de espada, e eu com meu bastão.

Gawyn deu uma tossidela, obviamente para esconder uma risada. Com uma polidez excessiva, disse:

— Você deve ser muito bom.

A expressão de Galad era de franca incredulidade.

Talvez fosse porque os dois claramente acreditavam que ele estava contando vantagem. Talvez porque ele errara a mão ao fazer perguntas ao guarda. Talvez porque Else, que sempre fora tão interessada em rapazes, não quisera nada com ele, e todas aquelas mulheres encaravam Galad como gatas diante de um jarro de leite. Aes Sedai e Aceitas ou não, ainda eram mulheres. Todas essas explicações percorreram a mente de Mat, mas ele as rejeitou, enfático. A última em especial. Ele faria porque seria divertido. E poderia ganhar algum dinheiro. Não precisaria nem de sorte.

— Eu aposto — disse ele — dois marcos de prata com cada um de vocês que derrubo os dois de uma vez, do jeito que falei. Vocês não poderiam ter probabilidade melhor. Vocês são dois, eu, um só. Então, dois para um dá uma boa chance.

Ele quase riu alto diante da consternação dos rapazes.

— Mat — disse Gawyn —, não precisamos apostar nada. Você esteve doente. Talvez seja melhor deixarmos isso para quando estiver mais forte.

— Estaria longe de ser uma aposta justa — completou Galad. — Não aceito a aposta, nem agora nem depois. Você é da mesma aldeia que Egwene, não é? Eu... não quero que ela fique com raiva de mim.

— O que é que ela tem a ver com isso? Se vocês me acertarem uma vezinha sequer com a espada, entrego um marco de prata para cada um. Se eu golpear vocês até caírem, cada um me dá dois marcos. Não acham que conseguem?

— Isso é ridículo — disse Galad. — Você não teria chance nem contra um espadachim treinado, que dirá contra dois. Não vou competir com tamanha vantagem.

— Vocês acham isso? — perguntou uma voz áspera. O Guardião troncudo juntou-se a eles, as sobrancelhas negras caídas revelando uma expressão de desprezo. — Acham que são bons o bastante com a espada para vencer um rapaz com um bastão?

— Não seria justo, Hammar Gaidin — respondeu Galad.

— Ele estava doente — acrescentou Gawyn. — Não há necessidade disso.

— Para o pátio — ralhou Hammar, indicando o local com a cabeça. Galad e Gawyn lançaram olhares pesarosos e obedeceram. O Guardião encarou Mat de cima a baixo, desconfiado. — Tem certeza disso, rapaz? Agora que estou olhando bem para você, vejo que deveria estar de cama.

— Acabei de sair de uma — disse Mat — e estou preparado. Tenho que estar. Não quero perder meus dois marcos.

Hammar ergueu as sobrancelhas pesadas, surpreso.

— Pretende levar adiante essa aposta, rapaz?

— Preciso do dinheiro. — Mat deu uma risada.

A risada foi interrompida de repente quando se virou em direção ao suporte mais próximo que continha os bastões, e seus joelhos quase cederam. Ele se aprumou com tanta rapidez que achou que qualquer um que tivesse notado teria pensado que ele acabara de tropeçar. Diante do suporte, tomou tempo e escolheu um bastão de quase duas polegadas de diâmetro, quase um pé maior que ele. *Preciso vencer. Fui abrir essa boca idiota, e agora preciso vencer. Não posso perder esses dois marcos. Sem eles para começar, levarei a vida inteira para ganhar todo o dinheiro de que preciso.*

Quando se virou, segurando o bastão à frente com as duas mãos, Gawyn e Galad já o aguardavam. *Preciso vencer.*

— Sorte — murmurou. — Está na hora de jogar os dados.

Hammar lhe lançou um olhar estranho.

— Você fala a Língua Antiga, rapaz?

Mat o encarou por um instante, calado. Sentiu um calafrio. Obrigou-se a começar a caminhar até o pátio de treinamento.

— Lembrem-se da aposta — disse, em voz alta. — Dois marcos de prata de cada um, contra dois meus.

Um murmúrio percorreu o grupo das Aceitas quando perceberam o que estava acontecendo. As Aes Sedai observavam em silêncio. Silêncio reprovador.

Gawyn e Galad se separaram, um de cada lado de Mat, mantendo a distância, as duas espadas apenas parcialmente erguidas.

— Nada de apostas — disse Gawyn. — Não vamos apostar.

— Não vou levar seu dinheiro desse jeito — disse Galad, ao mesmo tempo.

— Eu pretendo levar o de vocês — respondeu Mat.

— Resolvido! — rosnou Hammar. — Se eles não têm coragem de cobrir a aposta, rapaz, eu mesmo pago o resultado.

— Muito bem — retrucou Gawyn. — Se o senhor insiste... combinado!

Galad hesitou mais um instante e grunhiu:

— Combinado, então. Vamos acabar de uma vez com essa palhaçada.

A breve advertência era só tudo de que Mat precisava. Enquanto Galad avançava, ele deslizou as mãos pelo bastão e passou a girá-lo. A extremidade do bastão acertou com um baque as costelas do rapaz alto, que soltou um grunhido e cambaleou. Mat afastou o bastão de Galad e o girou, no mesmo instante em que Gawyn se colocava a seu alcance. O bastão se inclinou, passou por cima da espada de treino de Gawyn e golpeou seu tornozelo em uma rasteira. Enquanto Gawyn caía, Mat completou o giro a tempo de pegar Galad pelo punho erguido, jogando a espada de treino para longe. Como se não sentisse dor alguma no pulso, Galad lançou-se em um suave mergulho para o chão, rolou e se levantou, segurando a espada com ambas as mãos.

Ignorando-o por um instante, Mat se virou um pouco e, com um movimento ágil dos punhos, investiu com o bastão para o lado. Gawyn, que começava a se levantar, foi atingido em um dos lados da cabeça com um baque alto, apenas parcialmente suavizado pelos cabelos. Ele desabou.

Mat teve a vaga consciência de que uma Aes Sedai correria para socorrer o irmão de Elayne. *Espero que ele esteja bem. Deve estar. Já levei pancadas mais fortes que essa pulando muros.* Ele ainda precisava dar conta de Galad, e, pela posição do rapaz, equilibrado nas pontas dos pés e erguendo a espada com precisão, ele tinha começado a levar Mat a sério.

Suas pernas escolheram justo aquele instante para cambalear. *Luz, não posso fraquejar agora.* Mas ele sentiu outra vez, insinuando-se, aquela sensação de fraqueza, aquela fome, como se não comesse havia dias. *Se eu*

esperar ele me atacar, vou cair de cara no chão. Foi difícil manter os joelhos firmes no início da investida. Sorte, não me abandone.

Desde o primeiro golpe ele soube que aquela sorte, habilidade ou o que quer que o tivesse feito vencer até ali ainda persistia. Galad conseguiu desviar do golpe com um estrépito, e do seguinte, e do seguinte, mas o cansaço era visível em seu rosto. Aquele espadachim competente, quase tão bom quanto um Guardião, lutava com toda a sua habilidade para aparar os golpes do bastão de Mat. Ele não atacava, só era capaz de se defender. Deslocava-se o tempo inteiro para o lado, tentando não ser forçado a recuar, e Mat o encurralava, o bastão se movendo tão rápido que parecia um borrão. Galad recuava e desviava: a lâmina de madeira era um fino escudo contra o bastão.

A fome consumia Mat como se ele tivesse engolido um trator. O suor caía em seus olhos, e sua força começou a se esvair como se levada com o suor. *Ainda não. Não posso cair ainda. Preciso vencer. Agora.* Com um rugido, lançou toda a reserva de força em uma última explosão.

O bastão, rápido como um raio, desviou da espada de Galad e atingiu joelho, punhos e costela, chegando enfim ao estômago de Galad feito uma lança. O aluno soltou um grunhido e se curvou, tentando não cair. Mat aplicou um último golpe na garganta. Galad desabou no chão.

Mat quase largou o bastão quando percebeu o que estava prestes a fazer. *Vencer, não matar. Luz, o que é que eu estava pensando?* Por reflexo, apoiou o bastão no chão, e assim que o fez precisou daquele apoio para manter-se ereto. A fome o consumia como uma faca escavando o tutano de dentro de um osso. De súbito, percebeu que as Aes Sedai e Aceitas não eram as únicas espectadoras. Toda a prática e todo o treino haviam parado. Guardiões e alunos os observavam.

Hammar aproximou-se de Galad, que ainda gemia no chão e tentava se levantar. O Guardião gritou:

— Quem foi o maior mestre espadachim de todos os tempos?

Das bocas de dezenas de alunos saiu a resposta, em uníssono:

— Jearom, Gaidin!

— Isso! — gritou Hammar, virando-se para que todos os ouvissem. — Durante toda a vida, Jearom lutou mais de dez mil vezes, em batalhas e duelos. Foi derrotado uma única vez. Por um fazendeiro com um bastão! Lembrem-se disso. Lembrem-se do que acabaram de ver. — Ele olhou para Galad, no chão, e baixou a voz. — Se não conseguir se levantar agora, rapaz, a luta acabou. — Ergueu a mão, e as Aes Sedai e Aceitas se apressaram para cercar Galad.

Mat deslizou as mãos pelo bastão e caiu de joelhos. Nenhuma das Aes Sedai sequer olhou em sua direção. Mas uma das Aceitas sim, uma garota corpulenta que talvez ele tivesse se animado em tirar para uma dança, se ela não fosse se tornar uma Aes Sedai. A moça franziu o rosto para ele e virou-se para espiar o que as Aes Sedai faziam em torno de Galad.

Gawyn estava de pé, percebeu Mat, aliviado. Quando Gawyn se aproximou, ele se levantou. *Não posso deixar que percebam. Nunca sairei daqui se decidirem cuidar de mim para sempre.* O sangue escurecia os cabelos ruivos na lateral da cabeça de Gawyn, mas não havia corte ou ferimento aparente.

Ele colocou dois marcos de prata nas mãos de Mat enquanto dizia:

— Acho que vou escutar da próxima vez. — Percebendo o olhar do rapaz, Gawyn tocou a cabeça. — Elas Curaram, mas não foi nada sério. Elayne já fez pior, mais de uma vez. Você é bom nisso.

— Não tanto quanto meu pai. Ele vence o torneio de bastão do Bel Tine todos os anos desde que me entendo por gente, exceto por uma ou duas vezes em que o pai de Rand venceu. — Os olhos de Gawyn voltaram a demonstrar interesse, e Mat desejou não ter mencionado Rand al'Thor. As Aes Sedai e Aceitas ainda estavam agrupadas em torno de Galad. — Eu... devo ter feito um estrago nele. Não foi minha intenção.

Gawyn olhou na direção do irmão. Não era possível ver nada além de dois círculos formados pelas costas das mulheres, os vestidos brancos de Aceitas por fora, enquanto elas espiavam por cima dos ombros das Aes Sedai agachadas. Então soltou uma risada.

— Você não o matou. Eu o ouvi gemendo, então já deve estar de pé, mas elas não vão deixar passar essa chance, agora que puseram as mãos nele. Luz, quatro dessas são da Ajah Verde! — Mat lhe lançou um olhar confuso. *Ajah Verde? O que é que isso tem a ver?* Gawyn balançou a cabeça. — Não importa. Mas pode ter certeza de que o pior tormento de Galad agora é acabar virando Guardião de uma Aes Sedai Verde antes de clarear as ideias. — Ele riu. — Não, elas não fariam isso. Mas aposto esses meus dois marcos que estão na sua mão que algumas delas gostariam de fazer.

— Não são seus marcos — retrucou Mat, enfiando as moedas no bolso do casaco —, são meus. — A explicação não fez sentido para ele. Exceto que Galad estava bem. Tudo o que sabia a respeito do que se passava entre Guardiões e Aes Sedai eram os fragmentos do que se lembrava de Lan e Moiraine, e não havia nada entre eles que se parecesse com o que Gawyn parecia sugerir. — Acha que elas vão se irritar se eu for até lá pegar meu pagamento?

— É muito provável que sim — respondeu Hammar, secamente, juntando-se aos dois. — No momento, você não é muito bem quisto por essas Aes Sedai em particular. — Ele bufou. — Pensei que ao menos as Aes Sedai Verdes não agiriam feito garotas que acabaram de sair da barra da saia da mãe. E ele não é *tão* bonito assim.

— Não mesmo — concordou Mat.

Gawyn abriu um sorriso para os dois, até que Hammar cravou os olhos nele.

— Aqui — disse o Guardião, empurrando mais duas moedas de prata na mão de Mat. — Depois eu cobro de Galad. De onde você é, rapaz?

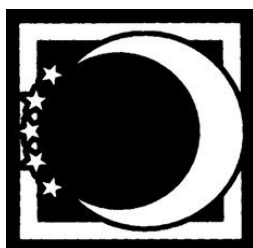
— Manetheren. — Mat congelou ao ouvir o nome sair de sua boca. — Quer dizer, sou de Dois Rios. Andei escutando muitas histórias antigas. — Os dois o encararam sem dizer uma palavra. — Eu... acho melhor voltar e ver se encontro algo para comer. — Nem o sino da meia-manhã havia soado ainda, mas os dois assentiram, como se aquilo fizesse sentido.

Ele pegou o bastão, que ninguém havia mandado devolver, e seguiu caminhando devagar, até que as árvores esconderam o pátio de treinamento. Quando isso aconteceu, ele se apoiou no bastão como se fosse a única coisa que o sustentasse. Não estava certo de que não era.

Pensou que, se abrisse o casaco, veria um buraco onde o estômago deveria estar; um buraco crescendo cada vez mais, tomando todo o seu corpo. No entanto, não pensava na fome. Continuava ouvindo vozes na cabeça. *Você fala a Língua Antiga, rapaz? Manetheren.* Um calafrio o percorreu. *Que a Luz me ajude, estou me afundando cada vez mais. Preciso sair daqui. Mas como?* Ele seguiu de volta para a Torre, apoiado no bastão como um homem muito, muito velho. *Como?*



CAPÍTULO 25



Perguntas

Egwene estava deitada na cama de Nynaeve, o queixo apoiado nas mãos, observando-a andar de um lado para o outro. Elayne se encontrava esparramada diante da lareira, que ainda estava cheia das cinzas do fogo da noite anterior. Mais uma vez, Elayne estudava a lista de nomes que Verin havia fornecido, lendo cada palavra novamente, com muita paciência. As outras páginas, com a lista de *ter'angreal*, jaziam na mesa. Depois de uma única e chocante leitura, não voltaram a conversar a respeito dela, embora tenham falado sobre todo o resto. E discutido, também.

Egwene bocejou, cobrindo a boca com a mão. A manhã ainda estava na metade, mas nenhuma delas tinha dormido muito. Tiveram que levantar cedo. Para ajudar nas cozinhas e no café da manhã. Para outras coisas sobre as quais ela se recusava a pensar. As poucas horas de sono que conseguira foram repletas de sonhos desagradáveis. *Talvez Anaiya pudesse me ajudar a entender os sonhos, aqueles que preciso entender, mas... e se ela for da Ajah Negra?* Depois de olhar para cada mulher presente na noite anterior, perguntando-se qual delas seria da Ajah Negra, começava a achar muito difícil confiar em qualquer uma além de suas duas companheiras. No entanto, queria mesmo encontrar uma forma de interpretar aqueles sonhos.

Os pesadelos sobre o que havia acontecido dentro do *ter'angreal* na noite anterior eram muito fáceis de explicar, embora a tivessem feito acordar chorando. Ela também sonhara com os Seanchan, com mulheres em vestidos com raios bordados nos seios que encolaravam uma longa fileira de mulheres com anéis da Grande Serpente, forçando-as a lançar

raios sobre a Torre Branca. Aquilo a fizera acordar suando frio, mas também devia ser só um pesadelo. E o sonho com os Mantos-brancos atando as mãos de seu pai. Um pesadelo causado pelas saudades de casa, supôs. Os outros, no entanto...

Ela olhou mais uma vez para as outras duas mulheres. Elayne ainda lia. Nynaeve ainda andava de um lado para o outro.

Houvera um sonho com Rand estendendo a mão para pegar uma espada que parecia feita de cristal, sem enxergar a fina rede que caía sobre ele. E outro dele ajoelhado em uma câmara onde um vento seco soprava poeira pelo chão, e figuras como a do estandarte do Dragão, porém menores, flutuavam e pousavam em sua pele. Houvera um sonho em que ele caminhava por um grande buraco dentro de uma montanha negra, um buraco repleto de um brilho avermelhado, como se grandes fogueiras ardessem lá embaixo, e até um sonho em que ele enfrentava os Seanchan.

Não estava certa a respeito desse último, mas sabia que os outros deviam significar alguma coisa. Quando ainda pensava que podia confiar em Anaiya, muito antes de ter deixado a Torre, antes de descobrir a verdade sobre a Ajah Negra, algumas perguntas que fizera com muito cuidado — muito, muito cuidado, para que Anaiya achasse que não passava da mesma curiosidade que ela demonstrava a respeito de outros assuntos — revelaram que os sonhos de uma Sonhadora com os *ta'veren* eram quase sempre significativos. E que, quanto mais forte o *ta'veren*, mais “quase sempre” se tornava “sempre”.

No entanto, Mat e Perrin eram *ta'veren*, e ela também havia sonhado com os dois. Sonhos estranhos, até mais difíceis de entender do que os com Rand. Perrin com um falcão no ombro, e Perrin com um gavião. Mas o gavião tinha as garras acorrentadas. Egwene estava convencida, de alguma forma, de que tanto o gavião quanto o falcão eram fêmeas. E o gavião tentava prender a corrente no pescoço de Perrin. Aquilo a fazia tremer mesmo acordada, não gostava de sonhar com correntes. E mais um sonho com Perrin — de barba! — conduzindo uma alcateia enorme, que se estendia até onde a visão alcançava.

Os sonhos com Mat tinham sido ainda piores. Mat colocando o próprio olho esquerdo no prato de uma balança. Mat enforcado em um galho de árvore. Também houve um sonho com o rapaz e os Seanchan, mas ela estava inclinada a descartá-lo como um pesadelo. Fora apenas um pesadelo. Assim como o outro, com Mat falando a Língua Antiga. Devia ter sonhado aquilo por conta do que ouvira durante a Cura dele.

Ela suspirou, e o suspiro transformou-se em outro bocejo. Depois do café da manhã, ela e as outras tinham ido até o quarto de Mat para ver como ele se sentia, mas o rapaz não estava lá.

Ele já deve estar bom até para dançar. Luz, eu provavelmente vou sonhar com danças com os Seanchan! Chega de sonhos, disse a si mesma, com firmeza. *Não nesse momento. Pensarei neles quando não estiver tão cansada.* Ela pensou nas cozinhas, na refeição do meio-dia que já se aproximava, e depois no jantar e no café da manhã do dia seguinte, e nas panelas, limpeza e esfregação que não acabavam mais. *Se é que um dia eu não estarei tão cansada.* Trocando de posição na cama, olhou outra vez para as amigas. Elayne ainda estava ocupada com a lista de nomes. Nynaeve andava mais devagar. *A qualquer momento, Nynaeve dirá aquilo outra vez. A qualquer momento.*

A mulher parou de supetão, encarando Elayne.

— Guarde isso. Já repassamos tudo mais de vinte vezes e não encontramos nada que ajudasse. Verin nos entregou um monte de lixo. A pergunta é: isso era tudo o que tinha ou ela nos deu esse monte de lixo de propósito?

Conforme o esperado. Talvez daqui a meia hora ela diga mais uma vez. Egwene encarou as mãos com a testa franzida, feliz por não poder vê-las direito. O anel da Grande Serpente parecia... deslocado... naquelas mãos enrugadas pela longa imersão em água quente e cheia de sabão.

— Saber os nomes delas ajuda — disse Elayne, ainda lendo. — Saber como elas são, também.

— Você entendeu muito bem o que eu quis dizer — retrucou Nynaeve, ríspida.

Egwene suspirou, cruzou os braços e apoiou o queixo neles. Quando saíra do gabinete de Sheriam naquela manhã, ainda sem um mísero lampejo de sol no horizonte, Nynaeve a aguardava com uma vela no corredor frio e escuro. Ela não pôde enxergar com muita clareza, mas teve certeza de que Nynaeve parecia prestes a explodir. E parecia saber que explodir não adiantaria de nada. Era por isso que estava tão irritada. *Ela é tão orgulhosa quanto qualquer homem que já conheci. Mas não deveria desconfiar em Elayne ou em mim. Luz, se Elayne pode aguentar, ela também deveria poder. Ela não é mais a Sabedoria.*

Elayne mal parecia notar se Nynaeve estava ou não irritada. Com a testa franzida, encarava o vazio, pensativa.

— Liandrin era a única Vermelha. Todas as outras Ajahs perderam duas mulheres.

— Ah, fique quieta, criança — resmungou Nynaeve.

Elayne balançou a mão esquerda para exibir o anel da Grande Serpente, lançou um olhar significativo a Nynaeve e prosseguiu.

— Não há duas nascidas na mesma cidade, e não mais que duas no mesmo país. Amico Nagoyin era a mais jovem, uns quinze anos mais velha que Egwene e eu. E Joiya Byir poderia ser a bisavó de nossa bisavó.

Egwene não apreciava o fato de uma Ajah Negra ter o mesmo nome de sua filha. *Sua boba! Várias pessoas têm o mesmo nome, e você nunca teve uma filha. Não foi real!*

— E o que isso nos diz? — Nynaeve tinha a voz tranquila demais: estava prestes a explodir feito uma carroça cheia de fogos de artifício. — Que segredos você descobriu que eu deixei passar? Estou mesmo ficando velha e cega!

— Isso nos diz que está tudo organizado demais — respondeu Elayne, com calma. — Quais são as chances de treze mulheres escolhidas unicamente por serem Amigas das Trevas estarem tão bem distribuídas entre países e Ajahs? Não deveria haver três Vermelhas, quatro nascidas em Cairhien, ou talvez duas da mesma idade, se fossem escolhidas ao acaso? Deveria haver muitas como opções, ou não conseguiriam tanta aleatoriedade. Ainda há Negras na Torre ou em algum outro lugar que desconhecemos. Só pode significar isso.

Nynaeve deu um puxão na trança, irritada.

— Luz! Acho que você pode estar certa. Realmente, encontrou segredos que eu não encontrei. Luz, esperava que todas tivessem ido embora com Liandrin.

— Nós sequer sabemos se ela é a líder — continuou Elayne. — Ela pode ter recebido a ordem de... *se livrar* de nós. — Ela comprimiu os lábios. — Acho que só consigo pensar em uma razão para terem escolhido mulheres tão diferentes entre si, para evitar qualquer padrão a não ser uma falta de padrão. Acho que isso significa que *existe* algum tipo de padrão na Ajah Negra.

— Se houver algum — disse Nynaeve, com firmeza —, nós vamos descobrir. Elayne, se observar sua mãe governar a corte fez você aprender a pensar assim, estou muito contente por ter prestado tanta atenção.

O sorriso que Elayne deu em resposta formou covinhas em suas bochechas.

Egwene olhou para a mulher mais velha com cautela. Parecia que Nynaeve enfim pararia de agir como um urso com dor de dente. Egwene ergueu a cabeça e disse:

— A não ser que queiram nos levar a pensar que estão escondendo algum padrão, para que percamos tempo procurando onde não existe nada. Não estou dizendo que não existe, só que ainda não sabemos. Vamos procurar, mas acho que precisamos procurar outras coisas também. Não acham?

— Até que enfim você decidiu se levantar — disse Nynaeve. — Pensei que tivesse pegado no sono. — A mulher ainda sorria.

— Ela está certa — concordou Elayne, enojada. — Construí uma ponte de palha. Pior que palha. De anseios. Talvez você também tenha razão, Nynaeve. De que adianta esse... lixo? — Ela pegou uma folha de papel da pilha à sua frente. — Rianna tem cabelos pretos com uma mecha branca acima da orelha esquerda. Se eu estiver enxergando isso, é porque estou mais perto dela do que gostaria. — Pegou outra folha. — Chesmal Emry é uma das Curandeiras mais talentosas que já se viu em anos. Luz, imagine só, ser Curada por uma Ajah Negra! — Ela pegou uma terceira folha. — Marillin Gemalphin gosta de gatos e para tudo o que está fazendo para socorrer um animal ferido. Gatos! Ora! — Ela espalhou as folhas e as amassou com as mãos. — É *mesmo* um monte de lixo.

Nynaeve ajoelhou-se ao lado dela e afastou delicadamente as mãos da jovem dos papéis.

— Talvez sim, talvez não. — Ela alisou as páginas com cuidado sobre o peito. — Você encontrou uma pista para seguirmos. Talvez encontremos outras, se formos persistentes. E ainda tem a outra lista. — Os olhos dela e os de Elayne saltaram para Egwene, olhos castanhos e azuis com a mesma expressão preocupada.

Egwene evitou olhar para a mesa onde estavam as outras folhas. Não queria pensar nelas, mas não podia evitar. A lista de *ter'angreal* já estava gravada em sua mente.

Item. Uma barra de cristal, lisa e perfeitamente límpida, com um pé de comprimento e uma polegada de diâmetro. Uso desconhecido. Última análise realizada por Corianin Nedeal. Item. A estatueta de uma mulher desnuda, de alabastro, uma mão de altura. Uso desconhecido. Última análise realizada por Corianin Nedeal. Item. Um disco, aparentemente de ferro simples, ainda não enferrujado, de três polegadas de diâmetro, com entalhes finos em ambos os lados, no formato de uma espiral compacta. Uso desconhecido. Última análise realizada por Corianin Nedeal. Muitos itens, e mais da metade com “uso desconhecido” e “última análise realizada por Corianin Nedeal”. Mais precisamente, treze.

Egwene estremeceu. *Estou chegando ao ponto de não querer mais nem pensar nesse número.*

Eram poucos os itens conhecidos da lista. Aparentemente, nem todos tinham utilidade real, mas ela imaginava que aquilo não era muito reconfortante. Um ouriço entalhado em madeira do tamanho da última junta do dedão de um homem. Uma coisa tão pequena, e sem dúvida inofensiva. Qualquer mulher que tentasse canalizar por esse objeto acabava dormindo. Meio dia de sono tranquilo e sem sonhos, mas era próximo demais para que Egwene não sentisse arrepios. Mais três tinham algo a ver com sono. Foi quase um alívio ler sobre uma barra estriada de pedra negra de um passo de comprimento que produzia fogo devastador, com o aviso PERIGOSO E QUASE IMPOSSÍVEL DE CONTROLAR, escrito à mão com tanta força que Verin havia chegado a rasgar o papel em dois lugares diferentes. Egwene ainda não fazia ideia do que era fogo devastador, mas, embora sem dúvida parecesse mais perigoso que tudo, também era certo que nada tinha a ver com Corianin Nedeal ou sonhos.

Nynaeve depositou as páginas alisadas na mesa. Hesitou antes de espalhar as outras e passar o dedo por uma, depois pela seguinte.

— Aqui tem uma coisa de que Mat iria gostar — disse, em uma voz leve e despreocupada demais. — Item. Um conjunto de seis dados entalhados, com junção nos cantos, de menos de duas polegadas. Uso desconhecido, salvo que canalizar por meio dele parece atrair a sorte de alguma forma ou causar uma reviravolta. — Ela começou a ler em voz alta. — “As moedas jogadas apresentavam a mesma face todas as vezes, e em um teste caíram de pé cem vezes seguidas. Mil lances do dado resultaram em cinco coroas mil vezes.” — Ela deu uma risada forçada. — Mat amaria isso.

Egwene suspirou, se levantou e caminhou, ereta, até a lareira. Elayne se levantou com dificuldade, observando em silêncio, assim como Nynaeve. Egwene puxou a manga para cima o máximo que pôde e enfiou a mão com cuidado pela chaminé. Seus dedos tocaram uma lã dentro da câmara de fumaça, e ela tirou um chumaço de meia fina, empelotado no dedão. Limpou a sujeira de fuligem do braço, levou a meia até a mesa e a sacudiu. O anel retorcido de pedra listrada e manchada rodopiou e caiu em uma página da lista de *ter'angreal*. Por alguns instantes as três ficaram paradas, observando-o.

— Talvez — disse Nynaeve, por fim — Verin apenas não tenha atentado para o fato de que tantos deles tiveram a última análise feita por Corianin. — Ela não parecia acreditar no que dizia.

Elayne assentiu, mas estava desconfiada.

— Eu a vi caminhando na chuva um dia, ensopada, e levei um manto para ela. Estava tão absorta, pensando em sei lá o quê, que acho que não percebeu que estava chovendo até eu envolvê-la com o manto. Talvez tenha deixado algo passar.

— Talvez — disse Egwene. — Se não tiver esquecido, ela deveria saber que eu perceberia assim que lesse a lista. Não sei. Às vezes acho que Verin percebe mais do que deixa transparecer. Simplesmente não sei.

— Então Verin é suspeita. — Elayne suspirou. — Se ela for da Ajah Negra, elas sabem exatamente o que estamos fazendo. E Alanna. — Lançou um olhar indeciso a Egwene, de esguelha.

A jovem havia contado tudo. Exceto o que acontecera dentro do *ter'angreal* durante o teste. Não podia se forçar a falar sobre o que se passara lá, não mais do que Nynaeve ou Elayne podiam contar sobre os próprios testes. Havia contado tudo o que acontecera na sala, o que Sheriam dissera sobre a terrível fraqueza conferida pela habilidade de canalizar, cada palavra que Verin dissera, fosse ou não importante. O único ponto que as três tiveram problemas em aceitar fora Alanna. Aes Sedai simplesmente não agiam daquele jeito. Ninguém em sã consciência agia assim, muito menos uma Aes Sedai.

Egwene as encarou, irritada, quase escutando as palavras.

— Uma Aes Sedai também não deve mentir, mas Verin e a Mãe parecem chegar muito perto disso. A Ajah Negra não deveria existir.

— Eu gosto de Alanna. — Nynaeve puxou a trança, depois deu de ombros. — Ah, está bem. Talv... Quer dizer, ela de fato se comportou de um jeito esquisito.

— Obrigada — disse Egwene, e Nynaeve meneou a cabeça em consentimento, como se não tivesse compreendido a ironia.

— De qualquer modo, a Amyrlin viu o que aconteceu, e ela tem muito mais facilidade que nós para ficar de olho em Alanna.

— E quanto a Elaida e Sheriam? — perguntou Egwene.

— Nunca gostei de Elaida — disse Elayne —, mas não acredito que ela seja da Ajah Negra de verdade. E Sheriam? Impossível.

Nynaeve bufou.

— Seria impossível para qualquer uma delas. Quando as encontrarmos, nada pode garantir que todas serão mulheres de quem não gostamos. Mas não pretendo levantar suspeitas, não desse tipo, sobre toda mulher. Precisamos de mais para seguir em frente, além do fato de que talvez tenham visto algo que não deveriam. — Egwene consentiu com a cabeça, tão depressa quanto Elayne, e Nynaeve prosseguiu: — Vamos contar isso à

Amyrlin, mas sem dar um peso maior que o merecido. Se ela vier nos visitar como disse que faria. Elayne, se você estiver com a gente quando ela vier, lembre-se de que ela não sabe a seu respeito.

— Vai ser difícil esquecer — retrucou Elayne, enfática. — Mas precisamos encontrar outra forma de falar com ela. Minha mãe teria planejado isso melhor.

— Não se ela não pudesse confiar nas próprias mensageiras — retrucou Nynaeve. — Vamos esperar. Ou vocês acham que uma de nós deveria conversar com Verin? Ninguém acharia suspeito.

Elayne hesitou, então sacudiu a cabeça de leve. Egwene foi mais ligeira e mais vigorosa. Desatenta ou não, Verin omitira muitas coisas para ser alguém confiável.

— Bom. — Nynaeve soava mais do que satisfeita. — Estou muito contente por não podermos falar com a Amyrlin quando quisermos. Assim tomamos nossas próprias decisões e agimos quando e como decidimos, sem que ela conduza cada passo. — Correu a mão pelas páginas que listavam os *ter'angreal* roubados como se as lesse mais uma vez, depois apertou os olhos na direção do anel de pedra listrada. — A primeira decisão envolve isso. É a primeira coisa que vimos ter ligação real com Liandrin e as outras. — Ela franziu o rosto para o anel e respirou fundo. — Vou dormir com ele hoje à noite.

Egwene não hesitou em tirar o anel da mão de Nynaeve. Quis hesitar — quis manter as mãos onde estavam —, mas não o fez, e ficou satisfeita.

— Sou eu que dizem ser Sonhadora. Não sei se isso me dá alguma vantagem, mas Verin falou que é perigoso usar o anel. Qualquer uma de nós que o use vai precisar de todas as vantagens que tiver.

Nynaeve agarrou a trança e abriu a boca como se fosse protestar. Quando enfim se pronunciou, foi para dizer:

— Tem certeza, Egwene? Sequer sabemos se você é uma Sonhadora, e eu posso canalizar com mais força que você. Ainda acho...

— Você pode canalizar com mais força se estiver com raiva — Egwene a interrompeu. — Como pode ter certeza de que vai ficar com raiva no meio de um sonho? Será que vai ter tempo para ficar com raiva antes de precisar canalizar? Luz, nem ao menos sabemos se alguém é capaz de canalizar em um sonho. Se uma de nós tiver que fazer isso, e você está certa, é a única ligação que temos, esse alguém deveria ser eu. Talvez eu seja mesmo uma Sonhadora. Além disso, foi para mim que Verin deu o anel.

Nynaeve olhou como se quisesse discutir, mas enfim concordou, contrariada:

— Está bem. Elayne e eu estaremos perto. Não sei o que poderemos fazer, mas, se alguma coisa der errado, pelo menos poderemos acordá-la ou... estaremos perto.

Elayne também assentiu.

Agora que tinha o consentimento das outras, Egwene sentiu um embrulho no estômago. *Eu as persuadi. Queria não desejar que elas me dissuadissem.* Ela notou a presença de uma mulher parada diante da porta, uma mulher em trajes brancos de noviça, com os cabelos em tranças longas.

— Não a ensinaram a bater na porta, Else? — perguntou Nynaeve.

Egwene fechou o punho para esconder o anel de pedra. Teve a estranha sensação de que Else estava olhando para ele.

— Tenho um recado para vocês — respondeu a jovem, muito calma. Seus olhos observavam a mesa, com todos os papéis espalhados, e as três mulheres em volta. — Da Amyrlin.

As três trocaram olhares surpresos.

— Então, o que é? — inquiriu Nynaeve.

Else arqueou uma sobrancelha, divertindo-se.

— Os pertences deixados por Liandrin e as outras foram levados para o terceiro depósito à direita da escadaria principal no segundo porão debaixo da biblioteca. — Ela olhou mais uma vez para os papéis na mesa e saiu, nem devagar nem depressa.

Egwene sentiu dificuldade para respirar. *Temos medo de confiar em qualquer uma, e a Amyrlin resolve confiar justo em Else Grinwell?*

— Não dá para confiar que aquela idiota não vá soltar a língua para a primeira que encontrar! — Nynaeve correu para a porta.

Egwene agarrou as saias e disparou atrás dela. Seus sapatos derraparam nos azulejos do corredor, mas ela conseguiu ver a roupa branca desaparecendo pela rampa mais próxima e a seguiu correndo. *Ela também deve estar correndo, para já estar tão longe. Por que está correndo?* O lampejo de branco já desaparecia na descida de outra rampa. Egwene a seguiu.

Uma mulher virou-se na direção dela, na base da rampa, e Egwene parou, confusa. Quem quer que fosse, certamente não era Else. Toda vestida de seda branca e prateada, ela despertava sentimentos que Egwene jamais tivera. Era mais alta e muito mais bonita. Seus olhos negros faziam Egwene sentir-se pequena, franzina e meio suja. *Além disso, ela deve conseguir canalizar muito mais Poder que eu. Luz, ela deve ser muito mais esperta que nós três juntas. Não é justo que uma mulher...* De repente, deu-se

conta de para onde seus pensamentos se encaminhavam. Sua face enrubesceu, e ela se recompôs. Nunca se sentira... menos... que outra mulher, e essa não seria a primeira vez.

— Que audácia — disse a mulher. — Que audácia a sua de sair correndo por aí, sozinha, com tantos assassinatos acontecendo. — Ela soava quase satisfeita.

Egwene se endireitou e ajeitou o vestido mais do que depressa, esperando que a outra mulher não houvesse percebido, mas, sabendo que ela percebera, desejando que não a tivesse visto correr feito uma criança. *Pare com isso!*

— Por favor, estou procurando uma noviça que veio nessa direção, suponho. Tem olhos grandes e escuros e o cabelo trançado. É gordinha e, de certa forma, bonita. A senhora viu para que lado ela foi?

A mulher alta olhou-a de cima a baixo de um jeito bem-humorado. Egwene não teve certeza, mas achou que ela poderia ter olhado de esguelha para seu punho cerrado, que ainda segurava o anel de pedra.

— Acho que não vai alcançá-la. Eu a vi, e ela estava correndo bem depressa. Suspeito que já esteja bem longe a essa altura.

— Aes Sedai — começou Egwene, mas não teve chance de perguntar para que lado Else havia ido. Algo que talvez fosse raiva ou irritação cintilou naqueles olhos negros.

— Já gastei muito tempo com você. Tenho assuntos mais importantes a tratar. Deixe-me. — Ela fez um gesto na direção de onde Egwene viera.

O comando em sua voz foi tão forte que Egwene se virou e já estava a três passos da subida da rampa quando percebeu o que estava fazendo. Indignada, deu meia-volta. *Aes Sedai ou não, eu...*

O corredor estava vazio.

Franzindo a testa, ela descartou as portas mais próximas: ninguém morava naqueles quartos, exceto talvez alguns ratos. Então disparou pela rampa, olhando para os dois lados e passando os olhos por todo o corredor. Até espiou, por cima do parapeito, o pequeno Jardim das Aceitas e observou os outros corredores, tanto os de cima quanto os de baixo. Viu duas Aceitas de vestidos enfaixados: uma era Faolain, e a outra, uma mulher que ela conhecia de vista, mas não de nome. Não havia ninguém de branco e prata, em lugar algum.



CAPÍTULO 26



Por trás de um Cadeado

Sacudindo a cabeça, Egwene voltou até as portas que ignorara. Ela tem que ter ido a algum lugar. No primeiro cômodo, a pouca mobília que tinha estava coberta por panos empoeirados, e o ar parecia rançoso, como se a porta não fosse aberta havia muito tempo. Ela fez uma careta: *havia* rastros de ratos na poeira do chão. Mas nada além disso. As duas outras portas, que ela abriu depressa, mostraram o mesmo. Não era surpresa. Havia mais quartos vazios do que ocupados na ala das Aceitas.

Quando tirou a cabeça do terceiro quarto, Nynaeve e Elayne desciam a rampa atrás dela, sem pressa alguma.

— Ela se escondeu? — perguntou Nynaeve, surpresa. — Aí?

— Eu a perdi de vista. — Egwene olhou outra vez para os dois lados do corredor em curva. *Aonde ela foi?* Não se referia a Else.

— Se eu imaginasse que Else seria mais rápida que você — disse Elayne, com um sorriso —, teria corrido atrás dela também, mas sempre achei que ela fosse muito cheinha para correr. — Seu sorriso, no entanto, era preocupado.

— Teremos que encontrá-la mais tarde — disse Nynaeve — e garantir que ela fique de boca fechada. Como é que a Amyrlin confiou nessa garota?

— Eu achei que estava bem no encalço dela — comentou Egwene, devagar —, mas era outra pessoa. Nynaeve, foi só eu me virar um segundo, e ela desapareceu. Não Else, não cheguei a vê-la, mas a mulher que pensei que fosse Else. Ela simplesmente sumiu, e não sei para onde foi.

Elayne prendeu a respiração.

— Uma Sem-alma? — Ela olhou em volta, aflita, mas o corredor continuava vazio, exceto pelas três.

— Não — respondeu Egwene, segura. — Ela... — *Não vou contar que ela me fez sentir com seis anos de idade, um vestidinho rasgado, a cara imunda e o nariz escorrendo.* — Não era nenhum Homem Cinza. Era alta e deslumbrante, com cabelos e olhos negros. Daria para notá-la no meio de mil pessoas. Nunca a vi antes, mas acho que é Aes Sedai. Deve ser.

Nynaeve esperou, como se aguardasse mais, depois disse, impaciente:

— Se a vir de novo, aponte-a para mim. Se achar que há motivo. Não temos tempo para ficar aqui conversando. Quero ver o que há no depósito antes que Else tenha a chance de contar tudo à pessoa errada. Talvez elas tenham sido descuidadas. Não vamos lhes dar a chance de corrigir o erro.

Ao seguir junto a Nynaeve, com Elayne do outro lado, Egwene percebeu que ainda apertava com força o anel de pedra, *o ter'angreal de Corianin Nedeal*. Relutante, ela o enfiou na bolsa e puxou a corda com força, fechando-a bem. *Desde que não vá dormir com esse maldito... mas é isso que estou planejando, não é?*

Aquele, porém, era um assunto para a noite, e não adiantava se preocupar antes da hora. Enquanto caminhavam pela Torre, ela continuou procurando pela mulher de vestido branco e prata. Não sabia se estava ou não aliviada por não encontrá-la. *Sou uma mulher crescida, e muito capaz, obrigada.* Ainda assim, estava contente por não ter encontrado qualquer pessoa remotamente parecida com aquela estranha. Quanto mais pensava na mulher, mais sentia que havia algo... errado com ela. *Luz, estou começando a ver Ajah Negras debaixo da cama. Bem, talvez elas estejam debaixo da cama.*

A biblioteca ficava um pouco afastada da coluna comprida e larga da Torre Branca, as pedras claras rajadas de azul, e parecia muito com ondas congeladas bem na hora da arrebentação. À luz da manhã, essas ondas avultavam-se com a grandeza de um palácio, e Egwene sabia que elas sem dúvida continham tantos cômodos quanto um, mas todas as salas — as que ficavam sob os estranhos corredores dos andares de cima, onde eram os aposentos de Verin — tinham estantes do chão ao teto repletas de livros, manuscritos, papéis, pergaminhos e mapas coletados de todos os países durante três mil anos. Nem mesmo as grandes bibliotecas de Tear e Cairhien tinham tantos.

As bibliotecárias — todas irmãs Marrons — vigiavam atentamente as estantes e portas, para garantir que nenhuma folha de papel fosse levada

sem que soubessem por que e por quem. Porém, não foi para uma das entradas vigiadas que Nynaeve conduziu as outras duas.

Ao redor da biblioteca, chapadas no chão sob a sombra de altas nogueiras-pecãs, havia outras portas, grandes e pequenas. Os operários às vezes precisavam acessar os depósitos ali embaixo, e as bibliotecárias não aprovavam que homens suados ficassem atravessando a área reservada. Nynaeve puxou uma das portas, do tamanho da entrada de uma casa de fazenda, e com um gesto conduziu as outras duas por um lance íngreme de escadas, descendo para a escuridão. Quando fechou a porta atrás das três, toda a luz desapareceu.

Egwene abriu-se para *saidar*, que veio tão suavemente que ela mal percebeu o que fazia, e canalizou uma gota do Poder. Por um instante, a mera sensação daquela torrente que corria em seu corpo ameaçou dominar todas as outras sensações. Uma pequena bola de luz branco-azulada surgiu e equilibrou-se no ar acima de sua mão. Ela respirou fundo e lembrou por que caminhava rígida. Era um elo com o resto do mundo. A sensação do linho na pele voltou, e das meias de lã, e do vestido. Com uma pontada de arrependimento, ela sufocou o desejo de buscar ainda mais, de deixar *saidar* absorvê-la.

Ao mesmo tempo, Elayne também produziu uma esfera brilhante, e as duas forneceram mais luz que duas lanternas.

— É maravilhoso, não é? — murmurou.

— Tome cuidado — respondeu Egwene.

— Estou tomando — suspirou Elayne. — Eu só sinto... vou tomar cuidado.

— Por aqui — disse Nynaeve, com rispidez, apressando-se a conduzi-las para baixo. Não ficou muito à frente. Não sentia raiva, e por isso precisava usar a luz fornecida pelas outras duas.

O corredor lateral empoeirado por onde haviam entrado, com uma série de portas de madeira nas paredes de pedras cinza, tinha uns cem passos de comprimento até o corredor principal, bem mais largo, que cruzava toda a extensão da biblioteca. As bolas de luz revelaram pegadas sobre pegadas na poeira, a maioria de botas masculinas grandes e também apagadas pela poeira. O teto ali era mais alto, e algumas portas tinham a largura das de um celeiro. A escadaria principal, do outro lado, tinha a metade da largura do corredor. Era por ali que os objetos maiores eram levados para baixo. Outro lance de escadas as conduziu ainda mais para baixo. Nynaeve prosseguia sem parar.

Egwene a seguia depressa. A luz azulada empalidecia o rosto de Elayne, mas Egwene achou a moça ainda mais branca do que deveria. *Poderíamos nos esgoelar de tanto gritar aqui embaixo, e ninguém ouviria um pio sequer.*

Ela sentiu um raio se formando, ou o potencial para um, e quase tropeçou. Nunca canalizara dois fluxos de uma vez, mas não sentia dificuldade alguma.

O corredor principal do segundo porão era muito parecido com o do andar de cima, amplo e empoeirado, mas com um teto mais baixo. Nynaeve correu para a terceira porta à esquerda e parou.

A porta não era grande, mas as placas grosseiras de madeira faziam-na parecer mais grossa. Um cadeado redondo de ferro pendia de uma corrente robusta bem apertada em volta de dois grandes pregos em forma de U, um na porta, o outro cimentado à parede. O cadeado e a corrente pareciam novos, quase não se via poeira neles.

— Um cadeado! — Nynaeve deu um puxão: a corrente não cedeu, nem o cadeado. — Vocês viram cadeados em algum outro lugar? — Ela deu outro puxão, depois empurrou a porta com força o bastante para rebater. O barulho ecoou pelo corredor. — Não vi mais nenhuma porta trancada! — Ela bateu com um punho na madeira. — Nem mesmo uma!

— Fique calma — disse Elayne. — Não precisa ter um ataque. Eu mesma poderia abrir essa tranca, se pudesse ver como funciona a parte de dentro. Vamos dar um jeito.

— Não quero ficar calma — retrucou Nynaeve, bruscamente. — Quero ficar furiosa! Quero...!

Sem dar atenção às reclamações de Nynaeve, Egwene tocou a corrente. Desde a partida de Tar Valon, ela descobrira que podia fazer mais coisas do que raios. Uma delas fora a afinidade com metais. Aquilo vinha da Terra, um dos Cinco Poderes em que poucas mulheres eram fortes — o outro era o Fogo —, mas ela era diferente e podia sentir a corrente, sentir a corrente *por dentro*, sentir as menores partículas do metal frio e como se configuravam. O Poder dentro dela estremecia com as vibrações dessa configuração.

— Saia da frente, Egwene.

Ela olhou ao redor e viu Nynaeve envolta no brilho tênue de *saidar*, segurando um pé de cabra de um azul tão próximo ao azul esbranquiçado da luz que era quase invisível. Nynaeve encarou a corrente com a testa franzida, murmurou qualquer coisa sobre alavancagem, e o pé de cabra de repente dobrou de tamanho.

— Saia, Egwene.

Egwene se afastou.

Nynaeve atravessou a corrente com uma das extremidades do pé de cabra, agarrou-a e ergueu-a com toda a força. A corrente se rompeu como se fosse um fio. Nynaeve arquejou e cambaleou até o meio do corredor, surpresa, e o pé de cabra se estatelou no chão. Nynaeve endireitou-se, encarando a barra e a corrente, estupefata. O pé de cabra desapareceu.

— Acho que fiz alguma coisa com a corrente — disse Egwene. *E queria saber o que foi.*

— Podia ter avisado — resmungou Nynaeve. Ela puxou o que restava da corrente e abriu a porta com um empurrão. — Então? Vão ficar paradas aí o dia inteiro?

O cômodo empoeirado tinha cerca de dez passos de extensão, mas continha apenas uma pilha de sacolas grandes feitas de tecido marrom grosso, todas cheias, etiquetadas e seladas com a Chama de Tar Valon. Egwene não precisou contá-las para saber que havia treze.

Ela deslocou a bola de luz até a parede e a prendeu. Não soube ao certo como fez isso, mas a luz ficou presa quando ela removeu a mão. *Continuo aprendendo a fazer coisas que não sei o que são*, pensou, nervosa.

Elayne franziu as sobrancelhas como se refletisse, depois também pendurou sua luz na parede. Observando, Egwene pensou ter visto o que ela tinha feito. *Ela aprendeu comigo, mas eu acabei de aprender com ela.* A jovem estremeceu.

Nynaeve foi direto para as sacolas, separou umas das outras e começou a ler as etiquetas.

— Rianna. Joiya Byir. É isso que estamos procurando. — Ela examinou o selo de uma das sacolas, depois rompeu-o e desamarrou as cordas. — Pelo menos sabemos que ninguém esteve aqui antes de nós.

Egwene escolheu uma sacola e rompeu o selo, sem ler o nome na etiqueta. Não queria de fato saber de quem eram os pertences que revirava. Quando derrubou tudo no chão empoeirado, viu que eram basicamente roupas e sapatos velhos, além de alguns papéis rasgados e amassados, do tipo que se encontraria debaixo do guarda-roupa de uma mulher não muito cuidadosa com a limpeza do quarto.

— Não vejo nada de útil neste aqui. Um manto que não serve nem como trapo. O mapa rasgado de alguma cidade. Tear, diz aqui no canto. Três meias precisando de remendo. — Ela enfiou o dedo pelo buraco de um chinelo de veludo sem par e jogou-o junto aos outros objetos. — Essa aqui não deixou pistas.

— Amigo também não deixou nada — disse Elayne, soturna, atirando as roupas com as mãos. — Também só tem trapos. Esperem, tem um livro aqui. Quem fez essa trouxa devia estar com muita pressa, para jogar um livro dentro. *Costumes e cerimônias da corte tairena*. Está sem capa, mas as bibliotecárias vão gostar mesmo assim. — Sem dúvida, iriam. Não se jogava um livro fora, independentemente do quanto estivesse danificado.

— Tear — disse Nynaeve, com a voz impassível. De joelhos em meio à bagunça da sacola que vasculhava, ela recuperou um pedaço de papel que já havia descartado. — Uma lista de navios mercantes do Erinin, com as datas que zarparam de Tar Valon e a previsão de chegada em Tear.

— Pode ser coincidência — disse Egwene, devagar.

— Talvez — respondeu Nynaeve. Ela dobrou o papel, enfiou-o na manga e foi romper o selo de outra sacola.

Quando enfim terminaram, cada sacola fora revirada duas vezes e o lixo fora descartado em montinhos nos cantos da sala. Egwene sentou-se em uma das sacolas vazias, tão absorta que mal percebeu que estava trêmula. Esticando os joelhos, observou a pequena compilação que haviam feito, todos os objetos dispostos em uma fileira.

— É muita coisa — disse Elayne. — Tem coisa demais.

— Tem mesmo — concordou Nynaeve.

Havia um segundo livro, um volume de capa de couro bem esfarrapado intitulado *Observações de uma visita a Tear*, com metade das páginas faltando. Do forro de um manto mal cerzido que havia na sacola de Chesmal Emry, por onde decerto escorregara através de um rasgão, elas encontraram outra lista de navios mercantes. Não listava nada além de nomes, mas todos também estavam na outra lista, e de acordo com aquela, todos os navios haviam zarpado cedo na manhã em que Liandrin e as outras deixaram a Torre. Havia um mapa rascunhado de algum edifício grande, com uma sala marcada como “Coração da Pedra”, e uma página com os nomes de cinco estalagens e a palavra “Tear” no cabeçalho, muito borrada mas ainda legível. Havia...

— Há algo em todas — murmurou Egwene. — Cada uma delas deixou algo apontando para uma viagem a Tear. Como é que alguém deixaria de notar isso, se procurasse? Por que a Amyrlin não falou nada a respeito?

— A Amyrlin — disse Nynaeve, amarga — tem suas próprias opiniões, e pouco se importa se nos queimarmos por causa disso! — Ela respirou fundo e espirrou, por conta da poeira revolvida. — O que me preocupa é que estou olhando uma isca.

— Uma isca? — perguntou Egwene. Mas percebeu assim que falou.

Nynaeve assentiu.

— Uma isca. Uma armadilha. Ou talvez um desvio. Mas, seja isca ou desvio, está tão óbvio que ninguém poderia ser enganado por isso.

— A não ser que não se importassem se a pessoa que encontrasse isso visse ou não a armadilha. — A voz de Elayne estava carregada de dúvida. — Ou talvez quisessem que ficasse bem óbvio, para que quem a encontrasse resolvesse descartar Tear na mesma hora.

Egwene desejou não acreditar que a Ajah Negra fosse tão confiante assim. Ela percebeu que estava agarrando a bolsa e passando o dedo pela curva retorcida do anel de pedra do lado de dentro.

— Talvez quisessem zombar de quem encontrasse isso — disse, baixinho. — Talvez pensassem que quem encontrasse sairia correndo atrás delas, cheia de raiva e orgulho ferido. — *Será que sabiam que nós encontraríamos? Será que nos veem dessa forma?*

— Que me queime! — urrou Nynaeve. Foi um choque: a mulher nunca usava esse tipo de linguajar.

Por um instante as três apenas encararam o conjunto de objetos, em silêncio.

— O que fazemos agora? — perguntou Elayne, por fim.

Egwene apertou o anel com força. Sonhos eram muito próximos de Previsões. O futuro, e também os acontecimentos de outros lugares, podiam aparecer nos sonhos de uma Sonhadora. — Talvez possamos saber depois dessa noite.

Nynaeve olhou para ela, inexpressiva e em silêncio, e então escolheu uma saia preta que não parecia ter muitos furos e rasgões e começou a amontoar os objetos encontrados dentro dela.

— Por enquanto — disse —, vamos levar isso tudo de volta para o meu quarto e esconder. Acho que temos que ir logo se não quisermos chegar tarde nas cozinhas.

Chegar tarde, pensou Egwene. Quanto mais segurava o anel dentro da bolsa, mais urgência sentia. *Já estamos um passo atrás, mas talvez não cheguemos tarde demais.*



CAPÍTULO 27



TEL'ARAN'RHOD

O novo quarto de Egwene ficava no mesmo corredor das duas amigas, era quase igual ao de Nynaeve. A cama era um tantinho mais larga, e a mesa, um pouco menor. O tapetinho tinha flores, em vez de arabescos. Eram as únicas diferenças. Comparado ao da ala das noviças, parecia o quarto de um palácio. No entanto, um pouco depois, quando as três se reuniram, naquela mesma noite, Egwene desejou estar de volta à ala das noviças, sem anel no dedo ou faixas coloridas na barra do vestido. As outras duas pareciam tão nervosas quanto ela.

Tinham trabalhado na cozinha por mais duas refeições e, entre uma e outra, tentaram desvendar o que tinham encontrado no depósito. Será que era uma armadilha ou uma forma de dificultar a busca? Será que a Amyrlin sabia daquilo? Se sabia, por que não tinha falado nada? Debater não trazia respostas, e a Amyrlin nunca aparecia para que perguntassem a ela.

Verin tinha ido às cozinhas depois da refeição do meio-dia, piscando como se não soubesse ao certo por que estava ali. Ao ver Egwene e as outras duas ajoelhadas em meio a caldeirões e tachos, pareceu surpresa por um instante, depois aproximou-se e perguntou, alto o bastante para os ouvidos de qualquer um:

— Encontraram alguma coisa?

Elayne, com a cabeça e os ombros enfiados em um imenso tacho de sopa, esbarrou a cabeça na borda quando saiu, espantada. Os olhos azuis pareciam ocupar todo o rosto.

— Nada além de gordura e suor, Aes Sedai — respondeu Nynaeve. O puxão que deu na trança lambuzou os cabelos de espuma de sabão

gordurosa, e ela fez uma careta.

Verin assentiu, como se fosse a resposta que buscava.

— Bem, continuem procurando. — Ela deu outra olhadela pela cozinha, franzindo a testa como se estivesse intrigada por estar ali, e saiu.

Alanna também apareceu na cozinha. Veio depois do meio-dia para pegar uma tigela de groselhas verdes e uma jarra de vinho. Elaida, e depois Sheriam, vieram após a ceia, assim como Anaiya.

Alanna perguntara a Egwene se ela queria mais informações sobre a Ajah Verde e quisera saber quando as três retomariam os estudos. Não era porque as Aceitas podiam escolher as próprias lições e o ritmo a ser seguido que elas podiam ficar à toa. As primeiras semanas seriam ruins, é claro, mas as três precisavam escolher, ou alguém faria isso por elas.

Elaida ficou pouco tempo, apenas observando-as com a expressão séria e as mãos nos quadris. Sheriam fez o mesmo, em uma pose quase idêntica. Anaiya ficou parada do mesmo jeito, porém tinha o olhar mais preocupado. Até que reparou que as moças a olhavam de soslaio. Então fechou a cara, em uma expressão idêntica à que Elaida e Sheriam haviam feito antes mais cedo.

Nenhuma dessas visitas pareceu ter qualquer significado especial aos olhos de Egwene. A Mestra das Noviças sem dúvida tinha motivos para supervisioná-las, assim como às outras noviças que trabalhavam na cozinha, e Elaida tinha motivos para ficar de olho na Filha-herdeira de Andor. Egwene tentou não pensar sobre o interesse da mulher em Rand. Quanto a Alanna, ela não era a única Aes Sedai a pedir uma bandeja para levar para o quarto, em vez de comer com as outras. Metade das irmãs na Torre estava ocupada demais para se juntar às refeições, ocupada demais para perder o tempo de chamar uma serviçal para apanhar uma bandeja. E Anaiya...? Anaiya poderia muito bem estar preocupada com sua Sonhadora. Não que fosse fazer qualquer coisa para aliviar uma punição ordenada pelo próprio Trono de Amyrlin. Essa talvez fosse a razão da visita. Talvez.

Pendurando o vestido no guarda-roupa, Egwene disse a si mesma, mais uma vez, que até o lapso de Verin podia ser algo perfeitamente normal: a irmã Marrom era mesmo meio distraída. *Se é que foi um lapso*. Sentada na beirada da cama, ela se despiu e passou a tirar as meias. Já estava começando a detestar o branco quase tanto quanto detestava o cinza.

Nynaeve permanecia parada diante da lareira. Segurava a bolsa de Egwene em uma das mãos e puxava a trança com a outra. Elayne estava sentada à mesa e falava sem parar, nervosa:

— Ajah Verde — disse a moça de cabelos dourados, pelo que Egwene pensava ser a vigésima vez desde o meio-dia. — Talvez eu também escolha a Ajah Verde, Egwene. Então poderei ter três ou quatro Guardiões, talvez até me casar com um deles. Quem daria um melhor Príncipe Consorte de Andor que um Guardião? A não ser que... — A voz dela foi morrendo, e ela corou.

Egwene sentiu uma pontada de ciúmes que pensava já ter suprimido havia tempo, mesclada com certa compaixão. *Luz, como posso sentir ciúmes se nem sequer consigo olhar para Galad sem estremecer e me desmanchar toda ao mesmo tempo? Rand era meu, mas não é mais. Gostaria de poder entregá-lo a você, Elayne, mas acho que ele não é de nenhuma de nós. A Filha-herdeira pode até ter carta branca para se casar com um homem do povo, desde que seja andoriano, mas não com o Dragão Renascido.* Ela deixou as meias caírem no chão, dizendo a si mesma que, naquela noite, havia coisas mais importantes com que se preocupar do que com organização.

— Estou pronta, Nynaeve.

A mulher entregou-lhe a bolsa, junto com uma tira de couro comprida e fina.

— Talvez funcione com mais de uma ao mesmo tempo. Eu poderia... ir com você, talvez.

Egwene deixou o anel de pedra cair na palma da mão, passou a tira de couro por ele e a amarrou no pescoço. As listras e manchas azuis, marrons e vermelhas pareciam ainda mais vívidas em contraste com o branco de sua roupa de baixo.

— E deixar Elayne sozinha para vigiar nós duas? Sendo que a Ajah Negra pode saber quem somos?

— Eu consigo — disse Elayne, resoluta. — Ou posso ir junto com você, e Nynaeve monta guarda. Ela é a mais forte de nós, quando está com raiva. Além disso, se for mesmo preciso que alguém vigie, pode ter certeza de que ela dá conta.

Egwene negou com a cabeça.

— E se não funcionar para duas? E se o anel não tiver efeito nenhum quando duas tentam? A gente não vai saber disso até acordar, e aí teremos desperdiçado a noite. Não podemos desperdiçar nenhum instante, se não quisermos ficar para trás. Já estamos muito atrás delas. — Eram argumentos válidos, e ela acreditava neles, mas havia outro em seu coração, mais premente. — Além disso, vou me sentir melhor sabendo que vocês duas estarão tomando conta de mim, se...

Ela não queria dizer em voz alta. Caso alguém viesse enquanto ela dormia. Os Homens Cinza. A Ajah Negra. Qualquer uma das coisas que haviam transformado a Torre Branca, antes segura, em uma floresta negra, cheia de abismos e armadilhas. Algo que viesse enquanto ela dormia, indefesa. A expressão das outras demonstrava que compreendiam.

Enquanto Egwene se deitava na cama e afofava um travesseiro de penas sob a cabeça, Elayne arrastou as duas cadeiras, uma para cada lado da cama. Nynaeve apagou as velas uma a uma e depois, no escuro, sentou-se em uma das cadeiras. Elayne ficou com a outra.

Ela fechou os olhos e tentou pegar no sono, mas estava muito consciente do objeto entre seus seios. Muito mais do que de qualquer dor remanescente da visita ao gabinete de Sheriam. O anel parecia pesar tanto quanto um tijolo. Todas as lembranças de casa e dos lagos tranquilos se desvaneceram ao se lembrar daquilo. De *Tel'aran'rhiod*. Do Mundo Invisível. O Mundo dos Sonhos. À espera, do outro lado do sono.

Nynaeve começou a cantarolar, bem baixinho. Egwene reconheceu a melodia sem nome ou palavras que sua mãe cantarolava quando ela era menina. Quando se deitava na cama, no próprio quarto, com um travesseiro macio, cobertores quentinhos, envolta no perfume de óleo de rosas e no cheiro das refeições que sua mãe preparava na cozinha, e... *Rand, está tudo bem? Perrin? Quem era ela?* O sono veio.

* * *

Notou que estava em meio a colinas cobertas de flores silvestres, pontilhadas por pequenas áreas cheias de árvores frondosas nos vales e cumes. Borboletas voavam sobre as flores, batendo asas amarelas, azuis e verdes, e duas cotovias cantarolavam ali por perto. Havia algumas nuvens brancas e fofas no céu azul, e a brisa era de uma harmonia delicada entre frio e quente que só acontecia em poucos dias da primavera. Um dia perfeito demais para não ser sonho.

Ela olhou o próprio vestido e riu, encantada. Era seu tom preferido de seda azul-celeste, com faixas brancas na saia, que ficaram verdes quando ela franziu a testa por um instante, e fileiras de minúsculas pérolas cerzidas nas mangas e no colo. Ela esticou um dos pés e espiou a ponta de uma sapatilha de veludo. O único detalhe dissonante era o anel trançado, todo de pedra multicolorida, que pendia de seu pescoço, preso a um cordão de couro.

Ela tomou o anel nas mãos e arfou, surpresa. Era leve como pluma. Se o jogasse para cima, tinha certeza de que ele sairia voando ao sabor de vento, como as sementes de dentes-de-leão que soprava quando era pequena. De alguma forma, não sentia mais medo. Ela enfiou o anel no decote do vestido, para não atrapalhá-la.

— Então este é o *Tel'aran'rhiod* de Verin — comentou. — O Mundo dos Sonhos de Corianin Nedeal. Não me parece perigoso. — Mas Verin tinha dito que era. Ajah Negra ou não, Egwene não conseguia imaginar uma forma de qualquer Aes Sedai contar uma mentira. *Verin pode estar enganada*. Mas duvidava que estivesse.

Só para testar, ela se abriu ao Poder Único. *Saidar* a preencheu. Mesmo ali, estava presente. Ela canalizou o fluxo de forma suave e delicada, direcionando-o à brisa, fazendo as borboletas girarem em espirais coloridas, em círculos unidos a outros círculos.

De súbito, abandonou o Poder. As borboletas voltaram ao normal, indiferentes à breve aventura. Myrddraal e outros Filhos das Sombras eram capazes de sentir quando alguém canalizava. Olhando ao redor, ela não podia imaginar que ali houvesse tais criaturas, mas não conseguir imaginar não era motivo suficiente para eles não estarem por lá. E a Ajah Negra possuía todos aqueles *ter'angreal* analisados por Corianin Nedeal. Era um lembrete repugnante do motivo pelo qual estava ali.

— Pelo menos sei que consigo canalizar — murmurou. — Não vou descobrir nada parada aqui. Talvez, se olhar em volta...

Ela deu um passo...

...e viu-se no corredor escuro e abafado de uma estalagem. Era a filha de um estalajadeiro, tinha certeza de que aquilo era uma estalagem. Não havia um som sequer, e todas as portas ao longo do corredor estavam bem fechadas. Assim que Egwenese perguntou quem estaria por trás da porta lisa de madeira que havia à sua frente, ela se abriu sem o menor ruído.

O quarto era simples, e um vento gelado uivava ao entrar pelas janelas abertas, revolvendo as cinzas velhas da lareira. Um grande cão estava enroscado no chão, o nariz coberto pelo rabo desgrenhado, deitado entre a porta e uma grossa pilastra de pedra negra toscamente talhada, que ficava bem no centro do aposento. Um jovem robusto e de cabelos bagunçados estava sentado, recostado na pilastra. Vestia apenas roupas de baixo, a cabeça inclinada como se estivesse dormindo. Uma corrente preta pesada circundava a pilastra e envolvia seu peito, as extremidades amarradas em suas mãos rígidas. Dormindo ou não, o homem musculoso esforçava-se para segurar firme a corrente, para manter-se preso à pilastra.

— Perrin? — perguntou, intrigada. Entrou no quarto. — Perrin, o que houve com você? Perrin!

O cão desenroscou-se e se levantou.

Não era um cão, mas um lobo, todo cinza e negro, revelando dentes brancos e brilhantes, os olhos amarelos encarando-a como se ela fosse um rato. Um rato que ele pretendia devorar.

Por impulso, Egwene recuou depressa para o corredor.

— Perrin! Acorde! É um lobo! — Verin dissera que o que acontecia ali era real, e mostrara a cicatriz para provar. Os dentes do lobo eram grandes como facas. — Perrin, acorde! Diga a ele que sou sua amiga! — Ela abraçou *saidar*. O lobo avançou furtivamente.

Perrin ergueu a cabeça e abriu os olhos, sonolento. Dois pares de olhos amarelos a observavam. O lobo se aprumou.

— Saltador — gritou Perrin —, não! Egwene!

A porta fechou-se diante dela, e a escuridão a envolveu.

Ela não podia enxergar, mas sentia o suor escorrendo pela testa. E não era pelo calor. *Luz, onde estou? Não gosto deste lugar. Quero acordar!*

Um chiado soou, e ela deu um salto antes de perceber que era um grilo. Um sapo coaxou na escuridão, e um coro veio em resposta. Quando seus olhos se adaptaram à pouca luz, Egwene percebeu árvores indistintas ao seu redor. Nuvens encobriam as estrelas, e a lua brilhava em um traço fino.

À direita, no matagal, algo mais brilhava, tremeluzente. Uma fogueira.

Ela refletiu por um instante antes de se mover. O desejo de acordar não fora o bastante para levá-la embora de *Tel'aran'rhiol*, e ela ainda não encontrara qualquer coisa de *útil*. Nem havia sido ferida. *Por enquanto*, pensou, tremendo. Porém, não fazia ideia de quem — ou o que — estava naquela fogueira. *Podem ser Myrddraal. Além do mais, não estou vestida para correr pela floresta.* O último pensamento a fez decidir. Sempre se orgulhara de perceber quando estava sendo boba.

Ela respirou fundo, ergueu as saias de seda e se aproximou furtivamente. Talvez não tivesse a habilidade de Nynaeve na floresta, mas conseguia evitar pisar em galhos secos. Por fim, espiou a fogueira com cuidado, por trás do tronco de um velho carvalho.

Havia apenas um jovem alto, sentado, observando o fogo. Rand. As chamas não ardiam na madeira. Não queimavam qualquer material que ela pudesse ver. O fogo dançava em um pedaço de chão vazio. Ela achava que sequer queimava o solo.

Antes que ela pudesse se mover, Rand ergueu a cabeça. Surpresa, reparou que ele fumava um cachimbo. Uma fina linha de fumaça de tabaco

subia do forninho. Ele tinha um semblante muito, muito cansado.

— Quem está aí? — perguntou o rapaz, em voz alta. — Já remexeu tantas folhas que é bem capaz de acordar os mortos, então é melhor aparecer de uma vez.

Egwene apertou os lábios, mas deu um passo adiante. *Não remexi!*

— Sou eu, Rand. Não tenha medo. É um sonho. Devo estar nos seus sonhos.

Ele se levantou tão depressa que ela ficou petrificada. De alguma forma, parecia maior do que ela se lembrava. E um pouco perigoso. Talvez mais que apenas um pouco. Os olhos azuis acinzentados pareciam arder com uma espécie de um fogo congelante.

— Acha que não sei que é um sonho? — Ele a olhou com desprezo. — Sei que isso não torna as coisas menos reais. — Ele encarou a escuridão com raiva, como se procurasse alguém. — Por quanto tempo vai ficar tentando? — gritou em direção à noite. — Quantos rostos vai enviar? Minha mãe, meu pai, agora ela! Garotas bonitas não podem me tentar com um beijo, nem mesmo uma que eu conheça! Eu o renego, Pai das Mentiras! Eu o renego!

— Rand — respondeu, insegura. — Sou eu, Egwene. Eu sou Egwene.

De súbito, vinda do nada, uma espada surgiu nas mãos dele. A lâmina era feita de uma única chama, levemente curvada, gravada com uma marca da garça.

— Minha mãe trouxe bolo de mel — respondeu, em um tom severo — com cheiro de veneno rançoso. Meu pai tinha uma faca para cravar em meu coração. Ela... me ofereceu beijos, e mais. — O suor escorria pelo rosto de Rand, que a encarava com um olhar que parecia capaz de fulminá-la. — O que é que você trouxe?

— Você vai me escutar, Rand al'Thor, nem que eu precise sentar em cima de você. — Ela invocou *saidar*, canalizou os fluxos e produziu uma rede de ar para envolvê-lo.

A espada girou nas mãos dele, rugindo como uma caldeira aberta.

Ela grunhiu e cambaleou: era como se uma corda retesada tivesse se soltado e a açoitasse com força.

Rand riu.

— Eu aprendi, está vendo? Quando funciona... — Ele fez uma careta e avançou em direção a ela. — Eu poderia suportar qualquer rosto, menos este. Não o dela, que o queime!

A espada lampejou.

Egwene fugiu.

Ela não soube ao certo o que fez, nem como, mas se viu de volta às colinas ondulantes sob o céu ensolarado, com cotovias cantarolando e borboletas voejando ao redor. Respirou fundo, trêmula.

Eu descobri... o quê? Que o Tenebroso ainda está atrás de Rand? Disso eu já sabia. Que talvez o Tenebroso queira matá-lo? Isso é diferente. A não ser que ele já tenha enlouquecido e não saiba o que está dizendo. Luz, por que não pude ajudá-lo? Ah, Luz, Rand!

Ela respirou fundo mais uma vez, para se acalmar.

— A única forma de ajudá-lo é amansando-o — murmurou. — Ou seguindo em frente e matando-o. — Seu estômago se revirou em um nó. — Eu nunca farei isso. Nunca!

Um pássaro vermelho se empoleirou em uma moita de framboesas ali por perto, olhando-a com cautela, a crista eriçada. Ela falou com o pássaro.

— Pois é, não adianta nada ficar aqui parada, falando sozinha, não é? Nem falando com você.

Ela deu um passo em direção à moita, e o pássaro levantou voo. Transformou-se em um borrão carmesim quando ela avançou mais um passo, e desapareceu em um dos pequenos bosques quando ela deu o terceiro.

Ela parou e puxou o anel de pedra amarrado na frente do vestido. Por que não mudava? Até agora, tudo mudara tão depressa que ela mal tivera tempo de recuperar o fôlego. Por que não mudava agora? Será que havia alguma resposta bem ali? Olhou ao redor, desconfiada. As flores silvestres a provocavam, o piar das cotovias soava como um deboche. Aquele lugar decerto parecia fruto da própria imaginação.

Determinada, ela apertou o *ter'angreal* com a mão.

— Me leve para onde eu preciso estar. — Ela fechou os olhos e se concentrou no anel. Era de pedra, afinal: a Terra poderia aguçar um pouco seu tato. — Ande. Me leve para onde eu preciso estar. — Mais uma vez, ela abraçou *saidar*, vertendo um mínimo do Poder Único para o anel. Sabia que não era preciso direcionar o fluxo do Poder ao anel para fazê-lo funcionar, nem tentou fazer qualquer coisa com ele. Apenas forneceu mais Poder. — Me leve para onde eu possa encontrar uma resposta. Preciso saber o que a Ajah Negra quer. Me leve até a resposta.

— Ora, enfim encontrou o caminho, criança. Todas as respostas estão aqui.

Egwene abriu os olhos de repente. Estava em um grande corredor, o imenso teto abobadado sustentado por inúmeras e pesadas colunas de pedra vermelha. Pairando no ar havia uma espada de cristal, que reluzia e

cintilava enquanto girava bem devagar. Não tinha certeza, mas achou que aquela talvez fosse a espada que Rand havia tentado pegar em seu sonho. No outro sonho. Tudo ali parecia tão real que ela precisava ficar lembrando que aquilo também era um sonho.

Uma velha saiu das sombras da pilastra, corcunda e mancando, apoiada em um bastão. Feia era pouco para descrevê-la. Tinha o queixo ossudo e pontudo, o nariz ainda mais pontudo e comprido, e parecia ter mais verrugas peludas do que pele no rosto.

— Quem é você? — perguntou Egwene.

As únicas pessoas que vira em *Tel'aran'rhiod*, até então, eram conhecidas, mas ela achava que não seria capaz de se esquecer do rosto daquela pobre mulher.

— Só a velha Silvie, milady — cacarejou a velha. Ao mesmo tempo, curvou-se de um modo que pode ter sido tanto de cortesia quanto de nojo. — A senhora conhece a velha Silvie, milady. Servi e fui leal à sua família por todos esses anos. Esse velho rosto ainda a assusta? Não permita, milady. Ele me serve, quando é preciso, tão bem quanto um belo.

— É claro que sim — respondeu Egwene. — Um rosto forte. Um rosto bom. — Esperava que a mulher acreditasse. Quem quer que fosse a tal Silvie, parecia acreditar que conhecia Egwene. Talvez também tivesse alguma resposta. — Silvie, você disse algo sobre encontrar respostas aqui.

— Sim, a senhora veio ao lugar certo para obter respostas, milady. O Coração da Pedra está cheio de respostas. E de segredos. Os Grão-lords não vão gostar nada de nos ver aqui, milady. Ah, não. Ninguém entra aqui, a não ser os Grão-lords. E os serviçais, é claro. — Ela deu uma risada aguda e dissimulada. — Os Grão-lords não arrastam esfregões. Mas quem é que enxerga um serviçal?

— Que tipo de segredos?

Mas Silvie já coxeava em direção à espada de cristal.

— Tramas — murmurou, como se falasse sozinha. — Todos fingindo servirem ao Grande Senhor, mas ao mesmo tempo tramando e planejando recuperar o que perderam. Cada um pensa que é o único que está tramando. Ishamael é um idiota!

— O quê? — perguntou Egwene, de supetão. — O que foi que você disse sobre Ishamael?

A velha virou-se, exibindo um sorriso bajulador.

— Só algo que os pobres dizem, milady. Afasta o poder dos Abandonados, chamá-los de idiotas. Faz nos sentirmos bem e seguros. Nem

a Sombra tolera ser chamada de idiota. Tente, minha Senhora. Diga: Ba'alzamon é um idiota!

Egwene contorceu os lábios quase em um sorriso.

— Ba'alzamon é um idiota! Tem razão, Silvie. — De fato, rir do Tenebroso a fez sentir-se bem. A velha soltou um risinho. A espada girava logo atrás de seu ombro. — Silvie, o que é isso?

— *Callandor*, milady. Sabe disso, não sabe? A Espada Que Não Pode Ser Tocada. — De repente, ela balançou a bengala atrás de si. A um passo da espada, o objeto parou com um baque surdo e foi lançada na direção oposta. O sorriso de Silvie ficou ainda maior. — A Espada Que Não É Espada, ainda que pouquíssimos saibam o que é. Mas ninguém pode tocá-la, exceto um. Eles arranjam para que assim fosse, aqueles que a puseram aqui. O Dragão Renascido um dia empunhará *Callandor*, e com isso provará ao mundo que é o Dragão. Bem, será a primeira prova, pelo menos. Lews Therin retorna para que o mundo inteiro o veja e rasteje a seus pés. Ah, os Grão-lordes não gostam de manter a espada aqui. Não gostam de nada que tenha a ver com o Poder. Se pudessem, se livrariam dela. Se pudessem. Acredito que outros a levariam, se pudessem. O que um dos Abandonados não daria para empunhar *Callandor*?

Egwene encarou o objeto reluzente. Se as Profecias do Dragão eram verdadeiras, se Rand era mesmo o Dragão, como Moiraine afirmava, uma dia empunharia aquela espada. Ainda que, pelo que sabia das Profecias a respeito de *Callandor*, ela não conseguisse imaginar uma forma de isso acontecer. *Mas, se houver um jeito de pegá-la, talvez a Ajah Negra saiba. Se elas sabem, eu posso descobrir.*

Com muito cuidado, ela avançou com o Poder, investigando o que protegia e blindava a espada. Ela tocou... algo... e parou. Era capaz de sentir quais dos Cinco Poderes haviam sido usados ali. Ar, Fogo e Espírito. Era capaz de traçar a trama intrincada feita com *saidar*, por uma força impressionante. Havia frestas na trama, espaços por onde ela podia investigar. Mas, quando tentava, era como ir de encontro à parte mais forte da proteção. Foi atingida pelo que tentava ultrapassar, e a tentativa de sondagem esvaneceu. Metade daquela barreira fora erguida usando *saidar*. A outra metade, a parte que ela não podia sentir ou tocar, fora erguida com *saidin*. Não era exatamente assim, pois a parede era formada por um único bloco, mas era quase isso. *Uma parede de pedra detém tanto uma mulher cega quanto alguém capaz de enxergar.*

Passos ressoaram a distância. Botas.

Egwene não soube precisar quantas havia ou de que lado estavam vindo, mas Silvie se sobressaltou e na mesma hora fixou o olhar nas colunas.

— Ele está vindo olhá-la mais uma vez — murmurou. — Dormindo ou acordado, ele deseja... — A mulher pareceu se recordar de Egwene e abriu um sorriso preocupado. — Precisa ir embora agora, milady. Ele não pode encontrar a senhora aqui, nem sequer saber que veio.

Egwene já retornava por entre as colunas, com Silvie atrás de si, abanando as mãos e agitando o bastão.

— Estou indo, Silvie. Só preciso me lembrar do caminho. — Ela tocou o anel de pedra. — Me leve de volta às colinas. — Nada aconteceu. Ela canalizou um fluxo suave para o anel. — Me leve de volta às colinas. — As colunas de pedra vermelha ainda a rodeavam. As botas estavam tão próximas que os passos já não eram abafados pelo próprio eco.

— Não sabe o caminho de volta — comentou Silvie, impassível, e prosseguiu, quase em um sussurro, ao mesmo tempo debochado e bajulador. O tom de uma antiga serviçal que acreditava que podia tomar certas liberdades. — Ah, milady, este é um lugar muito perigoso para se frequentar, se não souber o caminho de volta. Venha, deixe a velha Silvie levá-la. A velha Silvie a deixará sã e salva em sua cama, milady. Ela envolveu Egwene com os braços, levando-a às pressas para longe da espada. Não que a jovem precisasse ser apressada. As botas não faziam mais barulho: ele, quem quer que fosse, devia ter parado para olhar *Callandor*.

— Me mostre o caminho — sussurrou Egwene. — Ou me explique. Não precisa empurrar. — A mulher, de alguma forma, havia entrelaçado os dedos no anel de pedra. — Não toque nisso, Silvie.

— Em sua cama, sã e salva.

A dor apagou o mundo.

* * *

Com um gemido do fundo da garganta, Egwene sentou-se no escuro, o suor escorrendo pelo rosto. Por um instante, não soube dizer onde estava, e não se importava.

— Ah, Luz — gemeu —, isso doeu. Ah, Luz, como doeu! — Ela passou as mãos pelo corpo, certa de que estaria ferida ou escoriada, tamanha era o ardor, mas não encontrou ferimento algum.

— Estamos aqui — disse a voz de Nynaeve, na escuridão. — Estamos aqui, Egwene.

Egwene atirou-se em direção à voz e abraçou-se ao pescoço de Nynaeve, aliviada.

— Ah, Luz, eu voltei. Luz, eu voltei.

— Elayne — disse Nynaeve.

Em poucos instantes, uma das velas emitia uma luz tênue. Elayne estava de pé, com a vela em uma das mãos e o papel encerado que usara para acendê-la, com ajuda de pedra e metal, na outra. Então sorriu, e todas as velas do quarto se acenderam. Ela parou diante do lavatório e retornou à cama com um pedaço de tecido molhado e frio, para lavar o rosto de Egwene.

— Foi ruim? — perguntou, preocupada. — Você não se mexeu. Não deu nem um pio. Não sabíamos se deveríamos ou não acordá-la.

Apressada, Egwene tirou o cordão de couro do pescoço, desajeitada, e o atirou longe, junto com o anel.

— Da próxima vez — retrucou, ofegante —, combinamos uma hora para me acordarem. Nem que precisem enfiar minha cabeça em uma bacia de água! — Ela não tinha ideia de que já estava decidida a tentar uma próxima vez. *Você enfiaria a cabeça dentro da boca de um urso só para provar que não sente medo? Faria isso pela segunda vez, só porque não morreu na primeira?*

No entanto, era mais do que uma questão de provar a si mesma que não tinha medo. Tinha medo, e sabia disso. Porém, enquanto a Ajah Negra estivesse de posse daqueles *ter'angreal* que Corianin analisara, deveria insistir. Tinha certeza de que a explicação sobre o motivo para elas quererem aqueles objetos estava em *Tel'aran'rhiod*. Se havia a chance de encontrar as respostas sobre a Ajah Negra por lá, e talvez também algumas outras, se metade do que tinham dito sobre os sonhos fosse verdade, ela teria que retornar.

— Mas não hoje — murmurou. — Ainda não.

— O que aconteceu? — perguntou Nynaeve. — O que você... sonhou?

Egwene recostou-se na cama e contou a elas. Só deixou de fora a parte em que Perrin conversava com o lobo. Na verdade, nem mesmo mencionou o lobo. Sentia-se um pouco culpada por guardar segredos de Elayne e Nynaeve, mas aquele era um segredo de Perrin, não dela, e ele contaria se e quando quisesse. O restante, relatou palavra por palavra, com todas as descrições. Quando terminou, sentiu-se esvaziada.

— Além de cansado — inquiriu Elayne —, ele parecia ferido? Egwene, não acredito que ele tenha tentado machucar você. Não acredito que faria isso.

— Rand — interrompeu Nynaeve, secamente — vai ter que se cuidar sozinho um pouco mais.

Elayne corou. Ficava bonita quando corava. Egwene percebeu que Elayne era bonita fazendo qualquer coisa, fosse chorando ou esfregando panelas.

— *Callandor* — prosseguiu Nynaeve. — O Coração da Pedra. Estava marcado no mapa. Acho que sei onde a Ajah Negra está.

Elayne recuperou a compostura.

— Não muda em nada a armadilha — retrucou. — Se não for um desvio, é uma armadilha.

Nynaeve deu um sorriso soturno.

— A melhor maneira de pegar alguém que montou uma armadilha é acioná-la e esperar o caçador. Ou caçadora, no caso.

— Quer dizer que temos que ir para Tear? — perguntou Egwene, e Nynaeve assentiu.

— Pelo visto, a Amyrlin nos deu carta branca. Tomamos nossas próprias decisões, lembram? Pelo menos sabemos que a Ajah Negra está lá, sabemos quem procurar por lá. Aqui, não podemos fazer nada além de remoer nossas suspeitas em relação a todo mundo, imaginando se haverá outro Homem Cinza por aí. Prefiro ser o cão de caça, não o coelho.

— Precisarei escrever para a minha mãe — disse Elayne. Diante dos olhares que as outras lhe lançaram, ela se defendeu: — Já sumi uma vez sem ela saber. Se eu fizer isso de novo... Vocês não conhecem o temperamento dela. Ela pode ordenar que Gareth Bryne e todo o exército marche contra Tar Valon. Ou que saiam atrás de nós.

— Você poderia ficar aqui — sugeriu Egwene.

— Não. Não vou deixar vocês duas irem sozinhas. E nem vou ficar aqui me perguntando se a irmã que me dá aulas é Amiga das Trevas ou se o próximo Homem Cinza vai vir atrás de mim. — Ela soltou um risinho. — Além disso, não vou ficar trabalhando nas cozinhas enquanto vocês duas partem em uma aventura. Só preciso avisar à minha mãe que saí da Torre sob ordens da Amyrlin, para ela não ficar furiosa se ouvir algum falatório. Não preciso dizer aonde vamos, nem o motivo.

— É melhor mesmo que não diga — retrucou Nynaeve. — É claro que ela iria atrás de você se soubesse sobre a Ajah Negra. Aliás, não dá para

saber por quantas mãos sua carta vai passar até chegar a ela, ou que olhos poderão lê-la. É melhor não dizer nada que não deva ser lido.

— Tem outra coisa. — Elayne suspirou. — A Amyrlin não sabe que estou com vocês. Preciso dar um jeito de mandar a carta sem que ela saiba.

— Vou ter que pensar a respeito disso. — Nynaeve franziu as sobrancelhas. — Talvez seja melhor enviar quando estivermos no caminho. Dá para deixar em Aringill, na descida do rio, se a gente encontrar alguém por lá indo para Caemlyn. Talvez os papéis que a Amyrlin deu convençam alguém. Vamos ter que torcer para funcionarem com alguns capitães de navios também, a não ser que alguma de vocês tenha mais dinheiro que eu.

Elayne fez que não, lamentando.

Egwene nem sequer se deu ao trabalho. Todo o dinheiro que tinham fora embora na viagem de volta da Ponta de Toman, exceto por alguns cobs.

— Quando... — Ela precisou parar e limpar a garganta. — Quando partimos? Hoje à noite?

Nynaeve pareceu refletir por um instante, mas logo sacudiu a cabeça.

— Você precisa dormir, depois... — Ela apontou para o anel de pedra, que ricocheteou na parede e caiu no chão. — Daremos mais uma chance para a Amyrlin nos procurar. Quando terminarmos com o café da manhã, vocês duas separam o que vão levar. Mas não exagerem. Teremos que deixar a Torre sem que ninguém perceba, não se esqueçam. Se a Amyrlin não nos procurar até o meio-dia, pretendo estar em um navio mercante, enfiando aquele papel pela goela do capitão, se for preciso, antes de soar a prima. O que vocês acham?

— Excelente — disse Elayne, com firmeza.

Egwene completou:

— Hoje à noite ou amanhã. A meu ver, quanto antes, melhor.

— Então é melhor a gente dormir um pouco.

— Nynaeve — murmurou Egwene —, eu... não quero ficar sozinha hoje. — Era doloroso admitir aquilo.

— Eu também não — concordou Elayne. — Fico pensando nos Sem-alma. Não sei por quê, mas sinto mais medo deles do que da Ajah Negra.

— Acho — começou Nynaeve, devagar — que também não quero ficar sozinha. — Ela olhou para a cama onde Egwene estava deitada. — Acredito que nós três cabemos aí, se não nos espalharmos demais.

Mais tarde, quando as moças se remexiam tentando achar uma posição em que não parecessem tão amontoadas, Nynaeve soltou uma risada, de repente.

— O que foi? — perguntou Egwene. — Você não é muito de sentir cócegas.

— Acabei de pensar em alguém que ficaria contente em entregar a carta de Elayne. E também em sair de Tar Valon. Na verdade, eu apostaria nisso.



CAPÍTULO 28



Uma Saída

Apenas decalças, Mat acabava de terminar um lanche depois do café da manhã — presunto, três maçãs, pão e manteiga. Foi então que a porta de seu quarto se abriu, e Nynaeve, Egwene e Elayne adentraram, muito sorridentes. Ele vestiu uma camisa e sentou-se outra vez, resoluto. Elas podiam pelo menos ter batido à porta. De qualquer forma, era bom ver aqueles rostos. Pelo menos a princípio.

— Bem, você parece mesmo melhor — comentou Egwene.

— Como se tivesse passado um mês descansando e comendo bem — completou Elayne.

Nynaeve pôs a mão na testa de Mat. Ele se encolheu, depois lembrou que ela fizera a mesma coisa nos últimos cinco anos, em casa. *Naquela época, ela era só a Sabedoria*, pensou. *Não usava esse anel.*

Ela tinha notado a reação dele. Deu um sorriso tenso.

— Para mim, você parece pronto para outra. Já está cansado do confinamento? Nunca aguentou nem dois dias seguidos dentro de casa.

Ele olhou o miolo da última maçã, relutante, e largou-a no prato. Quase começou a lamber os dedos, mas as três o observavam. E ainda sorriam. Ele percebeu que tentava chegar à conclusão de qual delas era a mais bonita, mas não conseguia. Se não fossem quem — e o que — eram, já teria tirado qualquer uma das três para dançar uma jiga ou uma roda. Dançara com Egwene várias vezes, em casa, e até uma vez com Nynaeve, mas aquilo parecia ter acontecido havia muito tempo.

— “Uma bela mulher, diversão para dançar. Duas belas mulheres, problemas no lar. Três belas mulheres, é melhor escapar.” — Ele sorriu

para Nynaeve de um jeito ainda mais tenso que ela fizera. — Meu pai costumava dizer isso. Você está tramando alguma, Nynaeve. Estão sorrindo como gatos de olho em um tentilhão preso em um espinheiro, e acho que eu é que sou o tentilhão.

Os sorrisos fraquejaram e sumiram. Ele notou as mãos das moças e se perguntou por que todas pareciam ter andado lavando a louça. A Filha-herdeira de Andor decerto nunca lavara um prato, e ele achava difícil imaginar Nynaeve fazendo aquilo, mesmo sabendo que ela cuidara de sua própria louça em Campo de Emond. As três usavam anéis da Grande Serpente. Aquilo era novidade. E não era uma surpresa particularmente agradável. *Luz, alguma hora isso tinha que acontecer. Não é da minha conta, e ponto final. Não é da minha conta. Simplesmente não é.*

Egwene sacudiu a cabeça, mas parecia que se dirigia tanto a Mat quanto às outras duas mulheres.

— Eu disse que deveríamos ter perguntado de uma vez. Esse aí, quando quer, é teimoso como uma mula e traiçoeiro como um gato. Você é, Mat. E sabe disso, então pode parar de franzir essa cara.

Na mesma hora, o rapaz voltou a dar um grande sorriso.

— Cale a boca, Egwene — disse Nynaeve. — Mat, não é porque queremos pedir um favor que não nos importamos com você. Nós nos importamos, e você sabe disso, a não ser que tenha ficado ainda mais cabeça de lã que de costume. Está tudo bem? Você está com uma cara muito boa, comparado à última vez que o vi. Parece mesmo que se passou um mês, não dois dias.

— Estou pronto para correr dez milhas e ainda dançar uma jiga no final. — Seu estômago roncou, lembrando-o de quanto ainda faltava para o meio-dia, mas ele o ignorou, torcendo para que as três não tivessem ouvido. De fato, quase se sentia como se tivesse passado um mês só com comida e descanso. E como se tivesse comido apenas uma vez desde o dia anterior. — Que favor? — perguntou, desconfiado.

Nynaeve não costumava pedir favores, pelo que ele se lembrava. Ela dava ordens e esperava ser obedecida.

— Quero que leve uma carta para mim — começou Elayne, antes que Nynaeve pudesse falar. — Para a minha mãe, em Caemlyn. — Ela deu um sorriso que formou covinhas em seu rosto. — Eu ficaria tão grata a você, Mat.

A luz da manhã entrando pelas janelas parecia ressaltar o brilho de seus cabelos.

Será que ela gosta de dançar? Ele afastou o pensamento da cabeça no mesmo instante.

— Não parece tão complicado, mas é uma viagem longa. O que é que eu vou ganhar com isso? — Pelo olhar de Elayne, ele imaginou que ela considerava aquela covinha infalível.

Ela se empertigou, esguia e imponente. Ele quase vislumbrava um trono atrás dela.

— Você é um súdito leal de Andor? Não deseja servir ao Trono do Leão e à Filha-herdeira?

Mat riu, entre dentes.

— Eu disse que isso também não ia funcionar — comentou Egwene. — Não com ele.

Elayne contorceu a boca, contrariada.

— Achei que valia a tentativa. Sempre funciona com os guardas de Caemlyn. Você disse que se eu sorrisse... — De repente ela parou de falar, claramente evitando olhar para ele.

O que foi que você disse, Egwene?, pensou o rapaz, furioso. *Que eu sou um paspalho que qualquer garota consegue ganhar com um sorriso?* No entanto, manteve o semblante tranquilo e tentou continuar sorrindo.

— Queria que bastasse lhe pedir — suspirou Egwene —, mas você não faz favores, não é, Mat? Já fez alguma coisa sem ser persuadido, adulado ou ameaçado?

Ele apenas sorriu.

— Posso dançar com vocês duas, Egwene, mas não sou garoto de recados.

Por um instante ele pensou que ela lhe daria língua.

— É melhor voltarmos ao plano inicial — disse Nynaeve, com a voz excessivamente calma.

As outras duas assentiram, e a mulher voltou a atenção para ele. Pela primeira vez desde que chegaram, ela o encarou como a Sabedoria de antes: com um olhar capaz de colocá-lo de volta nos eixos e a trança pronta para açoitá-lo que nem o rabo de um gato.

— Você é ainda mais rude do que eu me lembrava, Matrim Cauthon. Ficou doente por tanto tempo, com Egwene, Elayne e eu cuidando de você como se fosse um bebezinho de fraldas, que quase me esqueci. Mesmo assim, pensei que tivesse alguma gratidão. Você falou sobre ver o mundo, ver grandes cidades. Então, que cidade é melhor que Caemlyn? Você mata seu desejo, demonstra gratidão e ao mesmo tempo faz uma boa ação. — Ela retirou do manto um pergaminho dobrado e colocou-o na mesa. Tinha um

lacre de cera dourada em forma de lírio. — Não pode querer nada além disso.

Ele olhou para o papel, lamentando-se. Mal se lembrava de quando passara por Caemlyn com Rand. Seria uma pena negar tão rápido, mas achou que era o melhor a fazer. *Não dá para dançar jiga sem pagar o harpista.* E, pelo jeito de Nynaeve, quanto mais tempo ele levasse para pagar, pior seria.

— Nynaeve, eu não posso.

— Como assim não pode? Você é um homem ou uma mosquinha na parede? Tem a chance de fazer um favor para a Filha-herdeira de Andor, de ver Caemlyn, de muito provavelmente conhecer a Rainha Morgase em pessoa e diz que não pode? Eu não sei o que mais você poderia querer. Não banque o desentendido dessa vez, Matrim Cauthon! Ou será que seu coração mudou tanto que agora gosta de ver esses anéis por todo lado? — Ela aproximou a mão esquerda do rosto dele, quase acertando seu nariz com o anel.

— Por favor, Mat? — completou Elayne.

Egwene o encarava como se ele tivesse os chifres de um Trolloc.

Ele se contorceu na cadeira.

— Não é que eu não queira. Eu não posso! A Amyrlin acertou tudo para que eu não consiga sair da porc... da ilha. Se conseguirem mudar isso, Elayne, levo sua carta nos dentes.

Elas se entreolharam. Ele às vezes se perguntava se as mulheres conseguiam ler os pensamentos umas das outras. Sem dúvida pareciam ler os dele, e quando ele menos queria. Dessa vez, no entanto, fosse lá o que tivessem decidido entre si em silêncio, não leram os pensamentos dele.

— Explique — ordenou Nynaeve, ríspida. — Por que a Amyrlin iria querer mantê-lo aqui?

Ele deu de ombros, encarou-a e abriu seu sorriso mais infeliz.

— Porque eu estava doente. Porque fiquei doente muito tempo. Ela disse que não me deixaria ir embora antes de ter certeza de que eu não acabaria morrendo em algum outro lugar. Não que eu vá, é claro. Morrer, quer dizer.

Nynaeve franziu a testa, deu um puxão na trança e segurou a cabeça de Mat de repente. Um arrepio percorreu a espinha do rapaz. *Luz, o Poder!* Antes que ele concluísse o pensamento, ela o soltou.

— O quê...? O que você fez comigo, Nynaeve?

— Nem um décimo do que você merece, com toda a certeza. — Foi a resposta. — Está saudável como um touro. Mais fraco do que aparenta,

porém saudável.

— Mas eu disse isso — retrucou o rapaz, constrangido. Tentou recuperar o sorriso. — Nynaeve, ela parecia com você. A Amyrlin, digo. Tentando intimidar mesmo sem ter tamanho para isso, e ameaçar... — Pelo erguer das sobrancelhas dela, Mat decidiu que era melhor não seguir mais por aquele caminho. Ele só precisava manter a conversa longe da Trombeta. Perguntou-se se elas sabiam. — Bom. De qualquer forma, acho que querem me manter aqui por causa daquela adaga. Quer dizer, até descobrirem exatamente como ela fez o que fez. Sabem como são as Aes Sedai. — Ele deu uma risadinha. As três o encararam. *Talvez eu não devesse ter dito isso. Que me queime! Elas querem ser Aes Sedai. Que me queime, estou falando demais. Queria que Nynaeve parasse de me olhar desse jeito. Seja breve.* — A Amyrlin arranhou tudo de modo que eu não consiga cruzar nenhuma ponte ou subir em nenhum barco sem ordem dela. Estão vendo? Não é que eu não queira ajudar. Não posso.

— Mas se conseguirmos tirá-lo de Tar Valon, você ajudará? — perguntou Nynaeve, com certo tom de urgência.

— Se me tirarem de Tar Valon, carrego a própria Elayne até a mãe no lombo.

Dessa vez, foi a Filha-herdeira quem ergueu as sobrancelhas. Egwene balançou a cabeça e disse o nome dele, apenas movendo os lábios, com um olhar severo. As mulheres às vezes não tinham o menor senso de humor.

Nynaeve fez um gesto para que as outras a seguissem até as janelas, onde as três deram as costas para Mat e conversaram tão baixinho que ele só escutou murmúrios. Pensou ter ouvido Egwene dizer algo sobre precisarem de apenas uma, bastava manterem-se juntas. Atento, ele se perguntou se elas realmente achavam que poderiam desfazer as ordens da Amyrlin. *Se conseguirem fazer isso, eu levo a maldita carta. Levo a carta nos dentes, de verdade.*

Sem pensar, ele pegou o miolo de uma maçã e comeu o que restava. Mastigou um pouco e cuspiu o bocado de sementes amargas de volta no prato.

Quando as três retornaram à mesa, Egwene entregou a ele um papel grosso e dobrado. Ele olhou, desconfiado, antes de abrir. Sem perceber, começou a cantarolar baixinho, para si mesmo.

O que o portador fizer é sob meu comando e autoridade. Obedeça e mantenha o silêncio, por ordem minha.

Siuan Sanche
Vigia dos Selos
Chama de Tar Valon
O Trono de Amyrlin

No pé da carta, havia um selo com a Chama de Tar Valon sobre um círculo de cera branca, duro feito pedra.

Ao perceber que cantarolava “Um Bolso Cheio de Ouro”, Mat parou.

— É legítima? Você não...? Como foi que conseguiu isso?

— Ela não falsificou, se é o que está pensando — retrucou Elayne.

— Não importa como foi que conseguimos — respondeu Nynaeve. — É legítima. É tudo o que você precisa saber. Se eu fosse você, não ficaria mostrando esse papel por aí, ou a Amyrlin vai acabar pegando de volta. Mas vai servir para você passar pelos guardas e chegar até um navio. Disse que levaria a carta se conseguíssemos tirar você daqui.

— Já pode considerá-la nas mãos de Morgase. — Ele não queria parar de ler o papel, mas mesmo assim dobrou-o e o colocou sobre a carta de Elayne. — Por acaso não teriam uma moedinha para acompanhar os papéis? Alguma prata? Um ou dois marcos de ouro? Tenho quase o suficiente para a passagem, mas ouvi dizer que está tudo encarecendo muito ao sul do rio.

Nynaeve negou com a cabeça.

— Você não tem dinheiro? Apostou com Hurin quase todas as noites, até ficar doente a ponto de não conseguir mais segurar os dados. E por que é que as coisas estariam encarecendo ao sul do rio?

— Apostávamos cobre, Nynaeve, e depois de um tempo nem isso ele queria. Não importa. Eu dou um jeito. Não sabem das notícias? Cairhien está em guerra civil, e ouvi dizer que as coisas em Tear também não estão nada boas. Soube que um quarto de estalagem em Aringill está custando mais que pagaríamos por um bom cavalo, lá perto de casa.

— Andamos muito ocupadas — retrucou ela com rispidez, trocando olhares preocupados com Egwene e Elayne, olhares que o deixaram outra vez desconfiado.

— Não importa. Eu dou um jeito. — Talvez desse para jogar nas estalagens perto das docas. Uma noite com os dados o ajudaria a embarcar com os bolsos cheios na manhã seguinte.

— Só entregue a carta à Rainha Morgase, Mat — instruiu Nynaeve. — E não deixe ninguém descobrir o que você está carregando.

— Vou entregar. Eu disse que entregaria, não disse? Desse jeito, até parece que não cumpro minhas promessas. — Os olhares que recebeu de Nynaeve e Egwene o fizeram se lembrar de algumas promessas não cumpridas. — Eu vou entregar. Sangue e... eu vou!

Os quatro conversaram um pouco mais, principalmente sobre casa. Egwene e Elayne sentaram-se na cama, Nynaeve ocupou a poltrona, e ele ficou com o banquinho. Falar de Campo de Emond o fazia sentir saudades de casa e parecia entristecer Nynaeve e Egwene, como se falassem de algo que nunca mais veriam. Ele reparou que os olhos delas se enchiam de lágrimas, mas quando tentava desconversar elas traziam o assunto à tona outra vez, recordando os conhecidos, os festivais do Bel Tine e do Dia do Sol, as danças das colheitas e os piqueniques de celebração das tosquias.

Elayne contou a ele sobre Caemlyn, sobre o que esperar do Palácio Real e a quem se dirigir, e falou um pouco da cidade. Às vezes ela se portava de um jeito que quase dava para ele ver a coroa em sua cabeça. Um homem teria que ser muito idiota para se envolver com uma mulher como aquela. Quando as três se levantaram para sair, ele ficou um pouco triste em vê-las partir.

Ele se levantou, sentindo-se estranho de repente.

— Olhem, vocês me fizeram um favor. — Ele tocou o papel da Amyrlin na mesa. — Um enorme favor. Sei que vão se tornar Aes Sedai — balbuciou um pouco ao dizer essa parte —, e que você um dia será rainha, Elayne. Mas, se precisarem de ajuda, se houver qualquer coisa que eu possa fazer por vocês, eu farei. Podem contar comigo. Eu disse alguma coisa engraçada?

Elayne cobria a boca com uma das mãos, e Egwene claramente lutava para não soltar uma risada.

— Não, Mat — respondeu Nynaeve, tranquila, mas com os lábios quase sorrindo. — É só uma coisa que andei observando sobre os homens.

— Você precisaria ser mulher para entender — completou Elayne.

— Tome cuidado na viagem, Mat — disse Egwene. — E não esqueça: quando uma mulher precisa de um herói, precisa dele na hora, não no dia seguinte. — Já não conseguia conter a risada.

Ele observou a porta se fechar. As mulheres, concluiu, pela centésima vez, eram estranhas.

Então levou os olhos à carta de Elayne e ao papel dobrado por cima. O papel abençoado da Amyrlin, que não cabia a ele entender, apenas aceitar e ficar feliz por tê-lo, como uma boa fogueira em pleno inverno. Ele fez uma dancinha sobre o tapete florido. Veria Caemlyn e conheceria uma rainha.

Suas próprias palavras me livrarão da senhora, Amyrlin. E também me afastarão de Selene.

— Vocês nunca vão me pegar. — Ele riu, pensando nas duas. — Nunca pegarão Mat Cauthon.



CAPÍTULO 29



Uma Armadilha Para Acionar

O cão que usavam na cozinha para girar os espetos dos assados estava deitado em sua roda de vime, descansando. Lançando um olhar irritado para ele, Nynaeve limpou o suor da testa com uma das mãos e curvou-se para fazer o trabalho do animal. *Não me espantaria se me obrigassem a entrar no lugar dele na roda de vime, em vez de girar essa manivela abandonada pela Luz! Aes Sedai! Que a Luz as queime todas!* O linguajar era um sinal de como estava irritada. Outro sinal era ela sequer ter percebido o que dissera. Achava que o fogo na comprida lareira de pedra não pareceria mais quente nem mesmo se ela entrasse lá engatinhando. Tinha certeza de que o cão malhado zombava dela.

Elayne removia a gordura do tabuleiro sob os assados com uma colher de pau de cabo longo, enquanto Egwene usava uma similar para regar as carnes. Ao redor delas, a rotina do meio-dia prosseguia na imensa cozinha. Até as noviças estavam tão acostumadas a ter as Aceitas ali que mal olhavam para as três mulheres. Não que as cozinheiras permitissem que as noviças perdessem tempo olhando com cara de bobas para o que quer que fosse. O trabalho edificava o caráter, diziam as Aes Sedai, e as cozinheiras estavam ali para garantir que as noviças o edificassem bastante. E as três Aceitas também.

Laras, a Mestra das Cozinhas — na realidade ela era cozinheira-chefe, porém, era chamada dessa forma havia tanto tempo que aquele poderia muito bem ser seu título —, apareceu para verificar os assados e as mulheres que suavam para fazê-los. Ela era mais que um pouco cheinha, com um queixo triplo e um avental branco imaculado feito com tecido o

bastante para três vestidos de noviça. Carregava uma colher de pau de cabo longo como se fosse um cetro. Aquela colher não era para mexer ensopados. Era para comandar as subordinadas e açoitar as que não estivessem edificando o caráter com a rapidez exigida. Ela analisou os assados, cheirou-os com cara de desagrado e franziu a testa para as três Aceitas.

Nynaeve retribuiu o olhar de Laras com o mesmo desagrado e continuou girando o espeto. A mulher robusta ainda estava impassível. Nynaeve já tentara sorrir, mas isso não havia alterado a expressão de Laras. Parar de trabalhar para falar cordialmente provaria-se um desastre. Já era ruim o bastante ser ameaçada e atormentada por Aes Sedai. Afinal, aguentar aquilo era necessário, não importava o quão irritante e humilhante fosse, para aprender a usar as habilidades. Não que ela gostasse do que era capaz de fazer — uma coisa era saber que Aes Sedai não eram Amigas das Trevas só porque canalizavam o Poder, outra muito diferente era saber que ela própria era capaz de canalizar —, mas, se quisesse se vingar de Moiraine, era preciso aprender. Seu ódio pela Azul, por tudo o que fizera com Egwene e os outros moradores de Campo de Emond, por acabar com as vidas deles e manipulá-los em prol dos objetivos das Aes Sedai, era praticamente o que a fazia seguir em frente. No entanto, ser tratada como uma criança preguiçosa e pouco inteligente por aquela tal Laras, ser forçada a fazer medidas e correr para cumprir ordens daquela mulher que ela poderia ter colocado em seu devido lugar com meia dúzia de boas palavras, se estivesse em casa... aquilo a fazia ranger os dentes quase tanto quanto pensar em Moiraine. *Talvez, se eu apenas não olhar para ela...* Não! Que me queime se eu vou baixar os olhos para essa... *essa vaca!*

Laras fungou mais alto e foi embora. A mulher bamboleava de um lado a outro ao cruzar os azulejos cinza que haviam acabado de ser esfregados.

Ainda agachada, raspando o tabuleiro engordurado, Elayne lançou um olhar furioso para as costas da Mestra das Cozinhas.

— Se essa mulher me açoitar mais uma vez, vou mandar Gareth Bryne prendê-la, e...

— Cale a boca — sussurrou Egwene. Não parou de mexer os cozidos nem olhou para Elayne. — Ela tem ouvidos de...

Laras se virou como se de fato tivesse escutado, a testa ainda mais franzida, a boca escancarada. Antes que pudesse falar, o Trono de Amyrlin adentrou a cozinha como um furacão. Até a estola listrada em seus ombros parecia irritada. Pela primeira vez, Leane não estava à vista.

Até que enfim, pensou Nynaeve, emburrada. *Já não era sem tempo!*

A Amyrlin, porém, não olhou para ela. Nem disse uma palavra para qualquer pessoa. A mulher passou a mão por uma mesa que fora escovada até ficar branca, olhou para os próprios dedos e fez uma careta de nojo. Laras surgiu a seu lado em um instante, toda sorrisos, mas o olhar impassível da Amyrlin a fez engoli-los.

A Amyrlin saiu andando pela cozinha. Encarou as mulheres que fatiavam um bolo de aveia. Cravou os olhos nas que descascavam vegetais. Olhou com desprezo para os caldeirões de sopa e para as mulheres que cuidavam deles, que por sua vez voltaram a atenção para a superfície da sopa. A carranca da Amyrlin botou para correr as garotas que entraram carregando pratos e tigelas, de volta para o salão de jantar. A cara fechada afugentou as noviças como ratos ao avistarem um gato. Quando completou meia-volta em torno da cozinha, todas as mulheres trabalhavam com o dobro da velocidade. Quando terminou o circuito, Laras era a única que se atrevia a olhar para ela.

A Amyrlin parou diante do espeto de assar com as mãos na cintura e olhou para Laras. Apenas olhou, sem expressão, os olhos azuis frios e severos.

A mulher corpulenta engoliu em seco, o queixo tremendo enquanto as mãos alisavam o avental. A Amyrlin não piscou. Laras baixou o olhar, mudando o apoio de um pé a outro.

— A Mãe me dê licença — disse com a voz fraca. Fez um movimento que pareceu o arremedo de uma mesura e saiu correndo, tão fora de si que foi se juntar às mulheres diante dos caldeirões de sopa e começou a mexê-los com a própria colher.

Nynaeve deu um sorriso, mantendo a cabeça baixa para escondê-lo. Egwene e Elayne continuaram trabalhando, mas também olhavam de esguelha para a Amyrlin, parada de pé, de costas para elas, a menos de dois passos de distância.

De onde estava, a Amyrlin podia olhar, irritada, para toda a cozinha.

— Se é assim tão fácil intimidá-las — murmurou, baixinho —, devem ter andado trabalhando menos do que deveriam.

É mesmo fácil intimidá-las, pensou Nynaeve. *Que mulheres deploráveis. Ela só precisou olhar para elas!* A Amyrlin olhou por cima do ombro coberto pela estola, encarando-a por um instante. De súbito, a Aceita percebeu que girava o espeto mais depressa. Disse a si mesma que precisava fingir estar intimidada como todas as outras.

A Amyrlin pousou os olhos em Elayne e falou de repente, em um tom de voz tão alto que quase ecoou nas caçarolas e frigideiras de cobre que pendiam das paredes:

— Algumas palavras eu não tolerarei na boca de uma jovem, Elayne da Casa Trakand. Se as proferir, mandarei limpar sua boca com sabão! — Todas na cozinha deram um salto.

Elayne pareceu confusa, e a indignação surgiu no rosto de Egwene.

Nynaeve sacudiu a cabeça em pequenos espasmos exaltados. *Não, garota! Segure essa língua! Não vê o que ela está fazendo?*

Mas Egwene abriu a boca. Respeitosa, porém determinada.

— Mãe, ela não...

— Silêncio! — O rugido da Amyrlin produziu outra onda de sobressaltos. — Laras! Pode encontrar algo que ensine essas duas garotas a falarem apenas quando e o que for preciso, *Mestra* das Cozinhas? Será que consegue fazer isso?

Laras cambaleou com uma rapidez que Nynaeve jamais vira, avançando para cima de Elayne e Egwene e agarrando as duas pela orelha, repetindo o tempo todo:

— Sim, Mãe. Agora mesmo, Mãe. Como a senhora ordenar, Mãe. — Ela saiu arrastando as duas jovens da cozinha, como se estivesse ansiosa para escapar do olhar da mulher.

A Amyrlin naquele momento estava quase colada em Nynaeve, mas ainda olhava para a cozinha. Ao virar com uma tigela nas mãos, uma jovem cozinheira encontrou o olhar da Amyrlin. A jovem soltou um grito agudo e saiu em disparada.

— Não queria que Egwene fosse pega. — A Amyrlin mal movia os lábios. Parecia murmurar para si mesma, e, pela expressão em seu rosto, ninguém na cozinha queria ouvir o que ela dizia. Nynaeve mal conseguiu entender as palavras. — Mas talvez isso a ensine a pensar antes de falar.

A Aceita girou o espeto, mantendo a cabeça baixa e tentando parecer como se também murmurasse entre dentes, caso alguém estivesse olhando.

— Pensei que fosse ficar de olho em nós, Mãe. Para que pudéssemos informá-la do que encontrássemos.

— Filha, se eu viesse aqui para olhar irritada para vocês todos os dias, poderia gerar desconfiança. — A Amyrlin continuou estudando a cozinha. A maioria das mulheres evitava sequer olhar em sua direção, por medo de provocar sua ira. — Planejava levar vocês ao meu gabinete depois da refeição do meio-dia. Para repreendê-las por não escolherem seus estudos, como sugeri a Leane. Mas tenho notícias que não puderam esperar.

Sheriam encontrou outro Homem Cinza. Uma mulher. Tão morta quanto pescado de uma semana atrás, sem nem uma marca no corpo. Estava deitada bem na cama da Mestra das Noviças, como se estivesse descansando. Não foi nada agradável para ela.

Nynaeve enrijeceu. O espeto parou de girar por um instante, mas ela se pôs a movimentá-lo outra vez.

— Sheriam teve a chance de ver as listas que Verin deu a Egwene. Elaida também. Não estou fazendo acusações, mas elas tiveram a chance. E Egwene disse que Alanna... também se comportou de forma estranha.

— Ela contou isso a você, foi? Alanna é de Arafel. Eles lá têm umas ideias estranhas sobre honra e dívidas. — Ela deu de ombros, descartando aquilo, mas prosseguiu. — Acho que posso ficar de olho nela. Já descobriram algo de útil, criança?

— Algumas coisas — murmurou Nynaeve, com uma careta. *Que tal ficar de olho em Sheriam? Talvez ela não tenha só encontrado esse Homem Cinza. A Amyrlin poderia ficar de olho em Elaida também, aliás. Então quer dizer que Alanna realmente...* — Não entendo por que a senhora confia em Else Grinwell, mas a mensagem foi muito útil.

Com frases curtas e rápidas, Nynaeve contou tudo o que haviam encontrado no depósito sob a biblioteca, dando a entender que apenas ela e Egwene tinham ido até lá, e acrescentou as conclusões às quais chegaram. Não mencionou o sonho de Egwene com *Tel'aran'rhiod*. Ou o que quer que tenha sido aquilo, já que a menina insistia que fora real. Nem falou sobre o *ter'angreal* que Verin dera a Egwene. Não conseguia confiar plenamente na mulher com a estola de sete listras ou em qualquer uma que usasse o xale, na verdade, e talvez fosse melhor manter algumas coisas em segredo.

Quando ela terminou, a Amyrlin ficou em silêncio por tanto tempo que Nynaeve começou a pensar que a mulher não escutara. Estava prestes a repetir um pouco mais alto quando a mulher enfim se pronunciou, ainda quase sem mover os lábios.

— Não enviei mensagem alguma, Filha. As coisas que Liandrin e as outras deixaram foram vasculhadas à exaustão e depois queimadas, nada foi encontrado. Ninguém usaria os restos da Ajah Negra. Quanto a Else Grinwell... eu me lembro da garota. Ela poderia ter aprendido, caso se esforçasse, mas só tinha interesse em sorrir para os rapazes no pátio de treinamento dos Guardiões. Else Grinwell embarcou em um navio mercante e foi enviada de volta à mãe, dez dias atrás.

Nynaeve tentou engolir o nó que se formara em sua garganta. As palavras da Amyrlin a fizeram pensar nos valentões que aterrorizavam

crianças pequenas. Os valentões eram sempre tão desdenhosos das crianças menores, sempre tão seguros de que as pequenas eram muito burras para perceber o que acontecia que se esforçavam muito pouco para disfarçar as armadilhas. Imaginar que a Ajah Negra pensava assim dela fez seu sangue ferver. Imaginar que podiam ter preparado aquela armadilha lhe deu calafrios. *Luz, se Else foi mandada embora... Luz, qualquer uma com quem eu fale pode ser Liandrin ou alguma das outras. Luz!*

O espeto estava parado. Mais do que depressa, ela voltou a girá-lo. No entanto, ninguém pareceu ter percebido. Todas ainda se esforçavam para não olhar para a Amyrlin.

— E que atitude vocês pretendem tomar a respeito dessa armadilha... tão óbvia? — perguntou, em voz baixa, ainda olhando para a cozinha, não para a mulher no espeto. — Pretende cair nessa também?

Nynaeve enrubesceu.

— Dessa vez sei que é uma armadilha, Mãe. E a melhor maneira de pegar alguém que monta uma armadilha é acioná-la e esperar o caçador... ou caçadora. — Depois do que a Amyrlin havia contado, o argumento pareceu mais fraco do que quando o dissera a Egwene e Elayne, mas ela ainda acreditava naquilo.

— Pode ser, criança. Talvez seja esse o jeito de encontrá-las. Se elas não chegarem e encontrarem vocês presas na armadilha. — Ela soltou um suspiro exasperado. — Vou deixar algum ouro no seu quarto, para a viagem. E vou plantar a notícia de que estou enviando vocês a uma fazenda para carpir repolho. Elayne vai acompanhá-las?

Nynaeve se espantou e se distraiu o suficiente para encarar a Amyrlin por um tempo, mas voltou a olhar para as mãos bem depressa. As juntas brancas agarravam o cabo do espeto.

— Sua tratante desg... por que o fingimento, se sabia? Suas conspirações dissimuladas nos confundiram quase tanto quanto a Ajah Negra. Por quê? — A Amyrlin contraiu o rosto, o suficiente para Nynaeve se obrigar a adotar um tom mais respeitoso. — Se me permite a pergunta, Mãe.

A Amyrlin bufou.

— Já vai ser bem difícil pôr Morgase de volta no caminho certo, por vontade dela ou não, sem que a rainha pense que mandei sua filha ao mar num esqueleto furado. Desse jeito, posso dizer que não tive nada a ver com o assunto. Talvez finalmente enfrentar a mãe seja um pouco difícil para Elayne, mas tenho três sabujos agora, não dois. Eu disse que teria cem, se pudesse. — Ela ajeitou a estola nos ombros. — Já estendemos isso demais.

Se eu ficar tão perto de você pode ser que percebam. Tem algo mais a me dizer? Seja breve, Filha.

— O que é *Callandor*, Mãe?

Dessa vez foi a Amyrlin quem perdeu a compostura, virando metade do corpo para Nynaeve antes de se ajeitar outra vez.

— Elas não podem conseguir aquilo. — O sussurro era quase inaudível, como se ela falasse apenas consigo mesma. — Não podem apanhá-la de forma alguma, mas... — A mulher respirou fundo e proferiu as palavras com firmeza suficiente para que Nynaeve as ouvisse com clareza, ainda que ninguém a mais dois passos de distância conseguisse fazê-lo. — Não mais que dez mulheres na Torre sabem o que é *Callandor*, e talvez haja a mesma quantidade de conhecedoras do lado de fora. Os Grão-lordes de Tear sabem, mas nunca falam a respeito, exceto quando um Senhor das Terras é elevado. A Espada Que Não Pode Ser Tocada é um *sa'angreal*, garota. Só dois mais poderosos que ela foram criados, e graças à Luz nenhum foi usado. Com *Callandor* nas mãos, criança, é possível derrubar uma cidade inteira com um só golpe. Se for preciso morrer para manter esse objeto longe das mãos da Ajah Negra... você, Egwene, Elayne, todas as três, estarão fazendo um favor ao mundo inteiro, e a um preço muito barato.

— Como é que poderiam pegá-la? — perguntou Nynaeve. — Pensei que só o Dragão Renascido podia tocar *Callandor*.

A Amyrlin lançou um olhar de soslaio tão penetrante que seria capaz de perfurar os assados no espeto.

— Elas podem estar atrás de outra coisa — disse, depois de um instante. — Roubaram alguns *ter'angreal* aqui. A Pedra de Tear tem quase tantos *ter'angreal* quanto a Torre.

— Pensei que os Grão-lordes odiassem tudo o que tem a ver com o Poder Único — sussurrou Nynaeve, incrédula.

— Ah, eles odeiam, criança. Odeiam e temem. Quando encontram uma garota tairena capaz de canalizar, a despacham num navio para Tar Valon antes do fim do dia, sem que ela mal tenha tempo de se despedir da família. — O murmúrio da Amyrlin estava carregado de lembranças amargas. — Mesmo assim, sua preciosa Pedra guarda um dos focos do Poder mais poderosos de que o mundo já teve notícia. Acho que foi por isso que juntaram tantos *ter'angreal* ao longo dos anos, além de tudo o que tivesse relação com o Poder. É como se, assim, pudessem diminuir a existência de algo de que não são capazes de se livrar, algo que os faz recordar o destino a que estão condenados cada vez que adentram o Coração da Pedra. A fortaleza que destruiu cem exércitos cairá como um dos sinais de que o

Dragão Renasceu. E não será o único sinal, apenas um deles. Como isso deve amargurar seus corações orgulhosos. Sua ruína não será sequer um dos grandes sinais da mudança do mundo. Não podem sequer ignorá-lo ficando longe do Coração. É lá que os Senhores da Terra são elevados a Grão-lordes, onde passam pelo chamado Rito de Defesa quatro vezes por ano, alegando que protegem o mundo inteiro do Dragão por possuir *Callandor*. Deve ser como uma ferroada em suas almas, quase como um ataque de lúcios, e não é mais do que merecem. — Ela se recompôs, como se acabasse de perceber que falara muito mais do que pretendia. — Isso é tudo, criança?

— Sim, Mãe — respondeu Nynaeve. *Luz, tudo sempre acaba voltando a Rand, não é? Sempre volta para o Dragão Renascido.* Ainda era um esforço pensar nele daquela forma. — Isso é tudo.

A Amyrlin ajustou a estola mais uma vez, franzindo a testa diante da correria frenética da cozinha.

— Vou precisar dar um jeito nisso. Não podia mais esperar para falar com vocês, mas Laras é uma boa mulher e cuida muito bem da cozinha e das despensas.

Nynaeve fungou, falando para suas mãos, que seguravam o cabo do espeto.

— Laras é uma balofa amarga, habilidosa demais com aquela colher para o meu gosto. — Pensou que havia apenas resmungado entre dentes, mas ouviu a Amyrlin soltar um risinho irônico.

— Você é boa em julgar as pessoas, criança. Deve ter sido uma boa Sabedoria em sua aldeia. Laras foi até Sheriam e exigiu saber por quanto tempo manteremos vocês três fazendo o trabalho mais difícil e sujo, sem qualquer perspectiva de algo mais leve. Disse que não compactuaria com a destruição da saúde ou do espírito de mulher alguma, independentemente do que eu dissesse. Muito boa em julgar as pessoas, criança.

Laras retornou à porta da cozinha naquele momento, hesitante em adentrar o próprio domínio. A Amyrlin foi falar com ela, com sorrisos no lugar das caretas e dos olhares fulminantes.

— Tudo me parece muito bem, Laras. — As palavras da Amyrlin foram ouvidas por toda a cozinha. — Não vejo nada fora do lugar, tudo está como deveria. É preciso elogiá-la. Acho que vou transformar Mestra das Cozinhas em um título formal.

O rosto da mulher robusta passou de desconforto a choque, então a entusiasmo. Quando a Amyrlin saiu do aposento, Laras era toda sorrisos. No entanto, sua testa voltou a franzir quando tirou os olhos da Amyrlin e os

voltou para as trabalhadoras. A cozinha parecia a pleno vapor. A mulher pousou o olhar soturno em Nynaeve.

Voltando a girar o espeto, a Aceita tentou sorrir para a mulher parruda.

Laras intensificou a careta e começou a bater com a colher no quadril, aparentemente esquecida de que, pela primeira vez, o objeto fora usado para seu propósito original. Manchas de sopa surgiram no avental branco.

Vou sorrir para ela mesmo que isso acabe me matando, pensou Nynaeve, embora tivesse que apertar os dentes.

Egwene e Elayne voltaram, contorcendo os rostos e esfregando as bocas nas mangas. A um olhar de Laras, correram para o espeto e retomaram as tarefas.

— Sabão — resmungou Elayne, falando com dificuldade — tem um gosto horrível!

Egwene estremecia enquanto usava uma colher para despejar o líquido da caçarola por cima dos assados.

— Nynaeve, se você me disser que a Amyrlin nos mandou ficar, vou gritar. E vou acabar fugindo de verdade.

— Partimos depois que a limpeza terminar — explicou —, só vamos parar para pegar nossas coisas. — Ela desejou poder compartilhar a avidez que faiscava nos olhos das outras duas. *A Luz permita que a gente não esteja se metendo em uma armadilha de onde não vamos conseguir sair. Que a Luz permita.*



CAPÍTULO 30



O Primeiro Lance

Depois que Nynaeve e as outras saíram, Mat passou a maior parte do dia no quarto, exceto por um breve passeio. Estava fazendo planos. E comendo. Comeu quase tudo o que as serviçais trouxeram e ainda pediu mais. Elas ficaram muito felizes em atendê-lo. Ele pediu pão, queijo e frutas, depois empilhou maçãs, peras enrugadas pelo frio, nacos de queijo e fatias de pão dentro do guarda-roupa, deixando as bandejas vazias para serem levadas.

Ao meio-dia, teve que aguentar a visita de uma Aes Sedai que se chamava Anaiya, pelo que se lembrava. Ela tocou a testa dele, o que produziu arrepios por seu corpo. Era o Poder Único, concluiu, não o mero toque de uma Aes Sedai. Aquela era uma mulher de aparência comum, apesar do rosto sem rugas e da serenidade de Aes Sedai.

— Você parece bem melhor — disse ela, sorrindo. Aquele sorriso o fazia lembrar-se da mãe. — Um tanto mais faminto do que eu esperava, pelo que ouvi dizer, mas melhor. Fui informada de que está tentando esvaziar nossas despensas. Pode acreditar quando digo que vamos lhe dar toda a comida de que precisar. Tenha certeza de que não deixaremos você perder uma refeição sequer enquanto não estiver plenamente recuperado.

Ele lançou o sorriso largo que usava com a mãe quando queria convencê-la de algo em especial.

— Eu sei que não. E estou mesmo me sentindo melhor. Pensei em ver um pouco da cidade agora à tarde. Se não se opuserem, é claro. Talvez visitar uma estalagem à noite. Nada como um pouco de conversa de salão para animar o espírito.

Ele pensou ver os lábios dela quase se contorcerem em um sorriso maior.

— Ninguém vai tentar impedi-lo, Mat. Mas não tente sair da cidade. Isso só vai irritar os guardas e resultar em uma viagem de volta para cá, com escolta.

— Eu não faria isso, Aes Sedai. O Trono de Amyrlin disse que eu morreria de fome em poucos dias se fugisse.

Ela assentiu, como se não acreditasse em uma palavra.

— É claro. — Quando ela se virou para ir embora, pousou os olhos no bastão que ele trouxera do pátio de treinamento, apoiado em um canto do quarto. — Você não precisa se proteger de nós, Mat. Está tão seguro aqui quanto em qualquer outro lugar. Provavelmente muito mais seguro.

— Ah, eu sei disso, Aes Sedai. Eu sei disso.

Depois que ela saiu, ele franziu a testa para a porta, se perguntando se teria conseguido convencê-la de alguma coisa.

Já era mais noite do que tarde quando ele deixou o quarto pelo que esperava que fosse a última vez. O céu começava a ficar arroxado, e o sol poente pincelava as nuvens a oeste em tons avermelhados. Depois que ajeitou o manto em volta do corpo e pendurou no ombro a grande bolsa de couro que encontrara da última vez que saíra, arredondada por conta do pão, do queijo e das frutas que surrupiara, uma olhadela no espelho mostrou que não havia como esconder suas intenções. Mat enrolou o restante das roupas no cobertor da cama e jogou o rolo nos ombros. O bastão faria as vezes de cajado. Nada fora deixado para trás. Os bolsos do casaco guardavam todos os pertences menores, e a bolsa do cinturão, os mais importantes. O papel do Trono de Amyrlin. A carta de Elayne. E o copo de dados.

Ele viu Aes Sedai no trajeto para a saída da Torre. Algumas repararam nele, embora a maioria tivesse apenas levantado as sobrancelhas, e nenhuma falou com ele. Anaiya foi a única. Deu um sorriso divertido e um pesaroso aceno de cabeça. Ele respondeu dando de ombros, com o sorriso mais culpado que pôde, e ela prosseguiu em silêncio, balançando a cabeça. Os guardas nos portões da Torre apenas olharam para ele.

Foi só quando chegou à grande praça e viu as ruas da cidade que enfim sentiu uma onda de alívio. E triunfo. *Se não pode esconder suas intenções, faça com que todos pensem que é um paspalho. Então ficarão parados esperando você cair de cara no chão. Aquelas Aes Sedai vão ficar esperando os guardas me levarem de volta. De manhã, quando perceberem que não voltei, farão uma busca. Não vai ser muito frenética logo no começo, pois*

pensarão que fui só até a cidade. Quando perceberem que sumi, este coelho já terá descido o rio e estará muito longe dos sabujos.

Com o coração tão leve como não sentia em anos, ou pelo menos era o que parecia, ele começou a cantarolar “Cruzamos a Fronteira Outra Vez”, seguindo em direção ao porto de onde zarpavam as embarcações para Tear e todas as aldeias no caminho, ao longo do Erinin. Ele não iria tão longe, é claro. Aringill, de onde pegaria a estrada para seguir até Caemlyn, ficava na metade do caminho, rio abaixo.

Vou entregar a maldita carta. Que audácia a dela, pensando que eu não faria, mesmo depois de ter prometido. Vou entregar essa porcaria nem que seja a última coisa que eu faça.

O crepúsculo começava a cobrir Tar Valon, mas ainda havia bastante luz para agradecer as fantásticas construções e as torres em formatos exóticos, ligadas por pontes altíssimas que se estendiam, a céu aberto, a centenas de passos do chão. As ruas ainda estavam apinhadas de gente, todos vestidos de formas tão diferentes que ele achou que devia haver pessoas de todas as nações. Ao longo das avenidas principais, pares de acendedores de lampiões usavam escadas para iluminar o topo dos postes mais altos. Entretanto, na parte de Tar Valon que ele procurava, a única luz era a que vinha das janelas.

As maiores construções e torres de Tar Valon haviam sido erguidas por Ogier, mas outras, na parte mais nova, tinham sido construídas por mãos humanas. Novas, em alguns casos, significava cerca de dois mil anos. Próximo à Baía do Sul, as mãos do homem tentaram, senão reproduzir, ao menos ficar à altura do engenhoso trabalho dos Ogier. As cantarias das estalagens onde as tripulações se reuniam para bebedeiras eram similares às dos palácios. Estátuas em nichos e tetos em cúpula, cornijas ornamentadas e frisos com entalhes intrincados decoravam as lojas e tendas de mercadores. Pontes em arco também cruzavam os céus naquela área da cidade, mas as ruas eram de pedrinhas, não de paralelepípedos. Muitas das pontes eram de madeira em vez de pedra, e às vezes tão baixas que ligavam o segundo andar dos prédios onde foram construídas, sem nunca se elevarem acima do quarto andar.

As ruas escuras fervilhavam com tanta vida como qualquer outra em Tar Valon. Mercadores saindo das embarcações com os compradores de suas mercadorias, viajantes do Rio Erinin e seus condutores, todos enchiam as tavernas e os salões das estalagens na companhia dos que buscavam o dinheiro que eles carregavam, fosse por meios honestos ou escusos. As ruas eram tomadas pelo estardalhaço de música de sabiolas, flautas, harpas

e saltérios. Três jogos de dado aconteciam na primeira estalagem em que Mat entrou, homens aos berros, agachados em círculos perto das paredes do salão, anunciavam perdas e ganhos.

Ele só pretendia jogar por uma ou duas horas até conseguir um navio, o suficiente para engordar a bolsa com algumas moedas, mas ganhou. Desde que se entendia por gente, sempre ganhara mais do que perdera, e algumas vezes, com Hurin e em Shienar, ganhara seis ou oito rodadas seguidas. Naquela noite, ele ganhou todas as rodadas. Todas.

Pelos olhares que alguns dos homens lançaram, ele ficou feliz por ter deixado os próprios dados guardados. Aqueles olhares o fizeram decidir sair de lá. Foi com surpresa que se deu conta de que tinha quase trinta marcos de prata na bolsa, mas, como havia ganhado um pouco de cada homem, os presentes ficaram felizes em vê-lo partir.

A não ser por um marinheiro escuro de cachos miúdos. Ele era do Povo do Mar, segundo o que alguém dissera, embora Mat tivesse se perguntado o que um Atha'an Miere fazia tão longe da água salgada. O homem o seguira até a rua mal iluminada, brigando por uma chance de recuperar seu dinheiro. Mat queria seguir para as docas — trinta marcos de prata eram mais que o suficiente —, mas o marinheiro continuava discutindo. Como só usara metade do tempo de que dispunha, acabou cedendo e entrou na próxima taverna por onde passaram.

Ele ganhou de novo, e foi como se uma febre o dominasse. Ganhou todos os lances. Foi da taverna para uma estalagem, e de volta a tavernas, sem nunca ficar tempo demais para irritar alguém com tantas vitórias. E continuava ganhando todos os lances. Trocou prata por ouro com um cambista. Jogou coroas, cincos e ruína da donzela. Participou de jogos de cinco dados, de quatro, de três e até de dois. Apostou em jogos que nunca vira até aquela noite, ao entrar na roda ou pegar um lugar na mesa. E ganhou. Em algum momento da noite, o marinheiro negro que se apresentara como Raab foi embora, impressionado e exausto, mas de bolsos cheios: decidira apostar em Mat. O rapaz logo encontrou outro cambista, ou talvez tivesse sido dois: a febre parecia enevoar sua mente, assim como embaçava as lembranças do passado. Então seguiu rumo a mais um jogo. Para ganhar.

Sem saber ao certo quantas horas depois, ele se viu em uma taverna cheia de fumaça de tabaco — chamada Cruzada de Tremalking, pelo que lembrava — encarando cinco dados, cada um com o entalhe profundo de uma coroa. A maioria dos fregueses parecia interessada apenas em beber o quanto pudesse, mas o frenesi de dados e gritos de jogadores a um canto

era quase sufocado pela voz de uma mulher, acompanhada pelas notas rápidas de um saltério.

*Danço com uma de olhos verdes,
Depois com outra, olhos castanhos,
Com quem for, eu danço e danço
Mas dos seus olhos não me canso.
Beijo uma de cachos negros,
Depois outra de fios dourados,
Quem vier, eu beijo e beijo
Mas é a seu lado que me vejo.*

A mulher chamara a música de “O Que Ele Me Dizia”. Para Mat, eram os acordes de “Quer Dançar Comigo?” com uma letra diferente, mas naquele momento ele só conseguia pensar nos dados.

— Rei de novo — resmungou um dos homens de cócoras, junto a Mat.

Era a quinta rodada seguida em que ele tirava um rei.

Ele ganhara a aposta de um marco de ouro, àquela altura sem nem se importar com o fato de que seu marco andoriano era mais pesado que a moeda illianense do homem. Tirou os dados do copo de couro, agitou-os com força e os arremessou outra vez no chão. Cinco coroas. *Luz, não pode ser. Ninguém nunca tirou um rei seis vezes seguidas. Ninguém.*

— A sorte do próprio Tenebroso — grunhiu outro homem.

Era um sujeito grandalhão, cujos cabelos escuros estavam amarrados na nuca com uma faixa preta, com ombros pesados, cicatrizes no rosto e um nariz que parecia ter sido quebrado mais de uma vez.

Quase sem perceber que se movia, Mat agarrou o grandalhão pelo colarinho, ergueu-o do chão e o imprensou na parede.

— Não diga isso! — rosnou. — Nunca diga uma coisa dessas!

O homem piscou para ele, atordoado. Era uma cabeça mais alto que Mat.

— É só um ditado — murmurou alguém atrás dele. — Luz, é só um ditado.

Mat soltou o casaco do homem com cicatriz no rosto e se afastou.

— Eu... eu... não gosto que ninguém diga essas coisas a meu respeito. Não sou Amigo das Trevas! — *Que me queime, não a sorte do Tenebroso. Não isso! Ah, Luz, será que aquela maldita adaga fez mesmo algo comigo?*

— Ninguém disse isso — resmungou o homem de nariz quebrado. Ele parecia estar superando a surpresa e tentando decidir se ficava bravo.

Mat reuniu seus pertences, empilhados atrás de si, e saiu da taverna, deixando as moedas onde estavam. Não é que estivesse com medo do

grandalhão. Já havia se esquecido do homem e das moedas. Só queria sair, tomar um pouco de ar fresco, ir para onde pudesse pensar um pouco.

Na rua, ele se recostou na parede da taverna, não muito longe da porta, e inspirou o ar fresco. As ruas escuras da Baía do Sul estavam quase vazias. Música e o som de gargalhadas ainda escapavam das estalagens e tavernas, mas poucas pessoas circulavam pela noite. Segurando o bastão à frente com ambas as mãos, ele apoiou a cabeça nos pulsos e tentou desvendar o quebra-cabeças, olhando por todos os ângulos.

Sabia que era sortudo. Pelo que se lembrava, sempre fora. Mas, de alguma forma, nas memórias que tinha de Campo de Emond, não era tão sortudo quanto estava ultimamente, desde que deixara a cidade. Sem dúvida vivia se safando quando aprontava, mas também se lembrava de ter se dado mal em algumas traquinagens em que o sucesso parecia certo. Sua mãe parecia sempre saber o que ele andava tramando, e Nynaeve tinha a capacidade de enxergar para além de quaisquer desculpas que ele inventasse. Entretanto, a sorte não havia surgido apenas desde a partida de Dois Rios. Ela começara depois que ele tinha pegado a adaga de Shadar Logoth. Ele se lembrava de jogar dados em casa com um homem magrelo de olhos de águia, que trabalhava para um mercador que vinha de Baerlon comprar tabaco. Também se lembrava da surra de cinto que seu pai lhe dera ao descobrir que Mat estava devendo um marco de prata e quatro pennies ao homem.

— Mas estou livre da maldita adaga — murmurou. — Aquelas Aes Sedai infernais disseram que eu estava. — Ele se perguntou quanto teria ganhado naquela noite.

Ao mexer nos bolsos do casaco, percebeu que estavam repletos de moedas, coroas e marcos, tanto de prata quanto de ouro, que reluziam e cintilavam à luz das janelas próximas. Ao que parecia, possuía duas bolsas, ambas recheadas. Desamarrou as cordas e encontrou mais ouro. E ainda mais dinheiro enfiado no bolso do cinturão, por cima, por baixo e pelos lados do copo de dados, amassando a carta de Elayne e o papel da Amyrlin. Lembrava-se de ter jogado pennies de prata às serviçais nas tavernas, por seus belos sorrisos, belos olhos ou belos tornozelos, e também porque não valia a pena guardá-los.

Não valia a pena guardá-los? Talvez não valesse. Luz, estou rico! Maldição, estou rico! Talvez tenha sido algo que as Aes Sedai fizeram. Algo que fizeram na hora de me curar. Por acidente, talvez. Deve ter sido isso. Melhor que a outra opção. Aquelas malditas Aes Sedai devem ter feito isso comigo.

Um homem grandalhão saiu da taverna. A porta que ele empurrara se fechou, obstruindo a luz que talvez revelasse seu rosto.

Mat imprensou as costas na parede, enfiou as bolsas de volta no casaco e segurou mais forte o bastão. Não importava de onde tivesse surgido sua sorte, não pretendia perder todo aquele ouro para um assaltante.

O homem se virou para ele, apertou os olhos para ver melhor e levou um susto.

— N-noite fria — disse, ébrio. Quando cambaleou mais para perto, Mat percebeu que aquele tamanho todo era gordura. — Eu preciso... preciso... — O gordo seguiu andando pela rua, trôpego e desconjuntado, falando sozinho.

— Idiota! — resmungou Mat, sem saber se falava do homem ou de si mesmo. — É hora de encontrar um navio para me tirar daqui. — Apertou os olhos para o céu negro, tentando estimar quanto tempo faltava para o dia nascer. Duas, talvez três horas, pensou. — Já passou da hora. — Seu estômago roncou: ele se recordava vagamente de ter comido em uma das estalagens, mas não se lembrava do quê. A febre dos dados o pegara de jeito. Ele enfiou a mão na bolsa e encontrou apenas farelos. — Já passou até demais. Daqui a pouco uma delas vai vir me pegar com as próprias mãos e me meter dentro da bolsa. — Ele desencostou da parede e disparou em direção às docas, onde deveriam estar os navios.

No começo, pensou que os sons indistintos atrás de si fossem o eco de suas botas no chão de pedrinhas. Então, percebeu que alguém o seguia. E que tentava não ser percebido. *Bem*, agora é um assaltante, sem sombra de dúvida.

Suspendendo o bastão, ele considerou por um instante virar-se para confrontar o sujeito. Mas estava escuro, o som dos passos era indefinido, e ele não tinha ideia de quantos homens havia. *Só porque você venceu Gawyn e Galad, não quer dizer que virou um desses malditos heróis das histórias.*

Ele entrou em uma rua lateral, sinuosa e mais estreita, tentando andar nas pontas dos pés, mas com agilidade. Não havia luz em qualquer uma das janelas em volta, e a maioria estava fechada. Estava quase no fim da passagem quando viu um movimento à frente. Dois homens espiavam a lateral da rua, no ponto em que ela se cruzava com outra. Ouviu passos lentos atrás de si, um leve arrastar de botas de couro na pedra.

No mesmo instante, se abaixou em um canto escuro formado por uma construção de fachada mais recuada. Parecia a melhor coisa a fazer no momento. Agarrou o bastão com aflição e esperou.

Um homem apareceu, caminhando por onde ele viera, avançando agachado a passos lentos e vagarosos. Em seguida, veio outro. Cada um carregava uma faca na mão e avançava furtivamente.

Mat ficou tenso. Se dessem só mais alguns passos sem percebê-lo ali, nas sombras profundas do esconderijo, ele poderia pegá-los de surpresa. Queria que seu estômago parasse de roncar. Aquelas facas eram bem menores que as espadas de treino, mas eram feitas de aço, não de madeira.

Um dos homens semicerrou os olhos em direção ao fim da rua estreita, então se endireitou e gritou de repente:

— Ele não foi para o seu lado, não?

— Não vi nada, só sombras — foi a resposta, em um sotaque carregado. — Quero acabar com isso. Tem umas coisas estranhas se mexendo hoje à noite.

A menos de quatro passos de Mat, os dois homens trocaram olhares, embainharam as facas e seguiram de volta pelo caminho por onde vieram.

Ele soltou um suspiro longo e lento. *Sorte. Que me queime se não está servindo para mais do que os dados.*

Ele já não enxergava os homens, mas sabia que estariam à espreita na rua seguinte. E que haveria mais atrás dele, pelo outro lado.

Uma das construções em que ele se apoiava tinha apenas um andar, e o telhado parecia plano. Um friso de pedra banca com entalhes de imensas folhas de parreira unia as duas construções.

Erguendo o bastão, ele apoiou a extremidade na beirada do telhado e deu um empurrão forte. O objeto aterrisou no telhado de azulejos com um estrépito. Sem esperar para ver se alguém ouvira, escalou o friso. As enormes folhas eram um excelente suporte, mesmo para alguém de botas. Em questão de segundos, estava outra vez de posse do bastão, andando pelo teto, confiando na sorte para não cair.

Escalou mais três vezes, subindo um andar por vez. O teto de azulejos levemente inclinado já estava a alguma distância do chão, àquela altura, e ele sentia uma brisa gélida arrepiando os cabelos da nuca, quase o fazendo pensar que estava sendo seguido. *Pare com isso, seu idiota! A essa hora eles estão a três ruas daqui, procurando algum outro sujeito com a bolsa gorda. E tomara que não tenham sorte.*

Os azulejos eram escorregadios, e ele decidiu que talvez fosse boa ideia pensar em voltar para a rua. Com cautela, foi até a beirada do telhado e olhou para baixo. Havia uma rua vazia, cerca de quarenta ou cinquenta pés abaixo, onde três tavernas e uma estalagem derramavam luz e música pela calçada de pedrinhas. No entanto, mais abaixo, à direita de onde estava,

uma ponte de pedra ligava o último andar do prédio a uma construção do outro lado.

A ponte parecia bastante estreita, avançando pela escuridão intocada pelas luzes das tavernas e formando um arco a uma altura que significaria uma grande queda até as pedras da calçada, mas ele arremessou o bastão e prosseguiu, sem se dar tempo de pensar muito a respeito. Ouviu o ruído das próprias botas na ponte e rolou, como fazia ao cair das árvores, quando criança. Parou diante do gradil, da altura de sua cintura.

— Maus hábitos sempre rendem bons frutos — disse a si mesmo, enquanto se levantava e recuperava o bastão.

A janela escura do outro lado da ponte estava bem fechada. Achou que os moradores não gostariam de receber um estranho no meio da noite. Via muitas paredes de cantaria, mas, se havia sequer um pequeno suporte ao alcance da ponte, a noite o escondia. *Bem, estranho ou não, aí vou eu.*

Ele se afastou do gradil e percebeu, de repente, que um homem dividia a ponte com ele. Um homem com uma adaga na mão.

Mat agarrou a mão do sujeito no momento em que a lâmina disparava em direção à sua garganta. Agarrou o pulso do homem por muito pouco, e o bastão no meio dos dois enganchou-se em suas pernas, fazendo-o tropeçar e cambalear contra o gradil, puxando o outro homem para cima de si. Equilibrado na base da coluna, vacilante, com o agressor arreganhando os dentes bem na sua cara, ele se deu conta tanto da altura da queda que o aguardava quando da lâmina que absorvia o fraco luar que banhava sua garganta. Começava a perder a força nos dedos que agarravam o pulso do homem, e a outra mão estava presa ao bastão entre seus corpos. Apenas alguns segundos se passaram desde que vira o homem pela primeira vez, e, em mais alguns, iria morrer com uma faca cravada na garganta.

— Hora de jogar os dados.

Pensou ter visto o homem confuso por um instante, mas um instante era tudo o que tinha. Com um movimento de pernas, Mat deu um golpe e os dois rodopiaram em pleno ar.

Por um segundo, que se estendeu por uma eternidade, sentiu como se não tivesse peso algum. O ar assobiou em seus ouvidos e emaranhou seus cabelos. Pensou ter ouvido o outro homem gritar, ou começar a gritar. O impacto expeliu todo o ar que havia em seus pulmões e fez borrões cor de chumbo dançarem por sua visão enevoada.

Quando pôde respirar e ver outra vez, percebeu que caíra no homem que o atacara, e que a queda fora amortecida pelo corpo do sujeito.

— Sorte — sussurrou. Pôs-se de pé devagar, praguejando pela contusão que o bastão produzira em suas costelas.

Esperava que o outro homem estivesse morto, já que não eram muitos que sobreviveriam a uma queda de trinta pés em um pavimento de pedrinhas irregulares, ainda mais com o peso de outro homem por cima. Mas não esperava ver a adaga do sujeito cravada até o punho no coração dele. Um homem de aparência tão comum tentara matá-lo. Mat acreditava que nem sequer o notaria em meio a uma multidão.

— Que azar, meu camarada — disse ao corpo inerte.

De repente, um lampejo trouxe todos os acontecimentos de volta. Os assaltantes na rua sinuosa. A subida até o telhado. Aquele sujeito. A queda. Ergueu os olhos até a ponte acima e foi assomado por um ataque de tremedeira. *Eu devo ter enlouquecido. Uma pequena aventura é uma coisa, mas nem Rogosh Olho-de-águia iria querer uma dessas.*

Ele percebeu que estava parado perto do corpo de um homem morto com uma adaga cravada no peito, apenas esperando que alguém chegasse e saísse gritando pelos guardas da cidade com a Chama de Tar Valon no peito. Os papéis da Amyrlin poderiam livrar Mat, mas talvez não antes que ela descobrisse. Ele ainda poderia acabar tendo que voltar à Torre Branca, sem aquele papel e possivelmente sem permissão sequer para deixar os muros da Torre.

Sabia que precisava correr para as docas no mesmo instante e partir na primeira embarcação, mesmo que fosse uma banheira podre apinhada de peixes mortos, mas sentia os joelhos tremerem tanto que mal conseguia andar. Queria se sentar, só por um instante. Só um minuto, para firmar os joelhos, e então seguiria para as docas.

As tavernas estavam mais próximas, mas ele começou a andar em direção à estalagem. O salão de uma estalagem era um lugar amistoso, onde um homem podia descansar um minuto sem se preocupar com quem quer que estivesse à espreita. Das janelas, emanava luz suficiente para ele enxergar a placa: uma mulher com os cabelos trançados, segurando o que parecia um ramo de oliveira, e as palavras “A Mulher de Tanchico”.



CAPÍTULO 31



A Mulher de Tanchico

O salão da estalagem estava bastante iluminado, e menos de um quarto das mesas estava ocupado, já que era tão tarde. Algumas serviçais de avental branco passavam por entre os homens, levando canecas de cerveja ou vinho, e um burburinho preenchia o ambiente sob o som de uma harpa sendo dedilhada. A clientela, alguns fregueses com cachimbos entre os dentes e uma dupla curvada sobre um tabuleiro de pedras, parecia composta de oficiais navais e mercadores de casas menores, com casacos bem cortados e de boa lã, mas sem o ouro, a prata ou os bordados que os homens mais ricos podiam ostentar. Pela primeira vez, não se ouvia o som de dados sendo lançados. O fogo crepitava nas compridas lareiras nos cantos do salão, mas mesmo sem elas o lugar pareceria quente e acolhedor.

O harpista estava de pé em uma mesa, recitando “Mara e os Três Reis Tolos” ao som da melodia que saía de seu instrumento. A harpa, toda trabalhada em ouro e prata, era digna de um palácio. Mat conhecia o homem que tocava. Aquele sujeito salvara a vida dele.

O harpista era um homem esguio, que seria alto não fosse uma leve corcunda, coxeando um pouco ao se mover no tampo da mesa. Mesmo ali dentro, usava o manto todo coberto de retalhos esvoaçantes e multicoloridos. Sempre queria que todos soubessem que era um menestrel. O longo bigode e as sobrancelhas fartas eram tão brancos quanto os grossos cabelos que cobriam a cabeça, e os olhos azuis tinham uma expressão pesarosa, enquanto ele recitava. Aquela expressão era tão

surpreendente quanto a presença do homem. Mat nunca pensara em Thom Merrill como alguém pesaroso.

Ele escolheu uma mesa, pôs os pertences no chão ao lado do banquinho e pediu duas canecas. A bela serviçal piscou os grandes olhos castanhos para ele.

— Duas, jovem mestre? O senhor não parece tão beberrão. — A voz tinha uma pontada de risada maliciosa.

Depois de uma breve busca, ele retirou duas moedas de prata do bolso. Uma era mais que o suficiente para pagar pelo vinho, mas ele deslizou a segunda diante dos olhos da moça.

— Meu amigo vem beber comigo.

Ele sabia que Thom o vira. O velho menestrel quase interrompera a história no meio ao vê-lo entrar no salão. Aquilo também era novidade. Poucas coisas surpreendiam Thom o bastante para que ele demonstrasse, e apenas Trollocs o faziam parar uma história no meio, pelo que Mat sabia. Quando a garota trouxe o vinho e os cobres de troco, ele ignorou as canecas de peltre e escutou o final da história.

— “Foi como dissemos que deveria ser”, disse o Rei Madel, tentando desembolar um peixe da longa barba. — A voz de Thom quase parecia ecoar em um grande salão, não em uma estalagem. A harpa entoava a tolice final dos três reis. — “Foi como dissemos que seria”, anunciou Orander. Com os pés escorregando na lama, ele se sentou, respingando tudo à volta. “Foi como dissemos que deve ser”, proclamou Kadar, enquanto procurava por sua coroa, metido no rio até os cotovelos. “A mulher não sabe do que está falando. Ela é que é a tola!” Madel e Orander concordaram em voz alta. Para Mara, aquela foi a gota d’água. “Dei a eles todas as chances que mereciam, e muitas mais”, resmungou para si mesma. Enfiando a coroa de Kadar dentro da bolsa com as duas primeiras, ela subiu de volta na carroça, estalou a língua para a égua e partiu rumo à aldeia. E, quando Mara tivesse conseguido contar a todos o que havia acontecido, o povo de Heape já não teria mais rei algum. — Ele dedilhou mais uma vez o tema principal da tolice dos reis, dessa vez em um crescendo que soava ainda mais como uma risada, e depois dobrou-se em uma reverência, quase caindo da mesa.

Os homens riram e bateram os pés, embora cada um ali já devesse ter ouvido a história incontáveis vezes. Então pediram mais uma. A história de Mara era sempre bem recebida, exceto talvez pelos reis.

Thom quase caiu outra vez ao descer da mesa. Foi caminhando até o canto onde Mat estava sentado com um andar mais instável do que uma perna dura poderia justificar. Pousando a harpa na mesa com um ar

despretensioso, ele desabou em um banquinho diante da segunda caneca e lançou um olhar inexpressivo ao rapaz. Ele sempre tivera olhos penetrantes como sovelas, mas naquele momento parecia ter dificuldade em manter o foco.

— Comum — resmungou. A voz ainda era grave, mas já não parecia reverberar. — O conto é cem vezes melhor em Canto Simples e mil vezes melhor em Alto, mas eles querem em Comum. — Sem dizer outra palavra, enfiou a cara no vinho.

Mat não se lembrava de alguma vez ter visto Thom terminar de tocar a harpa e não guardá-la no mesmo instante no estojo de couro. Jamais o vira em pior estado por causa da bebida. Era um alívio ouvir o menestrel reclamar da plateia: Thom nunca a considerava de padrão tão alto quanto o próprio. Pelo menos alguma coisa permanecia igual.

A serviçal voltou, dessa vez sem piscar.

— Ah, Thom — disse, baixinho, depois virou-se para Mat. — Se eu soubesse que ele era o amigo que o senhor esperava, não teria trazido vinho para ele nem que me desse cem moedas de prata.

— Eu não sabia que ele estava bêbado — protestou Mat.

A mulher, no entanto, voltou a atenção para Thom, outra vez com a voz mansa.

— Thom, você precisa descansar. Se deixar, eles farão você contar histórias dia e noite.

Uma segunda mulher surgiu do outro lado de Thom, retirando o avental pela cabeça. Era mais velha que a primeira, mas igualmente bonita. As duas poderiam ser irmãs.

— Uma bela história, Thom, eu sempre considereei, e você a conta lindamente. Venha, coloquei uma panela quentinha na sua cama, e você pode me contar tudo sobre a corte de Caemlyn.

Thom encarou a caneca com certa surpresa em vê-la vazia, depois bufou sobre o longo bigode e olhou de uma mulher à outra.

— Bela Mada. Bela Saal. Já lhes contei que fui amado por duas belas mulheres? Isso é mais do que muitos homens podem desejar.

— Você já contou essa história, Thom — disse a mulher mais velha, com pesar.

A mais jovem olhou irritada para Mat, como se ele fosse o culpado.

— Duas — murmurou Thom. — Morgase tinha o temperamento forte, mas achei que poderia ignorar aquilo, e terminei com ela querendo me matar. Dena, eu que matei. Foi como se a tivesse matado. Não faz muita diferença. Tive duas chances, mais que a maioria, e joguei as duas no lixo.

— Eu cuido dele — disse Mat. Nesse instante, Mada e Saal o olhavam irritadas. Ele abriu seu melhor sorriso, mas não funcionou. Seu estômago roncou alto. — Estou sentindo cheiro de frango assado? Tragam uns três ou quatro. — As duas mulheres piscaram e trocaram olhares perplexos quando ele acrescentou: — Você também quer algo para comer, Thom?

— Um pouco mais desse vinho andoriano seria ótimo. — O menestrel ergueu a caneca, esperançoso.

— Chega de vinho para você por hoje, Thom. — A mulher mais velha tentou pegar a caneca da mão dele, mas o homem não deixou.

Quase por cima da outra, a mais nova disse, com uma mistura de firmeza e súplica:

— Coma um pouco de frango, Thom. Está muito bom.

Nenhuma das duas saiu até que o menestrel concordasse em comer algo, e, ao partir, deram a Mat tamanha combinação de olhares e fungadas, que ele só foi capaz de balançar a cabeça. *Que me queime, vocês pensarem que eu estava encorajando ele a beber mais! Mulheres! Mas as duas têm olhos lindos.*

— Rand contou que você estava vivo — disse a Thom, depois que Mada e Saal já não podiam ouvi-lo. — Moiraine dizia isso sempre. Mas ouvi dizer que você estava em Cairhien e que pretendia seguir até Tear.

— Então Rand ainda está bem? — Os olhos de Thom quase recuperaram o foco de que Mat se lembrava. — Acho que não esperava por isso. Moiraine ainda está com ele, não é? Uma mulher atraente. Uma bela mulher, se não fosse Aes Sedai. Basta se meter com esse tipo para queimar muito mais do que a mão.

— Por que não esperava que Rand estivesse bem? — perguntou Mat, com cautela. — Sabe de algo que poderia fazer mal a ele?

— Se eu sei? Não sei de nada, garoto. Tenho mais desconfianças do que é bom para a minha saúde, mas não sei de nada.

Mat desistiu do assunto. *Não adianta ficar confirmando as suspeitas dele. Não adianta dizer a ele que eu também sei mais do que é bom para a minha saúde.*

A mulher mais velha, que Thom chamara de Mada, voltou trazendo três frangos com a crosta dourada e crocante. Antes de sair, lançou um olhar preocupado ao homem de cabelos brancos e um de advertência ao jovem. Mat arrancou uma perna do frango e começou a atacá-la enquanto falava. Thom fitou a caneca com uma cara feia, sem olhar para a ave.

— Por que está aqui em Tar Valon, Thom? É o último lugar onde eu esperava ver você, considerando o que pensa das Aes Sedai. Ouvi dizer que

você estava fazendo dinheiro em Cairhien.

— Cairhien — resmungou o velho menestrel, o olhar se tornando perdido mais uma vez. — Quanto transtorno nos causa matar um homem, ainda que esse homem mereça a morte. — Ele fez um floreio com uma das mãos, e uma faca surgiu. Thom sempre carregava algumas facas ocultas. Embora bêbado, segurava-a com firmeza. — Mate um homem que merece a morte, e por vezes outros pagarão pelo seu ato. A pergunta é: valeu a pena mesmo assim? Sempre há um contrapeso, sabe? Bem e mal. Luz e Sombra. Não seríamos humanos se não houvesse um contrapeso.

— Guarde isso — grunhiu Mat, com a boca cheia. — Não quero falar sobre matanças. — *Luz, aquele camarada ainda está caído lá no meio da rua. Que me queime, eu deveria estar num navio a essa hora.* — Só perguntei por que está em Tar Valon. Se precisou sair de Cairhien porque matou alguém, não me interessa. Sangue e cinzas, se está com vinho demais nas ideias para conseguir falar direito, vou embora.

Com um olhar amargo, Thom escondeu a faca outra vez.

— Por que estou em Tar Valon? Estou aqui porque é o pior lugar onde eu poderia estar, exceto talvez Caemlyn. É o que mereço, garoto. Algumas da Ajah Vermelha ainda se lembram de mim. Vi Elaida na rua, outro dia. Se ela soubesse que estou aqui, arrancaria meu couro em tiras e depois faria muito pior.

— Nunca imaginei você como alguém que sente pena de si mesmo — retrucou Mat, indignado. — Está querendo se afogar no vinho?

— O que é que você sabe, garoto? — rosnou Thom. — Viva mais alguns anos, veja mais da vida, ame uma ou duas mulheres, e então saberá. Talvez venha a saber, se for inteligente para aprender. Aaaah! Quer saber por que estou em Tar Valon? Por que é que *você* está em Tar Valon? Eu me lembro de vê-lo tremendo quando descobriu que Moiraine era Aes Sedai. Quase se borrava nas calças a cada vez que alguém mencionava o Poder. O que está fazendo em Tar Valon, com Aes Sedai espalhadas por todos os cantos?

— Estou indo embora de Tar Valon. É isso que estou fazendo aqui. Indo embora! — Mat fez uma careta. O menestrel salvara sua vida, e talvez mais. Tinha um Desvanecido envolvido. É por isso que a perna dele não funcionava tão bem quanto deveria. *Em um navio não há vinho o bastante para mantê-lo tão bêbado.* — Estou indo para Caemlyn, Thom. Se você precisa arriscar essa sua vida besta por alguma razão, por que não vem comigo?

— Caemlyn? — inquiriu Thom, contemplativo.

— Caemlyn, Thom. Elaida vai acabar voltando, mais cedo ou mais tarde, e você teria que se preocupar com ela. Além disso, pelo que me lembro, se Morgase puser as mãos em você, vai desejar que tivesse sido Elaida.

— Caemlyn. Sim. Caemlyn cairia como uma luva em meu humor. — O menestrel olhou para o prato de frango e levou um susto. — O que foi que você fez, garoto? Meteu os frangos na manga? — Não sobrou nada das três aves além de ossos e carcaças, com poucas tiras de carne.

— Às vezes fico com fome — murmurou Mat. Fazia um grande esforço para não lamber os dedos. — Então, você vem comigo ou não?

— Ah, eu vou, rapaz. — Thom se levantou, já não parecendo tão instável quanto antes. — Espere aqui e tente não comer a mesa enquanto pego minhas coisas e me despeço de algumas pessoas. — Ele saiu mancando, sem cambalear nem uma vez.

Mat tomou um pouco do vinho e puxou umas tiras que ainda restavam nas carcaças dos frangos, considerando se havia tempo de pedir mais um, mas Thom voltou depressa. A harpa e a flauta pendiam de seu ombro nos estojos de couro, junto com um cobertor amarrado. Ele levava um cajado liso da mesma altura que ele. As duas serviçais o acompanhavam, uma de cada lado. Mat concluiu que eram mesmo irmãs. Os grandes olhos castanhos, idênticos, encaravam o menestrel com a mesma expressão. Thom beijou primeiro Saal, depois Mada, deu um tapinha em suas bochechas e seguiu em direção à porta, acenando com a cabeça para que Mat o acompanhasse. Antes que o rapaz terminasse de reunir todos os pertences e apanhasse o bastão, o menestrel já estava do lado de fora.

A mais jovem das duas mulheres, Saal, deteve Mat quando ele passou pela porta.

— Seja lá o que tenha dito, está perdoado pelo vinho, mesmo que esteja levando ele embora. Não vejo Thom com esse ânimo há semanas. — Ela empurrou algo para a mão dele. Ao ver o que era, Mat arregalou os olhos, confuso. Ela lhe entregara um marco de prata de Tar Valon. — Pelo que disse a ele. Além do mais, quem está alimentando você não está fazendo um trabalho muito bom, mas mesmo assim seus olhos são bonitos. — Ela riu da expressão no rosto dele.

Mat também riu, instintivamente, ao sair em direção à rua deslizando a moeda de prata pelos dedos. *Quer dizer que meus olhos são bonitos, é?* A risada cessou como se fosse a última gota de um barril de vinho: Thom estava lá, mas o corpo não. As janelas das tavernas ao longo da rua forneciam iluminação o bastante para que ele tivesse certeza. O guarda da

cidade não teria levado embora um homem morto sem interrogar todas as tavernas, inclusive A Mulher de Tanchico.

— O que está olhando, garoto? — perguntou Thom. — Não há Trollocs nessas sombras.

— Assaltantes — murmurou. — Estava pensando nos assaltantes.

— Também não há ladrões de rua ou valentões em Tar Valon, garoto. Os assaltantes aqui são poucos, o boato logo se espalha. Mas, quando os guardas pegam um, o arrastam até a Torre, e, seja lá o que as Aes Sedai façam com ele, o sujeito deixa Tar Valon no dia seguinte, de olhos arregalados, tal e qual uma garota assustada. Ouvi dizer que elas são ainda mais severas com as mulheres que são pegas roubando. Não, a única maneira de ser roubado aqui é alguém lhe entregar latão polido no lugar de ouro, ou usar dados raspados. Não há assaltantes.

Mat se virou e foi andando, ultrapassou Thom e seguiu em direção às docas, com o bastão batendo na calçada de pedras como se o impulsionasse para a frente.

— Vamos embarcar no primeiro navio, seja ele qual for. No primeiro, Thom.

O cajado de Thom estalava apressado atrás dele.

— Calma aí, garoto. Para que tanta pressa? Há muitos navios zarpando, dia e noite. Calma aí. Não há nenhum assaltante.

— Na primeira porcaria de navio, Thom! Se estiver partindo, estaremos nele! — *Se não eram assaltantes, eram o quê? Só podiam ser assaltantes. O que mais seriam?*



CAPÍTULO 32



O Primeiro Navio

A Baía do Sul, a grande enseada construída pelos Ogier, redonda e imensa, era cercada por muros altos feitos da mesma pedra branca rajada de prata que as outras construções de Tar Valon. Um cais comprido, quase todo coberto, percorria toda a extensão da baía, exceto onde os grandes portões se abriam, dando acesso ao rio. Embarcações de todos os tamanhos alinhavam-se no cais, a maioria ancorada pela popa, e, apesar da hora, doqueiros em camisas toscas corriam carregando e descarregando fardos e baús, caixotes e barris, com cordas, hastes de apoio ou nas costas. Lampiões que pendiam das vigas no teto iluminavam os desembarcadouros e formavam uma linha de luz no meio do porto, em volta da água escura. Pequenos barcos abertos deslizavam pela escuridão, as lanternas quadradas no topo dos altos estais de popa parecendo vaga-lumes sobrevoando a baía. Eram todos barcos pequenos, se comparados aos navios: alguns tinham no máximo seis pares de remos longos.

Enquanto Mat conduzia Thom, ainda resmungando, por baixo de um arco de pedra vermelha polida e pelos largos degraus que levavam ao cais abaixo, os tripulantes de um navio de três mastros soltavam as amarras da embarcação, a menos de vinte passos de distância. O navio era maior que muitos que o rapaz via por ali, com algo entre quinze a vinte braças desde a proa pontuda até a popa quadrada, além de um convés plano e gradeado quase no mesmo nível do cais. O mais importante era que estava partindo. *O primeiro navio que zarpar.*

Um homem de cabelos grisalhos veio caminhando até o cais: três linhas de corda de cânhamo costuradas às mangas do casaco escuro o identificavam como capitão das docas. Seus ombros largos sugeriam que ele devia ter começado como doqueiro, arrastando cordas em vez de usá-las. O homem olhou, distraído, na direção de Mat, então parou, uma expressão de surpresa no rosto curtido.

— Essa trouxa aí denuncia seus planos, rapaz, mas pode esquecer. A irmã me mostrou um desenho seu. Você não embarca em nenhum navio da Baía do Sul, rapaz. Pode ir dando meia-volta nessas escadas, pra eu não precisar deixar ninguém de vigia.

— Pela Luz, o que... — murmurou Thom.

— Isso tudo mudou — retrucou Mat, com firmeza. Os homens soltavam a última amarra do navio. As velas triangulares ainda se avolumavam, enroladas nas retrancas compridas e oblíquas, mas os homens já haviam começado a preparar os remos.

O capitão das docas leu o papel, depois o releu.

— Nunca vi uma coisa dessas na vida. Por que a Torre o proibiria de sair e depois lhe entregaria... *isso?*

— Se quiser, pergunte à Amyrlin — retrucou Mat, com uma voz entediada que indicava não acreditar que alguém seria burro a ponto de fazer isso —, mas ela vai arrancar meu couro e o seu se eu não embarcar naquele navio.

— Não vai dar tempo — disse o capitão das docas, já cobrindo a boca com as mãos em concha. — A bordo da *Gaivota Cinzenta*! Parem! Que a Luz os queime, parem!

O sujeito sem camisa diante do leme olhou para trás, depois falou com um companheiro alto de casaco escuro com mangas bufantes. O homem alto não tirou os olhos da tripulação, que mergulhava os remos na água.

— Recuem ao mesmo tempo — gritou, e as pás dos remos começaram a espumar a água.

— Eu consigo — respondeu Mat, bruscamente. *Eu disse que iria no primeiro navio, e é no primeiro navio que eu vou.* — Venha, Thom!

Sem parar para ver se o menestrel o seguia, ele correu pelo cais, desviando de homens e carrinhos de mão carregados. O vão entre o desembarcadouro e a popa do *Gaivota Cinzenta* aumentava conforme as remadas ficavam mais fundas.

A água escura que passou por baixo de seus pés parecia gélida, mas em um piscar de olhos Mat ultrapassou o gradil do navio e saiu rolando pelo convés. Ao se levantar, ouviu um grunhido e um palavrão atrás de si.

Thom Merrilin pendurou-se no gradil, soltou outro palavrão e escalou até o convés.

— Perdi meu cajado — resmungou. — Vou querer outro. — Esfregando a perna direita, ele se inclinou para espiar a faixa de água que ainda se alargava atrás do navio e suspirou. — Já tinha tomado banho hoje.

O timoneiro sem camisa ficou olhando de um para o outro com os olhos arregalados, agarrando a cana do leme e pensando se poderia usá-la para se defender daqueles malucos.

O homem alto parecia igualmente atônito. Os olhos azul-claros se arregalaram, e a boca se mexeu por um instante, sem emitir som algum. A barba escura e maior no queixo parecia estremecer de raiva, e o rosto estreito começou a arroxear.

— Pela Pedra! — gritou, por fim. — O que significa isso? Não tem mais lugar nesta embarcação nem para um gato, e mesmo que tivesse eu não levaria vagabundos que saem pulando no meu convés. Sanor! Vasa! Joguem essa escória para fora! — Dois homens gigantesco, descalços e despidos da cintura para cima, pararam de enrolar as cordas, aprumaram-se e foram em direção à popa. Os remadores continuaram a trabalhar, inclinando-se para erguer as pás, dando três passos largos ao longo do convés e depois endireitando-se e andando para trás, impulsionando o navio com as pás dos remos.

Com uma das mãos, Mat sacudiu o papel da Amyrlin para o homem barbado, que supôs que fosse o capitão, e com a outra pescou depressa uma coroa de ouro da bolsa, com o cuidado de mostrar ao sujeito que havia mais de onde aquela viera. Jogando a moeda pesada para o homem, ele falou, depressa, ainda agitando o papel:

— Pela inconveniência causada pelo nosso embarque, Capitão. Pagarei mais pela viagem. A serviço da Torre Branca. Por ordem do Trono de Amyrlin em pessoa. É imperativo zarparmos nesse instante. Para Aringill, em Andor. Máxima urgência. As bênçãos da Torre Branca sobre todos que nos ajudarem, a ira da Torre sobre aqueles que nos impedirem.

Certo de que o homem já havia, àquela altura, visto o selo da Chama de Tar Valon e, Mat esperava, um pouco mais, ele dobrou outra vez o papel e o escondeu. Encarou, preocupado, os dois grandalhões que se aproximavam do capitão, um de cada lado. *Que me queime, os braços desses dois são do tamanho dos de Perrin!* Desejou ter o bastão nas mãos. Podia ver onde ele caíra, mais adiante no convés. Tentou parecer firme e confiante, o tipo de homem com quem era melhor não brincar, um homem apoiado pela Torre Branca. *De muito longe, espero.*

O capitão olhou para Mat desconfiado, e mais ainda para Thom, em seu manto de menestrel e um tanto cambaleante, mas fez um gesto para Sanor e Vasa pararem onde estavam.

— Eu não irritaria a Torre. Que a minha alma queime, por ora os negócios pelo rio me trazem de Tear até essa cova de... Eu venho aqui com muita frequência para querer irritar... quem quer que seja. — Ele deu um sorriso tenso. — Mas falei a verdade. Juro pela Pedra! Há seis cabines para passageiros, e estão todas cheias. Podem dormir no convés e comer com a tripulação por mais uma coroa de ouro. Cada um.

— Isso é ridículo! — retrucou Thom. — Não me interessa o que a guerra causou ao sul do rio, isso é ridículo!

Os dois marinheiros grandalhões mexiam os pés descalços.

— É o preço — retorquiu o capitão, com firmeza. — Não quero irritar ninguém, mas preferia não me meter em qualquer negócio que trouxesse vocês dois a bordo do meu barco. É como ser pago para deixar um homem cobri-lo de alcatrão quente, se envolver *nesses* negócios. Ou pagam o preço, ou vão para fora. E podem chamar o próprio Trono de Amyrlin para secar vocês. E eu fico com isso aqui, pelo transtorno que estão me causando. Obrigado. — Ele enfiou a coroa de ouro que Mat lhe entregara em um bolso do casaco de mangas bufantes.

— Quanto por uma das cabines? — perguntou Mat. — Para nós dois. Pode tirar quem estiver dentro e pôr com outra pessoa. — Não queria dormir no frio da noite. *Se não cuidar logo de um sujeito desses, ele rouba suas calças e ainda diz que está lhe fazendo um favor.* Seu estômago roncou alto. — E comemos o que vocês comem, não com a tripulação. E muito!

— Mat — disse Thom —, eu é quem deveria estar bêbado por aqui. — Ele se virou para o capitão, abanando o manto coberto de retalhos no melhor floreio que pôde, com o cobertor e os estojos de instrumentos pendurados. — Como o senhor deve ter notado, Capitão, sou um menestrel. — Mesmo ao ar livre, a voz de repente pareceu ecoar. — Pelo preço de nossas passagens, eu teria o maior prazer em entreter seus passageiros e sua tripulação...

— Minha tripulação embarcou para trabalhar, menestrel, não para se divertir. — O capitão alisou a barba pontuda. Os olhos pálidos avaliavam o casaco simples de Mat pelo preço em cobre. — Então vocês querem uma cabine, é? — Ele soltou uma risada. — E as minhas refeições? Ora, podem ter minha cabine e minhas refeições. Por cinco coroas de ouro para cada um! Pelo peso andoriano! — Eram as mais pesadas. Ele começou a rir tanto que proferia as palavras em arquejos. A seu lado, Sanor e Vasa

escancaravam os dentes. — Por dez coroas, podem ficar com minha cabine e minha comida, e eu ainda durmo com os passageiros e como com a tripulação. Que a minha alma queime, eu faço isso! Juro pela Pedra! Por dez coroas de ouro... — O riso abafou tudo o mais.

Ele ainda arquejava e lacrimejava de tanto rir quando Mat puxou uma de suas duas bolsas, mas o riso cessou no instante em que Mat contou cinco coroas na palma da mão. O capitão piscou os olhos, incrédulo. Os dois grandalhões pareciam ter levado um soco.

— Peso andoriano o senhor disse? — perguntou Mat. Era difícil calcular sem uma balança, mas ele somou mais sete moedas à pilha. Duas eram mesmo andorianas, e ele achou que as outras somavam o peso certo. *Até demais, para esse sujeito.* Depois de um instante, acrescentou mais duas coroas de ouro taireno. — Para o sujeito pagante que o senhor terá que expulsar da cabine. — Não achava que os passageiros veriam um cobre sequer do dinheiro, mas às vezes compensava bancar o generoso. — A não ser que esteja pensando em dividir a sua com eles? Não, é claro que não. Eles vão precisar de uma compensação por terem que se amontoar com os outros. Não há razão para o senhor comer com a tripulação, capitão. Será mais que bem-vindo a compartilhar as minhas refeições e as de Thom na sua cabine.

Thom lançou a ele um olhar tão severo quanto os dos outros.

— O senhor é...? — A voz do homem barbado era um sussurro rouco. — Por acaso... o senhor é... um jovem lorde disfarçado?

— Não sou lorde. — Mat riu. Tinha razão para rir. O *Gaivota Cinzenta* adentrava a escuridão da baía, o cais era uma faixa de luz que deixava ainda mais em evidência o vão negro, naquele momento não muito distante, onde as comportas se abriam para o rio. Os remos ligeiros direcionavam a embarcação para lá. Os homens já balançavam os botalós compridos e oblíquos, preparando-se para soltar as velas. Com ouro nas mãos, o capitão não parecia mais prestes a jogar alguém ao mar. — Se o senhor não se importa, Capitão, será que podemos dar uma olhada na nossa cabine? Sua cabine, quer dizer. Está tarde, e eu queria algumas horas de sono. — Seu estômago se pronunciou. — E jantar!

Enquanto a proa do barco adentrava a escuridão, o próprio homem barbado os conduziu por uma escada que descia até uma passagem curta e estreita, cheia de portas alinhadas, bem próximas. O capitão foi retirando seus pertences da cabine, que tinha a largura da popa, com a cama e todo o resto da mobília embutida nas paredes, exceto por duas cadeiras e alguns baús. Ele cuidou para que Mat e Thom se instalassem, e Mat ficou sabendo

de muitas coisas, a começar pelo fato de que o homem não deixaria nenhum passageiro sem alojamento. Ele tinha muito respeito pelo dinheiro deles, embora não por eles, para permitir algo do tipo. O capitão ocuparia a cabine do imediato, que ficaria com a cama do segundo oficial, empurrando cada subalterno um degrau abaixo, até que o mestre de convés acabasse dormindo na proa, com a tripulação.

Mat não pensou que aquela informação fosse muito útil, mas escutava tudo o que o homem dizia. Era sempre melhor saber não apenas aonde estava indo, mas com quem estava lidando, ou poderia acabar sem botas nem casaco, voltando para casa descalço na chuva.

O capitão era um taireno chamado Huan Mallia. O homem começou a falar bastante depois de chegar a um acordo com Mat e Thom que julgasse satisfatório. Explicou que não era nobre de nascença, não ele, mas que não deixaria que ninguém o fizesse de idiota. Um jovem com mais ouro do que qualquer jovem teria por direito só podia ser um ladrão, se não fosse de conhecimento geral que os ladrões nunca escapavam de Tar Valon com seus lucros. Um jovem vestido como um fazendeiro, mas com o ar e a confiança do lorde que negava ser.

— Pela Pedra, não direi que é, se o senhor diz que não. — Mallia piscou, deu uma risadinha e puxou a ponta da barba. Um jovem, a caminho de Andor, levando um papel com o selo do Trono de Amyrlin. Não era segredo que a Rainha Morgase havia visitado Tar Valon, embora o motivo da visita certamente fosse. Estava óbvio para Mallia que havia algo acontecendo entre Caemlyn e Tar Valon. E Mat e Thom deviam ser mensageiros... de Morgase, pelo sotaque de Mat. Faria com prazer qualquer coisa que ajudasse uma empreitada tão grandiosa. Não que desejasse se meter onde não fora chamado.

Mat trocou um olhar surpreso com Thom, que guardava os estojos dos instrumentos sob uma mesa embutida em uma das paredes. O cômodo tinha duas pequenas janelas de cada lado, e um par de lampiões em suportes articulados fornecia iluminação.

— Isso é uma bobagem — disse Mat.

— É claro — retrucou Mallia. Parou de recolher as roupas de um baú no pé da cama, endireitou-se e sorriu. — É claro. — O armário na parede parecia guardar alguns mapas dos rios, que seriam necessários. — Não direi mais nada.

Mas o homem tinha a intenção de se meter, embora procurasse disfarçar, e foi andando a esmo pelo quarto enquanto tentava bisbilhotar. Mat ouvia as perguntas e as respondia com grunhidos, dando de ombros ou

limitando-se a uma ou duas palavras, e Thom falava ainda menos. O menestrel não parava de sacudir a cabeça enquanto descarregava seus pertences.

Mallia fora um homem dos rios a vida inteira, mas sonhava em navegar no mar. Quase não falava de outras nações além de Tear sem mostrar desprezo. Andor era a única que escapava, e, quando ele enfim conseguia louvá-la, era com certo rancor, apesar dos óbvios esforços.

— Há bons cavalos em Andor, ouvi dizer. Não muito ruins. Não tão bons quanto os tairenos, mas razoáveis. Vocês fazem bom aço, e também boas mercadorias em ferro, bronze e cobre. Eu mesmo já fiz bons negócios por lá, embora vocês cobrem um preço salgado. Mas também, vocês têm aquelas minas nas Montanhas da Névoa. Boas minas, também. Em Tear, temos que batalhar por nosso próprio ouro.

Mayene era alvo de seu maior desprezo.

— É ainda menos nação que Murandy. Uma cidade e umas poucas léguas de terra. Pagam barato pelo óleo de nossas boas oliveiras tairenas, só porque os navios deles sabem onde encontrar cardumes de anchova. Não têm nem direito de ser chamados de nação.

O homem odiava Illian.

— Um dia, vamos saquear e destruir cada cidade e aldeia de Illian, depois vamos cobrir aquela terra imunda de sal. — A barba de Mallia quase se eriçava pelo ultraje de como a terra de Illian era imunda. — Até as oliveiras são pútridas! Um dia, vamos acorrentar cada um daqueles porcos illianenses! É o que diz o Grão-lorde Samon.

Mat se perguntou o que o homem pensava que Tear faria com toda aquela gente, se o plano fosse de fato concretizado. Os illianenses teriam que ser alimentados, e sem dúvida não trabalhariam acorrentados. Não fazia sentido para ele, mas os olhos de Mallia cintilavam quando ele falava no assunto.

Só os tolos se deixariam governar por um rei ou uma rainha, por um homem ou uma mulher.

— Exceto a Rainha Morgase, é claro — acrescentou, depressa. — Ela é uma mulher incrível, pelo que ouvi dizer. Muito bonita, me disseram. — Todos aqueles tolos reverenciando um tolo. Os Grão-lordes governavam Tear juntos, tomam decisões em conjunto, e era assim que deveria ser. Os Grão-lordes sabiam o que era certo, bom e verdadeiro. Especialmente o Grão-lorde Samon. Nenhum homem errava em se submeter aos Grão-lordes. Especialmente ao Grão-lorde Samon.

Para além dos reis, rainhas, e até mesmo de Illian, havia um ódio maior que Mallia tentava esconder. Mas ele falava tanto para tentar descobrir o que os dois estavam tramando e se empolgava tanto com o som da própria voz que acabou deixando escapar mais do que pretendia.

Os dois deviam viajar muito a serviço de uma Rainha importante como Morgase. Deviam ter visto muitas terras. Ele sonhava com o mar porque era a chance que tinha de ver terras das quais somente ouvira falar, porque era a chance de encontrar os cardumes de anchova de Mayene, de passar a perna no Povo do Mar e nos illianenses imundos. E o mar estava muito longe de Tar Valon. Eles deviam entender, forçados como eram a viajar por lugares estranhos com gente estranha, lugares e gente que não engoliriam se não estivessem a serviço da Rainha Morgase.

— Eu nunca gostei de atracar aqui, sem saber quem pode estar usando o Poder. — A última palavra saiu quase numa cuspida. Desde que ouvira o Grão-lorde Samon falar, no entanto... — Que a minha alma queime, sinto uns vermes escavando minha barriga só de olhar para essa Torre Branca, nesse momento, sabendo o que estão planejando.

O Grão-lorde Samon dissera que as Aes Sedai pretendiam dominar o mundo. Samon dissera que elas pretendiam esmagar todas as nações e pisar na cabeça de todos os homens. Samon dissera que Tear já não podia mais acreditar que era suficiente apartar o poder de suas próprias terras. Samon dissera que os merecidos dias de glória de Tear estavam por vir, mas Tar Valon estava no caminho entre Tear e a glória.

— Não há esperança. Cedo ou tarde elas terão que ser perseguidas e mortas, até a última Aes Sedai. O Grão-lorde Samon diz que as outras poderão ser salvas, as mais novas, as noviças, as Aceitas, se forem levadas à Pedra, mas as outras deverão ser eliminadas. É isso que o Grão-lorde Samon diz. A Torre Branca deve ser destruída.

Por um instante, Mallia parou no centro da cabine, os braços cheios de roupas, livros e mapas enrolados, os cabelos quase roçando as vigas na cabeça, e encarou o nada com os pálidos olhos azuis enquanto a Torre Branca vinha abaixo, em ruínas. Então se sobressaltou, como se percebesse o que acabara de falar. Balançou a barba, hesitante.

— Quer dizer... isso é o que ele diz. Eu... eu acho que talvez tenha ido longe demais. O Grão-lorde Samon... Ele fala de um jeito que leva um homem para além de suas próprias crenças. Se Caemlyn pode fazer alianças com a Torre, ora, Tear também pode. — Ele estremeceu, sem perceber. — Isso quem diz sou eu.

— O senhor é que sabe — comentou Mat, sentindo a malícia borbulhar dentro de si. — Creio que a sua sugestão seja a correta, Capitão. Mas não pare com algumas Aceitas, não. Chame também uma ou duas dezenas de Aes Sedai. Pense em como ficaria a Pedra de Tear com duas dezenas de Aes Sedai.

Mallia estremeceu.

— Vou mandar um homem para buscar meu baú de dinheiro — disse, formal, e saiu a passos firmes.

Mat franziu o rosto para a porta fechada.

— Acho que não deveria ter dito aquilo.

— Não vejo por quê — retrucou Thom, secamente. — Na próxima vez, pode tentar dizer ao Senhor Capitão Comandante dos Mantos-brancos que ele deveria se casar com o Trono de Amyrlin. — Ele baixou as sobrancelhas, que pareciam duas lagartas brancas. — Grão-lorde Samon. Nunca ouvi falar de um Grão-lorde Samon.

Foi a vez de Mat ser seco.

— Bem, nem mesmo você deve saber tudo sobre todos os reis, rainhas e nobres que existem, Thom. Pode ter deixado um ou dois passarem.

— Sei os nomes dos reis e das rainhas, garoto, e sei também os nomes de todos os Grão-lordes de Tear. Suponho que devem ter elevado algum Senhor da Terra, mas acho que teria ficado sabendo da morte do antigo Grão-lorde. Se você tivesse se contentado em tomar a cabine de uns passageiros quaisquer em vez da do capitão, teríamos uma cama para cada um, mesmo estreita e dura. Agora, temos que dividir a de Mallia. Espero que você não ronque, garoto. Não tolero roncos.

Mat rangeu os dentes. Pelo que se lembrava, o ronco de Thom parecia uma lixa desbastando um pedaço de carvalho. Ele não pensara nisso.

Foi um dos dois grandalhões — Sanor ou Vasa, o homem não se apresentou — que veio recolher o baú de ferro sob a cama, com o dinheiro do capitão. Não disse palavra, apenas esboçou algumas medidas, franziu a testa quando pensou que os dois não estavam vendo e foi embora.

Mat estava começando a se perguntar se a sorte que o acompanhara a noite inteira teria enfim ido embora. Ele seria obrigado a aguentar o ronco de Thom, e, verdade fosse dita, talvez não tivesse sido a maior sorte do mundo pular naquele navio em particular acenando um papel assinado pelo Trono de Amyrlin e selado com a Chama de Tar Valon. Em um ímpeto, puxou um dos copos de dados cilíndricos, abriu a tampa e virou os dados na mesa.

Eram dados de pontos, e cinco pontinhos solitários o encararam de volta. Os Olhos do Tenebroso, como era chamado em alguns jogos. Nesses, significavam a derrota. Mas em outros, era a vitória. *Mas que jogo estou jogando?* Ele pegou os dados e rolou-os outra vez. Cinco pontinhos. Outra vez, e novamente os Olhos do Tenebroso o encaravam.

— Se usou esses dados para ganhar todo aquele ouro — comentou Thom, baixinho —, não me admira que tenha precisado partir no primeiro navio. — Ele tirava a camisa enquanto falava. Os joelhos estavam encalombados, e as pernas pareciam uma massa de tendão e músculos fibrosos, a direita um pouco contraída. — Rapaz, até uma garotinha de doze anos seria capaz de arrancar seu coração fora se soubesse que você andou jogando com ela com esses dados.

— Não são os dados — murmurou Mat. — É a sorte. — *Sorte de Aes Sedai? Ou a sorte do Tenebroso?* Ele jogou os dados de volta no copo e tampou.

— Suponho, então — respondeu Thom, subindo na cama —, que não vá me contar de onde veio todo aquele ouro.

— Eu ganhei. Hoje à noite. Com os dados deles.

— Aham. E suponho que não vá explicar aquele papel que andou acenando. Eu vi o selo, garoto! E nem vai explicar toda aquela conversa sobre os negócios com a Torre Branca, nem por que uma Aes Sedai tinha fornecido a sua descrição ao capitão das docas.

— Estou levando uma carta de Elayne para Morgase, Thom — disse Mat, com uma boa dose de paciência a mais do que sentia. — Nynaeve me deu o papel. Não sei onde ela conseguiu.

— Bem, se não vai me contar, eu vou dormir. Apague os lampiões, está bem? — Thom virou-se de lado e puxou um travesseiro por cima da cabeça.

Mesmo depois de Mat se despir até ficar só de roupas de baixo, se encolher sob os cobertores e apagar os lampiões, não conseguia dormir. Mesmo que Mallia tivesse um bom cômodo ali, com um bom colchão de penas. Ele estava certo sobre o ronco de Thom, e aquele travesseiro não sufocava nada. Parecia que o menestrel estava cortando madeira no sentido errado, e com um serrote enferrujado. E ele não conseguia parar de pensar. *Como* Nynaeve, Egwene e Elayne tinham conseguido aquele papel com a Amyrlin? Elas deviam estar envolvidas com o próprio Trono de Amyrlin em alguma trama ou maquinação da Torre Branca. Pensando melhor no assunto, Mat achou que elas deviam estar escondendo alguma coisa da Amyrlin também.

— “Por favor, leve uma carta para a minha mãe, Mat” — disse, baixinho, em um tom agudo e debochado. — Trouxa! A Amyrlin teria mandado um Guardião entregar qualquer carta da Filha-herdeira à Rainha. Trouxa e cego, querendo tanto dar o fora da Torre que nem foi capaz de enxergar. — O ronco de Thom retumbava em concordância.

No entanto, a maior parte de suas reflexões era sobre a sorte e os assaltantes.

O primeiro baque de algo se chocando contra a popa quase não chamou sua atenção. Ele não deu bola à batida e ao tumulto que vinham do convés logo acima, nem ao som de passos de botas. A própria embarcação já produzia muitos barulhos, e devia haver alguém no convés para se certificar de que o navio seguiria rio abaixo. Porém, passos furtivos na passagem que levava à sua porta somados aos pensamentos sobre os assaltantes aguçaram seus ouvidos.

Ele cutucou as costelas de Thom com o cotovelo.

— Acorde — disse, baixinho. — Tem alguém no corredor.

Já se levantava da cama, esperando que o chão da cabine — *chão, deque, seja a porcaria que for* — não rangesse sob seus pés. O menestrel grunhiu, estalou os lábios e voltou a roncar.

Não havia tempo para se preocupar com o amigo. Os passos estavam bem do lado de fora. Mat pegou o bastão, posicionou-se diante da porta e aguardou.

A porta se abriu bem devagar, e a silhueta tênue de dois homens cobertos por mantos, um atrás do outro, foi revelada pelo fraco luar que entrava pela escotilha, no topo das escadas por onde tinham descido. A luz do luar era apenas o suficiente para reluzir nas lâminas das facas. Os dois homens ofegaram: obviamente não esperavam encontrar alguém esperando por eles.

Mat acertou o primeiro com o bastão, bem na junção das costelas. Ao golpeá-lo, ouviu a voz do pai. É um golpe mortal, Mat. Só use se for para salvar sua vida. Mas aquelas facas ameaçavam a vida dele, e não havia espaço na cabine para balançar um bastão.

Ao mesmo tempo em que o homem soltou um som abafado e curvou-se em direção à plataforma, lutando em vão para respirar, Mat deu um passo à frente e empurrou a extremidade do bastão por cima dele, em direção à garganta do segundo homem. Aquilo produziu um som alto. O sujeito largou a faca para apertar o pescoço e caiu em seu companheiro, ambos arrastando as botas pela plataforma, o clangor da morte já ressoando em suas gargantas.

Mat ficou ali, encarando os homens. *Dois. Não, que me queime, três! Acho que nunca machuquei um ser humano antes, e agora matei três homens numa noite só. Luz!*

O silêncio envolveu o corredor, e ele ouviu o som de botas no convés acima. Os tripulantes andavam todos descalços.

Tentando não pensar no que fazia, Mat arrancou o manto de um dos homens mortos e o pôs nos ombros, escondendo o linho claro de suas roupas de baixo. Descalço, seguiu pelo corredor e subiu as escadas, cravando os olhos no topo da escotilha.

O luar pálido refletia nas velas retesadas, mas a noite ainda cobria o convés de sombras, e não havia som exceto o da água que corria pelos lados da embarcação. Parecia haver somente um homem no convés, ao timão, o capuz do manto puxado para se proteger do frio. O homem mudou de posição, e o couro das botas arranhou as tábuas do convés.

Mantendo o bastão baixo e esperando não ser notado, Mat subiu.

— Está morto — murmurou, em um sussurro seco.

— Espero que tenha guinchado quando você cortou a garganta dele. — A voz com sotaque carregado era a mesma que Mat ouvira em uma das ruelas de Tar Valon. — Ele nos causa muitos problemas, esse garoto. Espere! Quem é você?

Mat balançou o bastão com toda a força. A madeira grossa atingiu a cabeça do homem, e o capuz do manto abafou apenas parte do som da pancada. Foi como um melão caindo no chão.

O homem caiu no timão, empurrou-o, e a embarcação deu uma guinada, fazendo Mat perder o equilíbrio. Pelo canto do olho, ele viu uma forma se erguer das sombras perto do gradil, e o brilho de uma lâmina. Então soube que jamais pegaria o cajado a tempo. Alguma outra coisa reluziu sob a noite e se uniu à forma indistinta com um baque surdo. O movimento de subida se tornou uma queda, e um homem se esparramou, quase aos pés de Mat.

Um burburinho de vozes veio dos deques inferiores enquanto o navio balançava outra vez, o timão oscilando com o peso do imediato.

Thom saiu da escotilha mancando, de manto e roupas de baixo, erguendo a porta com uma lanterna olho de boi.

— Teve sorte, garoto. Um dos sujeitos lá embaixo estava com este lampião. Podia ter botado fogo no navio, deitado lá. — A luz mostrava o cabo de uma faca para fora do peito de um homem, com os olhos vidrados e inertes. Mat nunca o vira antes, tinha certeza de que se lembraria de alguém com tantas cicatrizes no rosto. Thom chutou uma adaga para longe da mão frouxa do homem morto, depois agachou-se para recuperar a

própria faca e limpou a lâmina com o manto do cadáver. — Muita sorte, garoto. Muita sorte mesmo.

Havia uma corda amarrada ao gradil da popa. Thom andou até ela, iluminando o caminho, e Mat uniu-se a ele. No outro extremo da corda, estava um dos pequenos barcos da Baía do Sul, com o lampião quadrado apagado. Dois outros homens estavam diante dos remos.

— Que o Grande Senhor me leve! É ele! — exclamou um deles. O outro saltou para a frente e começou a soltar o nó que prendia a corda, desesperado.

— Quer matar esses dois também? — perguntou Thom, a voz tão retumbante como quando ele recitava.

— Não, Thom — respondeu Mat, baixinho. — Não.

Os homens no bote decerto escutaram a pergunta, mas não a resposta, pois abandonaram a tentativa de soltar a embarcação e saltaram para a água com estardalhaço. Os dois fizeram uma barulheira ao se debater pelo rio.

— Idiotas — resmungou Thom. — O rio fica mais estreito um pouco depois de Tar Valon, mas aqui ainda deve ter meia milha ou mais de largura. Eles nunca vão conseguir, nesse escuro.

— Pela Pedra! — gritaram da escotilha. — O que está havendo aqui? Há homens mortos no corredor! O que Vasa está fazendo deitado no timão? Ele vai nos conduzir a um atoleiro! — Nu, exceto pelas cuecas de linho, Mallia correu até o timão, empurrou o homem morto e puxou a alavanca comprida para retomar o curso do navio. — Esse não é Vasa! Que minha alma queime, quem são esses homens mortos? — A essa altura, outros já subiam para o convés, tripulantes descalços e passageiros assustados enrolados em mantos e cobertores.

Sem que mais ninguém percebesse, Thom deslizou a faca pela corda e cortou-a de um golpe só. O pequeno bote começou a recuar em meio à escuridão.

— Bandidos do rio, Capitão — disse. — O jovem Mat e eu salvamos seu navio de bandidos. Eles degolariam a todos, não fosse por nós. Talvez queiram reconsiderar o valor cobrado pela passagem.

— Bandidos! — exclamou Mallia. — Há muitos desses lá para baixo, perto de Cairhien, mas nunca ouvi falar de algum tão longe a norte!

O grupo de passageiros começou a murmurar sobre bandidos e gargantas cortadas. Mat caminhou com firmeza até a escotilha. Atrás de si, ouviu a voz de Mallia.

— Ele tem sangue-frio. Não sabia que Andor contratava assassinos, mas, que a minha alma queime, ele tem sangue-frio.

Mat desceu as escadas, trôpego, passou por cima dos dois corpos no corredor e bateu a porta da cabine do capitão atrás de si. Estava a meio caminho da cama quando a tremedeira o dominou, e tudo o que conseguiu fazer foi cair de joelhos. *Luz, que jogo é esse que estou jogando? Preciso saber qual é, se quiser ganhar. Luz, que jogo é esse?*

* * *

Tocando “A Rosa da Manhã” baixinho na flauta, Rand observou a fogueira onde um coelho assava, fincado em um espeto inclinado sobre as chamas. O vento noturno fazia as chamas tremeluzirem. Ele mal percebia o cheiro do coelho, mas teve um pensamento breve de que precisaria encontrar mais sal na aldeia ou cidade seguinte. “A Rosa da Manhã” era uma das melodias que tocara naqueles vários casamentos.

Há quantos dias foi isso? Foram mesmo tantos ou foi a minha imaginação? Todas as mulheres da aldeia decidindo se casar ao mesmo tempo? Qual era mesmo o nome do lugar? Será que já estou enlouquecendo?

Seu rosto pingava de suor, mas ele continuou a tocar, tão baixinho que mal se escutava, ainda encarando a fogueira. Moiraine dissera que ele era *ta’veren*. Todo mundo dissera que ele era *ta’veren*. E talvez fosse mesmo. Pessoas assim *transformavam* as coisas ao seu redor. Um *ta’veren* talvez tivesse *provocado* todos aqueles casamentos. Isso, porém, chegava muito perto de algo sobre o qual ele não queria pensar.

Também dizem que sou o Dragão Renascido. Todo mundo diz isso. Os vivos dizem, e os mortos também. Isso não significa que é verdade. Tive que deixá-los me proclamarem. Fui obrigado. Não tive escolha, mas isso não quer dizer que seja verdade.

Ele não conseguia parar de tocar aquela melodia. Ela o fazia pensar em Egwene. Um dia, chegara a pensar que se casaria com ela. Muito tempo atrás, ao que parecia. Aquilo também já não existia. Ela viera em seus sonhos, no entanto. *Deve ter sido ela. O rosto dela. Era o rosto dela.*

Só que houvera tantos rostos, rostos que ele conhecia. Tam, sua mãe, Mat e Perrin. Todos tentando matá-lo. Não eram eles de verdade, é claro. Só seus rostos em Criaturas das Sombras. Ele achava que não tinham sido eles. Parecia que as Criaturas das Sombras caminhavam até mesmo em seus sonhos. Seriam mesmo apenas sonhos? Alguns eram reais, ele sabia. Outros eram só sonhos, pesadelos, desejos. Mas como saber a diferença? Min

caminhara em seus sonhos, certa noite, e tentara cravar uma faca em suas costas. Ele ainda se espantava com a dor que sentira. Fora descuidado, deixara que ela se aproximasse, baixara a guarda. Fazia tanto tempo que não sentia necessidade alguma de manter a guarda com Min, apesar das coisas que ela via ao olhar para ele. A presença dela era como um bálsamo para aliviar suas feridas.

E depois ela tentou me matar! A música se elevou a um guincho desafinado, mas ele retomou a suavidade. *Não foi ela. Foi uma Criatura da Sombra com o rosto dela. Min era a menos capaz de me fazer mal.* Ele não entendia por que pensava assim, mas tinha certeza de que era verdade.

Tantos rostos em seus sonhos. Selene também viera, fria, misteriosa e tão encantadora que sua boca secou só de pensar, oferecendo a ele a glória que ela tinha havia muito tempo, ao que parecia. Entretanto, ela passara a dizer que ele precisava pegar uma espada. E com a espada, viria Selene. *Callandor.* Estava sempre em seus sonhos. Sempre. E rostos zombeteiros. Mãos empurrando Egwene, Nynaeve e Elayne para dentro de jaulas, capturando-as em redes, machucando-as. Por que ele deveria chorar mais por Elayne do que pelas outras duas?

Sua mente girava. E sua cabeça doía tanto quanto a lateral de seu corpo, o suor escorria por seu rosto, e ele tocava “Rosa da Manhã” baixinho em plena noite, com medo de dormir. Com medo de sonhar.



CAPÍTULO 33



Dentro da Trama

De sua sela, Perrin franziu a testa para a pedra lisa à beira da estrada, meio escondida pelo mato. Dois dias antes, Moiraine dissera que aquele caminho duro de terra batida, que era chamado de Estrada de Lugard ali, perto do Manetherendrelle e da fronteira de Murandy, já fora pavimentado. E volta e meia dava para ver alguns trechinhos de pavimento na superfície. A pedra que ele examinava continha uma marcação estranha.

Se cães fossem capazes de deixar pegadas na pedra, ele diria que aquela era a pegada de um grande cão de caça. Não conseguiu ver rastros de cão no chão de terra, onde o solo mais fofo das margens seria mais fácil de marcar, e também não sentiu nenhum cheiro de cachorro. Apenas um traço fraco de algo queimado, quase como o cheiro sulfuroso deixado por fogos de artifício. Havia uma cidade adiante, onde a estrada seguia paralela ao rio. Talvez algumas crianças tivessem surrupiado o trabalho de um dos Iluminadores para acendê-lo ali.

Mesmo assim, é muito afastado para crianças virem aprontar por aqui. Mas ele vira fazendas. Podiam ter sido crianças de fazenda. Seja o que for, não tem nada a ver com essas marcas. Cavalos não voam, e cães não deixam pegadas na pedra. Estou ficando muito cansado para pensar direito.

Bocejando, ele cravou os calcanhares nas costelas de Galope, e o cavalo castanho avançou depressa atrás dos outros. Moiraine imprimia um ritmo bem pesado desde a partida de Jahra, e ninguém mais esperava quem parasse, mesmo que por um instante. Quando a Aes Sedai enfiava algo na cabeça, sua vontade era dura como aço temperado. Seis dias antes, Loial

desistira de ler enquanto cavalgava, depois de perceber que estava uma milha atrás dos outros, quase os perdendo de vista na colina seguinte.

Perrin reduziu o passo de Galope ao lado do grande cavalo do Ogier, atrás da égua branca de Moiraine, e deu outro bocejo. Lan estava em algum ponto à frente, fazendo o reconhecimento da área. O sol atrás deles não continuaria sobre as copas das árvores por mais de uma hora, mas o Guardião dissera que chegariam a uma cidade chamada Remen, perto do Manetherendrelle, antes de escurecer. Perrin não sabia ao certo se queria ver o que os aguardava lá. Não sabia o que poderia ser, mas os dias que se passaram desde Jahra o deixavam preocupado.

— Não entendo por que é que você não consegue dormir — comentou Loial. — Já estou tão cansado quando ela deixa a gente parar, de noite, que acabo caindo no sono antes de conseguir me deitar.

Perrin apenas sacudiu a cabeça. Não tinha como explicar a Loial que ele não se atrevia a pegar no sono profundo, e que mesmo o sono mais leve era repleto de sonhos atormentados. Como aquele estranho, com Egwene e Saltador. *Ora, não me admira que eu sonhe com ela. Luz, como será que ela está? A essa altura deve estar na Torre, em segurança, aprendendo a ser uma Aes Sedai. Verin cuidará dela, e de Mat também.* Ele não achava que alguém precisasse cuidar de Nynaeve. Na opinião dele, as pessoas que estivessem perto dela é que precisavam de alguém para cuidar delas.

Ele não queria pensar em Saltador. Estava conseguindo manter os lobos vivos afastados de seus pensamentos, embora ao preço de se sentir golpeado e arrastado por uma mão ligeira. Não queria pensar que um lobo morto poderia estar se esgueirando em sua mente. Ele se sacudiu e se forçou a abrir os olhos. Nem mesmo Saltador.

Havia outras razões, além dos pesadelos, para que ele não dormisse bem. Tinham encontrado outros sinais da passagem de Rand. Perrin não conseguiu perceber nenhum entre Jahra e o Rio Boern, mas, ao cruzarem o Boern por uma ponte de pedra que se arqueava entre dois desfiladeiros de cinquenta pés, deixaram para trás uma cidade reduzida a cinzas, chamada Sidon. Todas as construções. Apenas umas poucas muralhas de pedra e chaminés ainda se erguiam em meio às ruínas.

As pessoas da cidade, cobertas de lama, afirmaram que o incêndio fora provocado pela queda de um lampião em um celeiro, que o fogo se alastrara depressa e que tudo dera errado. Metade dos baldes que conseguiram encontrar estava furada. Todas as paredes dos prédios em chamas tinham tombado para fora, não para dentro, incendiando as casas vizinhas. As vigas de madeira da estalagem, em chamas, de alguma forma

saíram rolando até o poço principal, que ficava na praça, por isso ninguém conseguiu retirar mais água para apagar o fogo, e outras casas desabaram bem em cima dos outros três poços. Até o vento parecia mudar de direção, espalhando as chamas para todos os lados.

Não houvera necessidade de perguntar a Moiraine se a presença de Rand causara tudo aquilo: o rosto dela, duro como ferro, já revelava a resposta. O Padrão se moldava em torno de Rand, e o acaso fugira ao controle.

Depois de Sidon, haviam passado por quatro vilarejos onde apenas a busca de Lan por rastros informou que Rand ainda estava à frente. O rapaz seguia a pé já havia algum tempo. Tinham encontrado seu cavalo um pouco depois de Jahra, morto, parecendo ter sido atacado por lobos ou cachorros selvagens. Naquele momento, fora difícil para Perrin não fazer contato com os lobos, ainda mais quando Moiraine olhou do cavalo para ele e franziu a testa. Por sorte, Lan encontrara pegadas das botas de Rand correndo para longe de onde jazia o cavalo. Uma das botas tinha um entalhe de três pontas feito por uma pedra, o que deixava as pegadas planas. Porém, a pé ou a cavalo, ele parecia ainda se manter à frente deles.

Nas quatro aldeias depois de Sidon, o acontecimento mais relevante de que todos se lembravam era ver Loial chegar a cavalo e descobrir que ele era um Ogier de verdade, em carne e osso. Ficaram tão arrebatados que mal notaram os olhos de Perrin e, quando notaram... bem, se Ogier eram reais, então os homens poderiam ter qualquer cor de olho.

Entretanto, logo depois chegaram a um lugarejo chamado Willar, que estava em festa. A nascente comunitária voltara a fluir, depois de todos passarem um ano retirando água de um riacho a uma milha de distância, após esgotarem os esforços na escavação de novos poços e de metade dos aldeões terem se mudado. Willar não morreria, afinal. Três outras aldeias intocadas vieram em rápida sucessão, todas no mesmo dia. Depois delas, chegaram a Samaha, onde todos os poços haviam secado na noite anterior, e o povo resmungava sobre o Tenebroso. Depois Tallan, onde todas as antigas disputas que a cidade já presenciara haviam eclodido outra vez, como poços transbordantes, na manhã anterior. Fora preciso que acontecessem três crimes até que todos se chocassem e recobrassem o bom senso. E, finalmente, Fyall, onde as colheitas da primavera pareciam as mais pobres de que se tinha lembrança, mas o Prefeito, cavando um banheiro novo atrás de casa, encontrara sacos de couro apodrecidos cheios de ouro, então ninguém passaria fome. Ninguém em Fyall reconheceu as

gordas moedas com o rosto de uma mulher em uma das faces e uma águia na outra. Moiraine explicou que haviam sido cunhadas em Manetheren.

Certa noite, Perrin enfim perguntou a respeito das mudanças, quando estavam sentados ao redor da fogueira.

— Depois de Jahra, eu pensei... eles estavam tão felizes com os casamentos. Até mesmo os Mantos-brancos tinham apenas passado por tolos. E Fyall não foi ruim, Rand não poderia ter tido nada a ver com as colheitas. Estavam fracassando antes mesmo de ele chegar, e aquele ouro sem dúvida era bom, pois estavam precisando. Mas todo o resto... aquela cidade em chamas, os poços secos, e... isso é maligno, Moiraine. Não posso acreditar que Rand seja maligno. O Padrão pode estar se moldando ao redor dele, mas como é que o Padrão pode ser tão maligno? Não faz sentido, e as coisas têm que fazer sentido. Uma ferramenta sem finalidade é só metal desperdiçado. O Padrão não faria isso.

Lan o encarou com ironia e desapareceu na escuridão para examinar o entorno do acampamento. Loial, já deitado em seus cobertores, ergueu a cabeça para escutar, as orelhas aguçadas.

Moiraine ficou em silêncio por algum tempo, aquecendo as mãos. Enfim, pronunciou-se, encarando as chamas.

— O Criador é bom, Perrin. O Pai das Mentiras é maligno. O Padrão da Era, a própria Renda da Era, não é nem um, nem outro. O Padrão é o que é. A Roda do Tempo tece todas as vidas dentro do Padrão, todas as ações. Um tecido de uma cor só não tem padrão. Para o Padrão de uma Era, o bem e o mal são o fuso e os fios.

Três dias depois, embora cavalgando sob o sol do fim da tarde, Perrin sentiu o mesmo arrepio que sentira ao ouvi-la dizer aquelas palavras. Ele queria acreditar que o Padrão era bom. Queria acreditar que os homens que praticavam atos malignos estavam indo contra o Padrão, distorcendo-o. Para ele, o Padrão era uma criação delicada e intrincada, feita por um mestre ferreiro. Era ruim pensar que ali se misturava metais baratos e ruins com aço bom, sem a menor preocupação.

— Eu me preocupo — murmurou, baixinho. — Luz, eu me preocupo.

Moiraine olhou para ele, que se calou. Não tinha certeza das preocupações da Aes Sedai, além de Rand.

Alguns minutos depois, Lan surgiu diante deles e girou o cavalo de batalha preto para o lado da égua de Moiraine.

— Remen fica logo depois da próxima colina — disse. — Tiveram um ou dois dias conturbados, ao que parece.

As orelhas de Loial estremeceram uma vez.

— Rand?

O Guardião sacudiu a cabeça.

— Não sei. Talvez Moiraine possa dizer, quando vir. — A Aes Sedai lançou um olhar indagativo ao homem e apressou o passo da égua com um cutucão.

Quando chegaram no topo da colina, lá estava Remen abaixo deles, colada ao rio. O Manetherendrelle se estendia por mais de meia milha de largura, sem pontes, embora duas balsas lotadas, similares a barças, cruzassem o rio, impulsionadas por longos remos, e uma, quase vazia, estivesse voltando. Três outras compartilhavam um extenso píer de pedra, com quase uma dúzia de embarcações mercantes, algumas com um mastro, outras com dois. Uns poucos armazéns de pedra separavam o píer da cidade. Os prédios pareciam, em sua maioria, também feitos de pedra, com telhados de azulejos de todas as cores, de amarelo e vermelho a roxo. Ruas saíam de uma praça central para todas as direções.

Moiraine puxou o capuz, escondendo o rosto antes de prosseguirem.

Como sempre, o povo nas ruas olhou para Loial, mas dessa vez Perrin ouviu murmúrios espantados de “Ogier”. Loial se endireitou na sela, como não fazia havia algum tempo, ergueu as orelhas e esboçou um sorriso com o canto da boca. Estava óbvio que tentava não deixar transparecer a satisfação, mas parecia um gato ao receber um afago.

Perrin achou Remen parecida com muitas outras cidades, cheia de aromas criados pelo homem e de cheiro de gente. Além disso, também tinha um forte cheiro de rio, é claro, e o rapaz se perguntou o que Lan quisera dizer mais cedo. Até que os pelos de sua nuca se eriçaram e ele sentiu cheiro de algo... errado. Assim que o nariz absorveu o cheiro, ele desapareceu como uma crina de cavalo jogada na brasa, mas o rapaz ainda se lembrava. Sentira o mesmo em Jahra, e ele desaparecera da mesma forma. Não era um Deformado ou Desnascido. *Trolloc, que me queime, não Deformado! Não Desnascido! Myrddraal, Desvanecido, Meio-homem, qualquer coisa, menos Desnascido.* Não era cheiro de um Trolloc ou Desvanecido, mas era igualmente pútrido, pungente e vil. Porém, parecia que o que quer que emitira aquele odor não deixara rastro.

Eles chegaram à praça da cidade. Um dos grandes blocos de pavimento fora removido, bem no meio da praça, para que uma força fosse erguida. Uma única viga de madeira projetava-se do chão de terra, sustentando um esteio horizontal do qual pendia uma jaula de ferro, erguida a quatro passos de altura. Um homem alto, vestido em tons de cinza e marrom, estava sentado dentro da jaula, com o queixo apoiado nos joelhos. Não

havia espaço para outra posição. Três rapazotes atiravam pedras nele, que olhava para a frente e não se retraía nem mesmo quando uma das pedras acertava as barras da jaula. Mais de um filete de sangue manchava seu rosto. Os transeuntes prestavam tão pouca atenção aos garotos quanto o homem, mas todos espiavam a jaula, a maioria em aprovação, alguns com medo.

Moiraine fez um som com a garganta, que poderia ter sido de nojo.

— Não é só isso — disse Lan. — Venham. Já arrumei alguns quartos em uma estalagem. Acho que vão se interessar.

Ao passar, Perrin olhou por cima do ombro para o homem enjaulado. Havia algo familiar nele, mas não sabia exatamente o quê.

— Não deveriam fazer isso. — O resmungo de Loial assemelhava-se a um rosnado. — Estou falando das crianças. Os adultos tinham que impedi-los.

— É verdade — concordou Perrin, mal prestando atenção. *Por que ele é tão familiar?*

A placa sobre a porta da estalagem até onde Lan os conduzira, próximo ao rio, dizia Ferraria de Wayland, o que Perrin tomou como um bom presságio. Mas não parecia haver nada de forja em relação ao lugar, exceto pelo homem pintado na placa, com avental de couro e segurando um martelo. Era uma construção ampla de três andares e teto roxo, formada por pedras cinzentas polidas, com janelas grandes e portas com entalhes em arabesco, e tinha uma aparência próspera. Cavalariços vieram correndo para levar os cavalos, fazendo medidas ainda mais profundas depois que Lan lhes jogou moedas.

Lá dentro, Perrin olhou para as pessoas. Parecia que os homens e mulheres às mesas estavam todos vestidos em trajes de festa, com mais bordados nos casacos, renda nos vestidos, fitas coloridas e cachecóis franjados do que ele vira em muito tempo. Apenas quatro homens sentados a uma das mesas usavam casacos simples, e esses foram os únicos que não olharam com expectativa quando Perrin e os outros adentraram o recinto. Os quatro homens continuaram a conversar baixinho. Ele conseguiu distinguir um pouco do que diziam, sobre as vantagens de transportar pimenta gelada em vez de pele, e o que os problemas em Saldaea fizeram com os preços. Capitães de navios mercantes, concluiu. Os outros pareciam locais. Até as serviçais pareciam vestidas em suas melhores roupas, os longos aventais cobrindo vestidos bordados e com renda nos decotes.

A cozinha estava a pleno vapor: ele sentia aroma de carneiro, cordeiro, frango e boi, além de alguns tipos de vegetais. E um bolo de especiarias que

o fez esquecer a carne por um instante.

O estalajadeiro em pessoa os recebeu, um homem roliço e careca, de olhos castanhos e brilhantes em um rosto tranquilo e róseo. Ele se curvou em mesuras e esfregou as mãos para limpá-las. Se não tivesse ido até eles, Perrin jamais pensaria que era o dono, pois, em vez do esperado avental branco, o homem usava um casaco, como todos os hóspedes. Os bordados brancos e verdes se espalhavam em uma pesada lã azul que o fazia suar em bicas.

Por que todos estão usando roupas de festa?, perguntou-se Perrin.

— Ah, Mestre Andra — disse o estalajadeiro, dirigindo-se a Lan. — E um Ogier, como o senhor disse. Não que eu duvidasse, é claro. Não com tudo o que aconteceu, e jamais de sua palavra, mestre. Por que não um Ogier? Ah, amigo Ogier, tê-lo nesta casa me dá mais satisfação do que pode imaginar. É uma coisa muito boa, e a cereja do bolo. Ah, e a senhora... — Os olhos do homem sorveram a seda azul profunda do vestido de Moiraine e a lã encorpada de seu manto, empoeirada pela viagem, mas ainda bela. — Perdoe-me, milady, por favor. — A mesura que engatou o fez dobrar-se como uma ferradura. — Mestre Andra não deixou clara sua posição, milady. Não quis desrespeitá-la. A senhora é ainda mais bem-vinda aqui que o amigo Ogier, é claro, milady. Por favor, não se ofenda com o linguajar de Gainor Furlan.

— Não é ofensa alguma. — A voz de Moiraine aceitou o título que Furlan lhe dera com tranquilidade. Estava longe de ser a primeira vez que a Aes Sedai usava outro nome ou fingia ser o que não era. Também não era a primeira vez que Perrin ouvia Lan se apresentar como Andra. O capuz largo ainda escondia as feições plácidas de Aes Sedai, e ela mantinha o manto apertado com uma das mãos, como se estivesse com frio. Mas não a mão com o anel da Grande Serpente. — Ouvi dizer que coisas estranhas têm acontecido na cidade, estalajadeiro. Nada que possa preocupar os viajantes, suponho.

— Ah, milady, de fato são coisas muito estranhas. Sua própria presença radiante é mais que suficiente para honrar esta humilde casa, milady, ainda mais junto com um Ogier, mas também temos Caçadores em Remen. Bem aqui na Ferraria de Wayland. Caçadores da Trombeta de Valere, saídos de Illian para uma aventura. E uma aventura foi o que encontraram, milady, aqui em Remen. Ou uma milha ou duas rio acima, onde lutaram com homens Aiel, se é que pode acreditar. A senhora pode imaginar selvagens Aiel de véus negros aqui em Altara, milady?

Aiel. Agora Perrin sabia o que havia de familiar com o homem dentro da jaula. Ele já vira um Aiel, um dos ferozes e quase lendários habitantes da terra implacável chamada Deserto. O homem se parecia bastante com Rand: mais alto que a maioria, de olhos cinzentos e cabelos avermelhados. E se vestia como o homem da jaula, em tons de marrom e cinza, para se camuflar em pedras e matagais, além das botas macias amarradas até os joelhos. Perrin quase podia ouvir a voz de Min outra vez. *Um Aiel dentro de uma jaula. Um momento decisivo em sua vida, ou algo importante que vai acontecer.*

— Por que foi que prenderam... — Ele parou para limpar a garganta e não soar tão rouco. — Como é que um Aiel foi parar em uma jaula na praça central?

— Ah, jovem mestre, essa é uma história para... — A voz de Furlan foi morrendo, e ele olhou para Perrin de cima a baixo, notando as roupas simples de camponês e o arco longo em suas mãos, e fazendo uma pausa para observar o machado no cinturão, do lado oposto da aljava. O homem roliço se assustou ao analisar o rosto de Perrin, como se, com uma milady e um Ogier presentes, só naquele momento tivesse notado os olhos amarelos do rapaz. — Seria seu servo, Mestre Andra? — perguntou, cauteloso.

— Responda o rapaz. — Foi tudo o que Lan respondeu.

— Ah. Sim, claro, Mestre Andra. Mas aqui está alguém que pode responder melhor do que eu. Lorde Orban em pessoa. É ele que nos reunimos para ouvir.

Um homem jovem, de cabelos escuros, vestindo um casaco vermelho e com as têmporas enfaixadas por uma bandagem, descia as escadas na lateral do salão. Usava muletas acolchoadas, e a perna esquerda da calça fora cortada para que mais bandagens cobrissem a panturrilha, do tornozelo ao joelho. O povo local murmurava, como se vissem algo incrível. Os capitães dos navios continuavam a conversar baixinho, falavam outra vez de peles.

Furlan até parecia pensar que o homem do casaco vermelho poderia contar a história melhor, mas ele próprio prosseguiu.

— Lorde Orban e Lorde Gann enfrentaram vinte Aiel ensandecidos com apenas dez homens. Ah, a luta foi dura e cruel, muitas feridas causadas e recebidas. Seis bons homens morreram, e todos se feriram. Lorde Orban e Lorde Gann se machucaram mais do que os outros, mas mataram cada Aiel, exceto os que fugiram e os que fizeram prisioneiro. Foi esse que os senhores viram lá na praça, onde não poderá perturbar mais o campo com sua selvageria, não mais do que podem os mortos.

— Tiveram problemas com Aiel na região? — indagou Moiraine.

Perrin se perguntava a mesma coisa, com a mesma consternação. Se as pessoas ainda usavam a expressão “Aiel de véu negro” de vez em quando, para expressar algo violento, era uma prova da impressão que a Guerra dos Aiel deixara. Mas aquilo fora vinte anos antes, e os Aiel não tinham saído do Deserto desde então. *Mas eu vi um do lado de cá da Espinha do Mundo, e agora vi outro.*

O estalajadeiro esfregou a cabeça careca.

— Ah. Ah, não, milady, não exatamente. Mas teríamos, pode ter certeza, com vinte selvagens à solta. Ora, todos se lembram de como eles mataram, saquearam e queimaram tudo no caminho para Cairhien. Homens dessa mesma aldeia marcharam na Batalha das Muralhas Reluzentes, quando as nações se uniram para derrotá-los. Na época, dei um mal jeito nas costas e não pude ir, mas me lembro muito bem, como todos os outros. Como chegaram aqui, tão longe de sua própria terra ou por que vieram eu não sei. Mas Lorde Orban e Lorde Gann nos salvaram deles. — Houve um murmúrio de concordância das pessoas em roupas festivas.

O próprio Orban veio mancando pelo salão, parecendo não notar ninguém além do estalajadeiro. Perrin sentiu o cheiro de vinho dormido antes mesmo de o homem se aproximar.

— Aonde é que foi aquela velha com as ervas, Furlan? — indagou Orban, com rispidez. — As feridas de Gann estão doendo, e minha cabeça está quase estourando.

Furlan curvou-se até quase encostar a própria cabeça no chão.

— Ah, Mãe Leich voltará de manhã, Lorde Orban. Um parto, lorde. Mas disse que iria suturar e passar cataplasma em suas feridas e nas de Lorde Gann, então não precisa se preocupar. Ah, Lorde Orban, tenho certeza de que ver o senhor será a primeira coisa que ela fará, amanhã.

O homem enfaixado resmungou algo entre dentes, algo que escapou aos ouvidos de todos, menos aos de Perrin, sobre esperar uma dona de casa “expulsar seu lixo” e algo mais sobre ser “costurado feito um saco de carne”. Ele se virou, emburrado, os olhos cheios de raiva, e pela primeira vez pareceu notar os recém-chegados. O homem dispensou Perrin na mesma hora, o que não surpreendeu o rapaz nem um pouco. Arregalou ligeiramente os olhos para Loial. *Ele já viu Ogier*, pensou Perrin, *mas jamais pensou que encontraria um por aqui.* Depois apertou-os um pouco para Lan. *Ele sabe reconhecer um lutador, e não gosta de topar com um.* Os olhos do homem cintilaram quando ele se inclinou para espiar dentro do capuz de Moiraine, embora não estivesse perto o bastante para enxergar seu rosto.

Perrin decidiu não pensar naquela reação, não no que dizia respeito a uma Aes Sedai, e esperava que Moiraine e Lan também não pensassem a respeito daquilo. Um brilho nos olhos do Guardião denunciava seu erro, pelo menos em relação a ele.

— Doze de vocês lutaram contra vinte Aiel? — perguntou Lan, com a voz impassível.

Orban endireitou-se, retraído pelo susto. Com naturalidade forçada, respondeu:

— É, espera-se esse tipo de coisa quando se procura a Trombeta de Valere. Não foi o primeiro encontro do tipo para mim e Gann, nem será o último até que encontremos a Trombeta. Se a Luz brilhar sobre nós. — Ele soava como se a Luz não tivesse como fazer qualquer outra coisa. — Nem todas as lutas foram contra os Aiel, é claro, sempre há os que tentarão impedir os Caçadores, se puderem. Gann e eu não desistimos fácil.

Os locais soltaram outro murmúrio de aprovação. Orban endireitou a postura.

— Vocês perderam seis homens e trouxeram um prisioneiro. — O tom de voz de Lan não deixava claro se era uma troca boa ou ruim.

— Foi — respondeu Orban —, matamos o resto, menos os que fugiram. A essa hora, sem dúvida estão escondendo os mortos. Ouvi dizer que eles fazem isso. Os Mantos-brancos estão procurando por eles, mas nunca os encontrarão.

— Tem Mantos-brancos por aqui? — perguntou Perrin, categórico.

Orban olhou para ele e ignorou-o mais uma vez. O homem voltou a se dirigir a Lan.

— Mantos-brancos sempre metem o bedelho onde não são chamados ou necessários. Grosseirões incompetentes, todos eles. É, vão percorrer o campo por dias, mas duvido que encontrem algo além de suas próprias sombras.

— Acho que não — retrucou Lan.

O homem enfaixado franziu a testa, como se não soubesse ao certo o que Lan queria dizer com aquilo, depois virou-se de volta para o estalajadeiro.

— Encontre aquela velha, está ouvindo? Minha cabeça está explodindo.

Com uma última olhada para Lan, ele foi embora mancando e subiu as escadas, um degrau de cada vez, seguido pelos murmúrios de admiração por um Caçador da Trombeta que massacrara alguns Aiel.

— Essa é uma cidade bem agitada. — A voz grave de Loial atraiu todos os olhares. Exceto os dos capitães, que pareciam debater sobre cordas, pelo

que Perrin podia ouvir. — Em cada lugar que passo os humanos estão fazendo coisas, sempre correndo, apressados, trazendo novidades. Como é que vocês aguentam tanta agitação?

— Ah, amigo Ogier — respondeu Furlan —, é dessa agitação que nós humanos gostamos. Como me arrependo de não ter conseguido marchar até as Muralhas Reluzentes. Ora, deixe-me contar...

— Nossos quartos. — Moiraine não elevou a voz, mas as palavras cortaram o estalajadeiro como uma faca afiada. — Andra conseguiu quartos para nós, não foi?

— Ah, milady, me perdoe. Sim, Mestre Andra alugou quartos. Por favor, me perdoe. Toda essa empolgação acaba me deixando de miolo mole. Por favor, milady, me perdoe. Por aqui, por gentileza. Queiram me acompanhar. — Curvando-se e se arrastando, desculpando-se e balbuciando sem parar, Furlan conduziu o grupo pelas escadas até o andar de cima.

No topo da subida, Perrin hesitou e olhou para trás. Ouviu murmúrios de “Milady” e “Ogier” lá de baixo e pôde sentir todos aqueles olhares. No entanto, sentiu um par de olhos em particular, alguém que não encarava Moiraine e Loial, mas ele.

Perrin a encontrou na mesma hora. Primeiro porque estava afastada dos outros, e segundo por ser a única mulher no recinto que não usava sequer um pedacinho de renda. O vestido cinza-escuro, quase preto, era simples como as roupas dos capitães, com mangas largas e saias justas, sem o menor babado ou bordado. O vestido era aberto para montaria, percebeu quando ela se mexeu, e a mulher usava botas macias, que apareciam sob a bainha. Era jovem, talvez não mais velha do que ele, e alta para uma mulher, com os cabelos negros na altura dos ombros. Um nariz que por pouco não era muito grande e evidente, uma boca generosa, maçãs do rosto altas e olhos escuros, levemente oblíquos. Perrin não conseguia decidir se ela era bonita ou não.

Assim que ele olhou para baixo, a mulher se virou para chamar uma das serviçais e não olhou de novo para a escada, mas Perrin tinha certeza de que não se enganara. Ela estivera observando-o.



CAPÍTULO 34



Uma Dança Diferente

Furlan continuava balbuciando enquanto levava os recém-chegados para seus quartos, embora Perrin não estivesse prestando muita atenção. Estava ocupado se perguntando se a garota de cabelos negros sabia o significado de seus olhos amarelos. *Que me queime, ela estava me encarando.* Então ouviu o estalajadeiro dizer as palavras “proclamando o Dragão em Ghealdan”, e pensou que as suas orelhas iriam se eriçar como as de Loial.

Moiraine parou onde estava, diante da porta de seu quarto.

— Há outro falso Dragão, estalajadeiro? Em Ghealdan? — O capuz do manto ainda escondia seu rosto, mas a voz saiu trêmula e abalada.

Mesmo ao ouvir a resposta do homem, Perrin não pôde evitar olhar para ela: sentia cheiro de algo que parecia medo.

— Ah, milady, não tema. São cem léguas até Ghealdan, e ninguém a perturbará aqui, não com Mestre Andra por perto, além de Lorde Orban e Lorde Gann. Por que...

— Responda! — retrucou Lan, com rispidez. — Há um falso Dragão em Ghealdan?

— Ah. Ah, não, Mestre Andra, não exatamente. Eu disse que há um homem proclamando o Dragão em Ghealdan, pelo que ouvimos uns dias atrás. Pregando a vinda dele, pode-se dizer. Falando daquele sujeito de Tarabon de que ouvimos tanto. Embora alguns digam que ele é de Arad Doman, não de Tarabon. Em ambos os casos, é muito longe daqui. Ora, em qualquer outro dia é de se esperar mais falatório sobre isso do que sobre qualquer outra coisa, exceto talvez das histórias loucas sobre o retorno do exército de Asa-de-gavião... — Os olhos gélidos de Lan podiam muito bem

ser lâminas afiadas, pelo jeito como Furlan engoliu em seco e esfregou as mãos com mais vigor. — Só sei o que eu escuto, Mestre Andra. Dizem que o sujeito tem um olhar que faz você parar onde quer que esteja. E também que ele fala toda sorte de baboseiras sobre a vinda do Dragão para nos salvar, como todos temos que segui-lo, e que até as bestas vão lutar pelo Dragão. Não sei se já prenderam o sujeito ou não. É provável, uma vez que o povo de Ghealdan não aguentaria esse falatório por tanto tempo.

Masema, pensou Perrin, admirado. *É o infeliz do Masema.*

— Tem razão, estalajadeiro — disse Lan. — Esse sujeito não vai nos perturbar por aqui. Conheci um homem que gostava de fazer discursos inflamados. A senhora se lembra dele, Lady Alys? Masema?

Moiraine levou um susto.

— Masema. Sim, é claro. Já tinha me esquecido dele. — Ela deixou a voz mais firme. — Quando encontrar Masema outra vez, ele desejará ter tido o couro arrancado para fazer botas. — Ela bateu a porta do quarto com tanta força que o estrondo ecoou pelo corredor.

— Façam silêncio! — Um grito abafado veio do canto oposto. — Minha cabeça está explodindo!

— Ah. — Furlan limpou as mãos em uma direção, depois as esfregou no sentido oposto. — Ah. Peço perdão, Mestre Andra, mas Lady Alys é uma mulher impetuosa.

— Apenas com os que a desagradam — retorquiu Lan, em tom monótono. — E a mordida é muito pior do que o ladrado.

— Ah. Ah. Ah. Seus quartos ficam por aqui. Ah, amigo Ogier, quando Mestre Andra me contou que estava a caminho, mandei descer do sótão uma antiga cama Ogier, que estava apanhando poeira havia uns trezentos anos ou mais. Ora, é...

Perrin deixou correrem as palavras do homem, ouvindo-as tanto quanto uma pedra ouve as águas do rio. A jovem de cabelos negros o perturbava. E o Aiel enjaulado.

Já dentro do quarto — um pequeno, nos fundos, já que Lan não fizera nada para corrigir o estalajadeiro de sua impressão de que Perrin era um servo —, ele se movimentava de forma mecânica, ainda envolto em pensamentos. Desamarrou a corda do arco e apoiou-o em um canto. Manter a corda presa por muito tempo arruinava tanto o arco quanto a corda. Depois pousou o cobertor e os alforjes junto ao lavatório e jogou o manto por cima. Pendurou o cinturão com a aljava e o machado em um gancho na parede, e já ia se deitando na cama quando um bocejo fez sua mandíbula estalar, lembrando-o do perigo que aquilo poderia trazer. A cama era

estreita, e o colchão parecia todo encalombado, porém era mais convidativa do que qualquer cama de que ele se lembrava. Em vez de deitar, sentou-se no banquinho de três pés e refletiu. Gostava sempre de pensar bastante nas coisas.

Depois de um tempo, Loial bateu à porta e pôs a cabeça para dentro. As orelhas do Ogier praticamente tremiam de empolgação, e ele exibia um grande sorriso.

— Perrin, você não vai acreditar! Minha cama é de madeira cantada! Ora, deve ter bem mais de mil anos de idade! Nenhum Cantor das Árvores cantou uma peça tão grande em todo esse tempo. Eu mesmo não me daria ao trabalho de tentar, e tenho um talento mais forte do que a maioria dos Ogier de agora. Para dizer a verdade, já não existem mais muitos de nós com esse talento. Mas *sou* um dos que mais sabe cantar as árvores.

— Que interessante — respondeu Perrin. *Um Aiel numa jaula. Foi isso o que Min disse. Por que aquela garota estava me encarando?*

— Foi o que pensei. — Loial soou um tanto chateado por ele não compartilhar a empolgação, mas tudo o que Perrin desejava era pensar. — O jantar está pronto lá embaixo, Perrin. Prepararam a melhor refeição para caso os Caçadores queiram, mas poderemos comer um pouco.

— Vá você, Loial. Não estou com fome. — O aroma de carne cozida que subia da cozinha não o interessara. Ele mal notou a saída do amigo.

Com as mãos nos joelhos e bocejando de vez em quando, ele tentou refletir. Parecia um daqueles quebra-cabeças que Mestre Luhhan fazia, com peças de metal que pareciam se unir de maneira insolúvel. Mas sempre havia um truque para fazer os nós e as armações de ferro se desmantelarem, e também deveria haver um, neste caso.

A garota tinha olhado para ele. Seus próprios olhos poderiam ter sido o motivo, exceto pelo fato de que o estalajadeiro os ignorara e ninguém mais os notara. Tinham um Ogier para admirar, além de Caçadores da Trombeta na casa, a visita de uma lady e um Aiel enjaulado na praça. Nada tão pequeno quanto a cor dos olhos de um homem poderia lhes chamar a atenção. Nada que viesse de um servo poderia competir com os outros. *Então por que ela escolheu a mim para encarar?*

E o Aiel na gaiola. As visões de Min eram sempre importantes. Mas como? O que ele deveria fazer? *Eu podia ter impedido aquelas crianças de atirarem pedras. Deveria ter impedido.* Não adiantava nada dizer a si mesmo que os adultos certamente o mandariam cuidar da própria vida, que ele era um estranho em Remen e que o Aiel não era de sua conta. *Eu deveria ter tentado.*

Não lhe veio resposta alguma, então retornou ao início e, com muita paciência, começou a rever os fatos. Depois de novo, e de novo. Continuava a não encontrar resposta, apenas o arrependimento pelo que não fizera.

Depois de um tempo, percebeu que a noite já havia caído. O quarto estava escuro, exceto por uma pequena faixa de luar que entrava pela única janela. Ele pensou na vela de sebo e no acendedor que jaziam sobre cornija acima da lareira estreita, mas aquela luz era mais do que suficiente para seus olhos. *Tenho que fazer alguma coisa, não tenho?*

Ele afivelou o cinturão com o machado, depois parou. Agira sem pensar, e usar o machado se tornara tão natural quanto respirar. Não gostava disso. Porém, manteve o cinturão e saiu.

A luz das escadas deixava o corredor quase todo iluminado. O som de risadas e conversas vinha do salão, e aromas subiam da cozinha. Ele avançou em direção à entrada da estalagem, até o quarto de Moiraine, deu uma batida na porta e entrou. Então parou, com o rosto queimando.

Moiraine fechou o robe azul-claro que pendia dos ombros.

— Deseja alguma coisa? — perguntou, friamente. Tinha uma escova de cabelos prateada em uma das mãos, e os cabelos escuros, que caíam pelo pescoço em ondas negras, cintilavam como se ela estivesse escovando-os. O quarto era de longe muito melhor que o dele, com painéis de madeira nas paredes, lampiões folheados a prata e um fogo suave na ampla lareira de tijolos. O ar tinha uma fragrância de sabão de rosas.

— Eu... pensei que Lan estivesse aqui — conseguiu dizer. — Vocês dois sempre andam juntos, então eu pensei... pensei...

— O que você quer, Perrin?

Ele respirou fundo.

— Isso é coisa do Rand? Sei que Lan o seguiu até aqui, e tudo parece esquisito, com os Caçadores, o Aiel... mas foi ele quem fez isso?

— Acredito que não. Saberei mais quando Lan me contar o que descobrir hoje à noite. Com sorte, o que ele encontrar ajudará na escolha que tenho que fazer.

— Escolha?

— Rand pode ter atravessado o rio, indo por terra a caminho de Tear. Ou pode ter pegado um navio e descido o rio até Illian, com a intenção de partir em outro de lá para Tear. A jornada é muitas léguas mais comprida por esse caminho, porém dias mais rápida.

— Acho que não vamos alcançar Rand, Moiraine. Não sei como ele consegue, mas mesmo a pé está muito adiantado. Se Lan estiver certo, ele ainda está meio dia à nossa frente.

— Eu poderia até suspeitar que ele tenha aprendido a Viajar — comentou Moiraine, franzindo um pouco a testa —, só que, se tivesse, ele iria direto para Tear. Não, ele tem o sangue dos andarilhos e corredores nas veias. Mas podemos pegar o rio mesmo assim. Se eu não conseguir alcançá-lo, estarei em Tear logo depois que ele chegar. Ou esperando-o.

Perrin remexia os pés, incomodado. A voz dela tinha um tom de promessa fria.

— Uma vez você me disse que era capaz de sentir um Amigo das Trevas ou alguém que havia muito tivesse partido para as Sombras, pelo menos. Lan também. Vocês sentiram alguma coisa assim por aqui?

Ela fungou alto e se virou para um espelho de chão comprido, com finos entalhes de prata nos pés. Mantendo o robe fechado com uma das mãos, ela passou a escova pelos cabelos com a outra.

— Poucos humanos chegaram a esse ponto, Perrin, mesmo entre os piores Amigos das Trevas. — A escova parou no meio do caminho. — Por que a pergunta?

— Tinha uma garota no salão me encarando. Não olhava para você ou Loial, como todos os outros. Olhava para mim.

Ela retomou o movimento da escova, e um breve sorriso tocou-lhe os lábios.

— Às vezes você se esquece, Perrin, de que é um rapaz bonito. Algumas mulheres admiram um belo par de ombros.

Ele grunhiu e trocou o peso de pé.

— Aconteceu alguma outra coisa, Perrin?

— Hã... não. — Ela não poderia ajudar em relação à visão de Min, não além de dizer que era importante, o que ele já sabia. E ele não queria contar a ela o que Min vira. Aliás, não queria nem contar que Min vira algo.

De volta ao corredor, com a porta fechada, ele se encostou à parede por um instante. *Luz, acabei de entrar no quarto desse jeito, e ela...* Era uma bela mulher. *E com idade para ser minha mãe, no mínimo.* Pensou que Mat decerto a teria convidado para uma dança no salão. *Não teria nada. Nem Mat seria idiota a ponto de tentar seduzir uma Aes Sedai.* Moiraine dançava. Ele mesmo já dançara com ela, uma vez. Quase tropeçando nos próprios pés a cada passo. *Pare de pensar nela como uma garota de aldeia, só porque a viu... Ela é uma maldita Aes Sedai! E você tem mais é que se preocupar com aquele Aiel.* Ele se recompôs e desceu as escadas.

O salão estava em sua lotação máxima, com todas as cadeiras ocupadas, além dos bancos e das banquetas, e os que não tinham onde sentar se

encostavam nas paredes. Ele não viu a garota de cabelos negros, e ninguém reparou quando ele cruzou o salão.

Orban ocupava uma mesa sozinho, a perna enfaixada apoiada em uma cadeira acolchoada, com uma pantufa macia no pé erguido e um cálice de prata na mão, que as serviçais mantinham sempre cheio de vinho.

— É — dizia a todo o salão —, sabíamos que os Aiel eram lutadores implacáveis, Gann e eu, mas não havia tempo para titubear. Desembainhei a espada, meti os calcanhares nos flancos de Leão...

Perrin se assustou, mas percebeu que o nome do cavalo do homem era Leão. *Não seria improvável que ele dissesse que cavalgava um leão.* Sentiu uma pontada de vergonha: só porque não gostava do sujeito, não significava que havia razão para supor que o Caçador fosse se gabar tanto. Correu para fora sem olhar para trás.

A rua estava tão apinhada quanto a estalagem, com gente que não conseguira um lugar no salão espiando pelas janelas, e o dobro de gente amontoada diante das portas, todos tentando ouvir a história de Orban. Ninguém deu a menor atenção a Perrin, embora sua passagem tivesse gerado resmungos dos que se aglomeravam um pouco mais longe da porta.

Naquela noite, toda a gente fora de casa devia estar na estalagem, pois ele não viu viva alma ao caminhar até a praça. Às vezes, a sombra de uma pessoa se movia por detrás de uma janela iluminada, mas era só. Tinha a sensação de estar sendo observado e olhava em volta, desconfortável. Nada além de ruas envoltas pela noite, pontilhadas de janelas reluzentes. Ao redor da praça, a maioria das janelas estava escura, a não ser algumas nos andares de cima.

A força continuava igual ao que ele se lembrava, e o homem, o Aiel, ainda estava enjaulado, erguido a uma altura que Perrin não conseguia alcançar. O prisioneiro parecia acordado, pelo menos tinha a cabeça erguida, mas não olhou para Perrin. As pedras que as crianças haviam atirado estavam espalhadas pelo chão.

A jaula pendia de uma corda grossa, amarrada a um aro em uma das barras superiores, que depois passava por uma pesada roldana acoplada à barra horizontal da força e ia até um par de tocos no chão, cada um da altura das pernas de um homem, presos de cada lado da plataforma. A sobra de corda fora embolada sem cuidado aos pés da força.

Perrin olhou em volta outra vez, esquadrinhando a praça escura. Ainda tinha a sensação de estar sendo observado, mas não via nada. Tentou ouvir o ambiente, mas não escutou qualquer barulho. Sentia o cheiro das

chaminés e das cozinhas das casas, além de suor e sangue seco do homem dentro da jaula. O homem não cheirava a medo.

O peso dele, e mais o da jaula, pensou, ao se aproximar da forca. Não sabia quando tomara a decisão, nem sequer se de fato decidira, mas sabia que o faria.

Ele enganchou uma perna em volta da pesada plataforma e içou a corda, erguendo a jaula o suficiente para afrouxá-la um pouco. Um solavanco na corda revelou que o homem dentro da jaula enfim se movera, mas Perrin estava com pressa demais para parar e informar ao sujeito o que estava fazendo. Com a corda frouxa, pôde desamarrá-la dos tocos. Ainda com a perna enganchada à plataforma, baixou a jaula depressa até os blocos de pavimento.

O Aiel agora olhava para ele, estudando-o em silêncio. Perrin não disse uma palavra. Quando pôde olhar direito para a jaula, apertou os lábios. Se era preciso fabricar algo, mesmo que algo dessa natureza, era importante fazer um bom trabalho. Porém, a frente inteira era uma porta, com dobradiças toscas feitas por mãos descuidadas, presa por um bom cadeado de ferro a uma corrente forjada de um jeito tão malfeito quanto a jaula. Ele manuseou a corrente às pressas, até encontrar o elo mais fraco, depois emperrou a ponta grossa do machado no meio do elo. Um movimento rápido de seu pulso forçou o ferro, que se abriu. Em questão de segundos, desmontou a corrente, soltou-a e abriu a porta da jaula.

O Aiel permanecia sentado, o queixo apoiado no joelho, olhando para ele.

— E então? — sussurrou Perrin, com a voz rouca. — Abri a droga da jaula, mas não vou carregar você. — Analisou depressa a praça escura. Nenhum movimento, mas ele ainda tinha a sensação de estar sendo observado.

— Você é forte, aguacento. — O Aiel apenas alongava os ombros. — Eles precisaram de três homens para me erguer lá em cima. E agora você me trouxe aqui para baixo. Por quê?

— Não gosto de ver ninguém enjaulado — sussurrou Perrin. Queria ir embora. A jaula estava aberta, e aqueles olhos, à espreita. Mas o Aiel não se mexia. *Se fizer algo, faça direito*. — Você pode sair daí antes que chegue alguém?

O Aiel agarrou a primeira barra da jaula por cima da cabeça, lançou-se para fora e ficou de pé em um movimento só. Depois ficou meio pendurado, usando o punho agarrado à barra para sustentar o próprio peso. De pé, talvez fosse quase uma cabeça mais alto que Perrin. Encarou o rapaz, que

sabia bem que os próprios olhos brilhavam como ouro, reluzindo ao luar, mas não disse nada a respeito.

— Estou aí desde ontem, aguacento. — Ele falava como Lan. Não que as vozes ou sotaques fossem sequer parecidos, mas o Aiel tinha a mesma calma fria, a mesma certeza tranquila. — Ainda vai levar um tempo para as minhas pernas voltarem a funcionar. Sou Gaul, do ramo Imran dos Aiel Shaarad, aguacento. Sou *Shae'em M'taal*, um Cão de Pedra. Minha água é sua.

— Bem, sou Perrin Aybara. De Dois Rios. Sou ferreiro. — O homem estava fora da jaula, Perrin já podia ir embora. No entanto, se alguém chegasse antes que Gaul conseguisse caminhar, ele voltaria direto para a jaula, a não ser que o matassem, o que de qualquer forma estragaria o trabalho de Perrin. — Se eu tivesse pensado melhor, teria trazido uma garrafa de água, ou uma pele. Por que me chama de “aguacento”?

Gaul apontou para o rio. Nem mesmo os olhos de Perrin enxergavam tão bem ao luar, mas pela primeira vez achou que o Aiel parecia um pouco desconfortável.

— Três dias atrás, vi uma garota se exercitando em um imenso lago. Devia ter uns vinte passos de largura. Ela... se empurrava por dentro dele. — O homem fez um gesto estranho, tentando imitar o movimento de natação com uma das mãos. — Uma garota corajosa. Cruzando esses... rios... quase me intimidou. Nunca achei que fosse pensar que via água demais, mas não sabia que tinha tanta água no mundo como vocês aguacentos têm.

Perrin sacudiu a cabeça. Ele sabia que havia pouca água no Deserto Aiel, o que era uma das poucas coisas que sabia sobre o Deserto ou sobre os Aiel, mas não sabia que era tão escassa a ponto de causar uma reação assim.

— Você está muito longe de casa, Gaul. Por que está aqui?

— Nós procuramos — respondeu o homem, devagar. — Buscamos Aquele Que Vem Com a Aurora.

Perrin já ouvira o nome antes, sob circunstâncias que o fizeram ter certeza do que significava. *Luz, o assunto sempre volta para Rand. Estou preso a ele como um cavalo que não presta para usar ferradura.*

— Está procurando no lugar errado, Gaul. Também estou atrás dele, e ele está a caminho de Tear.

— Tear? — O Aiel fez uma expressão de surpresa. — Por quê...? Mas deve ser. A Profecia diz que, quando a Pedra de Tear cair, enfim deixaremos a Terra da Trindade. — Era o nome que os Aiel davam para o Deserto. —

Diz que seremos transformados e reencontraremos o que era nosso, o que foi perdido.

— Pode ser. Não conheço suas profecias, Gaul. Você já está pronto para ir? Alguém pode chegar a qualquer minuto.

— Já é tarde para fugir — retrucou Gaul, e uma voz grave gritou:

— O selvagem está solto! — Dez ou doze homens de mantos brancos saíram pela praça em disparada, desembainhando as espadas, os capacetes cônicos reluzindo ao luar. Filhos da Luz.

Como se tivesse todo o tempo do mundo, Gaul ergueu um pedaço de pano escuro dos ombros com muita calma e o enrolou por cima da cabeça, formando um véu negro e grosso que escondia todo o rosto, exceto os olhos.

— Gosta de dançar, Perrin Aybara? — perguntou. Com isso, saltou da jaula. Direto para cima dos Mantos-brancos.

Por um instante, eles foram pegos de surpresa. Mas, ao que parecia, um instante era tudo de que o Aiel precisava. Ele chutou a espada do punho do primeiro que o alcançou, depois a mão firme golpeou a garganta do Manto-branco como uma adaga, então o Aiel contornou o soldado que caía. O braço do segundo homem estalou alto quando Gaul o quebrou. Ele empurrou o sujeito por cima dos pés de um terceiro e chutou o quarto no rosto. Era *mesmo* uma dança, de um para outro, sem parar nem reduzir o passo, embora o homem que tropeçou estivesse se reerguendo, e o do braço quebrado tivesse trocado a mão que segurava a espada. Gaul continuava dançando no meio deles.

Perrin teve apenas um instante de assombro, pois nem todos os Mantos-brancos voltaram as atenções ao Aiel. Quase não conseguiu se mover a tempo, mas agarrou o cabo do machado com as duas mãos para bloquear o golpe de uma espada, girou... e sentiu vontade de gritar quando a lâmina em meia-lua rasgou a garganta do homem. Mas não havia tempo para gritos, nem para arrependimentos. Outros Mantos-brancos vieram, antes mesmo de o primeiro cair. Ele odiava as feridas enormes que o machado fazia, odiava a forma como ele retalhava a malha e rasgava a pele por baixo, como rachava os capacetes e crânios com quase a mesma facilidade. Odiava aquilo tudo. Mas não queria morrer.

O tempo parecia se contrair e esticar ao mesmo tempo. O corpo reclamava como se lutasse havia horas, e a respiração raspava sua garganta. Os homens pareciam se mover como se flutuassem em geleia. Pareciam saltar em um instante, de onde vinham até onde caíam. O suor escorria pelo rosto de Perrin, mas ele se sentia frio como água da forja.

Lutava pela vida, e não sabia dizer se a luta durava segundos ou a noite inteira.

Quando enfim ficou de pé, arfando e quase atônito, olhou para uma dúzia de homens de Mantos-brancos caídos sobre os paralelepípedos da calçada da praça, e a lua pareceu estar exatamente no mesmo lugar. Alguns homens gemiam, outros jaziam em silêncio. Gaul estava entre eles, ainda de véu, ainda de mãos vazias. A maioria dos homens no chão fora obra dele. Perrin desejou que todos tivessem sido, então sentiu vergonha. O cheiro de sangue e morte era amargo e pungente.

— Você não dança mal com as lanças, Perrin Aybara.

Com a cabeça girando, o jovem murmurou:

— Não vejo como doze homens podem ter lutado contra vinte de vocês e ganhado, mesmo com dois Caçadores.

— Foi isso que disseram? — Gaul riu baixinho. — Sarien e eu fomos descuidados, há tanto tempo nestas terras úmidas, e o vento soprava na direção errada, então não sentimos cheiro de nada. Entramos na frente deles antes que pudéssemos perceber. Bem, Sarien está morto, e eu fui enjaulado como um tolo, então talvez tenhamos pagado o preço. Está na hora de correr, aguacento. Tear: vou me lembrar disso. — Por fim, ele baixou o véu negro. — Que você sempre encontre água e sombra, Perrin Aybara. — Virando-se, ele avançou pela noite.

Perrin também começou a correr, então percebeu que levava um machado ensanguentado nas mãos. Mais do que depressa, limpou a lâmina curva com o manto de um dos homens mortos. *Ele já está morto, que me queime, já está cheio de sangue.* Prendeu o cabo de volta no cinturão e começou a andar depressa.

Pôde vê-la logo no segundo passo, um vulto esguio no canto da praça, com saias apertadas e escuras. Ela se virou para correr, Perrin conseguiu ver que as saias eram divididas para cavalgada. Ela saiu correndo de volta para a rua e desapareceu.

Lan o encontrou antes que ele chegasse ao local onde a moça estava parada. O Guardião olhou a jaula vazia ao lado da forca e os amontoados de sombras brancas reluzindo ao luar e jogou a cabeça para trás, como se estivesse prestes a explodir. Com a voz contida e dura como o aro de uma roda nova, disse:

— Isso é obra sua, ferreiro? Que a Luz me queime! Alguém pode ligar isso a você?

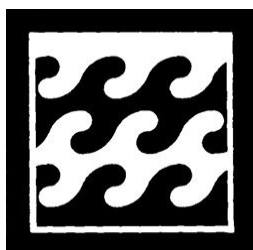
— Uma garota — respondeu Perrin. — Acho que ela viu. Não quero machucá-la, Lan! Muitos outros também podem ter visto. Há um monte de

janelas iluminadas à nossa volta.

O Guardião agarrou Perrin pela manga do casaco e o empurrou em direção à estalagem.

— Vi uma garota correndo, mas achei... não importa. Tire o Ogier lá de dentro e o arraste até o estábulo. Depois, vamos levar os cavalos para as docas o mais rápido possível. Só a Luz sabe se há um navio partindo hoje à noite, ou quanto terei que pagar para contratar um. Não faça perguntas, ferreiro! Ande! Corra!





O Falcão

As pernas compridas do Guardião permitiam um passo mais largo que as de Perrin, e, quando o rapaz finalmente conseguiu passar pela multidão que se aglomerava do lado de fora da estalagem, Lan já subia as escadas, sem parecer nem um pouco apressado. Perrin se obrigou a caminhar tão devagar quanto o Guardião. Alguém na entrada resmungou sobre pessoas que empurravam as outras para passarem na frente.

— Contar de novo? — dizia Orban, erguendo o cálice de prata para que o enchessem outra vez. — Ah, tudo bem. Eles tinham preparado uma emboscada perto da estrada por onde passávamos, e uma emboscada que eu não esperava tão perto de Remen. Aos berros, saíram do monte de arbustos e avançaram para cima de nós. Estavam entre nós em um piscar de olhos, golpeando com as lanças, e na mesma hora dilaceraram dois dos meus melhores homens e um dos de Gann. É, eu sei reconhecer um Aiel, e...

Perrin subiu as escadas, apressado. *Bem, Orban sabe reconhecê-los agora.*

Vozes vinham de detrás da porta de Moiraine. Ele não queria ouvir o que ela tinha a dizer sobre o que acontecera. Passou depressa pela porta e meteu a cabeça para dentro do quarto de Loial.

A cama do Ogier era baixa e robusta, com o dobro do comprimento e uma vez e meia a largura de qualquer cama humana que Perrin já vira. Ocupava grande parte do quarto, tão grande e bonito quanto o de Moiraine. Perrin recordou-se vagamente de Loial dizendo algo sobre a cama ser de madeira cantada, e em qualquer outro momento talvez tivesse parado para admirar as curvas harmoniosas que davam a sensação de que a cama

crescera ali mesmo onde estava. Os Ogier deviam ter parado em Remen em algum momento do passado, pois o estalajadeiro também encontrara uma poltrona de madeira que comportava Loial e a enchera de almofadas. O Ogier estava sentado confortavelmente nela, de camisa e calças, absorto, coçando o tornozelo com a unha de um dos pés enquanto escrevia em um grande livro encadernado em tecido sobre um dos braços da poltrona.

— Estamos indo embora! — anunciou Perrin.

Loial deu um salto, quase derrubando o frasco de tinta e o livro.

— Embora? Mas acabamos de chegar — disse, com sua voz profunda.

— Isso, embora. Encontre a gente no estábulo o mais rápido que puder. E não deixe que vejam você sair. Acho que dá para descer até a cozinha por uma escada nos fundos. — O aroma de comida que vinha daquele canto do corredor era forte demais para que não houvesse uma passagem.

O Ogier lançou um olhar pesaroso para a cama, depois começou a calçar as botas compridas.

— Mas por quê?

— Mantos-brancos — respondeu Perrin. — Mais tarde eu explico melhor. — Ele se afastou da porta antes que Loial pudesse fazer mais perguntas.

Não desfizera as malas. Depois de afivelar a aljava, vestir o manto, jogar o cobertor e os alforjes no ombro e recolher o arco, não havia sinal de que estivera ali. Nem uma ruga nos cobertores dobrados ao pé da cama ou um respingo de água na bacia rachada do lavatório. Até o pavio da vela de sebo estava novo, reparou. *Eu já devia saber que não iríamos ficar. Nos últimos tempos, pareço não deixar qualquer rastro.*

Como ele suspeitava, uma escada estreita nos fundos levava a um corredor que passava pela cozinha. Ele deu uma espiadela cautelosa para dentro do aposento. Um cão corria em uma grande roda de vime, girando um longo espeto que continha um lombo de cordeiro, uma grande peça de carne de boi, cinco frangos e um ganso. Um vapor de cheiro agradável saía do caldeirão de sopa, que pendia de um robusto suporte sobre um segundo fogão. Mas não havia cozinheiro à vista, nem qualquer outra alma além do cachorro. Grato pelas mentiras de Orban, ele disparou noite afora.

O estábulo era uma larga estrutura feita com as mesmas pedras da estalagem, embora apenas as faces em torno da grande porta fossem polidas. Um único lampião pendia de um poste da estrebaria, fornecendo uma iluminação fraca. Galope e os outros cavalos estavam em baias perto da porta. A enorme montaria de Loial quase enchia todo o espaço da

própria baía. O cheiro de feno e cavalos era familiar e reconfortante. Perrin foi o primeiro a chegar.

Havia apenas um cavaleiro em serviço, um sujeito de rosto fino vestindo uma camisa suja, com cabelos escorridos e grisalhos, que exigiu saber quem era Perrin para pedir quatro cavalos selados, quem era seu mestre e o que ele estava fazendo todo pronto para viajar bem no meio da noite. Além disso, queria saber se Mestre Furlan estava ciente de que ele estava fugindo daquele jeito sorrateiro e o que escondia naqueles alforjes. E o que havia de errado com seus olhos, estava doente?

Uma moeda foi lançada por alguém atrás de Perrin, reluzindo dourada à luz da lanterna. O cavaleiro agarrou-a e cravou os dentes nela.

— Sele os cavalos — mandou Lan. A voz era tão suave quanto ferro frio, e o cavaleiro curvou-se em uma mesura e correu para aprontar os cavalos.

Moiraine e Loial chegaram ao estábulo bem na hora que as rédeas ficaram prontas, e logo todos conduziam os cavalos atrás de Lan, descendo uma rua que passava por trás do estábulo, em direção ao rio. O som suave de cascos batendo nos paralelepípedos atraiu apenas um cachorro magrelo, que soltou um latido e saiu correndo ao vê-los passar.

— Isso traz lembranças, não traz, Perrin? — perguntou Loial, baixinho.

— Fale baixo — sussurrou Perrin. — Que lembranças?

— Ora, é como nos velhos tempos. — O Ogier conseguiu falar mais baixo; ainda soava como uma abelha gigante, mas do tamanho de um cachorro, não de um cavalo. — Fugindo sorrateiros no meio da noite, com inimigos atrás de nós, talvez mais inimigos adiante, e o perigo no ar, o frio na barriga.

Perrin franziu a testa para Loial, por cima da sela de Galope. Não foi muito difícil: Loial estava logo atrás, a cabeça, os ombros e o peito bem acima do cavalo.

— Que conversa é essa? Acho que está começando a gostar do perigo! Loial, você deve ter ficado maluco!

— Estou só gravando a sensação do momento na mente — retrucou Loial, em um tom formal. Ou talvez defensivo. — Para o livro. Preciso pôr tudo no livro. Acho que estou começando a gostar. De aventura. É claro que estou. — As orelhas deram duas sacudidas violentas. — Preciso gostar, se quiser escrever a respeito.

Perrin sacudiu a cabeça.

No cais de pedra, balsas que pareciam barcas descansavam sob a noite quieta e escura, assim como a maior parte dos navios. No entanto, pessoas e luzes de lampiões movimentavam-se perto de uma embarcação

de dois mastros, e também no convés. Os cheiros marcantes eram de alcatrão e corda, com fortes toques de peixe, embora algo no depósito mais próximo emitisse aromas picantes que quase sobrepujavam os outros.

Lan localizou o capitão, um homem baixo e esguio, que tinha a mania estranha de inclinar a cabeça enquanto escutava os outros. A barganha logo terminou, e hastes fundas e de apoio foram armadas para içar os cavalos a bordo. Perrin ficou de olho nos animais, conversando com eles. Cavalos tinham baixa tolerância para o incomum, como serem içados no ar, mas a conversa de Perrin conseguiu acalmar até o garanhão do Guardião.

Lan entregou ouro ao capitão e prata a dois marinheiros que correram descalços até um depósito, para buscar sacos de aveia. Mais tripulantes amarravam os cavalos entre os mastros, em uma espécie de cercado feito de corda, o tempo inteiro resmungando sobre a sujeira que seriam obrigados a limpar. Perrin achou que não era para ninguém ouvir, mas sua audição apurada o fez entender as palavras. Os homens não estavam acostumados aos cavalos.

Mais do que depressa, o *Ganso das Neves* estava pronto para zarpar, apenas um pouco antes do que o capitão, Jaim Adarra, pretendia. Lan conduziu Moiraine para baixo enquanto as cordas eram desamarradas, e Loial os seguiu, bocejando. Perrin permaneceu no gradil próximo à proa, e cada bocejo do Ogier induzia um dele. O rapaz se perguntou se o *Ganso das Neves* seria capaz de deixar os lobos para trás, de deixar os sonhos para trás. Os homens começaram a aprontar os remos para tirar a embarcação do cais.

Quando a última corda foi arremessada em terra firme e puxada por um doqueiro, uma moça de saias divididas irrompeu das sombras entre dois depósitos com uma trouxa nos braços e um manto escuro drapejando atrás de si. Ela saltou no convés bem na hora em que os homens começavam a empurrar os remos.

Adarra saiu apressado de seu lugar na cana do leme, mas ela pousou a trouxa com calma e anunciou, ávida:

— Vou descer o rio até... hã... digamos... até onde *ele* estiver indo. — Ela indicou Perrin com a cabeça, sem olhar para o rapaz. — Não faço objeções em dormir no convés. O frio e a umidade não me incomodam.

Seguiram-se alguns minutos de barganha. Ela entregou três marcos de prata, franziu a testa para os cobres que recebeu de troco, guardou-os na bolsa e foi andando até ao lado de Perrin.

A moça exalava um perfume floral, leve, fresco e limpo. Aqueles olhos escuros e oblíquos o encararam por cima das altas maçãs do rosto, depois

viraram-se para olhar para trás, em direção à costa. Os dois tinham a mesma idade, ele concluiu, mas não soube dizer se o nariz da moça combinava com o rosto dela ou se sobressaía demais. *Você é um idiota, Perrin Aybara. Por que se importa com a aparência dela?*

O espaço entre o barco e o cais já tinha cerca de vinte passos, e os remos alcançavam mais fundo, formando sulcos brancos na água negra. Por um instante, ele considerou empurrar a garota para fora.

— Bem — disse a moça, depois de um instante —, não esperava que minhas viagens me levassem de volta a Illian assim tão cedo. — Ela tinha a voz aguda e um jeito inexpressivo de falar, mas não era desagradável. — É para *lá* que você vai, não é? — Ele comprimiu os lábios. — Não fique de mau humor. Você deixou a maior bagunça para trás, junto com aquele Aiel. O alvoroço tinha acabado de começar quando eu saí.

— Você não contou nada a eles? — perguntou, surpreso.

— O povo está pensando que o Aiel mastigou a corrente ou partiu o metal com as próprias mãos. Quando fui embora, ainda não tinham se decidido. — Ela fez um barulho que soou bastante como uma risadinha. — Orban fez questão de dizer em alto e bom som que seus ferimentos o impediriam de sair pessoalmente à caça do Aiel.

Perrin soltou uma bufada de desdém.

— Se esse cara vir um Aiel de novo, vai se borrar todo. — Ele pigarreou. — Desculpe.

— Não sei, não — respondeu ela, como se a observação não tivesse sido nada de mais. — Pude vê-lo em Jehannah, durante o inverno. Ele lutou contra quatro ao mesmo tempo, matou dois e fez os outros se renderem. É claro que foi ele quem começou a briga, o que enfraquece um pouco a história, mas eles sabiam o que estavam fazendo. Ele não puxou briga com homens incapazes de se defender. Mesmo assim é um idiota. Tem umas ideias bem peculiares a respeito da Grande Floresta Negra. Que alguns chamam de Floresta das Sombras. Já ouviu falar?

Ele a olhou de soslaio. Ela falava de lutas e com a mesma tranquilidade com que outras mulheres falariam sobre assar pães. Ele nunca ouvira falar da Grande Floresta Negra, mas a Floresta das Sombras ficava logo ao sul de Dois Rios.

— Você está me seguindo? Estava me encarando, lá na estalagem. Por quê? E por que não contou a eles o que viu?

— Um Ogier — respondeu ela, olhando o rio — é obviamente um Ogier, e os outros não foram muito difíceis de desvendar. Eu consegui dar uma espiada muito melhor que a de Orban por debaixo do capuz de *Lady Alys*, e

o rosto dela indica que o sujeito com cara de pedra é um Guardião. Que a Luz me queime se eu quero aquele ali irritado comigo. Ele tem sempre aquela cara, ou será que comeu uma pedra no jantar? De qualquer forma, só sobrou você. Não gosto de coisas que não consigo entender.

Mais uma vez, ele considerou atirá-la para fora do navio. Dessa vez, a sério. Remen, porém, era só um borrão de luz bem atrás na escuridão, e era difícil saber a que distância estavam da costa.

Ela pareceu interpretar o silêncio de Perrin como um sinal para prosseguir.

— Então eu tinha uma... — Ela olhou em volta, depois baixou a voz, embora o tripulante mais próximo estivesse remando a dez pés de distância. — ...uma Aes Sedai, um Guardião, um Ogier... e você. Um camponês, à primeira vista. — Ela ergueu os olhos oblíquos e estudou os dele com atenção. Ele se recusou a desviar o olhar, e ela sorriu. — Mas você libertou um Aiel enjaulado, teve uma longa conversa com ele e depois o ajudou a transformar uma dúzia de Mantos-brancos em salsichas. Presumo que faça isso com regularidade. Não pareceu que estivesse fazendo algo fora do comum. Farejo algo estranho em um grupo de viajantes como esse seu, e um Caçador está sempre à procura de rastros estranhos.

Ele piscou. Não podia haver engano naquela ênfase.

— Caçador? Você não pode ser um Caçador. É uma garota.

Ela abriu um sorriso tão inocente que ele quase se afastou. Depois ela deu um passo atrás e fez um floreio com cada uma das mãos. Em instantes, segurava duas facas, da mesma forma que Thom Merrilin faria. Um dos homens que remava soltou um arquejo, e dois outros se atrapalharam. Os remos se embolaram, desgovernados, e o *Ganso das Neves* deu uma pequena guinada, até que os gritos do capitão endireitaram o rumo. Quando tudo se acertou, a garota dos cabelos pretos já fizera as facas desaparecerem outra vez.

— Dedos ágeis e inteligência levam muito mais longe que uma espada e alguns músculos. Olhos afiados também ajudam, mas por sorte eu tenho isso tudo.

— Além de muita modéstia — resmungou Perrin.

Ela não pareceu ouvir.

— Eu fiz o juramento e recebi a bênção na Grande Praça de Tammaz, em Illian. Talvez eu fosse *mesmo* a mais nova, porém, no meio daquela multidão, com trompetes, tambores, címbalos, gritaria... uma criança de seis anos poderia ter feito o juramento e ninguém perceberia. Havia mais de mil de nós, talvez dois mil, e cada um tinha uma ideia de onde encontrar

a Trombeta de Valere. Eu tenho a minha, e ainda acho que talvez seja a correta, mas nenhum Caçador pode se dar ao luxo de deixar de lado um rastro estranho. A Trombeta sem dúvida está na ponta de um rastro estranho, e eu nunca vi um mais esquisito do que o que vocês estão deixando. Para onde estão indo? Illian? Algum outro lugar?

— Qual era a sua ideia? — perguntou Perrin. — Sobre onde está a Trombeta? — *A salvo em Tar Valon, assim espero, e a Luz permita que eu jamais a veja outra vez.* — Acha que está em Ghealdan?

Ela franziu a testa para ele, que teve a impressão de que ela não desistia de uma pista depois de descobri-la, mas estava disposto a oferecer quantas pistas paralelas ela quisesse. Foi então que ela perguntou:

— Já ouviu falar em Manetheren?

Perrin quase engasgou.

— Já ouvi, sim — respondeu, cauteloso.

— Todas as rainhas de Manetheren eram Aes Sedai, e os reis eram os Guardiões ligados a elas. Não consigo imaginar um lugar assim, mas é o que os livros contam. Era uma terra grande, pegava a maior parte de Andor e de Ghealdan e ainda outras terras. Mas a capital, a cidade em si, ficava nas Montanhas da Névoa. É lá que eu acredito que esteja a Trombeta. A não ser que vocês quatro me levem até ela.

Os pelos do pescoço de Perrin se eriçaram. Ela dava explicações como se ele fosse um grosseirão de aldeia, um ignorante.

— Você não vai encontrar a Trombeta, e nem Manetheren. A cidade foi destruída durante as Guerras dos Trollocs, quando a última rainha recorreu ao Poder Único para destruir os Senhores do Medo que tinham matado seu marido. — Moiraine dissera os nomes do rei e da rainha, mas ele não conseguia se lembrar.

— Não em Manetheren, fazendeiro — respondeu ela, muito calma —, embora uma terra como aquela desse um bom esconderijo. Mas existiram outras nações, outras cidades nas Montanhas da Névoa, tão antigas que nem mesmo Aes Sedai se lembram delas. E pense em todas aquelas histórias que dizem que dá azar adentrar as montanhas. Que lugar melhor para se esconder a Trombeta do que em uma dessas cidades esquecidas?

— Ouvi histórias de algo escondido nas montanhas. — Será que ela acreditaria nele? Nunca tivera muito talento para mentir. — Elas não explicam muito bem, mas parece que é o maior tesouro do mundo, então talvez seja a Trombeta. Mas as Montanhas da Névoa se estendem por centenas de léguas. Se pretende encontrá-la, não deveria perder tempo nos

seguindo. Vai ter que se esforçar muito para encontrar a Trombeta antes de Orban e Gann.

— Eu já disse, aqueles dois têm uma suspeita estranha de que a Trombeta esteja escondida na Grande Floresta Negra. — Ela sorriu para ele. Quando ela sorria, sua boca não parecia tão grande. — E eu disse que um Caçador tem que ir atrás de pistas estranhas. Você teve sorte por Orban e Gann terem se ferido lutando contra todos aqueles Aiel, ou os dois também estariam a bordo. Pelo menos não vou tentar atrapalhar você, nem tentar assumir o controle, ou arrumar briga com o Guardião.

Ele soltou um grunhido indignado.

— Garota, somos apenas viajantes a caminho de Illian. Qual é o seu nome? Se vamos passar alguns dias juntos neste navio, não posso ficar chamando você de garota.

— Eu me chamo Mandarb. — Ele não conseguiu segurar o riso. Os olhos oblíquos o encararam com raiva. — Vou lhe dizer uma coisa, fazendeiro. — Ela manteve a voz inexpressiva. Por pouco. — Na Língua Antiga, Mandarb significa “lâmina”. É um nome digno de um Caçador da Trombeta!

Ele conseguiu controlar o riso, e já quase não soltava guinchinhos quando apontou para o cercado entre os mastros.

— Está vendo aquele garanhão preto? O nome dele é Mandarb.

A raiva desapareceu dos olhos dela, e dois círculos vermelhos brotaram em suas bochechas.

— Ah. Eu nasci Zarine Bashere, mas Zarine não é nome para uma Caçadora. Nas histórias, os Caçadores têm nomes como Rogosh Olho-de-água.

A expressão da moça era tão abatida que ele se apressou em dizer:

— Gosto do nome Zarine. Combina com você. — Os olhos dela voltaram a encará-lo com raiva, e por um instante Perrin achou que ela estava prestes a exhibir uma das facas outra vez. — Está tarde, Zarine. Quero dormir um pouco.

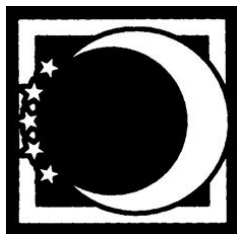
Ele virou as costas e começou a caminhar em direção à escotilha que levava ao deque inferior, uma comichão percorrendo seus ombros. Os tripulantes ainda remavam no convés. *Idiota. Uma garota não enfiaria uma faca em mim. Não com todas essas pessoas olhando. Ou será que enfiaria?* Quando chegou à escotilha, ela o chamou.

— Fazendeiro! Talvez eu passe a me chamar Faile. Meu pai me chamava assim quando eu era pequena. Quer dizer “falcão”.

Ele se enrijeceu e quase errou o primeiro degrau da escada. *Coincidência.* Obrigou-se a descer sem olhar para trás. *Tem que ser.* O

corredor estava escuro, mas o luar que entrava era suficiente para enxergar o caminho. Dentro de uma das cabines, alguém roncava alto. *Min, por que você tinha que ficar prevendo coisas?*





Filha da Noite

Ao perceber que não havia meio de saber qual cabine era a dele, Perrin enfiou a cabeça em várias. As luzes estavam apagadas, e em todas havia dois homens dormindo nas camas estreitas, embutidas uma de cada lado da parede. Todas, exceto uma. Nela Loial estava sentado no chão entre as duas camas, todo espremido, absorto em seu caderno de anotações com capa de tecido, escrevendo à luz de uma lanterna acoplada a um giroscópio. O Ogier queria conversar sobre os acontecimentos do dia. Mas Perrin, cuja mandíbula rangia com o esforço de conter os bocejos, pensou que, àquela altura, o navio já devia estar rio abaixo o bastante para que pudesse dormir em segurança. Sonhar em segurança. Mesmo que tentassem, os lobos não seriam capazes de manter a velocidade dos remos e da corrente.

Ele enfim encontrou uma cabine sem janelas e vazia, o que para ele já bastava. Queria ficar sozinho. *O nome foi coincidência, só isso*, ele pensou enquanto acendia o lampião suspenso na parede. *Seja como for, o nome verdadeiro dela é Zarine*. No entanto, a garota de maçãs do rosto elevadas e olhos escuros e oblíquos não dominava seus pensamentos. Ele deixou o arco e os outros pertences em uma das camas estreitas, jogou o manto por cima de tudo e sentou-se na outra para tirar as botas.

Elyas Machera, um homem de alguma forma ligado aos lobos, encontrara um jeito de conviver com o que era e não enlouquecera. Pensando bem, Perrin tinha certeza de que Elyas já vivia daquela forma havia muitos anos. *Ele deseja ser desse jeito. Seja como for, aceita o que é*. Essa não era a solução. Perrin não queria viver assim, não queria aceitar. *Mas, quando temos material para fazer uma faca, basta aceitar e fazer uma*

faca, mesmo que prefira um machado de madeira. Não! Minha vida é mais que um pedaço de ferro a ser moldado.

Com cuidado, tentou sentir os lobos com a mente e encontrou... nada. Ah, havia a leve impressão de lobos em algum lugar distante, mas ela se desvanecia mesmo enquanto ele a examinava. Pela primeira vez em muito tempo, estava só. Na mais abençoada solidão.

Apagou o lampião com um sopro e se deitou pela primeira vez em dias. *Como, pela Luz, Loial vai conseguir deitar em uma cama dessas? Aquelas noites quase sem dormir pesaram sobre seu corpo, e a exaustão fez seus músculos relaxarem. Ocorreu a ele que conseguira tirar o Aiel da cabeça. E os Mantos-brancos. Machado abandonado pela Luz! Que me queime, queria jamais ter visto aquilo!* foram seus últimos pensamentos antes de cair no sono.

* * *

Uma névoa densa e cinzenta o envolvia, tão densa e tão baixa que ele não conseguia enxergar as próprias botas, e tão espessa, de todos os lados, que ele não era capaz de distinguir qualquer coisa a mais de dez passos de distância. Sem dúvidas não havia nada mais perto. Poderia haver qualquer coisa dentro daquela névoa. Ela parecia errada, não era nem um pouco úmida. Perrin levou a mão ao cinturão em busca do conforto de saber que podia se defender. Levou um susto. O machado não estava lá.

Algo se movia na neblina, serpenteava na escuridão. Algo vinha em sua direção.

Ele ficou tenso, considerando se seria melhor correr ou ficar e lutar com as próprias mãos, se perguntando se haveria algo para lutar com ele.

A ondulação crescente que penetrava a neblina revelou-se um lobo, a silhueta felpuda quase se fundindo à névoa densa.

Saltador?

O lobo hesitou, depois caminhou para perto dele. Era Saltador, tinha certeza, mas algo na postura do animal, algo naqueles olhos amarelos que cruzaram os dele por um instante, exigia que tanto o corpo quanto a mente de Perrin fizesse silêncio. Os olhos também exigiam que ele o seguisse.

O rapaz pousou a mão no dorso do lobo, e Saltador começou a caminhar. Deixou-se conduzir. A pelagem sob sua mão era espessa e emaranhada. Parecia real.

A névoa se intensificou até que apenas a visão de sua mão garantia que Saltador ainda estava ali, até que uma olhada para baixo não revelasse nada

além do próprio peitoral. Apenas névoa cinzenta. Considerando o que via, poderia muito bem estar envolto em lã recém-tosquiada. Ficou impressionado ao perceber que também não ouvia nada. Nem mesmo o som dos próprios passos. Mexeu os dedos dos pés e ficou aliviado em senti-los dentro das botas.

O cinza tornou-se ainda mais escuro, mas ele e o lobo continuaram avançando em meio ao breu. Não conseguia ver a mão nem mesmo ao tocar o próprio nariz. Aliás, sequer enxergava o nariz. Experimentou fechar os olhos por um instante e não percebeu diferença alguma. Ainda não havia som. Sentia o pelo espesso de Saltador na palma da mão, mas não sabia ao certo se conseguia sentir algo sob as botas.

De súbito Saltador parou, forçando-o a parar também. Perrin olhou em volta... e fechou os olhos depressa. Naquele momento, podia sentir a diferença. E também sentia outra coisa, um embrulho nauseante no estômago. Forçou-se a abrir os olhos e olhar para baixo.

O que viu não poderia estar ali, a menos que ele e Saltador estivessem flutuando. Ele não via parte alguma do lobo ou de si mesmo, era como se nenhum dos dois fosse corpóreo. Pensar naquilo causou um nó gigantesco em seu estômago. E sob seus pés, claro como se iluminado por mil lâmpadas, estendia-se um imenso conjunto de espelhos que pareciam suspensos no vazio escuro, embora tão estáveis quanto se estivessem apoiados no chão. Havia espelhos em todas as direções, até onde a vista alcançava, mas bem abaixo de seus pés havia um espaço. Ocupado por pessoas. De repente, Perrin pôde ouvi-las com tanta clareza quanto se estivesse no meio delas.

— Grande Senhor — murmurou um dos homens —, que lugar é esse? — Ele olhou ao redor, encolhendo-se ao ver a própria imagem refletida mil vezes, e manteve os olhos firmes à frente. Os outros, agrupado à sua volta, pareciam ainda mais amedrontados. — Eu estava dormindo em Tar Valon, Grande Senhor. *Estou* dormindo em Tar Valon! Que lugar é esse? Será que enlouqueci?

Alguns dos homens ao redor dele usavam casacos adornados e cheios de bordados, outros, trajes mais simples, e ainda outros pareciam estar nus ou em roupas debaixo.

— Eu também — disse um homem nu, quase gritando. — Estou dormindo em Tear. Me lembro de ter deitado na cama com a minha mulher!

— E eu, no caso, estou dormindo em Illian — arrematou um sujeito vestido em dourado e vermelho, parecendo abalado. — Sei que estou

dormindo, isso nem faz sentido. Sei que estou sonhando, mas parece impossível. Onde fica isso aqui, Grande Senhor? O senhor veio mesmo a mim?

O sujeito de cabelos escuros que os encarava vestia trajes pretos com renda prateada no pescoço e nos punhos. Vez ou outra levava a mão ao peito, como se sentisse dor. Lá embaixo estava bem iluminado, mas a luz não vinha de lugar algum. Mesmo assim, o homem abaixo de Perrin parecia envolto em sombras. A escuridão o envolvia, o afagava.

— Silêncio! — O homem de negro não falou alto, mas não havia necessidade. Ao dizer essa palavra, ergueu a cabeça. Seus olhos e boca eram buracos abertos para uma forja ardente, envolta em chamas e fogo intenso.

Naquele momento, Perrin soube quem era o homem. Ba'alzamon. Encarava Ba'alzamon em pessoa. O medo o atravessou como uma lança. Teria corrido, mas não conseguia sentir os pés.

Saltador se mexeu. Perrin sentiu o pelo espesso sob a mão e agarrou-o com força. Algo real. Algo mais real do que o que via, esperava. Mas sabia que ambos eram reais.

Os homens agrupados se acovardaram.

— Vocês receberam tarefas — continuou Ba'alzamon. — Algumas delas foram cumpridas. Em outras, vocês fracassaram. — Volta e meia seus olhos e boca desapareciam em meio às chamas, e os espelhos faiscavam ao refletir o fogo. — Os que foram marcados para a morte devem morrer. Os que foram marcados para captura devem se curvar a mim. Não há perdão para aqueles que desapontam o Grande Senhor das Trevas. — O fogo reluzia em seus olhos, a escuridão redemoinhava ao seu redor. — Você. — Ele apontou o dedo para o homem que falara de Tar Valon, um sujeito em trajes de mercador, roupas de tecido fino e corte reto. Os outros se afastaram como se o homem estivesse com febre melancólica, deixando-o se acovardar sozinho. — Você permitiu que o rapaz fugisse de Tar Valon.

O homem gritou e começou a tremer como uma lima quando batida em uma bigorna. Pareceu perder a firmeza, e seu grito enfraqueceu com ele.

— Vocês todos estão sonhando — explicou Ba'alzamon —, mas o que acontece neste sonho é real. — O sujeito que gemia transformou-se em um monte de névoa de forma humana, os gritos ficaram distantes, depois até mesmo aquela névoa desapareceu. — Temo que ele jamais acordará. — O Senhor das Trevas riu, e de sua boca saiu uma labareda. — O restante de vocês não me desapontará outra vez. Fora! Acordem e obedeçam! — Os outros homens desapareceram.

Por um instante Ba'alzamon permaneceu só. Então de súbito uma mulher surgiu ao lado dele, toda coberta em branco e prata.

Perrin ficou chocado. Jamais esqueceria uma mulher tão bela. Era a mulher de seu sonho, a que lhe oferecera glória.

Um trono em prata ornamentada surgiu atrás dela, que se sentou, ajeitando as saias de seda com cuidado.

— Faz livre uso de meu domínio — comentou.

— Seu domínio? — retrucou Ba'alzamon. — Então está reivindicando a posse? Não serve mais ao Grande Senhor das Trevas? — Por um instante, a escuridão ao redor dele tornou-se mais espessa, parecia fervilhar.

— Eu sirvo — respondeu ela, mais do que depressa. — Sirvo ao Senhor do Crepúsculo há muito tempo. E passei muito tempo aprisionada, por servi-lo, aprisionada em um sono infinito e sem sonhos. Sonhos só são negados a Homens Cinza e Myrddraal. Até os Trollocs podem tê-los. Os sonhos sempre foram meus, para desfrutar e percorrer. Agora estou livre outra vez, e usarei o que é meu.

— O que é seu — concordou Ba'alzamon. A escuridão que o rodeava parecia contente. — Você sempre se considerou mais grandiosa do que é, Lanfear.

O nome atingiu Perrin, cortando-o tão bem quanto uma faca recém-amolada. Um dos Abandonados passeara em seus sonhos. Moiraine estava certa. Alguns deles estavam livres.

A mulher de branco estava de pé, e o trono havia desaparecido.

— Sou o que sou. Qual foi o resultado de seus planos? Mais de três mil anos controlando marionetes que ocupam tronos, sussurrando em seus ouvidos e puxando seus cordéis, tal e qual uma Aes Sedai! — A voz imprimiu todo o desprezo possível ao título. — Três mil anos, e ainda assim Lews Therin caminha outra vez pelo mundo. E, além disso, essas Aes Sedai praticamente o tomaram sob as rédeas. Você pode controlá-lo? Pode trazê-lo para o seu lado? Ele era meu muito antes que Ilyena, aquela desgrenhada intrometida, pusesse os olhos nele! E será meu outra vez!

— Serve a si mesma agora, Lanfear? — A voz de Ba'alzamon era suave, mas as chamas continuavam a arder em seus olhos e boca. — Abandonou os votos ao Grande Senhor das Trevas? — Por um instante, a escuridão quase o obliterou, apenas o fulgor das labaredas podia ser visto. — Esses votos não são tão fáceis de quebrar quanto os juramentos à Luz, que você abandonou ao proclamar seu novo mestre, lá no Salão dos Servos. Seu mestre a possuirá para sempre, Lanfear. Vai servir, ou prefere uma eternidade de dor, agonizante e sem-fim?

— Eu sirvo. — Apesar das palavras, ela permanecia ativa e desafiadora. — Sirvo ao Grande Senhor das Trevas e a ninguém mais. Para sempre!

A enorme coleção de espelhos começou a desaparecer, como se ondas negras os cobrissem, chegando cada vez mais perto do centro. A onda cobriu Ba'alzamon e Lanfear. Restou apenas escuridão.

Perrin sentiu Saltador se mexer e ficou mais do que feliz em segui-lo, conduzido apenas pela sensação dos pelos sob a mão. Só quando se moveu percebeu que se mover era possível. Tentou entender o que acabava de ver, mas não conseguiu. Ba'alzamon e Lanfear. Estava com a boca seca. Por alguma razão, Lanfear o assustava ainda mais do que Ba'alzamon. Talvez porque tivesse estado em seus sonhos, lá nas montanhas. *Luz! Um dos Abandonados em meus sonhos! Luz!* E, a menos que não tivesse entendido, ela desafiara o Tenebroso. Tinha aprendido que a Sombra não exercia poder sobre quem a rejeitasse, mas como é que um Amigo das Trevas — e não um Amigo das Trevas qualquer: um dos Abandonados — podia desafiar a Sombra? *Eu devo estar louco, que nem o irmão de Simion. Esses sonhos me deixaram louco!*

Pouco a pouco, a escuridão se transformou outra vez em névoa, e a névoa se dispersou gradualmente, até que ele avançou com Saltador para uma encosta gramada, iluminada pelo dia. Pássaros começaram a cantar em uma moita aos pés da colina. Ele olhou para trás. Uma planície com alguns montes, entremeada de grupos de árvores, se estendia até o horizonte. Não havia sinal de neblina. O lobo robusto e cinzento o observava.

— O que foi aquilo? — indagou, lutando com a própria mente para transformar a pergunta em pensamentos que o lobo compreendesse. — Por que me mostrou aquilo? O que era?

Emoções e imagens inundaram seus pensamentos, e sua mente as nomeou com palavras. *O que precisa ver. Cuidado, Jovem Touro. Este lugar é perigoso. Seja cauteloso como deve ser um filhote a caçar um porco-espinho.* A palavra viera como algo próximo de Lombadinhas Espinhentas, mas sua mente nomeou o animal da forma que ele conhecia como humano. *Você é muito jovem, muito novo.*

— Foi real?

Tudo é real, o que se vê e o que não se vê. Parecia que essa seria a única resposta de Saltador.

— Saltador, como é que você está aqui? Eu vi você morrer. Senti você morrer!

Todos estão aqui. Todos os irmãos e irmãs que são, todos os que foram, todos os que serão. Perrin sabia que lobos não sorriam, não como os humanos, mas por um instante teve a impressão de que Saltador exibia um sorriso grande. *Aqui, eu plano como as águias.* O lobo se aprumou e saltou para o ar. Foi levado mais e mais para o alto, até transformar-se em um pontinho no céu. Um último pensamento veio de lá. *Planar.*

Perrin o encarava de boca aberta. *Ele conseguiu.* De repente seus olhos começaram a arder, então pigarreou e esfregou o nariz. *Daqui a pouco vou começar a chorar como uma garotinha.* Sem pensar, olhou em volta para conferir se tinha sido visto, e tudo mudou depressa.

Ele estava de pé sobre um aclive, com depressões e elevações sombrias e indistintas ao redor. Pareciam desaparecer a distância. Rand estava mais abaixo. Rand, um círculo disforme de Myrddraal e alguns homens e mulheres que reparou de relance. Cães uivavam a distância, e Perrin soube que estavam caçando alguma coisa. O cheiro de Myrddraal e o fedor de enxofre saturavam o ar. Os pelos da nuca de Perrin se eriçaram.

O círculo de Myrddraal e pessoas aproximou-se de Rand, todos caminhando como sonâmbulos. E Rand começou a matá-los. Bolas de fogo voaram de suas mãos e queimaram dois. Raios caíram do céu e paralisaram outros. Barras de luz que pareciam aço branco de tão incandescente voaram de seus punhos em direção a mais outros. Os sobreviventes continuavam a se aproximar devagar, como se não vissem o que estava acontecendo. Morreram um a um, até que não sobrou ninguém, e Rand caiu de joelhos, ofegante. Perrin não tinha certeza de que ele ria ou chorava, parecia um pouco dos dois.

Silhuetas surgiram dos aclives, mais gente chegando, mais Myrddraal, todos atrás de Rand.

Perrin levou as mãos em concha à boca.

— Rand! Rand, tem mais vindo!

O rapaz olhou para cima ainda agachado, rosnando, o suor escorrendo pelo rosto.

— Rand, eles estão...!

— Que o queime! — uivou o amigo.

A luz ardeu os olhos de Perrin, a dor queimou-o inteiro.

* * *

Gemendo, ele se encolheu na cama estreita em posição fetal, a luz ainda queimando atrás de suas pálpebras. Seu peito doía. Ele levou as mãos ao

peitoral e estremeceu ao sentir uma queimadura sob a camisa, não maior que uma moeda de prata.

Pouco a pouco, forçou os músculos retesados, esticou as pernas e estirou-se na cabine escura. *Moiraine. Dessa vez, tenho que contar a Moiraine. Só preciso esperar a dor passar.*

Porém, quando a dor começou a se esvaír, a exaustão o consumiu. Ele mal conseguiu pensar que precisava se levantar antes que o sono o envolvesse outra vez.

Quando abriu os olhos de novo, viu que estava deitado, encarando as vigas no teto. A luz que entrava pelas frestas da porta informava que a manhã já havia chegado. Ele pôs a mão no peito para se convencer de que tudo fora imaginação, uma imaginação tão vívida que ele de fato sentira uma queimadura...

Seus dedos encontraram a queimadura. *Então não foi imaginação.* Ele teve vagas lembranças em relação a outros sonhos, que sumiram assim que se recordou. Sonhos corriqueiros. Até sentia que tivera uma boa noite de sono. *E poderia ter outra agorinha mesmo.* Mas isso significava que ele podia dormir. *Desde que não haja lobos por perto, de qualquer forma.*

Ele se lembrou de ter tomado uma decisão naquele breve despertar depois do sonho com Saltador, e após um instante concluiu que era uma boa decisão.

Para encontrar Moiraine, foi preciso bater em cinco portas e ser xingado duas vezes — os habitantes de duas cabines haviam saído para o deque. Ela estava vestida, sentada de pernas cruzadas em uma das camas estreitas, lendo seu caderno de anotações à luz de um lampião. Perrin reparou que o caderno estava aberto no início, na parte das anotações que ela devia ter feito antes de chegar a Campo de Emond. Os pertences de Lan estavam organizados sobre a outra cama.

— Eu tive um sonho — contou, e começou a relatá-lo. Contou tudo. Até levantou a camisa para mostrar o pequeno círculo vermelho no peito, com linhas onduladas saindo do centro. Escondera coisas dela antes, e suspeitava que o faria outra vez, mas talvez aquilo fosse importante demais para não contar. O parafuso era a menor peça de uma tesoura e a mais fácil de se fazer, mas sem ele a tesoura não funcionava. Quando terminou, ficou parado, esperando.

Ela o observara sem expressão, exceto pelos olhos negros que haviam examinado, pesado, medido, considerando cada palavra que saíra da boca dele. Ela estava sentada na mesma posição, mas dessa vez era a ele que examinava, pesava, media e considerava.

— Então, é importante? — inquiriu ele, por fim. — Acho que foi um daqueles sonhos de lobo de que você falou. Tenho certeza, só pode ter sido! Mas isso não torna real o que eu vi. Só que você disse que talvez alguns dos Abandonados estejam à solta, e ele a chamou de Lanfear, e... é importante ou estou aqui parado fazendo papel de idiota?

— Existem mulheres — respondeu ela, devagar — que fariam de tudo para amansá-lo se ouvissem o que acabou de me contar. — Ele sentiu os pulmões congelarem. Não conseguia respirar. — Não estou acusando você de ser capaz de canalizar — prosseguiu, e o gelo dentro dele derreteu —, nem sequer de ser capaz de aprender. Uma tentativa de amansamento não lhe faria mal algum, a não ser pelo tratamento rude que receberia da Ajah Vermelha antes que elas percebessem o erro. Homens assim são tão raros que nem as Vermelhas, apesar de todas as suas buscas, encontraram mais de três nos últimos dez anos. Pelo menos antes da epidemia de falsos Dragões. O que estou tentando deixar claro é que não acho que você vá começar a manipular o Poder de uma hora para outra. Não precisa ter medo disso.

— Ora, muito obrigado — retrucou ele, em um tom amargo. — Não precisava ter me assustado tanto só para depois vir dizer que não tenho motivo para me preocupar!

— Ah, mas há motivo para se preocupar. Ou pelo menos para ser cauteloso, como sugeriu o lobo. Irmãs Vermelhas, ou outras, podem matá-lo antes de descobrirem que você não precisa ser amansado.

— Luz! Que a Luz me queime! — Ele a encarou com o rosto franzido. — Você está tentando me levar na rédea curta, Moiraine, mas eu não sou um bezerrinho, nem ando com aro no nariz. A Ajah Vermelha ou alguma outra não pensaria em me amansar, a não ser que houvesse algo de real em tudo o que eu sonhei. Isso quer dizer que os Abandonados estão à solta?

— Eu já disse que pode ser que sim. Alguns deles. Seus... sonhos não são nada do que eu imaginei que seriam, Perrin. Sonhadores escreveram a respeito dos lobos, mas eu não esperava algo assim.

— Bem, acho que foi real. Acho que vi uma coisa que aconteceu de verdade, uma coisa que eu não deveria ter visto. — *O que precisa ver.* — Acho que, no mínimo, Lanfear está à solta. O que você vai fazer?

— Vou para Illian. E depois para Tear, onde espero chegar antes de Rand. Tivemos que deixar Remen depressa demais para que Lan conseguisse descobrir se ele cruzou ou desceu o rio. Mas vamos descobrir antes de chegar a Illian. Se ele tiver seguido por aqui, encontraremos sinais. — Ela olhou o caderno como se quisesse retomar a leitura.

— É só isso que você vai fazer? Com Lanfear à solta, e sabe a Luz mais quantos outros?

— Não me questione — retorquiu, fria. — Você não sabe que perguntas fazer e compreenderia menos da metade das respostas, se eu as desse. E não darei.

Ele mudou de posição sob aquele olhar até ter certeza de que ela não falaria mais sobre o assunto. A camisa machucava ao encostar na queimadura em seu peito. Não parecia um ferimento muito feio — *Não para uma ferida causada por um raio, não mesmo!* —, mas como ele o havia adquirido era outra história.

— É... você pode curar isso?

— Já não se incomoda mais se o Poder Único for usado em você, Perrin? Não, não vou curar isso. Não é nada sério, e vai servir de lembrança para você ser cauteloso. — Cauteloso ao pressioná-la, ele sabia, mas também em relação aos sonhos e ao quanto revelava aos outros. — Mais alguma coisa, Perrin?

Ele começou a se dirigir à porta, mas parou.

— Tem uma coisa. Se soubesse que uma mulher se chama Zarine, acharia que o nome tem algum significado?

— Por quê, sob a Luz, está me fazendo essa pergunta?

— Uma garota — respondeu, constrangido. — Uma moça. Que eu conheci ontem à noite. É um dos outros passageiros. — Ele deixaria Moiraine descobrir sozinha que Zarine sabia que ela era Aes Sedai. E que parecia acreditar que eles poderiam conduzi-la até a Trombeta de Valere. Não esconderia nada que considerasse importante, mas, se Moiraine podia ser misteriosa, ele também podia.

— Zarine. É um nome de Saldaea. Mulher alguma daria esse nome à filha sem a certeza de que a moça seria de uma beleza estonteante. E destruidora de corações. Uma mulher que existe para ocupar almofadas palacianas, rodeada de servos e pretendentes. — Ela sorriu, um sorriso breve, mas que revelava bom humor. — Talvez tenha mais uma razão para tomar cuidado, Perrin, se há uma Zarine a bordo conosco.

— Eu pretendo tomar cuidado — respondeu. Pelo menos entendia por que Zarine não gostava do próprio nome. Pouco apropriado para uma Caçadora da Trombeta. *Contanto que ela não se chame de “falcão”.*

Quando chegou no deque, viu que Lan estava lá, observando Mandarb. E Zarine estava sentada em um rolo de corda perto do gradil, afiando uma das facas e olhando para ele. Com as grandes velas triangulares armadas e tesas, o *Ganso das Neves* seguia rio abaixo.

Zarine acompanhou Perrin com os olhos enquanto ele caminhava até a proa, para perto dela. A água formava ondas dos dois lados, como terra revolvida por um bom arado. Ele pensou nos sonhos e nos homens de Aiel, nas visões de Min e nos falcões. Seu peito doía. A vida *nunca* estivera tão confusa.

* * *

Rand despertou de um sono exaustivo, ofegante, o manto que usava como cobertor quase caindo. Um lado de seu corpo doía: era a antiga ferida de Falme latejando. A fogueira ardera até virar carvão, e só restavam algumas chamas tremulantes, mas ainda suficientes para movimentar as sombras. *Era Perrin. Era! Era ele, não era um sonho. De alguma forma. Eu quase o matei! Luz, preciso ter cuidado!*

Tremendo, ele pegou um pedaço de carvalho e começou a enfiar no carvão. As árvores eram escassas naquelas colinas murandianas, ainda perto do Manetherendrelle, mas ele encontrara no chão ramos suficientes para uma fogueira. A madeira era velha o bastante para ser curada a contento, mas não estava podre. Antes que o carvalho tocasse o carvão, ele parou. Cavalos se aproximavam, uns dez ou doze, vindo devagar. *Preciso ter cuidado. Não posso cometer outro erro.*

Os cavalos andaram em direção ao fogo fraco, adentraram a luz baixa e pararam. As sombras ocultavam os cavaleiros, mas a maioria parecia ser homens carrancudos com capacetes redondos e longos coletes cobertos de discos de metal que pareciam escamas de peixe. Um deles era uma mulher de cabelos grisalhos e expressão séria. Seu vestido escuro era todo feito de lã, mas da trama mais delicada, e adornado com um broche de prata no formato de um leão. Uma mercadora, ao que parecia. Conhecia o tipo pelos mercadores que iam comprar lã e tabaco em Dois Rios. Uma mercadora e seus guardas.

Preciso ter cuidado, pensou, ao levantar. *Não posso errar.*

— Escolheu um bom local para acampar, jovem — disse a mulher. — Já fiquei aqui várias vezes a caminho de Remen. Há uma pequena fonte aqui perto. Imagino que não se incomodaria em dividir o espaço comigo. — Os guardas já desmontavam dos cavalos, arrancando os cinturões e soltando as cilhas das selas.

— Não — respondeu Rand. *Cuidado.* Com dois passos, ele se aproximou o suficiente e deu um salto, girando. Flutuar da Flor de Cardo ao Vendaval. Uma espada de fogo com a marca da garça surgiu em suas mãos e arrancou

fora a cabeça da mulher antes mesmo que a surpresa se formasse no rosto dela. *Ela era a mais perigosa.*

Rand pousou no chão enquanto a cabeça da mulher rolava pela traseira do cavalo. Os guardas gritaram e agarraram as próprias espadas, urrando ao perceber que a dele queimava. Ele dançou entre os homens com as formas que Lan ensinara. Sabia que poderia ter matado todos com aço comum, mas a lâmina que manejava era parte dele. O último homem caiu. Tudo fora tão parecido com a prática das formas que ele já começara a embainhar a espada com a chamada Dobra do Leque quando lembrou que não usava bainha e que, se usasse, a lâmina a transformaria em cinzas.

Deixando a espada desaparecer, ele se virou para examinar os cavalos. A maioria fugira, mas alguns não haviam ido muito longe, e o capão alto da mulher estava parado, relinchando e revirando os olhos, perturbado. O corpo sem cabeça, estendido no chão, ainda segurava as rédeas com firmeza, puxando a cabeça do animal para baixo.

Rand soltou as rédeas, parando apenas para reunir seus poucos pertences antes de dar um giro e subir na sela. *Preciso ter cuidado*, ele pensou, enquanto olhava os mortos. *Não posso errar.*

O Poder ainda o preenchia, o fluxo de *saidin* mais doce que mel, mais rançoso que carne apodrecida. De repente, ele canalizou. Não entendia muito o que fazia, ou como, mas parecia certo e funcionava. Ergueu os corpos. Pousou-os todos em uma fileira, ajoelhados diante de si, com os rostos na lama. Os que ainda tinham rostos. De joelhos diante dele.

— Se eu *sou* o Dragão Renascido — disse a eles —, é assim que tem que ser, não é? — Largar *saidin* era difícil, mas ele conseguiu. *Se eu segurar por muito tempo, como vou manter a loucura afastada?* Solto uma risada amarga. *Ou será que é muito tarde para isso?*

Com a testa franzida, observou a fileira. Estava certo de que havia apenas dez homens, mas agora onze ajoelhavam-se em linha, um deles sem qualquer tipo de armadura, mas com uma adaga ainda na mão.

— Escolheu as companhias erradas — falou para o homem.

Ele rodopiou o capão, fincou os calcanhares no animal e o pôs a galope noite adentro. Seria uma longa viagem até Tear, mas pretendia avançar pelo caminho mais curto, mesmo que fosse preciso roubar ou matar cavalos. *Vou pôr um fim nisso. Na zombaria. Nas iscas. Vou acabar com tudo! Callandor.* Ela o chamava.





Fogo em Cairhien

Egwene deu um gracioso aceno de cabeça em resposta à mesura respeitosa do tripulante do navio que passou por ela, descalço, a caminho de puxar uma corda que já parecia bastante tesa, quem sabe para alterar milimetricamente o posicionamento de uma das grandes velas quadradas. Ao retornar para onde se encontrava o capitão de rosto redondo, ao lado do timoneiro, ele se curvou mais uma vez, e ela outra vez respondeu com um aceno, antes de voltar a atenção para a costa de Cairhien, coberta de florestas e separada do *Garça Azul* por menos de vinte braças de água.

Estavam passando por uma aldeia, ou o que um dia havia sido uma aldeia. Metade das casas fora reduzida a pilhas de entulho fumegantes, com chaminés se projetando das ruínas. Nas casas que ainda estavam de pé, portas balançavam ao vento, e peças de mobília, farrapos de roupas e artigos domésticos emporcalhavam as ruas imundas, espalhados como se tivessem sido atirados de qualquer jeito. Não havia vida naquele lugar, exceto por um cão meio faminto que ignorou a passagem do navio e seguiu trotando até desaparecer por detrás das paredes tombadas do que parecia uma estalagem. Não tinha como ver uma imagem daquelas sem sentir um embrulho no estômago, mas tentou manter o controle e a serenidade que julgava necessárias a uma Aes Sedai. Não ajudou muito. Para além da aldeia, uma espessa coluna de fumaça se elevava no céu. A três ou quatro milhas de distância, estimou.

Não era a primeira coluna de fumaça que via desde que o Erinin começara a correr pela costa de Cairhien, nem a primeira aldeia incendiada. Pelo menos daquela vez não havia corpos à vista. Às vezes o Capitão Ellisor

precisava navegar bem perto da costa cairhiena, por conta dos atoleiros — segundo o capitão, eles mudavam de lugar naquela parte do rio; entretanto, por mais perto que chegassem, ela ainda não vira vivalma.

A aldeia e a fumaça ficaram para trás, mas logo outra coluna de fumaça surgiu à vista, mais longe do rio. A floresta foi ficando mais esparsa, freixos, folhas-de-couro e sabugueiros deram lugar a salgueiros, abetos e carvalhos, além de outras árvores que ela não reconheceu.

O vento balançava seu manto, mas ela o deixou drapejar, sentindo a pureza fria do ar, sentindo a liberdade de usar marrom, em vez de qualquer tipo de branco, ainda que marrom não tivesse sido sua primeira escolha. Mesmo assim, o vestido e o manto eram feitos da melhor lã, muito bem cortados e cerzidos.

Outro marinheiro veio andando e fez uma medida ao passar. Ela jurou que aprenderia pelo menos um pouco do que os homens estavam fazendo, pois não gostava de se sentir ignorante. O anel da Grande Serpente na mão direita lhe rendia um bom número de medidas, já que o capitão e quase toda a tripulação haviam nascido em Tar Valon.

Ela vencera a discussão sobre se passarem por Aes Sedai, embora a outra tivesse certeza com Nynaeve de que era a única das três com idade suficiente para se passar por Aes Sedai completa. Nynaeve, porém, estava errada. Egwene tinha de admitir que, quando embarcaram no *Garça Azul* ainda naquela tarde, na Baía do Sul, tanto ela quanto Elayne haviam recebido olhares surpresos, e o Capitão Ellisor erguera as sobrancelhas quase até chegarem onde seus cabelos começariam, se tivesse algum, mas fora todo sorrisos e reverências.

— Uma honra, Aes Sedai. Três Aes Sedai em minha embarcação? Uma verdadeira honra. Prometo uma rápida viagem para onde quer que desejem ir. E não terão nenhum problema com bandidos cairhienos. Não atraco mais daquele lado do rio. A não ser que as Aes Sedai desejem, naturalmente. Os soldados andorianos controlam algumas cidades do lado cairhieno. Uma honra, Aes Sedai.

As sobrancelhas do homem se levantaram outra vez quando elas pediram apenas uma cabine para as três, já que nem mesmo Nynaeve queria passar as noites sozinha, se não fosse necessário. Cada uma poderia ocupar uma cabine particular sem custos extras, ele informou. Não tinha outros passageiros, a carga já estava toda embarcada, e, se Aes Sedai tinham negócios urgentes a tratar ao sul do rio, ele não esperaria nem mais uma hora por qualquer um que quisesse subir a bordo. Elas garantiram que uma cabine seria suficiente.

O homem ficara surpreso, e a expressão em seu rosto demonstrara que ele não compreendia o motivo, mas Chin Ellisor, nascido e criado em Tar Valon, jamais questionaria Aes Sedai que já tivessem manifestado sua vontade. Mesmo que duas delas parecessem jovens demais... Bem, algumas Aes Sedai eram mesmo jovens.

As ruínas abandonadas desapareceram atrás de Egwene. A coluna de fumaça ficou mais próxima, e outra já parecia surgir ainda mais ao longe, na margem do rio. A floresta estava se transformando em colinas baixas, cobertas de grama e entremeadas de moitas. As árvores já exibiam as flores da primavera, pequeninos botões de madressilvas brancas e olmos vermelho vivo. Uma árvore que ela não conhecia estava repleta de flores brancas e redondas, maiores que suas mãos juntas. Em alguns pontos uma rosa trepadeira salpicava fileiras de amarelo ou branco pelos galhos grossos, cheios do verde das folhas e do vermelho dos brotos novos. O contraste com as cinzas e os entulhos era forte demais para que a visão fosse inteiramente agradável.

Egwene desejou que ali houvesse uma Aes Sedai, para que lhe fizesse perguntas. Uma em quem pudesse confiar. Ela passou os dedos pela bolsa e mal sentiu o aro de pedra retorcida do *ter'angreal* guardado ali dentro.

Tentara todas as noites desde a partida de Tar Valon, exceto duas, e o anel não funcionara duas vezes da mesma forma. Sim, ela sempre ia parar em *Tel'aran'rhiol*, mas a única coisa que via e que talvez pudesse ajudar era o Coração da Pedra, no entanto, Silvie nunca estava lá para explicar as coisas. E certamente não viu nada em relação à Ajah Negra.

Seus próprios sonhos sem o *ter'angreal* eram repletos de imagens que quase pareciam lampejos do Mundo Invisível. Rand erguendo uma espada brilhante como o sol, reluzindo até que ela mal conseguisse distingui-la, até que ela mal conseguisse distinguir até mesmo o jovem que a segurava. Rand ameaçado de inúmeras formas, nenhuma delas minimamente real. Em um dos sonhos, ele estava em um gigantesco tabuleiro de pedras, diante de enormes blocos brancos e pretos, desviando-se das mãos monstruosas que moviam os blocos, tentando esmagá-lo. Aquilo podia significar alguma coisa. Era provável que significasse, mas, além do fato de que Rand estava correndo perigo nas mãos de uma pessoa, ou de duas pessoas — achava que pelo menos aquilo estava claro —, ela simplesmente não conseguia extrair qualquer outro significado. *Não posso ajudá-lo agora. Tenho minhas próprias obrigações. Nem sei onde ele está, tudo o que sei é que deve estar a umas quinhentas léguas daqui.*

Ela havia sonhado com Perrin junto de um lobo, depois de um falcão e de um gavião — o falcão e o gavião brigavam. E também com Perrin fugindo de alguém muito perigoso, depois avançando por vontade própria para a borda de um desfiladeiro e dizendo: “É o que precisa ser feito. Preciso aprender a voar antes de chegar lá embaixo.” Sonhara com um Aiel, e achou que aquilo também tinha a ver com Perrin, mas não teve certeza. E sonhara com Min acionando uma armadilha de aço, mas depois passando por ela sem sequer reparar. E também sonhara com Mat. Dados girando ao redor dele — ela sentia que sabia o motivo desse —, Mat sendo seguido por um homem que não estava lá — esse ela ainda não compreendia: um sujeito o seguia, ou talvez dois, mas, de alguma forma, não havia ninguém. Mat cavalgando desesperado em direção a algo invisível a distância, algo que ele precisava alcançar. E Mat com uma mulher que parecia lançar fogos de artifício. Uma Iluminadora, presumiu, mas aquele sonho fazia tão pouco sentido quanto todos os outros.

Tivera tantos sonhos que já começava a duvidar de todos eles. Talvez tivesse algo a ver com o uso excessivo do *ter’angreal* ou talvez fosse apenas por carregá-lo. Talvez finalmente estivesse começando a entender o que era ser uma Sonhadora. Sonhos frenéticos, sonhos agitados. Homens e mulheres irrompendo de jaulas, depois sendo coroados. Uma mulher brincava com marionetes em um sonho; em outro, as cordas das marionetes eram comandadas por bonecos maiores, cujas cordas eram movidas por bonecos ainda maiores, infinitamente, até que as cordas levassem a marionetes de tamanhos imensuráveis. Sonhou com a morte de reis, o pranto de rainhas e o fulgor das batalhas. Até sonhou novamente com os Seanchan. Mais de uma vez. Trancava esses sonhos em um canto escuro, não se permitia pensar a respeito. E também sonhava com sua mãe e seu pai, todas as noites.

Pelo menos tinha certeza do significado desses sonhos, ou acreditava que tinha. *Querem dizer que estou à caça da Ajah Negra, e que não sei o que meus sonhos significam, nem como fazer esse maldito ter’angreal funcionar, e estou assustada, e... com saudades de casa.* Por um instante, pensou em como seria bom que sua mãe a mandasse para a cama, e ela obedecesse sabendo que tudo estaria melhor pela manhã. *Só que minha mãe não pode mais resolver meus problemas para mim, e meu pai não pode mais me tranquilizar com a promessa de que caçará os monstros. Agora, tenho que fazer isso sozinha.*

Aquilo tudo era um passado tão distante... Não que o quisesse de volta, não mesmo, mas fora uma época tão acolhedora, parecia ter acontecido

havia tanto tempo. Seria maravilhoso se pudesse apenas ver seus pais outra vez, ouvir suas vozes. *Farei isso quando tiver conquistado o direito de usar este anel no dedo que eu escolher.*

Ela deixara Nynaeve e Elayne tentarem dormir uma noite com o anel de pedra — surpresa com a relutância que sentiu ao entregá-lo —, e as duas acordaram contando sobre um lugar que com certeza era *Tel'aran'rhiod*, mas nenhuma tivera mais do que um vislumbre do Coração da Pedra ou de qualquer outra coisa útil.

A espessa coluna de fumaça naquele momento passava bem ao lado do *Garça Azul*. Julgou que estivesse a umas cinco ou seis milhas do rio. A outra já virara apenas um borrão no horizonte. Poderia pensar se tratar de uma nuvem, se já não soubesse o que era. Pequenas moitas cresciam bem rente à margem em alguns trechos, e entre elas a grama descia quase até a água, exceto nos pontos de maior erosão.

Elayne foi até o convés e juntou-se a ela no gradil, o vento açoitando seu manto escuro assim como fazia com o de Egwene. A jovem também vestia lã simples. Fora uma das discussões que Nynaeve vencera. As roupas. Pensando nas sedas que usava em *Tel'aran'rhiod*, Egwene argumentara que as Aes Sedai sempre usavam roupas finas, mesmo em viagens, mas Nynaeve rebateu dizendo que, mesmo com a quantidade de ouro que a Amyrlin deixara em seu guarda-roupa, e fora uma bolsa bem gorda, elas ainda não faziam ideia de quanto as coisas custariam ao sul do rio. Ouviram os servos dizerem que Mat estava certo a respeito da guerra civil em Cairhien e do que ela fizera com os preços. Para espanto de Egwene, Elayne apontara que as irmãs Marrom usavam lã com mais frequência do que seda. A Filha-herdeira estava tão ansiosa para se livrar da cozinha, concluiu Egwene, que teria usado até trapos.

Como será que está o Mat? Não duvido que esteja tentando jogar dados com o capitão, seja lá em que navio estiver.

— Terrível — murmurou Elayne. — É tão terrível.

— O quê? — perguntou Egwene, absorta. *Espero que ele não esteja exibindo demais o papel que demos.*

Elayne lançou um olhar surpreso à amiga, então franziu o rosto.

— Aquilo! — Ela apontou para a fumaça a distância. — Como é que você consegue ignorar uma coisa dessas?

— Consigo ignorar porque não quero pensar no que as pessoas devem estar passando, porque não posso fazer nada a respeito e porque temos que chegar a Tear. O que estamos caçando está em Tear. — Ela se surpreendeu

com a própria veemência. *Não posso fazer nada a respeito. E a Ajah Negra está em Tear.*

Quanto mais pensava no assunto, mais tinha certeza de que precisariam dar um jeito de chegar ao Coração da Pedra. Talvez ninguém além dos Grão-lordes de Tear tivesse permissão para adentrá-lo, mas ela estava começando a se convencer de que a chave para acionar a armadilha e frustrar os planos da Ajah Negra estava no Coração da Pedra.

— Já sei disso tudo, Egwene. Mas isso não me impede de me sentir mal pelos cairhienos.

— Ouvi aulas sobre as guerras entre Andor e Cairhien — retrucou Egwene, seca. — Bennae Sedai disse que vocês e Cairhien guerrearam mais que qualquer outra nação, exceto Tear e Illian.

A outra mulher a olhou de soslaio. Elayne jamais se acostumara com a recusa de Egwene em admitir que ela mesma era andoriana. As linhas dos mapas afirmavam que Dois Rios era parte de Andor, e Elayne acreditava nos mapas.

— Guerreamos contra eles, sim, Egwene, mas, desde o estrago que sofreram na Guerra dos Aiel, compraram quase tanto cereal de Andor quanto de Tear. Agora os negócios foram interrompidos. Enquanto todas as Casas cairhienas lutam entre si pelo Trono do Sol, quem é que vai comprar os grãos ou distribuí-los ao povo? Se a luta estiver tão grave quanto o que vimos na costa... bem. Não se pode alimentar um povo por vinte anos e não sentir nada ao saber que devem estar passando fome.

— Um Homem Cinza — disse Egwene.

Elayne deu um salto, tentando olhar em todas as direções ao mesmo tempo. O brilho tênue de *saidar* a envolveu.

— Onde?

Egwene examinou o convés bem devagar, tentando garantir que ninguém estivesse perto o suficiente para escutar. O Capitão Ellisor permanecia parado na popa, ao lado do homem sem camisa que segurava o comprido timão. Havia um marinheiro bem na frente da proa, esquadrinhando as águas em busca de algum sinal de atoleiros, e dois outros caminhavam pelo convés, vez ou outra ajustando uma corda das velas. O restante da tripulação estava nos deques de baixo. Um dos dois homens parou para conferir as amarras do bote atado de cabeça para baixo no convés. Ela aguardou que ele fosse embora e só depois falou.

— Idiota! — resmungou, baixinho. — Eu, Elayne, não você, então não venha com essa cara feia para cima de mim — continuou sussurrando. —

Tem um Homem Cinza atrás de Mat, Elayne. Acho que foi isso que o sonho quis dizer, mas eu não tinha entendido. Sou *mesmo* uma idiota!

O brilho tênue ao redor de Elayne se esvaneceu.

— Não seja tão dura consigo mesma — sussurrou em resposta. — Talvez signifique mesmo isso, mas eu não percebi, e nem Nynaeve. — Ela fez uma pausa e balançou a cabeça, agitando os cachos louros acobreados. — Mas não faz sentido, Egwene. Por que um Homem Cinza estaria atrás de Mat? Não há nada na carta para minha mãe que possa nos causar qualquer mal.

— Não sei por quê. — Egwene franziu a testa. — Mas tem que ter um motivo. Tenho certeza de que esse é o significado do sonho.

— Mesmo que você esteja certa, Egwene, não há nada que possa fazer.

— Eu sei disso — respondeu em um tom amargo. Ela nem sequer sabia se ele estava mais à frente ou mais atrás delas. Suspeitava que estivesse mais à frente: Mat decerto partira sem demora. — Seja como for — resmungou para si mesma —, não adianta de nada. Finalmente descubro o significado de um dos meus sonhos, e não adianta nada de nada!

— Mas, agora que você desvendou um dos sonhos — ponderou Elayne —, talvez consiga entender outros. Se a gente se sentar e discutir, quem sabe...

De repente o *Garça Azul* deu uma guinada, derrubando Elayne no convés e fazendo Egwene cair por cima. Quando Egwene se levantou, com certa dificuldade, a linha da costa já não passava veloz ao lado delas. A embarcação havia parado, a proa estava erguida, e o convés, inclinado. As velas drapejavam ao vento, fazendo barulho.

Chin Ellisor ficou de pé e correu até a proa, deixando o timoneiro se levantar sozinho.

— Seu verme de um fazendeiro caolho! — rosnou para o homem na proa, que se segurava ao gradil tentando evitar a queda até o deque. — Seu verme de bosta de bode! Já não está no rio há tempo suficiente para saber reconhecer as ondulações de um atoleiro? — Ele agarrou o homem pelos ombros e puxou-o de volta para o convés, apenas para atirá-lo longe e poder se inclinar no gradil para observar a proa com seus próprios olhos. — Se tiver esburacado meu casco, vou usar suas tripas na calafetagem!

Os outros tripulantes estavam se levantando, cambaleantes, e mais outros vinham subindo dos andares de baixo. Todos correram e se agruparam em volta do capitão.

Nynaeve surgiu no alto das escadas que levavam às cabines dos passageiros ainda ajeitando as saias. Com um puxão forte na trança, olhou

de cara feia para o bando de homens na proa, depois avançou até Egwene e Elayne.

— Ele bateu em alguma coisa, não foi? Depois de toda essa conversa sobre conhecer o rio tão bem quanto conhece a esposa. A mulher não deve receber nem um sorriso dele. — Ela deu mais um puxão na trança e seguiu adiante, abrindo caminho por entre os marinheiros até encontrar o capitão. Todos estavam concentrados na água sob o navio.

Não havia razão para segui-la. *Ele vai resolver o problema mais depressa se for deixado quieto.* Nynaeve decerto estava ensinando o bom homem a fazer seu próprio trabalho. Elayne parecia pensar o mesmo, já que balançava a cabeça com pesar ao observar o capitão e todos os tripulantes respeitosa e voltarem a atenção para Nynaeve, esquecendo o que quer que houvesse sob a proa.

Uma onda de agitação percorreu os homens e ganhou força. Por um instante, foi possível ver as mãos do capitão acenando em protesto sobre as cabeças dos outros homens. Depois disso Nynaeve se afastou, irritada, e os homens abriram caminho, curvando-se em reverências. Ellisor pôs-se a correr ao lado dela, esfregando o rosto redondo com um grande lenço vermelho. Sua voz ansiosa tornou-se audível quando os dois se aproximaram.

— ...umas boas quinze milhas até a próxima aldeia pelo lado de Andor, Aes Sedai, e pelo menos cinco ou seis milhas ao sul do rio pelo lado de Cairhien! As tropas andorianas estão ocupando a cidade, é verdade, mas não ocupam as milhas daqui até lá! — Ele esfregou o rosto, como se estivesse gotejando de suor.

— Um navio naufragado — explicou Nynaeve às outras duas. — O capitão acha que é obra de bandidos do rio. Pretende tentar recuar com os remos, mas não acredita que a ideia vá funcionar.

— Estávamos indo muito depressa quando batemos, Aes Sedai. Queria manter uma boa velocidade para as senhoras. — Ellisor esfregou o rosto com mais força. Egwene percebeu que o homem estava com medo de que as Aes Sedai o responsabilizassem. — Estamos encalhados. Mas acho que não está entrando água, Aes Sedai. Não há razão para se preocupar. Outro navio deve chegar em pouco tempo. Mais um grupo de remos, e com certeza vamos nos libertar. As senhoras não precisam ir para a costa, Aes Sedai. Eu juro pela Luz.

— Estava pensando em deixar o navio? — perguntou Egwene. — Acha que é prudente?

— É claro que... — Nynaeve parou e franziu a testa para ela. Egwene retribuiu a carranca com um olhar impassível. Ela prosseguiu em um tom mais calmo, porém ainda firme: — O capitão disse que deve levar uma hora até que outro navio apareça. Um com remos suficientes para fazer alguma diferença. Ou um dia. Ou dois, talvez. Acho que não podemos nos dar ao luxo de perder um ou dois dias esperando. Conseguiremos chegar a essa aldeia... Como é que se chama, capitão? Jurene? Conseguiremos chegar a Jurene com umas duas horas ou menos de caminhada. Se o Capitão Ellisor liberar a embarcação tão depressa quanto o esperado, subimos a bordo outra vez. Ele disse que vai parar para ver se ainda estamos por lá. Se ele não conseguir, poderemos pegar um navio lá mesmo. Talvez a gente até consiga encontrar uma embarcação esperando para zarpar. O capitão disse que os mercadores fazem paradas lá, por causa dos soldados andorianos. — Ela parou para respirar fundo, mas sua voz ficou ainda mais firme. — Expliquei meus motivos com clareza? Ou ainda precisam de mais?

— Está bem claro para mim — respondeu Elayne, mais do que depressa, antes que Egwene pudesse falar. — E parece uma boa ideia. Você também acha uma boa ideia, não é, Egwene?

A mulher assentiu de má vontade.

— Acho que sim.

— Mas, Aes Sedai — protestou Ellisor —, pelo menos vá pela costa de Andor. A guerra, Aes Sedai. Bandidos, todo tipo de rufiões e os soldados não ficam atrás. Esse navio naufragado sob a proa já é uma boa indicação do tipo de homens que eles são.

— Não vimos vivalma no lado de Cairhien — retrucou Nynaeve. — E, de qualquer forma, estamos muito longe de ser indefesas, capitão. E não vou caminhar quinze milhas se posso andar apenas seis.

— É claro, Aes Sedai. — Ellisor passou a suar de verdade. — Não foi minha intenção insinuar... É claro que as senhoras não são indefesas, Aes Sedai. Não foi minha intenção insinuar uma coisa dessas. — Mesmo esfregando o rosto furiosamente, o homem ainda brilhava de suor.

Nynaeve abriu a boca, olhou para Egwene e pareceu mudar o que pretendia dizer.

— Vou descer para pegar minhas coisas — disse, olhando para o ar entre Egwene e Elayne, então virou-se para Ellisor. — Capitão, apronte o bote.

O homem fez uma medida e saiu correndo antes mesmo que ela se virasse para a escotilha, e antes que ela descesse já tinha começado a gritar as ordens para que o bote fosse baixado na lateral.

— Se uma de vocês diz “para cima” — resmungou Elayne —, a outra diz “para baixo”. Se não pararem com isso, não vamos conseguir chegar a Tear.

— Vamos chegar a Tear — retorquiu Egwene. — E chegaremos mais cedo se Nynaeve perceber que não é mais a Sabedoria. Nós três somos... — Ela não podia dizer “Aceitas”, havia muitos homens correndo de um lado para o outro. — Estamos no mesmo nível, agora.

Elayne soltou um suspiro.

Em pouco tempo, o bote a remos as deixou na costa, e as três se viram na margem com os cajados nas mãos e os pertences embrulhados em trouxas cheias de bolsas e papéis pendurados nas costas. Ao redor delas havia apenas a grama e alguns bosques esparsos, mas a algumas milhas do rio as colinas eram cobertas de florestas. Os remos do *Garça Azul* produziam espuma, mas não conseguiam mover a embarcação. Egwene se virou e começou a caminhar em direção ao sul sem olhar para trás. E antes que Nynaeve assumisse a liderança.

Quando as outras duas a alcançaram, Elayne lhe lançou um olhar de reprovação. Nynaeve caminhava olhando para a frente. Depois, a Filha-herdeira contou a Nynaeve o que Egwene dissera sobre Mat e um Homem Cinza, mas a mulher mais velha escutou em silêncio, respondendo apenas “Ele terá que cuidar de si mesmo”, sem reduzir o ritmo. Depois de um tempo, Elayne desistiu de fazer as outras duas conversarem, e as três caminharam em silêncio.

Carvalhos e salgueiros ao longo da margem do rio logo encobriram a visão que tinham do *Garça Azul*. Não seguiram pelos bosques, ainda que fossem pequenos, pois qualquer coisa poderia estar escondida nas sombras dos galhos. Alguns arbustos baixos cresciam espaçados entre as moitas perto do rio, mas eram esparsos demais para esconder sequer uma criança, muito menos um bandido, e os espaços entre eles eram bem amplos.

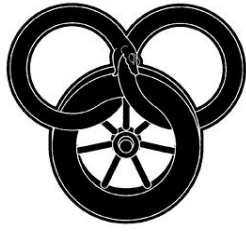
— Se virmos bandidos — anunciou Egwene —, vou me defender. Não tem nenhuma Amyrlin aqui, de olho na gente.

Nynaeve apertou os lábios.

— Se for preciso — retrucou, os olhos fixos à frente —, podemos assustar qualquer ladrão do mesmo jeito que fizemos com os Mantos-brancos. Se não tivermos outra saída.

— Preferia que vocês não falassem sobre bandidos — comentou Elayne — Quero chegar à aldeia sem...

Quase na frente delas, uma figura vestida de marrom e cinza irrompeu de um arbusto solitário.



CAPÍTULO 38



Donzelas da Lança

Egwene abraçou *saidar* antes mesmo que o grito saísse de sua boca, e também notou o brilho tênue ao redor de Elayne. Por um instante, perguntou-se se Ellisor teria ouvido seus gritos e enviaria socorro, pois o *Garça Azul* não podia estar a mais de uma milha rio acima. Na mesma hora, dispensou a necessidade de ajuda, transformando fluxos de Ar e Fogo em raios, antes mesmo de parar de gritar.

Nynaeve simplesmente ficou parada de braços cruzados, uma expressão firme no rosto, mas Egwene não sabia ao certo se era porque não estava irritada o bastante para tocar a Fonte Verdadeira ou se era porque já tinha reparado no que ela própria só notara depois. A pessoa que as encarava era uma mulher, e não mais velha que a própria Egwene, ainda que um tanto mais alta.

Ela não abandonou *saidar*. Os homens às vezes eram muito tolos em acreditar que uma mulher era inofensiva só por ser mulher, mas Egwene não sofria desse tipo de ilusão. Com um cantinho da mente, percebeu que Elayne já não estava rodeada pelo brilho suave. A Filha-herdeira ainda devia nutrir aquelas ideias tolas. *Ela nunca foi prisioneira dos Seanchan.*

Egwene acreditava que não eram muitos os homens burros o suficiente para pensar que a mulher diante delas não era perigosa, mesmo que estivesse de mãos vazias e parecesse não portar armas. Tinha olhos verde-azulados e cabelos vermelhos bem curtos, a não ser por um fino rabo de cavalo que pendia dos ombros. Usava botas macias amarradas até os joelhos, casaco e calças justos e em tons de terra e rocha. Ela conhecia a descrição daquelas roupas e tons de cores: a mulher era uma Aiel.

Olhando para ela, Egwene sentiu uma súbita e estranha afinidade. Não conseguia entender. *Ela parece prima de Rand, é por isso.* Ainda assim, a sensação, que era quase de parentesco, não conteve a curiosidade. *O quê, sob a Luz, uma Aiel está fazendo aqui? Eles nunca saem do Deserto, não desde a Guerra dos Aiel.* A sua vida inteira ouvira histórias sobre como os Aiel eram mortíferos e as Donzelas da Lança não eram menos temíveis que os integrantes das sociedades guerreiras masculinas, mas não sentia qualquer medo em particular, apenas certa irritação por algum dia ter sentido medo. Com *saidar* alimentando o Poder Único dentro dela, não era preciso temer qualquer um. *Exceto talvez uma irmã completa,* admitiu. *Mas sem dúvida não uma mulher qualquer, mesmo que seja Aiel.*

— Meu nome é Aviendha — disse a Aiel —, do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad. — Seu rosto era tão frio e inexpressivo quanto a voz. — Sou *Far Dareis Mai*, uma Donzela da Lança. — Ela fez uma pequena pausa e analisou as mulheres à frente. — Vocês não têm os rostos, mas vimos os anéis. Nessas suas terras há mulheres muito parecidas com as nossas Sábias, mulheres chamadas Aes Sedai. Vocês vêm da Torre Branca, não vêm?

Egwene sentiu um desconforto momentâneo. *Vimos?* Olhou em volta com cautela, mas não havia ninguém atrás de qualquer um dos arbustos a menos de vinte passos dali.

Se houvesse outros, deviam estar no matagal próximo, mais de duzentos passos à frente, ou no anterior, ao dobro da distância. Muito longe para oferecerem qualquer ameaça. *A não ser que tenham arcos.* Mas teriam de ser muito bons arqueiros. Em casa, nas competições no Bel Tine e no Dia do Sol, apenas os melhores arqueiros atiravam a qualquer distância maior que duzentos passos.

No entanto, ainda se sentia melhor por saber que podia lançar um relâmpago em qualquer um que tentasse atirar.

— Somos mulheres da Torre Branca — respondeu Nynaeve, tranquila. Demonstrava claramente não procurar outras Aiel. Até Elayne espiava ao redor. — Se você consideraria alguma de nós sábia, é outra questão — prosseguiu Nynaeve. — O que quer de nós?

Aviendha sorriu. Era de fato muito linda, reparou Egwene. A expressão séria mascarara sua beleza.

— Você fala como Sábia. Vai direto ao ponto e não se prende a tolices. — O sorriso se desfez, mas a voz se manteve calma. — Uma das nossas está muito ferida, quiçá morrendo. As Sábias muitas vezes curam os que

morreriam não fosse a ajuda delas, e ouvi dizer que as Aes Sedai podem fazer ainda mais. Podem ajudá-la?

Egwene quase sacudiu a cabeça, confusa. *Uma amiga dela está morrendo? Ela fala como se estivesse pedindo emprestada uma xícara de farinha de cevada!*

— Ajudarei, se puder — respondeu Nynaeve, devagar. — Não posso prometer nada, Aviendha. Pode ser que ela morra apesar dos meus esforços.

— A morte chega para todos — retrucou a Aiel. — Podemos apenas escolher como encará-la, quando chegar. Eu as levarei até ela.

Duas mulheres em trajes Aiel se levantaram a não mais de dois passos de distância, uma saiu de uma pequena depressão no solo que Egwene não imaginava que fosse capaz de esconder sequer um cachorro, a outra, de um matagal que chegava no máximo até os joelhos. Abaixaram os véus negros quando levantaram, o que foi outro choque: tinha certeza de ter ouvido Elayne contar que os Aiel só escondiam os rostos quando havia a chance de precisarem matar. Depois, ajeitaram nos ombros o pedaço de tecido que cobrira suas cabeças. Uma delas tinha os mesmos cabelos vermelhos de Aviendha, mas os olhos cinzentos, já a outra tinha olhos azul-escuros e cabelos cor de fogo. Nenhuma era mais velha que Egwene ou Elayne, e ambas pareciam prontas para usar as lanças curtas que tinham nas mãos.

A mulher de cabelos de fogo entregou algumas armas a Aviendha. Uma faca de lâmina comprida e pesada para prender em um dos lados do cinturão e uma aljava de pelos que era presa ao outro lado. Um arco curvo e escuro cujo brilho fraco indicava ser feito de chifre envolvido em uma capa que era presa às costas. Quatro lanças curtas com pontas longas para prender na mão esquerda, junto com um pequeno broquel redondo feito de couro. Aviendha, assim como suas companheiras, usava todas aquelas armas com a mesma naturalidade com que qualquer mulher de Campo de Emond usaria uma echarpe.

— Venham — disse ela, e avançou por onde as três Aceitas já haviam passado.

Egwene enfim liberou *saidar*. Suspeitava que, se quisessem, todas as três Aiel poderiam golpeá-la com aquelas lanças antes que pudesse fazer qualquer coisa. Entretanto, embora as estrangeiras estivessem cautelosas, ela achava que não atacariam. *E se Nynaeve não conseguir curar a amiga delas? Gostaria que ela pedisse nossa opinião antes de tomar essas decisões que envolvem nós três!*

Enquanto avançavam em direção às árvores, as Aiel vasculhavam o terreno em volta como se esperassem que aquele cenário vazio ocultasse inimigos com tanta perícia em se esconder quanto elas próprias.

— Sou Elayne, da Casa Trakand — disse a Aceita loura, como se quisesse puxar conversa —, Filha-herdeira de Morgase, Rainha de Andor.

Egwene cambaleou. *Luz, será que ela perdeu o juízo? Sei que Andor lutou na Guerra dos Aiel. Pode ter sido há vinte anos, mas dizem que os Aiel têm boa memória.*

Mas a Aiel de cabelos de fogo, que estava mais próxima a ela, apenas respondeu:

— Sou Bain, do ramo da Pedra Negra dos Aiel Shaarad.

— Sou Chiad — disse a mulher mais baixa e de cabelos mais claros, do outro lado —, do ramo do Rio de Pedras dos Aiel Goshien.

Bain e Chiad olharam para Egwene. Não alteraram as expressões, mas a jovem teve a sensação de que pensavam que ela estava sendo mal-educada.

— Sou Egwene al’Vere — disse a elas. As duas pareciam aguardar algo mais, então acrescentou: — Filha de Marin al’Vere, do Campo de Emond, em Dois Rios. — Aquilo pareceu satisfazê-las de alguma forma, mas apostava que as Aiel tinham entendido tanto quanto ela entendera quando falaram de todos aqueles ramos e clãs. *Devem ser como famílias, de certa forma.*

— São irmãs-primeiras? — Bain parecia perguntar para as três.

Egwene pensou que o termo “irmãs” tivesse o mesmo significado dado pelas Aes Sedai, e respondeu “sim”, ao passo que Elayne disse “não”.

Chiad e Bain trocaram um olhar rápido, que sugeria que achavam que as mulheres com quem conversavam talvez não estivessem muito bem da cabeça.

— Irmãs-primeiras — disse Elayne para Egwene, em um tom professoral — são mulheres que nasceram da mesma mãe. E, quando duas mulheres são irmãs-segundas, significa que as mães delas são irmãs. — Ela então se dirigiu às Aiel. — Nenhuma de nós sabe muita coisa a respeito do seu povo. Peço perdão pela ignorância. Às vezes considero Egwene minha irmã-primeira, mas não somos do mesmo sangue.

— Então por que não falam com suas Sábias? — perguntou Chiad. — Bain e eu nos tornamos irmãs-primeiras.

Egwene apenas piscou, confusa.

— Como é que as pessoas podem *se tornar* irmãs-primeiras? Ou elas têm a mesma mãe ou não têm. Sem ofensas. A maior parte do que sei sobre vocês, Donzelas da Lança, vem do pouco que Elayne me ensinou. Sei que

lutam em batalhas e que não ligam muito para os homens, mas não sei muito mais do que isso. — Elayne assentiu: descrevera as Donzelas para Egwene de uma forma que soara bastante como uma mistura de uma versão feminina dos Guardiões e a Ajah Vermelha.

As Aiel exibiram outra vez aquele olhar, como se não soubessem ao certo qual era o grau de sensatez de Egwene e Elayne.

— Não ligamos muito para os homens? — murmurou Chiad, parecendo intrigada.

Bain franziu a testa, pensativa.

— O que diz está próximo da verdade, mas ao mesmo tempo é completamente falso. Quando desposamos a lança, assumimos o compromisso de não nos ligarmos a homens ou filhos. Mas algumas de nós abrem mão da lança depois, por quererem esse tipo de ligação. — A expressão em seu rosto revelava que ela não compreendia aquilo muito bem. — Mas, uma vez que abrimos mão da lança, não podemos voltar atrás.

— Ou se formos escolhidas para ir a Rhuidean — acrescentou Chiad. — Uma Sábia não pode desposar a lança.

Bain olhou para ela como se a mulher tivesse anunciado que o céu era azul ou que a chuva vinha das nuvens. O olhar que ela lançou em resposta, indicando Egwene e Elayne, explicava que achava que talvez as duas não soubessem sobre aquilo.

— Pois é, é verdade. Embora algumas resistam.

— Resistem mesmo. — Parecia que Chiad e Bain tinham algum acontecimento específico em mente.

— Mas já me desviei demais da explicação que queria dar — prosseguiu Bain. — As Donzelas não dançam as lanças umas com as outras, mesmo que seus clãs dançam um com o outro. Mas a rixa de sangue entre os Aiel Shaarad e os Aiel Goshien já existe há mais de quatrocentos anos, por isso Chiad e eu sentimos que o casamento com a lança não era o bastante. Então fomos às Sábias de nossos clãs para que nos ligassem como irmãs-primas. Ela arriscou a própria vida em meu nome, e eu arrisquei a minha em nome dela. Como é de costume entre Donzelas que são irmãs-primas, protegemos uma à outra, e nenhuma deixa um homem se aproximar sem que a outra esteja por perto. Não diria que nós não ligamos muito para os homens. — Chiad assentiu, com um indício de sorriso nos lábios. — Esclareci a verdade para você, Egwene?

— Sim — respondeu a Aceita, com a voz fraca. Olhou para Elayne e viu, nos olhos azuis da amiga, a confusão que sabia que também havia nos seus. *Não é como a Ajah Vermelha. Talvez a Verde. Uma mistura de Guardiões e*

Ajah Verde, e não entendo mais nada disso. — A verdade está bem clara agora, Bain. Obrigada.

— Se vocês duas sentem que são irmãs-primeiras — comentou Chiad —, deveriam ir até suas Sábias. Mas vocês são as Sábias, embora jovens. Não sei o que poderia ser feito nesse caso.

Egwene não sabia se ria ou se enrubescia. Não conseguia se livrar do pensamento de ela e Elayne dividindo o mesmo homem. *Não, isso é só para as irmãs-primeiras que também são Donzelas da Lança. Certo?* As bochechas de Elayne exibiam duas manchas vermelhas, e Egwene teve certeza de que a amiga estava pensando em Rand. *Mas não dividimos Rand, Elayne. Ele não pode ser de nenhuma de nós.*

Elayne pigarreou.

— Não creio que haja necessidade disso, Chiad. Egwene e eu já protegemos uma à outra.

— Como é que pode? — perguntou Chiad, devagar. — Não desposaram a lança. E são Sábias. Quem levantaria a mão contra uma Sábica? Isso me confunde. Por que necessitam de alguém para protegê-las?

Egwene foi poupada de inventar uma resposta, pois chegaram ao arvoredor. Havia outras duas Aiel sob as árvores, bem no meio do mato, mas perto do rio. Jolien, do ramo do Campo de Sal dos Aiel Nakai, uma mulher de olhos azuis e cabelos acobreados quase da cor dos de Elayne. Ela estava cuidando de Dailin, do mesmo ramo e clã de Aviendha. O suor deixara os cabelos de Dailin úmidos, dando-lhes uma tonalidade de vermelho mais escura, e a jovem abriu os olhos cinzentos apenas uma vez, logo que elas chegaram, e tornou a fechá-los. O casaco e camisa estavam estendidos ao lado dela, e as ataduras que envolviam seu tronco estavam manchadas de vermelho.

— Ela foi ferida pela espada — explicou Aviendha. — Alguns daqueles tolos que esses traidores assassinos da árvore chamam de soldados pensaram que éramos mais um grupo dos bandidos que infestam essas terras. Foi preciso que morressem para se convencerem do contrário, mas Dailin... Pode curá-la, Aes Sedai?

Nynaeve ajoelhou-se ao lado da mulher ferida e levantou as ataduras para analisar o que havia por baixo. Estremeceu com o que viu.

— Vocês mudaram a posição dela, depois que foi ferida? Tem uma crosta, mas está rompida.

— Ela queria morrer perto da água — respondeu Aviendha. Lançou um olhar para o rio, mas logo desviou os olhos. Egwene pensou tê-la visto estremeecer.

— Tolas! — Nynaeve começou a revirar a bolsa cheia de ervas. — Poderiam tê-la matado, movendo-a com um ferimento desses. Ela queria morrer perto da água! — repetiu, indignada. — Só porque carregam armas como homens não quer dizer que precisam pensar como eles. — Ela tirou um copo fundo de madeira de dentro da bolsa e entregou-o a Chiad. — Encha. Preciso de água para misturar as ervas que ela vai beber.

Chiad e Bain foram até a margem do rio e retornaram juntas. Suas expressões não se alteraram, mas Egwene achou que elas quase pareciam esperar que o rio fosse se erguer e engoli-las.

— Se não a tivéssemos trazido para o... rio, Aes Sedai — retrucou Aviendha —, nunca teríamos encontrado vocês, e ela acabaria morrendo do mesmo jeito.

Nynaeve deu uma bufada e começou a despejar algumas ervas em pó no copo de água, resmungando, baixinho.

— Raiz-de-cerne ajuda a fazer sangue, erva-de-cão para fechar a carne, e cura-tudo, naturalmente, e... — Ela baixou a voz a um sussurro inaudível. Aviendha a encarava com a testa franzida.

— As Sábias usam ervas, Aes Sedai, mas não sabia que Aes Sedai também usavam.

— Eu uso o que uso! — retrucou Nynaeve, bruscamente, voltando a separar os pós e a murmurar sozinha.

— Ela de fato fala como uma Sábua — sussurrou Chiad para Bain, que respondeu com um aceno contido.

Dailin era a única Aiel sem armas nas mãos, e todas pareciam prontas para usar as que tinham em um piscar de olhos. *Nynaeve sem dúvida não está tranquilizando ninguém*, pensou Egwene. *Faça com que elas falem sobre alguma coisa. Qualquer coisa. Ninguém tem vontade de brigar quando está conversando sobre algo tranquilo.*

— Por favor, não se ofendam — começou, cautelosa —, mas percebi que ficam um pouco desconfortáveis com o rio. Ele só fica violento durante as tempestades. Podem nadar nele, se quiserem, embora a corrente seja mais forte para longe das margens.

Elayne sacudiu a cabeça.

As Aiel se mantinham inexpressivas, e Aviendha se pronunciou:

— Eu vi um homem... um shienarano... nadando assim... uma vez.

— Não entendo — disse Egwene. — Sei que não tem muita água no Deserto, mas você disse que é do ramo do “Rio de Pedras”, Jolien. Com certeza já nadou no Rio de Pedras, não?

Elayne olhou para Egwene como se ela estivesse louca.

— Nadar — começou Jolien, sem jeito. — Quer dizer... entrar na água? Toda aquela água? Sem nada para se segurar? — Ela estremeceu. — Aes Sedai, antes de cruzar a Muralha do Dragão eu nunca tinha visto água corrente que não pudesse atravessar com um passo. O Rio de Pedras... alguns dizem que já houve água nele, mas são apenas boatos. Lá só tem as pedras. Os registros mais antigos das Sábias e do chefe do clã confirmam que nunca houve nada além de pedras desde o primeiro dia, quando nosso ramo se separou do ramo da Planície Alta e ocupou aquela terra. Nadar! — Ela agarrou as lanças, como se quisesse lutar com a palavra. Chiad e Bain deram um passo para longe da margem do rio.

Egwene suspirou. E enrubesceu assim que encontrou os olhos de Elayne. *Bem, não sou uma Filha-herdeira, para saber de todas essas coisas. Mas vou aprender tudo.* Ao olhar para as mulheres Aiel, percebeu que, em vez de confortá-las, deixara todas ainda mais nervosas. *Se tentarem alguma coisa, vou paralisá-las com Ar.* Ela não fazia ideia se conseguiria capturar as quatro de uma vez só, mas abriu-se para *saidar*, combinou os fluxos em Ar e os manteve a postos. O Poder pulsava dentro dela com ânsia de ser usado. Nenhum brilho envolvia Elayne, e ela se perguntou por quê. A amiga olhou bem para ela e fez que não com a cabeça.

— Eu jamais faria mal a uma Aes Sedai — falou Aviendha, de repente. — Quero que saibam disso. Não importa se Dailin viver ou morrer, não fará diferença. Eu jamais usaria isso — ela ergueu um pouco uma das lanças curtas — contra uma mulher. E vocês são Aes Sedai.

Egwene teve a súbita sensação de que a mulher é que tentava confortá-las.

— Eu já sabia disso — respondeu Elayne, como se para Aviendha, mas seus olhos mostravam a Egwene que as palavras eram para ela. — Ninguém sabe muito sobre o seu povo, mas aprendi que os Aiel nunca machucam uma mulher, a não ser que tenha... Como foi que você disse? Desposado a lança.

Bain pareceu pensar que, mais uma vez, Elayne falhava em enxergar a verdade com clareza.

— As coisas não são exatamente assim, Elayne. Se uma mulher que não desposou a lança viesse até mim portando armas, eu daria uma surra até ela aprender a ter mais juízo. Um homem... Um homem pode pensar que uma mulher dessas suas terras desposou a lança, caso a veja portando armas. Não sei. Os homens são meio estranhos.

— É claro — concordou Elayne. — Mas, desde que a gente não tente atacá-las com armas, vocês não tentarão nos fazer mal. — Todas as quatro

Aiel pareceram chocadas, e a jovem lançou a Egwene um olhar significativo.

Mesmo assim, Egwene agarrou-se a *saidar*. Só porque ensinaram algo a Elayne, não significava que fosse verdade, ainda que as Aiel concordassem. E *saidar* produzia... uma sensação boa.

Nynaeve ergueu a cabeça de Dailin e começou a virar a mistura na boca da mulher.

— Beba — ordenou, com a voz firme. — Sei que o gosto é ruim, mas beba tudo.

Dailin engoliu, engasgou e engoliu outra vez.

— Nem se atacam, Aes Sedai — explicou Aviendha a Elayne. Mas mantinha os olhos fixos em Dailin e Nynaeve. — Dizem que uma época, antes da Ruptura do Mundo, nós servimos às Aes Sedai, embora nenhuma história conte como. Falhamos nesse serviço. Talvez tenha sido esse o pecado que nos condenou à Terra da Trindade, não sei. Ninguém sabe que pecado foi esse, exceto talvez as Sábias e os chefes de clã, e eles não falam sobre o assunto. Dizem que, se falharmos com as Aes Sedai outra vez, elas nos destruirão.

— Beba tudo — murmurou Nynaeve. — Espadas! Espadas, músculos e nenhum cérebro!

— Não seremos *nós* que vamos destruí-las — retrucou Elayne com firmeza, e Aviendha assentiu.

— Como quiser, Aes Sedai. Mas todas as histórias antigas deixam um ponto muito claro: não devemos jamais lutar contra uma Aes Sedai. Se apontarem seus relâmpagos e seu fogo devastador para mim, dançarei com eles, mas não lhes farei mal algum.

— Esfaquear pessoas — grunhiu Nynaeve. Ela baixou a cabeça de Dailin e pôs a mão na testa da mulher. A Aiel fechou os olhos outra vez. — Esfaquear mulheres! — Aviendha remexeu os pés e franziu a testa, e não era a única das Aiel a fazer isso.

— Fogo devastador — repetiu Egwene. — Aviendha, o que é fogo devastador?

A Aiel direcionou a testa franzida para ela.

— Não sabe, Aes Sedai? Nas histórias antigas, as Aes Sedai o manipulavam. As histórias o descrevem como algo apavorante, mas não sei nada além disso. Dizem que nos esquecemos de muitas coisas que um dia soubemos.

— Talvez a Torre Branca tenha se esquecido de muitas coisas também — respondeu Egwene. *Eu sabia disso naquele... sonho, ou seja lá o que tenha sido. Foi tão real quanto Tel'aran'rhiod. Eu poderia apostar com Mat.*

— Não têm o direito! — bradou Nynaeve, de repente. — Ninguém tem o direito de dilacerar um corpo! Não é certo!

— Ela está irritada? — perguntou Aviendha, preocupada.

Chiad, Bain e Jolien trocaram olhares aflitos.

— Está tudo bem — respondeu Elayne.

— Está melhor que bem — acrescentou Egwene. — Ela *está* ficando irritada, e isso é muito melhor que “tudo bem”.

O brilho tênue de *saidar* envolveu Nynaeve de repente, e Egwene se inclinou para a frente, tentando enxergar, assim como Elayne. Dailin deu um salto na mesma hora, gritando, os olhos arregalados. Um instante depois, Nynaeve apoiou as costas da mulher de volta no chão, e o brilho se extinguiu. Os olhos de Dailin se fecharam, e ela ficou ali deitada, ofegante.

Eu vi, pensou Egwene. *Eu... acho que vi*. Ela não sabia se conseguira distinguir os muitos fluxos, muito menos a forma como Nynaeve os combinara. O que a outra mulher fizera naqueles poucos segundos fora parecido com tecer quatro carpetes de uma vez só, e com os olhos vendados.

Nynaeve usou as ataduras ensanguentadas para limpar a barriga de Dailin, retirando o sangue fresco, vermelho vivo, e as crostas negras de sangue ressecado. Não havia feridas ou cicatrizes, apenas pele saudável e consideravelmente mais pálida que o rosto de Dailin.

De cara fechada, Nynaeve pegou os panos cheios de sangue, levantou-se e jogou-os no rio.

— Lavem o tronco dela para limpar o resto — mandou. — E ponham umas roupas nela. Está com frio. E preparem comida. Ela vai acordar com fome. Ajoelhou-se na beira do rio e lavou as mãos.



CAPÍTULO 39



Fios do Padrão

Jolien pôs a mão trêmula sobre o dorso de Dailin, onde antes estava a ferida. Soltou um arquejo surpreso ao tocar a pele macia, como se não acreditasse nos próprios olhos.

Nynaeve endireitou-se e secou as mãos no manto. Egwene teve que admitir que aquela lã boa dava uma toalha melhor que seda ou veludo.

— Eu mandei lavá-la e vesti-la — reclamou Nynaeve, ríspida.

— Sim, Sábia — respondeu Jolien, mais do que depressa, e ela, Chiad e Bain correram para obedecer.

Um riso curto escapou dos lábios de Aviendha, uma risada quase no limiar das lágrimas.

— Ouvi dizer que uma Sábia do ramo das Torres Dentadas é capaz de fazer isso, e também uma do ramo das Quatro Tocas, mas sempre achei que fossem apenas boatos. — Ela respirou fundo, recompondo-se. — Aes Sedai, tenho uma dívida com vocês. Minha água é sua, e você é bem-vinda sob a sombra do meu ramo. Dailin é minha irmã-segunda. — Ela percebeu o olhar confuso de Nynaeve e acrescentou: — Ela é filha da irmã de minha mãe. Temos quase o mesmo sangue, Aes Sedai. Tenho uma dívida de sangue com vocês.

— Se eu tiver que derramar algum sangue — retrucou Nynaeve, seca —, eu mesma farei isso. Se quiserem retribuir, digam se há algum navio em Jurene. A próxima vila ao sul?

— A aldeia onde os soldados hasteiam o estandarte do Leão Branco? — perguntou Aviendha. — Tinha um navio lá ontem, quando eu estava de

vigia. As histórias antigas falam em navios, mas foi estranho ver um deles com meus próprios olhos.

— Queira a Luz que ele ainda esteja lá. — Nynaeve começou a guardar os papéis dobrados que continham os pós de ervas. — Fiz o que pude pela moça, Aviendha, e agora temos que partir. Ela precisa comer e descansar. E tente impedir qualquer um de enfiar uma espada nela.

— O que tem que acontecer acontece, Aes Sedai — respondeu a Aiel.

— Aviendha — começou Egwene —, como é que vocês fazem para cruzar os rios, já que sentem... o que sentem por eles? Tenho certeza de que há pelo menos um rio quase tão grande quanto o Erinin entre essas terras aqui e o Deserto.

— O Alguenya — confirmou Elayne. — A não ser que o tenham contornado.

— Vocês têm muitos rios. Alguns deles possuem essas coisas chamadas pontes, por onde tivemos que cruzá-los, e outros conseguimos passar a vau. Para atravessar os outros, Jolien conseguiu lembrar que a madeira flutua. — Ela bateu no tronco de um grande abeto. — Esses aqui são grandes, mas flutuam tão bem quanto um raminho. Encontramos madeira morta e construímos um... navio. Um navio pequeno, com dois ou três troncos amarrados, para cruzar o rio grande. — Ela contou como se não fosse nada de mais.

Egwene a encarou, impressionada. Se temesse alguma coisa da mesma forma que os Aiel obviamente temiam os rios, será que a enfrentaria da mesma forma que eles? Achava que não. *E a Ajah Negra?*, perguntou uma vizinha. *Não tem mais medo delas? É diferente*, respondeu. *Não há bravura nenhuma nisso. Ou eu as caço ou fico parada como um coelhinho à espera do gavião.* Ela repetiu para si mesma o velho ditado: *É melhor ser o martelo do que o prego.*

— Precisamos ir — comentou Nynaeve.

— Só um instante — pediu Elayne. — Aviendha, por que vieram até aqui e enfrentaram tantas dificuldades?

Aviendha sacudiu a cabeça, indignada.

— Não chegamos nem um pouco longe, fomos as últimas a partir. As Sábias me acossaram feito cães selvagens em volta de um novilho, afirmando que eu tinha outras obrigações. — De repente ela fez uma careta e apontou para as outras Aiel. — Elas ficaram para trás para zombar da minha desgraça, pelo que disseram, mas acho que as Sábias não teriam me deixado partir se elas não estivessem lá para me acompanhar.

— Procuramos o Prenunciado — completou Bain. Ela segurava Dailin enquanto Chiad vestia uma camisa de linho marrom na mulher adormecida. — Aquele Que Vem Com a Aurora.

— Ele vai nos guiar para fora da Terra da Trindade — acrescentou Chiad. — As profecias dizem que ele nasceu das *Far Dareis Mai*.

Elayne parecia perplexa.

— Pensei que tivessem dito que não era permitido que as Donzelas da Lança tivessem filhos. Tenho certeza de que foi isso que aprendi.

Bain e Chiad trocaram mais uma vez aquele olhar, como se Elayne tivesse chegado perto da verdade, mas tivesse entendido tudo errado.

— Se uma Donzela dá à luz um filho — explicou Aviendha, com muita calma —, entrega a criança às Sábias de seu ramo, que a entregam para outra mulher, de modo que ninguém pode saber de quem é a criança. — Ela também soava como se estivesse explicando que as pedras são duras. — Toda mulher deseja adotar uma criança dessas, na esperança de criar Aquele Que Vem Com a Aurora.

— Ou ela pode abrir mão da lança e se casar com o pai — completou Chiad.

Bain acrescentou:

— Às vezes uma mulher tem suas razões para abrir mão da lança.

Aviendha lançou às duas um olhar firme, mas prosseguiu como se elas não tivessem dito nada.

— Só que agora as Sábias disseram que ele será encontrado aqui, além da Muralha do Dragão. “Sangue do nosso sangue misturado com o sangue antigo, criado por um sangue ancestral que não é nosso.” Não compreendo, mas as Sábias falaram de uma forma que não deixou dúvidas. — Ela hesitou, claramente escolhendo bem as palavras seguintes. — Você já fez muitas perguntas, Aes Sedai. Também quero fazer uma. Precisam entender que procuramos sinais e presságios. Por que três Aes Sedai caminham por uma terra onde a única mão que não carrega uma faca o faz porque está fraca demais, pela fome, para pegar no cabo? Para onde vão?

— Tear — respondeu Nynaeve, mais do que depressa —, a não ser que fiquemos aqui conversando até o Coração da Pedra virar pó.

Elayne começou a ajustar a corda da trouxa e as tiras do alforje para voltar a caminhar, e Egwene fez o mesmo.

As Aiel se entreolharam. Jolien congelou enquanto fechava o casaco marrom acinzentado de Dailin.

— Tear? — perguntou Aviendha, em um tom de voz cauteloso. — Três Aes Sedai caminhando por uma terra conturbada a caminho de Tear. É

muito estranho. Por que vão para Tear, Aes Sedai?

Egwene olhou para Nynaeve. *Luz, um instante atrás elas estavam rindo, agora estão mais tensas do que nunca.*

— Estamos caçando umas mulheres malignas — respondeu Nynaeve, também cautelosa. — Amigas das Trevas.

— Mensageiras das Sombras. — Jolien apertou a boca ao proferir aquelas palavras, como se tivesse acabado de morder uma maçã podre.

— Mensageiras das Sombras em Tear — disse Bain

Como se completasse a frase, Chiad acrescentou:

— E três Aes Sedai em busca do Coração da Pedra.

— Não disse que estávamos indo para o Coração da Pedra — retrucou Nynaeve, bruscamente. — Disse apenas que não queria ficar aqui enquanto tudo lá vira pó. Egwene, Elayne, estão prontas? — Ela se encaminhou para fora do bosque sem dizer qualquer outra palavra, com o cajado fazendo barulho ao bater no chão e dando longas passadas em direção ao sul.

Egwene e Elayne se despediram depressa e correram atrás dela. As quatro Aiel ficaram de pé, observando-as partir.

Quando as duas já estavam a certa distância das árvores, Egwene comentou:

— Meu coração quase parou quando você disse seu nome. Não ficou com medo de tentarem matar você ou talvez de tentarem levá-la prisioneira? A Guerra dos Aiel não foi há *tanto* tempo assim, e apesar de terem dito aquilo sobre não machucarem mulheres que não carregam lanças, para mim elas pareciam prontas para atirar aquelas lanças em qualquer coisa que fosse.

Elayne balançou a cabeça, pesarosa.

— Acabei de descobrir que sei muito pouco sobre os Aiel, mas uma das coisas que aprendi é que eles não encaram a Guerra dos Aiel como uma guerra. Pela maneira como se comportaram em relação a mim, acho que talvez pelo menos isso seja verdade. Ou talvez tenha sido porque pensaram que eu era Aes Sedai.

— Sei que elas são estranhas, Elayne, mas *ninguém* pode chamar três anos de batalhas de outra coisa que não guerra. Não me interessa o quanto lutam entre si, guerra é guerra.

— Não para eles. Milhares de Aiel cruzaram a Espinha do Mundo, mas parece que eles viam a si mesmos como apanhadores de ladrões ou carrascos, todos atrás do Rei Laman, de Cairhien, pelo crime de derrubar *Avendoraldera*. Para os Aiel, aquilo não foi uma guerra: foi uma execução.

Avendoraldera, de acordo com uma das aulas de Verin, fora uma muda da própria Árvore da Vida, trazida a Cairhien cerca de quinhentos anos antes como uma oferta de paz dos Aiel sem precedentes. Foi concedida junto com o direito de cruzar o Deserto, algo que antes era reservado apenas a mascates, menestréis e os Tuatha'an. Grande parte da riqueza de Cairhien fora construída com o comércio de marfim, perfumes, especiarias e principalmente seda com as terras além do Deserto. Nem mesmo Verin tinha ideia de como os Aiel haviam conseguido uma muda de *Avendesora*. Os livros antigos eram claros em afirmar que a árvore não dava sementes, mas ninguém podia afirmar com certeza, pois não se sabia onde encontrar a Árvore da Vida, a não ser por algumas histórias claramente equivocadas. A Árvore poderia muito bem não ter nada a ver com os Aiel, ou mesmo com o motivo pelo qual os Aiel chamavam os cairhienos de “compartilhadores de água” e por que insistiam que as carroças mercantes ostentassem um estandarte com a folha de três pontas de *Avendesora*.

Egwene supôs, ressentida, ser capaz de entender por que eles haviam começado a guerra — ainda que não pensassem que fosse uma — após o Rei Laman cortar o presente para fazer um trono sem igual no mundo inteiro. O Pecado de Laman, como fora chamado. Segundo Verin, não foram apenas os negócios de Cairhien pelo Deserto que acabaram com a guerra, os cairhienos que se aventuraram pelo Deserto também desapareceram. Além disso, Verin contou que diziam que eles eram “vendidos como animais” nas terras além do Deserto, mas nem mesmo ela conseguia entender como um homem ou uma mulher poderiam ser vendidos.

— Egwene — disse Elayne —, você sabe quem Aquele Que Vem Com a Aurora deve ser, não é?

Olhando para as costas de Nynaeve, ainda bem à frente delas, Egwene sacudiu a cabeça — *Será que ela quer ir correndo daqui até Jurene?* — e quase parou de caminhar.

— Não está falando de...?

Elayne assentiu.

— Acho que sim. Não sei muito sobre as Profecias do Dragão, mas já ouvi alguns versos. Me lembro de um assim: “Ele surgirá nas colinas do Monte do Dragão, nascido de uma donzela que não esposou marido.” Egwene, Rand parece mesmo um Aiel. Bem, ele também parece com os desenhos que vi de Tigraine, mas ela desapareceu antes de ele nascer, e acho muito difícil que fosse mãe dele. Acho que a mãe dele era uma Donzela da Lança.

Egwene franziu a testa e apertou o passo, pensando em tudo o que sabia sobre o nascimento de Rand. Ele fora criado por Tam al'Thor depois da morte de Kari al'Thor, mas, se o que Moiraine dissera fosse verdade, eles podiam não ser os seus pais verdadeiros. Nynaeve às vezes parecia saber algum segredo a respeito do nascimento dele. *Mas aposto que não arrancaremos isso dela nem com uma forquilha!*

Elas alcançaram a mulher mais apressada. Egwene a encarava com irritação enquanto pensava, e Nynaeve mantinha o olhar fixo à frente, em direção a Jurene e ao navio. Elayne, por sua vez, encarava as duas com uma expressão irritada, como se elas fossem crianças emburradas disputando a maior fatia de bolo.

Depois de avançarem um tempo em silêncio, Elayne soltou:

— Você conduziu tudo muito bem, Nynaeve. A Cura, e o resto também. Acho que não duvidaram que você fosse uma Aes Sedai. Ou que todas nós fôssemos, e isso graças à forma como você se comportou.

— Você fez um bom trabalho — completou Egwene, depois de um minuto. — Aquela foi a primeira vez que pude ver direito o que acontece durante uma Cura. Perto daquilo, os relâmpagos são simples como uma mistura de bolo de aveia.

Um sorriso surpreso se formou no rosto de Nynaeve.

— Obrigada — murmurou em resposta, dando um puxãozinho no cabelo de Egwene, como fazia quando ela era pequena.

Não sou mais uma garotinha. O instante passou com a mesma rapidez com que surgira, e as três continuaram a caminhar em silêncio. Elayne soltou um suspiro alto.

Não demorou muito para avançarem mais uma milha, talvez um pouco mais, apesar de terem dado a volta no rio para evitar os arvoredos ao longo da margem. Nynaeve insistiu em ficar bem longe das árvores. Egwene achava besteira pensar que poderia haver outros Aiel escondidos nos bosques, mas o desvio não aumentara muito a distância que tinham de percorrer, já que nenhum dos arvoredos era muito grande.

Ainda assim, Elayne vigiava as árvores, e foi ela quem gritou de repente:

— Cuidado!

Egwene virou a cabeça com um solavanco. Alguns homens saíam de um dos bosques, girando as fundas acima das cabeças. Ela tentou tocar *saidar*, mas algo a atingiu na cabeça, e a escuridão a dominou.

Egwene pôde sentir que balançava, sentir que algo se movia sob seu corpo. Não havia nada em sua cabeça além da dor que sentia. Tentou levar uma das mãos à têmpora, mas algo apertava seus pulsos, e ela não conseguia mexer as mãos.

— ...melhor do que passar o dia inteiro lá, esperando escurecer — disse uma voz grave, masculina. — Quem sabe se outro navio apareceria? E não confio naquele barco. Está vazando.

— É bem melhor torcer para que Adden acredite que você viu os anéis antes de tomar a decisão — disse outro homem. — Ele no caso quer bons carregamentos, nem quer mulheres, eu acho.

O primeiro homem respondeu, resmungando algo rude sobre o que Adden podia fazer com o barco furado e as cargas.

Ela abriu os olhos. Sua visão estava tomada de pontinhos prateados, e achou que fosse vomitar no chão que balançava ao passar sob sua cabeça. Estava amarrada às costas de um cavalo, os punhos e tornozelos presos por uma corda que passava por debaixo da barriga do animal, a cabeça inclinada para baixo.

Ainda era dia. Ergueu o pescoço para olhar em volta. Havia tantos homens vestidos em roupas humildes ao seu redor que não pôde ver se Nynaeve e Elayne também haviam sido capturadas. Alguns dos homens usavam partes de armaduras — um capacete danificado aqui, uma placa peitoral amassada ali, um colete de escamas de metal que quase estourava de tão apertado —, mas a maioria estava apenas de casaco, e as peças pareciam não ver uma boa limpeza havia meses, se é que algum dia tinham sido limpas. Pelo cheiro, também parecia que os homens não se lavavam fazia alguns meses. Todos carregavam espadas, presas na cintura ou nas costas.

Foi tomada pela raiva e também pelo medo, mas sobretudo por uma ira incandescente. *Não serei prisioneira. Não serei amarrada! Não serei!* Tentou tocar *saidar*, e a dor quase arrancou seu escalpo. Por pouco não conteve um gemido.

O cavalo parou por um instante cheio de berros e do barulho de dobradiças enferrujadas, depois avançou um pouco mais, e os homens começaram a desmontar. Ao se afastarem, ela conseguiu ver um pouco do local. Estavam rodeados por uma paliçada de troncos erguida sobre um monte de terra grande e redondo, e homens com arcos montavam guarda em uma passarela de madeira com altura apenas o suficiente para poderem ver por cima dos troncos mal cortados. Uma choupana baixa e sem janelas, também de troncos, fora construída na vala escavada sob a gigantesca

parede. Exceto por alguns galpões apoiados na paliçada, não havia qualquer outra estrutura. Além dos homens e cavalos que tinham acabado de entrar, o espaço aberto estava repleto de fogueiras, cavalos acorrentados e outros homens sujos. Devia haver pelo menos uns cem. Bodes, porcos e galinhas engaiolados enchiam o ar de guinchos, grunhidos e cacarejos, que se somavam às risadas e aos gritos de palavras de baixo calão, uma algazarra que fazia a cabeça de Egwene martelar ainda mais.

Seus olhos encontraram Nynaeve e Elayne, amarradas de cabeça para baixo sobre cavalos sem sela, assim como ela. Nenhuma das duas parecia ter acordado, e a ponta da trança de Nynaeve se arrastava pela terra enquanto o cavalo se mexia. Perdeu a pouca esperança que tinha de que uma delas pudesse estar livre para ajudar as outras a escaparem. *Luz, não posso ser prisioneira outra vez. De novo não.* Com cuidado, tentou alcançar *saidar* mais uma vez. A dor não foi tão intensa, foi apenas como se alguém tivesse atirado um pedregulho em sua cabeça, mas fez o vazio se despedaçar antes que ela conseguisse sequer pensar em uma rosa.

— Uma delas acordou! — gritou a voz de um homem, em pânico.

Egwene tentou relaxar o corpo e parecer inofensiva. *Como, pela Luz, eu poderia parecer perigosa, amarrada aqui como um saco de batatas? Que me queime, preciso ganhar tempo. Eu preciso!*

— Não vou fazer mal a vocês — disse ao sujeito de cara suada que veio correndo em sua direção. Ou tentou dizer. Não soube ao certo o quanto de fato conseguira falar antes de ser atingida na cabeça outra vez e da escuridão dominá-la em uma onda de náusea.

* * *

Na vez seguinte, foi mais fácil acordar. Sua cabeça não doía tanto quanto antes, mas seus pensamentos pareciam girar em turbilhão. *Pelo menos meu estômago não... Luz, é melhor nem pensar nisso.* Havia um gosto de vinho azedo e algo amargo na boca. Faixas de luz entravam pelas rachaduras horizontais de uma parede tosca, mas ela estava no escuro, deitada de costas. Na terra, imaginou. A porta também não parecia muito bem encaixada, mas a construção parecia firme.

Ela conseguiu se erguer e se apoiar nas mãos e joelhos, surpresa em descobrir que não estava amarrada. Exceto pela única parede de troncos brutos, as outras todas pareciam feitas de pedra bruta. A luz que entrava pelas rachaduras era suficiente para que visse Nynaeve e Elayne estiradas na terra. O rosto da Filha-herdeira estava sujo de sangue. Nenhuma das

duas se movia, exceto pelo leve movimento da respiração em seus peitos. Egwene ficou na dúvida entre tentar acordá-las naquele instante ou tentar descobrir o que havia do outro lado daquela parede. *Só uma espiadinha*, disse a si mesma. *É melhor ver o que está nos vigiando antes de acordá-las.*

Disse a si mesma que não era porque estava com medo de não conseguir acordá-las. Ao espiar por uma das frestas perto da porta, pensou no sangue no rosto de Elayne e tentou se lembrar exatamente do que Nynaeve fizera com Dailin.

O cômodo ao lado era grande — devia ocupar todo o restante da construção de troncos que vira — e não tinha janelas, mas estava bem iluminado por lampiões de ouro e prata que pendiam de pregos cravados às paredes e dos troncos que formavam o teto alto. Não havia lareira. Sobre o chão de terra batida, mesas e cadeiras rústicos misturavam-se a baús decorados em ouro e com entalhes em marfim. Um carpete com desenhos de pavão estendia-se ao lado de uma enorme cama de dossel com colunas de entalhes elaborados e desenhos de ouro, coberta por uma pilha de cobertores sujos.

Cerca de doze homens estavam no recinto, de pé ou sentados pelo lugar, mas todas as atenções estavam voltadas para um sujeito grande e de cabelos claros, que seria bonito se tivesse o rosto mais limpo. Ele estava de pé diante de uma mesa de pés canelurados e volutas douradas, uma das mãos no cabo da espada e um dos dedos da outra empurrando algo que ela não conseguia distinguir em pequenos círculos no tampo da mesa.

A porta externa se abriu, revelando a noite do lado de fora, e um homem franzino e sem a orelha esquerda adentrou o aposento.

— Ele nem chegou ainda — disse o sujeito rude. Também faltavam dois dedos na sua mão esquerda. — Gosto nada de tratar com esse tipo.

O sujeito grande e louro não deu atenção a ele, apenas continuou movendo o que havia na mesa.

— Três Aes Sedai — murmurou, depois deu risada. — Os preços por Aes Sedai são bons, basta ter estômago para tratar com o comprador certo. Se conseguir arriscar ter as tripas arrancadas pela boca ao tentar vender gato por lebre. Não é tão seguro quanto cortar a garganta da tripulação de um navio mercante, hein, Coca? Não é tão fácil, não acha?

Um burburinho nervoso se elevou entre os outros homens, e aquele com quem o louro falara, um sujeito forte de olhos ardilosos, se debruçou para a frente, ansioso.

— Elas são Aes Sedai, Adden. — Egwene reconheceu aquela voz: o homem que resmungou as sugestões rudes. — Devem ser, Adden. Temos os

anéis para provar, estou dizendo! — Adden pegou algo da mesa, um pequeno círculo dourado que cintilava à luz do lampião.

Egwene arquejou e esfregou os dedos. *Levaram o meu anel!*

— Gosto nada disso — resmungou o homem franzino e sem orelha. — Aes Sedai. Qualquer uma delas poderia nos matar a todos. Que a Sorte me espicace! Você, no caso, é mesmo um bestalhão, Coca, eu devia era cortar essa sua garganta. E se alguma delas acordar antes de ele chegar, hein?

— Elas vão demorar horas para acordar. — Quem afirmou foi um sujeito gordo, com a voz rouca e um sorriso de desprezo que não tinha um dos dentes. — Minha vovó que me ensinou sobre aquele troço que demos para elas. Vão dormir até amanhã, e ele vai chegar muito antes disso.

Egwene mexeu a língua na boca e sentiu o gosto de vinho azedo e o amargor. *Seja lá o que for isso, sua vovó mentiu. Ela deveria é ter estrangulado você no berço!* Antes que esse tal de “ele” chegasse, esse homem que achava que podia comprar uma Aes Sedai — *que nem um maldito Seanchan!* —, Nynaeve e Elayne já estariam acordadas. Ela rastejou até Nynaeve.

Pelo que podia perceber, ela estava dormindo, então apenas começou a sacudi-la. Para sua surpresa, a amiga arregalou os olhos.

— O quê...?

Ela tapou a boca de Nynaeve com a mão a tempo de impedi-la de falar.

— Somos prisioneiras — sussurrou. — Tem mais de doze homens do outro lado daquela parede, e mais ainda do lado de fora. Muitos mais. Deram alguma coisa para fazer a gente dormir, mas não tiveram muito sucesso. Já conseguiu lembrar?

Nynaeve afastou a mão de Egwene.

— Consegui. — A voz era baixa e soturna. Ela fez uma careta, apertou a boca e de repente soltou uma risada quase silenciosa. — Raiz de dorme-bem. Os idiotas nos deram a raiz misturada com vinho. Vinho quase avinagrado, pelo gosto. Rápido, você se lembra de alguma coisa do que eu ensinei? O que faz a raiz de dorme-bem?

— Faz passar a dor de cabeça, para podermos dormir — respondeu Egwene, também baixinho. E sua voz soava quase tão taciturna quanto baixa, até que percebeu o que dizia. — Provoca um pouco de sonolência, mas só. — O gordo não prestara muita atenção aos ensinamentos da vovó. — Eles só ajudaram a tratar a dor da pancada que levamos.

— Exatamente — respondeu Nynaeve. — E, depois que acordarmos Elayne, vamos lá agradecê-los de um jeito que eles não vão esquecer. — Ela se levantou e agachou ao lado da mulher de cabelos dourados.

— Acho que vi mais de cem lá fora, quando nos trouxeram para cá — sussurrou Egwene, atrás de Nynaeve. — Tenho certeza de que você não vai se importar se eu usar o Poder como arma, dessa vez. E parece que tem alguém vindo nos *comprar*. Pretendo dar uma lição nesse sujeito que vai fazê-lo andar sob a Luz até o último dia da vida! — ameaçou. Nynaeve ainda estava agachada ao lado de Elayne, mas nenhuma das duas se movia. — Qual é o problema?

— Ela está muito ferida, Egwene. Acho que quebrou a cabeça, mal está respirando. Egwene, ela está morrendo, assim como Dailin.

— Você não pode fazer alguma coisa? — Egwene tentou se lembrar de todos os fluxos que Nynaeve combinara para curar a Aiel, mas conseguia se recordar no máximo de uma trama em cada três. — Você precisa!

— Eles levaram as minhas ervas — resmungou Nynaeve, furiosa, a voz trêmula. — Não vou conseguir! Não sem as ervas! — Egwene ficou chocada ao perceber que Nynaeve estava à beira das lágrimas. — Que a Luz queime a todos, eu não consigo sem...! — De repente, ela agarrou os ombros de Elayne, como se desejasse erguer a mulher inconsciente e sacudi-la. — Que a queime, garota. — A voz dela soava rouca. — Não trouxe você até aqui para morrer! Devia ter deixado você esfregando panelas! Devia ter amarrado você num saco e entregado para Mat levar até a sua mãe! Não vou deixar você morrer nas minhas mãos! Está ouvindo? Não vou deixar! — *Saidar* de repente brilhou ao redor dela, e os olhos e a boca de Elayne se escancararam.

Egwene pôs a mão por cima da boca de Elayne no que pensou ser bem a tempo de abafar qualquer som, mas, ao tocar a mulher inconsciente, a contracorrente da Cura de Nynaeve a agarrou como palha em um redemoinho. Ela congelou até os ossos, e o calor causticante que vinha de fora parecia queimar sua carne. O mundo inteiro desapareceu em uma sensação de arremetida, queda, voo e giro.

Quando finalmente terminou, ela respirava com dificuldade e encarava Elayne, que a olhava de volta por trás das mãos com que Egwene cobrira a sua boca. O que restava da dor de cabeça de Egwene se fora. Mesmo o ricochete do que Nynaeve fizera parecia ter sido suficiente para aquilo. O murmúrio de vozes no outro cômodo não ficara mais alto. Se Elayne, ou mesmo Egwene, tinha feito algum barulho, Adden e os outros não repararam.

Nynaeve estava de quatro no chão, com a cabeça baixa, trêmula.

— Luz! — murmurou. — Fazer isso assim... foi como arrancar... minha própria pele. Ah, Luz! — Ela olhou para Elayne. — Como está se sentindo,

garota?

Egwene tirou as mãos da boca de Elayne.

— Cansada — murmurou Elayne. — E com fome. Onde estamos? Vi uns homens com fundas...

Em poucas palavras, Egwene contou o que acontecera. O rosto de Elayne começou a ficar sério muito antes de a história terminar.

— E agora — acrescentou Nynaeve, a voz firme como ferro — vamos mostrar a esses grosseirões o que acontece quando mexem com a gente. — *Saidar* brilhou em volta dela mais uma vez.

Elayne ainda estava se levantando, cambaleante, mas o brilho tênue também a envolveu. Egwene estava quase alegre quando tocou a Fonte Verdadeira.

Quando olharam outra vez pela rachadura, para saber exatamente com o que teriam de lidar, viram que três Myrddraal haviam chegado.

Os trajes negros como a morte pendiam, anormalmente imóveis. Todos os homens, exceto Adden, haviam se afastado o máximo possível, até encostarem nas paredes, e mantinham os olhares fixos no chão de terra. De frente para o Myrddraal, do outro lado da mesa, Adden encarava de volta aquele olhar sem olhos, mas o suor escorria em bicas, limpando parte da terra em seu rosto.

O Desvanecido pegou um anel que estava em cima da mesa. Egwene percebeu que aquele era de um aro de ouro muito mais grosso que os anéis da Grande Serpente.

Com o rosto espremido na rachadura entre dois troncos, Nynaeve arquejou baixinho e apalpou as costas do vestido.

— Três *Aes Sedai* — sibilou o Meio-homem. Sua satisfação soava como corpos mortos se transformando em cinzas. — E uma delas levava isso. — O anel desabou com um baque pesado quando o Myrddraal o jogou de volta na mesa.

— São elas que procuro — disse outro, com a voz rouca. — Será bem recompensado, humano.

— Temos que pegá-los de surpresa — disse Nynaeve, baixinho. — Que tipo de cadeado tem na porta?

Egwene mal conseguia ver o cadeado do lado de fora da porta, uma coisa de ferro presa a uma corrente forte o bastante para conter um touro enfurecido.

— Fiquem a postos — disse.

Ela afinou um fluxo de Terra até torná-lo mais fino que um fio de cabelo, torcendo para os Meios-homens não perceberem uma canalização tão

pequena, e o combinou às menores partículas da corrente de ferro.

Um dos Myrddraal ergueu a cabeça. Outro se inclinou por cima da mesa, na direção de Adden.

— Sinto uma comichão, humano. Tem certeza de que elas estão dormindo? — Adden engoliu em seco e assentiu com a cabeça.

O terceiro Myrddraal se virou para encarar a porta do quarto onde Egwene e as outras estavam agachadas.

A corrente caiu no chão, o Myrddraal que estava virado para ela soltou um rosnado, e a porta de fora foi escancarada. Era a morte, coberta em véus negros, vindo da noite.

O recinto irrompeu em brados e gritos enquanto os homens agarravam as espadas para enfrentar as lanças Aiel. Os Myrddraal desembainharam lâminas mais negras que as roupas que usavam e também lutaram por suas vidas. Certa vez, Egwene vira seis gatos lutando entre si, mas ali havia centenas. Mesmo assim, em questão de segundos fez-se silêncio total. Ou quase total.

Todos os humanos que não usavam véus negros jaziam mortos, atravessados por lanças, e Adden estava pregado à parede por uma delas. Dois Aiel também estavam caídos, imóveis, entre a confusão de mortos e de mobília revirada. Os três Myrddraal estavam de costas uns para os outros, as espadas negras nas mãos. Um deles apertava um dos lados do corpo, como se estivesse ferido, embora não houvesse sinal de ferimento. Outro exibia um corte comprido no rosto pálido, mas não sangrava. Cinco Aiel com os rostos cobertos pelos véus estavam agachados, andando em círculos ao redor dos Desvanecidos. Do lado de fora, gritos e sons metálicos informavam que outros Aiel ainda lutavam noite adentro, mas ali os sons eram mais baixos.

Enquanto os rodeavam, os Aiel batiam as lanças nos pequenos broquéis de couro. Drum-drum-DRUM-drum... drum-drum-DRUM-drum... drum-drum-DRUM-drum. Os Myrddraal se viraram, os rostos sem olhos pareciam confusos, incomodados, pois o medo que seu olhar causava em todos os humanos não parecia afetar aqueles.

— Dance comigo, Homem das Sombras — gritou um Aiel de repente, em tom de deboche. Parecia um jovem homem.

— Dance comigo, Sem-olhos. — Era uma mulher.

— Dance comigo.

— Dance comigo.

— Acho — começou Nynaeve, se endireitando — que está na hora. — Ela abriu a porta, e as três mulheres envoltas no tênue brilho de *saidar*

saíram do cômodo.

Parecia que, para os Myrddraal, os Aiel tinham deixado de existir. Da mesma forma, parecia que os Myrddraal haviam sumido, para os Aiel. Estes olhavam para Egwene e as outras por cima dos véus, como se não soubessem ao certo o que viam. Ela ouviu uma das mulheres arquejar. O olhar sem olhos dos Myrddraal era diferente. Egwene quase sentia que os Meios-homens sabiam que iam morrer. Os Meios-homens sabiam identificar uma mulher que abraçava a Fonte Verdadeira quando viam uma. Ela também tinha certeza do desejo que sentiam pela morte dela, mesmo que para isso tivessem que pagar com a própria vida, e um desejo ainda mais forte de arrancar a alma dela da carne e transformar ambas em brinquedos para a Sombra, um desejo de...

Ela acabara de adentrar o recinto, mas parecia encarar aquele olhar por horas.

— Não tolerarei mais isso — rosnou, e liberou um fluxo de Fogo.

Chamas irromperam em meio aos três Myrddraal, espalhando-se em todas as direções, e eles guincharam como lascas de ossos em uma máquina de moer carne. Mas ela esquecera que não estava sozinha, que Elayne e Nynaeve estavam com ela. Ao mesmo tempo em que as chamas consumiam os Meios-homens, o próprio ar pareceu suspendê-los acima do chão e esmagá-los em uma bola de fogo e escuridão, uma bola que ficava cada vez menor. Os gritos provocaram calafrios em Egwene, e *algo* pulou das mãos de Nynaeve. Era uma barra fina de luz branca que fazia o sol do meio-dia parecer escuro, uma barra de fogo que fazia o metal incandescente parecer gélido, ligando as mãos dela aos Myrddraal. E eles cessaram de existir como se jamais tivessem passado por ali. Nynaeve deu um salto, assustada, e o brilho tênue que a envolvia desapareceu.

— O que... o que foi isso? — perguntou Elayne.

Nynaeve sacudiu a cabeça. Parecia tão atônita quanto Elayne.

— Eu não sei... eu... estava com tanta raiva, com tanto medo do que eles queriam fazer... Não sei o que foi isso.

Fogo devastador, pensou Egwene. Não sabia como, mas tinha certeza de que era. Relutante, soltou *saidar*. Fez *saidar* soltá-la. Não sabia o que era mais difícil. *E não vi nada do que ela fez!*

Os Aiel tiraram os véus. Um pouco depressa, pensou Egwene, como se quisessem mostrar a ela e às outras duas que não estavam mais prontos para a luta. Três dos Aiel eram homens, um deles mais velho, com mais do que algumas mechas grisalhas nos cabelos vermelho-escuros. Eram altos os homens Aiel e, jovens ou velhos, tinham a mesma certeza tranquila no

olhar, os mesmos movimentos graciosos e perigosos que Egwene associava aos Guardiões. A morte cavalgava em seus ombros, e eles sabiam disso e não tinham medo. Uma das mulheres era Aviendha. Os gritos e brados do lado de fora começavam a morrer.

Nynaeve começou a caminhar em direção aos Aiel caídos.

— Não é preciso, Aes Sedai — disse o homem mais velho. — Eles foram feridos pelo aço dos Homens das Sombras.

Ainda assim, Nynaeve se inclinou para conferir cada um deles, erguendo os véus para puxar as pálpebras e sentir o pulso em suas gargantas. Quando levantou o véu da segunda pessoa, empalideceu. Era Dailin.

— Que queime! Que queime! — Não estava claro se ela se referia a Dailin, ao homem de cabelos grisalhos, a Aviendha ou ao povo Aiel como um todo. — Eu não curei essa mulher só para ela morrer desse jeito!

— A morte chega para todos — começou Aviendha, mas, quando Nynaeve se virou para ela, a mulher se calou.

Os Aiel se entreolharam, como se não soubessem ao certo se Nynaeve faria a eles o que fizera aos Myrddraal. Não havia medo em seus olhos, pareciam apenas cientes da possibilidade.

— O aço dos Homens das Sombras mata — explicou Aviendha —, não fere. — O homem mais velho a encarou com uma leve surpresa nos olhos. Egwene concluiu que para ele, assim como para Lan, aquele leve tremor das pálpebras era o equivalente aos olhos arregalados de assombro de qualquer outro homem. Aviendha acrescentou: — Elas sabem pouco sobre certas coisas, Rhuarc.

— Sinto muito — pediu Elayne, com a voz clara — por termos interrompido sua... dança. Talvez tivesse sido melhor não interferirmos.

Egwene a encarou, surpresa, depois percebeu o que ela estava fazendo. *Tranquilizando-os e dando uma chance para Nynaeve acalmar os nervos.*

— Vocês estavam cuidando muito bem das coisas — continuou. — Talvez tenhamos ofendido vocês, nos metendo.

O homem grisalho, Rhuarc, soltou uma risada grave.

— Aes Sedai, de minha parte, afirmo que fico feliz por... seja lá o que tenham feito. — Por um instante, ele não parecia totalmente certo, mas no momento seguinte suavizou a expressão. Tinha um bom sorriso e um rosto forte e quadrado. Era bonito, ainda que um tanto velho. — Teríamos conseguido matar todos eles, mas três Homens das Sombras... Eles decerto matariam três dos nossos, talvez todos, e não posso afirmar que daríamos conta de todos. Para os jovens, a morte é uma inimiga com quem desejam medir forças. Para nós, que somos um pouco mais velhos, ela é uma velha

amiga, uma velha amante, mas não estamos ávidos para encontrá-la tão cedo.

Nynaeve pareceu relaxar com o discurso do homem, como se conhecer um Aiel que não estivesse ansioso para morrer tivesse aliviado a tensão dela.

— Eu é que deveria agradecer — disse —, e agradeço. Mas admito que fiquei surpresa em vê-los. Aviendha, você esperava nos encontrar aqui? Como?

— Eu segui vocês. — A Aiel não parecia constrangida. — Para ver o que iriam fazer. Vi os homens levarem vocês, mas estava longe demais para ajudar. Tinha certeza de que vocês me veriam se eu me aproximasse demais, então me mantive cerca de cem passos atrás. Quando percebi que não conseguiriam se salvar, já era tarde demais para tentar qualquer coisa sozinha.

— Tenho certeza de que fez o que pôde — respondeu Egwene, fraca. *Ela estava a apenas cem passos da gente? Luz, os bandidos não viram nadinha.*

Aviendha interpretou aquelas palavras como um incentivo para falar mais.

— Eu sabia onde Coram devia estar, e ele sabia onde estavam Dhael e Luaine, que sabiam... — Ela parou, franzindo o rosto para o homem mais velho. — Não esperava encontrar o chefe de um clã, muito menos do meu próprio, entre os que vieram. Rhurarc, quem lidera os Aiel Taardad, com você aqui?

Rhurarc deu de ombros, como se aquilo não tivesse importância.

— Os chefes dos ramos se revezam e tentam decidir se de fato desejam ir para Rhuidean, quando eu morrer. Eu não teria vindo, mas Amys, Bair, Melaine e Seana me perseguiram como gatas-bravas atrás de uma cabra-selvagem. Os sonhos diziam que eu devia ir. Elas perguntaram se eu queria mesmo morrer velho e gordo em cima de uma cama.

Aviendha riu, como se escutasse uma grande piada.

— Ouvi dizer que um homem encurralado entre a esposa e uma Sábia deseja em vez disso enfrentar dez inimigos. Um homem encurralado entre a esposa e três Sábias, e cuja própria mulher é uma Sábia, deve desejar tentar matar o Cega-vista.

— O desejo passou pela minha cabeça. — Ele franziu a testa para algo no chão. Eram três anéis da Grande Serpente, reparou Egwene, e um anel de ouro muito mais pesado, feito para o dedo largo de um homem. — Ainda passa. Tudo precisa mudar, mas eu não seria parte dessa mudança se pudesse me afastar dela. Três Aes Sedai viajando para Tear.

Os outros Aiel se entreolharam, mas pareciam não querer que Egwene e as outras percebessem.

— Você falou de sonhos — começou Egwene. — As suas Sábias sabem o que significam os sonhos que têm?

— Algumas sabem. Se quiser saber mais a respeito, precisa falar com elas. Talvez contem a uma Aes Sedai. Nada contam aos homens, exceto o que os sonhos dizem que devemos fazer. — De repente, ele pareceu cansado. — E costuma ser o que queremos evitar, se possível.

Ele se inclinou para pegar o anel masculino. Nele havia o desenho de um grou voando sobre uma lança e uma coroa. Egwene já sabia o que era. Já o vira muitas vezes antes, balançando em um cordão de couro preso ao pescoço de Nynaeve. A mais velha das Aceitas pisou nos outros anéis para tirá-lo das mãos do homem. Seu rosto estava vermelho, cheio de raiva e de emoções demais para que Egwene as desvendasse. Rhuarc não se moveu para pegar o anel de volta, mas continuou falando com o mesmo tom cansado.

— E uma delas leva um anel de que ouvi falar quando menino. O anel dos reis de Malkier. Eles cavalgaram com os shienaranos contra os Aiel, no tempo de meu pai. Eram bons na dança das lanças. Mas Malkier sucumbiu à Praga. Dizem que apenas um rei, ainda criança, sobreviveu, e ele corteja a morte que levou sua terra como outros homens cortejam belas mulheres. Isso é de fato muito estranho, Aes Sedai. De tudo de estranho que achei que veria quando Melaine me arrastou para fora da minha própria fortaleza, para o outro lado da Muralha do Dragão, nada foi mais estranho do que isso. O caminho que você abre para mim é um onde jamais pensei que meus pés andariam.

— Não abro caminho algum para você — retrucou Nynaeve, ríspida. — Só quero prosseguir na minha jornada. Esses homens tinham cavalos. Vamos levar três e seguir viagem.

— À noite, Aes Sedai? — inquiriu Rhuarc. — Sua viagem é tão premente que precisa atravessar essas terras perigosas no escuro?

Nynaeve relutou visivelmente antes de responder.

— Não. — Em um tom mais firme, acrescentou: — Mas pretendo partir assim que o sol nascer.

Os Aiel carregaram os mortos para fora da paliçada, mas nem Egwene nem suas companheiras queriam usar a cama nojenta onde Adden dormira. Pegaram os anéis e dormiram a céu aberto, sob seus próprios mantos e os cobertores que pegaram emprestados dos Aiel.

Quando a aurora começou a clarear o céu a leste, os Aiel prepararam um café da manhã feito de carne dura e seca, que Egwene hesitou em comer até Aviendha explicar que era carne de bode, além de um pão ázimo quase tão difícil de mastigar quanto a carne fibrosa e um queijo branco de gosto ácido com nervuras azuis, duro o bastante para fazer Elayne resmungar que os Aiel deveriam treinar mastigando pedras. Mas a Filha-herdeira comeu tanto quanto Egwene e Nynaeve juntas. Depois de escolher os melhores para Egwene e as outras duas, os Aiel soltaram os cavalos. Só cavalgavam se fosse extremamente necessário, explicou Aviendha, e soou como se preferisse correr com bolhas nos pés. Os animais que escolheram eram quase tão altos e corpulentos quanto cavalos de batalha, com pescoços imponentes e olhos ferozes. Um garanhão preto para Nynaeve, uma égua ruana para Elayne e uma égua cinza para Egwene.

Ela decidiu chamar a cinza de Bruma, na esperança de que um nome suave talvez a amansasse, e de fato Bruma pareceu caminhar mais tranquila em direção ao sul, enquanto o sol formava uma borda vermelha acima do horizonte.

Todos os Aiel que haviam sobrevivido à luta os acompanharam a pé. Outros três haviam morrido, além dos que os Myrddraal mataram. No momento eram dezenove, ao todo. Andavam a passos largos, acompanhando os cavalos sem dificuldade. No início, Egwene tentou fazer com que Bruma andasse devagar, mas os Aiel acharam aquilo muito engraçado.

— Aposto uma corrida de dez milhas — disse Aviendha — e veremos quem vai ganhar, eu ou o seu cavalo.

— Eu aposto uma de vinte! — gritou Rhuarc, gargalhando.

Egwene achou que eles estavam falando sério, e, quando ela e as outras duas deixaram os cavalos andarem a passos mais ligeiros, os Aiel não deram sinal algum de que ficariam para trás.

Quando avistaram os telhados de palha de Jurene a distância, Rhuarc falou:

— Vá em paz, Aes Sedai. Que vocês sempre encontrem água e sombra. Talvez nos vejamos outra vez, antes que cheguem as mudanças. — Ele soou taciturno. Enquanto os Aiel se viravam de volta na direção sul, Aviendha, Chiad e Bain ergueram as mãos em despedida. Não pareciam reduzir a marcha, apesar de não acompanharem mais os cavalos. Na verdade, seguiam até um pouco mais depressa. Egwene suspeitou que pretendiam manter o ritmo até chegarem aonde que quer quisessem ir.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntou. — “Talvez nos vejamos outra vez, antes que cheguem as mudanças”?

Elayne sacudiu a cabeça.

— Não importa o que ele quis dizer — retrucou Nynaeve. — Estou feliz por terem chegado ontem à noite, mas também estou feliz por terem partido. Espero que a gente encontre um navio aqui.

Jurene era um lugar pequeno, uma aldeia de casas de madeira de um só andar, mas o estandarte do Leão Branco de Andor se agitava sobre a cidade em um mastro alto. Cinquenta Guardas da Rainha montavam guarda, vestidos em casacos vermelhos com golas brancas e compridas sob as reluzentes placas peitorais. Foram alocados ali, como explicou o capitão, para fornecer um abrigo seguro para os refugiados que desejassem partir para Andor, mas a cada dia chegavam menos. A maioria seguia para aldeias mais ao sul do rio, perto de Aringill. Tinha sido uma boa coisa as três mulheres chegarem na hora em que chegaram, pois esperavam receber ordens de retornar a companhia para Andor a qualquer dia. Os poucos habitantes de Jurene provavelmente iriam com eles, deixando o que restara para os bandidos e os soldados cairhienos das Casas em conflito.

Elayne manteve o rosto escondido no capuz do manto de lã pesada, mas nenhum dos soldados pareceu associar a garota de cabelos louro-acobreados à Filha-herdeira. Alguns lhe pediram para fazer companhia, e Egwene não tinha certeza de que Elayne ficou satisfeita ou chocada. Ela respondeu aos homens que lhe perguntaram que não tinha tempo para eles. De um jeito estranho, era bom ter a atenção deles. Ela decerto não tinha desejo algum de beijar qualquer um daqueles sujeitos, mas era agradável ser lembrada de que pelo menos alguns homens a achavam tão bela quanto Elayne. Nynaeve deu um tapa no rosto de um dos sujeitos. Aquilo quase provocou uma risada em Egwene, e Elayne abriu um sorriso. Egwene pensou que Nynaeve levara um beliscão, e, apesar da carranca, a amiga também não parecia totalmente incomodada.

As três não estavam usando os anéis. Nynaeve não precisara de muito para convencê-las de que Tear era um lugar onde elas não gostariam de ser confundidas com Aes Sedai, ainda mais se a Ajah Negra estivesse por lá. Egwene guardara o seu na bolsa, junto com o *ter'angreal* de pedra, e volta e meia tateava para se lembrar de que ainda estavam lá. Nynaeve pendurara o seu no cordão que carregava o pesado anel de Lan, aninhado entre os seios.

Havia um navio em Jurene, preso ao único píer de pedras às margens do Erinin. Não era o navio que Aviendha avistara, ao que parecia, mas ainda

assim era um navio. A visão da embarcação deixou Egwene consternada. Duas vezes maior que o *Garça Azul*, o *Flechador* desmentia o nome com uma proa tão redonda quanto o capitão.

O sujeito proeminente piscou para Nynaeve e coçou a orelha quando ela perguntou se a embarcação era rápida.

— Rápida? Estou cheio dessas madeiras excelentes de Shienar e de tapetes de Kandor. Quem precisa ser rápido com um carregamento desses? Os preços só vão subir. Sim, creio que haja navios mais velozes atrás de mim, mas eles não atracarão por aqui. Eu mesmo não teria atracado se não tivesse encontrado larvas na carne. Que ideia idiota achar que teriam carne para vender em Cairhien. O *Garça Azul*? É, vi Ellisor preocupado com alguma coisa ao norte do rio hoje de manhã. Ele não vai zarpar tão cedo, eu acho. É isso que dá seguir em um navio veloz.

Nynaeve pagou as passagens — e em dobro, por causa dos cavalos — com uma expressão que fez Egwene e Elayne evitarem falar com ela até bem depois que o *Flechador* já estivesse longe de Jurene.



CAPÍTULO 40



Um Herói na Noite

Apoiado no gradil, Mat observou a cidade murada de Aringill ficar mais próxima enquanto os remos empurravam o *Gaivota Cinzenta* em direção ao píer de madeira. Protegidas por altos muros de pedra que avançavam até o rio, as docas fervilhavam de gente, e mais passageiros desembarcavam dos navios de diversos tamanhos atracados por toda a extensão do píer. Algumas pessoas empurravam barris e puxavam trenós ou carroças de rodas altas, levando pilhas de mobília e baús bem presos, mas a maioria apenas carregava algumas trouxas nas costas, quando muito. Nem todos pareciam apressados. Muitos homens e mulheres se aglomeravam, indecisos, com crianças chorosas agarradas às pernas. Soldados de casacos vermelhos e placas peitorais reluzentes tentavam fazê-los sair dos desembarcadouros e ir para a cidade, mas a maioria parecia assustada demais para se mexer.

Mat se virou e protegeu os olhos do sol para observar o rio de onde vinham. Essa parte do Erinin era mais movimentada do que ao sul de Tar Valon, com uma dezena de embarcações se movendo, que ele podia ver, desde um barquinho de proa pontuda avançando depressa rio acima, contra a corrente, empurrado por duas velas triangulares, até um largo navio de proa e velas quadradas, ainda bem ao norte.

No entanto, quase metade dos navios à vista nada tinha a ver com o comércio do rio. Duas embarcações largas e de deque vazios seguiam lentamente pelo rio em direção a uma cidade menor na margem oposta, enquanto outras três voltavam para Aringill, todas com o convés tão abarrotado que mais pareciam um barril de peixes. O sol poente, ainda bem

acima do horizonte, encobria em sombras um estandarte que esvoaçava sobre essa outra cidade. Aquele lado do rio era a costa de Cairhien, mas ele não precisava enxergar o estandarte para saber que a figura era a do Leão Branco de Andor. Escutara bastante falatório nas poucas aldeias andorianas onde o *Gaivota Cinzenta* fizera suas breves paradas.

Ele sacudiu a cabeça. Política não lhe interessava. *Desde que não tentem me dizer mais uma vez que sou andoriano só por causa de um mapa qualquer. Que me queime, daqui a pouco vão querer que eu lute naquele maldito exército, se esse negócio cairhieno se espalhar. E seguindo ordens! Luz!* Com um calafrio, ele se virou na direção de Aringill. Os homens descalços no *Gaivota Cinzenta* aprontavam as cordas para jogar aos que aguardavam no cais.

O Capitão Mallia o observava de longe, perto timão. O sujeito jamais abandonara os esforços de cair em suas graças, muito menos as tentativas de descobrir que missão tão importante era aquela. Mat por fim mostrara a carta selada, contando que era da Filha-herdeira para a Rainha. Uma mensagem pessoal de uma filha para sua mãe, nada mais. Mallia parecia ouvir apenas as palavras “Rainha Morgase”.

Mat sorriu para si mesmo. Um bolso fundo em seu casaco guardava duas bolsas ainda mais gordas do que estavam quando ele embarcara, e ele tinha moedas soltas o suficiente para encher outras duas. Sua sorte não fora tão boa quanto naquela primeira e estranha noite, quando os dados e todo o restante pareciam ter enlouquecido, mas ainda assim havia sorte. Depois da terceira noite, Mallia desistira de tentar demonstrar sua cordialidade aceitando jogar, mas seu baú de dinheiro já estava mais leve. E ficaria ainda mais depois de Aringill. Mallia precisava reabastecer as provisões ali — Mat examinou a confusão de pessoas no píer —, se fosse possível, a qualquer preço.

Quando voltou os pensamentos para a carta, o sorriso morreu. Com apenas uma forçadinha com uma faca de lâmina quente, o selo de lírio dourado se desprendera. Não descobrira nada: Elayne estava estudando muito, fazendo progressos e ansiosa para aprender. Era uma filha muito dedicada, e o Trono de Amyrlin a punira por fugir e a mandara jamais tocar no assunto outra vez, por isso a mãe entenderia por que ela não podia falar sobre o que acontecera. A jovem contou que fora elevada a Aceita, não era maravilhoso ter acontecido assim, tão cedo? E também disse que novas tarefas eram confiadas a ela, que teria que sair de Tar Valon por um breve período a serviço da própria Amyrlin. A mãe não precisava se preocupar.

Era muito fácil para ela dizer a Morgase que não se preocupasse. Ele é quem fora enfiado no caldeirão de sopa. Aquela carta idiota devia ser a razão para aqueles homens terem ido atrás dele, mas nem mesmo Thom conseguira desvendar algo, embora tivesse resmungado sobre “criptogramas”, “códigos” e “o Jogo das Casas”.

Mat guardara a carta em segurança sob o forro do casaco, com o selo de volta no lugar, e apostaria que ninguém jamais desconfiaria que ele a tinha lido. Se quisessem tanto assim pôr as mãos na carta, a ponto de matá-lo, era possível que tentassem outra vez. *Eu disse que entregaria essa maldita carta, Nynaeve, e vou, não importa quem tente me impedir.* Mesmo assim, tinha algumas palavrinhas para dizer àquelas três mulheres irritantes, da próxima vez que as visse — *Isso se eu chegar a vê-las de novo. Luz, nunca tinha pensado nisso* —, palavras que achava que elas não gostariam nada de ouvir.

Enquanto os tripulantes lançavam as cordas no píer, Thom chegou ao convés, os estojos dos instrumentos nas costas e a trouxa em uma das mãos. Mesmo mancando, caminhou até o gradil empertigado, dando leves floreios com o manto para fazer os retalhos coloridos tremularem e soprando o bigode longo e branco com ares de importância.

— Ninguém está olhando, Thom — comentou Mat. — E acho que mal reparariam num menestrel, a não ser que ele estivesse levando comida.

Thom olhou para as docas.

— Luz! Ouvi dizer que a coisa estava feia, mas não esperava isso! Pobres coitados. Metade deles parece estar morrendo de fome. Pode ser que arranjar um quarto para passar a noite nos custe uma dessas suas bolsas. E a outra por uma refeição, se for do tamanho das outras que você tem comido. Quase passei mal só de assistir. Se tentar comer daquele jeito às vistas desse pessoal aí embaixo, pode levar uma sova até seus miolos saltarem da cabeça.

Em resposta, Mat apenas sorriu.

Mallia cruzou o convés a passos pesados, puxando a ponta da barba, enquanto o *Gaivota Cinzenta* era levado para atracar. Tripulantes correram para armar a prancha de desembarque, onde Sanor montou guarda, os braços fortes cruzados na frente do peito caso a multidão no píer tentasse embarcar. Ninguém tentou.

— Então nos separamos aqui — começou Mallia, dirigindo-se a Mat. O sorriso do capitão não era tão animado quanto poderia. — Têm certeza de que não há nada mais que eu possa fazer para ajudar? Que a minha alma queime, nunca vi tamanha ralé! Esses soldados deveriam limpar as docas...

E com as espadas, se necessário. Assim os mercadores decentes poderiam fazer seus negócios. Talvez Sanor possa ajudá-los abrindo caminho entre essa gente até a sua estalagem.

Para que você saiba onde vamos ficar? Sem chance.

— Eu tinha pensado em comer um pouco antes de pisar em terra, talvez acompanhado de um joguinho de dados para passar o tempo. — O rosto de Mallia ficou branco. — Mas acho que prefiro ter um chão firme sob meus pés, durante a próxima refeição. Então nos separamos agora, capitão. Foi uma viagem muito agradável.

Enquanto o alívio ainda lutava com a consternação no rosto do homem, Mat recolheu seus pertences do convés e, usando o bastão como muleta, caminhou com Thom até a prancha. Mallia os seguiu até o topo, murmurando palavras de pesar pela partida, palavras que alternavam verdade e hipocrisia. Mat tinha certeza de que o homem odiava perder a chance de cair nas graças de seu Grão-lorde Samon por saber detalhes do pacto entre Andor e Tar Valon.

Enquanto Mat e o menestrel abriam caminho em meio à multidão, Thom resmungou:

— Sei que aquele sujeito está longe de ser agradável, mas por que é que você fica provocando? Já não foi suficiente ter traçado até a última raspa da comida que ele achava que seria suficiente até Tear?

— Não como tanto assim há quase dois dias. — Uma bela manhã, a fome simplesmente desaparecera, para seu grande alívio. Foi como soltar a última amarra que o prendia a Tar Valon. — Estava jogando quase tudo fora, e deu o maior trabalho não deixar ninguém ver. — Diante das feições abatidas da multidão, muitas delas de crianças, aquilo não parecia mais tão engraçado. — Mallia merecia a provocação. E aquele navio, ontem? Aquele que estava preso num atoleiro, ou algo assim. Ele poderia ter parado para ajudar, mas não chegou nem perto, nem mesmo com todos os gritos da outra tripulação. — À frente deles havia uma mulher de cabelos compridos e escuros que poderia ser bonita, se não parecesse tão esgotada. Ela observava o rosto de cada homem que passava diante de si, como se procurasse alguém. Um garoto um pouco mais alto que seu quadril e duas meninas menores agarravam-se a ela, chorando. — Todo aquele papo sobre bandidos do rio e ciladas. Não parecia uma cilada, pra mim.

Thom desviou de uma carroça de rodas altas, onde uma gaiola com dois porcos que guinchavam estava presa sobre um calombo coberto de lona, e quase tropeçou em um trenó puxado por um homem e uma mulher.

— E por acaso você sai do seu caminho para ajudar os outros, é? Engraçado como nunca percebi.

— Ajudo qualquer um que possa pagar — retrucou Mat, com firmeza. — Só os tolos das historinhas ajudam os outros sem ganhar nada em troca.

As duas meninas choravam, agarradas às saias da mãe, e o garoto lutava contra as lágrimas. Os olhos fundos da mulher pararam em Mat por um instante, observando seu rosto, antes de voltar a procurar. Ela também parecia querer chorar. Por impulso, ele catou um punhado de moedas soltas no bolso, sem nem olhar para contá-las, e as enfiou nas mãos da mulher. Ela levou um susto, encarou o ouro e a prata nas mãos com uma expressão aturdida que logo se transformou em um sorriso, depois abriu a boca, lágrimas de gratidão enchendo seus olhos.

— Compre algo para eles comerem — disse o rapaz, mais do que depressa e apressou o passo antes que ela pudesse falar qualquer coisa. Percebeu que Thom olhava para ele. — Que cara de bobo é essa? O dinheiro vem fácil, basta encontrar alguém que goste de jogar. — Thom assentiu bem devagar, mas Mat não soube ao certo se ele compreendia seus motivos. *Aquelas malditas crianças chorando estavam me dando nos nervos, é só isso. Esse menestrel besta agora com certeza acha que eu vou dar dinheiro para qualquer vagabundo que apareça. Idiota!* Por um momento desconfortável, não soube dizer se referia-se a Thom ou a si mesmo.

Recompondo-se, evitou olhar para qualquer rosto por tempo o suficiente para enxergar de verdade até encontrar o que procurava, ao pé do píer. O soldado sem capacete, de casaco vermelho e placa peitoral que apressava as pessoas para avançarem para a cidade tinha o ar lamuriado de um soldado de infantaria, um líder experiente de dez ou mais. Com as pálpebras semicerradas diante do sol poente, o homem lembrava Uno, embora tivesse os dois olhos. Parecia quase tão cansado quanto as pessoas com quem bradava.

— Circulando — gritava, com a voz rouca. — Não podem ficar aqui, maldição. Circulando. Todos para a cidade.

Mat parou bem em frente ao soldado e abriu um sorriso.

— Com licença, capitão, mas o senhor sabe me dizer onde posso encontrar uma estalagem decente? E também um estábulo que venda bons cavalos. Teremos um longo caminho a percorrer, amanhã de manhã.

O soldado o olhou de cima a baixo, examinando Thom e o manto de menestrel, depois voltou-se outra vez para Mat.

— Capitão, é? Bem, garoto, pode acreditar que tem a sorte do próprio Tenebroso se conseguir encontrar até mesmo um estábulo onde dormir. A

maioria desse pessoal passa a noite debaixo de cercas vivas. E se encontrar um cavalo que ainda não tenha sido abatido para servir de comida, é bem provável que tenha que lutar com o dono para fazê-lo vender o bicho.

— Comer cavalo! — resmungou Thom, enojado. — As coisas estão tão ruins assim, deste lado do rio? A Rainha não está mandando comida?

— Estão péssimas, menestrel. — O soldado parecia querer cuspir de desdém. — As pessoas cruzam o rio mais rápido do que os moinhos conseguem produzir farinha ou que os carroções trazem alimento das fazendas. Bem, não vai durar muito. A ordem já chegou. Amanhã mesmo, vamos parar de deixar qualquer um atravessar, e, se tentarem, mandaremos de volta. — Ele olhou com desprezo para o povo que se aglomerava nas docas, como se tudo aquilo fosse culpa deles, depois encarou Mat com o mesmo olhar severo. — Vocês estão ocupando espaço, viajantes. Circulando. — Ele elevou a voz, voltando a gritar, dirigindo-se a quem pudesse ouvir. — Circulando! Não podem ficar aqui, maldição! Circulando!

Mat e Thom se juntaram às pessoas, carroças e trenós que seguiam em direção aos portões da muralha da cidade, adentrando Aringill.

As ruas principais eram pavimentadas de pedras cinza lisas, mas estavam tão apinhadas de gente que era difícil enxergar as pedras sob as próprias botas. A maioria parecia se deslocar a esmo, sem rumo, e os que haviam desistido de andar estavam sentados, abatidos, nos cantos da rua. Os mais sortudos mantinham os pertences embrulhados diante de si ou levavam objeto estimado nos braços. Mat viu três homens segurando relógios e uma dúzia ou mais com cálices ou travessas de prata. A maioria das mulheres segurava crianças junto ao peito. Um burburinho preenchia o ar, um murmúrio baixo de preocupação. Ele abriu caminho pela multidão com uma carranca no rosto, procurando a placa de alguma estalagem. Havia todo tipo de prédio, de madeira, tijolos e pedras, todos praticamente colados uns nos outros, com telhados de telha, laje ou palha.

— Não é típico de Morgase — comentou Thom, depois de um tempo, meio para si mesmo. As sobrancelhas grossas estavam franzidas.

— O que é que não é típico dela? — perguntou Mat, distraído.

— Interditar a passagem. Mandar as pessoas embora. Ela tinha um temperamento difícil, mas também sempre teve o coração mole com os pobres e famintos. — Ele sacudiu a cabeça.

Foi então que Mat viu uma placa — “O Ribeirinho”, estava escrito, e tinha a imagem de um sujeito descalço e sem camisas dançando a jiga. O

rapaz virou-se naquela direção, usando o bastão para conseguir cruzar o fluxo de gente.

— Bem, só pode ter sido ela. Quem mais poderia ser? Esqueça Morgase, Thom. Ainda falta muito para chegarmos em Caemlyn. Primeiro, vamos ver quanto ouro custa uma cama para passarmos a noite.

O salão da estalagem O Ribeirinho parecia tão cheio quanto as ruas lá fora, e quando o estalajadeiro ouviu o que Mat queria, riu até o queixo tremer.

— Estou ajeitando quatro numa cama só, agora. Se minha própria mãe viesse pedir abrigo, não conseguiria arranjar nem um mísero cobertor perto da lareira.

— Como deve ter percebido — disse Thom, a voz assumindo aquele eco característico —, sou um menestrel. Sem dúvidas o senhor pode nos arrumar pelos menos catres em algum canto, e em troca posso entreter sua clientela com histórias e malabarismos, engolindo fogo e fazendo truques com as mãos.

O estalajadeiro riu na cara dele.

Enquanto Mat o puxava de volta para a rua, Thom grunhiu, já com a voz normal:

— Você nem me deu chance de perguntar sobre o estábulo. Sem dúvida eu teria conseguido no mínimo um lugarzinho no palheiro.

— Já dormi em estábulos e celeiros o suficiente, desde que deixei Campo de Emond — retrucou Mat. — E também já passei muitas noites debaixo de arbustos. Quero uma cama.

No entanto, nas quatro estalagens seguintes os estalajadeiros deram a mesma resposta que o primeiro, e os dois últimos quase os atiraram para fora quando Mat sugeriu apostar uma cama nos dados. E quando o dono da quinta estalagem afirmou que não teria um catre nem para a própria Rainha — e o lugar se chamava A Boa Rainha —, Mat suspirou e perguntou:

— E o estábulo? Sem dúvidas poderíamos dormir no palheiro, se pagarmos.

— Meu estábulo é para cavalos — retrucou o homem de rosto redondo —, não que tenham sobrado tantos, aqui na cidade. — Ele estivera polindo uma caneca de prata, mas ao falar aquilo abriu a porta de um armário raso que ficava apoiado em um baú fundo e cheio de gavetas e a colocou junto com outras. Eram todas diferentes. Um copo de dados feito de couro trabalhado jazia sobre o baú, bem ao lado do arco formado pelas portas do armário. — Não ponho ninguém lá, pessoas podem assustar os cavalos e talvez até fujam com eles. Quem paga para eu guardar os animais quer que

eles sejam bem tratados, e também tem dois cavalos meus lá. Não tem cama nenhuma para os senhores no meu estábulo.

Mat olhou o copo de dados, pensativo. Puxou uma coroa andoriana do bolso e a colocou sobre o baú. A moeda seguinte era um marco de prata de Tar Valon, depois um de ouro, e uma coroa tairena de ouro. O estalajadeiro olhou as moedas e lambeu os lábios carnudos. Mat acrescentou dois marcos de prata illianenses e mais uma coroa andoriana, depois olhou para o homem de rosto redondo. O estalajadeiro hesitou. Mat estendeu a mão para pegar as moedas, mas a mão do estalajadeiro as alcançou primeiro.

— Talvez, se forem só vocês dois, os cavalos não fiquem muito incomodados.

Mat sorriu para o homem.

— Falando em cavalos, por quanto o senhor vende seus dois? Com selas e rédeas, é claro.

— Não vou vender meus cavalos — retrucou o homem, apertando as moedas contra o peito.

Mat ergueu o copo de dados e o sacudiu.

— Aposto o dobro contra os seus cavalos, com selas e rédeas. — Ele também sacudiu o bolso do casaco e fez as moedas soltas tilintarem, para mostrar que tinha dinheiro para cobrir a aposta. — Lanço os dados uma vez contra o melhor de dois lançamentos seus.

Mat quase riu quando o rosto inteiro do estalajadeiro se iluminou pela ganância.

Ao adentrar o estábulo, a primeira coisa que o rapaz fez foi examinar as doze estrebarias com cavalos à procura de um par de capões marrons. Eram cavalos comuns, mas eram dele. Precisavam de uma escovação urgente, mas tirando isso pareciam em bom estado, ainda mais levando em conta que todos os cavaleiros, exceto um, tinham ido embora. O estalajadeiro menosprezara os homens, diante das queixas de que não podiam mais viver com o que ele lhes pagava, e parecia considerar um crime o fato de que o único que restara tivera a audácia de dizer que estava indo para casa, para a cama, pois estava cansado de fazer sozinho o trabalho de três.

— Cinco seis — murmurou Thom, atrás dele. O olhar que lançou para o estábulo não era tão fascinado quanto deveria, já que fora ele quem sugerira ficarem em um, em primeiro lugar. Partículas de poeira reluziam à última luz do sol poente que entrava pelas amplas janelas, e as cordas usadas para içar fardos de feno pendiam de roldanas nas vigas do teto, parecendo trepadeiras. O palheiro estava escondido na penumbra acima. —

Quando ele conseguiu quatro seis e um cinco no segundo lance, achou que sua derrota era certa, e eu também. Você não tem ganhado todas as vezes, ultimamente.

— Eu ganho quando preciso. — Mat estava bastante aliviado por não ganhar todas as vezes. Sorte era uma coisa, mas a lembrança daquela noite ainda o deixava arrepiado. Mesmo assim, por um instante, enquanto sacudia o copo de dados, ele praticamente sabia qual seria o resultado. Enquanto arremessava o bastão no celeiro acima, um trovão estrondeou no céu. Ele subiu a escada, falando com Thom. — Foi uma boa ideia. Achei que você iria gostar de escapar da chuva agora à noite.

A maior parte do feno estava dividido em fardos empilhados e encostados nas paredes externas, porém havia mais do que o suficiente solto para ele jogar o manto por cima e improvisar uma cama. Thom surgiu no topo da escada enquanto o rapaz tirava duas fatias de pão e um naco de queijo com nervuras verdes do alforje de couro. O estalajadeiro, cujo nome era Jeral Florry, se separara da comida quase pelo mesmo valor de um cavalo, em épocas menos conturbadas. Os dois comeram enquanto a chuva começava a batucar no telhado, bebendo água dos cantis para ajudar a engolir a comida, já que Florry não tinha vinho, a preço algum. Quando terminaram, Thom desencavou o acendedor, pegou o cachimbo comprido cheio de tabaco e recostou-se para fumar.

Mat estava deitado de barriga para cima, encarando o teto imerso nas sombras e se perguntando se a chuva pararia antes do amanhecer — queria se livrar daquela carta o mais rápido possível. Foi quando ouviu o eixo de uma carroça ranger no estábulo. Rolando para o canto do celeiro, espiou lá para baixo. O lusco-fusco era suficiente para ele enxergar.

Uma mulher esguia se espreguiçava depois de puxar os varais da carroça de rodas altas que acabara de trazer para o abrigo da chuva, tirando o manto e resmungando baixinho enquanto o sacudia para tirar a água. Ela usava os cabelos em uma infinidade de pequeninas tranças, e o vestido de seda, que Mat julgou que fosse verde-claro, tinha bordados elaborados na altura dos seios. O vestido um dia fora refinado, mas no momento estava esfarrapado e manchado. Ela massageou as costas, ainda falando sozinha em voz baixa, e correu para as portas do estábulo para espiar a chuva. Com a mesma pressa, esquivou-se para fechar as grandes portas, encerrando o estábulo na escuridão. Houve uns ruídos lá embaixo, um tilintar e um barulho de líquido esguichando, e de repente uma pequena chama trêmula surgiu em um lampião nas mãos dela. A mulher olhou em volta, encontrou um gancho em uma das colunas da estrebaria,

pendurou a lanterna e começou a procurar algo sob a lona amarrada que cobria a carroça.

— Ela foi rápida — comentou Thom, baixinho, com a boca no cachimbo. — Poderia ter botado fogo no estábulo esfregando a lasca de pedra e o aço no escuro, desse jeito.

A mulher reapareceu com a ponta de uma fatia de pão, que abocanhou como se estivesse dura, mas não se importasse por conta da fome.

— Ainda sobrou um pouco daquele queijo? — sussurrou Mat. Thom negou com a cabeça.

A mulher começou a fungar, e Mat percebeu que ela devia ter sentido o cheiro da fumaça de tabaco de Thom. Estava prestes a se levantar e anunciar a presença dos dois quando as portas do estábulo se abriram outra vez.

A mulher se agachou, pronta para correr, quando quatro homens, saídos da chuva, adentraram o estábulo, já tirando os mantos molhados e revelando casacos claros com mangas largas e bordados no peitoral, além de calças largas com bordados nas pernas. As roupas eram finas, mas os homens eram corpulentos e carrancudos.

— Então, Aludra — começou um homem de casaco amarelo —, você não correu tão rápido quanto pensou, não é? — Ele tinha um sotaque estranho aos ouvidos de Mat.

— Tammuz — disse a mulher, como se a palavra fosse um xingamento. — Não foi o bastante que seus descuidos tenham causado minha expulsão da Guilda, seu descerebrado, agora você ainda resolve me seguir. — Ela falava do mesmo jeito esquisito que o homem. — Acha que estou contente em ver você?

O homem chamado Tammuz soltou uma risada.

— Você é uma bela idiota, Aludra, coisa que eu sempre soube. Se tivesse simplesmente ido embora, poderia ter vivido uma vida longa em algum lugar tranquilo. Mas não conseguiu esquecer os segredos que tem na cabeça, não? Achou mesmo que não descobriríamos que você tentou continuar fazendo apenas o que ela tem direito de fazer, a Guilda? — De repente, uma faca surgiu na mão do homem. — Será um grande prazer cortar essa sua garganta, Aludra.

Mat sequer notou que havia se levantado até se ver segurando uma das cordas duplas que pendiam do teto do celeiro, já pulando para baixo. *Que me queime por ser tão idiota!*

Teve tempo apenas para um pensamento desvairado, e em seguida estava atacando os homens de mantos, derrubando-os de uma só vez. As

cordas escorregaram de suas mãos, e ele caiu, rolando pelo chão coberto de palha, as moedas pulando de seus bolsos, até dar de cara com uma baia. Quando conseguiu se levantar, os quatro homens também já se erguiam. E todos eles seguravam facas. *Seu idiota cego pela Luz! Que me queime! Que me queime!*

— Mat!

O rapaz olhou para cima, e Thom atirou o bastão. Ele o apanhou no ar bem a tempo de derrubar a lâmina do punho de Tammuz e acertar uma pancada forte na lateral da cabeça dele. O homem se contorceu, mas os outros três vieram logo atrás, e, por um instante turbulento, Mat fez tudo o que pôde, rodopiando o cajado para afastar as facas, golpeando joelhos, tornozelos e costelas até conseguir desferir um bom golpe em uma cabeça. Quando o último homem caiu, ele os encarou por um instante, depois ergueu o olhar para a mulher.

— Você tinha que escolher justo este estábulo para ser assassinada?

Ela deslizou uma adaga de lâmina fina de volta na bainha do cinturão.

— Eu teria ajudado, mas fiquei com medo que me confundisse com um deles, esses palhaços, se me aproximasse com aço nas mãos. E escolhi este estábulo porque a chuva está molhada, e também eu, e não tinha ninguém vigiando o lugar.

Ela era mais velha do que ele imaginara, tinha pelo menos dez ou quinze anos a mais que ele, mas era bonita, com olhos grandes e escuros e uma boca pequena e carnuda que parecia prestes a fazer beicinho. *Ou se preparando para ganhar um beijo.* Ele soltou uma risadinha e apoiou-se no bastão.

— Bem, o que está feito está feito. Acho que você não estava tentando nos criar problemas.

Thom descia do andar de cima, com alguma dificuldade por causa da perna, e Aludra olhou para ele, depois para Mat. O menestrel vestira o manto outra vez. Raramente deixava que o vissem sem ele, sobretudo se fosse a primeira vez.

— Parece até uma história — disse a mulher. — Resgatada por um menestrel e um jovem herói — ela olhou de cara feia os homens esparramados no chão do estábulo — desses sujeitos filhos de umas porcas!

— Por que é que eles queriam matar você? — perguntou Mat. — Ele falou alguma coisa sobre segredos.

— O segredo — começou Thom, quase que na voz que usava para as performances — de produzir fogos de artifício, se eu não estiver enganado.

Você é uma Iluminadora, não é? — Ele fez uma medida cortês com um floreio elaborado do manto. — Sou Thom Merrilin, um menestrel, como pode ver. — Quase como uma reflexão tardia, acrescentou: — E este é Mat, um jovem com talento para arrumar confusões.

— Eu era uma Iluminadora — respondeu Aludra, de modo severo —, mas ele, esse porco chamado Tammuz, arruinou uma apresentação minha para o Rei de Cairhien e quase destruiu a sala do capítulo. Quanto a mim, era a Mestra da Sala do Capítulo, então a Guilda julgou que eu fosse a culpada. — A voz dela adquiriu um tom defensivo. — Não revelo os segredos da Guilda, não importa o que Tammuz diga, mas não pretendo morrer de fome se posso produzir fogos de artifício. Não estou mais na Guilda, então as regras de lá não mais se aplicam a mim.

— Galldrian — comentou Thom, soando quase tão impassível quanto ela. — Bem, ele agora é um rei morto, não verá mais fogos de artifício.

— Na Guilda — continuou ela, soando cansada —, todos praticamente me culpam por esta guerra em Cairhien, como se aquela única noite de desastre tivesse causado a morte de Galldrian. — Thom fez uma careta. — Parece que eu não posso mais ficar aqui — prosseguiu. — Tammuz e esses outros desgraçados vão acordar em breve. Talvez dessa vez digam aos guardas que roubei o que eu mesma fiz. — Ela olhou para Thom e depois para Mat, com o cenho franzido, perdida em pensamentos, então pareceu tomar uma decisão. — Preciso recompensá-los, mas não tenho dinheiro. Porém tenho algo que deve valer tanto quanto ouro. Talvez seja até melhor. Veremos o que vocês acham.

Mat e Thom se entreolharam enquanto ela se enfiava sob a lona que cobria a carroça. *Ajudo qualquer um que possa pagar.* Pensou ver um brilho especulativo surgir nos olhos azuis de Thom.

Aludra separou um embrulho de um grupo de outros parecidos, um pequeno rolo de tecido oleoso e pesado quase da largura dos próprios braços. Ela o pôs sobre a palha, desamarrou as cordas que o atavam e desenrolou o tecido no chão. Havia quatro fileiras de bolsos presos, e em cada uma delas eles eram maiores do que os da anterior. Cada bolso continha um cilindro de papel revestido de cera que ocupava quase todo o espaço, e um cordão escuro se projetava para fora.

— Fogos de artifício — disse Thom. — Eu sabia. Aludra, você não pode fazer isso. Pode vender isso por dinheiro suficiente para passar dez dias ou mais numa boa estalagem e comer bem por todo o período. Bem, em qualquer lugar que não aqui em Aringill.

Ela se ajoelhou ao lado da longa tira de tecido lubrificado e deu uma fungada.

— Fique quieto, velhote. — A forma como ela disse aquilo não soou indelicada. — Será que não posso demonstrar gratidão? Acha que eu lhes daria isso se não tivesse mais nenhum para vender? Prestem bastante atenção em mim.

Mat agachou ao lado dela, fascinado. Só vira fogos de artifício duas vezes na vida. Mascates haviam levado alguns a Campo de Emond, a um custo bem alto para o Conselho da Aldeia. Quando tinha dez anos, tentara abrir um para ver o que havia dentro e causara um alvoroço. Bran al'Vere, o Prefeito, o algemara. Doral Barran, que na época era a Sabedoria, o enchera de varadas. Seu pai lhe dera uma surra de cinto, quando chegou em casa. Ninguém na aldeia falou com ele durante um mês, exceto Rand e Perrin, e os dois praticamente só diziam o quanto ele fora estúpido. Mat esticou a mão para tocar um dos cilindros. Aludra deu-lhe um tapa.

— Eu disse para observar primeiro! Esses menores fazem uma barulheira, mas nada além disso. — Eram do tamanho do dedinho dele. — Esses outros fazem um barulhão e soltam uma luz forte. Estes aqui fazem barulho, soltam a luz e várias faíscas. E estes — que eram mais grossos que o dedão dele — fazem tudo isso, mas as faíscas são multicoloridas. Quase como uma flor noturna, mas não no céu.

Flor noturna?, pensou Mat.

— Precisam ter cuidado especial com esses. Estão vendo o detonador? É muito comprido. — Ela reparou no olhar perdido de Mat e sacudiu uma das cordas compridas e escuras diante dele. — Aqui, aqui!

— Onde acende o fogo — resmungou em resposta. — Eu sei disso.

Thom fez um barulho com a garganta e alisou o bigode com o dorso da mão, como se encobrisse um sorriso.

Aludra grunhiu.

— Onde acende o fogo. Isso mesmo. Não se aproximem demais de nenhum deles, mas assim que acenderem o estopim desses aqui, corram. Estão entendendo? — Ela enrolou o comprido tecido bruscamente. — Podem vender, se quiserem, ou podem usá-los. Mas não esqueçam: nunca aproximem isso do fogo. Fogo fará todos eles explodirem. Se todos explodirem ao mesmo tempo, até podem destruir uma casa. — Ela hesitou ao amarrar as cordas de volta, depois acrescentou: — Tem uma última coisa, que vocês já devem ter ouvido. Não tentem abrir nenhum deles, como alguns belos idiotas resolvem fazer para ver o que tem dentro. Às vezes, o

conteúdo deles em contato com o ar pode causar uma explosão sem nem precisar do fogo. Podem perder os dedos, ou até mesmo a mão.

— Ouvi dizer — retrucou Mat, secamente.

Ela franziu a testa para ele, parecendo se perguntar se ele faria aquilo de qualquer jeito, depois empurrou o embrulho enrolado nas mãos dele.

— Tome. Preciso ir agora, antes que esses filhos de umas cabras acordem. — Olhando para a porta ainda aberta e a chuva que caía pela noite, ela suspirou. — Talvez encontre outro local seco. Acho que vou seguir em direção a Lugard, amanhã. Esses porcos estão esperando que eu vá para Caemlyn, certo?

Lugard ficava ainda mais longe do que Caemlyn, e Mat de repente se lembrou daquele pedaço de pão duro. E ela dissera que não tinha dinheiro. Ela não compraria refeição alguma com fogos de artifício até encontrar uma pessoa que pudesse pagar por eles. E nem sequer olhara para o ouro e a prata que saíram do bolso dele, quando caiu. As moedas reluziam sobre a palha, à luz do lampião. *Ah, Luz, acho que não posso deixá-la passar fome.* Pegou todas as moedas caídas que conseguiu reunir rápido.

— Hã... Aludra? Tenho bastante, está vendo? Pensei que talvez... — Ele estendeu as moedas para ela. — Sempre posso ganhar mais.

Ela hesitou, o manto jogado em um dos ombros, depois sorriu para Thom enquanto terminava de ajeitá-lo.

— Ele ainda é jovem, não é?

— Ele é jovem — concordou Thom. — E não tem nem a metade da maldade que gostaria de ter. Pelo menos às vezes.

Mat lançou um olhar irritado para os dois, então baixou a mão.

Erguendo os varais da carroça, Aludra virou-a e começou a avançar para a porta, dando um chute nas costelas de Tammuz ao passar. Ele soltou um grunhido meio grogue.

— Gostaria de saber uma coisa, Aludra — começou Thom. — Como foi que você acendeu aquele lampião tão rápido, no escuro?

Ela parou perto da porta e sorriu para ele por cima do ombro.

— Quer que eu revele todos os meus segredos? Estou grata, mas não apaixonada. Este segredo nem a Guilda conhece, pois fui eu que descobri sozinha. Mais do que isso não revelarei. Quando eu souber fazer o truque funcionar direito, e de um jeito que só funcione quando eu quiser, esses gravetos vão me trazer uma fortuna. — Jogando o peso contra os varais, ela puxou a carroça para o meio da chuva e foi tragada pela noite.

— Gravetos? — repetiu Mat. Ele se perguntou se a moça não seria um pouco esquisita da cabeça.

Tammuz soltou outro grunhido.

— É melhor fazermos o mesmo, garoto — sugeriu Thom. — Senão teremos que escolher entre cortar quatro gargantas ou passar os próximos dias dando explicações para os Guardas da Rainha. Esses aí parecem ser do tipo que botariam a guarda em nosso encalço só de raiva. E têm motivos para estarem com raiva, suponho. — Um dos companheiros de Tammuz se contorceu, como se recobrasse a consciência, e soltou um resmungo ininteligível.

Quando terminaram de reunir todos os pertences e selar os cavalos, Tammuz já estava de quatro, com a cabeça caída, e os outros também se remexiam e grunhiam, inquietos.

Saltando para a sela, Mat encarou a chuva do lado de fora, que caía mais forte do que nunca.

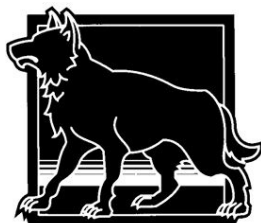
— Um maldito herói — resmungou. — Thom, se parecer que eu for dar uma de herói outra vez, pode me bater.

— E o que você teria feito de diferente?

Mat fechou a cara para ele, então puxou o capuz e ajeitou a parte de trás do manto por cima do rolo grosso amarrado atrás do cepilho alto da sela. Mesmo com o tecido oleoso, uma proteção a mais contra a chuva não faria mal.

— Pode me bater! — Ele enfiou os calcanhares nas costelas do cavalo e avançou a galope pela noite chuvosa.





Juramento de Caçador

Enquanto o *Ganso das Neves* avançava para o longo píer de pedras de Illian com as velas enroladas, impulsionado pelos remos, Perrin permanecia junto à popa, observando um grande número de pássaros de pernas compridas que avançava pela grama pantanosa que praticamente envolvia o grande porto. Reconheceu os pequenos grouns brancos e pôde adivinhar quem eram seus irmãos azuis, bem maiores, mas não conhecia muitos dos pássaros de crista, alguns de penas vermelhas ou rosadas, outros com bicos achatados e mais largos que os de patos. Uma dezena de espécies de gaivotas planavam e davam rasantes sobre o porto, e um pássaro negro de bico comprido e pontudo planava bem junto à superfície da água, formando sulcos com a parte de baixo do bico. Navios três ou quatro vezes mais compridos que o *Ganso das Neves* estavam ancorados ao longo do porto, aguardando a vez de entrar no píer ou apenas esperando a mudança da maré para que pudessem navegar para além do extenso quebra-mar. Pequenos barcos de pesca estavam próximos ao pântano, e, nos córregos que entremeavam a área, dois ou três homens arrastavam redes presas em longas estacas suspensas de cada lado do barco.

O vento carregava um forte cheiro de maresia e não ajudava muito a aliviar o calor. O sol já estava a meio caminho do horizonte, mas ainda parecia meio-dia. O ar parecia molhado, era a única definição que ele conseguia dar. Molhado. Seu nariz captou o odor de peixe fresco que vinha dos botes, o de peixe velho e lama vindo do pântano e o fedor pungente de um imenso curtume que ficava em uma ilha sem árvores no gramado do pântano.

O Capitão Adarra resmungou baixinho atrás deles, o timão rangeu, e o *Ganso das Neves* mudou ligeiramente o curso. Os homens descalços encarregados dos remos se moviam como se não quisessem emitir som algum. Perrin não demorou o olhar neles por mais tempo do que um relance.

Em vez disso, olhou para o curtume, observando uns homens rasparem o couro estirado em fileiras de molduras de madeira enquanto outros usavam grandes varas para erguer o couro imerso em gigantescos barris. Às vezes eles empilhavam os couros em carrinhos de mão e os levavam até o prédio grande e baixo no canto do pátio, e às vezes os couros retornavam aos tonéis, com uma adição de líquidos que jorravam de enormes jarros de pedra. Eles deviam produzir mais couro em um dia do que era feito em Campo de Emond em meses, e Perrin viu que havia outro curtume em uma ilha mais adiante.

Não que ele tivesse algum interesse real em navios, barcos de pesca, curtumes ou mesmo nos pássaros — embora se perguntasse o que os vermelho-claros estavam pescando com os bicos chatos e pensasse que alguns deles pareciam bons para comer, quando se descuidava —, mas qualquer coisa parecia melhor do que ver a cena que se desenrolava atrás de si, no convés do *Ganso das Neves*. O machado em seu cinturão não poderia defendê-lo daquilo. *Nem mesmo uma muralha de pedra seria defesa suficiente*, pensou.

Moiraine não demonstrara achar bom nem ruim descobrir que Zarine — *Não vou chamá-la de Faile, seja lá o nome que quiser dar a si mesma! Ela não é um falcão!* — sabia que ela era Aes Sedai, embora talvez tivesse ficado um pouco aborrecida com ele por não ter contado nada. *Um pouco aborrecida. Ela me chamou de tolo, mas foi só. Por um tempo.* Moiraine não parecera se incomodar por Zarine ser uma Caçadora da Trombeta. Mas tudo mudou quando ela ficou sabendo que a garota pensava que eles a levariam até a Trombeta de Valere, e descobriu que ele também sabia disso e não lhe contara — e Zarine conversara com Moiraine mais do que abertamente sobre ambos os assuntos, na opinião dele. Foi então que o olhar frio e sombrio da Aes Sedai adquirira uma qualidade que o fizera sentir como se estivesse preso em um barril de neve em pleno inverno. A mulher não dissera uma palavra sequer, mas o encarava de um jeito muito severo e com muita frequência para que pudesse simplesmente ignorá-la.

Ele espiou por cima do ombro e logo voltou a observar o litoral. Zarine estava sentada de pernas cruzadas no convés, perto dos cavalos amarrados entre os mastros, a trouxa e o manto escuro ao seu lado e as saias

apertadas e divididas muito bem-arrumadas. Ela fingia analisar as torres e os topos dos prédios da cidade que se aproximava. Moiraine também observava Illian, logo à frente dos homens que remavam, mas vez ou outra lançava um olhar severo à garota de debaixo do grande capuz de seu manto de fina lã cinza. *Como é que ela consegue continuar vestida nisso?*, pensou Perrin. Seu casaco estava desabotoado, a camisa aberta no colarinho.

Zarine respondia cada olhar da Aes Sedai com um sorriso, mas cada vez que Moiraine se virava, engolia em seco e esfregava a testa.

Perrin a admirava muito por conseguir abrir um sorriso enquanto Moiraine a encarava. Era muito mais do que ele era capaz de fazer. Nunca vira a Aes Sedai perder a compostura, mas estava a ponto de desejar que ela gritasse, tivesse um ataque de raiva ou qualquer coisa além de encará-lo. *Luz, talvez não qualquer coisa!* Talvez o olhar fosse suportável.

Lan estava sentado mais à frente, mais perto da proa que Moiraine, e o manto que parecia mudar de cor ainda estava guardado nos alforjes a seus pés. Ele parecia absorto em examinar a lâmina da espada, mas fazia pouco esforço para esconder o próprio divertimento. Às vezes retorcia os lábios no que quase parecia um sorriso. Perrin não tinha certeza, em alguns momentos pensava que fosse apenas uma sombra. As sombras podiam fazer até um martelo parecer estar sorrindo. Obviamente, cada uma das mulheres pensava que era delas que ele estava rindo, mas o Guardiã não parecia se importar com as caras feias e bocas apertadas que recebia das duas.

Alguns dias antes, Perrin ouvira Moiraine perguntar a Lan, com uma voz gélida, se ele vira alguma coisa engraçada. “Eu jamais riria de você, Moiraine Sedai”, respondera o homem, com toda a calma, “mas se realmente pretende me enviar para Myrelle, preciso me acostumar a sorrir. Ouvir dizer que ela conta piadas a seus Guardiões. Um Gaidin deve rir dos gracejos da detentora de seu elo. Você com frequência já fez gracejos para que eu risse, não é verdade? Talvez prefira que eu fique com você, no fim das contas.” Ela lançara a ele um olhar que teria acorrentado qualquer outro homem ao mastro, mas o Guardiã sequer piscou. Lan fazia aço frio parecer latão.

A tripulação se habituara a continuar o trabalho no mais completo silêncio quando Moiraine e Zarine estavam juntas no convés. O Capitão Adarra mantinha a cabeça inclinada e olhava como se escutasse algo que não queria. Passava as ordens em sussurros, em vez dos gritos de costume. Todos descobriram que Moiraine era uma Aes Sedai, e todos perceberam que ela estava descontente. Perrin se deixara entrar em uma discussão com

Zarine, e já não tinha certeza de qual dos dois gritara as palavras “Aes Sedai”, mas toda a tripulação ficara sabendo. *Maldita mulher!* Ele não sabia se estava pensando em Moiraine ou em Zarine. *Se ela é o falcão, o que é que deve ser o gavião? Será que eu vou ficar preso com duas mulheres como ela? Luz! Não! Ela não é um falcão, e fim de papo!* A única coisa boa que ele conseguia ver em tudo aquilo era que, com uma Aes Sedai irritada com que se preocupar, ninguém da tripulação prestava muita atenção aos olhos dele.

Loial não estava em nenhum lugar à vista, no momento. O Ogier ficava em sua cabine asfíxiante sempre que Moiraine e Zarine estavam juntas na parte de cima do navio — trabalhando em suas anotações, ele alegava. Só subia para o convés à noite, para fumar seu cachimbo. Perrin não entendia como ele conseguia suportar o calor, até mesmo aguentar Moiraine e Zarine era melhor que ficar nos deques inferiores.

Ele suspirou e fixou o olhar em Illian. A cidade de que se aproximavam era grande, tão grande quanto Cairhien ou Caemlyn, as duas únicas cidades grandes que ele já vira. Ela se elevava por detrás de um monstruoso pântano, que se estendia por milhas e mais milhas, parecendo uma planície gramada irregular. Illian não tinha muralhas, mas parecia toda feita de torres e palácios. As construções eram todas de pedras claras, exceto por algumas que pareciam cobertas de reboco branco, embora fossem de pedras brancas, cinzentas ou avermelhadas, às vezes até em tons claros de verde. Os telhados de telha reluziam sob o sol em uma centena de matizes diferentes. Muitos navios estavam ancorados nas extensas docas, a maioria menor que o *Ganso das Neves*, e o lugar estava tumultuado com o embarque e desembarque de cargas. Havia estaleiros no extremo da cidade, abrigando grandes navios em todos os estágios de construção, desde esqueletos de ripas robustas de madeira a embarcações quase prontas para deslizar até o porto.

Talvez Illian fosse grande o bastante para manter os lobos afastados. Eles com certeza não caçariam naqueles pântanos. O *Ganso das Neves* ultrapassara os lobos que o seguiam desde as montanhas. Ele os buscava, cauteloso, e sentia... nada. Era uma sensação curiosa de vazio, apesar de ser o que ele desejava. Desde aquela primeira noite, seus sonhos haviam sido só seus, pelo menos a maioria. Moiraine perguntara a respeito com uma voz indiferente, e ele contara a verdade. Por duas vezes se vira naquele estranho tipo de sonho de lobos, e nas duas vezes Saltador aparecera para expulsá-lo, dizendo que ele ainda era muito novo e inexperiente. O que

Moiraine achara daquilo, ele não fazia ideia: a mulher não dissera nada, exceto que era melhor ter cuidado.

— Para mim, está muito bom — grunhiu. Estava quase se acostumando a ver Saltador morto, mas não morto, nos sonhos com os lobos. Atrás de si, ouviu o Capitão Adarra arrastar as botas pelo convés e resmungar algo, surpreso por qualquer coisa ter sido dita em voz alta.

Cordas foram arremessadas para a costa. Enquanto ainda eram amarradas aos postes ao longo do píer, o capitão franzino começou a se movimentar, dando sussurros enérgicos para a tripulação. As hastes de apoio foram armadas para içar os cavalos até o desembarcadouro quase tão depressa quanto a prancha de desembarque foi posta no lugar. O cavalo de batalha preto de Lan dava coices e quase quebrou a haste que o erguia. O animal de Loial, enorme e de machinhas peludas, precisou de duas.

— Uma honra — sussurrou Adarra para Moiraine, fazendo uma mesura quando ela pisou na larga prancha que levava ao píer. — Uma honra ter servido à senhora, Aes Sedai. — Ela avançou para a costa sem olhar para ele, o rosto escondido sob o largo capuz.

Loial só apareceu depois que todos já estavam no píer, inclusive os cavalos. O Ogier desceu retumbando pela prancha de desembarque, tentando vestir o longo casaco enquanto carregava os enormes alforjes e o cobertor listrado, o manto pendurado em um dos braços.

— Não sabia que tínhamos chegado — disse, ofegante. — Estava relendo meu... — Ao olhar Moiraine, a voz dele foi morrendo. A mulher parecia absorta em observar Lan selar Aldieb, mas as orelhas do Ogier tremiam como as de um gato nervoso.

As anotações, pensou Perrin. Um dia desses eu preciso ver o que ele está escrevendo sobre essa coisa toda. Sentiu cócegas na nuca e deu um salto para a frente antes de perceber que também sentia um perfume fresco e herbóreo entre os odores de especiarias, alcatrão e os fedores das docas.

Zarine agitou os dedos, sorrindo para eles.

— Se eu posso fazer isso só de passar os dedos, fazendeiro, qual seria a altura do pulo se eu...

Ele estava começando a se cansar da expressão contemplativa daqueles olhos escuros e oblíquos. *Ela pode ser bonita, mas me olha como se eu fosse uma ferramenta desconhecida, tentando descobrir como foi feita e para que deve servir.*

— Zarine. — A voz de Moiraine era fria, mas serena.

— Meu nome é Faile — retrucou Zarine com firmeza. Por um instante, de nariz em pé daquele jeito, ela parecia mesmo um falcão.

— Zarine — repetiu Moiraine, a voz firme —, é hora de nossos caminhos se separarem. Poderá caçar melhor em outro lugar, e em maior segurança.

— Acho que não — retorquiu Zarine, com a mesma firmeza. — Um Caçador deve seguir os rastros que vê, e nenhum Caçador ignoraria o rastro que vocês quatro deixam. E eu me chamo Faile. — Ela estragou um pouco o discurso ao engolir em seco, mas não piscou ao encarar Moiraine.

— Tem certeza? — perguntou Moiraine, baixinho. — Tem certeza de que não vai mudar de ideia... Falcão?

— Tenho certeza. Não há nada que você ou seu Guardião com cara de pedra possam fazer para me impedir. — Zarine hesitou, depois acrescentou, mais devagar, como se tivesse resolvido ser totalmente sincera: — Pelo menos, nada do que estiverem dispostos a fazer poderá me impedir. Sei um pouco sobre as Aes Sedai. Por causa de todas as histórias, sei que há certas coisas que vocês não fazem. E não acredito que o cara de pedra faria tudo o que é preciso para que eu desista.

— Tem certeza? — perguntou Lan, muito calmo. Sua expressão era impassível, mas Zarine engoliu em seco outra vez.

— Não precisa ameaçar a moça, Lan — interveio Perrin. Surpreendeu-se ao perceber que tinha os olhos cravados no Guardião.

O olhar de Moiraine silenciou os dois.

— Você acha que sabe o que uma Aes Sedai não faria, não acha? — perguntou, em um tom mais baixo do que antes. Exibia um sorriso nada agradável. — Vou dizer o que precisa fazer, se quiser ir conosco. — As pálpebras de Lan estremeceram, em surpresa. As duas mulheres se olharam como um falcão e um rato, mas Zarine dessa vez não era o falcão. — Vai ter que jurar por seu juramento de Caçador que fará o que eu mandar, prestará atenção em mim e não nos deixará. Quando descobrir mais do que deveria sobre o que fazemos, não permitirei que caia em mãos erradas. Tome isso como uma verdade, garota. Você deve jurar agir como uma de nós, e não fará nada que ponha em risco nossos objetivos. Não fará perguntas sobre aonde estamos indo, ou por quê: ficará satisfeita com o que eu decidir revelar. Vai precisar jurar isso tudo, ou vai ficar aqui em Illian. E não deixará este pântano até que eu volte para libertá-la, nem que fique aqui pelo resto da vida. Isso *eu* juro.

Zarine virou a cabeça, inquieta, observando Moiraine com o canto do olho.

— Posso ir com vocês se jurar? — A Aes Sedai assentiu. — Serei uma de vocês, igual a Loial ou ao cara de pedra. Mas não vou poder perguntar nada.

Eles podem perguntar alguma coisa? — O rosto de Moiraine perdeu um pouco da paciência. Zarine se endireitou e ergueu a cabeça. — Muito bem, então eu juro. Juro pelos votos que fiz como Caçadora. Se quebrar um juramento, quebrarei os dois. Eu juro!

— Feito — disse Moiraine, tocando a testa da jovem. Zarine estremeceu. — Já que a trouxe até nós, Perrin, ela é sua responsabilidade.

— Minha?! — protestou ele.

— Não sou responsabilidade de ninguém além de mim mesma! — reclamou Zarine, quase gritando.

A Aes Sedai continuou a falar, com a voz serena, como se os dois não tivessem aberto as bocas nem por um segundo.

— Parece que você encontrou o falcão de Min, *ta'veren*. Tentei desencorajá-la, mas vejo que ela vai se empoleirar no seu ombro não importa o que eu faça. O Padrão tece um futuro para você, pelo que parece. Mas lembre-se disso: se for preciso, eu corto sua trama. E se a garota puser em perigo o que deve acontecer, você compartilhará o mesmo destino que ela.

— Não a chamei para vir com a gente! — protestou Perrin. Moiraine montou Aldieb com muita calma, ajustando o manto por cima da sela da égua branca. — Eu não chamei!

Loial deu de ombros para ele e disse alguma coisa, apenas movendo os lábios. Sem dúvidas devia ser algum ditado sobre os perigos de irritar uma Aes Sedai.

— Você é *ta'veren*? — perguntou Zarine, incrédula. Ela correu o olhar pelas roupas grosseiras de camponês e parou nos olhos amarelos. — Bem, talvez. Seja lá o que você for, ela parece capaz de ameaçá-lo com tanta facilidade quanto faz comigo. Quem é Min? O que ela quis dizer com “vou me empoleirar no seu ombro”? — Ela contraiu o rosto. — Se você tentar me transformar em uma responsabilidade sua, arranco suas orelhas. Está me ouvindo?

Com uma careta, ele deslizou o arco sem corda por debaixo do cepilho da sela, ao longo do flanco de Galope, e montou. Indócil após aqueles dias no navio, o cavalo castanho fez jus ao nome, até que Perrin o acalmou com uma das mãos firme nas rédeas e tapinhas no pescoço.

— Nenhuma dessas perguntas merece resposta — grunhiu. *A maldita da Min contou pra ela! Que a queime, Min! Que a queime também, Moiraine! E Zarine!* Ele não conseguia lembrar de Rand ou Mat sofrendo este tipo de ataque feminino vindo de todos os lados. Ou dele mesmo, antes de deixar Campo de Emond. Nynaeve era a única, naquela época. E a Senhora Luhhan,

naturalmente: ela mandava nele e em Mestre Luhhan em todos os locais, exceto na ferraria. E Egwene tinha um certo poder, na maioria das vezes em relação a Rand. A Senhora al'Vere, mãe de Egwene, sempre tinha um sorriso no rosto, mas tudo também sempre parecia ser feito do jeito que ela queria. E o Círculo das Mulheres cuidava de todo mundo.

Resmungando sozinho, ele se abaixou e agarrou o braço de Zarine. A jovem soltou uma exclamação surpresa e quase deixou cair a trouxa quando ele a ergueu para a garupa da sela. As saias divididas facilitaram que ela sentasse em Galope.

— Moiraine vai ter que comprar um cavalo para você — resmungou. — Não vai dar para você ir andando o caminho todo.

— Você é forte, ferreiro — comentou Zarine, esfregando o próprio braço —, mas não sou um pedaço de ferro. — Ela se ajeitou e enfiou a trouxa e o manto entre os dois. — Posso comprar meu próprio cavalo, se precisar de um. O caminho todo até onde?

Lan já estava saindo das docas em direção à cidade, com Moiraine e Loial atrás de si. O Ogier olhou para trás, na direção de Perrin.

— Nada de perguntas, esqueceu? E meu nome é Perrin, Zarine. Não é “grandão”, nem “ferreiro”, nem qualquer outra coisa. Perrin. Perrin Aybara.

— E o meu é Faile, cabeludo.

Produzindo um som próximo de um rosnado, ele cravou as botas em Galope, que avançou atrás dos outros. Zarine precisou passar os braços por sua cintura para não cair da garupa do cavalo castanho. Ele pensou que ela estava rindo.



CAPÍTULO 42



Acalmando o Texugo

O burburinho da cidade logo abafou o riso de Zarine — se é que aquilo era um riso — com o clamor típico que Perrin se lembrava de Caemlyn e Cairhien. Os sons eram diferentes ali, mais lentos, com entonações distintas, mas também eram os mesmos. Botas, rodas e cascos se chocavam contra os paralelepípedos das ruas toscas e desniveladas, eixos de carros e carroças guinchavam, música, risadas e cantorias eram ouvidas nas estalagens e tavernas. Vozes. O zumbido alto de vozes, como se tivesse enfiado a cabeça em uma gigantesca colmeia. Uma cidade gigantesca, viva.

Captou o clangor de um martelo em uma bigorna vindo de uma rua lateral e girou os ombros sem nem perceber. Sentia falta de ter o martelo e a pinça nas mãos, do metal incandescente emitindo faíscas a cada golpe seu. Os sons da ferraria foram morrendo atrás dele, enterrados sob o ressoar de carros e carroças, do tagarelar dos lojistas e da gente nas ruas. Por trás de todos aqueles odores de pessoas e cavalos, de cozidos e assados e dos centenas de aromas peculiares às cidades, havia o cheiro de pântano e de maresia.

Ele ficou surpreso na primeira vez que se depararam com uma ponte dentro da cidade, um arco baixo de pedras sobre uma hidrovía de não mais que trinta passos de largura. Foi apenas na terceira construção similar que percebeu que Illian era entrecortada por tantos canais quanto ruas, e que havia tantos homens impulsinando barcaças abarrotadas quanto açoitando animais que deslocavam os pesados carroções. Liteiras avançavam pela multidão nas ruas, e de vez em quando aparecia a carruagem envernizada de algum nobre ou de algum mercador abastado,

com insígnias ou símbolos das Casas em pinturas bem grandes nas portas. Muitos dos homens usavam a barba de um modo peculiar, sem cobrir o lábio superior, ao passo que as mulheres pareciam apreciar chapéus de abas largas ligado a lenços, que amarravam no pescoço.

Cruzaram uma enorme praça rodeada por gigantescas colunas de mármore branco — cada uma com pelo menos quinze braças de altura e duas de largura — que não sustentam coisa alguma, apenas uma coroa de ramos de oliveira esculpida na parte mais alta. Havia dois imensos palácios brancos, um em cada canto da praça, com caminhos rodeados de colunas, varandas arejadas, torres delgadas e teto arroxeados. À primeira vista, eram idênticos, mas depois Perrin percebeu que um deles tinha as dimensões apenas uma fração menor que o outro, as torres não deviam ser nem passos mais curtas.

— O Palácio do Rei — explicou Zarine, às costas dele — e o Grande Salão do Conselho. A história conta que o primeiro Rei de Illian disse ao Conselho dos Nove que poderiam ocupar qualquer palácio que desejassem, contanto que não tentassem construir um maior do que o dele. Então o Conselho construiu uma réplica exata do Palácio do Rei, mas com dois pés a menos em todas as medidas. Sempre foi assim em Illian. O Rei e o Conselho dos Nove brigam entre si, a Assembleia luta contra os dois, e, enquanto eles se enfrentam em suas batalhas, o povo vive praticamente do jeito que preferir, sem quase nenhum controle externo. Não é um jeito ruim de se viver, se for mesmo preciso se prender a uma cidade. Acho que você também vai gostar de saber, ferreiro, que esta é a Praça de Tammaz, onde fiz o Juramento do Caçador. Acho que vai acabar aprendendo tanto comigo que ninguém vai perceber que você ainda tem feno nos cabelos.

Perrin fez um esforço para segurar a língua, determinado a não ficar mais encarando as construções.

Ninguém parecia considerar Loial algo tão fora do comum. Poucas pessoas o olharam com atenção, e algumas crianças pequenas se apressaram em segui-los por algum tempo, mas parecia que os Ogier não eram desconhecidos em Illian. Além disso, ninguém na multidão parecia notar o calor ou a umidade.

Pela primeira vez, Loial não demonstrou satisfação com a aceitação das pessoas. Suas longas sobrancelhas caíram até as bochechas, e suas orelhas ficaram murchas, embora Perrin não estivesse muito certo de que aquilo não era apenas provocado pelo ar. Sua própria camisa estava colada ao corpo com uma mistura de suor e umidade.

— Está com medo de encontrar outros Ogier aqui, Loial? — perguntou. Sentiu Zarine se remexer em suas costas e maldisse a própria língua. Queria dar a ela ainda menos informações do que Moiraine parecia disposta a compartilhar. Assim, talvez ela ficasse bem entediada e fosse embora. *Isso se Moiraine a deixar partir, a essa altura. Que me queime, não quero nenhuma droga de falcão empoleirado no meu ombro, mesmo que ela seja bonita.*

Loial assentiu.

— Nossos alveneiros às vezes vêm aqui. — Ele proferiu a frase em um sussurro não apenas para os padrões de um Ogier, mas para qualquer um. Até mesmo Perrin mal conseguiu ouvir. — Do Pouso Shangtai, quer dizer. Foram alveneiros do *nosso* pouso que construíram parte de Illian. O Palácio da Assembleia, o Grande Salão do Conselho, alguns outros prédios. E eles sempre mandam nos chamar quando precisam de algum reparo. Perrin, se houver algum Ogier aqui, vai me mandar de volta para o *pouso*. Eu devia ter pensado nisso antes. Este lugar me deixa desconfortável, Perrin. — As orelhas dele se remexiam, nervosas.

Perrin se aproximou em Galope e estendeu a mão para tocar o ombro de Loial. Era uma esticada longa, bem acima de sua cabeça. Consciente de Zarine às suas costas, escolheu as palavras com cuidado.

— Loial, não acredito que Moiraine deixaria que o levassem. Você já está com a gente há um bom tempo, e parece que ela quer que continue conosco. Ela não vai deixar que o levem, Loial. — *Por que não?* perguntou-se, de repente. *Ela me mantém aqui porque acha que posso ser importante para Rand, e talvez porque não queira que eu espalhe o que sei por aí. Talvez seja por isso que ela quer mantê-lo por perto.*

— É claro que não — disse Loial, com uma voz um pouco mais forte, e suas orelhas se levantaram. — Afinal de contas, sou muito útil. Ela pode ter que viajar pelos Caminhos outra vez, e não conseguiria fazer isso sem mim. — Zarine se mexeu atrás de Perrin, que sacudiu a cabeça, tentando encontrar o olhar de Loial. Mas o amigo não estava olhando. Pareceu ter acabado de ouvir o que dissera, e os tufos de suas orelhas despencaram um pouco. — Espero que não seja isso, Perrin. — O Ogier olhou a cidade ao redor deles, e suas orelhas terminaram de desabar. — Não gosto desse lugar, Perrin.

Moiraine aproximou-se de Lan e falou, baixinho, mas Perrin conseguiu captar as palavras.

— Há algo errado na cidade.

O Guardião assentiu.

Perrin sentiu uma comichão entre os ombros. As palavras da Aes Sedai soaram sombrias. *Primeiro Loial, e agora ela. O que é que eu não estou conseguindo ver?* O sol brilhava sobre os telhados reluzentes e refletia nas paredes de pedras claras. Aquelas construções pareciam mais frescas por dentro. Os prédios eram claros e luminosos, assim como as pessoas. As pessoas.

No começo, ele não viu nada fora do comum. Homens e mulheres cuidavam de suas vidas, resolutos, embora mais lentos do que ele estava acostumado a ver, mais para o norte. Pensou que pudesse ser por causa do calor e do sol inclemente. Então percebeu um jovem padeiro avançando depressa pela rua, levando uma grande bandeja de pães frescos equilibrada na cabeça. A expressão no rosto do rapaz era tão emburrada que ele parecia prestes a rosnar. A mulher diante da loja de um tecelão parecia prestes a morder o homem que erguia os retalhos de cores vivas para ela examinar. Um malabarista em um canto trincava os dentes e encarava as pessoas que atiravam moedas no chapéu à sua frente como se os odiasse. Nem todos tinham aquela aparência, mas ele achava que pelo menos um rosto a cada cinco expressava raiva e ódio. E achava que as pessoas não estavam sequer cientes disso.

— Qual é o problema? — perguntou Zarine. — Você está tenso. Parece que estou abraçada a uma pedra.

— Tem algo errado — respondeu. — Não sei o que é, mas tem alguma coisa errada. — Loial assentiu com tristeza e resmungou algo sobre o obrigarem a ir embora.

Os prédios em torno deles começaram a mudar à medida que eles avançavam, cruzando novas pontes em direção ao outro lado de Illian. Muitas das pedras claras não eram polidas naquela parte. As torres e os palácios haviam desaparecido, substituídos por estalagens e armazéns. Muitos dos homens na rua e algumas das mulheres caminhavam de um modo estranho e gingado, e todos tinham os pés descalços que Perrin associava aos marinheiros. O cheiro de piche e cânhamo era forte no ar, assim como o cheiro de madeira, tanto fresca quanto curada, e o odor de lama rançosa era o mais proeminente. Os odores dos canais também variavam, fazendo o nariz de Perrin se franzir. *Penicos*, pensou. *Penicos e privadas velhas*. Ele sentiu um embrulho no estômago.

— A Ponte das Flores — anunciou Lan, enquanto cruzavam mais uma ponte baixa. Ele inspirou profundamente. — E agora estamos no Bairro Perfumado. Os illianenses são muito poéticos.

Zarine sufocou uma risada nas costas de Perrin.

Como se de repente tivesse perdido a paciência com o passo lento de Illian, o Guardião conduziu o grupo mais depressa até uma estalagem, cujos dois andares de pedras grosseiras com veios verdes ficavam abrigados sob telhas verde-claras. A noite já se aproximava, a luz diminuía enquanto o sol se punha, o que aliviara um pouco o calor, mas não muito. Garotos sentados em escadinhas para desmontar diante da estalagem ficaram de pé em um pulo para recolher os cavalos. Um menino de cabelos pretos, com cerca de dez anos, perguntou a Loial se ele era um Ogier. Quando Loial respondeu que sim, o garoto soltou um “Eu bem pensei que o senhor fosse, mesmo”, com um aceno de cabeça orgulhoso. Ele conduziu o grande cavalo de Loial para longe, jogando para cima e pegando no ar o cobre que o Ogier lhe entregara.

Perrin franziu a testa para a placa da estalagem por um instante, antes de seguir os outros para dentro. Um texugo de listras brancas dançava sobre as pernas traseiras, acompanhado de um homem que carregava o que parecia ser uma pá de prata. “Acalmando o Texugo”, dizia a placa. *Deve ser alguma história que nunca ouvi.*

O chão do salão estava coberto de serragem, e fumaça de tabaco preenchia o ambiente. O lugar também tinha cheiro de vinho, peixe sendo cozido na cozinha e um intenso perfume floral. As vigas expostas no teto alto eram entalhadas de um jeito rústico, enegrecidas pelo tempo. Àquela hora da noite, assim tão cedo, pouco menos de um quarto dos bancos e banquetas era ocupado por homens com casacos e calças simples de trabalhadores, alguns com os pés descalços dos marinheiros. Todos sentavam da forma mais amontoadá possível em torno de uma mesa, onde uma bela moça de olhos escuros, a dona do perfume, cantava ao som do dedilhar de uma sabiola de doze cordas e dançava sobre a mesa, rodopiando a saia. A blusa branca e folgada tinha um decote bem profundo. Perrin reconheceu a melodia — “A Donzela Dançante” —, mas as palavras que a moça cantava eram diferentes da canção que ele conhecia.

*A lugardeira foi à cidade
ver o que havia para ver.
Piscou os olhinhos, deu um sorrisinho
e beijou um rapaz ou três,
ou três.
Com as canelas finas e a pele branquinha,
agarrou um capitão cortês,
cortês.*

*Com um suspiro suave e uma risada alegre,
seguir e livre foi ser,
foi ser.*

Ela começou a entoar outro verso, e, quando Perrin percebeu o significado do que ela cantava, sentiu o rosto ficar quente. Pensara que nada poderia chocá-lo depois de ver as moças latoeiras dançando, mas a dança dava apenas um vislumbre, uma ideia. A garota estava cantando sobre tudo abertamente.

Zarine balançava a cabeça acompanhando a canção, sorrindo. Seu sorriso escancarou-se ainda mais quando ela olhou para Perrin.

— Ora, fazendeiro, acho que nunca conheci um homem da sua idade que ainda fosse capaz de corar.

Ele olhou para ela irritado e quase não se conteve e disse algo que sabia que seria estúpido. *Essa mulher maldita me deixa desconcertado antes mesmo que eu consiga pensar. Luz, aposto que ela pensa que eu nunca nem beijei uma garota!* Ele tentou não prestar mais atenção ao que a moça cantava. Se não conseguisse tirar o vermelho do rosto, Zarine com certeza o faria corar ainda mais.

Um lampejo de susto passou pelo rosto da proprietária quando eles entraram. Grande e redonda, com o cabelo arrumado em um coque grosso perto da nuca e um cheiro forte de sabão, a mulher conseguiu reprimir o espanto depressa e correu até Moiraine.

— Senhora Mari — disse —, nunca nem imaginei que veria a senhora aqui hoje. — Ela hesitou, encarando Perrin e Zarine, e lançou um olhar a Loial, mas não da forma indagativa com que olhou para os outros dois. Na realidade, os olhos da mulher brilharam ao notar o Ogier, mas sua atenção estava toda focada na “Senhora Mari”. Ela baixou a voz: — Meus pombos chegaram em segurança? — Ela parecia encarar Lan como parte de Moiraine.

— Tenho certeza que sim, Nieda — respondeu Moiraine. — Eu estou viajando, mas tenho certeza de que Adine anotou todas as informações. — Ela olhou a moça que cantava sobre a mesa sem desaprovação ou qualquer outra expressão. — O Texugo estava bem mais tranquilo da última vez que vim.

— É, Senhora Mari, sim, estava, sim. Mas, no caso, parece que esses grosseirões nem superaram o inverno ainda. Nem tive briga nenhuma aqui no Texugo nos últimos dez anos, até o fim desse inverno sumir. — Ela

indicou com a cabeça o único homem que não estava sentado perto da cantora, um sujeito ainda maior que Perrin, encostado na parede com os braços robustos cruzados e batendo o pé ao som da cantoria. — Até Bili andou tendo trabalho para sossegar o pessoal, então acabei contratando a moça para distrair um pouco a raiva. Veio, no caso, de algum lugar em Altara, essa moça. — Ela inclinou a cabeça e escutou por um momento. — Uma voz bonita, mas eu cantava melhor, sim, e dançava melhor também, quando tinha a idade dela.

Perrin ficou boquiaberto ao imaginar aquela mulher enorme saltitando em uma mesa e cantando aquela música — alguns versos chegaram aos seus ouvidos: “Não vou usar combinação nenhuma. Nenhuma.” —, até que Zarine cutucou-o com força nas costelas. Ele grunhiu.

Nieda olhou para ele.

— Vou misturar um pouco de mel e enxofre para essa sua garganta, rapaz. No caso, é melhor você nem pegar friagem antes que o tempo es quente, ainda mais com uma moça bonita dessas nos braços.

Moiraine lançou a ele um olhar para indicar que ele estava atrapalhando.

— Estranho a senhora ter sofrido com brigas — disse. — Eu me lembro muito bem de como seu sobrinho acaba com elas. Aconteceu alguma coisa que deixou o povo mais irritadiço?

Nieda refletiu por um instante.

— Talvez. No caso, é difícil dizer. Sim, os jovens riquinhos sempre vêm para as docas atrás das meretrizes e das bebedeiras que, no caso, jamais podem acontecer ao ar livre. Talvez eles no caso venham com mais frequência agora, desde o inverno difícil. Talvez. Sim, e andam se batendo mais, também. Foi sim um inverno difícil. Isso deixa os homens mais irritados, e no caso também as mulheres. Tanta chuva e tanto frio. Ora, duas dessas manhãs eu mesma acordei e encontrei gelo no lavatório. No caso, nem foi tão ruim quanto o inverno passado, é claro, mas sim, aquele foi um inverno que valeu por mil anos. Quase o bastante para me fazer acreditar naquelas histórias de água congelada caindo dos céus. — Ela deu uma risadinha para demonstrar a incredulidade. Era um som esquisito para uma mulher tão grande.

Perrin sacudiu a cabeça. *Ela não acredita em neve?* No entanto, se ela considerava este clima frio, ele conseguia acreditar que ela de fato pensasse assim.

Moiraine inclinou a cabeça, pensativa, o capuz encobrindo seu rosto.

A moça sobre a mesa começava a recitar um novo verso, e Perrin percebeu que outra vez escutava sem querer. Ele nunca ouvira falar de uma mulher que fizesse qualquer coisa remotamente parecida com o que a garota estava cantando, mas parecia interessante. Notou que Zarine o observava escutar a música e tentou fingir que não percebera nada.

— O que aconteceu de incomum em Illian, ultimamente? — perguntou Moiraine, por fim.

— Acredito que, no caso, dá pra chamar a ascensão de Lorde Brend ao Conselho dos Nove de incomum — respondeu Nieda. — Que a Sorte me espicace, nem consigo me lembrar de ouvir o nome dele antes do inverno, mas sim, ele chegou na cidade, vindo de algum lugar perto da fronteira com Murandir, segundo os rumores, e foi elevado em uma semana. Sim, dizem que ele é um homem bom, e o mais forte dos Nove. Eles todos seguem a liderança dele, pelo que dizem por aí, embora seja o mais novo e, no caso, desconhecido. Mas às vezes eu tenho esses sonhos estranhos com ele.

Moiraine abriu a boca, e Perrin tinha certeza de que era para perguntar se Nieda estava falando de sonhos que aconteceram nas últimas noites. Mas a Aes Sedai hesitou e, em vez disso, disse:

— Que tipo de sonhos estranhos, Nieda?

— Ah, bobagens, Senhora Mari. Só bobagens. A senhora quer mesmo escutar? Sonhos com Lorde Brend em lugares estranhos, caminhando por pontes suspensas. Sim, esses sonhos no caso são obscuros, mas vêm quase todas as noites. A senhora já ouviu falar nisso? Bobagens, que a Sorte me espicace! Ainda assim são sonhos estranhos. Bili diz que ele também sonha os mesmos sonhos. Sim, eu acho que ele escuta meus sonhos e copia. Bili nem é muito inteligente, às vezes, eu acho, sim.

— Talvez esteja sendo injusta com ele — sussurrou Moiraine.

Perrin encarou o capuz escuro. Ela parecia abalada, mais até do que quando pensou que um novo falso Dragão surgira em Ghealdan. Ele não conseguia sentir cheiro de medo, mas... Moiraine estava assustada. Aquilo era muito mais aterrorizante do que pensar em Moiraine irritada. Ele podia imaginá-la irritada, mas não conseguia nem começar a concebê-la assustada.

— Como sou tagarela — comentou Nieda, batendo no coque em sua nuca. — Como se meus sonhos tolos pudessem ter importância. — Ela soltou outra risadinha. Mais rápida, pois aquilo não era tão besta quanto acreditar na neve. — A senhora parece cansada, Senhora Mari. Vou levar vocês para os quartos. E depois darei uma boa refeição com rajado-vermelho recém-pescado.

Rajado-vermelho? Um peixe, pensou Perrin. Sentia cheiro de peixe cozido.

— Quartos — concordou Moiraine. — Sim. Queremos os quartos. A refeição pode esperar. Navios. Nieda, que navios estão indo para Tear? De manhã bem cedo. Preciso fazer uma coisa esta noite. — Lan olhou para ela de rosto franzido.

— Tear, Senhora Mari? — Nieda riu. — Ora, nenhum para Tear. Os Nove proibiram todos os navios daqui de partirem para Tear e todos os navios vindos de lá de passarem por aqui faz um mês hoje, mas eu acho que o Povo do Mar está pouco ligando para isso. Mas nem há navios do Povo do Mar no porto. Sim, isso, no caso, é estranho. A ordem dos Nove, quer dizer, e o silêncio do Rei a respeito, já que ele sempre levanta a voz para quem dá um passo sem seu comando. Ou talvez nem seja isso, exatamente. Sim, de fato só se fala sobre a guerra em Tear, mas os barqueiros e carroceiros que abastecem o exército de provisões no caso dizem que os soldados todos olham para o norte, para Murandy.

— Os caminhos da Sombra são confusos — comentou Moiraine, com a voz severa. — Faremos o que for preciso. Os quartos, Nieda. E depois vamos comer aquela refeição.

O quarto de Perrin era mais confortável do que ele esperava, pela aparência do restante do Texugo. A cama era larga, e o colchão, macio. A porta era feita de ripas inclinadas, e uma brisa cruzou o quarto quando ele abriu as janelas, trazendo os aromas do porto. E também algo dos canais, mas pelo menos era refrescante. Ele pendurou o manto em um pino, com o machado e a aljava, e apoiou o arco em um canto. Tudo o mais deixou nos alforjes e no cobertor. Talvez aquela não fosse uma noite tranquila.

Se Moiraine soara assustada antes, não foi nada comparado a quando ela disse que precisava fazer algo aquela noite. Por um instante, a mulher exalava um cheiro de medo, como se acabasse de anunciar que enfiaria a mão em um ninho de vespas e o esmagaria com os próprios dedos. *O quê, pela Luz, ela está tramando? Se Moiraine está com medo, eu deveria estar em pânico.*

Mas ele percebeu que não estava. Nem em pânico e nem sequer assustado. Sentia-se... ansioso. Pronto para que algo acontecesse, quase ávido. Determinado. Reconhecia os sentimentos. Era o que os lobos sentiam imediatamente antes de uma luta. *Que me queime, preferia estar com medo!*

Foi o primeiro a descer de volta para o salão, depois de Loial. Nieda preparara uma grande mesa para eles, com cadeiras com encosto de ripas em vez de bancos. Encontrara até uma cadeira do tamanho de Loial. A

garota do outro lado do salão entoava uma canção sobre um rico mercador que, depois de perder os cavalos de uma forma improvável, decidira, por alguma razão, puxar a própria carruagem. Os homens que a escutavam se dobravam em gargalhadas, urrando. As janelas mostravam a escuridão se aproximando mais depressa do que ele esperava. Pelo cheiro no ar, havia uma chuva a caminho.

— Esta estalagem tem um quarto para Ogier — comentou Loial, enquanto Perrin se sentava. — Parece que todas as estalagens de Illian têm, na esperança de atrair a clientela Ogier quando os alveneiros aparecem por aqui. Nieda disse que é sinal de boa sorte ter um Ogier sob seu teto. Acho que não aparecem muitos por aqui. Os alveneiros sempre ficam juntos quando viajam a trabalho. Humanos são tão impacientes, e os Anciões estão sempre com medo que os nervos se aflorem e alguém resolva enfiar um cabo longo no machado. — Ele olhou os homens ao redor da cantora como se suspeitasse que fizessem aquilo. Suas orelhas murcharam outra vez.

O rico mercador estava a ponto de perder a carruagem, arrancando mais gargalhadas da plateia.

— Consegui descobrir se tem algum Ogier do Pousio Shangtai aqui em Illian?

— Tinha, mas Nieda disse que foram embora durante o inverno. Disse que não concluíram o trabalho. Não entendo. Os alveneiros não deixariam um trabalho incompleto, a não ser que não fossem pagos, e Nieda disse que não foi o caso. Certa manhã, eles simplesmente sumiram, mas alguém os viu atravessando o Passadiço de Maredo à noite. Perrin, não gosto desta cidade. Não sei por quê, mas ela me deixa... pouco à vontade.

— Ogier — explicou Moiraine — são sensíveis a algumas coisas. — Ela ainda mantinha o rosto encoberto, mas Nieda devia ter enviado alguém para comprar um manto leve de linho azul-escuro para ela. O cheiro de medo se dissipara, mas sua voz soava extremamente controlada. Lan segurava a cadeira para ela, os olhos transparecendo preocupação.

Zarine foi a última a descer, passando os dedos pelos cabelos lavados. O perfume herbal que ela emanava estava ainda mais forte. Ela olhou para a travessa que Nieda pôs sobre a mesa e resmungou entre dentes:

— Odeio peixe.

A mulher robusta trouxera toda a comida em um carrinho com prateleiras. Ele estava empoeirado em alguns pontos, como se tivesse sido retirado às pressas do depósito por respeito à Moiraine. E os pratos eram de porcelana do Povo do Mar, ainda que lascados.

— Coma — retorquiu Moiraine, encarando Zarine. — Lembre-se de que qualquer refeição pode ser a sua última. Você decidiu viajar conosco, então esta noite comerá peixe. Pode ser que morra amanhã.

Perrin não reconheceu o peixe branco e quase redondo rajado de vermelho, mas o cheiro era bom. Pôs dois pedaços no prato com o garfo de servir, sorrindo para Zarine com a boca cheia. O gosto também era bom, um pouco apimentado. *Coma a droga do peixe, falcão*, pensou. Também pensou que, pela expressão de Zarine, ela estava a ponto de mordê-lo.

— Quer que eu mande a garota parar de cantar, Senhora Mari? — perguntou Nieda. Ela servia tigelas de ervilhas e algum tipo de mingau duro e amarelo na mesa. — Para que comam sossegados?

Com os olhos fixos no prato, Moiraine pareceu não ouvir.

Lan escutou por um instante: o mercador já perdera, em sequência, a carruagem, a capa, as botas, o ouro e todo o restante das roupas, e agora estava reduzido a ter que matar um porco para jantar. O homem então sacudiu a cabeça.

— Ela não vai nos incomodar. — Por um momento, pareceu prestes a dar um sorriso, até olhar para Moiraine. Logo em seguida, a preocupação retornou a seus olhos.

— O que há de errado? — perguntou Zarine, ignorando o peixe. — Sei que alguma coisa está errada. Não vejo tanta expressão nesse seu rosto desde que o conheci, cara de pedra.

— Sem perguntas! — interrompeu Moiraine, ríspida. — Você vai saber o que eu contar, e nada mais!

— O que é que você *vai* me contar? — inquiriu Zarine.

A Aes Sedai sorriu.

— Coma seu peixe.

Depois daquilo, a refeição prosseguiu quase em silêncio, exceto pelas canções que ecoavam pelo salão. Uma sobre um homem rico cuja mulher e filhas o faziam de idiota o tempo inteiro, sem nunca esvair sua arrogância. Outra que falava de uma jovem mulher que decidira dar um passeio sem roupa alguma no corpo, e mais uma que contava sobre um ferreiro que conseguira pôr uma ferradura em si mesmo, não no cavalo. Zarine quase engasgou rindo dessa última, e perdeu a compostura o suficiente para abocanhar um pedaço de peixe. De repente, fez uma careta, como se tivesse enfiado lama na boca.

Não vou rir dela, disse Perrin a si mesmo. *Por mais boba que ela pareça, vou mostrar a ela um pouco de boas maneiras.*

— Está uma delícia, não é? — comentou.

Zarine lançou um olhar amargo em resposta, e Moiraine olhou de cara feia por ele ter interrompido seus pensamentos. Foi a única conversa daquela refeição.

Nieda estava retirando os pratos e arrumando uma bandeja de queijos na mesa quando o fedor de algo repugnante eriçou os pelos da nuca de Perrin. Era um cheiro de algo que não deveria ser, e ele já o sentira duas vezes antes. Ele olhou em volta do salão, incomodado.

A garota continuava a cantar para o amontoado de ouvintes, alguns homens caminhavam perto da porta, e Bili ainda estava encostado na parede, batendo o pé aos sons da sabiola. Nieda deu um tapinha no cabelo enrolado, lançou uma breve olhada para o salão e se virou para levar o carrinho.

Ele olhou os companheiros. Loial, como esperado, puxara um livro do bolso do casaco e parecia ter se esquecido de onde estava. Zarine, mexendo distraída em um pedaço de queijo, encarou primeiro Perrin, depois Moiraine, depois Perrin outra vez, tudo isso enquanto tentava disfarçar. Mas era em Lan e Moiraine que ele estava de fato interessado. Eles eram capazes de sentir um Myrddraal, um Trolloc ou qualquer Criatura da Sombra a mais de cem passos de distância. Mas a Aes Sedai mantinha o olhar distante, fixo à mesa diante dela, e o Guardião cortava um naco de queijo amarelo enquanto a observava. Ainda assim, o cheiro de algo errado estava lá, como em Jahra e na fronteira de Remen, e dessa vez não ia embora. Parecia vir de algo dentro do salão.

Ele analisou o aposento outra vez. Bili estava encostado na parede, alguns homens cruzavam o salão, a moça cantava em cima da mesa, os homens gargalhavam ao redor dela. *Homens cruzando o salão?* Ele olhou para eles, o rosto franzido. Seis homens de feições comuns, indo na direção em que ele estava sentado. Feições muito comuns. Acabara de recomençar a analisar os sujeitos que ouviam a moça cantar, quando de repente lhe ocorreu que o fedor de algo errado estava emanando daqueles seis. De repente, adagas surgiram nas mãos deles, como se os homens tivessem percebido que Perrin reparara neles.

— Eles têm facas! — vociferou, jogando a travessa de queijos nos homens.

O salão irrompeu em confusão, homens aos berros, a cantora gritando, Nieda gritando por Bili, tudo acontecendo ao mesmo tempo. Lan deu um salto ficando de pé, uma bola de fogo saltou da mão de Moiraine, Loial agarrou a cadeira como um porrete, e Zarine se desviou para um dos lados, xingando. Ela também tinha uma faca em mãos, mas Perrin estava muito

ocupado para ficar reparando no que os outros estavam fazendo. Aqueles homens pareciam olhar diretamente para ele, e seu machado estava pendurado em um pino lá em cima, no quarto.

Ele puxou uma cadeira, arrancou um dos grossos pés que formavam um dos apoios do encosto, arremessou a carcaça nos homens e partiu, determinado, agarrado ao longo cassetete. Eles tentavam alcançá-lo como se Lan e os outros fossem apenas obstáculos no caminho. Estavam todos muito próximos, então tudo o que ele podia fazer era afastar as lâminas, e os movimentos largos do cassetete ameaçariam tanto Lan, Loial e Zarine quanto qualquer um dos seis agressores. De soslaio, viu Moiraine em um dos cantos, a frustração estampada no rosto: estavam tão embolados que não havia nada que ela pudesse fazer sem ameaçar tanto amigos quanto inimigos. Nenhum dos sujeitos que manejavam as facas sequer olhava para ela, já que a Aes Sedai não estava entre eles e Perrin.

Ofegante, ele conseguiu acertar um dos homens de aparência comum bem no meio da cabeça, com tanta força que ouviu o osso rachar, e de repente percebeu que estavam todos caídos. Parecia que tudo aquilo durara um quarto de hora ou mais, mas notou que Bili acabara de chegar, as mãos enormes se preparando enquanto ele olhava os seis homens caídos no chão. Bili não tivera tempo de chegar à briga antes que ela acabasse.

Lan, com uma expressão ainda mais sombria que a habitual, começou a revistar os corpos minuciosamente, mas com uma rapidez que revelava sua repugnância. Loial ainda segurava a cadeira erguida e, com um susto e um sorriso encabulado, a pousou de volta no chão. Moiraine olhava para Perrin, assim como Zarine, que recuperava a faca do peito de um dos homens mortos. O fodor de algo errado se dissipara, como se tivesse morrido com os agressores.

— Homens Cinza — murmurou a Aes Sedai —, e atrás de você.

— Homens Cinza? — Nieda soltou uma risada alta e nervosa. — Ora, Senhora Mari, só falta a senhora dizer que acredita em assombrações, urso-papão Espectros e o Velho Ceifador com seus cães negros na Caçada Selvagem. — Alguns dos homens que estavam escutando as músicas também riram, embora parecessem tão incomodados com Moiraine quanto com os homens mortos. A cantora olhou para Moiraine, também, com os olhos arregalados. Perrin lembrou-se daquela única bola de fogo, antes de todos se amontoarem. Um dos Homens Cinza tinha um aspecto meio chamuscado e exalava um cheiro enjoativo de queimado.

Moiraine virou-se de Perrin para a mulher robusta.

— Um homem pode caminhar na Sombra — retrucou, com muita calma — sem ser uma Criatura da Sombra.

— Ah, sim, Amigos das Trevas. — Nieda pôs as mãos nos generosos quadris e encarou os corpos com o cenho franzido. Lan terminara a revista. Ele olhou para Moiraine e balançou a cabeça, como se confirmasse suas esperanças de que não encontraria coisa alguma. — Devem ser é ladrões, mesmo que, no caso, eu nunca tenha ouvido falar de ladrões atrevidos a ponto de entrar numa estalagem. E nunca tive uma morte sequer aqui no Texugo. Bili! Vá se livrar desses sujeitos, jogue num canal e despeje serragem nova. Pela porta dos fundos, veja bem. Eu, no caso, nem quero a Guarda metendo aqueles narizes compridos dentro do Texugo. — Bili assentiu, como se estivesse ansioso para ser útil, depois de ter falhado em ajudar. Ele agarrou um homem morto em cada mão, pelo cinturão, e os arrastou em direção à cozinha.

— Aes Sedai? — perguntou a cantora de olhos escuros. — Não quis ofendê-la com minhas canções de salão. — Ela cobria com as mãos a parte exposta do colo, que era quase tudo. — Posso cantar outras, se os senhores preferirem.

— Pode cantar o que quiser, garota — respondeu Moiraine. — A Torre Branca não está tão isolada do mundo quando pensa, e já ouvi canções mais grosseiras do que você poderia cantar. — Mesmo assim, ela não parecia satisfeita por o salão saber que era uma Aes Sedai. Olhou para Lan, ajeitou o manto de linho no ombro e foi caminhando até a porta.

O Guardião se moveu bem depressa para interceptá-la, e os dois conversaram baixinho diante da porta, mas Perrin era capaz de escutá-los como se conversassem bem ao lado dele.

— Pretende ir sem mim? — perguntou Lan. — Eu jurei mantê-la inteira, Moiraine, quando aceitei o elo.

— Você sempre soube que existem alguns perigos que não está em condições de enfrentar, meu Gaidin. Tenho que ir sozinha.

— Moiraine...

Ela o interrompeu:

— Preste atenção, Lan. Se eu falhar, você vai saber, e então será obrigado a voltar à Torre Branca. Eu não mudaria isso, ainda que tivesse tempo. Não quero que você morra em uma tentativa vã de me vingar. Leve Perrin com você. Parece que a Sombra me fez ver a importância dele no Padrão de uma forma muito clara. Eu fui uma tola. Rand é um *ta'veren* tão forte que ignorei o significado de ele manter dois outros tão perto de si. Com Perrin e Mat, a Amyrlin ainda pode ser capaz de afetar o curso dos

acontecimentos. Com Rand à solta, ela vai ter que fazer isso. Conte a ela o que aconteceu, meu Gaidin.

— Você fala como se já estivesse morta — retrucou Lan, de forma rude.

— Há de ser o que a Roda tecer, e a Sombra obscurece o mundo. Preste atenção, Lan, e obedeça, como jurou fazer. — Com isso, ela partiu.



CAPÍTULO 43



Irmãos-das-Sombras

A garota de olhos escuros subiu de volta na mesa e recomeçou a cantar, com voz vacilante. Perrin conhecia a melodia como “O Galo da Senhora Aynora”, e, embora as palavras outra vez fossem diferentes, para sua decepção — e vergonha, por sentir-se decepcionado —, era de fato sobre um galo. Nem mesmo a Senhora Luhhan teria desaprovado a letra. *Luz, estou ficando igual a Mat.*

Nenhum dos ouvintes reclamou. Alguns dos homens ficaram um pouco insatisfeitos, mas pareciam tão nervosos quanto a garota, em relação ao que Moiraine aprovaria. Ninguém queria ofender uma Aes Sedai, mesmo que ela já tivesse partido. Bili retornou e levantou mais dois Homens Cinza. Alguns dos que escutavam a canção olharam os corpos e sacudiram a cabeça. Um deles cuspiu na serragem.

Lan entrou na frente de Perrin.

— Como é que você reconheceu esses sujeitos, ferreiro? — perguntou, baixinho. — A mácula da maldade deles não era forte o bastante para que eu ou Moiraine sentíssemos. Já aconteceu de Homens Cinza passarem por cem guardas sem serem notados, Guardiões entre eles.

Muito consciente do olhar de Zarine sobre si, Perrin tentou manter a voz em um tom ainda mais baixo que o de Lan.

— Eu... senti o cheiro deles. Já tinha sentido antes, em Jahra e Remen, mas ele sempre desaparecia. Nas outras duas vezes, eles tinham ido embora antes de chegarmos. — Não sabia ao certo se Zarine conseguira escutar ou não. Ela estava inclinada para a frente, esforçando-se para ouvir a conversa, embora tentasse disfarçar.

— Então estão seguindo Rand. E seguindo você agora, ferreiro. — O Guardião não demonstrou sinal de surpresa. Elevou a voz a um tom normal. — Vou dar uma olhada lá fora, ferreiro. Pode ser que seus olhos vejam algo que eu deixe passar. — Perrin assentiu. O pedido de ajuda do Guardião era um indício da preocupação que sentia. — Ogier, seu povo também enxerga melhor que a maioria.

— Ah, oh — disse Loial. — Bem, então acho que posso dar uma olhada também. — Ele virou os olhos grandes e redondos para os dois Homens Cinza que ainda estavam caídos no chão. — Acho que não deve ter mais nenhum deles lá fora. Você acha?

— O que estamos procurando, cara de pedra? — perguntou Zarine.

Lan a olhou por um instante, então sacudiu a cabeça, como se tivesse desistido de dizer algo.

— O que conseguirmos encontrar, garota. Vou saber quando vir.

Perrin pensou em subir para pegar o machado, mas o Guardião foi direto para a porta sem levar a espada. *Ele praticamente não precisa dela*, pensou Perrin, rabugento. *É quase tão perigoso sem a espada quanto com ela*. Ele agarrou o pedaço de pau e seguiu em frente. Era um alívio perceber que Zarine ainda estava com a faca na mão.

Nuvens pretas e espessas se acumulavam. A rua estava vazia, escura como se já estivesse no fim do crepúsculo. Parecia que o povo não esperara para ser pego pela chuva. Um sujeito cruzava uma ponte mais à frente, na rua. Era a única pessoa à vista, em todas as direções. O vento se tornava mais forte, soprando um trapo pelas pedras irregulares da calçada. Outro, preso sob a beirada de um dos blocos incrustados, drapejava com um leve estrépito. Trovões ressoavam e ribombavam.

Perrin franziu o nariz. Sentia cheiro de fogos de artifício, naquele vento. *Não, não exatamente fogos de artifício*. Era um cheiro que lembrava enxofre queimado. Quase isso.

Zarine deu uma pancadinha no pedaço de cadeira nas mãos dele com a lâmina da faca.

— Você é mesmo forte, grandão. Quebrou aquela cadeira como se fosse feita de raminhos.

Perrin grunhiu. Percebeu que estava ereto, e encurvou o corpo de propósito. *Garota idiota!* Zarine soltou uma risada baixinha, e ele ficou sem saber se continuava como estava ou se deveria se endireitar de novo. *Idiota!* Dessa vez, o xingamento era para si mesmo. *Você deveria estar procurando. O quê?* Ele não via nada a não ser a rua, e não sentia cheiro de nada além do enxofre quase queimado. E de Zarine, é claro.

Loial também parecia se perguntar o que estavam procurando. Coçou uma das orelhas peludas, espiou em uma das direções da rua, depois na outra, coçou a outra orelha. Então olhou para o telhado da estalagem.

Lan surgiu do beco ao lado do Texugo e seguiu para a rua, os olhos estudando as sombras mais escuras ao longo dos prédios.

— Talvez ele tenha deixado escapar algo — murmurou Perrin, embora achasse difícil de acreditar, e virou-se em direção ao beco. *Eu tenho que olhar, então vou olhar. Talvez ele tenha mesmo deixado escapar alguma coisa.*

Lan parara um pouco mais à frente, encarando a calçada de pedra diante de seus pés. O Guardiã começou a caminhar de volta para a estalagem a passos rápidos, ainda olhando para a rua à frente como se seguisse algo. O que quer que fosse, levava direto para uma das escadinhas para desmontar, quase ao lado da porta da estalagem. Ele parou ali, olhando para o topo do bloco de pedra cinza.

Perrin desistiu de entrar no beco, que fedia tanto quanto os canais daquela parte de Illian, e em vez disso foi andando na direção de Lan. Ele logo viu o que o Guardiã encarava. Duas inscrições haviam sido gravadas no topo da escadinha de pedra, como se um cão gigantesco tivesse cravado as patas dianteiras ali. O cheio de enxofre quase queimado era mais forte naquela área. *Cães não deixam pegadas na pedra. Luz, não pode ser!* Ele também conseguia distinguir a trilha que Lan seguira. O Cão trotara pela rua até a escadinha de desmontar, depois voltara pelo mesmo caminho. Deixara pegadas nas pedras como se fossem um campo arado. *Eles não fazem isso!*

— Um Cão das Trevas — explicou Lan, e Zarine prendeu o ar. Loial soltou um gemido baixinho. Para um Ogier. — Um Cão das Trevas não deixa marcas na terra, ferreiro, nem mesmo na lama, mas as pedras são outra história. Não se vê um Cão das Trevas ao sul das Montanhas de Dhoom desde as Guerras dos Trollocs. Eu diria que esse aqui estava caçando alguma coisa. E, agora que encontrou, foi avisar seu mestre.

Eu? pensou Perrin. *Homens Cinza e Cães das Trevas me caçando? Isso é loucura!*

— Está dizendo que Nieda tinha razão? — inquiriu Zarine, com a voz trêmula. — O Ceifador está mesmo cavalgando na Caçada Selvagem? Luz! Sempre achei que isso fosse só uma história.

— Não seja completamente idiota, garota — retrucou Lan, a voz severa. — Se o Tenebroso estivesse livre, estaríamos muito mais que mortos. — Ele espiou pela rua, seguindo a trilha das pegadas. — Mas Cães das Trevas

são bastante reais. Quase tão perigosos quanto Myrddraal e ainda mais difíceis de matar.

— Agora coloque os Espectros na história — resmungou Zarine. — Homens Cinza. Espectros. Cães das Trevas. Era melhor ter me levado até a Trombeta de Valere, fazendeiro. Que outras surpresas vocês têm pra mim?

— Sem perguntas — retorquiu Lan. — Você ainda sabe muito pouco, então Moiraine pode liberá-la do juramento se prometer não nos seguir. Eu mesmo posso tomar seu juramento, e você pode seguir logo o seu caminho. Seria algo muito sábio da sua parte.

— Você não vai me afugentar, cara de pedra — respondeu Zarine. — Não me assusto com facilidade. — Mas ela soava assustada. E também estava com cheiro de assustada.

— Tenho uma pergunta — interrompeu Perrin —, e quero uma resposta. Você não sentiu esse Cão das Trevas, Lan, e nem Moiraine. Por quê?

O Guardião ficou em silêncio por um momento.

— A resposta para isso, ferreiro — respondeu, por fim, taciturno — pode ser mais do que eu ou você queremos saber. E espero que ela não mate todos nós. Vocês três, durmam o quanto puderem. Duvido que passemos a noite em Illian e temo que uma cavalgada difícil nos espere.

— O que você vai fazer? — perguntou Perrin.

— Vou atrás de Moiraine. Contar sobre o Cão das Trevas. Ela não pode ficar irritada comigo por isso, não se sabe que não poderia notá-lo até ser agarrada pela garganta.

Os primeiros pingos grossos de chuva começaram a bater nas pedras da calçada enquanto eles voltavam para dentro. Bili removera o último Homem Cinza morto e varria a serragem onde havia sangue. A moça de olhos escuros entoava uma canção triste sobre um rapaz que deixava seu amor. A Senhora Luhhan teria gostado bastante.

Lan correu na frente, atravessou o salão e subiu as escadas. Quando Perrin chegou ao segundo andar, o Guardião já estava descendo, afivelando o cinturão, com o manto que mudava de cor pendendo de um dos braços, como se ele não se importasse com quem o veria.

— Se ele está usando isso na cidade... — Os cabelos desgrehados de Loial quase espanaram o teto quando ele balançou a cabeça. — Não sei se vou conseguir dormir, mas vou tentar. Sonhar vai ser mais agradável do que ficar acordado.

Nem sempre, Loial, pensou Perrin, enquanto o Ogier cruzava o corredor.

Zarine parecia querer ficar com ele, mas Perrin a mandou dormir e fechou a porta na cara dela com força. Encarou a própria cama com relutância, despindo-se até ficar de roupas de baixo.

— Preciso descobrir — suspirou, então deitou na cama. A chuva tamborilava lá fora, os trovões ressoavam. A brisa que entrava pela janela trazia um pouco do frescor da chuva, mas ele achou que não precisaria dos cobertores que estavam no pé do colchão. Seu último pensamento antes que o sono o chamasse foi que se esquecera outra vez de acender uma vela, embora o quarto estivesse escuro. *Descuidado. Não posso ser descuidado. O descuido arruína todo o trabalho.*

* * *

Sonhos corriam por sua cabeça. Cães das Trevas o perseguiram. Ele nunca os via, mas ouvia seus uivos. Desvanecidos e Homens Cinza. Um homem alto e esguio volta e meia surgia entre eles, sumindo depressa, vestindo um casaco com bordados requintados e botas de franjas douradas. Na maior parte do tempo, o homem erguia o que parecia ser uma espada brilhante como o sol e dava uma risada triunfal. Outras vezes, aparecia sentado em um trono, com reis e rainhas curvados diante dele. Eram cenas estranhas, como se não fossem de fato seus sonhos.

Então tudo mudou, e ele soube que estava no sonho com os lobos que buscava. Dessa vez, tinha torcido para encontrá-lo.

Estava no alto de uma torre de pedras, comprida e de topo achatado, o vento bagunçando seus cabelos, trazendo mil aromas secos e um leve sinal de água escondida a distância. Por um instante, pensou que tinha a forma de um lobo. Apalpou o próprio corpo para ter certeza de que o que via era ele mesmo. Usava seu casaco, suas calças e botas e segurava seu arco, a aljava pendia ao lado do corpo. O machado não estava lá.

— Saltador! Saltador! Onde você está? — O lobo não veio.

Havia montanhas escarpadas ao seu redor, assim como outras torres altas, separadas por planícies áridas e cumes desordenados, e em alguns lugares erguiam-se largos platôs com as laterais íngremes. A vegetação crescia, mas não era muito exuberante. Grama curta e dura. Arbustos arrepiados e espinhosos e outras plantas que pareciam ter espinhos até nas folhas encorpadas. Árvores isoladas e atrofiadas, retorcidas pelo vento. Mesmo assim, os lobos conseguiam encontrar caça naquela terra.

Enquanto olhava a paisagem árida, um círculo de escuridão de repente encobriu uma parte das montanhas. Ele não sabia dizer se a escuridão

estava bem diante de seu rosto ou a meio caminho das montanhas, mas parecia enxergar através dela e além. Mat, chacoalhando um copo de dados. O oponente encarava Mat com olhos de fogo. Mat não parecia ver o homem, mas Perrin o conhecia.

— Mat! — gritou. — É Ba'alzamon! Luz, Mat, você está jogando com Ba'alzamon!

Mat jogou os dados, e, enquanto eles giravam, a visão desvaneceu, e o lugar escuro foi coberto de montanhas outra vez.

— Saltador! — Perrin se virou devagar, olhando em todas as direções. Até olhou para o céu. *Agora ele pode voar.* As nuvens prometiam uma chuva que o chão muito abaixo do topo da torre beberia assim que desabasse. — Saltador!

Uma escuridão formou-se entre as nuvens, um vão para outro lugar. Egwene, Nynaeve e Elayne encaravam uma imensa jaula de metal com a porta erguida, presa a uma armadilha pesada. Elas entravam na jaula e estendiam os braços, juntas, para soltar o fecho. A porta de barras caía bruscamente atrás delas. Uma mulher de cabelo todo trançado ria das três, e outra, toda de branco, ria dela. O vão no céu se fechou, e havia apenas nuvens.

— Saltador, onde está você? — chamou. — Preciso de você! Saltador!

O lobo cinzento surgiu, aterrissando no topo da torre como se tivesse saltado de algum ponto mais alto.

Perigoso. Você foi advertido, Jovem Touro. Muito jovem. Muito novo, ainda.

— Preciso saber, Saltador. Você disse que há coisas que eu preciso ver. Preciso ver mais, saber mais. — Ele hesitou, pensando em Mat, Egwene, Nynaeve e Elayne. — As coisas estranhas que vejo aqui. São reais?

A resposta de Saltador parecia vir lentamente, como se fosse tão simples que o lobo não compreendia a necessidade de dá-la, ou como fazer isso. Mas algo finalmente veio.

O que é real não é real. O que não é real, é real. A carne é um sonho, e os sonhos têm carne.

— Isso não me diz nada, Saltador. Não estou entendendo. — O lobo olhou para ele, como se o rapaz tivesse dito que não entendia que a água era molhada. — Você disse que eu precisava ver algo, então me mostrou Ba'alzamon e Lanfear.

Presa-do-Coração. Caçadora-da-Lua.

— Por que me mostrou aquilo, Saltador? Por que eu precisava vê-los?

A Última Caçada está chegando. A resposta veio repleta de tristeza e de uma sensação de inevitabilidade. *O que será, terá de ser.*

— Não consigo entender! A Última Caçada? Que Última Caçada? Saltador, Homens Cinza tentaram me matar hoje à noite.

Os Não-mortos caçando você?

— Isso! Homens Cinza! Atrás de mim! E um Cão das Trevas estava bem do lado de fora da estalagem! Quero saber por que estão atrás de mim.

Irmãos-das-Sombras! Saltador se agachou e olhou para os lados, como se esperasse um ataque. *Há muito tempo não vemos Irmãos-das-Sombras. Precisa ir, Jovem Touro. Grande perigo! Fuja dos Irmãos-das-Sombras!*

— Por que eles estão atrás de mim, Saltador? Você sabe. Sei que sabe!

Fuja, Jovem Touro. Saltador pulou, batendo as patas da frente no peito de Perrin, empurrando-o para trás, para a beirada. *Fuja dos Irmãos-das-Sombras.*

O vento soprou em suas orelhas quando ele caiu. Saltador e o topo da torre diminuía acima dele.

— Por quê, Saltador? — gritou. — Preciso saber por quê!

A Última Caçada está chegando.

Ele ia bater. Sabia disso. O chão se aproximava depressa, e ele ficou tenso à espera do impacto da queda...

* * *

Acordou com um susto, olhando para a vela que bruxuleava sobre a pequena mesa ao lado da cama. Relâmpagos iluminavam a janela, os trovões a sacudiam ruidosamente.

— Como assim a Última Caçada? — murmurou. *Não acendi nenhuma vela.*

— Você fala sozinho. E se debate dormindo.

Ele deu um salto e maldisse a si mesmo por não ter percebido o perfume herbal no ar. Zarine estava sentada em um banquinho, quase no limite da luz da vela, observando-o com o cotovelo apoiado no joelho e o queixo apoiado no punho.

— Você é *ta'veren* — disse, como se esclarecesse algo. — O cara de pedra acha que esses seus olhos esquisitos enxergam coisas que os dele não conseguem enxergar. Homens Cinza querem matar você. Você viaja com uma Aes Sedai, um Guardiã e um Ogier. Você liberta Aiel enjaulados e mata Mantos-brancos. Quem é você, fazendeiro? O Dragão Renascido? — A voz da moça indicava que aquela era a coisa mais ridícula que ela podia

pensar, mas mesmo assim ele mudou de posição, incomodado. — Seja lá quem você for, grandão — acrescentou —, ficaria melhor com um pouco mais de pelos no peito.

Ele se virou, xingando, e puxou um dos cobertores até o pescoço. *Luz, ela não cansa de me fazer pular como um sapo em pedra quente.* O rosto de Zarine estava quase nas sombras. Ele não podia vê-la muito bem, a não ser quando um relâmpago lançava um pouco de claridade pela janela, a iluminação grosseira formando sombras próprias no nariz pronunciado e maçãs do rosto altas da moça. De repente, lembrou-se de Min dizendo que ele deveria fugir de uma bela mulher. Quando reconheceu Lanfear naquele sonho de lobo, pensou que Min se referia a ela, pois não achava que pudesse haver mulher mais bonita que Lanfear. Mas a mulher era parte de um sonho. Zarine estava ali, sentada, observando-o com aqueles olhos escuros e oblíquos, refletindo, ponderando.

— O que está fazendo aqui? — perguntou. — O que é que você quer? Quem é você?

Ela jogou a cabeça para trás e soltou uma risada.

— Sou Faile, fazendeiro, uma Caçadora da Trombeta. Quem você acha que sou, a mulher dos seus sonhos? Por que pulou desse jeito? Parece até que eu belisquei a sua bunda.

Antes que ele pudesse encontrar uma resposta, a porta bateu na parede, e Moiraine surgiu na porta do quarto, o rosto pálido e sombrio como a morte.

— Seus sonhos de lobo revelam tanto quanto os de um Sonhador, Perrin. Os Abandonados *estão* à solta, e um deles governa Illian.



CAPÍTULO 44



Caçados

Perrin saiu da cama e começou a se vestir, sem se importar se Zarine estava ou não observando. Ele sabia o que pretendia fazer, mas perguntou a Moiraine mesmo assim.

— Vamos embora?

— A não ser que você deseje estreitar os laços com Sammael — retrucou a mulher, seca.

Um trovão ressoou, como se para pontuar a frase, e um relâmpago iluminou o céu. A Aes Sedai mal olhava para Zarine.

Enquanto enfiava a camisa nas calças, ele de súbito desejou que já estivesse com o casaco e o manto. Dizer o nome de um dos Abandonados em voz alta deixara o quarto gélido. *Ba'alzamon não é o suficiente, precisamos dos Abandonados à solta também. Luz, será que encontrar Rand ainda adianta alguma coisa? Será que é tarde demais?* Porém, continuou se vestindo e calçando as botas. Era isso ou desistir, e o povo de Dois Rios não tinha fama de desistir.

— Sammael? — perguntou Zarine, com a voz fraca. — Um dos Abandonados está governando...? Luz!

— Ainda quer nos acompanhar? — perguntou Moiraine, baixinho. — Não a obrigaria a ficar aqui, não agora, mas vou lhe dar uma última chance de jurar seguir um caminho diferente do meu.

Zarine hesitou, e Perrin parou com metade do casaco já vestida. Sem dúvidas ninguém escolheria acompanhar as pessoas que haviam despertado a ira de um dos Abandonados. Ela não escolheria isso naquele momento, depois de descobrir um pouco do que eles enfrentavam. *A não*

ser que ela tenha uma excelente razão. Mas, independentemente do motivo, ninguém que descobrisse que um dos Abandonados estava à solta ficaria ali sentado refletindo, mas sim sairia correndo atrás de um navio do Povo do Mar e pediria uma passagem para o outro lado do Deserto Aiel.

— Não — disse Zarine, enfim, e ele começou a relaxar. — Não, não vou jurar seguir outro caminho. Quer vocês me levem ou não até a Trombeta de Valere, nem mesmo a pessoa que encontrar a Trombeta terá vivido uma história como essa. Acho que essa história será contada por muitas eras, Aes Sedai, e quero fazer parte dela.

— Não — gritou Perrin, bruscamente. — Essa resposta não é boa o suficiente. O que é que você quer?

— Não tenho tempo para essa briguinha — interrompeu Moiraine. — A qualquer momento *Lorde Brend* pode descobrir que um dos Cães das Trevas está morto. E podem ter certeza de que ele saberá que isso foi obra de um Guardião e virá atrás da Aes Sedai do Gaidin. Vocês querem ficar aqui sentados até ele descobrir onde estão? Mexam-se, crianças tolas! Mexam-se! — Ela desapareceu no corredor antes que ele pudesse abrir a boca.

Zarine também não esperou e saiu correndo do quarto, deixando a vela para trás. Perrin recolheu seus pertences depressa e correu até a escada dos fundos, ainda afivelando o cinturão com o machado. Ele alcançou Loial na descida, o Ogier tentava enfiar um livro de capa de madeira nos alforjes e vestir o manto ao mesmo tempo. Perrin ajudou-o com o manto enquanto os dois desciam as escadas, e Zarine alcançou-os antes que saíssem do prédio pela chuva forte.

Perrin curvou os ombros para se proteger da chuva e correu até o estábulo, cruzando o quintal enegrecido pela tempestade sem parar para puxar o capuz do manto. *Ela deve ter um motivo. Viver uma maldita história não é razão suficiente para ninguém, a não ser uma mulher louca!* A chuva ensopou seus cachos bagunçados, colando-os à cabeça, antes de chegar à porta do estábulo.

Moiraine já estava lá, em um manto impermeável coberto de gotas de chuva, e Nieda erguia uma lanterna para que Lan terminasse de selar os cavalos. Havia um animal a mais, um capão baio com o nariz ainda mais acentuado que o de Zarine.

— Vou enviar pombos todos os dias — dizia a mulher robusta. — Ninguém vai suspeitar de mim, no caso. Que a Sorte me espicace! Até os Mantos-brancos me têm em boa conta.

— Escute bem, mulher! — retrucou Moiraine, bruscamente. — Não estou falando de um Manto-branco ou de um Amigo das Trevas. Você vai fugir desta cidade e levará junto todos os que ama. Já me obedeceu por doze anos. Obedeça agora!

Nieda assentiu, relutante, e Moiraine soltou um grunhido exasperado.

— O baio é seu, garota — explicou Lan, para Zarine. — Pode montar. Se não souber cavalgar, ou aprende na prática ou aceita minha oferta.

Apoiando uma das mãos no cepilho alto, ela saltou com facilidade e sentou-se na sela.

— Pensando bem, cara de pedra, já montei um cavalo uma vez. — Ela se virou para amarrar a trouxa atrás de si.

— O que você quis dizer, Moiraine? — exigiu Perrin, enquanto jogava o alforje no lombo de Galope. — Você disse que ele conseguiria descobrir onde estou. Ele sabe. Os Homens Cinza! — Nieda soltou uma risadinha, e ele se perguntou, irritado, o quanto a mulher saberia ou acreditaria entre as coisas que dissera não acreditar.

— Sammael não enviou os Homens Cinza. — Moiraine montou Aldieb com calma, as costas eretas e uma precisão calculada, quase como se não houvesse pressa. — Mas o Cão das Trevas foi mandado por ele. Acredito que tenha seguido meus rastros. Ele não teria enviado os dois. Alguém está atrás de você, mas acho que Sammael nem sabe da sua existência. Ainda.

Perrin parou com um dos pés no estribo, olhando para ela, mas a mulher parecia mais preocupada em dar palmadinhas no pescoço arqueado da égua do que com seu rosto indagativo.

— Assim como eu fui atrás de você — comentou Lan, e a Aes Sedai fungou alto.

— Queria que você fosse mulher, Gaidin. Assim, poderia mandá-lo para a Torre como noviça, para aprender a obedecer! — Ele ergueu uma sobrancelha e tocou o cabo da espada, então subiu na sela, e ela suspirou. — Talvez a sua desobediência seja algo bom. Às vezes é. Além do mais, acho que nem Sheriam e Siuan Sanche juntas poderiam ensiná-lo a ser obediente.

— Não entendo — continuou Perrin. *Acho que ando dizendo muito isso, e estou ficando cansado. Quero algumas respostas que eu consiga entender.* Ele terminou de montar o cavalo, para que Moiraine não olhasse para baixo. Ela já tinha vantagens demais. — Se não foi ele que enviou os Homens Cinza, quem foi? Se foi um Myrddraal ou outro Abandonado... — Ele parou e engoliu. *OUTRO Abandonado! Luz!* — Se alguém os enviou, por que não

disseram nada a ele? São todos Amigos das Trevas, não são? E por que eu, Moiraine? Por que eu? Rand é que é o maldito Dragão Renascido!

Perrin ouviu os arquejos de Zarine e Niede e só então percebeu o que acabara de dizer. O olhar de Moiraine parecia esfolá-lo como o aço mais afiado do mundo. *Língua desgraçada. Quando foi que eu parei de pensar antes de falar?* Parecia que havia sido quando sentira pela primeira vez os olhos de Zarine a observá-lo. Ela o observava naquele instante, a boca escancarada.

— Você está ligada a nós, agora — disse Moiraine, olhando para a mulher de rosto forte. — Não há como voltar atrás. Nunca mais. — Zarine parecia querer responder, e também parecia receosa de dizer o que quer que estivesse em sua mente, mas a Aes Sedai já voltara a atenção para o outro lado. — Niede, saia de Illian hoje à noite. Agora mesmo! E segure essa língua, ainda mais do que segurou por todos esses anos. Alguns podem cortá-la fora, dependendo do que você disser. E o farão antes que eu consiga chegar até você.

O tom severo deixou dúvidas sobre o que ela faria exatamente se chegasse até a outra mulher, e Niede assentiu com vigor, como se tivesse ouvido tanto a ameaça quanto o aviso.

— Quanto a você, Perrin. — A égua branca aproximou-se, e ele se inclinou para trás e se afastou da Aes Sedai, apesar de ter se convencido de que a enfrentaria. — Há muitos fios tecidos no Padrão, e alguns são tão negros quanto a própria Sombra. Cuide para que um deles não o estrangule. — Ela tocou os flancos de Aldieb com os calcanhares, e a égua saltou para a chuva. Mandarb a seguia bem de perto.

Que a queime, Moiraine, pensou Perrin, enquanto cavalgava atrás deles. *Às vezes eu não sei de que lado você está.* Ele olhou para Zarine, que cavalgava a seu lado como se tivesse nascido em cima de uma sela. *E você, de que lado está?*

A chuva mantinha as pessoas longe das ruas e dos canais, por isso parecia que nenhum olho os observava partir, mas também fazia os cavalos caminharem com insegurança pelas ruas de pedras. Quando o grupo chegou ao Passadiço de Maredo, uma ampla via de terra batida e um pouco elevada que atravessava o pântano rumo ao norte, o aguaceiro começara a diminuir. Os trovões ainda ressoavam, mas os raios já reluziam bem longe deles, talvez em alto-mar.

Perrin sentiu que estavam com um pouco de sorte. A chuva se estendera por tempo suficiente para encobrir a partida do grupo, mas no

momento parecia que teriam uma noite limpa para cavalgar. Ele expressou o pensamento, mas Lan sacudiu a cabeça em discordância.

— Cães das Trevas gostam mais de céu limpo e noites enluaradas e menos da chuva, ferreiro. Uma boa tempestade pode afugentá-los de vez. — Como se aquelas palavras fossem uma ordem, a chuva virou uma garoa fraca. Perrin ouviu Loial grunhir atrás de si.

O passadiço elevado e o pântano terminavam juntos, a cerca de duas milhas da cidade, mas a estrada continuava, com uma leve curva para o leste. O crepúsculo encoberto pelas nuvens tornou-se noite, e a chuva fina continuava a cair. Moiraine e Lan mantinham o passo firme, cavalgando bem rápido. Os cascos dos cavalos faziam as poças no chão de terra batida respingarem. A lua brilhava por entre as fendas das nuvens. Colinas baixas começavam a se elevar ao redor deles, e as árvores passaram a aparecer cada vez em maior número. Perrin pensou que deveria haver uma floresta mais adiante, mas não sabia ao certo se gostava da ideia. A mata podia escondê-los dos perseguidores, mas a mata também podia permitir que esses mesmos seguidores se aproximassem sem que eles percebessem.

Um uivo agudo foi ouvido atrás deles, bem ao longe. Por um instante, pensou que fosse um lobo. Surpreendeu-se por quase não ser capaz de frear o ímpeto de fazer contato. O uivo se repetiu, e ele soube que não era de um lobo. Outros responderam, todos a milhas de distância, lamentos horripilantes cheios de sangue e morte, gritos que falavam de pesadelos. Para sua surpresa, Lan e Moiraine reduziram a marcha, e a Aes Sedai foi analisando as colinas ao redor, cobertas pela noite.

— Eles estão muito longe — comentou Perrin. — Não vão alcançar a gente se continuarmos avançando.

— Os Cães das Trevas? — murmurou Zarine. — Esses são os Cães das Trevas? Tem certeza de que não é a Caçada Selvagem, Aes Sedai?

— Mas é — respondeu Moiraine. — É.

— Ninguém é capaz de ir mais rápido que os Cães das Trevas, ferreiro — retrucou Lan —, nem mesmo montado no mais veloz dos cavalos. É preciso sempre enfrentá-los e derrotá-los, ou o alcançarão.

— Eu podia ter ficado no *pouso*, sabe? — comentou Loial. — A esta altura, minha mãe já teria me obrigado a me casar, mas não teria sido uma vida ruim. Muitos livros. Eu não precisava ter vindo aqui para Fora.

— Ali — disse Moiraine, apontando para um montinho sem árvores bem à direita. Não havia qualquer árvore que Perrin pudesse enxergar a duzentos passos ou mais ao redor de onde ela apontava, e mesmo mais ao

longe elas eram esparsas. — Precisamos vê-los chegando se queremos ter alguma chance.

Os lúgubres uivos dos Cães das Trevas se fizeram ouvir outra vez, mais perto, porém ainda distantes.

Lan apressou um pouco o ritmo de Mandarb, após Moiraine ter definido a base do grupo. Enquanto subiam a colina, os cascos dos cavalos batiam nas pedras semienterradas na terra, escorregadias por causa da garoa. Aos olhos de Perrin, a maioria das pedras tinha cantos quadrados demais para ser natural. Chegando ao topo, desceram das montarias, espalhados ao redor de um rochedo baixo e arredondado. A lua surgiu por entre uma fenda nas nuvens, e ele pôde ver que estava de frente para um rosto de pedra desgastado pelo tempo, a cerca de dois passos de distância. Um rosto de mulher, imaginou, pelo comprimento dos cabelos. Com a chuva, ela parecia chorar.

Moiraine desmontou da égua e ficou olhando na direção de onde vinham os uivos. Ela era uma silhueta sombria e encapuzada, a água da chuva refletindo o luar ao deslizar por seu manto impermeável.

Loial levou o cavalo até a escultura, para observá-la, depois inclinou-se mais para perto e tateou suas feições.

— Acho que ela era uma Ogier — disse, por fim. — Mas isso aqui não é um *pouso* antigo. Eu sentiria. Todos sentiríamos. E estaríamos a salvo das Criaturas da Sombra.

— O que é que vocês dois estão olhando aí? — Zarine apertou os olhos em direção à pedra. — O que é isso? Ela? Quem?

— Muitas nações se ergueram e caíram desde a Ruptura — explicou Moiraine, sem se virar. — Algumas não deixaram nada além de nomes em páginas amareladas ou traçados em mapas despedaçados. Será que deixaremos ao menos isso para trás? — Os uivos sedentos por sangue se fizeram ouvir outra vez, ainda mais próximos. Perrin tentou calcular o ritmo em que as criaturas se deslocavam e concluiu que Lan estava certo: os cavalos de fato não conseguiriam deixá-los para trás. Eles não teriam que esperar por mais muito tempo.

— Ogier — comandou Lan —, você e a garota segurem os cavalos. — Zarine protestou, mas ele cavalgou direto até ela. — Suas facas não têm muita serventia aqui, garota. — A lâmina da espada do Guardiã reluziu ao luar quando ele a desembainhou. — Até isso aqui é apenas um último recurso. Pelo som, parece que há dez a caminho, não um. Seu trabalho é evitar que os cavalos fujam quando farejarem os Cães das Trevas. Nem mesmo Mandarb gosta desse cheiro.

Se a espada do Guardião não tinha serventia, o machado de Perrin também não. O rapaz sentiu uma espécie de alívio, mesmo que fossem Criaturas da Sombra: não precisaria usar o machado. Desembainhou o arco sem corda das cilhas da sela de Galope.

— Talvez isso aqui ajude.

— Tente se quiser, ferreiro — retrucou Lan. — Eles não morrem com facilidade. Quem sabe você consegue matar algum.

Perrin puxou uma corda de arcos nova de dentro da bolsa, tentando protegê-la da chuva fina. O revestimento de cera de abelhas era fino e não protegia muito da umidade prolongada. Ele posicionou o arco inclinado entre as pernas e o dobrou de leve, dando voltas com a corda nos encaixes das extremidades do arco. Quando se endireitou, já podia ver os Cães das Trevas.

Eles corriam como cavalos a galope, e, assim que os avistou, reparou que eles ganharam mais velocidade. Eram apenas dez silhuetas volumosas correndo pela noite, varrendo o terreno entre as árvores esparsas. Ele tirou uma flecha da aljava, encaixou-a, mas não puxou. Estava longe de ser o melhor arqueiro de Campo de Emond, mas entre os homens mais jovens apenas Rand se saía melhor que ele.

Decidiu que dispararia quando as criaturas estivessem a trezentos passos de distância. *Idiota! Você teria dificuldade até pra acertar um alvo parado, a essa distância. Mas, se esperar, pela rapidez com que estão vindo...* Ele se posicionou ao lado de Moiraine e ergueu o arco. *Só preciso imaginar que essa sombra em movimento seja um cachorrão enorme.* Ele puxou a flecha com uma pena de ganso na ponta até o rosto e soltou. Teve a certeza de que ela se fundiria com a sombra mais próxima, porém o único resultado foi um rosnado. *Não vai funcionar. Estão vindo rápido demais!* Ele já preparava outra flecha. *Por que não está fazendo nada, Moiraine?* Podia ver os olhos das criaturas, brilhantes como prata, os dentes cintilando como aço reluzente. Tão negros quanto a própria noite e do tamanho de pequenos pôneis, as bestas disparavam em sua direção, silenciosos, ansiando pela matança. O vento trazia o fedor de enxofre queimado. Os cavalos relinchavam, amedrontados, até mesmo o cavalo de batalha de Lan. *Que a queime, Aes Sedai, faça alguma coisa!* Ele soltou a flecha outra vez: o Cão das Trevas à frente cambaleou e continuou avançando. *Eles podem morrer!* Disparou mais uma, e a criatura que liderava o grupo cambaleou, tropeçou nas próprias pernas e desabou, mas mesmo assim Perrin sentiu um instante de desespero. Um caíra, mas os outros nove já haviam coberto dois terços da distância. Pareciam correr ainda mais depressa, como

sombras deslizando no chão. *Mais uma flecha. Dá tempo para mais uma, talvez, e depois eu pego o machado. Que a queime, Aes Sedai!* Ele preparou outra.

— Agora — disse Moiraine, enquanto a flecha saía do arco.

O ar entre as mãos dela pegou fogo e disparou como um raio em direção aos Cães das Trevas, tornando a noite tão clara quanto o dia. Os cavalos relincharam e pularam, tentando se soltar.

Perrin pôs o braço diante do rosto para proteger os olhos do brilho branco de tão quente e incandescente, como uma fornalha se abrindo. O sol irrompeu de repente, no meio da noite, e desapareceu. Quando destapou os olhos, a visão estava tomada de pontinhos, e a marca daquela linha de fogo ainda se desvanecia. Onde antes estavam os Cães das Trevas, nada havia além de solo encoberto pela noite e chuva fina. As únicas sombras que se moviam eram formadas pelas nuvens que cortavam a lua.

Pensei que ela jogaria fogo em cima deles ou evocaria um relâmpago, mas isso...

— O que foi isso? — perguntou com a voz rouca.

Moiraine olhava outra vez na direção de Illian, como se pudesse enxergar através de todas aquelas milhas de escuridão.

— Talvez ele não tenha visto — disse, quase para si mesma. — Está longe, e, se não estiver atento, talvez não tenha percebido.

— Quem? — perguntou Zarine. — Sammael? — A voz dela tremeu um pouco. — Você disse que ele estava em Illian. Como é que poderia ver qualquer coisa que aconteceu aqui? O que foi que você fez?

— Uma coisa proibida — respondeu Moiraine, fria. — Proibida por votos quase tão poderosos quanto os Três Juramentos. — Ela tomou as rédeas de Aldieb da garota e deu um tapinha no pescoço da égua, para acalmá-la. — Algo que não é usado há quase dois mil anos. Algo que pode me levar a ser estancada só por saber que existe.

— Talvez...? — A voz de Loial era um sussurro débil. — Talvez seja melhor irmos? Pode haver mais deles.

— Acho que não — respondeu a Aes Sedai, montando. — Ele não soltaria dois grupos ao mesmo tempo, mesmo que tenha dois. Eles se virariam um contra o outro em vez de caçar a presa. E creio que nós não sejamos a presa principal, ou ele teria vindo em pessoa. Nós éramos... um contratempo, eu acho. — Ela tinha um tom de voz tranquilo, mas estava claro que não gostava de ser tão subestimada. — E talvez um extra para ele enfiar no bolso, se não desse muito trabalho. Ainda assim, não é muito bom ficar mais perto dele do que o necessário.

— Rand? — perguntou Perrin. Ele quase podia sentir Zarine se inclinando para escutar. — Se não somos nós que ele está caçando, então é Rand?

— Talvez — respondeu Moiraine. — Ou talvez Mat. Não se esqueça de que ele também é *ta'veren* e que soou a Trombeta de Valere.

Zarine soltou um grito abafado.

— Ele *soou* a Trombeta? Alguém já *encontrou*?

A Aes Sedai a ignorou, inclinando-se na sela para olhar bem nos olhos de Perrin, o negro cintilante se impondo sobre o dourado reluzente.

— Mais uma vez, os acontecimentos me ultrapassam. Não gosto nada disso. E você também não deveria gostar. Se os acontecimentos me escapam, podem muito bem pisoteá-lo, e a todo o resto do mundo.

— Ainda faltam muitas léguas até Tear — comentou Lan. — A sugestão do Ogier é boa. — Ele já estava montado na sela.

Depois de um instante, Moiraine se endireitou e encostou os calcanhares nas costelas da égua. Antes que Perrin pudesse tirar a corda do arco e pegar as rédeas de Galope com Loial, ela já estava na metade da descida do monte. *Que a queime, Moiraine! Vou encontrar respostas em algum lugar!*

* * *

Encostado em um tronco caído, Mat aproveitava o calor da fogueira — as chuvas haviam desviado para o sul três dias antes, mas ele ainda sentia a umidade. Porém, naquele exato momento, o rapaz mal tinha consciência das chamas que dançavam. Perscrutava, pensativo, o pequeno cilindro polido que tinha nas mãos. Thom tocava a harpa, distraído, resmungando sozinho sobre a chuva e a umidade, sem olhar para Mat. Grilos cricrilavam na mata escura ao redor deles. Surpreendidos pelo pôr do sol entre uma aldeia e outra, decidiram parar em um arvoredor distante da estrada. Por duas noites, haviam tentado alugar um quarto para pernoitar. E por duas vezes um fazendeiro soltara os cachorros em cima deles.

Mat desembainhou a faca da cintura, hesitante. *Sorte. Só explode às vezes, ela disse. Sorte.* Com todo o cuidado, fez uma incisão ao longo do tubo. *Era* um tubo, e de papel, como ele imaginara ao encontrar pedaços de papel no chão, depois que os fogos de artifício foram disparados, em casa. Era feito de camadas de papel, mas do lado de dentro só havia algo que parecia poeira, ou talvez poeira misturada a minúsculas pedrinhas cinza-escuras.

Ele puxou algumas com o dedo e as virou na palma da mão. *Como, pela Luz, é que pedrinhas podem explodir?*

— Que a Luz me queime! — vociferou Thom. — Ele atirou a harpa dentro do estojo para protegê-la do que Mat tinha na mão. — Está tentando nos matar, garoto? Nunca lhe disseram que essas coisas explodem com dez vezes mais força no ar do que no fogo? Fogos de artifício só perdem para o trabalho das Aes Sedai, garoto.

— Talvez — disse Mat —, mas Aludra não me pareceu uma Aes Sedai. Eu costumava pensar isso do relógio do Mestre al’Vere, que só podia ser obra das Aes Sedai, mas um dia abri o compartimento traseiro e vi que era cheio de pecinhas de metal. — Ele mudou de posição, incomodado com a lembrança. A Senhora al’Vere fora a primeira a encontrá-lo, aquele dia, junto com a Sabedoria, o pai e o Prefeito, e nenhum deles acreditara que ele só queria olhar. *Eu poderia ter colocado todas a peças de volta.* — Acho que Perrin poderia fazer um, se visse todas aquelas rodinhas, engrenagens e sei lá mais o quê.

— Você ficaria surpreso, garoto — retrucou Thom, seco. — Até um relojoeiro medíocre é um homem bastante rico, e merece ser. Mas um relógio não explode na sua cara!

— Nem isso aqui. Bem, agora já não tem mais serventia. — Ele atirou o punhado de papel e pedrinhas na fogueira, e Thom soltou um guincho. As pedrinhas faiscaram e soltaram pequeninas explosões, junto com um cheiro pungente de fumaça.

— Você *está* tentando nos matar. — A voz de Thom era instável e foi ficando mais alta e forte à medida que ele continuava falando. — Se eu decidir que quero morrer, vou até o Palácio Real quando chegarmos a Caemlyn e dou um beliscão na bunda da Morgase! — O longo bigode se agitou. — Não faça mais isso!

— Não explodiu — comentou Mat, franzindo o rosto para o fogo. Ele enfiou a mão no rolo com tecido revestido de óleo do outro lado dos troncos e pescou um fogo de artifício um tamanho maior. — Por que será que não fez barulho?

— Não me interessa por que não fez barulho! Não faça mais isso!

Mat olhou para ele e riu.

— Pare de tremer, Thom. Você não tem por que ficar com medo. Agora eu já sei o que tem dentro. Pelo menos, sei como é, mas... não precisa falar nada. Não vou abrir mais nenhum, Thom. De qualquer forma, é mais legal acendê-los.

— Não estou com medo, seu porqueiro bronco — rebateu Thom, com elaborada dignidade. — Estou é tremendo de ódio, por viajar com um grosseirão com cérebro de cabra que pode acabar matando nós dois por não ser capaz de pensar além do próp...

— Ei, o fogo!

Mat e Thom se entreolharam ao ouvir sons de cavalos se aproximando. Já era tarde para qualquer pessoa de bem estar viajando. No entanto, a Guarda da Rainha cuidava da segurança da estrada, ali tão perto de Caemlyn, e os quatro que cavalgavam em direção à fogueira iluminada decerto não pareciam ladrões. Um deles era uma mulher. Todos os homens usavam longas capas e pareciam criados dela, que era bonita, com olhos azuis, e usava um colar de ouro, um vestido de seda cinza e um manto de veludo com um grande capuz. Os homens desmontaram dos cavalos. Um deles segurou as rédeas da mulher, e outro, o estribo. Ela sorriu para Mat, tirando as luvas enquanto se aproximava da fogueira.

— Creio que esteja tarde, jovem mestre — disse —, e venho lhes incomodar para pedir indicações do caminho até uma estalagem, se conhecerem alguma.

Ele escancarou um sorriso e começou a se levantar. Já estava de cócoras quando ouviu um dos homens murmurar algo e outro revelar uma besta de debaixo do manto, já empunhada, o grampo com a flecha.

— Mate-o, seu idiota! — gritou a mulher, e Mat arremessou o fogo de artifício em direção às chamas e se jogou para apanhar o bastão. Houve uma enorme explosão e um clarão de luz.

— Aes Sedai! — gritou um dos homens.

— São fogos de artifício, imbecil! — respondeu a mulher, também gritando.

Mat rolou para o lado, levantou-se com o bastão nas mãos e viu a flecha da besta cravada no tronco caído, quase onde estava sentado, enquanto o arqueiro desabava com o cabo de uma das facas de Thom a lhe adornar o peito.

Só houve tempo de enxergar essa cena, pois outros dois homens atravessaram o fogo em sua direção, empunhando as espadas. Um deles de súbito tropeçou e caiu de joelhos, largando a espada para agarrar a faca cravada em suas costas, depois desabou de cara no chão. O último homem não viu a queda do companheiro. Ele obviamente esperava que ainda estivesse acompanhado, dividindo a atenção do oponente, quando deu um golpe empurrando a lâmina bem na direção do tronco de Mat. Quase com desprezo, o jovem de Dois Rios quebrou o punho do sujeito com uma

extremidade do bastão, mandando a espada pelos ares, e rachou a testa dele com a outra. O homem revirou os olhos e desabou.

Pelo canto do olho, Mat viu a mulher caminhando na direção dele e apontou para ela com o dedo esticado, como se fosse uma faca.

— Você usa roupas muito boas para uma ladra, mulher! Sente aí até eu decidir o que vou fazer com você, ou eu...

Ela ficou tão surpresa quanto Mat ao ver a faca que de repente irrompeu em sua garganta, fazendo brotar uma flor vermelha de sangue, que começou a jorrar. Ele iniciou o movimento de dar um passo à frente, como se para amparar a queda da mulher, mas soube que seria inútil. O longo manto aterrisou por cima dela e a cobriu por inteiro, exceto a face e o cabo da faca de Thom.

— Que o queime — resmungou Mat. — Que o queime, Thom Merrilin! Uma mulher! Luz, poderíamos tê-la amarrado e entregado à Guarda da Rainha amanhã, em Caemlyn. Luz, talvez eu até deixasse ela ir embora. Ela não roubaria mais ninguém sem a ajuda desses três, e o único que sobreviver vai levar dias até conseguir enxergar direito e meses até conseguir erguer uma espada. Que o queime, Thom, não precisava matá-la!

O menestrel mancou até o ponto onde jazia a mulher e deu um chute para afastar o manto. A adaga caíra da mão dela. A lâmina tinha o tamanho de duas mãos e o dobro da espessura do polegar de Mat.

— Preferia que eu tivesse esperado ela cravar isso nas suas costas, garoto? — Ele recuperou a própria faca e limpou a lâmina no manto da mulher.

Mat percebeu que cantarolava “Ela Usava Uma Máscara Que Cobria a Face” e parou. Inclinou-se e escondeu o rosto da mulher com o capuz do manto.

— É melhor irmos andando — disse, baixinho. — Não quero ter que explicar isso se a gente topor com a Guarda da Rainha.

— E com ela nessas roupas? — completou Thom. — Não mesmo! Eles devem ter roubado a esposa de algum mercador ou a carruagem de alguma senhora da nobreza. — Ele amansou o tom de voz. — Rapaz, se vamos partir, é melhor tratar de selar seu cavalo.

Mat levou um susto e desviou os olhos da mulher morta.

— É verdade, é melhor, não é? — Ele não olhou de volta para o corpo.

Não sentia o mesmo remorso em relação aos homens. Na sua opinião, um homem que decidia roubar e matar merecia o que levava ao perder o jogo. Não se demorou muito a olhá-los, mas também não desviou os olhos quando pousaram em um dos ladrões. Foi só depois de selar o capão e

amarrar seus pertences atrás do animal, enquanto chutava terra para apagar o fogo, que percebeu que encarava o sujeito que disparara a besta. Havia algo de familiar nas feições dele, nas sombras que as chamas fumegantes formavam em seu rosto. *Sorte*, disse a si mesmo. *É sempre a sorte.*

— O sujeito era um bom nadador, Thom — comentou, enquanto subia na sela.

— Que bobagem é essa, agora? — O menestrel também já estava montado no cavalo, muito mais preocupado em arrumar os estojos dos instrumentos na parte de trás da sela do que com os mortos. — Como é que você tinha certeza de que o homem sabia nadar?

— Ele chegou em terra firme navegando em uma jangadinha que saiu de Erinin no meio da noite. Acho que gastou toda a sorte que tinha.

Mat conferiu outra vez as amarras do rolo de fogos de artifício. *Se esse idiota pensou que isso era obra de alguma Aes Sedai, imagine só o que teria pensado se eu disparasse todos ao mesmo tempo.*

— Tem certeza, garoto? A chance de ser o mesmo homem... Ora, nem você apostaria nisso.

— Tenho certeza, Thom. — *Elayne, vou torcer seu pescoço da próxima vez que encontrá-la. O de Egwene e o de Nynaeve também.* — E tenho certeza de que vou despachar essa maldita carta assim que chegarmos em Caemlyn.

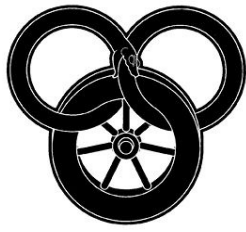
— Estou dizendo, garoto, não tem nada nessa carta. Eu comecei a jogar *Daes Dae'mar* quando era mais novo que você, sei reconhecer códigos e criptogramas mesmo sem saber o que significam.

— Bom, eu nunca joguei esse seu Grande Jogo, Thom, essa porcaria de Jogo das Casas, mas sei muito bem quando estou sendo seguido, e sei que não estou sendo seguido com tanto empenho e até tão longe só pelo dinheiro que tenho nos bolsos. Não fariam isso por menos que um baú cheio de ouro. Só pode ser a carta. — *Que se queime, as mulheres bonitas sempre me trazem problemas.* — Ainda quer dormir hoje à noite, depois disso tudo?

— Com o sono dos inocentes, garoto. Mas, se você quiser cavalgar, eu cavalgo.

O rosto de uma bela mulher flutuou na mente de Mat com uma adaga cravada na garganta. *Que azar, era uma linda mulher.*

— Então vamos cavalgar! — respondeu, feroz.



CAPÍTULO 45



Caemlyn

Mat tinha vagas lembranças de Caemlyn, mas, quando os dois se aproximaram da cidade, logo nas primeiras horas da manhã, parecia que ele jamais pisara naquele lugar. Desde a aurora, já não estavam sozinhos na estrada, e no momento caminhavam em meio a outros cavaleiros, comboios de carroções de mercadores e pessoas a pé, todos seguindo em direção à enorme cidade.

Erguido sobre colinas, o lugar era sem dúvidas tão grande quanto Tar Valon, cercado por imensas muralhas com cinquenta pés de altura, construídas com pedras cinza-claro rajadas de branco e prata que reluziam à luz do sol, intercaladas por imensas torres redondas com o estandarte do Leão de Andor flamulando no topo, vermelho no fundo branco. Do lado de fora das muralhas outra grande cidade fora erguida ao redor da primeira, toda de tijolos vermelhos, pedras cinza e paredes caiadas. Havia estalagens espremidas entre casas de três ou quatro andares tão lindas que poderiam pertencer a mercadores abastados e lojas ao lado de amplos armazéns sem janelas, com seus produtos expostos em mesas cobertas por toldos. Mercados abertos abrigados sob telhas vermelhas e roxas enfileiravam-se de ambos os lados da estrada, homens e mulheres já anunciando suas mercadorias aos gritos, vociferando as pechinchas a plenos pulmões. Àquilo tudo somava-se os sons de bezerros, ovelhas, bodes e porcos espremidos junto a gansos, galinhas e patos engaiolados. Ele se lembrava de pensar, da última vez que estivera em Caemlyn, que a cidade era barulhenta demais. Dessa vez, o lugar soava como as batidas de um coração que pulsava de fatura.

A estrada levava a portões em arco de vinte pés de altura, abertos mas sob a vigilância atenta da Guarda da Rainha, em seus casacos vermelhos e placas peitorais reluzentes. Os guardas não olharam para ele e Thom mais do que para qualquer outro transeunte, nem mesmo repararam no bastão enviesado na sela à sua frente. Ao que parecia, a maior preocupação dos homens era que o povo continuasse circulando, e, assim, os dois avançaram. Torres finas se elevavam aos céus, ainda mais altas do que as das muralhas, e domos reluzentes cintilavam em branco e dourado acima das ruas apinhadas de gente. Logo na entrada dos portões, a estrada se dividia em duas ruas paralelas, separadas por uma larga faixa de grama e árvores. As colinas da cidade se elevavam como degraus em direção a um topo rodeado por outra muralha, tão brilhante quanto a de Tar Valon, com ainda mais torres e domos do lado de dentro. Era a Cidade Interna, lembrou Mat, e no cume das colinas mais altas ficava o Palácio Real.

— Não faz sentido esperar — comentou com Thom. — Vou entregar a carta de uma vez. — Ele observou as liteiras e carruagens que abriam caminho pela multidão e as lojas com todas as mercadorias expostas. — Um homem poderia ganhar um pouco de ouro nessa cidade, Thom, se encontrasse um jogo de dados ou de cartas. — Não tinha tanta sorte nas cartas quanto nos dados, mas pouca gente jogava cartas, além dos nobres e abastados. *Agora é com esses que tenho que arrumar um jogo.*

Thom bocejou e ergueu o manto de menestrel como se fosse um cobertor.

— Já cavalgamos a noite inteira, garoto. Vamos pelo menos encontrar alguma coisa para comer, primeiro. A Bênção da Rainha tem boas refeições. — Ele bocejou de novo. — E boas camas.

— Eu me lembro desse lugar — comentou Mat, devagar. E se lembrava, de certa forma. O estalajadeiro era um homem gordo de cabelos grisalhos, Mestre Gill. Moiraine encontrara ele e Rand lá, quando Mat pensava que enfim tinham se livrado dela. *Agora ela está por aí, jogando seu jogo com Rand. Nada a ver comigo. Não mais.* — Encontro você lá, Thom. Eu disse que entregaria essa carta assim que chegasse aqui, e é o que pretendo fazer. Pode ir na frente.

Thom assentiu, virou o cavalo de lado e gritou por cima do ombro, no meio de um bocejo:

— Não vá se perder, garoto. É uma cidade grande, essa Caemlyn.

E rica. Mat condiziu o cavalo pela rua abarrotada. *Me perder! Eu tenho um excelente senso de orientação, droga.* A doença parecia ter apagado algumas partes de sua memória. Ele olhava para uma estalagem, com os

andares superiores se projetando por cima do térreo e a placa na entrada rangendo com a brisa, e se lembrava de tê-la visto antes, mas não conseguia se recordar de qualquer outra construção ao redor. Podia se lembrar de um trecho de cem passos de alguma rua nos mínimos detalhes enquanto os entornos permaneciam um mistério, como dados ainda dentro do copo.

Mesmo com os buracos na memória, ele tinha certeza de que jamais estivera na Cidade Interna ou no Palácio Real. *Eu não me esqueceria disso!* No entanto, não era preciso recordar o caminho. As ruas da Cidade Nova — o nome veio à mente de supetão: era a parte de Caemlyn que tinha menos de dois mil anos — avançavam em todas as direções, mas todos os bulevares principais levavam à Cidade Interna. Os guardas nos portões não faziam qualquer movimento para impedir alguém de entrar.

Dentro daquelas muralhas brancas havia construções que quase poderiam pertencer a Tar Valon. As ruas sinuosas chegavam aos topos das colinas e revelavam torres finas de paredes ladrilhadas que cintilavam em centenas de cores à luz do sol, além dos parques construídos abaixo em padrões que só podiam ser apreciados de cima, ou da vista geral da cidade e das florestas depois das planícies ondulantes. Não importava muito que ruas ele pegaria. Todas elas espiralavam em direção ao que ele buscava: o Palácio Real de Andor.

Em pouco tempo, cruzava a enorme praça oval diante do Palácio, seguindo em direção aos portões compridos e dourados. O branco puro do Palácio de Andor sem dúvida não ficaria deslocado entre as maravilhas de Tar Valon, com torres finas e domos dourados reluzindo sob o sol, varandas altas e intrincados trabalhos de cantaria. Qualquer folha de ouro em um daqueles domos seria o suficiente para levar uma vida de luxo por um ano.

Tinha menos gente na praça do que nos outros locais, como se aquele lugar fosse reservado para ocasiões importantes. Havia uma dezena de Guardas em pé diante dos portões fechados, os arcos enviesados todos exatamente no mesmo ângulo diante das reluzentes placas peitorais, os rostos escondidos pelas barras de aço dos elmos polidos. Um oficial atarracado, cujo manto vermelho jogado para trás revelava um nó dourado trançado no ombro, caminhava de um extremo a outro da fila, analisando cada homem como se achasse que fosse encontrar algum vestígio de ferrugem ou poeira em seus uniformes.

Mat puxou as rédeas e abriu um sorriso.

— Bom dia para o senhor, capitão.

O oficial se virou, encarando-o pelas barras do elmo com olhos miúdos, como um ratinho rechonchudo em uma gaiola. O homem era mais velho do

que ele esperava, sem dúvidas velho o bastante para ter mais de um nó de graduação, e também era gordo, não robusto.

— O que quer, fazendeiro? — inquiriu o homem rude.

Mat inspirou fundo. *Faça direito. Impressiono o idiota para que ele não deixe você o dia inteiro esperando. Não quero ter que esfregar o papel da Amyrlin por aí, para não tomar chá de cadeira.*

— Eu venho de Tar Valon, da Torre Branca, trazendo uma carta da...

— *Você* vem de Tar Valon, fazendeiro? — A barriga gorda do oficial se sacudiu com suas gargalhadas, mas logo as gargalhadas foram interrompidas, como se cortadas por uma faca, e o homem cravou os olhos em Mat. — Não queremos nenhuma carta de Tar Valon, seu golpista, *se* é que você tem uma coisa como essa! Nossa boa Rainha, que a Luz a ilumine, não receberá nada que venha da Torre Branca até que a Filha-herdeira tenha retornado. Eu nunca ouvi falar de um mensageiro da Torre usando casaco e calças de fazendeiro. Está bem claro para mim que você planeja dar algum golpe, talvez esteja achando que vai ganhar umas moedas se chegar dizendo que traz cartas, mas vai ter é sorte se não acabar numa cela! Se você vem mesmo de Tar Valon, volte pra lá e mande a Torre devolver a Filha-herdeira antes que a gente vá buscá-la! Se for algum pilantra atrás de prata, saia da minha frente antes que eu o surre até a beira da morte! De qualquer modo, seu idiota louco, dê o fora daqui!

Mat estava tentando falar desde o início do discurso. Mais do que depressa, disse:

— A carta é dela, camarada. É da...

— Já não avisei para dar o fora, rufião? — vociferou o homem. Tinha o rosto quase tão vermelho quanto a jaqueta. — Não quero mais ver essa sua cara, seu miserável! Se não tiver sumido depois que eu contar até dez, prendo você por emporcalhar a praça com essa sua presença! Um! Dois!

— Consegue contar até um número tão alto, seu gordo idiota? — retrucou Mat, bruscamente. — Estou dizendo, foi Elayne que mandou...

— Guardas! — O rosto do oficial estava roxo. — Prendam este homem por ser um Amigo das Trevas!

Mat hesitou por um instante, certo de que ninguém poderia levar tal acusação a sério, mas os Guardas de casacos vermelhos dispararam em direção a ele, uma dezena de homens usando capacetes e placas peitorais. Ele deu meia-volta com o cavalo e galopou à frente deles, seguido pelos berros do gordo. O capão não era um corredor, mas conseguiu deixar os homens a pé para trás com facilidade. As pessoas nas ruas sinuosas

desviavam para sair do caminho, sacudindo os punhos atrás dele e disparando quase tantos xingamentos quanto o capitão.

Idiota, pensou, referindo-se ao oficial gordo, depois acrescentou um para si mesmo. *Eu tinha era que ter dito o maldito nome dela logo no início. "Elayne, a Filha-herdeira de Andor, envia esta carta à mãe, Rainha Morgase." Luz, quem é que iria pensar que as coisas estavam tão ruins em relação a Tar Valon?* Pelo que ele se lembrava da última visita, a Guarda Real gostava quase tanto de Aes Sedai e da Torre Branca quanto da própria Rainha Morgase. *Que a queime, Elayne devia ter me contado. E eu também poderia ter perguntado*, acrescentou, relutante.

Antes de chegar aos portões em arco que levavam à Cidade Nova, reduziu a marcha a um passeio. Não achava que a Guarda da Rainha ainda estava atrás dele, e não havia razão para passar galopando e chamar a atenção dos homens que guardavam o portão, mas esses o ignoraram tanto quanto da primeira vez que ele passou.

Ao cruzar o grande arco, ele sorriu e quase deu meia-volta. De súbito se lembrou de algo e teve uma ideia que pareceu muito mais atraente do que entrar caminhando pelos portões do Palácio. Mesmo que o oficial obeso não estivesse de vigia nos portões, achou que seria a melhor opção.

Ele se perdeu duas vezes à procura d'A Bênção da Rainha, mas enfim encontrou a placa de um homem ajoelhado diante de uma mulher de cabelos louros acobreados e uma coroa de rosas douradas, com uma das mãos na cabeça dele. Era uma grande construção de três andares feita de pedra, com janelas altas sob o teto de telhas vermelhas. Ele deu a volta até o estábulo nos fundos, onde um sujeito com cara de cavalo vestindo um colete de couro que parecia tão grosseiro quanto ele próprio pegou as rédeas do animal de Mat. Ele achou que se lembrava do sujeito. *Sim. Ramey.*

— Quanto tempo, Ramey. — Mat jogou um marco de prata para o homem. — Você lembra de mim, não lembra?

— Não posso dizer que... — começou o sujeito, quando percebeu o brilho de prata onde deveria haver cobre. Então tossiu, e o breve menear de cabeça se transformou em uma junção de continência com uma espécie de mesura canhestra. — Ora, é claro que lembro, jovem mestre. Me perdoe. Me fugiu da cabeça. A minha cabeça não é muito boa para gente. É boa para cavalos. Eu conheço cavalos, conheço. Excelente animal, jovem mestre. Vou cuidar muito bem dele, pode ter certeza. — Ele disse tudo aquilo muito depressa, sem dar espaço para Mat responder qualquer coisa, então correu com o capão até o estábulo antes que precisasse pronunciar o nome do rapaz.

Com uma careta amarga, o jovem de Dois Rios enfiou o rolo gordo de fogos de artifício debaixo do braço e jogou o resto dos pertences sobre os ombros. *O sujeito não conseguiria dizer a diferença entre mim e as unhas de Asa-de-gavião.* Um homem corpulento e musculoso estava sentado em um barril virado para baixo ao lado da porta da cozinha, afagando a orelha de um gato branco e preto enroscado em seu joelho. O homem analisou Mat com os olhos semicerrados, detendo-se no bastão em seu ombro, mas não parou de afagar o gato. Mat achou que se lembrava dele, mas o nome não lhe veio à cabeça. Não disse nada ao passar pela porta, e nem o homem. *Eles não têm motivo para se lembrar de mim. Essas malditas Aes Sedai devem vir buscar gente todos os dias.*

Na cozinha, duas cozinheiras subalternas e três ajudantes saltavam entre fornos e espetos sob o comando de uma mulher redonda e com os cabelos presos em um coque, que completava as ordens com o auxílio de uma comprida colher de pau. Mat tinha certeza de que se lembrava da mulher. *Coline, e que nome para uma mulher assim tão grande, mas todo mundo a chamava de Cozinheira.*

— Ora, Cozinheira — anunciou —, estou de volta, e não faz nem um ano que fui embora.

Ela o perscrutou por um instante e assentiu.

— Eu me lembro de você. — Ele começou a abrir um sorriso. — Você estava com aquele jovem príncipe, não é? — prosseguiu a mulher. — O tal que parecia muito com Tigraine, que a Luz ilumine sua memória. É o servo dele, não é? Quer dizer que ele vai voltar, o jovem príncipe?

— Não — respondeu com certa rispidez. *Príncipe! Luz!* — Não creio que ele vá voltar tão cedo, e acho que a senhora não gostaria de que ele voltasse. — Ela protestou, afirmando como o príncipe era um rapaz fino e bonito. *Que me queime, será que existe alguma mulher que não tenha fantasias com Rand e faça cara de apaixonada ao ouvir o nome dele? Ela gritaria como se estivesse prestes a morrer se soubesse o que ele anda fazendo.* Mas se recusou a deixá-la prosseguir. — Mestre Gill está? E Thom Merrilin?

— Na biblioteca — respondeu a mulher, com uma fungada contida. — Diga àquele Basel Gill que mandei avisar que os canos precisam de uma limpeza. E hoje mesmo. — Ela entreviu algo que uma das cozinheiras subalternas estava fazendo com um rosbife e saiu gingando em direção à moça. — Não tanto, criança. Vai adocicar demais a carne se puser muito arrath. — Parecia já ter se esquecido de Mat.

Ele balançou a cabeça e foi procurar a tal biblioteca de que não conseguia se lembrar. Também não lembrava se Coline era casada com Mestre Gill, mas já ouvira uma dona de casa dar instruções ao marido, e era bem daquele jeito. Uma bela garçonne de olhos grandes deu uma risadinha e guiou-o por um corredor ao lado do salão.

Quando ele pisou na biblioteca, parou e observou. Devia haver mais de trezentos livros nas prateleiras embutidas nas paredes, e outros tantos sobre as mesas. Em sua vida inteira, nunca vira tantos livros em um só lugar. Reconheceu uma cópia em encadernação de couro de *As Jornadas de Jain, o Viajante* em uma mesa próxima à porta. Sempre tivera vontade de ler aquele livro, já que Rand e Perrin sempre citavam alguns trechos, mas parecia que nunca conseguia ter tempo para os livros que queria ler.

Basel Gill, com seu rosto rosado, e Thom Merrill estavam sentados um de frente para o outro diante de um tabuleiro de pedras, os cachimbos em seus dentes expelindo finas linhas de fumaça de tabaco. Uma gata malhada estava sentada sobre a mesa ao lado de um copo de dados de madeira, o rabo enrolado sobre as patas, observando a partida. O manto do menestrel não estava em qualquer lugar à vista, então Mat supôs que ele já tivesse arrumado um quarto.

— Foi mais rápido do que eu esperava, garoto — comentou Thom, com o cachimbo na boca. Ele cofiou o longo bigode branco enquanto avaliava sua próxima jogada no tabuleiro hachurado. — Basel, você se lembra de Mat Cauthon.

— Sim, sim — confirmou o estalajadeiro gordo, espiando o tabuleiro. — Estava doente da última vez que estive aqui, pelo que me lembro. Espero que tenha melhorado, rapaz.

— Estou melhor — respondeu Mat. — O senhor só se lembra disso? De que eu estava doente?

Mestre Gill estremeceu com a jogada de Thom e tirou o cachimbo da boca.

— Considerando com quem você foi embora, rapaz, e considerando o rumo que as coisas tomaram, talvez seja melhor que eu não me lembre de nada além disso.

— A reputação das Aes Sedai não anda das melhores, não é? — Mat deixou os pertences em uma grande poltrona, o bastão apoiado no encosto, e sentou-se em outra, balançando uma das pernas por cima do braço da poltrona. — Ao que parece, os Guardas do Palácio pensam que a Torre Branca raptou Elayne. — Thom encarou o rolo de fogos de artifício,

preocupado, olhou para o próprio cachimbo e resmungou sozinho antes de voltar a estudar o tabuleiro.

— Longe disso — respondeu Gill —, mas a cidade inteira sabe que ela desapareceu da Torre. Thom diz que ela voltou, mas não ouvimos falar nada disso por aqui. Talvez Morgase saiba, mas todo mundo, até os cavaleiros, está pisando em ovos para não ser degolado. Lorde Gaebriel evitou que ela realmente mandasse alguém para o carrasco, mas eu não diria que ela não seria capaz disso. E ele com certeza não acalmou os nervos da rainha em relação a Tar Valon. Na verdade, acho até que piorou.

— Morgase tem um novo conselheiro — explicou Thom, com uma voz seca. — Gareth Bryne não gostava dele, então se afastou para suas terras e foi tomar conta da lã das ovelhas. Basel, vai botar uma pedra ou não?

— Só um instante, Thom. Só um instante. Quero fazer a jogada certa. — Gill cravou os dentes no cachimbo e franziu o rosto para o tabuleiro, com uma baforada de fumaça.

— Então a Rainha tem um conselheiro que não gosta de Tar Valon — continuou Mat. — Bem, isso explica a atitude dos Guardas quando eu disse que vinha de lá.

— Se você contou isso a eles — retrucou Gill —, teve sorte de ter escapado sem nenhum osso quebrado. Pelo menos se tiver falado com um dos homens novos. Gaebriel substituiu metade dos Guardas de Caemlyn por homens selecionados por ele, o que foi um grande feito, considerando há quanto tempo está aqui. Tem gente dizendo que é capaz de Morgase se casar com ele. — O homem começou a mover uma pedra para o tabuleiro, mas a recolheu, balançando a cabeça. — Os tempos mudam. As pessoas mudam. Mudança demais para mim. Acho que estou ficando velho.

— Parece que você está é querendo esperar eu ficar velho com você antes de mover uma pedra — resmungou Thom. A gata se espreguiçou e se esticou em cima da mesa para que ele lhe afagasse as costas. — Conversar o dia inteiro não vai ajudar você a encontrar uma boa jogada. Por que não admite a derrota de uma vez, Basel?

— Eu jamais admito a derrota — retrucou Gill, com vigor. — Ainda vou vencer você, Thom. — Ele assentou uma pedra branca na interseção de duas linhas. — Você vai ver. — Thom bufou.

Pelo que Mat pôde ver do tabuleiro, achou que Gill não tinha muitas chances.

— Só preciso evitar os guardas e deixar a carta de Elayne nas mãos da rainha. — *Ainda mais se forem todos como aquele gordo idiota. Luz, será que ele disse a todos os outros que sou um Amigo das Trevas?*

— Você não entregou? — vociferou Thom. — Achei que estivesse ansioso para se livrar dela.

— Está com uma carta da Filha-herdeira? — exclamou Gill. — Thom, por que não me contou?

— Me desculpe, Basel — murmurou o menestrel. Ele cravou o olhar em Mat, por debaixo das espessas sobrancelhas, e soprou o bigode. — O garoto acha que tem alguém tentando matá-lo por conta disso, então pensei que seria melhor deixar que ele dissesse apenas o que quisesse, e nada mais. Parece que ele não está mais preocupado.

— Que tipo de carta? — perguntou Gill. — Ela está voltando para casa? E Lorde Gawyn? Espero que sim. Na verdade, ouvi falar até mesmo de guerra contra Tar Valon. Como se alguém fosse idiota o bastante para entrar em uma guerra contra as Aes Sedai. Se quer saber a minha opinião, acho que isso se encaixa direitinho com esses rumores loucos de que as Aes Sedai estão apoiando um falso Dragão em algum lugar a oeste, usando o poder dele como arma. Não que eu entenda por que alguém iria querer entrar em uma guerra contra elas por saber disso. Muito pelo contrário.

— Você é casado com Coline? — perguntou Mat, e Mestre Gill se sobressaltou.

— A Luz me guarde disso! Dá até pra pensar que a estalagem é dela, agora. Se ela fosse minha mulher...! O que isso tem a ver com a carta da Filha-herdeira?

— Nada — respondeu Mat —, mas você falou tanto que pensei que devia ter esquecido as perguntas que fez. — Gill tossiu como se estivesse sufocado, e Thom soltou uma risada. Mat continuou antes que o estalajadeiro pudesse retrucar. — A carta está selada, e Elayne não me contou o que escreveu. — Thom o olhava de esguelha, cofiando o bigode. *Será que ele está pensando que vou admitir que a abrimos?* — Mas acho que ela não está voltando para casa. Ela quer ser uma Aes Sedai, se você quer saber. — Ele contou sobre a tentativa de entregar a carta, omitindo algumas partes que os dois não precisavam ouvir.

— Homens novos — comentou Gill. — O oficial parece ser, pelo menos. Aposto com você. Da mesma laia dos salteadores, a maioria, exceto os mais astutos. Espere até a tarde, rapaz, depois da troca dos Guardas do portão. Diga o nome da Filha-herdeira logo no começo e abaixe um pouco essa cabeça, caso o novo sujeito também seja um dos homens de Gaebril. Basta bater uma continência que não terá problemas.

— Que me queime se eu vou bater continência. Não puxo lâ nem raspo cascalho para ninguém. Nem mesmo pra a própria Morgase. Dessa vez, não

vou passar nem perto dos guardas. — *Preferia não saber o que foi que aquele gordo andou espalhando.*

Os dois o encaravam como se ele tivesse enlouquecido.

— Como, sob a Luz — começou Gill —, você pretende entrar no Palácio Real sem passar pela Guarda? — Ele arregalou os olhos como se acabasse de se lembrar de algo. — Luz, você não pretende... rapaz, seria preciso ter a sorte do próprio Tenebroso para escapar com vida!

— De que é que você está falando agora, Basel? Mat, que ideia idiota é essa que você quer tentar?

— Eu tenho sorte, Mestre Gill — retrucou Mat. — Deixe uma refeição me esperando para quando eu voltar. — Ele se levantou, pegou o copo de dados e virou o conteúdo sobre o tabuleiro de pedras, para testar a sorte. A gata malhada saltou para o chão, sibilando para ele com as costas arqueadas. Os cinco dados marcados pararam, cada um mostrando um único ponto. *Os Olhos do Tenebroso.*

— Esse é o melhor lance, ou o pior — comentou Gill. — Depende do jogo que se está jogando, não é? Rapaz, acho que você está prestes a entrar em um dos jogos perigosos. Por que não leva esse copo para o salão e vai perder uns cobres? Você tem cara de ser um sujeito que aprecia uma jogatina. Eu cuido para que a carta chegue ao Palácio em segurança.

— Coline quer que você limpe os canos — disse Mat, à guisa de resposta, e se virou para Thom enquanto o estalajadeiro ainda piscava e resmungava sozinho. — Não vai fazer muita diferença se eu levar uma flechada tentando entregar essa carta ou uma facada nas costas enquanto espero. Seria trocar seis por meia dúzia. Só não se esqueça da minha refeição, Thom. — Ele atirou um marco de ouro na mesa, diante de Gill. — Mande colocarem minhas coisas em um quarto, estalajadeiro. Se precisar de mais moedas, você as terá. Cuidado com o rolo grande, ele deixa Thom apavorado.

Enquanto saía, ouviu Gill dizer a Thom:

— Sempre pensei que esse garoto fosse só conversa. Como é que ele consegue ouro?

Eu sempre ganho, é assim que consigo, pensou, sombrio. Só preciso ganhar mais uma vez, para acabar com essa história da Elayne. E vai ser a última da Torre Branca para mim. Só mais uma vez.





Uma Mensagem das Sombras

Durante a caminhada rumo à Cidade Interna, Mat estava não estava nem um pouco seguro de que sua tentativa daria certo. Se o que tinha ouvido fosse verdade, daria, mas era da veracidade da informação que ele tinha dúvidas. Evitou a praça oval diante do Palácio, mas vagou pelas laterais da imensa estrutura e de seus gramados, percorrendo ruas que serpenteavam com os contornos das colinas. Os domos dourados do Palácio reluziam, debochados e inacessíveis. Ele já completara quase uma volta, estava chegando outra vez à praça, quando a viu. Uma encosta íngreme coberta de flores baixas se erguia da rua até uma muralha branca de pedra bruta. Inúmeros galhos de árvores frondosas se projetavam do alto do muro, e ele conseguia ver os topos de outras, mais além, em um dos jardins do Palácio Real.

Um muro feito para parecer um barranco, pensou, e um jardim do outro lado. Talvez Rand estivesse falando a verdade.

Uma olhadela casual para os dois lados revelou que a rua sinuosa estava vazia. Ele teria que se apressar, pois as curvas não permitiam que ele enxergasse muito longe, e a qualquer instante alguém poderia aparecer. Ele escalou a encosta de quatro, bem depressa, sem se preocupar com os sulcos que suas botas deixavam nas fileiras de flores brancas e vermelhas. A pedra bruta da muralha fornecia apoio para as mãos, enquanto as saliências e os calombos davam bons calços para os pés, mesmo para um homem de botas.

Que descuido fazerem uma coisa tão fácil de escalar, pensou enquanto subia. Por um instante Mat foi transportado de volta para casa, com Rand e Perrin, para uma viagem que tinham feito para além das Colinas de Areia,

nos limites das Montanhas da Névoa. Quando retornaram a Campo de Emond, despertaram a ira de todos os que puderam descer as mãos nos três, e ele foi o que mais sofreu, já que todos presumiram que a ideia fora dele. Haviam passado três dias escalando os paredões e dormindo ao relento. Comeram ovos tirados direto dos ninhos de cristas-vermelhas, tetrazes de asa cinzenta roliços, que os rapazes matavam com arcos ou estilingues, e coelhos que capturavam em armadilhas. Passaram o tempo todo rindo de como não tinham medo da má sorte das montanhas e de como talvez até pudessem encontrar algum tesouro. Ele trouxera uma pedra estranha da expedição, onde a cabeça de um peixe grande fora gravada, além de uma pena branca que caíra do rabo de uma águia-das-neves e um pedaço de pedra branca do tamanho de sua mão, que mais parecia a escultura da orelha de um homem. Ele achou que parecia uma orelha, mas Rand e Perrin não, e Tam al'Thor disse que podia ser.

Seus dedos deslizaram de um sulco mais raso, e ele se desequilibrou e perdeu o apoio do pé esquerdo. Com uma exclamação surpresa, por pouco não falhou ao segurar no muro e se içar até o topo. Ficou parado ali um pouco, ofegante. Não teria sido uma queda grande, mas seria suficiente para quebrar a cabeça. *Idiota, ficando distraído desse jeito. Quase me matei nesse barranco. Aquilo já foi há muito tempo.* Sua mãe já devia ter jogado todas aquelas coisas fora. Com uma última olhada para garantir que ninguém o vira — a curva da rua lá embaixo ainda estava vazia —, ele saltou para dentro dos muros do Palácio.

O jardim era grande, com caminhos de pedra ao longo dos vastos gramados entre as árvores e videiras robustas que subiam pelos caramanchões. E flores se espalhavam por todos os lados. Flores brancas cobriam as pereiras, e mais flores brancas e rosa pontilhavam as macieiras. Rosas de todas as cores, como raios-de-sol dourados, glória-de-emonde púrpura e muitas outras que ele não conseguia identificar. Algumas nem pareciam verdadeiras. Uma delas tinha botões dourados e escarlate que mais pareciam pássaros, e outra não era muito diferente de um girassol, só que os botões amarelos tinham mais de dois pés de comprimento e brotavam em galhos do tamanho de um Ogier.

Ele ouviu o barulho de botas andando nas pedras e se agachou atrás de uma moita junto ao muro no mesmo instante em que dois guardas passavam marchando, os colarinhos brancos visíveis por cima das placas peitorais. Os dois nem olharam na direção dele, que sorriu para si mesmo. *Sorte. Com só um tantinho de sorte, eles não vão nem chegar a me ver até eu entregar essa maldita carta a Morgase.*

Ele deslizou pelo jardim como uma sombra, como se caçasse coelhos, ficando imóvel atrás de um arbusto ou do tronco de uma árvore toda vez que ouvia o barulho de botas. Outra dupla de soldados passou, o segundo tão perto que ele poderia ter dado dois passos e beliscado os traseiros dos dois. Enquanto os homens desapareciam por entre as flores e árvores, ele arrancou um fulgor-das-estrelas vermelho intenso e enfiou a flor de pétalas curvas nos cabelos com um grande sorriso. Aquilo era tão divertido quanto roubar tortas de maçã no Dia do Sol, e ainda mais fácil. As mulheres sempre vigiavam atentamente os tabuleiros, mas os soldados idiotas jamais erguiam os olhos das pedras.

Não demorou muito até que ele encostasse no muro branco do próprio Palácio e começasse a se esgueirar à procura de uma porta, escondido por trás de uma fileira de rosas brancas que cresciam sobre uma cerca de ripas. Logo acima de sua cabeça havia várias janelas amplas em forma de arco, mas ele achou que seria um pouco mais difícil se explicar caso fosse pego subindo uma janela do que andando por um corredor. Outros dois soldados apareceram, e ele ficou imóvel: passariam a três passos de onde estava. Ele ouvia vozes da janela logo acima, a conversa dos dois homens era alta o bastante para ele distinguir as palavras.

— ...a caminho de Tear, Grande Mestre. — O homem soava assustado e obsequioso.

— Deixe que elas acabem com os planos dele, se puderem. — Esta voz era mais grave e forte, de um homem acostumado a comandar. — Vai ser bem feito para ele, ter os planos frustrados por três garotas sem treinamento. Sempre foi um tolo, e ainda é. Tem alguma notícia do garoto? É ele quem pode destruir todos nós.

— Não, Grande Mestre. Ele desapareceu. Mas, Grande Mestre, uma das garotas é cria de Morgase.

Mat deu meio giro, depois parou. Os soldados estavam se aproximando. Não pareciam ter visto o susto que ele levou entre os espessos galhos de rosas. *Circulando, seus idiotas! Passem logo para eu ver quem é esse maldito homem!* Ele perdera um trecho da conversa.

— ...tem estado muito impaciente desde que recuperou a liberdade — dizia a voz grave. — Nunca entendeu que os melhores planos precisam de tempo para amadurecer. Quer o mundo todo em um dia só, e *Callandor* também. Que o Grande Senhor o leve! Ele pode pegar a garota e tentar fazer uso dela. E isso pode acabar prejudicando meus próprios planos.

— Como quiser, Grande Mestre. Devo ordenar que ela seja trazida de Tear?

— Não. Se aquele tolo descobrisse, encararia como uma jogada contra ele. E quem é que sabe o que ele anda vigiando, além da espada? Faça ela ter uma morte discreta, Comar. Não deixe que a morte atraia qualquer atenção. — A risada do homem era encorpada e retumbante. — Aquelas relaxadas ignorantes da Torre vão ter dificuldade em devolvê-la, depois desse novo desaparecimento. Isso pode funcionar tão bem quando o outro plano. Providencie isso depressa. Rápido, antes que ele próprio tenha tempo de levá-la.

Os dois soldados estavam quase lado a lado com ele. Mat tentou fazer os homens andarem mais rápido com a força da mente.

— Grande Mestre — começou o outro homem, indeciso —, talvez isso seja difícil. Sabemos que ela está a caminho de Tear, mas a embarcação onde ela viajava foi encontrada em Aringill, e as três moças já tinham deixado o navio antes disso. Não sabemos se ela pegou outro navio ou se está cavalgando em direção ao sul. E talvez não seja fácil encontrá-la depois que ela chegar a Tear, Grande Mestre. Talvez se o senhor...

— Será que só restaram idiotas nesse mundo? — perguntou a voz grave e severa. — Acha que posso circular em Tear sem que ele saiba? Não pretendo lutar com ele, não agora, ainda não. Traga a cabeça da garota, Comar. Traga todas as três cabeças, ou você acabará rezando para que eu arranque a sua!

— Sim, Grande Mestre. Será como o senhor quiser. Sim. Sim.

Os soldados passaram esmigalhando as pedras, sem olhar para os lados. Mat só esperou até os dois virarem de costas e saltou para agarrar o amplo peitoril de pedras, erguendo-se o bastante para enxergar pela janela.

Ele mal notou o carpete taraboniano franjado no chão, que devia valer uma gorda bolsa de prata. Uma das portas largas e entalhadas estava se fechando. Um homem alto, com ombros largos e o peitoral apertado no casaco bordado de seda verde, encarava a porta com olhos azul-escuros. A barba preta era baixa e tinha uma mecha branca sobre o queixo. No geral, o homem parecia resistente, além de acostumado a dar ordens.

— Sim, Grande Mestre — disse de repente, e Mat quase largou o peitoril. — Ele pensara que aquele era o homem da voz grave, mas foi a voz servil que escutou. Nada servil agora, mas a mesma voz. — Será como o senhor quiser, Grande Mestre — disse o homem, amargo. — Eu mesmo arranco as cabeças das mocinhas. Assim que as encontrar! — Ele saiu pela porta pisando firme, e Mat se soltou.

Passou um instante ali, agachado atrás das cercas de rosas. Alguém dentro do Palácio queria Elayne morta, depois acrescentara Egwene e

Nynaeve aos planos. *O quê, sob a Luz, elas estão fazendo, indo para Tear? Só podiam ser elas.*

Ele puxou a carta da Filha-herdeira do forro do casaco e franziu o rosto. Talvez, com isso nas mãos, Morgase acreditasse nele. Ele podia descrever um dos homens. Mas o tempo de avançar na surdina chegara ao fim. O grandalhão poderia estar a caminho de Tear antes mesmo que ele conseguisse encontrar Morgase, e então nada do que ela fizesse seria garantia de impedi-lo.

Respirando fundo, Mat oscilou entre duas cercas de rosas, ao custo de apenas alguns furos provocados pelos espinhos, e partiu pelo caminho de pedras atrás dos soldados. Erguia a carta de Elayne bem diante de si, para que o lírio dourado do selo ficasse claramente visível, e foi repassando na mente o que queria dizer. Quando tinha tentado se esconder, os guardas pipocavam como cogumelos depois da chuva, mas bastou querer falar com um para percorrer quase toda a extensão do jardim sem ver sequer uma alma. Passou por diversas portas. Não seria muito bom adentrar o Palácio sem permissão, pois a Guarda poderia fazer as besteiras antes e escutar depois. Entretanto, quando começava a cogitar entrar por uma das portas, ela foi aberta por um jovem oficial sem capacete, com um nó dourado no ombro.

A mão do homem tocou o cabo da espada na mesma hora, e ele já tinha puxado quase um pé de aço antes que Mat pudesse empurrar a carta na direção dele.

— Elayne, a Filha-herdeira, envia esta carta à sua mãe, a Rainha Morgase, capitão. — Ele ergueu a carta de modo que o lírio do selo ficasse evidente.

Os olhos escuros do oficial examinaram o entorno, como se procurassem por outras pessoas, mas sem deixar de observar Mat.

— Como foi que conseguiu entrar nesse jardim? — Ele não desembainhou o restante da espada, mas também não a guardou. — Elber está nos portões principais. Ele é um paspalho, mas jamais deixaria alguém ficar vagando pelo interior do Palácio.

— Um gordo com olhos de rato? — Mat maldisse a própria língua, mas o oficial assentiu com vigor, e também quase sorriu, mas não pareceu reduzir a vigilância ou a desconfiança. — Ele ficou com raiva quando soube que eu vinha de Tar Valon e nem me deu chance de mostrar a carta ou mencionar o nome da Filha-herdeira. Disse que me prenderia se eu não fosse embora, por isso pulei o muro. Prometi que entregaria esta carta à Rainha Morgase

em pessoa, compreende, capitão? Eu prometi, e sempre cumprio minhas promessas. Está vendo este selo?

— O maldito muro do jardim, outra vez — resmungou o oficial. — Deviam triplicar a altura. — O homem encarou Mat. — Tenente da Guarda, não capitão. Sou o Tenente da Guarda Tallanvor. Reconheço o selo da Filha-herdeira. — A espada enfim deslizou de volta para dentro da bainha. Ele esticou a mão, e não era a mão da espada. — Pode me dar a carta, que eu entrego para a Rainha. Depois de lhe mostrar a saída. Tem gente que não seria tão gentil se o encontrasse vagando por aí.

— Eu prometi entregar a carta em mãos — respondeu Mat. *Luz, nunca pensei que não me deixariam fazer isso.* — Eu prometi. À Filha-herdeira.

Mat mal percebeu que a mão de Tallanvor tinha se mexido antes que a espada do oficial estivesse colada em seu pescoço.

— Vou levar você até a Rainha, caipira — disse Tallanvor, baixinho. — Mas saiba que arranco a sua cabeça num piscar de olhos se você sequer pensar em machucá-la.

Mat abriu seu melhor sorriso. A lâmina levemente curva parecia bem afiada contra a lateral do seu pescoço.

— Sou um andoriano leal — disse — e um súdito fiel da Rainha, que a Luz a ilumine. Ora, se eu estivesse aqui durante o inverno, sem dúvida teria seguido Lorde Gaebril.

Tallanvor o encarou com a boca contraída, depois enfim guardou a espada. Mat engoliu em seco e controlou o impulso de tocar a garganta para conferir se estava cortada.

— Tire a flor do cabelo — comandou Tallanvor, embainhando a espada. — Está achando que veio aqui para paquerar?

Mat puxou o fulgor-das-estrelas do cabelo e seguiu o oficial. *Seu idiota, botar uma flor no cabelo? Preciso parar de bancar o paspalho.*

Ele não o seguia, exatamente, pois Tallanvor mantinha a atenção nele mesmo enquanto o conduzia pelo caminho. O resultado foi uma espécie de estranha procissão, com o oficial de um lado, mais na frente, porém meio virado, para o caso de Mat tentar qualquer coisa. De sua parte, Mat tentava parecer tão inocente quanto um bebê espalhando água na banheira.

As coloridas tapeçarias nas paredes haviam rendido uma boa prata aos tecelões, bem como os tapetes do piso de azulejos, mesmo ali nos corredores. Havia ouro e prata por toda parte, em pratos e travessas, tigelas e canecas, gravados em baús e armários baixos de madeira polida, tão belos quanto tudo o que ele vira na Torre. Serviçais saíam de todos os cantos, de libré vermelho com colarinho branco, abotoaduras e o Leão

Branco de Andor no peito. Ele ficou imaginando se Morgase jogava dados. *Que pensamento típico de um cabeça-de-lã. Rainhas não jogam dados. Mas, quando eu lhe entregar essa carta e contar que alguém no Palácio quer matar Elayne, aposto que ela vai me dar uma bolsa cheinha.* Ele se permitiu a pequena fantasia de ser nomeado como lorde. Sem dúvida o homem que revelasse uma trama de assassinato da Filha-herdeira poderia esperar uma recompensa dessas.

Tallanvor o conduziu por tantos corredores e pátios que ele começou a se perguntar se conseguiria encontrar o caminho de volta sozinho. Foi quando de repente reparou que um dos pátios abrigava mais do que serviçais. Rodeado por um corredor com colunas, o pátio tinha um lago redondo no centro, com peixes brancos e amarelos que nadavam sob folhas flutuantes de lírios e lótus brancos. Homens de casacos coloridos, bordados em ouro ou prata, e mulheres em amplos vestidos ainda mais elaborados montavam guarda ao lado de uma mulher de cabelos louro-acobreados sentada na borda elevada do lago, passando os dedos pela água e olhando com pesar para os peixes que subiam até seus dedos à procura de alimento. Um anel da Grande Serpente envolvia o terceiro dedo de sua mão esquerda. Havia um homem negro e alto ao lado dela, a seda vermelha do casaco quase encoberta pelos arabescos e folhas de ouro bordados por cima, mas foi a mulher que atraiu o olhar de Mat.

Não era preciso ver a fina coroa de rosas douradas em seus cabelos ou a estola que pendia de seu vestido branco rajado de vermelho, toda bordada com os Leões de Andor, para Mat saber que estava olhando para Morgase, pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-trono da Casa Trakand. Ela tinha o rosto e a beleza de Elayne, mas era o que Elayne seria quando amadurecesse. Todas as outras mulheres no pátio ficavam em segundo plano, desbotadas diante de sua presença.

Eu dançaria uma jiga com ela, e também roubaria um beijo dela ao luar, não importa quantos anos tenha. Ele se sacudiu. *Não se esqueça de quem ela é!*

Tallanvor abaixou-se sobre um dos joelhos, um punho pressionado na pedra branca do pátio.

— Minha Rainha, trago um mensageiro que porta uma carta de Lady Elayne.

Mat olhou a postura ajoelhada do homem e optou por fazer uma reverência profunda.

— Da Filha-herdeira... hã... minha Rainha. — Ele ergueu a carta enquanto se curvava, de modo a exibir a cera dourada do selo. *Depois que ela ler e souber que Elayne está bem, eu conto a ela.* Morgase virou os olhos azul-escuros para ele. *Luz! Assim que ela ficar de bom humor.*

— Traz uma carta de minha filha ardilosa? — A voz dela era fria, mas com indício do calor que poderia ser despertado. — Isso deve significar que ela está viva, pelo menos! Onde ela está?

— Em Tar Valon, minha Rainha — conseguiu responder. *Luz, adoraria uma competição para ver quem pisca primeiro, ela ou a Amyrlin.* Ele pensou melhor e decidiu que preferia não ver nada daquilo. — Pelo menos estava quando eu saí de lá.

Morgase acenou, impaciente, com a mão, e Tallanvor se ergueu para pegar a carta de Mat e entregar a ela. Por um instante, a mulher olhou o selo de lírio com a cara fechada, depois o rompeu com um giro rápido dos punhos. Murmurava sozinha enquanto lia, sacudindo a cabeça a cada duas linhas.

— Ela não pode contar mais nada, não é mesmo? — resmungou. — Vamos ver se ela vai se manter firme... — De repente seu rosto se iluminou. — Gaebriel, ela foi elevada a Aceita. Menos de um ano na Torre, e já foi elevada. — O sorriso foi embora tão depressa quanto surgira, e ela contraiu os lábios. — Quando eu puser as mãos nessa garota desgraçada, ela vai desejar que ainda fosse noviça.

Luz, pensou Mat, será que nada vai deixá-la de bom humor? Ele decidiu que teria que dizer de uma vez, mas desejou que ela não parecesse prestes a cortar fora a cabeça de alguém. — Minha Rainha, por acaso eu escutei...

— Fique quieto, garoto — disse calmamente o sujeito negro de casaco com detalhes dourados. Era um homem bonito, quase tão bem-apessoado quanto Galad e de aparência quase tão juvenil quanto ele, apesar do branco rajado em suas têmporas. Mas o homem precisava ser medido em uma escala maior: era mais alto que Rand e tinha os ombros quase do tamanho dos de Perrin. — Vamos ouvir o que você tem a dizer em um instante. — Ele estendeu a mão por cima do ombro de Morgase e puxou a carta das mãos dela. O olhar da rainha se virou para ele, e Mat pôde ver sua irritação, mas o homem negro pousou a mão forte no ombro de Morgase, sem nunca tirar os olhos do que estava lendo, e a raiva da rainha se dissolveu. — Parece que ela deixou a Torre outra vez — disse. — A serviço do Trono de Amyrlin. A mulher se atropelou mais uma vez, Morgase.

Mat não teve dificuldade em segurar a língua. *Sorte.* Estava presa no céu da boca. *Às vezes, não sei se isso é bom ou ruim.* O homem negro era o dono

da voz grave, o “Grande Mestre” que queria a cabeça de Elayne. *Ela o chamou de Gaebriel. O conselheiro dela quer matar Elayne? Luz!* E Morgase olhava para ele como um cãozinho amoroso com a mão do dono sobre o ombro.

Gaebriel virou os olhos quase negros para Mat. O homem tinha um olhar poderoso e uma aparência astuta.

— O que pode nos dizer disso, garoto?

— Nada... hã... milorde. — Mat pigarreou. O olhar do homem era pior que o da Amyrlin. — Fui a Tar Valon visitar minha irmã. Ela é uma noviça. Else Grinwell. Sou Thom Grinwell, milorde. Lady Elayne soube que eu pretendia passar em Caemlyn no caminho de volta. Sou de Comfrey, milorde, uma pequena aldeia ao norte de Baerlon. Nunca tinha visto um lugar maior que Baerlon até visitar Tar Valon, e ela, Lady Elayne, quer dizer, ela me deu essa carta para trazer. — Ele pensou que Morgase tinha olhado para ele quando o ouviu dizer que vinha do norte de Baerlon, mas ele sabia que lá havia uma aldeia chamada Comfrey, recordava-se de ouvir alguém mencionar.

Gaebriel assentiu, mas disse:

— Você sabe aonde Elayne estava indo, garoto? Ou a serviço de quê? Fale a verdade, e não terá nada a temer. Minta, e será levado a interrogatório.

Mat não precisou fingir a expressão de preocupação.

— Milorde, essa foi a única vez que vi a Filha-herdeira. Ela me entregou a carta... e um marco de ouro! E me mandou trazer a carta para a Rainha. Não sei mais do seu conteúdo do que ouvi aqui.

Gaebriel pareceu ponderar, o rosto escuro não dava sinal de que acreditava ou não em qualquer palavra.

— Não, Gaebriel — começou Morgase, de repente. — Muitos já foram levados a interrogatório. Posso ver a necessidade, pois você me alertou, mas não por isso. Não um garoto que só trouxe uma carta cujo conteúdo ele nem conhece.

— Como a minha Rainha mandar, assim deve ser — respondeu o homem negro. O tom era respeitável, mas ele tocou o rosto dela de uma forma que a fez ruborizar e abrir os lábios, como se esperasse um beijo.

Morgase deu uma respiração vacilante.

— Diga, Thom Grinwell, minha filha parecia bem quando você a viu?

— Parecia, minha Rainha. Ela sorriu, gargalhou e revelou a língua insolente, quer dizer...

Morgase deu uma risada suave pela expressão que ele fez.

— Não tenha medo, rapaz. Elayne tem mesmo a língua insolente, e até demais, para o próprio bem. Fico feliz por ela estar bem. — Aqueles olhos azuis o analisavam profundamente. — Um jovem que deixa a própria aldeia costuma encontrar dificuldade para retornar. Acho que você vai viajar para muito longe antes de ver Comfrey outra vez. Talvez até retorne a Tar Valon. Se isso acontecer e se você vir minha filha, diga a ela que costumamos nos arrepender do que é dito em momentos de raiva. Não vou tirá-la da Torre Branca antes da hora. Diga a ela que penso bastante no período que passei lá e que sinto falta das conversas tranquilas com Sheriam, em seu gabinete. Conte a ela que eu disse isso, Thom Grinwell.

Mat deu de ombros, constrangido.

— Sim, minha Rainha. Mas... hã... eu não pretendo voltar a Tar Valon. Uma vez na vida de um homem já é mais do que suficiente. Meu pai precisa da minha ajuda para tocar a fazenda. Minhas irmãs vão ficar presas com a ordenha, se eu não voltar.

Gaebril soltou uma risada profunda, revelando seu divertimento.

— Então está ansioso para ordenhar vacas, garoto? Talvez deva ver um pouco do mundo, antes que tudo mude. Aqui! — Ele exibiu uma bolsa e a jogou. Ao apanhá-la, Mat sentiu as moedas sob o couro lavado. — Se Elayne pôde dar a você um marco de ouro para transportar essa carta, eu darei dez por trazê-la até aqui a salvo. Veja o mundo antes de voltar para as suas vacas.

— Sim, milorde. — Mat ergueu a bolsa e conseguiu abrir um sorriso fraco.

O homem negro, no entanto, já o dispensara com um gesto e se virara para Morgase com as mãos nos quadris.

— Acho que chegou a hora, Morgase, de lançar aquela pústula na fronteira de Andor. Por seu casamento com Taringail Damodred, você tem direito a reivindicar o Trono do Sol. A Guarda da Rainha pode tornar essa reivindicação tão forte quanto qualquer outra. Talvez eu até possa ajudá-los com algumas pequenas coisas. Escute.

Tallanvor tocou o braço de Mat, e os dois se afastaram, curvando-se em mesuras. Mat achou que ninguém percebera. Gaebril ainda falava, e cada lorde e lady parecia prestar muita atenção às palavras dele. Morgase escutava com a testa franzida, mas assentia tanto quanto todos os outros.





Correndo contra a Sombra

Saindo depressa do pequeno pátio onde havia o lago com peixes, Tallanvor guiou Mat até o pátio maior, na frente do Palácio, por trás dos portões altos e dourados que reluziam ao sol. Logo seria meio-dia. Mat sentiu um ímpeto de sair dali, uma pressa de partir. Era difícil acompanhar o passo do jovem oficial. Alguém poderia estranhar se ele comesse a correr, e talvez — só talvez — as coisas de fato tivessem acontecido como pareceram, no outro pátio. Talvez Gaebril não suspeitasse mesmo de nada. *Talvez*. Ele se lembrou daquele par de olhos quase negros, agarrando tudo, prendendo como os dentes de um ancinho. *Luz, talvez*. Ele se forçou a caminhar como se tivesse todo o tempo do mundo. *Sou só um caipira grosseirão e cabeça-oça admirando o ouro e os tapetes. Só um caipira que nunca imaginou que alguém poderia lhe enfiar uma faca nas costas*. Foi assim até Tallanvor o conduzir à entrada de um dos portões e o acompanhar até o lado de fora.

O oficial gordo com olhos de rato ainda estava lá com a Guarda, e, ao avistar Mat, ficou com o rosto vermelho outra vez. Antes que ele pudesse abrir a boca, porém, Tallanvor falou:

— Ele entregou uma carta da Filha-herdeira para a Rainha. Fique feliz, Elber, por nem Morgase nem Gaebril terem ficado sabendo que você tentou impedir o rapaz. Lorde Gaebril ficou muito interessado na missiva de Lady Elayne.

O rosto de Elber foi do vermelho a um branco igual ao de seu colarinho. Ele fuzilou Mat com o olhar e correu de volta para a fila de guardas, os olhos miúdos espiando os homens por trás das barras dos elmos, como se tentasse descobrir se algum deles percebera seu medo.

— Obrigado — disse Mat ao homem que o acompanhara, e com sinceridade. Ele já se esquecera do homem gordo, até encará-lo outra vez. — Adeus, Tallanvor.

Ele avançou para atravessar a praça oval, tentando não andar depressa demais, e ficou surpreso quando Tallanvor começou a caminhar ao seu lado. *Luz, será que ele está com Gaebriel ou com Morgase?* Ele já quase podia sentir uma coceira entre as omoplatas, como se uma faca estivesse prestes a ser cravada bem entre elas. *Ele não sabe, que me queime! Gaebriel não suspeita que eu sei!* Foi então que o jovem oficial enfim se pronunciou.

— Você ficou muito tempo em Tar Valon? Na Torre Branca? Tempo suficiente para aprender alguma coisa sobre o lugar?

— Só fiquei lá três dias — respondeu Mat, com cautela. Ele teria reduzido esse tempo e, se tivesse como entregar a carta sem admitir que estivera em Tar Valon, teria feito isso, mas achava que o homem não acreditaria que alguém viajara para tão longe apenas para ver a irmã e depois partira no mesmo dia. *O quê, sob a Luz, é que ele está tentando descobrir?* — Eu aprendi o que vi nesse tempo. Nada muito importante. Ninguém me deu uma visita guiada ou me contou coisas. Só fui para ver Else.

— Você deve ter ouvido alguma coisa, camarada. Quem é Sheriam? Conversar com ela no gabinete significa alguma coisa?

Mat sacudiu a cabeça com vigor, tentando não revelar o alívio em seu rosto.

— Não sei quem ela é — disse, com sinceridade. Talvez tivesse ouvido Egwene, ou quiçá Nynaeve, mencionar o nome. Uma Aes Sedai, talvez? — Por que deveria significar alguma coisa?

— Eu não sei — murmurou Tallanvor. — Tem muita coisa que eu não sei. Às vezes acho que ela está querendo dizer algo... — Ele lançou a Mat um olhar penetrante. — Você é *mesmo* um andoriano leal, Thom Grinwell?

— É claro que sou. — *Luz, se eu começar a repetir isso o tempo todo, vou acabar acreditando.* — E você? Serve a Morgase e Gaebriel com lealdade?

Tallanvor o encarou com um olhar tão severo quanto a piedade dos dados.

— Eu sirvo a Morgase, Thom Grinwell. A ela, servirei até a morte. Passe bem, camarada. — Ele se virou e marchou de volta para o Palácio, uma das mãos agarrada ao cabo da espada.

Observando-o se afastar, Mat resmungou sozinho:

— Aposto isso aqui — deu um puxão na bolsa de couro lavado que recebera — que Gaebriel diz a mesma coisa. — Fossem lá quais fossem os

jogos que jogavam no Palácio, ele não queria se meter em nenhum deles. E desejava garantir que Egwene e as outras também ficassem de fora. *Mulheres idiotas! Agora vou ter que salvar o couro delas em vez de me preocupar com o meu!* Ele só começou a correr depois que as ruas o ocultaram das vistas de quem estivesse no Palácio.

Quando adentrou A Bênção da Rainha, ainda correndo, a cena na biblioteca não mudara muito. Thom e o estalajadeiro ainda estavam sentados diante do tabuleiro de pedras — era outro jogo, dava para ver pela posição das pedras, mas Gill ainda levava a pior —, e a gata malhada estava outra vez na mesa, limpando-se com a língua. Uma bandeja com os cachimbos apagados e os restos de uma refeição para dois jazia próxima à gata, e os pertences dele já não estavam na poltrona. Cada homem tinha uma caneca de vinho perto do cotovelo.

— Vou embora, Mestre Gill — anunciou. — Pode ficar com a moeda e descontar uma refeição. Vou ficar para comer, mas depois vou pegar a estrada para Tear.

— Que pressa é essa, garoto? — Thom parecia observar mais a gata do que o tabuleiro. — Acabamos de chegar.

— Então entregou a carta de Lady Elayne, não é? — perguntou o estalajadeiro, ansioso. — E voltou inteiro, pelo que parece. Você escalou mesmo o muro, que nem o outro rapaz? Não, isso não tem importância. A carta acalmou Morgase? Ainda precisaremos pisar em ovos, camarada?

— Imagino que tenha acalmado — respondeu Mat. — Acho que acalmou. — Ele hesitou por um instante, balançando a bolsa de Gaebriel na mão. Ela produziu um tinido. Mat não tinha conferido se havia mesmo dez marcos de ouro, mas, pelo peso, achava que sim. — Mestre Gill, o que você pode me contar sobre Gaebriel? Além de que ele não gosta das Aes Sedai. Você disse que ele está há pouco tempo em Caemlyn?

— Por que quer saber dele? — perguntou Thom. — Basel, vai colocar uma pedra ou não? — O estalajadeiro deu um suspiro e pôs uma pedra preta no tabuleiro, então o menestrel sacudiu a cabeça.

— Bem, rapaz — começou Gill —, não há muito o que dizer. Ele veio do oeste durante o inverno. Lá das suas bandas, eu acho. Talvez de Dois Rios. Ouvi alguém mencionar as montanhas.

— Não temos lordes em Dois Rios — retrucou Mat. — Talvez haja alguns para os lados de Baerlon. Eu não sei.

— Pode ser de lá, rapaz. Eu nunca nem tinha ouvido falar nele antes, mas não conheço muito bem os lordes do interior. Ele veio quando Morgase ainda estava em Tar Valon, foi isso, e metade da cidade estava morrendo de

medo de a Torre sumir com ela também. A outra metade não queria que ela voltasse. Os motins recomeçaram, que nem no ano passado, logo no fim no inverno.

Mat sacudiu a cabeça.

— Não ligo pra política, Mestre Gill. É em Gaebril que estou interessado.

— Thom franziu a testa para ele e começou a limpar a sobra de fumo do cachimbo comprido com um canudo.

— É de Gaebril que estou falando, rapaz — retrucou Gill. — Durante os motins, ele assumiu a liderança da facção em defesa de Morgase. Foi ferido durante as lutas, pelo que ouvi dizer, e quando ela retornou ele já havia controlado a situação. Gareth Bryne não gostava dos métodos de Gaebril, que pode se comportar de forma muito rígida. Mas Morgase ficou tão satisfeita em ver a ordem restaurada que o nomeou para o posto que Elaida ocupava.

O estalajadeiro parou. Mat esperou que o homem prosseguisse, mas isso não aconteceu. Thom encheu o cachimbo de tabaco e foi acender uma lasca de madeira na pequena lâmpada que ficava na cornija da lareira, exatamente para esse fim.

— O que mais? — perguntou Mat. — O sujeito deve ter uma razão para fazer o que faz. Se ele se casar com Morgase, vai virar rei quando ela morrer? Se Elayne também morrer, quer dizer?

Thom engasgou enquanto acendia o cachimbo, e Gill gargalhou.

— Andor é governado por uma rainha, rapaz. Sempre uma rainha. Se Morgase e Elayne morrerem, a Luz permita que não, a parente mais próxima de Morgase é que subiria ao trono. Pelo menos quanto a isso agora não resta dúvida: é uma prima dela, Lady Dyelin. Nada como a Sucessão, logo depois do sumiço de Tigraine. Naquela época, Morgase levou dois anos para subir ao Trono do Leão. Dyelin poderia, então, manter Gaebril como conselheiro ou se casar com ele para consolidar a linhagem, o que não seria muito provável de acontecer, a não ser que Morgase tivesse filhos com ele. Mas mesmo assim o homem seria apenas Príncipe Consorte. Nada mais que isso. Graças à Luz Morgase ainda é jovem. E Elayne é saudável. Luz! A carta não dizia que ela está doente, dizia?

— Ela está bem. — *Pelo menos por enquanto.* — Não tem mais nada que possa me dizer sobre ele? Você não parece gostar dele. Por quê?

O estalajadeiro franziu o cenho, perdido em pensamentos, coçou o queixo e sacudiu a cabeça.

— Acho que não gostaria de vê-lo casado com Morgase, mas na verdade não sei por quê. Dizem que ele é um bom homem, e todos os nobres o têm

em alta conta. Eu não gosto da maioria dos homens que ele trouxe para a Guarda. Muita coisa mudou desde a chegada dele, mas não posso dizer que é tudo obra dele. É só que parece ter muita gente conspirando pelos cantos, depois que ele apareceu. Andamos até parecendo cairhienos, do jeito que estavam as coisas antes dessa guerra civil. Todo mundo tramando e tentando levar vantagem. Ando tendo uns pesadelos desde que Gaebril chegou, e não sou o único. São coisas bestas com que se preocupar, os sonhos. Deve ser só pela preocupação com Elayne, com o que Morgase pretende fazer em relação à Torre Branca, e com o povo agindo feito os cairhienos. Eu simplesmente não sei. Por que está fazendo tantas perguntas a respeito de Lorde Gaebril?

— Porque ele quer matar Elayne — respondeu Mat —, junto com Egwene e Nynaeve. — Ele não encontrou nada de útil nas coisas que Gill dissera. *Que me queime, eu não tenho que saber por que ele quer matar as três. Só preciso impedir.*

Os dois homens o encaravam outra vez. Como se ele estivesse louco. Outra vez.

— Está ficando doente de novo? — perguntou Gill, desconfiado. — Lembro que você olhava torto para todo mundo, naquela época. Ou é isso ou então você acha que é algum tipo de brincadeira. Você tem cara de quem gosta de pregar peças nos outros. Se for isso, é uma das feias!

Mat fez uma careta.

— Não é uma peça, droga. Eu ouvi Gaebril mandando um cara chamado Comar cortar a cabeça de Elayne. E aproveitar para cortar as de Egwene e Nynaeve. Um homem grandalhão, com uma mecha branca na barba.

— Parece mesmo com Comar — comentou Gill, lentamente. — Ele era um bom soldado, mas dizem que deixou a Guarda por causa de algum problema de dados viciados. Não que alguém diga isso na cara dele, já que o homem era um dos melhores espadachins da Guarda. Está falando sério, não está?

— Acho que ele está, Basel — interveio Thom. — Acho mesmo que ele está falando sério.

— Que a Luz brilhe sobre nós! O que Morgase disse? Você contou a ela, não contou? Que a Luz o queime, você contou a ela!

— Claro que contei — respondeu Mat, amargo. — Com Gaebril ali do lado, e ela olhando para ele que nem um cachorrinho carente! Eu disse “posso ser só um aldeão que acabou de escalar um dos seus muros há meia hora, mas já fiquei sabendo que esse seu fiel conselheiro aí, esse por quem

você parece estar apaixonada, quer matar a sua filha”. Luz, camarada, ela teria mandado cortar a *minha* cabeça!

— Talvez tivesse mesmo. — Thom encarou os entalhes elaborados no forninho do cachimbo e puxou uma das pontas do bigode. — O temperamento dela sempre foi inesperado como um relâmpago, e duas vezes mais perigoso.

— Você sabe melhor que a maioria, Thom — comentou Gill, distraído. Olhando para o nada, ele esfregou as mãos nos cabelos grisalhos. — Tem que haver alguma coisa que eu possa fazer. Não empunho uma espada desde a Guerra dos Aiel, mas... Bem, não seria de muita ajuda. Eu acabaria morto sem ter feito coisa alguma. Mas preciso fazer alguma coisa!

— Boatos. — Thom esfregou o lado do nariz. Parecia estudar o tabuleiro de pedras e falar sozinho. — Ninguém pode impedir que boatos cheguem aos ouvidos de Morgase, e se ela ouvir boatos o suficiente, vai começar a se perguntar se é verdade. Os boatos são a voz do povo, e com frequência a voz do povo diz a verdade. Morgase sabe disso. Não há um só homem vivo que a enfrentaria no Jogo. Com amor ou sem amor, quando Morgase começar a observar Gaebril de perto, ele não vai conseguir esconder nem mesmo as cicatrizes de infância. E se ela descobrir que ele quer fazer mal a Elayne — Thom pôs uma pedra no tabuleiro. Pareceu uma jogada estranha à primeira vista, mas Mat reparou que, em mais três movimentos, um terço das pedras de Gill estaria encurralado —, Lorde Gaebril terá um funeral bastante elaborado.

— Você e seu Jogo das Casas — resmungou Gill. — Ainda assim, pode ser que funcione. — Um sorriso surgiu em seu rosto, de repente. — Já até sei a quem devo contar isso para espalhar os boatos. Só preciso comentar com Gilda que sonhei com essa história, e em três dias ela já vai ter espalhado pra metade das garçonetes da Cidade Nova como se fosse verdade absoluta. A mulher é a maior fofoqueira que o Criador já fez.

— Só tome cuidado para que não seja possível rastrear esse boato de volta até você, Basel.

— Não tenho medo disso, Thom. Ora, uma semana atrás um sujeito me contou um dos meus pesadelos como se fosse uma história que alguém contou para outro alguém, que contou para ele. Gilda deve ter bisbilhotado quando eu contava o caso para Coline, mas, quando eu perguntei, ela me deu uma lista de nomes que iam até o outro lado de Caemlyn e evaporou. Ora, eu fui seguindo a lista e encontrei o último homem, só de curiosidade, para saber por quantas bocas aquilo tinha passado, e o sujeito garantiu que ele próprio sonhara aquilo. Não se preocupe, Thom.

Mat não se importava muito com o que o povo faria com os boatos, já que boato algum ajudaria Egwene e as outras, mas uma coisa o intrigava.

— Thom, você parece estar encarando isso tudo com muita calma. Pensei que Morgase fosse o grande amor da sua vida.

O menestrel encarou o fornildo do cachimbo outra vez.

— Mat, uma mulher muito sábia uma vez me disse que o tempo curaria as minhas feridas, que o tempo acalmava tudo. Não acreditei nela. Só que ela estava certa.

— Quer dizer que você não ama mais Morgase.

— Garoto, faz quinze anos que deixei Caemlyn, e estava a apenas meio passo do machado do carrasco, com a tinta da assinatura de Morgase ainda fresca no mandado de prisão. Sentado aqui ouvindo Basel tagarelar... — Gill protestou, e Thom elevou o tom de voz — tagarelar, como eu dizia, sobre Morgase e Gaebril, sobre esse suposto casamento, percebi que a paixão já morreu faz muito tempo. Sim, acredito que ainda tenha afeição por ela, talvez até a ame um pouco, mas não é mais uma grande paixão.

— E eu aqui achando que você ia sair correndo até o Palácio para avisá-la. — Ele riu e ficou surpreso quando Thom começou a rir também.

— Não sou tão tolo assim, garoto. Qualquer idiota sabe que homens e mulheres às vezes pensam de modos diferentes, mas a maior diferença é a seguinte: os homens esquecem, mas nunca perdoam, enquanto as mulheres perdoam, mas nunca esquecem. Morgase pode até beijar meu rosto, me dar uma caneca de vinho e dizer que sentiu saudades de mim. Mas depois pode muito bem deixar a Guarda me arrastar até a prisão e o carrasco. Não. Morgase é uma das mulheres mais capazes que já conheci, e isso é bastante coisa. Quase sinto pena de Gaebril pelo momento em que ela descobrir o que ele está tramando. Tear, você disse? Será que tem alguma chance de esperar até amanhã para partir? Preciso mesmo de uma noite de sono.

— Quero estar o mais perto possível de Tear antes do anoitecer. — Mat piscou. — Você quer vir comigo? Pensei que queria ficar aqui.

— Não acabou de me ouvir dizer que eu decidi *não* ter a cabeça cortada? Tear me parece mais seguro do que Caemlyn, e de repente isso não parece mais uma má ideia. Além disso, gosto daquelas garotas. — Uma faca surgiu na mão dele e desapareceu na mesma hora. — Não quero que nada aconteça com elas. Mas, se quer chegar depressa a Tear, precisa ir para Aringill. Um barco veloz nos levará até lá dias mais rápido que cavalos, mesmo que a gente não pare até matá-los. E não estou falando isso só porque minha bunda já tomou o formato da sela.

— Para Aringill, então. Desde que seja rápido.

— Bem — interveio Gill —, se você está indo embora, garoto, talvez seja melhor eu providenciar aquela refeição. — Ele empurrou a cadeira para trás e começou a andar até a porta.

— Guarde isso para mim, Mestre Gill — pediu Mat, jogando a bolsa de couro lavado.

— O que é isso, rapaz? Moedas?

— Dinheiro para aposta. Gaebriel não sabe, mas fez uma aposta comigo. — A gata saltou da mesa quando Mat pegou o copo de dados de madeira e virou o conteúdo sobre a mesa. Cinco seis. — E eu sempre ganho.



CAPÍTULO 48



Seguindo o Ofício

O *Flechador* seguia em direção ao píer de Tear, na margem oeste do Rio Erinin, mas Egwene não prestava a menor atenção na cidade. Inclinação no gradil, de cabeça baixa, ela mantinha os olhos fixos nas águas do Erinin que passavam depressa pelo casco robusto do navio e no remo dianteiro que balançava a seu lado, entrando e saindo do seu campo de visão, abrindo sulcos brancos no rio. Aquilo a deixava enjoada, mas sabia que levantar a cabeça só agravaria o enjoo ainda mais. Olhar a costa só deixaria o balanço espiralado do *Flechador* ainda mais evidente.

A embarcação balançava daquele jeito desde a partida de Jurene. Ela não queria saber como fora a navegação antes, queria mesmo era que o *Flechador* tivesse naufragado antes de chegar a Jurene. Queria que o capitão tivesse sido obrigado a atracar em Aringill, para que elas encontrassem outro navio. Queria que jamais tivessem posto o pé em um navio. Queria muitas coisas, a maioria apenas para desviar seus pensamentos do lugar onde estava.

Depois que os remos começaram a impulsionar a embarcação, os balanços se tornaram mais suaves do que antes, com as velas, mas muitos dias haviam se passado para que a alteração fizesse alguma diferença. Seu estômago parecia se remexer como leite em uma jarra de pedra. Ela engoliu em seco e tentou esquecer a imagem.

Não haviam avançado muito nos planos, dentro do *Flechador*. Nynaeve mal conseguia passar dez minutos sem vomitar, e ver aquilo sempre fazia Egwene pôr para fora o tanto de comida que tivesse conseguido engolir. O calor, que aumentava à medida que o navio descia o rio, também não

ajudava. Nynaeve estava lá embaixo, e Elayne sem dúvidas segurava uma bacia na frente dela.

Ah, Luz, não! Não pense nisso! Campos verdes. Prados. Luz, prados não balançam desse jeito. Beija-flores. Não, beija-flores, não! Cotovias. Cotovias cantando.

— Senhora Joslyn? Senhora Joslyn!

Ela levou um momento para reconhecer o nome falso que dissera ao Capitão Canin, assim como a voz dele. Ergueu a cabeça devagar e fixou o olhar em seu rosto comprido.

— Estamos atracando, Senhora Joslyn. A senhora não parava de dizer o quanto ansiava para chegar em terra firme. Bem, chegamos. — A voz do homem não disfarçava a avidez que sentia de se livrar das três passageiras, duas das quais haviam feito pouco mais que refluxar, como ele chamava, e gemer a noite inteira.

Marinheiros descalços e sem camisa jogavam cordas para os homens no píer de pedra que chegava até o rio. Os doqueiros pareciam usar longos coletes de couro, em vez de camisas. Os remos já haviam sido recolhidos, exceto por um par que evitava qualquer batida forte do navio no desembarcadouro. As pedras planas do píer estavam molhadas, e o ar carregava uma sensação de chuva recém-caída, o que era um tanto reconfortante. O movimento cessara havia algum tempo, percebeu, mas seu estômago ainda se lembrava. O sol ia baixo em direção ao oeste. Ela tentou não pensar em jantar.

— Muito bom, Capitão Canin — disse, com toda a dignidade que conseguiu reunir. *Ele não falaria assim se eu estivesse usando meu anel, nem mesmo que eu vomitasse em cima das botas dele.* Ela estremeceu ao visualizar a cena.

O anel da Grande Serpente e o aro retorcido do *ter'angreal* pendiam em um cordão de couro em seu pescoço. Ela podia sentir o anel de pedra frio em contato com a pele, o que era quase o bastante para contrastar com a umidade abafada do ar, mas ela também descobrira que, quanto mais usava o *ter'angreal*, mais sentia vontade de tocá-lo sem qualquer bolsa ou tecido entre ele e a pele.

Tel'aran'rhioid ainda revelava pouca coisa de utilidade imediata. Às vezes ela tinha vislumbres de Rand, Mat ou Perrin, mais comuns em seus próprios sonhos sem o *ter'angreal*, porém nada fazia sentido. Os Seanchan, em quem ela se recusava a pensar. Pesadelos com um Manto-branco usando Mestre Luhhan como isca bem no meio de uma imensa armadilha dentada. Por que tinha um falcão no ombro de Perrin, e o que haveria de

importante no fato de ele escolher entre aquele machado que passara a usar e um martelo de ferreiro? O que significava ver Mat jogando dados com o Tenebroso, e por que será que ele vivia gritando “Estou indo!”, e por que ela sempre pensava, no sonho, que ele estava gritando com ela? E Rand. Ele seguia furtivamente em direção a *Callandor*, avançando na completa escuridão, enquanto seis homens e cinco mulheres caminhavam ao redor dele, alguns caçando-o, outros ignorando-o. Alguns tentavam guiá-lo até a espada brilhante de cristal, outros queriam impedir que ele a alcançasse, e pareciam não saber onde ele estava, ou viam apenas lampejos dele. Um dos homens tinha chamas nos olhos, e seu desespero para ver Rand morto era tão grande que ela quase podia sentir. Ela achava que o conhecia. Ba'alzamon. Mas quem eram os outros? Rand mais uma vez naquela câmara seca e empoeirada, com as minúsculas criaturas invadindo sua pele. Rand confrontando uma horda Seanchan. Rand confrontando-a, junto com a mulher ao lado dela, e uma *delas* era Seanchan. Era tudo confuso demais. Ela precisava parar de pensar em Rand e nos outros e se concentrar no que estava bem ali, na sua frente. *O que a Ajah Negra está tramando? Por que não sonho com elas? Luz, por que não consigo aprender a fazer os sonhos revelarem o que eu quero?*

— Leve os cavalos para terra firme, capitão — pediu a Canin. — Vou avisar Senhora Maryim e Senhora Caryla. — Maryim era Nynaeve, e Caryla, Elayne.

— Já mandei um homem avisá-las, Senhora Joslyn. E seus animais estarão no píer assim que meus homens equiparem as hastes de apoio.

Ele soava muito satisfeito em se livrar delas. Egwene pensou em dizer ao homem que não se apressasse, mas rejeitou a ideia na mesma hora. O balanço do *Flechador* podia ter parado, mas ela queria pisar em terra firme outra vez. Imediatamente. No entanto, parou para fazer carinho no nariz de Bruma e deixou a égua cinza roçar sua mão, para mostrar a Canin que não tinha pressa.

Nynaeve e Elayne surgiram na escadaria das cabines carregando trouxas e alforjes, e Elayne praticamente carregava Nynaeve também. Quando sua conterrânea de Dois Rios viu que Egwene observava, empurrou a Filha-herdeira para longe e andou sozinha pelo resto do caminho, até onde alguns homens montavam uma estreita prancha de desembarque para o píer. Dois tripulantes vieram amarrar uma larga tipoia de lona sob a barriga de Bruma, e Egwene desceu correndo para recolher os próprios pertences. Quando retornou, a égua já estava no píer, e a ruana de Elayne balançava na tipoia de lona a meio caminho do chão.

Um instante depois de pôr os pés no píer, tudo o que ela sentiu foi alívio. Aquilo ali não iria girar e se inclinar. Só então começou a examinar a cidade aonde sofrera tanto para chegar.

Os compridos desembarcadouros eram ladeados por armazéns de pedra, e muitos navios, grandes e pequenos, estavam atracados ao longo do píer ou ancorados no rio. Mais que depressa ela evitou olhar os navios. Tear fora erguida em solo plano, sem quase nenhuma elevação. Nas ruas enlameadas entre os armazéns, dava para ver casas, estalagens e tavernas de madeira e pedra. Os telhados de ardósia ou azulejo tinham estranhos cantos acentuados, e alguns, topos pontudos. Mais além era possível ver uma muralha alta de pedras cinza-escuras, e ainda mais além havia os topos de torres com varandas altas e palácios de domos brancos. Os domos tinham um formato meio quadrado, e os topos das torres eram pontudos como alguns telhados do lado de fora da muralha. De modo geral, Tear parecia tão grande quanto Caemlyn ou Tar Valon e, ainda que não fosse bonita como as outras duas, era uma das grandes cidades. No entanto, ela achava difícil olhar para qualquer outra construção que não a Pedra de Tear.

Ela ouvira histórias sobre o lugar, sabia que era a maior fortaleza que existia, e também a mais antiga, a primeira construção erguida após a Ruptura do Mundo. Mas nada a havia preparado para aquela visão. A princípio, pensou que fosse uma gigantesca colina de pedras cinza, ou uma montanha baixa e inóspita, muito extensa, se estendendo desde o oeste do Erinin até atravessar a muralha, adentrando a cidade. Mesmo depois de notar o enorme estandarte drapejando bem no alto — com as três luas crescentes brancas inclinadas por cima de um campo metade vermelho, metade dourado; o estandarte drapejava a pelo menos trezentos passos acima do rio, mas era grande o bastante para ser visto com clareza —, mesmo depois de ver as muralhas e torres, era difícil acreditar que a Pedra de Tear era uma construção de pedra, não algo esculpido a partir de uma montanha.

— Feita com o Poder — murmurou Elayne. Ela também encarava a Pedra. — Fluxos de Terra combinados para puxar as pedras do solo, Ar para trazê-las de todos os cantos do mundo, e Terra e Fogo para unir tudo em um bloco só, sem junção, ligas ou argamassa. Atuan Sedai diz que a Torre não poderia fazer uma coisa dessas, hoje em dia. Estranho, se levarmos em conta como os Grão-lordes se sentem em relação ao poder.

— Eu acho — comentou Nynaeve em voz baixa, olhando para os doqueiros que circulavam ao redor delas — que, exatamente por causa

disso, é melhor a gente não mencionar alguns outros fatos em voz alta. — Elayne parecia dividida entre ficar indignada, já que falara tão baixo, e concordar. A Filha-herdeira concordava com a antiga Sabedoria com muita frequência e prontidão, até demais para o gosto de Egwene.

Só quando Nynaeve está certa, admitiu para si mesma, ressentida. Qualquer mulher que usasse o anel ou sequer fosse associada a Tar Valon seria vigiada nesse lugar. Os doqueiros descalços, em seus coletes de couro, não prestavam qualquer atenção às três enquanto corriam de lá para cá carregando fardos e caixotes, tanto nas costas quanto em carrinhos. Um forte odor de peixe pairava no ar. Os três desembarcadouros seguintes abrigavam dezenas de barquinhos de pesca agrupados, exatamente como aquele desenho no gabinete da Amyrlin. Homens sem camisa e mulheres descalças carregavam cestas de peixes para fora dos barcos, montinhos cor de prata, bronze, verdes e de outras cores que ela jamais imaginara que peixes podiam ter, como vermelho vivo, azul-escuro e amarelo-ovo, além de alguns rajados ou com manchas brancas e de outros tons.

Ela baixou a voz para que apenas Elayne escutasse.

— Ela tem razão, Caryla. Lembre-se de por que se chama Caryla. — Ela não queria que Nynaeve escutasse esse tipo de confissão.

O rosto da mulher não se alterou ao ouvir suas palavras, mas Egwene sentiu uma satisfação irradiando dela como o calor emanando de um forno de cozinha.

O garanhão negro de Nynaeve estava sendo baixado até o píer. Os marinheiros já haviam tirado os equipamentos de montaria do navio e jogado de qualquer jeito nas pedras molhadas do píer. Nynaeve olhou para os cavalos e abriu a boca. Egwene tinha certeza de que a mulher mandaria os homens selarem os animais, mas a amiga logo fechou a boca outra vez, os lábios contraídos como se aquilo tivesse exigido esforço. Ela deu um puxão forte na trança. Antes que a tipoia estivesse totalmente baixada, Nynaeve jogou o cobertor de sela listrado de azul nas costas do cavalo e assentou a sela de cepilho alto por cima. Nem olhou para as outras mulheres.

Egwene não estava ansiosa para cavalgar, no momento — para seu estômago, o balanço de um cavalo talvez fosse muito próximo do balanço do *Flechador* —, mas outra olhadela para as ruas lamacentas a convenceu. Seus sapatos eram robustos, mas ela não gostaria de ter que limpar a lama depois, nem de ter que erguer as saias enquanto caminhava. Selou Bruma depressa e montou na égua, ajeitando as saias, antes de decidir que a lama talvez não fosse má ideia. Com algumas agulhadas a bordo do *Flechador* —

Elayne quem fizera tudo, dessa vez, e o alinhavo da Filha-herdeira era muito bom — os vestidos das três foram divididos e adaptados para a montaria.

O rosto de Nynaeve empalideceu por um instante, logo que ela subiu na sela e o garanhão decidiu se agitar. Ela se controlou, a boca bem apertada e a mão firme nas rédeas, e logo controlou o animal. Quando as três já haviam ultrapassado os armazéns em uma cavalgada lenta, ela já conseguia falar:

— Temos que encontrar Liandrin e as outras sem que saibam que estamos à procura delas. Sem dúvida elas sabem que estamos vindo, ou pelo menos que alguém está vindo, mas gostaria que não descobrissem que estamos aqui até que seja tarde demais para elas. — A mulher respirou fundo. — Confesso que não pensei em nenhum jeito de conseguir isso. Ainda. Alguma de vocês tem uma sugestão?

— Um apanhador de ladrões — sugeriu Elayne, sem hesitar. Nynaeve franziu a testa para ela.

— Quer dizer alguém como Hurin? — perguntou Egwene. — Mas Hurin estava a serviço de seu próprio rei. Os apanhadores de ladrões daqui não servem aos Grão-lordes?

Elayne assentiu, e por um instante Egwene invejou o estômago da Filha-herdeira.

— Servem, sim. Mas apanhadores de ladrões não são iguais à nossa Guarda da Rainha ou aos Defensores da Pedra tairenos. Eles servem ao governante, mas muita gente que foi roubada paga a eles para recuperarem o que foi levado. E às vezes eles recebem para localizar pessoas. Pelo menos em Caemlyn. Acho que aqui em Tear não deve ser diferente.

— Então alugamos quartos numa estalagem — sugeriu Egwene — e pediremos ao estalajadeiro que encontre um apanhador de ladrões.

— Não numa estalagem — retrucou Nynaeve com firmeza, conduzindo o garanhão. Parecia jamais deixar o animal fugir de seu controle. Um instante depois, ela moderou um pouco o tom. — Liandrin conhece a gente, e temos que presumir que as outras também conheçam. Elas com certeza vão ficar de olho nas estalagens, à procura de quem seguiu o rastro que deixaram para trás. Quero acionar a armadilha bem na cara delas, mas não com a gente dentro. Não ficaremos em uma estalagem.

Egwene recusou-se a dar a ela a satisfação da pergunta.

— Onde, então? — Elayne franziu a testa. — Se eu revelar quem sou... Isso é, se alguém acreditar em mim, vestida nessas roupas e sem escolta... Se soubessem quem eu sou seríamos bem recebidas pela maioria das Casas

nobres, e muito provavelmente dentro da própria Pedra, pois as relações entre Tear e Caemlyn são boas. Mas nossa presença não seria mais segredo. A cidade inteira ficaria sabendo antes mesmo do fim do dia. Não consigo pensar em nenhum outro lugar, exceto numa estalagem, Nynaeve. A não ser que esteja pensando em se hospedar em uma fazenda no meio do mato, mas não vamos encontrá-las aqui tão longe do interior.

Nynaeve olhou de relance para Egwene.

— Eu vou saber quando vir. Me deixem procurar.

Elayne desviou a testa franzida de Nynaeve para Egwene, então pelo caminho inverso.

— “Não corte as orelhas fora porque não gosta dos brincos” — murmurou.

Egwene manteve a atenção completamente focada na rua por onde estavam passando. *Que me queime se vou permitir que ela pense que estou sequer refletindo a respeito!*

As ruas não estavam muito cheias, não em comparação com as de Tar Valon. Talvez a lama desencorajasse o povo. Carros e carroções passavam sacudindo, a maioria puxada por bois com grandes chifres, os condutores ou carroceiros caminhando ao lado com agulhões compridos de uma madeira pálida e cheia de farpas. Nenhuma carruagem ou liteira usava aquelas ruas. O odor de peixe também pairava no ar por ali, e não eram poucos os homens que passavam correndo levando enormes cestas cheias de peixes nas costas. As lojas não pareciam prósperas. Nenhuma exibia as mercadorias do lado de fora, e Egwene quase não via gente entrando nelas. A frente das lojas eram adornadas com placas — a agulha e o rolo de tecido do alfaiate, a faca e a tesoura do cuteleiro, o tear do tecelão e outras mais —, porém a maioria das pinturas estava descascando. As poucas estalagens tinham placas em estado igualmente terrível e também não pareciam muito cheias. Nos telhados das casas menores, espremidas entre as lojas e estalagens, com frequência faltavam telhas ou pedaços de ardósia. Aquela parte de Tear era pobre. E, pelo que ela via nos rostos das pessoas na rua, poucos ainda se davam ao trabalho de tentar. O povo se deslocava, trabalhando, mas a maioria já desistira. Poucos sequer deram atenção às mulheres que cavalgavam por onde todos os outros caminhavam.

Os homens usavam calças largas, em geral amarradas nos tornozelos. Apenas alguns tinham casacos, peças escuras e compridas justas nos braços e no peitoral e mais largas abaixo da cintura. Havia mais homens de sapatos baixos do que de botas, mas a maioria pisava na lama descalço. Uma boa quantidade não usava casaco ou camisa e prendia as calças com uma faixa

larga, muitas vezes colorida e geralmente suja. Alguns usavam largos chapéus de palha cônicos, outros, boinas de tecido inclinados para um dos lados do rosto. Os vestidos das mulheres tinham golas altas que iam até o queixo e saias na altura dos tornozelos. Muitas usavam aventais curtos em tons pastel, às vezes dois ou três, cada um menor que o que estava embaixo, e a maioria usava os mesmos chapéus de palha dos homens, porém tingidos para combinar com os aventais.

Foi ao observar uma mulher que ela entendeu pela primeira vez como as pessoas que usavam sapatos lidavam com a lama. A mulher amarrara pequenas plataformas de madeira às solas dos sapatos, que ficavam elevadas a cerca de dois palmos da superfície da lama. Ela caminhava como se estivesse com os pés firmemente plantados no chão. Egwene viu outras pessoas com o mesmo tipo de plataformas, tanto homens quanto mulheres. Algumas mulheres andavam descalças, mas não tantas quanto os homens.

Ela estava se perguntando que loja venderia uma plataforma daquelas quando Nynaeve de repente girou o cavalo preto e entrou em um beco entre uma casa de dois andares comprida e estreita e a loja de um oleiro, com paredes de pedra. Egwene trocou olhares com Elayne, a Filha-herdeira deu de ombros, e as duas seguiram a mulher mais velha. Egwene não sabia onde Nynaeve estava indo, ou por quê — e pretendia conversar com ela a respeito daquilo —, mas também não queria que se separassem.

O beco de repente se abriu em um pequeno pátio atrás da casa, cercado pelos prédios que o rodeavam. Nynaeve já desmontara e amarrara as rédeas a uma figueira, em um lugar onde o garanhão não conseguiria alcançar a grama que brotava em um trecho de vegetação que ocupava metade do pátio. Uma fileira de pedras fora disposta formando um caminho até a porta dos fundos. Nynaeve o percorreu, resoluta, e bateu à porta.

— O que é isso? — inquiriu Egwene, por impulso. — Por que estamos parando aqui?

— Não viu as ervas nas janelas da frente? — Nynaeve bateu à porta outra vez.

— Ervas? — perguntou Elayne.

— Uma Sabedoria — explicou Egwene enquanto descia da sela e amarrava Bruma ao lado do garanhão preto. *Gaidin é um péssimo nome para um cavalo. Será que ela acha que eu não sei a quem ela se refere?* — Nynaeve encontrou uma Sabedoria, ou Buscadora, ou seja lá o nome que dão por aqui.

Uma mulher abriu a porta, apenas o suficiente para olhar para fora, desconfiada. No começo, Egwene pesou que ela fosse gorda, mas logo a

mulher abriu a porta até o fim. Era de fato corpulenta, mas a forma como se movia revelava que havia músculos por baixo das roupas. A mulher parecia tão forte quanto a Senhora Luhhan, e alguns em Campo de Emond diziam que Alsbet Luhhan era quase tão forte quanto o marido. Não era verdade, mas não estava assim tão longe.

— Em que posso ajudar? — perguntou a mulher, em um sotaque similar ao da Amyrlin. O cabelo grisalho estava arrumado em cachos volumosos que caíam dos lados da cabeça, e os três aventais eram em tons de verde, cada um ligeiramente mais escuro que o mais abaixo, mas todos em tons claros. — Qual das três precisa de mim?

— Sou eu — explicou Nynaeve. — Preciso de algo para estômago embrulhado. E talvez uma das minhas companheiras precise também. Quer dizer, se tivermos vindo ao lugar certo.

— Vocês não são tairenas — constatou a mulher. — Eu devia ter percebido isso pelas roupas antes mesmo de falarem. Meu nome é Mãe Guenna. Também sou chamada de Sábia, mas já estou velha o bastante para não achar que esse título vai bastar para cauterizar as suturas. Podem entrar, vou preparar algo para os seus estômagos.

A cozinha era asseada, embora pequena, com panelas de cobre penduradas na parede, e ervas secas e linguças penduradas no teto. Os diversos armários altos de madeira clara tinham entalhes de algum tipo de grama alta nas portas. A mesa era quase branca de tão esfregada, e os encostos das cadeiras tinham entalhes de flores. Uma panela cheia do que cheirava a sopa de peixe cozinhava lentamente sobre o fogão de pedra, e uma chaleira de bico estava começando a ferver. Não havia fogo na lareira de pedras, pelo que Egwene se sentiu muito agradecida. O fogão já aumentava bastante a temperatura, embora Mãe Guenna parecesse não perceber. Havia algumas louças enfileiradas na cornija da lareira, e outras empilhadas de forma organizada nas prateleiras de cada lado. O chão tinha um aspecto de recém-varrido.

Mãe Guenna fechou a porta atrás delas e já cruzava a cozinha até os armários quando Nynaeve perguntou:

— Que erva a senhora vai botar no chá? Folha-de-urdume? Ou erva-azul?

— Eu daria, se tivesse alguma dessas. — Mãe Guenna remexeu nas prateleiras por um momento e pegou uma jarra de pedra. — Como não tenho tido tempo para sair para colher, vou dar pra você um preparado de folhas de charco-branco.

— Não estou familiarizada com essas — comentou Nynaeve, devagar.

— Funcionam tão bem quanto folha-de-urdume, mas tem um gosto que nem todos apreciam. — A mulher grandalhona salpicou folhas secas e quebradas em um bule azul e o levou até a lareira para acrescentar água quente. — Conhece o ofício, então? Sente-se. — Ela apontou para a mesa com a mão que segurava duas canecas azuis esmaltadas que pegara da cornija. — Sente-se para conversarmos. Qual das outras está com o estômago ruim?

— Eu estou bem — respondeu Egwene, com um ar despretensioso, ao tomar uma cadeira. — Está enjoada, Caryl? — A Filha-herdeira negou com a cabeça com certa exasperação.

— Sem problemas. — A mulher de cabelos grisalhos serviu uma caneca de líquido escuro para Nynaeve, depois sentou-se à mesa diante dela. — Fiz o bastante para dois, mas chá de charco-branco dura mais que peixe salgado. Quanto mais velho estiver, mais bem funciona, mas também mais amargo fica. Vira uma disputa entre o quanto precisa ficar bem do estômago e o quanto sua língua consegue aguentar. Beba, garota. — Depois de um instante, ela serviu a segunda caneca e tomou um gole. — Está vendo? Não vai lhe fazer mal.

Nynaeve ergueu a própria caneca, fazendo um pequeno som de desagrado ao primeiro gole. No entanto, quando baixou a caneca outra vez, tinha o rosto tranquilo.

— Talvez seja só um pouquinho amargo. Diga, Mãe Guenna, será que vamos ter que aguentar essa chuva e essa lama por muito mais tempo?

A mulher mais velha fechou a cara, dividindo o descontentamento entre as três antes de fixar o olhar em Nynaeve.

— Não sou uma Chamadora de Ventos do Povo do Mar, garota — sussurrou. — Se eu pudesse prever o tempo, preferiria enfiar lúcios vivos debaixo do meu vestido do que admitir. Os Defensores consideram esse tipo de coisa similar ao trabalho das Aes Sedai. Agora, você conhece o ofício ou não? Parece que andaram viajando. O que é bom para fadiga? — vociferou a mulher, de repente.

— Chá de raiz-de-fadiga — respondeu Nynaeve —, ou raiz-de-andilay. Já que a senhora quer fazer perguntas, o que faria para aliviar as dores do parto?

Mãe Guenna bufou.

— Aplicaria toalhas quentes, criança, e quem sabe daria um pouco de funcho-branco, se fosse um parto especialmente difícil. Uma mulher não precisa de mais do que isso e de uma mão para acalmá-la. Não consegue

pensar numa pergunta que não possa ser respondida por uma camponesa qualquer? O que você dá para dor no coração? Do tipo letal.

— Pó de flor-de-gheandin na língua — retrucou Nynaeve, irritada. — Se uma mulher sentir pontadas na barriga e cuspir sangue, o que você faz?

As duas continuaram testando os conhecimentos uma da outra, alternando perguntas e respostas cada vez mais depressa. O ritmo diminuía um pouco quando uma falava de alguma planta que a outra conhecia por um nome diferente, mas elas logo retomavam a velocidade, debatendo a superioridade das tinturas sobre os chás, dos ungentos sobre os cataplasmas, e quando cada um era melhor que o outro. Aos poucos, as perguntas ligeiras começaram a se encaminhar para as ervas e raízes que uma conhecia e a outra não, trocando conhecimentos. Egwene começou a ficar irritada enquanto ouvia.

— Depois de dar o liga-osso — dizia Mãe Guenna —, enrole o membro quebrado em uma toalha encharcada de água fervida em flor-de-cabra azul. Preste atenção, só a azul! — Nynaeve assentiu com impaciência. — Tem que ser o mais quente que der pra aguentar. Uma parte de flor-de-cabra azul para dez de água, não menos que isso. Substitua as toalhas assim que pararem de fumer, e repita o procedimento o dia inteiro. O osso vai se curar duas vezes mais depressa do que só com o liga-osso, e duas vezes mais forte.

— Vou guardar isso — comentou Nynaeve. — Você disse que usava raiz de língua-de-ovelha para dor nos olhos. Eu nunca ouvi...

Egwene não aguentava mais.

— Maryim — interrompeu —, você acredita mesmo que ainda vai precisar saber dessas coisas? Você não é mais uma Sabedoria, ou já se esqueceu disso?

— Não me esqueci de nada — retorquiu Nynaeve, com rispidez. — Eu me lembro até mesmo da época em que você era tão ávida quanto eu para aprender coisas novas.

— Mãe Guenna — começou Elayne, com a voz suave —, o que a senhora faz quando duas mulheres não conseguem parar de discutir?

A mulher de cabelos grisalhos apertou os lábios e encarou a mesa com a testa franzida.

— Em geral, sejam homens ou mulheres, aconselho que se afastem um do outro. É a melhor coisa, e a mais fácil.

— Em geral? — perguntou Elayne. — E se não puderem se afastar por alguma razão? Digamos que sejam irmãs.

— Eu tenho um jeito de frear um brigão — começou a mulher, devagar. — Não é algo que eu encoraje ninguém a fazer, mas alguns vêm até mim. — Egwene pensou ter visto o indício de um sorriso no canto da boca de Mãe Guenna. — Eu cobro um marco de prata por mulher. Dois pra cada homem, porque eles são mais alvoroçados. Tem gente que paga o que for, se o preço for bom.

— Mas qual é a cura? — perguntou Elayne.

— Eu digo a cada um pra trazer o outro aqui, para trazer a pessoa com quem vive discutindo. Ambos esperam que eu sossegue a língua do outro. — Mesmo sem querer, Egwene escutava. Percebeu que Nynaeve também prestava bastante atenção. — Depois de recolher o pagamento — prosseguiu Mãe Guenna, erguendo o braço robusto —, eu levo os dois para os fundos e enfio as cabeças deles nos barris de água de chuva até eles concordarem em parar de discutir.

Elayne explodiu em gargalhadas.

— Acho que eu mesma já devo ter feito uma coisa dessas — comentou Nynaeve, em uma voz um tanto leve demais. Egwene torcia para que a expressão em seu rosto não parecesse com a de Nynaeve.

— Não me surpreenderia se tivesse feito. — Mãe Guenna exibia um grande sorriso. — Eu digo aos brigões que, da próxima vez que os vir discutindo, farei a mesma coisa de graça, mas usando o rio. É impressionante como a cura dá certo, principalmente para os homens. E é impressionante o que ela fez pela minha reputação. Por algum motivo, nenhuma das pessoas que passam por essa cura revela às outras os detalhes, e eu recebo novos pedidos todos os meses. Quando uma pessoa é burra o bastante para comer um amia, não sai por aí espalhando. Tenho certeza de que nenhuma de vocês quer gastar um marco de prata.

— Acho que não — respondeu Egwene, e olhou feio para Elayne quando a amiga irrompeu em gargalhadas outra vez.

— Bom — retrucou a mulher grisalha. — Os que eu curo das brigas tendem a me evitar feito espinho em suas redes, a não ser que de fato peguem alguma doença, e eu estou gostando da companhia de vocês. A maioria dos que me procuram hoje em dia querem algo para afastar os sonhos ruins, e ficam irritados quando digo que não tenho nada para lhes dar. — Ela franziu a testa por um momento, esfregando as têmporas. — É bom ver três rostos que não parecem crer que a única saída é se jogar do navio e se afogar. Se ficarem mais tempo em Tear, venham me ver outra vez. A garota chamou você de Maryim? Eu sou Ailhuin. Da próxima vez, conversaremos na companhia de um chá do Povo do Mar, em vez de algo

que azede a língua. Mas Luz, eu detesto o gosto de charco-branco. Um peixe amia seria mais doce. Na verdade, se tiverem tempo de ficar mais um pouco, posso preparar uma erva preta de Tremalking. E também falta pouco para a hora do jantar. Só tenho pão, queijo e sopa, mas vocês são bem-vindas.

— Seria excelente, Ailhuin — respondeu Nynaeve. — Na verdade... Ailhuin, se tiver um quarto extra, eu gostaria de alugá-lo para nós três.

A mulher corpulenta encarou cada uma delas sem dizer uma palavra. Ela se levantou, enfiou o vaso de chá de folhas de pântano no armário de ervas, então pegou um bule vermelho e um saco de dentro de outro armário. A mulher só falou depois de coar um bule da erva preta de Tremalking, pôr quatro canecas limpas na mesa, uma vasilha com favo de mel e colheres de peltre e sentar-se de volta na cadeira.

— Tenho três quartos vazios lá em cima, agora que as minhas filhas estão todas casadas. Meu marido, que a Luz brilhe sobre ele, se perdeu numa tempestade nas Garras do Dragão há quase vinte anos. Não precisamos falar em alugar, se eu decidir deixar que fiquem nos quartos. Se, Maryim. — Mexendo o mel dentro do chá, ela examinou as três mais uma vez.

— O que fará a senhora decidir? — perguntou Nynaeve, baixinho.

Ailhuin continuou mexendo, como se tivesse se esquecido de beber.

— Três jovens mulheres guiando bons cavalos. Não entendo muito de cavalos, mas esses aí me parecem tão bons quanto os que lordes e ladies conduzem. Você, Maryim, entende tanto do ofício que deveria estar pendurando ervas na própria janela, ou escolhendo onde pendurar. Nunca ouvi falar de uma mulher que praticasse o ofício longe do local onde nasceu, mas, pelo seu modo de falar, você está muito longe. — Ela olhou para Elayne. — Não existem muitos lugares com essa cor de cabelo. Andor, eu diria, pelo seu modo de falar. Os homens tolos estão sempre querendo encontrar uma andoriana de cabelos amarelos. O que eu quero saber é por quê. Estão fugindo de alguma coisa? Só que não me parecem ladras, e nunca ouvi falar de três mulheres juntas para perseguir um homem. Então me contem o motivo, e, se eu gostar, os quartos são seus. Se quiserem me pagar, podem comprar alguma carne vez ou outra. Carne é sempre bem-vinda, desde que os negócios com Cairhien minguaram.

— Estamos atrás de algumas coisas, Ailhuin — explicou Nynaeve. — Ou melhor, umas pessoas. — Egwene se obrigou a ficar quieta e torceu para estar se saindo tão bem quanto Elayne, que bebericava o chá como se ouvisse uma conversa sobre vestidos. Egwene não acreditava que os olhos

escuros de Ailhuin Guenna deixassem passar muita coisa. — Elas roubaram algumas coisas, Ailhuin — prosseguiu Nynaeve. — Da minha mãe. E cometeram assassinato. Estamos aqui para que a justiça seja feita.

— Que minha alma queime — respondeu a mulher corpulenta —, será que vocês não têm homens? Os homens não prestam para muito além de levantar peso e se meter no caminho, na maioria das vezes... E beijar, essas coisas... Mas, se existe uma batalha para lutar ou um ladrão para capturar, deixem que eles façam. Andor é tão civilizada quanto Tear. Vocês não são Aiel.

— Não tinha mais ninguém além de nós — explicou Nynaeve. — Os que talvez pudessem vir no nosso lugar foram mortos.

Três Aes Sedai mortas, pensou Egwene. Elas não poderiam ser da Ajah Negra. Mas, se não tivessem sido mortas, a Amyrlin não teria sido capaz de confiar nelas três. Ela está tentando obedecer aos malditos Três Juramentos, mas está bem no limite.

— Aaah — comentou Ailhuin, com tristeza. — Mataram seus homens? Irmãos, maridos, pais? — Um borrão de cor brotou nas bochechas de Nynaeve, e a mulher interpretou mal a emoção. — Não, garota, não me diga. Não quero revirar mágoas antigas. Deixe assentar no fundo até se dissolver. Isso, isso... fique tranquila. — Egwene se esforçou para não soltar um grunhido de repulsa.

— Preciso contar isso para você — retrucou Nynaeve, com a voz firme. O vermelho ainda coloria sua face. — Esses assassinos e ladrões são Amigos das Trevas. São mulheres, mas tão perigosas quanto qualquer espadachim, Ailhuin. Se você está se perguntando por que não procuramos uma estalagem, é esse o motivo. Elas não podem saber que estão sendo seguidas, e talvez estejam vigiando a cidade à nossa espera.

Ailhuin dispensou tudo aquilo com um fungado.

— Das quatro pessoas mais perigosas que eu conheço, duas são mulheres que não carregam sequer uma faca, e apenas um dos homens é espadachim. Quanto a Amigos das Trevas... Maryim, quando tiver a minha idade, vai aprender que falsos Dragões são perigosos, peixes-leão são perigosos, tubarões são perigosos, assim como as tempestades repentinas do sul. Mas Amigos das Trevas são paspalhos. Paspalhos imundos, mas paspalhos. O Tenebroso está preso onde o Criador o prendeu, e nenhum Espectro ou peixe-papão que assusta criancinhas pode tirá-lo de lá. Paspalhos não me assustam, a não ser que estejam operando meu barco. Suponho que não tenham provas que levem aos Defensores da Pedra? É só a palavra de vocês contra a delas?

O que é um Espectro?, pensou Egwene. *E um peixe-papão, aliás?*

— Teremos provas quando as encontrarmos — respondeu Nynaeve. — Elas estarão carregando as coisas que roubaram, e sabemos descrever todas elas. São coisas antigas e sem valor para ninguém além de nós e nossas amigas.

— Vocês ficariam surpresas com o valor de algumas coisas antigas — retrucou Ailhuin, seca. — O velho Leuese Mulan puxou três tigelas e uma caneca de pedra-do-coração em suas redes, no ano passado. Lá nas Garras do Dragão. Agora, em vez de um barquinho de pesca, ele é dono de um navio mercante que faz negócios pelo rio. O velho besta nem sabia o que tinha até eu contar pra ele. Devem ter outros de onde aqueles saíram, mas Leuese não conseguiu nem lembrar a localização exata. Não sei nem como era que ele conseguia pescar algum peixe naquela rede. Metade dos barcos de pesca de Tear passaram meses procurando *cuendillar* em vez de sargos e linguados, depois disso, e alguns até levavam lordes dizendo onde jogar as redes. Isso é o tanto que as coisas velhas podem valer, quando são velhas o bastante. Agora, decidi que vocês precisam mesmo de um homem metido nisso, e conheço o homem certo.

— Quem? — perguntou Nynaeve, mais do que depressa. — Se está pensando num lorde, um dos Grão-lordes, lembre-se de que não teremos provas antes de encontrá-las.

Ailhuin gargalhou até perder o fôlego.

— Garota, ninguém do Maule conhece um Grão-lorde ou qualquer outro tipo de lorde. Peixes amia e lagartos não se misturam. Vou trazer o homem perigoso que conheço que não é espadachim, mas é o mais perigoso dos dois. Juilin Sandar é um caçador de ladrões. O melhor deles. Não sei como isso funciona em Andor, mas aqui os caçadores de ladrões podem trabalhar tanto para você ou para mim quanto para um lorde ou mercador, e cobrando menos por isso. Juilin vai encontrar essas mulheres para vocês, se elas puderem ser encontradas, e vai trazer essas coisas de volta sem nem que vocês precisem chegar perto dessas Amigas das Trevas.

Nynaeve concordou, como se ainda não estivesse inteiramente certa, e Ailhuin amarrou aos sapatos um par daquelas plataformas — que ela chamava de tamancos — e correu para fora. Por uma das janelas da cozinha, Egwene observou a mulher passar pelos cavalos e fazer a curva do beco.

— Você está aprendendo a ser uma Aes Sedai, *Maryim* — comentou, virando as costas para a janela. — Manipula as pessoas tão bem quanto Moiraine.

O rosto de Nynaeve ficou branco.

Elayne caminhou duro pelo chão e deu um tapa no rosto de Egwene. A jovem ficou tão chocada, que só foi capaz de encará-la.

— Você foi longe demais — informou a mulher de cabelos dourados, com rispidez. — Longe demais. Temos que viver juntas, ou acabaremos morrendo juntas! Por acaso você deu seu nome verdadeiro a Ailhuin? Nynaeve contou a ela o que podia, que estamos caçando Amigas das Trevas. E já é arriscado demais ligar nossos nomes a Amigas das Trevas. Ela disse que as mulheres eram perigosas, assassinas. Preferia que dissesse que são da Ajah Negra? Em Tear? Arriscaria tudo sem saber se Ailhuin conseguiria guardar esse segredo?

Egwene esfregou o rosto, cautelosa. Elayne tinha um braço forte.

— Não sou obrigada a gostar de fazer isso.

— Eu sei. — A Filha-herdeira suspirou. — Nem eu. Mas é o que *precisamos* fazer.

Egwene se virou outra vez para espiar os cavalos pela janela. *Sei que precisamos. Mas não sou obrigada a gostar.*





Tempestade em Tear

Egwene retornou à mesa e a seu chá. Pensou que talvez Elayne tivesse razão, que tivesse mesmo ido longe demais, mas não conseguiu se forçar a pedir desculpas. Então as três permaneceram sentadas, em silêncio.

Ailhuin retornou acompanhada de um homem, um sujeito esguio de meia-idade que parecia esculpido em madeira velha. Juilin Sandar deixou os tamancos na porta e pendurou o chapéu de palha cônico e liso em um pino. Do cinturão passado por cima do casaco marrom pendia uma adaga dentada quebra-espada muito parecida com a de Hurin, mas com ranhuras curtas de cada um dos lados da mais longa. Além disso, o homem carregava um cajado exatamente da sua altura, mas da espessura de um polegar. Era feito daquela madeira clara com ripas salientes que os boiadeiros usam para açular os bois. Os cabelos pretos eram cortados bem rente, e os olhos negros pareciam registrar cada detalhe do recinto. E de todas as presentes. Egwene podia apostar que ele examinara Nynaeve duas vezes, e, pelo menos para ela, a falta de reação da outra mulher era um sinal claro: estava óbvio que Nynaeve também notara.

Ailhuin fez um gesto para que o homem ocupasse um lugar à mesa. Ele virou as mangas do casaco, fez uma reverência para cada uma delas e sentou-se, o cajado apoiado em seu ombro. Não disse nada até a mulher grisalha preparar um bule de chá fresco e todos beberem um gole de suas canecas.

— Mãe Guenna me contou sobre o problema de vocês — disse, baixinho, pousando a caneca sobre a mesa. — Vou ajudar se puder, mas logo os Grão-lordes vão arrumar alguns problemas para eu resolver.

A mulher corpulenta bufou.

— Juilin, quando foi que você começou a pechinchar como um vendedor tentando fazer o cliente comprar linho a preço de seda? Não diga que sabe quando os Grão-lordes vão chamar você se não sabe de verdade.

— Não digo que sei quando — retrucou Sandar, abrindo um sorriso —, mas sei que vão, porque vi homens nos telhados à noite. Bem pelo canto do olho, pois eles sabem se esconder que nem peixes-agulhas num junco, mas percebi o movimento. Ninguém reportou nenhum roubo por enquanto, porém há ladrões aqui dentro das muralhas, pode apostar seu jantar nisso. Pode escrever. Em uma semana, serei convocado até a Pedra para dar conta da invasão de um bando de ladrões às casas dos mercadores, ou até mesmo à mansão de algum lorde. Os Defensores podem vigiar as ruas, mas sempre mandam buscar um caçador de ladrões quando é preciso ir atrás ladrões, e eu sempre sou o primeiro a ser chamado. Não estou tentando aumentar meu preço, mas, seja lá o que eu precise fazer por essas belas mulheres, é melhor que seja rápido.

— Acho que ele está falando a verdade — disse Ailhuin, com relutância. — Ele pode até dizer que a lua é verde e a água é branca, se achar que isso pode lhe render um beijo, mas mente menos que a maioria dos homens a respeito das outras coisas. Creio que seja o homem mais honesto que já nasceu no Maule.

Elayne levou a mão à boca, e Egwene se esforçou para não rir. Nynaeve permanecia imóvel e claramente impaciente.

Sandar fez uma careta para a mulher grisalha, então pareceu decidir ignorar o que ela dissera. Ele sorriu para Nynaeve.

— Admito que estou curioso a respeito dessas ladras. Já vi ladras mulheres e já vi quadrilhas, mas nunca ouvi falar de uma quadrilha de mulheres. E estou devendo uns favores à Mãe Guenna. — Seus olhos pareciam focados em Nynaeve mais uma vez.

— Quanto você cobra? — perguntou ela, ríspida.

— Para recuperar os itens roubados — respondeu o homem, sem perder tempo —, cobro a décima parte do valor do que eu recuperar. Para encontrar pessoas, cobro um marco de prata por indivíduo. Mãe Guenna disse que os objetos roubados são de pouco valor a não ser para as senhoras, por isso sugiro que fiquem com a primeira opção. — Ele sorriu outra vez. Tinha dentes muito brancos. — Eu não cobraria nada das senhoras, mas sei que a fraternidade vai fazer cara feia, então vou cobrar o mínimo possível. Um cobre ou dois, nada mais.

— Conheço um apanhador de ladrões — comentou Elayne. — De Shienar. Um homem muito *respeitoso*. Carrega uma espada junto da quebra-espada. Por que você não tem uma espada?

Sandar pareceu surpreso por um instante, e logo depois pareceu aborrecido consigo mesmo por ter se surpreendido. Também parecia não ter entendido a mensagem que ela tentara passar, ou decidiu ignorá-la.

— Vocês não são tairenas. Ouvi falar de Shienar, senhora. Histórias de Trollocs, e de como lá todos os homens são guerreiros. — Seu sorriso indicava que pensava que aqueles eram contos infantis.

— Tudo verdade — retrucou Egwene. — Ou verdade o bastante. Eu estive em Shienar.

Ele piscou para ela, então prosseguiu.

— Não sou um lorde ou um mercador rico, não sou sequer um soldado. Os Defensores não perturbam muito os estrangeiros por portarem espadas, a menos que desejem ficar muito tempo, é claro. Mas eu seria jogado numa cela na Pedra. Existem leis, senhora. — Ele deslizou a mão pelo cajado, num gesto inconsciente. — Eu me viro muito bem sem uma espada. — O homem concentrou o sorriso em Nynaeve mais uma vez. — Agora, se pudessem descrever os objetos...

Ele parou de falar quando a mulher que encarava colocou a bolsinha de moedas no canto da mesa e contou treze marcos de prata. Egwene achou que ela escolhera as moedas mais leves: a maioria era tairena, apenas uma andoriana. A Amyrlin dera a elas uma boa quantidade de ouro, mas mesmo assim o dinheiro não duraria para sempre.

Nynaeve encarou a bolsinha, pensativa, antes de amarrar as cordas e enfiá-la de volta na bolsa.

— Tem treze mulheres para o senhor encontrar, Mestre Sandar, e pagarei essa mesma quantia quando as localizar. Encontre as mulheres, e nós mesmas recuperaremos nossos pertences.

— Eu mesmo posso fazer isso, e cobrando menos — protestou o homem. — E não há necessidade de recompensa extra. Eu cobro o que cobro. Não tenha medo de que eu vá aceitar algum suborno.

— Não precisam temer isso — concordou Ailhuin. — Eu disse que o homem é honesto. Só não acreditem se ele disser que está apaixonado.

Sandar olhou feio para a mulher.

— Sou eu quem está pagando, Mestre Sandar — retrucou Nynaeve com firmeza —, então escolherei o que vou comprar. O senhor pode apenas localizar essas mulheres? — Ela aguardou que o homem assentisse, relutante, antes de prosseguir. — Pode ser que elas estejam juntas, ou não.

A primeira é uma taraboniana. É um pouco mais alta que eu, bem clara, tem olhos escuros e cabelos cor de mel, que vivem presos em pequenas tranças, à moda de Tarabon. Alguns homens a consideram bonita, mas ela não tomaria isso como elogio. Tem uma língua cruel e irritadiça. A segunda é kandoriana. Tem cabelos compridos e negros, com uma mecha branca acima da orelha esquerda, e...

Ela não forneceu nenhum nome, e Sandar não perguntou. Era tão fácil mudar de nome. Como já faziam negócios, o homem tinha parado de sorrir. As treze mulheres foram descritas enquanto ele escutava com muita atenção, e, quando Nynaeve terminou, Egwene teve a certeza de que o homem seria capaz de repetir palavra por palavra.

— Pode ser que Mãe Guenna já tenha lhe informado — completou Nynaeve —, mas vou repetir. Essas mulheres são mais perigosas do que se pode imaginar. Mais de uma dúzia já morreu nas mãos delas, pelo menos que eu saiba, e não me surpreenderia se descobrisse que essas mortes são apenas uma gota de todo o sangue que elas têm nas mãos. — Sandar e Ailhuin piscaram, surpresos, ao ouvir aquilo. — Se descobrirem que está perguntando por elas, você vai morrer. Se capturarem você, farão com que diga onde estamos, e é provável que Mãe Guenna morra conosco. — A mulher grisalha parecia descrente. — Acredite em mim! — O olhar de Nynaeve exigia concordância. — Acredite em mim ou eu pego esse dinheiro de volta e encontro alguém mais inteligente!

— Quando eu era jovem — respondeu Sandar, com a voz grave —, uma ladra conseguiu enfiar a faca nas minhas costelas porque acreditei que uma bela mulher não seria tão rápida quanto um homem. Não cometo mais esse tipo de erro. Vou me comportar como se essas mulheres fossem todas Aes Sedai, e da Ajah Negra. — Egwene quase engasgou, e o homem abriu um sorriso arrependido enquanto guardava as moedas dentro da própria bolsa, que enfiou de volta por trás do cinturão. — Não tive a intenção de assustar a senhora. Não tem nenhuma Aes Sedai em Tear. Pode levar alguns dias, se elas não estiverem juntas. Treze mulheres juntas é fácil de se encontrar, mas separadas fica mais difícil. De qualquer forma, eu vou encontrá-las. E não vou afugentá-las antes que as senhoras saibam onde estão.

Depois que o homem pôs o chapéu, calçou os tamancos e saiu pela porta dos fundos, Elayne se pronunciou:

— Espero que ele não esteja confiante demais. Ailhuin, eu ouvi o que ele disse, mas... Será que ele entendeu mesmo que essas mulheres são perigosas?

— Sandar nunca deu uma de bobo, a não ser por um par de olhos ou por um belo tornozelo — respondeu a mulher grisalha. — E esse é um defeito de qualquer homem. Ele é o melhor caçador de ladrões de Tear. Não se preocupem. Vai encontrar essas suas Amigas das Trevas.

— Vai chover de novo antes de amanhecer. — Nynaeve estremeceu, apesar do calor do ambiente. — Sinto uma tempestade chegando. — Ailhuin apenas balançou a cabeça e começou a encher as tigelas de sopa de peixe para o jantar.

Depois de todas comerem e se lavarem, Nynaeve e Ailhuin sentaram-se à mesa para falar de ervas e curas. Elayne foi trabalhar em um pequeno bordado de diminutas flores brancas e azuis que começara a fazer no ombro de seu manto, depois foi ler uma cópia de *Os Ensaios de Willim de Maneches* que Ailhuin guardava na pequena prateleira de livros. Egwene tentou ler, mas nem os ensaios nem *As Jornadas de Jain, o Viajante* e nem os contos bem-humorados de Aleria Elffin conseguiram prender sua atenção por mais de algumas páginas. Ela tocou o *ter'angreal* de pedra sob o decote do vestido. *Onde será que elas estão? O que será que querem no Coração? Ninguém além do Dragão — ninguém além de Rand — pode tocar Callandor, então o que é que elas querem? O quê? O quê?*

Quando já era tarde, Ailhuin levou cada uma das moças a um quarto no andar de cima, mas depois que a mulher se recolheu as três se juntaram no quarto de Egwene, à luz de uma única lanterna. Egwene já estava apenas de roupas de baixo, e o cordão pendia de seu pescoço com os dois anéis. O de pedra rajada parecia muito mais pesado que o outro. Era isso o que as três faziam todas as noites desde a partida de Tar Valon, com a única exceção da noite que passaram com os Aiel.

— Podem me acordar daqui a uma hora — avisou às outras.

Elayne franziu o rosto.

— Tão pouco, dessa vez?

— Se sente incomodada? — perguntou Nynaeve. — Talvez esteja usando demais esse anel.

— Se eu não estivesse usando demais, ainda estaríamos em Tar Valon esfregando panelas e torcendo para encontrar uma irmã Negra antes que um Homem Cinza nos descobrisse — retrucou Egwene, ríspida. *Luz, Elayne tem razão. Estou respondona como uma criança malcriada.* Ela respirou fundo. — Talvez eu esteja *mesmo* incomodada. Talvez seja porque agora estamos muito perto do Coração da Pedra. Muito perto de *Callandor*. Muito perto da armadilha, seja ela qual for.

— Tome cuidado — pediu Elayne.

Nynaeve completou, mais baixinho:

— Tome muito cuidado, Egwene. Por favor. — Ela dava puxões curtos na trança.

Egwene se acomodou na cama de cabeceira baixa, as duas outras sentadas em dois banquinhos, uma de cada lado, enquanto trovões ressoavam no céu. O sono chegou bem devagar.

* * *

Ela estava outra vez nas planícies irregulares, como sempre começavam todos os sonhos. Flores e borboletas banhadas pela luz do sol primaveril, pássaros cantando e uma brisa suave. Ela usava seda verde com pássaros dourados bordados sobre os seios, além de sandálias de veludo verde. O *ter'angreal* parecia leve o bastante para flutuar para fora do vestido, mas o peso do anel da Grande Serpente o puxava para baixo.

Por simples tentativa e erro, ela aprendera algumas das regras de *Tel'aran'rhiod*. Mesmo aquele Mundo dos Sonhos, aquele Mundo Invisível, tinha suas regras, ainda que estranhas, e ela estava certa de que não conhecia nem um décimo delas. Também aprendera uma forma de ir aonde desejasse. Fechando os olhos, ela esvaziou a mente, como fazia para abraçar *saidar*, mas precisava preencher o vazio com algo diferente. Não era tão fácil, pois o botão de rosa insistia em se formar, e ela ficava sentindo a Fonte Verdadeira, desejando abraçá-la. Visualizou o Coração da Pedra, a mesma estrutura que vira em todos os outros sonhos, e o reproduziu com perfeição em todos os detalhes, dentro do vazio. As gigantescas colunas de pedra vermelha polida. As pedras do chão desgastadas pelo tempo. O domo muito acima de sua cabeça. A espada de cristal, intocável, girando lentamente no ar, o cabo para baixo. Quando a imagem parecia tão real que ela tinha a certeza de que poderia estender a mão e tocá-la, abriu os olhos e estava lá, no Coração da Pedra. Ou no Coração da Pedra que existia em *Tel'aran'rhiod*.

As colunas estavam lá, e *Callandor*. Ao redor da espada reluzente, quase tão turvas e imateriais quanto sombras, treze mulheres sentadas de pernas cruzadas observavam a espada girar. Liandrin, com os cabelos cor de mel, virou a cabeça, encarou Egwene com aqueles olhos grandes e escuros e abriu um sorriso com os lábios em forma de botão de rosa.

* * *

Ofegando, Egwene sentou-se na cama tão depressa que quase caiu para o lado.

— Qual é o problema? — inquiriu Elayne. — O que aconteceu? Você parece assustada.

— Você acabou de fechar os olhos — comentou Nynaeve, baixinho. — É a primeira vez, desde que começamos isso, que você volta sem que a gente precise acordá-la. Alguma coisa aconteceu, não foi? — Ela deu um puxão forte na trança. — Está tudo bem?

Como foi que eu voltei?, perguntou-se Egwene. *Luz, não sei nem o que fiz.* Ela sabia que estava apenas tentando adiar o que precisava dizer. Desamarrando o cordão em torno do pescoço, ela botou na palma da mão os dois anéis, o da Grande Serpente e o *ter'angreal*, que era maior e retorcido.

— Elas estão esperando por nós — explicou, por fim. Não era preciso explicitar quem. — E acho que sabem que estamos em Tear.

Do lado de fora, a tempestade desabava na cidade.

* * *

Com a chuva martelando no convés acima de sua cabeça, Mat encarava o tabuleiro de pedras na mesa entre ele e Thom, mas não conseguia se concentrar no jogo, embora tivessem apostado um marco de prata andoriano. Trovões ressoavam, e raios caíam do outro lado das pequenas janelas. Quatro lampiões iluminavam a cabine do capitão do *Andorinha*. *Essa porcaria de navio pode até ser ágil que nem o pássaro, mas ainda está lento demais, maldição.* A embarcação deu um leve solavanco, depois outro. O balanço pareceu mudar. *Acho bom que ele não tenha nos enfiado em um desses malditos bancos de lama! Se aquele homem não estiver avançando o mais depressa possível com essa banheira lerda, vou enfiar aquele ouro pela goela dele!* Ele soltou um bocejo — não dormia bem desde a partida de Caemlyn, estava preocupado demais para conseguir dormir direito — e depois outro. Então pôs uma pedra branca na interseção de duas linhas: com mais três jogadas, apanharia quase um quinto das pedras pretas de Thom.

— Você poderia ser um bom jogador, garoto — comentou o menestrel em voz baixa, com a boca no cachimbo, colocando a pedra seguinte —, se fizesse algum esforço. — O tabaco cheirava a folhas e nozes.

Mat pegou outra pedra da pilha em seu cotovelo, depois piscou os olhos e a posicionou. Nas mesmas três jogadas, as pedras de Thom teriam

cercado mais de um terço das dele. Ele não previra o movimento, e estava sem saída.

— Você nunca perde? Já perdeu algum jogo?

Thom tirou o cachimbo da boca e passou a mão pelo bigode.

— Faz muito tempo que não. Morgase vencia de mim na metade das vezes. Dizem que bons comandantes e bons jogadores do Grande Jogo também são bons com as pedras. Morgase é a melhor, e não tenho dúvidas de que também pode liderar uma batalha.

— Não prefere jogar outra partida de dados? As pedras demoram muito.

— Gosto de ter a chance de ganhar mais de um lance em nove ou dez — retrucou o homem de cabelos brancos, seco.

Mat deu um salto e ficou de pé quando a porta se abriu com um estrondo, e o Capitão Derne entrou. O homem de rosto quadrado abanou o manto para afastá-lo dos ombros, sacudindo a chuva e resmungando xingamentos para si mesmo.

— Que a Luz me queime os ossos, não sei por que deixei vocês alugarem o *Andorinha*. Vocês ficam pedindo que eu vá mais depressa, não importa se é sob a noite mais escura ou a chuva mais pesada. Mais depressa. Sempre mais depressa, que maldição! Eu já poderia ter topado com cem atoleiros, a essa altura!

— Você queria o ouro — retrucou Mat, seco. — Disse que esse monte de ripas velhas era rápido, Derne. Quando é que chegaremos a Tear?

O capitão abriu um sorriso tenso.

— Estamos chegando no píer. E que me queime e que eu vire um maldito fazendeiro se chegar a levar qualquer porcaria capaz de falar! Agora, onde está o resto do meu ouro?

Mat correu até uma das janelas e deu uma espiada. Com ajuda dos desagradáveis clarões dos relâmpagos, pôde ver apenas um desembarcadouro de pedras todo molhado, quase nada mais. Pescou a segunda bolsa de ouro de dentro do bolso e lançou-a para Derne. *Ninguém nunca ouviu falar em um homem do rio que não jogasse dados!*

— Já não era sem tempo — grunhiu para o homem. *A luz permita que eu não tenha chegado tarde demais.*

Ele enfiara todas as mudas de roupas e os cobertores no alforje de couro. Levava a trouxa em um ombro e o rolo de fogos de artifício no outro, preso a uma corda. Seu manto cobria tudo, mas deixava um pedacinho exposto na frente ao corpo. Melhor ele se molhar do que os fogos de artifício. Ele poderia se secar e ficar novinho em folha, mas um teste com

um balde provara que os fogos de artifício não. *Acho que o pai de Rand estava certo.* Mat sempre pensara que o Conselho da Aldeia não disparava fogos na chuva porque o espetáculo era mais bonito em noites limpas.

— Já não está na hora de vendermos essas coisas? — perguntou Thom, enquanto ajeitava o manto de menestrel nos ombros. O manto cobria a harpa e a flauta no estojo de couro, mas a trouxa de roupas e os cobertores iam pendurados nas costas, por fora do manto de retalhos.

— Só depois que eu descobrir como funcionam, Thom. Além do mais, pense só como vai ser divertido disparar todos eles.

O menestrel estremeceu.

— Desde que você não dispare todos ao mesmo tempo, garoto. E desde que não jogue na lareira durante o jantar. Não me surpreenderia, pelo jeito que vem se comportando com eles. Você teve sorte de o capitão aqui não nos ter atirado fora do navio dois dias atrás.

— Ele não faria isso. — Mat riu. — Não com a perspectiva de ganhar essa bolsa. Não é, Derne?

Derne brincava com a bolsa de ouro na mão.

— Eu não perguntei nada antes, mas agora você já me deu esse ouro e não vai tê-lo de volta. Que história é essa? Para que toda essa pressa?

— Uma aposta, Derne. — Bocejando, Mat apanhou o bastão, pronto para partir. — Uma aposta.

— Uma aposta! — Derne encarou a bolsa pesada. Havia outra idêntica àquela guardada em seu baú de dinheiro. — O vencedor deve levar um reino inteiro!

— Mais que isso — respondeu Mat.

A chuva caía com tanta força no convés que ele só conseguiu ver a prancha de desembarque quando um relâmpago estourou sobre a cidade. O rugido do aguaceiro mal o deixava ouvir os próprios pensamentos. No entanto, distinguia luzes em algumas janelas rua acima. Encontraria estalagens naquela área. O capitão não foi até o convés para vê-los partir, e ninguém da tripulação quisera ficar debaixo da chuva. Mat e Thom desembarcaram no píer de pedras sozinhos.

Mat xingou quando suas botas afundaram na lama da rua, mas não havia jeito. Avançou, caminhando a passos largos o mais rápido que podia, as botas e a ponta do bastão grudando no chão a cada passo. O ar era rançoso e cheirava a peixe, mesmo com a chuva.

— Vamos encontrar uma estalagem — disse, bem alto, para ser ouvido mesmo com o barulho da chuva —, e depois eu vou sair para procurar.

— Com esse tempo? — gritou Thom, em resposta. A chuva escorria por seu rosto, mas ele estava mais interessado em proteger os instrumentos do que a cara.

— Comar pode ter ido embora de Caemlyn antes de nós. Se ele estava em um bom cavalo em vez dos pangarés em que cavalgávamos, pode ter partido de Aringill talvez um dia inteiro antes de nós, e eu não sei quanto tempo conseguimos recuperar com aquele idiota do Derne.

— Foi uma travessia rápida — admitiu Thom. — O *Andorinha* merece o nome.

— Seja como for, Thom, com chuva ou sem chuva, tenho que encontrá-lo antes que ele encontre Egwene, Nynaeve e Elayne.

— Umas horas a mais não vão fazer diferença, garoto. Uma cidade do tamanho de Tear tem centenas de estalagens. Deve haver mais umas cem do lado de fora dos muros, e algumas são bem pequenas, com não mais que uma dúzia de quartos para alugar, tão minúsculas que você pode passar por elas sem nem perceber. — O menestrel ergueu um pouco mais o capuz do manto, resmungando sozinho. — Vamos levar semanas para vasculhar todas. Mas Comar também vai levar essas mesmas semanas. Podemos passar a noite longe da chuva. Pode apostar qualquer moeda que ainda tenha que Comar não vai ficar debaixo dela.

Mat sacudiu a cabeça. *Uma estalagem minúscula com uma dúzia de quartos.* Antes de deixar Campo de Emond, o maior prédio que ele já vira era a estalagem Fonte de Vinho, e duvidava de que Bran al’Vere tivesse mais que uma dúzia de quartos para alugar. Egwene morava com os pais e as irmãs nos quartos da frente do segundo andar. *Que me queime, às vezes acho que nenhum de nós deveria ter deixado Campo de Emond.* Mas Rand sem dúvida tinha que ter partido, e Egwene decerto teria morrido se tão tivesse ido para Tar Valon. *E agora ela pode morrer por ter ido.* Ele não acreditava que conseguiria viver na fazenda outra vez, as vacas e ovelhas sem dúvidas não jogariam dados. Porém, Perrin ainda tinha alguma chance de voltar para casa. *Vá para casa, Perrin,* se pegou pensando. *Vá para casa enquanto ainda pode.* Ele se recompôs. *Idiota! Por que ele iria querer isso?* Pensou em deitar-se na cama, mas afastou o pensamento. *Ainda não.*

Relâmpagos cruzaram o céu. Três raios cortantes dispararam ao mesmo tempo, lançando a luz forte em uma casa estreita que parecia ter um monte de ervas penduradas nas janelas, ao lado de uma loja bem fechada, que pela placa com desenhos de tigelas e pratos pertencia a um oleiro. Bocejando, ele encolheu os ombros debaixo da chuva que caía e tentou puxar as botas da lama grudenta com mais rapidez.

— Acho que posso deixar essa parte da cidade de lado, Thom — gritou. — Toda essa lama e esse cheiro de peixe. Dá para pensar que Nynaeve, Egwene ou, imagine só, Elayne escolheriam ficar por aqui? As mulheres gostam das coisas limpinhas e organizadas, Thom, além de bem cheirosas.

— Pode ser, garoto — resmungou o menestrel, depois tossiu. — Você ficaria surpreso com o que as mulheres são capazes de aguentar. Mas pode ser.

Segurando o manto para manter o rolo de fogos de artifício coberto, Mat apertou o passo.

— Ande, Thom. Quero encontrar Comar ou as garotas ainda hoje à noite. Ou ele ou elas.

O menestrel mancava atrás dele, tossindo de vez em quando.

Eles atravessaram os largos portões da cidade, que estavam sem guardas, por causa da chuva, e Mat ficou aliviado em sentir o chão pavimentado outra vez sob os pés. Havia uma estalagem a não mais de cinquenta passos. As janelas do salão iluminavam o meio da rua, e a música que vinha de dentro podia ser ouvida na noite lá fora. Até Thom percorreu mais depressa os últimos cinquenta passos sob a chuva, manco ou não.

A Lua Crescente tinha um senhorio cujo tamanho da cintura fazia o longo casaco azul ficar tão justo acima quanto abaixo do quadril, ao contrário da maioria dos homens ocupando as cadeiras de encosto baixo. Mat pensou que as calças largas do senhorio, amarradas nos tornozelos sobre os sapatos baixos, deviam ser grandes o suficiente para caber dois homens comuns, um em cada perna. As garçonetes usavam vestidos escuros de gola alta e aventais curtos e brancos. Havia um sujeito tocando um saltério entre as duas lareiras de pedra. Thom analisou o homem com um olhar crítico e sacudiu a cabeça.

O rotundo estalajadeiro, que atendia por Cavan Lopar, ficou mais que satisfeito em alugar os quartos. Ele franziu a testa para as botas enlameadas, mas a prata do bolso de Mat — o ouro estava começando a acabar — e o manto coberto de retalhos de Thom suavizaram a expressão na testa gorda do sujeito. Quando Thom disse que poderia se apresentar algumas noites por uma pequena quantia, os queixos de Lopar chacoalharam de prazer. Não sabia nada sobre um homem forte com uma mecha branca na barba, nem sobre três mulheres com descrições similares às que Mat fornecera. O rapaz deixou todos os pertences no quarto, exceto o manto e o bastão, mal notando que havia uma cama — dormir era tentador, mas ele não podia se permitir pensar naquilo. Depois engoliu um

cozido de peixe picante e correu de volta para a chuva. Para sua surpresa, Thom foi junto.

— Achei que quisesse ficar no seco, Thom.

O menestrel deu um tapinha no estojo da flauta que ainda levava sob o manto. O restante das coisas estava no quarto.

— As pessoas falam com os menestréis, garoto. Posso descobrir alguma coisa que você não consiga. Quero proteger essas garotas tanto quanto você.

Havia outra estalagem a cerca de cem passos de distância, do lado oposto da rua encharcada de chuva, outras duas um pouco mais além, e depois mais outras. Mat entrava em todas que encontrava. Escondia-se por tempo suficiente para Thom fazer um floreio no manto e contar uma história, e depois o menestrel deixava alguém lhe pagar uma caneca de vinho enquanto Mat percorria o lugar, perguntando por três mulheres e um sujeito alto com uma mecha branca na barba preta e curta. Ele ganhou algumas moedas nos dados, mas não conseguiu descobrir nada, e tampouco Thom. Estava satisfeito em ver que o menestrel tomava apenas alguns golinhos de vinho em cada estalagem. O homem passara a viagem quase abstinência, mas Mat não tinha certeza de que ele não afundaria no vinho outra vez quando chegasse a Tear. Depois de visitarem duas dezenas de salões, Mat começou a sentir as pálpebras pesarem. A chuva diminuía um pouco, mas ainda caía firme e em pingos gordos, refrescando o vento. O cinza-escuro do céu anunciava a alvorada que se aproximava.

— Garoto — murmurou Thom —, se não voltarmos à Lua Crescente, vou dormir aqui mesmo, na chuva. — Ele parou para tossir. — Você percebeu que passou direto por três estalagens? Luz, estou tão cansado que não consigo pensar. Você tem algum plano para saber em que lugares entrar e não me contou?

Mat passou os olhos sonolentos por um homem alto que corria por uma esquina da rua, vestindo uma capa. *Luz, estou mesmo cansado. Rand está a quinhentas léguas daqui, brincando de ser o maldito Dragão.*

— O quê? Três estalagens? — Eles estavam parados quase diante de outra, O Copo de Ouro, segundo a placa que rangia ao vento. Não parecia em nada com um copo de dados, mas decidiu tentar mesmo assim. — Só mais uma, Thom. Se não encontrarmos ninguém aqui, voltamos e vamos pra cama. — A cama soava melhor do que um jogo de dados com uma aposta de cem marcos de ouro, mas ele se forçou a entrar.

Depois de dois passos para dentro do salão, Mat o avistou. O homem grande usava um casaco verde com listras azuis nas mangas bufantes, mas

ainda assim era Comar, a barba preta cortada rente, a mecha branca acima do queixo e tudo o mais. Estava sentado em uma das estranhas cadeiras de encosto baixo diante de uma mesa no canto oposto do salão, sacudindo um copo de dados de couro e sorrindo para o homem à frente. O sujeito usava um longo casaco e calças largas e não estava sorrindo. Olhava as moedas na mesa como se desejasse tê-las de volta em sua bolsa. Outro copo de dados jazia ao lado do cotovelo de Comar.

Este suspendeu o copo na mão e começou a rir um instante antes de os dados pararem de girar.

— Quem é o próximo? — gritou, puxando o dinheiro da aposta para seu lado da mesa. Já havia uma pilha de prata considerável, ao seu lado. Ele meteu os dados no copo e começou a sacudi-los. — Tem mais alguém querendo testar a sorte? — Parecia não haver ninguém, mas ele continuava sacudindo o copo e gargalhando.

Foi fácil distinguir o estalajadeiro, embora eles não usassem aventais em Tear. O casaco era do mesmo tom de azul-escuro usado por todos os outros estalajadeiros com quem Mat falara. Era roliço, mas tinha pouco mais da metade da altura de Lopar e metade do número de queixos. O homem estava sentado sozinho a uma mesa, polindo uma caneca de peltre com movimentos ríspidos e encarando Comar do outro lado do salão, embora desviasse os olhos quando o andoriano olhava de volta. Alguns dos outros homens também olhavam de soslaio, carrancudos, para o sujeito de barba rajada. Mas não quando ele estava olhando.

Mat refreou o primeiro ímpeto, que foi o de correr até Comar, dar uma surra na cabeça do homem com o bastão e exigir saber o paradeiro de Egwene e das outras. Algo estava errado ali. Comar era o primeiro homem que ele via portando uma espada, mas a forma como os outros o encaravam indicava mais do que o medo de um espadachim. Até a garçonete que levou vinho para o homem — e recebeu um beliscão na bunda, em agradecimento — soltou uma risada nervosa.

Analise a coisa de todos os ângulos, pensou Mat, exausto. Metade dos problemas que eu arrumo é por não fazer isso. Preciso pensar. O cansaço parecia ter estufado sua cabeça com fios de lã. Ele fez um gesto para Thom, e os dois foram andando até o estalajadeiro, que os encarou, desconfiado, quando os dois se sentaram.

— Quem é o homem com a mecha na barba? — perguntou Mat.

— Não são da cidade, não é? — retrucou o estalajadeiro. — Ele também é estrangeiro. Nunca tinha visto o sujeito até hoje à noite, mas sei o que ele é. Um forasteiro que veio para cá e fez uma fortuna com comércio. Um

mercador rico o bastante para usar uma espada. Isso não é motivo para ele tratar a gente desse jeito.

— Se nunca viu o homem antes — perguntou Mat —, como é que sabe que ele é um mercador?

O estalajadeiro o encarou como se ele fosse burro.

— Pelo casaco, camarada, e pela espada. Ele não pode ser um lorde ou um soldado, se for de fora da cidade, então só pode ser um mercador rico. — O homem sacudiu a cabeça diante da estupidez dos estrangeiros. — Eles vêm para os nossos lados, nos olham de cima e alisam nossas mulheres bem debaixo dos nossos narizes, mas esse aí não tem o direito de fazer nada disso. Se eu vou ao Maule, não fico apostando contra as moedas de algum pescador. Se for ao Tavar, não vou apostar nos dados com os fazendeiros que vendem as colheitas. — Ele começou a polir o peltre com ainda mais violência. — Que sorte tem esse homem. Deve ter feito a fortuna assim.

— Ele ganha, é? — Bocejando, Mat se perguntou como se sairia jogando dados com outro homem de sorte.

— Às vezes ele perde — resmungou o estalajadeiro —, quando a aposta é de alguns poucos pennies de prata. Às vezes. Mas deixe só a aposta chegar a um marco... Não foi menos de dez vezes que vi esse homem ganhar nas Coroas com três coroas e duas rosas. E mais ainda no Topo, como foram três seis e dois cinco. No Três, ele não lança nada menos que seis, e saem três seis e um cinco a cada lance no Compasso. Se tiver toda essa sorte, bom para ele, que a Luz brilhe sobre ele, mas que vá usar com outros mercadores, como é direito. Como é que um homem pode ter uma sorte dessas?

— Dados viciados — disse Thom, depois deu uma tossida. — Quando ele quer ter a certeza da vitória, usa dados que sempre mostram a mesma face. O homem é esperto o bastante para não tirar o maior lance, pois o povo começa a desconfiar quando alguém só tira o rei. — Ele ergueu uma sobancelha para Mat. — Ele tira um resultado quase impossível de se vencer, mas isso não pode mudar o fato de que sempre mostram a mesma face.

— Já ouvi falar disso — respondeu o estalajadeiro, devagar. — Os illianenses fazem isso, pelo que ouvi. — O homem sacudiu a cabeça. — Mas eles dois estão usando o mesmo copo e os mesmos dados. Não pode ser.

— Traga aqui dois copos de dados — pediu Thom — e dois conjuntos de dados. Coroas ou pontos, não faz diferença, contanto que sejam iguais.

O estalajadeiro franziu o rosto, mas se afastou — cautelosamente levando consigo a caneca de peltre — e retornou com dois copos de couro. Thom despejou os cinco cubos de osso de um dos copos na mesa, diante de Mat. Fossem de pontos ou símbolos, todos os conjuntos de dados que Mat já vira eram feitos de osso ou madeira. Aqueles tinham pontos. Ele ergueu os dados, encarando o menestrel com uma carranca.

— Eu deveria estar enxergando alguma coisa?

Thom despejou os dados do outro copo na própria mão. Depois, em um movimento ligeiro e difícil de acompanhar, jogou-os de volta para dentro e apoiou o copo de cabeça para baixo na mesa, antes que os dados caíssem. Manteve a mão em cima do copo.

— Faça uma marca em cada um deles, garoto. Algo sutil, mas que você seja capaz de reconhecer.

Mat percebeu que trocava olhares intrigados com o estalajadeiro. Então os dois olharam o copo virado sob a mão do amigo. Ele sabia que Thom aprontaria algum truque, menestréis estavam sempre fazendo coisas impossíveis, como engolir fogo e puxar panos de seda do ar, mas não via como aquilo seria possível, se estava observando tão de perto. Desembainhou a faca de cintura e fez um pequeno arranhão em cada um dos dados, bem ao lado do círculo de seis pontos.

— Está bem — disse, devolvendo os dados à mesa. — Mostre o seu truque.

Thom estendeu a mão, apanhou os dados e os colocou na mesa outra vez, a um pé de distância.

— Procure as marcas, garoto.

Mat franziu a testa. A mão de Thom ainda estava no copo de couro de cabeça para baixo, o menestrel não o movimentara, nem levava os dados de Mat para perto dele. O rapaz pegou os dados... e piscou. Não havia qualquer marca neles. O estalajadeiro ofegou.

Thom virou a palma da mão livre, revelando cinco dados.

— Suas marcas estão nestes aqui. É isso que Comar está fazendo. É um truque infantil, muito simples, mas não imaginei que ele tivesse mãos tão leves.

— Acho que não quero mais jogar dados com você — comentou Mat, devagar. O estalajadeiro olhava os dados, mas não parecia ver uma solução. — Chame a Guarda, ou seja lá o nome que vocês dão aqui — sugeriu Mat. — Mande prendê-lo. — *Em uma cela de prisão, ele não vai conseguir matar ninguém. Mas e se elas já estiverem mortas?* Tentou não dar atenção àquilo,

mas o pensamento persistia. *Então eu mato ele e Gaebril também, custe o que custar! Mas elas não estão, que me queime! Não podem estar!*

O estalajadeiro sacudia a cabeça.

— Eu? Eu, denunciar um mercador aos Defensores? Eles nem olhariam os dados dele. Bastaria uma palavra dele, e eu seria acorrentado para trabalhar com as dragas dos canais nas Garras do Dragão. Ele poderia me retalhar aqui mesmo, e os Defensores diriam que fiz por merecer. Pode ser que ele vá embora em breve.

Mat fez uma careta irônica.

— Se eu expuser o homem, será que basta? O senhor chama a Guarda, ou os Defensores, ou quem quer que seja?

— Você não entende. Você é estrangeiro. Mesmo que seja de fora, ele é um homem rico e importante.

— Espere aí — disse Mat, olhando para Thom. — Não vou deixar que ele alcance Egwene e as outras, custe o que custar. — Ele bocejou enquanto puxava a cadeira para trás.

— Espere, garoto — chamou Thom, com a voz baixa e premente. O menestrel se levantou da cadeira. — Que o queime, você não sabe em que está se metendo!

Mat acenou para que Thom ficasse e caminhou até Comar. Ninguém mais aceitara o desafio do homem barbado, e ele olhou com interesse quando o rapaz de Dois Rios apoiou o bastão na mesa e se sentou.

Comar analisou o casaco de Mat e abriu um sorriso asqueroso.

— Que apostar cobs, fazendeiro? Não perco meu tempo com... — Ele parou de falar quando Mat pôs uma coroa de ouro andoriana na mesa e bocejou, sem se esforçar para cobrir a boca. — Você fala pouco, fazendeiro, e poderia melhorar um pouco os modos, mas o ouro fala por si mesmo e não precisa demonstrar boas maneiras. — Ele sacudiu o copo de couro em sua mão e despejou os dados. Soltou risadinhas antes mesmo de os cubos de osso pararem, mostrando três coroas e duas rosas. — Não vai bater isso, fazendeiro. Será que tem mais algum ouro escondido nesses trapos que esteja disposto a perder? O que foi que você fez? Roubou seu mestre?

Ele estendeu o braço para recolher os dados, mas Mat os apanhou antes. Comar cravou os olhos nele, mas deixou-o ficar com o copo. Se os lances fossem iguais, jogariam outras rodadas até que um dos dois ganhasse. Mat sorria enquanto sacudia o copo. Não pretendia dar a Comar a chance de trocá-los. Se ambos jogassem os mesmos lances três ou quatro vezes seguidas — exatamente os mesmos, todas as vezes —, até mesmo os

Defensores dariam ouvidos às reclamações. O salão inteiro veria, todos teriam que testemunhar a seu favor.

Ele jogou os dados na mesa. Quicaram de modo estranho. Ele sentiu algo... se remexer. Foi como se sua sorte estivesse enlouquecendo. O salão parecia se contorcer ao redor dele, repuxando os dados com fios. Por algum motivo, quis olhar para a porta, mas manteve os olhos nos dados. Eles pararam. Cinco coroas. Os olhos de Comar pareciam prestes a saltar das órbitas.

— Você perdeu — murmurou Mat. Se a sorte chegara a tal ponto, talvez fosse hora de forçar um pouco mais. Uma vozinha em sua cabeça o mandava pensar, mas ele estava cansado demais para escutar. — Acho que sua sorte está esgotada, Comar. Se você fez algum mal àquelas garotas, está tudo acabado.

— Mas eu nem encontrei... — começou a responder Comar, ainda encarando os dados, depois levantou a cabeça depressa. Estava pálido. — Como é que você sabe o meu nome?

Ele ainda não as encontrara. *Sorte, doce sorte, fique comigo.*

— Volte para Caemlyn, Comar. Diga a Gaebril que não conseguiu encontrar as garotas. Diga que estão mortas. Diga qualquer coisa, mas saia de Tear hoje à noite. Se eu o vir outra vez, mato você.

— Quem é você? — perguntou o homem corpulento, inseguro. — Quem... — No instante seguinte ele estava de pé, a espada desembainhada.

Mat empurrou a mesa para cima do homem, virando-a, e agarrou o bastão. Esquecera como Comar era grande. O homem barbado empurrou a mesa de volta para cima dele. Mat caiu com a cadeira, agarrado ao bastão, enquanto o sujeito atirava a mesa longe e avançava para golpeá-lo. Mat empurrou os pés contra o tronco do sujeito, para impedir que ele avançasse, e girou o bastão meio sem jeito, apenas para desviar a espada. Mas o golpe fez o bastão voar de suas mãos, e o rapaz se viu segurando o punho de Comar, a lâmina da espada a um palmo de seu rosto. Com um grunhido, ele rolou para trás e fazendo o máximo de força que pôde com as pernas, para arremessá-lo. O homem arregalou os olhos enquanto era arremessado por cima de Mat e desabava em uma mesa, de cara para cima. O rapaz de Dois Rios arrastou-se até o bastão, mas, quando o alcançou, Comar já não se movia.

O grandalhão jazia com os quadris e as pernas esparramados na mesa e o restante do corpo caído para baixo, a cabeça no chão. Os homens que estavam sentados à mesa tinham levantado, eles apertavam as mãos e se

entreolhavam, nervosos, a uma distância segura. Um burburinho baixo e aflito preencheu o salão. Não era o som que Mat esperava.

A espada de Comar jazia a curta distância de sua mão. No entanto, o homem não se movia. Ele observou enquanto Mat chutava a espada para longe e se ajoelhava ao lado dele. *Luz! Acho que a coluna dele está quebrada!*

— Eu avisei que era melhor você ir, Comar. Sua sorte acabou.

— Idiota — sussurrou o grandalhão. — Você... acha... que eu... era o único... atrás delas? Elas não... vão... viver até... — Os olhos encaravam Mat, e a boca estava aberta, mas o homem não disse mais uma palavra. E não diria nunca mais.

Mat encarou o olhar vítreo do homem morto, tentando arrancar mais palavras dele com a força do pensamento. *Quem mais, que o queime? Quem? Onde estão? Minha sorte. Que me queime, o que aconteceu com a minha sorte?* Ele percebeu que o estalajadeiro puxava seu braço freneticamente.

— Você precisa ir. Tem que ir. Antes que os Defensores cheguem. Vou mostrar os dados a eles. Vou contar que foi um forasteiro, um homem alto, de cabelos vermelhos e olhos cinzentos. Ninguém vai sofrer. Um homem com quem sonhei ontem à noite. Ninguém real. Ninguém vai me contradizer. Ele ganhou o dinheiro de todo mundo com os dados. Mas você precisa ir. Precisa! — Todos no salão pareciam olhar para o outro lado.

Mat foi puxado para longe do homem morto e levado para fora. Thom já o aguardava sob a chuva. Ele agarrou o braço do garoto e saiu mancando apressado pela rua, arrastando um Mat cambaleante. O capuz do rapaz pendia nas costas, a chuva ensopava seus cabelos e escorria por seu rosto e pescoço, mas ele nem reparava. O menestrel continuava olhando por cima do ombro, examinando a rua atrás deles.

— Está quase dormindo, garoto? Não parecia com sono lá dentro. Vamos, garoto. Os Defensores vão prender todos os estrangeiros que estiverem num raio de duas ruas, não importa como o estalajadeiro descreva o homem.

— É a sorte — murmurou Mat. — Eu descobri tudo. Os dados. Minha sorte funciona melhor quando as coisas são... aleatórias. Que nem os dados. Não funciona muito com as cartas. É péssima com as pedras. Muito padrão. Tem que ser aleatório. Até mesmo encontrar Comar. Eu fui visitando todas as estalagens. E entrei numa por acaso. Thom, se eu quiser encontrar Egwene e as outras a tempo, preciso procurar sem nenhum padrão.

— Do que é que você está falando? O homem está morto. Se ele já tiver matado as três... bem, você as vingou. Se ele não tiver, você as salvou. Agora

será que dá para andar mais depressa, maldição? Os Defensores não vão demorar a chegar, e não vão ser tão gentis como a Guarda da Rainha.

Mat se desvencilhou de Thom e apressou o passo, cambaleante, arrastando o bastão.

— Ele deixou escapar que ainda não tinha encontrado elas. Mas disse que não era o único. Thom, eu acredito nele. Olhei dentro dos olhos dele, e ele estava falando a verdade. Ainda preciso encontrá-las, Thom. E agora não sei nem quem está atrás delas. Preciso encontrá-las.

Sufocando um enorme bocejo com a mão, Thom puxou o capuz de Mat para protegê-lo da chuva.

— Hoje não, garoto. Preciso dormir, e você também.

Molhado. Meu cabelo está pingando no rosto. Sua mente estava confusa. Depois de um instante, percebeu que precisava dormir. E notou o quanto estava cansado apenas por precisar pensar para chegar a essa conclusão.

— Está bem, Thom. Mas vou voltar a procurar assim que o dia clarear.
— Thom assentiu e tossiu, e os dois avançaram pela chuva de volta à Lua Crescente.

A aurora não demorou a chegar, mas Mat pulou da cama, e ele e Thom partiram para tentar vasculhar todas as estalagens no interior dos muros de Tear. Mat foi se deixando vagar para onde sua vontade e cada esquina o levassem, sem procurar por algum lugar específico e jogando uma moeda para decidir onde entrar. Por três dias e noites ele fez isso, e por três dias e noites a chuva caiu sem parar, às vezes trovejante, às vezes silenciosa, mas sempre jorrando.

A tosse de Thom piorou, e ele precisou parar de tocar flauta e contar histórias, e não carregaria a harpa por aí, com daquele tempo. No entanto, o homem insistia em ir junto, e as pessoas ainda conversavam com um menestrel. A sorte de Mat nos dados parecia ainda melhor depois que ele começara a perambular a esmo, embora jamais permanecesse na mesma taverna ou estalagem mais do que o tempo suficiente para ganhar algumas moedas. Nenhum dos dois ouviu qualquer coisa útil. Rumores de guerra com Illian. Rumores de invasão a Mayene. Rumores de invasão andoriana, o Povo do Mar encerrando os negócios, os exércitos de Artur Asa-de-gavião retornando dos mortos. Rumores de que o Dragão estava vindo. Os homens com quem Mat jogava eram pessimistas em relação a todos os boatos, parecia que procuravam os mais sombrios que pudessem encontrar e acreditavam em um pouco de cada um. Ele, no entanto, não ouviu sequer um sussurro que pudesse levá-lo a Egwene e às outras. Nenhum estalajadeiro vira qualquer mulher cujas descrições batessem com as delas.

Ele começou a ter pesadelos, sem dúvida causados pela preocupação. Egwene, Nynaeve e Elayne, além de um sujeito de cabelo branco e bem curtos que usava um casaco de mangas bufantes e listradas como o de Comar. O homem gargalhava enquanto tecia uma teia ao redor delas. Só que algumas vezes era para Moiraine que o homem preparava a armadilha. Em outras, segurava uma espada de cristal no lugar da teia, uma espada que reluzia como o sol assim que ele a tocava. Ainda outras vezes, era Rand quem erguia a espada. Por alguma razão, ele sonhava bastante com Rand.

Mat tinha certeza de que tudo aquilo era porque ele não estava dormindo o suficiente, nem comendo, e mesmo assim não parava para comer quando se lembrava disso. Tinha uma aposta para ganhar, dizia a si mesmo, e pretendia conseguir, nem que lhe custasse a própria vida.



CAPÍTULO 50



O Martelo

O sol da tarde estava inclemente quando a barca atracou em Tear. Poças haviam se formado nas pedras fumegantes do cais, e Perrin sentia que o lugar era quase tão abafado quanto Illian. O ar cheirava a piche, madeira e corda — dava para ver estaleiros mais ao sul ao longo do rio —, a especiarias, ferro e cevada, a perfumes, vinhos e uma centena de aromas diferentes que ele não conseguia distinguir naquela miscelânea, a maioria vinda dos armazéns atrás das docas. Quando o vento trouxe uma corrente passageira do norte, Perrin também sentiu odores de peixe, que desapareceram assim que o vento virou outra vez. Nenhum cheiro de coisa para caçar. Sua mente tentou alcançar os lobos antes mesmo que ele percebesse o que estava fazendo e fechasse a guarda. Fizera isso com muita frequência, ultimamente. Não havia lobo algum, é claro. Não em uma cidade como aquela. Ele desejou não estar se sentindo tão... sozinho.

Assim que a rampa foi baixada na extremidade da barca, Perrin conduziu Galope até o píer, atrás de Moiraine e Lan. O imenso contorno da Pedra de Tear se erguia à esquerda deles, sombreado, parecendo mais uma montanha escura, apesar do grande estandarte no topo. Ele não queria olhar para a Pedra, mas parecia impossível vislumbrar a cidade sem vê-la. *Será que ele já está aqui? Luz, se ele tiver tentado entrar naquilo ali, pode já estar morto.* Então teria sido tudo em vão.

— O que viemos encontrar aqui? — perguntou Zarine, atrás dele. Ela não havia parado de fazer perguntas, parara apenas de fazê-las à Aes Sedai ou ao Guardião. — Em Illian encontramos os Homens Cinza e a Caçada

Selvagem. O que é que tem aqui em Tear... que alguém quer tanto impedir vocês de encontrar?

Perrin olhou em volta. Nenhum dos doqueiros que passavam transportando cargas pareceu ter ouvido. Tinha certeza de que sentiria cheiro de medo, caso alguém os escutasse. Engoliu a resposta afiada que estava na ponta da língua. A dela era mais rápida, e mais afiada.

— Gostaria que você não estivesse tão ansiosa — retumbou a voz de Loial. — Parece pensar que aqui vai ser tudo tão fácil quanto em Illian, Faile.

— Fácil? — resmungou Zarine. — Fácil! Loial, quase fomos mortos duas vezes na mesma noite. Illian já era suficiente para uma canção de Caçador. Por que acha que foi fácil?

Perrin fez uma careta. Preferiria que Loial não tivesse decidido chamar Zarine pelo nome que ela escolhera; era um lembrete constante de que Moiraine pensava que a mulher era o falcão de Min. E fazia Perrin ficar se perguntando se ela também seria a bela mulher com quem Min o avisara para tomar cuidado. *Pelo menos eu não topei com o gavião. Ou com um Tuatha'an carregando uma espada! Se essa não foi a visão mais estranha, então sou um mercador de lã!*

— Pare de fazer perguntas, Zarine — disse ele, montando em Galope. — Você vai saber por que estamos aqui quando Moiraine decidir contar. — Ele tentou não olhar para a Pedra.

Ela virou os olhos escuros e oblíquos para ele.

— Acho que você não sabe o motivo, ferreiro. Acho que é por isso que não quer me contar, porque não sabe. Admita, fazendeiro.

Com um pequeno suspiro, ele cavalgou para longe do desembarcadouro atrás de Moiraine e Lan. Zarine não retrucava com tanta ferocidade quando o Ogier se recusava a responder alguma de suas perguntas. Ele achou que ela estava tentando intimidá-lo para que ele passasse a usar aquele nome. Não adiantaria.

Moiraine amarrara o manto impermeável atrás da sela, por cima da trouxa aparentemente inofensiva que continha o estandarte do Dragão. Apesar do calor, ela usava o manto de linho azul de Illian. O capuz largo encobria sua face, e o anel da Grande Serpente estava preso em um cordão em volta do pescoço. Tear, dissera ela, não proibia a presença de Aes Sedai, apenas a canalização, mas os Defensores da Pedra vigiavam de perto qualquer mulher que usasse o anel. Ela não queria ser vigiada na visita a Tear.

Lan enfiara o manto que mudava de cor nos alforjes dois dias antes, quando ficara claro que quem quer que enviara os Cães das Trevas — *Sammael*, lembrou Perrin, sentindo um arrepio, e tentou não pensar mais naquele nome —, quem quer que tivesse sido, não mandara mais nenhum no encalço deles. O Guardião não fizera concessões ao calor de Illian, e também não fez nenhuma ao calor um pouco mais brando de Tear. O casaco verde-acinzentado estava abotoado até a gola.

Perrin usava o casaco meio desabotoado e o colarinho da camisa aberto. Tear podia até ser um pouco mais fresca do que Illian, mas ainda era quente como o verão de Dois Rios, e, como sempre acontecia após a chuva, a umidade do ar fazia o calor piorar ainda mais. O cinturão em que ele prendia o machado estava pendurado e enrolado no cepilho alto da sela. Assim, ficava à mão caso fosse preciso, e ele se sentia melhor sem usá-lo.

Nas primeiras ruas por onde passaram, ele se surpreendeu com a lama. Apenas as aldeias e cidades menores tinham ruas de terra, pelo que vira, e Tear era uma das grandes cidades. O povo, no entanto, não parecia ligar, e muitos caminhavam descalços. Uma mulher que andava em pequenas plataformas de madeira chamou sua atenção por um tempo, e ele se perguntou por que todos não as usavam. As calças largas dos homens pareciam mais frescas do que as dele, mais justas, porém Perrin tinha certeza de que se sentiria um idiota se as usasse. Imaginou-se vestido naquelas calças e com um daqueles chapéus redondos de palha, e deu uma risadinha.

— Qual é a graça, Perrin? — perguntou Loial. Suas orelhas caíram até os tufos se esconderem entre os cabelos, e ele olhava preocupado para as pessoas na rua. — Essa gente parece... derrotada, Perrin. Não estavam assim da última vez que eu vim aqui. Nem mesmo um povo que permite que cortem os bosques merece um semblante desses.

Quando Perrin começou a analisar os rostos em vez de apenas observar o cenário como um todo, viu que Loial estava certo. Algo desaparecera em muitos daqueles rostos. Esperança, talvez. Curiosidade. Eles mal olhavam o grupo que passava, exceto para sair do caminho dos cavalos. O Ogier, montado em um animal do tamanho de um cavalo de tração, recebia o mesmo olhar de indiferença que Lan ou Perrin.

As ruas se tornaram amplas e pavimentadas depois que eles ultrapassaram os portões da muralha da cidade, alta e cinzenta, passando pelos olhos escuros e severos dos soldados vestidos com placas peitorais por cima dos casacos vermelhos de mangas largas que terminavam em punhos estreitos e brancos, além de elmos redondos com abas e uma

saliência no topo. Em vez das calças folgadas que os outros homens vestiam, as deles eram justas e ficavam enfiadas dentro das botas que iam até os joelhos. Os soldados franziram as testas para a espada de Lan, tocando as próprias, e lançaram olhares penetrantes para o machado e o arco de Perrin; apesar das testas franzidas e dos olhares enviesados, ainda havia certa derrota nas expressões deles também, como se mais nada continuasse a realmente valer o esforço.

As construções eram maiores e mais altas do lado de dentro dos muros, embora a maioria não fosse muito diferente das do lado de fora. Perrin achou os telhados um tanto estranhos, especialmente os mais pontudos, porém já vira tantos telhados diferentes desde que saíra de casa que apenas se perguntou que tipo de pregos teriam sido usados naquelas telhas. Em alguns lugares, nem mesmo usavam pregos nas telhas.

Palácios e grandes construções se elevavam entre casas menores e mais simples, dispostos de forma caótica. Uma estrutura de torres com domos brancos e quadrados, rodeada por ruas largas, poderia muito bem ser cercada de lojas, estalagens e casas. Um imenso saguão, cuja frente era ornamentada por colunas quadradas de mármore, cada uma com quatro passos de lado, e onde cinquenta degraus levavam a portas de bronze de cinco braças de altura, ficava entre uma padaria e uma alfaiataria.

Mais homens naquela área usavam casacos e calças como os dos soldados, embora de cores mais vibrantes e sem as armaduras, e alguns até portavam espadas. Ninguém andava descalço, nem mesmo os que usavam as calças largas. Os vestidos das mulheres eram, na maioria das vezes, mais longos, com decotes que exibiam os ombros nus, por vezes os colos, e eram feitos tanto de seda quanto de lã. O Povo do Mar vendia muita lã em Tear. Liteiras e carruagens levadas por grupos de cavalos deslocavam-se pelas ruas, junto com carroças e carros de boi. Ainda assim, muitos dos rostos tinham aquela mesma expressão abatida.

A estalagem que Lan escolhera, a Estrela, ficava entre a loja de um tecelão e uma ferraria, com vielas estreitas entre elas. A ferraria era de pedra nua cinza, e a loja do tecelão e a estalagem, de madeira, mas a Estrela tinha quatro andares e pequenas janelas até no teto. O ressoar dos teares competia com dificuldade contra o clangor do martelo do ferreiro. Eles entregaram os cavalos aos cavaleiros para serem levados até os fundos e adentraram a estalagem. Aromas de peixe, pão e talvez cozido vinham da cozinha, além do cheiro de carneiro assado. Todos os homens no salão da estalagem usavam casacos justos e calças largas. Perrin achou que homens mais ricos — de alguma forma, tinha certeza de que os homens de casacos

coloridos com mangas bufantes e as mulheres de ombros desnudos em seda brilhante eram todos ricos ou nobres — não tolerariam o barulho. Talvez fosse por esse motivo que Lan escolhera aquele lugar.

— Como é que vamos conseguir dormir com essa algazarra? — resmungou Zarine.

— Sem perguntas? — retrucou ele, com um sorriso. Por um instante, achou que ela lhe mostraria a língua.

O estalajadeiro era um homem meio calvo de rosto redondo, e usava um comprido casaco azul-escuro e as tais calças folgadas. Ele se curvou em uma mesura, comprimindo as mãos sobre a grande barriga. Seu rosto tinha aquela mesma aparência, uma resignação abatida.

— Que a Luz brilhe sobre as senhoras, e sejam bem-vindas. — O homem suspirou. — Que a Luz brilhe sobre os senhores, mestres, e sejam bem-vindos. — O homem levou um leve susto com os olhos amarelos de Perrin, depois, exausto, dirigiu a atenção a Loial. — Que a Luz brilhe sobre você, amigo Ogier, e seja bem-vindo. Faz um ano ou mais desde que eu vi um de vocês aqui em Tear. Um trabalho ou outro na Pedra. Eles ficaram hospedados na Pedra, é claro, mas eu os vi na rua um dia. — A fala foi concluída com outro suspiro, o homem parecia incapaz de reunir curiosidade o bastante para questionar a presença de mais um Ogier em Tear, ou mesmo a presença de qualquer um dos outros.

Foi o próprio homem calvo, cujo nome era Jurah Haret, que mostrou os quartos ao grupo. Ao que parecia, o vestido de seda de Moiraine e a forma como ela escondia o rosto, somados à expressão dura e à espada de Lan, faziam dos dois uma lady e seu guarda, aos olhos do homem, portanto eram dignos de sua atenção pessoal. Ele obviamente pensou que Perrin fosse algum tipo de criado, e ficou clara a sua dúvida quanto a Zarine — para o visível descontentamento da moça. Loial, por sua vez, era um Ogier, afinal de contas. Ele chamou alguns homens para juntar duas camas para Loial e ofereceu um salão privado para as refeições de Moiraine, se ela desejasse. Ela aceitou com muita graça.

O grupo subiu junto para os andares superiores em uma pequena procissão, até que Haret foi embora com medidas e suspiros, deixando-os do lado de fora do quarto de Moiraine, onde haviam começado. As paredes eram de massa branca, e a cabeça de Loial encostava no teto do corredor.

— Sujeito odioso — resmungou Zarine, batendo a terra das saias justas com ambas as mãos, irritada. — Acho que ele pensou que eu fosse sua criada, Aes Sedai. Não vou tolerar isso!

— Cuidado com essa língua — avisou Lan, em voz baixa. — Se usar esse nome perto dos ouvidos dos outros, vai se arrepender, garota. — Ela o encarou como se fosse começar uma discussão, mas os olhos frios e azuis do Guardiã conseguiram silenciá-la daquela vez, ainda que não tivessem amansado o olhar que ela deu em resposta.

Moiraine ignorou os dois. Olhando para o nada, alisava o manto com as mãos, quase como se as estivesse limpando. Na opinião de Perrin, ela não tinha se dado conta do que estava fazendo.

— Como é que vamos encontrar Rand? — perguntou, mas ela não pareceu ouvi-lo. — Moiraine?

— Não se afastem da estalagem — avisou, depois de um instante. — Tear pode ser uma cidade perigosa para os que não sabem como as coisas acontecem por aqui. O Padrão pode se romper, neste lugar. — A última frase saiu baixa, como se para si mesma. Com uma voz estranha, ela continuou: — Lan, vamos ver o que conseguimos descobrir sem atrair a atenção. E vocês fiquem perto da estalagem!

— “Fiquem perto da estalagem” — imitou Zarine, quando a Aes Sedai e o Guardiã desapareceram escada abaixo. Mas ainda assim falou, baixinho, para que os dois não ouvissem. — Esse Rand. É ele que vocês chamam de... — Se ela virasse um falcão naquele instante, pareceria um falcão muito incomodado. — E estamos em Tear, onde o Coração da Pedra guarda... e as Profecias dizem... Que a Luz me queime, *ta'veren*, será que eu quero participar dessa história?

— Não é uma história, Zarine. — Por um instante, Perrin soou quase tão abatido quanto o estalajadeiro. — A Roda nos tece dentro do Padrão. Você escolheu unir sua trama à nossa, agora é tarde demais para desfazer.

— Luz! — resmungou a mulher. — Você falou igualzinho a *ela*!

Ele a deixou lá com Loial e foi guardar suas coisas no quarto, onde havia uma cama baixa e confortável, porém pequena, do tipo que o povo da cidade julgava adequada a um servo, além de um lavatório, um banquinho e pinos na parede coberta de massa branca. Quando voltou, os dois já não estavam mais lá. O ressoar do martelo na bigorna o chamava.

Havia tantas coisas estranhas em Tear que foi um alívio entrar na ferraria. O térreo consistia em um ambiente amplo, sem parede nos fundos. Havia apenas duas portas compridas, que permaneciam abertas e davam em um pátio para ferrar cavalos, além de um brete para bois. Havia martelos pendurados em suportes, e pinças de diversos tamanhos e tipos pendiam de traves expostas nas paredes. Esteios, facas para casco e outras ferramentas de ferraria haviam sido dispostas com cuidado em bancos de

madeira com cinzéis, chifres de bigorna, moldes de forja e todos os equipamentos do ofício de um ferreiro. Latas continham pedaços de ferro de diferentes espessuras. Cinco discos amoladores de asperezas diversas estavam dispostos no chão de terra batida, além de seis bigornas e três forjas com laterais de pedra e os respectivos foles, embora apenas uma tivesse os carvões acesos. Barris com água para a têmpera permaneciam à mão.

O ferreiro batia o martelo em um pedaço de ferro amarelo de tão esgaldante, que segurava com pinças robustas. Usava calças largas e tinha os olhos azul-claros. No entanto, o comprido colete de couro sobre o peitoral desnudo e o avental não eram muito diferentes dos que Perrin e Mestre Luhhan usavam em Campo de Emond, e os braços e ombros fortes do homem eram prova dos anos que passara moldando metal. Os cabelos escuros tinham quase a mesma quantidade de fios grisalhos que o rapaz se lembrava de ver em Mestre Luhhan. Mais coletes e aventais pendiam na parede, como se o homem tivesse aprendizes que não estivessem ali no momento. O fogo das forjas tinha cheiro de casa. O ferro quente tinha cheiro de casa.

O ferreiro virou-se para jogar o pedaço em que trabalhava de volta nos carvões, e Perrin se aproximou e foi soprar o fole para ele. O homem olhou para ele, mas não disse nada. Perrin subia e descia o cabo do fole com movimentos lentos, firmes e compassados, mantendo os carvões na temperatura certa. O ferreiro retomou o trabalho com o ferro, dessa vez na ponta arredondada da bigorna. Perrin pensou que o homem devia estar fazendo um escopro. O martelo ressoava em golpes rápidos e certos.

O homem falou sem tirar os olhos da tarefa.

— Aprendiz? — Foi só o que disse.

— Sim — respondeu Perrin, com a mesma simplicidade.

O ferreiro continuou o trabalho por um tempo. *Era mesmo* um escopro, um instrumento para limpar o interior de barris de madeira. De vez em quando, o homem examinava Perrin, pensativo. Deixando o martelo de lado por um instante, o homem pegou uma barra de ferro pequena, grossa e retangular e enfiou-a na mão de Perrin. Então pegou o martelo outra vez e retomou o trabalho.

— Veja o que pode fazer com isto — disse.

Sem nem pensar, Perrin foi até uma bigorna do outro lado da forja e bateu a madeira na beirada. O material fez um ótimo som. O aço não passara tanto tempo no forno e não absorvera muita fuligem do carvão. Ele empurrou quase todo o comprimento da barra para dentro dos carvões em

brasa, provou a água dos dois barris, para ver qual fora salgada — o terceiro era de azeite de oliva —, depois tirou o casaco e a camisa e escolheu um colete de couro e um avental que lhe coubessem. A maioria daqueles sujeitos tairenos não era tão grande quanto ele, mas conseguiu achar um colete. Encontrar um avental foi mais fácil.

Quando se virou, viu que o ferreiro, ainda trabalhando de cabeça baixa, assentia e sorria para si mesmo. Mas apenas estar ambientado com uma ferraria não era o bastante para ser um ferreiro habilidoso. Isso ele ainda teria de provar.

Quando retornou à bigorna com dois martelos, um conjunto de pinças chatas de cabos compridos e um cinzel pontudo e afiado, a barra de aço já aquecera até ficar vermelho-escura, exceto pela pequeno pedacinho que ele deixara para fora dos carvões. Perrin soprou os foles, observando o metal clarear até chegar em um amarelo quase branco. Então puxou a barra com as pinças, repousou-o sobre a bigorna e pegou o martelo mais pesado dos dois que escolhera. Tinha cerca de dez libras, estimou, e um cabo maior do que a maioria das pessoas que não conhecia o trabalho com metais julgava necessário. Ele o segurou perto da ponta: o metal incandescente às vezes soltava faíscas, e já vira as cicatrizes nas mãos do ferreiro de Morro Redondo, um sujeito descuidado.

Não queria fazer nada elaborado ou extravagante. Uma escolha mais simples parecia o melhor, no momento. Começou arredondando os cantos da barra, depois martelou o centro no formato de uma lâmina larga, quase tão larga quanto o pedaço original na extremidade sem corte, mas com uma boa mão e meia de comprimento. De vez em quando, devolvia o metal aos carvões para mantê-lo daquele tom amarelo pálido, e depois de algum tempo trocou para o martelo mais leve, com a metade do peso do anterior. Afinou o pedaço além da lâmina, depois o entortou sobre a ponta da bigorna, criando uma curvatura para baixo logo ao lado da lâmina. Um cabo de madeira poderia ser colocado ali depois. Perrin encaixou o cinzel pontudo e afiado no furo quadrado da bigorna e posicionou o metal incandescente por cima. Um golpe certo do martelo cortou a ferramenta que fizera. Ou quase fizera. Seria uma faca de chanfradura, para alisar e nivelar os topos das ripas dos barris depois de colados, entre outras coisas. Quando terminasse. O escopro do outro homem lhe dera aquela ideia.

Assim que fez o corte, Perrin atirou o metal brilhante dentro do barril de têmpera salgado. O dessalgado fazia uma têmpera mais dura, para os metais mais pesados, enquanto o azeite gerava uma mais branda, para

facas boas. E espadas, pelo que ouvira, mas nunca participara da feitura de qualquer coisa do tipo.

Quando o metal já estava bem frio, com uma tonalidade cinza-escura, ele o removeu da água e o levou para os discos amoladores. Um movimento curto e lento nos pedais foi dando polimento à lâmina. Com cuidado, ele aqueceu a parte da lâmina outra vez. As cores se intensificaram, chegando à cor de palha, depois ao bronze. Quando aquele bronze começou a subir em ondas pela lâmina, ele deitou a peça de lado para esfriar. A extremidade final estava pronta para ser afiada. Enfiar o metal outra vez em um dos barris destruiria a têmpera que ele acabara de dar.

— Um trabalho muito caprichado — comentou o ferreiro. — Nenhum movimento desperdiçado. Está procurando trabalho? Meus aprendizes foram embora, todos os três, aqueles imprestáveis. Tem muita coisa que você poderia fazer.

Perrin sacudiu a cabeça.

— Não sei por quanto tempo vou ficar em Tear. Mas queria trabalhar um pouco mais, se o senhor não se importar. Faz muito tempo, e eu sinto falta. Posso fazer algum trabalho que teria sido dos seus aprendizes.

O ferreiro bufou alto.

— Você é muito melhor do que qualquer um daqueles grosseirões, só embromando e encarando, resmungando sobre pesadelos. Como se todos nós não tivéssemos pesadelos de vez em quando. Sim, pode trabalhar aqui pelo tempo que quiser. Luz, tenho pedidos de uma dúzia de facas de tanoeiro e três enxós de cobre. E um carpinteiro daqui da rua precisa de um martelo de entalhe, e... É muita coisa para listar. Comece com as facas de tanoeiro, e veremos o quanto avançamos até a noite.

Perrin se perdeu no trabalho, e por um tempo esqueceu-se de tudo que não fosse o calor do metal, o ruído do martelo e o cheiro da forja. Mas chegou um momento em que olhou para cima e notou que o ferreiro — que dissera se chamar Dermid Ajala — tirava o colete, o pátio já escuro. Toda a luz vinha da forja e de um par de lampiões. Zarine estava sentada em uma bigorna ao lado de uma das forjas frias, observando-o.

— Então você é mesmo um ferreiro, ferreiro — comentou.

— Ele é, sim, senhora — respondeu Ajala. — Aprendiz, pelo que diz, mas o trabalho que fez aqui hoje se equipara ao de um mestre de ferraria, pelo que pude ver. Movimentos certos e mais do que firmes.

Perrin ficou pouco à vontade diante dos elogios, e o ferreiro abriu um sorriso para ele. Zarine encarou os dois, sem compreender.

Perrin foi recolocar o colete e o avental nos pinos, mas, ao tirá-los do corpo, ficou subitamente consciente do olhar de Zarine em suas costas. Era como se ela o tocasse. Por um instante, o cheiro herbóreo que ela emanava pareceu arrebatador. Ele mais do que depressa passou a camisa pela cabeça, enfiou-a de modo desajeitado para dentro das calças e jogou o casaco no corpo. Ao se virar, viu que Zarine exibia um daqueles sorrisinhos sutis e misteriosos que sempre o deixavam nervoso.

— Então é isso que pretende fazer? — perguntou. — Chegou até aqui para virar ferreiro outra vez?

Ajala parou de puxar as portas do pátio para ouvir.

Perrin pegou o martelo pesado que usara, uma cabeça de dez libras e um cabo do tamanho de seu antebraço. Era bom senti-lo nas mãos. Parecia certo. O ferreiro o encarara nos olhos uma vez e nem mesmo piscara: era o trabalho que importava, a destreza de um homem com o metal, não a cor de seus olhos.

— Não — disse, com certa tristeza. — Um dia, espero. Mas ainda não. — Foi pendurar o martelo de volta na parede.

— Fique com ele. — Ajala pigarreou. — Não costumo distribuir meus martelos bons, mas... O trabalho que você fez hoje é de longe mais valioso do que esse martelo, e talvez ele o ajude quando chegar esse tal “um dia”. Camarada, se alguma vez conheci alguém feito para empunhar um martelo de ferreiro, esse alguém é você. Fique com ele. Pode ficar.

Perrin apertou as mãos no cabo. Parecia mesmo certo.

— Obrigado — respondeu. — Não tenho como expressar o quanto isso significa para mim.

— Só se lembre desse “um dia”, camarada. Só se lembre disso.

Quando os dois saíram, Zarine olhou para ele e disse:

— Você faz ideia de como os homens são esquisitos, ferreiro? Não. Não pensei que fizesse. — Ela disparou, deixando-o para trás enquanto segurava o machado com uma das mãos e coçava a cabeça com a outra.

Ninguém no salão deu muita atenção a ele, um homem de olhos dourados carregando um martelo de ferreiro. Perrin subiu para o quarto e, pela primeira vez, lembrou-se de acender uma vela de sebo. A aljava e o machado pendiam do mesmo pino na parede. Ele suspendeu o machado em uma das mãos e o martelo na outra. Pela experiência medindo metais, notou que o machado, com a lâmina em meia-lua e a ponta grossa, era umas boas cinco ou seis libras mais leve que o martelo, porém parecia dez vezes mais pesado. Ele recolocou a arma no ilhó aberto no cinto e pôs o martelo no chão, abaixo do pino, o cabo apoiado na parede. O cabo do machado e o

do martelo quase se tocavam, dois pedaços de madeira da mesma espessura. Dois pedaços de metal quase do mesmo peso. Por um longo tempo, Perrin ficou sentado no banquinho, observando os dois. Ele ainda os encarava quando Lan enfiou a cabeça no quarto.

— Venha, ferreiro. Precisamos conversar sobre algumas coisas.

— Eu *sou* um ferreiro — respondeu Perrin, e o Guardiã franziu a testa em resposta.

— Não me vá enlouquecer por conta do inverno, ferreiro. Se não for mais capaz de se manter de pé, pode acabar arrastando todos nós montanha abaixo.

— Vou me manter de pé — retrucou Perrin, quase rosnando. — Vou fazer o que tem de ser feito. O que é que você quer?

— Você, ferreiro. Não está escutando? Venha, fazendeiro.

O nome que Zarine usava com tanta frequência o fez se levantar, irritado, mas Lan já estava virando as costas. Perrin apressou-se até o corredor e seguiu o Guardiã para a frente da estalagem, com intenção de dizer ao homem que já estava cheio daquela história de “ferreiro” e “fazendeiro”, que seu nome era Perrin Aybara. O Guardiã entrou correndo no único salão de jantar privado da estalagem, que dava para a rua.

Perrin o seguiu.

— Escute aqui, *Guardiã*, eu...

— Escute você, Perrin — interrompeu Moiraine. — Cale a boca e escute. — O rosto dela estava tranquilo, mas os olhos pareciam tão sombrios quanto a voz.

Perrin não percebera que havia mais gente no salão além dele e do Guardiã, parado de pé com um dos braços apoiado na cornija da lareira apagada. Moiraine estava sentada à mesa que ficava bem no centro do salão, uma peça simples de carvalho preto. Nenhuma das outras cadeiras de espaldar alto e entalhado estava ocupada. Zarine estava emburrada, encostada na parede oposta a Lan, e Loial escolhera sentar-se no chão, já que não cabia em nenhuma das cadeiras.

— Que bom que decidiu se juntar a nós, fazendeiro — comentou Zarine, com sarcasmo. — Moiraine se recusou a dizer qualquer coisa até você chegar. Está olhando para nós como se estivesse decidindo quem é que vai morrer. Eu...

— Cale a boca — interrompeu Moiraine, ríspida. — Um dos Abandonados está em Tear. O Grão-lorde Samon é Be'lal.

Perrin estremeceu.

Loial fechou os olhos com força e gemeu:

— Eu podia ter ficado no *pouso*. É provável que estivesse muito feliz, casado com quem minha mãe tivesse escolhido. Ela é uma boa mulher, minha mãe, e não teria me entregado a uma má esposa. — Suas orelhas estavam totalmente afundadas nos cabelos desgrenhados.

— Pode voltar para o Pouso Shangtai — disse Moiraine. — Vá agora, se quiser. Não vou impedir.

Loial abriu um olho.

— Eu posso ir?

— Se quiser — respondeu a mulher.

— Ah. — Ele abriu o outro olho e coçou a bochecha com os dedos rombudos do tamanho de salsichas. — Eu acho... eu acho... Se tenho essa escolha... Acho que vou ficar com todos vocês. Já tomei muitas notas, mas nem de longe o suficiente para completar meu livro, e eu não gostaria de deixar Perrin, e Rand...

Moiraine o interrompeu com uma voz fria.

— Bem, Loial. Fico feliz por você ter decidido ficar. Será bom aproveitar seu conhecimento. Mas, até que isso esteja terminado, não tenho tempo para ouvir suas reclamações!

— Suponho — começou Zarine, a voz instável — que não haja chance de eu ir embora? — Ela olhou para Moiraine e estremeceu. — Pensei que não. Ferreiro, se eu sobreviver a isso, farei você pagar.

Perrin a encarou. *Eu! Essa besta pensa que isso é culpa minha? Fui eu quem a chamou para vir?* Ele abriu a boca, notou a expressão nos olhos de Moiraine e fechou-a de novo, mais do que depressa. Depois de um instante, perguntou:

— Ele está atrás de Rand? Para impedi-lo, matá-lo?

— Acho que não — respondeu a mulher, baixinho. Sua voz era como aço frio. — Temo que o que ele pretende é deixar Rand adentrar o Coração da Pedra e tocar *Callandor*, depois roubá-la dele. Temo que ele pretenda matar o Dragão Renascido com a mesma arma que servirá para anunciá-lo.

— Vamos fugir outra vez? — perguntou Zarine. — Como em Illian? Nunca pensei em fugir, mas nunca achei que encontraria Abandonados quando fiz meu juramento de Caçador.

— Desta vez — respondeu Moiraine —, não vamos fugir. Vamos nos atrever a não fugir. Os mundos e o tempo dependem de Rand, o Dragão Renascido. Desta vez, vamos lutar.

Perrin sentou-se, preocupado.

— Moiraine, você está falando sobre muitas coisas nas quais mandou que a gente nem mesmo pensasse. Você tem certeza que pôs *mesmo* selos

de proteção neste quarto contra escutas? — Quando a Aes Sedai negou com a cabeça, ele agarrou a ponta da mesa com tanta força que fez o carvalho escuro ranger.

— Não estou falando de um Myrddraal, Perrin. Ninguém conhece a força dos Abandonados. Só se sabe que Ishamael e Lanfear eram os mais fortes, porém até o mais fraco deles conseguiria sentir qualquer selo que eu erguesse a uma milha ou mais de distância. E conseguiria destroçar todos nós em questão de segundos. É provável que não conseguíssemos dar nem um passo.

— O que está dizendo é que ele a faz andar na ponta dos pés, de tanta preocupação — murmurou Perrin. — Luz! O que vamos fazer? Como é que podemos fazer alguma coisa?

— Nem mesmo os Abandonados podem enfrentar o fogo devastador — respondeu a mulher. Perrin se perguntou se aquilo era o que ela tinha usado nos Cães das Trevas. Aquela visão ainda o deixava transtornado, e também o que ela falara depois de matar aquelas criaturas. — Aprendi algumas coisas no último ano, Perrin. Estou... mais perigosa do que quando cheguei a Campo de Emond. Se conseguir me aproximar o bastante de Be'lal, posso destruí-lo. Mas, se ele me encontrar primeiro, pode destruir todos nós muito antes que eu tenha qualquer chance. — Ela voltou a atenção a Loial. — O que pode me dizer de Be'lal?

Perrin piscou os olhos, confuso. *Loial?*

— Por que está perguntando a ele? — vociferou Zarine, irritada. — Primeiro diz ao ferreiro que quer que a gente lute contra um dos Abandonados, alguém que pode nos matar antes mesmo que a gente consiga perceber! E agora pergunta a Loial sobre ele?

— Faile! Faile! — murmurou Loial, com certa urgência. Era o nome que ela escolhera, mas a mulher continuou falando.

— Achei que as Aes Sedai soubessem de tudo. Luz, pelo menos eu sou inteligente o bastante para não dizer que vou lutar com alguém antes de saber tudo o que for preciso a respeito da pessoa! Você... — A voz dela foi morrendo sob o olhar de Moiraine, até que se tornou um murmúrio.

— Os Ogier — respondeu a Aes Sedai, fria — têm uma longa memória, garota. Já passaram bem mais de cem gerações humanas desde a Ruptura, mas menos de trinta gerações de Ogier. Ainda aprendemos coisas que não sabíamos com as histórias deles. Agora me conte, Loial. O que sabe sobre Be'lal? E seja breve, pelo menos desta vez. Quero sua boa memória, não sua boa conversa fiada.

Loial pigarreou, um som muito similar ao de lenha rolando por uma canaleta.

— Be'lal. — As orelhas do Ogier despontaram pelos cabelos, trêmulas como duas asas de beija-flor, depois desabaram outra vez, de repente. — Não sei o que pode haver nas histórias sobre ele que você já não saiba. Ele não é muito mencionado, a não ser quando falam da destruição do Salão dos Serviçais, pouco antes de Lews Therin Fratricida e os Cem Companheiros o selarem na prisão com o Tenebroso. Jalanda, filho de Aried, filho de Coiam, escreveu que ele era chamado de Invejoso, que abandonou a Luz porque invejava Lews Therin, mas que também invejava Ishamael e Lanfear. Em *Um Estudo da Guerra da Sombra*, Moilin, filha de Hamada, filha de Juendan, se referiu a Be'lal como o Tecedor de Redes, mas não sei por quê. Ela mencionou que ele saíra vencedor de um jogo de pedras contra Lews Therin, e que sempre se gabava disso. — Ele olhou Moiraine e continuou, a voz rimbombando: — Estou tentando ser breve. Não tenho conhecimento de qualquer coisa importante a respeito dele. Muitos autores dizem que Be'lal e Sammael lideraram a luta contra o Tenebroso antes de abandonarem a Luz, e que ambos eram mestres na espada. De verdade, é tudo o que sei. Talvez ele tenha sido mencionado em outros livros, em outras histórias, mas não os li. Não se fala de Be'lal com muita frequência. Me desculpe por não poder dizer nada útil.

— Talvez você tenha dito algo útil — respondeu Moiraine. — Eu não sabia desse nome, Tecedor de Redes. E nem que ele invejava o Dragão, assim como os companheiros da Sombra. Isso reforça minha crença de que ele deseja *Callandor*. Deve ter sido por essa razão que decidiu se tornar um Grão-lorde de Tear. E Tecedor de Redes... É o nome de um maquinador, alguém que planeja com argúcia e paciência. Você se saiu muito bem, Loial. — Por um instante, a boca do Ogier se curvou em um sorriso de satisfação, mas o sorriso logo se desfez.

— Não vou fingir que não estou com medo — anunciou Zarine, de repente. — Só um tolo não teria medo dos Abandonados. Mas jurei que seria um de vocês, e serei. Só queria dizer isso.

Perrin sacudiu a cabeça. *Ela só pode estar louca. Eu poderia querer não fazer parte deste grupo. Poderia querer estar de volta em casa, trabalhando na forja de Mestre Luhhan.* Em voz alta, disse:

— Se ele estiver dentro da Pedra, se estiver esperando Rand, teremos que entrar lá para alcançá-lo. Como é que vamos fazer isso? Todo mundo vive dizendo que ninguém entra na Pedra sem a permissão dos Grão-lordes, e, olhando daqui, não vejo outra entrada que não pelos portões.

— Você não vai entrar — respondeu Lan. — Moiraine e eu seremos os únicos a entrar. Quanto mais gente for, mais difícil será. Qualquer que seja a forma que eu encontrar para entrar, imagino que não vá ser fácil, mesmo que só para dois.

— Gaidin... — começou Moiraine, com a voz firme, mas o Guardião a interrompeu no mesmo tom.

— Nós vamos juntos, Moiraine. Não vou ficar para trás desta vez. — Depois de um instante, ela assentiu. Perrin pensou ter visto Lan relaxar. — O restante de vocês, é melhor ir dormir — prosseguiu o Guardião. — Preciso sair para analisar a Pedra. — Ele fez uma pausa. — Tem uma coisa que a sua notícia afastou da minha cabeça, Moiraine. É uma coisa pequena, e não entendo o que significa. Há alguns Aiel em Tear.

— Aiel! — exclamou Loial. — Impossível! A cidade inteira estaria em pânico se um Aiel passasse por esses portões.

— Eu não disse que eles estavam andando pelas ruas, Ogier. Os telhados e as chaminés da cidade são esconderijos tão bons quanto o Deserto. Não vi menos de três, mas parece que ninguém mais em Tear os viu. E, se eu vi três, podem ter certeza de que há vários outros que não consegui ver.

— Para mim, isso não quer dizer nada — respondeu Moiraine, devagar. — Perrin, por que está com essa cara franzida?

Ele não havia notado a própria expressão.

— Estava pensando naquele Aiel em Remen. Ele disse que, quando a Pedra cair, os Aiel deixarão a Terra da Trindade. É o Deserto, não é? Ele disse que era uma profecia.

— Eu li cada palavra das Profecias do Dragão — respondeu Moiraine, em voz baixa —, em todas as traduções, e não há nenhuma menção aos Aiel. Ficamos tateando às cegas enquanto Be'lal trama suas redes e a Roda tece o Padrão à nossa volta. Mas será que os Aiel são parte da tessitura da Roda, ou de Be'lal? Lan, você precisa encontrar logo um modo de eu entrar na Pedra. De Nós. De nós entrarmos na Pedra.

— Como ordenar, Aes Sedai — respondeu o homem, mas seu tom era mais afetuoso do que formal. Ele desapareceu pela porta. Moiraine encarou a mesa com a testa franzida, os olhos perdidos em pensamentos.

Zarine se aproximou e olhou para Perrin com a cabeça inclinada.

— O que você vai fazer, ferreiro? Parece que querem que a gente fique aqui esperando e observando enquanto partem para a aventura. Não que eu esteja reclamando.

Ele duvidou da última frase.

— Primeiro — respondeu — vou comer alguma coisa. E depois vou pensar a respeito de um martelo. — *E tentar descobrir o que sinto por você. Falcão.*



CAPÍTULO 51



Uma Isca para a Rede

Pelo canto do olho, Nynaeve pensou ter vislumbrado um homem alto, de cabelos ruivos e com um manto marrom esvoaçante bem no fim da rua iluminada pelo sol. Porém, quando ela se virou para espiar por baixo da aba do chapéu de palha azul que ganhara de Ailhuin, um carro de bois já se arrastava entre eles. Quando o veículo deu uma guinada para a frente, o homem já havia desaparecido. Ela tinha quase certeza de que ele carregava um estojo de flauta nas costas, e suas roupas sem dúvida não eram tairenas. *Não pode ser Rand. Só porque tenho sonhado com ele, não quer dizer que o rapaz tenha percorrido todo esse caminho desde a Planície de Almoth.*

Um dos homens descalços passou apressado, levando nas costas uma cesta com uma dúzia de peixes grandes cujos rabos tinham forma de foice. Ele de repente tropeçou, e os peixes de escamas prateadas voaram por cima de sua cabeça. O homem aterrissou com as mãos e os joelhos na lama e encarou os peixes, que tinham saído da cesta. Cada uma das silhuetas compridas e brilhosas estava de pé, as cabeças enfiadas na lama, formando um círculo perfeito. Até mesmo as poucas pessoas que passavam ficaram boquiabertas. O homem se levantou devagar, parecendo alheio à lama que o encobria. Pegou a cesta e começou a recolher os peixes, sacudindo a cabeça e resmungando sozinho.

Nynaeve apenas piscou, surpresa, mas tinha assuntos com o vigarista com cara de tacho que a encarava diante da porta de seu estabelecimento, alguns cortes sangrentos de carne pendendo de ganchos atrás dele. Ela deu um puxão na trança e cravou o olhar no sujeito.

— Muito bem — disse, ríspida —, eu levo, mas se isso é o que você cobra por um corte tão ruim, nunca mais volto aqui.

O homem deu de ombros sem se alterar enquanto recolhia as moedas que ela entregou, depois enrolou a gordurosa carne de carneiro para assado em um tecido que a mulher tirou da cesta que levava nos braços. Ela olhou feio para o sujeito enquanto acomodava a carne enrolada dentro da cesta, mas aquilo não o afetou.

Nynaeve deu um giro para sair andando a passos firmes... e quase tropeçou. Ainda não estava acostumada com aqueles tamancos. Eles sempre grudavam na lama, e ela não entendia como o povo conseguia usá-los. Esperava que o sol secasse o solo de uma vez, mas tinha a sensação de que a lama era mais ou menos permanente, ali no Maule.

Retornou à casa de Ailhuin pisando com cautela e resmungando entre dentes. Os preços estavam ridículos, e a qualidade, inevitavelmente mais baixa, mas quase ninguém parecia se importar, nem as pessoas que compravam, nem as que vendiam. Foi um alívio passar por uma mulher que gritava com um lojista, sacudindo uma fruta vermelha amarelada e toda machucada em cada uma das mãos. Nynaeve não sabia que fruta era: naquele lugar havia muitos tipos de frutas e legumes de que ela nunca ouvira falar. A mulher mostrava a todos o lixo que o homem vendia, mas o vendedor apenas a encarava, abatido, sem sequer se dar ao trabalho de discutir.

Havia uma justificativa para os preços, ela sabia. Elayne explicara que os ratos haviam devorado todos os grãos dos celeiros, já que ninguém em Cairhien podia comprá-los, e também falara sobre a importância que o comércio de grãos cairhieno ganhara desde a Guerra dos Aiel. Mas nada justificava a forma como aquela gente parecia prestes a se deitar e morrer. Em sua vida, já vira o granizo arruinar as colheitas em Dois Rios, os gafanhotos devorarem as plantações, a língua-negra assolar as ovelhas e a mancha-vermelha fazer o tabaco definhando de modo que nada restara para vender aos mercadores que vinham de Baerlon. Podia se lembrar de quando, por dois anos seguidos, não havia qualquer coisa para comer além de sopa de nabo e cevada velha, quando os caçadores tinham sorte quando traziam um coelho magro, mas o povo de Dois Rios sempre se reerguia quando desabava, e todos voltavam ao trabalho. Aquela gente tinha vivido apenas um ano ruim, e a pesca e os outros negócios pareciam florescer. Ela não tinha paciência com eles. O problema era que ela sabia que precisava ter um pouco de paciência. Era uma gente estranha, com modos estranhos, e todos pareciam encarar com normalidade algumas coisas que ela

interpretava como bajulação, até mesmo Ailhuin e Sandar. Sabia que só precisava ter um pouco de paciência.

Se tento ter paciência com eles, por que não faço o mesmo com Egwene? Ela deixou aquilo de lado. A criança só lhe dava dor de cabeça, retrucava diante das sugestões mais óbvias e fazia objeção às mais sensatas. Mesmo quando estava claro o que elas deveriam fazer, Egwene queria ser convencida. Nynaeve não estava acostumada a ter que convencer as pessoas, ainda mais alguém cujas fraldas havia trocado. O fato de ser apenas sete anos mais velha que Egwene não vinha ao caso.

São todos aqueles pesadelos, disse a si mesma. *Não consigo entender o que significam, e agora Elayne e eu também os temos, e ainda não sei o que significam. Além disso, Sandar não fala nada, a não ser que ainda está procurando, e eu estou tão frustrada que... poderia cuspir!* Ela puxou a trança com tanta força que doeu. Pelo menos fora capaz de convencer Egwene a não usar mais o *ter'angreal*, a guardá-lo de volta na bolsa em vez de levá-lo o tempo todo colado à pele. Se a Ajah Negra estava em *Tel'aran'rhiod*... Não, ela não queria pensar nessa possibilidade. *Nós vamos encontrá-las!*

— Eu vou acabar com elas — murmurou. — Tentando me vender feito uma ovelha! Me caçando feito um animal! Eu serei a caçadora desta vez, não o coelho! Aquela Moiraine! Se ela não tivesse aparecido em Campo de Emond, eu teria ensinado o suficiente a Egwene. E quanto a Rand... eu poderia... poderia ter feito alguma coisa. — Saber que nada daquilo era verdade não ajudava, só piorava as coisas. Ela odiava Moiraine quase tanto quanto odiava Liandrin e a Ajah Negra, talvez na mesma intensidade do ódio que sentia pelos Seanchan.

Ela virou uma curva, e Juilin Sandar precisou dar um salto para sair do caminho e não ser pisoteado. Mesmo bastante acostumado a usá-los, quase tropeçou nos próprios tamancos, e foi só o cajado que o salvou de cair de cara na lama. Aquela madeira clara e cheia de juntas era chamada de bambu, ela aprendera, e era mais resistente do que parecia.

— Senhora... hã... Senhora Maryim — disse Sandar, recuperando o equilíbrio. — Eu estava... procurando a senhora. — Ele abriu um sorriso nervoso. — Está irritada? Por que está me olhando desse jeito?

Ela suavizou a expressão.

— Não estava franzindo a testa para o senhor, Mestre Sandar. O açougueiro... Não importa. Por que está me procurando? — Ela prendeu a respiração. — Por acaso as encontrou?

Ele olhou em volta, como se suspeitasse que as pessoas que passavam estivessem tentando ouvir a conversa.

— Sim. Sim, a senhora precisa vir comigo. As outras estão esperando. As outras. E Mãe Guenna.

— Por que está tão nervoso? Não deixou que elas o notassem, deixou? — perguntou ela, ríspida. — Por que está tão assustado?

— Não! Não, senhora. Eu... eu não me revelei. — Os olhos do homem passearam outra vez pela rua, e ele deu um passo à frente, baixando a voz a um sussurro baixo e premente. — Essas mulheres que a senhora procura, elas estão na Pedra! São convidadas de um Grão-lorde! O Grão-lorde Samon! Por que as chamou de ladras? O Grão-lorde Samon! — O homem quase guinchava. Estava com o rosto coberto de suor.

Dentro da Pedra! Com um Grão-lorde! Luz, como vamos chegar até elas agora? Com esforço, ela sufocou a própria impaciência.

— Fique calmo — pediu, tranquilizando o homem. — Mantenha a calma, Mestre Sandar. Podemos dar uma explicação satisfatória. — *Espero que possamos. Luz, se ele disparar até a Pedra para contar a esse Grão-lorde que estamos atrás delas...* — Venha comigo até a casa da Mãe Guenna. Joslyn, Caryl e eu explicaremos tudo. De verdade. Venha.

Ele deu um aceno de cabeça curto e apreensivo, diminuindo o passo para acompanhá-la enquanto ela lutava com os tamancos. Tinha a expressão de quem queria sair correndo.

Ao chegar na casa da Sábia, correu para os fundos. Ninguém nunca usava a porta da frente, não que ela já tivesse visto, nem mesmo a própria Mãe Guenna. Os cavalos estavam presos a um corrimão de bambu, bem longe das figueiras novas e dos vegetais de Ailhuin, e as selas e rédeas estavam guardadas dentro da casa. Pela primeira vez, não parou para fazer um carinho no nariz de Gaidin e dizer a ele que era um bom garoto e mais sensato que o xará. Sandar parou para raspar a lama dos tamancos com a ponta do cajado, mas ela correu para dentro.

Ailhuin Guenna estava sentada em uma das cadeiras de encosto alto que fora puxada para o aposento, os braços caídos dos lados do corpo. Os olhos da mulher grisalha estavam saltados de raiva e medo, e ela parecia tentar fazer esforço para se mexer, mas não movia um músculo. Nynaeve não precisou sentir a trama sutil de Ar para entender o que havia acontecido. *Luz, elas nos encontraram! Que o queime, Sandar!*

A ira a inundou, derrubou as paredes internas que costumavam mantê-la afastada do Poder, e, quando a cesta caiu de suas mãos, ela era um botão de flor branco em um arbusto de abrunheiro, abrindo-se para abraçar

saidar, abrindo-se... Foi como se ela batesse em outra parede, uma parede de vidro transparente. Podia sentir a Fonte Verdadeira, mas a parede obstruía tudo, a não ser o anseio de ser preenchida com o Poder Único.

A cesta caiu no chão, e, enquanto quicava, a porta atrás dela se abriu e Liandrin entrou, seguida por uma mulher de cabelos negros com uma mecha branca acima da orelha esquerda. As duas usavam vestidos de seda longos e coloridos com os ombros à mostra, e o brilho de *saidar* as envolvia.

Liandrin alisou o vestido vermelho e sorriu com os lábios de botão de rosa. O rosto de boneca revelava todo o seu divertimento.

— Sabe, bravia — começou —, você não tem...

Nynaeve a acertou na boca o mais forte que pôde. *Luz, preciso sair daqui.* Ela golpeou Rianna com o dorso da mão com tanta força que a mulher de cabelos negros caiu sentada no chão, grunhindo. *Elas devem estar com as outras, mas, se eu conseguir chegar até a porta, se conseguir chegar num ponto onde não possam me prender, poderei fazer alguma coisa.* Ela empurrou Liandrin com força, atirando-a para longe da porta. *Só preciso escapar desse bloqueio, e eu...*

Golpes a atingiram por todos os lados, como se estivesse sendo socada por diversos punhos e bastões. Nem Liandrin, com o sangue escorrendo da boca agora apertada, nem Rianna, com os cabelos tão desgrenhados quanto seu vestido verde, ergueram a mão. Nynaeve podia sentir os fluxos de Ar se entrelaçando ao seu redor tão bem quanto os golpes. Ainda lutava para chegar até a porta, mas percebeu que estava de joelhos. Os golpes que não podiam ser vistos não cessavam, varas e punhos invisíveis golpeavam as costas e o estômago, a cabeça e os quadris, os ombros, os seios, as pernas, a cabeça. Gemendo, caiu de lado no chão e se curvou em posição fetal, tentando se proteger. *Ah, Luz, eu tentei. Egwene! Elayne! Eu tentei! Não vou chorar! Que as queime, vocês podem me espancar até me matar, mas não vou chorar!*

Os golpes cessaram, mas Nynaeve não conseguia parar de tremer. Seu corpo doía da cabeça aos pés.

Liandrin agachou-se ao seu lado, os braços em volta dos joelhos, seda roçando contra seda. Já limpava o sangue da boca. Seus olhos escuros eram severos, e seu rosto já não revelava divertimento algum.

— Talvez você seja muito burra para perceber quando a derrota chegou, bravia. Lutou com quase tanta fúria quanto aquela outra tola, aquela Egwene. Ela quase enlouqueceu. Vocês precisam aprender a ser submissas. Vocês vão aprender a ser submissas.

Nynaeve estremeceu e buscou *saidar* outra vez. Não tinha nenhuma esperança real, mas precisava fazer algo. Forçando caminho pela dor, ela buscou... e atingiu aquele escudo invisível. Liandrin recuperara o divertimento em seu olhar, a alegria soturna de uma criança terrível que gosta de arrancar as asinhas das moscas.

— Não temos mais utilidade para essa aqui, pelo menos — comentou Rianna, ao lado de Ailhuin. — Vou parar o coração dela. — Os olhos da Sábua quase saltaram das órbitas.

— Não! — As tranças de Liandrin, curtas e cor de mel, balançaram quando ela virou a cabeça de repente. — Sempre você mata rápido demais, e só o Grande Senhor pode fazer uso dos mortos. — Ela sorriu para a mulher atada à cadeira por correntes invisíveis. — Você viu os soldados que vieram conosco, velha. Sabe quem nos aguarda na Pedra. O Grão-lorde Samon não vai gostar nada se você falar sobre o que aconteceu aqui dentro da sua casa hoje. Se segurar a língua, poderá viver, talvez para servir a ele outra vez, um dia. Se abrir a boca, servirá apenas ao Grande Senhor das Trevas, do além-túmulo. Qual é a sua escolha?

De repente, Ailhuin conseguiu mover a cabeça. Ela balançou os cachos grisalhos e mexeu a boca.

— Eu... eu vou segurar a língua — soltou a mulher, com desânimo, depois lançou a Nynaeve um olhar constrangido, envergonhado. — Se eu falar, de que vai adiantar? Um Grão-lorde pode arrancar minha cabeça só mexendo a sobrelanceira. De que eu posso lhe servir, garota? De quê?

— Está tudo bem — respondeu Nynaeve em um tom cansado. *A quem ela poderia contar? Só lhe restaria a morte.* — Sei que a senhora ajudaria, se pudesse.

Rianna jogou a cabeça para trás e gargalhou. Ailhuin desabou em seu lugar, totalmente livre, mas permaneceu sentada olhando as próprias mãos sobre o colo.

Liandrin e Rianna juntas puxaram Nynaeve de pé e a empurraram em direção à frente da casa.

— Se nos causar algum problema — explicou a mulher de cabelos negros, com a voz severa —, vou fazer você arrancar o próprio couro e dançar só com o esqueleto.

Nynaeve quase soltou uma risada. *Que espécie de encrenca eu poderia causar?* Estava blindada da Fonte Verdadeira. Os machucados doíam tanto que ela mal conseguia ficar de pé. Qualquer coisa que pudesse fazer, as outras duas combateriam como se fosse um acesso de raiva infantil. *Mas*

esses machucados vão cicatrizar, que as queime, e vocês ainda vão cometer um desliz! E quando isso acontecer...

Havia mais gente no cômodo da frente da casa. Dois soldados grandalhões em elmos redondos com abas e placas peitorais que brilhavam sobre os casacos vermelhos de mangas bufantes. Os dois homens estavam com os rostos suados, e os olhos escuros observavam o entorno como se os sujeitos estivessem tão assustados quanto ela. Amico Nagoyin estava lá, esguia e bela, o pescoço longo e a pele pálida, inocente como uma criança colhendo flores. Joiya Byir tinha uma expressão amável, apesar daquela placidez suave comum às mulheres que usavam o Poder por tanto tempo. Era quase o semblante acolhedor de uma avó, embora a idade não tivesse dado qualquer toque cinza aos cabelos negros ou enrugado sua pele. Os olhos cinzentos pareciam mais os das madrastas das histórias, a mulher que matava os filhos da primeira esposa de seu marido. As duas brilhavam com o Poder.

Elayne estava entre as duas irmãs Negras e exibia um olho roxo, uma bochecha inchada, o lábio ferido e uma das mangas do vestido rasgada.

— Sinto muito, Nynaeve — disse, com a voz rouca, como se sentisse dor na mandíbula. — Só as vi quando já era tarde demais.

Egwene estava caída no chão com o rosto coberto de hematomas, quase irreconhecível. Quando Nynaeve e suas acompanhantes entraram, um dos soldados corpulentos ergueu Egwene para seu ombro. Ela permaneceu ali, bamboleando, débil como um saco de cevada meio vazio.

— O que foi que vocês fizeram com ela? — inquiriu Nynaeve. — Que as queime, o que foi...! — Algo invisível a atingiu na boca com tanta força que ela ficou com a visão turva por um instante.

— Ora, ora — avisou Joiya Byir, com um sorriso que os olhos desmentiam. — Não vou tolerar perguntas e nem xingamentos. — Ela também soava como uma avó. — Fale quando alguém se dirigir a você.

— Eu contei a você que ela, a garota, não parava de lutar, sim? — comentou Liandrin. — Que lhe sirva de lição. Se tentar causar qualquer problema, o mesmo tratamento lhe virá.

Nynaeve ansiava em fazer algo por Egwene, mas deixou-se ser empurrada para fora, até a rua. Ela forçou as mulheres a empurrá-la. Recusar-se a cooperar era uma pequena forma de luta, mas era tudo de que dispunha no momento.

Havia poucas pessoas na rua enlameada, como se todos tivessem decidido que seria melhor fazer qualquer outra coisa, e os poucos transeuntes passavam apressados pelo outro lado, sem sequer olhar a

carruagem preta laqueada que estava parada atrás de um grupo de seis cavalos brancos, todos iguais, com grandes plumas brancas nas rédeas. Um cocheiro, vestido como os soldados, mas sem armadura ou espada, estava sentado no assento, e outro abriu a porta quando as mulheres saíram da casa. Antes de ele a abrir, Nynaeve pôde ver o símbolo pintado. Um punho com manoplas de prata agarrando raios dentados.

Ela supôs que fosse o símbolo do Grão-lorde Samon. *Deve ser Amigo das Trevas, se tem assuntos a tratar com a Ajah Negra. Que a Luz o queime!* Mas estava mais interessada no homem que se jogou de joelhos ao ver as mulheres.

— Que o queime, Sandar, por quê...? — Ela deu um salto quando algo que parecia um pedaço de pau a atingiu entre os ombros.

Joiya Byir abriu um sorriso infantil e balançou um dedo.

— Você vai mostrar respeito, criança. Ou pode perder essa língua.

Liandrin riu. Segurou os cabelos negros de Sandar e puxou a cabeça dele para trás com um tranco. O homem a encarou com os olhos de um sabujo fiel, ou de um vira-lata à espera de um chute.

— Não seja tão dura com esse homem. — Ela fez a palavra “homem” soar como “cachorro”. — Ele teve que ser... persuadido... a servir. Mas sou muito boa em persuadir, não sou? — Solto outra risada.

Sandar lançou um olhar confuso a Nynaeve.

— Eu tinha que fazer isso, Senhora Maryim. Eu... tinha. — Liandrin torceu os cabelos do homem, que voltou os olhos para ela. Era outra vez aquele olhar de cão ansioso.

Luz!, pensou Nynaeve. *O que foi que elas fizeram com ele? O que será que vão fazer com a gente?*

Ela e Elayne foram jogadas de qualquer jeito dentro da carruagem, Egwene afundada no meio, a cabeça caída. Liandrin e Rianna subiram e se sentaram de frente para elas. O brilho tênue de *saidar* ainda as envolvia. Para onde haviam ido as outras, Nynaeve não tinha muita vontade de descobrir naquele momento. Queria alcançar Egwene, tocá-la, confortar sua dor, mas não era capaz de mover nem um músculo abaixo do pescoço, a não ser para se contorcer. Fluxos de Ar ataram as três como camadas de cobertores bem enrolados. A carruagem deu uma guinada e pôs-se em movimento, balançando forte na lama, apesar das molas de couro.

— Se vocês a tiverem machucado... — *Luz, posso ver que a machucaram. Por que não digo o que quero?* Mas era quase tão difícil forçar as palavras a saírem quanto erguer uma das mãos. — Se vocês a tiverem matado, não vou descansar até que todas sejam caçadas e mortas como cães selvagens.

Rianna cravou os olhos nela, mas Liandrin apenas fungou.

— Não seja uma idiota, bravia. Queremos vocês vivas. Isca morta não pega nada.

Isca? Para quê? Para quem?

— Você é a tola, Liandrin! Acha que estamos aqui sozinhas? Só nós três, que ainda nem somos Aes Sedai completas? Somos mesmo a isca, Liandrin. E vocês caíram na armadilha que nem galinhas gordas.

— Não conte isso a ela! — cortou Elayne, ríspida, e Nynaeve piscou, surpresa, antes de perceber que a jovem estava ajudando na invenção. — Se deixar a raiva dominar você, vai acabar dizendo o que elas não podem ouvir. Elas têm que nos levar para a Pedra. Elas têm que...

— Cale a boca! — interrompeu Nynaeve, bruscamente. — Está deixando a *sua* língua dominar você!

Elayne conseguiu demonstrar vergonha mesmo com o rosto machucado. *Deixe elas ruminarem isso*, pensou Nynaeve.

Mas Liandrin apenas sorriu.

— Quando sua função como isca terminar, vão nos contar tudo. Vão querer contar. Dizem que vocês um dia vão ser muito fortes, mas eu vou garantir que sempre me obedeçam, antes mesmo que o Grande Mestre Be'lal ponha em prática os planos que tem para vocês. Ele mandou chamar os Myrddraal. Treze. — Os lábios de botão de rosa se abriram em um sorriso ao proferir as últimas palavras.

Nynaeve sentiu um embrulho no estômago. Um dos Abandonados! Seu cérebro ficou paralisado de choque. *O Tenebroso e todos os Abandonados estão presos em Shayol Ghul, foram presos pelo Criador no momento da criação*. Mas a catequese não ajudou: ela sabia muito bem que aquilo era mentira. Então, deu-se conta de todo o resto. Treze Myrddraal. E treze irmãs da Ajah Negra. Ela ouviu Elayne gritar antes de perceber que também estava gritando, debatendo-se inutilmente contra as correntes de Ar invisíveis. Era impossível dizer o que era mais alto: seus gritos desesperados ou as gargalhadas de Liandrin e Rianna.



CAPÍTULO 52



Em Busca de um Remédio

Largado no banquinho do quarto do menestrel, Mat fez uma careta ao ouvir Thom tossir outra vez. *Como é que vamos continuar essa droga dessa busca se ele está tão doente que não consegue nem andar?* Na mesma hora, sentiu vergonha do pensamento. Thom vinha participando tão ativamente na busca quanto ele próprio, esforçando-se dia e noite, mesmo sabendo que estava ficando doente. Mat andara tão absorto na busca que prestara pouca atenção à tosse de Thom. A alternância entre a chuva constante e o calor úmido não ajudava.

— Vamos, Thom — disse. — Lopor falou que tem uma Sábia aqui perto. É assim que eles chamam as Sabedorias por aqui, Sábias. Nynaeve adoraria isso, né?

— Eu não preciso... de nenhuma mistura... nojenta... enfiada pela minha goela, garoto. — Thom apertou o punho fechado por entre o bigode, em uma vã tentativa de conter a tosse seca. — Pode ir na frente. Só me dê... algumas horas... aqui na cama... E aí eu vou me juntar a você na busca. — O chiado devastador o fez se curvar até quase tocar a cabeça nos joelhos.

— Então quer dizer que você quer que eu faça todo o trabalho enquanto fica aqui descansando? — perguntou Mat, em tom de brincadeira. — Como é que eu posso encontrar alguma coisa sozinho? É você que descobre a maioria das informações que ouvimos. — Aquilo não era bem verdade: os homens falavam tão abertamente durante um jogo de dados quanto ao pagar uma caneca de vinho para um menestrel. E ainda mais com um menestrel que tossia tanto que poderia estar com uma doença contagiosa.

Mas estava começando a achar que a tosse de Thom não cessaria sozinha. *Se esse bode velho morrer e me largar sozinho, com quem é que vou jogar pedras?*, ele se perguntou quase irritado. — Seja como for, essa sua maldita tosse não me deixa dormir. Nem mesmo no quarto ao lado.

Ignorando os protestos do homem de cabelos brancos, Mat puxou Thom para levantá-lo. Ficou chocado ao perceber o quanto do peso do menestrel teve que amparar. Apesar do calor abafado, Thom insistia em usar o manto coberto de retalhos. Mat usava o casaco aberto, e todos os três laços da camisa desamarrados, mas deixou o bode velho fazer como preferisse. Ninguém no salão prestou atenção quando ele saiu quase carregando Thom pelo mormaço da tarde.

O estalajadeiro dera indicações simples, mas, quando os dois chegaram ao portão e encararam a lama do Maule, Mat quase deu meia-volta para pedir a indicação de outra Sábua. Devia haver mais de uma, em uma cidade daquele tamanho. O chiado de Thom o fez decidir. Com uma careta, Mat deu um passo pra dentro do caminho enlameado, carregando o menestrel.

Ele tinha imaginado, pelas indicações, que os dois deviam ter passado pela casa da Sábua na saída das docas, naquela primeira noite. Quando viu a casa comprida e estreita, bem ao lado da loja de um oleiro, com montes de ervas para fora da janela, se lembrou que tinha sim passado por lá. Lopor mencionara alguma coisa sobre entrar pela porta dos fundos, mas ele já estava farto daquela lama.

E do cheiro de peixe, pensou, franzindo a cara para os homens descalços que patinhavam com as cestas nas costas. Também havia pegadas de cavalos na rua, marcas que começavam a ser apagadas por pés humanos e carros de boi. Havia sido alguns cavalos puxando uma carroça ou quem sabe uma carruagem. Ali em Tear, vira apenas bois puxando carroças e carros, pois os nobres e mercadores tinham muito orgulho de seus belos cavalos, então nunca deixavam o animal fazer qualquer tipo de trabalho. Mas também não tinha visto qualquer carruagem desde que deixara a cidade murada.

Afastando os cavalos e as marcas de rodas da mente, ele conduziu Thom até a porta da frente e deu uma batida. Depois de um tempo, bateu de novo. E de novo.

Estava prestes a desistir e voltar à Lua Crescente, apesar da tosse de Thom, apoiado em seus ombros, quando ouviu o som de passos dentro da casa.

A porta não abriu mais do que uma nesga, e uma mulher corpulenta, com cabelos grisalhos, espiou o lado de fora.

— O que é que você quer? — perguntou ela, a voz cansada.

Mat abriu seu melhor sorriso. *Luz, estou ficando cheio dessa gente maldita que age como se não houvesse mais esperança.*

— Mãe Guenna? Meu nome é Mat Cauthon. Cavan Lopar disse que a senhora talvez pudesse fazer algo pela tosse do meu amigo. Posso pagar muito bem.

Ela os analisou por um momento, parecendo escutar o chiado de Thom, depois soltou um suspiro.

— Acho que pelo menos isso eu ainda posso fazer. É melhor vocês irem entrando. — Ela abriu a porta e começou a se arrastar para os fundos da casa antes mesmo que os dois se movessem.

A mulher tinha um sotaque tão parecido com o da Amyrlin, que Mat estremeceu, mas a acompanhou, quase carregando Thom.

— Eu não... preciso disso — sibilou o menestrel. — Essas malditas misturas... sempre têm gosto... de estrume!

— Cale a boca, Thom.

A mulher robusta conduziu os dois até a cozinha, revirou um dos armários e pegou pequenos potes e pacotinhos de ervas, resmungando em voz baixa.

Mat ajudou Thom a sentar em uma das cadeiras de encosto alto e olhou pela janela mais próxima. Havia três bons cavalos amarrados ali nos fundos. Ficou surpreso por a Sábua ter mais de um animal, ou, aliás, ter sequer um. Não vira qualquer outra pessoa além de nobres e abastados a cavalo em Tear, e aqueles três animais pareciam ter custado mais que um punhado de prata. *Cavalos mais uma vez. Pouco me interessam esses malditos cavalos!*

Mãe Guenna preparou uma espécie de chá forte com cheiro rançoso e forçou goela abaixo de Thom, segurando o nariz do menestrel quando ele tentou protestar. Mat concluiu que a mulher tinha menos gordura no corpo do que ele pensara, ao reparar em como ela conseguia segurar a cabeça do menestrel com firmeza usando apenas a dobra de um dos braços enquanto despejava o líquido preto na boca do homem. Não fraquejava, não importava o quanto ele tentasse impedi-la.

Quando ela afastou a caneca, Thom conseguiu tossir e esfregar a boca com o mesmo vigor.

— Gaaah! Mulher... eu não sei... se você... quer me afogar... ou me matar... com esse gosto! Você devia... ser uma maldita... ferreira!

— Vai tomar isso duas vezes por dia, até essa tosse ir embora — anunciou a mulher, com firmeza. — E vou lhe entregar um bálsamo para

esfregar no peito todas as noites. — Um pouco daquele cansaço sumiu enquanto ela confrontava o menestrel, as mãos apoiadas nos largos quadris. — O bálsamo é tão fedido quanto esse chá é amargo, mas você vai esfregar, e no capricho! Se não fizer isso, eu arrasto você lá para cima que nem uma carpa magrela numa rede e amarro você à cama com esse seu manto! Nunca recebi um menestrel, e não vou deixar o primeiro que me aparece se matar de tanto tossir.

Thom encarou a mulher, furioso, e soprou o bigode com um tossido, mas pareceu levar a ameaça a sério. Pelo menos, não respondeu, apesar de parecer prestes a atirar o chá e o bálsamo na cara dela.

Quanto mais a tal Mãe Guenna falava, mais soava como a Amyrlin, aos ouvidos de Mat. Pela expressão amarga nos olhos de Thom e pela mirada firme da mulher, achou que era melhor acalmar um pouco os ânimos, antes que o menestrel decidisse se recusar a tomar os remédios. E que ela decidisse obrigá-lo.

— Conheci uma mulher que falava igualzinho à senhora — comentou. — Falava muito de peixes e redes, essas coisas. E também falava parecido. O sotaque, quer dizer. Acho que ela é tairana.

— Pode ser. — A mulher grisalha de repente demonstrou cansaço outra vez, e ficou encarando o chão. — Conheci umas garotas que tinham essa sua fala na língua, também. Duas delas tinham, pelo menos. — Ela soltou um suspiro pesado.

Mat sentiu que se arrepiava até os cabelos. *Minha sorte não pode ser tão boa assim.* Mas não apostaria um cobre que havia outras duas mulheres diferentes com sotaques de Dois Rios passando em Tear por acaso.

— Três garotas? Três moças? Chamadas Egwene, Nynaeve e Elayne? Essa última tem os cabelos da cor do sol e olhos azuis.

Ela franziu o cenho para ele.

— Não foram os nomes que elas me contaram — respondeu a mulher, devagar —, mas suspeitei que elas não tivessem me dado os nomes verdadeiros. Deviam ter seus motivos, pensei. Uma delas era uma moça bonita de olhos azuis e cabelos louros acobreados até os ombros. — Ela também descreveu Nynaeve, com aquela trança até a cintura, e Egwene, de olhos grandes e escuros e sorriso vivo. Três belas mulheres, tão diferentes entre si quanto era possível. — Vejo que são as moças que você conhece — concluiu. — Eu lamento muito, garoto.

— Por que a senhora lamenta? Faz dias que estou tentando encontrá-las! — *Luz, passei exatamente aqui na primeira noite! Passei bem na frente delas! Eu queria o acaso. Que maior acaso pode haver do que o local onde um*

navio atraca numa noite chuvosa, onde eu calhei de olhar justo na hora que estourou uma porcaria de um relâmpago? Que me queime! Que me queime!
— Diga onde elas estão, Mãe Guenna.

A mulher grisalha olhou com cansaço para o fogão onde o bule fervia. Ela mexeu a boca, mas não disse coisa alguma.

— Onde é que elas estão? — inquiriu Mat. — É importante! Elas estão correndo perigo, eu preciso encontrá-las.

— Você não entende — respondeu a mulher, baixinho. — É um estrangeiro. Os Grão-lordes...

— Não ligo para nenhum... — Mat piscou e encarou Thom. O menestrel parecia franzir a testa, mas também tossia com tanta força que o rapaz não pôde ter certeza. — O que é que os Grão-lordes têm a ver com as minhas amigas?

— Você simplesmente não...

— Não diga que não entendo! Eu pago pela informação!

Mãe Guenna cravou os olhos nele.

— Eu não aceito dinheiro por...! — Ela fechou a cara, cheia de fúria. — Está me pedindo para dizer coisas sobre as quais me ordenaram não falar. Sabe o que vai acontecer comigo se eu contar e você sussurrar meu nome por aí? Vou perder a língua, para começar. Depois vou perder outras partes do corpo, e depois os Grão-lordes vão pegar o que restar de mim, e vou passar minhas últimas horas pendurada, gritando e servindo de exemplo para que os outros sejam obedientes. E não vai adiantar nada para aquelas jovens mulheres, nem se eu contar e nem se eu morrer!

— Juro que jamais vou mencionar seu nome a ninguém. Eu juro. — *E vou manter esse juramento, velha maldita, se a senhora me disser onde elas estão!* — Por favor? Elas estão correndo perigo.

A mulher o estudou por um longo tempo. Mat teve a sensação de que ela vasculhara cada detalhe dele.

— Diante desse juramento, vou lhe contar. Eu... eu gostava delas. Mas você não pode fazer nada. Chegou tarde demais, Matrim Cauthon. Chegou umas três horas atrasado. Elas foram levadas para a Pedra. O Grão-lorde Samon mandou buscá-las. — Ela sacudiu a cabeça, perplexa e preocupada. — Ele enviou... mulheres... capazes de canalizar. Eu mesma não tenho nada contra as Aes Sedai, mas isso é proibido por lei. A lei que os próprios Grão-lordes criaram. Ainda que eles decidissem quebrar todas as outras leis, não quebrariam essa. Por que um Grão-lorde mandaria uma Aes Sedai para resolver seus assuntos? E o que ele quer com aquelas garotas, pra começar?

Mat quase explodiu em gargalhadas.

— Aes Sedai? Mãe Guenna, a senhora me deixou com o coração na boca, e acho que o fígado também. Se Aes Sedai vieram buscá-las, não há nada com que se preocupar. As três também serão Aes Sedai, um dia. Não que eu ache isso bom, mas é o que elas... — O sorriso foi morrendo quando notou a veemência com que a mulher sacudia a cabeça.

— Garoto, essas meninas lutaram como peixes-leão presos na rede. Não importa se elas vão se tornar Aes Sedai ou não, essas mulheres que as levaram trataram todas as três que nem pescado. Amigos não se machucam daquele jeito.

Ele sentiu o rosto se contorcer. *Aes Sedai as machucaram? Pela Luz, como assim? A maldita Pedra. O lugar faz o Palácio em Caemlyn parecer um quintal! Que me queime! Eu estava lá fora, na chuva, e olhei pra essa casa! Que me queime por ter sido cego pela Luz!*

— Se você quebrar a mão — comentou Mãe Guenna —, vou botar uma tala e cobrir de cataplasmo. Mas, se estragar minha parede, estripo seu couro que nem o de um peixe!

Ele piscou os olhos, depois olhou o próprio punho e percebeu as juntas arranhadas. Sequer se lembrava de ter socado a parede.

A mulher larga tomou a mão de Mat com uma pegada firme, mas os dedos que a examinaram eram de uma gentileza surpreendente.

— Nada quebrado — grunhiu, depois de um tempo. Os olhos que observavam seu rosto também eram gentis. — Parece que você se preocupa com elas. Com uma delas, pelo menos, eu suponho. Sinto muito, Mat Cauthon.

— Não sinta — retrucou o rapaz. — Pelo menos agora eu sei onde elas estão. Só preciso tirá-las de lá. — Ele pescou as duas últimas coroas de ouro andorianas e apertou-as na mão da mulher. — Pelos remédios de Thom, e por me contar sobre as garotas. — Em um impulso, beijou-a na bochecha e abriu um sorriso. — E isso é por mim.

Com um susto, ela levou a mão ao rosto, sem saber se olhava para as moedas ou para Mat.

— Tirá-las de lá, você diz. Simples assim. Tirá-las da Pedra. — De súbito, ela acertou as costelas de Mat com um dedo tão forte que parecia um galho de árvore. — Você me faz lembrar do meu marido, Mat Cauthon. Ele era um tolo cabeça-dura que saía dando gargalhadas, navegando bem pro olho da tempestade. Quase acredito que você vai conseguir. — Então ela notou as botas enlameadas, aparentemente pela primeira vez. — Levei seis meses para ensinar aquele homem a não trazer lama para dentro da minha casa. Se você tirar aquelas garotas de lá, essa em quem você está de

olho vai ter um trabalhão pra deixar você decente o suficiente pra ficar dentro de casa.

— A senhora é a única mulher que poderia fazer isso — retrucou, com um sorriso que se alargou ainda mais ante o olhar firme da mulher. *Tirá-las de lá. É só isso o que eu preciso fazer. Tirar aquelas garotas da maldita Pedra de Tear.* Thom tossiu outra vez. *Ele não vai entrar na Pedra desse jeito. Só que... Como é que vou fazer para impedi-lo?* Mãe Guenna, posso deixar meu amigo aqui? Acho que ele está muito doente para voltar para a estalagem.

— O quê? — vociferou Thom. Ele tentou se levantar da cadeira, tossindo tanto que mal podia falar. — Não estou... nada disso, garoto! Você acha... que entrar na Pedra... vai ser... igual a entrar na cozinha da sua mãe? Acha que... conseguiria... passar pelos portões... sem mim? — Ele se apoiou no encosto da cadeira, dobrado para a frente. A tosse e o chiado o impediam de se erguer o suficiente para ficar de pé.

Mãe Guenna pousou uma das mãos no ombro de Thom e o empurrou de volta sem dificuldade, como se ele fosse uma criança. O menestrel lhe lançou um olhar surpreso.

— Eu cuido dele, Mat Cauthon — anunciou a mulher.

— Não! — gritou Thom. — Você não pode... fazer isso comigo! Não pode... me deixar aqui... com essa velha... — Apenas a mão da mulher no ombro dele o impediu de cair para a frente.

Mat sorriu para o homem de cabelos brancos.

— Foi bom conhecê-lo, Thom.

Enquanto corria para a rua, percebeu que se perguntava por que dissera aquilo. *Ele não vai morrer, maldição. Aquela mulher vai mantê-lo vivo nem que tenha que agarrá-lo pelo bigode e puxá-lo da cova. Sim, mas quem é que vai me manter vivo?*

À frente dele, a Pedra de Tear erguia-se, imponente, sobre a cidade. Inconquistável, a fortaleza fora sitiada cem vezes, uma pedra onde cem exércitos haviam quebrados os dentes. E ele precisava dar um jeito de entrar lá.

E resgatar três mulheres. De algum jeito. Com uma gargalhada que fez até as pessoas que caminhavam emburradas pela rua olharem para ele, Mat retornou à Lua Crescente sem se importar com a lama ou o ar abafado. Já sentia os dados rolando em sua cabeça.



CAPÍTULO 53



Um Fluxo de Espírito

Perrin reajustou o casaco enquanto caminhava de volta à Estrela em meio às sombras da noite. Um cansaço bom se entranhava em seus braços e ombros. Além das tarefas mais triviais, Mestre Ajala o fizera trabalhar em uma grande peça ornamental, toda elaborada com curvas e arabescos, para o portão de algum lorde do campo. Ele gostara de fazer algo tão bonito.

— Achei que os olhos dele fossem saltar da cara, ferreiro, quando você disse que não faria o trabalho se fosse para um Grão-lorde.

Ele olhou de soslaio para Zarine, que caminhava a seu lado, o rosto parcialmente oculto pelas sombras. Mesmo aos olhos dele as sombras estavam ali, apenas mais fracas do que pareceriam a qualquer outro. Elas ressaltavam as maçãs do rosto altas da moça, suavizavam o nariz expressivo. Ele não conseguia se decidir a respeito dela. Ainda que Moiraine e Lan insistissem para que os dois não se afastassem da estalagem, Perrin gostaria que ela encontrasse outra coisa para fazer que não ficar olhando-o trabalhar. Por alguma razão, sentia-se cada vez mais incomodado todas as vezes que pensava naqueles olhos oblíquos a encará-lo. Mais de uma vez, perdera o jeito com o martelo, fazendo Mestre Ajala franzir a testa para ele, espantado. As garotas sempre tiveram o poder de desconcertá-lo, sobretudo quando sorriam para ele, mas Zarine nem mesmo precisava sorrir. Apenas olhar. Ele se perguntou mais uma vez se ela seria a bela mulher a respeito de quem Min o alertara. *Melhor que ela seja o falcão.* Aquele pensamento o surpreendeu de tal forma que chegou a tropeçar.

— Não queria fazer nada que fosse parar nas mãos de um dos Abandonados. — Seus olhos reluziam, dourados, a encará-la. — Se fosse para um Grão-lorde, como é que eu poderia saber para qual deles era? — A jovem estremeceu. — Não quis assustar você, Fai... Zarine.

Ela abriu um sorriso grande, sem dúvida pensando que ele não era capaz de vê-la.

— Você ainda vai cair, fazendeiro. Já pensou em deixar crescer a barba?

Já é ruim o bastante ela estar sempre zombando de mim, mas metade das vezes eu sequer a compreendo!

Quando os dois chegaram à porta da frente da estalagem, Moiraine e Lan os encontraram, chegando pelo outro lado. A Aes Sedai usava aquele manto de linho com o capuz largo que escondia o rosto. A luz saía das janelas do salão, formando poças amarelas na calçada de pedras. Duas ou três carruagens passaram fazendo barulho, e havia pelo menos uma dezena de pessoas à vista, correndo de volta para casa para o jantar, mas a maior parte da rua era ocupada pelas sombras. A loja do tecelão estava fechada. O silêncio era ensurdecedor.

— Rand está em Tear. — A voz fria da Aes Sedai emergiu das profundezas do capuz, como se viesse de uma caverna.

— Tem certeza? — perguntou Perrin. — Não ouvi falar de nada estranho acontecendo. Nenhum casamento, nenhum poço secando. — Ele notou que Zarine franziu a testa, confusa. Moiraine não fora muito aberta com ela, e nem ele. Manter a boca de Loial fechada fora mais difícil.

— Não escuta os boatos, ferreiro? — perguntou o Guardião. — Houve tantos casamentos nos últimos quatro dias quanto nos últimos seis meses. E tantos assassinatos quanto no último ano inteiro. Uma criança caiu da varanda de uma torre, hoje. Cem passos até a calçada de pedras. Ela se levantou e correu até a mãe sem nem um arranhão. A Primeira de Mayene, “convidada” da Pedra desde o inverno, anunciou que vai se submeter à vontade dos Grão-lordes, depois de ter dito, ainda ontem, que Mayene e todos os seus navios arderiam em chamas antes que um senhor de terras taireno pusesse os pés na cidade. Os homens não tiveram coragem de torturá-la, e aquela jovem tem uma determinação de ferro, então me diga se acha que isso não deve ser obra de Rand. Ferreiro, Tear está fervilhando como um caldeirão, de cima a baixo.

— Para mim, esses acontecimentos não eram necessários como comprovação — explicou Moiraine. — Perrin, você sonhou com Rand ontem à noite?

— Sonhei — admitiu o rapaz. — Ele estava no Coração da Pedra, segurando aquela espada — senti Zarine se remexer atrás dele. —, mas andei tão preocupado com isso que nem me surpreendi com o sonho. Ontem à noite só tive pesadelos.

— Um homem alto? — perguntou Zarine. — Com cabelos vermelhos e olhos cinzentos? Segurando alguma coisa que brilhava tão forte que doía nos olhos? Num lugar todo feito de enormes colunas de pedra vermelha? Ferreiro, diga que você não sonhou com isso.

— Sabem — comentou Moiraine —, ouvi falar desse sonho umas cem vezes, só hoje. Todos falam de pesadelos... Be'lal não parece se preocupar muito em blindar os próprios sonhos. Mas falaram desse ainda mais do que de todos os outros. — Ela de repente deu uma risada, que pareceu o bater de um sino grave e frio. — O povo diz que ele é o Dragão Renascido. Dizem que ele está vindo. Sussurram pelos cantos, temerosos, mas dizem.

— E quanto a Be'lal? — perguntou Perrin.

A resposta de Moiraine o pegou de surpresa, cortante como uma lâmina.

— Vou cuidar dele hoje à noite. — Ela não exalava cheiro de medo.

— *Vamos* cuidar dele hoje à noite — consertou Lan.

— Sim, meu Gaidin. Vamos cuidar dele.

— E o que é que vamos fazer? Vamos ficar sentados aqui, esperando? Já esperei nas montanhas o suficiente para uma vida inteira, Moiraine.

— Você, Loial... e Zarine vão para Tar Valon — respondeu a Aes Sedai. — Até isso terminar. Lá será o lugar mais seguro para vocês.

— Onde está o Ogier? — perguntou Lan. — Quero vocês três no caminho para o norte o quanto antes.

— Lá em cima, imagino — respondeu Perrin. — No quarto dele, ou talvez no salão de jantar. As luzes de lá estão acesas. Ele vive trabalhando naquelas anotações. Acho que vai ter muito a contar no livro sobre as nossas fugas. — Ele se surpreendeu com o amargor da própria voz. *Luz, seu idiota, está querendo enfrentar outro Abandonado? Não. Não, mas estou cansado de fugir. Eu me lembro de quando não fugi. Lembro de partir para a luta, e foi melhor. Mesmo achando que eu ia morrer, foi melhor.*

— Eu vou chamá-lo — anunciou Zarine. — Não tenho vergonha de admitir que fico feliz em fugir dessa luta. Os homens lutam quando deveriam fugir, e os tolos também lutam quando deveriam fugir. Mas eu não precisava ter dito isso duas vezes. — Ela saiu na frente do grupo a passos firmes, as saias justas e divididas balançando ruidosamente por conta do atrito do tecido.

Perrin examinou o salão enquanto o grupo seguia Zarine até a escadaria dos fundos. Havia menos homens às mesas do que ele esperava. Uns estavam sozinhos, os olhos fitando o vazio, mas alguns grupos de dois ou três conversavam em sussurros assustados, tão baixos que seus ouvidos mal podiam captar. Mesmo assim, ele ouviu três vezes a palavra “Dragão”.

Ao alcançar o topo da escada, ouviu outro som baixo, um baque de algo caindo no salão de jantar privado. Ele examinou o corredor naquela direção.

— Zarine? — Não houve resposta. Sentiu um arrepio nos pelos da nuca e avançou para onde ouvira o som. — Zarine? — Ele empurrou a porta. — Faile!

Ela jazia caída no chão, perto da mesa. Quando Perrin fez menção de correr para dentro do salão, o comando de Moiraine o fez parar.

— Pare, seu idiota! Pare, pela sua vida! — Ela avançou lentamente pelo corredor, virando a cabeça como se tentasse ouvir ou procurasse algo. Lan seguia atrás dela com a mão na espada e um olhar que revelava que ele sabia que o aço de nada adiantaria. Ela andou até o lado da porta e parou. — Afaste-se, Perrin. Afaste-se!

Ele olhava para Zarine, aflito. Para Faile. Ela jazia ali, inerte. Por fim se forçou a recuar, deixando a porta aberta e se posicionando de modo a ainda poder vê-la. Ela parecia morta. Perrin não conseguia ver o peito dela se mexer. Queria uivar. Franzindo a testa, ele remexia a mão, a mesma que usara para empurrar a porta, abrindo e fechando os dedos. Sentia um formigamento penetrante, como se tivesse batido o cotovelo.

— Você não vai fazer nada, Moiraine? Se não for, vou até ela.

— Fique quieto, ou não irá a lugar algum — respondeu ela, muito calma. — O que é aquilo perto da mão direita dela? Parece que ela soltou quando caiu. Não consigo identificar.

Perrin cravou os olhos nela, depois espiou dentro do quarto.

— Um ouriço. Parece um ouriço entalhado em madeira. Moiraine, diga o que está acontecendo! O que foi que houve? Me diga!

— Um ouriço — murmurou a mulher. — Um ouriço. Fique quieto, Perrin. Preciso pensar. Senti o disparo. Consigo sentir os resíduos dos fluxos entrelaçados. Espírito. Puro Espírito, nada mais. Quase nada requer fluxos puros de Espírito! Por que aquele ouriço me faz pensar em Espírito?

— Você sentiu o disparo de quê, Moiraine? O que é que havia aqui? Uma armadilha?

— Sim, uma armadilha — respondeu a mulher, a irritação abrindo leves rachaduras naquela calma fria habitual. — Uma armadilha para mim. Eu

teria sido a primeira a entrar neste salão, se Zarine não tivesse saído correndo na frente. Lan e eu com certeza teríamos entrado aí para traçar nossos planos e esperar o jantar. Fique quieto, se quiser que eu consiga ajudar essa garota. Lan! Traga o estalajadeiro aqui!

O Guardião disparou escada abaixo.

Moiraine andava de um lado para o outro no corredor, às vezes parando para espiar pela porta, das profundezas do capuz. Perrin não conseguia ver qualquer sinal de que Zarine estava viva. O peito dela não se movia. Ele tentou ouvir as batidas do coração da mulher, mas até para seus ouvidos aquilo era impossível.

Quando Lan retornou, segurando à sua frente um Jurah Haret muito assustado, a mão forte apertando a nuca gorda, a Aes Sedai virou-se para o homem calvo.

— O senhor prometeu reservar este salão para mim, Mestre Haret. — A voz dela era severa e precisa como uma faca afiada. — Prometeu não deixar sequer a criada entrar para limpar se eu não estivesse presente. Quem foi que o senhor deixou entrar, Mestre Haret? Diga!

Haret tremia como um pudim.

— S-só as d-duas ladies, senhora. E-elas q-queriam deixar uma surpresa para a senhora. Eu juro, senhora. E-elas me m-mostraram. Um pequeno o-ourico. E-elas disseram que a s-senhora ficaria s-surpresa.

— Eu fiquei surpresa, estalajadeiro — respondeu Moiraine, em voz baixa. — Saia daqui! E se disser uma só palavra sobre isso, mesmo durante o sono, derrubo essa estalagem e deixo só um buraco no chão.

— S-sim, senhora — sussurrou o homem. — Eu juro! Eu juro!

— Vá!

Desesperado para chegar às escadas, o estalajadeiro acabou caindo de joelhos. Desceu fazendo uma barulhada, o que indicava que devia ter caído mais de uma vez pelo caminho.

— Ele sabe que estou aqui — disse Moiraine ao Guardião — e encontrou alguém da Ajah Negra para montar a armadilha. Mas talvez pense que caí nela. Foi um pequeno lampejo de Poder, mas talvez ele seja forte o bastante para ter sentido.

— Então não vai suspeitar da nossa aproximação — comentou Lan, baixinho. O homem quase sorriu.

Perrin encarava os dois, rosnando.

— E ela? — inquiriu. — O que fizeram com ela, Moiraine? Ela está viva? Não consigo saber se ela está respirando!

— Ela está viva — respondeu Moiraine, devagar. — Eu não posso e nem me atrevo a chegar perto o bastante para afirmar muito mais que isso, mas ela está viva. Está... dormindo, de certa forma. Como um urso dorme durante o inverno. Seu coração está batendo tão devagar que seria possível contar os minutos entre as batidas. A respiração também. Ela está dormindo. — Mesmo por detrás daquele capuz, Perrin sentia os olhos da mulher sobre ele. — Acho que ela não está lá, Perrin. Não está mais no próprio corpo.

— Como assim, ela não está no próprio corpo? Luz! Não está dizendo que eles... levaram a alma dela? Que nem os Homens Cinza! — Moiraine sacudiu a cabeça, e ele suspirou aliviado. Sentia o peito doer como se não tivesse respirado desde a última frase da Aes Sedai. — Então onde ela está, Moiraine?

— Eu não sei — respondeu a mulher. — Tenho uma suspeita, mas não sei.

— Uma suspeita, um palpite, qualquer coisa! Que me queime, onde? — Lan se remexeu com a rispidez de sua voz, mas Perrin sabia que tentaria quebrar o Guardiã como ferro sobre um cinzel se o homem tentasse impedi-lo. — Onde?

— Eu sei muito pouco, Perrin. — A voz de Moiraine era como uma música fria e impiedosa. — Lembrei o pouco que sei sobre o que conecta um ouriço entalhado com Espírito. O entalhe é um *ter'angreal* cuja última análise foi feita por Corianin Nedeal, a última Sonhadora da Torre. Sonhar é um Talento do Espírito, Perrin. Não é um assunto que eu tenha estudado, meus Talentos seguem outros caminhos. Acredito que Zarine está presa dentro de um sonho, talvez até no Mundo dos Sonhos, *Tel'aran'rhiod*. Tudo o que ela é está dentro desse sonho. Tudo. Uma Sonhadora manda apenas uma parte de si. Se Zarine não retornar logo, seu corpo vai morrer. Talvez ela continue viva no sonho. Eu não sei.

— Tem muita coisa que você não sabe — murmurou Perrin. Ele olhou para dentro do salão e quis chorar. Zarine parecia tão pequena ali, deitada. Tão indefesa. *Faile. Juro que só vou chamar você de Faile, para o resto da vida.* — Por que você não faz nada?

— A armadilha foi disparada, Perrin, mas é uma armadilha que ainda pode pegar qualquer um que entre no salão. Eu seria pega antes mesmo de alcançá-la. E tenho trabalho a fazer hoje à noite.

— Que a queime, Aes Sedai! Que o seu trabalho queime! E esse Mundo dos Sonhos? É como os sonhos de lobos? Você disse que essas Sonhadoras às vezes viam lobos.

— Eu contei o que podia — respondeu ela, ríspida. — Está na hora de você partir. Lan e eu precisamos ir para a Pedra. Não podemos mais esperar.

— Não — interrompeu Perrin, baixinho. No entanto, ergueu a voz quando Moiraine abriu a boca. — Não! Eu não vou deixá-la!

A Aes Sedai respirou fundo.

— Muito bem, Perrin. — Sua voz era gelo: calma, suave, fria. — Fique, se desejar. Talvez sobreviva a esta noite. Lan!

Ela e o Guardião avançaram pelo corredor até os quartos. Retornaram dentro de instantes, Lan com o manto que mudava de cor, e desapareceram pelas escadas sem dizer uma palavra.

Ele olhou para Faile pela porta aberta. *Preciso fazer alguma coisa. Se isso for como os sonhos de lobo...*

— Perrin — o ressoar profundo de Loial fez-se ouvir —, o que foi que aconteceu com Faile? — O Ogier seguia apressado pelo corredor, em uma camisa de manga, com tinta nos dedos e uma caneta na mão. — Lan falou que eu precisava ir embora, depois contou alguma coisa sobre Faile ter caído em uma armadilha. O que ele quis dizer?

Absorto, Perrin contou o que Moiraine dissera. *Pode ser que funcione. Pode ser. Tem que funcionar!* Ele ficou surpreso quando Loial grunhiu.

— Não, Perrin, isso não é certo! Faile era tão livre. Não é certo aprisioná-la!

Perrin observou o rosto de Loial e de repente lembrou-se das antigas histórias que descreviam os Ogier como inimigos implacáveis. As orelhas dele estavam esticadas para trás, coladas à lateral da cabeça, e o rosto grande estava duro como uma bigorna.

— Loial, vou tentar ajudar Faile. Mas ficarei completamente indefeso no processo. Pode me proteger?

Loial ergueu as mãos enormes, acostumadas a segurar os livros com tanto cuidado, e curvou os dedos grossos, como se estivesse esmagando uma pedra.

— Ninguém vai passar por mim enquanto eu viver, Perrin. Nem um Myrddraal, nem mesmo o próprio Tenebroso. — Ele disse aquilo com o tom de quem apenas constata um fato.

Perrin assentiu e olhou outra vez pela porta. *Tem que funcionar. Não me interessa se Min me avisou para tomar cuidado com ela ou não!* Com um rosnado, ele pulou na direção de Faile, esticando a mão. Pensou ter tocado o tornozelo dela antes de apagar.

Perrin não sabia se o sonho da armadilha era ou não em *Tel'aran'rhiod*, mas conhecia o lugar dos sonhos de lobo. Estava rodeado por colinas cobertas de grama, com alguns arbustos espalhados. Viu cervos pastando ao redor dos arvoredos, e uma manada de algum tipo de animal veloz saltando pela grama. Pareciam cervos de listras marrons, mas com chifres compridos e retos. Os aromas que o vento trazia informavam que eles eram bons para comer, e ainda outros aromas indicavam outras boas caças ao redor. Era um sonho de lobo.

Ele percebeu que usava o colete de couro comprido de ferreiro e tinha os braços desnudos. Sentia um peso ao lado do corpo. Tocou o cinturão onde levava o machado, mas não era o machado que pendia do ilhó. Passou os dedos e sentiu a cabeça do pesado martelo de ferreiro. Parecia certo.

Saltador pousou diante dele.

Você veio de novo, como um tolo. A imagem que o lobo enviara era de um filhote enfiando o nariz em um tronco de árvore oco para lamber mel, apesar das abelhas que picavam seus olhos e focinho. *O perigo é maior do que nunca, Jovem Touro. Coisas malignas caminham no sonho. Os irmãos e irmãs evitam as montanhas de pedras erguidas pelas de duas pernas, e quase temem sonhar uns com os outros. Você precisa ir!*

— Não — retrucou Perrin. — Faile está aqui, aprisionada em algum lugar. Preciso encontrá-la, Saltador. Eu preciso! — Ele sentiu algo mudando dentro de si, algo se transformando. Olhou para as próprias pernas, cobertas de pelos enrolados, as patas largas. Era um lobo ainda maior que Saltador.

Você veio com força demais! Cada mensagem trazia choque. *Você vai morrer, Jovem Touro!*

Se eu não libertar o falcão, irmão, não me importo.

Então vamos à caça, irmão.

Com os narizes ao vento, os dois lobos dispararam pela planície à procura do falcão.





Dentro da Pedra

Os telhados de Tear não eram lugar para um homem sensato passear à noite, concluiu Mat, enquanto perscrutava o escuro. Um pouco mais de cinquenta passos de uma rua larga, ou talvez de uma praça estreita, separavam a Pedra do telhado onde ele estava, três andares acima dos paralelepípedos da calçada. *Mas desde quando eu sou sensato? As únicas pessoas que conheci que eram sensatas o tempo inteiro eram tão entediantes que chegavam a dar sono.* Quer fosse uma rua ou uma praça, ele estava desde o cair da noite dando a volta em toda a extensão, que circundava a Pedra. O único lugar por onde não passara fora a margem do rio, onde o Erinin corria junto à fortaleza, sem nada para interromper seu curso além da muralha da cidade. A muralha ficava a apenas duas casas à direita. Até então, o topo da muralha parecia o melhor caminho até a Pedra, mas não era um caminho que ele pegaria feliz.

Segurando o bastão e uma pequena lata com alça de arame, Mat avançou com cuidado até uma chaminé de tijolos que ficava um pouco mais próxima da muralha. O rolo de fogos de artifício — ou o que um dia fora um rolo de fogos de artifício, antes do arranjo que ele fizera no quarto da estalagem — se sacudia em suas costas. No momento era mais parecido com uma trouxa. Ele comprimira o máximo possível, mas o embrulho ainda era muito grande para ser levado pelos telhados à noite. Um pouco mais cedo, a trouxa provocara um escorregão que fizera uma das telhas deslizar pela beirada de um telhado, e um homem que dormia em um quarto abaixo acordou, soltou um grito de “ladrão!” e fez Mat correr em disparada. Ele ajeitou a trouxa nas costas sem pensar e agachou-se na sombra da chaminé.

Depois de um instante, pousou a latinha no chão. A alça de arame estava começando a ficar desconfortavelmente quente.

A empreitada parecia um pouco mais segura enquanto observava a Pedra oculto pelas sombras, mas aquilo não era muito encorajador. A muralha da cidade não era nem de perto tão robusta quanto as que ele vira em outros lugares, como Caemlyn ou Tar Valon. O paredão tinha menos de um passo de espessura e era sustentado por grandes suportes de pedra, no momento também cobertos por um manto de escuridão. Um passo era largura mais do que suficiente para atravessar caminhando, naturalmente, porém a queda para cada um dos lados era de quase dez braças. Uma queda no escuro, direto na calçada dura. *Mas algumas dessas casas malditas dão com os fundos bem para o muro, e consigo chegar no alto com a maior facilidade e correr direto para a porcaria da Pedra!*

Isso era possível, mas não era uma ideia particularmente agradável. Os lados da Pedra pareciam despenhadeiros. Analisando outra vez a altura, Mat disse a si mesmo que era capaz de escalar o muro. *É claro que sou. Que nem escalei aqueles desfiladeiros nas Montanhas da Névoa.* Mais de cem passos para cima, em linha reta, ficava uma ameia. Devia haver seteiras mais abaixo, mas não conseguia distingui-las à noite. Não dava para se espremer por uma seteira. *Cem malditos passos. Talvez cento e vinte. Que me queime, nem Rand tentaria escalar isso.* Porém, era a única entrada que havia encontrado. Todos os portões que avistara estavam bem fechados e eram robustos o bastante para embarreirar uma manada de touros, sem mencionar os quase dez soldados que montavam guarda com muita atenção em cada uma das entradas fechadas, todos com elmos, placas peitorais e espadas nos cinturões.

De súbito Mat piscou os olhos e forçou a vista em direção à lateral da Pedra. *Havia um idiota escalando a muralha, parecia uma sombra se movendo sob o luar.* A pessoa já tinha passado mais da metade do caminho, e corria o risco de uma queda de setenta passos até a calçada abaixo. *Idiota, é? Bem, sou tão idiota quanto ele, já que também vou subir. Que me queime, ele vai acabar soando algum alarme lá em cima e me denunciando.* Ele já não podia ver o homem. *Quem é esse sujeito, pela Luz? Que me importa quem ele é? Que me queime, mas que maneira mais desgraçada de se vencer uma aposta. Vou querer um beijo de cada uma, até mesmo de Nynaeve!*

Ele se remexeu para espiar a muralha, tentando escolher o ponto por onde subir, e de repente sentiu aço pressionando sua garganta. Sem pensar, afastou a lâmina com um tranco e deslizou o bastão por debaixo dos pés do homem. Um segundo sujeito chutou os pés de Mat, que caiu quase em cima

do homem que havia derrubado e rolou pelas telhas, soltando a trouxa de fogos de artifício — *Se isso cair na rua, eu acabo com os dois!* —, e pôs o bastão para rodopiar. Sentiu carne sendo atingida, e da segunda vez ouviu gemidos. Então, duas lâminas pressionaram sua garganta.

Ele congelou, os braços abertos. As pontas das lanças curtas, embaçadas para evitar refletir até mesmo o fraco luar, pressionavam sua carne quase a ponto de tirar sangue. Seus olhos acompanharam as lanças até os rostos das pessoas que as empunhavam, mas as cabeças estavam cobertas, os rostos escondidos por véus negros que revelavam apenas os olhos que o encaravam. *Que me queime, topei com ladrões de verdade! O que foi que houve com a minha sorte?*

Ele abriu um sorriso com muitos dentes à mostra, para que o grupo o enxergasse sob o luar.

— Não quero atrapalhar os senhores no trabalho, então, se puderem me deixar seguir meu caminho, deixo os senhores seguirem o seu e não abro a boca. — Os homens de véus não se moveram, e nem as lanças. — Não quero gritaria, assim como vocês. — Os sujeitos permaneciam parados como estátuas, encarando-o. *Que me queime, eu não tenho tempo para isso. É hora de jogar os dados.* Por um instante aterrador, pensou que as palavras em sua cabeça haviam soado estranhas. Apertou o bastão, encostando-o de um lado do corpo, e quase soltou um grito quando alguém pisou forte em seu pulso.

Ele rolou os olhos para ver quem era. *Que me queime por ser tão idiota, eu me esqueci do sujeito que rolei por cima.* Porém, notou outra silhueta se movendo por trás daquela que prendia seu punho e concluiu que, no fim das contas, fora melhor não ter conseguido usar o bastão.

Uma bota macia e amarrada até o joelho repousava em seu braço. Aquilo incitava sua memória. Algo relacionado a um homem encontrado nas montanhas. Ele olhou o restante da silhueta coberta pelo manto da noite, tentando distinguir o corte e as cores das roupas que pareciam envoltas em sombras, com cores que se mesclavam demais à escuridão para que as enxergasse com clareza. Tentou distinguir o que havia por trás da faca de lâmina longa no punho do sujeito, o que havia até o véu negro que cobria seu rosto. Um rosto de véu negro. Véu negro.

Aiel! Que me queime, o que esses malditos Aiel estão fazendo aqui? Ele sentiu o estômago afundar ao se lembrar de ouvir que os Aiel usavam os véus quando pretendiam matar.

— Sim — concordou uma voz masculina —, nós somos Aiel.

Mat levou um susto: não percebera que havia falado em voz alta.

— Você dança bem para alguém pego de surpresa — comentou uma jovem voz feminina. Ele achou que fosse ela quem estava pisando em seu pulso. — Talvez outro dia eu tenha tempo para dançar com você de um jeito mais apropriado.

Ele começou a abrir um sorriso — *Se ela quer dançar, acho que não devem estar prestes a me matar!* —, mas então franziu a testa. Tinha a lembrança de que os Aiel às vezes diziam as coisas de uma forma diferente.

As lanças foram recolhidas, e mãos o ergueram. Ele as dispensou e se sacudiu como se estivesse em um salão de estalagem, não em cima de um telhado coberto pela noite em companhia de quatro Aiel. Sempre compensava deixar o adversário saber que enfrentava alguém de nervos inabaláveis. Os Aiel levavam aljavas nas cinturas, além de facas e outras daquelas lanças curtas nas costas, e mais os arcos dentro de estojos. As pontas das lanças longas se projetavam por cima dos ombros. Mat percebeu que cantarolava “Estou no Fundo do Poço” e parou.

— O que está fazendo aqui? — perguntou a voz masculina. Como usavam véus, Mat não tinha muita certeza de qual deles havia falado. A voz soava mais velha, confiante, acostumada a comandar. Achou que podia distinguir a mulher, pelo menos: era a única mais baixa que ele, mas não muito. Todos os outros eram uma cabeça ou mais maiores que ele. *Malditos Aiel*, pensou. — Vigiamos você há algum tempo — prosseguiu o homem mais velho —, observando-o examinar a Pedra. Já a analisou de todos os lados. Por quê?

— Eu poderia perguntar o mesmo de todos vocês — comentou outra voz. Mat foi o único que se assustou quando um homem de calças largas emergiu das sombras. O sujeito parecia estar sem sapatos, para pisar melhor nas telhas. — Esperava encontrar ladrões, não Aiel — prosseguiu o homem —, mas não pensem que me assustam por estarem em maioria. — Um cajado fino, mais baixo que a cabeça do homem, tornou-se um borrão e produziu um zumbido quando foi rodopiado. — Meu nome é Juilin Sandar, sou um caçador de ladrões e gostaria de saber por que todos vocês estão em cima de um telhado examinando a Pedra.

Mat sacudiu a cabeça. *Quantas pessoas resolveram subir nesses malditos telhados hoje?* Só faltava Thom aparecer e começar a tocar a harpa, ou surgir alguém à procura de uma estalagem. *Um desgraçado de um apanhador de ladrões!* Ele se perguntou por que os Aiel continuavam parados.

— Você espreita bem, para um homem da cidade — comentou a voz do homem mais velho. — Mas por que está nos seguindo? Não roubamos nada.

E por que é que ficou tanto tempo encarando a Pedra, hoje à noite?

Mesmo sob o luar, a surpresa de Sandar era evidente. Ele levou um susto, abriu a boca... e a fechou de volta quando mais quatro Aiel irromperam da escuridão atrás dele. Com um suspiro, apoiou-se no bastão delgado.

— Parece que eu é que fui pego — resmungou. — Parece que *eu* é que vou ter que responder às perguntas de *vocês*. — Ele perscrutou a Pedra, depois balançou a cabeça. — Eu... fiz uma coisa hoje que... me preocupa. — Ele quase parecia falar sozinho, tentando desvendar o que acontecera. — Uma parte de mim diz que foi a coisa certa, que devo obediência. Sem dúvida parecia certo, quando fiz. Mas uma vozinha me diz que eu... cometi uma traição. Tenho certeza de que essa voz está errada, e ela é muito fraquinha, mas não para. — Ele ficou em silêncio e balançou a cabeça outra vez.

Um dos Aiel assentiu e falou com a voz do homem mais velho:

— Eu sou Rhuarc, do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad, e já fui *Aethan Dor*, um Escudo Vermelho. Algumas vezes os Escudos Vermelhos fazem o que os seus caçadores de ladrões fazem. Digo isso para que compreenda que sei o que você faz e o tipo de homem que deve ser. Não pretendo machucá-lo, Juilin Sandar dos caçadores de ladrões, nem as pessoas de sua cidade, mas não lhe será permitido dar o grito de alerta. Se fizer silêncio, viverá. Se não, não.

— Não pretende fazer mal à cidade — repetiu Sandar, sem pressa. — Então por que está aqui?

— A Pedra. — O tom de Rhuarc deixava claro que não pretendia dizer nada além daquilo.

Depois de um instante, Sandar assentiu e murmurou:

— Eu quase gostaria que você tivesse o poder de causar algum mal à Pedra, Rhuarc. Vou segurar minha língua.

Rhuarc, o rosto ainda coberto pelo véu, se virou para Mat.

— E você, jovem sem nome? Vai me dizer por que vigia a Pedra tão de perto?

— Eu só queria dar uma caminhada ao luar — respondeu Mat, muito calmo. A mulher pôs a ponta da lança outra vez em sua garganta, e ele tentou não engolir. *Bem, talvez eu possa contar alguma coisa a eles*. Ele não podia deixar transparecer que estava abalado. Se deixasse o oponente perceber uma coisa dessas, perderia toda a vantagem. Com muito cuidado, usando dois dedos, afastou a lâmina do próprio pescoço. Imaginou ouvir a mulher rir baixinho. — Algumas pessoas que conheço estão dentro da

Torre — explicou, tentando soar despreocupado. — Prisioneiras. Quero tirá-las de lá.

— Sozinho, sem nome? — perguntou Rhuarc.

— Bem, parece que não tem mais ninguém para vir comigo — retrucou Mat, ríspido. — A não ser que vocês queiram ajudar? Parecem que também estão interessados na Pedra. Se entrarem, talvez possamos ir juntos. O lance é arriscado de qualquer jeito, mas minha sorte é boa. — *Até agora, pelo menos. Esbarrei com Aiel de véus negros e não fui degolado por eles, não dá para ter mais sorte que isso. Que me queime, não seria nada mau levar alguns Aiel lá para dentro comigo.* — Apostar na minha sorte não costuma ser tão ruim.

— Não viemos atrás de prisioneiros, jogador — respondeu Rhuarc.

— Está na hora, Rhuarc. Mat não soube dizer de qual dos Aiel vinha a voz, mas o homem assentiu.

— Sim, Gaul. — Ele olhou de Mat para Sandar, e de volta para Mat. — Não cantem o grito de alerta. — O homem se virou e, dois passos adiante, já se misturara à sombra.

Mat levou um susto. Os outros Aiel também haviam desaparecido, deixando-o sozinho com o apanhador de ladrões. *A menos que tenham deixado alguém nos vigiando. Que me queime, como é que eu vou saber?*

— Espero que não queira me impedir também — disse a Sandar, enquanto jogava outra vez a trouxa de fogos de artifício nas costas e apanhava o bastão. — Quero entrar lá, ao seu lado ou por cima de você, de um jeito ou de outro. — Ele foi até a chaminé e pegou a latinha. A alça de arame estava mais do que morna.

— Essas pessoas que você mencionou — começou Sandar. — Por acaso são três mulheres?

Mat franziu o rosto, lamentando que não houvesse luz suficiente para revelar o rosto do homem. A voz do sujeito era esquisita.

— O que é que você sabe delas?

— Sei que elas estão dentro da Pedra. E conheço um pequeno portão perto do rio por onde um caçador de ladrões tem permissão para entrar com um prisioneiro, para levá-lo até as celas. As celas onde elas devem estar. Se confiar em mim, jogador, posso nos levar até lá. O que acontecer depois disso fica por conta do acaso. Talvez a sua sorte nos traga de volta com vida.

— Eu sempre tive sorte — começou Mat, devagar. *Será que me acho sortudo o bastante para confiar nele?* Não gostava muito da ideia de se passar por um prisioneiro: parecia fácil demais a encenação se tornar

realidade. Porém, não parecia ser mais arriscado do que subir trezentos pés ou mais naquela escuridão.

Ele olhou na direção da muralha da cidade. Ela estava encoberta em sombras, silhuetas indistintas que deslizavam por ela. Aiel, não tinha dúvidas. Devia haver mais de cem. Havia desaparecido, mas dava para ver as sombras se deslocando pela parede vertical que formava o lado íngreme da Pedra de Tear. Não daria mais para subir por ali. Aquele sujeito que subiu mais cedo podia até ter conseguido entrar sem disparar nenhum alarme — o tal grito de alerta de Rhuarc —, mas cem ou mais Aiel avançando juntos deviam soar como sinos. No entanto, talvez desviassem a atenção. Se causassem uma comoção lá para cima, dentro da Pedra, talvez o vigia das celas não prestasse tanta atenção a um apanhador de ladrões arrastando um ladrão.

Eu poderia muito bem apimentar um pouco a confusão. Dei muito duro por isso.

— Muito bem, apanhador de ladrões. Só não vá concluir no último minuto que sou um prisioneiro de verdade. Podemos começar a caminhada até o seu portão assim que eu remexer um pouquinho esse formigueiro. — Pensou ter visto Sandar franzir a testa, mas não diria ao homem mais do que o necessário.

Sandar o seguiu pelos telhados, subindo para os andares de cima com a mesma facilidade que ele. O último telhado era só um pouco mais baixo que o topo da muralha e ia direto até ela, bastava se erguer um pouco, em vez de escalar.

— O que está fazendo? — sussurrou Sandar.

— Espere por mim aqui.

Com a latinha balançando em uma das mãos, suspensa pela alça de arame, e segurando o bastão à frente na horizontal, Mat respirou fundo e começou a avançar em direção à Pedra. Tentou não pensar na altura a que estava da calçada lá embaixo. *Luz, esse troço maldito tem três pés de largura! Daria pra caminhar por ele com uma porcaria de uma venda, e dormindo!* Três pés de largura, no escuro, e mais de cinquenta pés até a calçada. Ele também tentou não pensar que Sandar poderia não estar lá quando ele voltasse. Estava quase comprometido com a ideia idiota de fingir ser um ladrão capturado pelo sujeito, mas parecia muito provável que retornasse ao telhado só para descobrir que Sandar sumira, decerto para voltar com reforços e fazer dele um prisioneiro de verdade. *Não pense nisso. Mantenha o foco na tarefa que tem nas mãos. Pelo menos finalmente vou ver como é.*

Como suspeitara, havia uma seteira na muralha da Pedra, bem no topo, um entalhe profundo que formava uma abertura comprida e estreita, suficiente para passar uma flecha. Se a Pedra fosse atacada, os soldados lá dentro dariam algum jeito de impedir qualquer tentativa de seguir por aquele caminho. A fenda estava escura. Não parecia haver alguém de vigia. O que era algo sobre o qual ele também tentara evitar pensar.

Sem parar por muito tempo, Mat pousou a latinha a seus pés, equilibrou o bastão na parede bem ao lado da Pedra e soltou a trouxa das costas. Mais do que depressa, enfiou a trouxa para dentro da rachadura, empurrando-a o mais fundo que pôde. Queria que o máximo possível de barulho fosse ouvido do lado de dentro. Puxou um canto do tecido encerado, revelando os estopins amarrados. Depois de pensar um pouco, em seu quarto, decidiu cortar os pavios longos, para igualá-los ao tamanho do menor. Então usara as sobras de corda para ajudar a amarrar todos os pavios juntos. Achava que todos disparariam ao mesmo tempo, produzindo um estrondo e um clarão que seria suficiente para atrair a atenção de qualquer um que não fosse completamente surdo.

A tampa da latinha estava tão quente que ele teve que soprar os próprios dedos duas vezes antes de arrancá-la, e desejou saber o tal truque de Aludra para acender aquela lanterna com tanta facilidade. Expôs o pedaço escuro de carvão que havia lá dentro, acomodado em uma cama de areia. A alça foi removida e virou uma pinça, e um soprinho trouxe de volta o brilho vermelho ao carvão. Ele encostou a brasa nos pavios amarrados, largou a pinça e o carvão ao lado do muro enquanto as cordinhas assoviavam em chamas, agarrou o bastão e saiu correndo de volta para a muralha.

Isso é loucura, pensou enquanto corria. Não me importa qual vai ser o tamanho da explosão. Eu poderia quebrar o pescoço fazendo iss...!

O estrondo atrás de si foi mais alto do que qualquer coisa que já ouvira em toda a vida. Um soco monstruoso o golpeou pelas costas, expulsando todo o ar de seus pulmões antes mesmo de ele conseguir aterrissar no topo do muro, estatelado de barriga para baixo, mal conseguindo segurar o bastão que balançava sobre a beirada. Por um instante, permaneceu ali, tentando recobrar o fôlego, tentando não pensar em como *sem dúvida* finalmente gastara toda a sorte para não cair do muro. Seus ouvidos reverberavam como os sinos de Tar Valon.

Ele se levantou com cuidado e olhou para trás, na direção da Pedra. Uma nuvem de fumaça se erguia em torno da seteira. Por trás da fumaça, o

contorno sombreado da seteira parecia diferente. Maior. Ele não entendia como nem por quê, mas de fato parecia maior.

Parou para pensar apenas por um instante. Em um extremo da muralha devia estar Sandar, esperando para entrar na Pedra levando-o disfarçado de prisioneiro, ou então retornando com soldados. No outro extremo, deveria haver alguma forma de entrar sem qualquer chance de Sandar traí-lo. Mat avançou pelo caminho que acabara de percorrer, sem se preocupar com a escuridão ou o risco de queda para qualquer um dos lados.

A seteira *estava* maior, a maior parte da pedra mais fina no meio simplesmente desaparecera, deixando um buraco grosseiro, como se alguém tivesse passado horas martelando a parede.

Ele forçou passagem pela nova abertura, tossindo com a fumaça penetrante, depois pulou para o chão do lado de dentro e caminhou uns doze passos até dar de cara com Defensores da Pedra, pelo menos dez deles, todos gritando e confusos. A maioria estava apenas de camisa, e nenhum usava elmo ou placa peitoral. Alguns seguravam lanternas. Outros erguiam espadas desembainhadas.

Idiota!, gritou em pensamento. *Foi para isso que acendeu aquelas porcarias, para começo de conversa! Idiota cego pela Luz!*

Não tinha tempo de retornar até a muralha. Girando o bastão, partiu para cima dos soldados antes que os homens pudessem fazer mais que notar sua presença. Lançou-se na direção deles, golpeando cabeças, espadas, joelhos e o que mais pudesse, sabendo que eram muitos para enfrentar sozinho, sabendo que aquela jogada de dados imbecil custara qualquer chance que Egwene e as outras pudessem ter.

De repente Sandar surgiu ao lado dele, iluminado pela luz das lanternas largadas pelos homens agarrados às espadas, o cajado fino rodopiando ainda mais rápido que o bastão de Mat. Pegos de surpresa por dois homens com bastões, os soldados desabaram como pinos em um jogo de boliche.

Sandar olhou para os homens caídos, balançando a cabeça.

— Defensores da Pedra. Eu ataquei Defensores! Vão querer minha cabeça por...! O que foi que você fez, jogador? Aquele clarão de luz, o trovão que arrebentou a pedra. Você invocou raios? — Ele baixou a voz a um sussurro. — Será que eu me juntei a um homem capaz de canalizar?

— Fogos de artifício — respondeu Mat, ríspido. Seu ouvido ainda zumbia, mas podia ouvir o som de mais botas a caminho, botas que corriam pelas pedras, avançando com baques surdos. — As celas, homem! Me leve até as celas antes que chegue mais alguém!

Sandar se recompôs.

— Por aqui! — O homem disparou por um corredor lateral, afastando-se das botas que chegavam. — Temos que correr! Vão nos matar se nos encontrarem! — Em algum ponto acima, gongos começaram a disparar um alarme, e mais estrondos de botas ecoaram pela Pedra.

Estou indo, pensou Mat, enquanto corria atrás do apanhador de ladrões. Vou resgatar vocês ou vou morrer! Eu prometo!

Os gongos do alarme ecoavam pela Pedra, mas Rand não prestou mais atenção a eles do que ao estrondo anterior, um trovão abafado que viera de algum lugar abaixo. A lateral de seu corpo doía. A antiga ferida ardia, e quase se abrira com a escalada na lateral da fortaleza. Ele também não deu atenção à ferida. Tinha um sorriso torto congelado nos lábios, um sorriso de antecipação e terror que não poderia ter desfeito nem mesmo se quisesse. Estava perto, agora. O sonho. *Callandor*.

Finalmente terminarei com isso tudo. De um jeito ou de outro, estará tudo acabado. Os sonhos vão chegar ao fim. As iscas, as provocações, a caçada. Vou terminar com tudo!

Rindo sozinho, ele disparou pelos corredores sombrios da Pedra de Tear.

* * *

Egwene levou a mão ao rosto, estremecendo. Sua boca tinha um gosto amargo, e ela sentia sede. *Rand? O quê? Por que estava sonhando com Mat outra vez, tudo misturado com Rand, e gritando que estava vindo? O quê?*

Ela abriu os olhos e encarou os muros de pedra cinza, onde uma tocha rústica soltava fumaça e produzia sombras que tremeluziam. Então deu um grito, ao se lembrar de tudo.

— Não! Eu não serei acorrentada outra vez! Não serei encolarada! Não!

Nynaeve e Elayne chegaram ao lado dela em um instante, os rostos cheios de hematomas com expressões tão preocupadas e aterrorizadas que Egwene foi incapaz de acreditar nos sons tranquilizantes que as duas emitiam. Mas só o fato de que elas estavam lá já era o suficiente para silenciar seus gritos. Ela não estava só. Fora feito prisioneira, mas não estava sozinha. E não fora encolarada.

Tentou se sentar, e as duas ajudaram. Tinham de ajudá-la, pois cada um de seus músculos doía. Conseguia se lembrar de cada golpe invisível recebido durante o frenesi que quase a enlouquecera quando descobriu... *Não vou pensar nisso. Preciso pensar em como vamos fugir daqui.* Ela deslizou para trás até conseguir se apoiar em uma parede. A dor lutava com

o cansaço, a batalha de se recusar a ceder consumira toda a força que lhe restava, e os machucados pareciam deixá-la ainda mais esgotada.

A cela estava vazia, exceto pelas três mulheres e a tocha. O chão era nu, frio e duro. A porta de tábuas brutas, lascada como se inúmeros dedos já a tivessem arranhado, inutilmente, era a única abertura nas paredes. Mensagens haviam sido deixadas na pedra, a maioria escrita por mãos trêmulas. “Que a Luz tenha misericórdia e me deixe morrer”, dizia uma delas. Ela tirou aquilo da cabeça.

— Ainda estamos blindadas? — murmurou. Até falar doía.

Ao mesmo tempo em que Elayne assentiu, Egwene percebeu que não deveria ter perguntado. A bochecha inchada da mulher de cabelos dourados, o lábio ferido e o olho roxo eram resposta suficiente, ainda que sua própria dor não fosse. Se Nynaeve tivesse sido capaz de tocar a Fonte Verdadeira, elas sem dúvida teriam sido Curadas.

— Eu tentei — respondeu Nynaeve, desesperada. — Eu tentei, tentei e tentei. — Ela deu um puxão forte na trança, a raiva se infiltrando em sua voz, apesar do medo e da falta de esperança. — Uma delas está sentada lá fora. É Amico, aquela desgrenhada exibida, se elas não estiverem se revezando desde que nos jogaram aqui. Acho que uma é suficiente para manter a blindagem, depois que os fluxos são combinados. — A mulher soltou uma risada amarga. — Tanto esforço elas fizeram... para nos capturar, e agora parece que não somos nem um pouco importantes. Já faz horas desde que bateram aquela porta na nossa cara, e ninguém veio perguntar nada. Nem nos ver, ou sequer trazer uma gota d’água. Talvez queiram deixar a gente aqui até morrermos de sede.

— Isca — comentou Elayne, com a voz trêmula, embora obviamente estivesse tentando soar destemida. Sem a menor sombra de sucesso. — Liandrin disse que somos uma isca.

— Isca para quê? — perguntou Nynaeve, vacilante. — Isca para quem? Se eu sou uma isca, quero me enfiar pelas gargantas delas até todas sufocarem!

— Rand. — Egwene parou para engolir, até mesmo uma única gota d’água seria bem-vinda. — Eu sonhei com Rand e *Callandor*. Acho que ele está vindo para cá. — *Mas por que será que sonhei com Mat? E Perrin? Era um lobo, mas tenho certeza de que era ele.* — Não fiquem com tanto medo — disse, tentando soar confiante. — Nós vamos escapar, de um jeito ou de outro. Se conseguimos vencer os Seanchan, conseguiremos vencer Liandrin.

As outras duas a encararam. Nynaeve disse:

— Liandrin disse que treze Myrddraal estão a caminho, Egwene.

Percebeu que olhava outra vez a mensagem arranhada na parede: “Que a Luz tenha misericórdia e me deixe morrer.” Ela cerrou os punhos. Sentiu câimbras na mandíbula, com o esforço de não gritar aquelas palavras. *É melhor morrer. A morte é melhor do que me voltar para a Sombra, do que passar a servir ao Tenebroso!*

Ela percebeu que uma de suas mãos agarrara a bolsa no cinturão com força. Podia sentir os dois anéis lá dentro, o pequeno círculo da Grande Serpente e o anel maior, de pedra retorcida.

— Não levaram o *ter’angreal* — comentou, espantada. Revirou a bolsa e tirou-o de dentro. O anel fazia peso em sua mão, rajado e colorido, um anel com apenas uma borda.

— Não somos importantes o suficiente sequer para sermos revistadas — suspirou Elayne. — Egwene, tem certeza de que Rand está vindo para cá? Preferia me libertar do que esperar pela possibilidade de que ele chegue, mas se existe alguém capaz de derrotar Liandrin e as outras, é ele. O Dragão Renascido deve empunhar *Callandor*. Ele *tem* que ser capaz de derrotá-las.

— Não se acabarmos aprisionando ele junto com a gente — murmurou Nynaeve. — Não se elas tiverem preparado uma armadilha que ele não veja. Por que está encarando esse anel, Egwene? *Tel’aran’rhiod* não vai nos ajudar agora. A não ser que você consiga sonhar com uma forma de escaparmos daqui.

— Talvez eu consiga — começou, devagar. — Eu poderia canalizar em *Tel’aran’rhiod*. A barreira delas não vai me impedir de alcançar o Mundo dos Sonhos. Basta dormir, não preciso canalizar. E estou cansada o bastante para dormir.

Elayne franziu a testa, contraindo-se ao sentir as feridas repuxadas.

— Eu arrisco qualquer coisa, mas como é que você vai conseguir canalizar, mesmo em um sonho, sem contato com a Fonte Verdadeira? E, se conseguir, como é que isso vai nos ajudar aqui?

— Eu não sei, Elayne. Só porque estou blindada aqui, não quer dizer que também esteja no Mundo dos Sonhos. No mínimo, vale a tentativa.

— Talvez — respondeu Nynaeve, preocupada. — Também arrisco qualquer coisa, mas você viu Liandrin e as outras da última vez que usou esse anel. E disse que elas também viram você. E se estiverem lá de novo?

— Espero que estejam — respondeu Egwene, em um tom sombrio. — Espero que estejam.

Ela agarrou o *ter'angreal* e fechou os olhos. Sentiu Elayne alisando seus cabelos e ouviu-a murmurar baixinho. Nynaeve começou a cantarolar aquela canção de ninar de sua infância, e pela primeira vez não sentiu raiva alguma. Os sons e toques suaves a acalmaram, deixaram-na se render ao cansaço, permitindo que o sono chegasse.

* * *

Ela usava seda azul dessa vez, mas não notou qualquer coisa além disso. Uma brisa suave acariciava seu rosto sem hematomas e avivava o voo das borboletas sobre as flores silvestres. A sede desaparecera, e também a dor. Ela tentou abraçar *saidar* e foi preenchida pelo Poder Único. Mesmo o triunfo que sentiu ao ter sucesso era pequeno se comparado à onda de Poder que a invadia.

Com relutância, se forçou a encerrar o contato com a Fonte, fechou os olhos e preencheu o vazio com uma imagem perfeita do Coração da Pedra. Aquele era o único lugar da Pedra que era capaz de visualizar, além da cela, e como distinguiria entre dois cubículos sem qualquer traço característico? Quando abriu os olhos, estava lá. Porém, não estava sozinha.

A silhueta de Joiya Byir estava parada diante de *Callandor*, tão insubstancial que a luz da espada brilhava através dela. A espada de cristal parara de apenas reluzir com o reflexo da luz e no momento pulsava com um brilho próprio, como se alguma luz dentro dela estivesse sendo revelada, coberta, e depois encoberta outra vez. A irmã Negra teve um sobressalto e virou-se para Egwene.

— Como? Você está blindada! Seu Sonho chegou ao fim!

Antes que as primeiras palavras saíssem da boca da mulher, Egwene alcançou *saidar* outra vez, urdiu a intrincada trama de Espírito que lembrava ter sido usada contra ela e cortou o contato de Joiya Byir com a Fonte. Os olhos da Amiga das Trevas se arregalaram, aqueles olhos cruéis e tão incongruentes com o rosto belo e gentil, mas Egwene já começara a tecer Ar. A silhueta da outra mulher podia parecer uma névoa, mas os elos a contiveram. Egwene parecia não precisar fazer esforço para sustentar a urdidura dos dois fluxos. Quando se aproximou, pôde ver o suor na testa de Joiya Byir.

— Você tem um *ter'angreal*! — O medo no rosto da mulher era evidente, mas sua voz lutava para escondê-lo. — Só pode ser isso. Um *ter'angreal* que escapou e que não requer canalização. Acha que vai adiantar de alguma coisa, garota? Nada do que fizer aqui poderá afetar o

que acontece no mundo real. *Tel'aran'rhiod* é um sonho! Quando eu acordar, vou pessoalmente arrancar esse *ter'angreal* de você. Cuidado com o que faz, para eu não entrar furiosa na sua cela.

Egwene sorriu para ela.

— Tem certeza de que vai acordar, Amiga das Trevas? Se o seu *ter'angreal* requer canalização, por que você não acordou assim que eu a blindei? Talvez não consiga acordar enquanto estiver blindada aqui. — Seu sorriso morreu, o simples esforço de sorrir para aquela Aes Sedai era maior do que ela podia suportar. — Uma mulher me mostrou uma cicatriz que ganhou em *Tel'aran'rhiod*, Amiga das Trevas. O que acontece aqui *continua* real quando você acorda.

O suor escorria pela face lisa e de idade indefinida da irmã Negra. Egwene se perguntou se a mulher acreditava estar prestes a morrer. Quase desejou ser cruel o bastante para fazer aquilo. A maioria dos golpes invisíveis que sofrera vieram daquela mulher, que a esmurrara apenas porque tentara rastejar para longe, apenas porque se recusara a desistir.

— Uma mulher capaz de dar surras tão violentas — comentou Egwene — não deve fazer objeção a uma mais leve. — Mais do que depressa, urdiu outro fluxo de Ar. Joiya Byir arregalou os olhos escuros, incrédula, quando o primeiro golpe a atingiu nos quadris. Egwene percebeu como ajustar a tessitura para que não precisasse sustentá-la. — Você vai se lembrar disso, quando acordar, e vai sentir. Quando eu permitir que você acorde. E tem mais uma coisa. Se tentar me bater outra vez, trarei você de volta para cá e a deixarei aqui para o resto da vida! — Os olhos da irmã Negra a encaravam cheios de ódio, mas também deixavam escapar um traço de lágrimas.

Egwene sentiu vergonha por um momento. Não pelo que estava fazendo a Joiya, já que a mulher merecia cada golpe. Se não pelo que fizera a ela, então pelas mortes dentro da Torre. Não era exatamente aquilo, e sim porque estava gastando tempo com a própria vingança enquanto Nynaeve e Elayne permaneciam sentadas dentro de uma cela, torcendo contra todas as chances para que ela fosse capaz de resgatá-las.

Ela prendeu os fluxos de suas tessituras antes que percebesse o que fizera, depois parou para analisar o que acabara de fabricar. Três tramas separadas, e não só não encontrara problemas para sustentá-las juntas, como também conseguira fazer com que as três se sustentassem sozinhas. Julgava-se capaz de lembrar como fizera. E poderia ser útil.

Depois de um instante, desfiou uma das tramas, e a Amiga das Trevas soluçou, tanto de alívio quanto de dor.

— Eu não sou como você — declarou Egwene. — Essa é a segunda vez que fiz uma coisa dessas, e não gosto nem um pouco. Vou ter que aprender a cortar gargantas, em vez disso. — Pela expressão no rosto da irmã Negra, a mulher devia ter pensado que Egwene pretendia começar por ela.

Com um som de repulsa, a jovem de Dois Rios deixou a mulher ali, aprisionada e blindada, e correu pela floresta de colunas de pedra vermelha polida. Tinha que haver um caminho até as celas.

* * *

O corredor de pedras caiu em silêncio quando o grito derradeiro foi interrompido pelo cravar da mandíbula do Jovem Touro na garganta do de duas pernas, esmagando-a. O sangue em sua língua tinha um gosto amargo.

Ele sabia que ali era a Pedra de Tear, embora não soubesse dizer como sabia. Os de duas pernas que jaziam ao redor dele, um deles dando os últimos chutes enquanto os dentes de Saltador se enterravam em sua garganta, haviam exalado o odor rançoso de medo, durante a luta. Um odor de confusão. Ele achava que os dois não sabiam onde estavam, e sem dúvida não pertenciam ao sonho do lobo, mas ainda assim estavam ali para impedi-lo de chegar àquela porta comprida mais adiante, a porta com o cadeado de ferro. Estavam ali para vigiá-la, pelo menos. Havia ficado surpresos em ver lobos. Pensou que tivessem ficado surpresos em notar que estavam ali.

Limpou a boca, depois encarou a própria mão com uma incompreensão momentânea. Era homem outra vez. Era Perrin. De volta ao próprio corpo, com o colete de ferreiro e o pesado martelo ao seu lado.

Temos que correr, Jovem Touro. Algo maligno se aproxima.

Perrin puxou o martelo do cinturão enquanto avançava até a porta.

— Faile deve estar aqui. — Um golpe certo estilhaçou o cadeado. Ele deu um chute para abrir a porta.

O cômodo estava vazio, exceto por um bloco de pedra comprido no centro do chão. Faile estava deitada sobre o bloco, parecendo dormir, os cabelos negros espalhados como um leque, o corpo tão acorrentado que ele levou um tempo para perceber que ela estava nua. Cada corrente estava presa à pedra por uma tranca grossa.

Ele mal percebeu que cruzara o aposento até tocar a face da moça, deslizando um dedo pela maçã do rosto.

Ela abriu os olhos e sorriu para ele.

— Eu sonhei que você vinha, ferreiro.

— Já vou libertar você, Faile. — Perrin ergueu o martelo e estraçalhou uma das trancas, como se fosse de madeira.

— Eu tinha certeza. Perrin.

Enquanto seu nome saía da boca de Faile, ela também saía de vista. Com um estrépito, as correntes desabaram na pedra onde ela estivera.

— Não! — gritou. — Eu a encontrei!

O sonho não é como o mundo de carne, Jovem Touro. Aqui, a mesma caçada pode ter muitos finais.

Ele não se virou para encarar Saltador. Sabia que seus dentes estavam arreganhados em um rosnado. Ergueu o martelo outra vez, descendo-o com toda a força sobre as correntes que prendiam Faile. Com o golpe, o bloco de pedra se rachou em dois. A própria Pedra repicou, como um sino emperrado.

— Então eu vou caçar outra vez — rosnou.

Com o martelo na mão, Perrin saiu do aposento a passos largos, Saltador a seu lado. A Pedra era um lugar de homens. E homens, ele sabia, eram caçadores mais cruéis até do que os lobos.

* * *

Gongos de alarme soaram em algum ponto acima, ressoando pelo corredor, mas não abafaram muito o tinido de metal contra metal e os berros dos homens que lutavam muito perto. Aiel e Defensores, Mat suspeitou. Suportes compridos e dourados, cada um contendo quatro lampiões dourados, alinhavam-se no corredor onde ele estava, e tapeçarias de seda com cenas de batalha pendiam das paredes de pedra polida. Havia até carpetes de seda no piso, vermelho-escuro sobre azul-escuro, trançados em um ponto chamado labirinto taireno. Pela primeira vez Mat estava ocupado demais para estimar os preços de cada uma daquelas coisas.

Esse desgraçado é bom, pensou, enquanto tentava afastar uma investida de espada, mas o golpe que tentara acertar na cabeça do homem, com a outra extremidade do bastão, acabou sendo desviado para bloquear outra vez a lâmina dardejante. *Será que ele é um desses malditos Grão-lords?* Ele quase conseguiu desferir um bom golpe em um dos joelhos do oponente, mas o homem saltou para trás, a lâmina reta erguida em guarda.

O homem de olhos azuis sem dúvida usava um daqueles casacos de mangas bufantes; esse era amarelo com listras bordadas em fios de ouro. Mas a roupa fora vestida de qualquer jeito, apenas metade da camisa foram enfiada nas calças, e os pés estavam descalços. Os cabelos escuros e curtos

estavam desgrenhados como os de alguém que acordara com pressa, mas o homem lutava com vigor. Cinco minutos antes, o sujeito irrompera de repente, atravessando uma das portas altas e entalhadas que se alinhavam no corredor, empunhando uma espada sem bainha, e Mat só pôde agradecer por tê-lo visto surgindo pela frente, não por trás. Não era o primeiro homem vestido daquela forma que Mat enfrentara, mas sem dúvida era o melhor.

— Consegue passar por mim, caçador de ladrões? — perguntou Mat, com o cuidado de não desgrudar os olhos do homem que o aguardava com a lâmina pronta para o ataque. Sandar insistira, irritado, em ser chamado de “caçador de ladrões” em vez de “apanhador de ladrões”, embora para Mat fosse tudo mesma coisa.

— Não consigo — gritou Sandar, por detrás dele. — Se você se afastar para abrir caminho, vai perder espaço para balançar este remo que chama de bastão e vai acabar no espeto que nem um sargo.

Que nem o quê?

— Bem, pense em alguma coisa, taireno. Esse desgrenhado está me dando nos nervos.

O homem de casaco listrado de ouro o encarou com desprezo.

— Terá a honra de morrer pela espada do Grão-lorde Darlin, camponês, se eu assim o permitir. — Era a primeira vez que ele se dignava a falar. — Em vez disso, acho que vou pendurar vocês dois pelos calcanhares e assistir às suas peles serem arrancadas dos corpos...

— Acho que eu não gostaria disso — comentou Mat.

O rosto do Grão-lorde ficou vermelho de indignação por ser interrompido, mas Mat não deu ao homem a chance de fazer qualquer comentário ultrajado. Girando o bastão em laçadas duplas contidas, tão rápidas que transformavam as extremidades da arma em borrões, ele deu um salto para a frente. Darlin, rosnando, mal conseguia afastar o bastão. Por hora. Mat sabia que não conseguiria manter aquele ritmo por muito tempo e, se tivesse sorte, os dois ficariam nos golpes e contragolpes. Se tivesse sorte. No entanto, não tinha qualquer intenção de contar com a sorte daquela vez. Assim que o Grão-lorde teve um momento para definir um padrão de defesa, Mat alterou o ataque no meio do giro. A extremidade do bastão que Darlin esperava que fosse golpear sua cabeça acabou mergulhando e atingindo suas pernas. A outra ponta acertou sua cabeça, e ele caiu com um estrépito cortante que o fez revirar os olhos.

Ofegante, Mat inclinou o bastão sobre o Grão-lorde inconsciente. *Que me queime, se eu tiver que lutar com mais um ou dois iguais a esse, vou*

acabar desabando de exaustão! As histórias não contam o trabalho que dá para ser um herói! Nynaeve sempre acaba encontrando um jeito de me fazer trabalhar.

Sandar andou até ele, franzindo o cenho para o Grão-lorde caído.

— Não parece tão poderoso aí no chão — comentou, espantado. — Não parece muito mais grandioso do que eu.

Mat levou um susto e espiou pelo corredor, onde um homem acabava de passar trotando ao longo de um corredor adjacente. *Que me queime, não sei se estou maluco, mas podia jurar que era Rand!*

— Sandar, acha que... — começou a falar, balançando o bastão por cima do ombro, e parou ao atingir algo.

Ele se virou e deu de cara com outro Grão-lorde vestido às pressas, dessa vez com a espada já no chão, os joelhos dobrados e as duas mãos sobre a cabeça, que Mat acertara com o bastão. Mais do que depressa, desferiu um golpe forte no estômago do homem com a ponta do bastão, para fazê-lo baixar as mãos, e depois, outra pancada na cabeça, fazendo-o desabar por cima da própria espada.

— É a sorte, Sandar — murmurou. — Não dá para competir com a maldita sorte. Agora, por que não encontra logo essa porcaria de passagem secreta que os Grão-lordes usam para descer até as celas? — Sandar insistira que existia uma escada dessas e que usá-la os pouparia de ter que atravessar a maior parte da Pedra. Mat achava que não gostava muito de homens que, de tão ávidos para verem os prisioneiros sendo interrogados, quisessem uma rota rápida de seus aposentos até as celas.

— Só fique feliz por *ter* tanta sorte — retrucou Sandar, vacilante —, ou esse aqui teria matado nós dois antes mesmo que o víssemos. Eu sei que a porta está em algum lugar por aqui. Você vem? Ou prefere esperar outro Grão-lorde aparecer?

— Vá na frente. — Mat passou por cima do Grão-lorde inconsciente. — Não sou um maldito herói.

Correndo, o rapaz seguiu o caçador de ladrões, que espiava por todas as portas altas por que passavam, resmungando que sabia que a passagem estava ali, em algum lugar.





O Que Está Escrito na Profecia

Rand adentrou a câmara devagar, caminhando por entre as grandes colunas de pedra vermelha polida que se lembrava de ter visto nos sonhos. O silêncio preenchia as sombras, mas algo o chamava. E algo piscava mais adiante, uma luz momentânea que jogava as sombras para trás, um farol. Ele deu um passo à frente, entrando embaixo de um enorme domo, e viu o que buscava. *Callandor*, suspensa no ar com a empunhadura para baixo, à espera apenas da mão do Dragão Renascido, nenhuma outra. Enquanto girava, dividia a pouca luz que havia no recinto, e vez ou outra tremulava, como se emanasse luz própria. Chamando-o. Esperando por ele.

Se é que eu sou o Dragão Renascido. Se é que não sou só mais um homem meio louco, amaldiçoado com o dom de canalizar, uma marionete de Moiraine e da Torre Branca.

— Pegue, Lews Therin. Pegue, Fratricida.

Ele se virou na direção de onde vinha a voz. O homem alto de cabelos brancos e curtos que irrompera das sombras entre as colunas era um pouco familiar. Rand não fazia ideia de quem era o sujeito vestido em um casaco de seda vermelha com listras pretas com mangas bufantes, além de calças pretas enfiadas nas botas cobertas de elaborados ornamentos em prata. Não conhecia o homem, mas já o vira em seus sonhos.

— Você as trancou em uma jaula — comentou. — Egwene, Nynaeve e Elayne. Nos meus sonhos. Você sempre trancava as três em uma jaula e fazia mal a elas.

O homem fez um gesto desdenhoso com a mão.

— Elas são menos que nada. Talvez se tornem importantes um dia, quando forem treinadas, mas não agora. Confesso estar surpreso por você

se importar tanto com elas a ponto de torná-las úteis. Mas você sempre foi um tolo, sempre pronto para seguir seu coração, em vez de buscar poder. Veio cedo demais, Lews Therin. Agora terá que fazer aquilo para o qual ainda não está preparado ou morrerá. Morrerá sabendo que deixou essas mulheres que tanto preza em minhas mãos. — Ele parecia à espera de algo, vigilante. — Pretendo usá-las mais, Fratricida. Elas servirão a mim, servirão ao meu poder. E isso as machucará mais do que tudo o que já sofreram.

Atrás de Rand, *Callandor* piscou, emanando um pulso de calor em suas costas.

— Quem é você?

— Não se lembra de mim, não é? — O homem de cabelos brancos de repente soltou uma risada. — Também não me lembro de você, com essa aparência. Um camponês com um estojo de flauta nas costas. Será que Ishamael falou a verdade? Ele sempre gostou de mentir para ganhar uma polegada ou um segundo de vantagem. Não se lembra de nada, Lews Therin?

— Um nome! — exigiu Rand. — Qual é o seu nome?

— Pode me chamar de Be'lal. — O Abandonado demonstrou desprezo ao notar que Rand não reagira ao nome. — Pegue! — ordenou Be'lal, de repente, estendendo a mão em direção à espada atrás de Rand. — Já fomos para a guerra lado a lado, e por isso vou lhe dar uma chance. Uma chance pequena, mas é a chance de salvar a si próprio, a chance de salvar aquelas três que eu pretendo transformar em animaizinhos de estimação. Pegue a espada, *camponês*. Talvez seja o suficiente para lhe ajudar a sobreviver a mim.

Rand riu.

— Acha mesmo que consegue me assustar assim, tão fácil, Abandonado? Ba'alzamon em pessoa veio me caçar. Acha que vou me acovardar agora, diante de você? Rastejar diante de um Abandonado depois de ter renegado o Tenebroso na cara dele?

— É isso o que você acha? — perguntou Be'lal, baixinho. — Na verdade, você não sabe de nada. — De repente uma espada surgiu nas mãos do homem, uma espada com a lâmina feita de fogo negro. — Pegue! Pegue *Callandor*! Ela passou três mil anos, o tempo que estive preso, esperando aqui. Esperando por você. Um dos *sa'angreal* mais poderosos que já fizemos. Pegue e defenda-se, se puder!

Ele avançou em direção a Rand como se para empurrá-lo até *Callandor*, mas o jovem andoriano ergueu as próprias mãos. *Saidin* o preencheu, trazendo o doce fluxo rápido do Poder e o embrulho no estômago causado

pela mácula vil. Ele empunhava uma espada feita de chamas vermelhas, a marca da garça em sua lâmina flamejante. Começou a se movimentar nas formas que Lan ensinara até passar a deslizar de uma à outra, como se dançasse. Cortando a Seda. Água Correndo Morro Abaixo. Vento e Chuva. A lâmina de fogo negro se chocou contra a lâmina de fogo vermelho, irrompendo em faíscas, rugindo como metal incandescente se estilhaçando.

Rand retomou uma postura defensiva, tentando não demonstrar a súbita hesitação. Também havia uma garça na lâmina negra, um pássaro quase invisível de tão escuro. Já enfrentara um homem que usava uma espada de aço com a marca da garça, e quase não sobrevivera. Sabia que não tinha direito algum de portar uma marca de mestre espadachim, a figura já estava na espada que ganhara do pai, e, quando ele pensava em ter uma espada nas mãos, pensava naquela. Já abraçara a morte, como o Guardião ensinara, mas dessa vez a morte seria derradeira. Be'lal era melhor do que ele com a espada. Mais forte. Mais rápido. Um verdadeiro mestre espadachim.

O Abandonado riu, divertindo-se, balançando a espada em floreios rápidos para os dois lados. O fogo negro rugia, como se cruzar o ar com aquela rapidez o estimulasse.

— Você já foi um espadachim melhor, Lews Therin — comentou, de forma jocosa. — Lembra quando decidimos praticar aquele esporte maçante chamado esgrima e aprendemos a matar com ele, como os antigos volumes afirmavam que os homens faziam? Consegue se lembrar sequer de uma daquelas batalhas desesperadas ou de qualquer uma das nossas terríveis derrotas? É claro que não. Não se lembra de nada, não é? Desta vez não conseguiu aprender o bastante. Desta vez, Lews Therin, vou matar você. — A careta zombeteira de Be'lal se intensificou. — Talvez, se pegar *Callandor*, consiga aumentar um pouquinho seu tempo de vida. Só um pouquinho.

O Abandonado se aproximou devagar, quase como se desse tempo para Rand fazer exatamente o que ele sugerira: virar-se e correr até *Callandor*, até a Espada Que Não Pode Ser Tocada, para pegá-la. Porém a dúvida ainda era forte dentro de Rand. *Callandor* só podia ser tocada pelo Dragão Renascido. Ele permitira que o proclamassem por uma centena de razões que pareciam, à época, não lhe dar muita escolha. Mas será que era mesmo o Dragão Renascido? Se corresse para tocar *Callandor* de verdade, não em um sonho, será que sua mão tocaria uma barreira invisível enquanto Be'lal o retalhava pelas costas?

Enfrentou o Abandonado com a espada que já conhecia, a lâmina de fogo forjada com *saidin*. E foi forçado a recuar. A Folha que Cai encontrou Seda Molhada. Gato Dança no Muro se chocou contra Javali Dispara Morro Abaixo. O Rio Erode A Margem quase o fez perder a cabeça, obrigando-o a se atirar para um dos lados com pouca elegância, a chama negra roçando seus cabelos. Depois fez um rolamento e voltou a ficar de pé para enfrentar a Pedra Cai da Montanha. Metódica e deliberadamente, Be'lal o conduzia em uma espiral cada vez mais próxima de *Callandor*.

Gritos ecoavam pelas colunas, berros, o clangor do aço, mas Rand mal ouvia. Ele e Be'lal já não estavam sozinhos no Coração da Pedra. Homens usando placas peitorais e capacetes com abas usavam as espadas contra silhuetas sombreadas e cobertas por véus que saltavam por entre as colunas com golpes de lanças curtas. Alguns dos soldados formaram uma fileira. Flechas dardejavam pela escuridão e os atingiam na garganta e no rosto, e os homens morriam enfileirados. Rand mal percebeu a luta, mesmo ao ver homens caindo mortos a poucos passos de onde estava. Sua própria luta era desesperada demais, requeria toda a sua concentração. Um gotejar quente e molhado escorria pela lateral de seu corpo. A antiga ferida estava abrindo outra vez.

Ele cambaleou de repente, não percebera o homem morto a seus pés até cair de costas no chão de pedras, por cima do estojo da flauta.

Be'lal ergueu a espada de fogo negro, rosnando.

— Pegue! Pegue *Callandor* e defenda-se! Pegue ou vou matá-lo agora! Se não pegar, vou dilacerá-lo!

— Não!

Até Be'lal levou um susto com o comando proferido naquela voz feminina. O Abandonado saiu do alcance da espada de Rand e se virou para encarar Moiraine, que avançava em direção à batalha, os olhos fixos nele, ignorando os gritos de morte ao redor.

— Pensei que tivesse sido posta fora do caminho, mulher. Não importa. Você é apenas uma amolação. Uma mosca. Uma picadinha. Vou prendê-la com as outras e ensiná-la a servir à Sombra com esses poderes ridículos. — Ele terminou com uma risada desdenhosa e ergueu a mão livre.

Moiraine não havia parado ou diminuído o passo enquanto o homem falava. Quando ele moveu a mão, a Aes Sedai estava a menos de trinta passos de distância. Ela ergueu as duas mãos.

Houve um instante de surpresa no rosto do Abandonado, que teve apenas tempo de gritar:

— Não!

Foi então que uma barra de fogo branco mais quente que o sol foi lançada das mãos da Aes Sedai, um bastão incandescente que exterminou todas as sombras. Diante daquilo, Be'lal tornou-se uma massa de partículas de pó tremulantes, flocos que dançaram sob a luz durante menos de um piscar de olhos, flocos que se dissiparam antes mesmo que seu grito esvanecesse.

Fez-se silêncio no aposento quando a barra de luz desapareceu, exceto pelos gemidos dos feridos. A luta cessara por completo, homens de véus e homens de placas peitorais estavam parados da mesma forma, parecendo atônitos.

— Ele tinha razão em relação a uma coisa — comentou Moiraine, tão serena e fria como se caminhasse em um prado. — Você precisa pegar *Callandor*. Ele pretendia matá-lo por ela, mas a espada é sua por direito de nascença. Seria muito melhor se você tivesse mais conhecimento antes de pôr a mão naquela empunhadura, mas chegou o momento, e não há mais tempo para aprender. Pegue-a, Rand.

Um raio negro a açoitou e se enroscou ao redor dela. A mulher gritou enquanto era erguida e arremessada como um saco pelo chão, até que se chocou com uma das colunas.

Rand levantou os olhos para ver de onde viera o raio. Havia uma sombra mais profunda lá no alto, perto do topo das colunas, uma escuridão que fazia todas as outras sombras parecerem o sol do meio-dia. De dentro dela, dois olhos de fogo o encaravam de volta.

Aos poucos, a sombra baixou, transformando-se em Ba'alzamon vestido em roupas negras como a morte, como o negro dos Myrddraal. Ainda assim, não eram tão escuras quanto a sombra que se agarrava a seu corpo. Ele flutuava no ar, duas braças acima do chão, encarando Rand com uma fúria tão violenta quanto seus olhos.

— Por duas vezes lhe ofereci a chance de me servir em vida. — Chamas saltavam em sua boca enquanto ele falava, e cada palavra rugia como se saísse de uma fornalha. — Por duas vezes você recusou e me feriu. Agora, servirá ao Senhor do Túmulo em morte. Morra, Lews Therin Fratricida. Morra, Rand al'Thor. Chegou a hora da sua morte! Eu levarei sua alma!

Assim que Ba'alzamon estendeu a mão, Rand se levantou e se atirou desesperadamente em direção a *Callandor*, que ainda estava suspensa no ar, reluzente e cintilante. Não sabia se seria capaz de alcançá-la ou mesmo de tocá-la, mas tinha certeza de que era sua única chance.

O golpe de Ba'alzamon o acertou no meio do salto, atingiu-o por dentro, dilacerando-o e derrubando-o, despedaçando algo, tentando retalhar uma

parte dele. Rand gritou. Sentia-se desmoronando como um saco vazio, pareciam que estavam virando-o do avesso. A dor na lateral do corpo causada pela ferida aberta em Falme era quase bem-vinda, algo a que se agarrar, um lembrete de vida. Sua mão se fechou, em um movimento convulsivo, apertando-se à empunhadura de *Callandor*.

O Poder Único irrompeu dentro dele, uma torrente maior do que ele poderia crer ia de *saidin* para dentro da espada. A lâmina de cristal brilhava ainda mais intensa do que o fogo de Moiraine. Era impossível encará-la, impossível notar que ainda era uma espada, parecia apenas uma luz intensa brilhando em seu punho. Ele lutou contra o fluxo, duelou com a maré implacável que ameaçava carregá-lo, arrastar tudo o que ele era para dentro da espada. Durante o tempo de uma batida do coração que se estendeu por séculos, ele ficou ali, vacilante, equilibrando-se, na iminência de ser arrastado como areia levada por uma onda. Com uma lentidão infinita, o equilíbrio se firmou. Era imóvel, embora era como se ele estivesse descalço na ponta de uma navalha sobre um desfiladeiro sem-fim, mas algo lhe dizia que aquilo era o melhor que podia esperar. Para canalizar aquele tanto do Poder, precisava dançar naquela navalha como dançara com as formas da garça.

Rand se virou para encarar Ba'alzamon. A sensação de ter seu interior dilacerado cessara assim que sua mão tocou *Callandor*. Apenas um instante havia se passado, mas parecia ter durado para sempre.

— Você não vai levar minha alma! — gritou. — Desta vez, vou acabar com tudo de uma vez por todas! Vou acabar com tudo agora!

Ba'alzamon fugiu, homem e sombra desaparecendo.

Por um instante, Rand ficou observando tudo, franzindo a testa. Tivera uma sensação de... dobra... com a saída de Ba'alzamon. Uma torção, como se Ba'alzamon tivesse, de alguma forma, *curvado* o que era. Ignorando os homens que o encaravam, ignorando Moiraine caída na base da coluna, Rand estendeu a mão para além de *Callandor* e contorceu a realidade para criar uma porta até aquele outro lugar. Não sabia onde, sabia apenas que era para onde Ba'alzamon fugira.

— Eu sou o caçador agora — disse, e passou pela porta.

* * *

A pedra tremeu sob os pés de Egwene. A Pedra tremeu e tilintou. A jovem recuperou o equilíbrio e parou para escutar. Não havia mais som e nem tremor. O que quer que tivesse acontecido estava acabado. Ela se apressou.

Havia uma porta com barras de ferro à sua frente, presa com uma tranca do tamanho de sua cabeça. Ela canalizou Terra antes de tocá-la e, quando empurrou as barras, a tranca se partiu ao meio.

Ela atravessou, apressada, o aposento além da porta, tentando não olhar para as coisas que pendiam das paredes. Chicotes e pinças de ferro eram o que havia de mais inócuo. Com um pequeno calafrio, empurrou um portão de ferro menor e adentrou um corredor com portas de madeira bruta alinhadas e tochas rústicas dispostas em suportes de ferro a intervalos regulares. Sentiu quase tanto alívio por deixar aquelas coisas para trás do que sentiu ao encontrar o que buscava. *Mas qual cela?*

As portas de madeira se abriram com facilidade. Algumas estavam destrancadas, e as tranças das outras duraram tão pouco quanto a maior. Mas todas as celas estavam vazias. *É claro. Ninguém sonharia em estar neste lugar. Qualquer prisioneiro que conseguisse alcançar Tel'aran'rhiod sonharia com um lugar mais agradável.*

Por um instante, sentiu algo próximo do desespero. Quisera acreditar que encontrar a cela certa faria diferença. No entanto, até mesmo encontrar o lugar poderia ser impossível. Aquele primeiro corredor se estendia infinitamente, e outros se juntavam a ele.

De repente viu algo tremeluzir mais adiante. Uma silhueta ainda menos material do que Joiya Byir parecera. No entanto, era uma mulher. Tinha certeza daquilo. Uma mulher sentada em um banco ao lado da porta de uma das celas. A imagem cintilou em um contorno palpável outra vez, depois desapareceu. Não havia como confundir aquele pescoço delgado e aquele rosto pálido e inocente, com pálpebras que ondeavam à margem da sonolência. Amico Nagoyin flutuava em direção ao sono, sonhando com sua tarefa de guarda. E aparentemente brincava, sonolenta, com um dos *ter'angreal* roubados. Egwene era capaz de compreender: fora um esforço enorme parar de usar o objeto que recebera de Verin, mesmo por alguns poucos dias.

Sabia que era possível cortar o contato de uma mulher com a Fonte Verdadeira mesmo depois de ela ter abraçado *saidar*, mas ceifar uma tessitura já estabelecida deveria ser muito mais difícil que refrear o fluxo antes que ele começasse. Ela definiu os padrões da tessitura e os aprontou, fazendo tramas de Espírito muito mais fortes dessa vez, mais grossas e pesadas, uma trama mais densa e com a extremidade afiada como uma faca.

A silhueta oscilante da Amiga das Trevas surgiu outra vez, e Egwene disparou os fluxos de Ar e Espírito. Por um instante, algo pareceu resistir à

urdidura de Espírito, mas ela insistiu com toda a força que tinha. O fluxo deslizou para o lugar.

Amico Nagoyin gritou. Era um som débil, quase não dava para ouvir, tão fraco como a imagem da mulher, que parecia quase um fantasma do que fora Joiya Byir. Ainda assim, as tramas de Ar a envolveram, e ela não desapareceu outra vez. O terror distorceu aquele rosto adorável da Amiga das Trevas. A mulher parecia balbuciar alguma coisa, mas seus gritos eram sussurros muito baixos para Egwene compreender.

Egwene atou e prendeu as tessituras ao redor da irmã Negra, depois voltou a atenção à porta da cela. Impaciente, deixou um fluxo de Terra atingir o cadeado de ferro. Ele se desfez em poeira negra, uma névoa que se dissolveu antes de atingir o solo. Ela escancarou a porta e não ficou surpresa em encontrar a cela vazia, exceto por uma tocha rústica que queimava.

Mas Amico está presa, e a porta está aberta.

Por um instante, considerou o que faria em seguida. Então saiu do sonho...

* * *

...e acordou para os hematomas, as dores e a sede, para a parede da cela onde estava encostada, de frente para a porta firmemente fechada. *É claro. O que acontece com as criaturas vivas é real quando elas acordam. O que eu fiz com a pedra, o ferro ou a madeira não tem efeito no mundo real.*

Nynaeve e Elayne ainda estavam ajoelhadas ao lado dela.

— Quem quer que esteja lá fora — comentou Nynaeve — gritou alguns instantes atrás, porém nada mais aconteceu. Você encontrou alguma saída?

— Devemos conseguir sair — respondeu Egwene. — Me ajudem a me levantar, e vou me livrar da tranca. Amico não vai perturbar a gente. Aquele grito foi dela.

Elayne sacudiu a cabeça.

— Estou tentando abraçar *saidar* desde que você dormiu. É diferente agora, mas ainda estou sem contato.

Egwene formou o vazio dentro de si, transformou-se no botão de rosa e se abriu a *saidar*. A muralha invisível ainda estava ali. Embora trêmula. Houve momentos em que ela quase pensou sentir a Fonte Verdadeira começando a preenchê-la com o Poder. Quase. O escudo oscilava, entrando e saindo da existência muito depressa para o movimento ser detectado. Poderia muito bem ainda ser sólido.

Ela olhou as duas outras mulheres.

— Eu a aprisionei. Eu a blindei. Ela é uma criatura viva, não um pedaço de ferro sem vida. Ela *deveria* ainda estar blindada.

— *Algo* aconteceu com a barreira que formaram em nós — retrucou Elayne —, mas Amico ainda consegue controlá-la.

Egwene deixou a cabeça desabar na parede.

— Vou ter que tentar outra vez.

— Você tem forças para isso? — Elayne fez uma careta. — Para ser franca, você parece ainda mais fraca do que antes. Essa tentativa tirou alguma coisa de você, Egwene.

— Lá, sou forte o suficiente. — Ela de fato se sentia mais cansada, menos forte, mas aquela parecia a única chance. Disse isso, e os rostos das outras confirmavam que, embora relutantes, concordavam.

— Você consegue dormir de novo tão cedo? — perguntou Nynaeve, por fim.

— Cante para mim. — Egwene esboçou um sorriso. — Como fazia quando eu era uma garotinha. Por favor? — Com uma das mãos apertando a de Nynaeve e a outra agarrada ao anel de pedra, ela fechou os olhos e tentou encontrar o sono no cantarolar sem palavras.

* * *

A ampla porta de barras de ferro permanecia aberta, e o salão adiante parecia vazio, mas Mat entrou com muita cautela. Sandar ainda estava no corredor, tentando espiar nas duas direções ao mesmo tempo, certo de que um Grão-lorde ou talvez uns cem Defensores poderiam aparecer a qualquer momento.

Não havia homens no salão, e pelo modo como as refeições haviam sido largadas pela metade sobre uma mesa comprida, todos haviam saído apressados, sem dúvida por causa da luta nos andares acima. E, a julgar pela aparência dos objetos nas paredes, ficou satisfeito por não ter encontrado qualquer um deles. Chicotes de diferentes tamanhos e comprimentos, diferentes espessuras, com diferentes números de cordas. Torqueses, pinças, grampos e ferros. Objetos que pareciam botas de metal, manoplas e capacetes, com enormes parafusos em toda a extensão, como se para apertá-los. Coisas que ele nem sequer podia começar a imaginar para que serviam. Se tivesse conhecido os homens que usavam aquelas coisas, achava que seria melhor conferir se *elas* estavam mortos antes de ir embora.

— Sandar! — sussurrou. — Vai ficar aqui a droga da noite toda? — Sem esperar resposta, correu para a porta interna, que era fechada com barras como a primeira, mas menor, e atravessou-a.

O corredor, com portas de madeira bruta dos dois lados, era iluminado pelas mesmas tochas rústicas que o aposento de onde haviam acabado de sair. A não mais de vinte passos havia uma mulher sentada em um banco ao lado de uma das portas, recostada na parede de forma estranhamente rígida. Ao ouvir o som das botas dele rangendo na pedra, ela virou a cabeça lentamente em sua direção. Uma jovem bonita. Ele se perguntou por que ela não movera nada além da cabeça, e por que mesmo aquele movimento fora feito como se a mulher estivesse meio adormecida.

Seria uma prisioneira? *No corredor? Mas ninguém com um rosto desses poderia ser uma daquelas pessoas que usa aqueles negócios pendurados nas paredes.* Ela parecia mesmo estar quase dormindo, os olhos apenas parcialmente abertos. E o sofrimento naquele rosto tão lindo sem dúvida fazia dela uma torturada, não uma torturadora.

— Pare! — gritou Sandar, atrás dele. — Ela é Aes Sedai! É uma das que levaram as mulheres que você está procurando!

Mat congelou no meio de um passo, encarando a mulher. Lembrou-se de Moiraine arremessando bolas de fogo. Imaginou se seria capaz de desviar uma bola de fogo com o bastão. Então se perguntou se sua sorte o faria correr mais rápido que uma Aes Sedai.

— Me ajude — pediu a mulher, com a voz fraca. Seus olhos ainda pareciam quase adormecidos, mas a súplica em sua voz era muito desperta. — Me ajude. Por favor!

Mat piscou. Ela ainda não movera nem um músculo abaixo do pescoço. Ele se aproximou com cautela, acenando para Sandar parar de gritar que a mulher era Aes Sedai. Ela moveu a cabeça para acompanhá-lo. Não moveu qualquer coisa além daquilo.

Uma enorme chave de ferro pendia de seu cinturão. Mat hesitou por um instante. Aes Sedai, dissera Sandar. *Por que é que ela não se mexe?* Engolindo em seco, ele soltou a chave com extremo cuidado, como se estivesse tentando roubar um pedaço de carne da boca de um lobo. A mulher revirou os olhos em direção à porta ao seu lado. Depois fez um som que lembrava um gato que acabara de avistar um cachorro gigantesco avançando e rosnando, um gato que sabia que não haveria escapatória.

Ele não compreendia, mas, contanto que a mulher não tentasse impedi-lo de abrir aquela porta, não tinha interesse em saber por que ela estava sentada ali como um espantalho. Por outro lado, imaginou se haveria

alguma coisa muito assustadora atrás da porta. *Se ela é uma das que levaram Egwene e as outras, faz sentido que esteja de vigia.* As lágrimas rolavam dos olhos da mulher. *Só que ela está com cara de que viu um maldito Meio-homem ali dentro.* Havia apenas uma forma de descobrir. Apoiando o bastão na parede, ele girou a chave na fechadura e abriu a porta, pronto para correr caso fosse preciso.

Nynaeve e Elayne estavam ajoelhadas no chão, e Egwene parecia adormecida entre elas. Ele arquejou ao ver o rosto inchado de Egwene e mudou de ideia quanto a ela parecer adormecida. As outras mulheres se viraram assim que ele abriu a porta, estavam quase tão espancadas quanto Egwene. *Que me queime! Que me queime!* Elas olharam para ele e escancararam as bocas.

— Matrim Cauthon — exclamou Nynaeve, chocada. — Sob a Luz, o que você está fazendo aqui?

— Vim resgatar vocês, caramba — respondeu. — Que me queime se eu esperava que ia ser recebido como se tivesse vindo roubar uma torta. Podem me explicar mais tarde por que é que estão parecendo ter lutado com ursos, se quiserem. Se Egwene não puder caminhar, eu a levo nas costas. Há Aiel espalhados em toda a Pedra, ou pelo menos bem perto de nós. Ou eles estão matando os malditos Defensores ou os malditos Defensores estão acabando com eles, mas, seja lá o que for, é melhor a gente sair daqui dessa desgraça enquanto dá tempo. *Se ainda der tempo!*

— Modere esse linguajar — mandou Nynaeve.

Elayne lhe lançou um dos olhares de desaprovação que as mulheres são mestras em fazer. No entanto, nenhuma delas parecia ter concentrado todos os seus esforços naquilo. As duas começaram a sacudir Egwene como se a jovem não estivesse coberta com mais hematomas juntos do que ele já vira em toda a vida.

As pálpebras de Egwene se abriram, trêmulas, e ela soltou um ganido.

— Por que me acordaram? Eu preciso entender isso. Se soltar as amarras, ela vai acordar, e eu nunca mais vou conseguir pegá-la. Mas se eu não soltar, ela não vai poder dormir profundamente, e... — Os olhos dela pousaram nele e se arregalaram. — Matrim Cauthon! Sob a Luz, o que *você* está fazendo aqui?

— Conte você — pediu Mat para Nynaeve. Estou ocupado demais tentando resgatá-las para ter que moderar o meu linguajar... — As três naquele momento olhavam fixamente para um ponto atrás dele, encarando o que quer que fosse com tanta raiva que pareciam desejar estar carregando facas.

Ele deu um giro, mas viu apenas Juilin Sandar, com uma cara de quem tinha acabado de engolir uma ameixa podre.

— Elas têm motivo — explicou ele a Mat. — Eu... eu as traí. Mas tive que fazer isso. — As palavras do homem eram dirigidas às três. — A tal mulher com várias trancinhas cor de mel veio falar comigo, e eu... Eu tive que fazer. — Por um longo instante as três continuaram a encará-lo.

— Liandrin tem truques muito vis, Mestre Sandar — respondeu Nynaeve, por fim. — Talvez você não seja totalmente culpado. Podemos distribuir as parcelas de culpa mais tarde.

— Já que isso está esclarecido — comentou Mat —, será que podemos ir?

Para ele, tudo estava tão claro quanto lama, mas estava mais interessado em ir embora dali bem depressa.

As três saíram mancando atrás dele pelo corredor, mas pararam em volta da mulher sentada no banco. Ela revirou os olhos para elas e choramingou.

— Por favor. Vou voltar para a Luz. Vou jurar obediência a vocês. Com o Bastão dos Juramentos nas minhas mãos, vou jurar. Por favor, não...

Mat deu um salto quando Nynaeve recuou de repente e deu um soco na mulher, derrubando-a do banco. Ela ficou ali parada, os olhos finalmente fechados por completo. Mas mesmo deitada de lado, ela permanecia na posição exata em que ficara sentada no banco.

— Acabou — anunciou Elayne, animada.

Egwene agachou-se para revirar a bolsa da mulher inconsciente e pegou um objeto que Mat não conseguiu identificar, guardando-o.

— Pois é. Que maravilha. Algo mudou nela quando você a socou, Nynaeve. Não sei o que foi, mas senti.

Elayne concordou.

— Eu também senti.

— Queria mudar absolutamente tudo em relação a ela — retrucou Nynaeve, com uma carranca. Ela segurou a cabeça de Egwene entre as mãos. A mais nova ficou nas pontas dos pés, arfando. Quando Nynaeve tirou as mãos dela e levou-as a Elayne, os hematomas de Egwene haviam desaparecido. Os da Filha-herdeira sumiram com a mesma rapidez.

— Sangue e malditas cinzas! — grunhiu Mat. — Por que você bateu numa mulher que estava apenas sentada quieta? Acho que ela não podia nem se mexer! — As três se viraram para ele, que emitiu um som abafado, como se o ar à sua volta estivesse se transformando em uma geleia grossa. Ele levitou até suas botas balançarem a cerca de um passo acima do chão.

Ah, que me queime, o Poder! Cá estava eu, com medo de aquela Aes Sedai usar o maldito Poder em mim, e agora essas desgraçadas que eu estou resgatando resolvem fazer isso! Que me queime!

— Você não entende nada, Matrim Cauthon — disse Egwene, com a voz firme.

— Até que você entenda — completou Nynaeve, com uma voz ainda mais firme —, sugiro que guarde suas opiniões para si.

Elayne contentou-se em lançar um olhar que o fez lembrar-se de quando sua mãe procurava uma vara para lhe açoitar.

Por algum motivo, percebeu que abria o mesmo sorriso que tantas vezes abrira à sua mãe depois daquelas varadas. *Que me queime! Se elas são capazes de fazer isso, como é que alguém pode tê-las trancado naquela cela, para começo de conversa?*

— O que eu entendo é que resgatei vocês três de algo que não eram capazes de sair sozinhas, e vocês demonstram tanta gratidão quanto um daqueles sujeitos da maldita Barca do Taren, e com dor de dente!

— Você tem razão — concordou Nynaeve, e de súbito as botas de Mat atingiram o chão com tanta força que ele rangeu os dentes. Mas pôde se mexer outra vez. — Por mais que me doa dizer isso, Mat, você tem razão.

Ele ficou tentado a dar uma resposta sarcástica, mas a voz dela já oferecia desculpas o suficiente.

— Podemos ir agora? Com a luta ainda se desenrolando, Sandar acha que podemos levá-las por um portãozinho perto do rio.

— Eu não vou embora ainda, Mat — retrucou Nynaeve.

— Ainda pretendo encontrar Liandrin e esfolá-la viva — completou Egwene, soando quase como se a intenção fosse literal.

— A única coisa que quero fazer — comentou Elayne — é espancar Joiya Byir até ela guinchar, mas posso me contentar com qualquer uma delas.

— Será que vocês estão todas surdas? — rosnou Mat. — Tem uma batalha acontecendo lá fora! Vim até aqui para resgatar vocês, e pretendo fazer isso. — Egwene deu um tapinha carinhoso em seu rosto, ao passar a seu lado, e Elayne fez o mesmo. Nynaeve apenas fungou com desdém. Mat ficou encarando as três, o queixo caído. — Por que não falou nada? — grunhiu para o caçador de ladrões.

— Eu vi o que aconteceu quando você falou — respondeu Sandar, apenas. — Não sou trouxa.

— Bem, não vou ficar no meio de uma batalha! — gritou para as mulheres. Elas já saíam pela porta pequena feita de barras. — Estou indo

embora, ouviram? — As três sequer olharam para trás. *Provavelmente vão acabar mortas por aí! Alguém vai cravar uma espada nelas enquanto estiverem olhando para o outro lado!* Com um rosnado, Mat ajeitou o bastão sobre o ombro e foi atrás delas. — Vai ficar aí parado? — perguntou ao caçador de ladrões. — Não vim até aqui para deixá-las morrer agora!

Sandar o alcançou no salão com os chicotes. As três mulheres já haviam sumido, mas Mat tinha a sensação de que não seria muito difícil encontrá-las. *Basta achar malditos homens flutuando! Malditas mulheres!* Ele apressou o passo e seguiu trotando.

* * *

Perrin avançava a passos firmes pelos corredores da Pedra, soturno, em busca de algum sinal de Faile. Ele já a resgatara mais duas vezes. Em uma delas, libertara-a de uma jaula de ferro muito parecida com a que guardava o Aiel em Remen, na outra, abrira um baú de aço com um falcão trabalhado ao lado. Nas duas vezes, a mulher se desintegrara no ar depois de dizer o nome dele. Saltador trotava ao seu lado, farejando o ar. Por mais aguçado que fosse o nariz de Perrin, o do lobo era mais. Fora Saltador quem levara os dois até o baú.

Perrin se perguntou se conseguiria libertá-la de verdade. Fazia tempo que não aparecia qualquer sinal de Faile. Os corredores da Pedra estavam vazios. Lâmpioes queimavam e tapeçarias e armas estavam penduradas nas paredes, mas nada se movia, exceto ele e Saltador. *Só o que eu pensei que fosse Rand.* Fora apenas um vislumbre, um homem correndo e parecendo perseguir alguém. *Pode não ter sido ele. Pode não ter sido, mas acho que foi.*

Saltador de repente apressou o passo e avançou em direção a outro conjunto de portas altas, essas revestidas de bronze. Perrin tentou acompanhá-lo, mas tropeçou e caiu de joelhos, estendendo a mão para se apoiar pouco antes de desabar com a cara no chão. A fraqueza o invadiu, como se seus músculos estivessem liquefeitos. A sensação foi embora, mas levou junto um pouco de seu vigor. Era um esforço manter-se de pé. Saltador virou-se para encará-lo.

Você veio com força demais, Jovem Touro. A carne se enfraquece. Você não se preocupa em preservá-la o bastante. Logo carne e sonho morrerão juntos.

— Encontre-a — respondeu Perrin. — É só o que eu peço. Encontre Faile.

Olhos amarelos encararam olhos amarelos. O lobo se virou e correu em direção às portas. *Mais adiante, Jovem Touro.*

Perrin alcançou as portas e as empurrou. Elas não cederam. Parecia não haver forma de abri-las, não havia maçaneta ou qualquer coisa para segurar. Havia uma pequena padronagem trabalhada no metal, tão delicada que seus olhos quase não notaram. Falcões. Milhares de falcões minúsculos.

Ela tem que estar aqui. Acho que não consigo aguentar muito mais. Com um grito, ele lançou o martelo sobre o bronze. Ouviu o ressoar de um enorme gongo. Golpeou outra vez, e o repique se aprofundou. Um terceiro golpe, e as portas de bronze se estilhaçaram como vidro.

Do lado de dentro, a cem passos das portas arreventadas, um círculo de luz rodeava um falcão acorrentado a um poleiro. A escuridão preenchia todo o restante do aposento amplo, a escuridão e o fraco farfalhar de centenas de asas.

Ele deu um passo para dentro do salão, e um falcão desceu em meio às trevas, arranhando seu rosto com as garras ao passar. Ele cobriu os olhos com o braço e as garras feriram seu antebraço. Cambaleou em direção ao poleiro. Os pássaros vinham sem cessar, falcões davam rasantes para acertá-lo e arranhá-lo, mas Perrin continuou se arrastando, sangue pingando dos braços e ombros, o braço erguido para proteger os olhos, fixos no falcão empoleirado. Ele perdera o martelo. Não lembrava onde, mas sabia que, se voltasse para procurá-lo, morreria antes de encontrar.

Ao aproximar-se do poleiro, as garras cortantes o levaram a cair de joelhos. Ele olhou por cima do braço para o falcão empoleirado, e ela o olhou de volta com olhos escuros que não piscavam. A corrente amarrada à sua perna estava presa ao poleiro com um pequeno cadeado no formato de um ouriço. Ele agarrou a corrente com ambas as mãos, sem se preocupar com os falcões que então formavam um redemoinho de garras dilacerantes ao seu redor, e, com as últimas forças, rompeu-o. A dor e os falcões trouxeram a escuridão.

* * *

Abriu os olhos e sentiu uma agonia pungente, como se seu rosto, braços e ombros tivessem sido cortados por mil facas. Não importava. Faile estava ajoelhada ao lado dele, os olhos escuros e oblíquos cheios de preocupação, limpando seu rosto com um pedaço de pano já encharcado de sangue.

— Meu pobre Perrin — disse ela, baixinho. — Meu pobre ferreiro. Está tão machucado.

Com um esforço que lhe causou mais dor, ele virou a cabeça. Estava no salão de jantar privado da Estrela, e ao lado de um dos pés da mesa jazia um ouriço entalhado em madeira partido ao meio.

— Faile — sussurrou. — Meu falcão.

* * *

Rand ainda estava no Coração da Pedra, mas era diferente. Não havia homens lutando ali, nem homens mortos. Não havia ninguém além de si mesmo. De súbito, um grande gongo ressoou pela Pedra, depois de novo, e as próprias pedras sob seus pés ressoaram. O estrondo veio pela terceira vez, mas foi cortado de repente, como se o gongo tivesse se estilhaçado. Houve silêncio.

Onde é este lugar?, perguntou-se. E, mais importante, onde está Ba'alzamon?

Como se viesse em resposta, um feixe de luz fulgurante como o que Moiraine criara irrompeu das sombras por entre as colunas, direto na direção de seu peito. Por instinto, seu pulso torceu a espada. Foi mais instinto que qualquer outra coisa que o fez liberar fluxos de *saidin* para dentro de *Callandor*, uma inundação de Poder que fez a espada cintilar mais forte do que aquele feixe que se aproximava dele como um raio. O equilíbrio inconstante entre existência e destruição oscilava. Sem dúvida aquela torrente o consumiria.

O feixe de luz atingiu a lâmina de *Callandor* e se partiu, dividindo-se e passando pelos lados. Ele sentiu o casaco chamuscar com a passagem da luz, sentiu o cheiro de lã queimando. Atrás de si, as duas pontas de fogo congelado, de luz líquida, atingiram gigantescas colunas de pedra vermelha. Por onde elas passaram, a pedra deixou de existir. As barras incandescentes perfuraram outras colunas, partindo-as no mesmo instante. O Coração da Pedra ressoava enquanto colunas desabavam e se dissolviam em nuvens de poeira e fragmentos de pedra. O que caía na luz, entretanto, simplesmente... passava a não existir.

Um rosnado de fúria surgiu das sombras, e o feixe de luz branco de tão incandescente desapareceu.

Rand girou *Callandor* como se golpeasse algo à sua frente. A luz branca que ocultava a lâmina se estendeu, brilhou mais à frente e ceifou a coluna de pedra vermelha que escondia o rosnado. A pedra polida foi fatiada como seda. A coluna cortada estremeceu. Parte dela se soltou do teto e desabou,

deixando enormes pedaços pontudos no chão. Conforme o ressoar sumia, ele começou a ouvir o som de botas na pedra mais adiante. Correndo.

Com *Callandor* a postos, Rand correu atrás de Ba'alzamon.

A arcada comprida que levava para o exterior do Coração desabou quando ele a alcançou. A parede inteira se desfez em nuvens de pó e pedras, como se estivesse preparada para soterrá-lo, mas Rand lançou o poder sobre ela, que se transformou em flocos flutuantes de poeira. Continuou correndo. Não sabia ao certo o que fizera, ou como, mas não havia tempo para pensar. Seguiu os passos de Ba'alzamon que ecoavam pelos corredores da Pedra.

Myrddraal e Trollocs surgiram do nada, imensas formas bestiais e rostos sem olhos distorcidos por uma fúria assassina, às centenas. Destruíram o corredor à frente e atrás dele, foices sendo giradas como espadas e lâminas de aço negro como a morte em busca de seu sangue. Sem saber como, ele os transformou em fumaça, que se fragmentou diante dele... e evaporou. O ar à sua volta de repente se tornou uma fuligem sufocante, entupindo suas narinas, impedindo a respiração. Mas ele o transformou novamente em ar fresco, uma brisa gelada. Chamas saltaram do chão sob seus pés, irromperam das paredes, do teto, jatos furiosos que chamuscavam tapeçarias e carpetes, mesas e baús, transformando-os em nuvens de cinzas. Os adornos e lampiões pendurados à frente gotejavam ouro ardente e fundido. Rand aplainou as chamas e solidificou-as em uma fina camada de vidro vermelho sobre a pedra.

As pedras ao redor dele esvaneceram quase até virar uma névoa, a Pedra se esvaneceu. A realidade estremeceu. Ele podia senti-la se desfazendo, sentia a si próprio se desfazer. Estava sendo empurrado do aqui para algum outro lugar onde absolutamente nada existia. *Callandor* ardia em suas mãos como o sol, e ele pensou que a espada fosse derreter. Pensou que ele mesmo fosse derreter com a explosão do Poder Único dentro de si, o fluxo que ele de alguma forma direcionava para selar o espaço que se abria em torno dele, para manter-se do lado da existência. A Pedra tornou-se sólida outra vez.

Ele não conseguia sequer começar a imaginar o que fizera. O Poder Único se revolia com violência dentro dele a ponto de ele mal reconhecer a si próprio, a ponto de ele quase não ser mais ele próprio, a ponto de o que ele era já quase não existir. Sua estabilidade precária oscilava. De cada um dos lados, despontava uma queda sem-fim, obliterada pelo Poder que fluía dele para dentro da espada. Mas na dança ao longo da ponta afiada da lâmina havia ao menos uma certa segurança indefinida. *Callandor* brilhava

tanto em seu punho que ele parecia carregar o sol. Dentro dele, indistinta, tremulante como a chama de uma vela em uma tempestade, estava a garantia de que, empunhando *Callandor*, seria capaz de qualquer coisa. Qualquer coisa.

Avançou por corredores infinitos dançando sobre a lâmina, caçando aquele que iria matá-lo, aquele que ele deveria matar. Dessa vez não poderia haver outro fim. Dessa vez um deles *teria* que morrer! Estava claro que Ba'alzamon também sabia disso. Ele sempre fugia, estava sempre fora de vista, para que Rand tivesse que persegui-lo apenas com os sons de sua fuga. Mas, mesmo fugindo, ele voltou aquela Pedra de Tear que não era a Pedra de Tear contra Rand, que lutou de volta com instinto, sorte e tentativas, lutou e correu com a ponta daquela lâmina em perfeito equilíbrio com o Poder, a ferramenta e arma que o consumiria por completo se ele falhasse.

A água encheu os corredores de cima a baixo, espessa e negra como no fundo do mar, sufocando-o. Ele a transformou em ar outra vez, por instinto, e continuou a correr. De repente o ar começou a ficar cada vez mais pesado, até parecer que cada polegada de sua pele sustentava uma montanha que o comprimia por todos os lados. Um instante antes de ser esmagado à inexistência, selecionou correntes do fluxo de Poder que corria por seu corpo. Não soube como, quais, nem por quê, tudo era rápido demais para ele pensar ou entender, mas a pressão desapareceu. Perseguiu Ba'alzamon, e o próprio ar de repente virou rocha sólida a comprimi-lo, depois pedras fundidas, depois um vazio incapaz de preencher os pulmões. O chão sob suas botas o puxou para baixo como se cada libra de súbito passasse a pesar mil, depois todo o peso simplesmente sumiu, de forma que um passo o fazia rodopiar suspenso no ar. Bocarras invisíveis escancararam-se para arrancar a mente de seu corpo, para dilacerar sua alma. Ele acionava cada armadilha e continuava correndo. O que Ba'alzamon distorcia para destruí-lo, ele consertava, sem saber como. De alguma forma vaga, sabia que trazia os elementos de volta ao equilíbrio natural, forçava-os a se alinhar com sua própria dança naquele limite entre a existência e o nada, um limite quase invisível de tão fino. Mas esse era um pensamento distante. Toda a sua consciência jazia na perseguição, na caça, na morte que acabaria com tudo.

Então se viu outra vez no Coração da Pedra, andando pelo vazio cheio de entulhos que antes fora uma muralha. Algumas das colunas pendiam do teto como dentes quebrados. Ba'alzamon recuou, os olhos em chamas, um manto de sombras cobrindo-o. Linhas negras como fios de aço pareciam correr de Ba'alzamon até as trevas que se avolumavam ao redor dele,

esvanecendo a alturas e distâncias inimagináveis por dentro daquela escuridão.

— Eu não serei desfeito! — gritou Ba'alzamon. Sua boca era fogo, seu guincho ecoou por entre as colunas. — Não posso ser derrotado! Socorro! — Um pouco da escuridão que o envolvia deslizou até suas mãos, formando uma bola tão negra que parecia absorver até a luz de *Callandor*. Um triunfo brilhou nas chamas de seus olhos, de repente.

— Você está destruído! — gritou Rand. *Callandor* rodopiou em suas mãos. Sua luz turvou a escuridão e ceifou as linhas de aço negro ao redor de Ba'alzamon, que começou a convulsionar, encolhendo e crescendo ao mesmo tempo, como se fosse dois. — Você está acabado! — Rand afundou a espada reluzente no peito de seu oponente.

Ba'alzamon gritou, e as chamas em seu rosto arderam com ainda mais ferocidade.

— Tolo! — uivou. — O Grande Senhor das Trevas jamais pode ser derrotado!

Rand puxou a lâmina de *Callandor*, e o corpo de Ba'alzamon arqueou e começou a cair, a sombra ao redor dele desvanecendo.

De repente Rand viu-se em outro Coração da Pedra, rodeado por colunas ainda inteiras, onde homens lutavam, gritando e morrendo, homens de véus contra homens de elmos e placas peitorais. Moiraine ainda jazia caída na base de uma das colunas de pedras vermelhas. Aos pés de Rand havia o corpo de um homem, estirado de costas com um buraco chamuscado bem no meio do peito. Devia ter sido um belo homem de meia-idade, mas onde deveriam estar os olhos e a boca havia apenas vãos de onde saíam anéis de fumaça preta.

Eu consegui, pensou ele. Matei Ba'alzamon, matei Shai'tan! Venci a Última Batalha! Luz, EU SOU o Dragão Renascido! O destruidor das nações, o responsável pela Ruptura do Mundo. Não! Eu vou ACABAR com a Ruptura, acabar com a matança! Vou FAZER com que ela acabe!

Ele ergueu *Callandor* sobre a cabeça. Raios prateados irromperam da lâmina, clarões pontiagudos que se arqueavam em direção ao grande domo acima.

— Parem! — gritou. A luta cessou. Os homens o encararam, espantados, tanto sob véus negros quanto sob as abas dos capacetes redondos. — Eu sou Rand al'Thor! — gritou, para que sua voz ressoasse pela câmara. — Eu sou o Dragão Renascido! — *Callandor* brilhava sob seu punho.

Um a um, os homens de véus e os de elmos se ajoelharam diante dele, clamando:

— O Dragão Renasceu! O Dragão Renasceu!



CAPÍTULO 56



O Povo do Dragão

O povo de toda a cidade de Tear acordou com a aurora, e todos falavam dos sonhos que haviam tido, sonhos em que o Dragão enfrentava Ba'alzamon no Coração da Pedra. Então, quando seus olhos se ergueram para a grande fortaleza da Pedra, contemplaram um estandarte drapejando no ponto mais alto. Uma silhueta sinuosa flutuava em um campo branco, parecia uma grande serpente com escamas vermelhas e douradas, mas tinha uma juba dourada de leão e quatro patas, cada uma com cinco garras douradas. Homens vieram da Pedra, atônitos e assustados, para contar em sussurros urgentes o que acontecera durante a noite, e homens e mulheres enchiam as ruas, chorando ao clamar que a Profecia fora cumprida.

— O Dragão! — gritavam. — Al'Thor! O Dragão! Al'Thor!

* * *

Espiando por uma seteira bem no alto de uma das laterais da Pedra, Mat sacudiu a cabeça ao ouvir o coro se erguer da cidade. *Bem, talvez ele seja.* Ainda achava difícil aceitar que Rand estava mesmo ali.

Todos na Pedra pareciam concordar com o povo lá embaixo, ou, se não concordavam, não deixavam transparecer. Vira Rand apenas uma vez desde a noite anterior, caminhando depressa por um corredor com *Callandor* na mão, rodeado de uma dezena de Aiel cobertos por véus e arrastando atrás de si um grupo de tairenos, um bando de Defensores da Pedra e a maioria dos poucos Grão-lordes sobreviventes. Os Grão-lordes pareciam pensar que Rand precisaria da ajuda deles para governar o

mundo. Os Aiel, por sua vez, mantinham todos afastados com olhares cortantes e, se fosse preciso, lanças. Eles sem dúvida acreditavam que Rand era o Dragão, embora o chamassem de Aquele Que Vem Com a Aurora. Havia quase duzentos Aiel na Pedra. Um terço deles tinha morrido durante a luta, mas os homens do Deserto mataram ou capturaram dez vezes mais Defensores.

Quando virou as costas para a seteira, seus olhos encontraram Rhuarc. Havia uma grande estante móvel em um dos cantos do salão, cujo mecanismo de colunas era feito de alguma madeira clara com riscas escuras. As prateleiras permaneciam presas nas colunas de madeira, de modo que, ao girar a estrutura para alcançar o próximo grupo de livros, as prateleiras se movessem, mas continuassem na horizontal. Em cada prateleira havia um livro grande, encadernado em ouro e com pedras preciosas reluzentes na capa. O Aiel tinha aberto um dos livros e estava lendo. Parecia uma obra de ensaios, Mat pensou. *Quem poderia imaginar que um Aiel leria livros? Quem poderia imaginar que um maldito Aiel soubesse ler?*

Rhuarc olhou na direção dele, os olhos azuis frios, encarando-o como um igual. Mat desviou o olhar depressa, antes que o Aiel pudesse ler os pensamentos em seu rosto. *Pelo menos não está de véu, graças à Luz! Que me queime, aquela Aviendha quase arrancou a minha cabeça quando perguntei se ela sabia dançar sem as lanças.* Bain e Chiad eram outro problema. Sem dúvida eram bonitas e mais que amigáveis, mas ele não conseguia falar com uma sem a outra estar presente. Os homens Aiel pareciam achar graça em seus esforços para encontrar uma delas sozinha, e, aliás, Bain e Chiad também. *As mulheres são esquisitas, mas as mulheres Aiel, para parecerem esquisitas, ainda precisam ser bem mais normais!*

A grande mesa no meio do salão, adornada com entalhes e folheada a ouro nas beiradas e nos pés grossos, era destinada às reuniões dos Grão-lordes. Moiraine estava sentada em uma daquelas cadeiras que se assemelhavam a tronos, com o estandarte de Tear, as Três Luas Crescentes, entalhado no elevado espaldar de ouro, cornalina polida e pérolas. Egwene, Nynaeve e Elayne estavam sentadas ao lado dela.

— Ainda não acredito que Perrin está em Tear — dizia Nynaeve. — Tem certeza de que ele está bem?

Mat balançou a cabeça. Devia ter esperado que Perrin estivesse na Pedra na noite anterior: o ferreiro sempre fora mais corajoso do que qualquer um com bom senso.

— Estava bem quando eu o deixei. — A voz de Moiraine soava serena. — Se ainda está, não sei. A... companheira dele está correndo um perigo considerável, e talvez ele também tenha se posto em perigo.

— Companheira? — perguntou Egwene, de repente. — O que... quem é a companheira de Perrin?

— Que tipo de perigo? — inquiriu Nynaeve.

— Nada com que precisem se preocupar — respondeu a Aes Sedai, tranquila. — Verei como ela está assim que puder, em breve. Só me demorei um pouco para mostrar isso a vocês, que eu encontrei junto com os *ter'angreal* e outros objetos relacionados ao Poder que os Grão-lordos colecionaram ao longo dos anos. — Ela tirou algo da bolsa e colocou na mesa, diante de si. Era um disco do tamanho da mão de um homem que parecia feito de duas lágrimas encaixadas, uma negra como piche, a outra branca como neve.

Mat lembrou-se de ter visto outros como aquele. Tão antigos quanto o que via, mas quebrados, e aquele estava inteiro. Tinha visto três daqueles discos. E não estavam completos, e sim despedaçados. Mas não podia ser, ele podia lembrar que eram feitos de *cuendillar*, um material que não pode ser quebrado por poder algum, nem mesmo o Poder Único.

— Um dos sete selos que Lews Therin Fratricida e os Cem Companheiros puseram na prisão do Tenebroso quando a resselaram — comentou Elayne, assentindo como se para confirmar a própria lembrança.

— Mais precisamente — completou Moiraine — o ponto central de um dos selos. Mas, em essência, você está certa. Durante a Ruptura do Mundo eles foram espalhados e escondidos, por segurança. No entanto, na verdade, estavam perdidos desde as Guerras dos Trollocs. — Ela fungou com desdém. — Estou começando a falar igual a Verin.

Egwene sacudiu a cabeça.

— Acho que já era de se imaginar que encontraríamos isso por aqui. Rand já tinha enfrentado Ba'alzamon duas vezes, e pelo menos um dos selos estava presente em todas as duas.

— E desta vez está inteiro — completou Nynaeve. — Pela primeira vez, o selo está inteiro. Como se agora isso importasse.

— Acha que não importa? — A voz de Moiraine era de uma calma perigosa, e as outras mulheres franziram os cenhos para ela.

Mat revirou os olhos. As quatro estavam falando sobre coisas sem importância. Ele não gostava muito de ficar a menos de vinte pés daquele disco, agora que sabia o que era, não importava o valor de *cuendillar*, mas...

— Com licença? — perguntou.

Todas elas se viraram para encará-lo, como se ele estivesse interrompendo algo importante. *Que me queime! Eu tiro as três de uma cela de prisão, salvo a vida delas umas dez vezes antes do dia raiar, e elas me olham com essas caras tão fechadas quanto a da Aes Sedai! Bem, e elas também não me agradeceram das outras vezes, não foi? É de se pensar que eu estava era metendo o nariz onde não tinha sido chamado, em vez de tentar evitar que um maldito Defensor cravasse uma espada em uma delas.* Mas em voz alta, disse suavemente:

— Não se importam se eu fizer uma pergunta, não é? Vocês estão todas conversando sobre esses assuntos... hã... de Aes Sedai, e ninguém se deu ao trabalho de me contar nada.

— Mat... — disse Nynaeve em tom de aviso, dando um puxão na trança.

Moiraine, no entanto, apenas perguntou com a voz calma, mas com um toque de impaciência:

— O que é que você deseja saber?

— Quero saber como é que tudo isso é possível. — Ele pretendia manter o tom de voz baixo, mas sem querer foi falando mais alto à medida que prosseguiu. — A Pedra de Tear caiu! As Profecias diziam que isso não aconteceria antes da vinda do Povo do Dragão. Então isso quer dizer que *nós* somos o maldito Povo do Dragão? Você, eu, Lan e uma porcaria de uns cem Aiel? — Ele avistara o Guardiã durante a noite. Não parecia haver muita diferença entre Lan e os Aiel quanto a quem era o mais mortífero. Rhuarc se endireitou para encará-lo, e ele acrescentou depressa: — Desculpe, Rhuarc. Escapou.

— Talvez — começou Moiraine, devagar. — Vim aqui impedir Be'lal de matar Rand. Não esperava ver a Pedra de Tear cair. Talvez sejamos. As Profecias são cumpridas quando chega o momento, não quando pensamos que deve ser o momento.

Be'lal. Mat estremeceu. Ouvira o nome na noite anterior, e não era mais agradável à luz do dia. Se soubesse que um dos Abandonados estava à solta — e dentro da Pedra —, jamais teria se aproximado daquele lugar. Olhou para Egwene, Nynaeve e Elayne. *Bem, teria entrado aqui que nem a droga de um rato, pelo menos, não distribuindo socos a torto e a direito!* Sandar saíra correndo da Pedra ao raiar do dia. Dissera que ia levar as notícias à Mãe Guenna, mas Mat achava que correria apenas para escapar dos olhares das três mulheres, que pareciam ainda não ter decidido o que fariam com ele.

Rhuarc pigarreou.

— Quando um homem deseja se tornar o chefe do clã, deve ir a Rhuidean, nas terras dos Aiel Jenn, o clã que não é. — Ele falava

lentamente, franzindo o rosto para o carpete de franjas vermelhas debaixo de suas botas macias. O homem tentava explicar algo que parecia não ter vontade alguma de explicar. — As mulheres que desejam se tornar Sábias também fazem essa jornada, mas suas marcas, *se é que* elas são marcadas, são mantidas em segredo. Os homens escolhidos em Rhuidean, os que sobrevivem, retornam com uma marca no braço esquerdo. Então.

Ele ergueu as mangas do casaco e da camisa para revelar o antebraço esquerdo, a pele muito mais clara do que a das mãos e do rosto. Gravada em sua pele, como se fosse parte dela, dando duas voltas no braço, havia a mesma forma dourada e vermelha que tremulava no estandarte no alto da Pedra.

Com um suspiro, o Aiel deixou a manga cair.

— Esse nome não é pronunciado, a não ser pelos chefes dos clãs e pelas Sábias. Nós somos... — Ele pigarreou outra vez, incapaz de falar.

— Os Aiel são o Povo do Dragão — concluiu Moiraine, baixinho, mas soando o mais próximo de espantada que Mat se lembrava de ter visto. — Eu não sabia disso.

— Então está mesmo tudo terminado — comentou Mat —, como diziam as Profecias. Podemos seguir nossos caminhos sem preocupação. — *Agora a Amyrlin não vai mais precisar que eu soe aquela maldita Trombeta!*

— Como pode dizer uma coisa dessas? — inquiriu Egwene. — Será que você não entende que os Abandonados estão à solta?

— Sem falar na Ajah Negra — acrescentou Nynaeve, taciturna. — Só capturamos Amico e Joiya. Onze fugiram, e quero muito saber como! E só a Luz sabe quantas outra existem que nós não sabemos.

— Pois é — completou Elayne, em um tom igualmente severo. — Posso não estar à altura de enfrentar um Abandonado, mas pretendo arrancar o couro de Liandrin!

— É claro — concordou Mat, suavemente. — É claro. — *Elas enlouqueceram? Querem ir atrás da Ajah Negra e dos Abandonados?* — Só quis dizer que a parte mais difícil já foi. A Pedra caiu diante do Povo do Dragão, Rand está com *Callandor*, e Shai'tan está morto.

Moiraine lhe lançou um olhar tão severo que por um instante ele pensou ter sentido a Pedra tremer.

— Fique quieto, seu idiota! — mandou a Aes Sedai, com uma voz cortante. — Quer atrair a atenção dele para você, entoando o nome do Tenebroso?

— Mas ele está morto! — protestou Mat. — Rand o matou. Eu vi o corpo! — *E o fedor que saía dele também. Nunca pensei que algo pudesse*

apodrecer tão depressa.

— Você viu “o corpo” — retrucou Moiraine, a boca contorcida. — O corpo de um homem. Não o Tenebroso, Mat.

Ele encarou Egwene e as outras duas mulheres. As três pareciam tão confusas quanto ele. Rhuarc aparentava refletir sobre uma batalha que pensava ter ganhado e acabara de descobrir que sequer fora lutada.

— Então quem era? — perguntou Mat. — Moiraine, minha memória tem buracos onde cabem uma carroça e um pelotão, mas me lembro de Ba'alzamon estar nos meus sonhos. Eu me lembro! Que me queime, não vejo como poderia esquecer! E reconheci o que restou daquele rosto.

— Você reconheceu Ba'alzamon — respondeu Moiraine. — Ou melhor, o homem que se denominava Ba'alzamon. O Tenebroso ainda vive, aprisionado em Shayol Ghul, e a Sombra ainda jaz no Padrão.

— Que a Luz nos ilumine e proteja — murmurou Elayne, com a voz fraca. — Eu pensei... pensei que os Abandonados eram o pior que teríamos que enfrentar, agora.

— Tem certeza, Moiraine? — perguntou Nynaeve. — Rand tinha certeza... *tem* certeza de que matou o Tenebroso. Parece que você está dizendo que Ba'alzamon nem mesmo era o Tenebroso. Não entendo! Como pode estar tão certa disso? E, se ele não era o Tenebroso, então quem era?

— Tenho certeza pela mais simples das razões, Nynaeve. Por mais rápido que tenha apodrecido, aquele era o corpo de um homem. Você acredita que, se o Tenebroso fosse morto, deixaria para trás o corpo de um ser humano? O homem que Rand matou *era* um homem. Talvez fosse o primeiro dos Abandonados a ser liberto ou talvez nunca tivesse sido preso. Pode ser que a gente nunca descubra a verdade.

— Eu... acho que sei quem ele era. — Egwene fez uma pausa, com a testa um pouco franzida. — Pelo menos, acho que tenho uma suspeita. Verin me mostrou uma página de um antigo livro que mencionava Ba'alzamon e Ishamael. Era quase em Alto Canto e praticamente incompreensível, mas me lembro de algo a respeito de “nome oculto por nome”. Talvez Ba'alzamon fosse Ishamael.

— Talvez — concordou Moiraine. — Talvez fosse Ishamael. Mas, se era, pelo menos nove dos treze ainda vivem. Lanfear, Sammael, Rahvin, e... aahh! Nem mesmo saber que pelo menos alguns desses nove estão livres é o mais importante. — Ela pousou uma das mãos no disco preto e branco na mesa. — Três dos selos estão rompidos. Apenas quatro ainda estão inteiros. E só esses quatro selos separam o Tenebroso do mundo, e pode ser que mesmo com esses ainda inteiros ele consiga tocar o mundo, de

alguma forma. Seja lá que batalha a gente tenha vencido aqui, batalha ou escaramuça, está longe de ser o fim.

Mat olhou as três com firmeza, Egwene, Nynaeve e Elayne. De forma lenta e relutante, mas também determinada, ele balançou a cabeça. *Malditas mulheres! Estão todas prontas pra seguir em frente com isso, seguir com a caçada à Ajah Negra, tentar enfrentar os Abandonados e o maldito Tenebroso. Bom, elas que não pensem que vou resgatá-las do caldeirão de sopa mais uma vez. Elas que não pensem, só isso!*

Uma das compridas portas duplas se abriu enquanto ele tentava pensar em algo a dizer, e uma jovem alta e de porte majestoso adentrou o recinto. Ela usava uma grinalda acima da testa, onde estava gravado um gavião em pleno voo. Os cabelos negros roçavam os ombros pálidos, que eram deixados à mostra pelo vestido da mais fina seda vermelha, assim como uma boa parte do que Mat notou ser um busto admirável. Por um instante, ela analisou Rhuarc com os olhos grandes e escuros, depois voltou-os, frios e soberbos, para as mulheres à mesa. Pareceu ignorar Mat solenemente.

— Não estou acostumada a dar recados — anunciou, exibindo, com um floreio, um pergaminho dobrado em uma das mãos delicadas.

— E quem é você, criança? — perguntou Moiraine.

A jovem aprumou-se ainda mais, o que Mat julgava impossível.

— Sou Berelain, Primeira de Mayene. — Com um gesto altivo, ela jogou o pergaminho na mesa à frente de Moiraine, depois virou-se de volta para a porta.

— Um momento, criança — pediu Moiraine, desdobrando-o. — Quem foi que lhe entregou isso? E por que foi você quem trouxe, se não está acostumada a carregar mensagens?

— Eu... eu não sei. — Berelain continuava encarando a porta. Soava intrigada. — Ela era... impressionante. — A jovem se recompôs e pareceu recuperar o próprio juízo. Por um instante, estudou Rhuarc com um leve sorriso. — O senhor é o líder desses homens de Aiel? A luta de vocês perturbou meu sono. Talvez eu os convide para jantar comigo. Um dia, em breve. — Ela olhou Moiraine por cima do ombro. — Ouvi dizer que o Dragão Renascido tomou a Pedra. Informe ao Lorde Dragão que a Primeira de Mayene jantará com ele hoje à noite. — Ela marchou para fora do salão. Mat não conseguia pensar em outra forma de descrever aquela imponente procissão de uma mulher só.

— Queria ter uma noviça como *ela* na Torre — disseram Egwene e Elayne, quase em uníssono, e compartilharam um sorriso tenso.

— Escutem isso — interrompeu Moiraine. — “Lews Therin era meu, é meu, e será para sempre meu. Eu o entrego aos seus cuidados, para que fique com ele até a minha chegada.” Está assinado por Lanfear. — A Aes Sedai levou o olhar gélido a Mat. — E você achou que estava tudo acabado? Você é *ta’veren*, Mat, uma trama mais crucial para o Padrão do que a maioria, e é aquele que soou a Trombeta de Valere. Por enquanto, não há nada terminado para você.

Todos o encaravam. Nynaeve o olhava com tristeza, Egwene, como se nunca o tivesse visto antes, e Elayne parecia esperar que ele se transformasse em outra pessoa. Rhuarc tinha certo respeito no olhar, embora, pensando bem, Mat preferisse ter passado sem isso.

— Bem, é claro — disse. *Que me queime!* — Eu entendo. — *Em quanto tempo será que Thom vai estar bom para viajar? É hora de correr. Talvez Perrin venha com a gente.* — Podem contar comigo.

Do lado de fora, os gritos ainda eram ouvidos, sem cessar.

— O Dragão! Al’Thor! O Dragão! Al’Thor! O Dragão! Al’Thor! O Dragão!

* * *

E estava escrito que mão alguma além da dele empunharia a Espada encerrada na Pedra, e ele de fato a ergueu, como fogo em sua mão, e sua glória de fato incendiou o mundo. Assim tudo começou. Assim cantamos seu Renascimento. Assim cantamos o início.

* * *

— de *Do’in Toldara te, Canções da Última Era*, Quarto Nove: A Lenda do Dragão. Composto por Boanne, Senhora das Canções em Talaran, a Quarta Era.

Fim do Terceiro Livro de

A Roda do Tempo



GLOSSÁRIO



Nota sobre as datas deste glossário. Três sistemas de registro de datas têm sido amplamente utilizados desde a Ruptura do Mundo. O primeiro contava os anos Depois da Ruptura (DR). Como os anos do evento e os que vieram logo em seguida foram de caos total, e considerando que o calendário foi adotado cerca de cem anos após o fim da Ruptura, sabe-se que o ponto inicial foi definido de forma arbitrária. Ao fim das Guerras dos Trollocs, muitos registros haviam se perdido, de tal modo que havia discussões sobre qual seria o ano inicial exato, de acordo com o antigo sistema. Então, um novo calendário foi estabelecido, datando do fim das Guerras e celebrando a suposta libertação do mundo da ameaça dos Trollocs. Esse segundo calendário registrava cada ano como um Ano Livre (AL). Depois da desorganização, morte e destruição causados pela Guerra dos Cem Anos, surgiu uma terceira forma de registro: é o calendário da Nova Era (NE), que encontra-se atualmente em uso.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai da Era das Lendas, o que os classifica entre os mais poderosos de todos os tempos. Aes Sedai que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra diante da promessa de imortalidade. De acordo com as lendas e fragmentos de registros, foram aprisionados com o Tenebroso quando a prisão dele foi resselada. Seus nomes — entre eles Lanfear, Be'lal, Sammael, Asmodean, Rahvin e Ishamael — ainda são usados para assustar crianças.

Aceitas: Jovens mulheres em treinamento para se tornarem Aes Sedai que alcançaram um certo nível de poder e passaram por determinados testes. Em geral leva-se de cinco a dez anos para que uma noviça seja elevada a Aceita. As mulheres nesse nível de treinamento ficam sob regras um pouco menos rígidas do que as noviças, e podem escolher as próprias áreas de estudo, dentro de alguns limites. Uma Aceita tem o direito a usar o anel da Grande Serpente, mas apenas no terceiro dedo da mão esquerda. Quando uma Aceita é elevada a Aes Sedai, escolhe a própria Ajah, adquire o direito a usar o xale e pode passar a usar o anel em qualquer dedo, ou não usá-lo, se as circunstâncias assim justificarem.

acre: Unidade de medida de área para terrenos, equivalente a 100 x 100 passos.

Aes Sedai: Pessoas capazes de canalizar o Poder Único. Desde o Tempo da Loucura, sobreviveram apenas as Aes Sedai mulheres. Alvo de desconfiança, medo e até mesmo ódio amplamente disseminados, muitos as culpam pela Ruptura do Mundo e as acusam de interferir nos assuntos das nações. Ao mesmo tempo, poucos governantes optam por não ter uma conselheira Aes Sedai,

mesmo nas terras em que a existência desse aconselhamento precisa ser mantida em segredo. *Ver também* Ajah; Trono de Amyrlin; Tempo da Loucura.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos. Cobrem o rosto com um véu negro antes de matar, o que deu origem à expressão “agir como um Aiel de véu negro” para descrever alguém que se comporta de forma violenta. Guerreiros mortíferos com armas ou apenas com as mãos, jamais tocam em espadas. Seus flautistas tocam músicas enquanto eles entram em batalhas, e os Aiel chamam a luta de “a dança”, e “a dança das lanças”. *Ver também* sociedades guerreiras dos Aiel; Deserto Aiel.

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, às quais todas as Aes Sedai, exceto o Trono de Amyrlin, pertencem. São designadas por cores: Azul, Vermelha, Branca, Verde, Marrom, Amarela e Cinza. Cada uma segue uma filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai. A Ajah Vermelha, por exemplo, dedica-se a encontrar homens capazes de canalizar o Poder e amansá-los. A Ajah Marrom abre mão de qualquer envolvimento com o mundo e se dedica à busca por conhecimento, enquanto a Ajah Branca, amplamente abstêmia do mundo e dos valores da sabedoria mundana, dedica-se às questões filosóficas e à busca da verdade. A Ajah Verde (chamada de Ajah Guerreira durante as Guerras dos Trollocs) mantém-se a postos para enfrentar todos os novos Senhores do Medo quando Tarmon Gai'don acontecer. Há rumores de uma Ajah Negra dedicada a servir o Tenebroso.

al'Meara, Nynaeve: Mulher que exercia a função de Sabedoria em Campo de Emond, Dois Rios, distrito de Andor. Atualmente uma das Aceitas.

al'Thor, Rand: Jovem de Campo de Emond que é *ta'veren*. Era pastor de ovelhas. Atualmente proclamado o Dragão Renascido.

al'Vere, Egwene: Uma jovem de Campo de Emond. Atualmente em treinamento para ser Aes Sedai.

Alanna Mosvani: Aes Sedai da Ajah Verde.

Amalasan, Guaire: *Ver* Guerra do Segundo Dragão.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de extinguir a capacidade de um homem de canalizar o Poder Único. É necessário, pois os homens que aprendem a canalizar enlouquecem por causa da mácula de *saidin* e terminam por fazer coisas horríveis com o Poder, em sua loucura. Um homem amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas não curada, e pode-se evitar a morte caso o procedimento seja feito cedo o bastante. *Ver também* Poder Único; estancamento.

Amigos das Trevas: Os que seguem o Tenebroso e acreditam que ganharão poder, grandes recompensas e até mesmo a imortalidade quando ele for libertado.

Anaiya: Aes Sedai da Ajah Azul.

angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a qualquer um capaz de canalizar o Poder Único manipular uma quantidade maior do poder do que seria possível fazê-lo de forma segura, sem ajuda. Não se sabe mais como fabricá-los. Restam poucos. *Ver também* *sa'angreal*; *ter'angreal*.

Artur Asa-de-gavião: Rei lendário (governou entre AL 943-994) que unificou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo. Chegou a enviar exércitos para o outro lado do Oceano de Aryth (AL 992), mas todo contato com as tropas foi perdido na ocasião de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos. Seu símbolo era um gavião dourado em pleno voo. *Ver também* Guerra dos Cem Anos.

Assassinos da Árvore: Nome que os Aiel usam para se referir aos cairhienos, sempre em tom de horror e desgosto.

Assembleia, a: Em Illian, a Assembleia é escolhida dentre mercadores e donos de navios, por eles mesmos, e tem a função de aconselhar tanto o Rei quanto o Conselho dos Nove, embora historicamente dispute o poder com ambos.

Atha'an Miere: *Ver* Povo do Mar.

Avendesora: Na Língua Antiga, a “Árvore da Vida”. Mencionada em muitas histórias e lendas.

Avendoraldera: Uma árvore que cresceu na cidade de Cairhien de um ramo de *Avendesora*. O ramo foi um presente dos Aiel em 566 NE, apesar de nenhum registro revelar qualquer ligação entre os Aiel e *Avendesora*. *Ver também* Guerra dos Aiel.

Aviendha: Uma mulher do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad, uma *Far Dareis Mai*, uma Donzela da Lança.

Aybara, Perrin: Jovem de Campo de Emond que era aprendiz de ferreiro.

Ba'alzamon: Na língua dos Trollocs, “Coração das Trevas”. Acredita-se que seja o nome que os Trollocs dão ao Tenebroso. *Ver também* Tenebroso; Trollocs.

Bashere, Zarine: Uma jovem de Saldaea que é Caçadora da Trombeta. Deseja ser chamada de Faile, que na Língua Antiga significa “falcão”.

Be'lal: Um dos Abandonados.

Bel Tine: Festival de primavera que celebra o fim do inverno, o brotamento da safra e o nascimento dos primeiros cordeiros.

Bornhald, Dain: Oficial dos Filhos da Luz, filho do Lorde Capitão Geofram Bornhald, que morreu em Falme, na Ponta de Toman.

braça: *Ver* comprimento, unidades de.

bravia: Mulher que aprende a canalizar o Poder Único sozinha. Apenas uma em cada quatro sobrevive à crise gerada por esse aprendizado. Tais mulheres costumam criar barreiras para que ninguém tome conhecimento de suas ações, mas, quando essas barreiras são transpostas, as bravias revelam-se entre as mais poderosas capazes de canalizar. O termo é com frequência utilizado de forma pejorativa.

Byar, Jaret: Oficial dos Filhos da Luz.

Caçada Selvagem: Muitos acreditam que o Tenebroso (com frequência chamado de Ceifador, ou Velho Ceifador, em Tear, Illian, Murandy, Altara e Ghealdan) cavalga pela noite com os “cães negros”, ou Cães das Trevas, à caça de almas. Essa é a Caçada Selvagem. A chuva pode afastar os Cães das Trevas durante a noite, mas, uma vez que rastreiam alguém, os Cães devem ser enfrentados e derrotados, ou a morte da vítima é inevitável. Acredita-se que a mera visão da Caçada Selvagem traz a morte iminente, tanto para quem a vê passar, quanto para seus amados.

Caemlyn: Capital de Andor.

Cães das Trevas: *Ver* Caçada Selvagem.

Cães de Pedra: *Ver* sociedades guerreiras dos Aiel.

Cairhien: Nome de uma nação nos limites da Espinha do Mundo, cuja capital recebe o mesmo nome. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel, assim como muitas outras cidades e aldeias. O consequente abandono de terras cultiváveis próximas da Espinha do Mundo tornou necessária a importação de grandes quantidades de grãos. O Assassinato do Rei Galldrian (998 NE) resultou em uma guerra civil entre as Casas nobres pela sucessão do Trono do Sol, na interrupção dos carregamentos de grãos e na fome. Cairhien tem como símbolo um sol nascente com muitos raios em um fundo de céu azul.

Callandor: A Espada Que Não É Espada, a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Uma espada de cristal guardada na Pedra de Tear, na câmara chamada de Coração da Pedra. Ninguém pode tocá-la além do Dragão Renascido. De acordo com as Profecias do Dragão, um dos principais sinais do

Renascimento do Dragão e da aproximação de Tarmon Gai'don será o momento em que o Dragão Renascido empunhar *Callandor*.

canalizar: Controlar o fluxo do Poder Único. *Ver também* Poder Único.

Cantor das Árvores: Ogier com a habilidade de cantar para as árvores (chamada de “canção das árvores”), curando-as, ajudando-as a crescer e florescer ou confeccionando artigos de madeira sem ferir a árvore. Objetos feitos dessa forma são chamados de “madeira cantada”, e são muito valiosos. Restam poucos Cantores das Árvores entre os Ogier. O Talento parece estar desaparecendo.

Cauthon, Mat: Um jovem de Campo de Emond, Dois Rios. Nome completo: Matrim Cauthon.

Cem Companheiros, os: Cem Aes Sedai entre os mais poderosos da Era das Lendas que, sob a liderança de Lews Therin Telamon, lançaram o ataque final que acabou com a Guerra da Sombra ao selar outra vez o Tenebroso em sua prisão. O contra-ataque do Tenebroso maculou *saidin*, e os Cem Companheiros enlouqueceram e iniciaram a Ruptura do Mundo. *Ver também* Tempo da Loucura; Ruptura do Mundo; Fonte Verdadeira; Poder Único.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon, do Trono de Amyrlin e das Aes Sedai. É uma representação estilizada de uma chama, uma lágrima branca com a ponta para cima.

Ciclo de Karaethon, O: *Ver* Dragão, Profecias do.

Cinco Poderes, os: Há fios no Poder Único, e cada pessoa que o utiliza costuma ser capaz de compreender alguns melhor que outros. Eles são batizados conforme o elemento a que se prestam — Terra, Ar (às vezes chamado de Vento), Fogo, Água e Espírito — e chamados de os Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único é melhor em manipular um, talvez dois, e mais fraco com os demais. Alguns poucos podem ter grande força com três, mas, desde a Era das Lendas, ninguém se mostrou forte em todos os cinco. Mesmo naquela época, era algo extremamente raro. O grau de força pode variar muito entre indivíduos. Fazer certas coisas com o Poder Único requer habilidades em um ou mais dos Cinco Poderes. Por exemplo, acender e controlar um fogo requer Fogo, já afetar o clima requer Ar e Água, ao passo que Curar requer Água e Espírito. Enquanto Espírito era encontrado igualmente em homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra e/ou Fogo era muito mais frequente em homens, e com Água e/ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos. Geralmente, nenhuma habilidade é considerada mais forte que outra, embora haja um ditado entre as Aes Sedai: “Não há rocha tão dura que a água e o vento não desgaste, nem fogo tão feroz que a água não apague ou que o vento não elimine.” Deve-se observar que qualquer ditado semelhante entre Aes Sedais homens perdeu-se há muito.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 3 palmos = 1 pé; 3 pés = 1 passo; 2 passos = 1 braça; 1000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

Conselho dos Nove: Em Illian, um conselho de nove lordes com a função de aconselhar o Rei, mas que historicamente trava com ele uma disputa pelo poder. Tanto o Rei quanto os Nove também competem com a Assembleia.

Coração da Pedra: *Ver* *Callandor*.

cuendillar: *Ver* pedra-do-coração.

Curadora das Crônicas: Segunda em autoridade entre as Aes Sedai, depois do Trono de Amyrlin, também atua como secretária da Amyrlin. É apontada para o cargo vitalício pelo Salão da Torre. Costuma ser da mesma Ajah à qual pertenceu a Amyrlin. *Ver também* Trono de Amyrlin; Ajah.

Daes Dae'mar: O Grande Jogo, também conhecido como Jogo das Casas. Nome dado às armações, tramas e manipulações das Casas Nobres em busca de poder. Nele, é dado grande valor à

dissimulação, à busca de uma coisa enquanto parece estar atrás de outra e ao alcance de objetivos com o mínimo de esforço visível.

Damodred, Lorde Galadedrid: Meio-irmão de Elayne e Gawyn. Tem como símbolo uma espada de prata alada com a ponta para baixo.

Deserto Aiel: Terra hostil, severa e praticamente desprovida de água que fica a leste da Espinha do Mundo. Chamada pelos Aiel de Terra da Trindade. Poucos forasteiros se aventuram na região, não apenas por ser quase impossível alguém não nascido lá encontrar água, mas também porque os Aiel se consideram em guerra com todos os povos, e estrangeiros não são bem-vindos. Apenas aos mascates, menestréis e Tuatha'an é permitida a entrada em segurança, e mesmo com eles o contato é limitado. Não se sabe da existência de qualquer mapa do Deserto.

Dia do Sol: Feriado e festival no meio do verão, amplamente celebrado em diversas partes do mundo.

Dragão Renascido: De acordo com as lendas e profecias, o Dragão renascerá na hora de maior necessidade da humanidade com o objetivo de salvar o mundo. Não é algo pelo que as pessoas anseiem, seja porque as Profecias dizem que o Dragão Renascido trará uma nova Ruptura ao mundo ou porque Lews Therin, o Fratricida, conhecido como o Dragão, é um nome que provoca arrepios, mesmo mais de três mil anos após sua morte. *Ver também* Dragão, o; Dragão, falso; Dragão, Profecias do.

Dragão, falso: De tempos em tempos, alguns homens afirmam ser o Dragão Renascido, e às vezes um deles consegue seguidores tão numerosos que é preciso um exército para derrubá-lo. Alguns começaram guerras que envolveram diversas nações. Ao longo dos séculos, a maioria era incapaz de canalizar o Poder Único, mas alguns podiam fazê-lo. Todos, porém, desapareceram, foram capturados ou mortos sem cumprir qualquer uma das profecias referentes ao Renascimento do Dragão. Esses homens são chamados de falsos Dragões. Entre os capazes de canalizar, os mais poderosos foram Raolin Algoz-das-trevas (335-36 DR), Yurian Arco-de-pedra (cerca de 1300-1308 DR), Davian (AL 351), Guaire Amalasan (AL 939-43) e Logain (997 NE). *Ver também* Dragão Renascido.

Dragão, o: Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra da Sombra. Sofrendo da loucura que se abateu sobre todos os Aes Sedai do sexo masculino, Lews Therin matou as pessoas de seu sangue e todos os outros que amava, recebendo então a alcunha de Fratricida. *Ver também* Dragão Renascido; Dragão, Profecias do.

Dragão, Profecias do: Pouco conhecidas e raramente comentadas, as Profecias registradas em *O Ciclo de Karaethon* predizem que o Tenebroso será libertado mais uma vez para tocar o mundo. E que Lews Therin Telamon, o Dragão, responsável pela Ruptura do Mundo, renascerá para lutar em Tarmon Gai'don, a última batalha contra a Sombra. *Ver também* Dragão, o.

Elaida: Aes Sedai da Ajah Vermelha. Antiga conselheira da Rainha Morgase, de Andor. Às vezes Profetiza.

Elayne da Casa Trakand: Filha da rainha Morgase, Filha-herdeira do trono de Andor. Atualmente em treinamento para ser Aes Sedai. Tem como símbolo um lírio dourado.

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais atualmente só se pode sonhar. *Ver também* Roda do Tempo; Ruptura do Mundo; Guerra da Sombra.

Escudos Vermelhos: *Ver* sociedades guerreiras dos Aiel.

Espectros: *Ver* Myrddraal.

Espinha do Mundo, a: Cadeia de altíssimas montanhas, com poucos pontos de travessia, que separa o Deserto Aiel das terras a oeste.

estancamento: Ato, realizado pelas Aes Sedai, de isolar definitivamente uma mulher capaz de canalizar do Poder Único. Uma mulher que tenha sido estancada pode sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Foi realizado tão poucas vezes que as noviças são obrigadas a decorar os nomes e crimes de todas as mulheres que sofreram a punição.

Far Dareis Mai: Literalmente “Donzelas da Lança”. Sociedade guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite apenas mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. (“Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum pode lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.”) Tais crianças são estimadas, pois foi previsto que alguém nascido de uma Donzela unirá os clãs e devolverá aos Aiel a grandeza que tiveram durante a Era das Lendas. *Ver também* sociedades guerreiras dos Aiel.

Filha da Noite: *Ver* Lanfear.

Filha-herdeira: Título da herdeira do trono de Andor. A filha mais velha da Rainha sucede a mãe. Sem filhas vivas, o trono passa à parente consanguínea mais próxima da Rainha.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas dedicada a derrotar o Tenebroso e a destruir todos os Amigos das Trevas. Foi fundada durante a Guerra dos Cem Anos por Lothair Mantelar, com o objetivo de pregar contra o crescente número de Amigos das Trevas, mas evoluiu no decorrer da guerra até se tornar uma organização militar. Extremamente rígidos em suas crenças, estão absolutamente convencidos de que apenas eles conhecem a verdade e sabem o que é certo. Odeiam as Aes Sedai e as consideram Amigas das Trevas, assim como a todos que as apoiam. São chamados de Mantos-brancos, um apelido pejorativo. Têm como símbolo um sol dourado em um fundo branco.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo que faz girar a Roda do Tempo. É dividida em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham ao mesmo tempo com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres, a *saidar*. Desde o Tempo da Loucura, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

Fortaleza da Luz: A grande fortaleza dos Filhos da Luz, localizada em Amador, capital de Amadícia. Existe um Rei em Amadícia, mas são os Filhos que governam de fato. *Ver também* Filhos da Luz.

Gaidin: Literalmente “Irmão nas Batalhas”. Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões. *Ver também* Guardião.

Galad: *Ver* Damodred, Lorde Galadedrid.

Gaul: Um Aiel do ramo Imran dos Shaarad, um *Shae'en M'taal*, um Cão de Pedra.

Gawyn da Casa Trakand: Filho da Rainha Morgase, irmão de Elayne, que será o Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne subir ao trono. Tem como símbolo um javali branco.

Grande Caçada à Trombeta, A: Ciclo de histórias sobre a lendária busca pela Trombeta de Valere que ocorreu nos anos entre o fim das Guerras dos Trollocs e o início da Guerra dos Cem Anos. Se contado por inteiro, o ciclo pode durar vários dias. *Ver também* Trombeta de Valere.

Grande Jogo, o: *Ver* Daes Dae'mar.

Grande Praga, a: Região no extremo norte inteiramente corrompida pelo Tenebroso. Local onde vivem Trollocs, Myrddraal e outras criaturas da Sombra.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro é uma blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade, que já era antigo antes do início da Era das Lendas, consiste em uma serpente mordendo a própria cauda. Um anel na forma da Grande Serpente é dado às Aceitas entre as Aes Sedai.

Grão-lordes de Tear: Com atuação semelhante à de um conselho, os Grão-lordes são os governantes da nação de Tear, onde não há rei ou rainha. Seu número não é fixo, varia ao longo dos anos de tantos quanto vinte a tão poucos quanto seis. Não devem ser confundidos com os Senhores da Terra, que são lordes menores tairenos.

Guardião: Guerreiro que tem um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único, e concede dádivas como cura acelerada, capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso a distância. Enquanto o Guardião permanece vivo, a Aes Sedai com quem ele tem o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que esteja, e, quando ele morre, ela sabe o momento e a forma como morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que é natural uma Aes Sedai ter um elo com apenas um Guardião de cada vez, a Ajah Vermelha se recusa a estabelecê-los, e a Ajah Verde crê que seja possível estabelecer elos com quantos Guardiões quiserem. Pela ética, é preciso que o Guardião aceite o elo, mas há casos em que este foi feito involuntariamente. O que a Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado. *Ver também* Aes Sedai.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder, encerrou a Era das Lendas. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso, e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso. *Ver também* Cem Companheiros, os; Dragão, o.

Guerra do Poder: *Ver* Guerra da Sombra.

Guerra do Segundo Dragão: A guerra lutada (939–43 AL) contra o falso Dragão Guaire Amalasan. Durante ela, um jovem rei chamado Artur Tanreall Paendrag, mais tarde conhecido como Artur Asa-de-gavião, ganhou importância significativa.

Guerra dos Aiel: Quando o Rei Laman de Cairhien cortou *Avendoraldera*, diversos clãs dos Aiel cruzaram a Espinha do Mundo. Eles saquearam e incendiaram a capital de Cairhien, bem como muitas outras cidades e vilarejos, e o conflito se estendeu até Andor e Tear. A opinião geral afirma que os Aiel foram finalmente derrotados na Batalha das Muralhas Reluzentes, diante de Tar Valon, mas a verdade é que Laman foi morto naquela batalha, e, tendo cumprido seu objetivo, os Aiel cruzaram a Espinha de volta. *Ver também* *Avendoraldera*; Cairhien.

Guerra dos Cem Anos: Série de guerras concomitantes entre alianças em constante mudança, iniciada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. Durou de 994 AL até 1117 AL. A guerra deixou grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel quase desabitadas, do Mar das Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tanta que restam apenas alguns registros da época. O império de Artur Asa-de-gavião se fragmentou com as guerras, e as nações dos dias atuais se formaram. *Ver também* Artur Asa-de-gavião.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram mais de trezentos anos, ao longo dos quais os exércitos dos Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os Trollocs foram mortos ou forçados a voltar à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentados.

Homem Cinza: Alguém que voluntariamente entregou a alma para se tornar um assassino a serviço da Sombra. Os Homens Cinza têm uma aparência tão comum que é muito fácil passar os olhos por eles sem percebê-los. A grande maioria é de fato composta de homens, mas existe um pequeno número de mulheres.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

Iluminadores, Guilda de: Uma corporação que detém o segredo da confecção de fogos de artifício e o guarda a sete chaves, mesmo que para isso precise matar. O nome da Guilda vem das grandes exposições, chamadas Iluminações, oferecidas para governantes e às vezes grandes lordes. Fogos de artifício menores são vendidos para uso externo, mas com avisos de atenção para o desastre que pode resultar da tentativa de descobrir o que há dentro deles. A casa do capítulo da Guilda fica em Tanchico, capital de Tarabon. A Guilda estabeleceu outra casa do capítulo em Cairhien, mas já não está em atividade.

Ishamael: Na Língua Antiga, “Traidor da Esperança”. Um dos Abandonados. Nome dado ao líder dos Aes Sedai que desertaram para o lado do Tenebroso na Guerra da Sombra. Dizem que até ele mesmo esqueceu seu nome verdadeiro. *Ver também* Abandonados.

Jogo das Casas, o: *Ver Daes Dae'mar.*

Jornadas de Jain, o Viajante, As: Um livro muito conhecido das histórias e observações de viagens de um célebre escritor e andarilho malkieri. A primeira edição data de 968 NE, e o livro continua a ser reimpresso. Jain, o Viajante, desapareceu pouco tempo depois da Guerra dos Aiel, e acredita-se que ele esteja morto.

Juramentos, Três: Juramentos feitos por uma Aceita quando é elevada a Aes Sedai. São proferidos enquanto ela segura o Bastão dos Juramentos, um *ter'angreal* que confirma seu compromisso com os votos. São eles: (1) Não dizer palavra que não seja verdadeira. (2) Não criar arma com a qual um homem possa matar outro. (3) Nunca usar o Poder como arma exceto contra Criaturas da Sombra, ou, em casos extremos, em defesa da própria vida, da vida de seu Guardião ou de outra Aes Sedai. Esses juramentos nem sempre foram obrigatórios, mas diversos eventos antes e desde a Ruptura fizeram com que se tornassem necessários. O segundo juramento foi o primeiro a ser adotado, em reação à Guerra do Poder. O primeiro juramento, embora levado ao pé da letra, em geral pode ser contornado por um discurso cuidadoso. Acredita-se que os dois últimos sejam invioláveis.

Laman: Rei de Cairhien, da Casa Damodred, que perdeu o trono e a vida na Guerra dos Aiel. *Ver também* Guerra dos Aiel; *Avendoraldera.*

Lan; al'Lan Mandragoran: Guardião, ligado pelo elo a Moiraine. Rei Não Coroado de Malkier, Dai Shan e último lorde dos malkieris. *Ver também* Guardião; Moiraine; Malkier.

Lanfear: Na Língua Antiga, “Filha da Noite”. Uma dos Abandonados, talvez a mais poderosa depois de Ishamael. Diferente dos demais Abandonados, ela mesma escolheu o nome. Dizem ter sido apaixonada por Lews Therin Telamon. *Ver também* Abandonados; Dragão, o.

Leane: Aes Sedai da Ajah Azul e Curadora das Crônicas. *Ver também* Ajah; Curadora das Crônicas.

légua: *Ver* comprimento, unidades de.

Lews Therin Telamon; Lews Therin Fratricida: *Ver* Dragão, o.

Liandrin: Aes Sedai outrora da Ajah Vermelha, de Tarabon. Atualmente sabe-se que pertence à Ajah Negra.

Língua Antiga: A língua falada durante a Era das Lendas. Espera-se que os nobres e os bem-educados saibam falá-la, mas a maioria conhece apenas algumas poucas palavras.

Loial, filho de Arent, filho de Halan: Ogier do Pousio Shangtai.

Luz, Filhos da: *Ver* Filhos da Luz.

madeira cantada: *Ver* Cantor das Árvores.

Malkier: Nação que um dia fez parte das Terras da Fronteira, hoje consumida pela Praga. O símbolo de Malkier era um grou dourado em pleno voo.

Manetheren: Uma das Dez Nações que formaram o Segundo Pacto e o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram destruídas nas Guerras dos Trollocs.

Mantos-brancos: *Ver* Filhos da Luz.

Masema: Soldado shienarano que odeia os Aiel.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Mayene: Cidade-estado no Mar das Tempestades que deve sua riqueza e independência ao conhecimento sobre a localização de cardumes de peixe-prego, que rivalizam em importância econômica com os bosques de oliveiras em Tear, Illian e Tarabon. Peixes-prego e oliveiras fornecem quase todo o óleo para os lampiões. A atual governante de Mayene é Berelain, a Primeira de Mayene. Os governantes de Mayene alegam ser descendentes de Artur Asa-de-gavião. O símbolo de Mayene é um gavião dourado em pleno voo.

Meio-homem: *Ver* Myrddraal.

menestréis: Viajantes contadores de histórias, músicos, malabaristas, acrobatas e mestres do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos de retalhos multicoloridos, eles se apresentam principalmente em aldeias e cidades pequenas.

Merrilin, Thom: Menestrel e antigo amante da Rainha Morgase.

milha: *Ver* comprimento, unidades de.

Min: Uma jovem com a capacidade de ler eventos sobre as pessoas nas auras e imagens que por vezes enxerga em torno delas.

Moiraine: Aes Sedai da Ajah Azul. Nasceu na Casa Damodred e, embora não esteja na linha de sucessão ao trono, foi criada no Palácio Real em Cairhien.

Morgase: Pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-trono da Casa Trakand. Seu símbolo são três chaves douradas. O símbolo da Casa Trakand é uma pedra angular prateada.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de Trollocs nas quais o material humano usado para criá-los ressurge, mas maculado pelo mal que originou os Trollocs. Não têm olhos, mas enxergam como águias, tanto na luz quanto no escuro. Têm alguns poderes que vêm do Tenebroso, inclusive a habilidade de causar um medo paralisante com o olhar e a de sumir onde quer que haja sombras. Uma das poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar água corrente. Em terras diferentes, são conhecidos por diversos nomes, entre eles Meios-homens, Sem-olhos, Homens-sombra, Espreitadores, Espectros e Desvanecidos.

Nedeal, Corianin: *Ver* Talentos.

Niall, Pedron: Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz. *Ver também* Filhos da Luz.

Ogier: (1) Raça não humana, caracterizada por altura elevada (um adulto do sexo masculino tem cerca de dez pés de altura, em média), porte largo, narizes muito parecidos com focinhos e orelhas longas e peludas. Vivem em áreas chamadas de *pousos*. A saída desses *pousos* depois da Ruptura do Mundo (uma época chamada pelos Ogier de Exílio) resultou no que se chama de Saudade. Um Ogier que passa muito tempo longe do *pouso* adoece e morre. São tidos como exímios alvencios graças à construção de grandiosas cidades humanas depois da Ruptura, mas consideram o trabalho de alvenaria apenas um aprendizado que tiveram durante o período do Exílio, menos importante que o cuidado com as árvores dos *pousos* (em especial as imensas, chamadas Grandes Árvores). Raramente deixam os *pousos*, exceto para realizar algum trabalho como alvencios, e costumam ter pouco contato com humanos. O conhecimento sobre eles entre os humanos é escasso, e muitos creem que Ogier são apenas lendas. Embora se acredite que os Ogier são um povo pacífico e muito difícil de irritar, algumas histórias antigas afirmam que eles lutaram ao lado dos humanos nas Guerras dos Trollocs e que são inimigos implacáveis. Em geral são ávidos por conhecimento, e seus livros e histórias contêm diversas informações perdidas

para os humanos. A expectativa de vida média de um Ogier é três a quatro vezes maior que a de um ser humano. (2) Qualquer indivíduo que não seja da raça humana. *Ver também* Ruptura do Mundo; *pouso*; Cantor das Árvores.

Ordeith: Na Língua Antiga, “Artemísia”. Nome do homem que aconselha o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a substância da realidade para aquela Era. *Ver também* *ta’veren*.

Pedra de Tear: Grande Fortaleza na cidade de Tear, que dizem ter sido construída logo após a Ruptura do Mundo, com uso do Poder Único. Foi sitiada e atacada incontáveis vezes, mas nunca com sucesso. A Pedra é mencionada duas vezes nas Profecias do Dragão. Uma delas afirma que a Pedra não cairá antes da chegada do Povo do Dragão. Em outra passagem, afirma-se que a Pedra não cairá até que as mãos do Dragão empunhem a Espada Que Não Pode Ser Tocada, *Callandor*. Alguns acreditam que essas Profecias são a razão da antipatia dos Grão-lordes pelo Poder Único e da lei tairana que proíbe a canalização. Apesar dessa antipatia, a Pedra contém uma coleção de *an’greal* e *ter’angreal* que rivaliza com a da Torre Branca, uma coleção reunida, alguns dizem, como tentativa de diminuir o esplendor da posse de *Callandor*.

pedra-do-coração: Substância indestrutível criada durante a Era das Lendas. Qualquer força conhecida usada para tentar quebrá-la é absorvida, deixando-a mais forte. Outro nome para *cuendillar*.

picadinha: Inseto pequeno, quase invisível, que pica.

Poder Único, o: O poder retirado da Fonte Verdadeira. A grande maioria das pessoas é incapaz de aprender a canalizá-lo. Pouquíssimos podem ser ensinados, e uma parcela ainda menor nasce com essa habilidade. Para esses poucos não há necessidade de aprendizado, pois tocarão a Fonte Verdadeira e canalizarão o Poder independente mente da sua vontade, e talvez sequer percebam que o fazem. Essa habilidade inata geralmente se manifesta no fim da adolescência ou início da idade adulta. Caso não aprendam a controlar, com ajuda ou por si mesmos (algo bem difícil, com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o Tempo da Loucura, homem algum é capaz de canalizar sem enlouquecer de forma terrível e, em seguida, mesmo aprendendo a ter certo controle, morrer de uma espécie de doença degenerativa que faz com que o portador apodreça ainda vivo. Essa doença é causada, assim como a loucura, pela mácula do Tenebroso em *saidin*. Para uma mulher, a morte oriunda do uso de Poder sem controle é menos terrível, mas igualmente certa. As Aes Sedai buscam meninas com habilidade inata tanto para salvá-las quanto para aumentar o número de irmãs, e buscam homens capazes de canalizar para impedir as coisas terríveis que farão em sua loucura. *Ver também* Aes Sedai; canalizar; Cinco Poderes; Tempo da Loucura; Fonte Verdadeira.

Poderes, os Cinco: *Ver* Cinco Poderes.

pouso: Terras dos Ogier. Muitos *pousos* foram abandonados desde a Ruptura do Mundo. Têm alguma forma de proteção, cuja compreensão se perdeu, de modo que nenhuma Aes Sedai possa canalizar o Poder Único ou sequer sentir a Fonte Verdadeira dentro deles. Tentativas de usar o Poder Único feitas de fora de um *pouso* não terão qualquer efeito no seu interior. Nenhum Trolloc entra em um *pouso*, a menos que seja forçado, e mesmo um Myrddraal o fará apenas em caso de extrema necessidade e com grande relutância e desprazer. Até os Amigos das Trevas, se muito dedicados, sentem-se desconfortáveis dentro deles.

Povo do Mar: O nome mais adequado é Atha’an Miere. Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam pouco tempo nas ilhas, levando grande parte de suas vidas nos

navios. A maioria do comércio marítimo é feita nos navios do Povo do Mar.

Povo Errante: *Ver* Tuatha'an.

Praga: *Ver* Grande Praga, a.

Questionadores, os: Ordem dentro dos Filhos da Luz cujos objetivos são descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, o método usual de interrogatório é a tortura. Costumam agir como se já soubessem a verdade e precisassem apenas de uma confissão. Os Questionadores referem-se a si mesmos como a Mão da Luz, a Mão que desenterra a verdade, e às vezes agem como se fossem completamente independentes dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos. Têm como símbolo o cajado vermelho-sangue de um pastor.

Rhuarc: Um Aiel, chefe do clã dos Aiel Taardad.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era. Conforme a roda gira, as Eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez ele é sujeito a mudanças maiores.

Rogosh Olho-de-águia: Herói lendário mencionado em inúmeras histórias antigas.

Ruptura do Mundo, a: Durante o Tempo da Loucura, os Aes Sedai, tomados pela loucura e capazes de usar o poder único em um grau que hoje é desconhecido, desfiguraram a terra. Causaram grandes terremotos, arrasaram antigas cadeias de montanhas, ergueram terra onde havia oceanos e fizeram os oceanos invadirem a terra. Muitas partes do mundo ficaram completamente despovoadas, e os sobreviventes se dispersaram como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada em contos, lendas e na história como a Ruptura do Mundo. *Ver também* Tempo da Loucura; Cem Companheiros, os.

sa'angreal: Objetos que permitem que um indivíduo canalize muito mais do Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém muitíssimo mais poderoso. O volume do poder que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. Remanescentes da Era das Lendas, o segredo de sua fabricação foi perdido. Restam apenas alguns, que são muito mais raros que os *angreal*.

Sabedoria: Nas aldeias, é a mulher escolhida para participar do Círculo das Mulheres por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como seu bom senso. É uma posição de grande responsabilidade e autoridade, tanto declarada quanto implícita. Geralmente é considerada equivalente ao Prefeito, e em algumas aldeias é sua superior. Ao contrário do Prefeito, o cargo de Sabedoria é vitalício, e é raro uma deixar o ofício antes de morrer. O conflito com o Prefeito é quase uma tradição. Dependendo da região o título pode ser outro, como Guia, Curandeira, Buscadora ou Sábua.

sabiola: Instrumento musical que pode ter seis, dez ou doze cordas. É colocado sobre os joelhos e tocado em pizzicato ou dedilhado.

saidar/saidin: *Ver* Fonte Verdadeira.

Saltador: Um lobo.

Seanchan: (1) Descendentes dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth, que voltaram para reclamar as terras de seus antepassados. (2) A terra onde vivem esses descendentes. *Ver também* Hailene; Corenne; Rhyagelle.

Selene: Nome usado pela Abandonada chamada Lanfear.

Sem-alma: *Ver* Homem Cinza.

Senhores do Medo: Homens e mulheres que, capazes de canalizar o Poder Único, passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, agindo como comandantes das forças dos Trollocs. Às vezes são confundidos com os Abandonados pelos menos instruídos.

Servos, Salão dos: Na Era das Lendas, o grande salão de reuniões das Aes Sedai.

Shadar Logoth: Cidade abandonada e evitada desde as Guerras dos Trollocs. Seu solo é maculado, e nem mesmo a menor pedra existente nela é segura.

Shai'tan: *Ver* Tenebroso.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, local da prisão do Tenebroso.

Sheriam: Aes Sedai da Ajah Azul. Mestra das Noviças na Torre Branca.

Siuan Sanche: Filha de um pescador taireno, ela foi, segundo a lei tairena, enviada em um navio para Tar Valon antes do Segundo pôr de sol depois que foi descoberto seu potencial para canalizar. Ex-integrante da Ajah Azul. Elevada a Trono de Amyrlin em 988 NE.

sociedades guerreiras dos Aiel: Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das sociedades guerreiras, como os Cães de Pedra (*Shae'en M'taal*), os Escudos Vermelhos (*Aethan Dor*) e as Donzelas da Lança (*Far Dareis Mai*). Cada sociedade tem seus próprios costumes e, às vezes, deveres específicos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia. Os Cães de Pedra muitas vezes fazem votos de não recuar depois de entrarem em batalha, e perderão até o último homem, se necessário, para cumprir os votos. É frequente os clãs lutarem entre si — como os Aiel Goshien, Reyn, Shaarad e Taardad —, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, ainda que os clãs o façam. Dessa forma, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs, mesmo quando em guerra declarada. *Ver também* Aiel; Deserto Aiel; Far Dareis Mai.

Sonhador: *Ver* Talentos.

ta'maral'ailen: Na Língua Antiga, “Teia do Destino”. Uma grande mudança no Padrão de uma Era, centrada em uma ou mais pessoas, denominadas *ta'veren*. *Ver também* Padrão de uma Era; *ta'veren*.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vida próximos, talvez até TODOS os fios de todas as vidas, para formar uma Teia do Destino. *Ver também* Padrão de uma Era.

Talentos: Habilidades relativas ao uso do Poder Único em áreas específicas. O mais conhecido de todos, sem dúvida, é o da Cura. Alguns, como o de Viajar (habilidade de ir de um lugar a outro sem cruzar o espaço interveniente), foi perdida. Outros, como o da Profecia (capacidade de prever eventos futuros, mas de forma geral) são hoje em dia muito raros, quando existem. Outro Talento que há muito se pensava não mais existir era o de Sonhar, que envolve, entre outras coisas, a interpretação dos sonhos do Sonhador para prever futuros eventos de maneira mais específica do que as Profecias. Alguns Sonhadores têm a habilidade de adentrar *Tel'aran'rhioid*, o Mundo de Sonhos, e (ao que se diz) até mesmo os sonhos de outras pessoas. O último Sonhador de que se tem notícia foi Corianin Nedeal, que morreu em 526 NE.

Tanreall, Artur Paendrag: *Ver* Artur Asa-de-gavião.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Dragão, o; Dragão, Profecias do; Trombeta de Valere.

Tear: Grande cidade portuária no Mar das Tempestades. Capital do país de mesmo nome. O estandarte de Tear é composto de três luas crescentes brancas que se inclinam por um campo metade vermelho, metade dourado. *Ver também* Pedra de Tear.

Tel'aran'rhioid: Na Língua Antiga, “Mundo Invisível” ou “Mundo dos Sonhos”. Um mundo vislumbrado em sonhos que os antigos acreditavam permear e circundar todos os outros

mundos possíveis. Ao contrário dos outros sonhos, o que acontece às criaturas vivas no Mundo dos Sonhos é real: uma ferida sofrida lá ainda existirá ao despertar, e quem morre lá não acorda jamais.

Telamon, Lews Therin: *Ver* Dragão, o.

Tempo da Loucura: Os anos após o contra-ataque do Tenebroso macular a metade masculina da Fonte Verdadeira, quando os Aes Sedai enlouqueceram e causaram a Ruptura do Mundo. Não se sabe a duração exata desse período, mas acredita-se que tenha durado aproximadamente cem anos. Terminou com a morte do último Aes Sedai. *Ver também* Cem Companheiros; Fonte Verdadeira; Poder Único.

Tenebroso, nomear o: Dizer o nome verdadeiro do Tenebroso (Shai'tan) atrai sua atenção, trazendo inevitavelmente má sorte, na melhor das hipóteses, e desastres, na pior. Por isso muitos eufemismos são usados, entre os quais Tenebroso, Pai das Mentiras, Cega-vista, Senhor do Túmulo, Pastor da Noite, Veneno do Coração, Presa-do-coração, Velho Ceifador, Queima-grama e Mangra-folha. Os Amigos das Trevas o chamam de Grande Senhor das Trevas. Diz-se com frequência que alguém que parece chamar o azar está “nomeando o Tenebroso”.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan. A fonte de todo mal, antítese do Criador. Foi aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador, no momento da criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas.

ter'angreal: Qualquer objeto remanescente da Era das Lendas que utilize o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para determinado objetivo. Por exemplo, um obriga a cumprir os votos feitos com seu auxílio. Alguns são usados pelas Aes Sedai, mas o propósito original é, em grande medida, desconhecido. Alguns matarão qualquer mulher que os use ou destruirão sua habilidade de canalizar. *Ver também* *angreal*; *sa'angreal*.

Terras da Fronteira, as: As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar.

Tigraine: Como Filha-herdeira de Andor, casou-se com Taringail Damodred, com quem teve um filho, Galadedrid. Seu desaparecimento em 972 NE, logo depois do desaparecimento de seu irmão Luc, na Praga, levou a disputas em Andor, chamadas de A Sucessão, e provocou em Cairhien os eventos que acabariam por levar à Guerra dos Aiel. Tem como símbolo uma mão feminina segurando o ramo espinhoso de uma rosa branca.

Traidor da Esperança: *Ver* Ishamael.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso, criadas durante a Guerra da Sombra. De imensa estatura, são uma mistura distorcida entre animais e humanos. Os Trollocs se dividem em bandos semelhantes a tribos, entre eles os Dha'vol, Ko'bal e Dhai'mon. Malignos por natureza, matam pelo puro prazer de matar. Traíçoeiros ao extremo, só são confiáveis quando coagidos pelo medo.

Trombeta de Valere: Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Dizem poder convocar os heróis mortos para lutar contra a Sombra.

Trono de Amyrlin: (1) Título da líder das Aes Sedai. O Salão da Torre, o mais alto conselho das Aes Sedai, formado por três representantes de cada uma das sete Ajahs (as Votantes), elege uma mulher para esse cargo vitalício. O Trono de Amyrlin tem, ao menos em teoria, autoridade quase suprema entre as Aes Sedai. O status equivale ao de um rei ou rainha. Uma forma de tratamento um pouco menos formal é apenas “Amyrlin”. (2) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

Tuatha'an: Um povo nômade, também conhecido como latoeiros e Povo Errante, que vive em carroções muito coloridos e segue uma filosofia pacifista chamada Caminho da Folha. Objetos consertados pelos Latoeiros costumam ficar melhores que antes. Estão entre os poucos que

conseguem atravessar o Deserto Aiel sem serem molestados, pois os Aiel evitam todo contato com eles.

Velho Ceifador: *Ver* Tenebroso; Caçada Selvagem.

Verin Mathwin: Aes Sedai da Ajah Marrom.

Sobre o autor

©Liza Groen Trombi/Locus Publications



ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 17 de outubro de 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos 5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Julio Verne. Serviu na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *O Dragão Renascido* é o terceiro dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, considerada a maior e mais elaborada obra de literatura fantástica já criada desde os livros de J.R.R. Tolkien. Robert Jordan morreu em 16 de setembro de 2007.

LIVRO 4 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

A ASCENSÃO DA SOMBRA



"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



LIVRO 4 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

A ASCENSÃO DA SOMBRA



"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ROBERT
JORDAN
A ASCENSÃO
DA SOMBRA
LIVRO 4 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
MARIANA SERPA VOLLMER



Copyright © 1993 by Robert Jordan

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associated Inc.

“The Wheel of Time®”, “The Shadow Rising™” e o símbolo da roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan. Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL

The Shadow Rising

EDIÇÃO

Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

Marcela de Oliveira

REVISÃO

Beatriz D'Oliveira

REVISÃO TÉCNICA

Rafael Meyer

MAPAS

Ellisa Mitchell

ADAPTAÇÃO DOS MAPAS

ô de casa

ILUSTRAÇÕES INTERNAS

Matthew C. Nielsen e Ellisa Mitchell

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

Juliana Latini

Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-775-4

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIA

Perpetua

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Dedicado a Robert Marks

Escritor, professor, acadêmico, filósofo, amigo e inspiração.

MAPA

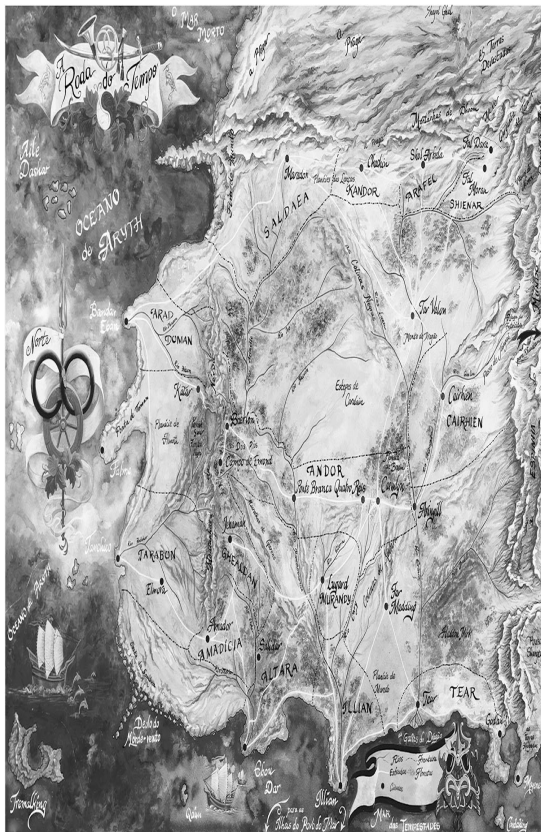
- 1 SEMENTES DA SOMBRA**
- 2 REDEMOINHOS NO PADRÃO**
- 3 REFLEXOS**
- 4 CORDÉIS**
- 5 INTERROGATÓRIO**
- 6 PORTAIS**
- 7 BRINCANDO COM FOGO**
- 8 CABEÇAS DURAS**
- 9 DECISÕES**
- 10 A PEDRA RESISTE**
- 11 O QUE JAZ ESCONDIDO**
- 12 TANCHICO OU A TORRE**
- 13 RUMORES**
- 14 COSTUMES DE MAYENE**
- 15 PASSANDO PELO BATENTE**
- 16 DESPEDIDAS**
- 17 TRAPAÇAS**
- 18 PELOS CAMINHOS**
- 19 O BAILADOR DAS ONDAS**
- 20 VENTOS CRESCENTES**
- 21 DENTRO DO CORAÇÃO**
- 22 FORA DA PEDRA**
- 23 ALÉM DA PEDRA**
- 24 RHUIDEAN**
- 25 A ROTA PARA A LANÇA**
- 26 OS DEDICADOS**
- 27 POR DENTRO DOS CAMINHOS**
- 28 PARA A TORRE DE GHENJEI**
- 29 VOLTA PARA CASA**
- 30 DEPOIS DO CARVALHO**
- 31 GARANTIAS**

- 32 PERGUNTAS A SER FEITAS
- 33 UMA NOVA TRAMA NO PADRÃO
- 34 AQUELE QUE VEM COM A AURORA
- 35 LIÇÕES SEVERAS
- 36 DESORIENTAÇÕES
- 37 A PARADA DE IMRE
- 38 ROSTOS OCULTOS
- 39 UMA TAÇA DE VINHO
- 40 O CAÇADOR DE TROLLOCS
- 41 ENTRE OS TUATHA'AN
- 42 UMA FOLHA A MENOS
- 43 CUIDAR DOS VIVOS
- 44 IRROMPE A TEMPESTADE
- 45 A ESPADA DO LATOEIRO
- 46 VÉUS
- 47 A VERDADE DE UMA VISÃO
- 48 UMA OFERTA RECUSADA
- 49 O FORTE DAS PEDRAS FRIAS
- 50 ARMADILHAS
- 51 REVELAÇÕES EM TANCHICO
- 52 NECESSIDADE
- 53 O PREÇO DE UMA PARTIDA
- 54 NO PALÁCIO
- 55 NAS PROFUNDEZAS
- 56 OLHOS-DOURADOS
- 57 UMA RUPTURA NA TERRA DA TRINDADE
- 58 AS ARMADILHAS DE RHUIDEAN

GLOSSÁRIO

A Sombra há de se erguer pelo mundo, obscurecendo cada terra, até os menores recônditos, e não haverá Luz ou segurança. E, segundo a Profecia, aquele que nascerá da Aurora, que nascerá da Donzela, estenderá a mão para capturar a Sombra, e o mundo gritará a dor da salvação. Toda a Glória ao Criador, à Luz e àquele que nascerá outra vez. Que a Luz nos proteja dele.

(de Comentários ao Ciclo de Karaethon
Sereine dar Shamelle Motara
Irmã-Conselheira de Comaelle, Grã-rainha de Jaramide,
cerca de 325 DR, a Terceira Era)





SEMENTES DA SOMBRA

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas se desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu na grande planície chamada Relvado de Caralain. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

O vento soprava a norte e a leste sob o sol da manhã que nascia, estendendo-se por infindáveis milhas de terreno gramado e arbustos esparsos, ao longo do ligeiro Rio Luan, e para além da presa quebrada do Monte do Dragão — a lendária montanha que se avultava sobre as leves elevações da planície, tão alta que as nuvens a coroavam a menos da metade do pico nebuloso. O Monte do Dragão, onde o Dragão morrera — e com ele, diziam alguns, a Era das Lendas — onde, rezava a profecia, ele renasceria. Ou renascera. A norte e leste, cruzando as aldeias de Jualdhe, Darein e Alindaer, onde pontes de pedra trabalhada se arqueavam até as Muralhas Reluzentes, os gigantescos muros brancos do que muitos chamavam de a maior cidade do mundo. Tar Valon. Uma cidade tocada, todas as noites, pela sombra do Monte do Dragão.

No interior daquelas muralhas, as construções erguidas pelos Ogier havia mais de dois mil anos pareciam ter brotado direto da terra ou sido formadas pela ação do vento e da água, em vez de feitas pelas lendárias mãos dos pedreiros Ogier. Algumas tinham forma de pássaros alçando voo ou de imensas conchas de mares distantes. Torres exorbitantes, largas, finíssimas ou espiraladas ligavam-se umas às outras por pontes de centenas de pés de altura, em geral sem parapeitos. Apenas os que lá viviam havia muito tempo

não ficavam boquiabertos, embasbacados com a visão, como interioranos que jamais saíram do campo.

A Torre Branca, a maior de todas, assomava-se sobre a cidade, reluzente como marfim polido sob o sol. *A Roda do Tempo gira ao redor de Tar Valon*, dizia o povo da cidade, e *Tar Valon gira ao redor da Torre*. A primeira visão que os viajantes tinham da famosa cidade, antes mesmo de seus cavalos avistarem as pontes ou de os capitães dos navios vislumbrarem a ilha, era a Torre, refletindo o sol como um farol. Não era de se admirar que a grande praça em torno das muralhas que circundavam a Torre parecesse menor sob aquela vista imponente, e que as pessoas passeando por lá fossem reduzidas a minúsculos insetos. Mas mesmo que fosse a menor torre de Tar Valon, a Torre Branca ainda impressionaria o povo da ilha por ser o coração do poder das Aes Sedai.

Apesar de grande, a multidão nem chegava perto de encher a praça. As pessoas mais afastadas se acotovelavam em uma massa fervilhante que seguia com seus afazeres diários, mas pouquíssima gente caminhava perto aos muros da Torre, e ao redor da alta muralha branca havia uma faixa de pavimento vazio de cerca de cinquenta passadas de largura. Aes Sedai eram mais que respeitadas em Tar Valon, naturalmente. Era o Trono de Amyrlin que governava a cidade e as Aes Sedai, mas poucos desejavam se aproximar mais do que o necessário do poder daquelas mulheres. Havia uma diferença entre se envaidecer por causa de uma grande lareira no salão de casa e se jogar no meio das chamas.

Ainda mais raros eram os que chegavam mais perto, indo até a ampla escadaria que conduzia à Torre em si, ou indo até as portas com entalhes intrincados, pelas quais podiam passar mais de dez pessoas lado a lado. Essas portas permaneciam abertas e receptivas. Sempre havia quem precisasse de ajuda ou de alguma resposta que julgasse que apenas as Aes Sedai eram capazes de fornecer, e esses vinham tanto de longe quanto de perto, de Arafel e Ghealdan, Saldaea e Illian. No interior dos muros, muitos obtinham ajuda ou orientação, embora nem sempre ouvissem exatamente o que esperavam ou ansiavam.

Min mantinha o largo capuz do manto sobre o rosto, encobrindo-o sob suas sombras. Apesar do dia quente, a peça era leve o bastante para não atrair comentários, não em uma mulher cuja timidez era tão óbvia. Além disso, muita gente era tomada pela timidez quando ia para a Torre. Nada na jovem chamava a atenção. Os cabelos escuros estavam mais compridos do que da última vez que fora à Torre, embora ainda não tocassem os ombros. O vestido azul e liso, a não ser pelas finas faixas de renda de Jaerecrux nos punhos e pescoço, poderia muito bem ser da filha de algum fazendeiro próspero que pusera sua melhor roupa de festa para ir à Torre, assim como outras mulheres que se aproximavam da ampla escadaria. Min torcia para que essa fosse a impressão passada, pelo menos. Obrigara-se a parar de olhar as outras mulheres para ver se caminhavam ou se portavam de forma similar. *Eu consigo*, disse a si mesma. Não havia chegado até ali para acabar voltando atrás. O vestido era um bom disfarce. Aqueles que se lembravam dela na Torre tinham

a imagem de uma jovem de cabelos cortados bem curtos, sempre de casaco e calças masculinos, nunca de vestido. Tinha que ser um bom disfarce. Ela não tinha escolha quanto ao que estava fazendo. Não muita.

Quanto mais se aproximava da Torre, mais seu estômago se embrulhava. Ela apertou a trouxa que trazia junto ao peito. As roupas de sempre estavam ali, e também as botas boas e todos os seus pertences, exceto o cavalo, que deixara em uma estalagem não muito longe da praça. Com sorte, estaria de volta em poucas horas para recuperar o capão e rumar para a Ponte de Ostrein e para a estrada que levava ao sul.

Não estava muito animada para montar um cavalo tão cedo, não depois de passar semanas em cima de uma sela sem nem um dia de descanso, mas ansiava por deixar aquele lugar. Nunca considerara a Torre Branca acolhedora, e, naquele instante, o lugar parecia quase tão terrível quanto a prisão do Tenebroso em Shayol Ghul. Estremecendo, desejou não ter pensado no Tenebroso. *Será que Moiraine acha que vim aqui só porque ela pediu? Que a Luz me ajude, agindo feito uma tonta. Fazendo coisas idiotas só por causa de um homem idiota!*

Ela subiu as escadas, desconfortável — precisava dar dois passos para atravessar cada um dos enormes degraus — e, ao contrário da maioria dos recém-chegados, não parou para admirar, boquiaberta, toda a brancura da Torre que se avultava. Queria terminar logo com aquilo.

Do lado de dentro, o salão de entrada, imenso e redondo, era quase todo cercado por arcos. Os visitantes se aglomeravam no centro, arrastando os pés sob um teto em domo sem ornamentos. O chão de pedras claras fora gasto e polido pelos inúmeros pés nervosos que haviam passado por ali ao longo dos séculos. Ninguém pensava em qualquer coisa que não onde estava e por quê. Um fazendeiro e sua mulher em roupas rústicas de lã, segurando a mão calejada um do outro, aguardavam ao lado de uma mercadora em roupas de seda com listras de veludo, com uma serviçal atrás de si, agarrada a uma caixinha trabalhada em prata, sem dúvida presente de sua senhora para a Torre. Em qualquer outro lugar, a mercadora teria olhado com desprezo para os camponeses que passavam tão perto, e eles poderiam muito bem ter batido continência e recuado, desculpando-se. Não naquele momento. Não ali.

Havia poucos homens entre os visitantes que buscavam a ajuda das Aes Sedai, o que não era surpresa para Min. A maioria ficava aflita perto delas. Todos sabiam que os Aes Sedai homens, quando ainda existiam, haviam sido os responsáveis pela Ruptura do Mundo. Três mil anos não haviam esmaecido aquela lembrança, ainda que o tempo tivesse alterado muitos detalhes. As crianças ainda ouviam as histórias de terror sobre homens capazes de canalizar o Poder Único, todos condenados à loucura pela mácula do Tenebroso em *saidin*, a metade masculina da Fonte Verdadeira. Pior ainda era a história de Lews Therin Thelamon, o Dragão, Lews Therin Fratricida, que dera início à Ruptura. Inclusive, as histórias também assustavam os adultos. A Profecia afirmava que o Dragão renasceria — no momento de maior necessidade da humanidade — para enfrentar o Tenebroso em Tarmon Gai'don, a Última Batalha. Mas isso fazia pouca diferença na forma com que a

maioria das pessoas encarava qualquer ligação entre homens e o Poder. Qualquer Aes Sedai caçaria um homem capaz de canalizar. Das sete Ajahs, a Vermelha fazia um pouco mais do que isso.

Naturalmente, nada daquilo tinha a ver com ir pedir ajuda às Aes Sedai, mas poucos homens sentiam-se à vontade em ter qualquer relação com elas e com o Poder. Poucos, exceto os Guardiões. Cada um deles tinha um elo com uma única Aes Sedai, e não eram considerados homens comuns. Havia um ditado: “Os homens preferem cortar a própria mão para se livrar de uma farpa a pedir ajuda a uma Aes Sedai.” As mulheres diziam aquilo como uma crítica à tola teimosia masculina, mas Min ouvira alguns homens afirmarem que perder a mão talvez fosse uma decisão mais sábia.

Ela se perguntou o que aquelas pessoas fariam se soubessem o que ela sabia. Fugiriam aos gritos, talvez. E, se soubessem por que motivo estava ali, havia grandes chances de ela não sobreviver antes de ser levada pelos guardas da Torre e jogada em uma cela. Ela tinha amigas dentro da Torre, mas ninguém com poder ou influência. Se seu objetivo fosse revelado, era muito mais provável que, em vez de ser ajudada pelas amigas, Min acabasse arrastando todas consigo para a forca, ou para o carrasco.

Obrigou-se a parar de pensar daquela forma. *Vou conseguir entrar, depois vou conseguir sair. Que a Luz queime Rand al'Thor por me meter nessa!*

Três ou quatro Aceitas, mulheres da idade de Min, talvez um pouco mais velhas, andavam pelo salão circular e falavam baixinho com os visitantes. Os vestidos brancos que usavam eram lisos, a não ser por sete faixas coloridas na bainha, uma para cada Ajah. Vez ou outra, uma das noviças — ainda mais jovem e toda de branco — vinha para levar alguém mais para o interior da Torre, e a pessoa sempre acompanhava as noviças com uma estranha mistura de entusiasmo e relutância.

Min apertou ainda mais a trouxa quando uma das Aceitas parou à sua frente.

— Que a Luz a ilumine — disse a mulher de cabelos cacheados, sem muito entusiasmo. — Meu nome é Faolain. Como a Torre pode ajudá-la?

O rosto redondo e escuro de Faolain mostrava a paciência de alguém incumbido de uma tarefa tediosa enquanto preferia estar fazendo qualquer outra coisa. Estudando, provavelmente, pelo que Min sabia das Aceitas. Estudando para ser Aes Sedai. No entanto, o mais importante era a falta do brilho de reconhecimento nos olhos da Aceita. As duas se conheceram quando Min estivera na Torre, mas não muito intimamente.

Mesmo assim, Min baixou a cabeça em timidez fingida. Não era incomum, muitos camponeses não compreendiam muito bem a enorme diferença entre as Aceitas e as Aes Sedai plenas. Escondendo as feições por trás do manto, ela desviou os olhos de Faolain.

— Preciso fazer uma pergunta ao Trono de Amyrlin — começou, mas parou de falar de repente quando três Aes Sedai pararam para observar o saguão, duas abaixo de um dos arcos, uma abaixo de outro.

Aceitas e noviças faziam medidas quando seus caminhos a levavam perto de uma das Aes Sedai, mas do contrário seguiam com seus afazeres, no

máximo com um tantinho mais de vivacidade. Só isso. O mesmo não acontecia com os visitantes, que pareciam passar o tempo todo prendendo a respiração. Longe da Torre Branca e de Tar Valon, teriam apenas o palpite de que as mulheres cuja idade não era possível estimar eram Aes Sedai, mulheres no frescor da plenitude, porém mais maduras do que os rostos suaves sugeriam. Mas na Torre não havia dúvidas. Uma mulher que operasse o Poder Único por um longo período não era tocada pelo tempo da mesma forma que as outras. Dentro da Torre, ninguém precisava ver o anel dourado da Grande Serpente para reconhecer uma Aes Sedai.

Uma onda de mesuras se espalhou pelo grupo amontoado, os poucos homens presentes se dobraram em reverências. Duas ou três pessoas chegaram a cair de joelhos. A mercadora rica parecia assustada, e o casal de fazendeiros ao seu lado parecia encarar uma lenda que virava realidade. A maioria apenas ouvira boatos sobre como se portar diante de uma Aes Sedai. Era improvável que qualquer um ali, exceto os que de fato viviam em Tar Valon, tivesse visto uma delas antes, e era provável que nem mesmo os habitantes da cidade já houvessem se aproximado tanto de uma.

Mas não foi a presença das Aes Sedai que fizeram Min perder a fala. Às vezes, não com muita frequência, ela via coisas ao olhar para as pessoas: imagens e auras que se expandiam e esvaneciam em instantes. Às vezes, sabia o que significavam. Era raro ter essa compreensão — muito mais raro do que as visões, na verdade — mas, quando isso ocorria, nunca falhava.

Ao contrário da maioria, as Aes Sedai e seus Guardiões sempre exibiam imagens e auras, às vezes tão agitadas e dançantes que deixavam Min tonta. No entanto, a quantidade não influenciava a interpretação. Ela compreendia o significado das visões nas Aes Sedai com a mesma rara frequência do que nas outras pessoas. Mas dessa vez soube mais do que gostaria, e estremeceu.

Uma mulher esguia de cabelos negros até a cintura, a única das três que ela reconheceu — chamava-se Ananda e era da Ajah Amarela — exibia uma auréola marrom pálida, murcha e cheia de sulcos apodrecidos cujas bordas desabavam e aumentavam enquanto o material se decompunha. Pelo xale de franjas, dava para ver que a pequena Aes Sedai de cabelos claros ao lado de Ananda pertencia à Ajah Verde. A Chama Branca de Tar Valon estampada no tecido ficou à mostra por um instante, quando ela virou as costas. Em seu ombro, como se aninhado entre as videiras e os ramos floridos de macieira bordados no tecido, jazia um crânio humano. Um pequeno crânio feminino, oco e muito branco. A terceira, uma mulher bonita e roliça que já chegava à metade da volta no salão, não usava xale. A maioria das Aes Sedai não usava, exceto em cerimônias. O queixo erguido e os ombros empertigados indicavam sua força e orgulho. Ela parecia olhar os presentes por trás de uma cortina de sangue, os filetes carmesins descendo pelo rosto.

Sangue, crânio e halo esvaneceram na dança de imagens ao redor das três, depois surgiram e desapareceram outra vez. Os visitantes as encaravam, estarrecidos, vendo apenas três mulheres capazes de tocar a Fonte Verdadeira e canalizar o Poder Único. Ninguém além de Min enxergava as

outras coisas. Ninguém além de Min sabia que aquelas três mulheres iriam morrer. Todas no mesmo dia.

— A Amyrlin não pode receber a todos — explicou Faolain, mal escondendo a impaciência. — A próxima audiência pública é daqui a dez dias. Diga o que quer, e vou tentar arrumar uma reunião com a irmã que tiver mais condições de ajudar.

Min baixou os olhos para a trouxa em seus braços e os manteve ali, em parte para não precisar ver aquelas imagens outra vez. *Todas elas! Luz!* Qual era a probabilidade de três Aes Sedai morrerem no mesmo dia? Mas ela sabia. Sabia.

— Tenho o direito de falar com o Trono de Amyrlin. Em pessoa. — Embora existisse, era raro aquele direito ser exigido. Quem se atreveria? — Toda mulher tem esse direito, e eu o requisito.

— Você acha que o Trono de Amyrlin em pessoa pode receber todos que vêm à Torre Branca? Sem dúvida alguma outra Aes Sedai poderá ajudá-la. — Faolain enfatizava os títulos, como se para deixar Min constrangida. — Agora explique qual é a pergunta. E diga o seu nome, para que a noviça saiba por quem chamar.

— Meu nome é... Elmindreda. — Min estremeceu sem querer. Sempre odiara seu nome, mas a Amyrlin era uma das poucas pessoas ainda vivas que o conhecia. Se pelo menos ela se lembrasse. — Tenho o direito de falar com a Amyrlin. E minha pergunta é apenas para ela. Tenho esse direito.

A Aceita arqueou uma sobrancelha.

— Elmindreda? — Ela contorceu a boca em um sorriso divertido. — E você exige seus direitos. Muito bem. Vou avisar à Curadora das Crônicas que você deseja ver a Amyrlin em pessoa, Elmindreda.

Min quis dar um tapa na mulher pela forma como ela enfatizou o nome, mas em vez disso respondeu apenas, em um murmúrio forçado:

— Obrigada.

— Não me agradeça ainda. Não tenho dúvidas de que a Curadora levará horas para responder, e decerto dirá que você pode fazer essa pergunta à Mãe na próxima audiência pública. Aguarde com paciência. Elmindreda.

Ao se virar para sair, ela deu um sorriso falso, quase desdenhoso.

Rangendo os dentes, Min agarrou a trouxa e foi se encostar na parede entre dois arcos, onde tentou se mesclar à parede de pedra clara e ornamentada. *Não confie em ninguém e evite ser notada até encontrar a Amyrlin*, dissera Moiraine. Moiraine era a única Aes Sedai em quem ela confiava. Na maioria das vezes. De qualquer forma, era um bom conselho. Ela só precisava chegar até a Amyrlin, e tudo estaria terminado. Poderia recolocar as próprias roupas, rever as amigas e partir. Não precisaria se esconder.

Sentiu-se aliviada em notar que as Aes Sedai haviam ido embora. Três daquelas mulheres morrendo no mesmo dia. Era impossível, não havia outra palavra. Ainda assim, iria acontecer. Nada que ela fizesse ou dissesse poderia mudar isso — sempre que sabia o significado de uma das visões, esta acontecia — mas era preciso contar à Amyrlin a respeito. Talvez fosse tão importante quanto as notícias de Moiraine, embora fosse difícil acreditar.

Outra Aceita chegou para substituir Faolain, e Min visualizou barras flutuantes em volta do rosto bochechudo, como uma jaula. Sheriam, a Mestra das Noviças, olhou para o salão. Depois de uma espiadela, Min manteve o olhar fixo à pedra sob seus pés. Sheriam a conhecia bem demais. O rosto da Aes Sedai ruiva lhe apareceu ferido, cheio de escoriações. Era apenas a visão, naturalmente, mas Min precisou morder o lábio para sufocar o ruído de surpresa que quase soltou. Sheriam, com seu ar de autoridade e confiança inabalável, era tão indestrutível quanto a Torre. Nada poderia fazer mal a ela, tinha certeza. Mas algo faria.

Uma Aes Sedai que Min não conhecia, usando o xale da Ajah Marrom, levava à porta uma mulher robusta, vestida em lã vermelha da mais fina urdidura. A mulher caminhava com a leveza de uma garota, o rosto iluminado, quase rindo de satisfação. A irmã Marrom também sorria, mas sua aura era fraca como a chama de uma vela derretida.

Morte. Ferimentos, cativeiro e morte. Para Min, aquilo era tão claro que poderia muito bem estar escrito.

Ela baixou os olhos. Não queria ver mais nada. *Que ela se lembre*, pensou. Não se desesperara em qualquer momento da longa viagem desde as Montanhas da Névoa, nem mesmo nas duas ocasiões em que tentaram roubar seu cavalo, mas no momento estava desesperada. *Luz, permita que ela se lembre do meu maldito nome.*

— Senhora Elmindreda?

Min levou um susto. A noviça de cabelos negros parada à sua frente mal tinha idade para estar longe de casa, devia ter quinze ou dezesseis anos, mas se esforçava para manter a dignidade.

— Sim? Sou eu... Esse é o meu nome.

— Sou Sahra. Queira me acompanhar. — A voz aguda da menina adquiriu um tom de assombro. — O Trono de Amyrlin vai recebê-la em seu gabinete.

Min soltou um suspiro aliviado e seguiu a moça, ansiosa.

O capuz fundo do manto ainda cobria seu rosto, mas não a impedia de ver. Quanto mais via, maior a ansiedade por encontrar a Amyrlin. Poucas pessoas percorriam os amplos corredores que subiam em espiral, com o piso de azulejos em cores vivas, tapeçarias nas paredes e castiçais dourados — a Torre fora construída para abrigar um número muito maior de pessoas do que havia atualmente — mas quase todos com quem ela cruzava na subida exibiam uma imagem ou aura que indicava violência e perigo.

Guardiões passaram apressados, sem olhá-las, deslocando-se como lobos caçadores. As espadas que portavam eram apenas uma amostra de quanto eram letais, mas todos pareciam ter rostos ensanguentados e com feridas abertas. Espadas e lanças dançavam sobre suas cabeças, ameaçadoras. As auras lampejavam, tempestuosas, tremeluzindo à beira da morte, afiada como uma lâmina. Ela via homens mortos caminhando, e soube que morreriam no mesmo dia que as Aes Sedai do saguão de entrada, no máximo um dia depois. Até mesmo alguns servos, homens e mulheres ostentando a Chama de Tar Valon no peito, apressados em seus afazeres, exibiam sinais de violência. Uma Aes Sedai que passava por um corredor lateral parecia envolta em correntes

suspensas no ar. Outra, que cruzava o corredor à frente de Min e a guia, nas poucas passadas que deu, aparentava usar uma coleira de prata ao redor do pescoço. Aquela visão fez Min prender a respiração. Ela quis gritar.

— A visão pode ser muito impressionante para quem nunca esteve aqui — comentou Sahra, não conseguindo soar como se a Torre já lhe fosse corriqueira como a aldeia onde nascera. — Mas aqui você está em segurança. O Trono de Amyrlin vai cuidar de tudo. — A voz virou um guincho quando ela mencionou a Amyrlin.

— Luz, permita que ela faça isso — murmurou Min.

A noviça lhe lançou o que deveria ser um sorriso consolador.

Quando as duas chegaram ao corredor do gabinete da Amyrlin, o estômago de Min se revirava, e ela estava quase chutando Sahra nos calcanhares, de tão depressa que ia. Apenas a necessidade de fingir que era uma estranha a impedia de avançar o restante do caminho em uma carreira.

Uma das portas para os aposentos da Amyrlin se abriu, e um jovem de cabelos louro-acobreados saiu andando a passos largos, quase atropelando Min e sua acompanhante. Ele era alto, forte e empertigado, usando um casaco azul com grossos bordados dourados na manga e na gola. Gawyn da Casa Trakand, filho da Rainha Morgase, de Andor, era o retrato de um jovem lorde orgulhoso. Um jovem lorde furioso. Min não teve tempo de baixar a cabeça, o rapaz já encarava seu rosto por baixo do capuz.

Ele arregalou os olhos, surpreso, depois apertou-os em dois filetes de azul gelido.

— Então você voltou. Sabe aonde foram minha irmã e Egwene?

— Elas não estão aqui? — Com uma onda de pânico, Min esqueceu-se de manter a compostura. Antes que percebesse o que fazia, tinha puxado as mangas de Gawyn e o encarava com um olhar premente, forçando-o a dar um passo para trás. — Gawyn, elas vieram para a Torre meses atrás! Elayne, Egwene e Nynaeve. Com Verin Sedai e... Gawyn, eu... eu...

— Fique calma — respondeu ele, soltando com delicadeza a mão que prendia seu casaco. — Luz! Não queria ter lhe assustado tanto. Elas chegaram em segurança. E não disseram uma palavra sobre onde estavam, ou por quê. Não para mim. Será que existe alguma mísera chance de você dizer? — Ela pensou que tinha mantido a expressão impassível, mas ele deu uma olhada e continuou: — Imaginei que não. Este lugar tem mais segredos que... Elas desapareceram outra vez. E Nynaeve também. — O nome da antiga Sabedoria veio como uma lembrança atrasada. Podia até ser amiga de Min, mas não significava nada para ele. A voz do rapaz começou a ficar outra vez ácida, mais severa a cada segundo. — E também sem dizer uma palavra. Nem uma palavra! Elas supostamente estão em alguma fazenda como castigo por terem fugido, mas não consigo descobrir onde. A Amyrlin não faz o favor de dar uma resposta direta.

Min fez uma careta. Por um instante, filetes de sangue seco transformaram o rosto do rapaz em uma máscara sombria. Ele parecia ter levado um golpe duplo de martelo. Suas amigas tinham ido embora — saber que estavam lá

fora era um alento em relação a sua ida à Torre — e Gawyn seria ferido no dia da morte das Aes Sedai.

Apesar de tudo o que vira desde que adentrara a Torre e apesar do medo, nada daquilo a afetara pessoalmente, até então. O desastre que se abateria sobre a Torre se alastraria, chegando até bem longe de Tar Valon. Mas ela não pertencia à Torre, jamais pertenceria. Gawyn, no entanto, era alguém que ela conhecia, alguém de quem gostava. E ele seria mais ferido do que a visão de sangue professava, seus ferimentos iriam além da carne. Foi então que Min se deu conta de que, se uma catástrofe assolasse a Torre, não seriam apenas as Aes Sedai desconhecidas, mulheres de quem ela nunca se sentira próxima, que seriam feridas. Suas amigas também entrariam no meio. Elas *pertenciam* à Torre.

De certa forma, Min se sentia feliz por Egwene e as outras não estarem lá, feliz por não poder olhar para elas e ver possíveis sinais de morte. Mas queria ver seus rostos, só para ter certeza, olhar para as amigas e não ver nada, ou ver que viveriam. Pela Luz, onde elas estavam? Por que haviam partido? Conhecendo aquelas três, achava que, se Gawyn não sabia onde estavam, era possível que elas não quisessem que ele soubesse. Poderia ser isso.

De súbito, ela lembrou onde estava e por quê, e também que não estava sozinha com Gawyn. Sahra parecia ter se esquecido de que estava levando Min à Amyrlin. Só tinha olhos para o jovem lorde, para quem lançava olhares apaixonados que não eram notados. Ainda assim, não havia motivo para Min continuar fingindo ser uma estranha na Torre. Estava diante da porta da Amyrlin, nada mais poderia impedi-la.

— Gawyn, não sei onde elas estão, mas, se estiverem mesmo cumprindo pena em uma fazenda, devem estar suadas e cobertas de lama até os quadris. Nesse caso, você vai ser a última pessoa que elas vão querer que as veja. — Na verdade, não se sentia muito mais confortável do que Gawyn em relação à ausência das três. Muita coisa acontecera, muita coisa estava acontecendo, e muitas delas pareciam ligadas às três. Mas não era impossível que suas amigas estivessem sendo castigadas. — E você não vai ajudá-las se deixar a Amyrlin irritada.

— Não sei se elas *estão* em uma fazenda. Não sei nem mesmo se estão vivas. Por que tanto disfarce e dissimulação se elas estiverem apenas colhendo ervas? Se acontecer alguma coisa com a minha irmã... Ou com Egwene... — Ele franziu o rosto, olhando para as botas. — É meu dever cuidar de Elayne. Como vou protegê-la se nem sei onde ela está?

Min suspirou.

— Você acha que ela precisa de proteção? Acha que alguma delas precisa? — Se a Amyrlin as tivesse enviado em alguma missão, talvez precisassem. A Amyrlin era capaz de mandar uma mulher ao covil de um urso armada apenas de uma vareta, se isso servisse a seus propósitos. E ainda esperaria que a mulher retornasse com o couro do urso, ou o próprio animal acorrentado, conforme suas instruções. No entanto, dizer isso a Gawyn só o deixaria mais exaltado e preocupado. — Gawyn, elas têm um compromisso com a Torre. Não vão gostar se você se intrometer.

— Sei que Elayne não é mais criança — respondeu ele, com paciência. — Apesar de ela não se decidir se quer fugir como se ainda fosse ou se prefere brincar de ser Aes Sedai. Mas ela é *minha irmã* e, mais do que isso, é a Filha-herdeira de Andor. Depois da minha mãe, será Rainha. Andor precisa dela sã e salva para subir ao trono, não de outra Sucessão.

Brincar de ser Aes Sedai? Parecia que ele não tinha percebido o talento da irmã. Desde os primórdios da criação de Andor, as Filhas-herdeiras eram enviadas para receber treinamento na Torre, mas Elayne era a primeira com potencial suficiente para ser elevada a Aes Sedai, e uma Aes Sedai poderosa. Era provável que ele não soubesse que Egwene tinha a mesma força.

— Então quer dizer que você vai protegê-la, queira ela ou não? — Min fez a pergunta com uma voz impassível, tentando indicar que o rapaz estava cometendo um erro, mas ele assentiu, sem perceber a advertência.

— Esse é o meu dever desde o dia que ela nasceu. Meu sangue deve ser derramado antes do dela, minha vida deve ser entregue antes da dela. Fiz esse juramento quando ainda não tinha tamanho nem para enxergá-la no berço. Gareth Bryne teve que explicar o que as palavras significavam. Não vou quebrá-lo agora. Andor precisa dela mais do que de mim.

Ele falava com uma certeza tranquila, com a aceitação de algo correto e natural, o que provocou arrepios em Min. Sempre tinha considerado Gawyn um pouco infantil, risonho e implicante, mas ele parecia diferente. Ela achou que o Criador devia estar cansado quando chegara a hora de fazer os homens. Às vezes eles mal pareciam humanos.

— E Egwene? Qual foi o juramento que você fez em relação a ela?

Ele não alterou a expressão, mas remexeu os pés, receoso.

— Estou preocupado com Egwene, é claro. E com Nynaeve. Elayne pode sofrer o mesmo que suas companheiras. Imagino que as três ainda estejam juntas. Quando *ainda* estavam aqui, era raro ver uma sem as outras.

— Minha mãe sempre disse para me casar com um péssimo mentiroso, e você se qualifica para o posto. Só que eu acho que alguém já tem a preferência.

— Algumas coisas já foram traçadas — respondeu ele, muito calmo — outras não tem muita chance de acontecer. Galad está arrasado com a partida de Egwene.

Galad era meio-irmão de Gawyn. Os dois haviam sido enviados a Tar Valon para treinar com os Guardiões. Era outra tradição andoriana. Na opinião de Min, Galadedrid Damodred era um homem tão correto que isso chegava a ser um defeito, mas Gawyn não via nada de errado com o meio-irmão. E não revelaria seus sentimentos a uma mulher por quem Galad estivesse apaixonado.

Ela queria sacudi-lo e enfiar algum juízo em sua cabeça, mas não havia tempo. Não quando a Amyrlin esperava, não com o que ela tinha para dizer à Amyrlin. E certamente não com Sahra parada ali, independentemente de ela estar babando por ele.

— Gawyn, fui chamada pela Amyrlin. Onde posso lhe encontrar, depois que ela terminar de falar comigo?

— Estarei no pátio de treinamento. A única coisa capaz de me desviar das preocupações é dar uns golpes de espada com Hammar. — Hammar era um mestre espadachim, o Guardião instrutor. — Fico lá até o pôr do sol, quase todos os dias.

— Muito bem. Vou para lá assim que der. E tente tomar cuidado com o que diz. Se a Amyrlin ficar irritada com você, Elayne e Egwene também vão ficar.

— Isso eu já não posso prometer — retrucou ele, com firmeza. — Tem algo errado no mundo. Uma guerra civil em Cairhien. O mesmo, ou até pior, em Tarabon e Arad Doman. Falsos Dragões. Problemas e rumores de problemas por toda a parte. Não digo que a Torre está por trás disso tudo, mas nem mesmo aqui as coisas estão como deveriam. Ou como parecem. O sumiço de Elayne e Egwene não é tudo. Mesmo assim, é a parte que me preocupa. *Vou descobrir onde elas estão. E, se estiverem machucadas... se estiverem mortas...*

Ele fechou a cara, e, por um instante, seu rosto se transformou outra vez naquela máscara de sangue. E mais: uma espada flutuava por cima de sua cabeça, um estandarte tremulando ao fundo. A espada tinha o cabo longo, como a maioria das que eram usadas pelos Guardiões, além de uma garça gravada na lâmina ligeiramente curva. Min não sabia se ela pertencia a Gawyn, ou se era uma ameaça. O estandarte ostentava o símbolo de Gawyn, o Javali Branco em disparada, só que em um campo verde, em vez do vermelho de Andor. A espada e o estandarte sumiram junto com o sangue.

— Tome cuidado, Gawyn. — O que ela falava tinha um duplo sentido: o rapaz devia tomar cuidado com o que dizia, mas também precisava tomar cuidado com algo que Min não conseguia explicar nem a si mesma. — Você precisa tomar muito cuidado.

Os olhos do rapaz a perscrutaram, como se ele tivesse captado um pouco do significado mais profundo.

— Eu... vou tentar — disse, por fim. Então escancarou um sorriso, quase igual ao que ela se lembrava de ver em seu rosto, mas o esforço para mantê-lo era evidente. — Acho melhor eu voltar para o pátio de treinamento, se quiser me manter à altura de Galad. Consegui ganhar duas vezes de Hammar nas cinco disputas de hoje de manhã, mas Galad ganhou três da última vez que se deu ao trabalho de aparecer por lá. — De súbito, ele pareceu vê-la pela primeira vez, e o largo sorriso tornou-se genuíno. — Você deveria usar vestidos mais vezes. Fica muito bem assim. Não esqueça: vou ficar lá até o sol se pôr.

Enquanto ele se afastava, quase com a graça mortal de um Guardião, Min percebeu que alisava o vestido por cima dos quadris. Parou na mesma hora. *Que a Luz queime todos os homens!*

Sahra soltou um suspiro, como se tivesse passado o tempo todo prendendo a respiração.

— Ele é muito bonito, não é? — perguntou, imersa em devaneios. — Não tão bonito quanto Lorde Galad, é claro. E vocês se conhecem bem. — A frase saía quase como pergunta, mas era metade afirmação.

Min reproduziu o suspiro da jovem. A garota falaria com as amigas no alojamento das noviças. O filho de uma rainha era assunto comum no mundo

das fofocas, ainda mais se fosse bonito e se portasse como um herói dos contos dos menestréis. Uma mulher estranha só abria espaço para especulações interessantes. Mas ela não podia fazer nada. De qualquer modo, a essa altura, especulações não causariam mal algum.

— O Trono de Amyrlin deve estar se perguntando por que ainda não chegamos — comentou.

Sahra voltou a si com um olhar assustado e engoliu em seco. Agarrou a manga de Min e deu um pulo para abrir uma das portas, puxando a visitante atrás de si. No instante em que as duas entraram, a noviça se curvou em uma rápida mesura e gritou, em pânico:

— Trouxe a moça, Leane Sedai. A senhora Elmindreda? O Trono de Amyrlin queria vê-la?

A mulher alta de pele morena que ocupava a antessala usava a estola da Curadora das Crônicas, cujo tecido de um palmo de largura era azul, para mostrar de que Ajah ela fora elevada. Com as mãos na cintura, a mulher esperou a noviça terminar de falar e a dispensou em um tom áspero:

— Já demorou demais, criança. Retorne às suas tarefas.

Sahra fez outra mesura e saiu com a mesma ligeireza com que entrara.

Min continuava encando o chão, o capuz ainda puxado sobre o rosto. O descuido diante de Sahra já fora terrível — pelo menos a noviça não sabia seu nome — mas Leane a conhecia melhor do que qualquer um na Torre, exceto pela Amyrlin. Min tinha certeza de que já não fazia diferença, mas, depois do que acontecera no corredor, pretendia seguir as instruções de Moiraine até ficar sozinha com a Amyrlin.

Dessa vez, suas precauções não adiantaram. Leane deu dois passos, puxou o capuz para trás e soltou um grunhido, como se tivesse acabado de levar um soco na boca do estômago. A jovem ergueu a cabeça e a encarou de volta com uma expressão desafiadora, tentando fingir que não tentara passar despercebida. A Curadora tinha cabelos lisos e escuros, apenas um pouco mais compridos que os da própria Min, e a expressão da Aes Sedai era um misto de surpresa e desgosto pela própria surpresa.

— Então você é Elmindreda, não é? — inquiriu Leane, com a voz ácida. Ela sempre falava assim. — Devo dizer que fica melhor nesse vestido do que nos... trajes... habituais.

— É só Min, Leane Sedai, por gentileza.

A garota tentou manter o rosto firme, mas era difícil não olhar feio. A voz da Curadora traía seu divertimento. Por que sua mãe tivera de dar à Min justo o nome de uma personagem histórica que passava a maior parte do tempo suspirando pelos homens, ou então os inspirando a compor músicas sobre seus olhos ou sorriso?

— Muito bem. Min. Não vou perguntar onde você esteve, nem por que voltou usando um vestido e, pelo que parece, querendo falar com a Amyrlin. Não agora, pelo menos. — Mas sua expressão indicava que ela pretendia perguntar tudo isso mais tarde e obter respostas. — Suponho que a Mãe saiba quem é Elmindreda? É claro. Eu devia ter percebido isso quando ela mandou que você entrasse logo e sozinha. Só a Luz sabe por que é que ela

aguenta você. — Ela se obrigou a parar, fazendo uma careta de preocupação.

— Qual é o problema, garota? Está doente?

Cautelosa, Min deixou o rosto inexpressivo.

— Não. Não, estou bem. — Por um momento, a Curadora a encarara através de uma máscara transparente de seu próprio rosto, uma máscara que parecia gritar. — Posso entrar agora, Leane Sedai?

Leane analisou a moça por mais um instante, depois inclinou a cabeça de um jeito brusco, indicando a câmara interna.

— Entre logo.

O pulo que Min deu para obedecê-la teria satisfeito até a capataz mais rígida.

O gabinete do Trono de Amyrlin fora ocupado por muitas mulheres importantes e poderosas ao longo dos séculos, e lembretes disso preenchiam o cômodo, desde a comprida lareira de Kandor, no momento apagada, toda de mármore dourado, até as paredes com painéis de madeira clara raiadas, duras como ferro, entalhadas com imagens de bestas magníficas e pássaros plumados. Os painéis haviam sido trazidos das misteriosas terras para além do Deserto Aiel havia mais de mil anos, e a lareira tinha o dobro da idade. A pedra vermelha polida no piso viera das Montanhas da Névoa. Compridas janelas em arco levavam a uma varanda. A pedra iridescente que as emoldurava brilhava como pérola, recuperada dos resquícios de uma cidade naufragada no Mar das Tempestades com a Ruptura do Mundo, e ninguém jamais vira qualquer coisa parecida.

No entanto, Siuan Sanche, a ocupante atual, era filha de pescadores de Tear, e a mobília que escolhera era simples, ainda que bem-acabada e muito lustrada. A mulher estava sentada em uma cadeira robusta atrás de uma mesa tão simples que não se destacaria em uma casa de fazenda. A única outra cadeira do recinto, tão humilde quanto a primeira, ficava sempre em um dos cantos, mas no momento diante da mesa, por cima de um tapete taireno pequeno e simples, todo em tons de azul, marrom e dourado. Meia dúzia de livros jaziam abertos nos altos suportes de leitura pela sala. Isso era tudo. Um desenho fora pendurado acima da lareira: pequeninos barcos de pesca navegando por entre juncos nas Garras do Dragão, como o barco de seu pai.

À primeira vista, apesar das feições plácidas de Aes Sedai, a própria Siuan Sanche parecia tão simples quanto a mobília. Também era robusta, tinha uma beleza mais masculina e o único ornamento que usava era a larga estola do Trono de Amyrlin, com uma faixa colorida para cada uma das sete Ajahs. Sua idade era indefinida, assim como a de qualquer Aes Sedai: não havia sequer a sombra de um fio grisalho em seus cabelos negros. Mas os penetrantes olhos azuis pareciam não tolerar tolices, e o maxilar firme revelava a determinação da mulher mais jovem a ser escolhida Trono de Amyrlin. Por mais de dez anos, Siuan Sanche fora capaz de convocar governantes e outras pessoas de poder, e todos sempre vinham, por mais que odiassem a Torre Branca e temessem as Aes Sedai.

Enquanto a Amyrlin dava a volta na mesa, Min depositou a trouxa e começou a fazer uma estranha mesura, resmungando entre dentes, irritada

por ter de fazê-lo. Não que desejasse faltar com o respeito — isso sequer passava pela cabeça de alguém diante de uma mulher como Siuan Sanche — mas sua reverência costumeira pareceria tola em um vestido, e ela tinha apenas uma leve ideia de como fazer uma mesura.

Meio agachada, com as saias abertas entre as mãos, ela congelou como um sapo de côcoras. Siuan Sanche estava ali parada, majestosa como qualquer rainha, mas por um instante também jazia no chão, nua. Além da ausência de roupas, havia algo de estranho na imagem, que desapareceu antes de Min conseguir entender o quê. Uma das visões mais fortes que já tivera, e ela não fazia ideia de seu significado.

— Tendo mais visões, é? — perguntou a Amyrlin. — Bem, eu com certeza posso fazer bom uso dessa sua habilidade. Poderia ter me valido dela todos os meses em que você esteve longe. Mas não vamos falar disso. O que está feito está feito. Há de ser o que a Roda tecer. — Ela deu um sorriso tenso. — Mas, se fugir de novo, arranco seu couro para fazer luvas. Levante-se, garota. Em um único mês, Leane já me impõe formalidades o bastante para durar um ano inteiro de qualquer mulher sensata. Não tenho tempo para isso. Não hoje em dia. Agora, o que foi que você acabou de ver?

Min se endireitou devagar. Era um alívio estar outra vez diante de alguém que sabia sobre seu dom, mesmo que fosse o Trono de Amyrlin em pessoa. Ela não precisava esconder o que via daquela mulher. Longe disso.

— A senhora estava... A senhora não estava usando roupas. Eu... Eu não sei o que isso significa, Mãe.

Siuan soltou uma risada curta e desconsolada.

— Com certeza quer dizer que vou arranjar um amante. Mas também não tenho tempo para isso. Não há tempo para paquerar homens quando se está ocupada tirando água do barco com um balde.

— Pode ser — respondeu Min devagar. Poderia significar aquilo, mas ela duvidava. — Eu simplesmente não sei. Mas, Mãe, ando vendo coisas desde que cheguei à Torre. Algo ruim vai acontecer, algo terrível.

Ela começou a falar com a Aes Sedai no hall de entrada e contou tudo o que vira, bem como o que cada coisa significava, pelo menos quando sabia. Entretanto, omitiu o que Gawyn dissera, ou pelo menos a maior parte: não faria sentido mandá-lo não irritar a Amyrlin se ela fizesse isso por ele. O restante, revelou da forma sombria como havia visto. Ao trazer tudo à tona e se deparar com as visões outra vez, um pouco de seu medo retornou. Antes mesmo de terminar, sua voz falhava.

A expressão da Amyrlin não se alterou.

— Então você falou com o jovem Gawyn — comentou, quando Min terminou o relato. — Bem, acho que posso convencê-lo a ficar de boca fechada. E, se bem me lembro de Sahra, a garota poderia fazer bom uso de um tempo de trabalho no campo. Ela não vai espalhar fofocas enquanto trabalha pesado em uma plantação.

— Eu não entendo — retrucou Min. — Por que é que Gawyn tem que ficar de boca fechada? A respeito de quê? Não contei nada a ele. E Sahra...? Mãe, talvez eu não esteja sendo muito clara. Aes Sedai e Guardiões vão

morrer. Isso só pode significar uma batalha. E, a não ser que a senhora envie um monte de Aes Sedai e Guardiões... e servos, também vi servos mortos e feridos... A menos que a senhora faça isso, a batalha acontecerá aqui! Em Tar Valon!

— Você viu isso? — inquiriu a Amyrlin. — Uma batalha? Enxergou isso com esse seu... dom, ou é apenas suposição?

— O que mais poderia ser? Pelo menos quatro Aes Sedai estão à beira da morte. Mãe, vi apenas nove de vocês desde que voltei, e quatro vão morrer! E os Guardiões... o que mais poderia ser?

— Mais coisas do que eu gostaria de imaginar — respondeu Siuan, taciturna. — Quando? Quanto tempo temos antes que... *isso...* aconteça?

Min balançou a cabeça.

— Eu não sei. A maior parte ocorrerá em um período de um dia, talvez dois, mas pode ser amanhã, ou daqui a um ano. Ou dez.

— Vamos rezar para que sejam daqui a dez. Se acontecer amanhã, não há muito que eu possa fazer para impedir.

Min fez uma careta. Apenas duas Aes Sedai além de Siuan Sanche sabiam sobre o que ela era capaz de fazer: Moiraine e Verin Mathwin, que tentara estudar seu dom. Ninguém entendia mais do que ela como a coisa funcionava, só sabiam que nada tinha a ver com o Poder. Talvez fosse por isso que apenas Moiraine parecia capaz de aceitar o fato de que, quando Min sabia o que uma visão significava, a visão acontecia.

— Talvez sejam os Mantos-brancos, Mãe. Eles estavam por toda Alindaer, quando cruzei a ponte. — Não acreditava que os Filhos da Luz tivessem qualquer coisa a ver com o que estava por vir, mas sentia-se relutante em afirmar no que de fato acreditava. Acreditava, mas não sabia. Mesmo assim, era ruim o bastante.

No entanto, a Amyrlin já começara a balançar a cabeça antes mesmo de ela terminar.

— Eles tentariam algo se pudessem, não tenho dúvidas. Adorariam atacar a Torre. Mas Eamon Valda não vai agir sem ordens claras do Senhor Capitão Comandante, e Pedron Niall não vai atacar sem ter certeza de que estamos fragilizadas. Ele conhece nossa força bem demais para dar uma de bobo. Os Mantos-brancos agiram dessa forma por mil anos. São como lúcios à espreita nos juncos, ansiando por sangue Aes Sedai na água. Mas nós ainda não deixamos cair uma gota sequer, nem deixaremos, se eu puder evitar.

— Mas, se Valda tentasse algo por conta própria...

Siuan a interrompeu.

— Ele não tem mais de quinhentos homens perto de Tar Valon, garota. Mandou o restante embora semanas atrás para arrumar problemas em outro canto. As Murallas Reluzentes resistiram aos Aiel. E a Artur Asa-de-gavião. Valda nunca invadiria Tar Valon, a não ser que a cidade já estivesse ruindo por dentro. — Ela prosseguiu, sem alterar o tom: — Você quer que eu acredite que o problema partirá dos Mantos-brancos. Por quê? — Não havia delicadeza em sua voz.

— Porque *eu* quero acreditar nisso — resmungou Min. Ela umedeceu os lábios e proferiu as palavras que não queria dizer. — A coleira prateada que eu vi numa das Aes Sedai. Mãe, parecia... Parecia uma das coleiras que... os Seanchan usam para... controlar as mulheres capazes de canalizar. — Sua voz foi morrendo enquanto a boca de Siuan se contorcia de desgosto.

— Imundícies — rosnou a Amyrlin. — Além disso, a maioria das pessoas não acredita em um quarto do que se diz sobre os Seanchan. Mas há mais riscos com os Mantos-brancos. Se os Seanchan atracarem outra vez por aqui, um pombo virá me avisar em poucos dias, e Tar Valon fica muito distante do mar. Se eles reaparecerem, receberei muitos avisos. Não, acho que você viu algo muito pior que os Seanchan. Temo que só possa ser a Ajah Negra. São poucas de nós que sabem a respeito delas, e não gosto de pensar no que acontecerá quando a história se espalhar, mas elas são a maior ameaça à Torre, no momento.

Min percebeu que apertava a saia com tanta força que sentia dor na mão. A boca estava completamente seca. A Torre Branca sempre negara a existência de uma Ajah oculta, dedicada ao Tenebroso. A melhor maneira de irritar uma Aes Sedai era mencionar uma coisa dessas. O fato de a própria Amyrlin falar sobre a Ajah Negra de forma tão natural fez Min gelar.

A Amyrlin prosseguiu, como se não tivesse falado nada demais:

— Bem, você não viajou até aqui só para revelar essas visões. Trouxe algum recado de Moiraine? Fiquei sabendo do caos, para dizer o mínimo, que se espalha de Arad Doman a Tarabon. — De fato, aquilo era o mínimo: os homens que apoiavam o Dragão Renascido lutavam contra os que se opunham a ele, e os dois países haviam entrado em guerra civil ao mesmo tempo em que lutavam entre si pelo domínio da Planície de Almoth. O tom de Siuan reduzia tudo aquilo a um detalhe. — Mas já faz meses que não ouço notícias de Rand al'Thor. Ele é o foco disso tudo. Onde é que ele está? O que é que Moiraine o mandou fazer? Sente-se, garota. Sente-se.

Ela apontou para a cadeira diante da mesa.

Min se aproximou da cadeira com as pernas bambas e quase desabou nela. *A Ajah Negra! Ah, Luz!* Aes Sedai deveriam ser representantes da Luz. Ainda que não confiasse muito nelas, isso era verdade. As Aes Sedai e todo o poder que tinham eram empenhados em defesa da Luz, combatendo a Sombra. No entanto, isso já não era verdade. Ela mal ouviu a si mesma dizendo:

— Ele está indo para Tear.

— Tear! É *Callandor*, então. Moiraine quer que ele tire a Espada Que Não Pode Ser Tocada da Pedra de Tear. Juro que vou pendurar essa mulher no sol e fazer carne-seca com o couro dela! Vou fazê-la desejar ser noviça outra vez! Ele ainda não está pronto para isso!

— Não foi... — Min fez uma pausa para limpar a garganta. — Não foi Moiraine quem mandou. Rand saiu sozinho no meio da noite. Os outros foram atrás dele, e Moiraine me enviou para avisar à senhora. Pode ser que, a essa altura, eles já estejam em Tear. Até onde sei, pode ser que ele já esteja com *Callandor* nas mãos.

— Que o queime! — vociferou Siuan. — Ele pode estar morto, a essa altura! Queria que ele jamais tivesse ouvido sequer uma palavra das Profecias do Dragão. Se eu pudesse impedi-lo de ouvir mais alguma, impediria.

— Mas ele não precisa cumprir as Profecias? Não estou entendendo.

A Amyrlin inclinou-se na mesa, exaurida.

— Como se alguém entendesse a maioria delas! Não são as Profecias que fazem dele o Dragão Renascido, basta que ele próprio reconheça isso. E, se ele foi atrás de *Callandor*, deve ter reconhecido. As Profecias servem para anunciar ao mundo quem ele é, para prepará-lo para o que está por vir, e também preparar o mundo. Se Moiraine conseguir manter algum controle sobre ele, vai guiá-lo em direção às Profecias das quais temos certeza, mas só quando ele estiver pronto para enfrentá-las! No mais, confiamos que o que ele faz seja suficiente. Esperamos. Até onde eu sei, ele já cumpriu Profecias que nenhum de nós é capaz de compreender. Queira a Luz que isso seja o bastante.

— Então você quer mesmo controlá-lo. Ele disse que vocês duas tentariam usá-lo, mas é a primeira vez que a ouço admitir. — Min sentiu um calafrio. Irritada, acrescentou: — Vocês não têm feito um bom trabalho em relação a isso.

O cansaço de Siuan pareceu desaparecer de seus ombros. Ela se endireitou e continuou olhando para Min.

— Seria sábio da sua parte desejar que conseguíssemos. Você acha que poderíamos simplesmente deixar Rand à solta? Teimoso, cabeça-dura, destreinado, despreparado, talvez até começando a enlouquecer. Acha que poderíamos confiar a vida dele ao Padrão, ao seu próprio *destino*, como em alguma história? Isso não é uma história, e ele não é nenhum herói invencível. Se sua trama for removida do Padrão, a Roda do Tempo não dará por falta dele, e o Criador não fará nenhum milagre para nos salvar. Se Moiraine não for capaz de içar velas e freá-lo, ele pode acabar se matando, e o que será de nós? O que será do mundo? A prisão do Tenebroso está enfraquecendo. Ele vai tocar o mundo outra vez, é apenas questão de tempo. Se Rand al'Thor não estiver aqui para enfrentá-lo na Última Batalha, se esse rapaz tolo e teimoso acabar se matando primeiro, o mundo estará condenado. A Guerra do Poder acontecerá outra vez, mas sem Lews Therin e seus Cem Companheiros. Depois, fogo e sombras, para sempre. — Ela parou de falar de repente, olhando para o rosto de Min. — Então é assim que o vento sopra, não é? Você e Rand. Não esperava por isso.

Min balançou a cabeça vigorosamente, sentindo as bochechas ficarem vermelhas.

— É claro que não! Eu estava... É a Última Batalha. E o Tenebroso. Luz, só pensar no Tenebroso à solta deve ser o bastante para gelar um Guardião. E a Ajah Negra...

— Não tente disfarçar — interrompeu a Amyrlin com rispidez. — Acha que é a primeira vez que eu vejo uma mulher temendo pela vida de seu homem? É melhor você admitir logo.

Min se remexeu na cadeira. Os olhos de Sivan a encaravam, mordazes, astutos e impacientes.

— Está bem — murmurou, por fim. — Vou contar tudo à senhora, o que fará muito bem a nós duas. Da primeira vez que vi Rand, pude enxergar os rostos de três mulheres, e um deles era o meu. Eu nunca vira nada a meu respeito antes, e isso não se repetiu, mas na mesma hora soube o significado. Eu me apaixonaria por ele. Nós três nos apaixonaríamos.

— Três. As outras duas. Quem são?

Min abriu um sorriso amargo.

— Os rostos estavam embaçados. Não sei quem são.

— E nada indica que ele vai corresponder a esse amor?

— Nada! Ele nunca olhou para mim direito. Acho que me vê como... Como uma irmã. Então não pense que pode me usar para segurar as rédeas dele, porque não vai funcionar!

— Mas você o ama.

— Eu não tenho escolha. — Min tentou suavizar o tom emburrado da voz.

— Tentei tratar essa história como uma brincadeira, mas já não consigo rir. A senhora pode não acreditar em mim, mas quando sei o que uma coisa significa, essa coisa acontece.

A Amyrlin tamborilou os dedos nos lábios e observou Min, contemplativa.

Aquele olhar era preocupante. Min não tivera a intenção de se expor ao ridículo ou de revelar tanto. Não contara tudo, mas sabia que, àquela altura, já deveria ter aprendido a não dar qualquer vantagem a uma Aes Sedai, ainda que não fosse capaz de entender como ela a usaria. Aes Sedai eram peritas em encontrar usos para as informações que tinham.

— Mãe, dei o recado de Moiraine e contei tudo o que sei sobre o significado das minhas visões. Não há motivo para eu não poder vestir minhas roupas e ir embora.

— Vai para onde?

— Tear. — Depois de falar com Gawyn, de tentar garantir que ele não faria nada estúpido. Desejou ter a coragem de perguntar aonde Egwene e as outras duas tinham ido, mas, se a Amyrlin não contara ao irmão de Elayne, era pouco provável que contasse a ela. E Sivan Sanche ainda tinha aquele peso no olhar. — Ou aonde Rand estiver. Posso estar agindo como uma idiota, mas não sou a primeira a fazer isso por um homem.

— Mas é a primeira a agir como idiota por causa do Dragão Renascido. Será perigoso ficar perto de Rand al'Thor depois que o mundo descobrir quem e o que ele é. E, se ele estiver de posse de *Callandor*, o mundo muito em breve descobrirá. Metade vai querer matá-lo de qualquer modo, como se isso pudesse impedir a Última Batalha, impedir a libertação do Tenebroso. Muitos morrerão ao lado dele. Pode ser melhor que você fique aqui.

A Amyrlin soava solidária, mas Min achou que fosse falso. Não acreditava que Sivan Sanche fosse capaz de solidariedade.

— Vou correr o risco, talvez eu possa ajudá-lo. Com as minhas visões. Não é como se a Torre fosse assim tão mais segura, não enquanto ainda houver irmãs

Vermelhas por aqui. Quando virem um homem capaz de canalizar, esquecerão a Última Batalha e as Profecias do Dragão.

— Muitos outros farão o mesmo — interrompeu Suian, calma. — É difícil abandonar antigos pontos de vista, para todo mundo, inclusive para as Aes Sedai.

Min lançou um olhar intrigado à mulher. Ela parecia estar tomando seu lado.

— Não é segredo que sou amiga de Egwene e Nynaeve, e também não é segredo que elas são da mesma aldeia de Rand. Para a Ajah Vermelha, isso já será suficiente. Quando a Torre descobrir o que ele é, provavelmente serei presa no mesmo dia. Assim como Egwene e Nynaeve, se a senhora não as tiver escondido em algum lugar.

— Então você não pode ser reconhecida. Não se pega um peixe capaz de ver a rede. Sugiro que deixe de usar os casacos e calças por um tempo. — A Amyrlin deu um sorriso que parecia o de um gato para um rato.

— E qual é o peixe que a senhora espera capturar comigo de isca? — perguntou Min, a voz fraca.

Achava que sabia e desejou desesperadamente estar errada.

Seu desejo não impediu as palavras da Amyrlin:

— A Ajah Negra. Treze delas fugiram, mas temo que algumas tenham ficado. Não sei em quem posso confiar. Por um tempo, não confiei em ninguém. Você não é Amiga das Trevas, sei disso, e esse seu dom pode ser de alguma ajuda. Na pior das hipóteses, você seria apenas mais um par de olhos confiáveis.

— A senhora estava planejando isso desde a hora em que eu entrei, não é mesmo? É por isso que quer manter Gawyn e Sahra quietos. — A raiva crescia dentro de Min como vapor em uma chaleira. A mulher dizia “sapo” e esperava que os outros saíssem pulando. E o fato de isso geralmente acontecer só piorava as coisas. Ela não era um sapo, não era uma marionete dançante. — Foi isso o que a senhora fez com Egwene, Elayne e Nynaeve? Mandou as três atrás da Ajah Negra? Não duvido nada!

— Cuide das suas próprias redes, criança, e deixe as garotas cuidarem das delas. No que lhe diz respeito, elas estão cumprindo pena numa fazenda. Fui clara?

Aquele olhar inabalável fez Min se remexer na cadeira. Era fácil desafiar a Amyrlin — até ela começar a encarar com aqueles olhos azuis, frios e penetrantes.

— Sim, Mãe. — A submissão em seu tom de voz lhe causou um certo rancor, mas bastou um olhar para a Amyrlin se convencer a não levar aquilo adiante. Ela puxou a lã delicada do vestido. — Acho que não vou morrer se usar isso aqui por mais algum tempo.

De súbito, Suian pareceu bem contente. Min sentiu os pelos do pescoço se eriçarem.

— Temo que não seja suficiente. Min de vestido ainda é Min de vestido, para quem observar com atenção. Não dá para você passar o tempo todo com o capuz levantado. Não, é preciso mudar tudo o que for possível. Em primeiro

lugar, você continuará a atender por Elmindreda. Afinal de contas, esse é o seu nome. — Min estremeceu. — Seus cabelos estão quase do tamanho dos de Leane, o que é um bom comprimento para fazer cachos. Quanto ao resto... Eu nunca gostei de rouge, pó e pintura, mas Leane ainda se lembra de como usá-los.

Os olhos de Min se arregalavam a cada palavra, desde a menção dos cachos.

— Ah, não — soltou, espantada.

— Ninguém vai confundi-la com a Min que usa calças depois que Leane transformá-la em uma perfeita Elmindreda.

— Ah, NÃO!

— Quanto ao motivo pelo qual você permanecerá na Torre... precisamos de algo adequado a uma mocinha tola que em nada se parece ou age como Min. — A Amyrlin franziu a testa, pensativa, ignorando os esforços de Min para interrompê-la. — Sim. Vou deixar correr a notícia de que a Senhorita Elmindreda conseguiu encorajar os avanços de dois pretendentes a tal ponto que precisará se esconder dos rapazes aqui na Torre até conseguir decidir qual prefere. Algumas poucas mulheres ainda pedem abrigo todos os anos, e às vezes por razões tão bobas quanto essa. — Seu rosto ficou sério, e os olhos se aguçaram. — Se ainda estiver pensando em Tear, reconsidere. Considere se será mais útil a Rand lá, ou aqui. Se a Ajah Negra destruir a Torre, ou pior, tomar o controle, ele perderá até a pouca ajuda que posso dar. Você é uma mulher, ou uma garotinha apaixonada?

Sem escapatória. Min podia ver claramente a corrente em sua perna.

— A senhora sempre consegue convencer os outros, Mãe?

Dessa vez, o sorriso da Amyrlin saiu ainda mais frio.

— Quase sempre, criança. Quase sempre.

* * *

Mexendo no xale de franjas vermelhas, Elaida encarava, pensativa, a porta do gabinete da Amyrlin, pelo qual as duas jovens haviam desaparecido. A noviça reapareceu quase no mesmo instante, olhou para a Aes Sedai e baliu como uma ovelha assustada. Elaida pensou tê-la reconhecido, embora não conseguisse lembrar o nome da garota. Tinha coisas mais importantes a fazer do que ensinar crianças impréstáveis.

— Seu nome?

— Sahra, Elaida Sedai. — A resposta da garota saiu em um guincho aflito. Elaida podia não ter interesse nas noviças, mas as garotas conheciam a Aes Sedai e sua reputação.

Então ela se lembrou da garota. Uma avoadada com habilidade medíocre que jamais teria poder real. Era difícil que ela soubesse qualquer coisa além do que Elaida já vira e ouvira — ou que se lembrasse de algo além do sorriso de Gawyn, para dizer a verdade. Uma tola. Elaida a dispensou com um gesto.

A garota se curvou em uma mesura tão profunda que seu rosto quase tocou os azulejos do chão, depois saiu em disparada.

Elaida não a viu partir. A irmã Vermelha já dera as costas, esquecendo a noiva. Enquanto seguia pelo corredor, o rosto plácido não exibía uma linha sequer, mas os pensamentos fervilhavam. Ela sequer notara as serviçais, noivas e Aceitas que desviavam de seu caminho, inclinando-se em mesuras ao vê-la passar. Em dado momento, quase trombou com uma irmã Marrom que andava com a cara enfiada em um monte de anotações. A Marrom roliça deu um pulo para trás, saltando um ganido assustado que Elaida mal ouviu.

Com ou sem vestido, ela conhecia a jovem que entrara para ver a Amyrlin. Era Min, que, por alguma razão misteriosa, passara muito tempo com a Amyrlin na primeira visita que fizera à Torre. Min, muito amiga de Elayne, Egwene e Nynaeve. A Amyrlin estava escondendo o paradeiro daquelas três. Elaida tinha certeza. Todas as informações de que estavam cumprindo pena em uma fazenda haviam passado por três ou quatro bocas desde Suan Sanche, distância mais do que suficiente para encobrir qualquer mentira. Sem mencionar o fato de que todos os seus consideráveis esforços para encontrar essa fazenda haviam sido em vão.

— Que a Luz a queime!

Por um instante, a raiva estampou seu rosto. Ela não sabia ao certo se falava de Suan Sanche ou da Filha-herdeira. Qualquer uma serviria. Uma Aceita esguia ouviu suas palavras e a encarou, tão branca quanto o vestido que usava. Elaida continuou avançando a passos largos, sem nem reparar na jovem.

Além de tudo, estava furiosa por não conseguir encontrar Elayne. Ela às vezes tinha a capacidade de prever eventos futuros. Apesar de fracas e eventuais, as Previsões ainda eram mais do que qualquer Aes Sedai fizera nesse quesito desde Gitara Moroso, que morrera havia vinte anos. A primeira Previsão de Elaida — quando ainda era Aceita e já sabia o bastante para manter a discrição — fora que a Linhagem Real de Andor seria a chave para derrotar o Tenebroso na Última Batalha. Procurara uma posição próxima de Morgase assim que ficou claro que ela subiria ao Trono, e construíra sua influência com muita paciência, ano após ano. Agora, tanto esforço e sacrifício — poderia ter sido Amyrlin, se não tivesse concentrado todas as energias em Andor — talvez acabassem em nada, pois Elayne estava desaparecida.

Com dificuldade, voltou a pensar no que era importante naquele momento. Egwene e Nynaeve pertenciam à mesma aldeia que aquele rapaz estranho, Rand al'Thor. E Min também o conhecia, por mais que tivesse tentado esconder o fato. Rand al'Thor estava no centro de tudo.

Elaida só vira uma vez o suposto pastor de Dois Rios, distrito de Andor, que tinha feições idênticas às de um Aiel. A Previsão viera logo que pusera os olhos no rapaz. Ele era *ta'veren*, um dos raros indivíduos que, em vez de serem tecidos no Padrão conforme a escolha da Roda do Tempo, forçavam o Padrão a se moldar em torno deles, pelo menos por um tempo. Elaida vira, ao redor de Rand, um turbilhão de caos, que incluía briga e cisão em Andor e talvez em

outros pontos do mundo. Andor precisava ser mantida intacta, não importava o que acontecesse. Sua primeira Previsão a convencera disso.

Havia mais tramas, o suficiente para capturar Siuan em sua própria rede. Se os rumores fossem verdadeiros, havia três *ta'veren*, não um. Todos da mesma aldeia, o tal Campo de Emond, e todos da mesma idade, o que era estranho o bastante para gerar falatório dentro da Torre. Na viagem de Siuan até Shienar, quase um ano antes, vira a todos e até falara com eles. Rand al'Thor. Perrin Aybara. Matrim Cauthon. Diziam que era mera coincidência. Apenas um acaso fortuito. Era o que diziam. Os que afirmavam isso não sabiam tanto quanto Elaida.

Quando Elaida viu o jovem, al'Thor estava acompanhado de Moiraine, que o levava embora de sua aldeia. Moiraine o escoltava, junto com os outros dois *ta'veren*, até Shienar. Moiraine Damodred, que fora melhor amiga de Siuan Sanche quando as duas eram noviças. Se Elaida fosse o tipo de pessoa que faz apostas, teria apostado que mais ninguém na Torre se lembrava daquela amizade. No dia em que as duas foram elevadas a Aes Sedai, no fim da Guerra dos Aiel, Siuan e Moiraine se afastaram e começaram a se comportar quase como estranhas. Porém, Elaida fora uma das Aceitas acima delas, quando noviças. Como bem lembrava, ensinara lições e punira as duas pela indolência com as tarefas. Mal podia acreditar que a trama das duas tivesse começado tanto tempo antes — al'Thor não devia ter nascido muito antes disso — mas esse era o último elo que ligava a todos. Para ela, era o bastante.

Fosse lá o que Siuan estivesse aprontando, precisava ser impedido. Desordem e caos se multiplicavam por todos os cantos. Era certo que o Tenebroso se libertaria — só de pensar, Elaida estremeceu e fechou um pouco mais o xale que a envolvia — e a Torre teria de manter distância das contendas mundanas para conseguir enfrentá-lo. A Torre teria de estar livre para puxar os cordéis que manteriam as nações unidas, livre dos problemas que Rand al'Thor pudesse causar. De alguma forma, era preciso impedi-lo de destruir Andor.

Ela não contara a ninguém o que sabia sobre al'Thor. Pretendia lidar com ele sem alarde, se fosse possível. O Salão da Torre já se manifestara a respeito de observar e até guiar esses *ta'veren*. Ninguém concordaria em se livrar deles, nem desse em particular, como era preciso fazer. Pelo bem da Torre. Pelo bem do mundo.

Ela fez um som com a garganta que soou muito próximo de um rosnado. Siuan sempre fora teimosa, mesmo quando noviça, sempre se considerara muito importante para a filha de um humilde pescador, mas como ela poderia ser tola a ponto de envolver a Torre naquilo sem informar ao Salão? A Amyrlin sabia, tanto quanto qualquer um, o que estava por vir. A única forma de tudo piorar seria se...

Elaida parou de repente, encarando o nada. Seria possível que esse Rand al'Thor fosse capaz de canalizar? Ou que algum dos outros o fizesse? Era mais provável que fosse al'Thor. Não. Com certeza não era isso. Nem mesmo Siuan tocaria um homem desses. Ela não poderia.

— E quem é que sabe o que essa mulher é capaz de fazer? — resmungou.
— Ela nunca foi digna de ser Trono de Amyrlin.
— Falando sozinha, Elaida? Sei que vocês, Vermelhas, não têm amigos fora da própria Ajah, mas deve haver alguém de lá com quem você possa conversar.

Elaida virou a cabeça para responder a Alviarin. A Aes Sedai com pescoço de cisne a encarou com a frieza insuportável que era marca da Ajah Branca. Não havia muito amor entre Vermelhas e Brancas, havia mil anos as Ajahs ocupavam lados opostos do Salão da Torre. As Brancas apoiavam as Azuis, e Siuan fora uma Azul. Mas as Brancas se orgulhavam de sua impassível sensatez.

— Me acompanhe — pediu Elaida.

Alviarin hesitou antes de se pôr ao lado dela.

A princípio, a irmã Branca arqueou a sobrancelha afrontosa ao que Elaida tinha a dizer em relação a Siuan, mas, antes do fim da conversa, já ostentava o cenho franzido em concentração.

— Você não tem como provar qualquer coisa... imprópria — disse, quando Elaida enfim se calou.

— Por enquanto, não — respondeu Elaida, com firmeza.

Quando Alviarin assentiu, ela se permitiu abrir um sorriso tenso. Era um começo. De um jeito ou de outro, Siuan seria detida antes de conseguir destruir a Torre.

* * *

Bem escondido entre um grupo de folhas-de-couro acima da margem norte do Rio Taren, Dain Bornhald jogou o manto branco para trás, o sol dourado e flamejante estampado no peito, e ergueu o rígido tubo de couro da luneta até o olho. Uma nuvem de pequenos picadinhas zuniu ao seu redor, mas ele os ignorou. Na aldeia de Barca do Taren, do outro lado do rio, era possível ver as compridas casas de pedra erguidas sobre fundações altas, como proteção contra as cheias que ocorriam toda primavera. Os aldeões, debruçados nas janelas ou parados no pé das escadas, observavam os trinta cavaleiros de mantos brancos em seus cavalos, em reluzentes placas e malhas. Uma delegação de homens e mulheres da aldeia estava se reunindo com os cavaleiros. Ou melhor, estavam escutando Jaret Byar, pelo que Bornhald podia ver, o que era muito melhor.

Bornhald quase podia ouvir a voz do pai. *Deixe que eles pensem que há uma chance, e algum tolo tentará arriscar. Então haverá mortes, outro tolo tentará vingar o primeiro e haverá mais mortes. Incuta neles, desde o primeiro momento, o temor à Luz, deixe que saibam que ninguém será ferido se todos seguirem as ordens, então não terá problemas.*

Enrijeceu o maxilar ao lembrar do pai, já morto. Ele faria algo a respeito, e em breve. Estava certo de que apenas Byar sabia por que ele não hesitara em aceitar o comando, por que concentrara os esforços em um distrito quase

esquecido no interior de Andor, e Byar seguraria a língua. O homem se dedicara ao pai de Dain como um sabujo e transferira toda aquela lealdade a ele. Bornhald não hesitara em nomear Byar seu segundo em comando quando Eamon Valda lhe concedera a autoridade.

Byar virou o cavalo e seguiu de volta até a barca. Na mesma hora, os barqueiros a jogaram no rio e começaram a puxá-la por pesadas cordas lançadas sobre a água, que fluía depressa. Byar olhou de relance para os homens na corda. Eles lhe lançaram um olhar nervoso enquanto cruzavam a barca a passos pesados, depois trotaram de volta para pegar o cabo outra vez. Tudo parecia bem.

— Lorde Bornhald?

Bornhald baixou a luneta e virou a cabeça. O homem de rosto solene que surgira ao seu lado permanecia rígido, olhando à frente por baixo de um elmo cônico. Mesmo depois da difícil viagem desde Tar Valon — e Bornhald avançara cada milha com vigor — a armadura dele brilhava com a mesma intensidade do manto alvo com o raio de sol dourado.

— Sim, Filho Ivon?

— O Centurião Farran foi quem me enviou, meu senhor. São os latoeiros. Ordeith estava falando com três deles, meu senhor, e agora os três desapareceram.

— Sangue e cinzas! — Bornhald deu meia-volta e retornou para o meio das árvores a passos pesados, com Ivon atrás de si.

Fora do alcance do rio, cavaleiros de mantos brancos aguardavam entre as folhas-de-couro e os pinheiros, as lanças erguidas com familiaridade displicente, ou descansando os arcos sobre os cepilhos das selas. Os cavalos batiam os cascos e remexiam os rabos com impaciência. Os cavaleiros esperavam de forma um pouco mais impassível. Não seria a primeira vez que cruzariam um rio para adentrar território estrangeiro, e dessa vez não haveria ninguém para impedi-los.

Em uma grande clareira depois dos homens montados havia uma caravana dos Tuatha'an, o Povo Errante. Latoeiros. Quase cem carroções puxados por cavalos, mais casinhas quadradas sobre rodas, formavam uma grotesca mistura de cores em vermelho, verde, amarelo e todos os matizes imagináveis que apenas os olhos de um latoeiro poderiam apreciar. As roupas daquela gente faziam os carroções parecerem apagados. Eles permaneciam sentados no chão, em grupos, observando os cavaleiros de forma inquieta e ao mesmo tempo estranhamente serena. O choro de uma criança logo foi silenciado pela mãe. Ali perto, havia uma pilha de mastins mortos já rodeada de moscas zunindo. Latoeiros não erguiam a mão nem para defender a si próprios, e os cães não eram realmente ferozes, mas Bornhald não estava disposto a correr o risco.

Seis homens era tudo o que julgara necessário para vigiar os latoeiros. Mesmo de rostos rígidos, pareciam acanhados. Ninguém notara o sêtimo homem a cavalo, parado perto dos carroções. Um homenzinho ossudo e de nariz pronunciado, vestido em um casaco cinza-escuro que, apesar de ser de corte fino, parecia grande demais para ele. Farran, um homem barbado que

mais parecia um rochedo, mas de pés leves, apesar da altura e largura do dono, mantinha os olhos cravados em todos os sete. O centurião levou ao peito a mão protegida por uma manopla, mas deixou que Bornhald falasse.

— Uma palavra com o senhor; Mestre Ordeith — chamou Bornhald, baixinho. O homem ossudo inclinou a cabeça, encarando Bornhald por um longo instante antes de descer do cavalo. Farran grunhiu, mas Bornhald manteve a voz baixa. — Três dos latoeiros estão desaparecidos, Mestre Ordeith. Por acaso o senhor pôs sua própria sugestão em prática?

As primeiras palavras que saíram da boca de Ordeith, quando viu os latoeiros, haviam sido: “Matem todos. Não servem para nada.” Bornhald já matara sua cota de homens, mas jamais com a displicência que o homenzinho demonstrara.

Ordeith esfregou um dedo no largo nariz.

— Ora, por que eu os mataria? Ainda mais depois da sua reação à mera sugestão que fiz. — O sotaque de Lugard estava bem forte. Ele ia e vinha sem que o homem parecesse perceber, outra coisa a respeito do sujeito que inquietava Bornhald.

— Então o senhor permitiu que fugissem, não foi?

— Bem, quanto a isso, levei alguns deles para onde pudesse descobrir o que sabiam. Sem ser interrompido, compreende?

— E o que eles sabiam? O que de útil, sob a Luz, os latoeiros podem saber?

— Não há como sabermos sem perguntar, não é mesmo? — retrucou Ordeith. — Não machuquei muito nenhum deles. Depois mandei que retornassem aos carroções. Quem poderia pensar que os três teriam coragem de fugir com tantos dos seus homens por aí?

Bornhald percebeu que rangia os dentes. A ordem que recebera fora de fazer o melhor tempo possível para chegar até esse sujeitinho estranho, que teria mais ordens para ele. Bornhald não apreciava nenhuma delas, embora as ordens portassem o selo e a assinatura de Pedron Niall, Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz.

Muita coisa ficara sem explicação, inclusive a posição de Ordeith. O homenzinho estava ali para aconselhar Bornhald, e Bornhald deveria cooperar com ele. Porém, era pouco claro se Ordeith estava sob seu comando, e ele não apreciava a insinuação de que deveria seguir os conselhos do sujeito. Até mesmo o motivo de enviar tantos Filhos àquele fim de mundo era vago. Descobrir Amigos das Trevas, naturalmente, e espalhar a Luz. Isso não era necessário dizer. No entanto, havia quase meia legião em solo andoriano sem permissão — o comando correria um risco enorme se a informação chegasse à Rainha, em Caemlyn. Era coisa demais para valer a pena, considerando as poucas respostas que Bornhald recebera.

Tudo sempre voltava a Ordeith. Bornhald não entendia como o Senhor Capitão Comandante podia confiar naquele sujeito cheio de sorrisos dissimulados, mau humor e encaradas arrogantes, que nunca deixavam claro com que tipo de homem se estava lidando. Sem mencionar o sotaque, que mudava bem no meio da frase. Os cinquenta Filhos que acompanhavam Ordeith eram os mais rabugentos e carrancudos que Bornhald já vira.

Imaginou que o homenzinho devia tê-los escolhido a dedo, e a seleção de tipos tão soturnos revelava algo sobre o próprio homem. Até seu nome era amargo: Ordeith significava “amargura”, na Língua Antiga. Ainda assim, Bornhald tinha as próprias razões para querer estar onde estava. Cooperaria com o homem, já que era obrigado. Mas apenas o mínimo necessário.

— Mestre Ordeith — disse, com uma firmeza cautelosa — esta barca é o único meio de entrada e saída do distrito de Dois Rios. — Aquilo não era bem verdade. Segundo o mapa que trazia, não havia outra forma de cruzar o Taren, e os limites superiores do Manetherendrelle, que margeavam a região ao sul, não tinham vaus. A leste, havia lamaçais e pântanos. Mesmo assim, deveria haver uma saída a oeste, cruzando as Montanhas da Névoa, embora o mapa terminasse na borda do trajeto. Só que seria uma travessia difícil, na melhor das hipóteses, e muitos de seus homens talvez não sobrevivessem, e ele não queria que Ordeith soubesse que havia essa possibilidade, mesmo que pequena. — Quando for a hora de partir, o senhor seguirá com os primeiros a cruzarem se eu vir algum soldado andoriano guardando esta margem. O senhor vai achar bem interessante ver em primeira mão a dificuldade de abrir caminho por um rio dessa largura, não é mesmo?

— Este é seu primeiro comando, não é? — A voz de Ordeith tinha um tom de zombaria. — Isto aqui pode fazer parte de Andor no mapa, mas há gerações que Caemlyn não manda um coletor de impostos tão longe a oeste. Mesmo que abram o bico, quem é que acreditará em três latoeiros? Se o senhor pensa que o risco é muito grande, lembre-se do selo que está sob suas ordens.

Farran olhou para Bornhald, a mão já indo em direção à espada. Bornhald balançou a cabeça de leve, e Farran deixou a mão cair.

— Quero cruzar o rio, Mestre Ordeith. E cruzarei, mesmo que a próxima notícia que receber for a de que Gareth Bryne e a Guarda da Rainha chegarão aqui ao pôr do sol.

— É claro — retrucou Ordeith, parecendo tranquilo de repente. — Haverá tanta glória aqui quanto em Tar Valon, eu garanto. — Os olhos profundos e escuros do homem encararam a algo a distância, vitrificados. — Também há coisas que eu quero, em Tar Valon.

Bornhald balançou a cabeça. *E eu ainda tenho que cooperar com ele.*

Jaret Byar se apurou e desceu de sua sela ao lado de Farran. Tão alto quanto o centurião, Byar era um homem de rosto comprido e olhos fundos e escuros. Parecia não haver um grama de gordura em seu corpo.

— A aldeia está segura, meu senhor. Lucellin está tomando precauções para que ninguém escape. Os aldeões quase borraram nas calças quando mencionei Amigos das Trevas. Não há nenhum na aldeia, pelo que disseram. E contaram que o povo mais ao sul simpatizava com eles.

— Mais ao sul, é? — retrucou Bornhald, bruscamente. — Veremos. Ponha trezentos para cruzar o rio, Byar. Farran vai primeiro. O resto segue depois que os latoeiros cruzarem. E certifique-se de que ninguém mais fuja, está bem?

— Vamos esquadrinhar Dois Rios — interrompeu Ordeith. O rosto estreito estava franzido, e bolhas de saliva saltavam dos lábios. — Vamos fustigá-los, açoita-los e queimar suas almas! Eu prometi a ele! Ele virá a mim, agora! Virá!

Bornhald assentiu para que Byar e Farran executassem suas ordens. É um louco, pensou. *O Senhor Capitão Comandante me juntou a um homem louco. Mas pelo menos encontrarei o caminho até Perrin de Dois Rios. Vingarei meu pai, custe o que custar!*

* * *

De um terraço em colunata no topo de uma colina, a Grã-lady Suroth observava o vale da Enseada de Cantorin, amplo e irregular vale da Enseada de Cantorin. As laterais raspadas de sua cabeça formavam uma grande crista de cabelos negros, que caía por suas costas. Ela repousava as mãos com delicadeza em uma balastrada de pedras lisas, tão brancas quanto o vestido imaculado com centenas de pregas. O tamborilar distraído de seus dedos de unhas compridas — as duas primeiras de cada mão pintadas de azul — produzia leves cliques ritmados.

Uma leve brisa soprou no Oceano de Aryth, carregando em seu frescor mais do que um traço de sal. Duas moças ajoelhadas, encostadas na parede atrás da Grã-lady, mantinham a postos leques de plumas brancas, caso a brisa falhasse. Duas outras mulheres e quatro rapazes completavam a fileira de figuras acoradas, prontas para servi-la. Descalços, todos os oito usavam robes finos, para agradar os sentidos estéticos da Grã-lady com os contornos harmoniosos de seus membros e a graça de seus movimentos. No momento, Suroth reparava tanto nos servos quanto alguém era capaz de reparar em mobílias.

Entretanto, observava os seis Guardas da Morte em cada um dos cantos da colunata, rijos como estátuas, as lanças ornadas com borlas negras e os escudos esmaltados de preto. Simbolizavam o triunfo e o perigo dela. A Guarda da Morte servia apenas à Imperatriz e a seus representantes escolhidos, e mataria ou morreria com o mesmo fervor, caso fosse necessário. Havia um ditado: “Nas alturas, os caminhos são pavimentados de adagas.”

Ela tamborilava as unhas na balastrada de pedra. Como era fino o fio da navalha por que caminhava.

Embarcações dos Atha'an Miere, o Povo do Mar, enchiam a enseada interna atrás do quebra-mar. Até a mais larga delas parecia estreita em relação ao comprimento. A posição dos anéis para cordames fazia as vergas e retrancas parecerem se inclinar em ângulos estranhos. Os deque estavam vazios, e as tripulações na costa montando guarda, assim como qualquer um daquelas ilhas que tivesse habilidade para velejar em alto mar. Havia inúmeros navios Seanchan, imensos e de proa larga, ancorados na entrada da enseada exterior. Um, com as velas estriadas infladas ao vento, escoltava um grupo de barquinhos de pesca de volta ao porto da ilha. Se a menor embarcação se dispersasse, alguns poderiam fugir, mas o navio Seanchan

transportava uma *damane*, e a demonstração do poder de uma *damane* sufocava qualquer pensamento desse tipo. O navio do Povo do Mar ainda jazia em um atoleiro perto da entrada da enseada, mais parecendo um trambolho chamuscado.

Suroth não sabia por quanto tempo conseguiria evitar que o Povo do Mar dos outros cantos — e os malditos homens do continente — soubesse que possuía aquelas ilhas. *Terei tempo suficiente*, disse a si mesma. *Preciso ter tempo suficiente*.

Operara um milagre ao reunir a maioria das forças Seanchan depois do fracasso a que o Grão-lorde Turak as conduziu. Apenas algumas das embarcações que escaparam de Falme estava sob seu controle, e nenhuma questionava seu direito de comandar *Hailene*, os Predecessores. Se o milagre se mantivesse, ninguém no continente suspeitaria de que estavam ali. Esperando para recuperar as terras que a Imperatriz os enviara para reivindicar, esperando *Corenne*, o Retorno. Seus agentes já haviam explorado o caminho. Não havia necessidade de retornar à Corte das Nove Luas e pedir desculpas à Imperatriz por uma falha que sequer fora dela.

A ideia de ter que pedir desculpas à Imperatriz a fez estremecer. Esse tipo de coisa era sempre humilhante, e costumava ser bem dolorosa, mas o que a fez estremecer foi a possibilidade de a morte lhe ser negada no fim, de ser forçada a seguir em frente como se nada tivesse acontecido, enquanto todos, plebeus ou do Sangue, saberiam de sua degradação. Um belo jovem serviçal surgiu a seu lado, trazendo um robe verde-claro trabalhado em brilhantes plumagens de pássaros-deleite. Ela estendeu os braços para pegar a vestimenta, dando ao homem a mesma atenção que daria a uma sujeirinha em sua sapatilha de veludo.

Para escapar daquelas desculpas, teria de tomar de volta o que fora perdido mil anos antes. E, para isso, teria de lidar com aquele homem que, segundo informações de seus agentes do continente, alegava ser o Dragão Renascido. *Se eu não encontrar uma forma de lidar com ele, o descontentamento da Imperatriz será o menor dos meus problemas*.

Virando-se com delicadeza, ela adentrou o amplo salão que fronteava o terraço, a parede externa toda de portas e janelas altas, para captar a brisa. A madeira pálida das paredes, macia e brilhosa como cetim a agradava. Mas ela removera as mobílias do antigo dono, o Atha'an Miere ex-governador de Cantorin, e as substituiu por algumas telas compridas, a maioria com retratos de pássaros ou flores. Duas eram diferentes. Uma exibia um grande gato malhado do Sen T'jore, uma fera do tamanho de um pônei. A outra, uma águia negra da montanha, o topete ereto como uma coroa clara, as asas de pontas brancas abertas em toda a extensão de sete pés. Tais telas eram consideradas vulgares, mas Suroth gostava de animais. Incapaz de transportar os seus pelo Oceano de Aryth, mandara fazer as telas para representar os dois favoritos. Nunca aceitara muito bem que algo lhe fosse recusado.

Três mulheres a aguardavam da mesma forma que as deixara: duas ajoelhadas e uma prostrada no chão vazio e polido, revestido com tacos de

madeira clara e escura. As mulheres ajoelhadas usavam os vestidos azul-escuros de *sul'dam*, painéis vermelhos com raios bifurcados cor de prata bordados no peito e nas laterais das saias. Uma das duas, Alwhin, uma mulher de rosto fino e olhos azuis que emanava um brilho contínuo, tinha o lado esquerdo da cabeça raspado. O restante dos cabelos pendia por sobre o ombro em uma trança castanho-clara.

Suroth contraiu os lábios por um breve instante ao notar a presença de Alwhin. Nunca houvera uma *sul'dam* elevada a *so'jhin*, os serviços superiores hereditários do Sangue, muito menos a uma Voz do Sangue. Ainda assim, no caso de Alwhin, havia motivos. Alwhin sabia demais.

De todo modo, a atenção de Suroth estava voltada para a mulher prostrada com o rosto virado para o chão, toda vestida de cinza-escuro. O largo colar de metal prateado que circundava seu pescoço era unido por uma corrente a um bracelete do mesmo material no pulso da segunda *sul'dam*, Taisa. Com a coleira e a corrente, o *a'dam*, Taisa controlava a mulher de vestido cinza. E ela tinha de ser controlada. Era *damane*, uma mulher capaz de canalizar, o que quer dizer que era perigosa demais para andar à solta. As lembranças dos Exércitos da Noite ainda eram fortes na memória dos Seanchan, mesmo mil anos depois de sua destruição.

Os olhos de Suroth passaram, desconfortáveis, para as duas outras mulheres. Não confiava em nenhuma *sul'dam*, mas não tinha escolha. Ninguém mais era capaz de controlar as *damane*, e, sem as *damane*... a ideia era inconcebível. O poder dos Seanchan, todo o poder do Trono de Cristal, era decorrente do controle das *damane*. Para Suroth, havia coisas demais sobre as quais ela não tinha escolha. Como Alwhin, que a observava como se tivesse sido *so'jhin* a vida inteira. Não. Como se ela fosse do Sangue e estivesse ajoelhada por vontade própria.

— Pura. — A *damane* tivera outro nome quando era uma das odiosas Aes Sedai, antes de cair nas mãos dos Seanchan, mas Suroth não sabia que nome era, nem se importava. A mulher de vestido cinza ficou tensa, mas não ergueu a cabeça. Treiná-la fora especialmente difícil. — Vou perguntar outra vez, Pura. Como a Torre Branca controla este homem que se denomina o Dragão Renascido?

A *damane* moveu a cabeça um milímetro, o bastante para olhar assustada para Taisa. Se a resposta fosse desagradável, a *sul'dam* poderia fazê-la sentir dor sem sequer levantar um dedo, por meio do *a'dam*.

— A Torre não tentaria controlar um falso Dragão, Grã-lady — respondeu Pura, ofegante. — Iria capturá-lo e amansá-lo.

Taisa lançou um olhar indagativo e ultrajado à Grã-lady. A resposta desviara-se do inquérito de Suroth, talvez até insinuara que alguém do Sangue dissera uma mentira. Suroth balançou a cabeça de leve, um simples movimento de esguelha — não queria esperar a *damane* se recuperar da punição — e Taisa inclinou a cabeça, aquiescendo.

— Vou repetir, Pura, o que é que você sabe sobre essas Aes Sedai... — Suroth contorceu a boca ao poluí-la com aquele nome. Alwhin soltou um grunhido de nojo. — Essas Aes Sedai estarem ajudando este homem? Estou

avisando. Em Falme, nossos soldados enfrentaram mulheres da Torre, mulheres capazes de canalizar o Poder, então não tente negar.

— Pura... Pura não sabe, Grã-lady. — Havia urgência e incerteza na voz da *damane*. Ela lançou à Taisa outro olhar arregalado. Era claro o seu desespero para que acreditassem no que dizia. — Talvez... Talvez a Amyrlin, ou o Salão da Torre... Não, eles não fariam isso. Pura não sabe, Grã-lady.

— O homem pode canalizar — retrucou Suroth, asperamente. A mulher no chão soltou um gemido, embora já tivesse ouvido aquelas mesmas palavras da Grã-lady. Repeti-las fez o estômago de Suroth se revirar, mas ela não permitiu que o rosto revelasse como se sentia. Pouco do que acontecera em Falme fora obra de mulheres capazes de canalizar. *Damane* sentiam isso, e as *sul'dam* que usavam o bracelete sempre sabiam o que suas *damane* sentiam. O que significava que só podia ter sido obra daquele homem. Também significava que ele era incrivelmente poderoso. Tão poderoso que Suroth já se pegara imaginando, uma ou duas vezes, sempre com enjoo crescente, se ele de fato seria o Dragão Renascido. Não pode ser, disse a si mesma, com firmeza. De qualquer forma, não fazia diferença para seus planos. — É impossível acreditar que até mesmo a Torre Branca permitiria que um homem desses andasse à solta. Como é que elas o controlam?

A *damane* permaneceu ali, em silêncio, o rosto voltado para o chão, os ombros trêmulos, soluçante.

— Responda à Grã-lady! — ordenou Taisa, com rispidez.

A *sul'dam* não se mexeu, mas Pura ofegou e se encolheu, como se tivesse recebido uma pancada no quadril. Um golpe dado por meio do *a'dam*.

— P-Pura não s-sabe. — A *damane* estendeu a mão, hesitante, como se quisesse tocar o pé de Suroth. — Por favor, Pura aprendeu a obedecer. Pura fala somente a verdade. Por favor, não castigue Pura.

Suroth deu um passo atrás, plácida, sem deixar transparecer a irritação por ser forçada por uma *damane* a se deslocar, por quase ser tocada por uma mulher capaz de canalizar. Sentia necessidade de tomar banho, como se o toque de fato tivesse acontecido.

Taisa arregalou os olhos escuros, indignada com a afronta da *damane*. Suas bochechas estavam vermelhas de vergonha por ver aquilo acontecer enquanto portava o bracelete da mulher. Parecia dividida entre jogar-se ao lado da *damane* para implorar por perdão e punir a mulher ali mesmo, naquele instante. Alwhin a encarou com desprezo, os lábios apertados, cada linha do rosto afirmando que tais coisas não ocorriam quando ela portava o bracelete.

Suroth ergueu um dedo apenas um milímetro e fez um pequeno gesto que toda *so'jhin* conhecia desde a infância, um gesto simples de dispensa.

Alwhin hesitou ao interpretar o gesto, então tentou cobrir seu lapso voltando-se duramente contra Taisa.

— Tire essa... Essa criatura da frente da Grã-lady. E, depois que a punir, vá até Surela e diga a ela que controla seus fardos como se nunca tivesse usado o bracelete. Diga a ela que deverá ser...

Suroth calou a voz de Alwhin em sua mente. Não dera qualquer ordem além da dispensa, mas a briga entre *sul'dam* era insignificante. Desejou saber se Pura estava tentando esconder alguma coisa. Seus agentes haviam informado que as mulheres da Torre Branca não podiam mentir. Não fora possível forçar Pura a contar uma mentira sequer, como dizer que um cachecol branco era preto, mas isso ainda não era o bastante para tirar qualquer conclusão. Alguns poderiam aceitar as lágrimas da *damane*, os protestos de inaptidão, independente do que a *sul'dam* fizesse, mas nenhum desses seria escolhido para comandar o Retorno. Talvez ainda restasse alguma reserva de vontade àquela mulher, talvez ela fosse esperta o suficiente para tentar se valer da crença de ser incapaz de mentir. Nenhuma encolarada no continente era confiável e obediente, não como as *damane* trazidas pelos Seanchan. Nenhuma de fato aceitava o que era, como as *damane* dos Seanchan. Quem saberia dizer que segredos uma mulher que se denominava Aes Sedai seria capaz de guardar?

Não pela primeira vez, Suroth desejou possuir a outra Aes Sedai capturada na Ponta de Toman. Com duas para interrogar, teria mais chances de pescar mentiras e evasivas. Era um desejo inútil. A outra poderia muito bem estar morta, afogada no mar, ou exposta na Corte das Nove Luas. Alguns dos navios que Suroth falhara em reunir decerto haviam conseguido retornar pelo oceano, e um deles poderia muito bem estar levando a mulher.

Ela mesma enviara um navio com relatórios produzidos com muito cuidado, quase meio ano antes, assim que se estabilizara no comando dos Predecessores. O capitão e a tripulação vinham de famílias que serviam à dela desde que Luthair Paendrag se proclamara Imperador, quase mil anos antes. Despachar o navio fora uma aposta que Suroth fizera, pois a Imperatriz poderia mandar alguém de volta para tomar seu lugar. No entanto, não despachá-lo teria sido uma aposta ainda maior: apenas uma vitória completa e esmagadora poderia tê-la salvado. Talvez nem isso. Então a Imperatriz sabia sobre Falme, sobre o desastre de Turak e a intenção de Suroth de seguir adiante. Mas qual seria sua opinião, e o que ela estaria fazendo a respeito? Essa era uma preocupação maior do que qualquer *damane*, fosse lá o que a mulher tivesse sido antes de ser encolarada.

Ainda assim, o relatório não falava de tudo. O pior não podia ser confiado a mensageiro algum, por mais leal que fosse. Sairia dos lábios de Suroth direto para os ouvidos da Imperatriz, e Suroth penara para que assim fosse. Apenas quatro dos que conheciam o segredo ainda viviam, e dois deles não falariam com ninguém a respeito, não por vontade própria. *Apenas três mortes podem tornar esse segredo mais seguro.*

Suroth não percebeu que dissera a última frase em voz alta até Alwhin retrucar:

— E, mesmo assim, a Grã-lady precisa dos três vivos. — A mulher tinha uma postura apropriadamente servil, enganadora até nos olhos que tentavam vigiar qualquer movimento de Suroth. A voz também era servil. — Quem é que pode dizer, Grã-lady, o que a Imperatriz, que ela viva para sempre!, fará se descobrir que tentam omitir essa informação dela?

Em vez de responder, Suroth repetiu o pequeno gesto de dispensa. De novo, Alwhin hesitou — dessa vez só podia ser simples relutância em sair, aquela mulher se superava a cada instante! — então curvou-se em uma mesura profunda e retirou-se da presença de Suroth.

Com dificuldade, Suroth se acalmou. A *sul'dam* e as outras duas eram um problema que não poderia resolver naquele momento, mas a paciência era uma necessidade para o Sangue. Havia grandes chances de que aqueles que não a possuíam acabassem na Torre dos Corvos.

No terraço, serviçais ajoelhados inclinaram-se um milímetro, todos de prontidão quando ela reapareceu. Os soldados mantiveram a vigília para que ela não fosse perturbada. Suroth tomou seu lugar na balaustrada, olhando para o mar em direção ao continente, a centenas de milhas a leste.

Ser a bem-sucedida comandante dos Predecessores, aquela que daria início ao Retorno, traria muita honra. Talvez até fosse adotada pela família da Imperatriz, embora essa fosse uma honra que viria acompanhada de complicações. Ser também a captora daquele Dragão, falso ou verdadeiro, e saber como controlar aquele incrível poder...

Mas e se... Quando eu capturá-lo, devo entregá-lo nas mãos da Imperatriz? Essa é a questão.

No amplo parapeito de pedra, as longas unhas começaram a tamborilar outra vez.





REDEMOINHOS NO PADRÃO

No interior, o vento quente da noite soprava rumo ao norte, atravessando o vasto delta chamado Garras do Dragão, um labirinto sinuoso de canais, amplos e estreitos, alguns cobertos de capim-navalha. Vastas planícies de juncos separavam aglomerados de ilhas baixas com florestas de árvores com raízes tortuosas que não podiam ser encontradas em nenhum outro lugar. Por fim o delta cedia lugar à sua fonte, o Rio Erinin, uma vastidão de água salpicada das luzes dos pequeninos barcos que se valiam das lanternas para pescar. Barcos e lanternas bambolevam sem parar, surgindo de repente, e alguns homens mais velhos resmungavam sobre as coisas malignas que caminhavam à noite. Os jovens riam, mas também jogavam as redes com mais vigor, ansiosos para voltar para casa e sair da escuridão. Diziam as histórias que o mal só cruzava a porta de quem o convidasse. Isso era o que as histórias diziam, mas, uma vez lá fora, na escuridão...

O último traço de sal já desaparecera quando o vento atingiu a grande cidade de Tear, perto do rio, onde estalagens e lojas com tetos de telha ficavam grudadas nos imponentes palácios que reluziam ao luar. Mas nenhum deles era tão grande quanto a gigantesca massa, quase uma montanha, que se estendia do coração da cidade até a beira d'água. Era a Pedra de Tear, uma fortaleza lendária, o mais antigo baluarte da humanidade, erigido nos últimos dias da Ruptura do Mundo. Nações e impérios ascendiam e tombavam, eram substituídos e declinavam mais uma vez, mas a Pedra permanecia. Era a rocha sobre a qual, por três mil anos, exércitos haviam destruído lanças, espadas e corações. Por todo esse tempo, jamais sucumbira às mãos invasoras. Até então.

Na escuridão mormacenta, as ruas, tavernas e estalagens da cidade estavam quase vazias. Todos permaneciam cautelosamente entocados. Quem controlava a Pedra era o senhor de Tear, cidade e nação. Era como que sempre fora, e o povo aceitava a ideia. Ao nascer do dia, todos aclamavam o

novo senhor com tanto entusiasmo quanto haviam aclamado o antigo. À noite, aninhavam-se juntos, trêmulos, apesar do calor, ao som do vento uivante que açoitava seus telhados como mil choros queixosos. Novas e estranhas esperanças dançavam em seus pensamentos, esperanças que ninguém em Tear ousara ter por cem gerações, esperanças mescladas com medos tão antigos quanto a Ruptura.

O vento açoitava o estandarte branco e comprido que tocava a lua sobre a Pedra, como se tentasse retalhá-lo. Em sua extensão marchava uma figura sinuosa que parecia cavalgar ao vento, uma serpente com pernas, coroada com uma juba dourada de leão e coberta de escamas vermelhas e douradas. O estandarte da profecia, aguardado e temido. O estandarte do Dragão. O Dragão Renascido. Precursor da salvação do mundo, mensageiro da nova Ruptura ainda por vir. Como se ultrajado por tamanha provocação, o vento batia com violência nas rígidas muralhas da Pedra. O estandarte do Dragão tremulava despreocupado em meio à noite, à espera de tempestades maiores.

Em um quarto para além da metade da subida pelo lado sul da Pedra, Perrin estava sentado em um baú no pé da cama de dossel, observando a mulher de cabelos escuros que andava de um lado para outro. Havia um quê de cautela em seus olhos dourados. Faile costumava fazer piadas e provocá-lo de leve sobre seu jeito vagaroso. Naquela noite, porém, não proferira dez palavras desde que passara pela porta. Perrin sentia o cheiro das pétalas de rosa que haviam sido colocadas, depois da lavagem, entre as dobras das roupas que a jovem usava, assim como o odor que era só dela. Naquele traço de suor limpo, ele farejou nervosismo. Faile quase nunca demonstrava preocupação. Imaginar por que a jovem o fazia agora deixou-o com uma comichão entre os ombros que nada tinha a ver com o calor da noite. As saias estreitas e divididas faziam um leve *vush-vush-vush* a cada passo.

Ele coçou a barba de duas semanas com irritação. Era ainda mais encaracolada do que os cabelos em sua cabeça. E também era quente. Pela centésima vez, pensou em se barbear.

— Fica bem em você — comentou Faile, de repente, parando de andar.

Desconfortável, ele deu de ombros, movimentando os membros que carregavam o peso das longas horas de trabalho na ferraria. Ela fazia isso às vezes, parecia adivinhar seus pensamentos.

— É que coça — resmungou.

Desejou ter dito aquilo com mais vigor. A barba era dele, e poderia raspá-la no momento em que quisesse.

Com a cabeça inclinada para um dos lados, ela o analisou. O nariz acentuado e maçãs do rosto proeminentes imprimiam força ao olhar, um contraste com a voz suave com a qual ela afirmou:

— Combina com você.

Perrin suspirou e deu de ombros mais uma vez. Faile não pedira a ele que mantivesse a barba, nem pediria. No entanto, o rapaz sabia que adiaria a raspagem mais uma vez. Ele se perguntou como seu amigo Mat lidaria com uma situação dessas. Talvez desse um beliscão na moça, depois um beijo e fizesse alguma observação que a faria rir até que ele a convencesse de seu

ponto de vista. Mas Perrin sabia que não tinha o mesmo jeito de Mat com garotas. O amigo jamais ficaria suando por detrás de uma barba só porque uma mulher achava que ele deveria ter pelos no rosto. A não ser, talvez, que a mulher fosse Faile. Perrin suspeitava que o pai da jovem tivesse sentido uma tristeza imensa ao vê-la sair de casa, e não apenas por ser sua filha. O homem era o maior mercador de peles em Saldaea, pelo que Faile dizia, e Perrin conseguia visualizá-la convencendo os clientes a pagarem o preço que ela quisesse em todas as vendas.

— Tem algo preocupando você, Faile, e não é a minha barba. O que é?

O rosto dela assumiu um ar de cautela. Ela se recusava a olhá-lo nos olhos, preferindo examinar desdenhosamente a mobília do quarto.

Tudo era decorado com entalhes de leopardos, leões, gaviões voando e cenas de caça, desde o comprido guarda-roupas e as colunas do dossel da cama, grossas como suas pernas, até o banco estofado diante da lareira de mármore. Alguns dos animais tinham olhos vermelhos feitos de granada.

Perrin tentara convencer a majhere de que queria um quarto simples, mas a mulher não parecera compreender. Não que fosse burra ou lenta. A majhere comandava um exército de serviçais mais numeroso que os Defensores da Pedra. Não importava quem comandasse a Pedra e dominasse suas muralhas, era aquela mulher quem cuidava das questões cotidianas para que tudo funcionasse. Porém, ela enxergava o mundo com olhos tairenos. Apesar das roupas, o rapaz deveria ser algo mais do que o jovem camponês que aparentava, pois plebeus jamais ficavam hospedados na Pedra — exceto Defensores e serviçais, naturalmente. Além disso, ele estava com o grupo de Rand. Fosse amigo ou seguidor, era de alguma forma ligado ao Dragão Renascido. Para a majhere, isso o tornava tão importante quanto um Senhor da Terra, no mínimo, talvez até um Grão-senhor. Ela já ficara escandalizada o bastante por hospedá-lo naquele quarto, sem sequer uma antessala. Perrin achou que a mulher desmaiaria se ele insistisse em uma acomodação ainda mais simples. Isso se houvesse uma coisa dessas fora dos alojamentos dos serviçais ou dos Defensores. Pelo menos nada era dourado, exceto os candelabros.

Mas Faile pensava diferente.

— Você deveria estar mais bem acomodado. Você merece. Pode apostar todos os seus cobses que Mat está num quarto melhor.

— Mat gosta de cafonices. — Foi tudo o que respondeu.

— Você não sabe se impor.

Ele não continuou a discussão. Não eram seus aposentos que a faziam cheirar a desconforto, muito menos sua barba.

Depois de um instante, ela disse:

— O Lorde Dragão parece ter perdido o interesse em você. Ele agora passa o tempo todo com os Grão-lordes.

A coceira entre seus ombros piorou. Ele descobriu o que a incomodava. Tentou manter a voz suave.

— Lorde Dragão? Você está parecendo uma tairena. O nome dele é Rand.

— Ele é seu amigo, Perrin Aybara, não meu. Se é que um homem desse tem amigos. — Ela respirou fundo e prosseguiu, em um tom mais moderado: — Andei pensando em ir embora da Pedra. Ir embora de Tear. Acho que Moiraine não tentaria me impedir. As notícias sobre o... sobre Rand já começaram a sair da cidade há duas semanas. Ela não pode querer mantê-lo em segredo por muito mais tempo.

Ele mal conseguiu se impedir de dar outro suspiro.

— Também acho que ela não tentaria. Na verdade, acho que ela considera você uma complicação. É provável que lhe dê dinheiro para seguir viagem.

Ela pôs as mãos na cintura e mudou de posição, encarando-o.

— Isso é tudo o que você tem a dizer?

— O que quer que eu diga? Que quero que você fique? — A raiva em sua voz o surpreendeu. Ele sentia raiva de si mesmo, não dela. Sentia raiva porque não esperava por isso, raiva porque não sabia como lidar com a questão. Gostava de poder refletir sobre as coisas. Era fácil machucar os outros sem querer ao agir de maneira precipitada. Acabara de fazê-lo. Os olhos escuros da moça estavam arregalados de choque. Perrin tentou suavizar as palavras. — Eu quero que você fique, Faile, mas talvez seja melhor você partir. Sei que não é covarde, mas o Dragão Renascido, os Abandonados...

Não que qualquer outro lugar fosse seguro — não por muito tempo, não agora — mas pelo menos alguns locais eram mais seguros do que a Pedra. Pelo menos por um tempo. Não que ele fosse burro a ponto de explicar a ela dessa forma.

Faile, no entanto, não parecia se importar com a forma dele de explicar as coisas.

— Ficar? Que a Luz me ilumine! Qualquer coisa é melhor do que ficar aqui plantada, mas... — Ela se ajoelhou diante dele com muita graça, repousando as mãos em seus joelhos. — Perrin, eu não gosto de ficar imaginando quando é que um dos Abandonados vai dobrar uma esquina e aparecer na minha frente, e não gosto de ficar imaginando quando é que o Dragão Renascido vai matar todos nós. Ele fez isso nos tempos da Ruptura, afinal. Matou todos que eram próximos a ele.

— Rand não é Lews Therin Fratricida — protestou Perrin. — Quer dizer, ele é o Dragão Renascido, mas não é... Ele não faria... — Deixou a voz morrer, sem saber como concluir a frase.

Rand era a reencarnação de Lews Therin Telamon, era isso que significava ser o Dragão Renascido. Mas será que ele estava condenado ao mesmo destino de Lews Therin? Não apenas enlouquecer — o que, além de apodrecer até a morte, era o destino de qualquer homem capaz de canalizar — mas matar todos que se importavam com ele?

— Andei conversando com Bain e Chiad, Perrin.

Aquilo não era surpresa. Faile passava um tempo considerável com as mulheres Aiel. A amizade lhe trouxera alguns problemas, mas ela parecia gostar tanto das Aiel quanto desprezava as nobres tairenas da Pedra. Perrin,

no entanto, não via o que aquilo tinha a ver com o que estavam conversando, e disse isso.

— Elas dizem que Moiraine às vezes pergunta onde é que você está. Ou Mat. Não entende? Ela não precisaria fazer isso se pudesse vigiar você com o Poder.

— Me vigiar com o Poder? — perguntou ele, a voz fraca. Nunca pensara naquilo.

— Ela não consegue. Venha comigo, Perrin. Podemos avançar umas vinte milhas pelo rio antes que Moiraine dê pela nossa falta.

— Eu não posso — respondeu, com tristeza.

Tentou distraí-la com um beijo, mas Faile deu um pinote e se afastou tão depressa que ele quase caiu de cara no chão. Não fazia sentido insistir em se aproximar. A mulher cruzara os braços, formando uma espécie de barreira.

— Não vá me dizer que está com medo dela. Sei que ela é Aes Sedai e faz todos vocês dançarem como marionetes. Talvez ela tenha amarrado o Lo... Rand... tão bem que ele não consegue mais se soltar, e só a Luz sabe como Egwene, Elayne e Nynaeve querem isso, mas você pode arrebentar essas cordas, se tentar.

— Isso não tem nada a ver com Moiraine. É o que tenho que fazer. Eu...

Ela o interrompeu.

— Nem ouse tentar me passar essa conversinha-fiada de que um homem precisa cumprir seus deveres. Sei tão bem quanto você o que são deveres, e você não tem nenhum por aqui. Pode até ser *ta'veren*, mesmo que eu não veja isso, mas o Dragão Renascido é ele, não você.

— Dá para você me escutar? — gritou Perrin, os olhos cravados nela, que deu um pulo. Ele nunca gritara com ela, não daquele jeito. Faile ergueu o queixo e remexeu os ombros, mas não respondeu. Perrin prosseguiu: — Acho que faço parte do destino de Rand, de alguma forma. Mat também. Acho que Rand não pode fazer o que tem de fazer se também não fizermos a nossa parte. Esse é o dever. Como é que posso desistir se pode ser que isso leve ao o fracasso de Rand?

— Pode ser que leve? — Havia um indício de pergunta em sua voz, mas apenas um indício. Ele se perguntou se seria capaz de gritar com ela com mais frequência. — Foi Moiraine quem lhe contou isso, Perrin? A essa altura, você já deveria ter aprendido a escutar com mais atenção a tudo o que uma Aes Sedai diz.

— Cheguei a essa conclusão sozinho. Acho que *ta'veren* são atraídos uns para os outros. Ou talvez Rand atraia nós dois, Mat e eu. Em teoria, ele é o *ta'veren* mais forte que já existiu desde Artur Asa-de-gavião, talvez desde a Ruptura. Mat sequer admite que é *ta'veren*, mas, por mais que tente fugir, sempre acaba sendo arrastado de volta para Rand. Loial diz que nunca ouviu falar em três *ta'veren* da mesma idade vindos do mesmo lugar.

Faile fungou alto.

— Loial não sabe de tudo. Ele não é muito velho, para um Ogier.

— Ele já passou dos noventa anos — retrucou Perrin, na defensiva, e ela respondeu com um sorriso tenso. Para os Ogier, ter noventa anos não era ser

muito mais velho do que Perrin. Talvez Loial fosse até mais jovem. Ele não sabia muito sobre os Ogier. De qualquer modo, Loial tinha lido mais livros do que Perrin já vira ou de que já ouvira falar. Às vezes, achava que Loial já tinha lido todos os livros do mundo. — E sabe mais do que eu ou você. Ele acha que eu talvez tenha razão. Moiraine concorda. Não, eu não perguntei, mas por que mais ela ficaria de olho em mim? Acha que ela está querendo me pedir para fazer uma faca de cozinha?

Faile ficou em silêncio por um momento. Quando falou, foi em um tom condescendente.

— Pobre Perrin. Eu saí de Saldaea em busca de aventura e, agora que estou bem no meio de uma, a maior desde a Ruptura, tudo o que quero é partir para outro lugar. Seu único desejo é ser ferreiro, mas vai acabar fazendo parte das histórias, queira ou não.

O jovem desviou o olhar, embora o perfume de Faile ainda preenchesse sua mente. Perrin achava pouco provável que fossem contar qualquer história sobre ele, a não ser que seu segredo se espalhasse para além dos que já tinham conhecimento. Faile achava que sabia tudo sobre ele, mas estava enganada.

Havia um machado e um martelo encostados na parede oposta a ele, os dois simples e práticos, com cabos do tamanho do seu antebraço. O machado era uma perversa lâmina em meia-lua equilibrada por uma ponteira grossa, fabricado para a violência. Com o martelo ele podia produzir coisas — produzira coisas — em uma ferraria. A cabeça do martelo pesava mais que o dobro da lâmina do machado, mas o machado parecia muito mais pesado sempre que ele o erguia. Com o machado, Perrin... ele franziu o rosto, sem querer pensar naquilo. Faile estava certa. Seu único desejo era ser ferreiro, voltar para casa, ver a família outra vez, trabalhar na ferraria. Mas não era para ser, Perrin sabia.

Ele se levantou o suficiente para pegar o martelo, depois sentou-se outra vez. Havia um certo conforto em segurá-lo.

— Mestre Luhhan sempre diz que não podemos fugir do que deve ser feito. — Então prosseguiu, apressado, notando que o que falava era um pouco próximo demais do que ela chamara de conversinha-fiada: — Ele é o ferreiro da aldeia, o homem de quem eu fui aprendiz. Já contei dele antes.

Para sua surpresa, Faile não aproveitou a oportunidade para apontar a repetição. Na verdade, a jovem não disse uma palavra, apenas ficou olhando para ele, esperando alguma coisa. Depois de um instante, ele se deu conta.

— Então você está indo embora? — perguntou.

Ela ficou ali parada, alisando a saia. Houve um longo momento de silêncio, como se estivesse decidindo a resposta.

— Eu não sei — disse, por fim. — Você me meteu numa bela de uma enrascada.

— Eu? O que foi que eu fiz?

— Bem, se não sabe, não sou eu que vou lhe dizer.

Coçando a barba outra vez, Perrin encarou o martelo na outra mão. Mat com certeza saberia muito bem o que ela queria dizer. Até mesmo o velho

Thom Merrill saberia. O menestrel de cabelos brancos dizia que ninguém era capaz de compreender as mulheres, mas bastava sair de seu pequeno quarto no seio da Pedra que logo se via rodeado por uma dúzia de moças com idade para serem suas netas, todas suspirando enquanto o escutavam tocar harpa e contar grandes aventuras e romances. Faile era a única mulher que Perrin desejava, mas ele às vezes se sentia como um peixe tentando entender um pássaro.

Sabia que Faile queria que ele perguntasse. Sabia pelo menos isso. Ela poderia contar ou não, mas ele tinha de perguntar. Teimoso, não abriu a boca. Dessa vez, pretendia aguardar.

Do lado de fora, na escuridão, um galo cantou.

Faile estremeceu e passou os braços ao redor do corpo.

— Minha ama dizia que isso é sinal de morte chegando. Não que eu acredite, é claro.

Perrin abriu a boca para concordar que aquilo era uma bobagem, embora também tivesse estremecido, mas virou a cabeça depressa ao ouvir um rangido e um baque. O machado caíra no chão. Teve tempo apenas de franzir o rosto, pensando no que o teria feito tombar, quando o machado se mexeu outra vez, sozinho, e disparou em sua direção.

Sem pensar, ele girou o martelo. O tinido de metal contra metal abafou o gritou de Faile. O machado voou pelo quarto, chocou-se na parede mais distante e disparou outra vez em sua direção, a lâmina apontada para ele. Perrin sentia todos os pelos do corpo eriçados.

Quando o machado passou voando por Faile, ela deu um bote e agarrou o cabo com ambas as mãos. A arma girou em seu punho, preparada para golpear o rosto dela, que estava de olhos arregalados. Perrin quase não teve tempo de saltar, largando o martelo e agarrando o machado para impedir que a lâmina em meia-lua tocasse a carne de Faile. Pensou que morreria se o machado — seu machado — a ferisse. Afastou a arma da jovem com tanta força, que a ponteira pesada quase o acertou no peito. Teria sido uma troca justa para impedir que o machado a golpeasse, mas, um pouco desapontado, começou a pensar que pará-lo talvez não fosse possível.

A arma se agitava com violência, como se tivesse vida própria e uma vontade malévola. A arma queria Perrin — o rapaz sabia disso como se o machado tivesse gritado seu nome — mas lutava com destreza. Quando conseguiu afastá-lo de Faile, o próprio movimento foi usado para golpeá-lo. Quando Perrin o empurrou para longe de si, o machado tentou apanhar a moça, como se soubesse que isso o faria parar de empurrar. Não importava a força com que segurava o cabo, a arma girava em suas mãos, ameaçando-o com a ponteira ou com a lâmina curva. Suas mãos já doíam de tanto esforço, e seus braços grossos se contorciam, com os músculos contraídos. O suor escorria por seu rosto. Perrin não sabia quanto tempo ainda tinha antes que o machado se soltasse de seu punho. Era loucura, pura loucura, não havia tempo para pensar.

— Saia daqui — murmurou, entre dentes. — Saia do quarto, Faile!

O rosto dela estava pálido, mas ela balançou a cabeça, lutando contra o machado.

— Não! Não vou deixar você aqui!

— Esse troço vai matar nós dois!

Ela balançou a cabeça outra vez.

Com um urro, Perrin soltou o machado de uma das mãos — o braço tremia por segurar a coisa com uma só mão, o cabo queimava a palma — e empurrou Faile para longe. Ela ganhava enquanto ele lutava para empurrá-la até a porta. Ignorando os gritos e os punhos que tentavam esmurrá-lo, Perrin a imprensou na parede com um dos ombros, até conseguir abrir a porta e arremessá-la no corredor.

Bateu a porta e se escorou nela, fechando o trinco com o quadril enquanto segurava o machado outra vez com ambas as mãos. A lâmina pesada, brilhante e afiada, tremia a centímetros de seu rosto. Ele a empurrou com dificuldade, esticando o braço. Os gritos abafados de Faile passaram pela porta grossa. Ele a sentia esmurrá-la, mas quase não tinha consciência da jovem. Os olhos amarelos brilhavam, como se refletidos em cada pedacinho de luz no quarto.

— Somos só eu e você, agora — rosnou para o machado. — Sangue e cinzas, como eu odeio você!

Em seu íntimo, parte de si quase desatou a rir histericamente. *Rand é o único que está destinado a enlouquecer, e cá estou eu, falando com um machado! Rand! Que o queime!*

Com os dentes arreganhados pelo esforço, ele deu um passo, forçando o machado para longe da porta. A arma tremia, lutando para tocar sua carne, Perrin quase podia sentir a sede de sangue. Com um rugido, puxou depressa a lâmina curva em sua direção e se jogou para trás. Perrin tinha certeza de que ouviria um grito triunfante quando o machado voou em direção à sua cabeça, se este estivesse vivo de verdade. No último instante, Perrin virou para o lado, e o machado passou direto. Com um baque pesado e surdo, a lâmina se cravou na porta.

Ele sentiu a vida — não tinha outra forma de nomear — deixar a arma aprisionada. Lentamente, recolheu as mãos. O machado permaneceu onde estava, voltando a ser apenas aço e madeira. Mas a porta parecia um bom lugar para deixá-lo, por enquanto. Com a mão trêmula, Perrin limpou o suor do rosto. *Loucura. A loucura vai aonde Rand está.*

De repente, percebeu que não ouvia mais os gritos de Faile nem as batidas na madeira. Jogando o trinco para trás, ele abriu a porta depressa. Um arco de aço brilhante despontava pela madeira grossa, refletindo a luz dos lampiões espaçados que pendiam no corredor cheio de tapeçarias.

Faile estava ali, as mãos erguidas, congelada no ato de bater à porta. De olhos arregalados, pensativa, ela tocou a ponta do nariz. Então disse, com a voz fraca:

— Mais um pouquinho, e...

Com um sobressalto, ela se atirou para cima dele e o abraçou com força, espalhando beijos em seu pescoço e barba entre murmúrios incompreensíveis.

Afastou-se com a mesma rapidez, passando as mãos ansiosas pelo braços e peito de Perrin.

— Você está ferido? Se machucou? Aquilo...?

— Estou bem — respondeu ele. — Mas e você? Não queria assustar você.

Ela o encarou atentamente.

— É sério? Não está nem um pouco machucado?

— Saí ileso. Eu...

O tapa forte de Faile fez a cabeça de Perrin ressoar como martelo acertando uma bigorna.

— Seu palerma peludo! Pensei que você tivesse morrido! Fiquei com medo que aquela coisa tivesse matado você! Pensei... — Ela parou de falar quando ele conteve o segundo tapa no meio do caminho.

— Por favor, não faça isso de novo — pediu, baixinho.

A marca da mão dela ainda ardia na bochecha, dolorosa, e ele calculou que sentiria dor no maxilar pelo resto da noite.

Ele continha o punho dela com a mesma gentileza com que teria segurado um passarinho. E, embora Faile lutasse para se libertar, a mão dele não se movia nem um pouco. Comparado a girar um martelo o dia inteiro na forja, segurá-la não era esforço algum, mesmo depois da luta com o machado. De repente, ela pareceu decidir ignorar o punho dele e começou a encará-lo. Os olhos escuros não piscavam, nem os dourados.

— Eu poderia ter ajudado. Você não tinha o direito...

— Eu tinha todo o direito — retrucou ele, com firmeza. — Você não poderia ter ajudado. Se tivesse ficado lá, nós dois estaríamos mortos. Eu não teria conseguido lutar, não do mesmo jeito, e manter você segura ao mesmo tempo. — A jovem abriu a boca, mas ele elevou a voz e continuou: — Sei como você odeia ouvir isso. Vou fazer o possível para não tratá-la feito porcelana, mas, se o que quer é que eu fique olhando você morrer, vou enrolá-la como um cordeiro para venda e mandá-la para a Senhora Luhhan. Ela não vai tolerar nenhuma dessas bobagens.

Passando a língua em um dos dentes para conferir se estava frouxo, ele quase quis poder ver Faile tentando ser malcriada com Alsbet Luhhan. A mulher do ferreiro mantinha o marido na linha com apenas um pouco mais de esforço do que precisava para cuidar da casa. Até Nynaeve segurava a língua afiada na frente dela. O dente ainda estava firme, concluiu.

Faile riu de repente, uma risada baixa e gutural.

— Você faria mesmo isso, não é? Mas não pense que não estaria entrando em uma dança com o Tenebroso, se tentasse.

Perrin ficou tão surpreso que a soltou. Não conseguia ver diferença entre o que tinha acabado de dizer e o que falara antes, mas da primeira vez Faile se exaltara, enquanto agora... respondia com carinho. Não que ele tivesse certeza de que a ameaça de morte fosse totalmente brincadeira. Faile carregava facas escondidas pelo corpo e sabia usá-las muito bem.

Ela esfregou o punho dramaticamente e resmungou entre dentes. Perrin pescou as palavras “bode peludo” e jurou a si mesmo que rasparia cada fiapo daquela barba idiota. Ah, se rasparia.

Mas o que ela disse em voz alta foi:

— O machado. Era ele, não era? O Dragão Renascido, tentando nos matar.

— Deve ter sido Rand. — Ele enfatizou o nome. Não gostava de pensar no amigo de outra forma. Preferia lembrar-se da pessoa com quem crescera em Campo de Emond. — Mas não tentando nos matar. Não ele.

Ela abriu um sorriso irônico, quase uma careta.

— Se não era isso, espero que ele nunca tente.

— Não sei o que ele estava fazendo. Mas pretendo mandá-lo parar, e farei isso agora mesmo.

— Não sei por que me importo com um homem que se preocupa tanto com a própria segurança.

Ele a encarou, intrigado, perguntando-se o que ela queria dizer, mas Faile apenas passou o braço pelo dele. Perrin continuava a se perguntar enquanto os dois começaram a caminhar pela Pedra. Deixou o machado onde estava. Ali, fincado na porta, não faria mal a ninguém.

* * *

Com os dentes cravados em um cachimbo comprido, Mat abriu um pouco mais o casaco, tentando se concentrar nas cartas viradas para baixo à sua frente e nas moedas espalhadas no centro da mesa. Mandara fazer o casaco vermelho a partir de um modelo andoriano, na melhor lã que havia e com bordados de arabescos dourados nas mangas e na gola comprida. No entanto, dia após dia, era lembrado de como Tear ficava ao sul de Andor. O suor escorria por seu rosto, deixando a camisa coladas às costas.

Nenhum de seus companheiros de mesa parecia notar o calor, apesar dos casacos ainda mais pesados que o dele, com mangas gordas e encorpadas, todos de seda forrada, brocados e listras de cetim. Dois homens de uniforme vermelho e dourado enchiam as canecas de prata dos jogadores com mais vinho e serviam lustrosas bandejas de prata com azeitonas, queijos e nozes. O calor também não parecia afetar os serviçais, embora de vez em quando um deles escondesse um bocejo com a mão, pensando que ninguém estava reparando.

Mat se conteve e não ergueu as cartas para olhá-las outra vez. Elas não teriam mudado. Três governantes, as cartas mais altas de três dos cinco naipes, já era bom o suficiente para ganhar a maioria das mãos.

Estaria mais confortável jogando dados. Quase não se encontrava baralho nos lugares onde sempre apostava, onde a prata trocava de mãos como resultado de cinquenta jogos de dados diferentes, mas os jovens fidalgotes tairinos prefeririam vestir trapos a jogar dados. Dados eram para camponeses, embora os rapazes tivessem o cuidado de não dizer uma coisa dessas na frente de Mat. Não era o gênio do rapaz que temiam, e sim as pessoas que pensavam serem amigas dele. Jogavam um jogo chamado corte, hora após hora, noite após noite, usando cartas pintadas à mão e envernizadas por um homem da cidade que enriquecera graças a esses

sujeitos e outros como eles. Apenas mulheres e cavalos eram capazes de desviar a atenção deles do jogo, mas nunca por muito tempo.

Mesmo assim, Mat conseguira entender o jogo bem depressa e, ainda que não tivesse sorte tão boa quanto nos dados, era razoável. Uma bolsa gorda jazia ao lado de suas cartas, e outra ainda mais gorda repousava em seu bolso. Quando vivia em Campo de Emond teria considerado aquilo uma fortuna, o suficiente para passar o resto de seus dias no luxo. Mas a ideia que tinha de luxo mudara desde a partida de Dois Rios. As moedas dos jovens lordes jaziam em pilhas reluzentes e desordenadas, mas alguns velhos hábitos ele não tinha intenção de mudar. Nas tavernas e estalagens, às vezes era necessário partir depressa. Sobre tudo se a sorte o acompanhasse.

Deixaria a Pedra no instante em que juntasse o bastante para viver como desejava. Antes que Moiraine descobrisse seus planos. Se as coisas tivessem sido como gostaria, já teria partido havia dias. Mas havia ouro para ganhar por aquelas bandas. Uma noite naquela mesa lhe renderia mais do que uma semana jogando dados nas tavernas. Bastava ter sorte.

Ele fez uma leve careta e deu uma baforada no cachimbo, preocupado. Então conferiu, inseguro, se suas cartas eram boas para prosseguir. Dois dos jovens lordes também seguravam cachimbos nos dentes, mas eram de prata e tinham boquilhas de âmbar. No ar quente e imóvel, o tabaco perfumado que fumavam parecia ter o cheiro de um incêndio no quarto de vestir de uma lady. Não que Mat já tivesse adentrado o quarto de vestir de uma lady. Uma doença que quase o matara lhe deixara com a memória tão esburacada quanto a melhor lâ, mas Mat tinha certeza de que se lembraria de uma coisa dessas. *Nem mesmo o Tenebroso seria mau a ponto de me fazer esquecer uma coisa dessas.*

— Um navio do Povo do Mar atracou hoje — murmurou Reimon, com a boca no cachimbo. A barba do lorde de ombros largos era cuidada com óleos e muito bem aparada. Era a última moda entre os nobres mais jovens, e Reimon perseguia a moda com o mesmo vigor com que perseguia as mulheres. O que era apenas com um pouco menos do vigor com que jogava. Ele atirou uma coroa de prata por cima da pilha no meio da mesa para comprar outra carta. — Um forçador. São os navios mais rápidos, os forçadores, pelo que dizem. Correm mais que o vento, pelo que dizem. Eu gostaria de ver uma coisa dessas. Que a minha alma queime, como eu gostaria. — Ele não se deu ao trabalho de olhar a carta que recebeu: só olhava depois de ter as cinco cartas na mão.

O homem roliço e de bochechas rosadas entre Reimon e Mat deu uma risadinha bem-humorada.

— Querendo ver o navio, Reimon? Não quer dizer as moças? As mulheres. As beldades exóticas do Povo do Mar, com seus anéis e badulaques e com aquele rebolado, hein? — Ele colocou uma coroa na mesa e pegou uma carta, fazendo uma careta ao olhá-la. Aquilo não significava nada: a julgar pelas expressões de Edorion, suas cartas eram sempre baixas e jamais formavam a combinação necessária. No entanto, ele ganhava mais do que perdia. — Bem, talvez eu tenha mais sorte com as moças do Povo do Mar.

O carteador, que estava do outro lado de Mat, um homem alto e magro, com a barba pontuda ainda mais escura e viçosa que a de Reimon, apoiou um dedo na lateral do nariz.

— Acha que vai se sair bem com elas, Edorion? Do jeito que são reservadas, você vai ter sorte se conseguir sentir um sopro do perfume que usam. — Ele fez um gesto que simulava uma rajada de vento, depois inspirou fundo e soltou um suspiro, e os outros nobres riram, inclusive Edorion.

Um jovem imberbe chamado Estean soltou a risada mais alta de todas, passando uma das mãos pelos cabelos lisos que insistiam em cair em sua testa. Se o fino casaco amarelo fosse substituído por um de lã parda, o sujeito poderia se passar por um fazendeiro, em vez do filho do Grão-lorde dono de um das maiores propriedades de Tear e com toda certeza o homem mais rico da mesa. Ele também bebera mais vinho do que qualquer um.

Cambaleando na frente do homem a seu lado — um sujeito afetado chamado Baran, que parecia sempre olhar os outros com o pontudo nariz em pé — Estean cutucou o carteador com um dedo meio vacilante. Baran se inclinou para trás, girando o cachimbo na boca como se temesse que Estean pudesse vomitar.

— Essa foi boa, Carlomin — gorgolejou Estean. — Você também acha, não é, Baran? Edorion não vai conseguir nem sentir o perfume. Se quiser tentar a sorte, arriscar uma aposta... Que tal ir atrás das meretrizes Aiel, como o Mat, aqui. Todas aquelas lanças e facas. Que a minha alma queime. É como tirar um leão para dançar. — Um silêncio mortal se abateu sobre a mesa. Estean riu sozinho, depois piscou e passou a mão nos cabelos outra vez. — Qual é o problema? Falei alguma coisa errada? Ah! Ah, sim. Eles.

Mat mal conteve a expressão de desprezo. O idiota mencionara os Aiel. O único assunto pior teria sido Aes Sedai. Aqueles homens provavelmente preferiam ter Aiel andando por seus corredores e olhando com superioridade para qualquer taireno que se pusesse em seu caminho do que uma única Aes Sedai nas imediações, e no momento acreditavam haver pelo menos quatro delas por perto. Ele pescou uma coroa de prata andoriana da bolsa em cima da mesa e a empurrou em direção à pilha no meio da mesa. Carlomin entregou-lhe a carta com cautela.

Com todo o cuidado, Mat ergueu a carta com a unha do polegar, sem se permitir sequer piscar. O Governante de Taças, um Grão-lorde de Tear. Os governantes do baralho variavam de acordo com a terra onde as cartas eram feitas, mas o governante local sempre era representado no naipe de Taças, o maior de todos. Aquelas cartas eram antigas. Ele já tinha visto novos baralhos com o rosto de Rand ou algo parecido no lugar do Governante de Taças, junto com o estandarte do Dragão. Rand, governante de Tear. Aquilo ainda era absurdo o bastante para fazê-lo querer se beliscar. Rand era um pastor, um sujeito bacana com quem se divertir quando não dava uma de sério e responsável. Agora, era o Dragão Renascido. O que indicava que Mat era doido de pedra por estar ali sentado esperando para ver qual seria a próxima de Rand, em um lugar onde Moiraine poderia pôr as mãos nele quando bem entendesse. Talvez Thom Merrilin fosse embora com ele. Ou Perrin. Só que

Thom parecia ter começado a se instalar na pedra de um jeito que indicava que não pretendia partir, e Perrin não iria a lugar algum sem que Faile apontasse o destino. Bem, Mat estava pronto para viajar sozinho, se fosse preciso.

Mas havia prata no centro da mesa e ouro diante dos fidalgotes. Se ele conseguisse o quinto governante, nenhuma outra mão poderia bater a sua. Não que precisasse daquilo. De repente sentiu a sorte despontando em sua mente. Não com a mesma força com que vinha nos jogos de dados, claro, mas Mat já tinha certeza de que ninguém bateria seus quatro governantes. Os tairenos passaram a noite inteira apostando loucamente, o valor equivalente a dez fazendas cruzava a mesa sem ninguém pestanejar.

Mas Carlotin ficou olhando as cartas em suas mãos em vez de comprar a quarta, e Baran bafurava o cachimbo furiosamente e empilhava as moedas à sua frente, como se se pronto para enfiá-las nos bolsos. Reimon estava com cara de desprezo por trás da barba, e Edorion franzira o rosto para as unhas. Apenas Estean parecia inalterado. O nobre sorriu para a mesa, indeciso, talvez já esquecido do que dissera. Os sujeitos tinham o habito de pôr panos quentes quando alguém mencionava os Aiel, mas já estava tarde, e o vinho corria solto.

Mat vasculhou a mente em busca de uma forma de evitar que os homens e o ouro escapassem de suas cartas. Um só olhar para os rostos já lhe informou que apenas mudar de assunto não seria suficiente. Mas havia outra forma. Se os fizesse rir dos Aiel... *Será que vale a pena fazer com que riam de mim também?* Mascando o cachimbo, ele tentou pensar em outra coisa.

Baran pegou uma pilha de ouro em cada mão e começou a enfiá-las nos bolsos.

— Acho que vou tentar a sorte com essas mulheres do Povo do Mar — comentou Mat, mais do que depressa, pegando o cachimbo para gesticular. — Coisas estranhas acontecem quando vamos atrás das mulheres Aiel. Muito estranhas. Como o jogo que elas chamam de O Beijo da Donzela. — Atraía a atenção dos outros, mas Baran não devolvera as moedas para a mesa, e Carlotin ainda não demonstrava sinal de que compraria uma carta.

Estean soltou uma gargalhada ébria.

— Elas fazem o aço beijar suas costelas, imagino. Donzela da Lança, entendeu? Aço. Lança nas costelas. Que a minha alma queime.

Ninguém mais riu. Mas todos escutavam.

— Nem tanto. — Mat conseguiu abrir um sorriso. *Que me queime, já cheguei até aqui. Posso muito bem falar do resto.* — Rhurac comentou que, se eu quisesse ter sucesso com as Donzela, deveria perguntar a elas como é que se jogava O Beijo da Donzela. Disse que era a melhor forma de conhecer as moças. — Soava muito como um dos jogos de beijo que jogava em casa, por exemplo o Beijo as Margaridas. Nunca pensara no chefe de clã Aiel como homem que gostava de fazer brincadeiras. Tomaria mais cuidado da próxima vez. Esforçou-se para aumentar o sorriso. — Então fui até Bain e... — Reimon franziu o rosto, impaciente. Nenhum dos homens sabia o nome de outro Aiel além de Rhurac, e nenhum deles queria saber. Mat deixou os nomes de lado e

prossegiu: — Fui lá, feito um paspalho, e pedi que elas me mostrassem. — Deveria ter suspeitado de algo, a julgar pelos largos sorrisos que brotaram nos rostos das mulheres Aiel. Pareciam gatos tirados para dançar por um rato. — Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, um bocado de lanças surgiu em volta do meu pescoço, parecia uma coleira. Bastava um espirro para ficar de barba feita.

Os nobres ao redor da mesa caíram na gargalhada, uma diversidade de risos que ia da histeria ofegante de Reimon até o urro embriagado de Estean.

Mat os deixou gargalharem. Era quase capaz de sentir outra vez as pontas das lanças, espetando-o ao menor movimento de um dedo seu. Bain, rindo sem parar, dissera que nunca tinha ouvido falar de um homem que houvesse pedido para jogar O Beijo da Donzela.

Carlomin afagou a barba e comentou, diante da hesitação de Mat:

— Não pode parar agora. Fale mais. Quando foi isso? Duas noites atrás, aposto. Quando você não apareceu para o jogo e ninguém sabia dizer onde você estava.

— Estava jogando pedras com Thom Merrilin, aquela noite — respondeu Mat, mais do que de depressa. — Isso foi vários dias atrás. — Ficou feliz por saber mentir com a cara lavada. — Ganhei um beijo de cada uma. Só isso. Se achassem o beijo bom, abaixavam a lança. Se não, empurravam um pouquinho mais. Para me encorajar, por assim dizer. E foi só. Vou dizer uma coisa: eu me corto mais fazendo a barba.

Enfiou o cachimbo entre os dentes outra vez. Se os homens quisessem saber mais, poderiam tentar o tal jogo eles mesmos. Mat quase torcia para que algum deles fosse idiota o bastante para isso. *Malditas mulheres Aiel e suas malditas lanças*. Só conseguira chegar na cama depois do dia nascer.

— Seria mais que suficiente para mim — respondeu Carlomin, seco. — Que a Luz queime a minha alma, se não for mais que suficiente. — Ele jogou uma coroa de prata no centro da mesa e pegou outra carta para si mesmo. — O Beijo da Donzela.

O homem se sacudiu, achando graça, e outra onda de gargalhadas percorreu a mesa.

Baran comprou a quinta carta, e Estean revirou a pilha de moedas espalhadas à sua frente, pegou uma e olhou para ver o que era. Não parariam de jogar por enquanto.

— Selvagens — resmungou Baran, com a boca no cachimbo. — Selvagens ignorantes. Que minha alma queime, é isso o que eles são. Moram em cavernas, lá no Deserto. Em cavernas! Só um selvagem poderia viver no Deserto.

Reimon assentiu.

— Pelo menos servem ao Lorde Dragão. Não fosse por isso, eu pegaria uns cem Defensores e tiraria todos da Pedra.

Baran e Carlomin soltaram um grunhido feroz, em concordância.

Mat não precisou se esforçar para manter a expressão impassível. Já ouvira a mesma coisa. Era fácil fazer ameaças quando ninguém esperava que fossem levadas adiante. Cem Defensores? Mesmo que Rand tivesse que se afastar

por algum motivo, umas poucas centenas de Aiel seriam capazes de defender a Pedra de qualquer exército que Tear pudesse reunir. Não que eles parecessem querer tomar a Pedra, na verdade. Mat suspeitava que os Aiel estavam ali apenas por causa de Rand. Achava que nenhum daqueles fidalgotes tivesse percebido isso — todos ignoravam os Aiel sempre que podiam — mas duvidava que perceber tal coisa os faria sentir-se melhor.

— Mat. — Estean abriu as cartas em uma das mãos e pôs-se a arrumá-las, como se não conseguisse decidir em que ordem deveriam estar. — Mat, você vai falar com o Lorde Dragão, não vai?

— Sobre o quê? — perguntou Mat, com cautela.

Tairenos demais para seu gosto sabiam que ele e Rand haviam crescido juntos, e todos pareciam pensar que ele andava de braços dados com Rand quando não estava perto deles. Nenhum daqueles homens chegaria perto do próprio irmão, se ele fosse capaz de canalizar. Mat não entendia por que o consideravam um trouxa.

— Eu não falei? — O homem de rosto inexpressivo apertou os olhos para as cartas e coçou a cabeça, depois pareceu se animar. — Ah, sim. A proclamação, Mat. A última proclamação do Lorde Dragão. Quando ele disse que os plebeus tinham o direito de convocar os lordes diante de um magistrado. Quem é que já ouviu falar de um lorde sendo convocado a um magistrado? E por camponeses!

A mão de Mat apertou a bolsa até começar a esfregar as moedas lá dentro umas nas outras.

— Seria uma pena — comentou, baixinho — se vocês fossem interrogados e julgados apenas por terem se divertido um pouco com a filha de um pescador, independente de ela dizer que queria ou não, ou por mandarem surrar um fazendeiro que espirrou lama em seus mantos.

Os outros se remexeram, incomodados, esperando a reação de Estean, mas ele assentiu, balançando tanto a cabeça que esta parecia prestes a cair.

— Exatamente. Mas não chegaria a isso, é claro. Um lorde sendo interrogado diante de um magistrado? É claro que não. Não mesmo. — Ele riu para as cartas, bêbado. — Nada de filha de pescador. Cheiram a peixe, entende? Não importa quantos banhos tomem. Uma moça roliça de fazenda é melhor.

Mat disse a si mesmo que estava ali para jogar. Disse a si mesmo para ignorar as baboseiras daquele imbecil, lembrou a si mesmo de quanto ouro poderia tirar da bolsa de Estean. Mas sua língua não lhe deu ouvidos.

— Quem é que sabe o que pode acontecer? Enforcamentos, talvez.

Edorion olhou de soslaio para ele, parecendo na defensiva e desconfortável.

— Temos mesmo que falar sobre... sobre plebeus, Estean? E as filhas do velho Astoril? Já se decidiu com qual delas vai se casar?

— O quê? Ah. Ah, acho que vou acabar decidindo na moeda. — Estean franziu a testa para as cartas, mexeu uma delas e franziu a testa outra vez. — Medore tem umas duas ou três criadas bonitas. Acho que vou ficar com ela.

Mat bebeu um longo gole de vinho da caneca prata para não acabar dando um soco bem no meio daquela cara de fazendeiro. Ainda estava na primeira caneca, as duas serviçais já tinham desistido de tentar lhe servir mais. Se batesse em Estean, nenhum dos homens ergueria uma única mão sequer para impedi-lo. Nem mesmo Estean. Porque ele era o amigo do Lorde Dragão. Desejou estar em alguma taverna da cidade, onde algum doqueiro poderia questionar sua sorte, e apenas a língua, as mãos ou os pés ligeiros poderiam fazê-lo escapar ileso. Nossa, *esse* era um pensamento idiota.

Edorion olhou outra vez para Mat, avaliando o humor do rapaz.

— Ouvi um boato, hoje. Ouvi dizer que o Lorde Dragão está nos levando à guerra com Illian.

Mat engasgou com o vinho.

— Guerra? — balbuciou.

— Guerra — assentiu Reimon, satisfeito, com o cachimbo na boca.

— Tem certeza? — perguntou Carlomin.

— Não ouvi nenhum boato — acrescentou Baran.

— Escutei hoje, de umas três ou quatro bocas. — Edorion parecia absorto nas próprias cartas. — Quem é que pode afirmar o quanto há de verdade nisso?

— Deve ser verdade — comentou Reimon. — Com o Lorde Dragão para nos guiar, empunhando *Callandor*, nem teremos que lutar. Ele vai acabar com os exércitos deles, e vamos marchar direto para Illian. É mesmo uma pena. Que a minha alma queime se não for. Queria uma chance de enfrentar os illianenses com espadas.

— Não vai ter chance nenhuma com o Lorde Dragão na liderança — retrucou Baran. — Eles vão cair de joelhos assim que virem o estandarte do Dragão.

— E, se não caírem — completou Carlomin, com uma risada — o Lorde Dragão vai detonar todos com raios antes que consigam sair do lugar.

— Primeiro Illian — continuou Reimon — depois... depois vamos conquistar o mundo inteiro para o Lorde Dragão. Pode dizer a ele que eu disse isso, Mat. O mundo inteiro.

Mat balançou a cabeça. Um mês atrás, esses homens teriam ficado horrorizados com a mera ideia de um homem capaz de canalizar, um homem condenado a enlouquecer e morrer de forma terrível. Agora, estavam todos prontos para lutar ao lado de Rand, confiando que o poder dele os faria vencedores. Confiavam no Poder, embora não fosse provável que vissem a coisa dessa forma. Mat imaginava que eles precisavam ter algo em que se apoiar. A indestrutível fortaleza da Pedra caíra nas mãos dos Aiel. O Dragão Renascido estava em seus aposentos, cem pés acima de onde jogavam, e *Callandor* estava com ele. Três mil anos de crenças e história tairenas jaziam em ruínas, e o mundo tinha virado de cabeça para baixo. Mat se perguntou se ele próprio tinha lidado melhor com tudo aquilo. Em pouco mais de um ano, seu próprio mundo tinha virado de ponta cabeça. Girou uma coroa de ouro tairena entre os dedos. Independente de como tivesse lidado com a situação, não voltaria atrás.

— Quando é que vamos marchar, Mat? — perguntou Baran.

— Eu não sei — respondeu, relutante. — Acho que Rand não vai começar uma guerra.

A não ser que já tivesse enlouquecido. Era algo terrível demais para se pensar.

Os outros o encararam como se ele estivesse garantindo que o sol não nasceria no dia seguinte.

— Somos todos leais ao Lorde Dragão, naturalmente. — Edorion franziu a cara para as cartas. — Lá para o interior, no entanto... Ouvi dizer que uns Grão-lordes, alguns poucos, estão tentando reunir um exército para recuperar a Pedra. — De repente, ninguém mais olhava para Mat, embora Estean ainda parecesse tentar entender as próprias cartas. — Mas é claro que tudo isso vai acabar quando o Lorde Dragão nos levar para a guerra. Em todo caso, nós aqui na Pedra somos leais. Os Grão-lordes também, tenho certeza. São só esses poucos do interior.

A lealdade deles não seria maior que o medo do Dragão Renascido. Por um instante, Mat sentiu como se estivesse planejando abandonar Rand em um covil de víboras. Então lembrou-se do que Rand era. Seria mais como abandonar uma doninha em um viveiro de aves. Rand fora seu amigo. Já o Dragão Renascido... Quem poderia ser amigo do Dragão Renascido? *Não estou abandonando ninguém. Ele provavelmente poderia derrubar a Pedra na cabeça de todos eles, se quisesse. E na minha também.* Repetiu a si mesmo que era hora de partir.

— Nada de filhas de pescadores — resmungou Estean. — Você vai falar com o Lorde Dragão?

— É a sua vez, Mat — comentou Carlomin, ansioso. Parecia meio assustado. No entanto, se temia que Estean irritasse Mat outra vez ou que a conversa retornasse ao assunto da lealdade, era impossível dizer. — Vai comprar a quinta carta ou vai empilhar?

Mat percebeu que não prestara atenção. Todos, menos ele e Carlomin, seguravam cinco cartas, embora Reimon tivesse empilhado as dele ao lado do bolo de maneira muito organizada, as faces para baixo, para mostrar que estava fora. Mat hesitou, fingindo pensar, depois suspirou e jogou mais uma moeda na pilha.

Enquanto a coroa de prata quicava, ele sentiu a sorte crescer de repente, passando de um gotejar a uma torrente. Cada tilintar da prata na mesa de madeira soava claro em sua cabeça. Poderia gritar cara ou coroa e saberia como a moeda cairia a cada quicada. Assim como sabia qual seria a próxima carta que receberia antes mesmo que Carlomin a entregasse.

Deslizou as cartas juntas na mesa e abriu-as em uma das mãos. O Governante de Chamas o encarava junto aos outros quatro: era o Trono de Amyrlin equilibrando uma chama na palma da mão, embora em nada se parecesse com Sivan Sanche. Independente de como os tairenos se sentissem em relação às Aes Sedai, reconheciam o poder de Tar Valon, ainda que as Chamas fossem o naipe mais baixo.

Quais eram as chances de receber todos os cinco? A sorte funcionava melhor com as coisas aleatórias, como o dado, mas talvez um pouco mais dela já começasse a se espalhar para as cartas.

— Que a Luz faça cinzas dos meus ossos se não for isso — resmungou. Ou foi o que tentou resmungar.

— Muito bem — quase gritou Estean. — Desta vez não dá para negar. Isso era Língua Antiga. Algo sobre queimar e ossos. — Ele sorriu para a mesa. — Meu tutor ficaria orgulhoso. Vou mandar um presente a ele. Se conseguir descobrir para onde foi.

Era esperado dos nobres que soubessem falar a Língua Antiga, embora na verdade poucos soubessem mais do que Estean parecia saber. Os jovens lordes começaram a debater a respeito do que Mat dissera, exatamente. Pareciam pensar que tinha sido um comentário acerca do calor.

Arrepios percorreram a pele do rapaz andoriano, enquanto ele tentava recordar as palavras que tinham acabado de sair de sua boca. Uma sequência de balseiras, mas quase parecia que ele as deveria compreender. *Que a queime, Moiraine! Se ela me deixasse em paz, eu não teria a memória cheia de buracos onde cabem carroção e junta, e não estaria declamando... seja lá que porcaria for isso!* Estaria ordenhando as vacas do pai, não caminhando pelo mundo com uma bolsa cheia de dinheiro, mas tentou ignorar essa parte.

— Vocês vieram aqui para jogar — disse, ríspido — ou para tagarelar como velhas tricoteiras?

— Para jogar — respondeu Baran, áspero. — Três coroas, ouro! — Ele jogou as coroas no bolo.

— Cubro e dou mais três. — Estean soltou um soluço e acrescentou seis coroas de ouro à pilha.

Sufocando um sorriso, Mat esqueceu-se da Língua Antiga. Foi muito fácil, não queria pensar no assunto. Além do mais, se os homens estavam começando com tanta vontade, talvez ganhasse o suficiente naquela mão para partir logo de manhã. *E, se ele for louco o bastante para começar uma guerra, vou sair daqui nem que seja a pé.*

Lá fora, um galo cantou na escuridão. Mat se remexeu, desconfortável, e disse a si mesmo para não ser bobo. Ninguém iria morrer.

Ele baixou os olhos às cartas... e piscou. A chama da Amyrlin fora substituída por uma faca. Enquanto tentava se convencer de que estava cansado e vendo coisas, a figura cravou a lâmina diminuta no dorso de sua mão.

Com um grito rouco, ele atirou as cartas para longe e se jogou para trás, virando a cadeira e chutando a mesa com ambos os pés ao cair. O ar pareceu ficar grosso como mel. Tudo se movia como se o tempo tivesse desacelerado, mas, ao mesmo tempo, tudo parecia acontecer de uma vez só. Outros gritos ecoaram o dele, berros vazios reverberando no interior de uma caverna. Ele e a cadeira flutuaram de volta e para o chão, a mesa se desviou.

A Governante de Chamas pairava no ar, crescendo, encarando-o com um sorriso cruel. Já quase do tamanho real, começou a sair da carta. Ainda era uma forma pintada, sem profundidade, mas tentava alcançá-lo com a lâmina tingida de vermelho com seu sangue, como se já tivesse sido cravada em seu

coração. Ao lado dela, o Governante de Taças começou a crescer; o Grão-lorde taireno de espada embainhada.

Mat flutuava, mas de alguma forma conseguiu alcançar a adaga em sua manga esquerda e, com o mesmo movimento, jogou-a com violência bem no coração da Amyrlin. Isso se a coisa tivesse coração. A segunda faca chegou à sua mão esquerda com muita fluidez e deslizou para fora dela ainda mais suavemente. As duas lâminas pairavam no ar, feitas plumas. Ele quis gritar, mas o primeiro berro de choque e ultraje ainda enchia sua boca. O Governante de Barras se expandia ao lado das duas primeiras cartas, a Rainha de Andor agarrada a uma barra que mais parecia um porrete, os cabelos louro-acobreados emoldurando o rosado enlouquecido da mulher.

Ele ainda caía, ainda soltava aquele longo grito. A Amyrlin se libertara da carta, e o Grão-lorde avançava depressa com a espada. As formas planas moviam-se quase tão lentamente quanto ele. Mat tinha prova de que o metal nas mãos delas era cortante, e sem dúvida a barra seria capaz de quebrar um crânio. O crânio dele.

As adagas que arremessara deslocavam-se como se estivessem afundadas em geleia. Tinha certeza de que o galo cantara para ele. Não importava o que o pai fosse dizer, a profecia fora real. Mas ele não iria desistir e morrer. De algum jeito tinha puxado mais duas adagas do casaco, estava com uma em cada mão. Esforçando-se para dar um giro no ar e equilibrar os pés, atirou uma das facas na figura de cabelos dourados carregando o porrete. Segurou a outra lâmina enquanto tentava se virar e pousar no chão, pronto para enfrentar...

O mundo deu uma guinada e voltou à velocidade normal, e ele aterrissou de lado, todo contorcido, com tanta força que soltou todo o ar. Desesperado, pôs-se de pé e puxou mais uma adaga do casaco. Não dava para carregar mais facas do que o necessário, dizia Thom. Mas nenhuma foi necessária.

Por um instante, pensou que as cartas e figuras tivessem desaparecido. Ou talvez que tivesse imaginado aquilo tudo. Talvez ele é que estivesse enlouquecendo. Então viu as cartas, de volta ao tamanho original, presas por suas facas, ainda trêmulas, aos painéis de madeira escura. Respirou, áspera e profundamente.

A mesa estava caída, e as moedas ainda giravam pelo chão, onde fidalgotes e serviais se agachavam em meio às cartas espalhadas. Boquiabertos, encaravam Mat e as facas que ele tinha nas mãos e as presas à parede com olhos igualmente arregalados. Esteve agarrou uma jarra de prata que escapara ilesa e começou a virar o vinho goela abaixo, deixando escorrer o excesso pelo queixo e peito.

— Não é só porque você não tem cartas para ganhar — comentou Edorion, com a voz rouca — que há necessidade de... — Ele parou e estremeceu.

— Vocês também viram. — Mat deslizou as facas de volta para as bainhas. Um filete de sangue escorria do ferimento diminuto, molhando o dorso de sua mão. — Não finjam que ficaram cegos!

— Eu não vi nada — retrucou Reimon, inexpressivo. — Nada!

O homem começou a se arrastar pelo chão recolhendo ouro e prata, concentrado, como se as moedas fossem a coisa mais importante do mundo. Os outros faziam o mesmo, exceto Estean, que cambaleava conferindo as jarras caídas para ver se alguma ainda continha vinho. Um dos serviços escondia o rosto entre as mãos. O outro, de olhos fechados, parecia rezar em um gemido baixo e resfolegante.

Praguejando, Mat avançou até onde as facas prendiam as três cartas ao painel. Eram apenas cartas de baralho outra vez, só papel duro com o verniz rachado. Mas a figura da Amyrlin ainda segurava uma adaga, em vez da chama. Sentiu gosto de sangue e percebeu que estava chupando o corte no dorso da mão.

Mais que depressa, arrancou as facas da parede, cortando cada uma das cartas ao meio antes de guardar as adagas. Logo em seguida, vasculhou as cartas espalhadas no chão, encontrou os governantes de Moedas e de Ventos e os rasgou também. Sentiu-se um pouco tolo — estava tudo acabado, as cartas eram apenas cartas outra vez — mas não pôde evitar.

Nenhum dos jovens lorde que engatinhavam pelo chão tentou impedi-lo. Saíam de sua frente sem sequer olhar para ele. Não haveria mais jogatina hoje, decerto nem durante as próximas noites. Pelo menos, não com ele. O que quer que tivesse acontecido, estava claro que ele fora o alvo. E estava ainda mais claro que aquilo fora feito com o Poder Único. Ninguém queria ter nada a ver com isso.

— Que o queime, Rand! — murmurou, entre dentes. — Se você for enlouquecer, me deixe fora disso!

Seu cachimbo estava em dois pedaços. Arrancara a haste da base com os dentes. Irritado, agarrou a bolsa no chão e saiu do salão pisando forte.

* * *

Em seu quarto escuro, Rand se remexia, desconfortável, sobre uma cama onde caberiam cinco pessoas. Estava sonhando.

Em uma floresta repleta de sombras, Moiraine o cutucava com uma vara pontuda, conduzindo-o ao local onde o Trono de Amyrlin aguardava, sentada em um toco, com uma corda nas mãos para enforcá-lo. Silhuetas indistintas deslocavam-se por entre as árvores, meio encobertas, perseguindo-o, caçando-o. Ali o cintilar de uma lâmina de adaga sob a luz falha, acolá a visão de relance das cordas para amarrá-lo. Moiraine, esguia e da altura do ombro de Rand, exibia uma expressão que ele nunca tinha visto. Medo. Quando, ela o cutucou com mais força, tentando apressá-lo até a corda da Amyrlin. Amigos das Trevas e Abandonados nas sombras, a coleira da Torre Branca, e a Aes Sedai Azul atrás dele. Esquivando-se depressa do açoite de Moiraine, ele fugiu.

— Está tarde demais para isso — gritou a mulher atrás dele, mas Rand precisava voltar. Voltar.

Murmurando, ele se agitou violentamente na cama, depois se acalmou e respirou com mais calma por um instante.

Estava na Floresta das Águas, perto de casa, e o sol que passava por entre as árvores salpicava de luz o laguinho diante de si. Havia musgo verde nas pedras, naquela ponta do laguinho, e a trinta passadas de distância, do outro lado, um pequeno arco de flores silvestres. Fora ali que, quando criança, aprendera a nadar.

— Você deveria dar uma nadada agora.

Ele se virou, assustado. Min estava parada ali, sorrindo para ele, usando casaco e calças masculinos. Elayne estava ao lado dela, os cabelos louro-acobreados, em um vestido de seda verde apropriado para o palácio de sua mãe.

Fora Min quem falara, mas Elayne acrescentou:

— A água está convidativa, Rand. Ninguém vai nos incomodar, aqui.

— Não sei — começou a responder, com cautela.

Min o interrompeu entrelaçando os dedos por trás de sua nuca e erguendo-se nas pontas dos pés para beijá-lo.

Ela repetiu as palavras de Elayne em um murmúrio.

— Ninguém vai nos incomodar aqui.

Ela deu um passo atrás e se livrou do casaco, depois atacou os cordões da camisa.

Rand as encarava fixamente, ainda mais depois que percebeu que o vestido de Elayne jazia caído no chão coberto de musgo. A Filha-herdeira estava curvada, os braços entrelaçados, erguendo a barra da roupa de baixo.

— O que estão fazendo? — inquiriu ele, a voz sufocada.

— Estamos nos aprontando para nadar com você — respondeu Min.

Elayne abriu um sorriso e passou a roupa de baixo por cima da cabeça.

Ele virou as costas depressa, embora um tanto sem vontade. Viu-se encarando Egwene, os olhos grandes e escuros da jovem fitando-o com tristeza. Sem uma palavra, ela se virou e desapareceu por entre as árvores.

— Espere! — gritou para ela. — Eu posso explicar.

Rand começou a correr, precisava encontrá-la. Porém, ao chegar na margem das árvores, a voz de Min o interrompeu.

— Não vá, Rand.

Ela e Elayne já estavam dentro da água, só com as cabeças para fora, nadando preguiçosamente do meio do laguinho.

— Volte — chamou Elayne, acenando com o braço esbelto. — Você não acha que merece ter o que deseja, pelo menos uma vez?

Ele revirou os pés, querendo se mover, mas sem saber para que lado seguir. Sem saber o que queria. As palavras soavam estranhas. O que ele queria? Levou uma das mãos ao rosto para limpar o que parecia suor. A carne pustulenta quase apagava a marca da garça em sua palma, osso branco surgia por entre cortes com cantos avermelhados.

Acordou de um pulo, trêmulo, deitado no calor sombrio. As roupas de baixo e os lençóis de linho sob suas costas estavam empapados de suor. A lateral do corpo queimava, bem onde uma antiga ferida nunca cicatrizará

direito. Ele localizou a cicatriz tosca, um círculo de quase uma polegada de diâmetro, ainda tenra depois de todo aquele tempo. Nem a Cura Aes Sedai de Moiraine fora capaz de repará-la por completo. *Mas eu ainda não estou apodrecendo. Nem estou louco. Ainda não. Ainda não.* Isso dizia tudo. Ele queria rir, e se perguntou se aquilo era indicação de que já estava um pouco louco.

Sonhar com Min e Elayne, sonhar com elas daquele jeito... Bem, isso não era loucura, mas sem dúvida era bobagem. Nenhuma das duas olhara para ele daquela forma quando ele estava acordado. Rand fora praticamente prometido a Egwene desde que ambos eram crianças. A promessa de noivado nunca havia sido proferida diante do Círculo das Mulheres, mas todos em Campo de Emond e redondezas sabiam que os dois um dia iriam se casar.

Esse dia jamais chegaria, naturalmente. Não mais, não com o futuro que aguardava um homem capaz de canalizar. Egwene também devia ter percebido isso. Devia. Estava completamente dedicada em se tornar Aes Sedai. Mas as mulheres eram estranhas, ela poderia achar que era possível ser Aes Sedai e se casar com ele mesmo assim, canalizando ou não. Como diria a ela que não queria mais, que a amava como uma irmã? Mas tinha certeza de que não haveria necessidade de dizer isso a ela. Podia se esconder atrás do que era. Egwene teria que compreender. Que homem poderia pedir uma mulher em casamento sabendo que teria apenas mais alguns anos pela frente, com sorte, até começar a enlouquecer, até começar a apodrecer vivo? Apesar do calor, Rand estremeceu.

Preciso dormir. Os Grão-lordes voltariam pela manhã, tentando manipulá-lo para ganhar seu favor. O favor do Dragão Renascido. *Talvez eu não sonhe desta vez.* Ele começou a rolar, buscando um ponto seco entre os lençóis — e congelou, escutando pequenos ruídos na escuridão. Não estava sozinho.

A Espada Que Não É Espada estava do outro lado do quarto, fora de seu alcance, em um assento parecido com um trono que os Grão-lordes tinham dado a ele, sem dúvida na esperança de que mantivesse Callandor fora de suas vistas. *Alguém quer roubar Callandor.* Um segundo pensamento surgiu. *Ou matar o Dragão Renascido.* Ele não precisava dos sussurros de advertência de Thom para saber que os votos de lealdade infinita dos Grão-lordes eram apenas proferidos por necessidade.

Rand se esvaziou de pensamentos e emoções e aceitou o Vazio, não foi preciso muito esforço. Flutuando na fria vastidão de si mesmo, pensamentos e emoções deixados do lado de fora, tentou alcançar a Fonte Verdadeira. Dessa vez, tocou-a com facilidade, o que nem sempre era o caso.

Saidin o preencheu como uma torrente de luz e calor branco, enchendo-o de vida, deixando-o doente com a imundície da mácula do Tenebroso, como espuma de esgoto boiando em águas puras e doces. A torrente ameaçava arrastá-lo, consumi-lo, tragá-lo.

Lutando contra a torrente, Rand a controlou com pura força de vontade e rolou da cama, canalizando o Poder enquanto se erguia na postura inicial da forma da espada chamada Macieira Floresce ao Vento. Os inimigos não deviam estar em grande número, ou teriam feito muito mais barulho. A forma, de nome tão suave, era usada contra mais de um oponente.

Quando seus pés tocaram o carpete, uma espada surgiu em suas mãos, de cabo longo e lâmina levemente curva, de apenas um gume. Parecia formada de chamas, mas sequer estava quente. A silhueta de uma garça preta era visível no amarelo-avermelhado da lâmina. No mesmo instante, cada vela e lanterna dourada se acendeu, e os pequenos espelhos atrás delas expandiram a iluminação. Os espelhos mais largos nas paredes e os dois espelhos de pé refletiam a luz ainda mais longe, até chegar ao ponto em que ele seria capaz de ler sem problemas em qualquer ponto do quarto enorme.

Callandor jazia, imperturbada, uma espada que parecia ser toda de vidro, cabo e lâmina, sobre um suporte de madeira alto e largo como um homem, com entalhes ornamentais dourados, cravado de pedras preciosas. A mobília também era toda dourada e cravejada de pedras preciosas, cama, cadeiras, bancos, guarda-roupas, baús e lavatório. Jarro e vaso eram de porcelana dourada do Povo do Mar, fina como folha. O enorme carpete taraboniano com arabescos vermelhos, dourados e azuis custava o bastante para alimentar uma aldeia inteira por meses. Quase todas as superfícies lisas continham mais delicadas porcelanas do Povo do Mar, assim como cálices, vasos e adornos de ouro trabalhado em prata ou de prata biselada com ouro. Na ampla cornija de mármore da lareira, dois lobos de prata com olhos de rubi tentavam abater um veado dourado de cerca de três pés de altura. Cortinas de seda vermelha com águias bordadas em fios de ouro pendiam das janelas estreitas, balançando de leve com a brisa. Livros preenchiam todo o espaço possível, encadernados em couro ou madeira, alguns esfarrapados e ainda com a poeira das mais recônditas prateleiras da biblioteca da Pedra.

Onde ele pensara ver assassinos ou ladrões havia uma bela jovem, parada hesitante e surpresa no meio do carpete, os cabelos negros caindo pelos ombros em ondas brilhosas. O robe delicado de seda branca realçava mais do que encobria. Berelain, governante da cidade-estado de Mayene, era a última pessoa que ele esperava ver ali.

Depois de o encarar assustada, com os olhos arregalados, ela fez uma mesura profunda e graciosa que apertou as roupas contra o corpo.

— Estou desarmada, meu Lorde Dragão. Submeto-me à sua revista, se duvida de mim. — De repente, o sorriso da mulher fez notar, constrangido, que usava apenas as roupas de baixo.

Que me queime se ela for me fazer sair todo desajeitado para tentar me cobrir. O pensamento flutuou para longe do Vazio. Eu não pedi que ela entrasse aqui assim. Toda sorrateira! Raiva e embaraço também pairavam no limite do Vazio mas, seu rosto ficou vermelho mesmo assim. Estava levemente ciente disso, ciente de que saber o que se passava intensificava a vermelhidão em suas bochechas. Era tão calmo e frio no Vazio, mas lá fora... Sentia cada gotinha de suor que escorria por seu peito e costas. Precisou de muito esforço e obstinação para ficar ali, sob o olhar dela. *Revistá-la? Que a Luz me ajude!*

Relaxando a postura, deixou a espada desaparecer, mas manteve o leve fluxo que o conectava a *saidin*. Era como beber de um buraquinho em um açude, com toda a terra ao redor querendo ceder. A água era doce como vinho adocicado e repugnante como um riacho passando por um casqueiro.

Não sabia muito sobre a mulher, apenas que ela circulava pela Pedra como se estivesse em seu palácio em Mayene. Thom dizia que a Primeira de Mayene ficava o tempo todo fazendo perguntas a todos. Perguntas sobre Rand. O que seria natural, sendo ele o que era, mas não tornava as coisas mais fáceis em sua mente. E ela não tinha voltado a Mayene. Isso não era natural. Fora mantida praticamente prisioneira por meses, até sua chegada, sem contato com o trono e o domínio da pequena nação. A maioria das pessoas teria aproveitado a primeira oportunidade que tivessem de se afastar de um homem capaz de canalizar.

— O que está fazendo aqui? — Ele sabia que estava sendo rude, e não se importou. — Tinha um Aiel guardando aquela porta, quando fui dormir. Como passou por eles?

Os lábios de Berelain se curvaram um pouquinho mais. Rand teve a impressão de que o quarto de súbito ficara ainda mais quente.

— Eles me deixaram passar na mesma hora, quando disse que havia sido convocada pelo Lorde Dragão.

— Convocada? Eu não convoquei ninguém. — *Pare com isso*, disse a si mesmo. *Ela é uma rainha, ou o que há de mais próximo disso. Você sabe tanto sobre os costumes de uma rainha quanto sabe voar. Tentou ser cortês, mas não sabia como chamar a Primeira de Mayene.* — Milady — teria de ser o bastante — por que é que eu a convocaria a esta hora da noite?

Ela soltou uma risada grave e musical, vinda bem do fundo da garganta. Mesmo envolto em um vazio indiferente, a risada parecia lhe causar uma comichão, eriçando os pelos dos braços e pernas. De repente, notou a vestimenta justa da mulher como se fosse a primeira vez e sentiu-se enrubescer de novo. *Ela não pode estar falando sério... Será? Luz, eu nunca troquei duas palavras com essa mulher.*

— Talvez eu queira conversar, meu Lorde Dragão. — Ela deixou o robe claro cair no chão, revelando uma vestimenta de seda branca ainda mais fina, que ele só poderia chamar de camisola. Deixava os ombros macios completamente nus e expunha uma parte considerável do busto. Ele se pegou pensando, absorto, no que os sustentava. Era difícil não ficar olhando. — Você está muito longe de casa, assim como eu. As noites são especialmente solitárias.

— Ficarei feliz em conversar com a senhora pela manhã.

— Mas durante o dia você fica rodeado de pessoas. Requerentes. Grão-lordes. Aiel. — Ela estremeceu. Rand disse a si mesmo que deveria desviar o olhar, mas teria sido tão fácil quanto parar de respirar. Nunca estivera tão consciente das próprias reações quando envolto no Vazio. — Os Aiel me assustam, e não gosto dos lordes tairenos.

Acreditava que estava sendo sincera quanto aos tairenos, mas também achava que nada poderia assustar aquela mulher. *Que me queime, ela está no quarto de um homem desconhecido, no meio da noite, seminu, e eu é que estou nervoso como um gato fugindo de um cão, com ou sem Vazio.* Era hora de pôr fim àquilo, antes que a coisa fosse longe demais.

— Seria melhor se a senhora retornasse aos seus aposentos, milady. — Parte dele também queria mandá-la vestir um manto. Um manto bem grosso. Só parte dele. — Hã... Está mesmo muito tarde para conversarmos. Amanhã. À luz do dia.

Ela lançou a Rand um olhar oblíquo e perplexo.

— Será que já assimilou os modos conservadores dos tairenos, Lorde Dragão? Ou essa reserva vem de Dois Rios? Não somos tão... formais... em Mayene.

— Milady... — Ele tentou soar formal. Se a mulher não gostava de formalidades, então era o que ele desejava fazer. — Estou prometido a Egwene al'Vere, milady.

— Está falando da Aes Sedai, meu Lorde Dragão? Isso se ela for mesmo Aes Sedai. A moça é bastante nova, talvez nova demais para usar o anel e o xale. — Berelain falava como se Egwene fosse uma criança, embora não devesse ser mais do que um ano mais velha que Rand, se tanto, e o rapaz era apenas pouco mais de dois anos mais velho do que Egwene. — Meu Lorde Dragão, não pretendo me colocar entre os dois. Case-se com ela, se a moça for da Ajah Verde. Eu jamais almejaria me casar com o Dragão Renascido. Peço perdão se estiver me excedendo, mas já disse que não somos tão... formais em Mayene. Posso chamá-lo de Rand?

Rand se surpreendeu dando um suspiro arrependido. Houvera um lampejo nos olhos da mulher, uma breve mudança de expressão que desapareceu depressa, quando ela mencionou se casar com o Dragão Renascido. Se ela não refletira sobre isso antes, o fizera agora. O Dragão Renascido, não Rand al'Thor. O homem da profecia, não o pastor de Dois Rios. Ele não estava exatamente chocado, algumas garotas em casa suspiravam por quem se mostrasse mais forte ou veloz nos jogos do Bel Tine e do Dia do Sol, e, vez ou outra, uma mulher levava os olhos ao dono dos campos mais férteis ou dos maiores rebanhos. Teria sido bom pensar que ela desejava Rand al'Thor.

— Está na hora de a senhora ir, milady — disse, baixinho.

Ela se aproximou.

— Sinto seus olhos em mim, Rand. — A voz era quente. — Não sou uma garotinha de aldeia agarrada ao avental da mãe, e sei que você quer...

— Acha que sou de pedra, mulher?

A Primeira de Mayene se sobressaltou com o grito dele, mas no instante seguinte já cruzava o carpete em sua direção, os olhos eram dois lagos negros capazes de arrastar um homem às profundezas.

— Seus braços parecem fortes como pedra. Se achar que deve ser duro comigo, então seja, desde que me abrace.

Ela tocou seu rosto, os dedos pareciam soltar faíscas.

Sem pensar, Rand canalizou os fluxos ainda ligados a ele, e de repente a mulher cambaleou para trás, os olhos arregalados de susto, como se uma parede de ar a empurrasse. Era ar, deu-se conta. Ele fazia coisas que desconhecia com mais frequência do que percebia. Pelo menos, depois que as fazia, lembrava-se de como repeti-las.

A parede invisível se deslocava, ondeando o tapete, varrendo consigo o robe de Berelain caído no chão, uma bota que Rand jogara de lado ao se despír e um banquinho com um volume aberto de *A História da Pedra de Tear*, de Eban Vandes. Empurrava tudo e forçava a mulher a quase se encostar na parede, cercada. A uma distância segura dele. Rand congelou o fluxo — era a única forma que tinha de chamar o que fizera — e o escudo já não precisava dele para se manter. Por um instante, analisou o que havia feito, até ter certeza de que seria capaz de repetir. Parecia útil, sobretudo o congelamento.

Com os olhos escuros ainda arregalados, Berelain tateou os limites de sua prisão invisível com as mãos trêmulas. Seu rosto estava quase tão branco quanto o vestido de seda diminuto. Banquinho, bota e livro jaziam a seus pés, amontoados com o robe.

— Por mais que eu me arrependa disso — começou Rand — não nos falaremos outra vez, a não ser em público, milady. — Estava mesmo arrependido. Quaisquer que fossem os motivos dela, a mulher era linda. *Que me queime, eu sou um idiota!* Não sabia ao certo se era por pensar em na beleza da Primeira ou por mandá-la embora. — Na verdade, é melhor arranjar a sua viagem de volta à Mayene assim que possível. Prometo que Tear não vai mais incomodar seu país. Tem a minha palavra.

A promessa era válida apenas enquanto ele vivesse, talvez apenas enquanto permanecesse na Pedra, mas era preciso oferecer algo à mulher. Um curativo para orgulho ferido, um presente para desviar o pensamento do medo.

Mas o medo dela já estava sob controle, ao menos no exterior. Honestidade e franqueza dominavam seu rosto, e todos os esforços de sedução haviam desaparecido.

— Perdoe-me. Lidei muito mal com isso. Não era minha intenção ofendê-lo. No meu país, uma mulher pode dizer livremente o que pensa a um homem, e ele a ela. Rand, você deve saber que é um homem bonito, alto e forte. Eu é que seria de pedra se não percebesse e admirasse isso. Por favor, não me mande para longe de você. Posso implorar, se você quiser. — Ela se ajoelhou com muita delicadeza, parecia dançar. A expressão em seu rosto indicava que ela estava sendo franca e confessando tudo. Mas, por outro lado, ela puxara o vestido já instável ao se ajoelhar, até o tecido parecer prestes a cair. — Por favor, Rand?

Mesmo protegido pelo vazio, o jovem a encarou boquiaberto, o que não tinha nada a ver com a beleza ou a quase nudez dela. Bem, pelo menos em parte. Se os Defensores da Pedra tivessem metade da determinação daquela mulher, metade de sua firmeza de propósito, nem dez mil Aiel teriam conseguido tomar a Pedra.

— Estou lisonjeado, milady — disse, diplomático. — Acredite, estou mesmo. Mas não seria justo com a senhora. Não posso lhe dar o que a senhora merece. — *E deixar que faça o que quiser com isso.*

Do lado de fora, na escuridão, um galo cantou.

Para surpresa de Rand, os olhos de Berelain de repente se fixaram em um ponto atrás dele, grandes como xícaras de chá. Seu queixo caiu, e o pescoço delgado se preparou para um grito que não veio. Ele deu meia-volta, a espada de luz vermelha e amarela lampeando outra vez em suas mãos.

Do outro lado do quarto, um dos espelhos de pé refletia sua imagem, um homem jovem e alto de cabelos vermelhos e olhos cinza, vestido apenas em roupas de baixo de linho e segurando uma espada esculpida em fogo. O reflexo deu um passo para o carpete e ergueu a espada.

Eu enlouqueci mesmo. Os pensamentos flutuavam no limite do Vazio. Não! Ela também viu. É real!

Com o canto do olho, captou um movimento à esquerda. Virou-se antes de conseguir pensar, deslizando a espada para cima, assumindo a forma da Lua Sobre as Águas. A lâmina golpeou a silhueta — a silhueta dele — que se projetava de um espelho na parede. A forma golpeada bamboleou, fragmentou-se como partículas de poeira flutuando no ar e desapareceu. O reflexo de Rand surgiu outra vez no espelho, espalmando as mãos na moldura. Tinha consciência do movimento nos espelhos em todo o quarto.

Em desespero, golpeou o espelho. O vidro prateado se despedaçou, mas a imagem pareceu ter se despedaçado primeiro. Pensou ouvir um grito distante dentro da cabeça, um berro de sua própria voz sumindo ao longe. Ao mesmo tempo que fragmentos de espelho desabavam, continuava golpeando com o Poder Único. Cada espelho do quarto explodia em silêncio, formando uma cascata de vidro pelo carpete. O grito agonizante em sua cabeça ecoava mais e mais, mandando arrepios por sua coluna. Era sua voz. Mal podia acreditar que não era ele fazendo aqueles sons.

Virou-se para enfrentar a silhueta que conseguira se libertar, a figura atacou no mesmo instante, Abrindo o Leque contra Pedras Rolando Montanha Abaixo. A figura deu um salto para trás, e, de repente, Rand percebeu que ela não estava sozinha. Com a mesma rapidez com que esmagara os espelhos, dois outros reflexos haviam escapado. Todos o encravavam, três duplicatas dele mesmo, até na cicatriz redonda e rugosa ao lado do corpo. Todos com os rostos retorcidos de ódio, desprezo e uma fome estranha. Só que os olhos das figuras pareciam vazios, sem vida. Antes que ele pudesse respirar, os três avançaram em sua direção.

Rand pisou de lado, os pedaços de espelho quebrado cortando seus pés, sempre na lateral, de postura em postura, de forma em forma, tentando enfrentar apenas um de cada vez. Usou tudo o que Lan, Guardião de Moiraine, lhe ensinara nas aulas diárias com a espada.

Se os três tivessem lutado juntos, se tivessem defendido uns aos outros, Rand teria morrido no primeiro minuto, mas cada um lutou sozinho, como se os outros não existissem. Mesmo assim, não foi possível deter as espadas por completo. Em minutos, o sangue escorria por seu rosto, peito, braços. A velha ferida se abria, e o fluxo que escorria dela ajudava a manchar de vermelho as roupas de baixo. As figuras possuíam suas feições e habilidade, e eram três contra um. Cadeiras e mesas tombaram, porcelanas do Povo do Mar de valor inestimável se despedaçaram no tapete.

Sentiu sua força se esgotando. Nenhum dos cortes era grande, exceto a ferida antiga, mas todos juntos... Rand sequer pensou em gritar, em pedir ajuda aos Aiel do outro lado da porta. As paredes grossas sufocariam até um grito de morte. Não importava o que decidisse fazer, teria que dar conta disso sozinho. Lutou, envolto na gélida emoção do Vazio, mas o medo arranhava as barreiras como galhos açoitados pelo vento arranhavam uma janela na noite.

Deslizou a lâmina no rosto do oponente, bem abaixo dos olhos — foi impossível não se contrair; era seu próprio rosto — e o espectro recuou, mas só o suficiente para evitar um golpe letal. Jorrou sangue do corte, cobrindo boca e queixo de vermelho-escuro, mas o rosto destruído não alterou sua expressão, e os olhos vazios jamais vacilaram. A coisa desejava a morte de Rand como um homem faminto deseja comer.

Será que alguma coisa é capaz de matá-los? Os três sangravam pelas feridas que ele conseguira infligir, mas a perda de sangue não parecia afetá-los, como fazia com ele. Todos tentavam desviar de sua espada, mas nem reparavam nos próprios ferimentos. *Se é que estão feridos,* pensou, sombriamente. *Luz, se estão sangrando, devem estar feridos! Só pode ser!*

Precisava de um intervalo, um instante para recuperar o fôlego, para se recompor. De súbito, saltou para a cama, para longe dos outros, e deu um rolamento. Sentiu, mais do que viu, lâminas rasgando os lençóis, quase acertando sua carne. Cambaleante, ficou de pé e agarrou uma mesa com força, para se equilibrar. A bacia brilhante na mesa, de prata trabalhada em ouro, bamboleou. Um dos reflexos subira na cama toda rasgada, chutando plumas de ganso ao avançar com muita cautela, espada a postos. Os outros dois davam a volta lentamente, ainda ignorando um ao outro, concentrados apenas nele. Seus olhos brilhavam como cristal.

Rand estremeceu quando a dor atingiu a mão que pusera na mesa. Uma imagem de si mesmo com não mais de seis polegadas de altura recolheu uma espada pequenina. Ele agarrou a figura por instinto, antes que ela pudesse golpeá-lo outra vez. Contorcia-se em seu punho, arreganhando os dentes. Deu-se conta dos pequenos movimentos pelo quarto, dos inúmeros minúsculos reflexos que surgiam da prata polida. Sentiu a mão começar a formigar, a ficar gelada, como se a coisa estivesse sugando todo o calor de sua carne. O calor de *saidin* cresceu dentro dele. Foi tomado por um impulso, e o calor fluíu até a mão gélida.

De repente, a figura diminuta explodiu como uma bolha, e ele sentiu algo fluir para dentro de si — vindo da explosão — uma pequena porção de sua força que fora perdida. Deu um solavanco ao sentir os pequenos choques de vitalidade.

Quando ele ergueu a cabeça — imaginando se estaria morto — os pequenos reflexos que percebera mais cedo haviam desaparecido. Os três maiores vacilavam, como se tivessem perdido a força que Rand ganhara. Mesmo assim, quando olhou para cima, viu que os três se equilibraram e começaram a avançar, embora mais cautelosos.

Ele recuou, pensando desesperadamente, a espada ameaçando primeiro um, depois outro. Se continuasse a enfrentá-los como antes, mais cedo ou

mais tarde os três o acabariam matando. Sabia disso com a mesma certeza que sabia estar sangrando. Mas algo conectava os reflexos. Ao absorver o pequenino — sentiu um enjoo só de pensar, mas fora isso mesmo que acontecera — não apenas destruíra os outros com ele, também afetara os maiores, pelo menos por um instante. Se pudesse fazer o mesmo com algum dos grandes, talvez destruísse os três.

A mera ideia de absorvê-los dava ânsia de vômito, mas Rand não via outra saída. Não sei como fazer isso. Como foi que fiz aquilo? Luz, o que foi que eu fiz? Era preciso agarrar um deles, ou pelo menos tocá-lo, disso tinha certeza. Porém, se ele tentasse chegar tão perto, teria três espadas cravadas em seu corpo em um piscar de olhos. *Reflexos. Quanto deles ainda é um reflexo?*

Na esperança de que não estivesse sendo um imbecil — se estivesse, era melhor ser logo um imbecil morto — fez a espada desaparecer. Preparou-se para trazê-la de volta no mesmo instante, mas, quando sua lâmina entalhada em fogo cessou de existir, as dos outros também cessaram. Por um instante, a confusão se refletiu nas três cópias de seu rosto, uma delas toda ensanguentada. Porém, antes que pudesse agarrar algum, os três saltaram na direção dele, e todos os quatro desabaram no chão, um emaranhado de membros rolando pelo carpete cheio de estilhaços.

O frio se entranhou em Rand. A dormência subiu por seus braços, pernas e ossos até que ele mal sentisse os fragmentos de espelho, as lascas de porcelana triturando sua carne. Algo próximo ao pânico tremeluzia, invadindo o vazio ao seu redor. Talvez tivesse cometido um erro fatal. Aqueles três eram maiores do que o que ele absorvera antes, sorviam mais calor de dentro dele. E não apenas calor. Quanto mais frio ficava, mais os olhos vítreos e cinzentos que o encaravam ganhavam vida. Teve a gélida certeza de que aquela luta não terminaria com sua morte. Os três se virariam uns contra os outros até que restasse apenas um, que tomaria sua vida, suas lembranças, seria ele.

Lutou, obstinado. Quanto mais fraco ficava, mais se esforçava. Abriu-se para *saidin*, tentando se encher de seu calor. Até a mácula nauseante era bem-vinda, pois, quanto mais a sentia, mais *saidin* jorrava sobre ele. Se seu estômago ainda era capaz de ficar embrulhado, significava que ele ainda estava vivo, e, enquanto vivesse, poderia lutar. *Mas como? Como? O que foi que eu fiz antes? Saidin* revolia em fúria dentro dele. Parecia que, se sobrevivesse aos agressores, seria consumido pelo Poder. *Como foi que eu fiz? Só era capaz de sugar saidin e tentar... alcançar... arrancar...*

Um dos três desapareceu — Rand o sentiu deslizar para dentro dele, foi como despencar de uma altura enorme direto em um chão de pedras — depois os outros dois juntos. O impacto o arremessou de costas, e ele ficou ali, virado para o teto caído com ornamentos dourados, deleitando-se com o fato de que ainda respirava.

O Poder continuava crescendo em cada fresta de seu ser. Queria vomitar todas as refeições que já fizera. Sentia-se tão vivo que, em comparação, não estar banhado em *saidin* seria como viver nas sombras. Sentia o cheiro da cera de abelha das velas e do óleo das lanternas. Sentia cada fibra do carpete em

suas costas. Sentia cada corte em sua carne, cada talho, cada incisão, cada hematoma. No entanto, agarrou-se a *saidin*.

Um dos Abandonados tentara matá-lo. Ou todos eles. Devia ter sido isso, a menos que o Tenebroso já estivesse livre. Mas, se fosse o caso, achava que não seria uma luta tão fácil ou simples. Manteve a conexão com a Fonte Verdadeira. *A não ser que eu tenha feito tudo isso sozinho. Será que posso odiar tanto o que sou a ponto de tentar me matar? Mesmo sem saber? Luz, preciso aprender a controlar isso. Preciso!*

Levantou-se, todo dolorido. Deixando pegadas de sangue no carpete, mancou até o suporte onde estava *Callandor*. Rand estava coberto do sangue que escorrida das centenas de cortes. Ergueu a espada, toda a extensão vítreia cintilava com o Poder que fluía para o seu interior. A Espada Que Não É Espada. Aquela lâmina, aparentemente de vidro, era tão afiada quanto o melhor aço, ainda que *Callandor* não fosse de fato uma espada, mas um fragmento da Era das Lendas, um *sa'angreal*. Com ajuda de um dos relativamente poucos *angreal* conhecidos que tinham sobrevivido à Guerra da Sombra e à Ruptura do Mundo, era possível canalizar fluxos do Poder Único que de outra maneira teriam reduzido o canalizador a cinzas. Os *sa'angreal*, ainda mais raros, intensificavam os fluxos canalizados com um *angreal* da mesma forma que os *angreal* intensificavam os fluxos canalizados livremente. E *Callandor*, que apenas homens poderiam utilizar, conectada ao Dragão Renascido por três mil anos de lenda e profecia, era um dos mais poderosos *sa'angreal* já produzidos. Empunhando *Callandor*, ele poderia destruir uma cidade em um único golpe. Empunhando *Callandor*, poderia até enfrentar um dos Abandonados. *Foram eles mesmo. Só podem ter sido.*

De repente, Rand percebeu que não ouvia sequer um som de Berelain. Meio temeroso de vê-la morta, ele se virou.

Ainda ajoelhada, a jovem estava encolhida. Vestira outra vez o robe e o apertava contra o corpo como uma armadura de ferro ou uma muralha de pedra. Com o rosto branco como a neve, ela umedeceu os lábios.

— Qual deles é...? — Engoliu em seco e recomeçou. — Qual deles...? — Não conseguiu terminar.

— Sou o único que existe — respondeu Rand, gentilmente. — O que você estava tratando como se fôssemos prometidos um ao outro.

Seu intuito era o de acalmá-la, talvez fazê-la sorrir — sem dúvida uma mulher com a força que ela demonstrara ter poderia sorrir; mesmo diante de um homem banhado em sangue. Mas a Primeira de Mayene se inclinou para a frente, apertando o rosto no chão.

— Peço perdão, humildemente, por ter ofendido o senhor de forma tão grave, Lorde Dragão. — A voz resfolegante de fato soava humilde e assustada. Nada parecida com a mulher de antes. — Imploro que esqueça e perdoe minha ofensa. Não incomodarei mais o senhor. Eu juro, meu Lorde Dragão. Pelo nome de minha mãe e sob a Luz, eu juro.

Rand soltou o fluxo intrincado, e a parede invisível que a confinava se transformou em uma brisa rápida, agitando o robe da jovem.

— Não há nada a perdoar — respondeu, com voz cansada. Sentia-se esgotado. — Faça como quiser.

Ela se endireitou, hesitante, estendeu uma das mãos e soltou um arquejo aliviado ao não encontrar resistência. Juntando as saias do robe, começou a cruzar o carpete coberto por estilhaços de vidro com muito cuidado, os cacos rangendo sob as sapatilhas de veludo. Parou perto da porta, fazendo um esforço evidente para encará-lo. Seus olhos não conseguiram se fixar nos dele.

— Mandarei os Aiel entrarem, se o senhor desejar. Posso mandar buscar uma Aes Sedai para cuidar de seus ferimentos.

Ela preferia estar em um quarto com um Myrddraal, agora. Ou mesmo com o próprio Tenebroso, mas não é covarde.

— Obrigado — respondeu ele, baixinho — mas não precisa. Gostaria que a senhora não contasse a ninguém o que aconteceu aqui. Farei o que precisa ser feito.

Foram os Abandonados, não há dúvida.

— Como o Lorde Dragão quiser.

Ela fez uma mesura contida e saiu depressa, talvez com medo de que ele pudesse mudar de ideia e não deixá-la partir.

— Preferia estar com o próprio Tenebroso — murmurou Rand, quando a porta se fechou atrás dela.

Ele mancou até o pé da cama, deixou-se cair em cima do baú e pousou Callandor entre os joelhos, as mãos ensanguentadas sobre a lâmina reluzente. Com aquilo nas mãos, até um dos Abandonados o temeria. Em um instante, mandaria trazer Moiraine para Curar suas feridas. Em um instante, falaria com os Aiel lá fora e seria o Dragão Renascido outra vez. Mas no momento, só queria ficar sentado, lembrando-se de um pastor chamado Rand al'Thor.





REFLEXOS

Apesar da hora, bastante gente passava apressada pelos largos corredores da Pedra, homens e mulheres usando as roupas pretas e douradas de serviçais ou os uniformes de um ou outro Grão-lorde. De vez em quando, um ou dois Defensores passavam, sem capacetes e desarmados, alguns de casacos desabotoados. Os serviçais que passavam perto de Perrin e Faile se curvavam ou dispensavam mesuras, então seguiam apressados, quase sem parar. A maioria dos soldados se assustava ao vê-los. Alguns os cumprimentavam de forma rígida, com a mão no coração, mas todos apressavam o passo, parecendo ansiosos para se afastar.

Apenas um lampião a cada três ou quatro estava aceso. Nos trechos pouco iluminados entre os suportes compridos, sombras ofuscavam as tapeçarias nas paredes e obscureciam eventuais baús encostados na pedra. Para quaisquer olhos além dos de Perrin. Os dele brilhavam como ouro reluzente naqueles corredores sombrios. O rapaz andava depressa, de lampião a lampião, mantendo o olhar baixo quando o trecho não estava bem iluminado. A maioria das pessoas da Pedra sabia, de um jeito ou de outro, sobre a estranha cor de seus olhos. Naturalmente, ninguém comentava. Até mesmo Faile parecia presumir que a cor era parte de sua associação com uma Aes Sedai, algo que simplesmente era. Algo a ser aceito, não explicado. Mesmo assim, um arrepio sempre percorria a coluna de Perrin quando percebia que um estranho notara seus olhos brilhando na escuridão. Quando os outros ficavam calados, o silêncio apenas enfatizava sua distinção.

— Quería que não me olhassem desse jeito — resmungou, quando um Defensor grisalho, com o dobro de sua idade, quase saiu correndo ao vê-lo passar. — Como se tivessem medo de mim. Não tinham antes, não desse jeito. Por que essa gente toda não está dormindo?

Uma mulher carregando balde e estregão inclinou-se em cumprimento e seguiu depressa, de cabeça baixa.

Com o braço enroscado no dele, Faile o olhou de soslaio.

— Eu diria que os guardas só devem frequentar esta parte da Pedra quando estão de serviço. Esse é um bom momento para fazer um chamego em uma empregada na cadeira de um lorde, talvez fingir que os dois são o lorde e a lady enquanto os verdadeiros dormem. Devem estar com medo de ser dedurados. E os serviçais fazem a maior parte do trabalho à noite. Quem é que iria querer vê-los abaixados no chão, varrendo, polindo e espanando à luz do dia?

Perrin assentiu, desconfiado. Supunha que ela soubesse essas coisas por causa de seu pai. Um mercador bem-sucedido decerto tinha serviçais, além de guardas para os carroções. Pelo menos aquela gente não estava fora da cama por ter passado pelo mesmo que ele. Se fosse o caso, estariam todos fora da Pedra, provavelmente ainda correndo. Mas por que ele fora o alvo? Por que ele, ao que parecia, fora o escolhido? Não estava ansioso para confrontar Rand, mas precisava saber. Faile apertava o passo para acompanhá-lo.

Apesar de todo o esplendor, de todo o ouro, das finas esculturas e dos trabalhos de marchetaria, o interior da Pedra fora projetado para a guerra tanto quanto o exterior. Buracos assassinos pontilhavam o teto nos cruzamentos entre corredores. Seteiras jamais utilizadas espreitavam as passagens em pontos onde poderiam proteger um corredor inteiro. Perrin e Faile subiam as escadas estreitas e curvas sem parar, cada uma embutida ou anexa às paredes, com mais seteiras contemplando o corredor abaixo. Naturalmente, toda aquela arquitetura não fora empecilho para os Aiel, os primeiros inimigos a avançar para além das muralhas externas.

Enquanto subiam depressa uma das escadas espiraladas — Perrin não percebeu que estavam correndo, mas estaria avançando mais depressa não fosse por Faile agarrada a seu braço — ele sentiu um sopro de suor velho e um traço de perfume doce e enjoativo, mas não registrou muito bem a informação. Estava concentrado no que diria a Rand. *Por que você tentou me matar? Já está ficando louco?* Não havia maneira fácil de fazer a pergunta, e ele não esperava uma resposta fácil.

Ao adentrar um corredor escuro, quase no topo da Pedra, viu-se diante de um Grão-lorde de costas e dois de seus guardas pessoais. Apenas os Defensores tinham permissão de usar armaduras no interior da Pedra, mas esses três levavam espadas nas cinturas. Isso não era incomum, sem dúvida, mas a presença deles naquele pavimento, em meio às sombras, encarando atentamente a luz que vinha do canto oposto do corredor, não era nada comum. A luz vinha da antessala frontal de um dos aposentos que Rand recebera. Ou pegara. Ou fora obrigado por Moiraine a aceitar.

Perrin e Faile não se esforçaram para fazer silêncio ao subir as escadas, mas os três homens estavam tão concentrados na vigília que nenhum deles notou a chegada dos dois. Então um dos guarda-costas de casaco azul virou a cabeça, como se esticasse o pescoço com câimbra. Quando viu o casal, escancarou a boca. O sujeito deixou escapar um xingamento e deu meia-volta

para encarar Perrin, exibindo um bom pedaço da lâmina de sua espada. O outro foi apenas uma fração de segundo mais lento. Ambos estavam tensos, de prontidão, mas os olhos pareciam hesitantes, incomodados, desviando-se dos de Perrin. Os homens exalavam um odor acre de medo. O Grão-lorde também, embora o controlasse com rédeas curtas.

O Grão-lorde Torean, com uma mecha branca na barba escura e pontuda, movimentava-se languidamente, como se estivesse em um baile. Puxando um lenço com perfume adocicado da manga, deu uma pancadinha no nariz cheio de calombos, que parecia pequeno se comparado às orelhas. O refinado casaco de seda com mangas de cetim vermelho apenas ressaltava como seu rosto era comum. Ele olhou a camisa de manga de Perrin, deu outro tapinha no nariz e inclinou de leve a cabeça.

— Que a Luz o ilumine — disse, com educação. Seus olhos passaram pelo olhar amarelo de Perrin e recuaram, mas a expressão do homem não se alterou. — Creio que esteja bem?

Talvez estivesse sendo educado demais.

Perrin não se importava com a educação do homem, mas o jeito com que Torean encarava Faile de cima a baixo, com uma espécie de interesse displicente, o fez apertar os punhos. Conseguiu, no entanto, manter o tom de voz firme.

— Que a Luz o ilumine, Grão-lorde Torean. Fico feliz em vê-lo ajudando a proteger o Lorde Dragão. Alguns homens na sua posição poderiam se ressentir da presença dele aqui.

As finas sobrancelhas de Torean estremeçeram.

— A profecia foi cumprida, e Tear ocupou seu lugar nela. Talvez o Dragão Renascido conduza esta cidade a um destino ainda mais grandioso. Que homem se ressentiria disso? Mas já está muito tarde. Boa noite para vocês.

Ele olhou Faile outra vez, fazendo beicinho, e seguiu pelo corredor um pouco depressa demais, afastando-se das luzes da antessala. Os guardacostas o seguiram como cães bem treinados.

— Não precisava ser grosseiro — ralhou Faile, com uma voz severa, quando o Grão-lorde já não podia ouvir. — Parecia que a sua língua tinha congelado. Se pretende ficar aqui, é melhor aprender a lidar com os lordes.

— Ele olhou para você como se quisesse colocá-la no colo. E não era para fazer papel de pai.

Ela fungou, desdenhosa.

— Não é o primeiro homem que olha para mim. Se tivesse a cara de pau de tentar mais alguma coisa, eu o colocaria em seu lugar com uma cara feia. Não preciso que me defenda, Perrin Aybara. — Mas ela não soava totalmente irritada.

Ele coçou a barba e deu uma espiada em Torean, observando o Grão-lorde e seus guardas desaparecerem em uma curva ao longe. Ficou se perguntando como os lordes tairenos faziam para não suar até a morte.

— Você percebeu, Faile? Os cães de guarda só tiraram as mãos das espadas quando ele estava a umas dez passadas da gente.

Ela o encarou, franzindo a testa, depois olhou o corredor por onde os três haviam seguido e assentiu devagar.

— Tem razão. Mas não entendo. Não são subservientes com vocês do jeito que são com *ele*, mas todo mundo age com tanta cautela perto de você e de Mat quanto das Aes Sedai.

— Talvez ser amigo do Dragão Renascido já não garanta tanta proteção quanto antes.

Ela não sugeriu outra vez que fossem embora, não com palavras, mas era só o que seus olhos diziam. Perrin teve mais sucesso em ignorar a sugestão não dita do que tivera com a verbalizada.

Antes de os dois chegarem ao fim do corredor, Berelain saiu correndo da antessala iluminada, os dois braços agarrados firmemente a um fino robe enrolado no corpo. Se a Primeira de Mayene caminhasse mais depressa, estaria correndo.

Para mostrar a Faile que podia ser educado como ela queria, Perrin se curvou em uma mesura que apostou que nem Mat teria superado. Em contraste, a de Faile não foi mais do que um contido aceno de cabeça e uma flexão mínima dos joelhos. Ele mal notou. Quando Berelain passou por eles, sem olhá-los, o cheiro de medo, rançoso e bruto como uma ferida pustulenta, fez suas narinas se contorcerem. Comparado àquilo, o medo de Torean não era nada. Aquilo era pânico ensandecido, atado com uma corda esfarrapada. Ele se endireitou sem pressa, olhando para ela.

— Saciando os olhos? — perguntou Faile, baixinho.

Concentrado em Berelain, imaginando o que a teria feito chegar tão perto do precipício, ele respondeu, sem pensar:

— Ela cheirava a...

Bem adiante, Torean apareceu de repente, vindo de um corredor lateral, e agarrou o braço de Berelain. Ele falava bastante, mas Perrin só conseguiu distinguir algumas palavras isoladas, algo sobre ela pisar no próprio orgulho e também o que parecia um oferecimento de proteção. A mulher dava respostas curtas, afiadas e ainda mais inaudíveis, o queixo erguido. Com um puxão, a Primeira de Mayene se desvencilhou e foi embora, as costas eretas, parecendo ter mais domínio de si mesma. Torean quase começava a segui-la quando notou que Perrin o observava. Dando um tapinha com o lenço no nariz, o Grão-lorde desapareceu pelo cruzamento entre os corredores.

— Não me interessa se ela cheirava a Essência da Manhã — comentou Faile, sombria. — Essa daí não está interessada em caçar ursos, mesmo que o couro fique lindo estendido em uma parede. Ela caça o sol.

Ele franziu o cenho para ela.

— Sol? Urso? Do que é que você está falando?

— Vá sozinho. Acho que vou para a cama, afinal.

— Se é isso o que você quer — respondeu ele, com cautela. — Mas achei que estava tão ansiosa quanto eu para descobrir o que aconteceu.

— Acho que não. Não vou fingir que estou ansiosa para conhecer o Lo... Rand. Não depois de evitar isso até agora. E não me sinto nem um pouco

ansiosa, nesse momento. Sem dúvida vocês dois terão uma conversa ótima sem mim. Ainda mais se for regada a vinho.

— Você não fala coisa com coisa — resmungou Perrin, passando uma das mãos nos cabelos. — Se quiser ir para a cama, então vá, mas eu queria que você falasse alguma coisa que eu entendesse.

Faile estudou o rosto dele por um longo instante, então mordeu o lábio de repente. Ele achou que a moça tentava segurar o riso.

— Ah, Perrin, às vezes acho que o que mais gosto é essa sua inocência. — Sem dúvida, traços de risada enchiam a voz. — Vá encontrar o... seu amigo e me conte como foi amanhã de manhã. O quanto quiser. — Ela puxou a cabeça dele, roçou seus lábios com um beijo e, com a mesma rapidez, disparou de volta pelo corredor.

Balançando a cabeça, ele a observou ir embora pelas escadas, sem sinal de Torean. Às vezes ela parecia falar outra língua. Ele avançou até os lampiões.

A antessala era um cômodo redondo, com cinquenta passadas de comprimento ou mais. Cem lustres dourados pendiam de correntes no teto alto. Colunas de pedra vermelha polida formavam um círculo interno, e o piso parecia uma imensa placa de mármore negro rajada de ouro. Aquela fora a antessala dos aposentos do rei na época em que ainda havia monarquia em Tear, antes de Artur Asa-de-gavião reduzir tudo, da Espinha do Mundo ao Oceano de Aryth, ao comando de um só governante. Os reis tairenos não retornaram quando o império de Asa-de-gavião entrou em colapso, e, por mil anos, os únicos habitantes daqueles aposentos haviam sido os ratos pisoteando a poeira. Nenhum Grão-lorde jamais tivera poder suficiente para ousar requerer o direito a eles.

Havia um círculo de cinquenta Defensores parados no meio do aposento, todos usando reluzentes placas peitorais e capacetes com abas, as lanças inclinadas exatamente no mesmo ângulo. Como estavam dispostos olhando para todas as direções, tinham a função de afastar todos os intrusos do senhor da Pedra. O comandante, um capitão identificado por duas pequenas plumas brancas no capacete, mantinha uma postura apenas um pouco menos rígida. Ele estava parado com uma das mãos na espada e a outra na cintura, parecendo presunçoso por seu cargo. Todos cheiravam a medo e incerteza, como homens que viviam sob um penhasco em processo de desintegração e quase tivessem conseguido convencer a si mesmos de que a terra jamais desabaria. Pelo menos, não naquela noite. Não durante a próxima hora.

Perrin caminhou até eles, as botas ressoando no mármore. O oficial começou a andar em sua direção, depois hesitou ao ver que Perrin não parara ao ser desafiado. Sabia quem era o rapaz, sem dúvida. Pelo menos, sabia tanto quanto qualquer taireno. Um companheiro de viagem da Aes Sedai, amigo do Lorde Dragão. Não era homem de ser interpelado por um mero oficial dos Defensores da Pedra. O oficial tinha a aparente tarefa de proteger o descanso do Lorde Dragão, naturalmente, mas, embora não admitisse nem a si mesmo, devia saber que ele próprio e sua brava armadura polida não passavam de uma encenação. Os verdadeiros guardas eram os que

Perrin encontrou ao passar pelas colunas e se aproximar das portas dos aposentos de Rand.

As mulheres estavam sentadas tão imóveis atrás das colunas que pareciam camufladas na pedra, mas os casacos e calças — em tons de cinza e marrom, feitos para escondê-las no Deserto — destacaram-se assim que elas se moveram. Calçadas em botas de cadarços macias que iam até os joelhos, as seis Donzelas da Lança, mulheres Aiel que haviam escolhido a vida de guerreiras em vez de se dedicarem ao lar, deslizaram para se postar entre ele e as portas. Eram todas altas para mulheres, a maior apenas quase um palmo mais baixa que ele, de pele bronzeada e cabelos bem curtos, amarelos, vermelhos ou de alguma tonalidade intermediária. Duas seguravam arcos de chifre com flechas encaixadas, mas não preparadas. As outras levavam pequenos broquéis de couro e três ou quatro lanças curtas — pequenas, mas com pontas compridas o bastante para atravessarem o corpo de um homem com algumas polegadas de sobra.

— Acho que não posso deixar você entrar — disse uma mulher com cabelos de fogo, sorrindo de leve para abrandar as palavras. Os sorrisos dos Aiel não eram tão largos ou frequentes quanto os dos outros povos, e seus rostos não tinham o costume de demonstrar demais qualquer emoção. — Acho que ele não quer ver ninguém hoje à noite.

— Eu vou entrar, Bain. — Ignorando as lanças, ele segurou a mulher pelos braços. Então ficou impossível ignorar as lanças, pois ela dera um jeito de pressionar a ponta de uma delas com força na lateral de sua garganta. Além disso, uma mulher ainda mais loira, chamada Chiad, de repente levou uma de suas lanças ao outro lado do pescoço de Perrin, como se a intenção fosse fazê-las se encontrarem bem no centro de seu pescoço. As outras mulheres apenas observavam, confiantes de que Bain e Chiad dariam conta da situação. Mesmo assim, ele fez o melhor que pôde. — Não tenho tempo para discutir. Não que vocês sejam o tipo que escuta quando alguém argumenta, pelo que me lembro. Vou entrar.

Com toda a delicadeza, ele ergueu Bain e tirou-a do caminho.

Bastava um suspiro de Chiad para que a lança tirasse sangue, mas, depois de arregalar os olhos azul-escuros cheios de surpresa, Bain afastou a lâmina de repente e abriu um sorriso.

— Quer aprender um jogo chamado O Beijo da Donzela, Perrin? Acho que você deve jogar bem. Na pior das hipóteses, pode aprender alguma coisa.

Uma das outras riu alto. A ponta da lança de Chiad foi afastada de seu pescoço.

Ele inspirou fundo, torcendo para que elas não percebessem que era a primeira vez que respirava desde que as lanças o tocaram. Não usavam os véus nos rostos — as *shoufas* estavam enroladas nos pescoços como echarpes negras — mas ele não sabia se os Aiel precisavam fazer isso antes de matar, só sabia que os véus indicavam que estavam prontos.

— Quem sabe da próxima vez — respondeu, educadamente.

Todas sorriam como se Bain tivesse dito algo engraçado, e o fato de ele não ter entendido fazia parte da piada. Thom tinha razão. Um homem poderia

enlouquecer se tentasse entender as mulheres, não importava a nação ou a posição que ocupassem. Era o que Thom dizia.

Quando ele estendeu a mão para a maçaneta em forma de leão dourado apoiado nas patas traseiras, Bain acrescentou:

— É por sua conta e risco. Ele já botou para fora o que a maioria dos homens consideraria companhia muito melhor do que a sua.

É claro, pensou, puxando a porta. Berelain. Ela estava vindo daqui. Hoje à noite, tudo está girando em torno...

A Primeira de Mayene sumiu de seus pensamentos assim que ele viu o quarto. Espelhos quebrados pendiam das paredes, e estilhaços de vidro cobriam o chão, junto com cacos de porcelana e penas do colchão rasgado. Livros abertos jaziam desordenados entre cadeiras e bancos virados. Rand estava sentado no pé da cama, apoiado em uma das colunas, os olhos fechados e as mãos caídas sobre *Callandor*, apoiada em seus joelhos. Parecia ter tomado um banho de sangue.

— Chamem Moiraine! — gritou Perrin para as mulheres Aiel.

Será que Rand ainda estava vivo? Se estava, precisava da Cura Aes Sedai para continuar assim. Ouviu um arquejo atrás de si, seguido de passos apressados de botas macias.

Rand ergueu a cabeça. Seu rosto era uma máscara de sujeira.

— Feche a porta.

— Moiraine já vai chegar, Rand. Descanse aí. Ela já...

— Feche a porta, Perrin.

Murmurando entre si, as mulheres Aiel franziram a testa, mas se afastaram. Perrin fechou a porta, interrompendo o grito indagativo do oficial de plumas brancas.

Suas botas pisaram os cacos de vidro do carpete no caminho até Rand. Ele rasgou uma tira de um lençol de linho já todo despedaçado e o pressionou sobre a ferida aberta na lateral do corpo do amigo. Ao sentir a pressão, Rand apertou as mãos na espada transparente, depois as relaxou. O sangue empapou o tecido quase no mesmo instante. Cortes e ferimentos o cobriam dos pés à cabeça, lascas de vidro brilhavam em muitas das feridas. Perrin deu de ombros, impotente. Não sabia mais o que fazer além de esperar Moiraine.

— O que, sob a Luz, você tentou fazer, Rand? Parece que tentou arrancar a própria pele. E acabou quase me matando no processo. — Por um momento, pensou que Rand não fosse responder.

— Não eu — disse o amigo, enfim, quase sussurrando. — Um dos Abandonados.

Perrin tentou relaxar músculos que não se lembrava de ter tensionado. O esforço foi apenas um pouco bem-sucedido. Mencionara os Abandonados a Faile, e não de uma forma muito desprezível, mas tentara não pensar muito no que poderiam fazer quando descobrissem o paradeiro de Rand. Se algum deles conseguisse abater o Dragão Renascido, ficaria em posição bem superior à dos outros, quando o Tenebroso se libertasse. O Tenebroso estaria à solta, e a Última Batalha, perdida antes mesmo de ser travada.

— Tem certeza? — indagou, também baixinho.

— Só podia ser, Perrin. Só podia ser.

— Se um deles veio atrás de mim e de você também... Onde está Mat, Rand? Se estiver vivo e tiver passado pelo mesmo que eu, deve estar pensando o que eu pensei. Que foi você. Então deveria estar aqui para repreender você.

— Ou em cima de um cavalo, a meio caminho dos portões da cidade. — Rand esforçou-se para se endireitar. Os coágulos nas feridas se romperam, e sangue fresco começou a escorrer por seu peito e ombros. — Se ele estiver morto, Perrin, é melhor você ficar o mais longe possível de mim. Acho que você e Loial estão certos em relação a isso. — Ele hesitou e observou Perrin. — Você e Mat devem estar desejando que eu nunca tivesse nascido. Ou, pelo menos, que nunca tivessem me conhecido.

Não havia por que conferir, se algo tivesse acontecido a Mat, àquela altura já estaria terminado. E Perrin achava que o curativo improvisado pressionado na lateral de Rand talvez fosse o que o manteria vivo por tempo suficiente até a chegada de Moiraine.

— Você parece não estar ligando muito para a possibilidade de ele ter mesmo ido embora. Que me queime, ele também é importante. O que você vai fazer se ele tiver partido? Ou se estiver morto, a Luz permita que não.

— O que eles menos esperam. — Os olhos de Rand eram como a bruma da manhã sobre a aurora, uma cortina cinza-azulada atravessada por um brilho febril. A voz tinha um tom de preocupação. — É o que tenho que fazer, de qualquer modo. O que todos *menos* esperam.

Perrin inspirou lentamente. Rand tinha direito de ficar nervoso. Não era sinal de loucura incipiente. Precisava parar de buscar sinais de loucura no amigo. Em pouco tempo eles surgiriam, e procurá-los só faria seu estômago ficar embrulhado.

— E o que é? — perguntou, baixinho.

Rand fechou os olhos.

— Só sei que tenho que pegá-los de surpresa. Pegar todos de surpresa — murmurou, feroz.

Uma das portas se abriu, e um Aiel alto de cabelos ruivos com um toque grisalho adentrou o quarto. Atrás dele, as plumas do oficial taireno se agitavam enquanto o homem discutia com as Donzelas. Ele ainda parecia argumentar quando Bain fechou a porta.

Rhuarc examinou o quarto com olhos azuis penetrantes, como se suspeitasse de inimigos escondidos atrás de uma cortina ou cadeira virada. O chefe de clã dos Aiel Taardad não carregava armas visíveis além da faca de lâmina grossa na cintura, mas usava a autoridade e a confiança como armas que, embora discretas, eram tão reais quanto se estivessem embainhadas junto à faca. A *shoufa* pendia sobre os ombros. Ninguém que soubesse o mínimo sobre os Aiel pensaria que cobrindo o rosto representava qualquer coisa além de perigo.

— Aquele taireno idiota do lado de fora informou ao comandante que algo tinha acontecido aqui dentro — explicou Rhuarc — e os boatos já estão se espalhando como musgo em uma caverna úmida. São bem variados, vão

desde a Torre Branca tentando matar você até a Última Batalha sendo travada aqui neste quarto. — Perrin abriu a boca, mas Rhuarc antecipou-se, erguendo a mão. — Por acaso, encontrei Berelain com cara de quem tinha acabado de descobrir o dia de sua morte, e ela me contou a verdade. E parece ser mesmo a verdade, embora eu tenha duvidado.

— Mandeí chamar Moiraine — disse Perrin.

Rhuarc assentiu. As Donzelas sem dúvida tinham contado tudo o que ele precisava saber.

Rand soltou uma risada cheia de dor.

— Eu mandei que ela ficasse quieta. Parece que o Lorde Dragão não manda em Mayene. — Ironicamente, ele soava mais bem-humorado do que qualquer outra coisa.

— Tenho filhas mais velhas do que aquela jovem — comentou Rhuarc. — Acredito que ela não vá contar a mais alguém. Acho que quer esquecer tudo o que aconteceu hoje.

— E eu gostaria de saber o que aconteceu — interveio Moiraine, deslizando para dentro do quarto.

Como era pequena e esguia, Rhuarc se destacava perto dela tanto quanto o homem que a seguia: Lan, seu Guardião. Mas era a Aes Sedai quem dominava o ambiente. Ela devia ter corrido, para conseguir chegar tão depressa, mas parecia plácida como um lago congelado. Era preciso muito para perturbar a serenidade de Moiraine. O vestido azul de seda tinha gola alta de renda e mangas com recorte em veludo de cor mais escura, mas o calor e a umidade não pareciam afetá-la. Uma pequena pedra azul cintilava sob a luz, suspensa em sua testa por uma delicada corrente de ouro que passava por cima dos cabelos escuros, enfatizando a completa ausência de suor.

Como sempre ocorria quando os dois se encontravam, os olhares azuis e gélidos de Lan e Rhuarc quase soltaram faíscas. O cabelo escuro de Lan, com mechas grisalhas nas têmporas, estava preso por um cordão de couro trançado. O rosto parecia esculpido em pedra, e a espada em seu quadril, parte do corpo. Perrin não sabia ao certo qual dos dois homens era mais letal, mas pensava que a diferença era tão pequena que mal daria para notar.

Os olhos do Guardião voltaram-se para Rand.

— Achei que você já tivesse idade para se barbear sem ajuda.

Rhuarc abriu um sorriso. Era bem discreto, mas era o primeiro que Perrin o via dar na presença de Lan.

— Ele ainda é jovem. Vai aprender.

Lan olhou de volta para o homem Aiel e respondeu com um sorriso, também discreto.

Moiraine lançou aos dois homens um olhar breve e fulminante. Não parecia tomar cuidado com onde pisava ao cruzar o carpete, mas caminhava de modo tão suave, erguendo as saias, que as sapatilhas não trituraram sequer um caco de vidro. Os olhos varreram o quarto de uma forma que Perrin tinha certeza de que capturara os menores detalhes. Ela o analisou por um instante — o olhar não foi retribuído, Moiraine sabia demais sobre ele

para seu gosto — mas logo seus olhos fixaram Rand, tal e qual uma avalanche: silenciosos, suaves, gélidos e inexoráveis.

Perrin baixou a mão e saiu do caminho da Aes Sedai. O tecido empapado continuava na lateral do corpo de Rand, preso pelo sangue endurecido. O sangue que escorria da cabeça aos pés do rapaz andoriano começava a secar, formando listras e manchas negras. Os cacos de vidro cravados na pele reluziam à luz dos lampiões. Com as pontas dos dedos, Moiraine tocou o tecido endurecido com o sangue seco, depois afastou a mão como se tivesse desistido de olhar por baixo do pano. Perrin se perguntou como a Aes Sedai conseguia olhar para Rand sem fazer uma careta, mas o rosto plácido da mulher não se alterava. Ela exalava um perfume suave de sabão de rosas.

— Pelo menos você está vivo. — Naquele momento, a voz dela emanava uma musicalidade fria e raivosa. — O que aconteceu pode esperar. Tente tocar a Fonte Verdadeira.

— Por quê? — perguntou Rand, com cautela na voz. — Não consigo Curar a mim mesmo, mesmo que soubesse como fazer isso. Ninguém consegue. Sei disso, pelo menos.

No intervalo que dura um suspiro, Moiraine parecia a ponto de explodir, por mais estranho que tivesse parecido. Mas, quando inspirou outra vez, já estava tomada de uma calma tão profunda que nada seria capaz de abalá-la.

— Apenas parte da força para a Cura vem do Curandeiro. O Poder pode substituir a força exigida do Curado. Sem ele, você vai passar o dia de amanhã de cama, e talvez o seguinte também. Agora busque o Poder, se puder, mas não faça nada com ele. Apenas o mantenha em contato. Use isso, se necessário. — Ela não precisou se inclinar demais para tocar *Callandor*.

Rand moveu a espada para longe da mão dela.

— Só manter contato, não é? — Ele parecia prestes a gargalhar alto. — Muito bem.

Nada acontecia que Perrin pudesse ver, nada do que esperava que acontecesse. Rand permanecia sentado, encarando Moiraine como se tivesse sobrevivido a batalha perdida. Ela mal piscou. Esfregou os dedos nas palmas das mãos duas vezes no que parecia um gesto inconsciente.

Depois de um tempo, Rand suspirou.

— Não consigo nem alcançar o Vazio. Não estou conseguindo me concentrar. — Um sorriso rápido rompeu o sangue que secava em seu rosto. — Não entendo por quê. — Um espesso fio vermelho foi descendo, sinuoso, abaixo do olho esquerdo.

— Então vou fazer como sempre fiz — respondeu Moiraine, tomando a cabeça de Rand entra as mãos, sem se preocupar com o sangue que corria por seus dedos.

Rand levantou-se de um salto, arfando, como se todo o ar tivesse sido extraído à força de seus pulmões. Arqueou tanto as costas, que a cabeça quase se soltou das mãos de Moiraine. Um dos braços estava esticado para o lado, os dedos espalmados e tão forçados para trás que pareciam prestes a quebrar. A outra mão agarrava a empunhadura de *Callandor*, e neste braço os músculos se retesavam em câimbras visíveis. Ele se sacudia feito um pedaço de

pano em um vendaval. Flocos escuros de sangue seco se soltavam e caíam, e pedaços de vidro tilintavam ao bater no baú e no chão, empurrados para fora dos cortes, que se fechavam e cicatrizavam todos de uma vez.

Perrin estremeceu, como se aquele vendaval estrondeasse ao redor dele. Já vira algumas Curas antes, isso e muito mais, até coisas maiores e piores, mas jamais acharia fácil ver o Poder sendo usado, saber que estava sendo usado, mesmo que com essa finalidade. As muitas histórias de Aes Sedai contadas por guardas e cocheiros de mercadores haviam se incrustado em sua mente vários anos antes de ele conhecer Moiraine. Rhuarc cheirava a um desconforto pungente. Apenas Lan encarava tudo com normalidade. Lan e Moiraine.

Quase tão logo quanto começou, estava terminado. Moiraine afastou as mãos, e Rand se curvou, agarrando a coluna da cama para se levantar. Era difícil dizer se a mão que apertava mais firme estava na cama ou em *Callandor*. Quando Moiraine tentou pegar a espada para recolocá-la no suporte ornamentado da parede, ele a puxou com força, até com um pouco de violência.

Ela contraiu a boca por um instante, mas se contentou em puxar o chumaço de tecido preso à lateral do corpo de Rand, usando-o para esfregar algumas das manchas ao redor. A antiga ferida virara outra vez uma cicatriz tenra. Os demais ferimentos haviam desaparecido. A maior parte do sangue seco que ainda cobria o corpo do rapaz era proveniente de outros.

Moiraine franziu o cenho.

— Ainda não funciona — murmurou, meio que para si mesma. — Não vai curar por completo.

— É essa a que vai me matar, não é? — perguntou Rand, baixinho, depois citou: — “O sangue do Dragão Renascido sobre as pedras de Shayol Ghul libertará a humanidade da Sombra...”

— Você lê demais — retrucou ela, ríspida — e compreende de menos.

— Você compreende mais? Se for o caso, então me explique.

— Ele só está tentando encontrar o próprio caminho — retrucou Lan, de repente. — Homem nenhum gosta de correr às cegas sabendo que há um penhasco em algum ponto à frente.

Perrin ficou surpreso. Lan quase nunca discordava de Moiraine, pelo menos não na frente dos outros. Mas ele e Rand vinham passando um bom tempo juntos, praticando com a espada.

Os olhos escuros de Moiraine faiscaram, mas ela respondeu apenas:

— Ele precisa ir para a cama. Pode mandar trazerem água para ele se lavar e pedir que preparem outro quarto? Este aqui precisa de uma boa limpeza e de um colchão novo.

Lan assentiu, enfiou a cabeça na antessala, por um instante, e falou, baixinho:

— Eu vou dormir aqui, Moiraine. — Rand soltou a coluna da cama e se levantou, fincando a ponta de *Callandor* no carpete coberto de sujeira e repousando as mãos no cabo. Se estava um pouco apoiado na espada, não

transparecia muito. — Não serei mais acossado. Nem mesmo para fora de uma cama.

— *Tai'shar Manetheren* — murmurou Lan.

Dessa vez até Rhuarc pareceu surpreso, mas, se Moiraine ouviu a saudação que o Guardião fez a Rand, não demonstrou. Ela encarava o rapaz andoriano com o rosto suave, mas os olhos pareciam nuvens carregadas. O jovem exibia um sorrisinho intrigado, como se tentasse imaginar o que ela tentaria da próxima vez.

Perrin avançou com discrição em direção às portas. Se Rand e a Aes Sedai fossem começar a medir forças, preferia ir para outro lugar. Lan não parecia se incomodar. Era difícil ter certeza com aquela postura dele, ereto e relaxado ao mesmo tempo. Podia estar tanto entediado a ponto de dormir ali mesmo como pronto para desembainhar a espada. Sua conduta sugeria qualquer uma das coisas, ou as duas. Rhuarc tinha quase a mesma postura, mas também olhava para as portas.

— Fique onde está!

Moiraine não tirava os olhos de Rand, e seu dedo em riste apontava para o meio do caminho entre Perrin e Rhuarc, mas os pés de Perrin frearam mesmo assim. Rhuarc deu de ombros e cruzou os braços.

— Teimoso — resmungou Moiraine. Dessa vez, era para Rand. — Muito bem. Se pretende ficar parado aí até cair, pode usar o tempo que resta até cair de cara no chão para me contar o que aconteceu aqui. Não tenho como instruir você, mas, se me contar, talvez eu possa entender o que fez de errado. É uma chance pequena, mas talvez eu consiga. — A voz ficou mais afiada. — Você precisa aprender a ter controle, e não estou falando só por causa de coisas como estas. Se não aprender a controlar o Poder, ele vai matar você. Sabe disso. Eu já falei muitas vezes. Você precisa ensinar a si mesmo. Precisa buscar dentro de si mesmo.

— A única coisa que fiz foi sobreviver — respondeu o rapaz, com a voz seca. Ela abriu a boca, mas ele prosseguiu. — Acha que eu conseguiria canalizar sem reparar? Não fiz isso durante o sono. Eu estava acordado.

Ele vacilou e se segurou na espada.

— Nem mesmo você conseguiria canalizar qualquer coisa além de Espírito, durante o sono — retrucou Moiraine, com frieza — e isso não foi feito com Espírito. Eu ia perguntar o que aconteceu *de fato*.

Perrin sentia os pelos da nuca se eriçarem enquanto Rand contava a história. O machado fora bem ruim, mas pelo menos era sólido, real. Ter o próprio reflexo saltando de um monte de espelhos e vindo em sua direção... Ele remexia os pés sem perceber, tentando não pisar nos cacos de vidro.

Logo depois de começar a falar, Rand olhou depressa para o baú atrás de si, como se não quisesse que o objeto fosse observado. No instante seguinte, as lascas de vidro prateado que estavam espalhadas no topo do baú se reviraram e deslizaram até o carpete, como se empurradas por uma vassoura invisível. Rand trocou olhares com Moiraine, depois sentou-se devagar e prosseguiu. Perrin não teve certeza de qual dos dois limpava o topo do baú. Não houve menção a Berelain na história.

— Deve ter sido um dos Abandonados — concluiu Rand, por fim. — Talvez Sammael. Você disse que ele está em Illian. A não ser que um deles esteja aqui em Tear. Será que Sammael poderia alcançar a Pedra, estando em Illian?

— Nem que *ele* empunhasse *Callandor* — respondeu Moiraine. — Há limites. Sammael é apenas um homem, não é o Tenebroso.

Apenas um homem? Não é uma descrição muito boa, pensou Perrin. Um homem capaz de canalizar, mas que de alguma forma não enlouquecera, pelo menos ainda não, não que alguém soubesse. Um homem talvez tão forte quanto Rand, mas que já conhecia cada truque de seus talentos, enquanto Rand ainda tentava aprender. Um homem que passara três mil anos confinado na prisão do Tenebroso, um homem que se voltara para a Sombra por escolha própria. Não. “Apenas um homem” sequer começava a descrever Sammael ou qualquer dos Abandonados, homem ou mulher.

— Então tem um deles aqui. Na cidade. — Rand apoiou a cabeça nas mãos, mas levantou-se de um salto, na mesma hora, os olhos cravados nas pessoas no quarto. — Eu não serei acossado outra vez. Agora, serei o caçador. Encontrarei esse homem, ou mulher, e...

— Não foi um dos Abandonados — interrompeu Moiraine. — Acho que não. Isso foi muito simples. E muito complexo.

Rand respondeu, muito calmo:

— Sem charadas, Moiraine. Se não foi um dos Abandonados, quem foi? Ou o quê?

O rosto da Aes Sedai poderia ter sido forjado em ferro, mas ela hesitou, buscando a melhor forma de falar. Não havia como dizer se estava insegura a respeito da resposta ou decidindo o quanto podia revelar.

— À medida que os selos da prisão do Tenebroso se enfraquecem — respondeu, depois de um tempo — pode ser inevitável que um... miasma... escape, mesmo enquanto ele ainda estiver aprisionado. São como bolhas subindo da matéria em decomposição no fundo de um lago. Só que essas bolhas saem flutuando pelo Padrão até se fixarem a um fio e explodirem.

— Luz! — Perrin não conseguiu se conter e deixou escapar. Os olhos de Moiraine viraram-se para ele. — Quer dizer que o que aconteceu com... com Rand vai começar a acontecer com todo mundo?

— Não com todo mundo. Pelo menos, ainda não. Acho que no início haverá só algumas bolhas, penetrando nas rachaduras por onde o Tenebroso conseguir passar. Mas mais tarde, quem é que pode saber? E, assim como *ta'veren* dobram as outras tramas do Padrão ao seu redor, acho possível que um *ta'veren* tenha tendência a atrair essas bolhas com mais força do que os outros. — Os olhos indicavam que a mulher sabia que Rand não fora o único a viver um pesadelo. A leve sombra de um sorriso, que sumiu quase antes de ele conseguir ver, afirmava que ele poderia manter silêncio, se quisesse guardar segredo. Mas ela sabia. — Ainda assim, nos meses que virão... Ou nos anos, se tivermos tanta sorte, temo que um bom número de pessoas verá coisas que lhes deixarão de cabelos brancos, se sobreviverem.

— Mat — disse Rand. — Você sabe se ele...? Ele...?

— Saberei em breve — respondeu Moiraine, calma. — O que está feito não pode ser desfeito, mas podemos ter esperança. — Não importava o tom de voz, a mulher cheirava a desconforto.

Até que Rhuarc falou:

— Ele está bem. Ou estava. Eu o vi no caminho para cá.

— Indo para onde? — perguntou Moiraine, com a voz perigosa.

— Parecia estar indo na direção dos alojamentos dos serviçais — respondeu o Aiel. Ele sabia que os três eram *ta'veren*, ainda que não soubesse tanto quanto achava que sabia, e conhecia Mat bem o bastante para acrescentar: — Não foi para os estábulos, Aes Sedai. Ia para o outro lado, na direção do rio. E não há barco algum no cais da Pedra. — Ele não falava palavras como “barco” e “cais” com a mesma hesitação que a maioria dos Aiel, embora no Deserto tais coisas só existissem nas histórias.

Moiraine assentiu, como se não esperasse nada além disso. Perrin balançou a cabeça. A mulher estava tão acostumada a encobrir os verdadeiros pensamentos que parecia disfarçá-los por puro hábito.

De repente uma das portas se abriu, e Bain e Chiad entraram no aposento, sem as lanças. Bain trazia uma grande vasilha branca e um cântaro largo com vapor saindo do gargalo.

— Por que é que *vocês* vieram trazer isso? — inquiriu Moiraine.

Chiad deu de ombros.

— A mulher não quis entrar.

Rand soltou uma gargalhada.

— Até as serviçais já estão espertas o bastante para querer manter distância de mim. Deixem isso em qualquer lugar.

— Seu tempo está acabando, Rand — disse Moiraine. — Os tairenos estão começando a se acostumar com você, de certo modo, e ninguém teme o que é familiar da mesma forma que teme o desconhecido. Quantas semanas, ou talvez dias, vão se passar até alguém tentar cravar uma flecha nas suas costas ou envenenar sua comida? Quanto tempo até que um dos Abandonados ataque ou que outra bolha venha deslizando pelo Padrão?

— Não venha me atormentar, Moiraine.

Rand estava imundo e apoiava-se em *Callandor* para se sentar ereto, mas conseguiu preencher as palavras com uma autoridade discreta.

— Escolha logo o seu caminho — disse ela. — E, desta vez, mantenha-me informada sobre o que pretende fazer. Meu conhecimento não pode amparar alguém que se recusa a aceitar minha ajuda.

— Sua ajuda? — retrucou Rand, em um tom cansado. — Aceito a sua ajuda. Mas quem decide sou eu, não você. — Ele olhou para Perrin como se tentasse lhe dizer algo sem palavras, algo que não queria que os outros ouvissem. Perrin não fazia ideia do que era. Depois de um instante, Rand suspirou e deixou a cabeça cair um pouco. — Quero dormir. Vão embora, todos vocês. Por favor. Conversaremos amanhã. — Os olhos dele dirigiram-se outra vez a Perrin, ressaltando as palavras.

Moiraine atravessou o quarto até onde estavam Bain e Chiad. As duas Aiel se inclinaram mais para perto, para que a Aes Sedai pudesse cochichar em

seus ouvidos. Perrin ouviu apenas um zunido e se perguntou se ela estaria usando o Poder para que ele não bisbilhotasse. A mulher conhecia a agudeza da audição dele. As suspeitas se confirmaram quando Bain sussurrou de volta, pois não conseguiu distinguir uma palavra. No entanto, a Aes Sedai não fizera nada em relação ao olfato. As mulheres Aiel olhavam Rand enquanto escutavam e cheiravam a cautela. Não era medo, era mais como se Rand fosse um animal enorme que poderia se tornar perigoso se elas dessem um passo em falso.

A Aes Sedai voltou-se outra vez para Rand.

— Nós vamos conversar amanhã. Você não pode ficar sentado como um perdidz esperando a rede do caçador.

Antes que Rand pudesse responder, ela avançou em direção à porta. Lan olhou para o rapaz como se quisesse falar algo, mas seguiu atrás da Aes Sedai sem dizer uma palavra.

— Rand — chamou Perrin.

— Fazemos o que é preciso. — O amigo manteve os olhos no cabo transparente entre as mãos. — Todos nós fazemos o que é preciso.

Ele tinha cheiro de medo.

Perrin assentiu e seguiu Rhuarc para fora do quarto. Moiraine e Lan já tinham desaparecido. O oficial taireno encarava as portas a umas dez passadas de distância, tentando fingir que estava longe por escolha própria, que aquilo nada tinha a ver com as quatro Aiel a vigiá-lo. Perrin percebeu que as outras duas Donzelas ainda estavam no quarto. Ouviu vozes vindas de dentro.

— Vão embora — disse Rand, cansado. — Deixem as coisas aí e vão embora.

— Se você conseguir ficar em pé — retrucou Chiad, alegremente — nós vamos. Basta se levantar.

Deu para ouvir o som de água sendo despejada em uma bacia.

— Já cuidamos de feridos antes — comentou Bain, em um tom suave. — E eu dava banho nos meus irmãos, quando eles eram pequenos.

Rhuarc fechou a porta, abafando o restante da conversa.

— Vocês não o tratam do mesmo jeito que os tairenos — comentou Perrin, baixinho. — Nada de medidas e reverências. Acho que não ouvi nenhum de vocês chamando Rand de Lorde Dragão.

— O Dragão Renascido é uma profecia dos aguacentos — respondeu Rhuarc. — A nossa fala d'Aquele Que Vem Com a Aurora.

— Pensei que era a mesma coisa. Por que vieram para a Pedra, então? Que me queime, Rhuarc, vocês Aiel são o Povo do Dragão, como dizem as Profecias. Vocês já praticamente admitiram, mesmo que não digam isso em voz alta.

Rhuarc ignorou a última parte.

— Nas suas Profecias do Dragão, a queda da Pedra e a captura de Callandor proclamam o Renascimento do Dragão. A nossa profecia afirma que a Pedra deve cair antes que Aquele Que Vem Com a Aurora surja para nos levar de volta ao que pertence a nós. Os dois podem ser o mesmo homem, mas

acho que nem mesmo as Sábias podem afirmar com certeza. Se esse homem for Rand, ele ainda vai precisar fazer algumas coisas para provar.

— Como o quê? — inquiriu Perrin.

— Se ele for o escolhido, saberá o quê, e fará. Se não for, continuaremos com a nossa busca.

Algo indecifrável na voz do Aiel fez Perrin ficar desconfiado.

— E se ele não for quem vocês procuram? E então, Rhuarc?

— Durma bem e cuide-se, Perrin.

As botas macias de Rhuarc não ressoavam no mármore negro enquanto o homem se afastava.

O oficial taireno ainda mantinha os olhos cravados um pouco atrás das Donzelas. Ele cheirava a medo e não conseguia mascarar a ira e o ódio em seu rosto. Se os Aiel concluíssem que Rand não era Aquele Que Vem Com a Aurora... Perrin estudou o rosto do oficial taireno, pensou na ausência das Donzelas ali, na Pedra sem os Aiel, e estremeceu. Precisava fazer Faile ir embora. Apenas isso. Ela tinha que partir, e sem ele.





CORDÉIS

Thom Merrill salpicou o pó secante sobre o que escrevera, depois colocou-o com cuidado de volta no jarro e fechou a tampa. Folheou as pilhas de papéis espalhadas pela mesa — com seis velas, incêndio era um perigo real, mas ele precisava da luz — e selecionou uma folha amassada e com um borrão de tinta. Com esmero, comparou-a à folha que escrevera, depois alisou, satisfeito, o bigode longo e branco e permitiu-se abrir um sorriso. Até mesmo o Grão-lorde Carleon teria pensado que era sua própria caligrafia.

Cuidado. Seu marido suspeita.

Apenas essas palavras, sem assinatura. Agora, se pudesse fazer com que o Grão-lorde Tedosian descobrisse a mensagem em um lugar onde sua esposa, Lady Alteima, poderia tê-la deixado por descuido...

Ouviu uma batida à porta e deu um salto. Ninguém vinha vê-lo àquela hora da noite.

— Só um instante — gritou, enfiando depressa canetas, tintas e papéis em um baú. — Só um instante, preciso vestir uma camisa.

Trancou o baú, enfiou-o debaixo da mesa, longe do alcance de qualquer olhar, e passou os olhos pelo pequeno quarto sem janelas para ver se deixara exposta qualquer coisa que não devesse ser vista. Argolas e bolas de malabarismo amontoavam-se na cama estreita e bagunçada, e, junto aos aparatos para se barbear, em uma prateleira solitária, havia varas de fogo e pequenos itens de ilusionismo. O manto de menestrel, coberto de retalhos de mil cores diferentes, pendia de um gancho na parede junto às roupas reserva e aos estojos de couro duro que guardavam a harpa e a flauta. Atado à tira do estojo da harpa havia um lenço feminino de seda vermelha transparente, algo que poderia ter pertencido a qualquer mulher.

Ele não se lembrava muito bem de quem o amarrara ali. Tentava nunca dar atenção a uma mulher em específico, sempre agia de um jeito alegre e despretenso. *Faça-as rir, faça-as suspirar, mas evite se enrolar* era seu lema. Não havia tempo para isso. Era o que ele dizia a si mesmo.

— Estou indo. — Thom foi mancando até a porta, irritado. Já arrancara *oohs* e *aahs* de gente incapaz de acreditar, mesmo ao assisti-lo, que um velho esquelético de cabelos brancos pudesse plantar bananeiras e dar cambalhotas e giros com a rapidez e agilidade de um garoto. A perna que o fazia mancar pusera fim naquilo tudo, e ele odiava o modo como andava. A perna doía ainda mais quando estava cansado. Ele abriu a porta com um solavanco e piscou, surpreso. — Ora. Entre, Mat. Pensei que estava dando duro para esvaziar as bolsas dos fidalgotes.

— Eles não querem mais jogar por hoje — respondeu o rapaz, azedo, desabando no banquinho de três pés que fazia as vezes de segunda cadeira.

O casaco dele estava desabotoado, e os cabelos, desgrenhados. Os olhos castanhos analisavam o ambiente, sem se deter em qualquer ponto específico, mas o brilho no olhar usual, que sugeria que o rapaz achava graça em algo que mais ninguém percebera, não estava lá.

Thom franziu a testa, pensativo. Mat nunca cruzava sua porta sem fazer um comentário espirituoso sobre o quarto decadente. O rapaz aceitara a explicação de Thom de que dormir perto dos alojamentos dos serviços ajudaria o povo a esquecer que ele chegara ali à sombra das Aes Sedai, mas quase nunca deixava uma piadinha passar. Se tivesse se dado conta de que o quarto também garantia que ninguém pensasse que Thom tinha qualquer ligação com o Dragão Renascido, Mat, sendo quem era, teria considerado o pedido bastante razoável. Havia bastado duas frases de Thom, proferidas rapidamente em um instante em que ninguém estava olhando, para que Rand percebesse o verdadeiro motivo. Todos davam ouvidos a um menestrel, todos o observavam, mas ninguém realmente reparava nele ou lembrava com quem ele conversava, desde que fosse apenas um menestrel com a função de entreter camponeses, serviços e, talvez, divertir as moças. Era assim que os tairenos pensavam. Afinal de contas, não era como se ele fosse um bardo.

O que estaria incomodando o rapaz para levá-lo até ali àquela hora? Devia ser alguma moça, já com idade para ter juízo, que tivesse se deixado conquistar pelo sorriso malicioso de Mat. Mesmo assim, até que o rapaz dissesse o contrário, Thom fingiria que aquela era uma das visitas corriqueiras.

— Vou pegar o tabuleiro de pedras. Está tarde, mas temos tempo para um jogo. — Não resistiu em acrescentar: — Quer apostar alguma coisa? — Não jogaria dados com Mat nem por um cobre, mas pedras era outra história. Parecia haver muita ordem e padrão nas pedras para a estranha sorte do rapaz.

— O quê? Ah. Não. Está muito tarde para jogar... Thom... é... aconteceu...? Aconteceu alguma coisa por aqui, hoje?

Apoiando o tabuleiro de pedras em um dos pés da mesa, Thom pescou a bolsa de tabaco e o cachimbo comprido na bagunça sobre o tampo.

— Feito o quê? — perguntou, enchendo o forninho.

Teve tempo de meter um pedaço de papel torcido na chama de uma das velas, acender o cachimbo e apagar o fogo do papel antes que Mat respondesse.

— Feito Rand estar enlouquecendo, é isso. Não... se tivesse acontecido, você não precisaria perguntar.

Um arrepio fez Thom remexer os ombros, mas ele bafou um filete de fumaça cinza-azulada com toda a calma e sentou-se na cadeira, esticando a perna manca à frente do corpo.

— O que foi que houve?

Mat respirou fundo, então despejou tudo de uma vez só:

— As cartas tentaram me matar. A Amyrlin, e o Grão-lorde, e... Não foi um sonho, Thom. É por isso que aquelas gralhas emplumadinhas não quiseram mais jogar. Ficaram com medo de acontecer de novo. Thom, estou pensando em ir embora de Tear.

O menestrel sentiu um arrepio passar por suas costas, quase como se urtigas-vespanegra tivessem sido apertadas contra a pele. Por que ele mesmo ainda não havia saído de Tear? Seria a coisa mais sábia a fazer. Havia centenas de aldeias por aí à espera de um menestrel para entreter e maravilhar a todos. E cada aldeia tinha uma ou duas estalagens cheias de vinho para afogar as mágoas. Porém, se fizesse isso, deixaria Rand sem ninguém além de Moiraine para impedir que os Grão-lordes o encurralassem e, quem sabe, cortassem sua garganta. A mulher conseguiria dar conta do recado, é claro. Por meios diferentes dos dele. Pelo menos era o que Thom achava. Era cairhiena, e decerto sua habilidade para o Jogo das Casas viera junto com o leite da mãe. E, enquanto o ajudava, amarraria mais um cordel em Rand, a ser puxado pela Torre Branca. Prenderia o rapaz à rede Aes Sedai com tanta força que ele jamais escaparia. Mas, se o garoto já estava enlouquecendo...

Idiota, Thom disse a si mesmo. Um completo idiota por se envolver naquela história por causa de algo que acontecera quinze anos antes. Ficar não mudaria nada, o que estava feito estava feito. Precisava ver Rand, cara a cara, independente do que dissesse sobre manterem distância. Talvez ninguém achasse muito esquisito se um menestrel pedisse para cantar para o Lorde Dragão, uma canção composta especialmente para a ocasião. Ele conhecia uma melodia de Kandor, obscura, e com razão, que exaltava algum lorde sem nome por sua grandeza e coragem, com termos pomposos que não revelavam atos ou locais. Devia ter sido encomendada por algum lorde sem qualquer feito digno de menção. Bem, serviria a ele, agora. A não ser que Moiraine decidisse que era esquisito. Isso seria tão ruim quanto chamar a atenção dos Grão-lordes. *Eu sou um idiota! Devia sair daqui hoje mesmo!*

Estava fervilhando por dentro, e o estômago revirava, ácido, mas passara anos aprendendo a manter a expressão impassível antes mesmo de chegar a vestir um manto de menestrel. Soprou três anéis de fumaça, um dentro do outro, e disse:

— Você está pensando em ir embora de Tear desde o dia em que pôs os pés na Pedra.

Empoleirado na ponta do banquinho, Mat disparou um olhar irritado.

— E pretendo. De verdade. Por que não vem comigo, Thom? Tem cidades onde o povo pensa que o Dragão Renascido ainda não chegou nem a dar o primeiro suspiro, lugares onde há anos ninguém dá a mínima para essas porcarias de Profecias do maldito Dragão, se é que algum dia isso aconteceu. Lugares onde o povo pensa que o Tenebroso é uma história que ouvem das vovozinhas, que os Trollocs são contos loucos de viajantes, que os Myrddraal cavalgam as sombras para assustar as criancinhas. Você poderia tocar sua harpa e contar histórias, e eu poderia jogar dados. Viveríamos como lordes, viajando o quanto quiséssemos, ficando onde desejássemos, sem ninguém tentando nos matar.

Aquilo o atingiu em cheio. Bem, ele era um idiota, de fato. Só precisava tirar o melhor proveito disso.

— Se quer mesmo ir, por que é que ainda não foi?

— Moiraine está me vigiando — respondeu Mat, azedo. — E, quando não está, manda alguém me vigiar.

— Eu sei. Aes Sedai não gostam de soltar ninguém em quem conseguiram pôr as mãos. — Era mais do que isso, tinha certeza, sem dúvida mais do que era de conhecimento geral, mas Mat negava tudo, e os outros que sabiam também não falavam, considerando que alguém além de Moiraine soubesse. Não importava. Ele gostava de Mat. De certo modo, tinha uma dívida com o rapaz, porém o jovem andoriano e seus problemas eram um teatrinho de fantoches para crianças, em comparação com Rand. — Mas não acredito que ela mande mesmo alguém vigiar você o tempo todo.

— É quase isso. Sempre pergunta aos outros onde estou e o que estou fazendo. Fico sabendo dessas coisas. Sabe de alguém que não conte a uma Aes Sedai o que ela deseja saber? Eu não. É quase o mesmo que ser vigiado.

— Se você se esforçar, pode evitar os olhares. Nunca conheci alguém com tanto talento para andar sorrateiro. Isso foi um elogio.

— Sempre acontece alguma coisa — resmungou Mat. — Tem tanto ouro para ganhar por aqui. E tem uma garota de olhos grandes nas cozinhas que gosta de ganhar uns beijos e umas cócegas, e uma das serviçais tem cabelos sedosos até a cintura, e umas curvas... — A voz dele foi morrendo, como se tivesse percebido o quanto soava tolo.

— Já considerou que talvez seja porque...

— Thom, se você falar *ta'veren*, eu vou embora.

Thom mudou o que pretendia dizer.

— ... que talvez seja porque Rand é seu amigo, e você não quer abandoná-lo?

— Abandoná-lo! — O rapaz se levantou de um salto, derrubando o banquinho. — Thom, ele é o maldito Dragão Renascido! Pelo menos é isso que ele e Moiraine dizem. Talvez seja mesmo. Rand consegue canalizar e tem aquela droga de espada de vidro. Cumpriu profecias! Sei lá. Só sei que eu teria que ser tão louco quanto esses tairenos para ficar aqui. — Ele hesitou. — Você não acha... não acha que Moiraine está me prendendo aqui, acha? Com o Poder?

— Acho que ela não pode fazer isso — respondeu Thom, com cautela.

Sabia um bocado sobre Aes Sedai, o bastante para ter ideia de quanto desconhecia, e acreditava estar certo nessa.

Mat passou os dedos nos cabelos.

— Thom, penso em ir embora o tempo todo, mas... não paro de ter essas sensações estranhas. Quase como se algo fosse acontecer. Algo... significativo; é essa a palavra. É como ter certeza de que vão disparar fogos de artifício no Dia do Sol, mas não saber de que tipo serão. Sempre que penso demais em ir embora, acontece isso. E acabo encontrando alguma razão para ficar mais um dia. Sempre só mais um maldito diazinho. Isso não parece coisa de Aes Sedai?

Thom engoliu a palavra *ta'veren* e tirou o cachimbo dos dentes para analisar o tabaco fumegante. Não sabia muito sobre *ta'veren*, mas ninguém sabia, exceto as Aes Sedai, talvez alguns Ogier.

— Nunca tive muito talento para ajudar gente com problemas. — *Muito menos para resolver os meus próprios*, pensou Thom. — Com uma Aes Sedai disponível, meu conselho à maioria seria pedir a ajuda dela. — *Conselho que eu mesmo não seguiria.*

— Falar com Moiraine!

— Suponho que neste caso esteja fora de cogitação. Mas Nynaeve foi sua Sabedoria, lá em Campo de Emond. Sabedorias de aldeias costumam responder às perguntas do povo, ajudar com os problemas.

Mat soltou uma risada rouca.

— E aguentar um daqueles sermões sobre bebida, jogatina e...? Thom, ela age como se eu tivesse dez anos. Às vezes, parece que acha que vou me casar com uma boa moça e me assentar na fazenda do meu pai.

— Alguns homens não teriam objeções a levar uma vida assim — respondeu o menestrel, baixinho.

— Bom, eu tenho. Quero mais do que vacas, ovelhas e tabaco para o resto da vida. Quero... — Mat balançou a cabeça. — Todos esses espaços em branco na minha memória. Às vezes parece que, se eu pudesse preenchê-los, saberia... Que me queime, não sei o que saberia, mas sei que quero saber. É uma charadinha bem ardilosa, não é?

— Acho que nem uma Aes Sedai vai poder ajudá-lo nessa. Um menestrel com certeza não pode.

— Já disse que nada de Aes Sedai!

Thom suspirou.

— Calma, garoto. Não estava sugerindo.

— Eu *vou* embora. Assim que recolher minhas coisas e encontrar um cavalo. Nem um minuto depois.

— No meio da noite? Vá de manhã. — *Isso se você for mesmo embora*, absteve-se de acrescentar. — Sente-se. Relaxe. Vamos jogar uma partida de pedras. Tem uma jarra de vinho aqui, em algum lugar.

Mat hesitou, olhando para a porta. Por fim, ajeitou o casaco.

— De manhã, então. — Ele soou indeciso, mas desviou o banquinho e pôs-o ao lado da mesa. — Mas nada de vinho para mim — acrescentou,

enquanto se sentava. — Já acontecem coisas estranhas o bastante enquanto estou com a cabeça limpa. Quero saber diferenciar os acontecimentos.

Thom, pensativo, ajeitou na mesa o tabuleiro e os sacos de pedras. O garoto era distraído com a maior facilidade. E arrastado por um *ta'veren* ainda mais forte de nome Rand al'Thor, pelo que Thom podia perceber. Começou a pensar se estaria atado da mesma forma. Sua vida decerto não parecia avançar na direção da Pedra de Tear e daquele quarto quando conheceu Rand, mas desde então parecia estar se enrolando como corda de pipa. Se decidisse ir embora, por exemplo, talvez se Rand tivesse mesmo enlouquecido, será que encontraria razões para continuar adiando a partida?

— O que é isso, Thom? — A bota de Mat encontrara o baú debaixo da mesa. — Posso tirar do caminho?

— Claro que sim. Vá em frente. — Estremeceu por dentro quando Mat chutou o baú com força. Torceu para ter arrolhado direito todos os frascos de tinta. — Escolha — disse, estendendo os punhos.

Mat bateu no da esquerda, e Thom abriu a mão, revelando uma pedra preta e lisa, redonda e chata. O garoto soltou uma risadinha zombeteira por ganhar o primeiro movimento e depositou a pedra no tabuleiro quadriculado. Ninguém que visse a avidez em seu olhar teria desconfiado de que, havia apenas um instante, o rapaz estivera duas vezes mais ávido para sair dali. Um poder que ele se recusava a reconhecer estava agarrado às suas costas, e havia uma Aes Sedai com intenção de fazer dele um de seus animais de estimação. O rapaz estava completamente preso.

Talvez também estivesse sendo preso, mas Thom decidiu que valeria a pena, se fosse para ajudar pelo menos um homem a se libertar das Aes Sedai. Valeria a pena, se fosse para pagar aquela dívida de quinze anos.

De repente, com uma estranha satisfação, depositou uma pedra branca no tabuleiro.

— Por acaso já contei — começou, com o cachimbo na boca — sobre a aposta que fiz com uma mulher domanesa? Ela tinha olhos capazes de tragar a alma de um homem. Andava por aí com um pássaro vermelho e esquisito que tinha comprado em um navio do Povo do Mar. Alegava que o pássaro conseguia prever o futuro. O bicho tinha um bico amarelo quase tão comprido quanto o corpo, e...





INTERROGATÓRIO

— Elas já deviam ter voltado, a essa altura. — Egwene abanava com força o leque de seda pintada, feliz por as noites serem pelo menos um pouco mais frescas que os dias. As mulheres tairenas usavam leques o tempo inteiro, pelo menos as nobres e ricas, mas parecia que estes só faziam alguma diferença depois de o sol se pôr, e mesmo assim não era muita. Até os grandes lampiões dourados e espelhados que pendiam de suportes prateados nas paredes pareciam esquentar ainda mais o ambiente. — Por que ainda não chegaram? — Moiraine lhes prometera um encontro de uma hora, pela primeira vez em dias, mas saíra sem dar explicação depois de cinco míseros minutos. — Ela deixou escapar alguma coisa sobre o motivo de estar sendo chamada, Aviendha? Ou sobre quem a chamou, pelo menos?

Sentada de pernas cruzadas no chão perto da porta, com os olhos verdes destacando-se no rosto bronzeado, a Aiel deu de ombros. Ela usava casaco, calças, botas macias e a *shoufa* enrolada no pescoço, e parecia desarmada.

— Careen sussurrou a mensagem a Moiraine Sedai. Não teria sido apropriado tentar escutar. Lamento, Aes Sedai.

Cheia de culpa, Egwene tocou o anel da Grande Serpente na mão direita, a serpente dourada mordendo a própria cauda. Como Aceita, deveria usá-lo no terceiro dedo da mão esquerda, mas deixar os Grão-lords acreditarem que havia quatro Aes Sedai plenas na Pedra garantia os bons modos com que as recebiam, ou o que quer que os nobres tairenos considerassem bons modos. Moiraine não mentia, naturalmente. Jamais dissera que as três eram algo mais do que Aceitas. Mas também *não dissera* que eram Aceitas, deixara todos pensarem o que quisessem, acreditarem no que pensavam ver. Moiraine não podia mentir, mas sabia fazer a verdade dançar uma bela jigá.

Não era a primeira vez que Egwene e as outras se passavam por irmãs plenas desde que haviam deixado a Torre, mas a jovem sentia-se cada vez

mais desconfortável por enganar Aviendha. Gostava da Aiel, achava que as duas poderiam ser amigas, caso viessem a se conhecer melhor. Mas isso parecia quase impossível enquanto Aviendha pensasse que Egwene era Aes Sedai. A Aiel estava ali apenas por ordem de Moiraine, para servir a seus propósitos secretos. Egwene suspeitava de que fosse para lhes servir de guarda-costas Aiel, como se as três não tivessem aprendido a se defenderem sozinhas. Ainda assim, mesmo que ela e Aviendha se tornassem amigas, não poderia contar a verdade à mulher. A melhor forma de guardar segredo era não revelar nada a ninguém, a menos que fosse absolutamente necessário. Esse fora outro argumento de Moiraine. Algumas vezes, Egwene se pegava desejando que as Aes Sedai estivessem erradas, completamente erradas, pelo menos uma vez. De uma forma que não causasse nenhum desastre, é claro. Essa era a dificuldade.

— Tanchico — murmurou Nynaeve. A trança escura, da grossura de um punho, pendia até a cintura enquanto ela olhava por uma das janelas estreitas, os caixilhos virados para baixo na esperança de deixar entrar um pouco da brisa noturna. No largo Rio Erinin, abaixo, balançavam-se as lanternas dos poucos botes pesqueiros que não ousaram descê-lo, mas Egwene duvidava que pudessem vê-las. — Ao que parece, a única alternativa é irmos para Tanchico. — Nynaeve deu um puxão inconsciente no vestido verde que deixava os ombros descobertos. Fazia isso com frequência. Negaria estar usando o vestido para Lan, o Guardião de Moiraine, caso Egwene ousasse sugerir tal coisa, mas verde, azul e branco pareciam ser as cores preferidas de Lan, para as mulheres, e todos os vestidos que não eram verdes, azuis ou brancos tinham desaparecido do guarda-roupas de Nynaeve. — Não temos alternativa. — Ela não parecia contente.

Egwene percebeu que puxava o próprio vestido para cima. Esses vestidos que só se sustentavam por alças na lateral dos ombros eram estranhos. Por outro lado, ela não aguentaria cobrir mais o corpo. Por mais leve que fosse, o linho vermelho-claro parecia lã. Desejou ser capaz de usar aqueles vestidos transparentes que Berelain vestia. Não que fossem apropriados para usar à vista de todos, mas sem dúvida pareciam bem frescos.

Para com essa choradeira por causa do desconforto, disse a si mesma. Concentre-se.

— Talvez — disse, em voz alta. — Mas eu não estou muito convencida.

Uma mesa comprida e estreita, polida até brilhar, ocupava o centro do salão. Havia uma cadeira alta no canto próximo a Egwene, com leves entalhes e douraduras aqui e ali, bastante simples para os padrões de Tear. Os espaldares das cadeiras laterais iam diminuindo à medida que se afastavam da mais decorada, e as do extremo oposto eram pouco maiores que banquinhos. Egwene não fazia ideia de qual era o propósito dos tairenos para aquele salão. Ela e as outras o usavam para interrogar as duas prisioneiras capturadas depois da queda da Pedra.

Não conseguira se obrigar a ir até os calabouços, embora Rand tivesse ordenado que todos os utensílios que decoravam o aposento da guarda fossem derretidos ou queimados. Nynaeve e Elayne também não tinham ficado ansiosas para retornar. Além do mais, este salão bem iluminado, com

piso de azulejos brilhantes e painéis de parede com entalhes das Três Luas Crescentes de Tear, fazia enorme contraste com as pedras cinza e sombrias das celas pouco iluminadas, úmidas e imundas. Aquilo deveria exercer algum efeito calmante nas duas mulheres vestidas nas pesadas roupas de lã dos prisioneiros.

Bastava o grosso vestido de lã para revelar à maioria que Joiya Byir, parada em pé do outro lado de mesa, as costas curvadas, era uma prisioneira. Ela tinha sido da Ajah Cinza, e não perdera nem um pouco do frio autocontrole característico de sua Ajah ao deslocar sua lealdade para a Negra. Cada traço de sua expressão parecia indicar que ela encarava a janela oposta por escolha própria, não por qualquer outra razão. Apenas uma mulher capaz de canalizar poderia ver os robustos fluxos de Ar que prendiam os braços de Joiya ao lado do corpo e uniam seus tornozelos. Uma jaula tecida com Ar obrigava seus olhos a mirarem bem à frente. Até as orelhas estavam vedadas, para que ela não pudesse ouvir o que as outras dissessem até que lhe fosse permitido.

Mais uma vez, Egwene conferiu o escudo de Espírito que impedia Joiya de tocar a Fonte Verdadeira. Estava firme como deveria. Ela própria urdira todos os fluxos ao redor de Joiya, atando-os de modo que se sustentassem sozinhos, mas não conseguia ficar tranquila no mesmo ambiente que uma Amiga das Trevas com a capacidade de canalizar, mesmo que blindada. Pior do que uma mera Amiga das Trevas. Da Ajah Negra. Assassinato era o mais brando dos crimes de Joiya. As costas curvadas deveriam ser consequência do peso dos juramentos quebrados, vidas arruinadas e almas definhadas.

A companheira de cárcere de Joiya, sua irmã da Ajah Negra, não possuía a mesma força. Parada na extremidade oposta da mesa, de ombros caídos e cabeça baixa, Amico Nagoyin parecia afundar em si mesma sob o olhar de Egwene. Não havia razão para blindá-la. Amico fora estancada durante a captura. Ainda podia sentir a Fonte Verdadeira, mas jamais a tocaria, nunca mais poderia canalizar. O desejo e a vontade permaneceriam, tão prementes quanto a necessidade de ar, e a sensação de perda estaria presente enquanto ela vivesse, com *sair* eternamente fora de alcance. Egwene desejou sentir uma pontada de pena que fosse. Mas não se esforçou muito.

Amico murmurou algo por cima a mesa.

— O quê? — inquiriu Nynaeve. — Fale alto.

Com uma expressão humilde, Amico ergueu o rosto sobre o pescoço delgado. Ainda era uma bela mulher, com olhos grandes e negros, mas havia algo de diferente nela, algo que Egwene não era muito capaz de identificar. Não era o medo que a fazia agarrar o vestido grosso de prisioneira com as duas mãos. Era algo mais.

Amico engoliu em seco e disse:

— Você deveria ir para Tanchico.

— Você já disse isso vinte vezes — retrucou Nynaeve, com rudeza. — Cinquenta vezes. Agora conte alguma novidade. Revele nomes que a gente ainda não saiba. Quem da Ajah Negra ainda está na Torre?

— Eu não sei. Vocês precisam acreditar em mim. — Amigo soava cansada, completamente derrotada. O que era bem diferente de quando as outras mulheres eram as prisioneiras, e ela, a carcereira. — Antes de deixarmos a Torre, eu só sabia de Liandrin, Chesmal e Rianna. Ninguém sabia de mais de outras duas ou três, eu acho. Exceto Liandrin. Eu já contei tudo o que sabia.

— Então você é bem ignorante para uma mulher que esperava dominar parte do mundo depois que o Tenebroso se libertasse — retrucou Egwene, ríspida, fechando o leque com força para enfatizar o tom.

Ainda se espantava consigo mesma por conseguir proferir aquele nome com tanta facilidade. O estômago ainda se revirava, e um arrepio gélido ainda percorria sua espinha, mas ela já não sentia vontade de gritar ou de fugir chorando. Era possível se acostumar a qualquer coisa.

— Escutei Liandrin uma vez falando com Temaile — disse Amigo, em um tom cansado, recomeçando uma história que já contara diversas vezes. Nos primeiros dias de cativeiro, tentara aumentar a história, mas, quanto mais elaborava, mais se enrolava nas próprias mentiras. Agora quase sempre contava da mesma forma, palavra por palavra. — Se vocês vissem a cara de Liandrin quando percebeu que eu estava lá... Ela teria me matado ali mesmo, se achasse que eu tinha ouvido alguma coisa. E Temaile gosta de machucar os outros. Ela sente prazer. Só ouvi um pouquinho antes que as duas me vissem. Liandrin disse que havia alguma coisa em Tanchico, algo perigoso para... para ele. — Falava de Rand. Não conseguia dizer o nome do rapaz, e a mera menção do Dragão Renascido era o bastante para levá-la às lágrimas. — Liandrin disse que também era perigoso para quem usasse. Quase tão perigoso quanto para... ele. É por isso que ela ainda não foi atrás. E ela disse que a capacidade de canalizar não poderá protegê-lo. Disse que “quando o encontrarmos, a habilidade asquerosa que ele tem vai refrear o Dragão para nós”.

Suor escorria por sua face, mas a mulher parecia incapaz de controlar os tremores.

Nenhuma palavra mudara.

Egwene abriu a boca, mas Nynaeve falou primeiro:

— Já ouvi essa história vezes demais. Vamos ver se a outra tem algo novo a dizer.

Egwene cravou os olhos nela, e Nynaeve a encarou de volta com a mesma força. Nenhuma das duas piscava. *Às vezes ela acha que ainda é a Sabedoria, pensou Egwene, emburrada, e que eu ainda sou a garotinha da aldeia a quem ela ensina sobre ervas. Seria melhor se ela percebesse que agora as coisas são diferentes.* Nynaeve era forte com o Poder, mais forte do que Egwene, mas só quando conseguia canalizar. Se não estivesse irritada, Nynaeve não podia fazer nada.

Elayne costumava acalmar os ânimos quando as coisas chegavam a esse ponto, o que acontecia com mais frequência do que deveria. Quando Egwene começava a pensar em acalmar os ânimos, já estava quase borbulhando de raiva, com os pés fincados no chão, e tentar ser cordata só significaria recuar. Era assim que Nynaeve enxergava, sem dúvida. Não conseguia se lembrar de uma única vez em que a antiga Sabedoria fizera

qualquer movimento de retirada, então por que deveria fazer isso? Dessa vez Elayne não estava lá. Com uma palavra e um gesto, Moiraine mandara a Filha-herdeira acompanhar a Donzela que viera chamar a Aes Sedai. Sem ela, a tensão só aumentava. Cada Aceita esperava que a outra piscasse primeiro. Aviendha mal respirava, parecia se esforçar para manter-se afastada do confronto. Decerto considerava uma questão de bom senso não se meter.

Por mais estranho que fosse, foi Amico quem desfez o impasse daquela vez, embora provavelmente só desejasse demonstrar cooperação. A mulher se virou e encarou a parede oposta, esperando para ser amarrada com muita paciência.

A tolice da situação deixou Egwene subitamente impressionada. Ela era a única mulher no recinto capaz de canalizar — a não ser que Nynaeve ficasse irritada, ou que o escudo de Joiya falhasse, e, sem perceber, testou mais uma vez a trama de Espírito para garantir que aquilo não aconteceria — e mesmo assim se envolvia em uma disputa de olhares enquanto Amico aguardava para ser presa. Em outro momento, talvez tivesse rido de si mesma bem alto. Em vez disso, abriu-se a *saidar*, aquele brilho caloroso jamais visto mas sempre sentido, que parecia sempre prestes a ver de canto de olho. O Poder Único a preencheu, tornando a vida duas vezes mais maravilhosa, e ela urdiu os fluxos ao redor de Amico.

Nynaeve apenas grunhiu. Era pouco provável que estivesse irritada o suficiente para sentir o que Egwene estava fazendo — não conseguia fazer isso sem estar de cabeça quente — mas pôde ver Amico se enrijecer quando os fluxos de Ar a tocaram, depois deixou os ombros desabarem, parcialmente sustentados pelo fluxo, como se para mostrar que oferecia pouca resistência.

Aviendha estremeceu, como se habituara a fazer quando sabia que o Poder estava sendo canalizado perto dela.

Egwene urdiu barreiras para os ouvidos de Amico — interrogá-las uma de cada vez não ajudava em nada se fossem capazes de ouvir as histórias uma da outra — e virou-se para Joiya. Trocou o leque de mão, para conseguir esfregar as duas no vestido, e parou, com uma careta de desgosto. As palmas suadas nada tinham a ver com a temperatura.

— O rosto dela — comentou Aviendha, de repente. O que foi uma surpresa, pois ela quase nunca falava, a não ser que fosse abordada por Moiraine ou uma das outras. — O rosto de Amico. Ela não tem a mesma aparência de antes, como se os anos não a tivessem tocado. Não era assim. Isso acontece porque ela foi... Porque ela foi estancada?

Ela parou de repente, sem fôlego. Por estar tão próxima às outras, adquirira alguns hábitos. Nenhuma mulher da Torre conseguia falar sobre estancamento sem estremeecer.

Egwene contornou a mesa até onde pudesse ver o perfil de Amico, mas ainda fora do campo de visão de Joiya. O olhar da antiga Cinza sempre fazia seu estômago virar um bloco de gelo.

Aviendha tinha razão, era a mesma diferença que ela própria percebera, sem entender. Amico parecia jovem, até mais jovem do que de fato era, mas

não tinha mais o semblante sem idade das Aes Sedai que haviam operado o Poder Único durante anos.

— Você tem olhos aguçados, Aviendha, mas não sei se isso tem alguma coisa a ver com o estancamento. Suponho que sim. Não sei o que mais poderia ter causado.

Percebeu que não soara muito como as Aes Sedai, que costumavam falar como se soubessem tudo. Quando uma Aes Sedai afirmava não saber algo, em geral dava um jeito de fazer parecer que sua ignorância encobria muito conhecimento. Enquanto quebrava a cabeça em busca de algo mais pomposo, Nynaeve veio em seu resgate.

— Relativamente poucas Aes Sedai já foram exauridas, Aviendha, e menos ainda foram estancadas.

“Exaurir” era quando a coisa acontecia por acidente. Oficialmente, o estancamento era resultado de um julgamento e uma sentença. Egwene não via motivo para essa diferenciação, na verdade. Era como ter duas palavras para dizer “rolar escada abaixo”, e o uso dependia se a pessoa tivesse tropeçado ou sido empurrada. A maioria das Aes Sedai parecia encarar tudo de uma só forma, aliás, exceto ao ensinar as noviças ou Aceitas. Eram três palavras, na verdade. Os homens eram “amansados”, tinham de ser amansados antes que enlouquecessem. Só que agora havia Rand, e a Torre não se atrevia a amansá-lo.

Nynaeve assumira um tom professoral, sem dúvida tentando soar como uma Aes Sedai. Egwene percebeu que a amiga imitava as aulas de Sheriam, as mãos firmes na cintura e um leve sorriso a expressar que tudo era muito simples, bastava prestar atenção.

— O estancamento não é algo que alguém decide estudar, compreende? — prosseguiu Nynaeve. — Em geral é algo aceito como irreversível. O que torna uma mulher capaz de canalizar, uma vez removido, não pode ser substituído, assim como uma única mão perdida não pode voltar a existir por meio de Cura. — Pelo menos ninguém nunca conseguira Curar um estancamento. Houve tentativas. O que Nynaeve disse era a maior parte verdade, mas algumas irmãs da Ajah Marrom estudavam quase tudo o que tinham chance, e algumas irmãs Amarelas, as melhores Curandeiras, tentavam aprender formas de Curar tudo. Porém, nunca houvera sequer uma pontinha de sucesso nas tentativas de Curar uma mulher estancada. — Além desse terrível fato, pouco se sabe. É raro mulheres estancadas viverem mais do que alguns anos. Parecem querer deixar de viver, desistem. Como eu disse, é um assunto bastante desagradável.

Aviendha mudou de posição, incomodada.

— Só pensei que pudesse ser isso — disse, com a voz baixa.

Egwene também pensava que poderia ser. Decidiu perguntar a Moiraine. Se a encontrasse sem Aviendha. Parecia que a farsa atrapalhava quase tanto quanto ajudava.

— Vamos ver se Joiya ainda conta a mesma história — sugeriu.

Mesmo assim, precisou se controlar antes de desfazer os fluxos de Ar urdidos em volta da Amiga das Trevas.

Joiya decerto estava dolorida por ter ficado imóvel por tanto tempo, mas virou-se para encará-las com muita suavidade. O suor que gotejava na testa não era capaz de rebaixar sua presença e dignidade, não mais do que o vestido bruto de lã grossa reduzia a sensação de que ela estava ali por escolha própria. Era uma mulher vistosa, com um ar maternal e meio reconfortante, apesar da suavidade etérea. No entanto, os olhos escuros fincados naquele rosto faziam até um gavião parecer bondoso. Ela sorriu para as duas, um sorriso que jamais chegava aos olhos.

— Que a Luz as ilumine. Que a mão do Criador as proteja.

— Não vou ouvir isso de você. — A voz de Nynaeve era quieta e calma, mas ela jogou a trança por cima do ombro e cerrou o punho em torno da ponta, como fazia quando estava nervosa ou incomodada. Egwene não achou que ela estivesse incomodada, Joiya não parecia fazer a pele de Nynaeve se arrepiar como fazia a de Egwene.

— Estou arrependida dos meus pecados — disse Joiya, muito calma. — O Dragão Renasceu e empunha *Callandor*. As Profecias foram cumpridas. O Tenebroso deve cair. Posso ver isso agora. Meu arrependimento é real. Ninguém pode andar tanto tempo pela Sombra que não seja capaz de retornar à Luz.

A cada palavra, o rosto de Nynaeve ficava mais sombrio. Egwene tinha certeza de que ela estava furiosa a ponto de canalizar, mas, se o fizesse, provavelmente seria para estrangular a Aes Sedai. Egwene não acreditava mais do que Nynaeve no arrependimento de Joiya, sem dúvida, mas as informações da mulher talvez fossem verdadeiras. Joiya era bastante capaz de tomar a fria decisão de se voltar para o lado que julgava vencedor. Ou poderia apenas estar ganhando tempo, mentindo, na esperança de ser resgatada.

Uma Aes Sedai não deveria ser capaz de mentir, mesmo uma que tivesse perdido todo o direito a esse nome. Pelo menos, não mentiras deslavadas. O primeiro dos Três Juramentos, feito com o Bastão dos Juramentos nas mãos, garantia isso. Porém, quaisquer que fossem os votos proferidos ao Tenebroso pela Ajah Negra, eles pareciam romper todos os Três Juramentos.

Não importava. A Amyrlin as enviara à caça da Ajah Negra, à caça de Liandrin e das outras doze que haviam cometido crimes e fugido da Torre. E tudo o que elas tinham agora para prosseguir era o que aquelas duas pudessem, ou quisessem, revelar.

— Conte sua versão de novo — ordenou Egwene. — Use palavras diferentes desta vez. Estou cansada de ouvir histórias decoradas. — Caso a mulher estivesse mentido, haveria uma chance maior de tropeçar nas palavras se as relatasse de outra forma. — Vamos ouvir o que você tem a dizer.

Isso fora para acalmar Nynaeve, que deu uma fungada alta, depois um breve aceno de cabeça.

Joiya deu de ombros.

— Como quiser. Deixe-me ver. Palavras diferentes. O falso Dragão, Mazrim Taim, que foi capturado em Saldaea, é capaz de canalizar com uma força incrível. Talvez tanto quanto Rand al'Thor, ou quase, se os relatos forem

verdadeiros. Antes que possa ser levado a Tar Valon e amansado, Liandrin pretende libertá-lo. Ele será proclamado o Dragão Renascido, seu nome será revelado como Rand al'Thor, e ele vai operar uma destruição em uma escala que o mundo não vê desde a Guerra dos Cem Anos.

— Isso é impossível — interrompeu Nynaeve. — O Padrão não vai aceitar um falso Dragão, não agora que Rand se proclamou.

Egwene suspirou. As duas já haviam debatido isso, mas Nynaeve sempre refutava esse ponto. Ela não sabia ao certo se a amiga de fato acreditava que Rand era o Dragão Renascido, não importava o que ele dissesse, não importava as Profecias, *Callandor* ou a queda da Pedra. Nynaeve tinha idade suficiente para ter cuidado de Rand quando ele era criança, assim como cuidara de Egwene. Ele era de Campo de Emond, e a antiga Sabedoria ainda achava que seu maior dever era proteger o povo de lá.

— Foi isso que Moiraine lhes disse? — perguntou Joiya, com um toque de desprezo. — Moiraine passou pouco tempo na Torre desde que foi elevada, e não muito mais com suas irmãs, em outros locais. Suponho que ela saiba sobre o funcionamento da vida em uma aldeia, talvez até algo da política entre nações, mas alega certeza em relação a assuntos que aprendeu apenas em estudos e debates com os que de fato os conhecem. Ainda assim, talvez esteja certa. Pode muito bem ser impossível que Mazrim Taim proclame a si mesmo. Mas será que existe alguma diferença se outros o fizerem por ele?

Egwene desejou que Moiraine retornasse. A mulher não falaria com tanta confiança se Moiraine estivesse ali. Joiya sabia muito bem que ela e Nynaeve eram apenas Aceitas. Isso fazia diferença.

— Prossiga — disse Egwene, quase tão severa quanto Nynaeve. — E lembre-se, palavras diferentes.

— É claro — respondeu Joiya, como se aceitasse um agradável convite, mas os olhos cintilavam feito cacos de vidro negro. — Vocês podem ver o resultado óbvio. Rand al'Thor será considerado culpado pela destruição de... Rand al'Thor. Até a prova de que os dois não são o mesmo homem poderá muito bem ser desconsiderada. Afinal de contas, quem é que pode dizer de que truques o Dragão Renascido é capaz? Talvez até possa estar em dois lugares ao mesmo tempo. Até os idiotas que vivem apoiando falsos Dragões vão hesitar diante do massacre indiscriminado e das coisas piores que vão acontecer em nome dele. Os que não recuarem diante de tal carnificina buscarão o Rand al'Thor que parece deleitar-se com sangue. As nações vão se unir, como fizeram na Guerra dos Aiel — ela lançou um sorriso culpado a Aviendha, o que não condizia com seus olhos impiedosos — mas sem dúvida muito mais depressa. Nem o Dragão Renascido é capaz de lutar contra isso, não para sempre. Ele será esmagado antes mesmo de a Última Batalha começar, e pelos mesmos homens que deveria salvar. O Tenebroso vai se libertar, o dia de Tarmon Gai'don chegará, e a Sombra cobrirá a terra e reorganizará o Padrão por todos os tempos. Este é o plano de Liandrin. — Não havia nenhum traço de satisfação em sua voz, mas também não havia horror.

Era uma história plausível, mais plausível que o conto de Amico sobre algumas poucas frases entreouvadas, mas Egwene acreditava em Amico, não

em Joiya. Talvez porque quisesse isso. Era mais fácil enfrentar alguma vaga ameaça em Tanchico do que um plano completo para jogar tudo contra Rand. *Não*, pensou. *Joiya está mentindo. Tenho certeza.* Ainda assim não podiam ignorar qualquer uma das histórias. Mas não tinham como ir atrás das duas, não se quisessem ter alguma chance de sucesso.

A porta se abriu de supetão, e Moiraine entrou pisando firme, com Elayne atrás. A Filha-herdeira encarava o chão diante dos próprios pés com uma careta, perdida em pensamentos obscuros. Moiraine, no entanto... Pela primeira vez, a serenidade da Aes Sedai desaparecera, e seu rosto estava coberto de fúria.





PORTAIS

— Rand al'Thor — disse Moiraine, com uma voz baixa e tensa — é um cabeça de mula teimoso de um... um... de um homem!

Elayne ergueu o queixo, irritada. Lini, sua ama, costumava dizer que era mais fácil tecer seda de pelos de porco do que fazer de um homem qualquer coisa além de um homem. Mas isso não era desculpa para Rand.

— Nós os criamos desse jeito em Dois Rios. — De súbito, Nynaeve exibiu um sorriso de satisfação mal contida. Nunca conseguia esconder o desagrado que sentia com as Aes Sedai tão bem quanto pensava. — As mulheres de Dois Rios nunca têm problemas com os homens.

Pelo olhar surpreso que Egwene lançou a ela, aquela era uma mentira tão grande que seria garantia de ter a boca lavada com sabão.

Moiraine franziu a testa, como se estivesse prestes a responder a Nynaeve de forma ainda mais dura. Elayne se mexeu, inquieta, mas não encontrou qualquer coisa para dizer que pudesse impedir uma discussão. Rand continuava dançando em sua mente. Mas que direito ela tinha?

Foi Egwene quem se pronunciou:

— O que foi que ele fez, Moiraine?

A Aes Sedai virou os olhos para Egwene com uma expressão tão firme que a jovem deu um passo atrás, abriu o leque de repente e começou, nervosa, a abanar o rosto. Mas o olhar de Moiraine parou em Joiya e Amico, uma a observá-la desconfiada, a outra contida e alheia a tudo além da parede oposta.

Elayne levou um pequeno susto ao perceber que Joiya não estava impedida de ouvir e de se mover. Mais do que depressa, conferiu o escudo que bloqueava a mulher do contato com a Fonte Verdadeira. Torceu para que nenhuma das outras tivesse reparado em seu susto. Joiya a assustava muito, mas Egwene e Nynaeve não pareciam sentir mais medo dela do que

sentiam de Moiraine. Às vezes, era difícil ser corajosa como era esperado da Filha-herdeira de Andor. Era comum ela se surpreender desejando conseguir lidar tão bem com as coisas quanto as outras duas.

— Os guardas — resmungou Moiraine, como se para si mesma. — Eu os vi parados no corredor e sequer pensei.

Ela alisou o vestido, fazendo um esforço óbvio para se recompor. Elayne achava que nunca vira Moiraine tão fora de si como naquela noite. Mas, também, a Aes Sedai tinha motivo. *Não mais do que eu. Ou será que eu tenho?* Ela se pegou tentando não encarar Egwene nos olhos.

Caso fossem Egwene, Nynaeve ou Elayne que estivessem fora de si, Joiya sem dúvida teria dito algo, sutil e com duplo sentido, pensado para aborrecê-las ainda mais. Se estivessem sozinhas, pelo menos. Com Moiraine, ela apenas observava, silenciosa e desconfortável.

Moiraine caminhou ao lado da mesa, já mais calma. Joiya era quase uma cabeça mais alta que ela, mas, mesmo se estivesse vestida em sedas, não haveria dúvida a respeito de quem estava no comando da situação. Joiya não recuou, mas suas mãos apertaram as saias por um instante antes que ela as controlasse.

— Fiz alguns arranjos — disse Moiraine, baixinho. — Daqui a quatro dias vocês vão embarcar em um navio rio acima, em direção a Tar Valon e à Torre. Lá não são tão brandos quanto temos sido. Se ainda não descobriu a verdade até agora, descubra antes de chegarem à Baía do Sul, ou sem dúvida acabará na forca do Pátio dos Traidores. Não vou mais falar com você, a não ser que mande me chamar para contar alguma novidade. E não quero ouvir mais uma palavra, nenhuma sequer, a menos que *seja* novidade. Acredite em mim, isso vai poupar muita dor em Tar Valon. Aviendha, pode mandar o capitão trazer dois dos homens dele? — Elayne piscou enquanto a Aiel se levantava e desaparecia pela porta. Às vezes, Aviendha era tão silenciosa que parecia nem estar presente.

Joiya mexia o rosto como se quisesse dizer algo, mas Moiraine a encarou, e, depois de um tempo, a Amiga das Trevas desviou os olhos. Eles reluziam como os de um corvo, cheios de mortes obscuras, mas a mulher segurou a língua.

Elayne viu um brilho tênue, branco-dourado, rodear Moiraine de repente, o brilho de uma mulher abraçando *saidar*. Apenas uma pessoa treinada para canalizar era capaz de vê-lo. Os fluxos que prendiam Amico se desataram mais depressa do que Elayne poderia ter feito. Ela era mais forte que Moiraine, pelo menos em potencial. Na Torre, as mulheres que a ensinavam quase não acreditavam no tamanho de sua capacidade, e também na de Egwene e Nynaeve. A mulher de trança era a mais forte de todas — quando conseguia canalizar. No entanto, Moiraine tinha experiência. Fazia de olhos fechados o que as três ainda estavam aprendendo. Ainda assim, havia algumas coisas que Elayne e as outras duas eram capazes de fazer mas a Aes Sedai não conseguia. Era uma pequena satisfação diante da facilidade com que Moiraine acovardava Joiya.

Livre, em condições de falar, Amico se virou e percebeu pela primeira vez a presença de Moiraine. Com um ganido, ela se curvou em uma mesura tão

profunda quanto a de qualquer noíça. Joiya mantinha os olhos cravados na porta, evitando o olhar das outras. Nynaeve, de braços cruzados, com as juntas dos dedos brancas da força que fazia ao agarrar a trança, lançava a Moiraine um olhar quase tão mortífero quanto o de Joiya. Egwene apalpou a saia e cravou os olhos na antiga Cinza. Elayne franziu o rosto, desejando ser forte como Egwene, desejando não sentir que traía a amiga. No mesmo instante, o capitão entrou na sala com mais dois Defensores de preto e dourado. Aviendha não estava com eles, parecia ter aproveitado a oportunidade para escapar da Aes Sedai.

O oficial grisalho, com um elmo com abas e duas pequenas plumas brancas, encolheu-se quando seus olhos encontraram os de Joiya, embora ela sequer tivesse demonstrado que o vira. O olhar do homem saltou de mulher a mulher, indeciso. O salão tinha um clima de problemas, e nenhum homem sábio queria problemas vindos desse tipo de mulheres. Os dois soldados agarraram as lanças compridas ao lado do corpo, quase como se temessem ter de se defender. Talvez de fato temessem.

— Vocês, levem essas duas de volta para as celas — mandou Moiraine, falando de forma áspera com o oficial. — Repitam as instruções. Não quero nenhum erro.

— Sim, Ae... — A garganta do capitão travou. Ele engoliu em seco. — Sim, milady — respondeu, olhando-a com ansiedade para ver se o tratamento bastaria. Quando a mulher continuou a encará-lo, esperando, ele soltou um suspiro alto de alívio. — As prisioneiras não devem falar com ninguém, exceto comigo, nem mesmo entre si. Vinte homens no aposento da guarda e dois do lado de fora de cada cela o tempo inteiro, quatro se a porta de alguma das celas precisar ser aberta por qualquer motivo. Eu mesmo supervisiono o preparo das refeições e as entrego a elas. Tudo como a senhora ordenou, milady. — Uma pontada de dúvida pairava em sua voz.

Centenas de rumores corriam a Pedra em relação às prisioneiras e ao motivo de as duas mulheres terem de ser vigiadas com tanto afincio. O povo também sussurrava histórias sobre as Aes Sedai, cada uma mais sombria do que a outra.

— Muito bem — respondeu Moiraine. — Leve as duas.

Não estava claro quem estava mais ansioso para deixar o aposento, as prisioneiras ou os guardas. Até Joiya andava depressa, como se não aguentasse ficar calada ao lado de Moiraine mais nem um instante.

Elayne estava certa de que mantivera o semblante tranquilo desde que entrara no quarto, mas Egwene aproximou-se e a abraçou.

— Qual é o problema, Elayne? Você parece prestes a chorar.

A preocupação em sua voz fez Elayne sentir que irromperia em lágrimas. *Luz!*, pensou. *Não vou ser assim tão boba. Não vou!*

— *Uma mulher chorosa é um poço sem fundo.* — Lini sempre fora cheia de ditados como esse.

— Três vezes — reclamou Nynaeve para Moiraine, com rudeza — só três! Foi o quanto você consentiu em nos ajudar a interrogá-las. Desta vez você desapareceu antes mesmo de começarmos, e agora anuncia, com toda a

calma, que vai mandá-las para Tar Valon! Se não vai ajudar, pelo menos não atrapalhe!

— Não vá presumindo que a autoridade da Amyrlin chegue tão longe — retrucou Moiraine, com frieza. — Ela pode ter mandado vocês irem atrás de Liandrin, mas as três ainda são apenas Aceitas, e desgraçadamente ignorantes, independente das cartas que carregam. Ou será que queriam ficar interrogando as duas para sempre, até tomarem uma decisão? Vocês de Dois Rios parecem viver evitando decisões que precisam ser tomadas. — Nynaeve abriu e fechou a boca, os olhos esbugalhados, como se refletindo sobre qual das acusações responderia primeiro, mas Moiraine se virou para Egwene e Elayne. — Recomponha-se, Elayne. Não sei como você vai cumprir as ordens da Amyrlin se pensa que todas as terras têm os mesmos costumes de onde nasceu. E também não sei por que está tão perturbada. Não deixe que seus sentimentos machuquem os outros.

— Como assim? — perguntou Egwene. — Que costumes? Do que você está falando?

— Berelain esteve nos aposentos de Rand — disse Elayne, em voz baixa, incapaz de se conter.

Seus olhos trêmulos encararam Egwene. Ela sem dúvida encobria os próprios sentimentos. Moiraine lançou um olhar reprovador e suspirou.

— Eu pouparia você disso se pudesse, Egwene. Se Elayne não tivesse deixado o nojo que sentiu de Berelain afetar o juízo. Os costumes de Mayene não são os mesmos dos locais onde vocês duas nasceram. Egwene, sei o que você sente por Rand, mas precisa compreender que agora isso não vai dar em nada. Ele pertence ao Padrão e à história.

Parecendo ignorar a Aes Sedai, Egwene encarou Elayne nos olhos. A Filha-herdeira quis desviar o olhar, mas não conseguiu. De repente, Egwene se inclinou mais para perto, curvou a mão em concha e sussurrou:

— Eu o amo. Como um irmão. E a você como uma irmã. Desejo tudo de bom aos dois.

Os olhos de Elayne se arregalaram, e um sorriso se abriu em seu rosto. Ela respondeu ao abraço de Elayne com outro bem forte.

— Obrigada — murmurou, baixinho. — Eu amo você também, irmã. Ah, muito obrigada.

— Ela entendeu errado — disse Egwene, meio para si mesma, um sorriso de satisfação escancarado no rosto. — Você já se apaixonou, Moiraine?

Que pergunta espantosa. Elayne jamais poderia imaginar a Aes Sedai apaixonada. Moiraine era da Ajah Azul, e diziam que as irmãs azuis entregavam todas as paixões às suas causas.

A mulher esguia não se surpreendeu nem um pouco. Por um longo instante, encarou as duas de braços dados com muita calma. Por fim, disse:

— Eu poderia apostar que sei o rosto do homem com quem vou me casar mais do que qualquer uma de vocês conhece o futuro marido.

Egwene ficou boquiaberta.

— Quem? — perguntou Elayne, arquejando.

A Aes Sedai pareceu arrependida do que dissera.

— Talvez eu só tenha querido dizer que dividimos essa ignorância. Não interpretem muito de algumas poucas palavras. — Olhou contemplativa para Nynaeve. — Se eu algum dia escolher um homem, se escolher, eu disse, esse homem não será Lan. Isso é tudo o que posso dizer.

Aquilo fora dito para acalmar Nynaeve, mas ela não pareceu ter gostado de ouvir. A mulher emburrada tinha pela frente o que Lini chamaria de “um trecho de terra difícil de carpir”: não era apenas um Guardião quem amava, mas um homem que tentava negar que correspondia seu amor. Tolo como era, o homem falava da guerra contra a Sombra na qual era incapaz de parar de lutar e que jamais venceria, de sua recusa em vestir Nynaeve em roupas de viúva no dia da festa de casamento. Coisas estúpidas do tipo. Elayne não entendia como a amiga conseguia aguentar. Não era uma mulher muito paciente.

— Se já tiverem terminado de tagarelar sobre homens — retrucou Nynaeve em um tom ácido, como se para comprovar a impaciência — talvez pudéssemos voltar ao que é importante? — Agarrando a trança com vigor, sua voz ganhou força e velocidade enquanto ela prosseguia, tal e qual uma roda-d'água com as engrenagens soltas: — Como é que vamos descobrir se Joiya ou Amico estão mentindo se você as mandar embora? Ou se as duas estiverem mentindo? Ou se nenhuma estiver? Não aprecio essa confusão, Moiraine, independente do que você pensa, mas já pisei em muitas armadilhas para querer pisar em mais uma. E também não quero ficar perseguindo ilusões. Fui eu... fomos nós quem a Amyrlin enviou atrás de Liandrin e suas comparsas. Já que você não parece considerá-las importantes o bastante para gastar mais de um instante para nos ajudar, o mínimo que pode fazer é não nos dar uma rasteira!

A mulher parecia prestes a arrancar a trança e tentar estrangular a Aes Sedai com ela. Moiraine exibia uma calma cristalina e perigosa, mostrando que poderia estar prestes a ensinar a mesma lição sobre segurar a língua que ensinara a Joiya. Elayne decidiu que era hora de parar de se lamentar. Não sabia como viera a assumir o papel de pacificadora dessas mulheres — às vezes desejava puxar todas pelos cabelos e sacudi-las — mas sua mãe sempre dizia que nenhuma boa decisão nascia da raiva.

— Talvez queira acrescentar à lista do que deseja saber — disse Elayne — por que fomos chamadas por Rand. Ou seja, para onde Careen nos levou. Ele agora está bem, é claro. Moiraine o curou. — Não pôde conter um arrepio ao pensar na breve olhadela que deu dentro do quarto, mas a distração funcionou às maravilhas.

— Curou? — Nynaeve arquejou. — O que aconteceu com ele?

— Ele quase morreu — respondeu a Aes Sedai, calma como se dissesse que o homem tomara um bule de chá.

Elayne sentiu Egwene tremendo enquanto as duas escutavam o relato sem emoção de Moiraine, mas talvez um pouco do tremor fosse dela mesma. Maldade borbulhando pelo Padrão. Reflexos saltando de espelhos. Rand, uma massa de sangue e feridas. Quase como uma reflexão tardia, Moiraine acrescentou que tinha certeza de que Perrin e Mat haviam vivido algo

parecido, mas conseguiram escapar ilesos. A mulher devia ter gelo correndo nas veias. *Não, ela estava bastante inflamada com a teimosia de Rand. E também não falou de casamento com frieza, por mais que tivesse tentado.* Agora, no entanto, poderia muito bem estar refletindo se um botão de seda era da cor certa para um vestido.

— E essas... essas coisas vão continuar acontecendo? — indagou Egwene, quando Moiraine terminou. — Não há nada que você possa fazer para parar? Ou que Rand possa fazer?

A pequena pedra azul que pendia dos cabelos de Moiraine se sacudiu quando ela balançou a cabeça.

— Não até que ele aprenda a controlar suas habilidades. Talvez nem depois disso. Não sei dizer se ele vai ser forte o bastante para empurrar o miasma para longe de si. Mas pelo menos terá mais condições de se defender sozinho.

— Você não pode fazer nada para ajudá-lo? — perguntou Nynaeve. — É você quem deveria saber tudo, ou pelo menos fingir que sabe. Não pode ensinar a ele? Uma parte, pelo menos? E não venha com esses ditados sobre pássaros ensinarem peixes a voar.

— Você saberia — respondeu Moiraine — se tivesse aproveitado melhor seus estudos. Você deveria saber. Quer saber como usar o Poder, Nynaeve, mas não se dá ao trabalho de *aprender* sobre o Poder. *Saidin não é saidar.* Os fluxos são diferentes, os caminhos de tessitura são diferentes. O pássaro tem mais chance.

Foi a vez de Egwene tentar dissolver a tensão.

— Com o que Rand está teimando agora? — Nynaeve abriu a boca, e Egwene acrescentou: — Ele às vezes consegue ser teimoso como uma pedra.

Nynaeve fechou a boca de repente. Todas sabiam como aquilo era verdade.

Moiraine observou as três, pensativa. Às vezes, Elayne não conseguia ter certeza de quanto a Aes Sedaí confiava nelas. Ou em qualquer um.

— Ele precisa agir — disse a Aes Sedaí, por fim. — Em vez disso, fica sentado aqui, e os tairenos já começaram a perder o medo dele. Ele continua sentado, e, quanto mais permanecer sem fazer nada, mais os Abandonados verão sua inércia como sinal de fraqueza. O Padrão se move em um fluxo, apenas os mortos ficam imóveis. Ele precisa agir, ou morrerá. Com uma flechada nas costas, veneno na comida, ou com os Abandonados se reunindo em um bando para arrancar a alma de seu corpo.

Elayne se encolhia a cada perigo na lista. Saber que eram reais apenas piorava as coisas.

— E você sabe o que ele deve fazer, não sabe? — indagou Nynaeve, firme. — Você tem tudo planejado.

Moiraine assentiu.

— Você preferiria que ele saísse sozinho, desenfreado, mais uma vez? Não ousa arriscar uma coisa dessas. Ele pode acabar morrendo, ou coisa pior, antes que eu o encontre.

Aquilo era bem verdade. Rand mal sabia o que estava fazendo. E Elayne tinha certeza de que Moiraine não queria perder a pouca orientação que ainda concedia a ele. O pouco que ele permitia que concedesse.

— Você vai compartilhar seu plano para ele conosco? — inquiriu Egwene.

Ela com certeza não estava mais ajudando a suavizar o clima.

— Sim, faça isso — concordou Elayne, surpreendendo a si mesma, ecoando o tom frio de Egwene.

Ela não era adepta de confrontos, quando podia evitar. A mãe sempre dizia que era melhor guiar os outros do que tentar colocá-los na linha a marteladas.

Se os modos das moças irritaram Moiraine, ela não demonstrou.

— Desde que compreendam que precisam manter isso entre vocês. Um plano revelado é um plano fadado ao fracasso. Sim, vejo que compreendem.

Elayne decerto compreendia. O plano era perigoso, e Moiraine não sabia ao certo se iria funcionar.

— Sammael está em Illian — prosseguiu a Aes Sedai. — Os tairenos estão sempre tão preparados para a guerra com Illian quanto o inverso. Os dois povos já se enfrentam de forma intermitente há mil anos, e discutem suas chances de vencer como outros homens conversam sobre o próximo festival. Duvido até que saber da presença de Sammael pudesse mudar isso, não com o Dragão Renascido para conduzi-los. Tear seguirá Rand ansiosamente nesta empreitada, e, se ele derrotar Sammael...

— Luz! — exclamou Nynaeve. — Você não está querendo que ele comece uma simples guerra, quer que ele vá atrás de um dos Abandonados! Não me admira que Rand esteja sendo teimoso. Para um homem, ele não é bobo.

— Ele precisa enfrentar o Tenebroso no fim — lembrou-a Moiraine, muito calma. — Você acha mesmo que ele pode evitar os Abandonados? Quanto à guerra, já há guerras suficientes sem ele, e cada uma mais inútil que a outra.

— Toda guerra é inútil — começou Elayne, e hesitou de repente, ao se encher de compreensão.

Tristeza e arrependimento também estamparam seu rosto, mas sem dúvida compreensão. A mãe sempre lhe ensinara sobre como uma nação era conduzida, além de como era governada, duas coisas muito diferentes, porém ambas necessárias. E, às vezes, certas coisas muito desagradáveis precisavam ser feitas pelo bem de ambas, e o preço de não fazê-las era ainda pior.

Moiraine lhe lançou um olhar complacente.

— Nem sempre é agradável, não é? Suponho que, quando você quase não tinha idade para compreender, sua mãe tenha começado a ensiná-la a respeito do que teria de governar depois dela. — Moiraine crescera no Palácio Real em Cairhien. Não estava destinada a reinar, mas fazia parte da família real e sem dúvida ouvira os mesmos ensinamentos. — Ainda assim, às vezes parece que seria melhor ficar na ignorância, ser uma fazendeira que não conhece nada além das fronteiras de suas terras.

— Mais charadas? — indagou Nynaeve, com desdém. — A guerra era algo que eu costumava ouvir de mascates, uma coisa muito distante, que eu não entendia bem. Agora, sei o que é. Homens matando homens. Homens se

comportando feito animais, reduzidos a animais. Aldeias incendiadas, fazendas e campos incendiados. Fome, doença e morte, tanto para inocentes quanto para culpados. O que é que torna essa sua guerra melhor, Moiraine? O que a torna mais limpa?

— Elayne? — disse Moiraine, baixinho.

Ela balançou a cabeça — não queria ser a pessoa a explicar aquilo — mas não sabia dizer se sua mãe, sentada no Trono do Leão, teria se calado diante do olhar sombrio e persuasivo de Moiraine.

— A guerra virá quer Rand a inicie ou não — começou, relutante. Egwene deu um passo atrás com um olhar de descrença tão penetrante quanto o de Nynaeve. Quando Elayne prosseguiu, a incredulidade foi esvanecendo dos rostos das duas outras mulheres. — Os Abandonados não vão ficar parados esperando. Sammael talvez não tenha sido o único a agarrar as rédeas de uma nação, talvez tenha sido apenas o único de que sabemos. Algum dia eles virão atrás de Rand, talvez em pessoa, mas sem dúvida com exércitos sob seu comando. E as nações livres dos Abandonados? Quantos vão clamar glória ao estandarte do Dragão e acompanhá-lo a Tarmon Gaidon, e quantos vão convencer a si mesmos de que a queda da Pedra é uma mentira, de que Rand é apenas mais um falso Dragão que deve ser abatido, um falso Dragão talvez forte o bastante para ameaçá-los, caso não o ataquem primeiro? De um jeito ou de outro, a guerra *virá*. — Ela parou de repente. Ainda havia mais, porém não podia, nem iria, contar a outra parte.

Moiraine não foi tão reticente.

— Muito bom — disse, assentindo — mas incompleto. O olhar que lançou a Elayne revelava que ela sabia que a menina deixara aquilo de fora de propósito. De mãos cruzadas placidamente sobre a cintura, dirigiu-se a Nynaeve e Egwene: — Nada torna esta guerra melhor ou mais limpa. Apenas isso vai cimentar os tairenos a ele, e os illianenses acabarão seguindo-o, assim como os tairenos fazem agora. Como não o fariam, depois que o estandarte do Dragão tremeluzir por sobre Illian? Apenas a notícia da vitória poderá decidir as guerras em Tarabon e Arad Doman a seu favor. Guerras que *terminarão* por vocês.

“Em um só golpe, ele se tornará tão forte comparado a homens e espadas que apenas uma coalizão de cada nação que restar daqui até a Praga poderá derrotá-lo, e, com o mesmo golpe, mostrará aos Abandonados que não é uma perdez gorda e claudicante que pode ser aprisionada em uma rede. Isso os deixará cautelosos e dará a ele tempo para aprender a usar a própria força. Ele precisa fazer o primeiro movimento, ser o martelo, não o prego. — A Aes Sedai fez uma leve careta, maculando a calma com um traço da irritação anterior. — Ele *precisa* fazer o primeiro movimento. E o que é que ele faz? Ele lê. Lê e se afunda cada vez mais.

Nynaeve parecia abalada, como se fosse capaz de enxergar todas as batalhas e mortes. Os olhos negros de Egwene estavam arregalados, cheios de uma compreensão horrorizada. Os rostos das outras fizeram Elayne estremecer. Uma delas vira Rand crescer, a outra crescera com ele. Agora o viam começando guerras. Não o Dragão Renascido, mas Rand al'Thor.

A luta interior que Egwene travava era visível. Ela se agarrou à menor parte, à mais irrelevante de todas as que Moiraine dissera.

— Como é que ler pode causar problemas para ele?

— Ele decidiu desvendar sozinho as Profecias do Dragão. — O rosto de Moiraine permanecia frio e impassível, mas de súbito ela pareceu quase tão cansada quanto Elayne. — Elas podem ser proibidas em Tear, mas o bibliotecário-chefe tinha nove traduções diferentes trancadas em um baú. Rand agora está com todas. Eu indiquei o verso que se aplica nessa situação, e ele o recitou para mim, de uma antiga tradução kendoriana.

*“Do poder da Sombra fez-se carne humana,
despertada em caos, contenda e ruína.
O Renascido, marcado e sangrento,
baila a espada em bruma e sonhos,
acorrenta à sua vontade os Jurados pelas Sombras,
da cidade, perdida e abandonada,
reconduz as lanças à guerra,
quebra as lanças e os faz enxergar
a verdade há muito oculta no velho sonho.”*

Ela fez uma careta.

— Pode se aplicar a isso tanto quanto a qualquer outra coisa. Illian, sob as ordens de Sammael, sem dúvida é uma cidade abandonada. Levar as lanças tairenas à guerra, acorrentar Sammael, e pronto, ele realizou o verso. O velho sonho do Dragão Renascido. Mas não consegue enxergar. Tem até uma cópia na Língua Antiga, como se entendesse duas palavras. Está perseguindo sombras, e Sammael, ou Rahvin, ou Lanfear podem agarrá-lo pela garganta antes que eu consiga convencê-lo desse erro.

— Ele está desesperado. — O tom suave de Nynaeve não era por Moiraine, Elayne tinha certeza, mas por Rand. — Desesperado, tentando encontrar o caminho.

— Eu também estou desesperada — retrucou Moiraine, com firmeza. — Dediquei a vida a encontrá-lo, não vou permitir que ele fracasse, se eu puder evitar. Estou quase desesperada a ponto de... — Ela parou, apertando os lábios. — Basta dizer que farei o que for preciso.

— Não basta — intrometeu-se Egwene bruscamente. — O que é que você vai fazer?

— Vocês têm outros assuntos com que se preocupar — retrucou a Aes Sedai. — A Ajah Negra...

— Não! — A voz de Elayne era cortante e autoritária, e suas juntas estavam brancas onde agarravam as macias saias azuis. — Você guarda muitos segredos, Moiraine, mas conte este. O que pretende fazer com ele?

O lampejo de uma imagem tomou sua mente: ela agitando Moiraine e arrancando a verdade à força, se fosse preciso.

— Fazer com ele? Nada. Ah, muito bem. Não há razão para não saberem. Vocês viram o que os tairenos chamam de A Grande Posse?

Estranhamente, para um povo que temia tanto o Poder, os tairenos guardavam na Pedra uma coleção de objetos relacionados ao Poder quase tão grande quanto a da Torre Branca. Elayne, por exemplo, pensava que era porque haviam sido forçados a guardar *Callandor* por muito tempo, querendo ou não. Até a Espada Que Não É Espada poderia parecer menos importante se fosse apenas um objeto entre tantos outros. Porém, os tairenos jamais se viram capazes de exibir os troféus. A Grande Posse era mantida em uma série de aposentos sujos e abarrotados, enterrados em profundezas abaixo dos calabouços. Quando Elayne os viu pela primeira vez, os cadeados nas portas estavam havia muito enferrujados, isso onde as próprias portas não haviam simplesmente desabado de tão podres.

— Passamos um dia inteiro lá embaixo — disse Nynaeve. — Para ver se Liandrin e suas *amigas* tinham levado alguma coisa. Acho que não. Estava tudo soterrado de poeira e mofo. Serão necessários dez barcos para transportar tudo aquilo para a Torre. Talvez lá possam compreender o sentido de algumas daquelas coisas, eu sem dúvida não consegui. — A tentação de provocar Moiraine era tão grande que ela não resistiu, pois acrescentou: — Você saberia disso tudo se tivesse nos concedido um pouco mais do seu tempo.

Moiraine não reparou. Parecia olhar para dentro de si, examinando os próprios pensamentos, e disse, quase falando sozinha:

— A Posse guarda um *ter'angreal* em particular, parece um batente de porta de pedra vermelha, levemente torto a olho nu. Se eu não conseguir fazer com que ele tome *alguma* decisão, talvez precise fazê-lo entrar ali.

A pequena pedra azul em sua testa tremulava, cintilante. Ela não parecia ansiosa para dar esse passo.

À menção do *ter'angreal*, Egwene instintivamente tocou o corpete do vestido. Ela mesma costurara ali um pequeno bolso para esconder o anel de pedra, agora guardado nele. Aquele anel era um *ter'angreal*, poderoso ainda que pequeno, e Elayne era uma das únicas três mulheres que sabiam que ela o tinha. Moiraine não era uma delas.

Eram coisas estranhas, os *ter'angreal*, fragmentos da Era das Lendas, assim como os *angreal* e os *sa'angreal*, ainda que mais numerosos. Os *ter'angreal* utilizavam o Poder Único em vez de ampliá-lo. Cada um parecia servir a uma única função. Embora alguns ainda fossem usados, ninguém sabia ao certo se de fato serviam aos fins para os quais haviam sido confeccionados. O Bastão dos Juramentos, com o qual uma mulher fazia os Três Juramentos ao ser elevada a Aes Sedai, era um *ter'angreal* que gravava os juramentos em seu sangue e carne. O último teste pelo qual passava uma noviça para ser elevada a Aceita ocorria dentro de outro *ter'angreal*, que deslindava seus medos mais profundos e os fazia parecerem reais — ou talvez a levasse a um lugar onde seus medos eram *mesmo* reais. Coisas estranhas podiam acontecer com um *ter'angreal*. Aes Sedai já haviam sido exauridas, mortas ou simplesmente desaparecido ao estudá-los. E ao usá-los.

— Eu vi aquele batente — disse Elayne. — No último quarto, no fim do corredor. Meu lampião apagou, e caí três vezes antes de conseguir chegar até a porta. — Um rubor de constrangimento tomou seu rosto. — Eu estava com medo de canalizar ali, mesmo que fosse para reacender o fogo. Acho que muito daquilo parece lixo... parece que os tairenos pegaram quaisquer objetos que alguém achou que tivessem relação com o Poder, mas pensei que, se canalizasse, poderia transferir poder por acidente a algo que não fosse bobagem, e sabe lá o que poderia ter acontecido.

— E se você tivesse tropeçado no escuro e entrado pelo batente torto? — perguntou Moiraine, com uma cara irritada. — Para isso não é preciso canalizar, apenas adentrá-lo.

— Com que propósito? — perguntou Nynaeve.

— Obter respostas. Três respostas, cada uma verdadeira, sobre o passado, o presente ou o futuro.

O primeiro pensamento de Elayne foi o conto infantil, *Bili Sob a Colina*, mas só por causa das três respostas. Um segundo pensamento ocorreu em seguida, e não apenas a ela. Enquanto Nynaeve e Egwene ainda estavam abrindo as bocas, Elayne falou:

— Moiraine, isso é a solução do nosso problema. Podemos perguntar se Joiya ou Amico estão falando a verdade. Podemos perguntar onde estão Liandrin e as outras. Os nomes da Ajah Negra que ainda estão na Torre...

— Podemos perguntar que coisa é essa que é perigosa para Rand — sugeriu Egwene.

— Por que você não contou isso antes? — acrescentou Nynaeve. — Por que permitiu que ficássemos escutando as mesmas histórias, dia após dia, quando já poderíamos ter tudo solucionado?

A Aes Sedai fez uma careta e ergueu as mãos.

— Vocês três se lançam às cegas em um caminho em que Lan e cem outros Guardiões pisariam com cautela. Por que é que acham que eu ainda não adentrei? Há dias eu já poderia ter perguntado o que Rand precisava fazer para sobreviver e triunfar, como ele pode derrotar os Abandonados e o Tenebroso, como pode aprender a controlar o Poder e refrear a loucura por tempo suficiente para fazer o que for preciso. — Ela parou com as mãos na cintura, deixando as três absorverem as palavras. Nenhuma delas falou. — Existem regras — prosseguiu — e perigos. Ninguém pode adentrar mais de uma vez. Apenas uma. Uma pessoa pode fazer três perguntas, mas deve fazer todas as três e ouvir as respostas antes de se retirar. Questionamentos frívolos são punidos, ao que parece, mas também parece que o que pode ser sério para um pode ser frívolo para outro. E o mais importante: perguntas que dizem respeito à Sombra têm consequências terríveis.

“Se perguntarem sobre a Ajah Negra, podem retornar mortas ou loucas, isso se conseguirem sair. Quanto a Rand... Não tenho certeza se é possível fazer uma pergunta sobre o Dragão Renascido que não perpassse a Sombra, de alguma forma. Entendem? Às vezes há motivos para ter cautela.

— Como é que você sabe disso tudo? — inquiriu Nynaeve. Com as mãos na cintura, ela confrontou a Aes Sedai. — Os Grão-lordes sem dúvida nunca

deixaram as Aes Sedai estudarem nada que há na Posse. Pela nojeira que é lá embaixo, deve fazer uns cem anos ou mais que aquilo ali não vê a luz do sol.

— Mais, imagino. — retrucou Moiraine, muito calma. — Eles pararam de colecionar há quase trezentos anos. Foi pouco antes de pararem que adquiriram esse *ter'angreal*. Até então, ele pertencia aos Primeiros de Mayene, que utilizavam as respostas para ajudar a manter o país fora das garras de Tear. E permitiam que as Aes Sedai o estudassem. Em segredo, é claro, Mayene jamais ousou enfurecer Tear abertamente.

— Se era tão importante para Mayene — disse Nynaeve, desconfiada —, por que é que está aqui na Pedra?

— Porque os Primeiros tomaram boas e más decisões ao tentarem manter Mayene livre de Tear. Trezentos anos atrás, os Grão-lords planejavam construir uma frota para seguir as embarcações de Mayene e encontrar os cardumes de peixe-prego. Halvar, o então Primeiro, elevou o preço do óleo de lampião muito acima do preço das oliveiras de Tear, e, depois, para convencer os Grão-senhores de que Mayene sempre colocaria os próprios interesses atrás dos de Tear, presenteou-os com o *ter'angreal*. Ele já o usara, então de nada mais lhe adiantava, e era quase tão jovem quanto Berelain, aparentemente com um longo reinado à frente e muitos anos de necessidade da benevolência tairena.

— Foi um idiota — resmungou Elayne. — Minha mãe jamais cometeria um erro desses.

— Talvez não — respondeu Moiraine. — Por outro lado, Andor não é uma pequena nação acoçada por outra muito maior e mais forte. Halvar *foi* um idiota, no fim das contas... Os Grão-lords o assassinaram no ano seguinte. Mas sua idiotice me apresenta uma oportunidade, caso eu precise. Perigosa, mas, mesmo assim, melhor do que nada.

Nynaeve resmungou sozinha, talvez decepcionada por não ver a Aes Sedai tropeçar nas próprias palavras.

— Isso nos põe exatamente onde estávamos — suspirou Egwene. — Sem saber qual das duas está mentindo ou se ambas estão.

— Interroguem as duas de novo, se quiserem — disse Moiraine. — Vocês têm até a hora em que elas entrarem no navio, embora eu duvide muito de que qualquer uma delas vá mudar o discurso. Meu conselho é que se concentrem em Tanchico. Se Joiya estiver falando a verdade, serão necessários Aes Sedai e Guardiões para vigiar Mazrim Taim, não apenas vocês três. Mandeí um aviso à Amyrlin por pombo-correio quando ouvi a história de Joiya pela primeira vez. Na verdade, enviei três pombos, para garantir que um chegará à Torre.

— Que gentileza sua nos manter informadas — murmurou Elayne, com frieza. A mulher fazia mesmo o que queria. O fato de as três estarem apenas fingindo serem Aes Sedai plenas não era motivo para que Moiraine as deixasse de fora. A Amyrlin enviara *elas três* à caça da Ajah Negra.

Moiraine inclinou a cabeça em um movimento ligeiro, como se aceitasse de verdade o agradecimento.

— Não há de quê. Lembrem-se de que vocês são os sabujos que a Amyrlin mandou atrás da Ajah Negra. — O leve sorriso ao notar o susto de Elayne revelava que ela sabia exatamente o que a jovem acabara de pensar. — A decisão em relação ao caminho a seguir deve partir de vocês. E vocês também já deixaram isso claro para mim — acrescentou, secamente. — Confio que será uma decisão mais fácil do que a minha. E confio também que vocês três dormirão bem o sono que ainda restar antes de o dia nascer. Tenham uma boa noite.

— Essa mulher... — resmungou Elayne, depois que a porta bateu atrás da Aes Sedai. — Tem horas que sinto vontade de estrangulá-la.

Ela desabou em uma das cadeiras diante da mesa e pôs-se a encarar as mãos sobre o colo.

Nynaeve deu um grunhido, talvez em concordância, enquanto andava até uma mesa estreita na parede oposta, onde havia cálices de prata e jarros de especiarias ao lado de dois cântaros. Um deles, cheio de vinho, estava dentro de um vaso de gelo já quase todo derretido, trazido da Espinha do Mundo embalado em baús de serragem. Gelo no verão, para refrescar as bebidas dos Grão-senhores. Elayne mal podia imaginar tal coisa.

— Uma bebida gelada antes de dormir fará muito bem a todas nós — disse Nynaeve, ocupando-se do vinho, da água e das especiarias.

Elayne ergueu a cabeça quando Egwene tomou uma cadeira a seu lado.

— Você estava falando a verdade, Egwene? Em relação a Rand? — Egwene assentiu, e Elayne suspirou. — Você se lembra do que Min costumava dizer? Todas as piadas sobre dividi-lo? Às vezes eu me pergunto se isso não foi alguma visão que ela não quis nos contar. Achava que ela queria dizer que nós duas o amávamos, e sabia disso. Mas você tinha direito a ele, e eu não sabia o que fazer. Ainda não sei. Egwene, ele ama você.

— Ele vai ter que ficar a par da situação — respondeu Egwene, com firmeza. — Quando eu me casar, vai ser porque quero, não só porque um homem espera que eu o ame. Serei delicada com ele, Elayne, mas, antes de eu terminar, ele saberá que está livre. Quer queira ou não. Minha mãe diz que os homens são diferentes de nós. Ela diz que nós queremos estar apaixonadas, mas só por aquele que escolhemos, enquanto um homem precisa estar apaixonado, mas amará a primeira mulher que envolver seu coração.

— Isso é tudo muito bonito — disse Elayne, com a voz tensa — mas Berelain foi aos aposentos dele.

Egwene fungou com desdém.

— Seja lá o que Berelain pretende, ela não vai manter o foco em um homem por tempo suficiente para fazer com que ele a ame. Dois dias atrás estava lançando olhares para Rhue. Daqui a dois estará sorrindo para algum outro. Ela é como Else Grinwell. Vocês lembram? A noviça que passava o tempo inteiro nos pátios de treinamento batendo os cílios para os Guardiões?

— Ela não estava só batendo os cílios no quarto dele a uma hora dessas. Estava usando até menos do que o normal, se é que isso é possível!

— Então vai deixar que ela fique com ele?

— Não! — retrucou Elayne, feroz, e com vontade, mas, ao respirar outra vez, foi tomada pelo desespero. — Ah, Egwene, eu não sei o que fazer. Eu o amo. Quero me casar com ele. Luz! O que é que a minha mãe vai dizer? Prefiro passar uma noite na cela com Joiya do que ouvir os sermões que a minha mãe vai me passar.

Os nobres andorianos, mesmo nas famílias reais, casavam-se com plebeus com tanta frequência que já nem suscitava mais falatório, pelo menos não em Andor. No entanto, Rand não era exatamente o que se poderia chamar de plebeu comum. A mãe era bem capaz de acabar chamando Lini para arrastá-la de volta para casa pelos cabelos.

— Se Mat estiver dizendo a verdade, Morgase não está em grandes condições de dar palpites em relação a isso — disse Egwene, em um tom reconfortante. — Ou pelo menos se estiver dizendo meia verdade. Esse Lorde Gaebriel, para quem sua mãe está se derretendo, nem parece a escolha de uma mulher inteligente como ela.

— Tenho certeza de que Mat exagerou — retrucou Elayne, empertigada.

A mãe dela era muito sagaz para ser feita de boba por qualquer homem. Se esse tal de Lorde Gaebriel — de quem ela nunca ouvira falar antes de Mat mencioná-lo — se esse sujeito sonhava em obter poder por meio de Morgase, dentro em breve ela o poria nos trilhos.

Nynaeve levou até a mesa três cálices de vinho com especiarias com gotículas de condensação correndo pelas laterais brilhosas, todos em pequenos suportes de palha verde e dourada trançada para impedir que a umidade arruinasse o polimento da madeira.

— Então — disse, tomando uma cadeira — Elayne, você descobriu que está apaixonada por Rand, e Egwene descobriu que não está.

As duas mulheres mais jovens a olharam, boquiabertas, um par de olhos escuros e um de claros, ambos a imagem da perplexidade.

— Eu tenho olhos — disse Nynaeve, cheia de si. — E ouvidos, quando vocês não se dão ao trabalho de sussurrar. — Ela bebericou o vinho e prosseguiu, com a voz ainda mais fria: — O que pretende fazer a respeito? Se aquela desgraçada da Berelain puser as garras nele, não vai ser fácil soltá-las. Tem certeza de que quer se dar ao trabalho? Você sabe o que ele é. Sabe o que o aguarda, mesmo deixando as Profecias de lado. Loucura. Morte. Quanto tempo ele ainda tem? Um ano? Dois? Ou será que vai começar antes do fim do verão? Ele é um homem capaz de canalizar. — Ela proferiu cada palavra como ferro. — Lembre-se do que aprendeu. Lembre-se do que ele é.

Elayne ergueu a cabeça e enfrentou Nynaeve, olho no olho.

— Não importa. Talvez devesse importar, mas não importa. Talvez eu esteja sendo tola. Não ligo. Não posso comandar o meu coração, Nynaeve.

De repente, Nynaeve sorriu.

— Eu precisava ter certeza — disse, com a voz carinhosa. — Você precisa ter certeza. Já não é fácil amar um homem qualquer, mas amar este será ainda mais difícil. — Quando ela prosseguiu, o sorriso morreu. — Minha primeira pergunta ainda está sem resposta. O que pretende fazer a respeito? Berelain pode parecer suave, e decerto faz os homens acreditarem nisso! Mas não

acredito que seja. Ela vai lutar pelo que quer. E é do tipo que se agarra com força a algo, mesmo que não o deseje tanto assim, apenas porque outra pessoa deseja.

— Eu queria enfiar essa mulher em um barril — resmungou Egwene, agarrando o cálice como se fosse a garganta da Primeira — e mandá-la de volta a Mayene. Bem no fundo do porão do navio.

A trança de Nynaeve balançou junto com a cabeça.

— Que ótimo, mas tente oferecer um conselho que ajude. Se não for capaz, fique em silêncio e deixe que ela decida o que fazer. — Egwene a encarou, e Nynaeve acrescentou: — Rand é problema de Elayne agora, não seu. Lembre-se, você se retirou.

A observação deveria ter feito Elayne sorrir, mas não fez.

— Era para isso tudo ser diferente. — Suspirou. — Pensei que fosse encontrar um homem, passaria a conhecê-lo ao longo de meses ou anos, e aos poucos perceberia que o amo. Sempre pensei que seria assim. Eu mal conheço Rand. Não falei com ele mais de meia dúzia de vezes em um ano. Mas soube que o amava cinco minutos depois de pôr os olhos nele. — O que *era* estúpido. Mas era verdade, e ela não se importava que fosse estúpido. Diria o mesmo diante da mãe e de Lini. Bem, talvez não de Lini, que tinha uma forma drástica de lidar com a estupidez, e parecia pensar que Elayne ainda tinha dez anos. — Porém, dada a situação atual, eu não tenho sequer o direito de ficar irritada com ele. Ou com Berelain. — Mas estava. *Eu queria estapear a cara dele até os ouvidos ficarem estalando durante um ano! Queria encher aquela mulher de varadas até metê-la no navio de volta para Mayene! Mas não tinha esse direito, o que tornava tudo pior. Um tom lamentoso e irritante dominou sua voz: — O que é que eu posso fazer? Ele nunca nem reparou em mim.*

— Em Dois Rios — começou Egwene, devagar — quando uma mulher deseja mostrar a um homem que está interessada, põe flores nos cabelos dele no Bel Tine ou no Dia do Sol. Ou borda uma camisa de festival para ele durante um dia qualquer. Ou faz questão de tirar apenas ele para dançar. — Elayne lançou a ela um olhar incrédulo, e Egwene se apressou em acrescentar: — Não estou sugerindo que você borde uma camisa, mas existem formas de revelar os seus sentimentos.

— O povo de Mayene acredita em falar as coisas abertamente. — A voz de Elayne parecia frágil. — Talvez seja o melhor caminho. Pelo menos ele vai saber como eu me sinto. Pelo menos terei algum direito de...

Ela agarrou o vinho com especiarias e o virou na boca, jogando a cabeça para trás. Falar abertamente? Como uma assanhada de Mayene!? Pousou o cálice vazio de volta no pequeno descanso, respirou fundo e murmurou:

— O que *será* que a minha mãe vai dizer?

— O mais importante — disse Nynaeve, com delicadeza — é o que você vai fazer quando tivermos que ir embora. Seja para Tanchico, para a Torre ou para qualquer outro lugar, teremos que partir. O que é que vai fazer se logo depois de se declarar a ele tiver de deixá-lo? E se ele pedir para você ficar? E se você quiser ficar?

— Eu vou embora. — Não houve hesitação na resposta de Elayne, mas um toque de rispidez. Aquela pergunta não era necessária. — Se eu devo aceitá-lo como Dragão Renascido, ele deve aceitar que sou o que sou, e que tenho obrigações. Quero ser Aes Sedai, Nynaeve. Isso não é uma diversão passageira. Assim como a tarefa que temos de cumprir: Acha mesmo que eu abandonaria você e Egwene?

Egwene se apressou a assegurá-la de que o pensamento jamais passara por sua cabeça. Nynaeve fez o mesmo, mas devagar o bastante para acreditar na própria mentira.

Elayne olhou para uma, depois para a outra.

— Na verdade, temi que vocês fossem me dizer que eu era uma idiota, choramingando por causa de uma coisa dessas enquanto temos a Ajah Negra com que nos preocupar.

Um leve tremeluzir dos olhos de Egwene revelou que o pensamento lhe ocorrera, mas Nynaeve respondeu:

— Rand não é o único que pode morrer ano que vem, ou mês que vem. Nós também podemos. Os tempos não são mais o que eram, e também não podemos ser o que éramos. Se você ficar sentada sonhando com o que deseja, talvez não chegue a ter seu sonho realizado antes do túmulo.

Era uma espécie de apoio meio frio, mas Elayne assentiu. Ela *não* estava sendo boba. Se pelo menos a questão da Ajah Negra pudesse ser decidida com tanta facilidade. Pressionou o cálice vazio na testa, para sentir o gelo. O que deviam fazer?



BRINCANDO COM FOGO

Na manhã seguinte, assim que o sol despontou no horizonte, Egwene se apresentou à porta dos aposentos de Rand, acompanhada de uma Elayne que se arrastava. A Filha-herdeira usava um vestido de seda de mangas compridas, azul-claro, cortado à moda tairena e puxado para baixo depois de um breve debate. Um colar de safiras, intensas como o céu da manhã, e um cordão trançado nos cachos louro-avermelhados ressaltavam o azul de seus olhos. Apesar do calor úmido, Egwene usava nos ombros um cachecol liso, vermelho vivo, da largura de um xale. Aviendha emprestara o cachecol e as safiras. Surpreendentemente, a Aiel possuía uma ampla coleção desse tipo de coisas.

Apesar de saber que os guardas Aiel estavam ali, Egwene levou um susto quando eles se levantaram, deslizando, elegantes e com rapidez espantosa. Elayne deixou escapar um pequeno arquejo, mas logo os encarou com o olhar majestoso que sabia fazer tão bem. Parecia não exercer efeito algum sobre aqueles homens de peles curtidas. Os seis eram *Shae'en M'taal*, Cães de Pedra, e pareciam relaxados para Aiel, o que significava que pareciam olhar para todos os cantos, prontos a se mover em qualquer direção.

Egwene se empertigou, imitando Elayne — desejava poder fazer aquilo tão bem quanto a Filha-herdeira — e anunciou:

— Eu... nós... queremos ver como estão as feridas do Lorde Dragão.

A observação era claramente tola, caso os homens soubessem qualquer coisa sobre Curas, mas era pouco provável. Poucas pessoas sabiam, e os Aiel decerto tinham menos conhecimento do que a maioria. Não tinha intenção de informar o motivo para estarem ali — já bastava que as tomassem por Aes Sedai — mas, quando os Aiel quase saltaram do chão de mármore negro, aquilo de repente pareceu uma boa ideia. Não que os homens estivessem fazendo qualquer movimento para impedir as duas, claro que não. No

entanto, eram todos tão altos, de feições tão empedernidas, e levavam as lanças curtas e os arcos de chifre como se usá-los fosse tão natural quanto respirar, até mais fácil. Com aqueles olhos claros a encará-la com tanta atenção, era fácil demais lembrar-se das histórias sobre os Aiel de véus negros, desprovidos de compaixão ou misericórdia, da Guerra dos Aiel e de homens como aqueles, que haviam derrotado até o último exército enviado para combatê-los, que só retornaram ao Deserto depois de lutar contra as nações aliadas por três dias e noites sangrentos, sem parar, diante de Tar Valon. Ela quase abraçou *saidar*.

Gaul, o líder dos Cães de Pedra, assentiu, olhando para ela e Elayne com certo respeito. Era um belo homem, meio maltratado pelo tempo, um pouco mais velho que Nynaeve, de olhos verdes, claros como pedras polidas, e cílios longos, tão escuros que pareciam delinear os olhos de preto.

— Podem estar incomodando. Ele acordou mal-humorado. — Gaul abriu um sorriso, apenas um lampejo dos dentes brancos, como se compreendesse o mau humor de um ferido. — Já acossou um grupo desses Grão-lordes e empurrou um deles para fora do quarto. Como era mesmo o nome?

— Torean — respondeu outro homem, ainda mais alto.

Carregava de forma quase displicente um arco curvo e curto, com uma flecha encaixada. Os olhos cinza pousaram nas duas mulheres por um instante, depois voltaram a examinar as colunas da antessala.

— Torean — concordou Gaul. — Pensei que o homem fosse deslizar até essas belas estátuas... — Ele apontou a lança para o círculo de Defensores, parados em uma postura rígida. — Mas parou umas três passadas antes. Perdi um bom reposteiro taireno para Mangin, todo de gaviões em fios de ouro. — O homem mais alto abriu um sorriso breve e contido.

Egwene piscou os olhos ao visualizar Rand arremessando um Grão-lorde pelo chão. O amigo nunca fora violento, muito pelo contrário. Será que estava mudado? Ela tinha andado muito ocupada com Joiya e Amico, e ele, muito ocupado com Moiraine, Lan e os Grão-lordes para que os dois se falassem mais do que de passagem, trocassem algumas palavras aqui e ali sobre como o festival do Bel Tine deveria ter sido aquele ano ou como seria o Dia do Sol. Tudo fora tão breve. Será que ele estava mudado?

— Precisamos vê-lo — disse Elayne, com um leve tremor na voz.

Gaul fez uma mesura, tocando o mármore negro com a ponta de uma das lanças.

— É claro, Aes Sedai.

Com certa hesitação, Egwene adentrou os aposentos de Rand. O rosto de Elayne revelava o esforço necessário para dar aqueles poucos passos.

Não restava evidência do horror da noite anterior, exceto pela ausência de espelhos. Quadrados mais claros marcavam os painéis das paredes onde eles antes estavam. Não que o quarto estivesse perto de estar arrumado, havia livros espalhados por todos os lados, em cima de tudo, alguns abertos, como se abandonados bem no meio de uma página, e a cama ainda estava desfeita. As cortinas carmesim estavam abertas em todas as janelas, expondo a vista para o oeste em direção ao rio que era a artéria coronária de Tear, e *Callandor*

cintilava feito cristal polido em um enorme suporte dourado, incrivelmente pomposo. Egwene pensou que aquilo era a coisa mais feia que já vira decorando um ambiente — até notar os lobos de prata atacando um veado dourado na cornija da lareira. Brisas parcas vindas do rio mantinham o quarto surpreendentemente fresco, comparado ao restante da Pedra.

Rand estava sentado, vestido em sua camisa de manga, esparramado em uma poltrona com uma das pernas sobre o apoio para braços e um livro com capa de couro apoiado no joelho. Ao ouvir o som de passos, fechou o livro bruscamente, largou-o junto aos outros no tapete de arabescos e pôs-se de pé, pronto para a luta. A cara feia foi morrendo quando percebeu quem entrava.

Pela primeira vez dentro da Pedra, Egwene procurou mudanças nele e as encontrou. Quantos meses haviam se passado desde que o vira pela última vez? O suficiente para que o rosto endurecesse, para que a ingenuidade que um dia existira desaparecesse. Ele também se movia de maneira diferente, um pouco como Lan, um pouco como os Aiel. Com sua altura, cabelos vermelhos e os olhos ora azuis ora cinza, dependendo da luz, ele parecia muito com um Aiel, o bastante para causar desconforto. Mas será que mudara por dentro?

— Pensei que vocês eram... outra pessoa — murmurou, trocando olhares constrangidos com as moças. Aquele era o Rand que ela conhecia, até no rubor que surgia em seu rosto a cada vez que olhava para ela ou para Elayne, qualquer uma das duas. — Algumas... pessoas querem coisas que não posso dar. Coisas que *não vou* dar. — A desconfiança cresceu em seu rosto com uma rapidez impressionante, e o tom de sua voz endureceu. — O que é que *vocês* querem? Foi Moiraine quem as mandou? Vieram me convencer a fazer o que ela quer?

— Não seja ridículo — retrucou Egwene, com rispidez, sem pensar. — Eu não quero que você comece uma guerra!

Elayne acrescentou, em um tom de súplica:

— Nós viemos... ajudar você, se pudermos. — Era uma das razões, a mais fácil de trazer à tona, que tinham decidido no café da manhã.

— Vocês sabem dos planos dela para... — começou ele, de forma rude, depois mudou de assunto de repente. — Me ajudar? Como? É isso o que Moiraine diz.

Egwene cruzou os braços de forma austera, segurando com força o cachecol do mesmo jeito que Nynaeve fazia ao se dirigir ao Conselho da Aldeia quando pretendia, apesar da teimosia de todos, conseguir o que queria... Era tarde demais para recomençar, restava apenas prosseguir da forma que iniciara.

— Eu lhe disse para não ser bobo, Rand al'Thor. Você pode até ter tairanos se curvando aos seus pés, mas eu me lembro de quando Nynaeve lhe encheu de varadas por ter deixado Mat convencê-lo a roubar uma jarra de conhaque de maçã. — Elayne teve o cuidado de manter a expressão serena. Cuidado até demais. Egwene tinha certeza de que ela queria soltar uma gargalhada.

Rand não percebeu, naturalmente. Os homens nunca percebiam. Ele abriu um sorriso para Egwene, também quase a ponto de gargalhar.

— Tínhamos acabado de fazer treze anos. Ela nos pegou dormindo atrás do estábulo do seu pai, e a dor de cabeça era tanta que nem sentimos as varadas. — Não era nem um pouco como Egwene lembrava. — Não foi como da vez em que você atirou aquela tigela na cabeça dela. Lembra? Ela deu a você uma dose de chá de capim-de-cão porque você estava abatida fazia uma semana, e, assim que provou o chá, você deu com a melhor tigela bem na cabeça dela. Luz, como você guinchou! Quando foi isso? Dois anos atrás teve aquela...

— Não viemos aqui para falar do passado — disse Egwene, remexendo o cachecol com irritação. Era de lã fina, mas bastante quente.

Realmente, ele tinha o hábito de se lembrar das situações mais desastrosas. Rand sorriu, como se soubesse o que ela estava pensando, e prosseguiu, mais bem-humorado:

— Vocês vieram me ajudar, pelo que disseram. Com o quê? Não creio que saibam como fazer um Grão-lorde manter a palavra sem que eu o fique vigiando pelo cangote. Ou será que sabem como impedir os sonhos desagradáveis? Isso sem dúvida ajudaria... — Com os olhos saltando de uma mulher a outra, ele fez mais uma mudança abrupta. — E a Língua Antiga? Aprenderam alguma coisa na Torre Branca? — Sem esperar resposta, começou a revirar os livros espalhados no carpete. Havia mais nas cadeiras, entre as roupas de cama bagunçadas. — Eu tenho um exemplar aqui... em algum lugar... de...

— Rand. — Egwene ergueu a voz. — Rand, eu não sei ler a Língua Antiga. — Ela lançou um olhar a Elayne, advertindo-a para que não revelasse nada sobre aquilo. Elas não haviam ido até lá para traduzir as Profecias do Dragão para ele. As safiras nos cabelos da Filha-herdeira balançaram quando ela assentiu. — Tivemos outras coisas para aprender.

Ele se endireitou e soltou um suspiro.

— Seria esperar demais.

Por um instante, Rand pareceu a ponto de dizer mais alguma coisa, mas encarou as botas. Egwene se perguntou como ele conseguia lidar com toda a arrogância dos Grão-lordes se ela e Elayne o deixavam tão desconcertado.

— Viemos ajudar você com a canalização — disse. — Com o Poder.

O que Moiraine alegava deveria ser verdade, uma mulher não podia ensinar um homem a canalizar mais do que podia ensiná-lo a gestar uma criança. Egwene não tinha tanta certeza. Uma vez sentira algo urdido a *saidin*. Ou melhor, não sentira, era algo que bloqueava seu próprio fluxo, concreto como uma pedra barrando um fluxo de água. Porém, aprendera coisas tanto fora da Torre quanto dentro. Sem dúvida haveria algo em seus conhecimentos que pudesse ensinar a ele, alguma orientação que pudesse oferecer.

— Se pudermos — acrescentou Elayne.

Um lampejo de desconfiança estampou outra vez o rosto dele. Era enervante como seu humor se alterava tão depressa.

— Eu tenho mais chance de ler a Língua Antiga do que vocês têm de... vocês têm certeza de que isso não é coisa de Moiraine? Foi ela que as mandou

aqui? Ela acha que pode me convencer comendo pelas beiradas, é? Alguma trama enredada de Aes Sedai que só vou ser capaz de enxergar quando estiver enfiado até a cabeça? — Ele grunhiu com amargura e puxou um casaco verde-escuro do chão, de trás de uma das cadeiras, enfiando-se de depressa sob ele. — Concordei em encontrar alguns outros Grão-lordes hoje de manhã. Se não ficar de olho, eles acabam arrumando meios de evitar fazer o que quero. Mais cedo ou mais tarde, vão aprender. Eu governo Tear, agora. Eu. O Dragão Renascido. Vou ensinar a eles. Queiram me desculpar.

Egwene quis sacudi-lo. Ele governava Tear? Bem, talvez governasse mesmo, se fosse o caso, mas ela se lembrava de um rapaz com um cordeiro aninhado no casaco, orgulhoso feito um galo por ter afugentado o lobo que tentava apanhá-lo. Ele era um pastor, não um rei, e mesmo que estivesse em condições de agir como se fosse superior, não seria bom que o fizesse.

Ela estava a ponto de dizer tudo isso a ele, mas, antes que pudesse, Elayne o fez.

— Ninguém nos mandou. Ninguém. Viemos porque... porque nos preocupamos com você. Talvez não funcione, mas podemos tentar. Se eu... se nós nos importamos a ponto de tentar, você também pode. Será que isso é tão insignificante para você que não pode nos conceder uma hora? Por sua vida?

Ele parou de abotoar o casaco e encarou a Filha-herdeira com tanta atenção que, por um instante, Egwene achou que ele se esquecera de sua presença. Com um arrepio, ele desviou o olhar. Olhando para a conterrânea, remexeu os pés e franziu o cenho em direção à porta.

— Eu vou tentar — murmurou. — Não vai adiantar nada, mas vou tentar... O que querem que eu faça?

Egwene respirou fundo. Não pensava que seria tão fácil convencê-lo, ele sempre agia como um rochedo soterrado em lama quando decidia fincar os pés, o que fazia com bastante frequência.

— Olhe para mim — disse, abraçando *saidar*. Deixou que o Poder a preenchesse mais completamente do que nunca, aceitando cada gota que pudesse absorver. Era como luz derramada sobre cada partícula do corpo, como se a própria Luz preenchesse cada milímetro. A vida parecia explodir dentro dela como fogos de artifício. Jamais permitira que tanto Poder a enchesse. Ficou chocada ao perceber que não tremia, decerto não seria capaz de suportar aquela brandura tão gloriosa. Queria se deleitar, dançar e cantar, apenas deitar e deixar tudo fluir por dentro dela, por sobre ela. Forçou-se a falar. — O que está vendo? O que está sentindo? Olhe para mim, Rand!

Ele ergueu a cabeça lentamente, ainda franzindo a testa.

— Vejo você. O que é que eu deveria estar vendo? Você está tocando a fonte? Egwene, Moiraine já canalizou perto de mim umas cem vezes, e nunca vi nada. A não ser o que ela fez. Não funciona dessa forma. Até eu sei disso.

— Eu sou mais forte que Moiraine — respondeu a menina, com firmeza. — Ela estaria choramingando no chão, ou desmaiada, se tentasse controlar tanto quanto estou controlando agora. — Era verdade, embora jamais tivesse tentado avaliar a habilidade da Aes Sedai com tanto rigor.

O Poder implorava para ser usado, pulsava dentro dela com mais força que sangue bombeado pelo coração. Com essa quantidade, ela era capaz de fazer coisas que Moiraine jamais poderia imaginar. A ferida na lateral do corpo de Rand, que Moiraine nunca conseguira Curar por completo. Não entendia de Cura — era algo muito mais complexo do que qualquer coisa que já fizera — mas observara Nynaeve Curar e, talvez, com essa gigantesca concentração de Poder fluindo, pudesse ver como Curar aquela ferida. Não fazer, naturalmente, apenas ver.

Com cuidado expandiu os finos fluxos de Ar, Água e Espírito, os Poderes usados na Cura, e sentiu a antiga ferida. Um toque e ela recuou, trêmula, recolhendo a tessitura. Seu estômago se embrulhou, como se ela desejasse regurgitar cada refeição que já comera na vida. Parecia que toda a escuridão do mundo jazia ali, na lateral do corpo de Rand, todo o mal do mundo reunido em uma úlcera pustulenta coberta por um tenro tecido de cicatriz. Uma coisa como essa absorveria os fluxos de Cura feito gotas d'água em areia seca. Como ele aguentava a dor? Por que não estava chorando?

Do primeiro pensamento à ação passou-se apenas um instante. Trêmula, tentando desesperadamente esconder o tremor, ela prosseguiu, sem parar.

— Você é tão forte quanto eu. Sei disso, você tem que ser. Sinta, Rand. O que está sentindo? — *Luz, o que é que pode Curar isso? Será que algo pode?*

— Não sinto nada — murmurou o jovem, remexendo os pés. — Arrepios na pele. E é compreensível. Não que eu não confie em você, Egwene, mas não consigo ficar tranquilo quando uma mulher está canalizando perto de mim. Me desculpe.

Ela não se deu ao trabalho de explicar a diferença entre canalizar e apenas abraçar a Fonte Verdadeira. Havia tanto que ele não sabia, mesmo comparado ao parco conhecimento dela. Era um homem cego tentando operar um tear apenas pelo toque, sem ideia de como eram as cores, as tramas e até mesmo o próprio tear.

Com esforço, soltou *saidar*. E foi mesmo preciso esforço. Uma parte dela queria gritar pela perda.

— Não estou tocando a Fonte agora, Rand. — Ela deu um passo à frente e o perscrutou. — Ainda está sentindo arrepios?

— Não. Mas foi só porque você disse. — Ele deu de ombros, de repente. — Está vendo? Comecei a pensar nisso e já estou sentindo de novo.

Egwene sorriu, triunfante. Não precisou olhar para Elayne para confirmar o que já sentia, o que as duas haviam concordado em relação àquele momento.

— Você consegue sentir uma mulher abraçando a Fonte, Rand. Elayne está fazendo isso agora mesmo. — Ele apertou os olhos para a Filha-herdeira. — Não importa o que você vê ou não vê. Você sentiu. Já temos isso. Vamos ver o que mais conseguimos encontrar. Rand, abraça a Fonte. Abraça *saidin*. — Ela proferiu as palavras com a voz rouca. As duas também haviam concordado com isso, ela e Elayne. Era Rand, não um monstro das histórias, e as duas haviam concordado, mas, ainda assim, pedir a um homem que... O mais

espantoso fora ela ter dito as palavras, para começar. — Está vendo alguma coisa? — perguntou a Elayne. — Ou sentindo alguma coisa?

Rand ainda olhava de uma para outra, ruborizado, encarando o chão. *Por que estava tão desconcertado? Analisando-o fixamente, a Filha-herdeira balançou a cabeça.*

— Até onde sei, ele pode simplesmente estar parado. Tem certeza de que está fazendo alguma coisa?

— Ele pode ser teimoso, mas não é burro. Pelo menos, não na maior parte do tempo.

— Bom, teimoso, burro ou qualquer coisa, eu não estou sentindo nada.

Egwene franziu o cenho para Rand.

— Você disse que faria o que mandássemos, Rand. Está fazendo? Se você sentiu algo, eu também deveria sentir, e eu... — Ela parou, dando um ganido abafado. *Algo* apertara seu bumbum. Os lábios de Rand se contorceram, claramente lutando contra um sorriso. — Isso — disse, ácida — não foi legal.

Ele tentou manter a expressão inocente, mas o sorriso escapou.

— Você disse que queria sentir alguma coisa, e eu pensei... — O grito súbito fez Egwene dar um salto. Ele agarrou a nádega esquerda e mancou em círculos, cheio de dor. — Sangue e cinzas, Egwene! Não precisava... — Ele baixou a voz até um murmúrio profundo e inaudível, que Egwene ficou satisfeita em não conseguir compreender.

Aproveitou a oportunidade para abanar o cachecol e pegar um pouco de ar, compartilhando um sorrisinho com Elayne. O brilho tênue ao redor da Filha-herdeira foi enfraquecendo. As duas quase soltaram risadinhas enquanto esfregavam o corpo discretamente. Aquilo ia mostrar a ele como se comportar. Estavam em um placar de cem para um, estimou Egwene.

Virando-se de volta para Rand, pôs no rosto a expressão mais austera que tinha.

— Eu teria esperado algo assim vindo de Mat. Pensei que você, pelo menos, tivesse amadurecido. Viemos aqui para ajudá-lo, se pudermos. Tente cooperar. Faça algo com o Poder, algo que não seja infantil. Talvez a gente consiga sentir.

Curvado, ele cravou o olhar nas duas.

— Faça algo — resmungou, imitando-a. — Você não tinha direito de... Eu vou ficar mancando... Vocês querem que eu faça algo?

De repente ela flutuou, e Elayne também. Ambas se encararam, os olhos arregalados, enquanto levitavam a um passo do carpete. Não havia nada a erguê-las, nenhum fluxo que Egwene pudesse ver ou sentir. Nada. Ela apertou os lábios. Rand não tinha o direito de fazer isso. Direito nenhum, e já era hora de aprender. O mesmo tipo de escudo que embarreirou o contato de Joiya com a Fonte também poderia detê-lo. As Aes Sedai o usavam nos raros homens capazes de canalizar que encontravam.

Ela se abriu para *saidar* — e seu estômago afundou. *Saidar* estava ali — podia sentir o calor e a luz — mas entre ela e a Fonte Verdadeira havia algo, um nada, uma ausência que a isolava da Fonte como uma muralha de pedra. Ela se sentiu oca por dentro, até que o pânico a tomou por inteiro. Um

homem estava canalizando, e ela estava aprisionada. O homem era Rand, claro, mas, bamboleano ali feito um barquinho, indefesa, ela só era capaz de pensar em um homem canalizando e na mácula de *saidin*. Tentou gritar com ele, mas o que saiu de sua boca foi apenas um grasnido.

— Querem que eu faça algo? — grunhiu Rand. Um par de pequenas mesas flexionaram os pés de um jeito estranho, a madeira rangendo, e começaram a cambalear, como se imitando uma dança, as douraduras se soltando e caindo. — Estão gostando disso? — O fogo se acendeu na lareira, preenchendo-a de um canto a outro, ardendo na pedra vazia de cinzas. — Ou disso? — O veado e os lobos sobre a cornija começaram a derreter e desabaram. Finos fluxos de ouro e prata escorriam da massa dourada, cada vez mais finos e brilhantes, serpenteando, urdindo a si próprios em uma fina folha de tecido metálico. À medida que crescia, o tecido brilhoso flutuava no ar, a extremidade mais distante ainda unida à estatueta, que derretia aos poucos sobre a cornija de pedra. — Faça algo — repetiu Rand. — Faça algo! Vocês têm ideia do que é tocar *saidin*, possuí-lo? Têm? Eu sinto a loucura me aguardando. Derramando-se sobre mim!

De repente as mesas saltitantes irromperam em chamas, parecendo tochas dançantes. Os livros rodopiaram no ar, as páginas esvoaçando. O colchão da cama estourou, espalhando penas pelo quarto, feito neve. As penas caíram sobre a mesa em chamas e deixaram o quarto com um cheiro pungente de fuligem.

Por um instante, Rand encarou as mesas fulgurantes com um olhar insano. Então, o que quer que estivesse erguendo Egwene e Elayne desapareceu, bem como o escudo. Os calcanhares das moças tocaram o carpete com um baque no mesmo instante em que as chamas se extinguíram, como se sugadas pela madeira que antes consumiam. As labaredas na lareira também se apagaram, e os livros desabaram no chão em um amontoado ainda mais confuso do que antes. O pedaço de tecido dourado e prateado também desabou, os fios de metal derretido já não estavam mais líquidos ou quentes. Apenas três maçarcas muito grandes, duas prateadas e uma dourada, jaziam sobre a cornija, frias e irreconhecíveis.

Egwene caiu por cima de Elayne quando as duas aterrissaram. As Aceitas se apoiaram uma na outra, mas Egwene sentiu a Filha-herdeira fazendo o mesmo que ela: abraçando *saidar* o mais rápido possível. Em instantes, tinham um escudo pronto para lançar ao redor de Rand, caso ele sequer parecesse canalizar. O jovem, porém, permanecia atônito, encarando as mesas chamuscadas, penas ainda flutuando ao seu redor, salpicando o casaco.

Ele não parecia mais apresentar perigo, mas o quarto sem dúvida estava uma bagunça. Ela urdiu diminutos fluxos de ar para juntar todas as plumas flutuantes, além das que já estavam no carpete. Depois de pensar por um instante, acrescentou as que estavam no casaco de Rand. O restante da bagunça seu amigo poderia mandar a majhere ajeitar, ou ele mesmo resolver.

Rand se encolheu quando as plumas passaram flutuando por ele e se alinharam nos destroços do colchão esfarrapado. De nada adiantou para melhorar o cheiro de plumas e madeira queimadas, mas pelo menos o quarto

estava mais organizado, e as janelas abertas com a brisa fraca já ajudavam a reduzir o odor.

— Acho que a majhere não vai querer me dar outro — disse o rapaz, com um riso forçado. — Um colchão por dia é mais do que ela está disposta a... — Ele evitava olhar para qualquer uma das duas. — Me desculpem, eu não pretendia... Às vezes perco o controle. Consigo tocar a fonte, e às vezes o Poder faz coisas que eu não... Me desculpem. Talvez seja melhor vocês irem. Parece que estou repetindo isso demais. — Ele enrubesceu mais uma vez e pigarreou. — Não estou tocando a Fonte, mas talvez seja melhor vocês irem.

— Ainda não terminamos — respondeu Egwene, com delicadeza.

Mais delicadeza do que sentia. Queria estapear as orelhas de Rand. Que ideia, pegá-la daquele jeito, blindá-la... e a Elayne também! Mas ele estava em desvantagem. Em relação a quê, Egwene não sabia, e também não queria descobrir, não ali nem naquele momento. Com tanta gente espantada com o poder das duas — todos diziam que ela e Elayne estariam entre as Aes Sedai mais poderosas em mil anos ou mais, isso se não fossem as mais fortes — Egwene presumira que as duas fossem tão fortes quanto o Dragão. Ou quase isso. Acabara de receber uma demonstração bem rude para acabar com suas esperanças. Talvez Nynaeve chegasse perto, se estivesse com bastante raiva, mas Egwene sabia que ela mesma jamais poderia fazer o que Rand fizera, cindir os fluxos de tantas formas diferentes, operar tantas coisas de uma vez só. Operar dois fluxos de uma vez apresentava mais que o dobro da dificuldade de operar um da mesma magnitude. Com três fluxos, era muito mais que o dobro da dificuldade do que com dois. Rand devia estar operando uns doze. E sequer parecia cansado, ainda que tamanho esforço com o Poder gastasse bastante energia. Egwene tinha a terrível sensação de que ele poderia manejar as duas como se fossem filhotes de gato. Filhotinhos que poderia decidir afogar, caso enlouquecesse.

Mas ela não tentaria, nem podia, simplesmente ir embora. Isso seria o mesmo que desistir, e ela não era assim. Pretendia fazer o que fora fazer — tudo —, e ele não iria expulsá-la sem que ela terminasse. Nem ele nem nada.

Elayne tinha os olhos azuis cheios de determinação, e, no instante em que Egwene fez silêncio, acrescentou, em uma voz muito mais firme:

— E nós não vamos embora até terminarmos. Você disse que tentaria. Você precisa tentar.

— Eu disse mesmo, não foi? — resmungou o rapaz, depois de um tempo. — Vamos pelo menos nos sentar.

Sem olhar as mesas enegrecidas ou a faixa de tecido metálico que jazia disforme no carpete, ele as conduziu, ligeiramente manco, até as cadeiras de espaldar alto perto das janelas. Os três tiveram de afastar alguns livros das almofadas de seda vermelha para se sentarem. A cadeira de Egwene continha o Volume Doze de *Os tesouros da Pedra de Tear*, um livro empoeirado e encadernado em madeira intitulado *Viagens pelo Deserto Aiel e diversas observações sobre seus habitantes selvagens*, e um volume grosso de couro esfarrapado cujo título era *Transações com o território de Mayene, 500 a 700 da Nova Era*. Elayne tinha uma pilha maior para afastar, mas Rand tirou os livros

das mãos dela mais do que depressa, juntou aos que estavam em sua cadeira e deixou todos no chão, onde a pilha prontamente desabou. Egwene depositou os dela organizadamente ao lado dos outros.

— O que querem que eu faça agora? — Rand se sentou na ponta da cadeira, as mãos nos joelhos. — Prometo que desta vez não vou fazer nada além do que mandarem.

Egwene mordeu a língua para não retrucar, dizendo que a promessa viera um pouquinho tarde demais. Talvez tivesse feito um pedido um pouco vago, mas não era justificativa. Ainda assim, deveriam lidar com isso em outro momento. Ela percebeu que já pensava nele apenas como Rand outra vez, mas o rapaz tinha uma expressão de quem havia acabado de espirrar lama no melhor vestido dela e agora estava preocupado com a possibilidade de Egwene não acreditar que fora acidente. Ela, porém, não largou *saidar*. Nem Elayne. Não precisavam bancar as bobas.

— Desta vez — disse — só queremos que fale. Como é que você abraça a Fonte? Conte para a gente. Explique devagar, passo a passo.

— É mais uma luta do que um abraço — murmurou ele, em resposta. — Passo a passo? Bem, primeiro eu imagino uma chama, depois empurro tudo para dentro dela: ódio, medo, nervosismo. Depois de tudo ser consumido, sobra um vazio, um vácuo dentro da minha cabeça. Eu fico no meio dele, mas também viro parte de tudo em que estou me concentrando.

— É familiar — comentou Egwene. — Já ouvi seu pai falar sobre um truque de concentração que usa para vencer as competições de arco e flecha. Algo que ele chama de Chama e Vazio.

Rand assentiu. Parecia triste. Ela achou que o amigo talvez estivesse com saudades de casa e do pai.

— Tam me ensinou primeiro. E Lan usa também, com a espada. Selene, uma mulher que conheci, chama de Unidade. Muita gente parece conhecer esse truque, seja lá o nome que tiver. Mas eu descobri sozinho que, quando estou dentro do Vazio, consigo sentir *saidin*. Parece uma luz no canto do olho, no meio do nada. Somos só eu e essa luz. As emoções e até os pensamentos ficam todos do lado de fora. Antes eu precisava absorver de pouquinho em pouquinho, mas agora tudo vem de uma vez só. A maior parte, pelo menos. Na maior parte do tempo.

— Vazio — repetiu Elayne, com um arrepio. — Sem emoção. Não parece muito com o que fazemos.

— Parece, sim — insistiu Egwene, com vigor. — Rand, fazemos um pouquinho diferente, só isso. Eu me imagino sendo uma flor, um botão de rosa, imagino isso até *me transformar* no botão de rosa. De certa forma, é como o seu vazio. As pétalas do botão de rosa se abrem para a luz de *saidar*, e eu deixo que tudo me preencha, a luz, o calor, a vida, o assombro. Eu me rendo a tudo isso, controlo tudo. Essa foi a parte mais difícil de aprender, na verdade: como dominar *saidar* me entregando a ela. Mas agora parece tão natural que eu nem sequer penso a respeito. Essa é a chave de tudo, Rand. Tenho certeza. Você precisa aprender a se entregar...

Rand balançava a cabeça vigorosamente.

— Não tem nada a ver com o que eu faço — protestou. — Me deixar preencher? Eu preciso estender a mão e agarrar *saidin*. Às vezes não encontro nada quando tento, nada para tocar, mas se eu não tentasse poderia ficar o resto da vida ali parado que nada aconteceria. Sim, a coisa me preenche quando eu a agarro, mas me entregar a ela? — Ele passou os dedos pelos cabelos. — Se eu me entregasse, mesmo que por um minuto, *saidin* me consumiria. É como um rio de metal derretido, um oceano de fogo, é como se toda a luz do sol se concentrasse em um único ponto. Preciso lutar para que ele faça o que eu quero, lutar para não ser devorado. — Rand suspirou. — Entendo o que você diz em relação a se preencher de vida, mesmo com a mácula revirando meu estômago. As cores são mais nítidas, os cheiros, mais puros. De alguma forma, tudo é mais real. Depois que agarro, não quero mais soltar, mesmo que a coisa esteja tentando me engolir. Mas quanto ao resto... Encare os fatos, Egwene. A Torre tem razão em relação a isso. Aceite como verdade, porque é a verdade.

Ela balançou a cabeça.

— Só vou aceitar quando me provarem. — Ela não soou tão certa quanto gostaria, nem tanto quanto estivera. O que ele contou parecia uma espécie de reflexo distorcido do que ela fazia, as semelhanças apenas enfatizavam as diferenças. Ainda assim, havia semelhanças. Ela não desistiria. — Você consegue distinguir os fluxos? Ar, Água, Espírito, Terra, Fogo?

— Às vezes — respondeu ele, cauteloso. — Não sempre. Eu só pego o que preciso para fazer o que quero. Quase sempre tateio até encontrar. É muito estranho. Às vezes preciso fazer algo e faço, mas só depois consigo entender o que foi que fiz, ou como. Na primeira vez, é quase como lembrar uma coisa que eu já tinha esquecido. Mas consigo me lembrar de como fazer o que já fiz. Na maioria das vezes.

— Mas mesmo assim você se lembra de como fazer — insistiu Egwene. — Como foi que botou fogo naquelas mesas?

Queria mesmo era perguntar como ele as fizera dançar — achava que via um jeito, com Ar e Água — mas preferiu começar com algo simples. Acender uma vela e apagá-la eram coisas que até uma noviça sabia fazer.

O rosto de Rand assumiu uma expressão de dor.

— Eu não sei. — Ele soou envergonhado. — Quando quero fogo para acender uma lanterna ou uma lareira, simplesmente faço, mas não sei *como*. Não preciso pensar para fazer coisas com fogo.

Aquilo era quase de se esperar. Dos Cinco Poderes, Fogo e Terra eram mais fortes nos homens na Era das Lendas, e Ar e Água, nas mulheres. Espírito era dividido igualmente. Egwene, depois que aprendia a fazer algo com Ar ou Água, quase não precisava pensar para usá-los. Mas aquela forma de pensar não ajudava em nada o propósito delas.

Dessa vez, foi Elayne quem pressionou.

— Você sabe como apagou as chamas? Pareceu ter que pensar um pouco antes de elas se apagarem.

— Isso eu lembro, porque acho que nunca tinha feito. Absorvi o calor das mesas e espalhei na pedra da lareira, um lugar que quase não sofreria com

esse tanto de calor.

Elayne prendeu a respiração, inconscientemente levando a mão ao braço esquerdo. Egwene estremeceu em solidariedade. Ela se lembrou de quando aquele braço ficou coberto de bolhas, porque a Filha-herdeira fizera o que Rand acabava de descrever, e só com o lampião em seu quarto. Sheriam ameaçara deixar as bolhas cicatrizar em sozinhas. Não fizera isso, mas ameaçara. Era uma das advertências dadas às noviças: jamais atrair calor. Era possível extinguir uma chama usando Ar ou Água, mas usar Fogo para afastar o calor era sinônimo de desastre, independente do tamanho da chama. Não era uma questão de força, pelo que Sheriam dizia: era impossível alguém se livrar do calor absorvido. Nem mesmo a mulher mais forte que a Torre Branca produzira conseguia fazer aquilo. Algumas já haviam se incendiado inteiras dessa forma. Mulheres já haviam irrompido em chamas. Egwene soltou um suspiro áspero.

— Qual é o problema? — perguntou Rand.

— Acho que você acabou de me provar qual é a diferença.

Ela suspirou outra vez.

— Ah. Quer dizer que vocês vão desistir?

— Não! — Egwene tentou suavizar a voz. Não estava irritada com ele. Não exatamente. Não sabia com o que estava irritada. — Talvez minhas professoras tivessem razão, mas tem de haver uma forma. Alguma forma. Só que não consigo pensar em nenhuma.

— Você tentou — disse o rapaz, apenas. — Agradeço por isso. Não é culpa sua que não tenha dado certo.

— Tem que haver algum jeito — resmungou Egwene, e Elayne murmurou:

— Nós vamos descobrir. Sei que vamos.

— É claro que sim — concordou Rand, com animação forçada. — Mas não hoje. — Ele hesitou. — Então imagino que vocês estejam de saída. — Soou meio arrependido, meio satisfeito. — Preciso mesmo falar com os Grão-lordes sobre impostos ainda esta manhã. Eles parecem pensar que podem tomar tanto de um fazendeiro em um ano fraco quanto em um ano bom sem levá-lo à miséria. E suponho que vocês tenham que continuar interrogando aquelas Amigas das Trevas. — Franziu a testa.

Rand não dissera nada, mas Egwene tinha certeza de que o amigo gostaria de mantê-las o mais longe possível da Ajah Negra. Estava um pouco surpresa por ele ainda não ter tentado fazê-las retornar à Torre. Talvez soubesse que ela e Nynaeve lhe diriam poucas e boas se ele tentasse.

— Vamos deixar você prosseguir com seus afazeres — disse, com firmeza — mas não agora. Rand... — Era hora de revelar a segunda razão pela qual estavam lá, mas era ainda mais difícil do que ela imaginara. O amigo ficaria magoado, aqueles olhos tristes e temerosos a convenciam disso. Mas precisava ser feito. Ela ajeitou o cachecol em volta do corpo, o tecido a envolvia dos ombros aos quadris. — Rand, eu não posso me casar com você.

— Eu sei — disse ele.

Egwene piscou. Ele não parecia tão chateado quanto ela imaginara. Disse a si mesma que aquilo era bom.

— Não quero magoar você... De verdade, não quero... Mas não quero me casar com você.

— Eu entendo, Egwene. Sei o que sou. Nenhuma mulher poderia...

— Seu cabeça de lâ! — interrompeu ela, de repente. — Não tem nada a ver com você canalizar. Eu não amo você! Pelo menos, não a ponto de querer me casar.

O queixo de Rand caiu.

— Você não... me ama? — Ele soava tão surpreso quando parecia. E magoado.

— Por favor, tente compreender — começou ela, em um tom mais suave. — As pessoas mudam, Rand. Os sentimentos mudam. Quando as pessoas se distanciam fisicamente, às vezes se afastam. Eu amo você como um irmão, talvez até mais do que um irmão, mas não para casar. Consegue compreender?

Ele conseguiu abrir um sorriso pesaroso.

— Eu sou mesmo um idiota. Nunca pensei que você também pudesse mudar. Egwene, eu também não quero me casar com você. Não queria mudar, não tentei mudar, mas aconteceu. Se você soubesse o quanto isso significa para mim. Não ter mais que fingir. Não ter medo de magoar você. Eu nunca quis fazer isso, Egwene. Nunca quis magoar você.

A jovem quase sorriu. Rand estava se fazendo de forte.

— Fico feliz por você estar encarando isso tão bem — disse, em um tom suave. — Eu também não queria magoar você. Agora preciso mesmo ir. — Ela se levantou da cadeira e inclinou-se para dar um beijo na bochecha do amigo. — Você vai encontrar alguém.

— É claro — concordou ele, levantando-se, a mentira clara na voz.

— Vai mesmo.

Ela saiu satisfeita e atravessou a antessala correndo, liberando *saidar* enquanto tirava o cachecol dos ombros. A coisa era tão quente que mais parecia um pesadelo.

Rand estava no ponto para Elayne resgatá-lo como um cãozinho perdido, se ela o tratasse da forma como as duas haviam combinado. Pensou que Elayne cuidaria bem dele, agora e sempre. Por quanto o “sempre” durasse. Algo precisava ser feito em relação ao controle dele. Estava disposta a admitir que o que aprendera era certo — nenhuma mulher seria capaz de ensiná-lo, eram peixe e pássaro — mas isso não era o mesmo que desistir. Algo precisava ser feito, e teria de haver alguma forma. Aquela terrível ferida e a loucura eram problemas para depois, mas um dia seriam tratados. De algum jeito. Todos diziam que os homens de Dois Rios eram persistentes, mas eles não eram páreo para as mulheres de lá.



CABEÇAS DURAS

Pelo jeito que o rapaz olhava na direção de Egwene, meio perplexo, Elayne não sabia com certeza se Rand tinha notado que ela ainda estava no quarto. De vez em quando, ele balançava a cabeça como se discutisse consigo mesmo ou se tentasse pôr os pensamentos em ordem. Ela ficou feliz em esperar. Ficaria feliz com qualquer coisa que adiasse um pouco aquele momento. Concentrava-se em manter a aparente tranquilidade, com as costas eretas e a cabeça erguida, as mãos cruzadas no colo e uma calma no rosto que poderia rivalizar com a melhor expressão de Moiraine. O frio na barriga era tão grande que seu estômago podia muito bem virar gelo.

Não era medo de que ele canalizasse. Ela soltara *saidar* assim que Egwene se levantou para partir. Queria confiar nele, e tinha de confiar. Era o desejo do que queria que acontecesse que a fazia tremer. Precisava se concentrar para não ficar mexendo no colar ou cutucando a tiara de safiras no cabelo. Será que o perfume estava exagerado? Não. Egwene disse que ele gostava de cheiro de rosas. O vestido. Queria puxá-lo para cima, mas...

Rand se virou — mancando de leve, de um jeito que a fez contrair os lábios, pensativa — viu que ela estava sentada na cadeira e levou um susto, arregalando os olhos com uma expressão quase que de pânico. Elayne ficou contente em notar a reação, e fez dez vezes mais esforço para manter o rosto sereno assim que o rapaz pôs os olhos nela. Aqueles olhos agora estavam azuis, como um céu matutino nebuloso.

Ele se recuperou no mesmo instante, curvando-se em uma mesura um tanto desnecessária e esfregando as mãos no casaco, nervoso.

— Eu não percebi que você ainda estava... — Parou de falar, ruborizado. Esquecer-se da presença dela poderia ser tomado como insulto — Quer dizer... Eu não... Eu, hã... — Ele respirou fundo e recomeçou. — Nem sempre ajo como bobo da corte, apesar de ser isso que pareço para você, milady. Não é todo dia que alguém revela que não o ama mais, milady.

Ela assumiu um tom rígido e zombeteiro.

— Se me chamar assim mais uma vez, vou chamá-lo de Lorde Dragão. E fazer uma reverência. Até a Rainha de Andor pode se curvar diante de você, e eu sou só a Filha-herdeira.

— Luz! Não faça isso. — Ele pareceu incomodado demais com a ameaça.

— Eu não vou, Rand — respondeu a jovem, com a voz mais séria — se você me chamar pelo meu nome. Elayne. Diga.

— Elayne. — Ele proferiu a palavra com embaraço, mas também com prazer, como se saboreasse o nome.

— Bom. — Era um absurdo ficar tão satisfeita. Afinal de contas, ele só dissera seu nome. Havia algo que ela precisava saber, antes de prosseguir. — Doe demais? — Percebeu que a frase poderia ser interpretada de duas formas. — O que Egwene disse, quer dizer.

— Não. Sim. Um pouco. Não sei. É mais do que justo, afinal de contas. — Um leve sorriso aliviou um pouco da cautela. — Estou agindo feito um bobo da corte outra vez, não estou?

— Não. Não para mim.

— Eu disse a pura verdade, mas acho que ela não acreditou. Acho que eu também não queria acreditar no que ela disse. Não mesmo. Se isso não é agir como um bobo da corte, não sei o que é.

— Se você se chamar de bobo da corte mais uma vez, talvez eu comece a acreditar. — *Ele não vai tentar ir atrás dela, não terei que lidar com isso.* Elayne estava com a voz calma, um tom leve o bastante para indicar que não falava sério. — Já vi o bobo da corte de um lorde cairhieno, ele usava um casaco listrado meio engraçado, grande demais e cheio de sinos. Você ficaria ridículo com um casaco de sinos.

— Acho que sim — respondeu ele, pesaroso. — Vou me lembrar disso.

O sorriso lento foi maior desta vez, aquecendo toda a expressão.

O frio na barriga era quase congelante, mas ela se ocupou em ajeitar as saias. Precisava ir devagar, com cautela. *Senão ele vai pensar que sou só uma garota. E vai ter razão.* Agora havia uma verdadeira geleira em sua barriga.

— Quer uma flor? — perguntou ele, de súbito, e a jovem piscou os olhos, confusa.

— Uma flor?

— É. — Ele avançou até a cama, pescou dois punhados de penas do colchão esfarrapado e as segurou diante dela. — Eu fiz uma para a majhere, ontem à noite. Pela reação dava para pensar que eu tinha dado a Pedra a ela. Mas a sua será muito mais bonita — acrescentou, mais do que de depressa. — Muito mais bonita. Eu prometo.

— Rand, eu...

— Vou tomar cuidado. Basta só um pouquinho do Poder. Só um fiozinho, e vou tomar muito cuidado.

Confiar. Ela tinha de confiar nele. Era uma leve surpresa perceber que de fato confiava.

— Eu gostaria muito, Rand.

Por um longo instante, o rapaz encarou o montinho de plumas nas mãos com uma leve careta no rosto. De repente, deixou as plumas desabarem, batendo as palmas.

— Flores não são um presente apropriado para você. — disse ele. Elayne sentiu compaixão, o rapaz claramente tentara abraçar *saidin*, sem sucesso. Disfarçando a decepção, ele coxeou, apressado, até o tecido metálico e começou a enrolá-lo em volta do braço. — Esse sim é um presente apropriado para a Filha-herdeira de Andor. Você pode mandar uma costureira fazer... — Ele se atrapalhou para dizer o que uma costureira poderia fazer com um pedaço de tecido de ouro e prata de quatro passadas e menos de dois pés de largura.

— Tenho certeza de que a costureira terá várias ideias — respondeu Elayne, diplomática. — Puxando um lenço de seda azul-claro da manga, ela se ajoelhou por um instante e recolheu as plumas que ele deixara cair.

— As serviçais vão cuidar disso — disse ele, enquanto a Filha-herdeira enfiava a pequena trouxa na bolsa do cinto.

— Bom, esse tanto está limpo. — Como Rand poderia entender que ela queria guardar as plumas porque ele quisera fazer uma flor com elas? Ele remexeu os pés, segurando a trouxa brilhante como se não soubesse o que fazer com ela. — A majhere deve ter costureiras — continuou Elayne. — Vou entregar a ela. — Rand se animou e sorriu, ela não via motivo para dizer que seria um presente para a outra mulher. Aquela geleira não a deixava mais se conter. — Rand, você... gosta de mim?

— Gosto de você? — O rapaz franziu a testa. — É claro que gosto de você. Gosto muito.

Ele precisava mesmo fazer cara de quem não estava entendendo absolutamente nada?

— Eu tenho afeto por você, Rand. — Ficou assombrada por conseguir dizer aquilo com tanta calma. O estômago parecia rastejar até a garganta, e as mãos e os pés estavam gelidos. — Mais que afeto.

Era o suficiente, ela não faria papel de boba. *Ele primeiro precisa dizer mais do que "gosto".* Elayne quase riu, histérica. *Vou me controlar. Não vou deixar que ele me veja com o comportamento de uma garotinha apaixonada. Não vou.*

— Eu sinto afeto por você — respondeu ele, com cautela.

— Não costumo ser tão atrevida. — Não, isso poderia fazê-lo pensar em Berelain. As bochechas dele estavam vermelhas. Rand *estava* pensando em Berelain. Que o queime! A voz dela saiu suave como seda: — Em breve terei que partir, Rand. Irei embora de Tear. Talvez eu passe meses sem vê-lo. — *Talvez nunca mais o veja*, ressoou uma vozinha em sua cabeça. Elayne se recusou a escutá-la. — Não poderia ir embora sem dizer como me sinto. Eu... sinto um enorme afeto por você.

— Elayne, eu sinto *mesmo* afeto por você... Eu quero... — O vermelho em seu rosto se intensificou. — Elayne, não sei o que dizer, não sei como...

De súbito foi o rosto dela que ardeu em brasa. Rand devia estar pensando que ela queria forçá-lo a dizer algo mais. *E não quer?*, zombou a vozinha, o que fez seu rosto esquentar ainda mais.

— Rand, não estou pedindo para você... — Luz! Como dizer aquilo? — Só queria que você soubesse como me sinto. Só isso. — Berelain não deixaria a coisa terminar ali. Àquela altura, a Primeira já estaria enroscada no pescoço do rapaz. Dizendo a si mesma que não deixaria aquela mulherzinha seminar a levar a melhor, Elayne se aproximou dele, puxou o pedaço de tecido cintilante de seus braços e largou-o no carpete. Por alguma razão, o rapaz parecia mais alto do que nunca. — Rand... Rand, quero que você me beije. — Pronto. Estava dito.

— Beijar você? — repetiu ele, como se fosse a primeira vez que ouvia aquela palavra. — Elayne, não quero prometer mais do que... Quer dizer, não é como se estivéssemos noivos. Não que eu esteja sugerindo que devêssemos ficar noivos. É só que... Eu *gosto* de você, Elayne. Mais do que isso. Só não quero que você pense que eu...

Ela tinha que rir dele, com toda aquela confusão tão sincera.

— Não sei como as coisas funcionam em Dois Rios, mas em Caemlyn ninguém espera até o noivado para beijar uma garota. E isso também não significa que os dois devam ficar noivos. Mas talvez você não saiba como se faz...

Ele a envolveu com os braços de um jeito quase rude, e os lábios tocaram os dela. Elayne ficou tonta, os dedos de seus pés tentaram se enroscar dentro das sandálias. Algum tempo depois — ela não soube precisar quanto — percebeu que estava apoiada no peito dele, os joelhos trêmulos, tentando recuperar o fôlego.

— Desculpe a interrupção — disse o rapaz. Ela ficou contente em notar que ele parecia um pouco ofegante. — Sou só um pastor acanhado de Dois Rios.

— Você é bruto — murmurou a Filha-herdeira, colada à camisa de Rand — e não fez a barba hoje, mas eu não diria que é acanhado.

— Elayne, eu...

Ela cobriu a boca de Rand com a mão.

— Não quero ouvir mais nada que não venha do seu coração — disse a jovem com firmeza. — Nem agora nem nunca.

Ele assentiu, não como se entendesse o porquê, mas pelo menos como se compreendesse que ela estava falando sério. Ajeitando os cabelos — seria impossível ajeitar a tira de safiras toda enroscada sem um espelho — ela se soltou do abraço de Rand, não sem relutar. Seria muito fácil permanecer ali, e ela já se comportara de forma mais atrevida do que jamais sonhara fazer. Falando daquele jeito, pedindo um beijo. Pedindo! Ela não era Berelain.

Berelain. Talvez Min houvesse tido uma visão. O que Min via costumava acontecer, mas ela não o dividiria com Berelain. Talvez precisasse esclarecer mais as coisas. Indiretamente, pelo menos.

— Imagino que não vá lhe faltar companhia, depois que eu for embora. Só lembre-se de que algumas mulheres enxergam um homem com o coração, enquanto outras não veem nada além de uma bugiganga para usar, não muito diferente de um colar ou um bracelete. Lembre-se de que vou voltar, e sou eu quem enxerga com o coração. — Rand pareceu confuso de início,

depois um pouco assustado. Ela falara demais e muito depressa. Precisava desviar a atenção dele. — Quer saber de uma coisa que não fez? Você não tentou me afugentar dizendo o quanto é perigoso. Nem tente. É tarde demais.

— Não pensei nisso. — Mas outro pensamento passara por sua cabeça, e os olhos dele se encrespavam, desconfiados. — Você e Egwene tramaram isso?

Ela tentou mesclar inocência e um leve ultraje no olhar.

— Como pode pensar uma coisa dessas? Acha que iríamos passar você de mão em mão, como um pacote? Está se achando importante demais. Existe um limite para o excesso de orgulho. — Ele agora parecia confuso. O que era muito satisfatório. — Você lamenta o que fez conosco, Rand?

— Eu não pretendia assustar vocês — respondeu ele, hesitante. — Egwene me deixou com raiva, ela nunca precisa se esforçar muito para isso. Não é desculpa, eu sei. Eu disse que sentia muito, e sinto mesmo. Olhe só o que minha atitude me custou. Mesas queimadas e outro colchão arruinado.

— E quanto... ao beliscão?

O rosto dele enrubescou outra vez, mas o rapaz a encarou com firmeza, mesmo assim.

— Não. Não, eu não me sinto mal por isso. Vocês duas falando como se eu não estivesse aqui, como se eu fosse um pedaço de madeira sem ouvidos. Vocês mereceram, as duas, e não vou dizer o contrário.

Ela o contemplou por um tempo. Rand esfregou os braços nas mangas do casaco enquanto ela abraçava *saidar* por um instante. Não aprendera sobre Cura em nenhum grau, mas sabia algumas coisinhas aqui e ali. Canalizando, aliviou o machucado causado pelo beliscão. Ele arregalou os olhos, surpreso, e remexeu os pés como se testasse a ausência de dor.

— Pela honestidade — disse a jovem, simplesmente.

Houve uma batida na porta, e Gaul espiou lá dentro. A princípio, o Aiel manteve a cabeça baixa, mas depois de uma breve olhadela para os dois, endireitou-se. O vermelho preencheu a face de Elayne quando ela percebeu que o homem suspeitava ter interrompido algo que não deveria ter visto. Ela quase abraçou *saidar* e ensinou uma lição a ele.

— Os tairenos estão aqui — anunciou Gaul. — Os Grão-lordes que o senhor estava esperando.

— Eu já vou indo, então — disse ela a Rand. — Você precisa falar com eles sobre... impostos, não era? Pense no que eu disse. — Ela não dissera “pense em mim”, mas teve certeza de que o efeito seria o mesmo.

O rapaz estendeu o braço como se quisesse detê-la, mas ela se desvencilhou. Não tinha intenção de revelar qualquer coisa na frente de Gaul. O homem era Aiel, mas o que pensaria dela, toda de perfume e safiras àquela hora da manhã? Elayne fez um grande esforço para não subir o decote do vestido.

Os Grão-lordes entraram assim que ela alcançou a porta, um grupo de homens grisalhos de barbas pontudas e casacos coloridos, ornamentados com mangas bufantes. Eles abriram caminho com mesuras relutantes, rostos imperturbáveis e murmúrios educados, sem esconder o alívio em vê-la partir.

Ela deu uma espiada pela porta. Rand, um jovem alto e de ombros largos, vestindo um casaco verde e liso, em meio aos Grão-lordes de seda e listras de cetim. Mais parecia uma cegonha entre pavões. Mas havia algo nele, uma presença, que proclamava seu direito de comando. Os tairenos reconheciam isso, inclinando os pescoços rígidos com relutância. Rand achava que os homens só deviam se curvar porque ele era o Dragão Renascido, e talvez os próprios tairenos pensassem assim. Mas Elayne conhecera homens — como Gareth Bryne, o Capitão Comandante da Guarda de sua mãe — capazes de comandar um salão inteiro vestidos em andrajos, sem título algum e sem que ninguém soubesse seus nomes. Rand talvez não percebesse, mas era um deles. Ainda não era quando ela o vira pela primeira vez, mas se tornara um. Elayne fechou a porta atrás de si.

Os Aiel ao redor da entrada a encararam, e o capitão que comandava o círculo de Defensores no centro da antessala a olhou incomodado, mas ela mal percebeu. Estava feito. Ou, pelo menos, começara. Elayne tinha quatro dias até que Joiya e Amico embarcassem naquele navio, quatro dias para se enroscar com tanta firmeza aos pensamentos de Rand que não restaria espaço para Berelain. Ou então com firmeza o suficiente para ocupar a cabeça dele até ter chance de fazer algo mais. Nunca imaginara que faria algo do tipo, perseguir um homem como uma caçadora atrás de um javali selvagem. A geleira em sua barriga continuava firme. Pelo menos não deixara transparecer o nervosismo. Então lhe ocorreu que não pensara sequer um instante no que a mãe diria. Com isso, o frio na barriga desapareceu. Ela não se importava com o que a mãe diria. Morgase teria de aceitar que a filha era uma mulher. Isso era tudo.

Os Aiel se curvaram quando ela se afastou, e Elayne os cumprimentou com um gracioso meneio de cabeça que teria deixado Morgase orgulhosa. Até os capitães tairenos a encararam como se pudessem ver sua nova serenidade. Ela não pensou que seria incomodada pelo frio na barriga outra vez. Talvez causadas pela Ajah Negra, mas não por causa de Rand.

* * *

Ignorando o semicírculo de Grão-lordes ansiosos, Rand observou, admirado, a porta se fechar atrás de Elayne. Sonhos se tornando realidade, mesmo que fossem tão pequenos, o deixavam desconfortável. Nadar na Floresta das Águas era uma coisa, mas ele jamais teria imaginado um sonho em que ela fosse até ele daquela forma. Elayne sempre fora tão fria e contida, e ele tropeçava na própria língua. E Egwene tinha os mesmos pensamentos que ele em relação aos dois, só estava preocupada em não magoá-lo. Como as mulheres podiam se despedaçar ou explodir de raiva pelas menores coisas e sequer piscar por outras que deixavam os homens boquiabertos?

— Meu Lorde Dragão? — murmurou Sunamon, em um tom ainda mais desconfiado que o usual.

Os boatos daquela manhã já deveriam ter se espalhado pela Pedra. Aquele primeiro grupo saíra quase em disparada, e era pouco provável que Torean fosse dar as caras, ou repetir aquelas sugestões imundas, em qualquer lugar onde Rand estivesse.

Sunamon ensaiou um sorriso agradável, depois o reprimiu, secando as mãos roliças quando Rand o encarou. O restante fingia que não via as mesas queimadas, o colchão despedaçado, os livros espalhados e os caroços meio derretidos sobre a lareira — o que antes era uma cena mostrando o veadado e os lobos. Os Grão-lordes tinham talento para enxergar apenas o que queriam. Carleon e Tedosian, com a humildade mais fingida que Rand já vira, sem dúvida não percebiam como era suspeito não olharem um para o outro. Por outro lado, Rand jamais teria notado não fosse pelo bilhete de Thom, encontrado no bolso de um casaco que acabava de voltar da limpeza.

— O Lorde Dragão queria nos ver? — perguntou Sunamon.

Será que Egwene e Elayne tinham combinado tudo? Claro que não. As mulheres não faziam esse tipo de coisa, assim como os homens. Ou será que faziam? Só podia ter sido coincidência. Elayne ouviu que ele estava livre e decidiu se pronunciar. Era isso.

— Impostos — vociferou.

Os tairenos não se moveram, mas deram a impressão de recuar um passo. Como ele odiava ter de lidar com aqueles homens. Seu desejo era mergulhar de volta nos livros.

— É um mau precedente, meu Lorde Dragão, reduzir os impostos — comentou um homem esguio e grisalho de voz meliflua. Meilan era alto para um taireno, apenas um palmo mais baixo que Rand, e tão rígido quanto qualquer Defensor. Ele se mantinha curvado na presença de Rand. Seus olhos escuros revelavam o quanto odiava fazer aquilo, mas também odiara quando Rand mandou os homens pararem de se agachar à sua volta. Nenhum deles se endireitou, mas Meilan não gostou de ser lembrado do que fazia. — Os camponeses sempre pagaram com facilidade, mas, se baixarmos os impostos, no dia em que os elevarmos ao valor original os idiotas vão reclamar de um jeito tão amargo quanto fariam se dobrássemos a taxação atual. Quando chegar esse dia, pode muito bem haver motins, meu Lorde Dragão.

Rand caminhou pelo quarto e parou diante de *Callandor*. A espada de cristal cintilava, ofuscando o brilho das douraduras e pedras preciosas que a rodeavam. Uma lembrança de quem ele era, do poder que era capaz de brandir. Egwene. Ela bobagem ficar magoado por ela ter dito que não o amava mais. Por que deveria esperar que ela mantivesse sentimentos que ele não nutria por ela? Ainda assim, doía. Era um alívio, mas não dos mais agradáveis.

— Vocês terão ainda mais motins se tirarem os homens de suas fazendas. — Três livros jaziam em uma pilha quase aos pés de Meilan. *Os tesouros da Pedra de Tear*, *Viagens pelo Deserto* e *Transações com o território de Mayene*. As chaves estavam naqueles volumes e nas diversas traduções de *O Ciclo de Karaethon*, ainda que ele não as conseguisse encontrar para encaixá-las nas fechaduras corretas. Voltou a atenção outra vez para os Grão-lordes. —

Acham mesmo que eles vão ficar olhando as famílias passando fome sem fazer nada?

— Os Defensores da Pedra já contiveram motins antes, meu Lorde Dragão — retrucou Sunamon, muito calmo. — Nossos próprios guardas podem manter a paz no interior. Os camponeses não vão perturbá-lo, eu lhe dou a minha palavra.

— Já existem fazendeiros demais. — Carleon se encolheu sob o olhar de Rand. — Cairhien está em guerra civil, meu Lorde Dragão — explicou, mais do que depressa. — Os cairhienos não podem comprar grãos, e os celeiros estão abarrotados. A colheita deste ano vai apodrecer inteirinha. E ano que vem...? Que a minha alma queime, Lorde Dragão, mas precisamos é que alguns daqueles camponeses parem de cavar e plantar sem parar. — Ele pareceu perceber que falara demais, embora claramente não fosse capaz de entender por quê.

Rand se perguntou se o homem tinha alguma ideia de como a comida chegava em sua mesa. Será que via algo além de ouro e poder?

— O que vocês vão fazer quando Cairhien voltar a comprar grãos? — perguntou Rand, com frieza. — Aliás, será que Cairhien é o único lugar que precisa de grãos?

Por que Elayne se abriu daquela forma? O que esperava dele? Afeto, foi o que ela dissera. As mulheres, assim como as Aes Sedai, sabiam jogar com as palavras. Será que ela estava dizendo que o amava? Não, isso era a mais pura bobagem. Podia até ser orgulhoso demais, mas sem exageros.

— Meu Lorde Dragão — começou Meilan, meio subserviente, meio como se explicasse algo a uma criança — se as guerras civis acabassem hoje, ainda assim Cairhien não poderia comprar mais que umas poucas barcaças carregadas pelos próximos dois anos, talvez três. Sempre vendemos os grãos a Cairhien.

Sempre — por vinte anos, desde a Guerra dos Aiel. Eram tão atrelados ao que *sempre* haviam feito que pareciam incapazes de enxergar uma coisa tão simples. Ou não queriam ver. Quando os repolhos rebentavam feito ervas ao redor de Campo de Emond, era quase certo que uma chuva ruim ou vermes tinham assolado Trilha de Deven ou Colina da Vigília. Quando Colina da Vigília colhia nabos em profusão, era certo que Campo de Emond ou Trilha de Deven estavam lidando com a escassez.

— Ofereça para Illian — sugeriu. O que Elayne esperava dele? — Ou para Altara. — Gostava dela, mas da mesma forma que gostava de Min. Ou que pensava que gostava. Era impossível entender o sentimento que nutria pelas duas. — Vocês têm navios para jogar no mar, além de barcos e barcaças, e, se não tiverem o suficiente, aluguem navios de Mayene. — Ele gostava das duas, mas, além disso... passara quase a vida inteira suspirando por Egwene. Não estava disposto a embarcar nisso outra vez sem certeza. Qualquer certeza. Certeza. Se *Transações com o Território de Mayene* estivesse relatando a verdade... *Pare com isso*, disse a si mesmo. *Mantenha o foco nessas fuinhas ardilosas, ou eles encontrarão buracos por onde fugir para dar uma mordida nos seus calcanhares.* — Paguem com grãos. Tenho certeza de que, por um bom preço, a

Primeira concordará. E talvez um acordo assinado, um tratado... — Era uma boa palavra, do tipo que eles usavam. — A promessa de deixar Mayene em paz em troca dos navios. — Devia isso à Primeira.

— Fazemos poucos negócios com Illian, meu Lorde Dragão. São uma escória de abutres. — Tedosian souu escandalizado. Assim como Meilan, que disse:

— Sempre lidamos com Mayene na base da força, meu Lorde Dragão. Nunca dobramos os joelhos.

Rand respirou fundo. Os Grão-lordes ficaram tensos. Era sempre a mesma coisa. Tentava ser razoável com eles, e sempre dava errado. Thom dizia que os Grão-lordes tinham as cabeças mais duras que a Pedra, e estava certo. *O que é que eu sinto por ela? Fico tendo esses sonhos. Ela com certeza é linda.* Não sabia ao certo se pensava em Elayne ou Min.

— Primeiro vocês vão reduzir três quartos dos impostos dos fazendeiros e metade dos de todo o resto da população. Não discutam! Façam! Segundo, vão falar com Berelain e perguntar... É para perguntar! Por quanto poderiam alugar...

Os Grão-lordes escutaram com sorrisos falsos e rangendo os dentes, mas escutaram.

* * *

Egwene pensava em Joiya e Amico quando Mat surgiu ao seu lado, caminhando pelo corredor como se fosse uma enorme coincidência estar passando por ali. O rapaz estava com a testa franzida e os cabelos desgrenhados, como se os tivesse bagunçado com os dedos. Ele a encarou uma ou duas vezes, mas não disse uma palavra. Os servos que passavam por eles se curvavam em mesuras e reverências, bem como os Grão-lordes e grã-ladies, ainda que com entusiasmo menos evidente. Os olhares carrancudos de Mat aos nobres teriam lhe causado problemas se Egwene não estivesse ali, amigo do Lorde Dragão ou não.

O silêncio não combinava com ele, não com o Mat que Egwene conhecia. Exceto pelo fino casaco vermelho — amassado, como se o rapaz tivesse dormido com ele — não parecia diferente do velho Mat, embora todos estivessem mudados. Seu silêncio era inquietante.

— Está incomodado com a noite passada? — perguntou a jovem, por fim.

Mat tropeçou.

— Você ficou sabendo? Bom, é de se esperar, não é? Não me incomodou. Não foi nada demais. De qualquer modo, já está no passado.

Egwene fingiu acreditar.

— Nynaeve e eu não temos visto muito você. — Era um eufemismo e tanto.

— Tenho andado ocupado — murmurou o rapaz, e deu de ombros, constrangido, olhando para todos os lados, menos para Egwene.

— Jogando dados? — perguntou ela, desdenhosa.

— Cartas. — Uma serviçal roliça, curvando-se em medidas com os braços cheios de toalhas dobradas, olhou para Egwene e, parecendo pensar que a jovem não reparava, piscou para Mat. O rapaz abriu um sorriso em resposta. — Tenho andado ocupado jogando cartas.

As sobranceiras de Egwene se ergueram. Aquela mulher deveria ser uns dez anos mais velha que Nynaeve.

— Entendi. Deve tomar bastante tempo, jogar cartas. Tempo demais para que sobre um pouco para os velhos amigos.

— Da última vez que passei um tempo com vocês, você e Nynaeve me prenderam com o Poder como um porco em um mercado para vasculharem meu quarto. Amigos não roubam de amigos. — Ele fez uma careta. — Além do mais, vocês estão sempre com aquela Elayne, toda de nariz em pé. Ou com Moiraine. Eu não gosto... — Com um pigarro, ele lançou a ela um olhar de esguelha. — Não gosto de tomar o tempo de vocês. Pelo que andei ouvindo, estão muito ocupadas. Interrogando Amigas das Trevas. Fazendo uma série de coisas importantes, imagino. Já sabem que esses tairanos pensam que vocês são Aes Sedai, não sabem?

Egwene balançou a cabeça, pesarosa. Era das Aes Sedai que ele não gostava. Por mais coisas do mundo que Mat visse, nada o faria mudar.

— Pegar de volta o que estava emprestado não é roubar — retrucou.

— Não me lembro de você ter falado qualquer coisa sobre empréstimo. Ah, de que me adianta uma carta da Amyrlin? Só me causa problemas. Vocês poderiam ter pedido.

Ela se conteve e não mencionou que de fato haviam pedido. Não queria discutir, e nem queria que ele fosse embora emburrado. Mat não chamaria aquilo de pedido, naturalmente. Dessa vez, ela o deixaria seguir com a própria versão.

— Bom, agradeço por você ainda estar disposto a falar comigo. Alguma razão especial para me procurar hoje?

Mat enfiou os dedos nos cabelos e resmungou sozinho. Precisava era de um puxão de orelha da mãe e uma longa conversa. Egwene recomendou a si mesma paciência. Sabia ser paciente quando queria. Não diria uma palavra antes dele, ainda que estivesse explodindo por dentro.

O corredor se abria em uma colunata de mármore branco com uma balaustrada que dava para um dos poucos jardins da Pedra. Grandes botões de flores brancas cobriam as árvores esparsas, pequenas e de folhas moles, com aroma ainda mais doce do que os arbustos de rosas vermelhas e amarelas. Uma brisa úmida falhava em remexer os reposteiros na parede interna, mas reduzia o calor crescente e abafado da manhã. Mat sentou-se na larga balaustrada e encostou-se em uma coluna, erguendo um dos pés à frente do corpo. Contemplando o jardim, disse, por fim:

— Eu... preciso de um conselho.

Mat queria um conselho *dela*? Egwene arregalou os olhos.

— O que eu puder fazer para ajudar — respondeu, a voz fraca. O rapaz virou a cabeça para ela, que se esforçou para assumir a feição tranquila de uma Aes Sedai. — Quer um conselho a respeito de quê?

— Eu não sei.

Era uma queda de dez passadas até o jardim. Além do mais, havia homens lá embaixo, capinando a grama entre as rosas. Se Egwene o empurrasse, ele poderia cair em cima de um deles.

— Como é que eu vou poder aconselhá-lo, então? — perguntou, com a voz aguda.

— Estou... tentando decidir o que fazer. — Ele parecia envergonhado. Na opinião dela, estava muito certo.

— Espero que não esteja pensando em fugir. Você sabe o quanto é importante. Não pode simplesmente fugir, Mat.

— Você acha que não sei disso? Acho que não poderia ir embora nem se Moiraine permitisse. Acredite em mim, Egwene, eu não vou a lugar nenhum. Só quero saber o que é que vai acontecer. — Ele sacudiu a cabeça, e sua voz ficou mais firme. — O que é que acontecerá em seguida? Por que a minha memória está cheia de buracos? Alguns pedaços da minha vida nem estão lá, eles simplesmente não existem, como se jamais tivessem acontecido! Por que é que eu volta e meia falo umas baboseiras? Dizem que é Língua Antiga, mas para mim são só umas asneiras sem sentido. Eu quero saber, Egwene. Preciso saber, antes que fique tão doido quanto Rand.

— Rand não está doido — respondeu ela, sem pensar. Então Mat não estava tentando fugir. Era uma surpresa agradável. O rapaz não parecia acreditar em responsabilidade. Mas havia sofrimento e preocupação em sua voz. Mat nunca demonstrava preocupação, pelo menos não na frente de alguém. — Eu não sei as respostas, Mat — disse, com gentileza. — Talvez Moiraine...

— Não! — Ele deu um salto e se levantou. — Nada de Aes Sedai! Quer dizer... Você é diferente. Eu conheço você, você não é... Elas não ensinaram nada na Torre, algum truque ou coisa assim, alguma coisa que possa servir?

— Ah, Mat, eu lamento. Eu lamento muito.

A risada dele a fez lembrar-se da infância dos dois. Mat sempre ria quando tinha as grandes expectativas frustradas.

— Ah, bem, acho que não importa. Ainda seria um conselho da Torre, mesmo que de segunda mão. Não se ofenda.

Mat sempre reclamava horrores por uma farpa no dedo, mas tratava uma perna quebrada como se não fosse nada demais.

— Pode ser que haja um jeito — começou Egwene, com cautela. — Se Moiraine concordar. Talvez ela concorde.

— Moiraine! Você não ouviu uma palavra do que eu disse? A última coisa que quero é Moiraine se intrometendo. Que jeito?

Mat sempre fora impulsivo. Mas não queria mais do que ela própria: saber. Se ele ao menos demonstrasse um pouco de cautela e bom senso, para variar. Uma nobre tairana que passava, com tranças escuras enroladas na cabeça e ombros desnudos acima do linho amarelo, dobrou de leve o joelho, encarando os dois sem expressão. Ela caminhava depressa, as costas rijas. Egwene a observou até que ela saísse do alcance de sua voz e os dois estivessem

sozinhos. A menos que os jardineiros, trinta pés abaixo, contassem. Mat a encarava, na expectativa.

No fim, ela contou a ele sobre o *ter'angreal*, o batente de porta retorcido que revelava respostas do outro lado. Enfatizou os riscos, as consequências das perguntas tolas e das respostas relativas à Sombra, perigos que talvez nem as Aes Sedai conhecessem. Ela estava mais do que lisonjeada por Mat tê-la procurado, mas o rapaz precisava demonstrar um pouco de bom senso.

— Lembre-se disso, Mat. Perguntas frívolas podem acabar matando. Então, se o usar, vai precisar agir com seriedade pela primeira vez na vida. E não pode perguntar nada relativo à Sombra.

Ele escutara com crescente incredulidade. Quando Egwene terminou, o rapaz exclamou:

— Três perguntas? Você entra como Bili, eu suponho, passa uma noite lá e volta dez anos depois com uma bolsa cheia de dinheiro que não esvazia nunca e um...

— Pela primeira vez na vida, Matrim Cauthon — retrucou ela, irritada —, pare de bancar o idiota. Você sabe muito bem que *ter'angreal* não são histórias. Precisa tomar cuidado com os perigos. Talvez as respostas que procura estejam dentro desse, mas você não pode fazer nada sem a autorização de Moiraine. Tem que me prometer isso, ou juro que arranco você de lá como uma truta encordoadada. Sabe que eu consigo.

Ele bufou alto.

— Eu seria idiota se tentasse, mesmo com a autorização de Moiraine. Entrar em uma droga de um *ter'angreal*? Eu quero ter menos a ver com o Poder, não mais. Pode ir desistindo dessa ideia.

— É o único jeito que eu conheço, Mat.

— Não para mim, para mim não é — respondeu o rapaz, com firmeza. — Ficar sem solução ainda é melhor do que isso.

Apesar do tom de Mat, Egwene sentiu vontade de abraçá-lo. Só que ele faria alguma piadinha às suas custas e tentaria lhe dar um beliscão. Ele sempre fora incorrigível, desde o dia em que nasceu. Mesmo assim, fora até lá pedir ajuda.

— Eu lamento, Mat. O que é que você vai fazer?

— Ah, acho que jogar cartas. Se alguém quiser jogar comigo. Jogar pedras com Thom. Dados nas tavernas. Ainda posso ir até a cidade, pelo menos. — Ele fixou o olhar em uma serviçal mais adiante, uma garota esbelta e de olhos escuros, quase da idade deles. — Vou arrumar alguma coisa para passar o tempo.

Egwene sentiu a mão coçar com a vontade de dar um tapa no rapaz, mas em vez disso disse, cautelosa:

— Mat, você não está mesmo pensando em ir embora, está?

— Se eu estivesse, você contaria a Moiraine? — Ele ergueu a mão para impedi-la de responder. — Bom, não tem necessidade. Eu já disse que não vou. Não posso fingir que não queria, mas não vou embora. Está bom para você? — Ele franziu o cenho, pensativo. — Egwene, já sentiu vontade de voltar para casa? Já desejou que nada disso tivesse acontecido?

Era uma pergunta surpreendente, vinda dele, mas ela sabia a resposta.

— Não. Mesmo com tudo isso, não. E você?

— Eu seria um idiota, não seria? — Mat deu risada. — Eu gosto é de cidades, e esta aqui basta, por enquanto. Esta basta. Egwene, você não vai contar a Moiraine sobre isso, vai? Sobre eu vir pedir conselhos, e tudo o mais?

— Por que eu não deveria? — perguntou a jovem, desconfiada. Afinal de contas, era de Mat que estavam falando.

O rapaz deu de ombros, encabulado.

— Tenho mantido mais distância dela do que de... de qualquer forma, eu a tenho evitado, principalmente quando ela resolve vasculhar a minha cabeça. Pode pensar que estou amolecendo. Não conte a ela, está bem?

— Não conto — disse Egwene — se você me prometer que não vai chegar perto daquele *ter'angreal* sem a permissão dela. Eu não devia nem ter falado disso com você.

— Eu prometo. — Mat escancarou um sorriso. — Só vou chegar perto daquele treco se a minha vida estiver dependendo dele. — O rapaz concluiu a frase com uma seriedade zombeteira.

Egwene balançou a cabeça. Por mais que todo o resto mudasse, Mat jamais mudaria.





DECISÕES

Três dias se passaram, quentes e úmidos, parecendo consumir a força até dos tairenos. A cidade caminhava a passos lentos, letárgicos, até a vida na Pedra parecia rastejar. Serviçais trabalhavam quase que dormindo. A majhere puxava as tranças enroladas em frustração, mas nem mesmo ela conseguia arrumar energia para dar cascudos e puxar orelhas. Defensores da Pedra afundavam em seus postos como velas meio derretidas, e os oficiais demonstravam mais interesse em beber vinho frio do que em fazer as rondas. Os Grão-lordes passavam muito tempo em seus aposentos, dormindo durante a parte mais quente do dia, e uns poucos haviam deixado a Pedra e rumado para as terras relativamente frescas do leste, nas encostas da Espinha do Mundo. Estranhamente, apenas os estrangeiros, que sentiam mais calor do que todos, esforçavam-se para seguir com suas vidas, talvez até mais do que de costume. Para eles, a violência do calor não chegava nem perto do peso das horas que corriam.

Mat logo descobriu que estivera certo a respeito dos jovens lordes que viram as cartas tentarem matá-lo. Eles não apenas o evitavam, também tinham espalhado a notícia entre os amigos, uma notícia por vezes aumentada. Todos na Pedra com duas moedas de prata na mão apenas davam desculpas mais do que esfarrapadas enquanto se afastavam. Os boatos se espalharam para além dos fidalgotes. Mais de uma serviçal que apreciava um chamego agora o dispensava, e duas disseram, incomodadas, terem ouvido dizer que era perigoso ficar a sós com ele. Perrin parecia enrolado nos próprios problemas, e Thom evaporava em um passe de mágica. Mat não tinha ideia do que ocupava o menestrel, mas quase nunca conseguia encontrá-lo, nem de dia nem de noite. Moiraine, a única pessoa que Mat desejava que o ignorasse, parecia presente a cada curva que ele fazia, sempre apenas de passagem, cruzando um corredor ao longe. Mas seus olhos encontravam os dele todas as

vezes, encarando-o não só como se soubesse o que o rapaz pensava e o que queria, mas também como se soubesse que o convenceria a mudar de ideia e fazer exatamente o que ela queria. Nada daquilo fazia diferença em relação a uma coisa: ele sempre conseguia arrumar desculpas para adiar a partida por mais um dia. Na sua opinião, não *prometera* a Egwene que ficaria. Mas acabava ficando.

Um dia, desceu com uma lanterna para o interior da Pedra, até a chamada Grande Posse, e chegou à porta apodrecida no canto oposto do estreito corredor. Observou o interior sombrio por alguns minutos, as formas indistintas cobertas de lonas empoeiradas, os caixotes e barris empilhados fora de ordem, com as extremidades planas servindo de prateleiras para uma série de estatuetas, esculturas e objetos esquisitos de cristal, vidro e metal. Depois de alguns instantes ali parado, ele saiu correndo, resmungando:

— Devo ser o maior idiota do mundo inteiro!

Mas nada o impedia de continuar indo à cidade, e não havia chance de esbarrar com Moiraine nas tavernas do cais do Maule, o distrito portuário, ou nas estalagens do Chalm, onde ficavam os armazéns pouco iluminados — a maioria locais imundos com vinho barato, cerveja ruim, brigas ocasionais e intermináveis jogos de dados. As apostas no dado eram baixas, comparadas às que ele estava acostumado, mas não era por isso que sempre voltava à Pedra depois de algumas horas. Tentava não pensar no que o arrastava de volta, outra vez para perto de Rand.

Perrin às vezes avistava Mat nas tavernas da zona portuária, bebendo muito vinho barato, jogando dados como se não se importasse se ganhava ou perdia. Certa vez, parecia exibir uma faca quando um marinheiro troncudo o pressionou, querendo saber com que frequência ele de fato ganhara. Não fazia o estilo de Mat ser tão irritadiço, mas Perrin o evitava, em vez de tentar descobrir o que o incomodava. Não estava ali para beber ou jogar dados, e os homens que pensavam em brigar com ele mudavam de ideia quando viam o tamanho de seus ombros — e a cor de seus olhos. Mas ele comprava cerveja ruim para marinheiros de calças de couro largas, mercadores menores que usavam finas correntes de prata penduradas na frente dos casacos e qualquer homem que parecesse vir de alguma terra distante. Buscava rumores, notícias de algo que pudesse levar Faile para longe de Tear. Para longe dele.

Tinha certeza de que, se encontrasse uma aventura para ela, algo que despertasse na mulher a ideia de que teria a chance de escrever seu nome na história, Faile partiria. Ela fingia compreender por que Perrin precisava ficar, mas volta e meia indicava que queria partir e que esperava que ele a acompanhasse. O rapaz tinha certeza de que ela morderia a isca certa, que partiria sem ele.

A maioria dos rumores ela sabia que eram distorções atrasadas da verdade, assim como ele sabia. Diziam que a guerra que ardia no Oceano de Aryth era obra de um povo que ninguém nunca ouvira falar chamado Sawchin, ou algo do tipo — ouvia muitas variações de diversos contadores — um povo estranho que talvez fosse o exército de Artur Asa-de-gavião

retornando depois de mil anos. Um sujeito, um taraboniano de chapéu redondo e vermelho, com um bigode mais grosso que o chifre de um touro, informou, muito sério, que o próprio Asa-de-gavião conduzira aquela gente, empunhando a lendária espada da Justiça. Havia rumores de que a lendária Trombeta de Valere, que supostamente convocaria os mortos dos túmulos para lutar na Última Batalha, fora encontrada. Em Ghealdan, motins haviam estourado por todo o país. Illian sofria de epidemias de loucura em massa. Em Cairhien, a fome reduzia a matança. Em algum lugar das Terras da Fronteira cresciam os ataques de Trollocs. Perrin não podia mandar Faile para nada daquilo, nem que fosse para tirá-la de Tear.

Os relatos dos problemas em Saldaea pareciam promissores — o próprio lar deveria ser atraente para a jovem, e Perrin ouvira dizer que Mazrim Taim, o falso Dragão, fora preso por Aes Sedai — mas ninguém sabia que tipo de problemas havia por lá. Inventar qualquer coisa não adiantaria de nada, não importava o que ele encontrasse, a mulher decerto investigaria antes de sair caçando. Além do mais, qualquer tumulto em Saldaea poderia muito bem ser tão ruim quanto as outras coisas de que tinha ouvido falar.

Perrin também não podia revelar onde passava o tempo, pois Faile iria querer saber os motivos. Ela sabia que ele não era como Mat, que gostava de ficar circulando pelas tavernas. Perrin nunca tivera talento para mentira, por isso a enrolava o quanto podia, e a mulher já tinha começado a responder com olhares longos, oblíquos e silenciosos. Tudo o que ele podia fazer era redobrar os esforços para encontrar uma história que a seduzisse. Precisava afastá-la de si, antes que Faile acabasse morta. Precisava.

Egwene e Nynaeve passaram mais tempo com Joiya e Amico, sem sucesso. As duas nunca mudavam as histórias. Sob protestos de Nynaeve, Egwene até tentou contar a cada uma o que a outra dissera, para ver se algo se desencaixava. Amico apenas as encarou, choramingando sobre como nunca ouvira falar de tal plano. Mas acrescentou que poderia ser verdade. Poderia. A mulher suave, ávida por agradar. Joiya respondeu, com frieza, que fossem a Tanchico, se assim desejavam.

— Ouvi dizer que hoje em dia é uma cidade desagradável — comentou, serena, os olhos de corvo brilhando. — O Rei não detém poder sobre muito mais do que própria a cidade, e soube que a Panarca desistiu de manter a ordem civil. Braços fortes e facas ligeiras governam Tanchico. Mas podem ir, se for a vontade de vocês.

Nenhuma palavra vinha de Tar Valon, nada que informasse se a Amyrlin estava lidando com a possível ameaça de libertação de Mazrim Taim. Desde que Moiraine enviara os pombos — presumindo que ela de fato o fizera — houvera bastante tempo para que uma mensagem chegasse, por um barco veloz ou um homem a cavalo. Egwene e Nynaeve debatiam em relação a isso; Nynaeve admitia que a Aes Sedai não podia mentir, mas tentava encontrar distorções nas palavras de Moiraine. A própria Moiraine parecia não se preocupar com a falta de resposta da Amyrlin, embora fosse difícil avaliar sua calma impassível.

Egwene se preocupava com isso, e também com a possibilidade de Tanchico ser uma pista falsa, verdadeira, ou uma armadilha. A biblioteca da Pedra guardava livros sobre Tarabon e Tanchico, mas, embora ela os tivesse lido até cansar os olhos, não encontrou pista de qualquer coisa que representasse perigo para Rand. O calor e a preocupação não ajudavam seu humor. Ela às vezes parecia tão irritada quanto Nynaeve.

Algumas coisas iam bem, naturalmente. Mat ainda estava na Pedra, era óbvio que estava amadurecendo e aprendendo a ser responsável. Ela se arrependia de tê-lo desapontado, mas não achava que qualquer mulher na Torre pudesse ter feito melhor. Compreendia a sede que ele tinha de saber, pois também a sentia, embora por outros conhecimentos, por coisas que só poderia aprender na Torre, coisas a descobrir que ninguém soubera fazer antes, conhecimentos perdidos que poderia reaprender.

Aviendha começou a visitar Egwene, aparentemente por vontade própria. Se a mulher a princípio parecia cautelosa... Bem, ela era Aiel, afinal de contas. E, além do mais, pensava que Egwene fosse uma Aes Sedai plena. Ainda assim, a companhia era agradável, embora Egwene às vezes pensasse ver perguntas silenciosas em seus olhos. Ainda que Aviendha fosse reservada, logo ficou claro que era detentora de uma perspicácia ligeira e de um senso de humor similar ao de Egwene. As duas por vezes acabavam gargalhando juntas feito garotinhas. Os modos Aiel eram muito estranhos a Egwene, o que ficou claro com o desconforto de Aviendha em sentar-se em uma cadeira e o seu choque em deparar-se com Egwene tomando banho em uma banheira com chapa de prata que a majhere trouxera. O choque não fora por encontrar Egwene nua — na verdade, quando ela percebeu que Egwene tinha ficado constrangida, tirou as próprias roupas e sentou-se no chão para conversar — mas por vê-la afundada na água até o pescoço. O banho desperdiçava tanta água que os olhos da Aiel ficaram arregalados. Além disso, Aviendha recusava-se a entender por que ela e Elayne não haviam feito nada de drástico com Berelain, já que a queriam fora de seu caminho. Era praticamente proibido a uma guerreira matar uma mulher que não tivesse desposado a lança, mas, como nem Elayne nem Berelain eram Donzelas da Lança, na opinião de Aviendha, Elayne não teria problemas em desafiar a Primeira de Mayene a um duelo com facas, ou, se falhasse nelas, com pés e punhos. Era melhor com facas, pelo que ela dizia. Berelain parecia o tipo de mulher que apanhava muito antes de ceder. Seria melhor desafiá-la e matá-la de uma vez. Ou Egwene poderia fazer isso por ela, como amiga e quase irmã.

Ainda assim, era agradável ter alguém com quem rir e conversar. Elayne passava a maior parte do tempo ocupada, naturalmente. E Nynaeve, que parecia sentir a pressão do tempo de forma tão intensa quanto Egwene, gastava o seu fazendo caminhadas com Lan pelas balaustradas ao luar e preparando ela mesma as comidas que o Guardião apreciava, sem falar nos xingamentos que às vezes espantavam os cozinheiros da cozinha; Nynaeve não sabia cozinhar muito bem. Não fosse por Aviendha, Egwene não saberia como passaria as horas mormacentas que intercalavam os interrogatórios das

Amigas das Trevas: suada, sem dúvida, e preocupada em ter de fazer algo que lhe dava pesadelos só de pensar.

Por acordo, Elayne nunca estava presente nesses interrogatórios. Um par de ouvidos a mais não faria diferença. Em vez disso, sempre que Rand tinha algum tempo livre, a Filha-herdeira parecia surgir por perto por acaso, fosse para conversar ou caminhar com ele de braços dados, mesmo que apenas de uma reunião com Grão-lordes até algum salão onde outros o aguardavam, ou a uma vistoria de surpresa nos alojamentos dos Defensores. Ela adquiriu grande talento para encontrar cantos isolados onde os dois pudessem passar um tempo sozinhos. Naturalmente, o rapaz sempre tinha Aiel em seu encalço, mas logo ela passou a se importar tão pouco com o que eles pensavam quanto com o que a mãe poderia pensar. Até iniciara uma espécie de conspiração com as Donzelas da Lança. As mulheres conheciam cada recanto escondido da Pedra e a informavam sempre que Rand estava desacompanhado. Pareciam considerar a brincadeira um grande passatempo.

A surpresa fora que ele perguntou a ela sobre governar nações e escutou o que ela tinha a dizer. Isso ela gostaria que a mãe tivesse visto. Mais de uma vez, Morgase chegara a rir, meio desesperada, e dizer a ela que era preciso concentração. Quais embarcações proteger, e como, e quais não proteger, e por quê, poderiam ser decisões duras, mas tão importantes quanto como cuidar dos doentes. Talvez fosse divertido levar um lorde ou mercador teimoso a fazer o que não queria pensando ter sido ideia própria, e talvez fosse recompensador alimentar os famintos. Mas, se fosse preciso alimentar alguém, também seria preciso decidir quantos funcionários, carroções e condutores seriam necessários. Outros poderiam resolver isso, mas, se cometessem algum erro, só daria para saber quando fosse tarde demais. Ele a escutava, e com frequência seguia seus conselhos. Elayne achava que poderia tê-lo amado só por essas duas coisas. Berelain não estava pondo os pés para fora de seus aposentos, e Rand passara a abrir um sorriso no instante em que a via. Nada no mundo poderia estar melhor. Só se os dias parassem de passar.

Os três dias curtos escapuliam de seus dedos feito água. Joiya e Amico seriam enviadas para o norte, e não haveria mais razão para permanecer em Tear. Seria hora de ela, Egwene e Nynaeve também partirem. Ela iria, quando a hora chegasse. Jamais considerara o contrário. Saber disso a enchia de orgulho por estar agindo feito uma mulher, e não uma garota. Saber disso a fazia querer chorar.

E Rand? Ele se reunia com Grão-lordes em seus aposentos e distribuía ordens. Assustava-os aparecendo em reuniões secretas de três ou quatro, descobertas por Thom, apenas para reiterar alguns pontos em relação às últimas ordens. Os nobres sorriam, faziam medidas, suavam e se perguntavam o quanto ele saberia. Era preciso encontrar algum uso para a energia daqueles homens, antes que algum deles decidisse que Rand teria de ser morto, já que não era possível manipulá-lo. Faria o que fosse necessário para distraí-los, mas não daria início a uma guerra. Se tivesse de confrontar Sammael, que fosse. Mas não começaria uma guerra.

Montar seu plano de ação ocupava a maior parte do tempo que não era dedicado a correr atrás dos Grão-lordes. Algumas ideias vinham das pilhas de livros que mandava os bibliotecários levarem a seus aposentos, e também das conversas com Elayne. Os conselhos dela sem dúvida eram úteis em relação aos Grão-lordes. Rand percebia que os nobres reviam seus conceitos em relação a ele ao vê-lo exibir conhecimentos sobre coisas que os próprios não sabiam muito bem. Quando quis dar crédito a Elayne, a mulher não deixou.

— Um governante sábio aceita conselhos — disse ela, sorrindo — mas jamais demonstra que aceita. Deixe que pensem que você sabe mais do que sabe. Não fará mal algum, e ainda vai ajudar. — No entanto, pareceu satisfeita com a sugestão.

Ele não tinha muita certeza de que ainda não estava adiando alguma decisão, pelo menos, por causa dela. Três dias de planejamentos, tentando decifrar o que ainda estava faltando. Havia algo faltando. Não podia reagir aos Abandonados, tinha de fazê-los reagir a ele. Três dias, e no quarto ela partiria — de volta para Tar Valon, esperava — mas, se ele fizesse algum movimento, suspeitava de que até os breves momentos juntos terminariam. Três dias de beijos roubados, quando ele se esquecia de que era qualquer coisa além de um homem com os braços em volta de uma mulher. Sabia que era um motivo bobo mas verdadeiro. Estava aliviado por ela não parecer querer nada além de sua companhia, mas, naqueles momentos a dois, Rand era capaz de esquecer as decisões, esquecer o destino que aguardava o Dragão Renascido. Mais de uma vez, considerou pedir que ela ficasse, mas não seria justo elevar as expectativas da moça, já que nem ele fazia ideia do que queria, além de sua presença. Se ela tivesse alguma expectativa, claro. Era melhor pensar nos dois apenas como um jovem casal passeando em uma noite de festa. Assim ficava mais fácil. Às vezes ele esquecia que ela era a Filha-herdeira, e ele, um pastor. Mesmo assim, desejava que ela não fosse embora. Três dias. Ele precisava tomar uma decisão. Precisava tomar uma atitude. Algo que ninguém esperasse.

O sol começava a se pôr no terceiro dia. Os reposteiros semicerrados do dormitório de Rand reduziam o brilho amarelo-avermelhado. *Callandor* cintilava no suporte ornamentado como o mais puro cristal.

Rand encarou Meilan e Sunamon, depois atirou neles o grosso bolo de folhas de papel-pergaminho. Um tratado, todo escrito com esmero, apenas sem as assinaturas e os selos. O bolo atingiu Meilan no peito, que o pegou por reflexo e fez uma mesura, como se estivesse honrado, mas o sorriso tenso revelou os dentes trincados.

Sunamon trocou o peso de um pé para outro, esfregando as mãos para secá-las.

— Está tudo como o senhor disse, meu Lorde Dragão — comentou o homem, ansioso. — Grãos por navios...

— E dois mil recrutas tairenos — interrompeu Rand. — “Para garantir a distribuição apropriada dos grãos e proteger os interesses tairenos.” — A voz era gélida, mas seu estômago estava em ebulição. Quase tremia de tanta

vontade de voar para cima daqueles idiotas e enchê-los de socos. — Dois mil homens. Sob o comando de Torean!

— O Grão-lorde Torean se interessa pelos negócios com Mayene, meu Lorde Dragão — respondeu Meilan, com a voz suave.

— Ele se interessa é por forçar a atenção de uma mulher que nem olha para ele! — gritou Rand. — Grãos por navios, eu disse! Nada de soldados. E sem dúvida nada do maldito Torean! Vocês sequer falaram com Berelain?

Os homens piscaram como se não tivessem compreendido as palavras. Era demais. Ele agarrou *saidin*. O papel-pergaminho nas mãos de Meilan irrompeu em chamas. Com um berro, Meilan arremessou o bolo de folhas na lareira vazia e, mais que depressa, espanou as centelhas e os chamuscados do casaco de seda vermelha. Boquiaberto, Sunamon encarou as folhas em chamas, crepitando, cada vez mais negras.

— Vocês vão falar com Berelain — disse aos homens, surpreso com a calma na própria voz. — Até amanhã ao meio-dia terão oferecido a ela o acordo que eu quero, ou mando enforcar os dois antes do pôr do sol. Se eu tiver de enforcar Grão-lordes dois a dois, a cada dia, vou fazer isso. Mandarei até o último de vocês para a forca, se não obedecerem. Agora saiam da minha frente.

O tom de voz calmo pareceu afetar mais os homens do que a gritaria. Até Meilan demonstrou desconforto enquanto os dois se afastavam, curvando-se em mesuras a cada dois passos, assegurando, aos murmúrios, sua eterna lealdade e perpétua obediência. Eles o enojavam.

— Sumam daqui! — vociferou, e os homens abandonaram a dignidade, quase lutando um com o outro para abrir as portas.

Correram. Um dos guardas Aiel enfiou a cabeça no quarto por um instante, para ver se Rand estava bem, antes de fechar a porta.

Rand estava trêmulo. Sentia quase tanto nojo dos homens quanto de si próprio. Ameaçando enforcar gente que não fizesse o que mandava. E, pior, estava falando sério. Lembrava-se de quando não tinha esse gênio, ou, pelo menos, quando tinha muito pouco e tentava mantê-lo sob controle.

Cruzou o quarto até onde *Callandor* cintilava, a luz tremeluzindo por entre as cortinas. A lâmina parecia feita do mais fino cristal, totalmente límpida. Seus dedos a sentiam como aço, afiada feito navalha. Chegara perto de pegá-la para lidar com Meilan e Sunamon. Se para usá-la como espada ou em seu propósito real, não sabia. As duas possibilidades o horrorizavam. *Ainda não estou louco. Apenas irritado. Luz, estou tão irritado!*

No dia seguinte. As Amigas das Trevas seriam enviadas em um navio. Elayne iria embora. Egwene e Nynaeve também, naturalmente. Rezava para que retornassem a Tar Valon. Com ou sem Ajah Negra, a Torre Branca deveria ser o lugar mais seguro que havia naquele momento. No dia seguinte. Nada mais de desculpas para adiar o que tinha de fazer. Não deixaria para depois.

Ele virou as mãos, observando a garça marcada em cada palma. Já as examinara tantas vezes que saberia reproduzir com perfeição cada linha. As Profecias as haviam prenunciado.

*Por duas e mais duas vezes ele será marcado,
duas vezes para viver e duas vezes para morrer.
Uma vez a garça, para traçar seu caminho.
Duas vezes a garça, para proclamá-lo verdadeiro.
Uma vez o Dragão, atrás da memória perdida.
Duas vezes o Dragão, cobrar o preço a ser pago.*

Porém, se as garças o haviam “proclamado verdadeiro”, qual era a necessidade dos Dragões? Aliás, o que era um Dragão? O único Dragão de que ouvira falar era Lews Therin Telamon. Lews Therin Fratricida fora o Dragão. O Dragão era o Fratricida. Só que agora havia ele. Mas Rand não poderia ter colocado em si a marca de si próprio. Talvez a imagem no estandarte fosse um Dragão, mas nem as Aes Sedai pareciam saber o que era a criatura.

— Você está diferente da última vez que o vi. Mais forte. Mais duro.

Ele deu meia-volta, olhando boquiaberto para a mulher parada diante da porta, de pele clara e cabelos e olhos escuros. Alta, toda vestida de branco e prata, ela arqueou uma sobancelha para os montinhos de ouro e prata sobre a lareira. Rand os deixara ali para servirem de lembrete do que podia acontecer quando agia sem pensar, quando perdia o controle. De muito pouco adiantava.

— Selene. — Correu até ela, surpreso. — De onde você surgiu? Como foi que entrou aqui? Pensei que ainda estava em Cairhien, ou... — Ele olhou para baixo. Não queria dizer que temia que ela estivesse morta ou refugiada, passando fome.

Um cinto de prata trançada cintilava ao redor da cintura fina. Pentes de prata trabalhados com estrelas e luas crescentes brilhavam em seus cabelos, caídos por sobre os ombros como cachoeiras de céu noturno. Ela ainda era a mais linda mulher que Rand já vira. Ao lado dela, Elayne e Egwene eram apenas bonitas. Mas, por alguma razão, a mulher não o afetava mais como antes. Talvez fossem os longos meses desde que a vira, em uma Cairhien ainda não arruinada pela guerra civil.

— Eu vou aonde desejo estar. — Ela franziu a testa. — Você foi marcado, mas não há problema. Você era meu, e é meu. Qualquer uma não é mais do que uma cuidadora cujo tempo ao seu lado já acabou. Agora, vou reclamar abertamente o que é meu.

Ele a encarou. Marcado? Será que estava falando de suas mãos? E o que estava querendo dizer? Que ele pertencia a ela?

— Selene — disse, com gentileza — passamos dias agradáveis juntos, e também dias difíceis. Nunca vou me esquecer da sua coragem ou da sua ajuda. Mas nunca houve nada entre nós além de companheirismo. Viajamos juntos, mas foi só isso. Você vai ficar aqui na Pedra, nas melhores acomodações, e, quando a paz retornar a Cairhien, garantirei que suas propriedades retornem a você, se puder.

— Você foi marcado. — Ela abriu um sorriso irônico. — Propriedades em Cairhien? Posso haver tido propriedades naquelas terras, um dia. A terra mudou tanto que nada mais é como foi. Selene é apenas um nome que eu uso, Lews Therin. O nome que tomei para mim é Lanfear.

Rand soltou uma risada oca.

— Que piada de mau gosto, Selene. Era melhor fazer piadas a respeito do Tenebroso ser um dos Abandonados. E meu nome é Rand.

— Nós nos denominamos os Escolhidos — disse ela, muito calma. — Escolhidos para governar o mundo eternamente. *Viveremos eternamente*. E você pode viver, também.

Ele franziu o cenho, preocupado. A mulher realmente pensava que era... O sofrimento para chegar a Tear talvez a tivesse deixado atordoada. Mas ela não parecia irritada. Estava calma, fria, segura. Sem pensar, Rand buscou *saidin*. Tentou tocá-lo... e atingiu uma parede que não podia ver ou sentir, mas que o impedia de tocar a Fonte.

— Não pode ser.

Ela sorriu.

— Luz — disse Rand, surpreso — você é *mesmo* um deles.

Ele recuou lentamente. Se alcançasse *Callandor*, pelo menos teria uma arma. Talvez não funcionasse como *sa'angreal*, mas poderia fazer as vezes de espada. Será que conseguiria usar uma espada contra uma mulher, contra Selene? Não, contra Lanfear, contra um dos Abandonados.

As costas bateram com força em algo, e ele deu um giro para ver o que era. Não havia nada. Uma parede de nada, e estava encostado nela. *Callandor* cintilava a menos de três passadas de distância — do outro lado. Socou a barreira, frustrado. Era inflexível como uma rocha.

— Não posso confiar plenamente em você, Lews Therin. Ainda não. — Ela se aproximou, e Rand considerou nocauteá-la. Era de longe maior e mais forte... Mas, bloqueado como estava, ela poderia envolvê-lo com o Poder feito um gatinho a brincar com uma bola de barbante. — E muito menos com isso — acrescentou ela, fazendo uma careta para *Callandor*. — Existem apenas duas outras mais poderosas que podem ser usadas por um homem. Uma delas, pelo menos, sei que ainda existe. Não, Lews Therin. Ainda não confio em você com isso.

— Pare de me chamar assim — rosnou. — Meu nome é Rand. Rand al'Thor.

— Você é Lews Therin Telamon. Sim, fisicamente nada é igual, a não ser a estatura, mas eu reconheceria a pessoa por detrás desses olhos mesmo que a visse no berço. — Ela riu de repente. — Como tudo teria sido tão mais fácil se eu tivesse encontrado você naquela época. Se eu estivesse livre para... — A risada deu lugar a um olhar de ira. — Quer ver minha verdadeira aparência? Você também não se lembra dela, lembra?

Rand tentou dizer que não, mas a língua não funcionou. Certa vez, vira dois dos Abandonados juntos, Aginor e Balthamel, os dois que se soltaram primeiro, depois de três mil anos sob o selo da prisão do Tenebroso. Um deles tinha uma aparência tão terrível que nem parecia possível ainda estar vivo. O

outro escondia o rosto por trás de uma máscara, ocultava cada pedacinho de carne como se não pudesse aguentar a ideia de ver a si mesmo ou de ser visto.

O ar se encrespou em torno de Lanfear, e ela mudou. Era mais velha do que ele, sem dúvida, porém mais velha não era a palavra correta. Mais madura. Mais desenvolvida. Até mais bonita, se fosse possível. Uma flor viçosa, totalmente aberta, em comparação a um botão. Mesmo sabendo o que ela era, Rand sentiu a boca secar e a garganta enrijecer.

Os olhos escuros examinaram o rosto do jovem, cheios de confiança, mas com um toque de indagação, como se questionasse o que ele via. Qualquer que tivesse sido sua percepção, pareceu tê-la deixado satisfeita. Lanfear sorriu outra vez.

— Eu estava enterrada muito fundo, em um sono sem sonhos onde o tempo não fluía. O girar da Roda me ultrapassou. Agora você me vê pelo que sou, e tenho você em minhas mãos. — Ela passou uma unha pelo maxilar do jovem com tanta força que o fez se encolher. — O tempo de jogos e subterfúgios acabou, Lews Therin. Há muito tempo.

O estômago dele se revirou.

— Vai me matar, então? Que a luz a queime, eu...

— Matar você? — vociferou ela, incrédula. — Matar você! Eu quero possuir você, para sempre. Você era meu muito antes de aquela pálida magricela roubá-lo. Muito antes de ela sequer vê-lo. Você me amava!

— E você amava o poder!

Por um instante, Rand se sentiu atordoado. As palavras soavam verdadeiras, e sabia que eram. Mas de onde haviam vindo?

Selene — Lanfear — pareceu tão surpresa quanto ele, mas recuperou-se depressa.

— Você aprendeu bastante. Fez muitas coisas que eu não acreditaria que pudesse fazer sem auxílio. Mas ainda está tateando por um labirinto às cegas, tentando encontrar seu caminho, e pode acabar morrendo pela própria ignorância. Alguns dos outros o temem demais para esperar. Sammael, Rahvin, Moghedien. Talvez outros, mas esses sem dúvida. Eles virão atrás de você. Não tentarão fazê-lo mudar de ideia. Chegarão às escondidas, vão destruí-lo enquanto estiver dormindo. Porque o temem. Mas há alguns que poderiam ensiná-lo, mostrar o que você um dia soube. Então, ninguém ousaria se opor a você.

— Ensinar? Quer que eu deixe um dos Abandonados me ensinar? — Um dos Abandonados. Um homem. Um homem que fora Aes Sedai na Era das Lendas, que conhecia canalização, sabia como evitar armadilhas, sabia... O mesmo fora oferecido a ele antes. — Não! Mesmo que outro me oferecesse, eu recusaria, e sabe por quê? Eu me oponho a eles, e a você! Odeio tudo o que fizeram, tudo o que simbolizam. — *Idiota!*, pensou. *Aprisionado aqui, bradando provocações feito o imbecil de alguma história que nem suspeita que possa irritar seu captor o bastante para que ele tome alguma providência.* Porém, Rand não conseguia se forçar a retirar as palavras. Resoluto, seguiu adiante e piorou tudo. — Eu vou destruir vocês, se for capaz. Você, o Tenebroso e cada um dos Abandonados!

Um brilho perigoso lampejou nos olhos da mulher e desapareceu.

— Sabe por que alguns de nós temem você? Tem ideia? Porque temem que o Grande Senhor das Trevas dê a você um lugar acima do deles.

Rand surpreendeu a si mesmo ao soltar uma risada.

— Grande Senhor das Trevas? Você também não consegue dizer o nome verdadeiro? Com certeza não é por medo de atrair a atenção dele, como as pessoas decentes. Ou é?

— Seria blasfêmia — respondeu ela, simplesmente. — Eles têm razão em temer, Sammael e os outros. O Grande Senhor quer mesmo você. Deseja exaltá-lo acima de todos os outros homens. Ele me contou.

— Isso é ridículo! O Tenebroso ainda está preso em Shayol Ghul, ou eu estaria lutando Tarmon Gai'don neste exato instante. E, se ele souber que eu existo, vai querer me ver morto. Pretendo lutar com ele.

— Ah, ele sabe. O Grande Senhor sabe mais do que você pode imaginar. É possível falar com ele. Vá até Shayol Ghul, entre no Poço da Perdição, e poderá... ouvi-lo. Poderá... se banhar na presença dele. — Um brilho diferente cintilava no rosto dela. Êxtase. A mulher respirava pelos lábios entreabertos, e, por um momento, pareceu ver algo distante e magnífico. — Não há palavras para descrever a experiência. Você precisa vivenciá-la para saber. Precisa. — Ela o encarava outra vez, os olhos grandes, escuros e insistentes. — Ajoelhe-se diante do Grande Senhor, e ele o erguerá mais alto do que todos os outros. Ele o deixará livre para reinar como desejar, desde que você se ajoelhe diante dele apenas uma vez. Para legitimá-lo. Nada mais que isso. Ele me contou. Asmodean o ensinará a manejar o Poder sem ser morto, o ensinará o que pode fazer com ele. Aceite a minha ajuda. Podemos destruir os outros. O Grande Senhor não vai se importar. Podemos destruir todos, até Asmodean, depois que ele lhe ensinar tudo o que precisa saber. Você e eu podemos governar o mundo juntos para o Grande Senhor, para sempre. — Ela baixou a voz a um sussurro, com partes iguais de medo e ânsia. — Dois *ter'angreal* impressionantes foram feitos pouco antes do fim. Você pode usar um, e eu, o outro. Muito melhores do que aquela espada. O poder vai além da imaginação. Com esses, poderíamos desafiar até... Até o próprio Grande Senhor. Até mesmo o Criador!

— Você está louca — disse Rand, esgotado. — O Pai das Mentiras diz que vai me deixar livre? Eu nasci para combatê-lo. É por isso que estou aqui, para cumprir as Profecias. Eu vou lutar contra ele, e contra todos vocês, até a Última Batalha! Até meu último fôlego!

— Isso não é necessário. Uma profecia nada mais é do que o símbolo da esperança de um povo. Cumprir as Profecias só o atará a um caminho que levará a Tarmon Gai'don e à morte. Moghedien ou Sammael podem destruir seu corpo. O Grande Senhor das Trevas pode destruir sua alma. Um final derradeiro e completo. Você nunca mais renascerá, não importa o quanto a Roda do Tempo gire!

— Não!

Lanfear o analisou pelo que pareceu um longo segundo. Rand quase podia sentir a balança pesando as alternativas.

— Eu poderia levá-lo comigo — disse, por fim. — Poderia fazê-lo entregar ao Grande Senhor tudo o que deseja ou em que acredita. Existem formas de fazer isso.

Ela parou, talvez para ver se suas palavras surtiam algum efeito. O suor escorria pelas costas de Rand, mas ele mantinha o rosto impassível. Teria de fazer algo, houvesse ou não alguma chance. Uma segunda tentativa de tocar *saidin* se revelou inútil, encontrou outra vez a barreira invisível. Deixou os olhos vagarem, pensativo. *Callandor* estava atrás de si, tão distante quanto o Oceano de Aryth. A faca de cintura jazia sobre uma mesa perto da cama, junto a uma raposa inacabada que estava esculpindo. Os caroços de metal disformes zombavam dele acima da lareira, um homem em andrajos deslizando pelas portas com uma faca nas mãos, os livros espalhados por todos os cantos. Ele virou-se de volta para Lanfear, tenso.

— Você sempre foi teimoso — murmurou a Abandonada. — Não o levarei ainda. Quero que venha a mim por vontade própria. Então será meu. Qual é o problema? Está franzindo a testa.

Um homem deslizando pelas portas com uma faca. Seus olhos passaram pelo sujeito quase sem enxergá-lo. Instintivamente, empurrou Lanfear e tentou tocar a Fonte Verdadeira. O escudo que o bloqueava desapareceu assim que tocou o poder, e a espada surgiu em suas mãos como uma chama amarelo-avermelhada. Um homem avançou contra ele, a faca baixa e apontando para cima, pronto para desferir um golpe mortal. Foi difícil manter os olhos no sujeito, mas Rand deu um rodopio suave, e O Vento Sopra Sobre a Muralha agarrou a mão do homem que segurava a faca e cravou-a no coração do atacante. Por um instante, Rand encarou olhos embotados, sem vida, enquanto o coração ainda batia. Depois puxou a lâmina de volta.

— Um Homem Cinza. — Rand soltou uma respiração pelo que pareceu ser a primeira vez depois de horas. O cadáver a seus pés era horrível, sangrava no carpete trabalhado em arabescos, mas agora não era difícil fixar os olhos nele. Era sempre assim com os assassinos da Sombra. Quando eram percebidos, costumava ser tarde demais. — Não faz sentido. Você não teria dificuldade para me matar. Por que me distrair para que um Homem Cinza viesse me atacar?

Lanfear o observava, receosa.

— Os Desalmados não têm serventia para mim. Eu disse que há... diferenças de opiniões, entre os Escolhidos. Acho que meus cálculos estavam com um dia de atraso, mas ainda há tempo de vir comigo. De aprender. De viver. Aquela espada. — Ela olhou, quase com desprezo. — Você não faz nem a décima parte do que é capaz. Ou vai tentar me matar agora? Soltei você para que se defendesse.

Sua voz e postura indicavam que ela aguardava um ataque, ou no mínimo que estava pronta para dar um contragolpe, mas não foi isso que o deteve, nem o fato de ela ter soltado as amarras. Ela era um dos Abandonados, servira o mal havia tanto tempo que fazia uma irmã Negra parecer um bebê recém-nascido. Ainda assim, Rand enxergava uma mulher. Chamou-se de todos os sinônimos de tolo que conhecia, mas não era capaz de fazer mal a ela. Quem

sabe se ela tentasse matá-lo. Quem sabe. Mas Lanfear permanecia ali parada, olhando. Esperando. Sem dúvida pronta para fazer com o Poder coisas que ele sequer imaginava possíveis, se tentasse detê-la. Rand conseguira bloquear Elayne e Egwene, mas aquilo fora um dos atos que fizera sem pensar, e a forma como fizera estava enterrada em algum lugar da mente. Só conseguia lembrar que o fizera, não como. Pelo menos agarrava *saidin* com força. A mulher não o surpreenderia outra vez daquele jeito. A mácula que revirava seu estômago não era nada. *Saidin* era vida, talvez em mais de um aspecto.

Um pensamento súbito ebuliu dentro dele como um jorro quente. Os Aiel. Seria impossível até mesmo para um Homem Cinza passar sorrateiro pelas portas vigiadas por uma dúzia de Aiel.

— O que você fez com eles? — A voz rangia enquanto ele ia em direção às portas, mantendo os olhos fixos em Lanfear. Se ela usasse o Poder, talvez Rand recebesse algum tipo de aviso. — O que foi que você fez com os Aiel do lado de fora?

— Nada — retrucou ela, com frieza. — Não vá lá fora. Talvez isso seja só um teste para sua vulnerabilidade, mas até um teste pode matá-lo, se você for bobo.

Ele abriu a porta da esquerda e deparou-se com o caos.





A PEDRA RESISTE

Vários Aiel jaziam mortos aos pés de Rand em meio aos corpos de três homens muito comuns vestindo calças e casacos muito comuns. Apesar da aparência comum, seis Aiel — a guarda inteira — foram assassinados, alguns claramente antes de perceberem o que estava acontecendo, e cada um dos homens de aparência comum tinha pelo menos duas lanças Aiel cravadas no corpo.

Mas isso não era nem a metade. Assim que Rand abriu a porta, o estrondo de batalha chegou até ele: gritos, uivos, o tinido de aço contra aço surgindo por entre as colunas de pedra vermelha. Sob os lustres dourados, os Defensores na antessala lutavam por suas vidas contra figuras corpulentas de malhas pretas, cabeças e ombros mais altos que eles. Eram corpos de homens gigantesco, mas com cabeças e faces distorcidas por chièvres ou penas, com focinhos ou bicos onde devia haver boca e nariz. Trollocs. Avançavam tanto sobre patas e cascos quanto calçados em botas, dilacerando os homens com estranhos machados de ponteira, lâminas curvas e espadas em forma de foice viradas para o lado errado. E, com eles, um Myrddraal, um homem de movimentos fluidos, a pele branca como a de uma larva, vestindo uma armadura negra. Parecia a morte encarnada em um corpo sem sangue.

O gongo de alarme soou em algum ponto da Pedra, depois parou, com rapidez letal. Outro ressoou, e depois outro, feito sirenes agudas.

Os Defensores lutavam, ainda superando os Trollocs em número, mas havia mais homens do que Trollocs abatidos. Quando os olhos de Rand os encontraram, o Myrddraal retalhava metade da cara do capitão taireno com apenas uma das mãos, enquanto a outra enfiava uma lâmina negra como a morte na garganta de um Defensor, escapando das lanças dos outros tairenos feito uma serpente. Os Defensores enfrentavam o que pensavam ser apenas contos de viajantes para amedrontar criancinhas. Estavam a ponto de sucumbir. Um dos homens, que perdera o capacete, jogou longe a lança e tentou fugir, mas teve a cabeça aberta feito um melão pelo machado

descomunal do Trolloc. Outro encarou o Myrddraal e saiu em disparada, gritando. A criatura das Sombras deu um salto sinuoso para interceptá-lo. Em um instante, todos os humanos estariam correndo.

— Desvanecido! — gritou Rand. — Que tal enfrentar a mim, Desvanecido?

O Myrddraal parou como se sequer tivesse se movido e voltou a face pálida e sem olhos para ele. Com aquele olhar, uma onda de medo percorreu seu corpo, envolvendo a bolha de calma e frieza que o encapsulava quando ele abraçava *saidin*. Nas Terras da Fronteira existia um ditado: “O olhar do Sem-olhos é o medo.” Já houve um tempo em que ele acreditava que os Desvanecidos cavalgavam as sombras como cavalos e desapareciam ao virar de lado. Essas antigas crenças não estavam tão erradas.

O Myrddraal deslizou em direção a ele, e Rand saltou por cima dos homens mortos diante da porta para encontrá-lo, derrapando as botas no mármore negro cheio de sangue ao aterrissar.

— Pela Pedra! — gritou, enquanto saltava. — A Pedra resiste!

Eram os gritos de guerra que ele ouvira na noite em que a Pedra não resistira.

Pensou ter ouvido um grito exaltado de “idiota!” vindo do quarto de onde saíra, mas não havia tempo para pensar em Lanfear ou no que ela poderia fazer. Aquela derrapagem quase lhe custara a própria vida. Sua lâmina amarelo-avermelhada aparou a negra do Myrddraal enquanto ele recuperava o equilíbrio.

— Pela Pedra! A Pedra resiste! — Ele precisava manter os Defensores unidos, ou teria de enfrentar sozinho o Myrddraal e vinte Trollocs. — A Pedra resiste!

— A Pedra resiste! — Ele ouviu um eco, depois outro:

— A Pedra resiste!

O Desvanecido se movia com a fluidez de uma serpente, ilusão que era intensificada pelas placas de armadura negra superpostas em seu peito. Mas nem mesmo uma cobra lança-negra seria capaz de um golpe tão ligeiro. Durante um tempo, tudo o que Rand pôde fazer foi evitar que a ponta da lâmina do Desvanecido atingisse seu corpo desprotegido. Aquele metal negro poderia causar feridas pustulentas, quase tão difíceis de serem Curadas quanto a que ardia na lateral de seu corpo. Cada vez que o aço negro forjado em Thakan'dar, sob as colinas de Shayol Ghul, encontrava a lâmina amarelo-avermelhada forjada pelo Poder, um clarão reluzia no salão, um brilho forte azul esbranquiçado que chegava a doer os olhos.

— Desta vez você vai morrer — anunciou o Myrddraal, a voz mais parecia o som do desintegrar de folhas mortas. — Darei sua carne aos Trollocs e tomarei suas mulheres para mim.

Rand lutou com mais frieza e desespero do que nunca. O Desvanecido sabia manejar a espada. Então houve um momento em que ele conseguiu aplicar um golpe na lâmina negra, não apenas afastá-la. Com um sibilo parecido com gelo em metal derretido, a lâmina amarelo-avermelhada ceifou a negra. O golpe seguinte separou a cabeça sem olhos dos ombros. O choque

dos ossos quebrando fez seus braços estremecerem. Sangue escuro jorrava do pescoço. Mas a coisa não caiu. Atacando às cegas com a espada quebrada, a figura sem cabeça andava, trôpega, golpeando o ar a esmo.

Quando a cabeça do Desvanecido saiu rolando pelo chão, os Trollocs remanescentes também caíram, guinchando, chutando, agarrando as cabeças com as mãos de pelos ásperos. Era uma fraqueza dos Myrddraal e Trollocs. Nem mesmo os Desvanecidos confiavam nos Trollocs, por isso conectavam-se a eles de uma forma que Rand era incapaz de compreender. Ao que parecia, isso garantia a lealdade daquelas criaturas, mas os que eram conectados a um Myrddraal não sobreviviam por muito tempo após a sua morte.

Os Defensores que ainda estavam de pé, cerca de duas dezenas, não esperaram. Em grupos de dois ou três, golpearam os Trollocs com as lanças, repetidas vezes, até que parassem de se mover. Alguns tentavam derrubar o Myrddraal, mas a criatura se debatia loucamente, independentemente de onde fosse atingida. Quando os Trollocs caíram em silêncio, foi possível ouvir os choros e gemidos dos poucos sobreviventes humanos. Ainda havia mais homens do que Criaturas da Sombra caídos no chão. O mármore negro estava escorregadio, coberto de sangue, apesar de quase não dar para notar, em contraste com as pedras negras.

— Deixem — disse Rand aos Defensores, que tentavam executar o Myrddraal. — Ele já está morto. Os Desvanecidos simplesmente não admitem que morreram. — Lan explicara isso, em um tempo que parecia muito distante, e ele próprio já tivera provas. — Vão cuidar dos feridos.

Observando a forma sem cabeça que se debatia, o torso todo aberto em feridas, os homens estremeceram e se afastaram, murmurando sobre os Espreitados. Era como o povo chamava os Desvanecidos em Tear, nas histórias infantis. Alguns começaram a vasculhar os humanos caídos em busca de sobreviventes, puxando para longe os que não podiam ficar de pé e ajudando os que eram capazes de se levantar. Muitos eram deixados onde estavam. Ataduras improvisadas a partir das camisas ensanguentadas dos próprios homens eram o único conforto que podia ser oferecido naquele momento.

Eles não pareciam tão belos quanto antes, esses tairenos. As placas peitorais e dorsais já não reluziam, estavam amassadas e arranhadas. Talhos encharcados de sangue arruinavam o que antes eram finos casacos e calças pretos e dourados. Alguns estavam sem capacete, e mais de um se apoiava na própria lança, como se ela fosse a única coisa a mantê-lo de pé. Talvez fosse. Respiravam com dificuldade, uma expressão de desvario nos rostos, uma mistura de profundo terror e torpor cego que aflige os homens em batalha. Encaravam Rand, indecisos — com olhares temerosos, fugidios — como se ele próprio pudesse ter convocado aquelas criaturas da Praga.

— Limpem as lanças — mandou o Dragão. — O sangue de um Desvanecido queima o aço feito ácido, se permanecer por muito tempo.

A maioria se moveu lentamente para obedecê-lo, usando o que estava disponível, as mangas dos casacos dos mortos.

Mais sons de luta ecoavam pelos corredores, gritos distantes, o clangor surdo de metal contra metal. Eles o haviam obedecido duas vezes, era a hora de ver se fariam algo mais. Virando as costas, Rand avançou pela antessala em direção ao som da batalha.

— Venham comigo — ordenou. Brandiu a espada forjada em fogo para lembrar aos homens quem era, torcendo para que a lembrança não acabasse levando uma lança às suas costas. Precisava correr o risco. — A Pedra resiste! Pela Pedra!

Por um instante, seus passos ociosos foram o único som dentro do recinto cheio de colunas. Então, botas começaram a segui-lo.

— Pela Pedra! — gritou um homem, e depois outro:

— Pela Pedra e pelo Lorde Dragão!

Outros repetiram:

— Pela Pedra e pelo Lorde Dragão!

Acelerando o passo, Rand seguiu trotando, conduzindo seu exército ensanguentado de vinte e três homens às profundezas da Pedra.

Onde estava Lanfear, e que papel teria desempenhado, nisso tudo? Ele tinha pouco tempo para reflexões. Havia homens mortos espalhados pelos corredores da Pedra, caídos sobre poças do próprio sangue, um aqui, mais dois ou três adiante. Defensores, serviais, Aiel. Também viu mulheres caídas, tanto nobres em roupas de linho quanto serviais cobertas de lã. Os Trollocs não se importavam com quem matavam, sentiam apenas prazer. Myrddraal eram piores. Os Meio-homens se regozijavam com a dor e a morte.

Um pouco mais adiante, a Pedra de Tear fervilhava. Bandos de Trollocs avançavam, selvagens, pelos corredores, alguns sob a liderança de um Myrddraal, outros sozinhos, lutando contra Aiel ou Defensores, abatendo os desarmados, em busca de mais vítimas. Rand conduzia seus homens em direção a qualquer criatura da Sombra que encontrassem, a espada dilacerando pele grossa e malha negra com igual facilidade. Apenas os Aiel encaravam um Desvanecido sem recuar. Os Aiel e Rand. Ele passava pelos Trollocs para chegar aos Desvanecidos. Algumas vezes, um Myrddraal levava consigo uma ou duas dezenas de Trollocs ao morrer, outras, não levava nenhum.

Alguns Defensores caíram e não se levantavam, mas os Aiel se juntaram a eles, quase dobrando o número. Grupos de homens se dividiam em batalhas furiosas, que seguiam com urros e estrépitos, feito uma forja ensandecida. Outros homens caíam atrás de Rand, eram separados ou substituídos, até não restar nenhum dos originais. Às vezes ele lutava sozinho, ou avançava por algum corredor vazio exceto por ele e os mortos, seguindo os sons distantes do combate.

Em dado momento, passando com dois Defensores por uma colunata que dava para uma câmara comprida e cheia de portas, viu Moiraine e Lan rodeados por Trollocs. A Aes Sedai estava de pé, a cabeça erguida, batalhando como a rainha de alguma história. As criaturas bestiais explodiam em chamas ao redor e na mesma hora eram substituídas por outras, que irrompiam pelas portas, seis ou oito por vez. A espada de Lan dava conta das

que escapavam do fogo de Moiraine. O Guardião tinha sangue dos dois lados do rosto, mas deslizava por entre as criaturas como se praticasse luta diante de um espelho. Então, um Trolloc com focinho de lobo golpeou com uma lança tairena as costas de Moiraine. Lan deu um giro, como se tivesse olhos nas costas, e arrancou a perna do Trolloc na altura do joelho. A criatura desabou, uivando, mas conseguiu enfiar a ponta da lança em Lan, enquanto outro golpeou o Guardião, meio sem jeito, com as costas do machado, fazendo seus joelhos cederem.

Rand não pôde fazer nada, pois naquele instante cinco Trollocs se lançaram para ele e seus dois companheiros, com focinhos, presas de javalis e chifres de carneiros, empurrando os humanos para fora da colunata apenas com o peso da investida. Cinco Trollocs teriam sido capazes de matar três homens sem dificuldade, mas um dos homens era Rand, com uma espada que atingia a malha das criaturas como se fosse tecido. Um dos Defensores morreu, e o outro saiu atrás de um Trolloc ferido, o único sobrevivente dos cinco. Quando Rand retornou correndo à colunata, havia cheiro de carne queimada vindo do aposento abaixo e muitos corpos queimados no chão, mas nenhum sinal de Moiraine ou de Lan.

Foi assim a disputa pela Pedra. Ou a disputa pela vida de Rand. Batalhas surgiam e desapareciam por onde haviam começado, ou terminavam quando um dos lados sucumbia. Não havia apenas homens lutando contra Myrddraal. Havia homens lutando contra homens, Amigos das Trevas se colocavam ao lado de criaturas da Sombra, sujeitos malvestidos, com cara de ex-soldados e agitadores de tavernas. Pareciam ter tanto medo dos Trollocs quanto os tairenos, mas matavam tão indiscriminadamente quanto eles, por onde passavam. Por duas vezes, Rand de fato viu Trollocs lutando contra Trollocs. Só podia presumir que os Myrddraal haviam perdido o controle sobre as criaturas, e a sede de sangue os sobrepujara. Se desejassem acabar uns com os outros, que assim fosse.

Então, outra vez sozinho e à procura, ele dobrou um corredor e topou com três Trollocs, cada um com o dobro de sua largura e quase o dobro da altura. Um deles, com um bico curvo de águia projetado no que poderia ser um rosto humano, arrancava um dos braços do corpo de uma nobre tairena, enquanto os outros dois assistiam à cena, ávidos, lambendo os focinhos. Trollocs comiam qualquer coisa, desde que fosse carne. Era difícil saber quem ficara mais surpreso, Rand ou os Trollocs, mas foi ele quem se recuperou primeiro.

O que tinha o bico de águia desabou, depois que a espada de Rand lhe atravessou a malha e a barriga. A forma chamada Lagarto no Espinheiro teria bastado para dar conta dos outros dois, mas aquele primeiro Trolloc caído, ainda se debatendo, deu um coice no pé de Rand, fazendo-o cambalear. A lâmina de fogo pôde apenas traçar um talho na malha do alvo, bem na trajetória do segundo Trolloc, que desabou, o focinho de lobo rosnando para o nada. A criatura o esmagou contra os azulejos de pedra, prendendo tanto braço quanto espada. O que ainda estava de pé, ergueu o machado com ponteira, abrindo o mais próximo de um sorriso que focinho e presas de javali permitiam. Rand lutou para se mover, para respirar.

Uma espada curva em forma de foice rasgou o focinho de javali até o pescoço.

Dando um puxão para libertar a lâmina, um quarto Trolloc arreganhou os dentes para ele em um rosnado, as orelhas tremulando atrás dos chifres. Então deu um salto e foi embora, os cascos afiados estalando nos azulejos do chão.

Rand, meio atônito, saiu de debaixo do Trolloc morto. *Um Trolloc me salvou. Um Trolloc?* Estava coberto de sangue daquelas criaturas, um líquido espesso e escuro. Bem mais à frente, no corredor, na direção oposta de onde viera a criatura salvadora com chifres de bode, um brilho branco-azulado cintilou onde dois Myrddraal se movimentavam. Lutavam entre si, tão rápido que seus braços não passavam de borrões. Um fez o outro recuar para um cruzamento com outro corredor, e a luz intermitente sumiu de vista. *Estou louco. É isso o que está acontecendo. Eu estou louco, e isso é um sonho insano.*

— Está arriscando tudo, saindo assim loucamente com essa... essa espada.

Rand virou-se e viu Lanfear. Ela assumira outra vez a aparência de uma moça, não mais velha do que ele, talvez mais jovem. Ergueu as saias brancas e passou por cima da mulher tairena esquartejada. Pela expressão em seu rosto, poderia estar passando por sobre um tronco de árvore.

— Está construindo uma cabana de gravetos — prosseguiu a mulher — quando poderia ter palácios de mármore em um estalar de dedos. Poderia tomar as vidas e as supostas almas dos Trollocs sem o menor esforço, em vez disso permite que eles quase o matam. Precisa aprender. Venha comigo.

— Isso foi coisa sua? — inquiriu. — Aquele Trolloc me salvando? Aqueles Myrddraal? Foi?

Ela o observou por um instante e balançou a cabeça delicadamente, com pesar.

— Se eu levar o crédito, você vai esperar que eu faça de novo, e isso pode ser mortal. Nenhum dos outros tem muita certeza de onde estou, e prefiro assim. Não espere ajuda direta vinda de mim.

— Esperar ajuda? — grunhiu o rapaz. — Você quer que eu me volte para a Sombra. Não vai me fazer esquecer o que você é com palavras gentis.

Rand canalizou, e a mulher foi arremessada até uma tapeçaria de parede com tanta força que soltou um gemido. Ele a segurou ali, estendida sobre a trama de uma cena de caça, os pés acima do chão e o vestido branco como a neve todo achatado. Como foi que conseguira bloquear Egwene e Elayne? Precisava lembrar.

De repente ele voou pelo corredor e se espatifou na parede oposta a Lanfear, esmagado como um inseto por *algo* que mal o deixava respirar.

Já Lanfear parecia não ter problema algum para respirar.

— Tudo o que pode fazer, Lews Therin, eu também posso. E melhor. — Ainda que estivesse presa à parede, ela parecia imperturbável. O ruído de luta ressurgiu em algum ponto próximo, depois esvaneceu, à medida que a batalha foi se afastando. — Você usa a metade da menor fração do que é capaz e foge do que lhe permitiria esmagar todos que se aproximassem. Onde está Callandor, Lews Therin? Ainda em seus aposentos, como um enfeite

inútil? Acha que as suas mãos são as únicas capazes de empunhá-la, agora que a libertou? Se Sammael estiver aqui, ele vai tomá-la e usá-la contra você. Até Moghedien a tomaria, para impedi-lo de usá-la. A mulher lucraria muito em trocá-la com qualquer homem Escolhido.

Ele lutou contra o que o prendia. Nada se mexia além de sua cabeça, que se sacudia de um lado para o outro. *Callandor* nas mãos de um homem Abandonado. O pensamento o deixou meio louco de medo e frustração. Rand canalizou, tentou remover o que o prendia, mas não havia nada para remover. Então, de repente, a coisa desapareceu. Ele deu uma guinada para longe da parede, ainda lutando, antes de perceber que estava livre. E não fora obra sua.

Olhou para Lanfear. Ela ainda pendia ali, tão complacente quanto se estivesse tomando ar na margem de um córrego. Tentava aquietá-lo, enganá-lo, para que ele baixasse a guarda. Rand hesitou diante dos fluxos que a continham. Se os soltasse e a liberasse, a mulher poderia derrubar metade da Pedra tentando fugir — isso se algum Trolloc no caminho não acabasse por matá-la confundindo-a com alguém de dentro da Pedra. O pensamento não deveria tê-lo perturbado — não a morte de uma Abandonada — mas a ideia de deixar uma mulher, ou qualquer pessoa, à mercê dos Trollocs lhe causava repulsa. Uma olhadela para ela, serena e impassível, o fez mudar de ideia. Ninguém nem nada na Pedra faria mal àquela mulher enquanto ela fosse capaz de canalizar. Se ele pudesse encontrar Moiraine para blindá-la...

Mais uma vez, Lanfear tomou a decisão das mãos dele. O impacto de fluxos divididos o sacudiu, e ela pousou no chão com delicadeza. Rand assistia enquanto a mulher se afastava da parede, alisando as saias com muita calma.

— Você não pode fazer isso — disse, ofegante como um tolo, e ela sorriu.

— Eu não preciso enxergar um fluxo para desfazê-lo, se souber o que é e onde está. Sabe, você tem muito o que aprender. Gosto de você assim. Sempre foi muito empertigado e seguro de si para o meu gosto. Era sempre melhor quando você tinha um pouco de dúvida em relação aos seus passos. Então, está se esquecendo de *Callandor*?

Rand ainda hesitava. Uma Abandonada estava ao seu lado. E não havia absolutamente nada que pudesse fazer. Ele se virou e correu para *Callandor*. A risada de Lanfear o acompanhou.

Dessa vez, ele não se virou para enfrentar Trollocs ou Myrddraal nem reduziu a marcha ensandecida pela Pedra, a não ser que cruzassem seus passos — era quando a espada esculpida em fogo abria caminho. Viu Perrin e Faile, ele de machado na mão, ela atrás, com as facas. Os Trollocs pareciam relutantes em encará-lo tanto os olhos amarelos de Perrin quanto a lâmina de seu machado. Rand os deixou para trás sem pensar duas vezes. Se um dos Abandonados tomasse *Callandor*, nenhum dos dois viveria para ver o sol nascer.

Sem fôlego, ele se arrastou pela antessala cheia de colunas, saltando por sobre os mortos que ainda jaziam, tanto Defensores quanto Trollocs, na ânsia de chegar até *Callandor*. Abriu ambas as portas com um solavanco. A Espada

Que Não É Espada pairava em seu suporte de douraduras e pedras preciosas, cintilando à luz do sol poente. Esperando por ele.

Agora que a tinha à vista, a salvo, estava quase relutante em tocá-la. Já utilizara *Callandor* para seu propósito original. Uma única vez. Sabia o que o aguardava se fizesse novamente, se a usasse para atrair a Fonte Verdadeira em um nível muito maior do que qualquer ser humano poderia sozinho. Sentia-se quase incapaz de soltar a lâmina amarelo-avermelhada. Quando a espada desapareceu, Rand quase a chamou de volta.

Arrastando os pés, ele contornou o corpo do Homem Cinza e pousou as mãos no cabo de *Callandor* com delicadeza. Era frio como cristal havia muito na escuridão, mas não suave a ponto de escorregar das mãos.

Algo o fez olhar para cima. Havia um Desvanecido parado na porta, hesitante, o rosto pálido e sem olhos cravado em *Callandor*.

Rand buscou *saidin*. Através de *Callandor*. A Espada Que Não É Espada reluzia em suas mãos, como se ele segurasse o sol do meio-dia. O Poder o preencheu, atingindo seu corpo com o peso de um trovão. A mácula jorrou por dentro dele em uma torrente de escuridão. Rocha fundida corria em suas veias, a frieza dentro dele seria capaz de congelar o sol. Precisava usar aquilo, ou explodiria como um melão podre.

O Myrddraal virou-se para fugir, e de súbito as roupas e armadura negras desabaram no chão, deixando partículas de pó oleoso flutuando no ar.

Rand sequer percebera que estava canalizando. Não seria capaz de explicar o que fizera, nem se sua vida dependesse disso. Porém, nada podia ameaçá-lo enquanto estivesse empunhando *Callandor*. O Poder pulsava dentro dele como o coração do mundo. Com *Callandor* nas mãos, ele podia fazer qualquer coisa. Um fluxo de canalização varreu os restos mortais do Myrddraal para fora da antessala, e também as roupas e a armadura. Um fiozinho de fluxo incinerou tudo. Ele avançou à caça dos que o perseguiam.

Alguns haviam chegado até a antessala. Outro Desvanecido e um grupo de Trollocs acovardavam-se antes de chegar às colunas do lado oposto, encarando as cinzas que pairavam pelo ar, os últimos fragmentos do Myrddraal e de suas roupas. Ao verem Rand com *Callandor* flamejante nas mãos, os Trollocs uivaram feito bestas. O Desvanecido permanecia paralisado, em choque. Rand não lhes deu chance de fugir. Caminhando a passos lentos em sua direção, canalizou, e do mármore negro sob as criaturas da Sombra irromperam chamas tão quentes que ele precisou proteger o corpo com as mãos. Quando Rand alcançou o grupo, as chamas já haviam desaparecido. Nada restava além de círculos embaçados no mármore.

Adentrou à Pedra mais uma vez, e cada Trolloc, cada Myrddraal que encontrou morreu coroado por chamas. Queimou os que lutavam contra Aiel ou tairenos, e também os que matavam serviçais que tentavam se defender com lanças ou espadas apanhadas dos mortos. Queimava-os enquanto corriam, fossem perseguindo outras vítimas ou fugindo delas. Começou a caminhar mais depressa, trotando, depois correndo, passando por cima dos feridos, caídos e abandonados, e por cima dos mortos. Não era o bastante, não

consequia avançar com tanta rapidez. Apesar de matar Trollocs aos borbotões, ainda sobravam muitos, mesmo que fugidos.

Parou de repente em um largo corredor, rodeado por corpos. Precisava fazer algo — algo mais. O Poder deslizava por seus ossos, pura essência de fogo. Algo mais. O Poder congelava sua medula. Algo para matar todos eles, todos de uma vez. A mácula de *saidin* corria por sobre ele, uma montanha de podridão e imundície que ameaçava enterrar sua alma. Erguendo *Callandor*, recorreu à Fonte, recorreu a ela até sentir que era capaz de gritar gritos de chama congelada. Precisava matar todos.

Bem abaixo do teto, logo acima de sua cabeça, o ar começou a revolver lentamente, girando mais depressa, fervilhando em faixas vermelhas, pretas e prateadas. Girava em torvelinho e ruía para dentro, fervendo com mais intensidade, gemendo ao rodopiar, cada vez menor.

O suor corria pelo rosto de Rand, que observava. Não fazia ideia do que era, só sabia que incontáveis fluxos correntes o conectavam à massa. Tinha massa, um peso que crescia mais e mais enquanto a *coisa* desabava para dentro de si mesma. *Callandor* também se abrihantava cada vez mais, já tão reluzente que doía olhá-la. Ele fechou os olhos, e a luz ardente ultrapassou as pálpebras. O Poder corria por ele, uma torrente tempestuosa que ameaçava arrastá-lo inteiro. Precisava soltar. Precisava. Forçou-se a abrir os olhos, e foi como olhar para todos os trovões do mundo reduzidos ao tamanho da cabeça de um Trolloc. Precisava... precisava... precisava...

Agora. O pensamento flutuava como uma gargalhada nos limites de sua consciência. Ele separou os fluxos que saíam de seu corpo e deixou a coisa ainda girando, gemendo como uma broca a perfurar um osso. *Agora.*

E os raios desceram, lampejando pelo teto, avançando pelo lado esquerdo e pelo direito como listras prateadas. Um Myrddraal saiu de um corredor lateral, e, antes que conseguisse dar o segundo passo, meia dúzia de faixas reluzentes o golpearam, destruindo-o. As outras faixas continuaram avançando, espalhando-se pelas ramificações do corredor, substituídas por mais e mais erupções a cada segundo.

Rand não tinha ideia do que fizera, nem de como aquilo funcionava. Só conseguia ficar ali, tremendo por causa do Poder que o preenchia e da necessidade de usá-lo. Mesmo que o destruísse. Podia sentir Trollocs e Myrddraal morrendo, sentir os raios caindo e os matando. Era capaz de matá-los em todos os lugares, em todos os lugares do mundo. Sabia disso. Com *Callandor*, podia fazer qualquer coisa. E, com a mesma certeza, sabia que poderia morrer se tentasse.

Os raios esvaneceram e morreram com a última criatura da Sombra. A massa girante implodiu com um baque alto de ar corrente. Mas *Callandor* ainda reluzia como o sol. Rand tremia com o Poder.

Moiraine estava lá, a doze passadas de distância, encarando-o. O vestido estava limpo, cada vinco de seda azul no lugar, mas algumas mechas dos cabelos estavam desarrumadas. Ela parecia cansada — e chocada.

— Como...? O que você fez, eu acreditava que não fosse possível. — Lançou quase trotando pelo corredor, espada em punho, rosto ensanguentado,

casaco rasgado. Sem tirar os olhos de Rand, Moiraine ergueu a mão, fazendo o Guardião parar próximo a ela. E a certa distância de Rand. Como se o rapaz fosse perigoso demais até para que Lan se aproximasse. — Você está... bem, Rand?

O rapaz desviou o olhar, que acabou recaindo sobre o corpo de uma menina de cabelos escuros, quase ainda uma criança. Ela estava deitada de barriga para cima, os olhos arregalados encarando o teto, sangue escuro no decote do vestido. Com tristeza, Rand se inclinou e afastou uns fios de cabelo do rosto da garota. *Luz, é só uma criança. Cheguei tarde demais. Por que não fiz isso mais cedo? Uma criança!*

— Vou garantir que alguém cuide dela, Rand — disse Moiraine, com a voz gentil. — Você não pode ajudá-la agora.

Sua mão sacudiu *Callandor* com tanta força que ele mal conseguia segurá-la.

— Com isso, eu posso fazer qualquer coisa. — A voz era dura até para seus próprios ouvidos. — Qualquer coisa!

— Rand! — retrucou Moiraine, com urgência na voz.

Ele não deu ouvidos. O Poder estava dentro dele. *Callandor* cintilava, e ele era o Poder. Canalizou, direcionando fluxos para o corpo da criança, buscando, tentando, revirando. A menina deu uma guinada e se levantou, os braços e pernas estranhamente rígidos e desconjuntados.

— Rand, você não pode fazer isso. Não isso!

Respirar. Ela precisa respirar. O peito da garota subia e descia. *Coração. Tem que bater.* O sangue, já grosso e escuro, jorrou da ferida no peito. *Viva. Viva, que se queime! Eu não queria que fosse tarde demais.* Os olhos dela o encararam, embotados. Sem vida. Lágrimas desciam pelo rosto de Rand.

— Ela tem que viver! Cure a garota, Moiraine. Não sei fazer. Cure a garota!

— Não há Cura para a morte, Rand. Você não é o Criador.

Encarando aqueles olhos mortos, o rapaz retirou os fluxos lentamente. O corpo estava rígido. O corpo. Ele jogou a cabeça para trás e uivou, louco como um Trolloc. Um fogo trançado silvou pelas paredes e o teto enquanto ele se debatia de dor e frustração.

Desconsolado, soltou *saidin*, afastou-o. Era como empurrar um rochedo, como repelir a vida. Suas forças se exauriram junto com o Poder. No entanto, a mácula permanecia, o peso de uma mancha negra sobre seus ombros. Precisou fincar *Callandor* nos azulejos do chão e apoiar-se nela para conseguir se manter de pé.

— Os outros. — Era difícil falar, a garganta doía. — Elayne, Perrin, o restante? Eu também cheguei tarde demais para eles?

— Você não chegou tarde demais — disse Moiraine, muito calma. Mas não se aproximava, e Lan parecia preparado para saltar entre ela e Rand. — Você não deve...

— Eles ainda estão vivos? — gritou Rand.

— Estão — garantiu a mulher.

Ele assentiu, exausto e aliviado. Tentou não encarar o corpo da menina. Três dias de espera para aproveitar alguns beijos roubados. Se tivesse feito

algun movimento três dias antes... Mas aprendera coisas durante esses três dias, coisas que poderia usar se fosse capaz de colocá-las em ordem. Se. Pelo menos não fora tarde demais para os amigos. Não fora tarde demais para eles.

— Como foi que os Trollocs entraram? Acho que eles não sabem escalar paredes como os Aiel, não com o céu ainda claro. — Sacudiu a cabeça para dissipar um pouco da confusão. — Não importa. Os Trollocs. Como?

Foi Lan quem respondeu.

— Oito imensas barcasas de grãos atracaram no cais da Pedra hoje à tarde. Parece que ninguém pensou em perguntar por que barcasas abarrotadas de grãos estariam *descendo* o rio — disse ele, a voz cheia de desprezo — nem por que atracaram na Pedra, ou por que as tripulações mantiveram as escotilhas fechadas quase até o cair do sol. Além disso, um comboio de carroções chegou há cerca de duas horas. Eram trinta, supostamente trazendo as coisas de algum lorde do campo de volta à Pedra. Quando as lonas foram erguidas, viram que estavam cheias de Meio-homens e Trollocs. Se chegaram por algum outro meio, eu ainda não sei.

Rand assentiu outra vez, e o esforço o fez dobrar os joelhos. Lan se aproximou de repente, puxando o braço de Rand pelos ombros para erguê-lo. Moiraine segurou seu rosto. Um arrepio percorreu seu corpo. Não era a explosão gelada da Cura plena, mas um calafrio que levou a fadiga embora. A maior parte da fadiga. Um grãozinho permanecera, como se ele tivesse passado o dia carpindo tabaco. Rand soltou o apoio, que não era mais necessário. Lan o observava, receoso, para verificar se o rapaz era mesmo capaz de manter-se de pé, ou talvez o Guardião não estivesse muito certo do perigo que ele representava, de sua sanidade.

— Deixei um pouco de propósito — disse Moiraine. — Você precisa dormir hoje à noite.

Dormir. Havia muito a fazer para dormir. Mas ele assentiu mais uma vez. Não queria vê-la em sua cola. Ainda assim, o que disse foi:

— Lanfear esteve aqui. Isso não foi obra dela. Ela disse, e eu acredito. Você não parece surpresa, Moiraine. — Será que a oferta de Lanfear a surpreenderia? Será que algo a surpreenderia? — Lanfear esteve aqui, e nós conversamos. Ela não tentou me matar, e eu não tentei matá-la. E você não está surpresa.

— Duvido que você fosse capaz de matá-la. Por enquanto. — Ela lançou a *Callandor* um olhar de esguelha, um mero tremeluzir de olhos. — Não sem ajuda. E duvido que ela tente matar você. Por enquanto. Sabemos muito pouco sobre qualquer um dos Abandonados, e menos ainda sobre Lanfear, mas sabemos que ela amava Lews Therin Telamon. Dizer que você está a nós conversamos. Ela não tentou me matar, e eu não tentei matá-la. E você não está surpresa.

Lanfear o desejava. A Filha da Noite, usada por mães que mal acreditavam em sua existência para amedrontar as crianças. Ela sem dúvida o amedrontava. Aquilo era quase o bastante para fazê-lo rir. Sempre se sentira culpado por olhar para qualquer mulher que não fosse Egwene, e agora

Egwene não o queria, mas a Filha-herdeira de Andor desejava beijá-lo, no mínimo, e uma Abandonada dizia que o amava. Era quase engraçado, mas não muito. Lanfear parecia sentir ciúmes de Elayne, Chamava-a de pálida e medrosa. Loucura. Tudo loucura.

— Amanhã.

Ele começou a se afastar.

— Amanhã? — perguntou Moiraine.

— Amanhã vou contar a vocês o que farei. — Uma parte, pelo menos. Ao pensar na expressão que Moiraine faria caso ele revelasse tudo, sentiu vontade de rir. Isso se ele mesmo soubesse de tudo. Lanfear quase lhe entregara a última peça, sem saber. Mais um passo, hoje à noite. A mão que segurava *Callandor* a seu lado tremia. Com aquela espada, ele poderia fazer qualquer coisa. *Ainda não enlouqueci. Ainda não enlouqueci a este ponto.* — Amanhã. Queira a luz que todos tenhamos uma boa noite.

No dia seguinte, começaria a liberar outro tipo de raios. Raios que talvez fossem capazes de salvá-lo. Ou matá-lo. Ainda não enlouquecera.



O QUE JAZ ESCONDIDO

Vestida apenas com sua anágua folgada, Egwene respirou fundo e deixou o anel de pedra ao lado de um livro aberto no criado-mudo. Todo rajado de marrom, vermelho e azul, era largo demais usar no anelar e tinha uma forma estranha, meio achatado e torto, de modo que, se alguém passasse um dedo pela borda de fora, acabaria percorrendo também a de dentro. Havia *apenas* uma borda, por mais impossível que parecesse. Ela não estava deixando o anel ali porque sem ele poderia falhar, nem porque desejava falhar. Faria isso porque, mais cedo ou mais tarde, precisaria tentar sem o anel, ou jamais conseguiria fazer mais que molhar os dedos nas águas onde sonhava nadar. Poderia muito bem ser agora. Era essa a razão. Era essa.

O livro grosso de capa dura era *Uma jornada para Tarabon*, de Eurian Romavni, nativo de Kandor — pela data informada pelo autor na primeira linha, o livro fora escrito cinquenta e três anos antes, mas pouco mudara em Tanchico, em tão pouco tempo. Além do mais, fora o único volume que a jovem conseguira encontrar com ilustrações úteis. A maioria dos livros continha apenas retratos de reis ou imagens fantasiosas de batalhas reproduzidas por homens que não as haviam assistido.

A escuridão cobria ambas as janelas, mas os lampiões forneciam luz mais do que suficiente. Uma comprida vela de cera de abelha queimava em um castiçal dourado na mesinha de cabeceira. Ela mesma a apanhara, aquela não era uma boa-noite para pedir velas aos serviçais. A maioria estava cuidando dos feridos, pranteando os entes queridos ou sendo, eles mesmos, cuidados. O número era grande demais, então só era possível Curar os que corriam risco de vida.

Elayne e Nynaeve aguardavam em cadeiras de espaldar alto dispostas de cada lado da cama larga e de colunas altas com entalhes de andorinhas. Tentavam, com diferentes graus de sucesso, esconder o nervosismo. Elayne

exibia uma tranquilidade majestosa e bem razoável, estragada apenas pelo franzir do cenho e pelas mordidas nos lábios quando pensava que Egwene não estava olhando. Nynaeve demonstrava uma confiança quase ríspida, que costumava ser reconfortante para a pessoa que ela ajudava a botar de repouso em uma cama macia, mas Egwene reconheceu a expressão em seus olhos. Eles revelavam seu medo.

Aviendha estava sentada de pernas cruzadas ao lado da porta, os tons marrons e cinza destacando-se no azul-escuro do carpete. Dessa vez, a Aiel levava a faca de lâmina comprida em um dos lados do cinto e uma aljava no outro, além de quatro lanças curtas que se encontravam sobre seus joelhos. O pequeno broquel redondo estava à mão, disposto em cima de um arco de chifre enfiado em um estojo de couro trabalhado, com tiras para prender nas costas. Depois da noite que tiveram, Egwene não a culpava por andar armada. Ela mesma desejava ter um raio prontinho para arremessar.

Luz, o que foi que Rand fez? Que o queime, ele me assustou quase tanto quanto os Desvanecidos. Talvez até mais. Não é justo ele ser capaz de fazer algo assim e eu não conseguir sequer ver os fluxos.

Ela subiu na cama, apoiou o livro de capa de couro nos joelhos e franziu o cenho para um mapa de Tanchico. Na verdade, não havia nada de muito útil marcado. Uma dúzia de fortalezas ao redor do ancoradouro, guardando a cidade em suas três penínsulas montanhosas, Verana a leste, Maseta no centro e Calpene mais perto do mar. Inúteis. Várias praças grandes, algumas áreas abertas que pareciam ser parques, diversos monumentos a governantes que havia muito tinham virado pó. Tudo inútil. Alguns palácios e outras coisas que pareciam estranhas. O Grande Círculo, por exemplo, em Calpene. No mapa era apenas um círculo, mas Mestre Romavni o descrevia como uma enorme assembleia capaz de reunir milhares de espectadores para corridas de cavalos ou exibições de fogos de artifício dos Iluminadores. Havia também um Círculo do Rei, em Maseta, que era ainda maior que o Grande Círculo, e um Círculo da Panarca, em Verana, que era apenas um pouquinho menor. A Casa do Capítulo da Guilda de Iluminadores também estava marcada. Era tudo inútil. O texto sem dúvida também não tinha serventia.

— Tem certeza de que quer tentar sem o anel? — perguntou Nynaeve, baixinho.

— Tenho — respondeu Egwene, com toda a calma que pôde. Seu estômago estava tão embrulhado quanto no instante em que vira o primeiro Trolloc aquela noite, erguendo a pobre mulher pelos cabelos e cortando sua garganta como se ela fosse um coelho. A mulher também gritara feito um coelho. Matar o Trolloc não adiantara de nada, a mulher continuava tão morta quanto a criatura. Mas o guincho penetrante que ela soltara não saía de sua cabeça. — Se não funcionar, sempre dá para tentar de novo, com o anel. — Ela se inclinou e marcou a vela com o polegar. — Me acordem quando queimar até aqui. Luz, queria que a gente tivesse um relógio.

Elayne soltou uma risada, um gorjeio jovial que quase soou forçado.

— Relógio dentro do quarto? Minha mãe tem um monte de relógios, mas nunca ouvi falar de um que ficasse dentro de um quarto.

— Bom, meu pai tem um relógio só — resmungou Egwene — o único da aldeia inteira, e eu queria tê-lo aqui comigo. Será que a vela queima isso tudo em uma hora? Não quero dormir mais do que isso. Me acordem assim que a chama atingir a marca. Assim que atingir!

— Pode deixar — disse Elayne, confortando-a. — Eu prometo.

— O anel de pedra — disse Aviendha, de repente. — Já que você não está usando, Egwene, será que alguém... alguma de nós... não poderia usar para ir com você?

— Não — murmurou Egwene. *Luz, queria que todas elas pudessem vir comigo.*
— Mas obrigada por pensar nisso.

— É só você quem pode usar o anel, Egwene? — perguntou a Aiel.

— Qualquer uma de nós pode — respondeu Nynaeve — até você, Aviendha. Não é preciso que uma mulher saiba canalizar, basta dormir com o anel tocando a pele. Pelo que sabemos, pode ser que até um homem consiga. Mas não conhecemos *Tel'aran'rhiod* tão bem quanto Egwene, não sabemos as regras de lá.

Aviendha assentiu.

— Entendo. Uma mulher pode cometer erros em lugares desconhecidos, e esses erros podem acabar causando a morte de outros ou dela mesma.

— Isso mesmo — concordou Nynaeve. — O Mundo dos Sonhos é um lugar perigoso. Isso, pelo menos, nós sabemos.

— Mas Egwene vai tomar cuidado — acrescentou Elayne, dirigindo-se a Aviendha, mas obviamente falando para a própria Egwene. — Ela prometeu. Vai olhar a área com bastante cautela, nada mais.

Egwene se concentrou no mapa. Com cautela. Se não tivesse tanto ciúme de seu anel de pedra — considerava-o seu. Talvez o Salão da Torre não concordasse, mas não sabiam que ela o possuía — se tivesse deixado Elayne ou Nynaeve usarem-no mais de uma ou duas vezes, talvez elas já soubessem o suficiente para irem com ela. Contudo, não era arrependimento que a fazia evitar encarar as outras mulheres. Não queria que elas vissem o medo em seus olhos.

Tel'aran'rhiod. O Mundo Invisível. O Mundo dos Sonhos. Não os sonhos das pessoas comuns, embora às vezes elas tocassem *Tel'aran'rhiod* por um breve momento, em sonhos que pareciam verdadeiros como a vida. Porque eram. No Mundo Invisível, o que acontecia era real, de uma forma estranha. Nada do que acontecia lá afetava o que existia — uma porta aberta no Mundo Invisível permaneceria fechada no mundo real, uma árvore derrubada lá ainda estaria de pé ali — mas uma mulher podia ser morta nesse outro mundo, ou até estancada. “Estranho” era muito pouco para descrever. No Mundo Invisível o mundo inteiro jazia aberto, e talvez também outros mundos. Era possível chegar a qualquer lugar. Ou, pelo menos, o reflexo da pessoa no Mundo dos Sonhos podia chegar a qualquer lugar. Lá, a trama do Padrão podia ser lida — passado, presente e futuro — por qualquer um que tivesse essa capacidade. Por um Sonhador. Não houvera um Sonhador na Torre desde Corianin Nedeal, quase quinhentos anos antes.

Quatrocentos e setenta e três anos, para ser mais exata, pensou Egwene. Ou será que já faz quatrocentos e setenta e quatro? Quando foi que Corianin morreu? Se Egwene houvesse tido a chance de terminar o treinamento de noviça na Torre e de estudar lá como Aceita, talvez soubesse. E já poderia ter aprendido tantas outras coisas.

Havia uma lista na bolsa de Egwene com todos os *ter'angreal* — a maioria pequena o bastante para caber dentro de um bolso — que haviam sido roubados pelas integrantes da Ajah Negra que fugiram da Torre. Cada uma das três tinha uma cópia. Treze dos *ter'angreal* roubados eram acompanhados das observações “uso desconhecido” e “última análise realizada por Corianin Nedeal”. Porém, ainda que Corianin Sedai de fato não tivesse desvendado a serventia dos objetos, Egwene tinha certeza de uma coisa que faziam. Permitiam a entrada em *Tel'aran'rhiod*. Talvez não com a mesma facilidade do anel de pedra, e talvez não sem a necessidade de canalizar, mas permitiam.

Haviam recuperado dois itens da lista com Joiya e Amico: um disco de ferro de três polegadas de comprimento com uma espiral estreita traçada de ambos os lados e uma placa pouco menor que sua mão com uma mulher adormecida entalhada no meio. Essa segunda era de um material que parecia ser âmbar-claro, mas firme o bastante para arranhar aço. Amico falara abertamente a respeito deles. Joiya também, depois de uma sessão a sós com Moiraine em sua cela, o que deixara a Amiga das Trevas pálida e quase cortês. Quem canalizasse um fluxo de Espírito em cada um dos *ter'angreal* caía no sono e entrava em *Tel'aran'rhiod*. Elayne tentara usar ambos por um tempo, com sucesso, mas conseguiu ver apenas o interior da Pedra e do Palácio Real de Morgase, em Caemlyn.

Egwene não queria que ela tentasse, por mais fugaz que fosse a visita, mas não por ciúmes. Não fora muito eficaz no debate, pois tivera medo de que Elayne e Nynaeve percebessem o que havia em sua voz.

Dois recuperados significavam que onze ainda estavam com a Ajah Negra. Esse era o ponto que Egwene tentara defender. Onze *ter'angreal* capazes de levar uma mulher a *Tel'aran'rhiod*, todos nas mãos das irmãs Negras. Em suas breves viagens pelo Mundo Invisível, Elayne poderia ter encontrado a Ajah Negra à sua espera ou ido na direção delas antes de saber que estavam lá. O pensamento fez o estômago de Egwene se revirar. As mulheres podiam estar esperando por ela naquele exato momento. Não era provável, pelo menos, não de propósito — como saberiam que ela estava chegando? Mas poderiam estar lá quando ela entrasse. Consequia enfrentar uma sozinha, a não ser que fosse pega de surpresa, e não permitiria tal coisa. Mas e se duas a surpreendessem? Ou três? Liandrin e Rianna, Chesmal Emry e Jeane Caide, ou todas as outras ao mesmo tempo?

Franzindo a testa para o mapa, ela afrouxou os punhos, que já estavam com as juntas brancas. Depois dos acontecimentos daquela noite, o tempo urgia. Se as criaturas da Sombra conseguiram atacar a Pedra, se algum dos Abandonados podia aparecer de repente ali no meio, Egwene não podia se dar ao luxo de sucumbir ao medo. As três precisavam saber o que fazer. Tinham de ter algo para se basear além da vaga história de Amico. Alguma

coisa. Se ao menos ela pudesse descobrir onde estava Mazrim Taim, em que ponto da viagem a Tar Valon, ou se conseguisse dar um jeito de entrar nos sonhos da Amyrlin e falar com ela. Talvez essas coisas fossem possíveis para uma Sonhadora. Se eram, ela não sabia como. Tanchico era tudo o que tinha para trabalhar.

— Preciso ir sozinha, Aviendha. Preciso. — Pensou que a voz estava firme e calma, mas Elayne deu um tapinha em seu ombro.

Egwene não sabia por que verificava tanto o mapa. Já o decorara, já sabia se orientar perfeitamente. O que quer que existisse neste mundo, existia no Mundo dos Sonhos, e às vezes ainda mais, sem dúvida. Ela já escolhera o lugar para onde ia. Folheou o livro até chegar à única figura que mostrava o interior de um edifício nomeado no mapa, o Palácio da Panarca. Não adiantaria de nada acabar em um edifício sem saber sua localização na cidade. De nada ajudaria, em nenhum dos casos. Tirou a ideia da cabeça. Tinha de acreditar que havia alguma chance.

A gravura mostrava um amplo salão com pé-direito alto. Uma corda estendida entre pilares da altura de sua cintura impedia qualquer um de se aproximar dos objetos expostos em suportes e armários abertos nas paredes. A maioria dos objetos não tinha uma forma muito distinta, exceto o que se encontrava no canto extremo do recinto. O artista se esforçara muito para retratar o gigantesco esqueleto, como se o resto da criatura tivesse desaparecido naquele exato instante. Tinha quatro pernas de ossos robustos, mas não se parecia com qualquer animal que Egwene já vira. Para começar, de pé deveria ter pelo menos duas braças de altura, bem mais que o dobro da dela. O crânio redondo, afundado nos ombros como o de um touro, parecia grande o suficiente para comportar uma criança, e, na imagem, quatro globos oculares despontavam. O esqueleto distinguia o aposento em relação a todos os outros, não havia como confundir-lo. Fosse lá o que fosse. Se Eurian Romavni sabia o que era aquilo, não tinha registrado a informação no livro.

— O que é uma panarca, afinal? — perguntou, deitando o livro de lado. Examinara a figura mais de dez vezes. — Todos esses autores parecem presumir que a gente já saiba.

— A Panarca de Tanchico tem autoridade equivalente à do rei — recitou Elayne. — Ela é responsável por coletar impostos e taxas alfandegárias, enquanto ele os gasta de forma apropriada. Ela controla a Guarda Civil e os tribunais, exceto o Alto Tribunal, que é do rei. O exército é dele, claro, exceto pela Legião da Panarca. Ela...

— Na verdade, eu não estava interessada. — Egwene suspirou. Só estava puxando papo para adiar por alguns instantes o que teria de fazer. A vela queimava, desperdiçando minutos preciosos. Sabia como sair do sonho quando quisesse, como acordar sozinha, mas o tempo passava de forma diferente no Mundo dos Sonhos, e era fácil perder a noção. — Assim que atingir a marca — disse, e Elayne e Nynaeve murmuraram em concordância.

Ajeitando-se nos travesseiros de plumas, a princípio apenas encarou o teto pintado de azul-celeste, com nuvens e andorinhas voejantes. Mas não reparou nos desenhos.

Seus sonhos andavam muito ruins ultimamente, pelo menos a maioria. Rand estava neles, sem dúvida. Rand do tamanho de uma montanha, caminhando pelas cidades, esmagando prédios sob seus pés, com gente diminuta feito formigas gritando e fugindo dele. Rand acorrentado, gritando. Rand construindo um muro, ele de um lado e ela do outro, junto com Elayne e outras mulheres indistinguíveis. “Preciso fazer isso”, dizia ele, enquanto empilhava as pedras. “Não vou deixar vocês me impedirem.” Esses não eram os únicos pesadelos. Egwene sonhara com Aiel lutando entre si, matando uns aos outros, até largando as armas e correndo, como se tivessem enlouquecido. Mat lutando com uma mulher Seanchan que o prendera a uma corrente invisível. Um lobo, que tinha certeza de que era Perrin, lutando com uma mulher cujo rosto ficava se transformando. Galad envolvendo a si mesmo em um pano branco, como se vestisse a própria mortalha, e Gawyn com os olhos cheios de sofrimento e ódio. Sua mãe chorando. Esses eram os sonhos realistas, os que ela sabia que queriam dizer alguma coisa. Eram terríveis, e Egwene não sabia o significado de nenhum. Como pudera deduzir que encontraria qualquer dica ou resposta em *Tel’aran’rhiod*? Mas não havia escolha. A única alternativa era a ignorância, e não podia escolher isso.

Apesar da ansiedade, dormir não era problema: estava exausta. Era só questão de fechar os olhos e respirar profundamente, de forma regular. Fixou os pensamentos no aposento do Palácio da Panarca e no imenso esqueleto. Respirações profundas e regulares. Podia lembrar como era a sensação de usar o anel, o passo para adentrar *Tel’aran’rhiod*. Respirações — profundas — regulares.

* * *

Egwene deu um passo atrás, ofegante, com uma das mãos na garganta. De perto, o esqueleto parecia ainda maior do que ela imaginara, os ossos brancos, secos e descorados. Estava parada bem diante dele, dentro da corda. Uma corda branca, da grossura de seu pulso, que parecia ser de seda. Não teve dúvida de que estava em *Tel’aran’rhiod*. Os detalhes eram sutis como a realidade, mesmo do que ela via com o canto do olho. Até o fato de ter consciência das diferenças entre este sonho e outro comum informavam onde estava. Além do mais, parecia... certo.

Egwene abriu-se a *saidar*. Se cortasse o dedo no Mundo dos Sonhos, o corte ainda existiria quando ela acordasse. Não haveria como acordar de um golpe mortal com o Poder, ou mesmo de uma espada ou porrete. E não pretendia ficar vulnerável por um instante sequer.

Em vez do vestido, usava algo muito mais parecido com a indumentária de Aviendha, mas em seda vermelha brocada. Mesmo as botas macias, amarradas até os joelhos, eram de um couro vermelho flexível, usado em luvas, com costuras e rendas douradas. Ela riu para si mesma, baixinho. As roupas em *Tel’aran’rhiod* eram o que a pessoa desejava que fossem. Parecia que uma parte dela queria ser capaz de se movimentar com agilidade, enquanto a

outra queria estar pronta para um baile. Não era uma boa escolha. O vermelho esvaneceu para tons de cinza e marrom, casaco, calças e botas se transformaram em cópias exatas das usadas pelas Donzelas. Não era melhor, na verdade, não em uma cidade. De súbito, viu-se dentro de uma réplica dos vestidos que Faile costumava usar, escuros, com saias estreitas e divididas, mangas compridas e um corpete alto e flexível. *É bobagem me preocupar com isso. Ninguém vai me ver, a não ser dentro dos sonhos, e poucos sonhos comuns chegam aqui. Não faria diferença se eu estivesse nua.*

Por um instante, ficou nua. Seu rosto enrubesceu de vergonha. Não havia ninguém ali para vê-la, despida como se fosse tomar banho, e ela mais que depressa trouxe de volta o vestido escuro, mas deveria ter se lembrado de como os pensamentos perdidos eram capazes de afetar as coisas por aqui, sobretudo quando abraçada ao Poder. Elayne e Nynaeve pensavam que ela sabia tantas coisas. Egwene conhecia algumas regras do Mundo Invisível, mas sabia que havia outras centenas, milhares, desconhecidas. Precisava dar um jeito de aprendê-las, se quisesse ser a primeira Sonhadora da Torre desde Corianin.

Olhou o crânio imenso mais de perto. Crescera em uma vila do interior e sabia que aspecto tinham os ossos de animais. Não eram quatro globos oculares, afinal. Dois na verdade pareciam ser buracos para algum tipo de presa, de cada um dos lados onde houvera um nariz. Algum tipo de javali monstruoso, talvez, embora não se parecesse com o crânio de qualquer porco que ela já vira. Parecia antigo. Muito antigo.

Abraçando o Poder, era capaz de sentir coisas como essa, nesse lugar. A habitual exacerbação dos sentidos ainda acontecia, é claro. Podia sentir rachaduras diminutas nos ornamentos de gesso dourado que cobriam o teto, a cinquenta pés de altura, e o polimento liso do chão de pedras brancas. Rachaduras infinitesimais, invisíveis aos olhos, espalhadas também pelas pedras do chão.

O aposento era gigantesco, talvez com duzentas passadas de comprimento e quase a metade de largura, ostentando fileiras de colunas estreitas e brancas. Aquela corda branca circulava por toda a extensão, exceto onde havia portas, com arcos de duas pontas. Mais cordas envolviam suportes de madeira polida e armários contendo outros objetos expostos. Bem em cima, sob o teto, uma padronagem elaborada de pequeninos entalhes perfurava as paredes, deixando entrar bastante luz. Ao que parecia, ela se transportara em sonho a uma Tanchico durante o dia.

“Uma grande exposição de artefatos de Eras há muito findadas, da Era das Lendas e de Eras anteriores, abertas a todos, até aos plebeus, por três dias no mês e em dias de festival”, escrevera Eurian Romavni. Ele fizera elogios à inestimável coleção de estatuetas *cuendillar*, seis delas, que ficava em um estojo de vidro no centro do salão, sempre vigiada por quatro dos guardas pessoais da Panarca, quando era permitida a entrada de pessoas, e passara duas páginas discorrendo sobre as ossadas de bestas fabulosas “jamais vistas com vida pelos olhos dos homens”. Egwene estava vendo algumas dessas. Em um dos cantos do salão, havia o esqueleto de algo que parecia um urso, se

ursos tivessem dois dentes frontais do tamanho de seu antebraço. Do lado oposto, jazia a ossada de alguma besta esguia de quatro patas, com um pescoço tão comprido que o crânio chegava à metade da altura das paredes. Havia mais, espalhados pelas paredes do salão, igualmente fantásticos. Todos pareciam antigos o bastante para fazer a Pedra de Tear parecer recém-construída. Ela se abaixou por sob a barreira de cordas e percorreu o salão lentamente, olhando tudo.

Uma estatueta desgastada pelo tempo exibía uma mulher aparentemente sem roupas, envolta em cabelos que caíam até os tornozelos. A princípio era similar às outras que estavam no mesmo estojo, todas não muito maiores do que a mão de Egwene. No entanto, emitia uma impressão de calor suave que ela reconhecia. Era um *angreal*, teve certeza. Perguntou-se por que a Torre não conseguira tomá-lo da Panarca. Um colar de elos delicados e dois braceletes de metal preto fosco, sozinhos em um suporte, a fizeram estremecer. Ela sentiu escuridão e dor associados a eles — uma dor aguda e muito, muito antiga. Uma coisa prateada em outro armário, algo que mais parecia uma estrela de três pontas dentro de um círculo, não era feita de qualquer substância que ela conhecesse. Era mais macia que metal, toda arranhada e cheia de goivaduras, porém ainda mais antiga do que qualquer um dos ossos. A dez passadas de distância, podia sentir orgulho e vaidade.

Uma coisa de fato parecia familiar, embora ela não fosse capaz de identificar o motivo. Enfiada em um canto de um dos armários, como se quem a tivesse posto ali não soubesse ao certo se era digna de ser exibida, jazia a metade superior de uma estatueta quebrada, entalhada em alguma pedra branca brilhante. Retratava uma mulher com uma das mãos erguidas, segurando uma esfera de cristal com a expressão calma, cheia de dignidade e de sábia autoridade. Quando inteira, deveria ter um pé de altura. Mas por que era tão familiar? O objeto parecia quase convidar Egwene a pegá-lo.

Foi só depois que os dedos de Egwene se fecharam na estatueta quebrada que ela percebeu que passara por cima da corda. *Uma tolice, se não sei o que é*, pensou, mas já era tarde demais.

Quando a mão agarrou a estatueta, o Poder jorrou em torrente para dentro dela, de volta para a figura quebrada, depois para ela, para a figura e de volta, para dentro e de volta. A esfera de cristal tremeluzia em clarões espasmódicos e sombrios, e seu cérebro sofreu pontadas dolorosas a cada clarão. Com um soluço de agonia, ela soltou a estatueta e apertou as mãos na cabeça.

A esfera de cristal se estilhaçou quando a estatueta caiu no chão e partiu-se em pedaços, e as pontadas em seu cérebro cessaram, deixando apenas uma lembrança embotada da dor e uma náusea que fez seus joelhos tremerem. Egwene fechou os olhos com força para não ver o quarto se deslocando. A estatueta só podia ser um *ter'angreal*, mas por que a machucara daquela forma simplesmente ao tocá-la? Talvez porque estivesse quebrado. Talvez, quebrado, não pudesse fazer aquilo a que se destinava. Ela nem mesmo queria pensar qual teria sido seu propósito. Testar *ter'angreal* era sempre

perigoso. Pelo menos deveria estar irremediavelmente quebrado. Ali, pelo menos. *Por que ele parecia me chamar?*

A náusea foi embora, e ela abriu os olhos. A estatueta estava de volta na prateleira, tão inteira quanto da primeira vez em que a vira. Coisas estranhas aconteciam em *Tel'aran'rhiod*, mas aquilo era mais estranho do que o que ela desejava ver. E não fora por isso que viera. Primeiro precisava encontrar a saída do Palácio da Panarca. Passando de volta por cima da corda, ela saiu depressa do salão, tentando não correr.

Não havia sinal de vida no palácio, naturalmente. De vida humana, pelo menos. Peixes coloridos nadavam em grandes fontes, que esguichavam água, alegremente, nos pátios rodeados por varandas e calçadas cercadas de colunas delicadas, protegidas por trabalhos de cantaria que mais pareciam renda entalhada em padronagens intrincadas. Nas águas, flutuavam lótus com flores brancas do tamanho de pratos de jantar. No Mundo dos Sonhos, os lugares eram como no chamado mundo real. Só não havia gente. Lustres dourados muito elaborados ocupavam os corredores com pavios ainda não queimados, mas ela sentia o aroma do óleo perfumado. Seus pés não levantavam poeira dos carpetes luminosos, que sem dúvida nunca haviam sido pisados. Não ali.

Em dado momento, viu outra pessoa caminhando à sua frente, um homem de armadura de placa e malha douradas e ornamentadas, levando debaixo do braço um capacete dourado e pontudo com uma crista de plumas de garçota branca.

— Aeldra. — chamou o homem, sorrindo. — Aeldra, venha olhar para mim. Fui nomeado Senhor Capitão da Legião da Panarca. Aeldra? — Ele deu mais um passo à frente, ainda chamando, e de repente desapareceu. Não era um Sonhador. Não era sequer alguém usando um *ter'angreal* como seu anel de pedra ou o disco de ferro de Amico. Era apenas um homem cujo sonho chegara a um lugar do qual ele não tinha consciência, com perigos que desconhecia. Era comum que pessoas que morriam de repente durante o sono na verdade tivessem ido a *Tel'aran'rhiod* em seus sonhos e morrido por lá. Mas ele já se fora, de volta a um sonho comum.

Em Tear, a vela queimava ao lado da cama. Seu tempo em *Tel'aran'rhiod* estava se extinguindo.

Egwene apressou o passo e chegou diante de portas altas e entalhadas que levavam ao exterior, a uma ampla escadaria branca e uma imensa praça vazia. Tanchico se expandia para todas as direções ao longo de colinas íngremes, prédios brancos atrás de prédios brancos, todos reluzentes sob o sol, pontuados por centenas de torres finas e quase a mesma quantidade de domos pontiagudos, alguns dourados. O Círculo da Panarca, uma muralha alta e redonda de pedra branca, ficava à plena vista, a menos de meia milha de distância. Era apenas um pouco mais baixa que o Palácio da Panarca, que erguia-se no topo de uma das colinas mais elevadas. No topo da gigantesca escadaria, Egwene estava a uma altura suficiente para ver água brilhando a oeste, as baías que a separavam de outros dedos montanhosos onde ficava o restante da cidade. Tanchico era maior que Tear, talvez maior que Caemlyn.

Tanto a vasculhar, e ela nem sequer sabia em busca de quê. De algo que sugerisse a presença da Ajah Negra ou que indicasse algum tipo de perigo para Rand, se ambos existissem por ali. Se fosse uma Sonhadora de verdade, treinada no uso de seu talento, saberia o que procurar, saberia como interpretar o que via. Mas não restara ninguém para ensiná-la. As Sábias Aiel supostamente sabiam decifrar sonhos. Aviendha fora tão relutante em falar sobre as Sábias que Egwene não perguntara a nenhuma das outras Aiel. Talvez uma Sábica pudesse instruí-la. Se ela conseguisse encontrar alguma.

Deu um passo em direção à praça e de repente viu-se em outro lugar.

Imensas torres de pedra erguiam-se à sua volta, produzindo um calor que sugava toda a umidade da respiração. O sol parecia assá-la por baixo do vestido, e a brisa que soprava em seu rosto parecia saída de um forno. Havia árvores retorcidas aqui e ali, e a paisagem quase não tinha vegetação, exceto por esparsos trechos de grama grossa e algumas plantas espinhosas que Egwene não soube identificar. Mas reconheceu o leão, ainda que nunca tivesse visto um em carne e osso. O animal estava deitado em uma fresta na rocha, a menos de vinte passadas de distância, abanando o rabo escuro e peludo despretensiosamente, olhando não para ela, mas para algo cem passadas atrás. O enorme javali de pelos grossos fuçava e fungava a terra na base de um arbusto espinhento, sem notar a mulher Aiel subindo, sorrateira com uma lança, pronta para golpeá-lo. Vestida como os Aiel da Pedra, ela usava a *shoufa* em volta da cabeça, mas tinha o rosto descoberto.

O Deserto, pensou Egwene, incrédula. Estou no Deserto Aiel! Quando é que vou aprender a tomar cuidado com o que penso por aqui?

A Aiel congelou. Agora tinha os olhos fixos em Egwene, não no javali. Isso se o bicho fosse um javali, não parecia ter a forma certa.

Egwene teve certeza de que a mulher não era uma Sábica. E também não se vestia como as Donzelas. Pelo que ouvira falar, uma Donzela da Lança que quisesse se tornar Sábica teria de “abrir mão da lança”. Decerto era apenas uma Aiel que adentrara *Tel'aran'rhiod* em seu sonho, como o sujeito no palácio. Ele também a teria visto, se tivesse se virado. Egwene fechou os olhos e se concentrou na única imagem clara de Tanchico que tinha, aquele enorme esqueleto no amplo salão.

Ao abrir os olhos de novo, encarava as imensas ossadas. Dessa vez, percebeu que os ossos estavam amarrados uns aos outros. E de forma muito habilidosa, pois os fios mal apareciam. A estatueta partida com a esfera de cristal ainda estava na prateleira. Egwene não se aproximou da peça, nem do colar e dos braceletes negros que emanavam tanta dor e sofrimento. O *angreal*, a mulher de pedra, era uma tentação. *O que você vai fazer com ela? Luz, está aqui para olhar, para procurar! Nada além disso. Siga em frente, mulher!*

Dessa vez encontrou depressa o caminho de volta à praça. O tempo passava de forma diferente ali. Elayne e Nynaeve a acordariam a qualquer momento, e ela ainda mal começara. Não podia perder mais um minuto sequer. Teria de tomar cuidado com seus pensamentos dali em diante. Nada de pensar nas Sábicas. Até essa repreensão fez tudo dar uma guinada ao seu redor. *Mantenha o foco no que está fazendo*, disse a si mesma, com firmeza.

Ela avançou pela cidade vazia, caminhando depressa, às vezes quase correndo. Ruas de pedra sinuosas se inclinavam para cima e para baixo, cheias de curvas, todas vazias, exceto por pombos imperiais de asas verdes e gaivotas cinza-claro, que alçaram voo ruidosamente quando ela se aproximou. Por que pássaros, e não pessoas? Moscas zuniam próximas, e ela pôde ver baratas e besouros correndo pelas sombras. Um grupo de cães magros, todos de cores diferentes, avançava depressa pela rua, bem à frente. Por que cães?

Ela retrocedeu um pouco e concentrou-se no motivo de estar ali. Quais seriam os sinais da Ajah Negra? Ou do perigo que Rand poderia estar correndo? A maioria dos prédios brancos era caiada, com o reboco rachado e lascado que revelava em muitos pontos a madeira desgastada pelo tempo ou os tijolos marrom-claros. Apenas as torres e estruturas maiores — palácios, supôs — eram feitas de pedra, ainda que também branca. No entanto, até mesmo as pedras — pelo menos a maioria — exibiam pequeninas fissuras, rachaduras ínfimas demais para serem percebidas a olho nu, mas Egwene podia senti-las com o Poder. Formavam uma teia por cima dos domos e torres. Talvez isso significasse algo. Talvez significasse que Tanchico era uma cidade negligenciada por seus habitantes. Como todo o resto.

Deu um salto quando um homem de repente despencou do céu bem à sua frente, berrando. Só teve tempo de registrar as calças brancas e largas e o bigode grosso coberto por um véu transparente antes que o homem desaparecesse, uma passada acima da calçada. Se tivesse chegado ao chão em *Tel'aran'rhiod*, teria sido encontrado morto em sua cama.

Ele deve ter tanto a ver com a situação quanto as baratas, disse a si mesma.

Talvez algo dentro dos prédios. Era uma ínfima possibilidade, uma esperança louca, mas ela estava desesperada o suficiente para tentar qualquer coisa. Quase qualquer coisa. Tempo. Quanto tempo ainda tinha? Começou a correr de porta em porta, enfiando a cabeça em lojas, estalagens e casas.

Mesas e bancos ocupavam os salões à espera de clientes, tão organizadas quanto os pratos e canecas de peltre meio foscos nas prateleiras. As lojas estavam limpas, como se fosse o início do dia, mas, enquanto a mesa do alfaiate exibia rolos de tecido e as do cuteleiro ostentava facas e tesouras, os ganchos do açougue estavam vazios, e as prateleiras, desocupadas. Quem passasse o dedo por qualquer móvel não encontraria poeira. Egwene achou que tudo estava limpo até para os padrões de sua mãe.

Nas ruas mais estreitas havia casas, construções simples e pequenas, caiadas, com tetos planos e nenhuma janela para a rua, prontas para receber famílias para sentarem-se em bancos diante delareiras frias, ou em volta de mesas estreitas com pés entalhados, onde a melhor travessa ou vasilhame ocupava lugar de destaque. Roupas pendiam de ganchos, painéis pendiam de tetos e ferramentas jaziam sobre bancos, à espera.

Sem pensar, Egwene refez os passos, só para ver no que daria, voltando por uma dúzia de portas. Espiou pela segunda vez a casa de alguma mulher no mundo real. Estava quase do mesmo jeito de antes. Quase. O vasilhame de

listras vermelhas que antes ocupava a mesa agora era um vaso azul estreito. Um dos bancos, antes perto da lareira, sustentando um arreio quebrado e as ferramentas para consertá-lo, agora ocupava um canto ao lado da porta e apoiava uma cesta de remedos e um vestido de criança bordado.

Por que as mudanças?, perguntou-se. Aliás, por que tudo deveria permanecer igual? Luz, eu não sei de nada!

Havia um estábulo do outro lado da rua, com a cal branca rachada revelando grandes nacos de tijolos da parede. Egwene correu até lá e abriu uma das enormes portas. O chão batido estava coberto de palha, como em qualquer estábulo que ela já vira, mas as baias estavam vazias. Sem cavalos. Por quê? Algo farfalhou na palha, e ela percebeu que, na verdade, as baias não estavam vazias. Ratos. Dezenas de ratos, encarando-a com audácia, os narizes testando o ar para captar seu cheiro. Nenhum deles fugiu, sequer recuou. Comportavam-se como se tivessem mais direitos do que ela, naquele lugar. Por impulso, Egwene deu um passo atrás. *Pombos, gaivotas, cães, moscas e ratos. Talvez uma Sábia entendesse o porquê.*

Em um piscar de olhos, estava de volta ao Deserto.

Com um berro, desabou assim que a criatura peluda parecida com um javali — quase do tamanho de um pônei pequeno — deu um salto em sua direção. Não era um porco, notou, quando o bicho pulou com agilidade por cima dela. O focinho era pontudo demais e cheio de dentes afiados, e tinha quatro dedos em cada pata. Não foi um pensamento alarmante, mas ela estremeceu quando a besta galopou, apressada, por entre as pedras. Era grande o bastante para tê-la esmagado com as patas, quebrando ossos e tudo o mais. Aqueles dentes eram tão capazes de dilacerar e despedaçar quanto os de qualquer lobo. Ela teria acordado ferida. Isso se chegasse a acordar.

A rocha arenosa sob suas costas era como um fogão escaldante. Ela se levantou apressada, irritada consigo mesma. Se não fosse capaz de se concentrar no que estava fazendo, não obteria resultado algum. Tanchico era onde deveria estar, precisava se concentrar nisso. Em nada mais.

Ela parou de esfregar as mãos nas saias quando viu a mulher Aiel observando-a a dez passadas de distância, os olhos azuis e aguçados. A mulher tinha a idade de Aviendha, não muito mais velha do que a própria Egwene, mas os cachos de cabelo que despontavam por baixo da *shoufa* eram tão claros que pareciam quase brancos. A lança em suas mãos parecia pronta para ser atirada, e, àquela distância, com certeza não erraria o alvo.

Dizia-se que os Aiel eram mais do que duros com os que adentravam o Deserto sem permissão. Egwene sabia que era capaz de envolver tanto a mulher quanto a lança em Ar, mantê-la presa para garantir a própria segurança, mas será que os fluxos se manteriam por tempo suficiente quando ela começasse a esvanecer? Ou será que apenas irritariam a mulher a ponto de fazê-la atirar a lança na primeira chance, talvez antes que Egwene sumisse por completo? De muito adiantaria retornar a Tanchico com uma lança Aiel cravada no peito. Se urdisse os fluxos, a mulher ficaria presa em *Tel'aran'rhiod* até que eles fossem desfeitos, impotente, caso o leão ou a criatura parecida com um javali retornasse.

Não. Apenas precisava que a mulher baixasse a lança, só por tempo suficiente para que se sentisse segura em fechar os olhos e retornar a Tanchico. De volta para o que deveria estar fazendo. Não tinha mais tempo para esses voos e fantasias. Não sabia muito bem como alguém cujos sonhos apenas tocavam *Tel'aran'rhiod* poderia fazer mal a ela da mesma forma que tudo o mais que havia lá, mas não arriscaria descobrir na ponta da lança de uma Aiel. A mulher provavelmente desapareceria em alguns instantes. Precisava de algo para desestabilizá-la até lá.

Mudar de roupa era fácil. Assim que o pensamento veio, Egwene percebeu que usava os mesmos marrons e cinza que a mulher.

— Não vou lhe fazer mal — disse, aparentemente tranquila.

A mulher não baixou a arma. Em vez disso, franziu a testa e disse:

— Você não tem o direito de usar *cadin'sor*, garota. — Então Egwene ficou sem roupas, o sol a arder sua cabeça, o chão a queimar seus pés descalços.

Por um instante, abriu a boca, incrédula, pulando de pé em pé. Não pensava que desse para alterar coisas em outra pessoa. Tantas possibilidades, tantas regras que ela não sabia. Mais do que depressa, voltou os pensamentos aos calçados robustos e ao vestido escuro de saias divididas, e ao mesmo tempo fez as roupas da mulher Aiel desaparecerem. Precisou recorrer a *saidar*, pois a mulher devia estar concentrada em manter Egwene nua. Preparou um fluxo prestes a agarrar a lança, caso a outra mulher fizesse menção de jogá-la.

Foi a vez de a Aiel parecer chocada. Ela deixou a lança desabar na lateral do corpo, e Egwene aproveitou o momento para fechar os olhos e se transportar de volta a Tanchico, de volta ao esqueleto daquele imenso javali. Ou o que fosse. Dessa vez, mal olhou para o bicho. Estava ficando cansada de coisas que pareciam javalis mas não eram. *Como ela conseguiu fazer aquilo? Não! Ficar pensando sobre como e por que é que me desvia do caminho. Dessa vez vou me manter firme.*

Mas ela hesitou. Enquanto fechava os olhos, teve a impressão de ver outra mulher, atrás da Aiel, a vigiá-las. Uma mulher de cabelos dourados com um arco de prata na mão. *Agora já está se deixando dominar por fantasias loucas. Andou escutando muitas histórias de Thom Merrilin.* Birgitte estava morta havia muito tempo, não retornaria até que a Trombeta de Valere a invocasse do túmulo. Mulheres mortas, mesmo as heroínas lendárias, com certeza não eram capazes de adentrar *Tel'aran'rhiod* em seus sonhos.

No entanto, fora apenas um instante de pausa. Deixando de lado as especulações inúteis, ela correu de volta para a praça. Quanto tempo ainda restaria? A cidade inteira para vasculhar, o tempo se esvaindo, e ela tão ignorante quanto começara. Se pelo menos fizesse alguma ideia do que procurar. Ou de onde. Correr não parecia deixá-la cansada no Mundo dos Sonhos, mas, por mais depressa que corresse, não conseguiria percorrer a cidade inteira antes que Elayne e Nynaeve a acordassem. Não queria ter de voltar.

De repente surgiu uma mulher no meio do bando de pombos que se aglomerara na praça. Usava um vestido verde-claro, tão fino e drapejado que

quase poderia agradecer Berelain, e os cabelos escuros estavam presos em dezenas de finas tranças, o rosto coberto até os olhos por um véu transparente, igual ao do homem que caíra do céu. Os pombos levantaram voo, e também a mulher, deslizando com eles pelos telhados mais próximos, antes de desaparecer de súbito.

Egwene sorriu. Sempre sonhava que estava voando como um pássaro, e, afinal de contas, aquilo era um sonho. Saltou no ar e continuou subindo, em direção aos telhados. Vacilou um pouco ao pensar no quanto aquilo era ridículo — voar? As pessoas não voavam! — depois recuperou a estabilidade, forçando-se a manter a confiança. Estava conseguindo, e isso era o que importava. Era um sonho, e ela estava voando. O vento corria por seu rosto, e ela sentia vontade de rir.

Passou os olhos pelo Círculo da Panarca, onde fileiras de bancos de pedra estavam dispostos desde a alta muralha até um amplo campo de terra batida, bem no centro. Imaginou como seria ver tanta gente reunida, como seria assistir a uma exibição de fogos de artifício da própria Guilda de Iluminadores. Em casa, fogos de artifício eram um luxo raro. Lembrava-se do bocado de vezes em que os vira em Campo de Emond, quando os adultos ficavam tão animados quanto as crianças.

Vouou por sobre os telhados como um falcão, percorreu palácios e mansões, habitações e lojas, armazéns e estábulos. Deslizou por sobre domos cobertos de ponteiros douradas e cata-ventos, por torres cercadas de varandas de pedra trabalhada como renda. Carros e carroções pontilhavam os pátios, à espera. Navios abarrotavam o enorme porto e os dedos de água entre as penínsulas da cidade, além de enfileirarem-se no ancoradouro. Tudo parecia em péssimas condições, desde os carros até os navios, mas ela não viu qualquer coisa que indicasse a Ajah Negra. Até onde podia perceber.

Considerou tentar pressentir Liandrin — conhecia muito bem aquele rostinho de boneca, com as inúmeras tranças loiras, olhos castanhos cheios de satisfação e uma boca de botão de rosa, sempre com um sorriso malicioso — tentar visualizá-la na esperança de ser conduzida até a irmã Negra. Porém, se aquilo funcionasse, poderia encontrar Liandrin em *Tel'aran'rhiod*, e talvez também as outras. Não estava pronta para isso.

De súbito lhe ocorreu que, se qualquer Ajah Negra estivesse em Tanchico, na Tanchico de *Tel'aran'rhiod*, Egwene estaria revelando sua presença para elas. Qualquer par de olhos que observasse o céu notaria uma mulher voando, uma mulher que não desapareceria depois de alguns instantes. Seu voo suave se desestabilizou, e ela mergulhou, sob o nível dos telhados. Seguiu flutuando pelas ruas, agora mais devagar, porém ainda mais ligeira que o galope de um cavalo. Poderia estar correndo em direção às outras, mas não podia se forçar a parar e esperar por elas.

Idiota!, ralhou consigo mesma, furiosa. *Idiota! Elas podem saber que estou aqui agora. Podem já estar preparando uma armadilha.* Considerou sair do sonho e voltar para a cama em Tear, mas não encontrara qualquer resposta. Isso se houvesse respostas para encontrar.

Uma mulher alta de repente surgiu na rua à sua frente. Era magra, vestia uma volumosa saia marrom e uma blusa branca solta no corpo, com um xale marrom ao redor dos ombros e um cachecol dobrado em volta da testa, para segurar os cabelos brancos que desciam até a cintura. Apesar das roupas simples, a mulher usava muitos colares e braceletes de ouro, marfim ou ambos. De mãos plantadas na cintura, encarava Egwene nos olhos, franzindo a testa.

Outra mulher tola cujos sonhos a levaram onde ela não tinha o direito de estar e que não acredita no que vê, pensou Egwene. Tinha as descrições de todas as mulheres que haviam fugido com Liandrin, e esta sem dúvida não correspondia a nenhuma delas. No entanto, a mulher não desapareceu. Ficou ali parada enquanto Egwene se aproximava depressa. *Por que ainda não sumiu? Por que ela...? Ah, Luz! Ela está mesmo...!* Agarrou os fluxos para urdir raios, para envolver a mulher em Ar, alarmada e afobada.

— Ponha os pés no chão, garota — vociferou a mulher. — Já tive trabalho demais para encontrar você de novo sem que saísse voando feito um passarinho.

Egwene parou de voar de repente. Os pés tocaram o chão com um baque, e ela cambaleou. Era a voz da mulher Aiel, mas agora mais velha. Não tão velha quanto Egwene pensara a princípio — na verdade, parecia muito mais jovem do que os cabelos brancos sugeriam. Mas a voz e aqueles aguçados olhos azuis a faziam ter certeza de que se tratava da mesma pessoa.

— Você está... diferente — disse.

— Aqui você pode ser o que quiser. — A mulher soava constrangida, mas só um pouco. — Certas horas, eu gosto de me lembrar... Não importa. Você é da Torre Branca? Faz tempo que não se vê uma Andarilha dos Sonhos por lá. Muito Tempo. Eu sou Amys, do ramo dos Nove Vales, dos Aiel Taardad.

— Você é uma Sábia? É, sim! E conhece os sonhos, conhece *Tel'aran'rhiod!* Você pode... Meu nome é Egwene. Egwene al'Vere. Eu... — Ela respirou fundo. Amys não parecia uma mulher a quem se pudesse contar mentiras. — Sou Aes Sedai. Da Ajah Verde.

A expressão de Amys não se alterou, na verdade. Um leve enrugar de olhos, talvez por ceticismo. Egwene não parecia ter idade suficiente para ser uma Aes Sedai completa. No entanto, o que disse foi:

— Eu pretendia deixar você pelada até que me pedisse roupas apropriadas. Usar *cadin'sor* desse jeito, como se fosse... Você me surpreendeu se soltando, virando minha própria lança contra mim. Mas ainda não foi ensinada, não é? Por mais forte que seja. Caso contrário, não teria aparecido daquele jeito no meio da minha caçada, onde obviamente não desejava estar. E esse voo por aí? Você veio até aqui, a *Tel'aran'rhiod!*, para ficar olhando essa cidade, seja lá qual for?

— É Tanchico — respondeu Egwene, com a voz fraca. *Ela não sabia*. Mas como fora que Amys a seguira, ou como a encontrara? Estava óbvio que a mulher sabia muito mais do que Egwene sobre o Mundo dos Sonhos. — Você pode me ajudar. Estou tentando encontrar mulheres da Ajah Negra, Amigas das Trevas. Acho que elas estão aqui, e preciso encontrá-las, se estiverem.

— Então é verdade. — Amys quase sussurrou. — Uma Ajah de Mensageiras das Sombras na Torre Branca. — Ela balançou a cabeça. — Você parece uma garota recém-desposada com a lança que pensa que agora pode lutar com homens e saltar montanhas. Para ela, isso significa alguns hematomas e uma valiosa lição de humildade. Para você, aqui, pode significar a morte. — Amys olhou as construções brancas ao redor e fez uma careta. — Tanchico? Em... Tarabon? Esta cidade está morrendo, devorando a si mesma. Há uma escuridão aqui, uma maldade. É pior do que os homens são capazes de criar. Ou as mulheres. — A Aiel encarou Egwene com um olhar penetrante. — Você não consegue ver nem ouvir, não é? E quer caçar Mensageiros das Sombras em *Tel'aran'rhiod*.

— Maldade? — perguntou Egwene, mais do que depressa. — Podem ser elas. Tem certeza? Se eu contar como elas são, será que você pode se certificar de que são elas? Posso descrevê-las. Posso descrever uma por uma até o último fio da trança.

— Uma criança — murmurou Amys — exigindo do pai um bracelete de prata neste exato instante, sem saber nada sobre negócios ou sobre a feitura de braceletes. Você tem muito que aprender. Muito mais do que posso começar a ensiná-la agora. Venha à Terra da Trindade. Espalharei a notícia de que uma Aes Sedai de nome Egwene al'Vere deve ser trazida a mim, até o Forte das Pedras Frias. Diga seu nome e mostre o anel da Grande Serpente, então poderá seguir em segurança. Não estou lá agora, mas voltarei de Rhuidean antes de você chegar.

— Por favor, você tem que me ajudar. Preciso saber se elas estão aqui. Preciso saber.

— Mas não posso lhe dizer. Não as conheço, nem conheço este lugar, esta Tanchico. Você precisa vir até mim. O que faz é perigoso, muito mais perigoso do que imagina. Você precisa... Aonde está indo? Fique!

Algo pareceu agarrar Egwene, puxá-la para a escuridão.

A voz de Amys a acompanhou, fraca e minguante.

— Você precisa vir até mim e aprender. Você precisa...



TANCHICO OU A TORRE

Elayne soltou um suspiro aliviado quando Egwene enfim se mexeu e abriu os olhos. Ao pé da cama, o rosto de Aviendha perdeu o quê de frustração e ansiedade, e ela abriu um breve sorriso, que Egwene retribuiu. A vela passara da marca fazia apenas alguns minutos, mas mais parecia uma hora.

— Você não estava acordando — explicou Elayne, atordoada. — Eu a sacudi várias vezes, mas você não acordava. — Ela soltou uma risadinha. — Ah, Egwene, você assustou até Aviendha.

Egwene pôs a mão no braço da amiga e a apertou, tranquilizando-a.

— Agora voltei. — Ela soava cansada, e as roupas estavam molhadas de suor. — Acho que tive motivos para ficar um pouco mais do que tínhamos planejado. Tomarei mais cuidado da próxima vez. Juro.

Nynaeve pôs de volta a jarra de água do lavatório de forma brusca, deixando espirrar um pouco para fora. Estivera a ponto de jogar a água na cara sonolenta de Egwene. Seu rosto estava sereno, mas a jarra fez o lavatório chacoalhar, e ela não secou a água derramada que pingava no carpete.

— Foi alguma coisa que você encontrou? Ou foi...? Egwene, se o Mundo dos Sonhos pode prendê-la de alguma forma, talvez seja muito perigoso voltar até que aprenda mais sobre ele. Talvez, quanto mais você vá até lá, mais difícil seja retornar. Talvez... Eu não sei. Mas sei que não podemos arriscar que você acabe se perdendo.

Ela cruzou os braços, pronta para uma discussão.

— Eu sei — respondeu Egwene, quase submissa.

Elayne ergueu as sobrancelhas. Egwene jamais demonstrava submissão a Nynaeve. Muito pelo contrário.

A Sonhadora lutou para sair da cama, recusando a ajuda de Elayne, e caminhou até o lavatório para molhar rosto e braços na água relativamente

fresca. Elayne encontrou um vestido seco no guarda-roupas, enquanto Egwene tirava o encharcado.

— Conheci uma Sábia, uma mulher chamada Amys. — A voz de Egwene saiu abafada quando a cabeça passou pela abertura do vestido. — Ela disse que eu deveria ir encontrá-la, para aprender sobre *Tel'aran'rhiod*. Em um lugar do Deserto chamado Forte das Pedras Frias.

Elayne percebeu um brilho nos olhos de Aviendha à menção do nome da Sábia.

— Você a conhece? Amys?

O meneio de cabeça da Aiel podia ser descrito apenas como relutante.

— Uma Sábia. Uma Andarilha dos Sonhos. Amys era *Fur Dareis Mai*, até abrir mão da lança e seguir para Rhuidean.

— Uma Donzela! — exclamou Egwene. — Então é por isso que ela... Não importa. Ela disse que está em Rhuidean. Você sabe onde fica esse Forte das Pedras Frias, Aviendha?

— Mas é claro. Pedras Frias é o forte de Rhuarc. Rhuarc é marido de Amys. Eu às vezes vou lá visitar os dois. Costumava ir. Minha irmã-da-mãe, Lian, é esposa-irmã de Amys.

Elayne trocou olhares confusos com Egwene e Nynaeve. A Filha-herdeira um dia pensara saber bastante sobre os Aiel, tudo aprendido com os professores em Caemlyn, mas desde que conhecera Aviendha descobrira que sabia muito pouco. Os costumes e relações de parentesco eram um labirinto. Irmãs-primeiras era um termo que indicava filhas da mesma mãe, mas era possível que duas amigas *se tornassem* irmãs-primeiras ao firmar compromisso diante de uma Sábia. Irmãs-segundas, por sua vez, indicava que as mães de duas mulheres eram irmãs. Se os pais é que fossem irmãos, as mulheres eram irmãs-paternas, e não eram consideradas tão próximas quanto irmãs-segundas. Depois disso, a coisa ficava bem incompreensível.

— O que quer dizer “esposa-irmã”? — perguntou, hesitante.

— Que as duas têm o mesmo marido. — Aviendha franziu o cenho pela forma como Egwene arquejou, e os olhos de Nynaeve se arregalaram ao máximo. Elayne, de certo modo, já esperava a resposta, mas mesmo assim se pegou ajoitando as saias, que já estavam perfeitamente lisas. — Isso não é parte dos costumes de vocês? — perguntou a Aiel.

— Não — respondeu Egwene, com a voz fraca. — Não, não é.

— Mas você e Elayne cuidam uma da outra como se fossem irmãs-primeiras. O que fariam se uma das duas não estivesse disposta a abrir mão de Rand al'Thor? Lutariam por ele? Deixariam um homem destruir os laços que existem entre vocês? Não seria melhor se ambas pudessem se casar com ele?

Elayne olhou para Egwene. Pensou em... Será que conseguiria fazer uma coisa dessas? Mesmo com Egwene? Sabia que estava com as bochechas vermelhas. Egwene parecia apenas surpresa.

— Mas eu quis abrir mão — respondeu.

Elayne sabia que a observação era tanto para ela quanto para Aviendha, mas o pensamento persistia. Será que Min tivera uma visão? O que faria, se fosse mesmo o caso? *Se for Berelain, vou estrangular aquela mulher. E Rand também!*

Se tiver de ser alguém, por que não poderia ser Egwene? Luz, o que é que estou pensando? Sabia que estava ficando aturdida e, para disfarçar, suavizou a voz.

— Você fala como se o homem não tivesse escolha.

— Ele pode dizer não — retrucou Aviendha, como se fosse óbvio — mas, se desejar se casar com uma, tem de se casar com as duas que pedirem. Por favor, não se ofendam, mas fiquei chocada quando descobri que, nas suas terras, um homem pode pedir uma mulher em casamento. Um homem deve deixar seu interesse claro, depois esperar que a mulher se pronuncie. É claro, algumas mulheres levam um homem a perceber o próprio interesse, mas o direito do pedido é dela. Na verdade, não entendo muito dessas coisas. Quero ser *Far Dareis Mai* desde criança. Tudo o que quero na vida são a lança e minhas irmãs-de-lança — concluiu, um tanto feroz.

— Ninguém vai tentar obrigar você a se casar — disse Egwene, acalmando-a.

Aviendha lhe lançou um olhar surpreso.

Nynaeve pigarreou alto. Elayne se perguntou se a mulher estivera pensando em Lan, já que suas bochechas estavam obviamente coradas.

— Egwene — começou Nynaeve, em um tom um pouco enérgico demais —, suponho que você não tenha encontrado o que estava procurando, ou já teria comentado.

— Não encontrei — concordou Egwene, lamentosa. — Mas Amys disse... Aviendha, como é essa Amys?

A Aiel começou a analisar o carpete.

— Amys é dura como as montanhas e impiedosa como o sol — disse, sem olhar para cima. — É uma Andarilha dos Sonhos. Pode ensinar sobre o assunto. Mas assim que puser as mãos em você, vai arrastá-la pelos cabelos em direção ao que ela quer. Rhurc é o único capaz de enfrentá-la. Até as outras Sábias agem com cautela quando Amys começa a falar. Mas ela pode lhe ensinar.

Egwene balançou a cabeça.

— Eu queria saber se estar em um lugar estranho a deixaria incomodada, nervosa? Estar em uma cidade? Ela veria coisas que não existem?

Aviendha deu uma risada ácida.

— Nervosa? Nem acordar ao lado de um leão deixaria Amys nervosa. Ela era uma Donzela, Egwene, e não se abrandou nem um pouco, pode ter certeza.

— O que foi que essa mulher viu? — perguntou Nynaeve.

— Não foi bem algo que ela viu — começou Egwene, escolhendo as palavras. — *Acho* que não. Ela disse que Tanchico carrega uma maldade. Algo pior do que os homens são capazes de fazer. Isso pode ser a Ajah Negra. Não discuta comigo, Nynaeve — acrescentou, em um tom firme. — Os sonhos precisam ser interpretados. Pode muito bem ser a Ajah Negra.

Nynaeve já começara franzir a testa assim que Egwene mencionou o mal em Tanchico, expressão que se transformou em um olhar fixo e inflamado quando a jovem mandou que ela não discutisse. Às vezes, Elayne tinha vontade de sacudir aquelas duas. Intrometeu-se depressa, antes que a mais velha acabasse explodindo.

— Pode muito bem ser, Egwene. Você realmente encontrou algo. Mais do que Nynaeve ou eu pensávamos que poderia. Não foi, Nynaeve? Você não acha?

— Pode ser — respondeu a outra, emburrada.

— Pode ser. — Egwene não soava feliz. Ela respirou fundo. — Nynaeve tem razão. Preciso aprender o que estou fazendo. Se eu soubesse o que deveria saber, não precisaria ser informada sobre essa maldade. Se eu soubesse o que deveria saber, poderia ter encontrado o local exato onde está Liandrín, seja ele qual for. Amys pode me ensinar. É por isso... É por isso que eu tenho de ir até ela.

— Ir até ela? — Nynaeve soou horrorizada. — Até o Deserto?

— Aviendha pode me levar direto para esse Forte das Pedras Frias. — O olhar de Egwene, meio desafiador, meio ansioso, saltava entre Elayne e Nynaeve. — Se eu tivesse certeza de que elas estão em Tanchico, não as deixaria irem sozinhas. Isso se vocês decidirem ir. Mas, com Amys para me ajudar, talvez eu consiga descobrir onde elas estão. Talvez eu consiga... É isso, nem mesmo sei o que conseguirei fazer, só tenho certeza de que será muito mais do que imagino. Não estou abandonando vocês. Podem levar o anel. Vocês conhecem a Pedra o suficiente para voltar para cá em *Tel'aran'rhiod*. Posso encontrar vocês em Tanchico. Seja lá o que Amys me ensinar, posso repassar o conhecimento a vocês. Por favor, digam que compreendem. Eu posso aprender bastante com Amys e depois posso usar o que aprender para ajudar. Será como se nós três tivéssemos recebido o mesmo treinamento. Ela é uma Andarilha dos Sonhos, uma mulher com *conhecimento*! Liandrín e as outras são apenas criancinhas perto disso, elas não sabem nem um quarto do que saberemos. — Ela mordeu o lábio, pensativa. — Vocês não acham que eu estou abandonando vocês, acham? Se for isso, eu não vou.

— É claro que você tem que ir — respondeu Elayne. — Vou sentir saudades, mas ninguém nos prometeu que ficaríamos juntas até o fim.

— Mas vocês duas... indo sozinhas... Eu devia ir com vocês. Se elas estiverem mesmo em Tanchico, eu tenho que ir com vocês.

— Bobagem — retrucou Nynaeve, com certa rudeza. — Você precisa é de treinamento. Isso vai nos ajudar muito mais a longo prazo do que sua companhia até Tanchico. E nós nem temos certeza se alguma delas está mesmo em Tanchico. Se estiverem, Elayne e eu nos sairemos muito bem juntas, mas podemos chegar lá e descobrir que esta maldade, no fim das contas, não é nada além da própria guerra. Sabe a Luz que a guerra já representa maldade suficiente para qualquer um. De repente, podemos até voltar para a Torre antes de você. Mas tome cuidado no Deserto — acrescentou, em um tom experiente. — É um lugar perigoso. Aviendha, você vai cuidar dela?

Antes que a Aiel pudesse abrir a boca, ouviram uma batida na porta, e logo depois Moiraine entrou. A Aes Sedai as encarou com um olhar que pesava, media e avaliava as quatro e o que estavam fazendo, tudo sem sequer uma piscadela que indicasse suas conclusões.

— Joiya e Amico estão mortas — anunciou.

— Então foi esse o motivo do ataque? — perguntou Nynaeve. — Tudo isso para matar as duas? Ou talvez para matá-las caso elas não pudessem ser libertadas. Eu tinha certeza de que toda aquela confiança de Joiya era porque ela esperava ser resgatada. No fim das contas, devia estar mesmo mentindo. Nunca acreditei que estivesse arrependida.

— Talvez não tenha sido o motivo principal — retrucou Moiraine. — O capitão, muito sabiamente, manteve os homens em suas posições nos calabouços durante o ataque. Eles não viram nem um único Trolloc ou Myrddraal. Mas encontraram as duas mortas depois do acontecido. Com as gargantas dilaceradas. E as línguas pregadas na porta da cela. — Pelo tom de voz, ela poderia estar falando do remendo de um vestido.

O estômago de Elayne se embrulhou com a descrição impassível.

— Eu não desejava isso a elas. Não desse jeito. Que a Luz ilumine suas almas.

— Elas venderam as almas para a Sombra há muito tempo — retrucou Egwene, com a voz severa. Mas apertava a barriga com ambas as mãos. — Como... Como foi que fizeram isso? Foram os Homens Cinza?

— Duvido que até Homens Cinza conseguissem fazer uma coisa dessas — respondeu Moiraine, seca. — Ao que parece, os recursos da Sombra vão muito além do que sabemos.

— É. — Egwene alisou o vestido e amansou a voz. — Se não houve tentativa de resgate, é possível que ambas estivessem dizendo a verdade. Elas morreram por causa do que revelaram.

— Ou para serem impedidas de revelar — acrescentou Nynaeve, taciturna. — Tomara que eles não saibam que essas duas nos contaram alguma coisa. Talvez Joiya tenha mesmo se arrependido, mas eu não acredito.

Elayne engoliu em seco, pensando em como seria estar dentro de uma cela, com a cara imprensada na porta para que a língua fosse puxada e... estremeceu, mas se obrigou a dizer:

— Talvez elas tenham sido mortas simplesmente como punição por terem sido capturadas. — Não revelou que pensava que também poderia ter sido para fazer com que elas acreditassem nas histórias de Joiya e de Amico, pois já tinham dúvidas demais em relação ao que fazer. — Três possibilidades, e apenas uma sugere que a Ajah Negra saiba que as duas soltaram a língua. Como todas as três são semelhantes, as chances são de que não saibam.

Egwene e Nynaeve pareciam chocadas.

— Como *punição*? — perguntou a mais velha, incrédula.

As duas eram muito mais fortes do que Elayne, em diversos aspectos — e ela as admirava por isso — mas não haviam crescido assistindo às intrigas da corte de Caemlyn, nem ouvindo histórias sobre a crueldade de cairhienos e tairenos no Jogo das Casas.

— Acho que a Ajah Negra pode ser muito pouco gentil com falhas de qualquer tipo — respondeu. — Posso imaginar Liandrin dando a ordem. Joiya sem dúvida teria cumprido sem pestanejar.

Moiraine a encarou por um instante, parecendo reavaliar os pensamentos.

— Liandrin — disse Egwene, em um tom completamente inexpressivo. — É, dá para imaginar Liandrin ou Joiya dando essa ordem.

— Qualquer que tenha sido o caso, vocês não tinham mais muito tempo para interrogá-las — anunciou Moiraine. — As duas embarcariam no navio ao meio-dia de amanhã. — Uma ponta de raiva tocou sua voz, e Elayne percebeu que Moiraine talvez enxergasse a morte das irmãs Negras como uma fuga da justiça. — Espero que tomem uma decisão depressa. Tanchico ou a Torre.

Elayne encarou Nynaeve e assentiu brevemente.

Nynaeve assentiu de volta, mais assertiva, antes de se virar para a Aes Sedai.

— Elayne e eu iremos para Tanchico assim que encontrarmos um navio. Um veloz, espero. Egwene e Aviendha seguirão para o Forte das Pedras Frias, no Deserto Aiel. — Ela não deu motivos, e Moiraine ergueu as sobrancelhas.

— Jolien pode levá-la — disse Aviendha, diante do silêncio momentâneo. Evitava olhar para Egwene. — Ou Sefela, ou Bain e Chiad. Eu... Pensei em ir com Elayne e Nynaeve. Se houver guerra em Tanchico, elas vão precisar de uma irmã para protegê-las.

— Se é isso o que quer, Aviendha — retrucou Egwene, escolhendo as palavras. Parecia surpresa e magoada, porém não mais surpresa do que Elayne. Achava que aquelas duas estavam se tornando amigas.

— Fico feliz pela vontade de ajudar, Aviendha, mas é você quem deve levar Egwene até o Forte das Pedras Frias.

— Ela não vai nem para Tanchico, nem para o Forte — interveio Moiraine, tirando uma carta da bolsa e desdobrando as páginas. — Isso chegou às minhas mãos há uma hora. O jovem Aiel que a trouxe disse que a recebeu há um mês, antes de que qualquer uma de nós tivesse chegado a Tear. Mas tem meu nome no envelope, junto com o endereço da Pedra. — Ela olhou a última folha. — Aviendha, você conhece Amys, do ramo dos Nove Vales, dos Aiel Taardad; Bair, do ramo Haido dos Aiel Shaarad; Melaine, do ramo Jhirad, dos Aiel Goshien; e Seana, do ramo Penhasco Negro, dos Aiel Nakai? Está assinada por elas.

— São todas Sábias, Aes Sedai. Todas Andarilhas dos Sonhos.

A postura de Aviendha se tornara mais cautelosa, mas ela não percebeu. Parecia pronta para lutar ou fugir.

— Andarilhas dos Sonhos — meditou Moiraine. — Talvez isso explique. Já ouvi falar nisso. — Ela virou a segunda página da carta. — Ouçam o que elas dizem de você. O que disseram antes de você sequer decidir vir até Tear. “Entre as Donzelas da Lança acampadas na Pedra de Tear há uma garota voluntariosa chamada Aviendha, do ramo dos Nove Vales, dos Aiel Taardad. Ela deve vir até nós. Não pode mais haver espera ou desculpas. Nós a aguardaremos nas encostas de Chaendaer, acima de Rhuidean.” Ainda há mais sobre você, mas basicamente dizem que devo enviá-la a elas sem demora. Emitem ordens como a Amyrlin, essas suas Sábias.

Moiraine deu um grunhido exaltado, o que levou Elayne a imaginar se as Sábias também teriam tentado dar ordens à Aes Sedai. Era improvável. E

improvável que conseguissem, caso tentassem. Ainda assim, algo naquela carta deixava a mulher irritada.

— Eu sou *far Dareis Mai* — disse Aviendha, irritada. — Não saio correndo como uma criancinha quando alguém chama meu nome. Se quiser, irei para Tanchico.

Elayne apertou os lábios, pensativa. Aquilo era novo, vindo da Aiel. Não a raiva — já vira Aviendha irritada, ainda que não a esse ponto — mas a insinuação. Só podia chamar aquilo de ressentimento. Parecia tão improvável quanto vindo de Lan, mas lá estava.

Egwene também percebeu. Deu um tapinha no braço de Aviendha.

— Está bem. Se você quiser ir a Tanchico, ficarei feliz por saber que está protegendo Elayne e Nynaeve.

Aviendha lançou a ela um olhar genuinamente angustiado.

Moiraine balançou a cabeça bem de leve, ainda deliberando.

— Mostrei isso a Rhuarc. — Aviendha abriu a boca, o rosto irado, mas a Aes Sedai elevou a voz e prosseguiu, serena: — Conforme a carta solicita que eu faça. Apenas o trecho referente a você, é claro. Ele parece bastante determinado que você faça o que a carta diz. O que ela ordena. Acho que é mais sábio ceder ao desejo dele e das Sábias, Aviendha. Você não concorda?

A jovem passou os olhos por todo o quarto, desesperada, como se estivesse presa em uma armadilha.

— Eu sou *far Dareis Mai* — murmurou, e saiu pisando duro pela porta, sem dizer outra palavra.

Egwene deu um passo, erguendo um pouco a mão para tentar impedir a mulher, e deixou-a cair quando a porta bateu.

— O que é que querem com ela? — perguntou a Moiraine. — Você sempre sabe mais do que deixa transparecer. O que está escondendo dessa vez?

— Qualquer que seja o motivo das Sábias — respondeu Moiraine, com frieza — é, sem dúvida, uma questão entre elas e Aviendha. Se a menina quisesse que vocês soubessem, teria contado.

— Você não consegue parar de tentar manipular os outros — disse Nynaeve, amarga. — Agora está manipulando Aviendha, não está?

— Eu, não. As Sábias. E Rhuarc. — Moiraine dobrou a carta e a devolveu à bolsa do cinto, com um toque de rispidez nos modos. — Ela sempre tem a opção de recusar. Um chefe de clã não é o mesmo que um rei, pelo que sei dos costumes Aiel.

— Tem? — perguntou Elayne. Rhuarc a fazia se lembrar de Gareth Bryne. O Capitão-General da Guarda Real de sua mãe quase não batia o pé, mas, quando batia, nem mesmo Morgase era capaz de dobrá-lo sem uma ordem real. Não haveria ordem do trono dessa vez, não que Morgase já tivesse emitido alguma a Gareth Bryne, quando ele decidira que tinha razão, agora que Elayne pensava no assunto. E, sem ordem, imaginava que Aviendha iria às encostas de Chaendaer, acima de Rhuidean. — Pelo menos ela pode viajar com você, Egwene. Amys não poderá encontrá-la no Forte das Pedras Frias se está planejando esperar por Aviendha em Rhuidean. Vocês podem ir encontrar Amys juntas.

— Mas não quero que ela vá — disse Egwene, com tristeza. — Não se ela não quiser ir.

— Seja lá o que vocês decidam — interveio Nynaeve — temos trabalho a fazer. Vocês vão precisar de muitas coisas para viajar pelo Deserto, Egwene. Lan poderá me dizer o quê. E Elayne e eu precisamos nos preparar para embarcar para Tanchico. Acho que conseguiremos encontrar um navio amanhã, mas isso significa que teremos de decidir o que pôr na mala hoje à noite.

— Tem um navio dos Atha'an Miere no cais do Maule — disse Moiraine. — Um forçador. Não há navio mais veloz. Vocês queriam uma embarcação ligeira. Nynaeve assentiu, emburrada.

— Moiraine — disse Elayne — o que é que Rand vai fazer? Depois desse ataque... Ele vai começar a guerra que você quer?

— Eu não quero guerra nenhuma — retrucou a Aes Sedai. — Quero que ele permaneça vivo para lutar em Tarmon Gai'don. Rand diz que amanhã contará a todos o que pretende fazer. — Ela franziu a testa muito de leve. — Amanhã, todos saberemos mais do que sabemos hoje.

Ela partiu sem demora, sem aviso.

Amanhã, pensou Elayne. O que será que Rand fará quando eu disser a ele? O que dirá? Ele precisa compreender. Determinada, juntou-se às outras duas para discutir os preparativos.





RUMORES

Os negócios da taverna corriam tão bem quanto qualquer outro no Maule, como um carroção de gansos e cerâmicas descendo colina abaixo noite adentro. O burburinho de vozes competia com as ofertas musicais de três tambores variados, dois saltérios e um saltério que emanava vibrações lamentosas. As garçonetes com vestidos escuros na altura dos tornozelos, cuja gola ia até o queixo, e aventais brancos curtos andavam apressadas entre as mesas apinhadas, segurando montes de canecas de cerâmica sobre a cabeça para conseguirem se espremer e passar pelo meio da clientela. Doqueiros descalços com coletes de couro misturavam-se a rapazes de casacos justos até a cintura e a homens de peitos nus com grandes cinturões prendendo as calças largas. Tão perto do cais, era possível avistar na multidão indivíduos de todos os lugares. Golas altas do norte e camisas de botão do oeste, casacos com correntes de prata e coletes com sinos, botas até os joelhos e botas até as coxas, colares ou brincos nos homens, casacos e camisas de renda. Um sujeito de ombros largos e barriga grande ostentava uma barba loura e forçada, e outro passara alguma coisa no bigode, para curvá-lo dos dois lados do rosto estreito e fazê-lo brilhar à luz dos lampiões. Dados rolavam e caíam em três cantos do salão e em diversas mesas, e a prata trocava depressa de mãos sob o ruído de berros e gargalhadas.

Mat estava sentado sozinho, encostado na parede de onde podia ver todas as portas, embora encarasse apenas uma caneca de vinho escuro ainda intocada. Não se aproximara dos jogos de dados, nem dera sequer uma olhadela para os tornozelos das garçonetes. Com a taverna tão abarrotada, de vez em quando alguns homens consideravam dividir a mesa com ele, mas uma boa olhada em seu rosto os fazia dar meia-volta para amontoarem-se em algum outro banco.

Ele mergulhou um dedo no vinho e desenhou com o líquido no topo da mesa, distraído. Aqueles idiotas não faziam ideia do que acontecera na Pedra, naquela noite. Ouvira uns poucos tairenos mencionarem uma confusão qualquer, palavras ligeiras que morreram em risos nervosos. Os homens não sabiam, nem queriam saber. Ele quase desejou também não saber. Não, queria ter uma ideia melhor do que acontecera. As imagens ficavam lampejando em sua mente, lampejando pelos buracos em sua memória, sem fazer sentido.

Um estrépito de luta em algum ponto distante ecoou pelo corredor, abafado pelas tapeçarias nas paredes. Com a mão trêmula, retirou a faca do corpo do Homem Cinza. Um Homem Cinza em seu encaço. Só podia estar em seu encaço. Homens Cinza não vagavam por aí matando a esmo, seguiam para seus alvos tão certos como flechas. Ele se virou para correr e viu um Myrddraal avançando ligeiro em sua direção, parecendo uma serpente negra com pernas, o rosto lívido e sem olhos fazendo-o se arrepiar até os ossos. A trinta passadas de distância, Mat arremessou uma faca bem onde deveria haver um olho. Àquela distância, acertaria o buraco de uma árvore do tamanho de um olho quatro vezes a cada cinco tentativas.

A espada negra do Desvanecido turvou ao jogar a adaga longe de forma quase casual. A criatura sequer reduziu o passo.

— *Hora de morrer, Soador da Trombeta. — A voz da coisa era um silvo seco de víbora vermelha, um aviso de morte.*

Mat recuou. Estava com uma faca em cada mão, mas não se lembrava de tê-las desembainhado. Não que facas fossem páreo para uma espada, mas, se corresse, seria tão certo ter aquela lâmina negra cravada em suas costas quanto cinco seis ganhavam de quatro três. Desejou ter um bom bastão nas mãos. Ou um arco. Queria ver aquela coisa tentando desviar da flecha de um arco longo de Dois Rios. Desejou estar em outro lugar. Iria morrer ali.

De repente, mais de dez Trollocs saíram urrando de um corredor lateral, lançando-se sobre o Desvanecido em um frenesi de machados cortantes e espadas golpeantes. Mat ficou encarando, embasbacado e incrédulo. O Meio-homem lutava como um furacão de armadura negra. Mais da metade dos Trollocs estava morta ou morrendo antes de o Desvanecido desabar, contorcendo-se. Um dos braços estava dobrado e se debatia feito uma cobra agonizante a três passadas de distância do corpo, ainda com o punho fechado na espada negra.

Um Trolloc com chifres de carneiro olhou na direção de Mat, o focinho erguido para farejar o ar. Rosnou para ele, depois gemeu e começou a lamber o enorme corte que se abria no antebraço peludo por baixo da malha rasgada. Os outros terminaram de degolar os feridos, e um deles urrou algumas palavras rudes e guturais. Sem olhar outra vez para Mat, eles se viraram e saíram trotando, cascos e botas ecoando no chão de pedras.

Para longe dele. Mat estremeceu. Trollocs ao resgate. Em que Rand o metera dessa vez? Olhou para o desenho que fizera com o vinho — uma porta aberta — e o apagou, irritado. Precisava sair dali. Precisava. Sentia também aquele impulso persistente, dizendo que era hora de voltar para a Pedra. Afastou a sensação, cheio de raiva, mas ela continuava o importunando.

Pescou um trecho da conversa da mesa à direita, onde o sujeito de rosto fino e bigode enrolado monologava, com forte sotaque de Lugard.

— Agora, este Dragão de vocês é um grande homem, sem dúvida, isso eu não nego, mas não é páreo para Logain. Ora, Logain levou Ghealdan inteira à guerra, e metade de Amadicia e Altara também. Fez a terra engolir cidades inteiras que resistiram, ah, fez. Prédios, gente, tudo, tudo. E o sujeito de Saldaea, Maseem? Ora, dizem que o homem fez o sol parar até derrotar o exército do Lorde de Bashere. É fato, é o que dizem.

Mat balançou a cabeça. A Pedra destruída, *Callandor* nas mãos de Rand, e aquele idiota ainda pensava que era mais um falso Dragão. Desenhara outra vez a tal porta. Apagou o desenho com a mão, agarrou a caneca de vinho e parou com ela erguida a meio caminho da boca. No meio da balbúrdia, seus ouvidos captaram um nome familiar proferido em uma mesa próxima. Abandonando o banco outra vez, caminhou até a mesa de caneca na mão.

O povo ali em volta era o tipo de estranha mistura encontrada nas tavernas do Maule. Dois marinheiros descalços usando casacos impermeabilizados com cera sobre os peitorais nus, um deles com uma robusta corrente de ouro bem perto do pescoço. Um homem que já fora gordo, com uma papada caída, vestia um casaco cairhieno escuro com listras vermelhas, douradas e verdes cruzando o peito, o que poderia indicar que era um nobre, embora uma das mangas estivesse rasgada no ombro. Muitos refugiados cairhienos haviam ido para bem longe. Uma mulher grisalha, vestida toda de azul-escuro, com rosto severo, olhar penetrante e pesados anéis de ouro nos dedos. E o orador, o sujeito da barba forcada que tinha na orelha um rubi do tamanho de um ovo de pombo. As três correntes de prata que cruzavam o peito estufado do casaco escuro e avermelhado indicavam que era um mestre mercador kandoriano. Havia uma guilda de mercadores em Kandor.

O falatório cessou, e todos os olhos voltaram-se para Mat quando ele parou diante da mesa.

— Ouvi vocês mencionarem Dois Rios.

O Barba Forcada deu uma olhada rápida nele, os cabelos desgrenhados, a expressão tensa, o vinho na mão, as botas pretas reluzentes, o casaco verde com arabescos dourados aberto até a cintura, revelando uma camisa branca de linho, os dois muito amarrotados. Em resumo, o retrato de um jovem nobre passeando em meio à plebe.

— Eu mencionei, milorde — disse, com voz cordial. — Estava dizendo que não vai sair tabaco de lá este ano, aposto. Mas tenho vinte barris da melhor folha de Dois Rios, e não existe melhor. Conseguirei um preço excelente mais para a frente no ano. Se o milorde desejar um barril para o próprio estoque...

— Ele puxou uma ponta da barba amarela e passou um dedo pelo nariz. — Tenho certeza de que eu poderia...

— Você aposta, é? — indagou Mat, baixinho, interrompendo o homem.

— Por que é que não haveria tabaco fora de Dois Rios?

— Ora, os Mantos-brancos, milorde. Os Filhos da Luz.

— O que têm os Mantos-brancos?

O mestre mercante olhou ao redor da mesa, pedindo ajuda. Havia uma nota de perigo naquele tom tranquilo. Os marinheiros pareciam prontos para partir, se arransassem coragem. O cairhieno encarava Mat, sentado ereto, alisando o casaco surrado e se balançando — a caneca vazia diante dele obviamente não era a primeira. A mulher grisalha levou uma bebida à boca, os olhos penetrantes observando Mat com muita atenção.

Tentando fazer uma mesura sentado, o mercador começou a falar, em um tom bajulador:

— Os rumores, milorde, são de que os Mantos-brancos invadiram Dois Rios. À caça do Dragão Renascido, pelo que dizem. Mas é claro que isso não pode ser, já que o Dragão Renascido está aqui em Tear. — Ele encarou Mat para ver como ele recebia a informação. A expressão do rapaz não se alterou. — Esses boatos podem ser bem loucos, milorde. Talvez seja apenas tempestade em copo d'água. Os mesmos rumores afirmam que os Mantos-brancos estão também atrás de algum Amigo das Trevas de olhos amarelos. O senhor já ouviu falar de um homem com olhos amarelos, milorde? Muito menos eu. Tempestade em copo d'água.

Mat pousou a caneca na mesa e inclinou-se para perto do homem.

— Quem mais estão caçando? De acordo com esses rumores. O Dragão Renascido. Um homem de olhos amarelos. Quem mais?

Gotas de suor se formaram no rosto do mercador.

— Ninguém, milorde. Ninguém, que eu saiba. Só boatos, milorde. Palha ao vento, nada mais. Um sopro de fumaça que logo vai embora. Será que posso ter a honra de presentear milorde com um barril de tabaco de Dois Rios? Um gesto de gratidão... A honra de... Para expressar meu...

Mat jogou uma coroa de ouro andoriana na mesa.

— Bebam por minha conta até esse dinheiro acabar.

Ao virar as costas, ouviu murmúrios.

— Achei que ele iria me degolar. Vocês sabem como são esses fidalgotes quando estão cheios de vinho — disse o mercador de barba forçada.

— Estranho esse rapaz — comentou a mulher. — Perigoso. Não invente moda com esse tipo, Paetram.

— Acho que ele não é nenhum lorde — sugeriu outro homem, petulante. O cairhieno, Mat supôs.

Fez uma careta. Lorde? Não seria lorde nem se lhe oferecessem. *Mantos-brancos em Dois Rios. Luz! Que a Luz nos ajude!*

Ele abriu caminho até a porta e pegou um par de tamancos de madeira da pilha encostada na parede. Não fazia ideia se era o par com que entrara — eram todos iguais — nem se importava. Cabiam em suas botas.

Começou a chover lá fora, uma pancada leve que deixava a escuridão ainda mais escura. Mat levantou a gola e saiu patinhando pelas ruas lamacentas do Maule a um trote esquisito, passando por tavernas barulhentas, estalagens iluminadas e casas com janelas escuras. Quando a lama deu lugar ao pavimento de pedras, perto do muro que marcava a entrada da cidade, ele chutou os tamancos, largou-os na rua e seguiu caminhando. Os Defensores que guardavam o portão de acesso à Pedra mais

próximo o deixaram passar sem uma palavra, sabiam quem ele era. Correu até o quarto de Perrin e abriu a porta depressa, mal notando a fissura lascada na madeira. Os alforjes de Perrin jaziam na cama, e ele estava enfiando camisas e meias dentro. Havia apenas uma vela acesa, mas ele não percebeu o brilho.

— Ah, então você ficou sabendo — disse Mat.

Perrin não parou o que estava fazendo.

— Sobre nossa casa? Fiquei sabendo. Desci para farejar algum boato para Faile. Depois desta noite, mais do que nunca, preciso que ela... — O rosnado, bem no fundo da garganta, fez eriçarem os pelos da nuca de Mat. Ele parecia um lobo nervoso. — Não importa. Fiquei sabendo. Talvez isso também funcione.

Também funcione para quê?, perguntou-se Mat.

— Você acredita?

Por um instante, Perrin olhou para cima. Seus olhos captaram a luz da vela, refletindo um reluzente amarelo-dourado.

— Para mim, parece que não há muita dúvida. Está tudo muito perto da verdade.

Mat se remexeu, incomodado.

— Será que Rand sabe? — Perrin apenas assentiu e voltou a empacotar as coisas. — Bem, o que foi que ele disse?

Perrin parou, encarando o manto dobrado nas mãos.

— Começou a resmungar sozinho. “Ele disse que faria. Disse, sim. Eu devia ter acreditado.” Alguma coisa assim. Não fez sentido. Então me agarrou pela gola e disse que tinha de fazer “o que eles não esperam”. Queria que eu entendesse, mas acho que nem ele entende. Pareceu não ligar se eu ficaria ou iria embora. Não, retiro o que disse. Acho que ele está aliviado por eu estar partindo.

— No frigir dos ovos, ele não vai fazer nada — disse Mat. — Luz, com *Callandor* ele poderia explodir uns mil Mantos-brancos! Você viu o que ele fez com aqueles malditos Trollocs. Está indo, é? De volta para Dois Rios? Sozinho?

— A não ser que você venha também. — Perrin enfiou o manto nos alforjes. — Você vem?

Em vez de responder, Mat marchou de um lado a outro, o rosto ora à meia-luz, ora mergulhado nas sombras. A mãe e o pai estavam em Campo de Emond, e também as irmãs. Os Mantos-brancos não tinham motivo para fazer mal a eles. Se fosse para casa, tinha a sensação de que nunca sairia de lá outra vez, que sua mãe o faria casar antes que ele pudesse piscar. Porém, se não fosse e os Mantos-brancos machucassem sua família... Um rumor era o suficiente para os Mantos-brancos, pelo que ouvira dizer. Mas por que haveria qualquer rumor a seu respeito? Até os Coplin, mentirosos e encrenqueiros, gostavam de seu pai. Todos gostavam de Abell Cauthon.

— Você não precisa — disse Perrin, baixinho. — Nada do que ouvi fazia menção a você. Só a Rand e a mim.

— Que me queime, eu v... — Ele não conseguia dizer. Pensar em partir era fácil, mas dizer em voz alta? A garganta apertou para estrangular as palavras.

— Você acha fácil, Perrin? Quer dizer, acha fácil ir embora? Você não... Sente nada? Tentando prendê-lo? Tentando convencê-lo a não ir?

— Demais, Mat. Mas sei que, no fim das contas, tudo se resume a Rand e aos *ta'veren*. Você não admite isso, não é? Cem motivos para ficar, mas um motivo para ir pesa mais do que tudo. Os Mantos-brancos estão em Dois Rios e vão machucar as pessoas tentando me encontrar. Eu posso impedir isso, se for para lá.

— Por que é que os Mantos-brancos querem você a ponto de machucar alguém? Luz, se eles saírem perguntando por alguém de olhos amarelos, ninguém em Campo de Emond vai saber de quem estão falando! E como é que você pode impedir alguma coisa? Um par de mãos a mais não vai adiantar muito. Aaah! Os Mantos-brancos estão muito enganados se pensam que podem ameaçar o povo de Dois Rios.

— Eles sabem meu nome — disse Perrin, baixinho. Olhou para o canto da parede onde estavam o machado, o cinto amarrado em volta do cabo e o gancho. Ou talvez estivesse encarando o martelo, apoiado na parede sob o machado, Mat não tinha certeza. — Podem encontrar minha família. Quanto ao porquê, eles têm seus motivos, Mat. Assim como tenho os meus. Quem é que pode dizer quem tem os melhores motivos?

— Que me queime, Perrin. Que me queime! Eu quero i-i... Está vendo? Não consigo nem falar. Se eu conseguir falar, vou fazer. Não consigo nem tirar a ideia da cabeça!

— Caminhos diferentes. Já fomos enviados por caminhos diferentes antes.

— Malditos sejam os caminhos diferentes — resmungou Mat. — Já estou por aqui com Rand e as Aes Sedai me enfiando os malditos caminhos goela abaixo. Quero poder ir aonde eu quiser, para variar, fazer o que eu bem entender!

Ele se virou para a porta, mas a voz de Perrin o deteve.

— Espero que seu caminho seja feliz, Mat. Que a Luz envie belas garotas e homens tolos com quem jogar.

— Ah, que me queime, Perrin. Que a luz lhe envie o que você desejar.

— Espero que sim.

Ele não soava feliz com a perspectiva.

— Pode avisar meu pai que está tudo bem comigo? E minha mãe? Ela sempre se preocupou. E cuide das minhas irmãs. Elas costumavam me espionar e me dedurar para a nossa mãe, mas não quero que nada ruim lhes aconteça.

— Eu prometo, Mat.

O rapaz matreiro fechou a porta atrás de si e saiu vagando sem rumo pelos corredores. Suas irmãs, Eldrin e Bodewhin estavam sempre prontas para saírem correndo gritando “Mamãe, Mat arrumou confusão de novo, Mat está fazendo coisa errada, mamãe”. Sobre tudo Bod. Deveriam estar com dezesseis e dezessete anos. Em pouco tempo começariam a pensar em casamento, já com algum fazendeiro paspalho escolhido, quer o sujeito soubesse ou não. Estava mesmo longe havia tanto tempo? Às vezes não parecia. Às vezes, ele sentia que saíra de Campo de Emond havia apenas uma ou duas semanas. Em

outros momentos, parecia que anos haviam se passado, e o lugar já se esvanecia na memória. Ele se lembrava de Eldrin e Bod dando risadinhas ao vê-lo receber surras de vara, mas já não podia ver seus rostos com clareza. Os rostos das próprias irmãs. Esses malditos buracos na memória eram buracos na vida.

Viu Berelain vindo em sua direção e sorriu sem nem pensar. Apesar de toda a afetação, ela era uma bela mulher. Aquela seda colada ao corpo era fina o bastante para um lençinho de mão, sem mencionar o decote cavado que expunha boa parte de um admirável busto pálido.

Ele dispensou a melhor mesura que tinha, elegante e formal.

— Boa noite para a senhora, milady. — Berelain começou a deslizar para longe sem nem olhar para ele, que se endireitou, irritado. — Além de cega é surda, mulher? Não sou um carpete por onde se passa por cima, e me fiz ouvir muito bem. Se eu beliscar esse seu traseiro, você tem todo o direito de me dar um tapa na cara, mas até então espero que palavras cortesias seja correspondida com palavras cortesias!

A Primeira parou onde estava, encarando-o daquele jeito que só as mulheres sabiam fazer. Com aquele olhar, poderia ter adivinhado suas medidas, seu peso e quando ele tomara banho pela última vez. Então virou as costas, murmurando algo para si mesma. Tudo o que Mat pescou foi “muito parecido comigo”.

Ele a encarou, estupefato. Nenhuma palavra para ele! Aquele rosto, aquele caminhar, o nariz tão empinado que era de se admirar que os pés dela tocassem o chão. Era isso que ele ganhava falando com gente da espécie de Berelain e Elayne. Nobres que consideravam lixo quem não tivesse um palácio e a mesma linhagem sanguínea de Artur Asa-de-gavião. Bem, ele conhecia uma ajudante de cozinha roliça — roliça na medida certa — que não o considerava lixo. Dara tinha um jeito de morder as orelhas que...

Parou na hora de pensar naquilo. Considerara ver se Dara estava acordada para um chamego. Pensara em flertar com Berelain — Berelain! E as últimas palavras que dissera a Perrin. *Cuide das minhas irmãs*. Como se já tivesse decidido, como se já soubesse o que fazer. Só que não tinha decidido. E não decidiria, não com essa facilidade. Talvez houvesse um jeito.

Pescou uma moeda de ouro do bolso, jogou-a para o alto e apanhou de volta, batendo-a no dorso da outra mão. Um marco de Tar Valon, notou logo de primeira, e estava encarando a Chama de Tar Valon, estilizada como uma lágrima.

— Que se queimem todas as Aes Sedai! — anunciou, aos berros. — E que se queime Rand al'Thor por me meter nessa!

Um serviçal de uniforme preto e dourado parou no meio do corredor e o encarou com expressão preocupada. O homem trazia uma bandeja de prata com pilhas de ataduras e potes de unguento. Assim que percebeu que Mat o vira, deu um salto.

O rapaz andoriano jogou o marco de ouro na bandeja do homem.

— Presente do maior idiota do mundo. Gaste direito, em mulheres e vinho.

— O-obrigado, milorde — gaguejou o homem, atônito.

Mat o deixou ali, parado. O maior idiota do mundo. Sou mesmo!



COSTUMES DE MAYENE

Perrin balançou a cabeça depois que a porta se fechou atrás de Mat. O amigo preferia dar na própria cabeça com um martelo do que voltar para Dois Rios. A não ser que fosse obrigado. Perrin também queria que houvesse jeito de não ter que voltar para casa. Mas não tinha como, a falta de opção era um fato mais duro e menos clemente que ferro. A diferença entre eles era que Perrin estava disposto a aceitar isso, mesmo sem querer.

Tirar a camisa o fez soltar um grunhido, por mais cuidadoso que tivesse sido. Uma grande ferida, já descolorida a tons de marrom e amarelo, manchava todo o ombro esquerdo. Um Trolloc escapara do machado, e apenas a agilidade de Faile com a faca impedira que algo pior acontecesse. O ombro tornava a hora de se lavar dolorida para Perrin, mas pelo menos não havia risco de água gelada em Tear.

Estava pronto e de mala feita, apenas uma muda de roupas para a manhã seguinte separada do lado de fora dos alforjes. Assim que o sol nascesse, sairia para encontrar Loial. Não havia motivo para incomodar o Ogier à noite. O amigo decerto já estava deitado, e Perrin pretendia fazer o mesmo em breve. Faile era o único problema com o qual ainda não decidira como lidar. Até ficar em Tear seria melhor para ela do que ir com ele.

A porta se abriu, surpreendendo-o. Uma lufada de perfume o atingiu assim que uma frestinha mínima surgiu no batente. Perrin pensou em trepadeiras floridas em uma noite quente de verão. Um aroma tentador, não muito pesado, não para qualquer um além dele, mas nada que combinasse com Faile. Mesmo assim, surpreendeu-se ainda mais ao ver Berelain adentrar o quarto.

Ela piscou, fazendo-o perceber o quanto a luz estava fraca.

— Vai a algum lugar? — perguntou a mulher, hesitante.

Com a luz dos lampiões do corredor atrás dela, era difícil não encará-la.

— Vou, milady. — Ele fez uma mesura não muito suave, mas tanto quanto dava. Faile podia fungar o quanto quisesse, mas ele não via motivo para não ser educado. — De manhã.

— Eu também. — Ela fechou a porta e cruzou os braços. Perrin virou o rosto e continuou a observá-la de canto de olho, para que ela não o visse de olhos arregalados. A mulher prosseguiu, sem notar a reação do rapaz. A chama da única vela refletia em seus olhos escuros. — Depois de hoje à noite... parto amanhã mesmo de carruagem para Godan, e de lá embarco num navio para Mayene. Já deveria ter ido há dias, mas pensei que devia haver algum jeito de consertar as coisas. Não houve, é claro. Eu devia ter percebido isso antes. Hoje à noite me convenci. O jeito como ele... Todos aqueles raios pelos corredores. Vou embora amanhã.

— Milady — disse Perrin, confuso — por que está me contando isso?

O jeito como ela jogou a cabeça para trás o fez lembrar-se de uma égua que às vezes selava em Campo de Emond. O bicho sempre tentava arrancar pedaço.

— Para que conte ao Lorde Dragão, é claro.

Aquilo não fazia sentido.

— A senhora mesma pode contar — disse, com pouco mais do que uma leve exasperação. — Não terei tempo de levar recados antes de partir.

— Eu... acho que não ele quer me ver.

Qualquer homem desejaria vê-la, ela era linda de olhar e sabia disso. Perrin achou que ela tinha começado a falar outra coisa. Será que estava assustada com que ocorrera nos aposentos de Rand? Ou era por causa do ataque e da forma como o amigo acabara com tudo? Talvez, mas, pelo olhar frio que dispensava a ele, não era uma mulher que se assustava com facilidade.

— Dê o recado a um serviçal. Duvido que eu vá ver Rand de novo. Não antes de partir. Qualquer serviçal pode levar o recado a ele.

— Seria melhor vindo de você, amigo do Lorde...

— Dê a um serviçal. Ou a um dos Aiel.

— Você não vai fazer o que estou pedindo? — perguntou ela, incrédula.

— Não. Não escutou o que eu disse?

Ela jogou a cabeça para trás de novo, mas dessa vez foi diferente. Berelain o observou atentamente e murmurou, meio que para si mesma:

— Que olhos surpreendentes.

— O quê? — De repente ele percebeu que estava ali parado, nu até a cintura. O escrutínio intenso da mulher de súbito o fez parecer a um cavalo analisado antes da compra. Dali a pouco ela estaria pegando em seus tornozelos e avaliando os dentes. Agarrou a camisa que separara para a manhã seguinte em cima da cama e passou-a pela cabeça. — Dê a mensagem a algum serviçal. Estou indo dormir. Pretendo acordar cedo. Antes de amanhecer.

— Para onde vai?

— Para casa. Dois Rios. Está tarde. Se você também quiser partir amanhã, imagino que queira dormir um pouco. Estou cansado. — Ele bocejou.

A mulher não fez menção de ir até a porta.

— Você é ferreiro? Vou precisar de um ferreiro em Mayene. Para trabalhos de ornamento em ferro. Quer passar uma temporada curta lá, antes de voltar a Dois Rios? Você acharia Mayene... divertida.

— Eu vou para casa — respondeu, com firmeza — e você vai voltar para o seu quarto.

Ela deu de ombros de leve, e Perrin desviou o olhar outra vez, exasperado.

— Talvez algum outro dia. Sempre consigo o que quero, no fim. E acho que quero... — Ela fez uma pausa e o olhou de cima a baixo. — Trabalho em ferro ornamentado. Para as janelas dos meus aposentos.

Berelain abriu um sorriso tão inocente, que Perrin sentiu um gongo de alarme dentro da cabeça.

A porta se abriu outra vez, e Faile entrou.

— Perrin, fui até a cidade procurar você e ouvi um falatório... — Ela parou, petrificada, e encarou Berelain com o olhar firme.

A Primeira a ignorou. Aproximou-se de Perrin e passou a mão por seu braço e ombro. Por um instante, ele achou que a mulher puxaria sua cabeça para beijá-lo — a doida chegou a erguer a cabeça, como se quisesse um beijo — mas apenas acariciou seu pescoço depressa e se afastou. Antes que ele pudesse se mexer para impedi-la, Berelain parou.

— Lembre-se — disse, baixinho, como se os dois estivessem sozinhos — eu sempre consigo o que quero. — E passou deslizando por Faile e saiu do quarto.

Ele aguardou uma explosão da mulher, mas ela olhou para os alforjes abarrotados na cama e disse:

— Estou vendo que você já ouviu o falatório. É só falatório, Perrin.

— Olhos amarelos aumentam a coisa toda.

Faile deveria estar queimando de raiva, como um monte de galhos secos em uma fogueira. Por que estava tão calma?

— Muito bem. Então Moiraine é o próximo problema. Será que vai tentar impedir você?

— Não se não souber. E eu vou, mesmo que ela tente. Tenho família e amigos, Faile. Não vou deixá-los nas mãos dos Mantos-brancos. Mas espero que ela não descubra até eu estar bem longe da cidade.

Até os olhos da moça estavam calmos, como lagos negros em uma floresta. Os pelos da nuca de Perrin se eriçaram.

— Mas esse boato levou semanas para chegar a Tear, e serão semanas de cavalcada até Dois Rios. Até lá, os Mantos-brancos podem já ter ido embora. Bem, ando com vontade de ver longe daqui. Eu não devia reclamar. Só quero que saiba o que esperar.

— Não levará semanas, não pelos Caminhos — disse. — Dois dias, talvez três.

Dois dias. Achava que não havia como ser mais rápido.

— Você está tão louco quanto Rand al'Thor — afirmou ela, descrente. Desabando no pé da cama, Faile cruzou as pernas e falou como se ele fosse uma criança. — Se for pelos Caminhos, voltará irremediavelmente louco. Isso se conseguir voltar, o que é mais provável que não aconteça. Os Caminhos

estão maculados, Perrin. Estão na escuridão há o quê? Uns trezentos anos? Quatrocentos? Pergunte a Loial. Ele saberá dizer. Foram os Ogier que construíram os Caminhos, ou cultivaram, ou o que quer que seja. Nem eles os usam, hoje em dia. Ora, mesmo que você conseguisse passar por lá incólume, só a Luz sabe onde é que você sairia.

— Eu já viajei pelos Caminhos, Faile. — E que viagem assustadora. — Loial pode me conduzir. Ele sabe decifrar as sinalizações, foi assim que fizemos da outra vez. Ele fará isso por mim de novo quando souber o quanto é importante.

Loial também estava ávido por sair de Tear, parecia ter medo de que a mãe descobrisse onde estava. Perrin tinha certeza de que ele colaboraria.

— Bem... — retrucou ela, esfregando as mãos com força. — Bem, eu queria uma aventura, e essa sem dúvida é uma. Deixar a Pedra de Tear e o Dragão Renascido, viajar pelos Caminhos para enfrentar Mantos-brancos. Será que conseguimos convencer Thom Merrill a vir também? Se não podemos ter um bardo, um menestrel serve. Ele poderia escrever a história, e nós dois seríamos os protagonistas. Nenhum Dragão Renascido nem Aes Sedai para roubar a cena. Quando partiremos? De manhã?

Perrin respirou fundo para manter a voz firme.

— Eu vou sozinho, Faile. Só Loial e eu.

— Vamos precisar de um cavalo de carga — continuou a jovem, como se ele não tivesse dito nada. — Dois, eu acho. Os Caminhos são escuros. Precisaremos de duas lanternas e de bastante óleo. Seu povo de Dois Rios. São fazendeiros? Vão enfrentar os Mantos-brancos?

— Faile, eu disse...

— Eu ouvi o que você disse — retrucou ela, irritada. As sombras davam a ela uma expressão perigosa, com olhos oblíquos e maçãs do rosto elevadas. — Eu ouvi, e acho que não faz sentido. E se esses fazendeiros não lutarem? Ou se não souberem lutar? Quem é que vai ensiná-los? Você? Sozinho?

— Farei o que precisa ser feito — respondeu, com paciência. — Sem você.

Faile pôs-se de pé tão depressa que Perrin pensou que ela estava prestes a agarrar sua garganta.

— Você acha que Berelain vai junto com você? Que vai protegê-lo? Ou talvez prefira que ela sente no seu colo e gema? Ponha essa camisa para dentro, seu idiota peludo! Por que isso aqui está tão escuro? Berelain gosta de meia-luz, não é? Ela vai ser de muita ajuda contra os Filhos da Luz!

Perrin abriu a boca para protestar, mas mudou de ideia.

— Ela parece muito boa de abraçar, a Berelain. Que homem não iria querer tê-la no colo? — A mágoa no rosto de Faile envolveu seu peito em ferro, mas ele se forçou a prosseguir. — Quando terminar o que tenho de fazer em casa, talvez eu vá até Mayene. Ela me chamou para ir, e talvez eu vá.

Faile não disse uma palavra. Encarou-o com o rosto petrificado, depois deu um giro e saiu correndo, batendo a porta atrás de si com um estrondo.

Por impulso, Perrin começou a ir atrás dela, depois parou, agarrando o batente da porta até sentir dor nos dedos. Encarando o talho que o machado

fizera na porta, viu-se dizendo à madeira o que não fora capaz de dizer à Faile.

— Eu matei Mantos-brancos. Eles teriam me matado se eu não tivesse feito isso, mas ainda assim foi assassinato. Vou para casa para morrer, Faile. É o único jeito que tenho de impedi-los de fazer mal à minha família. Não posso deixar que você veja isso. Você pode até tentar impedir, e eles poderiam...

Bateu a cabeça na porta. Agora Faile não lamentaria se não o visse mais. Era isso que importava. Ela encontraria sua aventura em outro canto, a salvo de Mantos-brancos, *ta'veren* e bolhas de maldade. Era isso o que importava. Perrin desejou não querer soltar um uivo de lamento.

* * *

Faile seguia depressa pelos corredores, quase correndo, alheia à quem passava ou tinha de desviar de seu caminho. Perrin. Berelain. Perrin. Berelain. *Ele quer uma megera branquela que anda por aí seminua, é isso? Ele não sabe o que quer. Idiota peludo! Bufão cabeça-dura! Ferreiro! E aquela porca dissimulada da Berelain. Aquela cabra pretensiosa!*

Não percebeu aonde ia até ver Berelain à frente, deslizando dentro daquele vestido que não deixava nada à imaginação, rebolando, como se aquele caminhar não fosse friamente calculado para atrair os olhos esbugalhados dos machos. Antes que Faile se desse conta do que estava fazendo, disparou até a Primeira e virou-se para encará-la, no cruzamento entre dois corredores.

— Perrin Aybara é meu — vociferou. — Leve essas suas mãos e sorrisos para longe dele!

Faile corou até a raiz dos cabelos quando ouviu o que dissera. Prometiera a si mesma que nunca faria uma coisa dessas, nunca brigaria por um homem como uma camponesa rolando na terra durante a colheita.

Berelain arqueou a sobancelha, impassível.

— É seu? Que estranho, não vi coleira nele. Vocês, serviçais... Ou será que você é a filha de algum fazendeiro? Vocês têm uma ideia mais estranha que a outra.

— Serviçal? Serviçal! Eu sou... — Faile mordeu a língua para segurar as palavras enfiadas. A Primeira de Mayene, muito bem. Havia estados em Saldaea maiores que Mayene. Ela não duraria uma semana nas cortes de lá. Será que conseguia recitar poesias enquanto caçava? Consequia cavalgar o dia inteiro durante a caça, depois tocar cítara à noite enquanto debatia como combater invasões de Trollocs? Achava que conhecia os homens, não achava? Será que conhecia a linguagem dos leques? Será que era capaz de mandar um homem vir, ir, ficar, e mais centenas de outras coisas, apenas girando o punho e posicionando um leque de renda? *Que a Luz brilhe sobre mim, o que é que estou pensando? Jurei que jamais seguraria um leque outra vez! Mas havia outros costumes em Saldaea. Faile ficou surpresa ao ver a faca em sua mão. Aprendera a não desembainhar uma faca a menos que tivesse intenção*

de usá-la. — As fazendeiras de Saldaea têm um jeito de lidar com mulheres que roubam os homens das outras. Se não jurar esquecer Perrin Aybara, raspo seus cabelos até deixar você careca como um ovo. Talvez os rapazes que cuidam das galinhas passem a desejá-la depois disso!

Não soube ao certo como foi que Berelain agarrou seu pulso, mas de repente saiu voando pelos ares. O chão que se chocou contra suas costas tirou todo o ar de seus pulmões.

Berelain ficou sorrindo, batendo com a lâmina da faca de Faile na palma da mão.

— Um costume de Mayene. Os tairenos gostam muito de contratar assassinos, e nem sempre há guardas por perto. Detesto ser atacada, fazendeira, então eis o que vou fazer. Vou tirar o ferreiro de você e fazer dele meu bichinho de estimação, enquanto ele me mantiver entretida. Juramento de Ogier, fazendeira. Ele é extasiante, de fato... Aqueles ombros, aqueles braços... sem falar nos olhos. E, mesmo que falte um pouco de cultura, isso eu posso consertar. Meus cortesãos podem ensiná-lo a se vestir e livrá-lo daquela barba horrenda. Aonde quer que ele vá, eu o encontrarei e o tomarei para mim. Você pode ficar com ele depois que eu terminar. Isso se ele ainda a quiser, é claro.

Enfim conseguindo respirar, Faile pôs-se de pé com dificuldade e desembainhou uma segunda faca.

— Ah, mas eu vou arrastar você até ele, depois de rasgar isso que você diz serem roupas, e a fazer dizer que não passa de uma porca! — *Que a Luz me ajude, estou me comportando como uma fazendeira e falando igualzinho a uma!* A pior parte era que ela tinha intenção de fazer aquilo mesmo.

Berelain posicionou-se, cautelosa. Pretendia lutar com as mãos, obviamente, não com a faca. Segurava-a como um leque. Faile avançou nas pontas dos pés.

De repente, Rhuarc surgiu no meio das duas, alto como uma torre, agarrando as facas antes que as mulheres percebessem sua chegada.

— Será que já não viram bastante sangue por hoje? — perguntou, em um tom frio. — De todos os que imaginei que encontraria perturbando a paz, vocês duas eram as últimas da lista.

Faile encarou o homem, boquiaberta. Sem avisar, deu um rodopio e mirou o punho nas costelas baixas de Rhuarc. Ali, o durão sentiria.

O Aiel se moveu sem sequer olhar para ela, agarrou sua mão e girou o braço para o lado com força. Ela se enrijeceu no mesmo instante, rezando para que o homem não deslocasse o seu braço.

Como se nada tivesse acontecido, o Aiel se dirigiu a Berelain.

— Vá para o seu quarto e não saia de lá antes de o sol despontar no horizonte. Não vou deixar que sirvam seu café da manhã. Um pouco de fome servirá muito bem para lembrar que há hora e lugar para brigas.

Berelain apurou-se, indignada.

— Eu sou a Primeira de Mayene. Não receberei ordens como uma...

— Vá para o seu quarto. Agora — interrompeu Rhuarc, impassível. Faile se perguntou se conseguiria chutá-lo. Com certeza tensionara o corpo, pois,

assim que a ideia surgiu, ele aumentou a pressão em seu punho, e ela se elevou nas pontas dos pés. — Caso contrário — continuou, para Berelain — repassaremos nossa primeira conversa juntos, eu e você. Aqui mesmo.

O rosto de Berelain se alternava entre o branco e o vermelho.

— Muito bem — disse, rígida. — Se você insiste, eu talvez possa...

— Não estou propondo um debate. Se eu ainda conseguir vê-la depois de contar até três... Um.

Dando um guinchinho, Berelain ergueu as saias e saiu correndo. Até correndo a mulher conseguia rebolar.

Faile encarou a Primeira, estupefata. Quase valia a pena ter o braço prestes a sair da junta. Rhuarc também observava Berelain ir embora, um sorrisinho contente nos lábios.

— Vai me segurar a noite inteira? — perguntou Faile. O homem a soltou, depois guardou as facas no cinto. — São minhas!

— Não mais — disse o homem. — A punição de Berelain pela briga foi que você a visse enxotada para o quarto feito uma criancinha teimosa. A sua será perder essas facas pelas quais tem tanto apreço. Sei que tem outras. Se discutir, posso acabar levando elas também. Não permitirei que a paz seja quebrada.

Faile olhou feio para Rhuarc, mas suspeitou que ele tivesse mesmo intenção de fazê-lo. Aquelas facas foram feitas para ela por um homem muito competente, tinham equilíbrio perfeito.

— Que “primeira conversa” foi essa que vocês tiveram? Por que foi que ela correu daquele jeito?

— Isso é entre mim e ela. Você não se aproximará de Berelain de novo, Faile. Duvido que ela tenha começado essa briga, essa daí não luta com facas. Se alguma de vocês criar problemas outra vez, colocarei as duas para transportar vísceras. Alguns tairenos pensaram que poderiam continuar com os duelos depois que declarei paz aqui neste lugar, mas o cheiro das carroças de refugio logo os fez perceber seu erro. Cuide para não ter de aprender do mesmo jeito.

Faile esperou até o homem sair para tratar do ombro. Ele a fazia lembrar do pai. Não que o pai já houvesse torcido seu braço, mas tinha pouca tolerância com os encenqueiros, independentemente de sua posição, e ninguém jamais o pegava de surpresa. Ela se perguntou se seria capaz de jogar alguma isca para Berelain, só para ver a Primeira de Mayene suando no meio das carroças de refugio. Mas Rhuarc dissera “ambas”. O pai dela também não dizia nada que não levasse a sério. Berelain. Uma das falas da Primeira ainda ecoava em sua cabeça. Juramento de Ogier. Era isso. Ogier jamais quebravam um juramento. Dizer “Ogier sem palavra” era como dizer “covarde corajoso” ou “idiota sábio”.

Não pôde evitar a risada alta.

— Você vai tirá-lo de mim, sua pavoia imbecil? Quando o vir de novo, isso se algum dia o vir, ele será meu outra vez.

Rindo para si mesma e alisando o ombro de vez em quando, Faile seguiu seu caminho o coração leve.



PASSANDO PELO BATENTE

Segurando bem alto o lampião de vidro, Mat espiou pelo corredor estreito que ficava no núcleo da Pedra. *Só se minha vida estivesse dependendo disso. Foi isso que prometi. Ora, que me queime, agora é justamente o caso!* Antes que a dúvida pudesse se abater mais uma vez sobre ele, o rapaz avançou depressa. Passou por portas apodrecidas e quase tombadas, e por outras que eram apenas tiras de madeira presas a dobradiças enferrujadas. O chão fora varrido havia pouco tempo, mas o ar ainda cheirava a poeira velha e mofo. Algo passou deslizando pela escuridão, e Mat sacou a faca antes de perceber que era apenas um rato fujão, sem dúvida correndo para algum buraco já familiar.

— Se me mostrar a saída — sussurrou para o bichinho — eu vou com você.

Por que estou sussurrando? Não tem ninguém aqui para me ouvir. Mas ali parecia o tipo de lugar onde era preciso fazer silêncio. Dava para sentir todo o peso da Pedra sobre sua cabeça, pressionando-o.

A última porta, ela dissera. Também estava inclinada. Mat deu um chute, e a tábua de madeira se despedaçou. O lugar estava cheio de formas definidas, além de caixotes, barris e pilhas altas de coisas encostadas nas paredes e espalhadas pelo chão. E de poeira. *A Grande Posse! Parece o porão de uma fazenda abandonada, só que pior.* Ficou surpreso por Egwene e Nynaeve não terem limpado e arrumado tudo quando estiveram ali. As mulheres estavam sempre limpando e arrumando, até quando não era necessário. Havia pegadas cruzando o chão, algumas de botas. As três sem dúvida haviam chamado homens para carregar os itens mais pesados. Nynaeve gostava de arrumar trabalho para os homens, devia ter feito questão de convocar alguns sujeitos que estavam se divertindo.

O que ele procurava parecia se destacar no meio da mixórdia. Um batente de porta alto, feito de pedra vermelha, estranhamente imponente à luz do lampião. Quando se aproximou, viu que a coisa ainda parecia estranha.

Parecia retorcida. Os olhos não queriam percorrer o objeto, cujos cantos não pareciam se encaixar muito bem. O retângulo comprido e oco parecia prestes a despencar ao menor sopro, mas, quando ele deu um empurrão para testar, permaneceu firme. Mat deu outro empurrão, mais forte, sem saber ao certo se queria ou não derrubar a coisa, e um dos lados roçou a poeira no chão. Arrepios percorreram seus braços. Quase parecia haver um fio vindo do teto amarrado ao topo do batente, suspendendo-o. Ergueu o lampião para verificar. Nada de fio. *Pelo menos não vai cair enquanto eu estiver lá dentro. Luz, eu vou mesmo entrar, não vou?*

Um monte de estatuetas e pequenos objetos envoltos em panos apodrecidos ocupavam o topo de um barril alto, caído perto de onde Mat estava. Ele empurrou a bagunça para um dos lados, para apoiar a lanterna, e examinou o batente. O *ter'angreal*. Se Egwene soubesse do que estava falando. Devia saber, sem dúvida aprendera todo tipo de esquisitice na Torre, por mais que negasse. *Ela agora nega as coisas, veja só. Aprendendo a ser Aes Sedai. Mas não negou isso, não foi?* Se apertasse os olhos, o treco parecia um batente de porta de pedra mal polida e todo empoeirada. Só um batente de porta comum. Bem, não tão comum assim. Três entalhes fundos e sinuosos cobriam cada pilar de pedra de cima a baixo. Já vira trabalhos mais bonitos em casas de fazenda. Era quase certo que atravessaria a estrutura e ainda estaria dentro daquele salão empoeirado.

Só vou saber se tentar, não é? Sorte! Ele respirou fundo — deu uma tossida por causa da poeira — e avançou um passo.

Parecia passar por uma folha de luz branca brilhante, infinitamente brilhante, infinitamente espessa. Por um instante interminável, não enxergou nada. Um bramido encheu seus ouvidos, todos os sons do mundo reunidos de uma vez. Aquilo só durou a extensão de um passo infinito.

Deu outro passo cambaleante e olhou em volta, estupefato. O *ter'angreal* ainda estava lá, mas aquele com certeza não era lugar onde entrara no arco. O batente de pedra retorcido estava no centro de um salão redondo, cujo teto era tão alto que se perdia nas sombras. O lugar era rodeado por estranhas colunas amarelas espiraladas que serpenteavam pela escuridão, como imensas trepadeiras trançando pilares que já não estavam ali. Uma luz fraca emanava de esferas brilhantes apoiadas no alto de suportes, também espiralados, feitos de algum metal branco, mas que não era prata — o material era fosco demais. E nada indicava o que produzia o brilho das esferas. Não parecia fogo, elas simplesmente reluziam. Os azulejos do chão exibiam listras brancas e amarelas, dispostas em uma espiral que se originava no *ter'angreal*. Havia um perfume pesado no ar, penetrante, seco e não muito agradável. Mat quase deu meia-volta para retornar ao porão.

— Quanto tempo.

Dando um salto, Mat desembainhou uma faca e espiou por entre as colunas à procura da voz sussurrada que pronunciara aquelas palavras de forma tão dura.

— Muito tempo, e os que buscam ainda retornam atrás de respostas. Os questionadores voltaram outra vez. — Uma silhueta se moveu por detrás das

colunas. Mat achou que fosse um homem. — Bom. Você não trouxe lampiões nem tochas, conforme foi acordado, como é e sempre será. Não tem ferro? Nenhum instrumento musical?

A figura emergiu, alta e descalça, os braços, pernas e corpo envoltos em camadas de tecido amarelo, e Mat de súbito não soube dizer se era homem. Ou se era humano. Parecia humano à primeira vista, embora talvez gracioso demais, além de muito magro para a própria altura, com um rosto estreito e alongado. A pele, e também os cabelos negros e lisos, captavam a luz pálida de forma que remetia às escamas de uma serpente. Assim como os olhos, cujas pupilas eram apenas fendas negras verticais. Não, não era humano.

— Ferro. Instrumentos musicais. Não tem nenhum?

Mat se perguntou o que a criatura achava que a faca era. Sem dúvida não parecia preocupada. Bem, a lâmina era feita de bom aço, não de ferro.

— Não. Nada de ferro, nem instrumentos mus... Por quê...? — Ele parou de repente. Três perguntas, dissera Egwene. Não gastaria uma com “ferro” ou “instrumentos musicais”? *De que importa a ele se eu trouxesse doze músicos no bolso e uma ferraria nas costas?* — Vim aqui em busca de respostas verdadeiras. Se você não for aquele que pode dar essas respostas, leve-me a quem que pode.

O homem — era macho, pelo menos, Mat sabia — abriu um leve sorriso. Não mostrou os dentes.

— Conforme o acordo. Venha. — Fez um gesto com uma das mãos de dedos longos. — Venha comigo.

Mat fez a faca desaparecer por baixo da manga.

— Você conduz, e eu vou atrás. — *Só fique na minha frente, e à vista. Este lugar me dá arrepios.*

Enquanto seguia o estranho sujeito, viu que não havia nada reto em lugar algum, exceto pelo chão. Até o teto era abobadado, e as paredes, curvas. Os corredores eram todos em curva, as portas, redondas, as janelas, círculos perfeitos. Os azulejos formavam espirais e linhas sinuosas, e, no teto, parecia haver placas de bronze ornamentado com uma padronagem de intrincados arabescos. Não havia qualquer imagem, nenhuma pintura ou tapeçaria nas paredes. Apenas padronagens, e sempre curvas.

Mat não viu vitalma além do guia silencioso. Dava para pensar que o local estava vazio, exceto por eles dois. De algum lugar, teve a vaga lembrança de percorrer corredores que havia centenas de anos não viam a marca de um pé humano, e ali sentia a mesma coisa. Só que às vezes captava algum mínimo movimento com o canto do olho. No entanto, por mais rápido que se virasse, nunca havia ninguém à vista. Fingiu coçar o antebraço e conferiu as facas nas mangas do casaco, por segurança.

O que via através das janelas redondas era ainda pior. Árvores compridas e delgadas apenas com um guarda-chuva de galhos pendendo do topo, e outras que pareciam imensos leques de folhas rendadas, um emaranhado de vegetação que lembrava o coração de uma mata espinhosa qualquer, tudo sob uma luz fraca e nebulosa, embora não parecesse haver nuvens no céu. Sempre havia janelas, e sempre ao longo de apenas um dos lados do corredor curvo, mas às vezes o lado mudava, e o que deveria dar vista para quartos ou

pátios dava vista para aquela floresta. Através daquelas janelas, Mat não conseguia ter sequer um vislumbre de qualquer outra parte do palácio — ou o que quer que fosse aquele lugar — ou outra construção, exceto...

Por uma das janelas, viu três torres altas e plateadas, cada uma curvada em direção às outras, de modo que as três extremidades terminavam no mesmo ponto. Não era possível enxergá-las da janela seguinte, a três passadas de distância, mas, alguns instantes depois, após ele e o guia fazerem curvas suficientes para estarem voltados em outra direção, viu as torres de novo. Tentou se convencer de que eram três torres diferentes, mas entre as construções e ele havia uma daquelas árvores em formato de leque com um galho quebrado, pendurado. Uma árvore que estivera no mesmo ponto da primeira vez. Depois de ver as torres e a estranha árvore de galho quebrado pela terceira vez, dez passadas mais adiante, só que do outro lado do corredor, tentou parar de descobrir o que havia lá fora.

A caminhada parecia interminável.

— Quando...? Estamos...? — Mat rangeu os dentes. Três perguntas. Era difícil saber qualquer coisa sem fazer perguntas. — Espero que esteja me levando para os que podem responder minhas perguntas. Que meus ossos queimem, espero mesmo. Para o meu bem e para o seu, a Luz sabe como é verdade.

— Aqui — disse o estranho sujeito envolto em amarelo, uma das mãos magras apontando para uma porta redonda com o dobro da largura de qualquer outra que Mat vira no corredor. Os estranhos olhos analisavam o rapaz com atenção. A criatura abriu a boca e inspirou, lenta e demoradamente. Mat franziu o cenho, e o estranho deu de ombros em um espasmo. — Aqui você encontrará as respostas. Entre. Entre e pergunte.

Mat também respirou fundo, depois fez uma careta e esfregou o nariz. Aquele odor forte e pungente era rançoso e incômodo. Deu um passo hesitante em direção à porta comprida e virou-se outra vez para olhar o guia. O sujeito desaparecera. *Luz! Não sei por que ainda fico surpreso com o que acontece neste lugar. Bem, que me queime se acham que vou embora agora.* Tentando não pensar se seria ou não capaz de reencontrar o *ter'angreal*, adentrou o recinto.

Era outro aposento redondo, com azulejos vermelhos e brancos em espiral sob um teto em domo. Não havia colunas ou qualquer tipo de mobília, exceto por três pedestais robustos e espiralados dispostos em volta do ponto exato onde se originavam as espirais no chão. Mat não via outra forma de alcançar o topo que não escalando as espirais, mas em cima de cada uma delas havia um homem parecido com o guia, todos sentados de pernas cruzadas, só que envoltos em vermelho. Nem todos eram homens, concluiu, olhando com mais atenção. Dois daqueles rostos compridos de olhos estranhos definitivamente tinham aparência feminina. Os três o encaravam com olhares intensos e penetrantes e respiravam profundamente, quase ofegantes. Mat pensou na possibilidade de estar deixando os três nervosos. *Meio difícil que seja isso. Mas eles sem dúvida me incomodam.*

— Quanto tempo — disse a mulher da direita.

— Muito — acrescentou a da esquerda.

O homem assentiu.

— E eles continuam vindo.

Os três tinham a mesma voz sussurrada do guia — quase idêntica, na verdade — e a mesma forma dura de pronunciar as palavras. Falavam em uníssono, e as vozes poderiam muito bem estar saindo da mesma boca.

— Entre e pergunte, conforme o antigo acordo.

Se Mat achava que ficara arrepiado mais cedo, agora tinha certeza de que seus pelos estavam todos eriçados. Obrigou-se a se aproximar. Com muito cuidado — tentando não dizer qualquer coisa que sequer soasse como uma pergunta — expôs a situação aos três. Os Mantos-brancos, que com certeza estavam em sua aldeia natal, sem dúvida à caça de seus amigos, talvez até dele próprio. Um de seus amigos indo ao encontro dos Mantos-brancos, e o outro, não. A família provavelmente fora de perigo, mas, com os malditos Filhos da maldita Luz por perto... Um *ta'veren* puxando-o de tal forma que ele mal conseguia se mover. Não via razão para citar nomes ou para mencionar que Rand era o Dragão Renascido. A primeira pergunta — e as outras duas, aliás — já decidira antes de descer à Grande Posse.

— Eu devo ir para casa ajudar meu povo? — perguntou, enfim.

Os três pares de olhos verticais pararam de observá-lo — meio relutantes, ao que pareceu — e se ergueram para analisar o ar acima de sua cabeça. Por fim, a mulher da esquerda respondeu:

— Você deve ir a Rhuidean.

Assim que ela falou, todos os olhos baixaram para observá-lo outra vez, e os três se inclinaram para a frente de novo, respirando fundo. Porém, um sino dobrou naquele instante, produzindo um som agudo e forte que ressoou pelo salão. Eles balançaram os corpos para cima, entreolhando-se, depois encararam outra vez o ar acima da cabeça de Mat.

— Ele é outro — sussurrou a mulher da esquerda. — A pressão. A pressão.

— O sabor — comentou o homem. — Faz tempo.

— Ainda há tempo — interveio a outra mulher. Parecia tranquila, assim como todos os outros, mas sua voz assumiu um tom severo quando ela se virou de volta para Mat. — Pergunte. Pergunte.

Mat cravou os olhos no três, furioso. *Rhuidean? Luz!* Era um lugar lá pelo Deserto, só a Luz e os Aiel sabiam onde ficava. Era tudo o que ele sabia. No Deserto! A raiva incitou perguntas sobre como se afastar das Aes Sedai e como recuperar as partes perdidas de sua memória.

— Rhuidean! — vociferou. — Que a Luz transforme meus ossos em cinzas, se acham que quero ir a Rhuidean! E que meu sangue jorre no chão, se acham que vou! Por que eu deveria ir? Vocês não estão respondendo minhas perguntas. O papel de vocês é responder, não me devolver charadas!

— Se você não for a Rhuidean — respondeu a mulher da direita — vai morrer.

O sino dobrou outra vez, agora mais alto. Mat sentiu o tremor dentro das botas. Os três trocaram olhares claramente ansiosos. Ele abriu a boca, mas as criaturas estavam preocupadas apenas consigo mesmas.

— A pressão — disse uma das mulheres, apressada. — É muito forte.

— O sabor dele — completou a outra, na ponta dos pés. — Faz tanto, tanto tempo.

Antes que ela terminasse, o homem se pronunciou:

— A pressão é muito grande. Muito grande. Pergunte. Pergunte!

— Queime essa sua alma, seu covarde — resmungou Mat. — Já vou perguntar! Por que é que vou morrer se não for a Rhuidean? Devo morrer é se for. Não faz...

O homem o interrompeu e se pronunciou, afoito:

— Você terá se desviado da trama do destino, terá deixado seu destino à deriva nos ventos do tempo e será morto pelos que não querem que este destino seja cumprido. Agora, vá! Você precisa ir! Depressa!

De repente o guia coberto de amarelo surgiu ao lado de Mat, puxando a manga do rapaz com as mãos compridas.

Mat desvencilhou-se dele.

— Não! Eu não vou! Vocês me desviaram das perguntas que eu queria fazer e me deram respostas sem sentido! Não pode ficar por isso mesmo. Que destino é esse de que estão falando? Vou receber pelo menos uma resposta clara dos três!

O sino dobrou uma terceira vez, pesaroso, e o aposento inteiro estremeceu.

— Vá! — gritou o homem. — Você já recebeu suas respostas. Precisa ir, antes que seja tarde demais!

De repente, uma dúzia de homens envoltos em amarelo surgiram ao redor de Mat. Pareciam ter brotado do nada, agora tentavam arrastá-lo para a porta. O rapaz lutou com punhos, cotovelos e joelhos.

— Que destino? Que queimem esses seus corações, que destino? — O recinto inteiro ribombava, as paredes e o chão estremeciam, quase derrubando Mat e seus agressores. — Que destino?

Os três se levantaram nos topos dos pedestais, e Mat não soube dizer quem gritava cada resposta.

— Casar-se com a Filha das Nove Luas!

— Morrer e viver de novo, viver outra vez uma parte do que foi!

— Abrir mão de metade da luz do mundo para salvar o mundo!

Juntos, os três uivaram como vapor escapando sob pressão.

— Vá para Rhuidean, filho das batalhas! Vá para Rhuidean, trapaceiro! Vá, jogador! Vá!

Os agressores de Mat o ergueram pelos braços e pernas e correram, levantando-o acima das cabeças.

— Me soltem, seus branquelos filhos de umas cabras! — gritou, debatendo-se. — Que seus olhos queimem! Que a Sombra leve suas almas, me soltem! Vou tirar suas tripas para fazer uma sela! — Porém, por mais que xingasse e se contorcesse, aqueles dedos longos o mantinham-se firmes como ferro.

O sino ressoou uma vez mais — ou quem sabe o palácio. Tudo tremia como em um terremoto, as paredes badalavam com reverberações ensurdecedoras, cada uma mais alta que a anterior, e os captores de Mat tropeçavam, quase caíam, mas nunca interrompiam a corrida destrambelhada. O rapaz nem

mesmo via aonde era levado, até que as criaturas pararam de repente e o arremessaram pelo ar. Foi então que viu o batente retorcido, o *ter'angreal*, enquanto voava na direção dele.

A luz branca o cegou, e o bramido preencheu sua cabeça até levar embora todos os pensamentos.

Mat caiu com um baque em um chão empoeirado, à meia-luz, e chocou-se contra o barril que sustentava o lampião que trouxera, já na Grande Posse. O barril rolou, fazendo pacotes e estatuetas desabarem no chão, produzindo uma barulheira de pedras, marfim e porcelana se estilhaçando. Com um salto, ele se levantou e lançou-se de volta ao batente de pedras.

— Que se queimem, vocês não podem me jogar...!

Ele atravessou o arco correndo... E esbarrou nos barris e caixotes do outro lado. Sem parar, deu um giro e saltou de novo. Obteve o mesmo resultado. Dessa vez, amparou-se no barril onde estava o lampião, que quase caiu por cima dos objetos já quebrados amontoados no chão sob suas botas. Agarrou o lampião a tempo, queimando a mão, e conseguiu equilibrá-lo com mais firmeza.

Que me queime se acham que quero ficar aqui embaixo neste escuro, pensou, lambendo os dedos. Luz, do jeito que minha sorte vai, é provável que eu começasse um incêndio e morresse queimado!

Cravou os olhos no *ter'angreal*. Por que não estava funcionando? Talvez o pessoal do outro lado tivesse dado um jeito de trancá-lo. Não tinha entendido quase nada do que acontecera lá. Aquele sino, o pânico geral. Parecia que as criaturas estavam com medo de que o teto desabasse sobre suas cabeças. Pensando bem, isso quase tinha acontecido. E Rhuidean, e todo o resto. O Deserto já era ruim o bastante, mas as coisas disseram que ele estava destinado a se casar com uma tal de Filha das Nove Luas. Casar! E com uma nobre, pelo nome. Preferia se casar com uma porca do que com uma nobre. E aquele negócio de nascer e viver de novo. *Que bom que acrescentaram essa última parte!* Se algum Aiel de véus negros o matasse no caminho para Rhuidean, saberia se aquela história era mesmo verdade. Tudo bobagem, ele não acreditava sequer em uma palavra. Só que... A maldita porta o levava mesmo a algum lugar, e os três só responderam três perguntas, exatamente como Egwene dissera que seria.

— Não vou me casar com nobre nenhuma! — disse ao *ter'angreal*. — Vou me casar quando já estiver velho demais para me divertir, e é isso! Rhuidean é a droga do meu...!

Uma bota brotou para fora do batente de pedra retorcido, seguida pelo restante do corpo de Rand, com aquela espada flamejante nas mãos. A lâmina desapareceu quando o corpo do amigo surgiu por inteiro, soltando um suspiro de alívio. No entanto, mesmo à meia-luz, dava para ver que estava atormentado. Ao notar o amigo ali, Rand levou um susto.

— Só bisbilhotando, Mat? Ou também entrou?

O rapaz o encarou por um instante, desconfiado. Pelo menos a espada sumira. Ele não parecia estar canalizando — mas quem podia afirmar? — nem particularmente louco. Na verdade, parecia bastante com o que Mat

lembrava. O rapaz precisou lembrar a si mesmo que os dois já não estavam em casa, que Rand *não era* o mesmo de antes.

— Ah, sim, eu entrei. Um bando de mentirosos desgraçados, se você quer saber! O que é que eles são? Pareciam umas cobras.

— Não são mentirosos, eu acho. — Rand soava como se desejasse que fossem. — Não, não é isso. Estavam com medo de mim desde o início. E, quando aquele sino começou... A espada impediu que eles se aproximassem, as criaturas sequer olhavam para ela. A evitavam. Escondiam os olhos. Você conseguiu suas respostas?

— Nada que fizesse sentido — resmungou Mat. — E você?

De repente, Moiraine brotou do *ter'angreal*, como se emergisse graciosamente do nada, flutuando. Seria uma excelente mulher para conduzir em uma dança, se não fosse Aes Sedai. Ela contraiu os lábios ao vê-los.

— Vocês! Vocês dois estavam aqui. É por isso...! — Ela soltou um silvo exaltado. — Um de vocês já teria sido ruim o bastante, mas dois *ta'veren* de uma vez... Vocês poderiam ter desfeito a conexão e ficado presos lá. Rapazes imprestáveis brincando com coisas cujos perigos desconhecem. Perrin! Perrin está aqui também? Ele compartilhou dessa... *exploração*?

— Da última vez que vi Perrin — respondeu Mat — ele estava pronto para dormir.

Talvez o amigo fosse desmenti-lo pulando de dentro da coisa, o que também poderia desviar a irritação da Aes Sedai. O amigo não precisava passar por isso também. *Talvez pelo menos Perrin consiga escapar, se for embora antes que Moiraine descubra o que ele está fazendo. Que mulher maldita! Aposto que ela nasceu na nobreza.*

Não havia dúvida de que Moiraine estava irritada. O sangue desaparecera de seu rosto, e os olhos eram duas brocas negras perfurando Rand.

— Pelo menos vocês saíram de lá com vida. Quem foi que lhes contou disso aqui? Qual delas? Vou fazê-la desejar ter o couro arrancado feito luva.

— Foi um livro que me contou — respondeu Rand, muito calmo. Sentou-se na beirada de um caixote, que emitiu um rangido alarmante com seu peso, e cruzou os braços. Parecia muito tranquilo, e Mat desejou ser capaz de imitá-lo. — Dois livros, na verdade. *Tesouros da Pedra e Transações com o Território de Mayene*. É incrível o que a gente desenterra dos livros se ler bastante, não é mesmo?

— E você? — Moiraine voltou aquele olhar perfurante a Mat. — Também leu em um livro? Você?

— Eu às vezes leio — retrucou o rapaz, seco. Não seria totalmente contra Egwene e Nynaeve terem o couro arrancado. Depois do que fizeram para forçá-lo a dizer onde escondera a carta da Amyrlin. Prendê-lo com o poder já tinha sido bem ruim, mas o resto! Só que era mais divertido implicar com Moiraine. — *Tesouros. Transações*. Tem muita coisa nos livros. — Por sorte, a mulher não pediu que ele repetisse os títulos. Mat tinha parado de prestar atenção quando Rand começou a falar em livros.

Em vez disso, ela se virou de volta para Rand.

— E as suas respostas?

— São minhas — retrucou ele, depois franziu o cenho. — Mas não foi fácil. Eles trouxeram uma... mulher... para interpretar, mas ela falava como um livro velho. Mal consegui entender algumas palavras. Não tinha pensado na possibilidade de eles falarem outra língua.

— A Língua Antiga — disse Moiraine. — Quando falam com os homens, eles usam a Língua Antiga. Na verdade, falam um dialeto meio tosco. E você, Mat? Foi mais fácil compreender seu intérprete?

Mat precisou se concentrar para a umidade voltar à boca.

— A Língua Antiga? Era isso? Eu não tive intérprete. Na verdade, não cheguei a fazer perguntas. Aquele sino começou a tocar e sacudiu as paredes, e aquelas coisas me arrastaram apressados, como se eu estivesse despejando esterco de vaca nos carpetes. — Moiraine ainda o encarava, os olhos perfurando sua cabeça. A mulher sabia que ele às vezes deixava escapar alguma coisa na Língua Antiga. — Eu... quase entendi uma palavra aqui e ali, mas não a ponto de reconhecer. Você e Rand tiveram respostas. O que é que eles ganharam com isso? As serpentes com pernas. Não vamos subir essas escadas e descobrir que se passaram dez anos, que nem a história de Bili, né?

— Sensações — retrucou Moiraine, com uma careta. — Sensações, emoções, experiências. Eles as vasculham, dá para sentir quando o fazem, dá para sentir os arrepios na pele. Talvez, de certa forma, eles se alimentem disso. A Aes Sedai que estudou este *ter'angreal* quando estava em Mayene descreveu um forte desejo de se banhar em seguida. Eu sem dúvida pretendo fazer isso.

— Mas as respostas são verdadeiras? — perguntou Rand, quando ela começou a virar as costas. — Tem certeza? Os livros só sugerem que sim, mas será que eles são mesmo capazes de fornecer respostas verdadeiras sobre o futuro?

— As respostas são verdadeiras — respondeu Moiraine, escolhendo as palavras — desde que digam respeito ao seu próprio futuro. Isso é garantido. — Ela observou Rand, e também Mat, pensando o efeito de suas palavras. — Quanto à forma como isso acontece, existem apenas especulações. Aquele mundo é... dobrado... de um jeito estranho. Não tenho como ser mais clara. Pode ser que as criaturas saibam ler a trama de uma vida humana, decifrar as variadas formas com que ela pode ser tecida para dentro do Padrão. Ou talvez seja um talento de alguns daquele povo. Mas as respostas, em geral, são obscuras. Se precisar de ajuda para decifrar o que as suas significam, ofereço meus serviços.

Os olhos dela oscilaram, trêmulos, de um para o outro, e Mat quase praguejou. Moiraine não acreditava que ele não conseguira respostas. A não ser que fosse só uma suspeita comum de Aes Sedai.

Rand abriu um sorriso preguiçoso.

— E você pode me dizer o que perguntou, e o que eles responderam?

Como resposta, Moiraine lançou um olhar firme e perscrutador, depois rumou em direção à porta. Uma pequena bola de luz, brilhante como um

lâmpião, de repente começou a flutuar sobre sua cabeça, iluminando o caminho.

Mat sabia que devia deixar aquilo de lado, por hora. Apenas deixá-la partir e torcer para que a mulher esquecesse que ele esteve ali embaixo. Porém, a raiva ainda ardia dentro dele. Todas aquelas coisas ridículas que as criaturas disseram. Bem, talvez fossem verdade, se Moiraine dissesse que era, mas ele queria agarrar aqueles sujeitos pela gola, ou fosse lá o que fizesse as vezes de gola naquelas roupas, e forçá-los a explicar algumas coisas.

— Por que não dá para entrar duas vezes, Moiraine? — perguntou. — Por quê?

E também quase perguntou por que as criaturas estavam preocupadas com ferro e instrumentos musicais, mas mordeu a língua. Não podia saber dessas coisas, se fosse continuar alegando que não entendera nada do que as criaturas disseram.

A Aes Sedai parou diante da porta do corredor, e foi impossível saber se encarava Rand ou o *ter'angreal*.

— Se eu soubesse tudo, Matrim, não precisaria fazer perguntas.

Moiraine observou o quarto por mais um instante. Estava mesmo olhando para Rand. Depois saiu, deslizando com elegância, sem dizer outra palavra.

Por um tempo, Mat e Rand se entreolharam em silêncio.

— Você *conseguiu* encontrar o que queria? — perguntou Rand, por fim.

— Você conseguiu?

Uma chama luminosa surgiu de repente, equilibrada sobre a palma do ruivo. Não a esfera suave de luz cintilante da Aes Sedai, mas uma chama mais rude, como uma tocha. Quando o amigo se virou para sair, Mat acrescentou outra pergunta.

— Você vai mesmo simplesmente deixar os Mantos-brancos fazerem o que quiserem lá em casa? Sabe que eles estão indo para Campo de Emond. Isso se já não estiverem lá. Olhos amarelos, o maldito Dragão Renascido. É coisa demais.

— Perrin vai fazer... o que for preciso para salvar Campo de Emond — respondeu Rand, com a voz sofrida. — E eu preciso fazer o que é preciso, ou Campo de Emond não será o único lugar a cair, e nas mãos de coisas bem piores do que os Mantos-brancos.

Mat ficou observando a luz daquela chama esvanecer pelo corredor, até que se lembrou de onde estava. Agarrou o lâmpião e saiu correndo. *Rhuidean! Luz, o que é que eu vou fazer?*





DESPEDIDAS

Deitado em lençóis encharcados de suor, olhando para o teto, Perrin percebeu que a escuridão já se acinzentava. Em breve o sol despontaria no horizonte. Manhã. Momento de novas esperanças, momento de agir. Novas esperanças. Ele quase riu. Há quanto tempo estava acordado? Uma hora ou mais, com certeza. Coçando a barba encaracolada, Perrin estremeceu. O ombro ferido estava rígido, e ele se sentou devagar. O rosto pingava suor enquanto ele alongava o braço. Mas prosseguiu até conseguir mexer o braço livremente — mesmo que sem conforto — com movimentos metódicos, sufocando ganidos e, vez ou outra, obrigando-se a não praguejar.

O pouco sono que conseguira dormir fora entrecortado e agitado. Quando acordado, vira o rosto de Faile, os olhos negros acusadores, o sofrimento que ele lhes infligira fazendo com que se encolhesse por dentro. Ao dormir, sonhou que subia em uma força enquanto Faile assistia, ou pior, tentava impedi-lo, tentava enfrentar os Mantos-brancos com as lanças e espadas. E Perrin gritava enquanto os homens passavam a corda por seu pescoço, gritava porque os Mantos-brancos estavam matando Faile. Às vezes, ela assistia ao enforcamento com um sorriso de raiva e satisfação. Não era de se admirar que esses sonhos o fizessem acordar com um sobressalto. Em dado momento, sonhara com lobos saindo em disparada da floresta, tentando salvar tanto Faile quanto ele — e acabando furados pelas lanças dos Mantos-brancos, abatidos pelas flechas. Não fora uma noite tranquila. Perrin lavou-se e vestiu-se o mais depressa que pôde, deixando o quarto para trás como se esperasse deixar também as lembranças dos sonhos.

Lá fora, restavam poucos indícios do ataque da noite anterior. Uma tapeçaria retalhada por espadas ali, um baú com um canto destroçado por um machado acolá, um trecho mais claro no chão de pedras onde antes havia um carpete que ficara manchado de sangue. A majhere seguia com seu

exército de serviços uniformizados, trabalhando à toda, embora muitos estivessem enfaixados enquanto varriam, esfregavam, limpavam e rearrumavam. Ela andava mancando, apoiada em um cajado. Era uma mulher grande, os cabelos grisalhos puxados para cima feito um chapéu redondo sobre a ferida enfaixada na cabeça, emitindo ordens em um tom firme, com clara intenção de remover cada vestígio da segunda violação da Pedra. Viu Perrin e dispensou-lhe uma mesura quase imperceptível. Nem mesmo os Grão-lordos recebiam muita atenção dela, mesmo quando estava tudo bem. Apesar de toda a faxina e esfregação, sob o cheiro de ceras, graxas, verniz e fluidos de limpeza, Perrin ainda podia captar o odor fraco de sangue, sangue humano pungente e metálico, sangue fétido de Trollocs e sangue ácido de Myrddraal — um fedor que queimava as narinas. Seria bom sair dali.

A porta do quarto de Loial tinha uma braça de largura e mais de duas de comprimento, com uma maçaneta gigantesca no formato de vinhas entrelaçadas bem na altura da cabeça de Perrin. A Pedra tinha alguns quartos de hóspedes para Ogier, mas raramente eram utilizados. A Pedra de Tear precedia até mesmo a era dos famosos trabalhos de cantaria dos Ogier, mas era um grande prestígio usar pedreiros daquela raça, pelo menos de vez em quando. Perrin bateu à porta e, ao chamado de “entre” em uma voz que soava como uma pequena avalanche, ergueu a mão e obedeceu.

O quarto tinha a mesma escala da porta, em todas as dimensões. Mas Loial, parado no centro do carpete, vestindo a camisa de manga e carregando um cachimbo comprido nos dentes, reduzia tudo a um tamanho aparentemente normal. O Ogier ficava mais alto que um Trolloc com as botas largas até as coxas, ainda que não fosse tão largo. Já não era estranho aos olhos de Perrin o casaco verde-escuro, abotoado até a cintura, com as barras abertas caídas até o topo das botas, que mais parecia um kilt por sobre as calças largas. Porém bastava um olhar para informar que não se tratava de um homem comum em um quarto comum. O nariz do Ogier era tão grande que parecia um focinho, e sobrançelhas, compridas feito bigodes, pendiam dos lados dos olhos do tamanho de xícaras de chá. As orelhas peludas despontavam dos cabelos negros e desgrenhados, que caíam quase até os ombros. Ao avistar Perrin, a criatura abriu um sorriso de orelha a orelha, ainda com o cachimbo na boca.

— Bom dia, Perrin — disse, retumbante, tirando o cachimbo da boca. — Dormiu bem? Nada fácil, depois de uma noite dessas. Eu mesmo passei metade da noite acordado, escrevendo sobre o ocorrido. — Ele tinha uma caneta na outra mão e manchas de tinta nos dedos grandes como salsichas.

Havia livros por toda parte, espalhados nas cadeiras próprias para Ogier, na imensa cama e na mesa que batia no peito de Perrin. Aquilo não era surpresa, mas o mais espantoso foram as flores. Flores de todo tipo, de todas as cores. Vasos, cestas, buquês amarrados com fitas ou barbantes, grandes montes de flores entrelaçadas dispostas como um muro de jardim. Perrin nunca vira algo parecido dentro de um quarto. O aroma preenchia o ar. Mas o que realmente chamou a atenção foi o inchaço na cabeça de Loial, do tamanho do punho de um homem, e a forma coxa com que caminhava. Loial

estava machucado demais para viajar... Perrin sentiu vergonha em pensar dessa forma — o Ogier era seu amigo — mas era necessário.

— Você se machucou, Loial? Moiraine pode curar você. Tenho certeza de que ela vai fazer isso.

— Ah, eu consigo caminhar sem problemas. E tinha tanta gente precisando da ajuda dela de verdade. Eu não queria atrapalhar. Claro que não é isso que vai atrapalhar meu trabalho. — Loial olhou para a mesa, onde um grande livro com encadernação em tecido estava aberto ao lado de um frasco de tinta desrolhado. O objeto parecia grande para Perrin, mas caberia em um dos bolsos do casaco do Ogier. — Espero ter escrito tudo direitinho. Não vi muita coisa ontem, só depois de terminar.

— Loial — disse Faile, surgindo por detrás de um dos montes de flores com um livro nas mãos — é um herói.

Perrin deu um salto. As flores haviam mascarado o perfume dela. Loial fez “shhh”, pedindo à jovem que se calasse, e abanou as mãos enormes, as orelhas tremelcando de vergonha. No entanto, Faile prosseguiu, com a voz fria e os olhos, cálidos, fixos no rosto de Perrin:

— Ele levou todas as crianças que conseguiu, e também algumas mães, para um salão enorme e ficou protegendo a porta sozinho contra Trollocs e Myrddraal. A batalha toda. Essas flores são das mulheres da Pedra, como símbolo de respeito à sua coragem inabalável, à sua lealdade. — Faile fez as palavras “inabalável” e “lealdade” estalarem como açoites.

Perrin quase não conseguiu evitar o corpo de se encolher. Fizera a coisa certa, mas não dava para esperar que ela entendesse. Mesmo que Faile soubesse o motivo, não entenderia. *Foi a coisa certa. Foi sim.* Só queria se sentir melhor em relação à coisa toda. Não era justo que estivesse certo mas se sentisse mal.

— Não foi nada. — As orelhas de Loial tremelcaram. — Foi só porque as crianças não podiam se defender sozinhas. Só isso. Nada de heroísmo. Nada.

— Bobagem. — Faile marcou a página do livro com o dedo e aproximou-se do Ogier. A jovem não batia nem no peitoral de Loial. — Não existe uma mulher na Torre que não se casaria com você se fosse um humano, e algumas se casariam mesmo não sendo. Sabe, Loial você é mesmo muito leal, nem a rima fraca abala essa sua qualidade. Qualquer mulher amaria isso.

As orelhas do Ogier se enrijeceram de surpresa, e Perrin abriu um sorriso. Faile obviamente passara a manhã inteira derramando doce para cima de Loial, na esperança de que o Ogier concordasse em levá-la com eles, a despeito da vontade de Perrin. Mas, ao tentar bajulá-lo, a moça, sem saber, acabara de tocar em um ponto sensível.

— Tem notícias de sua mãe, Loial? — perguntou Perrin.

— Não. — Loial conseguia soar aliviado e preocupado ao mesmo tempo. — Mas vi Laefar na cidade, ontem. Ele ficou tão surpreso em me ver quanto eu fiquei em vê-lo, não somos figuras comuns em Tear. Ele veio do Pouso Shangtai para negociar uns reparos em algum trabalho de cantaria Ogier em um dos palácios. Tenho certeza de que as primeiras palavras que sairão de sua boca quando ele voltar para o pouso serão “Loial está em Tear”.

— Isso é preocupante — comentou Perrin, e o Ogier assentiu, desconsolado.

— Laefar contou que os Anciões disseram que sou um fugitivo, e que minha mãe prometeu me casar e me acalmar. Ela já até escolheu uma esposa. Laefar não sabia quem. Pelo menos disse que não sabia. Ele acha isso tudo muito engraçado. Minha mãe pode chegar em menos de um mês.

O rosto de Faile era o retrato da confusão, o que quase fez Perrin abrir outro sorriso. Ela achava que sabia muito mais do que ele a respeito do mundo — bem, na verdade sabia — mas não conhecia Loial. O Pouso Shangtai era a casa de Loial, na Espinha do Mundo, e, como o Ogier estava com pouco mais de noventa anos, ainda não tinha idade para sair de lá sozinho. Seu povo vivia por muito tempo. Para os padrões deles, Loial devia ser da idade de Perrin, talvez mais moço. Porém, o Ogier partira mesmo assim, queria ver o mundo, mas seu maior medo era que a mãe o encontrasse e o arrastasse de volta para o *pouso*, para se casar e nunca mais sair de lá.

Enquanto Faile tentava entender o que estava acontecendo, Perrin quebrou o silêncio.

— Preciso voltar a Dois Rios, Loial. Sua mãe não vai encontrar você lá.

— Sim. Isso é verdade. — O Ogier deu de ombros, constrangido. — Mas meu livro. A história de Rand. E sua, e de Mat. Eu já tenho tantas anotações, mas... — Loial foi para trás da mesa, espiou o livro aberto, as páginas preenchidas com a caligrafia caprichada. — Serei o autor da verdadeira história do Dragão Renascido, Perrin. O único livro escrito por alguém que viajou com ele, que de fato viu tudo se desenrolar. *O Dragão Renascido*, de Loial, filho de Arent, filho de Halan, do Pouso Shangtai. — Franzindo a testa, ele se inclinou por cima do livro e mergulhou a pena no frasco de tinta. — Isso aqui não está certo. Foi mais...

Perrin pôs a mão sobre a página onde Loial iria escrever.

— Você não vai escrever livro nenhum se sua mãe encontrá-lo. Pelo menos, não sobre Rand. E eu preciso de você, Loial.

— Precisa, Perrin? Não estou entendendo.

— Há Mantos-brancos em Dois Rios. Atrás de mim.

— Atrás de você? Mas por quê? — Loial parecia quase tão confuso quanto Faile estivera. A jovem, por outro lado, revestira-se de uma soberba complacente e perturbadora. Perrin prosseguiu mesmo assim.

— O motivo não importa. O fato é que estão atrás de mim. Podem machucar alguém, minha família, procurando por mim. Conhecendo os Mantos-brancos, sei que vão fazer isso. Posso impedir, se conseguir chegar depressa, mas ser logo. Só a Luz sabe o que é que eles já fizeram. Preciso que me leve até lá, Loial, pelos Caminhos. Você um dia me disse que havia um Portal dos Caminhos por aqui, e sei que havia um em Manetheren. Ainda deve existir, nas montanhas acima de Campo de Emond. Nada é capaz de destruir um Portal dos Caminhos, você mesmo disse. Preciso de você, Loial.

— Bom, é claro que vou ajudar — respondeu o Ogier. — Os Caminhos. — Ele soltou uma bufada ruidosa, e as orelhas esmoreceram um pouco. —

Quero escrever sobre aventuras, não vivê-las. Mas acho que uma vezinha não vai doer. Queira a Luz — concluiu, com fervor.

Faile pigarreou com delicadeza.

— Não está se esquecendo de nada, Loial? Você me prometeu levar aos Caminhos quando eu pedisse, e prometeu que o faria antes de levar qualquer outra pessoa.

— Eu prometi mesmo que a levaria para ver o Portal dos Caminhos — disse Loial — e como é tudo lá por dentro. Você pode fazer isso quando Perrin e eu formos. Acho que poderia vir com a gente, mas a viagem pelos Caminhos não é nada fácil, Faile. Eu mesmo não entraria lá se Perrin não estivesse precisando.

— Faile não pode ir — rebateu Perrin, com firmeza. — Só você e eu, Loial.

Ignorando-o, a mulher sorriu para o Ogier, como se ele estivesse brincando com ela.

— Você me prometeu mais do que olhar, Loial. Prometeu que me levaria para onde eu quisesse, quando eu quisesse, e antes de qualquer outra pessoa. Você jurou.

— Foi mesmo, mas só porque você se recusou a acreditar que eu o faria — protestou Loial. — Você disse que só acreditaria se eu jurasse. Cumprirei minha promessa, mas tenho certeza de que você não vai querer passar na frente de Perrin, já que ele precisa tanto.

— Você jurou — retrucou Faile, com a voz tranquila. — Pela sua mãe, e pela mãe da sua mãe, e pela mãe da mãe da sua mãe.

— Sim, Faile, eu jurei, mas Perrin...

— Você jurou, Loial. Vai quebrar o juramento?

A expressão do Ogier era só desgraça. Os ombros curvaram, as orelhas caíram, os cantos da enorme boca desabaram, e as pontas das compridas sobrancelhas foram parar nas bochechas.

— Ela fez você de trouxa, Loial. — Perrin se perguntou se dava para os dois ouvirem o ranger de seus dentes. — Ela fez você de trouxa de propósito.

Uma placa vermelha se formou as bochechas de Faile, mas a jovem ainda teve o descaramento de dizer:

— Só porque foi preciso, Loial. Só porque um idiota de um homem acha que pode ordenar minha vida como bem entender. Se não fosse isso, eu não teria agido assim. Você precisa acreditar em mim.

— O fato de que ela ludibriou você não muda nada? — inquiriu Perrin, e Loial balançou tristemente a cabeça enorme.

— Os Ogier *mantêm* a palavra — disse Faile. — E Loial vai me levar para Dois Rios. Ou para o Portal dos Caminhos no Manetheren, pelo menos. Estou com vontade de conhecer Dois Rios.

Loial se aprumou.

— Então isso significa que posso ajudar Perrin, no fim das contas. Faile, por que enrolou tanto? Nem Laefar acharia isso engraçado. — Havia um toque de irritação em sua voz, e precisava de muito para deixar um Ogier irritado.

— Se ele pedir — retrucou ela, determinada. — Isso fazia parte da promessa, Loial. Ninguém além de nós dois, a menos que me pedissem. Ele tem que pedir.

— Não — disse Perrin, enquanto Loial ainda estava abrindo a boca. — Não, eu não vou pedir. Prefiro ir para Campo de Emond a cavalo. Vou a pé! Pode ir desistindo dessa palhaçada. Enganar Loial. Tentar forçar sua presença onde... onde não é bem-vinda.

A calma da moça deu lugar à raiva.

— E, quando você chegar lá, Loial e eu já teremos acabado com os Mantos-brancos. Tudo vai estar acabado. Peça, seu ferreiro cabeça-de-bigorna. Basta pedir, e poderá vir com a gente.

Perrin se segurou. Não havia maneira de convencê-la de seu ponto de vista, mas ele não ia pedir. Faile tinha razão — levaria semanas para chegar a Dois Rios a cavalo, e eles poderiam estar lá em dois dias, quem sabe, pelos Caminhos — mas não ia pedir. *Não depois de ela fazer Loial de bobo e tentar me intimidar!*

— Então vou viajar sozinho pelos Caminhos até Manetheren. Vou atrás de vocês dois. Se mantiver distância suficiente para seguir afastado, não estarei quebrando o juramento de Loial. Vocês não podem me impedir de segui-los.

— Isso é perigoso, Perrin — disse Loial, preocupado. — Os Caminhos são escuros. Se você perder uma curva ou pegar a ponte errada por acidente, pode acabar se perdendo para sempre. Ou até *Machin Shin* apanhá-lo. Peça a ela, Perrin. Faile disse que você pode vir se pedir. Peça.

A voz retumbante do Ogier estremeceu ao mencionar o nome *Machin Shin*, e um arrepio percorreu as costas de Perrin. O Vento Negro. Nem mesmo as Aes Sedai sabiam se era uma criatura da Sombra ou algo que se desenvolvera a partir da corrupção dos Caminhos. *Machin Shin* era o motivo pelo qual a viagem que fariam podia ser um risco de vida, era o que as Aes Sedai diziam. O Vento Negro devorava almas, e isso Perrin sabia que era verdade. Porém, manteve a voz firme e a expressão impassível. *Que me queime se vou deixar que ela perceba minha fraqueza.*

— Não posso, Loial. Seja como for, não vou fazer isso.

O Ogier fez uma careta.

— Faile, será perigoso para ele, se tentar nos seguir. Por favor, ceda um pouco e deixe que ele...

— Não. — A jovem o interrompeu bruscamente. — Se ele é cabeça-dura demais para pedir, por que eu deveria? Por que é que eu deveria sequer me preocupar, caso ele se perca? — Ela se virou para Perrin. — Pode viajar perto da gente. O quanto precisar, desde que fique claro que está nos seguindo. Até pedir, vai ficar me seguindo feito um cachorrinho. Por que simplesmente não pede?

— Humanos teimosos — resmungou o Ogier. — Afobados e teimosos, mesmo quando a afobação acaba levando a um ninho de vespas.

— Gostaria de partir hoje mesmo, Loial — disse Perrin, sem olhar para Faile.

— É melhor irmos logo — concordou Loial, encarando pesaroso o livro na mesa. — Acho que posso organizar minhas anotações durante a viagem. Sabe

a Luz o que vou perder ficando longe de Rand.

— Você ouviu o que eu disse, Perrin? — inquiriu Faile.

— Vou recolher meu cavalo e pegar alguns suprimentos. Podemos partir no meio da manhã.

— Que se queime, Perrin Aybara, me responda!

Loial olhou para ela, apreensivo.

— Perrin, tem certeza de que não pode...

— Não — interrompeu Perrin, com educação. — Ela é turrona e gosta de joguinhos. Não vou bancar o palhaço para ela. — O rapaz ignorou o som que saía das profundezas da garganta de Faile, que mais parecia um gato encarando um cão estranho, a postos para o ataque. — Aviso assim que estiver pronto.

Começou a se dirigir à porta, e Faile gritou, furiosa:

— “Quando” sou eu quem decide, Perrin Aybara. Eu e Loial. Está ouvindo? É melhor que esteja pronto em duas horas, ou vamos deixar você para trás. Pode nos encontrar no estábulo do Portão da Muralha do Dragão, se for. Está me ouvindo?

Perrin sentiu-a se aproximando e bateu a porta atrás de si no mesmo instante que algo se chocou com força contra a madeira. Um livro, pensou. Loial daria um ataque por causa disso. Era melhor bater na cabeça do Ogier do que estragar algum de seus livros.

Por um instante, ficou apoiado na porta, desesperado. Tudo o que fizera, tudo por que passara, ter que fazer Faile odiá-lo, e, no fim das contas, ela estaria lá para vê-lo morrer. A parte boa é que agora talvez Faile ficasse contente com isso. *Mulher teimosa, turrona!*

Ao se virar, viu um Aiel se aproximando, um homem alto, de cabelos ruivos e olhos verdes, que poderia ser um primo mais velho de Rand, ou um tio jovem. Conhecia o homem e gostava dele, ainda que fosse porque Gaul jamais tivesse feito qualquer menção de ter notado seus olhos amarelos.

— Que a manhã lhe traga boa sombra, Perrin. A majhere disse que você tinha vindo para estes lados, mas acho que ficou se coçando para enfiar uma vassoura nas minhas mãos. Dura como uma Sábia, aquela mulher.

— Que a manhã lhe traga boa sombra, Gaul. As mulheres são todas umas cabeças-duras, se quer saber.

— Talvez, se não soubermos como contorná-las. Ouvi dizer que você está indo para Dois Rios.

— Luz! — grunhiu Perrin, antes que o Aiel pudesse dizer outra coisa. — Será que a Pedra inteira está sabendo? Se Moiraine souber...

Gaul balançou a cabeça.

— Rand al'Thor falou comigo em particular e pediu que eu não contasse a ninguém. Acho que ele também falou com outros, mas não sei quantos vão querer ir com você. Passamos muito tempo deste lado da Muralha do Dragão, e muitos estão ansiando pela Terra da Trindade.

— Ir comigo? — Perrin ficou espantado. Se tivesse a companhia dos Aiel... Era uma possibilidade que jamais ousara considerar. — Rand pediu que fossem comigo? Para Dois Rios?

Gaul balançou a cabeça outra vez.

— Ele só disse que você estava indo e que alguns homens talvez tentassem matá-lo. Mas quero ir junto, se você aceitar minha companhia.

— Se eu aceitar? — Perrin quase deu uma risada. — Eu aceito. Entraremos nos Caminhos em algumas horas.

— Nos Caminhos? — A expressão de Gaul não se alterou, mas ele piscou.

— Faz alguma diferença?

— A morte chega para todos, Perrin. — Não era uma resposta reconfortante.

* * *

— Não posso acreditar que Rand seja tão cruel — disse Egwene.

— Pelo menos ele não tentou impedir você — acrescentou Nynaeve. Sentadas na cama da Sabedoria, elas terminavam a divisão do ouro que Moiraine providenciara. Quatro bolsas gordas seriam transportadas nos bolsos cerzidos sob as saias de Elayne, e quatro nos de Nynaeve, além de uma menor para cada, para não chamar a atenção, que seria levada no cinto. Egwene ficara com uma quantia menor, já que no Deserto havia menos necessidade de ouro.

Elayne franziu o cenho para as duas trouxas cuidadosamente amarradas e o alforje de couro ao lado da porta. Ali estavam todas as suas roupas e algumas outras coisas. Faca e garfo embalados em um estojo, escova e pente de cabelos, agulhas, alfinetes, linha, dedal, tesouras. Um acendedor e uma segunda faca, melhor que a que ela levava no cinto. Sabão, talco e... Era ridículo repassar a lista outra vez. O anel de pedra de Egwene estava enfiado no bolso. Estava pronta para partir. Não havia nada a detê-la.

— Não, ele não tentou.

Elayne estava orgulhosa de como soava calma e serena. *Ele pareceu quase aliviado! E tive que entregar aquela carta, deixar meu coração aberto, feito uma tola, completamente cega. Pelo menos ele não vai abri-la antes que eu vá embora.* Pulou ao sentir a mão de Nynaeve tocar seu ombro.

— Queria que ele pedisse a você para ficar? Sabe qual teria sido a resposta. Não sabe?

Elayne apertou os lábios.

— É claro que sei. Mas ele não precisava parecer feliz com minha partida. — Não tivera intenção de fazer isso.

Nynaeve lançou um olhar compreensivo.

— Os homens são difíceis, na melhor das hipóteses.

— Ainda assim, não consigo acreditar que ele seria tão... tão... — começou Egwene, em um resmungo irritado.

Elayne nunca soube o que ela pretendia dizer, pois naquele momento a porta se abriu com tanta força, que quicou na parede.

Elayne abraçou *sair* antes de a surpresa passar; depois sentiu um instante de vergonha quando a porta ricocheteou, batendo forte na palma

da mão de Lan. Mais um instante, e decidi agarrar-se à Fonte um pouco mais. O Guardião preenchia o batente com os ombros largos, o rosto parecia uma tempestade. Se aqueles olhos azuis pudessem disparar os raios que ameaçavam, teriam explodido Nynaeve. O brilho tênue de *saidar* também envolvia Egwene, sem desaparecer.

Lan parecia não ver ninguém além de Nynaeve.

— Você me fez acreditar que estava voltando para Tar Valon — disse, com a voz áspera.

— Você pode ter pensado isso — respondeu ela, muito calma — mas eu não falei nada.

— Não falou? Não falou! Você falava que iria embora hoje, e sempre sugeria uma relação com a partida daquelas Amigas das Trevas que seriam levadas a Tar Valon. Sempre! O que achou que eu fosse pensar?

— Mas eu não disse...

— Luz, mulher! — vociferou ele. — Não discuta comigo!

Elayne trocou olhares aflitos com Egwene. Aquele homem tinha autocontrole de ferro, mas estava a ponto de explodir. Era Nynaeve quem sempre se deixava levar pelas emoções, mas a mulher o encarou com frieza, a cabeça erguida e os olhos serenos, as mãos firmes nas saias de seda verde.

Lan se recompôs com esforço evidente. Parecia mais impassível do que nunca, com total controle sobre si mesmo — e Elayne tinha certeza de que era tudo superficial.

— Eu não teria descoberto para onde você ia se não tivesse ouvido falar que mandou chamar uma carruagem. Para levá-la a um navio rumo a Tanchico. Não sei por que a Amyrlin permitiu que vocês deixassem a Torre, para início de conversa, nem por que Moiraine envolveu as três no interrogatório das irmãs Negras, mas vocês são Aceitas. Aceitas, não Aes Sedai. Tanchico hoje em dia não é lugar para alguém que não seja uma Aes Sedai completa, com um Guardião para ajudá-la. Eu não vou deixar você se meter nisso!

— Então — respondeu Nynaeve, em um tom suave — você está questionando as decisões de Moiraine, e também as do Trono de Amyrlin. Talvez esse tempo todo eu estivesse entendendo mal os Guardiões. Achei que vocês juravam aceitar e obedecer, entre outras coisas. Lan, entendo a sua preocupação, e sou muito grata, mais do que grata, mas todas nós temos tarefas a cumprir. Estamos indo, e você precisa se conformar.

— Por quê? Pelo amor da Luz, pelo menos me diga por quê! Tanchico!

— Se Moiraine não contou — respondeu Nynaeve, gentil — talvez ela tenha suas razões. Temos que cumprir nossas tarefas, assim como você tem que cumprir as suas.

Lan tremeu — de verdade! — e apertou a mandíbula com força. Ao falar, revelou uma estranha hesitação.

— Vocês vão precisar de alguém para ajudá-las em Tanchico. Alguém que possa evitar que um ladrão de rua taraboniano crave uma faca em suas costas para roubar as bolsas. Tanchico tinha dessas coisas antes de a guerra começar,

e deve estar ainda pior, de acordo com tudo o que ouvi. Eu poderia... Poderia proteger você, Nynaeve.

As sobranceiras de Elayne se ergueram. Ele não poderia estar sugerindo... simplesmente não poderia.

Nynaeve reagiu como se o homem não tivesse dito nada de extraordinário.

— Seu lugar é com Moiraine.

— Moiraine. — O rosto rígido do Guardião estava coberto de suor, e ele lutava com as palavras. — Eu posso... Eu preciso... Nynaeve, eu... Eu...

— Você *vai* ficar com Moiraine — disse a mulher, com firmeza — até que ela o libere do elo. Vai fazer o que estou dizendo. — Ela puxou da bolsa um papel cuidadosamente dobrado e empurrou-o na mão do homem. Lan franziu o rosto, leu, depois piscou e leu outra vez.

Elayne sabia o que estava escrito.

* * *

O que o portador fizer é sob meu comando e autoridade. Obedeça e mantenha o silêncio, por ordem minha.

Siuan Sanche

Vigia dos Selos

Chama de Tar Valon

O Trono de Amyrlin

O outro papel igual estava na bolsa de Egwene, mas nenhuma delas tinha certeza de que adiantaria muito em seu destino.

— Mas isso permite que você faça o que bem entender — protestou Lan. — Você pode falar em nome da Amyrlin. Por que ela entregaria isso a uma Aceita?

— Não faça perguntas que eu não posso responder — retrucou Nynaeve, depois acrescentou, com um leve sorriso: — Só considere sorte sua eu não mandar você dançar para mim.

Elayne abafou um sorriso. Egwene emitiu um som sufocado, que parecia uma risada contida. Fora isso o que Nynaeve dissera quando a Amyrlin lhes entregara as cartas pela primeira vez. *Eu poderia fazer um Guardião dançar, com isso aqui.* Nenhuma delas tivera dúvida de qual Guardião a antiga Sabedoria tinha em mente.

— E não manda? Está me descartando como se não fosse nada demais. Meu elo, meus juramentos. Esta carta.

Lan exibiu um brilho perigoso nos olhos, que Nynaeve pareceu não notar ao tomar a carta de volta e guardá-la na bolsa do cinto.

— Você é muito cheio de si, al'Lan Mandragoran. Fazemos o que é preciso, assim como você.

— Cheio de mim, Nynaeve al'Meara? *Eu sou* cheio de mim? — Lan avançou tão depressa em direção à mulher que Elayne quase cedeu ao impulso de envolvê-lo em fluxos de Ar. Em um instante a antiga Sabedoria estava parada,

apenas olhando, embasbacada, para o homem alto que deslizava em sua direção, e no instante seguinte estava a um pé de distância do chão, envolta em um beijo profundo. A princípio ela chutou as canelas de Lan e o socou, com protestos frenéticos e furiosos, mas os chutes diminuíram, depois pararam, e logo Nynaeve ficou enroscada nos ombros dele, sem o menor protesto.

Egwene baixou os olhos, encabulada, mas Elayne observou a cena com interesse. Será que era assim que ela ficava quando Rand... *Não! Não vou pensar nele.* Ela se perguntou se haveria tempo de escrever mais uma carta ao rapaz, retirando tudo o que dissera na primeira, deixando bem claro que não se contentaria com ninharias. Mas será que queria isso?

Depois de um tempo, Lan pôs Nynaeve de volta no chão. A mulher cambaleou um pouco enquanto ajeitava o vestido e o cabelo, furiosa.

— Você não tem o direito... — começou, com a voz ofegante, depois parou e engoliu. — Você não pode fazer uma coisa dessas comigo diante de todos. Ah, não!

— Não são todos — retrucou Lan. — Mas, se podem ver, também podem ouvir. Você ocupou um lugar no meu coração onde eu achava que já não cabia mais nada. Fez brotar flores onde cultivei poeira e pedras. Lembre-se disso durante essa viagem que insiste em fazer. Se você morrer, eu não sobreviverei por muito mais tempo. — Ele abriu um de seus raros sorrisos para a mulher. Se não suavizou seu rosto, pelo menos o deixou com aparência um pouco menos rígida. — E também lembre-se de que não sou sempre tão fácil de comandar, nem mesmo por cartas da Amyrlin. — Ele fez uma mesura elegante. Por um instante, Elayne pensou que o homem de fato pretendia se ajoelhar e beijar o anel da Grande Serpente de Nynaeve. — Como a senhora ordenar — murmurou — assim farei. — Era difícil dizer se o homem estava ou não sendo debochado.

Assim que a porta se fechou atrás dele, Nynaeve afundou na beirada da cama, como se finalmente deixasse os joelhos cederem. Encarou a porta com uma carranca pensativa.

— “Insista em cutucar o cachorro mais manso” — citou Elayne — “e ele morderá.” Não que Lan seja muito manso.

Ela arrancou um olhar penetrante e uma fungada de Nynaeve.

— Ele é inacreditável — disse Egwene. — Às vezes é. Nynaeve, por que fez isso? Ele estava quase indo com você. Sei que o que mais quer é libertar esse homem de Moiraine. Não tente negar.

Nynaeve não tentou. Em vez disso, remexeu no vestido e alisou a manta sobre a cama.

— Não assim — respondeu, por fim. — Quero que ele seja meu. Por inteiro. Não quero que fique do meu lado lembrando-se de que quebrou o juramento feito a Moiraine. Não aceitarei isso entre nós dois. Tanto por ele, quanto por mim.

— Mas vai fazer alguma diferença se você persuadi-lo a pedir que Moiraine o libere do elo? — perguntou Egwene. — Lan é o tipo de homem

que não veria diferença nisso. Só resta dar um jeito de fazer com que ela o libere por vontade própria. Como é que você vai conseguir fazer isso?

— Eu não sei. — Nynaeve firmou a voz. — Mas o que precisa ser feito pode ser feito. Sempre existe uma forma. Isso é para outra hora. Temos trabalho a fazer, e ficamos aqui neste tormento por causa de homens. Tem certeza de que já pegou tudo o que precisa para o Deserto, Egwene?

— Aviendha está aprontando tudo — respondeu a jovem. — Ela ainda parece infeliz, mas disse que conseguiremos chegar em Rhuidean em pouco mais de um mês, se tivermos sorte. A essa altura, vocês já vão estar em Tanchico.

— Talvez antes — disse Elayne — se o que dizem sobre os forçadores do Povo do Mar for verdade. Você vai tomar cuidado, Egwene? Mesmo com Aviendha de guia, o Deserto não é muito seguro.

— Eu vou. Vocês também tomem cuidado. As duas. Tanchico já não é muito mais segura do que o Deserto.

De repente, as três estavam se abraçando, repetindo os alertas de cuidado, conferindo se todas se lembravam do calendário dos encontros na Pedra de *Tel'aran'rhod*.

Elayne enxugou as lágrimas do rosto.

— Ainda bem que Lan foi embora — disse, com uma risada trêmula. — Ele acharia que somos umas bobas.

— Não, não acharia — retrucou Nynaeve, puxando as saias para ajeitar uma bolsa de ouro no bolso. — Ele pode ser homem, mas não é tão tolo.

Devia haver tempo dali até a carruagem para encontrar papel e pena, decidiu Elayne. Encontraria tempo. Nynaeve tinha razão. Os homens precisavam de rédea firme. Rand sabia que não poderia se livrar dela com tanta facilidade. E que não seria tão fácil rastejar o caminho de volta às suas boas graças.





TRAPAÇAS

Mancando da perna direita, Thom curvou-se em uma reverência, dando um floreio do manto de menestrel que fazia tremular os retalhos coloridos. Os olhos ardiam, mas forçou-se a falar com alegria:

— Bom dia a todos. — Aprumando-se, massageou o longo bigode branco, cheio de pompa.

Os serviçais de uniformes preto e dourado ficaram surpresos. Os dois rapazes musculosos que estavam prestes a erguer o baú de verniz vermelho salpicado de dourado com a tampa danificada pararam na mesma hora, e as três mulheres com os esfregões também ficaram imóveis. O corredor estava vazio, exceto por eles, e qualquer desculpa para interromper o trabalho era boa, ainda mais àquela hora. Pareciam tão cansados quanto Thom se sentia, com ombros caídos e olheiras profundas.

— Bom dia para o senhor, menestrel — disse a mais velha das mulheres. Um pouco roliça e de rosto comum, talvez, mas tinha um belo sorriso, por mais cansada que estivesse. — Em que podemos servi-lo?

Thom tirou quatro bolas coloridas da manga bufante do casaco e começou a mexê-las nas mãos.

— Estou só tentando melhorar o ânimo. Um menestrel precisa fazer o que pode. — Teria usado mais de quatro bolas, mas estava cansado até para se concentrar nisso. Quanto tempo fazia que quase deixara cair a quinta? Duas horas? Abafou um bocejo e o transformou em um sorriso reconfortante. — Uma noite terrível, e precisamos melhorar o ânimo.

— O Lorde Dragão nos salvou — disse uma das mulheres mais jovens.

Era bonita e magra, mas com um brilho predatório nos olhos escuros e sombrios que servia de aviso para Thom controlar o sorriso. Claro, ela poderia ser útil, se fosse ao mesmo tempo ambiciosa e honesta, pois continuaria fiel

depois de comprada. Era sempre bom ter mais um par de mãos onde pôr uma nota, uma língua que contasse o que ouvia e depois dissesse o que ele quisesse, onde quisesse. *Velho tolo! Já tem mãos e ouvidos suficientes, então pare de pensar em um belo par de seios e lembre-se da expressão no olhar dela!* O mais interessante foi que a mulher parecia estar sendo sincera, e um dos rapazes mais jovens assentiu.

— Sim — disse Thom. — Qual Grão-lorde será que ficou encarregado do cais ontem? — Quase deixou cair as bolas, de tão irritado consigo mesmo. Perguntar assim, sem mais nem menos. Estava muito cansado, deveria estar na cama. Deveria ter ido para a cama três horas antes.

— O cais é responsabilidade dos Defensores — afirmou a mulher mais velha. — O senhor não sabe disso, é claro. Os Grão-lordes não se preocupam.

Thom sabia muito bem.

— Ah, é mesmo? Bem, não sou taireno, claro. — Ele mudou a manobra, e as bolas passaram de um simples círculo a uma volta dupla. Parecia mais difícil do que era, e a moça de olhar predatório bateu palmas. Agora que ele começara, era melhor seguir em frente. Mas depois disso daria por encerradas as atividades da noite. Da noite? O sol já despontava. — Mesmo assim, é uma pena que ninguém tenha perguntado por que aquelas barcas estavam no cais. Com as escotilhas abaixadas, escondendo tantos Trollocs. Não que eu esteja insinuando que alguém sabia que os Trollocs estavam lá. — A volta dupla deu uma bamboleada, e ele logo retornou aos círculos. Luz, como estava cansado. — Seria de se imaginar que um dos Grão-lorde tivesse perguntado, no entanto.

Os dois rapazes franziram o cenho um para o outro, pensativos, e Thom sorriu para si mesmo. Outra semente plantada, fácil assim, ainda que de forma meio desastrada. Outro boato iniciado, independentemente de qual fosse a informação verdadeira que tivessem a respeito do encarregado do cais. E boatos se espalhavam — um desses não ficaria limitado à cidade — então seria mais um tantinho de suspeita entre plebeus e nobres. A quem os plebeus se voltariam, se não ao homem que, todos sabiam, os nobres odiavam? O homem que salvara a Pedra das criaturas da Sombra. Rand al'Thor. O Lorde Dragão.

Era hora de deixar o que semeara. Se a coisa já tivesse criado raízes no grupo, nada do que dissesse seria capaz de arrancá-las, e ele espalhara outras sementes naquela noite. Mas não seria nada bom se alguém descobrisse que era ele quem andava fazendo o plantio.

— Eles lutaram bravamente ontem à noite, os Grão-lordes. Ora, eu vi... — A voz dele morreu quando as mulheres deram um salto e voltaram a esfregar o chão, e os homens se apuraram e saíram apressados.

— Também posso arrumar trabalho para menestrelis — disse a majhere, atrás dele. — Mãos ociosas são mãos ociosas.

Ele deu um giro gracioso, apesar da perna, e curvou-se em uma mesura profunda. A cabeça da mulher batia abaixo de seu ombro, mas ela provavelmente tinha uma vez e meia o peso dele. Tinha cara de bigorna —

que ficava mais acentuada com a atadura envolta nas têmporas — queixo duplo e olhos fundos que pareciam lascas de pederneira negra.

— Tenha um bom dia, graciosa senhora. Uma pequena lembrança deste dia novo e fresco.

Thom fez um floreio com as mãos e tirou uma flor amarelo-alaranjada da manga do casaco — um pouco amassada pelo tempo que passara lá — e prendeu-a nos cabelos grisalhos acima da atadura da mulher. A majhere a arrancou dos cabelos, naturalmente, e a analisou, desconfiada, mas era exatamente o que o menestrel queria. Enquanto a mulher hesitava, deu três passos largos e mancos, e, quando ela o chamou outra vez, aos gritos, ele não deu ouvidos nem reduziu o passo.

Mulher horrível, pensou. Se a tivéssemos jogado no meio dos Trollocs, ela os teria feito sair varrendo e esfregando.

Bocejou por detrás da mão, fazendo ranger o maxilar. Estava velho demais para isso. Estava cansado, e o joelho não parava de doer. Noites sem dormir, batalhas, tramoias. Velho demais. Deveria estar vivendo tranquilo em alguma fazenda. Com galinhas. Fazendas sempre tinham galinhas. E ovelhas. Não devia ser difícil tomar conta delas, os pastores pareciam sempre alegres, passavam o tempo todo tocando gaita. Ele tocaria harpa, é claro, não gaita. Ou a flauta, já que o ar livre não era muito bom para a harpa. E haveria uma cidadezinha por perto, com uma estalagem onde poderia divertir a clientela do salão. Fez um floreio com o manto ao passar por duas serviçais. A única razão para usar a pesada peça de tecido naquele calor era poder mostrar às pessoas que era um menestrel. Elas se agitaram ao vê-lo, naturalmente, esperando que ele parasse para entretê-las por um momento. O que era muito gratificante. Sim, uma fazenda tinha seu valor. Era um lugar tranquilo. Ninguém para incomodar. Contanto que houvesse uma cidade por perto.

Empurrou a porta do quarto e parou na mesma hora. Moiraine se aprumou, como se tivesse todo o direito de revirar os papéis espalhados na escrivaninha, e ajeitou as saias com muita calma enquanto se sentava no banquinho. Lá estava uma bela mulher, com toda a elegância que um homem poderia desejar, incluindo as risadas de seus gracejos. *Tolo! Velho tolo! Ela é uma Aes Sedai, e você está cansado demais para pensar direito.*

— Bom dia, Moiraine Sedai — cumprimentou, pendurando o manto em um gancho. Evitou olhar o baú onde guardava seus escritos, ainda onde o deixara, embaixo da mesa. Não havia por que fazer com que ela percebesse sua importância. Aliás, era provável que não houvesse motivos para conferi-lo depois que ela fosse embora, a mulher poderia ter canalizado para abrir e fechar a tranca, e ele jamais saberia. Cansado como estava, não conseguia nem lembrar se deixara algo incriminatório no baú. Nem em qualquer outro lugar, na verdade. Tudo no quarto estava no lugar exato em que ficava. Thom achava que não era tolo o bastante para deixar algo de fora. As portas dos alojamentos dos serviçais não tinham trancas nem trincos. — Eu ofereceria uma bebida refrescante, mas temo que não tenha nada além de água.

— Não estou com sede — respondeu a Aes Sedai, em uma voz agradável e melodiosa. Então se inclinou para a frente. O quarto era pequeno o bastante para ela pôr a mão no joelho direito de Thom, que sentiu um arrepio frio percorrer o corpo. — Queria que houvesse uma boa Curandeira por perto quando isso aconteceu. Agora já é tarde demais, lamento.

— Uma dúzia de Curandeiras não teria sido suficiente — retrucou. — Foi um Meio-homem que fez.

— Eu sei.

O que mais ela sabe?, perguntou-se Thom. Virando-se para puxar a única cadeira de trás da mesa, abafou um xingamento. Sentia-se como se houvesse tido uma boa-noite de sono, e a dor desaparecera do joelho. A manqueira permanecia, mas a junta estava mais flexível do que quando fora ferido. *Ela sequer perguntou se eu queria ser Curado. Que me queime, o que é que ela quer?* Recusou-se a dobrar a perna. Já que Moiraine não pedira permissão, ele não agradeceria pelo presente.

— Um dia interessante ontem — comentou a mulher, enquanto ele se sentava.

— Eu não chamaria Trollocs e Meios-homens de interessantes — retrucou Thom, secamente.

— Não estava falando disso. Mais cedo. O Grão-lorde Carleon morto em um acidente de caça. Ao que parece, seu bom amigo Tedosian o confundiu com um javali. Ou talvez com um cervo.

— Não fiquei sabendo. — Thom manteve a voz calma. Mesmo que Moiraine tivesse encontrado o bilhete, não poderia conectá-lo a ele. Até Carleon acreditaria que era sua própria caligrafia. Achava que ela não deveria ter descoberto o bilhete, mas lembrou-se mais uma vez de que Moiraine era uma Aes Sedai. Como se fosse preciso se lembrar disso, com aquele rosto belo e plácido diante dele, os olhos negros e serenos a perscrutá-lo, cheio de tantos segredos. — Os alojamentos dos serviçais fervilham de fofocas, mas eu quase nunca escuto.

— Não escuta? — murmurou a mulher, em voz branda. — Então não ouviu dizer que Tedosian caiu doente menos de uma hora depois de retornar à Pedra, logo depois que sua mulher lhe entregou um cálice de vinho para lavar a poeira da caçada. Dizem que ele chorou ao descobrir que a esposa decidiu ela mesma cuidar dele e alimentá-lo com as próprias mãos. Sem dúvida lágrimas de alegria, diante de tamanho amor. Ouvi falar que ela fez votos de não sair do lado do marido até que ele se levante outra vez. Ou até que morra.

Moiraine sabia. Ele não tinha como dizer de que forma ela descobrira, mas a mulher sabia. Por que estava revelando isso a ele?

— Que tragédia — comentou, em um tom igualmente brando. — Rand vai precisar de todos os Grão-lordes leais que puder encontrar, eu acho.

— Carleon e Tedosian não eram muito leais. Nem um ao outro, ao que parece. Eles lideravam a facção que pretende matar Rand e tentar esquecer que ele um dia viveu.

— Você acha? Eu presto pouquíssima atenção a essas coisas. A vida dos poderosos não é assunto para um simples menestrel.

O sorriso dela era quase uma risada, mas as palavras pareciam recitadas de um livro.

— Thomdril Merrillin. Um dia chamado de Raposa Gris, pelos que o conheciam, ou que ouviam falar dele. Bardo da Corte no Palácio Real de Andor, em Caemlyn. Amante de Morgase por algum tempo, depois da morte de Taringail. Foi uma sorte para Morgase, a morte de Taringail. Não creio que ela algum dia tenha descoberto que o homem queria que ela morresse para se tornar o primeiro rei de Andor. Mas estávamos falando de Thom Merrillin, um homem que, ao que se dizia, era capaz de jogar o Jogo das Casas dormindo. É uma pena que tal homem se considere um simples menestrel. Mas que arrogância manter o mesmo nome.

Thom esforçou-se para mascarar o choque. O quanto ela sabia? Já era demais, ainda que não soubesse mais uma palavra. Porém, Moiraine não era a única que detinha conhecimento.

— Falando de nomes — retrucou, muito calmo — é impressionante o quanto pode se descobrir a partir de um nome. Moiraine Damodred. Lady Moiraine da Casa Damodred, em Cairhien. Meia-irmã mais nova de Taringail. Sobrinha do Rei Laman. E Aes Sedai, não podemos esquecer. Uma Aes Sedai que está auxiliando o Dragão Renascido desde antes de saber que ele era algo além de um pobre infeliz capaz de canalizar. Uma Aes Sedai com altas conexões na Torre Branca, eu diria, ou não arriscaria o que tem. Alguém no Salão da Torre? Mais de uma pessoa, eu diria. Só pode ser. Uma notícia assim abalaria o mundo. Mas por que causar problemas? Talvez seja melhor deixar um velho menestrel enfiado em sua toca nos alojamentos dos serviçais. Só um velho menestrel, tocador de harpa e contador de histórias. Histórias que não fazem mal a ninguém.

Se conseguira fazê-la hesitar uma fração que fosse, a mulher não demonstrara.

— Especulações sem fatos são sempre perigosas — respondeu, serena. — Eu não uso o nome de minha Casa por opção. A Casa Damodred já tinha má reputação, e merecida, antes de Laman cortar *Avendoraldera* e perder o trono e a vida por isso. Desde a Guerra dos Aiel a coisa apenas piorou, também merecidamente.

Será que nada abalava aquela mulher?

— O que é que você quer de mim? — inquiriu Thom, irritado.

Moiraine apenas piscou.

— Elayne e Nynaeve embarcam num navio para Tanchico hoje. Uma cidade perigosa, Tanchico. Seus conhecimentos e habilidades talvez salvem a vida delas.

Então era isso. A mulher queria afastá-lo de Rand, deixar o rapaz exposto às suas manipulações.

— Concorro, Tanchico está perigosa, mas sempre foi assim. Desejo o melhor às duas moças, mas não tenho vontade alguma de meter a cabeça em

um ninho de víboras. Estou velho demais para este tipo de coisa. Andei pensando em virar fazendeiro. Uma vida tranquila. Segura.

— Acho que uma vida tranquila mataria você. — Visivelmente bem-humorada, Moiraine se ocupou em rearrumar as dobras da saia com as mãos pequenas e delgadas. Thom tinha a impressão de que ela escondia um sorriso. — Mas Tanchico, não. Eu garanto, e pelo Primeiro Juramento, que você sabe que é verdadeiro.

Thom franziu o cenho para ela, apesar do enorme esforço em manter o rosto impassível. Moiraine não era capaz de mentir, mas como ela poderia saber? Tinha certeza de que ela não podia Prever, tinha certeza de que a ouvia negar ter tal Talento. Mas a mulher dissera aquilo. *Que se queime, mulher!*

— Por que eu deveria ir para Tanchico? — Moiraine podia passar sem o vocativo respeitoso.

— Para proteger Elayne? A filha de Morgase?

— Não vejo Morgase há quinze anos. Elayne era uma menina quando saí de Caemlyn.

A Aes Sedai hesitou, mas, quando falou, a voz estava firme e implacável.

— E seus motivos para deixar Andor? Um sobrinho chamado Owyn, eu presumo. Um desses pobres coitados de quem você falou que são capazes de canalizar. As irmãs Vermelhas deveriam levá-lo a Tar Valon, como acontece com qualquer homem desse tipo, mas em vez disso o amansaram onde ele estava e o abandonaram à... mercê de seus vizinhos.

Thom derrubou a cadeira ao se levantar, depois precisou se apoiar na mesa, pois os joelhos tremiam. Owyn não vivera por muito tempo depois de ser amansado, levado de casa pelos supostos amigos, que não foram capazes de suportar ter entre si nem ao menos um homem que já não podia mais canalizar. Nada que Thom fizesse poderia impedir Owyn de não querer viver, nem evitar que sua jovem esposa o seguisse para o túmulo em menos de um mês.

— Por que...? — Pigarreou de repente, tentando fazer a voz soar menos áspera. — Por que está me dizendo isso?

Havia compaixão no rosto de Moiraine. Quem sabe até arrependimento? Com certeza não. Não vindo de uma Aes Sedai. A compaixão também deveria ser falsa.

— Eu não teria feito isso se você estivesse disposto a ir apenas para ajudar Elayne e Nynaeve.

— Por quê, que se queime! Por quê?

— Se você for com Elayne e Nynaeve, revelarei os nomes das irmãs Vermelhas da próxima vez que nos virmos, além do nome de quem emitiu as ordens. Elas não agiram sozinhas. E *nos veremos* outra vez. Você vai sobreviver a Tarabon.

Ele soltou um suspiro irregular.

— De que me vai adiantar saber os nomes delas? — perguntou, com a voz inexpressiva. — Nomes de Aes Sedai, rodeadas pelo poder da Torre Branca.

— Um jogador habilidoso e perigoso do Jogo das Casas pode encontrar utilidade para eles — respondeu a mulher, baixinho. — Elas não deviam ter feito o que fizeram. Não deviam ter sido perdoadas por isso.

— Você pode ir embora, por favor?

— Mostrarei a você que nem todas as Aes Sedai são como aquelas Vermelhas, Thom. Você precisa aprender isso.

— Por favor?

Ele continuou apoiado na mesa depois que ela se foi, sem querer deixar que Moiraine o visse desabar de joelhos, desajeitado, ou notasse as lágrimas correndo pelo velho rosto. *Ah, Luz. Owyn. Enterrara aquilo o mais fundo que pudera. Não consegui chegar lá a tempo. Estava muito ocupado. Muito ocupado com o maldito Jogo das Casas.* Esfregou o rosto, irritado. Moiraine era uma das melhores no Jogo. Mexendo com ele daquele jeito, puxando cada corda que ele pensava estar perfeitamente escondida. Owyn, Elayne. A filha de Morgase. Sentia apenas afeição por Morgase, talvez um pouco mais, porém era difícil alguém se desligar de uma criança que carregara no colo. *Aquela garota, em Tanchico? Ela não é páreo para a cidade, mesmo que não houvesse guerra. Agora deve estar um covil de lobos raivosos. E Moiraine vai revelar os nomes. Tudo o que tinha de fazer era deixar Rand nas mãos da Aes Sedai. Assim como deixara Owyn. Ela o encurralara, Thom mais parecia uma serpente com um graveto cravado no corpo, condenado, por mais que se contorcesse para escapar. Que se queime, essa mulher.*

* * *

Carregando uma cesta bordada no braço, Min juntou as saias com a outra mão e saiu do salão de jantar, logo após o café da manhã, em um passo suave, empertigada. Poderia equilibrar um cálice cheio de vinho na cabeça sem derrubar uma gota sequer. Em parte, porque não conseguia dar um passo decente dentro daquele vestido, todo de seda azul-clara, de corpete apertado, mangas e uma saia cheia cuja bainha bordada arrastava no chão se não fosse erguida. Em parte, também, porque tinha certeza de que sentia os olhos de Laras em suas costas.

Uma olhadela para trás comprovou que estava certa. A Mestra das Cozinhas, um barril de vinho com pernas, a encarava da porta do salão de jantar com um sorriso. Quem diria que a mulher fora uma beldade na juventude, ou que teria um lugar em seu coração para mocinhas belas e sedutoras? “Vivazes”, como as chamava. Quem suspeitaria que ela decidiria acolher “Elmindreda” sob as asas robustas? Não era uma posição confortável. Laras mantinha o olho atento e protetor em Min, um olho que parecia encontrá-la em qualquer lugar dentro dos muros da Torre. Min sorriu de volta e passou as mãos nos cabelos, um capacete redondo de cachos negros. *Que a queime, mulher! Será que ela não tem alguma coisa para cozinhar, ou algum ajudante de cozinha com quem berrar?*

Laras acenou para ela, que acenou de volta. Não podia dar-se ao luxo de ofender alguém que a observava tão de perto, pois não fazia ideia de quantos erros podia acabar cometendo. Laras sabia todos os truques das mulheres “vivazes” e ensinava a Min os que a garota não conhecia.

Um dos maiores erros, refletiu a jovem, enquanto se sentava no banco de mármore debaixo de um salgueiro alto, *foi o bordado*. Não do ponto de vista de Laras, mas do dela própria. Puxando da cesta o aro de bordado, examinou com pesar o trabalho do dia anterior, vários malmequeres amarelos inclinados e algo que era para ser um botão de rosa amarelo-claro, embora ninguém fosse capaz de adivinhar sem a devida explicação. Com um suspiro, começou a desfazer os pontos. Leane tinha razão, supôs. Uma mulher poderia passar horas sentada com um aro de bordado, observando a tudo e a todos, e ninguém acharia estranho. Porém, ajudaria bastante se Min tivesse um mínimo de talento para a coisa.

Pelo menos era uma manhã perfeita para ficar ao ar livre. O sol dourado acabara de despontar no horizonte, em um céu com poucas nuvens, brancas e fofas, que pareciam ordenadas para enfatizar a perfeição. Uma brisa leve captava o aroma de rosas e revolvía os altos arbustos com grandes flores vermelhas e brancas. Em breve, os caminhos de cascalho perto da árvore estariam repletos de gente absorta em suas tarefas, de Aes Sedai a cavaleiros. Uma manhã perfeita, e um local perfeito para observar sem ser vista. Talvez hoje notasse algo de útil.

— Elmindreda?

Min deu um salto e enfiou o dedo furado na boca. Deu um giro no banco, preparada para xingar Gawyn por aparecer sorrateiro, mas as palavras congelaram em sua boca. Galad estava com ele. O rapaz era mais alto que Gawyn, tinha pernas compridas e se movia com a graça de um dançarino e com uma força esguia e musculosa. As mãos também eram compridas e elegantes, porém fortes. E o rosto... Ele era, simplesmente, o homem mais bonito que Min já vira.

— Pare de chupar o dedo — disse Gawyn, sorrindo. — Sabemos que é uma menininha bonita, não precisa provar.

Enrubescida, Min puxou a mão depressa, quase disparando um olhar furioso, o que seria totalmente inadequado para Elmindreda. Gawyn não precisara de ameaças ou ordens da Amyrlin para manter o segredo dela, bastou pedir, mas o rapaz aproveitava todas as oportunidades que tinha para provocá-la.

— Não é certo zombar, Gawyn — disse Galad — Ele não quis ofender, Srta. Elmindreda. Perdoe-me a confusão, mas será que já nos vimos antes? Quando franziu a testa para Gawyn, agora há pouco, de maneira tão feroz, quase tive a sensação de que já a conhecia.

Min baixou os olhos, recatada.

— Ah, eu jamais esqueceria que conheci *o senhor*, milorde Galad — disse, com a melhor voz de garotinha tonta.

O tom tímido e a raiva por conta do próprio deslize enviaram uma onda de calor que enrubescou seu rosto, deixando o disfarce ainda melhor.

Não parecia em nada consigo mesma, e o vestido e o cabelo eram apenas parte do disfarce. Leane comprara cremes, talcos e toda sorte de coisas incríveis com perfumes misteriosos na cidade, depois a treinara até que Min fosse capaz de usar tudo aquilo de olhos fechados. Agora, a jovem tinha maçãs do rosto, além de mais cor nos lábios do que a natureza concedera. Um creme escuro delineava as pálpebras e um pó fino enfatizava os cílios e fazia os olhos parecerem maiores. Bem diferente do que era de fato. Algumas das noviças haviam elogiado sua beleza, admiradas, e até umas poucas Aes Sedai a chamaram de “uma criança muito bonita”. Odiava aquilo. Admitia que o vestido era bem bonito, mas de resto odiava tudo o mais. No entanto, não faria sentido usar um disfarce se não o sustentasse.

— Tenho certeza de que você se lembraria — disse Gawyn, com a voz seca. — Eu não queria ter atrapalhado seu bordado... São andorinhas, não são? Andorinhas *amarelas*? — Min enfiou o aro de volta na cesta. — Mas eu queria pedir sua opinião a respeito disso aqui. — Ele enfiou nas mãos dela um pequeno livro com capa de couro, velho e surrado, e de súbito sua voz pareceu mais séria. — Diga ao meu irmão que isso é uma bobagem. Talvez ele escute você.

Min examinou o livro. *O Caminho da Luz*, de Lothair Mantelar. Abriu em uma página ao acaso e leu.

— Por conseguinte, abjure todo o prazer, pois a bondade é pura abstração, um ideal perfeito e cristalino, turvado por emoções vis. Não dê prazer à carne. A carne é fraca, mas o espírito é forte. A carne é inútil quando é forte o espírito. O pensamento correto é afogado em sensações, e as ações corretas, estorvadas pelas paixões. Busque toda a alegria na retidão, apenas nela. — Parecia mesmo pura bobagem.

Min sorriu para Gawyn e até conseguiu soltar um risinho nervoso.

— Quantas palavras. Receio saber pouco sobre livros, milorde Gawyn. Sempre tive intenção de ler algum... Tenho mesmo. — Suspirou. — Mas tenho tão pouco tempo. Ora, levo horas só para arrumar o cabelo a contento. Os senhores acham que está bonito?

O espanto indignado no rosto do rapaz quase a fez gargalhar, mas ela conseguiu transformar a reação em uma risadinha. Era um prazer virar a mesa, para variar. Precisava fazer isso mais vezes. O disfarce guardava possibilidades que não considerara. A estadia na Torre se tornara completamente tediosa e irritante. Min merecia *alguma* diversão.

— Lothair Mantelar — explicou Gawyn, com a voz tensa — fundou os Mantos-brancos. Os Mantos-brancos!

— Ele foi um grande homem — retrucou Galad, com firmeza. — Um filósofo de ideais nobres. Mesmo que os Filhos da Luz às vezes sejam... desmedidos... desde a época dele, isso não muda o fato.

— Minha nossa. Mantos-brancos — disse Min, arquejante, acrescentando um leve arrepio. — São homens muito brutos, pelo que ouvi dizer. Não consigo imaginar um Manto-branco dançando. Acham que há alguma chance de termos dança por aqui? As Aes Sedai também não parecem ligar muito para festas, e gosto tanto de dançar...

A frustração nos olhos de Gawyn era um deleite.

— Acho que não — respondeu Galad, tomando o livro das mãos dela. — As Aes Sedai estão muito ocupadas com... Seus próprios negócios. Se eu ouvir falar em alguma boa dança na cidade, posso levar a senhorita, se desejar. Não precisa ter medo de ser incomodada por aqueles dois grosseirões.

O rapaz sorriu para ela, sem perceber o que fazia, e Min de repente ficou sem ar de verdade. Os homens não deveriam ter permissão para sorrir desse jeito.

Precisou de um instante para se lembrar a que dois grosseirões ele se referia. Os dois homens que supostamente haviam pedido a mão de Elmindreda em casamento, que quase duelaram entre si porque a garota não conseguia tomar uma decisão e a pressionaram a ponto de ela precisar buscar abrigo na Torre. Era apenas toda a justificativa pela qual estava ali. *É esse vestido*, disse a si mesma. *Eu conseguiria pensar direito se estivesse usando minhas roupas.*

— Percebi que a Amyrlin fala com a senhorita todos os dias — comentou Gawyn, de repente. — Ela mencionou nossa irmã, Elayne? Ou Egwene al'Vere? Disse alguma coisa a respeito de onde estão?

Min desejou socar Gawyn bem no olho. O rapaz não sabia por que ela estava disfarçada, é claro, mas concordara em ajudá-la a ser aceita como Elmindreda, e agora a estava ligando a mulheres que muita gente na Torre sabia serem amigas de Min.

— Ah, o Trono de Amyrlin é uma mulher tão bonita — respondeu, com doçura, abrindo os dentes em um sorriso. — Ela sempre pergunta como tenho passado o tempo, e sempre elogia meu vestido. Acho que torce para que eu tome logo uma decisão em relação a Darvan e Goemal, mas eu simplesmente não consigo. — Arregalou os olhos, tentando parecer confusa e desamparada. — Os dois são tão doces. De quem foi que o senhor falou? De sua irmã, Lorde Gawyn? A Filha-herdeira em pessoa? Acho que nunca ouvi o Trono de Amyrlin mencioná-la. Qual foi o outro nome?

Dava para ouvir o ranger dos dentes de Gawyn.

— Não deveríamos incomodar a Senhorita Elmindreda com isso — disse Galad. — Isso é problema nosso, Gawyn. Cabe a nós descobrirmos a mentira e lidarmos com ela.

Min mal escutou o rapaz, pois de súbito voltou o olhar para um homem corpulento, de cabelos compridos e cacheados por cima dos ombros curvados, vagando sem rumo por um dos caminhos de cascalho em meio às árvores, sob o olhar atento de uma Aceita. Já vira Logain antes, um homem de rosto triste, que um dia fora alegre e animado, sempre em companhia de uma Aceita. O papel da mulher era impedi-lo de se matar, bem como evitar sua fuga. Apesar de seu tamanho, Logain não parecia tramar fuga alguma. Mas era a primeira vez que Min via um halo flamejante em volta da cabeça do homem, radiante, dourado e azul. Aparecera apenas por um instante, mas fora o suficiente.

Logain se proclamara o Dragão Renascido, então fora capturado e amansado. Qualquer glória que obtivera como falso Dragão já estava havia muito perdida. Tudo o que restava para ele era o desespero do amansamento

— como um homem de quem foram roubados a visão, a audição e o paladar — e o desejo de morrer, esperando a morte que inevitavelmente chegaria em poucos anos, como sempre acontecia com esses homens. Ele a encarou, talvez sem vê-la. Seus olhos pareciam desconsolados e introspectivos. Então por que ostentava um halo que prenunciava glória e poder? Min precisava contar aquilo à Amyrlin.

— Pobre sujeito — murmurou Gawyn. — Não consigo deixar de sentir pena. Luz, seria um gesto de misericórdia deixar que ele acabasse com tudo. Por que o obrigam a continuar vivendo?

— Ele não é digno de pena — retrucou Galad. — Você se esqueceu do que ele foi, do que fez? Quantos milhares morreram antes de ele ser capturado? Quantas cidades foram incendiadas? Mantê-lo vivo serve de aviso para os outros.

Gawyn assentiu, mas com relutância.

— E mesmo assim houve homens que o seguiram. Algumas dessas cidades foram incendiadas, depois que se declararam a favor dele.

— Eu preciso ir — disse Min, levantando-se, e Galad na mesma hora se mostrou solícito e preocupado.

— Perdoe-nos, Senhorita Elmindreda. Não tivemos a intenção de assustá-la. Logain não pode fazer mal à senhorita. Eu lhe dou minha garantia.

— Eu... É, ele me deixou um pouco tonta. Me desculpem. Preciso mesmo me deitar.

A expressão de Gawyn era extremamente cética, mas ele pegou a cesta antes que ela pudesse tocá-la.

— Deixe-me pelo menos acompanhá-la em um trecho do caminho — disse, com uma voz que transbordava falsa preocupação. — Esta cesta deve estar muito pesada, tonta como a senhorita está. Não quero que acabe desmaiando.

Min queria agarrar a cesta e dar na cara dele, mas Elmindreda jamais reagiria assim.

— Ah, obrigada, milorde Gawyn. O senhor é tão gentil. Tão gentil. Não, não, milorde Galad. Não permitam que eu seja um estorvo. Sente-se aí e leia seu livro. Diga que o fará. Não admito que seja de outra forma. — Ela até bateu os cílios.

Deu um jeito de empurrar Galad no banco de mármore e ir embora, mas com Gawyn em seus calcanhares. As saias a deixavam irritada, tinha vontade de puxá-las até o joelho e sair correndo, mas Elmindreda jamais sairia correndo, nem exporia uma parte tão grande das pernas, a não ser que estivesse dançando. Laras a instruíra com muito rigor sobre isso. Uma só corrida, e destruiria completamente a imagem de Elmindreda. E Gawyn...!

— Passe essa cesta para cá, seu cretino desmiolado — rosnou, assim que os dois saíram da vista de Galad, puxando-a dos braços do jovem antes que ele pudesse acatar a ordem. — Que história é essa de perguntar por Elayne e Egwene na frente dele? Elmindreda não conhece essas duas. Elmindreda não se importa com elas. Elmindreda não quer ser mencionada na mesma frase que elas! Será que não dá para você entender?

— Não — respondeu o jovem. — Não, já que você não me explica nada. Mas lamento muito. — Min não sentiu arrependimento suficiente na voz dele. — Só estou preocupado. Onde é que elas estão? Essa notícia que veio do norte do rio sobre um falso Dragão em Tear não me deixa nem um pouco tranqüilo. Elas estão por aí, em algum lugar, sabe a Luz onde, e fico me perguntando... E se estiverem no meio da fogueira em que Logain transformou Ghealdan?

— E se ele não for um falso Dragão? — perguntou Min, com cautela.

— Está dizendo isso por causa das histórias que afirmam que ele tomou a Pedra de Tear? Os boatos sempre dão um jeito de aumentar as coisas. Só vou acreditar quando vir com meus próprios olhos, e mesmo assim será preciso mais do que isso para me convencer. Até a Pedra poderia ruir. Luz, não acredito que Elayne e Egwene estejam mesmo em Tear, mas essa incerteza corrói meu estômago feito ácido. Se ela estiver ferida...

Min não soube dizer a qual “ela” o rapaz se referia, e suspeitava que ele também não soubesse. Apesar das provocações, sentia pena dele, mas nada podia fazer.

— Se você pelo menos pudesse fazer o que eu digo e...

— Eu sei. Confiar na Amyrlin. Confiar! — Ele exalou um longo suspiro. — Está sabendo que Galad tem ido às tavernas beber com os Mantos-brancos? Qualquer um pode cruzar as pontes se vier em paz, até os Filhos da maldita Luz.

— Galad? — perguntou, incrédula. — Nas tavernas? Bebendo?

— Não passa de um ou dois canecos, tenho certeza. Ele não consegue sair da linha mais do que isso, nem na festa do dia do seu nome. — Gawyn franziu a testa, como se não soubesse ao certo se aquilo era uma crítica a Galad. — A questão é que ele anda falando com Mantos-brancos. E agora esse livro. Segundo a dedicatória, foi Eamon Valda em pessoa quem deu o livro a ele. “Espero que você encontre o caminho.” Valda, Min. O comandante dos Mantos-brancos do outro lado das pontes. Essa incerteza também está corroendo Galad. Dando ouvidos a Mantos-brancos... Se alguma coisa acontecer à nossa irmã, ou a Egwene... — Ele balançou a cabeça. — Você sabe onde elas estão, Min? Me contaria se soubesse? Por que está escondendo isso?

— Porque levei dois homens à loucura com a minha beleza e sou incapaz de me decidir — respondeu, ácida.

Galad soltou uma meia risada amarga, depois disfarçou-a, abrindo um sorriso.

— Bem, pelo menos nisso eu posso acreditar. — Deu uma risadinha e passou um dedo pelo queixo dela. — Você é uma garota muito linda, Elmindreda. Uma garotinha linda e sagaz.

Min cerrou o punho e tentou socá-lo no olho, mas o rapaz desviou, e ela tropeçou nas próprias saias e quase caiu.

— Seu touro descerebrado desgraçado de um homem! — rosnou.

— Que movimento gracioso, Elmindreda — comentou ele, rindo. — Que voz mais doce, parece até um rouxinol, ou uma pombinha arrulhando à noite. Que homem não seria arrebatado pela visão de Elmindreda? — A alegria foi-se

embora, e ele a encarou com sobriedade. — Se descobrir algo, por favor me conte. Por favor? Vou implorar de joelhos, Min.

— Eu conto — respondeu. *Se puder. Se for seguro para elas. Luz, como odeio este lugar. Por que não posso simplesmente voltar para Rand?*

Saiu de perto de Gawyn e adentrou a Torre sozinha, como era apropriado, os olhos atentos a Aes Sedai ou Aceitas que pudessem questionar por que ela não estava no térreo e aonde ia. A notícia de Logain era importante demais para aguardar até que a Amyrlin a encontrasse, aparentemente por acidente, em algum momento no fim da tarde, como de costume. Pelo menos, foi o que disse a si mesma. A impaciência era demais.

Viu poucas Aes Sedai dobrando qualquer corredor à frente ou adentrando algum aposento a distância, o que era excelente. Ninguém chegava sem avisar para ver o Trono de Amyrlin. Os poucos serviçais por quem passou, todos alvoroçados com suas tarefas, não a questionaram, naturalmente, sequer a olharam duas vezes, exceto para curvar-se em rápidas mesuras, quase sem parar.

Abriu a porta do gabinete da Amyrlin. Tinha na ponta da língua uma historinha boba, caso houvesse alguém com Leane, mas a antessala estava vazia. Correu até a porta interna e meteu a cabeça para dentro. A Amyrlin e a Curadora estavam sentadas uma de cada lado da mesa de Siuan, abarrotada de pequenas tiras de papel fino. As duas viraram as cabeças bem depressa em sua direção e cravaram os olhos nela feito quatro pregos.

— O que está fazendo aqui? — inquiriu a Amyrlin, bruscamente. — Você deveria ser uma garotinha boba em busca de proteção, não minha amiga de infância. Não deve existir qualquer tipo de contato entre nós, exceto pelo mais fortuito e casual. Se for necessário, vou mandar que Laras a vigie como uma ama vigia as crianças. Ela adoraria, eu acho, mas duvido que você fosse gostar.

Min estremeceu só de pensar. De súbito, Logain não parecia tão urgente. Era muito pouco provável que o homem fosse conquistar qualquer glória nos próximos dias. Não era ele o motivo real de sua visita. Na realidade, era apenas uma desculpa, mas não voltaria mais atrás. Fechando a porta atrás de si, relatou, aos tropeços, o que vira e o que a visão significava. Ainda se sentia desconfortável em fazê-lo na frente Leane.

Siuan balançou a cabeça, cansada.

— Mais uma coisa com que me preocupar. Fome em Cairhien. Uma irmã desaparecida em Tarabon. Ataques de Trollocs aumentando de novo nas Terras da Fronteira. Esse idiota que se intitula o Profeta provocando motins em Ghealdan. Ao que parece, ele anda pregando que o Dragão Renasceu como lorde shienarano — disse, incrédula. — Até as menores coisas são terríveis. A guerra em Arad Doman acabou com os negócios com Saldaea, e esse aperto está criando agitação em Maradon. Pode até ser que Tenobia seja deposta do trono. A única boa notícia que ouvi foi que a Praga encolheu, por algum motivo. Duas milhas ou mais de campos para além das pedras da fronteira sem qualquer traço de corrupção ou pestilência, de Saldaea até Shienar. É a primeira vez que algo assim acontece. Mas creio que as boas

notícias tenham que ser equilibradas pelas más. Quando um barco tem um furo, é certo que não é o único. Eu só gostaria que houvesse equilíbrio. Leane, reforce a vigilância sobre Logain. Não imagino que tipo de problemas ele poderia causar, mas também não quero descobrir. — Ela voltou o olhar penetrante para Min. — Por que veio correndo para cá feito uma gaivota assustada batendo as asas? Logain poderia ter esperado. É pouco provável que o homem alcance poder e glória antes de o dia nascer.

O eco de seus pensamentos fez Min se remexer, incomodada.

— Eu sei — disse. Leane ergueu as sobrancelhas em advertência, e ela acrescentou apressada: — Mãe.

A Curadora assentiu em aprovação.

— Isso não esclarece o motivo, criança — retrucou Siuan.

Min se preparou.

— Mãe, nada do que eu vi desde o primeiro dia foi muito importante. Sem dúvida não vi nada que aponte para a Ajah Negra. — O nome ainda lhe causava calafrios. — Já contei tudo o que sei sobre qualquer tipo de desastre que vocês Aes Sedai virão a enfrentar, e o resto é simplesmente inútil. — Precisou parar e engolir em seco, com aquele olhar penetrante a encará-la. — Mãe, não há motivo para eu não partir. E há motivo para eu ir. Talvez Rand possa aproveitar de verdade as minhas habilidades. Se *tiver* tomado a Pedra... Mãe, pode ser que ele precise de mim. — *Pelo menos eu preciso dele, que me queime por ser tão idiota!*

Deu para ver o tremor da Curadora à menção do nome de Rand. Siuan, por outro lado, soltou uma bufada alta.

— Suas visões têm sido muito úteis. É importante saber a respeito de Logain. Você encontrou o criado que estava roubando antes que as suspeitas recaíssem sobre qualquer outro. E aquela noviça de cabelos vermelhos que ia acabar carregando uma criança no ventre...! Sheriam a impediu... a garota não vai sequer pensar em homens até concluir o treinamento. Mas, sem você, não saberíamos até que fosse tarde demais. Não, você não pode ir. Mais cedo ou mais tarde, suas visões traçarão um mapa até a Ajah Negra e, enquanto isso não acontece, ainda compensam bastante.

Min suspirou, e não apenas porque a Amyrlin pretendia mantê-la ali. Da última vez que vira aquela noviça de cabelos vermelhos, a garota estava saindo sorrateira com um guarda musculoso para um matagal próximo à Torre. Os dois iriam se casar, talvez antes do fim do verão. Min soube disso assim que os viu sozinhos, mas a Torre jamais deixaria uma noviça ir embora até que estivesse pronta para soltá-la ao mundo, mesmo se a moça não fosse mais capaz de avançar no treinamento. Havia uma fazenda no futuro daquele casal, e um bando de crianças, mas era inútil discutir com a Amyrlin.

— Será que a senhora poderia pelo menos mandar informar a Galad e Gawyn que a irmã deles está bem, Mãe? — A pergunta a aborrecia, e seu tom de voz também. Parecia uma criança a quem tinham negado uma fatia de bolo e pedia um biscoquinho para compensar. — Pelo menos conte a eles alguma coisa além daquela história ridícula de cumprir penitência em uma fazenda.

— Eu já disse que isso não é da sua conta. Não me obrigue a dizer outra vez.

— Eles sabem tanto quanto eu que não é verdade — deixou escapar Min, antes que o sorriso seco da Amyrlin pudesse calá-la. Não era um sorriso bem-humorado.

— Está sugerindo que eu mude o local onde elas supostamente estão? Depois de deixar todos pensarem que estão em uma fazenda? Acha que isso não vai levantar suspeitas? Todo mundo aceita, a não ser esses rapazes. E você. Bem, Coulin Gaidin terá de fazê-los trabalhar com mais afinco. Músculos doloridos e bastante suor desviam a atenção da maioria dos homens de outras perturbações. E das mulheres também. Se continuar fazendo perguntas demais, vou acabar descobrindo o que alguns dias esfregando panelas podem fazer por você. Melhor perder seus préstimos por dois ou três dias do que vê-la enfiando o nariz onde não é chamada.

— A senhora sequer sabe se elas estão correndo perigo, não é? Ou Moiraine.

Não era de Moiraine que estava falando.

— Garota — começou Leane, em tom de advertência, mas Min não seria detida.

— Por que não escutamos nada? Os boatos começaram dois dias atrás. Dois dias! Por que é que um desses papéis na sua mesa não contém uma mensagem dela? Ela não tem pombos? Pensei que vocês, Aes Sedai, tivessem gente com pombos-correios o tempo todo. Se não tem nenhuma mensagem dela em Tear, deveria ter. Um homem a cavalo já poderia ter chegado a Tar Valon. Por que...

O baque seco da palma de Suan na mesa a interrompeu.

— Você é muitíssimo obediente — disse, irônica. — Criança, até escutarmos o contrário, presuma que o rapaz está bem. Reze para que esteja. — Leane estremeceu outra vez. — Existe um ditado no Maule, criança — prosseguiu a Amyrlin. — “Não dê problemas aos problemas até que os problemas lhe deem problemas.” Guarde bem essas palavras, criança.

Ouviu-se uma tímida batida na porta.

A Amyrlin e a Curadora se entreolharam, depois se voltaram para Min. A presença dela era um problema. Decerto não havia onde se esconder. Dava para ver até a varanda com muita clareza de todo o aposento.

— Uma razão para sua presença aqui — murmurou Suan — que não a faça parecer outra coisa que não a garota tola que deveria ser. Leane, fique a postos na porta. — Ela e a Curadora estavam de pé, juntas, Suan dando a volta na mesa enquanto Leane se encaminhava para a porta. — Sente-se na cadeira de Leane, garota. Ande logo, criança. Ande logo. Agora faça uma cara emburrada. Não irritada, emburrada! Faça beicinho e fique encarando o chão. Vou fazer você usar fitas no cabelo, arcos enormes, vermelhos. Isso mesmo. Leane. — A Amyrlin pôs as mãos na cintura e ergueu a voz. — E se você entrar aqui sem ser anunciada mais uma vez, criança, eu vou...

Leane abriu a porta e revelou uma noviça escura que se encolheu ao ouvir a bronca da Amyrlin e curvou-se em uma mesura profunda.

— Mensagens para a Amyrlin, Aes Sedai — ganiu a mocinha. — Dois pombos chegaram no celeiro. — Era uma das moças que haviam elogiado a beleza de Min. De olhos arregalados, ela tentava identificar o que ocorria atrás da Curadora.

— Isso não é da sua conta, criança — disse Leane, rude, tomando os pequenos cilindros de osso das mãos da garota. — De volta para o celeiro. — Antes que a noviça terminasse de se levantar, Leane fechou a porta, depois se apoiou nela e suspirou. — Dou um pulo a cada som inesperado desde que você me disse... — Ela se aprumou e retornou à mesa. — Mais duas mensagens, Mãe. Devo...?

— Sim, pode abrir — respondeu a Amyrlin. — Morgase sem dúvida decidiu invadir Cairhien, afinal. Ou os Trollocs invadiram as Terras da Fronteira. Seria condizente com todo o resto. — Min permaneceu sentada. Sivan tinha feito algumas ameaças parecerem bastante realistas.

Leane examinou o selo de cera vermelha no canto de um dos pequenos cilindros, não maior do que a junta do próprio dedo. Ao convencer-se de que não fora adulterado, quebrou-o com a unha do polegar. Extraiu o papel enrolado dentro do tubo com um palito de marfim.

— Quase tão ruins quanto os Trollocs, Mãe — disse, praticamente no instante em que começou a ler. — Mazrim Taim fugiu.

— Luz! — vociferou Sivan. — Como?

— Aqui só diz que ele foi levado em uma ação furtiva no meio da noite, Mãe. Duas irmãs estão mortas.

— Que a Luz ilumine suas almas. Mas temos pouco tempo para prantear os mortos quando criaturas como Taim estão vivas e não amansadas. Onde, Leane?

— Em Denhuir, Mãe. Uma aldeia a leste das Montanhas Negras, na Estrada de Maradon, acima das nascentes do Antaeo e do Luan.

— Só podem ter sido alguns de seus seguidores. Idiotas. Por que não admitem a derrota? Escolha uma dúzia de irmãs confiáveis, Leane... — A Amyrlin fez uma careta. — Confiáveis — resmungou. — Se eu soubesse quem é mais confiável do que um lúcio, não teria os problemas que tenho. Faça o melhor, Leane. Doze irmãs. E quinhentos guardas. Não, mil.

— Mãe — começou a Curadora, em um tom preocupado — os Mantos-brancos...

— Não tentariam cruzar as pontes nem se eu as deixasse totalmente sem vigia. Teriam medo de uma armadilha. Não há como dizer o que está acontecendo por lá, Leane. Quero que meus enviados estejam prontos para qualquer coisa. E Leane... Mazrim Taim deve ser amansado assim que for capturado, dessa vez.

Leane arregalou os olhos, chocada.

— A lei.

— Conheço a lei tão bem quanto você, mas não vou arriscar que ele seja solto de novo sem ter sido amansado. Não arriscarei outro Guaire Amalasan, não com tudo o que está acontecendo.

— Sim, Mãe — respondeu Leane, com a voz fraca.

A Amyrlin pegou o segundo cilindro de osso, rompeu-o em dois com um estalido e tirou a mensagem de dentro.

— Até que enfim uma boa notícia! — Ela suspirou, com um sorriso no rosto. — Uma boa notícia. “A lança foi usada. O pastor detém a espada.”

— Rand? — perguntou Min, e Sivan assentiu.

— É claro, garota. A Pedra caiu. Rand al'Thor, o pastor, detém *Callandor*. Agora posso avançar. Leane, quero o Salão da Torre reunido hoje à tarde. Não, agora de manhã.

— Não estou entendendo — disse Min. — A senhora sabia que os rumores eram sobre Rand. Por que está convocando o Salão agora? O que pode fazer agora que não podia antes?

Sivan riu feito uma garotinha.

— O que posso fazer agora é contar a eles que recebi notícias de uma Aes Sedai de que a Pedra de Tear caiu e um homem empunhou *Callandor*. Profecia cumprida. O suficiente para o meu objetivo, pelo menos. O Dragão Renasceu. Elas vão vacilar, vão discutir, mas ninguém pode se opor à minha declaração oficial de que a Torre deve guiar este homem. Enfim poderei me ocupar dele abertamente. Pelo menos em grande parte.

— Estamos fazendo a coisa certa, Mãe? — perguntou Leane, de repente. — Eu sei... Se ele detém *Callandor*, deve ser o Dragão Renascido. Mas ele é capaz de canalizar, Mãe. Um homem capaz de canalizar. Eu só o vi uma vez, mas mesmo naquela época já havia algo de diferente nele. Algo mais do que *ta'veren*. Mãe, no fim das contas, será que ele é tão diferente assim de Taim?

— A diferença é que ele é o Dragão Renascido, filha — respondeu a Amyrlin, baixinho. — Taim é um lobo, e decerto raivoso. Rand al'Thor é o sabujo que usaremos para derrotar a Sombra. Guarde este nome com você, Leane. É melhor não revelar tanto tão cedo.

— Como a senhora quiser, Mãe — disse a Curadora, ainda desconfortável.

— Agora vá. Quero o Salão reunido em uma hora. — Sivan observou a mulher mais alta sair, pensativa. — Pode haver mais resistência do que eu gostaria — disse, quando a porta se fechou.

Min lançou a ela um olhar penetrante.

— A senhora não quer dizer...

— Ah, nada sério, criança. Não enquanto não souberem há quanto tempo estou envolvida com esse rapaz, al'Thor — Ela encarou outra vez a folha de papel, depois largou-a na mesa. — Queria que Moiraine tivesse dito mais.

— Por que foi que ela não disse mais? E por que não ouvimos notícias antes?

— Lá vem você com mais perguntas. Esta você deve fazer a Moiraine. Ela sempre seguiu os próprios caminhos. Pergunte a Moiraine, criança.

* * *

Sahra Covenry carpia com a enxada sem muita habilidade, franzindo a testa para os minúsculos brotos de margaridinhas-amarelas e pés-de-galinha,

começando a sair da terra entre as fileiras de repolhos e beterrabas. Não que a Senhora Elward fosse uma capataz severa — não era pior do que a mãe de Sahra, e era sem dúvida mais branda do que Sheriam — mas a menina não fora até a Torre Branca para acabar em uma fazenda carpindo legumes antes de o sol nascer completamente. Os vestidos brancos de noviça estavam guardados, ela usava uma lã marrom que podia muito bem ter sido cerzida pela própria mãe, a saia amarrada na altura dos joelhos para ficar longe da lama. E não fizera nada para merecer aquilo.

Remexendo os dedos dos pés no solo revirado, cravou os olhos em um pé-de-galinha teimoso e canalizou, tentando queimá-lo para removê-lo da terra. Faíscas cintilaram ao redor do broto folhoso, que murchou. Mais do que de depressa, removeu a coisa do solo e da mente. Se houvesse alguma justiça no mundo, Lorde Galad viria até a fazenda durante alguma caçada.

Apoiada na enxada, ela se perdeu em um devaneio em que Curava as feridas de Galad, decorrentes de uma queda de cavalo — não causada por ele, é claro, o rapaz era um exímio cavaleiro. O Lorde, então, a erguia na sela, frente a frente, e declarava que seria seu Guardião — ela seria da Ajah Verde, sem dúvida — e...

— Sahra Covenry?

Sahra deu um salto ao ouvir a voz severa, mas não era a Senhora Elward. A menina fez a melhor reverência que conseguiu improvisar com as saias erguidas.

— Saudações, Aes Sedai. A senhora veio me levar de volta para a Torre?

A mulher se aproximou, sem se importar com as saias arrastando pela terra da horta. Apesar do calor da manhã, usava um manto, o capuz puxado para encobrir a face.

— Pouco antes de deixar a Torre, você levou uma mulher ao Trono de Amyrlin. Uma mulher chamada Elmindreda.

— Sim, Aes Sedai — respondeu Sahra, em um leve tom interrogativo. Não apreciava a forma com que a mulher falara, como se ela tivesse ido embora da Torre para sempre.

— Conte tudo o que viu e ouviu, garota, desde o instante em que a cumprimentou. Tudo.

— Mas eu não ouvi nada, Aes Sedai. A Curadora me mandou embora assim que a... — Foi tomada pela dor e cravou os pés na terra, arqueando as costas. O espasmo durou apenas alguns instantes, mas pareceu infinito. Esforçando-se para respirar, percebeu que o rosto estava colado no chão e que os dedos, ainda trêmulos, escavavam o solo. Não se lembrava da queda. Podia ver a cesta de roupas limpa da Senhora Elward caída de lado perto da casa, toda de pedra. Peças de linho úmidas espalhadas pelo chão. Atordoada, pensou na estranheza daquilo. Moria Elward nunca deixaria as roupas limpas no chão daquele jeito.

— Tudo, garota — mandou a Aes Sedai, com frieza. Estava de pé bem perto de Sahra, mas não fazia menção de ajudá-la a se levantar. A mulher a machucara, e não era para ser assim. — Cada pessoa com quem essa Elmindreda falou, cada palavra que disse, cada entretom e expressão.

— Ela falou com Lorde Gawyn, Aes Sedai — choramingou Sahra, com a cara na terra. — Isso é tudo o que eu sei, Aes Sedai. Tudo.

A menina começou a soluçar de verdade, certa de que aquilo não seria o suficiente para satisfazer a mulher. Estava certa. Não parou de gritar por um bom tempo, e, quando a Aes Sedai partiu, já não havia som algum na fazenda além do das galinhas. Nem mesmo os ruídos de respiração.



PELOS CAMINHOS

Abotoando o casaco, Perrin parou e encarou o machado ainda preso à parede, onde o deixara desde que o arrancara da porta. Não apreciava a ideia de carregar a arma outra vez, mas mesmo assim tirou o cinturão do pino e o afivelou. Prendeu o martelo aos alforjes, já cheios. Com os alforjes cobertos por um pano e o rolo do cobertor nos ombros, recolheu a aljava cheia e o arco longo sem corda que estavam em um canto.

O sol nascente vertia luz e calor pelas janelas estreitas. A cama amarrotada era a única prova de que alguém estivera ali. O quarto já conseguira perder a essência de Perrin, até parecia cheirar a vazio, apesar de ainda ter seu cheiro nos lençóis. O rapaz nunca ficava tempo suficiente em um lugar para deixar que aquela essência se fixasse mais do que a prontidão para partir. Nunca ficava tempo suficiente para criar raízes, para estabelecer qualquer tipo de lar. *Bom, agora estou voltando para meu lar.*

Virou as costas para o quarto, que já parecia desocupado, e saiu.

Gaul ergueu-se com facilidade de onde estava acocorado, encostado em uma parede sob uma tapeçaria de homens a cavalo caçando leões. Levava todas as suas armas e dois cantis de couro. Também carregava um cobertor enrolado e uma pequena caçarola amarrados ao lado do estojo do arco, trabalhado em couro, às suas costas. Ele estava sozinho.

— E os outros? — perguntou Perrin.

Gaul balançou a cabeça.

— É muito longe da Terra da Trindade. Eu avisei, Perrin. Essa sua terra é muito molhada, respirar o ar é como respirar água. Há muita gente, todos muito perto uns dos outros. Eles já viram mais lugares estranhos do que gostariam.

— Compreendo — disse Perrin, embora o que compreendesse era que não haveria resgate, no fim das contas, nenhuma ajuda dos Aiel para tirar os

Mantos-brancos de Dois Rios. Engoliu o desapontamento. Era um golpe duro, depois de pensar que conseguira escapar do próprio destino, mas não tinha como dizer que não estava preparado para a alternativa. Não havia por que chorar por um ferro cindido, era preciso forjá-lo outra vez. — Teve algum problema para fazer o que pedi?

— Nenhum problema. Mandeí um taireno levar cada uma das coisas que você pediu até o estábulo do Portão da Muralha do Dragão, sem contar a ninguém. Eles todos se encontrarão por lá, mas vão pensar que é tudo para mim e manterão o silêncio. O Portão da Muralha do Dragão. Dá a impressão de que a Espinha do Mundo fica logo ali no horizonte, em vez de a umas cem léguas ou mais de distância. — O Aiel hesitou. — A garota e o Ogier não estão fazendo segredo sobre os preparativos, Perrin. Ela está indo atrás do menestrel, contando a todos que pretende viajar pelos Caminhos.

Coçando a barba, Perrin soltou um suspiro fundo, bem parecido com um rosnado.

— Se ela me dedurar para Moiraine, juro que vou deixá-la uma semana sem poder sentar.

— A garota é muito habilidosa com aquelas facas — retrucou Gaul, em um tom neutro.

— Não o bastante. Não se me dedurar. — Perrin hesitou. Não teria a companhia dos Aiel. As forcas ainda o aguardavam. — Gaul, se alguma coisa acontecer comigo, se eu der o comando, leve Faile embora. Ela talvez não queira ir, mas leve-a mesmo assim. Tire-a de Dois Rios em segurança. Promete?

— Farei o que for possível, Perrin. Em nome da maldita dívida que tenho com você, farei o que puder. — Gaul soava hesitante, mas Perrin achava que as facas de Faile não seriam suficientes para detê-lo.

Sempre que possível, optavam por atravessar corredores secundários e as escadas estreitas destinadas à circulação discreta dos serviçais. Perrin lamentou que os tairenos também não tivessem corredores para os serviçais. Ainda assim, viram pouca gente, mesmo nos amplos corredores com suportes de iluminação dourados e tapeçarias ornamentadas. Não encontraram um único nobre.

Comentou sobre essa ausência, e Gaul explicou:

— Rand al'Thor os convocou para o Coração da Pedra.

Perrin apenas grunhiu, mas torcia para que Moiraine estivesse entre os convocados. Ele se perguntou se era aquele o jeito de Rand de ajudá-lo a escapar da Aes Sedai. Qualquer que fosse a razão, estava bastante satisfeito por tirar alguma vantagem.

Eles desceram a última escadaria apertada até o piso térreo da Pedra, onde corredores cavernosos, largos como estradas, levavam a todos os portões externos. Não havia tapeçarias por ali. Lâmpioes de ferro pendiam de suportes triangulares do mesmo material escuro, iluminando as passagens sem janelas, e o chão era revestido de pedras grandes e brutas, que não se desgastavam com os cascos dos cavalos. Perrin apertou o passo. Os estábulos ficavam logo adiante, no fim do grande túnel. Depois, dava para ver o imenso Portão da Muralha do Dragão aberto, com apenas um punhado de

Defensores montando guarda. Moiraine não podia mais interceptá-los, a não ser que tivesse a sorte do próprio Tenebroso.

A porta aberta do estábulo era um arco de quinze passadas de largura. Perrin deu um passo para dentro e parou.

O ar estava pesado, com o cheiro de palha e feno se misturando ao de grãos e aveia, couro e esterco de cavalo. Estrebarias cheias dos melhores animais tairenos, valorizados em qualquer lugar, alinhavam-se ao longo das paredes, e outras fileiras ocupavam o centro do amplo aposento. Havia dezenas de cavaleiros trabalhando, esfregando e escovando, limpando estrume, amarrando rédeas. Sem parar o que faziam, um ou outro às vezes olhava para onde estavam Faile e Loial, já de botas calçadas e prontos para viajar. Ao lado deles estavam Bain e Chiad, que, como Gaul, carregavam armas e cobertores, cantis e caçarolas.

— É por causa delas que você só disse que iria tentar? — perguntou Perrin, baixinho.

Gaul deu de ombros.

— Vou fazer o possível, mas elas vão tomar o lado de Faile. Chiad é Goshien.

— O clã dela faz diferença?

— O clã dela e o meu têm rixas de sangue, Perrin, e não sou irmã de lança dela. Mas talvez os juramentos de água a impeçam. Não dançarei lanças com ela, a não ser que ela ofereça.

Perrin balançou a cabeça. Que povo estranho. O que era um juramento de água? Porém, o que disse foi:

— Por que elas estão com Faile?

— Bain diz que desejam ver mais das suas terras, mas acho que estão fascinadas é pela briga entre você e a garota. Gostam de Faile, e, quando ouviram falar da viagem, decidiram ir com ela, não com você.

— Bem, desde que a deixem fora de confusão.

Perrin ficou surpreso quando Gaul jogou a cabeça para trás e gargalhou. Aquilo o fez coçar a barba, preocupado.

Loial foi andando na direção deles, as sobranceiras compridas vergadas de ansiedade. Os bolsos do casaco estavam salientes, como era comum quando ele viajava, quase todos marcados com os formatos dos livros. Pelo menos a manqueira parecia melhor.

— Faile está ficando impaciente, Perrin. Acho que ela pode querer partir a qualquer momento. Por favor, apresse-se. Você não vai conseguir nem encontrar o Portal dos Caminhos sem mim. Não que deva tentar, claro que não. Vocês humanos me deixam tão agitado que mal consigo manter a cabeça no lugar. Por favor, apresse-se.

— Eu não vou sair sem ele — gritou Faile. — Por mais que seja teimoso e estúpido demais para pedir um simples favor. Por causa disso, Perrin vai me seguir feito um cachorrinho perdido. Prometo afagar as orelhas e tomar conta dele.

As Aiel se contorceram de rir.

Gaul levantou-se de um salto, chutando alto, duas passadas ou mais acima do chão, enquanto girava uma das lanças.

— Vamos seguir feito gatos-bravos — gritou — feito lobos de caça.

O homem pôs-se com leveza e graciosidade. Loial o encarou, estupefato.

Bain, por sua vez, passou os dedos pelos cabelos curtos cor de fogo.

— Tenho uma bela pele de lobo cobrindo minha cama — contou a Chiad, em voz entediada. — É fácil abater lobos.

Um grunhido surgiu na garganta de Perrin, fazendo com que os olhos das duas Aiel se fixassem nele. Por um instante, Bain pareceu estar a ponto de dizer algo mais, mas franziu a testa para os olhos amarelos e manteve a paz. Não parecia com medo, e sim subitamente alerta.

— Esse filhote ainda não está muito bem treinado — confidenciou Faile às outras mulheres.

Perrin recusou-se a olhá-la. Em vez disso, foi até a baía onde estava o garanhão castanho, tão alto quanto os animais tairenos, porém mais robusto nos ombros e no lombo. Dispensando um cavaliço, pôs a rédea em Galope e o levou sozinho para fora. Os criados haviam passeado com o cavalo, sem dúvida, mas o animal estava confinado havia tempo o bastante para começar a cabriolar ainda naqueles poucos passos, fazendo jus ao nome que recebera de Perrin. O rapaz afagou o animal com a confiança firme de um homem que já ferrara muitos cavalos. Não foi problema encaixar a sela de patilho alto e amarrar os alforjes e o cobertor atrás.

Gaul assistia, impassível. Não montaria em um cavalo a menos que precisasse, e, se o fizesse, não avançaria um passo a mais do que fosse absolutamente necessário. Aiel algum faria isso. Perrin não entendia por quê. Talvez por orgulho da habilidade de correr longas distâncias. Os Aiel faziam parecer que era mais do que isso, mas ele suspeitava que nenhum deles fosse capaz de explicar.

O cavalo de carga também teria de ser aprontado, naturalmente, mas isso era fácil, pois tudo o que Gaul solicitara estava aguardando em uma pilha organizada. Comida e cantis. Aveia e grãos para os cavalos. Nada daquilo estaria disponível nos Caminhos. Algumas outras coisinhas, como correntes, medicamentos para cavalos, por garantia, acendedores reserva e coisas do tipo. A maioria do espaço das cestas de vime estava ocupada por cantis de couro como os que os Aiel usavam para carregar água, porém maiores e cheias de óleo de lampião. Quando as lanternas, em varetas compridas, foram amarradas acima de tudo, os dois estavam prontos.

Perrin enfiou o arco sem cordas sob a cilha e montou na sela de Galope com a guia do animal de carga na mão. Depois teve de esperar, fervendo de raiva.

Loial já estava montado em um cavalo imenso de boletos peludos — muitas mãos mais alto que qualquer outro no estábulo, mas que parecia um pônei quando montado pelo Ogier. Houve uma época em que Loial era quase tão resistente à montaria quanto os Aiel, mas com o tempo ficara à vontade em cima de um cavalo. Era Faile quem demorava, examinando a montaria como se nunca tivesse visto a égua negra e brilhosa, embora Perrin soubesse que ela

testara o animal antes de comprá-lo, logo que chegaram à Pedra. A égua, chamada Andorinha, era um belo exemplar de cria tairena, com tornozelos delgados e pescoço arqueado, um cavalo de andar afetado e aparência ligeira e resistente, mas com ferraduras leves demais para o gosto de Perrin. Aquele metal não ia durar. Era só mais um esforço para colocá-lo no seu devido lugar, fosse qual fosse esse lugar que Faile achava ser o dele.

Quando a jovem enfim montou, com as saias justas divididas, tomou as rédeas da égua e aproximou-se de Perrin. Ela cavalgava bem, mulher e cavalo moviam-se como um só.

— Por que não pede, Perrin? — perguntou, baixinho. — Tentou me afastar do meu lugar, por isso agora precisa pedir. Por que dificultar uma coisa tão simples?

A Pedra estremeceu, soando como um sino monstruoso, o chão do estábulo saltou, o teto estremeceu quase a ponto de desabar. Galope também deu um salto, relinchando e sacudindo a cabeça, e Perrin teve dificuldade de se manter na sela. Cavalariços se levantaram desajeitados e correram, desesperados para acalmar os animais, que empinavam, guinchavam e tentavam pular a grade das baias. Loial agarrou-se ao pescoço do cavalo imenso, mas Faile permaneceu sentada em Andorinha, rígida, enquanto a égua dançava e trinia loucamente.

Rand. Perrin sabia que era ele. A força de *ta'veren* o atraía, dois redemoinhos em um córrego, cada um puxando o outro. Tossindo em meio à poeira, sacudiu a cabeça o mais forte que pôde, dando tudo de si para não descer do cavalo e correr de volta para a Pedra.

— Vamos cavalgar! — gritou, enquanto o tremor ainda abalava a fortaleza. — Vamos cavalgar, Loial! Agora.

Faile parecia não ver mais motivo para adiar a partida. Bateu os calcanhares na égua e saiu do estábulo logo atrás do cavalo alto do Ogier puxando os dois animais de carga, todos galopando até alcançar o Portão da Muralha do Dragão. Os Defensores deram uma olhada e se dispersaram, alguns ainda agachados ou de joelhos. Sua obrigação era manter o povo fora da Pedra, e não tinham ordens para impedir aquelas pessoas de saírem. Não que estivessem em condições de pensar com clareza, caso houvesse recebido tal ordem. Não depois dos tremores, que começavam a diminuir, a Pedra ainda urrando sobre suas cabeças.

Perrin vinha logo atrás, puxando o próprio cavalo de carga, desejando que o animal do Ogier fosse capaz de avançar mais depressa, desejando poder deixar para trás a montaria lenta de Loial e fugir da força que tentava arrastá-lo de volta, aquele empuxo de *ta'veren* para *ta'veren*. Galoparam juntos pelas ruas de Tear, em direção ao sol nascente, quase sem reduzir a marcha para evitar carroças e carruagens. Homens de casacos justos e mulheres com aventais em camadas, todos ainda abalados pela reviravolta, encaravam os passantes, atordoados, às vezes mal tendo tempo de desviar.

Nos muros da cidade interior, as pedras das calçadas davam lugar à terra, e os sapatos e casacos, aos pés descalços, peitos desnudos e calças largas presas por grandes cinturões. Mas o povo desviava deles com a mesma ligeireza, pois

Perrin só deixou Galope reduzir a marcha depois que haviam ultrapassado os muros da cidade, as casas simplórias de pedra e as lojas que se amontoavam do lado de fora da cidade propriamente dita, adentrando uma área campestre de fazendas isoladas e matos trançados, fora a influência de *ta'veren*. Foi só então, respirando quase com tanta dificuldade quanto o cavalo agitado, que puxou a rédea e reduziu o passo de Galope a um caminhar.

As orelhas de Loial estavam rígidas de choque. Faile umedeceu os lábios e encarou o Ogier, depois Perrin, pálida.

— O que aconteceu? Isso foi... ele?

— Eu não sei — mentiu Perrin. *Eu preciso ir, Rand. Você sabe disso. Olhou nos meus olhos quando eu avisei que ia e falou que eu tinha de fazer o que fosse preciso.*

— Onde estão Bain e Chiad? — perguntou Faile. — Vão levar uma hora para nos alcançar. Queria que elas concordassem em cavalgar. Eu me ofereci para comprar cavalos, mas as duas pareceram ofendidas. Bem, teremos de reduzir o passo dos cavalos de todo modo, depois disso, para acalmá-los um pouco.

Perrin conteve-se para não dizer que a mulher não sabia tanto sobre os Aiel quanto imaginava. Podia ver as muralhas da cidade atrás deles e a Pedra erguida acima, feito uma montanha. Distinguia até o contorno sinuoso do estandarte que drapejava no alto da fortaleza e os pássaros solitários voejando ao redor, algo que ninguém mais conseguia. Não era difícil ver três pessoas correndo na direção deles, devorando o chão em passos largos, cujo ritmo era desmentido pela facilidade com que deslizavam. Sabia que não poderia correr tão depressa, não por muito tempo, mas os Aiel deviam ter mantido a velocidade desde a Pedra, para estarem tão perto.

— Não precisaremos esperar tanto assim — disse.

Faile franziu a testa em direção à cidade.

— São eles? Tem certeza? — De repente, a testa franzida voltou-se para ele, desafiando-o a responder. Perguntar era quase admitir que ele era parte do grupo, naturalmente. — Ele se gaba muito da visão — explicou a Loial — mas a memória não é muito boa. Tem horas que acho que ele se esqueceria de acender uma vela à noite, se eu não o lembrasse. Acho que Perrin viu alguma pobre família correndo do que pensam ter sido um terremoto, você não acha?

Loial se remexeu sobre a sela, incomodado, suspirando pesado, e resmungou algo sobre os humanos que Perrin duvidou que fosse um elogio. É claro que Faile não percebeu.

Poucos minutos depois, ela começou a encarar Perrin com estranheza — isso foi logo que os três Aiel se aproximavam o bastante para que ela os distinguisse — mas não disse nada. Com aquele humor, não admitiria que ele tivesse razão a respeito de coisa alguma, nem mesmo sobre o céu ser azul. Os Aiel sequer arfavam quando reduziram o passo e pararam junto aos cavalos.

— Pena que a corrida não foi maior.

Bain e Chiad compartilharam um sorriso, e ambas lançaram a Gaul um olhar dissimulado.

— Ou deixaríamos este Cão de Pedra na poeira — explicou Chiad, como se estivesse concluindo a frase da outra mulher. — É por isso que os Cães de Pedra fazem o juramento de não retroceder. Ossos de pedra e cabeças de pedra os deixam pesados demais para correr.

Gaul não se ofendeu, porém Perrin percebeu que o Aiel permaneceu em uma posição de onde conseguia observar Chiad.

— Sabe por que as Donzelas atuam tanto como batedoras, Perrin? Porque correm distâncias muito longas. Correm assim porque têm medo de que algum homem vá querer se casar com elas. As Donzelas conseguem correr cem milhas só para evitar um casamento.

— Muito sábio da parte delas — retrucou Faile, em um tom ácido. — Precisam descansar? — Perguntou às mulheres Aiel, surpreendendo-se com a negativa. Então se virou para O Ogier. — Está pronto para ir? Que bom. Encontre esse Portal dos Caminhos, Loial. Já ficamos tempo demais aqui. Se deixamos um filhote desgarrado ficar muito perto, ele logo começa a pensar que vamos cuidar dele, o que não vai acontecer.

— Faile — interveio Loial — será que você não está levando isso longe demais?

— Vou levar isso até onde for preciso, Loial. O Portal dos Caminhos?

De orelhas murchas, o Ogier soltou um suspiro pesado e girou o cavalo outra vez para o leste. Perrin deixou que ele e Faile se distanciassem umas doze passadas antes de começar a segui-los com Gaul. Jogaria de acordo com as regras dela, mas seria tão bom jogador quanto ela.

As fazendas, trechinhos de terra apertados com casas de pedra bruta que Perrin não usaria nem para abrigar animais, ficavam mais escassas à medida que avançavam para leste, e a vegetação, cada vez mais esparsa. Até que não havia mais fazendas nem árvores, apenas um pasto ondulante e montanhoso. A grama ia até onde os olhos podiam ver, exceto por trechos de arbustos aqui e ali em uma encosta.

Cavalos também pontilhavam as encostas verdes, em grupos de dez ou bandos de cem, o famoso rebanho taireno. Grandes ou pequenos, cada grupo estava sob a vigia de um ou dois garotos descalços, montando um cavalo em pelo. Os garotos usavam chicotes de cabo comprido para manter os cavalos juntos ou manobrá-los, estalando-os com habilidade sem sequer aproximar as pontas do couro dos animais. Mantinham os bichos longe do grupo de viajantes, recuando quando necessário, mas vigiavam, com a ousada curiosidade característica da infância, a passagem da estranha comitiva — dois humanos e um Ogier a cavalo, mais três dos ferozes Aiel que, de acordo com as histórias, tomaram a Pedra.

Era uma visão agradável para Perrin. Ele gostava de cavalos. Parte da razão pela qual quisera ser aprendiz de Mestre Luhhan fora a oportunidade de trabalhar com cavalos, ainda que não houvesse tantos em Campo de Emond, nem tão belos.

Loial, porém, não parecia concordar. O Ogier começou a resmungar sozinho, subindo o tom conforme avançavam pelas colinas cobertas de grama, até que irrompeu em um rugido profundo e retumbante.

— Acabou! Acabou tudo, e para quê? Grama. Isso aqui já foi um bosque Ogier. Não fizemos grandes trabalhos aqui, não comparados aos de Manetheren ou da cidade que vocês chamam de Caemlyn, mas o suficiente para que um bosque fosse plantado. Árvores de todos os tipos, de todas as terras, de todos os lugares. As Grandes Árvores se elevavam centenas de braças para o céu. Tudo muito bem cuidado, para lembrar meu povo do *pouso* de onde haviam partido para construir coisas para os homens. Os homens acham que gostamos é do trabalho de cantaria, mas isso é uma coisa superficial que aprendemos durante o Longo Exílio, depois da Ruptura. São as árvores que amamos. Os homens acham que o Manetheren é o maior triunfo do meu povo, mas sabíamos que era o bosque que havia lá. Agora está tudo acabado. Como esse. Acabado, e não vai voltar a existir.

Loial encarou as colinas, vazias exceto pela grama e os cavalos, com uma expressão rígida, as orelhas para trás, coladas na cabeça. Cheirava a... fúria. A maioria das histórias descrevia os Ogier como pacíficos, quase tanto quanto o Povo Errante, mas algumas poucas os denominavam inimigos implacáveis. Perrin só vira Loial furioso uma vez. Talvez o amigo tivesse ficado furioso na noite anterior, defendendo aquelas crianças. Olhando para o rosto de Loial, um antigo ditado lhe veio à memória.

“Irritar um Ogier e provocar a ira das montanhas.” Todos interpretavam a frase como se falasse de tentar fazer algo impossível. Perrin pensou que talvez o significado tivesse mudado com os anos. Talvez, no início, fosse “Irritar um Ogier é como provocar a ira das montanhas”. Algo difícil de fazer, porém mortal. Pensou que nunca gostaria de ver Loial — seu amigo gentil e atrapalhado, com o enorme nariz sempre enfiado em um livro — irritado com ele.

Foi Loial quem assumiu a liderança quando chegaram ao local do bosque desaparecido dos Ogier, dobrando o caminho um pouco para o sul. Não havia pontos de referência, mas ele tinha certeza da direção, e ficava mais confiante a cada passo dos cavalos. Os Ogier pressentiam um Portal dos Caminhos, sentiam-no de alguma forma, encontravam-no com a mesma certeza de que uma abelha era capaz de encontrar a colmeia. Quando Loial enfim desceu do cavalo, a grama batia um pouco acima de seus joelhos. Havia apenas um montinho de arbustos frondosos à volta, mais altos que a maioria, amontoados folhosos da altura do Ogier. Ele arrancou tudo quase sem remorso, empilhando-os do outro lado.

— Talvez os meninos dos cavalos possam usar como lenha, depois que secarem.

E lá estava o Portal dos Caminhos.

Enfiado na lateral da colina, parecia mais um paredão cinza do que um portão, a parede de um palácio, melhor dizendo, coberta de entalhes de folhas e vinhas tão refinados que pareciam tão vivos quanto os arbustos. Estavam ali havia pelo menos três mil anos, mas nem um traço de desgaste danificava a superfície. Aquelas folhas pareciam poder ondear com a próxima brisa.

Por um instante, todos encararam o Portal dos Caminhos em silêncio, até que Loial respirou fundo e pousou a mão sobre uma das folhas, diferente de todas as outras. A folha de três pontas de *Avendesora*, a lendária Árvore da Vida. Parecia entalhada como as outras até a mão enorme tocá-la. Então saiu sem dificuldade.

Faile soltou um ruído de assombro, e até os Aiel murmuraram. O ar cheirava a desconforto, e não havia como dizer de quem vinha. De todos eles, talvez.

As folhas de pedra pareciam se mexer com uma brisa inexistente, e adquiriram um tom verde de vida. Aos poucos, uma rachadura apareceu bem no centro, e as metades do Portal dos Caminhos se abriram, revelando não a colina por detrás, mas um reflexo embaçado e bruxuleante da imagem do grupo.

— Dizem que antigamente — murmurou Loial — os Portais brilhavam como espelhos, e os que adentravam os Caminhos andavam pelo sol e pelo céu. Nada disso existe hoje em dia. Como o bosque.

Puxando depressa um dos lampiões já repletos de óleo transportados pelo cavalo de carga, Perrin iluminou o local.

— Está muito abafado aqui — disse. — Uma sombrinha seria bom.

Conduziu Galope em direção ao Portal dos Caminhos. Pensou ter ouvido Faile soltar uma exclamação.

O garanhão castanho empacou, aproximando-se do próprio reflexo turvo, mas Perrin cravou os calcanhares para que ele prosseguisse. Devagar, lembrou. A coisa tinha que ser feita devagar. O nariz do cavalo encostou na própria imagem, hesitante, depois se fundiu com ela, como se adentrasse um espelho. Perrin aproximou-se de si mesmo, tocou... Um frio gélido percorreu a pele, envolvendo-o até os cabelos, o tempo se espichou.

O frio desapareceu como uma bolha estourada, e ele se viu em meio à escuridão sem-fim. A luz do lampião era uma poça chapada à sua volta. Galope e o cavalo de carga relincharam, nervosos.

Gaul adentrou com muita calma e começou a preparar outro lampião. Atrás dele, havia algo que parecia uma lâmina de vidro enfumaçado. Era possível ver os outros do lado de lá, Loial montando outra vez no cavalo, Faile segurando as rédeas, todos deslizando furtivos, quase sem se mover. O tempo nos Caminhos era muito diferente.

— Faile está aborrecida com você — comentou Gaul, depois de acender a lanterna. Não acrescentou muita iluminação. A escuridão sorvia a luz, engolia. — Está pensando que você quebrou algum tipo de acordo. Bain e Chiad... Não fique sozinho com elas. As duas estão querendo lhe dar uma lição, por causa de Faile, e você não vai conseguir se sentar nesse animal com tanta facilidade se elas conseguirem fazer o que estão planejando.

— Eu não concordei com nada, Gaul. Estou fazendo o que Faile está me forçando a fazer, e tudo por causa de um truque dela. Logo teremos que voltar a seguir Loial, como ela quer que aconteça, mas pretendo tomar a liderança pelo máximo de tempo que puder. — Ele apontou para uma linha grossa e branca sob os cascos de Galope. Intermitente e bastante esburacada, ela seguia adiante e desaparecia na escuridão, algumas passadas à frente. —

Isso leva ao primeiro poste de sinalização. Teremos que esperar Loial por lá, para que ele o interprete e decida qual ponte tomar, mas é Faile quem vai nos seguir até esse primeiro poste.

— Ponte — murmurou Gaul, pensativo. — Conheço essa palavra. Tem água lá?

— Não. Não é bem esse tipo de ponte. Parece igual, mais ou menos, mas... Talvez Loial consiga explicar melhor.

O Aiel coçou a cabeça.

— Você sabe o que está fazendo, Perrin?

— Não — admitiu o rapaz — mas não tem por que Faile ficar sabendo disso.

Gaul deu uma risada.

— É divertido ser tão jovem, não é, Perrin?

Franzindo a testa, sem saber ao certo se o homem estava caçoando dele, Perrin cravou os calcanhares em Galope, arrastando o cavalo de carga atrás de si. A luz do lampião não seria mais visível em vinte ou trinta passadas. Queria já estar fora de vista quando Faile passasse pelo Portal. Queria deixá-la pensar que decidira prosseguir sem ela. Ficar preocupada por alguns minutos, pelo menos até encontrá-lo no poste de sinalização, era o mínimo que ela merecia.



O BAILADOR DAS ONDAS

Com o sol dourado ainda despontando no horizonte, a carruagem reluzente, coberta de verniz preto, parou com um chacoalhão ao pé do cais, atrás dos quatro cavalos cinzentos que a levavam, e o cocheiro magrelo, de cabelos escuros e casaco de listras pretas e douradas, saltou para abrir a porta. Nenhum símbolo a adornava, obviamente. Os nobres tairenos apenas ajudavam as Aes Sedai quando coagidos, por mais efusivos que fossem os sorrisos, e ninguém queria ter nome ou casa ligados à Torre.

Elayne desceu, agradecida, sem esperar por Nynaeve, alisando o manto de viagem de verão de linho azul. As ruas do Maule estavam cheias de carros e carroções, e as molas da carruagem não estavam muito boas. A brisa que soprava no Erinin era quase fria em comparação ao calor da Pedra. A jovem não tinha intenção de deixar óbvios os efeitos da difícil viagem, mas, depois que ficou de pé, foi impossível não dar uma massageada na lombar. *Pelo menos a chuva de ontem à noite ainda está segurando a poeira*, pensou. Suspeitava que tivessem recebido uma carruagem sem cortinas de propósito.

A norte e sul, outros ancoradouros se estendiam pelo rio, como largos dedos de pedra. O ar cheirava a corda, piche, peixes, especiarias, azeite de oliva e coisas inomináveis apodrecidas sob a água estagnada entre os píeres. Atrás dela, frutas estranhas, compridas, verde-amareladas, aglomeravam-se em imensos cachos diante do armazém de pedra. Apesar de ainda ser cedo, homens com coletes de couro sobre ombros desnudos corriam para lá e para cá, levando enormes trouxas nas costas curvadas ou empurrando carrinhos de mão repletos de caixotes e barris. Ninguém dispensava a elas mais do que um olhar emburrado de passagem, baixando os olhos escuros depressa e tocando a testa de má vontade. A maioria sequer erguia a cabeça. Elayne ficou triste com isso.

Os nobres tairenos lidavam muito mal com o povo. Não lidavam, era mais apropriado dizer. Em Andor, ela teria esperado sorrisos simpáticos e alguma saudação respeitosa concedidos de boa vontade por homens de costas eretas que sabiam seu próprio valor e o dela. Aquilo era quase suficiente para fazê-la se arrepender de ter partido. Fora criada para liderar, talvez um dia governar um povo orgulhoso, e sentiu um ímpeto de ensinar um pouco de dignidade àquela gente. Mas essa tarefa era de Rand, não dela. *E, se ele não a fizer direito, darei uma bela bronca nele. Uma bronca daquelas.* Pelo menos o rapaz começara, seguindo seu conselho. E Elayne tinha de admitir que ele sabia tratar o povo. Seria interessante ver o que ele conseguira, quando ela retornasse. *Isso se houver razão para retornar.*

De onde estava, dava para ver bem uns dez navios, e ainda mais distante, havia outros. Mas um deles, atracado na ponta do ancoradouro para onde estava virada, com a proa pontuda apontando rio acima, foi uma visão de encher os olhos. O forçador do Povo do Mar devia ter pelo menos cem passadas de comprimento e uma vez e meia a largura da embarcação ao lado, com três mastros imensos no meio do navio e um menor no convés elevado na popa. Já estivera em outros navios, mas nunca em um tão grande, e nunca em um que rumasse para o mar. O nome dos proprietários já remetia a terras distantes e portos estrangeiros. Os Atha'an Miere. O Povo do Mar. As histórias mais exóticas sempre mencionavam o Povo do Mar, a não ser as que falavam dos Aiel.

Nynaeve desceu da carruagem atrás dela, amarrando um manto de viagem verde no pescoço e resmungando para si mesma e para o cocheiro:

— Sacodindo feito galinhas num vendaval! Socadas feito um tapete empoeirado! Como foi que o senhor conseguiu a proeza de cair em todos os buracos desde a Pedra até aqui, meu bom homem? Isso requer uma baita habilidade. É uma pena que não tenha o mesmo dom para o manejo dos cavalos.

O cocheiro tentou estender a mão para ajudá-la a descer, com o rosto estreito emburrado, mas ela recusou ajuda. Com um suspiro, Elayne dobrou o número de moedas de prata que tirava da bolsa.

— Obrigada por nos trazer até aqui a salvo e tão depressa. — Ela sorriu, empurrando as moedas na mão do homem. — Pedimos que viesse rápido, e foi o que o senhor fez. O estado das ruas não é culpa sua, e o senhor fez um excelente trabalho sob condições tão precárias.

Sem olhar as moedas, o sujeito dispensou uma medida profunda, um olhar de gratidão e um “obrigado, milady” baixinho, tanto pelas palavras quanto pelo dinheiro, Elayne tinha certeza. Aprendera que palavras delicadas e um pouco de elogios costumavam ser tão bem recebidos quanto a prata, se não mais. No entanto, para se certificar de que entenderiam o agradecimento, sempre usava prata, que raramente era desprezada.

— Queira a Luz que façam uma viagem segura, milady — acrescentou o homem.

O mais sutil piscar de olhos em direção a Nynaeve indicava que o desejo era dirigido apenas a Elayne. A outra mulher precisava aprender a fazer

concessões e ter mais consideração.

Depois que o cocheiro retirou as trouxas e os pertences das moças da carruagem, contornou os animais e começou a ir embora, Nynaeve comentou, contrariada:

— Acho que não devia ter sido tão brusca com o homem. Nem um pássaro atravessaria essas ruas com facilidade. Não em uma carruagem, de todo modo. Mas, depois de quicar durante todo o trajeto até aqui, eu me sinto como se tivesse passado uma semana em cima do lombo de um cavalo.

— O homem não tem culpa por você ter essa... dor nas costas — disse Elayne, com um sorriso que dissipava qualquer provocação, enquanto reunia seus pertences.

Nynaeve soltou uma risada amarga.

— Eu já disse isso, não disse? Espero que você não queira que eu saia correndo atrás dele para me desculpar. O tanto de prata que entregou com certeza aliviará qualquer sentimento ferido. Você precisa aprender a ser mais cuidadosa com dinheiro, Elayne. Não temos todos os recursos do Reino de Andor à disposição. Uma família pode viver com conforto durante um mês inteiro com a quantia que você entrega a qualquer um que faz o trabalho que foi pago para fazer. — A Filha-herdeira dispensou um olhar bastante indignado a Nynaeve. A mulher sempre parecia pensar que elas tinham de viver de forma pior que os serviçais, a menos que houvesse motivo para o contrário, em vez de ser o oposto, como fazia sentido. Porém, a mulher mais velha não pareceu notar a expressão que sempre fazia a Guarda Real pisar em ovos. Em vez disso, Nynaeve ergueu as trouxas e as pesadas sacolas de tecido e virou-se em direção ao cais. — Pelo menos a viagem nesse navio será mais suave. Espero que seja. Vamos embarcar?

As duas começaram a avançar até o píer, entre trabalhadores, barris empilhados e carrinhos e abarrotados de mercadorias, e Elayne disse:

— Nynaeve, o Povo do Mar pode ser muito sensível até conhecer melhor os outros, pelo menos foi o que me ensinaram. Você acha que poderia tentar ser um pouco...

— Um pouco o quê?

— Diplomática, Nynaeve. — A Filha-herdeira deu um passo mais comprido para pular por cima de onde alguém cuspia, no ancoradouro à frente. Não havia como dizer qual dos homens fizera aquilo: quando ela olhou em volta, viu todos de cabeças baixas, trabalhando duro. Sendo ou não maltratados pelos Grão-lordes, ela teria dito umas poucas e afiadas palavras que o culpado levaria muito tempo para esquecer, se o tivesse encontrado. — Pode tentar ser um pouco diplomática uma vez na vida.

— Claro. — Nynaeve começou a subir na prancha de embarque do forçador, gradeada por cordas. — Desde que não me sacudam para lá e para cá.

O primeiro pensamento de Elayne ao chegar ao convés foi que o forçador parecia estreito demais para o comprimento. Não entendia muito de navios, na verdade, mas para ela aquele parecia uma lasca gigante. *Ah, Luz, essa coisa vai sacudir mais do que a carruagem, por maior que seja.* O segundo pensamento

foi em relação à tripulação. Ouvira histórias a respeito dos Atha'an Miere, mas nunca tinha visto um deles. Um povo misterioso e muito discreto, quase tão misterioso quanto os Aiel. Apenas as terras para além do Deserto podiam ser mais estranhas, e tudo o que se sabia a respeito deles era que o Povo do Mar trazia marfim e seda de lá.

Esses Atha'an Miere eram homens sombrios, andavam descalços e sem camisas, todos de barbas feitas, com cabelos lisos e escuros e mãos tatuadas. Moviam-se com a segurança de quem conhecia muito bem o próprio trabalho, a ponto de fazê-lo com os pés nas costas, embora dedicassem toda atenção à tarefa em questão. Havia uma graça fluida em seus movimentos, como se, mesmo com o navio parado, sentissem o balanço do mar. A maioria usava correntes de ouro ou prata no pescoço e brincos nas orelhas, às vezes dois ou três em cada, alguns com pedras polidas.

Também havia mulheres entre os tripulantes, em mesmo número que os homens, erguendo cordas e enrolando linhas, com as mesmas mãos tatuadas, vestindo as mesmas calças largas de algum tecido escuro e impermeável, presas por cinturões estreitos e coloridos e abertas no tornozelo. Além das calças, as mulheres também usavam blusas largas e coloridas, todas de tons brilhantes de vermelho, verde e azul. Exibiam pelo menos tantas correntes e brincos quanto os homens. Inclusive, Elayne notou com um leve choque duas ou três mulheres com argolas presas à lateral do nariz.

A graça das mulheres ofuscava até a dos homens, e fez Elayne se lembrar de algumas histórias que ouvira quando criança, ao escutar o que não devia. As mulheres dos Atha'an Miere eram, naqueles contos, a personificação da beleza sedutora e da tentação, perseguidas por todos os homens. As mulheres naquele navio não eram mais belas do que quaisquer outras, mas, ao vê-las em movimento, Elayne conseguia acreditar nas histórias.

Duas das mulheres paradas no convés elevado na popa com certeza não eram tripulantes comuns. Também andavam descalças e usavam roupas com o mesmo corte dos outros, mas uma delas estava toda vestida de seda azul brocada, e a outra, de verde. A mais velha, a que usava verde, exibia quatro pequenas argolas de ouro em cada orelha e uma na narina esquerda, todas reluzentes sob o sol da manhã. Uma delicada corrente ia do pequeno aro em seu nariz até uma das orelhas, sustentando uma fileira de diminutos pingentes em forma de medalhões de ouro, e uma das correntes em volta do pescoço continha uma caixinha de ouro furada, como se fosse renda dourada, que ela erguia para cheirar de tempos em tempos. A outra mulher, a mais alta, usava apenas seis brincos e sua corrente tinha menos medalhões. A caixinha furada que cheirava, porém, era feita do mesmo ouro finamente forjado. Exótico, sem dúvida. Elayne estremeceu só de pensar naqueles aros no nariz. E naquela corrente!

Algo estranho no próprio deque chamou sua atenção, mas a princípio ela não soube dizer o que era. Então, viu. O leme não tinha cana. Havia um tipo de roda radiada atrás das duas mulheres, amarrada embaixo para que não girasse, mas sem cana. *Como é que eles conduzem?* Até o menor barquinho que já

vira tinha cana. E também todos os outros navios alinhados no cais. Cada vez mais misterioso, aquele Povo do Mar.

— Não esqueça o que Moiraine disse a você — alertou Elayne, enquanto as duas se aproximavam do convés da popa. Não fora muita coisa, mesmo as Aes Sedai sabiam pouco sobre os Atha'an Miere. Mas Moiraine transmitira as expressões apropriadas, o que deveria ser dito como sinal de boas maneiras. — E não se esqueça da diplomacia — acrescentou, em um sussurro firme.

— Eu vou me lembrar — retrucou Nynaeve, com rispidez. — Eu consigo ser diplomática.

Elayne torcia para que fosse verdade.

As duas mulheres do Povo do Mar as aguardavam no topo das escadas — as aguardavam no portaló, corrigiu-se Elayne. Era chamado assim mesmo quando eram escadas. Não entendia por que os navios tinham nomes diferentes para coisas comuns. O chão era o chão, fosse de um celeiro, um palácio ou uma estalagem. Por que não era assim em um navio? Uma nuvem de perfume envolveu as duas, um aroma leve de almíscar que vinha das caixinhas de ouro rendado. As tatuagens nas mãos das mulheres eram estrelas e aves-marinhas rodeadas pelas curvas e remoinhos de ondas estilizadas.

Nynaeve inclinou a cabeça.

— Sou Nynaeve al'Meara, Aes Sedai da Ajah Verde. Procuro a Mestra das Velas desta embarcação para garantir passagens, se for desejo da Luz. Esta é minha amiga e companheira, Elayne Trakand, também Aes Sedai da Ajah Verde. Que a Luz as ilumine e à sua embarcação e mande ventos para acelerá-la.

Era quase igual ao que Moiraine instruíra que dissessem. Menos a parte de serem Aes Sedai da Ajah Verde — Moiraine parecera mais resignada com isso do que com qualquer outra coisa, além de achar graça na escolha da Ajah.

A mulher mais velha, com toques grisalhos nos cabelos negros e rugas nos cantos dos grandes olhos castanhos, inclinou a cabeça com a mesma formalidade. Porém, parecia analisar as duas da cabeça aos pés, sobretudo o anel da Grande Serpente que cada uma usava na mão direita.

— Sou Coine din Jubai Ventos Rebeldes, Mestra das Velas do *Bailador das Ondas*. Esta é Jorin din Jubai Asa Branca, minha irmã de sangue e Chamadora de Ventos do *Bailador das Ondas*. Podemos oferecer passagens, se for a vontade da Luz. Que a Luz as ilumine e as conduza em segurança até o fim da jornada.

Era uma surpresa que as duas fossem irmãs. Elayne conseguia ver a semelhança, mas Jorin parecia muito mais jovem. Desejou que a Chamadora de Ventos fosse a única com quem tivessem de lidar. Ambas as mulheres tinham a mesma reserva, mas algo a respeito da Chamadora de Ventos lembrava Aviendha. Era absurdo, sem dúvida. As mulheres não eram mais altas do que ela própria, a cor não poderia ser mais distinta da cor da Aiel, e a única arma que cada uma tinha à vista era a faca robusta que levavam no cinturão, uma lâmina que denunciava sua eficiência no trabalho braçal,

apesar dos entalhes e fios de ouro incrustados no cabo. De todo modo, Elayne não pôde evitar a sensação de similaridade entre Jorin e Aviendha.

— Vamos conversar então, Mestra das Velas, se lhe aprouver — disse Nynaeve, seguindo a fórmula de Moiraine — sobre navegações, portos e o presente de passagem.

O Povo do Mar não cobrava pela passagem, segundo Moiraine. Era um presente, que, por coincidência, poderia ser trocado por outro de igual valor.

Coine olhou para o lado, depois para a popa virada para a Pedra e o estandarte branco que ondulava acima da fortaleza.

— Vamos conversar na minha cabine, Aes Sedai, se lhes aprouver. — Ela gesticulou indicando uma escotilha aberta atrás da estranha roda do leme. — Meu navio lhes dá boas-vindas, e que a graça da Luz esteja com vocês até deixarem este convés.

Outra escada estreita — dessa vez, uma comum — levava até um quarto organizado, maior do que o que Elayne esperava, por experiência em embarcações menores, com janelas que davam para a popa e lampiões com suportes giratórios nas paredes. Quase tudo parecia embutido, exceto por alguns baús envernizados de tamanhos diversos. A cama larga e baixa ficava bem abaixo das janelas da popa, e uma mesa estreita rodeada de cadeiras ocupava o centro do quarto.

Havia pouca bagunça. Alguns mapas enrolados sobre a mesa, algumas esculturas de marfim em forma de animais estranhos em prateleiras gradeadas e meia dúzia de espadas com lâminas à mostra, de diferentes tipos, algumas que Elayne nunca vira, expostas em ganchos nas paredes. Havia um gongo de latão quadrado, com entalhes estranhos, pendurado em uma das vigas da cama. E, logo à frente das janelas da popa, como se em lugar de destaque, jazia um capacete em uma cabeça de madeira entalhada para esse propósito, um capacete que parecia a cabeça de um inseto monstruoso, envernizado em vermelho e verde, com uma pequena pena branca de cada lado, uma delas quebrada.

Elayne reconheceu o capacete.

— Seanchan — disse, sem fôlego, sem pensar.

Nynaeve lançou a ela um olhar irritado, e não sem razão. As duas haviam concordado que faria mais sentido e conferiria mais veracidade à história se Nynaeve, por ser mais velha, assumisse a liderança e cuidasse da conversa.

Coine e Jorin trocaram olhares indecifráveis.

— Já ouviu falar deles? — perguntou a Mestra das Velas. — É claro. É esperado que Aes Sedais saibam dessas coisas. Tão longe a leste, ouvimos muitas histórias, e as melhores não passam de meias verdades.

Elayne sabia que devia deixar a coisa quieta, mas sua língua estava coçando de curiosidade.

— Como foi que conseguiram o capacete? Se me permitem a pergunta.

— O *Bailador das Ondas* encontrou um navio Seanchan no ano passado — respondeu Coiné. — Eles queriam levá-lo, mas eu não quis abrir mão. — Ela deu de ombros, um movimento ínfimo. — Trouxe o capacete de recordação, e

o mar levou os Seanchan, que a Luz tenha misericórdia de todos os navegantes. Nunca mais chego perto de um navio com velas com talas.

— Vocês tiveram sorte — disse Nynaeve, em um tom seco. — Os Seanchan capturam mulheres capazes de canalizar e as transformam em arma. Se houvesse uma dessas naquele navio, vocês teriam se arrependido de tê-lo visto.

Elayne fez uma careta para a amiga, embora fosse tarde demais. Não sabia dizer se as mulheres do Povo do Mar haviam ficado ofendidas com o tom de Nynaeve. A dupla mantinha a mesma expressão neutra, mas Elayne começava a perceber que seus rostos não demonstravam muito, pelo menos não a estranhos.

— Vamos falar de passagens — disse Coine. — Se aprover à Luz, pode ser que venham a visitar o local aonde desejam chegar. Todas as coisas são possíveis, pela Luz. Vamos nos sentar.

As cadeiras ao redor da mesa não deslizavam para trás, tudo estava preso ao chão — ao convés. Em vez disso, os braços se abriam como portões e se aferrolhavam de volta. O arranjo parecia corroborar as terríveis previsões de Elayne em relação aos balanços e sacolejos. Ela lidava muito bem com isso, sem dúvida, mas o balanço do rio já fazia o estômago de Nynaeve se revirar. Deveria ser muito pior no oceano do que em um rio, por mais feroz que fosse o vento, e, quanto pior ficasse o estômago da amiga, pior seria o temperamento. Nynaeve passando mal e furiosa ao mesmo tempo: na opinião de Elayne, poucas coisas eram mais temíveis.

As duas foram convidadas a sentar-se de cada um dos lados da mesa, com a Mestra das Velas e a Chamadora de Ventos nas cabeceiras. A princípio, a disposição pareceu estranha, mas então Elayne percebeu que dessa forma ambas olhariam para quem estivesse falando, permitindo que a outra as observasse sem ser vista. *Será que sempre lidam dessa forma com os passageiros, ou será que é porque somos Aes Sedai? Bem, porque pensam que somos.* Era um aviso de que as coisas com essa gente poderiam não ser tão simples quanto desejavam. Torceu para que Nynaeve tivesse percebido.

Elayne não notara qualquer ordem sendo passada, mas uma moça esguia com apenas um aro em cada orelha surgiu equilibrando uma bandeja com um bule de chá de asa de latão e grandes canecas sem asa, não de porcelana do Povo do Mar, como seria de se esperar, mas de cerâmica grossa. *Mais difícil de quebrar com tempo ruim,* pensou, desanimada. Mas foi a jovem que chamou sua atenção e que quase a fez perder o ar. Estava nua da cintura para cima, assim como os homens lá no convés. Elayne achou que tinha escondido muito bem o choque, mas Nynaeve fungou alto.

A Mestra das Velas esperou a moça servir chá, fervido até ficar negro, depois disse:

— Por acaso já zarpamos, Dorele, sem que eu tenha sido informada? Não há mais terra à vista?

A mulher esguia ficou vermelha.

— Há terra, Mestra das Velas. — Foi um sussurro infeliz.

Coine assentiu.

— Até que não haja mais terra à vista e que assim fique por um dia inteiro, você vai trabalhar limpando os porões, onde as vestimentas são obstáculo. Está dispensada.

— Sim, Mestra das Velas — disse a garota, ainda mais desolada. Ela se virou, tirando o cinturão, desconsolada, enquanto passava pela porta, no outro extremo do aposento.

— Compartilhem este chá, se lhes aprouver — disse a Mestra das Velas — e que conversemos em paz. — Ela bebericou do próprio copo e prosseguiu, enquanto Elayne e Nynaeve provavam os delas. — Peço que perdoem qualquer ofensa, Aes Sedai. Esta é a primeira viagem de Dorele para fora das ilhas. A jovem com frequência esquece os costumes dos costeiros. Posso aumentar a punição dela, caso se sintam ofendidas.

— Não é necessário — respondeu Elayne, mais do que depressa, usando a desculpa para deixar a caneca na mesa. O chá era ainda mais forte do que parecia, muito quente, sem açúcar e bastante amargo. — Não ficamos ofendidas, de jeito nenhum. Povos diferentes têm costumes diferentes. — *Queira a Luz que não sejam mais tantos tão diferentes assim! Luz, e se eles tirarem toda a roupa quando o navio zarpar? Luz!* — Apenas um tolo se ofenderia ao se deparar com costumes diferentes dos próprios.

Nynaeve lançou a ela um olhar firme, com a calma imperturbável de uma Aes Sedai, como fingiam ser, deu um longo gole na caneca e disse apenas:

— Por favor, vamos deixar isso de lado. — Não era possível dizer se ela se dirigia a Elayne ou às mulheres do Povo do Mar.

— Então vamos falar sobre passagens, se lhes aprouver — disse Coine. — A qual porto desejam navegar?

— Tanchico — respondeu Nynaeve, um pouco mais brusca do que deveria. — Sei que talvez não tenham intenção de ir até lá, mas precisamos chegar depressa, tão depressa quanto só um forçador é capaz, e sem parar, se for possível. Ofereço este pequeno presente pelo inconveniente. — Ela puxou um pedaço de papel do cinto da bolsa, desdobrou-o e o empurrou na mesa para a Mestra das Velas.

Moiraine dera a elas aquele papel e outro igual: cartas de créditos. Cada uma permitia que o portador retirasse até três mil coroas de ouro dos banqueiros e prestamistas em várias cidades, embora fosse pouco provável que qualquer um daqueles homens e mulheres soubesse que era dinheiro da Torre Branca. Elayne arregalara os olhos com a quantia — e Nynaeve ficara de queixo caído — mas Moiraine disse que talvez fosse necessário para fazer a Mestra das Velas abandonar o destino a que pretendia chegar.

Coine tocou a carta-de-direitos com um dedo e leu.

— Uma grande quantia pelo presente da passagem — murmurou —, mesmo levando em conta que estão me pedindo para alterar nossa rota. Estou ainda mais surpresa do que antes. Vocês sabem que é raro levarmos Aes Sedai em nossos navios. Muito raro. De todos que pedem passagem, apenas Aes Sedai podem ser recusadas, e quase sempre são, desde o primeiro dia da primeira partida. Aes Sedai sabem disso, por isso quase nunca pedem. — Ela encarava a xícara de chá, não as duas, mas Elayne olhou para o outro lado e

surpreendeu a Chamadora de Ventos analisando as mãos das duas pousadas sobre a mesa. Não, os anéis.

Moiraine não falara sobre isso. Apontara o forçador como o navio mais ligeiro que havia disponível e as encorajara a utilizá-lo. Por outro lado, entregara essas cartas-de-direitos, que deviam ser suficientes para comprar uma frota de navios como aquele. Bem, muitos navios, pelo menos. *Será que foi porque ela sabia que precisaria de tudo isso para convencê-las a nos levar? Mas por que guardara segredo? Que pergunta tola, Moiraine sempre guardava segredos. Mas por que fazê-las perder tempo?*

— Pretende recusar nossa passagem? — Nynaeve trocara a diplomacia pela brusquidão. — Se não levam Aes Sedai, por que nos trouxeram até aqui? Por que não disseram lá em cima e acabaram logo com isso?

A Mestra das Velas soltou um dos braços da cadeira, levantou-se e foi espiar a Pedra pelas janelas da popa. Os brincos e os medalhões na face esquerda reluziam à luz do sol nascente.

— Ele é capaz de manejar o Poder Único, pelo que ouvi dizer, e detém a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Os Aiel vieram até a Muralha do Dragão ao seu chamado. Vi muitos pelas ruas, e dizem que abarrotaram a Pedra. A Pedra de Tear caiu, e a guerra irrompeu pelas nações. Os que outrora governaram estão de volta, e foram rechaçados pela primeira vez. A Profecia está sendo cumprida.

A mudança de assunto deixou Nynaeve e Elayne confusas.

— As Profecias do Dragão? — indagou a Aceita mais nova, depois de um instante. — Sim, estão sendo cumpridas. Ele é o Dragão Renascido, Mestra das Velas. — *É um homem teimoso que esconde os sentimentos tão bem que eu não consigo encontrá-los, é isso o que ele é!*

Coine se virou.

— Não as Profecias do Dragão, Aes Sedai. A Profecia Jendai, a profecia do Coramoor. Não a que vocês aguardam e temem, a que nós buscamos, o arauto de uma nova Era. Na Ruptura do Mundo, nossos ancestrais fugiram para a segurança do mar, enquanto a terra se erguia e rebentava como fazem as ondas das tempestades. Dizem que eles não sabiam nada sobre os navios que pegaram para fugir, mas a Luz estava com eles, e todos sobreviveram. Não viram terra outra vez até o mundo se acalmar, e aí muita coisa estava mudada. Tudo, absolutamente tudo, o mundo inteiro estava à deriva, na água e no vento. Foi nos anos depois disso que a Profecia Jendai foi enunciada pela primeira vez. Temos de vagar pelas águas até que o Coramoor retorne, e servi-lo quando ele voltar.

— Estamos presos ao mar, a água salgada corre em nossas veias. A maioria de nós não põe os pés na terra, a não ser para aguardar outro navio, para navegar de novo. Homens fortes choram quando precisam servir em terra firme. As mulheres em terra firme vão aos navios para ter seus filhos, ou até em um bote a remos, se não houver mais nada disponível, pois precisamos nascer na água, precisamos morrer nela e ser entregues a ela quando morrermos.

“A Profecia está sendo cumprida. Ele é o Coramoor. Aes Sedai servem a ele. Vocês são prova disso, já que estão aqui nesta cidade. Isto também está na Profecia. A Torre Branca será destruída em nome dele, e as Aes Sedai se ajoelharão para lavar seus pés e secá-los com os cabelos.

— Vai esperar sentada se acha que vai me ver lavar o pé de qualquer homem — rebateu Nynaeve secamente. — O que isso tem a ver com nossas passagens? Vocês vão nos levar ou não?

Elayne se encolheu, mas a Mestra das Velas respondeu com a mesma franqueza:

— Por que querem viajar para Tanchico? No momento, é um porto bem desagradável aonde chegar. Atraquei lá no inverno passado. O povo da costa quase invadiu minha embarcação querendo passagem para sair dali para qualquer lugar. Não se importavam, desde que fosse para longe de Tanchico. Não acho que as condições estejam muito melhores.

— Você sempre questiona tanto seus passageiros? — perguntou Nynaeve. — Ofereci o suficiente para comprar uma aldeia. Duas aldeias! Se quiserem mais, digam seu preço.

— Não é um preço — sussurrou Elayne, no ouvido dela. — É um presente! Se Coine ficou ofendida, ou se sequer ouviu, não deu sinal.

— Por quê?

Nynaeve deu um puxão forte na trança, mas Elayne segurou seu braço. Tinham planejado manter alguns segredos entre si, mas sem dúvida haviam descoberto muitas coisas desde que se sentaram naquelas cadeiras, o suficiente para alterar qualquer plano. Havia momentos para segredos e momentos para a verdade.

— Caçamos a Ajah Negra, Mestra das Velas. Acreditamos que algumas delas estão em Tanchico. — Enfrentou o olhar irado de Nynaeve com muita calma. — Precisamos encontrá-las, ou elas podem fazer mal... Ao Dragão Renascido. Ao Coramoor.

— Que a Luz nos leve seguras até o ancoradouro — suspirou a Chamadora de Ventos. Era a primeira vez que falava, e Elayne a encarou, surpresa. Jorin franzia o cenho e não olhava para ninguém em especial, mas falava com a Mestra das Velas. — Podemos levá-las, minha irmã. Devemos.

Coine assentiu.

Elayne trocou olhares com Nynaeve e viu os próprios questionamentos espelhados nos olhos da outra mulher. Por que era a Chamadora de Ventos quem decidia? Por que não a Mestra das Velas? Ela era a capitã, qualquer que fosse o título. Pelo menos conseguiriam as passagens, no fim das contas. *Por quanto?*, perguntou-se Elayne. *Qual será o valor do “presente”?* Desejou que Nynaeve não tivesse revelado que tinham mais do que estava escrito na carta-de-direitos. *E ela ainda me acusa de ficar jogando ouro ao vento.*

A porta se abriu, deixando entrar um homem grisalho e corpulento vestindo calças largas de seda verde e cinturão, agitando um maço de papéis. Quatro aros de ouro decoravam cada uma das orelhas, e três pesadas correntes de ouro pendiam do pescoço, incluindo uma com um frasco de perfume. Uma cicatriz comprida e enrugada atravessava seu rosto e as duas

facas curvas enfiadas no cinturão conferiam a ele um ar perigoso. O homem amarrrou nas orelhas uma armação peculiar que sustentava lentes transparentes diante dos olhos. O Povo do Mar fazia as melhores lupas, lentes ustórias e coisas do tipo em algum lugar de suas ilhas, mas Elayne nunca vira nada parecido com aquele aparato. Ele espiou os papéis através das lentes e começou a falar, sem olhar para cima.

— Coine, este tolo está disposto a trocar quinhentas peles de raposa-das-neves de Kandor por aqueles três barrizinhos de tabaco de Dois Rios que consegui em Ebou Dar. Quinhentas! Pode trazê-las ao meio-dia. — Ele ergueu os olhos e levou um susto. — Perdoe-me, esposa. Eu não sabia que tinha convidadas. Que a Luz esteja com todas vocês.

— Ao meio-dia, marido — retrucou Coine — estarei descendo o rio. Ao cair da noite, já estarei no mar.

Ele se aprumou.

— Será que eu ainda sou o Mestre de Cargas, esposa, ou será que meu lugar foi tomado enquanto eu não estava olhando?

— Você é Mestre de Cargas, marido, mas precisa interromper os negócios agora e começar a se preparar para partir. Vamos zarpar para Tanchico.

— Tanchico! — Os papéis amassaram em suas mãos, e ele fez esforço para manter o controle. — Esposa... não! Mestre das Velas, você me disse que nosso próximo porto seria o de Mayene, e que depois rumaríamos a leste, para Shara. Fiz meus negócios com isso em mente. Shara, Mestre das Velas, não Tarabon. O que tenho em minha posse não valerá muito em Tanchico. Talvez nada! Posso saber por que é que meus negócios têm que ser arruinados, e o *Bailador das Ondas*, levado à falência?

Coine hesitou, mas quando falou a voz ainda era formal.

— Eu sou a Mestre das Velas, meu marido. O *Bailador das Ondas* navega quando e para onde eu ordenar. Por enquanto, isso é tudo.

— Como quiser, Mestre das Velas — retrucou ele, num tom áspero — que assim seja.

O homem pôs a mão no coração — Elayne pensou ter visto Coine se encolher — e se retirou com as costas tão rígidas quanto um dos mastros do navio.

— Precisarei compensá-lo — murmurou Coine, baixinho, olhando para a porta. — É claro, é agradável fazer as pazes com ele. Costuma ser. Ele me saudou como um servente, irmã.

— Sentimos muito por causar problemas, Mestre das Velas — disse Elayne, escolhendo as palavras. — E lamentamos ter testemunhado isso. Se tivermos causado qualquer constrangimento, por favor, aceite nossas desculpas.

— Constrangimento? — Coine parecia surpresa. — Aes Sedaí, eu sou Mestre das Velas. Duvido que a presença de vocês deixe Toram constrangido, e eu não pediria desculpas a ele por isso, se fosse o caso. Os negócios são dele, mas a Mestre das Velas sou eu. Preciso compensá-lo, e isso não será fácil, já que preciso manter o motivo em segredo. Ele estava certo, e não consegui pensar depressa o suficiente para dar uma razão para a partida que não uma resposta irritada. Aquela cicatriz no rosto ele ganhou tirando os Seanchan do

convés do *Bailador das Ondas*. Mas há cicatrizes mais antigas que ele ganhou defendendo meu navio, e, graças aos seus negócios, eu só preciso estender a mão para receber ouro. É pelas coisas que não posso dizer que preciso compensá-lo, porque ele merece saber.

— Eu não entendo — disse Nynaeve. — Pediríamos que mantivesse a Ajah Negra em segredo... — Ela lançou a Elayne um olhar firme, que prometia palavras duras quando estivessem sozinhas. A Filha-herdeira também tinha intenção de dizer algumas palavras sobre o significado de diplomacia... — Mas sem dúvida três mil coroas é razão suficiente para nos levar até Tanchico.

— Guardarei seu segredo, Aes Sedai. O que são e por que viajam. Muitos em minha tripulação consideram Aes Sedai má sorte. Se soubessem que não estão apenas levando Aes Sedai, mas as estão levando até a um porto onde outras podem estar servindo ao Pai das Tempestades... A graça da Luz brilhou sobre nós, para que ninguém estivesse perto para me ouvir chamá-las para cá. Vocês se ofenderiam se eu pedisse para ficarem aqui embaixo o máximo possível e para não usarem os anéis no convés?

Como resposta, Nynaeve puxou o anel da Grande Serpente do dedo e guardou-o dentro da bolsa do cinto. Elayne fez o mesmo, um pouco mais relutante. Gostava que outros vissem o anel. Sem confiar muito no estoque de diplomacia que ainda restava a Nynaeve, ela se pronunciou, antecipando-se à amiga:

— Mestre das Velas, oferecemos um presente pela passagem, se lhe aprouver. Caso contrário, posso perguntar o que lhe aprazeria?

Coine retornou à mesa para olhar outra vez a carta-de-direitos, depois a empurrou para Nynaeve.

— Faço isso pelo Coramoor. Levarei as duas em segurança para onde desejarem, se aprouver à Luz. Será feito. — Ela levou os dedos da mão direita aos lábios. — Está acordado, sob a Luz.

Jorin emitiu um ruído abafado.

— Minha irmã, algum Mestre de Cargas já liderou um motim contra sua Mestre das Velas?

Coine lançou a ela um olhar inexpressivo.

— Cederei o presente da passagem de meu próprio baú. E, se Toram algum dia ficar sabendo, minha irmã, mando você para o porão com Dorele. Para limpar o lastro, talvez.

Quando a Chamadora de Ventos soltou uma gargalhada, ficou confirmado que as duas mulheres do Povo do Mar haviam abandonado as formalidades.

— E depois sua próxima parada seria em Chachin, minha irmã, ou em Caemlyn, pois seria incapaz de encontrar água sem mim.

A Mestre das Velas dirigiu-se a Elayne e Nynaeve com pesar.

— O apropriado, Aes Sedai, já que servem ao Coramoor, seria que eu as honrasse como honraria a Mestre das Velas e a Chamadora de Ventos de outro navio. Deveríamos nos banhar juntas, beber vinho melado e contar histórias para nos fazer rir e chorar. Mas agora preciso me aprontar para zarparmos, e...

O *Bailador das Ondas* fez jus ao próprio nome, pulando e saltando contra o ancoradouro. Elayne sacolejou para trás e para a frente na cadeira, perguntando-se, enquanto o balanço não passava, se aquilo era mesmo melhor do que ser jogada ao convés.

Então tudo terminou, os saltos começaram a ficar menos bruscos. Coine se levantou e correu para a escada, com Jorin atrás, já berrando ordens de buscar avarias no casco.



VENTOS CRESCENTES

Elayne abriu o trinco de um dos braços de sua cadeira com certa dificuldade e então disparou atrás das outras, quase esbarrando em Nynaeve na escada. O navio ainda se balançava, mas não com a violência de antes. Querendo saber se estavam afundando, empurrou Nynaeve para a frente, obrigando-a a subir mais depressa.

No convés, a tripulação estava em polvorosa, conferindo os cordames, esticando o corpo para fora para conferir o casco, berrando sobre terremotos. Os doqueiros também berravam, mas Elayne sabia do que se tratava, apesar da confusão de objetos rolando nos píeres e nos navios ainda ancorados.

Olhou em direção à Pedra. A imensa fortaleza estava imóvel, exceto pela massa de pássaros assustados que voavam em volta e pelo estandarte claro a drapejar, quase preguiçoso, ao sabor da brisa. Nenhum sinal de que algo atingira a massa montanhosa. Mas havia sido Rand. Ela tinha certeza.

Virou-se, viu Nynaeve a encará-la, e, por um longo instante, os olhares das duas se encontraram.

— Bela artimanha, se ele tiver danificado o navio — disse Elayne, enfim. — Como é que vamos chegar a Tanchico se ele continuar jogando os navios de um lado para o outro?

Luz, tomara que esteja tudo bem com ele. Não há o que eu possa fazer se não estiver. Ele está bem. Está.

Nynaeve tocou o braço da outra, para tranquilizá-la.

— É claro que aquela sua segunda carta mexeu com ele. Os homens sempre exageram nas reações quando são tomados pelas emoções. É o preço que pagam por contê-las tanto, como sempre fazem. Rand pode ser o Dragão Renascido, mas tem que aprender, de homem para mulher, que... O que é que *eles* estão fazendo aqui?

“Eles” eram dois homens parados junto ao Povo do Mar, no meio do tumulto no convés. Um era Thom Merrilin, com o manto de menestrel e os estojos de harpa e flauta nas costas, além de uma trouxa a seus pés, ao lado de uma caixa de madeira surrada, trancada com um cadeado. O outro era um taireno de meia-idade, um homem esguio e bonito, de pele escura, com um chapéu de palha cônico e um daqueles casacos de plebeus, que ficavam bem presos à cintura e largos mais embaixo, como uma saia curta. Uma adaga quebra-espada dentada pendia do cinto passado por cima do casaco, e o homem se apoiava em um cajado de madeira colada e estriada, com sua altura exata e a espessura de seu polegar. Um embrulho quadrado balançava no ombro, preso a um laço. Elayne o conhecia, seu nome era Juilin Sandar.

Parecia óbvio que os dois homens não se conheciam. Apesar de estarem quase lado a lado, pareciam rígidos e relutantes. No entanto, as atenções pareciam igualmente divididas entre acompanhar o avanço da Mestra das Velas até o convés da popa e espiar Elayne e Nynaeve, cuja óbvia insegurança era mascarada por sua autoconfiança brusca. Thom exibía um grande sorriso e afagava o longo bigode, assentindo cada vez que olhava as duas. Sandar, por sua vez, se curvava em mesuras firmes e solenes.

— Não houve danos — anunciou Coine, subindo a escada. — Posso partir em uma hora, se lhes aprouver. Até antes, se conseguir encontrar um piloto taireno. Se não encontrar, navego sem ele, embora isso signifique que nunca mais voltarei a Tear. — Ela investigou com os olhos o que as duas Aceitas encaravam, virando-se para os dois homens. — Pediram passagens. O menestrel quer ir para Tanchico, e o caçador de ladrões, para onde vocês duas forem. Não posso recusá-los, mas... — Ela encarou Nynaeve e Elayne. — Se quiserem, farei isso. — Em sua voz, a relutância em romper o costume parecia travar uma batalha com o desejo... de ajudá-las? De servir ao Coramoor? — O caçador de ladrões é um homem bom, mesmo sendo costeiro. Não se ofendam, pela Luz. O menestrel eu não conheço, mas um menestrel pode dar vida a uma viagem e animar as horas cansadas.

— Conhece Mestre Sandar? — perguntou Nynaeve.

— Por duas vezes ele capturou ladrões que nos roubaram, e bem depressa. Outro costeiro teria levado mais tempo para poder cobrar mais. E parece óbvio que vocês também o conhecem. Desejam que eu recuse passagem? — A relutância ainda estava lá.

— Primeiro vamos descobrir por que eles estão aqui — respondeu Nynaeve, em uma voz impassível que nada de bom prenunciava em relação aos homens.

— Talvez seja melhor eu falar — sugeriu Elayne, gentil, porém firme. — Assim vocês podem ficar de olho e ver se eles estão escondendo alguma coisa. — Não explicou que desse jeito evitaria que Nynaeve fosse tomada pela irritação, mas o sorriso irônico que a outra Aceita abriu denunciava que entendera exatamente isso.

— Muito bem, Elayne. Ficar vigiando. Talvez você possa se inspirar ao ver como mantenho a calma. Você sabe como fica quando está exausta.

A Filha-herdeira teve que rir.

Os dois homens se aprumaram quando ela e Nynaeve se aproximaram. Ao redor deles, a tripulação circulava em polvorosa, correndo até os cordames, erguendo cordas, amarrando umas coisas e desamarrando outras, tudo sob as ordens da Mestra das Velas. Circulavam pelos quatro costeiros sem sequer olhá-los.

Elayne franziu a testa para Thom Merrilin, pensativa. Tinha certeza de que nunca vira o menestrel antes de sua aparição na Pedra, mas sentira algo familiar nele logo que o notara. Era pouco provável. Menestréis eram artistas de aldeia, e a mãe jamais receberia um no palácio em Caemlyn. O único menestrel que Elayne recordava ter visto fora nas aldeias perto das propriedades rurais da mãe, e tinha certeza de que aquele gavião grisalho nunca passara por lá.

Decidiu falar primeiro com o caçador de ladrões. Lembrou-se de que o homem insistia naquele título. O que era considerado apanhador de ladrões em todos os outros lugares, em Tear era chamado de caçador de ladrões, e a distinção parecia importante para aquele em especial.

— Mestre Sandar — cumprimentou, em um tom grave. — Pode ser que não se lembre de nós. Sou Elayne Trakand, e esta é minha amiga, Nynaeve al'Meara. Compreendo que o senhor pretende viajar para o mesmo destino que nós. Posso saber o motivo? Da última vez que nos vimos, o senhor não nos serviu muito bem.

O homem não piscou ao ouvi-la sugerir que poderia não se lembrar delas. Levou os olhos às mãos das moças e notou a ausência de anéis. Aqueles olhos escuros captavam e registravam tudo de forma indelével.

— Eu me lembro, Senhorita Trakand, e muito bem. Mas, se me perdoam, a última vez que as servi foi na companhia de Mat Cauthon, quando tiramos as duas da água antes de serem acatadas por lúcios.

Nynaeve pigarreou, mas não muito alto. Fora em uma cela, não na água, e fora a Ajah Negra, não lúcios. A antiga Sabedoria não gostava de ser lembrada da ajuda de que haviam precisado naquele episódio. Decerto não teriam ido parar naquela cela se não fosse Juilin Sandar. Não, não era justo dizer aquilo. Era verdade, mas não era justo.

— Muito bem — respondeu Elayne, de repente — mas o senhor ainda não disse por que quer ir para Tanchico.

Ele respirou fundo e encarou Nynaeve, desconfiado. Elayne não sabia se gostava muito de vê-lo ter mais cautela com a outra mulher do que com ela.

— Fui arrancado de casa menos de uma hora atrás — explicou, escolhendo as palavras com cautela — por um homem que vocês conhecem, eu acho. Um homem alto e com rosto de pedra, chamado Lan. — As sobranceiras de Nynaeve se ergueram de forma bastante sutil. — Falou em nome de outro homem que vocês conhecem. Um... pastor, pelo que disse. Recebi uma boa quantia de ouro para acompanhá-las. As duas. Ele me disse que, se vocês não voltarem dessa viagem a salvo... Bem, vamos dizer que será melhor eu me matar afogado do que voltar para lá. Lan foi muito enfático, e o... pastor, não deixou a desejar na mensagem que enviou. A Mestra das Velas disse que só posso seguir no navio se vocês permitirem. Tenho habilidades

que podem ser úteis. — O cajado rodopiou em suas mãos, um borrão assobiante, e então parou de repente. Ele tocou a adaga quebra-espada na cintura. Parecia uma espada curta, porém sem ponta, com fendas para prender lâminas.

— Os homens sempre dão um jeito de contornar nossas ordens — resmungou Nynaeve, mas não soou descontente.

Elayne apenas fechou a cara, irritada. Rand o mandara? Ainda não devia ter lido a segunda carta, quando o fez. *Que o queime! Por que é que ele fica nesse pula-pula? Não dá tempo de mandar outra carta, e é provável que ele só ficasse mais confuso. E me faria parecer ainda mais idiota. Que o queime!*

— E o senhor, Mestre Merrilin? — perguntou Nynaeve. — O pastor também mandou um menestrel atrás da gente? Ou foi o outro homem? Para nos entreter com malabarismos e engolição de fogo, talvez.

Thom estivera observando Sandar com atenção, mas desviou o olhar, plácido, e curvou-se em uma mesura elegante, estragando-a apenas com um floreio demasiado elaborado do manto coberto de retalhos.

— Não foi o pastor, Senhorita al'Meara. Uma senhora que nós dois conhecemos me pediu... *pediu...* para que eu acompanhasse as senhoritas. A mesma senhora que a encontrou em Campo de Emond, junto com o pastor.

— Por quê? — perguntou Nynaeve, desconfiada.

— Eu também tenho habilidades úteis — respondeu Thom, dando uma olhadela para o caçador de ladrões. — Além do malabarismo, quer dizer. E já estive em Tanchico muitas vezes. Conheço bem a cidade. Sei onde encontrar boas estalagens, quais distritos são perigosos durante o dia, quais são perigosos à noite e quem precisa ser subornado para que a Guarda Civil não fique muito interessada nas suas atividades. Eles prestam muita atenção aos estrangeiros. Posso ajudar em muitas coisas.

Aquela familiaridade deixou Elayne desconfiada outra vez. Antes de se dar conta do que estava fazendo, ergueu a mão e deu um puxão no longo bigode branco do homem. Thom se assustou, e ela levou as mãos à boca, vermelha de vergonha.

— Perdoe-me. Eu... eu me lembrei de já ter feito isso antes. Quer dizer... Sinto muito, mesmo. — *Luz, por que eu fiz isso? Ele deve estar pensando que sou uma idiota.*

— Eu... me lembraria — respondeu o menestrel, bem rígido.

A Filha-herdeira torceu para que ele não tivesse se sentido afrontado. Era difícil decifrar sua expressão. Os homens conseguiam se ofender quando deveriam rir e rir quando deveriam se ofender. Se todos estavam indo viajar juntos... Foi a primeira vez que percebeu já ter decidido que os dois poderiam acompanhá-las.

— Nynaeve? — chamou.

A outra mulher sem dúvida entendeu a pergunta não dita. Analisou os dois homens com muita atenção, depois assentiu.

— Eles podem vir. Contanto que concordem em fazer o que dissermos. Não vou aceitar que um homem descerebrado qualquer tome a frente e nos ponha em perigo.

— Como a senhorita ordenar, Senhorita al'Meara — respondeu Sandar, na mesma hora, fazendo uma medida.

Thom, porém, disse:

— Um menestrel é uma alma livre, Nynaeve, mas posso prometer que não as porei em perigo. Longe disso.

— É para fazer o que dissermos — repetiu Nynaeve, enfática. — Quero sua palavra, ou vai ver esse navio zarpar lá do píer.

— Os Atha'an Miere não recusam passagem a ninguém, Nynaeve.

— Acha que não? Será que o apanhador de ladrões — Sandar fez careta — foi o único a ouvir que nossa permissão era necessária? É para fazer o que dissermos, *Senhor Merrillin*.

Thom jogou a cabeça branca para trás feito um cavalo irritado e soltou uma bufada forte, mas enfim assentiu:

— Tem minha palavra, *Senhorita al'Meara*.

— Muito bem, então — concluiu Nynaeve, com a voz revigorada. — Combinado. Vocês dois vão atrás da Mestra das Velas pedir que ela por favor arrume um cubículo bem longe das nossas vistas para enfiar vocês. Agora saiam daqui. Depressa.

Sandar fez outra medida e saiu. Thom estremeceu visivelmente antes de juntar-se a ele, rígido.

— Será que não está sendo muito dura com eles? — indagou Elayne, assim que os homens se afastaram o bastante para não ouvi-las. Não precisaram ir muito longe, com todo o burburinho do convés. — Afinal de contas, teremos que viajar todos juntos. “Palavras suaves suavizam as companhias.”

— Melhor começar a agir como pretendemos prosseguir. Elayne, Thom Merrillin sabe muito bem que não somos Aes Sedai completas. — Ela baixou a voz e olhou em volta ao proferir as palavras. Ninguém da tripulação sequer olhava para elas, exceto pela Mestra das Velas, lá perto do convés da popa, onde ouvia o que diziam o alto menestrel e o caçador de ladrões. — Os homens adoram uma fofoca, então Sandar também vai ficar sabendo logo, logo. Eles não representariam nenhum problema para Aes Sedai, mas para duas Aceitas...? Na primeira chance, os dois começariam a tomar atitudes que pensam ser para o bem, independente do que disséssemos. Não pretendo dar a eles sequer essa primeira chance.

— Talvez você tenha razão. Acha que sabem por que estamos indo a Tanchico?

Nynaeve fungou com desdém.

— Não, acho que se soubessem não estariam tão animados. E acho melhor não contarmos até que seja necessário. — Ela lançou a Elayne um olhar significativo. Não havia necessidade de dizer que também não teria contado à Mestra das Velas, se tivesse sido escolha sua. — Ouça bem esse ditado: “Se procurar problemas, encontrará dezenas.”

— Você fala como se não confiasse neles, Nynaeve. — Elayne tinha vontade de dizer que a outra estava se comportando feito Moiraine, mas Nynaeve não apreciaria a comparação.

— E podemos confiar? Juilin Sandar já nos traiu antes. Sim, sim, eu sei que homem algum teria evitado aquilo, mas mesmo assim aconteceu. E Liandrin e as outras conhecem a cara dele. Vou ter que vesti-lo com roupas diferentes. Talvez mandá-lo deixar o cabelo crescer um pouco. Quem sabe um bigode, como aquele troço infestando a cara do menestrel. Talvez ajude.

— E Thom Merrill? — perguntou Elayne. — Acho que podemos confiar nele. Não sei por quê, mas tenho essa sensação.

— Ele confessou que foi enviado por Moiraine — concordou Nynaeve, parecendo cansada. — Mas o que foi que não confessou? O que ela disse que ele não nos contou? Veio para nos ajudar, ou está aqui por outro motivo? Moiraine está sempre com aqueles jogos dela, então confio nela quase tanto quanto em Liandrin. Moiraine vai usar nós duas, eu e você, se for para ajudar a causa de Rand. Ou melhor, se for para servir aos planos que tem para Rand. Ela o levaria na coleira feito um cachorrinho, se pudesse.

— Moiraine sabe o que precisa ser feito, Nynaeve. — Pela primeira vez, Elayne ficou relutante em admitir aquilo. O que Moiraine sabia que tinha de ser feito podia muito bem acelerar os passos do Dragão em direção a Tarmon Gai'don. Em direção à morte, talvez. Rand e o mundo estavam em lados opostos de uma balança. Era ingênuo e infantil ela considerar os dois lados dessa balança equilibrados. E mesmo assim não ousava movê-los, nem em sua mente, porque não tinha certeza de qual teria mais peso para ela. — Moiraine sabe mais do que ele — disse, com a voz firme. — Mais do que nós.

— Talvez. — Nynaeve suspirou. — Mas não sou obrigada a gostar disso.

Cordas foram jogadas na proa, onde velas triangulares se abriram de repente, e o *Bailador das Ondas* afastou-se do ancoradouro. Mais velas apareceram, quadrados e triângulos brancos e imensos, as cordas da popa foram desamarradas. Logo o navio adentrou o rio, fazendo uma grande curva em volta das embarcações que aguardavam a hora de zarpar ancoradas no cais — um arco suave que terminou apontando para o sul, rio abaixo. O Povo do Mar conduzia o navio como um mestre cavaleiro conduziria um belo corcel. Aquela roda estranha e cheia de raios de madeira pontudos guiava o leme sempre que um dos tripulantes sem camisa a girava. Um homem, Elayne ficou aliviada em ver. A Mestra das Velas e a Chamadora de Ventos ficavam paradas de um dos lados da roda, e Coine emitia algumas ordens, às vezes depois de uma consulta sussurrada à irmã. Toram observou durante um tempo, com uma expressão que parecia esculpida na tábua de um deque, depois saiu do convés pisando duro.

Havia um taireno no convés da popa, um homem gorducho e de aparência abatida, vestindo um casaco amarelo desbotado com mangas cinza bufantes e esfregando as mãos, nervoso. Fora levado a bordo às pressas, enquanto a prancha de embarque era erguida. Um piloto que supostamente deveria conduzir o *Bailador* rio abaixo. De acordo com a lei tairena, navio algum tinha permissão de passar pelas Garras do Dragão sem um piloto taireno a bordo. A falta de animação do homem decerto vinha de ficar sem fazer nada, pois mesmo que fornecesse alguma instrução, o Povo do Mar não lhe daria ouvidos.

Murmurando algo sobre ir ver como era a cabine, Nynaeve desceu as escadas para o andar de baixo — para o deque inferior — mas Elayne ficou apreciando a brisa no convés e a sensação de partir. Viajar, conhecer lugares que nunca vira, era uma alegria. Jamais pensara que o faria, não daquele jeito. A Filha-herdeira de Andor talvez fizesse algumas visitas a outros reinos, além de tantas mais depois de subir ao trono, mas teria de ficar sempre presa às convenções e formalidades. Não seriam como aquela experiência. Gente do Povo do Mar descalça e um navio zarpando em direção ao oceano.

A margem do rio deslizava bastante depressa enquanto o sol se erguia, e um ou outro conglomerado de casas de fazenda feitas de pedra ou de celeiros desertos e solitários surgiam e desapareciam logo em seguida. Mas não passaram por aldeia alguma. Tear não permitiria a existência de qualquer aldeia, por menor que fosse, no rio entre a cidade e o mar, pois até a menorzinha de todas poderia algum dia competir com a capital. Os Grão-lordes controlavam os tamanhos das aldeias e cidades por todo o país com uma taxa predial, que subia na mesma proporção em que o número de construções aumentava. Elayne tinha certeza de que nunca teriam permitido a prosperidade de Godan, na Baía de Remara, não fosse a suposta necessidade de uma presença de peso para vigiar Mayene de perto. De certa forma, era um alívio deixar para trás um povo tão tolo. Se pelo menos não tivesse que deixar um homem tolo para trás, junto com aquele povo.

O número de barcos de pesca, a maioria pequenos — e todos cercados por nuvens de gaivotas e pássaros pescadores — aumentava à medida que o *Bailador* avançava, sobretudo depois que a embarcação adentrou o labirinto de canais chamado de Garras do Dragão. Os pássaros e os mastros compridos que prendiam as redes eram a única vista além dos juncos e capim-navalha balançando com a brisa, a não ser por algumas ilhas baixas onde cresciam árvores estranhas e retorcidas, as raízes emaranhadas brotando do chão. Muitos barcos ficavam bem entre os juncos, mas trabalhavam sem redes. Em dado momento, Elayne avistou alguns perto da água limpa, onde homens e mulheres jogavam linhas com ganchos entre as algas e as puxavam de volta com peixes serpenteantes de listras escuras, todos do tamanho de um braço.

O piloto taireno começou a andar de um lado para o outro, ansioso, quando chegaram ao delta, com o sol a pino, e torceu o nariz para a tigela de peixe cozido com especiarias e o pão que lhe ofereceram. Elayne comeu com vontade, limpando a tigela de cerâmica com os últimos pedaços de pão, embora compartilhasse do incômodo do homem. Passagens amplas e estreitas pareciam levar a todas as direções. Algumas terminavam de repente, ainda à vista, em uma muralha de juncos. Não havia como dizer quais das outras desapareceriam da mesma forma abrupta após a curva seguinte. Apesar disso, Coine não reduzia a velocidade do *Bailador*, nem hesitava em traçar o caminho. Era óbvio que sabia em quais canais entrar — ou a Chamadora de Ventos sabia — mas o piloto continuava resmungando sozinho, como se pensasse que fossem encaixar a qualquer momento.

Era fim de tarde quando a boca do rio surgiu à frente de súbito, revelando a infinita superfície do Mar das Tempestades. O Povo do Mar fez um

movimento com as velas, e o navio estremeceu de leve e parou de vez. Foi só então que Elayne percebeu um grande bote a remos deslizando depressa, parecia uma barata d'água cheia de pernas. A pequena embarcação saía de uma ilha onde algumas construções solitárias estavam espalhadas ao redor de uma torre estreita e comprida. No topo, homens que pareciam pequeninos a distância esperavam sob o estandarte de Tear, três luas crescentes em um campo vermelho e dourado. O piloto pegou a bolsa que Coine ofereceu sem dizer uma palavra e desceu correndo uma escada de cordas para o bote. Assim que ele subiu a bordo, as velas se abriram outra vez, e o *Bailador* enfrentou as primeiras ondas do mar aberto, erguendo-se de leve, abrindo caminho. O Povo do Mar correu até os cordames e ergueu mais velas, e o navio disparou para o sudoeste, para longe da cidade.

Quando a última faixa estreita de terra desapareceu no horizonte, as mulheres do Povo do Mar tiraram as blusas. Todas elas, até a Mestra das Velas e a Chamadora de Ventos. Elayne não sabia para onde olhar. Todas as mulheres andavam para lá e para cá, seminuas, sem se preocuparem com os homens ao redor. Juilin Sandar parecia tão constrangido quanto ela, e olhava, embasbacado, das mulheres para os próprios pés, até que saiu correndo para o deque inferior. Elayne não se deixaria abalar. Optou, em vez disso, por olhar para o lado e observar o mar.

Costumes diferentes, lembrou a si mesma. Desde que não esperem que eu faça o mesmo. Só o pensamento quase a fez soltar uma risada histérica. De certo modo, era mais fácil pensar na Ajah Negra do que nisso. Costumes diferentes. Luz!

O céu ficou roxo, com o sol opaco no horizonte. Golfinhos escoltavam a embarcação, dando voltas e saltando logo ao lado. Mais adiante, cardumes de uma espécie de peixe brilhante azul-prateado irrompiam da superfície, deslizando pelo ar com as barbatanas esticadas por cinquenta passadas ou mais antes de mergulhar de volta na água azul-acinzentada e turbulenta. Elayne assistiu a uns doze mergulhos, estupefata, até que os bichos não apareceram mais.

Os golfinhos, no entanto, com contornos reluzentes, eram uma maravilha, uma guarda de honra a conduzir o *Bailador das Ondas* de volta ao lugar a que pertencia. Ela os reconheceu pelas descrições nos livros. Diziam que, se encontrassem alguém se afogando, puxavam de volta para a costa. Não sabia ao certo se acreditava, mas era uma bela história. Seguiu os animais pela lateral do navio até a proa, onde eles brincavam com as ondas formadas e rolavam de lado para encará-la, sem se afastar uma polegada sequer.

Chegara quase no ponto mais estreito da proa quando percebeu que Thom Merrilin estava bem à sua frente, sorrindo para os golfinhos com certa tristeza, o manto drapejando ao vento como a nuvem de velas acima. O homem já guardara seus pertences. Parecia muito familiar. De verdade.

— Não está contente, Senhor Merrilin?

Ele a olhou de esguelha.

— Por favor, milady, pode me chamar de Thom.

— Está bem, Thom. Mas não milady. Aqui sou apenas a senhorita Trakand.

— Como queira, Senhorita Trakand — concordou ele, esboçando um sorriso.

— Como pode ficar triste olhando esses golfinhos, Thom?

— Eles são livres — murmurou o homem, em um tom que não deixava claro se era uma resposta. — Não precisam tomar decisões, não têm preços a pagar. Nenhuma preocupação na vida além de encontrar peixes para comer. E os tubarões, imagino.

E os peixes-leão. E provavelmente uma centena de coisas que desconheço. Na verdade, talvez não seja uma vida tão invejável assim.

— Você os inveja? — O menestrel não respondeu, mas, de todo modo, não era a pergunta correta. Precisava fazê-lo sorrir outra vez. Ou melhor, gargalhar. De algum jeito, sabia que, se pudesse fazê-lo gargalhar outra vez, acabaria por lembrar-se de onde o conhecia. Escolheu outro assunto, um que talvez tocasse mais fundo o coração daquele homem. — Pretende compor a epopeia de Rand, Thom? — Epopeias eram para bardos, não menestrelis, mas um pouco de lisonja não faria mal. — A epopeia do Dragão Renascido. Loial quer escrever um livro, sabia?

— Talvez eu faça isso, Senhorita Trakand. Talvez. Mas nem minha poesia nem o livro do Ogier farão diferença a longo prazo. A longo prazo, nossas histórias não vão sobreviver. Quando a próxima Era começar... — Ele fez uma careta e deu um puxão no bigode — Pensando bem, isso pode ser daqui a um ou dois anos. Como é que se marca o fim de uma Era? Não pode sempre ser um cataclismo como a Ruptura. Por outro lado, se as Profecias forem verdade, este de agora será. Este é o problema com todo tipo de profecia. As originais estão todas na Língua Antiga, e talvez até em Alto Canto, portanto, quando não se sabe de antemão o significado de alguma coisa, não há como decifrá-la. Será que a intenção era dizer o que está escrito, ou será que foi apenas uma forma floreada de dizer algo completamente diferente?

— Você estava falando da sua epopeia — lembrou Elayne, tentando trazê-lo de volta, mas Thom balançou os cabelos brancos e desgrenhados.

— Estava falando de mudanças. Minha epopeia, se eu a compuser, e também o livro de Loial, não serão nada além de sementes, isso se tivermos sorte. Os que conhecem a verdade morrerão, e os netos de seus netos se lembrarão de algo diferente. E os netos dos netos *deles*, de algo ainda mais diferente. Depois de duas dezenas de gerações, talvez seja você a heroína da história, não Rand.

— Eu? — Elayne deu risada.

— Ou talvez Mat, ou Lan. Talvez até eu. — Thom abriu um sorriso, iluminando o rosto envelhecido. — Thom Merrilin. Não um menestrel... mas o quê? Quem é que pode dizer? Em vez de comer fogo, soltando pelas ventas. Jogando-o para lá e para cá, como uma Aes Sedai. — Ele fez um floreio com o manto. — Thom Merrilin, o herói misterioso, derrubando montanhas e erguendo reis. — O sorriso virou uma sonora gargalhada. — Rand al'Thor vai ter a sorte se a próxima Era se lembrar do nome dele.

Elayne estava certa, não era coisa de sua cabeça. Aquele rosto, aquela risada contagiante... Ela se lembrava do homem. Mas de onde? Thom

precisava continuar falando.

— Sempre acontece assim? Acho que ninguém tem dúvidas de que, por exemplo, Artur Asa-de-gavião conquistou um império. O mundo inteiro, ou quase.

— Asa-de-gavião, jovem Senhorita? Ele conquistou um império, sem dúvida, mas acha mesmo que fez tudo que os livros, histórias e epopeias afirmam? Da forma como descrevem? Que matou os cem melhores homens do exército inimigo, um a um? Que os dois exércitos simplesmente ficaram ali parados enquanto um dos generais, um rei, duelava com cem homens?

— Os livros dizem que sim.

— Não dá tempo entre o nascer e o pôr do sol para um único homem lutar cem duelos, garota. — Elayne quase o interrompeu... *garota*? Ela era a Filha-herdeira de Andor, não uma *garota*. Mas Thom parecia muito envolvido no discurso. — E isso foi só mil anos atrás. Vamos pensar ainda mais no passado, nas histórias mais antigas que conheço, da Era antes da Era das Lendas. Será que Mosk e Merk lutaram mesmo com lanças de fogo, e será que eram gigantes? Elsbet foi mesmo rainha do mundo inteiro? E Anla, foi mesmo irmã dela? Será que Anla era a Sábia Conselheira, ou será que era outra pessoa? É o mesmo que perguntar de que tipo de animal vem o marfim, ou de que tipo de planta cresce a seda. Talvez a seda também venha de algum animal.

— Não sei dessas outras questões — disse Elayne, um pouco séria, ainda com o ranço de ter sido chamada de garota — mas você pode perguntar ao Povo do Mar sobre o marfim e a seda.

Thom riu outra vez — como ela esperava, embora a risada ainda não fizesse mais do que enfatizar a certeza de que o conhecia — mas, em vez de chamá-la de tola, como Elayne achava que aconteceria, o homem respondeu:

— Prática e direta, como a mãe. Com os dois pés no chão e poucos devaneios fantasiosos.

Ela ergueu um pouco o queixo e assumiu uma expressão mais fria. É certo que aceitara ser apenas a Senhorita Trakand, mas isso era demais. Aquele era um senhor agradável, e ela queria resolver o enigma que o envolvia, mas também era um menestrel, afinal de contas, e não deveria falar de uma rainha em tom tão íntimo. Era estranho e revoltante, mas o homem parecia estar se divertindo. Se divertindo!

— Os Atha'an Miere também não sabem — continuou. — Eles só veem umas poucas milhas das terras para além do Deserto Aiel, ao redor do punhado de portos onde têm permissão de atracar. Esses lugares possuem muralhas altas, tão bem vigiadas que eles sequer podem subir para ver o que há do outro lado. Se um de seus navios... Ou melhor, se qualquer navio, já que só o Povo do Mar tem permissão de ir até lá, aportar em qualquer outro lugar, o tal navio e a tripulação não são vistos outra vez. E isso é praticamente tudo o que sei, depois de passar mais anos do que gosto de lembrar fazendo perguntas. Os Atha'an Miere guardam seus segredos, mas não acho que saibam muita coisa. Pelo que consegui descobrir, os cairhienos eram tratados da mesma forma quando ainda tinham o direito de cruzar o Caminho da

Seda, pelo Deserto. Os mercadores cairhienos nunca viram nada além de uma cidade murada, e os que desviaram de seu caminho nunca mais voltaram.

Elayne percebeu que analisava o homem da mesma forma que analisara os gelfinhos. Que tipo de homem era aquele? Já devia ter rido dela umas duas vezes — e estava se divertindo, por mais que ela odiasse admitir — mas, em vez disso, falava com a seriedade de... Bem, de um pai falando com uma filha.

— Pode ser que você encontre algumas respostas neste navio, Thom. Eles estavam indo para o leste antes de convenceremos a Mestra das Velas a nos levar até Tanchico. Estavam indo para Shara, a leste de Mayene pelo que disse o Mestre de Cargas. Isso deve ser depois do Deserto.

Thom a encarou por um instante.

— Shara, você disse? Nunca ouvi esse nome. Shara é uma cidade, um país, ou os dois? Talvez eu aprenda um pouco mais.

O que foi que eu falei?, perguntou-se a jovem. *Eu disse algo que o fez pensar. Luz! Conteí a ele que convencemos Coine a mudar os planos.* Poderia não fazer diferença alguma, mas mesmo assim repreendeu a si mesma. Uma palavra descuidada a esse bom senhor talvez não fosse prejudicá-las, mas um desliz assim poderia matá-la em Tanchico, e a Nynaeve também, sem falar no caçador de ladrões e no próprio Thom. Se ele fosse mesmo um bom senhor.

— Thom, por que você veio com a gente? Só porque Moiraine pediu?

O homem sacudiu os ombros, e Elayne percebeu que ele estava rindo sozinho.

— Quanto a isso, quem é que pode dizer? Não é fácil resistir a um pedido de uma Aes Sedai. Talvez tenha sido a perspectiva dessa sua companhia agradável durante a viagem. Ou talvez eu tenha decidido que Rand já tem idade suficiente para se cuidar sozinho, por um tempo.

Thom riu alto, e ela teve que rir junto. A ideia de este senhorzinho de cabeça branca cuidando de Rand. A sensação de que podia confiar nele veio outra vez, mais forte do que nunca, enquanto o menestrel olhava para ela. Não porque o homem era capaz de rir de si mesmo, ou não só por causa disso. Não tinha qualquer motivo além do fato de que, ao olhar para aqueles olhos azuis, não conseguia se convencer de que aquele homem faria qualquer mal a ela.

O ímpeto de puxar o bigode dele outra vez era quase incontrolável, mas Elayne forçou as mãos a ficarem imóveis. Afinal de contas, não era uma criança. Uma criança. Ela abriu a boca — e de repente a cabeça esvaziou-se de tudo o mais.

— Por favor, Thom, me dê licença — disse, mais do que depressa. — Eu preciso... Com licença.

Ela disparou depressa em direção à popa, sem esperar resposta. O homem deve ter pensado que o balanço do navio a deixada de estômago embrulhado. O *Bailador* ia para cima e para baixo cada vez mais rápido, abrindo caminho mais depressa entre as grandes ondas do mar enquanto o vento refrescava o convés.

Havia dois homens diante da roda no convés da popa, e era necessária a força dos dois para manter a embarcação em curso. A Mestra das Velas não estava por perto, mas a Chamadora de Ventos, sim, apoiada no gradil em frente aos condutores, seminua, assim como os homens, estudando o céu onde nuvens intumescidas pareciam mais intensas do que o oceano. Pela primeira vez, não foi a vestimenta de Jorin — ou a falta dela — que incomodou Elayne. O brilho de uma mulher tocando *saidar* a envolveu, claramente visível apesar da luz ofuscante. Fora isso o que sentira, o que a atraía. Uma mulher canalizando.

Elayne parou perto do convés da popa para observar o que a mulher fazia. Os fluxos de Ar e Água que a Chamadora de Ventos urdia eram delgados, mas a trama era intrincada, quase delicada, e tocava as águas até onde os olhos podiam ver, uma teia que o ligava ao céu. O vento aumentou mais e mais. Os condutores mantinham a firmeza, e o *Bailador* voava mar adentro. A urdidura parou, o brilho tênue de *saidar* desapareceu, e Jorin desabou no gradil, apoiada nas próprias mãos.

Elayne subiu as escadas em silêncio, mas a mulher do Povo do Mar comentou em voz suave, sem virar a cabeça, assim que ela se aproximou o suficiente para ouvir:

— No meio do trabalho, pensei que você estivesse me observando. Não podia parar, pois poderia ter acontecido uma tempestade que nem o *Bailador* seria capaz de contornar. O Mar das Tempestades tem um nome muito apropriado, e já descarrega muitos ventos ruins sem que eu precise ajudar. Eu não tinha a menor vontade de fazer isso, mas Coine disse que precisamos ir depressa. Por vocês, e pelo Coramoor. — Ela ergueu os olhos e encarou o céu. — Esse vento vai durar até amanhã, se aprovar à Luz.

— É por isso que o Povo do Mar não leva Aes Sedai? — perguntou Elayne, sentando-se no gradil, ao lado da mulher. — Para que a Torre não descubra que as Chamadoras de Ventos conseguem canalizar. É por isso que foi você quem deu a palavra final em relação à nossa viagem, e não sua irmã. Jorin, a Torre não vai tentar impedir vocês. Não existe qualquer lei na Torre que impeça uma mulher de canalizar, mesmo que não seja Aes Sedai.

— Sua Torre Branca vai interferir. Vai tentar vir atrás dos nossos navios, onde somos livres da terra e dos homens da terra. Vai tentar nos atar a ela e nos afastar do mar. — Ela soltou um suspiro pesado. — Não tem como chamar de volta a onda que já passou.

Elayne desejou poder dizer à mulher que não era assim, mas a Torre ia mesmo atrás de mulheres e meninas que pudessem aprender a canalizar para aumentar o número de Aes Sedai — atualmente em declínio, em comparação ao que um dia fora — e também por causa do perigo de aprender sem orientação. Na verdade, uma mulher capaz de aprender a tocar a Fonte Verdadeira costumava ir parar na Torre independentemente de sua vontade, pelo menos até obter treinamento suficiente para não matar a si mesma ou outros por acidente.

Depois de um instante, Jorin prosseguiu:

— Não somos todas nós. Só algumas. Mandamos algumas meninas para Tar Valon, para que as Aes Sedai não venham procurar entre nós. Nenhum navio leva Aes Sedai se a Chamadora de Ventos for capaz de urdir o vento. Quando vocês se apresentaram, achei que deviam me conhecer, mas não disseram nada e pediram passagem, então pensei que talvez não fossem Aes Sedai, apesar dos anéis. Que esperança mais tola. Eu devia ter sentido a força das duas. E agora a Torre Branca vai saber.

— Não posso prometer guardar seu segredo, mas farei todo o possível. — A mulher merecia mais. — Jorin, juro pela honra da Casa Trakand, de Andor, que farei o possível para proteger seu segredo de qualquer um que possa fazer mal a você ou ao seu povo. Se tiver que revelá-lo a alguém, farei tudo o que estiver ao meu alcance para proteger seu povo de qualquer interferência. A Casa Trakand tem muita influência, mesmo na Torre. — *E farei a mãe usar essa influência se for preciso. De alguma forma.*

— Tudo ficará bem, se aprouver à Luz — respondeu Jorin, em um tom fatalístico. — Tudo ficará bem, e todos ficarão bem, e tudo que for coisa ou criatura ficará bem, se aprouver à Luz.

— Tinha uma *damane* naquele navio Seanchan, não tinha? — A Chamadora de Ventos a encarou com um olhar intrigado. — Uma das mulheres prisioneiras capazes de canalizar.

— Você é capaz de enxergar os detalhes mais profundos, para alguém tão jovem. É por isso que de início pensei que não fosse Aes Sedai, porque é muito jovem. Tenho filhas mais velhas do que você, eu acho. Não sabia que a mulher era prisioneira. Saber disso me faz querer ter sido capaz de salvá-la. Já tínhamos ouvido falar dos Seanchan e de seus navios com velas acanaladas, de como eles exigiam juramentos estranhos e puniam os que não eram capazes de concedê-los. O *Bailador* ultrapassou a embarcação Seanchan com facilidade, a princípio. Mas então a... *damane*? Ela quebrou dois dos nossos mastros, e a tripulação embarcou com espadas. Consegui botar fogo na embarcação Seanchan. Para mim, é muito difícil urdir Fogo para fazer qualquer coisa além de acender um lampião, mas aprouve à Luz que fosse o suficiente, e Toram conduziu a tripulação para lutar com os Seanchan e mandá-los de volta ao próprio convés. Soltamos os ganchos de bordo, e o navio saiu à deriva, em chamas. Estavam muito ocupados em protegê-lo para se incomodar com nosso afastamento atribulado. Mas eu me arrependi de vê-lo incendiar e naufragar, acho que era um excelente navio para mares violentos. Agora me arrependo porque deveríamos ter salvo a mulher, a *damane*. Mesmo que tenha danificado o *Bailador*, talvez não tivesse feito isso se estivesse solta. Que a Luz ilumine sua alma, e que as águas a levem em paz.

Contar a história deixara a mulher triste. Ela precisava ser distraída.

— Jorin, por que os Atha'an Miere só dão nomes masculinos aos navios? Os nossos nomes são sempre femininos... Acho que não faz muita diferença, mas por quê?

— Os homens vão dar uma explicação diferente — explicou a Chamadora de Ventos, sorrindo — vão falar de força, grandeza, essas coisas, mas a verdade é a seguinte: um navio tem vida própria, é como um homem; tem o

coração de um verdadeiro homem. — Ela esfregou o gradil com carinho, como se afagassem um ser vivo, alguém que pudesse sentir seu cuidado. — Trate-o bem, cuide dele direito, e o verá lutar por você com o mais terrível dos mares. O navio lutará por sua vida mesmo depois que o mar tiver desferido o golpe de morte. Negligencie-o, ignore os pequenos avisos que ele emite quando oferece perigo, e o navio afundará mesmo em um mar plano sob o céu azul.

Elayne esperou que Rand não fosse assim, tão caprichoso. *Então por que ele fica pulando para lá e para cá, ora feliz em me ver ir embora ora mandando Juilin Sandar atrás de mim?* Disse a si mesma para parar de pensar no rapaz. Rand estava muito longe. Nada podia ser feito em relação a ele, naquele momento.

Olhou por cima do ombro em direção à proa. Thom não estava mais lá. Tinha certeza de que encontrara a chave daquele enigma logo antes de sentir a Chamadora de Ventos canalizando. Algo a ver com o sorriso dele. O que quer que fosse, já não estava mais lá. Bem, pretendia encontrar a resposta outra vez antes que eles chegassem a Tanchico, mesmo que tivesse de montar guarda no homem. Mas ele ainda estaria lá de manhã.

— Jorin, quanto tempo falta até chegarmos em Tanchico? Ouvi dizer que os forçadores são os navios mais velozes do mundo, mas quão rápidos são?

— Em Tanchico? Para servir ao Coramoor, não vamos fazer paradas em nenhum porto no caminho. Talvez dez dias, se eu conseguir tecer bem os ventos, se aprouver à Luz que eu encontre as boas correntes. Talvez até em sete ou oito, com a graça da Luz.

— Dez dias? — repetiu Elayne, surpresa. — Não pode ser.

Ela vira os mapas, afinal.

O sorriso da Chamadora era metade orgulho, metade satisfação.

— Como você mesma disse, são os navios mais velozes do mundo. O segundo mais veloz leva esse tempo e mais metade para cruzar qualquer trecho, e a maioria leva mais que o dobro de dias. As embarcações que navegam perto da costa e ancoram nas águas rasas toda noite... — a mulher fungou, com desdém — levam dez vezes mais.

— Jorin, você me ensinaria a fazer o que acabou de fazer?

A Chamadora de Ventos a encarou, os olhos negros cintilando à luz fraca.

— Ensinar você? Mas você é Aes Sedai.

— Jorin, nunca urdi um fluxo com a metade da espessura desses que você estava manipulando. E com esse alcance! Estou impressionada.

A Chamadora de Ventos encarou Elayne por mais um instante, estupefata, parecendo tentar gravar o rosto da moça na memória. Enfim beijou os dedos da mão direita e pressionou-os aos lábios de Elayne.

— Se aprouver à Luz, ambas aprenderemos.





DENTRO DO CORAÇÃO

A nobreza tairena lotava a grande câmara subterrânea, cujas imensas colunas de pedra vermelha polida, cada uma com dez pés de espessura, avultavam-se na escuridão acima dos lustres dourados, pendendo de correntes também douradas. Grão-lordes e Grã-ladies estavam ordenados em círculo, uma massa compacta de gente sob o enorme domo no coração da câmara, os menos nobres mais atrás. Havia fileiras e mais de fileiras de gente entre a selva de colunas, todos em seus melhores veludos e rendas, com mangas largas, golas bufantes e chapéus pontudos, todos murmurando, inquietos, os grasnados nervosos ecoando pelo teto alto. Apenas os Grão-lordes já haviam sido convocados àquele lugar, o Coração da Pedra, e ali compareciam não mais que quatro vezes por ano, atendendo ao mesmo tempo às demandas da lei e dos costumes. Todos os que não se encontravam em algum lugar do interior tinham vindo, convocados por seu novo senhor, que criava novas leis e quebrava os costumes.

A multidão amontoada abriu caminho para Moiraine assim que viram quem era, de forma que ela e Egwene avançaram com bastante espaço entre as pessoas. A ausência de Lan irritava Moiraine. Não era típico do homem desaparecer quando ela poderia precisar dele. Lan costumava tratá-la como se ela fosse incapaz de se defender sem um guardião, inclusive. Se não pudesse sentir o elo que os unia e saber que ele não estava muito distante da Pedra, teria ficado preocupada.

Lan lutava contra as cordas que Nynaeve amarrava nele com o mesmo vigor com que combatera os Trollocs na Praga, mas, por mais que negasse, a jovem o prendera com tanta força quanto a ela própria, embora de outras formas. Tentar desfazer aqueles elos era o mesmo que se dispor a romper aço com as mãos. Moiraine não era ciumenta, não exatamente, mas Lan fora seu braço armado, escudo e companheiro por muitos anos para que abrisse mão

dele assim, tão fácil. *Fiz o que tinha de fazer. Se eu morrer, ela ficará com ele. Mas não antes disso. Onde está esse homem? E fazendo o quê?*

Uma mulher de vestido vermelho rendado, uma Senhora da Terra com cara de cavalo, chamada Leitha, ergueu as saias com um zelo um pouco excessivo, e Moiraine a encarou. Fez isso muito brevemente e sem reduzir o passo, mas a mulher estremeceu e baixou os olhos. A Aes Sedai assentiu para si mesma. Conseguia entender que aquelas pessoas odiavam as Aes Sedai, mas não toleraria grosserias descaradas além do menosprezo velado. Além do mais, o restante se retraiu um pouco mais depois de ver Leitha baixar o rosto.

— Tem certeza de que ele não comentou nada sobre o que pretende anunciar? — perguntou, baixinho.

No meio do burburinho, ninguém a três passadas de distância seria capaz de distinguir uma palavra. Os tairenos estavam a essa distância. Ela não gostava de ser entreouvida.

— Nada — respondeu Egwene, também baixinho. Soava tão irritada quanto Moiraine.

— Houve rumores.

— Rumores? Que tipo de rumores?

A garota não era muito boa em controlar a expressão ou a voz, e claramente não ouvira os boatos sobre os acontecimentos em Dois Rios. Mas pensar o mesmo de Rand seria como deixar o cavalo solto e torcer para ele não fugir.

— Egwene, deveria encorajá-lo a dividir seus pensamentos com você. Ele precisa de um ouvido amigo. Pode ser de alguma ajuda falar dos problemas com alguém de confiança.

A Aceita lançou um olhar de esguelha a Moiraine. Estava se tornando sofisticada demais para métodos tão simples. Ainda assim, a Aes Sedai dissera a verdade nua e crua: o rapaz de fato precisava de alguém para ouvi-lo, alguém que, ao fazê-lo, suavizasse o peso de seus fardos. E isso poderia funcionar.

— Ele não divide nada com ninguém, Moiraine. Esconde as dores que sente, espera ser capaz de lidar com elas antes que alguém perceba. — A raiva fiseou no rosto de Egwene. — Aquela mula cabeça de lâ!

Moiraine sentiu uma leve compaixão. Não dava para esperar que a garota aceitasse ver Rand e Elayne passeando de braços dados e trocando beijos pelos cantos, quando pensavam não estar sendo vistos. E Egwene não sabia nem da metade. A pena não durou. Havia muitas outras coisas importantes com que se preocupar do que uma garota choramingando pelo que não poderia ter, mesmo se quisesse.

Aquela altura, Elayne e Nynaeve deviam estar a bordo do forcador, fora do caminho. A viagem esclareceria se as suspeitas que tinha acerca das Chamadoras de Ventos estavam corretas. Mas aquilo era um ponto menos importante. Na pior das hipóteses, as duas tinham dinheiro o bastante para comprar um navio e contratar uma tripulação — o que talvez fosse necessário, dados os rumores em relação a Tanchico — com bastante de sobra para os subornos, uma necessidade tão frequente para lidar com os oficiais

tarabonianos. O quarto de Thom Merrill estava vazio, e os informantes de Moiraine relataram tê-lo ouvido resmungando sobre Tanchico ao sair da Pedra. O menestrel garantiria que as moças arrumariam uma boa tripulação e encontrariam os oficiais certos. O suposto plano para Mazrim Taim era a mais provável das duas possibilidades, mas suas mensagens à Amyrlin decerto tinham dado conta disso. As duas jovens estariam mais aptas a lidar com a chance muito menos provável de um perigo misterioso oculto em Tanchico, além de não a perturbarem mais e estarem longe de Rand. Moiraine só achava ruim que Egwene tivesse se recusado a ir com as duas. Tar Valon teria sido o melhor destino para as três, mas Tanchico estava de bom tamanho.

— Falando em cabeça de lâ, você pretende seguir em frente com esse plano de ir para o Deserto?

— Pretendo — respondeu a garota, com firmeza.

Egwene precisava voltar à Torre, treinar sua força. *O que Siuan tinha na cabeça? Quando eu perguntar, ela deve responder com um dos seus ditados sobre barcos e peixes.*

Pelo menos Egwene também ficará fora do caminho, e a garota Aiel vai cuidar dela. Talvez as Sábias possam mesmo ensinar a ela algo sobre os Sonhos. A carta que recebera fora muito surpreendente, mas não podia se dar ao luxo de seguir quase nada do que fora pedido. A longo prazo, a viagem de Egwene até o Deserto poderia ser útil.

A última fileira de tairenos abriu passagem, formando um pequeno vão, e ela e Egwene encararam a área livre sob a imensa abóbada. A inquietação dos nobres era mais evidente, ali na frente. Muitos olhavam os próprios pés, como crianças emburradas, outros encaravam o nada, mirando tudo, menos o ponto onde as duas estavam. Era ali que ficava *Callandor*, antes de Rand tomar posse dela. Ali, sob aquele domo, intocada por qualquer mão por mais de três mil anos, intocável por qualquer mão que não a do Dragão Renascido. Os tairenos não gostavam de admitir a existência do Coração da Pedra.

— Coitada — murmurou Egwene.

Moiraine acompanhou o olhar da moça. A Grã-lady Alteima, já no vestido rufado, capa e chapéu de um branco reluzente que era moda das viúvas tairenas, embora o marido ainda persistisse, devia ser a mais composta de todas as nobres. Era uma mulher esguia e encantadora — ainda mais por conta do sorrisinho triste — com grandes olhos castanhos e cabelos negros e compridos até a cintura. Uma mulher alta, embora Moiraine admitisse que tendia a julgar essas coisas de acordo com a própria altura, e de seios um tanto fartos. Os cairhienos não eram um povo de estatura alta, e a Aes Sedai era considerada baixa mesmo entre eles.

— Sim, coitada — disse, mas não por compaixão.

Era bom ver que Egwene ainda não tinha sofisticação suficiente para sempre ver o que havia por sob a superfície. A garota já era muito menos maleável do que deveria continuar a ser por muitos anos. Precisava ser moldada antes de endurecer.

Thom falhara com Alteima. Ou talvez tivesse se obrigado a não ver, pois parecia sentir uma estranha relutância em enfrentar mulheres. A Grã-lady

Alteima era muito mais perigosa do que o marido ou o amante, ambos manipulados por ela sem notarem. Talvez fosse mais perigosa do que qualquer um em Tear, homem ou mulher. Ela em breve encontraria outros a quem usar. Era o estilo de Alteima se manter nos bastidores e manejar os cordames. Algo precisava ser feito em relação a ela.

Moiraine correu os olhos pelas fileiras de Grão-lordes e Grã-ladies até encontrar Estanda, vestida em sedas amarelas brocadas, com um babado imenso de renda marfim e um pequenino chapéu combinando. Uma rigidez marcava a beleza de seu rosto, e os olhares que ela volta e meia disparava a Alteima eram duros como ferro. O sentimento de uma pela outra ultrapassava a mera rivalidade. Se fossem homens, havia muito já teriam derramado sangue em um duelo. Se esse antagonismo pudesse ser reforçado, Alteima ficaria ocupada demais para arranjar problemas para Rand.

Por um instante, Moiraine se arrependeu de ter mandado Thom embora. Não gostava de ter que perder tempo com aquelas questões menores. Mas o menestrel tinha muita influência sobre Rand, e o rapaz precisava depender da orientação dela. Somente dela. A Luz sabia que ele já era difícil o bastante sem interferência. Thom estava ajudando o rapaz a se aquietar e governar Tear, mas o Dragão deveria estar buscando feitos maiores. Contudo, por enquanto, o assunto estava encerrado. A questão de pôr Thom Merrillin na linha podia ser contornada mais tarde. Rand era o dilema, no momento. O que pretendia anunciar?

— Onde é que ele está? Pelo que vejo, já aprendeu a primeira arte dos reis: fazer os outros esperarem.

Não percebeu que falara em voz alta até notar o olhar surpreso de Egwene. Na mesma hora, suavizou a irritação no rosto. Uma hora Rand apareceria, e ela descobriria o que ele queria fazer. Junto com todo mundo. Moiraine quase rangeu os dentes. Aquele garoto cego e tolo, avançando impetuosamente no meio da noite, sem se importar com os desfiladeiros, sem jamais pensar que poderia arrastar o mundo junto consigo. Se ao menos pudesse evitar que ele voltasse correndo para salvar a própria aldeia. Ele iria querer, mas não podia se dar ao luxo de fazê-lo agora. Talvez não soubesse do acontecido, dava para ter essa esperança.

Mat estava diante delas, do outro lado do círculo, despenteado e com a postura meio curvada, as mãos nos bolsos do casaco verde de gola alta, que usava meio desabotoado, como de costume, e as botas estavam todas arranhadas. Era um contraste com a elegância estudada à sua volta. Ele se remexeu, nervoso, quando notou que Moiraine o encarava, depois escancarou um de seus sorrisos desaforados. Pelo menos estava ali, à vista dela. Era muito exaustivo manter o olho vivo em Mat Cauthon, ele se esquivava fácil de seus espiões. Jamais dava indícios de notar a presença deles, mas os agentes de Moiraine relatavam que o rapaz escapava sorrateiro sempre que se aproximavam demais.

— Acho que ele dorme de casaco — comentou Egwene, com desaprovação na voz. — E de propósito. Onde será que está Perrin? — Ela subiu nas pontas

dos pés, tentando perscrutar por sobre o ajuntamento de cabeças. — Não consigo encontrá-lo.

Franzindo o cenho, Moiraine fez uma varredura na multidão, ainda que não fosse capaz de distinguir muita coisa atrás da primeira fileira. Lan poderia estar lá atrás, entre as colunas. Mas não iria se esforçar muito nem erguer-se nas pontas dos pés, feito uma criança ansiosa. Lan ouviria um belo sermão quando pusesse as mãos nele. Com Nynaeve puxando para um lado e os *ta'veren* — Rand, pelo menos — aparentemente puxando para o outro, ela às vezes se perguntava como andava a força do elo entre eles dois. Pelo menos o tempo que ele passara com Rand fora útil, deu a ela mais uma corda para amarrar o jovem.

— Talvez ele esteja com Faile — continuou Egwene. — Ele não teria fugido, Moiraine. Perrin tem um senso de dever muito forte.

Quase tão forte quanto o de um Guardião, Moiraine sabia, por isso que não mantinha seus olhos-e-ouvidos tão atentos a ele como fazia com Mat.

— Faile tem tentado convencê-lo a ir embora, garota. — Era muito provável que Perrin estivesse com ela, quase sempre estava. — Não faça essa cara de surpresa. Eles conversam e discutem muito em locais onde podem ser ouvidos.

— Minha surpresa não é por você saber — retrucou Egwene, em um tom seco — mas por Faile estar tentando dissuadi-lo de algo que ele sabe que tem de fazer.

— Talvez ela não acredite nisso tanto quanto ele.

A própria Moiraine a princípio não acreditou, nem percebeu. Três *ta'veren*, todos da mesma idade, saídos da mesma aldeia. Ela só podia estar cega para não ter percebido que estavam conectados. Tudo ficara muito complicado depois que descobriu isso. Era como tentar equilibrar três daquelas bolas coloridas de Thom em uma única mão — e com os olhos vendados. Já vira Thom fazer isso, mas não sentia vontade de tentar. Não havia qualquer orientação a respeito da forma como eles se conectavam ou do que deveriam fazer, as Profecias nunca mencionaram companheiros.

— Eu gosto dela — comentou Egwene. — Faile é boa para ele, é justo o que Perrin precisa. E se importa muito com ele.

— Creio que sim.

Se Faile começasse a criar muitos problemas, Moiraine teria uma conversinha com ela sobre os segredos que a jovem andava escondendo de Perrin. Ou deixaria seus olhos-e-ouvidos fazerem esse trabalho. Isso a sossegaria.

— Você fala como se não acreditasse. Eles se amam, Moiraine. Você não vê? Será que não é capaz nem de reconhecer um sentimento humano?

Moiraine lançou a ela um olhar firme, o suficiente para fazê-la parar de ficar na ponta dos pés, o que foi bem satisfatório. A garota sabia tão pouco e pensava que sabia tanto. Moiraine estava prestes a dizer isso a ela sem meias-palavras, mas arquejos assustados e temerosos se elevaram entre os tairenos.

A multidão abriu caminho depressa, mais do que ávida, os da frente empurrando sem piedade os que estavam mais atrás, formando um caminho

largo até o espaço sob a abóbada. Rand caminhou por esse corredor a passos largos, olhando para a frente, imperioso, em um casaco vermelho bordado com arabescos dourados nas mangas, trazendo *Callandor* nas mãos feito um cetro. Porém, não era apenas para ele que os tairenos abriam caminho. Atrás vinham cem Aiel, trazendo nas mãos lanças e arcos com flechas encaixadas, as cabeças envoltas em *shoufas*, véus negros que escondiam tudo, menos os olhos. Moiraine pensou ter reconhecido Rhuarc na dianteira, logo atrás de Rand, mas apenas pelos movimentos. Estavam todos anônimos. Prontos para matar. Estava claro, independentemente de qual fosse o recado, que Rand pretendia reprimir qualquer resistência antes que houvesse chance de ganhar força.

Os Aiel pararam de repente, mas Rand seguiu em frente até ficar abaixo do centro do domo, depois passou os olhos pela multidão. Pareceu surpreso ao ver Egwene, talvez transtornado, mas lançou a Moiraine um sorriso que a deixou furiosa, e, a Mat um que fez os dois parecerem garotos quando este sorriu de volta. Os tairenos estavam pálidos, sem saber se encaravam Rand e *Callandor* ou os Aiel velados. Ambos podiam trazer a morte.

— O Grão-lorde Sunamon — começou Rand de repente, em um tom alto, fazendo o sujeito gordinho dar um salto — me garantiu um acordo com Mayene seguindo à risca minhas diretrizes. Ele deu a vida como garantia. — Rand riu como se contasse uma piada, e a maioria dos nobres o acompanhou. Mas não Sunamon, que parecia bem enjoado. — Em caso de falha — continua o rapaz — ele concorda que será enforcado, e vai aceitar seu destino.

Os risos pararam. O rosto de Sunamon assumiu um tom esverdeado, meio doente. Egwene lançou a Moiraine um olhar aflito enquanto agarrava a saia com ambas as mãos. A Aes Sedai apenas esperava: Rand não reunira todos os nobres em um raio de dez milhas para revelar um acordo, nem para ameaçar um gordo idiota. Ela se forçou a tirar as mãos das saias.

Rand foi se virando em círculo, ponderando os rostos que via.

— Por conta deste acordo, em breve haverá navios disponíveis para levar os grãos tairenos para oeste, à busca de novos mercados. — Ouviu-se alguns murmúrios apreciativos que logo foram sufocados. — Mas tem mais. Os exércitos de Tear entrarão em marcha.

Houve uma vibração de aplausos, gritos tumultuados ecoaram pelo teto. Os homens pulavam, até mesmo os Grão-lordes, sacudindo as mãos sobre as cabeças e jogando para cima os chapéus pontudos de veludo. As mulheres, sorrindo com o mesmo entusiasmo dos homens, beijavam nas bochechas os que iriam para a guerra e cheiravam delicadamente as pequenas garrafinhas de porcelana com saís, sem as quais mulher alguma vivia, fingindo ter ficado tontas com a notícia.

— Illian cairá! — gritou alguém, e centenas de vozes se seguiram como trovões:

— Illian cairá! Illian cairá! Illian cairá!

Moiraine viu os lábios de Egwene se mexendo, as palavras abafadas pelo júbilo da multidão. Mas conseguia lê-los.

— Não, Rand. Não, por favor. Não, por favor.

Do lado oposto do rapaz, Mat exibía uma carreta silenciosa e desaprovadora. Os dois e ela eram os únicos que não estavam comemorando, além do Aiel, sempre observadores, e do próprio Rand. O rapaz exibía um sorriso desdenhoso que não chegava aos olhos. Suor fresco gotejava em seu rosto. Ela encontrou seu olhar sardônico e aguardou. Haveria mais, e ela suspeitava que não seriam notícias muito agradáveis.

Rand ergueu a mão esquerda. Aos poucos, o silêncio se abateu, os da frente ávidos em calar os de trás. Ele esperou o silêncio se tornar absoluto.

— Os exércitos marcharão para o norte, em direção a Cairhien. O Grão-lorde Meilan vai comandá-los, e, abaixo dele, os Grão-lordes Gueyam, Aracome, Hearne, Maraconn e Simaan. Os exércitos serão financiados graças à generosidade do Grão-lorde Torean, o mais rico de todos, que vai acompanhá-los para verificar se seu dinheiro está sendo gasto com sabedoria.

O pronunciamento foi recebido com silêncio sepulcral. Ninguém se mexia, embora Torean, inexpressivo, parecia estar tendo problemas para manter-se de pé.

Moiraine teve de dedicar uma reverência mental a Rand, pelas escolhas. Mandar aqueles sete para fora de Tear fora uma jogada genial para desarticular as sete tramas mais poderosas contra ele, e nenhum daqueles homens confiava um no outro a ponto de operar tramas entre si. Thom Merrilin dera bons conselhos, seus espíões decerto haviam deixado escapar alguns dos bilhetes que o menestrel deslizara para dentro dos bolsos de Rand. Mas e o resto? Era loucura. O rapaz não poderia ter obtido essa resposta do outro lado daquele *ter'angreal*. Não era possível, sem dúvida.

Estava claro que Meilan concordava com ela, ainda que não pelos mesmos motivos. O homem deu um passo à frente, hesitante. Era esguio e forte, mas estava tão assustado que dava para ver todo o branco de seus olhos.

— Meu Lorde Dragão... — Ele parou, engoliu em seco e recomeçou, a voz um tantinho mais firme. — Meu Lorde Dragão, intervir em uma guerra civil é adentrar um pântano. Uma dúzia de facções disputam o Trono do Sol, com igual número de alianças em constante mudança e uma traição por dia. Além disso, os bandidos infestam Cairhien como pulgas em um javali selvagem. Camponeses famintos deixaram a terra seca. Obtive informações seguras de que eles têm comido folhas e cascas de árvores. Meu Lorde Dragão, um “pântano” não é o bastante sequer para começar a descrever...

Rand interrompeu o homem.

— Você não quer estender o domínio de Tear até a Adaga do Fratricida, Meilan? Muito bem. Já sei quem quero ver sentado no Trono do Sol. Você não vai para conquistar Meilan, e sim para restaurar a ordem e a paz. E para dar de comer aos famintos. Há mais grãos nos celeiros do que Tear é capaz de vender, e os fazendeiros vão colher muitos outros este ano, a não ser que você me desobedeça. Os carroções transportarão os grãos para o norte atrás dos exércitos, e esses *camponeses*... esses *camponeses* não terão mais que comer casca de árvore, Lorde Meilan. — O alto Grão-lorde abriu a boca outra vez, e

Rand girou *Callandor* para baixo, enfiando a ponta de cristal no chão diante dele. — Alguma pergunta, Meilan?

* * *

Balançando a cabeça, Meilan recuou até a multidão, como se tentasse se esconder.

— Sabia que ele não começaria uma guerra — disse Egwene, enfática. — Sabia.

— Acha que isso vai trazer menos mortes? — murmurou Moiraine. O que o rapaz estava tramando? Pelo menos não tinha corrido para salvar sua aldeia enquanto os Abandonados faziam o que queriam com o resto do mundo. — Os corpos vão se empilhar da mesma forma, garota. Você não vai ver a menor diferença entre isso e uma guerra.

Um ataque a Illian e Sammael o faria ganhar tempo, mesmo que a coisa chegasse a um impasse. Tempo para conhecer o poder que tinha, talvez até para derrotar um de seus mais fortes inimigos e acovardar o resto. O que Rand ganharia com isso? Paz na terra onde ela nascera, cairhienos famintos alimentados. Em outro momento, Moiraine o teria aplaudido. Era humano e louvável — e, na presente situação, completamente insensato. Derramamento de sangue inútil, em vez do confronto com um inimigo que o destruiria à menor chance. Por quê? Lanfear. O que Lanfear dissera a ele? O que fizera? As possibilidades davam calafrios profundos em Moiraine. Rand precisaria ser mais vigiado do que nunca. Ela não permitiria que ele se voltasse para a Sombra.

— Ah, sim — comentou Rand, como se acabasse de se lembrar de algo. — Os soldados não entendem muito sobre esse negócio de alimentar os famintos, não é? Por isso, acho que o bom coração de uma mulher se faz necessário. Milady Alteima, lamento ter que atrapalhar o seu luto, mas será que a senhora poderia empreender a supervisão da distribuição de alimentos? A senhora terá uma nação inteira para alimentar.

E poder a ganhar, pensou Moiraine. Fora o primeiro deslize. À parte a decisão de Cairhien no lugar de Illian, sem dúvida. Alteima decerto retornaria a Tear em pé de igualdade com Meilan ou Gueyam, pronta para outras tramoias. Rand morreria a mando dela antes disso, se não tomasse cuidado. Talvez desse para organizar um acidente em Cairhien.

Alteima curvou-se em uma mesura graciosa, abrindo as saias brancas e exibindo apenas um toque de surpresa.

— Como meu Lorde Dragão ordenar, assim o farei. Será um enorme prazer servir ao Lorde Dragão.

— Tenho certeza disso — retrucou Rand, irônico. — Por mais que ame o marido, não deve querê-lo com você em Cairhien. As condições serão difíceis para um homem doente. Tomei a liberdade de transferi-lo para os cuidados da Grã-lady Estanda, que tomará conta dele enquanto a senhora estiver

ausente e o mandará ao seu encontro, em Cairhien, quando ele estiver melhor.

Estanda abriu um sorriso contido e triunfal. Deu para ver o branco dos olhos de Alteima quando ela desmaiou de repente.

Moiraine balançou a cabeça de leve. O rapaz estava mesmo mais rígido que antes. Mais perigoso. Egwene começou a ir em direção à mulher caída, mas Moiraine pôs a mão em seu braço.

— Acho que ela está apenas tomada pela emoção. Veja bem, sei reconhecer esse tipo de coisa. As outras nobres estão cuidando dela.

Muitas nobres haviam se reunido em volta da mulher, dando tapinhas em seus pulsos e segurando saís aromáticos debaixo do nariz. Alteima deu uma tossidela e abriu os olhos, mas pareceu prestes a desmaiar outra vez quando viu Estanda parada de pé à sua frente.

— Acho que Rand fez uma coisa muito esperta — comentou Egwene, em um tom inexpressivo. — E muito cruel. Ele está certo em parecer envergonhado.

E parecia mesmo. De cara feia, encarava as pedras do chão abaixo das próprias botas. Talvez não fosse tão severo quanto tentava ser.

— Mas não foi por falta de merecimento — observou Moiraine. A garota era promissora em captar o que não compreendia, mas ainda precisava aprender a controlar as próprias emoções para ver o que tinha de ser feito tão bem quanto via o que desejava que fosse feito. — Vamos torcer para que ele tenha terminado com as espertezas por hoje.

Foram poucos no grande salão que entenderam exatamente o que havia acontecido, sabia-se apenas que o desmaio de Alteima irritara o Lorde Dragão. Uns poucos nos fundos ergueram clamores de “Cairhien cairá!”, mas a manifestação não se sustentou.

— Sob sua liderança, Lorde Dragão, vamos conquistar o mundo! — gritou um homem de rosto encaroçado, em quem Torean se apoiava um pouco. Estean, filho mais velho de Torean. A semelhança nas feições era clara, mas o pai ainda resmungava sozinho.

Erguendo a cabeça depressa, Rand mostrou surpresa. Ou talvez irritação.

— Não irei com vocês. Vou... me ausentar por um tempo. — Aquilo sem dúvida trouxe o silêncio de volta. Todos os olhos pairavam sobre ele, mas a atenção do Dragão jazia em *Callandor*. A multidão se encolheu quando ele ergueu a espada de cristal diante do rosto. Suor escorria por sua face, muito mais do que antes. — A Pedra já guardava *Callandor* antes da minha chegada. A Pedra a guardará uma vez mais, até meu retorno.

De súbito, a espada transparente brilhou em suas mãos como se pegasse fogo. Ele elevou o cabo, girou-a e baixou-a de novo. Cravou-a no chão de pedra. Raios azulados se estenderam em arcos violentos em direção ao domo acima. A pedra ressoou alto, e a Pedra estremeceu, dançando, erguendo do chão o povo aos berros.

Moiraine empurrou para longe de si Egwene enquanto os tremores reverberavam pela câmara e equilibrou-se, ereta. *O que Rand fizera? E por quê? Estava indo embora? Era o pior dos pesadelos.*

Os Aiel já estavam de pé outra vez. Todo o restante ainda estava deitado, atônito, ou apoiado de quatro. Exceto Rand. Ele estava ajoelhado, ambas as mãos envoltas no punho de *Callandor*, a lâmina a meio caminho do piso de pedras. A espada era outra vez de cristal transparente. O rosto dele brilhava de suor. O rapaz abriu um dedo de cada vez e envolveu o cabo com as mãos em concha, sem tocá-lo. Por um instante, Moiraine pensou que ele seguraria a espada novamente, mas, em vez disso, Rand se forçou a se levantar. Precisou se forçar, ela tinha certeza.

— Olhem para isso enquanto eu estiver longe. — A voz dele era mais suave, mais parecida com o tom que tinha quando o encontrara na aldeia, mas não menos firme ou confiante do que estivera momentos antes. — Olhem e lembrem-se de mim. Lembrem que voltarei para buscá-la. Se alguém quiser tomar meu lugar, basta tirá-la daqui. — Ele abanou um dedo para a audiência e abriu um sorriso quase malicioso. — Mas lembrem-se do preço do fracasso.

Ele girou nos calcanhares e marchou para fora do aposento levando os Aiel atrás. Encarando a espada que se erguia do chão do Coração, os tairenos se levantaram mais devagar. A maioria parecia pronta para correr, mas assustada demais para isso.

— Aquele homem! — grunhiu Egwene, espanando a poeira do vestido de linho verde. — Ele está louco? — Então pôs a mão na boca mais do que de depressa. — Ah, Moiraine, ele não está, não é? Está? Não ainda.

— Queira a Luz que não — murmurou Moiraine. Não conseguia tirar os olhos da espada, assim como os tairenos. Que a Luz o acompanhe. Por que ele não podia continuar sendo o rapaz obediente que encontrara em Campo de Emond? Começou a ir atrás de Rand. — Mas vou descobrir.

Quase correndo, as duas logo alcançaram o grupo em um amplo corredor cheio de tapeçarias enfileiradas. Os Aiel, agora com os véus soltos, mas de um jeito que daria para os erguerem sem a menor dificuldade, caso fosse preciso, chegaram para o lado, sem reduzir o passo. Olharam para ela e Egwene com os rostos severos e impassíveis, mas com os olhares cautelosos que os Aiel sempre exibiam perto de Aes Sedai.

Ela não entendia como conseguiam ficar desconfortáveis ao lado dela e acompanhar Rand com tranquilidade. Era difícil saber mais do que alguns fragmentos a respeito deles. O povo respondia às perguntas sem o menor problema — mas nunca sobre algo que fosse de interesse dela. Seus informantes nada captavam, nem mesmo ela ouvia algo de útil ao bisbilhotar, e sua rede de olhos-e-ouvidos nem mais tentava. Não desde que uma mulher fora amarrada, amordaçada e presa pelos tornozelos a uma ameia, deixada para encarar de olhos arregalados uma queda de quatrocentos pés, e não desde o homem que simplesmente desaparecera. O homem sumira. A mulher, que agora se recusava a sair do piso térreo, fora um lembrete constante até que Moiraine a mandasse para o interior.

Assim como os Aiel, Rand não reduziu o passo quando ela e Egwene se postaram uma de cada lado dele. O rapaz também tinha o olhar cauteloso, mas de um jeito diferente, com certa raiva exasperada.

— Pensei que você tinha ido embora — disse a Egwene. — Pensei que tinha ido com Elayne e Nynaeve. Deveria ter ido. Até Tanchico é... Por que ficou?

— Não vou ficar por muito mais tempo — retorquiu Egwene. — Estou indo para o Deserto com Aviendha, para Rhuidean, vou aprender com as Sábias.

Ele tropeçou quando a garota mencionou o Deserto, olhou para ela, indeciso, depois prosseguiu. Parecia controlado, até demais. Era como um bule de chá fervente tampado e com a biqueira fechada.

— Você se lembra de nadar na Floresta das Águas? — perguntou, baixinho. — Eu boiava de barriga para cima em uma piscininha e pensava que a coisa mais difícil a fazer era arar um campo, talvez tosquiara ovelhas. Tosquiara do amanhecer até a hora de dormir, quase sem parar para comer até ter terminado tudo.

— Fiar — respondeu Egwene. — Odiava isso mais do que esfregar o chão. Torcer os fios deixa os dedos tão doloridos.

— Por que você fez isso? — inquiriu Moiraine, antes que os dois pudessem prosseguir com as lembranças da infância.

Rand a olhou de esguelha, com um sorriso debochado feito os de Mat.

— Dava mesmo para eu mandar enforcar a mulher, por tentar matar um homem que estava tramando contra mim? Haveria mais justiça nisso do que no que fiz? — Ele tirou o sorriso do rosto. — Será que existe justiça em alguma coisa que eu faço? Sunamon vai para a forca se falhar. Porque eu mandei. E vai merecer, depois da forma como tentou levar vantagem, sem dar a mínima em ver o próprio povo morrendo de fome, mas não vai para a forca por isso. Será enforcado porque eu mandei. Porque eu mandei.

Egwene pôs a mão no braço dele, mas Moiraine não permitiria que Rand se esquivasse.

— Você sabe que não foi isso o que eu quis dizer.

Ele assentiu. Dessa vez abriu um sorriso sombrio, quase assustador.

— Callandar. Com ela nas mãos, posso fazer qualquer coisa. Qualquer coisa. Sei que posso fazer qualquer coisa. Mas agora é um peso a menos em meus ombros. Você não entende, não é? — Moiraine não entendia, mas ficava irritada em saber que Rand percebia isso. Manteve o silêncio, e ele prosseguiu. — Talvez ajude se você souber que vem das Profecias:

*“Dentro do coração ele finca a espada,
dentro do coração, para ganhar os corações.
Aquele que a retirar seguirá logo atrás
Que mão pode agarrar a lâmina temerosa?”*

— Está vendo? Direto das Profecias.

— Está se esquecendo de uma coisa — retrucou Moiraine, severa. — Você empunhou Callandar em cumprimento à Profecia. As salvaguardas que a mantiveram à sua espera por mais de três mil anos já não existem. Ela já não é a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Eu mesma poderia canalizar e soltá-la. Pior, qualquer um dos Abandonados poderia fazer isso. E se Lanfear retornar?

Ela não pode usar *Callandor* mais do que eu posso, mas conseguirá pegá-la. — Rand não reagiu ao nome. Seria porque não a temia, e nesse caso estava sendo um tolo, ou por alguma outra razão? — Se Sammael, Rahvin ou qualquer outro dos homens Abandonados puser as mãos em *Callandor*, poderá empunhá-la tão bem quanto você. Pense em enfrentar o poder do qual abre mão sem sequer se preocupar. Pense nesse poder nas mãos da Sombra.

— Quase espero que eles tentem. — Um brilho ameaçador cintilou em seus olhos, que pareciam nuvens cinzentas de tempestade. — Tem uma surpresa à espera de qualquer um que tente tirar *Callandor* da Pedra com canalização, Moiraine. Nem pense em levá-la para Torre só por garantia, a armadilha não faz distinções. Basta o Poder para acioná-la e armar de novo, pronta para disparar outra vez. Não estou abrindo mão de *Callandor* para sempre. Só até... — Ele respirou fundo. — *Callandor* ficará aqui até que eu volte para buscá-la. Ficando aqui, lembrando a eles quem eu sou e o que sou, vai garantir meu retorno sem a companhia de um exército. Uma espécie de abrigo, com gente como Alteima e Sunamon para me dar as boas-vindas à casa. Isso se Alteima sobreviver à justiça que seu marido e Estanda aplicarão, e Sunamon sobreviver à minha. Luz, que confusão.

Ele não podia ou não queria tornar a armadilha seletiva? Moiraine estava determinada a não subestimar o que Rand talvez fosse capaz de fazer. *Callandor* pertencia à Torre, se ele não fosse manejá-la como deveria, e ficaria na Torre até que ele fosse capaz. “Só até” o quê? Rand ia dizer algo diferente de “até eu voltar”. Mas o quê?

— E para onde é que você vai? Ou pretende manter isso em segredo?

Já começava a murmurar o juramento de que não o deixaria fugir outra vez, que daria um jeito de fazê-lo voltar, caso o rapaz pretendesse sair correndo para Dois Rios, quando Rand a surpreendeu.

— Não é segredo, Moiraine. Pelo menos, não para você e Egwene. — Ele encarou Egwene e disse uma palavra: — *Rhuidean*.

A garota arregalou os olhos, pasma, como se nunca tivesse ouvido aquela palavra. Moiraine, aliás, não exibiu uma expressão muito diferente. Houve um burburinho entre os Aiel, mas, quando ela olhou para trás, eles caminhavam a passos largos, os rostos inexpressivos. Desejavo poder obrigá-los a ir embora, mas o grupo não obedeceria a sua ordem, e ela não pediria a Rand que os mandasse sair. Não a ajudaria pedir nada a ele, ainda mais sabendo que seu pedido poderia muito bem ser recusado.

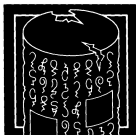
— Você não é um chefe de clã Aiel, Rand — disse, com firmeza — nem tem necessidade disso. Sua luta é deste lado da Muralha do Dragão. A não ser que... Isso é coisa das respostas que obteve no *ter'angreal*? Cairhien, *Callandor* e *Rhuidean*? Eu disse que essas respostas podem estar codificadas. Você pode estar interpretando errado, o que pode ser fatal. Para outros, não só para você.

— Você precisa confiar em mim, Moiraine. Como eu tantas vezes precisei confiar em você.

Aquele rosto poderia muito bem pertencer aos Aiel, pelo que ela conseguia ler nele.

— Vou confiar, por hora. Só não espere para pedir minha orientação quando for tarde demais. — *Não vou deixá-lo ir para a Sombra. Trabalhei muito duro para permitir isso. Custe o que custar.*





FORA DA PEDRA

Foi uma estranha procissão que Rand liderou para fora da Pedra em direção ao leste, com nuvens brancas encobrendo o sol do meio-dia e lufadas de ar revolvendo pela cidade. Por ordem dele, não houvera anúncio ou proclamação, mas aos poucos se espalhava a notícia de que *algo estava acontecendo*: os cidadãos paravam tudo o que estivessem fazendo e corriam para ganhar vantagem. Os Aiel estavam marchando pela cidade, para fora da cidade. Cada vez mais gente que não os vira chegar no meio da noite, que sequer acreditava que estivessem na Pedra, enfileirava-se nas ruas ao longo do trajeto, enchia as janelas ou até mesmo escalava os telhados de ripa, escarranchando-se nos topos e nos cantos. Burburinhos percorriam a multidão que contava a quantidade de Aiel. Aquelas poucas centenas não poderiam ter tomado a Pedra. O estandarte do Dragão ainda drapejava sobre a fortaleza. Ainda deveria haver milhares lá dentro. Junto com o Lorde Dragão.

Rand cavalgava tranquilo em camisa de manga, com a certeza de que nenhum dos curiosos o tomaria como alguém fora do comum. Um forasteiro com dinheiro suficiente para cavalgar — em um imponente garanhão sarapintado, o melhor dos puros-sangues tairenos — um homem rico viajando com as mais estranhas companhias, porém sem dúvida apenas mais um. Não era sequer líder da estranha comitiva, o título sem dúvida pertencia a Lan ou Moiraine, apesar de eles cavalgarem a certa distância dele, logo à frente dos Aiel. Os sussurros baixinhos de temor que acompanhavam sua passagem decerto eram dirigidos aos Aiel, não a ele. Aquele povo taireno poderia até tomá-lo por um criado a conduzir o cavalo do mestre. Bem, não. Isso não. Não assim, na frente, como ele seguia. De todo modo, era um belo dia. Não estava

abafado, apenas tépido. Ninguém esperava que ele fosse fazer justiça ou governar uma nação. Podia simplesmente aproveitar a viagem no anonimato, gozar da brisa escassa. Por um instante, podia esquecer a sensação das garças marcadas nas palmas das mãos, que seguravam as rédeas. *Pelo menos por mais um pouquinho*, pensou. *Só mais um pouquinho*.

— Rand — disse Egwene — acha mesmo que foi certo deixar os Aiel levarem todas aquelas coisas?

O rapaz se virou enquanto ela cravava os calcanhares na égua cinzenta, Bruma, e se aproximava dele pela lateral. Conseguira arranjar um vestido verde-escuro com saias justas e divididas, e uma fita de veludo verde prendia seus cabelos na altura da nuca.

Moiraine e Lan ainda se mantinham algumas passadas atrás. A mulher avançava sobre a égua branca, no vestido de montaria de saia inteira, feito de seda azul com listras verdes, os cabelos escuros presos em uma rede dourada. Lan estava montado no imenso cavalo negro de batalha, usando o manto furta-cor dos Guardiões, que sem dúvida arrancava tantos “oohs” e “aahs” quanto os Aiel. Quando a brisa balançava o manto, nuances de verde, marrom e cinza o percorriam. Parado, os tons do manto pareciam se mesclar aos de fundo, de modo que o olho enxergava *através* de Lan e de seu cavalo. Não era uma visão confortável.

Mat também fazia parte do cortejo, afundado na sela com um semblante resignado, tentando manter distância do Guardião e da Aes Sedai. Escolhera um capão castanho desinteressante, um animal que chamava de Pips. Era preciso atenção para perceber o peito estufado e a cernelha robusta, promessas de que Pips, com seu nariz achatado, não deixava a dever ao garanhão de Rand ou ao de Lan em termos de força e velocidade. A decisão de Mat em acompanhá-los fora surpreendente, e Rand ainda não entendia o motivo. Por amizade, talvez, mas, por outro lado, talvez não. Mat às vezes fazia as coisas por motivos que só ele entendia.

— Sua amiga Aviendha não explicou sobre “o quinto”? — perguntou ele.

— Ela mencionou alguma coisa, mas... Rand, você não acha que ela... *pegou...* coisas também?

Atrás de Moiraine e Lan, atrás de Mat, atrás de Rhuarc, que liderava os Aiel, os homens do Deserto caminhavam em fileiras compridas de cada um dos lados das mulas de carga, uma atrás da outra, quatro lado a lado. Quando os Aiel dominavam um clã inimigo no Deserto, era costume — ou talvez fosse lei, Rand não entendia muito bem — que levassem consigo um quinto de tudo o que havia, exceto pela comida. Eles não viam motivo para deixar de fazer o mesmo com a Pedra. Não que as mulas estivessem levando mais do que a menor fração da fração de um quinto dos tesouros de Tear. Rhuarc dizia que a ganância matara mais homens do que o aço. Os grandes cestos de vime, cobertos com carpetes e tapeçarias enrolados, não iam muito carregados. Adiante, haveria uma dura travessia pela Espinha do Mundo e uma árdua viagem pelo Deserto.

Quando é que conto para eles?, perguntou-se o rapaz. *Logo, tem de ser logo*. Moiraine sem dúvida consideraria um lance ousado, audacioso. Ela pensava

que conhecia o plano dele todo e não fazia questão de esconder a desaprovação. Sem dúvida queria ver tudo acabado o quanto antes. Mas os Aiel... *E se eles se recusarem? Bem, se isso acontecer, paciência. Preciso fazer.* Quanto ao quinto... achava que não teria sido possível impedir os Aiel de levarem, mesmo que quisesse, o que não foi o caso. Aquele povo merecia as recompensas, e ele não se deu ao trabalho de ajudar os lordes tairenos a defenderem o que passaram gerações arrancando do povo.

— Eu vi que ela mostrou uma tigela de prata a Rhuarc — disse Rand, em voz alta. — Pelo barulho que o saco fez quando ela enfiou a tigela, havia mais prata lá dentro. Ou talvez ouro. Você desaprova?

— Não. — A palavra saiu lenta, com um toque de dúvida, mas depois Egwene firmou a voz. — Eu só não tinha pensado que ela era... Os tairenos não levariam apenas um quinto, se fosse o contrário. Teriam arrematado tudo que não fosse trabalho de cantaria e roubado todos os carroções para transportar a pilhagem. Não é porque os costumes de um povo são diferentes que devem ser considerados errados, Rand. Você deveria saber disso.

Rand riu baixinho. Era quase como antigamente: ele estava pronto para explicar por que e como Egwene estava errada, e ela tomava a dianteira e respondia toda a explicação não dita. O garanhão deu alguns passos dançantes, captando o humor do cavaleiro. Rand deu um tapinha no pescoço arqueado e malhado. Era um bom dia.

— É um belo cavalo — comentou a jovem. — Que nome você deu a ele?

— Jeade'en — respondeu ele, cauteloso, perdendo um pouco do bom humor.

Tinha certa vergonha do nome, de suas razões para escolhê-lo. *As Jornadas de Jain, o Viajante* sempre fora um de seus livros favoritos, e o grande peregrino dera a seu cavalo o nome de Jeade'en — que na Língua Antiga significava Verdadeiro Descobridor — pois o animal sempre conseguia encontrar o caminho de casa. Seria bom pensar que Jeade'en poderia um dia levá-lo de volta para casa. Bom, mas pouco provável, e ele não queria que ninguém suspeitasse qual era o motivo do nome. Não havia mais lugar em sua vida para fantasias infantis. Não havia muito lugar para qualquer coisa que não o que ele precisava fazer.

— Um bom nome — disse Egwene, distraída.

Rand sabia que ela também lera o livro, e em parte esperava que a amiga reconhecesse o nome, mas ela parecia matutar sobre outra coisa, mordendo o lábio inferior, pensativa.

Ele ficou satisfeito com o silêncio. Os últimos vestígios da cidade deram lugar a fazendas de campo isoladas, todas em estado deplorável. Nem mesmo os Congar ou os Coplin, famosos em Dois Rios pela preguiça, entre outras coisas, deixariam que o lugar ficasse tão decadente quanto essas casas de pedra bruta, com as paredes inclinadas, parecendo prestes a desabar sobre as galinhas que ciscavam a terra. Celeiros vergados se inclinavam por cima de loureiros e benjoeiros. Os telhados de ripas partidas e rachadas pareciam cheios de vazamentos. Cabras baliavam, desconsoladas, em currais de pedra que pareciam ter sido erguidos às pressas ainda aquela manhã. Homens e

mulheres descalços, de ombros caídos, carpiam campos abertos, sem olhar para cima nem mesmo para ver o grande grupo passar. Os cantos dos sabiás e bicos-vermelhos, que chilreavam nos pequenos arbustos, não era o suficiente para aliviar a sensação de opressão e melancolia.

Preciso fazer algo a respeito disso. Eu... Não, não agora. Vamos por partes. Já fiz o que podia por essas pessoas, nessas poucas semanas. Não há mais nada que possa fazer, por ora. Tentou não olhar para as fazendas caindo aos pedaços. Será que os bosques de oliveiras do sul estavam tão ruins quanto aquilo? O povo que trabalhava neles sequer era dono das terras, tudo pertencia aos Grão-lordes. Não. A brisa. É bom como ela alivia o calor. Posso aproveitar mais um pouquinho. Tenho que contar a eles logo.

— Rand — chamou Egwene, de supetão — quero falar com você. — Pela expressão dela, parecia sério. Aqueles olhos escuros cravados nele o faziam lembrar um pouco de Nynaeve, quando estava prestes a passar um sermão. — Quero conversar sobre Elayne.

— O que tem ela? — perguntou, desconfiado.

Tocou a bolsa, onde havia duas cartas amassadas contra um objeto pequeno e rígido. Se ambas não tivessem a mesma caligrafia fluida e elegante, ele não teria acreditado que haviam sido escritas pela mesma mulher. Depois de tantos beijos e carinhos. Era mais fácil entender os Grão-lordes do que as mulheres.

— Por que você deixou que ela fosse embora daquele jeito?

Intrigado, Rand a encarou.

— Ela quis ir. Se eu quisesse impedir, teria que amarrá-la. Além do mais, Elayne ficará mais segura em Tanchico do que perto de mim. Ou de Mat, se estivermos mesmo atraindo essas bolhas de mal, como Moiraine disse. E você também ficaria melhor lá.

— Não estou falando disso. É claro que ela quis ir. E você não tinha direito de impedi-la. Mas por que não disse que queria que ela ficasse?

— Ela quis ir — repetiu o rapaz, e ficou ainda mais confuso ao ver Egwene revirar os olhos, como se ele estivesse falando abobrinhas.

Se não teria direito de impedir Elayne, e ela queria ir, por que deveria tentar convencê-la do contrário? Ainda mais se ela ficasse mais segura longe.

Logo atrás dele, Moiraine falou:

— Está pronto para me contar o próximo segredo? Está bem claro que você anda escondendo alguma coisa de mim. Pelo menos vou poder preveni-lo, caso esteja nos guiando para um precipício.

Rand suspirou. Não ouvira ela e Lan se aproximando. E nem Mat, embora o rapaz ainda mantivesse distância da Aes Sedai. O rosto de Mat era um misto de reflexão, dúvida, relutância e determinação sombria alternados, sobretudo quando olhava para Moiraine. Ele nunca olhava direto para ela, só a observava pelo canto do olho.

— Tem certeza de que quer vir, Mat? — perguntou Rand.

O rapaz deu de ombros e abriu um sorriso falso, que não foi dos mais confiantes.

— Quem abriria mão da chance de ver a droga de Rhuidean? — Egwene ergueu as sobrancelhas para ele. — Ah, desculpe o linguajar, *Aes Sedai*. Já ouvi você falar coisa pior, e aposto que por muito menos.

Egwene o encarou, indignada, mas a vermelhidão em seu rosto revelava que Mat acertara em cheio.

— Fique feliz por Mat *estar* aqui — disse Moiraine a Rand, com a voz fria, mas não satisfeita. — Você cometeu um erro grave em deixar Perrin ir embora e esconder a partida dele de mim. O mundo repousa sobre seus ombros, mas ambos devem estar prontos para lhe oferecer ajuda, ou você cairá, e o mundo cairá junto.

Mat se encolheu, e Rand pensou que o rapaz estivera prestes a dar meia-volta com o capão para ir embora naquele instante.

— Sei qual é o meu dever — disse a ela. *E sei qual é o meu destino*, pensou, mas não disse em voz alta, não precisava de compaixão. — Um de nós tinha que voltar, Moiraine, e Perrin quis ir. Você está disposta a abrir mão de qualquer coisa para salvar o mundo. Eu... Eu faço o que é preciso.

O Guardião assentiu, mas não disse uma palavra. Lan jamais discordava de Moiraine na frente dos outros.

— E o próximo segredo? — insistiu a *Aes Sedai*.

Não desistiria até deslindar o que era, e Rand já não tinha motivos para esconder. Não aquela parte.

— Pedras-portais — foi tudo que disse — se tivermos sorte.

— Ah, Luz! — ganiu Mat. — Maldita Luz chamejante! Não me venha com essa careta, Egwene! Sorte? Uma vez já não basta, Rand? Você quase matou a gente, está lembrado? Não, pior que isso. Eu preferia voltar até uma daquelas fazendas e passar o resto da vida empregado como lavador de porcos.

— Você pode seguir seu caminho se quiser, Mat — retrucou Rand. O rosto calmo de Moiraine era uma máscara cobrindo a fúria, mas ele ignorou o olhar congelante que tentava silenciar sua língua. Até mesmo Lan parecia ter um ar desaprovador, apesar de as feições duras não terem mudado muito. O Guardião acreditava que o dever vinha antes de qualquer coisa. Rand cumpriria seu dever, mas seus amigos... Não gostava de obrigar os outros a fazerem o que quer que fosse, não faria isso com seus amigos. Isso, pelo menos, poderia evitar. — Não tem motivo para você vir para o Deserto.

— Ah, tem sim. Pelo menos... Ah, que me queime! Eu tenho uma vida para desperdiçar, não tenho? Por que não desse jeito? — Mat soltou uma risada nervosa, meio louca. — Malditas Pedras-portais! Luz!

Rand franziu o cenho. Todos diziam que ele acabaria louco, mas era o amigo quem parecia à beira da insanidade.

Egwene piscou para Mat, preocupada, mas inclinou-se na direção de Rand.

— Rand, Verin *Sedai* me contou um pouco sobre as Pedras-portais. Ela contou sobre a... viagem que você fez. Você tem certeza?

— É o que preciso fazer, Egwene.

Tinha que avançar depressa, e não havia forma mais rápida do que as Pedras-portais, vestígios de uma Era mais antiga que a Era das Lendas. Ao que

parecia, nem mesmo os Aes Sedai da Era das Lendas as compreendiam. Mas não havia caminho mais rápido. Se funcionasse como ele esperava.

Moiraine escutara a conversa com paciência. Especialmente a parte de Mat, embora Rand não entendesse por quê. Ela então disse:

— Verin também me contou sobre sua viagem com as Pedras-portais. Disse que havia apenas algumas pessoas e cavalos, não centenas, e que, embora você não tenha quase matado todo mundo, como Mat disse, parece ter sido uma experiência que ninguém quer repetir. E que não teve o resultado que você esperava. Também foi necessária uma grande quantidade de Poder, quase o bastante para matar pelo menos você, pelo que Verin disse. Mesmo que você deixe a maioria dos Aiel para trás, tem coragem de arriscar?

— Eu preciso — respondeu ele, tateando a bolsa no cinto, sentindo o objeto pequeno e compacto entre as cartas.

Mas Moiraine prosseguiu como se ele não tivesse dito uma palavra.

— Tem certeza de que *existe* uma Pedra-portal no Deserto? Verin sem dúvida sabe mais sobre isso do que eu, mas nunca ouvi falar em uma. Se existe, será que vai nos levar mais para perto de Rhuidean do que estamos agora?

— Uns seiscentos anos atrás, mais ou menos — começou ele — um mascate tentou dar uma espiada em Rhuidean. — Em outro momento, teria sido um prazer dar aula para Moiraine, para variar um pouco. Não dessa vez. Havia muito que ele não sabia. — Parece que esse sujeito não viu nada, mas alegou ter visto uma cidade dourada sobre as nuvens, flutuando acima das montanhas.

— Não há cidades no Deserto — disse Lan — nem nas nuvens, nem no chão. Eu já lutei contra os Aiel. Eles não têm cidades.

Egwene assentiu.

— Aviendha me disse que nunca tinha visto uma cidade antes de sair do Deserto.

— Pode até ser — retorquiu Rand — mas o mascate também viu alguma coisa se projetando pela lateral de uma das montanhas. Uma Pedra-portal. Ele a descreveu com exatidão. Não existe nada parecido com uma Pedra-portal. Quando descrevi uma para o bibliotecário-chefe da Pedra... — o que fez sem nomear o que buscava, mas não acrescentou essa informação — ele reconheceu na hora, mesmo sem saber o que era. Foi o suficiente para me mostrar quatro delas em um antigo mapa de Tear...

— Quatro? — Moiraine soou surpresa. — Todas em Tear? Pedras-portais não são tão comuns assim.

— Quatro — respondeu Rand, confiante. O bibliotecário velho e ossudo estava certo, chegara até a desenterrar um manuscrito amarelado que descrevia os esforços para mover os “artefatos desconhecidos de uma Era antiga” até a Grande Posse. Todas as tentativas foram fracassadas, e os tairenos enfim desistiram. Aquilo era uma confirmação para Rand, as Pedras-portais eram resistentes ao deslocamento. — Uma delas fica a menos de uma hora de viagem de onde estamos — prosseguiu. — Os Aiel permitiram que o mascate fosse embora, pois era um mascate, e ele partiu com uma das mulas e

o máximo de água que conseguiu levar nas costas. O homem deu um jeito de viajar até um *pouso* na Espinha do Mundo, onde conheceu um sujeito chamado Soran Milo, que estava escrevendo um livro chamado *Os assassinos do véu negro*. O bibliotecário trouxe uma cópia surrada quando pedi livros sobre os Aiel. Parece que Milo baseou o livro inteiro nos Aiel que iam ao *pouso* fazer negócios. De todo modo, Rhuarc disse que o homem entendeu tudo errado, mas não tem como uma Pedra-portal ser nada além de uma Pedra-portal.

Ele examinara outros mapas e manuscritos, dezenas deles, com a desculpa de que estudava Tear e sua história, tentando aprender sobre a terra. *Ninguém* poderia ter imaginado o que ele pretendia até poucos minutos antes.

Moiraine fungou, e Aldieb, a égua branca, deu alguns passos coiceados, captando a irritação da cavaleira.

— Uma suposta história contada por um suposto mascate que alegou ter visto uma cidade dourada flutuando nas nuvens. Rhuarc já viu essa Pedra-portal? Ele já esteve em Rhuidean. Mesmo que esse mascate tenha ido para o Deserto, e mesmo que tenha visto uma Pedra-portal, poderia ter sido em qualquer lugar. Os homens costumam tentar aumentar as verdades quando contam histórias. Uma cidade flutuando nas nuvens?

— Como é que você sabe que não existe? — indagou Rand.

Rhuarc riu de todas as coisas erradas que Milo escrevera sobre os Aiel, mas não falara muito abertamente sobre Rhuidean. Não, mais do que isso. Ou melhor, menos: os Aiel haviam se recusado até mesmo a comentar os trechos do livro que supostamente mencionavam o lugar. Rhuidean, nas terras dos Aiel Jenn, o clã que não é, era quase tudo que Rhuarc falava a respeito. Rhuidean não era um lugar a ser mencionado.

A Aes Sedai não demonstrou muita satisfação com a observação petulante, mas Rand não se incomodou. A própria mulher guardara segredos demais e por muitas vezes o obrigara a confiar nela às cegas. Era a vez dela. Moiraine precisava aprender que ele não era um cachorrinho. *Vou aceitar o conselho dela quando achar que devo, mas não vou mais dançar guiado pelos cordéis de Tar Valon*. Rand morreria em seus próprios termos.

Egwene chegou mais perto com a égua cinza, seguindo quase que com o joelho colado ao dele.

— Rand, você quer mesmo arriscar nossas vidas por uma... possibilidade? Rhuarc não contou nada a você, contou? Quando pergunto a Aviendha sobre Rhuidean, ela fica com a boca mais fechada que uma noz.

Mat parecia enjoados.

Rand manteve a expressão impassível, sem deixar transparecer o lampejo de vergonha. Não era sua intenção assustar os amigos.

— Existe uma Pedra-portal lá — repetiu.

Esfregou outra vez o objeto compacto na bolsa. Tinha que funcionar.

Os mapas do bibliotecário eram antigos, mas foram de alguma ajuda. Os pastos por onde cavalgavam ainda eram florestas quando os mapas foram desenhados, mas restavam algumas árvores, bosques irregulares e esparsos de

carvalhos brancos, pinheiros, avencas e árvores altas e solitárias que ele não reconhecia, com troncos retorcidos e espichados. Rand conseguia distinguir o formato da terra sem dificuldade, a maioria das colinas já estava coberta por mato alto.

Nos mapas, dois cumes altos e inclinados, um bem próximo do outro, apontavam para o amontoado de colinas arredondadas onde estava a Pedra-portal. Isso se os mapas estivessem bem-feitos. E se o bibliotecário tivesse de fato reconhecido a descrição que ele dera. E se a marcação do losango verde indicasse mesmo as ruínas antigas, como o homem alegava. *Por que ele mentiria? Estou ficando muito desconfiado. Não, preciso ser desconfiado. Tão desconfiado quanto uma víbora, e igualmente frio. Mas não gostava disso.*

A norte, só conseguia enxergar colinas, sem árvore alguma, todas salpicadas de silhuetas em movimento que deveriam ser cavalos. As manadas dos Grão-lordes, pastando no local onde ficava o antigo bosque Ogier. Desejou que Perrin e Loial tivessem partido em segurança. *Ajude-os, Perrin, pensou. Dê um jeito de ajudá-los, porque eu não posso.*

O bosque Ogier indicava que os cumes deveriam estar próximos, e logo os avistou um pouco ao sul. Pareciam duas flechas, uma passando por dentro da outra, com as poucas árvores ao longo do topo formando uma linha fina no céu. Depois disso, um amontoado de colinas baixas e arredondadas que mais pareciam bolhas cobertas de grama. Mais colinas do que no antigo mapa. Muitas mais, apesar de o pedaço de papel abranger menos de uma milha quadrada. Se não correspondiam às do mapa, ao lado de qual estaria a Pedra-portal?

— Os Aiel estão em grande número — comentou Lan, baixinho — e têm olhos aguçados.

Com um aceno de gratidão, Rand puxou a rédea de Jeade'en e recuou para expor o problema para Rhuarc. Ele apenas descreveu a Pedra-portal, sem dizer o que era. Haveria tempo suficiente para isso quando ela fosse encontrada. Agora sabia guardar segredos. De todo modo, Rhuarc decerto não tinha ideia do que era uma Pedra-portal. Poucos tinham, exceto pelas Aes Sedai. Ele também não sabia, até que alguém lhe explicaria.

Avançando ao lado do garanhão malhado, o Aiel franziu o rosto de leve — o equivalente a uma careta de preocupação, em qualquer outro homem — depois assentiu.

— Podemos encontrar isso. — E elevou a voz. — *Aethan Dor! Far Aldazar Din! Duadhe Mahdi'in! Far Dareis Mai! Seia Doon! Sha'mad Conde!*

Enquanto o homem gritava, os integrantes das sociedades guerreiras nomeadas avançaram, até que um bom quarto dos Aiel se postou ao redor dele e de Rand. Escudos Vermelhos. Irmãos da Águia. Buscadores das Águas. Donzelas da Lança. Olhos Negros. Andarilhos do Trovão.

Rand reconheceu a amiga de Egwene, Aviendha, uma mulher alta e bonita de olhar arrogante e sisudo. As Donzelas haviam vigiado a porta de seu quarto, mas ele achou que nunca vira aquela mulher antes de os Aiel se reunirem para deixar a Pedra. Ela correspondeu o olhar, orgulhosa como um

gavião de olhos verdes, depois girou a cabeça e voltou a atenção ao chefe de clã.

Bem, eu quis mesmo ser normal outra vez, pensou, um pouco pesaroso. Os Aiel sem dúvida lhe permitiam isso. Até mesmo ao chefe de clã ofereciam apenas uma atenção respeitosa, sem a deferência elaborada que um lorde cobraria, e uma obediência que parecia existir entre iguais. Rand não esperava que lhe dessem algo mais.

Rhuarc deu instruções em poucas palavras, e os Aiel que escutavam se dispersaram à frente, pelo trecho de colinas, correndo a um passo tranquilo. Alguns colocando o véu, só por garantia. O restante aguardou, de pé ou acorados ao lado das mulas de carga.

Representavam quase todos os clãs — exceto os Aiel Jenn, naturalmente; Rand não entendia muito bem se o Jenn existia ou não, pois, pelas raras menções que os Aiel faziam, podia ser uma coisa ou a outra — incluindo alguns que disputavam rixas de sangue e outros que com frequência lutavam entre si. Era o máximo que sabia sobre eles. Já não era a primeira vez que se perguntava o que os mantivera unidos por tanto tempo. Seriam apenas as profecias da queda da Pedra e da busca por Aquele Que Vem Com a Aurora?

— Mais do que isso — respondeu Rhuarc, e Rand percebeu que expressara os pensamentos em voz alta. — A profecia nos levou além da Muralha do Dragão, e o nome que não é pronunciado nos conduziu até a Pedra de Tear. — O nome a que ele se referia era “Povo do Dragão”, uma denominação secreta para os Aiel. Apenas os chefes dos clãs e as Sábias o conheciam ou usavam, e parecia que o faziam com pouca frequência e apenas entre si. — Quanto ao resto? Ninguém pode derramar o sangue de outro da mesma sociedade, é claro, mas misturar Shaarad com Goshien, Taardad e Nakai com Shaído... Até eu teria dançado as lanças com os Shaído, se as Sábias não tivessem obrigado todos que cruzaram a Muralha do Dragão a jurar pela água que deste lado das montanhas tratariam qualquer Aiel como se fosse da mesma sociedade. Até esses Shaído sorrateiros... — Ele deu de ombros, bem de leve. — Está vendo? Não é fácil, nem para mim.

— Esses Shaído são seus inimigos? — Rand se atrapalhou com a denominação. Na Pedra, os Aiel se dividiam em sociedades, não clãs.

— Nós evitamos as rixas de sangue — explicou Rhuarc — mas os Taardad e os Shaído nunca foram próximos. Alguns ramos às vezes atacam os outros de repente, roubam cabras ou gado. Mas os juramentos frearam três rixas de sangue e mais de dez antigas discórdias entre clãs ou ramos. Vai ser um pouco mais fácil por estarmos indo para Rhuidean, mesmo que alguns nos deixem antes disso. É proibido derramar o sangue dos que estejam a caminho de Rhuidean ou vindo de lá. — O Aiel encarou Rand com o rosto inexpressivo. — Pode ser que em breve nenhum de nós derrame o sangue do outro.

Era impossível dizer se ele considerava a perspectiva agradável.

Uma das Donzelas deu um berro assustador. Ela estava parada no topo de uma colina, gesticulando com os braços.

— Parece que elas encontraram sua coluna de pedra — disse Rhuarc.

Juntando as rédeas, Moiraine lançou a Rand um olhar firme quando ele passou por ela, ávido, os calcanhares cravados em Jeade'en para fazê-lo galopar. Egwene guiou a égua para perto de Mat, inclinada sobre a sela, com uma das mãos no cepilho alto do amigo, para conversar bem de perto. Parecia tentar fazê-lo contar alguma coisa ou admitir algo. Pela veemência nos gestos de Mat, ou ele era inocente feito uma criança, ou estava mentindo descaradamente.

Pulando para fora da sela, Rand subiu correndo a colina baixa para examinar o que a Donzela — Aviendha — encontrara meio enterrado no chão, encoberto pela grama alta. Uma coluna de pedra cinza desgastada com pelo menos três braças de comprimento e uma passada de espessura. Símbolos estranhos cobriam cada polegada exposta, e todos eram envolvidos por uma linha estreita com o que Rand pensou serem palavras. Mesmo que pudesse ler a língua — se é que era uma língua — a inscrição — se é que era isso mesmo — já estava ilegível de tão desgastada. Os símbolos, conseguia distinguir um pouco mais. Mas só alguns, muitos podiam muito bem ser marcas da chuva e do vento.

Ele foi puxando a grama aos punhados para ver melhor e olhou para Aviendha. A jovem deixara a *shoufa* solta sobre os ombros, desnudando os cabelos avermelhados, e o observava com uma expressão severa e inexpressiva.

— Você não gosta de mim — constatou ele. — Por quê?

Havia um símbolo que ele precisava achar, o único que conhecia.

— Não gosto de você? — retrucou ela. — Você pode ser Aquele Que Vem Com a Aurora, um homem destinado. Quem pode gostar ou não gostar disso? Além do mais, você caminha livre, um aguacento, apesar do rosto, mas vai para Rhuidean atrás de honra, enquanto eu...

— Enquanto você o quê? — perguntou ele, quando a mulher parou de falar.

Foi procurando devagar pela pedra. Onde estava? Duas linhas onduladas cruzadas em um ângulo, como um garrancho. *Luz, se isso estiver enterrado, levaremos horas para virar.* De repente, riu. Não horas. Poderia canalizar e erguer a coisa do chão, ou Moiraine o faria, ou Egwene. Uma Pedra-portal oferecia resistência para ser movida, mas sem dúvida ele seria capaz de tirá-la do lugar. Porém, canalizar não ajudaria a encontrar as linhas onduladas. Apenas sentir o caminho traçado na pedra adiantaria alguma coisa.

Em vez de responder, a mulher Aiel se acocorou, tranquila, as pernas curtas sobre os joelhos.

— Você tratou Elayne mal. Eu não ligaria, mas Elayne é quase irmã de Egwene, que é minha amiga. Só que Egwene ainda gosta de você, então, por ela, vou tentar.

Ainda correndo os dedos pela pedra, ele balançou a cabeça. De novo aquela história de Elayne. Às vezes, achava que as mulheres pertenciam a uma guilda, feito os artesãos das cidades. Se agisse mal com uma, as outras dez que encontrasse pela frente saberiam e desaprovariam.

Os dedos pararam e retornaram ao trechinho que acabara de examinar. Estava desgastado de forma quase irreconhecível, mas teve certeza de que eram as linhas onduladas. Representavam uma Pedra-portal na Ponta de Toman, não no Deserto, mas ficavam no ponto que havia sido a base da coluna, quando ela ficava de pé. Os símbolos do topo representavam mundos, os da base, Pedras-portais. Com um símbolo do topo e um da base, ele supostamente poderia viajar para determinada Pedra-portal em determinado mundo. Com apenas um da base, sabia que poderia alcançar uma Pedra-portal no seu mundo. A Pedra-portal perto de Rhuidean, por exemplo. Se soubesse o símbolo referente a ela. Agora precisava de sorte, daquele empuxo *ta'veren* manipulando a sorte a seu favor.

Uma mão tocou seu ombro, e Rhuarc disse, com voz relutante:

— Essas duas são usadas para simbolizar Rhuidean, nos escritos antigos. Há muito tempo, nem mesmo o nome era escrito. — Ele traçou dois triângulos, cada um contornando o que pareciam ser raios forçados, um apontado para a esquerda, o outro, para a direita.

— Você sabe o que é isso? — perguntou Rand. O Aiel desviou o olhar. — Que me queime, Rhuarc, preciso saber. Sei que você não quer falar a respeito, mas precisa me dizer. Diga, Rhuarc. Já viu uma dessas?

O homem respirou fundo antes de responder:

— Já vi uma igual. — Cada palavra saiu arrastada. — Quando um homem vai para Rhuidean, as Sábias e os homens do clã o aguardam nas encostas de Chaendaer, perto de uma pedra parecida com essa. — Aviendha se levantou e foi embora, rígida. Rhuarc a encarou de cara feia. — Não sei de mais nada, Rand al'Thor. Que eu jamais veja sombra se souber de qualquer outra coisa.

Rand analisou a inscrição indecifrável ao redor dos triângulos. Qual delas? Apenas uma o levaria para onde desejava ir. A segunda poderia deixá-lo do outro lado do mundo ou no fundo do oceano.

O restante dos Aiel se reunira ao pé da colina, levando as mulas de carga. Moiraine e os outros desceram dos cavalos e subiram a encosta suave, conduzindo os animais. Mat levava Jeade'en junto com seu próprio capão castanho, mantendo o garanhão bem distante do Mandarb de Lan. Agora que estavam sem seus donos, os dois se encaravam com ferocidade.

— Você não sabe mesmo o que está fazendo, sabe? — protestou Egwene. — Moiraine, impeça-o. Podemos cavalgar até Rhuidean. Por que está deixando ele ir adiante com isso? Por que não fala alguma coisa?

— O que você sugere que eu faça? — retorquiu a Aes Sedai, em tom seco. — Não posso puxá-lo pelas orelhas. Podemos estar prestes a ver se os Sonhos são mesmo úteis.

— Sonhos? — indagou Egwene, ríspida. — O que os Sonhos têm a ver com isso?

— Será que vocês duas podem ficar quietas? — Rand tentava soar paciente. — Estou tentando decidir.

Egwene o encarou, indignada. Moiraine não exibiu emoção alguma, mas observava com atenção.

— Temos que fazer desse jeito? — perguntou Mat. — O que é que você tem contra cavalgar? — Rand apenas o encarou, e o rapaz deu de ombros, constringido. — Ah, que me queime. Se está tentando decidir... — Segurando as rédeas dos dois cavalos, ele tirou uma moeda do bolso, um marco de ouro de Tar Valon, e suspirou. — Tinha que ser a mesma moeda, não é? — Ele a rolou para o dorso da mão. — Eu... tenho sorte às vezes, Rand. Deixe minha sorte decidir. Cara, a que está apontando para a direita, chama, a outra. O que me diz?

— Isso é a coisa mais ridícula... — começou Egwene, mas Moiraine a silenciou com um toque no braço.

Rand assentiu.

— Por que não?

Egwene resmungou qualquer coisa. Ele só conseguiu ouvir “homens” e “garotos”, mas a frase não parecia um elogio.

A moeda girou no ar acima do polegar de Mat, brilhando meio fosca sob o sol. Lá no alto, Mat a agarrou de volta e a devolveu ao dorso da outra mão com um tapa, depois hesitou.

— Mas que maldição a gente ter que ficar confiando em uma moeda, Rand.

Rand pôs a palma em um dos símbolos, sem olhar.

— Este aqui — disse. — Você escolheu este.

Mat espiou a moeda e piscou os olhos.

— Isso mesmo. Como é que você sabia?

— Mais cedo ou mais tarde, tem que funcionar para mim.

Nenhum deles entendia, Rand sabia, mas não se importava. Ergueu a mão e olhou para o que ele e Mat haviam escolhido. O triângulo apontando para a esquerda. O sol já passara do ápice. Precisava acertar. Bastava um erro, e todos perderiam tempo, em vez de ganhar. Essa devia ser a pior consequência. Tinha que ser.

De pé, Rand revirou a bolsa e puxou o pequeno objeto sólido, uma pedra verde-escura entalhada que cabia sem dificuldade na palma da mão, um homem de cara e corpo redondos, sentado de pernas cruzadas com uma espada sobre os joelhos. Esfregou o polegar na cabeça careca da figura.

— Reúna todos aqui perto. Todos. Rhuarc, mande-os trazer os animais de carga para cá. Todo mundo tem que ficar o mais próximo possível de mim.

— Por quê? — indagou o Aiel.

— Estamos indo para Rhuidean. — Rand jogou a escultura para o ar e logo a pegou de novo, então inclinou-se para tocar a Pedra-portal. — Para - Rhuidean. Agora mesmo.

Rhuarc o encarou com um olhar longo e inexpressivo, depois se endireitou para chamar os outros Aiel.

Moiraine deu um passo e aproximou-se da encosta gramada.

— O que é isso? — perguntou, curiosa.

— Um *angreal* — disse Rand, virando-o nas mãos. — Um que funciona com homens. Encontrei na Grande Posse quando estava procurando aquele batente de porta. Foi a espada que me fez pegá-lo, então eu soube. Se você

está se perguntando como pretendo canalizar Poder suficiente para levar todo mundo, incluindo Aiel, mulas de carga e tudo o mais, a resposta é isso aqui.

— Rand — começou Egwene, preocupada — não tenho a menor dúvida de que você pensa estar fazendo o que é melhor, mas tem certeza de que quer mesmo fazer isso? Tem certeza de que esse angreal é forte o suficiente? Nem dá para saber se é mesmo um angreal. Acredito em você se diz que é, mas essas coisas variam, Rand. Pelo menos, os que as mulheres usam variam. Alguns são mais potentes que outros, e não dá para se guiar pelo tamanho ou pela forma.

— É claro que tenho certeza — mentiu.

Não houvera meio de testar, não para esse objetivo, não sem que metade de Tear soubesse que ele estava tramando alguma coisa, mas ele achava que iria funcionar. Por pouco. E, como era pequeno, ninguém perceberia que já não estava na Pedra, a não ser que decidissem inventariar a Posse. O que era pouco provável.

— Você deixa *Callandor* para trás e traz isso — resmungou Moiraine. — Parece que está sabendo bastante sobre como usar Pedras-portais. Mais do que eu pensei.

— Verin me explicou muitas coisas — retrucou ele.

E era verdade, mas fora Lanfear quem explicara primeiro. Naquela época, ele a conhecia como Selene, mas não pretendia contar isso a Moiraine, muito menos sobre a oferta de ajuda da mulher. A Aes Sedai recebera a notícia do aparecimento de Lanfear com tranquilidade até demais, mesmo para ela. E mantinha aquele olhar ponderador, como se o pesasse em sua balança mental.

* * *

— Tome cuidado, Rand al'Thor — disse Moiraine, em sua voz gélida e musical. — Qualquer *ta'veren* molda o Padrão a um ângulo ou outro, mas um *ta'veren* como você pode abrir um rasgão na Renda da Era que durará toda a eternidade.

Ele desejou saber o que a Aes Sedai estava pensando. Desejou saber o que ela estava planejando.

Os Aiel subiram a colina com as mulas de carga, tomando toda a encosta ao se amontarem em um círculo em torno dele e da Pedra-portal, os ombros colados uns nos outros, menos em Moiraine e Egwene. Para as duas, eles deixaram um pouco mais de espaço. Rhuarc assentiu, como se dissesse: *Pronto, agora está nas suas mãos.*

Ele ergueu o *angreal* verde e brilhante e pensou em mandar os Aiel deixarem os animais para trás, mas não sabia se eles o fariam, e também queria chegar ao fim da jornada com todos, ter a sensação de que os tratara com respeito. Boa vontade talvez fosse um recurso escasso no Deserto. Os Aiel o observavam com os rostos imperturbáveis. Alguns, no entanto, haviam posto

os véus. Mat, rolando sem cessar o marco de Tar Valon por entre os dedos, e Egwene, com o rosto empapado de suor, eram os únicos que pareciam nervosos. Não havia motivo para esperar mais. Rand precisava agir mais depressa do que qualquer um pensava que ele poderia.

Envolveu a si mesmo no Vazio e tentou tocar a Fonte Verdadeira, aquela luz trêmula e nauseante que estava sempre ali, espreitando atrás de si. O Poder o preencheu, um sopro de vida, um vento que arranca carvalhos do solo, um vento de verão com aroma doce de flores, o bafo fétido que emana de um monte de esterco. Flutuando no Vazio, ele fixou os olhos no triângulo reluzente diante de si e alcançou o *angreal*, sorvendo a torrente furiosa de *saidin*. Tinha que levar todos. Tinha que funcionar. Agarrado à figura, ele sugou o Poder Único, puxou-o para dentro de si até ter certeza de que iria explodir. Puxou mais. Mais.

O mundo piscou e cessou de existir.





ALÉM DA PEDRA

Egwene cambaleou, passando os braços em volta do pescoço de Bruma quando o chão se inclinou sob seus pés. Ali à volta, os Aiel tentavam conter as mulas de carga, que zurravam enquanto deslizavam por uma encosta de pedras íngreme, onde nada crescia. O calor que ela se lembrava de ter sentido em *Tel'aran'rhiod* a golpeava. O ar quente emanava do solo ardente sob os pés, penetrando as solas dos sapatos, o vapor reluzindo diante de seus olhos. Sentiu a pele pinicar por um instante, e logo o suor começou a brotar de todos os poros, empapou o vestido e começou a evaporar na mesma hora.

Os Aiel, muito altos, e as mulas que se debatiam quase a impediam de ver os arredores, mas Egwene conseguia vislumbrar algumas cenas nos espaços entre eles. Uma espessa coluna inclinada de pedra cinza emergia do solo a menos de três passadas. Fora de tal modo erodida pela areia soprada pelo vento que não havia como saber se era igual à Pedra-portal em Tear. Montanhas escarpadas, todas com encostas retas, como se entalhadas por machados gigantes, tostavam sob o sol ardente do céu sem nuvens. Ainda assim, bem abaixo deles, no meio do vale comprido e árido, pairava uma massa de névoa densa, intumescida como as nuvens. O sol escaldante deveria tê-la dissipado em questão de segundos, mas a névoa continuava intocada. Para além daquele cinza turvo erguiam-se topos de torres, alguns espiralados, outros interrompidos de repente, como se ainda não tivessem sido terminados.

— O mascate tinha razão — murmurou para si mesma. — Uma cidade nas nuvens.

Agarrado à rédea do capão, Mat olhava tudo à volta com os olhos arregalados.

— Conseguimos! — Ele riu para ela. — Conseguimos, Egwene, e sem nenhuma... Que me queime, conseguimos! — Ele soltou o laço na gola da camisa. — Luz, como está quente. Que me queime, está quente mesmo!

De súbito, Egwene percebeu que Rand estava ajoelhado, mantendo a cabeça baixa, apoiado no chão por uma das mãos. Puxando a égua, foi avançando por entre os Aiel até o amigo, enquanto Lan o ajudava a se levantar. Moiraine já estava lá, analisando Rand e parecendo calma — mas a leve contração nos cantos dos lábios indicava que ela estava com vontade de esbofetear as orelhas dele.

— Consegui — disse Rand, ofegante, olhando em volta.

Ele só se mantinha de pé graças ao Guardião. Seu rosto estava esgotado e tenso, parecia um homem no leito de morte.

— Você chegou bem perto — retrucou Moiraine em um tom frio. Muito frio. — O *angreal* não deu conta da tarefa. Não repita isso. Se for para correr riscos, que sejam calculados e com um objetivo firme. Só se for assim.

— Eu não corro riscos, Moiraine. Isso é com Mat. — Rand fez força para abrir a mão. O *angreal*, o homenzinho gordo, cravara a ponta da espada em sua carne, bem em cima da marca da garça. — Talvez você tenha razão. Talvez eu precisasse mesmo de um *angreal* um pouco mais forte. Só um pouquinho, quem sabe... — Ele soltou uma risada irritada. — Funcionou, Moiraine. É o que importa. Fui mais rápido que eles. Funcionou.

— É o que importa — repetiu Lan, assentindo com a cabeça.

Egwene fez um muxoxo de reprovação. Homens. Um quase se matava, depois tentava fazer piada, e o outro lhe dizia que fora a decisão certa. Será que eles nunca cresciam?

— A fadiga da canalização não é como outros tipos de cansaço — explicou Moiraine. — Não posso livrar você dela por completo, não depois do tanto que você canalizou, mas vou fazer o possível. Talvez o que restar possa servir de lembrança para que tenha mais cuidado no futuro. — Ela estava com raiva; havia um toque muito nítido de satisfação em sua voz.

O brilho de *saidar* envolveu a Aes Sedai quando ela se levantou e tomou a cabeça de Rand nas mãos. O rapaz soltou um arquejo trêmulo, tremeu incontavelmente, depois deu um solavanco e se livrou dela e de Lan.

— Peça, Moiraine — disse Rand, em um tom frio, enfiando o *angreal* de volta na bolsa do cinto. — Primeiro, peça. Não sou seu cachorrinho, para você fazer o que quiser, a hora que quiser. — Ele esfregou as mãos para limpar um filete de sangue.

Egwene fez outro muxoxo de irritação. Infantil, e ainda por cima ingrato. Rand passara a se aguentar em pé, embora os olhos ainda parecessem cansados, e ela não precisava ver a palma da mão dele para saber que o furinho desaparecera como se jamais tivesse existido. Um completo ingrato. Surpreendentemente, Lan não o repreendeu por falar com Moiraine daquele jeito.

Ocorreu a ela que os Aiel, tendo acalmado as mulas, estavam em silêncio absoluto. Olhavam para fora do grupo com desconfiança. Não se voltavam para o vale ou a cidade coberta de névoa, que devia ser Rhuidean, mas para dois acampamentos, um de cada lado, talvez a meia milha de distância. Os dois agrupamentos, com dezenas e mais dezenas de tendas baixas e abertas dos lados, cada uma maior do que a outra, avançavam encosta acima e quase

desapareciam no meio da montanha. Ainda assim, dava para ver com clareza os Aiel marrom-acinzentados ao redor das tendas, as lanças curtas e arcos de chifre encaixados nas flechas, uns já com véus nos rostos, outros ainda colocando-os. Pareciam suspensos nas pontas dos pés, prontos para atacar.

— A paz de Rhuidean — gritou uma voz feminina do alto da encosta, e Egwene pôde sentir o alívio da tensão nos Aiel à sua volta. Os que estavam entre as tendas começaram a baixar os véus, embora ainda observassem com cautela.

Notou que havia um terceiro acampamento mais adiante, bem menor, com algumas tendas baixas em um pequeno trecho plano. Quatro mulheres vinham andando de lá, serenas e ativas, com saias pesadas e escuras e blusas brancas soltas, xales marrons ou cinza nos ombros — apesar do calor que começava a deixar Egwene meio tonta — e muitos colares e braceletes de marfim e ouro. Duas tinham os cabelos brancos, e uma, da cor do sol, caindo pelas costas até a cintura e presos por lenços amarrados na testa.

Egwene reconheceu uma das mulheres de cabelos brancos: Amys, a Sábua que encontrara em *Tel'aran'rhod*. Mais uma vez ficou impressionada com o contraste entre as feições de Amy, escurecidas pelo sol, e seus cabelos brancos. A Sábua não parecia velha o bastante para aquele grisalho. A segunda mulher de cabelos brancos tinha o rosto mais enrugado, quase de avó, e uma das outras, com mechas grisalhas nos cabelos, parecia tão velha quanto. Tinha certeza de que todas as quatro eram Sábias, muito provavelmente as mesmas que haviam assinado a carta para Moiraine.

As mulheres Aiel pararam na subida da encosta, ainda a dez passadas do grupo ao redor da Pedra-portal, e a que tinha jeito de avó estendeu as mãos abertas e disse, com uma voz envelhecida porém poderosa:

— Que a paz de Rhuidean esteja com vocês. Quem vem a Chaendaer pode retornar a seus fortes em paz. Não haverá derramamento de sangue.

Com isso, os Aiel de Tear começaram a se separar, distribuindo depressa os animais de carga e os conteúdos dos cestos. Já não estavam divididos em sociedades. Egwene viu Donzelas separando-se entre os diversos grupos, e alguns deles começaram a contornar a montanha, evitando uns aos outros e os acampamentos, com ou sem paz de Rhuidean. Outros avançaram em direção a algum dos grandes agrupamentos de tendas, onde enfim as armas foram baixadas.

Nem todos estavam certos da paz de Rhuidean. Lan soltou o cabo da espada ainda embainhada, embora Egwene não o tivesse visto pôr as mãos nela, e Mat mais que depressa deslizou um par de facas de volta para dentro das mangas. Rand estava parado com os polegares enfiados atrás do cinto, mas o alívio em seus olhos era claro.

Egwene procurou Aviendha para fazer algumas perguntas antes de se aproximar de Amys. Sem dúvida ali, em sua própria terra, a Aiel falaria um pouco mais abertamente sobre as Sábias. Avistou a Donzela, levando um grande saco de juta que tilintava e duas tapeçarias de parede enroladas sobre o ombro enquanto avançava, a passos decididos, em direção a um dos acampamentos.

— Você vai ficar, Aviendha — berrou a Sábida de cabelos grisalhos.

Aviendha parou na mesma hora, sem olhar para ninguém.

Egwene fez menção de caminhar até ela, mas Moiraine murmurou:

— É melhor não interferir. Duvido que ela queira compaixão ou que pense que é qualquer outra coisa que você está oferecendo.

Egwene assentiu, por instinto. Aviendha parecia mesmo querer ficar sozinha. O que as Sábias queriam com ela? A jovem teria violado alguma regra, alguma lei?

Ela própria não teria se incomodado em ter mais companhia. Sentia-se muito exposta, ali, parada, sem nenhum Aiel à volta, com tantos observando por entre as tendas. Os Aiel que tinham ido à Pedra haviam sido educados, mesmo que não exatamente simpáticos, mas os vigias não pareciam nem uma coisa nem outra. Sentia a tentação de abraçar *sair*. Apenas Moiraine, fria e serena como sempre, apesar do suor no rosto, e Lan, tão impassível quanto as rochas ao redor, evitavam que o fizesse. Se houvesse algum perigo, eles saberiam. Enquanto aceitassem a situação, ela também aceitaria. No entanto, queria que os Aiel parassem de encará-los.

Rhuarc subiu a encosta com um sorriso.

— Estou de volta, Amys, mas aposto que não do jeito que você esperava.

— Eu sabia que você estaria aqui hoje, sombra do meu coração. — Ela se espichou para tocar o rosto dele, deixando o xale marrom cair por sobre os braços. — Minha esposa-irmã manda lembranças.

— Foi isso que você quis dizer sobre os Sonhos — disse Egwene, baixinho, para Moiraine. Lan era o único perto o bastante para escutar. — Foi por isso que estava disposta a deixar Rand tentar nos trazer até aqui pela Pedra-portal. Elas sabiam disso e contaram a você naquela carta. Não, isso não faz sentido. Se tivessem mencionado uma Pedra-portal, você não teria tentado dissuadir Rand. Mas elas sabiam que estaríamos aqui hoje.

Moiraine assentiu, sem tirar os olhos das Sábias.

— Elas escreveram que nos encontrariam aqui, em Chaendaer, hoje. Achei... improvável... até Rand mencionar as Pedras. Quando ele se mostrou certo de que havia uma aqui, mesmo comigo tentando dissuadi-lo... Digamos apenas que de repente pareceu *muito* provável que chegaríamos a Chaendaer ainda hoje.

Egwene inspirou o ar quente. Então essa era uma das coisas que os Sonhadores podiam fazer. Mal podia esperar para começar a aprender. Queria ir atrás de Rhuarc e se apresentar para Amys — se reapresentar — mas Rhuarc e Amys se olhavam de uma forma que excluía intrusos.

De cada um dos acampamentos saía um homem. Um era alto, de ombros largos, cabelos de fogo, perto da meia-idade, o outro, mais velho e mais moreno, tinha a mesma altura, embora fosse mais magro. Os dois pararam a poucos passos de Rhuarc e das Sábias, um de cada lado. O mais velho, de rosto curtido, não trazia arma visível além da faca de cintura de lâmina grossa, mas o outro portava lanças e broquel de couro e mantinha na cabeça erguida uma expressão de desprezo, feroz e orgulhosa, direcionada a Rhuarc, que o ignorou e virou-se para o homem mais velho.

— Vejo você, Heirn. Será que algum dos chefes dos ramos decidiu que já morri? Quem é que está querendo ocupar meu lugar?

— Vejo você, Rhuarc. Ninguém do Taardad adentrou Rhuidean, nem deseja. Amys disse que viria encontrar vocês aqui hoje, e as outras Sábias viajaram com ela. Trouxe esses homens do ramo Jindo para garantir que chegariam em segurança.

Rhuarc assentiu, solene. Egwene teve a sensação de que algo importante acabara de ser dito — ou insinuado. As Sábias não olharam para o homem de cabelos de fogo, nem Rhuarc ou Heirn, mas, a julgar pelo vermelho que surgiu nas bochechas do sujeito, todos poderiam muito bem estar com os olhos fixos nele. Egwene olhou para Moiraine e recebeu um meneio mínimo de cabeça em resposta: a Aes Sedai também não estava entendendo.

Lan inclinou-se entre as duas e falou baixinho.

— Uma Sábia é capaz de ir em segurança a qualquer lugar, a qualquer forte, independente do clã. Acho que nem mesmo uma rixa de sangue atinge uma Sábia. Este tal de Heirn veio proteger Rhuarc de quem quer que sejam as pessoas do outro acampamento, mas não seria honroso admitir isso. — Moiraine ergueu uma sobrancelha apenas um milímetro, então ele acrescentou: — Não sei muita coisa sobre eles, mas era frequente lutarmos um contra os outros antes de nos conhecermos. Você nunca me perguntou sobre os Aiel.

— Vou corrigir isso — retrucou a Aes Sedai, em um tom seco.

Virar-se de volta para olhar as Sábias e os três homens foi o suficiente para deixar Egwene tonta. Lan empurrou um cantil de couro desenvolvido em suas mãos, e ela inclinou a cabeça para beber, agradecida. A água estava tépida e cheirava a couro, mas, naquele calor, parecia fresca como se saída da nascente. Ofereceu o cantil meio vazio para Moiraine, que bebeu com parcimônia e o devolveu. Egwene ficou satisfeita em beber o resto de um gole só, de olhos fechados. Sentiu um líquido escorrendo por sua cabeça, e abriu os olhos depressa. Lan esvaziava outro cantil em cima dela, e o cabelo de Moiraine já estava pingando.

— Este calor pode matar, quando não se está acostumado — explicou o Guardião, enquanto molhava um par de lenços de linho branco que puxara do casaco.

Sob suas instruções, ela e Moiraine amarraram os lenços encharcados ao redor da testa. Rand e Mat faziam o mesmo. Lan deixou a própria cabeça desprotegida. Nada parecia perturbar aquele homem.

O silêncio entre Rhuarc e os Aiel que o acompanhavam se prolongou, mas o chefe de clã enfim virou-se para o homem de cabelos de fogo.

— Então os Shaido estão sem chefe de clã, Couladin?

— Suladric está morto — respondeu o homem. — Muradin adentrou Rhuidean. Se ele falhar, eu irei.

— Você não pediu, Couladin — disse a Sábia que parecia uma avó, com aquela voz aguda porém firme. — Se Muradin falhar, peça. Somos quatro, o bastante para dizer sim ou não.

— Eu tenho esse direito, Bair — retrucou Couladin, irritado.

Tinha o olhar de um homem que não estava acostumado a ser impedido.

— Você tem o direito de pedir — retrucou a voz fina da mulher — e nós, de responder. Creio que não terá permissão de entrar, seja lá o que acontecer com Muradin. Você está estragado por dentro, Couladin.

A mulher mexeu o xale cinza, encobrindo outra vez os ombros angulosos, como se sugerindo que estava falando mais do que o necessário.

O rosto do homem de cabelos de fogo ficou vermelho.

— Meu irmão-primeiro voltará marcado como chefe de clã, e levaremos o Shaido a conquistar grandes honras! Pretendemos...! — Ele fechou a boca mais do que de depressa, quase tremendo.

Egwene pensou que ficaria de olho no homem se o visse por perto. O sujeito a fazia lembrar dos Congar e Coplin da aldeia, sempre convencidos e arrumando confusões. Sem dúvida nunca vira um Aiel tão inflamado.

Amys parecia já tê-lo dispensado.

— Há uma pessoa que veio com você, Rhuarc — disse.

Egwene esperava que a mulher falasse com ela, mas os olhos de Amys foram direto para Rand. Moiraine obviamente não demonstrou surpresa. Egwene se perguntou o que haveria naquela carta das quatro Sábias que a Aes Sedai não tinha revelado.

Rand foi pego de surpresa e hesitou por um instante, mas então avançou pela colina a passos largos e postou-se ao lado de Rhuarc, olhando as mulheres nos olhos. O suor colava a camisa branca ao corpo e empapava as calças com manchas escuras. Com um pedaço de pano branco torcido e amarrado em volta da cabeça, ele decerto não parecia tão grandioso quanto lá no Coração da Pedra. Fez uma mesura estranha, com a mão esquerda no joelho e a direita espalmada para cima.

— Por direito do sangue — disse — peço permissão para adentrar Rhuidean, pela honra de nossos ancestrais e pela memória do que foi.

Amys piscou, claramente surpresa, e Bair murmurou:

— Uma forma antiga, mas o pedido foi feito. Respondo que sim.

— Eu também respondo que sim, Bair — disse Amys. — Seana?

— Esse homem não é Aiel — interveio Couladin, cheio de raiva. Egwene suspeitou que o sujeito passasse quase o tempo todo irritado. — Para ele, é a morte estar nesta terra! Por que Rhuarc o trouxe aqui? Por que...?

— Você deseja ser uma Sábida, Couladin? — perguntou Bair, fazendo uma cara feia que acentuava as rugas do rosto. — Ponha um vestido e venha falar comigo, que vejo se você pode ser treinado. Até lá, permaneça em silêncio quando as Sábidas estão falando!

— Minha mãe era Aiel — respondeu Rand, com a voz tensa.

Egwene o encarou. Ela mal saíra do berço quando Kari al'Thor morrera, mas, se a mulher de Tam tivesse sido Aiel, ela decerto teria ouvido falar disso. Olhou para Moiraine. A Aes Sedai observava com o rosto plácido e calmo. Até que Rand se parecia bastante com os homens de Aiel. Era alto, de olhos azuis acinzentados e cabelos ruivos, mas a ideia era ridícula.

— Sua mãe, não — disse Amys, devagar. — Seu pai. — Egwene balançou a cabeça. A coisa beirava a loucura. Rand abriu a boca, mas Amys não o deixou

falar. — Seana, o que você diz?

— Sim — respondeu a mulher de mechas grisalhas. — Melaine?

A última das quatro, uma bela mulher de cabelos loiro-acobreados, não mais de dez ou quinze anos mais velha que Egwene, hesitou:

— Precisa ser feito — respondeu por fim, relutante. — Respondo que sim.

— Você obteve sua resposta — disse Amys, dirigindo-se a Rand. — Pode adentrar Rhuidean, e...

Ela parou de repente, quando Mat se levantou e imitou, desajeitado, a mesura de Rand.

— Também peço para adentrar Rhuidean — disse, trêmulo.

As quatro Sábias o encararam. Rand virou a cabeça para o lado em um solavanco de surpresa. Egwene pensou não haver ninguém mais chocado que ela, mas Couladin provou que estava errada. Com uma careta de desdém, ele ergueu uma das lanças para golpear o peito de Mat.

O brilho tênue de *saidar* rodeou Amys e Melaine, e o homem com cabelos cor de fogo foi erguido por fluxos e arremessado cerca de doze passadas para trás.

Egwene observava, de olhos arregalados. Elas podiam canalizar. Pelo menos duas delas. De repente, as feições suaves e joviais de Amys, emolduradas pelos cabelos brancos, saltaram aos olhos de Egwene pelo que realmente eram: algo muito próximo do ar etéreo das Aes Sedai. Moiraine estava completamente imóvel. Egwene, porém, era quase capaz de ouvir os pensamentos dela. Estava claro que aquilo era tão surpreendente para as Aes Sedai quanto para ela própria.

Couladin ergueu-se o bastante para permanecer agachado.

— Vocês aceitam esse estrangeiro como se fosse um de nós — disse, com a voz rouca, apontando para Rand com a lança que tentara usar contra Mat. — Se é isso o que dizem, então que seja. Ele ainda é um aguacento fraco, e Rhuidean vai matá-lo. — A lança balançou na direção de Mat, que tentava tirar uma faca da manga sem que ninguém notasse. — Mas ele... É a morte para ele, estar aqui, e é sacrilégio que ele sequer *peça* para adentrar Rhuidean. Ninguém além dos do sangue podem entrar. Ninguém!

— Volte para sua tenda, Couladin — retrucou Melaine, com frieza. — E você, Heirn. Você também, Rhuarc. Este é um assunto das Sábias e de mais nenhum homem, a não ser os que pediram. Vão!

Rhuarc e Heirn assentiram e foram em direção ao grupo menor de tendas, caminhando juntos. Couladin olhou feio para Rand, Mat e as Sábias, depois virou-se de repente e saiu a passos firmes em direção ao acampamento maior.

As Sábias se entreolharam. Egwene diria que pareciam perturbadas, embora tivessem quase tanto talento quanto as Aes Sedai em manter as expressões impassíveis quando queriam.

— Não é permitido — respondeu Amys, enfim. — Meu jovem, você não sabe o que fez. Volte com os outros.

Ela olhou para Egwene, Moiraine e Lan, agora sozinho com os cavalos, perto da Pedra-portal erodida pelo vento. Egwene não conseguiu identificar nada naquele olhar.

— Eu não posso. — Mat soava desesperado. — Já vim até aqui, mas isso não conta, não é? Preciso ir a Rhuidean.

— Não é permitido — retrucou Melaine, com rispidez, os longos cabelos louro-acobreados balançando enquanto fazia que não com a cabeça. — Você não tem sangue Aiel nas veias.

Rand estivera observando Mat o tempo todo.

— Ele vem comigo — disse, de repente. — Vocês me deram permissão, e ele vem comigo quer deixem ou não.

Rand olhou de volta para as Sábias, não de forma desafiadora, apenas firme e decidida. Egwene o conhecia daquele jeito: Rand não cederia, independente do que elas dissessem.

— Não é permitido — retrucou Melaine com firmeza, dirigindo-se às irmãs. Puxou o xale para cobrir a cabeça. — A lei é clara. Mulher alguma pode ir a Rhuidean mais de duas vezes, homem algum, mais de uma, e ninguém que não tenha o sangue Aiel.

Seana balançou a cabeça.

— Muita coisa já mudou, Melaine. Os costumes antigos...

— Se ele é o escolhido — disse Bair — a Hora da Mudança está chegando. Há Aes Sedai em Chaendaer, e também *Aan'allein*, com o manto furta-cor. Será que ainda podemos nos prender aos dias de outrora? Mesmo sabendo a mudança que nos aguarda?

— Não podemos nos prender — disse Amys. — Tudo se apoia no limiar da mudança. Melaine? — A mulher de cabelos acobreados olhou para as montanhas ao redor, para a cidade oculta pela névoa, depois suspirou e assentiu. — Está feito — disse Amys, virando-se para Rand e Mat. — Vocês — começou, depois parou. — Como é que se chamam?

— Rand al'Thor.

— Mat. Mat Cauthon.

Amys assentiu.

— Você, Rand al'Thor, vai para o coração de Rhuidean, para o próprio centro. Se deseja ir com ele, Mat Cauthon, que seja, mas saiba que a maioria dos homens que lá adentram não retorna, e alguns voltam loucos. Vocês não podem levar comida ou água, em memória de nossas peregrinações depois da Ruptura. Devem entrar em Rhuidean desarmados, com apenas as mãos e corações, para honrar o Jenn. Se tiverem armas, depositem-nas no chão diante de nós. Elas estarão aqui quando voltarem. Se voltarem.

Rand desembainhou a faca de cintura e deitou-a aos pés de Amys, então, depois de um instante, acrescentou a estatueta de pedra verde do homenzinho redondo.

— É o melhor que posso fazer — disse.

Mat começou com a faca de cintura e prosseguiu, puxando facas das mangas, de dentro do casaco e até uma da nuca, formando uma pilha que pareceu impressionar até as Aiel. Ele pareceu prestes a parar, então olhou as mulheres e tirou mais duas, uma de cada bota.

— Esqueci essas — disse, abrindo um enorme sorriso e dando de ombros.

Os olhares imóveis das Sábias fizeram o sorriso desaparecer.

— Estão jurados a Rhuidean — disse Amys, em um tom formal, olhando por cima das cabeças dos homens.

— Rhuidean pertence aos mortos — responderam as outras três, juntas.

— Não podem falar com os vivos até retornarem — entouu a mulher.

— Os mortos não falam com os vivos — responderam as outras, uma vez mais.

— Não podemos vê-los até retornarem para o meio dos vivos.

Amys cobriu os olhos com o xale, e, uma a uma, as outras três fizeram o mesmo. De rostos cobertos, todas falaram, em uníssono:

— Saiam do meio dos vivos, e não nos assombrem com lembranças do que se perdeu. Não falem do que os mortos veem.

As quatro permaneceram ali, em silêncio, segurando os xales e esperando.

Rand e Mat se entreolharam. Egwene queria ir até eles, falar com os dois — que exibiam a expressão firme demais que os homens fazem quando não querem mostrar que estão incomodados ou assustados — mas isso poderia quebrar a cerimônia.

Enfim, Mat soltou uma risada.

— Bem, suponho que os mortos possam conversar entre si, ao menos. Será que isso conta como... Não importa. Você acha tem problema irmos a cavalo?

— Acho que tem — respondeu Rand. — Acho que teremos que ir a pé.

— Ah, que queime meus pés doloridos. Então é melhor irmos andando de uma vez. Vamos levar metade da tarde para chegar lá. Se tivermos sorte.

Rand abriu um sorriso reconfortante para Egwene quando começaram a descer a montanha, como se para convencê-la de que não havia perigo algum. O sorriso escancarado de Mat era o tipo que ele usava quando fazia algo especialmente idiota, como tentar dançar em cima de um telhado.

— Você não vai fazer nenhuma... *loucura*... vai? — perguntou Mat. — Pretendo voltar vivo.

— Eu também — respondeu Rand. — Eu também.

As vozes dos dois foram sumindo, e eles ficavam menores à medida que desciam. Quando se reduziram a figuras minúsculas e quase indistinguíveis, as Sábias baixaram os xales.

Alisando o vestido e desejando não estar tão suada, Egwene subiu a curta distância até elas, levando Bruma.

— Amys? Sou Egwene al'Vere. Você disse que eu deveria...

Amys ergueu a mão para interrompê-la e olhou para Lan, que seguia com Mandarb, Pips e Jeade'en atrás de Moiraine e Aldieb.

— Isso é assunto de mulheres, *Aan'allein*. Você precisa se afastar. Vá para as tendas. Rhuarc lhe oferecerá água e sombra.

Lan aguardou o leve aceno de cabeça de Moiraine antes de curvar-se em uma mesura e seguir para onde Rhuarc fora. O manto furta-cor que pendia de suas costas às vezes lhe conferia a aparência de uma cabeça e braços sem corpo flutuando diante dos três cavalos.

— Por que o chama assim? — perguntou Moiraine, quando Lan já não podia ouvi-las. — Homem Único. Vocês o conhecem?

— Nós o conhecemos, Aes Sedai. — Amys fez o título soar como um tratamento entre iguais. — O último dos Malkieri. O homem que não abrirá mão de sua guerra contra a Sombra, embora sua nação tenha há muito sido destruída por ela. É um homem de muita honra. Soube pelo sonho que, se você viesse, era quase certo que *Aan'allein* também viria, mas não sabia que ele a obedecia.

— Ele é meu Guardião — disse Moiraine, simplesmente.

Egwene achou que a Aes Sedai estava incomodada, apesar do tom, e sabia por quê. Era *quase* certo que Lan viria com Moiraine? Lan sempre seguia a mulher, ele a seguiria até o Poço da Perdição sem pestanejar. Mas quase tão interessante para Egwene era o “*se você viesse*”. As Sábias sabiam ou não que estavam a caminho? Talvez a interpretação dos Sonhos não fosse tão direta quanto imaginava. Estava prestes a perguntar quando Bair se pronunciou:

— Aviendha? Venha cá.

Aviendha estava acorçada, inclinada com os braços ao redor dos joelhos, encarando o chão, desconsolada. Levantou-se devagar. Se Egwene não conhecesse bem a amiga, diria que ela estava com medo. Aviendha foi se arrastando até as Sábias e deitou a bolsa e as tapeçarias no chão, a seus pés.

— Está na hora — disse Bair, com delicadeza. Ainda assim, não havia condescendência nos olhos azul-claros. — Você correu com as lanças o quanto pôde. Mais do que deveria.

Aviendha ergueu a cabeça, desafiadora.

— Sou uma Donzela da Lança. Não quero ser Sábica. Não serei!

Os rostos das Sábias endureceram. Egwene lembrou-se do Círculo das Mulheres, em casa, confrontando uma mulher que se metia em alguma confusão.

— Você já foi tratada com mais gentileza do que se fazia no meu tempo — disse Amys, com a voz dura como pedra. — Eu também recusei meu chamado. Minhas irmãs de lança quebraram minhas lanças diante de meus olhos. Levaram-me até Bair e Coedelin com mãos e pés amarrados, completamente nua.

— E uma bonequinha linda enfiada debaixo do braço — completou Bair, em um tom seco — para lembrar o quanto estava sendo infantil. Se bem me lembro, você fugiu nove vezes no primeiro mês.

Amys assentiu, de cara feia.

— E a cada vez me fizeram chorar feito uma garotinha. No segundo mês, fugi apenas cinco. Pensava que tinha tanta força e dureza quanto uma mulher era capaz de ter. Mas não era esperta, levei meio ano para aprender que você, Bair, era mais forte e mais dura do que eu jamais poderia ser. Por fim, aprendi qual era meu dever, minha obrigação com os outros. Assim como você aprenderá, Aviendha. Você não é criança. Já está na hora deixar de lado as bonecas e as lanças e se tornar a mulher que está destinada a ser.

De repente, Egwene soube por que sentira uma afinidade tão grande com Aviendha desde a primeira vez que a vira, soube por que Amys e as outras queriam que ela se tornasse Sábica. Aviendha podia canalizar. Assim como ela própria, Elayne e Nynaeve — e até Moiraine — aquela Aiel era uma das raras

mulheres que não apenas podiam ser treinadas a canalizar, mas que nasciam com a habilidade, de modo que um dia tocavam a Fonte Verdadeira, sabendo ou não o que estavam fazendo. O rosto de Moiraine estava tranquilo e plácido, mas Egwene viu a confirmação em seus olhos. A Aes Sedai sem dúvida soubera desde a primeira vez que se aproximou da Aiel. Egwene percebeu que sentia aquela mesma afinidade com Amys e Melaine, mas não com Bair e Seana. Apenas as duas primeiras eram capazes de canalizar, tinha certeza. E agora sentia o mesmo com Moiraine. Era a primeira vez que sentia uma coisa dessas. A Aes Sedai era uma mulher distante.

Algumas das Sábias, pelo menos, pareciam ver algo mais no rosto de Moiraine.

— Você pretendia levá-la para sua Torre Branca — disse Bair — para torná-la uma de vocês. Ela é Aiel, Aes Sedai.

— Com o treinamento correto, pode se tornar muito forte — retorquiu Moiraine. — Tanto quanto Egwene. Na Torre, ela pode alcançar essa força.

— Também podemos treiná-la, Aes Sedai. — A voz de Melaine era bastante suave, mas havia um toque de desprezo nos olhos verdes e resolutos. — E melhor: Já conversei com Aes Sedai. Vocês mimam as mulheres, na Torre. A Terra da Trindade não é lugar para isso. Conosco, Aviendha logo aprenderá do que é capaz. Com vocês, passaria anos na fase das brincadeiras.

Egwene lançou a Aviendha um olhar preocupado. A jovem encarava os próprios pés, a rebeldia desaparecera. Se as Sábias achavam que as mulheres treinadas na Torre era *mimadas*... Trabalhara mais duro e fora mais disciplinada como noviça do que em toda a vida. Sentiu uma pontada genuína de compaixão pela Aiel.

Amys estendeu as mãos, e Aviendha, relutante, entregou as lanças e o broquel, encolhendo-se quando a Sábica os jogou no chão com violência. Bem devagar, Aviendha foi deslizando o estojo do arco das costas e o entregou, depois desafivelou o cinto que continha a aljava e a faca embainhada. Amys pegou cada objeto ofertado e atirou no chão, como lixo. A cada vez, Aviendha estremeceu. Uma lágrima tremulava no canto do olho verde-azulado.

— Precisa tratá-la desse jeito? — inquiriu Egwene, irritada. Amys e as outras a olharam, impassíveis, mas ela não seria intimidada. — Estão tratando coisas importantes para ela como se fossem lixo.

— Ela precisa vê-las como lixo — disse Seana. — Quando retornar, se retornar, vai queimá-las e espalhar as cinzas. O metal, dará para um ferreiro fazer objetos simples, mas não armas. Nem mesmo uma faca de cozinha. Fivelas, painéis, quebra-cabeças para crianças. Coisas que ela mesma vai passar adiante, com as próprias mãos, depois de prontas.

— A Terra da Trindade não é delicada, Aes Sedai — disse Bair. — Aqui, a delicadeza define.

— O *cadin'sor*, Aviendha. — Amys apontou para as armas descartadas. — Suas roupas novas aguardarão seu retorno.

Aviendha se despiu com movimentos mecânicos, jogando casaco, calças, botas macias, tudo na pilha. Então parou, nua, sem mexer um dedo sequer, embora Egwene sentisse que os próprios pés estavam prestes a explodir em

bolhas dentro dos sapatos. Lembrou-se de quando assistira à incineração das roupas que usara para ir à Torre Branca, rompendo os elos com sua vida pregressa, mas não fora assim, desse jeito. Não tão duro.

Quando Aviendha começou a juntar o saco e as tapeçarias de parede à pilha, Seana os tomou de sua mão.

— Isso você pode pegar de volta. Se retornar. Se não, irão para a sua família, como recordação.

Aviendha assentiu. Não parecia com medo. Parecia relutante, irada, até mesmo emburrada, mas não com medo.

— Em Rhuidean — disse Amys — você encontrará três aros, dispostos da seguinte forma. — Ela desenhou três linhas no ar, que se uniam ao centro. — Entre em qualquer um. Verá seu futuro diante de si, e de novo, e de novo, com variações. Sua vida não será toda guiada por eles, pois se juntam e desvanecem como histórias ouvidas há muito tempo, e é melhor assim. Mas você se lembrará o bastante para saber de algumas coisas necessárias a você, por mais que as menospreze, e outras desnecessárias, por serem esperanças alimentadas. Isso é o começo, para ser considerada sábia. Algumas mulheres jamais retornam dos aros, talvez não sejam capazes de encarar o futuro. Algumas que sobrevivem aos aros não sobrevivem à segunda viagem a Rhuidean, ao coração. Você não está abrindo mão de uma vida difícil e perigosa por uma mais branda, e sim por uma ainda mais difícil e mais perigosa.

Um *ter'angreal*. Amys estava descrevendo um *ter'angreal*. Que tipo de lugar era essa Rhuidean? Egwene percebeu que queria ir até lá para descobrir. Era bobagem. Não estava ali para correr riscos desnecessários com *ter'angreal* sobre os quais nada sabia.

Melaine tomou o queixo de Aviendha nas mãos e virou o rosto da jovem para si.

— Você tem a força — disse, com uma convicção tranquila. — Suas armas agora são a mente forte e o coração forte, mas você deve manejá-los com a segurança com que sempre manejou a lança. Lembre-se delas, use-as, e serão suficientes para você.

Egwene estava surpresa. Das quatro, a mulher de cabelos dourados seria a última que imaginaria ser capaz de demonstrar compaixão.

Aviendha assentiu e até conseguiu abrir um sorriso.

— Vou chegar em Rhuidean antes desses homens. Eles não sabem correr.

Cada uma das Sábias beijou-a com delicadeza, uma vez em cada face, e murmurou:

— Volte para nós.

Egwene apertou a mão de Aviendha e foi correspondida. Então a Aiel desceu a montanha aos saltos. Parecia que iria mesmo alcançar Rand e Mat. Egwene a observou ir, preocupada. Era como ser elevada a Aceita, pelo que via, porém sem qualquer treinamento como noviça, sem ninguém para consolá-la no fim. Como teria sido ser elevada a Aceita em seu primeiro dia na Torre? Achava que teria enlouquecido. Fora assim com Nynaeve, por conta da

força da mulher. Achava que ao menos um pouco do desprezo da amiga pelas Aes Sedai vinha dessa experiência. *Volte para nós, pensou. Seja firme.*

Quando Aviendha desapareceu de vista, Egwene suspirou e virou-se de volta para as Sábias. Tinha seus próprios motivos para estar ali, e adiar as coisas não ajudaria em nada.

— Amys, em *Tel'aran'rhiod* você me disse que eu deveria vir até você para aprender. Aqui estou.

— Pressa — respondeu a mulher de cabelos brancos. — Tínhamos pressa porque Aviendha lutou por tanto tempo contra sua *tob* e porque temíamos que os Shaido pudessem pôr os véus, mesmo aqui, se não mandássemos Rand al'Thor a Rhuidean antes que pudessem pensar.

— Acredita que teriam tentado matá-lo? — perguntou Egwene. — Mas vocês mandaram gente para a Muralha do Dragão atrás dele. Aquele Que Vem Com a Aurora.

Bair mexeu no xale.

— Talvez ele seja. Veremos. Se ele viver.

— Ele tem os olhos da mãe — disse Amys — e muito de suas feições, além de alguns traços do pai, mas Couladin só vê nele as roupas e o cavalo. Os outros Shaido também teriam visto isso, e talvez até os Taardad. Estrangeiros não podem pisar neste solo, e agora há cinco de vocês. Não, quatro. Rand al'Thor não é estrangeiro, independente de onde tenha crescido. Mas já permitimos a entrada de um em Rhuidean, o que também é proibido. As mudanças vêm como avalanches, independentemente de nossa vontade.

— São necessárias — disse Bair, sem soar feliz. — O Padrão nos finca onde deseja.

— Vocês conheceram os pais de Rand? — perguntou Egwene, com cautela.

Fosse lá o que as mulheres dissessem, ela ainda via Tam e Kari al'Thor como pais de Rand.

— Essa história é dele — respondeu Amys — se ele quiser ouvir.

Pela firmeza de seus lábios, ficava claro que a mulher não diria outra palavra sobre o assunto.

— Venha — disse Bair. — Não há motivo para pressa, agora. Venha. Oferecemos água e sombra.

Os joelhos de Egwene quase cederam à menção de sombra. O lenço em sua testa, antes encharcado, estava quase seco. Sentia o topo da cabeça assando, e o restante do corpo estava quase lá. Moiraine parecia igualmente grata em acompanhar as Sábias até um dos pequenos grupos de tendas baixas e abertas nas laterais.

Um homem alto de sandálias e túnica branca com capuz tomou os cavalos delas pelas rédeas. As feições Aiel pareciam estranhas dentro do capuz fundo e macio, e ele mantinha os olhos baixos.

— Dê água para os animais — disse Bair, antes de se abaixar para entrar na tenda baixa e sem paredes, e o homem fez uma mesura por trás dela, tocando a própria testa.

Egwene hesitou em deixar o homem levar Bruma para longe. Ele parecia seguro, mas o que um Aiel sabia sobre cavalos? De todo modo, achava que o sujeito não poderia fazer mal aos animais, e o interior da tenda parecia muitíssimo mais escuro e agradável. E estava mesmo, além de oferecer um frescor delicioso em comparação com o lado de fora.

O teto da tenda formava uma ponta em torno de um buraco, mas mesmo ali quase não havia espaço para ficarem de pé. Como se para compensar as cores pardas que os Aiel vestiam, grandes almofadas vermelhas com borlas douradas jaziam espalhadas sobre tapetes coloridos, dispostos em camadas suficientes para acolchoar o chão duro que havia por baixo. Egwene e Moiraine imitaram as Sábias, afundando no tapete e apoiando o cotovelo em uma almofada. Dispuseram-se em um círculo, quase perto o bastante umas das outras para se tocarem.

Bair soou um pequeno gongo de latão, e duas jovens entraram com bandejas de prata, inclinando-se com movimentos graciosos, vestidas de branco, com capuzes na cabeça e olhando para baixo, assim como o homem que levava os cavalos. Ajoelhando-se no centro da tenda, uma delas serviu uma pequena caneca de prata com vinho para cada uma das mulheres reclinadas nas almofadas, enquanto a outra servia canecas maiores com água. As duas saíram sem dizer uma palavra, curvando-se em mesuras, deixando as bandejas e jarras reluzentes e cobertas de gotinhas de condensação.

— Eis água e sombra — disse Bair, erguendo a água — dadas de bom grado. Que não haja obstáculos entre nós. Todas são bem-vindas, assim como irmãs-primeiras são bem-vindas.

— Que não haja obstáculos — murmuraram Amys e as outras duas. Depois de um gole d'água, as mulheres Aiel se apresentaram formalmente: Bair, do ramo Haido dos Aiel Shaarad; Amys, do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad; Melaine, do ramo Jhirad dos Aiel Goshien; e Seana, do ramo Penhasco Negro dos Aiel Nakai.

Egwene e Moiraine seguiram o ritual, embora Moiraine tenha apertado os lábios quando a jovem se intitulou Aes Sedai da Ajah Verde.

O clima na tenda se alterou visivelmente, como se a água e os nomes compartilhados tivessem derrubado uma muralha. Sorrisos das mulheres Aiel, um súbito alívio na tensão, e foi o fim das formalidades.

Egwene ficou mais grata pela água do que pelo vinho. A tenda podia estar mais fresca do que o lado de fora, mas só de respirar ela já ficava com a garganta seca. A um gesto de Amys, ela serviu uma segunda caneca com avidez.

As pessoas de branco tinham sido uma surpresa. Era bobagem, mas percebeu que pensava que, exceto pelas Sábias, os Aiel fossem todos como Rhuarc e Aviendha: guerreiros. Sem dúvida havia ferreiros, tecelões e outros artesãos, tinha de haver. Por que não serviçais? Só que Aviendha desdenhara dos serviçais da Pedra e evitara que eles fizessem tudo o que ela fosse capaz de fazer sozinha. Aquela gente de comportamento humilde não agia nem um pouco como Aiel. Ela não se lembrava de ter visto ninguém de branco nos dois acampamentos grandes.

— São só as Sábias que têm serviçais? — perguntou.

Melaine engasgou com o vinho.

— Serviçais? — perguntou, ofegante. — Elas são *gai'shain*, não serviçais — respondeu, como se isso explicasse tudo.

Moiraine franziu o cenho de leve por sobre a caneca de vinho.

— *Gai'shain*? Como se traduz isso? “Os que juraram paz na batalha”?

— São apenas *gai'shain* — disse Amys. Pareceu perceber que as outras não haviam compreendido. — Desculpem, mas vocês sabem do *ji'etoh*?

— Honra e obrigação — respondeu Moiraine, prontamente. — Ou talvez honra e dever.

— Sim, são essas as palavras. Mas o significado. Vivemos pelo *ji'etoh*, Aes Sedai.

— Não tente explicar tudo a elas, Amys — advertiu Bair — Uma vez passei um mês inteiro tentando explicar o *ji'etoh* a uma aguacenta, e no fim ela estava com mais dúvidas do que no início.

Amys assentiu.

— Vou falar o básico. Se quiser que eu explique, Moiraine.

Egwene preferia começar a falar de Sonhos e do treinamento, mas, para sua irritação, a Aes Sedai respondeu:

— Sim, por favor.

Com um aceno de cabeça para Moiraine, Amys começou:

— Vou seguir apenas a linha do *gai'shain*. Na dança das lanças, a maior *ji*, ou seja, honra, é recebida ao tocar um inimigo armado sem matá-lo ou machucá-lo.

— É a maior honra porque é muito difícil — explicou Seana, com os olhos cinza-azulados apertados em ironia — e por isso é muito raro de acontecer.

— A menor honra vem da morte — prosseguiu Amys. — Uma criança ou um tolo são capazes de matar. A meio caminho está a captura de um prisioneiro. Estou simplificando, veja bem. Há muitos graus. Os *gai'shain* são prisioneiros capturados, embora um guerreiro que tenha sido tocado pode às vezes exigir que seja levado como *gai'shain* para reduzir a honra de seu inimigo e sua própria perda.

— As Donzelas da Lança e os Cães de Pedra são bem conhecidos por isso — acrescentou Seana, arrancando de Amys um olhar penetrante.

— Sou eu que estou contando, ou você? Continuemos. Alguns não podem ser levados como *gai'shain*, é claro. Uma Sábia, um ferreiro, uma criança, uma mulher com filhos ou uma que tenha filhos com menos de dez anos. Um *gai'shain* tem uma *toh* para com seu captor. Para os *gai'shain*, isso significa servir durante um ano e um dia, obedecendo com humildade, sem tocar em qualquer arma e sem praticar atos de violência.

Egwene ficou instintivamente interessada.

— Eles não tentam fugir? Eu sem dúvida tentaria. — *Nunca mais deixarei que me façam prisioneira de novo!*

As Sábias pareceram chocadas.

— Já aconteceu — respondeu Seana, rígida — mas não há honra nisso. Um *gai'shain* fugitivo seria devolvido por seu ramo para recomençar o período

de um ano e um dia. A perda da honra é tão grande que um irmão-primeiro ou irmã-primeira pode ir como *gai'shain* também, para dispersar a *toh* do ramo. Mais de um, se sentirem que a perda de *ji* é muito grande.

Moiraine parecia absorver tudo com muita calma, bebericando a água, mas Egwene precisava de muito esforço para não sacudir a cabeça. Os Aiel eram loucos, não havia como negar. E a coisa piorava.

— Alguns *gai'shain* agora fazem dessa humildade uma demonstração de arrogância — explicou Melaine, em tom desaprovador. — Pensam que assim podem obter honra, levando a obediência e a submissão ao ponto da zombaria. É uma novidade, e muito idiota. Não tem lugar no *ji'etoh*.

Bair riu, um som forte e assustador, comparado à voz aguda normal.

— Idiotas não são nenhuma novidade. Quando eu era menina, os Shaarad e os Tomanelle todas as noites roubavam o gado e as cabras um do outro, então Chenda, a senhora do teto da Faixa do Mainde, foi empurrada por um jovem Haido Buscador das Águas durante uma incursão. A mulher foi até ao Vale Dobrado e exigiu que o rapaz a fizesse de *gai'shain*, pois não permitiria que ele ganhasse a honra de tê-la tocado, já que *tinha uma faca de cozinha nas mãos durante o ocorrido*. Uma faca de cozinha! Era uma arma, alegava a mulher, como se fosse uma Donzela. O rapaz não teve escolha a não ser atender à exigência, apesar de toda a zombaria quando isso aconteceu. Não dá para mandar uma senhora do teto de volta, descalça, para seu forte. Antes que o ano e o dia se passassem, os ramos Haido e Jenda trocaram lanças, e o rapazote logo se casou com a filha mais velha de Chenda. E com a segunda-mãe ainda lhe servindo como *gai'shain*. O garoto tentou dá-la à esposa como parte do dote, mas as duas mulheres alegaram que ele estava tentando lhes roubar a honra. Ele quase precisou tomar a própria esposa como *gai'shain*. Haido e Jenda quase se atacaram outra vez, antes que a *toh* fosse dispensada.

As mulheres Aiel quase rolavam de tanto rir, e Amy's e Melaine secavam as lágrimas dos olhos.

Egwene entendeu pouca coisa da história — e com certeza não o motivo da graça — mas tentou dar uma risada educada.

Moiraine deixou a água de lado e pegou a pequena caneca de vinho.

— Ouvi homens contarem sobre lutas com os Aiel, mas nunca tinha ouvido falar disso. Sem dúvida não de um Aiel se rendendo por ter sido tocado.

— Não é rendição — retrucou Amy's, enfática. — É *ji'etoh*.

— Ninguém pediria para servir como *gai'shain* a um aguacento — disse Melaine. — Os estrangeiros não conhecem o *ji'etoh*.

As Aiel trocaram olhares. Estavam incomodadas. *Por quê?*, perguntou-se Egwene. *Ah*. Para aquela gente, desconhecer o *ji'etoh* devia ser como não ter honra ou boas maneiras.

— Há homens e mulheres honrados entre nós — disse Egwene. — A maioria. Sabemos distinguir certo e errado.

— É claro que sabem — murmurou Bair, em um tom que informava que aquilo estava longe de ser a mesma coisa.

— Vocês enviaram uma carta para mim em Tear — disse Moiraine — fizeram isso antes mesmo de eu chegar lá. Disseram muitas coisas, e algumas se provavam verdadeiras. Incluindo o pedido, ou melhor, a ordem para que eu as encontrasse aqui hoje. Praticamente exigiram minha presença. Mesmo assim, mais cedo, disseram “se eu viesse”. Quanta certeza vocês realmente tinham do que escreveram?

Amys suspirou e deixou de lado a caneca de vinho, mas foi Bair quem falou.

— Muita coisa é incerta, até para uma Andarilha dos Sonhos. Amys e Melaine são as melhores de nós, e nem mesmo elas enxergam tudo o que é ou tudo o que pode ser.

— O presente é muito mais claro do que o futuro, mesmo em *Tel'aran'rhiod* — explicou a Sábia de cabelos acobreados. — O que *está* acontecendo ou começando a acontecer é mais fácil de ver do que o que *vai* ou *pode* acontecer. Não vimos nada sobre Egwene ou Mat Cauthon. E a vinda do jovem que se apresenta como Rand al'Thor era uma mera possibilidade. Se ele não viesse, era certo que morreria, e os Aiel também. Mas ele veio, e se sobreviver a Rhuidean, pelo menos alguns dos Aiel sobreviverão. Isso sabemos. Se vocês não tivessem vindo, ele teria morrido. Se *Aan'allein* não tivesse vindo, você teria morrido. Se você não passar pelos aros... — Ela parou de repente, como se tivesse mordido a língua.

Egwene inclinou-se para a frente, concentrada. Moiraine tinha que entrar em Rhuidean? Mas a Aes Sedai pareceu não perceber, e Seana falou depressa, para encobrir o desliz de Melaine.

— Não há ninguém com a trajetória do futuro estabelecida. O Padrão faz a mais fina renda parecer um tecido rústico e áspero, ou um emaranhado de cordões. Em *Tel'aran'rhiod*, é possível ver algumas formas de tessitura do destino. Nada mais.

Moiraine tomou um gole de vinho.

— Em geral é difícil traduzir a Língua Antiga. — Egwene a encarou. A Língua Antiga? Mas e os aros, o *ter'angreal*? Moiraine, porém, prosseguiu: — *Tel'aran'rhiod* significa o Mundo dos Sonhos, ou talvez o Mundo Invisível. Nenhuma das duas expressões é muito exata, é mais complexo do que isso. *Aan'allein*. Homem Único, mas também O Homem Que É um Povo Inteiro, além de mais duas ou três traduções. E tem as palavras corriqueiras que usamos, mas nunca pensamos no que significam na Língua Antiga. Guardiões são chamados de “Gaidin”, cujo significado era “irmãos de batalha”. Aes Sedai significava “servo de todos”. E “Aiel” era “Dedicado”, na Língua Antiga. Uma palavra mais forte do que isso, que sugere um juramento incrustado em seu cerne. Sempre me perguntei a que os Aiel são dedicados. — Os rostos das Sábias pareciam duros e inexpressivos como aço, mas Moiraine prosseguiu. — E “Aiel Jenn”, que é “O verdadeiro dedicado”, mas na verdade algo mais forte do que isso. Talvez “o único verdadeiro dedicado”. O único verdadeiro Aiel?

Ela encarou as outras com uma expressão questionadora, como se as Sábias não tivessem adquiridos olhares de pedra de repente. Nenhuma falou.

O que Moiraine estava fazendo? Egwene não pretendia permitir que a Aes Sedai arruinasse suas chances de aprender o que as Sábias tivessem a ensinar.

— Amys, podemos falar de Sonhos agora?

— Hoje à noite teremos bastante tempo — respondeu Amys.

— Mas...

— À noite, Egwene. Você pode ser Aes Sedai, mas terá de virar aluna de novo. Ainda nem consegue pegar no sono quando deseja, nem tem o sono leve o bastante para saber o que verá quando acordar. Quando o sol começar a se pôr, começarei a lhe ensinar.

Abaixando a cabeça, Egwene espiou pela beirada do tecido da tenda. Naquela penumbra profunda, a luz lá de fora parecia golpeá-la por entre o ar quente e tremeluzente. O sol não estava nem a meio caminho do topo das montanhas.

De súbito, Moiraine se levantou, levou as mãos às costas e começou a desamarrar o vestido.

— Presumo que eu deva ir como Aviendha foi — disse, não como uma pergunta.

Bair lançou a Melaine um olhar duro, que a mulher mais jovem encarou por apenas um instante antes de baixar os olhos. Seana respondeu, em uma voz resignada:

— Não deveriam ter contado a você. Agora, está feito. Mudança. Um dos que não tem o sangue foi para Rhuidean, e agora outro.

Moiraine parou.

— Faz alguma diferença eu saber?

— Talvez faça uma grande diferença — disse Bair, relutante — talvez nenhuma. É comum guiarmos, mas nunca contamos. Quando a vimos indo até os aros, era sempre você quem mencionava, exigindo o direito, embora não tenha o sangue. Agora uma de nós mencionou primeiro. Já estão havendo mudanças em relação a tudo o que vimos. Quem é que pode dizer quais são?

— E o que vocês viram que acontece caso eu não vá?

O rosto enrugado de Bair continuava inexpressivo, mas havia compaixão nos pálidos olhos azuis.

— Já falamos demais, Moiraine. O que uma Andarilha dos Sonhos vê é o que é provável que aconteça, não o que é certo. Os que caminham com muito entendimento sobre o futuro inevitavelmente encontram calamidades, seja por complacência em relação ao que pensam que virá ou por seus esforços para mudar a situação.

— É por clemência dos anéis que as lembranças esvanecem — disse Amys.

— Uma mulher sabe de certas coisas, bem poucas, que vão acontecer. Outras, ela não reconhecerá até ver a decisão diante de si, se for o caso. A vida é feita de incerteza e luta, escolha e mudança. Se houvesse mulher capaz de entender como sua vida é urdida no Padrão da mesma forma que entende como um fio é cerzido em um tapete, ela levaria a vida de um animal. Isso se não enlouquecesse. A humanidade foi talhada para incerteza, luta, escolha e mudança.

Moiraine ouvia sem demonstrar impaciência, mas Egwene suspeitou que a Aes Sedai se sentisse dessa forma. Ela estava acostumada a discursar, não a ouvir discursos. Ficou em silêncio enquanto Egwene a ajudava a tirar o vestido, sem falar nada até ajoelhar-se, nua, na beirada do carpete, encarando a descida da montanha em direção à cidade enevoadada no vale. Então, disse:

— Não deixem Lan ir atrás de mim. Se ele me vir, vai tentar.

— Tudo vai ser como será — respondeu Bair. A voz aguda era fria e categórica.

Depois de um instante, Moiraine meneou a cabeça, de má vontade, e saiu da tenda para debaixo do sol inclemente. No mesmo instante começou a correr, descalça, descendo a colina ardente.

Egwene fez uma careta. Rand e Mat, Aviendha, e até Moiraine, todos indo para Rhuidean.

— Ela vai... sobreviver? Se vocês sonharam com isso, devem saber.

— Existem alguns lugares em *Tel'aran'rhiod* onde não se pode entrar — respondeu Seana. — Rhuidean. *Pousos* Ogier. E alguns outros. O que acontece lá não pode ser visto pelos olhos de uma Andarilha dos Sonhos.

Aquilo não era resposta — elas poderiam tê-la visto saindo de Rhuidean —, mas estava claro que era o máximo que conseguiria arrancar.

— Muito bem. Eu também devo ir? — Ela não apreciava a ideia de passar pela experiência dos anéis, seria como ser elevada a Aceita outra vez. Mas, se todo mundo estava indo...

— Não seja tola — respondeu Amys, com vigor.

— Não vimos nada disso para você — acrescentou Bair, em um tom mais suave. — Nem sequer vimos você.

— E eu não deixaria, se você pedisse — Amys prosseguiu. — Precisa da permissão de quatro, e eu não daria. Você veio para aprender a caminhar pelos sonhos.

— Nesse caso — disse Egwene, acomodando-se de volta na almofada — me ensinem. Deve haver algum ponto por onde começar ainda antes do anoitecer.

Melaine franziu o cenho para ela, mas Bair deu uma risadinha seca.

— Ela é tão ávida e impaciente como você, quando decidiu aprender, Amys.

Amys assentiu.

— Espero que ela consiga preservar a avidez e abandonar a impaciência, para seu próprio bem. Ouça o que eu digo, Egwene. Embora seja difícil, você precisa esquecer que é Aes Sedai, se quiser aprender. Precisa escutar, recordar e seguir nossas orientações. Acima de tudo, não pode adentrar *Tel'aran'rhiod* outra vez até que uma de nós lhe dê permissão. É capaz de aceitar isso?

Não seria difícil esquecer que era Aes Sedai, já que não era mesmo. Quanto ao resto, parecia abominável, como voltar a ser noviça.

— Posso aceitar. — Torceu para não ter soado indecisa.

— Bom — disse Bair. — Agora vou falar sobre os caminhos dos sonhos e *Tel'aran'rhiod* de forma bem geral. Quando terminar, você repetirá tudo o que eu disse. Se falhar em detalhar todos os pontos, esfregará as painelas no lugar da *gai'shain*, hoje à noite. Se sua memória estiver fraca a ponto de você não conseguir repetir o que eu disser depois de ouvir pela segunda vez... Bem, vamos debater o que acontecerá quando isso acontecer. Preste atenção.

“Quase qualquer um pode tocar *Tel'aran'rhiod*, mas poucos podem de fato adentrá-lo. De todas as Sábias, apenas nós quatro somos capazes de caminhar pelos sonhos, e faz quase quinhentos anos que sua Torre não produz uma Andarilha dos sonhos. Não é uma coisa ligada ao Poder Único, embora as Aes Sedai acreditem que seja. Não sou capaz de canalizar, nem Seana, mas caminhamos pelos sonhos tão bem quanto Amys ou Melaine. Muitas pessoas roçam o Mundo dos Sonhos durante o sono. Como o contato é tênue, acordam com dores quando deveriam ter ossos quebrados ou ferimentos mortais. Uma Andarilha adentra o sonho por completo, por isso acorda com ferimentos reais. Para quem entra no sonho por completo, seja ou não Andarilha, morrer lá é o mesmo que morrer aqui. Mas há como adentrar o sonho de forma completa demais, perdendo o contato com a carne. Não há caminho de volta, e a carne definha. Dizem que havia gente que era capaz de adentrar o sonho em carne, saindo completamente deste mundo. Isso era algo maligno, pois eles praticavam o mal. Você jamais deve tentar uma coisa dessas, mesmo que acredite ser possível, pois cada vez perderá uma parte do que a torna humana. Deve aprender a adentrar *Tel'aran'rhiod* quando desejar, com a intensidade que desejar. Deve aprender a encontrar o que precisa e a interpretar o que vê, a adentrar os sonhos de alguém próximo para ajudar a curá-lo, a reconhecer os que no sonho são concretos o bastante para machucá-la, a...”

Egwene escutou com muita atenção. Era fascinante e deixava entrever coisas que jamais suspeitara serem possíveis. E, além disso, ela não tinha intenção alguma de esfregar painelas. De certo modo, não era justo. Fosse lá o que Rand, Mat e as outras tivessem que enfrentar em Rhuidean, ninguém os mandaria esfregar painelas. *E eu concordei com isso!* Simplesmente não era justo. Por outro lado, tinha suas dúvidas de que os outros aprenderiam mais em Rhuidean do que ela com aquelas mulheres.



RHUIDEAN

A pedrinha lisa na boca de Mat já não estava mais ajudando a produzir saliva havia algum tempo. Ele a cuspiu, agachou-se ao lado de Rand e encarou a enorme muralha cinzenta cerca de trinta passadas diante deles. Névoa. Torcia para que ao menos estivesse mais fresco lá. Um pouco de água também cairia bem. Os lábios estavam rachando. Puxou o lenço que envolvia a cabeça e enxugou o rosto, mas já não havia muito suor para empapar o tecido. Não restava muito suor em seu corpo. Um lugar para se sentar. Os pés dentro das botas pareciam salsichas cozidas. Aliás, ele sentia o corpo inteiro bastante cozido. A névoa se estendia à esquerda e à direita para mais de uma milha, avolumando-se por cima de sua cabeça como um paredão imenso. Um paredão de névoa densa no meio de um vale árido e escaldante. Devia haver água por lá.

Por que é que ela não se dissipa, com esse calor? Não gostava nada daquilo. Estava ali por ter brincado com o Poder, e pelo visto teria de brincar outra vez. Quero me livrar do Poder e das Aes Sedai. Que me queime, eu quero! Qualquer coisa para passar mais um minuto sem ter que pensar em entrar naquela névoa.

— Foi *mesmo* aquela amiga Aiel de Egwene que eu vi correndo — grasnou. Correndo! Naquele calor. Só de pensar nisso, os pés doíam ainda mais. — Aviendha. Seja lá que nome for.

— Se você diz — respondeu Rand, observando a neblina. Parecia falar com a boca cheia de poeira, tinha o rosto queimado pelo sol e bamboleava sem firmeza, agachado. — Mas o que ela estaria fazendo ali embaixo? E *nua*?

Mat deixou para lá. Rand não a vira — mal tirara os olhos do nevoeiro ondulante desde que começaram a descer a montanha — e tampouco acreditava que Mat a vira. Correndo feito uma louca e mantendo distância dos dois. Rumando para aquela névoa estranha, ao que parecia. O amigo não demonstrava estar mais ansioso do que ele para adentrá-la. Perguntou-se se

estava com uma cara tão ruim quanto a de Rand. Tocando o rosto, estremeceu. Achava que sim.

— Vamos passar a noite toda aqui fora? Este vale é muito fundo. Daqui a umas horas estará escuro aqui. Talvez refresque um pouco, mas acho que não quero topiar com as criaturas que passeiam por aqui à noite. Deve ter leões. Ouvi dizer que tem leões no Deserto.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Mat? Você ouviu o que as Sábias disseram. Pode acabar morrendo lá, ou enlouquecendo. Pode voltar para as tendas, se quiser. Deixou garrafas e uma bolsa d'água na sela de Pips.

Mat desejou que Rand não o tivesse lembrado disso. Era melhor não pensar em água.

— Que me queime, não, não quero voltar. *Preciso ir.* E você? Já não está de bom tamanho ser o maldito Dragão Renascido? Tinha que virar um chefe de clã Aiel também? Por que veio para cá?

— Porque preciso, Mat. Preciso. — Havia resignação na voz ressecada, mas também algo mais. Uma pontada de ansiedade. O homem estava mesmo louco, *queria* fazer aquilo.

— Rand, talvez essa seja a resposta que dão para todos. Estou falando daquelas pessoas que parecem com cobras. Vá para Rhuidean. Talvez a gente nem tenha que estar aqui, na verdade. — Não acreditava realmente nisso, mas com aquela névoa o encarando de frente...

Rand virou-se para olhá-lo, sem dizer palavra. Enfim, falou:

— Eles nunca mencionaram Rhuidean para mim, Mat.

— Ah, que me queime — resmungou.

De uma forma ou de outra pretendia encontrar um caminho de volta por aquele batente de porta torto em Tear. Sem pensar, pescou o marco de ouro de Tar Valon do bolso do casaco, rolou-o pelos dedos e o guardou de volta. Aquele povo venenoso lhe daria mais algumas respostas, quisessem ou não. De algum jeito.

Sem mais uma palavra, Rand se levantou e começou a caminhar em direção ao nevoeiro com passos hesitantes, os olhos fixos à frente. Mat correu atrás dele. *Que me queime. Que me queime. Não quero fazer isso.*

Rand deslizou de uma vez para dentro da névoa densa, mas Mat hesitou por um instante antes de ir atrás. No fim das contas, só podia ser o Poder que sustentava o nevoeiro, com as beiradas fervilhantes, mas sem nunca avançar nem recuar uma polegada sequer. A porcaria do Poder, e nenhuma porcaria de opção. O primeiro passo foi um alívio, fresco e úmido. Ele abriu a boca para deixar a névoa umedecer sua língua. Três passos depois, e começou a se preocupar. À frente de seu nariz havia apenas um cinza indistinto. Não conseguia distinguir sequer uma sombra que pudesse ser o amigo.

— Rand?

O som poderia não ter saído de sua boca, a neblina parecia engoli-lo antes de alcançar os próprios ouvidos. Não tinha nem mais certeza da direção que seguia, e costumava ter um bom senso de orientação. Poderia haver qualquer coisa diante dele. Ou sob seus pés. Não conseguia ver os próprios pés, a névoa

o encobria por completo da cintura para baixo. Apesar disso, apertou o passo. E de repente adentrou uma luz peculiar, sem sombra, ao lado de Rand.

O nevoeiro formava um imenso domo oco a encobrir o céu, e do lado de dentro havia uma superfície borbulhante que reluzia em um tom de azul pálido. Rhuidean nem de perto era tão grande quanto Tear ou Caemlyn, mas as ruas vazias eram as mais largas que ele já vira, com amplas faixas de terra batida no centro, como se ali um dia tivesse havido árvores e grandes fontes com estátuas. Imensas construções flanqueavam as ruas, palácios estranhos com paredes planas de mármore, cristal e vidro trabalhado elevando-se por centenas de pés, formando degraus de escadas e paredões. Não havia sequer um prédio pequeno, nada que pudesse ter sido uma simples taverna, estalagem ou estábulo. Apenas palácios imensos, com colunas reluzentes de cinquenta pés de espessura, vermelhas, brancas ou azuis, escalando o céu a cem passadas de altura, e torres grandiosas, caneluradas e espiraladas, algumas perfurando as nuvens fulgurantes acima.

Apesar de todo o esplendor, a cidade jamais fora concluída. Muitas das imensas estruturas terminavam em paredes incompletas, feito construções abandonadas. Vidros coloridos formavam imagens em algumas das imensas janelas: homens e mulheres serenos e majestosos de trinta pés ou mais de altura, sóis nascentes e céus noturnos estrelados. Outros prédios tinham janelas escancaradas, os interiores vazios. Incompletos e abandonados havia muito. Não jorrava água das fontes. O silêncio cobria a cidade tão completamente quanto o domo de névoa. O ar era mais frio do que do lado de fora, mas tinha a mesma aridez. A poeira arranhava as solas dos pés nas pedras lisas e claras do pavimento.

Mesmo assim, Mat foi até a fonte mais próxima a passos rápidos, apenas por descargo de consciência, e inclinou-se na borda branca, que batia na altura da cintura. Três mulheres nuas, duas do tamanho dele, equilibrando na cabeça um peixe estranho, de boca aberta, espiavam uma bacia larga e empoeirada, não menos seca do que sua boca.

— É claro — disse Rand, atrás dele. — Eu devia ter pensado nisso antes.

Mat olhou para trás por sobre o ombro.

— Pensado em quê? — Rand encarava a fonte, sacudindo-se em uma risada silenciosa. — Componha-se, Rand. Você não enlouqueceu no último minuto. Devia ter pensado em quê?

Um gorgolejo oco fez Mat olhar a fonte de novo. De repente começou a jorrar água pela boca do peixe, uma torrente da espessura da perna de Mat. Correu até a bacia e postou-se sob o aguaceiro, inclinando a cabeça para trás e escancarando a boca. A água era doce e fria, fria o bastante para fazê-lo tremer, mais doce que vinho. Encharcou seus cabelos, casaco, calças. Ele bebeu até achar que ia se afogar, então saiu cambaleando para se apoiar, arfante, na perna de pedra de uma das mulheres.

Rand ainda estava parado, encarando a fonte, o rosto vermelho e os lábios rachados, rindo baixinho.

— Nada de água, Mat. Disseram que não podíamos trazer água, mas ninguém falou sobre o que já existia aqui.

— Rand? Você não vem beber?

Rand levou um susto, depois entrou na bacia, agora com água até os tornozelos, e patinhou até onde Mat estivera, bebendo da mesma forma, os olhos fechados e a cabeça inclinada para cima, para deixar a água escorrer pelo corpo.

Mat o observou, preocupado. Não estava exatamente louco, ainda não. Mas por quanto tempo Rand teria ficado ali parado, rindo, com a sede petrificando a garganta, se ele não o tivesse chamado? Mat deixou-o ali e saiu da fonte. Um pouco da água que ensopava as roupas se infiltrara para dentro das botas. Ignorou o barulho que fazia a cada passo, não sabia se conseguiria calçar as botas outra vez, caso as tirasse. Além do mais, era uma sensação agradável.

Espiando a cidade, ele se perguntou o que estava fazendo ali. Aquela gente dissera que ele morreria se não fosse, mas será que apenas estar em Rhuidean era o suficiente? *Será que preciso fazer alguma coisa? O quê?*

As ruas vazias e os palácios inacabados não formavam sombras sob a pálida luz azul-celeste. Sentiu um leve arrepio. Todas aquelas janelas vazias a observá-lo, todas as fileiras espremidas de construções abandonadas. Poderia haver qualquer coisa escondida ali, e, em um lugar como aquele, qualquer coisa poderia ser... *Qualquer coisa mesmo, maldição.* Desejou pelo menos ainda ter as facas nas botas. Mas aquelas mulheres, aquelas Sábias, haviam olhado para ele como se soubessem que escondia alguma coisa. E haviam canalizado, uma ou todas. Não era sensato contrariar mulheres capazes de canalizar, se fosse possível evitar. *Que me queime, se eu pudesse me livrar das Aes Sedai, nunca mais pediria nada na vida. Bem, pelo menos não por um bom tempo. Luz, será que tem alguma coisa escondida aqui?*

— O coração só pode ficar para aquele lado, Mat.

Rand saía da bacia, encharcado.

— O coração?

— As Sábias disseram que devo ir até o coração. Elas deviam estar se referindo ao centro da cidade. — Rand olhou de novo para a fonte, e o fluxo de água de repente se reduziu a um filete, depois cessou. — Tem um oceano de água boa lá embaixo. Bem fundo. Tão fundo que quase não consegui encontrar. Se eu conseguisse trazer tudo para cima... De qualquer forma, não há por que desperdiçar. Podemos voltar para tomar mais quando estiver na hora de ir embora.

Mat mudou de posição, incomodado. *Idiota! De onde você achou que isso tinha vindo? É claro que o desgraçado canalizou. Ou você pensou que a água tinha simplesmente começado a jorrar depois de sabe a Luz quanto tempo?*

— Centro da cidade. É claro. Vá na frente.

Os dois seguiram pelo meio da rua larga, caminhando ao longo de faixas de terra batida, passando por outras fontes secas, algumas só com a bacia de pedra e uma base de mármore onde as estátuas deveriam estar. Não havia nada quebrado na cidade, ela era apenas... incompleta. Os palácios se avultavam dos dois lados, como paredões. Tinha que haver coisas dentro

deles. Móveis, talvez, se não tivessem apodrecido. Talvez ouro. Facas. Facas não enferrujariam, com o ar seco, por mais tempo que tivessem passado ali.

Pode haver um chamejado de um Myrddraal lá dentro, até onde você sabe. Luz, por que eu tinha que pensar nisso? Se pelo menos tivesse pensado em trazer consigo um bastão, quando deixou a Pedra. Talvez pudesse ter convencido as Sábias de que era apenas um cajado. Mas não adiantava mais pensar nisso. Uma árvore serviria, se ele pudesse dar um jeito de arrancar e limpar um bom galho. Se, mais uma vez. Ele se perguntou se as pessoas que tinham construído a cidade haviam conseguido plantar alguma árvore. Trabalhara tempo suficiente na fazenda do pai para saber reconhecer um solo bom. As faixas compridas de terra exposta eram fracas, ruins para plantar qualquer coisa além de ervas, e mesmo assim não muitas. No momento, nenhuma.

Depois de caminharem uma milha, a rua terminou de repente em uma grande praça, talvez da extensão do trecho que haviam percorrido, toda rodeada por aqueles palácios de mármore e cristal. Era surpreendente, mas havia uma enorme árvore na praça. Tinha uns cem pés de altura, espalhando os galhos grossos e folhosos sobre a camada de pedras brancas e empoeiradas do pavimento, próxima ao que pareciam anéis concêntricos feitos de colunas de vidro transparente e brilhante, finos como agulhas, se comparados à altura, que era quase igual à da árvore. Ele teria se perguntado como uma árvore poderia crescer ali, sem a luz do sol, se não estivesse muito ocupado encarando a mixórdia impressionante que ocupava o restante da praça.

Cada rua que Mat conseguia ver ia até os aros em coluna, mas nos trechos entre elas havia estátuas dispostas ao acaso, em diversos tamanhos, de proporções reais ou até a metade disso, feitas de pedra, cristal ou metal, apoiadas diretamente na calçada. Por entre elas havia... À primeira vista, ele não soube como chamar. Um aro liso prateado, de dez pés de comprimento, fino como uma lâmina. Um plinto de cristal afilado de uma passada de altura que poderia ter sustentado uma das estátuas menores. Uma torre de metal negro e reluzente, fina como uma lança e do comprimento de uma, mas apoiada de pé, como se estivesse fincada. Centenas de objetos, talvez milhares, de todas as formas e materiais imagináveis, preenchiam a enorme praça, e havia menos de doze pés de distância entre cada um.

Foi a lança negra de metal, erguida de forma tão estranha que de súbito revelou o que todos aqueles objetos deveriam ser. *Ter'angreal*. Algum tipo de coisa a ver com o Poder, pelo menos. Alguns só podiam ser isso. Aquele batente de porta torto no Grande Porão da Pedra também ficava inclinado, quase caindo.

Estava prestes a se virar e ir embora, mas Rand continuou, mal olhando para o que havia no caminho. O rapaz fez uma pausa e encarou duas estatuetas que destoavam do resto. Duas figuras de talvez um pé de altura, um homem e uma mulher, cada um segurando uma esfera de cristal no ar, acima de uma das mãos. Ele se inclinou um pouco, como se fosse tocá-las, mas se endireitou tão depressa que Mat achou que poderia ter sido imaginação sua.

Depois de um minuto, Mat foi atrás, correndo para alcançá-lo. Quanto mais perto chegavam dos anéis de colunas cintilantes, mais tenso ficava. Todas aquelas coisas ao redor deviam ter algo a ver com o Poder, e também as colunas. Ele simplesmente sabia. Aquelas hastes altas e de uma finura absurda reluziam à luz azulada, ofuscando a vista. *Elas só disseram que eu tinha que vir para cá. Bem, estou aqui. Não disseram nada sobre a droga do Poder.*

Rand parou tão de repente que Mat avançou mais três passos para perto dos aros em coluna sem perceber. O amigo olhava para a árvore, notou. A árvore. Mat percebeu que chegava mais e mais perto, como se estivesse sendo puxado. Não havia árvore com aquelas folhas em forma de trevo. Não havia árvores assim, apenas uma, que era lendária.

— *Avendesora* — disse Rand, baixinho. — A Árvore da Vida. Está aqui.

Sob os galhos espalhados, Mat deu um salto para pegar uma das folhas, os dedos esticados chegaram bem perto do galho mais baixo. Ficou satisfeito em adentrar aquele teto de folhas e recostar-se no tronco robusto. Depois de um instante, deslizou e sentou-se, encostando-se nele. As histórias antigas eram verdade. Ele sentia... alegria. Paz. Bem-estar. Até os pés já não incomodavam tanto.

Rand sentou-se perto dele, as pernas cruzadas.

— Dá para acreditar nas histórias. Ghoetam, que ficou sentado debaixo de *Avendesora* por quarenta anos para ganhar sabedoria. Neste exato instante, dá para acreditar.

Mat deixou a cabeça pender para trás e encostar no tronco.

— Mas não sei se eu confiaria nos pássaros para trazerem comida. Em algum momento ele teria que se levantar. — *Mas uma horinha não seria nada mau. Ou mesmo o dia inteiro.* — Mesmo assim, não faz sentido. Que tipo de comida os pássaros poderiam trazer? Que pássaros?

— Talvez Rhuidean não tenha sido sempre assim, Mat. Talvez... Não sei. Talvez *Avendesora* ficasse em algum outro lugar, antigamente.

— Em algum outro lugar — murmurou Mat. — Eu não me incomodaria de estar em algum outro lugar. — *Mas... é... bom.*

— Algum outro lugar? — Rand se virou para olhar as colunas compridas e finas, que reluziam bem próximas. Então suspirou. — O dever é mais pesado que a montanha.

Era parte de um ditado que ele aprendera nas Terras da Fronteira.

— A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha. — Soava como uma grande bobagem para Mat, mas Rand estava se levantando, então ele o imitou, relutante. — O que acha que vamos encontrar lá?

— Acho que tenho de seguir sozinho a partir daqui — disse Rand, devagar.

— Como assim? — inquiriu Mat. — Eu já vim até aqui, não vim? Não vou embora agora, de repente. — *Mas bem que eu queria!*

— Não é isso, Mat. Se você entrar, sai de lá como um chefe de clã ou morre. Ou sai louco. Não acredito que exista alternativa. A não ser que as Sábias entrem lá.

Mat hesitou. *Morrer e viver de novo*. Foi o que eles disseram. No entanto, não tinha a menor intenção de tentar ser chefe de clã Aiel. Os Aiel provavelmente enfiariam as lanças nele.

— Vamos deixar na mão da sorte — disse, pescando do bolso o marco de Tar Valon. — Essa está virando minha moeda da sorte. Chama, eu vou com você. Cara, fico aqui fora. — Ele girou a moeda depressa, antes que Rand pudesse fazer objeções.

De alguma forma, não conseguiu agarrá-la. A moeda deu uma guinada, caiu no chão, quicou duas vezes... E caiu de pé.

Ele cravou em Rand um olhar acusatório.

— Você faz esse tipo de coisa de propósito? Não sabe se controlar?

— Não. — A moeda caiu, revelando um rosto etéreo de mulher rodeado por estrelas. — Parece que dessa vez você fica de fora, Mat.

— Você canaliz...? — Queria que Rand não canalizasse perto dele. — Ah, que me queime, se quer que eu fique de fora, eu fico. — Agarrou a moeda e meteu-a de volta no bolso. — Escute, você entra, faz o que tem que fazer e volta. Quero dar o fora desse lugar, não vou ficar aqui para sempre girando os dedos e esperando. E nem pense que vou entrar para resgatar você, então é melhor tomar cuidado.

— Eu não pensaria isso de você, Mat — disse Rand.

Ele encarou o amigo, desconfiado. Por que estava rindo?

— Desde que você compreenda que não vou. Aaah, vá logo e vire um chefe Aiel. Você já tem cara, mesmo.

— Não entre lá, Mat. Aconteça o que acontecer, não entre. — Rand esperou o amigo assentir com a cabeça e se virou.

Mat ficou ali parado, observando-o caminhar por entre as colunas reluzentes. Pareceu sumir sob a luz ofuscante quase na mesma hora. *Ilusão de ótica*, Mat disse a si mesmo. Era só isso. *Uma porcaria de uma ilusão de ótica*.

Começou a examinar a coleção de objetos, mantendo a distância, olhando e se esforçando para avistar Rand outra vez.

— Olhe lá o que vai fazer — gritou. — Se me deixar sozinho no Deserto com Moiraine e os malditos Aiel, estrangulo você, Dragão Renascido ou não! — Depois de um minuto, acrescentou: — Não vou entrar aí para salvar sua pele se você se meter em confusão! Está me ouvindo? — Não houve resposta. *Se ele não aparecer aqui fora em uma hora...* — É um louco só por entrar aí — resmungou. — Bom, não serei eu que livrarei a pele dele do fogo. Ele é quem sabe canalizar. Se enfiar a droga da cabeça em um ninho de vespas, sabe canalizar para se livrar. — *Vou dar uma hora*.

Então iria embora, estando Rand de volta ou não. Iria simplesmente se virar e ir embora. Simplesmente iria embora. Era isso o que faria. Ah, iria.

Pela forma como as finas lanças de vidro captavam a luz azulada, refratando e refletindo, só encará-las era o bastante para ficar com dor de cabeça. Mat se virou e foi andando pelo caminho por onde viera, encarando com desconfiança os *ter'angreal* — ou o que fossem — que preenchiam a praça. O que estava fazendo ali? Por quê?

De repente parou onde estava e encarou um dos estranhos objetos. Um largo batente de porta feito de pedra vermelha polida, retorcido de um jeito que ele não conseguia entender muito bem, de modo que o olho parecia escorregar ao tentar acompanhar a linha do objeto. Foi se aproximando bem devagar, passando por entre torres facetadas reluzentes, da altura de sua cabeça, e molduras baixas douradas preenchidas com o que pareciam folhas de vidro. Quase não as notava, não tirava os olhos do batente.

Era igual. A mesma pedra vermelha polida, o mesmo tamanho, os mesmos cantos esquisitos. Ao longo de cada ripa corriam três fileiras de triângulos com as pontas para baixo. O de Tear tinha isso? Não conseguia se lembrar. Da outra vez, não estava tentando decorar cada detalhe. *Era* igual, só podia ser. Talvez não entrasse no outro de novo, mas e naquele...? Outra chance de encontrar aqueles caras de cobra, de fazê-los responderem mais algumas perguntas.

Espremendo os olhos por conta da claridade, espiou outra vez as colunas. Uma hora, fora o que dera a Rand. Em uma hora, poderia entrar e sair daquela coisa com tempo de sobra. Talvez nem funcionasse, já que usara o gêmeo. *Os dois são iguais*. Por outro lado, talvez funcionasse. Era só mais uma esfregadinha no Poder.

— Luz — murmurou. — *Ter'angreal*. Pedras-portais. Rhuidean. Que diferença pode fazer ir mais uma vez?

Deu um passo para dentro. Atravessou uma muralha de luz branca ofuscante, um rugido tão imenso que aniquilava o som.

Piscando, analisou os arredores e engoliu o xingamento mais vil que conhecia. Onde quer que estivesse, não era o lugar para onde fora da outra vez.

O batente retorcido jazia no centro de um imenso aposento que parecia ter formato de estrela, pelo que pôde distinguir em meio à floresta de colunas espessas, cada uma com oito caneluras profundas e extremidades amarelas pontiagudas emanando uma luz suave. Todas eram pretas e brilhantes, exceto pelas pontinhas reluzentes, erguendo-se de um chão branco e fosco e se avultando na escuridão acima de sua cabeça, em um ponto tão alto que até as faixas amarelas esvaneciam. Colunas e chão quase pareciam feitos de vidro, mas, quando ele se inclinou para esfregar o chão, percebeu que era pedra. Pedra empoeirada. Limpou a mão no casaco. O ar cheirava a bolor, e as únicas marcas que havia na poeira eram de suas próprias pegadas. Fazia muito tempo que alguém pisava.

Desapontado, virou-se de volta para o *ter'angreal*.

— Quanto tempo.

Mat deu um giro, agarrando a manga do casaco em busca da faca que estava no chão da montanha. O homem parado de pé entre as colunas não se parecia em nada com o povo com jeito de serpentes. Ele fez Mat se arrepender de ter entregado as últimas facas às Sábias.

O sujeito era alto, mais alto que um Aiel, e vigoroso, mas com ombros largos demais para o quadril fino, e a pele mais branca que o papel mais delicado. Tiras de couro claro enfeitadas com tachas de prata cruzavam os braços e o

peito nu, e um saiote pregueado caía até os joelhos. Os olhos grandes demais e quase sem cor estavam cravados fundo no rosto de maxilar estreito. Os cabelos curtos e avermelhados apontavam para cima, feito uma escova, e as orelhas, coladas à cabeça, eram meio pontudas. Ele se inclinou na direção de Mat, inspirando, abrindo a boca para sorver mais ar e mostrando os dentes pontiagudos. A impressão que o homem dava era a de uma raposa prestes a pular em cima de uma galinha encurralada.

— Quanto tempo — disse ele, endireitando-se. A voz era bruta, quase um rosnado. — Você aceita os tratados e acordos? Está trazendo ferro, instrumentos musicais ou aparatos para produzir luz?

— Não tenho nada disso — respondeu Mat, lentamente. Não era o mesmo lugar, mas o sujeito perguntava as mesmas coisas. E se comportava da mesma forma, sempre cheirando e cheirando. *Revirando todas as minhas experiências, não é, maldição? Ora, que seja. Talvez ele dê uma aivada na minha memória, para que eu possa lembrar também.* Ele se perguntou se estava falando na Língua Antiga outra vez. Era incômodo não saber, não ser capaz de dizer. — Se puder me levar aonde eu possa ter respostas para algumas perguntas, mostre o caminho. Se não, vou seguir adiante e peço desculpas por incomodar.

— Não! — Os olhos grandes e descoloridos piscaram, agitados. — Você não pode ir. Venha. Vou levá-lo aonde vai encontrar o que precisa. Venha. — O homem se afastou, gesticulando com as duas mãos. — Venha.

Olhando de relance para o *ter'angreal*, Mat foi atrás. Desejou que o homem não tivesse aberto um sorriso enorme naquele instante. Talvez estivesse só querendo tranquilizá-lo, mas aqueles dentes... Decidiu que nunca mais deixaria para trás *todas* as facas, nem pelas Sábias, nem pelo Trono de Amyrlin em pessoa.

O grande batente de porta de cinco lados mais parecia a boca de um túnel, pois o corredor adiante era exatamente do mesmo tamanho e forma, com as faixas de brilho tênue e amarelado correndo pelas dobras, margeando o chão e o teto. Parecia estender-se indefinidamente para a frente, esvanecendo e escurecendo a distância, interrompido em intervalos por outros grandes batentes de porta de cinco lados. O homem de saia não assumiu a liderança até que ambos estivessem no corredor, e mesmo assim continuava olhando por cima do ombro largo, como se para certificar-se de que Mat ainda estava lá. O ar não estava mais bolorento. Em vez disso, guardava um leve toque de algo desagradável, algo um tanto familiar, mas não tão forte que ele pudesse reconhecer.

Ao passar pelo primeiro batente, Mat deu uma espiada e suspirou. Para além das colunas negras em forma de estrela, um batente de porta retorcido de pedra vermelha jazia em um chão de vidro fosco, onde a poeira revelava as pegadas de um par de botas que saía do *ter'angreal* em direção ao corredor, conduzido por pegadas de pés descalços. Ele olhou por cima do ombro. Em vez de terminar cinquenta passadas atrás em outro aposento como aquele, o corredor continuava até onde a vista alcançava, uma imagem espelhada do que havia adiante. O guia abriu o sorriso de dentes pontudos. O sujeito parecia faminto.

Sabia que deveria esperar algo daquele tipo, depois do que vira do outro lado do batente de porta da Pedra. Aquelas torres se movendo de onde deveriam estar para onde, por questão de lógica, não poderiam estar. Se as torres se mexiam, por que não os aposentos? *Eu devia ter ficado lá fora esperando Rand, é isso que eu devia ter feito. Eu devia ter feito muitas coisas.* Pelo menos, se todas as entradas à frente eram iguais, não teria problemas em encontrar o *ter'angreal* outra vez.

Espiou a entrada seguinte e viu as colunas negras, o *ter'angreal* de pedra vermelha e suas pegadas e as do guia na poeira. Quando o homem de mandíbula estreita olhou outra vez por sobre o ombro, Mat abriu um sorriso cheio de dentes.

— Nunca pense que pegou um filhote na armadilha. Se tentar levar a melhor, arranque seu couro para fazer um forro de sela.

O sujeito levou um susto, arregalou os olhos pálidos, depois deu de ombros e ajustou as tiras cravejadas de prata no peito, o sorriso debochado parecia ter como objetivo enfatizar o que estava fazendo. De súbito, Mat se pegou imaginando de onde viria aquele couro claro. Sem dúvida não... *Ah, Luz, acho que é.* Conseguiu dar um jeito de se impedir de engolir em seco, mas por pouco.

— Vá guiando, seu filho de uma cabra. Seu couro não vale essa prata cravejada. Pode me levar aonde eu quero ir.

O homem soltou um rosnado e apertou o passo, mantendo as costas eretas. Mat não se importou se o sujeito estava ofendido. Mas continuava desejando ter pelo menos uma faca. *Que me queime se vou deixar um descerebrado com cara de raposa arrancar meu couro para fazer arreio.*

Não dava para dizer por quanto tempo os dois caminharam. O corredor nunca mudava, continuava com as mesmas paredes inclinadas e faixas amarelas reluzentes. Cada porta exibia o aposento idêntico, o *ter'angreal*, as pegadas, tudo o mais. A mesmice acabou fazendo-o perder a noção do tempo. Mat ficou preocupado em saber quanto havia se passado. Sem dúvida mais do que a hora que estabelecera. As roupas agora estavam apenas úmidas, as botas já não emitiam aquele barulho de couro molhado. Mas continuou andando, olhando as costas do guia e andando.

De súbito o corredor terminou à frente, em mais um batente de porta. Mat piscou. Poderia jurar que um instante antes o corredor se estendia até onde a vista alcançava. Mas andara observando mais o sujeito dos dentes pontudos do que o que havia adiante. Olhou para trás e quase soltou um xingamento. O corredor seguia até que as faixas amarelas reluzentes pareciam se juntar em um ponto. E não havia qualquer abertura visível em nenhum trecho ao longo.

Quando se virou, estava sozinho diante do grande batente de cinco lados. *Que me queime, queria que eles não fizessem isso.* Respirou fundo e adentrou.

Era outro aposento de piso branco em formato de estrela, não tão grande quanto o anterior — ou anteriores — mas com as mesmas colunas. Havia uma estrela de oito pontas com um pedestal preto de vidro em cada ponta, parecendo um pedaço de duas braças de altura tirado de uma daquelas

colunas. Faixas amarelas cintilantes percorriam as extremidades pontiagudas do aposento e dos pedestais. O cheiro desagradável era mais forte no ambiente, agora o reconhecia. O cheiro do covil de um animal selvagem. Mal reparou, no entanto, pois a câmara estava vazia exceto por ele.

Mat se virou lentamente e franziu o cenho para os pedestais. Sem dúvida alguém deveria estar nos topos, quem quer que fosse responder às perguntas. Estava sendo enganado. Se conseguira chegar até ali, conseguiria obter algumas respostas.

De repente, deu um giro e procurou não os pedestais, mas as paredes lisas e cor de cinza. O batente de porta desaparecera, não havia saída.

No entanto, antes que ele completasse a segunda volta, surgiu alguém em cima de cada um dos pedestais, pessoas como o guia, mas vestidas de forma diferente. Quatro eram homens, e o restante, mulheres, com os cabelos eriçados formando um topete e descendo pelas costas. Todos usavam saias compridas e brancas que escondiam os pés. As mulheres usavam blusas brancas que caíam abaixo dos quadris, com golas altas de renda e babados claros nos punhos. Os homens usavam ainda mais tiras do que o guia, e eram mais largas e cravejadas de ouro. Cada arreo sustentava um par de facas desembainhadas no peito de cada homem. De bronze, achou ele, pela cor, mas teria dado todo o ouro em sua posse por apenas uma delas.

— Fale — disse uma das mulheres, a voz soando como um rosnado. — Pelo antigo tratado, aqui o acordo é feito. Do que necessita? Fale.

Mat hesitou. Não fora assim que o povo das cobras havia falado. Todos o encaravam feito raposas encarando o jantar.

— Quem é a Filha das Nove Luas, e por que tenho que me casar com ela?

Esperou que eles contassem como uma pergunta só.

Ninguém respondeu. Nenhum deles falou. Apenas continuaram a encará-lo com aqueles olhos descoloridos.

— Vocês deviam me responder — disse. Silêncio. — Que seus ossos virem cinzas, me respondam! Quem é a Filha das Nove Luas, e por que tenho que me casar com ela? Como é que vou morrer e nascer outra vez? O que significa que tenho que abrir mão de metade da luz do mundo? Essas são minhas três perguntas. Falem alguma coisa!

Silêncio mortal. Ele ouvia a própria respiração, o sangue pulsando nos próprios ouvidos.

— Não tenho a menor intenção de me casar. E também não tenho intenção de morrer, vivendo de novo ou não. Ando por aí com esses buracos na memória, buracos na vida, e vocês ficam me encarando feito idiotas. Se eu pudesse escolher, preencheria esses buracos, mas pelo menos respostas às minhas perguntas poderiam preencher alguns buracos no futuro. Vocês têm que me responder...!

— Feito — grunhiu um dos homens, e Mat piscou.

Feito? O que foi feito? O que ele quis dizer?

— Que seus olhos queimem — resmungou. — Que suas almas queimem! Vocês são ruínas como as Aes Sedai. Bem, quero um jeito de me livrar das Aes

Sedai e do Poder, e quero me afastar de vocês e voltar para Rhuidean, já que não vão me responder. Abram uma porta e me deixem...

— Feito — disse outro homem.

— Feito — ecoou uma das mulheres.

Mat observou as paredes, depois cravou os olhos, irritado, em cada um deles, de pé nos pedestais, encarando-o de cima.

— Feito? O que é que foi feito? Não estou vendo porta nenhuma. Seus mentirosos filhos de umas cab...

— Tolo — disse uma mulher, em um rosnado sussurrado, e outros repetiram. Tolo. Tolo. Tolo.

— Foi sábio pedir para ir embora sem determinar preço, nem termos.

— Mas tolo por não acordar o valor antes.

— Vamos decidir o preço.

Eles falavam tão depressa que Mat não sabia quem estava falando o quê.

— O que foi pedido será concedido.

— O preço será pago.

— Que se queimem — gritou ele — do que vocês estão falando...

A escuridão se fechou à volta dele, total e completa. Algo envolvia sua garganta. Ele não conseguia respirar. Ar. Não conseguia...





A ROTA PARA A LANÇA

Rand não hesitou ao alcançar a primeira fileira de colunas, forçando-se a caminhar por entre elas. Não podia mais voltar; não podia mais olhar para trás. *Luz, o que é que vai acontecer aqui? O que é que isso realmente faz?*

Límpidas como o vidro mais delicado, talvez com um pé de espessura e a três passadas ou mais de distância, as colunas eram uma floresta de luzes ofuscantes que ondeavam em cascata, clarões e estranhos arco-íris. O ar era mais frio ali, o bastante para fazê-lo querer um casaco, mas a mesma poeira arenosa cobria as pedras brancas e lisas debaixo das botas. Nem a mais leve brisa soprava, mas algo fazia cada pelo em seu corpo se eriçar, mesmo sob a camisa.

À frente e à direita, viu outro homem, nos mesmos tons de cinza e marrom dos Aiel, parado, rígido feito uma estátua sob a luz intermitente. Devia ser Muradin, irmão de Couladin. Parado e rígido, *alguma coisa* estava acontecendo. Era estranho, mas, mesmo com o fulgor da luz, Rand não conseguia distinguir as feições do Aiel com clareza. De olhos arregalados, rosto contraído, a boca trêmula quase em um rosnado. Fosse lá o que o homem estivesse vendo, não estava gostando. Mas Muradin já sobrevivera até ali, pelo menos. Se ele era capaz, Rand também seria. O homem estava no máximo seis ou sete passadas à frente dele. Perguntando-se por que ele e Mat não haviam visto Muradin entrar, avançou mais um passo.

* * *

Andava atrás de um par de olhos, sentindo um corpo, mas sem controlá-lo. O dono dos olhos acocorou-se por entre os pedregulhos de uma encosta árida, sob o céu ensolarado, olhando para estranhas estruturas de pedra inacabadas — *Não! Menos que inacabadas. Isso é Rhuidean, mas sem névoa, bem no*

comecinho. O sujeito olhava com desdém. Ele era Mandein, jovem para um chefe de clã, com quarenta anos. A noção de separação se esvaiu, a aceitação veio. Era Mandein.

— Você precisa concordar — disse Sealdre, mas ele a ignorou por ora.

Os Jenn haviam construído coisas que puxavam a água e a despejavam em grandes bacias de pedra. Ele já entrara em batalhas por menos água do que cabia em um daqueles tanques, com gente que andava por aí como se a água fosse algo insignificante. Uma estranha floresta de vidro se erguia no centro da atividade, cintilando sob o sol, e, perto dela, estava a árvore mais alta que já vira, com pelo menos três braças de altura. Parecia que cada uma das estruturas de pedra era projetada para abrigar uma fortaleza inteira, um ramo inteiro, depois de prontas. Loucura. Essa Rhuidean era indefensável. Não que alguém fosse atacar os Jenn, naturalmente. A maioria os evitava como evitavam os malditos Perdidos, que vagavam à procura das canções que alegavam poder trazer de volta os dias antigos.

Uma procissão saía furtiva de Rhuidean em direção à montanha, poucas dezenas de Jenn e duas liteiras, cada uma carregada por oito homens. Nelas havia madeira suficiente para doze cadeiras de chefe. Ouvira dizer que ainda havia Aes Sedai entre os Jenn.

— Você deve concordar com o que eles pedirem, marido — disse Sealdre.

Ele olhou a mulher, desejando ter um instante para passar as mãos por seus longos cabelos louros, vendo a menina risonha que deitara a coroa nupcial a seus pés e o pedira em casamento. Mas ela agora estava séria, atenta e preocupada.

— Os outros virão? — perguntou.

— Alguns. A maioria. Conversei com minhas irmãs em sonho, e todas sonhamos o mesmo. Os chefes que não vierem, os que não concordarem... seus ramos vão morrer, Mandein. Virarão pó em três gerações, e seus fortes e gado passarão a pertencer a outros ramos. Eles perderão seus nomes.

Ele não gostava que ela falasse com as Sábias de outros ramos, nem mesmo em sonhos. Mas os sonhos das Sábias diziam a verdade. Quando elas sabiam, era verdade.

— Fique aqui — disse. — Se eu não voltar, ajude nossos filhos e filhas a manterem o ramo unido.

Ela tocou sua face.

— Vou fazer isso, sombra da minha vida. Mas não esqueça. Você precisa concordar.

Mandein acenou, e uma centena de silhuetas veladas o seguiram encosta abaixo, sumindo de rochedo em rochedo, arcos e lanças prontos, marrom e cinza misturados à terra árida, desaparecendo até da vista dele. Eram todos homens, deixara com Sealdre as mulheres do ramo que carregavam a lança junto aos homens. Caso alguma coisa desse errado, e ela decidisse fazer algo insensato para salvá-lo, os homens provavelmente a seguiriam. As mulheres a levariam de volta ao forte, sem ligar para seu desejo, assegurando a proteção do forte e do ramo. Esperava que elas fossem capazes. Elas às vezes conseguiam ser mais ferozes do que qualquer homem, mas também mais tolas.

A procissão vinda de Rhuidean já parara no baixio de barro rachado quando ele alcançou a encosta mais baixa. Fez um gesto para que os homens se abaixassem e prosseguiu sozinho, baixando o véu. Estava ciente de que havia outros homens percorrendo a montanha, à esquerda e à direita, e avançando pelo solo seco, vindos de outras direções. Quantos seriam? Cinquenta? Talvez cem? Esperava que alguns rostos estivessem ausentes. Sealdre estava certa, como de costume. Alguns não tinham dado atenção ao sonho de suas Sábias. Havia rostos que ele nunca vira antes, e rostos de homens que tentara matar e de outros que haviam tentado matá-lo. Pelo menos nenhum usava o véu. Matar alguém na frente de um Jenn era quase tão ruim quanto matar um Jenn. Desejou que os outros se lembrassem disso. Se um cometesse uma traição, os véus seriam erguidos. Os guerreiros trazidos por cada chefe viriam das montanhas, e a terra ressecada ficaria encharcada de sangue. De certo modo, esperava a qualquer momento sentir uma lança entre as costelas.

Mesmo tentando ficar atento a uma centena de possibilidades de morte, foi difícil não encarar as Aes Sedai quando os carregadores baixaram ao chão as cadeiras com entalhes ornamentados. Mulheres de cabelos tão brancos que pareciam quase transparentes. Rostos etéreos com peles que poderiam ser rasgadas pelo vento. Ouvira dizer que os anos não afetavam as Aes Sedai. Qual seria a idade das duas? O que elas já haviam visto? Será que se lembravam de quando seu avô, Comran, encontrou pela primeira vez os *pousos* Ogier na Muralha do Dragão e começou a negociar com eles? Ou talvez de quando o avô de Comran, Rhodric, liderou os Aiel para matar os homens vestidos em camisas de ferro que haviam cruzado a Muralha do Dragão? As Aes Sedai voltaram os olhos para ele — azul penetrante e castanho muito, muito escuro, o primeiro par de olhos escuros que vira — e pareceram ver dentro de seu crânio, dentro de seus pensamentos. Sabia que fora escolhido, mas não sabia por quê. Com esforço, desviou o olhar das mulheres, que o conheciam mais do que conhecia a si mesmo.

Um homem encovado de cabelos brancos, alto, mas curvado, veio andando do grupo de Jenn. Era flanqueado por duas mulheres grisalhas que poderiam ser irmãs, com os mesmos pares de olhos verdes e o mesmo jeito de inclinar a cabeça ao olhar para alguma coisa. Os outros Jenn encaravam o chão, inquietos, em vez de olhar para os Aiel, mas não esses três.

— Sou Dermon — disse o homem, com a voz forte e profunda. O escrutínio em seus olhos azuis era firme como o de qualquer Aiel. — Essas são Mordaine e Narris. — Ele apontou para as mulheres a seu lado, uma de cada vez. — Falamos por Rhuidean e pelos Aiel Jenn.

Uma inquietude percorreu os homens à volta de Mandein. A maioria, como ele, não gostava que os Jenn alegassem ser Aiel.

— Por que nos chamou aqui? — inquiriu, embora sentisse a língua queimar ao admitir ter sido convocado.

Em vez de responder, Dermon perguntou:

— Por que não porta espada? — A frase ocasionou murmúrios irritados.

— E proibido — vociferou Mandein. — Até os Jenn deviam saber disso. — Ergueu as lanças e tocou a faca em sua cintura e o arco nas costas. — Essas armas bastam para um guerreiro.

Os murmúrios tornaram-se aprovativos, incluindo alguns vindos dos homens que haviam jurado matá-lo. Ainda matariam, se tivessem chance, mas aprovaram o que ele dissera. E pareciam satisfeitos em deixá-lo falar, com aquelas Aes Sedai observando.

— Você não sabe por quê — disse Mordaine, e Nariisse acrescentou:

— Há muito que você não sabe. Mas precisa saber.

— O que vocês querem? — inquiriu Mandein.

— Vocês. — Dermon passou os olhos pelos Aiel, dirigindo as palavras a todos. — Seja quem for o líder entre vocês, ele deve ir a Rhuidean para saber de onde viemos e por que vocês não portam espadas. Quem não puder aprender, não poderá viver.

— Suas Sábias falaram com vocês — disse Mordaine — ou não estariam aqui. Sabem que preço pagam os que se recusam.

Charendin foi abrindo caminho para avançar, os olhos cravados ora em Mandein, ora nos Jenn. Fora Mandein quem pusera aquela cicatriz franzida em seu rosto, e os dois quase se mataram três outras vezes.

— Basta ir até vocês? — indagou Charendin. — Quem de nós for até vocês comandará os Aiel?

— Não. — A palavra saiu feito um sussurro, mas com força suficiente para chegar a todos os ouvidos. Veio da Aes Sedai de olhos escuros, sentada na cadeira entalhada com um cobertor sobre as pernas, como se sentisse frio sob o sol escaldante. — Esse virá depois — disse. — A pedra que nunca cai cairá para anunciar sua chegada. Saído do sangue, mas não criado no sangue, ele virá de Rhuidean ao amanhecer e unirá todos com elos que não poderão ser desfeitos. Ele os trará de volta e os destruirá.

Alguns chefes dos ramos fizeram menção de partir, mas nenhum avançou mais que alguns passos. Cada um escutara a Sábida de seu ramo. *Concordem, ou seremos destruídos como se nunca tivéssemos existido. Concordem, ou causaremos nossa própria destruição.*

— Que belo truque — gritou Charendin. Baixou a voz diante dos olhares das Aes Sedai, mas ainda falava com raiva. — Vocês querem ter controle sobre os ramos. Os Aiel não se ajoelham diante de homens ou mulheres. — Ele virou a cabeça de repente, evitando encarar as Aes Sedai. — De ninguém — murmurou.

— Não buscamos controle — retrucou Nariisse.

— Nossos dias estão definhando — disse Mordaine. — Chegará o dia em que não haverá mais Jenn, e restarão apenas vocês para lembrar os Aiel. Vocês precisam permanecer, ou tudo será em vão e estará perdido.

A insipidez de sua voz, firme e tranquila, silenciou Charendin, mas Mandein ainda tinha uma pergunta.

— Por quê? Se você sabe da ruína, por que fazer isso? — Apontou para as estruturas que se erguiam a distância.

— É nosso propósito — respondeu Dermon, calmo. — Procuramos este lugar por longos anos, e agora o preparamos, ainda que não para o propósito que imaginávamos. Fazemos o que é necessário e mantemos a fé.

Mandein observou o rosto do homem. Não havia medo.

— Vocês são Aiel — disse, e quando alguns dos outros chefes arquejaram, ergueu a voz. — Vou até os Aiel Jenn.

— Não se pode entrar em Rhuidean armado — disse Dermon.

Mandein riu alto da temeridade do homem. Pedir a um Aiel que fosse desarmado. Ele largou as armas e deu um passo adiante.

— Leve-me até Rhuidean, Aiel. Farei frente à sua coragem.

* * *

Rand piscou os olhos sob a luz trêmula. Ele *tinha sido* Mandein, podia sentir o desprezo pelos Jenn dando lugar à admiração. Eram os Jenn Aiel, ou não eram? Pareciam iguais, altos, de olhos claros e rostos queimados pelo sol, vestidos nas mesmas roupas, mas sem os véus. Porém não portavam armas, apenas facas simples de cintura, próprias para o trabalho. Não havia algo como um Aiel sem armas.

Adentrara as colunas mais longe do que um simples passo poderia levar, estava mais perto de Muradin do que antes. O olhar fixo do Aiel se transformara em uma careta lúgubre.

Quando Rand se aproximou, a terra granulosa do chão arranhou as solas de suas botas.

* * *

Seu nome era Rhodric, e tinha quase vinte anos. O sol brilhava forte no céu, mas mantinha o véu erguido e os olhos alertas. As lanças estavam prontas — uma na mão direita, três no pequeno broquel de couro de boi — e ele também. Jeordam estava no baixio de grama marrom ao sul das colinas, onde a maior parte dos arbustos era frágil e murcha. O velho tinha cabelos brancos, feito aquela coisa chamada neve de que os antigos falavam, mas tinha olhos argutos, então observar os cavadores do poço erguendo bolsas cheias d'água não ocupava toda a sua atenção.

Montanhas se erguiam a norte e a leste. A cadeia a nordeste era alta, pontuda e de cumes brancos, mas parecia pequena se comparada às montanhas do leste. Elas faziam parecer que o mundo tentava tocar os céus, e talvez tentasse. Aquele branco seria neve? Não pretendia descobrir. Diante das circunstâncias, os Jenn teriam que virar a leste. Haviam trilhado rumo ao norte ao longo daquela muralha montanhosa por longos meses, arrastando penosamente os carroções atrás de si, tentando denegar os Aiel que os seguiam. Pelo menos encontraram água ao cruzar um rio, ainda que não muita. Já fazia anos que Rhodric não via um rio que não pudesse cruzar, a

maioria era apenas barro seco e rachado, distante das montanhas. Torcia para que as chuvas viessem outra vez, que o verde crescesse outra vez. Lembrava-se de quando o mundo era verde.

Ouviu os cavalos antes de vê-los, três homens cavalgando pelas colinas marrons em camisas de couro com discos de metal costurados ao longo de todo o comprimento, dois com lanças. Conhecia o comandante. Era Garam, filho do chefe da cidade. Acabara de desaparecer pelo caminho de onde os outros vinham, não muito mais velho que ele. Eram cegos, esses cidadãos. Não viram os Aiel que se remexeram depois de sua passagem, logo voltando a ser quase invisíveis sobre a terra ressequida. Rhodric baixou o véu. Não haveria matança, a não ser que os cavaleiros comessem. Não se arrependia — não exatamente — mas não podia confiar em homens que viviam em casas e cidades. Houvera muitas batalhas com esses tipos. As histórias diziam que fora sempre assim.

Garam puxou as rédeas e ergueu a mão direita em saudação. Era um homem pequeno e de olhos escuros, assim como os dois acompanhantes, mas todos os três pareciam fortes e aptos.

— Ei, Rhodric. Seu povo já terminou de encher os cantis?

— Vejo você, Garam. — Manteve a voz firme e inexpressiva. Aquilo o incomodava, ver homens montados em cavalos era ainda pior do que vê-los portando espadas. Os Aiel possuíam animais de carga, mas havia algo de pouco natural em sentar-se em cima de um cavalo. As pernas de um homem bastavam. — Estamos perto. Seu pai retira a permissão para pegarmos água de suas terras? — Nenhuma outra terra jamais concedera permissão. A água tinha de ser disputada se houvesse homens por perto, assim como tudo o mais. E, se havia água, havia homens por perto. Não seria fácil derrubar aqueles três sozinho. Mudou de posição, pronto para dançar e provavelmente morrer.

— Não retira — disse Garam. Nem percebera que Rhodric se remexera. — Temos uma nascente forte na cidade, e meu pai diz que, quando vocês forem embora, teremos os novos poços que cavaram até irmos embora também. Mas seu avô parecia querer saber se os outros começam a se mudar, e começaram. — Ele se inclinou para a frente, com um cotovelo apoiado na sela. — Diga, Rhodric, eles são o mesmo povo que vocês?

— Eles são os Aiel Jenn. Nós somos os Aiel. Somos iguais, mas diferentes. Não posso explicar mais nada, Garam. — Ele mesmo não entendia muito bem.

— Para que lado estão indo? — perguntou Jeordam.

Rhodric curvou-se em uma mesura tranquila para seu avô. Ouvira o som de passos, o som de uma bota macia, e sabia que pertenciam a um Aiel. Mas os cidadãos não tinham notado a aproximação de Jeordam, e puxaram as rédeas com um solavanco, surpresos. Apenas o gesto lento de Garam impediu os outros dois de puxarem as lanças. Rhodric e seu avô aguardaram.

— Leste — disse Garam, depois de assumir o controle sobre o cavalo outra vez. — Cruzando a Espinha do Mundo. — Ele apontou para as montanhas que penetravam o céu.

Rhodric estremeceu, mas Jeordam disse, tranquilo:

— O que há do outro lado?

— O fim do mundo, pelo que sei — respondeu Garam. — Não sei muito bem se existe como atravessar a montanha. — Ele hesitou. — Os Jenn levam Aes Sedai com eles. Dezenas, pelo que ouvi dizer. Não acha desconfortável viajar perto de Aes Sedai? Ouvi dizer que o mundo era diferente, mas elas o destruíram.

As Aes Sedai deixavam Rhodric muito nervoso, mas ele manteve o rosto impassível. Eram apenas quatro, não dezenas, mas o bastante para fazê-lo recordar as histórias de que os Aiel haviam decepcionado as Aes Sedai de alguma forma que ninguém entendia. As Aes Sedai deviam saber, quase não saíram dos carroções dos Jenn durante o ano que se passara desde sua chegada, mas, quando saíam, olhavam os Aiel com tristeza. Rhodric não era o único que tentava evitá-las.

— Nós vigiamos os Jenn — disse Jeordam. — São eles que viajam com Aes Sedai.

Garam assentiu, como se aquilo fizesse diferença, depois inclinou-se outra vez para a frente e baixou a voz.

— Meu pai tem uma conselheira Aes Sedai, embora tente esconder isso da cidade. Ela disse que devemos sair dessas colinas e rumar para o leste. Disse que os rios secos voltarão a correr, e que vamos construir uma grande cidade ao lado de um. Ela disse muitas coisas. Ouvi dizer que as Aes Sedai planejam erguer uma cidade, que encontraram Ogiers que vão erguê-la para elas. Ogiers! — Ele balançou a cabeça, saindo das lendas e voltando à realidade. — Achem que elas querem governar o mundo outra vez? As Aes Sedai? Acho que deveríamos matar todas antes que elas nos destruam de novo.

— Devem fazer o que acharem melhor. — A voz de Jeordam não dava pista de seus pensamentos. — Preciso aprontar meu povo para cruzar essas montanhas.

O homem de cabelos escuros se endireitou sobre a sela, claramente decepcionado. Rhodric suspeitou que ele quisesse a ajuda dos Aiel para matar as Aes Sedai.

— A Espinha do Mundo — disse Garam, de repente. — Tem outro nome. Alguns a chamam de Muralha do Dragão.

— Um nome apropriado — retrucou Jeordam.

Rhodric encarou as montanhas que se agigantavam a distância. Um nome apropriado para os Aiel. Seu próprio nome secreto, jamais revelado a ninguém, era Povo do Dragão. Ele não sabia por quê, só sabia que o nome não era pronunciado em voz alta, a não ser quando alguém recebia as lanças. O que havia para além da Muralha do Dragão? Pelo menos haveria gente com quem lutar. Sempre havia. No mundo inteiro, havia apenas Aiel, Jenn e inimigos. Apenas isso. Aiel, Jenn e inimigos.

A respiração de Rand saiu profunda e arranhada, como se ele tivesse passado horas sem respirar. Raios de luz ofuscantes subiam depressa pelas colunas à volta. As palavras ainda ecoavam em sua mente. Aiel, Jenn e inimigos, assim era o mundo. Aquele lugar não era o Deserto, sem dúvida. Ele tinha visto — e vivido — uma época antes de os Aiel chegarem à Terra da Trindade.

Estava ainda mais próximo de Muradin. Os olhos do Aiel se remexiam, incomodados, e ele parecia lutar para não dar o próximo passo.

Rand seguiu em frente.

* * *

Jeordam acocorou-se, confortável, na encosta coberta de branco, ignorando o frio e observando cinco pessoas caminharem a passos pesados em direção a ele. Três homens de mantos e duas mulheres em vestidos robustos atravessando a neve com dificuldade. O inverno deveria ter acabado havia tempos, segundo os antigos, mas eles contavam histórias sobre as estações não estarem se comportando da forma habitual. Diziam também que nos velhos tempos a terra se sacudia, e as montanhas se erguiam ou afundavam, como quando alguém joga uma pedra em um lagozinho no verão. Jeordam não acreditava. Tinha dezoito anos, nascera nas tendas, e aquela era a única vida que conhecia. A neve, as tendas e o dever de proteger.

Baixou o véu e levantou-se devagar, apoiado na lança longa para não assustar o povo no carroção, mas mesmo assim eles pararam de repente, encarando a lança, o arco atravessado em suas costas e a aljava na cintura. Nenhum parecia mais velho do que ele.

— Precisam de nós, Jenn? — gritou.

— Você nos chama assim para zombar — gritou de volta um homem alto de nariz pontudo — mas é verdade. *Somos* os únicos verdadeiros Aiel. Vocês abriram mão do Caminho.

— Isso é mentira! — bradou Jeordam, de repente. — Nunca ergui uma espada! — Ele respirou fundo para se acalmar. Não estava ali para se irritar com os Jenn. — Se estiverem perdidos, seus carroções estão para o lado de lá. — Apontou para o sul com a lança.

Uma mulher tocou o braço do homem de nariz pontudo e falou baixinho. Os outros assentiram, e, por fim, o homem fez o mesmo, embora relutante. Ela era bonita, tinha mechas de cabelo loiro escapando pelo xale escuro que envolvia o pescoço. Olhando para Jeordam, a mulher disse:

— Não estamos perdidos.

De repente ela o perscrutou, como se o visse pela primeira vez, e apertou o xale no corpo.

Ele assentiu, não achava que estivessem. Os Jenn sempre davam um jeito de evitar qualquer um que viesse das tendas, mesmo quando precisavam de ajuda. Os poucos que não evitavam se aproximavam apenas por desespero, em busca da ajuda que não podiam encontrar em nenhum outro lugar.

— Venham comigo.

As tendas de seu pai ficavam a uma milha de caminhada pelas colinas, contornos baixos parcialmente cobertos pela última nevada, que se agarrava às encostas. Seu povo olhava receoso para os recém-chegados, mas isso não os fez parar o que faziam, estivessem cozinhando, cuidando das armas, ou brincando de guerra de neve com uma criança. Jeordam tinha orgulho de seu ramo, formado por quase duzentos, o maior dos dez acampamentos espalhados ao norte dos carroções. Mas os Jenn não pareciam muito impressionados. Ele ficava irritado em ver que havia muitos mais Jenn que Aiel.

Lewin saiu de sua tenda, um homem alto, grisalho e de feições severas. Ele nunca sorria, pelo que diziam, e Jeordam nunca o vira sorrir. Talvez o homem sorrisse, antes de a mãe de Jeordam morrer por causa de uma febre, mas o rapaz achava que não.

A mulher de cabelos loiros — seu nome era Morin — contou uma história bem parecida com a que Jeordam esperava. Os Jenn haviam feito negócios com uma aldeia, um lugar com uma muralha de troncos, e os homens da aldeia voltaram durante a noite e tomaram de volta o que haviam trocado, além de levarem outras coisas. Os Jenn sempre achavam que podiam confiar no povo que morava em casas, achavam que o Caminho os protegeria. Os mortos foram enumerados — pais, uma mãe, irmãos-primos. Os reféns — irmãs-primas, uma irmã-da-mãe, uma filha. A última surpreendeu Jeordam. Foi Morin quem falou em tom amargo sobre uma filha de cinco anos levada para ser criada por alguma outra mulher. Analisando-a mais de perto, somou alguns anos à idade que pensara que Morin tivesse.

— Vamos trazê-los de volta — prometeu Lewin. Pegou uma pilha de lanças que lhe foi entregue e empurrou-as no chão, de ponta para baixo. — Podem ficar conosco, se desejarem, desde que estejam dispostos a defender a si mesmos e aos outros. Se ficarem, não poderão voltar aos carroções. — O sujeito de nariz pontudo se virou e retornou por onde haviam vindo. Lewin prosseguiu, era raro que apenas um fosse embora nesse momento. — Os que desejarem vir conosco até essa aldeia, peguem uma lança. Mas lembrem-se, se usarem a lança contra um homem, terão que ficar conosco. — Sua voz e seus olhos estavam petrificados. — Terão morrido para os Jenn.

Um dos homens restantes hesitou, mas cada um deles enfim puxou uma lança do chão. Morin também. Jeordam a encarou, boquiaberto, e até Lewin piscou.

— Não precisa pegar uma lança só para ficar — disse Lewin — ou para que tragamos seus familiares de volta. Pegar uma lança indica disposição para lutar, não apenas para se defender. Pode baixar, não precisa ter vergonha.

— Eles levaram minha filha — respondeu Morin.

Para espanto de Jeordam, Lewin mal pausou antes de assentir.

— Para tudo existe uma primeira vez. Para tudo. Então que seja.

O pai começou a dar pancadinhas nos ombros dos homens, caminhando pelos acampamentos e convocando-os a visitar a tal aldeia murada com troncos. Jeordam foi o primeiro. Desde que passou a ter idade suficiente para

segurar uma lança, o pai sempre o escolhia em primeiro lugar. E nunca teria feito o contrário.

Morin estava tendo problemas com a lança, cujo cabo se embolara em suas longas saias.

— Você não precisa ir — disse Jeordam. — Nenhuma mulher nunca foi. Traremos sua filha de volta.

— Quero tirar Kirin de lá pessoalmente — respondeu ela, feroz. — Vocês não vão me impedir.

Que mulher teimosa.

— Nesse caso, deverá se vestir assim. — Ele apontou para o casaco e as calças que usava. — Não dá para cruzar as terras no meio da noite usando um vestido. — Então tomou a lança da mão da mulher antes que ela pudesse reagir. — Não é fácil aprender a lança. — Os dois homens que tinham vindo com ela, desajeitados ao receberem instruções, quase tropeçando nos próprios pés, eram prova disso. Jeordam pegou um machadinho e cortou um pedaço do cabo, deixando apenas quatro pés e mais quase um pé de lâmina. — Espete as pessoas com ela. Nada mais que isso. Só espete. O cabo também é usado para bloquear, mas vou encontrar alguma coisa para você usar de escudo na outra mão.

Ela o encarou de um jeito estranho.

— Quantos anos você tem? — perguntou, revelando ainda mais estranheza.

Jeordam lhe disse, e a mulher apenas assentiu, pensativa.

Depois de um instante, ele perguntou:

— Algum desses homens é seu marido?

Os dois Jenn ainda tropeçavam nas próprias lanças.

— Meu marido já está de luto por Kirin. Dá mais importância às árvores do que à própria filha.

— Árvores?

— As Árvores da Vida. — Jeordam ficou olhando para ela, atônito, e a mulher balançou a cabeça. — Três arvorezinhas plantadas em barris. Eles cuidam delas quase tão bem quanto de si mesmos. Pretendem plantá-las quando encontrarem um lugar seguro, dizem que os dias antigos retornarão quando isso acontecer. Eles. Eu disse eles. Está certo. Não sou mais Jenn. — Morin ergueu a lança de cabo encurtado. — Isso aqui agora é meu marido. — Encarando-o de perto, ela perguntou: — Se alguém levasse um filho seu, você ficaria falando do Caminho da Folha e do sofrimento que foi enviado para nos testar? — Jeordam balançou a cabeça, e a mulher completou: — Foi o que pensei. Você será um pai excelente. Agora me ensine a usar a lança.

Uma mulher estranha, porém bonita. Ele tomou a lança e começou a ensiná-la, explicando tudo o que fazia. A lança ficava ainda mais ágil e ligeira com o cabo curto.

Morin o observava com aquele sorriso estranho, mas a lança requeria toda a atenção de Jeordam.

— Vi seu rosto no sonho — disse a mulher, baixinho, mas ele não escutou.

Com uma lança daquelas, era mais rápido do que um homem com uma espada. No olho da mente, via os Aiel derrotando todos os homens com espadas. Ninguém ofereceria resistência. Ninguém.

* * *

Luzes cegantes piscaram pelas colunas de vidro. Muradin estava apenas um passo ou dois adiante, os dentes arreganhados, rosnando em silêncio. As colunas os levavam de volta para a história Aiel perdida no tempo. Os pés de Rand se moviam por vontade própria. Em frente. E voltando no tempo.

* * *

Lewin arrumou o véu no rosto e espiou o pequeno acampamento onde o carvão que sobrara de uma fogueira extinta ainda ardia sob uma panela de ferro. O vento trazia cheiro de cozido meio queimado. Montinhos de cobertores jaziam em volta do carvão ao luar. Não havia cavalos à vista. Desejou ter trazido um pouco de água, mas apenas as crianças tinham permissão de beber água fora das refeições. Ele se lembrou vagamente de um tempo em que havia mais água, quando os dias não eram tão quentes e secos, e o vento não soprava o tempo inteiro. A noite trazia apenas um pequeno alívio, trocando o sol vermelho, ardente e ígneo pelo frio. Apertou contra o corpo a capa feita de peles de cabra-selvagem que usava como cobertor.

Os companheiros tropeçaram mais para perto, enrolados em trouxas, como ele, chutando pedras e resmungando até ele ter certeza de que acordariam os homens embaixo. Lewin não reclamou, estava tão pouco acostumado quanto eles. Vêus cobriam suas faces, mas ele podia distinguir quem era quem. Luca, cujos ombros tinham o dobro da largura dos outros, gostava de pregar peças. Gearan, desengonçado feito uma cegonha, o melhor corredor entre carroções. Charlin e Alijha, idênticos como reflexos, exceto pelo hábito de Charlin de inclinar a cabeça quando fica preocupado, como fazia no momento. A irmã deles, Colline, estava no acampamento lá embaixo. Assim como Maigran, irmã de Lewin.

Quando as mochilas das garotas foram encontradas no chão, destroçadas por uma luta, todos os outros se puseram de luto e seguiram em frente, como haviam feito tantas vezes. Até mesmo o avô de Lewin. Se Adan soubesse o que os cinco planejavam, teria impedido. Adan só fazia resmungar sobre manter a lealdade a Aes Sedai que Lewin jamais vira e tentar manter os Aiel vivos. Os Aiel como um povo, mas nenhum em particular. Nem mesmo Maigran.

— Eles estão em quatro — sussurrou Lewin. — As garotas estão deste lado da fogueira. Vou acordá-las sem fazer barulho, e nós as levaremos embora enquanto os homens estão dormindo. — Os amigos se entreolharam e assentiram. Achava que o grupo deveria ter bolado um plano antes, mas só conseguiam pensar em resgatar as garotas e em como sair dos carroções sem

serem vistos. Não tinha certeza de que seriam capazes de seguir aqueles homens ou encontrá-los antes que retornassem à aldeia de onde haviam saído, um ajuntamento de cabanas toscas de onde os Aiel foram expulsos a paus e pedras. Não haveria nada a fazer se os captores tivessem chegado tão longe.

— E se eles acabarem acordando? — perguntou Gearan.

— Não vou abandonar Colline — disse Charlin, bruscamente, e seu irmão acrescentou, mais baixo:

— Vamos levá-la de volta, Gearan.

— Vamos mesmo — concordou Lewin.

Luca cutucou a costela de Gearan, que assentiu.

Caminhar no escuro não era tarefa fácil. Galhos finos e secos se quebravam sob seus pés, pedras e seixos rolavam pela encosta ressequida diante deles. Quanto mais Lewin tentava se movimentar em silêncio, mais barulho parecia fazer. Luca caiu em um espinheiro que se despedaçou com um estalido alto, mas conseguiu se reerguer com apenas um arquejo. Charlin escorregou e foi deslizando para baixo, até a metade do caminho. No entanto, nada se movia no acampamento.

Lewin parou bem próximo aos homens que dormiam, trocou olhares ansiosos com os amigos, então adentrou o acampamento nas pontas dos pés. A própria respiração ressoava em seus ouvidos feito um trovão, alta como os roncões que vinham de uma das quatro saliências. Ele congelou quando os roncões altos pararam e uma das saliências se ergueu. O homem se ajeitou, o ronco recomeçou, e Lewin pôde respirar outra vez.

Com muito cuidado, agachou-se ao lado de um dos montinhos menores e levantou um cobertor de lã bruta, duro de terra. Maigran o encarou, o rosto ferido e inchado, o vestido todo rasgado, em trapos. Ele tapou a boca da menina com a mão para impedi-la de gritar, mas ela apenas continuou a encará-lo, atônita, sem nem piscar.

— Vou retalhar você feito um porco, garoto. — Um dos montinhos mais altos tombou para o lado, e um homem de barba desgrenhada e roupas imundas pôs-se de pé, segurando uma faca comprida que brilhava de leve sob o luar, captando o cintilar vermelho dos carvões. O homem chutou os montinhos de ambos os lados, gerando grunhidos e agitação. — Feito um porco. Você guincha, garoto, ou seu povo só sabe correr?

— Corra — disse Lewin, mas a irmã apenas o encarou, paralisada. Frenético, ele agarrou a menina pelos ombros e tentou puxá-la até onde os outros aguardavam. — Corra!

Ela saiu de debaixo dos cobertores, rígida, quase um peso morto. Colline estava acordada — ele conseguia ouvi-la choramingar — mas ela parecia apertar os cobertores sujos ainda mais contra o corpo, tentando se esconder sob eles. Maigran continuava parada, olhando para o nada, vendo nada.

— Parece que nem isso vocês sabem fazer.

Abrindo um sorriso largo, o homem começou a contornar a fogueira, mantendo a faca abaixada. Os outros estavam sentados nos cobertores, rindo e assistindo à cena.

Lewin não sabia o que fazer. Não podia deixar a irmã. Só poderia morrer. Talvez isso desse a Maigran uma chance de correr.

— Corra, Maigran! Por favor, corra! — A garota não se mexeu. Não parecia sequer ouvi-lo. O que haviam feito com ela?

O homem barbado se aproximou com muita calma, rindo, saboreando cada passo lento.

— Nãããããããããããããããã! — Charlin irrompeu da escuridão com violência, abraçando o homem com a faca e derrubando-o no chão.

Os outros levantaram-se depressa. Um, cuja cabeça raspada reluzia à luz fraca, ergueu uma espada para golpear Charlin.

Lewin não entendeu bem como a coisa aconteceu. De alguma forma, conseguiu erguer o caldeirão pesado pelo cabo de ferro e balançá-lo. Golpeou a cabeça raspada com um baque alto. O homem desabou, como se os ossos tivessem se liquefeito. Lewin cambaleou, tonto, tentando evitar o fogo, e caiu bem ao lado do homem, largando o panelão. Um homem escuro de cabelos trançados ergueu outra espada, pronto para furá-lo. Ele recuou de costas, feito uma aranha, os olhos cravados na lâmina afiada da espada, as mãos, frenéticas, buscando algo para conter o golpe do homem, um pedaço de pau, qualquer coisa. Sentiu a palma da mão tocar uma madeira redonda. Girou-a com força e a empurrou para cima do homem rosnento. Ele arregalou os olhos escuros, e seu punho largou a espada. O sangue jorrava da boca. Não era um pedaço de pau. Era uma lança.

As mãos de Lewin soltaram o cabo assim que percebeu o que era. Tarde demais. Rastejou para trás, tentando evitar que o homem caísse por cima dele, e o encarou, trêmulo. Um homem morto. Um homem morto por ele. O vento estava muito frio.

Depois de um tempo, começou a se perguntar por que nenhum dos outros o havia matado. Ficou surpreso em ver o restante dos amigos ali, em volta do carvão. Gearan, Luca e Alijha, ofegantes e de olhos arregalados por cima dos véus. Colline ainda soluçava e fungava sob o cobertor, e Maigran encarava os homens, paralisada. Charlin estava encolhido, ajoelhado, em posição fetal. Todos os quatro aldeões... Lewin olhou os corpos inertes e ensanguentados, um a um.

— Nós... os matamos. — A voz de Luca tremia. — Nós... Que a misericórdia da Luz esteja conosco.

Lewin rastejou até Charlin e tocou seu ombro.

— Está ferido?

O amigo desabou. As mãos, úmidas e vermelhas, agarravam-se ao cabo da faca cravada na barriga.

— Está doendo, Lewin — sussurrou. Ele estremeceu uma vez, e os olhos pararam de ver.

— O que vamos fazer? — perguntou Gearan. — Charlin está morto, e nós... Luz, o que foi que fizemos? O que vamos fazer?

— Vamos levar as garotas de volta para os carroções. — Lewin não conseguia parar de encarar o olhar vidrado de Charlin. — Vamos fazer isso.

Reuniram tudo o que tinha utilidade, que era basicamente o painel e as facas. Era difícil encontrar objetos de metal.

— Podemos muito bem fazer isso — disse Alijha, de repente. — Eles com certeza roubaram isso de alguém igual a nós.

Quando Alijha fez menção de pegar uma das espadas, Lewin o deteve.

— Não, Alijha. Isso é uma arma, feita para matar. Não tem outra finalidade. — Alijha ficou em silêncio, mas os olhos percorreram os quatro corpos e se fixaram nas lanças que Luca enrolava nos cobertores, para carregar o corpo de Charlin. Lewin se recusava a encarar os aldeões. — Uma lança pode pôr comida nas panelas, Alijha. Uma espada, não. É proibida pelo Caminho.

Alijha permaneceu em silêncio, mas Lewin pensou ter visto um olhar de desprezo por trás do véu. Ainda assim, quando todos enfim adentraram a noite, as espadas jaziam ao lado das fogueiras apagadas e dos homens mortos.

Foi uma longa caminhada de volta pela escuridão, carregando Charlin na maca improvisada, as rajadas de vento por vezes erguendo nuvens sufocantes de poeira. Maigran ia na frente, cambaleante, os olhos fixos adiante. Não sabia onde estava, nem quem eles eram. Colline parecia com medo, mesmo do próprio irmão, e pulava quando alguém a tocava. Não fora assim que Lewin imaginara o retorno. Em sua cabeça, as meninas estariam sorridentes, felizes em retornar aos carroções. Todos estariam gargalhando. Não carregando o corpo de Charlin. Não silenciados pelas lembranças do que haviam feito.

As luzes das fogueiras surgiram ao longe, depois os carroções, os arreios já estendidos para que os homens tomassem seus lugares ao nascer do sol. Ninguém deixava o abrigo dos carroções depois de anoitecer, por isso Lewin se surpreendeu ao ver três silhuetas correndo em direção a eles. Os cabelos brancos de Adan se destacavam na escuridão. As outras duas eram Nerrine, mãe de Colline, e Saralin, mãe dele e de Maigran. Lewin baixou o véu com um pressentimento ruim.

As mulheres correram para as filhas, com braços amorosos e murmúrios doces. Colline rendeu-se ao abraço da mãe com um suspiro delicado, Maigran mal pareceu notar Saralin, que encarava os hematomas no rosto da filha quase aos prantos.

Adan franziu o cenho para os jovens, as rugas permanentes de preocupação formando sulcos profundos na face.

— Em nome da Luz, o que aconteceu? Quando vimos que vocês também tinham ido embora... — A voz do homem foi morrendo quando ele viu a maca que levava Charlin. — O que aconteceu? — perguntou ele outra vez, como se temesse a resposta.

Lewin abriu a boca devagar, mas Maigran falou primeiro:

— Eles os mataram. — Ela fixava o olhar em algo a distância e falava com a voz sincera de uma criança. — Os homens maus machucaram a gente. Eles... Depois Lewin chegou e matou todos.

— Não diga esse tipo de coisa, criança — retrucou Saralin, com delicadeza. — Você... — Ela parou, encarando a filha nos olhos, depois virou-se para olhar Lewin, indecisa. — Isso é...? Isso é verdade?

— Foi necessário — respondeu Alijha, com a voz cheia de pesar. — Eles tentaram nos matar. Mataram Charlin.

Adan deu um passo atrás.

— Vocês... mataram? Mataram *homens*? Mas e o Pacto? Nós não machucamos ninguém. Ninguém! Não há motivo para justificar a morte de outro ser humano. Nenhum!

— Eles levaram Maigran, avô — retrucou Lewin. — Levaram Maigran e Colline e as machucaram. Eles...

— Não há motivo! — vociferou Adan, tremendo de raiva. — Precisamos aceitar o que vem. Os sofrimentos são enviados para testar nossa lealdade. Nós aceitamos e resistimos! Não matamos! Vocês não se desgarraram do Caminho, vocês o abandonaram. Não são mais Da'hain. Foram corrompidos, e não permitirei que os Aiel sejam corrompidos por vocês. Deixem-nos, estranhos. Assassinos! Vocês não são bem-vindos nos carroções dos Aiel. — O homem deu as costas ao grupo e foi embora pisando firme, como se eles já não existissem. Saralin e Nerrine foram atrás em disparada, levando as meninas.

— Mãe — chamou Lewin, encolhendo-se quando ela virou o rosto para trás, encarando-o com olhos frios. — Mãe, por favor...

— Quem é você para se dirigir a mim dessa forma? Esconda seu rosto de mim, estranho. Já tive um filho, um dia, de rosto igual ao seu. Não desejo vê-lo em um assassino.

Ela levou Maigran atrás dos outros.

— Ainda sou Aiel — gritou Lewin, mas eles não olharam para trás. Pensou ter ouvido Luca chorando. O vento soprou, remexendo a terra, e ele cobriu o rosto com o véu. — Eu sou Aiel!

* * *

O movimento rápido de luzes atingiu os olhos de Rand. A dor da perda de Lewin ainda o dominava, e sua mente se revolia, furiosa. Lewin não estava armado. Não sabia como usar uma arma. A matança o aterrorizava. Não fazia sentido.

Estava quase ao lado de Muradin, mas o homem não o percebera. Muradin mantinha a boca contraída num rosnado, um riso forçado, e seu corpo tremia, como se ele quisesse correr.

Os pés de Rand o levaram em frente, e de volta.





OS DEDICADOS

Em frente, e de volta.

Adan estava caído no vale de areia, agarrado aos filhos chorosos de seu filho morto, apertando os olhos deles no casaco esfarrapado. Lágrimas também corriam por seu rosto, mas silenciosas, enquanto observava a fronteira com cautela. Aos cinco e seis anos, Maigran e Lewin tinham o direito de chorar. Adan surpreendeu-se em ver que ainda restavam a ele algumas lágrimas.

Alguns carroções estavam pegando fogo. Os mortos jaziam onde haviam caído. Os cavalos já tinham sido retirados, exceto pelos ainda presos a alguns carroções, que tinham sido esvaziados no chão. Pela primeira vez, não notou os objetos encaixotados que as Aes Sedai haviam entregado aos cuidados dos Aiel, jogados de qualquer jeito no chão de terra. Não era a primeira vez que via aquilo, ou mesmo Aiel mortos, mas dessa vez não se importava. Os homens com espadas, lanças e arcos, os homens que haviam executado a matança, levavam os carroções vazios. Com mulheres. Viu Rhea, sua filha, sendo jogada em um deles junto às outras, onde ficavam, imprensadas feito animais, presas por assassinos às gargalhadas. A última de seus filhos. Elwin morrera de fome aos dez anos, Sorelle, aos vinte, da febre que os sonhos prenunciaram, e Jaren se atirou de um penhasco um ano antes, aos dezenove, quando descobriu que podia canalizar. Marind morrera aquela manhã.

Adan quis gritar. Quis correr até lá e impedi-los de levar sua última filha. Dar um jeito de impedi-los. E se surgisse de repente? Eles o matariam e levariam Rhea mesmo assim. Poderiam matar as crianças, também. Alguns daqueles corpos espalhados no próprio sangue eram pequeninos.

Maigran agarrou-se a ele como se pressentisse que o avô poderia deixá-la, e Lewin se enrijeceu, como se quisesse abraçá-lo forte, mas se achasse velho demais. Adan alisou os cabelos dos dois e manteve os rostinhos apertados no

casaco. Mas obrigou-se a assistir à cena, até os carroções seguirem caminho, rodeados de cavaleiros aos berros, até depois que os cavalos já estavam quase sumindo de vista rumo às montanhas fumegantes que se enfileiravam no horizonte.

Só então se levantou e soltou as crianças.

— Esperem por mim aqui — disse a elas. — Esperem até eu voltar.

Agarrados um ao outro, os dois o encararam com os rostos lívidos e molhados de lágrimas e assentiram, ainda em dúvida.

Ele caminhou até um dos corpos e o rolou para o lado com delicadeza. Siedre poderia estar dormindo, o rosto era o mesmo que ele via a seu lado todas as manhãs ao acordar. Era sempre uma surpresa notar os fios cinza nos cabelos acobreados. Ela era seu amor, sua vida, sempre jovem e nova para ele. Adan tentou não olhar o sangue que empapava a frente do vestido e a ferida aberta debaixo dos seios.

— O que vai fazer agora, Adan? Diga! O quê?

Ele afastou os cabelos de Siedre do rosto — ela gostava de se arrumar — e pôs-se de pé, virando devagar para confrontar o bando de homens raivosos e assustados. Sulwin era o líder, um homem alto e de olhos fundos. Ele deixara os cabelos crescerem, como se para disfarçar que era Aiel. Vários homens tinham feito o mesmo. Não fazia diferença, nem para esses últimos invasores, nem para os que haviam vindo antes.

— Vou enterrar nossos mortos e seguir em frente, Sulwin. — Ele voltou os olhos para Siedre outra vez. — O que mais há para fazer?

— Seguir em frente, Adan? Como é que podemos seguir em frente? Não temos cavalos. Quase não temos água nem comida. Tudo o que temos são carroções cheios de coisas que as Aes Sedai nunca mais vão voltar para pegar. O que são essas coisas, Adan? O que são, para termos de dar nossas vidas para levá-las pelo mundo, com medo até de tocá-las? Não podemos seguir em frente como antes!

— Podemos! — Gritou Adan. — E iremos! Temos pernas, temos costas. Vamos puxar os carroções, se for preciso. Seremos leais ao dever!

Ficou espantado ao ver o próprio punho em riste. Um punho. A mão tremia quando ele a abriu e baixou novamente.

Sulwin deu um passo atrás, depois recusou-se a ceder, mantendo-se firme com seus companheiros.

— Não, Adan. Nossa missão é encontrar um lugar seguro, e alguns de nós querem fazer isso. Meu avô contava histórias que ouvia quando garoto, de quando vivíamos seguros, e as pessoas vinham nos ouvir cantar. Queremos encontrar um lugar onde possamos viver em segurança e cantar outra vez.

— Cantar? — zombou Adan. — Também já ouvi essas velhas histórias, de que o canto dos Aiel era uma coisa magnífica, mas você, assim como eu, não conhece essas antigas canções. Elas já se foram. Não vamos abandonar o dever que temos com as Aes Sedai para sair em busca de algo que está perdido para sempre.

— Alguns de nós vão, Adan. — Os outros atrás de Sulwin assentiram. — Queremos encontrar este lugar seguro. E as canções. Nós vamos!

Um barulho fez Adan virar a cabeça. Outros comparsas de Sulwin estavam descarregando um dos carroções, e um caixote imenso desabara, abrindo um pouco e revelando o que parecia ser um batente de porta de pedra vermelha, escura e polida. Outros carroções estavam sendo esvaziados, por pessoas que não os amigos de Sulwin. Pelo menos um quarto das pessoas que via estava trabalhando duro para esvaziar os carroções de tudo o que não fosse água ou comida.

— Não tente nos impedir — advertiu Sulwin.

Adan abriu a mão que se fechara em punho outra vez.

— Vocês não são Aiel — disse. — Traíram tudo. Seja lá o que forem, não são mais Aiel!

— Nós seguimos o Caminho da Folha tão bem quanto você, Adan.

— Vão embora! — gritou o homem. — Vão! Vocês não são Aiel! Estão perdidos! Perdidos! Não quero mais olhar para vocês! Sumam!

Sulwin e os outros saíram correndo, aos tropeços, para bem longe dele.

Seu coração pesava mais e mais à medida que ia inspecionando os carroções e mortos que jaziam em meio à confusão. Tantos mortos, tantos feridos gemendo enquanto eram tratados. Sulwin e seus perdidos estavam ocupados em descarregar os carroções. Os homens que portavam espadas haviam aberto os caixotes, até que perceberam que não havia ouro ou comida dentro. Comida era mais preciosa que ouro. Adan analisou o batente de pedra, as pilhas de estatuetas de pedra amontoadas, as figuras estranhas de cristal ao lado dos vasos com mudas de árvores de cora, sem utilidade alguma para Sulwin e os outros. Havia propósito para algum daqueles objetos? Era para isso que estavam sendo leais? Se era, então que fosse. Poderiam salvar alguns. Não havia como dizer quais deles as Aes Sedai consideravam mais importantes, mas poderiam salvar alguns.

Viu Maigran e Lewin puxando a saia da mãe. Estava feliz em ver Saralin viva para cuidar deles. Seu último filho, marido dela, pai das crianças, morrera naquela manhã, atingido pela primeira flecha. Poderiam salvar alguns. Ele salvaria os Aiel, não importava o custo.

Ele se ajoelhou e tomou Siedre nos braços.

— Ainda somos leais, Aes Sedai — sussurrou. — Por quanto tempo teremos que ser leais?

Então apoiou a cabeça entre os seios de sua esposa e chorou.

* * *

Lágrimas ardiam nos olhos de Rand. Em silêncio, apenas movendo os lábios, disse:

— *Siedre*.

O Caminho da Folha? Aquela não era uma crença Aiel. Ele não conseguia pensar direito. Mal conseguia pensar, na verdade. As luzes giravam cada vez mais depressa. A boca de Muradin, a seu lado, estava aberta em um uivo

silencioso. O Aiel estava com os olhos arregalados, como se testemunhasse a morte de tudo. Juntos, os dois deram um passo à frente.

* * *

Jonai estava parado na beirada do despenhadeiro, olhando para oeste por sobre a água iluminada pelo sol. Comelle ficava a cem léguas naquela direção. Ficara. A cidade se estendia pelas montanhas que davam para o mar. Cem léguas a oeste, onde o mar agora corria. Se Alnora ainda estivesse viva, talvez fosse mais fácil suportar aquilo. Sem os sonhos dela, ele mal sabia aonde ir ou o que fazer. Sem ela, ele pouco se importava em viver. Sentia cada fio de cabelo grisalho ao se arrastar penosamente de volta aos carroções, que aguardavam a uma milha de distância. Menos carroções agora, e deteriorados. Menos gente, também, alguns poucos milhares, e antes havia dezenas. Mas ainda eram muitos, para os carroções que restavam. Ninguém mais cavalgava, exceto as crianças pequenas demais para caminhar.

Adan o encontrou no primeiro carroção. Era um jovem alto, de olhos azuis bastante cautelosos. Jonai sempre esperava ver Willim, quando se virava depressa. Mas Willim fora mandado embora, claro, anos antes, quando começou a canalizar, mesmo tentando se conter. Ainda havia muitos homens capazes de canalizar no mundo, e eles precisavam mandar embora os meninos que exibiam os sinais. Era preciso. Mas desejava ter os filhos de volta. Quando foi que que Esole morrera? Tão pequeno para fazer em uma cova cavada às pressas, corroído por uma doença que Aes Sedai nenhuma podia Curar.

— Os Ogier chegaram, pai — disse Adan, animado. Jonai suspeitou que o filho sempre tivesse achado que as histórias de Ogier eram apenas histórias. — Vieram do norte.

Adan o conduziu a um bando sujo e enlameado de não mais de cinquenta Ogiers, com rostos fundos, olhos tristes e orelhas peludas esmorecidas. Ele se acostumara com as feições tensas e exauridas e as roupas remendadas do próprio povo, mas ver o mesmo nos Ogier o deixara chocado. No entanto, tinha gente de quem cuidar e seu dever com as Aes Sedai. Quanto tempo fazia que não via uma Aes Sedai? Logo depois que Alnora morrera. Tarde demais para Alnora. A mulher havia Curado os doentes que ainda viviam, recolhido alguns dos *sa'angreal* e seguido seu caminho, dando uma risada amarga quando ele perguntou em que lugar poderiam ficar seguros. O vestido dela estava remendado e gasto no bainha. Jonai não soube dizer se a mulher estava lúcida. Ela afirmou que um dos Abandonados estava preso, mas apenas em parte, ou talvez na verdade nem estivesse. Ishamael ainda tocava o mundo, dissera a mulher. Só podia estar tão louca quanto os Aes Sedai homens restantes.

Voltou o pensamento outra vez aos Ogier, parados ali, com as pernas compridas bamboleando. Suas ideias vagavam demais, desde a morte de Alnora. Eles tinham pães e tigelas nas mãos. Jonai ficou chocado em sentir

uma pontada de raiva por alguém ter compartilhado o parco estoque de comida. Quantas pessoas de seu povo daria para alimentar com o que cinquenta Ogier consumiam? Não. O certo era dividir. Dar, de graça. Cem pessoas? Duzentas?

— Vocês têm mudas de cora — disse um dos Ogier. Os dedos grossos percorreram delicadamente os trevos das duas plantas em vasos presos a um carroção.

— Alguns — respondeu Adan, com rudeza. — Elas morrem, mas o povo antigo corta novas antes de morrerem de vez. — Ele não tinha tempo para árvores. Tinha um povo para cuidar. — Como estão as coisas no norte?

— Ruins — respondeu uma mulher Ogier. — As Terras Praguejadas cresceram para o sul, e há Myrddraal e Trollocs.

— Pensei que estivessem todos mortos.

Então não deviam ir para o norte. Não podiam ir para lá. E o sul? O Mar de Jeren ficava dez dias a sul. Ou será que ainda ficava? Estava cansado. Tão cansado.

— Vocês vieram do leste? — perguntou outro Ogier. Ele limpou a tigela com uma ponta de pão e engoliu. — Como estão as coisas por lá?

— Ruins — respondeu Jonai. — Mas talvez não tanto para vocês. Dez, não, vinte dias atrás, umas pessoas pegaram um terço dos nossos cavalos antes de conseguirmos fugir. Tivemos que abandonar os carroções. — Aquilo o afligia. Carroções deixados para trás, junto com o que havia neles. As coisas que as Aes Sedai haviam entregado aos cuidados dos Aiel, abandonadas. E não era a primeira vez, o que só tornava tudo pior. — Quase todo mundo que conhecemos leva coisas, leva o que deseja. Mas talvez não ajam assim com os Ogier.

— Talvez — disse uma mulher Ogier, como se não acreditasse. Jonai também não sabia muito bem se acreditava, não havia lugar seguro. — Sabe onde fica algum dos *pousos*?

Jonai a encarou.

— Não. Não, não sei. Mas sem dúvida vocês vão conseguir encontrar.

— Já viajamos para tão longe, por tanto tempo — disse um Ogier, nos fundos do aglomerado.

— A terra já mudou tanto — acrescentou outro, em um ressoar lamentoso.

— Acho que precisamos encontrar um *pouso* logo, ou vamos morrer — completou a primeira Ogier. — Sinto uma... Saudade em meus ossos. Precisamos encontrar um *pouso*. Precisamos.

— Não posso ajudá-los — respondeu Jonai com tristeza.

Sentia um aperto no peito. A terra mudava tanto que já estava irreconhecível, a planície percorrida no ano anterior poderiam ser as montanhas de hoje. As Terras Praguejadas cresciam. Myrddraal e Trollocs ainda vivos. Gente roubando, gente com cara de animais, gente que não reconhecia Da'shain, que sequer os conhecia. Ele mal conseguia respirar. Os Ogier, perdidos. Os Aiel, perdidos. Tudo perdido. O aperto tornou-se dor, e ele caiu de joelhos e se encolheu, agarrando o peito. Um punho comprimia seu coração com força.

Adan ajoelhou-se ao lado dele, preocupado.

— Pai, o que houve? Qual é o problema? O que posso fazer?

Jonai conseguiu agarrar a gola puída do filho e puxou seu rosto para perto.

— Leve... o povo... para o sul. — Precisou se forçar a expelir as palavras, entre espasmos que pareciam rasgar o coração.

— Pai, é o senhor que...

— Escute! Escute! Leve-os... para o sul. Leve... os Aiel... para a segurança. Mantenha... o Pacto. Cuide... do que as Aes Sedai... nos deram... até... elas voltarem para buscar. O Caminho... da Folha. Você precisa...

Ele tinha tentado. Solinda Sedai precisava entender. Ele tinha tentado. Alnora.

* * *

Alnora. O nome foi morrendo, e a dor no peito de Rand, aliviando. Não fazia sentido. Nenhum sentido. Como esse povo poderia ser Aiel?

As colunas piscavam em lampejos cegantes. O ar revolia e turbilhonava.

Ao lado dele, Muradin mantinha a boca esticada, em um esforço para gritar. O Aiel agarrou o véu, agarrou o próprio rosto, deixando arranhões profundos e ensanguentados.

À frente.

* * *

Jonai correu pelas ruas vazias, tentando não olhar os prédios depredados e as árvores cora mortas. Todas mortas. O último dos compridos carros jo abandonados fora arrastado para longe. Os abalos secundários ainda agitavam o solo sob seus pés. Ele usava as roupas de trabalho, o *cadin'sor*, naturalmente, embora o trabalho que recebera não fosse nada para o qual tivesse sido treinado. Tinha sessenta e três anos, estava no auge da vida, ainda sem idade para cabelos brancos, mas se sentia um velho cansado.

Ninguém questionou seu ingresso no Salão dos Servos, não havia viva-lma na enorme entrada colonada para fazer perguntas ou dar as boas-vindas. Muita gente se agitava do lado de dentro, os braços cheios de papéis ou caixas, os olhos ansiosos, mas ninguém sequer olhou para ele. Havia uma sensação de pânico nas pessoas, que aumentava de forma perceptível cada vez que o chão tremia. Angustiado, ele cruzou a antessala e subiu as escadas correndo. A lama sujou a pedra branca marmorizada. Ninguém podia perder tempo. Talvez ninguém se importasse.

Não havia necessidade de bater à porta que procurava. Não era nenhuma das grandes portas douradas que davam para um salão central, mas uma porta lisa e discreta. Mas ele entrou sem fazer barulho, e ficou feliz por ter

feito isso. Havia meia dúzia de Aes Sedai ao redor da mesa comprida, e pareciam não perceber o tremor do edifício. Eram todas mulheres.

Ele sentiu um arrepio ao pensar se algum dia os homens poderiam participar de uma reunião como aquela. Quando viu o que havia na mesa, o arrepio transformou-se em tremor. Uma espada de cristal — talvez um objeto do Poder, talvez apenas um enfeite, não tinha como dizer — fixava o estandarte do Dragão de Lews Therin Fratricida, estirado feito uma toalha de mesa e espalhado no chão. Seu coração enrijeceu. O que aquilo estava fazendo ali? Por que não fora destruído, junto com a memória daquele homem amaldiçoado?

— De que adiantam suas Previsões — quase gritava Oselle — se não pode dizer quando? — Ela balançava os longos cabelos negros ao tremer de raiva. — O mundo depende disso! O futuro! A própria Roda!

Deindre, de olhos escuros, a encarou com uma calma mais corriqueira.

— Eu não sou o Criador. Só posso dizer o que Prevejo.

— Paz, irmãs. — Solinda era a mais calma de todas, o antigo vestido de estraite era uma névoa azul-clara. Os cabelos acobreados que caíam por sobre os quadris eram quase da cor dos dele. Seu avô servira a ela quando jovem, mas a mulher parecia mais moça do que ele, pois era Aes Sedai. — O tempo de disputas entre nós passou. Jaric e Haindar estarão aqui amanhã.

— O que significa que não podemos nos permitir cometer erros, Solinda.

— Temos que saber...

— Há alguma chance de...?

Jonai parou de escutar. Elas o veriam quando estivessem prontas. Não era o único no salão, além das Aes Sedai. Someshta estava encostado na parede perto da porta, uma forma gigantesca que parecia feita de vinhas e folhas. Mesmo sentado, a cabeça dele batia um pouco acima da de Jonai. Uma fissura seca, chamuscada de marrom e preto, corria pelo rosto do Nym e formava um sulco na grama verde de seus cabelos. Quando ele encarou Jonai, os olhos de avêla demonstraram preocupação.

O homem assentiu para ele, e o Nym tocou a fissura e franziu o cenho.

— Conheça você? — perguntou, baixinho.

— Sou seu amigo — respondeu Jonai, com tristeza. Não via Someshta havia anos, mas tinha ouvido falar. A maioria dos Nym estava morta, pelo que ouvira. — O senhor me carregou nos ombros quando eu era pequeno. Não se lembra?

— Cantoria — respondeu Someshta. — Havia cantoria? Tanta coisa já se foi. As Aes Sedai dizem que algumas retornarão. Você é um Filho do Dragão, não é?

Jonai estremeceu. Aquele nome já causara problemas, ainda mais porque não era verdadeiro. Mas quantos cidadãos agora acreditavam que os Aiel Da'shain um dia haviam servido apenas ao Dragão, nenhum outro Aes Sedai?

— Jonai?

Ele se virou ao ouvir a voz de Solinda e ajoelhou-se enquanto ela se aproximava. As outras ainda debatiam, porém em um tom mais baixo.

— Está tudo pronto, Jonai? — indagou a mulher.

— Tudo, Aes Sedai. Solinda Sedai... — Ele hesitou e respirou fundo. — Solinda Sedai, alguns de nós desejam permanecer. Ainda podemos servir.

— Você sabe o que aconteceu com os Aiel em Tzora? — Jonai assentiu, e a mulher deu um suspiro e estendeu o braço para afagar seus cabelos curtos, como se ele fosse uma criança. — É claro que sabe. Vocês Da'shain têm mais coragem do que... Dez mil Aiel de braços dados, cantando, tentando fazer um louco se lembrar de quem eram e de quem ele havia sido, tentando transformá-lo com seus corpos e uma canção. Jaric Mondoran os matou. Ele ficou ali parado, olhando, como se aquilo fosse um quebra-cabeças, matando todos, e os Aiel continuaram apertando as fileiras e cantando. Ouvi dizer que ele escutou o último Aiel por quase uma hora, antes de aniquilá-lo. Depois disso, Tzora ardeu em chamas, um fogaréu que consumiu pedra, metal e carne. Há uma folha de vidro onde um dia existiu a segunda maior cidade do mundo.

— Muita gente teve tempo de fugir, Aes Sedai. Os Da'shain ganharam tempo para fugir. Não temos medo.

Solinda apertou a mão nos cabelos no homem, cheia de pesar.

— Os cidadãos já fugiram para Paaren Disen, Jonai. Além do mais, os Da'shain ainda têm um papel a desempenhar, se pelo menos Deindre conseguisse ver o suficiente para dizer o que é. Pretendo salvar algo daqui, e esse algo é você.

— Como quiser — respondeu ele, relutante. — Vamos cuidar do que vocês nos confiaram até que voltem para buscar.

— É claro. As coisas que demos a vocês. — Ela sorriu para ele e abriu a mão, alisando os cabelos mais uma vez antes de entrelaçar os dedos na outra mão.

— Vocês levarão as... coisas... para um lugar seguro, Jonai. Continuem andando, sempre andando, até encontrarem um local seguro, onde ninguém possa lhes fazer mal.

— Como quiser, Aes Sedai.

— E Coumin, Jonai? Ele está mais calmo?

A única alternativa era contar a ela. Preferia arrancar a própria língua.

— Meu pai está escondido em algum lugar da cidade. Ele tentou nos convencer a... resistir. Ele não escuta, Aes Sedai. Não escuta. Encontrou uma lança de choque em algum lugar e...

Jonai não conseguia continuar. Achou que a mulher fosse ficar irritada, mas os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Mantenha o Pacto, Jonai. Se os Da'shain perderem todo o resto, garanta a continuidade do Caminho da Folha. Prometa isso.

— Claro, Aes Sedai — respondeu, chocado. O Pacto era os Aiel, e os Aiel eram o Pacto. Abandonar o Caminho seria abandonar sua essência. Coumin era uma aberração. O pai estava estranho desde que Jonai era criança, pelo que diziam, quase não era Aiel, embora ninguém soubesse por quê.

— Então vá, Jonai. Quero você longe de Paaren Disen até amanhã. E não se esqueça: continue andando. Proteja os Aiel.

Ele fez uma mesura onde estava, ajoelhado, mas Solinda já voltara para o debate.

— Podemos confiar em Kodam e seus companheiros, Solinda?

— Temos que confiar, Oselle. Eles são jovens e inexperientes, mas ainda não foram tocados pela mácula, e... não temos escolha.

— Então faremos o que for preciso. A espada deve esperar. Someshta, temos uma tarefa para o último dos Nym, se você puder cuidar disso. Já pedimos bastante a você, mas agora precisamos pedir mais.

Jonai retirou-se com uma mesura formal enquanto o Nym se levantava, a cabeça roçando no teto. Já imersas nos próprios planos, as Aes Sedai não olharam para ele, que lhes dispensou a última honraria mesmo assim. Achava que não as veria nunca mais.

Ele saiu correndo do Salão dos Servos e seguiu até a cidade, onde a grande multidão aguardava. Milhares de carroções estendiam-se em dez fileiras, por mais de duas léguas, carroções abarrotados de comida e barris de água, carroções carregados com os caixotes que as Aes Sedai haviam confiado aos Aiel — *angreal, sa'angreal e ter'angreal*, todas as coisas que tinham de ser mantidas longe das mãos dos homens, que enlouqueciam quando manejavam o Poder Único. Antes havia outras formas de carregá-los: carros jo, saltadores, moscardos e imensas asas sho. Agora, tinham de se contentar com carroções e cavalos reunidos a muito custo. Havia gente entre os carroções. Estavam em número suficiente para encher uma cidade, mas talvez fossem todos os Aiel vivos que restavam no mundo.

Cem vieram ao seu encontro, homens e mulheres, representantes que exigiam saber se as Aes Sedai haviam concedido permissão para que alguns ficassem.

— Não — disse. Alguns franziram o rosto, relutantes, e ele acrescentou: — Temos que obedecer. Somos Aiel Da'shain e obedecemos os Aes Sedai.

Eles se dispersaram lentamente de volta para os carroções, e Jonai pensou ter ouvido alguém mencionar o nome de Coumin, mas não podia deixar que aquilo o atormentasse. Correu até o próprio carroção, na dianteira de uma das fileiras centrais. Os cavalos estavam nervosos com os tremores intervalados do chão.

Os filhos já estavam sentados — Willim, de quinze, com as rédeas, e Adan, de dez, ao lado dele, ambos com sorrisos escancarados de nervosismo e empolgação. A pequena Esole brincava com uma boneca em cima da lona que cobria os pertences da família — e o mais importante, a carga das Aes Sedai. Não havia espaço para ninguém além dos jovens e dos muito velhos. Havia uma dúzia de mudas de cora com raízes em potes de barro, acomodados atrás do assento do carroção, para serem plantados quando encontrassem um local seguro. Uma coisa tola de levar; talvez, mas cada carroção continha potes com as mudas. Era algo de um tempo havia muito acabado, símbolo de um tempo melhor por vir. O povo precisava de esperança e de símbolos.

Alnora aguardava ao lado dos animais, os cabelos negros e brilhosos caindo por sobre os ombros, fazendo com que Jonai se lembrasse da primeira vez que a vira, quando menina. Mas no momento havia rugas de preocupação em volta dos olhos da esposa.

Tentou abrir um sorriso, escondendo a preocupação no próprio coração.

— Tudo vai ficar bem, esposa do meu coração. — Ela não respondeu, e Jonai acrescentou: — Você sonhou?

— Há algum tempo que não acontece — murmurou a mulher. — Tudo vai ficar bem, tudo vai ficar bem, e toda sorte de coisas vai ficar bem. — Com um sorriso trêmulo, ela tocou seu rosto. — Com você, eu sei que vai ser assim, marido do meu coração.

Jonai acenou por cima da cabeça, e o sinal ondulou pelas fileiras. Lentamente, os carroções começaram a se movimentar, e os Aiel começaram a deixar Paaren Disen.

* * *

Rand balançou a cabeça. Era demais. Lembranças juntas, amontoadas. O ar parecia repleto de relâmpagos difusos. O vento levantava a poeira e a transformava em redemoinhos dançantes. Muradin tinha sulcos profundos na face. Agora, suas unhas penetravam os olhos. À frente.

* * *

Coumin ajoelhou-se na beira do chão arado vestindo as roupas de trabalho — um casaco liso cinza-amarronzado, calças e botas macias de cadarço. Estava ao lado de outros vestidos como ele, rodeando o campo, dez homens dos Aiel Da'shain a dois braços de distância um do outro e um Ogier formavam um círculo. Dava para ver o campo seguinte, com pessoas dispostas da mesma forma, à frente dos soldados com lanças de choque largadas em cima dos carros jo blindados. Um moscardo zunia, patrulhando acima, uma vespa de metal mortífera com dois homens dentro. Ele tinha dezesseis anos, e as mulheres haviam decidido que sua voz enfim estava grave o suficiente para que participasse das canções de semeadura.

Os soldados o deixavam fascinado, humanos e Ogier — talvez fosse o mesmo fascínio exercido por uma cobra venenosa multicolorida. Eles *matavam*. O avô de seu pai, Charn, alegava que nos tempos de outrora não havia soldados, mas Coumin não acreditava. Se não havia soldados, quem impedia os Cavaleiros da Noite e os Trollocs de matarem todo mundo? É claro que Charn dizia que naquela época também não havia Myrddraals ou Trollocs. Nenhum Abandonado, nenhum Forjado das Sombras. Muitas histórias que ele contava eram de uma época antes dos soldados, dos Cavaleiros da Noite e dos Trollocs, quando dizia que o Senhor do Túmulo estava preso bem longe e ninguém sabia seu nome ou conhecia a palavra “guerra”. Coumin não conseguia imaginar um mundo desses, a guerra já era antiga quando nascera.

Ele gostava das histórias de Charn, mesmo sem acreditar nelas, mas algumas rendiam ao velho umas broncas e caras feias. Como quando alegou ter servido a um dos Abandonados. Não qualquer Abandonado, mas Lanfear em pessoa. E também disse que servira a Ishamael. Se Charn precisava

inventar histórias, Coumin preferia que dissesse que serviu ao próprio Lews Therin, o grande líder. Decerto todos perguntariam por que não estava servindo ao Dragão agora, mas isso já melhoraria as coisas. Coumin não gostava da forma como os cidadãos encaravam Charn, quando ele dizia que Lanfear nem sempre fora má.

Um burburinho no extremo do campo revelou que o Nym se aproximava. A grande figura, de cabeça, ombros e peito mais altos que qualquer Ogier, pisou no chão cheio de sementes, e Coumin não precisou olhar para saber que ele deixava pegadas cheias de brotos. Era Someshta, rodeado por nuvens de borboletas brancas, amarelas e azuis. Murmúrios entusiasmados surgiram entre os cidadãos e os donos dos campos, ali reunidos para assistir. Cada campo teria seu próprio Nym.

Coumin se perguntou se poderia falar com Someshta sobre as histórias de Charn. Tinha conversado uma vez com o Nym, e Someshta já tinha idade para saber se Charn dizia ou não a verdade — os Nym eram mais velhos que todos. Alguns diziam que eles não morriam, pelo menos não enquanto as plantas continuavam crescendo. Mas aquela não era hora de pensar em questionar um Nym.

O Ogier começou, como era apropriado, ficando de pé para cantar, os sons graves ressoavam feito o ribombar da terra. Os Aiel se levantaram, e vozes masculinas se elevaram na própria canção, e mesmo os mais graves eram um tom mais agudo que o do Ogier. Ainda assim, as canções se entrelaçaram, e Someshta trançou as tramas em sua dança, deslizando pelo campo em passos impetuosos, os braços abertos, as borboletas voejando ao redor, pousando nos dedos espalmados.

Coumin conseguiu ouvir as canções de sementeira nos outros campos, as mulheres batendo palmas para encorajar os homens, no ritmo da batida de uma nova vida, mas aquele conhecimento estava longe dele. A música o arrebatou, e Coumin quase sentiu que era a ele, não aos sons que emitia, que Someshta urdia sob o solo e ao redor das árvores. Já não eram sementes. Brotos de zemai cobriam o campo, maiores onde o pé do Nym pisara. Praga nenhuma tocaria aquelas plantas, inseto algum. Depois de cantadas, elas cresceriam até o dobro da altura de um homem e encheriam os celeiros. Fora para isso que ele nascera, para aquela e as outras canções de sementeira. Não lamentava o fato de os Aes Sedai o terem recusado aos dez anos de idade, alegando que ele não tinha o poder. Seria maravilhoso se tornar Aes Sedai, mas sem dúvida não mais incrível do que aquele momento.

A canção foi morrendo aos poucos, os Aiel conduzindo o final. Someshta dançou mais alguns passos depois que as vozes cessaram, e a canção ainda parecia pairar de leve no ar, enquanto ele se movia. Então o Nym parou, e estava acabado.

Coumin ficou surpreso em ver que o povo da cidade fora embora, mas não teve tempo para se perguntar aonde tinham ido ou por quê. As mulheres vinham, risonhas, parabenizar os homens. Ele era um dos homens agora, não mais um garoto, embora as mulheres se alternassem entre beijos em seus lábios e afagos nos cabelos curtos e ruivos.

Foi então que viu o soldado, apenas algumas passadas à frente, a observá-los. Deixara em algum lugar a lança de choque e a capa de batalha de tecido fluido, mas ainda usava o capacete — parecia a cabeça de algum inseto monstruoso cujo maxilar escondia a face do homem, mesmo com a viseira antichoque levantada. Como se percebesse que ainda chamava a atenção, o soldado arrancou o capacete, revelando um rapaz jovem e escuro, não mais de quatro ou cinco anos mais velho que Coumin. Os olhos castanhos do soldado, sem nunca piscar, encontraram os dele, e Coumin sentiu um tremor. O rosto era apenas quatro ou cinco anos mais velho, mas aqueles olhos... O soldado devia ter sido selecionado para começar o treinamento aos dez. Coumin ficou feliz de os Aiel serem poupados da seleção.

Um dos Ogier, se aproximou. Era Thomada, com as orelhas peludas inclinadas para frente, curiosas.

— Trouxe notícias, homem da guerra? Percebi a animação nos carros jo, enquanto cantávamos.

O soldado hesitou.

— Acho que posso dizer, embora não tenha sido confirmado. Fomos informados de que Lews Therin conduziu os Companheiros a um ataque em Shayol Ghul, hoje de manhã cedo. Algo está atrapalhando a comunicação, mas a informação é de que o Bore foi selado com a maior parte dos Abandonados do lado de lá. Talvez todos.

— Então acabou. — Thomada suspirou. — Enfim acabou, que a Luz seja louvada.

— Sim. — O soldado olhou em volta, parecendo perdido de repente. — Acho que sim. Eu acho... — Ele olhou as próprias mãos, depois deixou-as desabar outra vez ao lado do corpo. Parecia cansado. — O povo local mal podia esperar para comemorar. Se a notícia for verdade, a comemoração pode durar dias. Será que...? Não, não vão querer soldados se juntando a eles. E vocês?

— Para hoje à noite, talvez — respondeu Thomada. — Mas temos mais três cidades para visitar antes de completar o circuito.

— É claro. Vocês ainda têm trabalho a fazer. Ainda têm isso. — O soldado olhou outra vez ao redor. — Ainda há Trollocs. Mesmo que os Abandonados tenham ido embora, ainda há Trollocs. E Cavaleiros da Noite. — Assentindo para si mesmo, o homem começou a voltar para os carros jo.

Thomada não parecia nem um pouco animado, mas Coumin sentia-se tão atônito quanto o jovem soldado. A guerra tinha terminado? Como seria o mundo, sem guerra? De súbito, precisou falar com Charn.

Os sons da festança vieram encontrá-lo antes que chegasse à cidade — risos, cantoria. Os sinos da torre da prefeitura começaram a ressoar, exuberantes. O povo dançava nas ruas, homens, mulheres e crianças. Coumin abria caminho entre eles, à procura. Charn escolhera ficar em uma das estalagens onde os Aiel estavam hospedados, em vez de participar da cantoria — nem as Aes Sedai podiam fazer algo pelas dores em seus velhos joelhos — mas decerto sairia para ver isso.

De repente Coumin sentiu algo golpear sua boca, e as pernas cederam. Ele desabou de joelhos antes de perceber que estava caído. A mão que levou à boca retornou ensanguentada. Olhou para cima e deparou-se com um cidadão enraivecido de pé diante dele, alisando o punho.

— Por que você fez isso? — perguntou.

O cidadão cuspiu nele.

— Os Abandonados estão mortos. Mortos, está me ouvindo? Lanfear não vai mais proteger você. Extirparemos todos vocês que serviam aos Abandonados enquanto fingiam estar do nosso lado e trataremos todos que nem tratamos aquele velho maluco.

Uma mulher puxava o braço do homem.

— Venha, Thoma. Vamos embora, e segure essa sua língua besta! Quer que os Ogier venham atrás de você?

Parecendo desconfiado de repente, o homem deixou que ela o puxasse em direção à multidão.

Coumin levantou-se com dificuldade e começou a correr, sem dar atenção ao sangue que jorrava pelo queixo.

A estalagem estava vazia, silenciosa. Nem mesmo o estalajadeiro estava lá, e nem a cozinheira e suas ajudantes. Coumin correu pelo edifício, gritando:

— Charn? Charn? *Charn?*

Nos fundos, talvez. Charn gostava de sentar-se debaixo das árvores de maçã-picante atrás da estalagem e contar histórias sobre sua juventude.

Coumin correu até a porta dos fundos, tropeçou e caiu de cara no chão. Era uma bota descalçada que estava no caminho. Uma das botas vermelhas que Charn usava o tempo inteiro, agora que não participava mais da cantoria. Algo fez Coumin olhar para cima.

O corpo de Charn, de cabelos brancos, pendia de uma corda amarrada na cumeeira, um pé sem a bota que ele descalçara aos chutes, os dedos de uma das mãos agarrados com força ao pescoço, tentando soltar a corda.

— Por quê? — perguntou Coumin. — Somos Da'shain. Por quê?

Não havia ninguém para responder. Ele apertou a bota contra o peito, ajoelhou-se e ficou ali, encarando Charn, enquanto o som da festança o envolvia.

* * *

Rand estremeceu. A luz das colunas era um azul enevoado e tremulante que parecia sólido, parecia agarrar seus nervos e arrancá-los da pele. O vento uivou, um redemoinho vasto a sugá-lo para dentro. Muradin conseguira pôr o véu, e as órbitas ensanguentadas encaravam às cegas por cima do tecido negro. O Aiel mastigava alguma coisa, uma espuma sangrenta escorria pelo peito. À frente.

* * *

Charn descia pela lateral da rua ampla e lotada, andando debaixo das árvores de cora, os trevos espalhando paz e alegria nas sombras dos prédios plateados que tocavam o céu. Uma cidade sem coras seria triste como um descampado. Carros jo zuniam baixinho pela rua, e grandes asas sho brancas disparavam pelo céu, levando cidadãos a Comelle, Tzora ou algum outro lugar. Era raro ele usar as asas — se precisasse ir para muito longe, em geral uma Aes Sedai viajava junto — mas naquela noite iria para M'jinn. Era seu vigésimo-quinto dia do nome, e naquela noite pretendia aceitar o último pedido de casamento de Nalla. Ele se perguntou se ela ficaria surpresa. Passara um ano se esquivando com evasivas, sem querer sossegar. Isso significaria passar a servir a Zorelle Sedai, a quem Nalla servia, mas Mierin Sedai já concedera sua bênção.

Ele fez uma curva e só teve tempo de ver um homem escuro, de ombros largos, com uma barba fina e elegante, antes que o ombro do homem o arremessasse pelo ar e ele caísse de costas, batendo a cabeça na calçada, vendo estrelas. Ficou ali, parado, atordoado.

— Tome cuidado por onde anda — reclamou o homem barbado, irritado, ajustando o casaco vermelho sem mangas e sacudindo a renda nos punhos.

Os cabelos negros que caíam sobre os ombros estavam presos atrás da cabeça. Era a última moda, e o mais perto que alguém que não tivesse prestado juramento ao Pacto chegaria de imitar um Aiel.

A mulher de cabelos claros ao lado do homem pôs a mão no braço dele, o vestido de estraite branco brilhante foi escurecendo com o súbito constrangimento.

— Jom, olhe o cabelo dele. Ele é Aiel, Jom.

Apalpando a cabeça para ver se estava quebrada, Charn tocou os cabelos curtos e acobreados. Em vez de sacudir a cabeça, deu um puxão no rabo comprido atrás da nuca. *Uma contusão, pensou, nada grave.*

— É verdade. — A irritação do homem deu lugar à consternação. — Peça perdão, Da'hain. Eu é que deveria tomar cuidado por onde ando. Deixe que eu o ajudo a se levantar. — O homem já fazia jus às palavras, erguendo Charn. — Está tudo bem? Posso chamar um saltador para levá-lo aonde quiser.

— Não estou ferido, cidadão — disse Charn, em um tom brando. — A culpa foi minha, de verdade. — E tinha sido, correndo daquele jeito. Poderia ter machucado o homem. — Eu machuquei o senhor? Por favor, me perdoe.

O homem abriu a boca para protestar — os cidadãos sempre faziam isso, pareciam achar que os Aiel eram feitos de vidro — mas, antes que ele conseguisse falar, o chão se agitou sob seus pés. O ar também, em ondas difusas. O homem olhou em volta, desconfiado, e envolveu o próprio corpo e o da esposa com o manto estiloso, de modo que a impressão era de ver duas cabeças sem corpos.

— O que é isso, Da'hain?

Outros que tinham visto os cabelos de Charn se reuniram ao redor dele, ansiosos, fazendo as mesmas perguntas, mas ele os ignorou sem nem se preocupar se estaria sendo rude. Começou a empurrar a multidão para abrir

passagem, mantendo o olhar fixo no Sharom — a esfera branca de mil pés de diâmetro flutuava tão alta quanto os domos azuis e prateados do Collam Daan.

Mierin dissera que aquele era o dia. Dissera que tinha encontrado uma nova fonte de Poder Único. Aes Sedai homens e mulheres seriam capazes de tocar a mesma fonte, e não metades separadas. O que homens e mulheres poderiam fazer unidos seria ainda maior. E, naquele dia, ela e Beidomon a tocariam pela primeira vez — a última que homens e mulheres trabalhariam juntos manejando Poderes diferentes. Naquele mesmo dia.

Algo que parecia uma pequena lasca branca jorrou do Sharom em um jato de fogo negro, depois foi caindo, parecendo lenta e insignificante. Então um esguicho de centenas de gotas voou por todos os lados em volta da imensa esfera. O Sharom se quebrou como um ovo e começou a cair, desabar, um inferno de obsidianas. A escuridão tomou o céu, engolindo o sol em uma noite artificial, como se a luz daquelas chamas fosse a escuridão. Pessoas gritavam, gritavam em todo lugar.

No primeiro jato de fogo, Charn arrancou em disparada em direção a Collam Daan, mas sabia que era tarde demais. Jurou servir aos Aes Sedai, mas estava atrasado. As lágrimas escorriam por seu rosto enquanto corria.

Piscando para afastar os borrões que atrapalhavam sua visão, Rand apertou a cabeça com ambas as mãos. A imagem ainda flutuava em sua mente, aquela esfera gigante caindo, preta e incandescente. *Será que vi mesmo o buraco sendo aberto na prisão do Tenebroso? Será?* Ficou parado na beirada das colunas de vidro, encarando *Avendesora. Uma árvore cora. Uma cidade é uma selva sem árvores cora. E agora existe apenas uma.* As colunas cintilavam no tênue brilho azul formado pelo domo de névoa acima, embora mais uma vez a luz parecesse ser apenas reflexos brilhantes. Não havia sinal de Muradin, mas ele não achava que o Aiel tivesse saído da floresta de vidro. Ou que algum dia sairia.

De repente algo chamou sua atenção, na parte mais baixa dos galhos da Árvore da Vida. Uma silhueta oscilava lentamente. Era um homem, suspenso em uma estaca entre dois galhos por uma corda amarrada ao pescoço.

Com um rugido sem palavras, ele correu até a árvore, agarrando *saidin*, a espada de fogo surgindo em sua mão enquanto saltava, rompendo a corda. Ele e Mat caíram no chão de pedras brancas coberto de terra com dois baques surdos. A estaca se soltou e desabou ao lado deles com um claque. Não era uma estaca, era uma lança estranha de cabo preto com uma lâmina curta de espada no lugar da lâmina normal, o metal levemente curvo e afiado de um lado só. Rand não teria dado a mínima nem se fosse feita de ouro e *cuendillar* e cravejada de safiras e gotas de fogo.

Largou a espada e o Poder; soltou a corda do pescoço de Mat e apertou a orelha contra o peito do amigo. Nada. Desesperado, rasgou o casaco e a camisa de Mat, rompendo o cordão de couro com um medalhão de prata que repousava no peito do jovem. Atirou longe o medalhão e escutou outra vez.

Nada. O coração não batia. Morto. *Não! Ele estaria bem se eu não o tivesse deixado me seguir até aqui. Não posso deixá-lo morrer!*

Com toda a força que tinha, esmurrou o peito de Mat, depois escutou. Nada. Golpeou mais uma vez, escutou. Sim. Um sinal. Um pulso fraco. Tão fraco, tão lento. E enfraquecendo mais. Porém Mat *ainda* estava vivo, apesar da forte marca roxa ao redor do pescoço. Talvez ainda pudesse continuar vivo.

Rand encheu os pulmões e soprou ar com dificuldade para dentro da boca de Mat, o mais forte que pôde. De novo. E de novo. Então foi para cima do amigo, mantendo uma perna de cada lado do corpo inerte, agarrou a cintura dele pelas calças e puxou para cima, erguendo os quadris de Mat do chão. Para cima e para baixo, três vezes, depois soprou ar outra vez para dentro da boca do amigo. Poderia ter canalizado, talvez assim fosse capaz de fazer alguma coisa. A lembrança daquela garota na Pedra o impediu. Queria Mat vivo. Vivo, não feito uma marionete comandada pelo Poder. Uma vez, em Campo de Emond, vira Mestre Luhhan ressuscitar um garoto encontrado boiando nas águas do Fonte de Vinho. Então soprava ar e puxava, soprava ar e puxava, rezando.

De súbito Mat deu um salto, tossindo. Rand ajoelhou-se ao lado dele, levou as duas mãos à garganta do amigo e rolou para o lado, sugando o ar em um chiado agoniado.

Mat levou uma das mãos ao pedaço de corda e estremeceu.

— Esses malditos... filhos de umas... cabras — resmungou com a voz rouca. — Tentaram... me matar.

— Quem? — perguntou Rand, olhando ao redor, desconfiado. Os palácios inacabados em volta da grande praça o encararam de volta. Era certo que Rhuidean estava vazia, exceto pelos dois. A não ser que Muradin ainda estivesse vivo em algum lugar.

— O povo... do outro lado... daquele... batente retorcido. — Engolindo em seco, cheio de dor, Mat se sentou e soltou uma respiração profunda e instável. — Tem um aqui também, Rand. — Ele ainda soava como se tivesse a garganta ferida.

— Você conseguiu passar? Eles responderam alguma pergunta? — Aquilo poderia ser útil. Estava desesperado por mais respostas. Tinha mil perguntas, e pouquíssimas respostas.

— Nenhuma resposta — respondeu Mat, com a voz rouca. — Eles trapacearam. E tentaram me matar. — Apanhou o medalhão, uma cabeça de raposa prateada quase do tamanho da palma da mão, e um instante depois a enfiou no bolso, abrindo um sorriso. — Pelo menos tirei alguma coisa deles. — Puxando a estranha lança para si, passou os cinco dedos pelo cabo negro. Em sua extensão corria uma linha com alguma inscrição esquisita em letra cursiva, margeada por um par de pássaros gravados em um metal ainda mais escuro que a madeira. *Corvos*, pensou Rand. Havia outro par deles gravado na lâmina. Com uma risada seca e amarga, Mat levantou-se, meio apoiado no cabo da lança, cuja lâmina de espada despontava na mesma altura que sua

cabeça. Não se deu ao trabalho de amarrar a camisa ou abotoar o casaco. — Também vou ficar com isso. A charada é deles, mas vou ficar.

— A charada?

Mat assentiu.

— A inscrição diz o seguinte:

“Eis o que foi acordado, tratado saído a contento.

O pensamento é a flecha do tempo, a lembrança jamais se apaga.

O que foi pedido está dado. O preço assim se paga.”

Depois de recitar, Mat continuou:

— Bela charada, não é? Vou fazer aqueles espertinhos provarem do próprio veneno, se tiver chance. Vou mostrar a eles o que é “pensamento e lembrança”. — Mat estremeceu e passou a mão pelos cabelos. — Luz, minha cabeça está doendo demais. Está girando como mil pedacinhos de sonho, e cada um é uma agulha. Você acha que Moiraine faria algo a respeito, se eu pedisse?

— Tenho certeza de que sim — respondeu Rand, devagar. Mat devia estar sentindo muita dor, se queria a ajuda da Aes Sedai. Olhou outra vez o cabo escuro da lança. A maior parte da inscrição estava encoberta pela mão de Mat, mas não tudo. O que quer que fosse, não tinha ideia do que dizia. Como era que Mat sabia? As janelas vazias de Rhuidean o encaravam, com um ar zombeteiro. Ainda escondemos muitos segredos, pareciam dizer. Mais do que você imagina. Piores do que imagina. — Vamos voltar, Mat. Não me importo se tivermos de cruzar o vale à noite. Como você disse, estará mais fresco. Não quero mais ficar aqui.

— Por mim está ótimo — respondeu Mat, tossindo. — Desde que a gente tome mais um gole da água daquela fonte.

Rand acompanhou o passo de Mat, a princípio lento e claudicante, com a estranha lança servindo de bengala. Parou uma vez para olhar as duas estatuetas de um homem e uma mulher segurando esferas de cristal, mas deixou-as lá. Não ainda. Não por um bom tempo, se tivesse sorte.

Depois que deixaram a praça para trás, os palácios inacabados erguidos ao longo da rua ganharam um aspecto ameaçador, com os topos denteados parecendo as muralhas de imensas fortalezas. Rand abraçou *saidin*, embora não visse ameaça real. Mas sentia, como se olhos assassinos o vigiassem pelas costas. Rhuidean jazia, vazia e pacífica, sem sombras sob o tênue brilho azul do teto de névoa. A terra nas ruas se encrespava com o vento... O vento. Não havia vento.

— Ah, que me queime — resmungou Mat. — Acho que estamos com problemas, Rand. É isso o que ganho, ficando perto de você. Você sempre me arruma problemas.

As ondas vieram mais rápidas, ajuntando-se e formando camadas mais espessas, trêmulas e quietas.

— Você consegue andar mais depressa? — perguntou Rand.

— Andar? Sangue e cinzas, eu consigo correr. — Inclinando a lança junto ao peito, Mat fez jus às palavras e irrompeu em um trote.

Correndo a seu lado, Rand formou outra vez a espada, sem saber o que poderia fazer com ela contra camadas de terra ondulante, sem saber se seria mesmo necessária. Era apenas terra. *Não, mas que desgraça, não é. É uma daquelas bolhas. O mal do Tenebroso, flutuando pelo Padrão atrás de malditos ta'veren. Sei que é isso.*

Ao redor deles, a poeira levantava e tremia, cada vez mais espessa, agrupando-se. De súbito, bem diante dos dois, uma silhueta se ergueu na bacia de uma fonte seca, um sólido contorno masculino, escuro e sem feições, com dedos como garras afiadas. Sem fazer barulho, a coisa saltou para cima deles.

Rand se moveu instintivamente — a Lua Nasce Sobre a Água — e a lâmina de Poder retalhou a figura escura. Em um segundo era apenas uma nuvem de poeira grossa pairando sobre a calçada.

Mas ela foi substituída por outras, silhuetas negras e sem rosto irrompendo ligeiras por todos os lados, nenhuma idêntica, mas todas com garras estendidas. Rand dançou as formas entre elas, a espada tecendo padrões intrincados no ar, deixando para trás partículas de pó flutuantes. Mat usou a lança como porrete, rodopiando-a em um borrão indistinto, mas valendo-se da lâmina da espada, como se sempre tivesse usado a arma. As criaturas morreram — ou pelo menos retornaram ao pó — mas eram muitas, e muito ágeis. Sangue escorria pelo rosto de Rand, e a antiga ferida na lateral do corpo ardia a ponto de abrir. O rosto de Mat também estava todo vermelho, assim como o peito. Eram muitas, e muito ágeis.

Você não faz a décima parte do que já é capaz. Foi o que Lanfear dissera. Ele riui ao dançar as formas. Aprender com um dos Abandonados. Poderia fazer isso, mas não do jeito que ela pretendia. Sim, poderia. Canalizava, urdia fios de Poder e mandava um redemoinho para o centro de cada silhueta negra. Elas explodiam em nuvens de poeira que o faziam tossir. Até onde ele pôde ver, a poeira se assentava no ar.

Mat, ferido e arfante, apoiou-se na lança de cabo escuro.

— Foi você que fez isso? — indagou, sem fôlego, limpando o sangue dos olhos. — Já não era sem tempo. Se sabia fazer, por que não fez logo de cara, maldição?

Rand começou a rir outra vez. *Porque não pensei nisso. Porque não sabia até fazer.* Porém, a risada congelou na boca. A poeira se agitou no ar e, ao tocar o chão, começou a ondear.

— Corra — disse. — Temos que sair daqui. Corra!

Lado a lado, os dois dispararam pela névoa, golpeando qualquer filete de poeira que se adensava, chutando, fazendo qualquer coisa que as impedisse de se juntarem. Rand mandou redemoinhos em todas as direções, em um turbilhão ensandecido. A poeira espalhada começou a tremer e se reunir de volta na mesma hora, antes mesmo de tocar o solo. Os dois continuaram correndo pelo nevoeiro e o atravessaram, irrompendo em uma luz fraca, com sombras cortantes.

Cheio de dor na lateral do corpo, Rand deu uma guinada, pronto para lançar raios, fogo, ou qualquer coisa. Nada passou pelo nevoeiro atrás deles.

Talvez a névoa fosse uma muralha contra aquelas criaturas escuras. Talvez as contivesse. Talvez... Não sabia. Não se importava, na verdade, desde que as coisas não os seguissem.

— Que me queime — resmungou Mat, com a voz áspera — ficamos lá a noite inteira. O sol já está quase nascendo. Não achei que tivesse passado tanto tempo.

Rand encarou o céu. O sol ainda não despontara nas montanhas. Uma nuvem tão brilhante que fazia os olhos doerem delineava os picos dentados. Sombras compridas cobriam o chão do vale. *Ele emergirá de Rhuidean ao amanhecer, e unirá a todos com eles que não poderão ser desfeitos. Ele os trará de volta e os destruirá.*

— Vamos subir a montanha — disse, baixinho. — Eles estarão esperando por nós. — *Por mim.*





POR DENTRO DOS CAMINHOS

A escuridão dos Caminhos reduzia a luz do lampião de Perrin a uma poça de luz angulosa em volta dele e de Gaul. O rangido da sela e o estalido arenoso dos cascos na pedra pareciam não ir além do limite da luz. Não havia cheiro no ar, nada. O Aiel caminhava tranquilamente a passos largos ao lado de Galope, mantendo um olho no brilho fraco do lampião do grupo de Loial, mais adiante. Perrin recusava-se a pensar nele como o “grupo de Faile”. Os Caminhos não pareciam incomodar Gaul, apesar da má fama. O próprio Perrin não conseguia parar de escutar, como fizera por quase dois dias — ou o que pareceram dois dias, naquele lugar sombrio. Suas orelhas seriam as primeiras a captar o som que indicava que todos morreriam, ou pior, o som do vento soprando onde vento algum jamais soprara. Nenhum vento além de *Machin Shin*, o Vento Negro devorador de almas. Não conseguia parar de pensar que viajar pelos Caminhos era uma loucura, mas a definição de asneira mudava de acordo com a necessidade.

A fraca luz à frente parou, e Perrin puxou a rédea bem no meio do que parecia uma antiga ponte de pedra subindo em arco em meio à escuridão total e completa, antiga por conta das fendas nas laterais, dos buracos e crateras rasas que pontilhavam o chão gasto. Ela devia ter aguentado firme por quase três mil anos, mas parecia prestes a desabar. Talvez caísse naquele exato instante.

O cavalo de carga correu atrás de Galope: os animais relincharam uns para os outros e reviraram os olhos, inquietos, para a escuridão ao redor. Perrin sabia como os cavalos se sentiam. A companhia de mais algumas pessoas aliviaria um pouco o peso daquela noite sem fim. Mesmo assim, nem se estivesse sozinho teria se aproximado das lanternas à frente. Não arriscaria repetir o ocorrido na primeira Ilha, logo depois de adentrar o Portal dos

Caminhos em Tear. Coçou a barba cacheada, irritado. Não sabia ao certo o que esperar, mas não...

O lampião pendurado à haste balançou quando ele desceu da sela e conduziu Galope e o cavalo de carga ao Guia, uma tábua alta de pedra branca coberta de riscos prateados que lembravam vagamente vinhas e folhas, todas esburacadas como se tivessem sido corroídas por ácido. Não conseguiu ler, naturalmente — Loial tinha de fazer isso, era uma inscrição Ogier — e depois de um momento ficou caminhando ao redor, analisando a Ilha. Era igual às outras que vira, com um muro de pedras brancas na altura de seu peitoral decorado com um padrão intrincado de curvas e círculos simples encaixados. Aqui e ali, pontes perfuravam o muro, perpassando a escuridão, e rampas sem gradil corriam para cima ou para baixo sem que ele pudesse ver o que as sustentava. Havia rachaduras por todos os lados, buracos desiguais e crateras rasas, como se a pedra estivesse apodrecendo. O movimento dos cavalos produziu um som arranhado de pedra se soltando por baixo dos cascos. Gaul espiou a escuridão sem aparentar aflição, mas, por outro lado, não sabia o que poderia haver por ali. Perrin sabia, e muito bem.

Quando Loial e as outras chegaram, Faile saltou da égua negra na mesma hora e caminhou a passos firmes até Perrin, os olhos fixos em seu rosto. Ele já estava se arrependendo de tê-la deixado preocupada, mas a mulher não parecia nem um pouco preocupada. Não saberia dizer que expressão havia naquele rosto além de firmeza.

— Decidiu falar direto comigo, em vez de...?

O tapa cheio o fez ver estrelas.

— O que você estava pensando... — Faile praticamente cuspiu as palavras. — Correndo para dentro feito um javali selvagem? Você não tem consideração. Nenhuma!

Ele respirou fundo, bem devagar.

— Já pedi a você para não fazer isso.

Os olhos escuros e oblíquos da moça se arregalaram, como se ele tivesse dito algo enervante. Perrin ainda esfregava o rosto quando o segundo tapa veio pelo outro lado, quase deslocando sua mandíbula. Os Aiel observavam com interesse, e Loial os olhava com as orelhas caídas.

— Já disse para não fazer isso — grunhiu.

A mão em punho dela não era muito grande, mas o soco repentino na boca do estômago o fez perder quase todo o ar dos pulmões. Perrin se dobrou ao meio, de lado, e Faile se preparou para um novo soco. Com um rosnado, ele a puxou pelo pescoço e...

Bem, a culpa era dela. Já tinha pedido para não ser estapeado, avisara. A culpa era dela. No entanto, ficou surpreso por Faile não ter tentado puxar uma das facas — parecia levar tantas quanto Mat.

Ela tinha ficado furiosa, naturalmente. Furiosa com Loial, por tentar intervir — sabia se cuidar sozinha, muito obrigada. Furiosa com Bain e Chiad por não interviem — e ficara surpresa quando as duas disseram ter pensado que ela não esperaria interferências em uma briga que havia começado. Quando você começa a briga, dissera Bain, deve aceitar as consequências, ganhando ou perdendo. Mas Faile não parecia mais nem um tantinho irritada com ele. Isso o afligia. A mulher apenas o fitava, os olhos negros brilhando com lágrimas não vertidas, o que o fez sentir-se culpado, o que por consequência o deixou com raiva. Por que deveria se sentir culpado? Tinha que ficar ali parado e

deixar que ela o enchesse de sopapos como bem entendesse? Faile montara em Andorinha e ficara lá sentada, de costas rijas, recusando-se a se apoiar direito no cavalo, encarando-o com uma expressão indecifrável. Isso o deixava muito nervoso. Quase desejou que Faile tivesse puxado uma faca. Quase.

— Estão se mexendo outra vez — disse Gaul.

Perrin voltou depressa ao presente. A outra luz *estava* se mexendo. Agora parara. Um deles percebera que sua luz ainda não estava seguindo. Decerto Loial. Faile talvez não se importasse se ele se perdesse, e por duas vezes as Aiel tinham tentado convencê-lo a se juntar a elas mais à frente. Perrin não precisara do mínimo meneio de cabeça de Gaul para recusar. Cravara os calcanhares em Galope, que avançou, conduzindo o cavalo de carga.

Esse Guia era ainda mais esburacado que a maioria dos que vira antes, mas seguiu cavalgando sem prestar muita atenção. A luz das outras lanternas já começava a descer uma das rampas pouco íngremes, e ele foi atrás, com um suspiro. Odiava as rampas. Ladeado apenas pela escuridão, o chão começou a fazer uma curva para baixo, dando a volta, com nada distinguível além da luz contida da lanterna que balançava sobre sua cabeça. Algo lhe dizia que uma queda dali de cima seria infinita. Galope e o cavalo de carga se mantiveram no centro, sem pressa, e até Gaul evitava a beirada. Pior, quando a rampa terminava, em outra Ilha, não havia como escapar da conclusão de que ela estava exatamente sob a que haviam acabado de sair. Gostou de ver Gaul olhando para cima, de não ser o único a se perguntar o que sustentava aquelas Ilhas no alto e se era mesmo firme.

Mais uma vez, as lanternas de Loial e Faile pararam perto do Guia, então ele puxou a rédea de novo, logo na saída da rampa. Dessa vez, porém, o grupo da frente não se moveu. Depois de alguns instantes, a voz de Faile chamou:

— Perrin.

Ele e Gaul se entreolharam, e o Aiel deu de ombros. A mulher não falava com Perrin desde que ele...

— Perrin, venha cá. — Não era bem um tom peremptório, mas também não parecia pedir.

Bain e Chiad estavam agachadas, tranquilas, junto ao Guia, e Loial e Faile assentaram os cavalos ali perto, com os lampiões em mãos. O Ogier segurava as rédeas dos cavalos de cargas, e as orelhas peludas se contorciam enquanto olhava de Faile para Perrin, depois de volta para Faile. A jovem, por outro lado, parecia absorta em ajustar as luvas de cavalgada, de couro verde macio e com falcões dourados bordados no dorso. Também trocara de vestido. O novo tinha o mesmo corte, com gola alta e saias divididas, mas era de uma seda brocada verde-escura, e parecia enfatizar o busto. Perrin nunca a vira naquele vestido.

— O que é que você quer? — perguntou, desconfiado.

Faile olhou para cima, como se estivesse surpresa em vê-lo, inclinou a cabeça, pensativa, depois sorriu, como se acabasse de lhe ocorrer a resposta.

— Ah, sim. Queria saber se você aprendia a vir quando chamo.

Ele alargou o sorriso, decerto porque ouvira o ranger dos dentes de Perrin, que esfregou o nariz. Havia um cheiro fraco de ranço por ali.

Gaul deu uma risadinha baixa.

— É feito tentar entender o sol, Perrin. Ele apenas existe, não é para ser compreendido. Você não pode viver sem ele, mas tem um preço. Assim são as mulheres.

Bain se inclinou para cochichar no ouvido de Chiad, e as duas gargalharam. Pelo jeito como olhavam para ele e Gaul, Perrin achou que não gostaria de ouvir o que as mulheres tinham achado tão engraçado.

— Não é nada disso — ressoou Loial, as orelhas se remexendo, impacientes. Ele disparou um olhar acusatório para Faile, o que não a deixou nem um pouco desconcertada. A mulher abriu um sorriso vago em resposta e retornou às luvas, ajeitando cada dedo mais uma vez. — Me desculpe, Perrin. Ela insistiu em chamar. É que chegamos. — Ele apontou para a base do Guia, atravessado por uma rachadura branca, não em direção à ponte ou à rampa, mas à escuridão. — Aqui é o Portal dos Caminhos de Manetheren, Perrin.

Perrin assentiu, sem dizer uma palavra. Não iria sugerir que seguissem adiante, para que Faile não o acusasse de tentar tomar a liderança. Esfregou o nariz outra vez, absorto — aquele cheiro de ranço, quase imperceptível, era irritante. Não daria sequer a sugestão mais sutil. Se Faile queria liderar, que liderasse. Mas a mulher subiu na sela, brincando com as luvas, obviamente esperando que ele se pronunciasse para que pudesse fazer alguma observação mordaz. Faile gostava disso, mas Perrin preferia dizer o que de fato pensava. Irritado, girou Galope, com a intenção de prosseguir sem ela e Loial. A linha levava ao Portal dos Caminhos, e ele poderia pegar a folha de *Avendesora* sozinho e abrir o Portal.

De repente, seu ouvido captou um som abafado de cascos na escuridão, e o cheiro fétido fez sentido.

— Trollocs! — gritou.

Gaul deu um rodopio suave e deslizou uma lança na malha do peitoral de um Trolloc com focinho de lobo que irrompeu na luz erguendo uma espada em forma de foice. Com o mesmo movimento tranquilo, o Aiel puxou de volta a lâmina e desviou, deixando a enorme massa desabar no chão. Mas outros vieram, com seus focinhos de bode e presas de javali, bicos cruéis e chifres retorcidos, trazendo espadas curvas, machados com ponteiras e lanças enganchadas. Os cavalos se agitavam e relinchavam.

Erguendo o lampião bem alto — a ideia de encarar aquelas coisas na escuridão o fazia suar frio — Perrin agarrou uma arma e virou-se para um rosto distorcido por um focinho cheio de dentes afiados. Ficou surpreso ao perceber que fora o martelo que desamarrara dos alforjes, mas, mesmo sem a ponta afiada do machado, dez libras de aço no braço de um ferreiro ainda serviam para afastar os Trollocs, que saíam cambaleantes, guinchando e agarrando os rostos destruídos.

Loial acertou a haste do lampião em uma cabeça com chifres de bode, e o lampião se quebrou. Banhado em óleo fervente, o Trolloc disparou escuridão adentro, uivando. O Ogier continuou rodopiando a haste pesada — uma

vara em suas mãos gigantescas, mas que produzia o ruído de ossos sendo partidos ao atingir o alvo. Uma das facas de Faile irrompeu em olhos demasiado humanos sobre um focinho com presas afiadas. Os Aiel dançavam com as lanças, já tendo encontrado tempo para erguer os véus. Perrin golpeava, golpeava e golpeava. Um redemoinho de morte que durou... Um minuto? Cinco? Parecia uma hora. Mas de repente viram os Trollocs caídos, e os que ainda não estavam mortos se contorciam em espasmos.

Perrin sugou o ar para dentro dos pulmões. Sentia como se o peso do martelo fosse arrancar o braço direito. Havia uma sensação de queimação no rosto, e algo úmido escorria pela lateral do corpo e pela perna, onde fora ferido pelo aço dos Trollocs. Cada Aiel tinha pelo menos uma mancha úmida e escura nas roupas marrons e cinza, e Loial tinha um talho profundo na coxa. Os olhos de Perrin passaram por todos, em busca de Faile. Se ela estivesse ferida... A mulher estava sentada na égua negra, com uma faca nas mãos, pronta para atirá-la. Conseguira tirar as luvas e enfiá-las atrás do cinto. Perrin não viu uma única ferida em seu corpo. Não teria conseguido identificar o sangue de Faile em meio ao cheiro de todos os outros — de humanos, Ogier, Trollocs — mas conhecia o aroma da garota, que não exalava cheiro de dor e feridas. As luzes brilhantes machucavam os olhos dos Trollocs, que não se adaptavam muito depressa. Era provável que a única razão pela qual estivessem vivos, e os Trollocs, mortos, fosse a passagem abrupta da escuridão para a luz.

Foi todo o tempo que tiveram. Um instante de trégua, o suficiente para olhar em volta e respirar. Com um estrondo como cem libras de ossos triturados em um gigantesco moedor de carne, um Desvanecido irrompeu na luz, a mirada sem olhos era uma encarada da morte, a espada negra cintilando como um raio. Os cavalos relincharam, tentando fugir em disparada.

Gaul quase não conseguiu aparar o golpe da lâmina com o broquel, e uma lasca da lateral se soltou como se as camadas de couro de boi curtido fossem de papel. Ele golpeou, esquivou-se de um golpe — por pouco — e golpeou outra vez. Flechas brotaram no peito do Myrddraal. Bain e Chiad haviam prendido as lanças nos arreios às costas, onde estavam os estojos com os arcos, e usavam os arcos de chifre curvados. Mais flechas alfinetaram o peitoral do Meio-homem. A lança de Gaul saltava e golpeava. De repente, uma das facas de Faile irrompeu no rosto de verme, liso e branco. O Desvanecido não sucumbia, não desistia de tentar matar. Só conseguiam evitar que aquela espada se cravasse em seus corpos graças às guinadas frenéticas.

Perrin arreganhara os dentes em um rosnado inconsciente. Odiava Trollocs como um inimigo de sangue, mas um Desnascido...? Para matar um Desnascido, valeria a pena morrer. *Cravar meus dentes naquela garganta...!* Sem perceber se ficava no caminho das flechas de Bain e Chiad, conduziu Gaul para perto das costas do Desnascido, forçando a aproximação do cavalo relutante com as rédeas e os joelhos. A criatura rodopiou para longe de Gaul no último instante, parecendo ignorar a ponta de uma lança sendo fincada entre seus ombros e despontando abaixo da garganta, encarando Perrin com

a expressão sem olhos que aterrorizava a alma de qualquer homem. Tarde demais. O martelo de Perrin desceu, destroçando de uma vez só a cabeça e o rosto sem olhos.

Mesmo abatido e praticamente sem cabeça, o Myrddraal ainda se debatia com violência, golpeando a esmo com a espada forjada em Thakan'dar. Galope dançava para trás, relinchando, nervoso, e Perrin sentiu-se como se fosse ensopado em água congelante. Aquela lâmina negra causava feridas que até mesmo Aes Sedai tinham dificuldade em Curar, e ele avançara sem se preocupar. *Meus dentes naquela... Luz, preciso manter o controle. Preciso!*

Ainda ouvia os sons abafados da escuridão no extremo oposto da Ilha, o clangor de patas ferradas, o raspar de botas, respirações entrecortadas e murmúrios guturais. Mais Trollocs. Quantos, não sabia precisar. Pena que não estivessem ligados ao Myrddraal, mas talvez hesitassem em atacar, sem ele a conduzi-los. Trollocs sozinhos quase sempre eram covardes, preferiam apostas certas e mortes fáceis. Porém, mesmo na falta de um Myrddraal, acabariam por organizar um retorno.

— O Portal dos Caminhos — disse Perrin. — Precisamos sair antes que decidam o que fazer sem isso. — Ele apontou com o martelo ensanguentado para o Desvanecido, que ainda se debatia. Faile puxou a rédea de Andorinha na mesma hora para dar meia-volta, e ele ficou tão surpreso que disse, sem pensar: — Não vai discutir?

— Não discuto quando você é sensato — retrucou a moça, de repente. — Não quando você é sensato. Loial?

O Ogier guiou o grupo montado no animal alto e de boletos peludos. Perrin seguiu com Galope atrás de Faile e Loial, o martelo na mão, os Aiel a seu lado, todos com os arcos preparados. A mescla de cascos e botas os acompanharam na escuridão, além de murmúrios duros em um idioma bruto demais para as línguas humanas. Os Trollocs voltavam, reunindo coragem, os murmúrios cada vez mais próximos.

Outro som flutuou até Perrin, parecia um roçar de seda contra seda. Sentiu os ossos se arrepiarem. O som crescia, era a respiração de um gigante, subindo, descendo, subindo mais.

— Corram! — gritou. — Corram!

— Estou correndo — vociferou Loial. — Eu... Esse som! É...? Que a Luz ilumine nossas almas, e que a mão do Criador nos proteja! Está abrindo! Está abrindo! Tenho que ser o último. Saia! Saia! Mas não tão... não, Faile!

Perrin arriscou uma olhadela por cima do ombro. Dois portões iguais se abriam. Pareciam feitos de folhas vivas e revelavam a visão enevoada de um campo montanhoso. Loial desceu da montaria para remover a folha de *Avendesora* e destrancar o portão, e Faile tomou as rédeas dos animais de carga e do imenso animal do Ogier.

— Venham comigo! Rápido! — gritou, apressada, cravando as botas nas costelas de Andorinha, e a égua tairena deu um salto em direção à abertura.

— Vão atrás dela — disse Perrin, aos Aiel. — Corram! Vocês não podem lutar contra isso. — Sabiamente, eles hesitaram apenas uma fração de segundos antes de desaparecer. Gaul ia agarrado à guia do cavalo de carga.

Galope veio lado a lado com Loial. — Você consegue dar um jeito de trancar a passagem? Bloqueá-la?

Os murmúrios ásperos revelavam uma tensão frenética — os Trollocs também haviam reconhecido o som. *Machin Shin* estava chegando. Para viver, era preciso sair dos Caminhos.

— Consigo — disse Loial. — Consigo. Mas saia daqui! Saia!

Perrin levou Galope de costas depressa de volta em direção ao Portão, mas, antes de perceber o que fazia, jogou a cabeça para trás e liberou um uivo provocativo e desafiador. *Tolo, tolo, tolo!* Ainda assim, manteve os olhos fixos na escuridão profunda e recuou com Galope até o Portal dos Caminhos. Uma onda gélida percorreu todo o seu corpo, até os fios de cabelo, e o tempo se alongou. O solavanco da saída dos Caminhos o atingiu, como se passasse de um galope intenso à parada em um passo só.

Os Aiel ainda se viravam para encarar o Portal dos Caminhos, espalhados pela encosta com as flechas encaixadas nos arcos, em meio a arbustos baixos e árvores atrofiadas, pinheiros, abetos e folhas-de-couro deformados pelo vento. Faile se levantava de onde rolara da sela de Andorinha, a égua negra apertando-a com o focinho. Sair de um Portal dos Caminhos era no mínimo tão ruim quanto entrar, ela teve sorte de não quebrar o pescoço, e a égua também. O imenso cavalo de Loial e os animais de carga tremiam como se tivessem levado um murro na cara. Perrin abriu a boca, e Faile cravou os olhos nele, desafiando-o a fazer qualquer comentário que fosse, muito menos um solidário. Ele fez uma careta irônica e, sabiamente, permaneceu em silêncio.

De repente, Loial foi expelido com violência do Portal dos Caminhos, saltando de um espelho fosco e prateado com o próprio reflexo avultando-se por trás, e rolou pelo chão. Quase na cola dele surgiram dois Trollocs — um com chifres e focinhos de carneiro, outro com bico de águia e cristas emplumada, mas, antes que mais da metade de seus corpos aparecesse do outro lado, a superfície reluzente transformou-se em negro profundo, borbulhante e intumescido, agarrando-se a eles.

Vozes sussurraram na cabeça de Perrin, mil vozes insanas balbuciando em seu crânio. *Sangue amargo. Tão amargo. Beba o sangue e quebre o osso. Quebre o osso e sugue o tutano. Tutano amargo, gritos doces. Melodia de gritos. Cante os gritos. Almas diminutas. Almas pungentes. Devore todas. Dor tão doce. E continuava, e continuava.*

Ganindo e uivando, os Trollocs tentavam golpear o negrume que ebulia à sua volta, arranhando-o para tentar se libertar enquanto eram sugados com mais e mais força, até que restou apenas uma mão peluda, agarrando o nada em frenesi, depois apenas a escuridão saliente, perscrutadora. Bem lentamente, os portões surgiram, deslizando juntos, espremendo a escuridão de volta para dentro. As vozes na cabeça de Perrin enfim cessaram. Loial correu à frente, bem depressa e pôs não um, mas dois trevos entre as ervas-pinheirinhas e vinhas. O Portal dos Caminhos tornou-se pedra outra vez, um trecho de muro de pedra com entalhes intrincados, isolado em meio a uma montanha com árvores esparsas. Entre as ervas-pinheirinhas e vinhas havia

não uma, mas duas folhas de *Avendesora*. Loial recolocara o trevo de dentro do lado de fora.

O Ogier soltou um suspiro profundo de alívio.

— É o melhor que consigo fazer. Agora só pode ser aberto por este lado. — Lançou a Perrin um olhar ao mesmo tempo ansioso e firme. — Eu poderia ter trancado a porta para sempre se não tivesse recolocado as folhas, mas não vou estragar um Portal dos Caminhos, Perrin. Nós cultivamos e cuidamos dos Caminhos. Talvez eles um dia possam ser purificados. Não posso arruinar um Portal dos Caminhos.

— Está bom assim — respondeu Perrin.

Será que os Trollocs estavam indo para aquele Portal dos Caminhos, ou fora apenas obra do acaso? De todo modo, estava bom daquele jeito.

— Isso foi...? — começou Faile, insegura, depois parou para engolir em seco.

Até os Aiel pareciam abalados, para variar.

— *Machin Shin* — respondeu Loial. — O Vento Negro. Uma criatura da Sombra, ou uma coisa criada pela própria mácula dos Caminhos... ninguém sabe. Sinto pena dos Trollocs. Mesmo sendo o que são.

Perrin não sabia ao certo se sentia pena, nem mesmo com uma morte dessas. Já vira o que Trollocs deixavam para trás quando punham as mãos em humanos. Trollocs comiam qualquer coisa, desde que fosse carne, e às vezes gostavam de dilacerar a carne ainda viva. Não se permitiria sentir pena deles.

Os cascos de Galope trituraram a terra arenosa quando Perrin o virou para ver onde estavam.

Montanhas cobertas por nuvens se erguiam ao redor. Eram as nuvens sempre presentes que lhe conferiam o nome — Montanhas da Névoa. O ar era frio àquela altitude, mesmo no verão, sobretudo se comparado a Tear. O sol de fim de tarde já se assentava nos cumes a oeste, cintilando nos córregos que desciam para o rio que corria no fundo do extenso vale abaixo. O Manetherendrelle tinha esse nome depois que deixava as montanhas e descia para bem longe, a oeste e sul, mas Perrin crescera chamando o intervalo que corria pela divisa sul de sua cidade de Rio Branco — um trecho de corredeiras intransponíveis e águas revoltas e espumosas. O Manetherendrelle. Águas da Casa da Montanha.

Tanto onde as pedras nuas surgiam no vale abaixo quanto nas encostas circundantes, o rio reluzia feito cristal. Já existira uma cidade, ali, cobrindo vale e montanhas. Manetheren, cidade de torres sublimes e fontes exuberantes, capital da grande nação de mesmo nome, talvez a mais bela do mundo, segundo as antigas histórias Ogier. Agora não restava um resquício sequer, exceto pelo Portal dos Caminhos quase indestrutível, situado no bosque Ogier. O lugar fora queimado até virar terra árida mais de dois mil anos antes, enquanto as Guerras dos Trollocs ainda devastavam tudo, destruído pelo Poder Único após a morte de seu último rei, Aemon al Caar al Thorin, que pereceu em sua última batalha sangrenta contra a Sombra. Campo de Aemon fora o nome que os homens deram ao lugar, onde agora fica a aldeia chamada Campo de Emond.

Perrin estremeceu. Aquilo fora há muito tempo. Os Trollocs haviam voltado apenas uma vez desde então, em uma Noite Invernal mais de um ano antes, na véspera da noite em que ele, Rand e Mat foram obrigados a fugir com Moiraine escuridão adentro. Agora parecia ter acontecido havia muito tempo. Não poderia acontecer outra vez, com o Portal dos Caminhos trancado. É com Mantos-brancos que tenho que me preocupar, não com Trollocs.

Um par de gaviões de asas brancas sobrevoaram o extremo oposto do vale. Os olhos de Perrin quase não perceberam o traço de uma flecha subindo. Um dos gaviões rodopiou e caiu, e o rapaz franziu o cenho. Por que alguém daria uma flechada em um gavião, ali nas montanhas? Em uma fazenda, se o bicho estivesse atrás das galinhas ou dos gansos, tudo bem; mas ali? Por que haveria alguém por ali? O povo de Dois Rios evitava as montanhas.

O segundo gavião desceu em uma arremetida de asas brancas como a neve em direção ao ponto onde o companheiro caíra, mas logo subiu de volta, desesperado. Uma nuvem negra de corvos irrompeu das árvores, uma multidão ensandecida rodeando a ave, e, quando se acalmaram outra vez, o gavião havia desaparecido.

Perrin forçou-se a respirar. Já tinha visto corvos e outros pássaros atacarem um gavião que chegara perto demais de seus ninhos, mas não podia acreditar que dessa vez fosse só isso. As aves tinham surgido de onde viera a flecha. Corvos. A Sombra usava animais como espíões, às vezes. Em geral, ratos e outros que se alimentavam de morte. Sobretudo corvos. Tinha lembranças vívidas de fugir de fileiras de corvos que o caçavam como se tivessem inteligência.

— O que está olhando? — perguntou Faile, protegendo os olhos com as mãos para espiar pelo vale. — Aquilo eram pássaros?

— Só pássaros — respondeu.

Talvez fossem apenas pássaros. Não posso assustar todo mundo até ter certeza. Não com todos ainda abalados por causa do Machin Shin.

Percebeu que ainda segurava o machado ensanguentado, escorregadio com o sangue negro do Myrddraal. Os dedos encontraram sangue seco na bochecha, endurecendo na barba rente. Quando desceu do cavalo, sentiu dor na perna e no lado direito do corpo. Encontrou uma camisa nos alforjes e limpou o machado antes que o sangue do Desvanecido causticasse o metal. Em um instante descobriria se havia algo a temer nas montanhas. Se fosse algo além de homens, os lobos saberiam.

Faile começou a desabotoar o casaco dele.

— O que você está fazendo? — perguntou Perrin.

— Cuidando de suas feridas — respondeu a mulher, de um jeito brusco. — Não deixarei que sangue até a morte na minha frente. Isso seria bem típico de você, morrer e me deixar o trabalho de enterrá-lo. Não tem um pingo de consideração. Fique parado.

— Obrigado — disse Perrin, baixinho, e ela o encarou, surpresa.

Faile o fez se despir quase inteiro, deixando apenas as cuecas, para lavar as feridas e esfregá-las com o unguento que pegou nos alforjes. Perrin não

conseguia ver o talho no próprio rosto, naturalmente, mas parecia pequeno e superficial, ainda que incômodo, por estar muito perto dos olhos. Mas o corte no lado esquerdo do corpo era mais comprido que sua mão, estendido ao longo de uma costela, e o buraco que a lança infligia em sua coxa direita estava bem profundo. Nesse, Faile precisou dar pontos com agulha e linha tiradas do conjunto de costura. Perrin aceitou os pontos com resignação — era ela quem se encolhia a cada agulhada. Enquanto trabalhava, a mulher resmungava, entre dentes, irritada, sobretudo ao esfregar o creme escuro e ardido na bochecha do rapaz. Era quase como se as feridas estivessem em seu corpo, e a culpa fosse dele, mas mesmo assim enrolou as ataduras nas costelas e na coxa com a mão gentil. Era um contraste impressionante, o toque suave e os resmungos furiosos. Muito confuso.

Enquanto ele vestia uma camisa limpa e uma calça reserva que pegara nos alforjes, Faile continuava passando o dedo pelo talho na lateral do casaco. Duas polegadas para a esquerda e ele não teria deixado aquela Ilha. Batendo os pés para ajeitá-los dentro das botas, Perrin esticou o braço para pegar o casaco — e Faile o atirou em cima dele.

— Nem pense que vou costurar isso para você. Já costurei tudo o que queria! Está me ouvindo, Perrin Aybara?

— Eu não pedi...

— Nem pense nisso! E chega! — A mulher saiu pisando firme para ajudar os Aiel a cuidarem uns dos outros e de Loial. Era um estranho grupo: o Ogier com as calças largas arriadas, Gaul e Chiad se olhando feito gatos estranhos, Faile passando o unguento e aplicando ataduras enquanto disparava olhares acusadores para ele. O que teria feito dessa vez?

Perrin balançou a cabeça. Gaul tinha razão, concluiu: era como tentar entender o sol.

Mesmo sabendo o que tinha de fazer, estava relutante, ainda mais depois do que acontecera nos Caminhos, com os Desvanecidos. Já vira um homem que se esquecera de que era humano. O mesmo poderia acontecer com ele. *Idiota. Você só precisa aguentar mais uns dias. Só até encontrar os Mantos-brancos.* E tinha que saber. Aqueles corvos.

Enviou as perguntas mentais pelo vale, em busca dos lobos. Sempre havia lobos onde não havia homens, e, se eles estivessem por perto, poderiam conversar. Os lobos evitavam os homens, ignorando-os o quanto fosse possível, mas odiavam os Trollocs, criaturas não naturais, e desprezavam os Myrddraal com um ódio profundo e incontrolável. Se houvesse criaturas da Sombra nas Montanhas da Névoa, os lobos poderiam avisá-lo.

Mas não encontrou lobos. Nenhum. Deveriam estar por aí, nessa selva inóspita. Via corvos pastando pelo vale. Talvez apenas não houvesse lobo por perto. Eles conseguiam conversar a certa distância, mas até uma milha já era longe demais. Talvez a distância limite fosse ainda menor nas montanhas. Talvez fosse isso.

Seu olhar varreu os picos cobertos de nuvens e pousou no extremo oposto do vale, de onde os corvos haviam saído. Talvez encontrasse lobos no dia seguinte. Não queria pensar nas alternativas.





PARA A TORRE DE GHENJEI

Com a noite chegando, não restou escolha senão acampar na montanha próxima ao Portal dos Caminhos. Em dois grupos separados, por insistência de Faile.

— Chega — protestou Loial, em um rosnado insatisfeito. — Já saímos dos Caminhos, e mantive minha promessa. Agora, chega.

Faile assumiu uma de suas expressões teimosas, com o queixo erguido e as mãos na cintura.

— Deixa para lá, Loial — disse Perrin. — Eu posso acampar ali.

Loial olhou de soslaio para Faile, que se virara para as duas Aiel assim que ouviu Perrin concordar, depois balançou a cabeça enorme e fez menção de ir se juntar a Perrin e Gaul. Perrin o impediu com um gesto discreto, queorceu para que nenhuma das mulheres tivesse percebido.

Ele se afastou um tantinho, menos de vinte passadas. O Portal dos Caminhos estava trancado, mas ainda havia os corvos e mais o que quer que eles prenunciassem. Queria ficar por perto, para o caso de haver necessidade de intervir. Se Faile quisesse reclamar, que reclamasse. Estava tão firme em ignorar os protestos da mulher que ficou aborrecido quando ela não protestou.

Ignorando as pontadas na perna e na lateral do corpo, ele soltou a sela de Galope, descarregou o outro cavalo, prendeu os dois animais e deu um saco de ração com punhados de aveia e cevada a cada um. Não havia pastagem por ali, obviamente, mas o que havia ao redor... Ele amarrou a corda no arco, apoiou-o ao lado da aljava e soltou o machado do passante do cinto.

Gaul o ajudou a fazer uma fogueira, e, em silêncio, os dois comeram pão e queijo com tiras de carne e beberam água. O sol já deslizava por trás das montanhas, transformando os picos em silhuetas negras e avermelhando os cantos das nuvens. Sombras cobriam o vale, e o ar começava a esfriar.

Perrin limpou o farelo das mãos e puxou o manto de lã verde e quente de dentro dos alforjes. Talvez estivesse mais acostumado com o calor de Tear do que pensara. As mulheres não comiam em silêncio ao redor de sua fogueira oculta pelas sombras: dava para ouvir as gargalhadas, e os trechinhos de conversa que Perrin conseguia pescar deixavam suas orelhas quentes. Elas conversavam sobre tudo, não tinham papas na língua. Loial se afastara o máximo possível das três sem sair do alcance da luz e tentava mergulhar em um livro. As mulheres nem deviam perceber que estavam deixando o Ogier constrangido, deviam pensar que estavam falando baixinho, que Loial não estava ouvindo.

Resmungando sozinho, Perrin sentou-se outra vez diante do fogo, de frente para Gaul. O Aiel parecia não notar o frio.

— Você conhece alguma história engraçada?

— História engraçada? Não consigo pensar em nenhuma assim, de repente. — Gaul olhou de soslaio a outra fogueira, ouvindo as risadas. — Eu entenderia, se pudesse. Como o sol, lembra?

Perrin soltou uma gargalhada alta e respondeu, no mesmo tom:

— Sei. Mulheres! Há!

A diversão do outro acampamento pareceu esmorecer por um instante, depois avivou-se outra vez. Elas deviam ter aprendido a lição. Os outros também sabiam rir. Perrin encarou a fogueira com um olhar desanimado. Suas feridas doíam.

Depois de um instante, Gaul comentou:

— Isso aqui está começando a parecer mais com a Terra da Trindade do que com a maioria das terras aguacentas. Ainda tem bastante água e muitas árvores grandes demais, mas não é tão estranho quanto os lugares que vocês chamam de florestas.

O solo ali era pobre, era o local onde Manetheren morrera em meio às chamas, e as árvores muito esparsas tinham troncos grossos e atarracados deformados pelo vento. Nenhuma tinha mais de trinta passadas de altura. Perrin achava que era o lugar mais desolado que já tinha visto.

— Queria um dia conhecer sua Terra da Trindade, Gaul.

— Talvez você conheça, quando sairmos daqui.

— Talvez.

Não havia grandes chances, era óbvio. Nenhuma, na realidade. Ele poderia ter dito isso ao Aiel, mas não queria falar sobre o assunto, muito menos pensar nele.

— Era aqui que Manetheren ficava? Você tem sangue de Manetheren?

— Isso aqui era Manetheren — respondeu Perrin. — E sim, acho que tenho. — Era difícil acreditar que as pequenas aldeias e fazendas tranquilas de Dois Rios abrigavam o resquício do sangue de Manetheren, mas fora o que Moiraine dissera. Segundo ela, o sangue antigo corria forte em Dois Rios. — Mas isso faz muito tempo, Gaul. Somos fazendeiros e pastores, não uma grande nação. Não somos grandes guerreiros.

Gaul abriu um leve sorriso.

— Se você diz. Já o vi dançar as lanças, assim como Rand al'Thor e o rapaz chamado Mat. Mas, se você diz...

Perrin mudou de posição, incomodado. Quanto ele mudara desde que deixara a aldeia? E Rand e Mat? Não estava se referindo a seus olhos, aos lobos, ou a Rand canalizar; não era nisso que pensava. Quanto do que existia dentro deles mudara? Mat era o único que ainda parecia o mesmo, quase igual.

— Você sabe sobre Manetheren?

— Sabemos mais sobre o mundo do que você imagina. E menos do que pensávamos. Muito antes de cruzar a Muralha do Dragão, li alguns livros trazidos por mascates. Eu já sabia que havia “navios”, “rios” e “florestas”, ou pensava que sabia. — Gaul fazia as palavras parecerem pertencer a uma língua estranha. — Era assim que eu imaginava uma “floresta”. — Ele indicou as árvores esparsas, muito mais baixas do que o normal. — Acreditar em algo não o torna real. E quanto ao Cavaleiro da Noite e as crias do Mata-folhas? Acha que foi coincidência eles estarem perto deste Portal dos Caminhos?

— Não. — Perrin suspirou. — Vi corvos lá embaixo, no vale. Talvez fossem só corvos, mas prefiro não arriscar. Não depois dos Trollocs.

Gaul assentiu.

— Podiam ser Olhos da Sombra. Se você se preparar para o pior, todas as surpresas são boas.

— Seria ótimo ter uma boa surpresa. — Perrin tentou sentir os lobos mais uma vez e, mais uma vez, não conseguiu. — Talvez eu descubra alguma coisa hoje à noite. Talvez. Se algo acontecer por aqui, pode ser que você precise me acordar aos chutes. — Percebeu que aquilo soava estranho, mas o Aiel apenas assentiu outra vez. — Gaul, você nunca mencionou meus olhos, sequer deu atenção a eles. Assim como todos os outros Aiel.

Sabia que seus olhos brilhavam amarelos à luz da fogueira.

— O mundo está mudando — respondeu Gaul, baixinho. — Rhuarc, Jheran, que é o chefe do meu clã, e as Sábias também, todos tentaram disfarçar, mas pareciam preocupados quando nos mandaram até a Muralha do Dragão em busca d'Aquele Que Vem Com a Aurora. Acho que talvez a mudança não seja como sempre acreditamos que seria. Não sei qual vai ser a diferença, mas sei que vai ser diferente. O Criador nos colocou na Terra da Trindade para nos moldar e também para pagarmos por nossos pecados, mas para o que fomos moldados? — Ele balançou a cabeça com pesar. — Colinda, a Sábida do forte das Águas Quentes, diz que penso demais para um Cão de Pedra, e Bair, a Sábida mais velha dos Shaarad, fica ameaçando me mandar para Rhuidean quando Jheran morrer, independente de minha vontade. Considerando isso tudo, Perrin, que importância tem a cor dos olhos de um homem?

— Queria que todo mundo pensasse assim.

As risadas enfim cessaram na outra fogueira. Uma das Aiel, Perrin não soube dizer qual, assumira o primeiro turno de vigia, de costas para a luz, e as outras mulheres tinham se recolhido para dormir. Fora um dia cansativo. Seria

fácil cair no sono, entrar no sonho de que ele precisava. Esticou-se junto ao fogo e enrolou o manto no corpo, então virou-se para Gaul.

— Não esqueça. Pode me acordar aos chutes, se for preciso.

O sono o envolveu ainda enquanto Gaul assentia, e o sonho veio ao mesmo tempo.

* * *

Era dia, e ele estava sozinho perto do Portal dos Caminhos, que parecia um enorme muro com entalhes elegantes, destoando da paisagem da montanha. Não fosse por isso, não haveria qualquer sinal de presença humana na encosta. O céu estava limpo e claro, e uma brisa suave que soprava do vale trazia o aroma de cervos e coelhos, pombas e codornas, além de mil odores distintos — de água, terra e árvores. Era o sonho de lobo.

Por um instante, Perrin foi tomado pela sensação de *ser* um lobo. Tinha patas, e... *Não!* Passou as mãos pelo corpo e ficou aliviado ao encontrar apenas o próprio contorno, vestido com o casaco e o manto. E usando o largo cinturão onde sempre prendia o machado, mas era o cabo do martelo que estava preso no passante.

Ele franziu o cenho e ficou surpreso ao ver o machado tremeluzir no lugar do martelo, indistinto e enevoado. De repente, voltou a ser o martelo. Umedecendo os lábios, Perrin torceu para que permanecesse assim. O machado podia ser uma arma melhor, mas ele preferia o martelo. Não se lembrava de algo assim já ter acontecido, essa mudança de algum item do cenário, mas sabia pouco a respeito daquele lugar estranho. Isso se pudesse mesmo ser chamado de lugar. Era um sonho de lobo, e coisas esquisitas aconteciam ali — decerto tão esquisitas quanto em qualquer sonho comum.

Como se o pensamento fosse capaz de desencadear mais uma estranheza, um trecho do céu por trás das montanhas escureceu de repente, transformando-se em uma janela para outro lugar. Rand estava ali no meio, de braços erguidos, provocando vendavais e gargalhando feito louco. Pequenas silhuetas douradas e vermelhas, muito parecidas com o estranho desenho no estandarte do Dragão, corriam pelo vento. Rand era observado por olhos escondidos, e não havia como dizer se o rapaz os notava. A estranha “janela” piscou e desapareceu, logo substituída por outra, mais adiante, que mostrava Nynaeve e Elayne avançando sorrateiras por uma paisagem louca com construções retorcidas e sombreadas, à caça de alguma besta perigosa. Perrin não fazia ideia de como sabia que era perigosa, mas sabia. A outra “janela” desapareceu, e mais uma mancha negra se espalhou pelo céu. Mat apareceu naquela, parado diante da bifurcação de uma estrada. O rapaz girou uma moeda e começou a avançar por uma das vias, e de repente usava um chapéu de aba larga, caminhava apoiado em um cajado e portava uma espada de lâmina curta. Mais uma “janela”, e Egwene e uma mulher de cabelos brancos e compridos o encararam, surpresas, enquanto a

Torre Branca se desintegrava atrás delas, pedra por pedra. Então as duas também desapareceram.

Perrin respirou fundo. Já vira coisas parecidas por ali, no sonho de lobo, e achava que as visões eram reais, ou pelo menos que tinham algum significado. O que quer que fossem, os lobos nunca as notavam. Moiraine tinha sugerido que o sonho de lobo era o mesmo que uma coisa chamada *Tel'aran'rhiod*, mas não chegara a falar mais sobre o assunto. Perrin já ouvira Egwene e Elayne conversando sobre sonhos, mas Egwene já sabia demais sobre ele e os lobos, talvez tanto quanto Moiraine. Não podia conversar sobre aquilo, nem mesmo com ela.

Havia uma pessoa com quem ele poderia ter conversado. Gostaria de poder encontrar Elyas Machera, o homem que o apresentara aos lobos. Elyas devia saber sobre aquelas coisas. Ao pensar no homem, sentiu por um instante que ouvia o próprio nome sussurrado no vento, mas, quando prestou mais atenção, encontrou apenas ventania. Era um som solitário. Ele estava só, ali.

— Saltador! — chamou, repetindo mentalmente: *Saltador!*

O lobo tinha morrido, mas não estava morto ali. O sonho de lobo era aonde os lobos iam depois da morte, para aguardar o renascimento. Na verdade, para os lobos era mais do que isso: eles pareciam ter alguma consciência do sonho, mesmo quando acordados. Para eles, um mundo era quase tão real — talvez tão real — quanto o outro.

— Saltador!

Saltador! Mas Saltador não veio.

Aquilo tudo era inútil. Ele estava ali por uma razão, e era melhor seguir em frente. Na melhor das hipóteses, levaria horas para descer até o local onde avistara os corvos.

Deu um passo — a terra ao redor perdeu o foco — e seus pés pisaram ao lado de um pequeno córrego escondido por cicutas atrofiadas e arbustos de salgueiro, enquanto topos imensos e enevoados despontavam acima. Ele ficou um instante parado, observando, estupefato. Estava no extremo oposto do vale, na direção do Portal dos Caminhos. Na verdade, estava no ponto exato em que queria estar, no lugar de onde vira os corvos saindo e de onde fora lançada a flecha que matou o primeiro gavião. Aquilo nunca acontecera. Será que estava aprendendo mais sobre os sonhos de lobo — Saltador sempre o chamava de ignorante — ou será que aquele era diferente?

Foi mais cauteloso ao dar o passo seguinte, mas foi apenas um passo. Não havia sinal do arqueiro ou dos corvos, nenhuma pegada, pena ou cheiro. Perrin não sabia ao certo o que tinha esperado. Não haveria pista, a menos que eles também tivessem passado pelo sonho. Porém, se encontrasse lobos por ali, poderia conseguir alguma ajuda para achar seus irmãos e irmãs no mundo desperto, e esses lobos poderiam dizer se havia crias da Sombra nas montanhas. Talvez ouvissem seu chamado, se ele fosse mais para o alto da montanha.

Com os olhos fixos no topo mais alto das montanhas que margeavam o vale, logo abaixo das nuvens, deu um passo adiante. O mundo virou um borrão, e

ele se viu de pé na encosta da montanha, com a massa de nuvens a menos de cinco braças de sua cabeça. Sem se dar conta do que fazia, deu risada. Aquilo era divertido. Dali de cima, dava para ver toda a extensão do vale.

— Saltador!

Sem resposta.

Pulou até a montanha seguinte, chamando, e depois até a próxima e a seguinte, sempre rumo a leste, na direção de Dois Rios. Saltador não respondia. E, o que era mais preocupante, Perrin também não sentia qualquer outro lobo. Sempre havia lobos no sonho de lobo. Sempre.

Ele avançou de pico em pico, movendo-se em um borrão indistinto, chamando, procurando. As montanhas ao redor estavam vazias, exceto por cervos e outras caças. Ainda assim, volta e meia via sinais de homens. Sinais antigos. Por duas vezes, encontrou enormes figuras entalhadas ocupando quase um lado inteiro da encosta, e, em outro ponto, estranhas letras angulosas de duas braças de altura haviam sido gravadas em um despenhadeiro — um trabalho bem fino e suave. O tempo desgastara as feições dos rostos das figuras entalhadas, e olhos menos aguçados que os dele talvez tivessem tomado as letras por obra do vento e da chuva. Montanhas e desfiladeiros deram lugar às Colinas de Areia, imensos morros ondulantes com uma cobertura esparsa de grama grossa e arbustos tenazes, que, antes da Ruptura, formavam a costa de um grande mar. De repente, ao olhar para o topo de um monte de areia, Perrin viu outro homem.

O sujeito estava longe demais para ele enxergar com clareza, era apenas um homem alto de cabelos escuros, não um Trolloc ou qualquer coisa do tipo. Estava usando casaco azul e levava um arco nas costas. Parecia inclinando sobre algo encoberto pelos arbustos baixos do chão. Mas havia alguma coisa familiar naquele homem.

O vento soprou, e Perrin captou o cheiro fraco do homem. Um aroma frio — era a única forma de descrever. Frio e não exatamente humano. De repente, o rapaz notou que segurava o próprio arco, já com uma flecha encaixada, e uma aljava cheia pesava em seu cinto.

O outro homem olhou para cima e viu Perrin. Ele hesitou por uma fração de segundo, depois se virou e se transformou em um raio, que desapareceu entrecortando as montanhas.

Perrin saltou para onde o homem estivera e examinou o que o sujeito andara observando. Foi atrás dele sem nem pensar, deixando para trás o corpo meio esfolado de um lobo. Um lobo morto no sonho de lobo. Aquilo era impensável. O que poderia causar a morte de um lobo naquele lugar? Algo maligno.

Sua presa corria à frente dando passos que cobriam milhas, quase sempre no limite do alcance da visão. Saiu das colinas e seguiu pela emaranhada Floresta do Oeste, com as fazendas espaçadas. Passou por pastos limpos, campos de cerca-viva e pequenos arbustos, indo além de Colina da Vigília. Era estranho ver as casas de sapê da aldeia cobrindo a montanha, mas não ver gente nas ruas. As casas de fazenda pareciam abandonadas. Ele manteve os olhos no homem que fugia à sua frente. Acostumara-se de tal forma àquela

perseguição que não se surpreendeu quando um passo o levou à margem sul do Rio Taren, e o seguinte o deixou no meio de colinas áridas, sem árvores ou grama. Corria para norte e leste, avançando por cima de córregos, estradas, aldeias e rios, concentrado apenas no homem à frente. A terra ia ficando plana e gramada, interrompida por moitas esparsas, sem qualquer sinal de presença humana. Então algo cintilou à frente, reluzindo sob o sol: uma torre de metal. A presa avançou em linha reta até ela e desapareceu. Dois saltos levaram Perrin até lá.

A torre de quarenta passadas de largura se elevava a duzentos pés, lustrosa feito aço reluzente. Podia muito bem ser uma coluna sólida de metal. Perrin a contornou duas vezes sem ver qualquer abertura, não havia sequer rachaduras ou marcas naquela superfície lisa e reluzente. Mas o cheiro pairava no ar, aquele fedor frio, inumano. A trilha acabava ali. O homem — se é que era homem — dera um jeito de entrar. Perrin só precisava encontrar o caminho para segui-lo.

Parê! Não foi uma palavra, foi uma torrente de emoções que sua mente traduziu. Parê!

Ele se virou a tempo de ver um imenso lobo cinza, tão alto que batia em sua cintura, grisalho e cheio de cicatrizes, pousando como se acabasse de saltar do céu. Talvez tivesse, mesmo. Saltador sempre invejara as águias e sua capacidade de voar; e, ali, ele também podia navegar pelos céus. Olhos amarelos encontraram olhos amarelos.

— Por que eu tenho que parar, Saltador? Ele matou um lobo.

Homens já mataram lobos, e lobos mataram homens. Por que a raiva corrói sua garganta feito fogo, desta vez?

— Eu não sei — respondeu Perrin, pensando. — Talvez por ter sido aqui. Eu não sabia que era possível matar um lobo aqui. Pensei que os lobos estavam seguros no sonho.

Você persegue o Matador, Jovem Touro. Ele está aqui em carne e é capaz de matar.

— Em carne? Quer dizer que não está apenas em sonho? Como é que ele pode estar aqui em carne?

Eu não sei. É uma fraca lembrança de muito tempo atrás, que ressurge como muitas outras. Coisas da Sombra caminham pelo sonho, agora. Criaturas do Presa-do-coração. Não há lugar seguro.

— Bom, agora ele entrou. — Perrin analisou a torre lisa de metal. — Se eu descobrir como consegui, posso dar um fim nele.

Filhote tolo, fuçando um ninho de vespas. Este lugar é maligno. Todos sabem disso. E você adentraria o mal para caçar o mal. O Matador pode matar.

Perrin parou. Havia um senso de finalidade nas emoções que sua mente evocava ao pensar na palavra “matar”.

— Saltador, o que acontece com um lobo que morre no sonho?

O lobo ficou em silêncio por um tempo. *Se morremos aqui, morremos para sempre, Jovem Touro. Não sei se o mesmo vale para você, mas acredito que sim.*

— Um lugar perigoso, arqueiro. A Torre de Ghenjei é um lugar ruim para a humanidade.

Perrin deu um giro, já erguendo o arco, até que viu a mulher parada a poucas passadas de distância, os cabelos loiros presos em uma trança grossa que batia na cintura, quase à moda das mulheres de Dois Rios, mas em um trançado mais intrincado. Suas roupas tinham um corte estranho; um casaco branco e curto e calças volumosas de algum material fino, amarelo-claro, preso aos tornozelos por cima de botas de cano curto. O manto escuro parecia esconder algo prateado que reluzia ao lado do corpo.

Ela se mexeu, e o brilho metálico desapareceu.

— Você tem olhos aguçados, arqueiro. Foi o que pensei da primeira vez que o vi.

Por quanto tempo aquela mulher o estivera observando? Era constrangedor pensar que ela tivesse se aproximado sem que ele ouvisse. No mínimo, Saltador poderia tê-lo avisado. O lobo estava deitado na grama, que de tão alta chegava aos joelhos, mantendo o focinho enfiado entre as patas dianteiras, observando-o.

A mulher era vagamente familiar, embora Perrin tivesse certeza de que se lembraria, se já a conhecesse. Quem era ela, para estar no sonho de lobo? Ou será que ali também era o *Tel'aran'rhiod* de Moiraine?

— Você é Aes Sedai?

— Não, arqueiro. — A mulher riu. — Eu só vim para alertá-lo, apesar dos preceitos. Mesmo no mundo dos homens, já é difícil o bastante sair da Torre de Ghenjei. Aqui, é quase impossível. Você tem a coragem de um porta-estandarte, o que alguns afirmam ser difícil distinguir de pura tolice.

Impossível sair? Tinha certeza de que o sujeito — o Matador — entrara. Por que faria isso, se não tivesse como sair?

— Saltador também disse que é perigoso. Torre de Ghenjei? O que é isso?

Ela arregalou os olhos e encarou o lobo, que continuava estirado no chão, ignorando-a, observando Perrin.

— Você consegue falar com os lobos? Isso é uma coisa perdida nas lendas. Então foi assim que chegou aqui. Eu deveria ter percebido. A torre? É um portal, arqueiro, para os reinos dos Aelfinn e dos Eelfinn. — Ela pronunciou os nomes como se Perrin devesse reconhecê-los. Quando ele a encarou sem parecer entender, a mulher explicou: — Já jogou Cobras e Raposas?

— Toda criança já jogou. Pelo menos em Dois Rios. Mas todas desistem assim que crescem um pouco e percebem que não há como ganhar.

— Só dá para ganhar quebrando as regras — completou a mulher — “Coragem para fortificar, fogo para cegar, música para encantar, ferro para selar.”

— É uma rima do jogo. Não estou entendendo. O que isso tem a ver com a torre?

— Esses são os caminhos para vencer as cobras e as raposas. O jogo remonta às antigas transações. Isso não importa, desde que você fique longe dos Aelfinn e dos Eelfinn. Eles não são tão maus quanto a Sombra, mas são tão diferentes da humanidade que chegam perto. Eles não são confiáveis, arqueiro. Fique longe da Torre de Ghenjei. Evite o Mundo dos Sonhos, se puder. Coisas obscuras passeiam por aqui.

— Como o homem que eu estava perseguindo? O Matador?

— Um bom nome para ele. Esse Matador não é velho, arqueiro, mas sua maldade é antiga. — Ela quase parecia se apoiar em um objeto invisível, talvez a coisa prateada que ele não conseguira ver direito. — Parece que estou revelando muito. Não sei nem por que falei, para começo de conversa. Ah, é claro. Você é um *ta'veren*, arqueiro?

— Quem é você? — Ela parecia saber bastante sobre a torre e o sonho de lobo. *Mas ficou surpresa em ver que eu conseguia falar com Saltador.* — Acho que já vi você em algum lugar.

— Já quebrei muitos preceitos, arqueiro.

— Preceitos? Que preceitos?

Uma sombra pousou no chão atrás de Saltador, e Perrin deu um giro ligeiro, irritado por ter sido pego de surpresa mais uma vez. Não havia ninguém ali. Mas ele tinha visto: era a sombra de um homem com os cabos de duas espadas se elevando acima dos ombros. Havia algo familiar naquela imagem.

— Ele tem razão — disse a mulher atrás de Perrin. — Eu não deveria estar falando com você.

Quando ele se virou de novo, ela havia desaparecido. Até onde a vista alcançava havia apenas grama e moitas espaçadas. E a torre prateada reluzente.

Ele franziu a testa para Saltador, que finalmente ergueu a cabeça.

— Nossa, eu fico surpreso por você não ser atacado por esquilos — resmungou Perrin. — O que achou dela?

Ela? Uma mulher? Saltador se levantou, olhando em volta. *Onde?*

— Eu estava conversando com ela. Bem aqui. Agora mesmo.

Você estava fazendo barulhos para o vento, Jovem Touro. Não havia mulher alguma aqui. Ninguém além de nós dois.

Perrin coçou a barba, irritado. A mulher estivera ali. Ele não falara sozinho.

— Coisas estranhas acontecem aqui — disse a si mesmo. — Ela concordou com você, Saltador. Me mandou ficar longe desta torre.

Ela é sábia. Havia um elemento de dúvida naquele pensamento, pois Saltador ainda não acreditava que existira uma “ela”.

— Eu me afastei demais de onde pretendia ir — resmungou Perrin.

Explicou sua necessidade de encontrar lobos em Dois Rios ou nas montanhas acima, então contou sobre os corvos e os Trollocs nos Caminhos.

Quando terminou, Saltador permaneceu em silêncio por um bom tempo, mantendo o rabo frondoso baixo e rígido. Por fim... *Evite sua antiga casa, Jovem Touro.* A imagem que a mente de Perrin chamou de “casa” foi o território marcado por uma matilha. *Não há lobos lá, agora. Os que estavam lá e não fugiram estão mortos. O Matador caminha por lá, nos sonhos.*

— Eu tenho que ir para casa, Saltador. Tenho que ir.

Cuidado, Jovem Touro. O dia da Última Caçada está chegando. Vamos correr juntos na Última Caçada.

— Vamos, sim — afirmou Perrin, com tristeza. Seria bom poder ir para aquele lugar depois de morrer. Ele já era metade lobo, ou pelo menos às vezes parecia ser. — Agora tenho que ir, Saltador.

Que você encontre boas caças, Jovem Touro, e fêmeas para lhe dar muitos filhotes.
— Adeus, Saltador.

* * *

Ele abriu os olhos sob a luz fraca dos carvões na encosta da montanha. Gaul estava acororado bem no limiar da claridade, observando a noite. Faile estava acordada no outro acampamento, cumprindo seu turno de vigia. A lua pairava sobre as montanhas, transformando as nuvens em sombras peroladas. Perrin calculou que tivesse dormido por duas horas.

— Eu vigio um pouco — disse, jogando o manto para o lado. Gaul assentiu e se ajeitou no chão onde estava. — Gaul? — O Aiel levantou a cabeça. — Talvez a coisa esteja pior do que eu pensei em Dois Rios.

— Em geral é assim — respondeu Gaul, baixinho. — A vida é assim.

Muito tranquilo, o Aiel baixou a cabeça para dormir.

Matador: Quem era ele? O que era ele? Crias da Sombra no Portal dos Caminhos, corvos nas Montanhas da Névoa e aquele homem chamado Matador passeando em Dois Rios. Não podia ser coincidência, por mais que desejasse que fosse.



VOLTA PARA CASA

A viagem até a Floresta do Oeste — que no sonho de lobo fora feita em no máximo meia dúzia de passos — saindo das montanhas e cruzando as Colinas de Areia, levou três longos dias a cavalo. Os Aiel não tinham problemas em acompanhá-los a pé, mas, na verdade, os animais não conseguiam avançar muito depressa com tantas ondulações no terreno. As feridas de Perrin coçavam demais enquanto cicatrizavam. O unguento de Faile parecia estar funcionando.

No geral, foi uma viagem silenciosa, interrompida mais pelos rosnados das raposas à caça ou pelos gritos dos gaviões do que pela voz humana. Pelo menos não viram mais corvos. Mais de uma vez, Perrin pensou que Faile parecia prestes a se aproximar em sua água e dizer alguma coisa, mas acabava se contendo. Ficou feliz por isso. Queria falar com ela mais do que tudo, mas e se acabassem em sua água fazendo as pazes? Censurou-se por querer fazer as pazes. Faile o enganara e fizera o mesmo com Loial. A mulher tornaria tudo pior, muito mais difícil. Perrin queria poder beijá-la outra vez. Queria que Faile se cansasse dele e fosse embora. Por que ela tinha que ser tão teimosa?

Faile e as duas Aiel avançavam em silêncio. Bain e Chiad caminhavam uma de cada lado de Andorinha, e volta e meia uma das duas seguia na frente. As três às vezes cochichavam entre si, depois faziam tanta questão de não olhar para Perrin que seria mais óbvio se atirassem pedras. A pedido dele, Loial ainda seguia com as mulheres, embora estivesse claro que a situação o incomodava demais. As orelhas do Ogier se contorciam como se ele desejasse nunca ter ouvido falar nos humanos. Gaul parecia achar a coisa toda muito engraçada. Sempre que Perrin olhava para o Aiel, notava que o homem parecia estar se divertindo.

Perrin viajava imerso em preocupações, mantendo o arco encordado e passado no cepilho alto da sela. Será que o tal de Matador vagava por Dois

Rios apenas no sonho de lobo, ou também estava lá no mundo real? Suspeitava da última alternativa, achava que fora o tal de Matador que acertara o gavião sem motivo aparente. Era mais uma complicação que preferia não ter, ainda mais com os Filhos da Luz já envolvidos na história.

Sua família morava em uma grande fazenda a mais de um dia de viagem de Campo de Emond, quase na Floresta das Águas. Lá viviam o pai, a mãe, as irmãs e o irmãozinho caçula. Paetram estava com nove anos, sem dúvida protestando com mais vigor do que nunca ao ser chamado de “irmãozinho”. Deselle fizera doze anos e já devia estar uma mocinha, e Adora, com dezesseis, com certeza estava pronta para trançar os cabelos. Lá também viviam, junto com os filhos, o tio Eward, irmão de seu pai, e a tia Magde, ambos corpulentos e muito parecidos. A tia Neain, que visitava o túmulo de tio Carlin todas as manhãs, morava lá com os filhos. Também tinha a tia-avó Ealsin, que nunca se casara, de faro aguçado e olhar mais ainda, sempre descobrindo o que todos estavam aprontando em um raio de milhas. Quando era aprendiz de Mestre Luhhan, Perrin os via apenas nos dias de festa, já que a distância era grande demais para visitá-los com frequência, e sempre havia trabalho a fazer. Se os Mantos-brancos estivessem à caça dos Aybaras, seria fácil encontrá-los. Tinha que se preocupar com a família, não com esse Matador. Era o máximo que podia fazer. Proteger sua família e Faile. Isso vinha em primeiro lugar. Depois vinham a aldeia e os lobos, e, por último, o tal de Matador. Não tinha como um único homem dar conta de tudo.

A Floresta do Oeste crescia sobre um solo pedregoso entremeado por afloramentos cobertos de amoreiras silvestres, uma terra dura, de árvores robustas, com poucas fazendas ou trilhas. Quando menino, Perrin percorrera aquelas matas densas. Às vezes ia sozinho, outras, com Mat e Rand. Os três caçavam com arco ou funda, montavam armadilhas para coelhos ou apenas vagavam por simples prazer. Esquilos com rabos peludos guinchavam nas árvores, tordos-pintados chilreavam nos galhos, tordos-negros e codornas-de-costas-azuis cantavam de detrás dos arbustos à frente dos viajantes — tudo o fazia lembrar-se de casa. Até mesmo o cheiro da terra levantada pelos cascos dos cavalos era familiar.

Perrin poderia ter seguido direto até Campo de Emond, mas desviou um pouco mais para o norte, pela floresta, cruzando a faixa de terra larga e acidentada chamada Estrada da Pedreira só quando o sol descia em direção aos topos das árvores. Porque da “pedreira” ninguém em Dois Rios sabia. Na verdade nem parecia uma estrada, era só um trechinho mirrado que a pessoa nem notava que não tinha árvores, até avistar os sulcos formados pelos inúmeros carros e carroções. Às vezes surgiam resquícios de um antigo pavimento no chão. Talvez aquela estrada já tivesse conduzido a uma pedreira de Manetheren.

A fazenda que Perrin buscava não ficava longe da estrada, por detrás das fileiras de macieiras e pereiras já cheias de frutas. Sentiu o cheiro da fazenda antes de vê-la. Cheiro de carvão. Não era recente, mas um ano inteiro não seria o bastante para suavizar aquele odor.

Freou o cavalo na beirada das árvores e ficou ali parado, examinando a situação antes de se forçar a seguir até o que fora a fazenda al'Thor, puxando o cavalo de carga atrás do seu. Apenas o redil das ovelhas, com paredes de pedra, continuava de pé. O portão gradeado estava aberto e preso apenas a uma dobradiça. A chaminé, negra de fuligem, formava uma sombra torta nas vigas chamuscadas e caídas da casa. O celeiro e a estufa de cura de tabaco estavam reduzidos a cinzas. As ervas daninhas haviam tomado o campo de tabaco e a horta, que parecia ter sido pisoteada. Tudo o que não era chicória ou rabo-de-gato estava destruído e amarronzado.

Ele nem sequer pensou em encaixar uma flecha no arco. O incêndio ocorrera semanas antes, e a madeira queimada estava oleosa e fosca por conta das chuvas. A trepadeira-sufocante levava quase um mês para crescer até aquela altura e já tinha até envolvido o ancinho e o arado que jaziam ao lado do campo, tão enferrujados que dava para ver os pontos vermelhos por sob as folhas brancas estreitas.

Mas os Aiel vasculharam o lugar com cautela, de lanças prontas e olhos atentos, percorrendo o chão e cutucando as cinzas. Quando Bain emergiu das ruínas da casa, olhou para Perrin e balançou a cabeça. Pelo menos Tam al'Thor não morrera ali dentro.

Eles sabem. Eles sabem, Rand. Você devia ter vindo. Era quase impossível não fazer Galope sair correndo e seguir direto até a fazenda de sua família. Ou pelo menos tentar: até mesmo Galope cairia morto antes de conseguir cavalgar por tanto tempo. Talvez aquilo fosse obra de Trollocs. Se fosse, talvez sua família ainda estivesse na fazenda, trabalhando, em segurança. Respirou fundo, mas o cheiro de queimado obliterava qualquer outro odor.

Gaul parou ao lado dele.

— Seja lá quem tenha feito isso, já está bem longe. Mataram algumas ovelhas e afugentaram o resto. Alguém veio depois para reunir o bando e levá-lo para o norte. Dois homens, acho, mas as pegadas estão muito velhas para ter certeza.

— Temos alguma pista de quem foi?

Gaul balançou a cabeça. Poderiam ter sido Trollocs. Era estranho desejar uma coisa dessas. E tolo. Os Mantos-brancos sabiam o nome dele e parecia que também sabiam o de Rand. *Eles sabem o meu nome.* Perrin olhou para as cinzas da fazenda dos al'Thor e guiou Galope com as mãos tremendo nas rédeas.

Loial descera do cavalo ao chegar no limite do pomar, mas sua cabeça permanecia escondida entre galhos. Faile avançou em direção a Perrin, analisando o rosto do rapaz. Sua égua pisava com delicadeza.

— Isso aqui é...? Você conhece as pessoas que moravam aqui?

— Rand e o pai dele.

— Ah. Pensei que pudesse ser... — O alívio e a compaixão na voz dela eram suficientes para concluir a frase. — Sua família mora aqui por perto?

— Não — respondeu Perrin, com certa rudeza, e Faile se retraiu como se tivesse levado um tapa.

Mas a jovem continuou a observá-lo, à espera. O que ele precisava fazer para afastá-la? Se não conseguira até então, devia estar além do seu poder.

As sombras já se alongavam, o sol deitava nos topos das árvores. Ele deu meia-volta com Galope, dando as costas para ela com grosseria.

— Gaul, teremos que acampar aqui por perto, essa noite. Quero partir cedo, amanhã. — Ele olhou sorrateiro por cima do ombro. Faile ia de volta até Loial, sentada rígida na sela. — Em Campo de Emond, devem saber... — Onde estavam os Mantos-brancos, para que ele pudesse se entregar antes que machucassem sua família. Isso se estivesse tudo bem com sua família. Se a fazenda onde ele nascera já não estivesse igual à da família de Rand. Não. Tinha que ter chegado a tempo de impedir aquilo. — Devem saber como estão as coisas.

— Então sairemos cedo. — Gaul hesitou. — Você não vai conseguir afastá-la. Aquela ali é quase *Far Dareis Mai*, e, por mais que corra, é impossível fugir de uma Donzela que ama você.

— Pode deixar que eu cuido de Faile. — Ele suavizou a voz. Não era de Gaul que queria se livrar. — Partiremos bem cedo. Enquanto Faile ainda estiver dormindo.

Ambos os acampamentos sob as macieiras se aquietaram durante a noite. Várias vezes uma ou outra das Aiel se levantava e observava a pequena fogueira onde ele e Gaul estavam sentados, mas o piar de uma coruja e as pisadas dos cavalos eram os únicos sons nos arredores. Perrin não conseguiu dormir. Ainda faltava uma hora para clarear e a lua cheia ainda estava chegando ao horizonte quando ele e Gaul partiram. O Aiel avançava silencioso com as botas macias, e os cascos dos cavalos também faziam pouco barulho. Bain, ou talvez Chiad, os viu partir. Perrin não soube dizer quem era, mas a Aiel não acordou Faile, e ele ficou grato.

O sol já estava bastante alto quando saíram da Floresta do Oeste, ainda um pouco abaixo da aldeia, despontando por entre caminhos e trilhas de carroças, a maioria ladeada por cercas-vivas ou muros baixos de pedra bruta. A fumaça formava colunas suaves sobre as chaminés das casas de fazenda. Pelo cheiro, as donas de casa estavam preparando o café. Homens ponteavam os campos de tabaco e cevada, e meninos vigiavam os rebanhos de ovelhas de cara negra dispersos pelos pastos. Alguns notavam a passagem deles, mas Perrin manteve o passo de Galope ligeiro, na esperança de que ninguém se aproximasse o bastante para reconhecê-lo ou perceber a estranheza das roupas e das lanças de Gaul.

As ruas em Campo de Emond deviam estar movimentadas àquela hora, então Perrin deu a volta a leste, passando longe da vila, das ruas de terra batida e dos telhados de palha aglomerados ao redor do Campo, onde a própria Fonte de Vinho manava do afloramento de uma pedra com força suficiente para derrubar um homem, dando origem ao rio de mesmo nome. A destruição que ele se lembrava de ter visto na Noite Invernal, no ano anterior, com casas incendiadas e telhados chamuscados, desaparecera: tudo fora reformado e reconstruído. Parecia até que os Trollocs nunca tinham passado por ali. Ele rezou para que ninguém tivesse que passar por aquilo outra vez.

A Estalagem Fonte de Vinho ficava praticamente no ponto mais a leste de Campo de Emond, entre a Ponte das Carroças de madeira robusta, que cruzava o rio, e uma antiga fundação de pedra, um lugar gigantesco com um enorme carvalho crescendo no meio. Havia mesas dispostas sob os grandes galhos da árvore, onde o povo se sentava nas tardes amenas e assistia a partidas de boleada. Àquela hora da manhã, as mesas estavam vazias, naturalmente. Havia apenas algumas casas mais a leste. O primeiro andar da estalagem era todo de pedra, e o segundo andar era de paredes caídas, dando para um telhado vermelho de onde despontavam várias chaminés. Era o único telhado de telhas em um raio de milhas.

Amarrando Galope e o cavalo de carga a um poste próximo à porta da cozinha, Perrin observou o estábulo de telhado de palha. Dava para ouvir homens trabalhando lá. Deviam ser Hu e Tad, limpando esterco das baias onde Mestre al'Vere guardava o grande grupo de Dhurran que alugava para puxar cargas pesadas. Também ouvia sons vindos do outro lado da estalagem, o burburinho de vozes no Campo, o grasnido dos gansos, o ranger de um carroção. Deixou a carga nos cavalos, seria uma parada ligeira. Acenou para que Gaul o seguisse e correu para dentro, carregando o arco, antes que os dois cavaleiros aparecessem.

A cozinha estava vazia, com os dois fogões de ferro e todas as lareiras, exceto uma, apagados, embora o aroma de pão assado ainda pairasse no ar. Pão e torta de mel. A estalagem quase não recebia hóspedes, a não ser pelos mercadores que vinham de Baerlon para comprar lã e tabaco ou algum mascate que vinha a cada mês se a neve não impedisse o acesso à estrada. Também tinha o povo da aldeia, que chegava no fim do dia para tomar um trago e comer alguma coisa, mas eles decerto estavam trabalhando duro àquela hora. Porém, devia haver alguém lá, então Perrin avançou nas pontas dos pés pelo pequenino corredor que levava da cozinha até o salão e abriu uma fresta da porta para espiar lá dentro.

Já vira aquele salão quadrado mil vezes, com a lareira feita de seixos de rio ocupando metade da extensão, o lintel da altura do ombro de um homem, a caixa polida de tabaco e o estimado relógio de Mestre al'Vere apoiados na cornija. Mas, de alguma forma, tudo parecia menor. As cadeiras de espaldar alto diante da lareira abrigavam as reuniões do Conselho da Aldeia. Os livros de Brandelwyn al'Vere jaziam em uma prateleira oposta à lareira — Perrin já fora incapaz de imaginar que houvesse mais livros em um lugar só do que aquelas poucas dezenas de exemplares surrados — e os barris de cerveja e vinho estavam empilhados na outra parede. Coceira, o gato amarelo da estalagem, dormia esparramado sobre um deles, como de costume.

Exceto pelo próprio Bran al'Vere e sua esposa, Marin, que poliam a prata e o peltre da estalagem em uma das mesas, vestidos em aventais brancos e compridos, o salão estava vazio. Mestre al'Vere era um homem robusto e gorducho, com esparsos cabelos grisalhos cobrindo o topo da cabeça. A senhora al'Vere era magra e tinha porte de mãe; sua trança grossa e grisalha estava jogada por cima de um dos ombros. Ela exalava cheiro de assado e um aroma mais discreto de rosas. Perrin lembrava-se deles como pessoas

sorridentes, mas os dois pareciam concentrados, e o Prefeito estava com a testa franzida de um jeito que com certeza nada tinha a ver com a taça de prata em suas mãos.

— Mestre al'Vere? — Ele empurrou a porta e entrou. — Senhora al'Vere. Sou eu, Perrin.

Eles se levantaram de um salto, derrubando as cadeiras e fazendo Coceira dar um pulo. A Senhora al'Vere cobriu a boca com a mão. Ela e o marido ficaram tão boquiabertos ao vê-lo quanto ao notar Gaul. Foi o bastante para Perrin trocar o arco de mão, constrangido. Ainda mais quando Bran correu até uma das janelas da frente — o homem se movia com uma leveza surpreendente para alguém de seu tamanho — e afastou as cortinas de verão para espiar, como se esperasse ver mais Aiel do lado de fora.

— Perrin — murmurou a Senhora al'Vere, incrédula. — É você *mesmo*. Quase não o reconheci, com essa barba, e esses... Seu rosto! Você se mach...? Egwene está com você?

Perrin tocou o corte meio cicatrizado na bochecha, constrangido, desejando ter se lavado ou pelo menos deixado o arco e o machado na cozinha. Não tinha pensado que eles poderiam ficara assustados com sua aparência.

— Não. Isso não tem nada a ver com ela. Egwene está em segurança. — Estaria mais se tivesse voltado para Tar Valon do que se tivesse permanecido em Tear com Rand, mas, de todo modo, estava em segurança. Imaginou que devia à mãe de Egwene algo mais do que aquela declaração seca. — Senhora al'Vere, Egwene está estudando para ser Aes Sedai. Nynaeve também.

— Eu sei — respondeu ela, baixinho, tocando o bolso do avental. — Ela me mandou três cartas de Tar Valon. Pelo que escreveu, enviou outras. E Nynaeve mandou pelo menos uma, mas só chegaram essas três de Egwene. Ela contou um pouco sobre o treinamento, que parece muito rígido, devo dizer.

— É o que ela quer fazer.

Três cartas? A culpa o fez encolher os ombros, constrangido. Não escrevera nenhuma carta desde os bilhetes que deixara para sua família e Mestre Luhhan na noite em que Moiraine o levou embora de Campo de Emond. Nenhuma.

— Parece que sim, mesmo não sendo o que imaginei para o futuro dela. Não é algo que eu possa contar para muita gente, não é? De todo modo, Egwene disse que fez amigas. Parecem ser boas meninas. Elayne e Min. Você as conhece?

— Sim, conheço. Acho que dá para dizer que são boas meninas.

Quanto Egwene dissera naquelas cartas? Não muito, evidentemente. A Senhora al'Vere que pensasse o que quisesse, ele não tinha a menor intenção de preocupá-la com coisas a respeito das quais ela nada poderia fazer. O passado ficara no passado. Egwene estava segura o bastante.

Percebendo de repente que Gaul estava parado ali, Perrin mais do que depressa fez as apresentações. Bran piscou quando ele disse que Gaul era Aiel e franziu o cenho para as lanças e o véu negro preso à *shoufa*, caído sobre o peito, mas sua esposa disse apenas:

— Mestre Gaul, seja bem-vindo a Campo de Emond e à Estalagem Fonte de Vinho.

— Que a senhora sempre encontre água e sombra, senhora do teto — respondeu Gaul educadamente. — Peço permissão para defender seu teto e seu forte.

A mulher hesitou por apenas um instante, antes de responder, como se estivesse muito acostumada àquele linguajar.

— É uma oferta muito cortês. Mas devo ser eu a decidir quando essa proteção é ou não necessária.

— Como quiser, senhora do teto. Sua honra é minha. — De dentro do casaco, Gaul tirou um saileiro de ouro, uma pequena tigela equilibrada nas costas de um leão esculpido com muita elegância, e o estendeu a ela. — Ofereço este pequeno presente para seu teto.

Marin al'Vere aceitou o objeto como faria com qualquer presente, quase sem demonstrar o choque. Perrin duvidou de que houvesse alguma peça similar àquela em toda Dois Rios, e decerto não em ouro. Havia pouquíssimas moedas de ouro em Dois Rios, quanto mais ornamentos. Torceu para que a mulher jamais descobrisse que aquilo tinha sido saqueado da Pedra de Tear. Ele podia apostar que o objeto vinha de lá.

— Meu rapaz — disse Bran — talvez eu devesse dizer “seja bem-vindo de volta”, mas por que foi que você voltou?

— Fiquei sabendo dos Mantos-brancos, senhor — respondeu Perrin, simplesmente.

O Prefeito e a esposa trocaram olhares soturnos, e Bran continuou:

— Mais uma vez, por que foi que você voltou? Você não pode impedir nada, meu rapaz, nem mudar o que já aconteceu. É melhor ir embora. Se não tiver um cavalo, eu lhe dou um. Se tiver, monte nele e siga para o norte. Achei que os Mantos-brancos estivessem vigiando a Barca do Taren... foram eles que enfeitaram seu rosto?

— Não. Foi...

— Então não importa. Se passou por eles quando chegou, pode passar por eles de volta, na saída. O acampamento principal está lá para cima, em Colina da Vigília, mas as patrulhas podem aparecer em qualquer lugar. Vá logo, meu rapaz.

— Não se demore, Perrin — acrescentou a Senhora al'Vere, em um tom baixo, porém firme, naquela voz que em geral conseguia fazer com que os outros a obedecessem. — Nem mesmo uma hora. Vou preparar um embrulho para você levar. Pão fresco e queijo, um pouco de presunto e rosbife, uns picles. Você precisa ir, Perrin.

— Eu não posso. Vocês sabem que eles estão atrás de mim, ou não me mandariam embora. — Os dois não tinham tecido comentários a respeito de seus olhos, nem para perguntar se ele estava doente. A Senhora al'Vere quase não parecera surpresa. Eles sabiam. — Se eu me entregar, posso impedir algumas coisas. Posso ajudar minha família...

Ele deu um salto quando a porta se abriu com um baque e Faile adentrou, seguida de Bain e Chiad.

Mestre al'Vere passou a mão pela cabeça careca. Mesmo assimilando as roupas femininas das Aiel e obviamente julgando que as jovens eram como Gaul, não pareceu muito perplexo por serem mulheres. Sobretudo, parecia irritado com a invasão. Coceira se sentou para observar os estranhos, desconfiado. Perrin se perguntou se o gato também o considerava um estranho. E também como as três o haviam encontrado e onde estava Loial. Qualquer coisa para evitar a questão de como lidaria com Faile naquele momento.

A mulher lhe deu pouco tempo para ponderar, plantando-se diante de Perrin com as mãos na cintura. Estava fazendo aquele truque feminino de parecer mais alta só porque estava furiosa.

— Se entregar? Se entregar! Você estava planejando isso desde o início? Estava, não estava? Seu idiota! Seu cérebro congelou, Perrin Aybara. Já era mesmo só músculo e cabelo, mas agora não é nem isso. Se os Mantos-brancos estão mesmo atrás de você, vão enforcá-lo quando você se render. Mas por que estariam atrás de você?

— Porque eu matei Mantos-brancos. — Olhando para baixo, ele ignorou o arquejo da Senhora al'Vere. — Aquela noite em que eu conheci você, e duas vezes antes. Eles sabem disso, Faile, e acham que sou um Amigo das Trevas. — A mulher acabaria sabendo, mais cedo ou mais tarde. Depois de ter revelado isso, Perrin poderia ter explicado por que assassinara aqueles homens, se os dois estivessem sozinhos. Pelo menos dois Mantos-brancos, Geofram Bornhald e Jaret Byar, suspeitavam de sua ligação com os lobos. Nem de longe suspeitavam de tudo, mas aquele pouco já bastava para eles. Um homem que corria com os lobos só podia ser Amigo das Trevas. Talvez um, ou ambos, estivesse com os Mantos-brancos de Campo de Emond. — É isso o que acham.

— Você é tão Amigo das Trevas quanto eu — sussurrou Faile, com rispidez. — O sol é mais Amigo das Trevas do que nós.

— Não faz diferença, Faile. Eu tenho que fazer o que é preciso.

— Seu idiota cabeça-oca! Você não *tem* que fazer nada! Seu cérebro de ganso! Se tentar, eu mesma enforco você!

— Perrin — interveio a Senhora al'Vere, baixinho — será que pode nos apresentar a essa jovem que tem você em tão boa conta?

O rosto de Faile ficou completamente vermelho quando ela percebeu que estava ignorando o Senhor e a Senhora al'Vere, e a jovem começou uma série de mesuras elaboradas e pedidos desculpas com floreios. Bain e Chiad repetiram o gesto de Gaul, pedindo permissão para defender o teto da Senhora al'Vere e dando a ela uma pequena tigela de ouro com desenhos de folhagens e um pimenteiro de prata maior que os dois punhos de Perrin, com uma criatura exótica no topo, metade cavalo, metade peixe.

Bran al'Vere encarou, franziu o rosto, esfregou a cabeça e resmungou sozinho. Perrin captou a palavra “Aiel” mais de uma vez, em um tom incrédulo. O Prefeito continuava espiando pelas janelas. Não devia estar pensando em encontrar mais Aiel, pois ficara surpreso em saber que Gaul era um. Talvez estivesse preocupado com os Mantos-brancos.

Marin al'Vere, por outro lado, aceitou tudo sem problemas, tratando Faile, Bain e Chiad como quaisquer jovens viajantes que aparecessem na estalagem, comiserando-se delas pelo cansaço da viagem, elogiando Faile pelo vestido de montaria — que naquele dia era de seda azul-escuro — e dizendo às Aiel o quanto admirava a cor e o brilho de seus cabelos. Perrin suspeitou que Bain e Chiad não soubessem muito bem o que pensar da mulher, mas, em pouco tempo, com uma espécie de firmeza tranquila e maternal, a senhora al'Vere acomodou as três a uma mesa e trouxe toalhas molhadas para limparem a poeira da viagem das mãos e dos rostos enquanto bebericavam o chá servido em um grande bule rajado de vermelho de que ele se lembrava muito bem.

Poderia ter sido divertido ver aquelas mulheres ferozes — inclusive Faile — ávidas por assegurar à Senhora al'Vere que estavam mais do que confortáveis, perguntando se não havia nada que pudessem fazer para ajudar, dizendo que ela estava tendo trabalho demais. Todas mantinham os olhos arregalados, feito crianças, e, como crianças, eram incapazes de resistir à mulher mais velha. Teria sido divertido se a senhora al'Vere não tivesse incluído ele e Gaul na recepção, arrastando-os com a mesma firmeza até a mesa, insistindo para que limpassem as mãos e o rosto antes de tomar uma xícara de chá. Gaul exibiu um sorriso malicioso. Os Aiel tinham um senso de humor estranho.

Por mais surpreendente que parecesse, a mulher não chegou a olhar o arco e o machado de Perrin e nem as armas dos Aiel. Era raro ver alguém com sequer um arco em Dois Rios, e ela sempre insistia para que esses objetos fossem postos de lado antes de qualquer um se sentar a uma de suas mesas. Sempre. Daquela vez, porém, simplesmente ignorara as armas.

Outra surpresa veio quando Bran empurrou uma caneca de prata com conhaque de maçã para perto de Perrin, não com o traguinho que os homens costumavam beber na estalagem, que mal chegava à junta do polegar, mas cheia até a metade. Antes de ele ir embora, o máximo que lhe ofereciam era cidra de maçã, quando não leite ou às vezes um vinho bem aguado. E apenas metade da caneca, junto com as refeições, ou uma inteira em dias de festa. Era gratificante ser reconhecido como adulto, mas ele apenas segurou a caneca. Já estava acostumado com vinho, mas era raro beber qualquer coisa mais forte.

— Perrin — disse o Prefeito, sentando-se em uma cadeira ao lado da esposa — ninguém acredita que você seja um Amigo das Trevas. Ninguém com juízo. Não há motivo para você se deixar ser enforcado.

Faile assentiu com vigor em concordância, mas Perrin a ignorou.

— Eu não vou mudar de ideia, Mestre al'Vere. Os Mantos-brancos estão atrás de mim e, se não conseguirem me pegar, podem acabar atacando o próximo Aybara que virem pela frente. Eles não precisam de muito para decidir que alguém é culpado. Não são pessoas agradáveis.

— Sabemos disso — retrucou a Senhora al'Vere, baixinho.

O marido encarou as mãos pousadas em cima da mesa.

— Perrin, sua família se foi.

— Se foi? Quer dizer que a fazenda já foi incendiada? — Perrin cerrou o punho na caneca de prata. — Eu esperava chegar a tempo. Acho que devia ter imaginado. Muito tempo se passou antes de eu ouvir as notícias. Talvez eu consiga ajudar meu pai e o tio Eward a reconstruírem o lugar. Com quem eles estão? Quero vê-los primeiro, ao menos.

Bran fez uma careta, e a esposa afagou seu ombro, confortando-o. Porém, estranhamente, ela manteve os olhos em Perrin, cheios de tristeza e consolo.

— Eles morreram, meu rapaz — disse Bran, sem rodeios.

— Morreram? Não. Não pode ser. — Perrin franziu a testa quando o líquido espirrou de repente, e encarou a caneca amassada como se não soubesse de onde ela viera. — Me desculpem. Eu não queria... — Ele forçou a prata achatada, tentando puxá-la de volta para a forma original. O que não daria certo. Claro que não. Com muito cuidado, depositou o objeto no centro da mesa. — Vou repor isso aqui. Posso... — Ele limpou a mão no casaco e de repente percebeu que alisava o machado que pendia do cinto. Por que todos o estavam encarando daquele jeito estranho? — Tem certeza? — Sua voz soava distante. — Adora e Deselle? Paet? Minha mãe?

— Todo mundo — respondeu Bran. — Seus tios e tias também, e seus primos. Todos da fazenda. Eu ajudei a enterrá-los, meu rapaz. Na colina baixa, aquela com as macieiras.

Perrin enfiou o polegar na boca. Que coisa idiota se cortar com o próprio machado.

— Minha mãe gosta de flor de macieira. Os Mantos-brancos. Por que eles...? Que me queime, Paet tinha só nove anos. As meninas...

Sua voz estava inexpressiva. Perrin achou que deveria haver alguma emoção naquelas palavras. Qualquer emoção.

— Foram Trollocs — disse a Senhora al'Vere, mais do que depressa. — Eles voltaram, Perrin. Não como fizeram quando você foi embora, não atacaram a aldeia. Foram para o campo. A maioria das fazendas sem vizinhos próximos foi abandonada. Ninguém sai de casa à noite, nem se for para algum lugar perto da aldeia. E é a mesma coisa descendo, para Trilha de Deven, e subindo, para Colina da Vigília, talvez até Barca do Taren. Os Mantos-brancos, por piores que sejam, são nossa única proteção de verdade. Fiquei sabendo que salvaram duas famílias que tiveram as fazendas atacadas pelos Trollocs.

— Eu queria... eu esperava... — Ele não conseguia se lembrar muito bem do que queria. Tinha algo a ver com Trollocs. Ele não queria se lembrar. Os Mantos-brancos estavam protegendo Dois Rios? Era quase suficiente para fazê-lo rir. — O pai de Rand. A fazenda de Tam. Aquilo também foi obra dos Trollocs?

A Senhora al'Vere abriu a boca, mas Bran a interrompeu.

— Ele merece saber a verdade, Marin. Foram os Mantos-brancos, Perrin. Na casa dos Cauthon também.

— A família de Mat. A família de Rand, de Mat e a minha. — Que estranho. Ele soava como se estivesse refletindo sobre se ia ou não chover. — Eles também estão mortos?

— Não, meu rapaz. Não. Abell e Tam estão escondidos em algum lugar da Floresta do Oeste. E a mãe e as irmãs de Mat... elas também estão vivas.

— Estão escondidas?

— Não há necessidade de entrarmos nesse assunto — interveio a Senhora al'Vere, de repente. — Bran, sirva outra dose de conhaque para ele. E trate de beber dessa vez, Perrin. — O homem ficou sentado onde estava, mas a mulher olhou feio para o marido e prosseguiu. — Eu ofereceria uma cama, mas não é seguro. Tem gente que vai sair correndo à procura de Lorde Bornhald se souber que você está aqui. Eward Congar e Hari Coplin bajulam os Mantos-brancos feito cachorrinhos, ávidos por agradar e apontar nomes. E Cenn Buie não é muito melhor. Wit Congar também faz fofoca, se Daise não puser um freio nele. Ela é a Sabedoria, agora. Perrin, é melhor você ir embora. Acredite em mim.

Perrin balançou a cabeça devagar: era demais para absorver. Daise Congar, a nova Sabedoria? A mulher parecia um touro. Mantos-brancos protegendo Campo de Emond. Hari, Eward e Wit cooperando. Não dava para esperar muita coisa dos Congar e Coplin, mas Cenn Buie era do Conselho da Aldeia. Lorde Bornhald. Então Geofram Bornhald estava lá. Faile o observava com olhos grandes e chorosos. Por que a mulher estava à beira das lágrimas?

— Tem mais, Brandelwyn al'Vere — disse Gaul. — Seu rosto está dizendo que tem.

— Tem, sim — concordou Bran. — Não, Marin — acrescentou com firmeza, quando a mulher balançou a cabeça de leve. — Ele merece saber a verdade. Toda a verdade.

A senhora al'Vere cruzou os braços e suspirou. Ela quase sempre conseguia o que queria, exceto quando Bran assumia uma expressão firme, como agora, com as sobrancelhas contraídas para baixo, duras feito arado.

— Que verdade? — indagou Perrin.

Sua mãe gostava de flores de macieira.

— Antes de tudo, preciso dizer que Padan Fain está com os Mantos-brancos — disse Bran. — Ele agora se chama Ordeith e não responde mais pelo próprio nome, mas é ele. Continua olhando de cima para os outros.

— Ele é Amigo das Trevas — comentou Perrin, distraído. Na primavera, Adora e Deselle sempre punham flores de macieira nos cabelos. — Foi ele mesmo quem disse. Ele é que trouxe os Trollocs aqui, na Noite Invernal.

Paet gostava de escalar as macieiras. Ele atirava maçãs lá de cima nos passantes distraídos.

— Ah, é mesmo? — perguntou o Prefeito, com uma carranca. — Que coisa interessante. Ele tem alguma autoridade com os Mantos-brancos. A primeira vez que ouvimos dizer que estavam aqui foi depois que incendiaram a fazenda de Tam. Aquilo foi obra de Fain, foi ele quem liderou os Mantos-brancos que botaram fogo. Tam flechou quatro ou cinco antes de conseguir entrar na floresta, e chegou à fazenda dos Cauthon bem a tempo de impedir que pegassem Abell. Mas prenderam Natti e as meninas. Junto com Haral Luhhan e Alsbet. Acho que Fain teria enforcado todos, mas Lorde Bornhald não permitiu. Só que também não os liberta. Eles não estão feridos, pelo que

pude descobrir, mas estão sendo mantidos no acampamento dos Mantos-brancos, bem no alto de Colina da Vigília. Por alguma razão, Fain odeia você, Rand e Mat. Ofereceu cem moedas de ouro por qualquer um que tivesse relação com os três, e duzentas por Tam ou Abell. Lorde Bornhald parece especialmente interessado em você. Quando uma patrulha dos Mantos-brancos vem até aqui, ele geralmente vem junto e faz perguntas a seu respeito.

— Sim — disse Perrin. — É claro que ele faz isso. — Perrin, de Dois Rios, que corria com os lobos. Amigo das Trevas. Fain devia ter contado o restante. *Fain está com os Filhos da Luz?* Era um pensamento distante. Mas era melhor que pensar em Trollocs. Encarou as mãos e franziu a testa, forçando-se a mantê-las firmes no tempo da mesa. — Eles protegem vocês dos Trollocs.

Marin al'Vere inclinou-se para perto dele, franzindo o cenho.

— Perrin, nós precisamos dos Mantos-brancos. Sim, eles incendiaram a fazenda de Tam e a de Abell, prenderam gente e marcham por aí como se fossem donos de tudo, mas Alsbet, Natti e os outros não estão feridos, apenas presos, e isso a gente pode dar um jeito de consertar. A Presa do Dragão foi rabiscada em algumas portas, mas ninguém além dos Congar e dos Coplin dá atenção, e é provável que eles é que tenham feito os rabiscos. Tam e Abell podem ficar escondidos até os Mantos-brancos irem embora. Mais cedo ou mais tarde, eles vão ter que ir. Mas, enquanto houver Trollocs por aqui, precisaremos deles. Por favor, entenda isso. Não é que a gente não prefira ter você aqui, em vez deles, mas precisamos deles. E não queremos que você seja enforcado.

— A senhora chama isso de proteção, senhora do teto? — perguntou Bain. — Se a senhora pedir a um leão que a proteja dos lobos, estará escolhendo apenas terminar em uma barriga, em vez de outra.

— Vocês não são capazes de se proteger sozinhos? — acrescentou Chiad. — Já vi Perrin lutar, assim como Mat Cauthon e Rand al'Thor. Eles têm o mesmo sangue que vocês.

Bran deu um suspiro profundo.

— Somos fazendeiros, gente simples. Lorde Luc fala de organizar homens para lutar contra os Trollocs, mas isso significa que deixariamos nossas famílias desprotegidas enquanto partimos com ele, e ninguém gosta muito da ideia.

Perrin estava confuso. Quem era Lorde Luc? Ele perguntou, e a Senhora al'Vere respondeu:

— Ele chegou na mesma época que os Mantos-brancos. É um Caçador da Trombeta. Sabe a história da *Grande Caçada*? Lorde Luc acha que a Trombeta de Valere está em algum lugar das Montanhas da Névoa, acima de Dois Rios. Mas abandonou a caçada por conta dos nossos problemas. Lorde Luc é um grande cavalheiro, um homem muito refinado.

Alisando os cabelos, ela abriu um sorriso de aprovação. Bran a olhou de esguelha e soltou um grunhido azedo.

Caçadores da Trombeta. Trollocs. Mantos-brancos. Dois Rios nem parecia o mesmo lugar que ele deixara.

— Faile também é uma Caçadora da Trombeta. Você conhece esse Lorde Luc, Faile?

— Para mim, já chega — anunciou a jovem. Perrin franziu o cenho enquanto ela se levantava, dava a volta na mesa e se colocava ao lado dele. Faile agarrou sua cabeça e puxou o rosto dele contra sua barriga. — Sua mãe morreu — disse, baixinho. — Seu pai morreu. Suas irmãs morreram, e seu irmão também. Sua família está morta, e você não pode mudar isso. E vai poder fazer menos ainda se morrer também. Permita-se chorar a perda deles. Não guarde tudo aí dentro, só vai apodrecer.

Perrin a segurou pelos braços com a intenção de afastá-la, mas por alguma razão suas mãos se apertaram até que aqueles punhos agarrados a ela fossem as únicas coisas a sustentá-lo. Foi só naquele momento que percebeu que estava chorando, soluçando no vestido de Faile feito um bebê. O que ela pensaria dele? Abriu a boca para dizer que estava tudo bem, para se desculpar por ter sucumbido à tristeza, mas o que saiu foi:

— Não consegui chegar mais depressa. Não consegui... Eu... — Ele trincou os dentes para se calar.

— Eu sei — murmurou ela, afagando seus cabelos como se ele fosse uma criança. — Eu sei.

Perrin queria parar, mas quanto mais Faile sussurrava em compreensão, mais ele soluçava, como se aquelas mãos macias em seus cabelos estivessem arrancando as lágrimas de seus olhos.





DEPOIS DO CARVALHO

Com Faile segurando sua cabeça sob os seios, Perrin perdeu a noção de por quanto tempo chorou. Imagens de sua família perpassavam seus pensamentos; o pai sorrindo enquanto o ensinava a erguer um arco, a mãe cantando e enrolando lã, Adora e Deselle implicando com ele na primeira vez em que se barbeou, Paet arregalando os olhos para um menestrel no Dia do Sol, muito tempo atrás. Imagens de túmulos frios e solitários enfileirados. Ele chorou até esgotar as lágrimas. Quando enfim se afastou, os dois estavam sozinhos, exceto por Coceira, que se lambia em cima do barril de cerveja. Ficou feliz em ver que os outros não haviam permanecido para assistir à cena. Faile ter visto já era ruim o bastante. De certa forma, estava feliz por ela ter ficado. Só queria que ela não tivesse visto nem ouvido.

Faile segurou as mãos dele e sentou-se na cadeira ao lado. Era tão linda, com aqueles olhos levemente oblíquos, grandes e escuros, e as maçãs do rosto altas. Perrin não sabia como poderia se redimir depois da forma como a tratara naqueles últimos dias. Sem dúvida a mulher encontraria uma forma de fazê-lo pagar.

— Você desistiu da ideia de se entregar para os Mantos-brancos? — perguntou ela.

Sua voz não dava indícios de que acabara de assisti-lo chorar feito um bebê.

— Parece que não adiantaria de nada. Não importa o que eu faça, eles irão atrás dos pais de Rand e Mat. Minha família... — Ele soltou depressa as mãos dela, mas Faile sorriu, em vez de contrair o rosto. — Preciso libertar Mestre Luhhan e a mulher dele, se puder. E a mãe e as irmãs de Mat. Prometi a ele que cuidaria delas. E quero dar um jeito nos Trollocs. — Talvez aquele Lorde Luc tivesse algumas ideias. Pelo menos o Portal dos Caminhos estava bloqueado, nada mais viria dos Caminhos. E ele queria mesmo fazer algo em

relação aos Trollocs. — Não imagino nada disso acontecendo se eu deixar que eles me enforcuem.

— Fico feliz que você veja isso — respondeu a mulher, em um tom seco. — Mais alguma ideia idiota a respeito de me mandar embora?

— Não.

Ele se preparou para a briga, mas Faile apenas assentiu, como se aquela resposta fosse tudo o que desejasse e esperasse ouvir. Como se fosse uma besteira, nada por que valesse a pena discutir. Faile o faria pagar caro.

— Somos cinco, Perrin, seis se Loial estiver disposto a lutar. E, se conseguirmos encontrar Tam al'Thor e Abell Cauthon... Eles são tão bons no arco quanto você?

— Melhores — respondeu Perrin, e falava a verdade. — Muito melhores.

Ela assentiu de leve com a cabeça, um pouco descrente.

— Já somos oito. É um começo. Talvez outros se juntem a nós. E também tem o Lorde Luc. Ele deve querer assumir a liderança, mas, se não for um completo idiota, não tem problema. Só que nem todo mundo que fez o Juramento do Caçador é razoável. Conheci alguns que acham que sabem de tudo, além de serem teimosos feito mulas.

— Disso eu sei. — Faile lançou a ele um olhar penetrante, mas Perrin conseguiu manter a seriedade. — Sei que você conheceu alguns assim, foi o que quis dizer. Vi dois deles, uma vez, lembra?

— Ah, aqueles. Bom, vamos torcer para que Lorde Luc não seja um mentiroso que gosta de contar vantagem. — Os olhos de Faile assumiram um brilho determinado, e ela segurou firme a mão de Perrin. Não de um jeito incômodo, mas como se tentasse juntar as forças dos dois. — Você vai querer visitar a fazenda da sua família, a sua casa. E eu vou com você, se deixar.

— Quando eu puder, Faile. — Mas não agora. Não ainda. Se olhasse aqueles túmulos sob as macieiras agora... Era estranho. Sempre se achara muito forte, mas percebia que na verdade não era nem um pouco forte. Bem, já terminara de chorar feito um bebê. Já passava da hora de fazer alguma coisa. — Vamos por partes. Acho que, primeiro, precisamos encontrar Tam e Abell.

Mestre al'Vere enfiou a cabeça para dentro do salão e adentrou o aposento ao vê-los sentados, separados.

— Tem um Ogier na cozinha — disse a Perrin, com um olhar perplexo. — Um Ogier. Tomando chá. Mesmo a maior caneca parece... — Ele ergueu dois dedos como se segurasse um dedal. — Marin pode até conseguir fingir que todos os dias aparece um Aiel por aqui, mas quase desmaiou quando viu esse tal de Loial. Dei a ela uma dose dupla de conhaque, e Marin virou tudo como se fosse água. Quase tossiu até morrer, ela não tem hábito de beber nada além de vinho. Acho que teria tomado mais, se eu tivesse dado. — Ele apertou os lábios e fingiu interesse em um ponto inexistente no longo avental branco. — Está melhor agora, meu rapaz?

— Estou bem, sim, senhor — respondeu Perrin, mais do que depressa. — Mestre al'Vere, não podemos ficar aqui por mais muito tempo. Alguém pode contar aos Mantos-brancos que vocês me deram abrigo.

— Ah, não tem muita gente que faria uma coisa dessas. Nem todos os Coplin são assim. E dá para contar até com alguns dos Congar.

Mas ele não sugeriu que ficassem.

— Sabe onde consigo encontrar Mestre al'Thor e Mestre Cauthon?

— Eles ficam em algum lugar da Floresta do Oeste — respondeu Bran, com certa cautela. — É só o que eu sei com certeza. Estão sempre mudando de esconderijo. — Ele entrelaçou os dedos sobre a barriga volumosa e inclinou a cabeça grisalha para o lado. — Então vocês não vão embora? Bem. Eu disse a Marin que não iriam, mas ela não acreditou. Minha esposa acha que é melhor vocês irem... Acha que seria melhor para você... E, como a maioria das mulheres, Marin tem certeza de que você vai acabar fazendo o que ela quer, se pedir muitas vezes.

— Ora, Mestre al'Vere — respondeu Faile, em um tom doce — eu, por exemplo, sempre vi os homens como criaturas razoáveis que só precisam que lhes mostrem o caminho certo uma única vez.

O Prefeito brindou a moça com um sorriso bem-humorado.

— Então vai convencer Perrin a ir embora? Marin tem razão, é o melhor a fazer, se ele quiser evitar a força. A única razão para ficar é que às vezes um homem é incapaz de correr. Não é mesmo? Bem, você com certeza sabe o que é melhor. — Ele ignorou o olhar azedo da moça. — Venha comigo, rapaz. Vamos dar as boas novas a Marin. Prepare-se para a luta e mantenha-se firme em seus propósitos, pois ela não vai desistir fácil.

Na cozinha, Loial e os Aiel estavam sentados no chão de pernas cruzadas. Não havia na estalagem cadeira em que o Ogier coubesse, e ele estava sentado com um braço apoiado na mesa da cozinha. Mesmo naquela posição, era alto o bastante para encarar Marin al'Vere de frente. Bran exagerara no tamanho da caneca nas mãos de Loial, mas, ao olhar mais atentamente, Perrin reparou que era uma tigela de sopa esmaltada em branco.

A Senhora al'Vere ainda estava se esforçando para fingir que Aiel e Ogier eram visitantes habituais, correndo de um lado a outro com uma bandeja de pão, queijo e pickles, certificando-se de que todos estavam comendo, mas seus olhos se arregalavam cada vez que pousavam em Loial, embora o Ogier tentasse deixá-la confortável fazendo elogios à comida. As orelhas peludas se remexiam nervosas toda vez que a mulher o encarava, e Marin dava um pulinho a cada vez que isso acontecia, então balançava a cabeça, e a grossa trança grisalha se sacudia vigorosamente. Em algumas horas, um acabaria nocauteando o outro com tantas sacudidelas.

Ao ver Perrin, Loial soltou um suspiro grave e profundo de alívio e pousou a caneca — a tigela — de chá sobre a mesa. No entanto, no instante seguinte, seu enorme rosto pareceu murchar de tristeza.

— Lamento muito a sua perda, Perrin. E compartilho da sua dor. A Senhora al'Vere... — as orelhas se remexiam como doidas, mesmo sem ele olhar para a mulher; e Marin levou outro susto — ... estava me contando que você vai embora, agora que não tem mais nada que o prenda aqui. Se quiser, posso cantar para as macieiras antes de irmos.

Bran e Marin trocaram olhares surpresos, e o Prefeito até limpou a orelha com o dedo.

— Obrigado, Loial. Ficarei muito grato, e podemos fazer isso, quando houver tempo. Mas tenho trabalho a fazer antes de ir. — A Senhora al'Vere pousou a bandeja na mesa com um estalido e o encarou, mas ele prosseguiu, explicando seus planos: encontrar Tam e Abell e resgatar os prisioneiros dos Mantos-brancos. Não mencionou os Trollocs, mas também, seus planos para eles ainda eram vagos. Talvez não *tão* vagos. Não pretendia ir embora enquanto ainda houvesse um Trolloc ou Myrddraal vivo em Dois Rios. Enganchou os dedos no cinto para evitar alisar o machado. — Não vai ser fácil — concluiu. — Apreciarei muito sua companhia, mas vou entender se você quiser ir embora. Essa luta não é sua, e você já passou por problemas demais ficando perto do povo de Campo de Emond. E não vai dar para escrever muito do seu livro, por aqui.

— Aqui ou lá, acho que a luta é a mesma — respondeu Loial. — O livro pode esperar. Talvez eu escreva um capítulo sobre você.

— Eu disse que o acompanharia — respondeu Gaul, mesmo sem ser perguntado — e não estava pensando em ficar apenas até a jornada parecer mais difícil. Tenho uma dívida de sangue com você.

Bain e Chiad encaram Faile com uma expressão indagativa e, quando ela assentiu, as duas expressaram sua decisão de ficar.

— Tolos e teimosos — resmungou a Senhora al'Vere — todos vocês. É muito provável que acabem enforcados, isso se viverem por tanto. Sabem disso, não sabem? — Quando o grupo apenas a encarou, ela desamarrou o avental e passou-o por cima da cabeça. — Bem, se forem burros o bastante para ficar, acho melhor mostrar a vocês onde se esconder.

O marido a olhou com surpresa diante da rendição repentina, mas se recuperou depressa.

— Pensei no antigo hospital, Marin. Ninguém mais vai lá, e acho que o teto ainda está quase todo inteiro.

Desde que Perrin era garotinho, o lugar que chamavam de novo hospital, para onde eram levadas as pessoas que pegavam alguma doença contagiosa, ficava a leste da aldeia, para além do moinho do Mestre Thane. O antigo, na Floresta do Oeste, fora quase todo destruído em um vendaval. Perrin se lembrava do lugar meio tomado por trepadeiras e arbustos espinhentos, com pássaros empoleirados no que restara do sapê do telhado e uma toca de texugo debaixo da escada dos fundos. Daria um bom esconderijo.

A Senhora al'Vere lançou a Bran um olhar penetrante, parecendo surpresa por ele ter pensado nisso.

— Acho que pode funcionar, sim. Pelo menos por esta noite. Vou levá-los para lá.

— Não precisa, Marin. Posso conduzi-los sem problemas, se Perrin não se lembrar do caminho.

— Às vezes você se esquece de que é o Prefeito, Bran. Você chama a atenção, o povo sempre quer saber para onde você está indo e o que está fazendo. Por que não fica aqui, e, se alguém aparecer, dá conta de mandá-los

embora achando que tudo está nos conformes? Tem cozido de carneiro na panela e uma sopa de lentilha que é só aquecer. Mas não mencione o hospital a ninguém, Bran. É melhor que ninguém nem se lembre de que ele existe.

— Eu não sou idiota, Marin — retrucou o homem, rígido.

— Eu sei que não, meu bem. — Ela afagou o rosto do marido, mas o olhar terno se endureceu ao desviar de Bran para o restante do grupo. — Como vocês dão trabalho — murmurou antes de começar a dar as instruções.

Eles viajavam em grupos menores, para não chamar atenção. Marin cruzaria a aldeia sozinha e os encontraria na floresta, do outro lado. Os Aiel garantiram que conseguiriam encontrar o carvalho fendido por um raio que ela descrevera e deslizaram, sorrateiros, pela porta dos fundos. Perrin conhecia o carvalho, uma árvore imensa a uma milha dos limites da aldeia, uma árvore que parecia ter sido cortada ao meio por um machado, mas que de alguma forma continuava viva e até dando flores. Tinha certeza de que conseguiria seguir direto até o hospital sem maiores problemas, mas a Senhora al'Vere insistiu para que todos fossem ao ponto de encontro.

— Se sair vagando por aí sozinho, Perrin, sabe a Luz com o que pode topiar. — Ela olhou para Loial, de pé, com os cabelos desganhados roçando as vigas do teto, e suspirou. — Queria que pudéssemos fazer algo em relação à sua altura, Mestre Loial. Sei que está quente, mas o senhor se importaria de usar seu manto com o capuz levantado? Mesmo hoje em dia, a maioria se convence rápido de que não viu alguma coisa, se não for o esperado. Mas, se alguém vir o rosto do senhor... Não que o senhor não seja bonito, disso não tenho dúvidas, mas o senhor nunca passaria por gente de Dois Rios.

O sorriso de Loial ia de orelha a orelha.

— O dia não está nem um pouco quente para um manto, Senhora al'Vere.

Agarrando um xale leve de tricô com franjados azuis, Marin acompanhou Perrin, Faile e Loial até o estábulo para vê-los partir, e, por um instante, pareceu que todos os seus esforços em manter segredo haviam ido por água abaixo. Cenn Buie, que parecia feito de velhas raízes retorcidas, examinava os cavalos com olhos apertados. Dava atenção especial ao enorme cavalo de Loial, tão grande quanto os Dhurran de Bran. Cenn coçou a cabeça, encarando a imensa sela do cavalo.

Seus olhos se arregalaram quando viram Loial, e ele ficou boquiaberto.

— Tr-Tr-Trolloc! — conseguiu enfim dizer.

— Não seja um velho tolo, Cenn Buie — retorquiu Marin, com firmeza, dando um passo para o lado para chamar a atenção do telhador para si. Perrin manteve a cabeça baixa, analisando o arco, e não se moveu. — Eu ficaria parada diante da minha própria porta se fosse um Trolloc? — Ela deu uma fungada desdenhosa. — Mestre Loial é um Ogier, como você saberia se não fosse um bestalhão intratável que prefere ficar reclamando por aí em vez de ver o que está bem diante do próprio nariz. Ele está de passagem, e não tem tempo para ser incomodado por gente da sua espécie. Retorne aos seus afazeres e deixe nossos hóspedes em paz. Você sabe muito bem que Corin

Ayellin está há meses atrás de você por conta do trabalho porco que fez no telhado dela.

Cenn reproduziu a palavra “Ogier” sem fazer qualquer som, piscando várias vezes. Por um instante, pareceu que o homem se pronunciaria em defesa do trabalho que fizera, mas logo encarou Perrin e apertou os olhos.

— Ele! É ele! Está atrás de você, sua cria de patife, fugindo com Aes Sedai e virando Amigo das Trevas. Foi naquela época que os Trollocs apareceram por aqui. Agora você está de volta, e eles também. Vai me dizer que é coincidência? Qual é o problema com os seus olhos? Está doente? Arrumou alguma doença e trouxe para cá, para matar todos nós? Como se os Trollocs não fossem o bastante! Os Filhos da Luz vão dar um jeito em você. Veja só se não vão.

Perrin sentiu Faile ficando tensa e mais do que depressa pôs uma das mãos em seu braço, ao perceber que a mulher estava puxando uma faca. O que ela pensava que estava fazendo? Cenn era um velho imbecil e irascível, mas não havia motivo para facas. Faile sacudiu a cabeça, exasperada, mas pelo menos deixou a situação se desenrolar.

— Já chega, Cenn — retrucou Marin, ríspida. — Guarde o que viu para si mesmo. Ou será que começou a correr para os Mantos-brancos com histórias, feito Hari e seu irmão, Darl? Tenho as minhas suspeitas sobre por que os Mantos-brancos vieram revirar os livros de Bran. Levaram seis com eles e passaram um sermão em Bran sobre blasfêmia debaixo do nosso próprio teto. Blasfêmia, é inacreditável! E tudo porque não concordaram com o que estava em um dos livros. Você tem sorte de eu não mandá-lo repor os que foram levados. Os Mantos-brancos cavoucaram a estalagem inteira feito doninhos. Estavam procurando mais *textos blasfemantes*, pelo que disseram, como se alguém fosse esconder um livro. Reviraram todos os colchões das camas e bagunçaram meus armários de lençóis. E tem é sorte de eu não arrastar você pela orelha para colocar tudo de volta no lugar.

Cenn se encolhia um pouco mais a cada frase da mulher, até dar a impressão de que tentava puxar os ombros ossudos por cima da cabeça.

— Eu não contei nada a eles, Marin — protestou. — Só porque um homem menciona... quer dizer, eu só disse... por acaso, só assim, de passagem... — Ele estremeceu, ainda evitando o olhar da mulher, mas recobrando um pouco dos modos de antes. — Pretendo levar isso ao Conselho, Marin. Estou falando desse aí. — Ele apontou um dedo torto para Perrin. — Enquanto ele estiver por aqui, estamos todos correndo perigo. Se os Filhos descobrirem que vocês estão dando abrigo a ele, podem culpar todos nós. Aí não vai bastar revirar armários.

— Isso é assunto do Círculo das Mulheres. — Marin ajeitou o xale em volta dos ombros e virou-se para encarar o telhador. O homem era um pouco mais alto do que ela, mas o súbito ar de grave formalidade deu vantagem à mulher. Ele tartamudeou, mas Marin atropelou suas tentativas de emitir alguma palavra. — É assunto do Círculo, Cenn Buie. Se pensa que não, ou se ousar pensar em me chamar de mentirosa, vá segurando essa sua língua. Se soprar

qualquer palavra dos assuntos do Círculo das Mulheres, seja para quem for, incluindo o Conselho da Aldeia...

— O Círculo não tem o direito de interferir nos assuntos do Conselho! — gritou Cenn.

Marin não o deixou falar.

— ... E veja lá se sua mulher não vai deixar você dormindo no celeiro. E comendo as sobras das vacas leiteiras. Acha que o Conselho tem prioridade sobre o Círculo? Vou mandar Daise Congar persuadir você do contrário, se é isso que está querendo.

Cenn se encolheu, e com razão. Se Daise Congar era a Sabedoria, a mulher provavelmente enfiaria misturas amargas pela goela dele todos os dias pelo próximo ano, e Cenn era franzino demais para impedi-la. Alsbet Luhhan era a única mulher em Campo de Emond maior que Daise, que tinha inclinação a ser perversa e um gênio difícil. Perrin não conseguia imaginá-la como Sabedoria. Nynaeve decerto teria um ataque quando descobrisse quem a substituiria. A mulher sempre acreditara que era a única que agia com bom senso.

— Não tem motivo para grosseria, Marin — murmurou Cenn, botando panos quentes. — Se quiser que eu fique quieto, eu fico. Mas, com ou sem Círculo das Mulheres, você está correndo o risco de que os Filhos destruíam todos nós.

Marin apenas ergueu as sobranceiras, e, depois de um instante, Cenn foi embora, ainda resmungando entre dentes.

— Muito bem — disse Faile, quando Cenn dobrou a curva da estalagem e desapareceu. — Acho que preciso fazer umas aulas com a senhora. Quando lido com Perrin, não tenho nem a metade do talento que a senhora tem com Mestre al'Vere e aquele sujeito.

Ela sorriu para Perrin, mostrando que estava brincando. Pelo menos, ele esperou que fosse isso.

— Você precisa saber quando levá-los na rédea curta — respondeu a mulher mais velha, absorta — e quando não há nada a fazer senão deixá-los livres. Deixar que façam o que querem quando a coisa não tem importância torna mais fácil controlá-los quando tem. — Ela franziu a testa na direção de Cenn, sem prestar muita atenção ao que estava dizendo, exceto talvez quando acrescentou: — E alguns deveriam ser amarrados a uma baia e largados por lá.

Perrin logo se meteu na conversa. Faile não estava precisando de conselhos desse tipo.

— A senhora acha que ele vai segurar a língua, Senhora al'Vere?

A mulher respondeu, hesitante:

— Acredito que sim. Cenn é meio irritante desde que nasceu, e a coisa só piora com a idade, mas ele não é como Hari Coplin e seu bando.

Ela não parecia ter certeza do que dissera.

— Seria melhor irmos logo — disse Perrin.

Ninguém discutiu.

O sol estava mais alto do que ele esperava, já passado da altura do meio-dia, o que significava que a maioria do povo já estaria em casa para comer. Os poucos ainda na rua, na maioria garotos cuidando de ovelhas ou vacas, estavam ocupados comendo o que haviam trazido em embrulhos de pano, muito absortos na própria comida e muito longe das trilhas das carroças para prestar atenção em quem estivesse passando. Ainda assim, Loial foi alvo de alguns olhares, apesar do capuz que escondia seu rosto. Mesmo em cima de Galope, Perrin batia abaixo do peito do Ogier, na imensa montaria. Para quem os via a distância, o grupo deveria parecer composto de um adulto com duas crianças, todos em cima de pôneis, conduzindo pôneis de carga, o que sem dúvida não era uma visão corriqueira, mas Perrin esperou que o povo pensasse que não passavam disso. O falatório atraindo atenção. Precisava evitá-la até libertar a Senhora Luhhan e os outros. Se pelo menos Cenn se mantivesse quieto. Perrin também manteve o capuz do manto levantado. Aquilo era mais uma coisa que poderia atrair falatório, mas não tanto quanto se alguém notasse sua barba e percebesse que ele não era uma criança. Pelo menos o dia não estava quente demais. Depois de Tear, o clima quase parecia de primavera, e não de verão.

Perrin não teve problemas para encontrar o carvalho rachado, as duas metades pendendo uma para cada lado feito uma enorme tesoura, com o lado de dentro preto e duro como ferro, e o chão limpo sob os enormes galhos que se espalhavam. Cruzar a aldeia era um caminho muito mais curto do que dar a volta, por isso a Senhora al'Vere já estava aguardando, remexendo o xale, um tantinho impaciente. Os Aiel também estavam lá, acorados no chão adubado com folhas de carvalho velhas e cascas de noz mastigadas pelos esquilos. Gaul mantinha-se afastado das duas mulheres. As Donzelas e o Cão de Pedra se observavam quase com tanta atenção quanto olhavam a floresta ao redor. Perrin não teve dúvidas de que os Aiel tinham dado um jeito de chegar ali sem serem vistos. Desejou ter a mesma habilidade. Era capaz de avançar furtivamente nas florestas, mas para os Aiel parecia não fazer diferença se era floresta, campo ou cidade. Quando não queriam ser vistos, encontravam uma forma.

A Senhora al'Vere insistiu para que percorressem o restante do caminho a pé, alegando que era muito cheio de vegetação para cavalgar. Perrin não concordou, mas desceu da montaria mesmo assim. Sem dúvida não seria confortável conduzir o pessoal a cavalo estando a pé. De qualquer modo, sua cabeça estava nos vários planos. Precisava dar uma olhada no acampamento dos Mantos-brancos na Colina da Vigília antes de decidir como resgatar a Senhora Luhhan e os outros. E onde Tam e Abell estariam escondidos? Nem Bran e nem a Senhora al'Vere tinham dito. Talvez não soubessem. Se Tam e Abell ainda não tinham libertado os prisioneiros, era porque não era tarefa fácil. Mas precisava dar um jeito de fazer isso. Depois poderia voltar a atenção aos Trollocs.

Fazia anos que ninguém da aldeia seguia por aquelas bandas, e a trilha desaparecera, mas as árvores altas mantinham a vegetação rasteira. Os Aiel deslizavam furtivos perto dos outros, cedendo à insistência da Senhora

al'Vere de que todos permanecessem juntos. Loial murmurava em aprovação ao ver os grandes carvalhos ou abetos e folhas-de-couro especialmente altas. Volta e meia ouviam o cantarolar de um tordo ou um pisco-de-peito-ruivo no alto das árvores, e Perrin chegou a sentir o cheiro de uma raposa que os observava passar.

De súbito, sentiu um odor humano que não estava ali instantes antes e ouviu um fraco farfalhar. Os Aiel ficaram tensos e se agacharam, com as lanças a postos. Perrin levou a mão à aljava.

— Fiquem calmos — disse a Senhora al'Vere, com urgência, fazendo gestos para que as armas fossem baixadas. — Por favor, fiquem calmos.

De repente, surgiram dois homens diante do grupo. Um alto, moreno e magro à esquerda, outro baixo, troncudo e grisalho à direita. Os dois traziam arcos com flechas encaixadas, prontos para erguer e atirar, as aljavas de contrapeso para as espadas na cintura. Ambos usavam mantos que pareciam esvanecer nas folhagens ao redor.

— Guardiões! — exclamou Perrin. — Por que não contou que havia Aes Sedai por aqui, Senhora al'Vere? Mestre al'Vere também não as mencionou. Por quê?

— Porque ele não sabe — respondeu a mulher, apressada. — Não menti quando disse que esse era um assunto do Círculo das Mulheres. — Ela voltou a atenção aos dois Guardiões, que ainda não haviam relaxado a postura. — Tomas, Ihvon, vocês me conhecem. Baixem esses arcos. Sabem que eu não traria aqui alguém que quisesse fazer mal.

— Um Ogier — disse o homem grisalho — três Aiel, um homem de olhos amarelos, sem dúvida o que os Mantos-brancos estão procurando, e uma jovem feroz com uma faca. — Perrin olhou para Faile, que portava uma faca pronta para atirar, mas dessa vez ele concordava. Aqueles homens podiam ser Guardiões, mas ainda não davam sinais de que iriam baixar os arcos, e os rostos poderiam ter sido esculpidos em bigornas. Os Aiel se mostravam prontos para começar a dançar as lanças, sem nem esperar para subir os véus. — Um grupo estranho, Senhora al'Vere — prosseguiu o Guardião mais velho. — Vejamos. Ihvon?

O homem mais magro assentiu e desapareceu na vegetação baixa. Perrin mal ouviu o sujeito caminhar. Os Guardiões se deslocavam silenciosos como a própria morte, quando queriam.

— O que a senhora quer dizer com “assunto do Círculo das Mulheres”? Sei que os Mantos-brancos causariam problemas se soubessem sobre as Aes Sedai, por isso a senhora não disse nada a Hari Coplin, mas por que guardar segredo do Prefeito? E de nós?

— Porque foi o combinado — respondeu a Senhora al'Vere, irritada. A irritação parecia dirigida igualmente a Perrin e ao Guardião que ainda os vigiava (não havia palavra melhor para descrever o que o homem fazia) e um pouco ainda sobrava para as Aes Sedai. — Eles estavam em Colina da Vigília quando os Mantos-brancos chegaram. Ninguém por lá sabia quem eram, exceto o Círculo local, que os mandou até aqui, para serem escondidos por nós. De todos, Perrin. A melhor forma de manter um segredo é revelá-lo a

poucos. Que a Luz me proteja, conheço duas mulheres que deixaram de compartilhar a cama com os maridos por medo de falarem durante o sono. Concordamos em manter isso em segredo.

— E por que mudou de opinião? — perguntou o Guardião de cabelos grisalhos, com a voz severa.

— Por razões que considero boas e suficientes, Tomas. — Pela forma como Marin mexeu no xale, Perrin suspeitou que a mulher esperasse que o Círculo e as Aes Sedai também pensassem assim. Corria à boca pequena que o Círculo conseguia ser ainda mais severo com suas integrantes do que com o restante da aldeia. — Que lugar melhor para esconder você, Perrin, do que com as Aes Sedai? Está claro que você não tem medo delas, não depois de ter saído daqui com uma. E... Bem, você logo vai descobrir. Só precisa confiar em mim.

— Existem Aes Sedai e Aes Sedai — retrucou Perrin.

Mas as que ele considerava piores, as da Ajah Vermelha, não formavam elos com Guardiões. A Ajah Vermelha não gostava muito de homens. Esse Tomas tinha olhos escuros e resolutos. O grupo poderia atacá-lo ou simplesmente ir embora, mas o Guardião sem dúvida cravaria uma flecha no primeiro que fizesse algo que ele desaprovasse, e Perrin apostava que o homem tinha mais flechas à mão para encaixar no arco sem dificuldade. Os Aiel pareciam pensar o mesmo: estavam prontos para agir, mas também davam a impressão de que poderiam permanecer parados ali até o sol congelar. Perrin deu um tapinha no ombro de Faile.

— Vai ficar tudo bem.

— É claro que vai — respondeu a mulher, com um sorriso. Ela guardara a faca. — Se a Senhora al'Vere diz, confio nela.

Perrin torceu para que Faile tivesse razão. Não confiava em tanta gente quanto antes. E muito menos nas Aes Sedai. Talvez nem mesmo em Marin al'Vere. Mas quem sabe essas Aes Sedai não o ajudariam a derrotar os Trollocs? Confiaria em qualquer um que fizesse isso. Mas até onde poderia confiar naquelas mulheres que lidavam com o Poder? Elas tinham suas próprias razões para fazer o que faziam. Dois Rios era a casa dele, mas, para elas, podia ser apenas uma pedra no tabuleiro. Mas Faile e Marin al'Vere pareciam confiar, e os Aiel aguardavam. Ele não parecia ter muitas opções.



GARANTIAS

Ihvon retornou em poucos minutos.

— Pode seguir em frente, Senhora al’Vere — foi tudo o que disse antes de desaparecer outra vez com Tomas nos arbustos, sem fazer farfalhar sequer uma folha.

— Eles são muito bons — murmurou Gaul, ainda olhando em volta, desconfiado.

— Até uma criança poderia se esconder aí — disse Chiad, batendo em um ramo de frutinhas vermelhas. Mesmo assim, a mulher observava a vegetação rasteira com a mesma atenção de Gaul.

Nenhum dos Aiel parecia ansioso para prosseguir. Não estavam exatamente relutantes, e com certeza não se sentiam amedrontados, mas não pareciam ansiosos. Perrin esperava um dia descobrir o que os Aiel sentiam em relação às Aes Sedai. Um dia. Ele próprio não se sentia particularmente entusiasmado, naquele momento.

— Vamos lá encontrar essas suas Aes Sedai — falou para a Senhora al’Vere, em um tom áspero.

O antigo hospital estava ainda mais destruído do que ele se lembrava, um único andar torto feito um bêbado, com metade dos quartos a céu aberto e um tupelo-negro de quarenta pés despontando de dentro de um deles. A floresta era densa em volta das ruínas. Uma grossa rede de trepadeiras e arbustos espinhentos serpenteava pelas paredes, cobrindo de verde o que restava do sapê do teto, e Perrin considerou que talvez fosse aquilo que sustentasse a construção. Mas a porta da frente estava intacta. Dava para sentir cheiro de cavalos e um aroma suave de feijões e presunto, mas, estranhamente, não havia odor de lenha queimada.

Eles amarraram os animais em galhos baixos e seguiram a Senhora al’Vere para dentro, onde as janelas encobertas pelas trepadeiras deixavam passar

apenas uma luz fraca. O salão da frente era grande e estava sem mobília, com sujeira nos cantos e algumas teias de aranha que haviam escapado de uma limpeza que claramente fora feita às pressas. Havia quatro rolos de cobertor jogados no chão, com selas, alforjes e trouxas muito bem amarradas apoiados na parede, e um pequeno caldeirão no fogão de pedra da sala exalava aromas de cozinha, apesar da ausência de fogo. Um caldeirão ainda menor parecia estar cheio de água para chá, já quase fervente. Duas Aes Sedai os aguardavam. Marin al'Vere curvou-se em uma mesura apressada e deu início a uma cascata ansiosa de apresentações e explicações.

Perrin apoiou o queixo no arco. Reconhecia as Aes Sedai. Uma delas era Verin Mathwin, roliça e de rosto quadrado, com mechas grisalhas nos cabelos castanhos, apesar das feições suaves e etéreas de Aes Sedai. Ela era da Ajah Marrom, e, como todas as Marrons, metade do tempo parecia perdida na busca por conhecimento, fosse novo ou antigo e distante. Às vezes, porém, seus olhos escuros traíam aquela vaga expressão sonhadora. Como naquele momento, em que ela os cravava nele, por trás de Marin, feito dois pregos. A mulher era uma das duas Aes Sedai além de Moiraine que com certeza sabiam sobre Rand, e Perrin suspeitava que a mulher soubesse mais a respeito dele mesmo do que deixava transparecer. Os olhos da Aes Sedai assumiram outra vez aquela leve expressão vaga enquanto ela escutava Marin, mas no instante anterior haviam julgado a presença de Perrin ali, pesando-a e avaliando-a em relação a seus próprios planos. Ele precisaria ser muito cauteloso perto de Verin.

Não conhecia a outra, uma mulher escura e esguia, usando um vestido de montaria de seda de um tom de verde profundo que contrastava bastante com o marrom simples de Verin, que tinha manchas de tinta nos punhos. Vira aquela Aes Sedai apenas uma vez. Alanna Mosvani era da Ajah Verde, se não lhe falhava a memória. Era uma bela mulher, com longos cabelos negros e olhos escuros e penetrantes. Aqueles olhos também o perscrutavam enquanto a dona escutava Marin. Lembrou-se de algo que Egwene dissera. *Algumas Aes Sedai que não deveriam saber sobre Rand demonstram interesse demais por ele. Elaida, por exemplo, e Alanna Mosvani. Acho que não confio em nenhuma das duas. Talvez fosse melhor guiar-se por Egwene até descobrir algo diferente.*

Marin chamou sua atenção ao dizer, ainda apreensiva:

— Você estava perguntando sobre ele, Verin Sedai. Perrin. Perguntou sobre os três rapazes, mas Perrin estava entre eles. E na hora pareceu que a maneira mais fácil de evitar que ele acabasse morto era trazê-lo até você. Não havia tempo de perguntar. Diga que compreen...

— Está tudo bem, Senhora al'Vere — interrompeu Verin, em um tom tranquilizador. — A senhora tomou a decisão certa. Perrin está em boas mãos. Além disso, vou adorar a oportunidade de aprender mais sobre os Aiel, e é sempre um prazer conversar com um Ogier. Precisarei tirar umas dúvidas com o senhor, Loial. Descobri umas coisas fascinantes em livros Ogier.

Loial abriu um sorriso, pois qualquer coisa que tivesse a ver com livros o agradava. Gaul, por outro lado, trocava olhares cautelosos com Chiad.

— Não tem problema, desde que você não faça isso de novo — interveio Alanna, com firmeza. — A não ser que... você está sozinho? — perguntou a Perrin, em um tom que exigia uma resposta imediata. — Os outros dois também voltaram?

— Por que vocês estão aqui? — inquiriu ele, em resposta.

— Perrin! — exclamou a Senhora al'Vere, com irritação. — Olhe os modos! Você pode ter adquirido uns hábitos grosseiros aí pelo mundo, mas vai ter que deixar tudo de lado, agora que voltou para casa.

— Não se preocupe — interveio Verin. — Perrin e eu somos velhos amigos. Eu o compreendo.

Por um instante, os olhos escuros da Aes Sedai cintilaram para o rapaz.

— Vamos cuidar dele. — As palavras frias da Alanna pareciam abertas à interpretação.

Verin sorriu e deu um tapinha no ombro de Marin.

— É melhor a senhora ir voltando para a aldeia. Não queremos que ninguém fique imaginando o motivo de seu passeio pela floresta.

A Senhora al'Vere assentiu. Parando por um instante ao lado de Perrin, ela pôs uma das mãos em seu ombro e disse, gentilmente:

— Você sabe que tem a minha compaixão. Não se esqueça de que morrer não vai ajudar em nada. Faça o que as Aes Sedai mandarem.

Perrin murmurou algo evasivo em resposta, mas a mulher pareceu satisfeita.

Depois que a Senhora al'Vere foi embora, Verin disse:

— Você também tem a nossa compaixão, Perrin. Teríamos feito alguma coisa, se pudéssemos.

Ele não queria pensar na família, naquele momento.

— Você ainda não respondeu minha pergunta.

— Perrin! — Faile conseguiu reproduzir o tom da Senhora al'Vere quase à perfeição, mas ele não deu atenção.

— Por que estão aqui? Está parecendo coincidência demais. Mantos-brancos, Trollocs e vocês duas aparecendo aqui na mesma hora.

— Não é coincidência — respondeu Verin. — Ah, a água para o chá está pronta. — A água parou de ferver quando ela jogou um punhado de folhas no bule, indicando a Faile o lugar para apanhar canecas de metal, em uma das trouxas encostadas na parede. Alanna, de braços cruzados, não tirava os olhos de Perrin. Seu olhar era quente, em comparação com a frieza de seu rosto. — A cada ano — prosseguiu Verin — encontramos menos garotas capazes de aprender a canalizar. Seriam acredita que talvez tenhamos passado os últimos três mil anos reduzindo a incidência dessa habilidade na humanidade ao amansarmos todos os homens capazes de canalizar que encontrávamos. A prova disso, segundo ela, é que agora encontramos pouquíssimos homens assim. Ora, até uns trezentos anos atrás havia registro de dois ou três por ano, e há quinhentos anos...

Alanna pigarreou.

— E o que mais podemos fazer, Verin? Deixar que eles enlouqueçam? Seguir as ideias loucas das Brancas?

— Creio que não — respondeu Verin, com a voz calma. — Mesmo se pudéssemos encontrar mulheres dispostas a conceber filhos de homens amansados, não há garantia de que as crianças também seriam capazes de canalizar, ou que seriam meninas. O que eu sugeri foi que, se quisessem aumentar os números, as Aes Sedai é que deveriam começar a ter filhos. E que as que apresentaram as ideias deviam começar dando o exemplo. Alviarin não ficou contente.

— E nem poderia — respondeu Alanna, rindo. O súbito brilho de diversão, que fez o olhar escuro e impetuoso se dissipar por um instante, foi surpreendente. — Queria ter visto a cara dela.

— A expressão que ela fez foi... interessante — respondeu a irmã Marrom, contemplativa. — Fique calmo, Perrin. Já vou dar o resto da resposta. Chá?

Tentando acalmar a expressão irritada, ele acabou sentado no chão, com o arco ao lado e uma caneca de metal cheia de chá forte na mão. Todos estavam sentados em círculo no centro do salão. Alanna retomou a explicação sobre a presença delas, talvez para evitar a tendência da outra Aes Sedai em se desviar do assunto.

— Aqui em Dois Rios, um lugar que suspeito que não recebia a visita de uma Aes Sedai há mil anos, Moiraine encontrou duas mulheres não apenas capazes de aprender a canalizar, mas nascidas com a habilidade. Ela também ouviu falar de uma outra, que morreu por não ter conseguido aprender sozinha.

— Isso sem falar nos três *ta'veren* — murmurou Verin, tomando o chá.

— Você faz alguma ideia — prosseguiu Alanna — de quantas cidades e aldeias normalmente temos que visitar para encontrar três meninas nascidas com a habilidade? O que me espanta é que tenhamos levado tanto tempo para voltar aqui e procurar mais. O sangue antigo é muito forte em Dois Rios. Chegamos em Colina da Vigília apenas uma semana antes de os Filhos aparecerem e tomamos o cuidado de não revelar quem éramos para ninguém fora do Círculo das Mulheres, mas mesmo assim encontramos quatro garotas que podem ser treinadas, além de uma criança que acho que nasceu com a habilidade.

— É difícil ter certeza — acrescentou Verin — pois a menina só tem doze anos. Nenhuma delas tem nem de longe o potencial de Egwene ou de Nynaeve, mas ainda assim o número não é menos que impressionante. E pode ser que tenha mais duas ou três nos arredores de Colina da Vigília. Ainda não tivemos a oportunidade de examinar as garotas aqui, ou mais para o sul. A Barca do Taren foi uma decepção, devo dizer. Muitos cruzamentos de linhagens sanguíneas com o exterior, acho.

Perrin teve de admitir que fazia sentido. Mas aquilo não respondia todas as perguntas, nem sanava todas as dúvidas. Ele mudou de posição, esticando a perna. A ferida da lança em sua coxa ainda doía.

— Não entendo por que vocês estão escondidas. Tem Mantos-brancos prendendo gente inocente, e vocês ficam aqui, sentadas. Trollocs devastam Dois Rios de cima a baixo, pelo que parece, e vocês ficam aqui, sentadas. — Loial resmungou algo entre dentes, um murmúrio. Perrin pescou “irritar Aes

Sedai” e “ninho de vespas”, mas continuou a martelar suas ideias. — Por que não estão fazendo nada? Vocês são Aes Sedai! Que me queime, por que não estão fazendo nada?

— Perrin! — sibilou Faile, contrariada, antes de abrir um sorriso escusatório para Verin e Alanna. — Por favor, perdoem Perrin. Moiraine Sedai o mimou muito. Ela é um pouco tranquila demais, eu acho, e o deixa fazer o que quer. Por favor, não se irrite com ele. Ele vai melhorar. — Ela cravou nele um olhar penetrante, indicando que o recado era tanto para ele quanto para as Aes Sedai, talvez até mais. Perrin devolveu o olhar de cara fechada. Faile não tinha o direito de interferir.

— Tranquila demais? — indagou Verin, piscando. — Moiraine? Nunca percebi.

Alanna fez um gesto para que Faile se calasse.

— Naturalmente, você não entende — retrucou a Aes Sedai, em um tom severo. — Não entende as restrições sob as quais trabalhamos. Os Três Juramentos não são apenas palavras. Eu trouxe dois Guardiões para este lugar. — As Verdes eram a única Ajah na qual uma mulher podia estabelecer elos com mais de um Guardião. Perrin já ouvira de umas poucas que tinham três ou quatro. — Os Filhos pegaram Owein cruzando um campo aberto. Senti todas as flechas que o acertaram, até ele morrer. Eu o senti morrer. Se estivesse lá, eu poderia ter defendido a nós dois com o Poder, mas não posso usar o Poder para vingança. Os Juramentos não permitem. Os Filhos são quase tão vis quanto homens conseguem ser vis. São quase Amigos das Trevas, mas não são exatamente Amigos das Trevas, e é por essa razão que estão protegidos do Poder, exceto em defesa própria. Por mais que a gente tente aumentar um pouco a verdade, não dá para aumentar demais.

— Quanto aos Trollocs — acrescentou Verin — destruímos alguns deles, e também dois Myrddraal, mas existem limites. Os Meios-homens conseguem sentir a canalização, de certo modo. Se conseguirmos atrair cem Trollocs para nós, há pouco que podemos fazer além de correr.

Perrin coçou a barba. Ele deveria ter esperado isso, deveria saber. Já tinha visto Moiraine enfrentar Trollocs, e fazia alguma ideia do que ela era capaz. Percebeu que estivera pensando em como Rand matara todos os Trollocs na Pedra, só que Rand era mais forte do que qualquer uma daquelas Aes Sedai, talvez até mais do que as duas juntas. Bem, com a ajuda delas ou não, ele ainda pretendia acabar com cada Trolloc em Dois Rios. Depois de resgatar a família de Mat e os Luhhan. Se pensasse no assunto com bastante cuidado, encontraria um jeito. A dor na coxa estava terrível.

— Você está ferido. — Alanna apoiou a caneca no chão, ajoelhou-se diante dele e tomou sua cabeça nas mãos. Um arrepiou percorreu seu corpo. — Isso. Estou vendo. Você não conseguiu esse corte se barbeando, pelo que parece.

— Foram os Trollocs, Aes Sedai — respondeu Bain. — Quando saímos dos Caminhos, nas montanhas. — Chiad tocou seu braço, e Bain parou.

— Eu tranquei o Portal dos Caminhos — acrescentou Loial, mais do que depressa. — Ninguém vai usá-lo até que seja aberto do lado de cá.

— Imaginei que eles estivessem vindo por lá — murmurou Verin, meio que para si mesma. — Bem que Moiraine sugeriu que estivessem usando os Caminhos. Mais cedo ou mais tarde, isso vai nos trazer problemas de verdade.

Perrin se perguntou o que ela achava que a situação atual era.

— Os Caminhos — comentou Alanna, ainda segurando a cabeça dele. — *Ta'veren!* Jovens heróis! — Ela fez as palavras soarem ao mesmo tempo como uma aprovação e um xingamento.

— Eu não sou herói — retrucou Perrin, impassível. — Os Caminhos eram o meio mais rápido para chegar aqui. Só isso.

A irmã Verde prosseguiu, como se ele não tivesse dito nada.

— Eu nunca vou entender por que o Trono de Amyrlin deixou vocês três irem embora. Elaida está tendo ataques por causa dos três, e não é a única, só a mais veemente. Com os selos se enfraquecendo e a Última Batalha chegando, não precisamos de três *ta'veren* correndo à solta por aí. Eu teria amarrado uma corda em cada um e até mesmo estabelecido um elo, se fosse preciso. — Perrin tentou se afastar, mas ela apertou ainda mais as mãos e sorriu. — Ainda não abandonei os costumes a ponto de estabelecer um elo com um homem contra sua vontade. Ainda não. — Ele não sabia ao certo até que ponto aquilo era sério, pois não conseguia enxergar o sorriso dela. Alanna tocou o corte meio cicatrizado em seu rosto. — Já tem muito tempo que esse aqui foi feito. Até a Cura vai deixar cicatriz.

— Eu não preciso ficar bonito — murmurou em resposta. Só precisava ficar bem para fazer o que tinha de fazer.

Faile soltou uma risada alta.

— Quem foi que disse isso?

Foi uma surpresa vê-la trocando sorrisos com Alanna.

Perrin franziu o cenho e ficou se perguntando se as mulheres estavam caçoando dele, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, a Cura o atingiu como um raio congelante. Tudo o que pôde fazer foi arquejar. Os poucos instantes até Alanna soltá-lo pareceram intermináveis.

Quando recuperou o fôlego, a irmã Verde segurava a cabeça com cabelos de fogo de Bain, Verin cuidava de Gaul, e Chiad testava o braço esquerdo, girando-o para frente e para trás com uma expressão satisfeita.

Faile tomou o lugar de Alanna ao lado de Perrin e passou o dedo em seu rosto, ao longo da cicatriz abaixo do olho.

— Uma marquinha charmosa — disse ela, com um leve sorriso.

— O quê?

— Ah, só uma coisa que as mulheres domanesas fazem com maquiagem. Foi só um comentário.

Apesar do sorriso dela, ou talvez por causa dele, Perrin fechou a cara, desconfiado. Faile *estava* caçoando, mas ele não entendia bem como.

Ihyon chegou, sussurrou algo no ouvido de Alanna e desapareceu assim que ela sussurrou em resposta. O homem quase não fez barulho, mesmo no chão de madeira. Poucos instantes depois, o roçar de botas nos degraus anunciou novas chegadas.

Perrin se levantou de um salto quando Tam al'Thor e Abell Cauthon surgiram ao pé da porta, com os arcos nas mãos, as roupas amarrotadas e as barbas grisalhas e por fazer típicas de homens que andaram dormindo mal. Os dois tinham estado caçando; quatro coelhos pendiam do cinto de Tam e três do de Abel. Era óbvio que já esperavam encontrar as Aes Sedai e alguns visitantes, mas cravaram olhos estupefatos em Loial, que tinha a altura de uma pessoa e meia, além de orelhas peludas e um nariz enorme que quase parecia um focinho. Um lampejo de reconhecimento perpassou o rosto impassível e enrugado de Tam ao ver os Aiel.

No entanto, o olhar contemplativo do pai de Rand se deteve neles por apenas um instante antes de pousar em Perrin, com uma expressão de surpresa quase tão grande quanto a que fizera ao ver Loial. Tam era um homem robusto e de peitoral largo e, apesar do cabelo quase todo grisalho, parecia alguém que só seria derrubado por um terremoto e que precisaria de muito mais do que isso para ficar atônito.

— Perrin, meu rapaz! Rand está com você?

— E Mat? — acrescentou Abell, ansioso.

O homem parecia um Mat mais velho e grisalho, porém de olhos mais sérios. Não estava muito enrijecido pela idade e se movia com agilidade.

— Eles estão bem — respondeu Perrin. — Estão em Tear. — Ele captou a expressão de Verin com o canto do olho. A mulher sabia muito bem o que Tear significava para Rand. Alanna parecia mal prestar atenção. — Eles teriam vindo comigo se a gente soubesse que as coisas estavam tão ruins assim. — Era verdade, Perrin tinha certeza. — Mat passa o tempo beijando as moças e jogando dados, que ganha sempre. Rand... bem, da última vez que o vi, ele estava usando um casaco chique e tinha uma loira bonita nos braços.

— Isso é a cara do meu Mat — comentou Abell, com uma risadinha.

— Talvez tenha sido melhor eles não terem vindo — acrescentou Tam, mais devagar — por causa dos Trollocs. E dos Mantos-brancos... — Ele deu de ombros. — Vocês estão sabendo que os Trollocs voltaram? — Perrin assentiu. — Aquela Aes Sedai estava certa? Moiraine. Eles estavam mesmo atrás de vocês, naquela Noite Invernal? Chegaram a descobrir por quê?

A irmã Marrom lançou a Perrin um olhar de advertência. Alanna parecia absorta em revirar os próprios alforjes, mas o rapaz achava que agora ela estava escutando. No entanto, não foi aquilo que o fez hesitar. Simplesmente não havia como dizer a Tam que o filho dele era capaz de canalizar, que Rand era o Dragão Renascido. Como contar uma coisa dessas a um homem? Em vez disso, respondeu:

— O senhor vai ter que perguntar isso a Moiraine. As Aes Sedai não revelam nada além do necessário.

— Eu percebi — respondeu Tam, em um tom seco.

As duas Aes Sedai definitivamente estavam ouvindo, e não escondiam mais. Alanna arqueou uma sobrancelha gélida para Tam, e Abell mudou de posição como se pensasse que Tam estava contando demais com a própria sorte. Mas era preciso mais que um olhar para incomodar Tam.

— Podemos conversar lá fora? — perguntou Perrin aos dois homens.
— Quero tomar um pouco de ar fresco. — Ele queria falar sem Aes Sedai bisbilhotando e observando, mas não podia dizer isso.

Tam e Abell concordaram, talvez tão ansiosos quanto ele para fugir do escrutínio de Verin e Alanna, mas antes de tudo havia a questão dos coelhos, que foram todos entregues a Alanna.

— Pretendíamos ficar com dois — comentou Abell — mas parece que vocês têm mais bocas para alimentar.

— Não há necessidade disso. — A irmã Verde souou como se já tivesse dito essa mesma frase várias vezes.

— Gostamos de pagar pelo que recebemos — respondeu Tam, no mesmo tom. — As Aes Sedai fizeram a gentileza de aplicar um pouco de sua Cura em nós — acrescentou para Perrin — e queremos acumular crédito para caso precisemos de novo.

Perrin assentiu. Entendia que alguém não quisesse aceitar um presente de uma Aes Sedai. “Aes Sedai com uma oferta é isca na certa”, o antigo ditado lembrava muito bem. Ora, ele sabia que era verdade. Mas de fato não fazia muita diferença entre aceitar o presente ou pagar por ele, pois as Aes Sedai sempre davam um jeito de fisgar a pessoa. Verin o observava com um sorrisinho, como se soubesse o que ele estava pensando.

Quando os três homens começaram a se dirigir para fora, levando os arcos, Faile se levantou para ir atrás. Perrin balançou a cabeça, e ficou surpreso ao ver que ela se sentou de volta. Ficou se perguntando se a moça estava doente.

Depois de pararem para que Tam e Abell admirassem Galope e Andorinha, os três caminharam até um ponto sob as árvores. O sol pendia para oeste, alongando as sombras. Os homens mais velhos fizeram algumas piadas sobre a barba de Perrin, mas não mencionaram os olhos. Por mais estranho que parecesse, a omissão não o incomodou. Ele tinha preocupações mais importantes do que alguém estranhar seus olhos.

Respondendo à pergunta de Abell, se “aquela coisa” servia para coar sopa, ele esfregou a barba e disse, em um tom suave:

— Faile gosta.

— Aaah... — respondeu Tam, com uma risadinha. — É a garota, não é? Parece bem enérgica, rapaz. Vai fazer você passar noites em claro tentando distinguir o reto do torto.

— Só tem um jeito de lidar com esse tipo — comentou Abell, assentindo. — Deixe-a pensar que está no comando. Assim, quando for uma questão importante e você discordar dela, a moça vai ficar tão surpresa que, quando se recuperar do choque, vai ser tarde demais para começar a perturbá-lo para mudar de ideia.

Perrin achou aquilo muito parecido com o que a Senhora al’Vere dissera a Faile sobre como lidar com os homens. Ele se perguntou se Abell e Marin algum dia já haviam comparado suas ideias. Era provável que não. Talvez valesse a pena tentar com Faile. Mas a mulher parecia acabar sempre fazendo o que queria, de qualquer modo.

Olhou por cima do ombro. O hospital estava quase encoberto pelas árvores. Eles com certeza estavam protegidos dos ouvidos das Aes Sedai. Escutou atentamente e respirou fundo. Um pica-pau martelou em algum lugar ao longe. Havia esquilos nos galhos frondosos acima, e uma raposa passara por ali com sua caça, um coelho, não fazia muito tempo. Além deles três, não havia qualquer odor humano, nada que indicasse um Guardião escutando à espreita. Talvez Perrin estivesse sendo cauteloso demais, mas, com ou sem motivos, não podia deixar passar a coincidência das duas Aes Sedai serem mulheres que ele já conhecera, uma delas alguém em quem Egwene não confiava, a outra, alguém em quem *ele* não sabia ao certo se confiava.

— Vocês ficam aqui? — perguntou. — Com Verin e Alanna?

— Quase nunca — respondeu Abell. — Como é que um homem conseguiria dormir sob o mesmo teto que uma Aes Sedai? Ou o que sobrou do teto.

— Achamos que esse seria um bom esconderijo — comentou Tam — mas elas chegaram primeiro. Acho que esses Guardiões teriam matado nós dois se Marin e algumas outras do Círculo das Mulheres não estivessem aqui, quando chegamos.

Abell fez uma careta.

— Acho que o que os impediu foi as Aes Sedai terem descoberto quem éramos. Quem eram nossos filhos, quer dizer. Elas demonstram interesse demais por vocês, para o meu gosto. — Ele hesitou, passando o dedo pelo arco. — Aquela Alanna deixou escapar que vocês são *ta'veren*. Todos os três. Ouvi dizer que Aes Sedai não conseguem mentir.

— Não vi nenhum sinal disso em mim — respondeu Perrin, em um tom amargo. — Nem em Mat.

Tam olhou para ele ao não ouvir menção a Rand. Perrin precisava aprender a mentir melhor, se quisesse guardar os próprios segredos e os dos outros. Mas o homem disse apenas:

— Talvez vocês só não saibam o que procurar. Como foi que você passou a viajar com um Ogier e três Aiel?

— O último mascate que vi disse que havia Aiel deste lado da Espinha do Mundo — explicou Abell — mas não acreditei. Ele contou que ouviu dizer que havia Aiel em Murandy, por incrível que pareça, ou talvez em Altara. Não tinha muita certeza de onde, exatamente, mas era bem longe do Deserto.

— Essas coisas não têm nada a ver com ser *ta'veren* — respondeu Perrin. — Loial é um amigo que veio me ajudar. Gaul também é um amigo, acho. Bain e Chiad vieram com Faile, não comigo. É tudo meio complicado, mas simplesmente aconteceu. Não tem nada a ver com essa história de *ta'veren*.

— Bom, seja qual for a razão — retrucou Abell — as Aes Sedai estão interessadas em vocês três. Tam e eu viajamos até Tar Valon, no ano passado, até a Torre Branca, pois queríamos descobrir onde vocês estavam. Foi difícil fazer uma delas admitir que sabia seus nomes, mas ficou claro que as mulheres escondiam alguma coisa. A Curadora das Crônicas nos despachou em um barco rio abaixo com os bolsos cheios de dinheiro e as cabeças cheias

de garantias vazias antes mesmo de conseguirmos nos despedir. Eu não gosto da ideia de que a Torre possa estar usando Mat de alguma forma.

Perrin desejou poder dizer ao pai de Mat que nada daquilo estava acontecendo, mas não sabia ao certo se conseguiria contar tamanha mentira com a cara lavada. Moiraine não estava de olho em Mat porque gostava do sorriso dele, mas o rapaz estava tão profundamente atrelado à Torre quanto o próprio Perrin, talvez até mais. Os três estavam amarrados, e a Torre movia os cordéis.

Um silêncio se abateu sobre eles, até que Tam disse, baixinho:

— Rapaz, sobre a sua família. Tenho notícias tristes.

— Eu sei — respondeu Perrin, mais do que depressa, e o silêncio se abateu outra vez, cada um a encarár as próprias botas. Era um silêncio necessário. Eles precisavam de alguns instantes para se afastar das emoções dolorosas e do constrangimento de tê-las desveladas diante de todos.

Eles ouviram asas batendo, e Perrin olhou para cima e viu um grande corvo pousando em um carvalho a cinquenta passadas de distância, com os olhos negros e miúdos perscrutando, penetrantes, os três homens. Sua mão voou até a aljava, mas, no momento em que levava a flecha ao rosto, outras duas derrubaram o corvo do poleiro. Tam e Abell já estavam encaixando novas flechas nos arcos, os olhos varrendo as árvores e o céu à procura de mais pássaros negros. Não havia nada.

A flechada de Tam acertara o corvo na cabeça, o que não era surpresa ou acidente. Perrin não mentira quando dissera a Faile que aqueles dois homens eram melhores do que ele com o arco. Ninguém em Dois Rios era páreo para a pontaria de Tam.

— Criaturas imundas — resmungou Abell, pisando no pássaro para soltar a flecha. Limpou a ponta na terra e devolveu-a à aljava. — Estão para tudo que é lado, hoje em dia.

— As Aes Sedai nos contaram o que são — explicou Tam — explicaram que eles espionam para os Desvanecidos, e nós espalhamos a notícia. O Círculo das Mulheres também. Mas ninguém deu muita bola até eles começarem a atacar as ovelhas, arrancando os olhos e até matando algumas. A tosquia já vai ser ruim o bastante sem isso, esse ano. Não que importe muito, acho. Com esses Mantos-brancos e Trollocs, duvido que vá aparecer algum mercador atrás da nossa lã, este ano.

— Algum idiota ficou doido por causa disso — acrescentou Abell. — Talvez mais de um. Encontramos todo tipo de animais mortos. Coelho, cervos, raposas, até um urso. Foram mortos e largados para apodrecer. Não tiraram nem a pele da maioria. Foi um homem, ou mais de um, e não Trollocs. Encontrei pegadas. Um homem grande, mas pequeno demais para ser um Trolloc. Uma vergonha e um desperdício.

Matador. Matador estava ali, e não apenas no sonho de lobo. Matador e Trollocs. O homem no sonho tinha sido familiar. Perrin arrastou terra e folhas com a bota por cima do corvo morto. Haveria tempo para lidar com os Trollocs depois. Uma vida inteira, se fosse preciso.

— Eu prometi a Mat que cuidaria de Bo e de Eldrin, Mestre Cauthon. Será que vai ser muito difícil libertar as duas e os outros?

— Difícil. — Abell suspirou, deixando o rosto desabar. Ele de repente pareceu muito mais velho. — Difícil demais. Cheguei perto o bastante para dar uma olhada em Natti, depois que a levaram. Andei ao redor da tenda onde estão todos presos. Consegui vê-la, mas havia uns duzentos Mantos-brancos entre nós. Fui um pouco descuidado, e um deles acertou uma flecha em mim. Se Tam não tivesse me arrastado cá, de volta para as Aes Sedai...

— É um acampamento bem grande — comentou Tam — fica bem abaixo de Colina da Vigília. Setecentos ou oitocentos homens. Patrulhas noite e dia, com a maior concentração na descida de Colina até Campo de Emond. Se estivessem mais espalhados, seria mais fácil para nós, mas, a não ser por algumas centenas de homens que ficaram em Barca do Taren, os Filhos basicamente entregaram o restante de Dois Rios para os Trollocs. As coisas estão ruins lá em Trilha de Deven, pelo que ouvi dizer. Toda noite uma fazenda é incendiada. O mesmo entre Colina da Vigília e o Rio Taren. Trazer Natti e os outros vai ser difícil, e depois ainda vamos ter que torcer para as Aes Sedai deixarem que todos fiquem aqui. Aquelas duas não gostam muito que os outros saibam onde estão.

— Tenho certeza de que alguém vai escondê-los — protestou Perrin. — Não vão me dizer que todo mundo virou as costas para vocês. Ninguém acredita realmente que vocês sejam Amigos das Trevas.

Assim que disse aquilo, Perrin lembrou-se de Cenn Buie.

— Não, isso não — concordou Tam — a não ser por alguns idiotas. Muita gente nos dá refeições ou nos deixa passar a noite no celeiro, às vezes até cedem uma cama, mas você precisa entender que todos ficam desconfortáveis em ajudar alguém que está sendo caçado pelos Mantos-brancos. E não se pode culpá-los. As coisas estão difíceis demais, a maioria dos homens está tentando cuidar de suas famílias da melhor forma que pode. Pedir que alguém acolha Natti e as meninas, Haral e Alsbet... bom, pode ser pedir demais.

— Eu pensava melhor do povo de Dois Rios — resmungou Perrin.

Abell abriu um sorriso fraco.

— A maioria do pessoal está se sentindo meio imprensada entre duas pedras de moinho, Perrin. Estão só torcendo para não serem moídos entre Mantos-brancos e Trollocs até virem farinha.

— Deveriam parar de torcer e fazer alguma coisa. — Por um instante, Perrin sentiu vergonha. Não morava ali havia um tempo, não fazia ideia de como estavam as coisas. Mesmo assim, tinha razão. Enquanto o povo se escondesse atrás dos Filhos da Luz, teria de tolerar que eles fizessem o que quisessem, fosse confiscar livros ou prender mulheres e crianças. — Amanhã vou dar uma olhada nesse acampamento dos Mantos-brancos. Deve haver algum jeito de libertar o pessoal. Assim que eles estiverem livres, podemos nos preocupar com os Trollocs. Certa vez, um Guardião me contou que os Trollocs chamam o Deserto Aiel de “Campo da Morte”. Quero que também chamem Dois Rios assim.

— Perrin — começou Tam, depois parou, parecendo perturbado.

Perrin sabia que seus olhos refletiam a luz, mesmo ali nas sombras sob o carvalho. Sentiu o rosto duro feito pedra.

Tam suspirou.

— Primeiro vamos cuidar de Natti e dos outros. Depois decidimos o que fazer com os Trollocs.

— Não deixe que isso o consuma por dentro, garoto — murmurou Abell.

— Se a gente deixar, o ódio cresce até queimar tudo o mais dentro da gente.

— Não tem nada me consumindo — respondeu Perrin, com a voz firme. — Só quero fazer o que é preciso.

Ele passou o polegar pela extremidade do machado. Fazer o que era preciso.

* * *

Dain Bornhald se endireitou na sela enquanto o cento que levava para a patrulha se aproximavam de Colina da Vigília. Agora eram menos de cem. Onze selas levavam corpos amarrados e envoltos em mantos, e vinte e três outros homens estavam feridos. Os Trollocs tinham armado uma emboscada muito boa, e era provável que se saíssem bem-sucedidos contra soldados menos bem treinados, menos resistentes que os Filhos. O que o deixava incomodado era que aquela era a terceira patrulha a sofrer um ataque poderoso. Não fora um encontro fortuito, não ocorrera durante os incêndios e matanças dos Trollocs, fora um ataque planejado. E isso acontecera apenas a patrulhas que ele liderava. Os Trollocs tentavam evitar os outros. Era algo que levantava questões preocupantes, e as explicações que ele encontrava não forneciam muitas soluções.

O sol estava se pondo. Umas poucas luzes já surgiam na aldeia que cobria a colina de cima a baixo com telhados de palha. O único de telhas ficava bem no cume, era da estalagem Javali Branco. Fosse outra noite, ele teria ido até lá tomar uma caneca de vinho, apesar do silêncio nervoso que se abatia no local com a chegada de um Manto-branco com um raio de sol dourado. Ele quase não bebia, mas às vezes gostava de ficar na companhia de outras pessoas além dos Filhos. Depois de um tempo, eles pareciam se esquecer um pouco de sua presença e voltavam a rir e conversar entre si. Mas apenas se fosse outra noite. Naquela, queria ficar sozinho para pensar.

Havia atividade entre os cerca de cem carroções coloridos agrupados a menos de uma milha do cume da montanha. Homens e mulheres vestidos em tons ainda mais coloridos que os carroções examinavam cavalos e arreios, guardando as cargas que haviam passado semanas no chão do acampamento. Parecia que o Povo Errante pretendia fazer jus ao próprio nome, e provavelmente partir à primeira luz do dia.

— Farran! — O robusto centurião cravou os calcanhares no cavalo para se aproximar, e Bornhald inclinou a cabeça em direção à caravana Tuatha'an. — Informe ao Buscador que, se ele quiser mover seu povo, que sigam para o sul.

— Seus mapas informavam que não havia como cruzar o Taren exceto por Barca do Taren, mas, assim que cruzou o rio, começou a perceber como os mapas eram velhos. Ninguém deixaria Dois Rios para levar seus homens a uma armadilha, não enquanto ele pudesse impedir. — E, Farran? Não há necessidade de botas ou punhos, está bem? Basta usar palavras. Este Raen tem ouvidos.

— O senhor é quem manda, Lorde Bornhald. — O centurião souou apenas um pouco desapontado.

Farran levou o punho com manoplas ao coração e seguiu em direção ao acampamento Tuatha'an. Não gostava da ordem, mas obedeceria. Por mais que desprezasse o Povo Errante, era um bom soldado.

A visão do próprio acampamento trouxe um instante de orgulho para Bornhald, as fileiras compridas e organizadas de tendas brancas em formato de triângulo, as fileiras de piquetes para os cavalos ordenadas com precisão. Mesmo ali, naquele canto do mundo abandonado pela Luz, os Filhos se cuidavam, sem jamais se permitir afrouxar a disciplina. Era mesmo um lugar abandonado pela Luz. Os Trollocs eram a prova. Se incendiavam fazendas, significava apenas que parte do povo ali era pura. Parte. O restante se curvava em mesuras, dizendo “sim, meu senhor”, “como quiser, meu senhor” e depois faziam, teimosamente, o que queriam assim que ele virava as costas. Além do mais, estavam escondendo uma Aes Sedai. No segundo dia que passaram ao sul do Taren, mataram um Guardião. O manto furta-cor era prova suficiente. Bornhald odiava Aes Sedai, mulheres mexendo com o Poder como se uma Ruptura do Mundo já não tivesse sido suficiente. Fariam tudo de novo, se ninguém as impedisse. O bom humor momentâneo evaporou feito neve na primavera.

Seus olhos buscaram a tenda onde os prisioneiros estavam sendo mantidos, de onde só saíam por um breve período diário para se exercitar, e um de cada vez. Ninguém tentaria fugir se tivesse que deixar os outros para trás. Não que fossem conseguir correr mais de doze passadas — havia um guarda em cada extremidade da tenda, e, a doze passadas para todas as direções, havia mais pelo menos vinte Filhos — mas Bornhald queria o mínimo de confusão possível. Confusão gera confusão. Se fosse preciso tratar os prisioneiros com brutalidade, talvez houvesse ressentimentos na aldeia a ponto de algo acabar precisando ser feito. Byar era um idiota. Ele — e outros, sobretudo Farran — queriam interrogar os prisioneiros. Bornhald não era um Questionador e nem gostava de usar os métodos deles. Não pretendia deixar Farran chegar perto daquelas garotas, mesmo que fossem Amigas das Trevas, como Ordeith alegava.

Amigas das Trevas ou não, Bornhald cada vez mais se dava conta de que só estava atrás de um Amigo das Trevas. Mais do que Trollocs e do que Aes Sedai, queria Perrin Aybara. Não conseguia dar crédito às histórias do homem correndo com os lobos que Byar contara, mas ele afirmara com toda clareza que Aybara atraía o pai de Bornhald para uma armadilha dos Amigos das Trevas. Perrin levava Geofram Bornhald à morte em Ponta de Toman pelas mãos de Amigos das Trevas Seanchan e suas aliadas Aes Sedai. Talvez, se

nenhum dos Luhhan abrisse o bico logo, deixaria Byar fazer o que quisesse com o ferreiro. O homem, ou a mulher, que teria de assistir, acabaria cedendo. Um deles revelaria como encontrar Perrin Aybara.

Quando ele desceu do cavalo diante da tenda, viu Byar, rígido e magricela, mais parecendo um espantalho, à sua espera. Bornhald lançou um olhar de desgosto na direção de um grupo muito menor de tendas, mais afastado do resto. O vento vinha daquela direção, e dava para sentir o cheiro do outro acampamento. Eles não cuidavam nem das fileiras de piquetes, nem de si mesmos.

— Ordeith voltou, ao que parece.

— Sim, milorde Bornhald. — Byar fez uma pausa, e Bornhald o encarou com um olhar questionador. — Relataram uma escaramuça com Trollocs ao sul. Dois mortos. Seis feridos, pelo que dizem.

— E quem foram os mortos? — perguntou Bornhald, baixinho.

— O Filho Joelin e o Filho Gomanes, milorde Bornhald. — A expressão encovada de Byar não se alterou.

Bem devagar, Bornhald removeu as manoplas com dorso de aço. Aqueles dois haviam sido enviados para acompanhar Ordeith, para ver o que ele fazia em suas incursões para o sul. Sempre cauteloso, ele não ergueu a voz.

— Meus cumprimentos ao Mestre Ordeith, Byar, e... não! Nada de cumprimentos. Diga a ele, nestas palavras, que quero ver seus ossos magros na minha frente agora mesmo. Diga isso, Byar, e traga-o aqui nem que tenha de prendê-lo junto com aquela gente nojenta que desgraça os Filhos. Vá.

Bornhald conteve a raiva até adentrar a tenda e baixar a aba, então varreu os mapas e o estojo de escrita de cima da mesa com um rosnado. Ordeith devia tomá-lo por um imbecil. Já duas vezes enviara homens para acompanhar o sujeito, e por duas vezes eles foram as únicas mortes em uma “escaramuça com Trollocs” que não deixara qualquer outro ferido como prova. Sempre ao sul. O homem estava obcecado com Campo de Emond. Ora, ele mesmo teria estabelecido acampamento por lá, não fosse por... Bem, não servia de nada pensar naquilo. Estava com os Luhhan. Eles lhe entregariam Perrin Aybara, de um jeito ou de outro. Colina da Vigília era um lugar muito melhor, caso precisasse seguir para Barca do Taren depressa. Os aspectos militares deviam ficar acima das motivações pessoais.

Pela milésima vez, Bornhald se perguntou por que o Senhor Capitão Comandante o enviara até ali. O povo não era diferente do que já vira em centenas de outros lugares. A diferença era que apenas o povo de Barca do Taren demonstrava entusiasmo em eliminar os Amigos das Trevas que caminhavam entre os moradores. Os outros ficavam olhando, teimosos e rabugentos, ao ver a Presa do Dragão rabiscada em uma porta. O povo de uma aldeia sempre sabia quem eram seus indesejáveis. Com um pouco de encorajamento, estavam sempre prontos a se purificar, e quaisquer Amigos das Trevas sem dúvida seriam varridos com os outros que o povo quisesse ver longe. Mas não ali. A marca preta de uma presa arranhada em uma porta poderia muito bem ser uma nova pintura, considerando o pouco efeito que causava. E os Trollocs. Será que Pedron Niall sabia que os Trollocs viriam,

quando escreveu aquelas ordens? Como poderia saber? No entanto, se não sabia, por que enviara Filhos em número suficiente para conter uma pequena rebelião? E por que, sob a Luz, o Senhor Capitão Comandante dera a ele a responsabilidade de cuidar de um assassino louco?

A borda da tenda se abriu, e Ordeith adentrou. O fino casaco cinza tinha bordados em prata, mas estava bastante manchado. O pescoço franzino também estava sujo, esticando-se para fora da gola, o que o fazia parecer uma tartaruga.

— Boa noite para o senhor, milorde Bornhald. Uma noite excelente e esplêndida. — O sotaque de Lugard estava forte.

— O que houve com o Filho Joelin e o Filho Gomanes, Ordeith?

— Uma coisa terrível, milorde. Quando avançamos para os Trollocs, o Filho Gomanes bravamente... — Bornhald o acertou na cara com as manoplas. Cambaleante, o homem ossudo levou a mão ao lábio ferido, depois examinou o vermelho que escorria nos dedos. O sorriso em seu rosto já não era de zombaria. Era traiçoeiro. — Está se esquecendo de quem assinou minha comissão, fidalgo? Pedron Niall pode enforcar o senhor nas tripas da sua mãe a uma só palavra minha, e isso depois de esfolar os dois ainda vivos.

— Isso se você viver para dizer alguma coisa, não é?

Ordeith soltou um rosnado, agachando-se feito um selvagem e espumando bolhas de saliva. Depois de um tempo se sacudiu, e, bem devagar, endireitou a postura.

— Precisamos trabalhar juntos. — O sotaque de Lugard desaparecera, substituído por um tom mais grandioso e autoritário. Bornhald preferia o sotaque de escárnio de Lugard do que aquele, levemente bajulador, com um desprezo quase velado. — A Sombra nos envolve por toda parte, neste lugar. Não apenas Trollocs e Myrddraal. Eles são o menor dos males. Três males foram gerados aqui, Amigos das Trevas criados para abalar o mundo, sua criação foi supervisionada pelo próprio Tenebroso por mil anos ou mais. Rand al'Thor. Mat Cauthon. Perrin Aybara. Você sabe os nomes deles. Neste lugar, há forças que vão perturbar o mundo. Criaturas da Sombra caminham pela noite, maculando os corações dos homens, corrompendo os sonhos. Flagele esta terra. Flagele-a, e eles virão. Rand al'Thor. Mat Cauthon. Perrin Aybara. — Sua voz pronunciou o último nome quase como uma carícia.

Bornhald soltou um suspiro entrecortado. Não sabia ao certo como Ordeith descobrira o que ele queria naquele lugar. Um dia, o homem simplesmente revelara que já sabia.

— Eu encobri o que você fez na fazenda dos Aybara...

— Flagele tudo. — Havia um toque de loucura naquela voz majestosa, e a testa de Ordeith pingava de suor. — Fustigue tudo, e os três virão.

Bornhald ergueu a voz.

— Eu encobri porque foi preciso. — Não tivera escolha. Se a verdade viesse à tona, teria de lidar com mais do que olhares emburrados. A última coisa de que precisava era uma rebelião declarada para se somar aos Trollocs. — Mas não vou perdoar a morte de Filhos. Está me ouvindo? O que você está fazendo, que precisa se esconder dos Filhos?

— O senhor duvida de que a Sombra vá fazer o que for preciso para me impedir?

— O quê?

— O senhor duvida? — Ordeith inclinou-se para a frente, com o olhar intenso. — O senhor viu os Homens Cinza.

Bornhald hesitou. Cinquenta Filhos à sua volta, no meio de Colina da Vigília, e ninguém percebera os dois com adagas. Ele olhara direto para eles e não os vira. Até Ordeith matá-los. O sujeitinho franzino ganhara bastante respeito dos homens com aquilo. Mais tarde, Bornhald cavou um buraco bem fundo para enterrar as adagas. Aquelas lâminas pareciam de aço, mas seu toque causticava como metal incandescente. A primeira leva de terra jogada por cima delas ardera com muitos chiados.

— Acha que estavam atrás de você?

— Ah, sim, milorde Bornhald. Estavam atrás de mim. Farão o que for preciso para me impedir. A própria Sombra quer me deter.

— Isso ainda não é desculpa para a matança de...

— Preciso fazer o que faço em segredo. — Foi um sussurro, quase um sibilo. — A Sombra consegue penetrar as mentes dos homens para me descobrir, consegue penetrar os pensamentos e sonhos dos homens. O senhor gostaria de morrer em um sonho? Pode acontecer.

— Você está... louco.

— O senhor me dê carta branca, e eu lhe entrego Perrin Aybara. É isso que requerem as ordens de Pedron Niall. Carta branca para mim, e coloco Perrin Aybara nas suas mãos.

Bornhald ficou em silêncio por um longo instante.

— Não quero olhar para a sua cara — disse, por fim. — Saia daqui.

Depois que Ordeith foi embora, Bornhald estremeceu. O que o Senhor Capitão Comandante estaria aprontando junto com aquele homem? Mas, se isso fosse trazer Aybara para suas mãos... Jogou as manoplas no chão e começou a vasculhar os próprios pertences. Guardara um frasco de conhaque em algum lugar.

* * *

O homem que se intitulava Ordeith, que às vezes até pensava em si mesmo como Ordeith, esgueirou-se furtivo pelas tendas dos Filhos da Luz, observando os homens de manto branco com um olhar cauteloso. Eram instrumentos úteis, instrumentos ignorantes, mas nada confiáveis. Sobretudo Bornhald, que teria de ser descartado se começasse a causar muitos problemas. Seria bem mais fácil de lidar com Byar. Mas não ainda. Havia outras questões mais importantes. Alguns dos soldados assentiam com um olhar respeitoso quando ele passava. Ordeith mostrava os dentes no que os homens pensavam ser um sorriso amistoso. Instrumentos imbecis.

Seus olhos, famintos, percorreram a tenda que abrigava os prisioneiros. Eles podiam esperar. Mais um pouquinho. Só mais um pouquinho. Eram

apenas um aperitivo, de todo modo. Isca. Deveria ter se refreado na fazenda Aybara, mas Con Aybara tinha rido na cara dele, e Joslyn o chamara de idiota de mente suja por ter acusado o filho dela de ser Amigo das Trevas. Bom, eles tinham aprendido a lição, tinham gritado e queimado. Sem perceber, Ordeith soltou uma risadinha entre dentes. Aperitivos.

Podia sentir que um daqueles que odiava estava em algum ponto ao sul, seguindo na direção de Campo de Emond. Mas qual? Não importava. Rand al'Thor era o único importante de verdade. Saber se fosse Rand al'Thor. Os boatos ainda não o haviam atraído, mas isso logo aconteceria. Ordeith sentiu um arrepio de desejo. Tinha de ser assim. Mais histórias teriam que atravessar os guardas de Bornhald em Barca do Taren, mais informes sobre a limpa em Dois Rios tinham que ser enviados, para que aquilo tudo chegasse aos ouvidos de Rand al'Thor e se fixasse em seu cérebro. Primeiro, al'Thor, depois, a Torre, pelo que haviam tirado dele. Tomaria de volta tudo o que era seu por direito.

Tudo estivera caminhando em um compasso perfeito, como um bom relógio, mesmo com os impedimentos de Bornhald. Até que aquele novo obstáculo viesse, trazendo seus Homens Cinza. Ordeith passou os dedos ossudos pelo cabelo enebado. Por que não podia ao menos ter os próprios sonhos? Não era mais uma marionete manejada por Myrddraal e Abandonados, ou até pelo próprio Tenebroso. Agora, puxava as próprias cordas. Eles não tinham como impedi-lo, não tinham como matá-lo.

— Nada pode me matar — murmurou, com uma careta de desprezo. — Não a mim. Tenho sobrevivido desde as Guerras dos Trollocs.

Bem, parte dele tinha, mesmo. Soltou uma risada estridente, ouvindo a loucura naquela cacarejo, consciente dela, sem se importar.

Um jovem oficial Manto-branco franziu o cenho para ele. Dessa vez, os dentes arreganhados de Ordeith não estampavam sorriso algum, e o rapaz de face peluda recuou. Ordeith seguiu apressado, se esgueirando.

Moscas zuniam em volta das tendas, e olhos sombrios e cheios de suspeita desviaram dos seus. Os Mantos-brancos ali eram uns porcos. Mas as espadas eram afiadas, e a obediência, imediata e incondicional. Bornhald achava que aqueles homens ainda lhe pertenciam. Pedron Niall também acreditava nisso, acreditava que Ordeith era uma criatura que ele subjugara. Imbecis.

Balançando a lona da tenda, Ordeith entrou para examinar seu prisioneiro, estirado entre dois ganchos de parede grossos o suficiente para sustentar uma junta de carroças. A corrente de aço bom estremeceu quando ele conferiu os elos, mas tomara o cuidado de calcular quanto era necessário, depois dobrara a conta. Ainda bem que o fizera. Uma volta a menos, e aqueles robustos elos de aço teriam se rompido.

Com um suspiro, sentou-se na beirada da cama. Os lampiões já estavam acesas, mais de uma dúzia, sem deixar sombra em lugar algum. Do lado de dentro, a tenda estava iluminada como se fosse meio-dia.

— Pensou na minha proposta? Aceite, e sai daqui livre. Recuse e... bem, sei como machucar os da sua laia. Posso fazer você gritar em uma morte sem fim. Morte sem fim, gritos sem fim.

Um solavanco fez as correntes tilintarem. As estacas, cravadas firmemente no chão, rangeram.

— Muito bem. — A voz do Myrddraal era como o sibilo seco e decrépito de uma serpente. — Eu aceito. Me solte.

Ordeith sorriu. A criatura achava que ele era idiota. Ah, ela aprenderia a lição. Todos aprenderiam.

— Primeiro, vamos concluir... digamos, nosso acordo? — Enquanto ele falava, o Myrddraal começou a suar.



PERGUNTAS A SEREM FEITAS

— Em breve partiremos para Colina da Vigília — anunciou Verin, na manhã seguinte, com o sol nascente perolizando o céu lá fora — então nada de enrolação. — Perrin ergueu os olhos do mingau frio e encontrou um olhar firme, que indicava que a Aes Sedai não esperava discussão. Depois de um instante, ela acrescentou, pensativa: — Não pense que isso significa que vou ajudar em qualquer insensatez. Você é um jovem traiçoeiro. Não vá tentando me enrolar.

Tam e Abell pararam com as colheres a meio caminho da boca, trocando olhares surpresos. Estava óbvio que, antes de Perrin chegar, eles tinham seguido seu caminho e as Aes Sedai, o delas. Depois de um instante, os dois voltaram a comer, embora mantivessem os cenhos franzidos. Não expressaram qualquer objeção. Mesmo assim, Tomas, cujo manto de Guardião já estava guardado nos alforjes, lançou a eles — e a Perrin — um olhar duro, como se antecipasse uma discussão e quisesse impedi-la. Os Guardiões faziam tudo o que fosse necessário para que as Aes Sedai conseguissem o que queriam.

Verin queria se intrometer na história, é claro — Aes Sedai sempre faziam isso — mas sem dúvida era melhor tê-la à vista do que pelas costas. Quando as Aes Sedai decidiam meter o dedo nas coisas, era quase impossível evitar que se envolvessem. A única coisa a fazer era tentar usá-las enquanto elas o usavam, ficar atento, à espera da oportunidade de pular fora se elas decidissem enfiá-lo de cabeça, feito um furão, em uma toca de coelho. Às vezes, a toca se revelava o covil de um texugo, o que era ainda mais difícil para o furão.

— Você também seria bem-vinda — disse Perrin a Alanna, mas a mulher respondeu com um olhar gélido que o fez se calar.

A Verde rejeitara o mingau e se sentara diante de uma das janelas encobertas por trepadeiras, admirando a paisagem por trás da moldura

folhosa.

Perrin não sabia dizer se a mulher aprovava seus planos de fazer um reconhecimento da área. Era quase impossível dizer o que ela pensava. Aes Sedai deveriam ser a própria expressão da serenidade, e Alanna era, mas às vezes, quando menos se esperava, apareciam lampejos de seu gênio difícil e humor imprevisível, como relâmpagos estourando e desaparecendo. Às vezes, ela o encarava de um jeito que, se não fosse Aes Sedai, o faria pensar que a mulher o estivava admirando. Outras vezes, era como se ele fosse algum mecanismo complicado que Alanna queria desmontar para descobrir como funcionava. Até Verin era melhor, nesse ponto. Na maioria das vezes, a Marrom era apenas indecifrável. De vez em quando a mulher dava nos nervos, mas pelo menos Perrin não precisava ficar se perguntando se ela saberia como encaixar suas peças de volta, depois que o desmontasse.

Desejou poder fazer Faile ficar por lá — não era a mesma coisa que deixá-la para trás, só queria mantê-la a salvo dos Mantos-brancos — mas a mulher já estava com a mandíbula cerrada e um brilho perigoso nos olhos oblíquos.

— Estou ansiosa para conhecer um pouco da sua terra. Meu pai cria ovelhas. — O tom era decisivo: Faile só ficaria lá se fosse amarrada.

Por um instante, Perrin quase considerou fazer isso, mas o perigo dos Mantos-brancos não devia ser tão grande assim, já que ele pretendia apenas observar naquele dia.

— Pensei que ele fosse mercador — retrucou.

— Ele cria ovelhas também.

Duas manchas carmesim brotaram nas bochechas da jovem. Talvez o pai dela fosse um homem pobre, não um mercador. Perrin não entendia por que Faile mentiria sobre isso, mas, se era o que ela queria fazer, não tentaria impedi-la. Mas, envergonhada ou não, continuava teimosa.

Ele se lembrou do método de Mestre Cauthon.

— Não sei o quanto você vai ver. Acho que algumas fazendas já devem estar na época da tosquia. Não deve ser nem um pouco diferente do que o seu pai faz. De qualquer modo, ficarei feliz com a sua companhia. — O espanto no rosto da moça ao perceber que ele não discutiria quase fez valer a pena a preocupação de levá-la. Talvez Abell tivesse razão.

No entanto, Loial era um problema bem diferente.

— Mas eu quero ir — protestou o Ogier, quando disseram que ele não poderia. — Quero ajudar, Perrin.

— Você vai se destacar muito, Mestre Loial — explicou Abell.

— Precisamos evitar atrair ainda mais atenção — acrescentou Tam.

As orelhas de Loial desabaram, desalentadas.

Perrin puxou o amigo para o lado, o mais para longe dos outros que o salão permitia. Os cabelos desgrehados do Ogier roçaram as vigas do teto, até que o rapaz fez um gesto para que ele se abaixasse. Perrin sorriu, apenas para tentar alegrá-lo. Esperou que fosse nisso que todos acreditassem.

— Quero que fique de olho em Alanna — disse, quase em um sussurro. Loial levou um susto, e Perrin agarrou a manga do Ogier, ainda sorrindo feito bobo. — Mostre os dentes, Loial. Não estamos falando nada importante, certo?

— O Ogier conseguiu abrir um sorriso hesitante. Teria de bastar. — As Aes Sedai têm suas próprias razões para fazer o que fazem, Loial. — E podia ser o que as pessoas menos esperavam, ou o total oposto do que acreditavam que seria. — Quem é que sabe o que ela pode enfiar na cabeça? Já tive surpresas o bastante desde que voltei para casa, e não quero somar ao montante nada que venha dela. Não espero que você a impeça de fazer o que quer que seja, só fique de olho em qualquer coisa fora do comum.

— Obrigado por isso — resmungou Loial em um tom amargo, as orelhas se remexendo. — Não acha melhor só deixar as Aes Sedai fazerem o que quiserem? — Era fácil para ele dizer, já que as mulheres não conseguiam canalizar dentro de um *pouso* Ogier. Perrin apenas o encarou. Depois de um instante, Loial deu um suspiro. — Acho que não. Ah, está bem. Não dá para dizer que andar com você não seja... interessante. — A enorme criatura se endireitou, esfregou o dedo grosso no nariz e se dirigiu aos outros: — Acho que eu atrairia olhares demais, mesmo. Bom, pelo menos vou ter chance de trabalhar em meus escritos. Faz dias que não escrevo nada do livro.

Verin e Alanna trocaram olhares indecifráveis, depois voltaram rostos com expressões idênticas para Perrin, sem piscar. Não havia como dizer o que as duas pensavam.

Os animais de carga tiveram de ser deixados para trás, naturalmente. Cavalos de carga sem dúvida atrairiam comentários sobre uma viagem longa, e ninguém de Dois Rios viajava para muito longe de casa, mesmo nas melhores estações. Alanna os observou selar as montarias com um sorriso sutil de satisfação, decerto pensando que os animais e os cestos de palha o prenderiam ao antigo hospital, a ela e a Verin. Se fosse o caso, a Verde teria uma bela surpresa. Perrin já vivera muito tempo de apenas um alforje, desde que saíra de casa. Aliás, já vivera da bolsa do cinto e dos bolsos dos casacos.

Ao se levantar, depois de ajeitar a cilha da sela de Galope, levou um susto. Verin o observava com uma expressão astuta, nem um pouco vaga, como se soubesse o que ele estava pensando e se divertisse com aquilo. Já era ruim o bastante quando Faile fazia esse tipo de coisa, mas era cem vezes pior quando a expressão vinha de uma Aes Sedai. No entanto, a mulher parecia intrigada com o martelo amarrado junto ao rolo do cobertor e os alforjes. Perrin ficou contente em ver que havia alguma coisa que ela parecia não compreender. Por outro lado, podia ter evitado deixá-la tão desconfiada. Que fascínio poderia um martelo exercer sobre uma Aes Sedai?

Com apenas os animais de cavalgada para preparar, não demorou muito para estarem prontos para partir. Verin tinha um capão castanho comum, tão simplório para um olhar destreinado quanto as vestimentas da dona, mas o peito pronunciado e as ancas robustas sugeriam a mesma resistência do cavalo de seu Guardião, um cinzento de olhar feroz, alto e elegante. Galope bufou para o outro garanhão até Perrin dar uns tapinhas no pescoço dele. O cinza tinha mais disciplina — e a mesma prontidão para lutar, se Tomas permitisse. O Guardião controlava o animal tanto com os joelhos quanto com as rédeas, e os dois quase pareciam um só.

Mestre Cauthon observava o cavalo de Tomas com interesse — não era muito comum ver animais treinados para a guerra por aquelas bandas — mas o de Verin ganhou um aceno de cabeça aprovativo à primeira olhada. Abel era o melhor avaliador de cavalos que havia em Dois Rios. Sem dúvida fora ele quem escolhera os animais que ele e Tam usavam, cavalos de couro espesso, não tão grandes quanto os outros, porém robustos e com uma marcha que indicava boa velocidade e resistência.

Os três Aiel deslizaram à frente do grupo com elegância quando chegou a hora de rumar para o norte. Deram passos largos que os fizeram desaparecer depressa no meio da mata, ainda banhada nas compridas sombras da manhã, sob o brilho do sol nascente. De vez em quando dava para ver um lampejo de marrom e cinza por entre as árvores. Era provavelmente de propósito, para informar aos outros que estavam lá. Tam e Abell assumiram a liderança, mantendo os arcos atravessados no cepilho alto das selas, com Perrin e Faile atrás e Verin e Tomas cuidando da retaguarda.

Perrin preferia não ter o olhar de Verin fixado às suas costas. Sentia os olhos da mulher perfurando suas omoplatas. Perguntou-se se ela sabia sobre os lobos. Não era um pensamento confortável. Supunha-se que as Marrons sabiam coisas que as outras Ajahs desconheciam, coisas obscuras e conhecimentos antigos. Talvez Verin soubesse como ele poderia evitar se perder, perder para os lobos o que possuía de humano. Exceto por reencontrar Elyas Machera, talvez a Marrom fosse sua melhor opção. Perrin só precisava confiar nela. A mulher faria uso de qualquer informação que tivesse, e com toda certeza seria de forma a ajudar a Torre Branca, ou talvez para ajudar Rand. O único problema era que ajudar Rand talvez não trouxesse o que Perrin queria. Tudo teria sido muito mais simples sem Aes Sedai por perto.

Seguiram em silêncio, a não ser pelos sons da floresta, pelos esquilos, pica-paus e eventuais cantorias de pássaros. Em dado momento, Faile olhou para trás.

— Ela não vai fazer mal a você — afirmou, o tom suave contrastando com o brilho feroz em seus olhos escuros.

Perrin piscou. Faile queria protegê-lo. Das Aes Sedai. Nunca compreenderia aquela mulher, nem saberia o que esperar em seguida. Ela às vezes era tão confusa quanto as Aes Sedai.

Saíram da Floresta do Oeste talvez quatro ou cinco milhas a norte de Campo de Emond, com o sol alto, brilhando nos topos das árvores para o leste. Grupos de árvores isolados, formados quase apenas de folhas-de-couro, pinheiros e carvalhos, se espalhavam entre eles e os campos mais próximos de cevada, aveia, tabaco e grama alta para feno. Por estranho que fosse, não havia gente à vista, nem fumaça se erguendo das chaminés das fazendas para além dos campos. Perrin conhecia o pessoal que morava por ali. Os al'Lora ocupavam duas das casas grandes, os Barstere, as outras. Gente trabalhadora. Se houvesse alguém naquelas casas, já estariam ocupados com suas tarefas desde muito cedo. Gaul acenou nos limites de um dos aglomerados de árvores, depois desapareceu por entre os troncos.

Perrin cravou os calcanhares em Galope e aproximou-se de Tam e Abell.

— Será que a gente não devia ficar debaixo das árvores pelo máximo de tempo possível? Seis pessoas a cavalo não vão passar despercebidas.

Os animais avançavam a uma velocidade constante.

— Não tem muita gente aqui para reparar em nós, rapaz — retrucou o Mestre al'Thor — Basta ficarmos longe da Estrada do Norte. Muitas fazendas foram abandonadas, aqui tão perto da floresta. De qualquer forma, ninguém viaja sozinho esses dias, nem vai para muito longe da porta de casa. Ninguém iria dar muita atenção a dez pessoas viajando juntas, nesses tempos, embora a maioria viaje com carroções, quando muito.

— Vamos levar quase o dia todo para chegar em Colina da Vigília nesse passo — explicou Mestre Cauthon — isso já sem tentar cobrir a distância pela floresta. Pela estrada seria um pouco mais rápido, mas também teríamos mais chances de topar com algum Manto-branco. Mais chances de alguém querer nos entregar para levar a recompensa.

Tam assentiu.

— Mas também temos amigos por esses lados. Calculamos uma parada na fazenda de Jac al'Seen, lá pelo meio-dia, para dar um descanso para os cavalos e esticar as pernas. E chegaremos em Colina da Vigília ainda com luz suficiente para enxergar.

— Vai ter luz suficiente — comentou Perrin, distraído. Sempre havia luz suficiente para ele. Girou em cima da sela para espiar as fazendas atrás. Abandonadas, mas não incendiadas ou saqueadas, pelo que ele podia ver. Cortinas ainda pendiam nas janelas. Janelas intactas. Os Trollocs gostavam de destruir as coisas, e as casas vazias eram sempre um convite. Ervas daninhas já haviam crescido bastante por entre a cevada e a aveia, mas os campos não haviam sido devastados. — Os Trollocs chegaram a atacar Campo de Emond?

— Não, não houve ataques — respondeu Mestre Cauthon, em um tom agradecido. — Mas, veja bem, não teria sido fácil para eles, se atacassem. O povo aprendeu a ficar de olho vivo, naquela Noite Invernal antes da última. Atrás de cada porta tem um arco, lanças e tudo o mais. Além disso, os Mantos-brancos descem com a ronda até Campo de Emond a cada dois, três dias. Por mais que eu odeie admitir, eles afugentam os Trollocs.

Perrin balançou a cabeça.

— O senhor tem alguma ideia de quantos Trollocs são?

— Um já é demais — resmungou Abell.

— Talvez duzentos — respondeu Tam. — Talvez mais. Deve ter mais. — Mestre Cauthon parecia surpreso. — Pense só, Abell. Não sei quantos os Mantos-brancos mataram, mas os Guardiões alegam que eles e as Aes Sedai deram cabo de quase cinquenta, além de dois Desvanecidos. E, pelo que ouvimos, isso não reduziu o número de incêndios. Acho que deve ser mais, mas você faça suas contas.

O outro homem assentiu, pesaroso.

— Então por que não atacaram Campo de Emond? — perguntou Perrin. — Se duzentos ou trezentos viessem no meio da noite, poderiam incendiar a aldeia inteira e desaparecer antes que os Mantos-brancos em Colina da

Vigília ficassem sabendo. Seria ainda mais fácil atacar Trilha de Deven. Vocês disseram que os Mantos-brancos não descem tão longe.

— Sorte — murmurou Abell, mas parecia preocupado. — Foi isso. Tivemos sorte. O que mais poderia ter sido? Onde é que você quer chegar, garoto?

— Ele está tentando dizer — interveio Faile, aproximando-se dos homens — é que deve haver uma razão. — Andorinha era bem mais alto que os cavalos de Dois Rios, de modo que a moça encarava Tam e Abell de frente, com um olhar firme. — Já vi as consequências dos ataques dos Trollocs em Saldaea. Eles saqueiam o que não é incendiado, matam ou sequestram pessoas e animais das fazendas, tudo e todos que não estiverem protegidos. Vilas inteiras desapareceram, em anos ruins. Eles procuram o local mais debilitado, onde a matança possa ser maior. Meu pai... — Ela se refreou, respirou fundo e continuou. — Perrin notou o que vocês já deveriam ter notado. — Ela lhe dirigiu um sorriso orgulhoso. — Se os Trollocs não atacaram suas aldeias, deve ter algum motivo.

— Já pensei nisso — murmurou Tam — mas não consigo imaginar qual seja. Até que a gente saiba, sorte é uma resposta tão boa quanto qualquer outra.

— Talvez seja uma isca — falou Verin, juntando-se a eles. Tomas ainda estava um pouco mais para trás, os olhos escuros vasculhando o campo por onde passavam, implacáveis como os de um Aiel. O Guardião também observava o céu, pois sempre havia a possibilidade de um corvo aparecer. Quase sem parar, o olhar de Verin passou de Perrin para os dois homens mais velhos. — Notícias de problemas incessantes, notícias de Trollocs, tudo isso vai atrair as atenções para Dois Rios. Andor sem dúvida vai enviar soldados para enfrentar os Trollocs tão longe ao sul, e talvez outras nações façam o mesmo. Isso se os Filhos estiverem permitindo que qualquer notícia corra, é claro. Suponho que os guardas da Rainha Morgase não fiquem muito mais animados com a perspectiva de encontrar tantos Mantos-brancos do que ficariam com encontrar Trollocs.

— Guerra — murmurou Abell. — O que temos já é bastante ruim, mas você está falando de guerra.

— Pode ser — respondeu Verin, complacente. — Pode ser.

Com a testa franzida de preocupação, ela tirou do bolso uma caneta de ponta de aço e um pequeno livro com encadernação em tecido, depois abriu um estojinho de couro preso ao cinto que continha tinta e areeiro. Limpou a caneta na manga, absorta, e começou a rabiscar nas páginas, apesar do desconforto de escrever montada a cavalo. Parecia alheia a qualquer preocupação que pudesse ter causado. E talvez estivesse, mesmo.

Mestre Caution continuou murmurando “guerra” entre dentes, espantado, e Faile, com olhos tristes, tocou o braço de Perrin em um gesto reconfortante.

Mestre al'Thor apenas grunhiu. Perrin ouvira dizer que o homem já estivera em uma guerra, mas não sabia exatamente onde ou como. Sabia apenas que, quando jovem, o pai de Rand fora para algum lugar fora de Dois Rios, de onde retornou anos depois com uma esposa e um filho, Rand. Pouca

gente de Dois Rios saía de lá. Perrin duvidava de que alguém da cidade soubesse o que significava uma guerra, a não ser pelo que ouviam dos mascates, mercadores e dos guardas e condutores dos carroções. Porém, ele sabia. Já presenciara uma guerra, lá em Ponta de Toman. Abell estava certo. O que tinham já era bastante ruim, mas não chegava sequer perto de uma guerra.

Manteve-se calmo. Talvez Verin estivesse certa, mas talvez só quisesse que os outros parassem de especular. Se a investida dos Trollocs em Dois Rios fosse isca para uma armadilha, só podia ser para Rand. Nesse caso as Aes Sedai já saberiam. Esse era um dos problemas com Aes Sedai: elas iam soltando “ses” e “talvezes” até que todos tivessem certeza de que elas haviam afirmado claramente o que fora apenas sugerido. Bem, se os Trollocs — ou quem os tivesse mandado. Um dos Abandonados, talvez? — quisessem pegar Rand em uma armadilha, teriam de lidar com Perrin preso nela, em vez disso. Um simples ferreiro em vez do Dragão Renascido. E ele não pretendia cair em armadilha alguma.

Cavalgaram em silêncio pelo resto da manhã. Naquela região, as fazendas eram esparsas, com às vezes uma milha ou mais de distância entre uma e outra. Todas estavam abandonadas, com os campos sufocados de ervas e as portas dos celeiros se balançando ao sabor das brisas errantes. Apenas uma fora incendiada, e dela nada restava além de chaminés, dedos negros de fuligem avultando-se em meio às cinzas. Os que morreram ali — os Ayellin, primos dos que moravam em Campo de Emond — tinham sido enterrados perto das pereiras atrás da casa. Os poucos que haviam sido encontrados. Abell teve de ser pressionado para falar a respeito, e Tam não se pronunciou. Pareciam pensar que aquilo o deixaria chateado. Perrin sabia o que os Trollocs comiam. Qualquer tipo de carne. Passou o dedo pelo machado, distraído, até que Faile pegou sua mão. Por alguma razão, era ela quem parecia perturbada. Achava que ela soubesse mais a respeito de Trollocs.

Os Aiel conseguiram ficar fora de vista até nos trechos entre os aglomerados de árvores, a menos que desejassem ser vistos. Quando Tam começou a traçar um ângulo em direção ao leste, Gaul e as duas Donzelas acompanharam o grupo.

Como Mestre Caution previra, a fazenda dos al'Seen surgiu ao longe antes de o sol alcançar a altura máxima. Não havia outra fazenda à vista, embora algumas colunas de fumaça bem espaçadas se erguessem a norte e a leste. Por que aquelas pessoas insistiam em ficar, mesmo isoladas daquele jeito? Se os Trollocs vissem, a única esperança seria de que os Mantos-brancos por acaso estivessem próximos.

Enquanto a grande fazenda ainda parecia pequena, a distância, Tam puxou a rédea e acenou para que os Aiel se juntassem a eles, então sugeriu que encontrassem um lugar onde ficar até que os outros sássem da fazenda.

— Ninguém vai comentar sobre mim ou Abell, mas vocês três vão gerar o falatório mais intenso do mundo.

Isso era para dizer o mínimo, considerando as roupas estranhas, as lanças e o fato de que entre os Aiel havia duas mulheres. Um coelho balançava ao

lado da aljava de cada um, embora Perrin não entendesse como os Aiel haviam arrumado tempo para caçar e ainda se manter à frente dos cavalos. Aliás, eles pareciam menos cansados que os cavalos.

— Muito bem — disse Gaul. — Vou arrumar um lugar para comer e fico atento, esperando vocês saírem.

Ele se virou na mesma hora e começou a caminhar a passos largos. Bain e Chiad se entreolharam. Depois de um instante, Chiad deu de ombros, e as duas foram atrás.

— Eles não estão juntos? — perguntou o pai de Mat, coçando a cabeça.

— É uma longa história — respondeu Perrin.

Era melhor do que dizer ao homem que Chiad e Gaul podiam decidir matar um ao outro por uma rixa. Torcia para que o juramento de água contivesse os dois. Precisava se lembrar de perguntar a Gaul o que era um juramento de água.

A fazenda dos al'Seen era tão grande quanto as outras de Dois Rios, com três celeiros altos e cinco galpões de cura de tabaco. O redil de paredes de pedra, cheio de ovelhas de caras pretas, tinha a largura de alguns pastos, e pátios gradeados separavam as vacas leiteiras de manchas brancas do gado preto de corte. Porcos grunhiam contentes, chafurdando na lama; galinhas circulavam por todo lado e gansos brancos nadavam em um laguinho de bom tamanho.

A primeira coisa estranha que Perrin notou foram os garotos nos telhados de palha da casa e dos celeiros. Eram oito ou nove, e portavam arcos e aljavas. Deram gritos de aviso assim que avistaram os cavaleiros, e as mulheres entraram apressadas com as crianças e estreitaram os olhos para ver quem estava chegando. Os homens se reuniram no pátio da fazenda, alguns com arcos, outros com ancinhos e foices erguidos como se fossem armas. Muita gente. Muita mesmo, até para uma fazenda tão grande. Perrin lançou a Mestre al'Thor um olhar indagativo.

— Jac acolheu o pessoal de seu primo, Wit — explicou Tam — porque a fazenda de Wit ficava muito perto da Floresta do Oeste. Daí veio o pessoal de Flann Lewin, depois que a fazenda deles foi atacada. Os Mantos-brancos expulsaram os Trollocs antes que mais do que os celeiros fossem incendiados, mas Flann decidiu que era hora de ir. Jac é um bom homem.

Quando adentraram o pátio da fazenda, Tam e Abell foram reconhecidos, e os homens e mulheres se aglomeraram à volta deles com sorrisos e cumprimentos enquanto todos desciam dos cavalos. Ao ver a cena, as crianças saíram correndo da casa, seguidas das mulheres que tomavam conta delas e de outras, que saíam da cozinha ainda limpando as mãos nos aventais. Todas as gerações estavam representadas, desde Astelle al'Seen, de cabeça branca e corcunda, mas usando o cajado mais para afastar os outros do que para se apoiar, até um bebê todo enroladinho nos braços de uma mulher muito robusta e de sorriso contagiante.

Perrin passou os olhos pela mulher robusta e sorridente e seguiu para outra pessoa, então virou a cabeça para trás de repente. Quando deixou Dois Rios, Laila Dearn era uma garota magricela, capaz de dançar com três rapazes

quase ao mesmo tempo. Apenas os olhos e o sorriso eram os mesmos. Ele sentiu um calafrio. Houve uma época em que sonhava em se casar com Laila, e ela de certa forma correspondia ao sentimento. A verdade era que a mulher se apegara à ideia por mais tempo que ele. Por sorte, Laila estava extasiada demais com o bebê e o rapaz ainda mais corpulento ao seu lado para prestar muita atenção em Perrin. Ele também reconheceu o homem. Natley Lewin. Então agora Laila era uma Lewin. Que estranho. Nat nunca dançava. Agradecendo à Luz por ter fugido, Perrin olhou em volta em busca de Faile.

Encontrou-a girando as rédeas de Andorinha, absorta, enquanto a égua fuçava seu ombro. Mas a mulher estava ocupada demais abrindo um sorriso de admiração para Wil al'Seen, um primo das bandas de Trilha de Deven, para reparar no animal, e Wil sorria de volta. Era um rapaz bonito. Bem, era um ano mais velho que Perrin, mas bonito a ponto de ter uma aparência meio juvenil. Quando Wil vinha a Campo de Emond para as danças, as garotas ficavam suspirando por ele. Do jeitinho que Faile estava fazendo. Tudo bem que a mulher não estava suspirando, mas seu sorriso era decididamente de aprovação.

Perrin se aproximou e envolveu-a com um dos braços, pousando a outra mão no machado.

— Como vai, Wil? — perguntou, esforçando-se ao máximo para sorrir.

Não havia motivo para deixar Faile pensar que estava com ciúmes. Não que estivesse.

— Tudo bem, Perrin. — Os olhos de Wil desviaram dos dele e saltaram para o machado, e uma expressão assustada invadiu seu rosto. — Tudo ótimo.

Evitando olhar para Faile outra vez, o rapaz saiu apressado para juntar-se à multidão ao redor de Verin.

Faile encarou Perrin, apertando os lábios, depois tocou sua barba com uma das mãos e balançou sua cabeça delicadamente.

— Perrin, Perrin, Perrin — murmurou baixinho.

Ele não entendeu bem o que ela quis dizer, mas achou que seria mais sábio não perguntar. A própria Faile parecia não saber se estava irritada ou... talvez satisfeita? Era melhor não obrigá-la a se decidir.

Wil não foi o único a observar seus olhos disfarçadamente, claro. Parecia que todo mundo, jovem ou velho, homem ou mulher, levava um susto a primeira vez que reparava neles. A velha Senhora al'Seen o cutucou com o cajado e arregalou os olhos negros, surpresa, quando Perrin grunhiu. Talvez achasse que ele não fosse real. No entanto, ninguém disse uma palavra.

Os cavalos logo foram levados para um dos celeiros — Tomas levou o cinzeno pessoalmente, já que o animal parecia não aceitar que ninguém mais encostasse em suas rédeas — e todos, exceto os meninos nos telhados, reuniram-se dentro da casa, lotando-a. Os adultos ocuparam o cômodo da frente, em duas fileiras, Lewin e al'Seen intercalados sem qualquer ordenação especial, as crianças nos colos das mães ou relegadas a espiar por entre as pernas dos adultos que se amontoavam nas entradas para observar.

Chá forte e cadeiras de espaldar alto com assentos de junco foram providenciados para os recém-chegados, mas Verin e Faile receberam

almofadas bordadas. Foi considerável a empolgação em relação a Verin, Tomas e Faile. O lugar foi tomado de murmúrios que mais pareciam grasnados de gansos, e todos encararam os três como se eles portassem coroas ou fossem sair fazendo truques a qualquer instante. Estranhos eram sempre vistos com curiosidade em Dois Rios. A espada do Guardião suscitou sussurros que Perrin ouvia sem a menor dificuldade. Não era comum ver espadas por ali, pelo menos não antes da chegada dos Mantos-brancos. Alguns acharam que Tomas fosse um Manto-branco, outros, um lorde. Um garotinho que batia na cintura dos adultos mencionou Guardiões antes que os mais velhos o calassem com suas risadas.

Assim que os convidados se acomodaram, Jac al'Seen plantou-se diante da imensa lareira de pedra. Era um homem troncudo, de ombros quadrados, com menos cabelo que Mestre al'Vere, mas igualmente grisalho. Um relógio tiquetaqueava entre dois grandes cálices de prata na cornija atrás de sua cabeça, provas de seu sucesso como fazendeiro. O burburinho parou quando ele ergueu a mão, mas seu primo Wit, quase seu gêmeo, só que sem cabelo algum, e Flann Lewin, um varapau curtido de cabeça cinza, mandaram todos se calarem mesmo assim.

— Senhora Mathwin, Lady Faile — cumprimentou Jac, curvando-se em uma mesura desajeitada para cada uma — as senhoras são bem-vindas aqui, pelo tempo que quiserem. Mas preciso alertá-las. As senhoras sabem dos problemas que enfrentamos no campo. É melhor que rumem direto para Campo de Emond ou para Colina da Vigília e que fiquem por lá. São lugares grandes demais para serem importunados. Eu as aconselharia a não ficar em nenhuma parte de Dois Rios, mas sei que os Filhos da Luz não estão deixando ninguém cruzar o Taren. Não sei por quê, mas é assim.

— Mas há tantas boas histórias no campo — respondeu Verin, piscando amigavelmente. — Eu perderia todas se ficasse em uma aldeia.

Sem mentir nem uma vez, a Marrom conseguira dar a impressão de que fora a Dois Rios em busca de antigas histórias, o mesmo que Moiraine fizera no que parecia tanto tempo atrás. O anel da Grande Serpente estava pendurado na bolsa do cinto, mas Perrin duvidava de que qualquer daquelas pessoas soubesse o que ele significava.

Elisa al'Seen alisou o avental branco e abriu um sorriso solene para Verin. Embora seus cabelos fossem menos grisalhos que o do marido, ela parecia mais velha que a Aes Sedai, com um rosto enrugado e maternal. E devia mesmo pensar que era.

— É uma honra receber uma verdadeira acadêmica sob o nosso teto, mas Jac tem razão — disse, com firmeza. — Vocês são muito bem-vindos aqui, mas, quando partirem, devem seguir para uma aldeia na mesma hora. Não é seguro ficar viajando por aí. E digo o mesmo para a senhorita, milady — acrescentou, dirigindo-se a Faile. — Trollocs não são coisa que duas mulheres devam enfrentar com apenas um punhado de homens para protegê-las.

— Vou pensar no assunto — respondeu Faile, muito calma. — Agradeço a consideração.

Ela bebericou o chá, tão despreocupada quanto Verin, que voltara a rabiscar o livrinho, apenas olhando para cima para sorrir na direção de Elisa e murmurar “o campo tem tantas histórias”. Faile aceitou um biscoito amanteigado de uma garotinha al’Seen, que fez uma mesura e corou intensamente, encarando a jovem com os olhos arregalados de admiração.

Perrin sorriu para si mesmo. Toda vestida em seda verde de montaria, Faile era tomada pelo povo por uma nobre de berço, e ele tinha de admitir que ela representava o papel com muito esmero. Quando queria. A garota talvez não fosse tão admirada se flagrada durante uma de suas explosões de raiva, quando a língua podia fustigar o couro de um condutor de carroção.

A Senhora al’Seen virou-se para o marido, balançando a cabeça. Faile e Verin não seriam convencidas. Jac olhou para Tomas.

— O senhor consegue convencê-las a partir?

— Eu vou aonde ela manda — respondeu Tomas.

Mesmo sentado com uma xícara de chá na mão, o Guardião parecia prestes a desembainhar a espada.

Mestre al’Seen deu um suspiro e mudou o foco de sua atenção.

— Perrin, quase todos já encontramos você vez ou outra lá por Campo de Emond. De certo modo, conhecemos você. Ou pelo menos o conhecíamos, antes de sua partida, no ano passado. Ouvimos algumas coisas preocupantes, mas imagino que Tam e Abell não estariam com você se fossem verdadeiras.

A esposa de Flann, Adine, uma mulher roliça de olhar complacente, fungou alto.

— Também ouvi umas coisas sobre Tam e Abell. E sobre os filhos deles, que fugiram com Aes Sedai. Com Aes Sedai! Uma dúzia delas! Vocês todos se lembram de como Campo de Emond queimou até o talo. Sabe a Luz em que tipo de coisa eles podem ter se metido. Ouvi dizer que sequestraram a menina dos al’Vere.

Flann balançou a cabeça, resignado, e lançou a Jac um olhar pesaroso.

— Se você acredita nisso — respondeu Wit, irônico — vai acreditar em qualquer coisa. Conversei com Marin al’Vere duas semanas atrás, e ela me disse que a filha foi embora por conta própria. E só havia uma Aes Sedai.

— O que é que você está sugerindo, Adine? — Elisa al’Seen pôs as mãos na cintura. — Fale de uma vez. — Havia mais do que um simples toque de desafio em sua voz.

— Eu não falei que acreditava — protestou Adine, com vigor — só falei que ouvi dizer. Algumas perguntas precisam ser feitas. Os Filhos não estão na cola daqueles três por terem sorteado os nomes no palitinho.

— Se você escutar, para variar um pouco, pode ter uma ou duas respostas — retrucou Elisa, com firmeza.

Adine se pôs a ajeitar as saias de novo, mas, embora resmungasse baixinho, segurou a língua.

— Alguém mais tem algo a dizer? — perguntou Jac, com uma impaciência muito mal disfarçada. Quando ninguém se pronunciou, ele prosseguiu. — Perrin, ninguém aqui acredita que você seja Amigo das Trevas, assim como não acreditamos que Tam ou Abell sejam. — Ele disparou um olhar duro a

Adine, e Flann pôs a mão no ombro da esposa. A mulher ficou em silêncio, mas seus lábios se apertaram com tudo que não foi dito. Jac resmungou sozinho antes de continuar. — Mesmo assim, Perrin, acho que temos o direito de escutar o motivo para os Mantos-brancos estarem falando essas coisas. Eles acusam você, Mat Cauthon e Rand al'Thor de serem Amigos das Trevas. Por quê?

Faille abriu a boca, irritada, mas Perrin gesticulou para que ela ficasse em silêncio. A obediência o surpreendeu tanto que ele a encarou por um instante antes de responder. Talvez ela *estivesse mesmo* doente.

— Os Mantos-brancos não precisam de muita coisa, Mestre al'Seen. Se você não se desmanchar em medidas e ficar fora do caminho deles, então deve ser Amigo das Trevas. Se não disser o que eles querem nem pensar o que eles querem, deve ser Amigo das Trevas. Eu não sei por que eles pensam que Rand e Mat são. — Aquela era a pura verdade. Se os Mantos-brancos soubessem que Rand era o Dragão Renascido, seria o suficiente, mas não havia como eles saberem. A história de Mat o deixava muito confuso. Só podia ser coisa de Fain. — Quanto a mim, eu matei alguns deles. — Perrin ficou espantado ao notar que os arquejos que se ergueram no salão não o constrangeram, e nem a ideia do que tinha feito. — Eles mataram um amigo meu e teriam me matado. Eu não deixei. Simples assim.

— Dá para entender o motivo — respondeu Jac, devagar.

Mesmo com Trollocs à solta, o povo de Dois Rios não estava acostumado a matar. Alguns anos antes, uma mulher matara o marido porque queria se casar com outro homem. Pelo que Perrin sabia, tinha sido a última vez que alguém morreu por um ato de violência em Dois Rios. Até chegarem os Trollocs.

— Os Filhos da Luz têm muito talento para uma coisa: fazer um povo que viveu junto a vida inteira começar a suspeitar uns dos outros — interveio Verin.

Todos os camponeses a encararam, e alguns assentiram, depois de um instante.

— Ouvi dizer que tem um homem com eles — completou Perrin. — Padan Fain. O mascate.

— Ouvi falar nisso — respondeu Jac. — Também me disseram que ele usa outro nome, hoje em dia.

Perrin assentiu.

— Ordeith. Mas, seja Fain ou Ordeith, ele é Amigo das Trevas. Ele mesmo admitiu isso, admitiu ter trazido os Trollocs na Noite Invernal do ano passado. E ele anda com os Mantos-brancos.

— É muito fácil para você alegar isso — retrucou Adine Lewin, ríspida. — Dá para chamar qualquer um de Amigo das Trevas.

— E em quem você acredita? — indagou Tomas. — Naqueles que chegaram há algumas semanas, prenderam gente que você conhece e incendiaram suas fazendas? Ou em um jovem que cresceu bem aqui?

— Eu não sou Amigo das Trevas, Mestre al'Seen — disse Perrin — mas, se o senhor quiser que eu vá embora, eu vou.

— Não — respondeu Elisa, mais do que depressa, lançando um olhar significativo para o marido. E um congelante para Adine, o que a fez engolir o que estava prestes a dizer. — Não. Você pode ficar aqui pelo tempo que quiser. — Jac hesitou, depois assentiu em concordância. Ela se aproximou, baixou o olhar para Perrin e pousou as mãos em seus ombros. — Você tem a nossa compaixão — disse baixinho. — Seu pai era um homem bom. Sua mãe era minha amiga, e uma boa mulher. Sei que ela iria querer que você ficasse com a gente, Perrin. Os Filhos quase não vêm para estas bandas e, se vierem, os meninos no telhado vão nos avisar a tempo de você se esconder no sótão. Você vai estar seguro aqui.

A mulher estava sendo sincera. De verdade. Perrin olhou para Mestre al'Seen, que assentiu outra vez.

— Obrigado — disse ele, com um nó na garganta. — Mas eu tenho... coisas a fazer. Preciso cuidar de algumas pendências.

Ela suspirou, afagando-o com delicadeza.

— É claro. Só tome cuidado para não acabar... se machucando. Bom, pelo menos eu posso ver você partir de barriga cheia.

Não havia mesas o suficiente para todos na casa, por isso a refeição do meio-dia foi entregue em tigelas de cozido de cordeiro com pedaços de pão e advertências para que ninguém derramasse nada no chão. Todos comeram onde estavam, sentados ou de pé. Antes do fim da refeição, um garoto magrelo com os punhos para fora da camisa e um arco maior do que ele irrompeu no salão. Perrin achou que fosse Win Lewin, mas não teve certeza. Os meninos cresciam muito depressa nessa idade.

— É o Lorde Luc — exclamou o garoto, animado. — Lorde Luc está chegando.





UMA NOVA TRAMA NO PADRÃO

O lorde em pessoa entrou logo atrás do garoto. Era um homem alto de meia-idade, com ombros largos, rosto severo e anguloso e cabelos vermelho-escuros com mechas grisalhas nas têmporas. Havia um toque de arrogância em seus olhos azul-escuros, e ele de fato parecia pertencer à nobreza. Estava vestido em um casaco verde com discretos bordados em arabescos dourados nas mangas e manoplas trabalhadas em fios-de-ouro. A bainha da espada também era envolta em ouro trabalhado, bem como as bocas das botas polidas. O homem conseguia tornar o simples ato de entrar pela porta algo grandioso. Perrin o desprezou logo à primeira vista.

Todos os al'Seen e Lewin correram para saudar o lorde, homens, mulheres e crianças amontoando-se à volta dele com sorrisos, mesuras e reverências, tagarelando uns por cima dos outros sobre a honra de sua presença, a grande honra da visita de um Caçador da Trombete. Pareciam muito empolgados. Estar sob o mesmo teto que um lorde podia ser empolgante, mas estar com um que jurara caçar a lendária Trombete de Valere — aquilo parecia saído de uma história. Perrin não se lembrava de ter visto o povo de Dois Rios bajulando ninguém, mas aquela gente estava bem perto disso.

O tal Lorde Luc claramente tomava aquilo como nada mais que o esperado, talvez menos. Aliás, como algo até cansativo. O povo da fazenda não parecia notar ou talvez simplesmente não reconhecesse a expressão meio cansada, o sorriso meio condescendente. Talvez todos só pensassem que era daquele jeito que lordes se portavam. Era bem verdade que muitos se comportavam assim, mas Perrin sentiu-se irritado em assistir àquela gente — a sua gente — aceitar uma coisa daquelas.

Quando a comoção começou a diminuir, Jac e Elisa apresentaram os outros hóspedes — menos Tam e Abell, que já o conheciam — a Lorde Luc de Chien delna, afirmando que o homem estava aconselhando o povo sobre como

se proteger dos Trollocs, que os encorajava a enfrentar os Mantos-brancos e a se defender. Murmúrios de aprovação emergiam pelo salão. Se Dois Rios estivesse atrás de um rei, Lorde Luc teria o apoio de todos os al'Seen e Lewin. E o homem também sabia disso. Porém, o aparente fastio e a complacência não duraram muito.

À primeira olhadela no rosto plácido de Verin, Luc enrijeceu-se de leve, e seus olhos desceram às mãos da mulher tão depressa que muitos não teriam notado. O lorde quase deixou cair as luvas bordadas. Gorducha e de roupas simples, a mulher poderia ser apenas mais uma dona de casa camponesa, mas Luc sabia distinguir as feições etéreas de uma Aes Sedai. O canto de seu olho esquerdo estremeceu quando o homem ouviu a Senhora al'Seen apresentar a mulher como “Senhora Mathwin”, “uma acadêmica de fora”.

Verin sorriu para ele com uma expressão meio sonolenta.

— Muito prazer — murmurou a Marrom. — Casa Chiendelna. Onde fica? Parece um nome das Terras da Fronteira.

— Nada tão grandioso — respondeu Luc, mais do que depressa, curvando-se em uma ínfima mesura cautelosa. — Sou de Murandy, na verdade. Uma casa menor, porém antiga.

Luc pareceu pouco à vontade em tirar os olhos da mulher durante o restante das apresentações.

Mas o homem mal olhou para Tomas. Devia saber que ele era o Guardião da “Senhora Mathwin”, mas descartou o homem sem titubear, com um desprezo tão claro quanto se houvesse sido declarado aos berros. Foi bem estranho. Por mais talento que Luc tivesse com a espada que levava, ninguém tinha habilidade o bastante para fazer pouco caso de um Guardião. Arrogância. O sujeito possuía a arrogância de dez homens. E provou isso pela forma como se comportou com Faile, pelo que Perrin viu.

O sorriso que Luc ofereceu a ela era sem dúvida mais do que confiante, era também amigável e íntimo. Na verdade, era amigável e íntimo demais. O lorde tomou a mão de Faile nas suas e fez uma mesura, encarando-a como se tentasse enxergar dentro de sua cabeça. Por um instante, Perrin achou que a namorada estivesse prestes a retribuir o gesto com arrogância, mas ela devolveu o olhar do lorde com as bochechas vermelhas, fingindo tranquilidade, e um leve meneio de cabeça.

— Eu também sou Caçadora da Trombeta, milorde — disse Faile, soando um tantinho ofegante. — Acha que vai encontrá-la por aqui?

Luc pareceu surpreso e soltou a mão da mulher.

— Pode ser, milady. Quem é que sabe onde a Trombeta pode estar? — Faile pareceu um pouco surpresa, talvez desapontada, com a súbita perda de interesse do homem.

Perrin manteve a expressão neutra. Se ela quisesse sorrir para Wil al'Seen e corar para lordes idiotas, que fosse. Podia se fazer de idiota o quanto quisesse e olhar abobada para qualquer homem que aparecesse. Então Luc queria saber onde estava a Trombeta de Valere? Estava escondida na Torre Branca, era lá que estava. Ficou tentado a revelar ao homem, só para fazê-lo ranger os dentes de frustração.

Se Luc ficara surpreso em descobrir quem eram os outros convidados na casa al'Seen, sua reação ao ser apresentado a Perrin foi, para dizer o mínimo, peculiar. O homem levou um susto ao olhar seu rosto, a expressão foi de puro choque. Entretanto, a não ser por um leve tremor no canto do olho, toda a surpresa desapareceu em um instante, mascarada por trás da soberba senhoril. O problema era que não fazia sentido. Não foram os olhos amarelos que surpreenderam Luc, Perrin tinha certeza. Era mais como se o sujeito o conhecesse e estivesse espantado em vê-lo ali, mas ele nunca vira aquele tal de Luc na vida. Mais do que isso, Perrin teria apostado que Luc estava com medo dele. Não fazia sentido.

— Foi o Lorde Luc quem sugeriu que os garotos ficassem nos telhados — comentou Jac. — Se algum Trolloc chegar perto, os rapazes vão dar o alerta.

— E quanto tempo esse alerta lhes dá? — perguntou Perrin, em um tom seco. Aquele era um exemplo dos conselhos do grande Lorde Luc? — Os Trollocs enxergam no escuro feito gatos. Já vão estar aqui dentro, chutando as portas, antes que seus garotos consigam soltar sequer um berro de aviso.

— Nós fazemos o possível — vociferou Flann. — Pare de ficar tentando nos meter medo. Tem crianças escutando. Pelo menos o Lorde Luc oferece sugestões úteis. Ele estava na minha casa na véspera da vinda dos Trollocs, cuidando para que todos estivessem posicionados da melhor maneira possível. Sangue e cinzas! Se não fosse por ele, os Trollocs teriam matado todos nós.

Luc não pareceu ouvir o elogio feito a ele. Observava Perrin com atenção enquanto remexia as manoplas, inquieto, enfiando-as por detrás da fivela do cinturão, ornada com a cabeça dourada de um lobo. Faile também o encarava, mas com uma leve carrança. Ele a ignorava.

— Achei que tinham sido os Mantos-brancos que salvaram vocês, Mestre Lewin. Achei que uma patrulha dos Mantos-brancos tivesse chegado bem na hora e expulsado os Trollocs.

— Bom, eles chegaram. — Flann passou a mão nos cabelos grisalhos. — Mas o Lorde Luc... Se os Mantos-brancos não tivessem chegado, nós poderíamos... Pelo menos ele não tenta nos meter medo — murmurou.

— Então ele não mete medo em vocês — disse Perrin. — Bem, os Trollocs me metem medo. E os Mantos-brancos afugentam os Trollocs para vocês. Quando conseguem.

— Quer dar crédito aos Mantos-brancos? — Luc cravou em Perrin um olhar frio, como se atacasse uma fraqueza. — Quem você acha que é responsável pelos rabiscos da Presa do Dragão nas portas das casas? Tudo bem, as mãos deles nunca seguraram o carvão, mas eles estão por trás disso. Invadem as casas dessa boa gente fazendo perguntas e exigindo respostas como se estivessem debaixo do próprio teto. Eu acho que essa gente é dona de si mesma, não cães que os Mantos-brancos podem pôr na linha. Deixe que eles patrulhem o campo, e acho até muito bom, mas vá encontrá-los no portão e informe de quem é a terra onde estão pisando. É isso o que eu acho. Se você quiser ser um cãozinho dos Mantos-brancos, vá em frente, mas não se ressinta dessa gente pela liberdade que têm.

Perrin retribuiu o olhar de Luc.

— Eu não nutro afeição pelos Mantos-brancos. Eles querem me enforcar, ou será que não ficou sabendo?

O homem alto piscou como se não tivesse ouvido falar naquilo, ou como se talvez tivesse esquecido, na ânsia de brilhar aos olhos do povo.

— Então o que você está propondo, exatamente?

Perrin deu as costas ao homem e foi postar-se diante da lareira. Não queria discutir com Luc. Era melhor que todos ouvissem. Toda aquela gente já estava encarando-o, mesmo. Diria o que estava pensando, e ponto final.

— Vocês precisam depender dos Mantos-brancos, precisam esperar que eles mantenham os Trollocs longe, torcer para que eles cheguem a tempo caso os Trollocs ataquem. Por quê? Porque cada homem está tentando proteger sua própria fazenda, se puder, ou, se não puder, quer ficar o mais perto dela possível. Vocês estão espalhados em vários grupinhos, feito cachinhos de uva esperando para serem colhidos. Enquanto for assim, enquanto vocês tiverem que rezar para os Mantos-brancos conseguirem impedir que os Trollocs pisoteiem todos até virarem vinho, vocês não têm escolha a não ser deixar que perguntem o que quiserem e exijam as respostas que quiserem. É por isso que vocês precisam ficar parados, só assistindo a gente inocente ser levada embora. Ou será que alguém aqui acha que Haral e Alsbet Luhhan são Amigos das Trevas? Natti Cauthon? Bodewhin e Eldrin?

Abell lançou ao salão um olhar que desafiava qualquer um a deixar entrever que sim, mas não era necessário. Até Adine Lewin estava prestando atenção em Perrin. Luc se dividia entre franzir o cenho para ele e examinar as reações das pessoas aglomeradas no salão.

— Eu sei que eles não deveriam ter prendido Natti, Alsbet e todos os outros — interveio Wit — mas isso já acabou. — Ele passou a mão pela cabeça careca e olhou preocupado para Abell. — Quer dizer, só falta fazer com que soltem todo mundo. Mas eles não prenderam mais ninguém, pelo menos não que eu saiba.

— Acha mesmo que isso significa que já acabou? — perguntou Perrin. — Acha mesmo que vão se satisfazer com os Cauthon e os Luhhan? Com duas fazendas incendiadas? Quem de vocês vai ser o próximo? Talvez sejam levados por dizer a coisa errada, ou apenas para servir de exemplo. Podiam ser Mantos-brancos jogando tochas nesta casa, em vez de Trollocs. Ou talvez qualquer noite dessas a Presa do Dragão apareça rabiscada na porta. Sempre tem gente que acredita nesse tipo de coisa. — Vários olhares se voltaram para Adine, que remexeu os pés e deu de ombros. — Mesmo que isso signifique apenas ter de baixar a cabeça para todos os Mantos-brancos que aparecerem, vocês querem mesmo viver assim? Querem que seus filhos vivam assim? Vocês estão à mercê dos Trollocs, à mercê dos Mantos-brancos e à mercê de qualquer um que guarde rancor. Enquanto um deles tiver controle sobre vocês, todos os três terão. Vocês estão escondidos no porão torcendo para que um cão raivoso os proteja de outro, torcendo para que os ratos não apareçam no meio da noite e ataquem.

Jac trocou olhares preocupados com Flann e Wit, depois com os outros homens no salão, então respondeu, sem pressa:

— Se acha que estamos fazendo algo errado, o que é que sugere, então?

Perrin não esperava a pergunta — tinha certeza de que todos ficariam irritados — mas logo começou a explicar sua ideia.

— Reúnam o povo. Recolham as ovelhas, vacas, galinhas e tudo o mais. Juntem tudo e levem para um local seguro. Vão para Campo de Emond. Ou para Colina da Vigília, já que é mais perto, embora lá vocês vão ficar bem sob a mira dos Mantos-brancos. Enquanto houver vinte pessoas aqui e cinquenta lá, vocês serão presa para os Trollocs. Se centenas se juntarem, terão uma chance. E isso sem ter que abaixar a cabeça para os Mantos-brancos. — Aquilo gerou a explosão que ele esperava.

— Abandonar minha fazenda? — gritou Flann, por cima de Wit, que dizia:

— Você está louco!

As palavras se atropelavam, vindas deles, de seus irmãos e primos.

— Ir para Campo de Emond? Aqui já estou longe demais para sequer conferir os campos todos os dias!

— As ervas daninhas vão tomar tudo!

— Já nem sei como vai ser a colheita, do jeito que está!

— ... se a chuva vier...!

— ... tentar reconstruir...!

— ... tabaco vai apodrecer...!

— ... ter que abandonar a tosquia...!

O baque do punho de Perrin socando o lintel da lareira silenciou a algazarra.

— Eu não vi nenhum campo destruído, nem queimado, nem sequer uma casa ou celeiro que tenha sido incendiado com gente dentro. É de gente que os Trollocs vêm atrás. E daí se eles incendiarem tudo? Vocês podem plantar uma nova safra. Pedra, argamassa e madeira podem ser reconstruídos. E isso, dá para reconstruir?

Ele apontou para o bebê de Laila, que apertou a criança contra o peito, cravando os olhos em Perrin como se ele é que fosse uma ameaça para seu filho. No entanto, os olhares que ela lançou ao marido e a Flann eram de terror. Um burburinho desconfortável se ergueu.

— Ir embora — murmurou Jac, balançando a cabeça. — Não sei, não, Perrin.

— A escolha é de vocês, Mestre al'Seen. A terra ainda vai estar aqui quando vocês voltarem. Os Trollocs não têm como levá-la embora. Mas será que dá para dizer o mesmo em relação às famílias de vocês?

O burburinho elevou-se a uma algazarra. Inúmeras mulheres confrontavam os maridos, a maioria com uma ou duas crianças a tiracolo. Nenhum dos homens parecia discutir.

— Um plano interessante — comentou Luc, analisando Perrin. Pela expressão do homem, não havia como dizer se ele aprovava. — Ficarei observando o desenrolar dos acontecimentos. Agora, Mestre al'Seen, preciso ir andando. Só passei para ver como vocês estavam. — Jac e Elisa o levaram

até a porta, mas os outros estavam muito ocupados com os próprios debates para prestar atenção.

Luc foi embora com uma expressão irritada, e Perrin teve a sensação de que as partidas do homem em geral eram tão grandiosas quanto as chegadas.

Jac foi da porta direto até Perrin.

— Esse seu plano é muito audacioso. Devo admitir que não me entusiasmei muito com a ideia de abandonar minha fazenda, mas o que você disse faz sentido. Só não sei o que os Filhos vão pensar disso. Para mim, eles parecem muito desconfiados. Se nos reunirmos, eles podem pensar que estamos todos tramando alguma coisa contra eles.

— Deixe que pensem — retrucou Perrin. — Uma aldeia cheia de gente pode seguir o conselho de Luc e mandá-los ir cuidar de seus assuntos em outro lugar. Ou é melhor ficarem vulneráveis só para garantir a boa-vontade dos Mantos-brancos, como já fazem?

— Não. Não, eu concordo. Você me convenceu. E a todo mundo, pelo que vejo.

E parecia mesmo verdade. O burburinho das discussões estava se aquietando, mas apenas porque todos pareciam estar entrando em acordo. Até Adine já gritava com as filhas, dando ordens para arrumar as coisas imediatamente. Ela até deu a Perrin um aceno de cabeça rabugento e aprovativo.

— Quando pretendem ir? — perguntou Perrin a Jac.

— Assim que todos conseguirem se aprontar. Podemos chegar à casa de Jon Gaelin, na Estrada do Norte, antes de anoitecer. Vou contar a Jon o que você disse, e também a todos de Campo de Emond. Melhor lá que em Colina da Vigília. Se quisermos sair do controle dos Mantos-brancos, assim como dos Trollocs, é melhor ficarmos longe das vistas deles. — Jac passou um dedo pela franja curta. — Perrin, eu não acredito que os Filhos fariam algum mal a Natti Cauthon, às meninas e aos Luhhan, mas fico preocupado. Se eles realmente pensarem que estamos tramando, quem é que sabe o que pode acontecer?

— Pretendo libertar todos eles assim que puder, Mestre al'Seen. Aliás, pretendo o mesmo para todos os outros que os Mantos-brancos levarem presos.

— Um plano audacioso — repetiu Jac. — Bom, é melhor eu fazer esse povo andar, se quiser chegar à casa de Jon antes de anoitecer. Vá com a Luz, Perrin.

— Um plano muito audacioso — concordou Verin, aproximando-se enquanto Mestre al'Seen saía apressado, dando ordens para que puxassem os carroções e embalsassem tudo o que pudessem carregar.

A Marrom analisou Perrin com interesse, inclinando a cabeça para o lado, mas não parecia menos interessada do que Faile, a seu lado. A mulher o olhava como se nunca o tivesse visto.

— Não sei por que todo mundo fica repetindo isso — respondeu ele. — A respeito do plano, quer dizer. Aquele Luc estava falando um monte de bobagens. Desafiar Mantos-brancos no portão. Garotos no telhado vigiando Trollocs. Portas abertas para a desgraça. A única coisa que fiz foi chamar a

atenção para isso. Eles deviam ter feito o que sugeri desde o início. Aquele homem... — Ele se refreou para não dizer que Luc o irritava. Não na frente de Faile: ela poderia ter a impressão errada.

— É claro — concordou Verin, serena. — Eu não tive oportunidade de ver isso em funcionamento, antes. Ou talvez tenha tido, mas na hora não sabia.

— Do que você está falando? Ver o que em funcionamento?

— Perrin, quando chegamos aqui, as pessoas estavam prontas para se agarrarem a este lugar a qualquer custo. Você os encheu de bom senso e determinação, mas acha que o mesmo teria acontecido se partisse de mim, Tam ou Abell? De todos nós, você é o que mais compreende como o povo de Dois Rios sabe ser teimoso. Você alterou o curso que os acontecimentos teriam seguido em Dois Rios sem sua presença. Com umas poucas palavras proferidas em um tom... irritado? *Ta'veren* realmente arrastam as vidas dos outros para dentro do próprio padrão. É fascinante. Espero ter oportunidade de observar Rand.

— Seja lá o que for — murmurou Perrin — é para o bem. Quanto mais gente reunida em um lugar só, maior a segurança.

— É claro. Rand está com a espada, imagino?

Perrin franziu o cenho, mas não havia motivo para não contar a ela. Verin sabia a respeito de Rand, e sabia o que *Tear* devia significar.

— Está.

— Tome cuidado com Alanna, Perrin.

— O quê? — As mudanças rápidas de assunto da Aes Sedai estavam começando a confundi-lo, sobretudo quando ela resolvia mandá-lo fazer algo que ele já havia pensado fazer, mas planejava manter em segredo. — Por quê?

O rosto de Verin não se alterou, mas seus olhos escuros de súbito assumiram um brilho aguçado, como os de um pássaro.

— Há muitos... esquemas na Torre Branca. Nem todos são malignos, nem de longe, mas às vezes é difícil saber até já ser tarde demais. E mesmo o mais benevolente com frequência permite o rompimento de alguns fios na trama, ou descarta alguns fios de junco na hora de fazer a cesta. Um *ta'veren* é um junco útil a um grande número de possíveis planos. — Tão de repente quanto começara a dar conselhos, Verin passou a olhar meio confusa para o tumulto à volta, mais à vontade com um livro ou com seus próprios pensamentos do que no mundo real. — Ah, minha nossa. Mestre al'Seen não perde tempo, não é mesmo? Vou lá ver se ele pode ceder alguém para pegar nossos cavalos.

Faile estremeceu quando a irmã Marrom se afastou.

— Às vezes as Aes Sedai me deixam meio... desconfortável — murmurou.

— Desconfortável? — perguntou Perrin. — Na maioria das vezes elas quase me matam de medo.

A jovem riu baixinho e começou a brincar com um botão do casaco dele, dando muita atenção ao objeto.

— Perrin, eu... tenho sido... uma idiota.

— Como assim? — Faile o encarou, prestes a arrancar o botão de tanto torcê-lo, e ele acrescentou prontamente: — Você é uma das pessoas menos idiotas que eu conheço.

Ele fechou a boca antes que acabasse acrescentando um “quase sempre”, e ficou contente quando ela sorriu.

— É muito bom ouvir isso de você, mas eu fui, sim. — Ela deu um tapinha no botão e começou a arrumar o casaco, o que não era preciso, e a alisar as lapelas, o que também não era preciso. — Você foi tão bobo — continuou, falando rápido — só porque aquele rapaz olhou para mim. Sério, ele é muito garotinho, nada parecido com você. Então pensei que você ficaria com ciúmes, só um pouquinho, se eu fingisse, só fingisse, estar interessada em Lorde Luc. Eu não devia ter feito isso. Você me perdoa?

Ele tentou ordenar o amontoado de palavras. Era bom que ela achasse Wil um garotinho — se tentasse deixar a barba crescer, decerto seria rala — mas ela não mencionara a forma como correspondera ao olhar de Wil. E, se tinha fingido estar atraída por Luc, por que corara daquele jeito?

— É claro que eu perdoo — disse ele. Um brilho perigoso surgiu nos olhos dela. — Quer dizer, não tem nada para perdoar. — O brilho cintilou mais forte. O que ela queria que ele dissesse? — E você, me perdoo? Quando eu estava tentando afastar você, disse coisas que não deveria ter dito. Você me perdoo por isso?

— Você *disse* coisas que precisam de perdão? — indagou Faile, em um tom doce, e Perrin soube que estava em apuros. — Não consigo pensar no que possa ter sido, mas levarei o pedido em consideração.

Em consideração? Ela souou bastante como uma nobre. Talvez o pai trabalhasse para algum lorde e ela tivesse podido estudar a maneira como as ladies falavam. Perrin não fazia ideia do que Faile tinha querido dizer. E nunca descobriria a tempo, tinha certeza.

Foi um alívio montar de volta na sela de Galope, em meio à confusão de grupos de carroções sendo erguidos, gente debatendo sobre o que podia ou não ser transportado e crianças perseguindo galinhas e gansos, amarrando suas pernas para levá-los. Uns garotos já conduziam o gado para o leste, e outros arrebanhavam as ovelhas para fora do redil.

Faile não fez menção ao que fora dito lá dentro. Apenas abriu um sorriso para ele e comparou a criação das ovelhas dali com as de Saldaea, e, quando uma das meninas veio lhe trazer um buquê de pequeninas flores vermelhas, rubor-do-coração, tentou enfiar algumas na barba dele, rindo de seus esforços para impedi-la. Em resumo, Faile o deixara absolutamente chocado. Ele precisava de outra conversa com Mestre Cauthon.

— Vá com a Luz — disse Mestre al'Seen, quando eles estavam prontos para partir — e cuide dos garotos.

Quatro dos jovens rapazes haviam decidido ir com eles, montados em cavalos de pelagem tosca nem de longe tão bons quanto os de Tam e Abell. Perrin não sabia ao certo por que era ele quem deveria cuidar dos quatro. Eram todos mais velhos do que ele, ainda que por pouco. Um deles era Wil al'Seen, acompanhado do primo, Ban, um dos filhos de Jac — que tinha

nariz pela família inteira — e dois dos Lewin, Tell e Dannil, tão parecidos com Flann que poderiam ser seus filhos, em vez de sobrinhos. Perrin tentara dissuadir os rapazes, sobretudo quando eles deixaram claro que queriam ajudar a resgatar os Cauthon e os Luhhan dos Mantos-brancos. Pareciam pensar que seria uma questão de cavalgar até o acampamento dos Filhos e exigir a soltura de todos. Oprimir a oposição, como disse Tell, o que quase fez Perrin ficar de cabelo em pé. Aquela gente tinha ouvido muitos contos de menestres. Dado muita atenção a idiotas como Luc. Suspeitou que Wil tivesse mais alguma razão para ir, embora o rapaz tentasse fingir que Faile não existia, mas as outras já eram ruins o bastante.

Ninguém mais fez qualquer objeção. A única preocupação de Tam e Abell parecia ser a de que todos soubessem usar os arcos que carregavam e pudessem se manter em cima de um cavalo, enquanto Verin apenas observava e fazia anotações em seu caderninho. Tomas parecia estar se divertindo, e Faile estava ocupada trançando uma coroa com as flores de rubor-do-coração, que no final das contas entregou a Perrin. Com um suspiro, ele ajeitou as flores no cepilho da sela.

— Vou cuidar deles da melhor maneira que puder, Mestre al'Seen — prometeu.

A uma milha da fazenda al'Seen, Perrin pensou que perderia um ou dois ali mesmo, quando Gaul, Bain e Chiad surgiram de uma moita de repente, andando a passos largos para juntar-se ao grupo. Achou que os perderia para as lanças Aiel, já que Wil e seus amigos deram uma olhadela para os recém-chegados e logo começaram a encaixar flechas nos arcos. Sem reduzir o passo, os Aiel prepararam as lanças e ergueram os véus. Foram precisos alguns minutos para desfazer o mal-entendido. Gaul e as duas Donzelas pareceram achar tudo muito engraçado depois dos esclarecimentos e gargalharam animadamente, o que perturbou tanto os Lewin e al'Seen quanto a descoberta de que os três eram Aiel, ainda mais com duas mulheres guerreiras. Wil ensaiou um sorriso para Bain e Chiad, que se entreolharam e trocaram breves acenos de cabeça. Perrin não entendeu o que estava acontecendo, mas decidiu deixar quieto, a menos que Wil começasse a tentar ser degolado. Interviria a tempo de impedir que uma das Aiel desembainhasse a faca. Talvez ensinasse uma ou duas coisinhas a Wil, a respeito de sorrisos.

Pretendia acelerar o passo até Colina da Vigília, mas, a cerca de uma milha a norte da casa dos al'Seen, avistou uma das fazendas soltando aquelas cortinas de fumaça pela chaminé. Tam estava mantendo o grupo bem afastado, de modo que as pessoas ao redor da fazenda eram apenas silhuetas. Menos para os olhos de Perrin, que conseguia ver as crianças no jardim. E Jac al'Seen era o vizinho mais próximo. Ou fora, até então. Ele hesitou, depois puxou a rédea de Galope em direção à fazenda. Era provável que não adiantasse de nada, mas tinha que tentar.

— O que é que você vai fazer? — perguntou Tam, franzindo o cenho.

— Dar a eles o mesmo conselho que dei a Mestre al'Seen. Não vai levar nem um minuto.

Tam assentiu, e os outros se viraram com ele. Verin analisava Perrin, pensativa. Os Aiel se separaram perto da fazenda para esperar mais ao norte, Gaul um pouco afastado das Donzelas.

Perrin não conhecia os Torfinn, nem eles o conheciam, mas, para sua surpresa, assim que a empolgação com os estranhos e os olhares curiosos na direção de Tomas, Verin e Faile cessaram, todos escutaram com atenção e depois começaram a puxar cavalos para dois carroções e para um par de carroças de rodas altas antes mesmo que ele e os outros partissem.

Por mais três vezes, Perrin parou quando a rota os levou perto das casas de fazenda, uma das vezes em um agrupado de cinco. Era sempre a mesma coisa. O povo reclamava que não podia simplesmente abandonar as fazendas, mas ele sempre partia deixando para trás um tumulto de pacotes e ajuntamento de animais de carga.

Algo mais aconteceu também. Ele não pôde impedir Wil, o primo ou os Lewin de conversar com os jovens das fazendas. O grupo deles aumentou em treze, Torfinn e al'Dai, Ahan e Marwin, todos armados com arcos e cavalcando uma seleção heterogênea de pôneis e cavalos de arado, ávidos por resgatar os prisioneiros dos Mantos-brancos.

Claro que nem tudo correu tão tranquilamente. Wil e os outros da fazenda al'Seen consideraram uma injustiça que ele avisasse os recém-chegados sobre os Aiel, estragando a diversão que esperavam ter ao vê-los pular de susto. Para Perrin, eles ainda se assustaram o bastante, e o jeito com que os rapazes perscrutavam cada arbusto e cada grupo de árvores deixava claro que pensavam haver mais Aiel, não importava o que ele dissesse. A princípio, Wil tentou dar uma de lorde para cima dos Torfinn e dos outros, alegando que fora o primeiro a se juntar a Perrin — um dos primeiros, pelo menos, admitiu quando Ban e os Lewin cravaram os olhos nele — enquanto os outros haviam chegado depois.

Perrin deu um fim àquilo dividindo-os em dois grupos mais ou menos iguais e colocando Dannil e Ban no comando de cada um, embora no início também tivesse havido um pouco de resmungos a respeito. Os al'Dai achavam que os líderes deveriam ser escolhidos de acordo com a idade — Bili al'Dai era um ano mais velho que todos — enquanto outros indicavam Hu Marwin como o melhor rastreador e Jaim Torfinn como o melhor arqueiro. Além disso, Kenley Ahan já estivera na Colina da Vigília várias vezes, antes da vinda dos Mantos-brancos, e saberia circular pela aldeia. Eles pareciam pensar que tudo era uma brincadeira. A frase de Tell sobre oprimir a oposição foi repetida mais de uma vez.

Por fim, Perrin virou-se para eles com uma raiva fria, forçando todos a parar no prado entre dois bosques.

— Isso aqui não é um jogo, nem uma dança do Bel Tine. Vocês façam o que lhes for mandado, ou então voltem para casa. Eu não sei qual é a serventia de vocês, e não tenho intenção de acabar morto porque vocês acham que sabem o que estão fazendo. Agora façam uma fila e calemb essas bocas. Estão parecendo o Círculo das Mulheres reunido dentro de um roupeiro.

Eles obedeceram, formando duas fileiras atrás de Ban e Dannil. Wil e Bili armaram caretas de insatisfação, mas guardaram para si quaisquer objeções que tivessem. Faile deu a Perrin um aceno de cabeça aprovativo, e Tomas também. Verin observou toda a cena com uma expressão plácida e indecifrável, decerto imaginando que estava assistindo a um *ta'veren* em ação. Perrin não viu necessidade de dizer à mulher que só tentara pensar no que teria dito um shienarano que ele conhecia, um soldado chamado Uno, embora sem dúvida Uno teria colocado a coisa em palavras mais duras.

Começaram a encontrar um número maior de fazendas à medida que se aproximavam de Colina da Vigília, cada vez menos distantes entre si, até aparecerem uma depois da outra, como era perto de Campo de Emond: uma miscelânea de gramados com cercas-vivas ou muros de pedra separados por alamedas, umas para pedestres, outras para carroças. Mesmo com as paradas nas quatro fazendas, ainda restava um pouco de luz do dia, então ainda havia homens trabalhando nos campos e garotos conduzindo ovelhas e gado dos pastos para dentro, para o pernoite. Ninguém deixava os animais do lado de fora, naqueles tempos.

Tam sugeriu que Perrin parasse de alertar as pessoas, e ele concordou, relutante. O povo rumaria de lá para Colina da Vigília, alertando os Mantos-brancos. Vinte e tantas pessoas cavalgando juntas por rotas secundárias atraíam olhares suficientes, embora a maioria parecesse muito ocupada para dar mais que uma olhadela. Mas aquilo teria de ser feito mais cedo ou mais tarde, e quanto mais cedo, melhor. Enquanto o povo permanecesse no campo, precisando da proteção dos Mantos-brancos, os Filhos teriam vantagem sobre Dois Rios, algo de que talvez não quisessem abrir mão.

Perrin manteve o olhar atento para qualquer sinal de patrulhas de Mantos-brancos, mas, exceto por uma nuvem de poeira na direção na Estrada do Norte, rumo ao sul, não viu vestígios dos Filhos. Depois de um tempo, Tam sugeriu que descessem dos cavalos e os guiassem andando. A pé haveria menos chances de serem vistos, pois as cercas-vivas e até mesmo os muros baixos de pedra formariam uma barreira.

Tam e Abell conheciam um bosque que dava uma boa visão do acampamento dos Mantos-brancos, um emaranhado de carvalhos, tupelos e folhas-de-couro que cobria três ou quatro hidas a pouco mais de uma milha ao sul e a oeste de Colina da Vigília, com vista para um trecho de campo aberto. Eles entraram no bosque pelo sul, apressados. Perrin torceu para que ninguém os tivesse visto entrando, não queria ninguém se perguntando por que não saíram e espalhando o que vira.

— Fiquem aqui — disse a Wil e aos outros rapazes, enquanto o grupo amarrava os cavalos às árvores. — Mantenham os arcos à mão e fiquem a postos para correr se ouvirem um grito. Mas só se mexam se me ouvirem gritar. E se alguém fizer qualquer barulho, vou esmurrar a cabeça do sujeito feito uma bigorna. A gente está aqui para observar, não para ficar esbarrando feito touros cegos e atrair os Mantos-brancos.

Os rapazes tocaram os arcos e assentiram, nervosos. Talvez comessem a se dar conta do que estavam fazendo. Os Filhos da Luz não seriam muito

amáveis se encontrassem gente de Dois Rios circulando armada.

— Você já foi soldado? — perguntou Faile baixinho, intrigada. — Alguns dos... guardas do meu pai falam desse jeito.

— Eu sou um ferreiro. — Perrin riu. — Mas já ouvi soldados falando. Parece que funciona.

Até Wil e Bili observavam os arredores, preocupados, sem ousar se mexer.

Ele e Faile foram atrás de Tam e Abell, esgueirando-se de árvore em árvore até onde os Aiel estavam agachados, perto do limite mais ao norte do bosque. Verin também estava lá, assim como Tomas, naturalmente. A folhagem formava uma tela fina que era o bastante para escondê-los, mas sem impedir a observação.

O acampamento dos Mantos-brancos se estendia pelo sopé de Colina da Vigília feito uma verdadeira aldeia. Centenas de homens, alguns com armaduras, se moviam por entre fileiras compridas de tendas brancas, além de filas de cavalos, cada uma com cinco animais presos em estacas a leste e oeste. Cavalos sendo desselados e escovados indicavam o fim do dia das patrulhas, enquanto uma coluna dupla de talvez cem homens, limpos e arrumados, partia em direção à Floresta das Águas a passos vigorosos, segurando as lanças todas no mesmo ângulo. Guardas de mantos brancos marchavam para cima e para baixo, patrulhando os arredores do acampamento em pontos intervalados, com as lanças apoiadas nos ombros e os capacetes polidos reluzindo sob o sol poente.

Um estrondo chegou aos ouvidos de Perrin. Bem a oeste, vinte cavaleiros surgiram galopando, vindos dos lados de Campo de Emond, correndo em direção às tendas. Vinham da direção de onde Perrin e os outros haviam chegado. Se tivessem levado mais alguns minutos, sem dúvida teriam sido vistos. Uma trombeta soou, e homens começaram a se encaminhar para as fogueiras.

Um pouco adiante, de um dos lados, havia um acampamento bem menor, com as tendas desordenadas. Fosse lá quem vivesse ali, a maioria já fora embora. Apenas alguns cavalos, e espantando as moscas com os rabos, presos a uma corda curta amarrada em um piquete indicavam que houvera alguém por ali. Não Mantos-brancos. Os Filhos da Luz eram rígidos e ordenados demais para aquele acampamento.

Entre o bosque em que estavam e os dois acampamentos havia um grande trecho de grama e flores silvestres. Era muito provável que os fazendeiros locais usassem aquele trecho para pastagem. Mas não o faziam mais, já que a vegetação estava muito rasteira. Se os Mantos-brancos galopassem como aquela patrulha, poderiam cobrir o trecho em um minuto.

Abell chamou a atenção de Perrin para o acampamento maior.

— Está vendo aquela tenda perto do meio, com um homem montando guarda de cada lado? Está conseguindo ver? — Perrin assentiu. O sol baixo projetava sombras angulosas ao leste, mas ele enxergava bem. — É ali que estão Natti e as meninas. E os Luhhan. Já os vi entrando e saindo. Um de cada vez, e sempre com um guarda, até mesmo para ir à latrina.

— Já tentamos entrar à noite três vezes — comentou Tam — mas eles vigiam todo o perímetro do acampamento com muita atenção. Da última vez, quase não conseguimos fugir.

Tentar aquilo seria como enfiar a cabeça em um formigueiro querendo evitar ser atacado. Perrin sentou-se na base de uma grande folha-de-couro, apoiando o arco nos joelhos.

— Quero pensar um pouco sobre isso. Mestre al'Thor, o senhor pode acomodar Wil e os rapazes? Não deixe que nenhum deles meta na cabeça a ideia de sair correndo para casa. Eles provavelmente iriam direto para a Estrada do Norte, sem nem pensar, e daí meia centena desses Mantos-brancos viriam até aqui para investigar. Se alguém tiver pensado em trazer comida, faça com que comam alguma coisa. Se tivermos que fugir, talvez seja preciso passar o resto da noite na sela.

Ele de repente percebeu que estava dando ordens, mas, quando tentou se desculpar, Tam abriu um sorriso e respondeu:

— Perrin, você assumiu a liderança lá na casa de Jac. Essa não é a primeira vez que sigo um homem mais jovem capaz de ver o que precisa ser feito.

— Você está indo bem, Perrin — completou Abell, antes que os dois homens mais velhos sumissem outra vez por entre as árvores.

Perplexo, Perrin coçou a barba. Ele tinha assumido a liderança? Agora, pensando bem, nem Tam, nem Abell haviam tomado qualquer decisão desde que o grupo deixara a fazenda dos al'Seen, apenas oferecido sugestões e deixado a escolha nas mãos dele. Além disso, nenhum dos dois o chamara de “rapaz” desde então.

— Interessante — comentou Verin, apanhando o caderninho.

Perrin desejou ter uma chance de ler o que ela escrevia ali.

— Vai me alertar outra vez sobre alguma tolice? — perguntou à Marrom.

Em vez de responder, Verin disse, em um tom meditativo:

— Vai ser ainda mais interessante ver o que você fará em seguida. Não posso dizer que está alterando as fundações do mundo, como Rand al'Thor, mas Dois Rios sem dúvida está se mexendo. Eu me pergunto se você tem alguma ideia de para onde está indo.

— Quero libertar os Luhhan e os Cauthon — respondeu ele, irritado. — Só isso! — Mas ainda tinha os Trollocs. Ele deixou a cabeça pender para trás, encostada no tronco da folha-de-couro, e fechou os olhos. — Só estou fazendo o que tenho que fazer. Dois Rios vai continuar onde sempre esteve.

— É claro — retrucou Verin.

Perrin a ouviu se afastar junto com Tomas, sandálias e botas fazendo o mesmo barulho suave no chão coberto de folhas do ano anterior. Abriu os olhos. Faile encarava as figuras se afastando, e não parecia muito satisfeita.

— Ela não vai deixar você em paz — resmungou.

A coroa de rubores-do-coração trançados que Perrin deixara sobre a sela pendia das mãos dela.

— Aes Sedai nunca deixam ninguém em paz — respondeu ele.

Faile o encarou com um olhar desafiador.

— Imagino que você esteja querendo resgatá-los hoje à noite.

Tinha de ser feito imediatamente. Porque ele andara passando o aviso adiante, e o povo sabia quem era o mensageiro. Talvez os Mantos-brancos não machucassem os prisioneiros. Talvez. Ele não confiava nem um pouco na misericórdia dos Filhos. Olhou para Gaul, que assentiu.

— Tam al'Thor e Abell Cauthon se movimentam bem para aguacentos, mas acho que esses Mantos-brancos são rígidos demais para enxergar qualquer coisa que se mova no escuro. Imagino que estejam esperando os inimigos surgirem em grande número, bem onde possam ser vistos.

Chiad voltou os olhos cinzentos e bem-humorados para o Aiel.

— Está querendo andar feito o vento, Cão de Pedra? Vai ser divertido ver um Cão de Pedra tentando se mover a passos leves. Quando minha irmã de lança e eu resgatar os prisioneiros, pensaremos em voltar para salvar você, se estiver velho demais para encontrar o caminho.

Bain tocou o braço de Chiad, que encarou a mulher de cabelos de fogo com surpresa. Depois de um instante, seu rosto ruborizou de leve. As duas voltaram os olhos para Faile, de cabeça erguida e braços cruzados, ainda observando Perrin.

Ele deu um longo suspiro. Se dissesse que não queria que a namorada fosse, era quase certo que Bain e Chiad também não iriam. Ainda estavam se esforçando para deixar claro que seguiam Faile, não ele. Talvez a própria Faile estivesse fazendo o mesmo. Talvez ele e Gaul pudessem resolver tudo sozinhos, mas não conseguia enxergar um jeito de fazê-la ficar, se ela não quisesse. Faile, sendo quem era, provavelmente o seguiria escondida.

— Você vai ficar perto de mim — disse Perrin, com firmeza. — Quero resgatar prisioneiros, não deixar outros para trás.

Com uma risada, ela desabou ao lado dele, aninhando o ombro sob seu braço.

— Ficar perto de você parece uma ótima ideia.

Faile encaixou a coroa de flores vermelhas na cabeça dele, e Bain deu uma risadinha.

Perrin revirou os olhos. Via a ponta da coisa pendurada na testa. Devia estar parecendo um idiota, mas deixou o troço ali.

O sol descia, lento como uma bolha no mel. Abell trouxe um pouco de pão e queijo — no fim das contas, mais da metade dos aspirantes a heróis havia trazido algo para comer — e eles comeram e esperaram. A noite veio, iluminada por uma lua já alta, mas encoberta pelas nuvens que corriam. Perrin esperou. As luzes se apagaram no acampamento dos Mantos-brancos e em Colina da Vigília, deixando um punhado de janelas acesas do outro lado do monte escuro. Ele reuniu Tam, Faile e os Aiel. Via todos os rostos muito bem. Verin estava perto o bastante para escutar. Abell e Tomas permaneceram com o outro grupo de Dois Rios, mantendo todos em silêncio.

Ele se sentia meio estranho dando ordens, por isso manteve a simplicidade. Tam deveria preparar todo o grupo para sair em cavalgada no instante em que Perrin retornasse com os prisioneiros. Os Mantos-brancos iriam atrás deles assim que descobrissem o que tinha acontecido, então precisavam de

um lugar para se esconder. Tam conhecia um, uma casa de fazenda vazia nos limites da Floresta do Oeste.

— Tentem não matar ninguém, se conseguirem. — Perrin advertiu os Aiel. — Os Mantos-brancos já vão ficar bastante irritados por perderem os prisioneiros. Se também perderem homens, vão tacar fogo no sol.

Gaul e as Donzelas assentiram como se mal pudessem esperar. Que gente estranha. Os três desapareceram no meio da noite.

— Tome cuidado — disse Verin, baixinho, enquanto ele pendurava o arco nas costas. — *Ta'veren* não quer dizer imortal.

— Tomas poderia ajudar, você sabe.

— Acha que um a mais faria diferença? — perguntou ela, contemplativa. — Além do mais, eu preciso que ele faça outras coisas.

Balançando a cabeça, ele saiu do bosque. Passou a rastejar assim que se afastou dos arbustos, apoiado nos cotovelos e joelhos, quase colado ao chão. Faile, ao seu lado, o imitava. A grama e as flores silvestres tinham altura suficiente para cobri-los. Perrin ficou contente por ela não conseguir enxergar seu rosto. Estava desesperadamente apavorado. Não por si mesmo, mas se alguma coisa acontecesse a ela...

Como duas novas sombras formadas pelo luar, eles rastejaram pelo campo aberto, parando ao sinal de Perrin. Estavam a cerca de dez passadas de onde os guardas caminhavam para cima e para baixo, com os mantos reluzindo sob o brilho fraco da luz, bem perto da primeira fileira de tendas. Dois deles se encaramaram, quase na frente de Perrin, e pararam de repente.

— Tudo bem com a noite — anunciou um. — Que a Luz nos ilumine e proteja da Sombra.

— Tudo bem com a noite — repetiu o outro. — Que a Luz nos ilumine e proteja da Sombra.

Os dois se viraram e marcharam de volta, sem olhar para a esquerda nem para a direita.

Perrin deixou cada um dos homens caminhar cerca de doze passadas, depois tocou o ombro de Faile e se levantou, quase sem se permitir respirar. Também não ouvia muito da respiração dela. Quase nas pontas dos pés, os dois correram para o meio das tendas, agachando-se logo depois de passar pela primeira. Dentro delas, homens roncavam ou resmungavam durante o sono. Exceto por isso, o acampamento estava mergulhado em silêncio. O caminhar pesado das botas dos guardas era bem audível. O cheiro das fogueiras extintas pairava no ar, e também os odores de lona, cavalos e homens.

Silenciosamente, Perrin fez um gesto para que Faile o seguisse. Na escuridão, as cordas das tendas eram armadilhas para pés desatentos, mas seus olhos as enxergavam com clareza e Perrin foi traçando um caminho por entre elas.

Tinha memorizado a localização dos prisioneiros, então começou a avançar com cuidado na direção certa. Era perto do centro do acampamento. Longe para chegar e longe para sair.

O ruído de botas esmagando a terra e um grunhido de Faile o fizeram dar um giro bem a tempo de ser derrubado pela investida de uma imensa silhueta de manto branco, um homem tão musculoso quanto Mestre Luhhan. Dedos de ferro envolveram sua garganta enquanto os dois rolavam pelo chão. Perrin agarrou o queixo do homem com uma das mãos e forçou a cabeça para trás, tentando empurrá-lo. Querendo aliviar o aperto em sua garganta, socou as costelas do sujeito, arrancando grunhidos do oponente, mas nenhuma outra reação. O ruído do próprio sangue sendo bombeado invadiu suas orelhas, manchas escuras tomaram as laterais de sua visão. Perrin tentou apalpar o machado, mas sentia os dedos dormentes.

De repente, o homem deu um solavanco e desabou em cima dele. Perrin empurrou o corpo inerte para longe e encheu os pulmões com o ar doce da noite.

Faile largou no chão um pedaço de madeira e esfregou a lateral da cabeça.

— Ele achou que bastava me derrubar, aí não precisava mais se preocupar — sussurrou.

— Um idiota — sussurrou Perrin, de volta. — Mas um idiota bem forte. — Passaria dias sentindo aqueles dedos em seu pescoço. — Você está bem?

— Claro. Não sou uma bonequinha de porcelana.

De fato, ele achava que não.

Perrin arrastou depressa o homem inconsciente para junto de uma tenda, torcendo para que ninguém o encontrasse por um bom tempo, depois tirou o manto branco do sujeito e amarrou as mãos e os pés dele com cordas de arco reservas. Um lenço que encontrou no bolso do homem fez as vezes de mordaca. Não estava muito limpo, mas a culpa era dele mesmo. Erguendo o arco acima da cabeça, Perrin envolveu os ombros com o manto. Se mais alguém o notasse, o confundiria com um dos Filhos. O manto tinha um nó dourado de patente sob o raio de sol brilhante. Um oficial. Melhor ainda.

Ele caminhou por entre as tendas bem depressa e sem se esconder. Encoberto ou não, o sujeito poderia ser encontrado a qualquer instante, fazendo o alarme ser acionado. Faile avançava ligeira a seu lado, mais parecia uma sombra, observando o acampamento em busca de sinais de vida, tão alerta quanto ele. As sombras da lua, sempre fluidas, obscureciam os espaços entre as tendas, até mesmo para os olhos de Perrin.

Ao aproximar-se da tenda da prisão, o rapaz reduziu o passo para não agitar os guardas. Havia um homem de manto branco no canto, e a ponta da lança de outro se erguia por cima do topo da tenda.

De repente, a ponta da lança desapareceu. Não houve som. Ela simplesmente caiu.

Um piscar de olhos depois, duas sombras escuras se transformaram em Aiel de véus no rosto, nenhum deles com a altura de Gaul. Antes que o guarda pudesse se mexer, uma das silhuetas saltou no ar e o chutou no rosto. O homem desabou de joelhos, cambaleante, e a outra Donzela deu um giro e o chutou também. O guarda caiu, meio mole. As Donzelas se agacharam e olharam em volta, de lanças a postos, para ver se haviam despertado alguém.

Quase partiram para cima de Perrin ao avista-lo de manto branco, mas então viram Faile. Uma delas balançou a cabeça e sussurrou para a outra, que pareceu dar uma risada silenciosa.

Perrin disse a si mesmo que não deveria ficar irritado, mas Faile primeiro o salvara do estrangulamento e agora evitava que lhe cravassem uma lança bem no fígado. Para alguém que supostamente estava liderando uma missão de resgate, ele estava mesmo indo muito bem.

Afastou a lona da tenda e enfiou a cabeça lá dentro, onde estava ainda mais escuro do que do lado de fora. Mestre Luhhan dormia na entrada da tenda, com as mulheres aninhadas juntas mais para o fundo. Perrin tapou a boca de Haral Luhhan com uma das mãos e, quando os olhos do homem se abriram, fez sinal de silêncio.

— Acorde os outros — disse em voz baixa. — Sem barulho. Vamos tirar vocês daqui.

Mestre Luhhan finalmente o reconheceu e assentiu.

Ao sair da tenda, Perrin puxou o manto do guarda caído no chão. O homem ainda respirava, um ruído rouco, e estava cheio de bolhas de sangue no nariz quebrado, mas não acordou com seu toque. Precisavam correr. Gaul estava lá, vestindo o manto de outro guarda. Os três Aiel vigiavam as outras tendas, cautelosos. Faile praticamente dançava de tanta impaciência.

Quando Mestre Luhhan trouxe a esposa e as outras mulheres para fora, todas olhando em volta na escuridão, nervosas, Perrin apressou-se em cobrir o ferro com um dos mantos. Mal cabia nele — Haral Luhhan parecia feito de troncos de árvores — mas teria de servir. O outro manto foi posto sobre os ombros de Alsbet Luhhan. Ela não era tão grande quanto o marido, mas, mesmo assim, era tão grande quanto a maioria dos homens. O rosto redondo a princípio expressou surpresa, mas depois ela assentiu, puxou o capacete cônico da cabeça do guarda caído e o encaixou na sua, espremendo-o por cima da trança grossa. Eles amarraram os dois guardas, depois os amordaçaram com tiras de cobertor e os deixaram no interior da tenda.

Voltar pelo caminho por onde tinham vindo seria impossível, como Perrin sabia desde o início. Mesmo se Mestre e a Senhora Luhhan pudessem avançar sem fazer barulho — o que ele duvidava — Bo e Eldrin estavam agarradas uma à outra, chocadas e incrédulas com o resgate. Apenas os balbucios suaves da mãe impediam que as duas irrompessem em lágrimas prematuras de alívio. Ele previra isso antes de chegarem ao acampamento. Precisariam de cavalos, tanto para sair depressa dali quanto para levar todos, mais tarde. Havia cavalos nas fileiras de piquetes.

Os Aiel desapareceram adiante, e ele seguiu atrás com Faile e os Cauthon. Haral e Alsbet tomaram a retaguarda. À primeira vista, pelo menos, pareciam três Mantos-brancos escoltando quatro mulheres.

Os cavalos amarrados aos piquetes estavam sendo vigiados, mas apenas do lado mais distante das tendas. Afinal de contas, por que protegê-los dos homens que os conduziam? Aquilo sem dúvida facilitou o trabalho de Perrin. Eles simplesmente caminharam até a fileira de animais mais próxima das tendas, que estavam todos presos por uma corda que fazia as vias de

focinheira, e soltaram um para cada, menos para os Aiel. A parte mais difícil foi ajudar a Senhora Luhhan a montar sem sela. Perrin e Mestre Luhhan tiveram que ajudar, e a mulher ficava tentando puxar as saias para baixo para cobrir os joelhos. Natti e as meninas subiram sem dificuldade, assim como Faile, naturalmente. Os guardas que supostamente vigiavam os cavalos seguiam com as rondas calculadas, gritando uns para os outros que a noite estava tranquila.

— Quando eu mandar — começou Perrin, então alguém no acampamento gritou. Depois gritou outra vez, mais alto. Uma corneta soou, e homens saíram das tendas aos berros. Não fazia diferença se haviam descoberto que os prisioneiros tinham fugido ou encontrado o homem inconsciente que os atacara. — Venham comigo! — urrou, cravando os calcanhares no capão escuro que escolhera para si. — Cavalguem!

Foi uma correria frenética, mas ele tentou ficar de olho em todos. Mestre Luhhan cavalgava quase tão mal quanto a esposa. Os dois ficavam quicando, quase caindo, enquanto os cavalos disparavam. Bo ou Eldrin, uma das duas, gritava com toda a força, e era impossível saber se de empolgação ou de terror. Por sorte, os guardas não estavam esperando problemas vindo de dentro do acampamento. Um homem de manto branco que perscrutava a escuridão se virou bem a tempo de sair do caminho dos cavalos em disparadas, soltando um grito quase tão estridente quanto o da menina dos Cauthon. Mais cornetas urraram atrás deles, e gritos que agora com certeza soavam como ordens martelaram a noite bem antes que o grupo chegasse ao abrigo do matagal. Não que o abrigo fosse lhes dar muito mais cobertura.

Tam deixara todos montados e preparados, conforme Perrin instruíra. Ou ordenara. Perrin pulou direto do capão para Galope. Verin e Tomas eram os únicos que não quicavam nas selas, uma vez que seus cavalos eram os únicos que não dançavam com o nervosismo dos cavaleiros. Abell tentava abraçar a mulher e as filhas de uma só vez, todas as três, e o grupo ria e chorava ao mesmo tempo. Mestre Luhhan tentava cumprimentar todos que encontrava. Todos exceto os Aiel, Verin e seu Guardião cumprimentavam os outros, como se estivesse tudo terminado.

— Ora, Perrin, é *mesmo* você! — exclamou a Senhora Luhhan. O rosto redondo ficava estranho sob o capacete, torto por conta da trança. — O que é isso no seu rosto, meu jovem? Sou mais do que grata, mas você não pense que vai sentar à minha mesa parecendo um...

— Não há tempo para isso — interrompeu Perrin, ignorando o choque no rosto da mulher. Não era alguém que costumasse ser interrompida, mas o som das cornetas dos Mantos-brancos era mais do que um alerta. Tinha se tornado um grito curto e repetitivo, agudo e insistente. Algum tipo de comando. — Tam, Abell, levem Mestre Luhhan e as mulheres para aquele esconderijo que vocês conhecem. Gaul, vá com eles. Faile também. — Isso incluía automaticamente Bain e Chiad. — E Hu e Jaim. — Seria suficiente para se manterem a salvo. — Avancem em silêncio. Isso será melhor que a rapidez, pelo menos por um tempo. Mas vão agora mesmo.

Os que ele nomeou partiram para oeste sem discutir, embora a Senhora Luhhan, agarrada com ambas as mãos à crina de seu cavalo, tivesse disparado um olhar firme para ele. Foi a aquiescência de Faile que o espantou, tanto que ele levou um instante para perceber que chamara Mestre al'Thor e Mestre Cauthon pelos primeiros nomes.

Verin e Tomas tinham ficado para trás, e ele encarou a mulher com um olhar penetrante.

— Alguma chance de você me dar uma ajudinha?

— Talvez não do jeito que você imagina — retrucou a Aes Sedai, muito calma, como se o acampamento dos Mantos-brancos não estivesse uma balbúrdia a uma milha de distância. — Meus motivos de hoje não são diferentes dos de ontem. Mas acho que pode chover em... ah... cerca de meia hora. Talvez menos. Acho que vai ser um pé d'água daqueles.

Meia hora. Perrin grunhiu e virou-se para os rapazes de Dois Rios que continuavam lá. Estavam todos praticamente tremendo de tanta vontade de fugir e seguravam os arcos com os punhos brancos nas juntas. Torceu para que todos tivessem se lembrado de trazer cordas reserva, pelo menos, já que iria chover.

Então anunciou a todos eles:

— Nós vamos atrair os Mantos-brancos para longe, para que a Senhora Cauthon, a Senhora Luhhan e os outros consigam fugir em segurança. Vamos levá-los para o sul, margeando a Estrada do Norte, até podermos despistá-los no meio da chuva. Se alguém quiser pular fora, é melhor começar a cavalgar. — Algumas mãos se remexeram nas rédeas, mas todos permaneceram sentados nas selas, olhando para ele. — Muito bem. Gritem feito loucos, para que nos escutem. Gritem até chegarmos à estrada.

Aos berros, Perrin virou Galope em direção à estrada. A princípio não teve muita certeza se os outros iriam seguir, mas uivos selvagens abafaram seus urros e o estrondo dos cascos de Galope. Se os Mantos-brancos não escutassem aquilo, deviam estar surdos.

Nem todos pararam de gritar quando chegaram ao caminho de terra batida da Estrada do Norte e se viraram para o sul, correndo ensandecidos pela noite. Alguns gargalhavam e comemoravam. Perrin soltou o manto branco dos ombros e o deixou cair. As cornetas soaram outra vez, um pouco mais fracas.

— Perrin — chamou Wil, inclinando-se sobre o pescoço do cavalo — o que vamos fazer agora? Qual é o próximo passo?

— Caçar Trollocs! — gritou Perrin, por cima do ombro.

Pelo jeito como as risadas redobraram, achou que os outros não tinham acreditado. Mas pôde sentir os olhos de Verin perfurando suas costas. A mulher sabia. O trovão no céu noturno ecoou os cascos dos cavalos.





AQUELE QUE VEM COM A AURORA

As sombras da alvorada ficavam mais curtas e pálidas enquanto Rand e Mat corriam pelo vale árido, escuro e quieto, deixando para trás Rhuidean, a cidade coberta de névoa. O ar seco prenunciava o calor, mas a brisa fraca parecia fria contra a pele de Rand, que estava sem casaco. Aquilo não duraria muito, em breve o dia escaldante se avultaria sobre eles. Os dois corriam o mais rápido que podiam, na esperança de ultrapassar o calor, mas Rand achava que não conseguiriam. O mais rápido que podiam não era lá muito veloz.

Mat mancava dolorosamente. Uma mancha escura se espalhava por metade do rosto, e o casaco pendia aberto, revelando a camisa desamarrada e colada ao peito por mais sangue seco. De vez em quando, o rapaz tocava o vergão grosso ao redor da garganta com cuidado. O ferimento já estava quase roxo. Grunhindo entre dentes, ele cambaleava bastante e se agarrava à estranha lança de cabo preto, apertando a cabeça. Mas não reclamava, o que era um mau sinal. Mat vivia reclamando dos menores desconfortos. Se estava em silêncio, significava que sentia dor de verdade.

Rand sentia como se algo se espalhasse por dentro da velha ferida meio cicatrizada na lateral do corpo, e os cortes no rosto e na cabeça ardiam. No entanto, enquanto avançava a um passo meio arrastado, inclinado para o lado que doía, quase não pensava nos próprios ferimentos. Estava muito consciente do sol que se erguia atrás de si e dos Aiel à espera na encosta nua da montanha à frente. Lá havia água e sombra, além de ajuda para Mat. O sol se erguia atrás deles e os Aiel estavam à frente. A aurora e os Aiel.

Aquele Que Vem Com a Aurora. Aquela Aes Sedai que ele vira, ou que sonhara que vira, antes de o povo chegar a Rhuidean — ela falara como se fizesse uma Previsão. *Ele unirá todos vocês. Ele os unirá e destruirá.* Palavras ditas como uma profecia. Destruí-los. Segundo a Profecia, ele causaria outra vez a Ruptura do Mundo. A ideia o deixava horrorizado. Talvez conseguisse

escapar dessa parte, ao menos, mas a guerra, a morte e a destruição já manavam de seus passos. Tear fora o primeiro lugar no que parecia muito tempo onde ele não deixara um rastro de caos, homens morrendo e aldeias incendiadas.

Rand percebeu que desejava poder montar em Jeade'en e fugir o mais depressa que o garanhão conseguisse levá-lo. Não era a primeira vez. *Mas não posso fugir, pensou. Tenho que fazer isso, porque não existe ninguém mais que possa. Ou eu faço, ou o Tenebroso vence. Uma barganha difícil, mas era a única que havia. Mas por que eu destruiria os Aiel? Como?*

O último pensamento o fez sentir um calafrio. Era como se já aceitasse que o faria, que deveria fazer. E não queria fazer mal aos Aiel.

— Luz! — exclamou, em um tom ríspido. — Não quero destruir ninguém. — Sentiu outra vez como se a boca estivesse cheia de terra.

Mat o encarou em silêncio. Com um olhar cauteloso.

Eu ainda não enlouqueci, pensou Rand, taciturno.

Mais acima, na encosta, os Aiel despertavam nos três acampamentos. A verdade nua e crua era que Rand precisava deles. Fora por isso que começara a contemplar aquela ideia, quando descobriu que o Dragão Renascido e Aquele Que Vem Com a Aurora poderiam muito bem ser a mesma pessoa. Precisava de gente em quem pudesse confiar, gente que o seguisse por outra razão que não medo ou sede de poder. Gente que não pretendesse usá-lo para seus próprios fins. Fizera o necessário, e agora os usaria. Porque precisava. Ainda não estava louco — não achava que estivesse — mas muitos pensariam que sim, antes de aquilo terminar.

A luz do sol, forte e ofuscante, ultrapassou os dois antes que comessem a subir para Chaendaer. O calor os açoitava feito um porrete. Rand subia o mais depressa possível a encosta irregular, com seus aclives, declives e afloramentos rústicos. Sua garganta já se esquecera da última vez que bebera algo, e o sol secava a camisa tão rápido quanto o suor a molhava. Mat também não precisava de incentivo para correr. Havia água, lá em cima. Bair estava parada diante das tendas baixas da Sábá, segurando uma bolsa de água brilhante de condensação. Lambendo os lábios rachados, Rand tinha certeza de poder ver o brilho.

— Onde é que ele está? O que foi que você fez com ele?

O urro fez Rand parar na mesma hora. O homem de cabelos de fogo, Couladin, estava em cima de uma saliência de granito que se projetava da montanha. Havia outros do clã Shaido agrupados na base da saliência, todos encarándo Mat e Rand. Alguns tinham os rostos velados.

— De quem você está falando? — gritou Rand, em resposta. Sua voz estava áspera de sede.

Os olhos de Couladin arregalaram-se, ultrajados.

— De Muradin, aguacento! Ele entrou dois dias antes de você, e mesmo assim você saiu primeiro. Ele não pode ter falhado se você sobreviveu! Você deve tê-lo matado!

Rand pensou ter ouvido um berro vindo das tendas da Sábá, mas, antes de sequer conseguir piscar, Couladin se espichou feito uma serpente e atirou

uma lança para cima dele. Outras duas dispararam em seguida, vindas dos Aiel na base da saliência de granito.

Por instinto, Rand agarrou *saidin* e a espada forjada em fogo surgiu em suas mãos. Fez a lâmina rodopiar — Redemoinho na Montanha, um nome apropriado — fatiando em dois um par de cabos de lança. A lâmina negra de Mat apenas rodopiou e desviou a terceira.

— A prova! — uivou Couladin. — Eles adentraram Rhuidean armados! É proibido! Olhem como estão cobertos de sangue! Eles mataram Muradin! — Ao mesmo tempo em que falava, o homem arremessava outra lança. Dessa vez, foi uma entre dez outras.

Rand jogou-se para o lado, consciente de Mat saltando para o outro. Um instante antes de os dois tocarem o chão, as lanças se amontoaram onde Rand estivera parado e chocaram-se uma contra as outras. Ele rolou, levantou-se e viu as lanças cravadas no chão de pedras. Formaram um círculo perfeito que rodeava o ponto de onde ele saltara. Por um instante, até Couladin ficou atônito e paralisado.

— Parem! — gritou Bair, avançando correndo durante aquele segundo. A saia longa e pesada não atrapalhava seus movimentos, muito menos a idade. A Sábia foi descendo a encosta aos saltos, feito uma menina, apesar dos cabelos brancos. Tinha inclusive a fúria de uma menina. — A paz de Rhuidean, Couladin! — Sua voz aguda era como uma vara de ferro. — Já é a segunda vez que você tenta destruí-la. Mais uma, e será considerado fora da lei! Dou minha palavra! Você e qualquer um que erguer a mão! — Ela parou derrapando perto de Rand, encarando os Shaído com a bolsa d'água erguida feito um porrete, como se fosse acertá-los. — Quem duvidar de mim, que erga a arma! Quem fizer isto será privado de sombra, como dita o Acordo de Rhuidean, e terá negado abrigo, suporte e tenda. Seu próprio ramo vai caçá-lo feito uma besta selvagem.

Alguns dos Shaído logo desvelaram o rosto — alguns — mas Couladin não foi dissuadido.

— Eles estão armados, Bair! Entraram em Rhuidean armados! Isso é...!

— Silêncio! — Bair ergueu o punho para o homem. — Você se atreve a falar de armas? Você, que ia quebrar a Paz de Rhuidean e matar com a cara exposta? Eles não levaram arma nenhuma para lá, eu mesma garanto isso. — Ela deu as costas para o homem, em um movimento deliberado, mas o olhar que lançou a Mat e Rand não foi mais suave do que o dado a Couladin. A mulher fez uma careta para a estranha lança com lâmina de espada de Mat e murmurou: — Você encontrou isso em Rhuidean, rapaz?

— Eu ganhei, *velha* — rosnou Mat de volta, com a voz rouca. — Paguei por ela, e pretendo ficar com ela.

A Sábia fungou.

— Vocês dois parecem que acabaram de rolar em capim-navalha. O que...? Não, isso vocês me contam depois. — Ela encarou a espada de Rand, forjada no Poder, e estremeceu. — Livre-se disso. E mostre os sinais a eles, antes que o idiota do Couladin tente elevar os ânimos outra vez. Do jeito que ele é

nervoso, o homem faria o clã inteiro quebrar as leis em um piscar de olhos. Rápido!

Rand a encarou por um instante, pasmo. Sinais? Então lembrou-se do que Rhuarc lhe mostrara, um dia, a marca de um homem que sobrevivera a Rhuidean. Deixou a espada desaparecer, desatou o laço do punho esquerdo da camisa e puxou a manga até o cotovelo.

Em volta do antebraço serpenteava uma imagem igual à do estandarte do Dragão, uma figura sinuosa de crina dourada, com escamas vermelhas e douradas. Já esperava por aquilo, sem dúvidas, mas ainda assim era um choque. A coisa parecia fazer parte de sua pele, como se a própria criatura inexistente tivesse se entranhado nele. O braço não lhe parecia diferente, mas as escamas cintilavam sob o sol como metal polido. Parecia que, se tocasse aquela crina dourada perto do pulso, sentiria cada fio de seus pelos.

Ergueu o braço assim que o descobriu, bem alto, para que Couladin e seu povo pudessem enxergar. Um burburinho se elevou entre os Shaído, e Couladin soltou um rosnado. O número de pessoas na saliência de granito aumentava, pois mais Shaído vinham correndo das tendas. Rhuarc permaneceu com Heirn e os Jindo um pouco mais acima, na encosta. Eles observavam os Shaído com desconfiança, e encaravam Rand com um ar de expectativa que o braço erguido não diminuiu. Lan estava parado a meio caminho entre os dois grupos, as mãos pousadas no cabo da espada, a expressão no rosto como a de uma tempestade prestes a cair.

Quando Rand começou a perceber que os Aiel queriam algo mais, Egwene e as outras três Sábias chegaram até ele, descendo a montanha. As mulheres Aiel pareciam desconcertadas por terem tido que correr, além de tão irritadas quanto Bair estivera. Amys cravou os olhos em Couladin, enquanto Melaine, com cabelos da cor do sol, encarou Rand com ar de reprovação. Seana parecia furiosa. Egwene, com um lenço amarrado na cabeça e caído ao redor dos ombros, encarava Mat e ele, meio consternada, meio como se tivesse pensado que nunca mais os veria.

— Homem idiota — resmungou Bair. — *Todos os sinais.*

Ela atirou a bolsa d'água para Mat, agarrou o braço direito de Rand e puxou a manga, expondo um desenho espelhado da criatura em seu braço esquerdo. A mulher segurou o fôlego, depois o soltou em um longo suspiro. Parecia equilibrada no fio da navalha entre o alívio e a apreensão. Não havia dúvida: ela esperava ver a segunda marca, mas ficara com medo. Amys e as outras duas Sábias ecoaram o som que ela fez quase de forma idêntica. Era estranho ver um Aiel com medo.

Rand quase riu. Não que estivesse achando a situação engraçada. “Por duas e mais duas vezes ele será marcado.” Era o que diziam as Profecias do Dragão. Uma garça marcada em cada palma, e agora isso. Uma das criaturas peculiares — Dragões, como chamava a Profecia — deveria representar “a memória perdida”. Rhuidean sem dúvida fornecera isso, a história perdida das origens Aiel. A outra era para “cobrar o preço a ser pago”. *Quando será que eu terei que pagar?*, perguntou-se. *E quantos terão que pagar comigo?* Sempre havia outros, mesmo quando ele tentava pagar sozinho.

Apreensiva ou não, Bair não parou antes de erguer o outro braço dele acima de sua cabeça e proclamar em voz alta:

— Contemplem o que nunca antes foi visto. Um *Car'a'carn* foi escolhido, um chefe dos chefes. Nascido de uma Donzela, ele veio de Rhuidean com a aurora, conforme a profecia, para unir os Aiel! O cumprimento da profecia começou!

A reação dos outros Aiel não foi nada do que Rand antevira. Couladin o encarou de cima, ainda mais cheio de ódio do que antes, se é que era possível, depois saltou da saliência, subiu a encosta a passos pesados e desapareceu por entre as tendas Shaido. Os próprios Shaido começaram a se dispersar, encarando Rand com semblantes indecifráveis antes de retornar às tendas. Heirn e os guerreiros do ramo Jindo fizeram o mesmo, sem hesitar. Dentro de instantes, restava apenas Rhuarc, com o olhar perturbado. Lan foi até o chefe do clã. Pela expressão, o Guardião parecia não dar muita importância a ele. Rand não sabia muito bem o que estava esperando, mas sem dúvida era algo diferente daquilo.

— Que me queime! — resmungou Mat.

Ele pareceu enfim notar que estava com a bolsa d'água nas mãos. Arrancando a tampa, ergueu a bolsa de couro, deixando verter quase tanta água no rosto quanto para dentro da boca. Quando enfim baixou-a de volta, olhou outra vez as marcas nos braços de Rand e balançou a cabeça, repetindo “que me queime” enquanto empurrava a bolsa cheia d'água para o amigo.

Rand encarou os Aiel, consternado, mas ficou mais do que feliz em beber. Os primeiros goles fizeram a garganta doer, de tão seca que estava.

— O que aconteceu com vocês? — inquiriu Egwene. — Muradin atacou os dois?

— É proibido falar sobre o que acontece em Rhuidean — retorquiu Bair, em um tom ríspido.

— Não foi Muradin — respondeu Rand. — Onde está Moiraine? Achei que ela fosse ser a primeira a vir nos encontrar. — Ele esfregou o rosto. Flocos negros de sangue seco se soltaram em sua mão. — Pela primeira vez, não vou me importar se ela me Curar sem pedir permissão.

— Nem eu — concordou Mat, com a voz rouca. Ele cambaleou, se apoiou na lança e pressionou a testa com a base da palma. — Estou tonto.

Egwene fez uma careta.

— Acho que ela ainda está em Rhuidean. Mas, se vocês finalmente saíram, talvez ela chegue logo. Moiraine entrou logo depois de vocês. Aviendha também. Todos ficaram bastante tempo fora.

— Moiraine foi para Rhuidean? — perguntou Rand, incrédulo. — E Aviendha? Por que...? — De repente ele registrou o restante do que Egwene dissera. — Como assim, “bastante tempo”?

— Hoje é o sétimo dia — respondeu a jovem. — O sétimo dia desde que vocês desceram o vale.

Ele deixou a bolsa d'água cair. Seana a agarrou antes que mais do que um pouco do conteúdo, tão precioso no Deserto, escorresse pela encosta de

pedra. Rand mal notou. Sete dias. Qualquer coisa poderia ter acontecido em sete dias. *Eles podem estar se aproximando, podem ter descoberto o que planeja. Preciso seguir em frente. É logo. Preciso continuar na dianteira. Não cheguei tão longe para falhar.*

Todos o encaravam, até Mat e Rhuarc, os rostos repletos de preocupação. E cautela. Não era de se admirar. Quem poderia dizer o que ele faria, ou se ainda estava são? Apenas a cara fechada de Lan não se alterou.

— Eu disse que era Aviendha, Rand. Nua como veio ao mundo. — A voz de Mat tinha um tom rouco e dolorido, e as pernas não pareciam muito firmes.

— Em quanto tempo será que Moiraine volta? — perguntou Rand.

Se a Aes Sedai saíra na mesma hora, deveria retornar em breve.

— Se ela não voltar até o décimo dia — respondeu Bair — não volta mais. Ninguém nunca voltou depois de dez dias.

Mais três dias, talvez. Mais três dias, e ele já perdera sete. *Deixe que venham, agora. Não vou fracassar! Mal conteve o rosnado.*

— Vocês conseguem canalizar. Uma de vocês, pelo menos. Vi como lidaram com Couladin. Podem Curar Mat?

Amys e Melaine trocaram olhares que ele só pôde classificar como pesarosos.

— Nós não seguimos esse caminho — respondeu Amys, pesarosamente.

— Há Sábias que poderiam fazer o que você está pedindo, de certo modo, mas não estamos entre elas.

— Como assim? — perguntou ele, em um tom irritado. — Vocês canalizam como Aes Sedai. Por que não podem Curá-lo? Nem queriam que ele fosse para Rhuidean, para começo de conversa. Acham que podem deixá-lo morrer por causa disso?

— Eu vou sobreviver — argumentou Mat, mas seus olhos estavam contraídos de dor.

Egwene pôs a mão no braço de Rand.

— Nem todas as Aes Sedai conseguem Curar muito bem — explicou, com uma voz consoladora. — As melhores Curandeiras são todas da Ajah Amarela. Sheriam, a Mestra das Noviças, não consegue Curar nada mais sério que um hematoma ou um cortezinho. Não existem duas mulheres com os mesmos Talentos e habilidades.

O tom dela o irritou. Rand não era uma criancinha impertinente, para ser acalmado. Franziu o cenho para as Sábias. Se não podiam ou não queriam Curar, não importava. Mat e ele teriam de esperar Moiraine. Isso se a mulher já não tivesse sido morta por aquela bolha de mal, aquelas criaturas das cinzas. Àquela altura, já devia ter se dissipado, como acontecera com a de Tear. *Aquelas coisas não a derrubariam. Moiraine poderia canalizar e passar. Ela sabe o que está fazendo, não precisa ficar descobrindo tudo aos poucos, feito eu.* Mas então por que ainda não retornara? Por que fora, para começo de conversa, e por que ele não a vira? Que pergunta idiota. Centenas de pessoas podiam ter estado em Rhuidean sem serem vistas. Teria muitas perguntas e nenhuma resposta até ela retornar, suspeitava Rand. Se é que teria respostas depois.

— Existem ervas e pomadas — disse Seana. — Saia do sol, e vamos cuidar de seus ferimentos.

— Sair do sol — resmungou Rand. — Sim. — Ele estava sendo malcriado, mas não se importava. Por que Moiraine havia entrado em Rhuidean? Não confiava que ela pararia de empurrá-lo na direção que pensava ser a melhor, e que o Tenebroso o carregasse se tentasse discutir. Se ela estava na velha cidade, será que poderia ter afetado as visões dele? Tê-las alterado de alguma forma? Se a mulher sequer suspeitasse do que ele planejava...

Começou a caminhar em direção às tendas dos Jindo — era improvável que o pessoal de Couladin lhe oferecesse um canto para descansar — mas Alys o direcionou para a planície mais acima, onde ficavam as tendas das Sábias.

— Talvez eles ainda não se sintam muito confortáveis em ter você por perto — explicou.

Rhuarc, que se aproximava, assentiu em concordância.

Melaine olhou para Lan.

— Isso não é da sua conta, *Aan'allein*. Você e Rhuarc levem Matrim e...

— Não — interrompeu Rand. — Quero eles comigo. — Em parte porque desejava respostas do chefe do clã, e em parte por pura teimosia. As Sábias queriam mantê-lo em rédea curta, assim como Moiraine. Não estava disposto a tolerar aquilo. As mulheres se entreolharam, depois assentiram, como se aquiescessem a um pedido. Se pensavam que ele seria um bom menino porque ganhara um doce, estavam enganadas. — Pensei que você estaria com Moiraine — disse a Lan, ignorando as Sábias e seus acenos de cabeça.

Um lampejo de vergonha tomou a face do Guardião.

— As Sábias conseguiram esconder a partida dela até quase o pôr do sol — disse, rígido. — Então... me convenceram de que não adiantaria ir atrás. Disseram que, mesmo que eu fosse, não conseguiria encontrá-la até ela estar de volta. E que Moiraine já não precisaria de mim. Não tenho mais muita certeza se deveria ter dado ouvidos.

— Dado ouvidos! — Melaine bufou com desdém. Os braceletes de ouro e marfim chocalhavam enquanto ela ajustava o xale, irritada. — Não dá para pensar que um homem vá dizer algo sensato. Você muito provavelmente teria morrido, e acabaria por matá-la também.

— Melaine e eu tivemos de segurá-lo por metade da noite, até que ele escutasse — comentou Alys. Ela mantinha um sorrisinho ao mesmo tempo bem-humorado e azedo.

O rosto de Lan poderia ter sido talhado em nuvens carregadas. Não era de se admirar, já que as Sábias haviam usado o Poder nele. *O que Moiraine estava fazendo lá?*

— Rhuarc — começou Rand — como é que vou poder unir os Aiel? Eles não querem nem olhar na minha cara. — Ergueu os antebraços descobertos por um instante. As escamas dos Dragões cintilaram à luz forte do sol. — Isso aqui confirma que sou Aquele Que Vem Com a Aurora, mas todos praticamente evaporaram assim que mostrei as marcas.

— Uma coisa é saber que a proteção um dia será cumprida — respondeu o chefe de clã, medindo as palavras — outra é ver isso acontecendo bem diante dos próprios olhos. Dizem que você vai reunir os clãs em um só povo outra vez, como era há muito tempo, mas lutamos uns contra os outros há tantos anos quanto lutamos contra o restante do mundo. E, para alguns de nós, há ainda mais.

Ele os unirá e os destruirá. Rhurarc também devia ter ouvido isso. Assim como os outros chefes dos clãs e as Sábias, se também haviam adentrado aquela floresta de colunas de vidro reluzente. Isso se Moiraine não tivesse arrumado uma visão especial para ele.

— Todo mundo vê as mesmas coisas dentro daquelas colunas, Rhurarc?

— Não! — interrompeu Melaine, em um tom brusco, os olhos feito aço verde. — Fique quieto, ou mande *Aan'allein* e *Matrim* embora. Você também terá que ir, Egwene.

— Não é permitido — começou a explicar Amys, em um tom levemente mais suave — falar sobre o que acontece dentro de Rhuidean, a não ser com os que já estiveram lá. — Só um tantinho mais suave, talvez. — Mesmo assim, poucos falam a respeito, e muito raramente.

— Pretendo mudar o que é permitido e o que não é — retrucou Rand, muito calmo. — Acostumem-se. — Viu Egwene resmungando sobre ele precisar levar uns tapas na orelha e abriu um sorriso para a amiga. — Egwene pode ficar também, já que pediu com tanta delicadeza.

A jovem mostrou a língua para ele, depois enrubescceu ao perceber o que fizera.

— Mudança — comentou Rhurarc. — Você sabe que ele traz mudança, Amys. Não saber o que muda, nem como, é o que nos deixa feito crianças sozinhas no escuro. Já que tem de ser, que comece agora. Nunca conversei com dois chefes de clã que tenham visto a coisa exatamente com os mesmos olhos, Rand, ou que tenham visto exatamente as mesmas coisas. Até mesmo a partilha da água e a reunião onde aconteceu o Acordo de Rhuidean. Se o mesmo vale para as Sábias, já não sei, mas suspeito que sim. Acho que é uma questão de linhagens de sangue. Acredito que eu tenha visto pelos olhos de meus ancestrais, e você, pelos dos seus.

Amys e as outras Sábias o encararam em silêncio, furiosas e emburradas. Mat e Egwene tinham a expressão igualmente confusa. Apenas Lan parecia sequer escutar. Seus olhos estavam perdidos em pensamentos, decerto cheios de preocupação com Moiraine.

O próprio Rand se sentia um pouco estranho. Ver pelos olhos de seus ancestrais. Ele já sabia fazia algum tempo que Tam al'Thor não era seu verdadeiro pai, que ele fora encontrado recém-nascido nas encostas do Monte do Dragão depois da última grande batalha da Guerra dos Aiel. Um recém-nascido ao lado da mãe morta, uma Donzela da Lança. Alegara ter sangue Aiel para ganhar acesso a Rhuidean, mas apenas agora o fato lhe saltava aos olhos. Seus ancestrais. Aiel.

— Então você também viu Rhuidean começar a ser construída — disse. — E as duas Aes Sedai. Você... ouviu o que uma delas disse. — *Ele os destruirá.*

— Ouvi. — Rhuarc tinha um semblante resignado, como um homem que acabava de saber que precisaria amputar a perna. — Eu sei.

Rand mudou de assunto.

— O que foi “a partilha da água”?

As sobranceiras do chefe de clã se ergueram, surpresas.

— Você não reconheceu? Bem, acho que não tinha mesmo como reconhecer. Você não cresceu ouvindo as histórias. Segundo as mais antigas, desde o dia em que a Ruptura do Mundo começou até o dia em que adentramos a Terra da Trindade, apenas um povo não nos atacou. Um povo nos concedeu água de graça, sempre que precisamos. Levamos muito tempo para descobrir quem eram. Agora, isso acabou. O compromisso de paz foi destruído, os assassinos da árvore cuspiram na nossa cara.

— Cairhien — disse Rand. — Está falando dos cairhienos, de *Avendoraldera*, e de Laman derrubando a Árvore.

— Laman teve a morte como punição — disse Rhuarc, em um tom inexpressivo. — Os que quebraram os juramentos morreram. — Ele olhou de esguelha para Rand. — Alguns, como Couladin, tomam isso como prova de que não podemos confiar em ninguém que não seja Aiel. Isso explica, em parte, por que ele odeia você. Em parte. Ele toma seu rosto e seu sangue por mentiras. Ou afirma que toma.

Rand balançou a cabeça. Moiraine às vezes falava sobre a complexidade da Renda de uma Era, o Padrão de uma Era urdido pela Roda do Tempo com os fios das vidas humanas. Se os ancestrais dos cairhienos não tivessem cedido água para os Aiel, trezentos anos antes, Cairhien nunca teria conquistado o direito de usar o Caminho da Seda para cruzar o Deserto, com uma muda de *Avendesora* para selar o acordo. Sem acordo, o Rei Laman não teria tido a Árvore para cortar. A Guerra dos Aiel não teria acontecido, e ele não teria nascido na encosta do Monte do Dragão nem sido levado embora e criado em Dois Rios. Quantos outros pontos como esse haviam acontecido, onde uma simples decisão para um lado ou outro afetou a trama do Padrão por milhares de anos? Mil vezes mil diminutos pontos de ramificação, vezes mil outra vez, tudo contorcendo o Padrão em um desenho diferente. Ele mesmo era um ponto de ramificação, talvez Mat e Perrin também. O que faziam ou deixavam de fazer reverberava pelos anos, pelas Eras.

Ele encarou Mat, que mancava ao subir a encosta, apoiado na lança, de cabeça baixa e olhos apertados de dor. *O Criador não devia estar pensando direito quando pôs o futuro nos ombros de três garotos fazendeiros. Não posso deixá-lo cair. Preciso carregar o fardo, custe o que custar.*

Ao chegarem às tendas baixas e sem paredes das Sábias, as mulheres se curvaram para entrar, murmurando sobre água e sombra. Elas praticamente puxaram Mat para dentro. Como prova do quanto sua cabeça e garganta doíam, o rapaz não só obedeceu como também o fez em silêncio.

Rand começou a segui-lo, mas Lan pousou a mão em seu ombro.

— Você a viu lá dentro? — perguntou o Guardião.

— Não, Lan. Sinto muito, mas não vi. Moiraine vai sair de lá sã e salva, se os outros saírem.

Lan grunhiu e recolheu a mão.

— Cuidado com Couladin, Rand. Conheço o tipo. A ambição o corrói por dentro. Ele sacrificaria o mundo para conquistá-lo.

— *Aan'allein* diz a verdade — comentou Rhuarc. — Os Dragões nos seus braços não valerão de nada se você morrer antes que os chefes dos clãs saibam. Vou me certificar de que alguns Jindo de Heirn estejam sempre perto de você até chegarmos a Pedras Frias. Mesmo lá, Couladin deve tentar arrumar confusão. E os Shaido, pelo menos, vão segui-lo. Talvez outros façam o mesmo. A Profecia de Rhuidean diz que você crescerá com gente que não é do sangue, mas Couladin não deve ser o único a enxergá-lo como um aguento.

— Vou tentar me cuidar — retrucou Rand, em um tom seco.

Nas histórias, quando alguém cumpria uma profecia, todos gritavam “Vejam só!” e pronto, só restava lidar com os vilões. Na vida real parecia que não funcionava do mesmo jeito.

Quando adentraram a tenda, Mat já estava sentado em uma almofada vermelha com borlas douradas, sem casaco nem camisa. Uma mulher com robe branco de capuz já terminara de lavar o sangue de seu rosto e começava a fazer o mesmo no peito. Amys tinha um pilão de pedra entre os joelhos e misturava algum unguento enquanto Bair e Seana observavam de perto as ervas que ferviam em um bule de água quente.

Melaine fez uma careta para Lan e Rhuarc, depois fixou os olhos verdes e frios em Rand.

— Tire a roupa da cintura para cima — disse, áspera. — Os cortes na sua cabeça não parecem tão ruins, mas deixe-me ver o que está lhe deixando corcunda. — Ela golpeou um pequeno gongo de latão, e outra mulher de robe branco entrou pelos fundos da tenda, trazendo uma bacia de prata fumegante nas mãos e roupas por cima do braço.

Rand escolheu uma almofada e sentou-se, com a coluna ereta.

— Não é nada com que se preocupar — assegurou para a Sábia.

A segunda mulher de branco ajoelhou-se graciosamente a seu lado e, resistindo aos esforços do rapaz em aceitar o pedaço de pano úmido que ela torcera na bacia, começou a lavar o rosto dele com delicadeza. Rand se perguntou quem seria a mulher. Parecia Aiel, mas decerto não agia como tal. Os olhos cinza revelavam uma submissão determinada.

— É uma ferida antiga — disse Egwene à Sábia de cabelos dourados. — Moiraine nunca conseguiu Curá-la direito.

O olhar que a jovem lançou a Rand dizia que teria sido educado da parte dele contar isso. Mas, pelos olhares que as Sábias trocaram, ele julgou que a amiga já falara mais do que o suficiente. Uma ferida que uma Aes Sedai não fora capaz de Curar. Aquilo era um enigma para elas. Moiraine parecia saber mais sobre Rand do que ele próprio, e o rapaz tinha dificuldade de lidar com a Azul. Talvez fosse mais fácil com as Sábias, que não sabiam tanto sobre ele.

Mat estremeceu assim que Amys começou a esfregar o unguento nos cortes em seu peito. Se a sensação fosse tão ruim quanto o cheiro, Rand

imaginou que o amigo tinha motivo para se encolher. Bair empurrou uma caneca de prata para o rapaz.

— Beba, *meu jovem*. Se alguma coisa pode ajudar com as dores de cabeça, são raízes de tomisia e de folha-de-prata.

Ele não hesitou antes de engolir tudo de uma vez. Em seguida, se arrepiou e fez careta.

— Tem gosto de sola de bota. — Mas fez uma mesura para a mulher, ainda sentado, com formalidade suficiente para um taireno, à exceção do torso nu e de ele ter aberto um sorriso de repente. — Agradeço, Sábia. E não vou perguntar se a senhora acrescentou alguma coisa para dar este... sabor... memorável. — O riso baixinho de Bair e Seana poderia ter sido porque tinham ou não acrescentado, mas, como sempre, Mat arranjara um jeito de amaciar as mulheres. Até Melaine deu um breve sorriso.

— Rhuarc — disse Rand — se Couladin está pensando em tornar as coisas mais difíceis, preciso me antecipar a ele. Como posso contar aos outros chefes de clãs? Sobre mim. Sobre isso. — Girou os braços envoltos pelos Dragões.

A mulher de robe branco, a seu lado, agora limpando o talho comprido em sua cabeça, evitava encarrar as marcas.

— Não existe um protocolo — respondeu Rhuarc. — Como poderia existir um protocolo para algo que só vai acontecer uma vez? Quando é preciso haver reunião entre os chefes dos clãs, existem locais como os fortes da Paz de Rhuidean. O mais perto de Pedras Frias, de Rhuidean, é Alcair Dal. Você pode mostrar as provas para os chefes dos clãs e dos ramos lá.

— *Al'cair Dal?* — perguntou Mat, com um sotaque distinto. — A Bacia de Ouro?

Rhuarc assentiu.

— Um cânion redondo, mas não há nada de dourado por lá. Em uma das pontas tem uma saliência, e um homem de pé ali pode ser ouvido por qualquer um no cânion sem precisar erguer a voz.

Rand franziu o cenho para os Dragões em seus antebraços. Não fora o único a ser marcado de alguma forma em Rhuidean. Mat parara de volta e meia proferir algumas palavras na Língua Antiga sem saber o que estava dizendo. Desde Rhuidean, entendia o idioma, embora parecesse não perceber. Egwene observava Mat com uma expressão pensativa. Passara tempo demais com Aes Sedai.

— Rhuarc, pode enviar mensageiros aos chefes dos clãs? — perguntou Rand. — Quanto tempo leva para convocar todos para Alcair Dal? Como podemos garantir que eles irão?

— Mensageiros levarão semanas, e mais outras semanas até que todos se reúnam. — Rhuarc fez um gesto, indicando as quatro Sábias. — Elas podem falar com todos os chefes de clã em sonhos em uma só noite, com todos os chefes dos ramos. E todas as Sábias, para garantir que nenhum homem tome o sonho como apenas um sonho.

— Aprecio sua confiança de que podemos mover montanhas, sombra do meu coração — interveio Amys, com ironia, acomodando-se ao lado de Rand

com o unguento — mas a coisa não é bem assim. Levaria muitas noites para fazer o que você está sugerindo, com pouco tempo de descanso no meio.

Rand tomou a mão da mulher assim que ela começou a esfregar a mistura de cheiro pungente em seu rosto.

— Pode fazer isso?

— Está tão ansioso assim para nos destruir? — inquiriu a Sábua, depois mordeu o lábio, irritada. A mulher de capuz branco do outro lado de Rand levou um susto.

Melaine bateu palmas duas vezes.

— Vão embora — disse com rispidez, e as mulheres de branco saíram, fazendo medidas e levando as bacias e roupas.

— Você me irrita como um amaranço espinhoso arranhando a pele — disse Ams a Rand, em um tom amargo. — Não importa o que seja dito a elas, essas mulheres vão começar a falar sobre o que não deveriam saber.

Ela soltou a mão e começou a esfregar o unguento com mais energia do que deveria ser necessário. A ardência era pior que o cheiro.

— Não pretendia irritá-la — respondeu Rand — mas não temos tempo. Os Abandonados estão à solta, Ams, e se descobrirem onde eu estou ou o que estou planejando... — As mulheres Aiel não pareceram surpresas. Será que já sabiam? — Nove ainda vivem. São muitos, e os que não querem me matar acham que podem me usar. Não tenho tempo. Se eu soubesse como trazer todos os chefes dos clãs para cá agora mesmo e fazê-los me aceitarem, faria.

— Qual é o plano? — A voz de Ams soou tão inflexível quanto o rosto.

— Vai pedir... mandar... os chefes seguirem para Alcair Dal?

A mulher o encarou por um longo instante. Quando enfim assentiu, foi de má vontade.

Má vontade ou não, um pouco da tensão em Rand se dissipou. Não havia como recuperar sete dias perdidos, mas talvez conseguisse evitar perder ainda mais. Porém, Moiraine, ainda em Rhuidean com Aviendha, o prendia àquele lugar. Não podia simplesmente abandoná-la.

— A senhora conheceu a minha mãe — disse.

Egwene inclinou-se para a frente, tão atenta quanto ele, e Mat balançou a cabeça.

Ams parou a mão que percorria o rosto dele.

— Conheci.

— Me fale dela. Por favor.

A Sábua voltou a atenção ao corte acima da orelha de Rand. Se uma carranca tivesse o poder de Curar, a pomada seria desnecessária. Enfim, disse:

— A história de Shaiel, como conheço, começa quando eu ainda era *far Dareis Mai*, mais de um ano antes de eu abrir mão da lança. Havia muitas de nós juntas, quase chegando à Muralha do Dragão. Um dia vimos uma mulher, uma jovem aguacenta de cabelos loiros, toda vestida em sedas, levando cavalos de carga e cavalgando uma linda égua. Se fosse um homem, teríamos matado, é claro, mas ela não levava arma além de uma faca comum no cinto. Algumas quiseram botá-la para correr para a Muralha do Dragão, nua... — Egwene piscou, parecia continuamente surpresa com a dureza dos Aiel. Ams

prosseguiu, sem pausar: — ... mas a mulher parecia muito determinada na busca de algo. Curiosas, nós a seguimos, dia após dia, sem que ela visse. Os cavalos morreram, a comida acabou, a água também, mas ela não retrocedeu. Seguiu a pé, cambaleante, até que caiu e não conseguiu mais se levantar. Decidimos dar água a ela, depois perguntamos sua história. A mulher estava quase morrendo e levou um dia inteiro para conseguir falar.

— O nome dela era Shaiel? — perguntou Rand quando a mulher fez uma pausa. — De onde ela vinha? Por que veio para cá?

— Shaiel — respondeu Bair — foi o nome que ela adotou. Nunca nos deu outro nome durante todo o tempo em que a conheci. Na Língua Antiga, significa Mulher Que é Dedicada. — Mat assentiu, parecendo não perceber o que acabara de fazer. Lan o observou, pensativo, por sobre uma caneca de prata cheia d'água. — Havia uma amargura em Shaiel, no início.

Agachada, apoiando-se nos calcanhares ao lado de Rand, Ams assentiu.

— Ela falava de uma criança abandonada, um filho que amava. Um marido que não amava. Mas não dizia onde. Acho que Shaiel nunca se perdoou por ter deixado a criança. Contava pouco além do necessário. Era por nós que andava procurando, pelas Donzelas da Lança. Uma Aes Sedai de nome Gitara Moroso, que tinha o dom da Previsão, dissera a ela que um desastre se abateria sobre suas terras e seu povo, talvez sobre o mundo, se ela não fosse viver com as Donzelas da Lança sem contar a ninguém aonde estava indo. Shaiel deveria se tornar uma Donzela e não poderia retornar à própria terra até que as Donzelas fossem para Tar Valon.

A Sábida balançou a cabeça, pensativa.

— É importante que você entenda como isso soava, na época. Donzelas indo para Tar Valon? Nenhum Aiel cruzara a Muralha do Dragão desde o dia em que chegamos à Terra da Trindade. Levaria mais quatro anos até que o crime de Laman nos trouxesse de volta às terras aguacentas. E sem dúvida ninguém que não fosse Aiel jamais se tornara uma Donzela da Lança. Algumas de nós pensamos que ela tinha enlouquecido com a insolação. Mas Shaiel era teimosa, e de alguma forma acabamos concordando em deixá-la tentar.

Gitara Moroso. Uma Aes Sedai com o dom da Previsão. Já ouvira aquele nome em algum lugar, mas onde? E tinha um irmão. Um meio-irmão. Quando pequeno, sempre se perguntava como seria ter um irmão ou irmã. Quem, e onde? Mas Ams prosseguiu.

— Quase toda garota sonha em se tornar Donzela e aprende a usar arco e lança pelo menos de forma rudimentar e a lutar com mãos e pés. Mesmo assim, as que dão o passo final e desposam a lança descobrem que não sabem nada. Foi ainda mais difícil para Shaiel. Ela sabia lidar bem com o arco, mas nunca correria mais do que uma milha nem vivera do que encontrasse no caminho. Uma garota de dez anos conseguia derrotá-la, e ela sequer sabia quais plantas indicavam a presença de água. Ainda assim, Shaiel perseverou. Em um ano fez os votos à lança, tornou-se uma Donzela e foi adotada pelo ramo Chumai dos Taardad.

E em algum momento, Shaiel partira para Tar Valon com as Donzelas, para morrer nas encostas do Monte do Dragão. Era uma meia resposta, e deixava novas perguntas. Se ao menos ele tivesse visto o rosto da mãe...

— Você parece um pouco com ela — comentou Seana, como se lesse os pensamentos dele. Ela se sentara de pernas cruzadas e bebia de uma pequena caneca de vinho. — E menos com Janduin.

— Janduin? Meu pai?

— Isso — respondeu Seana. — Era o chefe do clã dos Taardad, na época, o mais jovem de que se tem lembrança. Mas tinha um jeito especial, um poder. As pessoas o escutavam e seguiam, até os que não eram do clã. Ele acabou com a rixa de sangue de duzentos anos entre os Taardad e os Nakai e fez alianças com eles e com os Reyn, com quem tinha quase uma rixa de sangue também. Quase conseguiu acabar com a desavença entre os Shaarad e os Goshien, e poderia ter levado Laman a não cortar a árvore. Por mais jovem que fosse, foi ele quem levou os Taardad, os Nakai, os Reyn e os Shaarad a tentar fazer Laman pagar sua dívida de sangue.

Foi. Então ele também tinha morrido. O rosto de Egwene estava cheio de compaixão. Rand ignorou, não queria compaixão. Como poderia sentir a perda de gente que sequer conhecera? Mas sentia.

— Como foi que Janduin morreu?

As Sábias trocaram olhares hesitantes. Por fim, Amys disse:

— Foi no início do terceiro ano da busca por Laman, quando Shaiel descobriu que estava grávida. Pela lei, ela deveria ter retornado à Terra da Trindade. Uma Donzela é proibida de carregar a lança quando carrega uma criança. Mas Janduin não conseguia proibi-la de nada. Se ela pedisse a lua em um colar, ele tentaria dar a ela. Então ela ficou e, na última luta, antes de Tar Valon, se perdeu, e a criança foi junto. Janduin não conseguiu se perdoar por não tê-la obrigado a obedecer a lei.

— Ele abriu mão de sua posição como chefe de clã — continuou Bair. — Ninguém nunca fizera tal coisa. Disseram que ele não podia fazer aquilo, mas Janduin simplesmente foi embora. Seguiu para o norte com os jovens, para caçar Trollocs e Myrddraal na Praga. É uma coisa que os homens mais desvairados fazem, assim como as Donzelas com mais coragem que juízo. Os que retornaram disseram que ele foi morto por um homem. Disseram que Janduin alegou que o homem parecia Shaiel e não ergueu a lança quando o sujeito partiu para cima dele.

Mortos, então. Ambos mortos. Ele nunca deixaria de amar Tam, nunca deixaria de pensar nele como pai, mas queria poder ter visto Janduin e Shaiel pelo menos uma vez.

Egwene tentou confortá-lo, naturalmente, como as mulheres sempre faziam. Não adiantaria tentar fazê-la compreender que ele perdera algo que nunca tivera. Como lembrança dos pais, tinha a risada baixinha de Tam al'Thor e a fraca memória das mãos suaves de Kari. Era tudo o que um homem poderia querer ou precisar. Mas sua amiga parecia decepcionada, até um pouco chateada com ele, e as Sábias de uma forma ou outra compartilhavam do sentimento, pelo que deixava transparecer a careta de desaprovação de

Bair e a fungada e remexida ostentosa no xale de Melaine. As mulheres nunca entendiam. Rhuarc, Lan e Mat, sim. Eles o deixaram sozinho, como queria.

Por alguma razão, Rand estava sem apetite quando Melaine trouxe comida, então foi se deitar na beirada da tenda, com uma das almofadas sob o cotovelo, de onde podia observar a encosta e a cidade enevoadas. O sol inundava o vale e as montanhas vizinhas, incendiando as sombras. O ar que remoinhava para dentro da tenda parecia vir de um forno.

Mat se aproximou depois de um tempo, já com uma camisa limpa. Sentou-se ao lado de Rand sem dizer palavra, perscrutando o vale abaixo, a estranha lança apoiada no joelho. Vez ou outra passava o dedo pela inscrição cursiva entalhada no cabo preto.

— Como está a cabeça? — perguntou Rand, e Mat deu um salto.

— É... não está doendo mais. — Ele tirou os dedos do entalhe de repente e entrelaçou as mãos no colo. — Não muito, de todo modo. Seja lá o que elas tenham feito, funcionou.

Ele fez silêncio outra vez, e Rand o deixou quieto. Também não queria falar. Quase podia sentir o tempo passando, grãos de areia em uma ampulheta caindo um por um, de tão lentamente. Mas tudo também parecia tremular, a areia prestes a explodir em uma torrente. Bobagem. Estava apenas sendo afetado pela névoa quente que subia da rocha nua da montanha. Os chefes de clã não conseguiriam chegar a Alcair Dal mais cedo, mesmo se Moiraine surgisse diante dele naquele instante. De todo modo, aqueles homens eram apenas uma parte do plano, talvez a menos importante. Pouco depois, percebeu Lan agachado em cima da mesma saliência de granito que Couladin usara, sem dar atenção ao sol. O Guardião também estava vigiando o vale. Outro homem que não queria falar.

Rand também recusou a refeição do meio-dia, embora Egwene e as Sábias se revezassem para tentar fazê-lo comer. Pareciam aceitar a recusa com bastante calma, mas, quando ele sugeriu retornar a Rhuidean para procurar Moiraine — e também Aviendha — Melaine explodiu.

— Seu idiota! Homem nenhum pode ir duas vezes para Rhuidean. Nem você retornaria vivo! Ah, morra de fome, se quiser!

Ela arremessou na cabeça dele metade de um pedaço redondo de pão. Mat o pegou no ar e começou a comer com muita calma.

— Por que você me quer vivo? — perguntou Rand a ela. — Sabe o que aquela Aes Sedai disse diante de Rhuidean. Vou destruir vocês. Por que não estão tramando com Couladin para me matar?

Mat engasgou, e Egwene plantou as mãos na cintura, pronta para passar um sermão, mas Rand manteve a atenção em Melaine. Em vez de responder, a Sábida cravou os olhos nele e saiu da tenda.

Foi Bair quem falou.

— Todo mundo pensa que conhece a Profecia de Rhuidean, mas o que o povo sabe é o que as Sábias e os chefes de clã vêm contando por gerações. Não são mentiras, mas não é a verdade completa. A verdade pode destruir até o homem mais forte.

— Qual é a verdade completa? — insistiu Rand.

Ela olhou para Mat, depois disse:

— Neste caso, a verdade completa, a verdade que apenas as Sábias e os chefes dos clãs conheciam, é que você é a nossa ruína. Nossa ruína e nossa salvação. Sem você, ninguém do povo vai sobreviver à Última Batalha. Talvez nem chegue à Última Batalha. Essa é a profecia e a verdade. Com você... “Ele derramará o sangue daqueles que se denominam Aiel como água na areia e os destruirá como a ramos secos, mas o que restar do restante ele salvará, e eles viverão.” Uma profecia dura, mas esta nunca foi uma terra branda. — A mulher o encarou, sem hesitar. Uma terra dura, e uma mulher dura.

Ele se virou para o lado de novo e voltou a perscrutar o vale. Os outros haviam ido embora, exceto por Mat.

No meio da tarde ele enfim avistou uma silhueta subindo a montanha, escalando com cansaço e dificuldade. Aviendha. Mat tinha razão, a jovem estava nua como veio ao mundo. E também exibia efeitos do sol, Aiel ou não. Apenas o rosto e as mãos estavam escurecidos pelo sol, e o restante parecia bastante vermelho. Rand ficou contente em vê-la. A mulher não gostava dele, mas só porque achava que ele destrutara Elayne. O mais simples dos motivos. Não pela profecia ou pela ruína, não pelos Dragões em seu braço ou porque ele era o Dragão Renascido. Por um motivo simples e humano. Rand quase ansiava por aqueles olhares frios e desafiadores.

Quando ela o viu, congelou, e não havia nada de frio em seus olhos azul-esverdeados. O olhar dela fez o sol parecer frio. Rand deveria ter sido transformado em cinzas ali mesmo onde estava.

— É... Rand? — murmurou Mat. — Acho que eu não viraria as costas para ela, se fosse você.

Um suspiro cansado escapou de seus lábios. Claro. Se ela tinha passado por aquelas colunas de vidro, sabia. Bair, Melaine, as outras — todas tiveram anos para se acostumar à ideia. Para Aviendha, era uma ferida nova e sem cicatriz. *Não é de se admirar que ela agora me odeie.*

As Sábias correram ao encontro de Aviendha e a levaram depressa para dentro de outra tenda. Quando Rand a viu outra vez, a mulher estava usando uma saia marrom pesada e uma blusa branca larga, com um xale passado nos braços. Não parecia muito feliz com as roupas. Aviendha notou que ele a observava, e a ira em seu rosto — pura fúria animal — foi suficiente para fazê-lo desviar os olhos.

As sombras começavam a se espichar na direção das montanhas mais distantes quando Moiraine apareceu, caindo e se reerguendo, cambaleante, enquanto subia a encosta. Estava tão queimada de sol quanto Aviendha. Rand ficou espantado em ver que a Aes Sedai também estava sem roupa. As mulheres eram loucas, essa era a verdade.

Lan saltou da saliência de pedra e correu até ela, então tomou-a nos braços e subiu a encosta depressa, talvez mais depressa do que descera, xingando e gritando pelas Sábias, uma após a outra. A cabeça de Moiraine pendia sobre o ombro do Guardião. As Sábias vieram pegá-la, e Melaine barrou a passagem de Lan quando ele tentou segui-las para dentro da tenda. O

Guardião foi deixado do lado de fora, andando de um lado para outro, a mão em punho socando a palma da outra.

Rand virou-se de costas e encarou o teto baixo da tenda. Três dias poupados. Deveria estar contente por Moiraine e Aviendha terem voltado, mas o alívio que sentia era pelos três dias poupados. Tempo era tudo. Ele precisava poder escolher o próprio caminho. Talvez ainda pudesse.

— O que você vai fazer agora? — perguntou Mat.

— Uma coisa que acho que você vai gostar. Vou quebrar as regras.

— Estava querendo saber se você ia pegar alguma coisa para comer. Porque eu estou com fome.

Rand soltou uma risada, mesmo sem querer. Alguma coisa para comer? Não daria a mínima se nunca mais comesse na vida. Mat o encarou como se ele estivesse louco, e aquilo só o fez gargalhar mais alto. Não estava louco. Pela primeira vez, *alguém* aprenderia o que significava ele ser o Dragão Renascido. Ele infringiria as regras de uma forma que *ninguém* esperava.





LIÇÕES SEVERAS

O Coração da Pedra em *Tel'aran'rhiod* era como Egwene se lembrava no mundo real: imensas colunas de pedra vermelha polida que subiam e subiam até chegar a um teto distante, e, sob o grande domo central, *Callandor* cravada nas pedras claras do chão. Só que não havia gente. Os lampiões dourados não estavam acesos, mas havia uma espécie de luz, ao mesmo tempo forte e fraca, que parecia emanar de todos os lugares e de lugar nenhum. Em geral, os ambientes fechados em *Tel'aran'rhiod* eram assim.

O que ela não esperava encontrar era a mulher de pé, do outro lado da espada reluzente de cristal, e espiando as sombras pálidas por entre as colunas. Egwene ficou surpresa com a forma como ela estava vestida. Pés descalços e calças largas de seda amarela com brocados. Acima do cinturão amarelo, mais escuro, a mulher estava nua, exceto pelas correntes douradas que pendiam do pescoço. Pequenas argolas de ouro decoravam as orelhas em fileiras cintilantes, e, o mais espantoso de tudo, outra argola perfurava o nariz, e uma fina corrente de medalhões enfileirados ia da argola do nariz até uma das da orelha esquerda.

— Elayne? — indagou Egwene, em um arquejo, envolvendo o corpo com o xale como se fosse ela que estivesse sem blusa. Estava vestida como uma Sábia, desta vez, mas sem motivo aparente.

A Filha-herdeira deu um salto, e, quando parou de frente para Egwene, estava usando um recatado vestido verde-claro de gola alta e bordada, com mangas compridas cujas pontas cobriam as mãos. Sem brincos. Sem argola no nariz.

— É assim que as mulheres do Povo do Mar se vestem a bordo — explicou, mais do que depressa, com um rubor intenso no rosto. — Eu queria saber como é, e aqui pareceu o melhor lugar para testar. Afinal de contas, não dava para fazer isso no navio.

— E como é? — perguntou Egwene, curiosa.

— Bem frio, para dizer a verdade. — Elayne olhou as colunas ao redor. — E parece que todo mundo está olhando para você, mesmo quando não tem ninguém em volta. — Ela de repente começou a rir. — Pobres Thom e Juilin. Eles ficam sem saber para onde olhar. Metade da tripulação é de mulheres.

Analisando as colunas, Egwene deu de ombros, incomodada. Parecia mesmo que as duas estavam sendo observadas. Decerto porque eram as únicas pessoas na Pedra. Ninguém que tivesse acesso a *Tel'aran'rhiod* esperaria ver alguém por ali.

— Thom? Thom Merrilin? E Juilin Sandar? *Eles* estão com você?

— Ah, Egwene, Rand mandou os dois. Rand e Lan. Bom, Moiraine mandou Thom, na verdade, mas Rand mandou Mestre Sandar. Para nos ajudar. Nynaeve está bastante tensa com isso, com essa história do Lan, mas é claro que não demonstra.

Egwene conteve um sorrisinho. *Nynaeve*, tensa? O rosto de Elayne estava radiante, e o vestido mudara outra vez para um com decote *muito* mais baixo. Aparentemente, acontecera sem que ela percebesse. O *ter'angreal*, o anel de pedra retorcido, ajudava a Filha-herdeira a encontrar o Mundo dos Sonhos com tanta facilidade quanto Egwene tinha para fazê-lo, mas não conferia controle. Isso tinha que ser aprendido. Pensamentos aleatórios — como o que ela gostaria de usar para Rand — ainda eram capazes de alterar a aparência de Elayne.

— Como ele está? — A voz da Filha-herdeira era uma estranha mistura de desinteresse forçado e apreensão.

— Bem, acho que está... — Egwene deu o relatório completo. As Pedras-portal, Rhuidean, tudo o que sabia pelo que escutara e o que conseguia inferir a partir das conversas sobre ver com os olhos dos ancestrais. Falou da estranha criatura do estandarte do Dragão marcada nos antebraços de Rand, da revelação de Bair de que ele seria a ruína dos Aiel e da convocação dos chefes dos clãs para Alcair Dal. Amys e as outras Sábias deviam estar cuidando disso naquele instante, pelo menos ela torcia para que estivessem. Contou até a estranha história dos pais verdadeiros de Rand, só que em uma versão resumida. — Mas não sei, não. Desde que ouviu sobre isso, ele anda mais estranho do que nunca, e Mat não fica muito atrás. Não estou dizendo que Rand enlouqueceu, mas... Ele é tão duro quanto Rhuarc ou Lan, talvez mais, pelo menos em alguns aspectos. Acho que está planejando alguma coisa, algo que não quer que ninguém saiba. E está com pressa de pôr em prática. É preocupante. Às vezes, tenho a sensação de que ele não vê mais pessoas, só peças em um tabuleiro.

Elayne não parecia preocupada, pelo menos não com isso.

— Ele é o que é, Egwene. Um rei ou um general nem sempre pode se dar ao luxo de ver as pessoas. Quando um governante precisa fazer o que é certo para a nação, às vezes alguns acabam feridos em prol do que for melhor para todos. Rand é um rei, Egwene, mesmo que sem nação. Isso sem contar Tear. E, se ele não fizer nada que machuque ninguém, vai acabar machucando todos.

Egwene fungou. Podia fazer sentido, mas ela não era obrigada a gostar da ideia. Pessoas eram pessoas e precisavam ser vistas como tal.

— E tem mais. Algumas Sábias conseguem canalizar. Não sei quantas, mas suspeito que mais do que umas poucas, até certo grau. Pelo que Ams contou, elas encontram todas as mulheres que nascem com a centelha. — Nenhuma Aiel morria tentando aprender sozinha a canalizar, tentando usar o Poder sem nem saber o que estava fazendo. Não existiam bravias entre as Aiel. Os homens que se descobriam capazes de canalizar enfrentavam um destino mais sombrio: rumavam para o norte, para a Grande Praga. Ou talvez mais além, para as Terras Devastadas e Shayol Ghul. Iam matar o Tenebroso, diziam. Nenhum sobrevivia por tempo suficiente para enlouquecer. — Parece que Aviendha é uma das que têm a centelha. Acho que ela será muito forte. Ams concorda.

— Aviendha? — repetiu Elayne, espantada. — Mas é claro. Eu deveria ter percebido. Senti a mesma afinidade com Jorin que senti com ela, à primeira vista. E com você, aliás.

— Jorin?

Elayne fez uma careta.

— Prometi que guardaria o segredo dela, mas solto a língua na primeira oportunidade. Bem, suponho que você não vá fazer mal a ela nem às suas irmãs. Jorin é Chamadora de Ventos do *Bailador das Ondas*, Egwene. Ela é capaz de canalizar, assim como algumas das outras que exercem a mesma função. — A Filha-herdeira olhou as colunas ao redor, e o decote de repente subiu de volta até o queixo. Ela ajustou um xale de renda escura que não estava lá um instante antes, cobrindo os cabelos e escondendo o rosto. — Egwene, você não pode contar a ninguém. Jorin tem medo de que a Torre as force a se tornar Aes Sedai ou que tente dar um jeito de controlá-las. Prometi que faria o possível para não deixar isso acontecer.

— Não vou contar — respondeu Egwene, devagar.

Sábias e Chamadoras de Vento. Havia mulheres capazes de canalizarem entre elas, e nenhuma tinha feito os Três Juramentos, nenhuma estava ligada ao Bastão dos Juramentos. Os Juramentos serviam para que as pessoas confiassem nas Aes Sedai, ou pelo menos para que não temessem seu poder, mas ainda era frequente as mulheres da Torre precisarem se deslocar em segredo. As Sábias — e Egwene apostava que o mesmo valia para as Chamadoras de Ventos — ocupavam lugar de honra em suas sociedades. Sem que precisassem jurar para supostamente manter a segurança. Era algo a se pensar.

— Nynaeve e eu também estamos adiantadas, Egwene. Jorin está me ensinando a manipular o clima. Você não acreditaria no tamanho dos fluxos de Ar que ela consegue urdir! E, cá entre nós, a gente pôs o *Bailador das Ondas* para correr mais depressa do que nunca, o que é *bem* rápido. Devemos chegar em Tanchico em mais uns três dias, talvez dois, segundo Coine. Ela é a Mestra das Velas, a capitã. Dez dias de Tear até Tanchico, mais ou menos. Isso parando para falar com todos os navios dos Atha'an Miere que encontramos. Egwene, o Povo do Mar acha que Rand é o Coramoor.

— Ah, é?

— Coine interpretou errado algumas coisas que aconteceram em Tear. Ela está presumindo que as Aes Sedai servem a Rand, por exemplo. Nynaeve e eu achamos que era melhor não esclarecer o erro, mas, assim que ela contar para outra Mestra das Velas, todos vão espalhar a notícia e servir a Rand. Acho que farão qualquer coisa que ele pedir.

— Queria que os Aiel aceitassem a questão com a mesma facilidade — suspirou Egwene. — Rhuarc acha que alguns vão se recusar a reconhecê-lo, com ou sem Dragões de Rhuidean. Tem um sujeito, um homem chamado Couladin, que tenho certeza de que mataria Rand em um instante, se tivesse chance.

Elayne deu um passo à frente.

— Você não vai deixar isso acontecer. — Não era uma pergunta, nem um pedido. Havia um brilho penetrante nos olhos azuis e uma adaga desembainhada na mão da Filha-herdeira.

— Farei o melhor que posso. Rhuarc está fornecendo guarda-costas a ele.

Elayne pareceu ver a adaga pela primeira vez e levou um susto. A lâmina desapareceu.

— Você precisa me ensinar o que Amys estiver ensinando a você, Egwene. É desconcertante ver as coisas ficarem aparecendo e sumindo, ou perceber de repente que estou usando roupas diferentes. Simplesmente acontece.

— Vou ensinar. Quando tiver tempo. — Ela já estava em *Tel'aran'rhiod* havia tempo demais. — Elayne, se eu não estiver aqui quando for hora de nos encontrarmos outra vez, não se preocupe. Vou tentar, mas talvez eu não consiga vir. Não se esqueça de contar a Nynaeve. Se eu não vier, confira todas as noites seguintes. Não vou atrasar mais do que um ou dois dias, tenho certeza.

— Se você diz — respondeu Elayne, desconfiada. — Com certeza levaremos semanas para descobrir se Liandrin e as outras estão em Tanchico ou não. Thom acha que a cidade vai estar muito confusa. — Ela pousou os olhos em *Callandor*, enfiada no chão até a metade. — Por que será que ele fez isso?

— Rand disse que isso vai prender os tairenos a ele. Enquanto souberem que está aí, saberão que ele vai voltar. Talvez ele saiba o que está dizendo. Espero que sim.

— Ah. Eu pensei que... talvez... ele estivesse irritado... com alguma coisa.

Egwene franziu o cenho para a amiga. Aquela súbita timidez não combinava nada com Elayne.

— Irritado com o quê?

— Ah, nada. Só passou pela minha cabeça. Egwene, entreguei duas cartas a Rand antes de ir embora de Tear. Você sabe como ele reagiu?

— Não, não sei. Você disse alguma coisa que possa tê-lo irritado?

— Claro que não. — Elayne deu uma risada alegre, mas pareceu forçada. O vestido de súbito transformou-se em um novo, de lã escura, pesado o bastante para um inverno rigoroso. — Eu teria que ser muito tonta para escrever alguma coisa que o deixasse irritado. — A jovem não tinha reparado,

mas seus cabelos voavam para todos os lados, feito uma coroa insana. — Estou tentando fazer com que ele me ame, afinal de contas. Só tentando fazê-lo me amar. Ah, por que os homens não podem ser mais simples? Por que precisam causar tantas dificuldades? Pelo menos ele está longe de Berelain. — A lâ voltou a ser seda, com um decote ainda mais profundo que o anterior. Seus cabelos cintilavam sobre os ombros, brilhando tão forte que quase apagavam o vestido. A Filha-herdeira hesitou, mordiscando o lábio inferior. — Egwene? Se você tiver chance, pode dizer a ele que eu estava falando sério quando disse que... Egwene? Egwene!

Algo agarrou Egwene. O Coração da Pedra definhou até escurecer por completo, como se ela estivesse sendo puxada pelos cabelos.

* * *

Egwene acordou de repente, com um arquejo. Estava com o coração aos saltos, encarando o teto baixo da tenda envolta pela noite. Apenas um tantinho de luar entrava pelas laterais abertas. Estava debaixo das cobertas — o Deserto era tão frio à noite quanto era quente durante o dia, e o braseiro que exalava o odor adocicado de adubo seco queimando não aquecia muito. Continuava exatamente onde se deitara para dormir. Mas o que a puxara de volta?

De súbito, deu-se conta de Amys, sentada de pernas cruzadas a seu lado, envolta em sombras. O rosto da Sábia, tomado pela escuridão, parecia tão sombrio e perigoso quanto a noite.

— Foi você que fez isso, Amys? — perguntou, cheia de raiva. — Você não tem o direito de sair me puxando. Eu sou uma Aes Sedai da Ajah Verde... — A mentira agora saía com facilidade de seus lábios. — E você não tem o direito...

Amys a interrompeu com uma voz sombria.

— Para além da Muralha do Dragão, na Torre Branca, você é Aes Sedai. Aqui, é uma aprendiz ignorante, uma criança tola rastejando em um ninho de cobras.

— Sei que disse que não entraria em *Tel'aran'rhiod* sem você — retrucou Egwene, tentando soar racional — mas...

Algo a puxou pelos tornozelos e a ergueu no ar de cabeça para baixo. Os cobertores rolaram para longe, o vestido desceu e se embolou em suas axilas. Ela pendia de cabeça para baixo, com o rosto na mesma altura do de Amys. Furiosa, abriu-se para *saidar* — e viu que estava blindada.

— Você queria ir sozinha — sibilou Amys, baixinho. — Foi avisada, mas quis ir. — Os olhos dela pareciam cintilar no escuro, mais e mais brilhantes. — Sem se importar com o que poderia estar à espera. Existem coisas nos sonhos que dilaceram o coração mais valente. — Em volta dos olhos que mais pareciam brasa azul, o rosto dela derreteu e se esticou. Escamas brotaram onde antes havia pele, e sua mandíbula se projetou, cheia de dentes afiados. — Coisas que *devoram* o coração mais valente — rosnou.

Aos berros, Egwene esmurrou em vão o escudo que a isolava da Fonte Verdadeira. Tentou socar aquela cara horrível, aquela coisa que não podia ser Amys, mas algo agarrava seus punhos e a prendia, tesa e trêmula, no ar. Tudo o que conseguia fazer era ganir, enquanto aquela bocarra se fechava ao redor de seu rosto.

* * *

Egwene sentou-se, gritando, agarrando as cobertas. Com esforço, conseguiu fechar a boca, mas não pôde fazer nada contra o tremor que a dominava. Estava na tenda — mas será que estava mesmo? Lá estava Amys, de pernas cruzadas na escuridão, envolta no brilho de *saidar* — será que era ela mesmo? Desesperada, Egwene abriu-se à Fonte e quase soltou um urro quando percebeu outra vez a barreira. Jogando os cobertores de lado, engatinhou até as mantas no chão e revirou as roupas dobradas com ambas as mãos. Tinha uma faca de cintura. Onde estava? Onde? Ali!

— Sente-se — disse Amys, em um tom duro — antes que eu lhe dê um calmante. Você não vai gostar do sabor.

Egwene virou-se e se apoiou nos joelhos, segurando a faca curta com as duas mãos, que teriam tremido se não estivessem agarradas no punho da arma.

— É você mesma, desta vez?

— Eu sou eu mesma, agora e antes. As lições severas são as melhores. Está pensando em me esfaquear?

Hesitante, Egwene embainhou a faca.

— Você não tem o direito de...

— Eu tenho todo o direito! Você me deu sua palavra. Eu não sabia que Aes Sedai podiam mentir. Se estou aqui para ensiná-la, preciso ter certeza de que vai fazer o que eu mandar. Não vou assistir uma aprendiz minha degolar a si mesma! — Amys deu um suspiro. O brilho tênue à sua volta se dissipou, assim como a barreira entre Egwene e *saidar*. — Não consigo mais manter a blindagem. Você é muito mais forte do que eu. Com o Poder Único. Você quase conseguiu destruir meu escudo. Mas, se não for capaz de manter sua palavra, não sei se vou querer instruí-la.

— Vou manter minha palavra, Amys. Prometo. Mas preciso encontrar minhas amigas em *Tel'aran'rhiod*. Também prometi isso a elas. Amys, elas podem precisar da minha ajuda, do meu aconselhamento. — Não era fácil enxergar o rosto de Amys na escuridão, mas Egwene não o viu se abrandar. — Por favor, Amys. Você já me ensinou tantas coisas. Acho que agora consigo encontrá-las onde estiverem. Por favor, não pare quando ainda há tanto para eu aprender. Faça o que você quiser.

— Trance o cabelo — disse a Sábia, em um tom impassível.

— Meu cabelo? — indagou Egwene, receosa.

Sem dúvida não seria problema algum, mas por quê? Ela o usava solto, caído por cima dos ombros, mas não fazia muito tempo desde que quase

explodira de orgulho no dia em que o Círculo das Mulheres disse que ela já tinha idade para trançar os cabelos, como Nynaeve ainda fazia. Em Dois Rios, a trança era sinal de que uma menina já podia ser considerada mulher.

— Uma em cima de cada orelha. — A voz de Amys ainda era dura feito pedra. — Se não tiver fitas para amarrar as tranças, posso arranjar algumas. É assim que nossas garotinhas fazem com os cabelos. Garotinhas novas demais para manter a palavra. Quando me provar que é capaz de manter a sua, pode soltar os cabelos. Mas, se mentir para mim outra vez, farei você cortar as saias como um vestidinho de menina e carregar uma boneca. Quando decidir se comportar como uma mulher, será tratada como uma. Concorde com isso, ou não lhe ensino mais nada.

— Vou concordar se você me acompanhar quando eu precisar encontrar...

— Concorde, *Aes Sedai*! Não negocio com crianças, nem com quem não sabe manter a palavra. Você vai me obedecer, vai aceitar o que escolho dar a você e mais nada. Ou então vá embora e se mate sozinha. Eu. Não. Vou. Ajudar nisso!

Egwene ficou grata pela escuridão, que escondia sua careta emburrada. *Dera* sua palavra, mas aquilo era tão injusto. Ninguém estava tentando cercar Rand com regrinhas idiotas. Bem, talvez *ele* fosse diferente. De todo modo, não tinha certeza se trocaria as ordens de Amys por ter Couladin querendo lhe cravar uma lança. Mat decerto não toleraria as regras dos outros. Ainda assim, *ta'veren* ou não, Mat não tinha nada para aprender. Só precisava viver. Era muito provável que se recusasse a aprender qualquer coisa, se lhe fosse dada a chance, a menos que tivesse algo a ver com comida ou jogatina. Egwene queria aprender. Às vezes parecia uma fome insaciável, por mais que absorvesse. Só que nada disso tornava a situação justa. *É assim que as coisas são*, pensou com pesar.

— Eu concordo — disse. — Farei como você quer, aceitarei o que me der e nada mais.

— Bom. — Depois de uma longa pausa, como se esperasse para ver se algo mais saía de Egwene, que sabiamente segurou a língua, Amys acrescentou: — Pretendo ser dura com você, Egwene, mas não sem propósito. Só de você achar que já lhe ensinei muita coisa mostra como sabia pouco. Você tem um talento forte para Sonhar, e é muito provável que um dia vá muito mais longe do que qualquer uma de nós. Mas, se não aprender o que posso lhe ensinar, o que nós quatro podemos lhe ensinar, jamais vai desenvolver plenamente esse talento. É mais provável que não viva o suficiente para isso.

— Vou tentar, Amys. — Ela achou que conseguira soar submissa o bastante. Por que a mulher não dizia o que ela queria ouvir? Se Egwene não pudesse adentrar *Tel'aran'rhiod* sozinha, Amys teria de ir também, quando ela fosse encontrar Elayne de novo. Ou talvez fosse Nynaeve, da próxima vez.

— Bom. Tem algo mais a dizer?

— Não, Amys.

A pausa foi mais longa desta vez. Egwene aguardou com toda a paciência que tinha, as mãos cruzadas sobre os joelhos.

— Então você é capaz de conter suas exigências quando quer — disse a Sábá, por fim — mesmo que fique se contorcendo feito um bode com coceira. Estou enganada quanto à causa? Posso sugerir uma pomada para isso, se for o caso. Não? Muito bem. Vou acompanhá-la quando você precisar encontrar suas amigas.

— Obrigada — disse Egwene, empertigada. Um bode com coceira, ora essa!

— Caso não tenha escutado da primeira vez que eu disse, o aprendizado não será fácil, nem rápido. Você acha que trabalhou nestes últimos dias. Agora prepare-se para se esforçar de verdade.

— Amys, vou aprender o quanto você puder me ensinar e vou trabalhar duro sempre que você quiser, mas, entre Rand e os Amigos das Trevas... ter tempo para aprender pode acabar se tornando um luxo, e minha bolsa pode acabar vazia.

— Eu sei — retrucou Amys, em um tom cansado. — Ele já está nos trazendo problemas. Venha. Você já perdeu tempo demais com essa sua criancice. Há assuntos de mulher a serem discutidos. As outras estão esperando.

Pela primeira vez, Egwene percebeu que Moiraine não estava entre suas cobertas. Ela estendeu a mão para pegar o vestido, mas Amys interveio:

— Isso não vai ser necessário. Não vamos muito longe. Jogue uma manta nos ombros e venha. Já trabalhei muito por Rand al'Thor e ainda preciso fazer mais depois que terminarmos.

Enrolando um cobertor nos ombros, desconfiada, Egwene acompanhou a mulher mais velha pela noite. Estava *frio*. Com a pele arrepiada, ela foi saltando de pé em pé, descalça no chão de pedras que quase pareciam de gelo. Depois do calor do dia, a noite parecia fria como o meio de um inverno em Dois Rios. Sua respiração se transformava em névoa fina diante da boca, absorvida imediatamente pelo ar. Frio ou não, ainda era bem seco.

Nos fundos do acampamento das Sábias havia uma pequena tenda que Egwene não vira antes. Era baixa como as outras, mas estava presa com estacas nas beiradas. Para sua surpresa, Amys começou a tirar a roupa e fez um gesto para que ela o imitasse. Cerrando os dentes para não bater o queixo, Egwene aos poucos seguiu o exemplo de Amys. Depois que a Aiel se despiu por completo, ficou ali parada, como se a noite não estivesse congelante, respirando fundo e agitando os braços. Até que entrou. Egwene disparou atrás dela com vontade.

O calor a atingiu como uma pancada na testa. Começou a suar por todos os poros.

Moiraine já estava lá, assim como as outras Sábias e Aviendha, todas nuas e suadas, sentadas em torno de um grande caldeirão de ferro cheio até a boca de pedras escuras. Tanto o caldeirão quanto as pedras irradiavam calor. A Aes Sedai parecia quase recuperada de seu suplício, mas havia uma tensão em seus olhos que não estava presente antes.

Enquanto Egwene procurava, cautelosa, um lugar para se sentar — não havia mantas, apenas chão de pedras — Aviendha fechou as mãos em concha, apanhou um punhado de água de um caldeirão menor e jogou no

maior. A água evaporou com um chiado, sem deixar sequer um pontinho úmido nas pedras. Aviendha mantinha uma expressão azeda. Egwene sabia como ela se sentia. As noviças da Torre também recebiam tarefas, e ela não sabia dizer se odiava mais esfregar o chão do que as panelas, ou se era o contrário. Aquela tarefa nem de longe parecia tão onerosa.

— Precisamos discutir o que fazer em relação a Rand al'Thor — disse Bair, depois que Ams também se sentou.

— Fazer em reação a ele? — indagou Egwene, alarmada. — Ele tem os sinais. É por ele que vocês estavam procurando.

— É ele — concordou Melaine, em um tom sombrio, afastando mechas longas de cabelo louro-avermelhado do rosto empapado. — Precisamos tentar garantir que o máximo de pessoas do nosso povo sobreviva à vinda dele.

— E não menos importante — completou Seana — precisamos garantir que ele sobreviva para cumprir o restante da profecia. — Melaine cravou os olhos nela, e Seana acrescentou, em um tom paciente: — Ou nenhum de nós vai sobreviver.

— Rhuarc tinha dito que colocaria alguns Jindo de guarda-costas — comentou Egwene. — Ele mudou de ideia?

Ams balançou a cabeça.

— Não mudou. Rand al'Thor está dormindo nas tendas dos Jindo, com cem homens acordados para garantir que ele também acorde amanhã. Mas os homens quase sempre veem as coisas de maneira diferente de nós. Rhuarc vai segui-lo, talvez discorde de decisões que considere erradas, mas não vai tentar guiá-lo.

— Você acha que ele precisa ser guiado? — Moiraine arqueou uma sobrancelha ao ouvir isso, mas Egwene a ignorou e prosseguiu: — Até agora, ele fez o que tinha de fazer sem orientação.

— Rand al'Thor não conhece nossos costumes — retrucou Ams. — Existem centenas de erros que poderia cometer para virar um chefe ou um clã contra si, para fazê-los enxergar um aguacento em vez d'Aquele Que Vem Com a Aurora. Meu marido é um homem bom e um excelente chefe, mas não é um apaziguador treinado para guiar homens em fúria a baixar suas lanças. Precisamos manter alguém próximo de Rand al'Thor para sussurrar em seus ouvidos quando ele estiver prestes a dar um passo em falso. — Ela fez um gesto para que Aviendha jogasse mais água nas pedras quentes. A mulher mais jovem obedeceu, calada e graciosa.

— E temos que vigiá-lo — acrescentou Melaine, com rispidez. — Precisamos ter alguma ideia do que ele pretende fazer antes que faça. O cumprimento da Profecia de Rhuidean começou, e não pode ser interrompido perto do fim, de maneira alguma. Mas pretendo garantir que o máximo possível da nossa gente sobreviva. Como isso vai acontecer depende das intenções de Rand al'Thor.

Bair inclinou-se em direção a Egwene. Era uma mulher ossuda e musculosa.

— Você o conhece desde a infância. Ele confia em você?

— Duvido — respondeu Egwene. — Ele não confia nas pessoas como antes. — Evitava olhar para Moiraine.

— Ela nos contaria, se ele confiasse? — inquiriu Melaine. — Não quero acirrar os ânimos, mas Egwene e Moiraine são Aes Sedai. O que elas buscam pode não ser o que buscamos.

— Já servimos às Aes Sedai, um dia — retrucou Bair simplesmente. — Falhamos com elas naquela época. Talvez seja preciso servir de novo. — Melaine enrubesceu, claramente constrangida.

Moiraine não deu sinal de que vira, nem de que ouvira as palavras anteriores da mulher. Exceto por aquela tensão no olhar, a Azul parecia uma pedra de gelo.

— Vou ajudar como puder — disse, em um tom frio — mas tenho pouca influência com Rand. Hoje em dia, ele urde o Padrão a seu próprio modo.

— Então temos que vigiá-lo de perto e ter esperança. — Bair suspirou. — Aviendha, você vai encontrar Rand al'Thor todos os dias quando ele acordar. E não o deixará até que ele se deite à noite. Vai ficar mais colada nele que cabelos na cabeça. Receio que seu treinamento terá de ser feito como for possível. Vai ser um fardo para você fazer as duas coisas, mas não podemos evitar. Se conversar com Rand, sobretudo se escutá-lo, não terá problemas em permanecer perto dele. Poucos homens rejeitam uma bela mulher que os escuta. Talvez Rand deixe escapar alguma coisa.

A cada palavra, Aviendha se enrijecia mais e mais. Quando Bair terminou, ela retrucou, irritada:

— Eu não vou!

Fez-se um silêncio mortal, e todos os olhos voltaram-se para ela, mas a jovem os encarou de volta, desafiadora.

— Não vai? — retrucou Bair baixinho. — Não vai. — Ela parecia estranhar o gosto das palavras na boca.

— Aviendha — disse Egwene com delicadeza — ninguém está pedindo para você trair Elayne, só para falar com ele.

Se aquilo teve algum efeito, foi o de fazer a antiga Donzela da Lança parecer ainda mais ávida para encontrar uma arma.

— É essa a disciplina que as Donzelas aprendem, hoje em dia? — perguntou Amys, em um tom ríspido. — Se for, você vai descobrir que somos muito mais rígidas. Se houver alguma razão pela qual você não possa ficar perto de Rand al'Thor, fale. — A rebeldia de Aviendha esmoreceu um pouquinho, e ela emitiu um resmungo inaudível. A voz de Amys assumiu um tom cortante. — Fale, estou mandando!

— Eu não gosto dele! — gritou Aviendha. — Eu o odeio! Odeio!

Se Egwene não conhecesse a Aiel, teria pensado que a moça estava prestes a cair no choro. Mas as palavras a chocaram. Aviendha não podia estar falando sério.

— Não estamos pedindo para você amá-lo, nem para levá-lo para a cama — retorquiu Seana, em um tom ácido. — Estamos *mandando* você *escutar* o homem. E você vai obedecer!

— Criançice! — rosnou Amys. — Que tipo de mulher o mundo está criando hoje em dia? Será que *nenhuma* de vocês cresce?

Bair e Melaine foram ainda mais duras. A mais velha ameaçou amarrar Aviendha ao cavalo de Rand, no lugar da sela — e soava como se pretendesse cumprir a promessa. Melaine sugeriu que, em vez de dormir, Aviendha pudesse passar a noite cavando buracos e os tapando de volta, para clarear as ideias. Egwene percebeu que as ameaças não tinham a intenção de coagi-la; aquelas mulheres esperavam e pretendiam ser obedecidas. Qualquer trabalho inútil que Aviendha acabasse tendo que fazer seria por pura teimosia de sua parte. A teimosia pareceu diminuir com os quatro pares de olhos de Sábias a encará-la. A jovem se agachou em uma posição mais defensiva, de joelhos, mas continuava firme.

Egwene inclinou-se e pousou a mão no ombro de Aviendha.

— Você me disse que éramos quase irmãs, e acho que somos. Faria isso por mim? Pense como se fosse cuidar dele para Elayne. Você também gosta dela, eu sei. Pode contar a ele que ela me contou que quis mesmo dizer o que disse nas cartas. Ele vai gostar de saber.

O rosto de Aviendha sofreu um espasmo.

— Eu faço — disse, assumindo uma postura derrotada. — Vigio Rand por Elayne. Por Elayne.

Amys se agitou.

— Bobagem. Você vai vigiá-lo porque nós mandamos, garota. Se pensa que tem outro motivo, vai descobrir que está redondamente enganada. Mais água. O vapor está se dissipando.

Aviendha jogou mais água nas pedras, como se estivesse atirando uma lança. Egwene ficou contente em ver a energia da amiga retornando, mas pensou em adverti-la quando as duas estivessem sozinhas. Era bom ter energia, mas havia algumas mulheres — essas quatro Sábias, por exemplo, e Siuan Sanche — com as quais era sensato se controlar. Dava para gritar o dia inteiro com o Círculo das Mulheres e mesmo assim acabar fazendo a vontade delas e desejando ter ficado de boca calada.

— Agora que isso está resolvido — continuou Bair — vamos desfrutar do vapor em silêncio, enquanto podemos. Algumas de nós ainda têm muito a fazer, hoje à noite e pelas noites que virão, se pretendemos convocar uma reunião em Alcair Dal para Rand al'Thor.

— Os homens sempre arrumam um jeito de dar trabalho às mulheres — comentou Amys. — Por que Rand al'Thor seria diferente?

Fez-se silêncio na tenda, exceto pela chiadeira quando Aviendha jogava mais água nas pedras quentes. As Sábias se sentaram com as mãos nos joelhos, respirando fundo. O calor úmido, a sensação purificante e escorregadia do suor na pele, era de fato muito agradável, até relaxante. Egwene pensou que valia a pena perder um pouco de sono.

Moiraine, contudo, não parecia relaxada. Encarava o caldeirão fumegante como se visse algo mais, bem ao longe.

— Foi ruim? — perguntou Egwene, baixinho, para não incomodar as Sábias. — Rhuidean, quer dizer.

Aviendha olhou para cima depressa, mas ficou em silêncio.

— As lembranças se esvaem — disse Moiraine, também baixinho. Não desviou os olhos que encaravam o nada, e sua voz quase anulava o calor do ar, de tão fria. — A maioria já se foi. De algumas, eu já sabia. De outras... há de ser o que a Roda tecer, somos apenas o fio do Padrão. Dediquei minha vida a encontrar o Dragão Renascido, encontrar Rand, e vê-lo pronto para lutar a Última Batalha. Verei isso acontecer, custe o que custar. Nada e nem ninguém pode ser mais importante do que isso.

Trêmula, apesar do suor, Egwene fechou os olhos. A Aes Sedai não queria ser confortada. Era um bloco de gelo, não uma mulher. Egwene se acomodou e tentou recapturar aquela sensação prazerosa. Suspeitava que momentos como esse seriam raros, nos próximos dias.





DESORIENTAÇÕES

Os Aiel levantaram acampamento cedo e já estavam longe de Rhuidean quando o sol ainda por nascer formava um contorno anguloso nas montanhas distantes. Em três grupos, eles contornaram Chaendaer, descendo por planícies serrilhadas intercaladas com montes, elevações de pedra e colinas de topo achatado. A terra era cinza, marrom e todas as tonalidades intermediárias, algumas partes rajadas de espirais compridas em tons de vermelho e ocre. Volta e meia, um grande arco natural se avultava enquanto os grupos se moviam para norte e oeste, ou imensas e estranhas placas de pedra se equilibravam temerariamente, quase à beira da queda. Em cada ponto que Rand olhava, montanhas recortadas se erguiam a distância. Todos os destroços da Ruptura do Mundo pareciam reunidos ali, no lugar chamado de Deserto Aiel. Onde o solo duro não era de barro rachado, amarelo, marrom ou de algum tom intermediário, era de um material escuro e pedregoso, dividido em vários pontos por valas e depressões secas. A vegetação isolada era baixa e escassa, toda de arbustos espinhosos e galhos sem folhas cheios de espinhos. As poucas flores, brancas, vermelhas ou amarelas, eram surpreendentes naquele isolamento. De vez em quando, a grama grossa cobria alguns trechos do solo, e raramente se via uma árvore — em geral atrofiada e também com espinhos. Comparado a Chaendaer e ao vale de Rhuidean, o lugar era quase exuberante. O ar era tão limpo, e a terra tão árida que Rand achava que podia ver milhas e milhas ao longe.

Aquele ar, porém, não era menos seco, o calor não era menos implacável, e o sol era uma massa de ouro fundido no alto de um céu sem nuvens. Rand enrolara uma *shoufa* na cabeça, em uma tentativa de se proteger do sol, e com frequência bebia da bolsa d'água na sela de Jeade'en. Por estranho que fosse, o casaco parecia ajudar. Ele não suava menos, mas a camisa permanecia molhada sob a lã vermelha, o que refrescava um pouco. Mat usava uma tira

de tecido para amarrar um grande lenço branco na cabeça, feito um estranho gorro que descia pela nuca e protegia os olhos da claridade. Trazia consigo a estranha lança com lâmina de espada, a coronha enfiada no estribo.

O grupo deles consistia de cerca de quatrocentos Jindo. Rand e Mat cavalgavam à frente, lado a lado com Rhuarc e Heirn. Os Aiel caminhavam, naturalmente, levando as tendas e algumas pilhagens de Tear em mulas e cavalos de carga. Algumas Donzelas dos Jindo seguiam à frente como batedoras, e os Cães de Pedra iam atrás, vigiando a retaguarda. A coluna principal era cercada por olhos atentos, lanças a postos e arcos com flechas encaixadas. A Paz de Rhuidean supostamente valia até que todos os que tinham partido para Chaendaer retornassem os próprios fortes, mas, como Rhuarc explicara a Rand, já haviam acontecido mal-entendidos, e nem desculpas nem o preço do sangue traziam os mortos de volta dos túmulos. Rhuarc parecia achar que era ainda mais provável que algum mal-entendido ocorresse daquela vez, sem dúvida em parte por causa do grupo dos Shaido.

As terras dos Shaido ficavam depois das terras dos Taardad, na mesma direção de Chaendaer, e os Shaido avançavam em paralelo às terras dos Jindo, a cerca de um quarto de milha de distância. Segundo Rhuarc, Couladin deveria ter esperado mais um dia, para ver se o irmão voltaria. O fato de Rand ter visto Muradin depois de ele ter arrancado os próprios olhos não fazia diferença, dez dias era o tempo protocolar. Partir antes disso era abandonar quem tivesse adentrado Rhuidean. Ainda assim, Couladin pusera os Shaido para dobrar as tendas assim que viu os animais de carga dos Jindo sendo aprontados. Os Shaido viajavam com seus próprios batedores e vigias na retaguarda, aparentemente ignorando os Jindo, mas o espaço entre os dois grupos nunca aumentava mais do que trezentas passadas. Era comum haver testemunhas de talvez meia dúzia dos maiores ramos quando um homem reclamava a marca de um chefe de clã, e o povo de Couladin ultrapassava os Jindo em número: a vantagem era de pelo menos dois homens para um. Rand suspeitava que o terceiro grupo, entre os Shaido e os Taardad, fosse a razão pela qual o intervalo não se estreitava súbita e violentamente.

As Sábias caminhavam como qualquer Aiel, incluindo aqueles homens e mulheres estranhos de robes brancos, que Rhuarc chamava de *gai'shain*, conduzindo os cavalos de carga. Não eram bem servos, mas Rand não sabia se de fato entendera a explicação de Rhuarc sobre honra, obrigação e prisioneiros. Heirn fora ainda mais confuso, como se tentasse explicar por que a água era molhada. Moiraine, Egwene e Lan seguiam com as Sábias, ou pelo menos as duas mulheres seguiam. O Guardião conduzia o cavalo de batalha um pouco para o lado dos Shaido, observando-os com a mesma atenção com que examinava a paisagem escarpada. Às vezes, Moiraine, Egwene ou ambas desciam para conversar um pouco com as Sábias. Rand teria dado sua última moeda para ouvir o que diziam. Elas com frequência olhavam em sua direção, de soslaio, decerto para que ele não notasse. Por alguma razão, Egwene usava os cabelos em duas tranças, amarrados por fitas vermelhas compridas, feito os de uma noiva. Ele não sabia por quê.

Comentara sobre os cabelos dela antes de sair de Chaendaer — apenas mencionara — e a amiga quase arrancara sua cabeça.

— Elayne é a mulher para você.

Ele encarou Aviendha, confuso. O olhar desafiador estava de volta aos olhos verde-azulados, mas ainda misturado a desgosto. Ela estava esperando do lado de fora da tenda quando ele acordou, naquela manhã, e desde então não se afastara mais de três passadas. Estava claro que as Sábias a haviam mandado espionar, e ainda mais claro que não era para ele reparar. A Aiel era bonita, e ele era considerado tolo o bastante para não enxergar nada além disso. Sem dúvida era por essa razão que ela estava de saias e não portava arma além da faca de cintura. As mulheres pareciam pensar que a mente masculina carecia de sofisticação. Pensando bem, nenhum dos outros Aiel comentara sobre a mudança no vestuário de Aviendha, mas até Rhuarc evitava encará-la por muito tempo. Deviam saber por que ela estava lá, ou tinham um palpite sobre o plano das Sábias, e não queriam mencionar o assunto.

Rhuidean. Ele ainda não sabia por que a jovem tinha ido até lá. Rhuarc murmurou algo sobre “assuntos das mulheres”, claramente relutante em conversar sobre aquilo perto dela. Considerando como a jovem estava colada em Rand, aquilo significava que não discutiriam coisa alguma. O chefe de clã sem dúvida estava escutando a conversa, assim como Heirn e todos os Jindo por perto. Às vezes, era difícil interpretar os Aiel, mas ele achava que todos pareciam estar achando graça. Mat assobiava baixinho, deixando bem claro que encarava tudo, menos os dois. Mesmo assim, era a primeira vez no dia que Aviendha falava com ele.

— Como assim? — indagou Rand.

As saias pesadas não a impediam de caminhar ao lado de Jeade'en. Não, Aviendha não caminhava. Perseguia. Se fosse um gato, estaria balançando o rabo.

— Elayne é uma aguacenta, como você. — Ela balançou a cabeça, arrogante. O rabo curto que os guerreiros Aiel usavam na nuca não estava mais lá. O lenço dobrado em torno das têmporas quase tapava seus cabelos. — A mulher certa para você. Ela não é bonita? Tem a postura ereta, membros esguios e fortes, lábios vermelhos como uma fruta-do-amor succulenta. Seus cabelos são como fios de ouro, e os olhos, safiras azuis. A pele é mais macia que a seda mais delicada, os seios são lindos e redondos. Os quadris...

Rand a interrompeu bruscamente, com o rosto ardendo.

— Eu sei que ela é bonita. O que você está fazendo?

— Descrevendo Elayne. — Aviendha franziu o cenho para ele. — Você já a viu no banho? Não preciso descrevê-la se você já a tiver visto...

— Eu não vi!

Rand desejou não ter soado irritado. Rhuarc e os outros estavam escutando, os rostos impassíveis demais para quem não estava se divertindo. Mat revirou os olhos com um sorriso escancarado e malicioso.

A mulher deu de ombros e ajeitou o xale.

— Ela deveria ter providenciado isso. Mas eu vi, e vou agir como se fosse quase-irmã *dela*. — A ênfase parecia indicar que aquilo era o mesmo que *dele* poderia se dizer “quase-irmã” dele. Os costumes Aiel eram estranhos, mas isso era loucura! — Os quadris dela...

— Pare com isso!

Aviendha disparou um olhar de esguelha furioso para ele.

— Elayne é a mulher certa para você. Ela pôs o coração aos seus pés por uma grinalda matrimonial. Acha que existe alguém na Pedra de Tear que não saiba disso?

— Eu não quero falar sobre Elayne — retrucou, com firmeza. Ainda mais se ela pretendesse continuar da forma como começara. O pensamento fez seu rosto esquentar outra vez. A mulher não parecia se importar com *o que* dizia, nem com quem escutava!

— Tem mais é que corar, mesmo, por deixar a moça de lado quando ela desnudou o coração para você. — A voz de Aviendha era ríspida e desdenhosa. — Ela escreveu duas cartas, expondo tudo, como se tivesse se despido debaixo do teto de sua mãe. Você a atrai para os cantos para beijá-la, depois a rejeita. Elayne foi honesta em cada palavra daquelas cartas, Rand al'Thor! Egwene me contou. Ela foi honesta em cada palavra. O que é que você quer com ela, aguacento?

Rand esfregou a mão nos cabelos e precisou ajeitar a *shoufa*. Elayne fora honesta em cada palavra? Nas duas cartas? Era impossível. Uma contradizia a outra quase ponto a ponto! De repente, levou um susto. *Egwene* contara a ela? Sobre as cartas de Elayne? As mulheres conversavam sobre essas coisas? Planejavam juntas as melhores maneiras de confundir um homem?

Percebeu que sentia falta de Min. Min nunca o fizera parecer um idiota. Bem, não mais de uma ou duas vezes. E nunca o insultara. Bem, ela o chamara de “pastor” algumas vezes. Mas Rand se sentia à vontade perto dela, confortável, de um jeito estranho. Ela jamais o fizera se sentir um completo idiota, como Elayne e Aviendha.

O silêncio dele pareceu irritar ainda mais a Aiel, se tal coisa fosse possível. Resmungando sozinha, caminhando a passos largos como se quisesse esmagar alguma coisa, ela arrumou e rearrumou o xale meia dúzia de vezes. Enfim os resmungos cessaram. Em vez disso, ela passou a encará-lo. Feito um abutre. Rand não sabia como ela não tropeçava e caía de cara no chão.

— Por que você está me olhando desse jeito?

— Estou escutando, Rand al'Thor, já que você quer que eu fique em silêncio. — Aviendha sorriu, rangendo os dentes. — Não gosta que eu escute você?

Ele olhou para Mat, que balançou a cabeça atrás dela. Era impossível entender as mulheres, ponto final. Rand tentou refletir sobre o que o aguardava, mas era difícil, com os olhos da mulher em cima dele. Seriam belos olhos, se não estivessem cheios de rancor, mas ele preferiria que Aviendha estivesse encarando outra coisa.

Protegendo os olhos do brilho do sol, Mat fazia o possível para não encarar Rand e a Aiel que caminhava a passos largos entre os cavalos dos dois. Não entendia por que Rand a aguentava. Aviendha era muito bonita, sem dúvida — mais do que bonita, ainda mais agora que usava um arremedo de roupas decentes — mas tinha uma língua ferina e um temperamento que fazia Nynaeve parecer dócil. Achava ótimo que Rand estivesse preso à mulher, e não ele.

Puxou o lenço da cabeça e enxugou o suor do rosto, depois amarrou-o de volta. O calor e o sol incessante nos olhos estavam começando a irritá-lo. Será que não havia uma única sombra naquela terra inteira? O suor fazia as feridas arderem. Ele recusara a Cura na noite anterior, quando Moiraine o acordara depois de ele finalmente conseguir pegar no sono. Uns poucos cortes eram um preço baixo para não ter o Poder usado em si, e o chá nojento das Sábias dera um alívio na dor de cabeça. Bem, de certo modo. Não acreditava que Moiraine fosse capaz de fazer algo a respeito da outra coisa que o afligia, e também não tinha intenção de contar a ela até que ele mesmo tivesse compreendido. Se é que contaria depois. Não queria nem pensar a respeito.

Moiraine e as Sábias o observavam. Observavam Rand, na verdade, mas a sensação era a mesma. Foi uma surpresa notar que a de cabelos dourados, Melaine, montara em Aldieb atrás da Aes Sedai e cavalgava desajeitada, segurando Moiraine pela cintura, enquanto as duas conversavam. Ele não sabia que os Aiel cavalgavam. Uma mulher muito bonita, Melaine, com aqueles olhos verdes impetuosos. Exceto, naturalmente, pelo fato de que ela conseguia canalizar. Só mesmo um completo idiota para se meter com uma dessas. Remexendo-se na sela de Píps, lembrou a si mesmo que o que os Aiel faziam não era de sua conta.

Estive em Rhuidean. Fiz o que aquela gente traiçoeira disse que eu tinha de fazer. E o que ganhara com aquilo? Essa porcaria de lança, um medalhão de prata e... Eu podia ir embora agora. Se tiver algum bom senso, eu vou.

Ele poderia ir. Tentar encontrar sozinho a saída do Deserto, antes que morresse de sede ou insolação. Poderia, se Rand ainda não o estivesse puxando, segurando. A maneira mais fácil de descobrir seria simplesmente tentar ir embora. Encarando a paisagem sombria, ele fez uma careta. Um vento se elevou — parecia soprar de um forno superaquecido — e pequenos torvelinhos afunilados de poeira amarela subiram do chão rachado. A névoa quente fazia as montanhas ao longe cintilarem. Talvez fosse melhor ficar um pouquinho mais.

Uma das Donzelas que saíra como batedora voltou correndo e inclinou-se ao lado de Rhuarc, falando apenas em seu ouvido. A mulher abriu um sorriso para Mat, ao terminar, e ele se ocupou em puxar um carrapicho da crina de Píps. Lembrava-se muito bem dela, uma Donzela de cabelos ruivos chamada Dorindha, mais ou menos da idade de Egwene. Dorindha fora uma das que

tentara convencê-lo a jogar O Beijo da Donzela. Cobrara a primeira prenda. Não que ele não quisesse cruzar os olhos com os da moça, e não que não pudesse, mas era importante tirar os carrapichos do cavalo, e tudo o mais.

— Mascates — anunciou Rhuarc, quando Dorindha voltou feito uma flecha por onde viera. — Carroções de mascates vindo nesta direção. — Ele não parecia satisfeito.

Mat, no entanto, se viu bastante animado. Um mascate poderia ser muito bem o que ele precisava. Se o sujeito conhecia o caminho de entrada, conhecia o de saída. Ele se perguntou se Rand suspeitava de suas ideias. O amigo estava tão impassível quanto qualquer Aiel.

Os Aiel apertaram um pouco o passo — o povo de Couladin seguiu o ritmo dos Jindo e do grupo das Sábias sem hesitar; decerto seus batedores também tinham levado a notícia. Todos caminhavam rápido o bastante para que os cavalos tivessem de manter um ritmo ligeiro. O sol não incomodava os Aiel, nem mesmo os *gai'shain* de robes brancos. Eles deslizavam pelo solo rachado.

A menos de duas milhas, os carroções surgiram em seu campo de visão. Dezoito deles, enfileirados. Todos pareciam exibir os sinais de desgaste de uma viagem difícil, com as rodas reserva surradas em todos os pontos. Apesar da camada de poeira amarela, os dois primeiros pareciam caixas brancas sobre rodas, ou mesmo casinhas, com degraus de madeira nos fundos e uma chaminé de metal projetando-se do teto. Os três últimos, puxados por engates de vinte mulas, pareciam apenas imensos barris, também brancos, decerto cheios d'água. Os que iam no meio teriam se passado por carroções de mascates em Dois Rios, com rodas raiadas altas e pesadas e amontoados de painéis e outras coisas de metal tilintando nas grandes redes presas às coberturas de lona comprida.

Os condutores dos carroções frearam as rédeas assim que avistaram os Aiel, esperando que se aproximassem. Um homem pesado de casaco cinza-claro e chapéu escuro de aba larga desceu dos fundos do primeiro carroção e ficou observando, de vez em quando tirando o chapéu para secar a testa com um grande lenço branco. Se estava nervoso, já que encarava uns mil e quinhentos Aiel deslizando em sua direção, Mat não o culpava. O mais estranho eram as expressões nos rostos dos Aiel mais perto de Mat. Rhuarc, trotando adiante do cavalo de Rand, fechara a cara e estava com o rosto soturno, e Heirn tinha uma expressão capaz de detonar pedregulhos.

— Não entendo — comentou Mat. — Parece que vocês vão matar alguém. — Aquilo sem dúvida era o fim de todas as esperanças. — Pensei que houvesse três tipos de gente que vocês Aiel deixavam entrar aqui no Deserto: mascates, menestréis e o Povo Errante.

— Mascates e menestréis são bem-vindos — retrucou Heirn, em um tom áspero.

Se aquilo eram boas-vindas, Mat não queria ver os Aiel quando não estavam sendo hospitaleiros.

— E o Povo Errante? — perguntou, curioso. Quando Heirn manteve o silêncio, ele acrescentou: — Latoeiros? Os Tuatha'an?

O rosto do chefe de ramo ficou ainda mais rígido antes de ele voltar o olhar outra vez para os carroções. Aviendha fuzilou Mat com os olhos, como se ele fosse um idiota.

Rand aproximou Jeade'en de Pips.

— Se eu fosse você, não mencionaria os latoeiros perto dos Aiel — disse baixinho. — É... um assunto delicado.

— Se você diz. — Por que *latoeiros* eram um assunto delicado? — Para mim, parece que eles já estão bastante irritados com esse mascate. Mascate! Eu me lembro de mercadores que apareciam em Campo de Emond com menos carroções.

— Ele entrou no Deserto. — Rand deu uma risadinha. Jeade'en jogou a cabeça para trás e deu uns passos bambos. — Será que vai sair?

O sorriso de Rand não chegava aos olhos. Às vezes, Mat quase desejava que o amigo decidisse de uma vez se estava ou não louco e acabasse logo com tudo. Quase.

A trezentas passadas dos carroções, Rhuarc fez um gesto para que o grupo parasse, e ele e Heirn prosseguiram sozinhos. Pelo menos, aquela parecia ter sido a intenção do homem, mas Rand cravou os calcanhares no garanhão sarapintado e foi atrás dos dois, e a centena de inevitáveis guardacostas jindo o acompanhou. E Aviendha, naturalmente, que estava colada em Rand como se estivesse amarrada à sela de Jeade'en. Mat foi cavalcando com os outros. Se Rhuarc mandasse o camarada fazer as malas, não pretendia perder a chance de ir junto.

Couladin veio trotando do grupo dos Shaído. Sozinho. Talvez tivesse a intenção de fazer o mesmo que Rhuarc e Heirn, mas Mat suspeitou que o homem chamava a atenção para o fato de que ia sozinho aonde Rand precisava de cem guardas. A princípio, pareceu que Moiraine também se aproximaria, mas ela e as Sábias trocaram algumas palavras e ficaram onde estavam. Só que observavam, atentas. A Aes Sedai desceu da montaria, mexendo em um objeto pequeno e reluzente, e Egwene e as Sábias se agruparam à volta dela.

Ao chegar perto, Mat viu que, apesar de ficar secando o rosto, o homem grande de casaco cinza não parecia incomodado, embora tivesse se sobressaltado quando Donzelas surgiram do nada e rodearam os carroções. Os condutores, sujeitos de rostos duros e mais do que uma boa cota de cicatrizes e narizes quebrados, pareciam prontos para se esconder sob os assentos. Comparados aos lobos Aiel, eles não eram mais que cachorros de rua selvagens. O mascate se recuperou depressa. Não era gordo, apesar do tamanho. Todo aquele peso eram músculos. Rand e Mat, em cima dos cavalos, foram alvo de seus olhares curiosos, mas ele distinguiu Rhuarc logo de primeira. O nariz curvo e aquilino e os olhos escuros e oblíquos conferiam um ar predatório ao rosto quadrado e moreno do homem, que não se suavizou quando ele abriu um sorriso largo e deslizou da cabeça o chapéu de aba larga, em uma mesura.

— Sou Hadnar Kadere, mascate — anunciou. — Procuo o Forte das Pedras Frias, bons senhores, mas faço negócios com qualquer um e com todos.

Tenho muitos produtos excelentes...

Rhuarc cortou o homem feito uma faca afiada.

— Você está muito longe das Pedras Frias ou de qualquer forte. Como foi que chegou tão longe da Muralha do Dragão sem um guia?

— Eu não sei, bom senhor. — Kadere não fechou o sorriso, mas contraiu um pouco os cantos da boca. — Tenho viajado sem disfarce. Esta é minha primeira visita tão ao sul da Terra da Trindade. Pensei que talvez aqui não houvesse guias.

Couladin bufou alto e rodopiou uma das lanças preguiçosamente. Kadere encolheu os ombros, como se já sentisse o aço deslizando pelo corpo compacto.

— Sempre há guias — respondeu Rhuarc, com frieza. — Você teve sorte de chegar tão longe sem um. Sorte de não estar morto, nem de precisar voltar nu em pelo para a Muralha do Dragão. — Kadere abriu um sorriso constrangido, cheio de dentes, e o chefe de clã continuou. — Teve sorte de nos encontrar. Se tivesse continuado por esse caminho por mais um ou dois dias, teria chegado até Rhuidean.

O rosto do mascate ficou cinza.

— Eu ouvi... — Ele parou para engolir. — Eu não sabia, bons senhores. Os senhores têm de acreditar, eu não faria tal coisa. Nem mesmo por acidente — acrescentou depressa. — Que a Luz ilumine minhas verdadeiras palavras, bons senhores, eu não faria!

— O que é bom — retrucou Rhuarc — pois as penalidades são severas. Você pode viajar comigo até as Pedras Frias. Não seria bom se perder. A Terra da Trindade pode ser um lugar perigoso para os que não a conhecem.

Couladin ergueu a cabeça, desafiador.

— Por que não comigo? — retrucou, em uma voz penetrante. — Os Shaido estão em maior número, Rhuarc. Por costume, ele viaja comigo.

— Você virou chefe do clã enquanto eu não estava olhando? — O Shaido de cabelos de fogo enrubesceu, mas Rhuarc não demonstrou qualquer sinal de satisfação, apenas prosseguiu com aquela voz impassível. — O mascate procura as Pedras Frias. Ele seguirá comigo. Os Shaido que estão com você podem negociar com ele enquanto viajamos. Os Taardad não estão tão famintos por mascates a ponto de querermos estes só para nós.

O rosto de Couladin ficou ainda mais sombrio, mas ele moderou o tom, ainda que o esforço o fizesse falar em um ganido.

— Acamparei perto das Pedras Frias, Rhuarc. Aquele Que Vem Com a Aurora diz respeito a *todos* os Aiel, não apenas aos Taardad. Os Shaido terão o lugar que merecem. Os Shaido também seguirão Aquele Que Vem Com a Aurora.

Mat percebeu que o homem não reconheceria que era de Rand que falava. Espiando os carroções, seu amigo parecia não escutar a conversa.

Rhuarc fez silêncio por um instante.

— Os Shaido serão hóspedes bem-vindos nas terras dos Taardad, se decidirem seguir Aquele Que Vem Com a Aurora. — Isso também era ambíguo.

Kadere passara o tempo todo esfregando o rosto, decerto vendo-se no meio de uma batalha entre Aiel. O homem pontuou o convite de Rhuarc com um suspiro pesado de alívio.

— Obrigado, bons senhores. Obrigado. — Sem dúvida, por não o terem matado. — Quem sabe os senhores gostariam de ver o que meus carroções têm a oferecer? Algo especial que possam estar querendo?

— Mais tarde — disse Rhuarc. — Passaremos a noite em Parada de Imre, e lá você pode mostrar suas mercadorias. — Couladin foi se afastando a passos firmes depois de ouvir o nome Parada de Imre, fosse lá o que fosse. Kadere começou a pôr o chapéu de volta na cabeça.

— Um chapéu — disse Mat, puxando as rédeas de Pips mais para perto do mascate. Se tinha de permanecer mais algum tempo no Deserto, pelo menos poderia proteger os olhos do maldito sol. — Dou um marco de ouro por um chapéu feito esse.

— Fechado! — gritou uma voz de mulher, rouca e melodiosa.

Mat olhou em volta e levou um susto. A única mulher à vista, além de Aviendha e as Donzelas, vinha caminhando do segundo vagão, mas sem dúvida não combinava com a voz, uma das mais encantadoras que ele já ouvira. Rand franziu o cenho para ela e balançou a cabeça, e havia motivo. A mulher era um pé mais baixa que Kadere e devia pesar o mesmo, ou mais. As camadas de gordura quase escondiam os olhos escuros, sem deixar entrever se eram ou não oblíquos, mas o nariz fazia o do mascate parecer pequeno. Usava um vestido de seda cor de creme todo justo no corpanzil, um xale de renda branca sobre a cabeça e elaborados pentes de marfim enfiados nos cabelos grossos e negros. Ela se movia com uma leveza inesperada, quase feito uma Donzela.

— Uma boa oferta — disse a mulher, naquele tom musical. — Sou Keille Shaogi, mascate. — Ela arrancou o chapéu de Kadere e empurrou-o para Mat. — É bem grosso, meu bom senhor, e quase novo. O senhor vai precisar de um assim para sobreviver à Terra da Trindade. Um homem pode morrer de repente, neste lugar. — Ela estalou os dedos gordos, para enfatizar a rapidez com que a morte poderia chegar. — A risada súbita tinha a mesma característica gutural e amorosa da voz. — Ou uma mulher. Um marco de ouro, o senhor disse. — Quando Mat hesitou, os olhos meio escondidos da mulher cintilaram, negros como os de um corvo. — É raro eu oferecer duas vezes a mesma barganha.

Uma mulher peculiar, para dizer o mínimo. Kadere não protestou, exceto por uma leve careta. Se Keille era sua parceira, não havia dúvida de quem mandava. E, se o chapéu evitasse que a cabeça de Mat torrasse, realmente valia o preço, em sua opinião. Antes de soltar o chapéu a mulher mordeu o marco taireno que ele lhe entregou. Incrivelmente, o chapéu serviu. E, ainda que aquela aba larga não refrescasse, pelo menos proporcionava uma sombra abençoada. Guardou o lenço no bolso do casaco.

— Algo para os outros? — A mulher robusta passou os olhos pelos Aiel. — Que bela criança — murmurou para Aviendha, com um esgar de dentes que talvez fosse um sorriso. Para Rand disse, com doçura: — E o senhor? — A voz

que saía daquele rosto era realmente dissonante, sobretudo quando assumia o tal tom aveludado. — Algo para protegê-lo desta terra desesperadora? — Virando Jeade'en para poder olhar os condutores dos carroções, Rand apenas balançou a cabeça. Com aquela *shoufa* enrolada no rosto, ele de fato parecia um Aiel.

— À noite, Keille — disse Kadere. — Abriremos os negócios à noite, em um lugar chamado Parada de Imre.

— Ah, abriremos, é? — Ela espiou a fileira de Shaído por um longo instante, depois encarou o grupo das Sábias por um instante ainda mais longo. Então se virou para o próprio carroção e falou por sobre o ombro, para o outro mascate: — Então por que é que você está atrasando esses bons senhores? Mexa-se, Kadere. Mexa-se.

Rand a encarou, balançando a cabeça outra vez.

Havia um menestrel ao fundo, perto do carroção dela. Mat piscou, pensando que o calor o estava afetando, mas o sujeito não desapareceu. Era um homem de meia-idade, com cabelos escuros, usando um manto coberto de retalhos. O homem observava a reunião, apreensivo, até que Keille o empurrou para dentro do carroção à frente. Kadere encarou o carroção branco da mulher com o rosto mais impassível do que o de um Aiel antes de seguir até o seu pisando firme. Sem dúvida, um bando esquisito.

— Você viu o menestrel? — perguntou Mat a Rand, que assentiu distraído, encarando a fileira de carroções como se nunca tivesse visto um. Rhuarc e Heirn já estavam retornando para o restante dos Jindo. A centena que rodeava Rand aguardava pacientemente, dividindo a atenção entre ele e qualquer coisa que pudesse esconder um ratinho que fosse. Os condutores começaram a pegar as rédeas, mas Rand não se mexeu. — Povo estranho esses mascates, você não acha, Rand? Mas imagino que seja preciso ser estranho para vir para o Deserto. Olhe só para nós. — O comentário fez Aviendha esboçar uma careta, mas Rand pareceu não ter ouvido. Mat queria que ele dissesse algo. Qualquer coisa. Aquele silêncio era enervante. — Você imaginava que escotar um mascate fosse uma honra tão grande a ponto de fazer Rhuarc e Couladin brigarem? Entende alguma coisa desse *ji'e'toh*?

— Você é *mesmo* um imbecil — resmungou Aviendha. — Não teve nada a ver com o *ji'e'toh*. Couladin está tentando se comportar como um chefe de clã. Rhuarc não pode permitir isso até que... *a não ser que* ele vá para Rhuidean. Os Shaído roubariam ossos de um cachorro, roubariam os ossos *e* o cachorro, mas até eles merecem um chefe de verdade. E, graças a Rand al'Thor, temos que dar permissão a mil deles para assentarem as tendas em nossas terras.

— Os olhos dele — comentou Rand, sem desviar o olhar dos carroções. — Homem perigoso.

Mat franziu o cenho para ele.

— Os olhos de quem? De Couladin?

— De Kadere. Todo aquele suor, a cara branca. Mas os olhos dele não se alteraram. A gente sempre tem que prestar atenção nos olhos. Não na aparência.

— Claro, Rand. — Mat se remexeu na sela, meio erguendo as rédeas, como se fosse cavalgar. Talvez o silêncio não fosse tão ruim. — Temos que prestar atenção nos olhos.

Rand desviou a atenção para os topos dos montes e colinas mais próximos, girando a cabeça de um lado para outro.

— O risco é o tempo — murmurou. — O tempo prepara armadilhas. Preciso evitar as deles enquanto apronto a minha.

Não havia nada por lá que Mat pudesse distinguir além de alguns poucos arbustos espaçados e, vez ou outra, uma árvore mirrada. Aviendha franziu o cenho para os cumes, depois para Rand, ajustando o xale.

— Armadilhas? — perguntou Mat. *Luz, permita que ele me dê uma resposta que não seja louca.* — Quem é que está preparando armadilhas?

Por um instante, Rand o encarou como se não compreendesse a pergunta. Os carroções dos mascates começaram a avançar com uma escolta de Donzelas trotando ao lado, virando-se para seguir os Jindo que passavam a passos largos, seguidos pelos Shaído. Mais Donzelas dispararam na frente, para escoltá-los. Apenas os Aiel ao redor de Rand ficaram parados, embora o grupo das Sábias se movesse bem devagar, observando. Pelos gestos de Egwene, Mat achou que ela queria ir até eles e conferir como estavam.

— Não dá para ver, nem sentir — respondeu Rand, por fim. Ele inclinou-se um pouco em direção a Mat e sussurrou alto, como se estivesse fingindo. — Cavalgamos com o mal, agora, Mat. Tome cuidado.

O rapaz exibia aquele sorriso estranho outra vez, enquanto observava os carroções se arrastando.

— Acha que esse Kadere é *mau*?

— É um homem perigoso, Mat, os olhos sempre denunciavam, mas quem é que pode dizer? Porém, que motivo eu tenho para me preocupar, com Moiraine e as Sábias olhando por mim? E não podemos nos esquecer de Lanfear. Será que algum homem já esteve sob olhares tão atentos? — De súbito, Rand se endireitou na sela. — Começou — murmurou ele. — Eu queria ter a sua sorte, Mat. Começou, e agora não dá para voltar atrás, não importa para que lado a espada caia. — Assentindo para si mesmo, ele arrancou com o cavalo sarapintado atrás de Rhuarc. Aviendha foi trotando ao lado, e os cem Jindo seguiram atrás.

Mat ficou bastante satisfeito em ir também. Melhor do que ser deixado ali, sem dúvida. O sol queimava no alto de um céu azul e cruel. Ainda havia um longo caminho pela frente até o pôr do sol. Tinha começado? O que ele queria dizer com isso? Tinha começado em Rhuidean. Ou melhor, em Campo de Emond, na Noite Invernal, um ano antes. “Cavalgando com o mal” e “não dá para voltar atrás”? E Lanfear? Rand estava caminhando no fio da navalha, agora. Sem sombra de dúvida. Tinha de haver um jeito de sair do Deserto antes que fosse tarde demais. De tempos em tempos, Mat examinava os carroções dos mascates. Antes que fosse tarde demais. Isso se já não fosse.



A PARADA DE IMRE

O sol ainda estava alto no horizonte irregular a oeste quando Rhuarc informou que a Parada de Stand, onde pretendia passar a noite, estava a cerca de apenas uma milha.

— Por que já estamos parando? — perguntou Rand. — Ainda faltam horas para escurecer.

Foi Aviendha, caminhando ao lado de Jeade'en, do lado oposto ao chefe de clã, quem respondeu, no tom zombeteiro que ele esperava:

— Tem água na Parada Imre. É melhor acampar perto d'água, quando há oportunidade.

— E os carroções dos mascates não vão aguentar avançar muito mais — acrescentou Rhuarc. — Eles precisam parar quando as sombras se alongam, senão começam a quebrar as rodas e as pernas das mulas. Não quero deixá-los para trás. Não tenho como destacar homens para cuidar deles, e Couladin tem gente de sobra.

Rand se remexeu na sela. Agora flanqueados pelos *Duadhe Mahdi'in* dos Jindo, os Buscadores das Águas, os carroções seguiam, pesados, algumas centenas de passadas ao lado, balançando e levantando uma cortina alta de poeira amarelada. A maioria dos fossos era muito funda ou tinha paredões íngremes demais, forçando os condutores a contorná-los, por isso o comboio se contorcia feito uma cobra bêbada. Xingamentos eram ouvidos por toda a fileira vacilante, a maioria culpando as mulas pela coisa toda. Kadere e Keille ainda estavam em seus carroções pintados de branco.

— Não — disse Rand — você não quer mesmo fazer isso.

Ele riu baixinho, a contragosto.

Mat o encarava de um jeito estranho por sob a aba larga do novo chapéu. Rand abriu o que esperava ser um sorriso reconfortante, mas a expressão do

rapaz não se alterou. *Ele vai ter de se cuidar sozinho*, pensou Rand. *Tem coisa demais acontecendo.*

Por falar em cuidar... Deu-se conta de que Aviendha, com o xale enrolado na cabeça feito uma *shoufa*, o observava com atenção. Endireitou-se outra vez. Moiraine decerto a mandara para pajeá-lo, mas ele tinha a impressão de que a mulher estava esperando para vê-lo cair. Sem dúvida acharia engraçado se isso acontecesse, dado o humor dos Aiel. Queria pensar que ela apenas se ressentia por ter sido enfiada em um vestido e mandada para vigiá-lo, mas o brilho raivoso em seus olhos parecia ter uma motivação pessoal demais para isso.

Pela primeira vez, Moiraine e as Sábias *não* estavam observando Rand. A meio caminho entre os Jindo e os Shaido, Moiraine e Egwene caminhavam com Amys e as outras, todas as seis encarando algo que a Aes Sedai trazia nas mãos. O objeto captava a luz do sol poente e cintilava feito uma pedra preciosa. As mulheres de fato pareciam concentradas, como qualquer garota admirando uma bela joia. Lan cavalgava ao fundo, entre os *gai'shain* e os cavalos de carga, como se as mulheres o tivessem dispensado.

A cena deixou Rand incomodado. Já estava acostumado a ser o centro das atenções daquele grupo. O que teriam encontrado de mais interessante? Sem dúvida nada que fosse deixá-lo feliz, não com Moiraine envolvida, e decerto não com Amys ou as outras. Todas tinham planos para ele. Egwene era a única em quem ele confiava de verdade. *Luz, espero que eu ainda possa confiar nela.* A única pessoa em quem ele de fato podia confiar era em si mesmo. *Quando aparece o javali, é só você e a sua lança.* Dessa vez, a risada teve um toque de amargor.

— Acha a Terra da Trindade divertida, Rand al'Thor? — Aviendha mostrou brevemente os dentes brancos, em um sorriso. — Ria enquanto pode, aguamento. Quando esta terra começar a destruí-lo, você terá a punição adequada pela forma como tratou Elayne.

Por que a mulher não dava uma trégua?

— Você não mostra qualquer respeito pelo Dragão Renascido — retrucou Rand, bruscamente — mas podia tentar ter um pouco pelo *Car'a'carn*.

Rhuarc deu uma risadinha.

— Um chefe de clã não é um rei aguamento, Rand, nem o *Car'a'carn*. Existe respeito, embora as mulheres costumem demonstrar o mínimo possível. Qualquer um pode falar com um chefe. — Ainda assim, o homem mostrou uma carranca para a jovem do outro lado do cavalo de Rand. — Só que alguns forcem os limites da honra.

Aviendha decerto percebeu que a última frase fora para seus ouvidos. Seu rosto virou uma pedra. No entanto, ela seguiu caminhando sem dizer uma palavra, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Um par de Donzelas batedoras apareceu, correndo de volta até o grupo. Estava claro que as duas não estavam trabalhando juntas: uma rumou direto para os Shaido, e a outra, para os Jindo. Rand a reconheceu, uma mulher de cabelos loiros chamada Adelin, vistosa, porém de feições severas, com uma cicatriz traçando uma linha fina na bochecha queimada de sol. Era uma das

que tinham estado na Pedra, porém mais velha do que a maioria das outras Donzelas, talvez uns dez anos mais do que ele. O rápido olhar que a mulher lançou a Aviendha antes de se postar ao lado de Rhurarc, um misto de curiosidade e compaixão, fez Rand se arrepiar. Se Aviendha concordara em espionar para as Sábias, decerto não merecia compaixão. A companhia dele não era tão onerosa assim. Adelin o ignorou por completo.

— Há problemas na Parada de Imre — disse a Rhurarc, ligeira e áspera. — Não há ninguém por lá. Ficamos escondidas e não nos aproximamos.

— Bom — respondeu Rhurarc. — Informe as Sábias.

Sem nem perceber que erguia as lanças, o homem retornou ao grupo principal dos Jindo. Aviendha resmungou para si mesma e puxou as saias, obviamente querendo juntar-se a ele.

— Acho que elas já sabem — comentou Mat quando Adelin correu em direção ao grupo das Sábias.

Pela agitação das mulheres ao redor de Moiraine, Rand achou que o amigo estivesse certo. Todas pareciam falar ao mesmo tempo. Egwene protegia os olhos com a mão, fitando ou Adelin ou ele, e mantinha a outra mão na boca. Como elas tinham ficado sabendo era uma pergunta a ser respondida depois.

— Que tipo de problema? — perguntou a Aviendha. Ainda resmungando sozinha, a jovem não respondeu. — Aviendha? Que tipo de problema? — Nada. — Que a queime, mulher, você consegue responder uma pergunta simples! Que tipo de problema?

A moça enrubescou, mas a resposta veio em um tom firme.

— Está com cara de ter sido um ataque às cabras ou às ovelhas. Dava para criar ambas em Imre para pasto, mas é mais provável que fossem cabras, por causa da água. Devem ter sido os Chareen, o ramo da Montanha Branca, ou os Jarra. Eles ficam mais perto daqui. Ou pode ter sido um ramo dos Goshien. Acho que os Tomanelle estão longe demais para isso.

— Vai haver luta? — Ele buscou *saidin*; a doce torrente de Poder o inundou. O ranço da mácula jorrou por seu corpo, e suor fresco brotou por todos os poros. — Aviendha?

— Não. Adelin teria nos contado se os invasores ainda estivessem lá. O rebanho e os *gai'shain* já estão a milhas daqui, a essa altura. Não podemos recuperar o rebanho porque temos que acompanhar você.

Ele se perguntou por que ela não dissera nada sobre resgatar os prisioneiros, os *gai'shain*, mas não gastou muito tempo nisso. O esforço para manter-se de pé enquanto se agarrava a *saidin*, para não esmorecer e ser arrebatado, não deixava espaço para devaneios.

Rhurarc e os Jindo dispararam na frente, já cobrindo o rosto com o véu, e Rand seguiu mais devagar. Aviendha lhe lançava olhares impacientes, mas Rand conduzia Jeade'en apenas a um passo ligeiro. Não sairia galopando em direção a uma armadilha. Pelo menos Mat não estava com pressa. O rapaz hesitou, encarando os carroções dos mascates, antes de arrancar com Pips a meio galope. Rand não olhava para os carroções.

Os Shaido ficaram para trás, reduzindo o passo até que as Sábias comesçassem a se movimentar. Claro. Aquela terra era dos Tardaad. Couladin

não se importaria se houvesse um ataque ali. Rand torceu para que os chefes dos clãs pudessem se reunir logo em Alcair Dal. Como poderia unir um povo que não parava de brigar entre si? Essa agora era a menor de suas preocupações.

Quando a Parada de Imre enfim entrou em seu campo de visão, foi uma surpresa. Uns poucos rebanhos isolados de cabras com longos pelos brancos pastavam em trechos de grama dura e até nas folhas de arbustos espinhentos. De início, Rand não viu a construção de pedra bruta erigida na base de um monte alto. As pedras se mesclavam perfeitamente, e vários espinheiros haviam fincado raiz no teto coberto de poeira. Não era muito grande, tinha seteiras no lugar de janelas e apenas uma porta visível. Depois de um instante, ele avistou outra construção do mesmo tamanho, cravada em uma saliência umas vinte passadas acima. Uma fresta profunda corria pela saliência e seguia para trás da casa de pedra na base. Não havia outro caminho à vista para chegar até lá.

Rhuarc, parado a cerca de vinte passadas do monte, de véu baixado, era o único Jindo visível. Não significava que os outros não estivessem ali, claro. Rand cavalgou até ele e desceu do cavalo. O chefe de clã continuou a analisar as construções de pedra.

— As cabras — disse Aviendha, em um tom preocupado. — Saqueadores não teriam deixado nenhuma para trás. A maioria sumiu, mas está quase parecendo que o rebanho foi deixado solto.

— Por dias — concordou Rhuarc, desviando os olhos da construção — ou haveria mais. Por que ninguém aparece? Eles deveriam ver meu rosto e me reconhecer.

O homem arrancou à frente, sem fazer objeção quando Rand juntou-se a ele, guiando Jeade'en. Aviendha mantinha uma das mãos na faca de cintura, e Mat, cavalgando atrás, segurava a lança de cabo preto como se achasse que fosse precisar dela.

A porta era de madeira bruta, formada de tábuas pequenas e estreitas. Algumas das ripas robustas de suporte estavam partidas, destruídas por machados. Rhuarc hesitou um instante antes de abrir. Mal olhou para dentro antes de correr os olhos pelo campo à volta.

Rand pôs a cabeça para dentro. Não havia ninguém. O interior, iluminado por feixes que entravam pelas seteiras, era composto de apenas um cômodo. Claramente não era uma habitação, somente um local para os pastores se abrigarem e se defenderem, em caso de ataque. Não se via mobília, nada de mesas ou cadeiras. Havia uma lareira aberta abaixo de um buraco no teto, com as paredes negras de fuligem. A ampla abertura da parte de trás exibia marcas de pegadas na fuligem da pedra cinzenta. O lugar fora saqueado. Roupas de cama, cobertores, painéis, tudo estava espalhado pelo chão de pedra, em meio a almofadas e travesseiros destruídos. Algum líquido fora derramado por cima de tudo, inclusive nas paredes e no teto, e agora estava seco e negro.

Quando percebeu o que era, Rand deu um salto para trás, e a espada forjada no Poder surgiu em suas mãos antes mesmo de ele pensar em invocá-

la. Sangue. Tanto sangue. Um massacre ocorrera ali, algo mais brutal do que tudo que ele poderia imaginar. Nada se movia além das cabras.

Aviendha se afastou na mesma velocidade com que entrara.

— Quem? — inquiriu, incrédula, os grandes olhos azul-esverdeados cheios de fúria. — Quem faria uma coisa dessas? Cadê os mortos?

— Trollocs — murmurou Mat. — Para mim, parece coisa de Trollocs.

Ela soltou uma bufada de desdém.

— Trollocs não entram na Terra da Trindade, aguacento. Pelo menos, não avançam mais que algumas milhas para além da Praga, e muito raramente. Ouvi dizer que eles chamam a Terra da Trindade de Campo da Morte. Nós caçamos Trollocs, aguacento; não o contrário.

Nada se movia. Rand largou a espada e afastou *saidin*. Era difícil. A doçura do Poder era quase suficiente para suplantar a imundície da mácula; o júbilo absoluto era quase o bastante para que ele não se importasse. Mat tinha razão, independentemente do que Aviendha dissesse. Mas aquilo era coisa antiga, os Trollocs já não estavam ali. Trollocs no Deserto, em um lugar onde ele iria. Não era idiota a ponto de pensar que era coincidência. *Mas, se pensarem que eu sou, talvez acabem se descuidando.*

Rhuarc fez um gesto para que os Jindo entrassem — eles pareceram brotar do chão — e, algum tempo depois, surgiram os outros, os Shaído, os carroções dos mascates e o grupo das Sábias. Logo correu a notícia do que havia sido encontrado, e a tensão entre os Aiel aumentou. Eles se moviam como se aguardassem um ataque iminente, talvez vindo de si próprios. Batedores se dispersaram em todas as direções. Soltando os arreios das mulas, os condutores dos carroções olhavam em volta, agitados, parecendo prontos para pular debaixo dos carroções ao primeiro berro.

Por um tempo o lugar mais parecia um formigueiro agitado. Rhuarc fez os mascates alinhar os carroções nos limites do acampamento dos Jindo. Couladin o encarou, furioso, pois aquilo significava que qualquer Shaído que quisesse negociar teria que ir até os Jindo, mas não discutiu. Talvez mesmo ele percebesse que, naquele momento, isso poderia levar todos a dançarem as lanças. As tendas dos Shaído estavam a cerca de um quarto de milha, com as Sábias no meio, como de costume. As Sábias examinaram o interior das construções, assim como Moiraine e Lan, mas, se haviam chegado a alguma conclusão, não revelaram a ninguém.

A água na Parada de Imre era um diminuto córrego atrás da fenda, alimentando um laguinho fundo e meio redondo, com cerca de duas passadas de diâmetro, que Rhuarc chamava de tanque. Suficiente para pastores, suficiente para os Jindo encherem alguns cantis. Nenhum Shaído se aproximou. Nas terras dos Taardad, os Jindo tinham preferência no direito à água. Parecia que as cabras conseguiam se hidratar apenas com as folhas grossas dos arbustos espinhentos. Rhuarc garantiu a Rand que haveria muito mais água na parada seguinte.

Kadere trouxe uma surpresa enquanto os condutores dos carroções soltavam as parelhas e apanhavam baldes dos carroções d'água. Ao sair do seu, Kadere veio acompanhado por uma jovem de cabelos escuros, em um

vestido de seda e sandálias de veludo vermelho mais apropriadas para um palácio do que o Deserto. Um lenço fino enrolado quase como uma *shoufa* e um véu não a protegiam do sol, nem encobriam o rosto belo e pálido em formato de coração. Agarrada ao braço do mascate, ela rebojava, provocante, no caminho até o cômodo banhado de sangue; Moiraine e as outras haviam seguido para onde os *gai'shain* estavam erguendo o acampamento das Sábias. Quando a dupla saiu do cômodo, a jovem tremia delicadamente. Rand teve certeza de que era fingimento, bem como teve certeza de que ela pedira para ver a obra do carnicheiro. A demonstração de repulsa durou no máximo dois segundos, e logo a mulher encarava os Aiel com interesse.

Parecia que o próprio Rand era uma das coisas que ela queria ver. Kadere estava pronto para levar a mulher de volta ao carroção, mas, em vez disso, ela o conduziu até Rand. Um sorriso sedutor era claramente visível por sob o véu diáfano.

— Hadnan andou me contando a seu respeito — disse a mulher, com a voz nebulosa. Ela podia estar de braços dados com o mascate, mas os olhos escuros perscrutavam Rand com audácia. — Você é o homem de quem os Aiel andam falando. Aquele Que Vem Com a Aurora.

Keille e o menestrel saíram do segundo carroção e permaneceram lado a lado, observando a distância.

— Parece que sim — respondeu Rand.

— Que estranho. — O sorriso da mulher ganhou um tom perverso e malicioso. — Achei que seria mais bonito. — Tocando o rosto de Kadere, ela suspirou. — Esse calor horrível é desgastante. Não demore.

Kadere não falou até que a mulher tivesse subido os degraus e voltado ao carroção. O chapéu fora substituído por um lenço branco comprido amarrado no alto da cabeça, com as pontas caídas pelo pescoço.

— Perdoe Isendre, bom senhor. Ela as vezes é... muito atrevida. — A voz do homem era apaziguadora, mas os olhos eram como os de uma ave de rapina. Ele hesitou, depois prosseguiu. — Ouvi outras coisas. Ouvi dizer que o senhor tirou *Callandor* do Coração da Pedra.

Os olhos do homem nunca se alteravam. Se ele sabia sobre *Callandor*, sabia que Rand era o Dragão Renascido, que era capaz de manejar o Poder Único. E os olhos não se alteravam. Um homem perigoso.

— Ouvi dizer — retrucou Rand — que não se deve acreditar em nada do que se escuta e só na metade do que se vê.

— Uma regra sábia — respondeu Kadere, depois de um instante. — Contudo, para conquistar a grandeza, um homem tem de acreditar em algo. A crença e o conhecimento pavimentam a estrada para o sucesso. O conhecimento talvez seja o artigo mais valioso do mundo. Todos buscamos o cobre do conhecimento. Peço perdão, meu bom senhor. Isendre não é uma mulher paciente. Talvez tenhamos outra oportunidade de conversar.

Antes que o homem tivesse dado três passos, Aviendha ralhou, em um tom baixo e duro:

— Você pertence a Elayne, Rand al'Thor. Por acaso olha assim para todas as mulheres que aparecem na sua frente, ou só para as que andam seminuas?

Se eu tirar a roupa, vai olhar desse jeito para mim? Você pertence a Elayne!

Ele se esquecera de que a jovem estava ali.

— Eu não *pertenço* a ninguém, Aviendha. E quanto a Elayne? Parece que ela não está conseguindo se decidir.

— Elayne desnudou o coração a você, Rand al'Thor. Mesmo que não tenha mostrado isso na Pedra de Tear, não mandou cartas que revelaram o que sente? Você é dela, e de mais ninguém.

Rand jogou as mãos para o alto com impaciência e afastou-se da mulher a passos firmes. Pelo menos, tentou. Aviendha disparou atrás dele, uma sombra condenadora sob o fulgor do sol.

Espadas. Os Aiel podiam ter esquecido o motivo pelo qual não portavam espadas, mas mantinham o desprezo por elas. Espadas talvez a fizessem deixá-lo em paz. Procurou Lan no acampamento das Sábias e pediu que o Guardião lhe assistisse trabalhar as formas. Bair era a única das quatro à vista, e uma carranca acentuava as rugas de seu rosto. Egwene também não estava por perto. Moiraine exibia uma máscara de tranquilidade, com os olhos castanhos frios. Não tinha como dizer se ela aprovava.

Não estava ali para ofender os Aiel, então instalou-se com Lan entre as tendas das Sábias e as dos Jindo. Usou uma das espadas de treinamento que Lan levava na bagagem, com tornos atados frouxamente no lugar da lâmina. Mas o peso e as proporções estavam corretos, e ele pôde se perder nos movimentos da dança de forma em forma, a espada de prática ganhando vida em suas mãos, parecendo parte de seu corpo. Em geral era assim. Naquele dia, o sol era uma fornalha no céu, assando a umidade e a força. Aviendha acorcorou-se de um dos lados, abraçando os joelhos junto ao peito e encarando-o.

Por fim, arfante, Rand baixou os braços.

— Você perdeu a concentração — comentou Lan. — É preciso mantê-la, mesmo que seus músculos virem água. O dia em que perdê-la será o dia de sua morte. E provavelmente nas mãos de um fazendeiro que vai estar tocando em uma espada pela primeira vez.

O Guardião de repente abriu um sorriso, o que parecia estranho naquele rosto empedernido.

— Sei. Bem, não sou mais um fazendeiro, não é? — Os dois haviam conquistado um público, ainda que a distância. Aiel estavam enfileirados no acampamento dos Shaido e no dos Jindo. O corpanzil cor de creme de Keille encontrava-se entre os Jindo, e o menestrel estava atrás dela, com seu manto de retalhos coloridos. Quem escolheria? Não queria que vissem que estava observando-os. — Como é que os Aiel lutam, Lan?

— Com firmeza — respondeu o Guardião, em um tom seco. — Nunca perdem a concentração. Olhe aqui. — Com a espada, o homem desenhou um círculo e setas no chão de terra seca e rachada. — Os Aiel mudam de tática de acordo com as circunstâncias, mas esta aqui é uma das preferidas. Eles se deslocam em colunas, divididos em quatro grupos. Quando encontram um inimigo, o primeiro grupo corre para pegá-lo, enquanto o segundo e o terceiro se afastam, um para cada lado, atacando os flancos e a retaguarda. O

último grupo fica aguardando, na reserva, às vezes sem nem assistir à luta, a não ser pelo líder. Quando algum ponto fraco se abre, seja um espaço ou qualquer coisa, o grupo reserva ataca ali. Fim! — Ele golpeou um círculo já cheio de setas trespassadas com a espada.

— Como é que alguém derrota isso? — perguntou Rand.

— Com dificuldade. Ao primeiro embate, considerando que só com muita sorte alguém avista os Aiel antes do ataque, é preciso mandar cavaleiros para impedir, ou pelo menos atrasar, o ataque aos flancos. Se mantiver a maioria de seu contingente atrás e derrotar o ataque, é possível se voltar contra os outros grupos, um de cada vez, e derrotá-los também.

— Por que você quer aprender a combater os Aiel? — gritou Aviendha, de repente. — Você não é Aquele Que Vem com a Aurora, aquele que vai nos reunir e recuperar nossas antigas glórias? Além do mais, se quer saber como lutar contra um Aiel, pergunte a um Aiel, não a um aguacento. O jeito dele não funciona.

— Tem funcionado bastante bem com os homens das Terras da Fronteira, de tempos em tempos. — As botas macias de Rhurarc quase não faziam barulho no chão duro. Ele trazia um cantil debaixo do braço. — Sempre somos mais permissivos com alguém que sofre uma decepção, Aviendha, mas existe um limite para o luto. Você abriu mão da lança pela obrigação que tem para com o povo e o sangue. Um dia, sem dúvida, vai forçar um chefe de clã a fazer as suas vontades, em vez das dele. Mas se em vez disso você se tornar Sábida do menor forte do menor ramo dos Taardad, a obrigação permanece, e não pode ser cumprida com arroubos de mau-humor.

Uma Sábida. Rand sentiu-se um idiota. Era óbvio que fora por isso que a jovem adentrara Rhuidean. No entanto, ele nunca teria imaginado que Aviendha escolheria abrir mão da lança. Mas aquilo sem dúvida explicava por que ela fora escolhida para espioná-lo. De súbito surpreendeu-se imaginando se ela seria capaz de canalizar. Parecia que Min era a única mulher em sua vida, desde a Noite Invernal, que não canalizava.

Rhurarc arremessou o cantil cheio d'água para ele. A água tépida desceu pela garganta feito vinho frio. Rand tentou não derramar nada no rosto para não desperdiçar, mas foi difícil.

— Achei que você ia gostar de aprender a lança — comentou Rhurarc, quando Rand enfim baixou o cantil de couro meio vazio.

Pela primeira vez, Rand percebeu que o chefe de clã portava apenas duas lanças e um par de broquéis. Não eram lanças de treinamento, isso se tal coisa existia. Em cada uma delas havia uma lâmina afiada de um pé de comprimento.

Aço ou madeira, os músculos de Rand gritavam por descanso. As pernas pediam para que ele se sentasse, e a cabeça queria repousar em uma almofada. Keille e o menestrel tinham ido embora, mas Aiel de ambos os acampamentos ainda observavam. Eles o tinham visto treinar com uma espada, o que desprezavam, ainda que fosse de madeira. Eram o povo dele. Rand não os conhecia, mas eram seu povo, e em mais de um sentido. Aviendha ainda o observava, encarando-o furiosa, como se o culpasse pela

bronca que levava de Rhuarc. Não que ela tivesse qualquer coisa a ver com sua decisão de treinar, claro. Os Jindo e os Shaído o observavam, era isso.

— A montanha às vezes fica incrivelmente pesada — comentou, suspirando, e apanhou uma lança e um broquel de Rhuarc. — Quando é que a gente consegue aliviá-la um pouquinho?

— Quando morremos — Lan respondeu, simplesmente.

Forçando as pernas a se mexerem — e tentando ignorar Aviendha — Rand posicionou-se para enfrentar Rhuarc. Ainda não pretendia morrer. Não, não por um bom tempo.

* * *

Recostado em uma roda alta à sombra de um dos carroções dos mascates, Mat olhava a fileira de Jindo que observava Rand. Agora só via as costas dos homens. O rapaz era um idiota completo, pulando de um lado a outro naquele calor. Qualquer homem sensato procuraria sombra e algo para beber. Ele se ajeitou à sombra, espiou a caneca de cerveja que comprara de um dos condutores e fez uma careta. Cerveja quente feito sopa e com um gosto estranho. Pelo menos era líquido. A única outra compra, além do chapéu, fora um cachimbo de haste curta e forninho trabalhado em prata, agora enfiado no bolso do casaco com a bolsinha de tabaco. Não estava com vontade de negociar. A menos que fosse uma passagem para fora do Deserto, artigo que os carroções dos mascates pareciam não oferecer no momento.

As vendas estavam firmes, ainda que não de cerveja. Os Aiel não se incomodavam com a temperatura do líquido, mas pareciam considerar a bebida fraca. A maioria era de Jindo, mas havia um fluxo constante de Shaído vindos do outro acampamento. Couladin e Kadere ficaram conversando aos sussurros por um longo tempo, mas não chegaram a acordo algum, pois Couladin fora embora de mãos vazias. Kadere decerto não apreciou ter perdido a negociação, e ficou encarando Couladin com aqueles olhos de gavião com tanta atenção que um Jindo precisou chamá-lo três vezes até ser ouvido.

Os Aiel não tinham muito dinheiro, mas os mascates aceitaram sem pestanejar tigelas de prata, estatuetas de ouro e belas tapeçarias de parede saqueadas de Tear, e das bolsas dos Aiel saíam pepitas de ouro e prata que chamaram a atenção de Mat. No entanto, um Aiel que perdesse nos dados podia muito bem resolver recorrer à lança. Ele ficou se perguntando onde estariam as minas. De onde um homem tirava ouro, outro também poderia tirar. Mas devia dar um trabalhão extrair o metal. Tragando uma grande golada de cerveja quente, ele se recostou de volta na roda do carroção.

Era interessante ver o que vendia e o que não vendia, e a que preço. Os Aiel não eram estúpidos a ponto de trocar um saleiro de ouro, por exemplo, por um pedaço de tecido. Tinham noção do valor das coisas e eram duros na barganha, embora tivessem os próprios desejos. Os livros saíam depressa; nem todos os queriam, mas os que buscavam os volumes limpavam todos os

carroções. Rendas e veludos desapareciam assim que eram expostos, vendidos por quantias assombrosas de ouro e prata, e adornos por não menos, mas as sedas mais delicadas não tinham saída. Era mais barato negociar seda a leste, ouvira um Shaído dizer a Kadere. Um condutor corpulento de nariz quebrado tentou convencer uma Donzela Jindo a levar um bracelete de marfim entalhado. A mulher puxou da bolsa um maior, mais grosso e ainda mais ornamentado, e sugeriu ao sujeito que lutassem pelo par. O homem hesitou antes de recusar, mostrando a Mat que era ainda mais burro do que aparentava. Agulhas e alfinetes eram comprados depressa, mas as panelas e a maioria das facas recebiam olhares de desprezo; os ferreiros Aiel faziam um trabalho melhor. Tudo trocava de mãos, de frascos de perfume e saís de banho a barris de conhaque. Vinho e conhaque eram vendidos a um bom preço. Mat ficou surpreso em ouvir Heirn pedir tabaco de Dois Rios, que os mascates não tinham.

Um condutor ficou tentando oferecer aos Aiel uma besta pesada, trabalhada em ouro, sem sucesso. A arma chamou a atenção de Mat, com todos aqueles leões dourados entalhados e pedras que pareciam rubis no lugar dos olhos — pedras pequenas, mas ainda assim rubis. Claro, com um bom arco longo de Dois Rios dava para disparar seis flechadas enquanto o homem com a besta ainda estava girando a manivela da arma para preparar o segundo disparo. Por outro lado, uma besta daquele tamanho tinha um alcance de umas cem passadas a mais. Com dois homens só ajudando a recarregar as flechas e lanceiros pesados para refrear a cavalaria...

Fazendo uma careta, Mat apoiou a cabeça nos raios da roda atrás de si. De novo aquilo. Precisava sair do Deserto e tomar distância de Moiraine, de qualquer Aes Sedai. Quem sabe voltar para casa por um tempo? Talvez conseguisse chegar a tempo de ajudar na questão dos Mantos-brancos. *Duvido muito, a não ser que eu use aqueles malditos Caminhos ou alguma droga de Pedra-portal.* De todo modo, aquilo não solucionaria seus problemas. Em primeiro lugar, não havia respostas em Campo de Emond para o que aquele povo traiçoeiro quisesse dizer sobre ele se casar com a Filha das Nove Luas, nem sobre morrer e viver de novo. Ou sobre Rhuidean.

Esfregou o medalhão de cabeça de raposa que voltara a pendurar no pescoço por baixo do casaco. A pupila do olho da raposa era um minúsculo círculo cortado por uma linha sinuosa, um lado polido e brilhoso, o outro meio fosco. O antigo símbolo dos Aes Sedai, antes da Ruptura. Pegou a lança de cabo preto com dois corvos gravados na lâmina de espada, que estava encostada a seu lado, e deitou-a nos joelhos. Outra obra de Aes Sedai. Rhuidean não fornecera respostas, apenas mais perguntas, e...

Antes de Rhuidean sua memória estava cheia de buracos. Antes, ao tentar forçar a memória, conseguia se lembrar de adentrar uma porta pela manhã e retornar à noite, mas de nada mais que acontecera entre isso. Agora havia algo no meio, preenchendo todos aqueles buracos. Devaneios, ou algo parecido. Era como se conseguisse se lembrar de danças, batalhas, ruas e cidades, mas nada que vira com os próprios olhos, nada de cuja existência tivesse certeza. Pareciam fragmentos da memória de cem homens diferentes.

Talvez fosse melhor pensar que eram sonhos — um pouco melhor — porém tinha tanta certeza dessas lembranças quanto das próprias. A maioria era de batalhas, e às vezes elas chegavam sorrateiras, como acontecera com a besta. Ele se pegava olhando um ponto no chão e planejando como prepararia uma armadilha ali, ou como se defenderia de uma, ou como reuniria um exército para a batalha. Era insano.

Sem olhar, correu o dedo pela inscrição gravada no cabo negro da lança. Já conseguia lê-la com tanta facilidade quanto qualquer livro, embora tivesse levado a viagem inteira de volta a Chaendaer para perceber. Rand não comentara, mas Mat suspeitava que se entregara, lá em Rhuidean. Agora conhecia a Língua Antiga, peneirada de todos aqueles sonhos. *Luz, o que eles fizeram comigo?*

— *Sa souvraya niende misain ye* — disse em voz alta. — Estou perdido em minha própria mente.

— Um estudioso, no dia e na Era de hoje.

Mat olhou para cima e notou o menestrel a encará-lo, com olhos escuros e fundos. O sujeito era mais alto que a maioria, de meia-idade e provavelmente atraente às mulheres, mas tinha um jeito estranho e apreensivo de manter a cabeça inclinada, como se tentasse olhar os outros de rabo do olho.

— Só uma coisa que ouvi por aí — respondeu Mat. Precisava ser mais cuidadoso. Se Moiraine decidisse mandá-lo para a Torre Branca para estudo, nunca mais conseguiria sair de lá. — A gente ouve uns trechos das coisas e guarda na cabeça. Eu sei algumas frases. — Aquilo daria conta de quaisquer deslizes que ele fosse imbecil o bastante para cometer.

— Sou Jasin Natael. Menestrel. — Natael não fazia floreios com a capa como Thom; poderia estar se apresentando como carpinteiro ou consertador de rodas. — Posso me juntar a você? — Mat indicou o chão a seu lado com a cabeça, e o menestrel se agachou, enfiando a capa debaixo das pernas para se sentar. Parecia fascinado com os Jindo e os Shaido fervilhando à volta dos carroções, a maioria ainda carregando lanças e broquéis. — Aiel — murmurou. — Não são como eu imaginava. Ainda não consigo acreditar.

— Já faz semanas que estou com eles — comentou Mat — e nem eu mesmo sei se acredito. Povo estranho. Se alguma das Donzelas convidar você para jogar O Beijo da Donzela, meu conselho é que recuse. Educadamente.

Natael franziu a testa para ele, indagativo.

— Você leva uma vida intrigante, ao que parece.

— Como assim? — perguntou Mat, receoso.

— Você não acha que é segredo, acha? São poucos os homens que viajam em companhia de... uma Aes Sedai. Aquela Moiraine Damodred. E também tem Rand al'Thor. O Dragão Renascido. Aquele Que Vem Com a Aurora. Quem sabe quantas profecias ele supostamente vai cumprir? Um companheiro de viagem incomum, sem dúvida.

Os Aiel tinham falado, estava claro. Qualquer umalaria. Ainda assim, era um pouco inquietante ver um estranho comentando sobre Rand com aquela tranqüilidade.

— Por enquanto me interessa viajar com Rand. Se estiver curioso, converse com ele. Eu, por mim, prefiro nem pensar no assunto.

— Talvez eu converse. Mais tarde, quem sabe? Vamos falar de você. Soube que foi a Rhuidean, onde faz três mil anos que ninguém entra, a não ser os Aiel. Foi lá que conseguiu isso? — Ele tentou pegar a lança dos joelhos de Mat, mas deixou a mão cair quando o rapaz a desembainhou de leve. — Muito bem. Conte o que viu.

— Por quê?

— Sou um menestrel, Matrim. — Natael mantinha a cabeça inclinada para o lado daquele jeito, mas a voz guardava irritação por ter que se explicar. Ele ergueu uma ponta da capa com os retalhos coloridos, como se fosse uma comprovação. — Você viu o que ninguém viu, a não ser um punhado de Aiel. Que histórias posso criar com o que seus olhos viram? Posso até transformá-lo em herói, se desejar.

Mat bufou com desdém.

— Não quero ser nenhuma porcaria de herói.

Porém, não havia razão para permanecer em silêncio. Amys e aquele bando podiam tagarelar à vontade sobre não comentar o que acontecia em Rhuidean, mas ele não era Aiel. Além do mais, talvez fosse vantajoso ter alguém entre os mascates que nutrisse alguma boa vontade em relação a ele, alguém que pudesse falar em seu favor quando fosse preciso.

Contou a história desde a chegada à muralha de névoa até a saída, deixando alguns detalhes de fora. Não tinha qualquer intenção de contar a mais alguém sobre aquele *ter'angreal* de batente de porta retorcido, e também preferia esquecer as nuvens de poeira formando as criaturas que tentaram matá-lo. Falar sobre a estranha cidade de imensos palácios sem dúvida seria suficiente, além de mencionar *Avendesora*.

Natael não mostrou interesse na Árvore da Vida, mas fez Mat repassar o restante diversas vezes, perguntando mais e mais detalhes, desde como exatamente ele se sentira transpondo a neblina e quanto tempo levaria para alcançar a luz sem sombra da cidade até descrições de tudo o que Mat podia se lembrar de ter visto na imensa praça no coração da cidade. Essas partes, Mat revelou com relutância; qualquer deslize e acabaria falando sobre o *ter'angreal*, e quem saberia aonde aquilo poderia levar? Mesmo assim, tomou a cerveja quente até o fim e continuou falando até sentir a garganta seca. A forma como relatou fez a coisa toda parecer meio idiota, como se simplesmente tivesse entrado lá e esperado Rand, depois saído de novo, mas Natael parecia concentrado em escarafundar até o último detalhe. O homem lembrava Thom, que era capaz de se concentrar em alguém como se quisesse espremer tudinho.

— Era isso que você deveria estar fazendo?

Mat deu um salto ao ouvir a voz de Keille, austera por sob o tom melífluo. A mulher o deixava tenso, e agora parecia prestes a arrancar seu coração e o do menestrel.

Natael levantou-se com dificuldade.

— Este jovem estava me contando coisas fascinantes sobre Rhuidean. A senhora não vai acreditar.

— Não estamos aqui por causa de Rhuidean. — As palavras saíram mais afiados que o nariz pontudo da mulher. Pelo menos agora ela só encarava Natael.

— Vou lhe contar...

— Não vai me contar nada.

— Não tente me calar!

Ignorando Mat, os dois se afastaram por entre os carroções, discutindo em voz baixa e gesticulando irritados. Keille parecia ter sido calada com palavras duras e já se fechara em uma careta silenciosa quando a dupla desapareceu no interior de seu carroção.

Mat estremeceu. Não conseguia se imaginar compartilhando um alojamento com aquela mulher. Seria como morar com um urso com dor de dente. Já Isendre... aquele rosto, aqueles lábios, aquele andar provocante. Se conseguisse afastá-la de Kadere, talvez a mulher descobrisse um herói. Para ela, as criaturas de poeira poderiam ter dez pés de altura. Mat daria cada detalhe que pudesse lembrar ou inventar, seria um herói jovem e bonito, muito mais atraente do que um mascate velho e enfadonho. Era uma ideia a ser considerada.

O sol deslizou para trás do horizonte, e pequenas fogueiras de gravetos espinhosos formavam poças de luz amarela no meio das tendas. O cheiro de comida tomou o acampamento; carne de cabra assada com pimentas secas. O frio também dominou o lugar, o frio da noite do Deserto. Era como se o sol tivesse levado todo o calor consigo. Mat não imaginara que desejaria um manto pesado ao separar as roupas para sair da Pedra. Talvez os mascates tivessem um. Talvez Natael aceitasse apostar o dele nos dados.

Comeu junto à fogueira de Rhuarc, com Heirn e Rand. E Aviendha, claro. Os mascates estavam por perto, Natael ficou ao lado de Keille, e Isendre parecia quase enrolada em Kadere. Talvez fosse mais difícil separar Isendre do narigudo do que ele pensara — ou mais fácil. Enroscada no sujeito ou não, a mulher tinha os olhos escuros fixos em Rand, e em mais ninguém. Parecia até que ela já tinha furado as orelhas dele, marcado-o como uma ovelha de seu rebanho. Nem Rand nem Kadere pareciam notar; o mascate mal tirava os olhos de Rand. Aviendha percebia, e encarava Rand. Pelo menos o fogo provia algum calor.

Quando o assado de cabra acabou — e também um tipo de purê granuloso e amarelo, mais apimentado do que parecia — Rhuarc e Heirn encheram os cachimbos de haste curta, e o chefe de clã pediu uma canção a Natael.

Por um momento, o menestrel apenas piscou, confuso.

— Ora, é claro. É claro. Deixe-me pegar a harpa. — Sua capa se elevou com a brisa fria e seca enquanto ele sumia em direção ao carroção de Keille.

O sujeito sem dúvida era diferente de Thom Merrilin. Era raro Thom sair da cama sem a flauta, a harpa ou as duas. Mat encheu o cachimbo de prata de tabaco e já baforava alegremente quando Natael retornou e postou-se em

uma pose digna de um rei. Isso sim lembrava Thom. Dedilhando um acorde, o menestrel começou:

— *Doces ventos, um toque primaveril.
Doces chuvas, como lágrimas do céu.
Doces, os anos passam jubilosos,
sem o prenúncio das tempestades por vir,
sem o prenúncio da fúria dos vendavais,
chuvas de aço e trovões de batalha,
guerra para os corações desunir.*

Era “O Vau de Midean”. Uma canção antiga sobre Manetheren, por mais estranho que fosse. Falava de guerras anteriores às Guerras dos Trollocs. Natael fez justiça à música; nada como os recitais melodiosos de Thom, sem dúvida, mas as palavras suaves atraíram um bom número de Aiel à beira da luz da fogueira. O maligno Aedomon liderou os saferianos por Manetheren sem levantar suspeitas, saqueando e incendiando, sempre avançando, até que o Rei Buiryn reuniu a força de Manetheren, e seus homens enfrentaram os saferianos no Vau de Midean. Resistiram, embora em número muito menor, por três dias de batalhas incessantes, enquanto o rio se avermelhava e os abutres enegreciam o céu. No terceiro dia, em número ainda menor, já com a esperança definhando, Buiryn e seus homens lutaram para cruzar o vau em uma viagem desesperada, abrindo caminho pela horda de Aedomon, tentando forçar o inimigo a recuar ao matar seu comandante. Porém, forças muito poderosas para se subjugar se abateram sobre eles, encurralando-os, reduzindo-os a um pequeno grupo. Eles continuaram a luta, protegendo seu rei e o estandarte da Águia Vermelha, recusando-se a se entregar mesmo quando a derrota era certa.

Natael cantou como a coragem daqueles homens tocou até o coração de Aedomon, e como, enfim, o vilão permitiu que os sobreviventes fossem libertos e retornou com seu exército para Safer, em honra deles.

— *De volta pelas águas cor de sangue,
marchando de cabeça erguida.
Sem rendição de braço ou espada,
sem rendição de alma ou coração.
Que a honra, ao final, seja deles,
honra que se espalhará por todas as Eras.*

Ele tangeu o último acorde, e os Aiel assobiaram em aprovação, rufando broquéis com as lanças, alguns evocando gritos ululantes.

Não fora daquele jeito, claro. Mat lembrava — *Luz, eu não quero!* Mas a memória veio mesmo assim — ele se lembrava de aconselhar Buiryn a não aceitar a oferta, e de receber a resposta de que a menor chance já era melhor

do que nenhuma. Aedomon, com a barba negra e brilhosa pendendo por sob a malha de aço que lhe encobria o rosto, afastou os lanceiros, esperando até que os homens de Manetheren estivessem perto do vau e exaustos antes que os arqueiros escondidos se erguessem e a cavalaria avançasse. Quanto a retornar a Safer... Mat achava que não. Sua última lembrança do vau era a de tentar manter-se de pé, afundado até a cintura no rio com três flechas cravadas no corpo. Mas havia um fragmento posterior. Ver Aedomon, já de barba grisalha, derrotado em uma luta acirrada em uma floresta, caindo do cavalo empinado com uma lança cravada nas costas por um garoto sem armadura e de cara lisa. Aquilo era pior do que os buracos na memória.

— Não gostou da canção? — perguntou Natael.

Mat levou um instante para perceber que o homem estava falando com Rand, não com ele. Rand esfregou as mãos, encarando a fogueira diminuta antes de responder.

— Não sei muito bem se é sábio depender da generosidade de um inimigo. O que você acha, Kadere?

O mascate hesitou, lançando um olhar à mulher pendurada em seu braço.

— Eu não penso nessas coisas — disse por fim. — Penso em lucro, não em batalhas.

Keille soltou uma risada rouca. Pelo menos até ver o sorriso de Isendre, que traía o desprezo da jovem pela mulher que dava três dela. Logo em seguida os olhos escuros da senhora roliça adquiriram um brilho perigoso por detrás das camadas de gordura.

De súbito, gritos de advertência se ergueram na escuridão, mais à frente das tendas. Os Aiel ergueram os véus. Um instante depois, Trollocs brotaram da noite, com focinhos e cabeças chifradas, avultando-se por sobre os humanos, urrando e balançando as espadas em forma de foice, golpeando com lanças curvas e tridentes farpados, entalhando com machados com ponteiras. Myrddraal circulavam por entre eles, feito serpentes mortíferas sem olhos. O ataque aconteceu em um segundo, mas os Aiel lutaram como se tivessem tido uma hora para se preparar, enfrentando a ameaça com as lanças ágeis.

Mat teve a vaga noção de que Rand invocara aquela espada flamejante, mas logo foi arrastado para o turbilhão, manejando sua arma negra tanto como lança quanto como bastão, golpeando e retalhando, o cabo a rodopiar. Pela primeira vez, ficou satisfeito em ter as lembranças dos sonhos. O manejo daquela arma lhe parecia familiar, e ele precisava de toda a habilidade que pudesse reunir. Era insano e caótico.

Trollocs surgiam e sucumbiam diante de sua lança ou de uma lança Aiel, ou disparavam de volta para a confusão de berros, uivos e clangor de metais. Myrddraal o enfrentavam, as espadas negras se chocando contra seu aço gravado com corvos, produzindo lampejos de luz azul que mais pareciam raios. Enfrentavam-no, e depois desapareciam no tumulto. Por duas vezes, uma lança curta passou como um raio por cima de sua cabeça para golpear um Trolloc prestes a atacá-lo pelas costas. Mat enfiou a espada curta no peito de um Myrddraal e soube que iria morrer quando a criatura não caiu, apenas

sorriu com aqueles lábios sem sangue, com aquele olhar sem olhos que o fazia tremer de medo até os ossos. A criatura ergueu a espada negra. Um instante depois, o Meio-homem estremeceu ao ser perfurado por lanças Aiel, um solavanco que durou a fração de tempo necessária para Mat se afastar da coisa, que caiu ainda tentando golpeá-lo, golpear o que fosse.

Por dez vezes o cabo preto da lança, duro como ferro, desviou por pouco uma investida de Trollocs. Era obra de Aes Sedai, e ele achava aquilo ótimo. A raposa prateada em seu peito parecia pulsar, fria como gelo, como se para lembrá-lo de que também portava a marca das Aes Sedai. Que fosse, ele não ligava. Se fosse preciso trabalho de Aes Sedai para mantê-lo vivo, estava pronto para ir atrás de Moiraine feito um cachorrinho.

Não sabia dizer se a luta durara minutos ou horas, mas de súbito não se via um Myrddraal ou Trolloc ainda de pé, embora gritos e urros vindos da escuridão indicassem uma perseguição. Mortos e moribundos se amontoavam no chão, Aiel e Criaturas da Sombra. Os Meios-homens ainda se agitavam violentamente. Gemidos de dor preenchiam o ar. De repente, Mat percebeu que sentia os músculos moles feito água e que os pulmões estavam em chamas. Desabou de joelhos, ofegante, apoiado na lança. As chamas haviam transformado em fogueiras três carroções dos mascates, todos cobertos por lonas, um deles com um condutor preso à lateral por uma lança de Trolloc, e algumas tendas estavam pegando fogo. Gritos vindos do acampamento dos Shaido e brilhos fortes demais para serem fogueiras de acampamento indicavam que eles também haviam sido atacados.

Com a espada flamejante ainda nas mãos, Rand aproximou-se de Mat, ainda ajoelhado.

— Tudo bem com você?

Aviendha foi atrás, como uma sombra de Rand. Ela conseguira encontrar uma lança e um broquel e erguera um pedaço do xale no rosto, feito um véu. Até de saias a mulher parecia letal.

— Ah, estou bem — murmurou Mat, levantando-se com dificuldade. — Nada como uma dancinha com Trollocs para chamar o sono. Não é, Aviendha?

Descobrindo a face, a jovem lançou a ele um sorriso tenso. Decerto a mulher gostara da luta. Ele estava empapado de suor, e achou que toda aquela água fosse congelar em seu corpo.

Moiraine e Egwene surgiram com duas das Sábias, Amys e Bair, circulando entre os feridos. Por onde a Aes Sedai passava, pessoas tremiam ao serem curadas, embora Moiraine às vezes mal mexesse a cabeça e logo seguisse em frente.

Rhuarc aproximou-se a passos firmes, com uma carranca.

— Más notícias? — perguntou Rand, baixinho.

O chefe de clã grunhiu.

— Além dos Trollocs, que deveriam estar a duzentas léguas ou mais de distância? Talvez. Uns cinquenta Trollocs atacaram o acampamento das Sábias. O bastante para subjugar-las, não fosse por Moiraine Sedai e pela sorte. No entanto, parece que os Shaido foram atacados por um número menor do que o que veio a nós. Só que, como o acampamento deles é o maior, deveria

ter sido o contrário. Quase dá para pensar que eles foram atacados só para não virem nos ajudar. Não que a ajuda deles fosse certa, não os Shaido, mas os Trollocs e Mensageiros da Noite talvez não saibam disso.

— E, se sabiam que havia uma Aes Sedai com as Sábias — comentou Rand — esse ataque também pode ter sido para afastá-la. Eu trago inimigos comigo, Rhuarc. Lembre-se disso. Não importa onde eu esteja, meus inimigos nunca estão longe.

Isendre enfiou a cabeça para fora do carroção principal. Um instante depois, Kadere saiu, passando por ela, que voltou para dentro, fechando a porta pintada de branco atrás do homem. O mercador encarou a carnificina, a luz nos carroções em chamas deixando sombras bruxuleantes em seu rosto. O grupo ao redor de Mat foi o que mais lhe chamou a atenção. Os carroções pareciam não interessá-lo nem um pouco. Natael também desceu do carroção de Keille, e da escada foi falando com a mulher que ainda estava do lado de dentro, com os olhos fixos em Mat e nos outros.

— Imbecis — resmungou Mat, meio que para si mesmo. — Escondidos dentro dos carroções, como se isso fosse fazer alguma diferença para um Trolloc. Poderiam ter sido tostados vivos, simples assim.

— Eles ainda estão vivos — comentou Rand, e Mat percebeu que o amigo também vira o grupo. — Isso é sempre importante, Mat, quem sobrevive. É como nos dados. Não dá para ganhar sem jogar, e não dá para jogar se estiver morto. Quem sabe dizer que jogo os mascates jogam? — Ele riu baixinho, e a espada flamejante desapareceu de suas mãos.

— Eu vou dormir um pouco — disse Mat, já virando as costas. — Me acorde se os Trollocs aparecerem outra vez. Ou melhor, deixe que me matem debaixo das cobertas. Estou muito cansado para acordar.

Rand definitivamente estava perdendo o controle. Talvez os acontecimentos da noite convencessem Keille e Kadere a ir embora. Se eles fossem, Mat pretendia ir junto.

* * *

Rand deixou Moiraine examiná-lo, murmurando sozinha, embora não estivesse machucado. Com tantos feridos, a Aes Sedai não podia gastar forças com o Poder Único para aliviar o cansaço dele.

— Você foi o alvo desse ataque — comentou ela, rodeada pelos gemidos dos feridos.

Os Trollocs estavam sendo arrastados pela noite, pelos cavalos de carga e as mulas dos mascates. Os Aiel pareciam ter a intenção de deixar os Myrddraal onde estavam até que parassem de se sacudir, para certificar-se de que de fato estavam mortos. O vento se ergueu em uma rajada, como gelo seco.

— É mesmo? — indagou o rapaz.

Os olhos da Aes Sedai brilharam à luz da fogueira antes que ela se voltasse outra vez para os feridos.

Egwene aproximou-se dele, mas apenas para dizer, em um sussurro baixo e furioso:

— Seja lá o que você estiver fazendo para irritá-la, pare com isso!

O olhar que ela lançou a Aviendha, um pouco atrás de Rand, não deixava dúvida do que ela queria dizer, e a moça se afastou para ajudar Bair e Amys antes que ele pudesse explicar que não tinha feito nada. Egwene estava ridícula com aquelas duas tranças enroladinhas com fitas. Os Aiel também pareciam achar, e alguns abriam sorrisos quando ela dava as costas.

Cambaleante e trêmulo, ele procurou sua tenda. Nunca se sentira tão cansado. A espada quase não viera. Esperava que fosse o cansaço. Às vezes, falhava ao tentar tocar a Fonte, e às vezes o Poder não fazia o que ele queria, mas quase que desde o início a espada surgira praticamente sem que ele pensasse. Dessa vez, entre todas as outras... só podia ser o cansaço.

Aviendha insistiu em segui-lo até a tenda, e quando ele acordou na manhã seguinte, a jovem estava sentada do lado de fora, de pernas cruzadas, mas sem a lança e o broquel. Espiã ou não, Rand se alegrou em vê-la. Pelo menos sabia quem e o que Aviendha era, e o que sentia por ele.





ROSTOS OCULTOS

O Jardim das Brisas de Prata não era bem um jardim, mas uma imensa adega, grande demais até para ser chamada assim. Ficava no topo de uma colina no meio de Calpene, a mais ocidental das três penínsulas de Tanchico, abaixo do Grande Círculo. Pelo menos uma parte do nome era por causa das brisas que sopravam no lado da construção em que colunas de mármore polido rajadas de verde e balaustradas substituíam a parede, exceto no andar mais alto. Cortinas douradas de seda impermeável podiam ser baixadas, em caso de chuva. A colina formava um declive acentuado daquele lado, e as mesas ao longo das balaustradas forneciam uma ampla visão do imenso ancoradouro para além dos domos e pináculos brancos, agora apinhado de mais navios do que nunca. Tanchico precisava de tudo, desesperadamente, de modo que ali se podia ganhar muito ouro — até que o ouro e o tempo se acabassem.

Com seus lampiões dourados e tetos marchetados com gregas de latão lustradas para emitir um brilho amarelado, além dos serviçais — homens e mulheres, escolhidos pela graça, beleza e discrição — o Jardim das Brisas de Prata já era a adega mais cara da cidade mesmo antes de os problemas começarem. Atualmente, o preço era ultrajante. Porém, ainda recebia visitas dos que negociavam altas somas, dos que negociavam poder e influência ou dos que pensavam negociar. Em alguns aspectos havia menos para se negociar do que antes, em outros, mais.

Muretas baixas cercavam cada uma das mesas, formando pequenas ilhas pelos azulejos verdes e dourados. As muretas eram cobertas de entalhes delicados como renda, o que permitia ver por trás delas, impedindo assim que algum bisbilhoteiro escutasse sem ser visto, e tinham altura apenas o suficiente para ocultar os ocupantes da mesa de eventuais olhares dos passantes. Ainda assim, a clientela em geral permanecia mascarada, sobretudo nos últimos tempos, e alguns sentavam-se à mesa com um guarda-

costas — também mascarado para evitar ser reconhecido, se o cliente fosse prudente, e sem língua, pelo que diziam os rumores, em nome de uma prudência ainda maior. Nenhum guarda estava visivelmente armado. A proprietária do Jardim das Brisas de Prata, uma mulher insinuante de idade indeterminada que se chamava Selindrin, não permitia a entrada de armas. A regra não era quebrada, ao menos não abertamente.



De sua mesa habitual, junto à balaustrada, Egeanin observava os navios no ancoradouro, especialmente os que estavam em movimento. Vê-los lhe dava vontade de estar em um convés, bradando ordens. A mulher jamais esperara que o dever a levasse àquele ponto.

Distraída, ajustou a máscara de veludo que encobria a metade superior do rosto. Sentia-se ridícula usando aquela coisa, mas era um acessório essencial para se misturar, até certo ponto. A máscara azul, para combinar com o vestido de seda de gola alta, o próprio vestido e os cabelos escuros, agora na altura dos ombros, eram o máximo de mudança que ela podia se forçar a assumir. Passar-se por taraboniana era desnecessário, pois Tanchico estava entupida de refugiados, boa parte estrangeiros varridos pelos conflitos. E, de todo modo, era mais do que conseguiria fazer. Aquelas pessoas eram animais; não tinham disciplina, nem ordem.

Pesarosa, Egeanin virou-se do ancoradouro para seu companheiro de mesa, um sujeito de rosto fino e sorriso ambicioso e dissimulado. O colarinho puído de Floran Gelb destoava do Jardim das Brisas de Prata, e ele não parava de secar as mãos no casaco. A mulher sempre marcava de encontrar ali os sujeitinhos enebados com quem era forçada a lidar. Era uma recompensa para eles, além de um meio de desestabilizá-los.

— O que o senhor tem para mim, Mestre Gelb?

O homem secou as mãos mais uma vez, ergueu uma bolsa de juta tosca sobre a mesa e a encarou, ansioso. Egeanin depositou a bolsa a seu lado antes de abri-la. Dentro havia um *a'dam* de metal prateado, coleira e bracelete unidos por uma corrente de encaixes finos e bem-trabalhados. Ela fechou a bolsa e depositou-a no chão. Com esse, Gelb já recuperara três. Mais do que qualquer outro.

— Muito bem, Mestre Gelb. — Uma pequena bolsa cruzou a mesa no outro sentido, e o homem a fez desaparecer por baixo do casaco como se ela contivesse a coroa da Imperatriz, em vez de um punhado de prata. — O senhor tem mais alguma coisa?

— As mulheres. Essas que a senhora quer que eu procure? — Egeanin já estava acostumada com a fala rápida daquela gente, mas gostaria que o homem parasse de passar a língua nos lábios daquele jeito. Não prejudicava a compreensão, mas era desagradável.

Quase disse ao homem que não estava mais interessada. Mas era um dos motivos pelos quais estava em Tanchico, afinal. Talvez agora fosse o único.

— O que tem elas? — Bastou notar que estava pensando em se esquivar de suas obrigações para começar a falar com mais dureza do que pretendia, e Gelb se encolheu.

— Eu... eu acho que encontrei mais uma.

— Tem certeza? Já tivemos alguns... erros.

“Erros” era pouco. As quase doze mulheres que se pareciam vagamente com as descrições haviam se mostrado estorvos que ela dispensou assim que pôs os olhos em cada uma. Exceto aquela nobre, refugiada de propriedades incendiadas na guerra. Gelb sequestrara a mulher na rua, pensando que ganharia mais por entregá-la do que se revelasse sua localização. Em defesa

dele, Lady Leilwin era muitíssimo parecida com uma das mulheres que Egeanin buscava, mas ela já especificara que as procuradas não tinham qualquer sotaque familiar e decerto não teriam sotaque taraboniano. Egeanin não queria matar a mulher, mas até em Tanchico alguém poderia dar ouvidos à história dela. Leilwin fora amarrada, amordaçada e posta em um dos barcos mensageiros na calada da noite — era jovem e bonita, e alguém encontraria melhor uso para ela do que um talho na garganta. Ainda assim, Egeanin não estava em Tanchico para encontrar serviços para o Sangue.

— Nada de erros, Senhora Elidar — respondeu o homem, mais do que depressa, abrindo aquele sorriso cheio de dentes. — Não desta vez. Mas... preciso de um pouco de ouro. Para ter certeza. Para me aproximar. Quatro ou cinco coroas?

— Eu pago por resultados — retrucou Egeanin, com firmeza. — Depois dos seus... erros, o senhor tem sorte de receber qualquer pagamento meu.

Gelb passou a língua nos lábios, nervoso.

— A senhora disse... Logo quando começamos, a senhora disse que daria umas moedas para quem fizesse trabalhos *especiais*. — Um músculo da face do homem estremeceu, e seus olhos corriam de um lado a outro, como se alguém pudesse estar escutando a conversa por trás da parede rendada que rodeava três lados da mesa. Ele baixou a voz a um sussurro rouco. — Cavucar problemas, por assim dizer? Um sujeito que é camareiro de Lorde Brys me contou um boato sobre a Assembleia e a escolha da nova Panarca. Acho que deve ser verdade. O homem estava bêbado, e, quando percebeu o que tinha dito, quase se borrou todo. Mesmo que não seja verdade, arrasaria Tanchico inteira.

— O senhor acha mesmo que há necessidade de arrumar problemas nessa cidade? — Tanchico era um jambo podre, prestes a desabar ao primeiro vento. Toda aquela terra miserável era igual. Por um instante, Egeanin ficou tentada a acreditar no tal “boato”. Sua tarefa era negociar qualquer mercadoria ou informação que surgisse, e ela até vendera algumas, por ali. Mas lidar com Gelb a deixava enojada. E suas próprias dúvidas a amedrontavam. — Basta, Mestre Gelb. O senhor sabe como me contatar, caso encontre outra dessas. — Ela tocou o saco de tecido rústico.

Em vez de se levantar, o homem ficou sentado a encará-la, tentando ver por sob a máscara.

— De onde a senhora é, Senhora Elidar? Seu jeito de falar, todo suave e arrastado... peço perdão, não quero ofender... não consigo identificar o sotaque.

— Basta, Gelb.

Talvez fosse a voz de convés, ou talvez a máscara não tivesse escondido bem seu olhar frio, mas Gelb deu um salto, curvando-se em mesuras e gaguejando desculpas enquanto abria, desajeitado, a porta na parede rendada.

Egeanin ficou ali, sentada, depois que o homem foi embora, dando tempo para que ele saísse do Jardim das Brisas de Prata. Alguém o acompanharia até o lado de fora, para ter certeza de que ele não estava esperando para segui-

la. Toda essa história de se esgueirar e se esconder a enojava. Egeanin quase desejava que algo acabasse com seu disfarce e a brindasse com um embate cara a cara.

Um novo navio deslizava pelo ancoradouro abaixo, um forçador do Povo do Mar com mastros imponentes e nuvens de vela. Ela já tinha examinado o modelo do barco, quando capturaram um. Teria dado quase qualquer coisa para dar uma volta em um forçador, embora imaginasse que seria preciso ter uma tripulação do Povo do Mar para guiar o navio. Os Atha'an Miere eram teimosos na hora de fazer os juramentos, e não seria a mesma coisa se ela tivesse que comprar uma tripulação. Comprar uma tripulação, que ideia! A quantidade de ouro que chegava para ela pelos barcos mensageiros estava lhe subindo à cabeça.

Egeanin pegou a bolsa de juta e começou a se levantar, depois sentou-se apressada ao ver um homem grande e de ombros largos deixando outra mesa. Os cabelos escuros na altura dos ombros e uma barba que deixava seu lábio superior descoberto emolduravam o rosto redondo de Bayle Domon. Ele não estava mascarado, naturalmente. O homem liderava uma dúzia de embarcações costeiras que entravam e saíam de Tanchico e parecia não se importar com quem soubesse onde ele estava. A máscara. Egeanin não estava em seu juízo perfeito. Domon não a reconheceria por trás de uma máscara. Ainda assim, ficou esperando ele ir embora para deixar a mesa. Talvez ainda tivesse de lidar com Domon, se o homem se tornasse uma ameaça.

Selindrin aceitou o ouro oferecido com um sorriso insinuante e murmurou votos de poder recebê-la novamente. De cabelos escuros presos em dezenas de trancinhas, a proprietária do Jardim das Brisas de Prata usava uma seda branca colada ao corpo, quase fina o bastante para uma serviçal, e um daqueles véus transparentes que sempre deixavam Egeanin com vontade de perguntar às tarabonianas que danças elas apresentavam. As Dançarinas do Shea usavam véus quase idênticos e pouca coisa mais. Ainda assim a mulher era sagaz, pensou Egeanin, enquanto avançava em direção à rua. Do contrário, não teria conseguido circular em meio aos cardumes de Tanchico, servindo a cada facção sem ganhar a inimizade de nenhuma.

Um bom lembrete disso era o homem alto em um manto branco, grisalho nas têmporas, mas de rosto e olhos severos, que passou por Egeanin e foi cumprimentado por Selindrin. O manto de Jaichim Carridin ostentava um raio de sol dourado no peito, com três nós dourados embaixo e uma bengala carmesim atrás. Inquisidor da Mão da Luz, alto oficial dos Filhos da Luz. O mero conceito dos Filhos era um ultraje para Egeanin: um corpo militar que respondia apenas a si próprio. Mas Carridin e suas poucas centenas de soldados detinham certa influência em Tanchico, onde na maior parte do tempo parecia haver um vácuo de poder. A Guarda Civil já não patrulhava as ruas, e o exército — por mais que ainda fosse leal ao Rei — estava muito ocupado protegendo as fortalezas ao redor da cidade. Egeanin percebeu que Selindrin sequer olhou para a espada na cintura de Carridin. O homem definitivamente era poderoso.

Assim que pôs os pés na rua, os carregadores vieram correndo com sua cadeira do meio do grupo que aguardava os clientes, e os guarda-costas se fecharam em torno dela com as lanças. Eram um grupo desarmônico, alguns de elmos toscos, três usando camisas de couro costuradas com escamas de aço. Eram homens de rostos duros, possíveis desertores do exército, mas cientes de que a barriga cheia e a prata para gastar dependiam da segurança contínua da mulher. Até os carregadores da cadeira portavam facas robustas e porretes presos aos cinturões. Ninguém que parecesse ter dinheiro ousava sair às ruas sem guardas. De qualquer modo, se ela se desse ao trabalho de arriscar, apenas atrairia atenção para si mesma.

Os guardas forçaram caminho pela multidão sem problemas. O povo circulava pelas ruas estreitas que entrelaçavam as colinas da cidade, fazendo amplos desvios ao redor das liteiras cercadas por guarda-costas. Havia poucas carruagens à vista. Cavalos estavam se tornando uma extravagância.

Surrada era a única descrição adequada para a massa fervilhante — surrada e frenética. Rostos surrados, roupas surradas e olhos muito brilhantes e frenéticos, desesperados, esperançosos, mesmo sabendo que não havia esperança. Muitos estavam resignados, agachados e encostados nas paredes, aninhados nos batentes das portas, agarrados às esposas, aos maridos, às crianças. Não apenas surrados, mas esfarrapados e inexpressivos. Às vezes, erguiam-se o bastante para pedir a algum passante por uma moeda, um pedaço de pão, qualquer coisa.

Egeanin manteve os olhos à frente, confiante de que os guarda-costas detectariam qualquer perigo. Corresponder ao olhar de um pedinte significava ter vinte deles rodeando sua cadeira, esperançosos. Jogar uma moeda significava cem amontoados, chorando e clamando. Ela já estava usando parte do dinheiro que os barcos mensageiros traziam para bancar uma cozinha que distribuía sopa, como se fosse uma do Sangue. Estremeceu ao pensar o que a descoberta daquela extrapolação de sua posição poderia significar. Bem como pôr um vestido brocado e raspar a cabeça.

Tudo isso poderia ser resolvido sem maiores problemas depois da queda de Tanchico, com todos alimentados, todos postos em seus devidos lugares. E ela poderia abandonar os vestidos e as coisas que não conhecia nem queria conhecer e voltar para seu navio. Ao menos Tarabon, e talvez até Arad Doman, estava prestes a desmorronar com um toque, feito seda carbonizada. Por que a Grã-lady Suroth estava se contentando? Por quê?

* * *

Jaichim Carridin descansava em sua cadeira, com o manto estendido por sobre os braços definidos, estudando os nobres tarabonianos que ocupavam as outras cadeiras do salão privativo. Eles permaneciam sentados, rígidos, em seus casacos bordados, com as bocas contraídas sob máscaras trabalhadas com capricho para se assemelhar a caras de gaviões, leões e leopardos. Jaichim tinha mais preocupações do que aqueles homens, mas conseguia manter a

conduta tranquila. Fazia três meses que recebera a notícia de um primo encontrado esfolado vivo na própria cama, e dois desde que sua irmã mais nova, Dealda, fora levada de sua festa de casamento por um Myrddraal. O camareiro da família escrevera, incrédulo, assustado com toda a tragédia que se abatia sobre a Casa Carridin. Dois meses. Desejava que Dealda tivesse recebido a sorte de uma morte rápida. Diziam que as mulheres não mantinham a sanidade por muito tempo, nas mãos dos Myrddraal. Dois meses inteiros. Qualquer outro que não fosse Jaichim Carridin estaria suando sangue.

Cada homem segurava um cálice dourado de vinho, mas não havia serviços presentes. Selindrin servira os homens antes de se retirar, garantindo que eles não seriam incomodados. De fato, não havia mais ninguém ali, no andar mais alto do Jardim das Brisas de Prata. Dois homens que tinham vindo acompanhar os nobres — integrantes da Guarda do Rei, a menos que Carridin estivesse enganado — permaneciam postados ao pé da escada para assegurar que a privacidade não fosse perturbada.

Carridin bebericou o vinho. Nenhum dos tarabonianos tocara nas taças.

— Então — murmurou — o Rei Andric deseja que os Filhos da Luz ajudem a restaurar a ordem na cidade. Não é sempre que nos deixamos envolver nas questões internas de uma nação. — Ao que ele sabia, pelo menos, não abertamente. — Sem dúvida não consigo me lembrar de tal pedido. Não sei o que o Senhor Capitão Comandante vai dizer. — Pedron Niall diria que fizessem o necessário, que se certificassem de que os tarabonianos soubessem que estavam em dívida com os Filhos e de que a dívida fosse paga integralmente.

— Não há tempo para o senhor pedir instruções a Amador — disse um homem de máscara negra com estampa de leopardo, em tom de urgência. Ninguém se apresentara, mas Carridin não precisava que o fizessem.

— O que pedimos é necessário — completou outro, bruscamente. Dava para ver um bigode grosso por baixo da máscara de gavião, conferindo-lhe o aspecto de uma estranha coruja. — Você precisa entender que não estaríamos fazendo este pedido se não fosse de extrema necessidade. Precisamos de mais unidade, não de mais desunião, sim? Há muitos elementos que causam divisão, mesmo dentro de Tanchico. Eles precisam ser suprimidos, se quisermos que haja a menor esperança de impor a paz no campo.

— A morte da Panarca dificultou ainda mais a questão — acrescentou o primeiro sujeito.

Carridin ergueu uma sobrancelha, em dúvida.

— Já descobriram quem a matou?

Ele próprio supunha que Andric fosse o responsável, acreditando que a Panarca estivesse dando vantagens a um dos rebeldes requerentes ao trono. Talvez o Rei estivesse certo, mas Carridin descobrira, depois de convocar o máximo possível da Assembleia de Lordes — um bom número estava no campo com algum dos grupos de rebeldes — que a alta sociedade estava bastante reticente em ratificar a decisão do Rei. Mesmo que Lady Amathera não estivesse dividindo a cama com Andric, a eleição do Rei e da Panarca era o

único poder real que a Assembleia possuía, e os nobres não pareciam querer abrir mão disso. As dificuldades em relação a Lady Amathera não deveriam vir à tona. Até a Assembleia percebia que a notícia poderia desencadear motins.

— Um dos loucos Devotos do Dragão, sem dúvida — respondeu o homem que parecia uma coruja, dando um puxão violento no bigode. — Nenhum verdadeiro taraboniano faria mal à Panarca, sim? — Ele soava quase como se acreditasse mesmo no que dizia.

— É claro — respondeu Carridin, sereno. Tomou outro golinho de vinho. — Se vou proteger o Palácio da Panarca para a ascensão de Lady Amathera, preciso ouvir do Rei em pessoa. Do contrário, pode parecer que os Filhos da Luz estavam buscando poder em Tarabon, quando a única coisa que buscamos é, como vocês dizem, um fim à desunião, além da paz sob a Luz.

Um leopardo mais velho, de maxilar quadrado e cabelos loiros com mechas brancas, se pronunciou, em um tom frio:

— Ouvi dizer que Pedron Níall busca união contra os Devotos do Dragão. União subordinada a ele, não é?

— O Senhor Capitão Comandante não quer dominar nada — retrucou Carridin, no mesmo tom frio. — Os Filhos servem à Luz, assim como todos os homens de boa vontade.

— Não pode haver dúvida — interveio o primeiro leopardo — sobre Tarabon se sujeitar a Amador, de qualquer forma que seja. Não pode!

Murmúrios irritados em concordância ressoaram de praticamente todas as cadeiras.

— É claro que não — concordou Carridin, como se a ideia jamais tivesse passado por sua cabeça. — Se quiserem meu auxílio, eu dou, mas sob as condições que já expus. Se não quiserem, sempre haverá trabalho para os Filhos. Servir à Luz é um trabalho que nunca acaba, pois a Sombra está sempre à espreita.

— O senhor terá as garantias assinadas e seladas pelo Rei — disse um homem grisalho de máscara de leão, proferindo suas primeiras palavras.

Era, naturalmente, o próprio Andric, embora Carridin não devesse saber. O Rei não conseguia se reunir com um Inquisidor da Mão da Luz sem gerar falatório, muito menos visitar uma adega, ainda que fosse o Jardim das Brisas de Prata.

Carridin assentiu.

— Quando o documento estiver em minhas mãos, protegerei o Palácio da Panarca, e os Filhos eliminarão quaisquer... elementos divisores... que tentem interferir na investidura. Eu juro sob a Luz.

A tensão entre os tarabonianos pareceu se aliviar visivelmente. Os nobres baixaram os cálices como se quisessem mais vinho, até mesmo Andric.

Até onde o povo de Tarabon sabia, os Filhos seriam culpados pelas inevitáveis mortes, não o Rei, nem o exército de Tarabon. Uma vez que Amathera recebesse a Coroa e o Cajado da Árvore, mais uns poucos da Assembleia poderiam até se unir aos rebeldes, mas se o restante admitisse que não a elegera, a novidade incendiaria Tanchico. Bem como quaisquer histórias contadas pelos fugitivos. Ora, os rebeldes eram capazes de espalhar

todo tipo de mentiras traiçoeiras. E o Rei e a Panarca de Tarabon acabariam ambos se balançando nos cordéis que Carridin entregaria a Pedron Niall para usar como bem entendesse.

Não era um prêmio tão grandioso como teria sido quando o Rei de Tarabon ainda controlava mais do que umas poucas centenas de milhas quadradas ao redor de Tanchico, mas poderia voltar a ser. Com a ajuda dos Filhos — seriam necessárias pelo menos uma ou duas legiões, não apenas os quinhentos homens de que Carridin dispunha — os Devotos do Dragão ainda poderiam ser aniquilados, e os diversos rebeldes, derrotados. Até a guerra com Arad Doman poderia ser levada adiante com sucesso. Isso se os dois territórios sequer percebessem que ainda estavam lutando um contra o outro. Arad Doman estava em piores condições do que Tarabon, pelo que Carridin ouvia.

Na verdade, ele não dava a mínima se Tarabon sucumbiria ao domínio dos Filhos, ou Tanchico, ou nenhum dos dois. Havia protocolos a cumprir e coisas a fazer que eram sua obrigação, mas era difícil pensar em algo além do momento em que ele próprio seria degolado. Talvez ansiasse por isso. Já haviam se passado dois meses inteiros desde as últimas notícias.

Ele não ficou para beber com os tarabonianos, apenas se despediu do modo mais breve possível. Se os outros haviam se ofendido, precisavam demais dele para demonstrar. Selindrin o levou para baixo, e um jovem cavaleiro vinha trotando com o cavalo até a porta dianteira quando ele chegou à rua. Carridin atirou um cobre para o garoto e pôs o cavalo a meio-galope com uma esporada. O povo em andrajos nas ruas emaranhadas abria caminho para ele, o que era bom — não sabia ao certo se notaria, caso pisoteasse alguém. Não que fosse ser uma grande perda. A cidade estava apinhada de pedintes, mal dava para respirar sem sentir o fedor de sujeira e suor velho e azedo. Tamrin tinha de varrê-los para fora dali, deixar os rebeldes do campo acabarem com eles.

Era no campo que estavam seus pensamentos, mas não nos rebeldes. Seria bem fácil lidar com eles depois que a notícia de que esse ou aquele era Amigo das Trevas começasse a se espalhar. E, quando conseguisse entregar alguns à Mão da Luz, veria esses poucos se postarem diante de todos e confessar adorar o Tenebroso, comer criancinhas, absolutamente qualquer coisa que a Mão lhes ordenasse. Os rebeldes não durariam muito depois disso, e os falsários ainda no campo acordariam e se veriam sozinhos. Mas os Devotos do Dragão, homens e mulheres que de fato haviam se declarado em favor do Dragão Renascido, não desistiriam por conta de uma acusação de serem Amigos das Trevas. A maioria já os considerava assim, por jurarem seguir um homem capaz de canalizar.

O verdadeiro problema era o homem que haviam jurado seguir, o homem cujo nome sequer sabiam. Rand al'Thor. Onde ele estava? Havia cem bandos de Devotos do Dragão à solta, pelo menos dois grandes o bastante para serem considerados exércitos, todos lutando contra o exército do Rei — que ainda permanecia leal a Andric — ou contra os rebeldes — que estavam tão ocupados lutando entre si quanto contra Andric ou os Devotos do Dragão. Mas Carridin não fazia ideia de qual dos bandos estava com Rand al'Thor. Ele

poderia estar na Planície de Almoth ou em Arad Doman, onde a situação era a mesma. Se estivesse, Jaichim Carridin seria um homem morto, com toda a certeza.

No palácio em Verana que requisitara como quartel-general dos Filhos, ele jogou as rédeas para um dos guardas de manto branco e avançou para o interior, sem retribuir as saudações. O proprietário daquela massa de domos claros, torres rendadas e jardins de sombras frescas e fartas apresentara uma reivindicação ao Trono da Luz, e ninguém mais se queixou da ocupação do palácio. Muito menos o proprietário: o que restava de sua cabeça ainda adornava uma lança no alto da Escada dos Traidores, em Maseta.

Dessa vez, Carridin mal olhou para os delicados tapetes tarabonianos, as mobílias ornadas em ouro e marfim, os pátios onde as fontes de água produziam um som de frescor. Amplos corredores com lampiões dourados e tetos altos, cheios de arabescos com delicados trabalhos em ouro, não o deixavam minimamente interessado. O palácio podia fazer jus aos mais refinados de Amadicia, quicá aos maiores, mas o principal pensamento de Carridin naquele instante era o conhaque forte que ficava no aposento que ele definira como gabinete.

Estava atravessando um tapete de valor inestimável, todo em padronagens azuis, vermelhas e douradas, com os olhos fixos no armário entalhado que guardava um frasco prateado de conhaque de dupla destilação, quando de súbito percebeu que não estava sozinho. Uma mulher de vestido vermelho-claro colado ao corpo estava parada perto das janelas altas e estreitas que davam para um dos jardins arborizados, os cabelos cor de mel e trançados roçavam-lhe os ombros. Um pedaço de véu diáfano não era suficiente para esconder seu rosto. Jovem e bela, com uma boca de botão de rosa e grandes olhos castanhos, a mulher não era serviçal, nem se vestia como uma.

— Quem é você? — inquiriu Carridin, irritado. — Como veio parar aqui? Vá embora de uma vez, ou vou jogar você na rua.

— Ameaças, Bors? Você deveria receber melhor seus convidados, sim?

Aquele nome o abalou dos pés à cabeça. Antes mesmo de pensar, já desembainhara a espada e avançara para a garganta da mulher.

Algo o deteve — o ar se transformou em uma geleia espessa — algo o fez desabar de joelhos e o envolveu do pescoço para baixo. A coisa apertou seu punho até os ossos estalarem. Carridin abriu a mão e a espada caiu. O Poder. A mulher estava usando o Poder Único nele. Uma bruxa de Tar Valon. E, se ela conhecia aquele nome...

— Você acaso se lembra — começou ela, aproximando-se — de uma reunião onde Ba'alzamon em pessoa apareceu e nos mostrou os rostos de Matrim Cauthon, Perrin Aybara e Rand al'Thor? — Ela praticamente cuspiu os nomes, sobretudo o último. Seu olhar era capaz de esburacar uma placa de aço. — Está vendo? Sei quem você é, sim? Você jurou a alma ao Grande Senhor das Trevas, Bors.

A mulher soltou uma risada repentina, que soava como o tilintar de sinos.

Suor brotou da face do homem. Não era apenas uma bruxa desprezível de Tar Valon. Uma Ajah Negra. A mulher era da Ajah Negra. Achara que um Myrddraal viria atrás dele. Pensara que ainda havia tempo. Mais tempo. Não ainda.

— Eu tentei matar o garoto — balbuciou. — Rand al'Thor. Eu tentei! Mas não consigo encontrá-lo. Não consigo! Disseram que matariam minha família se eu fracassasse, um a um. Prometeram que eu seria o último! Eu ainda tenho primos. Sobrinhos. Sobrinhas. Tenho mais uma irmã! Vocês precisam me dar mais tempo!

A mulher ficou ali parada, observando-o com os olhos castanhos e penetrantes, sorrindo com a boquinha carnuda, escutando-o revelar onde estava Vanora, onde ficava seu dormitório, como ela gostava de cavalgar sozinha na floresta para além de Carmera. Talvez, se ele gritasse, algum dos guardas viesse. Talvez a matassem. Ele escancarou a boca... e aquela geleia espessa e invisível jorrou para dentro, forçando sua mandíbula até os ouvidos zunirem. Com as narinas infladas ao máximo, Carridin sorvia o ar freneticamente. Ainda conseguia respirar, mas não podia gritar. Tudo o que saía eram ganidos abafados, feito o lamento de uma mulher por trás de uma parede. Ele queria gritar.

— Você é muito divertido — disse a mulher de cabelos cor de mel, por fim. — Jaichim. É um nome bom para um cachorro, eu acho. Quer ser meu cachorro, Jaichim? Se for um bom cãozinho, um dia posso deixar você assistir a Rand al'Thor morrer, sim?

Ele levou um momento para absorver o que a mulher estava dizendo. Se teria a chance de assistir à morte de Rand al'Thor, então ela não iria... ela não iria matá-lo, esfolá-lo vivo, fazer as coisas que a mente dele maquinara e que tornariam a morte um alívio. Lágrimas rolaram por seu rosto. Soluços de alívio o sacudiram — ao menos o quanto era possível, preso como estava. A armadilha desapareceu de repente, e Carridin desabou no chão, de quatro, ainda soluçando. Não conseguia parar.

A mulher ajoelhou-se ao lado dele, entrelaçou uma das mãos em seus cabelos e puxou sua cabeça.

— Agora me escute, sim? A morte de Rand al'Thor é para o futuro, e você só vai assistir se for um bom cãozinho. Você vai transferir os Mantos-brancos para o Palácio da Panarca.

— C-c-como a s-s-senhora sabe d-d-disso?

A mulher sacudiu a cabeça dele de um lado para o outro, sem delicadeza.

— Um bom cachorro não questiona a dona. Eu jogo o graveto, você pega o graveto. Eu mando matar, você mata. Sim? Sim. — A mulher exibiu os dentes em um sorriso rápido. — Vai ser difícil tomar o Palácio? A Legião da Panarca está lá, mil homens, dormindo nos corredores, nas salas de exposição, nos pátios. Você não tem todo esse número de Mantos-brancos.

— Eles... — Carridin precisou parar e engolir. — Eles não vão criar problemas. Vão acreditar que Amathera foi escolhida pela Assembleia. É a Assembleia que...

— Não me mate de tédio, Jaichim. Não me importa se você matar a Assembleia inteira, desde que ocupe o Palácio da Panarca. Quando você se muda?

— É... vai levar três ou quatro dias para Andric dar a garantia.

— Três ou quatro dias — murmurou a mulher, meio que para si mesma. — Muito bem. Um pouco mais de atraso não vai prejudicar. — Ele já estava se perguntando sobre que atraso a mulher falava quando ela removeu o pouco de chão que ainda restava sob seus pés. — Você vai controlar o Palácio e expulsar os bons soldados da Panarca.

— Impossível — disse, arquejante, e a mulher deu um puxão tão forte em sua cabeça que ele não soube se o pescoço quebraria ou se o couro cabeludo seria arrancado primeiro. Não ousou resistir. Mil agulhas invisíveis o ferroavam, no rosto, no peito, nas costas, nos braços, nas pernas, no corpo inteiro. Invisíveis, mas sem dúvida não menos reais.

— Impossível, Jaichim? — perguntou a mulher, baixinho. — Impossível é uma palavra que eu não gosto de ouvir.

As agulhas se retorceram com mais força. Carridin ganiu, mas precisava explicar. O que a mulher queria *era* impossível. Ele arfava, afobado.

— Quando Amathera for empossada como Panarca, vai controlar a Legião. Se eu tentar controlar o Palácio, ela vai mandar todos para cima de mim, e Andric vai ajudar. Não há como enfrentar a Legião da Panarca e o que Andric conseguir destacar das fortalezas circulares.

A mulher o analisou por tanto tempo que ele começou a suar. Não ousava se encolher, muito menos piscar. Aquelas mil agulhinhas não permitiam.

— Vamos resolver a questão da Panarca — respondeu ela, enfim.

As agulhas sumiram, e a mulher se levantou.

Carridin também se levantou, tentando manter o equilíbrio. Talvez conseguisse negociar, já que a mulher agora parecia disposta a escutar a voz da razão. Suas pernas tremiam por conta do choque, mas ele tentou impostar a voz com a maior firmeza possível.

— Mesmo que a senhora consiga influenciar Amathera...

Ela o interrompeu.

— Eu mandei você não perguntar, Jaichim. Um bom cachorro obedece a dona, sim? Eu prometo que, se você não me obedecer, vai implorar para que eu encontre um Myrddraal para jogar o graveto. Está entendendo?

— Estou — respondeu Carridin, em um tom sombrio. A mulher continuou a encará-lo, e, depois de um instante, ele compreendeu. — Vou fazer o que está mandando... senhora. — O sorriso da mulher, breve e aprovativo, o fez ruborizar. Ela se virou para a porta, dando-lhe as costas como se ele de fato fosse um cachorro, e sem dentes. — Qual... qual é o seu nome?

Desta vez, o sorriso foi doce e debochado.

— Sim. Um cachorro tem que saber o nome da dona. O meu é Liandrin. Mas esse nome jamais deve tocar a boca de um cachorro. Se isso acontecer, ficarei muito contrariada.

Quando a porta se fechou atrás dela, Carridin cambaleou até uma cadeira de espaldar alto com entalhes em marfim e se sentou. Deixou o conhaque

onde estava; do jeito que sentia o estômago se revirar, acabaria vomitando. Que interesse Liandrin podia ter no Palácio da Panarca? Uma pergunta perigosa, talvez. Mas, ainda que os dois servissem ao mesmo mestre, ele não conseguia sentir nada além de repulsa por uma bruxa de Tar Valon.

A mulher não sabia tanto quanto pensava. Com as garantias do Rei em mãos, Carridin poderia manter Tamrin e o exército bem longe de seu pescoço com a ameaça de revelação, e Amathera também. No entanto, os dois ainda poderiam incitar a massa. E o Senhor Capitão Comandante talvez mostrasse mais do que desaprovação pela coisa toda, talvez acreditasse que ele estava atrás de poder para si. Carridin apoiou a cabeça nas mãos, antevendo Niall assinando a ordem de sua morte. Seus próprios homens o prenderiam e enforcariam. Se conseguisse provocar a morte da bruxa... Mas a mulher prometera protegê-lo dos Myrddraal. Ele quis chorar outra vez. Liandrin sequer estava lá, mas o prendia com a mesma força de sempre, as mandíbulas de aço agarradas às duas pernas e um nó de força amarrado a seu pescoço.

Tinha de haver uma saída, mas, para cada canto que olhava, ele só via mais armadilhas.

* * *

Liandrin percorreu os corredores como um fantasma, sem grandes dificuldades em evitar serviçais e Mantos-brancos. Ao sair por uma pequena porta dos fundos que dava para um beco estreito atrás do palácio, o homem alto e jovem de guarda a encarou com um misto de alívio e apreensão. O truquezinho de deixar os outros abertos às suas sugestões — só um pinguinho do açoite do Poder — não fora necessário com Carridin, mas não teve problemas em convencer aquele idiota a autorizar sua entrada. Sorrindo, ela fez um gesto para que o homem se aproximasse. O grosseirão desengonçado abriu um sorriso largo, como se esperasse um beijo. O sorriso congelou quando a faca de Liandrin atravessou seu olho.

Ela deu um salto ágil para trás quando o homem caiu. Assim, o guarda não falaria dela nem por acidente. Nem uma mísera gotinha de sangue sujara suas mãos. Ela desejou ter a habilidade de Chesmal para matar com o Poder, ou mesmo o talento inferior de Rianna. Era estranho que a capacidade de matar com o Poder, de parar um coração ou ferver o sangue nas veias, fosse tão intimamente ligada à Cura. Liandrin não era capaz de Curar mais do que arranhões ou hematomas — não que tivesse qualquer interesse nisso.

Sua liteira, coberta de verniz vermelho e com entalhes em ouro e marfim, a aguardava no fim da viela junto com os guarda-costas, uma dúzia de homens enormes com expressões de lobos famintos. Uma vez na rua, eles abriram caminho sem esforço pela multidão, as lanças golpeando quem não se afastasse depressa o bastante. Eram todos devotos do Grande Senhor das Trevas, sem dúvida, e, ainda que não soubessem muito bem quem ela era, sabiam que outros homens haviam desaparecido, homens que tinham falhado em servi-la de maneira apropriada.

A casa que Liandrin e as outras haviam ocupado, dois amplos andares de pedra, massa branca e teto reto em uma encosta na base de Verana, a península mais a leste de Tanchico, pertencia a um mercador que também prestava juramentos ao Grande Senhor. Liandrin preferiria um palácio. Um dia, talvez, possuísse o Palácio do Rei, em Maseta. Crescera invejando os palácios dos Lordes, mas por que deveria se contentar com um daqueles? Apesar de suas preferências, no entanto, fazia mais sentido manterem-se um tempo escondidas. Não tinha como as idiotas de Tar Valon suspeitarem de sua presença em Tarabon, mas a Torre sem dúvida ainda estava atrás delas, e as meninhas de Siuan Sanche poderiam estar farejando por qualquer lugar.

Os portões se abriram para um pequeno pátio, com janelas apenas no andar superior. Liandrin deixou os guardas e carregadores do lado de fora e correu para dentro. O mercador fornecera alguns poucos serviços — todos jurados ao Grande Senhor, garantiu o homem, mas um número pequeno demais para servir a onze mulheres que quase não saíam. Uma das servas, uma mulher bonita, robusta e de tranças escuras chamada Gyldin, varria os azulejos vermelhos e brancos do saguão de entrada quando Liandrin chegou.

— Onde estão as outras? — inquiriu a recém-chegada.

— Na sala de estar da frente.

Gyldin apontou para a porta dupla em arco à direita, como se Liandrin pudesse não saber onde a sala ficava.

Liandrin apertou os lábios. A mulher nunca fazia medidas ou utilizava pronomes de tratamento. A bem da verdade, Gyldin não sabia quem Liandrin de fato era, mas sem dúvida deveria saber que era importante o suficiente para dar ordens e ser obedecida, para fazer aquele mercador gordo se curvar, se arrastar e mandar a família embora para alguma choupana.

— Você deveria estar limpando, sim? Não circulando por aí? Ora, então limpe! Tem poeira para tudo que é lado. Ora, sua vaca, se eu encontrar um grãozinho de poeira esta noite mando espancar você! — Liandrin cerrou os dentes com força. Passara tanto tempo imitando a forma como os nobres e ricos falavam que às vezes esquecia que seu pai vendia frutas em um carrinho. No entanto, em momentos de ira o linguajar da plebe lhe escapava. Era muita tensão. Muita espera. — Vá trabalhar! — gritou por fim, então entrou na sala de estar e bateu a porta atrás de si.

As outras não estavam *todas* lá, o que a deixou ainda mais irritada, mas havia o bastante delas. Eldrith Jhondar, de rosto redondo, estava sentada a uma mesa marchetada em lápis-lazúli sob uma tapeçaria presa a uma parede caída, e, com muita atenção, tomava notas a partir de um manuscrito esfarrapado. Vez ou outra, a mulher, distraída, limpava a ponta da pena na manga do vestido de lã escura. Marillin Gemalphin estava sentada junto a uma das janelas estreitas, os olhos azuis e sonhadores fixos na diminuta fonte no pequeno pátio, afagando, absorta, as orelhas de um gato amarelo e magro, aparentemente alheia aos pelos que o bicho deixava em seu vestido de seda verde. Ela e Eldrith eram Marrons. Mesmo assim, caso Marillin algum dia descobrisse que Eldrith era a razão pela qual os gatos de rua que ela trazia continuavam a desaparecer, haveria problemas.

Elas tinham sido Marrons. Às vezes era difícil lembrar que já não eram, ou que ela mesma já não era Vermelha. Muitas das características óbvias que as identificavam como integrantes das antigas Ajahs ainda permaneciam, mesmo agora que todas estavam abertamente comprometidas com a Ajah Negra. As duas antigas Verdes, por exemplo: de pele acobreada e pescoço longo feito o de um cisne, Jeaine Caide usava o vestido de seda mais fino e justo que conseguia arranjar — o de hoje era branco — e dava risada, dizendo que os vestidos teriam de servir, já que não havia qualquer coisa disponível em Tarabon para atrair a atenção dos homens. Jeaine era de Arad Doman, e as mulheres domanesas eram conhecidas por suas roupas escandalosas. Asne Zeramene, com os olhos escuros e oblíquos e o nariz pronunciado, parecia quase tímida e retraída em um traje cinza claro, de corte simples e gola alta, mas Liandrin já a ouvira se lamentar mais de uma vez por ter deixado os Guardiões para trás. Quanto a Rianna Andomeran... Os cabelos negros com uma mecha completamente branca por sobre a orelha emolduravam um rosto com a expressão confiante, fria e arrogante que apenas uma Branca era capaz de exibir.

— Pronto — anunciou Liandrin. — Jaichim Carridin deslocará os Mantos-brancos para o Palácio da Panarca e o ocupará para nós. Ele ainda não sabe que teremos convidados... é claro. — Algumas fizeram caretas; a mudança de Ajah não alterara os sentimentos de nenhuma delas em relação aos homens que odiavam mulheres capazes de canalizar. — Tem um detalhe interessante. O homem achou que eu tinha ido até lá para matá-lo. Por ter falhado em acabar com Rand al'Thor.

— Isso não faz sentido — comentou Asne, de cenho franzido. — Temos que prendê-lo, controlá-lo, não matá-lo. — De repente ela soltou uma risada baixa e suave, recostando-se de volta na cadeira. — Isso se houver um meio de controlá-lo. E olha que eu não me importaria de prendê-lo a mim. É um rapaz muito bonito, pelo pouco que vi.

Liandrin fungou. Não gostava nem um pouco de homens.

Rianna balançou a cabeça, preocupada.

— Faz sentido e é preocupante. As ordens que recebemos da Torre foram explícitas, mas também está claro que Carridin recebeu outras. Posso apenas pressupor que haja divergências entre os Abandonados.

— Os Abandonados — murmurou Jeaine, cruzando os braços com irritação. A seda fina e branca moldava os seios, deixando-os ainda mais à mostra. — De que adiantam as promessas de governarmos o mundo quando o Grande Senhor retornar se acabarmos no meio das disputas entre Abandonados? Será que alguém acredita que temos condições de enfrentar qualquer um deles?

— Fogo devastador. — Asne olhou em volta, os olhos escuros desafiadores. — O fogo devastador pode destruir mesmo um dos Abandonados. E temos como produzi-lo.

Um dos *ter'angreal* que haviam levado da Torre, uma barra preta pregueada de um passo de comprimento, possuía esse fim. Nenhuma delas sabia por que haviam recebido ordem para levá-lo, nem mesmo Liandrin.

Estavam às cegas com muitos dos *ter'angreal*: haviam recebido ordens de levá-los sem qualquer razão aparente, mas certas ordens tinham de ser cumpridas. Liandrin desejou que tivessem conseguido ficar com pelo menos um dos *angreal*.

Jeaine fungou alto, com desdém.

— Isso se alguma de nós conseguir controlá-lo. Ou você já se esqueceu de que eu quase morri na única vez em que nos atrevemos a tentar? Isso sem falar no buraco dos dois lados do navio, que foi aberto antes que eu conseguisse controlar o incêndio? Teria sido uma beleza se a gente naufragasse antes de chegar em Tanchico.

— Que necessidade temos de usar fogo devastador? — perguntou Liandrin. — Se conseguirmos controlar o Dragão Renascido, poderemos deixar os Abandonados pensando em como vão lidar conosco. — De repente ela notou mais uma presença na sala. Era a tal Gyldin, esfregando uma cadeira entalhada e de espaldar baixo, em um canto. — O que está fazendo aqui, mulher?

— Limpando. — A mulher de tranças escuras se endireitou, displicente. — A senhora me mandou limpar.

Liandrin quase a atacou com o Poder. Quase. Mas Gyldin decerto não sabia que elas eram Aes Sedai. O que a mulher teria ouvido? Nada de importante.

— Vá até o cozinheiro — mandou, com a voz gélida — e mande o homem bater em você. Bem forte! E vai ficar sem comer até limpar toda essa poeira. — Mais uma vez a mulher a fizera falar feito uma plebeia.

Marillin se levantou, encostando o nariz do gato amarelo no dela, e entregou a criatura a Gyldin.

— Dê a ele uma tigela de nata, depois que o cozinheiro terminar com você. E um pouco daquele cordeiro gostoso. Corte em pedaços pequenos, não restaram muitos dentes no bichano, pobrezinho. — Gyldin encarou a mulher sem piscar, e ela acrescentou: — Alguma coisa que você não tenha entendido?

— Eu entendi. — Gyldin apertou os lábios. Talvez enfim tivesse entendido que era uma servente, não uma igual.

Liandrin aguardou um instante depois que a mulher se retirou com o gato aninhado nos braços, então abriu uma das portas com violência. O corredor estava vazio. Gyldin não estava bisbilhotando. Não confiava na mulher, por outro lado, não conseguia pensar em alguém em quem de fato confiasse.

— Precisamos nos ocupar de nossas ocupações — disse com firmeza, fechando a porta. — Eldrith, encontrou mais alguma pista nessas páginas? Eldrith?

A mulher rolíça levou um susto, depois olhou em volta, piscando. Era a primeira vez que erguia a cabeça do manuscrito amarelo surrado, e parecia surpresa em ver Liandrin.

— O quê? Pista? Ah. Não. Já é uma dificuldade entrar na Biblioteca do Rei, se eu arrancasse uma mísera página, as bibliotecárias perceberiam na hora. Mas, se me livrasse delas, nunca encontraria nada. Aquele lugar é um

labirinto. Não, encontrei isso com um livreiro perto do Palácio do Rei. É um tratado interessante sobre...

Abraçando *saidar*, Liandrin soprou as folhas para longe, espalhando-as pelo chão.

— A não ser que seja um tratado sobre como controlar Rand al'Thor, deixe que queime! O que foi que você descobriu sobre o que estamos buscando?

Eldrith fitou os papéis espalhados.

— Bom, está no Palácio da Panarca.

— Você descobriu isso dois dias atrás.

— E deve ser um *ter'angreal*. Controlar alguém capaz de canalizar requer o uso do Poder e, como é um uso especializado, isso significa que deve ser um *ter'angreal*. Deve estar na sala de exposições, ou talvez com a coleção da Panarca.

— Alguma novidade, Eldrith. — Com esforço, Liandrin impostou a voz em um tom menos estridente. — Encontrou alguma novidade? Qualquer uma?

A mulher de rosto redondo piscou, indecisa.

— Na verdade... não.

— Não importa — interveio Marillin. — Daqui a poucos dias, quando tiverem empossado sua preciosa Panarca, poderemos dar início à nossa busca, e encontraremos o *ter'angreal*, nem que tenhamos de vasculhar cada castiçal. Estamos muito perto, Liandrin. Prenderemos Rand al'Thor em uma coleira e o ensinaremos a sentar e a rolar.

— Ah, sim — concordou Eldrith, com um sorriso contente. — Numa coleira.

Liandrin torcia para que conseguissem. Estava cansada de esperar, cansada de se esconder. Que o mundo soubesse de uma vez quem ela era. Que o povo se ajoelhasse, como fora prometido quando trocou os juramentos antigos pelos novos.

* * *

Egeanin percebeu que não estava sozinha assim que pôs os pés na cozinha da pequena casa, mas largou a máscara e a bolsa de juta sobre a mesa e caminhou até um balde d'água que jazia ao lado da lareira de tijolos. Quando se agachou para apanhar a concha de cobre, a mão direita passou depressa por um buraco fundo atrás do balde, onde dois tijolos haviam sido removidos. Ela deu um giro e se levantou com uma pequena besta nas mãos. Tinha não mais do que um pé de comprimento e pouco poder ou alcance, mas Egeanin sempre a mantinha preparada, e o pequeno borratão na ponta da lâmina afiada era suficiente para matar em um piscar de olhos.

Se o homem encostado displícientemente à parede do canto notara a besta, não deu sinal. Tinha cabelos claros e olhos escuros, era de meia-idade e bem-apessoado, embora muito magro para o gosto dela. Estava claro que a vira cruzar o pátio estreito até a janela com grades de ferro a seu lado.

— Me considera uma ameaça? — indagou o homem, depois de um instante.

Egeanin reconheceu o sotaque familiar de sua terra natal, mas não baixou a arma.

— Quem é você?

Como resposta, o homem enfiou dois dedos na bolsa do cinto, com muito cuidado — pareceu finalmente ter visto a arma — e retirou um objeto pequeno e liso. Ela fez um gesto para que ele o deixasse sobre a mesa e se afastasse outra vez.

Somente depois que o homem já estava de volta no canto foi que ela se aproximou para pegar o que ele deixara. Sem tirar os olhos nem a besta da direção dele, ergueu o objeto para ver melhor. Uma pequena placa de marfim com bordas de ouro e um corvo e uma torre gravados. Os olhos do corvo eram safiras negras. Um corvo, símbolo da família Imperial. Era a Torre dos Corvos, símbolo da justiça Imperial.

— Em geral isso seria suficiente — disse ela ao homem — mas estamos bem longe de Seanchan, em uma terra onde o bizarro é quase lugar-comum. Que outra prova o senhor pode oferecer?

Com um sorriso silencioso que revelava seu divertimento, o homem retirou o casaco, desamarrou o laço da camisa e a despiu. Em cada ombro havia uma tatuagem do corvo e da torre.

A maioria dos Inquiridores da Verdade ostentava corvos e a torre, mas nem mesmo alguém que ousasse roubar uma placa de Inquiridor marcaria o próprio corpo daquela forma. Usar os corvos significava marcar-se como propriedade da família Imperial. Havia uma antiga história sobre dois jovens tolos, um lorde e uma lady, que ficaram muito bêbados e se tatuaram, uns trezentos anos antes. Quando a Imperatriz soube, mandou levar os dois até a Corte das Nove Luas e os pôs para esfregar o chão. Esse sujeito talvez fosse um de seus descendentes. A marca do corvo era para sempre.

— Peço desculpas, Inquiridor — disse a mulher, abaixando a besta. — Por que está aqui?

Não perguntou o nome do homem; qualquer que ele fornecesse poderia ou não ser o verdadeiro.

Ele deixou a mulher segurando a placa enquanto vestia a blusa, bem devagar. Um lembrete sutil. Egeanin era capitã, e ele era propriedade, mas também era um Inquiridor, e, aos olhos da lei, tinha autoridade para mandá-la para interrogatório. Aos olhos da lei, tinha o direito de mandá-la comprar a corda para se amarrar para interrogá-la ali mesmo, e ficaria esperando que ela retornasse com a encomenda. Fugir de um Inquiridor era crime. Recusar-se a cooperar com um Inquiridor era crime. Egeanin nunca cogitara cometer um crime, não mais do que cogitara trair o Trono de Cristal. Porém, se o homem fizesse as perguntas erradas, se exigisse as respostas erradas... a besta ainda estava ao alcance de suas mãos, e Cantorin estava bem longe. Ideias loucas. Ideias perigosas.

— Eu sirvo à Grã-lady Suroth e à Corenne, pela Imperatriz — anunciou ele.
— Estou conferindo o progresso dos agentes que a Grã-lady designou para

atuar nestas terras.

Conferindo? O que havia para ser conferido, ainda mais por um Inquiridor?

— Os barcos mensageiros não trouxeram notícias de sua vinda.

O sorriso do homem se alargou, e Egeanin corou. Óbvio que as tripulações não falaria sobre um Inquiridor. Mesmo assim ele respondeu, enquanto amarrava a camisa.

— Os barcos mensageiros não devem ser postos em risco com minhas viagens. Pedi passagem nas embarcações de um contrabandista local, um homem chamado Bayle Doman. O navio dele para em todos os pontos de Tarabon e Arad Doman, e também entre os dois lugares.

— Ouvi falar desse homem — respondeu ela, calma. — Foi tudo bem?

— Agora está tudo bem. Fico feliz por você, ao menos, ter entendido suas instruções corretamente. Entre os outros, apenas os Inquiridores foram capazes de entendê-las. É uma pena que não haja mais Inquiridores com a *Hailene*. — O homem ajeitou o casaco nos ombros, então tomou a placa de Inquiridor das mãos de Egeanin. — Houve certo constrangimento em relação ao retorno das *sul'dam* desertoras. Tais deserções não devem se tornar do conhecimento de todos. É melhor que essas mulheres tenham simplesmente desaparecido.

Ela só conseguiu manter a expressão plácida porque teve um pouco de tempo para pensar. *Sul'dam* haviam sido deixadas para trás no fiasco de Falme, pelo que ouvira dizer. Algumas deviam ter desertado. A instrução, dada pela Grã-lady Suroth em pessoa, fora a de enviar de volta todas as que fossem encontradas, quisessem elas ou não, ou, caso não fosse possível, livrar-se delas. O que parecera apenas uma alternativa em último caso. Até agora.

— Lamento que estas terras não conheçam kaf — comentou o homem, tomando um lugar à mesa. — Mesmo em Cantorin, só o Sangue ainda toma kaf. Pelo menos a situação estava assim, quando fui embora. Talvez alguns navios de suprimentos tenham chegado de Seanchan. Mas chá está de bom tamanho. Faça um chá para mim.

Egeanin quase o derrubou da cadeira. O homem era propriedade. E Inquiridor. Ela coou o chá. Então serviu-o, permanecendo com o bule ao lado da cadeira para manter a xícara cheia. Ficou surpresa por ele não tê-la mandado pôr um véu e dançar em cima da mesa.

Enfim obteve permissão para se sentar, depois de apanhar pena, tinta e papel. Isso foi apenas para rascunhar mapas de Tanchico e suas defesas, desenhar todas as aldeias e cidades sobre as quais não sabia muita coisa. Listou as mais diversas forças no campo, enunciando o quanto sabia sobre seu tamanho e lealdade e o que deduzira de sua ordenação.

Quando Egeanin terminou, o homem enfiou tudo no bolso, mandou-a enviar o conteúdo do saco de juta no próximo barco mensageiro e saiu dando um daqueles sorrisos satisfeitos, dizendo que talvez conferisse o progresso dela dentro de algumas semanas.

Egeanin permaneceu sentada durante um bom tempo depois da saída do Inquiridor. Cada mapa que rascunhara e cada lista que fizera eram cópias de

papéis enviados havia muito por barcos mensageiros. Mandá-la fazer tudo de novo sob sua inspeção talvez tivesse sido a punição do homem por ela tê-lo forçado a exibir as tatuagens. Os Guardas da Vigília da Morte exibiam seus corvos, mas era raro os Inquiridores o fazerem. Talvez tivesse sido isso. Pelo menos o homem não tinha descido ao porão antes de ela chegar. Ou será que tinha? Será que estava apenas esperando que ela falasse?

O robusto cadeado de ferro, aparentemente intocado, pendia da porta do corredor logo na saída da cozinha, mas corria à boca miúda que os Inquiridores conseguiam abrir cadeados sem chaves. Egeanin tirou a chave da bolsa do cinto, abriu o cadeado e desceu a escada estreita.

Uma luminária em uma prateleira clareava o porão empoeirado. Apenas quatro paredes de tijolos, sem nada que pudesse auxiliar a fuga. O leve odor vindo do balde de necessidades pairava no ar. Do lado oposto do lampião, uma mulher em um vestido imundo estava sentada, melancólica, sobre alguns cobertores de lã crua. Ela ergueu a cabeça ao ouvir os passos de Egeanin, os olhos escuros cheios de medo e súplica. Tinha sido a primeira *sul'dam* que ela encontrara. A primeira e única. Egeanin praticamente parou de procurar, depois de encontrar Bethamin. E Bethamin estava naquele porão desde então, enquanto os barcos mensageiros iam e vinham.

— Alguém desceu aqui? — perguntou.

— Não. Ouvi uns passos lá em cima, mas... não. — Bethamin estendeu as mãos para ela. — Por favor, Egeanin. Isso tudo é um engano. Você me conhece há dez anos. Tire essa coisa de mim.

Uma coleira de prata envolvia seu pescoço, ligada por uma grossa corrente a um bracelete que estava preso a um pino alguns pés acima de sua cabeça. Prender a mulher naquilo fora quase um acidente, apenas um meio de contê-la por alguns instantes. Então Bethamin conseguira dar um jeito de derrubar Egeanin, em um movimento brusco, na tentativa de se libertar.

— Se você o trouxe até mim, eu tiro — respondeu Egeanin, cheia de raiva. Sentia raiva de muitas coisas, não de Bethamin. — Traga o *a'dam* aqui, e eu tiro.

Bethamin estremeceu e deixou as mãos caírem.

— É um engano — sussurrou. — Um engano terrível.

Mas a mulher não fez qualquer movimento em direção ao bracelete. A primeira tentativa de fuga a deixara se contorcendo no chão do andar superior, assolada pela náusea, e Egeanin ficara estupefata.

As *Sul'dam* controlavam as *damane*, mulheres capazes de canalizar, com o auxílio do *a'dam*. Eram as *damane* que podiam canalizar, não as *sul'dam*. No entanto, um *a'dam* só podia controlar uma mulher capaz de canalizar. Nenhuma outra mulher ou homem — os jovens rapazes com essa habilidade eram executados, naturalmente — apenas mulheres capazes de canalizar. As que tinham essa habilidade e eram encolaradas não conseguiam se deslocar mais do que alguns passos sem o bracelete no pulso de uma *sul'dam* para completar o elo.

Egeanin sentia-se bastante cansada ao subir as escadas e trancar a porta outra vez. Queria um pouco de chá, mas o pouco que o Inquiridor deixara

estava frio, e ela não queria fazer mais. Em vez disso, sentou-se e tirou o *a'dam* de dentro da bolsa de juta. Para ela, era apenas um pedaço de prata muito bem soldada. Não podia usá-lo, e o objeto só podia feri-la caso alguém o usasse para golpeá-la.

O simples fato de se ligar a um *a'dam*, àquela altura, mesmo sem a capacidade de o objeto controlá-la, era o suficiente para que um arrepio percorresse sua espinha. Mulheres capazes de canalizar eram animais perigosos, não pessoas. Elas é que tinham provocado a Ruptura do Mundo. Tinham de ser controladas, ou transformariam todos em suas propriedades. Fora isso que ela aprendera, o que era ensinado em Seanchan havia mil anos. Era estranho que o mesmo parecesse não ter acontecido por ali. Não. Essa era uma linha de pensamento perigosa e insensata.

Enfiou o *a'dam* de volta na bolsa e limpou as louças do chá para organizar a mente. Gostava de organização e sentia uma pequena satisfação em manter a cozinha limpa. Antes que reparasse, estava coando um chá para tomar. Não queria pensar em Bethamin, o que também era perigoso e insensato. Sentando-se de volta à mesa, misturou mel a uma xícara do chá mais preto que conseguiu coar. Não era kaf, mas servia.

Apesar das negações, apesar das justificativas, Bethamin sabia canalizar. Será que outras *sul'dam* também sabiam? Teria sido por isso que Grã-lady Suroth desejava a morte das que haviam sido deixadas para trás, em Falme? Era inconcebível. Era impossível. Os testes anuais em toda Seanchan identificavam cada menina que portava a centelha da canalização: todas foram removidas do rol de cidadãos, apagadas dos registros familiares, levadas para se tornarem *damane* encolaradas. Os mesmos testes haviam localizado as meninas capazes de aprender a usar o bracelete de *sul'dam*. Nenhuma mulher escapava de ser testada a cada ano, até ter idade para começar a canalizar, caso a centelha estivesse presente. Como uma garota sequer poderia ter sido tomada por *sul'dam* se, na verdade, era *damane*? Ainda assim, Bethamin estava no porão, presa a um *a'dam* como a uma âncora.

Uma coisa era certa. As possibilidades que se apresentavam eram potencialmente fatais. Aquilo envolvia o Sangue e os Inquiridores. Talvez até o Trono de Cristal. Será que a Grã-lady Suroth teria coragem de esconder uma informação daquelas da Imperatriz? Uma simples capitã de navio poderia ser torturada até a morte por exibir um olhar de desagrado diante de alguém de tal nível, ou passar a ser propriedade por um mero capricho. Precisava descobrir mais, se quisesse evitar a Morte das Dez Mil Lágrimas. Para começar, isso significava dar mais dinheiro a Gelb e a outros bisbilhoteiros covardes feito ele, encontrar mais *sul'dam* e ver se elas podiam ser contidas por *a'dam*. Além disso... Além disso, estava navegando por mares inexplorados, sem ninguém na proa para conduzir.

Tocando a besta, ainda preparada com o ferrolho letal, percebeu que havia outra certeza. Não permitiria que os Inquiridores a matassem. Não para simplesmente ajudar a Grã-lady Suroth a guardar segredo. Talvez por motivo nenhum. Era um pensamento assustadoramente próximo da traição, mas que não lhe saía da cabeça.





UMA TAÇA DE VINHO

Quando Elayne chegou ao deque, com os pertences embrulhados em uma trouxa organizada, o sol poente parecia encostar na água logo além da entrada do porto de Tanchico. Além disso, nos últimos cabos grossos estavam sendo amarradas para acomodar o *Bailador das Ondas* a um embarcadouro cheio de navios enfileirados, apenas um de muitos ao longo da península mais ocidental da cidade. Alguns tripulantes recolhiam as últimas velas. Atrás dos cais compridos, a cidade se erguia sobre as montanhas, branca e reluzente, cheia de domos e pináculos, com cata-ventos polidos cintilando ao sol. Mais ou menos uma milha ao norte dava para distinguir muralhas altas e arredondadas. Era o Grande Círculo, se não lhe falhava a memória.

Ela pendurou a trouxa no mesmo ombro onde estava o alforje de couro e foi se juntar a Nynaeve, Coine e Jorin na prancha de embarque. Era um tanto estranho ver as irmãs vestidas outra vez, em blusas brilhosas de seda brocada combinando com as calças largas. Já estava acostumada com os brincos e pingentes de nariz, e a bela corrente de ouro que cruzava a face escura de cada uma das duas já quase não lhe causava aflição.

Thom e Juilin permaneciam afastados, carregando as próprias trouxas, os semblantes um tanto emburrados. Nynaeve tinha razão. Eles tinham tentado criticar suas escolhas desde que o real propósito da viagem, ou parte dele, lhes fora revelado, dois dias antes. Nenhum dos dois parecia pensar que duas jovens mulheres tinham competência — *competência!* — para caçar a Ajah Negra. Bastou uma ameaça de Nynaeve de transferi-los a outro navio do Povo do Mar, navegando no sentido oposto, para cortar o mal pela raiz. Pelo menos depois que Toram e uma dúzia de tripulantes se uniram para obrigar os dois a entrar em um barquinho a remo para fazer a transferência de navios. Elayne

lançou a eles um olhar indagativo. O ar emburrado indicava rebelião; aqueles dois ainda causariam mais problemas.

— Para onde vão agora, Coine? — perguntou Nynaeve, quando Elayne as alcançou.

— Para Dantora, para as Aile Jafar — respondeu a Mestra das Velas — depois seguiremos até Cantorin e as Aile Somera para espalhar as notícias do Coramoor, se aprouver à Luz. Mas preciso deixar Toram fazer negócios aqui, ou ele vai explodir.

O marido dela estava no cais, sem as estranhas lentes no aro de arame presas ao rosto, de dorso nu e cheio de anéis, conversando com muita empolgação com homens em calças brancas largas e casacos com ombros bordados em arabescos. Os homens de Tanchico usavam um quepe escuro e cilíndrico e um véu transparente cobrindo o rosto. Os véus conferiam um aspecto meio ridículo, sobretudo aos que tinham bastos bigodes.

— Que a luz permita que vocês viajem em segurança — desejou Nynaeve, ajitando a trouxa nas costas. — Se detectarmos qualquer ameaça antes de vocês zarparem, mandaremos um aviso.

Coine e a irmã pareciam bastante tranquilas. Saber da Ajah Negra quase não as atormentava. Era Rand, o Coramoor, a notícia mais importante.

Jorin beijou as pontas dos dedos e apertou-os contra os lábios de Elayne.

— Queira a Luz que nos vejamos de novo.

— Queira a Luz — respondeu Elayne, imitando o gesto da Chamadora de Ventos.

Ainda era estranho, mas também era uma honra, um cumprimento usado somente entre familiares próximos ou amantes. Sentiria falta da mulher do Povo do Mar. Aprendera bastante, e também ensinara um pouquinho. Jorin com certeza estava muito melhor em urdir Fogo.

Quando chegaram à base da prancha de embarque, Nynaeve soltou um suspiro de alívio. Uma poção oleosa feita por Jorin havia acalmado seu estômago depois de dois dias no mar, mas, mesmo assim, a antiga Sabedoria passara a viagem de olhos e boca bem fechados, até Tanchico surgir à vista.

Os dois homens na mesma hora se posicionaram um à frente e um atrás das duas, sem qualquer instrução. Juilin tomou a liderança com a trouxa nas costas, segurando o cajado claro e da largura de um polegar com ambas as mãos, os olhos escuros alertas. Thom assumiu a retaguarda, exibindo uma expressão ameaçadora, apesar dos cabelos brancos, da manqueira e do manto de menestrel.

Nynaeve apertou os lábios por um instante, mas não disse uma palavra, o que Elayne considerou bastante sábio. Antes de darem cinquenta passos pelo comprido cais de pedra, já tinha visto um sem-número de homens de aspecto faminto e olhos semicerrados a estudá-las, em meio aos nativos e forasteiros transportando caixotes, fardos e sacas para o desembarcadouro. Suspeitou que qualquer um deles estivesse disposto a degolá-la na esperança de que um vestido de seda pusesse dinheiro em seus bolsos. Os homens não a assustavam; ela podia dar conta de dois ou três, tinha certeza. No entanto, tanto ela quanto Nynaeve levavam os anéis da Grande Serpente nas bolsas, e

seria inútil fingir que não possuíam ligação com a Torre Branca, se comesçassem a canalizar diante de cem homens. Era melhor que Juilin e Thom fizessem as caras mais bravas que pudessem. Não teria se incomodado se estivessem acompanhadas por mais uns dez deles.

De súbito, ouviu-se um estrondo vindo do convés de um dos navios menores.

— Vocês! São vocês mesmo!

Um homem largo e de rosto redondo, vestindo um casaco verde de seda, pulou no cais, ignorando o cajado erguido de Juilin e encarando Elayne e Nynaeve. Uma barba sem bigode o identificava como illianense, além do sotaque. O sujeito parecia vagamente familiar.

— Mestre Domon? — perguntou Nynaeve, depois de um instante, dando um puxão forte na trança. — Bayle Domon?

O homem assentiu.

— É. Pensei que nunca veria as duas de novo. Eu... Eu esperei o quanto pude em Falme, mas teve um momento em que era ir embora ou ver meu navio pegar fogo.

Elayne agora o reconhecia. O homem concordara em levá-las embora de Falme, mas o caos assolara a cidade antes que conseguissem chegar à embarcação. O casaco dava provas de que o homem não passara dificuldades, desde então.

— Que prazer ver o senhor outra vez — disse Nynaeve, em um tom frio — mas, se nos dá licença, temos que procurar hospedagem na cidade.

— Vai ser difícil. Tanchico está explodindo de gente. Mas, no caso, conheço um lugar onde minha conversa talvez valha de alguma coisa. Eu nem devia mesmo ficar mais tempo em Falme, mas, no caso, sinto que estou em dívida com as duas. — Domon fez uma pausa, franzindo o sobrolho com uma inquietação repentina. — E com vocês estando aqui... vai acontecer o mesmo que em Falme?

— Não, Mestre Domon — respondeu Elayne, quando Nynaeve hesitou. — É claro que não. E ficamos felizes em aceitar sua ajuda.

Uma parte dela esperou que Nynaeve protestasse, mas a mulher mais velha apenas assentiu, pensativa, e deu instruções aos homens. O manto de Thom fez Domon erguer as sobrancelhas — por um instante, Elayne quase achou que ele reconheceria o menestrel — mas a indumentária tairena de Juilin gerou uma carranca que foi retribuída à altura. Ainda assim, nenhum dos homens disse uma palavra. Talvez conseguissem manter a animosidade entre Tear e Illian fora de Tanchico. Se não, ela teria de lidar com os dois com muita firmeza.

Enquanto acompanhava o grupo pelo desembarcadouro, Domon contou o que lhe acontecera desde Falme. O homem de fato vinha prosperando.

— No caso, os coletores de impostos da Panarca só conhecem uns doze bons navios costeiros — comentou ele, rindo — mas nem sequer conhecem quatro de águas profundas.

O homem não podia ter ficado tão sincero em tão pouco tempo. Elayne ficou chocada ao ouvi-lo falar tão abertamente em um cais cheio de homens.

— É, no caso, eu faço contrabando mesmo, e ganho como nunca imaginei. Boto um décimo do que eu gastaria em impostos nos bolsos dos homens da alfândega e isso já deixa todo mundo de bico calado.

Dois tanchicanos com os tais véus e chapéus redondos passaram por eles, as mãos cruzadas nas costas. Cada um levava uma pesada chave de latão pendurada em uma corrente grossa no pescoço, que parecia simbolizar algum ofício. Os dois cumprimentaram Domon com um aceno de cabeça. Thom estava bem-humorado, mas Julin tinha os olhos cravados tanto em Domon quanto nos dois sujeitos de Tanchico. Como caçador de ladrões, ele tinha um desprezo particular pelos que zombavam da lei.

— Mas nem acredito que vai durar muito mais tempo — comentou Domon, depois que os tanchicanos passaram. — No caso, as coisas estão ainda piores em Arad Doman do que aqui, e olha que já estão bem ruins por aqui. Talvez o Lorde Dragão nem tenha começado a próxima Ruptura do Mundo ainda, mas com certeza já rompeu Arad Doman e Tarabon.

Elayne quis responder com um comentário mordaz, mas o grupo chegava ao pé do cais, então ela aguardou em silêncio enquanto Domon contratava liteiras, carregadores e uma dúzia de homens com cajados pesados e rostos severos. Guardas com espadas e lanças estavam parados no fim do cais, e tinham jeito de guarda-costas, não de soldados. Do outro lado da rua larga, ao longo da fileira de desembarcadouros, centenas de rostos encovados e abatidos encaravam os guardas. Às vezes, alguns olhos titubeavam na direção dos navios, mas em geral se mantinham fixos nos homens que os impediam de chegar às embarcações. Lembrando-se do que Coine dissera sobre o povo cercando sua embarcação, todos desesperados para comprar passagens para qualquer lugar longe de Tanchico, Elayne sentiu um calafrio. Quando aqueles olhos famintos encaravam os navios, a necessidade ardia dentro deles. Elayne permanecia rígida na cadeira, sacolejando ao passar pela multidão que se abria diante dos cutucões dos cajados, tentando não olhar para qualquer coisa em particular. Não queria ver aqueles rostos. Onde estava o rei deles? Por que não cuidava de seu povo?

Domon levou o grupo a uma estalagem de parede caiada logo abaixo do Grande Círculo, cuja placa acima do portão apresentava o lugar como o Jardim das Três Ameixeiras. O único jardim que Elayne via era um quintal de paredes altas, todo pavimentado de pedras que ficava na frente da estalagem, uma construção quadrada de três andares, sem janelas no térreo e cujas janelas de cima ostentavam exóticas grades de ferro. Do lado de dentro, homens e mulheres lotavam o salão, a maioria em trajes típicos de suas terras, e o burburinho de vozes quase abafava a melodia de um saltério.

Nynaeve arquejou quando viu a estalajadeira, uma bela mulher, não muito mais velha do que ela própria, de olhos castanhos, pequenas tranças cor de mel, e um véu que não escondia os lábios carnudos e rosados. Elayne também se assustou, mas não era Liandrin. Estava claro que a mulher — que se chamava Rendra — conhecia Domon muito bem. Com sorrisos receptivos para Elayne e Nynaeve e dando atenção demais ao fato de Thom ser um menestrel, ela forneceu ao grupo os dois últimos quartos a um preço que Elayne

suspeitou ser menor que o habitual. Elayne certificou-se de que ela e Nynaeve pegassem o de cama maior. Já dividira a cama com a amiga, que se mexia demais.

Rendra também serviu o jantar em uma sala privada, que foi trazido por dois jovens serviçais com véus. Elayne se viu diante de um prato de cordeiro assado com geleia de maçã apimentada e algum tipo de feijão comprido e amarelado, preparado com pinhões. Não conseguiu tocar a comida. Todos aqueles rostos esfomeados... Domon não se fez de rogado, com seu contrabando e seu ouro. Thom e Juilin também não tiveram reservas.

— Rendra — chamou Nynaeve, baixinho — alguém aqui ajuda os pobres? Posso contribuir com um bom punhado de ouro, se for de alguma ajuda.

— Pode doar para a cozinha de Bayle — respondeu a estalajadeira, abrindo um sorriso para Domon. — O homem foge de todos os impostos, mas cobra de si mesmo. Para cada coroa que dá de suborno, devolve duas para a sopa e o pão dos pobres. Já até me convenceu a doar, e olhe que *eu* pago meus impostos.

— No caso, desembolso menos que os impostos — resmungou Domon, curvando os ombros na defensiva. — Tenho mesmo lucros muito generosos, e que a Sorte me espicace se eu estiver mentindo.

— Que bom que o senhor gosta de ajudar os outros, Mestre Domon — comentou Nynaeve, depois que Rendra e os serventes se retiraram. Thom e Juilin se levantaram para conferir se eles tinham mesmo saído. Com uma meia medida, Thom deixou Juilin abrir a porta; o corredor do lado de fora estava vazio. Nynaeve prosseguiu na mesma hora. — Talvez também precisemos da ajuda do senhor.

A faca e o garfo do illianense pararam de cortar um pedaço de cordeiro.

— Como? — perguntou o homem, desconfiado.

— Não sei exatamente, Mestre Domon. O senhor tem navios. Deve ter homens. Talvez precisemos de olhos e ouvidos. Pode muito bem haver integrantes da Ajah Negra em Tanchico, e temos que encontrá-las, se for o caso.

Nynaeve levou à boca uma garfada de feijão, como se tivesse dito a coisa mais trivial do mundo. Parecia estar contando a todo mundo sobre a Ajah Negra, ultimamente.

Domon ficou de queixo caído para a mulher, depois olhou incrédulo para Thom e Juilin, que retornavam às cadeiras. Quando os dois assentiram, ele empurrou o prato de lado e apoiou a cabeça nos braços. Ele estava prestes a ganhar um soco de Nynaeve, se a forma como ela apertava os lábios era algum indicativo, e Elayne não a culparia. Por que o homem precisaria olhar os outros dois para confirmar as palavras dela?

Por fim, Domon se endireitou.

— Vai acontecer outra vez. Falme, tudo de novo. Talvez, no caso, seja hora de eu me preparar para partir. Se eu levar meus navios de volta para Illian, também serei um homem rico por lá.

— Duvido que o senhor considere Illian um bom destino — retrucou Nynaeve, em um tom firme. — Fiquei sabendo que Sammael agora governa

tudo por lá, ainda que não abertamente. O senhor talvez não faça bom proveito de sua riqueza, sob o domínio de um dos Abandonados. — Os olhos de Domon quase saltaram das órbitas, mas ela prosseguiu. — Não existem mais lugares seguros. O senhor pode correr feito um coelho, mas não pode se esconder. Será que não é melhor fazer o possível para lutar como um homem?

Nynaeve estava sendo muito dura. Ela sempre achava melhor intimidar os outros. Elayne sorriu e se inclinou para tocar o braço de Domon.

— Não é nossa intenção intimidá-lo, Mestre Domon, mas pode ser que precisemos mesmo de sua ajuda. Sei que o senhor é um homem corajoso, ou não teria esperado tanto tempo por nós, como fez em Falme. Ficaremos muito gratas.

— Vocês são muito boas nessa coisa toda — resmungou Domon. — Uma dá o açoite de um boiadeiro, a outra vem com o mel de uma rainha. Ah, muito bem. No caso, vou ajudar como puder. Mas de jeito nenhum vou ficar para ver outra Falme.

Thom e Juilin começaram a interrogar o capitão a respeito de Tanchico, durante o resto da refeição. Juilin, pelo menos, o fazia de modo indireto, sugerindo perguntas para Thom sobre quais distritos os ladrões, larápios e trapaceiros frequentavam, quais adegas usavam e quem comprava suas mercadorias roubadas. O caçador de ladrões argumentava que era comum tais grupos saberem mais do que se passava em uma cidade do que as próprias autoridades. Ele parecia não querer falar diretamente com o illianense. Domon, por sua vez, bufava sempre que respondia a uma das perguntas do taireno feita pelo menestrel. E só respondia *depois* que Thom as verbalizava.

Os questionamentos do próprio Thom não faziam sentido, pelo menos não vindos de um menestrel. Ele perguntava sobre nobres e facções, sobre quem era aliado de quem e quem se opunha a quem, sobre quem tinha quais objetivos declarados, no que suas ações resultavam e se os resultados eram diferentes do que supostamente desejavam. Não era nem de longe o tipo de pergunta que Elayne esperava ouvir dele, mesmo depois de todas as conversas no *Bailador das Ondas*. O homem estivera bastante disposto a conversar com ela — e até parecia gostar do papo — mas, de alguma maneira, toda vez que Elayne pensava que conseguiria cavar alguma coisa sobre o passado do menestrel, ele a irritava e a fazia ir embora. Domon respondia a Thom com mais vivacidade do que a Juilin. De toda forma, conhecia Tanchico muito bem, tanto os lordes e oficiais quanto a escória. Pelo que falava, parecia haver pouca diferença entre os dois grupos.

Depois que os dois homens espremeram o contrabandista até o talo, Nynaeve pediu a Rendra que trouxesse pena, papel e tinta e rascunhou uma lista descrevendo cada uma das irmãs Negras. Segurando as folhas com muito cuidado em uma das mãos enormes, Domon franziu o sobrolho, preocupado, como se os nomes fossem as próprias mulheres. Ainda assim, prometeu mandar seus homens que estavam no porto ficarem de olhos bem abertos. Quando Nynaeve lembrou a Bayle que todos deveriam tomar extremo

cuidado, ele deu risada do mesmo modo que ria se a mulher o tivesse mandado não se ferir com a própria espada.

Juilin saiu na cola de Domon, rodopiando o bastão claro e dizendo que a noite era a melhor hora para encontrar ladrões e o povo que vivia dos ladrões. Nynaeve anunciou que estava se retirando para o quarto — seu quarto — para deitar um pouco. Parecia um tanto vacilante, e de súbito Elayne percebeu por quê. A mulher se acostumara ao balanço do *Bailador*, e agora estava com dificuldade de caminhar no chão que *não* balançava. O estômago de Nynaeve não era uma companhia de viagem agradável.

Elayne acompanhou Thom até o salão, onde ele prometera a Rendra que se apresentaria. Por um milagre, a mulher encontrou um banco em uma mesa vazia, e bastaram alguns olhares frios para afastar os homens que de repente começaram a querer sentar ali. Rendra trouxe para ela uma caneca de prata com vinho, e a Filha-herdeira bebericou enquanto ouvia Thom tocar a harpa, entoando cantigas de amor como “A Primeira Rosa do Verão” e “O Vento que Balança o Salgueiro”, além de outras canções divertidas, como “Apenas Uma Bota” e “O Velho Ganso Grisalho”. A plateia vibrava, batendo nas mesas em aplausos. Depois de um tempo, Elayne também começou a imitá-los. Não chegara nem à metade do vinho, mas um belo atendente sorriu para ela e encheu sua caneca. Tudo era exótico e excitante. Durante toda a vida, não estivera mais de cinco vezes no salão de uma estalagem, e nunca bebendo e se divertindo como uma plebeia.

Agitando a capa para tremular os retalhos multicoloridos, Thom contou histórias, como “Mara e os Três Reis Tolos” e muitos contos de Anla, a Conselheira Sábia. Ele também recitou um longo trecho de *A Grande Caçada à Trombeta*, fazendo-o de modo que os cavalos pareceram empinar e os trompetes estrondearam ali mesmo no salão, e homens e mulheres lutaram, amaram e morreram. Ele seguiu noite adentro, cantando e recitando, com pequenas pausas aqui e ali para molhar a garganta com um gole de vinho enquanto os fregueses clamavam por mais. A mulher que antes tocava o saltério estava sentada em um canto, com o instrumento nos joelhos e uma expressão azeda no rosto. O povo jogava muitas moedas para Thom, que convocara um rapazote para apanhá-las, e era pouco provável que tivessem feito o mesmo pela música da mulher.

Tudo aquilo parecia combinar bastante com Thom, sobretudo a harpa e o recital. Bem, ele era um menestrel, mas parecia ser mais do que isso. Elayne poderia jurar que já ouvira o homem recitar *A Grande Caçada*, mas em Alto Canto, não em Simples. Como era possível? Ele era apenas um velho menestrel.

Enfim, já às altas horas da noite, Thom fez uma mesura e um último floreio com a capa e rumou para as escadas, em meio a uma algazarra de punhos golpeando as mesas. Elayne batia na dela com o mesmo vigor dos outros presentes.

Em seguida, tentou se levantar e escorregou, então caiu sentada de novo, franzindo o cenho para a caneca de prata. Estava cheia de vinho. Ela bebera um pouco, tinha certeza. Sentia-se tonta por algum motivo. Sim. Aquele jovem simpático com doces olhos castanhos tinha enchido a caneca —

quantas vezes? Não que isso importasse. Ela nunca bebera mais do que uma caneca de vinho. Estava assim por ter saído do *Bailador* e voltado à terra firme. Estava tendo a mesma reação de Nynaeve.

Ela se levantou com cuidado — recusando as mais solícitas ofertas de ajuda do jovem simpático — e conseguiu subir as escadas, apesar do balanço dos degraus. Sem parar no segundo andar, onde ficava o quarto dela e de Nynaeve, subiu até o terceiro e bateu à porta de Thom. O menestrel abriu uma fresta e espiou o corredor, desconfiado. Parecia levar uma faca nas mãos, que desapareceu depressa. Estranho. Ela agarrou o bigode comprido do homem.

— Eu me lembro — disse. Sua língua parecia não estar funcionando direito, as palavras saíam... embaralhadas. — Eu estava sentada no seu joelho e puxei o seu bigode... — Ela deu um puxão para demonstrar, e o homem se encolheu. — E minha mãe se apoiou no seu ombro e riu de mim.

— Acho melhor a senhorita voltar para o quarto — disse Thom, tentando soltar a mão dela. — Acho que está precisando dormir um pouco.

Ela se recusa a soltá-lo. Na verdade, parecia ter empurrado o homem de volta para dentro do quarto. Pelo bigode.

— Minha mãe também sentava no seu joelho. Eu vi. Eu me lembro.

— É melhor ir dormir, Elayne. A senhorita vai se sentir melhor de manhã. — Thom conseguiu soltar a mão da moça e foi tentando conduzi-la até a porta, mas ela deu um giro para contorná-lo. A cama não tinha colunas. Se houvesse uma coluna onde se segurar, talvez o quarto parasse de rodopiar.

— Quero saber por que a minha mãe se sentava no seu joelho. — O homem deu um passo atrás, e ela percebeu que estava tentando puxar seu bigode outra vez. — O senhor é um menestrel. Minha mãe não se sentaria no joelho de um menestrel.

— Vá dormir, criança.

— Eu não sou criança! — Ela bateu o pé com força e quase caiu. O chão estava mais baixo do que parecia. — Não sou criança. O senhor vai me contar. Agora!

Thom suspirou e balançou a cabeça. Por fim disse, em um tom formal:

— Eu nem sempre fui menestrel. Já fui bardo, por um tempo. Bardo da corte. Em Caemlyn, na verdade. Para a Rainha Morgase. Você era uma criança. Está apenas se lembrando do jeito errado, é só.

— O senhor era amante dela, não era? — O tremor nos olhos de Thom foi o bastante. — Era! Eu sempre soube de Gareth Bryne. Pelo menos, deduzia. Sempre torci para que ela se casasse com ele. Gareth Bryne, o senhor e esse Lorde Gaebriel, para quem Mat falou que ela agora olha toda derretida, e... quantos mais? Quantos? O que a faz diferente de Berelain, que joga na cama todo homem que cruza seu caminho? Ela é igualzinha... — A visão de Elayne ficou turva, e sua cabeça zuniu. Levou um instante para perceber que tinha levado um tapa. Um *tapa!* Ela se recompôs, desejando que o homem parasse de balançar. — Como você ousa? Eu sou a Filha-herdeira de Andor, e não serei...

— Você é uma garotinha que encheu a cara de vinho e está tendo um ataque de raiva — retrucou o menestrel. — E se eu ouvir você falar qualquer coisa desse tipo sobre Morgase, bêbada ou sóbria, vou lhe dar umas palmadas, não importa o quanto canalize! Morgase é uma boa mulher, tão boa quanto qualquer outra!

— Ah, é? — A voz de Elayne estremeceu, e ela percebeu que chorava. — Então por que ela... por quê? — Percebeu que enfiara o rosto no casaco dele, que alisava seus cabelos.

— Porque ser rainha é muito solitário — respondeu Thom, baixinho. — Porque a maioria dos homens que se sentem atraídos por uma rainha enxerga poder, não uma mulher. Eu via uma mulher, e ela sabia disso. Suponho que Bryne visse o mesmo, e esse tal de Gaebriel também. Você precisa entender, criança. Todo mundo quer ter alguém na vida, alguém de quem gostar. Até uma rainha.

— Por que o senhor foi embora? — murmurou Elayne, apoiada no peito dele. — O senhor me fazia rir. Eu me lembro disso. E também a fazia rir. E me carregava no ombro.

— É uma longa história. — Thom soltou um suspiro sofrido. — Outra hora eu conto. Se você perguntar. Com sorte, vai ter se esquecido de tudo amanhã de manhã. Está na hora de ir para a cama, Elayne.

Ela a conduziu até a porta, e ela aproveitou a oportunidade para dar mais um puxão em seu bigode.

— Assim — disse, satisfeita. — Eu puxava bem assim.

— É, puxava mesmo. Consegue descer as escadas sozinha?

— Claro que consigo.

Ela lançou o olhar mais altivo que tinha, porém Thom pareceu mais inclinado do que nunca a acompanhá-la até o corredor. Para provar que não havia necessidade, Elayne avançou com muito cuidado até o topo da escada. Parado na porta, Thom ainda exibia uma careta de preocupação quando ela começou a descer.

Por sorte, Elayne não tropeçou até sair do alcance da vista do homem, mas passou direto pela porta de seu quarto e precisou voltar. Aquela geleia de maçã devia ter algo de errado, sabia que não devia ter comido tanto. Lini sempre dizia... Não conseguia lembrar o que Lini sempre dizia, mas era alguma coisa sobre comer doces demais.

Duas lamparinas queimavam no quarto, uma na mesinha redonda ao lado da cama e outra na cornija caiada acima da lareira de tijolos. Nynaeve estava estirada na cama, por cima das cobertas, toda vestida. E de braços abertos, Elayne notou.

Ela disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Rand deve me achar uma louca, Thom é um bardo e Morgase não é minha mãe, afinal de contas. — Nynaeve a encarou, curiosa. — Estou meio tonta, não sei por quê. Um rapaz simpático com lindos olhos castanhos se ofereceu para me trazer aqui em cima.

— Aposto que sim — comentou Nynaeve, irritada. Ela se levantou e passou o braço em torno dos ombros de Elayne. — Venha cá um instante. Tem uma

coisa que você precisa ver. — Parecia haver um balde extra de água perto do lavatório. — Aqui. Vamos nos ajoelhar, para você ver melhor.

Elayne olhou, mas não havia nada no balde além de seu reflexo n'água. Ela ficou se perguntando por que estava com um sorriso tão grande. Então sentiu a mão de Nynaeve em sua nuca, e sua cabeça foi enfiada na água.

Ela sacudiu os braços e tentou se levantar, mas o punho de Nynaeve parecia uma barra de ferro. O correto era prender a respiração, quando se estava debaixo d'água. Elayne sabia disso. Só não conseguia se lembrar de como fazer. Só conseguia se debater, gorgolejar e sufocar.

Nynaeve puxou-a de volta, a água escorrendo pelo rosto, e Elayne encheu os pulmões.

— Como... você... ousa... — arquejou. — Eu sou... a Filha-herdeira... — Ela conseguiu emitir um ganido antes que sua cabeça retornasse à água, molhando tudo ao redor. Agarrar o balde com as duas mãos e empurrá-lo não adiantava. Bater os pés no chão não adiantava. Ia se afogar. Nynaeve ia afogá-la.

Depois de uma Era, retornou ao ar. Seu rosto estava cheio de fios de cabelo encharcados.

— Acho — começou, com a voz mais firme possível — que vou vomitar.

Bem a tempo, Nynaeve puxou a grande bacia esmaltada em branco do lavatório e segurou a cabeça de Elayne, que punha para fora tudo o que já comera na vida. Um ano depois — ou pelo menos algumas horas depois, de todo modo, parecera tempo demais — Nynaeve começou a lavar seu rosto, limpando a boca, banhando as mãos e os pulsos. No entanto, não havia nada de delicado na voz dela.

— Como você pôde fazer isso? Que ideia foi essa? Eu não ficaria surpresa se um homem bebesse até não conseguir parar em pé, mas você? E esta noite, ainda por cima.

— Eu só tomei uma caneca — resmungou Elayne.

Mesmo com aquele rapaz mantendo-a cheia, não podia ter sido mais de duas. Com certeza não.

— Uma caneca do tamanho de uma jarra. — Nynaeve fungou e a ajudou a se levantar. Puxou-a, na verdade. — Você consegue ficar acordada? Vou procurar Egwene, e ainda não tenho certeza se consigo sair de *Tel'aran'rhiod* sem alguém para me acordar.

Elayne piscou. As duas tinham procurado Egwene, sem sucesso, todas as noites desde que ela desaparecera de repente daquele encontro no Coração da Pedra.

— Ficar acordada? Nynaeve, é a minha vez de procurar, e é melhor que eu vá. Você sabe que só consegue canalizar se estiver irritada, e... — Então percebeu que a outra mulher estava envolta no brilho tênue de *saidar*. E achou que já estava assim havia algum tempo. Sua cabeça parecia cheia de palha, e o pensamento tinha que escavar para passar. Mal conseguia sentir a Fonte Verdadeira. — Acho que é melhor você ir. Eu fico acordada.

Nynaeve franziu a testa, mas acabou assentindo. Elayne tentou ajudá-la a se despir, mas seus dedos não estavam conseguindo soltar aqueles

botõezinhos. Resmungando entre dentes, Nynaeve desabotoou tudo sozinha. Só de camisola, ela enroscou o retorcido anel de pedra no cordão de couro que usava no pescoço, ao lado de um anel masculino, pesado e dourado. Era o anel de Lan, e Nynaeve sempre o usava pendurado no pescoço.

Elayne puxou um banquinho baixo de madeira para o lado da cama enquanto Nynaeve se deitava outra vez no colchão. De fato sentia-se bastante sonolenta, mas não cairia no sono sentada ali. O problema parecia ser não cair no chão.

— Vou acordar você depois do que parecer uma hora.

Nynaeve assentiu, então fechou os olhos, as mãos agarradas aos dois anéis. Depois de um tempo, sua respiração se tornou profunda.

* * *

O Coração da Pedra estava bastante vazio. Espiando a escuridão por entre as grandes colunas, Nynaeve circulou *Callandor*, que brilhava sobre as pedras do piso, antes de perceber que ainda estava de camisola, o cordão de couro com os dois anéis pendurado no pescoço. Ela franziu o cenho e, depois de um instante, viu-se em um vestido de Dois Rios feito de boa lã castanha, além de usar sapatos pesados. Tanto Elayne quanto Egwene pareciam achar aquele tipo de coisa fácil, mas não era fácil para ela. Passara momentos constrangedores em visitas anteriores a *Tel'aran'rhiod*, a maioria depois de ter pensamentos aleatórios a respeito de Lan, mas trocar de roupa por vontade própria exigia concentração. Bastava isso — a lembrança de Lan — para o vestido passar a ser de seda, tão transparente quanto o véu de Rendra. Berelain teria ficado envergonhada. E Nynaeve também ficou, ao pensar em Lan vendo-a daquele jeito. Foi um esforço trazer a lã castanha de volta.

E pior, a raiva passara — aquela garota idiota; será que não percebia o que acontecia quando alguém bebia vinho demais? Será que nunca estivera sozinha em um salão? Bem, provavelmente não — e a Fonte Verdadeira podia muito bem ter parado de existir. Talvez não importasse. Incomodada, encarou a floresta de imensas colunas de pedra vermelhas, que dobravam em uma curva em um ponto distante. O que fizera Egwene ir embora tão de repente?

A Pedra estava silenciosa, com um vazio oco. Ela ouvia o sangue pulsando nos próprios ouvidos. Mesmo assim, sentia um leve calafrio entre as omoplatas, como se alguém a observasse.

— Egwene? — O grito ecoou no silêncio entre as colunas. — Egwene? — Nada.

Ao esfregar as mãos na saia, percebeu que segurava um graveto retorcido com um calombo na ponta. Nossa, que coisa mais útil. No entanto, segurou o graveto com força. Uma espada seria melhor — por um instante, o graveto tremeluziu, quase virando uma espada — mas era algo que ela não sabia usar. Riu sozinha, pesarosa. Um porrete servia tanto quanto uma espada, por ali: ambos eram praticamente inúteis. Canalizar era a única defesa, além de correr. O que lhe deixava apenas uma escolha, no momento.

Queria correr, ainda mais com aquela sensação de ser observada, mas não se entregaria tão fácil. Porém, o que fazer? Egwene não estava ali. Estava em algum lugar do Deserto. Rhuidean, dissera Elayne. Onde quer que isso ficasse.

Entre um passo e outro, ela de súbito chegou à encosta de uma montanha, com o sol escaldante se erguendo sobre outras montanhas para além do vale abaixo, cozinhando o ar seco. O Deserto. Estava no Deserto. Por um instante, ficou surpresa com o sol, mas o Deserto ficava bem a leste, de modo que o sol poderia estar nascendo lá, e ainda ser noite em Tanchico. De toda forma, em *Tel'aran'rhod* não fazia diferença. Até onde sabia, o dia e a noite ali não tinham qualquer relação com o que se passava no mundo real.

Sombras compridas e pálidas ainda cobriam quase que metade do vale, mas uma estranha massa de névoa se adensava lá embaixo, aparentemente inalterada pelo calor do sol. Grandes torres se elevavam na neblina, algumas pareciam inacabadas. Uma cidade. No Deserto?

Apertando os olhos, conseguiu distinguir outra pessoa no vale. Um homem, embora àquela distância só fosse possível enxergar alguém que parecia vestir calças e um casaco azul-claro. Decerto não era Aiel. O homem caminhava no limiar da neblina, vez ou outra parando para cutucá-la. Ela não tinha certeza, mas parecia que a mão do homem sempre parava um pouco antes de chegar à neblina. Talvez aquilo não fosse uma névoa.

— Você tem que sair daqui — disse uma voz premente de mulher. — Se aquele ali vir você, vai acabar morta, ou pior.

Nynaeve deu um salto e rodopiou, o porrete erguido, quase perdendo o equilíbrio na encosta.

A mulher de pé um pouco acima dela usava um casaco branco curto e calças volumosas amarelo-claras espremidas acima de botas curtas. O manto se avolumou com uma lufada de vento seco. Foram os longos cabelos loiros, presos em uma trança intrincada, e o arco prateado nas mãos da mulher que fizeram um nome sair da boca incrédula de Nynaeve.

— *Birgitte?* — Birgitte, heroína de uma centena de histórias, e seu arco de prata que jamais falhava. Birgitte, uma das heroínas mortas que a Trombeta de Valere convocaria de volta da tumba para lutar na Última Batalha. — Impossível. Quem é você?

— Não temos tempo, mulher. Você tem que ir antes que ele a veja. — Em um movimento suave, ela puxou uma flecha de prata da aljava na cintura, encaixou-a, e a aproximou da orelha. A flecha de prata ficou apontada direto para o coração de Nynaeve. — Ande!

Nynaeve disparou.

Não soube ao certo como, mas viu-se em Campo de Emond, no meio do campo, encarando a estalagem Fonte de Vinho, com as chaminés e o teto de telhas vermelhas. Telhados de palha rodeavam o campo, onde a nascente Fonte de Vinho brotava de um afloramento de pedras. O sol estava bem alto ali, embora Dois Rios ficasse bem a leste do Deserto. Mesmo assim, apesar do céu sem nuvens, uma sombra escura se abatia sobre a aldeia.

Teve apenas um instante para se perguntar como o povo estaria passando sem ela. Captou um rápido movimento com o canto do olho, um lampejo prateado, e viu uma mulher se agachando atrás da curva da casa asseada de Ailys Candwin, perto do Rio Fonte de Vinho. Birgitte.

Nynaeve não hesitou. Correu até uma das pontes que cruzavam o córrego estreito e agitado. Seus sapatos pisoteavam as tábuas de madeira.

— Volte aqui — gritou. — Pode voltar aqui e me responder! Quem era aquele homem? Pode voltar aqui, ou vai mesmo virar uma heroína! Acerto um soco tão forte nessa sua cara que você vai pensar que viveu uma aventura!

Contornou a casa de Ailys, mas sem muita esperança de ver Birgitte. O que não esperava era ver um homem de casaco escuro trotando em sua direção, a menos de cem passadas, vindo pela rua de terra batida. Prendeu a respiração. Lan. Não era ele, mas tinha o mesmo formato de rosto, os mesmos olhos. O homem parou, ergueu o arco, e disparou uma flechada. Na direção dela. Gritando, Nynaeve se jogou para o lado, desesperada para acordar.

* * *

Quando Nynaeve gritou e se sentou na cama, com os olhos arregalados, Elayne levantou-se de um salto, derrubando o banquinho.

— O que houve, Nynaeve? O que houve?

A mulher estremeceu.

— Parecia Lan. Parecia Lan, e tentou me matar. — Ela levou a mão trêmula ao braço esquerdo, onde gotejava sangue de um corte superficial, um pouco abaixo do ombro. — Se eu não tivesse pulado, teria acertado meu coração.

Elayne sentou-se na beirada da cama e examinou o corte.

— Não foi feio. Vou lavar e enfaixar para você. — A jovem desejou saber Curar. Tentar sem saber poderia piorar ainda mais a ferida. De qualquer jeito, não passava de um cortezinho. Sem mencionar que sua cabeça ainda parecia cheia de geleia. Geleia mole. — Não era Lan. Fique calma. Seja lá quem fosse, não era Lan.

— Eu sei — retrucou Nynaeve, em um tom ácido.

Relatou o que acontecera com a mesma voz nervosa. Não sabia ao certo se o homem que atirara nela em Campo de Emond e o homem que vira no Deserto eram a mesma pessoa. A própria Birgitte já tinha sido bastante inacreditável.

— Tem certeza? — indagou Elayne. — Birgitte?

Nynaeve suspirou.

— A única coisa de que tenho certeza é que não encontrei Egwene. E que não vou voltar hoje. — Ela socou a própria coxa. — Onde ela está? O que aconteceu com ela? Se tiver cruzado com aquele sujeito do arco... ah, Luz!

Elayne teve que pensar por um minuto; queria muito dormir, e seus pensamentos vagueavam.

— Ela disse que poderia não estar por lá quando fosse hora de encontrá-la de novo. Talvez seja por isso que tenha saído tão depressa. Seja lá por que

não pôde... quer dizer... — Não estava conseguindo falar coisa com coisa, não conseguia se expressar direito.

— Espero que sim — disse Nynaev, em um tom cansado. Ela encarou Elayne e acrescentou: — Melhor você ir para a cama. Está com cara de quem vai desmaiar.

Elayne ficou grata em ser ajudada a se despir. Lembrou-se de enfaixar o braço de Nynaev, mas a cama estava tão convidativa que não conseguiu pensar em mais nada. De manhã talvez o quarto já tivesse parado de girar. O sono veio assim que a cabeça encostou no travesseiro.

De manhã, queria estar morta.

O sol mal despontara no céu, e o salão estava vazio, exceto por Elayne. Com a cabeça nas mãos, encarou a caneca que Nynaev colocara em cima da mesa antes de sair para procurar o estalajadeiro. A cada inspiração sentia o cheiro, e seu nariz tentava se fechar. Sentia a cabeça... não era possível descrever. Se alguém se oferecesse para arrancá-la, Elayne seria capaz de agradecer.

— Tudo bem?

Ela deu um pulo ao ouvir a voz de Thom e quase não conseguiu conter um choramingo.

— Tudo muito bem, obrigada. — Falar fazia a cabeça latejar. Ele remexeu o bigode, desconfiado. — Suas histórias de ontem foram maravilhosas, Thom. Pelo menos o que eu me lembro delas. — Conseguiu esboçar uma risadinha de autocensura. — Receio que não me lembre de muita coisa, exceto de ficar sentada escutando. Acho que comi uma geleia de maçã estragada.

Não pretendia admitir que bebera todo aquele vinho, ainda não fazia ideia de quanto fora. Nem que fizera papel de idiota no quarto dele. Principalmente essa parte. O homem pareceu acreditar, pela forma aliviada como se sentou em uma cadeira.

Nynaev apareceu, entregou um pano úmido a Elayne e se sentou. Também empurrou mais para perto a caneca com aquele negócio horroroso. Elayne, grata, pressionou o pano na testa.

— Algum de vocês viu Mestre Sandar agora de manhã? — perguntou a mulher mais velha.

— Ele não dormiu no quarto — respondeu Thom. — Pelo que devo ser grato, considerando o tamanho da cama.

Como se as palavras o tivessem invocado, Juilin surgiu à porta da frente, o rosto cansado e o casaco justo amarrotado. Tinha um hematoma sob o olho esquerdo, e os cabelos curtos e negros, que costumavam ficar esticados na cabeça, pareciam ter sido ajeitados às pressas com os dedos, mas ele sorriu ao se juntar ao grupo.

— Tem mais ladrões nesta cidade do que peixinhos em um junco, e eles abrem a boca se ganharem uma caneca de qualquer coisa. Conversei com dois homens que disseram ter visto uma mulher com mecha branca no cabelo em cima da orelha esquerda. Acho que acredito em um.

— Então elas estão aqui — disse Elayne, mas Nynaev balançou a cabeça.

— Talvez. Várias mulheres podem ter uma mecha branca no cabelo.

— Ele não soube precisar a idade dela — completou Juilin, escondendo um bocejo com a mão. — Não tinha idade, pelo que ele disse. Brincou que talvez fosse Aes Sedai.

— Você vai com muita sede ao pote — retrucou Nynaeve, em um tom severo. — Não vai adiantar de nada se acabar nos expondo.

Juilin ruborizou.

— Estou sendo cuidadoso. Não quero que Liandrin ponha as mãos em mim outra vez. Não faço perguntas, só falo. Às vezes de mulheres que conheci. Dois homens mordaram a isca da mecha branca, e nenhum dos dois sequer imaginou que fosse algo mais do que conversa fiada com uns goles de cerveja barata. Hoje à noite talvez algum outro nade até minha rede, só que dessa vez pode ser que a conversa seja sobre uma cairhiena frágil com olhos bem grandes e azuis. — Era Temaile Kinderode. — Pouco a pouco, vou estreitar os pontos onde elas foram vistas, até saber onde estão. Vou encontrá-las.

— Ou eu vou. — Thom parecia pensar que isso era muito mais provável. — Em vez de ladrões, será que elas não estão se metendo com nobres e políticos? Algum lorde dessa cidade vai começar a fazer algo que não lhe é habitual, o que vai me levar direto até elas.

Os dois homens se entreolharam. Em outro momento, Elayne teria esperado que um dos dois chamasse o outro para a briga. Homens! Primeiro, Juilin e Domon, agora, Juilin e Thom. Só faltava Thom e Domon entrarem em uma queda de braço, para completar. Homens! Era o único comentário em que conseguia pensar.

— Talvez eu e Elayne as encontremos sem a ajuda de vocês — retrucou Nynaeve, em um tom seco. — Vamos começar a procurar hoje mesmo. — Ela desviou os olhos para Elayne. — Pelo menos, eu vou. Elayne talvez precise descansar mais um pouco para se recuperar... da viagem.

Elayne ajeitou o pedaço de pano com muito cuidado, depois usou ambas as mãos para apanhar a caneca à sua frente. O líquido grosso e verde tinha um gosto pior do que o cheiro. Trêmula, se forçou a continuar engolindo. Quando a bebida bateu no estômago, por um instante ela se sentiu como um manto drapejando em um vento forte.

— Dois pares de olhos enxergam melhor do que um — disse a Nynaeve, batendo a caneca vazia na mesa com um tinido.

— E cem enxergam ainda melhor — apressou-se em dizer Juilin — e se aquela enguia illianense de fato mandar seu pessoal vasculhar, teremos pelos menos esse tanto de olhos, contando com os ladrões e larápios.

— Eu... nós... vamos encontrar essas mulheres para vocês, se for possível encontrá-las — completou Thom. — Não há necessidade de saírem da estalagem. Essa cidade oferece muitos perigos, mesmo sem Liandrin por perto.

— Além do mais — acrescentou Juilin — se elas estiverem por aqui, vão reconhecer as duas. Conhecem seus rostos. É melhor que fiquem aqui na estalagem, fora das vistas.

Elayne encarou os dois, estupefata. Um minuto antes tentavam derrubar um ao outro com olhares, agora haviam virado aliados. Nynaeve estava certa sobre os dois causarem problemas. Bem, a Filha-herdeira de Andor não se

esconderia atrás de Mestre Juilin Sandar e de Mestre Thom Merrilin. Ela abriu a boca para dizer isso, mas Nynaeve falou primeiro.

— Vocês têm razão — respondeu ela, com voz calma. Elayne a encarou, incrédula. Thom e Juilin pareciam ao mesmo tempo surpresos e, o que era muito desagradável, satisfeitos. — Elas de fato nos conhecem — prosseguiu Nynaeve. — Mas já cuidei disso hoje de manhã, acho. Ah, chegou a Senhora Rendra com o nosso café.

Thom e Juilin trocaram olhares desconcertados, mas não conseguiram dizer nada com a estalajadeira sorrindo por detrás do véu.

— E aquilo que lhe pedi? — perguntou Nynaeve enquanto a mulher punha uma tigela de mingau de cereal com mel à sua frente.

— Ah, sim. Não será problema encontrar roupas que sirvam nas duas. E os cabelos... as duas têm cabelos tão lindos, tão compridos... bom, não vai demorar nem um pouco para ajeitar. — Ela passou os dedos pelas próprias tranças, compridas e douradas.

As caras que Thom e Juilin fizeram provocaram um sorriso no rosto de Elayne. Os dois podiam estar prontos para discutir, mas não teriam defesa contra o fato de serem ignorados. Já sentia a cabeça um pouco melhor a mistura horrenda de Nynaeve parecia estar fazendo efeito. Enquanto ela e Rendra discutiam sobre custos, cortes e tecidos — a estalajadeira queria copiar seu vestido justo, hoje em um tom verde-claro, e Nynaeve se opunha, mas estava meio indecisa — Elayne engoliu uma colher de mingau para tirar o gosto ruim da boca. Aquilo a fez lembrar de que estava com fome.

Tinha um problema que nenhum deles mencionara, um que Thom e Juilin desconheciam. Se a Ajah Negra estava em Tanchico, então o que representava perigo a Rand também estava. Algo capaz de atá-lo com seu próprio Poder. Encontrar Liandrin e as outras não era o bastante. Elas também teriam de identificar esse perigo. De repente, o apetite recém-adquirido foi embora por completo.





O CAÇADOR DE TROLLOCS

Resquícios da chuva do início da manhã ainda gotejavam das folhas das macieiras, e um tentilhão roxo pulava sobre um galho onde cresciam frutos que não seriam colhidos naquele ano. O sol estava bem alto, mas escondido por detrás de espessas nuvens cinzentas. Sentado no chão, de pernas cruzadas, Perrin testou a corda de seu arco sem nem perceber. As cordas encerradas e bem-enroladas tendiam a afrouxar no clima úmido. A tempestade que Verin invocara para escondê-los da perseguição, na noite anterior, surpreendera até a própria Verin pela ferocidade, e chovera forte outras três vezes, nos seis dias subsequentes. Perrin achava que tinham sido seis dias. Não pensava direito desde aquela noite, só fora levado pelos acontecimentos, reagindo ao que se apresentava. O lado cego da lâmina do machado estava apertando a lateral de seu corpo, mas ele mal percebia.

Montes baixos e cobertos de grama marcavam as gerações de Aybaras enterrados ali. A mais antiga das lápides de madeira entalhada, rachada e pouco legível, era datada de quase trezentos anos antes, acima de covas indistinguíveis no solo liso. Mas eram os montinhos suavizados pelas chuvas, ainda quase sem grama, que apunhalavam seu coração. Gerações de Aybaras tinham sido enterradas ali, mas nunca quatorze de uma só vez. Tia Neain jazia acima da cova de tio Carlin, um pouco mais antiga, com os dois filhos ao lado. A tia-avó, Ealsin, estava na mesma fileira que o tio Eward e a tia Magde, com seus três filhos. A fileira mais comprida continha sua mãe e seu pai, além de Adora, Deselle e o pequeno Paet. Uma fileira extensa de montinhos de terra nua, ainda úmida, ainda quase sem grama. Perrin tocou as flechas que restavam na aljava e as contou. Dezessete. Muitas tinham sido danificadas, e só valia a pena consertá-las por causa das pontas de aço. Não tinha tempo para fazer as próprias ponteiras em breve teria que visitar o flecheiro de

Campo de Emond. Buel Dowtry fazia boas flechas, bem melhores que as de Tam.

Um farfalhar baixo vindo de trás o fez fungar.

— O que é que foi, Dannil? — perguntou, sem se virar.

Um arquejar breve, um momento de surpresa e susto, antes que Dannil Lewin dissesse:

— A Lady está aqui, Perrin.

Ninguém se acostumava com o fato de ele saber quem estava perto antes de ver, ainda mais no escuro, mas Perrin já não ligava para o que os outros consideravam estranho.

Ele franziu o cenho, olhando por cima do ombro. Dannil parecia mais magro. Os fazendeiros não tinham o suficiente para alimentar grupos tão grandes, e, com as caçadas, as refeições ou eram banquetes ou eram inexistentes. Em geral, inexistentes.

— Que Lady?

— Lady Faile. E também Lorde Luc. Vieram de Campo de Emond.

Perrin se levantou devagar e caminhou a passos largos, forçando Dannil a se apressar para acompanhá-lo. Conseguiu não olhar para a casa. As vigas de madeira chamuscadas e as chaminés cheias de fuligem que um dia foram o lar onde ele cresceu. Porém, vasculhou as árvores em busca dos batedores, os que estavam mais próximos da fazenda. Como era tão próxima da Floresta das Águas, a terra ali tinha muitos carvalhos altos e cicutas, além de freixos e baies de bom tamanho. A folhagem espessa escondia bem os rapazes, e a lâ grossa das roupas de fazenda ajudava. Então até ele teve dificuldade em localizá-los. Teria de conversar com os rapazes em breve; a função deles era garantir que ninguém se aproximasse sem ser anunciado. Nem mesmo Faile e aquele Lorde Luc.

O acampamento, disposto em um amplo matagal que ele um dia fingira ser uma selva distante, era um espaço bruto entre a vegetação rasteira, com alguns cobertores estendidos sobre cordas, para formar abrigos, e outros espalhados no chão entre as pequenas fogueiras. Os galhos também gotejavam por ali. A maioria dos quase cinquenta homens do acampamento, todos jovens, estava de barba. Fosse para imitar Perrin, ou porque era desagradável se barbear com água fria. Eram bons caçadores — os que não eram, Perrin mandara de volta para casa — porém, estavam desacostumados a passar mais de uma ou duas noites na natureza. E desacostumados com o que ele os estava mandando fazer.

Lá estavam eles, parados diante de Faile e Luc, encarando-os de boca aberta, apenas quatro ou cinco com o arco longo nas mãos. O restante dos arcos jazia sobre a roupa de cama, assim como quase todas as aljavas. Luc permanecia absorto, mexendo nas rédeas de um garanhão preto alto, com pinta de indolente. O sujeito de casaco vermelho era a personificação da arrogância, seus olhos azuis e frios ignoravam os homens à volta. O cheiro do sujeito se sobressaía entre os outros, também frio e destacado, quase como se ele não tivesse nada em comum com aqueles homens, nem mesmo a humanidade.

Faille foi correndo até Perrin, escancarando um sorriso, as saias estreitas e divididas farfalhando, um barulho de seda cinza roçando seda. Tinha o perfume suave de um doce sabão herbóreo, misturado a seu próprio cheiro.

— Mestre Luhhan disse que talvez encontrássemos você aqui.

Perrin queria perguntar o que a moça estava fazendo ali, mas viu-se abraçando Faile e dizendo, entre os cabelos dela:

— Que bom ver você. Eu estava com saudades.

Ela se afastou o suficiente para encará-lo.

— Você parece cansado.

Perrin ignorou o comentário. Não tinha tempo para se sentir cansado.

— Todos chegaram a salvo em Campo de Emond?

— Estão todos na estalagem Fonte de Vinho. — Faile de repente abriu um sorriso. — Mestre al'Vere encontrou uma antiga alabarda e disse que, se os Mantos-brancos quisessem pegá-los de volta, teriam de passar por cima dele. Está todo mundo na aldeia, Perrin. Verin, Alanna e os Guardiões. Estão fingindo ser outras pessoas, claro. E Loial. Ele causou uma comoção. Até mais do que Bain e Chiad. — O sorriso se transformou em uma carranca. — Loial me pediu para trazer um recado. Alanna desapareceu duas vezes sem dizer uma palavra, e estava sozinha em uma delas. Loial disse que Ihvon pareceu surpreso quando soube que a Aes Sedai não estava por lá. E que não era para eu deixar mais ninguém saber disso. — Ela analisou o rosto dele. — O que isso quer dizer, Perrin?

— Nada, talvez. Só que não posso ter certeza se dá para confiar nela. Verin me alertou sobre ela, mas será que posso confiar em Verin? Você disse que Bain e Chiad estão em Campo de Emond? Acho que isso significa que ele sabe a respeito delas. — Perrin inclinou a cabeça, indicando Luc. Alguns poucos homens haviam se aproximado dele, fazendo perguntas acanhadas, que o lorde respondia com um sorriso condescendente.

— Elas vieram com a gente — respondeu Faile, receosa. — Estão vigiando os arredores do acampamento. Acho que as duas não pensam muito bem dos seus sentinelas. Perrin, por que não quer que Luc saiba sobre os Aiel?

— Conversei com várias pessoas que tiveram as casas incendiadas. — Luc estava muito longe para ouvir, mas ele manteve a voz baixa. — Contando com a de Flann Lewin, Luc esteve em pelo menos cinco no dia do ataque, ou no dia anterior.

— Perrin, o sujeito é um imbecil arrogante em vários aspectos, ouvi dizer até que ele andou insinuando que teria direito a um dos tronos das Terras da Fronteira, e, pelo que ele contou, é de Murandy. Mas você não pode acreditar que o homem seja Amigo das Trevas. Ele deu excelentes conselhos em Campo de Emond. Quando eu disse que todo mundo estava lá, quis dizer todo mundo mesmo. — Ela balançou a cabeça, espantada. — Centenas e mais centenas de pessoas vieram do norte e do sul, de todos os cantos, trazendo o gado e as ovelhas, todos falando dos avisos de Perrin Olhos-Dourados. Sua aldeiazinha está se preparando para se defender, caso seja preciso. E Luc andou por todos os cantos nos últimos dias.

— Perrin quem? — Ele ofegou, fazendo careta. Tentou mudar de assunto, dizendo: — Do sul? Mas isso aqui é o mais distante que já estive, ao sul. Não conversei com nenhum fazendeiro mais de uma milha abaixo do Rio Fonte de Vinho.

Faile deu uma risada e um puxão na barba dele.

— As notícias voam, meu belo general. Acho que metade dessa gente está esperando que você organize um exército e persiga os Trollocs até a Grande Praga. Vão contar histórias sobre você em Dois Rios pelos próximos mil anos. Perrin Olhos-Dourados, o caçador de Trollocs.

— Luz! — murmurou ele.

Caçador de Trollocs. Até então, fizera pouco para justificar a alcunha. Dois dias depois de libertar a Senhora Luhhan e os outros, no dia em que Verin e Tomas seguiram seu próprio caminho, chegaram às ruínas de uma fazenda ainda enfumaçada, ele e os quinze rapazes de Dois Rios que o seguiam. Depois de enterrar o que encontraram em meio às cinzas, foi bem simples ir atrás dos Trollocs. Mais ainda com ajuda das habilidades de rastreamento de Gaul e o faro do próprio Perrin. O odor ocre e fétido dos Trollocs não tivera tempo de se dissipar, não para ele. Alguns dos rapazes começaram a ficar relutantes ao perceber que ele estava falando sério em relação a caçar Trollocs. Se aquelas criaturas estivessem muito longe, Perrin suspeitava que a maioria dos rapazes teria fugido quando ninguém estivesse olhando. Mas a trilha levava a um matagal a pouco menos de três milhas de onde estavam. Os Trollocs não tinham se dado o trabalho de designar sentinelas — não havia Myrddraal para intimidá-los a deixarem de preguiça — e os homens de Dois Rios sabiam como chegar perto da presa sem fazer barulho. Trinta e dois Trollocs morreram, muitos sob os cobertores imundos, perfurados por flechas antes de conseguirem dar sequer um uivo, muito menos erguer uma espada ou um machado. Dannil, Ban e os outros estavam prontos para celebrar o grande triunfo... Até descobrirem o que estava cozinhando no imenso caldeirão sobre os resquícios da fogueira. A maioria bateu em retirada para vomitar, e mais de um começou a chorar bem ali, na frente de todos. Perrin cavou a cova sozinho. Apenas uma: não havia como dizer o que pertencia a quem. Por mais calmo que se sentisse, não sabia ao certo se teria sido capaz de se manter tranquilo se os pedaços estivessem reconhecíveis.

Mais tarde, no mesmo dia, ninguém hesitou quando ele escolheu outra trilha fétida, embora alguns tivessem resmungado, perguntando-se o que ele estaria procurando. Até Gaul encontrar pegadas de cascos e botas grandes demais para serem de homens. Outro matagal, perto da Floresta das Águas, abrigava quarenta e um Trollocs e um Desvanecido. Tinha sentinelas bem posicionadas, mas a maioria estava roncando em seus postos. Não teria feito diferença, se estivessem todos acordados. Gaul matou os que estavam despertos, deslizando por entre as árvores feito uma sombra, e os homens de Dois Rios já formavam um grupo de quase trinta. Além do mais, os que não tinham visto o caldeirão tinham ouvido a respeito. Os homens gritavam enquanto atiravam, exibindo uma satisfação pouco menos selvagem do que

os uivos guturais dos Trollocs. O Myrddraal de vestes negras tinha sido o último a morrer, um porco-espinho de flechas. Ninguém se deu ao trabalho de recolher qualquer ponteira cravada na criatura, mesmo depois de ela finalmente parar de se debater.

Naquela noite, caiu a segunda chuva. Foram horas de um pé d'água violento em um céu repleto de nuvens negras e turvas cortadas por relâmpagos. Perrin não sentia cheiro de Trollocs desde então, e as pegadas já tinham sido lavadas do chão. O grupo gastou a maior parte do tempo tentando evitar as patrulhas dos Mantos-brancos, que todos diziam ser mais numerosas do que antes. Os fazendeiros com quem Perrin tinha conversado afirmaram que as patrulhas pareciam mais interessadas em recuperar os prisioneiros e descobrir quem os libertara do que em caçar Trollocs.

Muitos dos homens estavam reunidos em volta de Luc. O Lorde era alto o bastante para que os cabelos acobreados se destacassem por sobre as cabeças escuras dos fazendeiros. Pelo que parecia, Luc falava enquanto os outros ouviam. E assentiam.

— Vamos ver o que ele tem a dizer — disse Perrin, fechando a cara.

Os homens de Dois Rios abriram caminho para Faile e ele sem que os dois tivessem que usar muito os cotovelos. Estavam todos atentos ao lorde de casaco vermelho, que realmente falava sem parar.

— ... então a aldeia está bastante segura. Muita gente se reuniu para defendê-la. Devo dizer que gosto de dormir debaixo de um teto, quando tenho a chance. A Senhora al'Vere, na estalagem, faz refeições muito saborosas. E um dos melhores pães que já comi. Não existe nada melhor do que um pão quentinho com manteiga fresquinha... E depois botar os pés para cima, à noite, com uma bela caneca de vinho ou uma das excelentes cervejas pretas de Mestre al'Vere.

— Lorde Luc está dizendo que a gente devia ir para Campo de Emond, Perrin — comentou Kenley Ahan, esfregando o nariz vermelho com as costas da mão encardida.

O homem não era o único que não tinha conseguido se lavar com a frequência desejada, e nem o único resfriado.

Luc sorriu para Perrin do mesmo jeito que teria sorrido para um cachorro prestes a dar a patinha.

— A aldeia está *mesmo* segura, mas sempre há necessidade de mais respaldo.

— Estamos caçando Trollocs — retrucou Perrin, com frieza. — Nem todo mundo deixou as fazendas, e cada bando que encontramos significa menos fazendas incendiadas e mais gente com chance de ficar em segurança.

Wil al'Seen soltou uma risada. Já não estava tão bonito, com o nariz vermelho e inchado e uma barba falha crescendo por dias.

— Não *sentimos* cheiro de Trolloc há dias. Seja sensato, Perrin. Talvez a gente já tenha matado todos. — Houve murmúrios de aprovação.

— Não é minha intenção semear a discórdia. — Luc estendeu as mãos, com um ar de inocência. — Sem dúvida você obteve muitos bons resultados além desses de que ouvimos falar. Centenas de Trollocs mortos, imagino. Pode

muito bem ser que tenham espantado todos. Posso garantir que as pessoas em Campo de Emond estão prontas para receber vocês como verdadeiros heróis. O mesmo vale para Colina da Vigília, para os que moram por aquelas bandas. Alguém aqui é de Trilha de Deven? — Wil assentiu, e Luc deu um tapinha em seu ombro, em um ato frívolo de camaradagem. — Um verdadeiro herói, sem sombra de dúvida.

— Quem quiser ir para casa, pode ir — respondeu Perrin, em um tom firme. Faile franziu a testa em advertência, encarando-o. Não era atitude de um general. Mas ele não queria um grupo com ninguém que não quisesse estar ali. Aliás, não queria nem ser general. — Eu não acredito que o trabalho esteja encerrado, mas a escolha é de vocês.

Ninguém discutiu. Wil parecia prestes a retrucar, mas outros vinte homens encaramaram o chão e arrastaram as botas no cobertor de folhas, caídas no ano anterior.

— Bem — começou Luc, com um ar desprezioso — se não têm mais Trollocs para caçar, talvez seja hora de voltarem as atenções aos Mantos-brancos. Eles não estão nada satisfeitos com essa história de o povo de Dois Rios decidir se defender sozinho. E fiquei sabendo que pretendem enforcar o bando de vocês como criminosos, pelo roubo dos prisioneiros.

Caretas de ansiedade dominaram as expressões de vários dos rapazes de Dois Rios.

Foi então que Gaul apareceu, abrindo caminho entre a multidão, seguido de perto por Bain e Chiad. Não que os Aiel precisassem abrir caminho, claro. Os homens se afastaram assim que perceberam quem estava chegando. Luc franziu o cenho para Gaul, talvez com um pouco de desaprovação. O Aiel o encarou de volta, impassível. Wil, Dannil e os outros se animaram ao ver os Aiel. A maioria ainda acreditava que centenas deles estavam escondidos em algum ponto dos matagais e das florestas. Ninguém jamais questionou por que todos aqueles Aiel estariam se escondendo, e Perrin nunca tocava no assunto. Se a crença no reforço de algumas poucas centenas de Aiel os ajudava a manter a coragem, era melhor deixá-los pensar o que quisessem.

— O que foi que vocês encontraram? — perguntou Perrin.

Gaul estivera fora desde o dia anterior. O Aiel se deslocava com a rapidez de um homem a cavalo, e ia ainda mais depressa no meio da mata. Além disso, enxergava melhor.

— Trollocs — respondeu Gaul, como se reportasse a presença de ovelhas — seguindo pela Floresta das Águas, que, por sinal, é um nome bem apropriado. Estão indo em direção ao sul. São no máximo trinta, e acredito que pretendam acampar nos limites da floresta e atacar hoje à noite. Alguns homens ao sul ainda estão apegados às terras. — Ele abriu um sorriso repentino, meio perigoso. — Eles não me viram. Estarão desprevenidos.

Chiad inclinou-se para perto de Bain.

— Até que ele consegue correr bem, para um Cão de Pedra — sussurrou, alto o bastante para ser ouvida a vinte pés de distância. — Faz um pouco menos de barulho que um touro manco.

— E então, Wil? — perguntou Perrin. — Quer ir para Campo de Emond? Lá você vai poder fazer a barba, talvez até dar uns beijos em alguma garota. Tudo isso enquanto os Trollocs jantam, hoje à noite.

O rosto de Wil ficou de um tom vermelho-escuro.

— Hoje à noite, estarei onde você estiver, Aybara — respondeu, com a voz dura.

— Ninguém quer ir para casa enquanto ainda houver Trollocs por aí, Perrin — acrescentou Kenley.

Perrin olhou os outros à sua volta e viu apenas acenos de cabeça aprovativos.

— E você, Luc? Seria um prazer ter um lorde Caçador da Trombeta com a gente. Você pode nos mostrar como é que se faz.

Luc abriu um pequeno sorriso, um talho na rocha que não chegou aos frios olhos azuis.

— Infelizmente, as defesas de Campo de Emond ainda necessitam de mim. Preciso garantir a proteção de seu povo, caso os Trollocs apareçam por lá em um número maior do que trinta. Ou os Filhos da Luz. Milady Faile? — Ele estendeu a mão para ajudá-la a montar, mas a jovem balançou a cabeça.

— Vou ficar com Perrin, Lorde Luc.

— Que pena — murmurou o homem, dando de ombros como se para expressar que gosto de mulher não se discute. Calçando as manoplas adornadas com lobos com gestos bruscos, ele montou na sela do garanhão negro em um movimento suave. — Boa sorte para você, Mestre Olhos-Dourados. Espero que vocês tenham muita sorte. — Com uma meia mesura para Faile, ele deu um rodopio pomposo no cavalo alto e enfiou as esporas nos flancos do animal, impelindo-o a um galope que forçou alguns dos homens a saltarem para o lado para abrir caminho.

Faile franziu o cenho para Perrin, sugerindo que faria um sermão sobre grosseria, quando os dois estivessem sozinhos. O rapaz prestou atenção aos sons do cavalo de Luc até não conseguir mais ouvir, depois virou-se para Gaul.

— Será que a gente consegue ultrapassar os Trollocs? Podemos ficar esperando em algum ponto, antes que eles cheguem aonde pretendem parar?

— A distância é razoável, se partirmos agora — respondeu Gaul. — Eles estão avançando sem pressa, em linha reta. Tem um Mensageiro da Noite com eles. Vai ser mais fácil surpreendê-los debaixo das cobertas do que tentar encerrar o bando acordado. — Ele queria dizer que seria mais fácil para os homens de Dois Rios. O Aiel não cheirava a medo.

Mas sem dúvida alguns dos outros estavam com cheiro de medo. Ainda assim, ninguém sugeriu que um confronto com Trollocs alerta e despertos, ainda por cima com um Myrddraal, pudesse não ser o melhor plano. O grupo levantou acampamento assim que ele emitiu a ordem, apagando as fogueiras e espalhando as cinzas, reunindo as poucas painéis e juntando o estranho grupo de cavalos e pôneis. Eram quase setenta, contando os sentinelas — Perrin fez uma anotação mental de que precisava ter aquela conversa com

eles — sem dúvida um número grande o suficiente para armar uma emboscada para trinta Trollocs. Ban al'Seen e Dannil ainda lideravam metade cada um — parecia a melhor forma de evitar discussões — e Bili al'Dai, Kenley e outros iam à frente de uns dez. Wil também. Ele não era um mau rapaz, quando conseguia tirar a cabeça das garotas.

Faile conduziu Andorinha para perto de Galope assim que o grupo arrancou em direção ao sul, com os Aiel na dianteira.

— Você não confia mesmo nele — comentou — Acha que é Amigo das Trevas.

— Confio em você, no meu arco e no meu machado — respondeu Perrin. A jovem assumiu uma expressão ao mesmo tempo triste e satisfeita, mas aquilo era a pura verdade.

Durante duas horas, Gaul conduziu o grupo para o sul, antes de entrar na Floresta das Águas, um emaranhado de imensos carvalhos, pinheiros e folhas-de-couro, com baíos frondosos e oleastros-vermelhos em forma de cone, freixos altivos de copas redondas, groselheiras e salgueiros-negros, nos troncos de trepadeiras. Mil esquilos chilreavam nos galhos, e sabiás, tentilhões e tordos-ruivos voavam por todos os lados. Perrin sentia cheiro de cervos e coelhos, além de raposas. Uma profusão de diminutos córegos cruzava a floresta, com poças e laguinhos com bordas de junco pontilhando o lugar, em geral encobertos, mas às vezes expostos. Alguns mediam menos de dez passadas, outros chegavam a quase cinquenta. O solo estava encharcado depois de tanta chuva, e os cascos dos cavalos chapinhavam na lama.

Gaul parou entre uma grande poça rodeada de carvalhos e um riacho estreito de um passo de largura, cerca de duas milhas para dentro da mata. Os Trollocs passariam por ali se continuassem seguindo pelo mesmo caminho. Os três Aiel desapareceram por entre as árvores para se certificar e trazer avisos da aproximação dos inimigos.

Deixando Faile e uns dez homens para vigiar os cavalos, Perrin posicionou os outros em um meio-círculo estreito, uma armadilha para onde os Trollocs decerto marchariam. Depois de garantir que todos os homens estavam bem escondidos e sabiam o que ele pretendia fazer, Perrin se posicionou no ponto central do lugar, ao lado de um carvalho com um tronco que tinha mais de largura do que ele de altura.

Ele afrouxou o passante do cinto que prendia o machado, encaixou uma flecha no arco e esperou. Uma brisa leve soprou em seu rosto, aumentou, depois diminuiu. Ele decerto conseguiria farejar os Trollocs muito antes de surgirem à vista. As criaturas deviam estar seguindo direto por aquele caminho. Perrin tocou o machado outra vez e esperou. Minutos se passaram. Uma hora. Mais. Quanto tempo até que as Criaturas da Sombra aparecessem? Se passassem muito mais tempo naquela umidade, as cordas dos arcos teriam de ser trocadas.

Os pássaros desapareceram por um instante, antes de os esquilos se calarem. Perrin respirou fundo e franziu o cenho. Nada. Com aquela brisa, sem dúvida conseguiria farejar os Trollocs assim que os animais os notassem.

Uma lufada de vento errante trouxe o odor pútrido, feito centenas de anos de suor e decomposição. Dardo meia-volta, Perrin gritou:

— Eles estão atrás de nós! Corram até mim! Dois Rios, venham a mim! — Estavam atrás dos cavalos. — Faile!

Gritos e guinchos irromperam de todos os lados, uivos e urros selvagens. Um Trolloc com chifres de carneiro saltou à vista a vinte passadas de distância, erguendo um arco comprido e curvo. Perrin levou o arco à orelha e disparou a flecha em um movimento suave, apanhando outra assim que soltou a primeira. A lança de ponta parruda acertou o Trolloc bem entre os olhos, e a criatura soltou um berro ao desabar. A flecha que ele soltara, do tamanho de uma lança pequena, atingiu a lateral de Perrin como um golpe de martelo.

O rapaz se curvou, ofegante com o choque, e largou o arco e a nova flecha. A dor se expandia a partir da ponteira da flecha de penas negras, que tremulava quando ele respirava, e cada movimento enviava novas ondas de dor.

Mais dois Trollocs saltaram por cima do companheiro morto, focinhos de lobo e chifres de bode, silhuetas envoltas em malha negra com o dobro da altura e largura de Perrin. Os dois partiram para cima do rapaz, urrando, as espadas curvas em riste.

Perrin obrigou-se a ficar de pé, rangeu os dentes, quebrou a parte da flecha grossa que estava para fora, soltou o machado e arrancou na direção dos dois. Percebeu vagamente que uivava. Uivava, cheio de uma fúria que deixava seus olhos vermelhos. As criaturas se avultaram por cima dele, as armaduras cravadas de pregos nos ombros e cotovelos, mas Perrin rodopiou o machado em frenesi, como se a cada golpe tentasse derrubar uma árvore. Por Adora. Por Deselle.

— Pela minha mãe! — gritou. — Que o queime! Pela minha mãe!

De súbito, percebeu que golpeava massas ensanguentadas no chão. Rosnando, obrigou-se a parar, tremendo tanto pelo esforço quanto pela dor na lateral do corpo. Agora havia menos gritos. Menos uivos. Será que sobrara alguém além dele?

— Venham a mim! Dois Rios, venham a mim!

— Dois Rios! — gritou alguém, em um urro frenético, saindo da mata úmida, e depois mais alguém:

— Dois Rios!

Dois. Apenas dois.

— Faile! — gritou ele. — Ah, Luz, Faile!

O lampejo de um movimento fluido por entre as árvores anunciou a vinda de um Myrddraal antes que ele pudesse ver a criatura com clareza, a armadura negra envolvendo o corpo feito uma serpente, o manto escuro sem se alterar com os movimentos. Ao se aproximar, o Meio-homem reduziu o passo a um caminhar sinuoso e confiante. A criatura sabia que Perrin estava ferido, sabia que era presa fácil. O olhar sem olhos na face branca o açoitava com golpes de medo.

— Faile! — repetiu a criatura, em um tom debochado. A voz fez o nome soar como carne queimada e desintegrada. — Sua Faile... estava uma delícia.

Rugindo, Perrin partiu para cima do Meio-homem. Uma espada de lâmina negra aparou o primeiro golpe. E o segundo. E o terceiro. O rosto da criatura, branco feito um verme, estava firme e concentrado, mas o Myrddraal se movia feito uma víbora, feito um raio. Por ora, Perrin mantinha o Meio-homem na defensiva. Por ora. O sangue pingava da lateral do corpo, que ardia como fogo das forjas. Perrin não conseguiria aguentar. E, quando sua força falhasse, aquela espada seria cravada em seu coração.

Seu pé resvalou na lama sob as botas, e o Desvanecido ergueu a lâmina. Então uma espada indistinta quase degolou aquela cabeça sem olhos, que desabou por cima de um dos ombros em uma fonte de sangue negro. Desferindo golpes cegos, o Myrddraal cambaleou para a frente, trôpego, recusando-se a morrer, o corpo instintivamente tentando matar.

Perrin saiu do caminho da criatura com dificuldade, mas sua atenção estava toda no homem que limpava a espada com frieza, usando um punhado de folhas. Era Ihvon, o manto furta-cor pendendo sobre os ombros.

— Alanna me mandou atrás de vocês. Quase não consegui, com tantos deslocamentos, mas setenta cavalos deixam bons rastros. — O Guardião magro e escuro mantinha a mesma compostura que teria se estivesse acendendo o cachimbo diante de uma lareira. — Os Trollocs não estavam ligados a esse... — Ele apontou com a espada para o Myrddraal; a criatura estava caída no chão, mas ainda golpeava a esmo. — É uma pena, mas, se você conseguir reunir seu povo, os Trollocs talvez não tenham disposição para tentar atacar todos sem o Sem-rosto para instigá-los. Eu diria que são uns cem, para começar. Um pouco menos, agora. Você retalhou esses aí.

Ihvon começou a inspecionar as sombras sob as árvores, muito calmo, apenas a espada em sua mão indicava que havia algo fora do comum.

Por um breve instante, Perrin ficou de queixo caído. Alanna queria falar com ele? Mandara Ihvon. Bem a tempo de salvar sua vida. Trêmulo, ele elevou a voz outra vez.

— Dois Rios, venham a mim! Pelo amor da Luz, venham a mim! Aqui! Venham! Aqui!

Dessa vez, continuou a berrar até surgirem rostos familiares, cambaleando por entre as árvores. Mais rostos sujos de sangue do que limpos. Rostos em choque, com os olhos arregalados. Alguns homens chegavam apoiados em outros, e uns tinham perdido os arcos. Os Aiel estavam entre eles. Pareciam ilesos, exceto por Gaul, que mancava de leve.

— Eles não vieram como o esperado — foi tudo o que disse o Aiel. A noite foi mais fria do que o esperado. Choveu mais do que o esperado. Foi nesse tom.

Faile pareceu se materializar junto com os cavalos. Com metade dos cavalos, incluindo Galope e Andorinha, e nove dos onze homens que Perrin deixara com ela. Tinha um arranhão em uma das bochechas, mas estava viva. Perrin tentou abraçá-la, mas ela afastou seus braços, resmungando irritada

sobre a flecha quebrada mesmo enquanto afastava o casaco de Perrin com cuidado, tentando examinar onde a lança robusta acertara.

Perrin observou os homens à sua volta. Ninguém mais chegou, mas ainda havia rostos ausentes. Kenley Ahan. Bili al'Dai. Teven Marwin. Forçou-se a nomear os ausentes, obrigou-se a contá-los. Vinte e sete. Vinte e sete não estavam lá.

— Trouxeram todos os feridos? — perguntou, a voz embotada. — Tem mais alguém por aí?

A mão de Faile tremeu ao lado dele. A jovem encarava a ferida com uma careta que era um misto de preocupação e fúria. Tinha o direito de estar irritada. Ele nunca deveria tê-la metido naquilo.

— Só os mortos — respondeu Ban al'Seen, com uma voz tão pesada quanto a expressão em seu rosto.

Wil parecia franzir o cenho para algo um pouco mais adiante.

— Eu vi Kenley — disse. — A cabeça dele estava enfiada no galho de um carvalho, mas o resto do corpo estava caído no chão. Eu vi. Ele não vai mais sofrer com o resfriado. — O rapaz fungou, parecendo assustado.

Perrin soltou um longo suspiro, mas logo desejou não ter suspirado. A dor que subiu pela lateral o fez cerrar os dentes. Faile, com um lenço de seda verde e dourado enrolado na mão, tentava puxar sua camisa para fora da calça. Ele afastou as mãos dela, apesar da cara feia que recebeu em resposta. Não havia tempo para cuidar de machucados.

— Coloquem os feridos nos cavalos — mandou, quando conseguiu falar. — Ihvon, eles vão nos atacar? — A floresta parecia quieta demais. — Ihvon?

O Guardião surgiu, conduzindo um capão cinza-escuro de olhar feroz. Perrin repetiu a pergunta.

— Talvez sim. Talvez não. Quando estão sem líder, os Trollocs matam quem for mais fácil. Sem um Meio-homem no comando, provavelmente vão preferir encontrar uma fazenda do que alguém que possa cravar flechas neles. Deixe um arco com uma flecha encaixada nas mãos de cada um que conseguir se manter de pé, mesmo os que não souberem usar. Eles podem considerar o preço da diversão muito alto.

Perrin sentiu um calafrio. Se os Trollocs de fato atacassem, se divertiriam tanto quanto ele em uma dança no Dia do Sol. Ihvon e os Aiel eram os únicos realmente prontos para lutar. E Faile, com os olhos negros cintilando de fúria. Ele tinha de levá-la para um lugar seguro.

O Guardião não ofereceu o próprio cavalo para os feridos, o que fazia sentido. Era provável que o animal não deixasse mais ninguém montar em seu lombo, e, além disso, um cavalo treinado para a batalha com o próprio mestre na sela seria uma arma excelente, caso os Trollocs viessem outra vez. Perrin tentou montar Faile em Andorinha, mas ela o impediu.

— Você falou que os feridos iam a cavalo — sussurrou ela. — Lembra?

Para seu desgosto, a moça insistiu para que ele conduzisse Galope. Perrin esperou que os outros protestassem, depois de terem sido levados ao desastre, mas ninguém o fez. Havia cavalos suficientes, tanto para os incapazes de andar quanto para os incapazes de andar muito. Perrin

admitiu, de má vontade, que estava no segundo grupo, então acabou montado. Metade dos outros cavaleiros teve de fazer o mesmo. Ele se sentou, rangendo os dentes para manter-se ereto.

Os que caminhavam ou cambaleavam, além de alguns que cavalgavam, permaneciam agarrados aos arcos como se eles fossem a salvação. Perrin levava um, e Faile também, mas o rapaz duvidava que ela soubesse sequer empunhar um arco longo de Dois Rios. Era a aparência que contava. A ilusão poderia garantir a segurança do grupo. Assim como Ihvon, alerta como um chicote enrolado, os três Aiel deslizavam à frente com elegância, aparentemente impassíveis, com as lanças nas costas, enfiadas nos arreios dos estojos dos arcos de chifre, que iam em mãos e a postos. Os outros, o próprio Perrin incluso, eram um bando de esfarrapados, nada que lembrasse o grupo que ele conduzira até ali, tão confiantes e cheios de orgulho. Ainda assim a ilusão teve o mesmo efeito da realidade. Na primeira milha que avançaram por entre a mata trançada, a brisa trouxe o fedor dos Trollocs, o odor de Trollocs seguindo-os, à espreita. Então o cheiro foi se esvaindo aos poucos e desapareceu enquanto os Trollocs se afastavam, iludidos por uma miragem.

Faile andava ao lado de Galope, com uma das mãos na perna de Perrin como se o segurasse no lugar. Vez ou outra, erguia a cabeça e olhava para ele com um sorriso encorajador, mas havia uma ruga de preocupação em sua testa. Perrin devolvia o sorriso da melhor forma possível, tentando fazê-la acreditar que estava tudo bem. Vinte e sete. Não conseguia parar de listar os nomes na cabeça. Colly Garren e Jared Aydaer; Dael al'Taron e Rend Chandin. Vinte e sete rapazes de Dois Rios mortos por conta de sua estupidez. Vinte e sete.

O grupo pegou a rota mais direta para sair da Floresta das Águas, chegando a campo aberto em algum momento da tarde. Era difícil precisar a hora, com o céu ainda coberto de cinza e o terreno envolto em uma sombra tênue. À frente deles se estendia um pasto de grama alta pontilhado de árvores, além de ovelhas isoladas e umas poucas casas de fazenda ao longe. Não subia fumaça de nenhuma das chaminés. Se houvesse alguém naquelas casas, também haveria refeições cozinhando na lareira. A cortina de fumaça mais próxima se erguia a pelo menos cinco milhas dali.

— Vamos encontrar uma fazenda para passar a noite — sugeriu Ihvon. — Algum lugar coberto, para o caso de chover outra vez. Uma fogueira. Comida. — Ele encarou os homens de Dois Rios e acrescentou: — Água e curativos.

Perrin apenas assentiu. O Guardião sabia melhor do que ele a coisa certa a se fazer. O velho Bili Congar, com a cara cheia de cerveja, devia saber melhor que ele a coisa certa a se fazer. Perrin deixou Galope seguir o cinzento de Ihvon.

Antes de o grupo avançar pouco mais de uma milha, um fiapinho de música chegou aos ouvidos de Perrin, rabecas e flautas entoando melodias alegres. A princípio, imaginou que estava sonhando, mas então os outros também ouviram e trocaram olhares incrédulos, depois abriram sorrisos aliviados. Música significava pessoas, e, pelo som, eram pessoas alegres,

celebrando. O fato de alguém poder ter algo a celebrar foi o bastante para animar um pouco a caminhada.





ENTRE OS TUATHA'AN

Um agrupamento de carroções surgiu à vista, um pouco afastado para o sul, feito casinhas sobre rodas, caixas altas de madeira pintadas e envernizadas em tons berrantes de vermelho, azul, verde e amarelo, todas dispostas em um círculo amplo e meio torto em torno de alguns carvalhos de galhos compridos. Era dali que vinha a música. Perrin já ouvira dizer que havia latoeiros, o Povo Errante, em Dois Rios, mas ainda não os vira por lá. Cavalos mancos pastavam pela grama comprida dos entornos.

— Vou dormir em outro lugar — disse Gaul, rígido, ao ver que Perrin pretendia seguir até os carroções, e se afastou depressa sem dizer outra palavra.

Bain e Chiad falaram com Faile baixinho, mas em tom urgente. Perrin captou o suficiente para entender que as duas estavam tentando convencê-la a passar a noite com elas em alguma moita apertada, em vez de com os “Perdidos”. Pareciam horrorizadas com a ideia de falar com os latoeiros, ainda mais comer ou dormir com eles. Faile apertava sua perna com a mão enquanto recusava, baixinho, em um tom firme. As duas Donzelas se entreolharam, os cenhos franzidos, olhos azuis e cinza se encarando com bastante preocupação, mas, antes que os carroções do Povo Errante ficassem muito próximos, elas saíram a passos rápidos atrás de Gaul. No entanto, pareciam ter recuperado um pouco do humor. Perrin ouviu Chiad sugerindo que as duas induzissem Gaul a participar de um jogo chamado O Beijo da Donzela. As duas estavam rindo quando saíram do alcance de seus ouvidos.

Homens e mulheres trabalhavam no campo, costurando, lavando roupas, dando banho em crianças, erguendo um carroção para trocar uma das rodas. Outras crianças corriam, brincando, ou dançavam ao som da melodia de uma dúzia de homens que tocavam flautas e rabecas. Dos mais velhos aos mais novos, as roupas eram ainda mais coloridas do que os tons dos carroções, em

combinações espalhafatosas de doer os olhos, que só podiam ter sido escolhidas às cegas. Nenhum homem em sã consciência combinaria aqueles tons, e quase nenhuma mulher.

Quando o bando de maltrapilhos se aproximou dos carroções, um silêncio se abateu, o povo parou onde estava para olhar com uma expressão preocupada, as mulheres agarraram seus bebês, e as crianças correram para se esconder atrás dos adultos, espiando por detrás das pernas altas ou cobrindo os rostos debaixo das saias longas. Um homem magro, grisalho e baixo deu um passo à frente e curvou-se em uma mesura solene, com ambas as mãos no peito. Usava um casaco de gola alta azul-claro e calças largas, de um verde quase cintilante, enfiadas nas botas.

— Bem-vindos às nossas fogueiras. Você conhece a canção?

Por um instante, tentando não se curvar com a flecha cravada no corpo, Perrin só conseguiu encarar o homem. Ele o conhecia: era o Mahdi, ou o Buscador, daquele grupo. *Qual a chance disso acontecer?*, perguntou-se. *De todos os latoeiros do mundo, quais as chances de ser o justo os que eu conheço?* As coincidências o incomodavam. Quando o Padrão produzia coincidências, a Roda parecia forçar os acontecimentos. *Estou começando a ficar igual a uma droga de uma Aes Sedai.* Não era capaz de manejar o arco, mas lembrava-se do ritual.

— Suas boas-vindas aquecem meu espírito, Raen, assim como suas fogueiras aquecem o corpo, mas eu não conheço a canção.

Faile e Ihvon o encararam, surpresos, porém não menos que os homens de Dois Rios. A julgar pelos resmungos que ouviu de Ban, Tell e os outros, acabara de lhes dar mais uma razão para falatório.

— Então ainda buscamos — entoo o homem magro. — Como foi, assim há de ser, se lembrarmos, buscarmos e encontrarmos. — Com uma careta, ele examinou os rostos ensanguentados a confrontá-lo, desviando os olhos das armas. O Povo Errante não tocava nada que considerasse arma. — Bem-vindos às nossas fogueiras. Temos água quente, ataduras e cataplasma. Você sabe o meu nome — acrescentou, perscrutando Perrin. — É claro. Seus olhos.

A esposa de Raen se aproximara enquanto ele falava, uma mulher roliça, de cabelos grisalhos, mas de feições suaves, uma cabeça mais alta que o marido. A blusa vermelha, a saia amarelo-clara e o xale de franjas verdes faziam doer os olhos, mas a mulher tinha um jeito maternal.

— Perrin Aybara! — exclamou a mulher. — Sabia que conhecia seu rosto. Elyas veio com você?

Perrin balançou a cabeça.

— Eu não o vejo há muito tempo, Ila.

— Ele leva uma vida de violência — observou Raen, com tristeza. — Assim como você. Uma vida de violência é uma vida manchada, ainda que longa.

— Não tente trazê-lo para o Caminho da Folha agora, Raen — retrucou Ila, com firmeza, mas delicadamente. — Ele está ferido. Todos estão.

— Onde é que estou com a cabeça? — murmurou Raen. Erguendo a voz, ele chamou: — Venham, povo. Venham ajudar. Eles estão feridos. Venham ajudar.

Homens e mulheres se aproximaram depressa, expressando sua compaixão enquanto ajudavam os feridos a descer dos cavalos e os guiavam até os carroções, carregando-os quando necessário. Wil e alguns dos outros ficaram preocupados em se separar, mas Perrin, não. Violência era algo fora de cogitação entre os Tuatha'an. Eles jamais ergueriam a mão contra alguém, mesmo que para salvar a própria vida.

Perrin descobriu que precisava da ajuda de Ihvon para descer do cavalo. Apear fez ondas de dor irradiarem pela lateral do corpo.

— Raen — disse, um pouco ofegante — vocês não deveriam estar aqui. Enfrentamos Trollocs a menos de cinco milhas deste ponto. Leve seu povo para Campo de Emond. Lá, eles estarão seguros.

Raen hesitou — e pareceu surpreso com isso — antes de balançar a cabeça.

— Mesmo que eu desejasse, Perrin, o povo não iria querer. Tentamos acampar longe até da menor aldeia, e não apenas porque os aldeões podem nos acusar falsamente de roubar seus objetos perdidos ou de tentar convencer seus filhos a encontrar o Caminho. Onde os homens constroem dez casas juntas, sempre há potencial para violência. Desde a Ruptura, os Tuatha'an sabem disso. A segurança está em nossos carroções e no deslocamento contínuo, na busca contínua pela canção. — Seu rosto foi tomado por uma expressão melancólica. — Ouvimos notícias de violência por todos os cantos, Perrin. Não só aqui em Dois Rios. O mundo está com ar de mudança, de destruição. Está claro que precisamos encontrar logo a canção. Senão, acho que nunca a encontraremos.

— Vocês vão encontrá-la — respondeu Perrin, baixinho. Talvez eles abominassem demais a violência para serem atropelados por um *ta'veren*. Talvez nem um *ta'veren* fosse capaz lutar contra o Caminho da Folha. Um dia, também se sentira atraído por aquela vida. — Espero de verdade que vocês encontrem.

— O que será, será — respondeu Raen. — Todas as coisas morrem no devido tempo. Talvez até a canção. — Ila envolveu o marido em um abraço reconfortante, mas seus olhos estavam tão preocupados quanto os dele.

— Venham — chamou ela, tentando esconder a inquietação — vamos levar vocês para dentro. Os homens tagarelam até com os casacos pegando fogo. — Para Faile, ela disse: — Você é muito bonita, criança. Talvez deva tomar cuidado com Perrin. Só vejo esse rapaz na companhia de belas garotas. — Faile lançou a Perrin um olhar inexpressivo e pensativo, depois tentou disfarçar depressa.

Ele foi até o carroção de Raen — amarelo com remates vermelhos, raios das rodas em vermelho e amarelo, e aros vermelhos, além de baús vermelhos e amarelos amarrados do lado de fora, próximos a uma fogueira bem no meio do acampamento — mas, assim que pôs o pé no primeiro degrau de madeira dos fundos, seus joelhos cederam. Ihvon e Raen praticamente o carregaram para dentro, seguidos depressa por Faile e Ila, e o deitaram na cama embutida na parte da frente do carroção, com espaço apenas para a passagem até a porta de correr, que levava ao assento do condutor.

Parecia mesmo uma casinha, até com cortinas rosa-claras nas duas janelinhas de cada lado. Ele ficou olhando para o teto. Ali, também, os latoeiros abusavam das cores: o teto era pintado de verniz azul-celeste, e os armários altos, de verde e amarelo. Faile desafivelou o cinto dele e pegou o machado, enquanto Ila revirava um dos armários. Perrin não conseguia ficar interessado no que as duas estavam fazendo.

— Qualquer um pode ser surpreendido — disse Ihvon. — Aprenda com isso, mas não se abale demais. Nem Artur Asa-de-gavião ganhou todas as batalhas.

— Artur Asa-de-gavião. — Perrin tentou rir, mas o que acabou saindo foi um ganido. — Pois é — conseguiu dizer. — Eu com certeza não sou Artur Asa-de-gavião, sou?

Ila encarou o Guardião com uma careta — ou melhor, encarou a espada com uma careta: parecia considerá-la ainda pior do que o machado de Perrin. Então foi até a cama com um chumaço de gazes dobradas. Ao puxar a camisa de Perrin para longe do toco da flecha, a mulher estremeceu.

— Acho que não tenho competência para remover isso. Está muito fundo.

— Farpadas — comentou Ihvon, com naturalidade. — Os Trollocs não costumam usar arcos, mas, quando usam, as flechas são farpadas.

— Fora — mandou a mulher roliça com firmeza, contornando-o. — E você também, Raen. Cuidar dos doentes não é coisa de homens. Por que não vão ver se Moshea já colocou aquela roda no carroção dele?

— Boa ideia — respondeu Raen. — Talvez tenhamos vontade de partir amanhã. Nesse último ano, as viagens foram bem difíceis — confessou a Perrin. — Fomos até Cairhien, voltamos para Ghealdan e depois subimos até Andor. Amanhã, eu acho.

Quando a porta se fechou atrás dele e de Ihvon, Ila virou-se para Faile, preocupada.

— Se for farpada, acho que não consigo mesmo remover. Se tiver que tentar, eu tento, mas, se houver alguém por perto que entenda mais dessas coisas...

— Tem uma pessoa em Campo de Emond — garantiu Faile. — Mas será que é seguro deixá-lo desse jeito até amanhã?

— Mais seguro do que eu cortá-lo, talvez. Posso preparar uma mistura para ele beber, para diminuir a dor, e fazer um cataplasma contra infecção.

Com os olhos cravados nas duas mulheres, Perrin chamou:

— Alô? Estão lembradas de mim? Estou bem aqui. Parem de falar como se eu não estivesse.

As duas o encararam por um instante.

— Não deixe que ele se mexa — disse Ila, a Faile. — Tudo bem ele falar, mas não permita que se mexa. Ele pode acabar se machucando ainda mais.

— Pode deixar — respondeu a jovem.

Perrin rangeu os dentes e fez o melhor que pôde para ajudá-las a remover o casaco e a camisa, mas o trabalho maior ficou com as duas. Sentia-se fraco como o ferro mais mal forjado, prestes a envergar à menor pressão. Quatro polegadas de flecha da espessura de um polegar despontavam bem acima de

sua última costela, projetando-se de um corte inchado e cheio de sangue seco. As duas empurraram a cabeça dele de volta para o travesseiro; pareciam, por algum motivo, não desejar que ele assistisse à cena. Faile lavou a ferida enquanto Ila preparava o bálsamo, com pilão e almofariz — de pedra lisa e cinza, as primeiras coisas que vira no acampamento dos lateiros que não eram de uma cor berrante. As duas passaram o bálsamo em torno da flecha e envolveram Perrin em ataduras, para fixar.

— Raen e eu dormiremos debaixo do carroção, esta noite — disse a mulher Tuatha'an, por fim, limpando as mãos. Olhando feio para o toco de flecha que brotava das ataduras, ela balançou a cabeça. — Cheguei a pensar que ele poderia encontrar o Caminho da Folha, um dia. Era um rapaz tranquilo, eu acho.

— O Caminho da Folha não é para todos — respondeu Faile, com delicadeza, mas Ila balançou a cabeça outra vez.

— Seria para todos, sim — retrucou, com a mesma delicadeza e certa tristeza — se as pessoas o conhecessem.

Ela foi embora, e Faile permaneceu sentada na beirada da cama, secando o rosto dele com um pedaço de pano dobrado. Por algum motivo, Perrin estava suando bastante.

— Eu fiz uma asneira — disse ele, depois de um tempo. — Não, isso é muito pouco. Eu não sei a palavra certa.

— Você não fez asneira nenhuma — respondeu a jovem, com firmeza. — Você fez o que achou certo no momento. Não consigo imaginar como foi que eles apareceram atrás da gente. Gaul não costuma se enganar em relação à localização dos inimigos. Ihvon tinha razão, Perrin. Ninguém está livre de descobrir que as circunstâncias mudaram de repente. Você manteve todos unidos. Você nos liderou.

Ele sacudiu a cabeça com força, o que fez a lateral do corpo doer ainda mais.

— Ihvon nos liderou. O que eu fiz foi causar a morte de vinte e sete homens — respondeu, em um tom amargo, tentando sentar-se para encará-la. — Alguns eram meus amigos, Faile. E eu matei todos eles.

A jovem jogou o peso por cima dos ombros dele, para empurrá-lo de volta. A facilidade com que ela o segurava era prova de como estava fraco.

— Teremos bastante tempo para isso de manhã — disse, em um tom firme, observando-o com atenção — quando teremos que fazer você montar no cavalo. Ihvon não nos liderou. Na verdade, eu não acho que ele se importava com mais alguém além dele mesmo e de você. Esses homens teriam se dispersado para todos os lados, não fosse você, e aí todos teríamos sido caçados. Eles não ficariam unidos por Ihvon, um estranho. Quanto aos seus amigos... — Ela suspirou e se sentou outra vez. — Perrin, meu pai diz que um general pode cuidar dos vivos ou chorar pelos mortos, mas não pode fazer as duas coisas.

— Eu não sou general, Faile. Sou um ferreiro idiota que achou que poderia ter a ajuda de outras pessoas para ir atrás de justiça, ou talvez de vingança. Ainda quero isso, mas não quero mais usar ninguém.

— Você acha que os Trollocs vão embora porque você decidiu que não tem motivos genuínos o bastante? — A fúria na voz dela o fez erguer a cabeça, mas Faile empurrou-a de volta no travesseiro quase com brutalidade. — Eles vão ficar menos vis? Você precisa de uma razão mais genuína para lutar do que o que eles representam? Outra coisa que meu pai diz. O maior pecado que um general pode cometer, pior que asneiras, pior que perder, pior que qualquer coisa, é abandonar os homens que dependem dele.

Ouviu-se uma batida na porta, e um jovem latoeiro belo e esguio, vestido em um casaco de listras azuis e vermelhas, pôs a cabeça para dentro. Abriu um sorriso para Faile, cheio de charme e dentes brancos, antes de olhar para Perrin.

— O meu avô disse que era você. Achei que era aqui onde Egwene disse que tinha nascido. — Ele fechou a cara de repente, em desaprovação. — Seus olhos. Estou vendo que foi mesmo atrás de Elyas, para correr com os lobos. Sempre soube que você nunca encontraria o Caminho da Folha.

Perrin o conhecia: era Aram, neto de Raen e Ila. Não gostava dele. O rapaz tinha o mesmo sorriso de Wil.

— Vá embora, Aram. Estou cansado.

— Egwene veio com você?

— Egwene agora é Aes Sedai, Aram — grunhiu — e arrancaria seu coração fora com o Poder Único, se você a tirasse para uma dança. Vá embora!

Aram piscou e bateu a porta depressa. Ficou do lado de fora.

Perrin deixou a cabeça desabar.

— Ele sorri demais — resmungou. — Não consigo tolerar um homem que sorri tanto.

Faile emitiu um som abafado, e ele a encarou, desconfiado. Ela estava mordendo o lábio inferior.

— Estou com alguma coisa na garganta — comentou ela, em uma voz abafada, levantando-se depressa. Correu até a grande prateleira sob o pé da cama, onde Ila preparara o cataplasma, e pôs-se de costas para ele, servindo água de uma jarra verde e vermelha em uma caneca azul e amarela. — Quer alguma coisa para beber? Ila deixou esse pó para a dor. Vai ajudar a dormir.

— Não quero pó nenhum — respondeu ele. — Faile, quem é o seu pai?

Ela enrijeceu as costas. Depois de um momento, virou-se de novo, segurando a caneca nas duas mãos, uma expressão indecifrável nos olhos oblíquos. Outro minuto se passou, então a jovem respondeu:

— Meu pai é Davram, da Casa Bashere, Lorde de Bashere, Tyr e Sidona, Guardião da Fronteira da Praga, Defensor da Terra do Coração, Marechal-General da Rainha Tenobia, de Saldaea. E tio dela.

— Luz! E aquela história toda de ele ser comerciante de madeira, ou mercador de peles? Acho que me lembro de você também dizer que ele trabalhava com pimenta-de-gelo.

— Não era mentira — respondeu ela, ríspida. Depois, em um tom mais brando: — Só não era... toda a verdade. As propriedades do meu pai realmente produzem serragem de madeira e madeira fina, pimenta-de-gelo,

pele e muito mais. E os administradores realizam as vendas, então ele é mesmo comerciante. De certo modo.

— Por que foi que você não me contou? Ficou escondendo as coisas. Mentindo. Você é uma lady! — Perrin disparou um olhar acusatório. Não estava esperando por isso. Que o pai dela fosse um pequeno mercador, um ex-soldado, talvez, mas não isso. — Luz, o que você está fazendo, correndo por aí fingindo ser Caçadora da Trombeta? Não me diga que o Lorde de Bashere e tudo o mais mandou você embora para procurar uma aventura.

Ainda segurando a caneca, Faile voltou e se sentou ao lado dele. Por alguma razão, parecia muito concentrada em seu rosto.

— Perrin, os meus dois irmãos mais velhos morreram. Um, lutando contra Trollocs, o outro, em uma queda do cavalo de caça. Com isso, virei a mais velha, e acabei tendo que estudar negócios e livros de contabilidade. Meus irmãos mais novos estavam virando soldados, se preparando para aventuras, e eu tinha que aprender a administrar as propriedades! Essa é a obrigação do mais velho. *Obrigação!* É enfadonho, frio, chato. Ficar afundada em papelada de escritório. — Ela continuou: — Quando meu pai levou Maedin, que é dois anos mais novo que eu, com ele para a Fronteira da Praga, para mim foi a gota d'água. As garotas de Saldaea não aprendem a lutar com espadas ou a enfrentar a guerra, mas meu pai nomeou um antigo soldado de seu primeiro comando como meu criado de libré, e Eran sempre teve prazer em me ensinar a usar facas e lutar com as mãos. Acho que isso o divertia. De todo modo, quando meu pai levou Maedin com ele, chegaram notícias convocando para a Grande Caçada à Trombeta, então eu... fui embora. Escrevi uma carta para minha mãe, explicando meus motivos, e... fui. E cheguei em Illian a tempo de fazer o juramento de Caçador... — Ela apanhou o pedaço de pano e limpou outra vez o suor do rosto dele. — Você devia mesmo dormir, se conseguir.

— Imagino que você seja a Lady Bashere, ou algo do tipo? — indagou ele. — Como foi que passou a gostar de um simples ferreiro?

— A palavra é “amar”, Perrin Aybara. — A firmeza de sua voz contrastava com a gentileza do pano deslizando no rosto dele. — E acho que você não é um ferreiro tão comum assim. — O pedaço de pano parou. — Perrin, o que aquele sujeito quis dizer com “correndo com os lobos”? Raen também mencionou esse tal de Elyas.

Por um instante, Perrin ficou paralisado, sem respirar. No entanto, acabara de censurá-la por guardar segredos dele. Era isso o que ganhava por ser precipitado e nervoso. Girar um martelo na pressa fazia o sujeito acertar o próprio polegar. Deu um suspiro profundo e contou a ela. Como conhecera Elyas Machera e descobrira ser capaz de falar com os lobos. Como seus olhos mudaram de cor, ficaram mais aguçados, e como o mesmo acontecera com a audição e o olfato, ficando como os de um lobo. E contou sobre os sonhos de lobo. Sobre o que aconteceria se ele perdesse o contato com seu lado humano.

— É tão fácil. Às vezes, ainda mais no sonho, esqueço que sou um homem, e não um lobo. Se em um desses momentos eu não me lembrar depressa, se eu perder o contato, vou *mesmo* virar lobo. Pelo menos na minha cabeça. Uma

espécie de lobo distorcido. Não vai sobrar mais nada de *mim*. — Ele parou, esperando que Faile se encolhesse, que se afastasse.

— Se seus ouvidos são mesmo tão aguçados — respondeu ela, tranquila — é melhor eu prestar atenção nas coisas que falo perto de você.

Perrin segurou a mão dela, para que a jovem parasse de lhe dar tapinhas com o pano.

— Você ouviu alguma coisa que eu disse? O que é que o seu pai e a sua mãe vão pensar, Faile? Um ferreiro que é metade lobo. Você é uma lady! Luz!

— Eu ouvi cada palavra. Meu pai vai aprovar. Ele sempre disse que o sangue da nossa família está ficando fraco, que não é mais como antigamente. Sei que ele me acha incrivelmente mole. — Faile abriu um sorriso feroz até para um lobo. — E, é claro, minha mãe sempre quis que eu me casasse com um rei capaz de partir Trollocs em dois com um só golpe de espada. Acho que seu machado basta, mas será que você pode dizer a ela que é o rei dos lobos? Acho que não vai aparecer ninguém para disputar o trono. Na verdade, acho que partir Trollocs em dois já está de bom tamanho para minha mãe, mas acredito que ela vá preferir a coisa do rei.

— Luz! — exclamou Perrin, com a voz rouca. Faile soava quase séria. Não, soava séria. Se estivesse falando pelo menos *meio* sério, talvez os Trollocs fossem uma opção melhor do que conhecer os pais dela.

— Aqui — disse a jovem, levando a caneca de água até os lábios dele. — Você parece estar com a garganta seca.

Perrin engoliu e acabou se engasgando com o gosto amargo. Faile misturara o pó de Ila! Tentou parar, mas a namorada encheu sua boca com o líquido, e era uma questão de engolir ou engasgar. Quando conseguiu empurrar a caneca, Faile já esvaziara a metade por sua goela abaixo. Por que os remédios sempre tinham um gosto tão horrendo? Suspeitava que as mulheres fizessem isso de propósito. Apostava que os que elas tomavam não eram tão ruins assim.

— Eu falei que não queria isso. Argh!

— Ah, foi? Acho que não ouvi. Mas, querendo ou não a bebida, você tem que dormir. — Ela afagou seus cabelos cacheados. — Durma, meu Perrin.

O rapaz tentou dizer a ela que tinha falado, sim, e que ela o ouvira, mas as palavras pareceram se enroscar na boca. Quis fechar os olhos. Na verdade, não conseguia mais mantê-los abertos. A última coisa que ouviu foram os murmúrios delicados de Faile:

— Durma, meu rei dos lobos. Durma.



UMA FOLHA A MENOS

Perrin estava parado perto dos carroções dos Tuatha'an, sob o sol forte, sozinho, sem flecha nem dor no corpo. No meio dos carroções havia lenha empilhada já pronta para ser acesa sob painéis de ferro penduradas em tripés, e roupas estavam penduradas nos varais. Não se via gente nem cavalos. Perrin não usava casaco ou blusa, e sim um comprido colete de ferreiro que deixava os braços à mostra. Aquele poderia ser qualquer sonho, talvez, exceto pela consciência de que era um sonho. E Perrin conhecia a sensação do sonho de lobo, a realidade e a concretude da grama alta ao redor de suas botas, da brisa que soprava do oeste e bagunçava seus cabelos cacheados, dos carvalhos e pinheiros espalhados pelo campo aberto. No entanto, os carroções berrantes dos latoeiros não pareciam reais, tinham um ar de insubstancialidade, passavam a sensação de que iriam piscar e desaparecer a qualquer momento. Os latoeiros nunca permaneciam muito tempo em um lugar. Nenhum solo os segurava.

Perguntando-se quanta influência a terra exercia sobre ele, Perrin pousou a mão no machado — e olhou para baixo, surpreso. O que pendia no passante do cinto era o pesado martelo de ferreiro, não o machado. Ele franziu a testa. Um dia teria escolhido esse caminho, até pensara que tinha, mas sem dúvida não era mais o caso. O machado. Escolhera o machado. A cabeça do martelo de súbito transformou-se em uma lâmina em meia-lua e uma ponteira grossa, então tremulou e reassumiu a forma do cilindro robusto de aço frio, depois flutuou entre as duas. Por fim, repousou como machado, e ele expirou lentamente. Isso nunca acontecera antes. Ali, conseguia alterar as coisas com facilidade, pelo menos as que tinham relação com ele mesmo.

— E eu quero o machado — disse com firmeza. — O machado.

Ao olhar em volta, Perrin viu apenas uma casa de fazenda ao sul, com cervos pastando no campo de cevada, rodeado por um muro de pedra bruta.

Não sentia a presença de lobos, e não chamou Saltador. O lobo poderia vir ou não, poderia nem ouvir, mas havia grandes chances de o Matador estar em algum canto por ali. Sentiu de repente o peso de uma aljava rústica, com o couro ainda coberto do pelo do animal, em seu cinturão do lado oposto ao machado, e em sua mão surgiu um arco longo robusto, com uma flecha de ponta chata já encaixada. Uma braçadeira comprida de couro cobria seu antebraço esquerdo. Nada se movia além dos cervos.

— Pouco provável que eu acorde logo — resmungou para si mesmo. Fosse o que fosse a tal coisa que Faile dera a ele, o nocauteara de vez. Perrin lembrava-se do que acontecera tão bem que era como se estivesse na sua frente. — Me empurrei aquele troço pela goela como se eu fosse um bebê — grunhiu. — *Mulheres!*

Deu uma de suas longas passadas — a paisagem ao redor ficou turva — e adentrou o pátio da fazenda. Havia duas ou três galinhas à solta, correndo como se fossem selvagens. O curral de ovelhas, com paredes de pedra, permanecia vazio, e os dois celeiros com telhado de palha estavam fechados com barras. Apesar das cortinas ainda nas janelas, a casa de dois andares parecia vazia. Se aquilo era um reflexo real do mundo desperto — e os sonhos de lobo, estranhamente, costumavam ser — então já não havia gente ali há dias. Faile tinha razão. Sua advertência se espalhara para além dos lugares onde ele tinha ido.

— Faile — murmurou, assombrado. Filha de um lorde. Não, não só um lorde. Três vezes lorde, general e tio de uma rainha. — Luz, e ela ainda é prima de uma rainha! — E amava um simples ferreiro. As mulheres eram estranhas e surpreendentes.

Procurando ver até onde as notícias tinham chegado, Perrin ziguezagueou por mais da metade do caminho até Trilha de Deven, uma milha ou mais a cada passada, retornando e entrecortando o caminho de ida. A maioria das fazendas que via mostravam o mesmo vazio. Em menos de uma a cada cinco havia sinais de algum habitante, como janelas e portas abertas, bonecas, argolas e cavalos esculpido em madeira caídos na soleira de uma porta. Os brinquedos, em especial, faziam seu estômago revirar. Ainda que não tivessem acreditado no aviso dele, sem dúvida poderiam ter acreditado nas muitas fazendas incendiadas, pilhas de vigas de madeira desabadas, chaminés pretas de fuligem, mais parecendo dedos mortos e rígidos.

Ele se inclinou para ajeitar uma boneca de rosto vítreo e sorridente e um vestido com bordado de flores — alguma mulher amava muito a própria filha, para ter todo aquele trabalho de costura — e piscou. A mesma boneca permanecia nos degraus de pedra bruta de onde acabara de apanhá-la. Quando estendeu o braço, a que estava em sua mão sumiu.

Lampejos negros no céu o distraíram de seu espanto. Corvos, um grupo de vinte ou trinta, voavam em direção à Floresta do Oeste. Em direção às Montanhas da Névoa, onde tinha visto o Matador pela primeira vez. Perrin observou com frieza enquanto os corvos se esvaneciam até virar pontinhos negros e desaparecer. Então partiu atrás deles.

A cada passada ligeira e comprida, avançava cinco milhas, a paisagem ao redor toda borrada, exceto nos momentos entre um passo e outro. Seguiu pela Floresta do Oeste, rochosa e repleta de árvores, cruzando as Colinas de Areia, cheias de arbustos, adentrando as montanhas enevoadas onde abetos, pinheiros e folhas-de-couro revestiam os vales e as encostas. Avançou até chegar ao mesmo vale onde vira pela primeira vez o homem que Saltador chamava de Matador, até a encosta da montanha por onde retornara a Tear.

O Portal dos Caminhos permanecia ali, fechado, a folha de *Avendesora* aparentemente apenas uma entre uma miríade de folhas e trepadeiras entalhadas com detalhes intrincados. Árvores isoladas, encarquilhadas e marcadas pelo vento pontilhavam o solo esparso na pedra polida onde Manetheren fora incendiada. A luz do sol cintilava sobre as águas do Manetherendrelle, mais abaixo. Um vento fraco vindo do vale trazia cheiro de cervos, coelhos e raposas. Nada se movia, que ele pudesse ver.

Já a ponto de ir embora, parou. A folha de *Avendesora*. Uma folha. Loial trancara o Portal dos Caminhos colocando as duas folhas daquele lado. Ele se virou, e os pelos de sua nuca se eriçaram. Viu o Portal dos Caminhos aberto, duas massas iguais de folhagem viva revolvendo com a brisa, expondo aquela superfície prateada e opaca. Seu reflexo brilhava sobre ela. *Como assim?*, perguntou-se. *Loial trancou essa porcaria.*

Sem se dar conta de que cruzara a distância até a entrada, viu-se de súbito bem diante do Portal dos Caminhos. A folha de três pontas não estava no meio do emaranhado verdejante do lado de dentro dos dois portões. Era estranho pensar que, naquele mesmo instante, no mundo desperto, alguém — ou algo — estava passando bem onde ele se encontrava. Perrin tocou a superfície opaca e grunhiu. Poderia muito bem ser um espelho. Sua mão deslizou na superfície como deslizaria por sobre o vidro mais delicado.

De canto de olho, notou que de repente a folha de *Avendesora* voltara ao lugar, do lado de dentro, e deu um salto para trás no exato instante em que o Portal dos Caminhos começou a se fechar. Alguém — ou algo — saíra... ou entrara. *Saiu. Só pode ter saído.* Queria duvidar que fossem mais Trollocs e Desvanecidos a caminho de Dois Rios. Os portões se fundiram, transformando-se outra vez em pedra entalhada.

A sensação de estar sendo observado foi a única advertência que teve. Saltou para o lado. Teve uma visão borrada de algo passando feito um raio onde seu peito estivera. Uma flecha. Tinha dado um daqueles saltos que transformavam o mundo ao redor em um borrão, e pousou em uma encosta ao longe. Então, saltou outra vez, saindo do vale de Manetheren e entrando em uma planície com imensos abetos. Depois, repetiu o movimento. Corria, pensando depressa, reprisando em sua mente o vale e aquele breve vislumbre da flecha. Tinha vindo *daquela* direção, e tinha *aquele* ângulo quando o alcançou, então só podia ter vindo de...

Um último salto o levou de volta a uma encosta acima da sepultura de Manetheren. Ficou agachado entre uns poucos pinheiros entortados pelo vento, o arco preparado para atirar. Abaixo dele, de entre as árvores mirradas

e os pedregulhos, a flecha fora disparada. O Matador devia estar em algum ponto ali embaixo. Tinha de estar...

Sem pensar, Perrin saltou para longe, e as montanhas se transformaram em um borrão cinza, marrom e verde.

— Quase — grunhiu.

Quase repetira o erro da Floresta das Águas. Mais uma vez, pensara que um inimigo se deslocaria de acordo com sua vontade, que o esperaria onde Perrin desejasse.

Dessa vez, correu o mais depressa que pôde, apenas três saltos muito velozes até a beirada das Colinas de Areia, torcendo para não ter sido visto. Então deu a volta, saindo em um ponto mais alto da mesma encosta, bem acima, onde o ar era mais rarefeito, e as poucas árvores eram arbustos de troncos grossos, a cinquenta passadas de distância uma da outra ou mais. Estava bem no alto, onde um homem poderia se posicionar para vigiar outro que pretendesse chegar sorrateiro ao local de onde aquela flecha fora disparada.

E lá estava sua presa, cem passos abaixo, cabelos e casaco escuros. Um homem alto, acorçado ao lado de um afloramento de granito do tamanho de uma mesa, o arco na mão, analisando a encosta mais abaixo com uma paciência dedicada. Era a primeira vez que Perrin dava uma boa olhada no sujeito. Cem passadas era uma distância curta para seus olhos. O casaco daquele Matador tinha o estilo das Terras da Fronteira, e o rosto parecia tanto com o de Lan que os dois poderiam ser irmãos. Só que Lan não tinha irmãos — ou nenhum parente vivo, até onde Perrin sabia — e, ainda que tivesse, o sujeito não estaria ali. Pois bem, o homem era das Terras da Fronteira. Talvez shienarano, embora seus cabelos fossem mais compridos, sem as laterais raspadas de forma a restar apenas o rabo de cavalo, e presos com uma corda de couro, como os de Lan. O homem não podia ser malkieri. Lan era o último malkieri vivo.

Fosse lá de onde o sujeito viesse, Perrin não sentiu remorso algum em preparar o arco e mirar a flecha de ponta larga para as costas do Matador. O homem tentara matá-lo em uma emboscada. Um disparo encosta abaixo seria complicado.

Talvez tivesse demorado demais, ou talvez o sujeito tivesse sentido o olhar frio que Perrin lhe direcionava, mas de súbito o Matador tornou-se um borrão, disparando para longe em direção ao leste.

Perrin soltou um palavrão e saiu atrás, três passadas até as Colinas de Areia, mais uma até a Floresta do Oeste. O Matador desapareceu por entre os carvalhos, as folhas-de-couro e a vegetação rasteira.

Perrin parou e escutou. Silêncio. Os esquilos e pássaros estavam imóveis. Inspirou profundamente. Um pequeno bando de cervos passara por ali havia pouco tempo. Também sentiu o leve traço de algo. Era humano, porém frio demais para ser um homem, desprovido demais de emoção. Um odor cuja familiaridade instigava seu pensamento. O Matador estava próximo. O ar parecia tão inerte quanto a floresta. Não havia qualquer brisa para informar de onde vinha aquele cheiro.

— Belo truque, Olhos-Dourados, trancar o Portal dos Caminhos.

Perrin ficou tenso, apurando os ouvidos. Não havia como dizer de que ponto daquele denso matagal viera a voz. Nem uma única folha se mexia.

— Se você soubesse quantos Forjados das Sombras morreram tentando sair dos Caminhos por ali, ficaria feliz. *Machin Shin* se refestelou naquele portão, Olhos-Dourados. Mas não foi um truque bom o bastante. Você mesmo viu: o portão agora está aberto.

Ali, à direita. Perrin deslizou pelas árvores, tão silencioso como quando caçara pelo lugar.

— No começo, foram só umas poucas centenas, Olhos-Dourados. Só o suficiente para desestabilizar aqueles imbecis dos Mantos-brancos e garantir a morte do renegado. — A voz do Matador se encheu de raiva. — Que a Sombra me consuma se aquele homem não tiver mais sorte que a Torre Branca. — De repente, o sujeito soltou uma risada. — Mas você, Olhos-Dourados... sua presença foi uma surpresa. Tem gente que quer ver sua cabeça em um espeto. Sua preciosa Dois Rios será arrasada de ponta a ponta, para que você seja arrancado de lá. O que me diz, Olhos-Dourados?

Perrin permanecia parado ao lado do tronco retorcido de um grande carvalho. Por que o homem falava tanto? Por que estava falando? *Está me atraindo para ele.*

Colando as costas no tronco robusto do carvalho, ele examinou a floresta. Nenhum movimento. O Matador *queria* que ele se aproximasse. Com certeza era uma emboscada. E Perrin queria encontrar o homem e dilacerar a garganta dele. No entanto, poderia acabar morrendo, e, se isso acontecesse, ninguém saberia que o Portal dos Caminhos estava aberto, nem que os Trollocs estavam avançando às centenas, talvez aos milhares. Não entraria no jogo do Matador.

Com um sorriso infeliz, saiu do sonho de lobo, se forçando a acordar, e...

... Faile passou os braços ao redor de seu pescoço e mordiscou sua barba com os dentinhos brancos, enquanto as rabecas dos latoeiros entoavam uma melodia cálida e alegre ao redor das fogueiras. *O pó de Ila. Não consigo acordar!* A consciência de que estava sonhando se esvaneceu. Rindo, tomou Faile nos braços e a conduziu para as sombras, onde a grama era macia.

* * *

O despertar foi um processo lento, embalado pela dor indistinta na lateral do corpo. A luz do dia entrava pelas pequenas janelas. Luz clara. Manhã. Ele tentou se sentar e desabou de volta, com um grunhido.

Faile saltou de um banquinho baixo. Pelo aspecto dos olhos negros, não tinha dormido.

— Fique deitado — mandou. — Você já se debateu demais durante o sono. Não dei tudo de mim tentando impedir você de rolar e acabar enfiando esse troço ainda mais para dentro só para você fazer isso agora, acordado. — Ihvon permanecia parado, encostado na porta feito uma lâmina negra.

— Me ajude a levantar — pediu Perrin. Falar doía, mas respirar também, e ele precisava falar. — Preciso ir até as montanhas. Até o Portal dos Caminhos.

Faile pôs a mão na testa dele, franzindo o rosto.

— Sem febre — murmurou. Depois, mais alto: — Você vai para Campo de Emond, onde uma Aes Sedai vai poder Curá-lo. Você *não* vai se matar tentando cavalgar até as montanhas com uma flecha cravada no corpo. Está me escutando? Se eu ouvir mais uma palavra que seja sobre montanhas ou Portais dos Caminhos, vou mandar Ila preparar outra mistura para você voltar a dormir, e aí você viajar em cima de uma liteira. Talvez até fosse melhor, mesmo.

— Os Trollocs, Faile! O Portal dos Caminhos está aberto outra vez! Preciso impedi-los!

A mulher sequer hesitou antes de balançar a cabeça.

— Você não pode fazer nada em relação a isso, não no estado em que se encontra. Você vai para Campo de Emond e ponto final.

— Mas...!

— Não me venha com “mas”, Perrin Aybara. Nem mais uma palavra.

Ele rangeu os dentes. O pior era que a mulher estava certa. Se não conseguia se levantar sozinho de uma cama, como poderia ir até Manetheren montado em uma sela?

— Campo de Emond — concordou calmamente, mas Faile ainda fungou e resmungou algo sobre “cabeça-dura”. O que ela queria? *Eu fui delicado, e que a Luz a queime por ser tão teimoso!*

— Então chegarão mais Trollocs — comentou Ihvon, pensativo. Não perguntou como Perrin sabia. Depois balançou a cabeça, como se dispensasse a informação. — Avisarei aos outros que você acordou. — Saiu depressa, fechando a porta atrás de si.

— Será que eu sou o único que vê o perigo? — resmungou Perrin.

— Eu vejo uma flecha cravada em você — retrucou Faile, com firmeza.

O lembrete trouxe uma pontada de dor. Perrin sufocou um ganido e ela meneou a cabeça, satisfeita. Satisfeita!

Queria se levantar e partir naquele instante. Quanto mais cedo fosse Curado, mais cedo poderia ir fechar o Portal dos Caminhos, e dessa vez seria definitivamente. Faile insistiu em lhe dar o café da manhã na boca, um caldo espesso com purê de vegetais, próprio para um bebezinho banguela. Uma colherada de cada vez, com pausas para limpar o queixo. E não permitiu que ele comesse sozinho. Quando ele protestava ou pedia que ela acelerasse o ritmo, Faile o fazia engolir de volta as palavras com mais uma colherada de papa. Não permitiu sequer que ele lavasse o próprio rosto. Quando começou a escovar seus cabelos e pentear a barba, Perrin já havia caído em um silêncio digno.

— Você fica lindo de mau humor — comentou ela. E beliscou seu nariz!

Ila, que naquela manhã usava blusa verde e saia azul, subiu no carroção trazendo o casaco e a camisa dele, ambos limpos e cerzidos. Para sua irritação, precisou da ajuda das duas mulheres para se vestir. Precisou de ajuda para se

sentar para se vestir, o casaco desabotoado e a camisa para fora da calça, emboladinha em volta do toco da flecha.

— Obrigado, Ila — disse, passando os dedos pelos remendos caprichados. — A costura está excelente.

— Está mesmo — concordou a mulher. — Faile é muito habilidosa com a agulha.

A jovem enrubesceu, e Perrin abriu um sorriso, pensando em como ela fora firme em dizer que nunca remendaria as roupas dele. Um lampejo nos olhos da garota o fez segurar a língua. Às vezes, o silêncio era a atitude mais sábia.

— Obrigado, Faile — disse, em vez de zombar, em um tom sério.

A jovem enrubesceu ainda mais.

Depois que as mulheres o puseram de pé, Perrin conseguiu chegar à porta sem maiores dificuldades, mas precisou se apoiar nas duas para descer os degraus de madeira. Pelo menos os cavalos estavam selados, e todos os rapazes de Dois Rios, reunidos, os arcos pendurados nas costas. De caras e roupas limpas, com apenas alguns curativos à mostra.

Uma noite com os Tuatha'an fora claramente suficiente para melhorar os ânimos do grupo, mesmo dos que ainda pareciam não conseguir caminhar nem cem passos. Os olhos mostravam apenas um resquício do esgotamento que era evidente na noite anterior. Wil tinha uma bela garota latoeira de olhos grandes em cada braço, é claro, e Ban al'Seen, com aquele nariz e uma atadura na cabeça que fazia o cabelo escuro ficar eriçado como um arbusto, estava de mãos dadas com uma terceira, de sorriso tímido. A maioria dos outros rapazes segurava tigelas com um cozido espesso de vegetais, que eles comiam com gosto.

— Isso é bom, Perrin — comentou Dannil, entregando a tigela vazia para uma mulher latoeira. Ela gesticulou, querendo saber se o varapau comeria mais, e ele balançou a cabeça, mas disse: — Acho que nunca me cansaria de comer isso, e você?

— Já estou satisfeito — respondeu Perrin, em um tom amargo. Purê de vegetais e caldo.

— As garotas latoeiras dançaram, ontem à noite — comentou Tell, irmão de Dannil, os olhos arregalados. — Todas as solteiras, e algumas das casadas! Você devia ter visto, Perrin.

— Já vi latoeiras dançando antes, Tell.

Aparentemente, não conseguira disfarçar o que sentira vendo as moças, pois Faile retrucou, em um tom seco:

— Você já viu a tiganza, foi? Um dia, se for bonzinho, eu danço a saçara para você. Ai vai ver o que é uma dança de verdade. — Ila soltou um arquejo ao reconhecer o nome, e Faile ficou ainda mais corada do que ficara no quarto.

Perrin apertou os lábios. Se essa saçara fizesse o coração bater mais forte do que o gíngado lânguido dos quadris das latoeiras... tiganza, era isso? Definitivamente iria querer assistir a uma dança de Faile. Teve a prudência de não olhar para a jovem.

Raen chegou, vestindo o mesmo casaco verde-claro, porém com calças mais vermelhas do que qualquer uma que Perrin já tivesse visto. A combinação dava dor de cabeça.

— Por duas vezes você visitou nossas fogueiras, Perrin, e, pela segunda vez, vai embora sem uma festa de despedida. Precisa voltar logo, para podemos corrigir esse erro.

Afastando-se de Faile e Ila — conseguia ao menos ficar de pé sozinho — Perrin pousou a mão no ombro do homem forte.

— Venham com a gente, Raen. Ninguém em Campo de Emond fará mal a vocês. Pelo menos é mais seguro do que aqui fora, com os Trollocs.

Raen hesitou, depois sacudiu o corpo, murmurando:

— Não sei como você consegue a proeza de me fazer sequer considerar esse tipo de coisa. — Ele se virou e disse, em voz alta: — Povo, Perrin nos chamou para ir com ele até sua aldeia, onde estaremos a salvo dos Trollocs. Quem deseja ir? — Rostos em choque o encararam de volta. Algumas mulheres puxaram as crianças para perto, que se esconderam debaixo das saias das mães, como se a mera ideia já as assustasse. — Entende, Perrin? — perguntou Raen. — Para nós, a segurança está no deslocamento, não nas aldeias. Garanto a você que não passamos duas noites no mesmo lugar, e viajamos o dia inteiro até parar de novo.

— Talvez isso não seja o bastante, Raen.

O Mahdi deu de ombros.

— Sua preocupação me comove, mas nós vamos ficar a salvo, se for o que a Luz desejar.

— O Caminho da Folha não existe apenas para que não haja violência — interveio Ila, com gentileza — mas para que aceitemos o que vem. A folha cai na hora certa, sem reclamar. A Luz vai nos proteger enquanto não for a nossa hora.

Perrin quis discutir, mas debaixo de toda a ternura e compaixão em seus rostos havia uma firmeza rígida. Achava que conseguiria forçar Bain e Chiad a usar vestidos e abandonar as lanças — ou até mesmo Gaul! — antes de fazer aquela gente ceder um tantinho que fosse.

Raen apertou a mão de Perrin, e, com isso, as mulheres começaram a dar abraços de despedida nos rapazes de Dois Rios e até em Ihvon, e os homens trocaram apertos de mãos, todos rindo e desejando boa viagem, esperando que retornassem. Quase todos. Aram permaneceu afastado em um canto, a testa franzida e as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Na última vez em que o encontrara, Perrin achou que o homem parecia meio azedo, o que era estranho para um latoeiro.

Os homens não se contentaram em apertar a mão de Faile, também a abraçaram. Perrin conseguiu manter a expressão serena quando alguns dos rapazes mais jovens exageraram no entusiasmo, apenas cerrando um pouco os dentes. Conseguiu sorrir. Nenhuma mulher mais jovem que Ila o abraçou. Mesmo quando Faile permitia que algum magrela de casaco pomposo a abraçasse e tentasse dar uns apertões em suas bochechas, parecia dar um jeito de vigiá-lo feito um cão de guarda. As mulheres sem cabelos grisalhos

davam uma olhadela para o rosto dela e escolhiam outra pessoa. Enquanto isso, Wil parecia beijar todas as mulheres do acampamento. Ban também, com aquele nariz. Aliás, até Ihvon estava se divertindo. Seria bem feito para Faile se algum daqueles sujeitos quebrasse suas costelas.

Enfim os latoeiros se afastaram, exceto por Raen e Ila, abrindo um espaço em torno do pessoal de Dois Rios. O homem magro e grisalho se curvou em uma mesura formal, com as mãos no peito.

— Vocês vieram em paz. Partam agora em paz. Nossas fogueiras sempre os receberão. O Caminho da Folha é a paz.

— Que a paz esteja sempre com vocês — respondeu Perrin — e com todo o Povo. — *Luz, que assim seja.* — Eu encontrarei a canção, ou outro a encontrará, mas a canção será cantada, este ano ou em um ano por vir. — Ele se perguntou se algum dia tinha havido uma canção, ou se o início da jornada dos Tuatha'an fora em busca de outra coisa. Elyas dissera que eles não sabiam que canção era, mas saberiam quando a encontrassem. *Que encontrem segurança, ao menos.* — Assim como foi um dia, assim haverá de ser novamente, neste mundo sem fim.

— Mundo sem fim — responderam os Tuatha'an, em um murmúrio solene. — Mundo e tempo sem fim.

Alguns abraços e apertos de mão finais foram trocados enquanto Ihvon e Faile ajudavam Perrin a montar em Galope. Mais alguns beijos de Wil. E Ban. Ban! Mesmo com *aquele* nariz! Outros, os bastante feridos, foram erguidos nos cavalos. Os latoeiros acenavam como se dessem adeus a vizinhos que partiam em uma longa viagem.

Raen veio apertar a mão de Perrin.

— Você não quer reconsiderar? — indagou o rapaz de Dois Rios. — Lembro que disse uma vez que havia maldade solta no mundo. Está pior agora, Raen, e está aqui.

— Que a paz esteja convosco, Perrin — respondeu Raen, com um sorriso.

— E convosco — retrucou o rapaz, em um tom triste.

Os Aiel só apareceram quando o grupo já estava uma milha a norte do acampamento dos latoeiros. Bain e Chiad olharam para Faile antes de seguir adiante, até a posição de sempre. Perrin não sabia ao certo o que as duas pensavam que poderia acontecer com Faile no meio dos Tuatha'an.

Gaul postou-se ao lado de Galope, caminhando a passos largos sem esforço. O grupo não avançava muito depressa, com metade dos homens a pé. Ele lançou um olhar avaliativo a Ihvon, como de costume, antes de virar-se para Perrin.

— Sua ferida melhorou?

A ferida doía terrivelmente. Cada passo do cavalo dava um solavanco naquele toco de flecha.

— Estou ótimo — respondeu, sem cerrar os dentes. — Talvez consiga até dançar em Campo de Emond, hoje à noite. E você? Passou uma noite boa jogando O Beijo da Donzela? — Gaul tropeçou e quase caiu de cara no chão. — O que houve?

— Quem foi que você ouviu sugerir esse jogo? — perguntou o Aiel, baixinho, com o olhar fixo à frente.

— Chiad. Por quê?

— Chiad — resmungou Gaul. — A mulher é Goshien. Goshien! Eu devia levá-la de volta às Águas Quentes como *gai'shain*. — As palavras pareciam raivosas, mas não no tom singular do homem. — Chiad.

— Pode me dizer qual é o problema?

— Um Myrddraal tem menos astúcia que uma mulher — respondeu Gaul, impassível — e um Trolloc luta com mais honra. — Depois de um instante acrescentou, em um tom feroz e mais baixo: — E um bode é mais sensato.

Então apressou o passo e correu adiante para juntar-se às Donzelas. Não falou com elas, pelo que Perrin pôde perceber, apenas reduziu a marcha para caminhar ao lado das duas.

— Você entendeu alguma coisa? — perguntou Perrin a Ihvon.

O Guardião balançou a cabeça.

Faile fungou com desdém.

— Se ele está pensando em causar problemas a elas, as duas vão pendurá-lo de cabeça para baixo em um galho, para esfriar a cabeça.

— Você entendeu? — perguntou Perrin. Faile continuou andando, sem olhar para ele nem responder, o que Perrin interpretou como uma negativa. — Acho que talvez precise cruzar outra vez com o acampamento de Raen. Tem muito tempo que não vejo a tiganza. Foi... interessante.

Ela resmungou algo entre dentes, mas ele entendeu: “Você é que devia ser pendurado de cabeça para baixo!”

Perrin olhou para baixo e abriu um sorriso.

— Mas não vou precisar. Você prometeu dançar essa tal de sa'sara para mim. — Um rubor subiu pelo rosto da jovem. — É parecida com a tiganza? Quer dizer, se não for, não faz muito sentido.

— Seu idiota descerebrado! — gritou ela, de repente, cravando os olhos em Perrin. — Homens deitaram seus corações e fortunas aos pés de mulheres que dançaram a sa'sara. Se minha mãe suspeitasse que sei dançar...

Faile cerrou os dentes, como se tivesse falado demais, e voltou a olhar para a frente. O rubor a cobria por inteiro, desde os cabelos escuros até o decote do vestido.

— Não tem motivo para você dançar — murmurou ele. — Meu coração e fortuna já estão inteirinhos a seus pés.

Faile tropeçou, depois riu baixinho e pressionou o rosto contra a panturrilha dele, coberta pela bota.

— Você é esperto demais — sussurrou. — Um dia vou dançar para você, e seu sangue vai ferver.

— Você já faz isso comigo — respondeu Perrin, e a jovem riu outra vez.

Ela enfiou o braço por trás do estribo e abraçou a perna dele enquanto caminhava.

Depois de um tempo, nem a ideia de Faile dançando — ele imaginou como seria, exagerando a dança das lateiras, mas tinha que ser muito impressionante para superar — era capaz de competir com a dor na lateral

do corpo. Cada passo de Galope era uma agonia. Ele se aguentava com as costas bem retas. Parecia doer um pouquinho menos se sentasse desse jeito. Além do mais, não queria estragar a injeção de ânimo que os Tuatha'an tinham dado ao grupo. Os outros homens também estavam empertigados nas selas, mesmo os que no dia anterior pareciam cabisbaixos e coxos. E Ban, Dannil e os outros caminhavam de cabeça erguida. Perrin não seria o primeiro a esmorecer.

Wil começou a assobiar “Voltando da Falha de Tarwin”, e uns três ou quatro o acompanharam. Depois de um tempo, Ban começou a cantar, a voz grave e clara:

*“Minha casa espera por mim,
e a moça que deixei para trás.
Dos tesouros que esperam por mim,
esse é o que desejo mais.
De olhos alegres e um sorriso para adoçar,
com abraços quentes e lindo caminhar,
e beijos ferventes para me amansar.
Tesouro maior em minha mente não há.”*

Outros se juntaram no segundo verso, e logo todos estavam cantando, até Ihvon. E Faile. Não Perrin, naturalmente. Muita gente já tinha dito que ele cantava igual a um sapo esmagado. Alguns até começaram a caminhar no compasso da canção.

*“Ora, a sombria Fenda de Tarwin eu vi,
E uma horda de Trollocs conheci.
De um Meio-homem um ataque sofri,
e na cara fria da morte sorri.
Mas uma linda garota espera por mim
na macieira, para uma dança e beijos sem fim...”*

Perrin balançou a cabeça. Um dia antes, eles estavam prontos para fugir e se esconder. Hoje, cantavam sobre uma batalha tão antiga que deixara em Dois Rios apenas a lembrança dessa canção. Talvez estivessem virando soldados. Teriam de virar, a menos que ele conseguisse fechar o Portal dos Caminhos.

Fazendas começaram a aparecer com mais frequência, mais próximas, até que o grupo se viu cruzando um trecho de terra batida entre campos margeados por cercas-vivas ou muros baixos de pedra bruta. Fazendas abandonadas. Ninguém ali era apegado à terra.

O grupo chegou à Estrada Velha, que corria a norte do Rio Branco, o Manetherendrelle, por Trilha de Deven até Campo de Emond. Enfim começaram a ver ovelhas nos pastos, agrupadas aos montes como se fossem rebanhos de doze homens reunidos, com dez pastores onde antes teriam

visto um, metade deles homens feitos. Pastores levando arcos os observaram passar, cantando a plenos pulmões, sem saber muito bem o que pensar.

Perrin também não soube o que pensar de sua primeira visão de Campo de Emond, e, pelo jeito como a cantoria titubeou e morreu, nem os outros homens de Dois Rios.

As árvores, cercas e sebes mais próximas da aldeia haviam simplesmente desaparecido, sido cortadas. As casas mais a oeste de Campo de Emond um dia estiveram rodeadas das árvores da orla da Floresta do Oeste. Os carvalhos e folhas-de-couro entre as casas permaneciam, mas a floresta começava a quinhentos passos, a distância de uma flechada longa, e os machados ressoavam enquanto os homens trabalhavam para cortar ainda mais troncos. Fileiras e mais fileiras de estacas da altura da cintura de um homem, cravadas inclinadas no chão, rodeavam a aldeia a curta distância das casas, formando um cercado contínuo de pontas afiadas, exceto onde passava a estrada. Nos intervalos entre as estacas havia homens parados feito guardas, alguns vestindo partes de armaduras antigas ou camisas de couro com discos de aço enferrujado costurados, uns poucos usando quepes velhos e amassados, com lanças de caça, alabardas desenterradas dos sótãos ou ganchos presos a bastões compridos. Mais homens, e também alguns garotos, todos com arcos nas mãos, vigiavam do alto de alguns dos telhados de sapê. Levantaram-se ao avistar Perrin e os outros chegando e gritaram para os que estavam embaixo.

Ao lado da estrada, atrás das estacas, havia uma geringonça feita de madeira e uma corda grossa retorcida e, bem perto, uma pilha de pedras maiores que uma cabeça humana. Ihvon percebeu a cara fechada de Perrin, enquanto se aproximavam.

— Catapultas — comentou o Guardião. — Já são seis. Seus carpinteiros souberam o que fazer, quando Tomas e eu mostramos como eram as máquinas. As estacas impedirão a investida dos Trollocs ou dos Mantos-brancos, qualquer um dos dois. — Pelo tom, o homem poderia estar falando sobre a possibilidade de mais chuvas.

— Eu disse que sua aldeia estava se preparando para se defender sozinha. — Faile soava firme e orgulhosa, como se a aldeia fosse dela. — Um povo forte, para uma terra tão branda. Quase poderiam ser de Saldaea. Moiraine sempre disse que o sangue de Manetheren ainda corre forte por aqui.

Perrin só conseguiu balançar a cabeça.

As ruas de terra batida estavam quase apinhadas o bastante para uma cidade, os espaços entre as casas, repletos de carros e carroções. Dava para ver ainda mais gente atrás das portas abertas e janelas sem cortinas. A multidão abriu espaço para Ihvon e os Aiel, e murmúrios e sussurros os acompanharam pela rua.

— É Perrin Olhos-Dourados.

— Perrin Olhos-Dourados.

— Perrin Olhos-Dourados.

Querida que o povo não fizesse aquilo. Aquela gente o conhecia, ao menos alguns deles. O que pensavam que estavam fazendo? Lá estava Neysa Ayellin,

com sua cara de cavalo, que lhe dera umas palmadas no bumbum aos dez anos de idade, naquela vez em que Mat o convencera a roubar uma de suas tortas de groselha. E Cilia Cole, com bochechas rosadas e olhos grandes, a primeira garota que beijara, ainda roliça e atraente. E Pel Aydaer, com seu cachimbo e sua cabeça careca, que ensinara Perrin a caçar trutas com as mãos. Além da própria Daise Congar, uma mulher alta e corpulenta que fazia Alsbet Luhhan parecer meiga, e seu marido, Wit, um homem magrelo, sempre sobrepujado pela esposa. Todos o encaravam e sussurravam para o povo de fora, que talvez não soubesse quem ele era. Quando o velho Cenn Buie ergueu um garoto nos ombros, apontando para Perrin e falando de um jeito animado, o rapaz grunhiu. Estavam todos loucos.

O povo da aldeia acompanhou seu grupo, uma marcha que suscitou uma onda de murmúrios. Galinhas corriam por todos os cantos, por entre os pés das pessoas. Os gritos de bezerros e guinchos de porcos nos currais competiam com o barulho dos humanos. Ovelhas se apinhavam pelo campo comunitário, e vacas leiteiras malhadas pastavam a grama na companhia de gansos cinza e brancos.

Bem no meio do campo comunitário havia um poste comprido com um estandarte branco de bordas vermelhas no topo. O tecido tremulava devagar, exibindo a cabeça vermelha de um lobo. Perrin encarou Faile, mas a jovem balançou a cabeça, tão surpresa quanto ele.

— Um símbolo.

Perrin não tinha ouvido Verin se aproximar, mas agora percebia os sussurros baixinhos de “Aes Sedai” ao redor dela. Ihvon não parecia surpreso. O povo a encarava, assombrado.

— O povo precisa de símbolos — prosseguiu Verin, pousando a mão no ombro de Galope. — Quando Alanna contou aos aldeões o quanto os Trollocs temiam os lobos, todo mundo começou a achar esse estandarte uma ótima ideia. Você não concorda, Perrin? — Haveria uma frieza na voz dela? Seus olhos escuros o encaravam, feito os de um pássaro. Um pássaro prestes a apanhar um verme?

— Fico me perguntando o que a Rainha Morgase vai pensar disso — comentou Faile. — Isso aqui faz parte de Andor. Rainhas não gostam muito de ver estandartes estranhos sendo erguidos em seus domínios.

— São só linhas num mapa — retrucou Perrin. Era bom estar parado. A flecha parecia ter diminuído um pouquinho o latejar. — Eu nem sabia que essa terra era parte de Andor antes de ir a Caemlyn. E duvido que muita gente por aqui saiba.

— Os governantes têm a tendência de acreditar nos mapas, Perrin. — Não havia dúvidas quanto à frieza na voz de Faile. — Quando eu era pequena, havia algumas partes de Saldaea que não viam um coletor de impostos há cinco gerações. Quando meu pai conseguiu desviar a atenção da Praga por um tempinho, Tenobia garantiu que o povo de lá soubesse quem era a rainha.

— Isso aqui é Dois Rios — respondeu ele, abrindo um sorriso — não Saldaea. — Eles pareciam muito ameaçadores, esse povo de Saldaea. Quando Perrin virou-se de volta para Verin, o sorriso transformou-se em uma careta de

desgosto. — Pensei que você estivesse... escondendo... quem é. — Não sabia o que era mais perturbador: uma Aes Sedai em segredo, ou uma Aes Sedai às claras.

A mão da mulher pairou a um milímetro do toco de flecha quebrada que se projetava da lateral do corpo de Perrin. O entorno da ferida começou a formigar.

— Ah, isso não é bom — murmurou. — Acertou a costela e infeccionou, apesar do cataplasma. Acho que vou precisar de Alanna. — Ela piscou e recolheu a mão. O formigamento também desapareceu. — O quê? Escondendo? Ah. Com tudo o que veio à tona, não conseguimos mais permanecer escondidas. Acho que poderíamos ter... ido embora. Mas você não iria querer isso, não é mesmo? — Lá estava outra vez aquele olhar penetrante e avaliador, feito o de um pássaro.

Perrin hesitou, mas enfim soltou um suspiro.

— Acho que não.

— Ah, que bom ouvir isso — respondeu a mulher, com um sorriso.

— Por que você veio para cá, Verin, de verdade?

A Aes Sedai pareceu não ouvi-lo. Ou não quis ouvir.

— Agora temos que ver esse seu problema. E esses outros rapazes também precisam de cuidados. Alanna e eu vamos tratar dos piores, mas...

Os outros homens ficaram tão atônitos com o que encontraram quanto ele. Bançou a cabeça ao olhar o estandarte, e alguns ficaram apenas olhando ao redor, estupefatos. Mas a maioria encarava Verin, todos apreensivos e de olhos arregalados. Sem dúvida haviam ouvido os sussurros de “Aes Sedai”. O próprio Perrin percebeu que não escapava totalmente àqueles olhares, já que estava de conversa com uma Aes Sedai, como se fosse qualquer mulher da aldeia.

Verin devolveu o olhar do grupo, então, de súbito, sem nem olhar, esticou o braço para trás e apanhou uma garota de uns dez ou doze anos dentre os espectadores. A garota, de cabelos longos e escuros presos com fitas azuis, enrijeceu com o choque.

— Você conhece Daise Congar, garota? — perguntou Verin. — Bom, vá atrás dela e diga que tem homens feridos precisando de umas ervas da Sabedoria. E mande-a se apressar. Diga que não tenho paciência para a empáfia dela. Entendeu? Agora vá.

Perrin não reconheceu a garota, mas era evidente que ela conhecia Daise, pois se encolheu com a mensagem. Ainda assim, Verin era Aes Sedai. Depois de um instante avaliando o que era pior — Daise Congar ou uma Aes Sedai — a menina disparou pela multidão.

— Alanna vai dar um jeito em você — disse Verin, encarando-o outra vez.

Perrin desejou que as palavras dela não dessem margem a tantas interpretações.





CUIDAR DOS VIVOS

Verin tomou a rédea de Galope e conduziu-o até a estalagem Fonte de Vinho, a multidão se abrindo como uma onda para lhe dar passagem. Dannil, Ban e os outros vinham em seguida, a cavalo e a pé, já com os parentes se aproximando. Por mais pasmos que estivessem com as mudanças em Campo de Emond, os rapazes ainda exibiam seu orgulho ao avançar, fosse mancando ou empertigando-se nas selas; haviam enfrentado Trollocs e retornado para casa. As mulheres, porém, tocavam os filhos, sobrinhos e netos, com frequência engolindo o choro, e seus gemidos baixos formavam um murmúrio suave e dolorido. Homens de olhos apertados tentavam esconder as preocupações por detrás de sorrisos orgulhosos, com tapinhas nos ombros e exclamações a respeito das barbas recém-surgidas, mas seus abraços por vezes acabavam se tornando uma busca por consolo. As namoradas iam, às pressas, ao encontro deles, em meio a beijos e gritos, exibindo a mesma dose de alegria e comiseração, e irmãos e irmãs mais novos, confusos, alternavam ataques de choro e agarravam, com olhos arregalados de admiração, o irmão que todos pareciam considerar um herói.

Foram as outras vozes que Perrin desejou não ouvir.

— Onde está Kenley? — A Senhora Ahan era uma bela mulher, com mechas brancas na trança quase negra, mas perscrutava os rostos com o cenho franzido, tomado pelo medo, enquanto via outros olhares se desviarem do dela. — Onde está o meu Kenley?

— Bili! — chamou, indeciso, o velho Hu al'Dai. — Alguém viu Bili al'Dai?

— ... Hu...!

— ... Jared...!

— ... Tim...!

— ... Colly...!

Na frente da estalagem, Perrin desceu da sela, precisando escapar de todos aqueles nomes, sem nem sequer ver que mãos o haviam resgatado.

— Me leve para dentro! — exclamou ele. — Para dentro!

— ... Teven...!

— ... Haral...!

— ... Had...!

A porta cortou o som dos lamentos desconsolados e dos gritos da mãe de Dael al'Taron pedindo que lhe dissessem onde estava seu filho.

No caldeirão de um Trolloc, pensava Perrin enquanto era colocado em uma cadeira no salão. Na barriga de um Trolloc, onde eu o coloquei, Senhora al'Taron. Onde eu o coloquei. Faile segurou seu rosto e o observou, preocupada. Cuidar dos vivos, ele pensou. Depois eu choro pelos mortos. Depois.

— Eu estou bem — disse a ela. — Só fiquei um pouco tonto com a descida. Nunca fui muito bom cavaleiro.

Ela não parecia acreditar.

— Você não pode fazer alguma coisa? — inquiriu Faile a Verin.

A Aes Sedai balançou a cabeça calmamente.

— Acho melhor não, criança. Uma pena que nenhuma de nós seja Amarela, mas Alanna ainda é bem melhor Curandeira do que eu. Meus Talentos estão em outras áreas. Ihvon foi buscá-la. Seja paciente, criança.

O salão havia sido transformado em uma espécie de arsenal. Exceto diante da lareira, as paredes todas haviam se transformado em uma massa sólida de lanças de todos os tipos penduradas, com algumas alabardas no meio, além de varões com lâminas em formatos estranhos, muitas esburacadas e descoloridas onde ferrugens antigas haviam sido removidas. E, mais surpreendente, um barril próximo ao pé da escada continha espadas amontoadas, a maioria sem bainha; cada uma diferente da outra. Cada sôtão em um raio de cinco milhas decerto fora revirado em busca de relíquias acumulando poeira por gerações. Perrin suspeitava de que não houvesse sequer cinco espadas em todo o território de Dois Rios. Pelo menos não antes da chegada dos Mantos-brancos e Trollocs.

Gaul arrumou um cantinho e ficou ali, perto das escadas que levavam aos quartos da estalagem e aos aposentos dos al'Vere, observando Perrin, mas também claramente atento a Verin e a todos os seus movimentos. Do outro lado do salão, observando Faile e todos os outros, as duas Donzelas apoiaram suas lanças na dobra do cotovelo e assumiram uma postura relaxada, que parecia displicente, porém muito segura. Os três jovens que haviam-no carregado para dentro moviam-se perto da porta, encarando Perrin, a Aes Sedai e os Aiel com olhos igualmente arregalados. Isso era tudo.

— Os outros — disse Perrin. — Eles precisam...

— Eles vão receber cuidados — interrompeu Verin, com delicadeza, sentando-se diante de outra mesa. — Vão querer ficar com as famílias. É bem melhor ter por perto seus entes queridos.

Perrin sentiu uma pontada de dor — um lampejo dos túmulos sob as macieiras lhe veio à mente — mas ele a repeliu. *Cuidar dos vivos*, lembrou a si mesmo severamente. A Aes Sedai pegou sua pena e tinta e começou a rabiscar

anotações naquele livrinho, com uma caligrafia precisa. Ele se perguntou se para ela fazia diferença quantas pessoas de Dois Rios morreriam, contanto que ele permanecesse vivo para ser usado nos planos que a Torre Branca tinha para Rand.

Faille lhe apertou a mão, mas foi com a Aes Sedai que ela falou:

— Não é melhor levá-lo para uma cama?

— Ainda não — respondeu Perrin, irritado. Verin ergueu os olhos e abriu a boca, e ele repetiu, em um tom mais firme: — Ainda não. — A Aes Sedai deu de ombros e retornou às anotações. — Alguém sabe onde está Loial?

— O Ogier? — perguntou um dos três parados na porta. Dav Ayellin era mais troncudo que Mat, mas tinha aquele mesmo brilho nos olhos escuros. Tinha também o mesmo aspecto amarrutado e despenteado de Mat. Nos velhos tempos, as travessuras que Mat não aprontava acabavam nas mãos de Dav, embora em geral Mat as liderasse. — Está lá fora com os homens, abrindo a Floresta do Oeste. A cada árvore que cortamos, parece que é um irmão dele que está sendo derrubado, mas ele derruba três de uma vez com aquele machado monstruoso que mandou Mestre Luhhan fazer. Se quiser que ele venha, eu vi Jaim Thane correndo para contar a eles que você chegou. Aposto que vão todos vir dar uma olhada em você. — Espiando o cotoco de flecha, ele se contraiu e esfregou a lateral do próprio corpo em solidariedade. — Está doendo muito?

— O bastante — respondeu Perrin, curto e grosso. Vir dar uma olhada nele. *E eu sou o quê, um menestrel?* — E Luc? Não quero vê-lo, mas ele está aqui?

— Receio que não. — O segundo homem, Elam Dowtry, esfregou o nariz comprimido. Apesar do casaco de lã de fazendeiro e do topete, ele portava uma espada no cinto; o cabo fora envolto recentemente em couro cru, e a bainha de couro estava descamada e puída. — Lorde Luc está caçando a Trombeta de Valere, eu acho. Ou talvez Trollocs.

Dav e Elam eram amigos de Perrin, ou haviam sido, companheiros de caça e pesca, ambos de idade bastante próxima à dele, mas os sorrisos emocionados os faziam parecer mais jovens. Tanto Mat quanto Rand poderiam se passar por pelo menos cinco anos mais velhos. Talvez ele também pudesse.

— Espero que ele volte logo — prosseguiu Elam. — Está me ensinando a usar uma espada. Você sabia que ele é Caçador da Trombeta? E seria rei, se valessem seus direitos. De Andor, ouvi dizer.

— Andor tem rainhas — resmungou Perrin, distraído, encarando Faille —, não reis.

— Então ele não está aqui — disse ela. Gaul se remexeu sutilmente; de olhos azuis e gélidos, parecia pronto para ir atrás de Luc. Perrin não teria se surpreendido se Bain e Chiad baixassem os véus ali mesmo onde estavam.

— Não — disse Verin, distraída, manifestando mais interesse nas anotações do que no que estava dizendo. — Não que ele não ajude de vez em quando, mas sempre dá um jeito de arrumar confusão quando está presente. Ontem, sem que ninguém soubesse, ele conduziu uma delegação até uma patrulha de Mantos-brancos e disse que Campo de Emond estava fechado para eles. Aparentemente mandou que não se aproximassem mais de dez milhas. Eu

não aprovo os Mantos-brancos, mas suponho que não tenham aceitado isso muito bem. Não é sensato hostilizá-los mais que o estritamente necessário. — Ela franziu o rosto para o que havia escrito e esfregou o nariz, aparentemente sem perceber que o sujara de tinta.

Perrin não estava ligando muito para como os Mantos-brancos aceitavam qualquer coisa.

— Ontem. — Ele suspirou. Se Luc tinha voltado para a aldeia no dia anterior, não seria muito provável que tivesse qualquer coisa a ver com a chegada inesperada dos Trollocs. Quanto mais Perrin pensava em como aquela emboscada se desenrolara, mais pensava que os Trollocs deviam estar à espera do grupo. E mais sentia vontade de culpar Luc. — Para transformar pedra em queijo não basta só querer — murmurou ele. — Mas esse sujeito ainda me cheira a queijo.

Dav e os outros dois se entreolharam, desconfiados. Perrin supôs que não estava soando muito sensato.

— Foi um bando de Coplin, basicamente — afirmou o terceiro rapaz com uma voz profunda e assustada. — Darl, Hari, Dag e Ewal. E Wit Congar. Daise deu uma bronca nele.

— Ouvi dizer que todos eles gostavam dos Mantos-brancos. — Perrin achou que o sujeito de voz grave era familiar. Era uns dois ou três anos mais moço que Elam e Dav, além de uma polegada mais alto, de rosto magro, mas ombros largos.

— Gostavam. — O sujeito deu uma risada. — Você sabe como eles são. Tendem a simpatizar com qualquer coisa que cause problemas aos outros. Desde que Lorde Luc começou o falatório, ficaram todos a favor de marchar até Colina da Vigília e mandar os Mantos-brancos caírem fora de Dois Rios. Ou, pelo menos, ficaram a favor de alguém marchar até lá. Acho que não pretendiam estar na dianteira do grupo.

Se aquele rosto fosse mais redondo e aquele corpo meio pé mais baixo...

— Ewin Finngar! — exclamou Perrin. Não podia ser; Ewin era uma praga gordinha, que vivia guinchando e tentando se meter nas reuniões dos mais velhos. E aquele rapaz ali, quando parasse de crescer, teria o tamanho de Perrin ou mais. — É você?

Ewin assentiu, escancarando um sorriso.

— Ouvimos falar de você, Perrin, enfrentando Trollocs e vivendo todo tipo de aventuras pelo mundo, ao que dizem — comentou o rapaz, com aquela voz surpreendentemente grave. — Ainda posso chamar você de Perrin, não posso?

— Luz, pode! — exclamou ele. Estava mais do que cansado daquela história de Olhos-Dourados.

— Queria ter ido com você no ano passado. — Dav esfregou as mãos, ansioso. — Voltar para casa com Aes Sedai, e Guardiões, e um Ogier. — Ele falava como se fossem troféus. — Eu só faço pastorear e ordenhar vacas, pastorear e ordenhar vacas. E capinar, e cortar lenha. Você tirou a sorte grande.

— Como é que foi? — perguntou Elam, esbaforido. — Alanna Sedai disse que vocês foram até a Grande Praga, e ouvi dizer que viram Caemlyn e Tear. Como é uma cidade? É mesmo dez vezes maior que Campo de Emond? Você viu algum palácio? Há Amigos das Trevas nas cidades? A Praga é mesmo cheia de Trollocs, e Desvanecidos, e Guardiões?

— Foi um Trolloc que deixou essa cicatriz em você? — Com voz de touro ou não, Ewin conseguiu emitir uma espécie de guincho de empolgação. — Eu queria ter uma cicatriz. Você viu alguma rainha? Ou rei? Acho que eu ia preferir ver uma rainha, mas um rei também seria incrível. Como é a Torre Branca? É grande feito um palácio?

Faile sorria, bem-humorada, mas Perrin piscava diante da enxurrada de perguntas. Teriam eles se esquecido dos Trollocs na Noite Invernal, se esquecido dos Trollocs no campo naquele exato momento? Elam agarrou o punho da espada como se quisesse partir para a Praga imediatamente, Dav pôs-se nas pontas dos pés, os olhos brilhando, e Ewin quase agarrou a gola de Perrin. Aventura? Que idiotas. No entanto, tempos difíceis estavam por vir, mais difíceis do que Dois Rios viu até então, temia. Não faria mal se demorasse um pouquinho mais até que descobrissem a verdade.

A lateral de seu corpo doía, mas ele tentou responder. Os rapazes se decepcionaram ao saber que ele nunca tinha visto a Torre Branca, nem um rei ou uma rainha. Ele achava que Berelain poderia se passar por rainha, mas na presença de Faile não havia meio de mencionar a mulher. Outros assuntos que ele evitou: Falme, o Olho do Mundo, os Abandonados, *Callandor*. Eram assuntos perigosos, que levavam inevitavelmente ao Dragão Renascido. Ele pôde contar um pouco sobre Caemlyn, no entanto, e sobre Tear, as Terras da Fronteira e a Praga. Era estranho o que o grupo aceitava e o que não aceitava. A paisagem corrompida da Praga, que parecia apodrecer a vista de todos, eles engoliram, e os soldados shienaranos de rabos de cavalo, e os *pousos* Ogier onde as Aes Sedai não conseguiam manejar o Poder e os Desvanecidos eram relutantes em adentrar. Já o tamanho da Pedra de Tear e a imensidão das cidades...

Sobre suas próprias supostas aventuras, ele disse:

— Basicamente, venho tentando não ter a cabeça decepada. É isso o que as aventuras são. Isso, e encontrar um lugar para dormir à noite e algo para comer. Viver aventuras dá bastante fome, e inclui dormir com muito frio, ou molhado, ou os dois.

Eles pareceram não gostar muito, nem acreditar mais do que acreditavam que a Pedra era do tamanho de uma pequena montanha. Ele lembrou a si mesmo que também conhecia pouquíssimo do mundo antes de deixar Dois Rios. Não foi de muita ajuda. Jamais havia se impressionado daquele jeito. Ou já? O salão estava quente. Ele teria tirado o casaco, mas se mexer demandava esforço demais.

— E Rand e Mat? — inquiriu Ewin. — Se tudo se resume a sentir fome e pegar chuva, por que eles também não voltaram para casa?

Tam e Abell haviam entrado, Tam com uma espada presa no cinturão do casaco, ambos portando arcos — por mais estranho que fosse, a espada

parecia apropriada a Tam, com ou sem casaco de fazendeiro — então ele contou o mesmo que tinha contado antes: Mat em jogatins e bebedeiras nas tavernas, atrás de garotas, e Rand de casaco chique, com uma bela loura nos braços. Descreveu Elayne como uma lady, imaginando que eles jamais acreditariam que se tratava da Filha-herdeira de Andor, e as expressões de incredulidade dos homens comprovaram suas suspeitas. Ainda assim tudo pareceu satisfatório, o tipo de coisa que eles queriam ouvir, e a descrença se esvaiu um pouco quando Elam apontou que Faile era uma lady e parecia gostar mesmo de Perrin. Isso o fez abrir um sorriso; ele se perguntou o que os homens diriam se soubessem que ela era prima de uma rainha.

Faile, por alguma razão, já não parecia mais estar se divertindo. Virou-se para os homens com um olhar de fazer frente ao mais ativo de Elayne, obstinado e impossível.

— Vocês já o atormentaram demais. Ele está ferido. Saíam daqui, agora.

Espantosamente, os homens curvaram-se em mesuras desajeitadas — Dav entortou a perna de um jeito estranho, parecendo um completo idiota — murmuraram pedidos de desculpa afobados — para ela, não para ele! — e viraram-se para sair. A partida foi retardada pela chegada de Loial, que inclinou-se para passar pelo batente, os cabelos desganhados roçando a viga de cima. Os homens encararam o Ogier quase como se o estivessem vendo pela primeira vez — depois olharam para Faile e partiram, apressados. Aquele seu olhar frio de lady funcionava muito bem.

Quando Loial se empertigou, sua cabeça quase bateu no teto. Os espaçosos bolsos do casaco exibiam, como de costume, o formato quadrado dos montes de livros, mas ele trazia um imenso machado. O cabo era quase da altura de Perrin, e a cabeça, do formato da de um machado de cortar madeira, era pelo menos do tamanho de seu machado de batalha.

— Você está ferido — disse ele, com a voz estrondosa, assim que seu olhar parou em Perrin. — Me disseram que tinha voltado, mas não que estava ferido, senão eu teria vindo mais depressa.

O machado deu um susto em Perrin. Entre os Ogier, a expressão “pôr um cabo longo no machado” significava estar com pressa ou com raiva — os Ogier, por alguma razão, pareciam não conseguir enxergar diferença entre as duas coisas. Loial de fato parecia irritado, com as orelhas peludas para trás e as sobrançelas caídas por cima das imensas bochechas, contraídas em uma carranca. Por ter de cortar árvores, sem dúvida, Perrin queria ficar sozinho com ele e descobrir se tinha visto algo mais a respeito do comportamento de Alanna. Ou de Verin. Ele esfregou o rosto e ficou surpreso em encontrá-lo seco; sentia como se estivesse suando.

— Ele também é teimoso — disse Faile, virando-se para Perrin com o mesmo olhar controlador que havia usado com Dav, Elam e Ewin. — Você deveria estar na cama. Onde está Alanna, Verin? Se ela é quem vai Curá-lo, onde ela está?

— Ela vai vir. — A Aes Sedai não ergueu o olhar. Estava outra vez com o livrinho, de cenho franzido, pensativa, a caneta suspensa.

— Ele ainda deveria estar numa cama!

— Vou ter tempo para isso depois — retrucou Perrin com firmeza. Sorriu para ela, para suavizar as palavras, mas o sorriso só conseguiu deixá-la preocupada e resmungando “teimoso” entre dentes. Ele não podia perguntar a Loial sobre a Aes Sedai na frente de Verin, mas havia outra coisa pelo menos tão importante quanto. — Loial, o Portal dos Caminhos está aberto, e os Trollocs estão vindo. Como pode uma coisa dessas?

As sobrancelhas do Ogier afundaram ainda mais, e suas orelhas murcharam.

— Culpa minha, Perrin — respondeu ele, com o vozeirão, em tom de pesar. — Eu coloquei as duas folhas de *Avendesora* do lado de fora. Assim tranquei o Portal dos Caminhos por dentro, mas por fora qualquer um ainda poderia abrir. Os Caminhos permaneceram obscuros por muitas gerações, mas ainda assim nós os cultivamos. Não tive coragem de destruir o Portal. Me desculpe, Perrin. É tudo culpa minha.

— Eu nem acreditava que um Portal dos Caminhos *pudesse* ser destruído — disse Faile.

— Não quis dizer exatamente destruir. — Loial apoiou o corpo no machado de cabo longo. — Uma vez um Portal dos Caminhos foi destruído, menos de quinhentos anos depois da Ruptura, segundo Damelle, filha de Ala, filha de Soferra, porque o Portal ficava perto de um *pouso* que havia sucumbido à Praga. Existem dois ou três Portais perdidos na Praga. Mas ela escreveu que foi muito difícil e requereu o trabalho conjunto de treze Aes Sedai com um *sa’angreal*. Outra tentativa sobre a qual ela escreveu, com apenas nove Aes Sedai, durante as Guerras dos Trollocs, danificou o Portal de tal forma que as Aes Sedai foram arrastadas... — Ele parou, as orelhas retorcidas de constrangimento, e cutucou o narigão. Todos o encaravam, até Verin e os Aiel. — Às vezes eu me empolgo. O Portal dos Caminhos. Sim. Eu não consigo destruí-lo, mas, se eu remover completamente as duas folhas de *Avendesora*, elas vão morrer. — Ele fez uma careta, pensativo. — O único meio de abrir outra vez o Portão é os Anciões trazerem o Talismã do Crescimento. Embora eu suponha que uma Aes Sedai consiga fazer um buraco nele. — Dessa vez ele estremeceu. Danificar um Portal dos Caminhos talvez fosse para ele o mesmo que despedaçar um livro. Um instante depois a expressão sombria retornou a seu rosto. — Vou para lá agora.

— Não! — disse Perrin bruscamente. A ponta da flecha latejava, mas na verdade já não doía mais. Ele estava falando demais; tinha a garganta seca. — Há Trollocs lá, Loial. Podem meter um Ogier num caldeirão tanto quanto um humano.

— Mas, Perrin, eu...

— Não, Loial. Como é que você vai escrever seu livro se for embora e acabar morrendo?

As orelhas de Loial se contorceram.

— É minha responsabilidade, Perrin.

— A responsabilidade é minha — disse Perrin, com delicadeza. — Você me falou o que estava fazendo com o Portal dos Caminhos, e eu não sugeri nada diferente. Além do mais, do jeito que você pula toda vez que alguém

menção a sua mãe, não quero que ela venha atrás de mim. Eu vou, assim que Alanna me Curar e tirar essa flecha do meu corpo. — Ele limpou a testa, depois franziu o cenho e olhou a mão. Sem suor. — Posso beber um pouco d'água?

Em um instante Faile estava a seu lado, os dedos frios onde antes estivera a mão dele.

— Ele está ardendo em febre! Verin, não podemos esperar Alanna. Você precisa...!

— Estou aqui — anunciou a Aes Sedai de pele escura, surgindo pela porta dos fundos do salão, com Marin al'Vere e Alsbet Luhhan a seu lado e Ihvon logo atrás. Perrin sentiu a fígada do Poder antes que a mão de Alanna substituísse a de Faile, e ela acrescentou, em um tom frio e sereno: — Leve-o para a cozinha. A mesa lá é bem grande para que possamos deitá-lo. Rápido. Não temos muito tempo.

Perrin ficou tonto, e de súbito percebeu que estava sendo erguido e carregado por Loial, que havia apoiado o machado ao lado da porta.

— O Portal dos Caminhos é meu, Loial. — *Luz, mas que sede.* — Minha responsabilidade.

O toco de flecha de fato não doía tanto quanto antes, mas seu corpo inteiro estava dolorido. Loial o levava a algum lugar, abaixando-se ao passar pelas portas. Havia a Senhora Luhhan mordendo o lábio, os olhos apertados como se fosse chorar. Ele se perguntou por quê. Ela nunca chorava. A Senhora al'Vere também parecia preocupada.

— Senhora Luhhan — murmurou ele — minha mãe diz que eu posso ser aprendiz de Mestre Luhhan. — Não. Aquilo foi muito tempo antes. Era... o que era? Ele não se lembrava direito.

Estava deitado em uma superfície rígida, escutando Alanna falar:

— ... tem farpas tanto no osso quanto na carne, e a ponta da flecha está retorcida. Preciso realinhá-la com a primeira ferida e puxá-la. Se ele não morrer de choque, posso Curar o estrago causado, bem como todo o resto. Não tem outro jeito. Ele está à beira do colapso. — Nada a ver com ele.

Faile sorria para ele, trêmula, com o rosto de cabeça para baixo. Algum dia pensara que ela tinha a boca grande demais? Era do tamanho ideal. Ele queria tocar o rosto dela, mas a senhora al'Vere e a senhora Luhhan por alguma razão seguravam seus punhos, prendendo-o com o peso do corpo. Havia também alguém apoiado em suas pernas, e as imensas mãos de Loial lhe engoliam os ombros, pressionando-os com força contra a mesa. Mesa. Isso. A mesa da cozinha.

— Morda, querido — disse Faile de longe. — Vai doer.

Ele queria perguntar o que ia doer, mas ela enfiou um pedaço de pau enrolado em couro em sua boca. Ele cheirou o couro, o benjoeiro e ela. Será que ela iria caçar com ele, correndo pelas infinitas planícies gramadas atrás de infinitas hordas de cervos? Um frio congelante o fez estremecer; ele reconheceu vagamente a sensação do Poder Único. Então veio a dor. Ele ouviu a madeira estalar entre seus dentes antes de a escuridão dominar tudo.





IRROMPE A TEMPESTADE

Perrin abriu os olhos devagar, encarando o teto branco caído. Levou um instante para perceber que estava em uma cama com quatro colunas, deitado em um colchão de penas com um travesseiro de plumas de ganso. Uma miríade de aromas dançava em seu nariz: as plumas, a lã do cobertor, um assado de ganso, pão e tortas de mel assando. Um dos quartos da estalagem Fonte de Vinho. A luz inconfundível da manhã entrava pelas cortinas brancas das janelas. Manhã. Ele se virou de lado, desajeitado. Seus dedos tocaram a pele curada, mas ele se sentia mais fraco do que nunca desde que fora atingido. Um preço pequeno demais, no entanto, e uma troca bem justa. Também sentia a garganta seca.

Quando ele se mexeu, Faile saltou de uma cadeira ao lado da pequena lareira de pedras, deixando cair um cobertor vermelho, e se espreguiçou. A moça havia trocado o vestido por outro mais escuro, com uma saia estreita de montaria, e a seda cinza amarrotada revelava que ela havia dormido naquela cadeira.

— Alanna falou que você precisava dormir — disse ela. Ele estendeu a mão em direção à jarra branca que havia na mesinha ao lado da cama e ela correu para servir um copo d'água e segurou-o para que ele bebesse. — Você vai ter de ficar quieto por mais uns dois ou três dias, até recuperar as forças.

As palavras soavam normais, exceto por uma estranheza no tom que ele quase não notou, uma leve tensão nos olhos dela.

— O que foi que houve?

Ela recolocou a caneca com cuidado na mesinha de cabeceira e ajustou o vestido.

— Não houve nada. — A tensão sob sua voz era ainda mais aparente.

— Faile, não minta para mim.

— Não estou mentindo! — retrucou ela, bruscamente. — Vou mandar vir seu café da manhã e tem sorte que eu faça isso, mesmo com você me chamando de...

— Faile. — Ele pronunciou o nome dela da forma mais severa possível, e ela hesitou; o olhar firme e arrogante virou uma ruga na testa, depois retornou. Ele a encarou com firmeza; ela não iria se safar dessa usando com ele o truque daquela sua altivez de lady.

Enfim, ela suspirou.

— Acho que você tem o direito de saber. Mas vai continuar na cama até Alanna e eu permitirmos que levante. Loial e Gaul se foram.

— Se foram? — Ele piscou, confuso. — Como assim, se foram? Eles *foram* embora?

— De certo modo. Os vigias os viram partindo hoje de manhã, assim que o sol nasceu, indo em direção à Floresta do Oeste. Nenhum deles achou nada demais; sem dúvida ninguém tentou impedi-los, um Ogier e um Aiel. Ouvi essa história faz menos de uma hora. Eles estavam conversando sobre árvores, Perrin. Sobre como o Ogier cantava para as árvores.

— Árvores? — grunhiu Perrin. — É aquele maldito Portal dos Caminhos! Que me queime, eu falei para ele não... Eles vão acabar morrendo antes de chegar lá!

Ele atirou o cobertor para longe, sentou-se na cama com os pés no chão e em seguida pôs-se de pé, cambaleante. Não estava vestindo nada, percebeu, nem as roupas de baixo. No entanto, se elas achavam que iriam mantê-lo preso debaixo de um cobertor, estavam redondamente enganadas. Ele podia ver seus trajes dobradinhos na cadeira de espaldar alto próxima à porta, com as botas do lado e o machado pendendo do cinto em um gancho na parede. Cambaleou até as roupas e começou a se vestir, o mais depressa possível.

— O que está fazendo? — indagou Faile. — Volte já para a cama! — Com uma das mãos na cintura, ela apontou para a cama, como se o dedo erguido pudesse transportá-lo até lá.

— Eles não devem ter ido muito longe. Não a pé. Gaul não monta e Loial sempre disse que confiava mais nos próprios pés do que em qualquer cavalo. Com Galope eu os alcanço até no máximo o meio-dia. — Puxando a camisa pela cabeça, ele vestiu-a, deixando-a solta para fora da calça e sentou-se para calçar as botas. Desabou na cadeira, na realidade.

— Você enlouqueceu, Perrin Aybara! Que chance tem de encontrar os dois naquela floresta?

— Eu até que não sigo rastros assim tão mal. Consigo encontrar os dois. — Ele sorriu, mas ela não aceitou.

— Você pode acabar morto, seu imbecil cabeludo! Olhe só para você. Mal consegue ficar de pé. Iria desabar da sela antes de cavalgar uma milha!

Disfarçando o esforço, ele se levantou e bateu o pé para ajeitar as botas. Galope faria todo o trabalho; ele só teria de se segurar.

— Bobagem. Estou forte feito um cavalo. Pare de tentar me intimidar. — Ele deu de ombros para ajeitar o casaco ao corpo e pegou o machado e o

cinto. Faile segurou-lhe o braço quando ele abriu a porta e foi levada junto, tentando em vão puxá-lo de volta.

— Às vezes você tem o cérebro de um cavalo — disse ela, arfando. — Pior ainda! Perrin, você tem que me escutar. Você tem...

O quarto ficava a apenas poucos passos das escadas que levavam ao salão vazio no estreito corredor, e foram as escadas que o traíram. Quando ele dobrou o joelho para descer aquele primeiro degrau, a perna não parou de dobrar; ele se desequilibrou para a frente, tentando, sem sucesso, agarrar o corrimão, puxando Faile junto, aos berros. Os dois saíram rolando, batendo nas escadas, até desabar com um baque contra o barril no chão, Faile completamente estirada por cima dele. O barril cambaleou e girou, fazendo chocalhar as espadas que estavam dentro, antes de assentar com um tinido final.

Perrin levou um instante até reunir fôlego para conseguir falar.

— Tudo bem com você? — perguntou, ansioso. Ela jazia esparramada sobre o peito dele. Ele a sacudiu delicadamente. — Faile, você está...?

Ela ergueu a cabeça devagar e afastou umas mechinhas de cabelo escuro do rosto, depois o encarou atentamente.

— Está tudo bem com *você*? Porque, se estiver, talvez eu seja bastante violenta...

Perrin bufou; ela decerto estava menos ferida do que ele. Cauteloso, tocou o ponto onde antes estivera a flecha, mas o local não estava pior do que o restante. Naturalmente, o restante estava doendo da cabeça aos pés.

— Saia de cima de mim, Faile. Preciso pegar Galope.

Em vez disso, ela agarrou a gola dele com ambas as mãos e aproximou-se até seus narizes quase se tocarem.

— Escute aqui, Perrin — disse ela, em tom de urgência. — Você... não... pode... fazer... tudo. Se Loial e Gaul foram trancar o Portal dos Caminhos, você tem que deixar. Seu lugar é aqui. Mesmo que estivesse forte o bastante, e não está! Está me ouvindo? Você não está forte o bastante! Mas, mesmo que estivesse, não deveria ir atrás deles. Você não pode fazer tudo!

— Ora, o que é que vocês dois estão fazendo? — perguntou Marin al'Vere. Limpando as mãos no comprido avental branco, ela vinha da porta dos fundos do salão na direção deles. As sobranceiras da mulher pareciam tentar escalar os cabelos. — Eu esperava ver Trollocs depois de toda essa algazarra, mas não isso. — Ela soava meio escandalizada, meio bem-humorada.

Perrin percebeu que, com Faile deitada por cima dele daquele jeito, as cabeças juntinhas, os dois pareciam um casal aos beijos. No chão do salão.

Um rubor subiu pelas bochechas de Faile, e ela se levantou mais que depressa, espanando o vestido.

— Ele é teimoso feito um Trolloc, Senhora al'Vere. Eu avisei que estava muito fraco para se levantar. Ele precisa voltar para a cama imediatamente. Tem de aprender que não pode fazer tudo sozinho, ainda mais quando não consegue nem descer um lance de escadas.

— Ah, querida — disse a Senhora al'Vere, balançando a cabeça — esse não é o jeito certo. — Ela se aproximou da mulher mais jovem e sussurrou,

baixinho, embora Perrin pudesse ouvir cada palavra. — Ele era um rapazinho fácil de levar, na maioria das vezes, se a gente lidasse com ele da maneira certa, mas era só tentar forçá-lo que ele empacava feito qualquer mula de Dois Rios. Os homens não mudam tanto assim, só ficam mais altos. Se você cismar em dizer o que ele *tem* e o que *não tem* de fazer, ele decerto vai pôr as orelhas para trás e travar as patas no chão. Deixe-me mostrar. — Marin virou-se para ele com um sorriso radiante, ignorando sua carranca. — Perrin, você não acha os meus colchões de penas de ganso melhores que esse chão? Vou levar para você um pedaço da minha torta de rim assim que o colocarmos de volta na cama. Deve estar com fome, depois de ficar sem jantar ontem à noite. Aqui. Posso ajudar você a se levantar?

Ele empurrou as mãos das duas e levantou-se sozinho. Bem, com a ajuda da parede. Achou que talvez tivesse distendido metade dos músculos do corpo. Teimoso feito uma mula? Ele jamais agira assim na vida.

— Senhora al'Vere, a senhora poderia mandar Hu ou Tad selar Galope?

— Quando você estiver melhor — disse ela, tentando virá-lo em direção às escadas. — Não acha que seria bom descansar só mais um pouquinho? — Faile lhe tomou o outro braço.

— Trollocs! — O grito veio do lado de fora, abafado pelas paredes e ecoado por uma dúzia de vozes. — Trollocs! Trollocs!

— Você não tem de se preocupar com isso hoje — disse a Senhora al'Vere, ao mesmo tempo firme e delicada. Aquilo o fez querer ranger os dentes. — As Aes Sedai vão cuidar de tudo. Daqui a um ou dois dias você já vai estar de pé. Vai ver só.

— Meu cavalo — retrucou Perrin, tentando se libertar. As duas agarravam com força as mangas de seu casaco; ele só conseguia balançar os braços para a frente e para trás. — Pelo amor da Luz, podem parar de me puxar e me deixar pegar meu cavalo? Me soltem.

Olhando para ele, Faile deu um suspiro e soltou-lhe o braço.

— Senhora al'Vere, a senhora poderia mandar selar e trazer o cavalo dele?

— Mas, minha querida, ele realmente precisa...

— Por gentileza, Senhora al'Vere — disse Faile, com firmeza. — E o meu também. — As duas mulheres se entreolharam como se ele não existisse. Por fim, a Senhora al'Vere assentiu.

Perrin franziu o cenho pelas costas da mulher enquanto ela corria pelo salão e desaparecia rumo à cozinha e ao estábulo. O que Faile dissera de diferente dele? Voltando a atenção para ela, ele disse:

— Por que foi que você mudou de ideia?

Enfiando a camisa dele para dentro da calça, ela resmungou, entre dentes. Sem dúvida Perrin não escutava tão bem a ponto de entender.

— Não é para eu falar, é? Quando ele estiver sendo teimoso demais para enxergar com clareza, eu devo guiá-lo com doçura e sorrisos, não é? — Ela lhe disparou um olhar que certamente não continha doçura alguma, depois abruptamente abriu um sorriso tão doce que ele quase deu para trás. — Meu querido — ela quase arrulhou, endireitando-lhe o casaco — o que quer que esteja acontecendo lá fora, espero muito que você permaneça em sua sela, e

o mais longe dos Trollocs que puder. Ainda não está muito em condições de enfrentar um Trolloc, não é? Talvez amanhã. Por favor, lembre que você é um general, um líder, e um verdadeiro símbolo para o seu povo, assim como aquele estandarte lá fora. Se permanecer à vista do povo, vai dar uma injeção de ânimo em todo mundo. E é muito mais fácil enxergar o que precisa ser feito e dar ordens quando você mesmo não está no campo de batalha. — Ela pegou o cinto dele do chão e afivelou-o em sua cintura, ajeitando com cuidado o machado em seus quadris. E também piscou para ele! — Por favor, diga que vai fazer isso. Por favor?

Ela estava certa. Ele não duraria dois minutos diante de um Trolloc. Diante de um Desvanecido, era mais provável que durasse dois segundos. E, por mais que odiasse admitir, não duraria duas milhas na sela atrás de Loial e Gaul. *Ogier estúpido. Você é um escritor, não um herói.*

— Está bem — disse ele. Um impulso malicioso tomou conta de si. A forma como ela e a Senhora al'Vere estavam falando por cima dele e dando piscadelas como se ele fosse um imbecil. — Não consigo recusar nada quando você sorri assim, tão linda.

— Fico muito feliz. — Ainda sorrindo, ela alisou o casaco dele e removeu umas bolinhas que ele não conseguia ver. — Porque, se você recusar, e ainda conseguir sobreviver, vou fazer com você o mesmo que fez comigo naquele primeiro dia nos Caminhos. Acho que você ainda não está com força suficiente para me impedir. — Ela abriu aquele sorriso radiante para ele, todo doce e primaveril. — Está entendendo?

A contragosto, ele soltou uma risadinha.

— Parece que é melhor deixar que eles me matem. — Ela não pareceu achar graça.

Hu e Tad, os cavaleiros desengonçados, levaram Galope e Andorinha logo depois que o casal saiu. Todos os outros estavam reunidos no extremo oposto da aldeia, para além do Campo, com suas ovelhas, vacas e gansos, e o estandarte vermelho e branco com a cabeça do lobo balançava ao sabor da brisa da manhã. Assim que ele e Faile montaram nos cavalos, os cavaleiros saíram correndo pela mesma direção, sem dizer uma palavra.

O que quer que estivesse acontecendo, estava claro que não se tratava de um ataque. Ele via mulheres e crianças entre a multidão, e os gritos de “Trolloc” haviam se esvaído a um murmúrio, que ecoava feito o grasnido de gansos. Ele avançou devagar, tentando não balançar em cima da sela; Faile seguia bem perto com Andorinha, de olho nele. Se havia sido capaz de mudar de ideia uma vez sem motivo aparente, poderia fazê-lo de novo, e ele não queria discutir se deveria ou não estar ali.

A multidão balbuciante de fato parecia composta de toda a população de Campo de Emond, tanto aldeões quanto fazendeiros, todos espremidos, ombro com ombro, mas o grupo abriu caminho para ele e Faile ao reconhecê-lo. Perrin virou assunto do burburinho, em geral com o nome de Olhos-Dourados. Também pescou a palavra “Trollocs”, mas em um tom mais de fascinação do que de medo. De cima da sela de Galope ele tinha uma boa visão de suas cabeças.

A massa de gente aglomerada se estendia por todo o trecho depois das últimas casas até as sebes de estacas espinhosas. Os limites da floresta, quase seiscentos passos para além de um campo de tocos quase no nível do chão, estava silenciosa, sem homens com machados. Eles formavam um círculo de peitorais suados e desnudos em torno de Alanna, Verin e dois homens. Jon Thane, o moleiro, limpava uma mancha de sangue das costelas, com a lanterna apontada para o peito para enxergar o que as próprias mãos faziam. Alanna se empertigava diante do outro homem, um sujeito de cabelos grisalhos que Perrin não reconheceu e que pulou de pé e dançou um passinho, hesitante. Tanto ele quanto o moleiro encaravam as Aes Sedai com espanto.

Havia gente demais em torno das Aes Sedai para que o povo pudesse abrir espaço para Galope e Andorinha, mas havia uns espaços livres em volta de Ihvon e Tomas, um de cada lado de seus cavalos de batalha. O povo não queria chegar muito perto daqueles animais de olhos ferozes, ambos com cara de quem só estava aguardando uma oportunidade de pisotear e abocanhar.

Perrin conseguiu aproximar-se de Tomas sem muito esforço.

— O que foi que houve?

— Um Trolloc. Só um. — Apesar do tom displicente do Guardião grisalho, seus olhos escuros não pararam em Perrin e Faile, perscrutando com igual atenção Verin e a linha das árvores. — Eles não são muito espertos sozinhos. São safos, mas não espertos. O grupo cortando árvores o espantou antes que ele fizesse mais do que tirar um pouco de sangue.

Das árvores surgiram as duas mulheres Aiel, correndo, as cabeças envoltas em *shoufas* e véus de modo que ele não conseguia dizer quem era quem. Elas reduziram o passo e seguiram serpenteando entre as estacas pontudas, depois deslizaram com destreza pelo meio da multidão, e o povo foi abrindo caminho como pôde naquela balbúrdia. Quando chegaram perto de Faile, as mulheres já haviam tirado os véus, e ela se inclinou para escutá-las.

— Talvez uns quinhentos Trollocs — disse Bain — provavelmente não mais de uma ou duas milhas atrás de nós. — Sua voz era firme, mas os olhos azul-escuros cintilavam, ávidos. Os cinza de Chiad também.

— Como eu imaginei — disse Tomas, calmamente. — Aquele ali provavelmente se afastou do grupo, na esperança de arrumar algo para comer. O resto deve vir em breve. — As Donzelas assentiram.

Perrin apontou consternado para a multidão.

— Então essa gente não deveria estar aqui. Por que vocês não os afastaram?

Foi Ihvon, aproximando o cinzento do grupo, quem respondeu:

— O seu povo não está querendo escutar ninguém de fora, não quando estão com a atenção toda voltada para as Aes Sedai. Sugiro que veja o que pode fazer.

Perrin tinha certeza de que eles poderiam ter imposto algum tipo de ordem, se tivessem realmente tentado. Verin e Alanna sem dúvida poderiam. *Então por que esperaram e deixaram a coisa na minha mão, se estavam prevendo Trollocs?* Seria muito fácil pôr tudo na conta de um *ta'veren* — fácil e tolo.

Ihvon e Tomas não deixariam Trollocs matarem o povo — nem Verin nem Alanna — enquanto ficavam esperando que um *ta'veren* lhes dissesse o que fazer. As Aes Sedai o estavam manipulando, colocando todos em risco, talvez até a si próprias. Mas com que objetivo? Ele e Faile se entreolharam, e ela assentiu sutilmente, como se soubesse o que ele estava pensando.

Agora não havia tempo para tentar descobrir. Ele perscrutou a multidão e avistou Bran al'Vere entre Tam al'Thor e Abell Cauthon. O Prefeito trazia uma lança comprida nos ombros e usava um elmo redondo amassado. Um colete de couro bem apertado com discos de aço costurados por toda parte lhe comprimia o peitoral.

Todos os três olharam para cima quando Perrin conduziu Galope pela multidão até eles.

— Bain disse que os Trollocs estão vindo nesta direção, e os Guardiões estão achando que vamos ser atacados em breve. — Ele precisou gritar por conta do zunido incessante de vozes. Alguns dos que estavam mais perto ouviram e se calaram; o silêncio se espalhou com os murmúrios de “Trollocs” e “ataque”.

Bran piscou.

— Pois é. Tinha que acontecer, não tinha? Sim, bom, nós sabemos o que fazer. — O homem poderia ter sido uma figura cômica, com a costura do colete prestes a arrebentar e o elmo balançando quando ele mexia a cabeça, mas na verdade parecia apenas determinado. Erguendo a voz, ele anunciou: — Perrin disse que os Trollocs vão chegar em breve. Vocês todos sabem os seus lugares. Vamos lá, agora. Vamos lá.

A multidão começou a circular, as mulheres levando as crianças de volta para as casas, os homens fervilhando por todas as direções. A confusão pareceu aumentar, em vez de diminuir.

— Vou cuidar para que os pastores venham — disse Abell a Perrin e sumiu no meio da multidão.

Cenn Buie abriu caminho por entre o povo, usando uma alabarda para arrebanhar o carrancudo Hari Coplin, o irmão de Hari, Darl, e o velho Bili Congar, que cambaleava como se estivesse cheio de cerveja já pela manhã, o que decerto era o caso. Dos três, era Bili quem segurava a lança como se pretendesse usá-la. Cenn tocou a testa quando viu Perrin, em uma espécie de saudação. Vários homens fizeram o mesmo. Aquilo o deixava desconfortável. Dannil e os outros rapazes eram uma coisa, mas esses homens tinham pelo menos metade a mais que a idade dele.

— Você está indo bem — disse Faile.

— Eu queria saber o que Verin e Alanna estão tramando — resmungou ele. — E não estou falando de agora. — Duas das catapultas que os Guardiões haviam montado ficavam naquele canto da aldeia, geringonças quadradas mais altas que um homem, feitas de vigas robustas de madeira e cordas grossas e retorcidas. De cima dos cavalos, Ihvon e Tomas viam as pesadas vigas de madeira sendo suspensas. As duas Aes Sedai estavam mais interessadas nas imensas pedras, de quinze ou vinte libras cada, que eram carregadas em suportes nas extremidades das alavancas.

— Elas querem que você lidere — respondeu Faile, baixinho. — Foi para isso que você nasceu, eu acho.

Perrin bufou. Ele tinha nascido para ser ferreiro.

— Eu ficaria bem mais confortável se soubesse por que elas querem isso. — As Aes Sedai o encaravam; Verin, de cabeça inclinada, feito um pássaro, Alanna com um olhar mais direto e um sorrisinho. Estariam as duas querendo a mesma coisa, pela mesma razão? Esse era um dos problemas com Aes Sedai. Havia sempre mais perguntas que respostas.

A ordem se impôs com surpreendente rapidez. Ao longo do lado oeste da aldeia, cerca de cem de homens se apoiavam em um dos joelhos bem atrás das estacas erguidas, batendo os dedos, inquietos, nas lanças, alabardas e armas feitas com foices ou machados curvos. Aqui e ali algum deles usava um capacete ou um pedaço de armadura. Atrás, o dobro de homens formava duas fileiras, segurando bons arcos longos de Dois Rios, cada um com um par de aljavas no cinto. Uns rapazinhos vieram correndo das casas com pacotes de mais flechas, que os homens acomodaram no chão a seus pés, com as pontas para baixo. Tam parecia no comando, alinhando as fileiras e dizendo algumas palavras a cada homem, mas Bran marchava com ele, oferecendo o próprio apoio. Perrin viu que ele não era nem um pouco necessário ali.

Para sua surpresa, Dannil, Ban e todos os outros rapazes que haviam cavalgado com ele surgiram da aldeia a galope, rodeando Perrin e Faile, todos com os arcos a postos. Estavam meio estranhos, de certa forma. Aparentemente as Aes Sedai haviam Curado os que tinham ferimentos mais graves, deixando os menos feridos para os cataplasmas e unguentos de Daise, portanto os rapazes que mal conseguiam montar em uma sela no dia anterior agora caminhavam animadamente, enquanto Dannil, Tell e outros ainda mancavam ou usavam ataduras. Mesmo surpreso em vê-los, ficou aborrecido ao notar o que portavam. Leof Torfinn, com a bandagem que lhe envolvia a cabeça formando um gorro claro acima dos olhos fundos, trazia o arco pendurado nas costas e um cajado comprido com uma versão menor do estandarte de bordas vermelhas e cabeça de lobo.

— Acho que uma das Aes Sedai mandou fazer — disse Leof quando Perrin perguntou onde ele conseguira aquilo. — Milli Ayellin trouxe para o pai de Will, mas Wil não quis carregar. — Wil al'Seen arqueou um pouco os ombros.

— Eu também não ia querer — retrucou Perrin, secamente. Todos riram como se ele tivesse contado uma piada, até mesmo Wil, depois de um minuto.

A cerca de estacas parecia bastante forte, mas por outro lado parecia um esforço risível para afastar os Trollocs. Talvez até fosse funcionar, mas ele não queria Faile ali se eles conseguissem ultrapassar. Quando ele a encarou, no entanto, ela exibiu outra vez aquele olhar, como se pudesse ler seus pensamentos. E não estivesse gostando. Se ele tentasse mandá-la embora, ela iria discutir, empacar e se recusar a agir com sensatez. No estado fraco em que ele se encontrava, ela decerto teria mais chance de levá-lo de volta para a estalagem do que o contrário. Pela forma como permanecia sentada na sela, tão ferozmente, era provável que *ela* o defendesse caso os Trollocs avançassem. Ele teria de ficar de olho nela; era só o que podia fazer.

De repente Faile sorriu, e Perrin coçou a barba. Talvez ela conseguisse *mesmo* ler os pensamentos dele.

O tempo passou, o sol veio avançando devagar, o calor do dia aumentou. De vez em quando uma mulher chamava de dentro das casas para perguntar o que estava acontecendo. Volta e meia algum homem resolvia se sentar, mas Tam ou Bran se postava diante do sujeito antes que ele conseguisse cruzar as pernas, convocando-o de volta para as fileiras. Não mais de uma ou duas milhas, Bain dissera. Ela e Chiad estavam sentadas perto das estacas, jogando algum jogo que aparentemente envolvia uma faca no chão no meio das duas. Sem dúvida, se os Trollocs estivessem vindo, já teriam chegado, àquela altura. Ele estava começando a ter dificuldade de se sentar ereto. Ciente dos olhos atentos de Faile, manteve as costas rijas.

Uma corneta soou, alta e aguda.

— Trollocs! — gritaram meia dúzia de vozes e uma torrente de formas bestiais em malhas negras irrompeu da Floresta do Oeste, uivando e avançando pelo chão repleto de tocos, balançando espadas em forma de foice, machados com ponteiras, lanças e tridentes.

Três Myrddraal vinham em seguida, montados em cavalos negros. Disparavam de um lado a outro, como se conduzissem o fluxo de Trollocs a sua frente. O manto negro mortal permanecia imóvel, não importava o quanto eles se movimentassem e girassem nas selas. A corneta continuava soando, seus berros agudos e instigantes.

Vinte flechas foram atiradas assim que o primeiro Trolloc apareceu e o disparo mais forte caiu a quase cem passos de distância.

— Esperem, seus desmiolados! — gritou Tam. Bran pulou e lançou um olhar surpreso, não menos incrédulo do que os dos amigos e vizinhos de Tam; alguns resmungaram sobre não aceitar quietos esse tipo de coisa, com ou sem Trollocs. Tam, porém, ignorou os protestos. — Segurem até eu dar a ordem, do jeito que mostrei a vocês! — Então, como se não houvesse centenas de Trollocs guinchantes galopando em direção a ele, Tam virou-se com toda a calma para Perrin. — Trezentos passos?

Perrin assentiu rapidamente. O homem estava perguntando a ele? Trezentos passos. Em quanto tempo um Trolloc percorria trezentos passos? Ele soltou o machado do cinto. A corneta soava sem parar. Os lanceiros permaneciam acorados atrás das estacas, como se forçando a si mesmos a não recuar. Os Aiel velaram as faces.

A horda urrante avançava, cabeças com chifres e caras com focinhos ou bicos, cada criatura com uma vez e meia a altura de um homem, cada uma ganindo por sangue. Quinhentos passos. Quatrocentos. Alguns corriam mais à frente. Eram rápidos como cavalos. O Aiel estava certo? Haveria somente quinhentos? Pareciam milhares.

— Preparar! — gritou Tam, e duzentos arcos foram erguidos. Os rapazes junto a Perrin mais que depressa entraram em forma diante dele, imitando os mais velhos, alinhados com aquele estandarte estúpido.

Trezentos passos. Perrin via aqueles rostos disformes, contorcidos de fúria e frenesi, como se estivessem em cima dele.

— Disparar! — gritou Tam. As cordas dos arcos estalaram como um gigantesco açoite. Com dois estrondos de madeira contra madeira coberta de couro, as catapultas dispararam.

Flechas de pontas largas caíam sobre os Trollocs. As criaturas monstruosas foram derrubadas, porém algumas se reergueram e avançaram, cambaleantes, impulsionadas pelos Desvanecidos. O som da corneta se misturava a seus urros guturais, fomentando a matança. As pedras das catapultas caíam por cima deles — e explodiam em fogo e estilhaços, abrindo buracos no meio do aglomerado. Perrin não foi o único a pular de susto; então era isso o que as Aes Sedai estavam fazendo com as catapultas. Ele se perguntou, ansioso, o que aconteceria se elas deixassem cair uma daquelas pedras que preparavam para lançar.

Outra saraivada de flechas foi disparada, e outra, e mais outra, e de novo e de novo, e mais pedras das catapultas, ainda que em um ritmo mais lento. Explosões de fogo dilaceravam os Trollocs. Choviam neles pontas largas de flechas. E eles avançavam; ganindo, uivando, caindo e morrendo, mas sempre avançando. Agora estavam mais perto, tão perto que os arqueiros se dispersaram, não mais atirando ao mesmo tempo, mas escolhendo os alvos. Os homens urravam sua própria ira, urravam diante da morte e atiravam.

Então não se viu mais Trollocs de pé. Apenas um Desvanecido, cravejado de flechas, porém ainda cambaleando a esmo. Os ganidos agudos do cavalo caído de um Myrddraal competiam com os gemidos dos Trollocs abatidos, à beira da morte. A corneta enfim se calara. Aqui e ali, em meio ao campo repleto de tocos, um Trolloc arquejava e caía para trás. Sob todos os sons, Perrin ouvia homens ofegantes, como se tivessem corrido dez milhas. Seu próprio coração parecia querer sair do peito.

De súbito alguém gritou um “viva” bem alto, e com isso os homens começaram a saltar e berrar, eufóricos, balançando sobre as cabeças os arcos ou o que tivessem nas mãos, jogando os quepes para o alto. As mulheres saíram correndo das casas, rindo e comemorando, e também as crianças, todos celebrando e dançando com os homens. Alguns correram para apertar a mão de Perrin e cumprimentá-lo.

— Você nos conduziu a uma grande vitória, meu rapaz. — Bran sorriu para ele. Trazia o elmo pendurado na nuca. — Suponho que não deva chamá-lo assim agora. Uma grande vitória, Perrin.

— Eu não fiz nada — protestou ele. — Só fiquei sentado no meu cavalo. Quem fez foram vocês. — Bran não o escutava mais do que os outros. Constrangido, Perrin ergueu o corpo, fingindo esquadriñar o campo, e depois de um tempo eles o deixaram em paz.

Tam não havia se juntado à comemoração; permaneceu bem atrás das estacas, analisando os Trollocs. Os Guardiões também não estavam rindo. As silhuetas de malhas negras se aglomeravam no campo, em meio aos tocos baixos. Poderia haver uns quinhentos deles. Talvez menos. Alguns, poucos, talvez tivessem voltado para a floresta. Nenhum jazia a menos de quinhentos passos da sebe de estacas. Perrin encontrou os outros dois Desvanecidos se

debatendo no chão. Com esses, eram três. Uma hora aceitariam a própria morte.

O povo de Dois Rios começou a lhe dar vivas.

— Perrin Olhos-Dourados! Viva! Viva! Viva!

— Eles tinham de saber — murmurou ele. Faile o encarou, indagativa. — Os Meios-homens tinham de saber que isso não ia funcionar. Olhe lá. Até eu consigo ver, agora; eles deviam estar vendo desde o início. Se isso era tudo o que tinham, por que tentaram? E, se há mais Trollocs por aí, por que não vieram todos? Se viessem o dobro, nós teríamos de lutar com eles quando chegassem às estacas. O dobro, e talvez eles tivessem tomado a aldeia.

— Você tem um bom olho — disse Tomas, puxando a rédea para o lado dele. — Isso foi um teste. Para ver se você cederia frente a uma investida, talvez para medir a rapidez da sua reação, ou como estão organizadas as suas defesas, ou talvez por algum motivo que eu nunca tenha cogitado, mas ainda assim um teste. Agora eles sabem. — Ele apontou para o céu, onde um corvo solitário sobrevoava o campo. Um corvo normal teria se refestelado com os mortos. O pássaro completou uma última volta e partiu em direção à floresta. — O próximo ataque não vai chegar imediatamente. Eu vi dois ou três Trollocs entrando na floresta, então as notícias disso aqui vão se espalhar. Os Meios-homens terão de lembrá-los que eles têm mais medo de Myrddraal do que da morte. Porém, o ataque vai acontecer, e sem dúvida vai ser mais violento que esse. O tamanho da violência vai depender de quantos os Semrost tiverem trazido pelos Caminhos.

Perrin fez uma careta.

— Luz! E se estiverem em dez mil?

— Pouco provável — respondeu Verin, indo afagar o pescoço da montaria de Tomas. O cavalo de batalha permitiu o toque da mulher com a mansidão de um pônei. — Pelo menos por enquanto. Nem um Abandonado conseguiria conduzir um grupo tão grande pelos Caminhos em segurança, eu suponho. Um homem sozinho até corre o risco de morrer ou enlouquecer entre os Portais dos Caminhos mais próximos, mas... digamos... mil homens, ou mil Trollocs, muito provavelmente atrairiam *Machin Shin* em questão de minutos, feito uma abelha monstruosa em um pote de mel. É muito mais provável que não viagem mais de dez ou vinte juntos, cinquenta no máximo, e em grupos bem espaçados. É claro, ainda resta a pergunta de quantos grupos estão trazendo e do intervalo que estão dando entre um grupo e outro. Seja como for, vão perder alguns. Pode ser que as Criaturas da Sombra atraiam *Machin Shin* menos do que os humanos, mas... hmmm. Pensamento fascinante. Será que... — Com um tapinha na perna de Tomas bem similar ao que daria no cavalo, ela se virou, já perdida em seus estudos. O Guardião cravou os calcanhares no cavalo e foi atrás dela.

— Se você cavalgar uma passada que seja na direção da Floresta do Oeste — disse Faile, calmamente — eu mesma vou trazê-lo de volta para a estalagem, arrastado pelas orelhas, e enfiá-lo naquela cama.

— Eu não estava pensando nisso — mentiu Perrin, fazendo Galope dar as costas para a floresta. Um homem e um Ogier poderiam passar despercebidos,

chegar em segurança até a montanha. Poderiam. O Portal dos Caminhos teria de ser trancado permanentemente para que Campo de Emond tivesse qualquer chance. — Você me fez mudar de ideia, lembra? — Talvez outro homem pudesse encontrá-los, sabendo que estavam por lá. Três pares de olhos poderiam ver melhor que dois, ainda mais um par de olhos como o dele, e Perrin sem dúvida não estava fazendo nada ali. Daria no mesmo se em cima de Galope estivesse um monte de palha vestida com as roupas dele.

De repente, acima da gritaria e da algazarra ao redor, ele ouviu berros mais agudos, um clamor vindo do sul, próximo à Estrada Velha.

— Ele disse que não viriam de novo tão cedo! — rosnou, cravando os calcanhares nos flancos de Galope.





A ESPADA DO LATOEIRO

Galopando pela aldeia com Faile atrás de si, Perrin encontrou os homens do lado sul amontoados, perscrutando os campos e resmungando, alguns com os arcos já meio preparados. Dois carroções bloqueavam o vão por onde a Estrada Velha passava no meio das estacas afiadas. A cerca de pedras mais próxima que ainda estava de pé, junto a um campo de tabaco, ficava a quinhentos passos de distância, e não era mais alta do que o restolho de cevada no caminho. No solo próximo a ela, flechas brotavam feito ervas. Uma fumaça se erguia a distância, cerca de dez espessas cortinas negras, algumas com tamanho suficiente para ser campos incendiados.

Cenn Buie estava lá, e também Hari e Darl Coplin. Bili Congar envolvia os ombros de seu primo Wit, o marido magrelo de Daise, que parecia preferir que Bili não respirasse em seu cangote. Ninguém cheirava a medo, apenas a empolgação. E Bili, a cerveja. Pelo menos dez homens tentaram contar a Perrin, ao mesmo tempo, o que havia acontecido; alguns falavam mais alto que os outros.

— Os Trollocs tentaram aqui também — gritou Hari Coplin — mas a gente deu uma lição neles, não foi? — Ouviu-se numerosos murmúrios em concordância, mas talvez tantos ou mais se entreolharam, indecisos, e remexeram os pés.

— Também temos uns heróis aqui — disse Darl, em um tom alto e áspero. — O seu grupo lá na floresta não é o único. — Era um homem maior que o irmão, porém com o mesmo rosto fino dos Coplin, parecendo uma doninha, e a mesma boca contraída, como se tivesse acabado de morder um caqui verde. Quando achou que Perrin não estava vendo, disparou-lhe um olhar raivoso. Aquilo não significava que o homem de fato desejasse ter estado na batalha diante da Floresta do Oeste; Darl, Hari e a maioria de seus familiares em geral

davam um jeito de ficar para trás, independentemente de qual fosse a situação.

— Isso pede uma bebida! — anunciou o velho Bili, depois franziu o rosto, desapontado, quando ninguém respondeu.

Uma cabeça surgiu por cima do muro, ao longe, e se abaixou depressa, mas não antes que Perrin distinguisse um casaco amarelo brilhante.

— Não são Trollocs — grunhiu ele, indignado. — Latoeiros! Você estavam atirando em Tuatha'an. Tirem esses carroções do caminho. — Por cima do estribo, ele levou as mãos à boca em concha e gritou: — Podem vir! Está tudo bem! Ninguém vai machucar vocês! Eu mandei afastar os carroções — dirigiuse rispidamente aos homens que o encaravam, parados. Confundindo latoeiros com Trollocs! — E vão pegar suas flechas; mais cedo ou mais tarde vocês vão precisar delas de verdade. — Alguns começaram a se movimentar lentamente, obedecendo, e ele gritou outra vez: — Ninguém vai machucar vocês! Está tudo bem! Podem vir! — Os carroções rolaram para ambos os lados com o rangido dos eixos necessitados de uma graxa.

Alguns Tuatha'an, em vestimentas alegres, pularam pela cerca, depois mais outros, e começaram a rumar até a aldeia em uma meia corrida cansada, parecendo temer o que os aguardava tanto quanto o que quer que houvessem deixado para trás. Eles se agruparam todos ao ver homens vindo da aldeia, quase a ponto de recuar, mesmo quando o povo de Dois Rios chegou trotando, encarando-os com curiosidade, e começou a puxar as flechas cravadas no chão. Mesmo então, eles hesitaram.

As entranhas de Perrin congelaram. Duzentos homens e mulheres, talvez, alguns carregando crianças pequenas, e um bocado de crianças mais velhas correndo também, as roupas de cores vibrantes todas rasgadas e com manchas de sujeira. E algumas com sangue, ele viu quando o grupo se aproximou. Eram todos. De um total de quantos da caravana? Ao menos Raen estava lá, se arrastando como se meio atordoado, guiado por Ila, que exibía um hematoma inchado e escuro em uma das faces. Pelo menos haviam sobrevivido.

Bem perto da passagem, os Tuatha'an pararam, encarando, indecisos, as estacas afiadas e a massa de homens armados. Algumas crianças se agarraram aos adultos e esconderam os rostos. Cheiravam a medo, a terror. Faile saltou do cavalo e correu até eles; Ila a abraçou, porém não se aproximou mais. A mulher mais velha parecia estar sendo confortada pela mais jovem.

— Não vamos machucar vocês — disse Perrin. *Eu devia tê-los forçado a vir. Que a Luz me queime, eu devia tê-los forçado!* — Vocês são bem-vindos às nossas fogueiras.

— Latoeiros. — Hari contorceu a boca com desdém. — O que queremos com um bando de latoeiros ladrões? Eles levam tudo o que não estiver preso com pregos.

Darl abriu a boca, decerto para apoiar Hari, mas antes que pudesse falar, alguém na multidão gritou:

— Você também, Hari! E ainda leva os pregos! — Risos esparsos calaram a boca de Darl. Não muitos riram, no entanto, e os que riram olharam os

Tuatha'an sujos e enlameados com constrangimento.

— Hari tem razão! — gritou Daise Congar, forçando passagem, empurrando os homens para fora de seu caminho. — Os latoeiros roubam, e não são coisas! Eles roubam crianças! — Abrindo caminho aos empurrões até Cenn Buie, ela balançou um dedo, grosso feito o polegar de Cenn, debaixo do nariz dele. O homem se afastou o quanto pôde no meio da multidão; ela era uma cabeça mais alta do que ele e pesava metade a mais. — Você pode até fazer parte do Conselho da Aldeia, mas, se não quiser escutar a Sabedoria, vou meter o Círculo das Mulheres nessa história, e nós vamos cuidar disso. — Alguns dos homens assentiram, resmungando.

Cenn coçou a cabeça de cabelos finos, encarando a Sabedoria de soslaio.

— Aaah... bem... Perrin — disse ele, lentamente, com aquela voz estridente — os latoeiros de fato têm uma reputação, você sabe, e... — Ele parou, dando um salto para trás enquanto Perrin girava Galope para encarar o povo de Dois Rios.

Vários deles se dispersaram diante do castanho, mas Perrin não deu a mínima.

— Não vamos mandar ninguém embora — disse ele, em um tom duro. — Ninguém! Ou vocês querem despachar crianças para os Trollocs? — Uma das crianças Tuatha'an começou a chorar, um lamento agudo, e ele desejou não ter dito aquilo, mas Cenn corou feito uma beterraba, e até Daise exibiu uma expressão envergonhada.

— É claro que nós vamos acolhê-los — disse o telhador, em um tom bronco. Então virou-se para Daise, todo emplumado, feito um galo pronto para enfrentar um cão de guarda. — E, se você quiser colocar o Círculo das Mulheres no meio, o Conselho da Aldeia vai pôr vocês no seu devido lugar! Você vai ver só se não vamos!

— Você sempre foi um velho tolo, Cenn Buie. — Daise bufou. — Acha que iríamos deixar você mandar crianças para os Trollocs? — Cenn abriu e fechou a boca várias vezes, mas antes que ele pudesse dizer uma palavra, Daise pôs a mão no peito magro do homem e lhe deu um empurrão. Abrindo um sorriso, ela avançou até os Tuatha'an e envolveu Ila em um abraço reconfortante. — Venham comigo, vou arranjar para vocês todos um banho quente e um lugar para descansar. As casas estão lotadas, mas vamos encontrar lugar para todo mundo. Venham.

Marin al'Vere veio correndo pela multidão, e também Alsbet Luhhan, Natti Cauthon, Neysa Ayellin e mais mulheres, tomando as crianças ou abraçando as mulheres Tuatha'an, levando-as consigo, ralhando com os homens de Dois Rios para que saíssem da frente. Não que alguém estivesse propositalmente barrando a passagem; apenas levava tempo para que tanta gente se apertasse e abrisse caminho.

Faile olhou Perrin com admiração, mas ele balançou a cabeça. Não tinha nada a ver com ser *ta'veren*; o povo de Dois Rios talvez às vezes precisasse ser direcionado para o caminho certo, mas eles eram capazes de enxergá-lo. Até mesmo Hari Coplin, observando os latoeiros serem acolhidos, tinha uma

expressão menos azeda do que antes. Bem, um pouco menos. Também não havia motivo para esperar um milagre.

Mancando, atordoado, Raen encarou Perrin.

— O Caminho da Folha é o caminho certo. Tudo morre em seu devido tempo, e... — A voz dele foi falhando, como se ele não pudesse se lembrar do que estava dizendo.

— Eles vieram ontem à noite — disse Ila, com a fala arrastada por conta do rosto inchado. Seus olhos estavam quase tão embotados quanto os do marido. — Os cachorros talvez tivessem nos ajudado a fugir, mas os Filhos mataram todos os cachorros, e... não pudemos fazer nada. — Atrás dela, Aram tremia dentro do casaco de listras amarelas, encarando os homens armados. A maioria das crianças lateiras agora chorava.

Perrin franziu o cenho para a fumaça que se erguia do sul. Remexendo-se na sela, ele conseguia distinguir mais ao norte e ao leste. Mesmo que a maioria representasse casas já abandonadas, os Trollocs haviam passado a noite bem ocupados. Quantos seriam necessários para incendiar tantas fazendas, mesmo correndo entre uma e outra e levando apenas o tempo necessário para atirar uma tocha em uma casa vazia ou um campo desabitado? Talvez tantos quanto eles tinham matado hoje. O que isso dizia a respeito do número de Trollocs que já se encontrava em Dois Rios? Não parecia possível que um bando só tivesse feito tudo, queimado todas aquelas casas e ainda destruído a caravana do Povo Errante.

Com os olhos fixos nos Tuatha'an que iam sendo levados, ele sentiu uma pontada de vergonha. Aquele povo havia visto a morte de amigos e família na noite anterior, e lá estava ele pensando friamente em números. Ouviu alguns homens de Dois Rios murmurando, tentando descobrir a que fazenda correspondia cada fumaça. A todo aquele povo os incêndios representavam perdas reais, vidas a serem reconstruídas, se possível, não apenas números. Ele era inútil ali. Agora, com Faile ocupada em ajudar a cuidar dos lateiros, era o momento de partir atrás de Loial e Gaul.

Mestre Luhhan, vestido com o colete de ferreiro e o comprido avental de couro, puxou a rédea de Galope.

— Perrin, você precisa me ajudar. Os Guardiões querem que eu faça mais componentes para as catapultas, mas estou com vinte homens me pedindo para consertar uns pedaços de armaduras que os imbecis dos avôs de seus avôs compraram dos guardas de algum mercador imbecil.

— Gostaria de poder dar uma mãozinha — disse Perrin — mas há outra coisa que preciso fazer. De qualquer modo, provavelmente estou meio enferrujado. Não trabalhei muito com ferragem no ano passado.

— Luz, não foi isso que eu quis dizer. Não é para você pegar em um martelo. — O ferreiro parecia chocado. — Toda vez que mando um daqueles cabeças de ganso embora depois de dizer poucas e boas, o sujeito volta dez minutos depois e torna a discutir. Não consigo trabalhar. Eles vão escutar você.

Perrin duvidava, se os homens não estavam escutando Mestre Luhhan. Além de pertencer ao Conselho da Aldeia, Haral Luhhan era grande o

bastante para pegar praticamente qualquer homem em Dois Rios e atirar longe, se fosse preciso. No entanto, ele avançou até uma ferraria provisória que Mestre Luhhan havia montado em um galpão aberto, erguido às pressas perto do Campo. Havia seis homens aglomerados em volta das bigornas resgatadas da ferraria incendiada pelos Mantos-brancos, e outro sujeito, absorto, soprava os enormes foles de couro, até que o ferreiro o afugentou com um berro. Para surpresa de Perrin, os homens de fato lhe deram ouvidos quando ele os mandou sair, e não foi preciso nenhum discurso para submetê-los à sua vontade de *ta'veren*, bastou declarar que Mestre Luhhan estava ocupado. Sem dúvida o ferreiro poderia ter feito isso sozinho, mas ele apertou a mão de Perrin e agradeceu muito antes de voltar ao trabalho.

Perrin desceu da sela de Galope, agarrou um dos homens pelo ombro, um fazendeiro careca chamado Get Eldin, e lhe pediu que ficasse e expulsasse qualquer um que tentasse incomodar Mestre Luhhan. Get devia ter o triplo da idade dele, mas o sujeito, de rosto enrugado e curtido, apenas assentiu e se postou próximo ao martelo de Haral, que jazia envolto em ferro quente. Finalmente poderia ir embora, antes que Faile descobrisse.

Assim que Perrin conseguiu virar Galope, Bran apareceu, de lança no ombro e elmo de baixo do braço robusto.

— Perrin, deve haver um jeito mais rápido de trazer os pastores e vaqueiros para cá, se formos atacados de novo. Mesmo mandando os mais ligeiros da aldeia, Abell não conseguiria trazer nem metade deles de volta antes de aqueles Trollocs saírem da mata.

Aquilo era fácil de resolver: era só pegar um clarim antigo que Cenn Buie tinha pendurado na parede, já quase preto de tão deslustrado, e emitir um sinal de três toques longos que até o pastor mais distante fosse capaz de ouvir. Também seria possível emitir sinais para outras coisas, naturalmente, como mandar todos aos seus lugares caso houvesse um ataque iminente. Era só questão de saber quando haveria um ataque iminente. Bain, Chiad e os Guardiões se revelaram bastante satisfatórios como sentinelas, mas quatro não era o suficiente, então era preciso encontrar bons lenhadores e rastreadores e equipá-los com cavalos, para que pudessem chegar a Campo de Emond antes de qualquer Trolloc que avistassem.

Depois disso, Buel Dowtry precisou ser acalmado. O velho flecheiro, de cabelos brancos e nariz aquilino feito a ponta de uma lança, sabia muito bem que a maioria dos fazendeiros costumava fabricar as próprias flechas, mas estava determinado a não deixar ninguém ajudá-lo ali na aldeia, como se tivesse condições de preencher sozinho todas as aljavas. Perrin não soube ao certo como conseguiu suavizar a irritação de Buel, mas acabou dando um jeito de deixar o sujeito ensinando alegremente um bando de garotos a amarrar e colar as flechas de pena de ganso.

Eward Candwin, o corpulento tanoeiro, tinha um problema diferente. Com tanta gente precisando de água, o homem tinha mais baldes e barris a fazer do que daria conta em semanas sozinho. Não foi preciso muito tempo para encontrar mãos confiáveis pelo menos para chanfrar pedaços de pau, porém, logo veio mais gente, com perguntas e questões para as quais pareciam achar

que Perrin era o único que tinha as respostas. Desde onde pôr fogo nos corpos dos Trollocs mortos até se era seguro retornar às fazendas para resgatar o que fosse possível. A essa última pergunta, sempre que surgia, ele respondia com um firme “não” — e ela era mais frequente do que qualquer outra, feita por homens e mulheres que encravavam de cenho franzido a fumaça que subia pelo campo — mas na maioria das vezes ele apenas retrucava perguntando qual o sujeito achava que seria a melhor solução e o mandava fazer exatamente aquilo. Poucas vezes foi de fato necessário fornecer alguma resposta; o povo sabia o que fazer, mas tinha a ideia besta de que era preciso perguntar a ele.

Dannil, Ban e os outros o encontraram e insistiram em ficar na cola dele com aquele estandarte, como se o outro, imenso, que havia no topo do Campo não fosse bastante, até que ele resolveu mandá-los vigiar os homens que haviam voltado para derrubar mais árvores na Floresta do Oeste. Parecia que Tam lhes contara alguma história a respeito de algo chamado os Companheiros, em Illian, soldados que cavalgavam com o general de um exército illianense e eram atirados em qualquer batalha que estivesse pegando fogo. Tam, logo ele! Pelo menos o grupo levou junto o estandarte. Perrin se sentia um completo imbecil com aquela coisa o perseguindo.

No meio da manhã apareceu Luc, todo louro e cheio de arrogância, com leves meneios de cabeça em resposta a uns poucos cumprimentos, embora o que levasse alguém a querer cumprimentá-lo fosse um mistério. Ele trazia um troféu, que puxou de uma bolsa de couro e ajeitou em cima de uma lança, bem na beirada do Campo, para que todos olhassem, boquiabertos. A cabeça sem olhos de um Myrddraal. O sujeito estava bastante modesto, de um jeito meio condescendente, mas deixou escapar que havia matado o Desvanecido ao dar de cara com um bando de Trollocs. Um admirado séquito o levou para ver a cena da batalha que ocorrera ali — estavam chamando assim — onde cavalos arrastavam Trollocs para imensas piras que já mandavam para cima colunas de fumaça negra e oleosa. Luc também admirava tudo, respeitoso, fazendo apenas uma ou duas críticas em relação à distribuição que Perrin fizera de seus homens; fora essa a história que o povo de Dois Rios contara, sobre Perrin homando todo mundo em fila e dando ordens que decerto jamais dera.

Para Perrin, Luc abriu um sorriso superior de aprovação.

— Você foi muito bem, meu rapaz. Teve sorte, é claro, mas existe mesmo uma coisa chamada sorte de principiante, não é?

Quando o homem se recolheu para o quarto na estalagem Fonte de Vinho, Perrin pegou a cabeça e a enterrou. Não era coisa para o povo ficar olhando, ainda mais as crianças.

As perguntas se estenderam ao longo do dia, que foi se arrastando, até que Perrin de repente percebeu que o sol já estava bem no alto do céu e ele não havia comido nada. Seu estômago estava mandando recados.

— Senhora al'Caar — começou ele, de cima do estribo, em um tom cansado, chamando a mulher de rosto comprido. — Acho que as crianças podem brincar em qualquer lugar, desde que alguém fique de olho para

evitar que elas avancem para além das últimas casas. Luz, mulher, a senhora sabe disso. É claro que conhece as crianças bem mais do que eu! Do contrário, como teria conseguido criar os seus quatro? — O mais novo dela era seis anos mais velho do que ele!

Nela al'Caar franziu o cenho e balançou a cabeça, sacudindo a trança de mechas grisalhas. Por um instante ele pensou que a mulher fosse lhe dar um cascudo por falar com ela daquele jeito. Ele quase desejou que ela o fizesse, para ser diferente de todos os outros que queriam a opinião dele para tudo.

— É claro que conheço as crianças — disse ela. — Só quero garantir que tudo seja feito da forma que você desejar. Vai ser assim, então.

Com um suspiro, ele apenas esperou a mulher dar as costas para virar a rédea de Galope na direção da estalagem Fonte de Vinho. Duas ou três vozes o chamaram, mas ele se recusou a dar ouvidos. Da forma que ele desejasse. Qual era o problema daquela gente? O povo de Dois Rios não agia daquele jeito. Sem dúvida não os campeiros. Arrumavam confusão com tudo. Os debates diante do Conselho da Aldeia, ou entre os integrantes do Conselho, tinham de chegar às vias de fato antes de gerar falatório. E, ainda que o Círculo das Mulheres acreditasse ter mais cautela com as próprias questões, não havia um homem que não soubesse o que significavam mulheres de dentes cerrados pisando firme, de tranças eriçadas, feito rabos de gatos nervosos.

O que eu desejo?, pensou, irritado. *O que eu desejo é algo para comer, um lugar onde ninguém venha tagarelar no meu ouvido.* Ao pisar diante da estalagem, cambaleou e pensou que poderia acrescentar uma cama a essa listinha. Era apenas meio-dia, Galope estava fazendo todo o trabalho, e ele já se sentia cansado até os ossos. Talvez Faile tivesse razão, afinal de contas. Talvez ir atrás de Loial e Gaul fosse mesmo má ideia.

Quando Perrin adentrou o salão, a Senhora al'Vere deu uma olhadela nele e quase o empurrou em uma cadeira, com um sorriso maternal.

— Já está na hora de você parar um pouco de dar ordens por aí — disse ela, com firmeza. — Campo de Emond pode muito bem sobreviver uma hora por conta própria, enquanto você põe um pouco de comida para dentro. — Ela saiu, apressada, antes que ele conseguisse retrucar que Campo de Emond podia muito bem sobreviver sem ele, ponto.

O salão estava quase vazio. Natti Cauthon estava sentada a uma mesa, enrolando pedaços de atadura e montando uma pilha, mas sem tirar o olho das filhas, do outro lado do salão, embora ambas já tivessem idade para usar tranças. O motivo era muito simples. Bo e Eldrin estavam sentadas uma de cada lado de Aram, incentivando o latoeiro a comer. Dando comida na boca, na verdade, e limpando o queixo do homem. Pelo jeito com que sorriam para o sujeito, Perrin ficou surpreso em não ver Natti à mesa com as duas, de tranças ou não. O rapaz era bonito, ele achava; talvez até mais do que Wil al'Seen. Bo e Eldrin sem dúvida pensavam o mesmo. Aram, por sua vez, retribuía os sorrisos de vez em quando — as duas mocinhas eram belas e bem-feitas de corpo; o homem teria de ser cego para não enxergar, e Perrin não imaginava que Aram não tivesse olhos para belas garotas — porém mal engolia

uma colherada sem cravar os olhos arregalados nas lanças e armas de haste apoiadas nas paredes. Para um Tuatha'an devia ser uma visão terrível.

— A Senhora al'Vere falou que você finalmente se cansou da sela — disse Faile, irrompendo pela porta da cozinha. Espantosamente, usava um avental branco comprido, feito o de Marin; as mangas da blusa estavam dobradas até os cotovelos, e ela tinha as mãos sujas de farinha. Como se de repente se desse conta daquilo, ela arrancou o avental, limpando as mãos nele depressa, e pendurou-o no encosto de uma cadeira. — Nunca assei nada antes — disse, baixando as mangas e juntando-se a ele. — Misturar massa de farinha é muito divertido. Acho que vou querer fazer de novo um dia desses.

— Se você não assar — respondeu ele — como é que a gente vai comer pão? Não pretendo passar a vida inteira viajando, comprando comida nem comendo o que conseguir capturar em armadilhas e acertar com arco e funda.

Ela sorriu, como se ele tivesse dito algo muito amável, mas nem por um decreto ele foi capaz de enxergar o quê.

— A cozinheira vai assar, é claro. Imagino que uma das ajudantes, na verdade, mas a cozinheira vai supervisionar.

— A cozinheira — murmurou ele, balançando a cabeça. — Ou uma das ajudantes. Claro. Como é que não pensei nisso?

— O que foi que houve, Perrin? Você parece preocupado. Acho que as defesas estão tão reforçadas quanto é possível sem uma muralha.

— Não é isso. Faile, esse negócio de Perrin Olhos-Dourados está saindo de controle. Não sei quem eles pensam que sou, mas ficam me perguntando o que fazer, se está tudo certo, quando já sabem o que deve ser feito, quando são capazes de descobrir se parecem para pensar por dois minutos.

Ela analisou o rosto dele por um longo instante, com aqueles olhos oblíquos e escuros, então disse:

— Quantos anos faz desde que a Rainha de Andor de fato governou isso aqui?

— A Rainha de Andor? Não sei ao certo. Uns cem, talvez. Duzentos. O que é que isso tem a ver?

— Esse povo não se lembra de como é lidar com uma rainha... ou um rei. Estão tentando descobrir. Você precisa ter paciência com eles.

— Rei? — disse, em um tom fraco. Deixou a cabeça desabar nos braços, em cima da mesa. — Ah, Luz!

Com uma risadinha, Faile lhe afagou os cabelos.

— Bom, talvez não isso. Duvido muito que Morgase aprovaria. Um líder, pelo menos. Mas ela sem dúvida aprovaria um homem que recuperasse terras que seu trono não controla há mais de cem anos. Ela certamente faria desse homem um lorde. Perrin da Casa Aybara, Lorde de Dois Rios. Soa muito bem.

— Dois Rios não precisa de lorde nenhum — respondeu ele, com um grunhido, debruçado na mesa de carvalho. — Nem de reis nem de rainhas. Somos homens livres!

— Homens livres também podem precisar — respondeu ela, com doçura.

— Quase todos os homens desejam acreditar em algo maior do que eles

mesmos, algo mais vasto que seus próprios campos. É por isso que existem as nações, Perrin, e os povos. Até Raen e Ila se consideram parte de algo maior do que as caravanas que conduzem. Eles perderam os carroções e quase toda a família e os amigos, mas outros Tuatha'an ainda buscam a canção, e eles também vão voltar a buscar, porque pertencem a algo maior do que alguns carroções.

— Isso aqui é de quem? — perguntou Aram subitamente.

Perrin levantou a cabeça. Viu o jovem latoeiro de pé, encarando incomodado as lanças apoiadas nas paredes.

— Elas são de quem quiser, Aram. Ninguém vai machucar você com nenhuma dessas, pode acreditar. — Ele não soube ao certo se Aram havia acreditado, pelo jeito como o rapaz começou a caminhar lentamente pelo salão, com as mãos enfiadas nos bolsos, olhando de soslaio as lanças e alabardas.

Perrin ficou mais do que grato em cravar os talheres no prato de assado de ganso fatiado que Marin trouxe, com nabos, ervilhas e um bom pão de crosta crocante. Ou teria cravado, pelo menos, se Faile não tivesse lhe enfiado um guardanapo com bordados floridos na camisa, feito um babador, e afanado garfo e faca das mãos dele. Ela parecia achar graça em dar comida na boca de Perrin, feito Bo e Eldrin haviam feito com Aram. As meninas Cauthon deram risadinhas para ele, e Natti e Marin também exibiam sorrisinhos. Perrin não enxergava o que havia de tão engraçado. No entanto, estava disposto a acatar a vontade de Faile, ainda que comer sozinho tivesse sido mais fácil. Ela o fazia esticar o pescoço para pegar a comida no garfo.

Aram, em passadas lentas, deu três voltas em torno do salão antes de parar bem ao pé da escada, encarando o barril de espadas. Então se aproximou e puxou uma delas do amontoado, erguendo-a, meio sem jeito. O cabo envolto em couro era tão comprido que era possível segurá-lo com ambas as mãos.

— Posso usar essa aqui? — perguntou ele.

Perrin quase engasgou.

Alanna surgiu no topo da escada, acompanhada por Ila; a mulher Tuatha'an tinha uma expressão cansada, mas já não se via o hematoma em seu rosto.

— ... a melhor coisa é dormir — dizia a Aes Sedai. — O que o perturba mais é a lembrança, e isso eu não consigo curar.

Os olhos de Ila pararam no neto, no que ele segurava, e a mulher gritou como se aquela lâmina tivesse sido cravada em sua carne.

— Não, Aram! Nãããooo! — A mulher quase caiu, na ânsia de descer as escadas, e atirou-se em cima de Aram, tentando arrancar a espada das mãos dele. — Não, Aram — dizia, desesperada. — Não faça isso. Ponha isso no chão. O Caminho da Folha. Não faça isso! O Caminho da Folha! Por favor, Aram! Por favor!

Aram dançava com a mulher, defendendo-se, meio desajeitado, tentando afastar dela a espada.

— Por que não? — gritou ele, cheio de raiva. — Eles mataram a mamãe! Eu vi! Eu poderia ter impedido, se tivesse uma espada. Eu poderia ter salvado a

minha mãe!

As palavras partiram o coração de Perrin. Um latoeiro com uma espada era algo anormal, quase o bastante para lhe arrepiar os pelos da nuca, mas aquelas palavras... a mãe dele.

— Deixe o rapaz quieto — disse, com mais rispidez do que pretendia. — Todo homem tem o direito de se defender, de defender sua... ele tem o direito.

Aram estendeu a espada para Perrin.

— Você pode me ensinar a usar?

— Eu não sei usar — respondeu Perrin. — Mas você pode encontrar alguém.

Lágrimas corriam pelo rosto de Ila.

— Os Trollocs levaram a minha filha — disse ela, aos soluços, o corpo inteiro tremendo — e todos os meus netos, menos um, e agora você está levando o último. Ele está Perdido, e por culpa sua, Perrin Aybara. Você já é um lobo, em seu coração, e agora ele também vai virar um. — A mulher se virou e subiu de volta os degraus, cambaleante, ainda soluçando.

— Eu poderia ter salvado a mamãe! — gritou Aram para ela. — Avó! Eu poderia! — Ela não olhou para trás, e, ao vê-la desaparecer no corredor, o rapaz desabou sobre o corrimão, chorando. — Eu poderia, vovó. Eu poderia ter salvado...

Perrin percebeu que Bo também chorava, com o rosto enfiado nas mãos, e as outras mulheres o encaravam de cenho franzido, como se ele tivesse feito algo errado. Não, não todas. Alanna, do alto da escada, o observava com aquela calma indecifrável de Aes Sedai, e Faile exibía uma expressão igualmente impassível.

Ele limpou a boca, largou o guardanapo na mesa e se levantou. Ainda havia tempo de dizer a Aram que largasse a espada e fosse pedir perdão a Ila. Tempo de dizer a ele... O quê? Que talvez, da próxima vez, ele não estivesse presente para assistir à morte de seus entes queridos? Que talvez ele pudesse apenas retornar para procurar suas covas?

Ele pousou a mão no ombro de Aram, e o homem se encolheu, envolvendo a espada como se esperasse que Perrin fosse tomá-la. O cheiro do latoeiro trazia diversas emoções: medo, ódio e uma tristeza profunda. Perdido, foi assim que Ila o chamara. O olhar dele estava perdido.

— Limpe o rosto, Aram. Depois vá encontrar Rand al'Thor. Diga que eu pedi a ele para lhe ensinar a usar a espada.

O outro homem ergueu a cabeça, lentamente.

— Obrigado — gaguejou, esfregando as lágrimas do rosto com a manga. — Obrigado. Nunca vou me esquecer disso. Nunca. Eu juro. — Subitamente ele ergueu a espada e beijou a lâmina reta; o pomo do cabo tinha o formato de uma cabeça de lobo. — Eu juro. Não é assim que se faz?

— Suponho que sim — respondeu Perrin, pesaroso, se perguntando qual seria a razão do pesar. O Caminho da Folha era uma bela crença, como um sonho de paz, mas, assim como o sonho, não resistiria à violência. Ele não conhecia nenhum lugar assim. Era um sonho para outro homem, em outro

lugar. Em outra Era, talvez. — Vá, Aram. Você tem muito o que aprender, e talvez não haja muito tempo. — Ainda balbuciando agradecimentos, o latoeiro não esperou que as lágrimas secassem para sair correndo da estalagem, erguendo com ambas as mãos a espada diante de si.

Ciente da cara de desprezo de Eldrin, das mãos de Marin na cintura e da carranca de Natti, sem mencionar o choro de Bo, Perrin retornou à cadeira. Alanna havia saído do topo da escada. Faile o observou pegar o garfo e a faca.

— Você desaprova? — perguntou ele, baixinho. — Um homem tem o direito de se defender, Faile. Até mesmo Aram. Ninguém pode obrigá-lo a seguir o Caminho da Folha se ele não quiser.

— Eu não gosto de ver você sofrer — disse ela, bem baixinho.

Ele parou de cortar o pedaço de ganso. Sofrer? Aquele sonho não era para ele.

— Só estou cansado — respondeu, com um sorriso. Não achou que ela tivesse acreditado.

Antes que ele tivesse tempo de dar a segunda garfada, Bran enfiou a cabeça pela porta da frente. Usava outra vez o elmo tosco.

— Cavaleiros chegando do norte, Perrin. Muitos cavaleiros. Acho que devem ser os Mantos-brancos.

Faile deu um salto ao mesmo tempo em que Perrin se levantou, e quando ele surgiu do lado de fora montado em Galope, com o Prefeito resmungando sozinho sobre o que pretendia dizer aos Mantos-brancos, ela saiu pela lateral da estalagem, conduzindo a égua negra. Havia mais gente correndo para o norte do que concentrada em suas tarefas. Perrin não estava com muita pressa. Os Filhos da Luz poderiam muito bem ter chegado para levá-lo preso. Provavelmente era isso. Ele não pretendia ser algemado, mas não estava ansioso para pedir ao povo que lutasse com os Mantos-brancos por causa dele. Avançou atrás de Bran e juntou-se ao fluxo de homens, mulheres e crianças que cruzavam a Ponte do Carroção sobre o rio Fonte de Vinho, com os cascos de Galope e Andorinha ressoando nas tábuas pesadas. Uns poucos salgueiros compridos cresciam ali, à beira d'água. A ponte marcava o início da Estrada do Norte, depois seguia adiante para Colina da Vigília e além. Algumas das colunas de fumaça a distância haviam se transformado em filetes, sobre as fogueiras que se esvaíam.

No ponto onde a estrada se afastava da aldeia, ele encontrou um par de carroções a bloqueá-la e homens cheirando a ansiedade reunidos atrás de estacas afiadas cravadas no chão, com arcos, lanças e afins, conversando em murmúrios, todos amontoados para observar o que vinha pela estrada: uma longa fileira dupla de cavaleiros de mantos brancos seguiam deixando uma nuvem de poeira, os capacetes cônicos e as placas e malhas polidas, reluzentes a cintilar sob o sol da tarde, as lanças com ponta de aço todas inclinadas na mesma angulação. Na liderança vinha um jovem, empertigado e de rosto severo, que era vagamente familiar a Perrin. Com a chegada do Prefeito, o burburinho cessou no mesmo instante. Ou talvez tivesse sido a chegada de Perrin que causou o silêncio.

A cerca de duzentas passadas das estacas, o homem de rosto severo ergueu a mão, e a primeira coluna parou, com a ordem ecoando pelas fileiras. Ele avançou na companhia de apenas meia dúzia de Mantos-brancos, correndo o olhar pelos carroções, as estacas afiadas e os homens atrás. A atitude indicava alguém importante, mesmo sem os nós de patente sob o raio de sol flamejante que havia em seu manto.

Luc surgiu de algum lugar, resplandecente sobre o garanhão negro de pelo brilhoso, vestido em lã vermelha com bordados dourados. Talvez fosse muito natural que o oficial dos Mantos-brancos escolhesse se dirigir a Luc, embora seus olhos escuros continuassem a sondar.

— Eu sou Dain Bornhald — anunciou o homem, puxando as rédeas — Capitão dos Filhos da Luz. Os senhores prepararam isso para nós? Ouvi dizer que Campo de Emond está fechado para os Filhos, sim? É claro que uma aldeia da Sombra estaria fechada aos Filhos da Luz.

Dain Bornhald, não Geofram. Seu filho, talvez. Não que fizesse diferença. Perrin supôs que tanto um quanto o outro fossem tentar levá-lo preso. Como esperado, o olhar de Bornhald passou batido por ele, depois retornou depressa. O homem pareceu ter sido tomado por um espasmo; uma das mãos protegidas por manoplas avançou até a espada, os lábios contraídos em um rosnado silencioso, e por um instante Perrin achou que o sujeito estivesse prestes a atacá-lo, dando um pinote com o cavalo em direção à barreira de tocos pontudos para alcançá-lo. O homem parecia nutrir um ódio pessoal por Perrin. De perto, aquele rosto guardava um toque de indolência, um brilho nos olhos que Perrin se recordava de ver em Bili Congar. Achou que sentia cheiro de conhaque.

O homem de rosto encovado ao lado de Bornhald era mais do que familiar. Perrin jamais esqueceria aqueles olhos fundos, feito duas brasas negras. Alto, abatido e duro feito uma bigorna. Jaret Byar de fato o encarava com ódio. Quer Bornhald fosse ou não um fanático, Byar sem dúvida era.

Luc aparentemente teve o bom senso de não tentar usurpar o lugar de Bran — ele de fato se preocupou mais em examinar a fileira de Mantos-brancos depois que a poeira baixou, revelando mais Filhos ao longo da estrada — para desgosto de Perrin, porém Bran o encarou — o aprendiz de ferreiro — e esperou seu meneio de cabeça antes de responder. O *Prefeito* Bornhald e Byar claramente perceberam a movimentação silenciosa.

— Campo de Emond não está exatamente fechado para os senhores — respondeu Bran, empertigado, com a lança apoiada na lateral do corpo. — Nós decidimos nos defender sozinhos, e hoje de manhã conseguimos. Se quiserem ver nosso trabalho, olhem ali. — Ele apontou na direção da fumaça que se erguia das piras dos Trollocs. Um odor adocicado e enjoativo de carne queimada pairava, mas ninguém além de Perrin parecia notar.

— Vocês mataram alguns Trollocs? — perguntou Bornhald com desdém. — Sua sorte e habilidade me impressionam.

— Mais do que alguns! — gritou alguém do povo de Dois Rios. — Centenas!

— Foi uma batalha! — gritou mais alguém, e outras dúzias se manifestaram, raivosas, uma por cima da outra.

— Nós lutamos e vencemos!

— Onde é que vocês estavam?

— Podemos nos defender sem nenhum Manto-branco!

— Dois Rios!

— Dois Rios e Perrin Olhos-Dourados!

— Olhos-Dourados!

— Olhos-Dourados!

Leof, que deveria estar protegendo os lenhadores, começou a abanar o estandarte carmesim com a cabeça de lobo.

O olhar de Bornhald, fervente de ódio, era dirigido a todos os homens, mas Byar aproximou do grupo o capão baio, rosnando.

— Vocês, fazendeiros, pensam que sabem lutar? — vociferou ele. — Ontem à noite uma das suas aldeias quase foi eliminada por Trollocs! Esperem só até eles chegarem aos montes e vão desejar que suas mães nunca tivessem beijado seus pais! — Com um gesto cansado de Bornhald, o homem se calou, feito um sabujo treinado obedecendo ao mestre, mas suas palavras acietaram o povo de Dois Rios.

— Que aldeia? — A voz de Bran exibia ao mesmo tempo dignidade e preocupação. — Todos nós conhecemos gente em Colina da Vigília e em Trilha de Deven.

— Colina da Vigília não foi atingida — respondeu Bornhald — e eu não sei nada a respeito da Trilha de Deven. Hoje de manhã um cavaleiro me trouxe a notícia de que Barca do Taren não existe mais. Se tiverem amigos por lá, muita gente conseguiu escapar pelo rio. Pelo rio. — O homem contraiu o rosto por um instante. — Eu mesmo perdi quase cinquenta bons soldados.

A notícia produziu alguns murmúrios de desagrado; ninguém gostava de ouvir aquele tipo de coisa, mas, por outro lado, ninguém ali conhecia gente de Barca do Taren. Decerto jamais haviam ido tão longe.

Luc avançou com seu cavalo, e o garanhão tentou morder Galope. Perrin segurou forte a rédea do animal antes que os dois comessem a brigar, porém Luc não pareceu perceber, nem se importar.

— Barca do Taren? — perguntou, a voz inexpressiva. — Os Trollocs atacaram Barca do Taren ontem à noite?

Bornhald deu de ombros.

— Eu falei, não falei? Parece que os Trollocs enfim decidiram invadir as aldeias. Que sorte vocês aqui terem sido avisados a tempo de preparar essa excelente defesa. — Ele correu o olhar pela cerca de estacas e pelos homens atrás dela antes de encarar Perrin.

— O homem chamado Ordeith estava em Barca do Taren ontem à noite? — perguntou Luc.

Perrin o encarou. Ele não sabia que Luc sequer conhecia Padan Fain, ou o nome que o sujeito usava agora. Mas as pessoas falavam, ainda mais quando alguém conhecido como mascate retornava cheio de autoridade entre os Mantos-brancos.

A reação de Bornhald foi tão estranha quanto a pergunta. Seus olhos cintilaram, destilando um ódio tão forte quanto o demonstrado por Perrin, mas seu rosto empalideceu, e ele esfregou os lábios com o dorso da mão, como se tivesse esquecido que estava usando manoplas de aço.

— O senhor conhece Ordeith? — perguntou, inclinando-se para a sela de Luc.

Foi a vez do Lorde dar de ombros, com um ar desprezível.

— Já o vi aqui e ali, desde que vim para Dois Rios. Um homem de péssima reputação, e os que o seguem não vão muito além. O tipo que me parece descuidado o bastante para permitir o sucesso de uma incursão de Trollocs. Ele estava lá? Se estava, esperemos que tenha morrido por conta dessa asneira. Caso contrário, esperemos que o senhor o tenha trazido até aqui, bem debaixo dos seus olhos.

— Eu não sei onde ele está — retrucou Bornhald, bruscamente. — E nem me importo! Não vim até aqui para falar de Ordeith! — O cavalo deu um pinote, nervoso, quando Bornhald ergueu a mão e apontou para Perrin. — Você está preso como Amigo das Trevas. Será levado até Amador, e lá será interrogado sob o Domo da Verdade.

Byar encarou seu Capitão, incrédulo. Por detrás da barreira que separava os Mantos-brancos dos homens de Dois Rios se elevaram murmúrios de raiva; lanças e alabardas foram empunhadas, arcos, erguidos. Os Mantos-brancos mais distantes começaram a se dispersar, em uma fileira reluzente, sob os gritos de ordem de um sujeito tão grande dentro da armadura quanto Mestre Luhhan, deslizando as lanças para os suportes das selas, desencaixando os arcos curtos de montaria. Aquela distância, eles conseguiriam pouco mais do que proteger a fuga de Bornhald e seus homens, caso de fato resolvessem fugir, porém Bornhald parecia ignorar o perigo, ou qualquer outra coisa que não fosse Perrin.

— Não vai haver prisão nenhuma — retrucou Bran com rispidez. — Nós decidimos isso. Ninguém mais vai preso sem que haja uma prova do crime, e uma prova em que *nós* acreditemos. Os senhores jamais vão conseguir me convencer de que Perrin é Amigo das Trevas, então é melhor baixarem as armas.

— Ele traiu meu pai e o levou à morte em Falme — gritou Bornhald. A raiva o consumia. — Ele o atirou para Amigos das Trevas e bruxas de Tar Valon que assassinaram mil Filhos com o Poder Único! — Byar assentia vigorosamente.

Alguns dos homens de Dois Rios se movimentavam, indecisos; havia rumores a respeito do que Verin e Alanna tinham feito aquela manhã, e os falatórios sempre aumentavam os fatos. Fosse lá o que pensassem de Perrin, as centenas de histórias sobre Aes Sedai, quase todas falsas, facilitavam a crença de que elas haviam destruído mil Mantos-brancos. E, se o povo acreditasse nisso, talvez chegasse a acreditar no restante.

— Eu não traí ninguém — respondeu Perrin em um tom de voz alto, para que todos ouvissem. — Se o seu pai morreu em Falme, os que o mataram se chamam Seanchan. Não sei se eles são Amigos das Trevas, mas sei que usam o Poder Único nas batalhas.

— Mentiroso! — Bornhald chegava a cuspir. — Os Seanchan são uma história inventada pela Torre Branca para encobrir suas mentiras imundas! Você é Amigo das Trevas!

Bran balançou a cabeça, espantado, empurrando para o lado o elmo para coçar a franja grisalha.

— Eu não sei nada sobre esses... Seanchan? Sobre esses Seanchan. O que eu sei é que Perrin não é Amigo das Trevas, e os senhores não vão prender ninguém.

A situação estava ficando mais perigosa a cada minuto, Perrin percebeu. Byar viu, deu um puxão no braço de Bornhald e sussurrou algo para ele, mas o capitão dos Mantos-brancos não iria recuar, ou talvez não pudesse, agora que tinha Perrin bem diante de seus olhos. Bran e os homens de Dois Rios também estavam com os pés bem firmes no chão; talvez não estivessem dispostos a permitir que os Mantos-brancos o levassem preso, nem se ele confessasse tudo o que Bornhald alegava. A menos que alguém jogasse água depressa, tudo iria explodir feito um punhado de palha seca em uma fogueira de forja.

Ele odiava ter de pensar depressa. Loial tinha razão. A afobação só trazia problemas. Porém, acreditava estar vislumbrando uma saída.

— Está disposto a adiar um pouco a minha prisão, Bornhald? Até derrotarmos os Trollocs? Eu não vou a lugar nenhum até então.

— Por que é que eu deveria fazer isso? — O homem estava cego de ódio. Se ele seguisse adiante, muitos morreriam, inclusive ele, provavelmente, e o sujeito não enxergava. Era inútil tentar convencê-lo. Em vez disso, Perrin perguntou:

— O senhor não viu todas as fazendas pegando fogo hoje de manhã? — Fez um gesto que abrangia todas as colunas de fumaça, já minguando. — Olhe em volta. O senhor mesmo disse. Os Trollocs não ficam mais satisfeitos em atacar uma ou duas fazendas toda noite. Estão atacando aldeias. Se os senhores tentarem voltar para a Colina da Vigília, pode ser que não consigam chegar lá. Já tiveram sorte de chegar tão longe. Mas, se vocês ficarem aqui, em Campo de Emond... — Bran se aproximou dele, e outros homens gritaram “não” bem alto; Faile aproximou-se e lhe tomou o braço, mas ele ignorou todos. — Vocês vão saber onde eu estou, e seus soldados serão bem-vindos para auxiliar as nossas defesas.

— Tem certeza disso, Perrin? — perguntou Bran, agarrando o estribo de Galope. Do outro lado, Faile disse, em tom de urgência:

— Não, Perrin! É um risco muito grande. Você não pode... quer dizer... por favor, não... Ah, que a Luz me queime até virar cinzas! Você *não pode* fazer uma coisa dessas!

— Não vou colocar homens uns contra os outros, se conseguir impedir — respondeu ele, com firmeza. — Não vamos fazer o trabalho dos Trollocs por eles.

Faile praticamente empurrou o braço dele. Com uma expressão de desprezo para Bornhald, tirou uma pedra pontuda da bolsa e uma faca de

algum lugar e começou a amolar a lâmina, com um som suave de *vush-vush-vush*.

— Hari Coplin não vai saber o que pensar agora — disse Bran, em um tom irônico. Endireitou o capacete redondo, virou-se de novo para os Mantos-brancos e fincou a ponta da lança no chão. — Os senhores ouviram as condições dele. Agora ouçam as minhas. Se vierem para Campo de Emond, não vão prender ninguém sem o aval do Conselho da Aldeia, o que não terão, então não vão prender ninguém. Não vão entrar na casa de ninguém sem serem convidados. Não vão arrumar problemas, e se juntarão às defesas quando e onde lhes for mandado. E eu não quero nem sentir o *cheiro* da Presa do Dragão! Os senhores concordam? Se não concordarem, podem retornar de onde vieram. — Byar encarava o homem rechonchudo, como se tivesse acabado de ver uma ovelha se erguer nas patas traseiras e chamá-lo para a briga.

Bornhald não tirava os olhos de Perrin.

— Feito — disse, por fim. — Até que a ameaça dos Trollocs acabe, trato feito! — Ele deu um puxão violento no cavalo e galopou de volta em direção à fileira de homens, com o manto branco drapejando atrás de si.

Quando o Prefeito ordenou que os carroções fossem movidos, Perrin percebeu que Luc o encarava. O sujeito estava afundado na sela, com a mão lânguida sobre o punho da espada, os olhos azuis cheios de satisfação.

— Achei que fosse fazer objeção — disse Perrin — pela forma como ouvi dizer que anda repudiando os Mantos-brancos na frente do povo.

Luc estendeu as mãos placidamente.

— Se essa gente quer viver no meio dos Mantos-brancos, que vivam no meio dos Mantos-brancos. Mas você precisa ter cuidado, jovem Olhos-Dourados. Eu entendo um pouco sobre acolher um inimigo no nosso seio. Ele crava a espada mais depressa quando está por perto. — Com uma risada, o homem guiou o garanhão de volta à aldeia, entre a multidão.

— Ele tem razão — disse Faile, ainda amolando a faca na pedra. — Talvez esse Bornhald mantenha a palavra de não prender você, mas o que impede um dos homens dele de lhe cravar uma faca pelas costas? Você não devia ter feito isso.

— Eu tive que fazer — retrucou ele. — É melhor do que fazer o trabalho dos Trollocs.

Os Mantos-brancos começaram a entrar, encabeçados por Bornhald e Byar. Os dois o encaravam com um ódio incessante, e também os outros, avançando aos pares... olhos frios e duros em rostos frios e duros se viravam para encará-lo. Não o odiavam, mas olhavam para ele e enxergavam um Amigo das Trevas. E Byar, pelo menos, era capaz de qualquer coisa.

Ele precisara fazer aquilo, mas pensou que talvez não fosse uma ideia tão ruim deixar Dannil, Ban e os outros o acompanharem como desejavam. Não conseguiria dormir sossegado sem alguém de vigia na porta. Guardas. Feito uma porcaria de um lorde. Pelo menos Faile ficaria contente. Se ao menos conseguisse dar um jeito de convencê-los a largar aquele estandarte...



VÉUS

A multidão se adensava nas ruas estreitas e sinuosas de Calpene, próximas ao Grande Círculo. O motivo era a fumaça das inúmeras fogueiras de cozinha que se erguia por sobre as muralhas brancas. O odor acre de fumaça, comida e suor velho pairava pesado no ar úmido da manhã e, somado ao choro de crianças e ao burburinho indistinto comum em grandes multidões, abafava o canto agudo das gaivotas que sobrevoavam o local. Fazia tempo que as lojas daquela área haviam fechado de vez as grades de suas portas.

Enojada, Egeanin seguia a pé por entre as pessoas. Era terrível ver que a desordem tomara conta da cidade a ponto de os refugiados miseráveis se apoderarem dos círculos, dormindo nos bancos de pedra. Era tão ruim quanto os governantes permitirem que o povo passasse fome. Ela deveria estar satisfeita, pois aquela gente desalentada nunca resistiria à *Corenne*, e então a ordem seria restaurada, mas odiava olhar aquilo tudo.

A maioria do povo maltrapilho à sua volta parecia apática demais para reparar em uma mulher de vestido de montaria azul, limpo e bem cerzido, de corte simples, porém de seda. Homens e mulheres em trajes que já tinham sido refinados, mas que agora estavam sujos e amarrotados, apareciam vez ou outra entre a multidão, por isso talvez ela não se destacasse tanto. Os poucos que pareciam se perguntar se aquelas roupas seriam sinônimo de dinheiro no bolso eram dissuadidos pela competência com que ela carregava o pesado cajado da sua altura. Guardas, cadeiras e carregadores tiveram de ser dispensados, naquele dia. Floran Gelb sem dúvida teria percebido que estava sendo seguido pelo grupo. Pelo menos o vestido de saias divididas lhe dava um pouco de liberdade de movimento.

Não perder de vista o homenzinho esquivo era fácil até mesmo no meio de toda aquela gente, apesar de ser necessário desviar de carros de boi ou de algum carroção, a maioria puxada por homens sem camisa suando em bicas,

não por animais. Gelb e sete ou oito companheiros, todos homens corpulentos e de feições duras, avançavam juntos, atropelando o povo com empurrões, e uma profusão de xingamentos acompanhava o bando. Os sujeitos a faziam ferver de raiva. Gelb pretendia tentar mais um sequestro. Encontrara três mulheres, desde que Egeanin lhe enviara o ouro requisitado, todas apenas um pouco parecidas com as da lista, e reclamara por todas as recusadas. Ela jamais deveria ter pagado o homem por aquela primeira que ele apanhara na rua. A cobiça e a lembrança do ouro aparentemente haviam apagado a reprimenda arrasadora que viera com a bolsa de dinheiro.

Gritos às suas costas a fizeram virar a cabeça e apertar o cajoado com mais força. Um pequeno espaço se abria na multidão, como acontecia quando ocorria algum problema. Um homem aos berros em um casaco em frangalhos, mas que um dia fora refinado, estava caído de joelhos no meio da rua, agarrando o braço direito dobrado em um ângulo não natural. Jogada por cima dele, protegendo-o com o próprio corpo, uma mulher chorosa de vestido verde esfarrapado gritava para um sujeito de véu que já se misturava à multidão:

— Ele só pediu uma moeda! Só pediu! — O povo voltou a se movimentar à volta deles.

Com uma careta, Egeanin virou as costas para a cena. E parou, soltando um xingamento que atraiu alguns olhares de espanto. Gelb e seus companheiros tinham desaparecido. Ela abriu caminho em direção a uma pequena fonte de pedra ao lado de uma adega de telhado plano, com um peixe de bronze cuspidor água, empurrou, rudemente duas das mulheres que enchiam cântaros e saltou para dentro da cúpula, ignorando os xingamentos indignados. De lá, dava para ver por cima das cabeças da multidão. Ruelas estreitas se espalhavam por todas as direções, entrelaçando as colinas. Curvas e construções de um branco caiado limitavam o campo de visão a menos de cem passadas, na melhor das hipóteses, mas Gelb não poderia ter ido mais longe do que isso naqueles poucos instantes.

Egeanin o encontrou de repente, escondido embaixo do umbral de uma porta a trinta passadas de distância, nas pontas dos pés para tentar espiar a rua. A partir daí foi muito fácil localizar os outros. Estavam encostados em prédios de ambos os lados da rua, tentando passar despercebidos. Não eram os únicos enfileirados nas paredes, mas, enquanto os outros se encolhiam, tomados pelo desânimo, seus rostos de nariz quebrado e cheios de cicatrizes pareciam ansiosos.

Então era ali que ocorreria o sequestro. Sem dúvida ninguém interferiria, não mais do que o povo interferiria quando o braço daquele sujeito fora quebrado. Mas quem seria levado? Se Gelb tivesse finalmente encontrado alguém da lista, Egeanin poderia ir embora e aguardar que ele fosse fazer a venda da mulher; aguardar a chance de ver se um *a'dam* de fato seria capaz de dominar outra *sul'dam* além de Bethamin. Entretanto, não pretendia enfrentar outra vez a escolha de degolar alguma infeliz ou mandá-la embora para ser vendida.

Havia muitas mulheres subindo a rua na direção de Gelb, a maioria usando tranças e com o rosto coberto por véus transparentes. Não precisou de muito para Egeanin descartar duas que iam em liteiras, com guarda-costas marchando ao lado. Os comparsas de Gelb não enfrentariam homens em um número próximo ao deles, nem enfrentariam espadas estando de mãos vazias. Seu alvo decerto não estaria acompanhado por mais de dois ou três homens, quando muito, e nenhum armado. Isso parecia incluir todas as outras mulheres à vista, fosse em andrajos, vestidos de camponesa de lã grossa ou no estilo mais justo adotado pelas tarabonianas.

De súbito, duas mulheres que viravam uma esquina ao longe, conversando, atraíram o olhar de Egeanin. Com os cabelos presos em tranças finas e rostos cobertos por véus transparentes, elas pareciam tarabonianas, mas se destacavam na multidão. Os escandalosos vestidos finos e drapeados, um verde, outro azul, eram de seda, não de linho ou trama fina de lã. Mulheres com trajes assim andavam em liteiras, não a pé. Ainda mais por ali. E também não levariam bastões nos ombros, feito tacos.

Egeanin descartou a de cabelos acobreados e analisou a outra. As tranças escuras iam quase até a cintura, comprimento pouco comum. Àquela distância, a mulher parecia muito com uma *sul'dam* chamada Surine. Mas não era Surine. A mulher não batia nem no queixo de Surine.

Resmungando entre dentes, Egeanin deu um salto para descer da fonte e começou a empurrar para abrir caminho pela massa de gente entre ela e Gelb. Com sorte, conseguiria alcançar o homem a tempo de mandá-lo abortar a missão. Aquele idiota. Aquele idiota ambicioso e ignorante!

* * *

— A gente devia ter alugado liteiras, Nynaeve — repetiu Elayne, perguntando-se pela centésima vez como as tarabonianas conseguiam conversar sem que o véu grudasse na boca. Cuspindo o tecido, acrescentou: — Vamos ter que usar essas coisas.

Um sujeito de rosto franzino avançava pela multidão em direção a elas, mas parou quando Nynaeve ergueu o bastão cilíndrico ameaçadoramente.

— É para isso que essas coisas servem. — O olhar dela talvez tivesse desencorajado o homem. Ela afastou as tranças escuras dos ombros, desajeitada, e fez um som irritado. Elayne não sabia quando a amiga se acostumaria a não ter apenas uma trança grossa para puxar. — E os pés são para andar. Como conseguiríamos olhar as coisas e fazer perguntas sendo carregadas feito porcos à venda? Eu ia me sentir uma idiota nessas cadeirinhas bestas. De todo modo, prefiro confiar na minha própria inteligência do que na de homens que não conheço.

Elayne tinha certeza de que Bayle Domon teria providenciado homens de confiança. E o Povo do Mar sem dúvida faria isso. Preferia que o *Bailador das Ondas* não tivesse zarpado, mas a Mestra das Velas e sua irmã estavam ansiosas

para espalhar a notícia do Coramoor por Dantora e Cantorin. Vinte guardacostas teriam lhe caído muito bem.

Ela mais pressentiu do que sentiu algo roçando a bolsa em seu cinto; agarrou a bolsa com uma das mãos e deu um giro, erguendo o bastão. A multidão se afastou um tantinho ao redor, acotovelando-se, mas sem nem olhá-la. Porém, não havia sinal do suposto ladrão. Pelo menos ainda sentia as moedas dentro da bolsa. Se habituara a usar o anel da Grande Serpente e o *ter'angreal* de pedra retorcida em um cordão em volta do pescoço, imitando Nynaeve, depois da primeira vez que quase perdera uma bolsa. Nos cinco dias que as duas passaram em Tanchico, já perdera três. Vinte guardas estariam de bom tamanho. E uma carruagem. Com cortinas nas janelas.

Retomando a lenta subida pela rua ao lado de Nynaeve, ela disse:

— Então a gente não devia estar usando esses vestidos. Eu me lembro de uma vez que você me enfiou em um vestido de camponesa.

— Dá um bom disfarce — respondeu Nynaeve, em um tom rude. — A gente se mistura.

Elayne deu uma fungadinha de desdém. Como se usando vestidos mais simples não fosse ainda mais fácil se misturar. Nynaeve não admitiria estar gostando de usar sedas e belos vestidos. Elayne só queria que a amiga não tivesse levado a coisa tão longe. A bem da verdade, todo mundo achava que eram tarabonianas — pelo menos até as duas abrirem a boca — mas, mesmo com a gola alta e cheia de babados, aquela renda verde justa no mínimo parecia mais reveladora do que qualquer coisa que ela usara na vida. Sem dúvida mais do que qualquer coisa que usara em público. Nynaeve, por outro lado, cruzava as ruas espremidas como se ninguém as estivesse olhando. Bem, talvez ninguém estivesse, mesmo, pelo menos não por conta dos vestidos, mas a sensação era de que estavam.

Suas roupas de baixo eram quase tão decentes quanto aqueles vestidos. Com o rosto quente, tentou parar de pensar em como a seda se moldava ao corpo. *Pare com isso! Está muito decente. Está, sim!*

— Essa tal Amys não contou nada que pudesse nos ajudar?

— Eu já disse o que ela contou.

Elayne suspirou. Nynaeve a obrigara a ficar acordada até o raiar do dia, conversando sobre a Sábia Aiel que estivera com Egwene em *Tel'aran'rhiod*, na noite anterior, depois ainda retomara a conversa quando as duas se sentaram para o café da manhã. Egwene, por algum motivo com os cabelos presos em duas tranças e disparando olhares emburrados para a Sábia, não dissera quase nada além de que Rand estava bem e que Aviendha estava cuidando dele. Amys, a mulher grisalha, falara o tempo todo, dando um sermão duro a respeito dos perigos do Mundo dos Sonhos que quase fizera Elayne sentir-se outra vez uma menininha de dez anos flagrada por Lini, sua antiga ama, fugindo da cama para roubar doces. Em seguida, a mulher emendara o discurso com avisos a respeito de concentração e controle dos pensamentos ao adentrar *Tel'aran'rhiod*. Como controlar os pensamentos?

— Eu achava que Perrin estava com Rand e Mat. — Aquela fora a maior surpresa, depois da aparição de Amys. Ao que parecia, Egwene pensara que

Perrin estava com ela e Nynaeve.

— Ele e aquela garota devem ter ido para algum lugar onde ele possa ser ferreiro em paz — retrucou Nynaeve, mas a Filha-herdeira balançou a cabeça.

— Acho que não.

Elayne tinha fortes suspeitas em relação a Faile, e, se estivesse pelo menos cinquenta por cento certa, a mulher não se contentaria em ser a esposa de um ferreiro. Ela cuspiu o véu, que se prendera entre os lábios outra vez. Que coisa mais idiota.

— Bem, seja lá onde ele estiver — retrucou Nynaeve, remexendo as tranças — espero que esteja bem e em segurança. Mas ele não está aqui, nem pode nos ajudar. Você pelo menos *perguntou* a Amys se ela sabia um jeito de usar *Tel'aran'rhiod* para...?

Um homem corpulento e careca, em um casaco marrom surrado, surgiu de repente, empurrando a multidão, e tentou envolvê-la com os braços robustos. Ela ergueu o bastão cilíndrico e acertou a cara larga do homem, que cambaleou para trás, apertando o nariz que decerto acabara, no mínimo, de sofrer a segunda fratura.

Elayne ainda estava tomando fôlego para soltar um grito de espanto quando um segundo homem, tão corpulento quanto o primeiro e com um bigode grosso no rosto, empurrou-a para alcançar Nynaeve. Ela se esqueceu do medo. Cerrou os dentes, tomada de fúria, e, assim que as mãos do homem tocaram a amiga, desceu o bastão na cabeça do sujeito com toda a força. O homem dobrou as pernas e caiu de cara no chão de um jeito que a deixou bem satisfeita.

A multidão se dispersou, ninguém queria ser envolvido nos problemas dos outros. Obviamente, ninguém ofereceu ajuda. E elas precisavam, Elayne percebeu. O homem que Nynaeve acertara ainda estava de pé, a boca contorcida em um rosnado, lambendo o sangue que escorria pelo nariz, flexionando as mãos robustas como se ávido por apertar um pescoço. E, pior, não estava sozinho. Sete outros homens as cercaram para impedir qualquer fuga. Todos, exceto um, eram do tamanho do primeiro, cheios de cicatrizes e com mãos que pareciam ter passado anos sendo marteladas em pedra. Um sujeitinho magrelo e de rosto fino, com os dentes arreganhados feito uma raposa nervosa, não parava de gritar, ofegante:

— Não deixe a moça escapar. Ela vale ouro, estou lhe dizendo. Ouro!

Os homens sabiam quem ela era. Não estavam tentando afanar sua bolsa, queriam se livrar de Nynaeve e sequestrar a Filha-herdeira de Andor. Sentiu Nynaeve abraçando *saidar* — se aquilo não a tivesse deixado irritada o bastante para canalizar, nada mais deixaria — e se abriu para a Fonte Verdadeira. Uma torrente do Poder Único a invadiu, e o doce jato a preencheu dos pés à cabeça. Uns poucos fluxos de Ar de cada uma dariam conta daqueles rufiões.

No entanto, ela não canalizou, nem Nynaeve. Juntas, as duas seriam capazes de dar uma sova naqueles sujeitos como suas mães deveriam ter feito. Ainda assim, não ousariam, a menos que não houvesse outra escolha.

Se alguém da Ajah Negra estivesse perto o suficiente para ver... já haviam se traído só com o brilho tênue de *sair*. Canalizar o pouco necessário para urdir aqueles fluxos de Ar bastaria para denunciá-las a uma irmã Negra à espreita em qualquer rua a cem passadas ou mais de distância, dependendo de sua força e sensibilidade. Isso era basicamente o que as duas tinham feito nos últimos cinco dias: percorrido a cidade, tentando sentir alguma mulher canalizando, na esperança de que isso as levasse até Liandrin e as outras.

Além do mais, também era preciso considerar as pessoas ao redor. Umas poucas ainda passavam de cada lado, bem coladas às paredes. O restante circulava a esmo, procurando outro caminho. Apenas algumas pessoas perceberam as duas em perigo e desviaram os olhos, constrangidas. No entanto, se vissem homenzarrões sendo arremessados por algo invisível...

A reputação das Aes Sedai e do Poder Único não andava muito boa em Tanchico, não com os rumores sobre Falme ainda pairando no ar e as histórias recentes a respeito do apoio da Torre Branca aos Devotos do Dragão no interior. Aquela gente poderia sair correndo se visse o Poder sendo manejado. Ou começar uma arruaça. Mesmo que ela e Nynaeve conseguissem evitar ser esquartejadas ali mesmo — o que não tinha muita certeza de que seria possível — não haveria maneira de encobrir o feito. Antes do anoitecer, a Ajah Negra já estaria ouvindo falar de Aes Sedai em Tanchico.

Posicionando-se de costas para as costas de Nynaeve, Elayne agarrou o bastão com força. Sentia vontade de dar uma risada histérica. Se Nynaeve ousasse mencionar sair sozinha outra vez — *a pé* — iria ver como era bom ter a cabeça enfiada em um balde d'água. Pelo menos nenhum daqueles grosseiros parecia ansioso em ser o primeiro a ter a cabeça rachada feito o sujeito caído na calçada de pedras.

— Andem! — gritou o homem de rosto fino, apressado, gesticulando para que avançassem. — Andem logo! São só duas mulheres! — No entanto, ele próprio não fez menção de se meter na briga. — Andem, estou dizendo. Só precisamos de uma. Ela vale ouro, estou dizendo.

De repente, elas ouviram um baque, e um dos rufiões caiu de joelhos, cambaleante, levando as mãos à cabeça, onde fora atingido. Uma mulher de vestido azul, com cabelos escuros e rosto austero, deslizou por ele e virou-se depressa para golpear outro sujeito com o dorso da mão, bem na boca. Em seguida, deu uma rasteira com um cajado e acertou o sujeito na cabeça quando ele desabou.

Já era espantoso que recebessem ajuda, ainda mais daquela fonte, mas Elayne não estava em condições de reclamar. Nynaeve irrompeu por detrás dela com um rugido gutural e avançou intempestiva, gritando:

— Avante o Leão Branco! — E partiu para espancar o grosseirão mais próximo com toda a força e rapidez possíveis. O homem ergueu os braços para se defender, com uma expressão de choque absoluto. — Avante o Leão Branco! — gritou outra vez, o grito de batalha de Andor, e o homem se virou e correu.

Soltando uma risada involuntária, Nynaeve deu um rodopio, procurando mais alguém para espancar. Apenas dois ainda não tinham saído correndo ou

desabado no chão. Aquele primeiro sujeito de nariz quebrado virou-se para fugir, e Nynaeve desferiu um último golpe firme nas costas dele. A mulher de rosto austero deu um jeito de enroscar o cado no braço e no ombro do outro, puxando-o ao mesmo tempo para perto e para cima. O sujeito pesava o dobro dela e era uma cabeça mais alto, mesmo com os pés plantados no chão, mas ela bateu três vezes com força no queixo do homem usando a base da mão livre, em rápida sucessão. Ele desmaiou, mas, enquanto desabava, Elayne viu o sujeito de rosto fino se levantando do chão da rua. Estava com o nariz sangrando e os olhos meio vidrados, mas puxou uma faca do cinto e partiu para dar um bote nas costas da mulher.

Sem pensar, Elayne canalizou. Um punho de Ar mandou o homem e sua faca rodopiando em uma cambalhota. A mulher de rosto austero deu um giro para se defender, mas o homem já saía correndo, meio sem jeito, e logo conseguiu se levantar e se misturar à multidão, mais adiante na rua. O povo havia parado para assistir à estranha luta, mas ninguém fez menção ajudar além da mulher de cabelos escuros. Ela encarava Elayne e Nynaeve, indecisa. A Filha-herdeira se perguntou se a mulher teria percebido que o homem magrelo fora derrubado pelo que parecia ter sido um monte de nada.

— Agradeço a ajuda — disse Nynaeve, meio ofegante, e aproximou-se da mulher, ajeitando o véu. — Acho que precisamos sair daqui. Sei que a Guarda Civil não vem muito às ruas, mas não quero ter que explicar, se eles aparecerem. Nossa estalagem é aqui perto. Quer vir com a gente? Uma xícara de chá é o mínimo que podemos oferecer a alguém que ainda ajuda os outros nessa cidade abandonada pela Luz. Meu nome é Nynaeve al'Meara, e esta é Elayne Trakand.

A mulher estava visivelmente hesitante. Ela *tinha* percebido.

— Eu... eu... gostaria. Sim. Gostaria. — A mulher tinha um jeito arrastado de falar, difícil de entender, mas vagamente familiar. Era mesmo encantadora, ainda mais com o contraste entre cabelos escuros e pele clara. Um pouco rígida demais para ser chamada de beldade. Os olhos azuis eram intensos, como se estivesse acostumada a dar ordens. Uma mercadora, talvez, naquele vestido. — Eu me chamo Egeanin.

Egeanin não demonstrou hesitação em acompanhar as duas até a rua mais próxima. O povo já começava a se reunir ao redor dos homens caídos. Elayne imaginou que os sujeitos acordariam despídos de qualquer coisa de valor, até mesmo das botas e roupas. Queria saber como eles tinham descoberto sua identidade, mas não havia como trazer um deles para interrogar. *Definitivamente* precisavam de guarda-costas, de agora em diante, independentemente do que Nynaeve dissesse.

Egeanin talvez não estivesse hesitante, mas parecia desconfortável. Elayne via nos olhos da mulher, enquanto as três avançavam pelo meio do povo.

— Você viu, não foi? — perguntou. A mulher tropeçou. Foi a confirmação de que Elayne precisava, e ela logo acrescentou: — Não lhe faremos mal algum. Ainda mais depois de você ter nos ajudado. — Precisou cuspir o véu outra vez. Nynaeve não parecia ter o mesmo problema. — Não precisa fazer careta para mim, Nynaeve. Ela viu o que eu fiz.

— Eu sei disso — respondeu Nynaeve secamente. — E foi a coisa certa a se fazer. Mas a gente não está enfiada no palácio da sua mãe, a salvo dos bisbilhoteiros. — Ela fez um gesto, indicando todo o povo à volta delas. Vendo o cajado de Egeanin e seus bastões, a maioria evitava se aproximar das três. Para Egeanin, a mulher disse: — A maioria dos boatos que você talvez tenha ouvido não é verdadeira. Pouca coisa é. Não precisa ter medo da gente, mas é bom entender que existem assuntos que não podemos abordar aqui na rua.

— Medo de vocês? — Egeanin parecia surpresa. — Eu não achei que precisava ter. Farei silêncio até vocês decidirem falar.

Ela manteve a palavra. As três caminharam caladas em meio aos murmúrios do povo, cruzando a península até retornarem ao Jardim das Três Ameixeiras. Toda aquela história de andar para cima e para baixo estava deixando os pés de Elayne doloridos.

Apesar de ainda ser cedo, havia homens e mulheres sentados no salão, bebericando vinho ou cerveja. A mulher tocando saltério estava acompanhada de um homem magro que tocava flauta; um som agudo que combinava com seu físico franzino. Juilin estava sentado a uma mesa perto da porta, fumando um cachimbo de haste curta. Ele ainda não retornara da incursão noturna quando as duas saíram. Elayne ficou satisfeita em ver que, pela primeira vez, o homem não exibia um corte ou hematoma novo. O submundo de Tanchico, como ele chamava, parecia ainda mais cruel do que a face que a cidade apresentava ao mundo. A única concessão de Juilin à moda da cidade fora substituir o chapéu reto de palha por um quepe cônico e escuro, que usava empoleirado na nuca.

— Encontrei as mulheres — comentou, dando um salto do banco e agarrando o quepe, antes de perceber que as duas estavam acompanhadas.

Ele encarou Egeanin, estreitando os olhos, e fez uma pequena mesura. Ela retribuiu com um meneio de cabeça e um olhar tão reservado quanto o dele.

— Encontrou? — perguntou Nynaeve, espantada. — Tem certeza? Desembuche, homem. O gato comeu sua língua? — E ela com as advertências sobre falar na frente dos outros.

— Eu deveria ter dito que descobri onde elas estão. — Julian não olhou Egeanin outra vez, mas escolheu as palavras com cuidado. — A mulher de mecha branca no cabelo me levou até uma casa onde estava hospedada com várias outras mulheres, embora poucas dessem as caras na rua. O povo local acha que são fugitivas ricas do interior. Não tem mais muita coisa lá além de alguns restos de comida na despensa. Até as serviçais foram embora... Mas, por uma pista aqui, outra ali, eu diria que elas foram embora ontem, no fim do dia, ou logo ao cair da noite. Duvido que aquelas ali tenham medo da noite em Tanchico.

Nynaeve agarrou um punhado das tranças finas. As juntas dos dedos ficaram brancas, de tanta força.

— Você entrou na casa? — perguntou, em um tom firme.

Elayne achou que a amiga estivesse a um passo de erguer o bastão que bamboleava a seu lado.

Juilin parecia pensar o mesmo. Encarando o bastão, ele respondeu:

— Vocês sabem muito bem que eu não corro riscos com essas mulheres. Uma casa vazia tem um certo jeito, passa uma sensação de vazia, não importa o tamanho. Não tem como caçar ladrões há tanto tempo quanto eu caço sem aprender a ver como eles.

— E se você tivesse acionado alguma armadilha? — Nynaeve praticamente sibilava. — Esse seu grande talento para *sentir* as coisas se aplica também a armadilhas? — O rosto escuro de Juilin ficou um pouco cinza. Ele umedeceu os lábios, como se fosse se explicar ou se defender, mas a mulher o interrompeu. — Vamos conversar sobre isso mais tarde, *Mestre Sandar*. — Ela desviou os olhos na direção de Egeanin com muita sutileza. Enfim se lembrara de que havia outros ouvidos ali. — Diga a Rendra que tomaremos chá na Sala das Flores Caídas.

— Câmara das Flores Caídas — corrigiu Elayne, baixinho, e Nynaeve disparou um olhar feio para ela.

A notícia de Juilin a deixara de mau humor.

O homem se curvou em uma mesura profunda, com as mãos espalmadas.

— Como a senhora ordenar, Senhora al'Meara, obedeço de coração — respondeu, cheio de ironia, botou o quepe escuro de volta no topo da cabeça e saiu batendo o pé, as costas expressivamente indignadas. Devia ser muito desagradável para um sujeito receber ordens de uma mulher com quem já tentara flertar.

— Aquele idiota! — grunhiu Nynaeve. — A gente devia ter largado esses dois no cais de Tear.

— Ele é seu serviçal? — perguntou Egeanin, receosa.

— É — respondeu Nynaeve, com rudeza.

— Não — disse Elayne, ao mesmo tempo.

As duas se olharam, Nynaeve ainda de cenho franzido.

— Talvez ele seja, de certa forma — retrucou Elayne, com um suspiro.

— Acho que não, afinal de contas — resmungou Nynaeve, por cima da outra.

— Ah... entendi — disse Egeanin.

Rendra avançou apressada por entre as mesas, com um sorriso nos lábios rosados por baixo do véu. Elayne preferia que a mulher não se parecesse tanto com Liandrin.

— Ah, as senhoritas estão lindas hoje. Que vestidos magníficos. Lindas. — Como se a mulher de cabelos cor de mel não tivesse influenciado a escolha do tecido e corte tanto quanto elas duas. O que ela vestia tinha um tom de vermelho adequado para uma latoeira, e sem dúvida pouco apropriado para ser exibido em público. — Mas as senhoritas fizeram bobagem outra vez, sim? É por isso que Juilin, aquele cavalheiro, está com uma carranca. As senhoritas não deveriam preocupá-lo tanto assim. — Um brilho em seus grandes olhos castanhos denunciava que Juilin encontrara outro flerte. — Venham. Tomem o chá de vocês no fresquinho e na privacidade, e, se precisarem sair outra vez, as senhoritas me permitam providenciar carregadores e guardas, sim? A bela Elayne não teria perdido tantas bolsas se as senhoritas estivessem mais

bem protegidas. Mas não vamos falar dessas coisas agora. Seu chá, ele está quase pronto. Venham.

Só podia ser uma habilidade adquirida, aos olhos de Elayne. Tinha que aprender a falar sem engolir o véu.

A Câmara das Flores Caídas, localizada no fim de um corredorzinho que saía do salão principal, era uma sala pequena e sem janelas, com uma mesa baixa e cadeiras entalhadas com almofadas vermelhas nos assentos. Era ali que Elayne e Nynaeve faziam as refeições — com Thom, Juilin, ou ambos, quando Nynaeve não estava às turras com os dois. As paredes de tijolo caído, pintadas com um verdadeiro bosque de ameixeiras soltando uma chuva de flores, eram grossas o bastante para impedir qualquer bisbilhotice. Elayne praticamente arrancou o véu e atirou o pedaço de pano diáfano sobre a mesa antes de se sentar. Nem mesmo as tarabonianas tentavam beber com aquilo no rosto. Nynaeve apenas desprendeu o dela de um dos lados do rosto.

Rendra continuou tagarelando enquanto as moças eram servidas, mencionando tópicos que iam desde a nova costureira capaz de aprontar vestidos da última moda com a seda mais incrivelmente delicada — ela sugeriu que Egeanin experimentasse e recebeu em resposta um olhar firme, que não a intimidou nem um pouco — até a razão pela qual elas deveriam dar ouvidos a Juilin, já que a cidade era perigosa demais para uma mulher sair sozinha, mesmo à luz do dia, e falando de passagem sobre um sabão perfumado que dava mais brilho aos cabelos. Elayne às vezes se perguntava como a mulher conseguia gerenciar uma estalagem tão bem-sucedida pensando apenas em cabelo e roupas. Que ela conseguia era óbvio, o intrigante era como. A mulher sem dúvida usava belas roupas, só não eram inteiramente *adequadas*. O serviçal que trouxe o chá, as xícaras de porcelana azul e os bolinhos em uma bandeja era o homem esbelto e de olhos escuros que enchera a caneca de Elayne naquela noite constrangedora. E tentara encher de novo, mais de uma vez, embora ela tivesse prometido a si mesma que nunca mais beberia mais de uma caneca. Era um homem bonito, mas a jovem lançou a ele o olhar mais frio que tinha, e o homem saiu correndo do salão.

Egeanin observou em silêncio até que Rendra também saísse.

— Vocês não são o que eu imaginava — disse ela por fim, equilibrando a xícara nos dedos de um jeito estranho. — A estalajadeira fica tagarelando frivolidades como se vocês três fossem irmãs, como se fossem idiotas feito ela, e vocês permitem. O homem escuro... ele é uma espécie de serviçal, ao que me parece... e debocha de vocês. Aquele rapazote as encara com um apetite voraz, e vocês permitem. Vocês são... Aes Sedai, não são? — Sem esperar a resposta, ela fixou os penetrantes olhos azuis em Elayne. — E você é... você é da nobreza. Nynaeve falou sobre o palácio da sua mãe.

— Esse tipo de coisa não importa muito na Torre Branca — respondeu Elayne, com pesar, limpando depressa umas migalhas de bolo do queixo. Era um bolo bem condimentado, quase ácido. — Se uma rainha fosse lá para

estudar, teria de esfregar o chão como qualquer outra noviça e fazer tudo o que mandassem.

Egeanin assentiu devagar.

— Então é assim que vocês governam. Governando os governantes. Muitas... rainhas... são treinadas dessa forma?

— Nenhuma que eu conheça — respondeu Elayne, com uma risada. — Mas é tradição em Andor mandar a Filha-herdeira. Na verdade, muitas mulheres nobres vão, só que em geral não querem que ninguém saiba, e a maioria vai embora sem sequer conseguir sentir a Fonte Verdadeira. Foi só um exemplo.

— Você também é da... é nobre? — perguntou Egeanin, e Nynaeve bufou.

— Minha mãe era fazendeira, e meu pai pastoreava ovelhas e plantava tabaco. Pouca gente de onde eu venho consegue sobreviver sem lã e tabaco para vender. E os seus pais, Egeanin?

— Meu pai era soldado, e minha mãe era... era oficial de um navio. — Por um momento, a mulher bebericou o chá não adoçado, observando as outras duas. — Vocês estão procurando alguém — disse, por fim. — Essas mulheres que o sujeito escuro mencionou. Eu negocio, entre outras coisas, informações. Tenho fontes que me contam as coisas. Talvez eu possa ajudar. Não cobraria nada, a não ser um pedido para que me falem mais sobre as Aes Sedai.

— Você já ajudou bastante — respondeu Elayne, mais do que depressa, lembrando-se de Nynaeve ter contado quase tudo a Bayle Domon. — Eu sou *mesmo* muito grata, mas não podemos aceitar mais nada. — Informar aquela mulher a respeito da Ajah Negra e deixá-la se envolver sem saber estavam igualmente fora de cogitação. — Não podemos, de verdade.

Boquiaberta, Nynaeve cravou os olhos em Elayne.

— Eu ia falar exatamente a mesma coisa — disse, em um tom inexpressivo, depois prosseguiu, com mais energia. — Nossa gratidão sem dúvida se estende a responder perguntas, Egeanin. Tantas quantas pudermos. — Ela decerto queria dizer que havia muitas perguntas para as quais não tinham resposta, mas a interpretação de Egeanin foi diferente.

— É claro. Não me intrometerei nos assuntos secretos da sua Torre Branca.

— Você parece bastante interessada nas Aes Sedai — comentou Elayne. — Não consigo sentir a habilidade em você, mas talvez possa aprender a canalizar.

Egeanin quase deixou a xícara de porcelana cair.

— É... é possível *aprender*? Eu não sab... Não. Não, eu não quero... aprender.

A agitação da mulher entristeceu Elayne. Mesmo entre os que não tinham medo das Aes Sedai, muitos ainda temiam qualquer coisa que tivesse relação com o Poder Único.

— E o que você quer saber, Egeanin?

Antes que a mulher pudesse falar, ouviu-se uma batida rápida na porta, e Thom entrou, vestido com a opulenta capa que ele se habituara a usar para sair. Sem dúvida atraía menos atenção do que a de menestrel, toda cheia de retalhos. Na verdade, conferia a ele um aspecto bastante ilustre, com aquela

crina de cabelos brancos, embora o ideal fosse escová-los com mais frequência. Imaginando-o mais moço, Elayne se achou capaz de enxergar o que atraía a mãe. O que não absolvía o homem por ter ido embora, claro. Ela suavizou a expressão antes que Thom percebesse a cara feia.

— Fui informado de que vocês não estavam sozinhas — comentou, encarando Egeanin com um olhar cauteloso, idêntico ao de Juilin. Os homens sempre suspeitavam de qualquer um que não conheciam. — Mas achei que gostariam de saber que os Filhos da Luz cercaram o Palácio da Panarca hoje de manhã. O povo nas ruas já está começando a comentar. Parece que Lady Amathera será empossada como Panarca amanhã.

— Thom — começou Nynaeve, em um tom cansado — a não ser que essa Amathera na verdade seja Liandrin, não quero nem saber se ela vai virar Panarca, Rei e Sabedoria de Dois Rios, tudo de uma vez só.

— O mais interessante — prosseguiu Thom, coxeando até a mesa — é o boato de que a Assembleia se recusou a escolher Amathera. Se recusou. Então por que é que ela vai ser empossada? Uma coisa tão estranha assim é digna de atenção, Nynaeve.

Assim que o homem começou a se abaixar para se sentar em uma cadeira, ela disse, baixinho:

— Estamos conversando em particular, Thom. Tenho certeza de que você vai julgar o salão mais apropriado.

Ela tomou um gole do chá, encarando-o por cima da xícara, claramente esperando que ele partisse.

Ruborizado, o homem se levantou sem nem ter chegado a se sentar de fato, mas não saiu imediatamente.

— Quer a Assembleia tenha ou não mudado de ideia, isso sem dúvida vai gerar revolta. O povo nas ruas ainda acredita que Amathera foi rejeitada. Se vocês insistirem em ir para as ruas, não vão poder sair sozinhas. — Apesar de o homem estar encarando Nynaeve, Elayne teve a impressão de que ele quase apoiou a mão em seu ombro. — Bayle Domon está atolado naquele quartinho perto do estaleiro, concluindo os negócios para caso tenha que fugir, mas concordou em providenciar cinquenta homens escolhidos a dedo, sujeitos duros, acostumados a brigar e muito hábeis com facas ou espadas.

Nynaeve abriu a boca, mas Elayne a interrompeu:

— Ficamos muito gratas, Thom, tanto a você quanto a Mestre Domon. Por favor, diga a ele que aceitamos essa oferta tão gentil e generosa. — Ela retribuiu o olhar impassível de Nynaeve e acrescentou, em um tom expressivo: — Eu não quero ser sequestrada no meio da rua, em plena luz do dia.

— Não — respondeu Thom. — Ninguém quer uma coisa dessas. — Elayne pensou ter ouvido o homem começar a dizer “criança” ao final da frase, e, dessa vez, ele de fato a tocou no ombro, com um ágil roçar de dedos. — Na verdade — prosseguiu — os sujeitos já estão esperando do lado de fora. Estou tentando encontrar uma carruagem; essas cadeiras deixam a pessoa dentro muito vulnerável. — O homem parecia saber que fora longe demais ao trazer os sujeitos de Domon antes do consentimento delas, sem falar na história de arrumar uma carruagem sem sequer ter tocado no assunto com as

duas, mas as encarou feito um velho lobo acuado, as sobrançelas frondosas meio caídas. — Eu... ficaria... pessoalmente arrependido caso alguma coisa acontecesse a vocês. A carruagem estará aqui assim que eu conseguir encontrar uma parelha. Se houver alguma à disposição.

De olhos arregalados, Nynaeve estava claramente em dúvida entre dar ou não uma reprimenda que o homem jamais esqueceria, e Elayne não teria se incomodado em acrescentar uma admoestação mais suave. Um pouco mais suave. Criança, ora essa!

Thom tirou vantagem da hesitação das duas para deslizar em uma mesura que teria encantado os habitantes de qualquer palácio e foi embora enquanto dava tempo.

Egeanin depositara a xícara de chá na mesa e encarava as duas, consternada. Elayne supôs que não haviam deixado uma impressão muito boa das Aes Sedai, permitindo que Thom as intimidasse.

— Eu tenho que ir — disse a mulher, levantando-se e apanhando o cajado apoiado na parede.

— Mas você não fez as perguntas que queria — protestou Elayne. — Nós lhe devemos respostas, no mínimo.

— Outra hora — respondeu Egeanin, depois de um instante. — Se me permitirem, voltarei outra hora. Preciso aprender sobre vocês. Vocês não são o que eu esperava.

As duas garantiram que ela poderia voltar em qualquer horário que estivessem por lá e tentaram convencê-la a ficar mais um pouco para terminar o chá e o bolinho, mas a mulher foi insistente em afirmar que precisava ir embora.

Nynaeve a levou até a porta, depois virou as costas e pôs as mãos na cintura.

— Sequestrar você? Caso tenha esquecido, Elayne, aqueles homens tentaram *me* agarrar!

— Para tirar você do caminho e poder me pegar — retrucou Elayne. — Caso você tenha esquecido, *eu* sou a Filha-herdeira de Andor. Minha mãe teria dado uma fortuna para aqueles homens pelo meu resgate.

— Pode ser — resmungou Nynaeve, indecisa. — Bom, pelo menos eles não tinham nada a ver com Liandrin. Aquelas lá não mandariam um bando de grosseirões para tentar nos meter dentro de um saco. Por que eles nunca perguntam, antes de fazer? Será que os pelos no peito os deixam idiotas?

A mudança súbita de assunto não deixou Elayne confusa.

— De todo modo, não teremos que nos preocupar em encontrar guarda-costas. Você concorda que é necessário, mesmo que Thom tenha passado um pouco dos limites?

— Acho que sim. — Nynaeve demonstrava um desgosto notável em admitir que estava errada. Pensara que os homens estavam atrás *dela*, por exemplo. — Elayne, você percebe que ainda não temos nada além de uma casa vazia? Se Juilin ou Thom cometerem um deslize e deixarem que alguém os descubra... Temos que encontrar as irmãs Negras sem que elas suspeitem,

senão nunca teremos a chance de segui-las até essa tal coisa que representa perigo para Rand.

— Eu sei — respondeu Elayne, com paciência. — Nós *já* conversamos sobre isso.

A mulher mais velha franziu o cenho para o nada.

— Ainda não temos a menor ideia do que é, nem de onde está.

— Eu sei.

— Mesmo que a gente pudesse acabar com Liandrin e as outras nesse exato instante, não poderíamos deixar essa tal coisa por aí, esperando que mais alguém a encontre.

— Eu sei disso, Nynaeve. — Lembrando a si mesma que devia ser paciente, Elayne suavizou o tom. — Nós vamos encontrá-las. Elas vão acabar cometendo algum deslize, e, entre os boatos de Thom, os ladrões de Juilin e os marujos de Bayle Domon, vamos ficar sabendo.

A expressão irritada de Nynaeve tornou-se pensativa.

— Você percebeu o olhar de Egeanin quando Thom falou de Domon?

— Não. Você acha que ela conhece Domon? Por que não comentaria?

— Eu não sei — respondeu Nynaeve, exaltada. — O rosto dela não se alterou, mas os olhos... Ela ficou surpresa. Conhece esse homem. Eu fico me perguntando... — Alguém bateu à porta. — Será que todo mundo de Tanchico vai vir falar com a gente? — resmungou, abrindo a porta com um solavanco.

Rendra se assustou com a expressão de Nynaeve, mas seu sorriso sempre presente retornou no mesmo instante.

— Peço perdão por incomodar as senhoritas, mas tem uma mulher lá embaixo perguntando por vocês. Não disse seus nomes, mas as descreveu direitinho. E disse que acha que conhece vocês. Ela é... — Rendra fez beicinho, os lábios pareciam um botão de flor na leve careta. — Me esqueci de perguntar o nome. Esta manhã estou burra feito uma cabrita. É uma mulher bem vestida, ainda não está na meia-idade. Não é de Tarabon. — Ela sentiu um arrepio. — Achei bem séria. Quando me viu pela primeira vez, me encarou com o mesmo olhar que minha irmã mais velha fazia quando éramos crianças e ela pensava em prender as minhas tranças nas moitas.

— Ou será que elas nos encontraram primeiro? — perguntou Nynaeve, baixinho.

Elayne abraçou a Fonte Verdadeira sem pensar e estremeceu de alívio por conseguir, por não ter sido blindada sem perceber. Se a mulher no andar de baixo fosse da Ajah Negra... Por outro lado, se fosse, por que se anunciaria? Mesmo assim, desejou que o brilho tênue de *saidar* também envolvesse Nynaeve. Se ao menos a amiga conseguisse canalizar sem estar irritada...

— Mande entrar — disse Nynaeve, e Elayne percebeu que ela estava muito consciente de sua deficiência, além de preocupada.

Quando Rendra deu as costas, Elayne começou a urdir fluxos de Ar, grossos feito cabos e prontos para servir de amarras, e fluxos de Espírito para blindar outras pessoas da Fonte. Se essa mulher tivesse um mínimo de semelhança com alguma da lista, se tentasse canalizar uma faísca que fosse...

A mulher que adentrou a Câmara das Flores Caídas, em um vestido preto de seda brilhosa e corte pouco familiar, não era ninguém que Elayne já tivesse visto, e sem dúvida não estava na lista de mulheres que haviam partido com Liandrin. Os cabelos escuros, soltos, caídos nos ombros, emolduravam um rosto forte e bonito, meio masculino, com olhos grandes e bochechas suaves, mas sem o ar etéreo de Aes Sedai. Sorrindo, a mulher fechou a porta atrás de si.

— Me perdoem, mas achei que vocês estivessem...

O brilho tênue de *saidar* a envolveu, e ela...

Elayne soltou a Fonte Verdadeira. Havia algo muito imponente naqueles olhos escuros, no halo à volta dela, o resplendor pálido do Poder Único. Era a mulher mais majestosa que Elayne já vira. A Filha-herdeira percebeu que se curvava em mesuras afobadas, ruborizada por ter considerado... O que tinha considerado? Era difícil lembrar.

A mulher analisou as outras duas por um instante, depois assentiu com satisfação e deslizou até a mesa, puxando uma cadeira entalhada pelo topo do espaldar.

— Venham para onde eu possa ver vocês mais de perto — mandou, em um tom peremptório. — Venham. Isso. Isso mesmo.

Elayne percebeu que estava parada ao lado da mesa, olhando de cima para a mulher de olhos escuros brilhantes. Esperava mesmo que estivesse tudo bem. Do outro lado da mesa, Nynaeve segurava firme um punhado das tranças compridas e finas, mas encarava a visitante com uma expressão meio boba e extasiada. Elayne sentiu vontade de rir.

— Mais ou menos o que eu imaginava — comentou a mulher. — Pouco mais do que garotas, e obviamente sem nem metade do treinamento. Mas são fortes. Fortes o bastante para causar muitos problemas. Principalmente você. — Ela cravou os olhos em Nynaeve. — Talvez um dia se torne alguém. Mas tem um bloqueio, não tem? Teríamos arrancado isso de você, mesmo que gritasse feito louca.

Nynaeve ainda segurava firme as tranças, mas sua expressão passou de um sorriso contente, infantil e exaltado para um tremor de lábios cheio de vergonha.

— Peço desculpas pelo meu bloqueio — disse, quase em um choramingo. — Eu tenho medo... de tanto poder... do Poder Único... como eu posso...?

— Fique quieta, a não ser que eu faça alguma pergunta — retrucou a mulher, com firmeza. — E não comece a chorar. Você está feliz em me ver, extasiada. Só o que deseja é me agradar e responder às minhas perguntas.

Nynaeve assentiu vigorosamente, sorrindo, ainda mais extasiada do que antes. Elayne percebeu que também estava. Tinha certeza de que conseguiria responder às perguntas primeiro. Qualquer coisa para agradar a mulher.

— Pois bem. Vocês estão sozinhas? Tem alguma outra *Aes Sedai* com vocês?

— Não — respondeu Elayne à primeira pergunta, mais que depressa, e emendou com a resposta à segunda: — Não tem nenhuma *Aes Sedai* com a gente.

Talvez devesse ter contado que as duas também não eram de fato Aes Sedai. Mas não fora essa a pergunta. Nynaeve cravou os olhos nela, as juntas brancas agarradas às tranças, furiosa por ter ficado para trás.

— Por que estão nesta cidade? — perguntou a mulher.

— Estamos caçando irmãs Negras — vociferou Nynaeve, disparando um olhar de triunfo para Elayne.

A mulher bonita soltou uma risada.

— Então foi por isso que não senti vocês canalizarem antes. Muito sábio manterem a discrição, sendo onze contra duas. Eu mesma sempre fui dessa política. Deixar os idiotas chamarem a atenção até ser descobertos. Daí eles são abatidos por uma aranha escondida nas frestas, que só enxergam quando já é tarde demais. Contem o que descobriram sobre essas irmãs Negras, tudo o que sabem sobre elas.

Elayne despejou tudo, lutando com Nynaeve para ser a primeira. Não era muita coisa. As descrições das mulheres, os *ter'angreal* que haviam roubado, os crimes na Torre e o medo de que houvesse mais irmãs Negras à solta, auxiliando um dos Abandonados em Tear, antes da queda da Pedra, a fuga delas até ali em busca de algo que representava perigo a Rand.

— Estavam todas juntas em uma casa — concluiu Elayne, ofegante — mas saíram de lá ontem à noite.

— Parece que vocês chegaram bem perto — comentou a mulher, escolhendo as palavras. — Muito perto. *Ter'angreal*. Virem as bolsas na mesa, esvaziem. — Elas obedeceram, e a mulher passou os dedos pelas moedas, conjuntos de costura, lenços e afins. — Vocês têm algum *ter'angreal* em seus quartos? *Angreal* ou *sa'angreal*?

Elayne estava ciente do anel de pedra retorcida pendurado entre os seios e do *ter'angreal* da placa de âmbar, com a mulher dormindo entalhada, bem guardado em um bolso dentro da saia. Nynaeve levava o *ter'angreal* de disco de ferro em um bolso sob as saias. Essas coisas não podiam ficar soltas em qualquer lugar. Mas não fora essa a pergunta.

— Não — respondeu. Não havia nada do tipo nos quartos.

A mulher empurrou tudo para longe e inclinou-se para trás, falando sozinha:

— Rand al'Thor. Então esse é o nome dele, agora. — Ela contraiu o rosto em uma careta que durou poucos segundos. — Um homem arrogante que fedia a bondade e piedade. Ele ainda é assim? Não, não se deem ao trabalho de responder. Pergunta inútil. Então Be'lal está morto. O outro, para mim, parece que é Ishamael. Todo esse orgulho em não estar totalmente preso, sem se importar com o preço. Quando o encontrei, vi que restava menos humanidade nele do que em qualquer um de nós. Acho que uma parte dele acreditava ser o Grande Senhor das Trevas. Todos esses três mil anos de maquinações para acabar perseguido por um garoto destreinado. O meu jeito é melhor. Suave, suave, nas sombras. Algo que controle um homem capaz de canalizar. Sim, teria de ser isso. — Ela estreitou os olhos, analisando as mulheres uma de cada vez. — Pois bem. Tenho que decidir o que fazer com vocês.

Elayne aguardou, paciente. Nynaeve exibia um sorrisinho bobo, os lábios abertos, na expectativa. Parecia ainda mais bobo pelo modo como ela agarrava as tranças.

— Você é muito forte para se desperdiçar, talvez um dia seja útil. Eu adoraria ver a cara de Rahvin no dia em que a vir desbloqueada — comentou a mulher, encarando Nynaeve. — Eu afastaria vocês dessa caçada, se pudesse. Uma pena que a compulsão seja tão limitada. De qualquer jeito, com o pouco que aprenderam, vocês estão muito atrás das outras. Suponho que possa vir buscá-las mais tarde e garantir um... novo treinamento. — Ela parou, e de repente o corpo inteiro de Elayne começou a tremer. Seu cérebro parecia tiritar, e ela não tinha consciência de nada além da voz da mulher, ressoando em seus ouvidos a grande distância. — Vocês vão recolher as coisas da mesa e, depois de recolocá-las nos lugares, não vão se lembrar de nada do que aconteceu aqui, exceto que vim pensando que eram duas amigas do interior. Eu estava enganada, tomei uma xícara de chá e fui embora.

Elayne piscou e se perguntou por que estava amarrando a bolsa atrás do corpo, junto à bolsa do cinto. Nynaeve encarava as próprias mãos, ajeitando a bolsa com o cenho franzido.

— Uma mulher muito gentil — comentou Elayne, esfregando a testa. Sentia o início de uma dor de cabeça. — Ela disse como se chamava? Eu não me lembro.

— Gentil? — Nynaeve ergueu a mão e deu um puxão forte nas tranças. Depois encarou o membro se ele tivesse vontade própria. — Eu... acho que não disse.

— Sobre o que a gente estava conversando, quando ela chegou?

Egeanin tinha abado de partir. Qual era o assunto?

— Eu me lembro do que ia dizer. — A voz de Nynaeve assumiu um tom mais firme. — Temos que encontrar as irmãs Negras sem que elas desconfiem de nossa presença, ou nunca vamos ter qualquer chance de segui-las até essa tal coisa que representa perigo para Rand.

— Eu sei — respondeu Elayne, com paciência. Será que já dissera isso? Claro que não. — Nós já conversamos sobre isso.

* * *

Diante dos portões em arco que levavam ao pequeno pátio da estalagem, Egeanin fez uma pausa e analisou os homens de feições duras que descansavam, descalços e quase todos sem camisa, entre o povo que vadiava daquele lado da rua estreita. Pareciam hábeis com os sabres presos nos cintos ou enfiados nas faixas de couro da cintura, porém nenhum dos rostos lhe era familiar. Se algum daqueles homens estivera no navio de Bayle Domon quando rumou com ele até Falme, não lembrava. Se algum deles tivesse viajado com ela, seria de se esperar que não ligassem a mulher de vestido de montaria à mulher de armadura que capturara a embarcação.

De súbito, percebeu que estava com as mãos úmidas. Aes Sedai. Mulheres capazes de manejar o Poder sem estarem devidamente controladas. Sentara-se à mesa com elas, conversara com elas. As duas não eram nada do que ela esperava. Era impossível tirar esse pensamento da cabeça. Elas conseguiam canalizar, portanto eram perigosas à ordem, portanto tinham que ser devidamente encolaradas. Mas, ainda assim... não eram nada do que ela pensara que seriam. Era possível *aprender*. Aprender! Contanto que conseguisse evitar Bayle Domon — o homem decerto a reconheceria — poderia retornar. Precisava saber mais. Mais do que nunca, precisava saber mais.

Desejando ter um manto com capuz, segurou firme o cajado e foi andando pela rua, abrindo caminho pela multidão. Nenhum dos marujos reparou nela, que os observou para ter certeza.

Egeanin não viu o homem de cabelos claros em trajes imundos de Tanchico, agachado na frente de uma adega de paredes caiadas, do outro lado da rua. Seus olhos azuis, aparecendo por cima de um véu encardido e de um bigode grosso preso com cola, a seguiram antes de deslizar de volta para o interior do Jardim das Três Ameixeiras. O sujeito ficou parado, depois atravessou a rua, ignorando a forma asquerosa com que o povo esbarrava nele. Egeanin quase o notara quando ele perdera a cabeça e quebrara o braço daquele coitado. Um do Sangue, como era reconhecido por aquelas bandas, reduzido a pedinte, sem honra suficiente para abrir as próprias veias. Asqueroso. Talvez ele conseguisse descobrir mais sobre o que a mulher estava aprontando ali na estalagem, quando os clientes descobrissem que tinha mais moedas do que suas roupas sugeriam.





A VERDADE DE UMA VISÃO

Os papéis espalhados na mesa de Siuan Sanche lhe despertavam pouco interesse, mas ela perseverava. Outras pessoas cuidavam da rotina diária da Torre Branca, naturalmente, de modo a deixar o Trono de Amyrlin livre para as decisões importantes, mas ela sempre tivera o hábito de conferir uma ou duas coisinhas aleatórias todos os dias, sem aviso prévio, e não o abandonaria agora. Não se deixaria distrair por preocupações. Tudo estava funcionando como planejado. Ela remexeu a estola listrada, mergulhou com cuidado a pena na tinta e assinalou mais um total corrigido.

Hoje estava examinando listas de compras de cozinha, além do relatório do pedreiro para o anexo da biblioteca. O número de pequenas infrações que as pessoas pensavam poder cometer despercebidas sempre a impressionava. E também o número que de fato passava despercebido às mulheres encarregadas dessas questões. Por exemplo, Laras, ao que parecia, achava que controlar as contas já não era sua função, depois que fora oficialmente promovida de simples cozinheira-chefe a Mestra das Cozinhas. Por sua vez, Danelle, a irmã Marrom responsável por supervisionar Mestre Jovarin, o pedreiro, decerto estava se deixando distrair pelos livros que o sujeito ficava encontrando para ela. Essa era a única explicação para seu fracasso em questionar o número de trabalhadores que Jovarin alegara ter contratado, com os primeiros carregamentos de pedra vinda de Kandor acabados de chegar ao Porto do Norte. Seria possível reconstruir a biblioteca inteira com aquela quantidade de homens. Danelle era sonhadora demais, mesmo para uma Marrom. Talvez um tempinho em uma fazenda pagando penitências a despertasse. Laras seria mais difícil de disciplinar; a mulher não era Aes Sedai, portanto sua autoridade com os cozinheiros subalternos, ajudantes de cozinha e serventes iria para o brejo em dois tempos. No entanto, talvez ela também pudesse ser enviada para um “descanso” no interior. Seria...

Bufando de desgosto, Siuan baixou a caneta, franzindo o cenho para o borrão deixado em uma folha com várias colunas de totais organizados.

— Que perda de tempo ficar aqui decidindo se mando Laras catar ervas — resmungou. — A mulher mal consegue se agachar, de tão gorda!

Não fora o peso de Laras que a deixara irritada, e ela sabia disso; a mulher não estava mais pesada do que antes, ao que parecia, e seu peso nunca a impedira de correr pelas cozinhas. A falta de notícias. Era isso o que a deixava feito um pássaro-pescador que tivera a presa afanada. Uma mensagem de Moiraine informando que o rapaz al'Thor estava com *Callandor*, depois nada nas semanas seguintes, embora o falatório nas ruas já começasse a denunciar o nome dele. Nada ainda.

Erguendo a tampa articulada da caixa de madeira negra entalhada, onde guardava os papéis mais secretos, ela revirou o interior. Um pequeno dente preso à caixa garantia que nenhuma outra mão além da dela pudesse abri-la.

O primeiro papel que puxou era um relatório informando que a noviça que presenciara a chegada de Min havia desaparecido da fazenda para onde fora enviada, assim como a proprietária da fazenda. Não era incomum noviças fujonas, mas o sumiço da fazendeira era inquietante. Sahrá teria de ser encontrada, sem dúvida — ela não havia progredido o suficiente no treinamento para ser deixada à solta — mas não havia de fato motivo para manter o relatório na caixa. Ele não mencionava nem o nome de Min nem a razão pela qual a garota fora mandada para carpir repolhos, mas ela o guardou de volta mesmo assim. Naqueles dias era preciso tomar cuidados que pareceriam irracionais em qualquer outra ocasião.

O relato de uma reunião em Ghealdan para ouvir o homem que se intitulava o Profeta do Lorde Dragão. Aparentemente, o sujeito se chamava Masema. Era um nome shienarano. Quase dez mil pessoas apareceram para ouvi-lo falando alto de uma encosta, proclamando o retorno do Dragão, um discurso seguido por uma batalha com soldados que tentavam dispersá-los. Além do fato de que os soldados aparentemente levaram a pior, o interessante era que o tal Masema sabia o nome de Rand al'Thor. Isso definitivamente voltava para a caixa.

Um relatório informando que nada ainda havia sido descoberto a respeito de Mazrim Taim. Nenhuma razão para permanecer na caixa. Outro sobre o agravamento nas condições de Arad Doman e Tarabon. O sumiço de navios na costa do Oceano de Aryth. Rumores de ataques tairenos a Cairhien. Ela estava adquirindo o hábito de colocar tudo naquela caixa; nada daquilo de fato precisava ser mantido em segredo. Duas irmãs haviam desaparecido em Illian, e outra em Caemlyn. Ela sentiu um arrepio, perguntando-se onde estariam os Abandonados. Muitos de seus agentes haviam se calado. Havia peixes-leões à solta, e ela seguia nadando no escuro. Lá estava. A folha fina de papel de seda estalou quando ela a desenrolou.

A funda foi usada. O pastor detém a espada.

O Salão da Torre havia votado conforme ela esperava, por unanimidade, sem que fosse necessário forçá-las, muito menos invocar sua autoridade. Se um homem havia empunhado *Callandor*, só poderia ser o Dragão Renascido, e tal homem teria de ser controlado pela Torre Branca. Três Votantes de Ajahs diferentes haviam proposto manter todos os planos sob controle do Salão, antes mesmo que ela sugerisse; a única surpresa fora o fato de que uma delas era Elaida, mas, por outro lado, as Vermelhas certamente iriam querer amarrar bem firme um homem capaz de canalizar. A única questão fora impedir o envio de uma delegação a Tear para tomá-lo com as próprias mãos, o que acabara não sendo muito difícil, quando pôde dizer que uma Aes Sedai já havia conseguido se aproximar do homem.

No entanto, o que ele estaria fazendo naquele exato momento? Por que Moiraine não tinha mandado mais notícias? A impaciência pairava tão pesada no Salão que ela praticamente esperava que o ar faísasse. Manteve a ira sob controle. *Que se queime a mulher! Por que não mandou notícias?*

A porta se abriu com um estrondo, e ela se endireitou, furiosa, enquanto mais de doze mulheres adentravam seu gabinete a passos firmes, lideradas por Elaida. Todas usavam seus xales, a maioria de franjas vermelhas, mas Alvirin, uma Branca de expressão fria, vinha ao lado de Elaida, e logo atrás seguiam Joline Maza, uma Verde esbelta, e Shemerin, uma gordinha Amarela, ao lado de Danelle, com os olhos azuis nada sonhadores. Na realidade, Sivan via pelo menos uma mulher de cada Ajah, exceto pela Azul. Algumas pareciam nervosas, mas a maioria exibia sorrisos determinados. Os olhos escuros de Elaida continham uma confiança rígida, um ar de triunfo.

— Mas o que é isso? — perguntou Sivan, bruscamente, fechando a caixa de madeira preta com um estalido. Ela pôs-se de pé no mesmo instante e caminhou até a escrivaninha, pisando firme. Primeiro Moiraine, agora isso! — Se é sobre questões *tairenas*, Elaida, eu esperava mais de você do que ficar metendo outras nisso. E entrar aqui como se estivesse na cozinha da sua mãe! Peça desculpas e saia, antes que eu faça você desejar voltar a ser uma noviça ignorante!

A ira gélida da mulher deveria ter posto todas as outras para correr, mas, embora algumas remexessem os pés, meio incomodadas, ninguém fez menção de sair. A pequena Danelle, inclusive, deu um sorrisinho malicioso. Tranquilamente, Elaida estendeu a mão e puxou a estola listrada dos ombros de Sivan.

— Você não vai mais precisar disso aqui. Você nunca foi digna dela, Sivan.

O choque petrificou a língua de Sivan. Aquilo era loucura. Era impossível. Furiosa, ela se abriu para *saidar*... e sofreu o segundo choque. Havia uma barreira entre ela e a Fonte Verdadeira, feito uma parede espessa de vidro. Ela encarou Elaida, incrédula.

Como se fosse um deboche, o brilho de *saidar* surgiu em Elaida. Ela permaneceu impotente enquanto a irmã Vermelha urdia fluxos de Ar ao seu redor, dos ombros à cintura, esmagando seus braços na lateral do corpo. Ela mal conseguia respirar.

— Vocês estão loucas! — gritou. — Todas! Vou arrancar o couro de vocês por isso! Me soltem! — Ninguém respondeu; as mulheres praticamente a ignoravam.

Alviarin revirou os papéis na mesa, rapidamente, porém sem pressa. Joline, Danelle e outras começaram a derrubar os livros nos suportes e chacoalhá-los para ver se alguma coisa caía de dentro. A irmã Branca soltou um pequeno chiado de irritação por não encontrar o que procurava na mesa, então abriu a caixa de madeira preta. No mesmo instante a caixa irrompeu em chamas.

Alviarin pulou para trás, gritando e sacudindo a mão, já com bolhas se formando.

— Protegida — resmungou, com mais raiva do que Siuan jamais vira uma Branca demonstrar. — Tão fraco que eu só senti tarde demais. — Nada restava da caixa e seu conteúdo além de um monte de cinza sobre um quadrado chamuscado na mesa.

O rosto de Elaida não exibía frustração.

— Eu prometo a você, Siuan, que vai me contar cada palavra do que foi queimado, para quem era dirigida e com que objetivo.

— Vocês só podem estar possuídas pelo Dragão! — vociferou Siuan. — Vou arrancar o seu couro por isso, Elaida. O de todas vocês! Vocês terão sorte se o Salão da Torre não votar pelo estancamento de todas!

O sorrisinho de Elaida não lhe alcançava os olhos.

— O Salão se reuniu não faz nem uma hora, com quórum de Votantes dentro da lei, e por votação unânime, conforme requerido, você não é mais Amyrlin. Está feito, e viemos aqui para executar a decisão.

O estômago de Siuan congelou, e uma vozinha em sua mente ganiu: *O que é que elas sabem? Luz, quanto será que elas sabem? Idiota! Mulher cega, idiota!* Ela manteve a expressão serena, no entanto. Não era a primeira vez que se via encurralada. Uma menina de quinze anos munida apenas de uma faca de peixe, arrastada para um beco por quatro grosseirões de olhos duros e barrigas cheias de vinho — aquela havia sido uma situação muito mais difícil de escapar. Foi o que disse a si mesma.

— De acordo com a lei? — questionou, com desprezo. — Um quórum mínimo, cheio das suas amigas e das que você consegue influenciar ou intimidar. — O fato de Elaida ter convencido um pequeno número de Votantes que fosse já era suficiente para lhe secar a garganta, mas ela não deixaria isso transparecer. — Quando o Salão inteiro se reunir, com todas as Votantes, você vai perceber o seu erro. Tarde demais! Nunca houve uma rebelião dentro da Torre; daqui a mil anos elas vão usar o seu destino para ensinar às noviças o que acontece com as dissidentes. — Expressões de dúvida se formaram em alguns rostos; parecia que Elaida não conduzia suas conspiradoras com o pulso tão firme quanto imaginava. — Está na hora de você parar de tentar furar o casco e começar a baldear a água. Não é tarde demais nem para você, Elaida.

Elaida aguardou com uma frieza contida até a outra terminar. Então um tapa forte acertou o rosto de Siuan; ela cambaleou, e pontinhos pretos e prateados lhe embaçaram a visão.

— Você está acabada — declarou Elaida. — Você achou que eu... que nós iríamos permitir que destruísse a Torre? Levem essa mulher!

Siuan tropeçou quando duas Vermelhas a empurraram. Mal conseguindo equilibrar-se, ela cravou os olhos nas duas, mas seguiu na direção que mandaram. Com quem teria de falar a respeito daquilo? Fosse lá que acusações as mulheres tivessem feito, seria capaz de refutá-las, em seu dado momento. Até as acusações que envolviam Rand; não era possível envolvê-la em algo mais que rumores, e ela havia jogado o Grande Jogo por muito tempo para ser derrubada por rumores. A não ser que elas estivessem com Min; Min poderia transformar os rumores em verdades. Ela rangeu os dentes. *Que a minha alma queime, vou jogar esse bando aos peixes!*

Na antessala, ela tropeçou de novo, mas dessa vez não foi por conta de um empurrão. Guardava certa esperança de que Leane estivesse fora de seu posto, mas a Curadora estava parada na mesma posição que Siuan, com os braços rígidos ao lado do corpo, a boca se mexendo sem som, furiosa, envolta em uma mordaca de Ar. Ela decerto sentira Leane sendo presa e nem percebera; na Torre sempre havia mulheres canalizando.

No entanto, não foi a visão de Leane que a fez tropeçar, mas o homem alto, magro e grisalho caído no chão com uma faca cravada nas costas. Alric fora seu Guardião durante quase vinte anos, e jamais reclamara por terem que permanecer na Torre, jamais resmungara quando o trabalho de Guardião da Amyrlin o faria ficar a léguas de distância dela, algo que nenhum Gaidin apreciava.

Ela pigarreou para limpar a garganta, porém sua voz ainda saiu rouca:

— Vou mandar arrancar seu couro e estirar no sol por isso, Elaida. Eu juro!

— Pense no seu próprio couro, Siuan — retrucou Elaida, aproximando-se para encará-la. — Tem mais coisa nessa história do que foi revelado até agora. Eu sei disso. E você vai me contar tudinho, até o fim. Até... o... fim. — A calma súbita em sua voz era mais aterradora do que todos os olhares severos. — Eu prometo, Siuan. Levem a mulher para baixo!

* * *

Agarrada a rolos de seda azul, Min adentrou o Portão Norte perto do meio-dia, com um sorrisinho já pronto para os guardas com a Chama de Tar Valon no peitoral, além do floreio nas saias verdes, como Elmindreda fazia. Inclusive, já começara o floreio antes de perceber que não havia guardas. A pesada porta com correias de ferro do posto de guarda, em formato de estrela, estava aberta; o posto em si parecia vazio. Era impossível. Nunca um portão de entrada para os muros da Torre ficava desguarnecido. A meio caminho da imensa coluna branca da Torre propriamente dita, uma cortina de fumaça se erguia das árvores. Parecia próxima dos alojamentos dos jovens que treinavam com os Guardiões. Talvez o fogo tivesse atraído os guardas.

Ainda um pouco incomodada, ela começou a descer a trilha sem pavimento da parte arborizada dos muros, ajeitando os panos de seda. Na

verdade, não queria outro vestido, mas como poderia recusar quando Laras enfiara uma bolsa de prata em suas mãos e a mandara usar na compra da tal seda que a mulher robusta tinha visto? Alegava ser bem da cor que ressaltaria o tom de pele de “Elmindreda”. Se ela queria ou não ter seu tom de pele ressaltado não importava tanto quanto preservar a boa vontade de Laras.

Um clangor de espadas, vindo das árvores, chegou aos seus ouvidos. Os Guardiões deviam estar exigindo que seus alunos praticassem mais do que o habitual.

Era tudo muito irritante. Laras e suas dicas de beleza, Gawyn e suas piadas, Galad sempre fazendo elogios sem perceber o efeito que seu rosto e sorriso exerciam sobre os batimentos cardíacos de uma mulher. Seria assim que Rand a desejava? O rapaz de fato *repararia* nela, se ela usasse vestido e ficasse rindo para ele feito uma boboca oferecida?

Ele não tem o direito de esperar uma coisa dessas, ela pensou, furiosa. Era tudo culpa dele. Ela não estaria ali naquele momento, com um vestido estúpido daqueles e sorrindo feito uma idiota, não fosse por ele. Eu uso casaco e calças, e ponto final! Talvez possa até usar um vestido de vez em quando — talvez! — mas não para atrair o olhar de um homem! Aposto que neste exato instante ele está encarando alguma tairona com metade dos seios de fora. Eu posso usar um vestido assim. Vamos ver o que ele vai dizer quando me vir nessa seda azul. Vou mandar fazer um decote até... O que ela estava pensando? O homem havia roubado seu juízo! O Trono de Amyrlin a mantinha ali, sem função alguma, e Rand al'Thor estava lhe embaralhando as ideias! Que o queime! Que o queime por estar fazendo isso comigo!

O som das espadas surgiu outra vez a distância, e ela parou quando uma horda de rapazes irrompeu do meio das árvores portando lanças e facas, com Gawyn na dianteira. Ela reconheceu outros dentre os que tinham vindo treinar com os Guardiões. Uma gritaria se elevou de outro ponto das dependências da Torre, o rugido de homens irados.

— Gawyn! O que é que está havendo?

Ao ouvir a voz de Min, ele deu um giro. Seus olhos azuis se encheram de medo e preocupação, e seu rosto exibiu uma máscara de determinação em não ceder a esses sentimentos.

— Min. O que está fazendo...? Saia daqui, Min. É perigoso. — Um bocado dos jovens seguiu correndo, mas a maioria ficou aguardando Gawyn, com impaciência. Parecia que quase todos os alunos dos Guardiões estavam ali.

— Me diga o que está acontecendo, Gawyn!

— A Amyrlin foi deposta hoje de manhã. Saia daqui, Min!

Os rolos de seda caíram das mãos dela.

— Deposta? Não pode ser! Como? Por quê? Em nome da Luz, por quê?

— Gawyn! — chamou um dos rapazes, e outros ecoaram, brandindo as armas.

— Gawyn! O Javali Branco! Gawyn!

— Eu não tenho tempo, Min — disse ele, apressado. — Lutas estão acontecendo por todo canto. Estão dizendo que Hammar está tentando libertar Siuan Sanche. Preciso ir para a Torre, Min. Vá embora! Por favor!

Ele se virou e disparou em direção à Torre. Os outros foram atrás, eriçados, de armas em riste, alguns ainda gritando:

— Gawyn! O Javali Branco! Gawyn! Avante os Jovem Guarda!

Min encarou o grupo.

— Você não disse de que lado está, Gawyn — sussurrou ela.

Agora que ela prestava atenção, a luta ressoava mais alto e com mais nitidez, e os gritos, urros e o baque de metal contra metal pareciam vir de todas as direções. O clamor fez sua pele se arrepiar e seus joelhos tremerem; aquilo não podia estar acontecendo, não ali. Gawyn tinha razão. A coisa mais segura e mais sensata seria sair imediatamente das dependências da Torre. No entanto, não havia como saber quando ou se ela poderia retornar, e ela não conseguia imaginar o que poderia fazer do lado de fora.

— De que me adianta ficar aqui dentro? — perguntou a si mesma, furiosa.

Min, no entanto, não se virou em direção ao portão. Deixando a seda onde havia caído, correu para a mata, procurando um lugar para se esconder. Não achava que alguém enfiaria “Elmindreda” em um espeto, feito um ganso — com calafrios, desejou não ter pensado naquilo — mas não havia por que se arriscar à toa. Cedo ou tarde a luta haveria de cessar, e quando isso acontecesse ela teria de decidir o que fazer em seguida.

* * *

Na completa escuridão da cela, Siuan abriu os olhos, se remexeu, estremeceu e parou. Já seria dia lá fora? A pergunta persistia havia um bom tempo. Ela tentara esquecer a dor, diante do luxo de saber que ainda respirava. Porém, a pedra bruta sob seu corpo lhe arranhava os hematomas e ferimentos nas costas. O suor fazia arder todos eles — ela sentia uma massa sólida de dor, dos joelhos até os ombros — e o ar frio por cima a fazia tiritar. *Elas pelo menos podiam ter me deixado com a roupa de baixo.* O ar cheirava a poeira e mofo seco, velho. Uma das celas no subsolo. Ninguém fora confinado ali desde a época de Artur Asa-de-gavião. Não desde Bonwhin.

Siuan fez uma careta na escuridão; não havia como esquecer. Rangendo os dentes, ergueu o corpo, sentou-se no chão de pedra e tateou em busca de uma parede para se apoiar. Os blocos de pedra da parede estavam frios contra suas costas. *Coisinhas pequenas*, disse a si mesma. *Pense em coisinhas pequenas. Calor. Frio. Quando será que vão me trazer um pouco de água? Se é que trarão.*

Ela não resistiu e tentou sentir o anel da Grande Serpente. Já não estava em seus dedos. Não que ela esperasse encontrá-lo; achava que se lembrava do instante em que ele fora removido. As coisas haviam ficado meio nebulosas, depois de um tempo. Nebulosas, ainda bem. Mas ela se lembrava de ter contado tudo às outras, no fim das contas. Quase tudo. O triunfo de preservar uma coisinha aqui, outra ali. Entre as respostas berradas, a ânsia de responder, se ao menos elas parassem, mesmo que por um pouquinho, se ao menos... ela abraçou o próprio corpo para parar de tremer; não adiantou

muito. *Vou manter a calma. Não estou morta. Preciso me lembrar disso acima de qualquer outra coisa. Não estou morta.*

— Mãe? — A voz trêmula de Leane surgiu da escuridão. — Está acordada, Mãe?

— Estou — respondeu Suan, com um suspiro. Esperava que as outras tivessem libertado Leane, mandado-a para fora da cidade. Foi castigada pela culpa ao sentir certo conforto pela presença da outra mulher na cela. — Lamento muito ter metido você nisso, filh... — Não. Já não tinha o direito de se dirigir a ela daquela forma. — Eu lamento muito, Leane.

Houve um longo instante de silêncio.

— A senhora está... passando bem, Mãe?

— Suan, Leane. Só Suan. — Sem perceber, ela tentou abraçar *saidar*. Não havia nada. Não para ela. Somente um vazio por dentro. Nunca mais. Uma vida inteira de dedicação, e agora estava desorientada, à deriva em um mar muito mais obscuro que aquela cela. Ela limpou uma lágrima do rosto, cheia de raiva por tê-la deixado cair. — Não sou mais o Trono de Amyrlin, Leane. — Um pouco da raiva revelou-se em sua voz. — Suponho que Elaida vá ser elevada em meu lugar. Isso se já não tiver sido. Eu juro, um dia vou servir essa mulher de comida para os lúcios!

A resposta de Leane foi apenas um suspiro longo e desesperador.

O rangido de uma chave no cadeado enferrujado fez Suan erguer a cabeça; ninguém havia pensado em passar um óleo nas dobradiças antes de jogar as duas lá dentro, e as partes corroídas não queriam girar. Taciturna, ela se forçou a se levantar.

— Levante-se, Leane. Levante-se. — Depois de um instante ouviu a outra mulher aquiescendo e resmungando sozinha entre gemidos baixinhos.

Em um tom de voz levemente mais alto, Leane disse:

— De que vai adiantar?

— Pelo menos não vão encontrar a gente encolhida no chão, chorando. — Ela tentou manter a voz firme. — Podemos lutar, Leane. Enquanto estivermos vivas, podemos lutar. — *Ah, Luz, elas me estancaram! Elas me estancaram!*

Forçando-se a esvaziar a mente, ela cerrou os punhos e tentou cravar os dedos dos pés no chão de pedras irregulares. Desejou que o som que saía de sua garganta não soasse tanto como um lamento.

* * *

Min colocou suas trouxas no chão e jogou o manto para trás, para segurar a chave com ambas as mãos. Era duas vezes maior que suas mãos e tão enferrujada quanto o cadeado, feito todas as outras chaves no grande aro de ferro. O ar estava frio e úmido, como se o verão ainda não tivesse chegado tão ao sul.

— Rápido, criança — murmurou Laras, erguendo a lanterna para Min no corredor escuro de pedra e espiando nas duas direções. Era difícil acreditar

que a mulher, com todo aquele queixo, algum dia fora uma beldade, mas Min sem dúvida a considerava bela agora.

Lutando com a chave, ela balançou a cabeça. Havia encontrado Laras enquanto corria sorrateira de volta para o quarto para colocar o vestido simples e cinza de montaria que usava no momento, além de fazer outras coisinhas. Na verdade, encontrara a mulher corpulenta procurando por *ela*, em um surto de preocupação com “Elmindreda”, gritando que Min era muito sortuda por estar em segurança e praticamente sugerindo que ela se trancasse no quarto até que aquela loucura terminasse, para que continuasse segura. Ela ainda não sabia ao certo como Laras conseguira descobrir suas intenções, nem estava plenamente recuperada do choque que sentira quando a mulher anunciara, relutante, ter condições de ajudar. *Uma mulher arrojada, de fato, seguindo o próprio coração. Bem, espero que ela consiga — como foi que ela disse mesmo? — me manter fora do caldeirão de salmoura. A maldita chave não girava; ela forçou todo o peso do corpo na tentativa.*

Em verdade, Min era grata a Laras sob diversos aspectos. Era pouco provável que desse conta de aprontar tudo sozinha, ou até mesmo de encontrar qualquer coisa, decerto não com aquela rapidez. Além do mais... além do mais, quando topou com Laras, já estava começando a se convencer de que tinha sido uma idiota de sequer pensar em fazer uma coisa daquelas, que deveria estar montada em um cavalo rumo a Tear enquanto era tempo, antes que alguém decidisse acrescentar sua cabeça às que decoravam a frente da Torre. Suspeitava que fugir teria sido o tipo de coisa impossível de se esquecer. Só aquilo já a tornava grata a ponto de não ter feito qualquer objeção quando Laras acrescentou alguns belos vestidos aos que ela já havia guardado na trouxa. Os rouges e pós sempre podiam ser “perdidos” em algum canto. *Por que é que essa maldita chave não gira? Talvez Laras consiga...*

A chave girou subitamente, fazendo um barulho tão alto que Min temeu que alguma parte tivesse se quebrado. No entanto, a porta de madeira bruta se abriu com um empurrão. Ela agarrou as trouxas, adentrou a cela vazia de pedra... e parou, confusa.

A luz da lanterna revelou duas mulheres vestidas apenas em hematomas roxos e arranhões vermelhos, protegendo os olhos da súbita iluminação, mas por um instante Min não soube ao certo se eram as duas que procurava. Uma era alta, de pele acobreada, a outra mais baixa, mais corpulenta, mais pálida. Os rostos pareciam os certos — quase os certos — e intocados pelo que os corpos haviam sofrido, então ela deveria ter certeza. Porém, o aspecto de idade indefinida que era a marca das Aes Sedai parecia ter desaparecido; aquelas mulheres decerto eram apenas seis ou sete anos mais velhas do que ela, no máximo, e não eram Aes Sedai. Seu rosto ficou quente de vergonha diante do pensamento. Ela não viu imagens nem auras em torno das duas; o que sempre havia quando se tratava de Aes Sedai. *Pare com isso*, disse a si mesma.

— Onde...? — começou a perguntar uma das duas, espantada, depois fez uma pausa para pigarrear. — Como foi que você conseguiu essas chaves? — Era a voz de Siuan Sanche.

— É ela. — Laras soava incrédula. Cutucou Min com um dedo grosso. — Ande, criança! Estou muito velha e muito lenta para essas aventuras.

Min disparou um olhar surpreso; a mulher havia *insistido* em ir, dissera que não seria deixada de fora. Min queria perguntar a Siuan por que as duas de repente pareciam tão mais novas, mas não havia tempo para perguntas frívolas. *Maldição, estou ficando muito acostumada a ser Elmindreda!*

Ela empurrou uma das trouxas para a mulher nua e disse, depressa:

— Roupas. Vistam-se o mais rápido possível. Não sei quanto tempo temos. Deixe o guarda pensar que eu daria uns beijos nele pela chance de me vingar de uma desfeita de vocês, e enquanto ele estava distraído Laras chegou por trás e deu na cabeça do homem com um rolo de macarrão. Não sei por quanto tempo ele vai dormir. — Ela inclinou o corpo em direção à porta e espiou, preocupada, o corredor que levava aos aposentos dos guardas. — É melhor a gente correr.

Siuan já havia desamarrado a trouxa e começado a vestir as roupas. Exceto por um vestido de linho, eram todas de lã simples em tons de marrom, adequadas às camponesas que vinham à Torre Branca aconselhar-se com as Aes Sedai, embora as saias divididas para montaria fossem um pouco incomuns. Laras havia cerzido a maior parte; Min dera conta apenas de furar os dedos. Leane também estava se vestindo, porém parecia mais interessada na faca de lâmina curta que pendia do cinto do que nas roupas em si.

Três mulheres vestidas em roupas simples teriam a chance, pelo menos, de sair da Torre sem chamar atenção. Um punhado de requerentes e gente pedindo ajuda havia ficado preso na Torre por conta do conflito; três a mais que saíssem dos esconderijos seriam, na pior das hipóteses, jogadas rapidamente na rua. Contanto que não fossem reconhecidas. Os rostos das outras mulheres poderiam ajudar também. Era pouco provável que alguém tomasse um par de jovens — aparentemente, pelo menos — pelo Trono de Amyrlin e a Curadora das Crônicas. A antiga Amyrlin e a antiga Curadora, ela lembrou a si mesma.

— Só um guarda? — perguntou Siuan, estremecendo enquanto calçava meias grossas. — Estranho. Até um ladrão seria mais bem vigiado. — Com os olhos em Laras, ela enfiou os pés nos sapatos pesados. — É bom ver que tem gente que não acredita nas acusações que estão fazendo a mim. Sejam elas quais forem.

A mulher corpulenta franziu o cenho e baixou o queixo, completando o pensamento:

— Eu sou leal à Torre — disse, severamente. — Essas questões não me dizem respeito. Sou só uma cozinheira. Essa menina insensata me faz lembrar muito de quando eu mesma era uma garota insensata. Acho... vendo vocês... que está na hora de lembrar que já não sou uma mocinha graciosa. — Ela empurrou a lanterna nas mãos de Min.

Min agarrou o braço robusto da mulher quando ela se virou para sair:

— Laras, você não vai nos entregar, vai? Não agora, depois de tudo o que você fez.

O rosto largo da mulher se abriu em um sorriso meio saudoso, meio pesaroso.

— Ah, Elmindreda, você de fato me faz lembrar de mim mesma quando tinha a sua idade. Cada coisa estúpida, e às vezes eu quase acabava enforcada. Não vou trair vocês, criança, mas tenho que viver aqui. Quando a Segunda soar, vou mandar uma garota com vinho para o guarda. O que vai lhes dar mais do que uma hora, se ele não tiver acordado ou sido descoberto até então. — Ela se virou para as outras duas, de súbito com a mesma carranca que Min via dirigida aos cozinheiros subalternos e afins. — Façam bom uso dessa hora, estão ouvindo? Elas estão querendo enfiar vocês duas na área de serviço, pelo que entendi, para que possam servir de exemplo. Isso não me importa, de todo modo, pois são assuntos de Aes Sedai, não de cozinheiras, e para mim tanto faz uma Amyrlin ou a outra. Mas, se vocês deixarem alguém capturar essa menina, podem esperar que vou mandar esfolar seus couros do dia até a noite sempre que não estiverem com a cara enfiada em painéis engordurados ou limpando jarros de lavagem! Vocês vão desejar que elas tivessem lhes arrancado fora as cabeças antes que eu termine com as duas. E não pensem que elas vão acreditar que eu ajudei. Todo mundo sabe que eu não saio das minhas cozinhas. Lembrem-se bem do que eu disse, e se virem! — O sorriso retornou ao rosto da mulher, que deu um beliscãozinho na bochecha de Min. — Você apresse essas duas, criança. Ah, como vou sentir falta de vestir você. Uma menina tão bonita. — Com um último e vigoroso beliscão, saiu da cela, bamboleano quase em um trote.

Min esfregou a bochecha, irritada; odiava quando Laras fazia aquilo. A mulher era forte feito um cavalo. Quase *enforcada*? Que tipo de “moça vivaz” Laras havia sido?

Puxando o vestido com cuidado pela cabeça, Leane fungou alto.

— E pensar que ela pôde falar com a senhora dessa maneira, Mãe! — Sua cabeça surgiu no topo, carrancuda. — Me espanta que ela tenha ajudado, para começo de conversa, já que pensa assim.

— Mas ajudou — respondeu Min. — Não se esqueçam disso. E acho que ela vai manter a palavra de não nos entregar. Tenho certeza.

Leane fungou outra vez.

Siuan balançou o manto em torno dos ombros.

— Ela falou assim, Leane, porque não tenho mais direito ao título. Amanhã você e eu podemos ser duas serventes dela. — Leane apertava as mãos, para evitar que tremessem, sem olhar a outra mulher. Siuan prosseguiu calmamente, ainda que em um tom seco. — Também acho que Laras vai manter a palavra em relação a... outras coisas... então, mesmo que vocês não se importem em ver Elaida nos enforcar, feito um par de tubarões em uma rede, diante do mundo inteiro, sugiro que se mexam. Quanto a mim, eu odiava painéis gordurentas quando era criança, e tenho certeza de que ainda odeio.

Leane, de cara fechada, começou a amarrar os laços do vestido de camponesa.

Siuan voltou a atenção a Min.

— Talvez você não fique tão ansiosa para nos ajudar depois de eu contar que fomos ambas... estancadas. — A voz da mulher não falhou, mas soou dura pelo esforço de pronunciar a palavra, e seus olhos, além de cheios de sofrimento, estavam perdidos. Era um choque perceber que aquela calma era toda superficial. — Qualquer uma das Aceitas poderia amarrar nós duas debaixo de um rolo compressor, Min. A maioria das noviças conseguiria fazer isso.

— Eu sei — disse Min, com cuidado para não deixar escapar o menor tom de compaixão que fosse. Compaixão em um momento daqueles poderia destruir o que ainda restava de autocontrole nas mulheres, e ela precisava que as duas se controlassem. — Foi anunciado pelos quatro cantos da cidade e exibido em todos os lugares onde era possível afixar notícias. Mas vocês ainda estão vivas. — Leane soltou uma risada amarga, que ela ignorou. — É melhor irmos. O guarda pode ter acordado, ou alguém pode ter ido conferir como ele está.

— Vá na frente, Min — disse Siuan. — Estamos nas suas mãos. — Depois de um instante, Leane fez um breve meneio de cabeça e cobriu depressa os ombros com o manto.

Nos alojamentos dos guardas, ao final do corredor escuro, o guarda solitário jazia estirado, de cara no chão sujo. O capacete que o teria protegido de uma contusão na cabeça estava sobre a mesa de tábuas brutas, ao lado da única lanterna que fornecia a iluminação do aposento. O homem parecia respirar normalmente. Min mal passou os olhos por ele, mas esperou que não estivesse muito ferido; o guarda não tentara tirar vantagem da oferta dela.

Ela conduziu Siuan e Leane depressa até a porta mais distante, toda de tábuas grossas e tiras largas de ferro, e as três subiram a escadaria estreita de pedra. Tinham de seguir andando. Passar por requerentes não as pouparia de perguntas se fossem vistas vindo das celas.

Elas não viram outros guardas, nem ninguém, quando saíram das profundezas da Torre, mas Min percebeu que continuou prendendo a respiração até as três chegarem à pequena porta que levava à Torre em si. Ela abriu a porta, apenas o suficiente para meter a cabeça, depois espiou os dois lados do corredor.

Havia suportes dourados de lampiões pendurados nas paredes de mármore branco frisado. À direita, duas mulheres saíram rapidamente de vista, sem olhar para trás. A firmeza de seus passos indicava que eram Aes Sedai, ainda que não pudesse ver seus rostos; na Torre, até uma rainha vacilava ao caminhar. Na outra direção, uma dezena de homens usando capas se afastava a passos firmes, claramente Guardiões, caminhando com a graça de lobos, sumindo pelos arredores.

Ela esperou até os Guardiões irem embora, também, antes de passar depressa pela porta.

— Caminho livre. Venham. Mantenham o capuz erguido e a cabeça baixa. Ajam como se estivessem um pouco assustadas. — Da parte dela, não era

fingimento. Pela forma como as outras duas a seguiram, ela também não achou que estivessem precisando fingir.

Os corredores da Torre raramente estavam cheios, porém agora pareciam vazios. De vez em quando alguém surgia por um instante, adiante delas ou por algum corredor lateral, mas quer fossem Aes Sedai, Guardiões ou serviçais, estavam sempre apressados, muito concentrados nas próprias tarefas para notar alguém. Além disso, a Torre estava silenciosa.

Em seguida passaram por um corredor perpendicular, onde pingos escuros de sangue seco pontilhavam os azulejos verde-claros do chão. Havia também duas manchas mais compridas, feito borrões, como se corpos tivessem sido arrastados por ali.

Siuan parou e encarou.

— O que aconteceu? — inquiriu. — Diga, Min! — Leane agarrou o punho da faca de cintura e olhou em volta, como se esperasse um ataque.

— Luta — respondeu Min, relutante. Esperava que as mulheres estivessem fora dos muros da Torre, até mesmo da cidade, antes de ficarem sabendo. Ela foi contornando as manchas e seguiu empurrando as duas, que tentavam olhar para trás. — Começou ontem, logo depois que vocês foram levadas, e só acabou umas duas horas atrás. E não totalmente.

— Está falando dos Gaidin? — perguntou Leane, espantada. — Guardiões lutando *entre si*?

— Guardiões, guardas, todo mundo. Começou quando uns homens chegaram alegando ser pedreiros, uns duzentos ou trezentos, e tentaram tomar a Torre inteira depois que a prisão de vocês foi anunciada.

Siuan franziu o cenho.

— Danelle! Eu devia ter percebido que havia mais coisa nela do que falta de atenção. — A mulher contorceu ainda mais o rosto, e Min pensou que ela fosse começar a chorar. — Artur Asa-de-gavião não conseguiu, mas nós mesmas fizemos. — À beira das lágrimas ou não, ela manteve a voz firme. — Que a Luz nos ajude, nós destruimos a Torre. — Seu longo suspiro pareceu esvaziá-la de ar, e de raiva. — Acho — prosseguiu, triste, depois de um instante — que devo ficar contente pelo apoio recebido por algumas da Torre, mas estou quase desejando que não tivessem feito isso. — Min tentou manter o rosto inexpressivo, mas aqueles olhos azuis penetrantes pareciam interpretar até a mais sutil batida de cílios. — Ou será que estão me apoiando mesmo, Min?

— Algumas estão. — Ela não tinha qualquer intenção de revelar quão poucas eram, pelo menos por enquanto. Mas precisava impedir Siuan de crer que ainda tinha partidárias na Torre. — Elaida não quis esperar para descobrir se a Ajah Azul ficaria ou não a seu favor. Não restou nenhuma irmã Azul na Torre, pelo menos não viva, isso eu sei.

— Sheriam? — perguntou Leane, ansiosa. — Anaiya?

— Eu não sei. Também não sobraram muitas Verdes. Pelo menos não na Torre. As outras Ajahs se dividiram, cada uma foi para um canto. A maioria das Vermelhas ainda está por aqui. Até onde sei, todas que se opuseram a Elaida fugiram ou estão mortas. Siuan... — Parecia estranho chamá-la assim.

Leane resmungou, irritada, entre dentes... mas chamá-la de Mãe agora seria apenas zombaria. — Siuan, a senhora e Leane estão sendo acusadas de organizar a fuga de Mazrim Taim. Logain escapou durante a luta, e a senhora também está levando a culpa por isso. Ninguém está chamando a senhora de Amiga das Trevas, pois acho que isso seria muito próximo da Ajah Negra, mas não está muito longe disso. Mas acho que é isso o que o povo todo vai imaginar.

— Não vão nem sequer admitir a verdade — disse Siuan, baixinho — que pretendem fazer exatamente as coisas das quais estão me acusando.

— Amigos das Trevas? — murmurou Leane, assombrada. — Elas chamaram a gente de...?

— E por que não chamariam? — retrucou Siuan, em um sussurro. — Por que não ousariam, se já ousaram tanto?

Elas curvaram os ombros enfiados nos mantos e deixaram que Min as conduzisse para onde fosse. Ela só queria que as duas não estivessem tão sem esperanças.

Enquanto as três se aproximavam de uma saída, Min começou a respirar com mais facilidade. Tinha escondido cavalos em um matagal próximo aos muros, não muito longe de um dos portões ocidentais. Ainda não sabia se seria fácil escapar cavalgando, mas quando chegassem aos cavalos ela sentiria algo muito próximo de liberdade. Sem dúvida os guardas dos portões não impediriam três mulheres de sair. Ela não parava de dizer isso a si mesma.

A porta que procurava surgiu adiante — pequena, de tábuas lisas, que conduzia a um caminho pouco utilizado, no extremo oposto do ponto em que aquela sala onde estavam cruzava com o amplo corredor que levava à Torre — e ela viu de relance o rosto de Elaida, deslizando pelo corredor externo em direção a ela.

Os joelhos de Min desabaram no piso de azulejos com um baque, e ela se encolheu, olhando para o chão, o rosto encoberto pelo capuz, o coração martelando em seu peito. *Uma requerente, é só isso que eu sou. Só uma mulher comum, sem nenhuma ligação com o que aconteceu. Ah, Luz, por favor!* Ela ergueu a cabeça apenas o bastante para espiar por uma brecha do capuz, meio na expectativa de ver Elaida a encará-la com uma satisfação maligna.

A mulher passou com o passo leve, sem nem olhar na direção de Min, com a estola larga e listrada do Trono de Amyrlin em torno dos ombros. Alviarin seguia atrás, usando a estola da Curadora das Crônicas, branca, para caracterizar sua Ajah. Uma dezena ou mais de Aes Sedai passou bem na cola de Alviarin, a maioria Vermelha, embora Min tivesse visto dois xales de franjas amarelas, um de verdes e outro de marrons. Seis Guardiões flanqueavam a procissão, com as mãos nos punhos das espadas e os olhos alertas. Olhos que passaram de relance pelas três mulheres ajoelhadas e as descartaram.

As três estavam de joelhos, Min notou isso, e também notou que praticamente esperava que Siuan e Leane partissem para cima de Elaida. Ambas ergueram a cabeça apenas o bastante para ver a procissão seguir pelo corredor.

— Pouquíssimas mulheres foram estancadas — disse Siuan, como se para si mesma — e nenhuma sobreviveu por muito tempo, mas dizem que uma das formas de sobreviver é encontrar um desejo tão forte quanto o de canalizar. — Já não se via aquela expressão perdida em seus olhos. — No início, achei que queria estripar Elaida e pendurá-la no sol para secar. Agora sei que não quero absolutamente nada além de um dia poder dizer àquela sanguessuga que ela vai viver uma longa vida servindo como exemplo do que acontece com quem me chama de Amiga das Trevas. Absolutamente nada além!

— E Alviarin — completou Leane com a voz dura. — E Alviarin!

— Eu tive medo de que elas me sentissem — prosseguiu Siuan — mas agora não tenho nada que elas possam sentir. Uma vantagem em ter sido... estancada, ao que parece. — Leane balançou a cabeça, irritada, e Siuan acrescentou: — Precisamos usar todas as vantagens possíveis. E ser gratas por elas. — A última frase soou como se a mulher estivesse tentando convencer a si mesma.

O último Guardião desapareceu na curva ao longe, e Min engoliu o nó que se formou na garganta.

— Podemos falar sobre as vantagens depois — afirmou, com um grasnido, e parou para engolir mais uma vez. — Vamos até os cavalos. Isso *só pode* ter sido a pior parte.

De fato, enquanto saíam da Torre em direção ao sol do meio-dia, parecia que o pior havia mesmo passado. Uma coluna de fumaça que ia em direção ao céu límpido a leste dos muros da Torre era o único sinal dos problemas que haviam ficado para trás. Grupos de homens se moviam a distância, mas nenhum prestou muita atenção às três mulheres que passavam ligeiras pela biblioteca, construída no formato de ondas suspensas congeladas na pedra. Um caminho levava ao lado ocidental dos muros, mais escondido, até uma floresta de carvalhos e árvores perenes que poderiam existir à margem de qualquer cidade. Min agilizou os passos ao encontrar os três cavalos selados, ainda amarrados ao local onde Laras os deixara, em uma pequena clareira rodeada por folhas-de-couro e cajeputes.

Siuan avançou imediatamente até uma égua forte e peluda, duas mãos menor do que as outras.

— Uma montaria adequada às minhas condições atuais. E parece mais calma que as outras; nunca fui boa cavaleira. — Ela afagou o nariz da égua, e o animal fungou na mão da mulher. — Qual é o nome dela, Min? Você sabe?

— Bela. Ela é de...

— O cavalo dela. — Gawyn surgiu por detrás de um cajepute de tronco grosso, com uma das mãos no comprido cabo de sua espada. O rosto estava sujo de sangue, idêntico à visão que Min tivera no primeiro dia em Tar Valon. — Eu sabia que você devia estar aprontando alguma, Min, quando vi o cavalo dela. — Seus cabelos louro-avermelhados também estavam ensanguentados, e os olhos azuis, meio atordoados, mas ele caminhou calmamente em direção às mulheres, um homem alto com o andar gracioso de um gato. Um gato à caça de ratos.

— Gawyn — começou Min — nós...

A espada do rapaz deslizou da bainha, fazendo esvoaçar o capuz de Siuan, e a lâmina afiada pousou na lateral da garganta dela, tudo mais depressa do que Min foi capaz de acompanhar. Siuan fez um barulho ao prender a respiração e permaneceu imóvel, com os olhos voltados para ele, de aparência tão serena quanto teria se ainda usasse a estola.

— Não, Gawyn! — disse Min, em um arquejo. — Você não pode fazer isso! — Ela deu um passo em direção a ele, mas o homem ergueu a mão livre sem olhar para ela, que parou. Estava rígido feito uma bobina de aço, pronto para avançar em qualquer direção. Min percebeu que Leane havia encoberto uma das mãos com o manto e rezou para que a mulher não fosse estúpida a ponto de desembainhar a faca de cintura.

Gawyn analisou o rosto de Siuan, depois assentiu devagar.

— É você. Eu não tinha certeza, mas é. Esse... disfarce... não pode... — Ele não pareceu se mover, mas um súbito arregalar dos olhos de Siuan revelou que a lâmina fora pressionada com mais força. — Onde estão minha irmã e Egwene? O que vocês fizeram com elas? — O mais assustador para Min era que, mesmo com a máscara de sangue e os olhos vidrados, mesmo com o corpo quase trêmulo de tão tenso e a mão meio erguida, como se tivesse se esquecido de baixá-la, Gawyn jamais alterava a voz nem a revestia de qualquer emoção. Apenas soava cansado; ela nunca vira ninguém tão cansado.

A voz de Siuan soou tão neutra quanto a dele.

— Da última vez que eu soube delas, as duas estavam sãs e salvas. Não posso dizer onde estão agora. Você preferia que estivessem aqui, no meio dessa confusão?

— Nada de joguinhos de palavras de Aes Sedai — retrucou ele, baixinho. — Diga onde elas estão, sem rodeios, para eu saber se você está falando a verdade.

— Illian — respondeu Siuan, sem hesitar. — Na cidade propriamente dita. Estão estudando com uma Aes Sedai chamada Mara Tomanes. Ainda devem estar lá.

— Não estão em Tear — murmurou ele. Por um instante pareceu pensativo. De forma abrupta, completou: — Estão dizendo que você é Amiga das Trevas. Ajah Negra, não é isso?

— Se realmente acredita nisso — respondeu Siuan calmamente — é melhor arrancar a minha cabeça.

Min quase soltou um berro quando ele apertou as juntas embranquecidas de tanta força no cabo da espada. Devagar, estendeu a mão e pousou os dedos no braço teso do rapaz, com cuidado, para não dar a entender que pretendia fazer algo além de tocá-lo. Foi como encostar em uma pedra.

— Gawyn, você me conhece. Não pode achar que eu ajudaria a Ajah Negra. — Ele não desviou o olhar do rosto de Siuan, sequer piscou. — Gawyn, Elayne apoia Siuan e tudo o que ela fez até agora. Sua própria irmã, Gawyn. — Ele ainda estava duro feito pedra. — Egwene também acredita nela, Gawyn. — O pulso do rapaz estremeceu sob os dedos de Min. — Eu juro, Gawyn. Egwene acredita.

Ele olhou de relance para ela, depois de volta para Siuan.

— Por que é que eu não devo arrastar você pelos cabelos? Me dê uma razão.

Siuan o encarou de volta muito mais calma do que Min.

— Você poderia, e creio que eu me defenderia com a força de um gatinho. Ontem eu era uma das mulheres mais poderosas do mundo. Talvez a mais poderosa. Reis e rainhas viriam ao meu chamado, mesmo que odiassem a Torre e tudo o que ela simbolizava. Hoje, receio não ter nada para comer à noite e vou precisar dormir em uma moita. Em um dia fui reduzida da mulher mais poderosa do mundo a alguém que espera encontrar uma fazenda onde possa trabalhar em troca de comida. Seja lá o que você ache que eu fiz, será que isso já não é uma punição suficiente?

— Talvez — disse ele, depois de um instante. Min respirou fundo, aliviada, quando o rapaz embainhou a espada de volta, em um movimento fluido. — Mas não é por isso que vou deixar você escapar ir. Elaida talvez ainda arranque a sua cabeça, e não posso permitir isso. Quero as suas informações à mão, caso precise.

— Gawyn — disse Min — venha com a gente. — Um espadachim treinado por um Guardião poderia ser útil nos próximos dias. — Assim você teria Siuan por perto para responder às suas perguntas. — Piscando, embora não exatamente indignada, Siuan olhou para ela, mas sem desviar por inteiro as atenções de Gawyn; Min prosseguiu, enérgica: — Gawyn, Egwene e Elayne acreditam nela. Será que você não pode acreditar também?

— Não peça mais do que eu posso dar — respondeu ele, baixinho. — Vou levar os três ao portão mais próximo. Vocês nunca conseguiriam sair sem mim. É só isso que eu posso fazer, Min, e é mais do que eu deveria. A sua prisão foi ordenada, você sabia disso? — Ele voltou a olhar para Siuan. — Se acontecer alguma coisa com elas — prosseguiu o rapaz, naquele tom de voz inexpressivo — Egwene ou com minha irmã, eu vou encontrá-la, seja lá onde estiver se escondendo, e vou garantir que o mesmo lhe aconteça. — Ele se afastou abruptamente, a passos firmes, e plantou-se a uns doze passos de distância, de braços cruzados e cabeça baixa, como se não suportasse mais encará-las.

Siuan levou uma das mãos à garganta; um filete vermelho sobre a pele clara marcava o ponto onde a lâmina pousara.

— Passei tempo demais com o Poder — disse ela, um tantinho insegura. — Tinha me esquecido de como é enfrentar alguém capaz de pegar a gente e despedaçar feito um pedaço de pano. — Ela então encarou Leane, como se a visse pela primeira vez, e tocou o rosto como se não tivesse certeza das próprias feições. — Pelo que li, deveria demorar mais para esvanecer, mas talvez o tratamento intenso de Elaida tenha algo a ver com isso. Ele chamou de disfarce, e talvez seja mesmo essa a função. — Ela montou com dificuldade no lombo de Bela, segurando as rédeas como se a égua peluda fosse um garanhão destemido. — Outra vantagem, ao que parece, de ser... eu tenho de aprender a dizer isso sem me contrair... Fui estancada. — Ela proferiu as palavras lenta e deliberadamente, depois assentiu. — Pronto. Se

Leane for um bom parâmetro, devo ter perdido uns bons quinze anos, talvez mais. Conheço mulheres que pagariam qualquer preço por isso. Terceira vantagem. — Ela olhou Gawyn. Ele ainda estava parado de costas, mas de todo modo a mulher baixou a voz. — E também soltei um pouco a língua, não é verdade? Fazia anos que eu não pensava em Mara. Uma amiga de infância.

— A senhora agora vai envelhecer como o resto de nós? — perguntou Min enquanto montava na sela. Era melhor do que comentar sobre a mentira. Melhor simplesmente lembrar que agora ela *conseguia* mentir. Leane subiu na terceira égua com plácida habilidade e deu uma volta com ela, testando seus passos; ela com certeza já montara um cavalo.

Siuan balançou a cabeça.

— Eu realmente não sei. Nenhuma mulher estancada viveu o suficiente para descobrir. Eu pretendo viver.

— Vocês vêm comigo? — perguntou Gawyn, em um tom ríspido. — Ou vão ficar aqui tagarelando? — Sem esperar a resposta, ele saiu a passos firmes em direção às árvores.

Elas cravaram os calcanhares nas éguas e saíram atrás dele, Siuan puxando o capuz bem para a frente para esconder o rosto. Disfarçada ou não, ela parecia não estar querendo se arriscar. Leane já estava completamente coberta. Depois de um instante, Min imitou as duas. Elaida queria a prisão *dela*? Isso só podia significar que ela sabia que “Elmindreda” era Min. Havia quanto tempo que a mulher sabia? Por quanto tempo Min circulara pensando estar disfarçada enquanto Elaida observava e ria de sua idiotice? O pensamento lhe deu calafrios.

Quando as mulheres alcançaram Gawyn, em um caminho de seixos, vinte ou mais homens apareceram, avançando na direção dos quatro, uns talvez um pouco mais velhos do que ele, outros praticamente garotos. Min suspeitou de que alguns desses últimos ainda nem sequer precisavam se barbear, pelo menos não com frequência. Todos portavam espadas nos cintos ou nas costas, no entanto, e três ou quatro usavam placas peitorais. Mais de um exibia ataduras ensanguentadas, e a maioria tinha as roupas manchadas de sangue. Todos tinham o mesmo olhar fixo de Gawyn. Ao avistá-lo, eles pararam e bateram no peito com o braço direito. Sem reduzir o passo, Gawyn assentiu, retribuindo a saudação, e os jovens formaram uma fila atrás dos cavalos das mulheres.

— Os alunos? — murmurou Siuan. — Eles também tomaram partido na luta?

Min assentiu, mantendo a expressão impassível.

— Eles estão se denominando de Jovem Guarda.

— Nome bem apropriado — observou Siuan, com um suspiro.

— Alguns não passam de crianças — resmungou Leane.

Min não pretendia contar a elas que os Guardiões das Ajahs Azul e Verde haviam planejado libertá-las antes que as duas fossem estancadas, nem que talvez tivessem obtido sucesso se Gawyn não tivesse incitado os alunos, também “crianças”, e os levado até a Torre para impedir. A luta fora das mais perigosas, alunos contra professores, sem misericórdia, sem clemência.

Os Portões de Alindrelle, altos e com pinos de bronze, estavam abertos, mas muito bem vigiados. Alguns guardas exibiam a Chama de Tar Valon no peitoral; outros usavam casacos de operário, com placas peitorais e capacetes descombinados. Guardas e sujeitos que tinham vindo disfarçados de pedreiros. Os dois grupos pareciam duros e habilidosos, bem familiarizados com suas armas, mas permaneciam distantes, encarando uns aos outros com desconfiança. Um oficial grisalho se destacava dos outros guardas da Torre, de braços cruzados, observando a aproximação de Gawyn e dos outros.

— Material para escrita! — disse Gawyn bruscamente. — Rápido!

— Ora, vocês devem ser dessa Jovem Guarda de quem eu ouvi falar — comentou o homem grisalho. — Um belo bando de frangotes, mas recebi ordens de não deixar ninguém ultrapassar os muros da Torre. Ordem assinada pelo Trono de Amyrlin em pessoa. Quem vocês pensam que são para desmandar?

Gawyn ergueu a cabeça lentamente.

— Eu sou Gawyn Trakand de Andor — respondeu, baixinho. — E pretendo deixar essas mulheres saírem, ou você morre. — Os outros da Jovem Guarda avançaram atrás dele, espalhando-se para encarar os guardas, com as mãos nas espadas, os olhos sem piscar, talvez sem se preocupar em estar em menor número.

O sujeito grisalho se remexeu, incomodado, e um dos outros murmurou:

— É ele que estão dizendo que matou Hammar e Coulin.

Depois de um instante, o oficial deu uma guinada com a cabeça em direção ao posto de guarda, e um dos guardas correu para dentro e retornou com uma prancheta e um bastãozinho vermelho, com cera de lacre queimando, em um suporte de latão ao lado. Gawyn deixou o homem segurando a prancheta enquanto rabiscava furiosamente.

— Isso vai permitir que vocês passem pelos guardas da ponte — disse, deixando uma poça de cera vermelha respingada ao lado da assinatura. Pressionou com firmeza no papel o sinete com a assinatura.

— Você matou Coulin? — perguntou Suan em um tom frio, apropriado ao cargo que costumava ocupar. — E Hammar?

O coração de Min disparou. *Fique quieta, Suan! Lembre-se de quem você é agora e fique quieta!*

Gawyn deu um giro para encarar as três mulheres, com os olhos azuis em chamas.

— Matei — disse ele, irritado. — Eles eram meus amigos, e eu os respeitava, mas ficaram do lado... de Suan Sanche, e eu tive que... — Subitamente ele empurrou o papel lacrado nas mãos de Min. — Vão! Vão, antes que eu mude de ideia! — Deu um tapa na égua de Suan e foi fazer o mesmo com as outras, enquanto o animal de Min saltava pelos portões abertos. — Andem!

Min conduziu a égua pela enorme esplanada que rodeava os muros da Torre em um trote ligeiro, com Suan e Leane logo atrás. A esplanada estava vazia, assim como as ruas adiante. O som dos cascos dos cavalos nas pedras do chão produzia um eco seco. Os que já não haviam fugido da cidade permaneciam escondidos.

Ela analisou o papel de Gawyn enquanto as três cavalgavam. A gota de cera exibia o carimbo de um javali correndo.

— Aqui diz que temos permissão para sair. Podemos usar tanto nas pontes quanto para embarcar em um navio. — Parecia inteligente seguir por um caminho que ninguém imaginasse, nem mesmo Gawyn. Ela não achava que o rapaz de fato fosse mudar de ideia, mas ele estava irritadiço, prestes a estilhaçar se levasse um golpe indevido.

— Pode ser uma boa ideia — disse Leane. — Sempre achei que Galad fosse o mais perigoso daqueles dois, mas já não tenho tanta certeza. Hammar e Coulin... — Ela sentiu um arrepio. — Um navio nos levaria mais longe, e mais depressa do que esses cavalos.

Siuan balançou a cabeça.

— A maioria das Aes Sedai que fugiram cruzaram as pontes, sem dúvida. É a forma mais rápida de sair da cidade quando se está sendo perseguido, mais rápida do que esperar um a tripulação desatracar um navio. Preciso ficar perto de Tar Valon, se quiser encurralá-las.

— Ninguém vai apoiar você — disse Leane em um tom monocórdio, carregado de significado. — Você não tem mais direito à estola. Nem mesmo ao xale ou ao anel.

— Eu posso não usar mais a estola — retrucou Siuan, no mesmo tom —, mas ainda sei preparar uma tripulação para a tempestade. E, já que não posso usar a estola, preciso garantir que seja escolhida a mulher certa para ocupar o meu lugar. Não vou deixar Elaida se intitular Amyrlin sem fazer nada. Tem de ser alguém forte com o Poder, alguém que enxergue as coisas da maneira certa.

— Então você pretende continuar apoiando esse... esse *Dragão!* — vociferou Leane.

— E o que mais você acha que eu deveria fazer? Me encolher em um canto e esperar a morte?

Leane estremeceu como se tivesse acabado de levar um tapa na cara, e as três seguiram em silêncio por um tempo. Todas aquelas construções magníficas ao redor, feito penhascos esculpidos pelo vento, ondas e imensos voos de pássaros, avultavam-se, intimidadores, sem ninguém nas ruas além das três e de um sujeito solitário que seguia correndo, dobrando as curvas adiante delas, avançando de porta em porta como se as escoltasse pelo caminho. Ele não atenuava a sensação de vazio, apenas a intensificava.

— O que mais podemos fazer? — questionou Leane, enfim. Ela agora cavalgava curvada sobre a sela, feito um saco de grãos. — Estou me sentindo tão... vazia. Tão vazia.

— Encontre alguma coisa para preencher esse vazio — retrucou Siuan com firmeza. — Qualquer coisa. Cozinhe para os pobres, cuide dos doentes, arrume um marido e encha a casa de crianças. Quanto a mim, pretendo que Elaida não se safe dessa. Eu quase seria capaz de perdô-la, se ela realmente acreditasse que eu representava algum perigo à Torre. Quase seria. Quase. Mas ela foi tomada pela inveja desde que fui elevada a Amyrlin em seu lugar. É isso o que a motiva, mais do que qualquer coisa, e por isso eu pretendo

derrubá-la. É isso que me preenche, Leane. Isso, e saber que Rand al'Thor não pode cair nas mãos dela.

— Talvez isso baste. — A mulher de pele acobreada soou indecisa, mas se apurou. O contraste entre sua óbvia experiência e a postura instável de Siuan na égua menor dava a impressão de que ela era a líder. — Mas como vamos sequer conseguir começar? Temos três cavalos, a roupa do corpo e seja lá o que Min tiver na bolsa. Nem perto do suficiente para desafiar a Torre.

— Fico feliz que você não tenha se decidido pelo marido e um lar. Vamos encontrar outras... — Siuan fez uma careta. — Vamos encontrar Aes Sedai fúgitivas, vamos encontrar o que precisamos. Temos mais do que você pensa, Leane. Min, o que diz aí no passe que Gawyn nos concedeu? Menciona três mulheres? O que diz? Depressa, garota.

Min cravou o olhar nas costas dela. Siuan estivera espiando o homem que corria adiante, o sujeito de cabelo escuro, bem-vestido, mas todo em tons sóbrios de marrom. A mulher soava como se ainda fosse Amyrlin. *Bom, eu queria que ela encontrasse sua determinação, não queria?*

Siuan virou-se para encará-la com aqueles olhos azuis penetrantes. Por algum motivo, eles não pareciam menos intimidadores do que antes.

— “As portadoras têm autorização para sair de Tar Valon, sob minha autoridade” — disse Min rapidamente, puxando pela memória. — “Quem as impedir responderá a mim.” Assinado...

— O nome dele eu sei — retrucou Siuan bruscamente. — Venham comigo. — Ela cravou os calcanhares nos flancos de Bela, quase desabando quando a égua peluda começou a avançar em um galope lento. No entanto, a mulher permaneceu firme, sacudindo-se desajeitadamente e batendo os calcanhares pedindo mais velocidade.

Min trocou um olhar surpreso com Leane, e ambas seguiram galopando atrás dela. O homem olhou para trás ao ouvir o som dos cascos correndo e começou a correr também, mas Siuan e Bela o ultrapassaram. Com um grunhido, ele desviou da égua. Min alcançou as duas bem a tempo de ouvir Siuan dizer:

— Não pensava encontrar você aqui, Logain.

O queixo de Min desabou. *Era ele. Aqueles olhos desesperadores e aquele rosto que um dia fora bonito, emoldurado pelos cachos escuros que iam até os ombros, eram inconfundíveis. Exatamente quem elas precisavam encontrar. Um homem que a Torre queria tanto quanto queria Siuan.*

Logain desabou de joelhos, como se suas pernas cansadas não fossem mais capazes de sustentá-lo.

— Eu não posso mais fazer mal a ninguém — disse o homem, em um tom cansado, encarando as pedras do chão sob os cascos de Bela. — Só queria fugir, morrer em paz em algum canto. Se vocês soubessem o que é perder... — Leane puxou as rédeas, irritada, enquanto a voz dele foi morrendo. Sem aviso, o homem começou a falar: — As pontes estão todas vigiadas. Não vão deixar ninguém passar. Não me conheciam, mas não me deixaram passar. Eu tentei com todos eles. — Subitamente ele riu, cansado, mas como se de fato achasse graça. — Tentei com todos.

— Eu acho — disse Min, com cuidado — que temos que ir. Ele provavelmente vai querer evitar os *que devem estar atrás dele*. — Siuan disparou um olhar que quase a fez frear o cavalo, os olhos frios e o queixo erguido. Seria mais agradável se a mulher tivesse conservado um pouco da incerteza que exibira antes.

O grandalhão ergueu a cabeça e encarou uma de cada vez, com uma carranca se formando lentamente.

— Vocês não são Aes Sedai. Quem são vocês? O que querem de mim?

— Sou a mulher que pode tirar você de Tar Valon — respondeu Siuan. — E talvez lhe dar a chance de se vingar da Ajah Vermelha. Você gostaria de ter a chance de pegar as mulheres que o capturaram, não gostaria?

O homem se arrepiou.

— O que é que eu devo fazer? — perguntou, devagar.

— Venha comigo — respondeu ela. — Venha comigo, e lembre que sou a única pessoa no mundo inteiro que vai lhe dar a chance de se vingar.

De joelhos, o homem inclinou a cabeça para analisá-las, examinando cada um dos rostos, depois se levantou, com os olhos fixos em Siuan.

— Vou com vocês — disse, simplesmente.

O rosto de Leane estava tão incrédulo quanto Min se sentia. Que uso, pela Luz, Siuan poderia ter para um homem de sanidade questionável que já havia falsamente se proclamado o Dragão Renascido? O sujeito, no mínimo, seria capaz de se voltar contra elas para roubar um dos cavalos! Encarando a altura dele e a largura de seus ombros, Min achou que seria melhor manter as facas de cintura à mão. De súbito, por um instante, aquele halo flamejante dourado e azul cintilou sobre a cabeça do homem, indicando glórias futuras, tão certamente quanto na primeira vez que Min o vira. Ela estremeceu. Visões. Imagens.

Ela olhou para trás, na direção da Torre, a coluna robusta e branca que dominava a cidade, porém destruída, tão destruída quanto se estivesse em ruínas. Por um instante ela se deixou pensar nas imagens que vislumbrou, apenas por um instante, tremeluzindo sobre a cabeça de Gawyn. Gawyn ajoelhado aos pés de Egwene de cabeça baixa, em uma mesura, e Gawyn quebrando o pescoço de Egwene; primeiro uma, depois a outra, como se qualquer das duas pudesse representar o futuro.

As coisas que ela via raramente tinham um significado tão claro quanto essas duas, e ela jamais tivera visões que vinham e voltavam, de modo que nem mesmo a visão fosse capaz de afirmar qual seria o futuro verdadeiro. E pior, ela tinha uma sensação quase concreta de que suas ações daquele dia voltaram Gawyn na direção daqueles dois caminhos.

Apesar do sol, ela estremeceu outra vez. *O que está feito está feito*. Olhou as duas Aes Sedai — ex-Aes Sedai. Ambas observavam Logain como se ele fosse um cão de caça treinado, feroz, possivelmente perigoso, mas útil. Siuan e Leane viraram os cavalos na direção do rio, e Logain seguiu avançando a passos largos no meio das duas. Min acompanhava os três, mais lentamente. *Luz, espero que isso tenha valido a pena.*



UMA OFERTA RECUSADA

— É desse tipo de mulher que você gosta? — perguntou Aviendha, com desdém. Rand baixou a cabeça e encarou a mulher, que caminhava junto ao estribo de Jeade'en vestida nas saias pesadas, com o xale marrom enrolado na cabeça. Os olhos azul-esverdeados o encararam por baixo do turbante largo. Ela parecia desejar ainda ter em mãos a lança que usara durante o ataque dos Trollocs, que a fizera ouvir um sermão das Sábias.

Às vezes, Rand se sentia desconfortável por tê-la caminhando ao seu lado enquanto cavalaria. Até tentara caminhar ao lado dela, e seus pés ficaram muito gratos ao voltar para o cavalo. De vez em quando — *muito* de vez em quando — conseguia convencê-la a montar atrás dele, reclamando que estava com o pescoço doendo de tanto conversar olhando para baixo. Montar em um cavalo não era exatamente uma violação dos costumes, afinal de contas, mas o desprezo por aqueles que não usavam as próprias pernas fazia a jovem seguir a pé na maior parte do tempo. Uma risada de qualquer companheiro Aiel, sobretudo de uma Donzela, mesmo que a pessoa estivesse olhando para o outro lado, era suficiente para ela descer de Jeade'en em um piscar de olhos.

— Ela é mole, Rand al'Thor. Fraca.

Rand olhou outra vez por cima do ombro, examinando o carroção branco em formato de caixa que liderava o comboio dos mascates, uma cobra sinuosa avançando pela paisagem destruída e empoeirada, outra vez escoltada pelas Donzelas dos Jindo. Isendre seguia na frente, com Kadere e o condutor, sentada no colo do mascate atarracado, o queixo batendo no ombro do homem, que segurava um pequeno guarda-sol de seda azul para protegê-la — e a si mesmo — do sol forte. Mesmo de casaco branco, Kadere não parava de secar o suor do rosto com um lenço grande, mais afetado pelo sol do que a mulher de vestido lustroso e justo, que combinava com o guarda-sol. Rand não estava perto o suficiente para ter certeza, mas achou que os olhos

escuros de Isendre o observavam por baixo do lenço enrolado cobrindo seu rosto e cabeça. Ela sempre parecia estar olhando para ele. Kadere não parecia se importar.

— Não acho que Isendre seja mole — respondeu, baixinho, ajeitando a *shoufa*. O tecido de fato protegia a cabeça do sol escaldante. Ele resistira a usar outros trajes da indumentária Aiel, ainda que fossem muito mais apropriados ao clima do que o casaco de lã vermelha. Não importava seu sangue e nem as marcas em seus antebraços, ele não era Aiel, nem fingiria ser. Fosse o que tivesse de fazer, poderia manter esse mínimo de decência. — Não, eu não diria isso.

No assento do condutor do segundo carroção, Keille, a mulher gorda, e Natael, o menestrel, discutiam mais uma vez. Natael segurava as rédeas, mas não conduzia tão bem quanto o homem que costumava assumir a função. Às vezes os dois também encaravam Rand com olhadelas rápidas, antes de retomar o debate. Bem, todo mundo encarava Rand. A longa fileira dos Jindo, do outro lado, as Sábias, mais adiante, com Moiraine, Egwene e Lan. Na fileira mais numerosa de Shaído, mais ao longe, ele achava que também via cabeças voltadas em sua direção. Aquilo não o surpreendia mais, já estava acostumado. Ele era Aquele Que Vem Com a Aurora. Todos queriam saber o que iria fazer. Em breve descobririam.

— Mole — grunhiu Aviendha. — Elayne não é mole. Você pertence a Elayne, não devia estar trocando olhares melosos com aquela meretriz branquela. — A jovem balançou a cabeça com vigor, resmungando, meio que para si mesma. — Nossos modos a deixam chocada. Ela não consegue aceitar. Por que eu deveria me importar com isso? Não quero ter nada a ver com isso! *Não pode* acontecer! Se eu pudesse, tomaria você como *gai'shain* e entregaria para Elayne!

— Por que Isendre deveria aceitar o jeito de ser dos Aiel?

Aviendha disparou um olhar tão arregalado e surpreso que ele quase soltou uma risada. Na mesma hora, a jovem fechou a cara, como se ele tivesse feito algo irritante. As mulheres Aiel sem dúvida não eram mais fáceis de entender do que as outras.

— Já você não é nada mole, Aviendha... — Ela deveria tomar aquilo como um elogio: às vezes, era dura feito uma pedra de amolar. — Me explique outra vez essa história de senhora do teto. Se Rhuarc é o chefe do clã dos Taardad e o chefe do Forte das Pedras Frias, por que o forte pertence à esposa, e não a ele?

A jovem aprendiz de Sábica o encarou furiosa por mais um instante, mexendo os lábios enquanto resmungava entre dentes, antes de responder.

— Porque ela é a *senhora do teto*, seu aguacento ignorante. Um homem não pode ser dono de um teto, assim como não pode ser dono de terras! Vocês, aguacentos, às vezes parecem uns selvagens.

— Mas se Lian é a senhora do teto das Pedras Frias porque é esposa de Rhuarc...

— Isso é diferente! Será que você nunca vai entender? Até uma criança entende!

Aviendha respirou fundo e arrumou o xale ao redor do rosto. Era uma bela mulher, mas quase sempre o encarava como se ele tivesse cometido algum crime contra ela. Que crime poderia ser esse, Rand não sabia. Bair, de cabelos brancos e rosto curtido, sempre tão relutante em falar sobre Rhuidean, enfim revelara, de má vontade, que Aviendha *não* visitara as colunas de vidro, nem visitaria até estar pronta para se tornar Sábia. Então por que a jovem o odiava? Era um mistério para o qual Rand gostaria de ter uma resposta.

— Vou abordar sua dúvida por outro ângulo — resmungou ela. — Quando uma mulher está para se casar, se ela ainda não for dona de um teto, a família constrói um para ela. No dia do casamento, o marido a leva nos ombros para longe da família enquanto seus irmãos seguram as irmãs da noiva. Mas, quando chega na porta, coloca ela no chão e pede permissão para entrar. O teto é *dela*. Ela pode...

As aulas sobre os Aiel estavam sendo a parte mais prazerosa da interação dos dois durante os onze dias e onze noites desde o ataque dos Trollocs. Não que Aviendha quisesse falar: a princípio, só fazia longos discursos criticando o suposto descaso dele em relação a Elayne, seguido de mais um sermão embaraçoso para convencê-lo de que a Filha-herdeira era a mulher perfeita. Até que Rand comentou por alto com Egwene que, já que Aviendha nem se dignava a falar com ele, seria melhor que parasse de encará-lo. Uma hora depois, uma *gai'shain* de veste branca veio chamar a jovem Aiel.

Fosse lá o que as Sábias tivessem dito a ela, Aviendha retornara trêmula de raiva, exigindo — exigindo! — que ele permitisse que ela ensinasse a ele os hábitos e costumes Aiel. Sem dúvida na esperança de que ele revelasse algo acerca dos próprios planos com as perguntas que fizesse. Depois das traições sutis de Tear, a franqueza da espionagem das Sábias era revigorante. Por outro lado, sem dúvida era sensato aprender o que pudesse. E conversar com Aviendha era agradável, sobretudo nas ocasiões em que a mulher parecia esquecer o desprezo que sentia por ele, fosse lá por que motivo. Mas, naturalmente, toda vez que Aviendha percebia que os dois tinham começado a conversar feito duas pessoas normais, em vez de caça e caçador, não tardava em ter um acesso de fúria, como se ele a tivesse atraído para uma armadilha.

Mesmo assim as conversas eram agradáveis, ainda mais quando comparadas ao restante da viagem. Rand estava até começando a achar os chilikques dela divertidos, embora tivesse o bom senso de não deixar que a mulher percebesse. Aviendha o odiava, mas pelo menos estava muito concentrada em odiá-lo para ver que ele era Aquele Que Vem Com a Aurora ou o Dragão Renascido. Notava apenas Rand al'Thor. Fosse como fosse, a mulher sabia o que sentia por ele. Não era como Elayne, com uma carta que o deixara corado até as orelhas e outra, no mesmo dia, que o fizera conferir se não tinha se transformado em um Trolloc com presas e chifres.

Min era praticamente a única mulher que conhecera que não confundiria completamente seu juízo. No entanto, ela estava na Torre — a salvo, pelo menos — um lugar que ele pretendia evitar. Às vezes, Rand pensava que a vida seria mais simples se conseguisse esquecer de vez as mulheres. Agora

Aviendha começara a invadir seus sonhos, como se sonhar com Min e Elayne já não estivesse de bom tamanho. As mulheres embaralhavam suas emoções, e ele agora precisava ficar lúcido. Lúcido e frio.

Rand percebeu que encarava Isendre outra vez. A mulher apontou os dedos magros e serpenteantes para ele, por detrás da orelha de Kadere. Rand teve certeza de ver aqueles lábios carnudos se contorcendo em um sorriso. *Ah, sim. Perigosa. Tenho que ser frio e duro feito aço. Aço cortante.*

Onze dias e noites, indo para o décimo-segundo, e nada mais se alterara. Dias e noites de estranhas formações rochosas, pináculos de pedra com topos achatados e montes que se erguiam de uma terra débil e falha, entrecortada por montanhas que pareciam ter sido cravadas ao acaso. Dias de sol escaldante e ventos impiedosos, noites de um frio de gelar os ossos. Tudo o que crescia tinha pontas, espinhos ou irritava a pele. Aviendha dizia que algumas plantas eram venenosas, e a lista era maior que a das comestíveis. Só havia água em nascentes e tanques escondidos, mas a jovem Aiel apontara algumas plantas como indício de que um buraco fundo cavado ali se preencheria de gotinhas, bem lentamente, o suficiente para a sobrevivência de um ou dois homens, além de outras plantas que, quando mascadas, soltavam uma polpa aguada e azeda.

Certa noite, dois cavalos de carga dos Shaido foram mortos por leões, que logo foram afastados das presas e botados para correr rugindo pela escuridão da terra entrecortada. Na quarta noite, o condutor de um carroção atçou uma pequena cobra marrom enquanto o grupo montava acampamento. Era uma dois-passos, como Aviendha explicou depois, alcunha que foi devidamente comprovada. O sujeito gritou e tentou correr até os carroções, mesmo vendo Moiraine avançando em sua direção. No segundo passo, o homem caiu de cara no chão, morto, antes mesmo que a Aes Sedai conseguisse descer da égua branca. Aviendha listava cobras, aranhas e lagartos venenosos. Lagartos venenosos! Certa vez, encontrou um e mostrou a ele. O bicho tinha dois pés de comprimento e era robusto, com listras amarelas correndo pelas escamas marrons. Ela prendeu o animal com displicência sob uma das botas macias, cravou a faca na cabeça larga do lagarto e o levantou, para que Rand visse o fluido transparente e oleoso que jorrava dos dentes afiados em sua boca protuberante. A mordida de um *gara*, explicou a mulher, era capaz de perfurar uma bota e matar um boi. Havia bichos piores, sem dúvida. O *gara* era lento, e não tão perigoso assim, se a pessoa não fosse idiota o bastante para pisar nele.

Quando ela sacudiu o imenso lagarto para fora da lâmina, o animal amarelo e marrom sumiu no chão de lama rachada. Ah, sim. Era só não ser idiota o bastante para pisar em um.

Moiraine dividia o tempo entre as Sábias e Rand, em geral tentando intimidá-lo, do jeito costumeiro das Aes Sedai, para que revelasse seus planos.

— Há de ser o que a Roda tecer — dissera a Azul, ainda naquela manhã, com a voz fria e calma, o rosto etéreo e sereno, mas os olhos escuros estavam incandescentes ao encará-lo por sobre a cabeça de Aviendha — mas um bobo

pode estrangular a si mesmo no Padrão. Cuidado para não tecer uma corda no próprio pescoço.

A Aes Sedai adquirira um manto claro, quase branco como os dos *gai'shain*. O tecido reluzia sob o sol, e, por baixo do largo capuz, Moiraine usava um lenço úmido, branco feito neve, amarrado na testa.

— Não vou enrolar nada no pescoço. — Ele deu uma risada, e a mulher virou Aldieb tão depressa que a égua quase derrubou Aviendha, depois seguiu de volta para o grupo das Sábias, o manto drapejando atrás de si.

— É muita burrice irritar uma Aes Sedai — resmungou a Aiel, esfregando o próprio ombro. — Eu não sabia que você era burro.

— Vamos esperar para ver se eu sou burro ou não — respondeu Rand, já sem vontade de rir. Burro? Era necessário correr certos riscos. — Vamos esperar para ver.

Era raro Egwene sair de perto das Sábias. A jovem caminhava com elas com a mesma frequência com que cavalgava Bruma, às vezes levando uma das mulheres na garupa, por um tempo. Rand enfim descobrira que ela estava se passando por Aes Sedai completa outra vez. Amys, Bair, Seana e Melaine pareciam aceitar sem contestar, assim como os tairenos, mas de um jeito totalmente diferente. Às vezes, uma das Sábias discutia com ela em um tom de voz tão alto que Rand quase compreendia o conteúdo da gritaria que se passava a mais de cem passadas de distância. Eram quase os mesmos modos que usavam com Aviendha, embora com a Aiel fosse mais um processo de intimidação do que uma discussão de fato. Por outro lado, volta e meia dava para ouvir debates bem acalorados entre as Sábias e Moiraine. Especialmente envolvendo a loura, Melaine.

Na décima manhã, Egwene enfim desmanchou as duas tranças dos cabelos. Foi uma cena muito esquisita. As Sábias conversaram com ela por um tempo enorme, sozinhas, enquanto os *gai'shain* dobravam as tendas e Rand selava Jeade'en. Se não conhecesse bem a amiga, teria pensado que aquela postura de cabeça baixa era uma tentativa de submissão, mas essa palavra só valia para Egwene se relacionada a Nynaeve. E talvez Moiraine. De súbito, a amiga bateu palmas, rindo e abraçando cada uma das Sábias antes de correr para desfazer as tranças.

Quando Rand perguntou a Aviendha o que estava acontecendo — a jovem estava sentada do lado de fora da tenda quando ele acordou — a Aiel resmungou, em um tom azedo:

— Elas decidiram que Egwene cresceu. — Ela parou de falar de repente, disparou um olhar firme para Rand, cruzou os braços e prosseguiu: — É assunto de Sábias, Rand al'Thor. Pergunte a elas, se quiser saber, mas prepare-se para ouvir que não é da sua conta.

Egwene crescera o quê? Os cabelos? Não fazia sentido. Aviendha não disse mais uma palavra sobre o assunto. Em vez disso, raspou um pedaço de líquen cinza de uma pedra e começou a explicar como usá-lo para cataplasma. Ela estava pegando o jeito das Sábias muito depressa para o gosto de Rand. As próprias Sábias davam pouca atenção a ele. Claro que não era preciso muita dedicação, com Aviendha praticamente empoleirada no ombro dele.

O restante dos Aiel, pelo menos os Jindo, tornavam-se um pouco menos reservados a cada dia, talvez um pouco menos incomodados com o que Aquele Que Vem Com a Aurora representava, mas Aviendha era a única que de fato falava com ele. Todas as noites, Lan vinha praticar a espada, e Rhuarc, ensinar a lança e o estranho jeito Aiel de lutar com as duas mãos e os dois pés. O Guardião sabia um pouco da luta, então juntava-se às sessões de treinamento. A maioria dos outros evitava Rand, sobretudo os condutores dos carroções, que tinham descoberto que ele era o Dragão Renascido, um homem capaz de canalizar. Quando Rand pegava um daqueles homens de feições duras com os olhos cravados nele, parecia que o sujeito estava encarando o próprio Tenebroso. Mas Kadere não fazia isso, e nem o menestrel.

Quase todas as manhãs, quando saíam, o mascate se aproximava montado em uma das mulas dos carroções incendiados pelos Trollocs, o rosto parecendo ainda mais escuro por causa do lenço branco comprido amarrado na cabeça, caindo pelo pescoço. Com Rand, o homem era muito educado, mas seus olhos frios e impassíveis conferiam ao nariz adunco o aspecto de um verdadeiro bico de águia.

— Lorde Dragão — começara ele, na manhã seguinte ao ataque. Então limpava o suor do rosto com o sempre presente lençinho e se remexera, incomodado, sobre a sela surrada que encontrara em algum lugar e pusera na mula. — Posso chamar o senhor assim?

Os destroços chamuscados dos três carroções já desapareciam à distância, ao sul. Com eles, iam sumindo as sepulturas de dois homens de Kadere e um bom número de Aiel. Os Trollocs haviam sido arrastados para fora dos acampamentos e largados para os carneiros, criaturas orelhudas e esganiçadas que Rand não sabia se eram raposas grandes ou cães pequenos — pareciam um pouco de cada — e os abutres com asas com pontas vermelhas. Alguns ainda circundavam o céu, parecendo receosos de aterrisar no meio da confusão.

— Me chame do que quiser — respondera Rand.

— Lorde Dragão. Andei pensando no que o senhor disse ontem. — Kadere olhara em volta como se temesse ser ouvido, ainda que Aviendha estivesse com as Sábias, e os pares de orelha mais próximos fossem do comboio de carroções, a cinquenta passadas ou mais de distância. Mesmo assim, o homem baixara o tom de voz quase a um sussurro, limpando o rosto com nervosismo. Seus olhos, no entanto, não se alteraram. — O que o senhor disse sobre o conhecimento ser valioso e pavimentar a estrada para o sucesso. É verdade.

Rand encarara o homem por um longo instante, sem piscar, mantendo o rosto inexpressivo.

— Foi você quem disse isso, não eu — respondera, por fim.

— Bom, talvez tenha sido. Mas é verdade, não é mesmo, Lorde Dragão? — Rand assentira, e o mascate continuara, ainda sussurrando, os olhos atentos aos bisbilhoteiros. — Mas pode haver perigo no conhecimento. Em dar mais do que receber. Um homem que vende conhecimento não precisa apenas ter

seu preço, mas também alguma salvaguarda. Garantias e seguranças contra... repercussões. O senhor não concorda?

— Tem algum conhecimento que queira... vender, Kadere?

O homem atarracado franzira o cenho para o próprio comboio. Keille desceria para caminhar um pouco, apesar do calor crescente. O corpanzil estava coberto de branco, e um xale de renda branca fora preso nos cabelos grossos e escuros por pentes de marfim. Ela volta e meia dava uma olhadela para os dois homens cavalgando juntos, a expressão indecifrável àquela distância. Ainda era estranho ver uma pessoa tão corpulenta com movimentos tão ágeis. Isendre subira no banco do condutor do primeiro carroção e observava os dois de forma menos discreta, esticando o corpo para se segurar no canto do carroção branco, que balançava e sacolejava.

— Essa mulher ainda vai acabar me matando — resmungara Kadere. — Talvez possamos conversar de novo mais tarde, Lorde Dragão, se o senhor estiver disposto. — Ele cravou os calcanhares das botas com força na mula, seguiu trotando até o primeiro carroção e subiu no assento do condutor com agilidade surpreendente, amarrando as rédeas da mula a um aro de ferro na lateral do grande caixote que era o carroção. Ele e Isendre desapareceram no interior do veículo e não saíram até a parada da noite.

Ele retornou no dia seguinte, e em outros dias em que viu Rand sozinho, sempre deixando entrever o tal conhecimento que poderia vender a um preço apropriado, se tivesse as salvaguardas apropriadas. Uma das vezes, chegou ao ponto de dizer que qualquer coisa — assassinato, traição, qualquer coisa mesmo — poderia ser perdoada em troca de conhecimento, e pareceu bastante nervoso quando Rand discordou da afirmação. Fosse lá o que o homem desejasse vender, ele parecia querer que Rand o protegesse das consequências de quaisquer crimes que já tivesse cometido na vida.

— Eu não sei se quero comprar conhecimento — respondera Rand, mais de uma vez. — Sempre tem a questão do preço, não é? Tem alguns preços que eu talvez não esteja disposto a pagar.

Natael chamou Rand para um canto naquela primeira noite, depois que as fogueiras foram acesas e o aroma de comida começou a pairar por sobre as tendas baixas. O menestrel parecia quase tão nervoso quando Kadere.

— Pensei bastante a seu respeito — disse ele, olhando para Rand de esguelha, a cabeça inclinada para o lado. — Sua história deveria ser contada em uma grande epopeia. O Dragão Renascido. Aquele Que Vem Com a Aurora. Um homem de sabe-se lá quantas profecias, nesta Era e em outras. — O menestrel envolveu o corpo com o manto, os retalhos coloridos esvoaçando com a brisa. O crepúsculo era breve, no Deserto. A noite e o dia surgiam ligeiros e bem próximos. — Como se sente em relação ao seu destino profetizado? Eu preciso saber, se vier a compor esta epopeia.

— Como eu me sinto? — Rand olhou o acampamento em volta, os Jindo circulando entre as tendas. Quantos deles estariam mortos antes do fim? — Cansado. Eu me sinto cansado.

— Não é uma emoção muito heroica — murmurou Natael. — Mas esperada, dado o seu destino. Levando o mundo nos ombros, com a maioria

disposta a matá-lo, se tivesse chance, e o restante dos idiotas pensando que pode usá-lo como trampolim para o poder e a glória.

— E qual desses é você, Natael?

— Eu? Eu sou um simples menestrel. — O homem erguera uma ponta do manto coberto de retalhos, como se para comprovar. — Não tomaria o seu lugar nem que me oferecessem o mundo inteiro, não com o destino que vem junto. Morte, loucura ou ambos. “Seu sangue nas pedras de Shayol Ghul...” é isso que diz o *Ciclo de Karaethon*, as Profecias do Dragão, não é? Que você vai morrer para salvar uns idiotas que vão suspirar aliviados depois da sua morte. Não, eu não aceitaria isso nem por todo o poder do mundo, ou por mais.

— Rand — disse Egwene, emergindo da escuridão profunda, a capa clara enrolada no corpo e o capuz erguido sobre a cabeça — viemos ver com você está se sentindo, depois da Cura, com o calor que está fazendo hoje. — Moiraine viera com ela, o rosto encoberto pelo imenso capuz da capa branca, assim como Bair, Amys, Melaine e Seana, as cabeças embrulhadas em xales escuros, todas as observá-lo, calmas e frias feito a noite. Até Egwene. A jovem ainda não tinha o ar etéreo de uma Aes Sedai, mas os olhos, sim.

Ele não reparara em Aviendha, que vinha sorrateira atrás das outras. Por um instante, pensou ter visto compaixão no rosto dela, mas, se era real, desaparecera assim que a Aiel o vira a encarando. Imaginação. Ele *estava* cansado.

— Outra hora — dissera Natael, falando com Rand, mas olhando para as mulheres daquele jeito peculiar, de esguelha. — Conversaremos outra hora. — Ele dera um meneio de cabeça bastante sutil e fora embora pisando duro.

— O futuro o incomoda, Rand? — perguntou Moiraine, baixinho, depois de o menestrel se retirar. — As profecias têm uma linguagem floreada, obscura. Nem sempre querem dizer o que parecem.

— Há de ser o que a Roda tecer — respondeu. — Farei o que for preciso. Lembre-se disso, Moiraine. Farei o que for preciso. — A mulher pareceu satisfeita, mas era difícil dizer, com as Aes Sedai. Ainda assim, não ficaria nem um pouco satisfeita quando descobrisse tudo.

Natael retornou na noite seguinte, e na seguinte, e na seguinte, sempre falando sobre a epopeia que comporia, porém com certa morbidez, querendo saber como Rand pretendia enfrentar a loucura e a morte. Ao que parecia, a história seria uma tragédia. Rand decerto não queira revelar seus medos aos quatro cantos. O que havia em sua cabeça e em seu coração poderia permanecer enterrado por lá. Por fim, o menestrel pareceu se cansar de ouvi-lo dizer que faria o que fosse preciso, e parou de ir vê-lo. Aparentemente, o homem não queria compor uma epopeia que não fosse cheia de dor e sofrimento. Parecia frustrado quando lhe deu as costas pela última vez, caminhando a passos firmes, o manto drapejando furiosamente atrás de si.

O sujeito era estranho, mas, a julgar por Thom Merrilin, todos os menestréis eram assim. Natael sem dúvida exibia outras características de menestrel. Por exemplo, ficava bem óbvio que tinha a si mesmo em muito boa conta. Rand não se importava em ser ou não chamado por títulos, mas Natael

tratava Rhuarc e Moiraine — nas poucas vezes em que se encontrava com a Azul — como iguais. Isso era típico de Thom, sem tirar nem pôr. O homem acabou desistindo de se apresentar para os Jindo e começou a passar quase todas as noites no acampamento dos Shaido. Os Shaido estavam em maior número, explicara a Rhuarc, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Audiência maior. Nenhum dos Jindo gostou de saber daquilo, mas nem mesmo Rhuarc podia fazer algo a respeito. Na Terra da Trindade, um menestrel podia fazer qualquer coisa que não cometer assassinato sem precisar responder por seus atos.

Aviendha passava as noites com as Sábias, e às vezes cerca de uma hora do dia caminhando com todas reunidas ao seu redor, até Moiraine e Egwene. A princípio, Rand achou que elas estivessem aconselhando a moça a respeito de como lidar com ele, como arrancar as informações que desejavam. Então, um dia, com o sol escaldante a pino, uma bola de fogo do tamanho de um cavalo irrompeu de repente por entre o grupo das Sábias e saiu girando e rolando, deixando um sulco no solo ressequido, até que definhou e se apagou.

Alguns dos condutores frearam os comboios de supetão, assustados, e pararam para assistir, chamando uns aos outros com um misto de medo, confusão e xingamentos rudes. Murmúrios reverberaram por entre os Jindo, que, assim como os Shaido, encaravam as mulheres, mas as duas colunas de Aiel continuaram se deslocando quase sem parar. Era entre as Sábias que a verdadeira empolgação estava evidente. As quatro se agruparam ao redor de Aviendha, todas parecendo falar ao mesmo tempo e gesticulando bastante. Moiraine e Egwene, conduzindo os cavalos, tentavam se intrometer. Mesmo sem ouvir, Rand sabia que Alys respondera de forma bem direta, sacudindo um dedo furioso de censura, para que ficassem fora daquilo.

Encarando o sulco negro que se estendia em linha reta por meia milha, Rand sentou-se de volta na sela. Ensinando Aviendha a canalizar. Claro. Era isso o que estavam fazendo. Ele esfregou o suor da testa com o dorso da mão — e não tinha nada a ver com o sol. Quando aquela bola de fogo se materializou, ele instintivamente se agarrou à Fonte Verdadeira. Fora como tentar coar água com uma peneira rasgada. Ele agarrara *saidin*, mas poderia muito bem ter agarrado o ar. Um dia aquilo poderia acontecer quando precisasse desesperadamente do Poder. Também estava aprendendo, mas sem professor. Aprendendo a usar e usando para aprender. Começou a rir tão alto que alguns dos Jindo o encararam, preocupados.

Rand teria apreciado a companhia de Mat em qualquer momento durante aqueles onze dias e onze noites, mas o amigo não se aproximara por mais de um minuto ou dois. Mantinha a aba larga do chapéu de topo reto puxada para baixo, para esconder os olhos, e a lança de cabo preto com a estranha marca do corvo apoiada no cepilho da sela de Pips. A lâmina forjada pelo Poder parecia uma espada curta e curva.

— Se o seu rosto ficar um pouquinho mais curtido de sol, você *vai* virar um Aiel de verdade — dizia ele às vezes, rindo. Ou então falava algo como: — Está pretendendo passar o resto da vida aqui? Tem um mundo inteiro do

outro lado da Muralha do Dragão. Vinho? Mulheres? Você se lembra dessas coisas?

Mat, no entanto, parecia bastante desconfortável, além de ainda mais relutante do que as Sábias em falar sobre Rhuidean ou sobre o que acontecera lá. Ele apertava a mão no cabo preto da lança à menor menção da cidade de domos enevoados, alegando não se lembrar de nada da viagem pelo *ter'angreal*. Então prosseguia, dizendo:

— Fique longe dele, Rand. Não é como o da Pedra, nem um pouco. Eles são trapaceiros. Que me queime, eu queria nunca ter visto aquilo!

Na única vez em que Rand mencionou a Língua Antiga, Mat vociferou:

— Que o queime, eu não sei nada sobre a droga da Língua Antiga! — E saiu galopando de volta para os carroções dos mascates.

Era lá que Mat passava a maior parte do tempo, jogando dados com os condutores — até eles perceberem que o rapaz ganhava muito mais do que perdia, não importava de quem fossem os dados — aproveitando cada oportunidade de engatar conversas com Kadere ou Natael, perseguindo Isendre. Estava muito claro o que Mat tinha em mente desde a primeira vez que sorria para a mulher, ajeitando o chapéu, na manhã seguinte ao ataque dos Trollocs. Desde então, falava com ela todas as noites pelo máximo de tempo que conseguia. E arrumara tantos furos nos dedos arrancando flores brancas de um arbusto espinhento que passara quase dois dias sem conseguir manejar as rédeas direito, mas recusava-se a deixar que Moiraine o Curasse. Isendre não chegava a encorajar o rapaz, mas seu sorriso lânguido e provocante também não era calculado para afastá-lo. Kadere via e não dizia uma palavra, embora às vezes seus olhos seguissem os de Mat feito um abutre. Os outros comentavam.

Ao fim de certa tarde, enquanto o grupo soltava as rédeas das mulas e erguia as tendas, Rand tirava a sela de Jeade'en quando viu Mat parado perto de Isendre, na sombra esparsa de um dos carroções com cobertura de lona. O amigo estava bem próximo dela. Rand balançou a cabeça, observando enquanto escovava o garanhão sarapintado. O sol ardia baixo no horizonte, e os pináculos altos formavam sombras compridas pelo acampamento.

Isendre mexia no lenço diáfano no pescoço com discrição, como se cogitasse removê-lo, sorrindo, os lábios carnudos meio unidos em um biquinho, prontos para um beijo. Encorajado, Mat abriu um sorriso, confiante, e aproximou-se ainda mais. A mulher deixou cair a mão e balançou a cabeça devagar, mas o sorrisinho convidativo não saía de seus lábios. Nenhum dos dois ouviu Keille se aproximando, os pés muito leves, apesar do peso.

— É isso o que deseja, bom senhor? Ela? — Os dois se afastaram depressa ao ouvir aquela voz melíflua, e a mulher riu no mesmo tom musical, igualmente inapropriado a seu rosto. — Uma barganha para o senhor, Matrim Cauthon. Um marco de Tar Valon, e ela é sua. Uma sirigaita dessas não pode valer mais de dois, então é uma boa pechincha.

Mat fez careta, como se desejasse estar em qualquer lugar que não ali.

Isendre, no entanto, virou-se devagar para encarar Keille, um gato-damontanha encarando um urso.

— Você passa dos limites, velha — respondeu, baixinho, os olhos firmes por cima do lenço. — Não vou mais aturar essa sua língua. Tome cuidado. Ou talvez esteja querendo ficar aqui pelo Deserto.

Keille abriu um sorriso largo, exibindo uma alegria que destoava dos olhos de obsidiana cintilando por trás das gordas bochechas.

— E você, está querendo?

Com um meneio de cabeça decidido, Isendre respondeu:

— Um marco de Tar Valon. — Sua voz era dura como ferro. — Vou mandar lhe entregarem um marco de Tar Valon quando a deixarmos aqui. Só queria poder vê-la tentando tirar água dele. — A mulher deu as costas, foi pisando firme até o primeiro carroção, sem o rebolado sedutor, e desapareceu dentro dele.

Keille a encarou até a porta se fechar, o rosto redondo indecifrável, então de súbito virou-se para Mat, que estava a ponto de sair de fininho.

— Poucos homens já recusaram uma oferta minha uma vez, muito menos duas. Reze para que eu não decida fazer alguma coisa a respeito. — Gargalhando, a mulher se levantou e beliscou a bochecha de Mat com os dedos gordos com tanta força que o rapaz quase se encolheu, então virou-se para Rand. — Diga a ele, Lorde Dragão. Tenho a sensação de que você sabe algo a respeito dos perigos de desprezar uma mulher. Aquela garota Aiel que o segue para cima e para baixo e não tira os olhos do senhor. Ouvi dizer que o senhor pertence a outra. Talvez ela se sinta desprezada.

— Eu duvido, minha senhora — respondeu Rand, ríspido. — Aviendha cravaria uma faca em minhas costelas se achasse que penso nela dessa forma.

A mulher imensa soltou uma risada estrondosa. Mat se encolheu quando ela estendeu o braço outra vez para tocá-lo, mas Keille apenas deu um tapinha na bochecha que antes beliscara.

— Está vendo, bom senhor? Despreze a oferta de uma mulher, e talvez ela não pense nada a respeito, mas talvez... — ela fez um giro com a mão — ... use a faca. Uma lição que qualquer homem pode aprender. Não é mesmo, Lorde Dragão?

Com uma risada resfolegante, Keille saiu apressada para conferir os homens que cuidavam das mulas.

— São *todas* loucas — resmungou Mat, esfregando o rosto.

Em seguida, retirou-se também. No entanto, não abandonou a caça a Isendre.

E assim foi, por onze dias, rumo ao décimo-segundo, cruzando uma terra árida e dura. Viram outras duas plataformas, construções de pedra bruta muito similares a Parada de Imre, posicionadas para facilitar a defesa contra o lado íngreme do pináculo ou monte. Em uma delas havia trezentas ovelhas ou mais, além de homens que se mostraram tão surpresos em saber sobre Rand quanto sobre os Trollocs na Terra da Trindade. A outra estava vazia. Não fora invadida, só estava desocupada. Diversas vezes, Rand avistou a distância cabras, ovelhas, ou gado de chifres longos. Aviendha dizia que os rebanhos pertenciam a fortes próximos de ramos Aiel, mas ele não via gente, muito menos qualquer estrutura que merecesse ser chamada de forte.

O décimo-segundo dia chegou, com as robustas fileiras de Jindo e Shaido flanqueando o grupo das Sábias, os carroções dos mascates sacolejando enquanto Keille e Natael discutiam, e Isendre encarando Rand, sentada no colo de Kadere.

— ... e é assim que é — disse Aviendha, assentindo para si mesma. — Garanto que agora você já entende tudo sobre as senhoras do teto.

— Não exatamente — admitiu Rand. Percebeu que já fazia algum tempo que apenas escutava a voz dela, sem prestar atenção nas palavras. — Mas tenho certeza de que tudo funciona direitinho.

A jovem grunhiu para ele.

— Quando você se casar — disse, em um tom ríspido — com esses Dragões nos seus braços para confirmar seu sangue, vai seguir o sangue, ou vai exigir ser dono de tudo, exceto o vestido da esposa, feito um aguacento selvagem?

— Não é nem de longe assim que funciona — protestou o rapaz. — E qualquer mulher de onde venho arrancaria a cabeça de um homem que pensasse assim. De todo modo, você não acha que isso tem de ser acordado entre mim e a mulher com quem eu *decidir* me casar?

Aviendha apenas fez uma careta de desgosto ainda maior do que a anterior.

Para alívio de Rand, Rhurarc veio trotando à frente deles, vindo do grupo dos Jindo.

— Chegamos — anunciou o Aiel, com um sorriso — ao Forte das Pedras Frias.





O FORTE DAS PEDRAS FRIAS

Rand olhou em volta, de cenho franzido. Uma milha à frente havia um agrupado de montes altos e íngremes, todos bem juntinhos, ou talvez fosse um só monte imenso entrecortado por fissuras. À esquerda, a terra corria em retalhos de grama grossa e plantas sem folhas e com espinhos, arbustos espinhosos isolados e árvores baixas, formando colinas áridas e vales recortados, além das imensas colunas de pedra bruta e montanhas irregulares ao longe. À direita, a terra era igual, exceto pelo fato de que o solo de lama seca e amarelada era mais plano, e as montanhas, mais próximas. Poderia ser qualquer trecho do Deserto que tinham visto desde que saíram de Chaendaer.

— Onde? — perguntou.

Rhuarc olhou para Aviendha, que encarava Rand como se ele tivesse perdido o juízo.

— Venha. Deixe que seus próprios olhos lhe mostrem as Pedras Frias.

Baixando a *shoufa* até os ombros, o chefe de clã se virou e saiu a passos rápidos, a cabeça descoberta, em direção à parede de rocha fissurada adiante.

Os Shaído já tinham parado de avançar e moviam-se de um lado para o outro, começando a erguer as tendas. Heirn e os Jindo chegaram logo atrás de Rhuarc, trotando com as mulas de carga, descobrindo as cabeças e gritando palavras desconexas. As Donzelas que escoltavam os mascates gritavam para que os condutores apressassem os comboios e seguissem os Jindo. Uma das Sábias ergueu as saias até os joelhos e correu para junto de Rhuarc — Rand achou que fosse Amys, pelos cabelos brancos; Bair com certeza não conseguia se deslocar com tanta agilidade — porém o restante do grupo manteve o passo original. Por um instante, pareceu que Moiraine dispararia em direção a Rand, mas a mulher hesitou, discutindo com uma das outras Sábias, os cabelos ainda encobertos pelo xale. Por fim, a Aes Sedai

puxou as rédeas da égua branca e foi para o lado da cinzenta de Egwene e do garanhão preto de Lan, logo à frente dos *gai'shain* de robes brancos que puxavam os animais de carga. No entanto, seguiam na mesma direção que Rhuarc e os outros.

Rand se inclinou e estendeu a mão para Aviendha. Quando a mulher balançou a cabeça, ele disse:

— Se continuarem fazendo essa barulheira toda, não vou conseguir ouvir você aí embaixo. E se eu cometer algum erro idiota por não conseguir ouvir o que você está dizendo?

Resmungando entre dentes, a mulher olhou para as Donzelas ao redor dos carroções dos mascates, soltou um suspiro e agarrou o braço dele. Rand a içou, ignorando o ganido furioso que veio dela, e, com um balanço, assentou-a na garupa da sela de Jeade'en. Toda vez que Aviendha tentava montar sozinha, acabava quase o derrubando da sela. Esperou um momento para que a jovem ajeitasse as saias pesadas, ainda que, na melhor das hipóteses, as pernas ficassem descobertas bem acima das botas macias, na altura dos joelhos, e cravou os calcanhares no garanhão sarapintado, que partiu em meio-galope. Era a primeira vez que Aviendha ia mais depressa que um caminhar suave. Ela agarrou a cintura de Rand e segurou firme.

— Ai de você se me deixar com cara de tonta diante de minhas irmãs, aguacento — rosnou ela, em advertência.

— Por que que você ficaria com cara de tonta? Já vi Bair, Amys e as outras cavalgando atrás de Moiraine ou Egwene, para conversar.

Depois de um instante, Aviendha respondeu:

— Você tem mais facilidade para aceitar as mudanças do que eu, Rand al'Thor.

O rapaz não soube bem o que pensar daquilo.

Quando conduziu Jeade'en até Rhuarc, Heirn e Amys, um pouco à frente dos Jindo, que ainda gritavam, ficou surpreso em ver Couladin correndo tranquilo pela lateral, os cabelos cor-de-fogo à mostra. Aviendha puxou a *shoufa* de Rand até os ombros.

— Para adentrar um forte é preciso estar com o rosto à mostra. Eu já lhe disse isso. E fazer barulho. Já fomos vistos há tempos, e vão saber quem somos, mas é um costume para demonstrar que não estamos tentando tomar o forte de surpresa.

Rand assentiu, mas segurou a língua. Nem Rhuarc, nem os três com ele abriram a boca, muito menos Aviendha. Além disso, os Jindo já faziam barulho suficiente para serem ouvidos a milhas de distância.

Couladin girou a cabeça na direção dele. Uma centelha de desprezo tomou a face curtida de sol, além de algo mais. Ódio e desdém Rand já esperava, mas diversão? O que Couladin estava achando divertido?

— Shaido imbecil — resmungou Aviendha, atrás dele. Talvez tivesse razão, talvez a diversão fosse por vê-la em cima de um cavalo. Rand, porém, achava que não.

Mat veio galopando com o chapéu abaixado, deixando um rastro de poeira amarelada, a lança comprida apoiada no ferro do estribo, na vertical, feito um

arpão.

— Que lugar é esse, Rand? — perguntou em voz alta, para ser ouvido por cima da gritaria. — Essas mulheres só sabem dizer “mais rápido, mais rápido”.

Rand explicou ao amigo, franzindo o cenho em direção às rochas que se avultavam pela lateral da colina.

— Acho que daria para sustentar esse lugar durante anos com provisões, mas isso aqui não é um retalho na Pedra, nem o Tora Harad.

— Tora o quê? — perguntou Rand.

Mat deu de ombros antes de responder.

— Só uma coisa que escutei certa vez. — Ele se ergueu no estribo para espiar o comboio dos mascates por sobre as cabeças dos Jindo. — Pelo menos eles ainda estão com a gente. Fico aqui pensando quanto tempo temos até eles terminarem os negócios e irem embora.

— Não vão antes de Alcair Dal. Rhurarc disse que acontece uma espécie de feira quando os chefes dos clãs se reúnem, mesmo que sejam dois ou três. Com todos os vinte juntos, imagino que Kadere e Keille não vão querer perder.

Mat não pareceu contente com a notícia.

Rhurarc liderou o caminho até a maior fissura do paredão íngreme de pedra, dez ou doze passadas de largura na parte maior, imersa nas sombras formadas pelas laterais escarpadas, avançando cada mais vez mais fundo, o caminho cada vez mais escuro e frio por baixo de uma nesga de céu. Era estranho estar sob uma sombra tão grande. Os gritos indistintos dos Aiel se avolumaram, amplificados pelas muralhas marrons acinzentadas. Quando eles enfim se calaram, o silêncio, rompido apenas pelo som dos cascos das mulas e pelo rangido das rodas dos carroções bem atrás, parecia alto demais.

Dobram outra curva, e a fissura abriu-se de repente em um cânion largo, comprido e quase plano. De todos os lados, gritos estridentes e ululantes saíram das bocas de centenas de mulheres. Uma multidão formou uma fila indicando o caminho, as mulheres de saias pesadas e xales enrolados na cabeça, os homens com casacos e calças marrom-acinzentados, assim como o *cadin'sor* e Donzelas da Lança, todos acenando as boas-vindas, batendo em panels ou no que fizesse barulho.

Rand ficou boquiaberto, e não só por causa do pandemônio. Os paredões do cânion eram verdes, com a metade inferior coberta de plataformas. Logo, o rapaz percebeu que em todas eram de fato plataformas: algumas eram telhados planos de casas pequenas de pedra cinza ou barro amarelo que pareciam praticamente empilhadas umas nas outras, todas emboladas, separadas por pequenas trilhas sinuosas. Em cada telhado havia uma horta de feijões, abóboras, pimentas, melões e plantas que ele não conhecia. Galinhas corriam à solta, mais vermelhas do que as que ele via em casa, junto com algum outro tipo de ave, maior e rajada de cinza. Crianças, a maioria vestida como os adultos, e *gai'shain* de robes brancos circulavam entre as fileiras com imensos jarros de barro. Pareciam estar regando plantas muito inusitadas. Sempre ouvira dizer que os Aiel não tinham cidades, mas aquilo era no mínimo uma cidade de tamanho considerável, ainda que mais

estranha do que todas que ele já tinha visto. O alarido era grande demais para que ele fizesse qualquer uma das perguntas que lhe vinham à cabeça. O que eram aquelas frutas redondas, vermelhas e brilhantes demais para serem maçãs, crescendo em arbustos baixos e claros? E aqueles caules retos de folhas largas com brotos compridos, enfileirados, de borlas amarelas? Rand fora fazendeiro por muito tempo para não querer saber.

Rhuarc e Heirn, assim como Couladin, reduziram o passo a um caminhar ligeiro, enfiando as lanças nos arreios das costas, que serviam de estojo para os arcos. Amys corria na frente, rindo feito uma menina, enquanto os homens continuavam a avançar a um passo firme pelo chão do cânion. Uma multidão se alinhava, os gritos das mulheres do forte vibrando no ar e quase abafando o batique das painéis. Rand os seguiu, como Aviendha o mandara fazer. Mat parecia estar querendo dar meia-volta e retornar por onde viera.

Na outra extremidade do cânion, o paredão se inclinava para dentro, formando um bolsão fundo e sombrio. O sol nunca iluminava aquele lado, pelo que Aviendha dissera, e as pedras ali, sempre frias, eram o que dava nome ao forte. Amys parou diante de outra mulher sobre um largo rochedo cinza com o topo aplanado, feito uma plataforma.

A outra mulher, esbelta debaixo das saias pesadas, com os cabelos louros que caíam abaixo da cintura e de têmporas brancas envoltas em um lenço, parecia ser mais velha do que Amys, embora sem dúvida fosse mais que vistosa, com algumas rugas finas nos cantos dos olhos cinzentos. Estava vestida como Amys, com um xale marrom e liso por sobre os ombros. Os colares e braceletes de ouro e marfim entalhado não eram mais refinados, mas a mulher era Lian, a senhora do teto do Forte das Pedras Frias.

Os gritos agudos e hesitante cessaram de vez quando Rhuarc parou diante do rochedo, uma passada mais à frente do que Heirn e Couladin.

— Peço permissão para adentrar seu forte, senhora do teto — anunciou, bem alto.

— Você tem minha permissão, chefe de clã — respondeu a mulher de cabelos loiros, com formalidade, no mesmo tom alto. Sorrindo, acrescentou, mais suave: — Sombra do meu coração, você sempre terá minha permissão.

— Eu agradeço, senhora do teto do meu coração. — O tom dele também não pareceu particularmente formal.

Heirn deu um passo à frente.

— Senhora do teto, peço permissão para me abrigar sob o seu teto.

— Tem minha permissão, Heirn — respondeu Lian ao homem parrudo. — Sob o meu teto há água e sombra para vocês. O ramo Jindo sempre será bem-vindo aqui.

— Eu agradeço, senhora do teto. — Heirn deu um tapinha no ombro de Rhuarc e foi se reunir com seu povo. Ao que parecia, a cerimônia Aiel era curta e bastante direta.

Com um andar afetado, Couladin foi se juntar a Rhuarc.

— Peço permissão para adentrar o seu forte, senhora do teto.

Lian piscou, franzindo o cenho para ele. Um burburinho se ergueu atrás de Rand, um murmúrio de espanto saído de centenas de goelas. Uma súbita

sensação de perigo pairou no ar. Mat sem dúvida também percebeu, pois dedilhou a lança e virou o corpo meio de lado, para ver o que a massa de Aiel estava fazendo.

— Qual é o problema? — perguntou Rand, baixinho, por cima do ombro. — Por que ela não respondeu?

— Ele fez a pergunta como se fosse um chefe de clã — sussurrou Aviendha, incrédula. — Esse homem é *mesmo* um idiota. Só pode estar louco! Se ela recusar, vai dar problema com os Shaido. E ela pode muito bem fazer isso, por causa de um insulto desses. Não é uma rixa de sangue, pois, por mais que se ache o tal, Couladin não é o chefe do clã. Mas pode dar problema. — Entre uma e outra respiração, a voz dela assumiu um tom mais penetrante. — Você não estava escutando, não é? Não estava! Ela poderia ter recusado até mesmo a entrada de Rhurc, e ele teria que sair. Isso desuniria o clã, mas é poder dela. Ela pode recusar até Aquele Que Vem Com a Aurora, Rand al'Thor. Nossas mulheres não têm nada de impotentes, ao contrário das suas aguacentas, que precisam ser rainhas, nobres ou dançar para um homem, caso queiram ter o que comer!

Rand balançou a cabeça devagar. Sempre que estava a ponto de dar uma bronca em si mesmo pelo pouco que aprendera sobre os Aiel, Aviendha se pronunciava, lembrando-o de quão pouco ela mesma sabia sobre qualquer um que não fosse Aiel.

— Um dia vou apresentar você ao Círculo das Mulheres de Campo de Emond. Vai ser... interessante... ouvir você dizer a elas como são impotentes. — Ele sentiu Aviendha se remexer atrás dele, tentando encará-lo e teve o cuidado de manter a expressão serena. — Talvez elas também lhe expliquem algumas coisinhas.

— Você tem a minha permissão — começou Lian, e Couladin sorriu e se aprumou — para se abrigar sob o meu teto. Arrumaremos água e sombra para você.

Os arquejos baixos de centenas de bocas formaram um som bem expressivo.

O homem de cabelos de fogo estremeceu como se acabasse de levar um golpe, o rosto vermelho de fúria. Parecia não saber o que fazer. Deu um passo à frente, desafiador, encarando Lian e Alys, agarrando os próprios antebraços, como se para manter as mãos longe das lanças. Então deu as costas e caminhou de volta para o grupo, pisando firme, cravando os olhos aqui e ali, desafiando qualquer um a abrir a boca. Por fim, parou perto de onde saía e encarou Rand. Os olhos azuis pareciam mais incandescentes do que carvão.

— Como alguém sozinho e sem amigos — sussurrou Aviendha. — Ela o acolheu como um pedinte. É o maior insulto para ele, mas não para os Shaido. — De repente, ela deu um soco nas costelas de Rand com tanta força que ele soltou um grunhido. — Mexa-se, aguacento. Você carrega a honra que pus em suas mãos. Todo mundo vai saber que fui eu quem o ensinei. Mexa-se!

Rand balançou uma perna, desceu do lombo de Jeade'en e avançou para o lado de Rhurc. *Eu não sou Aiel, pensou. Não os compreendo, nem posso me permitir gostar demais deles. Não posso.*

Ao contrário dos outros homens, ele fez uma mesura para Lian. Era assim que fora criado.

— Senhora do teto, peço permissão para me abrigar sob o seu teto.

Ele ouviu Aviendha prender a respiração. Deveria ter dito a outra coisa, o que Rhuarc dissera. O chefe de clã estreitou os olhos, preocupado, encarando a esposa, e o rosto vermelho de Couladin se contorceu em um sorriso de escárnio. Os murmúrios baixos da multidão pareciam intrigados.

A senhora do teto encarou Rand com um olhar ainda mais avaliativo do que o que dispensara a Couladin, analisando-o da cabeça aos pés. Olhou a *shoufa* sobre um casaco vermelho que com certeza jamais seria usado por um Aiel. Lançou um olhar interrogativo para Amys, que assentiu.

— Tãmanha modéstia — comentou Lian — cai muito bem em um homem. É raro os homens saberem onde encontrá-la. — Ela puxou as saias escuras e fez uma mesura meio desajeitada em retribuição à dele. Não era comum entre as Aiel, mas ainda assim era uma mesura. — O *Car'a'carn* tem permissão para adentrar meu forte. Para o chefe dos chefes, sempre há água e sombra nas Pedras Frias.

Outra série de gritos ululantes elevou-se da multidão de mulheres, mas Rand não soube dizer se era para ele ou para a cerimônia. Couladin parou para encará-lo com um ódio implacável, depois foi embora a passos firmes, dando um esbarrão em Aviendha enquanto ela descia desajeitada do ganhão sarapintado. Ele logo se mesclou à multidão que se dispersava.

Mat desmontou mais devagar, encarando o homem.

— Cuidado com esse aí, Rand — sussurrou. — Estou falando sério.

— Todo mundo me diz isso — respondeu Rand. Os mascates já estavam se assentando para as negociações no centro do cânion, e, na entrada, Moiraine e o restante do grupo das Sábias chegavam com alguns poucos gritos e umas panelas batendo, mas nada como o berreiro com que Rhuarc fora recebido. — Não é com ele que eu tenho que me preocupar.

O perigo não estava entre os Aiel. *Moiraine de um lado e Lanfear de outro. O que pode ser mais perigoso do que isso?* Foi quase o bastante para ele soltar uma risada.

Amys e Lian tinham descido do palanque, e, para surpresa de Rand, Rhuarc passou um braço ao redor dos ombros de cada uma. Ambas eram altas, como a maioria das mulheres Aiel, porém não mais altas do que o ombro do chefe de clã.

— Você conheceu minha esposa Amys — disse a Rand. — Agora precisa conhecer minha esposa Lian.

Rand percebeu que estava de queixo caído e fechou a boca depressa. Depois que Aviendha dissera que a senhora do teto das Pedras Frias era esposa de Rhuarc e se chamava Lian, teve certeza de que entendera errado todo aquele diálogo, em Chaendaer, de “sombra do meu coração” para lá e para cá, entre ele e Amys. De todo modo, estava com outras coisas na cabeça. Mas isso...

— *As duas?* — deixou escapar Mat. — Luz! Duas! Ah, que me queime! Ou esse é o homem mais sortudo do mundo, ou o maior idiota desde a criação!

— Eu achava — comentou Rhuarc, de cenho franzido — que Aviendha estava ensinando nossos costumes a você. Parece que ela está deixando muita coisa de fora.

Inclinando-se para olhar por trás do marido — do marido *das duas* — Lian ergueu uma sobranceira para Alys, que respondeu, em um tom seco:

— Aviendha parecia ideal para explicar o que ele precisa saber. Além disso, era uma forma de evitar que ela tentasse fugir de volta para as Donzelas quando não estivéssemos de olho. Agora parece que vou precisar ter uma longa conversa com ela, em algum lugar tranquilo. Ela sem dúvida anda ensinando baboseiras sobre as Donzelas ou como ordenhar um *gara*.

Ligeiramente enrubescida, Aviendha balançou a cabeça para trás com irritação. Os cabelos vermelho-escuros tinham crescido por cima das orelhas e já balançavam em uma franja sob o lenço da cabeça.

— Tivemos assuntos mais importantes para tratar do que casamentos. Além do mais, esse homem não me escuta.

— Ela está sendo uma boa professora — acrescentou Rand, mais do que depressa. — Aprendi bastante coisa sobre os seus costumes e a Terra da Trindade. — Baboseiras? — Qualquer erro que eu cometa é culpa minha, não dela. — Como se ordenhava um lagarto venenoso de dois pés de comprimento? E por quê? — Ela está sendo uma boa professora, e gostaria de mantê-la, se possível.

Pela Luz, Por que, foi que eu disse isso?, perguntou-se. Aviendha até era agradável às vezes, ao menos quando se soltava. No restante do tempo era um carrapicho debaixo de seu casaco. No entanto, pelo menos com ela ali, sabia quem as Sábias tinham mandado para vigiá-lo.

Alys o analisou, os olhos azuis penetrantes como os de uma Aes Sedai. Claro, ela sabia canalizar. O rosto não tinha aquele aspecto etéreo, apenas parecia mais jovem do que era, mas talvez a mulher fosse tão Aes Sedai quanto uma Aes Sedai.

— Para mim parece uma boa combinação — disse.

Aviendha abriu a boca, encrespada de indignação, e fechou-a outra vez, carrancuda, quando a Sábica se virou para encará-la. Talvez a moça tivesse dado o tempo dela com ele por acabado, agora que haviam chegado às Pedras Frias.

— Você deve estar cansado da viagem — disse Lian, olhando para Rand com uma expressão maternal nos olhos cinzentos — e faminto. Venha. — O sorriso se estendeu a Mat, que estava um pouco atrás e já começava a encarrar os carroções dos mascates. — Venham se abrigar sob o meu teto.

Rand agarrou os alforjes e deixou Jeade'en aos cuidados de uma *gai'shain*, que também apanhou Pips. Mat deu uma última olhada para os carroções antes de jogar os alforjes sobre os ombros e seguir em frente.

O teto de Lian, sua casa, ficava no nível mais alto do lado oeste, com o paredão íngreme do cânion se erguendo umas cem passadas acima. Lar do chefe do clã e da senhora do teto ou não, do lado de fora parecia um retângulo modesto de enormes tijolos de barro amarelado com janelas estreitas, sem vidro, cobertas por cortinas brancas simples, com uma hortinha

no teto plano e outra na frente de uma pequena sacada, separada da casa por um caminho estreito, pavimentado com pedras cinza lisas. Grande o bastante para dois quartos, talvez. A não ser pelo gongo quadrado de bronze, pendurado ao lado da porta, parecia muito com as outras construções que Rand via. Daquele ponto, podia enxergar toda a extensão do vale abaixo. Uma casa pequena, simples. Do lado de dentro, era outra coisa.

Por trás da parede de tijolos havia um cômodo amplo com piso de azulejos marrom-avermelhados, mas para dentro da pedra havia mais cômodos, com teto alto e surpreendentemente frescos, com batentes de entrada altos, em forma de arco, e lâmpioes de prata que exalavam um aroma campestre. Rand viu apenas uma cadeira. Era de espaldar alto, laqueada de vermelho e dourado e com aspecto de que não era muito usada. A cadeira do chefe, como Aviendha chamara. Não havia muitos outros itens de madeira além de umas poucas caixas e baús polidos ou laqueados, e livros abertos repousavam em prateleiras baixas para leitura, dispostas de um jeito que o leitor teria de se deitar no chão. Carpetes com tramas intrincadas cobriam o chão, além de tapetes vistosos, dispostos uns sobre os outros. Rand reconheceu algumas padronagens de Tear, Cairhien e Andor, até de Illian e Tarabon, mas outros desenhos não eram familiares: listras largas recortadas e sem cores repetidas, ou quadrados vazados em tons de cinza, marrom e preto. Em forte contraste com a mesmice de fora do vale, as cores eram todas muito vívidas. As tapeçarias de parede ele tinha certeza de serem do outro lado da Espinha do Mundo — talvez obtidas da mesma forma que as tapeçarias da Pedra de Tear — e as almofadas eram de todos os tamanhos e tons, em geral com borlas, franjas ou ambas, em seda vermelha ou dourada. Aqui e ali, em nichos presos às paredes, via-se um fino vaso de porcelana, uma tigela de prata ou uma escultura de marfim, em geral de algum animal exótico ou coisa do tipo. Então essas eram as “tocas” de que os tairenos falavam. Poderia ter sido uma visão berrante e espalhafatosa como Tear — ou os latoeiros — mas era nobre, ao mesmo tempo formal e informal.

Com um sorrisinho para mostrar a Aviendha que *sim*, escutava o que ela dizia, Rand puxou um presente para Lian de dentro de seus alforjes: um leão de ouro finalmente trabalhado. Fora saqueado de Tear e comprado de um Buscador das Águas Jindo, mas, se ele era o governante de Tear, talvez fosse como ter roubado de si mesmo. Depois de um instante de hesitação, Mat também exibiu um presente: um colar taireno com flores de prata, sem dúvida vindo da mesma fonte, e sem dúvida algo que planejava dar de presente a Isendre.

— Primoroso. — Lian abriu um sorriso, erguendo o leão. — Sempre apreciei o artesanato taireno. Rhuarc me trouxe duas peças, muitos anos atrás. — Em um tom de voz adequado a uma dona de casa que recordava de frutinhas vermelhas especialmente deliciosas, ela disse ao marido: — Você pegou da tenda de um Grão-lorde, pouco antes da decapitação de Laman, não foi? Uma pena que não tenha chegado a Andor. Eu sempre quis uma peça de prata andoriana. Este colar também é muito bonito, Mat Cauthon.

Ouvindo a mulher louvar de uma só vez os dois presentes, Rand escondeu o choque. Apesar das saias e do olhar maternal, ela era tão Aiel quanto qualquer Donzela da Lança.

Quando Lian terminou, Moiraine e as outras Sábias chegaram com Lan e Egwene. A espada do Guardião gerou uma olhadela desaprovadora, mas a senhora do teto o recebeu calorosamente depois que Bair o chamou de *Aan'allein*. Ainda assim, não foi nada se comparado à saudação a Egwene e Moiraine.

— As senhoras honram meu teto, Aes Sedai. — O tom da senhora do teto fez parecer que o que dizia era óbvio. Ela se curvou em uma mesura para as outras. — Dizem que servimos às Aes Sedai antes da Ruptura do Mundo e que falhamos com elas, e, por conta dessa falha, fomos enviados para cá, para a Terra da Trindade. Sua presença é prova de que talvez nosso pecado não seja imperdoável.

Mas claro. Ela não estivera em Rhuidean. Aparentemente, a proibição de comentar sobre o que acontecia em Rhuidean com quem não estivera lá valia até entre marido e mulher. E entre esposas-irmãs, ou qualquer que fosse o relacionamento entre Amys e Lian.

Moiraine também tentou dar um presente a Lian: pequeninos frascos de cristal e prata com perfume de Arad Doman. Mas a mulher ergueu as mãos.

— A sua presença já é um presente de valor inestimável, Aes Sedai. Aceitar mais do que isso seria uma desonra para mim e para o meu teto. Eu não poderia tolerar a vergonha. — Ela soava absolutamente séria, além de preocupada com a possibilidade de Moiraine insistir em presenteá-la com o perfume.

Era um indicativo da diferença de importância entre um *Car'a'carn* e uma Aes Sedai.

— Como queira — respondeu Moiraine, devolvendo os frascos à bolsa do cinto. Estava fria feito gelo, serena, vestida em seda azul, o manto claro jogado para trás. — Vocês, povo da Terra da Trindade, com certeza verão mais Aes Sedai. Antes, não tínhamos motivos para vir.

Amys não parecia nada satisfeita com tudo aquilo, e a ruiva Melaine encarava Moiraine feito um gato de olhos verdes ponderando se poderia fazer algo a respeito do cachorrão que invadira seu celeiro. Bair e Seana trocaram olhares preocupados, mas nada como as duas que eram capazes de canalizar.

Uma bando de *gai'shain* — homens e mulheres graciosos em robes brancos com capuzes, os olhos estranhamente submissos para rostos de Aiel — pegou os mantos de Moiraine e Egwene, depois trouxe toalhas úmidas para suas mãos e faces, pequeninas xícaras de prata com água para ser bebida formalmente, e, por fim, uma refeição em tigelas de prata e bandejas dignas de um palácio, mas que foi comida em louças de barro com uma faixa esmaltada em azul. Todos comiam deitados no chão, onde azulejos brancos tinham sido presos a uma pedra, para formar uma mesa. Todos de cabeças juntas, almofadas embaixo do peito, formando em círculo, feito uma roda

raiada, enquanto os *gai'shain* deslizavam no meio de todos para servir os pratos.

Mat se remexia para lá e para cá sobre as almofadas, desconfortável, mas Lan estava muito à vontade, como se sempre comesse deitado daquele jeito, e Moiraine e Egwene pareciam quase tão confortáveis quanto ele. Sem dúvida haviam praticado nas tendas das Sábias. Rand achava estranho, mas a comida em si era peculiar o bastante para tomar quase toda sua atenção.

O cozido de cabra, escuro e apimentado, era pouco familiar, porém nada esquisito, e ervilhas eram ervilhas em qualquer lugar, assim como abóbora. O mesmo não podia ser dito do pão amarelo, duro e farelento, nem dos feijões vermelhos e brilhantes misturados com os verdes, ou da tigela de caroços amarelos e pedaços de uma polpa vermelha que Aviendha chamou de *zemai* e *t'mat*. Muito menos do fruto doce e bulboso, de casca verde e dura, oriundo das plantas espinhosas e sem folhas chamadas de *kardon*. Ainda assim, era tudo gostoso.

Poderia ter aproveitado mais a refeição se Aviendha não tivesse ficado explicando tudo. Não sobre esposas-irmãs. Aquilo ficara a cargo de Amys e Lian, uma deitada de cada lado de Rhuarc, sorrindo tanto uma para a outra quanto para o marido. Ainda que as duas tivessem se casado com ele para não desfazer a amizade, estava claro que ambas o amavam. Rand não conseguia ver Elayne e Min chegando a tal acordo. Ele se perguntou por que sequer pensara naquilo. O sol devia ter fritado seu cérebro.

Porém, mesmo que Aviendha tivesse deixado essa explicação às outras duas mulheres, explicou *tudo* o restante nos mínimos detalhes. Talvez o considerasse um imbecil por não saber sobre as esposas-irmãs. Virada para a direita, para encará-lo, ela sorria quase com a mesma doçura de quando explicara que a colher podia ser usada para comer o cozido ou o *zemai* e o *t'mat*, mas seus olhos cintilavam com um brilho que informava que apenas a presença das Sábias ali a impedia de atirar uma das tigelas na cabeça dele.

— Eu não sei o que fiz a você — sussurrou Rand. Estava bastante ciente de Melaine, do outro lado, aparentemente absorta na conversa sussurrada com Seana. Bair dizia alguma coisa de vez em quando, mas Rand achava que ela também estava tentando entreouví-lo. — Mas, se você odeia tanto ser minha professora, não é obrigada. Eu só falei. Tenho certeza de que Rhuarc ou as Sábias encontrarão outra pessoa.

As Sábias sem dúvida encontrariam, se ele se livrasse de sua espia.

— Você não me fez nada... — Aviendha arreganhou os dentes para ele. Se pretendia ter aberto um sorriso, não fora muito bem-sucedida. — Nem nunca vai fazer. Pode se deitar para comer como achar mais confortável e conversar com todo mundo à sua volta. Exceto com os que precisam instruir em vez de compartilhar a comida, é claro. É considerado de bom tom conversar com as pessoas dos dois lados. — Por detrás dela, Mat olhou para Rand e revirou os olhos, claramente aliviado por estar sendo poupado daquilo. — A não ser que você seja forçado a ficar olhando para uma pessoa em particular para instruí-la, por exemplo. Pegue a comida com a mão direita, a não ser que precise se inclinar no cotovelo direito, e...

Era uma tortura, e ela parecia gostar. Os Aiel pareciam dar muita importância a presentes. Talvez, se Rand desse um presente a ela...

— ... todos conversam por um tempo, depois de terminada a refeição, a não ser que um de nós precise ensinar alguma coisa, e...

Suborno. Não parecia justo ter de subornar alguém que o estava espionando, mas, se ela quisesse continuar daquele jeito, falando pelos cotovelos, valeria a pena fazer isso em troca de um pouco de paz.

Quando a refeição foi recolhida pelos *gai'shain*, que trouxeram canecas prateadas de vinho escuro, Bair abriu um sorriso para Aviendha por cima dos azulejos brancos, e a moça baixou a cabeça, amuada. Egwene se ajoelhou para se esticar por cima de Mat e lhe dar alguns tapinhas encorajadores, o que não pareceu ajudar. Pelo menos a mulher estava quieta. Egwene lançou um olhar duro a Rand. Ou sabia o que ele estava pensando, ou o julgava culpado pela cara feia de Aviendha.

Rhuarc apanhou o cachimbo de haste curta e a bolsa de tabaco, encheu o forninho, pressionando-o com o polegar, depois passou a bolsa de couro para Mat, que pegou o próprio cachimbo de prata.

— Teve gente profundamente tocada pela notícia a seu respeito, Rand al'Thor, e depressa, ao que parece. Lian disse ter recebido informações de que Jheran, chefe do clã dos Aiel Shaarad, e Bael, dos Goshien, já estão em Alcair Dal. Erim, dos Chareen, está a caminho.

Ele permitiu que uma *gai'shain* esbelta acendesse seu cachimbo com um graveto em brasa. Pelos movimentos da moça, com uma graciosidade distinta das outras pessoas de robes brancos, Rand suspeitou que ela tivesse sido Donzela da Lança não muito tempo antes. Ficou se perguntando quanto tempo faltaria para o fim do serviço de um ano e um dia daquela moça, toda humilde e submissa.

Mat abriu um sorriso para a mulher, quando ela se ajoelhou para acender o cachimbo dele. Das profundezas do capuz, a moça lhe devolveu um olhar que nada tinha de submisso, e ele logo fechou o sorriso. Irritado, virou-se de barriga para baixo, um filete de fumaça azul subia pelo cachimbo. Pena que não chegou a ver a satisfação no rosto da mulher, que logo fechou a cara, enrubescida, diante da carranca de Amys. A jovem de olhos verdes saiu apressada, absolutamente constrangida. E Aviendha, que também odiava ter aberto mão da lança e ainda se considerava irmã-de-lança das Donzelas de todos os clãs... Franziu o rosto para a *gai'shain* que saía de cena, exatamente como a Senhora al'Vere faria para alguém que visse cuspiendo no chão. Povo estranho. Egwene foi a única que Rand viu olhar a mulher com um pouco de compaixão.

— Os Goshien e os Shaarad — murmurou Rand, para seu vinho. Rhuarc explicara que cada chefe de clã traria uns poucos guerreiros para o Vale Dourado, pela honra, assim como cada chefe de ramo. Todos juntos talvez somassem mil de cada clã. Doze clãs. Doze mil homens e Donzelas, no fim das contas, todos presos à sua estranha honra e prontos para dançar as lanças ao mero espirro de um gatinho. Talvez mais, por conta da feira. Ele olhou para cima. — Eles têm uma rixa, não têm? — Rhuarc e Lan assentiram. — Rhuarc,

eu sei que você disse que em Alcair Dal vigora algo similar à Paz de Rhuidean, mas eu vi até onde essa paz chegou com os Couladin e os Shaido. Talvez seja melhor eu ir para lá agora mesmo. Se os Goshien e os Shaarad começarem a brigar... uma coisa desse tipo pode se espalhar. Eu quero *todos* os Aiel comigo, Rhuarc.

— Os Goshien não são os Shaido — respondeu Melaine, em um tom ríspido, balançando a cabeleira acobreada feito uma leoa.

— E nem os Shaarad. — A voz aguda de Bair era mais fina do que a da mulher mais jovem, porém não menos peremptória. — Jheran e Bael podem tentar matar um ao outro antes de retornarem a seus fortes, mas não em Alcair Dal.

— Nada disso responde a pergunta de Rand al'Thor — disse Rhuarc. — Se você for para Alcair Dal antes de todos os chefes chegarem, os que ainda não estiverem lá cairão em desonra. Não é uma boa forma de anunciar que você é o *Car'a'carn*, desonrando homens que pede que o sigam. Os Nakai estão vindo de mais longe. Mais um mês, e todos estaremos em Alcair Dal.

— Menos — disse Seana, sacudindo a cabeça com vigor. — Já entrei duas vezes nos sonhos de Alsera, e ela disse que Bruan pretende percorrer o caminho todo correndo, desde o Forte Shiagi. Menos de um mês.

— Um mês até sairmos, para termos certeza — disse Rhuarc. — Depois mais três dias até Alcair Dal. Talvez quatro. Então todos estaremos lá.

Um mês. Ele esfregou o queixo. Tempo demais. Tempo demais, e opções de menos. Nas histórias, tudo sempre acontecia conforme os planos do herói, aparentemente na hora que ele queria. Na vida real quase nunca era assim, mesmo que ele fosse *ta'veren* e supostamente com a profecia agindo a seu favor. Na vida real, era preciso esforço e esperança, além da sorte de às vezes encontrar metade do que se precisava. Ainda assim, uma parte do plano era seguir o caminho que pretendia. A parte mais perigosa.

Moiraine, estirada entre Lan e Amys, bebericava o vinho preguiçosamente, os olhos meio caídos, parecendo sonolenta. Rand não acreditou. Ela via tudo, ouvia tudo. Mas no momento ele não tinha nada a dizer que ela não pudesse ouvir.

— Quantos resistirão, Rhuarc? Ou se oporão a mim? Você arriscou um palpite, mas nunca disse com certeza.

— Não dá para ter certeza — respondeu o chefe de clã, com o cachimbo na boca. — Quando você mostrar os Dragões, eles o reconhecerão. Não há como imitar os Dragões de Rhuidean. — Os olhos de Moiraine teriam se movido? — É de você que as profecias falam. Vou apoiá-lo, e Bruan sem dúvida também, assim como Dhearic, dos Aiel Reyn. Os outros...? Sevanna, esposa de Suladric, levará os Shaido, já que o clã não tem chefe. Ela é jovem para ser a senhora do teto de um forte, e sem dúvida não está nada satisfeita em passar a ter apenas um teto, e não um forte inteiro, quando no substituto de Suladric for escolhido. E Sevanna é astuta e indigna de confiança, como qualquer Shaido que já nasceu. Mas, mesmo que ela não cause problemas, você sabe que Couladin vai causar. Ele age como chefe de clã, e pode ser que alguns Shaido acabem seguindo o tolo, mesmo que ele não adentre

Rhuidean. Os Shaido são idiotas o bastante para uma coisa dessas. Han, dos Tomanelle, pode ir para qualquer direção. Ele é o tipo de homem de pavio curto, difícil de conhecer e de lidar, e...

Rhuarc parou de falar quando Lian murmurou, baixinho:

— Tem algum outro tipo?

Rand imaginou que não fosse para o chefe de clã escutar. Amys escondeu um sorriso por trás da mão, e a esposa-irmã enterrou o rosto inocentemente na caneca de vinho.

— Como eu estava dizendo — continuou Rhuarc, olhando resignado para as esposas — não dá para ter certeza. A maioria vai seguir você. Talvez todo mundo. Talvez até os Shaido. Esperamos três mil anos pelo homem que tem a marca de dois Dragões. Quando você mostrar os braços, ninguém vai duvidar de que foi enviado para nos unir. — E para destruí-los. Mas o Aiel não mencionou essa parte. — A questão é como eles vão decidir reagir. — Ele bateu com o fornildo do cachimbo nos dentes, pensativo. — Você não vai mudar de ideia e vestir o *cadin'sor*?

— E mostrar o que a eles, Rhuarc? Um falso Aiel? É melhor vestir Mat de Aiel. — Mat engasgou com o próprio cachimbo. — Não vou fingir. Eu sou o que sou, e eles vão ter que me aceitar como eu sou. — Rand ergueu os punhos, e as mangas do casaco caíram e revelaram as cabeças de crinas douradas logo acima das costas das mãos. — Isso aqui prova quem eu sou. Se não for suficiente, nada mais será.

— Onde você pretende “guiar as lanças outra vez para a guerra”? — perguntou Moiraine, de repente.

Mat engasgou de novo, agarrando o cachimbo e encarando a mulher. Os olhos escuros da Aes Sedai já não estavam mais semicerrados.

Rand cerrou os punhos até estalar as juntas. Tentar ser esperto com ela era perigoso, já devia ter aprendido isso havia muito tempo. A mulher recordava cada palavra que ouvia, arquivava, recuperava e examinava até entender exatamente o significado.

Ele se levantou devagar. Todos o observavam. Egwene parecia ainda mais preocupada do que Mat, mas os Aiel apenas assistiam. Falar de guerra não os incomodava. Rhuarc parecia... pronto. E o rosto de Moiraine guardava uma calma fria.

— Se vocês me dão licença — disse — eu vou caminhar um pouco.

Aviendha ficou de joelhos, e Egwene se levantou, mas nenhuma das duas foi atrás dele.



ARMADILHAS

Fora da casa, no caminho pavimentado de pedras entre a casa de tijolos amarelos e a horta da plataforma, Rand parou para observar o cânion abaixo, mas não via muita coisa além das sombras do fim de tarde que subiam aos poucos pelo chão. Se pelo menos pudesse confiar que Moiraine não o entregaria à Torre em uma coleira... Não tinha dúvidas de que ela seria capaz disso, e sem usar o Poder uma única vez, caso ele desse a menor brecha. A mulher conseguiria fazer um touro a entrar na toca de um rato sem que o animal sequer percebesse. Poderia ser útil. *Luz, sou tão ruim quanto ela. Usar os Aiel. Usar Moiraine. Se pelo menos eu pudesse confiar nela.*

Foi andando em direção à entrada do cânion, descendo todos as ladeiras que levavam até lá. Eram caminhos estreitos, pavimentados de pedras pequenas, os mais íngremes com degraus entalhados. O ecoar de martelos em diversas ferrarias soava familiar. Nem todas as construções eram casas. Por uma porta aberta, viu diversas mulheres trabalhando em teares, e, por outra, uma prateira pendurando os martelinhos e goivas. Por uma terceira, um homem diante de uma roda de oleiro, com as mãos no barro e fornos quente de olaria atrás. Homens e meninos, exceto pelos muito jovens, usavam o *cadin'sor*, uma faca pequena de cintura ou lâmina nenhuma, às vezes uma *shoufa* sem o véu preto amarrado. Ainda assim, ao observar um ferreiro pôr o cabo na lança para a qual acabara de preparar uma lâmina de um pé de comprimento, Rand não teve dúvidas de que o homem seria capaz de utilizar a arma com tanta agilidade quanto a fabricara.

Os caminhos não estavam cheios, mas havia bastante gente transitando. Crianças gargalhavam, correndo e brincando, as garotinhas menores carregavam tanto bonecas quanto lanças de brinquedo. *Gai'shain* levavam enormes jarros de barro na cabeça ou podavam os jardins, em geral sob o comando de uma criança de dez ou doze anos. Homens e mulheres seguiam

com suas vidas, nada muito diferente das coisas que talvez fizessem em Campo de Emond, como varrer a soleira da porta de casa ou consertar uma parede. As crianças mal olhavam para ele, apesar do casaco vermelho e das botas de sola grossa, e os *gai'shain* eram tão discretos que ficava difícil dizer se o notavam ou não. No entanto, os artesãos e os combatentes, homens e mulheres adultos, o encaravam com ares de especulação, com uma pontada de dúvida e expectativa.

Garotos muito jovens corriam descalços, vestidos em robes bastante parecidos com os dos *gai'shain*, mas no tom marrom acinzentado do *cadin'sor*, em vez de brancos. As meninas mais novas também corriam descalças para lá e para cá, em vestidinhos curtos que às vezes não chegavam a cobrir os joelhos. Uma coisa nas meninas lhe chamou a atenção: as que tinham menos de doze anos, mais ou menos, usavam os cabelos em duas tranças amarradas com fitas de cores vivas, uma sobre cada orelha. Exatamente como as que Egwene usara. Só podia ser coincidência. Ela devia ter desfeito as tranças porque as Sábias contaram a ela que era assim que as menininhas Aiel usavam os cabelos. De todo modo, era uma bobagem pensar a respeito. Ele agora tinha uma mulher com quem lidar. Aviendha.

Na base do cânion, os mascates estavam engajados em negociações animadas com a multidão de Aiel que fervilhava ao redor dos carroções com coberturas de lona. Pelo menos os condutores estavam. Keille, com um xale de renda azul preso aos pentes de marfim, barganhava com firmeza em um tom de voz alto. Kadere estava sentado em um barril virado para baixo, à sombra do carroção branco. Usava um casaco cor-de-creme e não parava de secar o suor do rosto, sem fazer qualquer esforço para vender. Olhou para Rand e fez menção de se levantar, mas afundou de volta no barril. Isendre não estava em qualquer canto à vista, mas, para surpresa de Rand, Natael estava por lá, o manto coberto de retalhos atraindo uma tropa de crianças e alguns adultos. Aparentemente, o encanto de uma nova e maior audiência o afastara dos Shaido. Ou talvez Keille apenas não o quisesse fora de vista. Por mais absorta que estivesse na negociação, a mulher ainda encontrava tempo de franzir o cenho para o menestrel.

Rand evitou os carroções. Ao perguntar aos Aiel, descobriu aonde os Jindo tinham ido: cada um para o teto de sua sociedade, ali nas Pedras Frias. O Teto das Donzelas ficava na metade do caminho até a muralha leste do cânion, um lugar ainda bastante iluminado. Era um retângulo de pedra cinza encimado por um jardim, sem dúvida maior por dentro do que parecia por fora. Não que desse para ver o interior. Um par de Donzelas acoradas ao lado da porta, portando lanças e broquéis, barrou sua entrada, achando muito engraçado e escandaloso que um homem desejasse entrar, mas uma delas concordou em repassar seu pedido.

Poucos minutos depois, saíram de lá as Donzelas dos Jindo e dos Nove Vales que tinham ido para a Pedra. E também todas as outras Donzelas do ramo dos Nove Vales que estavam no Forte das Pedras Frias, amontoando-se dos dois lados do caminho e pelo teto entre as fileiras de hortaliças para espiar, de sorrisos escancarados, como se esperassem se divertir. *Gai'shain* homens e

mulheres serviam pequenas xícaras de chá escuro. Qualquer que fosse a regra que impedia os homens de adentrar o Teto das Donzelas, não valia para os *gai'shain*.

Depois de Rand examinar diversas ofertas, Adelin, a mulher Jindo de cabelos louros com uma pequena cicatriz no rosto, exibiu um enorme bracelete de marfim com entalhes profundos de rosas. Ele achou que combinava com Aviendha, pois o escultor tivera o cuidado de entalhar os espinhos por entre as flores.

Adelin era alta, mesmo para uma Aiel, com os olhos apenas um palmo mais baixos que os de Rand. Quando soube a razão pela qual ele queria o bracelete — ou melhor, soube em parte: Rand disse apenas que era um presente pelos ensinamentos de Aviendha, não para amansar o temperamento da mulher e torná-la uma companhia mais tolerável — Adelin olhou em volta, para as outras Donzelas. Todas fecharam os sorrisos, exibindo expressões indecifráveis.

— Não aceito pagamento por isso aqui, Rand al'Thor — declarou, colocando o bracelete na mão dele.

— Isso é errado? — perguntou o rapaz. Como os Aiel enxergariam aquele gesto? — Eu não quero desonrar Aviendha de forma alguma.

— Não vai desonrá-la. — A mulher acenou para uma *gai'shain* que carregava uma bandeja de prata com taças e uma jarra de cerâmica. Serviu duas taças e entregou uma a ele. — Lembre-se da honra — disse, bebendo da taça dele.

Aviendha nunca mencionara nada parecido com aquilo. Indeciso, ele tomou um golinho do chá amargo e repetiu:

— Lembre-se da honra. — Parecia o mais seguro a dizer.

Para sua surpresa, a mulher o beijou delicadamente em cada face.

Uma Donzela mais velha, de cabelos grisalhos, mas ainda de feições firmes, surgiu diante dele.

— Lembre-se da honra — disse, e bebericou.

Ele precisou repetir o ritual com todas as Donzelas presentes. No fim, apenas tocava a taça com os lábios. As cerimônias Aiel podiam ser curtas e diretas, mas, quando era preciso repeti-las com setenta e tantas mulheres, até os golinhos acabavam deixando o sujeito entupido. As sombras já se erguiam pelo leste do cânion quando ele conseguiu escapar.

Encontrou Aviendha perto da casa de Lian, batendo vigorosamente um carpete de listras azuis pendurado em um varal, com outros empilhados a seu lado, em uma variedade de cores. Afastando uma mecha de cabelo suado da testa, a jovem o encarou, sem expressão, quando ele lhe entregou o bracelete e disse que era um presente pelos ensinamentos.

— Eu já dei braceletes e colares a amigas que não carregavam a lança, Rand al'Thor, mas nunca usei um. — A voz dela era absolutamente inexpressiva. — Essas coisas chacoalham e fazem barulho, entregam a gente quando é preciso fazer silêncio. Elas agarram quando a gente se mexe muito rápido.

— Mas você pode usar agora, já que vai ser uma Sábia.

— É. — Ela girou o aro de marfim como se não soubesse muito bem o que fazer com ele, então passou-o pela mão de repente e ergueu o braço para olhá-lo. Poderia estar encarando uma algaema.

— Se você não gostou... Aviendha, Adelin disse que isso não mancharia sua honra. Ela até pareceu aprovar. — Rand mencionou a cerimônia dos golinhos do chá, e a jovem estreitou os olhos e se arrepiou toda. — Qual é o problema?

— Elas acham que você está tentando atrair o meu interesse. — Rand não acreditava que a voz dela estivesse tão impassível. Os olhos não esboçavam qualquer emoção. — Elas todas aprovaram você, como se eu ainda portasse a lança.

— Luz! Era mais simples esclarecer as coisas. Eu não... — Ele parou de falar ao ver os olhos da mulher ardendo de raiva.

— Não! Você aceitou a aprovação delas, agora vai rejeitar? *Isso sim* me desonraria! Você acha que é o primeiro homem que tenta me cortejar? Elas agora têm que continuar pensando o que estão pensando. Não quer dizer nada. — Com uma carranca, Aviendha agarrou o batedor de tapete trançado com as duas mãos. — Saia daqui. — Olhando o bracelete, ela acrescentou: — Você não entende nada mesmo, não é? Não entende nada. A culpa não é sua. — Ela parecia estar repetindo algo que escutara, ou tentando convencer a si mesma. — Me desculpe por ter estragado o seu jantar, Rand al'Thor. Por favor, saia daqui. Amys disse que preciso limpar todos esses tapetes e carpetes, leve o tempo que levar. Vai levar a noite inteira, se você ficar aqui plantado falando comigo.

Aviendha virou as costas para ele e deu uma pancada violenta no carpete listrado, o bracelete de marfim balançando em seu pulso.

Rand não sabia se o pedido de desculpas fora por causa do presente ou por ordem de Amys — suspeitava da segunda hipótese — mas soara sincero. Ficou claro que Aviendha não estava satisfeita, a julgar pelo grunhido agudo de esforço que acompanhava cada girada em cheio com o batedor, porém não expressara sua raiva nenhuma vez. Podia estar irritada, intimidada e até furiosa, mas não com raiva. Era melhor do que nada. Uma hora a mulher recuperaria a civilidade.

Quando ele adentrou o salão principal da casa de Lian, pavimentado com azulejos marrons, viu as Sábias todas juntas, conversando, as quatro com xales soltos por cima dos ombros. Um silêncio se abateu quando ele apareceu.

— Vou mostrar seu quarto a você — disse Amys. — Os outros já foram para os deles.

— Obrigado. — Ele olhou de volta para a porta, o cenho levemente franzido. — Amys, você mandou Aviendha se desculpar comigo pelo jantar?

— Não. Ela fez isso? — Os olhos azuis da mulher ficaram pensativos por um instante. Rand achou que Bair estava quase sorrindo. — Eu não mandaria uma coisa dessas, Rand al'Thor. Desculpas forçadas não são desculpas.

— Nós mandamos a garota bater tapetes até acalmar um pouco os ânimos — respondeu Bair. — Qualquer coisa a mais partiu dela mesma.

— E provavelmente foi feita na esperança de escapar das tarefas — acrescentou Seana. — Ela tem que aprender a controlar a raiva. Uma Sábria precisa dominar suas emoções, não se deixar controlar por elas.

Com um leve sorriso, Seana olhou de esguelha para Melaine. A mulher de cabelos dourados apertou os lábios e fungou.

Elas estavam tentando convencê-lo de que Aviendha seria uma ótima companhia dali em diante. Seria possível que pensassem que ele estava cego?

— Vocês devem saber que eu já sei. Sobre ela. Que vocês mandaram Aviendha para me espionar.

— Você não sabe tanto quanto pensa que sabe — respondeu Amys, como uma verdadeira Aes Sedai, escondendo intenções.

Melaine ajeitou o xale, avaliando-o de cima a baixo. Rand sabia um pouco sobre Aes Sedai e, se aquela ali fosse uma, seria da Ajah Verde.

— Eu admito — começou ela — que no início pensamos que você não veria nada além de uma bela mulher. E você também é bastante bonito, de modo que Aviendha acharia a sua companhia mais interessante que a nossa. Não contávamos com a língua dela. Nem com outras coisas.

— Então por que querem tanto que ela continue comigo? — A voz dele saiu em um tom mais violento do que o pretendido. — Vocês não podem achar que depois disso eu vou contar a ela qualquer coisa que não queira que vocês saibam.

— Por que você permite que ela fique? — perguntou Amys, muito calma. — Caso se recusasse a aceitá-la, como poderíamos forçá-la a passar tempo com você?

— Pelo menos assim eu sei quem é o espião. — Poder vigiar Aviendha era melhor do que ficar tentando descobrir qual dos Aiel estava tentando vigiá-lo. Sem a mulher, decerto suspeitaria de que todos os comentários displicentes de Rhuarc fossem tentativas de espionagem. Ora, já não havia como dizer que não eram. Rhuarc era casado com uma daquelas mulheres. De repente, sentiu-se contente por não ter confiado mais no chefe de clã. E triste por pensar em uma coisa desses. Por que tinha acreditado que seria mais simples lidar com os Aiel do que com os Grão-lordes tairenos? — Fico feliz em deixar a situação exatamente como está.

— Então todos estamos felizes — respondeu Bair.

Rand encarou a mulher de rosto bronzeado com desconfiança. Sentira um tom de algo mais em sua voz, como se Bair soubesse mais do que ele.

— Ela não vai descobrir o que vocês querem.

— O que nós queremos? — indagou Melaine, de repente. Os longos cabelos balançaram quando ela jogou a cabeça para trás. — A profecia diz que “o que restar do restante ele salvará”. O que nós queremos, Rand al'Thor, *Car'a'carn*, é salvar o máximo possível do nosso povo. Seja lá que sangue e que rosto você tenha, não sente nada por nós. Eu vou fazer você encarar nosso sangue como seu nem que tenha que botar...

— Eu acho — interrompeu Amys, com delicadeza — que Rand deve estar com vontade de ver o quarto dele. Parece um pouco cansado. — Ela bateu

palmas com vigor, e uma *gai'shain* graciosa apareceu. — Mostre a este homem o quarto que foi preparado para ele. Providencie o que ele precisar.

As Sábias rumaram para a porta e o deixaram ali parado, sozinho. Bair e Seana olharam irritadas para Melaine, feito integrantes do Círculo das Mulheres encarando alguém a quem pretendiam repreender duramente por algum mau comportamento. A mulher as ignorou. Quando a porta se fechou atrás delas, estava resmungando algo que soou como “pôr algum juízo naquela garota idiota”.

Que garota idiota? Aviendha? Mas ela já estava fazendo o que as mulheres queriam. Egwene, talvez? Sabia que Egwene estava estudando alguma coisa com as Sábias. E o que Melaine estava disposta a “botar” para fazê-lo “encarar o sangue Aiel como dele”? Como botar alguma coisa em algum lugar o faria decidir ser Aiel? *Botar uma armadilha a seus pés, talvez? Idiota! Ela não falaria com tanta franqueza se pretendesse levá-lo para uma armadilha. Que tipo de coisas podem ser “botadas”?* Galinhas botam ovos, pensou, rindo baixinho. Estava cansado. Cansado demais para fazer perguntas. Passara doze dias e parte do décimo-terceiro em cima de uma sela, todos escaldantes e secos. Não queria pensar em como se sentiria se tivesse caminhado toda aquela distância no mesmo ritmo. Aviendha devia ter pernas de aço. Ele queria uma cama.

A *gai'shain* era bonita, apesar da fina cicatriz enviesada logo acima de um dos olhos azuis, adentrando pelos cabelos tão finos que quase pareciam de prata. Outra Donzela, só que não era Donzela no momento.

— Por favor, queira me acompanhar — murmurou a mulher, olhando para o chão.

O quarto não era um dormitório, naturalmente. Como era de se esperar, a “cama” consistia de um catre grosso aberto sobre uma pilha de tapetes de cores fortes. A *gai'shain* — seu nome era Chion — ficou chocada quando ele pediu água para se lavar, mas Rand estava cansado dos banhos de suor. Podia apostar que Moiraine e Egwene não precisaram se sentar em uma tenda cheia de vapor para se limparem. Ainda assim, Chion trouxe água quente em um grande cântaro marrom, usado para regar o jardim, e um imenso vaso branco como lavatório. Ele a pôs para fora quando a mulher se ofereceu para banhá-lo. Que povo mais estranho!

O quarto não tinha janelas e era iluminado por lampiões prateados que pendiam de suportes nas paredes, mas Rand sabia que ainda não devia estar totalmente escuro lá fora quando terminou de se lavar. Não importava. Havia apenas dois cobertores sobre o catre, nenhum muito grosso. Sem dúvida um sinal da dureza dos Aiel. Ao lembrar-se das noites frias que passara nas tendas, vestiu-se outra vez, exceto pelo casaco e as botas, antes de apagar os lampiões e se enfiar debaixo dos cobertores, na mais completa escuridão.

Por mais cansado que estivesse, não conseguia parar de pensar e se revirar. O que Melaine pretendia botar? Por que as Sábias não ligavam para o fato de ele saber que Aviendha era uma espia? Uma bela mulher, só que mais intratável do que uma mula com os quatro cascos machucados. Sua respiração ficou mais lenta, e os pensamentos, enevoados. Um mês. Tempo demais. Sem escolha. Honra. Isendre sorrindo. Kadere olhando. Armadilha.

Botar uma armadilha a seus pés. Que armadilha? De quem? Armadilhas. Se ao menos ele pudesse confiar em Moiraine. Perrin. Casa. Perrin devia estar nadando no...

* * *

De olhos fechados, Rand passou as mãos pela água. Fresca e agradável. E tão molhada. Parecia que nunca se dera conta de como era bom sentir o *molhado*. Ergueu a cabeça e olhou em volta, a fileira de salgueiros de um dos lados do lagunho e o imenso carvalho do outro, extenso e robusto, os galhos formando sombras na água. A Floresta das Águas. Era bom estar em casa. Tinha a sensação de que estivera longe, não sabia ao certo onde, mas também não era importante. Subira até a Colina da Vigília. Isso. Nunca fora mais longe do que isso. Fresco e molhado. E sozinho.

De repente, dois corpos se lançaram ao ar, os joelhos encolhidos contra o peito, e mergulharam, chapinhando a água e embotando sua visão. Ele limpou a água dos olhos e viu Elayne e Min sorrindo, uma de cada lado, apenas as cabeças aparecendo sobre a superfície verde-clara. Estava a duas braçadas de cada mulher. Uma de cada lado. Não podia amar as duas. Amar? Por que aquilo surgira em seus pensamentos?

— Você não sabe quem ama.

Ele se virou, remexendo a água. Aviendha estava na ribanceira, vestindo um *cadin'sor*, em vez de saia e blusa. Não o encarava irritada, no entanto, apenas o olhava.

— Venha para a água — chamou ele. — Vou lhe ensinar a nadar.

Risadas musicais atraíram sua atenção para a margem oposta. A mulher que estava ali, pálida e nua, era a mais bela que ele já vira. Tinha grandes olhos escuros que o deixaram completamente desorientado. Rand achou que a conhecia.

— Devo permitir que você seja infiel a mim, mesmo em sonhos? — perguntou ela.

Mesmo sem olhar, Rand de alguma forma sabia que Elayne, Min e Aviendha já não estavam mais lá. Aquilo estava começando a ficar muito estranho.

A mulher o observou por um longo instante, sem reparar na própria nudez. Lentamente, pôs-se nas pontas dos pés, com os braços para trás, e mergulhou direto no lagunho. Quando sua cabeça emergiu à superfície, os cabelos não estavam molhados. Rand ficou surpreso por um instante. Então a mulher se aproximou dele — teria nadado, ou simplesmente *surgira* a seu lado? — e enroscou os braços e as pernas em seu corpo. A água estava fria, e o corpo dela, quente.

— Você não pode escapar de mim — murmurou ela. Aqueles olhos escuros pareciam muito mais fundos do que o lagunho. — Você vai gostar tanto que não vai me esquecer nunca mais, nem dormindo, nem acordado.

Nem dormindo, nem...? Tudo se deslocou, virou um borrão. A mulher se agarrou a ele com ainda mais força, e o borrão desaparecem. Tudo estava

como antes. Juncos preenchiam uma das margens do laguinho. Na outra, folhas-de-couro e pinheiros cresciam quase até a beira da água.

— Eu conheço você — comentou, devagar. Achava que conhecia, do contrário, por que deixaria a mulher fazer aquilo? — Mas eu não... isso não está certo. — Tentou se desencilhar dela, mas bastava soltar um braço para a mulher agarrá-lo outra vez.

— Eu preciso marcar você. — Havia um toque de fúria na voz dela. — Primeiro aquela covarde da Ilyena, e agora... Em quantas mulheres você pensa?

A mulher de repente cravou os dentes brancos e pequenos no pescoço dele.

Urrando, Rand a empurrou e agarrou o próprio pescoço. Tinha arrancado pele. Estava sangrando.

— É assim que você se diverte enquanto eu me pergunto aonde foi? — indagou uma voz masculina, carregada de desprezo. — Por que eu deveria manter minha palavra se você põe o nosso plano em risco desse jeito?

A mulher apareceu na margem de repente, vestida de branco, com um cinto de prata trançada envolvendo a cintura fina, além de estrelas e luas de prata nos cabelos escuros como a meia-noite. Atrás dela, o chão elevava um pouco, formando um bosque de freixos por sobre um monte. Rand não se lembrava de ter visto freixos antes. A mulher encarava... um borrão. Um borrão indistinto flutuando no ar, espesso, cinzento, do tamanho de um homem. Estava tudo... errado, por assim dizer.

— Em risco — repetiu ela, com desprezo. — Você tem tanto medo de se arriscar quanto Moghedien, não é? Rasteja feito a própria Aranha. Se eu não tivesse arrancado você daquele buraco, ainda estaria se escondendo, esperando para conseguir agarrar umas migalhas.

— Se você não é capaz de controlar seu... apetite — disse o borrão, com uma voz masculina — por que eu deveria me aliar a você, para começo de conversa? Se tiver que correr riscos, eu quero uma recompensa maior do que ficar puxando os cordéis de uma marionete.

— Como assim? — perguntou a mulher, em um tom ameaçador.

O borrão tremeluziu. De alguma forma, Rand sabia que era hesitação, incerteza por ter falado demais. De súbito, desapareceu. A mulher olhou para Rand, ainda enfiado no laguinho até o pescoço. Então apertou os lábios, irritada, e sumiu.

* * *

Rand acordou com um susto e ficou ali parado, perscrutando a escuridão. Um sonho. Mas fora um sonho comum, ou algo mais? Ele mexeu a mão por debaixo das cobertas e tocou a lateral do pescoço, sentindo as marcas dos dentes e o filete fino de sangue. Fosse qual fosse o tipo de sonho, a mulher estivera nele. Não tinha sonhado *com ela*. E aquele outro, um homem. Um sorriso frio surgiu em seu rosto. *Armadilhas por todos os cantos. Armadilhas*

para pés desatentos. Eu preciso olhar por onde ando. Tantas armadilhas. E criadas por todo mundo.

Rindo baixinho, Rand virou de lado para voltar a dormir — e ficou imóvel, prendendo a respiração. Não estava sozinho no quarto. *Lanfear*.

Em um frenesi, tentou agarrar a Fonte Verdadeira. Por um instante, temeu ser derrotado pelo próprio medo. Então adentrou a calma gélida do Vazio e foi preenchido por uma torrente tempestuosa de Poder. Ele se levantou de um salto e atacou. Os lampiões se acenderam.

Aviendha estava sentada diante da porta, de pernas cruzadas, com a boca escancarada, e os olhos verdes, arregalados, voltados para os lampiões e os fluxos, invisíveis a ela, que a envolviam por completo. Não conseguia sequer mexer a cabeça. Rand esperara encontrar alguém de pé, e a teia ultrapassara a cabeça dela. Ele soltou os fluxos de Ar no mesmo instante.

A jovem se levantou, afobada, quase derrubando o xale.

— Eu... eu acho que nunca vou me acostumar com... — Ela apontou para os lampiões. — Vindo de um homem.

— Você já me viu manejar o Poder antes. — A ira jorrou pela superfície do Vazio que o circundava. Invadindo sorrateira o quarto, na escuridão. Quase o fazendo morrer de susto. Aviendha tivera sorte de não acabar machucada ou morta por acidente. — É melhor você ir se acostumando. Eu sou Aquele Que Vem Com a Aurora, queira admitir ou não.

— Isso não é parte...

— Por que você está aqui? — perguntou ele, em um tom frio.

— As Sábias estão se revezando para vigiar você do lado de fora. Querem continuar vigiando dos... — A voz dela foi morrendo, e a face, enrubescendo.

— De onde? — A mulher apenas o encarava, com o rosto cada vez mais carmesim. — Aviendha, de ond...? — Andarilhas dos sonhos. Por que aquilo nunca lhe ocorrerá? — De dentro dos meus sonhos — disse, em um tom frio. — Há quanto tempo andam espionando dentro da minha cabeça?

A jovem soltou um suspiro alto e pesado.

— Não era para eu deixar você saber. Se Bair descobrir... Seana disse que esta noite seria muito perigoso. Eu não entendo: não consigo entrar em sonhos sem a ajuda de alguma delas. A única coisa que sei é que algo perigoso ocorrerá hoje à noite. É por isso que elas estão se revezando do outro lado da porta. Estão todas preocupadas.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta.

— Eu não sei por que estou aqui — resmungou ela. — Se você precisar de proteção... — Ela olhou para a faca de cintura curta e tocou o cabo. O bracelete de marfim parecia irritá-la, e Aviendha cruzou os braços para prendê-lo na axila. — Eu não poderia proteger você muito bem com uma faquinha tão pequena, e Bair disse que se eu tocar em outra lança sem estar sendo atacada, vai usar o meu couro para fazer um cantil. Não sei nem por que deveria abrir mão do meu sono para proteger você, para começo de conversa. Por sua causa, fiquei batendo tapetes até menos de uma hora atrás. E só com as luz do luar!

— Não foi essa a pergunta. Há quanto tempo...? — Rand parou de falar de repente.

Havia uma sensação no ar, uma sensação de algo errado. De algo maligno. Podia ser imaginação, algum resquício do sonho. Podia ser.

Aviendha prendeu a respiração quando a espada de chamas vermelhas surgiu nas mãos dele, a lâmina levemente curva com a marca da garça. Lanfear o acusara de usar apenas a décima parte do que era capaz, e ainda assim a maioria dessa décima parte vinha de sensações e suposições. Ele nem ao menos *sabia* a décima parte do que poderia fazer. Mas sabia usar a espada.

— Fique atrás de mim. — Percebeu que a mulher começara a desenbainhar a faca de cintura enquanto ele percorria o quarto, descalço, mas com meias, sem fazer barulho nos carpetes. Estranhamente, o ar não estava mais frio do que quando se deitara para dormir. Talvez aquelas muralhas de pedra conservassem o calor, pois, quanto mais longe ele ia, mais frio ficava.

Até os *gai'shain* deviam ter ido se deitar, àquela hora. Os corredores e aposentos estavam vazios e silenciosos, a maioria com a iluminação fraca dos lâmpioes espalhados que ainda queimavam. Ali, onde lâmpioes apagados significavam escuridão total, mesmo ao meio-dia, ainda havia luzes acesas. A sensação era vaga, mas não ia embora. Algo maligno.

Ele parou de repente sob o grande arco que levava ao salão de entrada, pavimentado com os azulejos marrons. Um lâmpio prateado em cada extremidade do salão fornecia uma luz pálida. No meio do aposento havia um homem alto, parado de pé, com a cabeça inclinada sobre a mulher em seu braços cobertos por um manto negro. A cabeça dela pendia para trás, e um capuz branco estava caído enquanto o homem acariciava sua garganta. Os olhos de Chion estavam quase fechados, e a mulher exibia um sorriso de êxtase. Um arroubo de constrangimento irrompeu pela superfície do Vazio. Então, o homem ergueu a cabeça.

Os olhos negros observaram Rand, grandes demais para o rosto pálido e encovado. Na boca, os lábios enrugados e vermelhos se abriram em um arremedo de sorriso, revelando dentes afiados. Chion caiu no chão quando o manto da criatura se desdobrou e expandiu, feito asas de morcego. O Dragkar pisou em cima da mulher. Era tão branco, as mãos alvas estendidas para Rand, os dedos longos e finos com garras nas pontas. Mas garras e dentes não eram o perigo. Era o beijo do Dragkar que matava, e pior.

Sua canção baixa e hipnótica agarrou-se com força ao Vazio. As asas escuras e curtidas avançaram para envolvê-lo quando Rand deu um passo à frente. Um instante de choque lampejou naqueles imensos olhos negros, e a espada forjada no Poder atravessou o crânio do Dragkar, entrando pela ponte do nariz.

Uma lâmina de aço teria ficado presa, mas a espada forjada em fogo se soltou com facilidade assim que a criatura caiu. Por um instante, nas profundezas do coração do Vazio, Rand examinou a coisa a seus pés. Aquela canção. Se não estivesse protegido das emoções, se o Vazio não o mantivesse distante e desapaixonado, aquela canção teria arrebatado sua mente. O

Draghkar sem dúvida acreditava que tinha, quando veio avançando com tanto desejo.

Aviendha saiu correndo, passou por ele e ajoelhou-se ao lado de Chion. Ela buscou o pulso da *gai'shain*.

— Morta — anunciou, fechando as pálpebras da mulher. — Talvez tenha sido melhor assim. Os Draghkar devoram a alma, antes de consumir a vida. Um Draghkar! Aqui! — Ela cravou os olhos na criatura, ainda agachada. — Trollocs na Parada de Imre, e, agora, um Draghkar aqui. Você está trazendo um tempo ruim para a Terra da...

Com um urro, a mulher se jogou por cima de Chion no segundo em que Rand ergueu a espada.

Uma barra de fogo sólido disparou da lâmina da espada, por cima de Aviendha, e acertou o peito do Draghkar que apareceu à porta. Irrompendo em chamas, a Criatura da Sombra cambaleou para trás, gritando, tropeçando, batendo as asas flamejantes.

— Acorde todo mundo — disse Rand, muito calmo. Chion lutara? Até onde sua honra a levava? Não fazia diferença. Era mais fácil matar Draghkar que Myrddraal, mas eles eram mais perigosos, à sua própria maneira. — Se souber soar o alarme, faça isso.

— O gongo perto da porta...

— Pode deixar que eu faço. Acorde todo mundo. Pode haver mais do que dois.

Aviendha assentiu e disparou por onde haviam vindo, gritando:

— Lanças a postos! Acordem, lanças a postos!

Rand saiu, recesso, com a espada pronta, preenchido pelo Poder, exaltado. Enjoado. Queria rir, queria vomitar. A noite estava congelante, mas ele mal notava o frio.

O Draghkar em chamas jazia esparramado na horta do terraço, fedendo a carne queimada, somando a luz de seu fogo baixo ao luar. Um pouco mais abaixo jazia Seana, os longos cabelos grisalhos espalhados feito um leque, encarando o céu de olhos arregalados, sem piscar. A faca de cintura estava caída a seu lado, mas a arma não tinha chance contra um Draghkar.

Ao mesmo tempo em que Rand agarrou o malho pendurado ao lado do gongo quadrado de bronze, o pandemônio irrompeu na entrada do cânion: berros humanos e uivos de Trollocs, clangor de aço, gritaria. Ele soou o gongo com força, um badalo sonoro ecoou pelo cânion. Quase no mesmo instante, outro gongo soou, depois outro, e de dezenas de bocas irrompeu o chamado:

— Lanças a postos!

Gritos confusos se ergueram ao redor dos carroções dos mascates, abaixo. Retângulos de luz apareceram, e portas se abriram nos dois carroções em forma de caixotes, emitindo um brilho branco ao luar. Alguém gritava de raiva lá embaixo — uma mulher, mas Rand não soube dizer quem.

Asas bateram no ar acima dele. Rosnando, Rand ergueu a espada de fogo. Sentiu o Poder Único arder dentro de si, e fogo emanou da lâmina. O Draghkar, curvado, explodiu em chamas, em uma chuva de nacos grossos que desapareceram na escuridão abaixo.

— Aqui — disse Rhuarc. Os olhos do chefe estavam inflexíveis por cima do véu negro. Todo vestido, ele carregava broquel e lanças. Mat vinha logo atrás, sem casaco nem chapéu, com a camisa meio para fora das calças, piscando, hesitante, agarrando a lança de punho preto com as duas mãos.

Rand pegou a *shoufa* que Rhuarc oferecia, então largou-a no chão. Uma silhueta com asas de morcego deu um giro, cruzou a lua e desceu na outra extremidade do cânion, esvanecendo em meio às sombras.

— Eles estão me caçando. Deixe que vejam o meu rosto. — O Poder oscilou dentro dele, a espada em sua mão tremulou, parecia um pequeno sol a iluminá-lo. — Não vão poder me encontrar se não souberem onde estou.

Rindo, pois os outros eram incapazes de entender a piada, Rand saiu correndo, descendo em direção ao som da batalha.

* * *

Puxando a lança do peito de um Trolloc com focinho de javali, Mat se agachou, os olhos vasculhando a escuridão iluminada pelo luar perto da entrada do cânion, à procura de outro. *Que o queime, Rand!* Nenhuma das silhuetas que vira se movendo era grande o suficiente para ser um Trolloc. *Sempre me atirando em cima dessas malditas criaturas!* Gemidos baixos vinham dos feridos. Uma forma sombreada, que ele pensou ser Moiraine, ajoelhou-se ao lado de um Aiel caído. As bolas de fogo que ela atirava eram impressionantes, quase tanto quanto a tal espada de Rand, jorrando barras de fogo. A coisa ainda reluzia, e um círculo de luz rodeava o homem. *Eu devia ter ficado debaixo das cobertas, era isso que eu devia ter feito. Está um frio desgraçado, e eu não tenho nada a ver com essa história!* Outros Aiel começaram a aparecer, mulheres de saias vindo ajudar os feridos. Algumas portavam lanças. Talvez não lutassem em condições normais, mas, se a batalha tomava o forte, não ficavam paradas assistindo.

Uma Donzela parou ao lado dele e removeu o véu. Mat não conseguiu distinguir seu rosto, todo envolto em sombras.

— Você dança muito bem com a lança, jogador. Dias estranhos, com Trollocs chegando às Pedras Frias. — Ela olhou a silhueta sombreada que Mat pensava ser Moiraine. — Sem as Aes Sedai, talvez eles tivessem forçado uma avançada.

— Não estavam em número suficiente para isso — respondeu ele, sem pensar. — A intenção era chamar a atenção para cá. — *Para que os tais Dragghkar ficassem livres para atacar Rand?*

— Acho que você tem razão — respondeu a Donzela, receosa. — Você é algum líder de batalha entre os aguacentos?

Mat desejou ter ficado de boca fechada.

— Eu li um livro, uma vez — balbuciou, virando as costas. *Porcarias de trechos de lembranças de outros homens.* Talvez os mascates quisessem ir embora, depois disso.

Quando parou próximo aos carroções, no entanto, não viu Keille nem Kadere por ali. Os condutores estavam aglomerados, passando jarras de algo que cheirava como o bom conhaque que andavam vendendo, em um burburinho agitado, como se os Trollocs tivessem chegado bem perto deles. Isendre estava parada no topo dos degraus do carroção de Kadere, olhando emburrada para o nada. Até de cenho franzido a mulher era bonita, por detrás daquele lenço fino. Mat ficou satisfeito em ver que pelo menos suas lembranças de mulheres permaneciam inalteradas.

— Os Trollocs já eram — comentou, apoiando-se na lança de modo que a mulher pudesse vê-la claramente. *Não faz sentido arriscar o pescoço desse jeito se eu não ganhar nada em troca.* Não precisou de esforço para soar cansado. — Uma luta difícil, mas agora você está a salvo.

Isendre o encarou, com o rosto inexpressivo, os olhos reluzentes ao luar feito duas pedras negras polidas. Sem dizer uma palavra, a mulher deu as costas, entrou no carroção e bateu a porta. Com força.

Mat soltou um suspiro longo e cansado, depois afastou-se dos carroções. O que precisava fazer para impressionar aquela mulher? Queria era uma cama. Voltar para debaixo das cobertas e deixar Rand cuidar dos Trollocs e dos malditos Dragkar. O sujeito parecia até *gostar*. Rindo daquele jeito.

Rand veio subindo pelo cânion, o brilho da espada parecia um lampião a envolvê-lo pela noite. Aviendha correu para encontrá-lo, com as saias puxadas por cima dos joelhos. Então parou, largou as saias, ajeitou-as e postou-se ao lado de Rand, enrolando o xale na cabeça. O jovem pareceu não tê-la notado, e a mulher tinha o rosto duro feito pedra. Os dois se mereciam.

— Rand — chamou uma sombra com a voz de Moiraine, quase tão melodiosa quanto a de Keille, mas de uma melodia fria. O rapaz se virou, à espera, e a Aes Sedai seguiu devagar para onde pudesse ser vista com clareza, adentrando a luz, majestosa o bastante para qualquer palácio. — A situação está ficando mais perigosa, Rand. Pode ser que o ataque à Parada de Imre tenha sido para os Aiel, apesar de pouco provável, mas esta noite o alvo dos Dragkar sem dúvida foi você.

— Eu sei. — Simples assim. Com a mesma calma dela, até mais frio.

Moiraine apertou os lábios, e suas mãos ficaram completamente imóveis sobre as saias. Ela não estava nem um pouco satisfeita.

— A profecia é mais perigosa quando tentamos fazer com que ela aconteça. Você não aprendeu isso em Tear? O Padrão se tece à sua volta, mas, quando tenta tecê-lo, nem você mesmo consegue sustentar. Se forçar demais o Padrão, a pressão aumenta. Pode explodir, com toda a força, afetando todos os lados. Quem pode afirmar quanto tempo vai levar até tudo se ajeitar e focar outra vez em você, ou o que vai acontecer antes disso?

— Tão clara quanto a maioria das suas explicações — comentou Rand, em um tom seco. — O que você quer, Moiraine? Está tarde, e eu estou cansado.

— Quero que você confie em mim. Você acha que já aprendeu tudo o que há para aprender no pouco mais de um ano desde que saiu da sua aldeia?

— Não, eu ainda não aprendi nada. — Ele parecia estar se divertindo. Às vezes, Mat não sabia ao certo se Rand ainda estava tão lúcido quanto

aparentava. — Quer que eu confie em você, Moiraine? Muito bem. Seus Três Juramentos não a deixarão mentir. Diga que, não importa o que eu revelar, você não vai tentar me impedir e nem obstruir meu caminho de forma alguma. Diga que não vai me usar para os propósitos da Torre. Diga isso com muita clareza, para eu saber que é verdade.

— Eu não vou fazer nada para impedir você de cumprir seu destino. Devotei a minha vida a isso. Mas não vou prometer ficar parada, olhando você bater a cabeça em uma tábua de corte.

— Não está de bom tamanho, Moiraine. Não está de bom tamanho. Mas, ainda que eu pudesse me abrir com você, não faria isso aqui. A noite tem ouvidos. — Havia gente se movendo por todos os lados na escuridão, mas ninguém parecia estar perto o bastante para ouvir. — Até os sonhos têm ouvidos.

Aviendha puxou o xale para a frente, cobrindo o rosto. Ao que parecia, até os Aiel sentiam frio.

Rhuarc adentrou a luz, o véu negro suspenso.

— Os Trollocs serviram apenas para desviar a atenção dos Draghkar, Rand al'Thor. Eram muito poucos para não ser isso. Os Draghkar vieram atrás de você, suponho. O Mata-folhas não quer você vivo.

— O perigo está aumentando — murmurou Moiraine.

O chefe de clã olhou para a Aes Sedai, antes de prosseguir.

— Moiraine Sedai está certa. Já que os Draghkar falharam, receio que podemos esperar que os próximos a vir sejam os Sem-alma, os que vocês chamam de Homens Cinza. Quero você rodeado por lanças o tempo todo. Por alguma razão, as Donzelas se ofereceram para essa tarefa.

O frio estava *mesmo* afetando Aviendha. De ombros caídos, ela mantinha as mãos enfiadas sob as axilas.

— Se elas desejarem — respondeu Rand.

O rapaz soou um pouco incomodado por sob toda a frieza. Mat não o culpava: não se colocaria nas mãos das Donzelas outra vez, nem pela seda de todos os navios do Povo do Mar.

— Elas vão vigiar melhor do que qualquer outro que fosse nomeado para a tarefa — disse Rhuarc. — Mas não pretendo deixar que façam isso sozinhas. Colocarei todos montando guarda. Acredito que serão os Sem-alma da próxima vez, mas isso não significa que não possa ser alguma outra coisa. Dez mil Trollocs, em vez de algumas centenas.

— E os Shaido? — Todos encararam Mat, que desejou não ter aberto a boca. Talvez sequer tivessem notado sua presença, até então. — Sei que vocês não gostam deles, mas, se acham que há mesmo chance de um ataque maior, será que não seria melhor tê-los aqui do que do lado de fora?

Rhuarc grunhiu. Para ele, aquilo equivalia ao que a maioria dos homens expressaria praguejando.

— Eu não traria quase mil Shaido para dentro das Pedras Frias nem que o próprio Queima-grama estivesse a caminho. De todo modo, não teria como. Couladin e os Shaido desfizeram as tendas assim que a noite caiu. Estamos

livres deles. Mandeï batedores para garantir que saiam da terra dos Taardad sem afanar cabras ou ovelhas.

Aquela espada desapareceu da mão de Rand, e a luz cegante de súbito fez-se ausente. Mat apertou os olhos para ajudá-los a se adaptar, mas, quando os abriu de novo o luar ainda parecia escuro.

— Para que lado eles foram? — perguntou Rand.

— Norte — respondeu Rhuarc. — Couladin sem dúvida pretende encontrar Sevanna no caminho de Alcair Dal, para fazer a cabeça dela contra você. Talvez consiga. O único motivo pelo qual ela deitou a grinalda nupcial aos pés de Suladric, em vez de aos dele, foi porque pretendia se casar com um chefe de clã. Mas eu avisei que ela traria problemas. Sevanna sente prazer em arrumar confusão. Isso não deveria importar. Mesmo que os Shaido não sigam você, são uma perda pequena.

— Eu pretendo ir para Alcair Dal — declarou Rand, com firmeza. — Agora. Pedirei desculpas a todos os chefes que se sentirem desonrados por terem chegado atrasados, mas não deixarei Couladin chegar lá um minuto sequer antes de mim, se tiver condições. Ele não vai parar depois de fazer a cabeça de Sevanna, Rhuarc. Não posso me dar ao luxo de dar um mês para ele fazer isso.

Depois de um instante, o Aiel respondeu:

— Talvez você tenha razão. Você traz mudanças, Rand al'Thor. Partiremos ao nascer do sol, então. Escolherei dez Escudos Vermelhos para me honrar, e as Donzelas proverão sua cota.

— Pretendo partir quando a primeira luz despontar no céu, Rhuarc. E com todas as mãos capazes de empunhar uma lança ou erguer um arco.

— O costume...

— Nenhum costume vai me amparar, Rhuarc. — Daria para quebrar uma pedra com a voz de Rand, ou congelar uma taça de vinho. — Preciso criar novos costumes. — Ele riu sem humor. Aviendha parecia chocada, e até Rhuarc piscou, surpreso. Apenas Moiraine não estava afetada, com aqueles olhos perscrutadores. — É melhor alguém avisar aos mascates — continuou Rand. — Não vão querer perder a feira, mas, se não impedirem aqueles sujeitos de beber mais, eles acabarão bêbados demais para conduzir as rédeas. E você, Mat? Você vem?

Mat não tinha a menor intenção de se perder dos mascates. Eram seu meio de sair do Deserto.

— Ah, eu vou logo atrás de você, Rand. — O pior de tudo era que dizer aquilo parecia certo. *Maldito ta'veren me puxando!* Como Perrin se libertara? *Luz, eu queria estar com ele.* — Acho que vou.

Mat pôs a lança nos ombros e saiu do cânion a passos firmes. Ainda havia tempo de dormir um pouco, pelo menos. Ouviu a risadinha de Rand atrás de si.



REVELAÇÕES EM TANCHICO

Elayne remexia desajeitadamente os dois pauzinhos pintados com verniz vermelho, tentando ajeitá-los a contento nos dedos. *Sursas*, lembrou a si mesma. *Não são pauzinhos, são sursas. Seja lá o nome que for, é um jeito bem estúpido de se comer.*

Do outro lado da mesa na Câmara das Flores Caídas, Egeanin franzia o cenho para as próprias sursas, segurando uma em cada mão, viradas para cima, como se realmente fossem pauzinhos. Nynaeve segurava as duas aninhadas na mãos, do jeito que Rendra lhe ensinara, mas até então só conseguira levar até a boca uma fatia de carne e algumas pimentas cortadas; ela tinha os olhos espremidos de determinação. Um grande número de tigelinhas brancas cobria a mesa, cada uma cheia de fatias de carne e pequenas lascas de vegetais, alguns em molhos claros ou escuros. Elayne achou que levaria o resto do dia para terminar a refeição. Deu à estalajadeira de cabelos cor de mel um sorriso de gratidão quando a mulher se inclinou sobre seu ombro para posicionar as sursas da forma adequada.

— Sua terra está em guerra com Arad Doman — disse Egeanin, em um tom quase de irritação. — Por que você serve os pratos típicos do seu inimigo?

Rendra deu de ombros, fazendo um bico de desagrado por detrás do véu; naquele dia a mulher usava o tom de vermelho mais claro possível, e contas da mesma cor nas tranças finas, que faziam uns estalidos quando ela mexia a cabeça.

— É a mais nova moda. Quatro dias atrás o Jardim das Brisas de Prata começou com isso, e agora todos os fregueses pedem comida domanesa. Acho que talvez seja para conquistar a culinária domanesa, já que não conseguimos conquistar os domaneses. Talvez em Bandar Eban eles comam o cordeiro com o molho de mel e as maçãs em calda, sim? Daqui a mais quatro

dias, pode ser que seja outra coisa. A moda hoje em dia muda rápido, e se alguém começar a incitar o povo contra isso... — Ela deu de ombros outra vez.

— Você acha que vai haver *mais* motins? — perguntou Elayne. — Por conta do tipo de comida que as estalagens estão servindo?

— Elas estão indóceis, as ruas — afirmou Rendra, gesticulando de um jeito fatalista. — Quem é que sabe o que vai aticar esse povo outra vez? O alvoroço de anteontem, ele veio de um boato de que Maracru tinha se declarado em favor do Dragão Renascido, ou talvez sucumbido aos Devotos do Dragão, ou talvez aos rebeldes. Como, exatamente, parece que fez pouca diferença, mas aí a multidão ataca o povo de Maracru? Não. Eles saem se atacando pelas ruas, puxando gente das carruagens, depois incendeiam o Grande Salão da Assembleia. Talvez chegue a notícia de que o exército ganhou ou perdeu uma batalha, e o povo se rebele contra quem serve comida domanesa. Ou talvez incendeie armazéns no cais de Calpene. Quem é que sabe?

— A ordem foi-se embora — resmungou Egeanin, encaixando as sursas com firmeza entre os dedos da mão direita. Pela expressão em seu rosto, poderiam ser adagas que ela usaria para golpear a comida nas tigelas. Um pedaço de carne caiu das sursas de Nynaeve bem próximo à boca; rosnando, ela o pegou do colo, dando uma batidinha na seda cor de creme com o guardanapo.

— Aah, ordem — comentou Rendra, com uma risada. — Eu me lembro da ordem. Talvez retorne algum dia, sim? Alguns pensavam que a Panarca Amathera colocaria a Guarda Civil de volta aos seus afazeres, mas, se eu fosse ela, com a lembrança do povo brigando do lado de fora da minha investidura... os Filhos da Luz, eles mataram muitos dos desordeiros. Talvez isso seja indício de que não vai haver outro motim, mas talvez signifique que o próximo motim, ele vai ser duas vezes maior, ou dez vezes. Eu acho que eu, também, manteria a Guarda e os Filhos bem perto de mim. Mas isso não é conversa para perturbar o jantar. — Examinando a mesa, a mulher assentiu para si mesma, as contas nas trancinhas chacoalhando. Ao virar-se para a porta, ela parou, com um sorriso singelo. — É moda comer a comida domanesa com as sursas, e é claro que a gente segue a moda. Mas... não tem ninguém aqui para ver além de vocês mesmas, não é? Se por acaso desejarem as colheres e os garfos, estão debaixo do guardanapo. — Ela apontou para a bandeja na extremidade da mesa. — Aproveitem.

Nynaeve e Egeanin esperaram até que a porta se fechasse atrás da estalajadeira, depois sorriram uma para a outra e agarraram a bandeja, com uma afobação decidida e indecorosa. Elayne conseguiu alcançar os talheres primeiro; nenhuma das outras tivera de comer depressa, nos poucos minutos entre as tarefas e as aulas de uma noviça.

— Até que é bem gostoso — disse Egeanin, na primeira garfada cheia —, quando a gente consegue colocar na boca. — Nynaeve riu com ela.

Nos sete dias desde que encontraram a mulher de cabelos escuros, olhos azuis penetrantes e fala arrastada, as duas passaram a gostar dela. Era um refresco da tagarelice de Rendra a respeito de cabelos, roupas e tons de pele,

ou das olhadelas do povo nas ruas que parecia que degolaria as duas em troca de um cobre. Era a quarta visita dela desde aquele primeiro encontro, e Elayne havia gostado de todas. Egeanin tinha uma franqueza e um ar de independência que ela admirava. A mulher podia ser apenas uma pequena negociante de tudo o que lhe cruzasse o caminho, mas seria capaz de desafiar Gareth Bryne dizendo o que lhe vinha à mente e não se curvando diante de ninguém.

Ainda assim, Elayne preferia que as visitas não fossem tão frequentes. Ou pelo menos que ela e Nynaeve não tivessem passado tanto tempo no Jardim das Três Ameixeiras, à disposição de Egeanin. No entanto, os motins quase constantes desde a investidura de Amathera praticamente impossibilitaram a circulação pela cidade, apesar da proteção dos marujos duros de Domon. Até Nynaeve havia admitido, depois que as duas chegaram ao ponto de precisar fugir de uma chuva de pedras do tamanho de punhos. Thom ainda prometia encontrar uma carruagem e parelha para elas, mas Elayne não estava muito confiante de que o homem estivesse procurando com afinco. Tanto ele quanto Julin pareciam insuportavelmente satisfeitos em ver as duas presas dentro da estalagem. *Eles voltam machucados e sangrando e não querem que a gente dê nem sequer uma topada com o dedão*, pensou ela, irônica. Por que os homens sempre achavam que era correto manter as mulheres mais seguras do que mantinham a si mesmos? Por que consideravam os ferimentos deles menos importantes?

Pelo sabor da carne, ela imaginou que Thom encontraria na cozinha os cavalos que procurava. A ideia de comer cavalos lhe deu um embrulho no estômago. Ela escolheu uma tigela que continha apenas vegetais, pedacinhos de cogumelos escuros, pimentões e um tipo de broto com folhas verdes em um molho claro e de sabor forte.

— O que vamos conversar hoje? — perguntou Nynaeve a Egeanin. — Você já fez quase todas as perguntas que eu posso imaginar. — De qualquer modo, todas para as quais elas tinham resposta. — Se quiser saber mais sobre Aes Sedai, vai ter de ir para a Torre e virar noviça.

Egeanin se encolheu inconscientemente, como fazia ao ouvir qualquer palavra que a ligasse ao Poder. Por um instante, a mulher revirou o conteúdo de uma das tigelinhas, encarando-a de cenho franzido.

— Vocês não fizeram nenhum esforço real — disse ela, devagar — para esconder de mim que estão à procura de alguém. Mulheres. Sem querer me intrometer nos seus planos, gostaria de saber... — Ela parou de falar ao ouvir uma batida na porta.

Bayle Domon entrou a passos firmes, sem esperar, com uma satisfação lúgubre lutando com o desconforto em seu rosto redondo.

— Eu encontrei as mulheres — começou ele, então levou um susto ao ver Egeanin. — Você!

Surpreendentemente, Egeanin deu um salto, derrubando a cadeira, e golpeou Domon com o punho cerrado, quase mais ligeira do que um piscar de olhos. Domon conseguiu dar um jeito de agarrar o pulso da mulher com a mão grande e torceu-o — houve um instante em que os dois pareciam tentar

engancha o tornozelo um do outro com o pé; Egeanin tentou golpeá-lo na garganta e acabou caindo de cara no chão, a bota de Domon em seu ombro e o braço alavancado bem para o alto, contra o joelho dele. Apesar disso, conseguiu soltar a faca de cintura.

Elayne soltou fluxos de Ar ao redor dos dois antes que ela mesma percebesse que havia abraçado *saidar*, imobilizando-os.

— O que significa isso? — indagou, no tom mais gélido possível.

— Como o senhor ousa, Mestre Domon? — A voz de Nynaeve era igualmente fria. — Solte a mulher! — Em um tom mais terno e preocupado, acrescentou: — Egeanin, por que foi que você tentou bater nele? Eu já disse para soltá-la, Domon!

— Ele não consegue, Nynaeve. — Elayne desejava muito que a outra pudesse pelo menos enxergar com clareza os fluxos sem estar irritada. *Ela realmente tentou bater nele antes.* — Egeanin, por quê?

A mulher de cabelos escuros ficou ali parada, os olhos fechados e a boca contraída. Ela agarrava a faca com tanta força que as juntas de seus dedos estavam brancas.

Domon cravou os olhos em Elayne, depois em Nynaeve, com a estranha barba de illianense quase toda eriçada. Elayne só deixara a cabeça do homem livre.

— Essa mulher é uma Seanchan! — grunhiu.

Elayne e Nynaeve trocaram olhares surpresos. Egeanin? Seanchan? Era impossível. Só podia ser impossível.

— Tem certeza? — perguntou Nynaeve, devagar e baixinho. Soava tão atônita quanto Elayne se sentia.

— Eu nunca vou esquecer o rosto dela — respondeu Domon com firmeza. — A capitã de um navio. No caso, foi ela quem me levou para Falme, eu e meu navio, como prisioneiros dos Seanchan.

Egeanin não se esforçou para negar, apenas continuou ali parada, agarrada à faca. Seanchan. *Mas eu gosto dela!*

Com cuidado, Elayne remexeu a trama de fluxos até que a mão de Egeanin que erguia a faca ficasse descoberta até o pulso.

— Largue a faca, Egeanin — disse ela, ajoelhando-se ao lado da mulher. — Por favor. — Depois de um instante, Egeanin abriu a mão. Elayne pegou a faca e se afastou, soltando os fluxos por completo. — Mestre Domon, solte a mulher.

— Ela é Seanchan, senhora — protestou ele — e dura feito uma ponteira de ferro.

— Solte.

Resmungando entre dentes, Domon soltou o pulso de Egeanin, afastando-se mais que depressa, como se esperasse que ela o atacasse outra vez. No entanto, a mulher de cabelos escuros — a mulher *Seanchan* — simplesmente ficou ali parada. Alongou o ombro do braço que ele havia torcido, encarando-o, pensativa, olhou para a porta, depois ergueu a mão e esperou, aparentando profunda calma. Era difícil não admirá-la.

— Seanchan — grunhiu Nynaeve. Agarrou um punhado das longas tranças, depois olhou surpresa para a mão e as soltou, mas sua testa ainda estava franzida, e os olhos, inflexíveis. — Seanchan! Conquistando de mansinho a nossa amizade. Achei que todos vocês tinham ido embora por onde vieram. Por que está aqui, Egeanin? O nosso encontro foi mesmo acidental? Por que nos procurou? Estava pretendendo atrair a gente até algum lugar onde a sua *sul'dam* imunda pudesse encolarar os nossos pescoços? — Os olhos de Egeanin se arregalaram infimamente. — Pois sim — acrescentou Nynaeve, com rispidez. — Nós sabemos sobre vocês, Seanchan, sobre suas *sul'dam* e *damane*. Sabemos mais do que vocês. Seu povo acorrenta mulheres capazes de canalizar, mas as que são usadas para controlá-las também são capazes de canalizar, Egeanin. Para cada mulher capaz de canalizar, acorrentada feito um animal, vocês cruzam com mais dez ou vinte todos os dias, sem nem perceber.

— Eu sei — respondeu Egeanin simplesmente, e o queixo de Nynaeve caiu.

Elayne achou que seus próprios olhos iriam saltar das órbitas.

— Você sabe? — Ela respirou fundo e prosseguiu, em um tom mais composto do que o ganido incrédulo de antes. — Egeanin, acho que você está mentindo. Eu não topei com muitos Seanchan antes, e nunca por mais de alguns minutos, mas conheço uma pessoa que já topou. Os Seanchan nem sequer odeiam as mulheres que canalizam. Eles as consideram animais. Você não estaria assim tão calma se soubesse, ou no mínimo se acreditasse.

— As mulheres que podem usar o bracelete são mulheres capazes de aprender a canalizar — respondeu Egeanin. — Eu não sabia que *podia* ser aprendido, pois me ensinaram que ou uma mulher pode ou não pode, mas quando vocês me disseram que as meninas que não nasceram com a capacidade precisam ser instruídas, eu tirei minhas conclusões. Posso me sentir? — Tão fria.

Elayne assentiu, e Domon levantou a cadeira de Egeanin e permaneceu de pé atrás da mulher enquanto ela se sentava. Olhando para ele por sobre o ombro, a mulher de cabelos escuros disse:

— Você não foi um oponente tão... difícil... da última vez que nos vimos.

— Você estava trazendo vinte soldados armados ao meu convés, mais uma *damane* pronta para detonar o meu navio com o Poder. Não é porque eu consigo pescar um tubarão que vou comprar briga com ele. — Surpreendentemente, o homem sorriu para ela, esfregando a lateral do corpo, onde a mulher decerto acertara um golpe que Elayne não tinha visto. — Você também nem foi uma oponente tão fácil quanto eu pensei que seria sem a sua armadura e a espada.

Aquelas conclusões certamente tinham abalado seu mundo, mas a mulher estava encarando tudo de forma bastante objetiva. Elayne não conseguia imaginar algo que pudesse virar o mundo dela de pernas para o ar daquela forma, mas esperava, caso acontecesse, ser capaz de manter a calma e a reserva de Egeanin. *Preciso parar de gostar dela. Ela é Seanchan. Teria me encolado feito um bichinho, se pudesse. Luz, como é que se para de gostar de alguém?*

Nynaeve não aparentava enfrentar a mesma dificuldade. Ela cravou os punhos na mesa e inclinou-se na direção de Egeanin com tanta fúria que as tranças bambolearam para dentro das tigelinhas.

— Por que você está aqui em Tanchico? Achei que todos vocês tinham fugido depois de Falme. E por que tentou se infiltrar no meio de nós e conquistar a nossa confiança, feito uma cobra devoradora de ovos? Se está pensando que pode nos encolarar, é melhor repensar!

— Essa nunca foi a minha intenção — respondeu Egeanin, rígida. — Tudo o que sempre quis de vocês foi aprender sobre as Aes Sedai. Eu... — Pela primeira vez a mulher parecia hesitante, insegura. Apertando os lábios, olhou de Nynaeve para Elayne e balançou a cabeça. — Vocês não são como me ensinaram. Que a Luz me domine, eu... gosto de vocês.

— Você gosta da gente. — Nynaeve fazia aquilo soar um crime. — Isso não responde nenhuma das minhas perguntas.

Egeanin hesitou outra vez, depois ergueu a cabeça, desafiando as duas a fazer o pior que pudessem.

— Várias *Sul'dam* foram deixadas para trás em Falme. Algumas fugiram depois do desastre. Algumas de nós fomos mandadas para resgatá-las. Eu só encontrei uma, mas descobri um *a'dam* capaz de dominá-la. — Ao ver Nynaeve cerrar os punhos, ela acrescentou, rapidamente: — Eu soltei a moça ontem à noite. Vou pagar muito caro se alguém um dia descobrir isso, mas depois das conversas com vocês eu não conseguiria... — Ela fez uma careta e sacudiu a cabeça. — Foi por isso que fiquei com vocês depois que Elayne se revelou. Eu sabia que Bethamin era *sul'dam*. Descobrir que o *a'dam* a dominava, que ela podia... Eu tinha de saber, de entender, a respeito das mulheres capazes de canalizar. — Ela respirou fundo. — O que vocês pretendem fazer comigo? — As mãos dela, dobradas sobre a mesa, não tremiam.

Nynaeve abriu a boca, cheia de raiva, e fechou-a de novo, devagar. Elayne compreendia a dificuldade. Nynaeve podia estar odiando Egeanin agora, mas o que as duas fariam com ela? Não estava claro que a mulher cometera crime algum em Tanchico, e de todo modo a Guarda Civil não parecia interessada em nada além de salvar a própria pele. Ela era Seanchan, havia usado *sul'dam* e *damane*, mas por outro lado alegava ter soltado a tal Bethamin. Por qual crime elas poderiam puni-la? Por fazer perguntas que elas haviam respondido de bom grado? Por fazê-las se afeiçoarem a ela?

— Eu queria arrancar o seu couro até você brilhar feito o sol — Nynaeve grunhiu. Abruptamente, virou a cabeça para Domon. — O senhor encontrou as mulheres? Disse que tinha encontrado. Onde? — Ele remexeu os pés e lançou um olhar expressivo por trás da cabeça de Egeanin, as sobrancelhas erguidas e indagativas.

— Não creio que ela seja Amiga das Trevas — disse Elayne quando Nynaeve hesitou.

— E não sou mesmo! — Egeanin disparou um olhar feroz e escandalizado.

Cruzando os braços para evitar puxar as tranças, Nynaeve cravou os olhos na mulher, depois lançou uma carranca acusadora para Domon, como se

aquela confusão fosse toda culpa dele.

— Não tem nenhum canto onde prendê-la — disse ela, por fim — e é claro que Rendra iria exigir uma explicação. Prossiga, Mestre Domon.

O homem lançou uma última olhadela indecisa para Egeanin.

— No Palácio da Panarca, um dos meus homens, no caso, viu duas mulheres da sua lista. A dos gatos, e também a de Saldaea.

— Tem certeza? — perguntou Nynaeve. — No Palácio da Panarca? Preferia que o senhor tivesse visto com seus próprios olhos. Tem outras mulheres além de Marillin Gemalphin que gostam de gatos. E Asne Zeramene não é a única mulher de Saldaea em toda Tanchico.

— Uma mulher de rosto fino, olhos azuis e nariguda, dando de comer a doze gatos, nessa cidade onde o povo come gatos? Na companhia de outra com aquele nariz de Saldaea e olhos oblíquos? Não é uma dupla tão comum assim, Senhora al'Meara.

— Não mesmo. Mas no Palácio da Panarca? Mestre Domon, caso o senhor tenha esquecido, tem quinhentos Mantos-brancos vigiando aquele lugar, comandados por um Inquisidor da Mão da Luz! Jaichim Carridin e os oficiais dele no mínimo devem saber reconhecer uma Aes Sedai só de olhar. Será que elas permaneceriam lá se eles vissem a Panarca dando abrigo para Aes Sedai? — O homem abriu a boca, mas o argumento de Nynaeve era forte, e ele não disse uma palavra.

— Mestre Domon — disse Elayne — o que é que um dos seus homens estava fazendo no Palácio da Panarca?

Ele puxou a barba de um jeito constrangido, depois esfregou um dos dedos largos no lábio superior.

— Vejam vocês, a Panarca Amathera, no caso, gosta de pimenta-de-gelo, daquele tipo branco que é muito ardente, e mesmo que ela nem seja receptiva a presentes, os sujeitos da alfândega acabam sabendo quem é que dá presentes a ela, daí eles próprios ficam mais receptivos.

— Presentes? — perguntou Elayne, em seu tom mais reprovador. — No cais, o senhor foi mais honesto, chamou de subornos. — Surpreendentemente, Egeanin havia se virado na cadeira para também lançar ao homem um olhar de reprovação.

— Que a Sorte me espicace — resmungou o homem — vocês nem me pediram para abrir mão dos negócios. E nem eu faria se me pedissem, nem se pusessem minha velha mãe na minha frente pedindo. Um homem tem direito aos seus negócios. — Egeanin bufou com desdém e endireitou-se na cadeira.

— Os subornos dele não são problema nosso, Elayne. — Nynaeve soava exasperada. — Não estou nem aí se ele subornar a cidade inteira e contrabandear... — Uma batida na porta a interrompeu. Olhando os outros com cautela, ela vociferou para Egeanin: — Fique sentada aí quieta. — Então, ergueu a voz: — Entre.

Juilin enfiou a cabeça para dentro do quarto com aquele quepe cilíndrico idiota, encarando Domon com a carranca costumeira. O corte em sua bochecha escura, com o sangue já seco, também não era incomum; as ruas nos

últimos tempos andavam tão perigosas à luz do dia quanto eram antigamente à noite.

— Posso falar com a senhora a sós, Senhora al'Meara? — perguntou ele quando viu Egeanin sentada à mesa.

— Ah, pode entrar — retrucou Nynaeve rispidamente. — Depois do que ela já ouviu, não vai dar em nada se ouvir um pouco mais. O senhor também encontrou as mulheres no Palácio da Panarca?

Enquanto fechava a porta, ele disparou um olhar indecifrável para Domon, com a boca contraída. O contrabandista sorriu, revelando todos os dentes. Por um instante, parecia que os dois iriam chegar às vias de fato.

— Então o illianense chegou na minha frente — resmungou Juilin, ressentido. Ignorando Domon, ele dirigiu-se a Nynaeve: — Eu disse que a mulher de mecha branca iria me levar a elas. Era evidente. E eu vi a mulher domanesa lá também. A distância, porque não sou idiota a ponto de me meter em um cardume de lúcios, mas não posso acreditar que haja outra domanesa além de Jeane Caide em toda a Tarabon.

— Então quer dizer que elas *estão* no Palácio da Panarca? — perguntou Nynaeve.

O rosto de Juilin não se alterou, mas seus olhos negros se arregalaram de leve e tremularam na direção de Domon.

— Então ele não tinha prova — murmurou Juilin, em um tom de satisfação.

— Eu tinha prova, sim. — Domon evitava encarar o taireno. — Se a senhora se recusou a aceitar a prova antes desse pescador chegar, Senhora al'Meara, a culpa nem é minha.

Juilin se empertigou, mas Elayne interrompeu o caçador de ladrões antes que ele comesse a falar.

— Vocês dois encontraram as mulheres, e os dois trouxeram provas. Muito provavelmente nenhuma seria suficiente sem a outra. Agora nós sabemos onde elas estão, graças a vocês dois. — Se muito, os dois pareciam ainda mais insatisfeitos do que antes. Os homens às vezes conseguiam ser absolutamente idiotas.

— O Palácio da Panarca. — Nynaeve puxou um punhado das compridas tranças, depois jogou-as para trás com um balançar da cabeça. — O que elas estão procurando deve estar lá. Mas, se já pegaram, por que ainda estão em Tanchico? O palácio é imenso. Talvez ainda não tenham encontrado. Não que isso ajude, já que estamos aqui fora enquanto elas estão lá dentro!

Thom, como de costume, entrou sem bater, encarando todos ao mesmo tempo.

— Senhora Egeanin — murmurou ele, com uma mesura cuja elegância não era reduzida pela manqueira. — Nynaeve, se eu puder falar com você a sós, tenho uma notícia importante.

O hematoma recente em seu rosto curtido deixou Elayne ainda mais irritada do que o novo rasgão em seu bom manto marrom. O homem estava velho demais para ficar enfrentando as ruas de Tanchico. Ou qualquer rua perigosa, para falar a verdade. Já era hora de ela arranjar uma pensão para

ele, e um lugar seguro e confortável onde viver. Nada de continuar peregrinando de aldeia em aldeia como menestrel. Ela daria um jeito nisso.

Nynaeve lançou um olhar penetrante a Thom.

— Não tenho tempo para isso agora. As irmãs Negras estão no Palácio da Panarca, e, até onde sei, Amathera está ajudando na busca, do sótão ao porão.

— Descobri a mesma coisa menos de uma hora atrás — disse ele, incrédulo. — Como foi que vocês...? — Encarou Domon e Juilin, ambos ainda furiosos, feito dois garotos disputando para si um bolo inteiro.

Estava óbvio que ele rejeitava ambos como fonte de informação de Nynaeve. Elayne sentiu vontade de abrir um sorriso. O homem era tão confiante de que conhecia todos os esquemas ocultos, todas as entrelinhas.

— A Torre tem seus próprios métodos, Thom — retrucou ela, fria e misteriosa. — É melhor não investigar muito a fundo os métodos de uma Aes Sedai. — Ele fechou a expressão, e suas sobrancelhas frondosas desabaram, indecisas. O que foi bastante satisfatório. Ela percebeu que Juilin e Domon também a encaravam de testa franzida, e de súbito tudo o que ela conseguiu fazer foi não corar. Se eles conversassem, ela *sem dúvida* iria parecer uma imbecil. Eles acabariam conversando; os homens conversavam. Era melhor enterrar a coisa depressa e aguardar. — Thom, você ouviu algo que pudesse indicar que Amathera é Amiga das Trevas?

— Nada. — Ele deu um puxão no longo bigode, irritado. — Ao que parece, ela não tem visto Andric desde que assumiu a Coroa da Árvore. Talvez os problemas nas ruas tornem a viagem entre o Palácio do Rei e o da Panarca muito perigosa. Talvez ela tenha simplesmente percebido que agora o poder dela é equivalente ao dele e já não seja tão submissa quanto antes. Nada que informe quais são as alianças dela. — Com uma olhadela para a mulher de cabelos escuros sentada na cadeira, ele acrescentou: — Sou muito grato pela ajuda que a Senhora Egeanin deu a vocês duas com esses ladrões, mas até agora eu estava pensando que ela era apenas uma amizade casual. Posso perguntar quem ela é para ter sido incluída nisso tudo? Se bem me lembro, você ameaçou amarrar as línguas mais descuidadas, Nynaeve.

— Ela é Seanchan — respondeu Nynaeve. — Feche essa boca antes que entre uma mosca, Thom, e sente-se. Podemos comer enquanto decidimos o que fazer.

— Na frente dela? — indagou Thom. — Seanchan? — Ele ouvira Elayne contar algumas histórias de Falme, só algumas, e decerto ouvira os rumores que estavam correndo por lá; analisou Egeanin como se tentasse imaginar onde a mulher guardava os chifres. Se os olhos de Juilin forneciam alguma pista do que ele sentia, o homem estar prestes a sufocar; ele sem dúvida também ouvira os rumores correntes em Tanchico.

— Você sugere que eu peça a Rendra para trancar a mulher em um depósito? — perguntou Nynaeve calmamente. — *Isso sim* geraria falatório, não é? Tenho plena certeza de que três homens peludos e grandalhões são capazes de proteger nós duas se ela resolver tirar um exército Seanchan do

bolso. Sente-se, Thom, ou então coma de pé, mas pare de ficar encarando. Todos vocês, sentem-se. Não quero comer comida fria.

Eles se sentaram, Thom com uma cara de desagrado igualzinha à de Juilin e Domon. Às vezes o jeito intimidador de Nynaeve parecia surtir efeito. Talvez até Rand fosse suscetível a uma intimidação, de vez em quando.

Afastando Rand da cabeça, Elayne decidiu que era hora de fazer algum comentário de valor.

— Não consigo enxergar como as irmãs Negras podem estar no Palácio da Panarca sem o conhecimento de Amathera — comentou, puxando a cadeira para perto de si. — Do meu ponto de vista, temos três possibilidades. A primeira, Amathera é Amiga das Trevas. A segunda, ela pensa que as outras são Aes Sedai. E a terceira, ela é prisioneira delas. — Por algum motivo, o fato de Thom ter assentido a confortou. Que bobagem. Mesmo conhecendo o Jogo das Casas, ele era só um bardo idiota que jogara tudo para o alto para virar menestrel. — Em qualquer um dos casos, ela vai ajudar as outras em sua busca, mas me parece que, se estiver pensando que as mulheres são Aes Sedai, pode ser que a gente consiga a ajuda dela revelando a verdade. E, se ela for prisioneira, podemos conseguir se a libertarmos. Nem Liandrin e suas companheiras poderiam ficar no palácio se a Panarca ordenasse a expulsão delas, e aí *nós* teríamos o caminho livre para vasculhar.

— O problema é descobrir se ela é aliada, tapeada ou prisioneira — disse Thom, gesticulando com o par de sursas na mão. Ele sabia usar aqueles palitinhos perfeitamente!

Juilin balançou a cabeça.

— O problema real é como chegar até ela, seja qual for a situação. Jaichim Carridin pôs quinhentos Mantos-brancos em volta do palácio feito peixes-pescadores rodeando um cais. A Legião da Panarca tem quase duas vezes mais do que isso, e a Guarda Civil, praticamente o mesmo número. Poucas fortalezas circulares são vigiadas sequer com a metade desse contingente.

— Nós não vamos lutar com eles — respondeu Nynaeve secamente. — Pare de pensar com os seus pelos do peito. No momento, precisamos de cérebro, não de músculos. Eu acho que...

O debate se estendeu jantar adentro, continuando depois que a última tigela foi esvaziada. Egeanin até contribuiu com comentários convincentes, depois de algum tempo em silêncio, sem comer e aparentemente sem escutar. A mulher era sagaz, e Thom prontamente aceitou todas as sugestões com as quais concordou, embora fosse teimoso a ponto de rejeitar por completo todas as quais discordava, da mesma forma que fazia com os outros. Até Domon, surpreendentemente, apoiou Egeanin quando Nynaeve quis que a mulher se calasse.

— No caso, ela até tem bom senso, Senhora al'Meara. Só os tolos rejeitam o bom senso, seja lá de onde ele venha.

Infelizmente, saber o paradeiro das irmãs Negras não ajudava muito se não soubessem se Amathera estava ou não do lado delas, tampouco ajudava a saber o que estavam buscando. No fim, quase duas horas de debate não levaram a muitas conclusões além de poucas sugestões sobre como descobrir a

respeito de Amathera. Todas as sugestões, ao que parecia, a serem utilizadas pelos homens com suas redes de contatos que entrecortavam Tanchico.

Nenhum dos idiotas queria deixar as duas sozinhas com uma Seanchan — até que Nynaeve se irritou o suficiente para envolver os três em fluxos de Ar enquanto eles se embolavam diante da porta.

— Vocês não acham — começou ela, gélida, rodeada pelo brilho tênue de *saidar* — que uma de nós pode fazer o mesmo com ela, se ela disser “*bu*”? — Ela não soltou nenhum deles antes que os três assentissem, com o tantinho de movimentos que podiam fazer com a cabeça.

— Sua tripulação anda na linha — disse Egeanin, assim que a porta se fechou atrás deles.

— Cale a boca, Seanchan! — Nynaeve cruzou os braços com força; parecia ter desistido de puxar as tranças quando se irritava. — Fique aí sentada... e quieta!

Era frustrante esperar, encarando as ameixeiras e as flores caídas pintadas nas paredes sem janelas, andando ou observando Nynaeve andar, enquanto Thom, Juilin e Domon estavam na rua, fazendo alguma coisa concreta. Porém, o pior era quando cada homem chegava, em intervalos diferentes, para informar que mais um rastro dera em nada, mais um fio se rompera, depois ouvia o que os outros haviam descoberto e saía apressado novamente.

Da primeira vez que Thom retornou — com um segundo hematoma roxo, na outra bochecha — Elayne disse:

— Será que não seria melhor você ficar aqui, Thom, para ouvir o que Juilin e Mestre Domon trouxeram de informação? Você poderia avaliar muito melhor do que Nynaeve e eu.

Ele balançou a extravagante cabeleira branca enquanto Nynaeve fungava alto o bastante para ser ouvida no corredor.

— Peguei a pista de uma casa em Verana, onde Amathera supostamente foi se esconder algumas noites antes de ser empossada como Panarca. — E saiu, antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa.

Quando retornou — claramente mancando mais — informando que a casa era onde vivia a antiga ama de Amathera, Elayne disse, com a voz mais firme que pôde:

— Thom, quero que você se sente. Vai ficar aqui. Eu não vou permitir que você se machuque.

— Machuque? — indagou ele. — Criança, eu nunca me senti tão bem em toda a minha vida. Diga a Juilin e Bayle que, ao que parece, existe uma mulher chamada Cerindra, em algum lugar dessa cidade, que diz saber todos os segredos ocultos de Amathera. — E lá foi ele, claudicante, com o manto drapejando atrás de si. Também havia um rasgão novo no tecido. Teimoso, que velhote teimoso.

Em dado momento, um clamor penetrou as paredes robustas, urros brutais e gritos vindos da rua. Rendra irrompeu pela porta no exato instante em que Elayne havia decidido descer e ver com os próprios olhos o que estava havendo.

— Um probleminha lá fora. Não se incomodem. Os homens de Bayle Domon, eles resolvem para a gente, sim? Não queria preocupar vocês.

— Um motim, aqui? — perguntou Nynaevé mais que depressa. A vizinhança em torno da estalagem era uma das áreas mais tranquilas da cidade.

— Não se preocupem — respondeu Rendra, em um tom suave. — Devem estar querendo comida. Vou informar o local da cozinha de sopas de Bayle Domon, e eles vão embora.

A barulheira de fato diminuiu depois de um tempo, e Rendra mandou um pouco de vinho. Só quando o serviçal estava saindo, com uma expressão emburrada, foi que Elayne percebeu que era o tal jovem de belos olhos castanhos. O homem havia começado a reagir aos olhares frios dela como se fossem sorrisos. Ele realmente achava que ela estava com tempo para reparar nele?

Esperando e andando, andando e esperando. Cerindra acabou se revelando uma camareira demitida por roubo; nem um pouco grata por não ter sido levado presa, a mulher faria qualquer acusação que lhe fosse sugerida contra Amathera. Um sujeito que alegava ter provas de que Amathera era Aes Sedai e da Ajah Negra também afirmava que os mesmos documentos provavam que o Rei Andric era o Dragão Renascido. As mulheres com quem Amathera costumava se encontrar em segredo eram amigas que Andric desprezava, e a chocante descoberta de que ela financiara diversas embarcações contrabandistas não levou a nada. Quase todos os nobres, exceto o próprio Rei, tinham um dedinho no contrabando. Todas as pistas acabavam no mesmo ponto. O pior que Thom conseguiu descobrir foi que Amathera havia convencido dois belos jovens lordes de que eram o amor de sua vida e que Andric apenas representava os meios para se alcançar os fins. Por outro lado, ela concedera audiências no Palácio da Panarca a vários lordes, tanto sozinha quanto na companhia de diversas mulheres identificadas como Liandrín e as outras da lista e, segundo notícias, pedira e aceitara conselhos em relação a suas decisões. Aliada ou prisioneira?

Quando Juilin retornou, umas boas três horas após o pôr do sol, girando um cajado de madeira sulcada da espessura de um polegar e resmungando sobre algum sujeito de cabelo claro que havia tentado roubá-lo, Thom e Domon já estavam arriados à mesa, desconsolados, com Egeanin.

— Isso aqui vai ser igual a Falme — resmungou Domon. O pesado porrete que ele havia adquirido em algum lugar jazia à sua frente, e ele agora portava uma pequena espada no cinto. — Aes Sedai. Ajah Negra. Se metendo com a Panarca. Se nem encontrarmos nada amanhã, eu pretendo dar adeus a Tanchico. Amanhã é certo, nem que a minha própria irmã me pedisse para ficar!

— Amanhã — disse Thom, cansado, de cotovelos na mesa e queixo apoiado nos pulsos. — Estou cansado demais para pensar com a cabeça. Me peguei escutando um lavadeiro do Palácio da Panarca que alegava ter ouvido Amathera entoando canções indecentes, do tipo que a gente ouve nas tavernas mais xexelentas do cais. Eu realmente fiquei escutando o homem.

— Bem — disse Juilin, virando uma cadeira e sentando-se nela ao contrário, com as pernas abertas — pretendo fazer mais buscas hoje à noite. Encontrei um telhador que disse que a companheira dele também era camareira de Amathera. Segundo ele, Amathera dispensou todas as camareiras sem aviso prévio, na mesma noite em que foi empossada como Panarca. Ele vai me levar para conversar com ela depois de terminar um trabalho na casa de um mercador.

Nynaeve caminhou até a ponta da mesa, de mãos na cintura.

— Você não vai a lugar nenhum hoje à noite, Juilin. Vocês três vão se alternar montando guarda na nossa porta. — Os homens protestaram enfaticamente, claro, todos de uma vez.

— Eu, no caso, tenho meus próprios negócios a fazer, e se tiver que passar os dias fazendo perguntas para as senhoras...

— Senhora al'Meara, essa mulher é a primeira pessoa que encontrei que de fato esteve com Amathera desde que ela foi empossada...

— Nynaeve, já vai ser muito difícil eu *conseguir* encontrar algum rumor amanhã, que dirá partir atrás dele, se passar a noite tocando...

Ela deixou os três falarem à vontade. Quando as vozes começaram a morrer, obviamente pensando tê-la convencido, ela disse:

— Já que não temos nenhum outro lugar onde deixar a mulher Seanchan, ela vai ter de dormir aqui com a gente. Elayne, pode pedir a Rendra que mande preparar um catre? No chão já está de bom tamanho. — Egeanin a encarou, porém não disse nem uma palavra.

Os homens estavam sem opções; ou se recusavam por completo e rompiam solenemente a promessa de fazer o que Nynaeve mandasse, ou então continuavam argumentando, feito grandes resmungões. Eles a encararam, furiosos, balbuciaram... e aquiesceram.

Rendra ficou claramente surpresa por ter sido solicitado apenas um catre, mas aceitou a história de que Egeanin tinha medo de se arriscar nas ruas à noite. Thom assentou-se no corredor, ao lado da porta.

— Aqueles sujeitos, eles não entraram, por mais que tenham tentado. Eu disse que a cozinha de sopas iria levá-los embora daqui, sim? Os hóspedes do Jardim das Três Ameixeiras não têm necessidade de guarda-costas nos quartos.

— Decerto que não — respondeu Elayne, gentilmente tentando empurrar a mulher porta afora. — É só porque Thom e os outros dois realmente se preocupam. A senhora sabe como são os homens. — Thom disparou um olhar ameaçador por sob as espessas sobrancelhas grisalhas, mas Rendra fungou, indicando que sabia, e deixou Elayne fechar a porta.

Nynaeve virou-se imediatamente para Egeanin, que estava estendendo o catre do lado oposto à cama.

— Tire as roupas, Seanchan. Quero ter certeza de que você não tem outra faca escondida.

Egeanin ergueu-se calmamente e despiu-se até a roupa de baixo, de linho. Nynaeve examinou o vestido minuciosamente, depois insistiu em revistar

Egeanin também, e de maneira nada gentil. Mesmo não encontrando nada, ela não se tranquilizou.

— Mãos nas costas, Seanchan. Elayne, prenda-a.

— Nynaeve, eu acho que ela não...

— Prenda-a com o Poder, Elayne — ordenou Nynaeve, em um tom firme — senão eu corto umas tiras do vestido dela e amarro as mãos e os tornozelos. Você se lembra de como ela lidou com aqueles sujeitos na rua. Provavelmente mercenários contratados por ela mesma. Ela poderia nos matar durante o sono com as próprias mãos.

— Sério, Nynaeve, com Thom do lado de fora...

— Ela é Seanchan, Elayne! — Nynaeve soava como se a mulher de cabelos escuros tivesse uma falha de caráter, o que não fazia sentido. Egwene estivera nas mãos deles, mas não Nynaeve. A dureza de seu maxilar indicava que a amiga pretendia fazer a coisa do jeito dela, com o Poder ou com cordas, se conseguisse encontrá-las.

Egeanin já havia unido os punhos nas costas, complacente, porém não submissa. Elayne urdiu um fluxo de Ar em torno das mãos da mulher e as atou; pelo menos seria mais confortável do que com tiras arrancadas do vestido. Egeanin dobrou levemente os braços, testando os elos que era incapaz capaz de ver, e estremeceu. Eram tão fáceis de quebrar quanto correntes de aço. Ela deu de ombros, deitou-se meio desajeitada no catre e virou-se de costas para as outras.

Nynaeve começou a sabotar o próprio vestido.

— Me deixe ficar com o anel, Elayne.

— Tem certeza, Nynaeve? — Ela encarou Egeanin com um olhar expressivo. A mulher parecia não estar prestando atenção nelas.

— Ela não vai sair correndo para nos entregar hoje à noite. — Com uma pausa para puxar o vestido pela cabeça, Nynaeve sentou-se na beirada da cama com a roupa de baixo de fina seda taraboniana e foi tirar as meias. — Hoje é a noite que combinamos. Egwene vai esperar uma de nós, e está na minha vez. Ela vai ficar preocupada se ninguém aparecer.

Elayne pescou do decote do vestido o cordão de couro preso em seu pescoço. O anel de pedra, todo salpicado e listrado de azul, marrom e vermelho, jazia ao lado da serpente dourada engolindo a própria cauda. Ela desamarrou a corda apenas pelo tempo de entregar o *ter'angreal* a Nynaeve, amarrou de volta e recolocou no lugar. Nynaeve amarrou o *ter'angreal* com seu próprio anel da Grande Serpente e o pesado anel de ouro de Lan e deixou os dois penderem entre os seios.

— Me dê uma hora depois de ter certeza de que estou dormindo — disse, estirando-se por sobre o cobertor azul. — Não deve levar mais tempo que isso. E fique de olho nela.

— O que é que ela pode fazer amarrada, Nynaeve? — Elayne hesitou antes de acrescentar: — Duvido que ela tentaria nos machucar, mesmo se estivesse solta.

— Você não ouse! — Nynaeve ergueu a cabeça para encarar Egeanin pelas costas, depois deitou a cabeça de volta nos travesseiros. — Uma hora, Elayne.

— Fechou os olhos e se remexeu, buscando uma posição mais confortável. — Isso deve dar tempo mais que de sobra. — murmurou ela.

Escondendo um bocejo com a mão, Elayne chegou o banquinho baixo mais para perto do pé da cama, onde podia enxergar Nynaeve e também Egeanin, embora não parecesse necessário. A mulher jazia encolhida no catre com os joelhos encolhidos, as mãos bem presas. Aquele fora um dia estranho e cansativo, considerando que elas nem sequer tinham saído da estalagem. Nynaeve já estava murmurando baixinho, dormindo. Com os cotovelos apontados para fora.

Egeanin ergueu a cabeça e olhou por cima do ombros.

— Ela me odeia, eu acho.

— Vá dormir. — Elayne abafou outro bocejo.

— Você, não.

— Não seja tão segura de si — disse ela com firmeza. — Você está levando isso com muita calma. Como pode ficar tão tranquila?

— Tranquila? — A outra mulher mexeu as mãos involuntariamente, retorcendo os elos trançados com Ar — Estou tão aterrorizada que poderia até chorar. — Não parecia. Ainda assim, soou como a mais pura verdade.

— Não vamos machucar você, Egeanin. — Fosse lá o que Nynaeve quisesse, ela não deixaria que isso acontecesse. — Vá dormir. — Depois de um instante, Egeanin baixou a cabeça.

Uma hora. Não seria correto preocupar Egwene sem necessidade, mas ela preferia que aquela hora fosse gasta com o problema delas, em vez de vagando à toa em *Tel'aran'rhiod*. Caso elas não conseguissem descobrir se Amathera era prisioneira ou refém... *Deixe isso para lá; eu não vou descobrir isso aqui fora*. Quando elas de fato descobrissem, como poderiam entrar no palácio com todos aqueles soldados e a Guarda Civil, sem mencionar Liandrin e as outras?

Nynaeve havia começado a roncar baixinho, um hábito que negava com ainda mais ódio do que negava que remexia demais os cotovelos. Pela respiração longa e lenta de Egeanin, a mulher já estava em sono profundo. Abafando mais um bocejo com o dorso da mão, Elayne se remexeu no banquinho duro de madeira e começou a planejar como entraria no Palácio da Panarca.



NECESSIDADE

Por um instante, Nynaeve permaneceu parada no Coração da Pedra, sem ver e sem pensar em nada de *Tel'aran'rhiod*. Egeanin era Seanchan. Uma daquelas pessoas vis que haviam encolarado Egwene e tentado fazer o mesmo com ela. Ter noção daquilo ainda a deixava deprimida. A mulher era Seanchan e havia conquistado o afeto de Nynaeve, sorrateira feito uma serpente. Era tão difícil encontrar bons amigos desde que saíra de Campo de Emond. Descobrir uma nova amiga e perdê-la daquele jeito...

— Eu a odeio por isso, mais do que tudo — resmungou, cruzando os braços com força. — Ela me conquistou, e agora eu não consigo desgostar dela, e a odeio por isso! — Aquilo parecia não fazer sentido quando pronunciado em voz alta. — Eu não sou obrigada a fazer sentido. — Ela deu uma risada baixinha e balançou a cabeça, pesarosa. — Sou uma pretensa Aes Sedai. — Mas não devia se perder em devaneios feito uma garotinha boba.

Callandor cintilava, a espada de cristal jazia cravada nas pedras do chão sob o imenso domo, e as robustas colunas de pedra vermelha esvaneciam em fileiras escuras, à luz fraca e indistinta que vinha de todos os cantos. Era fácil recordar a sensação de estar sendo observada, imaginá-la novamente. Isso se da outra vez tivesse sido imaginação. Isso se agora fosse. Podia haver qualquer coisa escondida ali. Um bastão bom e pesado surgiu em suas mãos enquanto ela espiava pelas colunas. Onde estava Egwene? Era bem típico da garota fazê-la esperar daquele jeito. Naquela escuridão. Até onde sabia, podia haver algo prestes a saltar em cima...

— Que vestido mais estranho, Nynaeve.

Sufocando um gritinho, ela deu meia-volta, emitindo um clangor metálico, o coração pulando na garganta. Egwene estava parada do outro lado de *Callandor*, na companhia de duas mulheres de saias volumosas e xales escuros por sobre as blusas brancas, os cabelos brancos como neve batendo na cintura

e presos por lenços dobrados. Nynaeve engoliu em seco, esperando que nenhuma delas percebesse, e tentou voltar a respirar normalmente. Chegar de mansinho daquele jeito!

Uma das mulheres Aiel ela conhecia, pela descrição de Elayne; o rosto de Amys era muito jovem para aquele cabelo, mas aparentemente ela fora grisalha quase desde a infância. A outra, magra e ossuda, tinha olhos azul-claros e um rosto curtido e enrugado. Devia ser Bair. A mais forte das duas, Nynaeve julgou depois de vê-las. Não que a tal Amys parecesse muito... Vestido estranho? *Eu fiz barulho?*

Ela olhou para si mesma e perdeu o fôlego. Seu vestido guardava vaga semelhança com a indumentária de Dois Rios; isso se as mulheres de Dois Rios usassem vestidos confeccionados em malhas de aço, com pedaços de placas de armadura como as que ela vira em Shienar. Como os homens conseguiam correr e pular nas selas vestidos naquelas coisas? A roupa lhe pesava nos ombros como se tivesse umas cem libras. O bastão era agora de metal, com pregos na ponta, feito um capim-carrapicho de aço brilhante. Mesmo sem tocar a própria cabeça ela sabia que usava algum tipo de capacete. Enrubescendo furiosamente, se concentrou e trocou tudo para a boa lâ de Dois Rios e um cajado de passeio. Era bom ter os cabelos de volta em uma única trança, caída por cima do ombro.

— Pensamentos soltos causam problemas quando você caminha nos sonhos — disse Bair, em um tom de voz agudo e forte. — Você tem de aprender a controlá-los se quiser seguir em frente.

— Eu consigo controlar muito bem os meus pensamentos, obrigada — retrucou Nynaeve, toda encrespada. — Eu... — Não era apenas a voz de Bair que estava ficando fina. As duas Sábias pareciam... quase nebulosas, e Egwene, em um vestido de montaria azul-claro, estava quase transparente. — O que foi que houve com você? Por que está assim?

— Tente adentrar *Tel'aran'rhiod* semiadormecida, em cima de uma sela — respondeu Egwene, seca. Parecia tremeluzir. — Já amanheceu na Terra da Trindade, e nós estamos viajando. Eu tive de convencer Amys a me deixar vir, na verdade, pois estava com medo de que você ficasse preocupada.

— Já é uma tarefa bastante difícil, sem o cavalo — observou Amys — dormir um sono leve quando nosso desejo é estar acordada. Egwene ainda não aprendeu completamente.

— Eu vou aprender — respondeu ela, enraivecida e determinada. Era sempre muito teimosa e afobada, naquela ânsia de aprender; se essas Sábias não a controlassem, ela decerto acabaria arrumando todo tipo de problema.

Nynaeve parou de se preocupar com Egwene arrumar problemas assim que a mais jovem começou a falar do ataque de Trollocs e Dragkar ao Forte das Pedras Frias. Seana, uma Sábida Andarilha dos Sonhos, entre os mortos. Rand apressando os Aiel Taardad em direção ao tal Alcair Dal, no que parecia uma violação de todos os costumes, e enviando mensageiros para buscar outros ramos. O rapaz não confiava a ninguém suas intenções, os Aiel estavam apreensivos, e Moiraine, furiosa. A frustração de Moiraine até seria certo alívio para Nynaeve — que tinha esperanças de que Rand conseguisse dar

um jeito de escapar da influência daquela mulher — se Egwene não estivesse exibindo uma carranca tão fechada.

— Não sei se é um plano ou se é loucura — concluiu Egwene. — Se eu soubesse, poderia até suportar o que quer que fosse. Nynaeve, admito que não é a profecia, nem Tarmon Gai'don, que está me deixando ansiosa no momento. Talvez seja bobagem, mas prometi a Elayne que cuidaria dele, e não estou sabendo como.

Nynaeve deu a volta na espada de cristal para abraçar Egwene. Pelo menos a amiga estava sólida, por mais que parecesse o reflexo de um espelho embaçado. A sanidade de Rand. Não havia nada que ela pudesse fazer a respeito, nenhum conforto que pudesse oferecer. Era Egwene quem estava lá para vê-lo.

— O melhor que você pode fazer por Elayne é pedir que ele leia o que ela escreveu. Às vezes ela fica preocupada com isso; não diz nada, mas acho que está com medo de ter revelado mais do que deveria. Se ele acreditar que ela está completamente enrabichada, é mais provável que sinta o mesmo por ela, o que não a prejudica de forma alguma. Pelo menos temos algumas boas notícias em Tanchico. Algumas. — Quando ela explicou, no entanto, pareceu muito pouco para justificar “algumas”.

— Então vocês ainda não sabem o que é que elas estão procurando — disse Egwene, depois que a outra terminou — mas, mesmo que soubessem, elas estão em vantagem e ainda têm chance de encontrar antes.

— Não se eu puder evitar. — Nynaeve encarou as duas Sábias com um olhar firme e lúcido. Pelo que Elayne dissera a respeito da relutância de Amys em não fornecer nada além de advertências, ela precisaria de firmeza para lidar com as duas. Elas estavam tão enturvadas que uma lufada de ar mais forte seria capaz de soprá-las para longe, feito uma névoa. — Elayne acha que vocês conhecem todo tipo de truque com os sonhos. Será que existe alguma forma de eu entrar nos sonhos de Amathera e descobrir se ela é Amiga das Trevas?

— Garota tonta. — Os longos cabelos de Bair sacudiram quando ela balançou a cabeça. — Aes Sedai, mas ainda assim boba. É muito perigoso adentrar os sonhos de alguém, a menos que a pessoa conheça você e esteja à sua espera. O sonho é *dela*, não é feito aqui. Lá, essa Amathera detém o controle de tudo. Até de você.

Ela estivera tão certa de que esse era o caminho. Era irritante descobrir o contrário. E “garota tonta”?

— Eu não sou uma garota — retrucou, bruscamente. Quis puxar a trança com força, mas em vez disso cravou o punho na cintura. Por alguma razão, andava se sentindo estranhamente incomodada em puxar os cabelos nos últimos tempos. — Eu fui Sabedoria de Campo de Emond antes de... me tornar Aes Sedai. — Ela já quase não tropeçava na própria mentira. — E controlava e calava a boca de mulheres tão velhas quanto vocês. Se sabem como me ajudar, então digam, em vez de ficarem despejando baboseiras *tontas* sobre o que é perigoso. Eu sei reconhecer o perigo.

De súbito, ela percebeu que sua única trança havia sido dividida em duas, uma por cima de cada orelha, com fitas vermelhas entrelaçadas nas pontas. Vestia uma saia tão curta que deixava à mostra seus joelhos, além de uma blusa branca larga feito as das Sábias. Seus sapatos e meias haviam sumido. De onde viera *isso*? Ela decerto jamais pensara em usar nada parecido. Egwene levou depressa a mão à boca. Estava horrorizada? Sem dúvida não estava sorrindo.

— Pensamentos soltos — disse Amys — de fato podem trazer muitos problemas, Nynaeve Sedai, até você aprender. — Apesar do tom suave, a mulher retorceu os lábios, disfarçando muito mal que estava se divertindo.

Nynaeve esforçou-se para manter a expressão serena. Elas não podiam ter nada a ver com aquilo. *Não podem!* Ela lutou para se trocar outra vez, e foi *mesmo* uma luta, como se algo a aprisionasse naquele estado. Suas bochechas foram ficando mais e mais vermelhas. De repente, no exato instante em que ela se viu a ponto de sucumbir e pedir um conselho, ou até uma ajuda, suas roupas e cabelos voltaram ao estado de antes. Ela remexeu os dedos com gratidão dentro dos bons sapatos robustos. Tinha *mesmo* sido apenas um pensamento estranho e aleatório. De todo modo, não pretendia externar qualquer suspeita; as três já estavam se divertindo bastante com aquilo, até Egwene. *Não estou aqui para participar de uma competição idiota. Não vou ficar aplaudindo essas três.*

— Já que não posso entrar no sonho dela, será que posso trazê-la até o Mundo dos Sonhos? Preciso dar um jeito de falar com ela.

— Não ensinaremos isso a você nem que soubéssemos — respondeu Amys, com um puxão irritado no xale. — O que você pede é uma perversidade, Nynaeve Sedai.

— Ela seria tão inútil aqui quanto você no sonho dela. — A voz fina de Bair parecia uma barra de ferro. — Desde a primeira Andarilha dos Sonhos se transmite a instrução de que ninguém jamais deve ser *trazido* para um sonho. Dizem que esse era o costume da Sombra nos últimos dias da Era das Lendas.

Nynaeve remexeu os pés sob aqueles olhares severos; percebendo que tinha um dos braços em torno de Egwene, permaneceu imóvel. Não pretendia deixar Egwene pensar que elas a tinham deixado desconfortável. Não que tivessem. Se ela pensasse nas reprimendas que levava do Círculo das Mulheres antes de ser escolhida Sabedoria, as Sábias não eram nada demais. Firmeza era o que... Elas a encaravam. Enturvadas ou não, essas mulheres poderiam disputar um duelo de olhares com Sivan Sanche. Sobre tudo Bair. Não que a intimidassem, mas Nynaeve via motivo para ser prudente.

— Elayne e eu estamos precisando de ajuda. A Ajah Negra está prestes a encontrar alguma coisa que pode prejudicar Rand. Se elas descobrirem antes de nós que coisa é essa, talvez sejam capazes de controlá-lo. Se houver algo que vocês possam fazer para ajudar, algo que possam me dizer... qualquer coisa mesmo.

— Aes Sedai — disse Amys — você consegue fazer com que um pedido de ajuda pareça uma exigência. — Nynaeve apertou os lábios. Exigência? Ela havia praticamente implorado. Exigência, pois sim! No entanto, as mulheres

Aiel não pareceram notar sua expressão. Ou escolheram ignorar. — Por outro lado, um perigo para Rand al'Thor... não podemos permitir que a Sombra detenha isso. Existe um caminho.

— Perigoso. — Bair sacudiu a cabeça vigorosamente. — Essa jovem sabe menos do que Egwene sabia quando chegou até nós. É muito perigoso para ela.

— Então talvez eu pudesse... — começou Egwene, e as duas a cortaram de uma só vez.

— Você vai concluir o seu treinamento; está muito afoita para ir além do que já sabe — disse Bair com rispidez ao mesmo tempo em que AmyS vociferou, em um tom nem um pouco mais leve:

— Você não está lá em Tanchico, não conhece o lugar e não pode se apossar da necessidade de Nynaeve. Ela é a caçadora.

Sob olhares rígidos feito ferro, Egwene assentiu, amuada, e as duas Sábias se entreolharam. Por fim, Bair deu de ombros e ergueu o xale até o rosto; estava claramente lavando as mãos em relação àquilo tudo.

— É perigoso — disse AmyS. Do jeito que elas falavam, parecia que até respirar era perigoso em *Tel'aran'rhiod*.

— Eu...! — Nynaeve fechou a boca ao ver os olhos de AmyS ainda mais severos; realmente não imaginava que tal coisa fosse possível. Ela manteve firme a imagem das roupas que estava usando; era claro que as mulheres não tinham nada a ver com aquilo, porém achou sensato garantir que seu vestido não se alterasse. E mudou o que estava prestes a dizer. — Eu vou tomar cuidado.

— Não é possível — respondeu AmyS em um tom inexpressivo — mas eu não conheço outro jeito. A chave é a necessidade. Quando um forte está cheio demais, o ramo precisa se dividir, e a necessidade é ter água no novo forte. Se ninguém conhecer um local que tenha água, uma de nós pode ser convocada a encontrá-lo. A chave, então, é a necessidade de um vale ou cânion apropriado, não muito distante do primeiro, com água. Concentrar-se nessa necessidade é o que aproxima a pessoa do que ela quer. Concentrar-se outra vez na necessidade aproxima ainda mais. Cada passo aproxima mais, até que por fim a pessoa se vê não apenas dentro do vale, mas bem ao lado de onde encontrará água. Pode ser mais difícil para você, porque não sabe exatamente o que é que está buscando, mas a intensidade da necessidade pode compensar isso. E você faz uma ideia de onde está: nesse palácio. O perigo é esse, e você precisa estar atenta a ele. — A Sábia inclinou-se em direção a Nynaeve, concentrada, fazendo-se clara em suas palavras, tão penetrantes quanto seu olhar. — Cada passo é dado às cegas, com os olhos fechados. Você não tem como saber onde estará quando abrir os olhos. E não adianta nada encontrar a água se parar em cima de um ninho de víboras. As presas de uma rainha-da-montanha matam tão depressa nos sonhos quanto no mundo desperto. Acho que essas mulheres de quem Egwene fala matam mais depressa que a cobra.

— Eu fiz isso! — exclamou Egwene. Nynaeve sentiu-a pular quando as mulheres Aiel dispararam os olhares em sua direção. — Antes de conhecer

você — acrescentou mais que depressa. — Antes de irmos para Tear.

Necessidade. Nynaeve sentia mais afeição pelas mulheres Aiel agora que uma delas lhe fornecera algo de útil.

— Você tem de ficar de olho em Egwene — disse ela às duas, abraçando a mais jovem para demonstrar que falara de maneira carinhosa. — Você tem razão, Bair. Ela vai tentar fazer mais do que sabe. Sempre foi assim. — Por algum motivo, Bair arqueou uma sobrancelha branca para *ela*.

— Eu não acho que ela seja assim — disse Amys, em um tom seco. — É uma aluna obediente agora. Não é mesmo, Egwene?

A boca de Egwene se fechou, formando uma linha teimosa. Essas Sábias não a conheciam muito bem se acreditavam que uma mulher de Dois Rios podia ser considerada obediente. Ainda assim, não disse nada. Aquilo era inesperado. Tão difíceis quanto as Aes Sedai, ao que parecia, eram essas sábias Aiel.

A hora de que Nynaeve dispunha estava passando, e ela borbulhava de impaciência para testar o método de uma vez; se Elayne a acordasse, ela talvez levasse horas para voltar a dormir.

— Daqui a sete dias — disse — uma de nós vai vir encontrar você aqui de novo.

Egwene assentiu.

— Daqui a sete dias, Rand vai ter se apresentado aos chefes dos clãs como Aquele Que Vem Com a Aurora, e os Aiel todos o apoiarão. — Os olhos das Sábias tremularam sutilmente, e Amys ajeitou o xale; Egwene não reparou. — Só a Luz sabe o que ele pretende fazer depois disso.

— Daqui a sete dias — disse Nynaeve — Elayne e eu já vamos ter tirado das mãos daquelas mulheres o que Liandrin está procurando. — Do contrário, muito provavelmente a Ajah Negra conseguiria encontrar o que quer que fosse. E, pelo visto, as Sábias tinham tanta certeza de que os Aiel apoiariam Rand quanto Egwene tinha dos planos dele. Não existia certeza em lugar algum. De todo modo, não havia razão para sobrecarregar Egwene com mais dúvidas. — Quando uma de nós retornar para encontrar você, elas todas já estarão sendo levadas à Torre para julgamento.

— Tente tomar cuidado, Nynaeve. Sei que você não sabe como, mas mesmo assim tente. E também diga a Elayne que eu falei isso. Ela não é tão... valente... quanto você, mas chega perto. — Amys e Bair pousaram uma das mãos em cada ombro de Egwene, e as três desapareceram.

Tentar tomar cuidado? Que boba. Ela sempre tomava cuidado. O que Egwene pretendia dizer em vez de valente? Nynaeve cruzou os braços com força, em vez de puxar a trança. Decerto era melhor não saber.

Ela percebeu que não havia contado a Egwene sobre Egeanin. Talvez fosse melhor não suscitar em Egwene as lembranças do cativeiro. Nynaeve recordava muito bem os pesadelos que a outra mulher tivera durante semanas depois de ter sido solta, acordando aos gritos, dizendo que não seria acorrentada. Era melhor deixar esse assunto adormecido. Egwene não precisaria mesmo algum dia encontrar a Seanchan. *Que se queime aquela mulher! Que se queime Egeanin até virar cinzas! Que se queime!*

— Assim não estou usando o meu tempo com sabedoria — disse, em voz alta. As palavras ecoaram pelas colunas compridas. Com a partida das outras, as colunas pareciam ainda mais agourentas do que antes, um esconderijo para espreitadores e coisas prestes a pular nela. Era hora de partir.

Antes, porém, ela mudou os cabelos para um conjunto de tranças compridas e finas, e o vestido para um bem apertado de seda verde-escura. Um véu transparente lhe cobria a boca e o nariz, ondeando de leve quando ela respirava. Com uma careta, ela acrescentou contas de jade verde às tranças delgadas. Se alguma das irmãs Negras usasse o *ter'angreal* roubado para adentrar o Mundo dos Sonhos e a visse no Palácio da Panarca, pensaria tratar-se apenas de uma taraboniana que se transportara para lá em sonho, da forma mais costumeira possível. Algumas, no entanto, a conheciam de vista. Ela ergueu um punhado das tranças com contas e abriu um sorriso. Cor de mel. Não sabia que aquilo era possível. *Como será que eu estou? Será que elas ainda conseguem me reconhecer?*

De súbito um espelho de chão comprido surgiu ao lado de Callandor. No reflexo, seus grandes olhos castanhos se arregalaram de choque, sua boca de botão de rosa se escancarou. Ela tinha o rosto de Rendra! Suas feições mudavam, depois retornavam, os olhos e os cabelos se alteravam, mais escuros; com esforço, ela os transformou nos da estalajadeira. Agora ninguém a reconheceria. E Egwene achando que ela não sabia como tomar cuidado.

Fechou os olhos e se concentrou em Tanchico, no Palácio da Panarca, na necessidade. Algo perigoso para Rand, para o Dragão Renascido, necessidade... Ao redor, *Tel'aran'rhiod* mudou; ela *sentiu* uma guinada deslizante e abriu os olhos, ansiosa para ver o que havia encontrado.

Era um dormitório, grande como todos os seis do Jardim das Três Ameixeiras, as paredes de massa branca trabalhadas com frisos pintados, lampiões dourados pendurados no teto por correntes também douradas. Os compridos pilares da cama exibiam entalhes de galhos e folhas em um dossel sobre os colchões. Uma mulher que sequer chegara à meia-idade estava parada ao pé da cama, rija, encostada em um dos pilares; era de fato bastante encantadora, com aquele tipo de beicinho que a própria Nynaeve adotara. Por sobre as tranças escuras usava uma coroa de folhas de três pontas cravejada de rubis e pérolas, com uma pedra-da-lua maior que um ovo de ganso, e em seu pescoço pendia uma ampla estola que caía até os joelhos, com bordados de árvores em toda a extensão. Além de coroa e estola, a mulher usava apenas uma camada brilhante de suor.

Seus olhos trêmulos estavam fixos em uma segunda mulher, deitada confortavelmente em um sofá baixo. Esta segunda mulher estava de costas para Nynaeve, tão nebulosa quanto Egwene estivera antes. Era pequena e esguia; os cabelos escuros caíam soltos pelos ombros, e o vestido amarelo-claro de saias largas sem dúvida não era taraboniano. Nynaeve não precisava ver o rosto da mulher para saber que tinha grandes olhos azuis e um aspecto sagaz, tampouco era preciso ver as tramas de Ar prendendo a primeira à coluna da cama, para saber que estava olhando para Temaile Kinderode.

— ... aprender esse tanto quando você usa os seus sonhos em vez de desperdiçar o sono — dizia Temaile com um sotaque cairhieno, em meio a risadas. — Não está se divertindo? O que é que vou lhe ensinar agora? Já sei. “Eu amei mil marinheiros”. — Ela balançou um dedo em advertência. — Aprenda a letra toda bem direitinho, Amathera. Você sabe que eu não iria querer... o que é que você está olhando?

De repente Nynaeve percebeu que a mulher presa à coluna da cama — Amathera? A Panarca? — tinha os olhos cravados nela. Temaile se mexeu lentamente, como se fosse virar a cabeça.

Nynaeve fechou os olhos com força. Necessidade.

Mudança.

Apoiando-se contra a coluna estreita, Nynaeve tragou o ar como se tivesse corrido vinte milhas, sem sequer se perguntar onde estava. Seu coração batia feito um tambor ensandecido. Aquilo era de fato como aterrisar em um ninho de víboras. Temaile Kinderode. A irmã Negra que Amico dissera gostar de infligir dor, e ao ponto de suscitar o comentário de outra mulher da Ajah Negra. E ela ali, incapaz de canalizar uma faísca que fosse. Poderia ter acabado decorando uma daquelas colunas da cama ao lado de Amathera. *Luz!* Ela estremeceu, visualizando a cena. *Acalme-se, mulher! Você já saiu de lá, e mesmo que Temaile tenha visto você, viu uma mulher de cabelos cor de mel que sumiu, só uma taraboniana que adentrou Tel'aran'rhiod em sonho.* Decerto que Temaile não poderia ter notado Nynaeve por tempo suficiente para sentir sua capacidade de canalizar; mesmo sem conseguir, a habilidade estava presente e podia ser sentida por qualquer uma que também a tivesse. Apenas um instante. E, com sorte, insuficiente.

Pelo menos ela agora sabia qual era a situação de Amathera. Estava claro que a mulher não era aliada de Temaile. Esse método de busca já tinha valido a pena. Mas não fora o bastante, ainda não. Controlando o máximo possível a respiração, ela olhou ao redor.

Fileiras de finas colunas brancas corriam por toda a largura e extensão de um imenso aposento, quase quadrado, com chão de pedras polidas brancas, bem lisas, e teto alto cheio de lustres com ornamentos dourados. Uma corda grossa de seda branca corria ao longo do salão, presa em estacas de madeira escura polida, na altura dos quadris, menos onde teriam bloqueado os arcos de duas pontas de entrada. Nas paredes se viam fileiras de prateleiras, armários abertos e ossos de bestas exóticas, além de haver outros mostradores no chão, também isolados por cordas. O principal salão de exposições do palácio, segundo a descrição de Egwene. O que ela buscava devia estar naquele exato aposento. Seu próximo passo não seria tão cego quanto o primeiro; certamente não havia ali nenhuma víbora, nenhuma Temaile.

De repente, uma mulher vistosa surgiu ao lado de um estojo de vidro com quatro pés entalhados, no meio do cômodo. Não era uma taraboniana. Seus cabelos escuros caíam em ondas sobre os ombros, mas não foi isso o que fez o queixo de Nynaeve desabar. O vestido da mulher era meio indistinto, ora prateado e opaco, ora cinza e tão transparente que revelava com clareza seu corpo, braços e pernas. Fosse lá de que canto o sonho da mulher a tivesse

trazido, ela sem dúvida tinha uma imaginação bastante vívida para conceber aquilo! Nem os vestidos escandalosos das domanesas de que Nynaeve ouvira falar se igualavam àquele.

A mulher sorriu para o estojo de vidro, depois continuou avançando pelo salão e parou no canto oposto para examinar alguma coisa que Nynaeve não conseguia distinguir, algo escuro que havia sobre um suporte de pedra branca.

De cenho franzido, Nynaeve abriu a mão que agarrava um punhado de tranças cor de mel. A mulher iria desaparecer a qualquer momento; poucos que adentravam *Tel'aran'rhiod* em sonho permaneciam por muito tempo. Naturalmente, não importaria se a mulher a visse; ela decerto não era nenhuma da lista de irmãs Negras. No entanto, parecia, de certa forma... Nynaeve percebeu que havia agarrado mais um punhado de tranças. A mulher... A mão de Nynaeve deu um puxão, por vontade própria — e com força — e ela a encarou, estupefata; as juntas estavam brancas, a mão estremecia. Era quase como se pensar naquela mulher... A mão, no braço trêmulo, tentou puxar o cabelo outra vez. *Por quê, sob a Luz?*

A mulher obscura ainda permanecia parada na frente do distante pedestal branco. O tremor do braço de Nynaeve subiu para o ombro. Era claro que ela nunca tinha visto a mulher antes. No entanto... Ela tentou abrir os dedos; eles apenas se fecharam com mais força. Sem dúvida nunca tinha visto. Tremendo dos pés à cabeça, envolveu o corpo com o braço livre. Sem dúvida... Seus dentes queriam tiritar. A mulher parecia... Ela quis chorar. A mulher...

Imagens irromperam em sua cabeça, em uma explosão; ela afundou junto à coluna a seu lado, como se as imagens tivessem força física; seus olhos se arregalaram. Ela viu a cena outra vez. A Câmara das Flores Caídas e aquela mulher bonita e vigorosa, rodeada pelo brilho tênue de *saidar*. Ela própria e Elayne, tagarelando feito crianças, brigando para responder primeiro, despejando tudo o que sabiam. O quanto teriam revelado? Era difícil lembrar os detalhes, mas ela se recordava vagamente de ter guardado algumas coisas. Não deliberadamente; teria dito qualquer coisa à mulher, feito qualquer coisa que pedisse. Seu rosto ficou quente de vergonha e raiva. Se ela tinha sido capaz de omitir qualquer fragmento, fora porque estivera tão... *ansiosa*... para responder cada pergunta, que ignorara a anterior.

Não faz sentido, disse uma vozinha bem no fundo de sua cabeça. *Se ela é alguma irmã Negra da qual eu não estou sabendo, por que é que não nos entregou a Liandrin? Ela poderia. Nós teríamos ido com ela feito cordeirinhos.*

A raiva inconsciente não a deixava escutar. Uma irmã Negra a fizera dançar feito uma marionete, depois pedira que ela esquecesse. Ordenara que ela esquecesse. E ela esquecera! Bem, agora a mulher iria descobrir como era encontrá-la bem preparada e advertida!

Antes que ela conseguisse tocar a Fonte Verdadeira, Birgitte surgiu subitamente ao lado da coluna próxima, vestindo seu casaco branco curto e as calças amarelas pregueadas nos tornozelos. Birgitte ou alguma mulher sonhando que era Birgitte, com os cabelos dourados em uma trança

elaborada. Com um dedo pressionado nos lábios em sinal de advertência, apontou para Nynaeve, depois com urgência na direção de uma das entradas em arco duplo que havia atrás. Com seus convincentes olhos azul-claros, a mulher desapareceu.

Nynaeve sacudiu a cabeça. Quem quer que fosse a mulher, não havia tempo. Ela se abriu para *sair*, e deu um giro, quase transbordando com o Poder Único e uma ira justificada. A mulher nebulosa tinha ido embora. Embora! Porque aquela loura idiota a havia distraído! Talvez ainda estivesse por ali, esperando por ela. Envolta no Poder, avançou pela entrada que a mulher indicara.

A mulher de cabelos dourados aguardava em um corredor luminoso e acarpetado, onde lampiões dourados apagados exalavam o aroma de óleo perfumado. Ela agora segurava um arco prateado, e uma aljava com flechas prateadas pendia de sua cintura.

— Quem é você? — inquiriu Nynaeve furiosamente. Daria à mulher uma chance de se explicar. Depois lhe daria uma lição que ela não esqueceria tão cedo! — Você é a mesma idiota que atirou em mim no Deserto, alegando que era Birgitte? Eu estava prestes a ensinar boas maneiras a uma integrante da Ajah Negra quando você a deixou escapar!

— Eu sou Birgitte — disse a mulher, inclinando-se sobre o próprio arco. — Pelo menos esse é o nome que você reconheceria. E a lição poderia ter sido sua, sem dúvida tanto aqui quanto na Terra da Trindade. Recordo as vidas que vivi como se fossem livros bem-lidos, as mais antigas mais nebulosas que as mais recentes, mas me lembro muito bem de quando lutei ao lado de Lews Therin. Jamais esquecerei o rosto de Moghedien, assim como não esquecerei o de Asmodean, o homem que você quase perturbou em Rhuidean.

Asmodean? Moghedien? Aquela mulher era uma Abandonada? Uma Abandonada em Tanchico. E um em Rhuidean, no Deserto! Egwene sem dúvida teria dito alguma coisa, se soubesse. Não havia como adverti-la, não nos próximos sete dias. A raiva — e *sair* — irrompeu dentro dela.

— O que é que você está fazendo aqui? Eu sei que vocês todos desapareceram depois que a Trombeta de Valere os chamou, mas você está... — Ela foi baixando a voz, um pouco desconcertada com o que estivera prestes a dizer, mas a outra mulher completou a frase tranquilamente para ela.

— Morta? Aqueles de nós que estão ligados à Roda não morrem da mesma forma que os outros. Que lugar melhor há para esperarmos até que a Roda nos teça em novas vidas do que no Mundo dos Sonhos? — Birgitte soltou uma risada súbita. — Estou começando a falar feito uma filósofa. Em quase todas as vidas sou capaz de lembrar que nasci como uma simples garota que escolheu o arco. Sou uma arqueira, nada mais.

— Você é a heroína de cem histórias — disse Nynaeve. — E eu vi o que as suas flechas fizeram em Falme. As Seanchan canalizando não atingiram você. Birgitte, nós estamos enfrentando quase uma dúzia da Ajah Negra. E um dos Abandonados também, ao que parece. A sua ajuda pode nos ser muito útil.

A outra mulher fez uma careta, incomodada e pesarosa.

— Eu não posso, Nynaeve. Não posso tocar o mundo da carne, a não ser que a Trombeta me chame outra vez. Ou que a Roda me teça para fora. Se isso acontecesse agora, você encontraria apenas uma criança choramingando no seio da mãe. Em relação a Falme, a Trombeta nos chamou; não estávamos lá como você, em carne e osso. Por isso o Poder não pôde nos tocar. Já aqui, *tudo* faz parte do sonho, e o Poder Único me destruiria com tanta facilidade quanto a você. Mais, até. Eu lhe disse; sou uma arqueira, um soldado de ocasião, nada mais. — Sua complexa trança dourada balançou quando ela sacudiu a cabeça. — Não sei por que estou explicando. Eu não devia nem estar falando com você.

— Por que não? Já falou comigo antes. E Egwene achou que tinha visto você. Era você, não era? — Nynaeve franziu o cenho. — Como é que sabe o meu nome? Você simplesmente *sabe* as coisas?

— Eu sei o que vejo e ouço. Via e ouvia você sempre que conseguia encontrá-la. Você, as duas outras mulheres e o rapaz com os lobos. Segundo as normas, não podemos falar com ninguém que saiba que está em *Tel'aran'rhod*. E, ainda assim, o mal caminha no sonho tanto quanto no mundo da carne; vocês que o combatem me atraem. Mesmo sabendo que não sou capaz de fazer nada, eu me pego querendo ajudar vocês. Mas não posso. Isso viola as normas, as normas que me conservam há tantas e tantas voltas da Roda, que me permitem, mesmo nas memórias mais antigas e desbotadas, saber que já vivi cem outras vezes, ou mil. Falar com você viola normas sólidas como leis.

— É verdade — disse uma voz dura e masculina.

Nynaeve deu um salto e quase disparou um golpe com o Poder. O homem era escuro e muito musculoso e forte, e com longos cabos de duas espadas enfiadas por detrás dos ombros foi caminhando na direção de Birgitte, que estava a poucas passadas do ponto de onde ele surgira. Com o que ela ouvira de Birgitte, as espadas eram o bastante para identificá-lo como Gaidal Cain, mas enquanto Birgitte, de pele clara e cabelos louros, era tão bela quanto nas histórias, ele definitivamente não era. Na verdade, talvez fosse o homem mais feio que Nynaeve já vira, o rosto largo e chato, o nariz imenso e pesadão, e a boca um talho, esgarçada demais. Birgitte sorriu para o homem, no entanto; seu toque no rosto dele carregava mais do que afeição. Foi uma surpresa ver que ele era o mais baixo. Troncudo e musculoso, de movimentos vigorosos, o homem dava a impressão de ser mais alto do que era.

— Nós estivemos ligados quase sempre — disse Birgitte a Nynaeve, sem tirar os olhos dos de Cain. — Ele costuma nascer logo antes de mim, por isso sei que a minha hora está chegando outra vez quando não consigo encontrá-lo, e normalmente eu o odeio da primeira vez que o vejo encarnado. Mas nós quase sempre terminamos amantes ou casados. Uma história simples, mas creio que já a tenhamos prolongado com mil variações.

Cain ignorou Nynaeve como se ela não existisse.

— As regras existem por uma razão, Birgitte. Ninguém conseguiu nada além de problemas e discórdia ao infringi-las. — A voz dele era mesmo dura, Nynaeve percebeu. Nada parecida com a do homem das histórias.

— Talvez eu não consiga ficar sentada enquanto o mal segue lutando — disse Birgitte, baixinho. — Ou talvez eu simplesmente anseie pela carne de novo. Faz muito tempo desde que nascemos pela última vez. A Sombra ascende novamente, Gaidal. Ascende aqui. Temos de combatê-la. É por essa razão que estamos ligados à Roda.

— Quando a Trombeta nos convocar, nós vamos lutar. Quando a Roda nos tecer, nós vamos lutar. Até lá, não! — Ele a encarou, furioso. — Você se esqueceu da promessa de Moghedien quando fomos atrás de Lews Therin? Eu a vi, Birgitte. Ela vai reconhecer você aqui.

Birgitte virou-se para Nynaeve.

— Vou ajudá-la como puder, mas não espere muita coisa. *Tel'aran'rhiad* é o meu mundo inteiro, e aqui eu posso fazer menos do que você.

Nynaeve piscou; o homem forte e escuro não havia se mexido, não que ela tivesse visto, mas ele de súbito parou a duas passadas de distância, passando uma pedra de amolar em uma de suas espadas, com um som suave e sedoso de raspagem. Claramente, até onde ele sabia, Birgitte estava conversando com o ar.

— O que você pode contar sobre Moghedien, Birgitte? Eu preciso saber tudo o que puder, para enfrentá-la.

Inclinando-se sobre o arco, Birgitte franziu o cenho, pensativa.

— Enfrentar Moghedien é difícil, e não é só porque ela é uma Abandonada. Ela se esconde e não se arrisca. Só ataca onde enxerga fraquezas e se move apenas nas sombras. Se ela teme a derrota, foge, não é do tipo que luta até o fim, mesmo quando se apresenta a chance de vitória. Uma chance não basta para Moghedien. Mas não a leve na brincadeira. Ela é uma serpente enrolada na grama alta, aguardando o momento de dar o bote, e tem menos compaixão do que uma cobra. Especialmente aqui, não a subestime. Lanfear sempre reivindicou a posse de *Tel'aran'rhiad*, mas aqui Moghedien podia fazer muito mais coisas do que Lanfear, embora não tenha a mesma força no mundo da carne. Acho que ela não correria o risco de confrontar Lanfear.

Nynaeve estremeceu, o medo lutando com a raiva que a permitia reter o Poder. Moghedien. Lanfear. Essa mulher falava dos Abandonados com tanta naturalidade.

— Birgitte, o que foi que Moghedien prometeu a você?

— Ela sabia o que eu era, ainda que eu não soubesse. Como, eu não sei. — Birgitte olhou Cain; ele parecia absorto na própria espada, mas ela baixou a voz mesmo assim. — Ela prometeu me fazer chorar sozinha enquanto a Roda girar. Como se fosse um fato que simplesmente ainda não aconteceu.

— E mesmo assim você está disposta a ajudar.

— Como eu puder, Nynaeve. Lembre que eu lhe disse para não esperar muita coisa. — Mais uma vez ela olhou o homem que aafiava a espada. — Nós vamos nos encontrar de novo, Nynaeve. Se você tomar cuidado e sobreviver. — Erguendo o arco de prata, ela pôs um braço em torno dos ombros de Cain e murmurou em seu ouvido. Fosse lá o que tivesse dito, Cain estava rindo quando os dois desapareceram.

Nynaeve balançou a cabeça. Cuidado. Todos a estavam mandando tomar cuidado. Uma heroína lendária que dizia poder ajudar, mas que não havia muito a fazer. E um dos Abandonados em Tanchico.

Pensar em Moghedien, no que a mulher fizera a ela, fortaleceu sua ira até que o Poder Único estivesse ardendo feito o sol em seu corpo. Abruptamente ela se viu de volta no imenso salão onde estivera antes, quase desejando que a mulher tivesse retornado. Porém, o salão estava vazio de vida exceto por ela mesma. A fúria e o Poder estrondeavam tanto dentro dela que parecia que sua pele iria enegrecer em chamas. Moghedien, ou qualquer uma das irmãs Negras, podia teria mais facilidade de senti-la se ela estivesse agarrada ao Poder, mas ela o agarrou mesmo assim. Quase desejava ser encontrada, para que pudesse atacá-las. Temaile muito provavelmente ainda estava em *Tel'aran'rhiod*. Se ela retornasse àquele dormitório, poderia acabar com Temaile de uma vez por todas. Poderia acabar com Temaile... e mandar um aviso às outras. Foi o bastante para fazê-la rsnar.

O que fizera Moghedien sorrir? Ela avançou a passos firmes até o estojo, uma grande caixa de vidro em uma mesa entalhada, e espiou do lado de dentro. Havia estatuetas descombinadas em um círculo abaixo do vidro. Uma mulher nua de um pé de altura se equilibrava nos dedos de um dos pés, dançando, de silhueta toda harmoniosa, e um pastor de menos da metade do tamanho dela, tocando gaita, com o cajado no ombro e uma ovelha a seus pés; estatuetas tão comuns quanto quaisquer outras. No entanto, ela não teve dúvidas a respeito do que atraía o sorriso da Abandonada.

No centro do círculo, um suporte de madeira em laca vermelha continha um disco do tamanho da mão de um homem, dividido em duas metades por uma linha sinuosa, um lado cintilando mais branco que a neve, o outro mais negro que piche. Era feito de *cuendillar*, ela sabia; já vira outros parecidos, e somente sete haviam sido feitos. Um dos selos da prisão do Tenebroso; um foco para uma das trancas que o mantinham alijado do mundo, em Shayol Ghul. Essa talvez fosse uma descoberta tão importante quanto a respeito do que ameaçava Rand. Aquilo tinha de ficar longe da Ajah Negra.

De súbito ela tomou consciência do próprio reflexo. A tampa do estojo era do vidro mais delicado, sem bolhas, e refletia uma imagem tão clara quanto um espelho, ainda que mais desbotada. Pedacos de seda verde-escura lhe cobriam o corpo de modo a revelar cada curva de seus seios, quadris e coxas. Tranças compridas cor de mel repletas de contas de jade emolduravam um rosto com grandes olhos castanhos e um beicinho carnudo. O brilho tênue de *saidar* não aparecia, claro. Disfarçada de maneira irreconhecível a si própria, ela caminhava quase com uma placa que indicava: “Aes Sedai”.

— Eu *consigo* ser cuidadosa — resmungou ela. Ainda assim, aguentou mais um instante. O Poder que a preenchia era como vida borbulhando em seus membros, todos os prazeres que ela algum dia conhecera penetrando sua carne. Por fim sentiu-se tão boba que sua raiva foi consumida a ponto de permiti-la soltar o Poder. Ou talvez atenuada a ponto de ela não ser mais capaz de segurá-lo.

Qualquer que fosse a razão, aquilo não ajudava sua busca. O que ela estava procurando tinha de estar em algum lugar daquele imenso salão, entre aqueles expositores. Ela desviou os olhos do que pareciam os ossos de um lagarto cheio de dentes de dez passadas de comprimento, e então os fechou. Necessidade. Perigo para o Dragão Renascido, para Rand. Necessidade.

Mudança.

Ela se viu parada do lado de dentro da corda branca de seda que contornava as paredes, com a base de um pedestal de pedra branca lhe tocando o vestido. O que havia em cima não parecia tão perigoso ao primeiro olhar — um colar e dois braceletes com juntas de metal negro — mas ela não podia chegar mais perto do que estava. *A não ser que eu me sente em cima*, ela pensou, com ironia.

Nynaeve esticou a mão para tocar os objetos — *Dor. Mágoa. Sofrimento.* — e deu um pulo para trás, arquejante, as emoções brutais ainda ecoando em seu pensamento. Até a mais leve dúvida esvaneceu. Era isso o que a Ajah Negra estava caçando. E, se o objeto ainda jazia sobre este pedestal em *Tel'aran'rhiod*, também estava ali no mundo desperto. Ela as havia derrotado. Aquele pedestal de pedra branca.

Com um giro, ela encarou o estojo de vidro que continha o lacre de *cuendillar* e localizou o ponto onde estivera parada da primeira vez em que vira Moghedien. A mulher estava encarando o mesmo pedestal, os braceletes e a coleira. Era claro que Moghedien sabia. Mas...

Tudo ao redor começou a girar e embaçar, desaparecendo.

* * *

— Acorde, Nynaeve — murmurou Elayne, abafando um bocejo enquanto sacudia os ombros da mulher adormecida. — Já deve ter passado uma hora. Quero dormir um pouco também. Acorde, senão vai ver como é bom ter a cabeça enfiada em um balde d'água.

Nynaeve arregalou os olhos e encarou a outra.

— Se ela sabe o que é, por que não entregou a elas? Se elas sabem quem *ela* é, por que é que ela tem de procurar o objeto em *Tel'aran'rhiod*? Será que ela também está se escondendo delas?

— Do que é que você está falando?

Com as tranças sacudindo enquanto ela se remexia para se sentar, com a cabeça encostada na cabeceira da cama, Nynaeve ajeitou a roupa de baixo com força.

— Vou contar do que é que estou falando.

O queixo de Elayne foi caindo à medida que Nynaeve revelava a história sobre o desenrolar de seu encontro com Egwene. Procurando com necessidade. Moghedien. Birgitte e Gaidal Cain. O colar e os braceletes de metal negro. Asmodean no Deserto. Um dos selos da prisão do Tenebroso no Palácio da Panarca. Elayne já estava afundada no canto do colchão, sem

forças, bem antes que Nynaeve chegasse a Temaile e à Panarca, praticamente jogadas à trama como uma lembrança tardia. E a mudança de aparência, o disfarce de Rendra. Se o rosto de Nynaeve não estivesse tão sério e soturno, Elayne teria pensado que se tratava de alguma história maluca de Thom.

Egeanin, sentada de pernas cruzadas, vestida nas roupas de baixo de linho, as mãos nos joelhos, parecia bastante incrédula. Elayne esperou que Nynaeve não começasse uma briga porque ela havia soltado os pulsos da mulher.

Moghedien. Essa era a parte mais horrenda. Uma Abandonada em Tanchico. Uma Abandonada trançando o Poder em torno delas duas, fazendo-as revelar tudo. Elayne não conseguia se lembrar de nada daquilo. O pensamento foi suficiente para fazê-la apertar o estômago com as duas mãos, subitamente enjoada.

— Eu não sei se Moghedien — *Luz, ela pôde mesmo simplesmente ter entrado e nos feito...* — está se escondendo de Liandrin e das outras, Nynaeve. Pode ser, pelo que Birgitte — *Luz, Birgitte dando conselhos!* — disse a respeito dela.

— Seja lá o que Moghedien estiver aprontando — disse Nynaeve, em um tom rígido — pretendo deixar dela só os ossos. — Ela se apoiou contra a cabeceira da cama com entalhes de flores. — Em todo caso, precisamos manter esse selo bem longe delas, assim como o colar e os braceletes.

Elayne balançou a cabeça.

— Como é que umas joias podem representar perigo a Rand? Você tem certeza? Será que são algum tipo de *ter'angreal*? Como era exatamente o aspecto delas?

— Eram um colar e braceletes — vociferou Nynaeve, exasperada. — Dois braceletes articulados feitos de algum metal preto, e um colar largo, feito uma coleira preta... — Os olhos dela saltaram para Egeanin, porém não antes dos de Elayne.

Impassível, a mulher de cabelos escuros ajoelhou-se e sentou nos calcanhares.

— Nunca ouvi falar de um *a'dam* feito para um homem, nem de um parecido com o que você descreveu. Ninguém tenta controlar um homem capaz de canalizar.

— É exatamente para isso que aquilo serve — respondeu Elayne lentamente. *Ah, Luz, acho que eu tinha a esperança de que isso não existisse.* Pelo menos Nynaeve havia encontrado antes; pelo menos elas tinham a chance de impedir que aquilo fosse usado contra Rand.

Nynaeve apertou os olhos ao perceber as mãos livres de Egeanin, mas não disse nada.

— Moghedien deve ser a única que sabe. Do contrário, não faz nenhum sentido. Se encontrarmos um jeito de entrar no palácio, conseguimos pegar o selo e o... seja lá que nome tenha isso. E, se conseguirmos libertar Amathera também, Liandrin e as camaradas dela vão encontrar a Legião da Panarca, a Guarda Civil e talvez os Mantos-brancos fechando o cerco. Elas não vão conseguir escapar canalizando! O problema é a gente entrar sem que ninguém perceba.

— Eu andei tendo umas ideias em relação a isso — disse Elayne — mas receio que os homens vão nos criar alguns empecilhos.

— Deixe os homens comigo. — Nynaeve retrucou. — Eu... — Uma algazarra se ergueu no corredor, e um homem gritou; na mesma rapidez, o silêncio se abateu novamente. Thom estava de vigia do lado de fora.

Elayne deu um salto para abrir a porta, abraçando *saidar* ao sair em disparada, mas Nynaeve se arrastou da cama logo atrás dela. Egeanin também.

Thom estava se levantando, com uma das mãos na cabeça. Juilin, com seu bastão, e Bayle Domon, com seu porrete, se encontravam em cima de um homem de cabelos loiro-claros caído de cara no chão, inconsciente.

Elayne correu até Thom e tentou delicadamente ajudá-lo a se levantar. Ele retribuiu com um sorriso de gratidão, mas afastou as mãos da moça, de um jeito teimoso.

— Eu estou muito bem, criança. — Muito bem? O homem estava com um galo na cabeça! — O sujeito veio pelo corredor e de repente me deu um chute na cabeça. Estava atrás da minha bolsa, eu suponho. — Simples assim. Tinha levado um chute na cabeça e estava bem.

— E teria conseguido levar a bolsa — disse Juilin — se eu não tivesse vindo ver se Thom queria dar uma descansada.

— Se *eu* não tivesse — resmungou Domon. A hostilidade entre os dois parecia um pouco atenuada, para variar.

Elayne levou apenas um instante para perceber o motivo. Nynaeve e Egeanin estavam no corredor, de roupas de baixo. Juilin encarava as duas, com uma expressão de aprovação que teria causado problemas se Rendra visse, mas pelo menos o homem estava tentando não ser muito óbvio. Domon não se esforçou nem um pouco para disfarçar sua honesta avaliação de Egeanin, cruzando os braços e fazendo um nojento beicinho enquanto a olhava de cima a baixo.

A situação logo ficou clara para as outras mulheres, mas as três tiveram reações bastante diferentes. Nynaeve, vestida na fina seda branca, disparou ao caçador de ladrões um olhar irritadiço e saiu andando a passos firmes para o quarto, enfiando o rosto meio ruborizado de volta pela porta. Egeanin, cujo vestido de baixo de linho era consideravelmente mais comprido e grosso do que o de Nynaeve — Egeanin, que se mantivera fria e serena durante seu cativeiro, que lutara feito um Guardião — arregalou os olhos e corou furiosamente, prendendo a respiração, horrorizada. Elayne encarou, estupefata, quando a Seanchan soltou um ganido mortificado e *pulou* de volta para dentro.

Portas se abriram de repente, e as cabeças que despontaram no corredor desapareceram no mesmo instante, fechando as portas atrás de si, diante da visão de um homem estirado no chão e outros parados de pé por cima dele. O som de algo pesado se arrastando sugeriu que o povo estava se protegendo do lado de dentro, com camas e armários.

Longos instantes depois, Egeanin enfim espreitou pelo lado oposto a Nynaeve, ainda vermelha até a raiz dos cabelos. Elayne realmente não compreendia. A mulher estava de roupas de baixo, verdade, mas quase tão

coberta quanto Elayne no vestido de taraboniana. Ainda assim, Juilin e Domon não tinham o direito de cobiçá-la. Ela disparou aos dois um olhar severo que os poria imediatamente em seus devidos lugares.

Infelizmente, Domon estava muito ocupado dando risadinhas e esfregando o lábio superior para perceber. Pelo menos Juilin chegou a ver, mesmo soltando um suspiro pesado, como os homens faziam quando consideravam que estavam sendo injustiçados. Evitando os olhos dela, ele se inclinou para alcançar as costas do camarada louro. Um homem bastante bonito, esbelto.

— Eu conheço esse sujeito! — exclamou Juilin. — Esse é o homem que tentou me roubar. Ou pelo menos foi o que eu pensei — acrescentou, mais lentamente. — Não acredito em coincidências. Não, a menos que o Dragão Renascido esteja na cidade.

Elayne e Nynaeve trocaram olhares carrancudos. Sem dúvida o estranho não estava a serviço de Liandrin; a Ajah Negra não usaria homens para vigiar os corredores em segredo... assim como não contrataria brigões de rua. Elayne desviou o olhar para Egeanin, de forma indagativa. O de Nynaeve era ainda mais inquisidor.

— Ele é Seanchan — disse Egeanin, depois de um instante.

— Uma tentativa de resgate? — perguntou Nynaeve, em um murmúrio seco, mas a outra mulher balançou a cabeça.

— Não duvido que ele estivesse procurando por mim, só que não para me resgatar, eu acho. Se ele estiver sabendo, ou sequer suspeitar, que eu libertei Bethamin, ia querer vir... conversar comigo. — Elayne imaginou que fosse mais do que conversar, o que foi confirmado quando Egeanin acrescentou: — Talvez seja melhor se vocês o degolarem. Ele pode tentar causar problemas a vocês também, se considerar que são meus amigos ou se descobrir que vocês são Aes Sedai. — O grande contrabandista illianense disparou a ela um olhar chocado, e o queixo de Juilin quase desabou no peito. Thom, por outro lado, assentiu, de forma pensativa e perturbadora.

— Não estamos aqui para degolar nenhum Seanchan — disse Nynaeve, como se pudesse mudar de ideia mais tarde. — Bayle, Juilin, levem o homem lá para fora, para o beco atrás da estalagem. Quando ele acordar, vai ter sorte se ainda estiver com as roupas de baixo. Thom, vá encontrar Rendra e diga a ela que queremos um chá bem forte na Câmara das Flores Caídas. E pergunte se ela tem casca de salgueiro ou acem; vou preparar alguma coisa para a sua cabeça. — Os três homens a encararam. — Ora, mexam-se! — vociferou ela. — Nós temos planos a fazer! — Ela mal deu a Elayne tempo de voltar para dentro antes de fechar a porta com um baque e começar a pôr o vestido pela cabeça. Egeanin se enfiou dentro das roupas como se os homens ainda a estivessem encarando.

— A melhor coisa é ignorar, Egeanin — disse Elayne. Era estranho dar conselhos a uma pessoa mais velha que Nynaeve. No entanto, por mais competente que a Seanchan fosse em outros aspectos, estava claro que ela sabia pouco sobre os homens. — Do contrário, você só vai encorajá-los. Eu não

sei por quê — admitiu — mas é assim. Sua roupa estava bastante decente. De verdade.

A cabeça de Egeanin surgiu na parte de cima do vestido.

— Decente? Eu não sou uma serviçal. Não sou nenhuma dançarina de shea! — A carranca da mulher se transformou em um olhar de desagrado e perplexidade. — Na verdade, ele até que é bem bonito. Eu não tinha percebido isso antes.

Perguntando-se o que seria uma dançarina de shea, Elayne foi ajudá-la com os botões.

— Vai dar motivo para Rendra falar, se permitir que Juilin flerte com você.

A mulher de cabelos escuros disparou um olhar surpreso por cima do ombro.

— O caçador de ladrões? Eu estava falando de Bayle Domon. Um homem de porte muito adequado. Mas contrabandista. — Ela soltou um suspiro, lamentosa. — Um fora da lei.

Elayne supunha que gosto não se discutia — Nynaeve sem dúvida amava Lan, e o homem era intimidador e empedernido até demais — mas Bayle Domon? O sujeito parecia um armário, quase tão grande quanto um Ogier!

— Está parecendo Rendra com essa tagarelice, Elayne — vociferou Nynaeve. Com dificuldade, ela tentava fechar o vestido, as duas mãos nas costas. — Se já terminaram de falar abobrinhas sobre homens, talvez não se incomodem de pular o assunto da costureira nova que vocês encontraram? Temos planos a fazer. Se esperarmos até estarmos com os homens, eles vão tentar assumir o controle, e eu não estou com a menor vontade de perder tempo colocando aqueles lá em seus devidos lugares. Já terminou com ela? Também estou precisando de ajuda aqui.

Elayne fechou depressa o último botãozinho de Egeanin, depois foi calmamente até Nynaeve. Ela *não* ficava falando sobre homens e vestidos. Nem perto de quanto Rendra falava. Afastando as tranças, Nynaeve lhe disparou uma carranca quando ela puxou com força o vestido para abotoá-lo. A fileira tripla e estreita de botões que subia pelas costas era necessária, não um simples ornamento. Nynaeve *realmente* deixava Rendra convencê-la a usar os corpetes mais apertados, que estavam na moda. E depois dizia que *os outros* passavam o tempo todo pensando em roupas. Ela certamente pensava em outras coisas.

— Andei pensando em como podemos entrar no palácio sem ser notadas, Nynaeve. Podemos ficar quase invisíveis.

Enquanto ela falava, a carranca de Nynaeve se suavizou. A própria Nynaeve havia imaginado um meio de entrar no palácio. Quando Egeanin deu algumas sugestões, Nynaeve apertou os lábios, mas as ideias eram sensatas, e nem ela foi capaz de rejeitá-las por completo. Ao terminarem de se aprontar para descer até a Câmara das Flores Caídas, as três já haviam combinado um plano e não tinham a menor intenção de deixar os homens mudarem absolutamente nada. Fosse Moghedien, a Ajah Negra, ou quem quer que estivesse comandando as coisas no Palácio da Panarca, iria perder o prêmio antes mesmo de saber o que havia acontecido.



O PREÇO DE UMA PARTIDA

Apenas três velas e dois lampiões iluminavam o salão da estalagem Fonte de Vinho, já que o estoque de velas e de óleo estava baixo. As lanças e outras armas tinham sumido das paredes, e o barril que continha espadas antigas estava vazio. Os lampiões estavam dispostos em duas das mesas empurradas juntas para a frente da comprida lareira de pedra, onde Marin al'Vere, Daise Congar e outras integrantes do Círculo das Mulheres repassavam listas da pouca comida que restava em Campo de Emond. Perrin tentava não ouvir.

Em outra mesa, a pedra de amolar de Faile produzia um som baixinho de *vush-vush* enquanto a mulher afiava uma de suas facas. Diante dela havia um arco, e uma aljava de cerdas pendia do cinto. Ela acabara revelando ter uma mira bastante boa, mas Perrin esperava que Faile jamais descobrisse que o arco era infantil. Ela não seria capaz de empunhar um arco longo masculino de Dois Rios, por mais que se recusasse a admitir.

Mudando o machado de posição para não machucar a lateral do corpo, Perrin voltou a atenção ao que estava debatendo com os homens ao redor da mesa. Não que todos estivessem mantendo a atenção onde deveriam.

— Elas têm lampiões — resmungou Cenn — e a gente tem que se virar com cera derretida. — O velho resmungão cravou os olhos no par de velas em candelabros de latão.

— Deixe para lá, Cenn — respondeu Tam, em um tom cansado, puxando o cachimbo e a bolsa de tabaco de trás do cinturão. — Deixe para lá uma vez na vida.

— Se tivéssemos que ler ou escrever — completou Abell, com a voz menos paciente do que as palavras — teríamos lampiões. — Uma atadura estava enrolada em suas têmporas.

Como se para lembrar ao telhador de que ele era o Prefeito, Bran ajustou o medalhão de prata com duas graduações pendurado no peitoral largo.

— Atenha-se ao assunto em pauta, Cenn. Não vou dar corda para você gastar o tempo de Perrin.

— Eu só acho que a gente deveria ter lampiões — reclamou Cenn. — Perrin me diria se eu estivesse gastando o tempo dele.

Perrin suspirou. A noite tentava fechar suas pálpebras. Desejou que fosse a vez de outra pessoa representar o Conselho da Aldeia, Haral Luhhan, Jon Thane, Samel Crowe ou qualquer um que não Cenn, com aquelas reclamações sem importância. Por outro lado, às vezes desejava que um daqueles homens virasse para ele e dissesse: *“Isso é assunto para o Prefeito e o Conselho, rapazinho. Você faça o favor de voltar para a forja. Depois lhe diremos o que fazer.”* Em vez disso, os homens estavam preocupados com fazê-lo perder tempo, falavam cheios de dedos. Tempo. Quantos ataques aconteceram nos sete dias que se passaram desde aquele primeiro? Já não tinha certeza.

A atadura na cabeça de Abell deixava Perrin irritado. As Aes Sedai estavam Curando apenas os ferimentos mais graves. Caso o sujeito conseguisse sobreviver sem Cura, deixavam como estava. Não que ainda houvesse muita gente gravemente ferida, mas, como observara Verin, com amargura, até a força das Aes Sedai tinha limite. Ao que parecia, o truque com as pedras das catapultas exigira tanto quanto a Cura. Para variar, ele não queria ser lembrado dos limites da força das Aes Sedai. Não havia muitos com ferimentos feios. Ainda.

— Como estamos com as flechas? — perguntou. Era nisso que deveria estar pensando.

— Bastante bem — respondeu Tam, acendendo o cachimbo com uma das velas. — Ainda recuperamos a maior parte das que disparamos, pelo menos à luz do dia. À noite, eles arrastam muitos mortos para longe. Imagino que sirvam de forragem para as panelas... Com isso, acabamos perdendo as flechas.

Os outros homens também puxavam cachimbos e tabaco das bolsas e bolsos dos casacos, e Cenn murmurava que achava que tinha esquecido a bolsa. Resmungando, Bran passou a dele adiante, a cabeça careca reluzindo à luz das velas.

Perrin coçou a testa. O que pretendia perguntar em seguida? As estacas. Agora havia luta nas estacas na maioria dos ataques, sobretudo à noite. Quantas vezes os Trollocs quase invadiram? Três? Quatro?

— Alguém ainda tem lança ou algum tipo de arma de haste? O que sobrou para fabricar mais? — A resposta foi silêncio, e ele baixou a mão. Os outros homens o encaravam.

— Você perguntou isso ontem — respondeu Abell, com delicadeza. — E Haral explicou que não tem mais nenhuma foice ou ancinho na aldeia que não tenha sido transformado em arma. Na verdade, temos mais armas do que mãos.

— Sim. É claro. Só me fugiu da cabeça.

Um pedacinho da conversa do Círculo das Mulheres chamou sua atenção.

— ... não é para deixar os homens ficarem sabendo — dizia Marin, baixinho, como se repetisse um aviso proferido antes.

— Claro que não — Daise resfolegou, porém não muito mais alto. — Se os bobos descobrirem que as mulheres estão sobrevivendo com meias-porções, vão insistir em comer o mesmo, e não podemos...

Perrin fechou os olhos e tentou ignorar o que ouvia. Claro. Os homens lutavam. Precisavam manter a força. Simples. Pelo menos por enquanto, nenhuma das mulheres tivera que lutar. Exceto as duas Aiel, naturalmente, e Faile, mas ela era esperta o bastante para manter distância quando se tratava de empurrar lanças por entre as estacas. Fora por esse motivo que Perrin dera o arco a ela. Faile tinha o coração de um leopardo e mais coragem do que dois homens juntos.

— Acho que está na hora de você se deitar, Perrin — sugeriu Bran. — Não pode continuar desse jeito, dormindo uma hora aqui, outra ali.

Perrin esfregou a barba com força, tentando parecer alerta.

— Mais tarde eu durmo. — Quando tudo acabasse. — Os homens estão dormindo o suficiente? Vi alguns sentados enquanto deveriam estar...

A porta da frente se abriu com um baque e Dannil Lewin adentrou pela noite, de arco na mão, todo agitado. Usava uma das espadas do barril na cintura. Tam dava algumas aulas, quando havia tempo, e às vezes algum dos Guardiões fazia o mesmo.

Antes que Dannil pudesse abrir a boca, Daise falou, irritada:

— Você foi criado em um celeiro, Dannil Lewin?

— Sei que tem condições de tratar minha porta com um pouco mais de gentileza. — Marin dividiu o olhar expressivo entre o homem magricela e Daise, em uma lembrança de que a porta era *dela*.

Dannil baixou a cabeça e pigarreou.

— Me desculpe, Senhora al'Vere — pediu, mais do que depressa. — Me desculpe, Sabedoria. Me desculpem por entrar desse jeito, mas tenho um recado para Perrin. — Ele correu até a mesa de homens, como se estivesse com medo de que as mulheres fossem impedi-lo outra vez. — Os Mantos-brancos trouxeram um sujeito que quer falar com você, Perrin. Não aceita falar com mais ninguém. Está muito ferido. E só o trouxeram até o limite da aldeia. Acho que ele não tem condições de vir até a estalagem.

Perrin se levantou com esforço.

— Estou indo. — Nenhum outro ataque, ao menos. Eram piores à noite.

Faile agarrou o arco e juntou-se a Perrin antes que ele chegasse à porta. Aram permaneceu de pé, hesitante, em meio às sombras, no pé das escadas. Às vezes, Perrin se esquecia de que o homem estava lá, de tão quieto que ele ficava. Parecia estranho com aquela espada presa às costas por sobre o casaco encardido de latoeiro, listrado de amarelo, com olhos muito vivazes, quase sem piscar, e o rosto inexpressivo. Nem Raen nem Ila haviam falado com o neto desde o dia em que ele apanhara a espada. Nem com Perrin.

— Se for para vir, venha — disse, de modo grosseiro, e Aram disparou atrás dele.

O homem o seguia feito um sabujo toda vez que não estava atazanando Tam, Ihvon ou Tomas para ensiná-lo a usar a espada. Era como se tivesse

substituído seu povo e sua família por Perrin. O rapaz dispensaria essa responsabilidade se pudesse, mas lá estava o lateiro.

O luar brilhava nos telhados de palha. Poucas casas tinham mais de uma janela iluminada. A quietude dominava a aldeia. Cerca de trinta Companheiros montavam guarda do lado de fora da estalagem, de arcos nas mãos, e o mesmo número portava as espadas que puderam encontrar. Todos haviam adotado o nome, e, para seu próprio desgosto, Perrin também se surpreendia usando-o. A razão para os guardas na estalagem, ou onde Perrin estivesse, estava no campo comunitário, já não tão apinhado de ovelhas e vacas. Algumas fogueiras subiam pelas margens do Fonte de Vinho, para além de onde aquele estandarte idiota com a cabeça do lobo jazia pendurado, imóvel. Círculos de luz no meio da escuridão, nos quais mantos claros reluziam ao luar.

Ninguém queria Mantos-brancos em suas casas, já abarrotadas, e, de todo modo, Bornhald não queria dividir seus soldados. O homem parecia pensar que a aldeia se voltaria contra ele e os Filhos a qualquer momento. Se o povo estava com Perrin, decerto eram Amigos das Trevas. Nem os olhos de Perrin conseguiram distinguir os rostos em torno das fogueiras, mas ele achou que sentia o olhar fixo de Bornhald, cheio de ódio e expectativa.

Dannil aprontou dez Companheiros para escoltar Perrin, jovens rapazes que deveriam estar rindo e bebendo com ele, todos com arcos prontos para defendê-lo. Aram não se juntou ao grupo liderado por Dannil no caminho pela rua escura de terra batida. O rapaz estava com Perrin, mais ninguém. Faile permanecia rígida ao lado do namorado, os olhos escuros cintilando ao luar, esquadrinhando os arredores como se *ela* fosse sua única proteção.

No ponto onde a Estrada Velha adentrava Campo de Emond, os carroções que formavam o bloqueio haviam sido afastados para permitir a entrada da patrulha dos Filhos da Luz, vinte homens vestidos em mantos brancos feito neve, portando lanças, sentados sobre os cavalos em armaduras reluzentes, não menos impacientes do que as montarias, que batiam os cascos no chão. Eles se destacavam no meio da noite, e a maioria dos Trollocs enxergava tão bem no escuro quanto Perrin, mas os Mantos-brancos insistiam nas patrulhas. Às vezes, os batedores traziam avisos, e talvez seu assédio deixasse os Trollocs um pouco atordoados. Ainda assim, seria bom ficar sabendo o que os Filhos estavam fazendo antes que fosse tarde demais.

Um grupo de aldeões e fazendeiros vestindo partes de armaduras antigas e capacetes enferrujados estava aglomerado ao redor de um homem estirado na estrada, com casaco de fazendeiro. Eles abriram caminho para Faile e Perrin, que foi se ajoelhar ao lado do homem.

O cheiro de sangue era forte. O suor brilhava no rosto do homem sob o vago reflexo da lua. A flecha de um Trolloc, da espessura de um polegar e parecida com uma pequena lança, jazia cravada em seu peito.

— Perrin... Olhos-Dourados — murmurou o homem, rouco, com dificuldade de respirar. — Preciso... falar... com Perrin... Olhos-Dourados.

— Alguém já foi chamar uma Aes Sedai? — inquiriu Perrin, erguendo o homem com a maior delicadeza possível, sustentando sua cabeça. Não

escutou resposta. Não achava que o sujeito aguentaria até a chegada de uma Aes Sedai. — Eu sou Perrin.

— Olhos-Dourados? Eu... não estou... enxergando... muito bem.

Os olhos do homem, frenéticos e arregalados, estavam fixos no rosto de Perrin. Se pudesse enxergar qualquer coisa que fosse, o sujeito veria seus olhos dourados reluzindo na escuridão.

— Eu sou Perrin Olhos-Dourados — respondeu o rapaz, relutante.

O homem agarrou a gola de sua camisa e puxou o rosto para mais perto com uma força surpreendente.

— Nós estamos... vindo. Vim... avisar você. Estamos vin...

A cabeça do homem desabou para trás, os olhos fixos encarando o nada.

— Que a Luz acompanhe sua alma — murmurou Faile, guardando o arco nas costas.

Depois de um instante Perrin soltou com dificuldade os dedos do homem.

— Alguém o conhece? — Os homens de Dois Rios se entreolharam e fizeram que não com a cabeça. Perrin olhou para cima, para os Mantos-brancos montando em seus cavalos. — Ele disse mais alguma coisa enquanto vocês o traziam? Onde o encontraram?

Jaret Byar olhou para baixo e encarou Perrin. Tinha o rosto encovado e olhos fundos, a imagem da morte. Os outros Mantos-brancos desviavam o olhar, mas Byar sempre encarava seus olhos amarelos de frente, sobretudo à noite, quando eles reluziam. Byar grunhiu entre dentes — Perrin ouviu “Criatura da Sombra!” — e cravou as botas nos flancos do cavalo. A patrulha galopou para dentro da aldeia, tão ávida em se afastar de Perrin quanto dos Trollocs. Aram encarou o bando, inexpressivo, com uma das mãos sobre o ombro, tocando o punho da espada.

— Eles disseram que o encontraram três ou quatro milhas ao sul. — Dannil hesitou, então acrescentou: — Estão dizendo que os Trollocs estão dispersos em pequenos bandos, Perrin. Talvez finalmente estejam desistindo.

Perrin deu o estranho de volta no chão. *Estamos vindo.*

— Fiquem de olho. Talvez alguma família ainda agarrada à fazenda esteja chegando. — Não acreditava que alguém pudesse ter sobrevivido lá fora por tanto tempo, mas talvez fosse isso. — Não atirem contra ninguém por engano. — Ele se levantou, cambaleante, e Faile pousou a mão em seu ombro.

— Você já devia estar na cama, Perrin. Alguma hora você tem que dormir.

O rapaz apenas a encarou. Devia tê-la obrigado a ficar em Tear. Devia ter dado um jeito. Se tivesse pensado direito, teria conseguido.

Um dos mensageiros, um garoto de cabelos enrolados, na altura do peito, passou deslizando pelos homens de Dois Rios e foi puxar a manga da camisa de Perrin. Ele não o conhecia. Muitas famílias tinham vindo do interior.

— Tem algo se mexendo na Floresta do Oeste, Lorde Perrin. Eles me mandaram para avisar o senhor.

— Não me chame assim — retrucou Perrin, com rispidez. Se não refreasse as crianças, logo os Companheiros também começariam a usar o termo. — Vá dizer a eles que estou indo. — O garoto saiu em disparada.

— O seu lugar é na cama — informou Faile, com a voz firme. — Tomas consegue muito bem dar conta de qualquer ataque.

— Não é um ataque, senão o garoto teria falado, e alguém estaria soando o clarim de Cenn.

Ela se pendurou no braço dele, tentando puxá-lo em direção à estalagem, por isso foi arrastada junto quando ele saiu andando para o lado oposto. Depois de alguns minutos de tentativa inútil, Faile desistiu e fingiu que estivera o tempo todo apenas segurando o braço do rapaz. Mas resmungava sozinha. Ao que parecia, ainda achava que ele não ouviria se ela falasse bem baixinho. Começou com “idiota”, “cabeça de mula” e “descerebrado”, então as ofensas foram aumentando. Era quase uma pequena procissão: Faile resmungando, Aram em sua cola, e os dez Companheiros a rodeá-lo feito uma guarda de honra. Se não estivesse tão cansado, Perrin estaria se sentindo um verdadeiro idiota.

Havia guardas espalhados em pequenos grupos por toda a extensão da cerca de estacas pontudas, perscrutando a noite, cada um fazendo um garoto de mensageiro. Na extremidade a oeste da aldeia, os homens em guarda estavam reunidos do lado de dentro da extensa barreira, tocando os arcos e lanças enquanto espiavam a Floresta do Oeste. Mesmo sob o luar, as árvores eram um negrume total a seus olhos.

A capa de Tomas parecia fazer certas partes de seu corpo desaparecerem em meio à noite. Bain e Chiad estavam com ele. Por alguma razão, as duas Donzelas passaram todas as noites naquela extremidade de Campo de Emond desde a partida de Loial e Gaul.

— Eu não teria mandado incomodar você — começou o Guardião, dirigindo-se a Perrin — mas parece que só tem uma criatura aí fora, e achei que você talvez pudesse...

Perrin assentiu. Todos sabiam sobre sua visão, que era ainda melhor à noite. O povo de Dois Rios parecia pensar que era algo muito especial, algo que o identificava como um herói idiota. E ele não fazia ideia do que os Guardiões pensavam, ou as Aes Sedai. Estava cansado demais, aquela noite, para se importar. Sete dias, e quantos ataques?

A fronteira da Floresta do Oeste ficava a quinhentas passadas de distância. Mesmo aos olhos dele, as árvores pareciam muito juntas em meio às sombras. Algo se movia. Algo grande o bastante para ser um Trolloc. Uma imensa forma carregando... A carga ergueu um braço. Um ser humano. Uma imensa sombra carregando um ser humano.

— Não vamos atirar! — gritou. Queria gargalhar. Na verdade, percebeu que estava gargalhando. — Venha! Venha, Loial!

A silhueta indistinta moveu-se para frente mais rápido do que um homem era capaz de correr, transformando-se no Ogier, disparando em direção à aldeia com Gaul nos braços.

Homens de Dois Rios gritavam palavras de encorajamento, como se fosse uma corrida.

— Corra, Ogier! Corra! Corra!

Talvez fosse uma corrida: mais de um ataque viera daquela mata.

Próximo às estacas, Loial reduziu o passo e deu uma guinada. Virou-se de lado. Mal havia espaço para que suas pernas grossas ultrapassassem a barreira. Uma vez dentro do perímetro da aldeia, soltou o Aiel e desabou no chão, recostando-se na cerca, sem fôlego, as orelhas peludas caídas de cansaço. Gaul foi mancando até conseguir se sentar, com Bain e Chiad examinando sua coxa esquerda, onde a calça estava rasgada e preta por causa do sangue seco. Ele tinha apenas duas lanças, e a aljava aberta estava vazia. O machado de Loial também sumira.

— Seu Ogier tolo — disse Perrin, com uma risada afetuosa. — Saindo daquele jeito. Vou deixar Daise Congar dar umas varadas em você, seu fugitivo. Pelo menos está vivo. Pelo menos está de volta. — Com isso, ele se calou.

Vivo. E de volta em Campo de Emond.

— Nós conseguimos, Perrin — disse Loial, ofegante, soando como o ribombar de um tambor cansado. — Há quatro dias. Fechamos o Portal dos Caminhos. Agora só os Anciões ou uma Aes Sedai conseguiriam abri-lo outra vez.

— Ele me carregou por quase todo o caminho desde as montanhas — comentou Gaul. — Um Mensageiro da Noite e talvez uns cinquenta Trollocs nos perseguiram pelos primeiros três dias, mas Loial conseguiu deixar todos para trás.

O Aiel tentava afastar as Donzelas, sem sucesso.

— Fique quieto, Shaarad — vociferou Chiad — ou vou falar que encostei em você armada e deixar você decidir como fica a sua honra.

Faile soltou uma gargalhada. Perrin não entendeu, mas a observação reduziu o Aiel imperturbável a um homem tartamudo. Ele deixou as Donzelas cuidarem de sua perna.

— Está tudo bem, Loial? — perguntou Perrin. — Você está ferido?

O Ogier se levantou com esforço visível e, por um instante, bamboleou feito uma árvore prestes a desabar. As orelhas ainda pendiam, flácidas.

— Não, Perrin, não estou ferido. Só cansado. Não se preocupe comigo. Passei tempo demais longe do *pouso*. Visitar não é o suficiente. — Ele balançou a cabeça como se seus pensamentos tivessem começado a vagar. A mão imensa engolfou o ombro de Perrin. — Vou ficar bem depois de dormir um pouquinho. — Ele baixou a voz. Isso é, para um Ogier, já que ainda parecia o zunido de uma abelha imensa. — Está muito ruim por lá, Perrin. Seguimos os últimos bandos na volta, na maior parte do tempo. Trancamos o portal, mas acho que já deve haver centenas de Trollocs em Dois Rios, e talvez uns cinquenta Myrddraal.

— Nem tanto — anunciou Luc, em voz alta. Ele subira a galope, beirando as casas, vindo da direção da Estrada do Norte. Puxou as rédeas do garanhão preto, fazendo-o empinar de repente e parar, batendo os cascos dianteiros no chão. — Sem dúvida o senhor tem muito talento para cantar para as árvores, Ogier, mas combater Trollocs é bem diferente. Estimo que agora sejam menos de mil. Uma força formidável, sem sobra de dúvida, mas nada que essas defesas robustas e os homens valentes não sejam capazes de manter

encurralados. Mais um troféu para o senhor, Lorde Perrin Olhos-Dourados. — Com uma risada, ele atirou um saco de tecido saliente para Perrin. A parte de baixo refletia um brilho molhado ao luar.

Perrin agarrou o saco em pleno ar e atirou-o bem para longe das estacas, apesar do peso. Quatro ou cinco cabeças de Trolloc, não restava dúvida, e talvez a de um Myrddraal. O homem trazia troféus todas as noites, decerto na esperança de que fossem exibidos para o povo contemplar. Um bando dos Coplins e Congars ofereceram uma festa na noite em que Luc chegou com as cabeças de um par de Desvanecidos.

— E eu, também não entendo nada de luta? — inquiriu Gaul, levantando-se com dificuldade. — *Eu* estou dizendo que há muitos milhares.

Luc exibiu os dentes brancos em um sorriso.

— Quantos dias você passou na Praga, Aiel? Eu já passei muitos. — Talvez fosse mais um rosnado do que um sorriso. — Muitos. Acredite no que quiser, Olhos-Dourados. Os dias sem fim trarão o que for, como sempre foi.

Ele fez o garanhão empinar outra vez, então deu um giro e saiu galopando por entre as casas e árvores que um dia haviam sido a margem da Floresta do Oeste. Os homens de Dois Rios se remexiam, inquietos, encarando o homem ou a noite.

— Ele está errado — disse Loial. — Gaul e eu sabemos o que vimos.

O Ogier vergou o rosto cansado, a boca enorme caída, as compridas sobrancelhas desabando por cima das bochechas. Não era de se admirar, posto que Loial carregara Gaul por três ou quatro dias.

— Você já fez muito, Loial — disse Perrin — tanto você quanto Gaul. Muito. Receio que o seu quarto esteja abarrotado com meia dúzia de lateiros, mas a Senhora al'Vere vai preparar um catre para você. Está na hora de dormir um pouco, como você estava querendo.

— E você também, Perrin Aybara. — As nuvens ligeiras faziam as sombras brincarem no nariz acentuado e nas maçãs do rosto proeminentes de Faile. Ela era tão bonita. Mas sua voz estava dura feito a cama de um carroção. — Se não for agora, vou pôr Loial para carregar você. Você mal se aguenta em pé.

Gaul estava com dificuldade de caminhar com a perna ferida. Bain o apoiava de um dos lados. Ele tentou impedir que Chiad o sustentasse do outro, mas a mulher murmurou algo que soou feito "*gai'shain*", em um tom intimidador. Bain soltou uma risada, e o Aiel permitiu que as duas o ajudassem, grunhindo baixinho, cheio de raiva. Fosse lá o que as Donzelas estivessem falando, Gaul fora obrigado a engolir.

Tomas bateu no ombro de Perrin.

— Vá, homem. Todo mundo precisa dormir.

O próprio Tomas parecia estar acordado havia bem mais que três dias.

Perrin assentiu.

Deixou que Faile o conduzisse de volta à estalagem Fonte de Vinho, com Loial e os Aiel atrás, além de Aram, Dannil e os dez Companheiros a rodeá-lo. Não soube ao certo em que momento os outros o deixaram, mas Faile e ele acabaram sozinhos em seu quarto, no segundo andar da estalagem.

— Tem famílias inteiras se ajeitando em espaços menores que esse — murmurou. Uma vela queimava sobre a cornija de pedra da pequena lareira. Os outros se viravam sem vela, mas Marin acendia uma ali assim que a noite caía, para que ele não se incomodasse em pedir. — Eu posso dormir lá fora com Dannil, Ban e os outros.

— Não seja idiota — retrucou Faile, com um tom afetuosos. — Se Alanna e Verin têm quartos próprios, você também tem que ter o seu.

Percebeu que a namorada tirara seu casaco e estava desamarrando os laços da camisa.

— Eu não estou tão cansado a ponto de não conseguir tirar a roupa.

Gentilmente, Perrin a empurrou para fora.

— É para tirar tudo — ordenou Faile. — Tudo, está me ouvindo? Não tem como dormir direito todo vestido, do jeito que você acha que dá para fazer.

— Vou tirar — prometeu Perrin.

Quando fechou a porta, ele ao menos arrancou as botas antes de apagar a vela e se deitar. Marin não gostaria de botas sujas em cima da coberta.

Milhares, tinham dito Gaul e Loial. Ainda assim, o quanto eles dois teriam sido capazes de enxergar, percorrendo as montanhas escondidos e correndo no caminho de volta? Talvez no máximo mil, alegava Luc, mas Perrin não conseguia confiar nele, apesar de todos os troféus que o homem trazia. Espalhados, segundo os Mantos-brancos. O quanto teriam se aproximado, com as capas e armaduras reluzindo feito lanternas na escuridão?

Talvez houvesse um meio de saber por si mesmo. Evitara o sonho de lobo desde a última visita. O desejo de caçar o tal Matador reaparecia toda vez que ele pensava em retornar, e suas responsabilidades estavam ali, em Campo de Emond. Mas agora, quem sabe... o sonho o envolveu enquanto ele ainda considerava a ideia.

* * *

Estava no campo comunitário, banhado pelo sol da tarde já baixo no céu, com algumas nuvens brancas suspensas. Não havia gado ou ovelha ao redor da estaca comprida onde uma brisa fazia tremular o estandarte vermelho com a cabeça de lobo, mas uma mosca-azul passou zunindo diante de seu rosto. Não havia viva alma entre as casas de sapê. Pequenas pilhas de madeira seca por cima de cinzas marcavam as fogueiras dos Mantos-brancos. Quase nunca via qualquer coisa queimando no sonho de lobo, apenas o que estava prestes a queimar ou já enegrecido. Nenhum corvo no céu.

Enquanto procurava os pássaros, um pedaço do céu escureceu, tornando-se uma janela para algo mais. Egwene estava parada entre um grupo de mulheres, os olhos cheios de medo. Bem devagar, as mulheres se ajoelharam à volta dela. Nynaeve estava entre elas, e Perrin achou que tinha visto os cabelos louro-avermelhados de Elayne. A janela sumiu e foi substituída. Mat apareceu, nu e amarrado, rosando. Uma estranha lança de cabo preto estava presa às suas costas, e um medalhão de prata com a cabeça de uma

raposa jazia pendurado em seu peito. O amigo desapareceu, e surgiu Rand. Perrin achou que era Rand. Vestia trapos e um manto tosco, e uma atadura cobria seus olhos. A terceira janela sumiu. O céu era apenas o céu, vazio, exceto pelas nuvens.

Perrin estremeceu. As visões dos sonhos de lobo nunca pareciam ter relação com nada que ele soubesse que estava acontecendo. Talvez ali, onde tudo podia mudar com tanta facilidade, sua preocupação com os amigos se transformasse em algo que ele podia ser. Fosse o que fosse, estava perdendo tempo em se afligir com aquilo.

Não ficou surpreso em descobrir que usava um colete comprido de ferreiro, de couro, sem camisa por baixo. Mas, ao levar a mão ao cinto, encontrou o martelo, não o machado. Franzindo o cenho, concentrou-se na lâmina comprida em meia-lua e na ponteira grossa. Era do que precisava. O que ele era. O martelo foi mudando aos poucos, mas, quando o machado enfim surgiu, pendendo no passante grosso do cinto, emanava um brilho perigoso. Por que tanta luta? Perrin sabia o que queria. Uma aljava cheia apareceu do outro lado da cintura, um arco longo na mão, um braçal de couro no antebraço esquerdo.

Três passos bem ligeiros, fazendo a terra passar feito um borrão, o levaram aonde supostamente ficavam os campos de Trollocs mais próximos, a três milhas da aldeia. O último passo o deixou no meio de quase uma dúzia de pilhas altas de madeira, que jaziam sobre cinzas antigas de cevada pisoteada, os troncos misturados a cadeiras quebradas, pernas de mesa e até a porta de uma casa de fazenda. Imensos caldeirões de ferro negro pareciam prontos para ser pendurados sobre as fogueiras. Caldeirões vazios, naturalmente, embora ele soubesse o que seria picado dentro deles, o que seria cravado nos robustos espetos de ferro e estirado por sobre uma das fogueiras. A quantos Trollocs aquelas fogueiras serviriam? Não havia tendas, e os cobertores espalhados pelos cantos, imundos e fedendo a suor velho e acre de Trolloc, não fornecia pistas. Muitos dormiam feito animais, no chão, e às vezes até cavavam buracos na terra para se deitar.

Em passos menores, que cobriam menos de cem passadas, fazendo a terra parecer apenas um pouco nebulosa, Perrin circundou Campo de Emond de fazenda em fazenda. Passou por pastos, campos de cevada e fileiras de tabaco. Percorreu bosques de árvores isoladas atrás de rastros de carroções e pegadas, encontrando cada vez mais grupos de fogueiras de Trollocs à espreita enquanto se movia em espiral para fora da aldeia. Muitas fogueiras. Centenas. Aquilo só podia significar muitos milhares de Trollocs. Cinco mil, ou dez, ou o dobro... Não faria muita diferença para Campo de Emond, se todos chegassem ao mesmo tempo.

Mais adiante, ao sul, os sinais de Trollocs desapareceram. Ao menos, os sinais de sua presença imediata. Poucas casas de fazenda e celeiros não haviam sido incendiados. Campos isolados de restolho chamuscado se estendiam onde a cevada ou o tabaco haviam sido queimados, enquanto em outros, grandes faixas de colheita tinham sido pisoteadas. Não havia razão para aquilo além do prazer de destruir. O povo já não estava por ali havia

muito, quando tudo aquilo fora feito. Em dado momento, Perrin aterrissou entre enormes trechos de terra coberta de cinzas, as rodas de algum carroção ainda exibindo toques de cores vivas aqui e ali. O local da destruição da caravana dos Tuatha'an lhe trouxe ainda mais pesar do que as casas de fazenda. Deveria ter havido uma chance para o Caminho da Folha. Mas não ali. Sem se permitir olhar, saltou uma milha ou mais em direção ao sul.

Por fim, chegou a Trilha de Deven, com fileiras de casas de telhado de palha rodeando um campo e um laguinho abastecido por uma nascente cercada de pedras, o excedente esguichando de aberturas muito gastas, maiores do que quando tinham sido criadas. A estalagem na beira do campo, Ganso e Gaita, também tinha telhado de palha, mas era um pouco maior do que a Fonte de Vinho, embora Trilha de Deven sem dúvida recebesse menos visitantes que Campo de Emond. A aldeia decerto não era maior. Carros e carroções perto de todas as casas indicavam que os fazendeiros haviam fugido para lá com suas famílias. Outros carroções bloqueavam as ruas e os espaços entre as casas por todo o caminho ao longo das divisas da aldeia. As precauções não teriam sido o bastante para impedir sequer um dos ataques feitos a Campo de Emond nos últimos sete dias.

Dando três voltas ao redor da aldeia, Perrin encontrou apenas meia dúzia de acampamentos de Trollocs. O bastante para manter o povo dentro das casas. Encurralá-los até acabarem com Campo de Emond. Então os Trollocs poderiam lançar-se sobre Trilha de Deven ao bel prazer dos Desvanecidos. Talvez pudesse arranjar uma forma de avisar os aldeões. Se eles fugissem para o sul, talvez encontrassem caminho pelo Rio Branco. Quem sabe tentar cruzar a Floresta das Sombras abaixo do rio, onde não havia como deixar rastro, fosse melhor do que esperar a morte.

O sol dourado não se movera uma polegada sequer. O tempo ali passava diferente.

Perrin correu para o norte o mais rápido que podia, e passou feito um borrão por Campo de Emond. Em Colina da Vigília, uma vila redonda e proeminente, carroções e carros também margeavam as casas, tal e qual em Trilha de Deven. Um estandarte tremulava preguiçosamente ao sabor da brisa, em um mastro comprido diante da estalagem Javali Branco, no topo da colina. Uma águia vermelha voando por um campo azul. A Águia Vermelha fora o símbolo de Manetheren. Talvez Alanna ou Verin tivessem contado histórias antigas quando estiveram lá.

Ali, também, encontrou alguns acampamentos de Trollocs. O suficiente para acuar os aldeões. De lá havia uma saída mais fácil do que tentar cruzar o Rio Branco, com sua infindável estrada de corredeiras.

Correu rumo ao norte, para a Barca do Taren, na ribanceira do Tarendrelle, que ele crescera chamando de Rio Taren. As casas eram altas e estreitas, construídas sobre fundações de pedra para escapar da cheia anual do Taren, quando a neve derretia nas Montanhas da Névoa. Quase metade dessas fundações sustentava apenas pilhas de cinzas e vigas chamuscadas sob aquela luz permanente da tarde. Não havia carroções ali, nem qualquer

senal de defesa. Nem acampamentos de Trollocs que ele pudesse ver. Talvez não tivesse sobrado ninguém na vila.

Na beirada da água havia um deque robusto de madeira, com uma corda pesada caída no rio ligeiro. A corda corria pelos aros de ferro de uma barça de soalho plano acomodada no deque. A barca ainda estava ali, ainda utilizável.

Um salto o levou para o outro lado do rio, onde sulcos de rodas marcavam a margem e objetos domésticos jaziam pelo chão. Cadeiras e espelhos, baús, até algumas mesas e um guarda-roupas polido com entalhes de pássaros nas portas, todas as coisas que o povo desesperado tentara salvar, depois abandonara para poder avançar mais depressa. Todos deviam estar espalhando a notícia do que acontecera ali, do que estava acontecendo em Dois Rios. Àquela altura, alguns já deviam ter chegado a Baerlon, umas cem milhas ou mais ao norte, e sem dúvida às fazendas e aldeias entre Baerlon e o rio. As notícias corriam. Em mais um mês talvez chegassem a Caemlyn e à Rainha Morgase, com sua Guarda da Rainha e seu poder para reunir exércitos. Um mês, com sorte. E outro mês para retornar, se Morgase acreditasse. Tarde demais para Campo de Emond. Talvez tarde demais para toda Dois Rios.

Ainda assim, quase não fazia sentido que os Trollocs deixassem alguém escapar. Ou os Myrddraal, na verdade. Os Trollocs não pareciam pensar muito para além do momento presente. Imaginava que destruir a barca teria sido a primeira tarefa dos Desvanecidos. Como poderiam ter certeza de que não havia soldados suficientes em Baerlon para derrotá-los?

Ele se abaixou para pegar uma boneca de madeira com o rosto pintado, e uma flecha zuniu por onde estivera seu peito.

Perrin se levantou com um salto e disparou margem acima, um borrão se formando pela floresta. Parou cem passadas à frente para se acocorar sob uma imensa folha-de-couro. Arbustos e árvores tombadas para dentro d'água e cobertas de trepadeiras revestiam o chão da floresta à sua volta.

Matador. Perrin encaixou uma flecha no arco, sem saber se a puxara de dentro da aljava ou simplesmente imaginara que estava ali. Matador.

Quando estava prestes a saltar novamente, parou. Matador saberia mais ou menos onde ele estava. Perrin já seguira o borrão formado pelo homem com bastante facilidade. A faixa alongada era bem nítida quando a pessoa estava parada olhando. Por duas vezes, entrara no jogo do outro e quase levava a pior. Matador que jogasse, dessa vez. Ele aguardou.

Corvos mergulhavam por sobre os topos das árvores, vasculhando e gritando. Nenhum movimento o entregava; nem sequer um leve tremor. Apenas seus olhos se moviam, perscrutando a floresta ao redor. Uma lufada de ar errante trouxe um cheiro frio, ao mesmo tempo humano e inumano, e Perrin sorriu. Nenhum som ainda, exceto o dos corvos. Esse Matador era um ótimo espreitador. Mas não estava acostumado a ser caçado. O que mais o sujeito esquecera, além dos cheiros? Sem dúvida não esperava que Perrin permanecesse onde aterrissara. Os animais fugiam do caçador. Até mesmo os lobos.

Um indício de movimento, e, por um instante, um rosto surgiu por cima de um pinheiro caído a uns cinquenta passos de distância. A luz oblíqua iluminava com clareza. Cabelos escuros e olhos azuis, um rosto todo rígido e anguloso, tão parecido com o de Lan. Só que, naquele breve instante, o Matador umedeceu os lábios duas vezes, franziu a testa, e arregalou os olhos, à procura. Lan não deixaria transparecer a inquietação nem que estivesse sozinho diante de mil Trollocs. Apenas um instante, e o rosto sumiu outra vez. Os corvos saltaram e revoaram pelo céu, como se compartilhassem a ansiedade de Matador, com medo de descer além das copas das árvores.

Perrin aguardava e observava, imóvel. Silêncio. Apenas o cheiro frio informava que não estava sozinho com os corvos acima de sua cabeça.

O rosto de Matador surgiu outra vez, espiando por detrás de um carvalho de tronco robusto à esquerda. Os carvalhos matavam quase tudo o que crescia à volta, apenas uns cogumelos e ervas daninhas brotavam no húmus folhoso sob seus galhos. O homem surgiu bem devagar, e as botas não emitiam som.

Em um só movimento, Perrin apontou e disparou. Os corvos emitiram gritos de aviso, e o Matador girou para receber a flecha no peito, mas não no coração. O homem soltou um uivo e agarrou a flecha com as duas mãos. Penas negras caíram no chão quando os corvos bateram as asas em frenesi. O Matador esvaneceu com um grito, tornando-se nebuloso, transparente, desaparecendo. Os guinchos dos corvos pararam de repente, como se tivessem sido cortados com uma faca. A flecha que perfurara o homem caiu no chão. Os corvos também desapareceram.

Com uma segunda flecha meio erguida, Perrin exalou lentamente, relaxando a tensão da corda do arco. A morte era assim, por ali? A pessoa simplesmente desaparecia, sumia para sempre?

— Pelo menos acabei com ele — murmurou Perrin.

E se desviara do objetivo. O Matador não estava entre os motivos pelo qual viera ao sonho de lobo. Pelo menos agora os lobos estavam seguros. Os lobos... e talvez alguns outros.

Ele saiu do sonho...

* * *

... e acordou encarando o teto, a camisa toda suada e grudada no corpo. O luar iluminava um pouco pelas janelas. Em algum ponto da aldeia havia rabecas tocando uma alegre melodia dos latoeiros. Eles não lutavam, mas tinham encontrado uma forma de ajudar, animando o povo.

Perrin sentou-se devagar, calçando as botas no breu parcamente iluminado. Como fazer o que era preciso? Seria difícil. Teria que ser astuto. No entanto, não sabia se algum dia na vida tinha sido astuto. Levantou-se e pisou firme para ajeitar as botas.

Gritos súbitos do lado de fora e o som indistinto de cascos o fizeram correr até a janela mais próxima e erguer o caixilho. Os Companheiros estavam em

polvorosa lá embaixo.

— O que está havendo?

Trinta rostos se viraram para ele, e Ban al'Seen gritou:

— Foi o Lorde Luc, Lorde Perrin. Quase atropelou Wil e Tell. Acho que nem viu os dois. Estava todo corcunda em cima da sela, parecia ferido. Esporeava aquele cavalo com toda a força.

Perrin coçou a barba. Luc sem dúvida não estava ferido mais cedo. Luc... o Matador? Era impossível. O Matador, com seus cabelos escuros, parecia primo ou irmão de Lan. Se Luc, com aquele cabelo louro-avermelhado, parecia alguém, talvez fosse Rand. Ao menos um pouco. Os dois não podiam ser mais diferentes um do outro. E, ainda assim... aquele cheiro frio. Eles não tinham o mesmo cheiro, mas ambos exalavam um aroma gélido, quase inumano. Seus ouvidos captaram o som de carroções sendo puxados para abrir caminho na Estrada Velha, além de gritos de pressa. Mesmo que Ban e os Companheiros corressem, já não conseguiriam alcançar o homem. Cascos galoparam com força para o sul.

— Ban — gritou — se Luc aparecer outra vez, o mantenham sob vigilância. — Ele fez uma pausa meio longa e acrescentou: — E não me chame assim!

Em seguida, baixou o caixilho de volta, com um estrondo.

Luc e o Matador; o Matador e Luc. Como poderiam ser a mesma pessoa? Era *realmente* impossível. Por outro lado, menos de dois anos antes ele sequer acreditava em Trollocs ou Desvanecidos. Havia tempo suficiente para se preocupar, caso pusesse outra vez as mãos no sujeito. Agora havia Colina da Vigília, Trilha de Deven e... Alguns poderiam ser salvos. Nem todos em Dois Rios precisavam morrer.

A caminho do salão, ele fez uma pausa no topo da escada. Aram estava parado no último degrau, observando-o, aguardando para seguir suas ordens. Gaul jazia estirado em um catre próximo à lareira, com uma atadura grossa na coxa esquerda, aparentemente dormindo. Faile e as duas Donzelas estavam sentadas no chão perto dele, de pernas cruzadas, conversando baixinho. Havia um catre bem maior do outro lado do salão, mas Loial estava sentado em um banco, as pernas esticadas para caber debaixo de uma das mesas, quase todo envergado para poder rascunhar com uma pena à luz de uma vela. Sem dúvida estava registrando o que acontecera na viagem para fechar o Portal dos Caminhos. E, se Perrin conhecia Loial, o relato do Ogier atribuiria todos os feitos a Gaul, não importava se era verdade ou não. Loial parecia acreditar que nada do que fazia era de fato corajoso ou digno de nota. Exceto por eles, o salão estava vazio. Ainda dava para ouvir as rabecas. Pensou reconhecer a melodia. Já não era uma canção latoeira. “Meu amor é uma rosa selvagem”.

Assim que Perrin desceu o primeiro degrau, Faile ergueu os olhos e subiu graciosamente para encontrá-lo. Aram sentou-se outra vez ao ver que Perrin não fizera qualquer movimento em direção à porta.

— Sua camisa está molhada — comentou Faile, em tom acusatório. — Você dormiu com ela, não foi? E de botas, não duvido. Não faz nem uma hora que

deixei você no quarto. Volte já para cima, antes que acabe caindo no chão.

— Você viu Luc sair? — perguntou.

A mulher apertou os lábios, mas às vezes a única saída era ignorá-la. Quando discutiam, Faile ganhava com muito mais frequência.

— Passou correndo faz alguns minutos e saiu disparado pela cozinha — respondeu ela, por fim. As palavras foram essas, e o tom informava que o assunto “ele e a cama” ainda não havia terminado.

— Ele parecia... ferido?

— Parecia — respondeu ela, receosa. — Estava cambaleante, agarrando alguma coisa no peito, por baixo do casaco. Uma atadura, talvez. A Senhora Congar está lá na cozinha, mas, pelo que eu ouvi, ele praticamente a atropelou. Como você sabe disso?

— Eu sonhei. — Os olhos oblíquos de Faile assumiram um brilho perigoso. Ela não deveria estar pensando direito. Sabia sobre o sonho de lobo. Será que esperava que ele explicasse bem ali, na frente de Bain e Chiad, de Aram e Loial? Bem, talvez não de Loial. O Ogier estava tão absorto nas anotações que não teria percebido nem se um rebanho de ovelhas irrompesse pelo salão. — E Gaul?

— A Senhora Congar deu alguma coisa para ele dormir, além de um cataplasma para a perna. Quando as Aes Sedai acordarem, amanhã de manhã, uma delas vai Curá-lo, se considerarem sério a esse ponto.

— Venha se sentar, Faile. Quero que você faça uma coisa para mim.

A jovem o encarou, desconfiada, mas se deixou ser conduzida até uma cadeira. Quando os dois se sentaram, Perrin se inclinou por cima da mesa, tentando soar sério, mas não desesperado. Nem um pouco desesperado.

— Quero que entregue uma mensagem a Caemlyn para mim. No caminho, pode dar notícias a Colina da Vigília de como estão as coisas por aqui. Na verdade, talvez seja melhor se o povo de lá cruzar o Taren até isso tudo terminar. — Ele passou o tom de preocupação apropriado. Apenas um pouco mais, por conta do calor do momento. — Quero que peça à Rainha Morgase para enviar alguns Guardas da Rainha. Sei que estou pedindo uma coisa perigosa, mas Bain e Chiad podem levar você em segurança até Barca do Taren, e a barca ainda está lá. — Chiad se levantou, encarando-o com ansiedade. Por que estava assim?

— Você não vai precisar se separar dele — disse Faile para a Donzela. Depois de um instante, a Aiel assentiu e sentou-se de volta ao lado de Gaul. Chiad e Gaul? Eram inimigos de sangue. Nada estava fazendo sentido, aquela noite. — Caemlyn fica muito longe daqui — prosseguiu a jovem, baixinho. Seus olhos estavam concentrados nos dele, mas o rosto poderia ser de madeira, de tão inexpressivo. — Levaria semanas para cavalgar até lá, mais sabe-se lá quanto tempo até encontrar Morgase e convencê-la. E mais umas semanas para retornar com a Guarda da Rainha.

— A gente consegue aguentar esse tempo — respondeu Perrin. *Que me queime por não conseguir mentir tão bem quanto Mat!* — Luc tinha razão. Não pode haver mais do que mil Trollocs por aí. O sonho? — Faile assentiu. Enfim entendia. — A gente consegue aguentar por muito tempo, mas, enquanto

isso, eles vão incendiar colheitas e fazer sabe a Luz mais o quê. Para nos livrarmos completamente deles, precisaremos da Guarda da Rainha. Você é a opção mais lógica para ir até lá. Vai saber conversar com uma rainha, por ser prima de uma, e tudo o mais. Faile, eu sei que o que estou pedindo é perigoso... — Não tanto quanto ficar. — Mas é só você chegar até a barca e já vai estar no caminho.

Perrin não ouviu Loial se aproximando até que o Ogier deitou o caderno de notas diante de Faile.

— Eu não pude evitar ouvir, Faile. Se você for a Caemlyn, pode levar isso aqui? Para protegê-lo até eu conseguir buscar. — Encarando o livrinho quase com ternura, Loial acrescentou: — Lá em Caemlyn fabricam livros muito bons. Me desculpe a interrupção, Perrin. — No entanto, o Ogier tinha os olhos compridos fixos na jovem, não nele. — Faile combina com você. Você tem que voar livre, feito um falcão. — Com um tapinha no ombro de Perrin, Loial murmurou, em um ressoar profundo: — Ela tem que voar livre. — Então retornou ao catre e se deitou, virado para a parede.

— Ele está muito cansado — disse Perrin, tentando fazer a frase parecer apenas um comentário. O Ogier idiota poderia pôr tudo a perder! — Se você partir hoje à noite, conseguirá chegar a Colina da Vigília quando o dia nascer. Tem que seguir pelo leste. Lá, os Trollocs estão em menor número. Isso é muito importante para mim... Quer dizer, para Campo de Emond. Você vai?

Faile o encarou em silêncio durante tanto tempo que ele se perguntou se a namorada tinha intenção de responder. Os olhos dela pareciam reluzir. Então a jovem se levantou, sentou-se no colo dele e afagou sua barba.

— Está precisando aparar. Eu gosto de você assim, mas não quero que chegue até o peito.

O queixo de Perrin praticamente desabou. Ela sempre mudava de assunto, mas em geral era quando estava perdendo a discussão.

— Faile, por favor. Preciso que você leve essa mensagem até Caemlyn.

A jovem apertou a mão na barba dele e meneou a cabeça, como se estivesse discutindo consigo mesma em pensamento.

— Eu vou — disse, por fim — mas vou cobrar por isso. Você sempre me obriga a fazer as coisas do jeito mais difícil. Em Saldaea, não seria eu a fazer o pedido. Meu preço é... um casamento. Eu quero me casar com você — concluiu ela, apressada.

— E eu com você. — Perrin sorriu. — Podemos fazer os votos de noivado diante do Círculo das Mulheres ainda hoje à noite, mas receio que o casamento tenha que esperar um ano. Quando você voltar de Caemlyn...

Faile quase arrancou um punhado de barba do queixo dele.

— Você vai virar meu marido esta noite — declarou, em um tom baixo e firme — ou eu não saio daqui até isso acontecer!

— Se houvesse como, eu faria — protestou Perrin. — Daise Congar acabaria comigo, se eu tentasse quebrar a tradição. Pelo amor da Luz, Faile, só leve a mensagem. Eu me caso com você no primeiro dia que puder.

E se casaria. Se esse dia viesse a chegar.

De súbito, a mulher se concentrou na barba dele, alisando-a, sem olhá-lo nos olhos. Começou a falar devagar, mas logo ganhou velocidade, feito um cavalo em fuga.

— Por acaso... eu mencionei... assim, por alto... só mencionei à Senhora al'Vere o tanto de tempo que estávamos viajando juntos. Não sei como isso aconteceu. E aí ela disse, e a Senhora Congar concordou... Mas eu não falei com todo mundo, não! Ela disse que é provável que nós, quase com certeza, fôssemos considerados casados de acordo com o costume de vocês. Esse ano é só para garantir que o casal se entenda bem, e a gente se entende, como todo mundo pode ver. Então aqui estou eu, atirada como uma dessas domanesas, como uma garota tairana. E se você *pensar* em Berelain... Ah, Luz, estou falando um monte de abobrinhas, e você nem...

Perrin a interrompeu com um beijo intenso, como sabia muito bem fazer.

— Quer se casar comigo? — perguntou, sem fôlego, ao terminar. — Hoje à noite?

O beijo decerto fora muito melhor do que Perrin imaginava. Teve de repetir a frase seis vezes, com Faile rindo contra o pescoço dele e exigindo que ele repetisse, antes que enfim compreendesse.

E foi assim que Perrin se viu, menos de meia hora depois, ajoelhado diante dela no salão, na frente de Daise Congar, Marin al'Vere, Alsbet Luhhan, Neysa Ayellin e todo o Círculo das Mulheres. Loial se levantara para ficar ao lado dele com Aram, e Bain e Chiad ficaram ao lado de Faile. Não havia flores para os cabelos dela nem os dele, mas Bain, a mando de Marin, passou uma longa faixa nupcial vermelha por seu pescoço. E Loial trançou outra nos cabelos escuros de Faile, com os dedos grossos surpreendentemente hábeis e delicados. As mãos de Perrin tremiam quando ele segurou as dela.

— Eu, Perrin Aybara, prometo meu amor a você, Faile Bashere, enquanto eu viver. — *Enquanto eu viver, e mais.* — Tudo o que possuo neste mundo, dou a você. — *Um cavalo, um machado, um arco. Um martelo. Não é muito para uma noiva. Eu lhe dou a minha vida, o meu amor. É tudo o que tenho.* — Eu a segurarei em meus braços e cuidarei de você, socorrerei e zelarei por você, eu a protegerei e abrigarei por todos os dias de minha vida. — *Não posso segurá-la em meus braços. A única forma de proteger você é mandá-la embora.* — Eu sou seu, para sempre e eternamente.

Quando terminou, suas mãos estavam visivelmente trêmulas.

Faile moveu as mãos para cobrir as dele.

— Eu, Zarine Bashere — foi uma surpresa, Faile odiava esse nome — prometo meu amor a você, Perrin Aybara... — As mãos dela não tremiam nem um pouco.



NO PALÁCIO

Sentada na traseira da carroça de rodas altas que seguia lentamente por uma rua sinuosa de Tanchico, atrás de quatro homens suados, Elayne tinha a expressão emburrada por detrás do véu sombrio que cobria seu rosto inteiro; ela batia os pés, irritada. A cada guinada nas pedras do pavimento seu corpo inteiro balançava; quanto mais se agarrava às tábuas de madeira do estrado da carroça, pior ficava. Nynaeve não parecia muito incomodada; sacolejava feito Elayne, mas mal parecia notar, o rosto levemente franzido e o olhar introspectivo. E Egeanin, espremida do outro lado de Nynaeve, com o rosto velado e os cabelos escuros em tranças compridas até os ombros, aguentava com facilidade cada solavanco, mantendo os braços cruzados. Por fim, Elayne conseguiu imitar a Seanchan; inevitavelmente balançava-se para cima de Nynaeve, mas a viagem já não trazia a sensação de que acabaria quebrando os dentes.

Ela teria ficado feliz em caminhar, até mesmo descalça, mas Bayle Domon dissera que não seria apropriado; o povo se perguntaria por que as mulheres não estavam sendo carregadas, se havia tanto espaço, e a última coisa de que precisavam era chamar muita atenção. Decerto que o homem não estava sacolejando feito um saco de nabos; seguia caminhando adiante da carroça, com dez dos vinte marujos que trouxera para escoltá-lo. Mais do que isso parecia suspeito, ele alegara. Ela suspeitou que ele não teria trazido tantos, não fosse por ela e as outras duas mulheres.

O céu sem nuvens ainda estava cinzento, embora a primeira luz já tivesse surgido antes de eles partirem; as ruas ainda estavam bastante vazias e silenciosas, exceto pelo ribombo da carroça e o rangido do eixo. Quando o sol despontasse no horizonte, as pessoas começariam a sair, mas agora as poucas que ela via eram bandos de homens vestidos em calças largas e quepes escuros cilíndricos, caminhando depressa, com o ar furtivo de quem andara

fazendo poucas e boas durante a madrugada. A lona velha que cobria a carga da carroça fora posicionada com esmero, de modo que qualquer um podia ver que ali havia apenas três cestas grandes, mas mesmo assim um ou outro desses grupinhos parava, feito um bando de cachorros, aproximando os rostos velados, os olhos acompanhando a carroça. Aparentemente, enfrentar vinte homens com espadas de madeira e porretes era demais, pois todos acabavam se afastando depressa.

As rodas passaram por um enorme buraco onde as pedras do pavimento haviam sido arrancadas em um dos motins; debaixo de Elayne, a carroça afundou. Ela quase mordeu a língua com a forte pancada no estrado. E Egeanin toda tranqüila com aqueles braços cruzados! Agarrada à borda do estrado, Elayne franziu o cenho para a Seanchan. E se deparou com a mulher de lábios apertados, também se segurando com ambas as mãos.

— Não é nada comparado a ficar parada no convés — comentou Egeanin, dando de ombros.

Nynaeve fez uma leve careta e tentou se afastar da mulher, embora não soubesse como fazer isso sem subir no colo de Elayne.

— Vou falar com Mestre Domon — murmurou, como se a carroça não tivesse sido sugestão dela, para começo de conversa. Uma nova guinada a fez cerrar os dentes.

As três vestiam lã grossa marrom, de trama fina, porém meio áspera e não muito limpa, vestidos de fazendeiras pobres, que mais pareciam sacos disformes se comparados às sedas justas ao gosto de Rendra. Refugiadas do interior que comiam o que fosse possível; era essa a imagem que precisavam passar. O alívio de Egeanin ao ver os vestidos pela primeira vez fora bastante evidente, além de quase tão estranho quanto sua presença na carroça. Elayne jamais imaginara que aquilo fosse acontecer.

Houvera um grande debate — como os homens chamaram — na Câmara das Flores Caídas, porém ela e Nynaeve rebateram a maioria das objeções idiotas que eles apresentaram e ignoraram o resto. Elas duas tinham de adentrar o Palácio da Panarca, e o mais depressa possível. Foi quando Domon apresentou outra objeção, não tão idiota quanto as outras.

— Como é que vocês vão entrar no palácio sozinhas? — resmungou o contrabandista barbudo, encarando os próprios punhos sobre a mesa. — Vocês dizem que de jeito nenhum vão canalizar, a menos que seja preciso, para evitar chamar a atenção dessas Aes Sedai Negras. — Nenhuma delas tinha visto qualquer necessidade de mencionar os Abandonados. — Então vão precisar de músculos para girar um bastão, se a necessidade, no caso, se apresentar, e olhos para vigiar o entorno também seriam uma boa ideia. Eu sou conhecido por lá, entre os serviçais. E também levei presentes para a antiga Panarca. Vou com vocês. — Sacudindo a cabeça, ele reclamou: — Vocês realmente me fazem colocar o pescoço no cadafalso do carrasco porque larguei vocês em Falme. Que a Sorte me espicace se estiver mentindo! Bem, agora está decidido, nem pensem em discutir! Vou entrar com vocês.

— Você é um imbecil, illianense — disse Juilin com desprezo antes que ela ou Nynaeve pudesse abrir a boca. — Acha que os tarabonianos vão permitir

que você fique zanzando pelo palácio como bem entender? Um contrabandista imundo de Illian? Eu conheço os hábitos dos serviçais, sei baixar a cabeça e fazer os nobres ignorantes pensarem... — Ele pigarreou afobado e prosseguiu, sem olhar para Nynaeve, nem para Elayne! — Sou eu quem deve ir com elas.

Thom riu dos outros dois homens.

— Vocês acham que *algum* dos dois poderia se passar por taraboniano? Eu posso; isso aqui funciona bem. — Ele cutucou o longo bigode. — Além do mais, vocês não podem andar pelo Palácio da Panarca carregando porretes ou bastões. É necessário um... método... mais sutil de proteção. — Ele fez um floreio com a mão, e uma faca de repente surgiu, girando e desaparecendo com a mesma rapidez; de volta pela manga, Elayne imaginou.

— Vocês todos sabem o que devem fazer — disse Nynaeve, ríspida — e não dá para fazer tentando nos vigiar feito um par de gansos à venda! — Ela respirou fundo e prosseguiu, em um tom mais amistoso. — Se houvesse meio de um de vocês vir com a gente, eu apreciaria os olhos extras, no mínimo, mas não tem como. Temos que ir sozinhas, ao que parece, e ponto final.

— Eu posso acompanhar vocês — anunciou Egeanin de repente, do canto do quarto, onde Nynaeve a forçara a ficar. Todos se viraram para encará-la; a mulher retribuiu o olhar com a expressão fechada, como se ela própria não estivesse muito segura. — Essas mulheres são Amigas das Trevas. Precisam ser punidas.

Elayne ficou apenas surpresa com a oferta, mas Nynaeve, com os cantos da boca já pálidos, parecia prestes a dar uma surra na mulher por conta daquilo.

— Você acha que confiaremos em você, Seanchan? — perguntou com frieza. — Antes de irmos embora, você vai ficar bem trancadinha em um depósito, por mais falatório que isso...

— Eu juro pela minha confiança em um nome maior — interrompeu Egeanin, levando as mãos ao coração, uma sobre a outra — que não vou trair vocês de maneira alguma, que vou obedecer e proteger vocês até saírem em segurança do Palácio da Panarca. — Então ela fez três medidas, profundas e formais. Elayne não fazia ideia do que significava “confiança em um nome maior”, mas a Seanchan sem dúvida parecia muito comprometida.

— Ela é capaz — disse Domon, devagar e relutantemente. Encarou Egeanin e balançou a cabeça. — Que a Sorte me espicace se existir, no caso, mais de dois ou três homens em quem eu arrisque apostar contra ela. — Nynaeve franziu o cenho para a própria mão, que agarrava uma dúzia das longas trancinhas, depois deu-lhes um puxão, bastante deliberadamente.

— Nynaeve — disse Elayne, com firmeza — você mesma disse que gostaria de ter mais um par de olhos, e eu sem dúvida gostaria. Além do mais, se formos fazer tudo isso sem canalizar, eu não vou me incomodar de ter alguém capaz de lidar com algum guarda bisbilhoteiro, se for preciso. Eu não tenho condições de socar um homem com meus próprios punhos, e nem você. Você lembra como ela sabe lutar.

Nynaeve cravou os olhos em Egeanin, franziu o cenho para Elayne, depois encarou os homens como se eles tivessem tramado aquilo pelas costas dela.

Por fim, no entanto, assentiu.

— Bom — disse Elayne. — Mestre Domon, isso implica em três vestidos, não dois. Agora, é melhor vocês três irem embora. Pretendemos estar a caminho quando o dia nascer.

A carroça parou com um solavanco que despertou Elayne de suas lembranças.

Havia Mantos-brancos desmontados dos cavalos, interrogando Domon. Naquele trecho, a rua corria para o interior de uma praça atrás do Palácio da Panarca, uma praça muito menor do que a que havia na frente. Mais adiante se erguia o palácio, em pilhas de mármore branco, torres delgadas envoltas em trabalhos de cantaria rendada, domos revestidos de neve, rematados de ouro e encimados por pináculos dourados ou cata-ventos. As ruas de cada um dos lados eram muito mais largas do que a maioria em Tanchico, e também mais retas.

O lento *clop-clop* dos cascos de um cavalo nas amplas pedras do pavimento da praça anunciou outro cavaleiro, um homem alto, de capacete reluzente, armadura cintilando por sob o manto branco com o raio de sol dourado e um cajoado carmesim de pastor. Elayne baixou a cabeça; os três nós de patente debaixo do sol flamejante informaram que se tratava de Jaichim Carridin. O homem jamais a vira, mas, se pensasse que ela estava encarando, poderia se perguntar o motivo. Os cascos percorreram a praça sem parar.

Egeanin também baixou o rosto, mas Nynaeve franziu o cenho abertamente para o Inquisidor.

— Aquele homem está muito preocupado com alguma coisa — murmurou ela. — Espero que ele não tenha ouvido...

— A Panarca está morta! — gritou um homem de algum ponto da praça. — Mataram a Panarca!

Não havia como dizer de quem, nem de onde vinha o grito. As ruas que Elayne conseguia ver estavam bloqueadas por Mantos-brancos a cavalo.

Ela olhou para trás, para a rua que a carroça acabara de subir, e desejou que os guardas interrogassem Domon mais depressa. Na primeira curva, começava a se formar um aglomerado de pessoas que espiavam a praça. Thom e Juilin deviam ter feito um bom trabalho espalhando os boatos durante a noite. Com sorte, as coisas não explodiriam enquanto elas estivessem sentadas ali, no meio do burburinho. Se uma rebelião começasse naquele momento... suas mãos só não tremiam porque estavam agarradas com força ao estrado da carroça. *Luz, um tumulto aqui fora e a Ajah Negra dentro, talvez Moghedien... estou com tanto medo que a minha boca está seca.* Nynaeve e Egeanin também observavam a multidão se avolumar no meio da rua, sem nem piscar, muito menos tremer. *Eu não vou me acovardar. Não vou!*

A carroça seguiu adiante, barulhenta, e ela soltou um suspiro aliviado. Levou um instante para perceber que também ouvira as outras duas suspirarem.

Diante de portões não muito mais largos do que a carroça, Domon foi interrogado outra vez, por homens com capacetes pontudos e placas peitorais ornadas com uma árvore pintada de dourado. Soldados da Legião

da Panarca. As perguntas dessa vez foram mais breves; Elayne pensou ter visto uma bolsinha trocar de mãos, e logo eles estavam todos lá dentro, avançando, barulhentos, pelo pátio de pavimento tosco, do lado de fora das cozinhas. Exceto por Domon, os marujos permaneceram do lado de fora, com os soldados.

Elayne deu um salto assim que a carroça parou, e pisou o chão descalça; as pedras irregulares eram *duras*. Era difícil acreditar que a sola fina de uma sandália fizesse tanta diferença. Egeanin escalou a carroça com dificuldade para passar as cestas para fora, e Nynaeve pegou a primeira e pôs nas costas, com uma das mãos contorcida por debaixo e a outra por cima do ombro, agarrada ao aro. Compridas pimentas brancas, um pouco mirradas por conta da longa viagem desde Saldaea, preenchiam as cestas quase até a boca.

Enquanto Elayne pegava a dela, Domon veio até o canto da carroça e fingiu estar inspecionando as pimentas-de-gelo.

— Os Mantos-brancos e a Legião da Panarca, no caso, estão quase chegando às vias de fato, ao que parece — murmurou, dedilhando as pimentas. — Aquele tenente disse que a Legião poderia proteger a Panarca sozinha, se a maior parte da Legião nem tivesse sido mandada para as fortalezas circulares. Jaichim Carridin, no caso, tem acesso à Panarca, ao contrário do Senhor Capitão da Legião. E eles nem estão contentes porque todos os guardas lá dentro são da Guarda Civil. Alguém desconfiado poderia dizer que estão querendo que os guardas da Panarca vigiem uns aos outros, mais do que qualquer outra coisa.

— Bom saber disso — respondeu Nynaeve, sem olhar para ele. — Eu sempre disse que dá para descobrir muita coisa ouvindo as fofocas dos homens.

Domon grunhiu, azedo.

— Vou levar vocês para dentro, depois tenho que retornar aos meus homens antes que eles se metam no meio da multidão.

Cada marinheiro de cada navio que pertencia a Domon estava misturado à multidão em volta do palácio.

Elayne suspendeu a própria cesta nas costas e acompanhou as outras duas mulheres atrás dele, mantendo a cabeça baixa e se encolhendo a cada passo, até chegar nos azulejos marrom-avermelhados da cozinha. Os aromas de especiarias, molhos e cozido de carne dominavam o ambiente.

— Pimentas-de-gelo para a Panarca — anunciou Domon. — Presente de Bayle Domon, um bom dono de navios dessa cidade.

— Mais pimenta-de-gelo? — perguntou uma mulher corpulenta, de tranças escuras, avental branco e o sempre presente véu, mal tirando os olhos de uma bandeja de prata onde arrumava um guardanapo branco dobrado, todo ornamentado, entre travessas de porcelana fina e dourada do Povo do Mar. Havia na cozinha uma dezena ou mais de outras mulheres de avental, bem como um par de rapazes virando assados suculentos em espetos diante de duas das seis lareiras, mas aquela era claramente a cozinheira-chefe. — Bem, ela parece ter gostado das últimas, a Panarca. Guardem no depósito ali.

— Ela fez um gesto vago para uma das portas do lado oposto do recinto. — Não tenho tempo de me amofinar com vocês agora.

Elayne olhava para baixo enquanto caminhava atrás de Nynaeve e Egeanin, suando, e não por conta do calor dos fornos e lareiras de ferro. Uma mulher muito magra, vestida em seda cortada à moda diferente de Tarabon, se encontrava parada ao lado de uma das grandes mesas, coçando as orelhas de um gato cinza magrelo que lambia creme de uma tigela de porcelana. O gato a denunciava, bem como seu rosto estreito e nariz largo. Marillin Gemalphin, antes da Ajah Marrom, agora da Negra. Se a mulher tirasse os olhos do animal, se olhasse para cima e de fato as percebesse ali, saberia que as duas eram capazes de canalizar sem que elas precisassem fazê-lo; com essa proximidade, sem dúvida poderia sentir a habilidade em si.

Suor pingava da ponta do nariz de Elayne no momento em que ela empurrou com o quadril a porta da despensa para fechá-la.

— Vocês viram a mulher? — perguntou, baixinho, quase deixando a cesta cair no chão. Ornatos em gregas entalhados na parede caída logo abaixo do teto permitiam a entrada de uma luz fraca vinda da cozinha. Fileiras de prateleiras altas preenchiam o amplo salão, abarrotadas de sacas, redes com vegetais e grandes jarros de especiarias. Barris e tonéis se espalhavam por todo lado, e uma dúzia de cordeiros e o dobro de gansos temperados jaziam pendurados em ganchos. Segundo o rascunho da planta que Domon e Thom haviam desenhado, aquela era a menor despensa de comida do palácio. — Que nojento — disse. — Sei que Rendra mantém a cozinha cheia, mas pelo menos compra só o que precisa. Essa gente está se refestelando enquanto...

— Contenha a sua aflição até poder fazer alguma coisa a respeito — retrucou Nynaeve, em um sussurro veemente. Ela havia apoiado a cesta no chão e estava tirando o vestido tosco de camponesa. Egeanin já estava de roupas de baixo. — Eu vi a mulher. Se você estiver querendo que ela venha até aqui para ver que barulheira é essa, continue falando.

Elayne deu uma fungada de desdém, mas não respondeu. Não estivera fazendo tanto barulho assim. Tirou o próprio vestido e derramar no chão as pimentas e o que mais estava escondido debaixo delas. Entre outras coisas, um vestido branco com cinto verde, de trama fina de lã, com uma árvore verde de galhos frondosos sobre o contorno de uma folha de três pontas bordada acima do seio esquerdo. O véu encardido foi substituído por um limpo, de linho, quase tão transparente quanto seda. Sandálias brancas de sola acolchoada foram bem-vindas nos pés feridos pela caminhada da carroça à cozinha.

A Seanchan fora a primeira a tirar as roupas velhas, mas a última a vestir a indumentária branca, resmungando o tempo o todo coisas como “indecente” e “serviçal”, o que não fazia sentido algum. Os vestidos *eram* de serviçais; a questão era que as serventes podiam circular por todos os cantos, e como o palácio tinha muitas, dificilmente as três chamariam atenção. E, quanto a indecência... Elayne se lembrava de ter hesitado um pouco em usar a moda taraboniana em público, mas logo acostumara-se, mesmo que a lã fina não

grudasse ao corpo feito a seda. Egeanin parecia ter umas ideias bastante estritas a respeito do que era modéstia.

Por fim, no entanto, a mulher desfez o último laço, e as roupas de camponesa foram enfiadas nas cestas e cobertas com pimentas-de-gelo.

Marillin Gemalphin havia saído da cozinha, mas o gato cinza de orelhas rasgadas ainda lambia creme em cima da mesa. Elayne e as outras duas rumaram para a porta que levava aos interiores do palácio.

Uma das ajudantes de cozinha olhava de cara feia para o gato, as mãos na larga cintura.

— Queria estrangular esse gato — resmungou a mulher, as tranças marrom-claras balançando enquanto ela sacudia a cabeça, irritada. — Ele come o creme, e como coloquei um tantinho de creme nas frutinhas para o café da manhã, agora vou passar a pão e água!

— Dê-se por satisfeita em não estar por aí na rua ou pendurada numa forca. — O tom da cozinheira-chefe não era solidário. — Se uma lady diz que você roubou, então você roubou, mesmo que seja o creme do gato dela, sim? Ei, vocês aí!

Elayne e as duas companheiras congelaram com o berro.

A mulher de tranças escuras balançou uma colher de pau comprida na direção delas.

— Vocês entram na minha cozinha e ficam andando como se estivessem dando um passeio no jardim, suas porcas preguiçosas? Vieram para o café da manhã de Lady Ispan, sim? Se não estiver pronto quando ela acordar, vocês vão aprender a saltar alto. Sim? — A mulher fez um gesto para a bandeja de prata sobre a qual estivera trabalhando antes, agora coberta com um pedaço de linho branco como a neve.

Elas não podiam falar; se alguma abrisse a boca, as primeiras palavras denunciariam que elas não eram tarabonianas. Elayne pensou depressa, fez uma mesura como se fosse uma serviçal e pegou a bandeja; uma serviçal carregando qualquer coisa estava cuidando de seu trabalho, portanto não poderia ser interrompida ou receber outras ordens. Lady Ispan? Não era um nome incomum em Tarabon, mas havia uma Ispan na lista das irmãs Negras.

— Quer dizer que está debochando de mim, sua inconveniente? — vociferou a grandalhona, partindo para contornar a mesa com a pesada e ameaçadora colher de pau.

Não havia nada a fazer sem que ela se denunciasse; nada, a não ser ficar e ser açoitada, ou correr. Elayne saiu em disparada da cozinha segurando a bandeja, com Nynaeve e Egeanin atrás. Os gritos da cozinheira acompanharam as três, porém a mulher, não, por uma graça. A imagem das três correndo pelo palácio, fugindo da perseguição da grandalhona, fez Elayne sentir vontade de soltar uma gargalhada histérica. *Debochando?* Ela tinha certeza de que fora a mesma mesura que as serviçais haviam lhe dispensado milhares de vezes.

Havia outros depósitos enfileirados no estreito corredor da cozinha, além de armários compridos com espadas e esfregões, baldes e sabões, toalhas de mesa de linho e todo tipo de coisa. Nynaeve encontrou em um dos armários

um espanador de penas. Egeanin pegou de outro um punhado de toalhas dobradas, e de um terceiro saiu um pilão de pedra pesado que estava dentro de um almofariz. Egeanin escondeu o pilão debaixo das toalhas.

— Às vezes um porrete vem a calhar — disse ela, quando Elayne ergueu a sobrancelha. — Ainda mais quando inesperado.

Nynaeve deu uma fungada, mas não disse nada. Praticamente fingia que Egeanin não existia desde que concordara em trazê-la com elas.

Nos recônditos do palácio, os corredores eram mais largos e mais altos, as paredes, brancas e entalhadas com frisos, e os tetos, ornados em reluzentes arabescos em ouro. Carpetes compridos e esplendorosos cobriam os pisos de azulejos brancos. Lâmpioes douradas com ornamentos pendiam de suportes, também dourados, provendo luz e o aroma de óleo perfumado. Às vezes o corredor se abria em pátios circundados por caminhos com colunas delgadas cheias de caneluras, sob varandas gradeadas por trabalhos de cantaria filigranados. Imensas fontes jorravam água; peixes vermelhos, brancos e dourados nadavam por sob os nenúfares com enormes flores brancas. Completamente diferente do lado de fora da cidade.

De vez em quando, elas viam outros serviçais, homens e mulheres de brancos com a árvore e a folha bordadas em um dos ombros, apressados em suas tarefas, ou homens com os casacos cinza e os quepes de aço da Guarda Civil portando bastões e porretes. Ninguém lhes dirigia a palavra, nem sequer reparava nelas, três serviçais claramente trabalhando.

Enfim chegaram à estreita escadaria dos serviçais assinalada no mapa rascunhado.

— Não esqueça — disse Nynaeve, baixinho — se houver guardas na porta dela, vá embora. Se ela não estiver sozinha, vá embora. Ela está longe de ser nossa prioridade aqui. — Respirou fundo, forçando-se a olhar para Egeanin. — Se você deixar qualquer coisa acontecer com ela...

Ouviu-se o som fraco de uma corneta do lado de fora. Um instante depois um gongo soou lá dentro, e gritos de ordem ecoaram pelo corredor. Homens em quepes de aço passaram correndo.

— Talvez a gente não tenha que se preocupar com os guardas na porta — comentou Elayne. O motim havia começado nas ruas. Os boatos espalhados por Thom e Juilin para reunir a multidão. Os marujos de Domon a encorajá-los. Ela lamentava que fosse necessário, mas a desordem afastaria a maioria dos guardas do palácio, com sorte todos. Sem desconfiar, aquela gente estava lutando em uma batalha para salvar sua cidade da Ajah Negra e do mundo da Sombra. — Egeanin devia ir com você, Nynaeve. O seu papel é o mais importante. Se alguma de nós duas precisa de alguém para servir de respaldo, é você.

— Não preciso de nenhuma Seanchan! — Nynaeve ergueu o espanador por cima do ombro, feito um pique, e saiu pisando firme pelo corredor. Não tinha nem de longe a postura de uma serviçal; não andando naquela marcha combativa.

— Não é melhor a gente seguir com a nossa tarefa? — perguntou Egeanin. — O motim não vai desviar a atenção por muito tempo.

Elayne assentiu. Nynaeve havia feito uma curva, desaparecendo de vista.

As escadas eram estreitas e escondidas na parede, para manter os serviços tão invisíveis quanto fosse possível. Os corredores do segundo andar eram muito parecidos com os do primeiro, exceto pelo fato de que os arcos de pontas duplas levavam tanto a varandas com treliças de pedra quanto a quartos. O número de serviços parecia diminuir à medida que elas seguiam para o lado oeste do palácio, e nenhum lhes dispensava mais do que uma olhadela. Surpreendentemente, o corredor do lado de fora dos aposentos da Panarca estava vazio. Não havia guardas diante das amplas portas com entalhes de árvores, emolduradas por um batente duplo. Não que ela pretendesse recuar caso houvesse, a despeito do que dissera a Nynaeve, mas isso simplificava as coisas.

Um instante depois, ela já não tinha tanta certeza. Consequia sentir alguém canalizando naqueles aposentos. Não eram fluxos fortes, mas sem dúvida alguém estava urdindo o Poder ou talvez sustentando uma trama. Poucas mulheres conheciam o truque de reter uma trama.

— Qual é o problema? — perguntou Egeanin.

Elayne se deu conta de que havia parado.

— Tem uma irmã Negra aí dentro. — Uma ou mais? Somente uma canalizando, sem dúvida. Ela se espremeu contra as portas. Havia uma mulher *cantando* lá dentro. Grudou a orelha na madeira entalhada e ouviu palavras rucas, abafadas, porém claramente inteligíveis.

— *Meus seios são redondos, minha cintura também.*

A taifa de um navio inteiro domino como ninguém.

Ela deu um pulo para trás, espantada, fazendo as travessas de porcelana sambarem na bandeja, sob o tecido. Teria ela ido para o quarto errado? Não, ela havia memorizado o desenho. Além do mais, as únicas portas com entalhes de árvores no palácio eram as que davam para os aposentos da Panarca.

— Então temos que ir embora — disse Egeanin. — Não dá para fazer nada sem que as outras percebam sua presença.

— Talvez eu consiga. Se elas me sentirem canalizando, vão achar que é a pessoa que está lá dentro. — Ela franziu o cenho e mordeu o lábio inferior. Quantas mulheres havia ali? Ela conseguia fazer umas três ou quatro coisas de uma vez com o Poder, marco que somente Egwene e Nynaeve eram capazes de alcançar. Ela pensou em uma lista de rainhas de Andor que haviam demonstrado coragem diante de grandes perigos, até que percebeu que eram todas as rainhas de Andor. *Serei rainha um dia; sou tão corajosa quanto elas.* Ela se preparou e disse: — Abra as portas, Egeanin, e depois se abaixe para que eu possa ver tudo. — A Seanchan hesitou. — Abra a porta. — Elayne foi surpreendida pela própria voz. Não tentara *fazer* nada, mas soou quieta, calma, imperiosa. Egeanin assentiu, quase com uma mesura, e mais que depressa escancarou as duas portas.

— *Meus quadris são fortes, fortes feito uma âncora.*
Meu beijo é explosivo...

A cantora de tranças escuras, envolta em fluxos de Ar até o pescoço e usando um vestido taraboniano de seda vermelha, manchado e amassado, foi interrompida pelas portas que se fecharam com um estrondo. Uma mulher de aparência frágil, em um vestido azul-claro de gola alta e corte cairhieno, estirada em um banco comprido com almofadas, parou de balançar a cabeça ao som da música e pôs-se de pé em um salto, o grande sorriso em seu rosto dando lugar a uma expressão de afronta.

O brilho de *saidar* já rodeava Temaile, mas ela não teve chance. HorrORIZADA com o que viu, Elayne abraçou a Fonte Verdadeira e disparou fortes fluxos de Ar, envolvendo a mulher dos ombros aos tornozelos, depois urdiu um escudo de Espírito e empurrou-o entre a mulher e a Fonte. O brilho tênue que envolvia Temaile esvaneceu, e ela saiu voando pelo banco como se tivesse acabado de ser golpeada por um cavalo a galope, revirando os olhos, e aterrissou de costas no chão, a três passos de distância, inconsciente, no carpete verde e dourado. A mulher de tranças escuras levou um susto quando os fluxos em torno dela tremeluziram e desapareceram. Espantada e incrédula, ela olhava para Temaile, Elayne e Egeanin.

Afrouxando a trama que envolvia Temaile, Elayne correu para o quarto, os olhos à procura de outras da Ajah Negra. Atrás dela, Egeanin fechou as portas. Não parecia haver mais ninguém.

— Ela estava sozinha? — inquiriu à mulher de vermelho. Era a Panarca, pela descrição de Nynaeve, que *tinha* mencionado *algo* a respeito de uma canção.

— Vocês não estão... com elas? — perguntou Amathera, hesitante, os olhos escuros reparando nos vestidos das mulheres. — Vocês também são Aes Sedai? — Ela parecia disposta a duvidar, apesar da evidência de Temaile. — Mas não estão com elas?

— Ela estava sozinha? — perguntou Elayne, bruscamente, e Amathera deu um pulinho.

— Sim. Sozinha. Sim, ela... — A Panarca fez uma careta. — As outras me obrigaram a sentar no trono e proferir as palavras que colocavam na minha boca. Elas se divertiam em me fazer, algumas vezes, ser justa e, em outras, enunciar injustiças terríveis, decisões que vão causar conflitos durante gerações, se eu não consertá-las. Mas ela! — Aquela boca pequena e carnuda se abriu em um rosnado. — Ela, as outras puseram para me vigiar. Ela me machuca com o único objetivo de me fazer chorar. Me fez comer uma bandeja inteira de pimentas-de-gelo e não me deixou beber nem um gole d'água até eu implorar de joelhos, enquanto ela ria! Eu sonho que ela me leva para o topo da Torre da Manhã pelos tornozelos e me joga lá de cima. É um sonho, mas parece real, e a cada vez ela me solta, gritando, um pouco mais perto do chão. E gargalha! Me obriga a aprender danças lascivas, canções imundas, e ri quando diz que antes de ir embora ela vai me fazer cantar e dançar para

entreter os... — Ganindo feito um gato arisco, ela subiu no banco e partiu para cima da mulher amarrada, enchendo-a de tapas e murros.

Egeanin, de braços cruzados diante das portas, parecia disposta a deixar aquilo seguir em frente, mas Elayne urdiu fluxos de Ar em torno da cintura de Amathera. Para a própria surpresa, conseguiu afastá-la da outra, já inconsciente, e a colocou de pé. Talvez aprender a manejar tramas pesadas com Jorin tivesse aumentado a força dela.

Amathera seguiu chutando na direção de Temaile, cravando o olhar em Elayne e Egeanin quando os pés calçados já não a acertavam.

— Eu sou a Panarca de Tarabon e pretendo dispensar justiça a essa mulher! — A boca de botão de rosa tinha um aspecto emburrado. A mulher teria se esquecido de quem era, de sua posição? Ela era equivalente a um rei, um governante!

— E eu sou a Aes Sedai que veio resgatar você — respondeu Elayne, com frieza. Ao perceber que ainda segurava a bandeja, colocou-a no chão mais que depressa. A mulher já parecia ter dificuldade suficiente para enxergar além dos vestidos brancos de serviçal. O rosto de Temaile estava bastante vermelho; ela acordaria com hematomas. Sem dúvida menos do que merecia. Elayne desejou uma forma de levar Temaile com elas. Uma forma de levar pelo menos uma à Torre, por justiça. — Nós viemos tirar você daqui. E nos arriscamos bastante! Depois pode ir procurar o Senhor Capitão da Legião da Panarca, e Andric e o exército dele, e pode ir atrás dessas mulheres. Talvez tenhamos a sorte de conseguir levar algumas delas a julgamento. Mas primeiro precisamos tirar você daqui.

— Eu não preciso de Andric — resmungou Amathera. Elayne poderia jurar que a mulher quase dissera “agora”. — A minha Legião tem soldados rodeando o palácio. Eu sei disso. Não me permitiram falar com nenhum deles, mas quando me virem e ouvirem a minha voz vão fazer o que tem de ser feito, sim? Vocês, Aes Sedai, não podem usar o Poder Único para fazer mal... — A voz dela foi morrendo, e ela fez uma cara emburrada de desprezo para Temaile. — Pelo menos vocês não podem usar o Poder como arma, sim? Eu sei disso.

Elayne surpreendeu a si mesma urdindo minúsculos fluxos de Ar, um para cada trança de Amathera. As tranças flutuaram, e a beicudinha besta não teve escolha a não ser acompanhá-las nas pontas dos pés. Elayne a fez caminhar daquele jeito até a mulher parar diante dela, com os olhos escuros arregalados e indignados.

— Escute bem, Panarca Amathera de Tarabon — disse ela, em um tom gélido. — Se tentar ir até os soldados, as comparsas de Temaile podem muito bem embrulhar você em uma trouxa e mandá-la de volta para ela. E pior, elas vão saber que eu e minhas amigas estamos aqui, e isso eu não vou permitir. Vamos sair daqui *de fininho*, e se você não concordar com isso, vou amarrá-la e amordaçá-la aqui, do lado de Temaile, para que as amigas dela encontrem. — *Tinha* de haver alguma forma de levar Temaile também. — Está me entendendo?

Amathera assentiu sutilmente, ainda emburrada. Egeanin emitiu um sonzinho de aprovação.

Elayne soltou os fluxos; os calcanhares da mulher tocaram o chão.

— Agora vamos ver se encontramos alguma coisa para você usar que seja adequada à fuga. — Amathera assentiu outra vez, mas com um bico ainda maior. Elayne desejou que Nynaeve estivesse passando momentos mais tranquilos.

* * *

Nynaeve adentrou o grande salão de exibição com sua infinidade de colunas delgadas, já abanando o espanador de penas. A coleção decerto sempre precisava ser espanada, e sem dúvida uma mulher fazendo seu trabalho não despertaria a atenção de ninguém. Ela espiou ao redor; os olhos atraídos para uns ossos presos por arames que pareciam um cavalo de pernas compridas e um pescoço que deslocava o crânio uns vinte pés para cima. O amplo aposento estava vazio.

A qualquer momento, no entanto, alguém poderia entrar; serviçais que de fato estivessem ali para trabalhar, ou Liandrin e todas as comparsas para vasculhar. Ainda erguendo o espanador com proeminência, só por garantia, ela correu até o pedestal de pedra branca que abrigava a coleira e os braceletes foscos. Só percebeu que prendia a respiração quando exalou o ar ao ver que tudo continuava lá. A mesinha lateral de vidro, que continha o selo de *cuendillar*, jazia a uns cinquenta passos de distância, mas o pedestal ficava mais perto.

Ela ultrapassou a corda de seda branca, tão grossa quanto um punho, e tocou a coleira, espessa e articulada. *Sufrimento. Agonia. Angústia.* As sensações a percorreram; ela quis chorar. Que tipo de coisa poderia absorver toda aquela dor? Afastando a mão, cravou o olhar no metal negro. Feito para controlar um homem capaz de canalizar. Liandrin e suas irmãs Negras pretendiam usá-lo para controlar Rand, voltá-lo para a Sombra, forçá-lo a servir ao Tenebroso. Uma pessoa de sua aldeia, controlada e usada por Aes Sedai! Ajah Negra, mas ainda assim Aes Sedai, feito Moiraine com suas tramoias! *Egeanin, me fazendo gostar de uma Seanchan imunda!*

O súbito contrassenso do último pensamento a tomou; de repente ela se deu conta de que estava deliberadamente provocando raiva em si mesma, raiva suficiente para canalizar. Abraçou a Fonte; o Poder a preencheu. E uma serviçal com a árvore e a folha no ombro adentrou o salão cheio de colunas.

Trêmula com o ímpeto de canalizar, Nynaeve aguardou, chegando a erguer o espanador e passando as penas pela coleira e os braceletes. A serviçal começou a avançar pelo piso de pedras claras; sairia em um instante, e Nynaeve poderia... o quê? Meter os objetos na bolsa do cinto e levá-los, mas...

A serviçal iria sair? *Por que eu pensei que ela iria sair e não ficar aqui trabalhando?* Ela olhou de esguelha para a mulher que vinha em sua direção.

Claro. Nenhuma vassoura, nenhum esfregão, nenhum espanador ou pano de pó. *Seja lá por que ela está aqui, não pode levar mui...*

De repente, ela enxergou claramente o rosto da mulher. Robusto e vistoso, emoldurado por tranças escuras. Com um sorriso quase amistoso, mas distraído. De forma alguma ameaçador, sem dúvida. Não era bem o mesmo rosto, mas ela o reconheceu.

Nynaeve atacou sem nem pensar, tecendo um fluxo de Ar duro feito um martelo para esmagar aquela cara. Em um instante o brilho tênue de *saidar* cercou a outra mulher, a expressão dela se alterou — de certa forma agora mais majestosa, mais imponente, o rosto verdadeiro de Moghedien; ela estava atônita e surpresa por não ter conseguido chegar despercebida — e o fluxo de Nynaeve veio rente como o fio de uma navalha. Ela cambaleou sob o ricochete do açoite, feito um golpe físico, e a Abandonada rebateu com uma complexa trama de Espírito entremeada de Água e Ar. Nynaeve não tinha ideia do que aquilo causaria; frenética, tentou interrompê-lo como vira a outra mulher fazer, com uma trama de Espírito violenta. Por um brevíssimo instante, ela sentiu amor, devoção, veneração pela magnífica mulher que concederia permissão para que ela...

A trama intrincada se rompeu, e Moghedien tropeçou. Ainda havia um resquício dentro da mente de Nynaeve, uma espécie de lembrança vívida, uma vontade de obedecer, de agradar, de se rastejar, de repetir o que acontecera no primeiro encontro entre elas; aquilo inflamou seu ódio. O escudo afiado que Egwene utilizara para estancar Amico Nagoyin formou-se de repente, mais arma do que escudo, prestes a cortar para sempre o contato de Moghedien com a Fonte, mas no último segundo o fluxo de Espírito foi aparado por outro semelhante. Mais um contragolpe partiu da Abandonada, dilacerante feito um machado, planejado para apartar Nynaeve da mesma forma. Para sempre. Desesperada, Nynaeve bloqueou.

De súbito ela percebeu que, por baixo da raiva, estava apavorada. Refrear as tentativas da outra mulher de estancá-la enquanto tentava fazer o mesmo lhe consumia todas as forças. O Poder ebulia de tal forma dentro de si que ela achava que iria explodir; seus joelhos tremiam com o esforço para manter-se de pé. E o foco era atacar e se defender; ela não podia dispensar nem o suficiente para acender uma vela. O machado de Espírito de Moghedien ora ficava mais afiado, ora menos, mas não faria a menor diferença se ela conseguisse acertá-la; Nynaeve não via nenhuma real distinção entre ser estancada pela mulher ou ser apenas — *apenas!* — blindada e submetida a ela. A força da outra roçou o fluxo de Poder da Fonte que havia dentro dela, feito uma faca pairando sobre o pescoço esticado de uma galinha. A imagem era bastante adequada; ela desejou não ter pensado naquilo. No fundinho de sua cabeça, uma vozinha balbuciou. *Ah, Luz, não deixe que ela consiga. Não deixe! Luz, por favor, isso não!*

Por um instante, considerou desistir de tentar estancar Moghedien — um dos motivos era a necessidade de manter seu fluxo afiado como a ponta de uma navalha, o que estava muito difícil — e usar toda a força para conter o ataque de Moghedien, forçá-lo a recuar, talvez rompê-lo. Porém, se tentasse

isso, a outra mulher não precisaria se defender e poderia acrescentar aquela força ao seu próprio ataque. E ela era uma Abandonada; não só uma irmã Negra. Uma mulher que tinha sido Aes Sedai na Era das Lendas, quando os Aes Sedai eram capazes de fazer coisas que nos dias atuais eram impensáveis. Se Moghedien a atacasse com toda a sua força ...

Um homem que entrasse ali naquele instante, ou qualquer mulher incapaz de canalizar, teria visto apenas duas mulheres se encarando, uma de cada lado da corda de seda, a uma distância de menos de dez pés. Duas mulheres se encarando em um enorme salão cheio de objetos estranhos. Ninguém enxergaria nenhuma evidência de um duelo. Nada de pulos ou golpes de espadas, como as lutas masculinas, nada destruído ou quebrado. Apenas duas mulheres paradas de pé. Porém, ainda assim, um duelo, e talvez um duelo de morte. Contra uma Abandonada.

— Todo o meu cuidadoso plano arruinado — disse Moghedien subitamente, em um tom tenso e raivoso, com as mãos agarradas às saias. — No mínimo vou precisar fazer um esforço incalculável para que tudo volte a ser como antes. Talvez não seja possível. Ah, eu pretendo fazer você pagar muito caro por isso, Nynaeve al'Meara. Esse tem sido um esconderijo muito confortável, e essas mulheres apáticas têm um bom número de itens muito úteis, ainda que não... — Ela sacudiu a cabeça, os lábios arreganhados em um esgar de dentes. — Acho que vou levar você comigo dessa vez. Já sei. Vou usar você como banquinho vivo de montaria. Você vai ficar de quatro, e eu vou pisar nas suas costas para subir na minha sela. Ou talvez entregue você a Rahvin. Ele sempre retribui os favores. Agora está com uma rainhazinha que o entretém, mas belas mulheres sempre foram o ponto fraco dele. Ele gosta de ter umas duas, ou três, ou quatro dançarinas a seu serviço. O que você acha disso? Passar o resto da vida competindo pelos favores de Rahvin. Você vai querer, quando ele puser as mãos em você; ele tem lá seus truquezinhos. Sim, acho que você deve ficar com Rahvin.

A raiva se avultou em Nynaeve. Suor escorria de sua face, e suas pernas tremiam como se fossem ceder, mas a raiva lhe deu forças. Cheia de fúria, ela conseguiu impulsionar a arma de Espírito a um triz de apartar Moghedien da Fonte, antes que a mulher o bloqueasse novamente.

— Então quer dizer que você descobriu essa pequena joia atrás de você — comentou Moghedien, em um instante de tênue equilíbrio. Surpreendentemente, sua voz tinha um tom quase natural. — Fico me perguntando como foi que conseguiu. Não importa. Você veio levá-la embora? Ou talvez destruí-la? Não se pode destruí-la. Isso aí não é metal, e sim uma das formas de *cuendillar*. Nem fogo devastador consegue destruir *cuendillar*. E, se você pretende usá-lo, existem algumas... desvantagens, por assim dizer. É verdade, ao colocar a coleira em um homem capaz de canalizar, uma mulher que use os braceletes vai poder obrigá-lo a fazer o que bem entender, mas isso não vai impedir que ele enlouqueça. Além disso, existe um fluxo no sentido contrário. Uma hora o homem também vai começar a controlar você, que vai acabar em uma eterna batalha. Não é muito palatável quando ele começa a enlouquecer. É claro, sempre dá para passar o bracelete para outra mulher,

de modo que nenhuma se exponha demais, mas isso significa confiar que outra pessoa fique com o homem. Os homens sempre praticam muito bem a violência; fabricam armas maravilhosas. Ou então duas mulheres podem usar um bracelete cada, se houver alguém em quem você confie o bastante; isso reduz consideravelmente a velocidade dessa vazão, pelo que sei, mas também reduz o controle sobre o homem, mesmo que as duas operem em perfeita sintonia. Por fim, vocês duas vão se encontrar disputando com ele o controle, precisando que ele remova de vocês seu bracelete do mesmo jeito que ele precisa que lhe removam a coleira. — Ela inclinou a cabeça para a frente e ergueu uma sobrancelha, intrigada. — Está me acompanhando, creio eu? Controlar Lews Therin, ou Rand al'Thor, como é chamado agora, seria extremamente útil, mas valeria a pena? Pode imaginar por que deixei a coleira e os braceletes onde estão.

Trêmula por tentar reter o Poder e manter os fluxos urdidos, Nynaeve franziu o cenho. Por que a mulher estava dizendo tudo aquilo a ela? Estaria achando que não importava, pois sairia vencedora? Por que aquela súbita mudança, da ira para o falatório? Também havia suor no rosto de Moghedien. Muito suor, a brotar em sua testa larga e a correr pelas bochechas.

De repente, tudo mudou na cabeça de Nynaeve. A voz de Moghedien não estava tensa por conta da raiva; estava tensa por conta do esforço. Moghedien não iria subitamente atirar toda a sua força nela; já tinha feito isso. A mulher estava fazendo tanto esforço quanto ela. Nynaeve estava enfrentando uma Abandonada, mas, longe de ser depenada feito um ganso para o jantar, não havia perdido nem uma pena sequer. Estava diante de uma Abandonada, e de igual para igual! Moghedien estava tentando distraí-la, ganhar vantagem antes que sua própria força se esvaísse! Se ao menos Nynaeve conseguisse fazer o mesmo... Enquanto ainda tinha força.

— Sabe como sei de tudo isso? A coleira e os braceletes foram feitos depois que fui... bem, não vamos falar sobre isso. Depois que me libertei, a primeira coisa que fiz foi procurar informações sobre esses últimos dias. Últimos anos, na verdade. Existem muitos fragmentos aqui e ali que não fazem nenhum sentido para quem não tem ideia de nada, para começo de conversa. A Era das Lendas. Que nome fantástico vocês deram à minha época. Só que nem as suas histórias mais extraordinárias revelam sequer a metade. Eu já estava viva havia duzentos anos quando o Bore foi aberto, e ainda era jovem para uma Aes Sedai. As suas “lendas” não são mais do que fracas imitações do que nós podíamos fazer. Por que...

Nynaeve parou de escutar. Uma forma de distrair a mulher. Mesmo que ela conseguisse pensar em algo para dizer, Moghedien estaria bem precavida contra o método que ela mesma estava usando. Não podia dispendear esforço para urdir nem mais um fiapinho de trama, não mais do que... não mais do que Moghedien. Uma mulher da Era das Lendas, uma mulher habituada por muito tempo a manejar o Poder Único. Talvez habituada a fazer quase tudo com o Poder, antes de ser aprisionada. Escondida desde que fora libertada. Quanto essa mulher ainda estaria acostumada a fazer as coisas sem o Poder?

Nynaeve deixou as pernas desabarem. Largando o espanador, agarrou o pedestal para se segurar. Quase não precisava fingir.

Moghedien sorriu e deu um passo adiante.

— ... viajar para outros mundos, até mundos no céu. Você sabe que as estrelas são... — Tão confiante, aquele sorriso. Tão triunfante.

Nynaeve agarrou a coleira, ignorando o solavanco de emoções dolorosas que jorraram para dentro dela, e a arremessou, tudo em um movimento só.

A Abandonada apenas começara a escancarar o queixo quando o grande aro negro a atingiu entre os olhos. Não foi um golpe forte, decerto insuficiente para derrubá-la, mas foi inesperado. O controle de Moghedien sobre seus fluxos fraquejou, muito brevemente, apenas por um instante. Ainda assim, por esse pequeno instante o equilíbrio entre as duas se desfez. O escudo de Espírito deslizou entre Moghedien e a Fonte; o halo que a rodeava esvaneceu.

Os olhos da mulher se arregalaram. Nynaeve esperou que ela pulasse em sua garganta; era o que ela deveria ter feito. Mas Moghedien apenas suspendeu as saias até os joelhos e saiu correndo.

Sem precisar se defender, bastou um pouco de esforço de Nynaeve para urdir uma trama de Ar em torno da mulher em fuga. A Abandonada congelou, bem no meio de uma passada.

Mais que depressa, Nynaeve firmou a trama. Tinha conseguido. *Eu enfrentei uma Abandonada e venci*, pensou, incrédula. Ao olhar a mulher presa do pescoço para baixo por ar rígido feito pedra, inclinada para a frente, com um dos pés erguidos, ela teve dificuldade de acreditar. Ao examinar o que havia feito, viu que não tinha sido uma vitória completa, como gostaria. Sua lâmina de espírito se enfraquecera um pouco antes de surtir efeito completo. Moghedien estava capturada e blindada, porém não estancada.

Tentando não cambalear, ela deu a volta e pôs-se diante da outra. Moghedien ainda tinha um ar majestoso, mas feito uma rainha muito assustada, lambendo os lábios, os olhos esquadrinhando todos os lados.

— Se... se você m-me soltar, p-podemos ch-chegar a um acordo. Eu p-posso ensinar m-muita coisa a você...

Impiedosa, Nynaeve a interrompeu, urdindo uma mordada de Ar que impedia a mulher de fechar a boca.

— Um banquinho vivo de montaria. Não foi isso o que você disse? Acho ótima ideia. Gosto de montar. — Ela sorriu para a mulher, que tinha os olhos prestes a saltar das órbitas.

Banquinho de montaria! Depois que Moghedien fosse levada à Torre para ser julgada e estancada — não havia dúvida sobre a sentença para um Abandonado — ela fatalmente seria condenada a fazer algum trabalho útil nas cozinhas, nos jardins ou nos estábulos, a não ser quando fosse exibida para servir de exemplo de que nem os Abandonados escapavam da justiça, nem eram tratados de maneira diferente de qualquer outro serviçal. E, além do mais, seria vigiada. No entanto, era melhor que a mulher achasse que Nynaeve era tão cruel quanto ela. Que achasse isso até de fato ser levada a...

A boca de Nynaeve se contorceu. Moghedien não seria levada a julgamento. Não naquele momento, pelo menos. A não ser que ela conseguisse descobrir alguma forma de removê-la do Palácio da Panarca. A mulher pareceu crer que a careta fosse presságio de alguma maldade; as lágrimas corriam de seus olhos, e ela remexia a boca, tentando forçar algumas palavras por detrás da mordança.

Enojada consigo mesma, Nynaeve caminhou cambaleante de volta para onde estava a coleira preta e enfiou-a depressa na bolsa do cinto, antes que as severas emoções que o objeto encerrava fossem capazes de algo mais do que impressioná-la. Em seguida tomou os braceletes, com a mesma sensação de sofrimento e mágoa. *Eu estava prestes a torturar essa mulher fazendo-a pensar que eu a torturaria! Ela merece, sem dúvida, mas eu não sou assim. Ou sou? Eu não sou melhor do que Egeanin?*

Ela se virou com um pulo, furiosa por sequer ter considerado tal coisa, e caminhou a passos firmes até a mesa com tampo de vidro, passando por Moghedien. Tinha de haver um meio de levar aquela mulher à justiça.

Havia sete estatuetas no estojo. Sete, e nenhum selo.

Por um instante, Nynaeve só conseguiu encará-las. Uma das figuras, um animal estranho com o formato tosco de um porco, porém de focinho largo e redondo e pés da mesma grossura das pernas, estava no mesmo lugar onde estivera o selo, no centro da mesa. De súbito, ela apertou os olhos. O objeto não se encontrava ali de fato; era urdido a partir de Ar e Fogo, em fluxos tão diminutos que faziam teias de aranha parecer cabos grossos. Mesmo concentrada, ela mal conseguia vê-los. Duvidou de que Liandrín ou qualquer uma das outras irmãs Negras conseguissem. A menor resvalada com o Poder e o animal gordo desapareceu, deixando em seu lugar o selo branco e preto sobre o suporte de laca vermelha. Moghedien, a escondedora, o ocultara bem à vista. O fogo derreteu um buraco no vidro, e o selo também foi para o bolso dela, que começou a ficar saliente e puxando o cinto para baixo.

Franzindo o cenho para a mulher suspensa no dedão de uma das sandálias, ela tentou pensar em algum meio de levá-la também. Mas Moghedien não caberia em seu bolso, e ela imaginou que levantaria suspeitas, mesmo que conseguisse erguer a outra mulher. Aquela imagem atrairia alguns olhares desconfiados. Ainda assim, durante o trajeto até a porta em arco mais próxima, ela não pôde evitar olhar para trás a cada passo. Se pelo menos houvesse alguma forma... Diante da porta, parou, lançou uma última olhadela pesarosa e virou-se para sair.

A porta se abriu com uma páteo com uma fonte cheia de nenúfares. Do outro lado da fonte, uma mulher esguia, de pele acobreada, em um vestido taraboniano cor de creme que teria feito Rendra enrubescer, erguia uma haste preta canelurada de um passo de comprimento. Nynaeve reconheceu Jeaine Caide. E mais ainda, reconheceu a haste.

Em desespero, ela se atirou para o lado mais que depressa, com tanta força que saiu deslizando pelas pedras brancas lisas do chão até ser parada com um estrondo por uma das colunas delgadas. Uma barra branca, da espessura de uma perna, passou zunindo por onde ela estivera, como se o ar tivesse se

transformado em metal fundido, e foi acertando tudo no caminho até o salão de exibição; fragmentos das colunas simplesmente sumiam por onde a barra passava, e artefatos de valor inestimável desapareciam. Nynaeve arremessou fluxos de Fogo para trás às cegas, na esperança de acertar alguma coisa, qualquer coisa que estivesse no pátio, e foi cruzando o salão de volta, engatinhando, cambaleante. Um pouco mais alta do que a cintura dela, a barra varou o salão, formando uma faixa de uma parede à outra; entre as duas, estojos, armários e esqueletos aramados desabaram e se partiram. Colunas cindidas estremeeceram; algumas desabaram, mas o que caía por cima daquela terrível espada não sobrevivia para esmagar os mostradores e pedestais no chão. A mesa de tampo vidro desabou antes que o feixe fundido desaparecesse, deixando uma linha arroxeadada que parecia fixada na visão de Nynaeve; apenas as estatuetas de *cuendillar* sobreviveram àquele feixe de luz derretido, e caíram quicando no chão.

As estatuetas não se quebraram, naturalmente. Parecia que Moghedien tinha razão; nem o fogo devastador era capaz de destruir *cuendillar*. Aquela haste preta era um dos *ter'angreal* roubados. Nynaeve se lembrou do aviso anexado à lista delas em uma caligrafia firme. *Produz fogo devastador. Perigoso e quase impossível de controlar.*

Moghedien parecia tentar gritar por detrás da mordaca invisível, a cabeça ricocheteando para a frente e para trás no frenesi da batalha contra as amarras de Ar, mas Nynaeve não lhe dispensou mais do que uma olhadela. Assim que o fogo devastador desapareceu, ela se levantou o suficiente para espiar o outro lado, pela rachadura aberta na parede do salão. Ao lado da fonte, Jeane Caide cambaleava, com uma das mãos na cabeça, a haste negra quase caindo da outra. Porém, antes que Nynaeve pudesse atacá-la, a mulher já havia erguido a haste canelurada outra vez; o fogo devastador irrompeu de uma das pontas, destruindo tudo no caminho pelo aposento.

Quase encostando a barriga no chão, Nynaeve engatinhou até o outro lado o mais rápido que pôde, por entre os estrondos e estampidos das colunas e alvenarias que desabavam. Aos arquejos, disparou para um corredor aberto entre duas paredes rachadas. Não havia como dizer até onde ia a fenda aberta pelo fogo devastador; até a saída do palácio, talvez. Ela avançou, toda contorcida, por um tapete formado de fragmentos de pedra e espiou cuidadosamente pela lateral da entrada.

O fogo devastador havia desaparecido outra vez. O silêncio dominou o salão de exibição em ruínas, exceto no instante em que um pedaço de pedra cedeu e desabou no chão já repleto de entulhos. Não havia sinal de Jeane Caide, embora um pedaço bem grande da parede oposta tivesse desabado, revelando claramente o pátio com a fonte. Nynaeve não iria se arriscar a conferir se o *ter'angreal* havia matado a mulher enquanto ela o utilizava. Ela foi recuperando o fôlego, com a respiração irregular, e seus braços e pernas tremiam tanto que ela se satisfazia em simplesmente ficar ali parada um instante. A canalização requeria tanta energia quanto qualquer outro trabalho; quanto mais se canalizava, mais energia ia embora. E, quanto mais

cansada estivesse, menos condições de canalizar. Ela não tinha total certeza de que ainda seria capaz de enfrentar Jeaine Caide naquele momento.

Que idiota ela havia sido. Lutando contra Moghedien com o Poder, sem pensar que canalizar com aquela força poderia atrair todas as irmãs Negras do palácio para cima dela. Fora uma grande sorte a domanesa não ter chegado com o *ter'angreal* enquanto Nynaeve ainda estava concentrada em dar conta da Abandonada. Muito provavelmente as duas teriam morrido antes que percebessem que a terceira mulher estava ali.

De repente, seus olhos incrédulos se petrificaram. Moghedien havia sumido! O fogo devastador não se aproximara mais de dez pés da mulher, mas ela não estava mais ali. Era impossível. Ela tinha sido blindada.

— Como posso saber o que é impossível? — resmungou Nynaeve. — Era impossível que eu derrotasse uma Abandonada, mas derrotei.

Ainda não havia sinal de Jeaine Caide.

Ela se levantou e correu até o local do encontro. Se pelo menos Elayne não tivesse se metido em nenhum problema, elas poderiam sair dali em segurança, no final das contas.





NAS PROFUNDEZAS

Nynaeve seguia em disparada pelos corredores, que fervilhavam com serviçais, todos desesperados, querendo saber o que estava acontecendo. Podiam não ser capazes de sentir o Poder sendo canalizado, mas sem dúvida haviam sentido o palácio sendo destruído. Ela foi abrindo caminho pela multidão. Até onde todos sabiam, ela era apenas mais uma serviçal em pânico.

Sentiu *Saidar* se esvaindo enquanto avançava ligeira pelos corredores e cruzava os pátios. Ater-se à raiva era difícil, pois estava cada vez mais apreensiva com a situação de Elayne. Se as irmãs Negras tivessem encontrado a menina... Não tinha como saber que armas elas portavam além do *ter'angreal* que produzia fogo devastador. A lista que tinham recebido não informava os usos de todos os objetos.

Em certo momento, viu Liandrin, com as tranças cor de mel claro, e Rianna, com a mecha branca nos cabelos negros, descendo apressadas um lance da escadaria de mármore. Não conseguiu ver o brilho tênue de *saidar* a rodeá-las, mas, pela forma como os serviçais gritavam e saltavam para dar passagem, as duas claramente forçavam caminho com um açoite de Poder. Ficou satisfeita por não ter tentado tocar a Fonte: as outras a teriam percebido no meio da multidão por conta do brilho de *saidar*, e ela não seria capaz de enfrentar qualquer uma delas antes de conseguir descansar um pouco, muito menos as duas juntas. Estava de posse do que tinha ido buscar. Aquelas mulheres teriam que esperar.

Quando Nynaeve chegou ao ponto de encontro, em um estreito corredor no lado leste do palácio, a multidão já minguara e desaparecera. Elayne e a Seanchan a aguardavam junto a uma pequena porta com batente de bronze, trancada com um grande cadeado de ferro. Traziam Amathera, parada de pé, bem rígida, com uma capa de linho leve e o capuz erguido. O vestido branco da Panarca poderia passar por uma vestimenta de serviçal, se ninguém

olhasse com atenção e reparasse que era de seda, e o véu, que não escondia o rosto, sem dúvida era feito do linho usado para os serviçais. O som de gritos abafados vinha pela porta. Ao que parecia, o motim ainda estava acontecendo. Se ao menos os homens estivessem fazendo a parte deles...

Nynaeve ignorou Egeanin e se jogou em cima de Elayne, envolvendo-a em um abraço rápido.

— Eu estava tão preocupada. Correu tudo bem?

— Foi tudo ótimo — respondeu Elayne. Egeanin se remexeu de leve, e a Filha-herdeira lançou um olhar significativo a ela, depois acrescentou: — Amathera deu um pouquinho de trabalho, mas a gente resolveu.

Nynaeve franziu o cenho.

— Trabalho? Por que ela daria trabalho? Por que você daria trabalho? — A última frase foi para a Panarca, que mantinha a cabeça erguida, recusando-se a encarar as outras.

Elayne parecia igualmente relutante.

Foi a Seanchan quem respondeu.

— Ela tentou fugir para incitar os soldados a atacar os Amigos das Trevas. Depois de ter sido advertida contra isso.

Nynaeve recusou-se a olhar para Egeanin.

— Não faça essa cara feia, Nynaeve — ralhou Elayne. — Eu fui atrás dela bem depressa, e tivemos uma conversinha. Acho que agora ela está totalmente de acordo comigo.

A Panarca fez cara de desgosto.

— Estou de acordo, Aes Sedai — apressou-se em dizer a mulher. — Farei exatamente o que você mandou, e lhes entregarei uns papéis para garantir que até os rebeldes se deixem passar sem maiores problemas. Não precisaremos mais... conversar.

Elayne assentiu, como se tudo aquilo fizesse sentido, e fez um gesto para que a mulher se calasse. Ao que a Panarca prontamente fechou a boca. Parecia um tantinho emburrada, mas talvez fosse apenas o formato natural. Estava claro que muita coisa estranha havia acontecido, e Nynaeve pretendia descobrir tudo o que se passara. Mas depois. Os dois lados do corredor estreito ainda estavam vazios, mas gritos de pânico continuavam a ecoar das profundezas do palácio. A turba ressoava do outro lado da portinhola.

— Mas e você? — perguntou Elayne, de testa franzida. — Deveria ter chegado meia hora atrás. Foi você quem causou isso tudo? Senti duas mulheres canalizando Poder suficiente para destruir o palácio, e logo depois alguém realmente tentou destruí-lo. Achei que tivesse sido você. Tive que proibir Egeanin de sair correndo em seu encalço.

Egeanin? Nynaeve hesitou, depois forçou-se a tocar o ombro da Seanchan.

— Obrigada. — A mulher parecia não estar entendendo muito bem o que ela mesma fizera, mas assentiu sem demora. — Moghedien me encontrou, e eu comecei a pensar em como faria para levá-la a julgamento, então Jeaine Caide quase arrancou minha cabeça com fogo devastador. — Elayne soltou um arquejo baixo, e ela se apressou para tranquilizá-la. — Mas nem chegou perto, para falar a verdade.

— Você *capturou* Moghedien? Você capturou uma Abandonada?

— Capturei, mas ela fugiu. — Pronto. Contara tudo. Consciente dos olhares que a outras lançavam a ela, Nynaeve se remexeu, incomodada. Não gostava de errar. Sobretudo, não gostava de errar e ser a primeira a admitir o próprio erro. — Elayne, eu sei o que falei sobre tomar cuidado, mas, quando vi aquela mulher nas minhas mãos, tudo o que eu conseguia pensar era em levá-la a julgamento. — Ela respirou fundo e assumiu um tom de quem se desculpava. Odiava fazer aquilo. Onde estavam aqueles homens idiotas? — Pus tudo em risco porque não consegui me concentrar no objetivo, mas, por favor, não brigue comigo.

— Não vou brigar — respondeu Elayne, com firmeza. — Desde que você se lembre de tomar cuidado no futuro. — Egeanin pigarreeu. — Ah, sim — acrescentou, ligeira. A espera parecia incomodá-la. Suas bochechas estavam salpicadas de pontinhos vermelhos. — Você encontrou a coleira e o selo?

— Estou com eles. — Nynaeve deu um tapinha na bolsa. A gritaria lá fora parecia aumentar. Assim como os berros que ecoavam nos corredores. Liandrin devia estar virando o palácio de cabeça para baixo, tentando descobrir o que aconteceria. — O que está atrasando esses homens?

— A minha Legião — respondeu Amathera.

Elayne encarou a mulher, que fechou a boca de repente. Qualquer que fosse a conversa que as duas tinham levado, parecia ter sido séria. A Panarca fez bico, feito uma garotinha com medo de ser mandada para a cama sem jantar.

Nynaeve olhou para Egeanin. A mulher Seanchan vigiava a porta atentamente. Tivera vontade de ir em seu resgate. *Por que ela não me deixa odiá-la? Será que somos tão diferentes assim?*

De repente, a porta se abriu. Juilin, que estava agachado, puxou duas finas barras de metal envergadas de dentro fechadura e se levantou. Sangue escorria pela lateral de seu rosto.

— Rápido. Precisamos sair daqui antes que a coisa saia de controle.

Olhando para trás do homem, com olhos arregalados, Nynaeve se perguntou o que ele considerava fora de controle. Os marujos de Bayle Domon, pelo menos trezentos deles, formavam um semicírculo de duas filas perto da porta, com o próprio Domon balançando um porrete, gritando para encorajá-los. Tinha de gritar, diante da tamanha algazarra que dominava a rua larga. Homens se acotovelavam, lutavam e gritavam em uma massa furiosa, e os tacos e bastões dos marujos não eram suficientes para afastá-los. Não que os homens estivessem de fato interessados nos marujos. Espalhados pela multidão, grupos de Mantos-brancos a cavalo brandiam espadas para os que os rodeavam com ancinhos e ripas de barris, além de alguns de mãos vazias. Uma chuva de pedras desabava em cima deles, às vezes acertando um capacete, mas não faziam muito barulho em meio ao tumulto. O cavalo de um Manto-branco solitário de súbito relinchou, empinou-se e caiu para trás, depois se reergueu depressa, sem o cavaleiro. Outros animais sem cavaleiros pontilhavam a massa de homens. Era isso o que haviam desencadeado apenas para se proteger? Tentou lembrar-se do motivo, pondo a mão na bolsa para

sentir o selo de *cuendillar*, a coleira e os braceletes, mas era difícil. Com certeza alguns homens estavam morrendo, ali na frente.

— Será que dá para vocês se mexerem, mulheres? — gritou Thom, acenando para que elas saíssem. Um corte vertia sangue por cima de uma das sobranceiras frondosas, talvez causado por uma pedra, e a capa marrom já não servia nem como pano de chão. — Se a Legião da Panarca parar de avançar, isso pode virar uma bagunça.

Amathera soltou um som de espanto, logo antes de Elayne empurrá-la com força para fora. Nynaeve e Egeanin foram atrás. Assim que as quatro estavam do lado de fora, os marujos as rodearam, formando um círculo compacto, começando a lutar para sair do palácio. Tudo o que Nynaeve podia fazer era tentar não tropeçar, espremida pelos homens que se esforçavam para protegê-la. Em dado momento, Egeanin cambaleou e quase caiu. Nynaeve segurou o braço da Seanchan, ajudou-a a se levantar e recebeu um grande sorriso de gratidão. *Não somos tão diferentes, pensou. Não somos iguais, mas não somos tão diferentes assim.* Ela não precisou se esforçar para devolver um sorriso encorajador à mulher.

A massa fervilhante se estendia por muitas ruas fora do palácio, mas, quando o grupo se afastou, encontraram as ruas estreitas e sinuosas quase vazias. Quem não estava de fato envolvido no tumulto demonstrava sabedoria para manter distância. Os marujos abriram um pouco o círculo, dando mais espaço para as mulheres. No entanto, qualquer sujeito errante que olhasse na direção do grupo era encarado com olhares furioso. As ruas de Tanchico ainda eram as ruas de Tanchico. De certa forma, aquilo surpreendeu Nynaeve. Parecia que passara várias semanas dentro do palácio. Parecia certo que a cidade estaria diferente.

Quando o burburinho começou a ficar para trás, Thom se curvou em uma mesura bastante elegante para Amathera, enquanto coxeava.

— É uma honra, Panarca — disse. — Se eu puder ser de qualquer serventia, é só a senhora falar.

Com uma expressão de choque, Amathera encarou Elayne, fez uma leve careta e respondeu:

— O senhor está se confundindo, meu bom senhor. Sou apenas uma pobre refugiada do campo, resgatada por essas boas mulheres.

Thom trocou olhares surpresos com Juilin e Domon, mas, quando abriu a boca para falar, Elayne o cortou:

— Será que a gente pode ir para a estalagem, Thom? Aqui é um péssimo lugar para conversar.

Quando o grupo chegou ao Jardim das Três Ameixeiras, todos ficaram igualmente surpresos ao ouvir Elayne apresentar a Panarca a Rendra como Thera, uma refugiada sem dinheiro que carecia de um catre e talvez de trabalho em troca de comida. A estalajadeira deu de ombros, resignada, mas, enquanto conduzia “Thera” às cozinhas, começou a elogiar seus lindos cabelos e a dizer como ela ficaria bonita no vestido adequado.

Nynaeve aguardou até que todos estivessem dentro da Câmara das Flores Caídas, com a porta fechada, para se pronunciar.

— *Thera?* E ela entrou no jogo! Elayne, Rendra vai mandar a mulher servir mesas no salão!

Elayne não parecia surpresa.

— Vai mesmo, é bem provável. — A Filha-herdeira afundou em uma cadeira, soltou um suspiro, chutou as sandálias e começou a massagear os pés. — Não foi difícil convencer Amathera a ficar escondida por alguns dias. De “a Panarca está morta” para “morte à Panarca” é um pulinho só. Acho que ver o motim também ajudou. Ela não quer depender de Andric para subir outra vez ao trono, quer que seus próprios soldados façam isso, mesmo que ela precise se esconder até poder entrar em contato com o Senhor Capitão da Legião. Acho que Andric vai se surpreender bastante com ela. Pena que *ele* não vá surpreendê-la. Ela merece.

Domon e Juilin trocaram olhares e balançaram a cabeça, intrigados. Egeanin assentiu para si mesma, como se ela, ao menos, compreendesse e aprovasse.

— Mas por quê? — inquiriu Nynaeve. — Vocês podem até ter ficado irritadas porque ela tentou fugir sozinha, mas isso? Como ela conseguiu a fugir, para começo de conversa, com vocês duas na cola dela?

Os olhos de Egeanin se voltaram na direção de Elayne, tão depressa que Nynaeve não soube ao certo se realmente acontecera.

Elayne inclinou-se para coçar a sola do pé. O gesto decerto doera um pouco, pois ela ficou com as bochechas vermelhas.

— Nynaeve, essa mulher não faz ideia de como é a vida dos plebeus. — Como se ela fizesse! — Parece preocupada de verdade com a justiça, acredito que sim, mas não demonstrou o menor incômodo com o fato de haver comida suficiente para um ano dentro do palácio. Eu mencionei a cozinha de sopas, mas ela não sabia do que eu estava falando! Uns poucos dias trabalhando em troca de comida farão muito bem a ela. — Elayne esticou as pernas por baixo da mesa e remexeu os pés descalços. — Ah, como isso é bom. Não que ela vá ter muitos dias, eu imagino. Não se tiver que reunir a Legião da Panarca para arrancar Liandrin e as outras à força de dentro do palácio. Uma pena, mas é assim que é.

— Bom, ela vai ter que fazer isso — retrucou Nynaeve, com firmeza. Era bom se sentar, mas ela não conseguia entender o cuidado da outra garota com os pés. Quase não haviam caminhado. — E, quanto mais cedo, melhor. Precisamos da Panarca, e não de uma ajudante extra na cozinha de Rendra.

Não achava que havia qualquer necessidade de se preocupar com Moghedien. A mulher tivera todas as oportunidades de se revelar, depois de se libertar. Isso ainda a intrigava. Decerto fora descuidada ao urdir o escudo. Mas, se Moghedien não estivera disposta a enfrentá-la naquele momento, quando sabia que Nynaeve estava quase exaurida, era pouco provável que fosse partir atrás dela. Não por algo que pensava não valer muito a pena. O mesmo, no entanto, não valia para Liandrin. Se a mulher ficasse sabendo de metade do que acontecera, *iria* atrás delas.

— A justiça da Filha-herdeira — murmurou Thom — pode suplantar a justiça da Panarca. Havia uma torrente de homens passando por aquela

porta, quando fomos embora. Vi fumaça saindo de várias janelas. Esta noite, veremos pouca coisa além de umas ruínas destruídas pelo fogo. Não precisaremos arranjar soldados para caçar a Ajah Negra, e, assim, “Thera” pode tirar uns dias para aprender a lição que você quer ensinar. Um dia você será uma excelente rainha, Elayne de Andor.

O sorriso satisfeito de Elayne sumiu quando ela olhou para o menestrel. A jovem se levantou, atravessou a sala a passos firmes, revirou os bolsos do casaco de Thom em busca de um lenço e começou a secar o sangue da testa do homem, apesar dos protestos dele.

— Fique quieto — ralhou ela, no tom exato de uma mãe tentando cuidar de uma criança rebelde.

— Será que a gente pode pelo menos ver as coisas pelas quais arriscamos nossas peles? — perguntou o menestrel, quando ficou claro que Elayne faria exatamente o que queria.

Nynaeve abriu a bolsa do cinto e dispôs o conteúdo sobre a mesa. O disco branco e preto que ajudava a encerrar a prisão do Tenebroso, a coleira e os braceletes que lhe enviaram ondas de sofrimento antes que ela os soltasse. Todos se reuniram para observar.

Domon tocou o selo.

— Eu já tive uma coisa igual a essa.

Nynaeve duvidou. Apenas sete haviam sido fabricados. Três foram destruídos, fossem ou não feitos de *cuendillar*. Um estava com Moiraine. Restavam quatro. Será que esses quatro dariam conta de manter a prisão em Shayol Ghul bem trancada? Que pensamento arrepiante.

Egeanin tocou a coleira e empurrou os braceletes para longe. Se sentia alguma emoção aprisionada neles, não demonstrou. Talvez a sensibilidade viesse apenas com a capacidade de canalizar.

— Isso aqui não é um *a'dam* — declarou a Seanchan. — É feito em uma só peça de um metal coberto de prata.

Nynaeve desejou que a mulher não tivesse mencionado o *a'dam*.

Mas ela nunca usou o bracelete de um a'dam. E de fato soltou aquela coitada de quem nos falou. Coitada. Era ela — a tal Bethamin — quem controlava as mulheres com o a'dam. Egeanin demonstrara mais piedade do que Nynaeve jamais teria.

— Isso é tão parecido com um *a'dam* quanto eu sou com você, Egeanin.

A Seanchan ficou espantada, mas, depois de um instante, assentiu. Não tão diferentes assim. Duas mulheres, cada uma fazendo o melhor que podia.

— Você pretende continuar atrás de Liandrin? — Juilin estava sentado, os braços cruzados sobre a mesa, analisando os objetos dispostos. — Ela pode até ir embora de Tanchico, mas ainda estará à solta. E as outras também. Só que esses objetos parecem importantes demais para serem deixados por aí. Eu sou apenas um caçador de ladrões, mas acho que eles devem ser levados à Torre Branca, só por garantia.

— Não! — Nynaeve se espantou com a própria veemência. Os outros também, pela maneira como a encararam. Devagar, ela apanhou o selo e o recolocou na bolsa. — Isso aqui vai para a Torre. Mas aqueles... — Ela não queria tocar outra vez nos objetos pretos. Se chegassem à Torre, as Aes Sedai

poderiam decidir fazer o mesmo uso deles que a Ajah Negra imaginara. Controlar Rand. Moiraine faria isso? Siuan Sanche? Ela não pretendia correr o risco. — Eles são muito perigosos para que a gente arrisque vê-los outra vez nas mãos de Amigos das Trevas. Elayne, consegue destruí-los? Derreta. Não me interessa se vão queimar a mesa. Só destrua essas coisas!

— Concordo com você — respondeu Elayne, com uma careta.

Nynaeve duvidava. Elayne acreditava na Torre de todo o coração. Mas também acreditava em Rand.

Nynaeve não viu o brilho tênue de *saidar*, claro, mas a forma atenta como a garota encarava os objetos vis era sinal de que estava canalizando. Os braceletes e o colar jaziam ali. Elayne franziu o cenho, e seu olhar ficou mais concentrado. De repente, ela sacudiu a cabeça. Aproximou a mão por um instante, hesitante, de um dos braceletes, antes de apanhá-lo. E soltou-o outra vez, com um arquejo.

— A sensação é de... é cheio de... — Ela respirou fundo e continuou: — Eu fiz o que você pediu, Nynaeve. Se fosse um martelo, estaria derretido, pelo tanto de Fogo que urdi em cima, mas isso aqui não está nem quente.

Então Moghedien não tinha mentido. Sem dúvida pensara que não havia necessidade, que sua vitória era garantida. *Como a mulher se soltou?*

O que fazer com aquelas coisas? Ela não as deixaria cair nas mãos de ninguém.

— Mestre Domon, o senhor conhece uma parte do mar bem profunda?

— Conheço, sim, Senhora al'Meara — respondeu o homem, relutante.

Com cautela, tentando não sentir qualquer emoção, Nynaeve empurrou a coleira e os braceletes pela mesa em direção a ele.

— Então jogue isso no mar, onde ninguém nunca mais conseguirá pescar de volta.

Depois de um instante, o homem assentiu.

— Pode deixar. — Ele enfiou os objetos depressa no bolso do casaco, claramente incomodado de tocar algo com uma relação tão estreita com o Poder. — Na profundidade mais profunda do mar que eu conheço, perto de Aile Somera.

Egeanin encarou o chão, de cenho franzido, decerto pensando na partida do illianense. Nynaeve não se esquecera de que a mulher chamara Domon de “um homem de porte muito adequado”. Até ela sentia vontade de rir. Estava quase acabado. Assim que Domon pudesse sair com o navio, a coleira e os braceletes odiosos iriam embora para sempre. Ela e Elayne poderiam partir para Tar Valon. E depois... Depois voltar para Tear, ou para onde al'Lan Mandragoran estivesse. Enfrentar Moghedien, perceber quão perto estivera da morte ou de coisa pior, apenas fizera crescer sua urgência em resolver as coisas com ele. Um homem ela precisava dividir com uma mulher que odiava. No entanto, se Egeanin podia olhar com afeição para um homem a quem fizera prisioneiro — e Domon sem dúvida a olhava com interesse — e se Elayne era capaz de amar um homem fadado a enlouquecer, então ela poderia descobrir uma forma de desfrutar do que Lan fosse capaz de lhe dar.

— Vamos descer e conferir se “Thera” está se saindo bem como serviçal? — sugeriu.

Em breve, partiria rumo a Tar Valon. Em breve.





OLHOS-DOURADOS

O salão da estalagem Fonte de Vinho estava silencioso, exceto pelo som dos rabiscos da caneta de Perrin. Silencioso e vazio, a não ser por ele e Aram. A luz do fim da manhã entrava pelas janelas. Da cozinha não vinha aroma algum. Não havia fogões acesos na aldeia, e até os carvões enfiados nas cinzas haviam sido encharcados. Não havia motivo para deixar o dom do fogo à mão. O latoeiro — ele às vezes se perguntava se era adequado ainda pensar em Aram como um latoeiro, mas um homem não podia deixar de ser o que era, portando uma espada ou não — permanecia encostado na parede, perto da porta principal, observando Perrin. O que ele esperava? O que queria? Mergulhando a pena no potinho de pedra cheio de tinta, Perrin pôs de lado a terceira folha de papel e começou a rabiscar a quarta.

Ban al'Seen abriu a porta, de arco na mão, e esfregou um dedo inquieto no nariz, para cima e para baixo.

— Os Aiel estão de volta — anunciou, baixinho, mas seus pés se remexiam como se tivessem vida própria. — Trollocs estão vindo do norte e do sul. Milhares deles, Lorde Perrin.

— Não me chame assim — retrucou o rapaz, distraído, o cenho franzido para a folha de papel.

Não tinha jeito com as palavras. Com certeza não sabia dizer as coisas do jeito rebuscado que as mulheres gostavam. Só conseguia escrever o que sentia. Mergulhou a pena outra vez no tinteiro e acrescentou mais algumas linhas.

Não vou pedir seu perdão pelo que fiz. Não sei se você seria capaz de me perdoar, mas não vou pedir isso. Você é mais preciosa para mim que minha própria vida. Não pense que eu a abandonei. Quando o sol brilhar em seu rosto, será o meu sorriso.

Quando você ouvir a brisa soprando nas flores das macieiras, serei eu sussurrando “eu te amo”. O meu amor é seu, para sempre.

Perrin

Por um instante, analisou o que escrevera. Não era o bastante, mas teria de servir. Não tinha as palavras certas, e também não tinha tempo.

Com muito cuidado, secou a tinta molhada com um mata-borrão e dobrou as páginas. Quase escreveu “Faile Bashere” do lado de fora, mas trocou para “Faile Aybara”. Percebeu que sequer sabia se as esposas tomavam o nome dos maridos, em Saldaea. Havia lugares onde isso não acontecia. Bem, Faile se casara com ele em Dois Rios, e teria que aturar os costumes de Dois Rios.

Deixou a carta no centro da cornija da lareira. Talvez chegasse até ela, um dia. Ajeitou a faixa nupcial vermelha por detrás da gola da camisa, para que caísse pela lapela do jeito certo. Deveria usá-la por sete dias, para que todos vissem que estava recém-casado.

— Vou tentar — disse à carta, baixinho.

Faile tentara amarrar uma faixa na barba dele. Perrin desejou que a tivesse deixado.

— Como, Lorde Perrin? — indagou Ban, ainda remexendo os pés, ansioso. — Eu não ouvi.

Aram mordia os lábios, os olhos arregalados e assustados.

— É hora de cuidar das tarefas do dia — anunciou Perrin. Talvez a carta chegasse a ela. De alguma forma. Apanhou o arco da mesa e jogou-o nas costas. Machado e aljava já pendiam do cinto. — E não me chame assim!

Na frente da estalagem, encontrou os Companheiros reunidos, já montados nos cavalos. Wil al’Seen levava aquele estandarte idiota com a cabeça do lobo, o cajado longo apoiado no ferro do estribo. Não fazia muito tempo que Wil tinha se recusado a carregar aquela coisa. Os sobreviventes dos que haviam se juntado a ele no primeiro dia agora detinham, orgulhosamente o direito. Wil, com o arco nas costas e uma espada na cintura, parecia tão orgulhoso quanto qualquer idiota.

Enquanto Ban subia na sela, desajeitado, Perrin o ouviu dizer:

— O homem é frio feito um lago de inverno. Feito gelo. Talvez não seja tão ruim assim, hoje.

Ele mal prestou atenção. As mulheres estavam reunidas no campo.

Estavam dispostas em um círculo de cinco ou seis fileiras ao redor do mastro comprido onde o estandarte maior com a cabeça vermelha de lobo tremulava ao vento. Cinco ou seis fileiras, ombro a ombro, levando armas de haste feitas de foices e ancinhos, além de machados de cortar madeira e robustas facas de cozinha e cutelos. Com um nó na garganta, ele montou em Galope e cavalgou na direção delas. As crianças formavam uma massa espremida dentro do círculo de mulheres. Todas as crianças de Campo de Emond.

Ao cavalgar lentamente por entre as fileiras, Perrin sentiu os olhos das mulheres a acompanhá-lo, e também os das crianças. Cheiro de medo e preocupação, coisa que estava evidente nos rostinhos infantis, mas o odor

emanava de todos. Puxou a rédea, parando onde estavam Marin al'Vere, Daise Congar e o restante do Círculo das Mulheres. Alsbet Luhhan levava nos ombros um dos martelos do marido, e, na cabeça, o capacete de Manto-branco adquirido na noite de seu resgate, um pouco torto por conta da trança grossa. Neysa Ayellin segurava com firmeza uma faca de entalhar de lâmina comprida e trazia mais duas presas no cinto, às costas.

— Nós já planejamos o que vamos fazer — anunciou Daise, encarando Perrin como se esperasse uma discussão que não pretendia permitir. Segurava um ancinho amarrado a uma vara quase três pés maior que ela, apoiado na vertical. — Se os Trollocs invadirem por algum lugar, vocês, homens, vão ficar ocupados, então levaremos as crianças embora. Os mais velhos já sabem o que fazer, e todos já brincaram de esconde-esconde na floresta. Só para mantê-los seguros até poderem sair outra vez.

Os mais velhos. Meninos e meninas de treze e quatorze anos levavam os pequeninos amarrados às costas e seguravam as mãos dos maiores. Garotas mais velhas do que isso estavam nas fileiras com as mulheres. Bo Cauthon segurava um machado de lenha com as duas mãos, e sua irmã, Eldrin, portava uma lança de javali de ponta larga. Os rapazes mais velhos estavam com os homens ou trepados nos telhados de sapê, de arcos em punho. Os latoeiros permaneciam com suas crianças, dentro das casas. Perrin olhou para Aram, parado ao lado do estribo. Aquela gente não lutaria, mas cada adulto carregava dois bebês amarrados às costas e mais um aninhado no braço. Raen e Ila, abraçados, não o encaravam. Era só para mantê-los seguros até poderem sair outra vez.

— Peço desculpas. — Ele precisou parar e pigarrear. Não era sua intenção que a coisa chegasse àquele ponto. Por mais que refletisse, não conseguia pensar em nada de diferente que pudesse ter feito. Nem se entregar aos Trollocs teria impedido a matança e os incêndios. O fim teria sido o mesmo. — Não foi justo o que fiz com Faile, mas eu tive que fazer. Por favor, entenda isso. Eu tive que fazer.

— Não seja bobo, Perrin — respondeu Alsbet, enfática, mas com um sorriso afetuoso no rosto redondo. — Eu não aguento quando você começa de bobeira. Acha que esperaríamos outra coisa de você?

Com um pesado cutelo em uma das mãos, Marin estendeu a outra para dar um tapinha no joelho de Perrin.

— Qualquer homem a quem valha a pena cozinhar uma boa refeição teria feito o mesmo.

— Obrigado. — Luz, como sua voz. Dali a pouco estaria fungando feito uma criancinha. Ainda assim, por algum motivo, estava embargada não conseguiu suavizar o tom. As mulheres deviam estar pensando que ele era um idiota. — Obrigado. Eu não deveria ter enganado a senhora, mas Faile não teria ido embora se tivesse suspeitado.

— Ah, Perrin. — Marin riu. Uma risada de verdade, mesmo com tudo o que estava enfrentando, com todo o cheiro de medo que exalava. O rapaz desejou ter metade da coragem daquela mulher. — Nós sabíamos qual era a sua intenção antes mesmo de você fazer a garota montar no cavalo, e não

posso afirmar com certeza que a própria Faile não sabia. As mulheres acabam fazendo muitas coisas que não querem fazer só para agradar vocês, homens. — Então acrescentou, com firmeza: — Agora vá cuidar do que tem que fazer. Isso aqui é assunto do Círculo das Mulheres.

Perrin conseguiu dar um jeito de retribuir o sorriso.

— Sim, senhora — respondeu, coçando a testa. — Me perdoe. Eu sei muito bem que é melhor não meter o bedelho nessas coisas.

As mulheres à volta de Marin riram, achando graça, e ele deu meia-volta com Galope.

Percebeu que Ban e Tell vieram cavalcando logo atrás, trazendo o restante dos Companheiros na cola de Wil e do estandarte. Fez um gesto para que os dois se aproximassem.

— Se as coisas ficarem ruins hoje — anunciou, com um de cada lado — os Companheiros devem voltar para cá e ajudar as mulheres.

— Mas...

Ele interrompeu o protesto de Tell.

— Façam o que eu mandei! Se alguma coisa der errado, saiam daqui com as mulheres e as crianças! Estão me ouvindo? — Os homens assentiram. Relutantes, mas assentiram.

— E você? — perguntou Ban, baixinho.

Perrin o ignorou.

— Aram, você fica com os Companheiros.

Avançando entre Galope e o cavalo peludo de Tell, o latoeiro sequer olhou para cima.

— Eu não vou sair do seu lado — respondeu ele, simplesmente, mas em um tom que não deixava espaço para discussão. O rapaz não mudaria de ideia, não importava o que ele dissesse, e Perrin se perguntou se os lordes de verdade passavam pelo mesmo tipo de problema.

Na ponta oeste do Campo, os Filhos estavam montados nos cavalos, os mantos reluzindo com o raio de sol dourado, os capacetes e armaduras brilhando, as pontas das lanças cintilando. Formavam uma longa coluna de duas fileiras que se estendia até o meio das casas mais próximas. Deviam ter passado a noite inteira polindo as armaduras. Dain Bornhald e Jaret Byar moveram os cavalos para virar-se de frente para Perrin. Bornhald permanecia sentado ereto sobre a sela, mas cheirava a conhaque de maçã. O rosto encovado de Byar se contorceu, com uma raiva ainda mais profunda do que de costume, quando ele encarou Perrin.

— Achei que vocês já estariam em suas posições — disse Perrin.

Bornhald torceu o nariz e encarou a crina do cavalo, sem responder. Depois de um instante, Byar retrucou:

— Estamos indo embora daqui, Criatura da Sombra. — Um burburinho raivoso começou a se elevar entre os Companheiros, mas o homem de olhos fundos os ignorou, assim como ignorou Aram, que passou a mão pelo ombro para agarrar o punho da espada. — Vamos passar pelos seus amigos no caminho de volta para Colina da Vigília e nos unir ao restante dos nossos homens.

Indo embora. Mais de quatrocentos soldados indo embora. Eram Mantos-brancos, mas eram soldados montados, não fazendeiros. Soldados que haviam concordado — Bornhald concordara! — em apoiar os homens de Dois Rios onde quer que a batalha ebulisse. Se Campo de Emond quisesse ter a menor chance que fosse, Perrin teria de contar com aqueles homens. Galope deu um tranco com a cabeça e bufou, como se captasse o humor do dono.

— Você ainda acredita que eu sou Amigo das Trevas, Bornhald? Quantos ataques viu até agora? Esses Trollocs tentaram me matar da mesma forma que tentaram matar os outros.

Bornhald ergueu a cabeça devagar, os olhos perturbados e ao mesmo tempo meio vidrados. As mãos protegidas pelas manoplas de aço se flexionaram nas rédeas, em um movimento inconsciente.

— Você acha que a essa altura eu já não descobri que essas defesas foram erguidas sem você? Nada disso foi coisa sua, sim? Eu não vou manter meus homens aqui para ver você jogar seus próprios aldeões na boca dos Trollocs. Você vai dançar em cima da pilha de corpos quando isso tudo acabar, Criatura da Sombra? Ah, não em cima dos nossos! Pretendo viver por tempo suficiente para ver você ser levado à justiça!

Perrin deu um tapinha no pescoço de Galope, tentando acalmar o garanhão. Precisava daqueles homens.

— Vocês querem me levar? Muito bem. Quando isso tudo acabar, quando os Trollocs estiverem derrotados, não vou resistir se vocês tentarem me prender.

— Não! — gritaram Ban e Tell, ao mesmo tempo.

Atrás deles, ergueu-se um estrondo de protestos. Aram encarou Perrin, perturbado.

— Uma promessa vazia — retrucou Bornhald, encarando-o com desprezo. — Você quer que todo mundo morra aqui, exceto você mesmo!

— E você nunca vai saber se fugir, não é mesmo? — Perrin assumiu um tom áspero e desdenhoso. — Vou manter a minha promessa, mas, se você for embora, pode ser que nunca volte a me encontrar. Vá, se quiser! Fuja e tente esquecer o que está acontecendo aqui! Toda aquela conversa de proteger o povo dos Trollocs... Quantos morreram nas mãos dos Trollocs, depois que você chegou? A minha família não foi a primeira, e com certeza não será a última. Fuja! Ou fique, se for capaz de lembrar que é homem. Se precisar encontrar coragem, olhe só para essas mulheres, Bornhald. Qualquer uma delas tem mais coragem do que todos vocês, Mantos-brancos, juntos!

Bornhald tremia como se cada palavra fosse um golpe. Perrin achou que o homem fosse desabar da sela. Ereto e cambaleante, o Manto-branco o encarou.

— Eu vou ficar — anunciou, com a voz rouca.

— Mas, meu Lorde Bornhald... — protestou Byar.

— Uma morte honrada! — rosnou Bornhald. — Se temos que morrer aqui, teremos uma morte honrada! — Ele virou a cabeça com violência de volta para Perrin, com saliva nos lábios. — Nós vamos ficar. Mas, no fim, eu verei

você morto, Criatura da Sombra! Pela *minha* família, pelo *meu* pai, eu... verei... você... morto!

Ele puxou o cavalo bruscamente e retornou a meio-galope até a fileira de Mantos-brancos. Byar arreganhou os dentes para Perrin, em um rosnado silencioso, antes de seguir seu comandante.

— Você pretende manter essa promessa? — perguntou Aram. — Você não pode.

— Preciso ver como estão todos — comentou Perrin. Não havia muita chance de que vivesse o bastante para manter a promessa. — Não temos muito tempo.

Ele cravou as botas nos flancos de Galope, e o cavalo deu um pinote para a frente, em direção ao lado oeste da aldeia.

Atrás das estacas pontudas voltadas para a Floresta do Oeste, homens permaneciam agachados com suas lanças, alabardas e armas de haste confeccionadas por Haral Luhhan, que também estava lá, com o colete de ferro e uma lâmina de foice presa à ponta de uma vara de oito pés de comprimento. Atrás deles estavam os homens com arcos, em fileiras entremeadas por quatro catapultas. Abell Cauthon caminhava devagar por entre elas, falando com cada um dos homens.

Perrin freou as rédeas ao lado de Abell.

— A notícia é que eles estão vindo do norte e do sul — murmurou — mas fique de olho.

— Vamos vigiar. E estou pronto para mandar metade dos meus homens para onde for preciso. Eles vão ver que o povo de Dois Rios não é presa fácil.

O sorriso escancarado de Abell era muito parecido com o do filho.

Para o constrangimento de Perrin, os homens urraram um comprimento ressonante enquanto ele avançava, com os Companheiros e o estandarte logo atrás.

— Olhos-Dourados! Olhos-Dourados! — gritavam.

Volta e meia surgia um “Lorde Perrin!” em meio à algararra. Sabia que deveria ter batido o pé mais forte no início.

Tam assumira a liderança ao sul, com o rosto mais sombrio que o de Abell, avançando quase como um Guardião, a mão apoiada no punho da espada. Aquela graça mortal e voraz parecia estranha no fazendeiro corpulento e grisalho. Ainda assim, suas palavras para Perrin não foram tão diferentes das de Abell.

— Nós de Dois Rios somos muito mais fortes do que a maioria pensa — murmurou. — Não se preocupe, hoje seremos motivo de muito orgulho.

Alanna estava parada ao lado de uma das seis catapultas erguidas naquela área, toda preocupada com uma grande pedra que era içada para dentro de um dos suportes na ponta de uma das vigas robustas. Ihvon parou o cavalo perto dela, com a capa furta-cor de Guardião, esguio feito uma lâmina de aço e alerta como um gavião. Não havia dúvida de que ele escolhera seu lugar — onde quer que Alanna estivesse — e sua luta — preservar a vida dela, independentemente do que acontecesse. O homem mal olhou para Perrin. Mas, quando ele passou, a Aes Sedai fez uma pausa, as

mãos suspensas sobre a pedra, os olhos a acompanhá-lo. O rapaz quase pôde senti-la avaliando-o, medindo-o, julgando-o. Os urros também o acompanhavam ali.

No ponto onde a cerca de estacas ficava à frente das poucas casas a leste da estalagem Fonte de Vinho, Jon Thane e Samel Crowe dividiam o comando. Perrin disse aos dois o mesmo que dissera a Abell, e recebeu a mesma resposta. Jon, vestido em uma cota de malha com buracos em diversos pontos, vira a fumaça de seu moinho incendiado, e Samel, com cara de cavalo e nariz comprido, tinha certeza de ter visto a fumaça de sua fazenda. Nenhum dos dois esperava que o dia fosse fácil, mas ambos estavam cobertos de um manto rígido de determinação.

Perrin decidiu que sua luta seria no norte. Dedilhando a fita que pendia de uma lapela, espiou na direção de Colina da Vigília, na direção que Faile seguira, e se perguntou por que teria escolhido o lado norte. *Voe livre, Faile. Voe livre, meu coração.* Imaginou que aquela área seria tão apropriada para morrer quanto qualquer outra.

Bran supostamente assumira a liderança daquelas bandas, com seu elmo e coleto com discos de metal cerzidos, mas parou de conferir os homens ao longo da cerca para dispensar uma medida a Perrin, a maior que sua circunferência corporal permitia. Gaul e Chiad permaneciam a postos, as cabeças envoltas nas *shoufas*, os rostos encobertos até os olhos por detrás dos véus negros. Lado a lado, percebeu Perrin. Fosse lá o que tivesse se passado entre os dois, parecia se sobrepor à rixa de sangue dos clãs. Loial portava um par de machados de madeira, pequenos se comparados às suas mãos imensas. As orelhas peludas se inclinavam para a frente, cheias de fúria, e o rosto largo estava fechado.

Você acha que eu fugiria?, perguntara ele, quando Perrin sugerira que o Ogier poderia escapular no meio da noite atrás de Faile. As orelhas haviam caído, cheias de pesar e cansaço. *Eu vim com você, Perrin, e vou ficar até você ir embora.* Então soltara uma risada repentina, um som grave e retumbante que quase sacudira as louças. *Talvez alguém até conte uma história a meu respeito, um dia. Não é frequente acontecer com meu povo, mas acho que pode haver um herói Ogier. Uma piada, Perrin! Eu fiz uma piada! Ria! Venha, vamos contar umas piadas, rir um pouco e pensar em Faile voando livre.*

— Não é piada, Loial — murmurou Perrin, enquanto cavalgava entre as fileiras de homens, tentando não escutar a algazarra. — Você é um herói, queira ou não.

O Ogier abriu um sorriso largo e tenso antes de deitar os olhos outra vez no chão limpo em frente à cerca. Pedços de pau rajados de branco marcavam intervalos de cem a quinhentas passadas. Para além disso, havia campos forrados de tabaco e cevada, a maioria esmagada por ataques anteriores, além de sebes, cercas baixas de pedra e bosques de folhas-de-couro, pinheiros e carvalhos.

Perrin conhecia muitos rostos naquelas fileiras de homens à espera. O corpulento Eward Candwin junto de Paet al'Caar, de queixo-quadrado, erguendo lanças. Buel Dowtry, o flecheiro grisalho, estava ao lado dos

arqueiros, claro. E Jac al'Seen, forte e grisalho, estava junto com seu primo careca, Wit. Também tinha Flann Lewin, um senhor enrugado, um varapau magricela como todos os homens de sua família. Jim Torfinn e Hu Marwin, dois dos primeiros a acompanhá-lo, estavam muito constrangidos para se juntar aos Companheiros. Como se a falha em detectar a emboscada na Floresta das Águas tivesse aberto uma espécie de abismo entre eles e os outros. Elam Dowtry, Dav Ayellin e Ewin Finngar também estavam lá. Assim como Hari Coplin e seu irmão, Darl, além do velho Bili Congar. Perrin também viu Berin Thane, o irmão do moleiro; Athan Dearn, o gordo; Kevrim al'Azar, cujos netos já tinham filhos crescidos; Tuck Padwhin, o carpinteiro; e...

Ele se obrigou a parar de enumerar os homens e cavaleiros até onde estava Verin, ao lado de uma das catapultas, sob o olhar atento de Tomas, montado no garanhão cinzento. A Aes Sedai roliça, vestida de marrom, analisou Aram por um instante antes de voltar o olhar a Perrin. Parecia uma ave de rapina, com uma sobranceira erguida, como se questionasse por que ele viera incomodá-la.

— Estou um pouco surpreso em ver você e Alanna ainda aqui — comentou Perrin. — Ir atrás de garotas capazes de aprender a canalizar não pode ser algo pelo qual valha a pena acabar morrendo. Nem se prender a um *ta'veren*.

— É isso que estamos fazendo? — Ela apoiou as mãos na cintura e inclinou a cabeça para o lado, pensativa. — Não — disse, por fim — acho que ainda não dá para irmos embora. Você é um estudo muito interessante. Tanto quanto Rand, a seu próprio modo. E o jovem Mat. Se eu pudesse me dividir em três, ficaria colada a cada um e acompanharia cada momento, dia e noite, mesmo que tivesse de me casar com vocês.

— Eu já tenho uma esposa. — Era estranho dizer aquilo. Estranho e bom. Tinha uma esposa, e ela estava em segurança.

Verin despedaçou o devaneio de Perrin.

— Verdade, tem mesmo. Mas não sabe o que significa se casar com Zarin Bashere, não é? — Ela estendeu o braço para virar o machado dele, preso ao cinto, e analisá-lo. — Quando vai trocar isso aqui pelo martelo?

Encarando a Aes Sedai, Perrin puxou a rédea de Galope, para afastá-lo um passo, e puxou o machado das mãos da mulher antes que percebesse o que fazia. *O que se casar com Faile significava? Largar o machado? O que ela queria dizer? O que ela sabia?*

— ISAM! — O urro gutural se ergueu como um trovão. Trollocs surgiram, cada um com metade a mais da altura de um homem e o dobro da largura, trotando pelos campos e parando além do alcance de uma flechada. Era uma massa imensa, protegida por malha negra, espalhando-se por toda a extensão da aldeia. Havia milhares agrupados, as caras imensas distorcidas por bicos e focinhos, as cabeças com chifres ou cristas emplumadas. Tinham pregos nos ombros e cotovelos, espadas curvas feito foices e machados com ponteiros, lanças retorcidas e tridentes farpados, um verdadeiro mar de armas letais. Atrás deles, Myrddraal galopavam para cima e para baixo em cavalos negros

como a meia-noite, as capas negras feito corvos, imóveis enquanto seus donos rodopiavam em cima das montarias.

— ISAM!

— Interessante — murmurou Verin.

Perrin não achou que fosse a palavra certa para descrever a cena. Era a primeira vez que os Trollocs gritavam qualquer coisa compreensível. Não que ele tivesse a mais vaga ideia do significado.

Alisando a faixa nupcial, forçou-se a cavalgar com calma até o centro da fileira de Dois Rios. Os Companheiros entraram em formação atrás dele. A brisa erguia o estandarte com a cabeça vermelha de lobo. Aram empunhava a espada com as duas mãos.

— A postos! — gritou Perrin. Sua voz saiu firme, ele não pôde acreditar.

— ISAM!

A onda negra avançou, emitindo uivos incompreensíveis.

Faile estava em segurança. Nada mais importava. Não se permitiria ver os rostos dos homens que se alinhavam de cada lado. Ouviu os mesmos urros vindos do sul. De duas direções ao mesmo tempo. Os inimigos nunca tinham tentado isso. Faile estava a salvo.

— A quarentenas passadas...! — Em todas as fileiras, os arcos se ergueram de uma só vez. A massa urrante se aproximou ainda mais, as pernas compridas e grossas devorando o chão. Mais perto. — Disparar!

O estrépito das cordas dos arcos se perdeu em meio ao rugido dos Trollocs, mas uma chuva de flechas de penas de ganso varou o céu, caindo em arco em direção à horda de malhas negras. Pedras das catapultas estouraram em bolas chamejantes e fragmentos pontiagudos em cima das fileiras que fervilhavam com as Criaturas das Trevas. Trollocs desabaram. Perrin os viu caindo, esmagados em meio a botas e cascos. Até alguns Myrddraal caíram. Ainda assim, a onda continuava avançando, fechando os buracos e vãos, sem parecer ter qualquer baixa.

Não foi necessário ordenar outra saraivada. Uma segunda se seguiu à primeira com tanta rapidez quanto os homens conseguiram encaixar as flechas nos arcos, uma nova chuva de pontas largas se erguendo antes que a primeira tivesse caído, a terceira vindo logo em seguida, a quarta, a quinta. O fogo irrompia por entre os Trollocs com tanta rapidez quanto era possível baixar os braços das catapultas. Verin galopava de uma a outra, inclinada na sela. Mas as imensas silhuetas urrantes avançavam, gritando em uma língua que Perrin era incapaz de compreender, mas sabia que gritavam por sangue, sangue e carne humanos. Os homens agachados atrás das estacas se apressaram, erguendo as armas.

Perrin sentiu um calafrio. Já via o solo atrás da avançada dos Trollocs tomado pelos mortos e moribundos, mas o número de criaturas parecia não diminuir. Galope empinava, nervoso, mas Perrin não conseguia ouvir o relincho do garanhão por conta dos urros dos Trollocs em disparada. O machado veio para sua mão com suavidade, a lâmina comprida em meia-lua e a ponteira grossa reluzindo à luz do sol. Ainda não era nem meio-dia. *Meu*

coração é para sempre seu, Kaile. Desta vez, ele não achou que as estacas fossem...

Sem sequer reduzir a marcha, a fileira dianteira de Trollocs partiu para cima das estacas afiadas, as caras deformadas pelos focinhos e bicos se contorcendo com guinchos e uivos quando os corpos eram espetados. As criaturas foram sendo derrubadas por outras, ainda mais imensas, que se amontoavam por detrás delas, caíam por cima das estacas e iam sendo substituídas por mais, sempre mais. Uma última saraivada de flechas foi disparada, quase à queima-roupa. Em seguida veio a investida com lanças, alabardas e armas de haste caseiras, que eram enfiadas e cravadas nos imensos corpos cobertos de malha negra. Os Trollocs iam desabando enquanto os arqueiros atiravam como podiam nas caras inumanas, uns por cima dos outros. Até os garotos em cima dos telhados disparavam flechas. Loucura, morte, urros, gritos e uivos ensurdecedores se espalhavam. Lenta e inexoravelmente, a coluna de Dois Rios foi sendo empurrada. Se os Trollocs, em qualquer um dos pontos...

— Recuem! — gritou Perrin.

Um Trolloc com focinho de javali, já sangrando, forçou passagem por entre as fileiras de homens, guinchando e golpeando com a espada grossa e curva. O machado de Perrin acertou seu focinho, dividindo a cabeça ao meio. Galope tentava recuar, dando berros inaudíveis em meio ao estrondo.

— Recuem!

Darl Coplin caiu, agarrado à coxa perfurada por uma lança da grossura de um punho. O velho Bili Congar tentou arrastá-lo para trás enquanto manejava uma lança de javali com dificuldade. Hari Coplin balançava a alabarda para defender o irmão, a boca escancarada no que parecia um grito sem som.

— Recuem para as casas!

Não soube ao certo se outros ouviram a ordem e passaram adiante ou se a montanha opressora de Trollocs pressionou ainda mais, mas, bem devagar, um passo relutante de cada vez, os humanos foram recuando. Loial balançava os machados ensanguentados feito malhos, a imensa boca contorcida em um rosnado. Ao lado do Ogier, Bran golpeava com sua lança. O homem tinha um ar sombrio: perdera o elmo tosco, e sangue escorria da franja de cabelos grisalhos. De cima do garanhão, Tomas abriu um espaço em volta de Verin. A Aes Sedai, com os cabelos despenteados feito uma louca, perdera o cavalo, mas bolas de fogo saíam de suas mãos, e cada Trolloc atingido explodia em chamas como se estivesse embebido em óleo. Não era suficiente para se defender. Os homens de Dois Rios recuavam aos poucos, acotovelando-se ao redor de Galope. Gaul e Chiad lutavam de costas um para o outro. A Donzela empunhava apenas uma lança, enquanto o Cão de Pedra golpeava e cortava com a faca pesada. Recuar. A leste e oeste, os homens haviam saído das linhas de defesa para evitar que os Trollocs os flanqueassem, mas continuavam disparando flechas. Não era suficiente. Recuar.

De súbito, uma silhueta com chifres de carneiro começou a tentar puxar Perrin para fora da sela, a tentar montar atrás dele. Debatendo-se, Galope

desabou com o peso dos dois. Com a perna presa embaixo da montaria, quase a ponto de quebrar, morrendo de dor, Perrin fez esforço para puxar o machado, para afastar da garganta aquelas mãos maiores que as de um Ogier. O Trolloc gritou quando a espada de Aram foi cravada em seu pescoço. O latoeiro deu um giro suave e acertou outro Trolloc, bem no meio do corpo, ao mesmo tempo em que a primeira criatura desabava ao lado de Perrin, jorrando sangue.

Grunhindo de dor, Perrin sacudiu as pernas para se libertar, ajudado por Galope, que logo se pôs de pé. No entanto, não houve tempo para pensar em montar outra vez. Perrin mal conseguira girar o corpo quando os cascos de um cavalo negro pisotearam o local onde sua cabeça estivera apenas segundos antes. Pálido, o rosto sem olhos contorcido em um rosnado, o Desvanecido se inclinou na sela enquanto Perrin tentava se levantar, brandindo a espada negra feito a morte, a lâmina roçando em seus cabelos quando o rapaz caiu. Sem piedade, Perrin balançou o machado, arrancando uma das pernas do cavalo da criatura. Cavalo e cavaleiro desabaram para a frente, juntos. Durante a queda, o ferreiro enfiou o machado onde deveriam ficar os olhos, no rosto do Meio-homem.

Perrin soltou o machado com um puxão a tempo de ver as pontas do ancinho de Daise Congar acertarem a garganta de um Trolloc com focinho de bode. A criatura agarrou o cabo longo com uma das mãos e partiu para cima da mulher com uma lança farpada na outra, mas Marin al'Vere interrompeu o golpe, muito tranquila, com uma investida do cutelo. A perna do Trolloc cedeu, e, com a mesma frieza, a mulher retalhou a espinha da Criatura das Trevas bem na base do pescoço. Outro Trolloc ergueu Bo Cauthon no ar, pela trança. Com a boca escancarada em um grito apavorado, a jovem cravou o machado de lenha no ombro da criatura, protegido pela malha, enquanto sua irmã, Eldrin, enfiava a lança de javali no peito da criatura, e Neysa Ayellin, de tranças grisalhas, fazia o mesmo com uma faca grossa de açougueiro.

De um extremo a outro da fileira, até onde Perrin podia ver, as mulheres estavam presentes. Era graças a elas que a fileira ainda resistia, recuada quase até o meio das casas. Mulheres entre homens, ombro a ombro. Algumas ainda era garotas, mas, por outro lado, alguns daqueles “homens” também nunca sequer tinham feito a barba. Alguns jamais viriam a fazer. Onde estavam os Mantos-brancos? *As crianças!* Se as mulheres estavam ali, não havia ninguém para proteger as crianças. *Onde estão os malditos Mantos-brancos?* Se chegassem naquele instante, eles pelo menos conseguiriam mais alguns minutos. Uns poucos minutos para remover as crianças.

Um garoto, o mesmo mensageiro de cabelinhos escuros que viera até ele na noite anterior, agarrou seu braço quando Perrin se virou para procurar os Companheiros. Os Companheiros precisavam abrir caminho para remover as crianças. Ele os enviaria para cuidar das crianças e faria o possível por ali.

— Lorde Perrin! — gritou o garoto, em meio ao barulho ensurdecedor. — Lorde Perrin!

Perrin tentou se desvencilhar, depois agarrou o braço do garoto esprenteando. O lugar dele era com as outras crianças. Divididos em fileiras espremidas que se estendiam de casa a casa, Ban, Tell e os outros Companheiros atiravam, de cima das selas, por sobre as cabeças dos homens e mulheres. Wil enfiara o mastro do estandarte no chão para poder manejar o arco. Tell conseguira dar um jeito de alcançar Galope, e as rédeas do castanho estavam amarradas às de seu cavalo. O garoto poderia ir na traseira do animal.

— Lorde Perrin! Por favor, escute! Mestre al'Thor disse que tem alguém atacando os Trollocs! Lorde Perrin!

Perrin estava se virando para Tell, mancando da perna ferida, quando a mensagem chegou a seu cérebro. Enfiou o cabo do machado no cinto para erguer o garoto pelos ombros e ficar frente a frente com ele.

— Atacando? Quem?

— Eu não sei, Lorde Perrin. Mestre al'Thor mandou dizer ao senhor que ele achou que tinha ouvido alguém gritar “Trilha de Deven”.

Aram agarrou o braço de Perrin e, sem dizer uma palavra, apontou com a espada ensanguentada. Perrin virou-se a tempo de ver uma chuva de flechas cair em cima dos Trollocs. Vinda do norte. Outra saraivada já se erguia rumo ao ponto mais alto da trajetória em arco.

— Vá ficar com as outras crianças — mandou, recolocando o garoto no chão. Precisava se posicionar onde conseguisse ver. — Vá! Você fez muito bem, garoto! — acrescentou, enquanto corria desajeitado até Galope.

O garotinho disparou de volta para a aldeia, com um sorriso enorme no rosto. Cada passo gerava mais uma pontada de dor que subia pela perna de Perrin. Talvez *estivesse* quebrada, mas ele não tinha tempo de se preocupar com isso.

Agarrando as rédeas que Tell atirou, alavancou o próprio corpo até a sela. Então se perguntou se estava vendo o que queria ver, em vez do que de fato estava acontecendo.

Sob um estandarte de água vermelha, no limite de onde antes ficavam as plantações, compridas fileiras de homens vestidos em roupas de fazendeiros disparavam flechas metodicamente. Ao lado do estandarte, Faile estava sentada sobre a sela de Andorinha, com Bain junto ao estribo. Só podia ser Bain por detrás daquele véu negro, e dava para ver muito bem o rosto de Faile. A mulher estava empolgada, receosa, aterrorizada e exuberante. Estava linda.

Myrddraal tentavam fazer alguns Trollocs se virarem para liderar uma investida contra os homens de Colina da Vigília, mas era inútil. Até os Trollocs que se viravam caíam antes de avançar cinquenta passos. Um Desvanecido e seu cavalo desabaram, abatidos não pelas flechas, mas pelas mãos e lanças dos Trollocs em pânico. Agora eram as Criaturas das Sombras que recuavam, correndo em frenesi, fugindo dos disparos de ambos os lados que começaram depois que os homens de Campo de Emond também conseguiram erguer os arcos. Trollocs caíam, Myrddraal tombavam. Era uma carnificina, mas Perrin nem reparava. Faile.

O mesmo garoto apareceu em seu estribo.

— Lorde Perrin! — gritou ele. Tentava ser ouvido por sobre os gritos de vitória, homens e mulheres comemorando a alegria e o alívio ao verem os últimos Trollocs desabarem, atingidos pelos arcos. Perrin acreditava que poucos tinham conseguido escapar, mas mal conseguia pensar. Faile. O garoto puxou uma perna de sua calça. — Lorde Perrin! Mestre al'Thor mandou dizer ao senhor que os Trollocs estão perdendo! E eles *estão mesmo* gritando “Trilha de Deven”! Os homens, quer dizer. Eu ouvi!

Perrin se inclinou para afagar os cabelos cacheados do menino.

— Qual é o seu nome, rapaz?

— Jaim Aybara, Lorde Perrin. Sou seu primo, eu acho. Mais ou menos.

Perrin estreitou os olhos para evitar as lágrimas. Quando os abriu de novo, suas mãos ainda tremiam por sobre a cabeça do garoto.

— Bem, primo Jaim, conte aos seus filhos o que aconteceu aqui hoje. Conte aos seus netos e aos filhos dos seus netos.

— Eu não vou ter filhos — retrucou Jaim, com vigor. — As garotas são horrorosas. Elas riem da gente e não gostam de fazer nada de bom, e nunca dá para entender o que elas estão dizendo.

— Acho que um dia você vai descobrir que elas são o oposto de horrorosas. Algumas coisas não vão mudar, mas isso vai.

Faile.

Jaim estava meio desconfiado, mas logo um sorriso iluminou seu rosto.

— Espere só até eu contar a Had que o Lorde Perrin me chamou de primo! — E saiu saltitante para contar a Had, que também teria filhos, e a todos os garotos que um dia também teriam filhos.

O sol estava a pino. Uma hora se passara, talvez. Tudo aquilo levava menos de uma hora. Parecia uma eternidade.

Galope avançou, e Perrin notou que provavelmente cravara os calcanhares no animal. O povo em polvorosa abriu espaço para o garanhão, mas Perrin mal ouvia seus gritos de alegria. Havia imensos buracos onde os Trollocs tinham destruído as estacas com o mero peso de seus numerosos corpos. Ele passou por um desses buracos e contornou um montinho de Trollocs mortos sem nem perceber. Trollocs mortos cravados de flechas formavam um tapete no chão, e aqui e ali um Desvanecido todo espetado se debatia violentamente. Mas ele não viu nada daquilo. Só tinha olhos para uma coisa. Faile.

A mulher disparou por entre os homens de Colina da Vigília, fez uma pausa para pedir a Bain que não a seguisse e avançou cavalcando ao encontro dele. Vinha tão graciosa, como se a égua negra fosse parte de seu corpo, empertigada e esbelta, conduzindo Andorinha mais com os joelhos do que com as rédeas, que estavam presas displicentemente a uma das mãos. A faixa nupcial vermelha ainda estava trançada em seus cabelos, as pontas caídas por sobre os ombros. Perrin precisava encontrar umas flores para ela.

Por um instante, aqueles olhos oblíquos o analisaram, e a boca... Ela não poderia estar insegura, poderia? Mas ele sentiu o cheiro.

— Eu falei que iria — disse ela, por fim, de cabeça erguida. Andorinha dançou para os lados, o pescoço arqueado, e Faile dominou a égua sem nem perceber. — Não falei para onde. Você não pode dizer que eu falei para onde.

Perrin não conseguiu responder. Faile era tão bonita. Só queria olhar para ela, vê-la, linda, viva e a seu lado. Ela cheirava a suor limpo com o mais leve sabão herbóreo. O rapaz não sabia ao certo se queria rir ou chorar. Talvez as duas coisas. Queria sugar todo o aroma de Faile para dentro de seus pulmões.

De cenho franzido, a mulher prosseguiu:

— Eles estavam preparados, Perrin. Estavam mesmo, de verdade. Eu quase não precisei dizer nada para convencê-los a vir. Os Trollocs nem chegaram a incomodá-los, mas eles viram a fumaça. A viagem foi dura para mim e Bain. Chegamos a Colina da Vigília bem antes de o dia raiar e começamos a voltar assim que o sol nasceu. — O cenho franzido de Faile se abriu em um sorriso largo, cheio de orgulho e ansiedade. Que sorriso mais lindo. Os olhos escuros cintilavam. — Eles me seguiram, Perrin. Eles me seguiram! Nem Tenobia liderou homens em batalha. Ela quis, uma vez, quando eu tinha oito anos, mas meu pai conversou com ela a sós, em seus aposentos, e, quando ele partiu para a Praga, ela acabou ficando. — Com um sorriso pesaroso, a jovem acrescentou: — Acho que você e ele às vezes usam os mesmos métodos. Tenobia o banuiu, mas ela só tinha só dezesseis anos, e o Conselho de Lordes conseguiu convencê-la a mudar de ideia depois de umas semanas. Ela vai ficar azul de inveja quando eu contar isso. — Faile fez outra pausa, desta vez respirando fundo e plantando uma mão na cintura. — Você não vai dizer nada? — inquiriu, impaciente. — Só vai ficar aí sentado, feito um palerma peludo? Eu não disse que sairia de Dois Rios. Você disse isso, não eu. Você não tem o direito de ficar bravo comigo porque eu não fiz uma coisa que nunca cheguei a prometer! E você me mandou embora porque pensou que iria morrer! Eu voltei para...

— Eu te amo. — Foi tudo o que ele conseguiu dizer, mas, estranhamente, pareceu o bastante.

As palavras mal haviam acabado de sair da boca de Perrin quando Faile conduziu Andorinha para bem perto dele, abraçou-o e apertou o rosto contra seu peito. A mulher parecia estar tentando dividi-lo em dois com o aperto. Ele acariciou os cabelos da esposa delicadamente, sentindo a maciez, apenas sentindo Faile.

— Eu estava com tanto medo de ser tarde demais — comentou ela, com o rosto enfiado no casaco de Perrin. — Os homens de Colina da Vigília marcharam o mais depressa que puderam, mas, quando a gente chegou, eu vi os Trollocs lutando bem no meio das casas, tantos deles, como se a aldeia estivesse sendo soterrada por uma avalanche. E não consegui ver você... — Ela inspirou, trêmula, e exalou devagar. Quando voltou a falar, a voz estava mais calma. Um pouco. — Os homens de Trilha de Deven vieram?

Ele levou um susto, e sua mão parou de alisar os cabelos de Faile.

— Vieram, sim. Como é que você sabia? Você organizou isso também? — Ela começou a tremer; Perrin levou um instante para perceber que ela estava

rindo.

— Não, meu coração, mas teria feito isso, se pudesse. Quando aquele homem passou o recado... “estamos vindo”... eu achei... torci para que fosse isso o que ele estivesse querendo dizer. — Ela afastou um pouco o rosto e o encarou, muito séria. — Eu não podia contar a você, Perrin. Não podia encher você de esperanças, quando tudo o que tinha era uma suspeita. Teria sido muito cruel se... Não fique com raiva de mim, Perrin.

Rindo, ele a ergueu da sela e sentou-a de lado em cima de Galope. Faile protestou, gargalhando, e se esticou em cima do cepilho alto para abraçá-lo.

— Eu nunca, jamais, vou ficar com raiva de você, eu ju...

Ela pôs a mão sobre a boca de Perrin, para interrompê-lo.

— Minha mãe diz que a pior coisa que meu pai fez na vida foi jurar nunca sentir raiva dela. Levou um ano para ela conseguir obrigá-lo a retirar o que tinha dito, mas diz que muito antes disso já era insuportável conviver com ele, de tanto ressentimento que ele guardava. Você *vai* sentir raiva de mim, Perrin, e eu de você. Se quiser me fazer outra jura de casamento, jure que não vai tentar disfarçar a raiva que estiver sentindo. Eu não tenho como enfrentar as coisas que você esconder de mim, meu marido. Meu marido — repetiu ela, com satisfação, aconchegando-se nele. — Gosto muito de dizer isso.

Perrin notou que Faile não prometera que *ela própria* não esconderia a raiva. Segundo as experiências anteriores, ele teria de descobrir a irritação da esposa da pior maneira, pelo menos na metade das vezes. Além do mais, a mulher também não prometera não esconder mais nada dele. Naquele momento, nada disso importava, contanto que Faile estivesse ao seu lado.

— Eu não vou esconder de você quando estiver com raiva, minha esposa — prometeu o rapaz.

Faile o olhou de soslaio, como se não soubesse ao certo como receber a promessa. *Você nunca vai conseguir entendê-las, primo Jaim, mas não vai nem ligar.*

De súbito, ele se deu conta dos Trollocs mortos ao redor, um campo negro de ervas daninhas, com os Myrddraal se debatendo, ainda se recusando a finalmente morrer. Girou Galope, receoso. A extensão da carnificina de Criaturas da Sombra ocupava centenas de passadas, em todas as direções. Os corvos já chegavam, pulando pelo chão, e os abutres revoavam logo acima, em uma nuvem gigantesca e fervilhante. Não era pagamento suficiente para a morte de Deselle, de Adora, do pequeno Paet, ou... Não era suficiente, nunca seria. Nada jamais poderia pagar aquilo. Ele abraçou Faile com tanta força que a mulher grunhiu, mas, quando tentou soltá-la, ela segurou seus braços, apertando-os com a mesma força. Faile era suficiente.

O povo saía correndo de Campo de Emond. Bran mancava, usando a lança como cajado, Marin sorria, com um braço em volta dele. Daise era abraçada pelo marido, Wit. Gaul e Chiad estavam de mãos dadas, com os véus baixados. As orelhas de Loial estavam caídas, abatidas, Tam tinha sangue no rosto, e Flann Lewin só se mantinha de pé com ajuda da esposa, Adine. Quase todos estavam cobertos de sangue e usavam ataduras feitas às pressas. No entanto, a multidão avançava. Elam e Dav, Ewin e Aram, Eward Candwin e Buel

Dowtry, Hu e Tad, os cavaleiros da estalagem Fonte de Vinho, Ban e Tell, junto com os Companheiros a cavalo, ainda carregando aquele estandarte. Desta vez, Perrin não notou os rostos que faltavam, apenas os que ainda estavam ali. Verin e Alanna em seus cavalos, com Tomas e Ihvon seguindo logo atrás. O velho Bili Congar balançava uma moringa que decerto continha cerveja, ou, melhor ainda, conhaque. Cenn Buie resmungava mais do que nunca, mesmo machucado. Jac al'Seen abraçava a esposa, e seus filhos e filhas seguiam ao redor dele, com as esposas e maridos. Rael e Ila ainda levavam os bebês nas costas. E outros. Rostos que ele sequer reconhecia, homens que deviam ser de Trilha de Deven e fazendeiros que moravam perto de lá. Meninos e meninas corriam à volta deles, gargalhando.

Eles se espalharam para os dois lados, formando um enorme círculo oco com os homens de Colina da Vigília, Faile e Perrin no centro. A multidão evitava os Desvanecidos agonizantes, mas era como se não vissem as Criaturas da Sombra caídas por todos os cantos, apenas o casal em cima de Galope. Em silêncio, ficaram observando até Perrin começar a ficar nervoso. *Por que ninguém diz nada? Por que estão me encarando desse jeito?*

Os Mantos-brancos apareceram, cavalgando devagar para fora da aldeia em fileiras de parelhas, extensas e reluzentes. Dain Bornhald vinha na liderança, com Jaret Byar. Cada Manto-branco brilhava como se tivesse acabado de se lavar, e cada lança estava apontada precisamente para o mesmo ângulo. Murmúrios taciturnos se ergueram pela multidão, mas o povo se afastou para que eles adentrassem o círculo.

Bornhald ergueu a mão protegida pela manopla de aço, parando a fileira em um tinido de rédeas e rangidos de selas, e encarou Perrin.

— Acabou, Critura da Sombra. — A boca de Byar estremeceu quase a ponto de se abrir em um rosnado, mas o rosto de Bornhald não se alterava, a voz não se elevava. — Os Trollocs foram derrotados, por aqui. Conforme combinamos, prenderei você como Amigo das Trevas e assassino.

— Não! — Faile se virou para encarar Perrin, os olhos cheios de fúria. — Como assim “conforme *combinamos*”?

Suas palavras quase foram abafadas pelo estrondo que veio de todos os cantos.

— Não! Não!

— Vocês não podem levá-lo!

— Olhos-Dourados!

Com o olhar fixo em Bornhald, Perrin ergueu uma das mãos, e o silêncio lentamente se abateu sobre a multidão. Quando tudo se aquietou, ele disse:

— Eu falei que não resistiria se vocês ajudassem. — A calma em sua voz era surpreendente, mas por dentro ele fervilhava com uma raiva lenta e fria. — Se vocês *ajudassem*, Manto-branco. Onde vocês estavam?

O homem não respondeu.

Daise Congar e Wit saíram do meio da multidão que os rodeava, o homem se apoiava na esposa como se nunca mais pretendesse soltá-la. E o braço robusto de Daise envolvia os ombros do marido com a mesma intensidade. Foi uma cena estranha quando ela, uma cabeça mais alta do que o homem,

plantou o ancinho-arma com firmeza no chão, segurando o marido, consideravelmente mais baixo, como se pretendesse protegê-lo.

— Eles ficaram no campo — anunciou a mulher, em voz alta — todos enfileirados e sentadinhos nos cavalos, feito belas mocinhas prontas para dançar no Dia do Sol. Nem se mexeram. Foi isso o que nos fez ir até vocês... — um murmúrio furioso de concordância se elevou, vindo das mulheres — Quando vimos que estavam a ponto de serem esmagados, e eles continuavam ali, parados, feito blocos de madeira!

Bornhald não tirou os olhos de Perrin nem por um instante. O homem sequer piscava.

— Você acha que eu confiaria em você? — indagou ele, com desprezo. — Seu plano só falhou porque os outros chegaram, sim? Ai você pôde alegar que não teve participação nisso. — Faile se remexeu. Sem desviar os olhos do homem, Perrin encostou um dedo na boca da esposa assim que ela a abriu. Faile mordeu o dedo com força, mas nada disse. Por fim, a voz de Bornhald começou a se elevar. — Eu verei você enforcado, Criatura da Sombra. Verei você enforcado, custe o que custar. Verei você morto, nem que o mundo se queime! — A última frase saiu em um berro.

A espada de Byar deslizou um tantinho para fora da bainha. Um Manto-branco corpulento atrás dele, que Perrin pensava se chamar Farran, desembainhou a própria arma por completo, dando um sorriso de satisfação, em vez do esgar de dentes desdenhoso de Byar.

Eles congelaram ao ouvir o clangor das flechas sendo puxadas das aljavas. Arcos se elevaram por todo o círculo, flechas foram levadas às orelhas e cada lança de ponta larga foi apontada para um Manto-branco. Por toda a extensão da coluna robusta, as selas de patilho alto rangeram quando os homens em cima delas se remexeram, receosos. Bornhald não demonstrava sinal de medo, tampouco exalava cheiro de medo. Seu odor era todo de ódio. Ele passou os olhos quase febris pelo povo de Dois Rios, ao redor de seus homens, depois voltou a encarar Perrin, com a mesma fúria e o mesmo rancor.

Perrin fez um gesto para que o povo baixasse as armas. Relutantes, eles foram afrouxando a tensão das cordas, baixando os arcos devagar.

— Vocês não ajudaram. — Sua voz era fria como aço e dura feito uma bigorna. — Desde que chegaram a Dois Rios, a ajuda que forneceram foi quase insignificante. Nunca se importaram de verdade com as pessoas incendiadas e mortas, desde que arrumassem alguém para chamar de Amigo das Trevas. — Bornhald estremeceu, mas seus olhos ainda faiscavam. — Está na hora de vocês irem embora. Não só de Campo de Emond. Está na hora de recolherem seus Mantos-brancos e saírem de Dois Rios. Agora, Bornhald. Vocês vão embora agora.

— Eu *ainda* verei você enforcado — murmurou o comandante dos Filhos da Luz.

Ele fez um gesto brusco com a mão, para reunir a fileira, cravou as botas no cavalo e avançou, como se pretendesse passar por cima de Perrin.

Perrin afastou Galope para o lado. Queria aqueles homens fora dali, sem mais matança. Se o sujeito quisesse fazer um gesto final de provocação, que

fosse.

Bornhald nem virou a cabeça para olhá-lo, mas Byar, com o rosto encovado, encarou Perrin em silêncio, cheio de ódio. Por alguma razão, Farran parecia olhar para ele com arrependimento. Os outros mantiveram o olhar fixo à frente ao passar só se ouvia o barulho das rédeas e o clangor dos cascos dos cavalos. Em silêncio, o círculo abriu caminho para eles, que rumavam para o norte.

Logo que o último Manto-branco passou, um bando de dez ou doze homens aproximou-se de Perrin a pé, alguns vestindo partes desconexas de armaduras, todos com sorrisos ansiosos. Ele não reconheceu os rostos. Um sujeito de nariz largo e pele curtida parecia ser o líder, com os cabelos brancos à mostra, usando uma cota de malha que ia até os joelhos, mas com a gola de um casaco de fazendeiro aparecendo no pescoço. O homem se curvou em uma mesura esquisita por cima do arco.

— Jerinvar Barstere, Lorde Perrin. Jer, é como me chamam. — O homem falava depressa, como se temesse ser interrompido. — Peço perdão por incomodar o senhor. Alguns de nós decidimos acompanhar a partida dos Mantos-brancos, se o senhor concordar. E muitos querem ir para casa, mesmo não tendo como chegar lá antes de escurecer. Tem o mesmo número de Mantos-brancos em Colina da Vigília, eles apareceram por lá de novo, mas não quiseram vir para cá. Tinham ordens de não sair de lá, pelo que disseram. Um bando de idiotas, se o senhor quer saber, e já estamos cansados de tê-los por perto, metendo o nariz dentro das casas das pessoas e tentando fazer vizinhos se acusarem de alguma maldade. Se o senhor concordar, a gente quer tirá-los de lá. — Ele lançou a Faile um olhar constrangido e baixou o queixo largo, mas o fluxo de palavras não diminuiu. — Peço perdão, Lady Faile. Não tive a intenção de incomodar a senhora e o seu marido. Só queria que ele soubesse que estamos do lado dele. O senhor tem uma bela esposa, Lorde Perrin. Peço perdão outra vez, Lady Faile. — O homem fez outra mesura e logo foi imitado pelos outros. O grupo foi embora sob a liderança do homem, que os apressava, resmungando: — Não temos tempo de ficar incomodando o lorde e sua lady. Ainda temos trabalho a fazer.

— Quem é ele? — perguntou Perrin, um pouco atônito com a torrente de palavras. Nem Daise e Cenn juntos eram capazes de falar tanto. — Você conhece esse homem, Faile? É de Colina da Vigília?

— Mestre Barstere é o Prefeito de Colina da Vigília, e os outros são do Conselho da Aldeia. O Círculo das Mulheres de lá vai enviar uma delegação designada pela Sabedoria delas, quando tiverem certeza de que é seguro. Para ver se “o tal Lorde Perrin” é o melhor para Dois Rios, pelo que disseram, mas todos queriam que eu explicasse como fazer reverências a você. E a Sabedoria, Edelle Gaelin, está trazendo umas tortas de maçã desidratada que ela faz.

— Ah, que me queime! — Perrin soltou um suspiro. Aquela história estava se espalhando. Sabia que deveria ter impedido tudo logo no início. — Não me chamem assim! — gritou, para os homens que partiam. — Eu sou um ferreiro! Estão me ouvindo? Um ferreiro!

Jer Barstere se virou para acenar para ele e assentir, antes de voltar a apressar os outros.

Com uma risada divertida, Faile puxou a barba de Perrin.

— Você é um bobinho, Lorde Ferreiro. Agora é tarde para voltar atrás. — De repente, o sorriso dela adquiriu um tom de profunda malícia. — Aliás, será que tem alguma possibilidade de você ficar a sós comigo, dentro em breve? Acho que esse casamento me deixou atrevida que nem as domanesas! Sei que você deve estar cansado, mas... — Ela parou de falar, deu um gritinho e se agarrou ao casaco de Perrin, que cravou as botas em Galope.

O cavalo saiu trotando em direção à estalagem Fonte de Vinho. Pela primeira vez, as saudações que se seguiram não o incomodaram nem um pouco.

— Olhos-Dourados! Lorde Perrin! Olhos-Dourados!

* * *

Do galho robusto de um frondoso carvalho, à margem da Floresta do Oeste, Ordeith encarava Campo de Emond, uma milha ao sul. Era impossível. *Flagelos. Fustigue-os. Tudo estivera de acordo com o plano. Até Isam jogara seu jogo. Por que o idiota parou de trazer Trollocs? Devia ter trazido o suficiente para transformar Dois Rios em um mar negro! Saliva escorria de seus lábios, mas ele não percebia, assim como não percebia a mão se remexendo no cinto. Destrua-os até explodir seus corações! Devaste-os até o chão, aos berros! Tudo planejado para trazer Rand al'Thor até ele, e acabava assim! Dois Rios não sofrera sequer um arranhão. Umas poucas fazendas incendiadas não contavam, nem uns fazendeiros enfiados vivos nos caldeirões dos Trollocs. Eu quero que Dois Rios queime, queime tanto que o fogo viva na memória dos homens por mil anos!*

Ele analisou o estandarte que tremulava por cima da aldeia e o outro, logo abaixo. A cabeça escarlate de um lobo em um fundo branco de bordas escarlates e uma águia vermelha. Vermelha, pois era preciso verter o sangue de Dois Rios para fazer Rand al'Thor urrar. E Manetheren. *Esse deveria ser o estandarte de Manetheren. Alguém tinha contado a eles sobre Manetheren, não tinha? O que os tolos sabiam a respeito da glória de Manetheren? Manetheren. Isso mesmo.* Havia mais de uma maneira de destruí-los. O homem riu tão intensamente que quase caiu de cima do carvalho, antes de perceber que não estava se segurando com as duas mãos. Uma estava agarrada ao cinto, onde deveria haver uma adaga. A gargalhada se transformou em um rosnado quando ele encarou aquela mão. A Torre Branca estava de posse do que lhe fora roubado. Do que era dele por direito, desde as Guerras dos Trollocs.

Ele deixou-se cair no chão, depois montou sem jeito no cavalo e encarou seus companheiros. Seus sabujos. Os cerca de trinta Mantos-brancos que restavam não usavam mais os mantos brancos, naturalmente. As placas e malhas estavam foscas e enferrujadas. Bornhald nunca teria reconhecido os rostos taciturnos, desconfiados, imundos e barbados. Os humanos observavam Ordeith com desconfiança, porém cheios de medo, sem nem olhar para o

Myrddraal entre eles, com o rosto sem olhos, branco feito um verme, tão frio e duro quanto os dos próprios humanos. O Meio-homem temia que Isam descobrisse o que se passara. Isam não ficara nem um pouco satisfeito quando a invasão a Barca do Taren deixara que tantos escapassem para levar a notícia do que estava acontecendo em Dois Rios. Ordeith deu uma risadinha ao pensar em Isam incomodado. O homem era problema para outra hora, se ainda estivesse vivo.

— Nós vamos para Tar Valon — anunciou, de repente. Avançariam depressa para chegar antes de Bornhald à barca. O estandarte de Manetheren, erguido outra vez em Dois Rios depois de tantos séculos. Como a Águia Vermelha o arrasara, tantos anos antes. — Mas, primeiro, Caemlyn!

Flagele-os e fustigue-os! Que Dois Rios pagasse primeiro, depois Rand al'Thor, depois...

Às gargalhadas, Ordeith galopou para o norte pela floresta, sem olhar para trás e conferir se os outros o seguiam. Eles seguiriam. Já não tinham para onde ir.





UMA RUPTURA NA TERRA DA TRINDADE

O sol liquefeito da tarde torrava o Deserto, projetando sombras ligeiras pelas montanhas do norte, agora logo à frente. Os morros áridos passavam sob os cascos de Jeade'en, subindo e descendo feito marolas de um oceano de argila seca, com muitas milhas se estendendo ao longe. As montanhas haviam atraído os olhos de Rand desde a primeira vez em que as avistou. Não tinham neve por cima, não eram tão altas quanto as Montanhas da Névoa e muito menos a Espinha do Mundo. Ainda assim, as placas denteadas de pedra marrom e cinza, rajadas em algumas partes de amarelo, vermelho ou pontinhos brilhosos, se inclinavam de tal modo que era mais fácil um sujeito considerar subir a Muralha do Dragão a pé. Com um suspiro, ele montou na sela e ajustou a *shoufa* que usava com o casaco vermelho. Alcair Dal ficava naquelas montanhas. Logo haveria uma espécie de fim, ou de início. Possivelmente ambos. Logo, talvez.

Adelin, de cabelos loiros, seguia tranquila à frente do garanhão sarapintado, e nove outras *Fur Dareis Mai* de pele curtida formavam um círculo ao seu redor, todas com broquéis e lanças nas mãos, os arcos guardados em estojos presos às costas e véus negros balançando por cima do peito, prontos para ser erguidos. A guarda de honra de Rand. Os Aiel não chamavam assim, mas as Donzelas estavam indo a Alcair Dal pela honra de Rand. Tantas diferenças, sendo que metade ele sequer chegava a compreender, quando as notava.

Um bom exemplo era o comportamento de Aviendha com as Donzelas e a forma como era correspondida. Na maior parte do tempo, feito agora, a mulher caminhava junto ao cavalo dele, as mãos cruzadas dentro do xale que envolvia os ombros, os olhos verdes concentrados nas montanhas à frente por baixo do lenço escuro na cabeça. Ela não trocava mais de uma ou duas palavras com as Donzelas, mas o mais estranho não era isso: os braços cruzados, isso era o principal. As Donzelas sabiam que ela estava usando o

bracelete de marfim, mas pareciam fingir não notar. Aviendha não tirava o objeto do braço, mas escondia o pulso sempre que tinha a impressão de que uma das outras estava olhando.

Você não tem sociedade, dissera Adelin a Rand, quando ele sugerira que sua escolha fosse fornecida por outras pessoas, não as Donzelas da Lança. Cada chefe, fosse de clã ou de ramo, ia acompanhado por homens da sociedade à qual pertencia antes de se tornar chefe. *Você não tem sociedade, mas sua mãe era Donzela*. A mulher loura e as outras nove não haviam olhado para Aviendha, algumas passadas distante do salão de entrada do teto de Lian. Elas não haviam olhado com atenção. *Por incontáveis anos, mulheres que não abriam mão da lança davam seus bebês para as Sábias, para que elas os entregassem a outras mulheres, sem nem saber para onde a criança iria, nem ao menos se era menino ou menina. Agora, o filho de uma Donzela retornou para nós, e nós o conhecemos. Iremos a Alcair Dal por sua honra, filho de Shaiel, Donzela do Chumai Taardad*. O rosto da mulher estava tão determinado — os de todas, inclusive o de Aviendha — que ele achou que elas o convidariam para dançar a lança, caso ele recusasse.

Depois que ele aceitou, elas o fizeram passar outra vez pelo tal ritual de “Lembre-se da honra”, desta vez com uma bebida chamada *oosquai*, feita de *zemai*, e ele bebeu todo o conteúdo de uma pequena taça de prata com cada uma das mulheres. Dez Donzelas, dez tacinhas. A coisa parecia uma água tingida de marrom-claro e até tinha gosto de água, mas era mais forte que conhaque de destilação dupla. Depois do ritual, Rand mal conseguia caminhar em linha reta, e as mulheres o levaram para a cama, rindo, ainda que ele tivesse protestado o quanto pôde e quase não conseguisse respirar, com todas lhe fazendo tantas cócegas. Todas, exceto Aviendha. Não que ela tivesse ido embora: a mulher assistiu à cena toda, com a cara dura feito pedra. Quando Adelin e as outras enfim o meteram nos cobertores e saíram, Aviendha abriu as saias pesadas e escuras, sentou-se perto da porta e pôs-se a observá-lo, com o rosto empedernido, até ele adormecer. Quando Rand acordou, a mulher ainda estava ali, ainda observando. E se recusou a falar sobre Donzelas, *oosquai* ou qualquer outra coisa. Para ela, nada daquilo tinha acontecido. Mas se as Donzelas teriam sido tão reticentes em conversar sobre o assunto Rand não sabia: como encarar dez mulheres e perguntar por que elas o haviam embebedado e brincado de tirar suas roupas e deitá-lo na cama?

Tantas diferenças, tão poucas com algum sentido que ele fosse capaz de ver, e Rand não conseguia saber quais poderiam passar uma rasteira nele e arruinar todos os seus planos. Ainda assim, não podia se dar ao luxo de esperar. Olhou para trás. O que estava feito, estava feito. *E quem pode dizer o que ainda está por vir?*

Bem atrás, os Taardad o acompanhavam. Não apenas os Taardad dos Nove Vales e os Jindo, mas também os Miadi, os Quatro Pedras, os Chumai, os Águas Sangrentas e outros, avançando em largas colunas ao redor dos carroções sacolejantes dos mascates e do grupo das Sábias, duas milhas atrás, sob o brilho trêmulo e nebuloso formado pelo calor do solo, rodeado por batedores e

mensageiros. A cada manhã mais gente surgira em resposta aos mensageiros que Rhuarc enviara naquele primeiro dia, uma centena de homens e Donzelas ali, trezentos acolá, quinhentos, de acordo com o tamanho de cada ramo e da necessidade de segurança de cada forte.

A distância, a sul e a oeste, outro grupo se aproximava correndo, deixando um rastro de poeira. Talvez fosse mais um clã a caminho de Alcair Dal, mas ele achou que não. Apenas dois terços dos ramos estavam representados, mas Rand estimava que houvesse mais de mil e quinhentos Aiel Taardad enfileirados atrás dele. Um exército em marcha, ainda crescendo. Quase um clã inteiro vindo a uma reunião de chefes, uma violação de todos os costumes.

De súbito, Jeade'en chegou ao topo de uma encosta. Um vale comprido e fundo se estendia abaixo, onde ficava a feira reunida para o encontro. Nas colinas mais adiante, ficavam os acampamentos dos clãs e chefes de ramo que já haviam chegado.

Espalhados por entre duzentas ou trezentas tendas baixas, sem paredes e espaçadas, estendiam-se pavilhões do mesmo material marrom-acinzentado, altos o bastante para ficar de pé sob eles, com mercadorias expostas à sombra, em cima de cobertores; cerâmicas esmaltadas brilhantes, tapetes ainda mais brilhantes e joias de ouro ou de prata. Artefatos Aiel, na maioria, mas também havia coisas de fora do Deserto, inclusive talvez seda e marfim vindos de bem longe a leste. Ninguém parecia estar negociando. Os poucos homens e mulheres à vista permaneciam sentados em um ou outro dos pavilhões, em geral sozinhos.

Dos cinco acampamentos espalhados nos aclives que rodeavam a feira, quatro pareciam igualmente vazios. Apenas umas poucas dúzias de homens ou Donzelas transitavam por entre as tendas, armadas para cerca de mil pessoas. O quinto acampamento se estendia pelo dobro do espaço ocupado pelos outros, com centenas de pessoas à vista e provavelmente o mesmo número dentro das tendas.

Rhuarc veio correndo atrás de Rand, subindo a encosta com seus dez *Aethan Dor*, Escudos Vermelhos, seguido por Heirn com dez *Tain Shari*, Sangues Verdadeiros, e mais uns quarenta chefes de ramo com suas escoltas de honra, todos portando lanças, broquéis, arcos e aljavas. Um número formidável, maior do que a força que tomara a Pedra de Tear. Alguns dos Aiel nos acampamentos e entre os pavilhões espiavam o topo da encosta. Rand suspeitou que não encaravam os Aiel reunidos lá em cima. Olhavam para ele, um homem a cavalo. Algo raro de ver na Terra da Trindade. E ele lhes mostraria outras coisas, antes de terminar.

Rhuarc pousou o olhar no maior acampamento, onde mais Aiel vestidos em *cadin'sor* fervilhavam para fora das tendas, todos indo olhar o ponto onde o grupo estava.

— Shaido, a não ser que eu esteja enganado — murmurou Rhuarc. — Couladin. Você não é o único a violar os costumes, Rand al'Thor.

— Talvez eu tenha feito bem em agir assim. — Rand puxou a *shoufa* do pescoço e enfiou-a no bolso do casaco, por cima do *angreal*, a escultura de um

homem de rosto redondo com uma espada sobre os joelhos. O sol começou a queimar sua cabeça descoberta, mostrando o quanto o pedaço de tecido fornecia proteção. — Se tivéssemos vindo de acordo com os costumes... — Os Shaido seguiam em direção às montanhas, deixando para trás tendas aparentemente vazias e causando certo rebuliço nos outros acampamentos e na feira. Os Aiel desistiram de encarar um homem a cavalo para espiar os Shaido. — Você teria conseguido forçar caminho até Alcair Dal tendo eles dois homens ou mais para cada um dos seus, Rhurc?

— Não antes do cair da noite — respondeu o chefe de clã, pensativo — nem contra os ladrões dos Shaido. Isso é mais que violar os costumes! Até os Shaido deveriam ser mais honrados que isso!

Murmúrios irritados de aprovação se ergueram dos outros Taardad no topo da colina. Exceto das Donzelas. Por alguma razão, elas haviam se reunido ao redor de Aviendha, em um cantinho, e conversavam muito sérias. Rhurc disse algumas palavras em tom baixo a um de seus Escudos Vermelhos, um sujeito de olhos verdes cujo rosto parecia ter sido usado para bater estacas de cerca no chão. O homem se virou para a descida da colina e correu de volta em direção aos Taardad que se aproximavam.

— Você esperava por isso? — perguntou Rhurc a Rand, assim que o Escudo Vermelho foi embora. — Foi por isso que convocou o clã inteiro?

— Não era bem isso que eu esperava, Rhurc. — Os Shaido começaram a formar fileiras diante de uma abertura estreita nas montanhas. Estavam subindo os véus. — Mas não havia qualquer outra razão para que Couladin escapulisse durante a noite, a não ser que estivesse ansioso para estar em outro lugar. E onde mais poderia querer estar do que aqui, me arrumando problemas? Os outros já estão em Alcair Dal? Por quê?

— A oportunidade apresentada pelo encontro dos chefes não é algo a se desperdiçar, Rand al'Thor. Vai haver debates sobre disputas de fronteiras, direitos de pastagens, uma série de coisas. Água. Se dois Aiel de clãs diferentes se encontram, debatem sobre água. Três de três clãs diferentes debatem sobre água e pastagens.

— E quatro? — perguntou Rand.

Já havia cinco clãs representados, e, com os Taardad, seis.

Rhurc hesitou por um instante, erguendo uma das lanças curtas sem perceber.

— Quatro dançam as lanças. Mas isso não deve acontecer aqui.

Os Taardad se afastaram para deixar as Sábias prosseguirem, com os xales nas cabeças. Moiraine, Lan e Egwene cavalgavam atrás. Egwene e a Aes Sedai usavam aqueles panos brancos em volta das têmporas, em uma fraca imitação dos lenços das mulheres Aiel. Mat também seguia o grupo, isolado, a lança de cabo negro atravessada no cepilho. O chapéu de aba larga escondia seu rosto, que analisava o que havia à frente.

O Guardião assentiu para si mesmo ao ver os Shaido.

— Isso pode gerar confusão — murmurou. O garanhão negro girou o olho para o sarapintado de Rand. Foi um movimento breve, mas Lan, atento às

fleiras de Aiel diante do vão, ainda assim deu um tapinha reconfortante no pescoço de Mandarb. — Mas não agora, eu acho.

— Não agora — concordou Rhuarc.

— Se pelo menos você... me *permitisse* ir junto. — Exceto por aquela levíssima inflexão, a voz de Moiraine estava serena como sempre. Uma calma fria estampava suas feições etéreas, mas os olhos escuros encaravam Rand como se aquele mero olhar fosse capaz de forçá-lo a ceder.

Os cabelos longos e claros de Amys, caídos por baixo do xale, balançaram quando ela sacudiu a cabeça com firmeza.

— Essa decisão não é dele, Aes Sedai. Isso é assunto dos chefes, assunto de homens. Se permitirmos que a senhora vá a Alcair Dal agora, da próxima vez que as Sábias ou as senhoras dos tetos se reunirem, algum chefe de clã vai querer meter o bedelho. Eles acham que a gente se intromete nos assuntos deles, e costumam tentar se intrometer nos nossos.

A mulher abriu um sorrisinho para Rhuarc, com a intenção de deixar claro que o comentário não o incluía. A falta de expressão do marido informou a Rand que ele estava pensando o contrário.

Melaine seguiu o xale por debaixo do queixo, encarando Rand com o olhar firme. Ainda que não concordasse com Moiraine, também desconfiava do que ele iria fazer. Rand mal havia dormido desde que deixara as Pedras Frias. Se elas tinham invadido os sonhos dele, encontraram apenas pesadelos.

— Tome cuidado, Rand al' Thor — disse Bair, como se lesse seus pensamentos. — Um homem cansado comete erros. Você não pode se dar ao luxo de cometer erros, hoje. — Ela puxou o xale por sobre os ombros magros, e sua voz fina assumiu um tom quase irritado. — Nós não podemos permitir que você cometa erros. Os Aiel não podem se dar ao luxo.

A chegada de mais cavaleiros no topo da encosta atraía novos olhares para ele. Entre os pavilhões, muitas centenas de Aiel, homens em *cadin'sor* e mulheres de cabelos compridos vestindo saias, blusas e xales, formavam uma multidão vigilante. A atenção foi desviada quando o carroção empoeirado de Kadere surgiu por detrás do grupo de mulas à direita, com o mascate corpulento de casaco cor de creme no assento do condutor e Isendre toda vestida em seda branca, segurando um guarda-sol do mesmo estilo. O carroção de Keille vinha atrás, com Natael manejando as rédeas ao lado dela. A isso se seguiam os carroções com cobertura de lona e, por fim, os três carroções de água, que mais pareciam imensos barris sobre rodas, puxados pelas parelhas compridas de mulas. O grupo encarou Rand quando os carroções passaram fazendo barulho, em um rangido de eixos precisando de graxa. Kadere e Isendre, Natael e seu manto de menestrel coberto de retalhos, o corpanzil de Keille envolto em uma indumentária branca feito a neve, com um xale de renda branca por cima dos pentes de marfim. Rand deu um tapinha no pescoço arqueado de Jeade'en. Homens e mulheres começavam a sair da feira, lá embaixo, para encontrar os carroções que se aproximavam. Os Shaido estavam esperando. Faltava pouco.

Egwene aproximou a égua cinzenta de Jeade'en, e o garanhão sarapintado tentou fossar Bruma, mas acabou levando uma rosnadela em

resposta, pelo aborrecimento.

— Você não me deu chance de conversarmos desde as Pedras Frias, Rand. — O rapaz não respondeu. Egwene agora era Aes Sedai, e não era só porque se denominava assim. Ele se perguntou se a moça também espionava seus sonhos. A jovem tinha o rosto rígido, os olhos escuros cansados. — Não guarde as coisas em segredo, Rand. Você não está lutando sozinho. Outras pessoas também estão lutando por você.

De cenho franzido, o rapaz tentou não olhar para a amiga. O primeiro pensamento que lhe veio foi Campo de Emond e Perrin, mas não via como a mulher poderia saber para onde Perrin fora.

— Como assim? — indagou, por fim.

— Eu luto por você — respondeu Moiraine, antes que Egwene pudesse abrir a boca — e Egwene também. — As duas mulheres trocaram um olhar rápido. — Tem gente que luta por você sem saber que está lutando, muita gente que você nem sequer conhece. Não percebe o que significa forçar a formação da Renda da Era, não é? As ondas das suas ações, as ondas da sua mera existência se propagam por todo o Padrão e alteram a trama dos fios da vida de pessoas que você nem imagina. Essa batalha está muito longe de ser só sua. Mas você está no coração desta teia do Padrão. Se fracassar e sucumbir, tudo o mais vai fracassar e sucumbir. Como eu não posso ir com você até Alcair Dal, deixe que Lan vá. Mais um par de olhos para lhe dar respaldo.

O Guardião girou de leve por cima da sela, o cenho franzido para a Aes Sedai. Com os Shaido velados para matar, ele não estava muito ansioso em deixá-la sozinha.

Rand achou que não deveria ter visto aquela troca de olhares entre Moiraine e Egwene. Então elas tinham um segredo que estavam escondendo dele. Egwene tinha *mesmo* olhos de Aes Sedai, misteriosos e indecifráveis. Aviendha e as Donzelas haviam retornado até ele.

— Deixe que Lan fique com você, Moiraine. As *Far Dareis Mai* carregam minha honra.

Moiraine apertou os cantos dos lábios, mas, ao que parecia, aquilo era a coisa exata a ser dita, de acordo com as Donzelas. Adelin e as outras exibiram sorrisos largos.

Mais abaixo, os Aiel se amontoavam ao redor dos condutores dos carroções, que começavam a desatrelar as mulas. Nem todos prestavam atenção aos Aiel. Keille e Isendre encaravam uma à outra junto aos carroções. Natael falava em um tom urgente com uma das mulheres, e Kadere, com a outra, até que as duas enfim cessaram o duelo de olhares. Elas já estavam agindo assim havia algum tempo. Se fossem homens, Rand imaginava que já teriam chegado às vias de fato muito tempo antes.

— Fique a postos, Egwene — disse Rand. — Todos vocês, fiquem a postos.

— Nem mesmo os Shaido vão incomodar Aes Sedai — respondeu Amys — não mais do que incomodam Bair, Melaine ou a mim. Algumas coisas estão além do alcance até dos Shaido.

— Só fiquem a postos!

Ele não pretendia ser tão ríspido. Até Rhuarc o encarou. Ninguém entendeu, e ele não ousava explicar. Quem acionaria a armadilha primeiro? Tinha de pôr em risco todos ali, e também a si próprio.

— E eu, Rand? — perguntou Mat, de repente, rolando uma moeda de ouro pelos dedos de uma das mãos, em um gesto meio inconsciente. — Você faz alguma objeção se eu for com você?

— Você quer ir? Achei que preferiria ficar com os mascates.

Mat franziu o cenho para os carroções abaixo e olhou para os Shaido enfileirados diante da brecha na montanha.

— Não acho que vá ser tão fácil sair daqui, se você acabar morrendo. Que me queime se você não acabar me metendo no caldeirão de banha de um jeito ou de... *Dovienya* — murmurou Mat. Rand já o ouvira dizer isso antes. Lan contou que significava “sorte” na Língua Antiga. Mat jogou a moeda de ouro para cima. Quando tentou apanhá-la de volta, ela quicou em seus dedos e caiu no chão. Por mais improvável que fosse, a moeda caiu de pé e foi rolando encosta abaixo, saltando pelas rachaduras no chão de lama seca, cintilando à luz do sol. De lá, seguiu descendo até os carroções, onde finalmente tombou. — Que me queime, Rand — rosnou — preferia que você não fizesse isso!

Isendre apanhou a moeda e começou a manuseá-la, espiando o topo da encosta. Os outros também olhavam para lá, Kadere, Keille e Natael.

— Você pode vir — disse Rand. — Rhuarc, já não está na hora?

O chefe de clã olhou para trás.

— Está. Bem... — Atrás dele, flautas começaram a tocar uma melodia lenta e dançante. — Agora.

Uma cantoria uniu-se às flautas de pã. Os garotos Aiel paravam de cantar quando chegavam à idade adulta, exceto em certas ocasiões. Depois de botar as mãos na lança, um homem de Aiel entoava apenas canções de batalha e lamentos para os mortos. Sem dúvida havia muitas vozes de Donzelas naquela melodia bela e harmoniosa, mas vozes graves e masculinas as faziam desaparecer.

“Banhem as lanças — ao subir do sol. Banhem as lanças — ao cair do sol.”

Meia milha à direita e à esquerda surgiram os Taardad, correndo em duas largas fileiras no ritmo da canção, as lanças a postos, os rostos velados. Pareciam colunas infinitas avançando em direção às montanhas.

“Banhem as lanças — quem teme morrer?”

Banhem as lanças — que eu saiba, ninguém!”

Nos acampamentos dos clãs e na feira, Aiel observavam, estupefatos. Algo na forma como se portavam dava a Rand a certeza de que estavam em silêncio. Alguns condutores de carroções permaneciam parados, meio

atônitos, enquanto outros soltavam as mulas e corriam de volta para os carroções. Keille e Isendre, Kadere e Natael ainda observavam Rand.

“Banhem as lanças — enquanto a vida pulsa.

Banhem as lanças — até que a vida acabe. Banhem as lanças...”

— Vamos?

Ele não esperou a confirmação de Rhuarc para cravar as botas em Jade'en, que começou a descer a montanha, com Adelin e as outras Donzelas logo atrás. Mat hesitou por um instante antes de disparar com Pips, mas Rhuarc e os chefes dos ramos dos Taardad, cada um com seus dez guerreiros, arrancaram na mesma hora que o sarapintado. Em dado momento, a meio caminho das tendas da feira, Rand olhou o topo da encosta atrás de si. Moiraine e Egwene permaneciam em cima dos cavalos, com Lan. Aviendha estava parada com as três Sábias. Todos de olhos fixos nele. Quase se esquecera de como era não ter ninguém a encará-lo.

Enquanto cavalgava no mesmo nível da feira, surgiu uma delegação de dez ou doze mulheres vestidas em saias e blusas, os corpos enfeitados com muito ouro, prata e marfim, e o mesmo número de homens vestidos nos tons cinza e marrom dos *cadin'sor*, porém desarmados, exceto pelas facas de cintura menores que a arma de lâmina bruta de Rhuarc. O grupo, no entanto, assumia uma postura que forçou Rand e os outros a pararem, e pareciam ignorar os Taardad velados que avançavam a leste e a oeste.

“Banhem as lanças — a vida é um sonho.

Banhem as lanças — todo sonho tem fim.”

— Eu não esperava isso de você, Rhuarc — disse um homem corpulento e grisalho. Não era gordo, seu peso era todo músculos. Rand nunca vira um Aiel gordo. — Até vindo dos Shaido foi uma surpresa, mas de você?

— Os tempos mudam, Mandhuin — retrucou o chefe de clã. — Há quanto tempo os Shaido estão aqui?

— Chegaram logo ao nascer do sol. Quem pode explicar por que viajaram à noite? — Mandhuin fechou um pouco a cara para Rand e inclinou a cabeça na direção de Mat. — Realmente, Rhuarc, são tempos estranhos.

— Quem está aqui, além dos Shaido? — perguntou Rhuarc.

— Nós, Goshien, chegamos primeiro. Depois vieram os Shaarad. — O homem corpulento fez uma careta ao dizer o nome dos inimigos de sangue, sem deixar de analisar os dois aguacentos. — Os Chareen e os Tomanelle vieram depois. E, por último, os Shaido, como eu disse. Faz pouco tempo que Sevanna convenceu os chefes a virem. Bael não viu motivo para esse encontro de hoje, e alguns dos outros também não.

Uma mulher de meia-idade, com rosto largo e os cabelos mais loiros que os de Adelin, pôs as mãos na cintura, com um clangor de braceletes de marfim e

ouro. Usava tantos braceletes e colares quanto Amys e sua esposa-irmã juntas.

— Ouvimos dizer que Aquele Que Vem Com a Aurora saiu de Rhuidean, Rhuarc. — Ela franziu o rosto para Rand e Mat. Toda a delegação fez o mesmo. — Ouvimos dizer que o *Car'a'carn* será anunciado hoje. Antes da chegada de todos os clãs.

— Então alguém lhe fez uma profecia — interveio Rand.

Ele tocou os flancos do sarapintado com os calcanhares, e a delegação abriu caminho.

— *Dovienya* — murmurou Mat. — *Mia dovienya nesodhin soende*. — Fosse lá o que aquilo significasse, soava como um desejo fervoroso.

As fileiras de Taardad tinham subido até o topo, pelos dois lados dos Shaido, e virado de frente para eles, a algumas centenas de passadas de distância, ainda velados, ainda cantando. Não faziam qualquer movimento que pudesse ser considerado ameaça. Na realidade, apenas permaneciam ali parados. Havia quinze ou vinte vezes o número de Shaido, todos cantando, as vozes ressoando na harmonia da canção.

“Banhem as lanças... até a sombra acabar.

Banhem as lanças... até a água secar.

Banhem as lanças... quão longe de casa?

Banhem as lanças... até eu sucumbir!”

Ao se aproximar dos Shaido de véus negros, Rand viu Rhuarc levar uma das mãos ao próprio véu.

— Não, Rhuarc. Não estamos aqui para lutar com eles.

Ele quis dizer que não esperava que chegassem a esse ponto, mas o Aiel interpretou de maneira diferente.

— Tem razão, Rand al'Thor. Não há honra para os Shaido. — Deixando o véu pender, Rhuarc elevou a voz. — Não há honra para os Shaido!

Rand não virou a cabeça para olhar, mas teve a sensação de que véus negros estavam sendo baixados atrás dele.

— Ah, sangue e cinzas! — murmurou Mat. — Sangue e malditas cinzas!

“Banhem as lanças — até o sol morrer.

Banhem as lanças — até a água correr.

Banhem as lanças...”

As fileiras de Shaido se remexeram, incomodadas. Fosse lá o que Couladin ou Sevanna tivessem dito, os homens do clã sabiam contar. Dançar as lanças com Rhuarc e seus companheiros era uma coisa, mesmo que fosse contra todos os costumes. Enfrentar Taardad suficientes para varrê-los para fora do mapa feito uma avalanche era outra. Eles se retiraram relutantes, afastando-se para deixar Rand avançar, dando um passo atrás para abrir um caminho largo.

Rand soltou um suspiro de alívio. Adelin e as outras Donzelas, pelo menos, caminhavam com o olhar fixo à frente, como se os Shaido não existissem.

“Banhem as lanças — enquanto eu respirar.

Banhem as lanças — meu aço vai brilhar.

Banhem as lanças...”

A cantoria foi diminuindo atrás deles até virar um murmúrio, enquanto o grupo passava pela garganta estreita, profunda e sombria que serpenteava por entre as montanhas. Durante alguns minutos, os sons mais altos eram o clangor dos cascos na pedra e o sussurro das botas macias dos Aiel. De repente, a passagem estreita deu lugar a Alcair Dal.

Rand entendeu porque o cânion fora chamado de bacia de ouro, embora não houvesse nenhum reflexo dourado ali. Era um círculo quase perfeito, com uma muralha cinza formando uma encosta em quase toda a circunferência, exceto no trecho mais afastado, onde a parede fazia uma curva para dentro, feito uma onda gigante. Grupos de Aiel pontilhavam toda a encosta, cabeças e rostos descobertos. Havia muitos mais grupos do que clãs. Os Taardad que tinham vindo com os chefes dos ramos começaram a se afastar em direção a cada um do seu. Segundo Rhuarc, agrupar-se por sociedade, não por clã, ajudava a manter a paz. Apenas seus Escudos Vermelhos e as Donzelas permaneceram com Rand e os chefes dos Taardad.

Os chefes dos ramos dos outros clãs se sentaram de pernas cruzadas, todos com seus respectivos grupos, diante de uma grande saliência abaixo da encosta abaulada. Seis pequenos grupos, um de Donzelas, permaneciam entre os chefes dos ramos e a saliência. Eram, supostamente, os Aiel que tinham ido pela honra dos chefes dos clãs. Seis, embora apenas cinco clãs estivessem representados. Sevanna teria uma escolta de Donzelas — embora mas Aviendha tivesse feito um rápido comentário sobre como Sevanna nunca fora *Kar Dareis Mai* —, mas o grupo extra... havia onze homens ali, não dez. Mesmo vendo apenas as costas de uma cabeça cheia de cabelos cor de fogo, Rand teve certeza de que era Couladin.

Na saliência em si, uma mulher de cabelos louros estava parada, portando tantas joias quanto a mulher nas tendas da feira, o xale cinza por cima dos ombros. Era Sevanna, claro, junto de mais quatro chefes de clã, nenhum armado, exceto pela comprida faca de cintura. Um deles era o homem mais alto que Rand já vira na vida. Bael, dos Aiel Goshien, pelas descrições que Rhuarc fornecera. O sujeito devia ser pelo menos uma mão mais comprido que Rhuarc ou que ele próprio. Sevanna estava falando, e algum efeito criado pelo formato do cânion transportava suas palavras para todos os cantos com clareza.

— ... deixar que ele fale! — Sua voz era dura e tensa. De cabeça erguida e costas rígidas, ela tentava dominar o espaço com a força de sua vontade. — Eu exijo isso como meu direito! Até que um novo chefe seja escolhido, assumo o posto de Suladric, representando os Shaido. Exijo o meu direito!

— Você ocupa o lugar de Suladric até um novo chefe ser escolhido, senhora do teto. — O homem de cabelos brancos que respondia em um tom irascível era Han, chefe de clã dos Tomanelle. Com um rosto que parecia couro escuro e curtido, ele era mais alto que a média de Dois Rios, mas era baixo para um Aiel, ainda que corpulento. — Não duvido que você conheça bem os direitos de uma senhora do teto, mas talvez não conheça tão bem os de um chefe de clã. Só alguém que já adentrou Rhuidean pode falar aqui. E você, que está no lugar de Suladric. — Han não parecia contente com aquilo, mas por outro lado, era o tipo de homem que parecia quase nunca feliz. — Mas as andarilhas dos sonhos disseram às nossas Sábias que Couladin teve o direito de adentrar Rhuidean recusado.

Couladin soltou um berro indecifrável, porém claramente furioso — pelo visto, o truque do cânion funcionava apenas na saliência. Erim, dos Chareen, com a metade dos cabelos vermelho-claros já grisalha, interrompeu-o com rispidez.

— Acaso não tem respeito pela lei e pelos costumes, Shaido? Não tem honra? Faça o silêncio aqui.

Uns poucos olhos na encosta se viraram para ver quem eram os recém-chegados. Uma onda de empurrões trouxe mais gente para ver dois forasteiros a cavalo à frente dos chefes dos ramos, um deles seguido de perto por Donzelas. Rand se perguntou quantos Aiel o observavam. Três mil? Quatro? Mais? Ninguém fazia som algum.

— Estamos aqui reunidos para ouvir um pronunciamento muito importante — disse Bael — que acontecerá quando todos os clãs tiverem chegado. — Seus cabelos vermelho-escuros também estavam ficando grisalhos. Não havia jovens entre os chefes dos clãs. Sua altura e voz grave atraíram os olhares para ele. — Quando todos os clãs tiverem chegado. Se a única coisa que Sevanna quer agora é pedir que deixemos Couladin falar, voltarei para as minhas tendas e aguardarei a hora.

Jheran, dos Shaarad, inimigo de sangue dos Goshien de Bael, era um homem delgado, com muitas mechas cinzentas nos cabelos castanho-claros. Ele se pronunciou em um tom também delgado, feito uma lâmina de aço, dirigindo-se a ninguém em particular.

— Digo que não devemos retornar às nossas tendas. Já que Sevanna nos trouxe para cá, vamos debater algo que é só um pouco menos importante que o anúncio que aguardamos. Água. Quero debater sobre a água da Plataforma da Cordilheira de Espinhaço.

Bael virou-se para o homem, em uma postura ameaçadora.

— Imbecis! — vociferou Sevanna. — Eu cansei de esperar! Eu...

Foi então que os que ocupavam a saliência perceberam os recém-chegados. Observaram a aproximação em total e completo silêncio, os chefes dos clãs de cenho franzido, Sevanna com uma careta de desprezo. Era uma bela mulher, quase de meia-idade, mas que parecia mais jovem, em meio a homens bem mais velhos. Ainda assim, ela parecia voraz. Os chefes dos clãs eram nobres, mesmo Han, com seu jeito meio amargo, mas os olhos azul-claros da mulher guardavam uma expressão calculista. Ao contrário das outras Aiel

que Rand já vira, ela usava a blusa branca solta aberta em um decote avantajado, o colo bronzeado emoldurado pelos muitos colares. Pela postura dos homens, dava para identificá-los como chefes de clã. E, mesmo que Sevanna fosse uma senhora do teto, sem dúvida não era nada parecida com Lian.

Rhuarc avançou direto até a saliência, entregou as lanças, o broquel, o arco e a aljava para os Escudos Vermelhos e começou a subir. Rand entregou as rédeas a Mat.

— Sorte para nós! — murmurou o rapaz, enquanto olhava os Aiel à volta.

Adelin deu um aceno de cabeça encorajador para Rand, que foi de sua sela direto para a saliência. Um murmúrio de surpresa se ergueu pelo cânião.

— O que é que você está fazendo, Rhuarc — inquiriu Han, com uma expressão de desprezo — trazendo este aguacento para cá? Se não vai matá-lo, pelo menos não o deixe se portar feito um chefe de clã.

— Este homem, Rand al'Thor, veio falar com os chefes dos clãs. As Andarilhas dos Sonhos não contaram a você que ele viria comigo? — As palavras de Rhuarc provocaram um burburinho entre os ouvintes.

— Melaine me contou muitas coisas, Rhuarc — respondeu Bael, receoso, franzindo o cenho para Rand. — Disse que Aquele Que Vem Com a Aurora tinha saído de Rhuidean. Você não pode estar querendo dizer que este homem... — Ele foi baixando a voz, incrédulo.

— Se o aguacento pode falar — interrompeu Sevanna, mais do que depressa — então Couladin também pode.

Ela ergueu uma mão macia e delicada, e Couladin subiu até a saliência, com o rosto vermelho de raiva.

Han virou-se para ele.

— Fique aí embaixo, Couladin! Já é ruim o bastante ver Rhuarc violando os costumes sem que você faça o mesmo!

— Está na hora de abandonar esses hábitos desgastados! — gritou o Shai do de cabelos cor de fogo, tirando o casaco marrom e cinza. Não havia razão para gritar, pois suas palavras ecoavam pelo cânião, mas ele não baixou a voz. — Eu sou Aquele Que Vem Com a Aurora! — Ele puxou as mangas da camisa para cima e ergueu os dois braços. Em torno de cada antebraço estava enroscada uma criatura serpenteante de escamas douradas e carmesins, com patas metálicas e reluzentes, cada uma com cinco garras douradas, as cabeças de crina dourada no dorso dos punhos de Couladin. Dois Dragões perfeitos. — Eu sou o *Car'a'carn*!

O estrondo que se elevou foi como um trovão, os Aiel levantando-se aos saltos e gritando de alegria. Os chefes dos clãs também se levantaram, os Taardad se agruparam, preocupados, os outros gritando na mesma intensidade.

Os chefes dos clãs pareciam atônitos, inclusive Rhuarc. Adelin e suas nove Donzelas empunharam as lanças, como se esperassem usá-las a qualquer momento. Encarando o vão à frente, Mat puxou o chapéu para baixo e conduziu os dois cavalos para perto da saliência, fazendo um gesto disfarçado para que Rand subisse na sela outra vez.

Sevanna abriu um sorriso presunçoso e arrumou o xale enquanto Couladin avançava para a frente da saliência, com os braços erguidos.

— Eu trago a mudança! — gritou ele. — Conforme a profecia, eu trago novos dias! Vamos cruzar a Muralha do Dragão outra vez e recuperar o que nos pertence! Os aguacentos são moles, mas são ricos! Vocês se lembram da riqueza que foi trazida de volta, na última vez que adentramos as terras aguacentas! Desta vez, traremos tudo! Desta vez...!

Rand deixou-se inundar pela declamação do homem. De todas as coisas possíveis, jamais suspeitara disso. *Como?* A palavra ficava ressoando em sua mente, mas ele não conseguia acreditar na própria compostura. Bem devagar, tirou o casaco, hesitando por um instante antes de apanhar o *angreal* do bolso. Enfiou o entalhe no cós da calça, deixou cair o casaco no chão e caminhou para a dianteira da saliência, desfazendo os laços da camisa com muita calma. Quando ergueu os braços para o alto da cabeça, as mangas deslizaram para baixo.

Os Aiel reunidos levaram um instante para perceber os Dragões que também serpenteavam pelos braços de Rand, reluzentes sob o sol. O silêncio foi se abatendo aos poucos, mas, por fim, dominou o ambiente. O queixo de Sevanna desabou. Ela não sabia. Obviamente Couladin não pensara que Rand viria tão depressa, não dissera a ela que outro também portava as marcas. *Como?* O homem decerto acreditara que teria tempo. Depois que estivesse estabelecido, Rand seria rejeitado como fraude. *Luz, como?* Se a senhora do teto do Forte de Comarda estava atônita, os chefes dos clãs também estavam, exceto por Rhuarc. Dois homens marcados, enquanto a profecia rezava que apenas um poderia existir.

Couladin prosseguia com seu discurso inflamado, abanando os braços para garantir que todos vissem suas marcas.

— ... não vamos parar ao dominar as terras dos violadores de juramentos! Vamos arrasar tudo até o Oceano de Aryth! Os aguacentos não poderão oferecer resistência... — De súbito, ele notou o silêncio onde antes haviam gritos inflamados. Sabia o motivo. Sem se virar para encarar Rand, gritou: — Aguacento! Olhem as roupas dele! É um aguacento!

— Um aguacento — concordou Rand. Não ergueu a voz, mas o câniom a conduziu a todos. O Shaido pareceu surpreso por um instante, mas logo escancarou um sorriso triunfante, até que Rand prosseguiu. — O que diz a Profecia de Rhuidean? “Nascido do sangue.” Minha mãe era Shaiel, uma Donzela dos Taardad Chumai. — *Quem era ela, na verdade? De onde viera?* — Meu pai era Janduin, do ramo da Montanha de Ferro, chefe do clã dos Taardad. — *Meu pai é Tam al’Thor. Ele me encontrou, me criou, me amou. Queria ter podido conhecer o senhor, Janduin, mas o meu pai é Tam.* — “Nascido do sangue, porém criado fora do sangue.” Onde foi que as Sábias mandaram me procurar? Nos fortes da Terra da Trindade? Elas mandaram procurar para além da Muralha do Dragão, n o local onde fui criado. Exatamente como a profecia.

Bael e os outros três assentiram devagar, mas com relutância. Havia ainda a questão de Couladin também estampar os Dragões, e sem dúvida eles

prefeririam que fosse um deles. Sevanna tinha o rosto rígido. Não importava quem portasse as marcas verdadeiras, não havia dúvida a respeito de quem ela apoiava.

A confiança de Couladin não esmoreceu. O homem encarara Rand com desprezo desde a primeira vez que o vira.

— Faz quanto tempo que a Profecia de Rhuidean foi revelada pela primeira vez? — Ele ainda parecia acreditar que precisava gritar. — Quem pode dizer o quanto as palavras mudaram? Minha mãe era *Fur Dareis Mai*, antes de abrir mão da lança. Quanto do restante mudou? Ou foi mudado? Dizem que um dia servimos às Aes Sedai. Eu digo que elas querem nos atar a elas mais uma vez! Esse aguento foi escolhido porque se parece com a gente! Ele não é do sangue! Veio em companhia de Aes Sedai, preso numa coleira! E as Sábias as receberam como se fossem irmãs-primeiras! Vocês todos ouviram falar de Sábias capazes de fazer coisas além de qualquer compreensão. As Andarilhas dos Sonhos usaram o Poder Único para me manter longe desse aguento! Usaram o Poder Único, como dizem que as Aes Sedai fazem! As Aes Sedai trouxeram esse aguento aqui para nos prender com falsidades! E as andarilhas dos sonhos as ajudaram!

— Isso é loucura! — Rhuarc avançou a passos largos atrás de Rand, encarrando a multidão ainda em silêncio. — Couladin nunca pôs os pés em Rhuidean. Eu ouvi quando as Sábias recusaram sua entrada. Mas Rand al'Thor foi. Eu o vi sair de Chaendaer e retornar, marcado, como vocês também podem ver.

— E por que elas recusaram minha entrada? — indagou Couladin, com um rosnado. — Porque as Aes Sedai mandaram! Rhuarc não conta a vocês que uma das Aes Sedai desceu de Chaendaer com esse aguento! Foi por isso que ele retornou com os Dragões! Bruxaria de Aes Sedai! Meu irmão, Muradin, morreu debaixo de Chaendaer, assassinado por esse aguento e a Aes Sedai Moiraine. E as Sábias, ordenadas pelas Aes Sedai, deixaram os dois impunes! Quando a noite caiu, eu fui até Rhuidean. Não me revelei até agora porque este aqui é o lugar apropriado para o *Car'a'carn* aparecer! Eu *sou* o *Car'a'carn*!

Mentiras entremeadas com fragmentos de verdade. O homem ostentava uma confiança vitoriosa, e sem dúvida teria resposta para qualquer coisa.

— Você diz que foi a Rhuidean sem a permissão das Sábias? — inquiriu Han, de cara feia. O imenso Bael exibia o mesmo olhar de desaprovação, com os braços cruzados, e Erim e Jheran pareciam apenas um tantinho menos irritados. Mas, pelos menos os chefes dos clãs ainda hesitavam. Sevanna agarrou a faca de cintura, cravando os olhos em Han como se quisesse enfiá-la em suas costas.

Couladin, no entanto, tinha uma resposta.

— Isso mesmo, sem a permissão delas! Aquele Que Vem Com a Aurora traz a mudança! É isso o que diz a profecia! Os costumes inúteis têm que mudar, e vou mudar todos eles! Eu não cheguei aqui com a aurora?

Os chefes dos clãs permaneciam indecisos, e também os Aiel que observavam, todos de pé aos milhares, observando em silêncio, aguardando.

Se Rand não fosse capaz de convencê-los, era certo que não sairia vivo de Alcair Dal. Mat indicou outra vez a sela de Jeade'en. Rand sequer deu-se ao trabalho de balançar a cabeça. Havia mais coisa a levar em conta além de sair dali vivo: ele precisava daquele povo, precisava de sua lealdade. *Precisava* ter gente que o seguisse por acreditar nele, não para usá-lo ou pelo que ele tivesse para dar. Precisava.

— Rhuidean — disse. A palavra preencheu todo o cânion. — Você está alegando que foi a Rhuidean, Couladin. O que viu por lá?

— Todos sabem que é proibido falar a respeito de Rhuidean — retrucou Couladin, mais do que de pressa.

— Nós podemos nos afastar — sugeriu Erim — e conversar em particular, para que você possa nos contar...

O Shaido o interrompeu bruscamente, o rosto vermelho de raiva.

— Eu não vou falar com ninguém. Rhuidean é um lugar sagrado, e o que eu vi é sagrado. *Eu sou sagrado!* — Ele ergueu outra vez os braços com as marcas do Dragão. — Isso aqui me torna sagrado!

— Eu caminhei por colunas de vidro ao lado de *Avendesora*. — Rand falava baixinho, mas as palavras chegavam a todos os cantos. — Eu vi a história dos Aiel pelos olhos dos meus ancestrais. O que foi que você viu, Couladin? Eu não tenho medo de falar. Você tem?

O Shaido tremia de fúria, o rosto estava quase da cor de seus cabelos.

Olhares indecisos percorreram Bael e Erim, Jheran e Han.

— Para isso, teremos que nos afastar — murmurou Han.

Couladin não parecia perceber que perdera vantagem com os quatro, mas Sevanna, sim.

— Foi Rhurarc que contou tudo isso a ele — vociferou a mulher. — Uma das esposas de Rhurarc é Andarilha dos Sonhos, uma dessas que ajudam as Aes Sedai! Rhurarc contou tudo a ele!

— Rhurarc não faria isso — retrucou Han, bruscamente. — Ele é o chefe do clã, é um homem honrado. Não fale do que não sabe, Sevanna!

— Eu não estou com medo! — gritou Couladin. — Nenhum homem pode me dizer que sinto medo! Eu também vi pelos olhos dos meus ancestrais! Eu vi nossa chegada à Terra da Trindade! Vi nossa glória! A glória que vou trazer de volta a nós!

— Eu vi a Era das Lendas — anunciou Rand — e o início da jornada dos Aiel até a Terra da Trindade. — Rhurarc agarrou seu braço, mas ele se desvencilhou do chefe de clã. Aquele momento estivera fadado a acontecer desde que os Aiel se reuniram diante de Rhuidean pela primeira vez. — Eu vi os Aiel quando eram chamados de Aiel Da' shain, e seguiam o Caminho da Folha.

— Não! — O gritou se elevou de fora do cânion e se propagou em um estrondo. — Não! Não! — Vinha de milhares de gargantas. As pontas das lanças erguidas refletiam a luz do sol. Até alguns chefes de ramo dos Taardad gritavam.

Adelin encarou Rand, aflita. Mat gritou alguma coisa para ele, mas o grito se perdeu no estrondo. O rapaz gesticulava com premência para que ele

montasse na sela.

— Mentiroso! — O formato do cânion conduzia o berro de Couladin, cólera misturada a triunfo, por sobre os gritos da multidão. Balançando a cabeça freneticamente, Sevanna estendeu o braço para ele. Àquela altura, devia ter pelo menos imaginado que ele era o falso, porém, se conseguisse mantê-lo quieto, talvez obtivessem sucesso. Como Rand esperava, Couladin a repeliu. O homem sabia que Rand fora a Rhuidean. Não era capaz de acreditar em sequer metade da própria história, mas também não acreditava no que Rand dissera. — A prova de que ele é uma fraude vem da própria boca! Nós sempre fomos guerreiros! Sempre! Desde o início dos tempos!

O estrondo se elevou, as lanças balançando, mas Bael, Erim, Jheran e Han permaneceram em completo silêncio. Agora sabiam. Sem se dar conta de seus olhares, Couladin abanou os braços coroados com os Dragões para os Aiel reunidos, exultante com a adulação.

— Por quê? — indagou Rhuarc, baixinho, ao lado de Rand. — Você não entendeu por que não falamos de Rhuidean? Não queremos encarar que um dia fomos tão diferentes de tudo em que acreditamos agora, que éramos iguais aos Perdidos desprezíveis que vocês chamam de Tuatha'an. Rhuidean mata os que não são capazes de enfrentá-la. Dos homens que vão a Rhuidean, nem um em três consegue sobreviver. E agora você falou para todos ouvirem. Não vai parar por aqui, Rand al'Thor. A coisa vai se espalhar. Quantos terão força suficiente para aguentar?

Ele os unirá e os destruirá.

— Eu trago a mudança — respondeu Rand, com tristeza. — Não paz, e sim desordem. — *A destruição me acompanha aonde vou. Será que existe algum lugar que eu não vou destruir?* — O que for, será, Rhuarc. Eu não posso mudar.

— O que for, será — murmurou o Aiel, depois de um instante.

Couladin ainda andava para cima e para baixo a passos firmes, gritando para os Aiel sobre glória e conquista, sem perceber os chefes dos clãs que o encaravam pelas costas. Sevanna sequer olhava para Couladin. Seus olhos verde-claros estavam concentrados nos chefes dos clãs, os lábios contraídos em um esgar, os seios se elevando com respirações ansiosas. Ela sem dúvida sabia o significado daqueles olhares silenciosos.

— Rand al'Thor — disse Bael em voz alta, o nome retalhando os gritos de Couladin, cortando o estrondo da multidão feito uma lâmina. Ele parou para pigarrear, balançando a cabeça como se procurasse uma saída para tudo aquilo. Couladin se virou e cruzou os braços, confiante, decerto à espera de uma sentença de morte para o aguacento. O imenso chefe de clã respirou fundo. — Rand al'Thor é o *Car'a'carn*. Rand al'Thor é Aquele Que Vem Com a Aurora.

Os olhos de Couladin se arregalaram, incrédulos e furiosos.

— Rand al'Thor é Aquele Que Vem Com a Aurora — anunciou Han, com o rosto curtido igualmente relutante.

— Rand al'Thor é Aquele Que Vem Com a Aurora — repetiu Jheran, taciturno.

— Rand al'Thor é Aquele Que Vem Com a Aurora — disse Erim.

— Rand al'Thor — enunciou Rhuarc — é Aquele Que Vem Com a Aurora. — E, em um tom baixo demais até para ecoar pela saliência, acrescentou: — E que a Luz tenha piedade de nós.

Por um longo e lento instante, o silêncio se abateu. Então Couladin saltou da saliência, rosnando, agarrou uma lança de um de seus *Seia Doon* e avançou direto para Rand. Porém, enquanto ele avançava, Adelin deu um salto. A ponta da lança do Aiel enfurecido perfurou as camadas do couro do broquel que a mulher estendera, atirando-a para longe.

Um pandemônio irrompeu no cânion, homens gritavam, empurrando uns aos outros. As demais Donzelas Jindo pularam ao lado de Adelin, formando uma proteção na frente de Rand. Sevanna descerá para gritar com Couladin, pendurando-se no braço do homem enquanto ele tentava liderar os Shaido Olhos Negros contra as Donzelas que estavam entre ele e Rand. Heirn e mais uma dúzia de chefes de ramos Taardad juntaram-se a Adelin, de lanças a postos, mas outros gritavam alto. Mat se levantou, desajeitado, e agarrou a lança de cabo preto com a ponta marcada pela garça, urrando o que deveriam ser xingamentos na Língua Antiga. Rhuarc e os outros chefes dos clãs ergueram a voz, tentando em vão restaurar a ordem. O cânion ebulia feito um caldeirão. Rand viu homens e mulheres velando o rosto. Uma lança reluziu no meio de um golpe. Outra. Ele precisava impedir aquilo.

Tentou tocar *saidin*, e a energia fluiu dentro de seu corpo até ele achar que iria explodir; se não se incendiasse primeiro. A imundície da mácula que o dominou parecia prestes a petrificar seu sangue. As ideias flutuaram para fora do Vazio. Ideias frias. Água. Ali, onde a água era tão escassa, os Aiel sempre falavam disso. Até mesmo naquele ar seco havia alguma água. Ele canalizou, sem saber ao certo o que fazia, tateando às cegas.

Um raio lancinante estalou sobre Alcair Dal, e o vento soprou com violência, vindo de todos os lados, chiando pela beirada do cânion, abafando os gritos dos Aiel. Um vento que trouxe diminutos pingos de água, depois mais e mais, até acontecer algo que homem nenhum jamais vira por ali. Uma cerração de chuva começou a descer. O vento acima uivava e remoinhava. Relâmpagos indômitos varavam o céu. E a chuva foi ficando mais e mais forte, até virar um pé d'água, desabando pela saliência da encosta, colando os cabelos de Rand à cabeça e a camisa às costas, turvando a visão de tudo a cinquenta passadas de distância.

De súbito, a chuva parou de açoitá-lo; um domo invisível formara-se ao redor dele, afastando Mat e os Taardad. Sob a água que corria pelas laterais, mal dava para ver Adelin, que esmurrava o domo, tentando entrar à força.

— Seu idiota, brincando com esses outros idiotas! Desperdiçando todo o meu esforço e planejamento!

A água escorria por seu rosto quando Rand se virou e encarou Lanfear. O vestido branco com cinto de prata estava perfeitamente seco, as ondas negras dos cabelos entre as estrelas e luas prateadas estavam intocadas pelas gotas de chuva. Aqueles olhos negros o encaravam com fúria; a ira contorcia seu belo rosto.

— Não imaginei que você fosse se revelar tão cedo — murmurou ele. O Poder ainda o preenchia. Ele manuseou a torrente que o açoitava, agarrando-se ao Poder com um desespero que não chegava à voz. Não era necessário puxar mais Poder. Ele apenas o deixou fluir até sentir os ossos prestes a torrarem e virarem cinzas. Não sabia se a mulher podia blindá-lo enquanto *saidin* corria por seu corpo, mas deixou-se preencher contra essa possibilidade. — Sei que você não está sozinha. Onde ele está?

A bela boca de Lanfear se contraiu.

— Eu sabia que ele se entregaria quando entrou no seu sonho. Eu poderia ter cuidado da situação, se o pânico dele...

— Eu soube desde o início — retrucou ele, interrompendo-a. — Esperei por isso desde o dia em que saí da Pedra de Tear. Aqui, onde qualquer um podia ver que eu estava concentrado em Rhuidean e nos Aiel. Acha que eu não estava esperando que um de vocês viesse atrás de mim? Mas a armadilha é *minha*, Lanfear, não sua. Onde ele está? — A pergunta saiu em um berro.

As emoções deslizavam incontroláveis em torno do Vazio que o rodeava por dentro, o vazio que não era tão vazio, preenchido pelo Poder.

— Se você sabia — vociferou ela, em resposta — por que o afugentou com a conversa de cumprir seu destino, de fazer *o que tem que ser feito*? — As palavras vinham feito pedras, repletas de escárnio. — Eu trouxe Asmodean para ensiná-lo, mas ele sempre teve a mania de abandonar os planos difíceis. Agora acha que encontrou algo melhor em Rhuidean. E foi lá pegar, enquanto você está aqui. Couladin, os Dragkar, tudo para prender sua atenção enquanto ele se certifica de que alcançará o que deseja. Todos os meus planos foram para nada, porque você não podia ser mais teimoso! Tem alguma ideia do esforço que vou ter que fazer para convencê-lo outra vez? Tem que ser ele. Demandred, Rahvin ou Sammael matariam você antes de ensiná-lo a erguer a mão, a não ser que o prendessem feito um cachorro na coleira!

Rhuidean. Sim. Claro. Rhuidean. Quantas semanas até o sul? Porém, certa vez, ele fizera uma coisa... Se conseguisse lembrar como...

— E você o deixou ir? Depois toda a conversa sobre me ajudar?

— Não abertamente, já disse. O que ele poderia encontrar em Rhuidean que fizesse valer a pena minha revelação? Quando você concordar em ficar comigo, teremos bastante tempo. Lembre-se do que eu disse a você, Lews Therin. — A voz dela assumiu um tom sedutor. Os lábios carnudos se curvaram, os olhos negros tentaram tragá-lo, pareciam lagos sem fundo. — Dois excelentes *sa'angreal*. Com esses, juntos, podemos desafiar... — Desta vez, ela parou de falar sozinha.

Rand tinha se lembrado.

Com o Poder, *cingiu* a realidade, *flexionou* um pequeno fragmento do real. Uma porta se abriu debaixo do domo, bem na frente dele. Era a única forma de descrever. Uma abertura para a escuridão, para outro lugar.

— Você se lembra de algumas coisas, ao que parece. — Ela encarou a abertura, depois olhou para ele, exibindo uma desconfiança repentina. — Por que está tão ansioso? O que há em Rhuidean?

— Asmodean — respondeu ele, sombrio.

Por um instante, hesitou. Não conseguia enxergar através do domo encharcado de chuva. O que estava acontecendo lá fora? E Lanfear. Se ao menos conseguisse se lembrar de como blindara Egwene e Elayne. *Se ao menos eu fosse capaz de matar uma mulher que só está me olhando feio. Ela é uma Abandonada!* Não conseguia matá-la agora mais do que conseguira na Pedra.

Saiu pela porta e a fechou atrás de si, largando a mulher na saliência. Claro que ela sabia fazer uma igual, mas isso a atrasaria.





AS ARMADILHAS DE RHUIDEAN

A escuridão o envolveu assim que a porta desapareceu, um negrume que se estendia para todos os lados, mas ele ainda conseguia enxergar. Não havia sensação de frio nem calor, mesmo que ele estivesse encharcado; não sentia nada. Apenas existência. Degraus de pedra lisa e cinza se ergueram diante dele, todos suspensos, sem base, formando um arco que esvanecia até desaparecer. Ele já havia visto aqueles degraus antes, ou outros parecidos; de algum modo, ele sabia que o levariam aonde era preciso. Subiu correndo as escadas impossíveis, e cada degrau que as pegadas úmidas de suas botas deixavam para trás desaparecia, se esvaía. Apenas os degraus à frente o aguardavam, apenas aqueles que o levariam aonde ele tinha de ir. Isso também era igual a antes.

Será que eu fiz isso com o Poder, ou esses degraus existem de alguma outra forma?

Com o pensamento, a pedra cinza sob seu pé começou a se apagar, e todas as outras à frente tremeluziram. Desesperado, ele se concentrou nelas, pedras cinza e reais. Reais! O bruxuleio cessou. As pedras agora não eram tão planas, mas polidas, e tinham nas bordas um entalhe refinado, que ele pensou ser parecido com algo que já vira.

Sem se importar para onde — sem saber ao certo se ousaria pensar a respeito por muito tempo — ele correu o mais depressa que pôde, subindo três degraus de cada vez pela escuridão sem-fim. A escada o conduziria aonde ele quisesse, mas quanto tempo levaria? Quanta vantagem Asmodean tinha? Os Abandonados conheciam um meio mais rápido de viajar? Aquele era o problema. Os Abandonados detinham todo o conhecimento; para Rand, só restava o desespero.

Ao olhar adiante, ele estremeceu. Os degraus haviam se ajustado aos seu passados compridas, e agora havia entre eles amplos vãos que tornavam necessários aqueles saltos, por sobre um negrume profundo como... como o

quê? Uma queda ali talvez não tivesse fim. Ele se forçou a ignorar os vãos, a continuar correndo. A antiga ferida meio cicatrizada na lateral do corpo começou a latejar, trazendo uma vaga consciência. Porém, se ele estava envolto em *saidin* e meramente a percebia, a ferida deveria estar prestes a se abrir. *Ignore*. O pensamento flutuou pelo Vazio dentro dele. Não se permitiria perder aquela corrida, nem que acabasse morto. Os degraus não acabariam nunca? Quanto já havia avançado?

De repente, ele viu uma figura a distância, um pouco para a esquerda. Parecia um homem de casaco e botas vermelhas, parado de pé em uma plataforma prateada e reluzente que deslizava pela escuridão. Rand não precisou olhar muito de perto para ter certeza de que era Asmodean. O Abandonado não estava correndo feito um fazendeirinho cansado; estava cavalgando, fosse lá o quê.

Rand parou onde estava, em um dos degraus de pedra. Não tinha ideia do que era aquela plataforma, reluzente feito metal polido, mas... os degraus à sua frente desapareceram. O pedaço de pedra sob suas botas começou a deslizar para a frente, ganhando velocidade. Não havia vento em seu rosto para indicar que ele estava se deslocando, nada naquela vastidão negra que sequer denunciase algum movimento... a não ser o fato de que ele começava a alcançar Asmodean. Rand não sabia se estava operando aquilo com o Poder; simplesmente acontecia. O degrau bamboleou, e ele parou de se questionar. *Ainda não sei o suficiente*.

O homem de cabelos negros permanecia tranquilo, com uma das mãos no quadril e um dedo no queixo, pensativo. Um pedaço de renda branca pendia de seu pescoço; outros encobriam um pouco suas mãos. O casaco vermelho de gola alta brilhava mais que cetim de seda e tinha um corte estranho, com uma cauda que ia quase até os joelhos. Algo parecido com fios negros, feito finos arames de aço, saíam do homem e desapareciam na escuridão à sua volta. Rand tinha certeza de que já vira aqueles fios antes.

Asmodean girou a cabeça, e Rand o encarou, boquiaberto. Os Abandonados eram capazes de mudar suas feições — ou pelo menos exibir um rosto diferente; ele já vira Lanfear fazendo isso — mas aquele era o rosto de Jasin Natael, o menestrel. Ele tivera certeza de que seria Kadere, com aquele olhar predatório que jamais se alterava.

Asmodean encarou Rand no mesmo instante e levou um susto. O poleiro de prata do Abandonado deu um tranco para a frente... e de súbito um lençol de fogo, feito uma fatia finíssima de chama monstruosa, disparou para trás na direção de Rand, com uma milha de altura e uma de largura.

Ele canalizou desesperadamente na direção das chamas; no exato instante em que estava prestes a ser golpeado, o lençol se rompeu em fragmentos, expelidos com violência para longe dele e desaparecendo. Porém, assim que a cortina de fogo esvaneceu, outra surgiu, avançando até ele. Ele a estilhou, revelando mais uma; dilacerou a terceira e uma quarta se formou. Asmodean estava fugindo, Rand tinha certeza. Ele não conseguia ver o Abandonado, por conta do fogaréu. A raiva deslizou pela superfície do Vazio, e ele canalizou.

Uma onda de fogo envolveu a cortina carmesim que deslizava em sua direção e rolou, levando-a para longe. Não era um fragmento fino, mas gotas imensas e desenfreadas, como se chicoteando por uma ventania. Ele estremeceu com o Poder que ressoava dentro de si; a ira de Asmodean foi se agarrando à superfície do Vazio.

Um buraco se formou na superfície em erupção. Não, não exatamente um buraco. Asmodean e sua plataforma reluzente permaneciam bem no centro, mas, conforme a onda de fogo avançava, a terra voltou a se unir. O Abandonado havia erguido algum tipo de escudo ao seu redor.

Rand forçou-se a ignorar a raiva distante do lado de fora do Vazio. Apenas na calma fria ele conseguia tocar *saidin*; admitir a ira destruiria o Vazio. As imensas gotas de fogo sumiram quando ele parou de canalizar. Precisava pegar o homem, não matá-lo.

O degrau de pedra deslizava ainda mais depressa pela escuridão. Asmodean se aproximava.

De súbito, a plataforma do Abandonado parou. Um vão reluzente surgiu diante dele, e o homem saltou; a coisa prateada desapareceu, e a porta começou a se fechar.

Rand disparou ataques desenfreados com o Poder. Precisava manter a porta aberta; depois que ela se fechasse, não teria ideia do paradeiro de Asmodean. A contração cessou. Era um quadrado de luz solar bem forte, grande o suficiente para entrar. Ele tinha que manter a porta aberta, tinha de alcançá-la antes que Asmodean conseguisse ir muito longe...

No mesmo instante em que Rand pensou em parar, o degrau parou. Estancou, porém ele continuou avançando e passou voando pela porta. Algo puxou sua bota, e ele saiu rolando em cambalhotas pelo chão duro, até por fim aterrissar embolado, sem fôlego.

Tentando desesperadamente encher os pulmões, ele fez força para se levantar, sem ousar perder a ação nem sequer por um instante. O Poder Único ainda o preenchia com vida e maldade; seus ferimentos pareciam tão longínquos quanto a luta para respirar, tão distante, quanto a poeira amarela que cobria suas roupas úmidas e seu corpo inteiro. Ao mesmo tempo, porém, ele estava consciente de cada mísero movimento do ar abafado, cada grão de poeira, cada diminuta fresta no chão de barro rachado. O sol já secava toda a umidade, absorvendo-a de sua camisa e calças. Ele estava no Deserto, no vale abaixo de Chaendaer, a menos de cinquenta passadas da nebulosa Rhuidean. A porta havia desaparecido.

Ele deu um passo em direção à muralha de névoa e parou, erguendo o pé esquerdo. O calcanhar de sua bota fora decepada. O puxão que ele sentira; a porta se fechando. Rand estava vagamente ciente de que tiritava, apesar do calor. Não imaginava que fosse assim tão perigoso. O Abandonado detinha todo o conhecimento. Asmodean não escaparia dele. Irritado, ajeitou as roupas, enfiou com firmeza o homenzinho entalhado e a espada no lugar, correu para a neblina e a adentrou. Uma cegueira cinzenta o envolveu. O Poder que o preenchia não o ajudava a enxergar melhor. Ele corria às cegas.

De repente, alcançando se atirou para baixo e rolou para fora da névoa, alcançando as pedras de um pavimento arenoso. Estirado no chão, olhou para cima e viu três fitas brilhantes, de um azul-prateado, à estranha luz de Rhuidean, bem esticadas na horizontal, flutuando. Quando ele se levantou, viu que as fitas estavam na altura de sua cintura, peito e pescoço, tão finas que quase sumiam, quando vistas de lado. Ele podia ver como haviam sido feitas e presas ali, ainda que não compreendesse. Duras feito aço, tão afiadas que faziam uma navalha parecer uma pena. Se ele tivesse avançado até elas de pé, teria sido dilacerado. Uma pequenina explosão do Poder; e as fitas prateadas viraram pó. Uma raiva fria do lado de fora do Vazio; do lado de dentro, frieza, determinação e o Poder Único.

O brilho azulado do domo de neblina projetava sua luz sem sombras nos palácios inacabados de laterais planas, feitos de mármore, cristal e vidro recortado, e nas torres caneluradas e espiraladas que arranhavam o céu. Asmodean corria pela ampla rua à frente passando por fontes secas, em direção à enorme esplanada no coração da cidade.

Rand canalizou — foi estranhamente difícil; ele agarrou *saidin* e deu-lhe um puxão violento, e o contorceu até que foi invadido — e raios robustos e dentados irromperam das nuvens em domo. Não foram em cima de Asmodean. Logo adiante do Abandonado, pilares reluzentes em vermelho e branco de cinquenta pés de espessura e cem passadas de altura, erigidos séculos antes, explodiram e tombaram para a frente, formando um entulho e nuvens de poeira.

De imensas janelas de vidro colorido, figuras de homens e mulheres, serenos e majestosos, pareciam lançar a Rand um olhar de reprovação.

— Eu tenho que impedi-lo — disse Rand a eles; sua voz pareceu ecoar nos próprios ouvidos.

Asmodean parou, mas logo voltou a correr, escalando estrutura que colapsava. A poeira que pairava sobre ele não tocava seu casaco vermelho vivo, mas se fragmentava ao redor, deixando o ar limpo.

Um fogo começou a brotar em torno de Rand, envolvendo-o. O ar *se tornou* uma chama... que desapareceu antes que ele sequer tivesse consciência de como fizera aquilo. Suas roupas estavam secas e quentes; ele sentia o coração chamuscado, e a poeira esturricada pelo calor desabava a cada passo seu. Asmodean subia apressado a pedra esfacelada que bloqueava a rua; mais raios foram disparados, lançando para cima de Rand estilhaços das pedras do pavimento, rachando as paredes do palácio de cristal, que desabavam em ruínas diante dele.

O Abandonado não reduziu o passo. Enquanto ele se afastava, raios piscavam nas nuvens cintilantes em direção a Rand, atacando-o às cegas, porém enviados para matar. Correndo, Rand urdiu um escudo à sua volta. Fragmentos de pedra ricocheteavam enquanto ele desviava dos raios azuis que irrompiam e saltava pelos buracos abertos no chão. O próprio ar cintilava; os pelos de seus braços estavam eriçados, os cabelos em sua cabeça, desalinhadados.

Algo se formou na barreira de colunas estilhaçadas. Ele enrijeceu o escudo em torno de si. Imensos nacos de pedra vermelha e branca que vinham rolando explodiram quando ele tentou escalá-las, uma explosão de pura luz e pedras voando. Seguro dentro de sua bolha, ele seguiu correndo, apenas vagamente consciente do estrondo das construções que colapsavam. Precisava deter Asmodean. Com esforço — e era preciso muito esforço — ele atirou um raio à frente, depois ondas de bolas de fogo expelidas do chão, qualquer coisa para retardar o sujeito de casaco vermelho. Ele estava chegando perto. Adentrou a esplanada somente umas doze passadas atrás do homem. Tentando aumentar a velocidade, Rand redobrou os esforços para retardar Asmodean, e, em fuga, o Abandonado lutava para matá-lo.

O *ter'angreal* e outros objetos preciosos pelos quais os Aiel deram suas vidas para levar até ali foram arremessados com os raios, lançados em frenéticos redemoinhos de fogo. Formas de prata e cristal se estilhaçavam, estranhas silhuetas de metal desabavam enquanto o chão estremecia e irrompia em imensas fendas.

Asmodean corria, em uma busca desenfreada. Então jogou-se no que parecia o objeto menos importante de todo aquele entulho. Uma estatueta de pedra branca entalhada de talvez um pé de altura, caída de costas, um homem segurando uma esfera de cristal com a mão erguida. Asmodean cerrou as mãos no objeto com um grito exultante.

Uma fração de segundo depois, as mãos de Rand também o agarraram. Por um milésimo de segundo, Rand encarou o rosto do Abandonado; a aparência era a mesma de quando o sujeito era menestrel, exceto por um desespero incontornável nos olhos escuros. Era um homem de certa beleza, de meia-idade — nada que denunciasse um Abandonado. O mais breve instante e ambos buscaram o poder naquela estatueta, naquele *ter'angreal*, tentando alcançar um dos dois mais poderosos *sa'angreal* já produzidos.

Rand percebeu vagamente a imagem de uma grande estátua, semienterrada na distante Cairhien, e a imensa esfera de cristal na mão da figura, reluzindo sob o sol, pulsando com o Poder Único. E o Poder nele explodiu, feito as tempestades de todos os mares do mundo. Com aquilo, ele decerto seria capaz de qualquer coisa; e decerto poderia inclusive ter Curado aquela criança morta. A mácula também se avolumou, envolvendo cada partícula de seu corpo, dominando cada fresta em sua alma. Ele queria urrar; queria explodir. No entanto, controlava apenas metade do que aquele *sa'angreal* era capaz; a outra metade preenchia Asmodean. Eles lutaram, avançando e recuando, tropeçando e caindo em vários *ter'angreal* espalhados e destruídos. Nenhum dos dois ousava desprender um dedo sequer da estatueta, temendo que o outro fosse tomá-la para si. No entanto, enquanto rolavam sem parar, chocando-se contra um batente de porta vermelho que de alguma forma ainda se mantinha de pé, depois contra uma estátua de cristal caída, porém intocada, de uma mulher nua segurando uma criança ao seio, enquanto lutavam pela posse do *ter'angreal*, a batalha era disputada em outro nível.

Rand era atacado por martelos de Poder grandes o suficiente para demolir montanhas e por espadas capazes de perfurar o centro da terra; torqueses invisíveis tentavam apartar sua mente de seu corpo, tentavam lacerar sua alma. Cada fragmento de Poder que ele conseguia evocar ia para rechaçar aqueles ataques. Qualquer investida poderia destruí-lo como se ele jamais tivesse existido; não havia dúvida. Para onde iam, ele não sabia ao certo. O chão ricocheteava sob os dois, sacudindo-os em meio à luta, um emaranhado de músculos rígidos e contorcidos. Ele tinha vaga consciência dos poderosos estrondos, dos mil unidos lamentosos, como uma melodia estranha. As colunas de vidro trêmulas, vibrantes. Não conseguia se importar com elas.

Todas aquelas noites sem dormir começaram a fazer efeito nele, e também a corrida que empreendera. Rand estava cansado, e se tinha consciência disso mesmo dentro do Vazio, era porque estava perto da exaustão. Sacudido pelo tremor da terra, ele percebeu que já não estava tentando arrancar o *ter'angreal* de Asmodean, apenas o segurava. Logo sua força iria embora. Mesmo que conseguisse manter o punho cerrado na figura de pedra, teria de largar *saidin* ou seria arrebatado por sua torrente, destruído tão certamente quanto seria por Asmodean. Ele não podia puxar outro fio do *ter'angreal*; ele e Asmodean estavam em perfeito equilíbrio, cada um com metade do que o grande *sa'angreal* em Cairhien era capaz de dispende. Asmodean arfava na face de Rand, rosnando; o suor pingava da testa do Abandonado e escorria pelo rosto. O homem também estava cansado. Mas tanto quanto ele?

A terra descontrolada ergueu Rand por um instante, e, com a mesma rapidez, girou Asmodean para o alto, mas naquele breve instante Rand sentiu uma pressão entre os dois. A ponta da espada do homenzinho redondo, ainda enfiado no cós de sua calça. Uma coisa insignificante perto do imenso Poder que eles manejavam. Uma xícara d'água comparada a um vasto rio, a um oceano. Ele sequer sabia se podia usar o objeto enquanto estivesse ligado ao grandioso *sa'angreal*. E se pudesse? Asmodean arreganhara os dentes. Não era uma careta, mas um esgar; o homem achava que estava vencendo. Talvez estivesse. Os dedos de Rand tremiam, fraquejando em torno do *ter'angreal*; tudo o que ele conseguia era agarrar-se a *saidin*, mesmo preso como estava ao imenso *sa'angreal*.

Ele não tinha visto aquelas coisas estranhas em torno de Asmodean, feitos fios de aço negro, desde que deixara o local escuro, porém mesmo no Vazio era capaz de visualizá-las, de envolver o Abandonado nelas mentalmente. Tam lhe ensinara que o Vazio era um auxílio à arte do arco e flecha, uma forma de unir-se ao arco, à flecha, ao alvo. Ele se tornou um só com aqueles fios negros imaginários. Mal viu a cara franzida de Asmodean. O homem devia estar se perguntando por que o rosto de Rand havia ficado tão sereno; a calma sempre dominava o instante antes de a flecha ser solta. Ele tocou o pequenino *angreal* no cós da calça, e mais Poder fluíu para ele. Não perdeu tempo em se entusiasmar; era um fluxo tão pequeno junto ao que ele já tinha dentro de si, mas era o fluxo final. Iria requerer sua força final. Ele forjou uma espécie de espada com o Poder, uma espada de Luz, e golpeou; unido à espada, unido aos fios imaginários.

Asmodean arregalou os olhos e emitiu um uivo profundo de pavor; feito um gongo atingido, o Abandonado estremeceu. Por um instante, pareceu dividir-se em dois corpos, apartados e trêmulos; em seguida os dois se uniram outra vez. Ele desabou de costas, os braços estendidos dentro do casaco vermelho, já imundo e esfarrapado, o peito ofegante; seus olhos encaravam o nada, aparentemente perdidos.

Quando ele desabou, Rand perdeu a posse de *saidin*, e o Poder o abandonou. Ele mal teve força suficiente para apertar o *ter'angreal* contra o peito e rolar para longe de Asmodean. Ao levantar-se, parecia carregar o peso de uma montanha. Ele se aninhou em torno da figura com a esfera de cristal.

A terra parou de se mover. As colunas de vidro ainda estavam de pé — ele sentiu-se grato por isso; destruí-las teria sido como obliterar a história dos Aiel — mas *Aventesora*, que vivera por três mil anos em verdade e lenda, ardia em chamas feito uma tocha. Quanto ao restante de Rhuidean...

Na esplanada, tudo parecia ter sido revirado por um gigante ensandecido. Metade dos imensos palácios e torres eram só pilhas de entulho, algumas adentrando a praça; gigantescas colunas tombadas desfiguravam as outras, havia paredes desmoronadas, e buracos abertos onde antes havia imensas janelas de vidro colorido. Uma rachadura percorria um caminho por toda a cidade, uma fenda no chão de cinquenta passadas de largura. A destruição não terminava ali. O domo de névoa que encobria Rhuidean por tantos séculos estava se dissipando; seu interior já não cintilava, e a luz rígida do sol entrava pelas novas e imensas frestas. Logo adiante, o cume de Chaendaer parecia diferente, mais baixo. Do outro lado do vale, algumas das montanhas sem dúvida estavam mais baixas. Onde antes existia uma delas, na ponta mais a norte do vale, se estirava um leque de pedras e poeira.

Eu destruo. Eu sempre destruo! Luz, isso não vai acabar nunca?

Asmodean rolou de barriga para baixo e se ergueu, de quatro. Seus olhos encontraram Rand e o *ter'angreal*, e ele ameaçou engatinhar na direção deles.

Rand não podia canalizar nem uma faísca, mas havia aprendido a lutar antes de ter o primeiro pesadelo com a canalização. Ergueu o punho.

— Nem ouse pensar nisso.

O Abandonado parou, o corpo tremendo, cansado. Seu rosto desabou, mas o desespero e o desejo guerreavam dentro dele; ódio e medo cintilavam em seus olhos.

— Eu gosto muito de ver homens lutando, mas vocês dois não conseguem nem ficar de pé. — Lanfear posicionou-se à vista de Rand, avaliando a destruição. — Fizeram o trabalho completo. Conseguem sentir os vestígios? Este lugar foi blindado, de alguma forma. Vocês não deixaram nem o suficiente para eu poder dizer como. — Os olhos escuros da mulher de súbito se iluminaram, e ela ajoelhou-se diante de Rand, encarando o que ele segurava. — Então era disso que ele estava atrás. Pensei que estavam todos destruídos. Só resta a metade do único que eu já vi; ótima armadilha para uma Aes Sedai desatenta. — Ela estendeu a mão, e ele agarrou o *ter'angreal* com mais força. Ela sorria, mas um sorriso falso. — Fique com ele, claro. Para mim, é só uma estatueta. — Ela se levantou e sacudiu a poeira das saias,

embora não fosse necessário. Quando percebeu que ele a observava, a mulher parou de perscrutar a esplanada tomada de entulho e escancarou ainda mais o sorriso. — O que você usou foi um dos dois *sa'angreal* sobre os quais lhe falei. Sentiu a *imensidão* dele? Sempre imaginei como deve ser. — Ela parecia ignorar a avidez da própria voz. — Com esses dois juntos, podemos destituir o Grande Senhor das Trevas em pessoa. Nós podemos, Lews Therin! Juntos.

— Me ajude! — Asmodean engatinhou em direção a ela, cambaleante, o rosto erguido tomado de pavor. — Você não sabe o que ele fez. Tem que me ajudar. Eu não teria vindo até aqui se não fosse por você.

— O que foi que ele fez? — perguntou ela, com uma fungada. — Espancou você feito um cachorro, e não foi nem a metade do que merecia. Você nunca esteve destinado à grandeza, Asmodean, apenas a seguir os grandes.

Rand deu um jeito de se levantar, apertando contra o peito a figura de pedra e cristal. Não continuaria de joelhos na presença daquela mulher.

— Vocês, *Escolhidos* — sabia que era perigoso insultá-la, mas não pôde evitar — entregaram a alma para o Tenebroso. Deixaram que ele se unisse a vocês. — Quantas vezes ele reencenara a batalha contra Ba'alzamon? Quantas vezes, antes de começar a imaginar o que eram aqueles fios negros? — Eu o desconectei do Tenebroso, Lanfear. Eu cortei o elo!

Ela arregalou os olhos em choque, encarando Rand e em seguida Asmodean, sem parar. O homem tinha começado a chorar.

— Eu não achava que isso fosse possível. Por quê? Você acha que vai trazer *Asmodean* para a Luz? Você não mudou nada nele.

— Ele ainda é o mesmo homem que se entregou para a Sombra, lá no início — concordou Rand. — Você me contou que *Escolhidos* confiam muito pouco uns nos outros. Por quanto tempo mais ele conseguiria manter isso em segredo? Quantos de vocês acreditariam que ele próprio não teria feito isso sozinho? Fico contente por você considerar uma coisa dessas impossível; talvez o restante também considere. Foi você quem me deu a ideia, Lanfear. Um homem para me ensinar a controlar o Poder. Mas não vou aprender de um homem ligado ao Tenebroso. Agora eu não preciso. Ele pode até ser o mesmo homem, mas não tem muita escolha, não é? Pode ficar e me instruir, torcer para que eu vença, me ajudar a vencer, ou pode ficar esperando que vocês não usem isso como justificativa para se voltar contra ele. O que você acha que ele vai escolher?

Asmodean encarou Rand, encolhido, com os olhos arregalados, depois vociferou uma súplica para Lanfear.

— Eles vão acreditar em você! Pode contar para eles! Eu não estaria aqui se não fosse por você! Precisa contar a eles! Eu sou fiel ao Grande Senhor das Trevas!

Lanfear também encarou Rand. Pela primeira vez, viu que ela estava indecisa.

— De quanto *você se lembra, Lews Therin? O quanto disso é você, e o quanto é o pastor? Esse é o tipo de plano que você deveria ter bolado quando nós... — Ela respirou fundo e virou a cabeça para Asmodean. — Sim,*

eles vão acreditar em mim. Quando eu contar que você resolveu ficar do lado de Lews Therin. Todo mundo sabe que você se vira para onde acredita ter mais chances. Pois bem. — Ela assentiu com satisfação. — Outro presentinho para você, Lews Therin. Esse escudo vai permitir que passe apenas um tantinho de cada vez, o suficiente para ele instruí-lo. Vai se dissipar com o tempo, mas durante meses ele não vai ser capaz de desafiar você, e a essa altura ele não vai *mesmo* ter outra escolha a não ser permanecer com você. Ele nunca teve muito talento para quebrar escudos; você deve estar disposto a aceitar a dor, e ele jamais esteve.

— Nããoooo! — Asmodean rastejou em direção a ela. — Você não pode fazer isso comigo! Por favor, Mierin! Por favor!

— Meu nome é *Lanfear*! — A ira deformou o rosto da mulher a uma cara horrenda, e o homem foi içado no ar, com os braços e pernas abertos; suas roupas grudaram no corpo, e a carne de seu rosto se contorceu, achatada feito um naco de manteiga.

Rand não podia permitir que ela matasse o homem, mas estava muito cansado para tocar a Fonte Verdadeira sem auxílio; mal conseguia senti-la, um brilho muito fraco praticamente fora do alcance de sua visão. Por um instante, suas mãos agarraram o homenzinho de pedra com a esfera de cristal. Se ele tocasse o imenso *sa'angreal* em Cairhien agora, aquela quantidade de Poder poderia destruí-lo. Em vez disso, ele tocou a estatueta no cós da calça; com o *angreal* vinha um fluxo fraco, um fio de cabelo comparado ao outro, mas ele estava muito cansado para extrair mais. Despejou tudo entre os dois Abandonados, na intenção de pelo menos desviar a atenção da mulher.

Uma barra de fogo de dez pés de comprimento acertou o vão entre os dois, formando um borrão envolto por raios azuis distorcidos e abrindo um sulco de um passo de profundidade em torno da praça, uma fenda de superfície lisa e reluzente, cheia de terra e pedras derretidas; a barra de luz causticante acertou a parede de listras verdes de um palácio e explodiu, ressoando um estrondo no mármore que se rompia. De um dos lados da fenda derretida, Asmodean desabou no chão com um salto trêmulo, o sangue escorrendo de seu nariz e orelhas; do outro, Lanfear cambaleou para trás, como se tivesse sido atingida, depois virou-se para Rand. Ele bamboleou com o esforço do que havia feito, e perdeu *saidin* mais uma vez.

Por um instante, a ira dominou o rosto da mulher de maneira tão profunda quanto acontecera com Asmodean. Por um instante, Rand permaneceu à beira da morte. Então a fúria desapareceu com uma rapidez impressionante, soterrada por detrás de um sorriso sedutor.

— Não, eu não preciso matá-lo. Não depois do que passamos com tanto esforço. — Ela se aproximou e estendeu a mão para afagar o pescoço dele, onde a mordida que ela lhe dera em sonho estava cicatrizando; ele não tinha deixado Moiraine saber. — Você ainda tem a minha marca. Será que eu devo torná-la permanente?

— Você machucou alguém em Alcair Dal ou nos acampamentos?

Ela não paro de sorrir, mas o carinho mudou, e seus dedos se ergueram de repente, como se ela fosse lhe arrancar a garganta.

— Como quem? Pensei que você tivesse percebido que não amava aquela camponesinha. Ou será que é a tal Aiel indecente? — Uma víbora. Uma víbora assassina que o amava... *que a Luz me ajude!* E cuja mordida ele não sabia como impedir, independentemente de quem fosse o alvo.

— Eu não quero ninguém ferido. Ainda preciso deles. Posso usá-los. — Era doloroso dizer essa frase, pela verdade que ela carregava. No entanto, para manter as garras de Lanfear longe de Egwene e Moiraine, longe de Aviendha e de quem mais fosse próximo dele, valia a pena sofrer um pouco.

Jogando a bela cabeça para trás, ela soltou uma risada que mais parecia o repique de sinos.

— Eu me lembro de quando você tinha coração mole demais para usar qualquer pessoa que fosse. Era excelente na batalha, duro feito pedra e arrogante como uma montanha, mas aberto e de coração mole, igualzinho a uma garota! Não, eu não machuquei nenhuma das suas preciosas Aes Sedai, nem de seus preciosos Aiel. Eu não mato sem motivo, Lews Therin. Nem sequer machuco sem motivo. — Ele teve o cuidado de não encarar Asmodean; de rosto pálido, exalando suspiros entrecortados, o homem estava apoiado em uma das mãos e usava a outra para limpar sangue da boca e do queixo.

Lanfear deu um giro lento e analisou a grande praça.

— Você destruiu esta cidade bem como qualquer exército poderia ter feito. — Mas não eram os palácios em ruínas que ela encarava, embora fingisse que sim; era a praça destruída com o amontoado de *ter'angreal* e tudo o mais que havia ali. Quando ela se virou de volta para Rand, tinha os cantos da boca contraídos; seus olhos negros guardavam uma centelha de raiva reprimida. — Use bem esses ensinamentos, Lews Therin. Os outros ainda estão por aí, Sammael, cheio de inveja de você, Demandred, cheio de ódio, Rahvin, sedento de poder. Eles vão ficar mais ávidos por derrotá-lo, ainda mais se... quando descobrirem que você está de posse disso.

O olhar dela tremulou em direção à figura de um pé de altura que ele tinha nas mãos, e por um instante Rand achou que ela estivesse considerando pegá-la. Não para evitar que os outros fossem atrás dele, mas porque com aquilo ele poderia tornar-se poderoso demais para ela. Naquele exato momento ele não sabia se seria capaz de detê-la caso ela lutasse apenas com as próprias mãos. Em um instante ela ponderava se deveria deixar o *ter'angreal* com ele, em outro, avaliava o grau de cansaço de Rand. Por mais que dissesse que o amava, a mulher iria querer manter a distância quando ele voltasse a ganhar força suficiente para usar aquilo. Ela lançou outra olhadela ligeira à esplanada, de lábios contraídos. Então, de súbito, uma porta se abriu a seu lado; não uma porta para a escuridão, mas em direção ao que parecia o aposento de um palácio, todo em mármore branco entalhado e tapeçarias de seda branca.

— Qual deles você era? — perguntou Rand, enquanto a mulher adentrava o aposento, e ela parou e olhou para trás, encarando-o com um

sorriso quase recatado.

— Você acha que eu aguentaria ser aquela gorda e feia da Keille? — Ela correu as mãos pelo corpo magro e sinuoso, para enfatizar. — Isendre, pois sim. A bela e esbelta Isendre. Achei que, se você fosse suspeitar, suspeitaria dela. Meu orgulho aguenta um pouquinho de gordura, quando é necessário. — O sorriso transformou-se em um esgar de dentes. — Isendre achava que estava lidando só com Amigos da Sombra. Não me surpreende se agora mesmo ela estiver tentando explicar a alguma Aiel enfurecida por que uma enorme quantidade de seus colares e braceletes de ouro estão enfiados no fundo do baú dela. Ela de fato roubou alguns sozinha.

— Achei que você tinha dito que não machucaria ninguém!

— Lá vem o seu coração mole se revelando. Eu consigo ser uma mulher de coração afetuoso, quando quero. Você não vai poder evitar que ela leve uma surra, eu acho... ela merece isso, pelo menor dos olhares que me disparou. Mas, se retornar depressa, pode evitar que ela seja expulsa daquela terra maldita com um mísero cantil d'água. Eles são bem duros com os ladrões, ao que parece, esses Aiel. — Ela soltou uma risada de satisfação e sacudiu a cabeça, admirada. — Tão diferentes do que eram. Quando alguém estapeava a cara de um Da'shain, a única coisa que ele fazia era perguntar o que tinha feito de errado. Quando batiam de novo, ele perguntava se tinha feito algo ofensivo. E continuaria assim, durante o resto do dia. — Ela lançou a Asmodean um olhar desdenhoso de soslaio e acrescentou: — Aprenda bem e depressa, Lews Therin. Pretendo governar junto com você, não quero que fiquemos esperando Sammael vir matá-lo ou Graendal somá-lo à sua coleção de belos jovens. Aprenda bem e depressa. — Ela adentrou o aposento de mármore e seda branca, e a porta pareceu girar de lado, estreitou-se e desapareceu.

Rand respirou fundo pela primeira vez desde a chegada da mulher. Mierin. Um nome que ele recordava das colunas de vidro. A mulher que encontrara a prisão do Tenebroso na Era das Lendas, que adentrara a prisão. Será que ela sabia o que era? Como havia escapado daquela ruína incandescente que ele vira? Ela tinha se entregado ao Tenebroso ainda assim?

Asmodean lutava para se levantar, cambaleante, quase caindo outra vez. Já não sangrava, mas o sangue ainda traçava linhas finas que iam das orelhas até as laterais do pescoço, formando uma mancha em sua boca e queixo. Seu casaco vermelho estava imundo e esfarrapado, a renda branca, rasgada e com os fios puxados.

— Foi o meu elo com o Grande Senhor que me permitiu tocar *saidin* sem enlouquecer — disse ele, com a voz rouca. — A única coisa que você fez foi me deixar tão vulnerável quanto você. Pode muito bem me libertar. Não sou bom professor. Ela só me escolheu porque... — Ele contorceu os lábios, tentando engolir as palavras de volta.

— Porque não tem mais ninguém — concluiu Rand, virando as costas para o homem.

Com as pernas cambaleantes, Rand cruzou a ampla praça, abrindo caminho por entre os entulhos. Ele e Asmodean haviam percorrido metade do

entorno da floresta de colunas de vidro desde *Avendesora*. Plintos de cristal jaziam ao lado de estátuas derrubadas de homens e mulheres, algumas despedaçadas, outras nem sequer lascadas. Havia um imenso aro liso de metal prateado jogado por cima de cadeiras de aço e pedra, objetos com formas estranhas de metal, cristal e vidro, todos misturados em uma pilha de estilhaços, e um cabo de metal negro, apoiado na vertical, equilibrado sobre a pilha de maneira improvável. A esplanada inteira estava daquele jeito.

Nos arredores da grande árvore, bastou ele procurar um pouco no meio da mixórdia para encontrar o que buscava. Chutou longe pedaços do que pareciam ser tubos de vidro espiralados, jogou uma cadeira vermelha de cristal entalhado para o lado e apanhou uma estatueta de um pé de altura, uma mulher de rosto sereno usando um vestido, toda trabalhada em pedra branca, com uma esfera transparente em uma das mãos. Intocada. Tão inútil para ele ou para qualquer homem quanto seu par masculino era para Lanfear. Ele considerou quebrá-la. Um movimento com o braço poderia estilhaçar aquela bola de cristal nas pedras do pavimento, sem dúvida.

— Ela estava procurando por isso. — Ele não havia percebido que Asmodean havia ido atrás dele. Trêmulo, o homem esfregou a boca ensanguentada. — Ela vai arrancar seu coração fora para conseguir colocar as mãos nisso.

— Ou o seu, por ter guardado segredo dela. Ela me *ama*. — *Que a Luz me ajude. Gostar de ser amado por um lobo raivoso!* Depois de um instante ele guardou a estátua feminina sob a dobra do braço, junto à masculina. Deveria haver algum uso para aquilo. *E eu não quero destruir mais nada.*

No entanto, ao olhar em volta, viu algo além da destruição. A névoa tinha se dissipado quase por completo da cidade em ruínas; apenas umas camadas finas pairavam por entre as construções que ainda se mantinham de pé sob o sol po ente. O chão do vale agora descrevia uma inclinação brusca para o sul, e a água jorrava da enorme fenda que percorria a cidade, a fenda que seguia por todo o caminho até onde jazia um profundo oceano de águas recônditas. A extremidade mais baixa do vale já estava cheia. Um lago. Talvez, eventualmente, chegasse à cidade. Um lago de cerca de três milhas de extensão, em uma terra onde uma pocinha de dez pés de diâmetro já atraía o povo. O povo viria viver naquele vale. Ele quase podia ver as montanhas ao redor já plenas de verde e plantações a crescer. O povo cuidaria de *Avendesora*, a última árvore de cora. Talvez até reerguesse Rhuidean. O Deserto teria uma cidade. Talvez ele até vivesse para ver tudo isso.

Com o *angreal*, o homenzinho redondo com a espada, ele conseguiu abrir uma porta para a escuridão. Asmodean adentrou com ele, relutante, encarando com vago desprezo ao ver surgir um único degrau de pedra entalhada, com largura suficiente apenas para os dois. Ainda era o mesmo homem que havia se entregado ao Tenebroso. Seus olhares calculistas e oblíquos eram boas lembranças disso, se Rand precisasse de alguma.

Eles se falaram apenas duas vezes enquanto o degrau seguiu flutuando pela escuridão.

— Não posso chamar você de Asmodean — disse Rand, em dado momento.

O homem estremeceu.

— Meu nome era Joar Addam Nesossin — respondeu ele, por fim. Soava como se tivesse se desnudado ou perdido alguma coisa.

— Também não posso usar esse. Quem sabe que resquícios de outros lugares esse nome guarda? A ideia é evitar que alguém mate você por ser um Abandonado. — E evitar que alguém soubesse que ele tinha um Abandonado como professor. — Você vai ter que continuar sendo Jasin Natael, eu acho. Menestrel do Dragão Renascido. É um bom pretexto para manter você por perto. — Natael fez uma careta, mas não retrucou.

Pouco tempo depois, Rand disse:

— A primeira coisa que você vai me ensinar é como proteger os meus sonhos.

O homem apenas assentiu, taciturno. Ele causaria problemas, mas não poderiam ser maiores do que os causados pela ignorância.

O degrau reduziu a velocidade, parou, e Rand *cingiu* outra vez. A porta se abriu na saliência de Alcair Dal.

A chuva havia parado, embora o chão do cânion, encoberto pelas sombras da noite, ainda estivesse encharcado, transformado em lama pelos pés dos Aiel. Menos Aiel do que antes, talvez um quarto a menos. Mas não lutavam. Encravam a saliência, onde Moiraine e Egwene, Aviendha e as Sábias haviam se juntado aos chefes dos clãs, que conversavam com Lan. Mat estava agachado um pouco afastado deles, a aba do chapéu puxada para baixo e a lança de cabo preto apoiada no ombro, com Adelin e suas Donzelas paradas de pé ao seu redor. Elas ficaram boquiabertas ao ver Rand saindo da porta, e encaramam mais ainda quando Natael veio atrás, vestindo o casaco vermelho vivo todo arrebitado e a renda branca. Mat levantou-se de um salto e escancarou um sorriso, e Aviendha ergueu a mão um tantinho em direção a ele. Os Aiel no cânion observavam em silêncio.

Antes que alguém pudesse falar, Rand disse:

— Adelin, pode mandar alguém até a feira e ordenar que parem de bater em Isendre? Ela não é tão ladra como elas pensam. — A mulher de cabelos louros o encarou, mas na mesma hora falou com uma das Donzelas, que saiu em disparada.

— Como é que você sabia disso? — perguntou Egwene.

E no mesmo instante Moiraine inquiriu:

— Onde é que você estava? Como? — Seus olhos grandes e escuros saltaram dele para Natael; não havia nenhuma evidência da calma de uma Aes Sedai. E as Sábias...? Melaine, com seus cabelos da cor do sol, parecia pronta para arrancar as respostas de Rand com as próprias mãos. Bair fechou uma carranca como se pretendesse enchê-lo de varadas. Amys remexia o xale e corria os dedos pelos cabelos claros, incapaz de decidir se estava preocupada ou aliviada.

Adelin entregou a ele seu casaco, ainda úmido. Rand enrolou nele as duas figuras de pedra. Moiraine observava os dois objetos também. Ele não sabia se ela sequer imaginava o que fossem, mas pretendia escondê-los o melhor possível de qualquer pessoa. Se ele não era capaz de confiar nem em si

mesmo com o poder de *Callandor*, menos ainda poderia com o grandioso *ter'angreal*. Não antes que ele tivesse aprendido mais sobre como controlá-lo, e a si mesmo.

— O que foi que aconteceu aqui? — perguntou ele, e a Aes Sedai apertou a boca ao ser ignorada. Egwene também não parecia muito satisfeita.

— Os Shaido foram embora, atrás de Sevanna e Couladin — disse Rhuarc. — Todos os que permaneceram reconhecem você como o *Car'a'carn*.

— Os Shaido não foram os únicos que fugiram. — O rosto curtido de Han se contorceu, cheio de amargura. — Alguns dos meus Tomanelle também se foram. E Goshien, e Shaarad, e Chareen. — Jheran e Erim assentiram, quase tão soturnos quanto Han.

— Não foram com os Shaido — completou o comprido Bael, em sua voz retumbante — mas foram. Eles vão espalhar a história sobre o que aconteceu aqui, sobre o que você revelou. Isso foi um descuido. Eu vi homens largarem suas lanças e correrem!

Ele os unirá e os destruirá.

— Nenhum Taardad foi embora — acrescentou Rhuarc, não em tom de orgulho, mas como a mera constatação de um fato. — Estamos prontos para ir aonde você nos levar.

Aonde ele os levasse. Rand não havia terminado com os Shaido, com Couladin ou com Sevanna. Perscrutando os Aiel por todo o cânion, via rostos abalados, apesar de terem escolhido ficar. Como estariam os que haviam fugido? Os Aiel, porém, eram apenas os meios para um fim. Ele precisava se lembrar disso. *Eu tenho que ser ainda mais duro do que eles.*

Jeade'en aguardava ao lado da saliência com o capão de Mat. Fazendo um gesto para que Natael não se afastasse, Rand montou a sela, o embrulho feito com o casaco preso firmemente debaixo do braço. Com a boca contorcida, o outrora Abandonado veio se postar ao lado do estribo esquerdo de Rand. Adelin e as Donzelas remanescentes desceram para se enfileirar em torno dele, e surpreendentemente Aviendha foi tomar seu lugar de costume à direita de Rand. Mat pulou na sela de Pips com um balanceio só.

Rand olhou para trás, para o povo no alto da saliência, todos observando, aguardando.

— Vai ser uma longa viagem de volta. — Bael virou o rosto. — Longa e sangrenta. — As expressões dos Aiel não se alteravam. Egwene estendeu um pouco a mão em direção a ele, com os olhos cheios de dor, mas ele a ignorou. — Quando o resto dos chefes dos clãs vier, vai começar.

— Já começou há muito tempo — retrucou Rhuarc, baixinho. — A pergunta é onde e como vai acabar.

Para isso, Rand não tinha resposta. Ele girou o sarapintado e cavalgou lentamente pelo cânion, rodeado por sua peculiar comitiva. Os Aiel partiram na frente dele, observando, aguardando. O frio da noite já começava a cair.

E quando o sangue foi derramado no solo onde nada crescia, os Filhos do Dragão começaram a brotar, o Povo do Dragão, armados para dançar com a morte. E ele os convocou desde as terras desérticas, e eles abrasaram o mundo com batalhas.

— de *A Roda do Tempo*, por Sulamein so Bhagad
Historiador-chefe da Corte do Sol, a Quarta Era

Fim
do Quarto Livro
de *A Roda do Tempo*





Uma nota sobre datas neste glossário. O Calendário Tomano (elaborado por Toma dur Ahmid) foi adotado aproximadamente dois séculos depois da morte do último Aes Sedai e registrava os anos Depois da Ruptura do Mundo (DR). Muitos registros foram destruídos nas Guerras dos Trollocs, tanto que, ao fim das Guerras, havia controvérsia sobre o ano exato conforme o antigo sistema. Um novo calendário foi proposto por Tiam de Gazar, comemorando a libertação da ameaça dos Trollocs e registrando cada ano como um Ano Livre (AL). O Calendário Gazarano ganhou ampla aceitação nos vinte anos seguintes ao fim das Guerras. Artur Asa-de-gavião tentou estabelecer um novo calendário com base na fundação de seu império (DE, Desde a Fundação), mas apenas historiadores o conhecem. Após a destruição e as mortes provocadas pela Guerra dos Cem Anos, um terceiro calendário foi desenvolvido por Uren din Jubai Gaivota-Voadora, acadêmico do Povo do Mar, e promulgado pela Panarca Farede de Tarabon. O Calendário de Farede, que data do fim arbitrariamente decidido da Guerra dos Cem Anos e registra os anos da Nova Era (NE), encontra-se atualmente em uso.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai da Era das Lendas, o que os classifica entre os mais poderosos de todos os tempos. Aes Sedai que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra diante da promessa de imortalidade. De acordo com as lendas e fragmentos de registros, foram aprisionados com o Tenebroso quando a prisão dele foi resselada. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças. Eles são: Aginor, Asmodean, Balthamel, Be'lal, Demandred, Graendal, Ishamael, Lanfear, Mesaana, Moghiedien, Rahvin, Sammael, e Semirhage.

Adelin: Mulher do ramo Jindo dos Aiel Taardad. Uma Donzela da Lança que foi até a Pedra de Tear.

Aile Jafar: Um grupo de ilhas do Povo do Mar, aproximadamente a oeste de Tarabon.

Aile Somera: Um grupo de ilhas do Povo do Mar, aproximadamente a oeste de Ponte de Toman.

Alteima: Grã-lady de Tear, ambiciosa e preocupada com a saúde do marido.

Alviarin: Aes Sedai da Ajah Branca.

Andarilha dos Sonhos: Nome Aiel para uma mulher capaz de adentrar *Tel'aran'rhiod*.

angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a qualquer um capaz de canalizar manipular uma quantidade maior do Poder do que seria possível ou seguro sem ajuda. Alguns foram fabricados para uso de mulheres, outros, de homens. Os rumores de *angreal* usáveis tanto por homens quanto por mulheres nunca foram confirmados. Não se sabe mais como fabricá-los. Restam poucos. *Ver também sa'angreal; ter'angreal.*

Arad Doman: Nação do Oceano de Aryth. Atualmente arruinada pela guerra civil e por guerras simultâneas contra aqueles que se declararam a favor do Dragão Renascido e contra Tarabon. A maioria dos mercadores domaneses são mulheres, e, segundo o ditado, “permitir que um homem negocie com uma domanesa” é extremamente insensato. As domanesas são famosas — ou infames — pela beleza, sedução e vestimentas escandalosas.

Atha'an Miere: *Ver* Povo do Mar.

Avendesora: Na Língua Antiga, a “Árvore da Vida”. Mencionada em muitas histórias e lendas, que lhe fornecem várias localizações.

Avendoraldera: Uma árvore que cresceu na cidade de Cairhien de um ramo de *Avendesora*, um presente dos Aiel em 566 NE, apesar de nenhum registro revelar qualquer ligação entre os Aiel e *Avendesora*. *Ver também* Guerra dos Aiel.

Ba'alzamon: Na língua dos Trollocs, “Coração das Trevas”. A maioria acredita, erroneamente, que seja que os Trollocs dão ao Tenebroso.

cadin'or: Indumentária dos guerreiros Aiel composta de casaco e calças marrom e cinza que se camuflam junto às pedras e sombras, bem como botas macias até os joelhos, presas com cadarços. Na Língua Antiga, “roupas de trabalho”.

Cairhien: Nome de uma nação nos limites da Espinha do Mundo, cuja capital recebe o mesmo nome. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel, assim como muitas outras cidades e aldeias. O consequente abandono de terras cultiváveis próximas da Espinha do Mundo tornou necessária a importação de grãos. O Assassinato do Rei

Gall-drian (998 NE) resultou em uma guerra civil pela sucessão do Trono do Sol, na interrupção dos carregamentos de grãos e na fome. Cairhien tem como estandarte um sol nascente com muitos raios em um fundo de céu azul.

Carridin, Jaichim: Inquisidor da Mão da Luz, alto oficial dos Filhos da Luz.

Chaendaer: Uma montanha no Deserto Aiel, acima do vale de Rhuidean.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon, do Trono de Amyrlin e das Aes Sedai. É uma representação estilizada de uma chama, uma lágrima branca com a ponta para cima.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 1 pé; 3 pés = 1 passada; 2 passadas = 1 braça; 1000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

cuendillar: Substância indestrutível criada durante a Era das Lendas.

Qualquer força utilizada na tentativa de destruí-la é absorvida, deixando-a ainda mais forte. Também chamada de pedra-do-coração.

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais atualmente só se pode sonhar. *Ver também* Roda do Tempo; Ruptura do Mundo; Guerra da Sombra.

Espinha do Mundo, a: Cadeia de altíssimas montanhas, com poucos pontos de travessia, que separa o Deserto Aiel das terras a oeste.

Far Dareis Mai: Literalmente “Donzelas da Lança”. Sociedade guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite apenas mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. (“Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum pode lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.”) *Ver também* sociedades guerreiras dos Aiel.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo que faz girar a Roda do Tempo. É dividida em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham ao mesmo tempo com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres a *saidar*. Desde o Tempo da Loucura, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso.

Gaidin: Literalmente “Irmão nas Batalhas”. Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões.

Grande Caçada à Trombeta, A: Ciclo de histórias sobre a lendária busca pela Trombeta de Valere, que ocorreu nos anos entre o fim das Guerras dos Trollocs e o início da Guerra dos Cem Anos. Se contado por inteiro, o ciclo pode durar vários dias.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade, que já era antigo antes do início da Era das Lendas. Consiste em uma serpente mordendo a própria cauda. Um anel na forma da Grande Serpente é dado às Aceitas entre as Aes Sedai.

Grão-lordes de Tear: Com atuação semelhante à de um conselho, os Grão-lordes são, historicamente, os governantes da nação de Tear, onde não há rei ou rainha. Seu número não é fixo, varia de tantos quanto vinte a tão poucos quanto seis. Não devem ser confundidos com os Senhores da Terra, que são lordes menores tairenos.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso, e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso.

Guerra do Segundo Dragão: A guerra lutada (939–43 AL) contra o falso Dragão Guaire Amalasan. Durante ela, um jovem rei chamado Artur Tanreall Paendrag, mais tarde conhecido como Artur Asa-de-gavião, ganhou importância significativa.

Guerra dos Aiel: Quando o Rei Laman de Cairhien cortou *Avendoraldera*, quatro clãs dos Aiel cruzaram a Espinha do Mundo. Eles saquearam e incendiaram a capital de Cairhien, bem como muitas outras cidades e vilarejos, e o conflito se estendeu até Andor e Tear. A opinião geral é de que os Aiel foram finalmente derrotados na Batalha das Muralhas Reluzentes, diante de Tar Valon, mas a verdade é que Laman foi morto naquela batalha, e, tendo cumprido seu objetivo, os Aiel cruzaram a Espinha de volta. *Ver também Avendoraldera; Cairhien.*

Guerra dos Cem Anos: Série de guerras concomitantes entre alianças em constante mudança, iniciada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. A guerra deixou grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel quase desabitadas, do Mar das Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tanta que restam apenas alguns registros da época. O império de Artur Asa-de-gavião se fragmentou com as guerras, e as nações dos dias atuais se formaram. *Ver também Artur Asa-de-gavião.*

Guerras dos Trollocs: Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram mais de trezentos anos, ao longo dos quais os exércitos dos Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os Trollocs foram mortos ou forçados a retornar à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram,

enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentados.

hida: unidade de medida de área de terras equivalente a cem passadas por cem passadas.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

Inquiridores da Verdade: Espécie de polícia/organização de espões do Trono Imperial Seanchan. Embora a maioria seja propriedade da família Imperial, possuem amplos poderes. Até alguém do Sangue (os nobres Seanchan) pode ser preso por falha em responder alguma pergunta feita por um Inquiridor ou por recusar-se a cooperar com um. A definição de cooperação é imposta pelos próprios Inquiridores, sujeita apenas à revisão da Imperatriz.

Jogo das Casas, o: Nome dado às armações, tramas e manipulações feitas pelas Casas Nobres na busca de poder. Nele, é dado grande valor à dissimulação, à busca de uma coisa enquanto parece estar atrás de outra e ao alcance dos objetivos com o menor esforço visível. Também conhecido como Grande Jogo e, às vezes, por seu nome na Língua Antiga: *Daes Dae'mar*.

Juramentos, Três: Juramentos feitos por uma Aceita ao ser elevada a Aes Sedai. São proferidos enquanto ela segura o Bastão dos Juramentos, um *ter'angreal* que confirma seu compromisso com os votos. São eles: (1) Não dizer palavra que não seja verdadeira. (2) Não criar arma com a qual um homem possa matar outro. (3) Nunca usar o Poder como arma exceto contra Crias da Sombra ou, em casos extremos, em defesa da própria vida, da vida de seu Guardião ou de outra Aes Sedai. O segundo juramento foi o primeiro a ser adotado, em reação à Guerra da Sombra. O primeiro juramento, embora levado ao pé da letra, em geral pode ser contornado por um discurso cuidadoso. Acredita-se que os dois últimos sejam invioláveis.

Kaf: Bebida Seanchan de coadura escura e servida a temperatura escaldante, às vezes adoçada, porém com frequência servida natural. Uma bebida estimulante.

Malkier: Nação que um dia fez parte das Terras da Fronteira, hoje consumida pela Praga. O símbolo de Malkier era um grou dourado em pleno voo.

Manetheren: Uma das Dez Nações que formaram o Segundo Pacto e o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram destruídas nas Guerras dos Trollocs. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Mayene: Cidade-estado no Mar das Tempestades, circundada e historicamente oprimida por Tear. Deve sua riqueza e independência ao conhecimento sobre a localização de cardumes de peixe-prego, que rivalizam em importância econômica com os bosques de oliveiras em Tear, Illian e Tarabon. Peixes-prego e oliveiras fornecem quase todo o óleo para os lampiones. A governante de Mayene é denominada “Primeira”. As Primeiras alegam ser descendentes de Artur Asa-de-gavião. Seu estandarte é um gavião dourado em pleno voo sobre um campo azul.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a substância da realidade para aquela Era. *Ver também* *ta’veren*.

Povo do Mar: O nome mais adequado é Atha’an Miere. Um povo misterioso. Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam pouco tempo em terra firme, levando grande parte de suas vidas nos navios. A maioria do comércio marítimo é feita nos navios do Povo do Mar.

Questionadores, os: Ordem dentro dos Filhos da Luz cujos objetivos são descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, o método usual de interrogatório é a tortura. Costumam agir como se já soubessem a verdade e precisassem apenas de uma confissão. Os Questionadores referem-se a si mesmos como a Mão da Luz, a Mão que desenterra a verdade, e por vezes agem como se fossem completamente independentes dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos. Têm como símbolo o cajado vermelho-sangue de um pastor.

Renda da Era: Nome alternativo para o Padrão. *Ver também* Padrão de uma Era.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era. Conforme a roda gira, as Eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez ele é sujeito a mudanças maiores.

Ruptura do Mundo, a: Durante o Tempo da Loucura, os Aes Sedai, tomados pela loucura e capazes de usar o Poder Único em um grau que hoje é desconhecido, desfiguraram a terra. Arrasaram antigas cadeias de montanhas e construíram novas, ergueram terra onde havia oceanos e fizeram os oceanos invadirem a terra. Muitas partes do mundo ficaram completamente despovoadas, e os sobreviventes se dispersaram como

poeira ao vento. Essa destruição é lembrada em contos, lendas e na história como a Ruptura do Mundo.

sa'angreal: Remanescentes da Era das lendas que permitem a canalização de muito mais do Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém mais poderoso. O volume do poder que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. O segredo de sua fabricação foi perdido. Assim como ocorre com os *angreal*, existem *sa'angreal* de uso masculino e de uso feminino. Restam apenas alguns, que são muito mais raros que os *angreal*.

sa'sara: Dança indecente de Saldaea. Inúmeras rainhas de Saldaea já tentaram em vão decretá-la ilegal. A história de Saldaea registra três guerras, duas rebeliões e incontáveis uniões e/ou rixas entre casas nobres, bem como um sem-número de duelos, todos animados por mulheres dançarinas da sa'sara. Diz-se que uma dessas rebeliões foi contida quando uma rainha derrotada dançou para o general vitorioso: ele a desposou e devolveu-lhe o trono. Essa história não é encontrada em nenhum registro oficial e foi negada por todas as rainhas de Saldaea.

Sabedoria: Nas aldeias, é a mulher escolhida para participar do Círculo das Mulheres por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como seu bom senso. Geralmente é considerada equivalente ao Prefeito, e em algumas aldeias é sua superior. O cargo é vitalício, e é muito raro que uma Sabedoria deixe o ofício antes de morrer. Dependendo da região o título pode ser outro, como Guia, Curandeira, Sábica ou Buscadora.

Sábica: Entre os Aiel, as Sábicas são mulheres escolhidas por outras Sábicas e treinadas para a cura, uso de ervas e outras habilidades, de forma muito similar às Sabedorias. Em geral há apenas uma Sábica por clã ou ramo. Algumas são consideradas portadoras de habilidades de cura e capazes de feitos aparentemente milagrosos. São detentoras de grande autoridade e responsabilidade, bem como de forte influência entre os chefes dos ramos e clãs, embora esses homens com frequência as acusem de intrometer-se em seus assuntos.

Senhores do Medo: Homens e mulheres que, capazes de canalizar o Poder Único, passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, agindo como generais das forças dos Trollocs e dos Amigos das Trevas. Às vezes são confundidos com os Abandonados pelos menos instruídos.

Servos, Salão dos: Na Era das Lendas, o grande salão de reuniões das Aes Sedai.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, local da prisão do Tenebroso.

sociedades guerreiras dos Aiel: Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das sociedades guerreiras, como os Cães de Pedra (*Shae'en M'taal*), os Escudos Vermelhos (*Aethan Dor*), os Buscadores das Águas (*Duahde Mahdi'in*) e as Donzelas da Lança (*Far Dareis Mai*). Cada sociedade tem seus próprios costumes e, às vezes, deveres específicos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia. Os Cães de Pedra muitas vezes são usados para cuidar da retaguarda durante a retirada de um grupo de investida, enquanto as Donzelas com frequência assumem a função de batedoras. É frequente os clãs invadirem o território um dos outros e lutarem entre si, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, ainda que os clãs o façam. Dessa forma, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs, mesmo quando em guerra declarada.

sursas: Dupla de palitos finos utilizados em Arad Doman em substituição aos talheres. Alguns afirmam que a dificuldade de comer com as *sursas* são a fonte da célebre perseverança dos mercadores domaneses, enquanto outros atribuem aos objetos a razão do igualmente célebre temperamento do povo domanês.

ta'maral'ailen: Na Língua Antiga, "Teia do Destino". Uma grande mudança no Padrão de uma Era, centrada em uma ou mais pessoas, denominadas *ta'veren*. *Ver também* Padrão de uma Era; *ta'veren*.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todas os fios de vidas próximos, talvez TODOS os fios de todas as vidas, para formar uma Teia do Destino. *Ver também* Padrão de uma Era.

Talentos: Habilidades relativas ao uso do Poder Único em áreas específicas. O mais conhecido de todos é o da Cura. Alguns, como o de Viajar (habilidade de ir de um lugar a outro sem cruzar o espaço interveniente), foi perdida. Outros, como o da Profecia (capacidade de predizer eventos futuros, mas de forma geral) são muito raros. Outro Talento que há muito se pensava não mais existir era o de Sonhar, que envolve, entre outras coisas, a interpretação dos sonhos do Sonhador para prever eventos futuros de maneira mais específica do que as Profecias. Alguns Sonhadores têm a habilidade de adentrar *Tel'aran'r'hiod*, o Mundo de Sonhos, e (ao que se diz) até mesmo os sonhos de outras pessoas. O último Sonhador de que se tem notícia foi Corianin Nedeal, que morreu em 526 NE, porém, agora existe outro, ainda muito pouco conhecido.

Tarabon: Nação no Oceano de Aryth. Capital: Tanchico. Outrora local de grandes negociações, fonte de tapetes, tintas e fogos de artifício produzidos pela Guilda de Iluminadores, entre outros produtos. Atualmente assolada pela guerra civil, bem como por guerras simultâneas contra Arad Doman e o povo jurado ao Dragão Renascido.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Dragão, o; Dragão, Profecias do; Trombeta de Valere.

Tear: Grande cidade portuária no Mar das Tempestades. Capital do país de mesmo nome. O estandarte de Tear é composto de três luas crescentes brancas que se inclinam por um campo metade vermelho, metade dourado.

Tel'aran'rhiod: Na Língua Antiga, “Mundo Invisível” ou “Mundo dos Sonhos”. Um mundo vislumbrado em sonhos que os antigos acreditavam permear e circundar todos os outros mundos possíveis. Ao contrário dos outros sonhos, o que acontece às criaturas vivas no Mundo dos Sonhos é real: uma ferida sofrida lá ainda existirá ao despertar, e quem lá morre não acorda jamais.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan. A fonte de todo mal, antítese do Criador. Aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador no momento da criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas.

ter'angreal: Objeto remanescente da Era das Lendas que utiliza o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para determinado objetivo. Alguns são usados pelas Aes Sedai, mas o propósito original é, em grande medida, desconhecido. Alguns requerem canalização, enquanto outros podem ser usados por qualquer pessoa. Alguns matarão qualquer mulher que os use ou destruirão sua habilidade de canalizar. *Ver também* *angreal*; *sa'angreal*.

Terras da Fronteira, as: As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar.

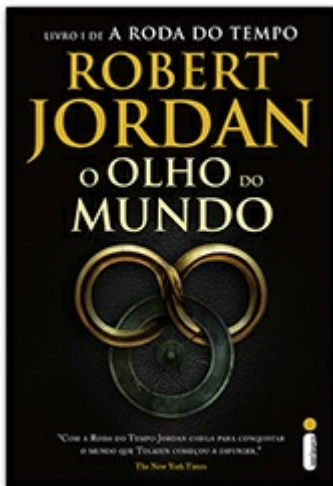
Torean: Grão-lorde de Tear. Um homem que deseja o que nem sua vasta fortuna, nem seu rosto irão lhe conceder.

©Liza Groen Trombi/Locus Publications

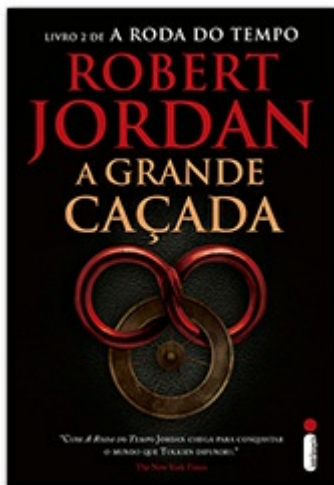


ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr, nasceu em 17 de outubro de 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos 5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Julio Verne. Serviu na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *A Ascensão da Sombra* é o quarto dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, considerada a maior e mais elaborada obra de literatura fantástica já criada desde os livros de J.R.R. Tolkien. Robert Jordan morreu em 16 de setembro de 2007.

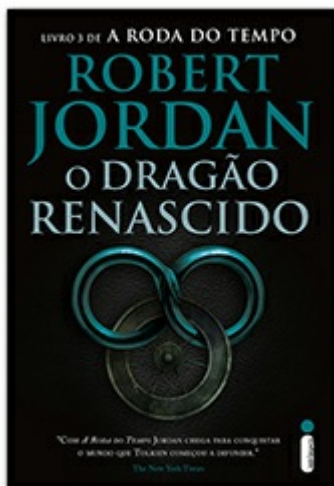
CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE



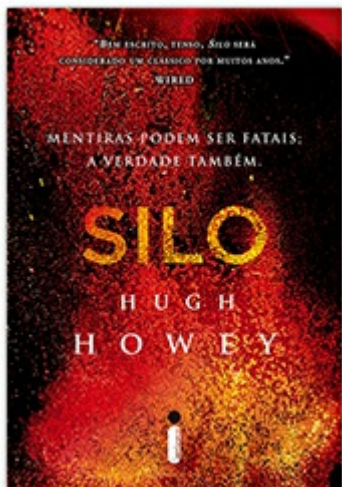
*O olho do mundo
(Livro 1)*



A grande caçada
(Livro 2)



O dragão renascido
(Livro 3)



Silo
Hugh Howey



O oceano no fim do caminho
Neil Gaiman

LIVRO 5 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

AS CHAMAS DO PARAÍSO



"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**ROBERT
JORDAN**
**AS CHAMAS
DO PARAÍSO**
LIVRO 5 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
RAFAEL MIRANDA RODRIGUES



Copyright © 1993 by Robert Jordan

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associated Inc.

“The Wheel of Time[®]”, “The Fires of HeavenTM” e o símbolo da roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan. Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL

The Fires of Heaven

EDIÇÃO

Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO

Beatriz D'Oliveira

REVISÃO

Rayssa Galvão

Juliana Werneck

REVISÃO TÉCNICA

Felipe Villela

IMAGEM DA RODA DO TEMPO

© Sam Weber

COURO

© Duncan P. Walker/iStockphoto

MAPAS

Ellisa Mitchell e Thomas Conty

ADAPTAÇÃO DO MAPA

Babilonia Cultura Editorial

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

Manuela Brandão

Marina Góes

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-986-4

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para Harriet

A luz dos olhos dela é a minha Luz.

FOLHA DE ROSTO	
CRÉDITOS	
MÍDIAS SOCIAIS	
DEDICATÓRIA	
PRÓLOGO	
MAPA	
1 AVIVANDO AS CENTELHAS	
2 RHUIDEAN	
3 SOMBRAS PÁLIDAS	
4 CREPÚSCULO	
5 ENTRE AS SÁBIAS	
6 PORTÕES	
7 UMA PARTIDA	
8 ALÉM DA FRONTEIRA	
9 UM SINAL	
10 FIGOS E RATOS	
11 O ENGATE DE NOVE CAVALOS	
12 UM VELHO CACHIMBO	
13 UM QUARTINHO EM SIENDA	
14 ENCONTROS	
15 O QUE SE PODE APRENDER NOS SONHOS	
16 UMA PROPOSTA INESPERADA	
17 PARA O OESTE	
18 UM CÃO DE CAÇA DAS SOMBRAS	
19 LEMBRANÇAS	
20 PASSO DE JANGAI	
21 UMA LÂMINA DE PRESENTE	
22 PÁSSAROS NA NOITE	
23 “EU LHES CONCEDO O QUINTO”	
24 MENSAGEM ENVIADA	
25 SONHOS COM GALAD	

26 SALLIE DAERA
27 A PRÁTICA DA MODÉSTIA
28 EM UMA ARMADILHA
29 LEMBRANÇAS DE SALDAEA
30 UMA APOSTA
31 AS NEVES DISTANTES
32 UMA LANÇA CURTA
33 UMA QUESTÃO DE VERMELHO
34 UMA FLECHA DE PRATA
35 ARRANCADA
36 UM NOVO NOME
37 APRESENTAÇÕES EM SAMARA
38 UM VELHO CONHECIDO
39 ENCONTROS EM SAMARA
40 O QUE A RODA TECER
41 O OFÍCIO DE KIN TOVERE
42 ANTES DA FLECHA
43 ESTE LUGAR, ESTE DIA
44 A TRISTEZA MENOR
45 DEPOIS DA TEMPESTADE
46 OUTRAS BATALHAS, OUTRAS ARMAS
47 O PREÇO DE UM NAVIO
48 DESPEDIDAS
49 PARA BOANNDIA
50 PARA ENSINAR E APRENDER
51 A NOTÍCIA CHEGA A CAIRHIEN
52 ESCOLHAS
53 PALAVRAS DESVANECENTES
54 PARA CAEMLYN
55 OS FIOS ARDEM
56 BRASAS INCANDESCENTES
GLOSSÁRIO
SOBRE O AUTOR
CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE
LEIA TAMBÉM

Com sua chegada, renascem os temidos fogos. As colinas ardem em chamas e a terra se reduz a cinzas. As investidas dos homens minguem, e as horas se tornam exíguas. Transpassa-se a muralha, e ergue-se o véu da divisão. Tempestades ressoam além do horizonte, e as chamas do paraíso purgam a terra. Não há salvação sem destruição, não há esperança deste lado da morte.

(fragmento de *As Profecias do Dragão*,
tradução atribuída a N'Delia Basolaine,
Criada-chefe e espadachim de Raidhen de Hoi Cuchone
aproximadamente 400 DR)



CAEM AS PRIMEIRAS CENTELHAS

Elaida do Avriny a'Roihan, sentada diante da enorme escrivaninha, passava os dedos, absorta, pela estola de sete cores sobre os ombros — a estola do Trono de Amyrlin. À primeira vista, muitos a considerariam bela, mas um olhar mais atento deixava claro que a expressão austera em seu rosto de idade indefinida, típico de uma Aes Sedai, não era passageira. Naquele dia, ainda havia algo mais, um traço de raiva em seus olhos escuros. Ninguém tinha percebido.

Ela mal dava ouvidos às mulheres sentadas nos bancos à sua frente, mulheres com vestidos de todos os tons, do branco ao vermelho mais escuro, de seda ou de lã, conforme ditasse o gosto de cada uma. Mesmo com a variedade, apenas uma não trajava o xale formal com a Chama Branca de Tar Valon bordada nas costas e a franja colorida que indicava a Ajah, como se aquela fosse uma reunião no Salão da Torre. Discutiam as notícias e os rumores sobre os acontecimentos do mundo e tentavam separar a realidade da ficção para decidir como a Torre deveria agir, mas raramente olhavam na direção da mulher atrás da escrivaninha, a quem tinham jurado obedecer. Elaida não conseguia se concentrar nelas. Aquelas mulheres não sabiam o que era realmente importante. Ou melhor, sabiam, mas tinham medo de tocar no assunto.

— Parece que tem alguma coisa acontecendo em Shienar — disse Danelle, uma mulher franzina que vivia perdida em devaneios, a única irmã Marrom presente. Também só havia uma irmã Verde e uma Amarela, e nenhuma das três Ajahs parecia contente com isso. Não havia Azuis. Os grandes olhos azuis de Danelle pareciam pensativos. Havia um leve borrão de tinta em sua bochecha, e o vestido cinza-escuro de lã estava amarrotado. — Há rumores de conflitos. Não com Trollocs e nem com os Aiel, embora os ataques em Passos de Niamh

pareçam estar mais frequentes. Entre os próprios shienaranos. Algo incomum para as Terras da Fronteira. É raro eles lutarem entre si.

— Se o que eles querem é guerra civil, escolheram a hora certa — opinou Alviarin, com voz tranquila. Alta, esbelta e toda vestida de seda branca, ela era a única sem xale. A estola de Curadora em seus ombros era da mesma cor, indicando que a mulher provinha da Ajah Branca, e não da Vermelha, antiga Ajah de Elaida, como ditava a tradição. As Brancas eram sempre frias. — Parece que os Trollocs sumiram. A Praga está tão calma que dois fazendeiros e uma noviça dariam conta de vigiá-la.

Os dedos ossudos de Teslyn folheavam um maço de papéis em seu colo, embora ela mal os olhasse. Era uma das quatro irmãs Vermelhas presentes — mais do que de qualquer outra Ajah —, e quase tão austera quanto Elaida, apesar de jamais ter sido considerada bela por ninguém.

— No caso, talvez essa calma seja mau sinal — opinou Teslyn com seu sotaque illianense carregado. — Recebi uma mensagem hoje de manhã informando que o exército do Marechal-General de Saldaea foi posto em marcha. Nem é para a Praga, no caso, mas na direção oposta. Sudeste. Ele nunca faria isso sem achar que a Praga está hibernando.

— Então a notícia sobre Mazrim Taim vazou. — Alviarin parecia estar discutindo o clima ou o preço dos tapetes, e não um desastre em potencial. Muito esforço fora feito para capturar Taim, e as Aes Sedai tentaram com o mesmo empenho ocultar as notícias de sua fuga. Não seria nada bom para a Torre se o mundo inteiro ficasse sabendo que elas não haviam conseguido manter um falso Dragão preso após sua captura. — E parece que alguém do reino; a Rainha Tenobia, Davram Bashere, ou ambos; crê que não se pode confiar na Torre para lidar com ele de novo.

À menção a Taim seguiu-se um silêncio sepulcral. O homem era capaz de canalizar e estava a caminho de Tar Valon para ser amansado e apartado de vez do Poder Único quando fora resgatado, mas não foi isso que calou aquelas bocas. No passado, a existência de homens capazes de canalizar fora o pior dos anátemas, e caçá-los era o principal objetivo das Vermelhas, que recebiam toda a ajuda possível das outras Ajahs. Naquele momento, porém, a maioria das mulheres em torno da escritrinha se remexia, inquietas, evitando contato visual, já que falar de Taim trazia à tona outro assunto no qual não queriam tocar. Até Elaida sentiu o estômago se revirar.

Aparentemente, Alviarin não se sentia tão relutante em falar. O canto de sua boca se curvou em um rápido movimento que poderia ser tanto um sorriso quanto uma careta.

— Vou dobrar os esforços para recapturar Taim e sugiro que uma irmã seja enviada para servir como conselheira de Tenobia. Alguém acostumada a lidar com a teimosia das mulheres jovens.

As outras logo ajudaram a preencher o silêncio.

Joline ajeitou o xale de franja verde nos ombros magros e sorriu, ainda que o gesto parecesse um tanto forçado.

— Sim, a Rainha precisa de uma Aes Sedai a seu lado. Alguém que consiga dar conta de Bashere. Ele exerce uma influência enorme sobre Tenobia. E precisa deslocar seu exército de volta para um local onde possa ser útil caso a Praga desperte. — A abertura em seu xale exibia um decote mais revelador do que o apropriado, e a seda verde clara era muito justa, bem colada ao corpo. Além disso, ela sorria demais para o gosto de Elaida, em especial para os homens. As Verdes eram sempre assim.

— A última coisa de que precisamos é outro exército em marcha — apressou-se a dizer Shemerin, a irmã Amarela. Ela era um pouco rechonchuda, e jamais havia conseguido dominar a placidez típica das Aes Sedai. Seus olhos sempre transmitiam certa ansiedade, ainda mais ultimamente.

— E temos que mandar alguém para Shienar — completou Javindhra, outra Vermelha. Apesar das maçãs do rosto robustas, a expressão na face angulosa era dura o bastante para martelar pregos, e a voz, áspera. — Não gosto desse tipo de problema nas Terras da Fronteira. A última coisa de que precisamos é que Shienar se enfraqueça a ponto de permitir a invasão de um exército Trolloc.

— Talvez — concordou Alviarin, pensativa. — Mas há agentes em Shienar. Vermelhas, certamente, mas talvez também de outras Ajahs. — As quatro irmãs Vermelhas assentiram, relutantes, mas ninguém as acompanhou. — Elas podem nos alertar caso esses pequenos conflitos se tornem mais preocupantes.

Não era segredo algum que todas as Ajahs, exceto a Branca, devotada à lógica e à filosofia como era, possuíam informantes espalhados em diferentes esferas por todas as nações, embora a rede da Amarela fosse considerada lastimável. Não havia nada sobre doenças ou Cura que elas pudessem aprender com quem não era capaz de canalizar. Algumas irmãs tinham informantes particulares, talvez mais secretos que os agentes oficiais das Ajahs. As Azuis detinham a maior rede, tanto oficial quanto pessoal.

— Quanto a Tenobia e Davram Bashere — continuou Alviarin —, estamos de acordo que alguma irmã deve tratar deles? — Ela quase não esperou que assentissem. — Ótimo. Assunto encerrado. Memara dará conta disso. Ela não vai aceitar disparates de Tenobia, nem vai deixá-la perceber que está sendo manipulada. Agora... alguém teve notícias de Arad Doman ou Tarabon? Se não agirmos logo, pode ser que Pedron Niall e os Mantos-brancos debandem de Bandar Eban para a Costa da Sombra. Sabe de algo, Evanellein?

Arad Doman e Tarabon tinham sido arrasadas por guerras civis e coisas piores. O caos era generalizado. Elaida ficou surpresa por o assunto ter surgido.

— Só boatos — respondeu a irmã Cinza. Seu vestido de seda, que combinava com a franja do xale, era muito requintado e tinha um decote profundo. Elaida

achava que a mulher deveria ter sido Verde, já que se preocupava tanto com roupas e aparência. — Quase todos os habitantes daquelas pobres áreas viraram refugiados, incluindo os que poderiam mandar notícias. A Panarca Amathera parece ter desaparecido, e tudo indica que uma Aes Sedai estava envolvida...

Elaida agarrou a estola a força. Seu rosto nada demonstrava, mas os olhos ardiam feito fogo. O assunto do exército de Saldaea estava encerrado. Ao menos Memara era Vermelha, o que a surpreendera, mas ninguém tinha pedido sua opinião. Assunto encerrado. A possibilidade alarmante de que uma Aes Sedai estivesse envolvida no desaparecimento da Panarca — caso essa não fosse mais uma das milhares de histórias improváveis vindas da costa oeste — não era o bastante para desviar seu pensamento daquilo. Havia Aes Sedai espalhadas desde o Oceano de Aryth até a Espinha do Mundo, e das Azuis, pelo menos, podia-se esperar qualquer coisa. Menos de dois meses antes, todas aquelas mulheres se ajoelharam para jurar fidelidade a Elaida, que representava a Torre Branca, mas aquela decisão fora tomada sem que sequer lhe dirigissem um olhar.

Apesar de ficar em um dos níveis mais baixos da Torre Branca, o gabinete da Amyrlin era o coração do lugar — assim como a própria Torre, com sua cor de osso embranquecido, era o coração da grande cidade-ilha de Tar Valon, circundada pelo rio Erinin. E Tar Valon era, ou deveria ser, o coração do mundo. O aposento emanava o poder exercido pela longa linhagem de mulheres que o havia ocupado, com piso de pedra vermelha polida das Montanhas da Névoa, uma enorme lareira de mármore dourado de Kandori e paredes de uma madeira pálida, com listras exóticas, maravilhosamente entalhada há mais de mil anos com animais selvagens e pássaros desconhecidos. Pedras reluzentes como pérolas emolduravam as altas janelas em arco que davam para a varanda com vista para o jardim particular da Amyrlin. Era o único lugar onde essa pedra podia ser encontrada, resgatada de uma cidade sem nome que fora engolida pelo Mar das Tempestades durante a Ruptura do Mundo. Um aposento poderoso, reflexo de Amyrlins que, por quase três mil anos, tinham feito tronos se curvarem à sua vontade. E sequer fora consultada.

Desrespeitos desse tipo aconteciam com uma frequência grande demais. Pior ainda — e talvez o mais duro de engolir —, as mulheres usurpavam a autoridade de Elaida sem se dar conta. Todas sabiam como obtivera o direito de usar a estola, e sabiam que, sem o auxílio delas, a peça não estaria em seus ombros. A própria Elaida tinha plena consciência disso. No entanto, as mulheres tinham ido longe demais. Em pouco tempo, seria hora de tomar alguma providência. Mas ainda não.

Elaida já dera ao gabinete o máximo possível de seu toque pessoal, acrescentando uma escrivaninha ornada com um entalhe de três anéis entrelaçados e uma cadeira robusta cujo espaldar alto era encrustado com a chama de Tar Valon em marfim. Sobre a escrivaninha, precisamente

equidistantes uma da outra, encontravam-se três caixas de laca altarana, e uma delas continha as melhores peças de sua coleção de estatuetas. Um pedestal simples fora disposto diante de uma das paredes, sustentando um vaso branco cheio de rosas vermelhas que perfumavam o ambiente com uma fragrância doce. Não caíra sequer uma gota de chuva desde que ela fora empossada, mas sempre dava para arranjar belas flores por meio do Poder, e Elaida sempre gostara delas. Era bem fácil podá-las e treiná-las para produzir beleza.

Havia duas pinturas posicionadas de maneira que, sentada, bastava Elaida erguer a cabeça para vê-las. As demais mulheres evitavam encarar as obras. Entre todas as Aes Sedai presentes no gabinete, apenas Alviarin atrevera-se a dar uma olhadela.

— Alguma novidade sobre Elayne? — perguntou Andaya, hesitante. Magra feito um passarinho e de aparência tímida, apesar das feições de Aes Sedai, à primeira vista ninguém diria que a Cinza era uma boa mediadora, mas, na verdade, ela era uma das melhores. Seu sotaque ainda tinha resquícios tarabonianos. — Ou sobre Galad? Se descobrir que perdemos o enteado dela, a Rainha Morgase, ela talvez comece a fazer mais perguntas sobre o paradeiro da filha, sim? E se ela souber que perdemos a Filha-herdeira, Andor pode ficar tão fechada para nós quanto Amadícia.

Algumas mulheres balançaram a cabeça. Não havia novidades.

— Uma irmã Vermelha está a postos no Palácio Real. Como foi elevada há pouco tempo, consegue disfarçar que é Aes Sedai — disse Javindhra, querendo dizer que tal mulher ainda não incorporara a expressão de idade indefinida que se adquiria com o uso prolongado do Poder. Se alguém tentasse adivinhar a idade de qualquer irmã presente no gabinete, a margem de erro giraria em torno de vinte anos, e, em alguns casos, talvez se errasse por até duas vezes mais que isso. — Ela é bem-treinada, muito forte e boa observadora. Morgase está concentrada em levar adiante seu plano de tomar posse do trono de Cairhien.

Várias irmãs se agitaram nos assentos. Como se percebesse que tinha se aproximado demais de um terreno perigoso, Javindhra apressou-se em continuar.

— E parece que o novo amante dela, Lorde Gaebriel, a mantém bastante ocupada. — Seus lábios finos se estreitaram ainda mais. — A Rainha está totalmente encantada pelo sujeito.

— Ele a mantém concentrada em Cairhien — afirmou Alviarin. — A situação por lá está quase tão ruim quanto em Tarabon e Arad Doman, com todas as Casas disputando o Trono do Sol e o povo passando fome. Morgase vai restabelecer a ordem, mas deve levar algum tempo para que assegure o trono. Até lá, sobrará pouca energia para ela se preocupar com outros assuntos, até mesmo com a Filha-herdeira. Incumbi uma escritã de enviar cartas de vez em quando. A mulher imita bem a letra de Elayne. Morgase seguirá assim até termos certeza de que voltamos a controlá-la de maneira adequada.

— Pelo menos ainda temos o filho dela sob nosso controle. — Joline sorriu.

— No caso, é difícil mantermos controle sobre Gawyn — respondeu Teslyn, asperamente. — Ele e aquela Jovem Guarda andam brigando com os Mantos-brancos nos dois lados do rio. Ele, no caso, age tanto por vontade própria quanto por ordem nossa.

— Ele vai ficar sob controle — respondeu Alviarin.

Elaida começava a achar detestável aquela atitude sempre impassível.

— Falando em Mantos-brancos — intrometeu-se Danelle —, parece que Pedron Niall tem conduzido negociações secretas para tentar convencer Altara e Murandy a ceder terras para Illian e evitar que o Conselho dos Nove invada um deles ou até os dois.

Já em terreno seguro, as mulheres do outro lado da escrivaninha discutiam se as ações do Senhor Capitão Comandante aumentariam demais a influência dos Filhos da Luz. Talvez tais negociações devessem ser interrompidas, para que a Torre pudesse assumir as rédeas e substituí-lo.

Elaida apertou os lábios. Ao longo da história, a Torre muitas vezes fora obrigada a ser prudente — muitos a temiam, muitos desconfiavam dela —, mas nunca *temera* nada nem ninguém. Agora, a Torre temia.

A Amyrlin ergueu o olhar para as pinturas. Uma delas consistia em três painéis de madeira com ilustrações de Bonwhin, a última Vermelha a ser elevada ao Trono, mil anos antes, e razão pela qual nenhuma outra Vermelha usara a estola desde então. Até Elaida. Bonwhin, alta e orgulhosa, dando ordens às Aes Sedai sobre como manipular Artur Asa-de-gavião; Bonwhin, desafiadora, no topo das muralhas brancas de uma Tar Valon sob o ataque das forças de Asa-de-gavião; e Bonwhin de joelhos e submissa perante o Salão da Torre, enquanto retiravam a estola e o cajado por ter quase destruído a Torre.

Muitas se perguntavam por que Elaida retirara o tríptico do depósito onde estivera esquecido, coberto de poeira. Ainda que ninguém falasse abertamente, ela ouvia o burburinho. As irmãs não compreendiam a necessidade de uma lembrança permanente do custo de um infortúnio.

A segunda pintura era mais atual, feita em tela de tecido; uma cópia do esboço de um artista de rua do oeste distante. Aquela obra causava ainda mais desconforto entre as Aes Sedai que pousavam os olhos nela. Dois homens lutavam em meio às nuvens, aparentemente no céu, usando relâmpagos como armas. Um deles tinha o rosto feito de chamas. O outro era alto, jovem e ruivo. Era aquele jovem que despertava medo e fazia até Elaida cerrar os dentes. Só não tinha certeza se era de raiva ou para evitar que eles batessem. Mas medo era algo que podia e devia ser controlado. Controle era tudo.

— Então é isso — disse Alviarin, começando a se levantar. As outras a imitaram, ajustando saias e xales enquanto se preparavam para sair. — Em três dias, espero que...

— Dei permissão para alguma de vocês sair, filhas? — Aquelas eram as primeiras palavras que Elaida dizia desde que pedira para as irmãs se sentarem. Surpresas, todas olharam para a Amyrlin. Surpresas! Algumas voltaram para os assentos, mas sem a menor pressa. E sem qualquer pedido de desculpas. Elaida deixara aquilo ir longe demais. — Já que estão de pé, continuarão assim até eu terminar. — As Aes Sedai que estavam voltando para os bancos ficaram confusas por um momento. Elaida continuou a falar enquanto, hesitantes, elas voltavam a se pôr de pé. — Não ouvi nenhuma menção à busca por aquela mulher e os acompanhantes dela.

Não era preciso citar o nome *daquela mulher*, a predecessora de Elaida. Todas sabiam a quem ela se referia, e a própria Elaida achava cada vez mais penoso até lembrar o nome da antiga Amyrlin. Todos os seus problemas atuais — todos! — podiam ser atribuídos àquela mulher.

— É complicado — opinou Alviarin, em tom neutro —, já que alimentamos os boatos de que ela foi executada. — A mulher tinha mesmo sangue-frio. Elaida encarou-a com firmeza até ela acrescentar um “Mãe” atrasado que também soou plácido, até casual.

A Amyrlin desviou o olhar para as demais e transformou a voz em aço.

— Joline, você está responsável por essa busca e pela investigação da fuga dela. Em ambos os casos, só ouço falar de dificuldades. Talvez uma penitência diária ajude você a aumentar a diligência, filha. Ponha no papel o que achar adequado e mande para mim. Caso eu não considere adequado, triplico o castigo.

O sorriso constante de Joline desapareceu, para satisfação de Elaida. Sob o olhar fixo da Amyrlin, ela abriu a boca e voltou a fechá-la. Por fim, fez uma longa reverência.

— Como a senhora ordenar, Mãe. — As palavras saíram entredentes, a docilidade soou forçada, mas bastava. Por enquanto.

— E o que me dizem de tentar recapturar as que escaparam? — Desta vez, seu tom de voz foi ainda mais firme.

O retorno das Aes Sedai que haviam fugido quando *aquela mulher* fora deposta significava a volta das Azuis à Torre. Elaida não sabia se poderia confiar em alguma Azul. Aliás, não sabia se um dia poderia confiar em qualquer uma das irmãs que, em vez de saudar sua subida ao Trono, um dia haviam debandado. Porém, a Torre precisava ficar completa outra vez.

Javindhra ficara incumbida da tarefa.

— De novo, temos dificuldades. — Suas feições permaneciam tão severas quanto antes, mas ela lambeu rapidamente os lábios diante da tempestade silenciosa que viu no rosto de Elaida. — Mãe.

Elaida balançou a cabeça.

— Não quero saber de dificuldades, filha. Amanhã, você me entregará uma lista de tudo o que já fez, incluindo todas as medidas tomadas para evitar que o

mundo fique sabendo de qualquer desavença aqui na Torre. — Esse era um ponto crucial. Havia uma nova Amyrlin, mas o mundo deveria ter a imagem de uma Torre mais unida e forte do que nunca. — Caso não tenha tempo para a tarefa que lhe incumbi, talvez devesse abrir mão de sua condição de Votante em nome das Vermelhas. É algo que devo considerar.

— Não será necessário, Mãe — respondeu Javindhra, depressa, com expressão severa. — Amanhã a senhora vai receber o relatório que pediu. Estou certa de que muitas irmãs vão começar a voltar em breve.

Elaida não tinha tanta certeza, por mais que desejasse — *a Torre precisa ser forte. Precisa!* —, mas dera o recado. Todas as mulheres tinham expressões confusas, exceto por Alviarin. Se Elaida parecia pronta para punir uma irmã de sua própria antiga Ajah e ser ainda mais contundente com uma Verde que estivera ao seu lado desde o primeiro dia, talvez tivessem cometido um erro ao tratá-la como uma efígie cerimonial. Aquelas mulheres podiam até tê-la colocado no Trono, mas *ela* era a Amyrlin. Mais alguns exemplos nos dias seguintes deveriam pôr as coisas em ordem. Se fosse preciso, Elaida obrigaria todas as mulheres a pagar penitências até pedirem perdão.

— Há soldados tairenos e andorianos em Cairhien — continuou, ignorando os olhares fugidios. — Soldados tairenos enviados pelo homem que tomou a Pedra de Tear.

Shemerin apertou as mãos gorduchas, e Teslyn se encolheu. Só Alviarin permanecia impassível feito uma lagoa congelada. Elaida ergueu a mão e apontou para a pintura com os dois homens se enfrentando com relâmpagos.

— Olhem aquilo. Olhem! Ou deixarei todas vocês de quatro esfregando o chão! Se não têm sangue-frio nem para olhar para uma pintura, que coragem terão para enfrentar o que ainda temos pela frente? Covardes não têm serventia para a Torre!

Elas ergueram o olhar lentamente, movendo os pés feito garotinhas nervosas, não como Aes Sedai. Apenas Alviarin encarava a pintura parecendo inabalada. Shemerin retorcia as mãos, e lágrimas brotavam em seus olhos. Algo teria que ser feito em relação a ela.

— Rand al'Thor. Um homem capaz de canalizar. — As palavras saíram como um chicote da boca de Elaida, fazendo até mesmo o estômago da própria Amyrlin se revirar até deixá-la com ânsia de vômito. De algum modo, manteve o rosto sereno e seguiu pressionando, despejando suas palavras como um estilingue lançando pedras. — Um homem fadado a enlouquecer e usar o Poder para causar terror, antes de morrer. Porém, mais que isso. Arad Doman, Tarabon e tudo o que existe entre as duas cidades estão se transformando em ruína e rebeliões por causa dele. Apesar de a guerra e a fome em Cairhien não poderem ser diretamente atribuídas a Rand al'Thor, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que ele precipita uma guerra ainda maior entre Tear e Andor, justamente

quando o que a Torre precisa é de paz! Em Ghealdan, algum shienarano sem juízo prega a respeito dele para multidões grandes demais até para o exército de Alliandre conter. O maior perigo que a Torre já enfrentou, a maior ameaça que o mundo já conheceu, e vocês não conseguem nem falar deste homem? Não têm nem coragem de olhar para uma pintura dele?

O silêncio foi a única resposta. Todas, exceto Alviarin, pareciam ter engolido a própria língua. A maioria encarava o jovem na pintura como pássaros hipnotizados por uma serpente.

— Rand al'Thor. — O nome tinha gosto de fel nos lábios de Elaida.

Certa vez, a Amyrlin tivera aquele jovem, de aparência tão inocente, ao seu alcance, mas não percebera o que ele era. A predecessora dela tinha esse conhecimento, e só a Luz sabia desde quando, mas permitira que ele ficasse livre. *Aquela mulher* revelara muitas coisas a Elaida antes de escapar. Quando pressionada a falar, mencionara fatos em que Elaida não tinha como acreditar — se os Abandonados estivessem mesmo soltos, tudo poderia estar perdido —, mas, de algum modo, conseguira se recusar a responder certas perguntas e acabara escapando antes que pudesse ser interrogada novamente. *Aquela mulher* e Moiraine. *Aquela mulher* e a Azul sempre souberam de tudo. Elaida pretendia trazer as duas de volta à Torre. Elas teriam que revelar até a última letra do que sabiam. Implorariam pela morte de joelhos antes de a nova Amyrlin se dar por satisfeita.

Ela se obrigou a continuar falando, ainda que as palavras murchassem em sua boca.

— Rand al'Thor é o Dragão Renascido, filhas. — Os joelhos de Shemerin fraquejaram, e a Amarela desabou no chão. Algumas das outras irmãs também pareciam ter perdido a força nas pernas. Os olhos de Elaida as açoitavam com desdém. — Não restam dúvidas. É dele que falam as Profecias. O Tenebroso está se libertando da prisão, a Última Batalha se aproxima, e o Dragão Renascido precisa estar lá para enfrentá-lo, ou o mundo será condenado a eras de fogo e à destruição enquanto a Roda do Tempo girar. E ele está à solta, filhas. Não sabemos por onde anda. Sabemos de dezenas de locais onde ele não está. O Dragão não está mais em Tear, mas também não está mais aqui na Torre devidamente protegido, como deveria. Ele provoca um redemoinho no mundo, e devemos pará-lo em nome de qualquer esperança de sobrevivermos a Tarmon Gai'don. Precisamos dele por perto para garantir que o Dragão lutará a Última Batalha. Ou alguma de vocês acredita que, para salvar o mundo, ele aceitará passivamente a morte profetizada? Estamos falando de um homem que já deve estar enlouquecendo! Precisamos dele sob controle!

— Mãe — começou Alviarin, com sua irritante indiferença, mas Elaida interrompeu-a com um olhar.

— Pôr nossas mãos em Rand al'Thor é muito mais importante do que as escaramuças em Shienar ou se a Praga está calma ou não, mais importante do que encontrar Elayne ou Galad, e mais importante até do que Mazrim Taim. Vocês vão encontrá-lo. *Ah, se vão!* Na próxima reunião, quero todas prontas para me dar detalhes do que fizeram para conseguirmos isso. Agora podem ir, filhas.

Após uma onda de reverências vacilantes e murmúrios ofegantes de “Como a senhora ordenar, Mãe”, as irmãs saíram quase correndo, com Joline ajudando a cambaleante Shemerin a se levantar. A irmã Amarela daria um bom próximo exemplo, já que ainda seriam necessários alguns para garantir que nenhuma das mulheres titubeasse. Além disso, ela era fraca demais para fazer parte do conselho. De qualquer forma, o conselho não existiria por muito mais tempo. Elas apenas receberiam ordens de Elaida e correriam para obedecer.

Todas se foram, exceto Alviarin.

Por um longo momento após a porta ter se fechado atrás das demais Aes Sedai, as duas mulheres se encararam. Alviarin havia sido a primeira, a primeiríssima, a ouvir e concordar com as acusações contra a predecessora de Elaida. E a Branca sabia muito bem por que ela, e não alguma Vermelha, usava a estola de Curadora. A Ajah Vermelha fora unânime a favor da nova Amyrlin, mas a Branca, não, e, sem o apoio integral da Ajah de Alviarin, muitas outras também poderiam ter se oposto. Fosse esse o caso, Elaida estaria em uma cela, não sentada no Trono de Amyrlin. Isso se os restos de sua cabeça não estivessem decorando uma estaca e servindo de refeição para os corvos. Alviarin não se intimidaria tão facilmente quanto as outras. Talvez nem houvesse como intimidá-la. Seu olhar inabalável transmitia uma sensação perturbadora de igual para igual.

Uma batida na porta quebrou o silêncio.

— Entre! — exclamou Elaida.

Uma das Aceitas, uma garota pálida e esguia, entrou no cômodo, hesitante. A jovem fez uma reverência tão exagerada que sua saia branca com sete faixas coloridas na bainha formou uma enorme circunferência no chão em torno dela. Pelos olhos azuis arregalados e a maneira como os mantinha voltados para baixo, captara o estado de espírito das mulheres que haviam saído. Se Aes Sedai tinham ido embora tremendo, uma Aceita corria grande perigo.

— M-Mãe, Mestre F-Fain está aqui. Ele disse que a s-senhora o receberia agora. — Ainda agachada, a garota tremia tanto que parecia a ponto de tombar de medo.

— Então mande o homem entrar, garota, em vez de deixá-lo esperando! — Elaida soava irritada, mas verdade era que teria arrancado o couro da Aceita caso a menina não tivesse deixado o homem lá fora. A raiva que sentia de Alviarin, e que não permitiria que a mulher pensasse que ela tinha receio de demonstrar, aflorou. — E se não conseguir aprender a falar de modo adequado,

talvez as cozinhas lhe sejam mais propícias do que a antessala da Amyrlin. E então? Não vai fazer o que mandei? Mexa-se, garota! E vá dizer à Mestra das Noviças que você precisa ser treinada para obedecer prontamente!

A garota guinchou o que talvez fosse uma resposta apropriada e saiu em disparada.

Elaida se esforçou para manter a compostura. Não queria nem saber se Silviana, a nova Mestra das Noviças, daria uma surra na garota ou se resolveria a questão com uma reprimenda. A Amyrlin quase não lidava com noviças e Aceitas, a menos que alguma delas se intrometesse em seu caminho, e se importava muito pouco com elas. Era Alviarin quem queria humilhar e ver de joelhos a seus pés.

Mas primeiro, Fain. Elaida tamborilava o dedo nos lábios. O homenzinho magrelo e narigudo aparecera na Torre poucos dias antes, em trajes sujos e grandes demais, mas que outrora haviam sido refinados. Ora arrogante, ora servil, o homem requisitara uma audiência com a Amyrlin. Exceto pelos que serviam à Torre, os homens só apareciam ali sob coação ou em caso de grande necessidade, e nenhum pedia para falar com a Amyrlin. Era um tolo, ou talvez até um tanto estúpido. Fain afirmava ser de Lugard, em Murandy, mas falava com vários sotaques, por vezes mudando de um para outro no meio de uma frase. Ainda assim, parecia que podia ser útil.

Alviarin ainda encarava Elaida com uma complacência gélida. Seu olhar revelava apenas uma pista das perguntas que devia querer fazer sobre Fain. O rosto da Amyrlin endureceu. Ela quase apelou para *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira, para pôr aquela mulher em seu devido lugar. Mas o caminho não era esse. Alviarin poderia resistir, e lutar feito uma camponesa em um estábulo não era modo de uma Amyrlin afirmar sua autoridade. De qualquer maneira, Alviarin teria que aprender a se curvar a ela tanto quanto as outras. O primeiro passo seria deixá-la sem qualquer informação a respeito de Mestre Fain, fosse qual fosse seu nome verdadeiro.

* * *

Assim que adentrou o gabinete da Amyrlin, Padan Fain tratou de esquecer a jovem e inquieta Aceita. A garota era até atraente, e ele gostava das nervosinhas, mas havia assuntos mais importantes em que se concentrar naquele momento. Esfregando as mãos na roupa, Fain curvou a cabeça, humilde como convinha, mas a princípio as duas mulheres que o aguardavam nem pareceram notar sua presença, se encarando como estavam. Ele ficou parado, embora a tensão entre elas fosse quase palpável; achava que poderia quase tocá-la se estendesse a mão. A Torre Branca estava tomada pela tensão, com as Aes Sedai divididas. Melhor assim. Conforme a necessidade, tensões podiam ser manipuladas, e divisões,

exploradas.

Fain se surpreendera ao encontrar Elaida no Trono de Amyrlin. No entanto, era melhor do que ele esperava. O homem ficara sabendo que Elaida, sob vários aspectos, não era tão dura quanto a mulher que usara a estola antes dela. Mais severa, sim, e mais cruel também, porém mais vulnerável. Provavelmente, ela seria mais difícil de dobrar, porém mais fácil de partir. Isso no caso de uma das opções ser necessária. Ainda assim, para ele, as Aes Sedai, e até as Amyrlin, eram todas iguais. Tolas. Tolas perigosas, verdade, mas, algumas vezes, úteis.

Quando as duas finalmente se deram conta da presença de Fain, a Amyrlin franziu a testa de leve por ter sido pega de surpresa, mas a Curadora das Crônicas se manteve impassível.

— Pode ir agora, filha — ordenou Elaida com firmeza, com uma pequena, mas clara ênfase no “agora”. Ah, sim... as tensões, as rachaduras no poder. Rachaduras onde sementes podiam ser plantadas. Fain se deu conta de que estava prestes a rir.

Alviarin hesitou antes de fazer a mais breve das reverências. Enquanto deixava o gabinete, seus olhos percorreram Fain de cima a baixo com uma expressão neutra, mas desconcertante. Ele se encolheu inconscientemente, curvando os ombros em um gesto de autoproteção; seus lábios formaram em um leve rosnado para as costas estreitas da mulher. Às vezes, por um breve instante, Fain tinha a sensação de que Alviarin sabia demais sobre dele, mas não podia explicar por quê. A frieza no rosto e nos olhos da mulher não mudava nunca. Naquelas ocasiões, sentia o desejo de obrigá-los a mudar. Medo. Agonia. Súplica. Fain quase gargalhou só de pensar. Não fazia sentido, claro. Não havia como ela saber de nada. Com paciência, ele poderia se ver livre dela e de seus olhos imutáveis.

Considerando o tipo de coisa que a Torre guardava em seus cofres, valia a pena ter um pouco de paciência. Era lá que estava a Trombeta de Valere, a lendária peça construída para invocar os heróis mortos de seus túmulos na hora da Última Batalha. A maioria das Aes Sedai ignorava esse fato, mas Fain sabia farejar informações. A adaga estava lá. Sentia seu chamado até do lugar onde estava. Poderia até apontar a direção. A adaga pertencia a ele, fazia parte dele, e fora roubada e escondida ali por aquelas Aes Sedai. Recuperá-la recompensaria muitas perdas. O homem não sabia como, mas tinha certeza disso. Recompensaria a perda de Aridhol. Era perigoso demais retornar para lá, pois havia o risco de ficar preso de novo. Fain sentiu um arrepio. Tanto tempo preso. De novo, não.

Claro que ninguém mais chamava o lugar de Aridhol, e sim de Shadar Logoth. Onde a Sombra Espreita. Um nome apropriado. Tanta coisa mudara... Ele próprio, inclusive. Padan Fain. Mordeth. Ordeith. Por vezes, não tinha certeza de qual era seu nome de fato e de quem era de verdade. De uma coisa, estava

certo: ele não era o que ninguém imaginava. Aqueles que acreditavam conhecê-lo estavam muito enganados. Agora estava mudado. Seu poder era único, estava além de qualquer outro. Um dia, todos se dariam conta disso.

De repente, com um sobressalto, Fain percebeu que a Amyrlin dissera alguma coisa e, vasculhando a mente, lembrou o que era.

— Sim, Mãe, o casaco fica muito bem em mim. — Passou a mão no veludo negro para mostrar como o apreciava. Como se vestimentas importassem. — É um casaco muito bom. Agradeço de coração, Mãe. — Fain estava preparado para mais tentativas da Amyrlin de deixá-lo à vontade, pronto para ajoelhar-se e beijar seu anel, mas, desta vez, ela foi direto ao ponto.

— Me fale mais a respeito do que sabe sobre Rand al'Thor, Mestre Fain.

Os olhos de Fain se voltaram para a pintura com os dois homens, e, enquanto a observava, suas costas se empertigaram. A imagem de al'Thor o afetou quase da mesma forma que o próprio homem o faria se estivesse em sua frente, fazendo suas veias se encherem de fúria e ódio. Por causa daquele jovem, Fain passara por dores inimagináveis, das quais sequer se permitia lembrar, e sofrera bem mais do que as dores em si. Ele fora destruído e reconstruído por causa de al'Thor. Claro que essa reconstrução havia lhe dado os meios para se vingar, mas a questão não era exatamente essa. Perto do desejo de destruir al'Thor, qualquer coisa se tornava insignificante.

Quando se voltou novamente para a Amyrlin, Fain não percebeu que sua atitude estava tão imponente quanto a dela e que retribuía seu olhar de igual para igual.

— Rand al'Thor é astuto e dissimulado. Ele não se importa com nada ou ninguém, só com o próprio poder. — Aquela tola. — Ele é do tipo que nunca faz o que se espera dele. — Mas se ela pudesse pôr as mãos em al'Thor... — É difícil guiá-lo, muito difícil, mas acredito que seja possível. Primeiro, é preciso se aproximar de um dos poucos em quem ele confia. — Se a Amyrlin lhe entregasse al'Thor, talvez ele a deixasse viva no fim das contas, mesmo sendo Aes Sedai.

* * *

Esparramado em uma poltrona dourada, vestindo mangas curtas e de botas nos pés, com uma das pernas apoiada no braço estofado, Rahvin sorria enquanto a mulher de pé à frente da lareira repetia o que ele lhe dissera. Seus grandes olhos castanhos estavam ligeiramente distantes. Era jovem e bonita, mesmo usando as roupas de lã cinza sem graça que adotara como disfarce, mas seu interesse nela não era dessa natureza.

Nenhuma nesga de ar entrava pelas altas janelas do aposento. Enquanto a mulher falava, o suor escorria de seu rosto delicado, e gotículas brotavam na

face estreita do outro homem presente. Ainda que trajasse um belo casaco de seda vermelha com bordados dourados, o sujeito se mantinha tão imóvel quanto um serviçal — o que ele era, de certo modo, ainda que por vontade própria, ao contrário dela. Mas claro que, naquele momento, estava cego e surdo.

Rahvin manejou com delicadeza os fluxos de Espírito que havia urdido em torno dos dois. Não havia motivo para causar danos a serviçais valiosos.

Ele próprio não suava, claro. Não permitia que o teimoso calor do verão o afetasse. Era um homem alto, grande, de pele escura e bonito, apesar dos cabelos brancos nas têmporas. Não tivera dificuldades em compelir aquela mulher.

Uma careta retorceu seu rosto. Tinha dificuldades com algumas pessoas. Uns poucos, muito poucos, tinham força de vontade o bastante para que suas mentes buscassem brechas pelas quais escapar, ainda que inconscientemente. Para seu azar, ele ainda precisava de uma pessoa que era desse tipo. Era possível manipulá-la, mas ela continuava tentando encontrar uma saída, mesmo sem saber que estava presa. Ela em breve não seria mais necessária, claro, e Rahvin teria que decidir se a mandaria embora ou se melhor seria livrar-se dela de um jeito mais definitivo. As duas opções representavam perigo. Nada que pudesse ameaçá-lo, claro, mas ele era um homem cuidadoso e meticuloso. Se ignorados, pequenos perigos encontravam um jeito de crescer, e ele sempre escolhia os riscos com uma pitada de prudência. Matá-la ou mantê-la?

O cessar do discurso da mulher o fez abandonar seus devaneios.

— Quando sair daqui — disse a ela —, você não vai se lembrar de nada desta visita, apenas de ter feito sua habitual caminhada matinal. — Ela concordou, ávida por agradá-lo, e Rahvin afrouxou os fios de Espírito para que evaporassem da mente da mulher tão logo ela pusesse os pés na rua. O uso repetido da compulsão facilitava a obediência, mesmo quando não estava sendo usada. Porém, enquanto estivesse, sempre havia o perigo de ser detectada.

Feito isso, Rahvin também libertou a mente de Elegar. Lorde Elegar. Um nobre menor, mas fiel a seus juramentos. O sujeito lambeu nervosamente os lábios finos, olhou para a mulher com nervosismo e se ajoelhou prontamente diante de Rahvin. Os Amigos da Escuridão — que atualmente se chamavam Amigos das Trevas — tinham começado a perceber que precisariam se manter rigorosamente fiéis aos juramentos, agora que Rahvin e os demais tinham sido libertados.

— Leve-a até a rua pelos fundos — orientou Rahvin — e deixe-a lá. Ela não deve ser vista.

— Como desejar, Grande Mestre — respondeu Elegar, fazendo uma reverência ainda de joelhos. Ao se levantar, deixou a presença de Rahvin com uma mesura, puxando a mulher pelo braço. Ela o acompanhou docilmente, claro, com os olhos ainda perdidos. Elegar não perguntaria nada a ela. Era

esperto o bastante para estar bem ciente de que havia coisas que não desejava descobrir.

— Um de seus belos brinquedinhos? — perguntou uma voz feminina atrás dele, enquanto a porta entalhada se fechava. — Agora é assim que você as veste?

Agarrando *saidin*, ele se preencheu do Poder, e mácula da metade masculina da Fonte Verdadeira foi barrada pela proteção de seus laços e juramentos, os elos com o que Rahvin julgava ser um poder maior que a Luz ou até o Criador.

No meio da câmara, um portal se projetava acima do carpete vermelho e dourado, uma abertura para algum outro lugar. Rahvin teve um vislumbre de uma câmara em que tapeçarias de seda branca cobriam as paredes, até ela se esvanecer, deixando apenas uma mulher de vestido branco e cinto de prata trançada. O suave formigamento na pele dele, como um leve arrepio, foi o único aviso de que a mulher canalizara. Alta e esguia, era tão bonita quanto ele, com olhos escuros que pareciam poços sem fundo, e um cabelo que caía sobre os ombros em perfeitas ondas negras, enfeitado com estrelas e luas crescentes prateadas. A maioria dos homens ficaria com a boca seca de tanto desejo.

— O que você pretende aparecendo assim do nada, Lanfear? — perguntou Rahvin, áspero, sem largar o Poder. Em vez disso, preparou várias surpresinhas maldosas, caso precisasse delas. — Se quiser falar comigo, mande um emissário que eu decidirei quando, onde, e se irei.

Lanfear abriu seu sorriso doce e traiçoeiro.

— Você sempre foi um patife, Rahvin, mas nem sempre foi tolo. Aquela mulher é Aes Sedai. E se sentirem falta dela? Também vai enviar arautos para anunciar onde está?

— Canalizar? — caçou ele. — Ela sequer é forte o bastante para andar por aí sozinha. Chamam essas crianças destreinadas de Aes Sedai quando metade do que sabem são truques de autodidatas e a outra metade não passa de meras superficialidades?

— Você continuaria sendo tão complacente se treze dessas crianças destreinadas formassem um círculo ao seu redor? — O escárnio frio na voz dela o apunhalou, mas Rahvin não deixou transparecer.

— Tomo minhas precauções, Lanfear. Ela não é uma de meus “belos brinquedinhos”, como você colocou, e sim a espiã da Torre aqui. Só que agora relata exatamente o que eu quero, e fica ávida para fazê-lo. Os que servem aos Escolhidos na Torre me disseram exatamente onde encontrá-la. — Não tardaria a chegar o dia em que o mundo renunciaria ao nome “Abandonados” e se ajoelharía perante os Escolhidos. Isso fora prometido, muito tempo atrás. — Por que veio até aqui, Lanfear? Certamente não foi para ajudar mulheres indefesas.

Ela apenas deu de ombros.

— No que me cabe, você pode se divertir o quanto quiser com seus brinquedos. Quando o assunto é hospitalidade, Rahvin, você oferece muito pouco, então me perdoe, mas...

Um jarro de prata ergueu-se em uma mesinha ao lado da cama de Rahvin e se inclinou para servir um vinho escuro em um cálice com detalhes em ouro. Quando o jarro voltou à posição inicial, o cálice flutuou até a mão de Lanfear. Rahvin não sentiu nada além de um leve formigamento, claro, e não viu fluxos sendo urdidos. Ele nunca gostara daquilo. Que Lanfear também não fosse capaz de ver os fluxos que Rahvin urdia não chegava perto de restaurar o equilíbrio.

— Por quê? — perguntou ele mais uma vez.

Ela bebericou calmamente antes de responder.

— Como você evita o restante de nós, alguns Escolhidos virão até aqui. Só vim na frente para que você soubesse que não se trata de um ataque.

— Os outros? Vocês estão planejando alguma coisa? Que necessidade eu tenho de saber dos planos alheios? — De repente, Rahvin deu uma gargalhada, profunda e grave. — Então não se trata de um ataque, certo? Vocês nunca foram mesmo de atacar abertamente, não é? Talvez não tanto quanto Moghedien, mas vocês sempre preferiram atacar pelos flancos ou pelas costas. Vou confiar em você desta vez, o suficiente para escutá-la, contanto que fique sob minha vigilância. — Qualquer um que confiasse em Lanfear longe dos olhos merecia a faca que provavelmente encontraria cravada nas costas. Não que ela fosse muito mais confiável sob vigilância, já que, na melhor das hipóteses, seu temperamento era inconstante. — Quem mais supostamente faz parte disso?

Desta vez, Rahvin teve um aviso mais claro — era obra de outro homem — quando outro portal se abriu, exibindo arcos de mármore que davam para amplas varandas de pedra, com gaiotas grasnando em um céu azul sem nuvens. Por fim, um homem surgiu e atravessou o portal, a passagem se fechando atrás dele.

Sólido e compacto, Sammael parecia maior do que de fato era. Seus passos eram rápidos e ágeis, e seus modos, abruptos. Com olhos azuis, cabelos dourados e uma bela barba em formato quadrado, sua aparência talvez estivesse acima da média, não fosse pela cicatriz oblíqua, como se um ferro em brasa tivesse sido arrastado por seu rosto, desde o cabelo até a mandíbula. Poderia tê-la removido assim que fora feita, muitos anos antes, mas preferira mantê-la.

Ligado a *saidin* tanto quanto Rahvin — àquela distância, Rahvin podia sentir de leve a ligação do outro —, Sammael o encarava com cautela.

— Estava esperando serviços e dançarinas, Rahvin. Será que finalmente se cansou do seu esporte favorito, após todos estes anos?

Lanfear riu suavemente enquanto bebia o vinho.

— Alguém mencionou algum esporte?

Rahvin sequer percebera a abertura de um terceiro portal, exibindo um amplo salão cheio de piscinas e colunas caneladas, com acrobatas seminuas e

criadas usando ainda menos pano. Estranhamente, um velhote magrelo de casaco amarrotado estava sentado parecendo desconsolado em meio aos artistas. Duas serviçais trajando peças tênues de quase roupa nenhuma, um homem musculoso carregando uma bandeja de ouro fundido, e uma moça bela e voluptuosa servindo vinho de uma botija de cristal em um cálice combinando sobre a bandeja seguiram a recém-chegada antes de a abertura desaparecer.

Na presença de qualquer outra, exceto Lanfear, Graendal seria vista como uma mulher estonteante, luxuriante e madura. Usava um vestido curto de seda verde. Um rubi do tamanho de um ovo de galinha aninhava-se entre os seios, e uma pequena coroa cravejada de mais rubis repousava sobre os longos cabelos dourados. Perto de Lanfear, ela era apenas bonitinha e roliça. Se a comparação inevitável a incomodava, o sorriso divertido não dava sinais.

Braceletes de ouro chacoalharam quando ela acenou para trás com a mão cheia de anéis. A serviçal, com um sorriso bajulador igualzinho ao do colega, se apressou em pôr o cálice ao alcance de Graendal, que mal percebeu.

— Que tal? — começou, animada. — Praticamente metade dos Escolhidos restantes em um único lugar. E ninguém tentando matar ninguém. Quem poderia imaginar uma coisa dessas antes do retorno do Grande Senhor das Trevas? Ishamael até conseguiu nos manter longe do pescoço uns dos outros por algum tempo, mas isto...

— Você sempre fala assim tão abertamente na frente de seus serviçais? — perguntou Sammael com uma careta.

Graendal piscou e voltou o olhar para os dois, como se tivesse se esquecido deles.

— Eles não abrem a boca fora de hora. Os dois me idolatram. Não é? — Ambos se ajoelharam, demonstrando o amor intenso que sentiam por ela. E era verdadeiro. Eles de fato a amavam. Naquele momento. Um instante depois, Graendal franziu a testa de leve, e os serviçais ficaram paralisados, com as bocas abertas, como que interrompidos no meio de uma palavra. — Eles vão continuar aqui, mas não vão incomodar vocês, não é?

Rahvin balançou a cabeça e se perguntou quem eram aqueles dois, ou quem haviam sido. Beleza física não bastava para os serviçais de Graendal, que também precisavam ter poder ou prestígio: um antigo lordes como lacaio, uma lady para lhe dar banho. Era assim que ela gostava. Permitir-se certos luxos era uma coisa, mas Graendal era esbanjadora. A dupla até podia ter alguma utilidade, caso fosse manipulada de forma adequada, mas o nível de compulsão que Graendal utilizava certamente só os deixava aptos para pouco mais que mera decoração. Aquela mulher não tinha sofisticação.

— Eu deveria esperar por mais alguém, Lanfear? — grunhiu Rahvin. — Você convenceu Demandred a parar de pensar que é herdeiro do Grande Senhor?

— Duvido que a arrogância dele chegue a esse ponto — retrucou Lanfear, tranquila. — Demandred sabe aonde isso levou Ishamael. E essa é a questão levantada por Graendal. Éramos treze, imortais. Agora, quatro estão mortos e um nos traiu. Só nós quatro estamos reunidos aqui hoje, e já é o bastante.

— Tem certeza de que Asmodean mudou de lado? — questionou Sammael. Ele nunca teve coragem de tentar. Onde buscou forças para abraçar uma causa perdida?

Lanfear deu um breve sorriso, divertido.

— Ele teve a coragem de fazer uma emboscada que pensou que o colocaria acima de nós. Mas, quando a escolha passou a ser a morte ou uma causa perdida, ele precisou de pouquíssima coragem para fazer sua opção.

— E de pouco tempo, aposto. — A cicatriz tornava o sorriso de Sammael ainda mais incisivo. — Se estava tão perto a ponto de saber tudo isso, por que não o matou? Você poderia ter acabado com a vida dele antes que Asmodean se desse conta de sua presença.

— Não sou tão rápida em matar quanto você. É um último recurso, sem volta, e quase sempre existem alternativas mais interessantes. Além disso, para explicar em termos que você entenda, eu não queria desencadear um ataque frontal contra forças superiores.

— Ele é mesmo forte assim? — perguntou Rahvin calmamente. — Esse tal Rand al'Thor, cara a cara, poderia ter derrotado você?

Não que ele ou mesmo Sammael não pudessem derrotá-la, se fosse o caso, ainda que Graendal provavelmente se unisse a Lanfear na hipótese de um dos dois tentarem. Naquele exato instante, inclusive, as duas mulheres deviam estar tomadas de Poder, prontas para atacar à mínima suspeita de um dos dois, ou de ambos. Mas aquele moleque fazendeiro? Um pastor destreinado! Destreinado, a menos que Asmodean estivesse cuidando disso.

— Ele é Lews Therin Telamon renascido — afirmou Lanfear, com a mesma calma —, e Lews Therin era tão forte quanto qualquer um de nós.

Sammael esfregou a cicatriz no rosto, distraidamente. Fora Lews Therin quem lhe impusera aquela marca. Acontecera havia mais de três mil anos, muito antes da Ruptura do Mundo e da prisão do Grande Senhor, antes de muita coisa, mas Sammael jamais se esquecera.

— Bem — Graendal assumiu a palavra —, será que finalmente chegamos à questão que viemos discutir?

Rahvin se sobressaltou, desgostoso. Os dois serviços ainda estavam imóveis — ou melhor dizendo, de novo. Sammael resmungava com seus botões.

— Se Rand al'Thor é de fato Lews Therin Telamon renascido — continuou Graendal, sentando-se nas costas do serviço, agora de quatro no chão —, estou surpresa por você ainda não ter tentado arrastá-lo para a cama, Lanfear. Ou será que não é tão fácil? Acho que me lembro de ver você comendo na mão de Lews

Therin, e não o contrário. Ele abafava seus chilikues. Fazia você servir o vinho dele, coisas do tipo. — Graendal depositou o cálice na bandeja, agora carregada com rigidez pela mulher apoiada em um joelho. — Você era tão obcecada por aquele homem que era capaz de se estender aos pés dele, se Lews pedisse por um tapete.

Os olhos escuros de Lanfear brilharam por alguns instantes, até ela recuperar o controle.

— Ele pode até ser Lews Therin renascido, mas não é Lews Therin.

— Como você sabe? — provocou Graendal com um sorriso, como se tudo não passasse de uma brincadeira. — Pode até ser, como muitos acreditam, que todos nasçam e renasçam conforme a Roda gira, mas, que eu saiba, nunca aconteceu algo do tipo. Um homem específico renascendo conforme reza uma profecia? Quem pode saber o que ele é?

Lanfear respondeu com um sorriso desdenhoso.

— Eu já o observei de perto. Ele não é nada mais do que aparenta: um pastor, e ainda bastante ingênuo. — Seu escárnio se transformou em seriedade. — Mas agora ele conta com Asmodean, ainda que seja um aliado fraco. E, mesmo antes de Asmodean, quatro Escolhidos morreram em confronto com ele.

— E daí se o pastorzinho matar os novilhos — opinou Sammael, irritadiço.

Ele urdiu fios de Ar para arrastar uma cadeira pelo carpete e se esparramou nela, as botas cruzadas na altura do tornozelo e um braço apoiado no espaldar baixo e entalhado. Quem acreditasse que estava relaxado seria um tolo. Sammael sempre gostara de ludibriar os inimigos, fazendo-os pensar que poderia ser apanhado de surpresa.

— Sobra mais para nós no Dia do Retorno. Ou você acha que ele poderia vencer Tarmon Gai'don, Lanfear? Mesmo que ele torne Asmodean mais forte, desta vez não terá os Cem Companheiros. Com ou sem Asmodean, o Grande Senhor fará a vida dele se apagar feito um sar-luz quebrado.

Lanfear lançou a ele um olhar carregado de desprezo.

— Quantos de nós ainda estarão vivos quando o Grande Senhor finalmente for libertado? Quatro já se foram. Será que você é o próximo na lista, Sammael? Talvez fosse até bom. Se o derrotasse, você finalmente poderia se livrar desta cicatriz. Mas não lembro... Quantas vezes você o enfrentou na Guerra do Poder? Venceu alguma? Não lembro mesmo. — Sem nenhuma pausa, Lanfear se voltou para Graendal. — Ou talvez seja você. Por algum motivo, ele reluta em machucar mulheres, mas acho que você não terá a escolha de Asmodean, já que não tem capacidade para ensinar a ele mais do que uma pedra ensinaria. A menos que ele decida mantê-la como animal de estimação. Seria uma grande mudança, não acha? Em vez de decidir qual de suas belezinhas lhe agrada mais, você poderia aprender a agradar.

O rosto de Graendal se contorceu, e Rahvin se preparou para se defender de qualquer investida que uma das duas pudesse fazer contra a outra, pronto para Viajar à menor ameaça de fogo devastador. Então sentiu Sammael acumulando Poder, e sentiu algo de diferente — algo que Sammael chamaria de aproveitar uma vantagem tática —, por isso se curvou para agarrar o braço do homem. Sammael o afastou com raiva, mas o momento passara. As duas mulheres já olhavam para eles, e não uma para a outra. Nenhuma tinha como saber o que quase acontecera, mas estava claro que houvera alguma discordância entre Rahvin e Sammael, e a suspeita iluminou os olhos delas.

— Quero ouvir o que Lanfear tem a dizer. — Rahvin não olhava para Sammael, mas se dirigia a ele. — Deve ter mais aí do que uma tentativa tola de nos assustar.

Sammael balançou a cabeça no que poderia ter sido um gesto de concordância ou de irritação. Foi o suficiente.

— Ah, tem sim, mas um sustinho não faz mal a ninguém. — Os olhos escuros de Lanfear ainda demonstravam desconfiança, mas a voz estava mais límpida do que água parada. — Ishamael tentou controlá-lo e fracassou, tentou matá-lo, no fim, e fracassou. Mas ele tentou usar a intimidação e o medo, e Rand al'Thor é imune a intimidações.

— Ishamael era mais do que meio louco — resmungou Sammael — e menos do que meio humano.

— É isso que somos? — Graendal arqueou uma sobrancelha. — Simples humanos? Tenho certeza de que somos mais que isso. Humano é isto aqui. — Ela bateu com o dedo na bochecha da mulher ajoelhada ao seu lado. — Vão ter que criar uma nova palavra para nos descrever.

— O que quer que sejamos — interrompeu Lanfear —, podemos triunfar onde Ishamael fracassou. — Ela se inclinou ligeiramente para a frente, como se quisesse empurrar as palavras para os demais. Era raro Lanfear demonstrar tensão. Por que agora?

— Por que só nós quatro? — questionou Rahvin. Seu próximo “por que” teria que esperar.

— Para que mais? — retrucou Lanfear. — Se conseguirmos colocar o Dragão Renascido de joelhos perante o Grande Senhor no Dia do Retorno, por que dividir a honra e as recompensas além do necessário? Talvez ele até já esteja acostumado a... como foi que você disse, Sammael? Matar os novinhos.

Era o tipo de resposta que Rahvin compreendia. Não que confiasse nela, claro, ou em qualquer um dos demais, mas de ambição ele entendia. Os Escolhidos haviam tramado galgar posições entre si desde o dia em que Lews Therin os aprisionara ao selar a prisão do Grande Senhor, e haviam recomeçado assim que foram libertados. Rahvin só precisava ter certeza de que o plano de Lanfear não comprometia os dele.

— Prossiga — disse a ela.

— Primeiro, existe outra pessoa tentando controlá-lo. Talvez para matar. Suspeito de Moghedien ou Demandred. Moghedien sempre tentou agir às escondidas, e Demandred sempre odiou Lews Therin. — Sammael sorriu, ou talvez tenha sido uma careta, mas seu ódio empalidecia diante do ódio de Demandred, ainda que fosse por uma causa maior.

— Como pode saber que não é um dos que estão aqui? — indagou Graendal, casualmente.

O sorriso de Lanfear expôs tantos dentes quanto o da outra mulher, e a mesma frieza.

— Porque vocês três preferem construir os próprios nichos e garantir seu poder, enquanto o resto vive se enfrentando. E por outros motivos. Eu disse que vigio Rand al'Thor de perto.

O que ela dissera sobre os três era verdade. O próprio Rahvin preferia a diplomacia e a manipulação ao conflito aberto, embora não se esquivasse da luta, caso fosse necessária. Sammael sempre escolhera exércitos e conquistas, e jamais chegaria perto de Lews Therin, mesmo renascido como um pastor, até ter certeza da vitória. Graendal também almejava conquistas, apesar de seus métodos não envolverem soldados. Como se preocupava demais com seus brinquedos, se movia devagar e com cautela. Agia abertamente, até porque os Escolhidos apreciavam isso, mas nunca dava um passo maior do que a perna.

— Vocês sabem que posso ficar de olho nele sem ser vista — continuou Lanfear —, mas os três precisam ficar longe, ou correm o risco de ser detectados. Precisamos atraí-lo de volta...

Graendal inclinou-se para a frente, interessada, e Sammael começou a balançar a cabeça em concordância à medida que Lanfear prosseguia. Rahvin escondeu sua opinião. Talvez o plano funcionasse. Se não... Se não, ele via várias maneiras de moldar os acontecimentos em seu proveito. Sim, aquilo poderia funcionar muito bem.







AVIVANDO AS CENTELHAS

A Roda do Tempo gira, e Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que lhes deu origem retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu na grande selva chamada de Floresta de Braem. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

Seco, ele soprava a sul e a oeste sob um sol de ouro fundido. Fazia longas semanas que a terra não via chuva, e o calor do fim do verão aumentava a cada dia. Folhas marrons precoces pontuavam algumas árvores, e pedras nuas assavam onde outrora pequenos riachos haviam corrido. Em um descampado de onde a grama sumira e apenas arbustos fracos e ressecados prendiam suas raízes ao solo, o vento começou a desenterrar pedras há muito escondidas. Estavam surradas e desgastadas, e nenhum olho humano as teria reconhecido como as ruínas de uma cidade lembrada em histórias, mas já esquecida fora delas.

Havia aldeias dispersas no caminho antes de o vento cruzar a fronteira de Andor, bem como campos onde fazendeiros aflitos enfrentavam penosamente os sulcos áridos. Fazia tempo que a floresta fora reduzida a matagais quando o vento varreu a poeira ao longo da única rua de uma aldeia chamada Fontes de Kore. Naquele verão, as nascentes começavam a minguar. Alguns cães estavam deitados, ofegantes, no calor, e dois garotos corriam sem camisa, golpeando uma bexiga empalhada com pedaços de pau, fazendo-a rolar pelo chão. Nada mais se movia, exceto o vento, a poeira e a placa que rangia acima da porta da estalagem de tijolos vermelhos e telhado de palha, como todas as outras

construções ao longo da rua. Com seus dois andares, era a maior e mais alta estrutura de Fontes de Kore, uma cidadezinha ordeira e arrumada. Os cavalos encilhados amarrados à frente da estalagem mal abanavam as caudas. No entalhe da placa na porta, lia-se “A Justiça da Boa Rainha”.

Piscando para afastar a poeira, Min mantinha o olho colado à fresta da grossa parede do celeiro. Só conseguia enxergar um dos ombros do guarda à porta, mas toda a sua atenção estava voltada para a estalagem mais adiante. Min gostaria que o nome do local não fosse tão ameaçadoramente adequado. O juiz da aldeia, o lorde local, parecia ter chegado algum tempo antes, mas ela não conseguia vê-lo. Com certeza ele agora estava ouvindo as acusações do fazendeiro; Admer Nen, assim como seus irmãos, primos e as esposas de todos eles, pareciam a favor do enforcamento imediato, até que um dos empregados do lorde aparecera. Min se perguntava qual seria a pena daquela vila para alguém que incendiaria o celeiro de um homem, e com as vacas leiteiras dentro. Fora sem querer, claro, mas ela não acreditava que isso contaria muito, já que tudo começara com uma invasão.

Na confusão, Logain acabara escapando e abandonando-as — típico dele, que o queime! —, e ela não sabia se deveria ficar feliz com aquilo ou não. Ele derrubara Nen quando o grupo fora descoberto, pouco antes do amanhecer, fazendo a lamparina do homem voar pelos ares e cair no meio da palha. Se havia um culpado, era Logain. E às vezes ele tinha dificuldade em ficar de boca fechada. Talvez fosse mesmo melhor ele ter partido.

Girando para se recostar contra a parede, Min limpou o suor da testa, que logo tornou a ficar molhada. O interior do celeiro era sufocante, mas suas duas companheiras nem pareciam se dar conta disso. Suan estava deitada de costas e usava um vestido de cavalgada de lã escura, parecido com o de Min. Tinha o olhar fixo no teto do celeiro e, com uma palhinha, cutucava o queixo despreocupadamente. Com a pele acobreada, tão alta quanto a maioria dos homens, a longilínea Leane estava sentada de pernas cruzadas enquanto trabalhava com agulha e linha em seu vestidinho bege. Após terem sido revistas em busca de espadas, machados ou quaisquer objetos que as ajudassem a escapar, tiveram permissão para ficar com os alforjes.

— Qual é a pena por incendiar um celeiro em Andor? — perguntou Min.

— Se tivermos sorte — respondeu Suan, sem se mexer —, ficaremos amarradas na praça da aldeia. Com menos sorte, seremos açoitadas.

— Pela Luz! — ofegou Min. — Como pode chamar isso de sorte?

Suan rolou para ficar de lado e se apoiou no cotovelo. Era uma mulher forte e muito bonita que aparentava ser pouco mais velha que Min. No entanto, seus penetrantes olhos azuis tinham uma presença tão marcante que não combinavam com uma juvenzinha aguardando julgamento em um celeiro. Às vezes, Suan era tão descuidada com as palavras quanto Logain, ou pior.

— Depois que nos desamarrarem — disse ela com tom de quem não suporta asneiras e tolices —, o problema vai ter acabado, e estaremos livres. Vamos ter desperdiçado menos tempo do que com qualquer outra pena que me venha à cabeça. Consideravelmente menos, digamos, do que com um enforcamento, apesar de eu achar, pelo que conheço das leis de Andor, que não vai chegar a tanto.

Min soltou uma risada curta e ofegante. Era rir ou chorar.

— Tempo? Do jeito que a coisa vai, o que não nos falta é tempo. Eu poderia jurar que já passamos por todas as aldeias entre aqui e Tar Valon e não encontramos nada. Nem um sinal, nem um murmúrio. Acho que nem *existe* reunião alguma. Além disso, agora estamos a pé. Pelo que ouvi, Logain levou os cavalos. Apé e trancadas em um celeiro, esperando sabe a Luz o quê!

— Cuidado com esses nomes — sussurrou Suan com firmeza, lançando um olhar contudente para a pesada porta com o guarda do outro lado. Dê muito com a língua nos dentes e pode acabar caindo em mais redes do que os peixes.

Min fez uma careta, em parte por já estar ficando cansada de Suan e seus ditados tairenos de pescador, mas também porque a mulher tinha razão. Até aquele momento, tinham se mantido à frente de qualquer rumor estranho — “fatal” talvez fosse uma palavra mais apropriada —, mas algumas notícias percorriam grandes distâncias em um só dia. Suan estava viajando como Mara; Leane, como Amaena; e Logain passara a se chamar Dalyn tão logo Suan o convencera de que Guaire era um nome estúpido. Min ainda achava que ninguém reconheceria sua identidade, mas Suan insistia em chamá-la de Serenla. Nem mesmo Logain sabia quais eram seus nomes verdadeiros.

O grande problema era que Suan não desistiria. Semanas de fracasso retumbante, então aquilo. Mesmo assim, a simples menção de rumar para Tear, o que era uma ideia razoável, provocava uma tempestade que fazia até Logain se retrair. Quanto mais procuravam em vão o que Suan buscava, mais temperamental a mulher se tornava. *Não que o gênio dela já não fosse difícil antes*. Min foi esperta o bastante para guardar o pensamento para si.

Leane finalmente terminou de trabalhar em seu vestido e o colocou no corpo, flexionando os braços para trás para dar conta de abotoá-lo. Min não entendia o motivo de tanto trabalho, até porque detestava qualquer ofício que envolvesse agulhas. O decote estava ligeiramente mais cavado, revelando um pouco mais de busto, e o vestido parecia mais justo nos seios e talvez em torno do quadril. Mas tanto trabalho para quê? Naquele celeiro infernal, ninguém a tiraria para dançar.

Revirando os alforjes de Min, Leane desenterrou a caixa de madeira com tintas, pós e outras quinquilharias que Laras a obrigara a levar, antes de partirem. A intenção de Min era jogar tudo fora, mas, por algum motivo, ainda não o fizera. Havia um espelhinho na parte interna da tampa da caixa, e Leane

começou a se maquiar usando os pincezinhos de pele de coelho. Ela nunca tinha demonstrado o menor interesse em qualquer daqueles objetos, mas parecia contrariada por só haver uma escova de madeira e um pequeno pente de marfim para os cabelos. Chegou ao ponto de resmungar por não ter como aquecer o ferro de cachear! Desde que haviam iniciado a busca de Suan, seu cabelo escuro crescera, mas ainda estava bem acima dos ombros.

Após assistir àquilo por um tempo, Min perguntou:

— O que está aprontando, Le... Amaena? — Ela evitou olhar para Suan. Min *conseguia* segurar a língua. Só estava confinada e sendo assada viva, isso sem falar na cereja do bolo: o julgamento. Enforcadas ou amarradas em praça pública. Que escolha! — Decidiu flertar com alguém?

Como Leane era toda trabalho e eficiência, a intenção era fazer uma piada, algo para deixar o clima mais leve, mas a mulher a surpreendeu.

— Isso — respondeu Leane, animada, arregalando os olhos para o espelho enquanto, com cuidado, fazia algo com os cílios. — E se eu flertar com o homem certo, talvez não precisemos nos preocupar com açoitamentos ou coisa do tipo. No mínimo, posso conseguir penas mais brandas para nós.

Com a mão a meio caminho de voltar a enxugar o rosto, Min se espantou — era como uma coruja anunciando sua intenção de virar beija-flor —, mas Suan simplesmente se sentou para encarar Leane nos olhos.

— De onde saiu essa ideia?

Se Suan lhe lançasse um olhar daqueles, Min suspeitava que confessaria coisas de que até já se esquecera. Quando Suan enquadrava alguém daquela maneira, a pessoa se pegava fazendo reverências e correndo para obedecer sem nem se dar conta. Até com Logain, na maioria das vezes, era assim — exceto na reverência.

Com calma, Leane passou um pincel ao longo das maçãs do rosto e examinou o resultado no espelhinho. Chegou a olhar para Suan, mas, independentemente do que viu, respondeu no mesmo tom seco com que sempre falava:

— Minha mãe era mercadora, vendia principalmente madeira e peles. Uma vez, eu a vi confundir a cabeça de um lorde de Saldaea até ele consignar toda a sua extração anual de madeira por metade do preço que o homem queria, e duvido que tenha se dado conta do que tinha feito até já estar quase chegando em casa. Se é que se deu conta... Depois, ainda enviou de presente um bracelete de pedra da lua. Nós, domanesas, não merecemos toda a reputação que temos, porque a maior parte foi invenção de gente pedante, teimosa e fofoqueira, mas merecemos parte dela. Claro que minha mãe e minhas tias ensinaram tudo isso para mim e para as minhas irmãs e primas.

Baixando o olhar para si mesma, Leane balançou a cabeça e voltou a dar seu sermão, após um suspiro:

— E, sinto dizer, eu já tinha essa altura toda aos quatorze anos. Era só joelhos e cotovelos, parecia um potro que cresceu rápido demais. Eu mal tinha aprendido a atravessar uma sala sem tropeçar, quando percebi que... — ela respirou fundo — percebi que a vida me levaria a caminhos diferentes dos de uma mercadora. Agora, até isso ficou para trás. Finalmente vou pôr em prática tudo o que aprendi há tantos anos. Dadas as circunstâncias, não consigo pensar em um momento ou local melhor.

Síuan examinou-a atentamente por mais algum tempo.

— O motivo não é esse. Não é só isso. Desembuche.

Arremessando a escovinha para dentro da caixa, Leane se enfureceu.

— Não é só isso? Eu não sei qual é o motivo. Só sei que preciso de algo em minha vida para substituir... o que eu perdi. Você mesma disse que essa é a única chance de sobreviver. Vingança, para mim, não basta. Sei que sua causa é necessária, talvez até correta, mas, que a Luz me salve, também não é suficiente. Não consigo me envolver tanto quanto você. Talvez eu tenha entrado nessa tarde demais. Vou continuar do seu lado, mas isso não me basta.

A raiva foi passando enquanto ela tampava e guardava os potes e frascos, ainda que usasse mais força nos gestos do que seria necessária. A mulher exalava um levíssimo aroma de rosas.

— Sei que flertar não é algo para preencher um vazio, mas é o suficiente para acabar com um momento de tédio. Ser quem eu nasci para ser talvez já baste. Não sei. Essa ideia não é nova. Sempre quis ser como minha mãe e minhas tias. Às vezes, mesmo depois de adulta, eu fantasiava com isso.

A expressão de Leane se tornou pensativa, e os últimos objetos foram para a caixa com mais delicadeza.

— Talvez eu sempre tenha tido a sensação de que estava fingindo ser alguém que não sou, criando uma máscara que acabou adquirindo personalidade própria. Havia trabalho sério a ser feito, mais sério que o de comerciante, e quando eu percebi que poderia ter seguido outro caminho, essa máscara já estava presa demais para ser retirada. Bem, agora isso já passou e a máscara *está* saindo. Cheguei até a pensar em tentar com Logain, na semana passada, só para praticar. Mas *estou* destreinada demais, e acho que ele é o tipo de homem que escuta mais promessas do que foi sua intenção fazer, e que depois espera que elas sejam cumpridas. — Um sorrisinho brotou de repente em seus lábios. — Minha mãe sempre dizia que, se isso acontecesse, era um grave erro de cálculo, e que, se não houvesse saída, era preciso ou abandonar a dignidade e fugir, ou pagar o preço e aprender uma lição. — O sorriso ganhou ares de safadeza. — Minha tia Resara dizia que era melhor pagar o preço e aproveitar.

Min apenas balançava a cabeça. Era como se Leane tivesse se tornado outra mulher. Falando daquele jeito sobre...! Mesmo ouvindo, mal podia acreditar. Na verdade, Leane até parecia diferente. Mesmo após tanto trabalho com as

escovas, Min não conseguia identificar no rosto dela o menor sinal de tintas ou pós, mas os lábios pareciam mais cheios, as maçãs do rosto, mais altas, e os olhos, maiores. Em qualquer situação, ela era uma mulher mais do que bonita. Naquele momento, no entanto, sua beleza havia quintuplicado.

Siuân, porém, ainda não tinha terminado.

— E se esse lorde do interior for como Logain? — conjecturou delicadamente. — O que você vai fazer?

Ainda ajoelhada, Leane retesou as costas e engoliu em seco antes de responder, a voz perfeitamente equilibrada:

— Dadas as opções, o que você faria?

Ninguém nem piscou, e o silêncio se estendeu.

Antes que Siuân pudesse responder — se é que ela pretendia dar uma resposta; Min teria adorado ouvir —, a corrente e o cadeado rangeram do outro lado da porta.

As outras mulheres se ergueram devagar enquanto pegavam os alforjes e se punham calmamente a postos, mas Min levantou-se de um salto, desejando estar de posse ao menos de uma adaga. *Que coisa boba para se desejar*, pensou. *Só me encrencaria ainda mais. Não sou a maldita heroína de uma história. Mesmo que eu saltasse sobre o guarda...*

A porta se abriu, e um homem trajando um justilho de couro por cima da camisa preencheu toda a passagem. Não era um sujeito que pudesse ser atacado por uma jovem, mesmo que armada com uma adaga. Talvez nem com um machado. Largo era a palavra certa para descrevê-lo. E maciço. Os poucos cabelos que ainda lhe restavam eram quase todos brancos, mas sua figura era firme como um toco de carvalho.

— Hora de prestarem contas ao lorde, garotas — anunciou ele com rudeza. — Vão vir andando ou vamos ter que arrastar vocês feito sacas de grãos? Vocês vão vir comigo de um jeito ou de outro, mas, com este calor, eu preferia não ter que carregar ninguém.

Dando uma espiadela por trás dele, Min viu outros dois homens aguardando, ambos grisalhos e, se não tão grandes, igualmente fortes.

— Vamos andando — respondeu Siuân, seca.

— Ótimo. Então venham. Me acompanhem. Lorde Gareth não vai gostar de ficar esperando.

Apesar da promessa de que iriam andando, cada um dos homens tomou uma das garotas pelo braço com firmeza, e todos começaram a percorrer a poeirenta rua de terra. A mão do homem quase careca circundou o braço de Min feito uma algema. *Forte demais para eu pensar em sair correndo*, concluiu ela com amargura. A garota até considerou chutá-lo na canela para ver se isso o fazia afrouxar o aperto, mas o homem parecia tão sólido que ela suspeitou que a ideia só lhe renderia um dedão machucado e ser arrastada pelo resto do caminho.

Leane aparentava estar perdida em pensamentos. A mulher fazia gestos incompletos com a mão livre enquanto movia os lábios em silêncio, como se estivesse repassando o que pretendia dizer, mas toda hora balançava a cabeça e reiniciava o processo. Siuan também estava introspectiva, mas tinha uma expressão preocupada bem nítida, mordendo o lábio. Ela *nunca* demonstrava tanta falta de tranquilidade. Em resumo, as duas não colaboravam em nada para a confiança de Min.

O salão com teto em madeira trançada d'A Justiça da Boa Rainha colaborava ainda menos. Com cabelos compridos e finos e um machucado amarelado em torno do olho inchado, Admer Nen estava de pé a um lado, acompanhado de meia dúzia de irmãos e primos igualmente corpulentos, além de suas esposas, todos vestidos com os melhores casacos ou aventais. Os fazendeiros encaravam as três prisioneiras com um misto de raiva e satisfação que revirou o estômago de Min. Talvez os olhares das esposas fossem ainda piores, de puro ódio. As demais paredes estavam tomadas por seis fileiras de aldeões, todos paramentados para o trabalho que haviam interrompido para estar ali. O ferreiro ainda trajava o avental de couro, e várias mulheres tinham as mangas puxadas e os braços polvilhados de farinha. O local fervilhava com os murmúrios coletivos, tanto dos mais velhos quanto das poucas crianças, e os olhos de todos estavam tão avidamente concentrados nas três mulheres quanto os olhos da família Nen. Min imaginou que aquela devia ser a maior agitação que Fontes de Kore já testemunhara. Ela já havia visto uma multidão com aquele estado de espírito: em uma execução.

As mesas tinham sido removidas, exceto por uma única, que fora colocada à frente da comprida lareira de tijolinhos. Um homem troncudo, de rosto franco e espessos cabelos grisalhos estava sentado diante dos presentes. Ele usava um casaco de seda verde-escuro elegante e repousava as mãos entrelaçadas à frente do corpo, sobre a mesa. Uma mulher esguia, que aparentava ter a mesma idade, estava de pé ao lado e trajava um bonito vestido de lã cinza bordado com flores brancas em torno do pescoço. Era o lorde local, Min supunha, e sua esposa: a nobreza do interior, só um pouco mais bem informada sobre o mundo do que seus arrendatários e agricultores.

Os guardas posicionaram as três diante da mesa do lorde e se misturaram ao público. A mulher de cinza deu um passo à frente, cessando o burburinho.

— Que todos os aqui presentes acompanhem e ouçam bem — anunciou ela —, pois hoje a justiça será feita por Lorde Gareth Bryne. Prisioneiras, vocês foram convocadas para o julgamento de Lorde Bryne.

Então não se tratava da esposa do lorde, e sim de algum tipo de funcionária. Gareth Bryne? Até onde Min sabia, ele era Capitão-General da Guarda da Rainha, em Caemlyn. Isso se fosse o mesmo homem. Ela olhou para Siuan, mas

a mulher tinha os olhos fixos nas tábuas do assoalho. Quem quer que fosse, Bryne aparentava estar cansado.

— Vocês são acusadas — prosseguiu a mulher de cinza — de invasão noturna, incêndio criminoso, destruição de uma construção e todo o seu conteúdo, matança de uma valiosa criação de gado, ataque à pessoa de Admer Nen e roubo de uma bolsa que, supostamente, continha ouro e prata. Sabe-se que o ataque e o roubo foram obra de seu acompanhante, que escapou, mas vocês três, aos olhos da lei, são igualmente imputáveis.

Quando a mulher fez uma pausa para que tudo aquilo fosse devidamente assimilado, Min trocou olhares pesarosos com Leane. Claro que Logain tinha que ter piorado a situação com aquele roubo. Àquela altura, já devia estar na metade do caminho para Murandy, se não mais longe.

Após alguns instantes, a mulher recomeçou:

— Seus acusadores estão aqui para confrontá-las. — Ela gesticulou para a família Nen. — Admer Nen, você dará seu testemunho.

Em um misto de prepotência e timidez, o homem corpulento foi calmamente até a frente, alisando o casaco sobre a barriga, onde os botões de madeira esticavam o tecido, e passando as mãos nos cabelos ralos que viviam caindo no rosto.

— Como eu disse, Lorde Gareth, foi assim...

O fazendeiro fez um relato bastante franco sobre como os descobrira no estábulo e ordenara sua saída, ainda que tenha dito que Logain era um pouco mais alto do que de fato era, e tenha transformado o único soco desferido em uma luta na qual o fazendeiro o encarara de igual para igual. A lamparina caíra, o feno fora pelos ares, e o restante da família saíra correndo de dentro de casa enquanto o dia ainda nascia. Os prisioneiros tinham sido capturados, e o estábulo, destruído pelo fogo, e só então descobriu-se que a bolsa desaparecera da casa. Ele ignorou a parte da história em que um empregado de Lorde Bryne passou por lá no momento em que alguns integrantes da família traziam cordas e procuravam galhos de árvores.

Quando voltou a tocar no assunto da “luta”, que, desta vez, parecia estar ganhando, Bryne o interrompeu:

— Já chega, Mestre Nen. Pode voltar para o seu lugar.

Em vez disso, uma das mulheres da família Nen, de rosto redondo e com idade para ser esposa de Admer, se juntou a ele. Um rosto redondo feito uma frigideira ou uma pedra de rio, mas que não tinha nada de delicado. E ruborizado por algo mais que raiva.

— Chicoteie bem essas adúlteras, ouviu, Lorde Gareth? Chicoteie bem e arraste todas elas daqui até Jorhill!

— Ninguém lhe passou a palavra, Maigan — advertiu a esguia mulher de cinza. — Isto é um julgamento, não uma reunião peticionária. Você e Admer,

um passo atrás. Já. — Os dois obedeceram, Admer com um pouco mais de boa vontade que Maigan. A mulher de cinza virou-se para Min e suas companheiras. — Se desejarem dar seu testemunho em defesa ou mitigação, podem fazer isso agora. — Não havia compaixão nem sentimento algum em sua voz.

Min esperava que Siuan falasse — a antiga Amyrlin sempre assumia a liderança e tomava a palavra —, mas, desta vez, a mulher sequer se moveu ou ergueu os olhos. Foi Leane quem caminhou até a mesa com os olhos fixos no homem ali sentado.

Apesar de continuar absolutamente ereta, seu caminhar habitual — um trote gracioso, mas um trote — se tornara um deslizar, com apenas o vestígio de um balanço delicado. De alguma forma, os quadris e os seios saltaram mais aos olhos. Não que ela quisesse ostentá-los. Era o jeito como se movia que atraía a atenção.

— Milorde, somos três mulheres indefesas, refugiadas das tempestades que varrem o mundo. — O tom de voz habitualmente enérgico desaparecera, dando lugar a uma carícia suave e aveludada. Havia luz em seus olhos escuros, uma espécie de desafio ardente. — Perdidas e sem nenhum tostão, nos abrigamos no estábulo de Mestre Nen. Erramos, eu sei, mas estávamos com medo da noite. — Com um pequeno gesto, mãos parcialmente erguidas e pulsos voltados para Bryne, Leane, por um momento, aparentou estar absolutamente indefesa. Mas só por um momento. — O homem, Dalyn, era de fato um estranho para nós, alguém que nos ofereceu sua proteção. Nos dias de hoje, mulheres desacompanhadas precisam de um protetor, milorde, mas temo que nossa escolha tenha sido infeliz. — Ela arregalou os olhos e fez uma expressão de súplica que insinuava que talvez o lorde pudesse ser um protetor bem melhor. — Na verdade, foi ele quem atacou Mestre Nen, milorde. Nós teríamos fugido ou trabalhado para compensar a noite de hospedagem. — Caminhando até a lateral da mesa, ela se ajoelhou graciosamente ao lado da cadeira de Bryne. Com delicadeza, Leane pousou os dedos de uma das mãos no punho do Lorde, olhando-o nos olhos. Sua voz tremia um pouco, mas seu sorriso tímido era o bastante para acelerar o coração de qualquer homem. Era... sugestivo. — Milorde, somos culpadas de um crime menor, e não do quanto estamos sendo acusadas. Sujeitamo-nos à sua misericórdia. Eu lhe imploro, milorde, que tenha piedade de nós e nos proteja.

Por um longo instante, Bryne devolveu o olhar. Em seguida, pigarreando grosseiramente, afastou a cadeira, levantou-se e caminhou até a outra ponta da mesa. Ouvia-se um burburinho entre os aldeões e fazendeiros, os homens limpando a garganta como o Lorde fizera e as mulheres resmungando palavras inaudíveis. Bryne parou em frente a Min:

— Qual é o seu nome, garota?

— Min, milorde. — Ao notar o grunhido abafado de Suan, acrescentou: — Serenla Min. Mas todos me chamam de Serenla, milorde.

— Sua mãe deve ter tido uma premonição — murmurou ele, sorrindo. Bryne não fora o primeiro a reagir com simpatia ao nome dela. — Alguma afirmação a fazer, Serenla?

— Apenas que lamento muito, milorde. A culpa, de fato, não foi nossa. Dalyn é o culpado de tudo. Peço seu perdão, milorde.

Aquilo não parecia grande coisa em comparação às desculpas de Leane, até porque qualquer outra resposta seria insignificante perto da atuação dela, mas foi o melhor que Min pôde fazer. Sua boca estava tão seca quanto a rua lá fora. E se ele realmente decidisse enforcá-las?

Assentindo, Bryne foi até Suan, que ainda estudava o piso. Segurando o queixo dela, ergueu seu rosto até os olhos se encontrarem com os dele.

— E qual é o seu nome, garota?

Balançando a cabeça, Suan afastou o toque dele e deu um passo atrás.

— Mara, milorde — sussurrou. — Mara Tomanes.

Min deixou escapar um gemido baixo. Suan estava claramente assustada, mas, ao mesmo tempo, encarava o homem de modo desafiador. Min achou que tinha grandes chances de ela pedir ao lorde para libertá-las imediatamente. Ele perguntou se ela queria fazer alguma declaração, e Suan negou com outro sussurro vacilante, mas sempre encarando-o como se estivesse no comando. Ela podia estar controlando a língua, mas, decerto, não controlava os olhos.

Após um momento, Bryne se virou.

— Volte para seu lugar junto de suas amigas, garota — ordenou ele a Leane enquanto retornava à cadeira.

A antiga Curadora se juntou às outras duas com um olhar que não escondia a frustração, e com o que, vindo de qualquer outra, Min chamaria de um quê de petulância.

— Já tomei minha decisão — anunciou o Lorde para todos os presentes. — Os crimes são graves, e nada do que escutei altera os fatos. Se três homens invadem a casa de outro para roubar castiçais, e um deles ataca o proprietário, todos são igualmente culpados. Deve haver alguma indenização. Mestre Nen, custearei toda a reconstrução do estábulo e mais seis vacas leiteiras.

Os olhos do fazendeiro brilharam, e Bryne acrescentou:

— Caralin irá desembolsar o valor quando estiver satisfeita com os custos e preços. Soube que algumas de suas vacas estavam ficando sem leite.

A mulher esguia assentiu, satisfeita.

— Pela pancada na cabeça, concedo a você um marco de prata. Não reclame — advertiu com firmeza, quando Admer já se preparava para falar. — Maigan já lhe deu pancadas piores por exagerar na bebida. — As palavras foram recebidas com uma onda de gargalhadas. O olhar meio envergonhado de Nen

não as refutava, e o modo silencioso como Maigan encarou o marido só fez confirmá-las. — Também irei restituir a quantia roubada assim que Caralin se der por satisfeita com o valor que a bolsa continha. — O fazendeiro e a esposa pareciam igualmente desgostosos, mas se contiveram. Estava bem claro que o Lorde já dera aos dois tudo o que daria. Min começou a ter esperanças.

Apoiando os cotovelos na mesa, Bryne voltou a atenção para ela e as outras duas. Suas palavras lentas deram um nó no estômago de Min.

— Vocês três vão trabalhar para mim e receberão os honorários normais das tarefas que desempenharem, até minhas despesas serem reembolsadas. Não pensem que estou sendo leniente. Se fizerem um juramento que me satisfaça, não precisarão ser vigiadas e trabalharão na minha propriedade. Se não, trabalharão no campo, onde ficarão o tempo inteiro sob o olhar atento de alguém. Os honorários no campo são menores, mas a decisão é de vocês.

Min vasculhou freneticamente a cabeça em busca do juramento mais fraco que pudesse satisfazê-lo. Não gostava de descumprir sua palavra em nenhuma circunstância, mas pretendia dar no pé assim que tivesse oportunidade e não queria ficar com a consciência muito pesada pela quebra de um juramento.

Leane também parecia estar procurando uma saída, mas Siuan mal hesitou antes de se ajoelhar e entrelaçar as mãos à altura do coração. Os olhos dela pareciam fixos aos de Bryne, o ar desafiador em nada diminuído.

— Pela Luz e pela minha esperança na salvação e no renascimento, juro servi-lo no que me for exigido, pelo tempo que for, ou que a face do Criador se afaste de mim para sempre e as trevas consumam minha alma — pronunciou a mulher, em um sussurro ofegante, mas as palavras geraram um silêncio mórbido.

Não havia juramento mais profundo, exceto pelo proferido por uma mulher ao se tornar Aes Sedai, quando o Bastão dos Juramentos gravava nelas as palavras como se em sua própria carne.

Leane fitou Siuan e, logo depois, também se ajoelhou.

— Pela Luz e pela minha esperança na salvação e no renascimento...

Min tentou desesperadamente encontrar uma alternativa. Proferir um juramento inferior ao das outras significaria, certamente, os campos e a vigilância permanente, mas aquelas palavras... Pelo que aprendera, quebrá-lo não seria muito diferente de cometer um assassinato — talvez fosse tão ruim quanto. A questão é que *não havia* saída: era o juramento ou sabe-se lá quantos anos de trabalho no campo o dia inteiro, provavelmente passando a noite trancada. Deixando-se cair ao lado das outras duas, Min balbuciou as palavras, remoendo-se por dentro. *Siuan, sua idiota! No que você foi me meter? Eu não posso ficar aqui! Preciso ir atrás de Rand! Ah, Luz, me ajude!*

— Bem — ofegou Bryne quando a última palavra foi dita —, eu não esperava tanto. Mas estou satisfeito. Caralin, leve Mestre Nen para algum outro

aposento e descubra de quanto ele acredita que foram as perdas. E também dispense os demais, menos essas três. Tome as providências para o transporte delas até a propriedade. Dadas as circunstâncias, não creio que vamos precisar de guardas.

A mulher esguia lançou a ele um olhar cansado, mas logo ordenou a saída de todos. A multidão foi se acotovelando para sair. Admer Nen e seus parentes homens ficaram por perto, o rosto do fazendeiro especialmente tingido de avareza. As mulheres Nen tinham expressões quase tão gananciosas quanto a dos homens, mas ainda conseguiram reservar alguns olhares de condenação para Min e as outras, que permaneciam de joelhos enquanto o local se esvaziava. Min, pessoalmente, achava que suas pernas não dariam conta de sustentá-la, e as mesmas frases se repetiam incessantemente em seu pensamento: *Ah, Sivan, por quê? Eu não posso ficar aqui. Não posso!*

— Já tivemos alguns refugiados por aqui — comentou Bryne quando o último aldeão já havia saído. O homem reclinou-se na cadeira, estudando-as. — Mas nunca um trio tão incomum quanto vocês. Uma domanesa. Uma tairena? — Sivan assentiu brevemente. Ela e Leane se levantaram, a mulher esbelta e de pele acobreada esfregando os joelhos com delicadeza, enquanto Sivan simplesmente se punha de pé. Min, com as pernas trêmulas, deu um jeito de se juntar às duas. — E você, Serenla... — Outra vez, o mais tímido dos sorrisos brotou quando ele pronunciou aquele nome. — A menos que eu esteja confundindo o sotaque, você é de algum lugar a oeste de Andor.

— Baerlon — murmurou ela, arrependendo-se tarde demais. Alguém podia saber que Min era de Baerlon.

— Nunca ouvi falar de refugiados do oeste — ponderou o homem em tom questionador. Como ela ficou calada, ele não a pressionou. — Depois que tiverem pago a dívida, serão bem-vindas para permanecerem trabalhando para mim. A vida pode ser bem difícil para os que perderam seus lares, e até um catre de empregada é melhor do que dormir sob um arbusto qualquer.

— Obrigada, milorde — agradeceu Leane carinhosamente, fazendo uma reverência tão graciosa que, mesmo trajando o grosseiro vestido de cavalgada, parecia estar dançando. O agradecimento de Min foi mais duro, ela não confiava nos joelhos para fazer uma reverência. Já Sivan simplesmente se manteve de pé, encarándo o homem sem dizer nada.

— Pena que o companheiro de vocês levou os cavalos. Quatro animais reduziriam bastante a dívida.

— Ele era um estranho, e um vagabundo — corrigiu Leane com uma voz apropriada para dizer coisas bem mais íntimas. — Eu, pelo menos, estou felicíssima por trocar a proteção dele pela sua, milorde.

Bryne encarou-a — com apreço, Min pensou —, mas tudo o que disse foi:

— Pelo menos vocês estarão seguras na propriedade, longe dos Nen.

Ninguém comentou a afirmação. Min supunha que esfregar o chão na propriedade de Bryne não seria muito diferente de esfregar o chão na fazenda dos Nen. *Como é que eu saio dessa? Como, Luz?*

O silêncio se prolongou, tirando apenas o tamborilar dos dedos de Bryne na mesa. Min poderia até pensar que ele não sabia mais o que dizer, mas tinha a impressão de que aquele homem jamais ficava desprevenido. Era mais provável que estivesse irritado com o fato de apenas Leane estar demonstrando gratidão. Imaginou que ele estivesse pensando que a sentença poderia ter sido bem pior. Talvez os olhares calorosos e o tom de voz carinhoso até tivessem funcionado, mas Min se viu desejando que a mulher tivesse se comportado como sempre. Ficar pendurada pelos pulsos na praça da aldeia seria melhor que aquilo.

Caralin finalmente retornou, resmungando para si mesma. Ao se reportar para Bryne, soou irritadiça.

— Levará dias até conseguirmos respostas convincentes daqueles Nen, Lorde Gareth. Se eu deixasse, Admer teria cinco estábulos novos e cinquenta vacas. Pelo menos acredito que realmente existia uma bolsa, mas quanto à quantia que havia dentro... — Ela balançou a cabeça e suspirou. — Bem, vou acabar descobrindo. Caso tenha acabado, Joni está pronto para levar as garotas à propriedade.

— Pode levá-las, Caralin — autorizou Bryne, levantando-se. — Assim que tiver enviado as três, me encontre na olaria. — Ele voltou a soar cansado. — Thad Haren diz que precisa de mais água para continuar fazendo tijolos, e só a Luz sabe onde vou arrumar. — O Lorde deixou o local como se já tivesse esquecido as três garotas que haviam acabado de jurar servi-lo.

Joni era o homem largo e meio careca que fora buscá-las no celeiro, e que, àquela altura, esperava por elas na porta da estalagem ao lado de uma carroça com rodas grandes, coberta por uma tela redonda e puxada por um cavalo marrom bem magro. Alguns aldeões tinham ficado por ali para acompanhar a partida das mulheres, mas a maior parte parecia ter voltado para as casas, fugindo do calor. Gareth Bryne já ia bem longe pela rua de terra.

— Joni levará vocês em segurança até a propriedade — informou Caralin. — Sigam as ordens, e não acharão a vida muito difícil. — Por um momento, Caralin encarou as três, seus olhos escuros quase tão penetrantes quanto os de Siuan. Então assentiu, como se estivesse satisfeita, e apressou-se atrás de Bryne.

Na parte de trás da carroça, Joni abriu as cortinas para as mulheres, mas as deixou subir sozinhas e tomar seus assentos nos bancos do veículo. Além da pesada cobertura, que retinha o calor, só havia um pouco de palha servindo de estofamento. O homem não disse uma só palavra. A carroça balançou enquanto ele tomava o assento do condutor, do lado de fora da cobertura. Min ouviu quando Joni estalou a língua para o cavalo, fazendo o veículo partir, as rodas rangendo levemente e dando solavancos em um ou outro buraco.

A fresta na cobertura era suficiente para Min espiar a aldeia ficando para trás e desaparecendo, substituída ora por longos matagais, ora por campos cercados. Sentia-se atordoada demais para falar. A grande causa de Suan acabou se transformando em esfregar panelas e assoalhos. Min jamais deveria tê-la ajudado ou ficado ao lado dela. Na primeira oportunidade, deveria ter partido para Tear.

— Bem — disse Leane, de repente —, acabou não sendo tão ruim.

Seu tom de voz enérgico retornara, mas agora acompanhado de bochechas coradas de entusiasmo. Entusiasmo!

— Poderia ter sido melhor, mas a prática vai cuidar disso. — Seu riso abafado soou um tanto animado. — Eu nunca tinha me dado conta de como seria divertido. Quando senti o pulso dele acelerar... — Por um instante, estendeu a mão como fizera ao tocar o punho de Bryne. — Acho que nunca me senti tão viva, tão desperta. Tia Resara dizia que a falcoaria com homens é mais divertida que com falcões, mas só entendi isso hoje.

Lutando para manter o equilíbrio no balançar da carroça, Min arregalou os olhos na direção dela.

— Você ficou doida? Quantos anos vamos perder com o juramento? Dois? Cinco? Suponho que tenha esperança de que Bryne vá passar esse tempo todo com você no colo, sendo mimada! Bem, tomara que ele deixe você cair no chão. E todo dia!

A expressão de espanto no rosto de Leane não melhorou em nada o humor de Min. Ela esperava que Min encarasse aquilo com a mesma calma? Mas não era de Leane que estava mesmo com raiva. Ela se virou para encarar Suan.

— E você?! Quando decide se render, não se contém! Você se entrega feito uma ovelhinha no abatedouro. Por que escolheu justo *aquele* juramento? Por quê, pela Luz?

— Porque — respondeu Suan — era o único que garantiria que ele não mandaria ninguém ficar nos vigiando dia e noite, dentro ou fora da propriedade. — Ela soou como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo, enquanto se esticava quase inteiramente nas tábuas ásperas da carroça. E Leane parecia concordar.

— Você pretende quebrá-lo? — questionou Min após alguns instantes. A pergunta saiu como um sussurro surpreso, mas, ainda assim, ela olhou com preocupação as cortinas de tela que as separavam de Joni. Min não achava que o condutor tivesse escutado.

— Pretendo fazer o necessário — respondeu Suan com um misto de firmeza e delicadeza. — Em dois ou três dias, quando eu tiver certeza de que realmente não há ninguém nos vigiando, nós vamos embora. Receio que tenhamos que pegar cavalos, já que não temos mais os nossos. Bryne deve ter boas estrebarias. Vou acabar me arrependendo disso.

Leane continuava sentada feito uma gata com os bigodes sujos de leite. Devia ter percebido o plano desde o início. Por isso não hesitara na hora do juramento.

— Vai se arrepender de roubar cavalos? — perguntou Min, mantendo a voz baixa. — Vocês planejam quebrar um juramento que só um Amigo das Trevas quebraria, e vão se arrepender de roubar cavalos? Não consigo acreditar em vocês. Não *conheço* vocês.

— Você realmente pretende ficar aqui esfregando panelas? — perguntou Leane, falando tão baixo quanto as outras. — Com Rand à solta por aí com seu coração no bolso?

Min a encarou em silêncio. Gostaria que as duas jamais tivessem ficado sabendo que ela estava apaixonada por Rand al'Thor. Por vezes, desejava que nem ela própria soubesse. Um homem que mal sabia da existência dela, e um homem como aquele. O que ele era já não parecia tão importante quanto o fato de que nunca prestara atenção em Min. Mas, na verdade, eram duas partes do mesmo problema. Queria afirmar que manteria o juramento e esqueceria Rand pelo tempo que fosse necessário para trabalhar e saldar sua dívida. No entanto, não conseguiu abrir a boca. *Que o queime! Se eu não tivesse conhecido Rand, não estaria nesta enrascada!*

Quando o silêncio entre elas havia se estendido demais para o gosto de Min, interrompido apenas pelo rangido ritmado das rodas e a delicada batida das patas do cavalo, Sivan falou:

— Pretendo cumprir o que prometi, mas só quando tiver terminado o que *preciso* fazer. Não jurei que o serviria imediatamente. Para ser bem justa, tive o cuidado de nem sugerir isso. Uma minúcia, eu reconheço, e algo de que Gareth Bryne não vai gostar, mas é verdade.

Impressionada, Min se curvou e se deixou sacudir pelo lento movimento da carroça.

— Vocês pretendem fugir e voltar alguns anos depois para se entregar a Bryne? Ele vai vender o couro das duas em um curtume. O *nosso* couro.

Ao dizer isso, ela se deu conta de que apoiara a solução de Sivan. Fugir, depois voltar e... *Não posso! Eu amo Rand. E ele nem notaria se Gareth Bryne me obrigasse a trabalhar em suas cozinhas pelo resto da vida!*

— Não é um homem que se deva contrariar, concordo — suspirou Sivan. — Eu já tinha me encontrado com ele antes. Fiquei aterrorizada pela ideia de ele reconhecer minha voz hoje. Rostos até mudam, mas vozes, não. — Sivan tocou o próprio rosto de maneira pensativa, como às vezes fazia, parecendo não se dar conta do gesto. — Rostos mudam... — murmurou. Então seu tom de voz ficou mais firme. — Já paguei preços altos por coisas que precisei fazer, e vou pagar mais este. Um dia. Entre se afogar e cavalgar um peixe-leão, melhor cavalgar e torcer para dar certo. Simples assim, Serenla.

— Trabalhar como serviçal está bem distante do futuro que eu escolheria — opinou Leane —, mas *vai ficar* para o futuro, e ninguém sabe o que pode acontecer até lá. Ainda me lembro muito bem de quando eu achava que nem teria futuro. — Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios, seus olhos semicerrados, sonhadores, e sua voz se aveludou. — Além do quê, não acho que ele vá vender nosso couro. Me deem alguns anos de prática, depois alguns minutos com Lorde Gareth Bryne, e ele nos receberá de braços abertos e ainda vai nos alojar nos melhores quartos. Seremos embelezadas com sedas e teremos a carruagem dele à disposição para nos levar aonde quisermos.

Min a deixou ficar envolta naquela fantasia. Por vezes, pensava que as outras duas viviam no mundo da lua. Outra questão lhe veio à mente. Era bobagem, mas estava começando a irritá-la.

— Ah, Mara, me diga uma coisa: notei que algumas pessoas sorriem quando você me chama pelo meu nome, Serenla. Bryne sorriu e disse algo sobre minha mãe ter tido uma premonição. Por quê?

— Na Língua Antiga — explicou Suan —, seu nome significa “filha teimosa”. E você realmente teve um rompante de teimosia quando nos conhecemos. Fiz bom uso do meu conhecimento ao escolher o nome. — Suan tinha coragem de dizer aquilo? Suan, a mulher mais teimosa do mundo?! O sorriso dela ia de orelha a orelha. — Claro que você parece estar melhorando. Na próxima aldeia, seu nome poderia ser Chalinda. Significa “garota doce”. Ou talvez...

De repente, a carroça sacudiu mais forte e ganhou velocidade, como se o cavalo tivesse começado a galopar. Esbarrando uma na outra feito grãos em uma peneira, as três se encararam, surpresas. Então Suan buscou apoio para se levantar e puxou a tela que as separava do condutor. Joni desaparecera. Lançando-se por cima do assento de madeira, a mulher assumiu as rédeas e deu um puxão, forçando o cavalo a parar. Min abriu a cortina traseira e olhou ao redor.

O trecho de estrada em que estavam cruzava um matagal, praticamente uma pequena floresta de carvalhos, olmos, pinheiros e folhas-de-couro. A poeira da súbita corrida da carroça ainda se assentava, parte dela sobre Joni, cujo corpo estava esparramado umas sessenta passadas atrás, ao lado da estrada de terra bem dura.

Instintivamente, Min saltou, saiu em disparada e se ajoelhou ao lado do corpulento condutor. O homem ainda respirava, mas os olhos estavam fechados e, na lateral da cabeça, havia um corte com bastante sangue em uma protuberância arroxeadas.

Leane afastou Min e examinou a cabeça de Joni com dedos hábeis.

— Ele vai sobreviver — afirmou secamente. — Não parece ter nada quebrado, mas ele vai ter dores de cabeça por vários dias depois que acordar. —

Sentada nos calcanhares, ela entrelaçou as mãos, e sua voz se entristeceu. — Seja como for, não há nada que eu possa fazer por ele. Que me queime, prometi a mim mesma que não lamentaria mais por isso.

— A questão... — Min engoliu em seco e recomeçou. — A questão é: colocamos o homem na carroça e o levamos à propriedade ou... fugimos?

Pela Luz, sou igualzinha a Sivan!

— Podemos levá-lo só até a próxima fazenda — sugeriu Leane.

Sivan foi até elas, puxando as rédeas como se temesse que o plácido animal pudesse mordê-la. Ao dar uma olhada para o homem no chão, franziu a testa.

— Ele jamais imaginou que cairia da carroça. Não estou vendo nenhuma pedra ou raiz que possa ter causado a queda. — Quando a mulher começou a examinar a vegetação do entorno, um homem montado em um imponente garanhão negro surgiu de trás das árvores conduzindo três éguas, uma delas desgrehada e duas mãos menor que as outras duas.

Era um homem alto, trajando um manto de seda azul com uma espada na lateral, cabelos que ondulavam na altura dos ombros largos, e dono de uma beleza soturna, apesar da expressão endurecida, como se os infortúnios o tivessem marcado profundamente. E era o último homem que Min esperava ver.

— Isto é obra sua? — perguntou Sivan.

Parando o cavalo ao lado da carroça, Logain sorriu, embora não houvesse muito prazer no gesto.

— Estilingues são armas úteis, Mara. Vocês têm sorte de eu estar aqui. Pensei que só deixariam a aldeia daqui a algumas horas, e que sairiam andando com dificuldade. Parece que o lorde local foi indulgente. — De repente, seu rosto ficou ainda mais sombrio, e a voz, dura feito pedra. — Acharam que eu iria abandoná-las à própria sorte? Talvez devesse. Você me fez promessas, Mara. Quero a vingança que me prometeu. Acompanhei você nesta busca, mesmo sem saber seus motivos, por quase metade do caminho até o Mar das Tempestades. Não lhe fiz perguntas sobre como pretende me dar o que prometeu, mas agora vou ser mais direto: seu tempo está se esgotando. Termine logo sua busca e cumpra as promessas, ou vou abandoná-la para que se vire sozinha. Você vai perceber bem rápido que a maior parte das aldeias é bem pouco simpática a estranhos sem dinheiro. Três mulheres bonitas sozinhas? Isso aqui — Logain tocou a espada em sua cintura — as manteve vivas mais vezes do que imaginam. Encontre logo o que está procurando, Mara.

Ele não fora tão arrogante no começo daquela jornada. Naquela época, ficara humildemente agradecido pela ajuda *delas* — tão humilde quanto um homem como Logain podia ser, pelo menos. Parecia que o tempo e a falta de resultados haviam murchado sua gratidão.

Sivan não se curvou ao olhar dele.

— Espero encontrar logo — afirmou ela, convicta. — Mas, caso queira ir, deixe nossos cavalos e vá! Se não quer remar, abandone o barco e trate de ir nadando sozinho! Experimente ver até onde vai, movido apenas pela sua vingança.

As mãos grandes de Logain apertaram tanto as rédeas que Min ouviu as articulações estalarem. Ele tremia, as emoções em xequê.

— Vou ficar um pouco mais, Mara — respondeu ele, por fim. — Só um pouquinho mais.

Por um instante, aos olhos de Min, uma auréola brilhou em torno da cabeça de Logain, uma coroa radiante azul e dourada. Suan e Leane não viram nada, claro, embora soubessem da habilidade de Min. Às vezes, ela via coisas a respeito de algumas pessoas — visões, como chamava. Eram imagens ou auras. Em certas situações, Min entendia o que significavam: aquela mulher vai se casar, aquele homem vai morrer. Pequenas questões ou grandes eventos, felizes ou sombrios, sem quê nem por quê, sem quem nem quando nem onde. Aos Sedai e Guardiões sempre tinham auras, mas a maioria das pessoas, não. Ter aquelas visões nem sempre era agradável.

Min já vira a auréola de Logain e sabia o que significava: glórias futuras. Mas não fazia o menor sentido prever aquilo para ele, talvez ainda menos do que para qualquer homem. Seu cavalo, sua espada e seu manto tinham sido conseguidos em jogos de dados, embora Min não estivesse certa de que haviam sido completamente honestos. Fora as promessas de Suan, ele não tinha mais nada, nenhuma outra perspectiva. E como Suan poderia cumprir sua palavra? A simples menção do nome dele provavelmente resultaria em uma sentença de morte. Não fazia mesmo sentido.

O humor de Logain melhorou tão rápido quanto havia piorado. Puxando uma gorda bolsa de lã do cinto, chacoalhou-a na direção das mulheres.

— Consegui algumas moedas. Não vamos precisar dormir em outro estábulo por algum tempo.

— Ficamos sabendo — retrucou Suan, seca. — Suponho que eu não deveria ter esperado nada melhor de você.

— Encare isso como uma contribuição para a sua busca. — Ela esticou a mão, mas Logain amarrou a bolsa de volta ao cinto com um sorriso ligeiramente zombeteiro. — Eu não gostaria de macular sua mão com moedas roubadas, Mara. Além disso, talvez seja uma maneira de garantir que *você* não vai partir e *me* largar aqui. — Suan parecia capaz de partir um prego ao meio com os dentes, mas não falou nada. De pé nos estribos, Logain examinou a estrada na direção de Fontes de Kore. — Vejo um rebanho de ovelhas e dois garotos vindo em nossa direção. Hora de ir. Eles vão espalhar a notícia sobre o que aconteceu tão rápido quanto conseguirem correr. — Sentando-se de novo na sela, ele olhou para Joni, ainda deitado e inconsciente. — Os garotos vão providenciar socorro

para este sujeito. Acho que não acertei forte o bastante para machucar gravemente.

Min balançou a cabeça. Aquele homem não parava de surpreendê-la. Ela jamais imaginaria que Logain dedicaria um segundo sequer de atenção a um homem cuja cabeça ele acabara de quebrar.

Siuan e Leane não perderam tempo e se acomodaram nas selas de cepilho alto, Leane na égua cinzenta que chamava de Flor da Lua, e Siuan em Bela, a fêmea pequena e desgrenhada. Siuan, que de amazona não tinha nada, penou um pouco mais para ficar confortável e, após várias semanas de montaria, ainda tratava a mansa Bela como um temível animal de guerra. Por sua vez, Leane manejava Flor da Lua sem o menor esforço. Min sabia que estava em algum ponto intermediário, já que montara Rosa Selvagem, sua égua avermelhada, com graça consideravelmente maior que a de Siuan, porém menor que a de Leane.

— Acha que ele vai vir atrás da gente? — conjecturou Min enquanto o grupo começava a trotar rumo ao sul, afastando-se de Fontes de Kore. A pergunta fora dirigida a Siuan, mas foi Logain quem a respondeu.

— O Lorde? Duvido que considere vocês tão importantes assim. Ele pode mandar um emissário, claro, e certamente vai espalhar a descrição das três. Vamos cavalgar o máximo possível hoje e amanhã. — Parecia que Logain estava assumindo o comando.

— Não somos tão importantes assim — retrucou Siuan, balançando precariamente na sela. Ela podia até estar ressabiada com Bela, mas o olhar que dirigia às costas de Logain indicava que o desafio do homem à sua autoridade não duraria muito.

No que lhe cabia, Min torcia para que Bryne realmente não as considerasse importantes. O que era provável. Desde que jamais descobrisse seus nomes verdadeiros. Quando Logain acelerou o trote do garanhão, ela forçou Rosa Selvagem a acompanhar o ritmo e concentrou os pensamentos no que estava por vir, não no que ficara para trás.

* * *

Prendendo as luvas de couro no cinturão da espada, Gareth Bryne pegou o chapéu de veludo com aba dobrada que estava na escrivaninha. A peça era a última moda em Caemlyn. Caralin se certificara disso. Ele não ligava para moda, mas ela acreditava que Bryne deveria se vestir de acordo com sua posição, e o que a mulher separava para ele pela manhã eram sedas e veludos.

Conforme ajustava o chapéu de copa alta na cabeça, Bryne espiou seu reflexo sombreado em uma das janelas do gabinete. Fazia sentido que a peça fosse muito delicada e esvoaçante. Podia estreitar os olhos o quanto fosse, mas o

chapéu e o casaco cinza, com bordados prateados nas mangas e na gola, não se pareciam nem um pouco com o elmo e a armadura com que estava acostumado. Aquilo era coisa do passado. Já isto... isto era algo para preencher as horas vagas. Apenas isso.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Lorde Gareth?

Da janela, o homem se virou para o local onde estava Caralin, ao lado da própria escrivaninha, no extremo oposto da dele e tomada pelos livros de registro da propriedade. Ela administrara o patrimônio durante todos os anos em que o lorde estivera ausente e, sem dúvida, ainda se saía melhor que ele na função.

— Se tivesse decidido que elas iriam trabalhar para Admer Nen, como manda a lei — continuou ela —, nada disso seria problema seu.

— Mas minha decisão foi outra — respondeu Bryne. — E faria o mesmo, se tivesse que julgá-las outra vez. Você sabe tão bem quanto eu que Nen e todos os homens daquela família tentariam acuar aquelas garotas dia e noite. Além disso, Maigan e as outras transformariam a vida das três no Poço da Perdição, isso se as garotas não caíssem acidentalmente em um poço e se afogassem.

— Nem Maigan recorreria a um poço — opinou Caralin secamente. — Não com o tempo do jeito que está. Mesmo assim, entendo seu ponto, Lorde Gareth. Mas elas já tiveram a maior parte de um dia e uma noite inteira para fugir em qualquer direção. Se espalhar notícias sobre a fuga, o senhor vai encontrar as três logo. Isso se puderem ser localizadas.

— Thad consegue rastreá-las. — Com seus mais de setenta anos, Thad ainda conseguia seguir a trilha do vento do dia anterior sobre pedras nuas, e à luz do luar. E andava felicíssimo de passar a olaria ao filho.

— Se o senhor diz, Lorde Gareth. — A relação entre Caralin e Thad não era boa. — Bem, quando o senhor as trouxer de volta, com certeza tenho uso para elas na casa.

Alguma coisa no tom dela, algo muito natural, despertou a atenção de Bryne. Um toque de satisfação. Praticamente desde o dia em que ele chegara em casa, Caralin trouxera para a propriedade uma sucessão de belas criadas e camponesas, todas bastante dispostas a ajudar o Lorde a se esquecer de seus infortúnios.

— As três quebraram um juramento, Caralin. Temo que, para elas, só restem os campos.

Um aperto leve e exasperado dos lábios da mulher confirmou as suspeitas de Bryne, mas Caralin manteve o tom de voz indiferente.

— As outras duas, talvez, Lorde Gareth, mas a graciosidade da garota domanesa seria um desperdício nos campos. Ela ficaria ótima servindo à mesa. É uma jovem incrivelmente bonita. Em todo caso, será como o senhor ordenar, claro.

Então era aquela a escolhida de Caralin. Uma jovem incrivelmente bonita, de fato. Porém, estranhamente diferente das demais domanesas que Bryne já conhecera. Um pouco hesitante aqui, apressada demais ali. Como se estivesse testando seus talentos pela primeira vez. Isso era impossível, claro. As domanesas treinavam as filhas para fazer os homens comerem em suas mãos quase que desde o berço. Não que aquela garota não tivesse conseguido mexer com ele, admitia. Se Caralin a tivesse apresentado a ele misturada entre as camponesas... Incrivelmente bonita.

Sendo assim, por que não era o rosto dela que não parava de lhe vir à mente? Por que se via pensando em um par de olhos azuis? Ela o desafiara como se desejasse ter uma espada e, mesmo amedrontada, recusara-se a sucumbir ao medo. Mara Tomanes. O Lorde tivera certeza de que ela era do tipo que honraria a palavra, mesmo sem fazer juramentos.

— Vou trazê-la de volta — murmurou para si mesmo. — Vou descobrir por que ela quebrou o juramento.

— Como quiser, milorde — anuiu Caralin. — Pensei que ela daria uma boa camareira para o seu quarto. Sella está ficando um pouco velha para subir e descer as escadas para atendê-lo durante a noite.

Bryne piscou para ela. O quê? Ah, a garota domanesa. A tolice de Caralin o fez balançar a cabeça. Mas será que era menos tolo do que ela? Bryne era o lorde local e deveria permanecer ali para cuidar de seu povo. No entanto, Caralin fizera isso melhor do que ele durante todos os anos que passara fora. O Lorde entendia de campos, soldados e campanhas, e talvez soubesse um pouco sobre como se virar entre as intrigas da corte. A mulher estava certa. Ele deveria esquecer a espada e aquele chapéu idiota e deixar Caralin escrever as descrições das garotas e...

Em vez disso, Bryne disse:

— Tome cuidado com Admer Nen e sua família. Eles vão tentar enganar você o máximo que puderem.

— Como quiser, milorde. — As palavras dela foram impecavelmente respeitosas, mas o tom de voz dizia a ele para ir ensinar o avô a tosquiá ovelhas. Rindo sozinho, o homem saiu.

A sede da propriedade era pouco mais que uma casa de fazenda maior que o normal, com dois andares de tijolo e pedras sob um telhado de ardósia, e fora ampliada inúmeras vezes por várias gerações de Bryne. A Casa Bryne era proprietária daquelas terras — ou as terras eram donas dos Bryne — desde que Andor fora forjada a partir dos destroços do império de Artur Asa-de-gavião, mil anos antes. E, desde então, os Bryne haviam enviado seus filhos para lutar nas guerras andorianas. Ele não lutaria nenhuma outra guerra, mas era tarde demais para a Casa Bryne. Houvera guerras demais, batalhas demais, e ele era o último

da linhagem. Nenhuma esposa, filho ou filha. A linhagem se encerrava nele. Tudo chegava ao fim; a Roda do Tempo girava.

No pátio pavimentado com pedras bem à frente da sede da propriedade, vinte homens aguardavam ao lado de cavalos encilhados. Em sua maioria, homens mais grisalhos que Bryne, isso quando ainda tinham cabelos. Todos soldados experientes, antigos integrantes e líderes de esquadrões, além de porta-estandartes que haviam servido ao lado dele em um momento ou outro da carreira. Joni Shagrin, que fora Porta-Estandarte Sênior das Guardas, estava logo à frente com uma bandagem na cabeça, embora Bryne soubesse que as filhas dele haviam enviado os próprios filhos para substituí-lo com a intenção de mantê-lo em repouso. Joni era um dos poucos que tinha família, ali ou em qualquer outro local. A maioria escolhera vir e voltar a servir Gareth Bryne, em vez de gastar todo o dinheiro das pensões bebendo e contando histórias que só outro velho soldado gostaria de ouvir.

Todos carregavam espadas presas aos cinturões dos casacos, e alguns haviam se armado de compridas lanças com ponta de aço que, até aquela manhã, tinham passado muitos anos penduradas na parede. Todas as selas estavam equipadas com um cobertor enrolado, além de gordos alforjes, uma panela ou chaleira e bolsas cheias d'água. Parecia que o grupo estava partindo rumo a uma campanha, e não para uma viagem de uma semana em busca das três mulheres que haviam ateado fogo a um estábulo. Uma chance de reviver os velhos tempos, ou ao menos de fazer de conta.

Bryne se perguntou se era aquilo que o estava motivando. Ele certamente era velho demais para sair em cavalgada atrás dos lindos olhos de uma garota que tinha idade para ser sua filha. Talvez neta. *Não sou tão tolo assim*, disse a si mesmo, com firmeza. Caralin administraria melhor as coisas sem ele se intrometendo.

Um esguio baio castrado veio galopando em meio aos carvalhos que ladeavam o caminho para a estrada, e o cavaleiro que o conduzia saltou da sela antes de o animal parar totalmente. O homem se desequilibrou um pouco, mas ainda conseguiu pôr o punho sobre o coração, fazendo a devida saudação a Bryne. Barim Halle, que servira o Lorde anos antes como integrante sênior de esquadrão, era rijo e forte, e sua cabeça mais lembrava um ovo, com sobranças brancas que pareciam querer compensar a ausência de cabelo.

— O senhor foi chamado a Caemlyn outra vez, meu Capitão-General? — perguntou ele, ofegante.

— Não — respondeu Bryne, exageradamente incisivo. — Onde você estava com a cabeça ao vir cavalgando até aqui como se tivesse toda a cavalaria cairhiena na cola? — Alguns dos outros cavalos estavam se agitando, contagiados pelo estado de espírito do castrado.

— Não ia cavalgar rápido assim, milorde, a não ser que nós estivéssemos perseguindo eles. — O sorriso de Barim desapareceu quando o homem viu que Bryne não estava achando graça. — Bem, Lorde Bryne, eu vi os cavalos e achei que... — Ele voltou a olhar para Bryne e interrompeu o raciocínio. — Na verdade, bem, também escutei umas histórias... Fui até Nova Braem para ver minha irmã e ouvi cada coisa...

Nova Braem era mais velha que Andor — a “velha” Braem fora destruída nas Guerras dos Trollocs, mil anos antes de Artur Asa-de-gavião — e era um bom lugar para ouvir histórias. De tamanho mediano, era uma cidade de fronteira bem a leste das terras de Bryne, na estrada entre Caemlyn e Tar Valon. Mesmo com o comportamento atual de Morgase, os mercadores mantinham a estrada movimentada.

— Bem, então desembuche, homem. Se há notícias, quais são?

— Hum, estou tentando ver por onde começo, milorde. — Inconscientemente, Barim endireitou-se, como se fosse passar a ele um relatório. — O mais importante, acho, é que estão dizendo que Tear caiu. Os Aiel conquistaram a Pedra, e a Espada Que Não Pode Ser Tocada foi tocada, sim. Dizem que alguém empunhou a espada.

— Um Aiel a empunhou? — questionou Bryne, incrédulo.

Um Aiel preferiria morrer a tocar uma espada. Ele vira isso acontecer na Guerra dos Aiel. Apesar de dizerem que *Callandor* não era, de fato, uma espada. Fosse lá o que isso significasse.

— Não disseram, milorde. Escutei alguns nomes. Um tal de Ren alguma coisa. Mas falavam como se fosse verdade, não boato. Como se todo mundo soubesse.

Bryne franziu a testa. Caso fosse verdade, era um problema dos mais sérios. Se *Callandor* tivesse sido empunhada, então o Dragão havia Renascido. De acordo com as Profecias, aquilo indicava que a Última Batalha se aproximava, que o Tenebroso estava se libertando. O Dragão Renascido salvaria o mundo, afirmavam as Profecias. E o destruiria. Essa, por si só, era uma notícia capaz de fazer Halle sair galopando, se ele parasse para pensar a respeito.

Porém, o sujeito com cabeça de ovo ainda não terminara.

— As novas de Tar Valon são quase tão importantes, milorde. Dizem que o Trono de Amyrlin tem uma nova dona. É Elaida, milorde, a antiga conselheira da Rainha. — Halle apressou-se em seguir com o assunto. Morgase era um terreno proibido, e todos os homens ali sabiam disso, mesmo que Bryne nunca tivesse dito. — Dizem que a antiga Amyrlin, Suan Sanche, foi estancada e executada. E Logain também morreu. Aquele Dragão falso que elas pegaram e amansaram no ano passado. Falaram como se fosse verdade, milorde. Tinha gente dizendo que estava em Tar Valon quando tudo aconteceu.

Logain não era muito importante, mesmo que tivesse desencadeado uma guerra em Ghealdan por afirmar que era o Dragão Renascido. Houvera vários falsos Dragões nos últimos anos. Ele, porém, era capaz de canalizar, isso era fato. Até as Aes Sedai o amansarem. Bom, ele não fora o primeiro homem a ser capturado e amansado, apartado do Poder de modo a nunca mais conseguir canalizar. Diziam que homens assim não viviam muito tempo, fossem eles falsos Dragões ou meros pobres-coitados que caíram nas mãos da Ajah Vermelha. Dizia-se que eles perdiam toda vontade de viver.

Siuan Sanche, porém, era uma notícia e tanto. Bryne a conhecera cerca de três anos antes. Uma mulher que exigia obediência e não dava justificativas. Durona feito uma bota velha, dona de uma língua afiada como uma lima e o temperamento de um urso com dor de dente. Era de se esperar que ela dilacerasse qualquer pretendente oportunista, membro após membro, com as próprias mãos. Estancar uma mulher era a mesma coisa que amansar um homem, mas bem mais raro. Especialmente para uma ocupante do Trono de Amyrlin. Em três mil anos, pelo menos no que a Torre admitia, apenas duas das Amyrlin tinham padecido desse destino, embora fosse possível que as Aes Sedai tivessem escondido outras duas dezenas. A Torre era muito boa em esconder o que quisesse. No entanto, uma execução após um estancamento parecia desnecessária. Dizia-se que as mulheres não viviam mais depois de estancamentos do que os homens depois de amansamentos.

Tudo aquilo cheirava a confusão. Todos sabiam que a Torre possuía alianças secretas, conexões com tronos e lordes e damas poderosos. Com uma nova Amyrlin ascendida dessa maneira, decerto haveria quem tentasse testar se as Aes Sedai continuavam alertas. E, uma vez que esse sujeito de Tear subjugasse qualquer oponente — não que fosse haver muita oposição, caso ele tivesse mesmo conquistado a Pedra —, avançaria em direção a Illian ou Cairhien. A questão era: com que velocidade conseguiria avançar? Forças se uniriam contra ele, ou a favor? Ele devia ser o verdadeiro Dragão Renascido, mas as Casas se alinhariam dos dois lados, e o povo também. E se surgissem briguinhas porque a Torre...

— Velho tolo — murmurou o Lorde. Ao ver que Barim se assustou, explicou: — Não você. Outro velho tolo.

Nada daquilo ainda era da conta dele, exceto decidir, quando chegasse a hora, a que lado a Casa Bryne se aliaría. Não que alguém desse a mínima, a não ser para saber se o atacaria ou não. A Casa Bryne nunca fora grande ou poderosa.

— Então, milorde? — Barim deu uma olhada para os homens que aguardavam em seus cavalos. — Acha que pode precisar de mim, milorde?

Sem nem perguntar onde ou por quê. Ele não era o único que estava entediado com a vida no campo.

— Alcance nosso grupo quando terminar de organizar seu equipamento. A princípio, vamos seguir em direção ao sul pela Estrada dos Quatro Reis.

Barim o saudou e partiu, puxando o cavalo logo atrás.

Montando na sela, Bryne fez um gesto indicando que partissem, e os homens formaram colunas de duplas atrás dele à medida que começaram a percorrer o caminho ladeado por carvalhos. Ele queria respostas. E as teria, nem que precisasse pagar a tal Mara pela nuca e sacudi-la até conseguir.

* * *

A Grã-lady Alteima relaxou quando os portões do Palácio Real de Andor se abriam para a entrada de sua carruagem. Não tinha certeza de que isso aconteceria. Demorara bastante para conseguir que um bilhete fosse levado até lá, por certo, e mais ainda para receber uma resposta. Sua criada, uma garota magrela adquirida ali mesmo em Caemlyn, olhava tudo com atenção e, animada por estar entrando no palácio, só faltava pular no assento em frente.

Abrindo o leque de renda, Alteima tentou se refrescar. Faltava um bocado para o meio-dia, e o calor ainda pioraria bem mais. E pensar que ela sempre imaginara Andor como um lugar fresco. Às pressas, revisou uma última vez o que pretendia dizer. Era uma mulher bonita — e sabia exatamente quanto —, com grandes olhos castanhos que faziam alguns pensarem, de maneira equivocada, que era inocente, até inofensiva. Alteima tinha noção de que não era nada daquilo, mas lhe convinha bastante que os outros pensassem assim. Sobretudo ali, e naquele dia. Sua carruagem transportara quase todo o ouro que a lady conseguira pegar ao fugir de Tear. Se quisesse se restabelecer, precisaria de amigos poderosos, e não havia ninguém mais poderoso em Andor do que a mulher com quem viera se encontrar.

O veículo parou próximo a uma fonte em um pátio cercado de colunas, e um serviçal com uniforme vermelho e branco apressou-se para abrir a porta. Alteima mal olhou para o pátio ou para o homem que a atendeu. Seu pensamento estava todo na reunião de logo mais. Seus cabelos negros se derramavam até o meio das costas, brotando de uma touca adornada com pequenas pérolas, e mais pérolas se enfileiravam nas preguinhas do vestido de gola alta de seda verde-água. Certa vez, cinco anos antes, durante uma visita oficial, ela se encontrara rapidamente com Morgase. Era uma mulher que irradiava poder, tão reservada e majestosa quanto se esperaria de uma rainha, e seus modos andorianos eram perfeitos. O que significava que era bastante formal. Corriam boatos pela cidade de que tinha um amante, um homem aparentemente não muito admirado, e aquilo, claro, não pegava nada bem. Entretanto, pelo que Alteima lembrava, a formalidade do vestido — e a gola alta deveria agradar Morgase.

Tão logo as sandálias da lady tocaram com firmeza as pedras do pavimento, a criada, Kara, pulou para fora e começou a ajustar o caimento das pregas do vestido. Isso até Alteima fechar o leque e bater com ele no punho da garota. Um pátio não era lugar para aquilo. Kara — que nome idiota — se encolheu e apertou o punho com uma expressão magoada e os olhos cheios de lágrimas.

Irritada, Alteima apertou os lábios. A garota mal sabia receber uma reprimenda leve. Estiveram se enganando: aquela jovem não daria conta, era nitidamente destreinada. Mas uma lady precisava de uma criada, especialmente se quisesse se diferenciar da massa de refugiados em Andor. Vira homens e mulheres trabalhando sob o sol e até pedindo esmolas nas ruas, todos trajando o que restara das vestimentas de nobres cairhienos. Alteima pensou reconhecer uma ou duas pessoas, e talvez devesse oferecer serviço a uma delas. Quem saberia mais sobre os deveres da criada de uma lady do que uma própria lady? Além do mais, se já tinham sido rebaixados a fazer trabalhos braçais, agarrariam a oportunidade com unhas e dentes. Poderia ser divertido ter uma antiga “amiga” como criada. Para aquela ocasião, no entanto, era tarde demais. E uma criada destreinada, uma garota local, demonstrava com muita clareza que Alteima estava no limite de seus recursos, a apenas um passo de se tornar, ela própria, uma mendiga.

Fez uma expressão que demonstrava gentileza e preocupação.

— Machuquei você, Kara? — perguntou com doçura. — Fique aqui na carruagem e cuide do seu braço. Tenho certeza de que alguém virá lhe trazer água fresca. — A insensata gratidão no rosto da garota era estarrecedora.

Os homens uniformizados, bem-treinados, ficaram parados olhando para o nada. Ainda assim, se Alteima sabia alguma coisa sobre serviços, as fofocas sobre sua gentileza se espalhariam.

Um jovem alto surgiu diante dela, trajando o manto vermelho de gola branca e a armadura lustrosa da Guarda da Rainha. Ele se curvou, uma das mãos no punho da espada.

— Sou o Guarda-Tenente Tallanvor, Grã-lady. Se fizer a gentileza de me acompanhar, escoltarei a senhora até a Rainha Morgase. — O rapaz lhe ofereceu o braço, e ela aceitou, única atenção que rendeu a ele. Não tinha o menor interesse em soldados, a não ser que fossem generais e lordes.

Enquanto Tallanvor a guiava por amplos corredores repletos de homens e mulheres uniformizados andando para lá e para cá — todos tratando de não ficar em seu caminho, claro —, a lady examinou com discrição as belas tapeçarias nas paredes, os baús e as cômodas de marfim incrustado, as bandejas e os vasos com acabamento em ouro e prata, além das delicadas porcelanas do Povo do Mar. O Palácio Real não exibia tanta riqueza quanto a Pedra de Tear, mas Andor ainda era uma terra rica, talvez até tão rica quanto Tear. Um lorde com mais idade cairia bem, maleável nas mãos de uma mulher ainda jovem, e já um

pouco fraco e vulnerável. E com vastas terras. Seria um bom começo, enquanto ela tratava de descobrir exatamente como funcionava o poder em Andor. Um poucas palavras trocadas com Morgase alguns anos antes não serviriam muito como apresentação, mas Alteima possuía o que uma rainha poderosa sempre desejava e necessitava: informações.

Por fim, Tallanvor a conduziu a uma ampla sala de estar de teto alto pintado com pássaros e nuvens em um céu azul, onde cadeiras douradas ricamente entalhadas repousavam em frente a uma lareira de mármore branco polido. Alteima notou, com prazer, que o grande tapete vermelho e dourado era uma peça tairena. O rapaz apoiou-se em um joelho:

— Minha Rainha — disse ele, a voz subitamente áspera —, conforme suas ordens, apresento a Grã-lady Alteima, de Tear.

Morgase acenou para que o rapaz saísse.

— Você é bem-vinda aqui, Alteima. É bom vê-la novamente. Sente-se, e conversaremos.

Alteima fez uma reverência e murmurou agradecimentos antes de escolher uma cadeira. A inveja a consumia por dentro. Lembrava-se de Morgase como uma mulher bonita, mas a realidade daqueles cabelos dourados mostrou como sua memória era desbotada. Morgase era uma rosa completamente desabrochada, pronta para ofuscar qualquer outra flor. Alteima não culpava o jovem soldado por ter tropeçado ao sair. Estava contente por ele ter ido, assim não ficaria consciente do olhar do rapaz comparando-as.

Contudo, também havia diferenças. Grandes diferenças. Morgase, pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-Trono da Casa Trakand, tão reservada, majestosa e formal, trajava um vestido de seda branca cintilante com um decote grande o bastante para chocar uma taberneira do Maule, e que era tão justo nos quadris e nas coxas que ficaria bem em uma taraboniana oferecida. Os boatos, claramente, eram verdade: Morgase tinha um amante. E, para ter se transformado tanto, também estava claro que *ela* queria agradar o tal Gaebril, e não o contrário. Morgase ainda emanava um poder e uma presença que preenchiam o ambiente, mas aquele vestido ofuscava as duas coisas.

Alteima ficou duplamente satisfeita por estar usando gola alta. Uma mulher tão profundamente dominada por um homem poderia ter um rompante de ciúme com a menor das provocações, ou até sem nenhuma. Se fosse apresentada a Gaebril, demonstraria o máximo de indiferença que a civilidade permitisse. Uma mera suspeita de *pensar* em roubar o amante de Morgase poderia lhe render o nó de uma forca, e não um marido rico já mal das pernas. Ela própria teria feito o mesmo.

Uma mulher de uniforme vermelho e branco trouxe vinho, um murandiano excelente, e o serviu em cálices de cristal entalhados com o Leão de Andor.

Quando Morgase pegou um dos cálices, Alteima notou o anel, uma serpente de ouro engolindo a própria cauda. O anel da Grande Serpente era usado por algumas mulheres que haviam treinado na Torre Branca, como Morgase, mas que não haviam se tornado Aes Sedai, e também pelas próprias Aes Sedai. Era uma tradição milenar que as Rainhas de Andor fossem treinadas na Torre. Mas os rumores mais fortes falavam de um rompimento entre Morgase e Tar Valon, e o sentimento anti-Aes Sedai que se via nas ruas poderia ter sido abafado rapidamente caso Morgase assim quisesse. Por que ela ainda estava usando o anel? Até descobrir a resposta, Alteima mediria muito bem suas palavras.

A mulher de uniforme afastou-se para o canto da sala, longe demais para ouvir qualquer coisa, mas perto o bastante para perceber quando o vinho deveria ser servido outra vez.

Dando um gole, Morgase começou a conversa.

— Faz tempo desde que nos vimos. Seu marido está bem? Está em Caemlyn com você?

Alteima mudou de estratégia às pressas. Não imaginara que Morgase saberia que era casada, mas sempre tivera a capacidade de repensar rápido as coisas.

— Tedosian estava bem na última vez em que o vi. — Quisera a Luz que morresse logo. Até para que a vida dela continuasse. — Ele andava em dúvida quanto a servir esse Rand al'Thor, e é perigoso ficar em cima desse muro. Ora, lordes vêm sendo enforcados como se fossem criminosos comuns.

— Rand al'Thor — divagou Morgase, com a voz suave. — Eu o conheci, certa vez. Não parecia o tipo que se autoproclamaría o Dragão Renascido. Um jovem pastor assustado tentando não demonstrar medo. Embora, pensando bem, ele parecesse estar procurando... uma saída. — Os olhos azuis da Rainha se ensimesmaram. — Elaida me alertou sobre ele. — Ela pareceu dizer essas últimas palavras sem nem perceber.

— Então Elaida era sua conselheira? — perguntou Alteima, com cautela. Sabia que sim, o que tornava os boatos de um rompimento ainda mais difíceis de engolir. Precisava saber se era verdade. — Agora que ela é a Amyrlin, você a substituiu?

Os olhos de Morgase voltaram ao normal.

— Claro que não! — No instante seguinte, sua voz se suavizou novamente. — Minha filha, Elayne, está em treinamento na Torre. Ela já foi elevada a Aceita.

Alteima agitou o leque, torcendo para que o suor não brotasse em sua testa. Se Morgase não compreendia os próprios sentimentos com relação à Torre, não havia nada seguro a dizer. Os planos de Alteima fraquejavam à beira de um precipício.

Foi quando Morgase resgatou não só os planos, mas a própria lady.

— Você disse que seu marido estava dividido quanto a Rand al'Thor. E você?

Alteima quase suspirou de alívio. Morgase podia até estar se comportando como uma camponesa desleal no que se referia ao tal Gaebriel, mas seu juízo permanecia intacto quando o assunto era poder e potenciais perigos ao seu reino.

— Claro que eu o observei de perto na Pedra. — Aquilo deveria plantar a semente, se é que ela precisava ser plantada. — O homem consegue canalizar, e um homem com essa capacidade sempre deve ser temido. Além disso, ele é o Dragão Renascido. Não há dúvida. A Pedra foi tomada e, na ocasião, *Callandor* estava nas mãos dele. As Profecias... Temo que deva deixar a decisão do que fazer quanto ao Dragão Renascido para aqueles que são mais sábios que eu. Só sei que estou com medo de permanecer em um local comandado por ele. Nem uma Grã-lady de Tear é capaz de rivalizar com a coragem da Rainha de Andor.

A mulher de cabelos dourados lhe devolveu um olhar que a deixou receosa de ter exagerado na bajulação. Algumas pessoas não gostavam de ser elogiadas de maneira muito escancarada. Morgase, no entanto, só fez se inclinar na cadeira e tomar um gole de vinho.

— Me fale mais sobre ele, sobre esse homem que, supostamente, vai nos salvar, mas também nos destruir durante o processo.

Sucesso. Ou, pelo menos, um princípio.

— Ele é um homem perigoso, e não só pelo que consegue fazer com o Poder. Um leão parece estar com preguiça, sonolento, até que ataca de repente, pura força e velocidade. Rand al'Thor aparenta ser inocente, não preguiçoso, e ingênuo, não sonolento, mas, quando ataca... Ele não tem o menor respeito por pessoas nem posições. Não exagerei quando disse que já enforcou lordes. É um semeador da anarquia. Em Tear, sob suas novas leis, até um Grão-lorde ou uma Grã-lady podem ser convocados perante um magistrado para receber multas ou, pior ainda, ser acusados pelos camponeses ou pescadores mais baixos. Ele...

Alteima se manteve absolutamente fiel ao que acreditava ser verdade. Quando necessário, era capaz de dizer verdades tão rápido quanto mentia. Morgase bebericava o vinho e escutava. A lady poderia ter pensado que ela estava apenas relaxando de modo indolente, mas os olhos da Rainha demonstravam que assimilava e guardava cada palavra.

— A senhora precisa entender — concluiu Alteima — que só falei o básico. Rand al'Thor e o que ele tem feito em Tear são assunto para muitas horas.

— Você terá essas horas — afirmou Morgase, e Alteima sorriu internamente. Sucesso. — É verdade — continuou a Rainha — que ele trouxe Aiel consigo até a Pedra?

— Ah, sim. Grandes selvagens que passam metade do tempo com os rostos cobertos. Até as mulheres estão prontas para matar a qualquer momento. Eles os seguiam feito cães, aterrorizando a todos, e levaram da Pedra o que bem entenderam.

— Pensei que não passasse do mais absurdo dos boatos — refletiu Morgase.
— Muitos rumores têm surgido neste último ano, mas faz duas décadas que eles não saem do Deserto, desde a Guerra dos Aiel. O mundo certamente não precisa desse Rand al'Thor trazendo os Aiel de volta. — O olhar da Rainha voltou a se aguçar. — Você disse “seguiam”. Eles foram embora?

Alteima assentiu.

— Pouco antes de eu deixar Tear. E al'Thor foi com eles.

— Com eles! — exclamou Morgase. — Eu temia que ele já estivesse em Cairhien neste exato...

— Recebendo visita, Morgase? Eu deveria ter sido informado. Assim, poderia cumprimentá-la.

Um homem grande e alto adentrou a sala, seu manto vermelho com bordados em ouro cobrindo os ombros enormes e o peito avantajado. Alteima não precisou ver o olhar radiante no rosto de Morgase para saber que se tratava de Lorde Gaebril. A segurança com que o sujeito interrompera a Rainha já dizia tudo. Ele ergueu um dedo, e a serviçal fez uma reverência e se retirou rapidamente. O homem também não pedia permissão a Morgase para dispensar suas próprias serviçais. Era dono de uma beleza incrível, sombria, e rajadas de branco lhe cobriam as têmporas.

Fazendo uma expressão de descaso, Alteima providenciou um sorriso que não chegava a ser acolhedor, mais adequado a um tio idoso que não possuísse nem poder, nem riqueza, nem influência. Aquele homem podia até ser bem bonito, mas, mesmo que não pertencesse a Morgase, não era do tipo que ela tentaria manipular, a menos que por absoluta necessidade. A aura de poder em torno dele talvez fosse maior até que a da Rainha.

Gaebril se pôs ao lado de Morgase e, com toda a naturalidade, pousou a mão no ombro nu da mulher. A Rainha chegou muito perto de repousar a bochecha no dorso da mão dele, mas os olhos do homem estavam fixos em Alteima. A lady estava acostumada a ter homens encarando-a, mas aqueles olhos a deixavam nervosa. Eram penetrantes demais, viam coisas demais.

— Você vem de Tear? — O som profundo da voz do homem lhe causou formigamentos por todo o corpo. A sensação em sua pele, e até nos ossos, era a de que havia sido mergulhada em água gelada, mas, estranhamente, sua ansiedade momentânea se derreteu.

Quem respondeu foi Morgase. Alteima parecia não conseguir encontrar a própria língua com aquele homem a encarando.

— Esta é a Grã-lady Alteima, Gaebril. Ela estava me contando sobre o Dragão Renascido. Alteima estava presente quando a Pedra de Tear foi tomada. Gaebril, realmente havia Aiel... — A pressão da mão dele interrompeu o raciocínio da Rainha. A irritação cintilou no rosto da mulher, mas logo foi substituída por um sorriso caloroso para o amante.

Os olhos de Gaebriel, ainda em Alteima, voltaram a lhe provocar arrepios. Desta vez, ela arfou ruidosamente.

— Conversar tanto deve ter lhe fatigado, Morgase — comentou o recém-chegado, sem desviar o olhar. — Você anda muito ocupada. Vá para seu quarto e durma. Agora. Vou acordá-la quando você tiver descansado o bastante.

Morgase levantou-se na mesma hora, ainda sorrindo para Gaebriel em devoção. Seus olhos pareciam levemente vidrados.

— É, estou cansada. Vou tirar um cochilo, Gaebriel.

A Rainha deslizou para fora da sala, sem jamais dirigir o olhar a Alteima, cuja atenção estava toda em Gaebriel. Seu coração batia mais rápido, a respiração acelerara. Aquele era, sem dúvida, o homem mais bonito que ela já tinha visto. O maior, mais forte, mais poderoso... Os superlativos lhe inundavam os pensamentos feito uma enchente.

A atenção que Gaebriel prestou para a saída de Morgase foi menor que a de Alteima. Sentando-se na cadeira que a Rainha desocupara, ele se recostou com as botas à frente.

— Me diga por que veio a Caemlyn, Alteima. — Uma vez mais, um arrepio lhe percorreu o corpo. — Quero a verdade absoluta, mas seja breve. Depois você pode me dar mais detalhes, caso eu lhe peça.

Ela não hesitou.

— Tentei envenenar meu marido e tive que fugir antes que Tedosian e Estanda, aquela meretriz, pudessem me matar, ou pior. A intenção de Rand al'Thor era deixar eles fazerem isso, para servir de exemplo. — Contar aquilo a fez se encolher. Não por ser uma verdade que quisesse esconder, e sim porque Alteima percebeu que, mais que tudo no mundo, desejava agradá-lo, e temia que Gaebriel pudesse mandá-la embora. E ele havia pedido a verdade. — Escolhi Caemlyn porque não suportaria Illian, e apesar de Andor estar pouco melhor, Cairhien está praticamente em ruínas. Em Caemlyn, posso encontrar um marido rico, ou que queira me proteger, caso haja necessidade, e use seu poder para...

Dando uma risada, Gaebriel a interrompeu com um aceno.

— Uma gatinha perversa, embora bonita. Talvez bonita o suficiente para que eu fique com ela, mas com dentes e garras a postos. — De repente, seu rosto ficou mais resolutivo. — Me conte o que sabe a respeito de Rand al'Thor, especialmente dos amigos dele, se é que existem, e também sobre os companheiros e aliados.

Ela contou tudo, falando até a boca e a garganta secarem e a voz começar a falhar e ficar rouca. Alteima só levava o cálice à boca quando Gaebriel a mandava beber. Então, engolia o vinho e continuava a falar. Ela o agradaria. E mais do que Morgase poderia imaginar.

As criadas que trabalhavam nos aposentos de Morgase fizeram reverências apressadas, surpresas por vê-la ali no meio da manhã. Acenando para que saíssem do recinto, a Rainha deitou-se na cama, ainda de vestido. Por um tempo, ficou deitada observando os entalhes dourados nas colunas do dossel. Nada de Leões de Andor ali, e sim rosas. Era por conta da Coroa de Rosas de Andor, mas rosas de fato combinavam mais com ela do que leões.

Pare de ser teimosa, repreendeu-se a Rainha, depois se perguntou por quê. Dissera a Gaebril que estava cansada e... Ou ele dissera a ela? Impossível. Ela era a Rainha de Andor, e homem nenhum a mandava fazer o que fosse. *Gareth*. E por que pensara em Gareth Bryne? Ele certamente nunca a mandara fazer nada. O Capitão-General da Guarda da Rainha obedecia à Rainha, e não o contrário. Mas ele era teimoso, capaz de defender sua opinião até Morgase passar a concordar com ele. *Por que estou pensando nele? Gostaria que Gareth estivesse aqui*. Aquilo era ridículo. Morgase o dispensara porque ele se opusera a ela. Sobre qual assunto já não se lembrava bem, mas isso não era importante. Ele se opusera a ela. Morgase só conseguia se lembrar vagamente dos sentimentos que nutria por ele, como se Bryne tivesse partido há anos. Mas não fazia tanto tempo assim, certo? *Pare de ser teimosa!*

Os olhos da Rainha se fecharam, e ela imediatamente caiu no sono, um sono perturbado por sonhos agitados, em que fugia de algo que não conseguia ver.





RHUIDEAN

Do alto da cidade de Rhuidean, Rand al'Thor observava a paisagem através de uma enorme janela. Qualquer tela de vidro que um dia pudesse ter feito parte dela já não estava ali havia muito. As sombras lá embaixo curvavam-se para o leste em um ângulo agudo. Na sala atrás de Rand ouvia-se o som suave de uma harpa-barda. O suor evaporava de seu rosto quase tão rápido quanto brotava. O casaco de seda vermelha, úmido entre os ombros, pendia aberto em uma busca infrutífera por ar, e a camisa estava desamarrada até a metade do peito. A noite do Deserto Aiel trazia um frio congelante, mas, à luz do dia, nem as brisas eram frescas.

Com as mãos apoiadas acima da cabeça, no batente de pedra polida da janela, as mangas do casaco caídas revelavam a parte frontal da figura que circundava cada antebraço: uma criatura serpentiforme de crina dourada e olhos feito o sol, com escamas escarlates e douradas e cinco garras também douradas ponteando cada uma das patas. Eram parte da pele de Rand, não tatuagens, e brilhavam como metais preciosos e gemas lapidadas, parecendo quase vivas à luz do fim de tarde.

Para as pessoas daquele lado das montanhas conhecidas como Muralha do Dragão ou Espinha do Mundo, aquelas marcas o identificavam como Aquele Que Vem Com a Aurora. E tal qual as garças em suas mãos, as marcas também o identificavam para os povos além da Muralha do Dragão, de acordo com as Profecias, como o Dragão Renascido. Nos dois casos, profetizado para unir, salvar... e destruir.

Eram nomes que, se pudesse, Rand teria evitado, mas essa época já passara, se é que realmente existira, e ele já não pensava mais nisso. Ou, se pensava, em

raras ocasiões, era com o arrependimento débil de um homem rememorando um sonho tolo de infância. Como se ainda não fosse jovem o bastante para se lembrar de cada minuto daquela época. Em vez disso, tentava pensar apenas no que tinha que fazer. O destino e o dever o mantinham no caminho como as rédeas de um cavaleiro, mas ele fora chamado várias vezes de teimoso. O fim da estrada precisava ser alcançado. Porém, se isso pudesse ser feito de outra forma, talvez não precisasse ser o fim. Havia uma pequena chance. Nenhuma chance, era quase certo. As Profecias exigiam seu sangue.

Rhuidean se estendia abaixo dele, esturricada por um sol ainda impiedoso, mesmo enquanto descia para trás das montanhas escarpadas, lúgubres e quase sem sinais de vegetação. Aquela terra irregular e rachada, onde homens haviam matado ou morrido por poças d'água que podiam atravessar com um passo, era o último lugar do mundo em que se pensaria em encontrar uma grande cidade. Seus antiquíssimos construtores nunca concluíram o trabalho. Edifícios de altura inimaginável pontilhavam Rhuidean, palácios escalonados com laterais planas, às vezes com mais de oito ou até dez andares que terminavam sem telhado algum, apenas com a alvenaria irregular de outro andar parcialmente construído. As torres eram ainda mais altas, mas, na maior parte das vezes, terminavam em um recorte abrupto. Cerca de um quarto daquelas grandes estruturas, com suas enormes colunas e imensas janelas de vidro colorido, distribuíam-se feito cascalho ao longo de avenidas amplas com largas faixas de terra no centro — terra que nunca abrigara as árvores que ali se planejara plantar. As maravilhosas fontes permaneciam secas como estiveram ao longo de centenas e centenas de anos. Tanto trabalho inútil, os construtores por fim morrendo sem ver a obra acabada. Às vezes, porém, Rand pensava que talvez a cidade só houvesse começado a ser erigida para que um dia ele pudesse encontrá-la.

Muito pretensioso, pensou. É preciso ter perdido ao menos metade do juízo para ser tão pretensioso. Não pôde evitar uma risada seca. Houvera Aes Sedai entre os homens e mulheres que tinham ido até ali, tantos anos antes, e elas conheciam *O Ciclo Karaethon*, as Profecias do Dragão. Ou talvez tivessem escrito as Profecias. *Dez vezes muito pretensioso.*

Diretamente abaixo dele havia uma ampla esplanada parcialmente encoberta pelas sombras e tomada por uma profusão de cadeiras de cristal, estátuas, esquisitices e outras formas peculiares de metal, vidro ou pedra — objetos que ele não saberia nomear espalhados em um emaranhado de pilhas, como se uma tempestade os tivesse deixado daquela maneira. Até as sombras só eram frescas quando comparadas ao calor. Homens, que não eram Aiel, de roupas surradas suavam para carregar carroções com produtos escolhidos por uma mulher baixa e esbelta que trajava seda azul-turquesa e andava com as costas e retas, deslizando de um ponto a outro como se o calor não a afetasse tanto quanto aos demais. Mesmo assim, usava um pano branco úmido em torno

das temporadas; apenas não *demonstrava* os efeitos do sol. Rand poderia apostar que ela nem transpirava.

O líder dos trabalhadores, um homem escuro e maciço chamado Hadnan Kadere, supostamente um mercador, vestia uma seda bege que, naquele dia, estava ensopada de suor. Esfregava o rosto com um grande lenço enquanto xingava os trabalhadores — guardas e condutores de seus carroções —, mas sempre saltava tão rápido quanto os outros para carregar qualquer objeto que a esguia mulher apontasse, grande ou pequeno. Aos Sedai não precisavam ser grandes para impor sua vontade, mas Rand acreditava que Moiraine se sairia igualmente bem mesmo que nunca tivesse passado nem perto da Torre Branca.

Dois dos homens tentavam mover o que parecia ser um batente de porta estranhamente retorcido, feito de pedra vermelha. Seus cantos não se encaixavam de forma perfeita, e era difícil focar o olhar mesmo nas partes retas. A peça estava na vertical e girava livremente, mas recusava-se a obedecer ao manejo dos trabalhadores, que queriam deitá-la. Então um dos homens escorregou e caiu, passando até a cintura pelo vão do batente. Rand ficou tenso. Por um momento, o sujeito não parecia existir da cintura para cima, as pernas em pânico chutando loucamente o ar. Até que Lan, um homem alto em roupas de tons desbotados de verde, caminhou rapidamente até o local e o puxou de volta pelo cinto. Lan era o Guardião de Moiraine, ligado a ela de uma forma que Rand não compreendia. Um homem forte que se movia feito um Aiel, como um lobo à caça. A espada na cintura não parecia parte dele, *era* parte. Lan largou o trabalhador no chão pavimentado de pedras e o deixou lá, sentado. As lamúrias apavoradas do sujeito flutuaram de maneira tênue até os ouvidos de Rand, enquanto o colega do homem dava impressão de estar prestes a sair correndo. Vários funcionários de Kadere que tinham estado perto o bastante para assistir a tudo olhavam uns para os outros e para as montanhas que circundavam a cidade, avaliando suas chances.

Moiraine surgiu tão depressa entre os trabalhadores que pareceu ter sido trazida pelo Poder, movendo-se suavemente de um homem a outro. Seus gestos eram tão óbvios que Rand quase podia escutar as instruções calmas e imperiosas que saíam de seus lábios, tão cheios de certeza de que seriam obedecidas que não lhes obedecer pareceria uma tolice. Ela não demorou a vencer a resistência do grupo, respondeu com firmeza às objeções, e mandou todos os homens voltarem ao trabalho. Pouco depois, a dupla responsável pelo batente já estava puxando-o e arrastando-o com o máximo de disposição, ainda que lançando olhares frequentes na direção de Moiraine sempre que pensavam que ela não estava prestando atenção. À sua maneira, a mulher era ainda mais dura que Lan.

Até onde Rand sabia, todos aqueles objetos lá embaixo eram *angreal*, *sa'angreal* ou *ter'angreal*, confeccionados antes da Ruptura do Mundo para aumentar o Poder Único ou usá-lo de diversas maneiras. Todos feitos,

certamente, com o Poder, decerto, embora nem as Aes Sedai soubessem mais como construí-los. Ele tinha mais do que suspeitas sobre a finalidade do batente retorcido — uma passagem para outro mundo —, mas não fazia ideia de para que seria o restante. Ninguém fazia. Era por isso que Moiraine trabalhava tanto: queria enviar o máximo possível de tudo aquilo para ser estudado na Torre. Talvez nem a Torre contivesse tantos objetos do Poder quanto havia naquela esplanada, ainda que, supostamente, abrigasse a maior coleção desses objetos em todo o mundo. E, mesmo assim, só se conhecia o uso de alguns deles.

O que estava nos carroções ou espalhado pelo calçamento não interessava a Rand, que já pegara tudo o que precisava de lá de baixo. De certa forma, pegara até mais do que queria.

No centro da esplanada, perto dos restos queimados de uma enorme árvore de trinta metros de altura, havia uma pequena floresta de altas colunas de vidro, cada uma praticamente da altura da árvore, e todas tão finas que se tinha a impressão de que a menor ventania faria as peças se espatifarem no chão. Mesmo tocadas por um pouco de sombra, as colunas absorviam e refratavam a luz do sol, cintilantes. Durante incontáveis anos, homens Aiel tinham entrado naquele local e saído dele marcados, tal como Rand, mas em apenas um braço, identificados como chefes de clãs. Ou saíam marcados, ou então não saíam. No processo para se tornarem Sábias, mulheres Aiel também tinham vindo à cidade. Ninguém mais, não que tivesse sobrevivido. *Um homem pode ir a Rhuidean uma vez; uma mulher, duas; mais que isso é a morte.* Era o que as Sábias haviam dito, e o que era verdade, até então. Àquela altura, qualquer um podia entrar em Rhuidean.

Centenas de Aiel andavam pelas ruas, e um número cada vez maior habitava as construções. A cada dia, mais trechos das faixas de terra das ruas ostentavam feijões, abóboras ou *zemai*, regados arduamente com potes de barro transportados do novo e imenso lago que ocupava a extremidade sul do vale, único corpo d'água em toda a região. Milhares tinham montado acampamento nas montanhas vizinhas ou mesmo em Chaendaer, para onde, anteriormente, só iam em alguma cerimônia para enviar a Rhuidean um homem ou uma mulher de cada vez.

Por onde passava, Rand trazia mudanças e destruição. Desta vez, tinha vãs esperanças de que as mudanças fossem para melhor. Podia ser que sim. A árvore queimada zombava dele. *Avendesora*, a lendária Árvore da Vida. As histórias nunca precisavam sua localização, e tinha sido uma surpresa encontrá-la ali. Moiraine dizia que ela ainda estava viva e que voltaria a florescer, mas, até aquele momento, Rand só vira cascas enegrecidas e galhos nus.

Com um suspiro, deu as costas para a janela e se voltou para um grande aposento. Embora não fosse o maior de Rhuidean, tinha janelas bem altas em ambos os lados, e o teto em domo apresentava um mosaico extravagante com

animais e humanos alados. Mesmo com o clima seco, a maior parte da mobília deixada na cidade já apodrecera havia muito, e boa parte do pouco que ainda resistia estava infestada de insetos e vermes. No outro extremo do aposento, no entanto, havia uma cadeira de espaldar alto, maciça, de brilho praticamente intacto, mas que não combinava com a mesa, uma peça larga em cujas pernas e cantos via-se grossos entalhes de flores. Alguém encenera a madeira até fazê-la brilhar, apesar da idade. Os Aiel tinham encontrado aqueles móveis para Rand, embora não entendessem de marcenaria. Havia poucas árvores no Deserto capazes de fornecer a madeira reta e comprida necessária para aquela cadeira, e árvore nenhuma de lá teria dado conta da mesa.

Aquelas peças, pensava, eram toda sua mobília. Mas também havia um belo tapete de seda illianense, azul e dourado, saqueado em alguma batalha antiga, cobrindo o centro dos azulejos vermelho-escuros. Almofadas brilhosas de seda com borlas estavam espalhadas pelo chão. Em vez de cadeiras, eram nelas que os Aiel se sentavam, isso quando simplesmente não se acocoravam, tão confortáveis como se estivessem em uma poltrona.

Seis homens reclinavam-se sobre as almofadas no tapete. Seis chefes de clãs que haviam ido tão longe para seguir Rand. Aliás, seguir Aquele Que Vem Com a Aurora, mas nem sempre com entusiasmo. Rand achava que Rhuarc, um homem de olhos azuis, ombros largos e muitas mechas grisalhas no cabelo ruivo, podia ter alguma amizade por ele, mas os demais, não. Apenas seis dos doze clãs.

Ignorando a cadeira, Rand se sentou de pernas cruzadas à frente dos Aiel. Fora de Rhuidean, os únicos assentos no Deserto eram as cadeiras dos chefes, usadas apenas por eles, e em três únicas situações: ser aclamado chefe de um clã, aceitar com honra a rendição de um inimigo, ou fazer um julgamento. Ocupar a cadeira na presença daqueles homens sugeriria uma das três intenções.

Todos usavam o *cadin'sor*, casacos e calções em tons de marrom e cinza que se confundiam com o chão, além de botas macias amarradas até o Joelho. Mesmo ali, reunidos com o homem que haviam proclamado como o *Car'a'carn*, o chefe dos chefes, cada um carregava na cintura uma lâmina robusta, e tinha sua *shoufa* marrom-acinzentada drapeada em torno do pescoço, feito uma echarpe. Se algum deles cobrisse o rosto com o véu negro que fazia parte da *shoufa*, estaria pronto para matar. Não se tratava de algo impossível. Aqueles homens haviam lutado entre si continuamente, em muitas batalhas e rixas entre clãs. Eles o observavam e aguardavam, mas um Aiel à espera sempre parecia pronto para entrar em ação, súbita e violentamente.

Bael, o homem mais alto que Rand já tinha visto, e Jheran, esguio como uma lâmina e rápido como um chicote, estavam o mais distante possível um do outro sem que sentassem fora do tapete. Havia uma rixa de sangue entre os Goshien, de Bael, e os Shaarad, de Jheran, posta de lado pela presença d'Aquele Que Vem Com a Aurora, mas não esquecida para sempre. E talvez, apesar de tudo o que

acontecera, a Paz de Rhuidean ainda valesse. Mesmo assim, o som tranquilo da harpa contrastava bastante com a intransigente recusa de Bael e Jheran de fazerem contato visual. Seis pares de olhos, azuis, verdes ou cinzentos, em rostos bronzeados pelo sol. Os Aiel eram capazes de fazer falcões parecerem mansos.

— O que preciso fazer para trazer os Reyn até mim? — questionou Rand. — Você tinha certeza de que eles viriam, Rhurc.

O chefe dos Taardad olhou calmamente para ele; pelo tanto de emoção que demonstrava, seu rosto podia muito bem ter sido entalhado em pedra.

— Esperar. Apenas isso. Dheeric vai trazê-los em algum momento.

De cabelos brancos e sentado ao lado de Rhurc, Han torceu os lábios como se estivesse prestes a cuspir. Seu rosto rígido exibia, como sempre, um olhar de amargura.

— Dheeric já viu homens e Donzelas demais ficarem dias e dias só sentados esperando, para depois largar as lanças. Largar!

— E fugir — completou Bael com voz baixa. — Eu mesmo já vi acontecer, entre os Goshien, até no meu próprio ramo. E você, Han, entre os Tomanelle. Todos vimos. Não acho que eles saibam para onde estão fugindo, só sabem do que fogem.

— Viboras covardes — grunhiu Jheran. Mechas grisalhas tingiam seus cabelos castanho-claros. Não havia jovens entre os chefes de clãs Aiel. — São umas cobras-fétidas, têm medo até das próprias sombras. — Um leve movimento dos olhos azuis em direção à extremidade oposta do tapete deixou claro que se tratava de uma descrição de todos os Goshien, e não só dos que haviam abandonado as lanças.

Bael ameaçou se levantar, seu rosto enrijecendo ainda mais, se é que isso era possível, mas o homem ao lado pousou a mão em seu braço, acalmando-o. Bruan, dos Nakai, tinha o tamanho e a força de dois ferreiros, mas era dono de uma placidez que parecia estranha para um Aiel.

— Todos já vimos homens e Donzelas fugirem. — Ele soava quase preguiçoso, assim como aparentavam seus olhos cinzentos, mas Rand sabia que não era bem isso. Até Rhurc considerava Bruan um guerreiro mortífero e um estrategista esquivo. Por sorte, nem Rhurc estava tão a favor de Rand quanto Bruan. Mas o homem viera para estar ao lado d'Aquele Que Vem Com a Aurora. Ele não conhecia Rand al'Thor. — Você também viu, Jheran. Sabe quanto foi difícil enfrentar o que eles estão enfrentando. Se não se pode chamar de covardes aqueles que morreram por não conseguirem aceitar a verdade, como se pode chamar de covardes os que fogem pelo mesmo motivo?

— Jamais deveriam ter descoberto — resmungou Han, amassando sua almofada azul com borlas vermelhas como se esganasse um inimigo. — Era uma informação só para quem conseguisse entrar em Rhuidean e sobreviver.

Han não falou diretamente para ninguém em particular, mas ficou claro que as palavras eram endereçadas aos ouvidos de Rand. Fora ele quem revelara a todos o que um homem só descobria em meio às colunas de vidro da esplanada. Revelara tanto que os chefes e as Sábias não conseguiam se esquivar quando alguém lhes perguntava sobre o restante. Àquela altura, se houvesse um único Aiel no Deserto que não soubesse a verdade, era porque passara o mês sem falar com ninguém.

Ao contrário da gloriosa herança guerreira em que a maioria das pessoas acreditava, o início dos Aiel fora como refugiados indefesos da Ruptura do Mundo. Na época, todos os que tinham conseguido sobreviver haviam sido refugiados, claro, mas os Aiel nunca se viram como indefesos. Pior que isso, haviam sido seguidores do Caminho da Folha, recusando-se a praticar a violência até para defender as próprias vidas. Na Língua Antiga, Aiel significava “dedicado”, e a dedicação deles havia sido à paz. Os que naquele momento se intitulavam Aiel eram descendentes daqueles que haviam quebrado uma promessa de incontáveis gerações. Apenas um resquício daquela crença permanecia vivo: para um Aiel, era melhor morrer do que empunhar uma espada. Para eles, isso sempre fora uma questão de orgulho, de diferenciação daqueles que viviam fora do Deserto.

Rand já ouvira Aiel dizerem que, para terem ido parar no inóspito Deserto, haviam cometido algum pecado. Agora já sabiam qual era. Os homens e mulheres que haviam construído Rhuidean e que ali perderam a vida — os chamados Aiel Jenn, o Clã Que Não É, nas poucas ocasiões em que deles se falava — tinham sido os mesmos que se mantiveram fiéis às Aes Sedai na época anterior à Ruptura. Era difícil encarar o fato de que aquilo em que sempre se acreditara era uma mentira.

— Aquilo precisava ser dito — afirmou Rand. *Eles tinham o direito de saber. Ninguém deveria ser obrigado a viver uma mentira. A própria profecia deles dizia que eu os partiria. E eu não poderia ter feito de outra forma.* O passado era passado, e ponto final. Era com o futuro que deveria se preocupar. *Alguns destes homens não gostam de mim, e alguns me odeiam por eu não ter nascido entre eles, mas estão comigo. Preciso de todos.* — E os Miagoma?

Erim, entre Rhuarc e Han, balançou a cabeça. Outrora de um ruivo brilhante, seus cabelos agora eram meio brancos, mas os olhos verdes tinham tanta força quanto os de qualquer homem mais jovem. As mãos grandes, largas, compridas e resistentes sinalizavam que os braços possuíam força igual.

— Timolan só permite que os próprios pés saibam em que direção vai saltar depois de já ter pulado.

— Quando Timolan tinha pouco tempo como chefe — começou Jheran —, tentou unir os clãs e fracassou. Não vai aceitar bem que alguém finalmente consiga fazer o que ele não conseguiu.

— Ele virá — opinou Rhuarc. — Timolan nunca acreditou que fosse Aquele Que Vem Com a Aurora. E Janwin vai trazer os Shiande. Mas eles vão esperar. Primeiro, precisam assentar as próprias ideias.

— Eles precisam assentar a ideia de que Aquele Que Vem Com a Aurora seja um aguacento — grunhiu Han. — Sem ofensas, *Car'a'carn*. — Não havia subserviência em sua voz. Um chefe não era um rei, e um chefe dos chefes, também não. Na melhor das hipóteses, ele era o número um entre iguais.

— Acredito que os Daryne e os Codarra também acabarão vindo — disse Bruan, falando calmo, mas também rapidamente, para que o silêncio não se transformasse em um motivo para fazer as lanças dançarem. O número um entre iguais, na melhor das hipóteses. — Eles perderam mais homens para a Desolação do que qualquer outro clã. — Era assim que eles tinham passado a chamar o longo período de desnorteio anterior a alguém tentar deixar de ser Aiel. — Por enquanto, a preocupação de Mandelain e Indirian é manter seus clãs unidos, e ambos vão querer ver com os próprios olhos os Dragões nos seus braços, mas acabarão vindo.

Aquilo deixava em aberto a discussão sobre apenas mais um clã, aquele que nenhum dos chefes queria mencionar.

— Alguma novidade sobre Couladin e os Shaído? — perguntou Rand.

A resposta foi o silêncio, quebrado apenas pelos sons suaves e serenos da harpa ao fundo, cada homem esperando que outro tomasse a palavra, todos chegando o mais perto possível que um Aiel poderia chegar de demonstrar desconforto. Jheran franziu o cenho, olhando para a unha do polegar, e Bruan brincou com uma das borlas prateadas da almofada verde. Até Rhuarc se limitou a observar o tapete.

Homens e mulheres com roupões brancos entraram graciosamente para servir vinho em cálices de prata dispostos ao lado de cada Aiel, além de trazer pequenas bandejas prateadas contendo azeitonas, uma raridade no Deserto, queijo branco de ovelha e castanhas pálidas e enrugadas que os Aiel chamavam de *pecara*. Os rostos dentro de cada um dos discretos capuzes brancos exibiam olhos voltados para o chão e uma expressão nada familiar de docilidade.

Capturados em uma batalha ou um ataque, os *gai'shain* juravam servir com obediência durante um ano e um dia, sem tocar em armas ou cometer violência alguma, podendo ao fim do período retornar ao próprio clã e ramo como se nada tivesse acontecido. Era um estranho resquício do Caminho da Folha. *Ji'e'toh*, honra e obrigação, era o que se exigia, e quebrar o *ji'e'toh* era quase a pior coisa que um Aiel poderia fazer. Talvez a *pior*. Era possível que alguns daqueles homens e mulheres estivessem servindo o próprio chefe de clã, mas nenhum deles daria qualquer sinal disso, por mais sutil que fosse, nem mesmo se tratando de um filho ou uma filha, enquanto durasse o período como *gai'shain*.

Rand subitamente se deu conta de que aquele era o real motivo para a revelação que fizera ter sido um golpe tão duro para alguns Aiel. Para essas pessoas, devia parecer que seus ancestrais haviam feito o juramento *gai'shain* não só para si mesmos, como para todas as gerações subsequentes. E essas gerações — todas elas, até ali — tinham quebrado o *ji'e 'toh* ao empunhar lanças. Será que os homens diante dele algum dia haviam se preocupado com coisas parecidas? O *ji'e 'toh* era uma questão seríssima para os Aiel.

Calçados com sandálias macias, os *gai'shain* deixaram o cômodo praticamente sem fazer barulho. Nenhum dos chefes de clã tocou no vinho ou na comida.

— Existe alguma esperança de que Couladin venha se reunir comigo? — Rand sabia que não. Parara de enviar solicitações para uma reunião assim que descobrira que Couladin estava esfolando os mensageiros vivos. Mas era uma forma de incitar os demais a falar.

Han bufou.

— A única informação que tivemos dele é que quer esfolar *você* na próxima vez em que o vir. Parece alguém disposto a conversar?

— E eu conseguiria afastar os Shaido dele?

— Os Shaido seguem Couladin — respondeu Rhuarc. — Ele não é chefe de nada, mas eles acreditam que seja. — Couladin jamais entrara nas colunas de vidro. Talvez ainda acreditasse, como afirmara, que tudo o que Rand dissera era mentira. — Ele diz que é o *Car'a'carn*, e os Shaido também creem nisso. As Donzelas Shaido que vieram fizeram isso em nome da sociedade delas, e isso porque as *Far Dareis Mai* carregavam sua honra. Ninguém mais vai fazê-lo.

— Enviamos sentinelas para ficar de olho neles — contou Bruan —, e os Shaido os matam assim que têm chance. Couladin está incitando quase uma dezena de conflitos, mas, até agora, não dá sinais de que vai nos atacar aqui. Ouvi falar que ele afirma que nós profanamos Rhuidean e que nos atacar aqui só aprofundaria a dessacralização.

Erim grunhiu e se agitou em sua almofada.

— O que ele sabe é que há lanças suficientes aqui para matar cada Shaido duas vezes, e com sobra. — O homem enfiou na boca um pedaço de queijo branco, ainda rosnando. — Os Shaido sempre foram covardes e ladrões.

— Uns cães sem honra — bradaram juntos Bael e Jheran, e depois se olharam como se um estivesse fazendo alguma piada do outro.

— Com ou sem honra — ponderou Bruan, muito calmo —, Couladin tem cada vez mais homens. — Tão calmo quanto seu tom de voz, o homem tomou um longo gole do cálice de vinho antes de prosseguir. — Todos vocês sabem do que estou falando. Alguns daqueles que fogem, depois de atingidos pela

Desolação, não abandonam as lanças. Em vez disso, se juntam às suas sociedades entre os Shaido.

— Nenhum Tomanelle abandonou seu clã — ladrrou Han.

Bruan olhou para o chefe Tomanelle, sentado depois de Rhuarc e Erim, e afirmou deliberadamente:

— Isso já aconteceu em todos os clãs. — Sem esperar que sua palavra fosse desafiada outra vez, voltou a aquietar-se na almofada. — Não podemos chamar de abandono de clã. Eles se juntam às sociedades deles. Assim como as Donzelas Shaido, que vieram encontrar seu Teto aqui.

Ouviram-se alguns resmungos, mas ninguém o confrontou desta vez. As regras que governavam as sociedades guerreiras dos Aiel eram complexas, e, de certa forma, seus membros se sentiam tão intimamente ligados a elas quanto aos clãs. Membros de uma mesma sociedade, por exemplo, não lutariam uns contra os outros nem se seus clãs tivessem uma rixa de sangue. Alguns homens não se casavam com uma mulher que fosse parente muito próxima de um membro da própria sociedade, como se isso desse à mulher uma espécie de laço de sangue com ele mesmo. Sobre os costumes das *Far Dareis Mai*, as Donzelas da Lança, Rand não queria nem pensar.

— Preciso saber quais são as intenções de Couladin — disse ele aos demais. Couladin era um touro com uma abelha zunindo no ouvido. Era capaz de atacar em qualquer direção. Rand hesitou. — Violariamos algum código de honra se enviássemos pessoas para se juntar às sociedades dos Shaido? — Ele não precisou descrever melhor o que tinha em mente. Todos se enrijeceram em suas posições, inclusive Rhuarc, com olhos frios o bastante para extinguir o calor do ambiente.

— Espionar desse jeito — Erim torceu os lábios ao dizer “espionar”, como se a palavra tivesse gosto ruim — seria como espionar o próprio ramo. Uma pessoa honrada jamais faria algo desse tipo.

Rand preferiu não perguntar se eles poderiam encontrar alguém cuja honra fosse ligeiramente menos irascível. O senso de humor Aiel era estranho, normalmente cruel, mas alguns assuntos o tornavam inexistente.

Para mudar o rumo da conversa, Rand perguntou:

— Alguma novidade do outro lado da Muralha do Dragão? — Sabia a resposta. Aquele tipo de notícia se espalhava rápido mesmo entre uma multidão de Aiel, como havia em torno de Rhuidean.

— Nada que valha a pena mencionar — respondeu Rhuarc. — Com os problemas entre os Assassinos da Árvore, poucos mascates vêm à Terra da Trindade. — Era assim que os Aiel chamavam o Deserto: um castigo por seus pecados, uma provação para sua coragem, uma bigorna para moldá-los. “Assassinos da Árvore” era como chamavam os cairhienos. — O estandarte do Dragão ainda tremula sobre a Pedra de Tear. Os tairenos foram para o norte até

Cairhien, como você ordenou, para distribuir comida entre os Assassinos da Árvore. E nada mais.

— Você deveria ter deixado os Assassinos da Árvore morrerem de fome — resmungou Bael, fazendo Jheran fechar a boca depressa. Rand suspeitou que o outro Aiel estivera a ponto de dizer o mesmo.

— Assassinos da Árvore não servem para nada além de serem mortos ou vendidos como animais em Shara — afirmou Erim.

Aquelas eram duas das coisas que os Aiel faziam aos que vinham ao Deserto sem ser convidados. Apenas menestréis, mascates e Latoeiros tinham passagem livre, embora os Aiel evitassem os Latoeiros como se eles transmitissem doenças. Shara era o nome das terras para além do Deserto, e nem os Aiel sabiam muito a respeito delas.

Com o canto do olho, Rand viu duas mulheres aguardando ansiosamente ao lado do alto batente arqueado da entrada. Alguém pendurara ali vários fios com contas coloridas, vermelhas e azuis, para substituir as portas que estavam faltando. Uma delas era Moiraine. Por um momento, Rand considerou deixá-las aguardando mais tempo. Moiraine tinha no rosto aquela expressão irritante de comando, claramente esperando que os homens interrompessem a reunião por sua causa. A questão era que, além de não haver mais nada para se discutir, Rand lia nos olhos dos outros homens que ninguém queria levar a conversa adiante. Não logo depois de falar sobre a Desolação e os Shaído.

Com um suspiro, ele se levantou, e todos os chefes de clãs fizeram o mesmo. À exceção de Han, todos eram tão ou mais altos que Rand. Onde ele crescera, Han teria sido considerado de altura mediana ou um pouco maior que isso. Entre os Aiel, era visto como baixo.

— Vocês sabem o que precisa ser feito. Tragam o restante dos clãs e fiquem de olho nos Shaído. — Fez uma breve pausa e completou: — Tudo vai terminar bem. Tão bem para os Aiel quanto estiver ao meu alcance.

— A profecia dizia que você nos destruiria — lembrou Han com amargura —, e seu começo foi promissor. Mas ficaremos ao seu lado. Até a Sombra sumir — recitou —, até a água secar, saltando na Sombra com seus dentes à mostra, gritando em desafio até o último suspiro, para cuspir no olho do Cega-vista no Último Dia. — Cega-vista era um dos nomes Aiel para o Tenebroso.

Não restava nada a Rand, a não ser responder da maneira correta. Tempos atrás, ele não saberia como.

— Pela minha honra e pela Luz, minha vida será uma adaga para o coração do Cega-vista.

— Até o Último Dia — terminaram os Aiel —, até o próprio Shayol Ghul. — A harpa seguiu tocando o ritmo tranquilo.

Os chefes passaram pelas duas mulheres e encararam Moiraine de modo respeitoso. Não havia medo algum nos olhos deles. Rand gostaria de se sentir tão

seguro assim. Moiraine tinha muitos planos para ele, uma infinidade de maneiras de puxar as cordas que Rand nem sabia que ela amarrara.

As duas mulheres se aproximaram assim que os chefes saíram, Moiraine calma e elegante como sempre. Pequena e bonita, com ou sem aquele rosto de Aes Sedai ao qual ele nunca conseguia estipular uma idade, ela abandonara o pano úmido que usara para refrescar as têmporas. Em seu lugar, uma pequena pedra azul encontrava-se suspensa em sua testa, presa a uma bela corrente de ouro em seus cabelos escuros. Não faria diferença se ela ainda estivesse com o pano. Nada podia diminuir sua aura majestosa. Era normal que Moiraine aparentasse ser um pouco mais alta do que de fato era, e seus olhos eram sempre imperiosos e confiantes.

A outra mulher era mais alta, embora não chegasse nos ombros de Rand, e era jovem, não de idade indefinida. Era Egwene, com quem Rand fora criado. Agora, exceto pelos grandes olhos escuros, quase teria passado por uma Aiel, e não apenas pelo rosto e pelas mãos bronzeados. Egwene trajava uma saia Aiel de lã marrom e uma blusa branca folgada feita com uma fibra vegetal chamada *algode*, mais macia até do que a melhor das lãs. Um tecido ótimo para o comércio, caso Rand um dia conseguisse convencer os Aiel disso. Um xale cinza envolvia seus ombros, e um cachecol da mesma cor formava uma faixa que prendia os cabelos escuros, que passavam do ombro. Ao contrário da maioria das Aiel, usava só um bracelete de marfim entalhado com um círculo de chamas, e um único colar de contas de ouro e marfim. E apenas mais um acessório, na mão esquerda: um anel da Grande Serpente.

Egwene vinha estudando com algumas das Sábias Aiel. O quê, exatamente, Rand não sabia, embora mais do que suspeitasse de que se tratava de algo relacionado a sonhos. Egwene e as Aiel não eram de falar muito, mas a jovem também estudara na Torre Branca. Ela era uma das Aceitas, estava no caminho para se tornar Aes Sedai, mas fingia já ser uma Aes Sedai completa, pelo menos ali e em Tear. Rand às vezes a provocava com relação a isso, mas ela não encarava muito bem as piadinhas.

— Os carroções logo estarão prontos para partir para Tar Valon — anunciou Moiraine. Sua voz era musical, cristalina.

— Envie uma guarda forte — alertou Rand —, ou Kadere talvez não leve os objetos para onde você quer. — Ele voltou a se virar para a janela, querendo olhar lá para baixo e pensar a respeito de Kadere. — Antes, você não precisava que eu segurasse sua mão ou lhe desse permissões.

De repente, sentiu algo acertá-lo entre os ombros, tal qual uma espessa vara de nogueira. Apenas uma leve sensação de calafrio, improvável naquele calor, o avisou de que uma das mulheres havia canalizado.

Girando para ficar de frente para elas, Rand agarrou *saidin* e se encheu do Poder Único. O Poder era como a vida inflando dentro dele, como se estivesse

dez ou até cem vezes mais vivo. A mácula do Tenebroso também o preencheu, morte e podridão como vermes rastejando em sua boca. Era uma torrente que ameaçava varrê-lo, uma inundação furiosa contra a qual precisava lutar a cada instante. Rand já estava quase acostumado àquilo, e, ao mesmo tempo, jamais se acostumaria. Queria se agarrar para sempre à doçura de *saidin*, e também queria vomitar. Enquanto isso, aquele dilúvio tentava arrancar a carne de seu corpo e transformar seus ossos em cinzas.

A mácula o enlouqueceria, se o Poder não o matasse primeiro. Os dois travavam uma corrida. Desde a Ruptura do Mundo, o destino de todos os homens capazes de canalizar havia sido a loucura. Desde aquele dia em que Lews Therin Telamon, o Dragão, e seus Cem Companheiros selaram a prisão do Tenebroso em Shayol Ghul. A última contraexplosão gerada pelo aprisionamento maculara a metade masculina da Fonte Verdadeira, e os homens capazes de canalizar — os homens capazes de canalizar que haviam enlouquecido — quase tinham destruído o mundo.

Rand se enchera do Poder... e não conseguia dizer qual das duas mulheres fizera o mesmo. Ambas olhavam para ele com cara de quem não tinha feito nada, uma sobranceira arqueada de forma quase idêntica, com ar de curiosidade divertida. Qualquer uma das duas, ou até ambas, poderia estar abraçando a metade feminina da Fonte naquele exato instante, e ele jamais saberia quem.

Claro que um golpe de vara entre os ombros não era o estilo de Moiraine, que sempre encontrava outros meios, mais sutis, de castigá-lo, e que normalmente acabavam sendo mais dolorosos. Porém, mesmo tendo certeza de que havia sido Egwene, Rand não fez nada. *Provas*. Seu pensamento viajou pelo limiar do Vazio. Ele flutuou junto, em um vácuo, o pensamento e as emoções, até mesmo a raiva, distantes. *Não vou fazer nada sem provas. Desta vez, não vou deixar que me provoquem*. Aquela não era a Egwene com quem ele crescera. Ela se tornara parte da Torre desde que Moiraine a enviara para lá. De novo Moiraine. Sempre Moiraine. Às vezes, ele desejava já ter se livrado dela. *Só às vezes?*

Rand se concentrou na mulher.

— O que quer de mim? — Sua voz soou fria e sem emoção até para os próprios ouvidos. Dentro dele, o Poder trovejava. Egwene contara que, para uma mulher, tocar *saidar*, a metade feminina da Fonte, era como se sentir abraçada. Para um homem, todas as vezes, era uma guerra impiedosa. — E nem venha falar de novo de carroções, irmãzinha. Costumo descobrir suas intenções bem depois de você já ter colocado tudo em prática.

Como era de se esperar, a Aes Sedai franziu o cenho. Ela decerto não estava habituada a que se dirigissem a ela daquela maneira, não por nenhum homem, nem mesmo o Dragão Renascido. Ele mesmo não fazia ideia de onde aquele “irmãzinha” saía. Ultimamente, as palavras pareciam brotar em sua mente. Um

quê de loucura, talvez. Certas noites, Rand ficava acordado até as primeiras horas do dia pensando sobre aquilo. Mas, dentro do Vazio, aquelas pareciam ser preocupações distantes.

— Precisamos conversar a sós. — Egwene lançou um olhar frio para o harpista.

Jasin Natael, como o sujeito se chamava ali, estava recostado nas almofadas posicionadas em uma das paredes sem janelas, onde tocava com tranquilidade a harpa aninhada entre os joelhos, cujo braço superior dourado fora entalhado no formato das criaturas dos antebraços de Rand. Dragões, segundo os Aiel. Rand tinha apenas suspeitas sobre onde Natael conseguira o instrumento. O músico era um homem de cabelos escuros e meia-idade que, em qualquer outro lugar que não o Deserto Aiel, seria considerado mais alto que a média. Seu casaco e suas calças eram de uma seda azul-escura apropriada para uma corte real, com bordados elaborados em fios de ouro na gola e nas mangas, tudo abotoado ou amarrado, apesar do calor. As belas vestimentas destoavam da capa de menestrel estendida logo ao lado. Era uma boa capa, mas toda coberta com centenas de remendos de quase a mesma quantidade de cores, todos costurados de modo que esvoaçassem ao menor sinal de uma brisa. A capa o identificava como um artista dos campos, um malabarista e acrobata, um músico e contador de histórias que perambulava de aldeia em aldeia. Não era um homem para trajar seda, por certo, mas o músico era vaidoso e parecia completamente imerso na música.

— Você pode dizer o que quiser na frente de Natael — disse Rand. — Afinal, ele é o menestrel do Dragão Renascido.

Se realmente fosse importante tratar do assunto em segredo, Egwene faria pressão e ele pediria para Natael sair, embora não gostasse de perder o músico de vista.

Egwene fungou alto e arrumou o xale nos ombros.

— Sua cabeça está inchada feito um melão passando do ponto, Rand al'Thor — disse ela de modo impassível, como se fizesse uma constatação.

Fora do Vazio, a raiva fervilhava. Não pelo que ela dissera. Mesmo quando os dois ainda eram crianças, Egwene sempre tivera o hábito de implicar com ele, e normalmente nem considerava se Rand merecia ou não. Nos últimos tempos, porém, ele andava com a impressão de que ela passara a trabalhar com Moiraine, tentando desestabilizá-lo para que a Aes Sedai pudesse manipulá-lo como quisesse. Quando eram mais jovens, antes de descobrirem o que ele era, Rand e Egwene chegaram a pensar que, um dia, acabariam se casando. E agora ela estava do lado de Moiraine, contra ele.

Com a expressão rígida, Rand falou com mais rispidez do que pretendia.

— Me diga o que quer, Moiraine. Me diga aqui e agora, ou deixe a questão de lado até que eu tenha tempo para você. Ando muito ocupado.

Era uma mentira deslavada. Rand passava a maior parte do tempo treinando espadas com Lan, lanças com Rhuarc, ou aprendendo luta corporal com ambos. Mas se pudesse intimidá-la de qualquer maneira, naquele momento, faria isso. Natael podia ouvir tudo. Quase tudo. Desde que Rand soubesse o tempo todo onde ele estava.

Moiraine e Egwene franziram o rosto, mas pelo menos a verdadeira Aes Sedai pareceu perceber que, desta vez, ele não recuaria. Contraindo os lábios, ela olhou para Natael, que ainda parecia absorto em sua música, e tirou da bolsa um espesso embrulho de seda cinza.

Ao desdobrá-lo, Moiraine pôs o conteúdo na mesa: um disco do tamanho da mão de um homem, metade absolutamente negro, metade completamente branco, as duas cores se encontrando em uma linha sinuosa que delineava duas lágrimas amalgamadas. Aquele fora o símbolo das Aes Sedai antes da Ruptura, mas o disco era mais que isso. Apenas sete deles haviam sido feitos, os selos da prisão do Tenebroso. Ou melhor, cada um era a âncora de um daqueles selos. A mulher sacou do cinturão sua faca, cujo cabo era envolto em fios de prata, e raspou com delicadeza a extremidade do disco, fazendo cair uma minúscula lasca negra.

Mesmo encerrado no Vazio, Rand ficou sem fôlego. O próprio vácuo estremeceu e, por um instante, o Poder ameaçou sobrepujá-lo.

— É uma cópia? Uma falsificação?

— Encontrei na esplanada lá embaixo — respondeu Moiraine. — Mas é verdadeiro. Igual ao que eu trouxe comigo de Tear. — Pelo tom de voz, ela poderia estar dizendo que queria almoçar sopa de ervilha. Egwene, por outro lado, apertou o xale em torno do corpo, como se sentisse frio.

Esvaindo-se pela superfície do Vazio, o próprio Rand sentia-se agitado pelo medo. Era difícil abrir mão de *saidin*, mas ele se obrigou a isso. Se perdesse a concentração, o Poder talvez o destruísse ali mesmo, e queria toda a atenção voltada para o assunto em questão. Ainda assim, mesmo com a mácula, era uma perda.

Aquela lasca repousando sobre a mesa era impossível. Todos os discos eram feitos de *cuendillar* ou pedra-do-coração, e nada feito de *cuendillar* podia ser quebrado, nem mesmo pelo Poder Único. Qualquer força usada contra aquele material só o tornava ainda mais resistente. A fabricação de pedra-do-coração se perdera na Ruptura do Mundo, mas os objetos feitos daquele material que foram construídos durante a Era das Lendas ainda existiam. Até o mais frágil dos vasos, mesmo que a Ruptura o tivesse afundado nas profundezas do oceano ou enterrado debaixo de uma montanha. Três dos sete discos já estavam quebrados, claro, mas fora preciso muito mais do que uma faca para tal.

Pensando bem, aliás, ele não sabia como aqueles três haviam se quebrado. Se nenhuma força além da do Criador podia quebrar a pedra-do-coração, então

não deveria haver jeito.

— Como? — perguntou ele, surpreso por sua voz ainda estar tão firme quanto quando estava cercado pelo Vazio.

— Não sei — respondeu Moiraine, demonstrando a mesma calma. — Mas você percebe o problema? Este objeto poderia se quebrar caindo de cima da mesa. Se os outros, onde quer que estejam, se encontrarem no mesmo estado, quatro homens com martelos poderiam abrir a prisão do Tenebroso. Quem pode sequer garantir a eficiência dos selos, se estão nessas condições?

Rand percebia. *Ainda não estou pronto.* E não tinha certeza se algum dia estaria, mas com certeza ainda não estava. Egwene parecia encarar a própria cova.

Moiraine reembrulhou o disco e o recolocou na bolsa.

— Talvez eu pense em alguma possibilidade, antes de levar isto a Tar Valon. Se descobrirmos o porquê, talvez possamos tomar uma providência.

A imagem do Tenebroso escapando outra vez de Shayol Ghul, libertando-se completamente, não saía da cabeça de Rand. Em sua mente, o fogo e as trevas cobriam o mundo, chamas que consumiam e não provinham luz, e uma escuridão tão sólida quanto pedra comprimia o ar. Com tudo isso preenchendo os pensamentos, as palavras que Moiraine acabara de dizer levaram alguns instantes para serem absorvidas.

— Você pretende ir pessoalmente? — Rand imaginara que a intenção dela fosse grudar-se a ele feito o limo a uma rocha. *Não é isso o que você quer?*

— Em algum momento — respondeu a mulher, calma. — No fim das contas, terei que deixar você... em algum momento. O que tiver que ser, será.

Rand pensou vê-la tremer, mas foi tão rápido que podia ter sido coisa da sua imaginação. No instante seguinte, Moiraine voltou a ser pura compostura e autocontrole.

— Você precisa estar pronto. — Foi desagradável ouvir um lembrete sobre as próprias dúvidas. — Deveríamos discutir seus planos. Você não pode ficar aqui sentado por muito mais tempo. Mesmo que os Abandonados não estejam planejando vir atrás de você, estão por aí ampliando o poder que têm. Reunir os Aiel não vai servir de nada se acabar descobrindo que todas as terras além da Espinha do Mundo estão nas mãos dos inimigos.

Rindo, Rand recostou-se contra a mesa. Então, tudo aquilo não passava de mais um jogo. Se estivesse ansioso para vê-la partir, poderia ficar mais disposto a escutá-la, mais receptivo a ser guiado. Moiraine não podia mentir, não diretamente. Um dos famosos Três Juramentos dava conta disso: não pronunciar nenhuma palavra que não fosse verdadeira. Rand já aprendera que aquele juramento deixava uma enorme margem de manobra. A Azul o deixaria em algum momento. Depois que ele estivesse morto, sem dúvida.

— Você quer discutir meus planos? — perguntou, seco. Rand tirou do bolso do casaco um cachimbo curto e uma bolsa de couro com tabaco, apertou o fumo com o polegar e tocou *saidin* por um breve instante para canalizar uma chama. — Por quê? Os planos são meus. — Pitando vagarosamente, ele esperou, ignorando o olhar fixo de Egwene.

O rosto da Aes Sedai não se alterou, mas os grandes olhos escuros pareciam pegar fogo.

— O que você fez quando se recusou a ser guiado por mim? — A voz estava tão tranquila quanto a expressão, mas as palavras ainda pareciam sair da boca feito o estalar de um chicote. — Por onde passou, você só deixou morte, destruição e guerras.

— Em Tear, não — retrucou Rand, rápido e na defensiva demais. Não podia permitir que Moiraine o desestabilizasse. Determinado, pitou o cachimbo calma e deliberadamente.

— Não — concordou ela. — Em Tear, não. Uma única vez, havia uma nação por trás de você, um povo, e o que você fez? Levar justiça a Tear foi digno de aplausos. Estabelecer a ordem em Cairhien, alimentar os famintos, tudo louvável. Em outras circunstâncias, eu o elogiaria. — Ela própria era cairhiena. — Mas nada disso o ajudará a encarar o dia em que Tarmon Gai'don chegar. — Uma mulher obstinada, indiferente a qualquer outra questão, até à própria terra natal. Mas ele não deveria ter a mesma obstinação?

— O que quer que eu faça? Cace os Abandonados um a um? — Uma vez mais, se obrigou a fumar o cachimbo devagar. Foi um esforço. — Você ao menos sabe onde eles estão? Ah, Sammael está em Illian, disso você sabe, mas e os outros? E se eu fosse atrás de Sammael, como você deseja, e encontrasse dois, três ou quatro deles por lá? Ou todos os nove?

— Você poderia enfrentar três ou quatro, talvez até os nove, e ainda sobreviveria — rebateu a mulher, gélida. — Bastava não ter deixado *Callandor* em Tear. A verdade é que você está fugindo. Não tem um plano de fato, não tem uma estratégia para se preparar para a Última Batalha. Você foge de um lugar a outro torcendo para que, de alguma forma, tudo termine da melhor maneira possível. Torcendo, porque não sabe o que mais pode fazer. Se aceitasse meus conselhos, ao menos... — Rand a interrompeu com um gesto abrupto do cachimbo, sem dar a mínima para os olhares que as duas mulheres lhe lançavam.

— Eu tenho um plano, sim. — Se elas queriam saber, que soubessem, e que a Luz o queimasse se mudasse uma palavra de sua estratégia. — Primeiro, pretendo pôr um fim nas guerras e na matança, não importa se elas começaram por minha causa ou não. Se homens precisarem matar, que matem Trollocs, não uns aos outros. Na Guerra dos Aiel, quatro clãs atravessaram a Muralha do Dragão e obtiveram êxito durante mais de dois anos. Eles pilharam e

incendiaram Cairhien, derrotaram todos os exércitos que foram enviados para enfrentá-los. Poderiam ter conquistado Tar Valon, se quisessem. Por conta dos Três Juramentos de vocês, a Torre não teria como pará-los. — Não usar o Poder como arma, exceto contra Filhos das Sombras e Amigos das Trevas, ou para defender a própria vida, era mais um dos Juramentos, e os Aiel não haviam ameaçado a Torre propriamente dita. A raiva tomava conta dele. Fugindo e torcendo, é? — Quatro clãs fizeram isso. O que vai acontecer quando eu liderar onze deles para além da Espinha do Mundo? — Teriam de ser onze. Havia poucas esperanças de contar com os Shaído. — Quando as nações começarem a pensar em se unir, já vai ser tarde demais. Eles vão aceitar minha paz, ou vou ser enterrado em Can Breat. — Um dedilhado dissonante emergiu da harpa, e Natael curvou-se sobre o instrumento, balançando a cabeça. Instantes depois, os sons suaves ressurgiram.

— Um melão teria que passar muito do ponto para se comparar à sua cabeça — resmungou Egwene, cruzando os braços. — E nem uma pedra conseguiria ser tão teimosa! Moiraine só está tentando ajudar. Por que não enxerga isso?

Embora não fosse necessário, a Aes Sedai ajeitou as saias de seda.

— Levar os Aiel para além da Muralha do Dragão talvez seja a pior coisa que você poderia fazer. — Havia um quê a mais na voz dela, raiva ou frustração. Pelo menos ele estava deixando bem claro que não era um fantoche. — A esta altura, o Trono de Amyrlin já está se aproximando dos governantes de cada nação que ainda tiver um para dar a eles todas as provas de que você é o Dragão Renascido. Eles conhecem as Profecias, sabem o que você nasceu para fazer. Assim que estiverem convencidos de quem você é e do que é capaz, vão aceitá-lo porque precisam aceitar. A Última Batalha se aproxima, e você é a única esperança deles, a única esperança da humanidade.

Rand soltou uma sonora mas amarga gargalhada. Enfiando o cachimbo entre os dentes, ergueu-se para sentar-se de pernas cruzadas em cima da mesa, olhando para as mulheres.

— Então você e Siuan Sanche ainda pensam que sabem de tudo. — Quisera a Luz, elas não estavam nem perto de saber tudo sobre ele, e nunca saberiam. — Vocês são duas tolas.

— Tenha mais respeito! — grunhiu Egwene, cujas palavras foram ignoradas por Rand.

— Os Grão-lordes tairenos também conhecem as Profecias e souberam quem eu era assim que viram a Espada Que Não Pode Ser Tocada bem firme em meu punho. Metade deles espera que eu lhes dê poder, glória ou ambos. A outra metade preferiria me cravar uma faca nas costas e tentar esquecer que o Dragão Renascido sequer esteve em Tear. A menos que eu os domine primeiro, como fiz com os tairenos. Sabem por que deixei *Callandor* em Tear? Para se

lembrarem de mim. Todos os dias eles veem a espada lá, cravada no Coração da Pedra, e sabem que vou voltar para buscá-la. É isso que os prende a mim. — Aquele fora um dos motivos para Rand ter deixado para trás a Espada Que Não É Espada. Ele não gostava nem de pensar no outro.

— Tenha muito cuidado — alertou Moiraine, depois de alguns segundos. Apenas isso, e com uma voz de tranquilidade gélida. Rand interpretou aquelas palavras como um claro alerta. Ele uma vez a ouvira dizer, praticamente no mesmo tom, que o veria morto antes de permitir que a Sombra o levasse. Uma mulher dura.

Moiraine o encarou por um longo tempo, seus olhos pareciam poças escuras ameaçando engoli-lo. Então fez uma reverência impecável.

— Com sua licença, lorde Dragão, vou cuidar para que Mestre Kadere saiba onde espero que ele trabalhe amanhã.

Ninguém seria capaz de ver nem ouvir o menor sinal de escárnio nas ações ou palavras dela, mas Rand conseguia sentir. Moiraine tentaria qualquer coisa que pudesse desequilibrá-lo, torná-lo mais subserviente em razão de culpa, vergonha, incerteza ou o que fosse. Ele a observou até que o tilintar das contas da porta a obscureceram.

— Não precisa fazer essa cara feia, Rand al'Thor. — A voz de Egwene estava baixa, e seus olhos, furiosos. Apertava o xale como se quisesse usá-lo para estrangular Rand. — Lorde Dragão! Seja o que for, não passa de um bobalhão rude e genioso. Merece coisa pior que isso. Ser civilizado não o mataria!

— Então foi *você*! — exclamou Rand. Porém, para a surpresa dele, ela balançou de leve a cabeça, antes de se interromper.

Havia sido Moiraine, afinal. Se a Aes Sedai estava demonstrando tanta irritação, devia estar terrivelmente incomodada com alguma coisa. Com ele, sem dúvida. Talvez Rand devesse pedir desculpas. *Suponho que ser civilizado não faria mesmo mal algum.* Embora Rand não visse por que deveria ser mais educado com a Aes Sedai enquanto ela tentava guiá-lo feito um cão encoleirado.

Porém, se ele estava pensando em tentar ser mais educado, Egwene não tinha o mesmo em mente. Se carvões em brasa fossem marrom-escuros, seriam exatamente como os olhos dela.

— Você é um tolo, um cabeça oca, Rand al'Thor, e eu jamais deveria ter dito a Elayne que você era bom para ela. Você não serve nem para uma doninha! Abaixo esse nariz. Ainda me lembro de lhe ver suando para se livrar das confusões em que Mat colocava vocês. Eu me lembro de Nynaeve lhe dando chibatadas até você uivar, e depois tinha que passar o resto do dia sentado em uma almofada. E não faz tanto tempo assim. Preciso dizer para Elayne esquecê-lo. Se ela soubesse de metade daquilo em que você se transformou...

Rand ficou boquiaberto enquanto Egwene seguia com o sermão, mais furiosa do que em qualquer outro momento desde que atravessara a cortina de contas.

Então, entendeu. Foi por causa do leve menear de cabeça que ela dera sem querer, e que fizera Rand perceber que fora Moiraine a golpeá-lo com o Poder. Egwene se esforçava muito para ser boa no que fazia. Ao estudar com as Sábias, usava roupas Aiel. Talvez até estivesse tentando adotar costumes Aiel. Seria típico dela. E, o tempo todo, ela se empenhava para ser de fato uma Aes Sedai, mesmo que na realidade fosse apenas uma das Aceitas. As Aes Sedai controlavam o temperamento e jamais revelavam qualquer coisa que quisessem esconder.

Ilyena nunca descontava em mim quando estava com raiva de si mesma. Quando me dava uma bronca, era porque... Por um instante, a mente de Rand congelou. Ele jamais conhecera uma mulher chamada Ilyena, mas conseguia até associar vagamente aquele nome a um rosto: bonito, a pele macia, os cabelos dourados no mesmo tom dos de Elayne. Aquilo só podia ser coisa da loucura. Lembrar-se de uma mulher imaginária. Um dia, talvez se pegasse tendo conversas com pessoas que nem estavam presentes.

O discurso de Egwene se encerrou com um olhar preocupado.

— Você está bem, Rand? — A raiva sumira da voz dela como se nunca tivesse existido. — Algo errado? Quer que eu chame Moiraine de volta para...

— Não! — respondeu ele, amenizando o próprio tom de voz com a mesma velocidade. — Ela não sabe Curar... — Nem as Aes Sedai sabiam Curar a loucura. Nenhuma delas era capaz de Curar nada do que o afligia. — Elayne está bem?

— Está, sim.

Apesar do que a jovem dissera, havia uma ponta de compaixão em sua voz. Aquilo era tudo que Rand esperava. Além do que soubera quando Elayne partira de Tear, o que ela estava fazendo era problema das Aes Sedai, não dele. Egwene dissera isso a ele mais de uma vez, e Moiraine corroborara. As três Sábias capazes de caminhar nos sonhos, com quem Egwene vinha estudando, haviam explicado ainda menos. As Sábias tinham as próprias razões para não estar contentes com Rand.

— Melhor eu ir também — concluiu Egwene, arrumando o xale sobre os braços. — Você está cansado. — Após franzir de leve a testa, fez mais uma pergunta. — Rand, o que significa ser enterrado em Can Breat?

Ele começou a se perguntar do que ela, pela Luz, estava falando. Então se lembrou de ter dito aquela frase.

— Foi só uma bobagem que ouvi outro dia — mentiu. Não fazia a menor ideia do que aquilo significava ou de onde tinha saído.

— Descanse, Rand — sugeriu Egwene, soando vinte anos mais velha, e não dois mais nova. — Prometa que vai descansar. Você precisa.

Rand assentiu. Ela analisou o rosto dele por um instante, como se buscasse a verdade, e caminhou em direção à porta.

O cálice prateado de vinho flutuou do tapete na direção de Rand, que se apressou a pegá-lo do ar um pouco antes de Egwene olhar por cima do ombro.

— Talvez eu não devesse lhe dizer isso. Elayne não me contou como uma mensagem para você, mas... ela disse que te ama. Talvez você já saiba, mas, se não for o caso, seria bom pensar nisso. — Então Egwene partiu, as contas tilintando atrás dela.

Saltando da mesa, Rand arremessou o cálice para longe, derramando vinho nos azulejos do piso, e partiu com toda a fúria para cima de Jasin Natael.





SOMBRAS PÁLIDAS

Agarrando *saidin*, Rand canalizou e urdiu fluxos de Ar que arrastaram Natael das almofadas. A harpa dourada tombou nos azulejos vermelho-escuros enquanto o homem era preso contra a parede, imobilizado do pescoço aos tornozelos, e com os pés meia passada acima do chão.

— Eu já falei para você! *Nunca* canalize quando alguém estiver por perto. Nunca!

Natael inclinou a cabeça à sua maneira peculiar, como se tentasse olhar para Rand de soslaio ou vê-lo sem ser visto.

— Se ela tivesse percebido, teria pensado que foi você. — O tom de voz do músico não era nem de desculpas nem de medo, mas também não era desafiador. Ele parecia pensar que estava oferecendo uma explicação razoável. — Além disso, você parecia estar com sede. Um bardo da corte deve cuidar das necessidades de seu lorde. — Aquela era uma das pequenas presunções a que ele se permitia: se Rand era o Dragão Renascido, Natael deveria ser um bardo da corte, não um simples menestrel.

Tão desgostoso consigo mesmo quanto com raiva do músico, Rand desemaranhou o fio e o deixou cair. Brigar com aquele homem era como lutar contra um garotinho de dez anos. Rand não via o escudo que restringia o acesso do outro homem a *saidin* — era obra de uma mulher —, mas sabia que estava ali. Mover um cálice com o Poder era o máximo que Natael conseguia fazer, naqueles tempos. Por sorte, o escudo também ficava oculto de olhos femininos. Natael chamava aquele truque de “inversão”, mas não conseguia explicá-lo.

— E se ela tivesse visto meu rosto e suspeitasse de algo? Levei um susto, como se o cálice tivesse voado sozinho até mim! — Rand voltou a enfiar o cachimbo entre os dentes e despejou baforadas furiosas de fumaça.

— Ainda assim, ela não suspeitaria. — Depois de se ajeitar outra vez nas almofadas, o músico tornou a pegar a harpa e dedilhou uma melodia tortuosa. — Como alguém poderia suspeitar? Nem eu mesmo acredito totalmente nesta situação. — Se havia algum quê de amargura na voz do bardo, Rand não percebeu.

Ele também não tinha certeza de que acreditava, ainda que tivesse se esforçado bastante para chegar àquele ponto. O homem diante dele, Jasín Natael, tinha outro nome: Asmodean.

Tocando preguiçosamente a harpa, Asmodean não aparentava ser um dos temíveis Abandonados. Era até um pouco bonito. Rand supunha que algumas mulheres o achassem atraente. Sempre estranhava que o mal não deixasse marcas externas. O homem era um dos Abandonados e, longe de tentar matá-lo, Rand escondia o que ele era, não apenas de Moiraine, mas de todos. Precisava de um professor.

Se o que as Aes Sedai diziam das mulheres chamadas de “bravias” também valesse para os homens, ele só tinha um quarto de chance de sobreviver às tentativas de aprender sozinho a usar o Poder. Isso sem falar na loucura. Seu professor tinha que ser homem. Moiraine e as outras haviam dito várias vezes que um pássaro não poderia ensinar um peixe a voar, assim como um peixe não ensinaria um pássaro a nadar. E o professor tinha que ser experiente, alguém que já soubesse tudo o que Rand precisava aprender. Com as Aes Sedai amansando homens capazes de canalizar assim que os descobriam, e com cada vez menos homens assim sendo descobertos ano a ano, as opções eram escassas. Um homem que tivesse acabado de descobrir que canalizava não saberia mais do que ele. Um Dragão falso capaz de canalizar, caso Rand conseguisse encontrar algum que já não tivesse sido capturado e amansado, provavelmente não abriria mão dos próprios sonhos de grandeza em nome de outro que afirmava ser o Dragão Renascido. O que sobrara, e o que Rand conseguira prender a si, fora um dos Abandonados.

Asmodean dedilhava acordes aleatórios quando Rand se sentou em uma almofada à frente dele. Era bom lembrar que o homem não mudara, ao menos por dentro, desde o dia em que confiara sua alma à Sombra, muitos anos atrás. O que ele fazia naquele momento, fazia sob coação. Não decidira voltar para a Luz.

— Você pensa em voltar atrás, Natael? — Rand sempre tomava muito cuidado com o nome. Com qualquer sinal de “Asmodean”, Moiraine teria certeza de que ele se unira à Sombra. Moiraine e mais gente, talvez. Nem ele e nem Asmodean sobreviveriam a isso.

As mãos do homem pararam sobre as cordas, e sua expressão se tornou absolutamente vazia.

— Voltar atrás? Demandred, Rahvin ou qualquer outro me mataria na hora. Isso se eu tivesse sorte. Exceto Lanfear, talvez, e você um dia vai entender por que eu não quero colocá-la à prova. Semirhage faria um rochedo clamar por misericórdia e agradecê-la por matá-lo. E quanto ao Grande Senhor...

— O Tenebroso — corrigiu Rand de modo incisivo, mesmo com o cachimbo na boca. Grande Senhor das Trevas era como os Amigos das Trevas chamavam o Tenebroso. Eles e os Abandonados.

Asmodean assentiu com um breve movimento de cabeça.

— Quando o Tenebroso se libertar... — Se antes seu rosto estivera inexpressivo, naquele momento parecia completamente sombrio. — Basta dizer que prefiro ir atrás de Semirhage e me entregar a ela do que... enfrentar o castigo do Tenebroso por traição.

— Ainda bem que você está aqui para me ensinar, então.

Uma música pesarosa, que expressava perdas e lágrimas, começou a fluir da harpa.

— É “A marcha da morte” — explicou Asmodean, nomeando a canção —, o último movimento do Ciclo das Grandes Paixões, composto uns trezentos anos antes da Guerra do Poder, por...

— Você não está sendo um bom professor — interrompeu Rand.

— O melhor que se poderia esperar, dadas as circunstâncias. Agora, você consegue agarrar *saidin* sempre que tenta, e distingue um fluxo do outro. Você sabe se proteger, e o Poder obedece aos seus comandos. — Ele parou de tocar e, sem olhar para Rand, franziu o cenho. — Acha que Lanfear realmente pretendia que eu lhe ensinasse tudo? Se ela quisesse isso, teria forjado um modo de ficar por perto, para poder nos unir. Ela quer você vivo, Lews Therin, mas, desta vez, pretende ser a mais forte.

— Não me chame assim! — disparou Rand, mas Asmodean nem pareceu escutar.

— Se isso tiver sido um plano de vocês dois, me prender assim... — Rand sentiu uma mudança em Asmodean, como se o Abandonado estivesse testando o escudo que Lanfear tecera ao redor dele. Mulheres capazes de canalizar viam um brilho em torno de outra mulher que tocava *saidar* e sentiam claramente que ela estava canalizando, mas Rand nunca enxergava nada ao redor de Asmodean, e sentia muito pouco. — Se tramaram isso juntos, então você permitiu que ela o passasse para trás em vários níveis. Já lhe disse que não sou um bom professor, menos ainda sem um vínculo. Vocês planejaram isso juntos, não foi? — O homem lançou um olhar de soslaio para Rand, mas ainda intenso. — O que você lembra? Sobre ser Lews Therin. Lanfear disse que você não se lembrava de nada, mas ela seria capaz de mentir para o próprio Gran... Tenebroso.

— Ela falou a verdade desta vez. — Sentado em uma das almofadas, Rand canalizou e trouxe para si um dos cálices de prata em que os chefes de clãs não tinham bebido. Mesmo um breve toque em *saidin* era um êxtase, e um castigo. Era difícil largar. Não queria falar sobre Lews Therin, estava cansado das pessoas pensando que ele *era* Lews Therin. O fornildo do cachimbo ficara bem quente após tantas baforadas, então Rand o segurou pela haste e gesticulou. — Se criar esse vínculo vai ajudar você a me ensinar, por que não o criamos?

Asmodean o encarou como se Rand tivesse proposto que os dois comessem pedra, então balançou a cabeça.

— Eu vivo esquecendo o quanto você ainda não sabe. Não tem como. Não sem uma mulher se unindo a nós. Você poderia pedir a Moiraine, suponho, ou para a garota, Egwene. Uma delas talvez consiga compreender o método. Contudo que você não se importe de elas descobrirem quem eu sou.

— Não minta para mim, Natael — rosnou Rand. Bem antes de conhecer o sujeito, aprendera que a canalização de homens e mulheres era tão diferente quanto eram os próprios homens e mulheres, mas confiava pouco no que o músico lhe dizia. — Já ouvi Egwene e outras mulheres falando sobre Aes Sedai unindo seus poderes. Se elas conseguem, por que você e eu não conseguiríamos?

— Porque nós não podemos. — A voz de Asmodean se encheu de exasperação. — Se quiser saber por quê, pergunte a um filósofo. Por que os cães não voam? No grande esquema do Padrão, talvez seja um equilíbrio pelo fato de os homens serem mais fortes. Não podemos nos unir sem elas, mas elas conseguem se unir sem nós. Para nosso pequeno consolo, um máximo de treze mulheres podem se unir. Para mais que isso, elas precisam de homens para aumentar o círculo.

Ao ouvir aquilo, Rand teve certeza de que ele estava mentindo. Moiraine dissera que, na Era das Lendas, homens e mulheres usavam o Poder com a mesma força, e ela não podia mentir. Rand repetiu a informação e acrescentou:

— Os Cinco Poderes são iguais.

— Terra, Fogo, Ar, Água e Espírito — disse Natael, dedilhando uma corda para cada um. — Eles são iguais, de fato, assim como é verdade que tudo o que um homem pode fazer com eles, uma mulher também pode. Em tese, pelo menos. Mas isso não tem nada a ver com homens serem mais fortes. O que Moiraine acredita ser verdade, ela fala como verdade, e não importa se é ou não. Um dos milhares de pontos fracos daqueles Juramentos tolos. — Ele tocou uma musiquinha que reiterava a ideia de a conversa ser uma tolice. — Algumas mulheres têm braços mais fortes que alguns homens, mas, no geral, é o contrário. O mesmo vale para a força com o Poder, e mais ou menos na mesma proporção.

Rand assentiu devagar. Realmente fazia certo sentido. Elayne e Egwene eram consideradas duas das mulheres mais fortes a se educar na Torre em mil

anos ou mais, mas ele se testara certa vez contra elas e, mais tarde, Elayne confessara que se sentira como um gatinho agarrado por um mastim.

Asmodean ainda não havia terminado.

— Se duas mulheres se unirem, não vão dobrar de força. Unir-se não é simplesmente somar o poder de cada uma. Mas, se elas forem fortes o bastante, podem fazer frente a um homem. Quando aumentam o círculo para treze, é melhor ter cuidado. Treze mulheres que mal sabem canalizar poderiam sobrepujar a maioria dos homens, se estiverem unidas. As treze mulheres mais fracas da Torre poderiam derrotar você ou qualquer homem sem fazer muito esforço. Uma vez ouvi um ditado em Arad Doman: “Quanto mais mulheres, mais manso pisa o homem sábio.” Não seria má ideia ter isso sempre em mente.

Rand sentiu um arrepio ao se recordar de uma época em que estivera entre bem mais do que treze Aes Sedai. Claro que a maior parte delas não sabia quem ele era. Se soubessem... *Se Moiraine e Egwene se unissem...* Rand não queria acreditar que Egwene fora tanto para o lado da Torre, deixando para trás a amizade entre eles. *O que quer que Egwene faça, faz de todo o coração, e ela está se tornando uma Aes Sedai. Assim como Elayne.*

Engolir metade do vinho não afastou de vez aquele pensamento.

— O que mais você pode me contar sobre os Abandonados? — Rand tinha certeza de que já fizera essa pergunta umas cem vezes, sempre na esperança de arrancar algo mais. Era melhor do que pensar em Moiraine e Egwene se unindo para...

— Já contei tudo o que sei. — Asmodean suspirou pesadamente. — Não éramos muito amigos. Acha que estou escondendo alguma coisa? Não sei onde os outros estão, se é isso o que quer saber. Exceto Sammael, e você sabia que ele tinha feito de Illian seu reino antes mesmo de eu contar. Graendal passou um tempo em Arad Doman, mas acho que já deve ter partido. Ela aprecia demais viver com conforto. Também suspeito que Moghedien está ou esteve em algum local do oeste, mas ninguém encontra a Aranha, a menos que ela queira ser encontrada. Rahvin agora tem uma rainha como animalzinho de estimação, mas, com relação a qual país a mulher governa para ele, sei tanto quanto você. No que pode ajudar a encontrá-los, isso é tudo o que sei.

Rand já ouvira tudo aquilo antes. Parecia que já escutara umas cinquenta vezes tudo o que Asmodean tinha para dizer sobre os Abandonados, e com uma frequência tão grande que, em alguns momentos, tinha a impressão de que sempre soubera o que o homem estava contando. Rand quase desejava nunca ter ouvido certas partes da história — como o que Semirhage achava divertido, por exemplo —, e outras não faziam sentido. Demandred fora para a Sombra porque invejava Lews Therin Telamon? Rand não conseguia se imaginar invejando tanto alguém a ponto de fazer qualquer coisa a respeito, e certamente não algo dessa magnitude. Asmodean afirmava que fora seduzido pelos pensamentos de

imortalidade e de infinitas Eras de música. Dizia ter sido, no passado, um importante compositor. Insensatez. Mesmo assim, naquele monte de informações de fazer gelar o sangue, poderia estar a chave para sobreviver a Tarmon Gai'don. Apesar do que dissera a Moiraine, Rand sabia que teria que enfrentar os Abandonados na Última Batalha, se não antes. Esvaziou o cálice e o pôs nos azulejos do chão. O vinho não inebriaria a verdade.

A cortina de contas tilintou, e Rand olhou por cima do ombro no instante em que *gai'shain* entravam em silêncio, trajando os robes brancos. Enquanto alguns começaram a recolher as comidas e bebidas que haviam sido servidas para ele e os chefes de clãs, um *gai'shain* do sexo masculino levou à mesa uma grande bandeja de prata. Nela, havia pratos cobertos, uma xícara de prata e dois grandes jarros de cerâmica com listras verdes. Um continha vinho, e o outro, água. Uma mulher *gai'shain* trouxe uma lamparina dourada, já acesa, e a posicionou bem ao lado da bandeja. Pelas janelas, via-se que o céu começava a se tingir do vermelho-amarelado do pôr do sol. No curto intervalo entre o assar e o congelar, o clima ficava bastante agradável.

Conforme os *gai'shain* foram saindo, Rand se levantou, mas não foi logo até a mesa.

— O que acha das minhas chances quando chegar o dia da Última Batalha, Natael?

Asmodean hesitou, puxando de trás das almofadas os cobertores de lã com listras vermelhas e azuis, e olhou para Rand de sua maneira peculiar, a cabeça inclinada para o lado.

— Você encontrou... uma coisa na esplanada... no dia em que nós nos conhecemos.

— Esqueça isso — advertiu Rand com rispidez. Havia sido duas coisas, não uma. — Seja como for, eu já a destruí. — Rand achou que os ombros de Asmodean se encurvaram um pouco.

— Então o... Tenebroso... vai comer você vivo. Quanto a mim, pretendo rasgar as veias assim que souber que ele se libertou. Se eu tiver chance. Melhor uma morte rápida do que qualquer outra que eu possa encontrar por aí. — Ele jogou os cobertores de lado e encarou o nada melancólico. — Melhor do que enlouquecer, com certeza. Estou tão sujeito a isso quanto você, a partir de agora. Você quebrou os elos que me protegiam. — Não havia amargura em sua voz, apenas desesperança.

— E se houvesse outra maneira de se proteger da mácula? — conjecturou Rand. — E se, de alguma forma, ela pudesse ser removida? Você ainda se mataria?

A gargalhada sonora de Asmodean foi absolutamente ácida.

— Que a Sombra me consuma, mas você deve mesmo estar começando a achar que é o próprio Criador! Estamos mortos. Nós dois. Mortos! Está tão cego

de orgulho que não consegue ver? Ou é só mesmo estúpido, seu pastorzinho idiota?

Rand recusou-se a ceder.

— Então por que não acaba logo com isso? — perguntou entredentes. *Não fui cego o bastante para deixar de ver o que você e Lanfear estavam tramando. Não fui estúpido o bastante para não conseguir enganá-la e armar uma cilada para você.* — Se não existe esperança e não há chance alguma, nem a menor possível... então por que ainda está vivo?

Ainda sem encará-lo, Asmodean esfregou a lateral do nariz.

— Certa vez, vi um homem pendurado em um penhasco — começou, demorando-se nas palavras. — A borda da rocha estava ruindo sob seus dedos, e a única coisa que havia perto para ele se agarrar era um tufo de grama, umas poucas folhas compridas cujas raízes mal se prendiam ao chão. Era a única chance que ele tinha de escalar de volta. Então, ele o agarrou. — Seu riso súbito não exibia a menor alegria. — Precisava confirmar que o tufo se soltaria.

— Você o salvou? — questionou Rand, mas Asmodean não respondeu.

Quando Rand partiu em direção à porta, a melodia de “A Marcha da Morte” começou atrás dele.

Os fios com contas chacoalharam às suas costas, e as cinco Donzelas que o aguardavam no amplo salão vazio se puseram de pé em um movimento fluido, tendo esperado por ele agachadas nos azulejos azul-claros. Exceto por uma, todas eram altas para os padrões femininos, mas não para mulheres Aiel. A líder, Adelin, precisaria ser pouco mais de uma mão mais alta para poder olhá-lo nos olhos. A única que destoava, uma ruiva ardente chamada Enaila, não era mais alta que Egwene, e se sentia extremamente incomodada por ser tão baixa. Tais como os chefes de clãs, os olhos das mulheres eram azuis, cinzentos ou verdes, e os cabelos castanho-claros, louros ou ruivos eram mantidos curtos, exceto por um rabo de cavalo que lhes cobria a nuca. Aljavas cheias contrabalançavam as facas de lâmina comprida em suas cinturas, e todas tinham às costas arcos de chifre devidamente cobertos. Cada mulher portava três ou quatro lanças curtas de ponta longa e um broquel redondo de couro de touro. Mulheres Aiel que não desejavam lares ou filhos tinham a própria sociedade guerreira, *Far Dareis Mai*, as Donzelas da Lança.

Rand cumprimentou-as curvando-se de leve, o que as fez sorrir. Aquele não era um costume Aiel, pelo menos não da maneira como o haviam ensinado a fazer.

— Vejo você, Adelin — disse ele. — Onde está Joinde? Pensei que estivesse com você mais cedo. Ela adoeceu?

— Vejo você, Rand al'Thor — respondeu a mulher. Os cabelos loiros bem claros pareciam ainda mais pálidos ao emoldurar o rosto bronzeado, que tinha uma grande cicatriz branca rasgando uma das bochechas. — De certa forma,

adoeceu, sim. Ela passou o dia inteiro falando sozinha e, há menos de uma hora, foi depositar uma grinalda nupcial aos pés de Garan, dos Goshien Jhirad. — Algumas das outras mulheres balançaram a cabeça, já que casar significava abrir mão da lança. — Amanhã é o último dia dele como *gai'shain* dela. Joinde é uma Shaarad Pedra Negra — destacou Adelin. E aquilo era digno de destaque. Casamentos entre homens e mulheres que tinham servido como *gai'shain* eram frequentes, mas era muito raro que acontecessem entre clãs com rixas de sangue, mesmo que as rixas estivessem em trégua.

— É uma doença que está se espalhando — afirmou Enaila de modo acalorado. Sua voz costumava ser tão ardente quanto seus cabelos. — Desde que chegamos a Rhuidean, uma ou duas Donzelas por dia fazem pedidos de casamento.

Rand anuiu com um gesto que ele esperava ser recebido com simpatia pelas mulheres. A culpa era dele. Se contasse a elas, não sabia quantas ainda se arriscariam a ficar perto dele. Todas, provavelmente. A honra as manteria ali, e elas eram tão destemidas quanto os chefes de clã. Pelo menos eram só casamentos — até aquele instante. Mesmo as Donzelas achariam melhor se casar do que passar pelo que algumas passaram. Talvez ainda passassem.

— Fico pronto em um minuto — disse Rand.

— Vamos esperar com toda a paciência — respondeu Adelin, mas não pareciam muito pacientes. Ali, de pé, todas pareciam prestes a se mover.

Ele realmente só precisou de um instante para fazer o que queria, que era urdir fluxos de Espírito e Fogo em torno do aposento e amarrá-los, para que se mantivessem sozinhos. Qualquer pessoa poderia entrar ou sair, exceto um homem capaz de canalizar. Para ele, ou para Asmodean, cruzar aquela porta seria como atravessar uma parede maciça de chamas. Descobrira aquela urdidura — e o fato de que Asmodean, bloqueado, era fraco demais para canalizar sua passagem por ela — por acaso. Era improvável que alguém questionasse os atos de um menestrel, mas, se acontecesse, Jasin Natael optara simplesmente por dormir o mais longe possível de qualquer Aiel em Rhuidean. Aquela era uma escolha que, ao menos, era vista com compreensão pelos condutores e guardas de Hadnan Kadere. Além disso, desse jeito Rand sabia exatamente onde o homem estava durante a noite. As Donzelas não lhe fizeram perguntas.

Ele se virou. As Donzelas o acompanharam, rodeando-o, atentas, como se esperassem um ataque a qualquer momento. Asmodean ainda tocava na harpa suas lamentações.

* * *

De braços abertos, Mat Cauthon caminhava pela larga borda branca da fonte

sem água enquanto cantava para os homens que o observavam no lusco-fusco.

*— Vamos bebendo vinho até o copo secar,
e beijando as garotas para ninguém chorar,
e os dados lançando até irmos dançar
com Jak das Sombras.*

O clima era fresco após o calor do dia, e Mat chegou a pensar em abotoar o belo casaco de seda verde com bordado dourado, mas a bebida que os Aiel chamavam de *oosquai* deixara sua cabeça zunindo feito moscas gigantes, e o pensamento se perdera. Em uma plataforma da fonte empoeirada havia imagens em pedra branca de três mulheres sem roupa, cada uma com vinte pés de altura. Todas haviam sido esculpidas com uma das mãos erguida e a outra segurando um imenso jarro de pedra nos ombros, de onde a água era derramada, mas uma das estátuas estava sem a cabeça e sem a mão erguida, e, em outra, o jarro não passava de ruínas.

*— Dançando a noite inteira vendo a lua que vai,
embalando a moçoila que aos nossos pés cai,
e você vem comigo para juntos dançarmos
com Jak das Sombras.*

— Uma bela canção para falar de morte — gritou um dos condutores dos carroções, com um pesado sotaque lugardiano. Os homens de Kadere estavam reunidos ao redor da fonte, longe dos Aiel. Todos eram durões, com fisionomia austera, mas tinham certeza absoluta de que bastava um olhar errado e qualquer Aiel lhes cortaria a garganta. Não estavam muito enganados. — Ouvi minha velha avó falar sobre Jak das Sombras — continuou o lugardiano orelhudo. — Não é bom não, cantar assim sobre a morte.

Meio confuso, Mat pensou sobre a música que estivera cantando e fez uma careta. Ninguém ouvia “Dançando com Jak das Sombras” desde a queda de Aldeshar. Em sua memória, Mat ainda escutava aquela canção desafiadora ecoando enquanto os Leões Dourados lançavam seu último e infrutífero ataque contra o exército de Artur Asa-de-gavião, que os cercava. Ao menos ele não estava balbuciando a letra na Língua Antiga. Mat não estava tão bêbado quanto aparentava, mas, de fato, havia secado demasiados copos de *oosquai*. A bebida tinha aspecto e gosto de água marrom, mas batia na cabeça feito coice de mula. *Se eu não tomar cuidado, Moiraine vai me despachar para a Torre. Pelo menos isso me tiraria do Deserto e me mandaria para longe de Rand.* Se considerasse

essa uma boa troca, talvez estivesse mais bêbado do que pensava. A canção agora era “Latoeiro na cozinha”.

— *Latoeiro na cozinha, um trabalho a realizar.
A patroa lá em cima, em um robe azul a rodar.
Ela dança nas escadas, livremente a imaginar.
Latoeiro, ó latoeiro, uma panela a consertar.*

Alguns dos empregados de Kadere se juntaram à cantoria enquanto Mat voltava, dançando, ao ponto de onde começara. Os Aiel, não. Entre eles, tirando os cânticos de batalha ou as lamúrias pelos mortos, os homens não cantavam, assim como as Donzelas, que só cantavam entre si.

Dois Aiel estavam acorados na borda da fonte sem exibir nenhum efeito do *oosquai* que haviam consumido, exceto pelos olhos levemente perdidos, talvez. Mat adoraria voltar para onde olhos de cores claras eram uma raridade. Durante a juventude, não vira ninguém, tirando Rand, com olhos que não fossem castanhos ou negros.

Alguns pedaços de madeira — braços e pernas de cadeiras carcomidos por vermes — estavam caídos nos grandes paralelepípedos da área deixada aberta pelos vigias. Um vaso de barro vermelho vazio estava ao lado da borda da fonte, assim como outro que ainda continha *oosquai*, além de um copo de prata. A brincadeira era tomar um gole e depois tentar lançar uma faca em um alvo atirado para o ar. Nenhum dos funcionários de Kadere e poucos Aiel jogavam dados contra Mat, não com ele ganhando tanto quanto ganhava, e ninguém ali jogava cartas. Supunha-se que com o lançamento de facas o resultado seria outro, especialmente depois de todo aquele *oosquai*. Mat não ganhara tanto naquele jogo quanto nos dados, mas meia dúzia de copos de ouro trabalhado e duas bandejas já estavam dentro da fonte, logo atrás dele, além de braceletes e colares de rubi, pedra-da-lua ou safira, e também um punhado de moedas. Seu chapéu e sua peculiar lança de cabo preto repousavam ao lado dos objetos que ganhara. Alguns até eram artesanatos Aiel. Eles eram mais afeitos a pagar pelas coisas com o produto de uma pilhagem do que com moedas.

Corman, um dos Aiel na borda da fonte, olhou para Mat assim que ele parou a cantoria. Uma cicatriz branca atravessava diagonalmente seu nariz.

— Sua habilidade com as facas é quase tão grande quanto com os dados, Matrim Cauthon. Que tal pararmos por aqui? A luz já está bem fraca.

— Ainda tem bastante luz. — Mat apertou os olhos em direção ao céu. Sombras empalidecidas cobriam todo o vale de Rhuidean, mas, pelo menos, o céu ainda estava suficientemente claro para ser visto. — Até minha avó conseguiria lançar com essa luz. E eu lançaria até vendado.

Jenric, o outro Aiel por ali, perscrutou quem os assistia.

— Alguma mulher por aqui? — Com a constituição física de um urso, ele se considerava sabido. — Um homem só fala assim quando há alguma mulher para impressionar. — As Donzelas que se espalhavam pelo público gargalharam tanto quanto os outros, talvez até mais.

— Acha que não consigo? — resmungou Mat, puxando o cachecol escuro que usava no pescoço para esconder a cicatriz no local em que certa vez fora enforcado. — Basta você gritar “já” assim que lançar, Corman.

Mat tratou de amarrar o cachecol em torno dos olhos e sacou da manga uma de suas facas. O que se ouvia de mais alto era a respiração dos espectadores. *Não estou bêbado? Eu bebi mais que um gambá.* De repente, porém, ele sentiu a sorte, o mesmo impulso que sentia quando sabia quais números iam sair antes de os dados pararem de rolar. Aquilo pareceu clarear um pouco sua mente. — Pode lançar — murmurou com calma.

— Já! — anunciou Corman, e o braço de Mat chicoteou para trás e depois para a frente.

Naquele silêncio, o som seco do aço penetrando na madeira foi tão alto quanto o barulho do alvo caindo no calçamento.

Ninguém disse uma só palavra enquanto ele puxava o cachecol de volta para o pescoço. Um pedaço de um braço de cadeira menor que a mão de Mat jazia no chão, com a lâmina firmemente cravada bem no meio. Parecia que Corman tentara aumentar ainda mais suas chances. Ele não havia mesmo especificado que alvo lançaria, afinal. Tendo um estalo, o homem se deu conta de que nem chegara a propor uma aposta.

Por fim, um dos funcionários de Kadere disse, quase gritando:

— Isso foi a sorte do próprio Tenebroso!

— A sorte é um cavalo para se cavalgar como qualquer outro — disse Mat para si mesmo. Pouco importava de onde ela vinha. E não que ele soubesse de onde. Mat só tentava encilhá-la da melhor forma possível.

Mesmo tento falado bem baixo, Jenric franziu o cenho para ele.

— O que foi que você disse, Matrim Cauthon?

Mat abriu a boca para repetir, mas voltou a fechá-la assim que as palavras se tornaram mais claras na mente. *Sene sovy a caba'donde ain doviyenya.* A Língua Antiga.

— Nada. Só estou falando sozinho. — Os espectadores estavam começando a ir embora. — Acho que a luz está mesmo ficando muito fraca para continuarmos.

Corman pisou no pedaço de madeira para arrancar a faca de Mat e a trouxe de volta para ele.

— Talvez alguma outra vez, Matrim Cauthon, algum outro dia. — Aquela era a forma como os Aiel diziam “nunca” quando não queriam dizer a palavra

propriamente dita.

Mat assentiu enquanto deslizava a lâmina de volta para uma das bainhas internas da manga. Acontecera o mesmo quando lançara, vinte e três vezes seguidas, seis dados com o número seis. Não dava para culpá-los. Não era apenas sorte. Com uma pitada de inveja, notou que nenhum dos dois Aiel dava a menor pinta de cambalear enquanto se misturavam à multidão que partia.

Passou a mão pelo cabelo e se deixou cair sentado na borda da fonte. As memórias que um dia lhe atravancaram a cabeça feito uvas passas em um bolo agora se misturavam às suas próprias. Parte de sua mente sabia que nascera em Dois Rios, vinte anos antes, mas também se lembrava com clareza de ter liderado o ataque pelos flancos que derrotara os Trollocs em Maighande, de dançar na corte de Tarmandewin e de mais centenas ou milhares de situações. Batalhas, na maioria. Lembrava-se de ter morrido mais vezes do que queria pensar. Já não havia emendas entre cada uma dessas vidas. A menos que se concentrasse, Mat não conseguia diferenciar suas memórias das demais.

Pegou o chapéu atrás de si e o enfiou na cabeça, depois aninhou a estranha lança sobre os joelhos. Diferentemente de uma lança comum, aquela tinha o que aparentava ser uma lâmina de espada de dois pés entalhada com um par de corvos. Lan dissera que aquela lâmina fora feita com o Poder Único durante a Guerra da Sombra, a Guerra do Poder. Segundo o Guardião, ela nunca precisaria ser afiada e jamais se quebraria. Mat não colocaria isso à prova, a menos que fosse necessário. A arma poderia até ter aguentado três mil anos, mas ele confiava muito pouco no Poder. Havia letras cursivas ao longo do cabo negro, pontuadas em cada extremidade por outro corvo incrustado com algum metal ainda mais escuro que a madeira. Tudo na Língua Antiga, mas, àquela altura, claro que Mat conseguia ler.

Eis o que foi acordado, tratado saído a contento.

O pensamento é a flecha do tempo, a lembrança jamais se apaga.

O que foi pedido está dado. O preço assim se paga.

Descendo a ampla rua, a meia milha de distância, havia uma praça que, na maioria das cidades, seria considerada grande. O dia já se encerrara para os comerciantes Aiel, mas os pavilhões ainda estavam de pé, construídos com a mesma lã marrom-acinzentada usada nas tendas. Centenas deles haviam vindo a Rhuidean de todos os rincões do Deserto para constituir a maior feira já vista pelos Aiel, e outros mais chegavam a cada dia. Os comerciantes haviam sido os primeiros a fixar residência naquela cidade.

Mat não fazia questão de olhar para o outro lado, em direção à grande esplanada. Conseguia divisar as silhuetas dos carroções de Kadere, que aguardavam mais carregamentos no dia seguinte. O que parecia ser um batente

de porta retorcido de pedra vermelha fora erguido naquela tarde a um dos carroções. Moiraine garantiu que o objeto fosse firmemente amarrado, do jeitinho que queria.

Mat não fazia ideia de quanto Moiraine sabia sobre aquele batente, e não pensava em perguntar. Era melhor ela esquecer que ele estava vivo, ainda que as chances disso fossem pequenas. Porém, o que quer que a mulher soubesse, Mat tinha certeza de que ele sabia mais. Passara por aquele portal, um tolo em busca de respostas. Em vez disso, o que conseguiu foi encher a cabeça com memórias de outros homens. Homens mortos. Mat apertou o cachecol em torno do pescoço. E duas outras coisas: um medalhão de prata com uma cabeça de raposa, que ele usava por baixo da camisa, e a arma atravessada sobre os joelhos. Recompensa pequena. Passou os dedos pelos escritos, devagar. *A memória nunca se esvai.* Aquelas pessoas do outro lado do portal tinham um senso de humor perfeito para os Aiel.

— Você sempre acerta?

Mat virou a cabeça para observar a Donzela que acabara de se sentar ao seu lado. Era alta até para os padrões Aiel, talvez mais alta que ele, os cabelos pareciam fios de ouro e os olhos tinham a cor de um céu matinal bem límpido. Talvez fosse mais velha que Mat uns dez anos, mas aquilo nunca o incomodara. Só que se tratava de uma *Far Dareis Mai*.

— Sou Melindhra, do ramo Jumai. Você sempre acerta?

Mat deu-se conta de que ela se referia ao lançamento da faca. A mulher lhe dissera seu ramo, mas não o clã. Os Aiel nunca faziam isso, a menos que... Ela devia ser uma das Donzelas Shaído que tinham vindo se juntar a Rand. Mat não entendia exatamente como as sociedades funcionavam, mas, com relação aos Shaído, lembrava-se muito bem de que haviam tentado enfiar lanças nele. Couladin não gostava de ninguém associado a Rand, e o que Couladin odiava, os Shaído também odiavam. Por outro lado, Melindhra viera a Rhuidean. Uma Donzela. Mas sorria para ele, e seu olhar trazia um brilho convidativo.

— Na maioria das vezes — respondeu Mat, com honestidade.

Mesmo quando não a sentia, sua sorte era boa. Se a sentisse, era perfeita. Melindhra deu uma risada, e seu sorriso se abriu como se pensasse que ele estava se gabando. As mulheres pareciam tirar suas conclusões sobre se alguém estava mentindo ou não sem nem analisar as evidências. Em contrapartida, se gostassem desse alguém, ou não davam a mínima para a mentira, ou decidiam que até a mais cabeluda delas era verdade.

As Donzelas podiam ser perigosas, independentemente do clã. Qualquer mulher podia, na verdade, e ele aprendera isso por si mesmo. No entanto, o olhar de Melindhra definitivamente não era neutro.

Mergulhando a mão em seus ganhos, Mat puxou um colar com espirais de ouro, cada uma centrada por uma safira azul-marinho, a maior delas do tamanho

da articulação de seu polegar. Lembrava-se da época — era sua própria memória — em que a menor daquelas pedras o teria feito suar.

— Combina com seus olhos — disse ele, depositando o pesado cordão nas mãos dela.

Mat nunca vira uma Donzela usar badulaques de espécie alguma, mas sua experiência dizia que não havia mulher que não gostasse de joias. Estranhamente, elas gostavam de flores quase na mesma medida. Ele não compreendia, mas também precisava admitir que entendia menos de mulheres do que da própria sorte, ou do que acontecera no outro lado daquele batente retorcido.

— Um trabalho muito bonito — opinou Melindhra, erguendo a peça. — Aceito sua oferta. — O colar desapareceu na bolsa da mulher, que se inclinou para afastar o chapéu de Mat para trás. — Seus olhos são bonitos. Como olhos de gato, escuros e lípidos. — Ela girou o corpo para apoiar os pés na borda da fonte e abraçou os joelhos, analisando-o com interesse. — Minhas irmãs-de-lança me falaram de você.

Mat recolocou o chapéu no lugar e observou-a com cautela por baixo da aba. O que elas haviam dito? E por que “oferta”? Era só um colar. O ar convidativo sumira dos olhos de Melindhra. Ela parecia um felino observando um rato. Esse era o problema das Donzelas da Lança. Às vezes, era difícil dizer se queriam dançar, beijar ou matar.

A rua se esvaziava, as sombras escureciam, mas Mat reconheceu Rand esgueirando-se mais adiante, cachimbo enfiado entre os dentes. Era o único homem em Rhuidean que poderia ser visto andando acompanhado de um grupo de *Far Dareis Mai*. *Estão sempre ao redor dele*, pensou Mat. *Vigiam Rand feito lobas, ávidas para fazer o que ele disser*. Alguns homens talvez o invejassem por isso. Mat, não. Na maior parte do tempo, não. Mas, se fosse um bando de garotas como Isendre...

— Com licença um instante — disse ele a Melindhra, apressadamente.

Apoiando a lança de pé contra a borda da fonte, Mat saltou e correu. A cabeça ainda zunia, mas não tanto quanto antes, e ele não vacilou. Não tinha a menor preocupação com seus ganhos. Os Aiel tinham regras bem claras: pilhar durante um ataque era uma coisa, roubar, outra. Os funcionários de Kadere haviam aprendido a manter as mãos nos bolsos quando um deles foi pego roubando. Após um espancamento que deixara o homem com marcas do ombro ao tornozelo, ele fora mandado embora. Mesmo que o tivessem deixado com as roupas, a única bolsa de água que lhe permitiram levar não seria o bastante para que chegasse nem à Muralha do Dragão. Depois do fato, ninguém pegava nem uma moeda de cobre que encontrasse no chão da rua.

— Rand? — O outro homem avançava, cercado por sua escolta. — Rand? — Ele não estava nem a dez passadas de distância, mas continuou andando.

Algumas das Donzelas olharam para trás, mas Rand não. Mat sentiu um frio súbito que nada tinha a ver com a noite que caía. Molhou os lábios e, sem gritar, chamou de novo: — Lews Therin. — Rand se virou. Mat quase desejou que não o tivesse feito.

Por um tempo, os dois apenas se encararam sob a luz do crepúsculo. Mat hesitou em se aproximar e tentou dizer a si mesmo que era por causa das Donzelas. Adelin fora uma das mulheres que lhe ensinara um jogo chamado O Beijo da Donzela, que ele dificilmente esqueceria ou voltaria a jogar, caso tivesse a opção. E sentia o olhar de Enaila feito uma broca perfurando seu crânio. Quem imaginaria que uma mulher fosse explodir como combustível no fogo só por alguém lhe dizer que ela era a florzinha mais linda que já se tinha visto?

Rand, então. Mat e ele haviam crescido juntos. Os dois e Perrin, o aprendiz de ferreiro lá de Campo de Emond, tinham caçado e pescado juntos, vagabundeados pelas Colinas de Areia até o limiar das Montanhas da Névoa, e acampado sob as estrelas. Rand era seu amigo. Agora, porém, era o tipo de amigo que poderia esfaquear sua cabeça sem querer. Por causa de Rand, Perrin talvez estivesse morto.

Mat se obrigou a chegar mais perto. Rand era quase uma cabeça mais alto e, à luz do início da noite, parecia ainda maior. E mais frio.

— Estive pensando, Rand. — Mat desejou que sua voz não tivesse soado rouca. Torceu para que, desta vez, Rand respondesse ao próprio nome. — Faz tempo que estou longe de casa.

— Nós dois estamos — respondeu Rand com suavidade. — Muito tempo. — De repente, ele soltou uma gargalhada, não muito alta, mas quase como a do velho Rand. — Está começando a sentir saudade de ordenhar as vacas do seu pai?

Mat coçou a orelha e sorriu de leve.

— Não exatamente. — Se nunca mais visse o interior de um estábulo, não ficaria triste. — Mas estive pensando que, quando os carroções de Kadere partirem, talvez eu vá junto.

Rand fez silêncio. Quando voltou a falar, o breve lampejo de alegria tinha se extinguido.

— Vai viajar para Tar Valon?

Foi a vez de Mat hesitar. *Ele não me entregaria a Moiraine, entregaria?*

— Talvez — respondeu Mat, despreocupado. — Não sei. É lá que Moiraine vai me querer. Talvez surja uma oportunidade para eu voltar a Dois Rios. Quero ver se tudo está bem em casa. — *Ver se Perrin está vivo. Ver se minhas irmãs, a mãe e o pai estão vivos.*

— Todos nós temos que fazer o que é preciso, Mat. Quase nunca o que queremos, e sim o que é preciso.

Para Mat, aquilo soou como uma desculpa, como se Rand estivesse pedindo a compreensão dele. Mat, porém, já fizera algumas vezes o que era preciso. *Não posso culpá-lo por Perrin, não sozinho. Nenhum desgraçado me forçou a ir atrás de Rand feito um maldito cãozinho!* Mas aquilo também não era verdade. Ele fora forçado, só que não por Rand.

— Você não vai... me impedir de ir?

— Eu não tento lhe dizer para ir ou ficar, Mat — explicou Rand, soando cansado. — É a Roda que tece o Padrão, não eu, e a Roda tece conforme deseja. — Falando exatamente como uma maldita Aes Sedai! Já se virando para ir embora, Rand acrescentou: — Não confie em Kadere, Mat. De certo modo, ele é um dos homens mais perigosos que você já conheceu. Não confie nele nem um pouco, ou pode acabar com a garganta cortada, e você e eu seríamos os únicos a lamentar isso. — Então ele desceu a rua cada vez mais escura, as Donzelas o cercando feito lobos furtivos.

Mat o observou. Confiar no mercador? *Eu não confiaria em Kadere nem que ele estivesse amarrado a uma saca.* Então Rand não tecia o Padrão? Mas chegava perto! Muito antes de qualquer um deles tomar conhecimento de que as Profecias lhes diziam respeito, souberam que Rand era *ta'veren*, um dos raros indivíduos que, em vez de serem tecidos ao Padrão por bem ou por mal, forçavam o Padrão a se moldar em torno deles. Mat sabia o que era ser *ta'veren*. Ele mesmo era um, ainda que não tão forte quanto Rand. Às vezes, Rand era capaz de afetar a vida das pessoas e mudar seu curso só por estar na mesma cidade que elas. Perrin também era *ta'veren* — ou tinha sido. Moiraine achara significativo encontrar três jovens que haviam crescido na mesma aldeia, todos *ta'veren*. Pretendia encaixá-los em seus planos, quaisquer que fossem.

Aquilo deveria ser algo grandioso. Todos os *ta'veren* de que Mat ouvira falar haviam sido homens como Artur Asa-de-gavião, ou mulheres como Mabriam em Shereed, quem as histórias diziam ter fundado, após a Ruptura, o Tratado das Dez Nações. Mas nenhuma das histórias contava o que acontecia quando um *ta'veren* ficava perto de outro tão forte quanto Rand. Era como ser uma folha no meio de um redemoinho.

Melindhra parou ao lado de Mat e lhe entregou sua lança e um pesado saco de tecido grosso, que tilintava.

— Coloquei seus ganhos aqui dentro. — Ela *era* mais alta que ele, e por umas duas polegadas. Melindhra olhou na direção de Rand. — Eu tinha ouvido falar que você e Rand al'Thor eram quase irmãos.

— Só uma maneira de dizer — retrucou Mat, seco.

— Não importa — respondeu ela, desconsiderando a questão e, com as mãos no quadril, concentrou o olhar nele. — Você despertou meu interesse, Mat Cauthon, e antes de me dar o presente-cortês. Não que eu vá abrir mão da lança

por sua causa, claro, mas estou de olho em você há alguns dias. Você sorri como um garotinho prestes a fazer uma traquinagem. Eu gosto disso. E estes olhos... — Na luz fraca, o sorriso de Melindhra era grande e lento. E acolhedor. — Eu gosto muito dos seus olhos.

Mat endireitou o chapéu, embora não estivesse torto. De predador a presa em um piscar de olhos. Com as Aiel, sempre podia acontecer. Ainda mais com as Donzelas.

— “Filha das Nove Luas” significa alguma coisa para você? — Era uma pergunta que às vezes fazia às mulheres. A resposta errada o faria partir de Rhuidean ainda naquela noite, mesmo que fosse preciso tentar atravessar o Deserto a pé.

— Nada — respondeu ela. — Mas tem coisas que eu gosto de fazer à luz da lua. — Melindhra passou o braço pelo ombro dele, tirou o chapéu e começou a sussurrar em seu ouvido. Logo o sorriso de Mat era ainda maior que o dela.





CREPÚSCULO

Ainda escoltado pelas *Far Dareis Mai*, Rand chegou ao Teto das Donzelas de Rhuidean. Escadarias brancas tão largas quanto o próprio edifício, cada degrau medindo uma passada de comprimento, elevavam-se até espessas colunas de vinte passadas de altura, aparentemente negras no crepúsculo, mas de um azul brilhante à luz do dia, todas com ranhuras espiraladas. O exterior da construção tinha um padrão de mosaicos de azulejos vitrificados em espirais de branco e azul que pareciam infinitas aos olhos, e uma imensa janela em vitral colorido diretamente acima das colunas mostrava uma mulher de cabelos negros de quinze pés de altura trajando uma elaborada túnica azul, a mão direita erguida, dando uma bênção ou um comando para parar. Seu rosto era, ao mesmo tempo, sereno e inflexível. Quem quer que tivesse sido, decerto não fora Aiel, não com aquela pele alva e aqueles olhos escuros. Uma Aes Sedai, talvez. Antes de começar a subir as escadas, Rand bateu o cachimbo no calcanhar da bota para esvaziá-lo e o guardou no bolso do casaco.

À exceção de *gai'shain*, homens não podiam ficar sob o Teto das Donzelas. Homem nenhum, de nenhum forte do Deserto. Até um chefe de clã ou um parente de sangue de uma Donzela morreria tentando, embora Aiel algum sequer considerasse a possibilidade. O mesmo valia para qualquer sociedade: apenas seus membros e *gai'shain* podiam entrar.

As duas Donzelas que montavam guarda nas altas portas de bronze gesticularam uma para a outra em um código próprio da sociedade, acompanhando Rand com os olhos à medida que ele cruzava as colunas, depois compartilharam um sorriso tímido. Rand desejou saber o que elas haviam dito. Mesmo em uma região seca como o Deserto, o bronze acabava adquirindo as

manchas do tempo, mas os *gai'shain* haviam polido aquelas portas até que parecessem novas em folha. Estavam totalmente abertas, e a dupla de guardas não fez nenhum movimento para detê-lo quando Rand as cruzou com Adelin e as demais em seu encalço.

Os grandes aposentos e amplos corredores internos, revestidos de azulejos brancos, estavam tomados de Donzelas sentadas em almofadas luzentes. Elas conversavam, cuidavam de armas, brincavam de cinco marias, de cama de gato, ou jogavam Mil Flores, jogo Aiel que consistia em organizar padrões de pedrinhas gravadas com uma centena de símbolos diferentes. Uma profusão de *gai'shain* se movimentava suavemente nas tarefas de limpar, servir, cerzir e cuidar das lamparinas a óleo, que variavam de simples cerâmicas vitrificadas e peças douradas pilhadas de algum lugar a altos abajures que haviam sido encontrados pela cidade. Na maioria dos aposentos, tapetes coloridos e tapeçarias reluzentes revestiam o piso e as paredes em quase tantas padronagens e estilos quanto a própria quantidade de tapetes e tapeçarias. As paredes e tetos eram mosaicos detalhados de florestas, rios e céus que nunca tinham sido vistos no Deserto.

Jovens ou idosas, as Donzelas sorriram ao vê-lo, algumas assentindo com familiaridade ou até lhe dando tapinhas no ombro. Outras chamavam-no, perguntavam como estava, se já comeria ou se gostaria que os *gai'shain* lhe trouxessem vinho ou água. Rand respondia de maneira sucinta, mas sorria de volta. Estava bem, nem com fome nem com sede, e continuou andando sem desacelerar, mesmo enquanto falava. Se diminuísse o passo, inevitavelmente acabaria parando, e não estava disposto a isso, não naquela noite.

As *Far Dareis Mai* o tinham adotado, por assim dizer. Algumas o tratavam como filho, outras, como irmão. A idade não parecia influenciar no tratamento. Mulheres com mechas brancas no cabelo conversavam com ele como se tomassem chá com um irmão, enquanto Donzelas apenas um ano mais velhas que Rand tentavam se certificar de que ele usasse roupas apropriadas para o calor. Não tinha como evitar os cuidados maternos. Elas simplesmente agiam assim e, a menos que usasse o Poder contra toda a sociedade, não via jeito de fazê-las parar.

Rand pensara em tentar conseguir que outra sociedade lhe servisse de guarda, talvez os *Shae'en M'taal*, os Cães de Pedra, ou os *Aethan Dor*, os Escudos Vermelhos. Rhuarc fora um Escudo Vermelho antes de se tornar chefe, mas que justificativa poderia dar para a troca? Não seria possível dizer a verdade, certamente. Só de pensar em explicar aquilo a Rhuarc e aos demais já ficava constrangido. Do jeito que o humor Aiel era, até o velho e amargo Han era capaz de quebrar uma costela de tanto rir. Qualquer motivo que Rand desse provavelmente ofenderia a honra até da última das Donzelas. Pelo menos era raro que o mimassem fora do Teto, e ali não havia ninguém para ver, apenas

Donzelas e *gai'shain*, que eram espertos demais para dar com a língua nos dentes sobre qualquer coisa. “As Donzelas”, dissera ele, certa vez, “carregam minha honra”. Todo mundo se lembrava daquilo, e as Donzelas sentiam tanto orgulho daquelas palavras que era como se Rand tivesse elevado todas a tronos. No entanto, as mulheres carregavam a honra dele da maneira como queriam.

Adelin e as outras quatro deixaram Rand e se juntaram às amigas, mas ele não estava nem um pouco sozinho ao subir pelo edifício, percorrendo os lances em curva da larga escadaria branca. Praticamente a cada degrau, Rand precisava responder às mesmas perguntas. Não, não estava com fome. Sim, sabia que ainda não estava habituado ao calor. E não, não havia passado muito tempo no sol. Rand suportou todas as perguntas com paciência, mas decerto suspirou aliviado ao chegar ao segundo andar acima da imensa janela. Ali, não havia Donzelas ou *gai'shain* nos amplos corredores ou nas escadarias que conduziam ainda mais para cima. As paredes nuas e os quartos vazios acentuavam a ausência de pessoas, mas, depois de passar pelos andares inferiores, Rand considerou aquela solidão uma bênção.

Seu quarto era um aposento sem janelas perto do centro do edifício, um dos poucos que não era enorme, embora o teto ainda tivesse altura suficiente para fazer desta a sua maior dimensão. Para o que fora originalmente projetado, Rand não fazia ideia. Um mosaico de trepadeiras em torno da pequena lareira era sua única ornamentação. Ele poderia dizer que se tratava do quarto de um serviçal, mas quartos de serviços não tinham aquela porta banhada em bronze, ainda que simples, que ele puxou até fechar quase completamente. *Gai'shain* haviam polido o metal até deixá-lo quase fosco. Havia algumas almofadas com borlas espalhadas pelos azulejos azuis do piso, para se sentar. E, para dormir, havia um espesso estrado encimado por tapetes brilhantes sobrepostos. Uma jarra azul esmaltada bem simples contendo água e uma caneca verde-escura repousavam no chão perto da “cama”. Era tudo, além de duas luminárias de pé com três lamparinas cada, já acesas, e uma pilha de livros de uma passada de altura em um dos cantos. Com um suspiro cansado, Rand se deitou no estrado ainda de casaco e botas. Não importava a posição: dormir ali não era muito mais confortável do que no chão.

O frio da noite já invadia o quarto, mas Rand não se preocupou em acender o estercor de vaca na lareira. Preferia enfrentar o frio do que o fedor. Asmodean tentara lhe mostrar uma maneira simples de manter ambientes aquecidos. Simples, mas que o homem não tivera força suficiente para fazer. Na única vez em que tentara, Rand acordara ofegante, no meio da noite, enquanto as extremidades dos tapetes ardiam em chamas por conta do calor do chão. Não fizera mais nenhuma tentativa.

Rand escolhera aquele edifício como alojamento por estar inteiro e por ficar perto da esplanada. Os tetos belos e altos permitiam um ar mais fresco até nas

horas mais quentes do dia, e as paredes espessas isolavam o frio intenso da noite. Claro que não pretendia que o local abrigasse o Teto das Donzelas. Certa manhã, Rand simplesmente acordara e encantara Donzelas em cada aposento dos dois primeiros andares e suas guardas à porta. Levava um tempo para perceber que elas tinham a intenção de fazer do edifício o Teto da sociedade em Rhuidean, mas que esperavam que Rand permanecesse alojado ali. Na verdade, as Donzelas estavam prontas para deslocar o Teto para onde quer que Rand fosse. Por isso precisara se reunir com os chefes de clã em outro local. O máximo que conseguira negociar com as Donzelas fora fazê-las concordar em permanecer no andar inferior ao que ele dormia. Aquilo havia divertido demais todas elas. *Nem o Car'a'carn é rei*, lembrou, irônico. Já subira dois andares por conta do número cada vez maior de Donzelas. Pensou distraidamente em quantas mais ainda poderiam vir antes que passasse a dormir no telhado.

Era melhor pensar nisso do que se lembrar do modo como deixara Moiraine tirá-lo do sério. Não queria que a Aes Sedai descobrisse seus planos até que os Aiel estivessem em marcha. Moiraine sabia exatamente como manipular as emoções dele, como deixá-lo com tanta raiva que acabava dizendo mais do que gostaria. *Eu nunca fui de sentir muita raiva. Por que é tão difícil controlar meu temperamento?* Bem, não havia nada que a mulher pudesse fazer para pará-lo. Pelo menos ele achava que não. Precisava se lembrar de ser cuidadoso na presença dela. Com as habilidades aumentando, às vezes era relapso com Moiraine, e, embora Rand fosse bem mais forte, a mulher ainda sabia mais que ele, mesmo com os ensinamentos de Asmodean.

De certa forma, permitir que o Abandonado soubesse de seus planos era menos importante do que revelar suas intenções para a Aes Sedai. *Para Moiraine, ainda sou apenas um pastor que ela pode usar para os objetivos da Torre. No entanto, para Asmodean sou o único galho em que ele pode se segurar caso ocorra uma enchente.* Estranho pensar que talvez pudesse confiar mais em um dos Abandonados do que em Moiraine. Não que pudesse confiar muito em nenhum dos dois. Asmodean. Se os elos daquele homem com o Tenebroso o protegeram da mácula de *saidin*, tinha de haver outra maneira de fazer o mesmo. Ou de limpar a mácula.

O problema era que, antes de irem para o lado da Sombra, os Abandonados estavam entre os Aes Sedai mais poderosos da Era das Lendas, época em que coisas com que a Torre Branca jamais sonhara eram banais. Se Asmodean não conhecia um jeito, era porque provavelmente não existia. *Tem que existir. Tem que existir alguma coisa. Não vou ficar de braços cruzados enquanto enlouqueço e morro.*

Aquilo era uma absoluta tolice. A Profecia já preparara um encontro para Rand em Shayol Ghul. Quando, ele não sabia. Mas, depois disso, já não

precisaria se preocupar com estar enlouquecendo. Sentiu um calafrio e pensou em desdobrar os cobertores.

O som distante de pegadas suaves no corredor o fez levantar-se rapidamente. *Eu falei para elas! Se não puderem...!* A mulher que abriu a porta, carregando espessos cobertores de lã, era alguém que ele não esperava.

Aviendha parou logo na entrada do quarto para observá-lo com os frios olhos azul-esverdeados. Mais do que bonita e de idade próxima à de Rand, ela fora uma Donzela até abrir mão da lança para se tornar Sábia, não muito tempo antes. Seu cabelo escuro e avermelhado ainda estava bem acima dos ombros, e ela mal precisava da faixa marrom para impedi-lo de cair no rosto. Parecia um pouco desajeitada no xale marrom, além de um pouco impaciente com as saias cinza.

Rand sentiu uma ponta de ciúme por conta do colar de prata que Aviendha usava, um elaborado cordão com discos intrincadamente trabalhados, um diferente do outro. *Quem lhe deu isto?* A jovem não teria escolhido a peça sozinha, não parecia gostar de joias. A única outra peça que usava era um bracelete largo de marfim com detalhados entalhes de rosas. Fora presente dele, que ainda não tinha certeza de ela já o ter perdoado por isso. Em todo caso, sentir ciúme era uma bobagem de sua parte.

— Faz dez dias que não nos vemos — comentou Rand. — Pensei que as Sábias fossem amarrar você ao meu braço assim que descobrissem que eu as bloqueei dos meus sonhos. — Asmodean havia se divertido com a primeira coisa que Rand quisera aprender, mas depois se frustrara com o tempo que ele levava para dominar a técnica.

— Tenho um treinamento a fazer, Rand al'Thor. — Ela seria uma das poucas Sábias capazes de canalizar. Aquilo fazia parte do que lhe estava sendo ensinado. — Não sou uma das suas aguacentas, que ficam à disposição para você poder olhar para elas quando tiver vontade. — Apesar de conhecer Egwene, e até Elayne, aliás, Aviendha tinha uma visão estranhamente deturpada das mulheres que chamava de aguacentas, e de todos os aguacentos, em geral. — Elas não estão nada contentes com o que você fez. — Referia-se a Amy's, Bair e Melaine, as três Sábias Andarilhas dos Sonhos que a estavam treinando e que tentavam vigiá-lo. Aviendha balançou a cabeça de forma pesarosa. — Ficaram bem chateadas por eu ter deixado você descobrir que elas estavam caminhando nos seus sonhos.

Rand a encarou.

— Você contou a elas? Mas você nem chegou a me dizer nada. Eu descobri sozinho, e acabaria descobrindo mesmo que você não tivesse deixado escapar aquela dica. Aviendha, elas me *disseram* que conseguiam falar com as pessoas em sonhos. Depois daí, foi só um passo.

— Você queria que eu me desonrasse ainda mais? — Sua voz soava tranquila, mas os olhos poderiam ter ateado fogo na lareira. — Não vou me

desonrar por você e nem por homem nenhum! Eu lhe dei a dica e não vou negar minha vergonha. Devia ter deixado você congelar. — Aviendha arremessou os cobertores na cabeça dele.

Rand se livrou dos tecidos e os largou no estrado ao lado enquanto tentava pensar no que dizer. O *ji'e'toh* outra vez. Aviendha estava tão arredia quanto um espinheiro. Em tese, ela recebera a incumbência de ensiná-lo os costumes Aiel, mas Rand sabia que a verdadeira tarefa era espioná-lo para as Sábias. Qualquer desonra que a atividade de espionar carregasse entre os Aiel aparentemente não se estendia àquelas mulheres. Todas sabiam que ele sabia, mas, por algum motivo, isso não parecia preocupá-las. E se as Sábias estavam dispostas a manter a questão assim, por Rand, tudo bem. Para começar, Aviendha não era das melhores como espia. Quase nunca tentava descobrir nada, e seu temperamento não permitia que causasse em Rand a raiva ou a culpa que Moiraine despertava. Além disso, quando se esquecia de deixar os espinhos à mostra, podia ser uma companhia agradável. Pelo menos Rand sabia quem era a pessoa que Amys e as outras haviam designado para vigiá-lo. Se não fosse ela, seria outra, e ele ficaria o tempo todo se perguntando quem. Fora isso, Aviendha não parecia ficar nervosa com a presença dele.

Mat, Egwene e até Moiraine às vezes olhavam para Rand e pareciam ver o Dragão Renascido, ou ao menos um homem perigoso, capaz de canalizar. Os chefes de clã e as Sábias viam nele Aquele Que Vem Com a Aurora, o homem que, segundo as Profecias, quebraria os Aiel como a um galho seco. Se não o temiam, às vezes o tratavam como uma víbora vermelha com quem tinham de conviver. O que quer que Aviendha enxergasse nele, nunca a impedia de ser mordaz quando quisesse, ou seja, na maior parte do tempo.

Um consolo um tanto esquisito, mas, se comparado a todo o resto, ainda era um consolo. Sentira falta dela. Chegara até a colher flores de alguma das plantas espinhentas em torno de Rhuidean — espetando os dedos até se dar conta de que podia usar o Poder — e as mandara para ela meia dúzia de vezes. Em vez de pedir para os *gai'shain*, as próprias Donzelas haviam levado os botões, mas Aviendha jamais agradecera, claro.

— Obrigado — disse ele, por fim, tocando os cobertores, que pareciam um assunto suficientemente seguro. — Suponho que nunca sejam demais para as noites daqui.

— Enaila me pediu para trazer quando soube que eu estava aqui para ver você. — Os lábios dela se contraíram em um meio sorriso divertido. — Várias irmãs-de-lança estavam preocupadas por você não estar suficientemente agasalhado. Pediram para eu fazê-lo acender a lareira hoje. Ontem você não acendeu.

Rand sentiu as bochechas corarem. Ela sabia. *Bem, claro que ia ficar sabendo, não é? As malditas Donzelas podem até ter parado de contar tudo para*

ela, só que também não se dão ao trabalho de esconder nada.

— Por que você queria me ver?

Para a surpresa dele, Aviendha cruzou os braços e andou de um lado para o outro do quarto duas vezes, antes de parar e encará-lo.

— Isto aqui não foi um presente-cortês — disse, em um tom acusador, sacudindo o bracelete na direção dele. — Você mesmo admitiu. — Era verdade, apesar de Rand ter pensado que ela cravaria uma faca em suas costelas caso não admitisse. — Foi só um presente bobo de um homem que não sabia ou não se importava com o que minhas... com o que as irmãs-de-lança poderiam pensar. Bem, isto aqui também não significa nada. — A mulher puxou algo de dentro da bolsa e jogou no estrado ao lado de Rand. — Não existe mais dívida entre nós.

Rand apanhou o objeto que a mulher arremessara e o examinou. Era uma fivela de cinto em forma de dragão, feita de aço bom e belamente incrustada de ouro.

— Obrigado. É bonita. Não havia dívida alguma, Aviendha.

— Se não vai considerar como pagamento da minha dívida — respondeu a jovem com firmeza —, então jogue fora. Vou encontrar outra coisa que o compense. Isto é só uma bugiganga.

— Não é uma bugiganga. Você inclusive deve ter mandado fazer.

— Não pense que isso significa alguma coisa, Rand al'Thor. Quando eu... abri mão da lança, minhas lanças e minha faca... — Inconscientemente, a mão de Aviendha percorreu o cinto, onde a faca de lâmina comprida costumava ficar. — Até as pontas das flechas foram tiradas de mim e entregues a um ferreiro, que fez delas objetos simples para serem distribuídos. A maior parte eu dei para amigos, mas as Sábias me pediram para listar os três homens e as três mulheres que eu mais odeio, e me disseram para dar a cada um deles um presente feito das minhas armas e com minhas próprias mãos. Bair disse que isso nos ensina a ser humildes. — Completamente ereta, com olhar hostil e calculando cada palavra, sua aparência e seu tom de voz sugeriam tudo, menos humildade. — Então não vá pensar que isto signifique alguma coisa.

— Não significa nada — consentiu ele, assentindo com tristeza. Não que quisesse que aquilo significasse alguma coisa, mas teria sido bom pensar que ela estivesse começando a vê-lo como amigo. Era uma tremenda bobagem sentir ciúme da mulher. *Quem pode ter dado aquilo para ela?* — Aviendha? Eu era um dos que você mais odeia?

— Era, Rand al'Thor. — De repente, a voz dela ficou rouca. Por um momento, tremendo e de olhos fechados, Aviendha virou o rosto. — Odeio você com todas as forças. Odeio. E sempre vou odiar.

Rand não se deu ao trabalho de perguntar por quê. Certa vez, perguntara a Aviendha por que ela desgostava tanto dele, e a mulher quase lhe arrancara o

nariz, mas não respondera. Aquilo, porém, era mais do que uma antipatia da qual às vezes ela parecia se esquecer.

— Se você realmente me odeia — conjecturou, relutante —, vou pedir às Sábias para mandarem outra pessoa para me ensinar.

— Não!

— Mas se você...

— Não! — Se fosse possível, a negativa foi ainda mais enfática desta vez. Aviendha plantou as mãos na cintura e lhe deu um sermão como se quisesse que cada palavra o atingisse bem no coração. — Mesmo que as Sábias me permitissem parar, eu tenho *toh*, obrigação e dever, para com minha quase-irmã Elayne, de ficar de olho em você. Você pertence a ela, Rand al'Thor. A ela e a nenhuma outra. Lembre-se disso.

Rand quis se render. Pelo menos dessa vez a mulher não estava lhe descrevendo como era Elayne sem roupa. Alguns costumes Aiel levavam mais tempo do que outros para deixar de causar estranheza. Rand às vezes se perguntava se Aviendha e Elayne haviam “feito um acordo” entre si quanto àquela vigilância. Era difícil de acreditar, mas mesmo as mulheres que não eram Aiel tinham certa propensão a esquisitices. Mais que isso, ele se perguntava de quem Aviendha supostamente estaria protegendo-o. Exceto pelas Donzelas e as Sábias, as mulheres Aiel pareciam vê-lo metade como uma profecia encarnada, não muito de carne e osso, e metade como uma serpente sanguinária à solta entre crianças. Quando o assunto era tentar obrigá-lo a fazer o que queriam, as Sábias eram quase tão severas quanto Moiraine, e ele nem queria pensar no que as Donzelas seriam capazes. Tudo aquilo o enfurecia.

— Agora me escute. Beijei Elayne algumas vezes e acho que ela gostou tanto quanto eu, mas não estou prometido a ninguém. Nem tenho certeza se ela ainda quer isso de mim. — No intervalo de poucas horas, a Filha-herdeira lhe escrevera duas cartas; uma dizendo que Rand era a luz mais preciosa de seu coração, entre outras coisas que deixaram-no ruborizado, e outra que o chamava de miserável insensível e dizia que ela nunca mais queria vê-lo na vida, além de esculhambá-lo de cima a baixo, pior do que Aviendha jamais fizera. Mulheres eram definitivamente estranhas. — Seja como for, não tenho tempo para pensar em mulheres. A única coisa em que tenho pensado é em unir os Aiel, incluindo os Shaido, se possível. Eu... — Rand parou de falar com um gemido assim que viu a mulher mais improvável entrar rebolando no quarto, tilintando as joias e carregando uma bandeja de prata com um garrafão de vidro com vinho e duas canecas de prata.

A echarpe diáfana de seda vermelha enrolada em torno da cabeça de Isendre não parecia ter a função de esconder seu rosto pálido e belo, em formato de coração. Aiel algum jamais teria aqueles longos cabelos escuros e olhos negros. Os lábios carnudos estavam curvados de um jeito sedutor, até que a

mulher viu Aviendha. Então o sorriso desapareceu. Além da echarpe, usava uma dúzia ou mais de colares de ouro e marfim, alguns ostentando pérolas ou requintadas pedras preciosas. Uma quantidade igual de braceletes pesava em seus punhos, e os tornozelos estavam ainda mais atulhados. Apenas isso. Não usava mais nada. Rand se esforçou para manter os olhos estritamente no rosto da mulher, mas, ainda assim, sentiu as bochechas arderem.

Aviendha parecia uma nuvem carregada prestes a cuspir relâmpagos, enquanto Isendre parecia uma mulher que acabara de ficar sabendo que seria assada viva. Rand preferiria estar no Poço da Perdição ou em qualquer outro lugar, menos ali. Mesmo assim, acabou se levantando. Sua autoridade seria maior se olhasse para elas de cima, e não o contrário.

— Aviendha — começou. A jovem, porém, o ignorou.

— Alguém mandou você trazer isso? — perguntou Aviendha com frieza.

Isendre abriu a boca, a intenção de mentir estampada no rosto, depois engoliu em seco e sussurrou:

— Não.

— Você foi alertada sobre isso, *sorda*. — *Sorda* era uma espécie de rato particularmente furtivo, segundo os Aiel, e que não servia para absolutamente nada. A carne do bicho era tão asquerosa que nem os gatos comiam os que matavam. — Adelin achava que aquela última vez tinha servido de lição.

Isendre se encolheu e cambaleou, como se estivesse a ponto de desmaiar. Rand se recompôs.

— Aviendha, se alguém a mandou vir aqui ou não, pouco importa. Estou com sede, e se ela teve a bondade de me trazer vinho, devo agradecê-la por isso. — Aviendha olhou friamente para as duas canecas e arqueou as sobrancelhas. Rand respirou fundo. — Ela não deveria ser punida só por ter me trazido algo para beber. — Tomou o cuidado de não olhar para a bandeja. — Metade das Donzelas sob o Teto deve ter se perguntado se eu...

— Ela foi pega por roubar das Donzelas, Rand al'Thor. — A voz de Aviendha estava ainda mais gélida do que ao falar com a outra mulher. — Você já se intrometeu demais nos assuntos das *Far Dareis Mai*, mais do que lhe deveriam permitir. Nem mesmo o *Car'a'carn* pode se opor à justiça. Nada disso é da sua conta.

Rand fez uma careta... e deixou passar. O que quer que as Donzelas tivessem feito com ela, Isendre com certeza merecera. Só que não por aquilo. Ela entrara no Deserto com Hadnan Kadere, mas o homem não se preocupara em defendê-la quando as Donzelas a flagraram roubando as joias que, agora, eram tudo o que a deixavam usar. Foi a única coisa que Rand pôde fazer para evitar que Isendre fosse mandada para Shara toda amarrada, feito uma cabra, ou despachada sem roupa rumo à Muralha do Dragão com apenas um cantil. Ao vê-la clamar por misericórdia ao se dar conta do que as Donzelas pretendiam fazer, Rand não

conseguira ficar de fora da questão. Certa vez, matara uma mulher. Uma mulher que queria matá-lo, mas a lembrança ainda o atormentava. Achava que não seria capaz de repetir o feito, mesmo sob risco de morte. Uma bobagem, já que as Abandonadas deveriam estar salivando por seu sangue ou coisa pior, mas era como se sentia. E se não conseguia matar, como poderia ficar indiferente e deixar uma mulher morrer, mesmo que ela merecesse?

O problema era esse. Em qualquer região a oeste da Muralha do Dragão, Isendre encararia o cadafalso ou o machado do carrasco por conta do que Rand sabia sobre ela. Sobre ela, sobre Kadere e, provavelmente, sobre a maior parte dos ajudantes do mercador, se não todos. Eram Amigos das Trevas, e Rand não podia expô-los. Nem eles tinham conhecimento de que Rand sabia.

Se algum deles fosse desmascarado como Amigo das Trevas... Isendre resistia o melhor que podia, já que até trabalhar como serviçal e passar o tempo inteiro nua era melhor do que acabar amarrada pelas mãos e pelos pés e ser deixada ao sol. Mas ninguém manteria a boca fechada quando Moiraine pusesse as mãos neles. Aos Sedai não tinham piedade de Amigos das Trevas. Em pouco tempo, a mulher acabaria fazendo todos falarem. E Asmodean também entrara no Deserto nos carroções do mercador. Até onde Kadere e seus homens sabiam, ele era apenas mais um Amigo das Trevas, embora tivesse certa autoridade. Com certeza todos pensavam que ele fora trabalhar para o Dragão Renascido a mando de alguma instância ainda mais poderosa. Para manter o professor e evitar que Moiraine muito provavelmente tentasse matar os dois, Rand precisava guardar aquele segredo.

Por sorte, ninguém questionava por que os Aiel vigiavam o mercador e seus ajudantes tão de perto. Moiraine achava que aquilo se devia à habitual suspeita Aiel de todos os forasteiros que vinham ao Deserto, piorada pelo fato de estarem em Rhuidean. A mulher tivera de lançar mão de todo o seu poder de persuasão para que os Aiel permitissem que Kadere e seus carroções entrassem na cidade. E a suspeita existia. Era provável que Rhuarc e os demais chefes tivessem colocado guardas para vigiar os mercadores, mesmo que Rand não tivesse pedido. E Kadere apenas parecia feliz por não ter uma lança atravessada nas costelas.

Rand não fazia ideia de como resolveria a situação. Ou se conseguiria. Uma bela confusão. Nas histórias dos menestréis, só os vilões se viam metidos em enrascadas como aquela.

Assim que teve certeza de que Rand não tentaria se intrometer ainda mais, Aviendha voltou a atenção à outra mulher.

— Pode deixar o vinho.

Com uma expressão esquisita, Isendre apoiou graciosamente um dos joelhos no chão para depositar a bandeja ao lado do estrado. Rand precisou de alguns

momentos para entender que a mulher estava tentando sorrir para ele sem que a Aiel percebesse.

— Agora vá até a primeira Donzela que encontrar e conte para ela o que você fez — continuou Aviendha. — Corra, *sorda*!

Lamuriando-se e retorcendo as mãos, Isendre desatou a correr em meio à barulheira do chacoalhar das joias. Assim que a mulher saiu do quarto, Aviendha voltou-se contra Rand.

— Você pertence a Elayne! Não tem o direito de tentar seduzir mulher nenhuma, muito menos essa!

— Ela? — Rand perdeu o fôlego. — Você acha que eu...? Acredite em mim, Aviendha. Mesmo que ela fosse a última mulher no planeta, eu ainda fugiria dela o máximo que pudesse.

— É o que você diz. — A jovem bufou. — Essa mulher já apanhou com vara sete vezes por tentar se esgueirar até o seu quarto. Sete! Não insistiria tanto se não estivesse sendo encorajada. Ela está enfrentando a justiça das *Far Dareis Mai*, que não é da conta nem mesmo do *Car'a'carn*. Encare isso como a lição de hoje sobre os nossos costumes. E lembre que você pertence à minha quase-irmã! — Sem deixá-lo dizer uma só palavra, Aviendha saiu, com um olhar que fez Rand se perguntar se Isendre sobreviveria caso a Aiel fosse acertar as contas com ela.

Ele deixou escapar um longo suspiro e colocou a bandeja com vinho em um canto do quarto. Não estava disposto a beber nada que Isendre lhe trouxesse.

Tentou vir aqui sete vezes? Isendre devia ter ficado sabendo que ele intercedera por ela. Com certeza pensava que se ele tinha feito aquilo em troca de um sorriso e um olhar ousado, o que faria por mais? A ideia gerou o mesmo calafrio que o frio da noite lhe provocava. Preferiria dividir a cama com um escorpião. Se as Donzelas não conseguissem convencê-la, ele talvez contasse a ela o que sabia a seu respeito. Isso deveria pôr um fim em quaisquer maquinações.

Rand apagou as lamparinas, subiu no estrado no escuro, ainda de botas e totalmente vestido, e apalpou a cama até colocar todos os cobertores sobre si. Com a lareira apagada, suspeitou que, até o amanhecer, ficaria muito agradecido a Aviendha. Erguer as barreiras de Espírito que protegiam seus sonhos de intrusos já era quase automático, mas, enquanto o fazia, se pegou rindo sozinho. Podia ter se deitado primeiro e usado o Poder para apagar as lamparinas. Eram para essas coisas simples que Rand nunca se lembrava de usar o Poder.

Durante algum tempo, ficou esperando que o calor de seu corpo aquecesse o interior dos cobertores. Não conseguia entender como um lugar podia ser tão quente de dia e tão frio à noite. Enfiando uma das mãos por baixo do casaco, bateu a cicatriz quase curada na lateral do corpo. Aquela ferida, que Moiraine jamais poderia curar por completo, era o que acabaria matando-o. Tinha certeza. Seu sangue nas rochas de Shayol Ghul. Era o que diziam as Profecias.

Hoje não. Não vou pensar nisso hoje à noite. Ainda tenho algum tempo. Mas se os selos podem ser raspados com uma faca, será que ainda prendem com tanta força...? Não. Hoje não.

O interior dos cobertores estava ficando um pouco mais quente, e Rand se revirou, tentando e falhando em encontrar uma forma confortável de dormir. *Eu deveria ter me lavado*, pensou, sonolento. Naquele exato instante, Egwene devia estar em uma tenda de vapor bem quentinha. Em metade das vezes que Rand fizera uso de uma, algumas Donzelas tinham tentado entrar com ele e quase rolaram de rir quando Rand insistira para que elas ficassem do lado de fora. Ter de se despir e se vestir no meio do vapor já era suficientemente problemático.

O sono por fim chegou e, com ele, sonhos devidamente protegidos de Sábias ou de quem quer que fosse, embora desprotegidos de seus próprios pensamentos. Três mulheres os invadiam o tempo todo. Nenhuma era Isendre, exceto em um breve pesadelo que quase o acordou. Seus sonhos se alternavam entre Elayne, Min e Aviendha, às vezes todas juntas. Apenas Elayne o via como homem, mas as três o enxergavam por *quem* era, e não *o quê*. Tirando o pesadelo, todos foram sonhos agradáveis.





ENTRE AS SÁBIAS

De pé, o mais perto possível da pequena fogueira no meio da tenda, Egwene ainda tremia ao derramar a água da generosa chaleira em uma grande bacia com listras azuis. Baixara as laterais da tenda, mas o frio penetrava pelos tapetes coloridos sobrepostos que cobriam o chão, e todo o calor do fogo parecia sair depressa pelo buraco bem no meio do teto, deixando apenas o odor do esterco em brasa. Estava prestes a bater os dentes.

Com o vapor da água começando a se esvanecer, agarrou *saidar* por um momento e canalizou Fogo para aquecer ainda mais o líquido. Amys ou Bair provavelmente teriam se banhado com aquela água fria, embora na verdade sempre se lavassem em banhos de vapor. *Não sou tão durona quanto elas. Não cresci no Deserto. Não preciso morrer congelada e me lavar com água fria, se não quiser.* Egwene ainda se sentia culpada ao passar um pano pelo sabão com aroma de lavanda comprado de Hadnan Kadere. As Sábias nunca tinham lhe pedido para agir de outra forma, mas a sensação ainda era de estar trapaceando.

Largar a Fonte Verdadeira a fez suspirar de remorso. Mesmo tremendo de frio, riu baixinho da própria tolice. A delícia de estar preenchida pelo Poder e a maravilhosa descarga de vida e consciência eram o perigo em si. Quanto mais a pessoa recorria a *saidar*, mais vontade tinha de recorrer, e, sem autocontrole, uma hora iria mais fundo do que se podia aguentar, o que levaria à morte ou ao estancamento. E nada disso tinha graça.

Esse é um dos seus maiores defeitos, repreendeu-se com veemência. *Você sempre quer fazer mais do que precisa. Deveria se lavar com a água fria. Isso lhe ensinaria a ter disciplina.* O problema era que havia muito o que aprender, e às

vezes parecia que o tempo de uma vida seria muito pouco para isso. As professoras de Egwene eram sempre muito cautelosas, fossem as Sábias ou as Aes Sedai na Torre. Era difícil se controlar quando sabia que, de várias maneiras, já as havia superado. *Posso fazer mais do que elas imaginam.*

Uma lufada de ar congelante a atingiu, fazendo rodopiar a fumaça do fogo por toda a tenda, quando uma voz feminina disse:

— Se lhe aprouver...

Egwene deu um pulo e soltou um gritinho de susto antes de conseguir falar.

— Feche isto! — Egwene se abraçou para se impedir de tremer. — Entre ou saia, mas feche isto! — Tanto esforço para se aquecer, e agora sentia arrepios gelidos da cabeça aos pés!

A mulher de roupas brancas arrastou-se de joelhos para dentro e deixou a aba da tenda cair. Manteve os olhos baixos e as mãos delicadamente entrelaçadas. Provavelmente agiria da mesma maneira caso Egwene, em vez de apenas gritar, tivesse batido nela.

— Se lhe aprouver — repetiu, com voz mansa —, a Sábida Amys me mandou até aqui para lhe levar à tenda de vapor.

Desejando poder ficar de pé em cima do fogo, Egwene apenas gemeu. *Que a Luz queime Bair e sua teimosia!* Se não fosse pela velha Sábida de cabelos brancos, elas estariam em quartos na cidade, não em tendas nos arredores. *Eu poderia estar num quarto com uma lareira decente. E uma porta.* Ela podia apostar que Rand não precisava lidar com pessoas invadindo seus aposentos quando quisessem. *Basta aquele Dragão desgraçado do Rand al'Thor estalar os dedos para as Donzelas pularem para servi-lo. Aposto que elas arrumaram uma cama de verdade para ele, e não um estrado no chão.* Egwene tinha certeza de que Rand tomava um banho quente todas as noites. *As Donzelas devem levar baldes com água quente até o quarto dele. Aposto que encontraram até uma banheira de cobre decente.*

Amys, e até mesmo Melaine, haviam sido receptivas à sugestão de Egwene, mas Bair cortara a conversa e as duas consentiram feito *gai'shain*. Egwene supôs que, com Rand trazendo tantas mudanças, Bair queria conservar o máximo possível dos antigos costumes, mas preferia que a mulher tivesse reservado a intransigência para outra coisa.

Negar-se não lhe passava pela cabeça. Prometera às Sábidas que esqueceria que era uma Aes Sedai — a parte fácil, já que ela não era — e que faria exatamente como lhe fosse mandado. Essa era a parte difícil. Egwene estivera longe da Torre por tempo suficiente para voltar a ser dona do próprio nariz. Amys, porém, lhe dissera sem rodeios que caminhar em sonhos era perigoso mesmo depois que se aprendia a controlar a situação, e muito mais perigoso antes de isso acontecer. Se Egwene não fosse obediente no mundo desperto, elas

não poderiam confiar que fosse obedecer nos sonhos, e então não assumiriam a responsabilidade de ensiná-la. Assim, ela cumpria tarefas junto com Aviendha, aceitava punições com toda a graça que conseguia reunir e pulava sempre que Amarys, Melaine ou Bair diziam “sapo”. Só um modo de falar, já que nenhuma delas jamais havia visto um sapo. *Não que alguma delas vá querer de mim algo além de servir o chá.* Não, naquela noite seria a vez de Aviendha fazer isso.

Por um momento, Egwene considerou vestir meias-calças, mas por fim acabou apenas se curvando para calçar os sapatos. Eram calçados robustos, apropriados para o Deserto. Sentia falta dos chinelos de seda que usara em Tear.

— Qual é o seu nome? — perguntou, tentando ser simpática.

— Cowinde — respondeu a mulher com docilidade.

Egwene suspirou. Tentara fazer amizade com *gai'shain*, mas eles nunca correspondiam. Serviços eram algo com que ela não tivera a chance de se acostumar, embora *gai'shain* não fossem exatamente serviços, claro.

— Você era uma Donzela?

Um lampejo rápido e impetuoso nos profundos olhos azuis da mulher mostraram a Egwene que seu palpite estava correto. Porém, com a mesma velocidade, o olhar tornou a ser submisso.

— Sou *gai'shain*. O antes e o depois não são o agora, e só o agora existe.

— Qual é o seu ramo e o seu clã? — Em geral, nem era preciso perguntar, mesmo para os *gai'shain*.

— Eu sirvo à Sábia Melaine do ramo Jhirad dos Aiel Goshien.

Tentando escolher entre dois mantos, um bem resistente de lã marrom e outro de seda azul acolchoada que comprara de Kadere — o mercador vendera a ótimos preços todo o conteúdo de seus carroções para abrir espaço para o carregamento de Moiraine —, Egwene fez uma pausa e franziu a testa em direção à mulher. Aquela não era uma boa resposta. Ouvira dizer que uma forma de Desolação acometera alguns *gai'shain*. Quando seu ano e um dia se cumpria, eles simplesmente se recusavam a tirar os roupões.

— Seu período acaba quando? — perguntou Egwene.

Cowinde agachou-se ainda mais, quase encolhendo-se sobre os joelhos.

— Sou uma *gai'shain*.

— Mas quando vai poder voltar ao seu ramo, ao seu forte?

— Sou uma *gai'shain* — repetiu a mulher, bem baixinho, olhando para os tapetes. — Se minha resposta lhe desagrade, me puna, mas é a única que posso dar.

— Não seja tola — retrucou Egwene, incisiva. — E endireite-se. Você não é um sapo.

A mulher de roupão branco obedeceu imediatamente, sentando-se nos calcanhares e, submissa, esperando outro comando. Aquela breve centelha de

impetuosidade parecia nunca ter existido.

Egwene respirou fundo. A mulher encontrara sua maneira de lidar com a Desolação. Uma bobagem, mas nada que dissesse mudaria a situação. De qualquer maneira, já devia estar a caminho da tenda de vapor, e não envolvida em uma conversa com Cowinde.

Ao se lembrar da lufada fria, hesitou. O vento gélido fizera duas grandes flores brancas que repousavam em uma vasilha rasa se curvarem e se fecharem parcialmente. Eram de uma planta chamada *segade*, um vegetal coriáceo robusto, sem folhas e repleto de espinhos. Flagrara Aviendha segurando e encarando as flores naquela manhã. Ao vê-la, a Aiel se assustara e empurrara as flores para as mãos de Egwene, dizendo que as colhera para ela. Egwene supôs que Aviendha ainda guardasse características de uma Donzela da Lança demais para admitir que gostava de flores. Porém, parando para pensar, já vira a outrora Donzela adornando o cabelo ou o casaco com uma.

Você só está tentando adiar as coisas, Egwene al'Vere. Pare de se comportar com uma cabeça de lâ! Você está sendo tão tola quanto Cowinde.

— Pode ir na frente — disse Egwene, que mal teve tempo de jogar o manto de lâ sobre o corpo nu antes que a mulher abrisse a aba da tenda para ela e para aquela noite de gelar os ossos.

Lá no alto, as estrelas eram pontinhos bem nítidos na escuridão, e a lua minguante brilhava. O acampamento das Sábias era um aglomerado de duas dezenas de montículos a menos de cem passadas de onde uma das ruas pavimentadas de Rhuidean terminava em pedras e barro duro e rachado. As sombras do luar transformavam a cidade em estranhos picos e penhascos. Todas as tendas tinham as abas fechadas, e os cheiros de fogueira e comida se misturavam para preencher o ar.

As outras Sábias se reuniam ali quase diariamente, mas passavam as noites entre os próprios ramos. Várias até dormiam em Rhuidean. Mas Bair, não. Aquilo era o mais perto da cidade que ela estava disposta a chegar. Se Rand não estivesse lá, não havia a menor dúvida de que teria insistido para que o acampamento fosse nas montanhas.

Egwene apertou o manto ao redor do corpo e andou o mais rápido que podia. Pequeníssimos filetes de gelo se agarravam à barra do tecido e, a cada passo, roçavam suas pernas nuas. Para se manter à frente, Cowinde precisou puxar os roupões brancos até a altura dos joelhos. Egwene não precisava que a *gai'shain* lhe mostrasse o caminho, mas, como a mulher fora enviada para levá-la até lá, ficaria envergonhada e talvez ofendida caso Egwene não lhe permitisse fazê-lo. Apertando os dentes para que não batessem, desejou que a mulher corresse.

A não ser pela abertura para a saída da fumaça, que fora coberta, a tenda de vapor era igual a qualquer outra: baixa, larga e com todas as abas fechadas. Ali perto, uma fogueira queimara até só restarem algumas brasas que ainda luziam

espalhadas sobre umas poucas pedras do tamanho da cabeça de um homem. Não havia luz suficiente para discernir o que era o montículo bem menor, encoberto pela sombra, que jazia ao lado da entrada da tenda, mas Egwene sabia que se tratava de roupas femininas dobradas minuciosamente.

Inspirando o ar congelante, tirou os sapatos com pressa, deixou o manto cair e entrou na tenda o mais rápido que pôde. Após um instante de frio intenso, antes que a aba se fechasse atrás dela, o calor vaporoso a envolveu, fazendo brotar gotas de suor que a cobriram com um brilho instantâneo enquanto Egwene ainda arfava e tremia.

As três Sábias que vinham ensinando-a a caminhar nos sonhos estavam sentadas despreocupadamente, banhadas de suor, os cabelos até a cintura já úmidos. Bair conversava com Melaine, cujos belos olhos verdes e cabelos acobreados faziam intenso contraste com o rosto curtido e as longas mechas brancas da Sábيا mais velha. Amys também tinha cabelos brancos, ou talvez fossem fios louros tão pálidos que pareciam brancos, mas não aparentava ser idosa. Tanto ela quanto Melaine eram capazes de canalizar — muitas Sábias não eram —, e Amys tinha um quê da aparência de idade indefinida típica das Aes Sedai. Moiraine, que parecia pequena e franzina ao lado das demais, também se mostrava imperturbável. Embora o suor escorresse pelo pálido corpo nu e fizesse os cabelos escuros grudarem-se à cabeça, ela parecia se recusar majestosamente a reconhecer que estava sem roupa. As Sábias manejavam finas peças de bronze curvadas chamadas *staera*, usadas para raspar o suor e a poeira do dia.

Bem no meio da tenda, Aviendha suava agachada ao lado de uma grande chaleira preta com pedras fuliginosas quentes e, com cuidado, utilizava um par de pinças para mover uma última pedra de uma chaleira menor para a maior. Assim que o fez, borrifou água nas pedras usando uma cuia, aumentando o vapor. Se deixasse o vapor diminuir muito, receberia no mínimo uma advertência severa. Na próxima reunião das Sábias na tenda de vapor, seria a vez de Egwene cuidar das pedras.

Com cautela, Egwene sentou-se ao lado de Bair, com as pernas cruzadas — em vez dos tapetes sobrepostos, só havia o chão rochoso, desconfortavelmente quente, rugoso e úmido —, e percebeu, chocada, que Aviendha apanhara com vara, e recentemente. Quando a Aiel, com todo o cuidado, tomou seu lugar ao lado de Egwene, o fez com o rosto tão duro quanto o chão, mas com uma expressão que não conseguia esconder o desconforto.

Era algo que Egwene não esperava. As Sábias exigiam rígida disciplina — maior até que a da Torre, o que não era nada fácil —, mas Aviendha trabalhava com absoluta determinação para aprender a canalizar. Não era capaz de caminhar nos sonhos, mas se esforçava para absorver cada arte das Sábias com o mesmo afinho com que se dedicara a aprender os atributos de uma Donzela.

Claro que, após confessar que deixara Rand descobrir que as Sábias vigiavam seus sonhos, as mulheres a obrigaram a passar três dias cavando e depois tampando buracos da altura dos ombros, mas aquela fora uma das poucas vezes em que Aviendha parecera ter metido os pés pelas mãos. Amys e as outras duas sempre falavam tanto da jovem como modelo de subserviência delicada e força de vontade apropriada, que Egwene, mesmo sendo amiga de Aviendha, às vezes sentia vontade de gritar.

— Você demorou bastante — comentou Bair, mal-humorada, enquanto Egwene, calma, ainda procurava uma posição confortável. A voz da mulher era fina e esganiçada, mas soava como ferro. Ela continuou a raspar os braços com uma *staera*.

— Me desculpe. — Pronto, aquela docilidade já deveria bastar.

Bair bufou.

— Você só é Aes Sedai além da Muralha do Dragão. Aqui, é aprendiz, e uma aprendiz não se demora. Quando mando chamar Aviendha ou ordeno que faça alguma coisa, ela vem correndo, mesmo que eu só queira um alfinete. Você faria bem em seguir o exemplo.

Ruborizando, Egwene tentou soar humilde.

— Vou tentar, Bair.

Aquela fora a primeira vez que uma Sábida fizera tal comparação na frente das demais. Egwene olhou de relance para Aviendha e ficou surpresa ao vê-la imersa em pensamentos. Às vezes, desejava que sua “quase-irmã” nem sempre fosse um exemplo tão bom.

— A garota vai aprender, Bair, ou não vai — ponderou Melaine, irritada. — Dê instruções sobre a presteza dela mais tarde, caso ainda seja necessário. — Não mais do que dez ou doze anos mais velha que Aviendha, a mulher parecia sempre irritada. Talvez estivesse sentada sobre alguma pedra pontuda. Se fosse o caso, ela não se moveria: esperaria que a pedra cedesse o lugar. — Vou tornar a dizer, Moiraine Sedai, que os Aiel seguem Aquele Que Vem Com a Aurora, e não a Torre Branca.

Ficou óbvio que Egwene deveria entender do que se tratava a conversa conforme as mulheres continuassem falando.

— Pode ser — complementou Amys com voz equilibrada — que os Aiel voltem a servir as Aes Sedai, mas ainda não chegou a hora, Moiraine Sedai. — Ela mal fez uma pausa no ato de se raspar enquanto encarava calmamente a Aes Sedai.

Mas essa hora chegaria, Egwene sabia, agora que Moiraine estava ciente de que algumas das Sábias eram capazes de canalizar. As Aes Sedai fariam incursões no Deserto para encontrar garotas que pudessem ser educadas, e provavelmente também tentariam levar para a Torre qualquer Sábida que tivesse essa capacidade. Egwene já se preocupara com as Sábias poderem ser

intimidadas e dominadas, tiradas do caminho sempre que necessário. Aes Sedai nunca permitiam que mulheres capazes de canalizar ficassem muito tempo longe da Torre. Agora não se preocupava mais, ainda que as próprias Sábias parecessem inquietas. Em se tratando de força de vontade, Amys e Melaine podiam fazer frente a qualquer Aes Sedai, como demonstravam todos os dias com Moiraine. Era bem provável que Bair botasse até Suan Sanche no chinelo, e ela nem era capaz de canalizar.

Aliás, Bair nem era a Sábيا com maior força de vontade. Essa honra cabia a uma mulher ainda mais velha, Sorilea, do ramo Jarra dos Aiel Chareen. A Sábيا do Forte Shende não podia canalizar mais que uma noviça, mas dava tarefas a outras Sábias com a mesma facilidade com que aos *gai'shain*. E elas atendiam. Não, não havia razão para Egwene se angustiar com a possibilidade de as Sábias serem intimidadas.

— É compreensível que você deseje poupar sua terra — afirmou Bair —, mas é óbvio que Rand al'Thor não pretende nos liderar para causar sofrimento. Ninguém que se render a Aquele Que Vem Com a Aurora, e aos Aiel, será ferido. — Então era isso. Claro.

— O que me preocupa não é apenas poupar vidas e terras. — Moiraine passou o dedo por uma sobrancelha escorrendo suor, transformando o gesto em algo majestoso, mas sua voz estava quase tão tensa quanto a de Melaine. — Se permitirem isso, vai ser um desastre. Vários anos de planejamento estão começando a se concretizar, e ele pretende arruinar tudo.

— Planos da Torre Branca — corrigiu Amys com tamanha suavidade que poderia até estar concordando. — Esses planos não têm nada a ver conosco. Nós, assim como as outras Sábias, temos que considerar o que é bom para os Aiel. Vamos garantir que os Aiel façam o que é melhor para os Aiel.

Egwene se perguntou o que os chefes de clã diriam sobre aquilo. Os homens reclamavam com frequência que as Sábias se intrometiam em assuntos que não lhes diziam respeito, então talvez nem ficassem surpresos. Todos os chefes pareciam obstinados e inteligentes, mas Egwene acreditava que tinham tantas chances contra todas aquelas Sábias juntas quanto o Conselho de sua aldeia teria contra o Círculo das Mulheres.

Desta vez, no entanto, Moiraine estava certa.

— Se Rand... — começou ela, no que Bair a interrompeu com firmeza.

— Mais tarde ouviremos o que você tem a dizer, garota. Seu conhecimento sobre Rand al'Thor é valioso, mas você vai ter que se calar e ouvir até que lhe peçam para falar. E pare de ficar emburrada, ou vou lhe dar uma dose de chá de espigão-azul.

Egwene fez uma careta. O respeito que elas tinham pelas Aes Sedai, embora fosse um respeito de igual para igual, não se estendia a aprendizes, mesmo uma que elas acreditassem ser Aes Sedai. De qualquer forma, Egwene segurou a

língua. Bair era capaz de mandá-la ir buscar a bolsa de ervas e preparar pessoalmente o tal chá, incrivelmente amargo. A bebida não servia para muita coisa além de curar gente amuada, emburrada ou qualquer outra coisa que desagradasse as Sábias, o que fazia apenas com seu sabor. Aviendha lhe deu um tapinha reconfortante no braço.

— Vocês não acham que também vai ser catastrófico para os Aiel? — Devia ser difícil expressar tanta frieza quanto o vento invernal enquanto o corpo brilhava da cabeça aos pés por conta do vapor condensado e da própria transpiração, mas Moiraine não parecia ter problemas. — Vai ser outra Guerra dos Aiel. Vocês vão matar, incendiar e saquear cidades como fizeram antes, até fazer todos os homens e mulheres se voltarem contra vocês.

— O quinto é nosso por direito, Aes Sedai — retrucou Melaine, jogando os longos cabelos para trás para que pudesse manejar uma *staera* em seu ombro macio. Mesmo pesado e úmido por conta do vapor, seu cabelo reluzia feito seda. — Não pegamos mais que isso nem dos Assassinos da Árvore. — O olhar que lançou a Moiraine era ameno demais para não ter um significado implícito. Aquelas mulheres sabiam que ela era cairhiena. — Seus reis e rainhas pegam quantias iguais com os impostos.

— E quando as nações se voltarem contra vocês? — insistiu Moiraine. — Na Guerra dos Aiel, as nações se uniram e os obrigaram a recuar. Isso pode e vai acontecer de novo, e com enormes baixas dos dois lados.

— Nenhum de nós teme a morte, Aes Sedai — afirmou Amys, com um sorriso gentil, como se explicasse algo para uma criança. — A vida é um sonho do qual todos temos que despertar antes que possamos sonhar outra vez. Além do mais, apenas quatro clãs cruzaram a Muralha do Dragão sob a liderança de Janduin. Agora, seis já estão aqui, e você mesma afirma que Rand al'Thor pretende liderar todos.

— A Profecia de Rhuidean diz que ele vai nos destruir. — O fogo nos olhos verdes de Melaine podia ser direcionado a Moiraine ou podia se dever ao fato de ela não estar tão resignada quanto soava. — O que importa se vai ser aqui ou além da Muralha do Dragão?

— Vocês vão fazer com que ele perca o apoio de todas as nações a oeste da Muralha — alertou Moiraine. Parecia tão calma quanto sempre, mas sua voz tinha uma dureza capaz de quebrar pedras. — Rand precisa desse apoio!

— Ele tem o apoio da nação Aiel — informou Bair, com aquela voz frágil e inflexível. A mulher enfatizava as palavras ao gesticular com a fina lâmina de metal. — Os clãs nunca formaram uma nação, mas agora é isso que ele nos torna.

— Não vamos ajudar você a fazê-lo recuar, Moiraine Sedai — completou Amys, com a mesma firmeza.

— Pode ir agora, Aes Sedai, se lhe aprouver — disse Bair. — Por hoje, já discutimos o suficiente sobre o que você queria discutir. — Suas palavras foram educadas, mas encerravam a questão.

— Vou deixá-las — respondeu Moiraine, outra vez serena, soando como se aquilo tivesse sido sugerido e decidido por ela. Àquela altura, estava acostumada às Sábias deixarem claro que não estavam sob a autoridade da Torre. — Tenho outras questões para tratar.

Essa parte devia ser verdade, claro. Muito provavelmente, era algo relacionado a Rand. Egwene sabia que era melhor não perguntar. Se Moiraine quisesse que ela soubesse, diria, e, se não... Se não, Egwene receberia as palavras evasivas de uma Aes Sedai evitando mentir, ou ouviria, sem rodeios, que aquilo não era de sua conta. Moiraine sabia que a “Egwene Sedai da Ajah Verde” era uma fraude. Em público, tolerava aquela mentira, mas, a sós, colocava Egwene em seu devido lugar sempre que achava necessário.

Logo que a Azul saiu, em meio a uma lufada de vento frio, Amys ordenou:

— Aviendha, sirva o chá.

Após um pulo de surpresa, a jovem Aiel abriu duas vezes a boca antes de se pronunciar.

— Ainda tenho que preparar — disse ela, a voz fraca. Então tratou de engatinhar para fora da tenda. A segunda lufada de vento exterior enfraqueceu o vapor.

As Sábias trocaram olhares quase tão surpresos quanto o de Aviendha. E o de Egwene. Aviendha sempre desempenhava com eficiência até as tarefas mais penosas, e com a maior disposição. Algo a devia estar atormentando demais para fazê-la se esquecer de uma tarefa como o preparo do chá. As Sábias sempre queriam chá.

— Mais vapor, garota — solicitou Melaine.

Com Aviendha longe, Egwene se deu conta de que o pedido havia sido para ela. Apressando-se para derramar água nas pedras, canalizou para aquecê-las ainda mais — e à chaleira também —, até ouvir as pedras crepitando e a própria chaleira irradiando calor feito uma fornalha. Os Aiel podiam estar acostumados com a alternância entre ser assados vivos e depois quase congelar, mas ela, não. Nuvens quentes e espessas elevaram-se para preencher a tenda. Amys assentiu em aprovação. Ela e Melaine conseguiam ver o brilho de *saidar* circundando-a, claro, mas a própria Egwene não via. Melaine apenas continuou a se raspar com a *staera*.

Egwene largou a Fonte Verdadeira, sentou-se e se inclinou na direção de Bair para sussurrar:

— Aviendha fez alguma coisa errada? — Ela não fazia ideia de como Aviendha se sentiria, mas não via motivos para constrangê-la, mesmo pelas costas.

Bair não teve tantos pudores.

— Você está se referindo às marcas no corpo dela? — perguntou, com voz neutra. — Ela me procurou e contou que havia mentido duas vezes hoje, mas não disse para quem ou sobre o quê. O problema era dela, claro, desde que não tivesse mentido para uma Sábia, mas ela afirmou que sua honra exigia que um *toh* fosse cumprido.

— Ela *pediu* a você para... — Egwene se engasgou e não conseguiu concluir.

Bair assentiu como se nada daquilo fosse muito fora do comum.

— Dei uns golpes a mais por ela ter vindo me importunar com isso. Se houvesse *ji* envolvido, a obrigação dela não seria para comigo. É bem provável que as tais mentiras fossem algo com que só uma *Far Dareis Mai* se preocuparia. Donzelas, e até antigas Donzelas, às vezes são tão nervosinhas quanto os homens.

Amys lançou à mulher um olhar que, até naquele vapor espesso, foi bem claro. Assim como Aviendha, Amys tinha sido *Far Dareis Mai* antes de se tornar Sábia.

À sua maneira de ver, Egwene nunca conhecera um Aiel que não fosse nervosinho quanto ao *ji'e toh*. Mas aquilo! Todos os Aiel eram bem malucos.

Aparentemente, Bair já se esquecera do assunto.

— Não me lembro de já ter visto tantos Perdidos na Terra da Trindade quanto agora — comentou para todas na tenda. Aquela era a maneira como os Aiel se referiam aos Latoeiros, os Tuatha'an.

— Eles estão fugindo dos problemas do outro lado da Muralha do Dragão. — O escárnio na voz de Melaine era claro.

— Ouvi falar — começou Amys, hesitante — que alguns dos que fugiram depois da Desolação procuraram os Perdidos e pediram para se juntar a eles.

Seguiu-se um longo silêncio. Àquela altura, as Sábias já estavam cientes de que vinham todos da mesma linhagem, e que haviam se dispersado antes de os Aiel cruzarem a Espinha do Mundo em direção ao Deserto, mas aquela informação só fizera aprofundar a aversão que sentiam.

— Ele traz a mudança — sussurrou Melaine, severa, fitando o vapor.

— Achei que vocês já tivessem em paz com as mudanças que ele traz — disse Egwene, a compaixão brotando em sua voz.

Devia ser difícil ter a vida inteira revirada. Quase esperava que lhe dissessem para voltar a calar a boca, mas ninguém o fez.

— Em paz — murmurou Bair, como se testasse o sabor das palavras. — Melhor dizer que aguentamos da melhor forma possível.

— Ele transforma tudo. — Amys soou preocupada. — Rhuidean. Os Perdidos. A Desolação, e revelações que não deveriam ter sido feitas.

As Sábias, e todos os Aiel, aliás, ainda tinham dificuldade em tocar naquele assunto.

— As Donzelas o rodeiam como se devessem mais a ele do que aos próprios

clãs — acrescentou Bair. — Pela primeira vez, um homem foi admitido sob um Teto das Donzelas.

Por um momento, Amys pareceu a ponto de dizer alguma coisa, mas quaisquer informações que tivesse a respeito do funcionamento interno da *Far Dareis Mai* só eram compartilhadas com quem era ou havia sido uma Donzela da Lança.

— Os chefes já não nos ouvem como antes — resmungou Melaine. — Ah, eles continuam pedindo conselhos, até porque não são completos idiotas, mas Bael não me conta mais o que disse para Rand al'Thor ou o que Rand al'Thor disse a ele. Fala que é para eu perguntar Àquele que Vem Com a Aurora, que me diz para perguntar a Bael. Com o *Car'a'carn*, não posso fazer nada, mas com Bael... Ele sempre foi um homem teimoso e irritante, mas agora está passando dos limites. Às vezes sinto vontade de dar com um pedaço de pau na cabeça dele. — Amys e Bair riram como se tivessem ouvido uma piada maravilhosa. Ou talvez só quisessem rir para deixar as mudanças de lado, por um momento.

— Só existem três atitudes a se tomar com um homem como ele. — Bair gargalhou. — Manter distância, matá-lo ou pedi-lo em casamento.

Melaine enrijeceu, a face bronzeada ruborizando. Por um instante, Egwene pensou que a Sábia de cabelos dourados estava prestes a cuspir palavras mais esquentadinhas que o próprio rosto. Então uma lufada cortante anunciou o retorno de Aviendha, que trazia uma bandeja de prata trabalhada contendo um bule amarelo esmaltado, delicadas xícaras de porcelana dourada do Povo do Mar e um jarro de pedra cheia de mel.

A jovem tremia ao servir a bebida — com certeza não se preocupara em se proteger do frio lá fora —, e distribuiu apressadamente as xícaras e o mel. Mas não encheu nenhuma xícara para si mesma ou Egwene até Amys permitir que ela o fizesse, claro.

— Mais vapor — solicitou Melaine.

O ar gelado parecia ter esfriado sua cabeça. Aviendha pousou a xícara intocada e se apressou para apanhar a cuia, em uma clara tentativa de compensar o esquecimento do chá.

— Egwene — chamou Amys, bebericando da xícara —, como Rand reagiria se Aviendha pedisse para dormir no quarto dele? — Aviendha, ainda segurando a cuia, ficou imóvel.

— No quar...? — Egwene perdeu o fôlego. — Você não pode pedir a ela para fazer isso! Não pode!

— Sua tola — resmungou Bair. — Não vamos pedir a ela para compartilhar a cama dele. Mas será que ele pensaria ser essa a proposta? Será que deixaria? Homens são criaturas estranhas, na melhor das hipóteses, e, como ele não foi criado entre nós, é mais estranho ainda.

— Ele com certeza não pensaria nesse tipo de coisa — balbuciou Egwene, então acrescentou, hesitante: — Eu acho que não. Mas isso não é correto. Não mesmo!

— Peço que não exijam isso de mim — interveio Aviendha, soando mais humilde do que Egwene imaginava possível. Com movimentos nervosos, ela borrifava água e gerava nuvens de vapor cada vez maiores. — Tenho aprendido bastante nos últimos dias sem precisar passar tempo com ele. Desde que permitiram que Egwene e Moiraine Sedai me ajudassem a canalizar, tenho aprendido ainda mais rápido. Não que elas ensinem melhor que vocês, claro — apressou-se a acrescentar —, mas tenho muita vontade de aprender.

— Você ainda vai aprender — informou Melaine. — Não será preciso passar todas as horas com ele. Desde que se empenhe, suas aulas não vão ser muito prejudicadas. Você não estuda dormindo.

— Não posso — resmungou Aviendha com a cabeça voltada para a cuia com água. Falando mais alto e sendo mais enfática, acrescentou: — E não vou. — Ela ergueu a cabeça, os olhos brilhando com fogo azul-esverdeado. — Não ficarei lá para ficar olhando-o dividir os cobertores com aquela oferecida da Isendre!

Egwene ficou de queixo caído.

— Isendre! — Já tinha visto, e reprovava com veemência, a maneira escandalosa como as Donzelas mantinham a mulher nua, mas aquilo! — Você não pode me dizer que ele...

— Silêncio! — exclamou Bair, feito um chicote. A expressão de seus olhos azuis poderia ter arrancado lascas de uma pedra. — As duas! Vocês são jovens, mas até Donzelas deveriam saber que homens podem agir feito tolos, sobretudo quando não estão ligados a uma mulher capaz de guiá-los.

— Fico contente — disse Amys, seca — de ver que você não contém mais suas emoções de forma tão rígida, Aviendha. Nessa questão, Donzelas são tão tolas quanto homens. Lembro que eu fazia o mesmo, e isso ainda me envergonha. Pôr as emoções para fora compromete o juízo momentaneamente, mas contê-las tem esse efeito o tempo inteiro. Só tome o cuidado de não colocar tudo para fora com muita frequência, ou quando o melhor a fazer for se manter sob controle.

Melaine se apoiou nas mãos e se inclinou para a frente até parecer que o suor que pingava de seu rosto fosse cair na chaleira quente.

— Você conhece seu destino, Aviendha. Será uma Sábia de grande força e autoridade, e muito mais. Já possui uma força inata. Usou-a em seu primeiro teste, e vai usar neste.

— Minha honra — respondeu Aviendha, rouca, e engoliu em seco, incapaz de continuar. Ficou ali agachada, encolhida sobre a cuia como se o objeto contivesse a honra que queria proteger.

— O Padrão não enxerga o *ji'e 'toh* — retrucou Bair, com apenas uma pitada de compaixão, se tanto. — Só o que deve ser e será. Homens e Donzelas entram em conflito com o destino mesmo quando está claro que o Padrão segue tecendo seus fios apesar disso, mas você não é mais *Far Dareis Mai*. Tem que aprender a aceitar seu destino. Só se rendendo ao Padrão é que vai poder ter algum controle sobre o curso de sua vida. Se lutar, o Padrão continuará a se impor, e você só encontrará infelicidade onde poderia ter satisfação.

Para Egwene, aquelas palavras soavam bastante como o que haviam lhe ensinado a respeito do Poder Único. Para controlar *saidar*, primeiro era preciso se render. Se lutasse contra, o Poder surgiria de modo selvagem ou acabaria lhe sobrepujando. Ao se render e conduzi-lo com gentileza, ele agiria de acordo com sua vontade. Mas aquilo não explicava por que as Sábias queriam que Aviendha aceitasse a proposta. Perguntou o motivo, e então voltou a acrescentar:

— Não é adequado.

Em vez de responder, Ams fez uma pergunta.

— Rand al'Thor vai recusar? Não podemos obrigá-lo. — Bair e Melaine encaravam Egwene tão intensamente quanto Ams.

Elas não iriam explicar por quê. Era mais fácil fazer uma pedra falar do que tirar algo de uma Sábica contra sua vontade. Amuada e resignada, Aviendha encarava os dedos do pé. Sabia que as Sábias, de uma maneira ou de outra, conseguiriam o que queriam.

— Não sei — respondeu Egwene, devagar. — Já não conheço Rand tão bem quanto antes.

Isso era uma pena, mas tanta coisa acontecera — e para além do fato de Egwene ter percebido que não o amava mais do que como a um irmão. Seu treinamento, não só na Torre, como ali, ajudara a mudar a situação tanto quanto o fato de Rand ter se tornado quem era.

— Se vocês lhe derem um bom motivo, talvez. Acho que ele gosta de Aviendha. — Sem erguer os olhos, a jovem Aiel deu um longo suspiro.

— Um bom motivo. — Bair bufou. — Quando eu era jovem, qualquer homem ficava nas nuvens ao ver uma garota demonstrando tanto interesse por ele. O próprio sujeito ia colher as flores para a grinalda nupcial dela. — Aviendha se sobressaltou e olhou para as Sábias com um pouco de seu antigo espírito. — Bem, vamos encontrar um motivo que até alguém criado nas terras aguacentas possa aceitar.

— Faltam muitas noites para seu encontro em *Tel'aran'rhiod* — lembrou Ams. — Com Nynaeve, desta vez.

— Aquela lá seria capaz de aprender muito — ponderou Bair —, se não fosse tão teimosa.

— Suas noites estão livres até lá — avisou Melaine. — Isso caso você não esteja entrando em *Tel'aran'rhiod* sem nós.

Egwene suspeitou o que estava por vir.

— Claro que não — respondeu para as demais. Entrara só um pouco. Mais do que aquele pouco, e elas certamente descobririam.

— Encontrou os sonhos de Nynaeve ou Elayne? — perguntou Amys, em tom natural, como se aquilo não fosse nada.

— Não, Amys.

Encontrar os sonhos de alguém era bem mais difícil do que entrar em *Tel'aran'rhiod*, o Mundo dos Sonhos, ainda mais quando havia distância física entre as pessoas. Estar o mais perto possível e conhecer bem o outro tornava tudo mais fácil. As Sábias ainda exigiam que ela não entrasse em *Tel'aran'rhiod* sem a companhia de ao menos uma delas, mas o sonho de outra pessoa talvez fosse, à sua maneira, tão perigoso quanto. Em *Tel'aran'rhiod*, Egwene detinha amplo controle sobre si mesma e sobre o que houvesse ao redor, a menos que uma das Sábias decidisse assumir o comando. Seu domínio sobre *Tel'aran'rhiod* estava aumentando, mas ainda não fazia frente a nenhuma daquelas mulheres, com sua vasta experiência. No sonho de alguém, porém, quem entrava passava a fazer parte do contexto. Era necessário todo o esforço do mundo para não agir conforme a vontade de quem estava sonhando ou conforme o sonho demandasse. E, ainda assim, às vezes isso não bastava. Ao observar os sonhos de Rand, as Sábias haviam sido muito cuidadosas para não mergulhar totalmente. De qualquer maneira, insistiam para que Egwene aprendesse. Se iam ensiná-la a ser Andarilha dos Sonhos, pretendiam mostrar tudo o que sabiam sobre o assunto.

Egwene não estava exatamente relutante, mas, nas poucas vezes em que a haviam deixado praticar entre elas mesmas e uma única vez com Rhuarc, as experiências foram penosas. As Sábias possuíam um domínio considerável sobre os próprios sonhos, de forma que o que acontecera neles — para alertar Egwene sobre os perigos, segundo as mulheres — fora tudo obra delas. Porém, saber que Rhuarc a via como pouco mais do que uma criança, tal qual suas filhas caçulas, havia sido um choque. Depois disso, seu controle fraquejara por um instante fatal. Então ela *passou a ser* pouco mais que uma criança. Ainda mal conseguia olhar para o homem sem se lembrar de ter recebido uma boneca como prêmio por estudar com afinco, e ficado tão contente com o presente quanto com a aprovação de Rhuarc. Amys precisara resgatá-la da alegre brincadeira com a boneca. Que Amys soubesse daquilo já era ruim o bastante, mas Egwene suspeitava que Rhuarc também se lembrava de algumas partes do sonho.

— Você precisa continuar tentando — orientou Amys. — Tem a força necessária para alcançá-las, mesmo de tão longe. E não vai lhe fazer mal algum saber o que pensam a seu respeito.

Egwene já não tinha tanta certeza daquilo. Elayne era sua amiga, mas Nynaeve fora a Sabedoria de Campo de Emond durante a maior parte de sua

juventude. Suspeitava de que os sonhos de Nynaeve seriam piores que os de Rhuarc.

— Hoje à noite, não vou dormir nas tendas — prosseguiu Amys. — Não estarei longe. Você não terá problemas em me encontrar, se tentar. Se eu não sonhar com você, conversaremos sobre isso pela manhã.

Egwene suprimiu um gemido. Amys a guiara até os sonhos de Rhuarc — e só permanecera lá por um instante, mal dando tempo de revelar que o homem ainda a via como a jovem com quem se casara, inalterada —, e as Sábias tinham estado todas na mesma tenda nas outras vezes em que ela tentara.

— Bem — disse Bair, esfregando as mãos —, já ouvimos tudo o que precisava ser ouvido. O restante de vocês pode ficar, se assim desejar, mas já me sinto limpa o bastante para me enrolar nos cobertores. Não sou tão jovem quanto vocês. — Jovem ou não, Bair provavelmente seria capaz de derrubar qualquer uma das demais, e depois ainda arrastá-las pelo que restasse do caminho.

Enquanto a mulher se levantava, Melaine falou. E soou hesitante, o que era estranho, partindo dela.

— Eu tenho que... Eu preciso da sua ajuda, Bair. Da sua também, Amys. — A mais velha voltou a se acomodar, e tanto ela quanto Amys encararam Melaine com expectativa. — Eu... queria pedir a vocês que falassem com Dorindha para mim. — As últimas palavras saíram de forma apressada. Amys abriu um largo sorriso, e Bair gargalhou. Aviendha também pareceu entender e ficar surpresa, mas Egwene estava perdida.

Então Bair sorriu.

— Você sempre disse que não precisava de um marido e nem queria um. Eu já enterrei três, e não me importaria em ter outro. Eles são muito úteis em noites frias.

— Uma mulher pode mudar de opinião. — A voz de Melaine soou firme, mas as bochechas coradíssimas a contradiziam. — Não consigo ficar longe de Bael, e não posso matá-lo. Se Dorindha me aceitar como sua esposa-irmã, farei minha grinalda nupcial para colocar aos pés de Bael.

— E se, em vez de aceitar, ele preferir pisar nela? — questionou Bair.

Amys jogou a cabeça para trás, gargalhando e dando tapas nas coxas.

Egwene achava que não havia muito risco de aquilo acontecer, não do modo como funcionavam os costumes Aiel. Se Dorindha decidisse que queria ter Melaine como esposa-irmã, Bael não teria muito o que opinar sobre o assunto. Já não era um choque para ela que um homem pudesse ter duas esposas. Não totalmente. *Terras diferentes, costumes diferentes*, repetia com firmeza para si mesma. Nunca tinha se obrigado a perguntar, mas, até onde sabia, era possível que uma mulher Aiel tivesse dois maridos. Eram uma gente muito estranha.

— Peço que vocês sejam minhas irmãs-primeiras neste assunto. Acho que Dorindha gosta de mim o suficiente.

Assim que Melaine acabou de falar, a diversão das outras mulheres se transformou em outra coisa. Elas ainda riam, mas a abraçavam e lhe diziam o quanto estavam felizes por Melaine e como ela se daria bem com Bael. Amys e Bair, pelo menos, davam como certo que Dorindha a aceitaria. As três saíram quase que de braços dados, ainda sorrindo e dando risadinhas feito garotas, mas não sem antes mandar Egwene e Aviendha arrumarem a tenda.

— Egwene, uma mulher da sua terra poderia aceitar uma esposa-irmã? — indagou Aviendha, usando uma vara para destampar o buraco por onde saía a fumaça.

Egwene gostaria de ter deixado aquela tarefa por último, já que o calor começou a se dissipar imediatamente.

— Não sei — respondeu, recolhendo bem rápido as xícaras e o jarro de mel. As *staera* também foram para a bandeja. — Acho que não. Talvez se fosse uma amiga muito próxima... — acrescentou, mais do que depressa. Não havia por que dar a impressão de estar criticando os hábitos Aiel.

Aviendha respondeu com um grunhido e abriu a tenda.

Com os dentes batendo tão alto quanto o barulho das xícaras de chá e das lâminas de bronze chacoalhando na bandeja, Egwene escapou para fora. As Sábias se vestiam sem pressa, como se o clima da noite fosse ameno e elas estivessem nos dormitórios de algum forte. Uma figura de roupão branco, bem pálida à luz da lua, apanhou a bandeja das mãos de Egwene, que logo começou a procurar seu manto e os sapatos. Os objetos não se encontravam entre as vestimentas que ainda restavam pelo chão.

— Mandei levar suas coisas para sua tenda — informou Bair, amarrando o laço da blusa. — Você não vai precisar delas ainda.

O estômago de Egwene foi parar nos pés. Dando pulinhos sem sair do lugar, mexeu os braços em uma tentativa inútil de se aquecer. Pelo menos ninguém lhe pediu para parar. De repente, percebeu que a figura com roupão cor de neve que segurava a bandeja era alta demais até para uma Aiel. Trincando os dentes, olhou para as Sábias, que pareciam não dar a mínima se ela fosse congelar até a morte enquanto pulava. Para uma Aiel, talvez não importasse nada que um homem as tivesse visto nuas, ao menos se esse homem fosse um *gai'shain*, mas para ela, sim!

Aviendha se juntou ao grupo logo depois, e, ao ver Egwene dando pulinhos, ficou parada sem fazer o menor esforço para encontrar suas roupas. Não demonstrava sentir mais frio do que as Sábias.

— Bem — disse Bair, ajustando o xale nos ombros. — Você, Aviendha, não só é tão teimosa quanto um homem, como não consegue se lembrar de uma tarefa simples que já realizou inúmeras vezes. Você, Egwene, é tão teimosa

quanto, e ainda acha que, quando é chamada, pode se demorar em sua tenda. Vamos torcer para que cinquenta voltas correndo em torno do acampamento deem um jeito nessa teimosia, clareiem suas ideias e façam vocês se lembrarem de como se responde a um chamado e como se realiza uma tarefa. Podem ir.

Sem dar um pio, Aviendha começou a trotar em direção à extremidade do acampamento, desviando-se sem dificuldade das cordas das tendas, envoltas pela escuridão. Egwene hesitou por apenas um instante antes de acompanhá-la. A Aiel mantinha um ritmo lento, o que lhe permitiu alcançá-la. O ar da noite era congelante, e o barro pedregoso e rachado sob seus pés estava igualmente frio e ainda tentava prender seus dedos. Aviendha corria com incrível facilidade.

Quando chegaram à última tenda e se viraram na direção sul, sua amiga perguntou:

— Sabe por que me dedico tanto aos estudos? — Nem o frio nem a corrida alteraram sua voz.

Egwene tremia tanto que mal conseguia falar.

— Não. Por quê?

— Porque Bair e as outras sempre citam você e me contam como aprende rápido, como ninguém precisa lhe explicar nada duas vezes. Dizem que eu preciso seguir seu exemplo. — Aviendha lançou um olhar de soslaio na direção de Egwene, que se viu compartilhando risadinhas enquanto as duas corriam. — Essa é uma parte do porquê. As coisas que estou aprendendo a fazer... — Ela balançou a cabeça, sua expressão maravilhada bem nítida, mesmo à luz do luar. — E o próprio Poder. Eu nunca tinha me sentido assim. Tão viva. Sinto até o aroma mais tênue e a perturbação mais sutil no ar.

— É bastante perigoso usar o Poder em excesso ou por muito tempo — alertou Egwene. A corrida pareceu aquecê-la um pouco, embora, de vez em quando, um calafrio percorresse seu corpo. — Eu já lhe disse isso, e sei que as Sábias também.

Aviendha bufou.

— Você acha que eu enfiaria uma lança no meu próprio pé?

Por um tempo, correram em silêncio.

— Rand realmente...? — perguntou Egwene, por fim. O frio não tinha nada a ver com sua dificuldade de colocar as palavras para fora. Na verdade, estava começando a suar de novo. — É que... Isendre? — Egwene não conseguiria ser mais clara do que aquilo.

Depois de uns instantes, Aviendha respondeu, hesitante.

— Não acho que ele tenha feito isso. — A jovem soava irritada. — Mas por que ela ignoraria o risco de apanhar com vara se ele não tivesse demonstrado interesse? Isendre é uma aguacenta de coração mole que espera os homens a cortejarem. Eu percebi como Rand olhou para ela, embora ele tenha tentado esconder. Ele gostou do que viu.

Egwene se perguntou se a amiga pensava nela como uma aguacenta de coração mole. Provavelmente não, ou não seriam amigas. Mas Aviendha nunca aprendera a se preocupar se o que dizia poderia magoar alguém, e provavelmente se surpreenderia se soubesse que Egwene sequer pensara em ficar magoada.

— Do jeito que as Donzelas fazem Isendre se vestir — admitiu Egwene com relutância —, qualquer homem olharia.

Lembrando-se de que ela própria estava sem roupa alguma em público, Egwene tropeçou e quase caiu, olhando nervosamente para os lados. Até onde enxergava, a noite estava vazia. Mesmo as Sábias já haviam se recolhido em suas tendas. Quentinhas debaixo dos cobertores. Egwene estava suando, mas as gotículas pareciam querer congelar assim que brotavam.

— Ele pertence a Elayne — afirmou Aviendha categoricamente.

— Admito não conhecer a fundo os costumes de vocês, mas os nossos não são iguais aos daqui. — *Por que estou defendendo Rand? Ele é que deveria apagar com vara!* Mas a honestidade a fez prosseguir. — Até os homens Aiel têm o direito de dizer não, quando as mulheres fazem a proposta.

— Você e ela são quase-irmãs, assim como eu e você — protestou Aviendha, diminuindo o passo antes de voltar a apertar o ritmo. — Você não me pediu para cuidar dele para Elayne? Não quer que Rand seja dela?

— Claro que quero. Se ele a quiser.

Aquilo não era bem verdade. Egwene desejava que Elayne tivesse toda felicidade possível, apaixonada como estava pelo Dragão Renascido, e faria de tudo, exceto amarrar Rand pelos pés e pelas mãos, para vê-la conseguir o que queria. Talvez até pensasse em amarrá-lo, se fosse mesmo necessário. Admitir isso, porém, era outra coisa. As Aiel eram bem mais diretas do que ela se permitia ser.

— Caso contrário, não seria certo.

— Ele pertence a ela — afirmou Aviendha, determinada.

Egwene suspirou. Aviendha simplesmente não se esforçava para entender nenhum costume que não os dela. A Aiel ainda estava chocada por Elayne não ter pedido Rand em casamento e por um homem poder fazer o pedido.

— Tenho certeza de que amanhã as Sábias vão ouvir a voz da razão. Elas não podem obrigar você a dormir no quarto de um homem.

Claramente surpresa, Aviendha a encarou. Por um momento, sua elegância a abandonou, e ela deu uma topada com o dedão no chão irregular. O infortúnio gerou alguns xingamentos que teriam feito até os condutores dos carroções de Kadere prestarem atenção e forçado Bair a apelar para o espigão-azul, mas não a impediu de continuar correndo.

— Não entendo por que isso lhe incomoda tanto — disse ela após o último palavrão. — Já dormi ao lado de homens muitas vezes durante ataques, chegando

até a compartilhar cobertores caso a noite estivesse muito fria, mas você se incomoda por eu dormir a dez pés dele. Isso faz parte dos seus costumes? Notei que você não se banha na companhia de homens na tenda de vapor. Não confia em Rand al'Thor? Ou é em mim que você não confia? — Ao final, sua voz se reduzira a um sussurro preocupado.

— Claro que eu confio em você — protestou Egwene de maneira acalorada. — E nele. Mas é que... — Ela foi baixando a voz, sem saber como continuar. As noções que os Aiel tinham de comportamento apropriado às vezes eram mais rígidas do que as que Egwene aprendera na infância, mas, em outras ocasiões, eles faziam coisas que deixariam o Círculo das Mulheres de sua aldeia dividido entre desmaiar ou fazer uso de uma vara bem robusta. — Aviendha, se sua honra estiver envolvida de alguma forma... — O assunto era delicado. — Se você explicar para as Sábias, tenho certeza de que elas não vão lhe obrigar a agir em detrimento da sua honra.

— Não há o que explicar — afirmou a outra mulher, sem rodeios.

— Sei que não compreendo o *ji'e'toh*... — começou Egwene, fazendo Aviendha rir.

— Você diz não compreender, Aes Sedai, mas demonstra viver sob ele.

Egwene lamentava sustentar aquela mentira para Aviendha. Tinha dado muito trabalho fazer a amiga chamá-la apenas de Egwene, e às vezes ela ainda escorregava, mas precisava mentir para todos, se queria garantir que as pessoas acreditariam.

— Você é Aes Sedai e é forte o bastante com o Poder para derrotar Amys e Melaine juntas — continuou Aviendha —, mas disse que obedeceria, então esfrega panelas quando elas lhe mandam esfregar panelas e corre quando elas lhe dizem para correr. Você pode até não conhecer o *ji'e'toh*, mas o segue.

Claro que não era a mesma coisa. Egwene trincava os dentes e fazia o que lhe mandavam porque aquela era a única maneira que tinha de aprender a caminhar nos sonhos, e queria aprender — aprender tudo — mais do que qualquer outra coisa que pudesse imaginar. Sequer cogitar viver sob aquela bobagem de *ji'e'toh* era uma idiotice. Fazia o que tinha de fazer, e só quando e porque precisava.

As duas estavam chegando ao local de onde haviam partido.

— Uma volta — declarou Egwene, quando seu pé atingiu o ponto exato.

Então continuou a correr em meio à escuridão, longe dos olhos de todos, exceto dos de Aviendha. Sem ninguém para verificar caso ela voltasse para a tenda naquele mesmo instante. Aviendha não a deduraria, mas em momento algum passou pela cabeça de Egwene parar de correr antes da quinquagésima volta.





PORTÕES

Rand acordou na mais completa escuridão e permaneceu deitado sob os cobertores, tentando descobrir o que o despertara. Fora alguma coisa. Não o sonho, onde ensinava Aviendha a nadar em um lago da Floresta das Águas, em sua terra natal, Dois Rios. Outra coisa. Então aconteceu de novo: um sopro fraco de cheiro pútrido entrando por debaixo da porta. Na verdade, não se tratava de um cheiro, e sim um senso de alteridade, mas a sensação era essa. Rançoso, como um cadáver de uma semana em água parada. E voltou a desaparecer, mas, desta vez, não totalmente.

Jogando os cobertores para o lado, Rand se levantou já se envolvendo em *saidin*. Dentro do Vazio, preenchido pelo Poder, sentia o corpo tremer, mas o frio parecia distante, não nele. Com todo o cuidado, abriu a porta e saiu do quarto. Janelas em arco nas duas extremidades do corredor deixavam entrar a luz do luar. Depois do breu total de dentro do quarto, era quase como a luz do dia. Nada se movia, mas Rand sentiu... algo... se aproximando. Algo mau. Parecido com a mácula que rugia dentro dele, no Poder.

Uma das mãos foi para o bolso do casaco, em busca da pequena imagem cinzelada de um homenzinho redondo segurando uma espada atravessada nos joelhos. Um *angreal*. Com ela, Rand conseguiria canalizar com segurança mais Poder do que em geral poderia dar conta. Quem quer que tivesse enviado o ataque contra ele, não sabia com quem estava lidando. Nunca deveriam ter permitido que despertasse.

Por um momento, Rand hesitou. Poderia lutar contra o que quer que tivessem lhe enviado, mas achava que o inimigo ainda estava lá embaixo. Lá

embaixo, onde, pelo silêncio, as Donzelas continuavam dormindo. Com sorte, não seriam importunadas, a menos que Rand corresse para lá e começasse uma luta no meio delas. Isso certamente as acordaria, e nenhuma das mulheres ficaria apenas assistindo. Lan dizia que, se possível, era melhor escolher o território e fazer o inimigo vir procurá-lo.

Rand sorriu, e foi correndo com as botas pesadas até a escadaria mais próxima, subindo até atingir o andar mais alto. O nível mais elevado do edifício era uma ampla câmara de teto levemente curvo e finas colunas com ranhuras espiraladas espalhadas pelo ambiente. Janelas em arco, sem vidro, circundavam o local e inundavam todos os cantos de luar. A poeira, o cascalho e a areia pelo chão ainda exibiam marcas fracas de suas próprias pegadas, deixadas na única vez em que subira até ali, e mais nada. Era perfeito.

Foi até o centro do aposento com passos largos e plantou-se sobre o mosaico de dez pés de largura com o antigo símbolo das Aes Sedai. Um local propício. “Ele conquistará sob este símbolo.” Era o que dizia a Profecia de Rhuidean. Rand se posicionou com uma perna de cada lado da sinuosa linha divisória, uma bota na lágrima preta que agora chamavam de Presa do Dragão, que representava o mal, e a outra na branca, conhecida como Chama de Tar Valon. Alguns diziam que representava a Luz. Um local apropriado para encarar aquele ataque: entre a Luz e a escuridão.

A sensação fétida ficou ainda mais forte, e um cheiro de enxofre queimado tomou o ar. De repente, esgueirando-se das escadas feito sombras do luar, coisas se moveram pelas extremidades da câmara. Lentamente, o movimento tomou a forma de três cachorros negros do tamanho de pôneis e mais escuros que a noite. Com olhos prateados brilhantes, as bestas o circularam com cautela. Tomado pelo Poder, Rand conseguia ouvir o coração das criaturas batendo feito um martelar surdo de tambores. No entanto, não era possível ouvir sua respiração. Talvez não respirassem.

Rand canalizou, e uma espada surgiu em suas mãos: a lâmina ligeiramente curva parecia ter sido forjada a fogo, e havia uma garça entalhada. Esperara por um Myrddraal ou algo ainda pior que os Sem-olhos, mas, para cães, ainda que fossem Crias da Sombra, a espada bastaria. Quem quer que os tivesse mandado, não o conhecia. Lan dissera que Rand já estava bem perto de atingir o nível de um mestre espadachim, e o Guardião era suficientemente econômico com os elogios para fazê-lo pensar que talvez já tivesse até superado esse nível.

Com rosnados que pareciam ossos sendo triturados, os cachorros, mais rápidos que cavalos a galope, se lançaram contra ele em três frentes.

Rand não se moveu até as criaturas estarem bem próximas, e então, se transformando em um com a espada, fluiu de movimento em movimento, como se dançasse. Em um piscar de olhos, Redemoinho na Montanha se tornou O Vento Sopra Sobre a Muralha, que se tornou Abrindo o Leque. Grandes cabeças

pretas saíram voando dos corpos negros, os dentes gotejantes, tais como aço polido, ainda à mostra enquanto quicavam pelo chão. Já estava saindo do mosaico enquanto os vultos escuros ainda desabavam em um amontoado de sangue e espasmos.

Rindo sozinho, Rand se desfez da espada, embora tenha se mantido agarrado a *saidin*, ao Poder enfurecido, à doçura e à mácula. O desdém deslizava pela parte externa do Vazio. Cães. Crias da Sombra, sim, mas, ainda assim, apenas... As risadas cessaram.

Os cães mortos e suas cabeças derretiam devagar, transformando-se em poças de sombra líquida que tremiam de leve, como se estivessem vivas. O sangue, espalhado por todo o chão, estremecia. De repente, as poças menores escorreram em filetes viscosos por todo o piso e se uniram à maior, que deslizava do mosaico e crescia cada vez mais, até três enormes cachorros negros voltarem a surgir, babando e rosnando enquanto pernas imensas ganhavam forma sob os corpos.

Rand não sabia por que se sentia levemente surpreso no exterior do vazio. Cães, sim, mas Crias da Sombra. Quem quer que os tivesse mandado, não fora tão descuidado quanto imaginara. Mas ainda não o conheciam.

Em vez de buscar a espada de novo, Rand canalizou da maneira como se lembrava de ter feito certa vez, muito tempo atrás. Uivando, os enormes cachorros saltaram, e um facho espesso de luz branca disparou de suas mãos feito aço derretido, feito fogo líquido. Com ele, Rand varreu as criaturas, que por um instante se tornaram estranhas sombras de si mesmas, com todas as cores invertidas, mas logo se transformando em pequenas partículas reluzentes que foram se fragmentando em partes cada vez menores, até não restar mais nada.

Com um sorriso sinistro, Rand soltou o facho de luz que havia criado. Uma barra de luz roxa ainda parecia lhe transpor a visão, como uma imagem residual.

No outro lado da grande câmara, um pedaço de uma das colunas se estatelou nos azulejos do piso. Nos locais que a barra de luz atingira — ou o que quer que fosse, já que não era exatamente luz —, faixas perfeitas haviam sumido das colunas. Um enorme corte se estendia por metade da largura da parede logo atrás.

— Algum deles mordeu ou sangrou em você?

Rand se virou ao ouvir a voz de Moiraine. Absorto pelo que acabara de fazer, não ouvira seus passos subindo a escada. A mulher segurava as saias com as duas mãos, perscrutando-o, o rosto obscurecido sob o luar. Ela, assim como ele, devia ter sentido a presença daquelas coisas, mas, para estar ali em tão pouco tempo, devia ter corrido.

— As Donzelas deixaram você passar? Se tornou uma *Far Dareis Mai*, Moiraine?

— Elas me garantem alguns privilégios de uma Sábia — respondeu a mulher, mais que depressa, a impaciência bem crua em sua voz costumeiramente melodiosa. — Disse para as guardas que precisava falar com você urgentemente. Agora me responda! Os Cães das Trevas o morderam ou espirraram sangue em você? A saliva deles encostou na sua pele?

— Não — respondeu Rand, hesitante. Cães das Trevas. O pouco que ouvira falar deles viera de histórias antigas, do tipo contado para aterrorizar crianças nas terras do sul. Alguns marmanjos também acreditavam nelas. — Por que está tão preocupada com uma mordida? Você poderia Curá-la. Isso significa que o Tenebroso está livre? — Preso ao Vazio como estava, até o medo era algo distante.

As histórias que Rand ouvira diziam que os Cães das Trevas passavam as noites na Caçada Selvagem, em que o próprio Tenebroso era o caçador. Eles não deixavam rastros nem na terra mais macia, só nas pedras, e não paravam até serem defrontados e derrotados, ou até estarem diante de água corrente. Segundo contavam, as encruzilhadas eram lugares particularmente perigosos para encontrá-los, em especial logo depois do pôr do sol ou momentos antes do amanhecer. Àquela altura, Rand já vira muitas dessas histórias antigas se materializarem, e acreditava que qualquer uma poderia ser verdadeira.

— Não, não é isso, Rand. — Moiraine parecia estar recuperando o autocontrole. A voz voltara a soar como sinos de prata, calma e fria. — Eles são apenas outro tipo de Crias da Sombra, algo que nunca deveria ter sido criado. Mas a mordida deles significa uma morte tão certa quanto uma adaga no coração, e eu não acho que seria capaz de Curar uma ferida assim antes que ela matasse você. O sangue e até a saliva dessas criaturas são venenosos. Um pinga na pele pode matar lentamente, e com muita dor nos instantes finais. Você teve sorte de serem só três. Ou matou mais alguns antes de eu chegar? As matilhas costumam ser maiores, com dez ou doze cachorros, pelo que dizem os registros que sobraram da Guerra da Sombra.

Matilhas maiores. Ele não era o único alvo em Rhuidean para algum dos Abandonados...

— Precisamos conversar sobre o que você usou para matá-los — começou Moiraine, mas Rand já estava correndo o mais rápido que podia, ignorando os apelos da mulher para saber aonde ele estava indo e por quê.

Desceu os lances de escada e atravessou corredores escuros onde Donzelas sonolentas, despertadas pelo som de suas botas, o observavam consternadas dos quartos iluminados pelo luar. Rand atravessou as portas da frente, onde Lan aguardava, inquieto, na companhia das duas mulheres que montavam guarda, levando nos ombros o manto furta-cor de Guardião que o fazia se confundir com a noite.

— Onde está Moiraine? — gritou o homem, assim que ele passou correndo. Rand, porém, saltava dois enormes degraus de uma só vez e não deu respostas.

Quando chegou ao edifício que procurava, a ferida lateral semicicatrizada contraía feito um punho, provocando uma dor de que ele mal se dava conta de sentir, dentro do Vazio. O prédio ficava na extremidade de Rhuidean, afastado da esplanada e tão longe do acampamento que Moiraine compartilhava com as Sábias quanto possível sem que se sáísse da cidade. Os andares superiores haviam desabado, formando uma montanha de escombros que se espalhava até a terra rachada além do pavimento. Apenas os dois andares inferiores permaneciam intactos. Rejeitando os apelos do próprio corpo para fazê-lo se curvar à dor, Rand entrou no local, ainda em disparada.

No passado, a grande antecâmara, circundada por uma varanda de pedra, havia sido alta. Agora era ainda mais, aberta para o céu noturno, o piso de pedras pálidas coberto pelos escombros do desabamento. Na varanda, sob a sombra da lua, três Cães das Trevas erguidos nas patas traseiras arranhavam e mordiam uma porta revestida de bronze que tremia com o ataque das criaturas. O cheiro de enxofre queimado empestava o ar.

Rand se lembrou do que acontecera antes e se desviou para o lado enquanto canalizava, o facho de fogo líquido branco rasgando o ar em direção à porta e destruindo as Crias da Sombra. Desta vez, tentara fazer menos estragos, concentrando a destruição nos Cães das Trevas, mas a grossa parede na extremidade oposta da câmara apresentava um rombo encoberto pela escuridão. Achou que não chegara a atravessar a parede — sob o luar, era difícil afirmar —, mas teria de refinar seu controle sobre aquela arma.

O revestimento de bronze da porta continha rasgos e arranhões, como se os dentes e as unhas dos Cães das Trevas fossem mesmo de aço, e a luz de lamparinas reluzia através de vários pequenos orifícios. Havia marcas de pegadas no chão de pedra, mas, para sua surpresa, eram poucas. Rand largou *saidin*, encontrou um ponto da porta em que não cortaria toda a mão e bateu. De repente, a dor na lateral do corpo se tornou muito real e presente. Respirou fundo e tentou afastá-la.

— Mat? Sou eu, Rand! Abra, Mat!

Momentos depois, a porta se abriu um pouco, deixando escapar um jorro de luz de lamparinas. Desconfiado, o rapaz espiou pela fresta e só então a abriu mais, apoiando-se na porta como se tivesse corrido dez milhas carregando uma saca cheia de pedras. Exceto pelo medalhão com uma cabeça de raposa pendurado no pescoço — os olhos do animal com a forma e as cores do antigo símbolo das Aes Sedai —, Mat estava nu. Considerando o que ele achava das Aes Sedai, Rand ficou surpreso por Mat ainda não ter vendido aquele objeto. Mais ao fundo do aposento, uma mulher alta de cabelos dourados enrolava calmamente

um cobertor em torno do corpo. Pelas lanças e pelo escudo a seus pés, era uma Donzela.

Rand se apressou em desviar o olhar e limpou a garganta.

— Eu só queria ter certeza de que você estava bem.

— Estamos bem. — Nervoso, Mat olhou ao redor da antecâmara. — Agora estamos. Você matou ou o quê? Não quero saber o que era, contanto que tenha morrido. Às vezes, é bem difícil ser seu amigo.

Não apenas um amigo. Outro *ta'veren*, e talvez uma das chaves para a vitória em Tarmon Gai'don. Qualquer pessoa que quisesse atacar Rand também tinha motivos para atacar Mat. Mas o rapaz sempre tentava negar as duas coisas.

— Já foram, Mat. Eram Cães das Trevas. Três deles.

— Eu disse que não queria saber — reclamou o amigo. — Agora foram Cães das Trevas. Não posso negar que estar perto de você sempre traz alguma novidade. Não tem como ficar entediado, não até o dia em que morrer. Se eu não tivesse me levantado para pegar um pouco de vinho quando a porta começou a se abrir... — Ele se interrompeu, tremendo, e coçou uma vermelhidão no braço direito enquanto analisava os danos no revestimento de metal. — Sabe, é engraçado como a mente prega peças na gente. Quando estava empilhando tudo o que tinha aqui para manter a porta fechada, poderia jurar que um deles abriu um buraco nela. Eu vi a cabeça do desgraçado. E os dentes. A lança de Melindhra não chegou nem a incomodá-lo.

Daquela vez, a chegada de Moiraine foi mais espetacular: correndo e segurando as barras das saias, ofegante e irritada. Lan lhe acompanhava de perto, a espada na mão e uma expressão impassível no rosto pétreo. Logo atrás, uma multidão de *Far Dareis Mai* se espalhava pela rua. Algumas das Donzelas trajavam não mais do que roupas íntimas, mas todas empunhavam as lanças de modo alerta e tinham a *shoufa* enrolada na cabeça, o véu negro deixando apenas os olhos descobertos, todas prontas para matar. Moiraine e Lan, pelo menos, pareciam aliviados por vê-lo conversando com calma com Mat, embora a Aes Sedai também parecesse ter a intenção de ter uma conversa séria com ele. Com os véus, era impossível dizer o que as Aiel estavam pensando.

Com uma exclamação aguda, Mat voltou correndo para dentro do quarto, onde se apressou em vestir um par de calças, os movimentos comprometidos pelo modo como tentava enfiar a roupa e coçar o braço ao mesmo tempo. A Donzela de cabelos dourados acompanhava tudo com um sorriso largo que ameaçava se transformar em gargalhadas.

— Qual é o problema com o seu braço? — quis saber Rand.

— Eu disse que a mente prega peças na gente — respondeu Mat, ainda tentando se coçar e se vestir ao mesmo tempo. — Quando pensei que aquela coisa tinha dado uma dentada na porta, também fiquei com a sensação de que

babou todo o meu braço, e agora o maldito está ardendo feito fogo. Até aparenta estar queimado bem aqui.

Rand abriu a boca, mas Moiraine já o estava empurrando para fora do caminho. Ao olhar para a mulher, Mat tentou terminar de se vestir freneticamente, puxando as calças para cima, e acabou caindo no chão. Moiraine, no entanto, se ajoelhou ao lado dele, ignorando os protestos, e segurou a cabeça de Mat com as duas mãos. Rand já fora Curado antes e já vira a Cura ser aplicada em outros, mas, ao contrário do que esperava, Mat apenas estremeceu e levantou o medalhão pela tira de couro de forma a deixá-lo pendurado na mão.

— Ficou mais frio que gelo, do nada — resmungou o rapaz. — O que está fazendo, Moiraine? Se quer fazer alguma coisa, Cure essa coceira. Agora o braço inteiro está coçando. — O braço direito de Mat estava vermelho desde o punho até o ombro, e começara a parecer inchado.

Moiraine olhou para ele com a expressão mais surpresa que Rand já vira em seu rosto. Talvez a única.

— Vou Curar — afirmou, hesitante. — Se o medalhão está frio, tire.

Mat franziu o cenho, então finalmente o tirou e o colocou ao lado. Moiraine voltou a segurar sua cabeça, e ele gritou como se tivesse sido mergulhado em gelo. As pernas enrijeceram, e as costas arquearam. Os olhos de Mat encaravam o nada, tão arregalados quanto era possível. Quando Moiraine afastou as mãos, ele desabou, ofegante. A vermelhidão e o inchaço haviam sumido. Mat precisou de três tentativas para conseguir falar.

— Sangue e cinzas! Precisa ser assim sempre? Maldição! Era só uma droga de uma coceirinha!

— Segure essa boca suja quando falar comigo — advertiu Moiraine, enquanto se levantava —, ou vou tratar de encontrar Nynaeve e deixar você sob responsabilidade dela. — Mas não havia emoção em sua voz. Poderia até estar falando dormindo. Moiraine tentou não olhar para a cabeça de raposa quando Mat tornou a pendurá-la no pescoço. — Você vai precisar de repouso — avisou, distraída. — Passe o dia de cama amanhã, se achar necessário.

A Donzela enrolada no cobertor — Melindhra? — ajoelhou-se atrás de Mat e pousou as mãos em seus ombros, olhando para Moiraine por cima da cabeça do rapaz.

— Vou cuidar para que ele faça o que você diz, Aes Sedai. — Com um sorriso súbito, bagunçou os cabelos de Mat. — Agora ele é meu companheiro de travessuras. — Pela expressão horrorizada, Mat devia estar juntando forças para sair correndo.

Rand se deu conta das risadinhas descontraindas atrás de si. As Donzelas, *shoufas* e véus já enrolados nos ombros, haviam se amontoado para bisbilhotar dentro do quarto.

— Ensine o rapaz a cantar, irmã-de-lança — sugeriu Adelin, fazendo as demais Donzelas gargalharem.

Rand se voltou para elas com firmeza.

— Deixem este homem descansar. Vocês não têm que ir se vestir, não? — Relutantes, mas ainda tentando xeretar o aposento, as mulheres recuaram, até que Moiraine apareceu.

— Poderiam ir embora, por favor? — pediu a Aes Sedai, enquanto a porta destroçada batia logo atrás dela. Moiraine deu uma olhada para trás, contraindo os lábios de maneira irritada. — Preciso falar a sós com Rand al'Thor.

Assentindo, as Aiel tomaram o rumo da porta, algumas ainda se divertindo com a ideia de Melindhra, uma Shaido, ao que parecia — Rand se perguntou se seu amigo sabia disso —, ensinar Mat a cantar, o que quer que aquilo pudesse significar.

Rand interrompeu Adelin, segurando um de seus braços nus. As outras Donzelas que perceberam o gesto também pararam, de forma que ele falou para todas.

— Se vocês não vão quando eu peço para irem, o que vão fazer se eu precisar usá-las em uma batalha? — Rand não pretendia fazer isso, se pudesse evitar. Sabia que elas eram guerreiras ferozes, mas fora criado para acreditar que os homens deviam morrer, se necessário, antes que as mulheres precisassem lutar. Podia até ser uma tolice, se parasse para pensar, ainda mais em se tratando de mulheres como aquelas, mas era como se sentia. Porém, sabia que era melhor não dizer isso às Donzelas. — Vão achar que é brincadeira ou só vão decidir ir quando bem entenderem?

As mulheres o encararam, parecendo consternadas por ouvir alguém revelar quanto era ignorante.

— Na dança das lanças — respondeu Adelin —, agiremos ao seu comando, mas isto aqui não é a dança. Além do mais, você não nos pediu para ir.

— Nem mesmo o *Car'a'a'carn* é rei, aguacento — completou uma Donzela de cabelos grisalhos. Musculosa e rija, apesar da idade, usava apenas um vestidinho curto e a *shoufa*. Rand estava cansado daquela frase.

As Donzelas seguiram fazendo piadinhas enquanto o deixavam sozinho com Moiraine e Lan. O Guardião finalmente deixara a espada de lado e parecia tão relaxado quanto podia; o rosto sério e duro ao luar, aparentando tão pronto para atacar que fazia as Aiel parecerem plácidas, se comparadas a ele. Um fio de couro trançado prendia os cabelos de Lan, já grisalhos nas têmporas, impedindo que caíssem no rosto. Seu olhar era o mesmo que se via em um falcão de olhos azuis.

— Preciso falar com você sobre... — começou Moiraine.

— Podemos conversar amanhã — disse Rand, interrompendo-a.

O rosto de Lan endureceu ainda mais, se possível. O instinto de proteção dos Guardiões era muito maior com relação às suas Aes Sedai — tanto da posição quanto da pessoa em si — do que a eles mesmos. Rand o ignorou. A lateral do corpo ainda insistia em querer curvá-lo, mas conseguiu se manter ereto. Não tinha a menor intenção de demonstrar qualquer fraqueza a Moiraine.

— Se pensa que vou ajudá-la a tirar aquela cabeça de raposa de Mat, melhor esquecer. — De alguma forma, o medalhão a impedira de canalizar. Ou pelo menos fizera com que não surtisse efeito em Mat. — Ele pagou um preço alto pela peça, Moiraine, e o medalhão é dele. — Rand se lembrou de como ela o golpeará nas costas com o Poder e, de forma seca, acrescentou: — Talvez eu peça emprestado.

Ele deu as costas para a mulher. Ainda havia alguém que Rand precisava checar, mesmo que, de uma maneira ou de outra, já não houvesse mais urgência: aquela altura, os Cães das Trevas já teriam feito o que bem entendessem.

— Por favor, Rand — pediu Moiraine, com um tom explícito de súplica que o deixou paralisado. Nunca ouvira dela nada parecido com aquilo.

Aquele tom de voz pareceu ofender Lan.

— Pensei que você tivesse virado homem — afirmou o Guardião, com severidade. — É assim que um homem se comporta? Você age como um garoto arrogante.

Lan praticava a espada com Rand e gostava dele, Rand achava, mas, se Moiraine dissesse a palavra certa, o Guardião faria o que pudesse para matá-lo.

— Não estarei ao seu lado para sempre — alertou Moiraine, em um tom nervoso. Suas mãos apertavam as saias com tanta força que chegavam a tremer. — Talvez eu morra no próximo ataque. Posso cair do cavalo e quebrar o pescoço, ou ter o coração atravessado pela flecha de um Amigo das Trevas. A morte não pode ser Curada. Dediquei a vida inteira a procurá-lo, encontrá-lo e ajudá-lo. Você ainda não conhece sua própria força, Rand. Ainda não tem como saber de metade do que é capaz. Eu... humildemente... peço desculpas por qualquer ofensa que tenha cometido contra você. — Aquelas palavras, palavras que ele nunca imaginara ouvir daquela Aes Sedai, saíram como se estivessem sendo arrastadas, mas saíram. E ela não podia mentir. — Deixe-me ajudar o quanto eu puder, enquanto puder. Por favor.

— É difícil confiar em você, Moiraine. — Ele não dava a mínima para Lan, inquieto sob o luar. Sua atenção estava toda nela. — Você me manipulou feito um fantoche e me fez dançar como bem quis desde o dia em que nos conhecemos. As únicas vezes em que estive livre foram quando estava longe ou quando a ignorei. E até isso você torna difícil.

Moiraine soltou uma risada tão límpida quanto a lua no céu, mas tingida de amargura.

— Tem sido mais como lutar contra um urso do que puxar os fios de um fantoche. Quer que eu faça um juramento de que não vou tentar manipular você? Posso fazer. — A voz de Moiraine ficou dura feito um cristal. — Posso até jurar obedecer-lhe feito uma das Donzelas, ou uma *gai'shain*, se exigir, mas você precisa... — Ela respirou fundo e recomeçou, com mais suavidade. — Eu *peço* a você, humildemente, que me deixe ajudá-lo.

Lan a encarava fixamente, e Rand achou que os próprios olhos deviam estar saltando da cabeça.

— Vou aceitar sua ajuda — respondeu, hesitante. — E também peço desculpas. Por todas as vezes em que fui rude.

Rand tinha a sensação de ainda estar sendo manipulado — nas vezes em que fora rude, sempre tivera bons motivos —, mas a mulher não podia mentir.

A tensão de Moiraine se esvaneceu visivelmente. Ela se aproximou e olhou para Rand.

— O que você usou para matar os Cães das Trevas se chama fogo devastador. Ainda sinto os resíduos dele por aqui. — Rand também sentia, como o cheiro remanescente de uma torta que fora retirada do ambiente, ou a memória de algo que acabara de sair do campo de visão. — Desde antes da Ruptura do Mundo, é proibido fazer uso do fogo devastador. A Torre Branca nos proíbe inclusive de aprendê-lo. Na Guerra do Poder, até os Abandonados e os Devotos da Sombra relutavam em usá-lo.

— Proibido? — questionou Rand, franzindo o cenho. — Vi você usar uma vez.

Sob a luz pálida da lua, ele não conseguiu ter certeza, mas teve a impressão de que as bochechas de Moiraine ficaram coradas. Talvez *tivesse conseguido* mexer com ela, para variar.

— Às vezes é necessário fazer algo proibido. — Se ela estava constrangida, a voz não acusava. — Quando algo é destruído pelo fogo devastador, deixa de existir *antes* do momento de sua destruição, como um fio que se queima para além de onde a chama o tocou. Quanto maior o poder do fogo devastador, mais para trás no tempo o objeto em questão deixa de existir. O fogo mais forte que eu consigo criar só remove alguns segundos do Padrão. Você é muito mais forte. Muitíssimo mais forte.

— Mas se o alvo não existe *antes* de você destruí-lo... — Confuso, Rand passou os dedos pelo cabelo.

— Está começando a entender os problemas, os perigos? Mat se recorda de ter visto um dos Cães das Trevas abocanhando a porta, mas agora já não existe marca alguma. Se a criatura tivesse babado nele da maneira como lembra, Mat teria morrido antes que eu pudesse socorrê-lo. Em todo o tempo passado que você destruiu a criatura, tudo o que ela fez naquele período *deixou de ter*

acontecido. Só permanecem as memórias daqueles que viram ou participaram do ocorrido. Agora, só é real o que aconteceu antes disso: alguns dentes na porta e uma gota de saliva no braço de Mat.

— Por mim, tudo bem — respondeu o ruivo. — Mat está vivo por causa do fogo.

— É terrível, Rand. — Um quê de urgência tomou a voz de Moiraine. Por que você acha que até os Abandonados tinham receio de utilizá-lo? Pense no efeito no Padrão de um único fio, um único homem removido por horas, ou dias, e que já tenha sido tecido, como um fio parcialmente solto de um pedaço de pano. Fragmentos de manuscritos que restaram da Guerra do Poder dizem que cidades inteiras foram destruídas pelo fogo devastador antes de os dois lados se darem conta dos perigos. Centenas de milhares de fios removidos do Padrão, desaparecidos de dias que já faziam parte do passado. Fosse lá o que aquelas pessoas tivessem feito, já não havia mais acontecido, nem o que outros fizessem por conta dessas ações. As memórias permaneceram, mas não os atos. O efeito cascata foi incalculável. O próprio Padrão quase foi desmembrado. Poderia ter sido a destruição de tudo. Do mundo, do tempo e da própria Criação.

Rand estremeceu, mas não pelo frio que atravessava o casaco.

— Não posso prometer que não vou voltar a fazer uso dele, Moiraine. Você mesma afirmou que há situações em que é necessário fazer o que é proibido.

— Não pensei mesmo que fosse — disse ela com tranquilidade. A agitação estava desaparecendo, o equilíbrio se restaurando. — Mas você precisa tomar cuidado. — Moiraine já estava de volta ao “você precisa”. — Com um *sa'angreal* como *Callandor*, você poderia aniquilar uma cidade inteira com o fogo devastador. O Padrão talvez ficasse comprometido por anos. Quem poderia garantir que a tessitura permaneceria centralizada em você, *ta'veren* que é, até voltar a se restabelecer? Ser um *ta'veren*, e um tão forte, pode ser a margem de vitória de que você precisa até mesmo na Última Batalha.

— Talvez seja — respondeu Rand, com frieza. Em muitas narrativas heroicas, o protagonista proclamava que venceria ou morreria. Parecia que o melhor que Rand podia desejar era a vitória e a morte. — Preciso ir me encontrar com uma pessoa. Vejo você pela manhã.

Reunindo o Poder dentro de si, a vida e a morte em camadas ondulantes, criou no ar um buraco bem alto, abrindo-se para uma escuridão que fazia o luar parecer luz do dia. Um portão, como Asmodean chamava.

— O que é isto? — Moiraine ofegou.

— Quando faço alguma coisa, aprendo. Na maioria das vezes. — Aquilo não respondia nada, mas era hora de testar os votos de Moiraine. Ela não podia mentir, mas Aes Sedai eram capazes de encontrar brechas até em uma pedra. — Deixe Mat em paz hoje à noite. E nada de tentar tirar aquele medalhão dele.

— Pertence à Torre para estudo, Rand. Deve se tratar de um *ter'angreal*,

mas nunca encontraram um que...

— Seja lá o que for — disse ele com firmeza —, é de Mat. E você vai deixar com ele.

Por um momento, Moiraine pareceu travar uma luta interna, emperdigando as costas e erguendo a cabeça para encará-lo. Certamente não estava acostumada a receber ordens de ninguém, exceto de Sivan Sanche, e Rand poderia apostar que ela nunca obedecera sem contestar. Por fim, a mulher anuiu e chegou até a fazer menção de uma reverência.

— Como quiser, Rand. É dele. Por favor, tenha cuidado. Aprender algo como o fogo devastador por conta própria pode ser um suicídio, e a morte não pode ser Curada. — Não houve escárnio desta vez. — Até de manhã.

Lan seguiu Moiraine quando ela se afastou, lançando a Rand uma expressão indecifrável. O Guardião não deveria estar contente com o desenrolar dos fatos.

Rand atravessou o portão, que desapareceu.

Estava de pé em um disco, uma réplica do antigo símbolo das Aes Sedai, com seis pés de diâmetro. Até a metade escura do objeto parecia mais clara, se comparada à escuridão infinita que o cercava, acima e abaixo. Rand tinha certeza de que, se caísse, cairia para sempre. Asmodean dizia que havia um método mais rápido — chamado Viagem — para se usar um portão, mas não conseguira ensiná-lo, em parte por não ter força suficiente para criar um desses portões enquanto estava impedido pelo escudo de Lanfear. Em todo caso, uma Viagem exigia excelente conhecimento do ponto de partida. Para Rand, parecia mais lógico que fosse necessário conhecer muito bem o local aonde se estava indo, mas Asmodean parecia pensar que aquilo era como perguntar por que o ar não era água. O Abandonado dava muitas coisas como certas. De qualquer forma, Deslizar era suficientemente rápido.

No momento em que Rand cravou as botas no disco, o objeto disparou por uma distância que pareceu muito curta e parou assim que outro portão surgiu, logo à frente. Suficientemente rápido, em especial para aquela distância curta. Rand saiu do lado de fora do quarto onde Asmodean se encontrava.

O luar que atravessava as janelas em cada extremidade do corredor fornecia a única luz do local. A lâmparina estava apagada. Os fluxos que Rand urdira em torno do quarto continuavam firmemente amarrados. Nada se movia, mas ainda era possível sentir um leve odor de enxofre queimado.

Rand se aproximou da cortina de contas e espiou através da porta. As sombras do luar preenchiam o quarto, mas uma delas era Asmodean, enrolado nos cobertores. Envolvido pelo Vazio, Rand ouvia as batidas do coração do homem e sentia o cheiro de suor de seus sonhos atribulados. Curvou-se para examinar os azulejos azul-claros do chão e as marcas neles.

Ainda garoto, aprendera a seguir rastros, e ler aquelas marcas não foi difícil. Três ou quatro Cães das Trevas haviam passado por ali. As criaturas tinham se

aproximado da porta uma a uma, ao que parecia, praticamente pisando nas pegadas da outra. Fora a rede tecida em torno do quarto que as impedira? Ou elas só teriam sido enviadas até ali para observar e reportar o que vissem? Era perturbador pensar que até os cães Crias da Sombra tinham toda aquela inteligência. Por outro lado, os Myrddraal usavam corvos e ratos como espiões, além de outros animais intimamente ligados à morte. Os Aiel os chamavam de Olhos da Sombra.

Canalizando delicados fluxos de Terra, Rand aplainou os azulejos do piso, sumindo com as marcas que iam até a rua vazia, envolta pela noite, a cem passadas do edifício alto. Pela manhã, todos veriam o rastro terminando ali, mas ninguém suspeitaria de que os Cães das Trevas tivessem chegado perto de Asmodean. Cães das Trevas não podiam estar interessados em Jasín Natael, o menestrel.

Todas as Donzelas da cidade já deviam estar acordadas, àquela altura. Sob o Teto das Donzelas, era certo que nenhuma ainda estaria dormindo. Criando outro portão ali mesmo, na rua, uma escuridão mais profunda que a da própria noite, Rand deixou o disco transportá-lo de volta a seu quarto. Ficou se perguntando por que escolhera o antigo símbolo. Mesmo que inconsciente, fora escolha dele. Em outras ocasiões, havia sido um degrau de escada ou um pedaço do piso. Os Cães das Trevas haviam escorrido para longe daquele símbolo antes de se regenerarem. *Ele conquistará sob este símbolo.*

De pé no breu do quarto, Rand canalizou para acender as lamparinas, mas não soltou *saidin*. Em vez disso, voltou a canalizar, tomando o cuidado de não disparar nenhuma das próprias armadilhas, e um pedaço da parede desapareceu, revelando um espaço oco que ele mesmo escavara.

Na pequena alcova havia duas estatuetas de um pé de altura, um homem e uma mulher, ambos com rostos serenos, trajando roupões esvoaçantes e segurando um globo de cristal em uma das mãos. Rand mentira para Asmodean sobre elas.

Havia os *angreal*, como o homenzinho redondo no bolso de seu casaco e os *sa'angreal*, como *Callandor*, que aumentavam a quantidade do Poder que podia ser canalizado com ajuda dos *angreal* da mesma maneira que os *angreal* aumentavam a quantidade de Poder da canalização sem aparatos. Ambos eram muito raros e valorizados pelas Aes Sedai, embora elas só pudessem reconhecer os que estivessem em consonância com as mulheres e *saidar*. Aquelas duas estatuetas eram outra coisa, não tão raras, mas tão valorizadas quanto. Os *ter'angreal* não haviam sido feitos para aumentar o Poder, mas para usá-lo de maneiras bem específicas. As Aes Sedai não conheciam o propósito original da maior parte dos *ter'angreal* que possuíam na Torre. Utilizavam alguns, mas sem

saber se o uso que faziam deles tinha algo a ver com o propósito para o qual os objetos haviam sido criados. Rand sabia para que serviam aqueles dois.

A estatueta masculina podia ligá-lo a uma enorme réplica dela mesma, o *sa'angreal* masculino mais poderoso já criado, mesmo que ele estivesse do outro lado do Oceano de Aryth. A peça fora finalizada logo após a prisão do Tenebroso ser novamente selada — *Como é que eu sei disso?* — e escondida antes que qualquer um dos Aes Sedai homens, já enlouquecendo, pudesse encontrá-lo. A estatueta feminina fazia o mesmo com uma mulher, podendo uni-la à equivalente da grande estátua que Rand esperava que ainda estivesse quase totalmente enterrada em Cairhien. Com todo aquele poder... Moiraine dissera que a morte não podia ser Curada.

Espontâneas, indesejadas, as lembranças da penúltima vez em que ousara empunhar *Callandor* retornaram, as imagens flutuando além do Vazio.

O corpo da menina de cabelos escuros, pouco mais que uma criança, estava esparramado, os olhos arregalados encarando o teto, sangue escuro no decote do vestido, onde um Trolloc cravara a espada.

O Poder estava dentro dele. Callandor cintilava, e ele era o Poder. Canalizou, direcionando fluxos para o corpo da criança, buscando, tentando, revirando. A menina deu uma guinada e se levantou, os braços e pernas estranhamente rígidos e desconjuntados.

“Rand, você não pode fazer isso!”, gritou Moiraine. “Não isso!”

Respirar. Ela precisa respirar. O peito da garota subia e descia. Coração. Tem que bater. O sangue, já grosso e escuro, jorrou da ferida no peito. Viva. Viva, que se queime! Sua mente uivava. Eu não queria que fosse tarde demais. Os olhos dela o encararam, embotados. Sem vida. Lágrimas desciam pelo rosto de Rand.

Ele fez o que pôde para afastar as memórias. Mesmo envolto no Vazio, elas eram dolorosas. Com todo aquele Poder... Com todo aquele Poder, ele não podia confiar que faria o certo. “Você não é o Criador,” lhe dissera Moiraine, ao lado daquela criança. Mas com aquela estatueta masculina, com apenas metade de seu poder, Rand certa vez fizera as montanhas se moverem. Com muito menos, com apenas *Callandor*, tivera certeza de que podia retroceder a Roda, fazer uma criança morta reviver. Não era apenas o Poder Único que o seduzia; mas também sua força. Rand deveria destruir as duas peças. Em vez disso, voltou a tecer os fluxos, reajustou as armadilhas.

— O que está fazendo? — perguntou uma voz feminina, no momento em que a parede voltou a parecer inteira.

Amarrando os fluxos depressa — além do nó, com suas próprias surpresas letais —, Rand recolheu o Poder em si e se virou.

Perto de Lanfear, vestida de branco e prata, Elayne, Min ou Aviendha pareceriam quase comuns. Apenas seus olhos escuros já eram suficientes para

fazer um homem entregar a própria alma. Com a mera visão daquela mulher, o estômago de Rand se contraiu até deixá-lo com vontade de vomitar.

— O que você quer? — questionou.

Certa vez, bloqueara tanto Egwene quanto Elayne da Fonte Verdadeira, mas não conseguia lembrar como. E, se Lanfear pudesse tocar a Fonte, Rand teria mais chances de agarrar o vento com as mãos do que de mantê-la prisioneira. *Um facho do fogo devastador e...* Não conseguiria. Ela era um dos Abandonados, mas a lembrança da cabeça de uma mulher rolando pelo chão o deixava paralisado.

— Você tem dois deles — disse ela, enfim. — Pensei ter visto uma... Um é uma mulher, não é? — O sorriso de Lanfear poderia parar o coração de um homem e deixá-lo grato por isso. — Está começando a considerar meu plano, não está? Com estes dois objetos, e juntos, os outros Escolhidos vão se ajoelhar a nossos pés. Podemos suplantar até o Grande Senhor, desafiar o Criador. Nós...

— Você sempre foi ambiciosa, Mierin. — A voz de Rand soou rouca aos próprios ouvidos. — Por que acha que me afastei de você? Não foi por Ilyena, não importa o que prefira pensar. Meu coração já não era seu muito antes de eu conhecê-la. Você é pura ambição. Só queria saber de poder. Você me enoja!

A mulher o encarou, as mãos apertando a barriga com força, os olhos escuros maiores que o normal.

— Graendal disse... — começou ela, a voz fraca. Engolindo em seco, tentou de novo. — Lews Therin? Eu te amo, Lews Therin. Sempre amei e sempre vou amar. Você sabe disso. Tem que saber!

O rosto de Rand estava rígido como uma rocha; torceu para que isso camuflasse o choque. Não sabia de onde as próprias palavras tinham vindo, mas, ao que parecia, se recordava de Lanfear. Uma lembrança turva, do passado. *Eu não sou Lews Therin Telamon!*

— Sou Rand al'Thor! — retrucou com severidade.

— Claro que é. — Analisando-o, a mulher assentiu, hesitante. A postura tranquila retornou. — Claro. Asmodean tem lhe contado coisas sobre a Guerra do Poder e sobre mim. É mentira. Você me amava. Até que Ilyena, aquela vagabunda de cabelos amarelos, roubou você. — Por alguns instantes, a raiva transformou o rosto da mulher em uma máscara retorcida. Rand não achou que ela tivesse se dado conta disso. — Você sabia que Asmodean apartou a própria mãe? É o que hoje chamam de estancar. Ele a apartou, e deixou que um Myrddraal a levasse embora aos gritos. Confia em um homem desses?

Rand gargalhou.

— Depois que capturei Asmodean, você me ajudou a prendê-lo para que fosse obrigado a me ensinar. E agora vem dizer que não posso confiar nele?

— Para ensinar. — A mulher bufou com desdém. — Ele vai fazer isso porque sabe que está preso a você. Mesmo que conseguisse convencer os outros

de que tem sido mantido prisioneiro, eles ainda acabariam com Asmodean, e ele sabe disso. O cão mais fraco da matilha geralmente sofre esse destino. Além disso, de vez em quando acompanho os sonhos dele. Asmodean sonha com você triunfando contra o Grande Senhor e ele ficando no topo, a seu lado. Às vezes, sonha comigo. — O sorriso da mulher insinuava que aqueles sonhos eram prazerosos para ela, mas nem tanto para Asmodean. — Mas ele vai tentar fazer você se voltar contra mim.

— Por que veio até aqui? — indagou Rand. Voltar-se contra ela? Lanfear com certeza estava tomada pelo Poder naquele exato momento, pronta para blindá-lo à menor suspeita de que ele pudesse tentar qualquer coisa. Ela já fizera isso antes, e com uma facilidade humilhante.

— Gosto de ver você assim. Arrogante e orgulhoso, cheio da própria força.

Certa vez, ela dissera que gostava de vê-lo inseguro, que Lews Therin fora arrogante demais.

— Por que veio até aqui?

— Foi Rahvin quem mandou os Cães das Trevas atrás de você hoje à noite — informou ela tranquilamente, apoiando as mãos na cintura. — Eu teria vindo mais cedo para ajudar, mas ainda não posso deixar os outros saberem que estou do seu lado.

Do lado dele. Uma das Abandonadas o amava, ou ao menos amava o homem que ele fora três mil anos antes, e só desejava que ele entregasse a alma para a Sombra e governasse o mundo ao lado dela. Ou um degrau abaixo dela, pelo menos. Isso, e tentar tomar o lugar tanto do Tenebroso quanto do Criador. Será que Lanfear era completamente louca? Ou será que o poder daqueles dois imensos *sa'angreal* poderia realmente ser tão grande quanto ela afirmava? Aquele era um rumo que Rand preferia que seus pensamentos não tomassem.

— Por que Rahvin me atacaria agora? Asmodean diz que ele só pensa nos próprios interesses, que preferiria ficar de lado até mesmo na Última Batalha, se pudesse, e esperar que o Tenebroso me destruía. Por que não Sammael ou Demandred? Asmodean diz que eles me odeiam. — *Não a mim. Odeiam Lews Therin.* Para os Abandonados, porém, era a mesma coisa. *Por favor, Luz, eu sou Rand al'Thor.* Tratou de afastar uma súbita lembrança daquela mulher em seus braços, ambos jovens e ainda descobrindo as coisas que eram capazes de fazer com o Poder. *Eu sou Rand al'Thor!* — Por que não Semirhage, ou Moghedien, ou Graen...?

— Mas agora você *está* prejudicando os interesses dele. — A mulher gargalhou. — Não sabe onde ele está? Em Andor, justamente em Caemlyn. Quem manda lá agora é ele, só não oficialmente. Morgase sorri e dança para Rahvin, assim como mais meia dúzia de outras mulheres. — Os lábios de Lanfear se curvaram de desgosto. — Ele tem homens vasculhando as cidades e o campo para encontrar novas belezinhas para sua coleção.

Por um momento, Rand ficou paralisado de choque. A mãe de Elayne nas mãos de um dos Abandonados. Ainda assim, não ousou demonstrar a preocupação. Lanfear já revelara seus ciúmes mais de uma vez. Era capaz de caçar e matar Elayne se sequer desconfiasse de que Rand nutria sentimentos por ela. *E o que exatamente sinto por ela?* Afora isso, uma dura ideia flutuava além do Vazio, fria e cruel em sua veracidade. Rand não correria para atacar Rahvin, mesmo que Lanfear estivesse dizendo a verdade. *Perdoe-me, Elayne, mas não posso.* A Abandonada podia muito bem estar mentindo — e não derramaria nenhuma lágrima caso ele matasse algum outro Abandonado, já que todos atrapalhavam os planos dela —, mas, em todo caso, já estava cansado de reagir às ações alheias. Se fizesse isso, poderiam pressupor seus planos. Era melhor que reagissem a ele, e que ficassem tão surpresos quanto Lanfear e Asmodean haviam ficado.

— Rahvin acha que vou correr para salvar Morgase? Só a vi uma vez na vida. Dois Rios faz parte de Andor no mapa, mas nunca vi nenhum homem da Guarda da Rainha por lá. Há várias gerações que ninguém vê. Diga a um homem de Dois Rios que Morgase é sua rainha, e ele provavelmente vai achar que você é louca.

— Duvido que Rahvin espere que você corra para defender sua terra natal — opinou Lanfear, irônica. — Mas deve esperar que você defenda suas ambições. A intenção dele é colocar Morgase no Trono do Sol também, para usá-la como fantoche até que possa se revelar. Mais soldados andorianos chegam a Cairhien todos os dias. E você enviou tropas tairenas para o norte, para assegurar seu domínio da região. Não surpreende ele ter atacado você assim que o encontrou.

Rand balançou a cabeça. Não havia sido exatamente aquele o motivo do envio dos tairenos, mas não esperava que a mulher entendesse. Ou que acreditasse, caso lhe contasse a verdadeira razão.

— Agradeço pelo aviso.

Ser educado com uma Abandonada! Claro que só podia torcer para que alguma coisa do que ela lhe contara fosse verdade. *Um bom motivo para não matá-la. Ela vai lhe revelar mais do que imagina, se você ouvir com atenção.* Rand esperava que aquele pensamento fosse de fato seu, frio e cínico daquele jeito.

— Você protege os seus sonhos de mim.

— Protejo de todos. — Era verdade, embora, na lista de Rand, Lanfear ocupasse uma posição tão proeminente quanto a das Sábias.

— Os sonhos são meus. Você e seus sonhos são especialmente meus. — O rosto de Lanfear permanecia suave, mas a voz endureceu. — Posso quebrar suas barreiras. Você não iria gostar.

Para demonstrar seu pouco caso, Rand se sentou na beirada do estrado, as pernas cruzadas e as mãos nos joelhos. Pensava que seu rosto estava tão calmo quanto o dela. Por dentro, o Poder se avolumava. Tinha fluxos de Ar prontos para amarrá-la, além de fluxos de Espírito. Eram esses que blindavam as pessoas da Fonte Verdadeira. Quebrara a cabeça para entender como aquilo funcionava, e agora já nem se lembrava mais. Sem aqueles fluxos, os outros seriam inúteis. Lanfear poderia despedaçar ou abrir caminho por qualquer coisa que ele tecesse, mesmo que não conseguisse enxergar o que era. Asmodean vinha tentando ensinar esse truque a Rand, mas a missão era complicada sem a tessitura de uma mulher com a qual praticar.

Lanfear o encarou de um jeito desconcertado, um leve franzir de cenho maculando sua beleza.

— Já analisei os sonhos das Aiel. Dessas que chamam de Sábias. Elas não sabem se proteger muito bem. Eu poderia apavorá-las até elas nunca mais sonharem e, certamente, nunca mais sequer pensarem em invadir seus sonhos.

— Pensei que você não fosse me ajudar tão abertamente. — Não ousei dizer a ela para deixar as Sábias em paz. Lanfear poderia muito bem fazer algo para irritá-lo, e demonstrara desde o início, até falara, que pretendia ter a palavra final. — Não haveria o risco de outro Abandonado descobrir? Você não é a única que sabe entrar nos sonhos das pessoas.

— Os Escolhidos — corrigiu ela, distraidamente. Por um momento, apenas mordiscou o lábio. — Também já acompanhei os sonhos da garota. Egwene. Até pensei que você nutrisse sentimentos por ela. Sabe com quem ela sonha? Com o filho e o enteado de Morgase. Mais frequentemente com o filho, Gawyn. — Sorrindo, sua voz adquiriu um tom de surpresa fingida. — Você não acreditaria que uma garotinha do campo teria sonhos como aqueles.

Rand percebeu que Lanfear estava tentando testar seus ciúmes. Ela achava mesmo que ele protegia os sonhos para esconder que pensava em outra mulher!

— As Donzelas me vigiam de perto — retrucou, seco. — Se quiser saber algo de perto, dê uma olhada nos sonhos de Isendre.

As bochechas da mulher ficaram vermelhas. Claro. Não era para Rand perceber o que ela estava fazendo. Confusão flutuou fora do Vazio. Ou ela pensava que...? Isendre? Lanfear sabia que ela era um dos Amigos das Trevas. Em primeiro lugar, fora Lanfear quem trouxera Kadere e a mulher para o Deserto. E que plantara a maior parte das joias que Isendre fora acusada de roubar. As maldades de Lanfear eram cruéis mesmo quando frívolas. Ainda assim, se pensava que Rand podia amá-la, não devia considerar um obstáculo o fato de Isendre ser Amiga das Trevas.

— Eu devia ter deixado que mandassem aquela mulher para a Muralha do Dragão — prosseguiu ele, com toda a naturalidade. — Mas eu não tinha como

saber o que ela diria para tentar se salvar. Preciso proteger Isendre e Kadere em alguma medida, para proteger Asmodean.

O rubor sumiu, mas, quando Lanfear abriu a boca de novo, alguém bateu à porta. Rand se pôs de pé mais do que depressa. Mesmo que ninguém fosse reconhecer Lanfear, se vissem uma mulher no quarto dele, uma mulher que nenhuma das Donzelas lá embaixo vira entrar, perguntas seriam feitas, e ele não teria como respondê-las.

Lanfear, porém, já abrira um portão para algum lugar cheio de pratarias e tapeçarias de seda branca.

— Lembre-se de que sou sua única esperança de sobrevivência, meu amor. — Era uma voz bem fria para chamar alguém de “meu amor”. — Ao meu lado, você não precisa ter medo de nada. Ao meu lado, poderá governar... tudo o que existe ou existirá. — Lanfear ergueu as saias cor de neve e atravessou o portão, que se fechou em um piscar de olhos.

O som da batida na porta ecoou novamente antes que Rand pudesse largar *saidin* e abri-la.

Enaila bisbilhotou, desconfiada, atrás dele.

— Achei que Isendre talvez... — Ela lançou um olhar acusador na direção de Rand. — As irmãs-de-lança estão procurando você por toda parte. Ninguém o viu retornar. — Ela se empertigou, balançando a cabeça. Sempre tentava ficar o mais alta possível. — Os chefes vieram falar com o *Car'a'carn* — anunciou, com formalidade. — Estão esperando lá embaixo.

Na verdade, eles estavam aguardando em um pórtico, já que eram homens. O céu ainda estava escuro, mas os primeiros raios da alvorada delineavam as montanhas a leste. Se estavam impacientes por causa das duas Donzelas plantadas entre eles e a porta, seus rostos sombreados não demonstravam.

— Os Shaido estão em marcha — grunhiu Han, assim que Rand surgiu. — E os Reyn, os Miagoma, os Shiande... Todos os clãs!

— Para se juntar a Couladin ou a mim? — indagou Rand.

— Os Shaido estão a caminho de Passo de Jangai — informou Rhuarc. — Quanto aos outros, ainda é cedo demais para dizer. Mas estão em marcha com todas as lanças que não são necessárias para defender os fortes, rebanhos e manadas.

Rand apenas assentiu. Tanta determinação em não deixar ninguém mais ditar o que ele faria, e agora aquilo. Independentemente do que os outros clãs pretendessem, Couladin estava planejando uma travessia até Cairhien. Se os Shaido arrasassem Cairhien enquanto ele estava sentado em Rhuidean esperando pelos outros clãs, podia se despedir dos planos ambiciosos de impor a paz.

— Então também vamos para o Passo — anunciou, por fim.

— Caso ele pretenda atravessar, não temos como alcançá-lo — avisou Erim.

— Se qualquer um dos outros clãs se juntar a ele, ficaremos encurralados como vermes ao sol — acrescentou Han, amargamente.

— Não vou ficar aqui sentado esperando para descobrir — decidiu Rand. — Se eu não puder alcançar Couladin, pretendo chegar a Cairhien logo depois dele. Ergam as lanças. Partiremos logo que amanhecer, o mais rápido possível.

Fazendo aquela estranha reverência Aiel usada apenas nas ocasiões mais formais, com um pé à frente e uma mão estendida, os chefes partiram. Apenas Han se pronunciou.

— Rumo à própria Shay ol Ghul.





UMA PARTIDA

Bocejando em meio ao início cinzento da manhã, Egwene montou a égua cor de neblina e teve que guiar as rédeas com habilidade enquanto Bruma investigava os arredores. Fazia semanas que ninguém montava o animal. Os Aiel não só preferiam as próprias pernas, como evitavam montarias quase que completamente, embora usassem cavalos e mulas de carga. Mesmo que houvesse madeira suficiente para a construção de carroções, o terreno do Deserto não era amigável com as rodas, conforme mais de um mascate aprendera, para o próprio azar.

Ela não estava ansiosa pela longa jornada rumo ao oeste. Àquela hora, as montanhas escondiam o sol, mas o calor só aumentaria depois que ele se erguesse totalmente, e não haveria nenhuma tenda conveniente na qual mergulhar quando a noite caísse. Egwene também não estava certa de que a indumentária Aiel fosse apropriada para cavalgar. O xale, usado na cabeça, sempre funcionava surpreendentemente bem na proteção contra o sol, mas aquelas saias volumosas acabariam expondo suas pernas até a altura das coxas, caso não prestasse atenção. Isso era preocupante tanto pelas bolhas quanto pelo recato. *O sol é um dos problemas e...* Um mês longe das selas não deviam tê-la amaciado tanto assim. Esperava que não, ou aquela seria uma jornada *muito* longa.

Assim que acalmou Bruma, Egwene percebeu que Amys a encarava e trocou um sorriso com a Sábia. Toda aquela correria da noite anterior não era o motivo para estar sonolenta. Na verdade, o exercício a ajudara a dormir mais profundamente. Ela *conseguiu* encontrar os sonhos de Amys na noite anterior, e, para celebrar, as duas haviam bebido chá no próprio sonho, no Forte das Pedras

Frias, ao anoitecer, com crianças brincando nos pátios entre plantações e uma agradável brisa soprando pelo vale enquanto o sol se punha.

Claro que aquilo não teria sido o bastante para lhe deixar cansada, mas Egwene ficara tão exultante que, ao sair dos sonhos de Amys, não parara. Não podia, não naquele momento, independentemente do que a sábia tivesse dito. Havia sonhos por toda parte, embora, na maioria dos casos, ela não tivesse ideia de quem os estava sonhando. Na maioria, mas não em todos. Melaine andara sonhando que amamentava um bebê, e Bair sonhara com um de seus falecidos maridos, os dois ainda jovens e louros. Egwene tomara o cuidado especial de não entrar nesses. As Sábias teriam notado a intrusão imediatamente, e a garota sentiu um arrepio ao imaginar o que teriam feito antes de deixá-la sair.

Os sonhos de Rand eram um desafio, claro. Um desafio que ela não podia deixar de encarar. Agora que era capaz de borboletear de sonho em sonho, como poderia não fazer uma tentativa onde as Sábias haviam falhado? Contudo, as tentativas de penetrar os sonhos dele pareciam uma corrida desabalada em direção a uma parede de pedra invisível. Sabia que os sonhos de Rand estavam do outro lado e tinha certeza de que podia encontrar um jeito de atravessar, mas não tinha nada com o que trabalhar, nada para dar uma bisbilhotada. Uma parede feita de nada. Era um problema sobre o qual pretendia se debruçar até encontrar uma solução. Quando metia algo na cabeça, Egwene podia ser tão persistente quanto um texugo.

À volta, *gai'shain* apressavam-se para desfazer o acampamento das Sábias e carregar as mulas. Em pouco tempo, apenas um Aiel ou alguém com capacidade similar de ler rastros seria capaz de dizer que um dia houvera tendas naquele pedaço de terra batida. A mesma atividade cobria as encostas das montanhas do entorno, e o burburinho também se estendia até a cidade. Nem todos partiriam, mas milhares se poriam em marcha. Aiel se aglomeravam nas ruas, e o comboio de carroções de Mestre Kadere se estendia ao redor da grande esplanada, lotados pelos objetos escolhidos por Moiraine. Os três carroções brancos de água, no final do comboio, pareciam enormes barris sobre rodas, puxados por pares de vinte mulas. O carroção do próprio Kadere, à frente da formação, era uma casinha branca sobre rodas, com degraus na parte traseira e uma chaminé metálica emergindo do telhado plano. O mercador corpulento de nariz aquilino, naquele dia todo vestido de seda cor de marfim, tirou da cabeça um destoante chapéu surrado quando ela passou por ele, os olhos escuros e enviesados sem um traço do largo sorriso que o homem lhe exibiu.

Ela o ignorou com frieza. Decididamente, os sonhos daquele homem vinham se mostrando sombrios e desagradáveis, isso quando também não eram obscenos. *Alguém deveria enfiar a cabeça dele em um barril de chá de espigão-azul*, pensou, emburrada.

Ao se aproximar do Teto das Donzelas, abriu caminho por *gai'shain* apressados e mulas que esperavam pacientemente. Para a surpresa de Egwene, uma das pessoas que carregava os pertences das Donzelas usava uma túnica preta, e não branca. Uma mulher, pelo tamanho, cambaleava sob o peso da trouxa amarrada com cordas que trazia nas costas. Ao conduzir Bruma na direção dela, Egwene curvou-se para espiar dentro do capuz e reconheceu o rosto cansado de Isendre, o suor já escorrendo pelas bochechas. Ficou contente pelas Donzelas terem parado de deixar — ou mandar — a mulher pôr os pés na rua praticamente nua, mas trajá-la de preto parecia uma crueldade desnecessária. Se àquela altura a mulher já estava suando em bicas, chegaria à beira da morte quando o calor do dia realmente estivesse a toda.

Ainda assim, assuntos das *Far Dareis Mai* não eram de sua conta. Aviendha lhe dissera isso gentilmente, mas com firmeza. Adelin e Enaila haviam sido quase rudes quanto à questão, e uma rija Donzela de cabelos brancos chamada Sulin chegara a ameaçar levá-la de volta às Sábias puxando-a pela orelha. Apesar de seus esforços para persuadir Aviendha a parar de chamá-la de “Aes Sedai”, Egwene se irritara ao descobrir que, após uma dúvida tênue em relação a ela, o restante das Donzelas acabara decidindo que não passava de mais uma pupila das Sábias. Agora não a deixavam nem passar da porta do Teto, a menos que afirmasse estar cumprindo alguma ordem.

A rapidez com que conduziu Bruma para atravessar a multidão não significava que aceitara a justiça das *Far Dareis Mai*, e também não foi pela consciência incômoda de que algumas das Donzelas a observavam, certamente prontas para lhe dar uma bronca caso achassem que pretendia interferir. Também tinha pouco a ver com sua antipatia por Isendre. Egwene não queria nem pensar nos vislumbres que tivera dos sonhos da mulher, pouco antes de Cowinde acordá-la. Havia sido pesadelos de tortura, sofrimentos por que a mulher passava que fizeram Egwene fugir horrorizada, com algo mau e sombrio dando gargalhadas enquanto via a garota partir em disparada. Não surpreendia que Isendre parecesse exausta. Egwene despertara tão rápido que Cowinde saltara para trás logo após ter pousado a mão em seu ombro.

Rand estava na rua, em frente ao Teto das Donzelas, usando uma *shoufa* para se proteger do sol, além de um manto de seda azul com tantos bordados de ouro que parecia mais apropriado para um palácio, embora estivesse aberto até a altura do peito. Seu cinto tinha uma nova fivela, uma peça entalhada em formato de Dragão. Rand de fato estava começando a se achar muito importante, isso era claro. De pé ao lado de Jeade'en, seu garanhão malhado, ele conversava com os chefes de clã e com alguns comerciantes Aiel que ficariam em Rhuidean.

Jasin Natael estava praticamente nos calcanhares de Rand, com a harpa às costas segurando as rédeas de uma mula encilhada comprada de Mestre Kadere. Vestia-se de maneira ainda mais elaborada, com um bordado prateado cobrindo

quase completamente o manto negro e babados de renda branca no pescoço e nos punhos. Até as botas eram trabalhadas em prata no local onde se dobravam, na altura dos joelhos. A capa do menestrel estragava a produção com seus remendos, mas menestréis eram uma gente estranha.

Os comerciantes usavam o *cadin'sor*, e, apesar de suas adagas serem menores que as de guerreiros, Egwene sabia que todos dariam conta de manejar uma lança, caso fosse necessário. Tinham uma parte, se não toda, da graciosidade mortal dos irmãos que empunhavam lanças. As comerciantes, em blusas de *algode* brancas e folgadas, e saias de lã, com xales e echarpes, eram mais fáceis de distinguir. Exceto pelas Donzelas e pelas *gai'shain* — e Aviendha —, as Aiel sempre usavam diversos braceletes e colares de ouro e marfim, prata e pedras preciosas, algumas peças feitas pelos próprios Aiel, algumas comercializadas, outras pilhadas. As comerciantes, no entanto, se enfeitavam com o dobro disso, se não mais.

Egwene ouviu parte do que Rand estava dizendo aos comerciantes.

— ... deixem os pedreiros Ogier livres para criar, durante a reconstrução. O máximo que conseguirem. Não faz sentido tentar apenas reconstruir o passado.

Então ele estava mandando aqueles homens ao *pouso* para pedir que os Ogier reconstruissem Rhuidean. Aquilo era bom. Muito de Tar Valon tinha sido obra dos Ogier. E tudo que eles haviam construído segundo as próprias vontades tinha uma beleza de tirar o fôlego.

Mat já estava montado em seu cavalo, Pips, com o chapéu de aba larga puxado para baixo e o cabo daquela lança esquisita repousando no estribo. Como de costume, o manto verde de gola alta estava todo amarrotado. Egwene evitava os sonhos dele. Uma das Donzelas, uma mulher muito alta de cabelos dourados, abriu um sorriso maroto que pareceu deixar Mat constrangido. E deveria mesmo. Era velha demais para ele. Egwene bufou. *Sei bem com o que ele estava sonhando, muito obrigada!* Só parou a égua ao lado dele para procurar Aviendha.

— Rand disse a ela para ficar quieta, e ela ficou — comentou Mat, assim que Egwene parou Bruma.

O Rapaz indicou Moiraine e Lan com a cabeça, ela trajando seda azul-clara e agarrada às rédeas da égua branca, ele com a capa de Guardião, segurando o grande cavalo de batalha negro. Lan observava Moiraine com atenção, a expressão neutra como sempre, enquanto a mulher, fitando Rand, parecia prestes a explodir de impaciência.

— Ela começou a dizer que ele não deveria fazer isso, e me pareceu que estava falando aquilo pela centésima vez, então Rand disse “Já decidi, Moiraine. Vá ali para o lado e fique quieta até eu ter tempo para você”. Ele parecia esperar que Moiraine obedecesse. E Moiraine obedeceu. Aquilo ali saindo da orelha dela é fumaça?

A gargalhada de Mat foi tão prazerosa, tão satisfeita com a própria

sagacidade, que Egwene quase agarrou *saidar* e deu uma lição nele ali mesmo, na frente de todo mundo. Em vez disso, bufou outra vez, alto o bastante para que Mat percebesse que fora para ele, para seu bom humor e para sua gargalhada. O rapaz lhe lançou um olhar sarcástico de soslaio e voltou a rir, o que não melhorou em nada o humor dela.

Por um momento, Egwene encarou Moiraine, perplexa. A Aes Sedai fizera o que Rand mandara? Sem reclamar? Aquilo era como ver uma das Sábias obedecendo ordens, ou o sol nascendo à meia-noite. Ouvira falar sobre o ataque, claro. Boatos a respeito de cães gigantes que haviam deixado pegadas em pedra circulavam por toda parte naquela manhã. Não entendia o que uma coisa poderia ter a ver com a outra, mas, afora a notícia sobre os Shaido, aquela era a única novidade que escutara, e não era o bastante para causar aquele tipo de reação. *Nada* em que pensasse era o bastante. Moiraine com certeza lhe diria que aquilo não era de sua conta, mas, de uma maneira ou de outra, Egwene acabaria descobrindo. Não gostava de não compreender as coisas.

Ao divisar Aviendha de pé no último degrau do Teto, Egwene conduziu Bruma até o outro lado da multidão que cercava Rand. A Aiel o encarava tão firmemente quanto a Aes Sedai, mas sem demonstrar qualquer emoção. Girava o bracelete de marfim no punho sem parar, parecendo não se dar conta do gesto. Por algum motivo, aquele bracelete era parte de seus problemas com Rand. Egwene não compreendia. Aviendha se recusava a falar sobre o assunto, e não havia outra pessoa a quem perguntar, não quando a questão poderia deixar a amiga constrangida. O bracelete de marfim da própria Egwene, com as chamas entalhadas, fora um presente de Aviendha para sacramentá-las como quase-irmãs. Em retribuição, Egwene dera o colar de prata que Aviendha usava, e que Mestre Kadere afirmara se tratar de uma forma Kandori chamada flocos de neve. Tivera de pedir ajuda a Moiraine para conseguir comprá-lo, mas a peça lhe parecera apropriada para uma mulher que jamais veria neve. Ou que jamais teria visto, se não estivesse para sair do Deserto. As chances de que voltasse antes do inverno eram pequenas. O que quer que aquele bracelete significasse, Egwene sabia que acabaria decifrando a charada.

— Você está bem? — perguntou. Ao se inclinar para saltar da sela de cepilho alto, as saias se levantaram até deixar as pernas à mostra, mas a preocupação com a amiga era tamanha que ela mal percebeu.

Egwene precisou repetir a pergunta antes de Aviendha se sobressaltar e olhar para ela.

— Se estou bem? Claro que sim.

— Me deixe falar com as Sábias, Aviendha. Tenho certeza de que consigo convencer todas elas de que não podem simplesmente obrigar você a... — Não teve coragem de terminar a frase, não ali, onde qualquer pessoa em meio à multidão poderia ouvi-la.

— Ainda está preocupada com *isso*? — Aviendha mexeu no xale cinza e balançou a cabeça de leve. — Seus costumes são muito estranhos para mim. — O olhar da garota foi arrastado de volta para Rand feito limalhas de ferro atraídas por uma magnetita.

— Você não precisa ter medo dele.

— Não tenho medo de homem nenhum — retrucou a outra, os olhos cintilando um fogo azul-esverdeado. — Não quero que haja problemas entre nós, Egwene, mas você não deveria dizer essas coisas.

Egwene suspirou. Amiga ou não, Aviendha era bem capaz de tentar lhe dar umas bofetadas caso se sentisse ofendida. Em todo caso, ela também não tinha certeza de que a amiga admitiria. O sonho de Aviendha fora doloroso demais para ser acompanhado por muito tempo. Completamente nua, exceto por aquele bracelete de marfim que parecia pesar cem libras, Aviendha corria o mais rápido possível por um terreno plano de barro rachado. Atrás dela vinha Rand, um gigante com o dobro do tamanho de um Ogier, montado em um imenso Jeade'en e alcançando-a lenta, mas inexoravelmente.

No entanto, não podia dizer na cara de uma amiga que ela estava mentindo. O rosto de Egwene enrubescceu um pouco. Especialmente quando, para fazer isso, precisaria admitir o quanto sabia. *Ai sim ela me daria uma bofetada. Não vou fazer de novo. Nada de ficar inspecionando os sonhos alheios. Bom, não os sonhos de Aviendha.* Não era certo espionar sonhos de amigos. Não que aquilo fosse exatamente espionar, mas, ainda assim...

A multidão em torno de Rand começou a se dispersar. Ele montou em sua sela com facilidade, no que foi imediatamente imitado por Natael. Entretanto, uma das comerciantes, uma mulher de rosto largo e cabelos cor de fogo que usava uma pequena fortuna em ouro trabalhado, gemas lapidadas e marfim entalhado, continuou por perto.

— *Car'a'carn*, sua intenção é partir para sempre da Terra da Trindade? Você falou como alguém que não vai voltar nunca mais.

Todos os demais pararam e se viraram para eles. O silêncio se propagou com uma crescente onda de murmúrios que relatavam o que havia sido perguntado.

Por um momento, Rand também ficou em silêncio, examinando os rostos que o encaravam, até finalmente se pronunciar.

— Espero retornar, mas quem pode afirmar o que vai acontecer? Há de ser como a Roda tecer. — Com todos os olhos cravados nele, Rand hesitou. — Mas vou lhes deixar algo para que se lembrem de mim — completou, enfiando a mão no bolso do manto.

Abruptamente, uma fonte ganhou vida perto do Teto, a água jorrando da boca de golfinhos destoantes apoiados nas caudas. Adiante, a estátua de um jovem com uma trombeta erguida para o céu de repente passou a esguichar

água, e depois, mais à frente, duas mulheres de pedra borrifaram água pelas mãos. Estupefatos e imóveis, os Aiel apenas assistiam enquanto todas as fontes de Rhuidean voltavam a fluir.

— Eu já deveria ter feito isso há muito tempo. — Rand murmurara para si mesmo, mas, naquela quietude, Egwene o escutou com absoluta clareza. O respingar de centenas de fontes era o único outro barulho que se ouvia. Natael deu de ombros, como se não esperasse menos.

Era para Rand que Egwene olhava, não para as fontes. Um homem capaz de canalizar. *Rand. Ele ainda é Rand, apesar de tudo.* Porém, a cada vez que o via canalizar era como se descobrisse de novo que ele tinha aquela capacidade. Durante a juventude, aprendera que apenas o Tenebroso devia ser mais temido do que um homem capaz de canalizar. *Talvez Aviendha esteja certa em ter medo dele.*

Quando olhou para a amiga, no entanto, viu que uma fascinação absoluta brilhava em seu rosto. Toda aquela água deliciava a Aiel tanto quanto o mais belo vestido de seda ou um jardim repleto de flores teria impressionado Egwene.

— Hora de marchar — anunciou Rand, guiando o animal malhado rumo ao oeste. — Quem não estiver pronto vai ter que nos alcançar.

Montado na mula, Natael o acompanhou de perto. Por que Rand permitia que um puxa-saco como aquele ficasse colado nele?

Os chefes de clã começaram a dar ordens prontamente, e o burburinho ficou dez vezes mais intenso. Donzelas e Buscadores das Águas saíram em disparada, e mais *Far Dareis Mai* cercaram Rand feito uma guarda de honra, acabando por cercar Natael também. Colada ao estribo de Rand, Aviendha caminhava ao lado de Jeade'en e acompanhava o garanhão com facilidade, galope a galope, mesmo nas saias volumosas.

Posicionando-se ao lado de Mat, atrás de Rand e sua escolta, Egwene franziu o rosto. A amiga voltara a exhibir aquele olhar de determinação implacável, como se tivesse de enfiar o braço na toca de uma víbora. *Preciso fazer algo para ajudá-la.* Quando Egwene decidia dar conta de um problema, não desistia.

* * *

Moiraine se acomodou na sela e, com a mão enluvada, deu tapinhas no pescoço arqueado de Aldieb, mas preferiu não seguir Rand de imediato. Hadnan Kadere trazia os carroções pela rua, ele próprio conduzindo o da frente. Ela devia ter feito o homem desmontar aquele carroção para que pudesse carregá-lo de objetos, tal qual fizera com os demais. Kadere tinha tanto medo dela e de qualquer Aes Sedai que teria obedecido. O batente de porta *ter'angreal* estava muito bem preso no carroção logo atrás de Kadere, com telas amarradas por

cima para que ninguém voltasse a atravessá-lo acidentalmente. Uma longa fileira de Aiel — os *Seia Doon*, os Olhos Negros — acompanhava o comboio pelos dois lados.

Kadere lhe fez uma reverência, do assento de condutor, mas o olhar de Moiraine percorreu toda a fileira de carroções até a grande praça que circundava a floresta de finas colunas de vidro, já brilhando à luz do sol. Se pudesse, levaria tudo que havia na esplanada, em vez da pequena fração que coubera nos carroções. Alguns objetos eram grandes demais. Como os três arcos de metal cinza sem brilho, de pé e unidos no meio, cada um medindo mais de duas passadas de largura. Uma corda de couro trançado fora amarrada em torno da peça, alertando a todos para que não entrassem nela sem a permissão das Sábias. Não que fosse provável que alguém o fizesse, claro. Só os chefes de clãs e as Sábias entravam naquela praça e se mantinham tranquilas. E apenas as Sábias tocavam no que quer que fosse, e o faziam de forma bastante reticente.

Por incontáveis anos, o segundo teste enfrentado por uma Aiel que desejasse se tornar Sábica era entrar no conjunto de colunas cintilantes de vidro, vendo exatamente o que os homens viam. Mais mulheres sobreviviam àquilo do que homens — Bair dizia que era porque as mulheres eram mais fortes, e Amys afirmava que era porque as fracas demais para sobreviver eram eliminadas antes de atingir aquele ponto, mas não havia certeza de nada. As mulheres que sobreviviam não eram marcadas. Segundo as Sábicas, só os homens necessitavam de marcas visíveis. Para as mulheres, sobreviver já bastava.

O primeiro teste, o primeiro crivo antes mesmo de qualquer treinamento, era passar por um daqueles três arcos. Qual deles não importava, ou talvez a escolha fosse uma questão de destino. Ao que parecia, aquele passo levava a mulher a viver e reviver sua vida incontáveis vezes, o futuro escancarado à frente, todos os futuros possíveis, com base em cada decisão que ela pudesse vir a tomar até o fim da vida. A morte também era uma das possibilidades. Algumas mulheres não conseguiam se defrontar com o futuro, assim como outras não davam conta do passado. Claro que todas as possibilidades de futuro eram opções demais para que a mente as retivesse. Em sua maioria, elas se misturavam e esvaneciam, mas a mulher adquiria um senso do que aconteceria em sua vida, do que deveria e do que poderia acontecer. Em geral, isso permanecia oculto até a pessoa se ver diante do momento em questão. Nem sempre, porém. Moiraine atravessara aqueles arcos.

Uma colher de esperança e uma xícara de desespero, pensou.

— Não gosto de ver você assim — comentou Lan.

No dorso de Mandarb e alto como era, ele a encarava de cima, a inquietação lhe fazendo estreitar o canto dos olhos. Em Lan, aquilo significava tanto quanto lágrimas de frustração em qualquer outro homem.

Aiel passavam pelos dois lados dos cavalos de Moiraine e Lan, além de *gai'shain* com animais de carga. Moiraine se surpreendeu ao notar que os carroções de água de Kadere já haviam lhe ultrapassado. Não percebera que passara tanto tempo olhando para a esplanada.

— Assim como? — indagou, virando a égua na direção da multidão. Rand e sua escolta já tinham deixado a cidade.

— Preocupada — respondeu Lan, sem rodeios, o rosto pétreo já completamente neutro. — Com medo. Nunca vi você com medo, nem quando estávamos cercados de Trollocs e Myrddraal, nem mesmo quando soube que os Abandonados estavam soltos e que Sammael estava bem perto de nós. O fim está próximo?

Moiraine pulou de susto e se arrependeu na hora. Lan estava olhando para a frente, por cima das orelhas do garanhão, mas nunca perdia nenhum detalhe. Ela às vezes pensava que aquele homem podia ver até uma folha caindo atrás de si.

— Está falando de Tarmon Gai'don? Um passarinho em Seleisin sabe tanto quanto eu. Queira a Luz, não enquanto algum dos selos continuar intacto.

Os dois que encontrara também estavam em um dos carroções de Kadere, embalados individualmente em uma caixa cheia de lã. Moiraine se assegurara de que ficassem em um carroção diferente do que continha o batente de porta de pedra vermelha.

— De que mais eu estaria falando? — perguntou o Guardião, hesitante, ainda sem olhá-la, fazendo Moiraine desejar que tivesse mordido a língua. — Você se tornou... impaciente. Ainda lembro de quando esperava semanas para ouvir uma informaçãozinha que fosse, uma só palavra, sem sentir qualquer comichão, mas agora... — Lan enfim a encarou, um olhar azul que teria intimidado a maior parte das mulheres. E dos homens. — E quanto àquele juramento que você fez ao rapaz, Moiraine. O que, sob a Luz, a possuiu?

— Rand tem se afastado cada vez mais de mim, Lan, e preciso ficar por perto. Ele precisa de toda a orientação que eu puder dar, e, tirando compartilhar sua cama, farei de tudo para que receba essa orientação.

Os arcos haviam revelado que dormir com o rapaz seria um desastre. Não que ela sequer tivesse considerado a possibilidade — ficava chocada só de pensar! —, mas, nos arcos, era algo que iria ou poderia considerar no futuro. Tinha certeza de que a ideia era uma medida de seu crescente desespero, e vira nos arcos que fazê-lo arruinaria absolutamente tudo. Queria poder se lembrar de como — havia chaves para compreender Rand al'Thor em tudo o que pudesse aprender sobre ele —, mas apenas a ideia de calamidade permanecera em sua mente.

— Talvez você se torne mais humilde se Rand lhe mandar buscar os chinelos e acender o cachimbo dele.

Moiraine o encarou. Seria uma piada? Se sim, não tinha a menor graça. Nunca vira utilidade alguma em ser humilde. Siuan afirmava que ter sido criada no Palácio do Sol, em Cairhien, tornara Moiraine arrogante até o último fio de cabelo, em níveis tão profundos que a mulher sequer percebia — o que Moiraine negava com veemência. Mas, mesmo sendo filha de um pescador taireno, Siuan conseguia encarar qualquer rainha olho no olho, e, para ela, a arrogância de Moiraine era um obstáculo aos próprios planos.

Se Lan tentava fazer piadinhas, mesmo que ruins ou equivocadas, estava mudando. Já fazia quase vinte anos que o homem a acompanhava, e ele salvara sua vida mais vezes do que Moiraine se dera o trabalho de contar — em muitas delas colocando-se em grande risco. Ele sempre considerara a própria vida algo sem importância, cujo valor residia apenas no uso que Moiraine pudesse fazer dela. Alguns diziam que Lan cortejava a morte como um noivo corteja sua amada. A Aes Sedai nunca tivera o coração dele nas mãos e jamais sentira ciúmes das mulheres que pareciam se atirar aos pés de seu Guardião. O próprio Lan já afirmara sequer ter coração. Mas descobrira a existência do próprio coração ao longo do ano que se passara, e encontrara-o justamente quando uma mulher o amarrara em um barbante para usá-lo pendurado no pescoço.

Claro que ele a recusara. Não negava seu amor por Nynaeve al'Meara, outrora Sabedoria de Dois Rios, atual Aceita da Torre Branca, mas negava que pudesse tê-la. Lan dizia que só possuía duas coisas: uma espada inquebrável e uma guerra infinita. Nunca presentearia uma noiva com nenhuma das duas coisas. Daquilo, pelo menos, Moiraine cuidara, embora ele não fosse saber como até que já estivesse feito. Do contrário, Lan muito provavelmente tentaria mudar as coisas, teimoso como podia ser.

— Esta terra árida parece ter murchado sua própria humildade, al'Lan Mandragoran. Melhor eu encontrar um pouco de água para fazê-la voltar a crescer.

— Minha humildade é afiada feito uma lâmina — retrucou o homem, seco. — Você nunca deixa que fique muito cega.

Lan ensopou um cachecol branco com a água do cantil de couro e entregou o pano encharcado a ela. Moiraine o amarrou em volta das têmporas sem fazer comentários. O sol começava a se erguer acima das montanhas atrás deles, uma bola ardente de ouro derretido.

A multidão serpenteava pelo lado estéril de Chaendaer, o fim da cauda ainda em Rhuidean enquanto a cabeça já encimava a encosta e descia até planícies acidentadas, cravejadas de formações rochosas e platôs, alguns listrados de vermelho e ocre em meio aos marrons e cinzas. O céu estava tão claro que Moiraine enxergava a milhas de distância, mesmo quando a comitiva já estava descendo de Chaendaer. Grandes arcos naturais erguiam-se ao longo da paisagem, e, em todas as direções, montanhas recortadas arranhavam o céu.

Vales e barrancos secos dividiam uma terra esparsamente pontilhada por arbustos baixos e vegetais sem folhas, ambos cheios de espinhos. As raras árvores, retorcidas e esmirradas, também eram espinhosas. O sol transformava o local em um forno. Uma terra dura que moldara um povo duro. Mas Lan não era o único que estava mudando, ou sendo mudado. Moiraine queria saber o que Rand faria dos Aiel, no fim das contas. Havia uma longa jornada à frente para todos.



ALÉM DA FRONTEIRA

Segurando-se em seu canto, na parte traseira do carroção que não parava de sacudir, Nynaeve mantinha o equilíbrio com uma das mãos, e com a outra segurava o chapéu de palha, enquanto espiava a furiosa tempestade de areia se assentar aos poucos atrás deles, à distância. No calor da manhã, a aba larga sombreava seu rosto, mas a brisa gerada pela velocidade cambaleante do carroção era suficiente para fazer o chapéu sair voando de sua cabeça, apesar do cachecol vermelho-escuro amarrado sob o queixo. Colinas gramadas e matagais esparsos ficavam para trás, a grama seca e frágil devido ao calor de fim de verão. A poeira levantada pelas rodas do carroção lhe obscurecia um pouco a visão, além de fazê-la tossir. As nuvens brancas no céu mentiam. Não caíra uma gota de chuva desde antes de partirem de Tanchico, semanas atrás, e fazia tempo que aquela estrada, antigamente de tráfego pesado, recebia um carroção.

Ninguém surgiu cavalgando em meio ao que parecia uma sólida parede marrom, o que era ótimo. Já não sentia raiva dos salteadores que haviam tentado pará-los quando estavam perto de escapar da loucura de Tarabon. E, a menos que estivesse zangada, Nynaeve não conseguia sentir a Fonte Verdadeira, muito menos canalizar. Mesmo com raiva, ficara surpresa de ter criado tamanha tempestade. Uma vez despertada, sua fúria passava a ter vida própria. Elayne também se surpreendera com o tamanho, embora, por sorte, não tivesse demonstrado isso para Thom ou Juilin. Porém, mesmo que sua força estivesse aumentando — as professoras na Torre tinham dito que aumentaria, e certamente nenhuma delas era forte o bastante para sobrepujar um dos Abandonados, como Nynaeve fizera —, ainda tinha aquela limitação. Caso um

dos bandidos aparecesse, Elayne teria de dar conta deles sozinha, o que Nynaeve não queria que acontecesse. Sua raiva anterior sumira, mas sentia bons sinais de que logo haveria uma nova safra.

Escalando um pouco sem jeito a tela que prendia o carregamento de barris, Nynaeve alcançou um dos de água, amarrados às laterais do carroção, junto aos baús com todos os pertences e suprimentos. Imediatamente, seu chapéu foi parar na nuca, preso apenas pelo cachecol. A menos que soltasse a corda que segurava com a outra mão, os dedos só alcançavam a tampa do barril, e, do jeito que o veículo balançava, provavelmente cairia de cara no chão se soltasse.

Juilin Sandar guiava o esbelto castrado marrom que ia cavalcando bem perto do carroção — batizara o animal com o improvável nome de Sorrateiro —, e se esticou para entregar a ela um dos cantis de couro pendurados na sela. Nynaeve bebeu com gratidão, mas sem graciosidade. Segurando-se como podia, feito um cacho de uvas em um vinhedo assolado pelo vento, derramou quase tanta água no vestido cinza quanto fez descer pela garganta.

Era um vestido adequado para uma mercadora: de gola alta, bem-tecido e bem-cortado, mas, ainda assim, simples. O broche no peito, um pequeno círculo com granadas douradas, talvez fosse um pouco demais para uma simples mercadora, mas fora presente da Panarca de Tarabon, junto com outras joias bem mais valiosas, todas escondidas em um compartimento debaixo do assento do condutor. Nynaeve usava o broche para se lembrar de que até mulheres que se sentavam em tronos às vezes precisavam ser pegas pelo colarinho e sacudidas. Agora que lidara com Amathera, nutria um pouco mais de simpatia pelas manipulações de reis e rainhas que a Torre protagonizava.

Suspeitava que a Panarca lhe dera presentes como suborno para fazê-los deixar Tanchico. A mulher estivera disposta a comprar até um navio para que eles não ficassem nenhuma hora a mais do que o necessário, mas ninguém se dispusera a vender um. As poucas embarcações restantes no Porto de Tanchico apropriadas a navegar para além do litoral tinham sido abarrotadas de refugiados. Além disso, um navio era a maneira óbvia, a mais rápida, de partir, e depois do ocorrido a Ajah Negra poderia estar de olho nela e em Elayne. As duas haviam sido enviadas para caçar Aes Sedai da Ajah Negra, não para ser emboscadas por elas. Por isso o carroção e a longa viagem por uma terra destróçada pela guerra civil e pela anarquia. Nynaeve estava começando a desejar não ter insistido em evitar os navios. Não que algum dia fosse admitir isso para os outros.

Quando tentou devolver o cantil a Juilin, o homem não o aceitou. Forte, parecendo ter sido entalhado em alguma madeira escura, Juilin não ficava muito confortável no dorso de um cavalo. A Nynaeve, o sujeito parecia ridículo. Não por conta do óbvio desconforto à sela, mas pelo bobo chapéu vermelho taraboniano que passara a usar no cabelo escuro e liso — uma peça cônica, sem

aba, alta e com o topo achatado. Não combinava em nada com o casaco taireno escuro e acinturado, que se alargava na parte inferior. Nynaeve achava que aquele chapéu não combinaria com nada. Em sua opinião, Juilin parecia estar usando um bolo na cabeça.

O restante do caminho foi uma luta desajeitada, com o cantil de couro em uma das mãos e o chapéu drapejando, e Nynaeve passou o tempo todo resmungando xingamentos para o caçador de ladrões taireno — *Nunca apanhador de ladrões, isso não!* —, para Thom Merrilin — *Menestrel metido!* — e para Elayne da Casa Trakand, Filha-herdeira de Andor, que bem mereceria ser sacudida pelo colarinho!

Tivera a intenção de deslizar para o assento de madeira do condutor e ficar entre Thom e Elayne, mas a garota de cabelos dourados estava bem colada ao homem, o próprio chapéu de palha pendurado às costas. Ela agarrava o braço do velho tonto de bigode branco como se tivesse medo de cair. Apertando os lábios, Nynaeve teve que se contentar com o outro lado de Elayne. Estava contente de ter voltado a prender o cabelo em uma trança da grossura de um punho que descia até a cintura — podia puxá-la, em vez de dar um peteleco na orelha de Elayne. A garota sempre fora relativamente sensata, mas algo em Tanchico parecia ter atordoadado seu juízo.

— Não estão mais nos seguindo — anunciou Nynaeve, recolocando o chapéu na cabeça. — Agora já dá para desacelerar este troço, Thom.

Poderia ter gritado aquilo lá de trás, sem ter precisado escalar os barris, mas imaginar-se pulando para lá e para cá e pedindo aos dois que fossem mais devagar a impedia. Nynaeve não gostava de fazer papel de boba, e gostava ainda menos que os outros a vissem como tal.

— Coloque o chapéu — disse a Elayne. — Sua pele clara não vai gostar de ficar muito tempo neste sol.

Como já esperava, a garota ignorou o conselho amigável.

— Você dirige maravilhosamente bem — elogiou Elayne, enquanto Thom puxava as rédeas, forçando os quatro cavalos a um passo mais lento. — Manteve o controle o tempo todo.

O homem alto e rijo baixou os olhos na direção dela, as grossas sobrancelhas brancas se contraindo, mas disse apenas:

— Temos mais companhia pela frente, criança.

Bem, talvez ele não fosse *tão* tonto.

Nynaeve olhou e viu a coluna de cavaleiros de mantos cor de neve que se aproximava, logo acima da colina seguinte. Eram talvez meia centena de homens em armaduras escovadas e elmos cônicos reluzentes, escoltando o mesmo número de carroções cheios de carga. Filhos da Luz. De repente, Nynaeve ficou bem consciente da tira de couro presa ao pescoço, sob o vestido, e dos dois anéis balançando entre os seios. O pesado anel de Lan, feito de ouro, e

com símbolo dos Reis da terra perdida de Malkier, não significaria nada para os Mantos-brancos, mas se vissem o anel da Grande Serpente...

Sua tola! É pouco provável que vejam, a menos que você decida tirar a roupa!

Nynaeve deu uma olhada rápida em seus acompanhantes. Elayne não conseguia deixar de ser linda, e, depois que deixara Thom de lado e reatava o cachecol verde que prendia o chapéu, seus modos pareciam mais adequados a uma sala do trono do que a um carroção de mercador, mas o vestido, afora ser azul, não era diferente do de Nynaeve. A jovem não usava joias. Chamara os presentes de Amathera de “cafonas”. Passaria despercebida, como nas cinquenta vezes desde Tanchico. Por pouco. Só que aquele seria o primeiro encontro com Mantos-brancos. Thom, com vestes de lã marrom grossa, poderia ser qualquer um dos milhares de homens enrugados e de cabelos brancos que conduziam carroções. E Juilin era Juilin. Sabia se comportar, embora parecesse preferir estar com os pés firmemente plantados no chão, carregando o bastão ou com a quebra-espada que usava no cinto devidamente encaixada, e não em cima de um cavalo.

Thom guiou a carroça para um dos lados da estrada e parou quando vários Mantos-brancos se separaram da frente da coluna. Nynaeve abriu um sorriso simpático. Torcia para que eles não decidissem que precisavam de mais um carroção.

— Que a Luz o ilumine, Capitão — disse ela ao homem de rosto estreito que era claramente o líder, o único que não portava uma lança com ponta de aço.

Não tinha ideia da patente indicada pelos dois nós dourados no peito do casaco, logo abaixo dos raios de sol flamejantes que todos possuíam, mas, por experiência própria, sabia que homens aceitavam qualquer tipo de bajulação.

— Estamos muito felizes em ver vocês. Bandidos tentaram nos roubar algumas milhas atrás, mas uma tempestade de poeira apareceu milagrosamente. Escapamos por po...

— Você é mercadora? Quase não têm vindo mercadores a Tarabon. — A voz do homem era tão áspera quanto o rosto, dando a impressão de que toda e qualquer alegria tinha se evaporado antes mesmo que ele deixasse o berço. Seus olhos escuros e profundos pareciam desconfiados. Nynaeve não teve dúvidas de que aquilo também era um traço permanente. — Indo para onde e levando o quê?

— Estou levando tinturas, Capitão.

Ela se esforçou para sustentar o sorriso sob aquele olhar fixo, que sequer piscava. Foi um alívio quando o homem se dirigiu brevemente aos demais. Thom desempenhava um bom papel ao demonstrar seu tédio, um mero condutor de carroções que seria pago tanto parado quanto em movimento. E Juilin, se não tirara aquele chapéu ridículo, como outrora teria feito, pelo menos parecia bem

pouco interessado: um homem contratado que não tinha nada a esconder. Quando o olhar do Manto-branco pousou em Elayne, Nynaeve sentiu a amiga se enrijecer e se apressou a continuar:

— Tinturas tarabonianas. As melhores do mundo. Posso vendê-las por um bom preço em Andor.

Após um sinal do capitão, ou o que quer que ele fosse, um dos outros Mantos-brancos conduziu o cavalo até a traseira do carroção. Cortando uma das cordas com a adaga, afrouxou um pedaço da tela, o bastante para expor três ou quatro barris.

— Eles estão marcados como “Tanchico”, Tenente. Este aqui diz “carmesim”. Quer que eu abra alguns?

Nynaeve torceu para o que o oficial Manto-branco não interpretasse erroneamente a ansiedade em seu rosto. Mesmo sem olhar para a garota, podia quase sentir o desejo de Elayne de dar um pito no soldado por conta de seus modos. Mas qualquer mercador de verdade ficaria preocupado com suas tinturas sendo expostas aos elementos.

— Se o senhor me mostrar os barris que quer olhar, Capitão, ficarei mais do que contente de abri-los eu mesma. — O homem não demonstrava nenhum tipo de reação a bajulações ou ofertas de cooperação. — Os barris foram vedados para proteger o material contra a poeira e a água, sabe? Se a tampa de um deles for quebrada, não vou ter como reencaixá-la com cera aqui onde estamos.

O restante da coluna os alcançou e começou a ultrapassá-los, deixando uma nuvem de poeira. Os condutores dos carroções eram homens desinteressantes, vestidos de modo simples, mas os soldados cavalgavam absolutamente eretos, todas as longas lanças de ponta de aço inclinadas exatamente no mesmo ângulo. Mesmo com rostos suados e cobertos de poeira, pareciam homens fortes. Só os condutores olharam para Nynaeve e os demais.

O Tenente Manto-branco abanou a poeira do rosto com uma das mãos enluvadas, depois acenou para que o outro se afastasse do carroção. Seus olhos não desgrudaram de Nynaeve.

— Estão vindo de Tanchico?

Nynaeve assentiu, parecendo a cooperação e honestidade em pessoa.

— Sim, Capitão. De Tanchico.

— E o que me diz sobre a cidade? Tenho ouvido muitos boatos.

— Boatos, Capitão? Quando partimos, restava pouquíssima ordem. A cidade estava repleta de refugiados, o campo tomado de rebeldes e bandidos. Quase não há comércio. — Tudo aquilo era a verdade pura e simples. — Por isso é que estas tinturas vão sair por um ótimo preço. Acho que não vai mais ter tinturas tarabonianas disponíveis por um bom tempo.

— Refugiados, tinturas ou comércio não me importam, mercadora — respondeu o oficial, em um tom indiferente. — Andric ainda estava no trono?

— Sim, Capitão.

Obviamente, os boatos diziam que alguém tomara Tanchico e depusera o Rei, e talvez fosse o caso. Mas quem? Um dos lordes rebeldes que lutavam tanto entre si quanto contra Andric, ou os Declarados do Dragão, que haviam se comprometido com o Dragão Renascido mesmo sem jamais tê-lo visto?

— Quando saímos, Andric ainda era o Rei, e Amathera, a Panarca.

Os olhos do homem diziam que ele achava que ela poderia estar mentindo.

— Há quem diga que as bruxas de Tar Valon estavam envolvidas. Vocês viram alguma Aes Sedai ou ouviram falar delas?

— Não, Capitão — respondeu, mais do que depressa.

O anel da Grande Serpente parecia quente em sua pele. Cinquenta Mantos-brancos ao alcance das mãos. Uma tempestade de poeira não ajudaria nada desta vez, e, de qualquer forma, embora tentasse negar, Nynaeve estava mais com medo do que com raiva.

— Reles mercadores não se misturam a essa gente — explicou. O homem assentiu, e ela se arriscou a fazer uma pergunta. Qualquer coisa que mudasse o assunto. — Se me permite, Capitão, já entramos em Amadícia?

— A fronteira fica cinco milhas a leste — informou ele. — Por enquanto. A primeira aldeia que vão encontrar é Mardecin. Obedeçam a lei, e ficarão bem. Há uma guarnição dos Filhos lá. — O homem soava como se a guarnição fosse dedicar todo o seu tempo para garantir que eles obedeceriam a lei.

— Vocês vieram até aqui para ajustar a fronteira? — perguntou Elayne de repente, fria. Nynaeve poderia tê-la estrangulado.

Aquele profundo olhar de suspeita se voltou para Elayne, e Nynaeve apressou-se a dizer:

— Perdoe a garota, Senhor Capitão. É filha da minha irmã mais velha. Pensa que deveria ter nascido lady e, além disso, não consegue ficar longe dos rapazes. Foi por isso que a mãe dela a mandou para ficar comigo. — O arquejo indignado de Elayne foi perfeito. Provavelmente foi real. Nynaeve supôs que não precisava ter acrescentado a questão com os rapazes, mas pareceu cair bem.

O Manto-branco encarou-as por mais um momento, depois se pronunciou.

— O Senhor Capitão Comandante envia comida para Tarabon. Do contrário, teríamos parasitas tarabonianos cruzando a fronteira e roubando tudo o que pudessem mastigar. Vão com a Luz — acrescentou, antes de girar o cavalo e fazê-lo galopar de volta para a frente da coluna. Não era nem uma sugestão nem uma bênção.

Thom tocou o carroção em frente assim que o oficial partiu, mas todos ficaram sentados em silêncio, exceto quando tossiam, até estarem bem longe do último soldado e fora da poeira dos outros carroções.

Engolindo um pouco de água para molhar a garganta, Nynaeve empurrou o cantil na direção de Elayne.

— O que você queria com aquela pergunta? Nós não estamos na sala do trono da sua mãe e, em todo caso, a Rainha não aceitaria aquele comportamento!

Elayne esvaziou o cantil antes de se dignar a responder.

— Você estava rastejando, Nynaeve. — Ela fez uma voz em falsete, imitando um tom submisso. — Eu sou muito boa e obediente, Capitão. Posso lambar suas botas, Capitão?

— Estamos nos passando por mercadoras, não rainhas disfarçadas!

— Mercadoras não precisam ser puxa-sacos! Agindo de modo tão servil, você tem sorte de ele não ter pensado que estávamos tentando esconder alguma coisa!

— Também não ficam de nariz empinado para Mantos-brancos com cinquenta lanças! Ou você acha que poderíamos derrotar todos eles usando o Poder, caso fosse preciso?

— Por que você disse que eu não conseguia ficar longe dos rapazes? Não havia necessidade daquilo, Nynaeve!

— Eu diria qualquer coisa que fizesse o homem ir embora e nos deixar em paz! E você...!

— Calem-se as duas — rosnou Thom, de repente —, antes que eles voltem para ver qual de vocês está tentando matar a outra!

Nynaeve chegou a se virar no assento de madeira para olhar para trás, antes de se dar conta de que os Mantos-brancos estavam longe demais para terem ouvido, mesmo se as duas estivessem gritando. Bem, talvez estivessem. Não ajudou em nada o fato de Elayne ter feito o mesmo.

Nynaeve agarrou a trança com firmeza e olhou feio para Thom, mas Elayne se aconchegou ao braço do homem e praticamente arrulhou:

— Você tem razão, Thom. Me desculpe por ter levantado a voz.

Juilin assistia a tudo de soslaio, fingindo não ver, mas foi esperto o bastante para não trazer o cavalo para perto e acabar se tornando parte daquilo.

Antes que arrancasse os cabelos pela raiz, Nynaeve soltou a trança, arrumou o chapéu e se sentou olhando para a frente, por sobre os cavalos. Qualquer que fosse a questão com Elayne, já passava da hora de resolver.

Apenas um pilar alto de pedra em cada lado da estrada marcava a fronteira entre Tarabon e Amadícia. Afora o grupo, não havia qualquer tráfego na estrada. As colinas ficaram gradativamente mais altas, mas, exceto por isso, o terreno permaneceu mais ou menos o mesmo: grama marrom e matagais com poucas folhas verdes, a não ser em pinheiros, folhas-de-couro ou outras árvores perenes. Plantações com cercas de pedra e casas de fazenda com telhados de palha pontilhavam as encostas e os vales, mas tinham um aspecto abandonado. Nada de fumaça subindo pelas chaminés, nada de homens trabalhando na colheita, nada de ovelhas ou gado. Às vezes viam umas poucas galinhas ciscando no pátio

de alguma fazenda à beira da estrada, mas elas corriam, assustadas, com a aproximação do carroção. Com ou sem guarnições de Mantos-brancos, parecia que ninguém estava disposto a correr o risco de encarar salteadores tarabonianos, assim tão perto da fronteira.

Quando Mardecin surgiu, do topo de uma elevação, o sol ainda tinha um longo caminho a percorrer até atingir o auge. Com quase uma milha de extensão, a cidade à frente parecia grande demais para ser chamada de aldeia, estendendo-se entre duas colinas ligadas por um pequeno regato atravessado por uma ponte. Tinha tantos telhados de ardósia quanto de palha, e um burburinho considerável percorria as ruas largas.

— Precisamos comprar mantimentos — avisou Nynaeve —, mas é melhor fazermos isso rápido. Ainda podemos percorrer uma boa distância antes do cair da noite.

— Estamos ficando esgotados, Nynaeve — respondeu Thom. — Do primeiro ao último raio de luz, todos os dias há quase um mês. Um dia de descanso não vai fazer tanta diferença para chegarmos a Tar Valon. — Ele não soava cansado. Era mais provável que estivesse ansioso para tocar a harpa ou a flauta em uma das tavernas e fazer os homens lhe pagarem vinho.

Juilin finalmente cavalgara para perto do carroção, e acrescentou:

— Estou louco para passar um dia a pé. Não sei o que é pior, esta sela ou o assento do carroção.

— Acho que deveríamos encontrar uma estalagem — opinou Elayne, olhando para Thom. — Já dormi noites demais debaixo deste carroção e gostaria de ouvir você contar histórias em algum salão.

— Mercadores com um único carroção são pouco mais que mascates — retrucou Nynaeve, com firmeza. — Não têm como bancar as estalagens de uma cidade como esta.

Não sabia se aquilo era verdade ou não, mas, apesar do próprio desejo por um banho e lençóis limpos, Nynaeve não iria deixar barato que Elayne tivesse se dirigido a Thom para dar sugestões sobre a viagem. Foi só quando as palavras já tinham saído de sua boca que percebeu que havia se rendido a Thom e Juilin. *Um dia não vai ser problema. Ainda falta muito até Tar Valon.*

Desejou que tivesse insistido em um navio. Com uma embarcação rápida, como um forcador do Povo do Mar, teriam chegado a Tear em um terço do tempo que levaram para atravessar Tarabon, desde que contassem com bons ventos. E, com uma boa Chamadora de Ventos dos Atha'an Miere, isso não teria sido problema. Ela ou Elayne poderiam ter dado conta do serviço, aliás. Os tairenos sabiam que as duas eram amigas de Rand, e Nynaeve imaginava que ainda suassem em bicas com medo de ofender o Dragão Renascido. Teriam fornecido carruagens e escolta para a jornada até Tar Valon.

— Encontrem um lugar para acamparmos — disse ela com relutância. Deveria ter insistido em um navio. Àquela altura, provavelmente já estariam de volta à Torre.





UM SINAL

Nynaevae teve que admitir que Thom e Juilin haviam escolhido um bom local para o acampamento: um matagal esparso que crescia em uma encosta a leste, coberta de folhas secas, a apenas uma milha de Mardecin. Tupelos e uma espécie de salgueiro pequeno com galhos retorcidos escondiam o carroção da estrada e da cidade, e um riacho de dois pés de largura brotava de algumas pedras no topo da colina e corria até um leito de lama seca duas vezes mais largo. Água suficiente para seus propósitos. Era até um pouco mais fresco debaixo das árvores, onde batia uma brisa suave e agradável.

Depois que os homens deram água e amarraram os cavalos dos carroções em um local onde os animais pudessem se alimentar da grama esparsa, jogaram uma moeda para decidir quem cavalgaria o castrado até Mardecin para comprar o necessário. Jogar a moeda virara um ritual dos dois. Thom, cujos dedos ligeiros estavam habituados a realizar truques de magia, nunca perdia quando jogava a moeda, de forma que agora apenas Juilin o fazia.

Thom ganhou mesmo assim, e, enquanto tirava a sela de Sorrateiro, Nynaevae enfiou a cabeça sob o assento do carroção e levantou uma das tábuas do piso com a faca do cinto. Além de dois pequenos cofres dourados contendo as joias dadas de presente por Amathera, várias bolsas de couro cheias de moedas repousavam na reentrância. A Panarca fora mais do que generosa em seu desejo de vê-los pelas costas. Em comparação, os outros objetos pareciam até insignificantes: uma caixinha escura de madeira polida, simples e sem entalhes, e uma bolsa de camurça que parecia conter um disco. A caixa armazenava os dois *ter'angreal* que haviam recuperado da Ajah Negra, ambos relacionados a

sonhos, e a bolsa... Aquela era a recompensa de Tanchico. Um dos selos da prisão do Tenebroso.

Por mais que Nynaeve quisesse descobrir aonde mais Siuan Sanche as mandaria caçar a Ajah Negra, o selo era o verdadeiro motivo de sua pressa de chegar a Tar Valon. Retirando moedas de uma das bolsas gorduchas, evitou tocar a que continha o disco. Quanto mais tempo passava em posse daquilo, maior era sua vontade de entregar o objeto à Amyrlin e se ver livre dele. Às vezes, quando estava próxima ao disco, Nynaeve pensava sentir o Tenebroso tentando se libertar.

Deixou Thom partir com um punhado de prata e uma advertência veemente para procurar frutas e verduras. Se não desse instruções, era capaz de o homem só comprar carne e feijão. O andar manco de Thom ao guiar o cavalo para a estrada a fez franzir o cenho. Uma lesão antiga, e para a qual não havia nada mais a fazer, dissera Moiraine. Aquilo a irritava tanto quanto o mancar em si. Nada a fazer.

Nynaeve partira de Dois Rios para proteger os jovens de sua aldeia, raptados durante a noite por uma Aes Sedai. Fora para a Torre na esperança de que pudesse cuidar deles, ainda querendo derrubar Moiraine pelo que ela fizera. O mundo mudara desde então. Ou talvez apenas sua visão de mundo tivesse mudado. *Não, não fui eu que mudei. Ainda sou a mesma, todo o resto é que está diferente.*

Agora tudo o que podia fazer era proteger a si mesma. Rand era o que era, e não haveria volta. Egwene seguia avidamente o próprio caminho, sem deixar que nada ou ninguém a impedisse, mesmo que tal caminho a levasse a um precipício. Mat aprendera a só pensar em mulheres, farras e apostas. Nynaeve, para seu desgosto, às vezes se pegava simpatizando com Moiraine. Ao menos Perrin tinha voltado para casa, segundo Egwene, que ouvira isso de Rand. Talvez o aprendiz de ferreiro estivesse em segurança.

Caçar a Ajah Negra era bom, correto e recompensador — e também aterrorizante, embora ela tentasse encobrir essa parte; era uma mulher feita, não uma garotinha que se escondia debaixo do avental da mãe. Mesmo assim, aquela não era a principal razão para estar disposta a continuar batendo a cabeça na parede, tentando aprender a usar o Poder, quando, na maior parte do tempo, não conseguia canalizar mais do que Thom. A razão era o Talento chamado Cura. Como Sabedoria de Campo de Emond, fora gratificante vencer o Círculo das Mulheres de seu ponto de vista — em especial porque a maioria delas tinha idade para ser sua mãe, e porque, sendo pouco mais velha que Elayne, Nynaeve havia sido a Sabedoria mais jovem de Dois Rios —, e fora ainda mais gratificante ver que o Conselho da Aldeia obedecia, homens teimosos como eram. A maior satisfação, entretanto, sempre viera de descobrir a combinação certa de ervas para Curar uma enfermidade. Curar com o Poder Único... Já fizera isso uma

vez, toda atrapalhada, Curando o que suas outras habilidades jamais poderiam dar conta. A alegria sentida fora tamanha que a fizera chorar. Um dia, pretendia Curar Thom e vê-lo dançar. Um dia, Curaria até aquela ferida na lateral do corpo de Rand. Certamente não havia nada que não pudesse ser Curado, não se a mulher manejava o Poder fosse suficientemente determinada.

Quando se virou, depois de observar Thom partir, Nynaeve viu que Elayne enchera o balde que ficava pendurado debaixo do carroção e estava se ajoelhando para lavar as mãos e o rosto, uma toalha em volta do pescoço para manter o vestido seco. Era algo que também desejava muito fazer. Naquele calor, era agradável se lavar de vez em quando com a água fresquinha de um riacho. Diversas vezes, não houvera outra água que não a dos barris amarrados ao carroção, e aquela era mais necessária para beber e cozinhar do que para se lavar.

Juilin estava sentado com as costas apoiadas em uma das rodas do carroção, o bastão de madeira clara e sulcada, da grossura de um polegar, descansando ao lado. Estava de cabeça baixa, aquele chapéu bobo caído de forma precária sobre os olhos, mas Nynaeve não estava disposta a confiar nem em um homem adormecido àquela hora da manhã. Havia coisas que ele e Thom não sabiam, coisas que era melhor que não soubessem.

O espesso tapete de folhas de tupelo estalou quando ela se sentou perto de Elayne.

— Você acha que Tanchico foi mesmo tomada? — Esfregando lentamente um pano ensaboado pelo rosto, a outra mulher não respondeu. Nynaeve tentou de novo. — Acho que as “Aes Sedai” que aquele Manto-branco mencionou éramos nós.

— Pode ser. — A voz de Elayne estava calma, com um tom de realze. Seus olhos eram de um azul gélido. Não encarou Nynaeve. — E pode ser que relatos do que fizemos tenham se misturado com outros boatos. É bem possível que Tarabon já tenha um novo rei e uma nova Panarca.

Nynaeve manteve o temperamento sob controle e as mãos bem longe da trança. Em vez disso, apertou os joelhos. *Você está tentando fazer as pazes. Cuidado com o que diz.*

— Amathera foi difícil, mas não desejo nada de ruim a ela. Você deseja?

— Uma mulher bonita — disse Juilin —, especialmente em um daqueles vestidos de serviais tarabonianas, e com um belo sorriso. Achei que ela... — O homem viu que Elayne e Nynaeve o encaravam e, mais que depressa, puxou o chapéu de volta para baixo, fingindo dormir de novo. As duas se olharam, e Nynaeve sabia que ela e Elayne pensavam o mesmo. *Homens.*

— O que quer que tenha acontecido com Amathera, Nynaeve, ela agora é passado. — Elayne soou mais normal. Seu pano molhado desacelerou. — Desejo

o bem dela, mas, principalmente, espero que a Ajah Negra não esteja atrás de nós. Que não esteja nos seguindo, quero dizer.

Juilin se inquietou, sem levantar a cabeça. Ainda estava nervoso com a informação de que as Aes Sedai da Ajah Negra existiam, e não eram um simples boato.

Ele devia estar feliz por não saber o que sabemos. Nynaeve admitia que o pensamento não era muito lógico, mas, se o homem soubesse que os Abandonados estavam à solta, até a instrução tola de Rand para que ele *cuidasse* dela e de Elayne não evitaria que Juilin fugisse. Ainda assim, o sujeito às vezes era útil. Tanto ele quanto Thom. Fora Moiraine quem lhes apresentara Thom, e, para um simples menestrel, o homem sabia um bocado sobre o mundo.

— Se estivessem seguindo, já teriam nos alcançado. — Aquilo com certeza era verdade, considerando a habitual lerdeza do carroção. — Com alguma sorte, ainda não sabem quem somos.

Elayne assentiu, emburrada, mas voltando a agir normalmente, e começou a enxugar o rosto. Ela podia ser quase tão teimosa quanto uma mulher de Dois Rios.

— Liandrín e a maioria dos comparsas dela com certeza escaparam de Tanchico. Talvez todos. E nós ainda não sabemos quem está dando ordens para a Ajah Negra na Torre. Como diria Rand, ainda temos isso para fazer, Nynaeve.

Nynaeve hesitou, a contragosto. Era verdade que tinham uma lista com onze nomes, mas, uma vez que estivessem de volta à Torre, praticamente todas as Aes Sedai com quem conversassem poderiam ser da Ajah Negra. Ou qualquer mulher que encontrassem na estrada. Aliás, qualquer *pessoa* que encontrassem podia ser um Amigo das Trevas, mas isso não era a mesma coisa, nem de longe.

— Mais do que com a Ajah Negra — continuou Elayne —, eu me preocupo com M... — Nynaeve tocou rapidamente o braço dela e meneou de leve a cabeça na direção de Juilin. Elayne tossiu e continuou, como se o engasgo a tivesse interrompido. — Com mamãe. Ela não tem motivos para gostar de você, Nynaeve. Pelo contrário.

— Ela está bem longe daqui.

Nynaeve ficou contente por soar firme. Não estavam falando sobre a mãe de Elayne, e sim sobre a Abandonada que ela havia derrotado. Parte de Nynaeve torcia com todo o fervor para que Moghedien estivesse longe. Muito longe.

— Mas e se não estiver?

— Está — afirmou, incisiva, mas encolheu os ombros, desconfortável.

Lembrava-se das humilhações sofridas nas mãos de Moghedien e tudo que queria era voltar a enfrentá-la e derrotá-la, desta vez em definitivo. Mas e se Moghedien a surpreendesse, atacando-a quando ela não estivesse com raiva suficiente para canalizar? O mesmo valia para qualquer um dos Abandonados,

claro, ou qualquer irmã da Ajah Negra, mas, após a derrota em Tanchico, Moghedien tinha motivos para odiá-la particularmente. Não era nem um pouco agradável pensar que um dos Abandonados sabia seu nome e, provavelmente, queria a sua cabeça. *Isso não passa de absoluta covardia*, disse a si mesma, com firmeza. *Você não é covarde, e não vai passar a ser!* Isso não fez sumir o calafrio que sentia toda vez que pensava em Moghedien, como se a mulher a observasse pelas costas.

— Acho que ficar alerta a bandidos o tempo todo me deixou mais apreensiva — disse Elayne, em tom casual, passando a toalha pelo rosto. — Por que, ultimamente, quando sonho, tenho a sensação de que alguém está me vigiando?

Nynaeve se agitou ao ouvir o que parecia um eco dos próprios pensamentos, mas então se deu conta de que houvera uma leve ênfase na palavra “sonhos”. Não sonhos comuns, mas *Tel’aran’rhiod*. Outra questão sobre a qual os homens não sabiam. Andava tendo a mesma sensação, mas, pensando bem, aquilo era bem comum no Mundo dos Sonhos. Podia ser desconfortável, mas elas já haviam discutido o assunto.

Manteve um tom despreocupado.

— Bem, sua mãe não está em nossos sonhos, Elayne, ou provavelmente já teria puxado nossas orelhas.

Moghedien provavelmente as torturaria até que implorassem pela morte. Ou formaria um círculo com treze irmãs Negras e treze Myrddraal. Dessa forma, podiam fazer qualquer pessoa se voltar para a Sombra, mesmo contra a vontade, e amarrá-la ao Tenebroso. Talvez Moghedien até conseguisse fazer isso sozinha... *Não seja ridícula, mulher! Se pudesse mesmo, ela teria feito. Você a derrotou, lembra?*

— Eu realmente espero que não — respondeu Elayne, tensa.

— Pretende me dar uma oportunidade de eu me lavar? — perguntou Nynaeve, irritada.

Tudo bem que queria fazer as pazes, mas podiam fazer isso sem falar tanto de Moghedien. A Abandonada devia estar bem distante. Não teria permitido que o grupo avançasse tanto, se soubesse onde estavam. *Que a Luz permita que isso seja verdade!*

Elayne se prontificou a esvaziar e tornar a encher o balde. Normalmente, quando se lembrava de que não estava no Palácio Real em Caemlyn, era uma boa garota. E quando não estava se fazendo de boba. Disso, Nynaeve cuidaria quando Thom retornasse.

Depois de lavar o rosto e as mãos de modo lento e refrescante, Nynaeve começou a preparar o acampamento e colocou Juilin para quebrar galhos secos das árvores para fazer uma fogueira. Quando Thom voltou com dois cestos de vime pendurados no dorso do cavalo, os cobertores dela e de Elayne já estavam arrumados sob o carroção e os dos homens repousavam sob os galhos retorcidos

de um dos salgueiros de vinte pés. Um bom estoque de madeira havia sido empilhado. A chaleira estava esfriando ao lado das cinzas de uma fogueira instalada em um espaço agora limpo de folhas. E os copos de cerâmica espessa tinham sido lavados. Juilin resmungava sozinho enquanto apanhava água no regato para reabastecer os barris. Pelo pouco que entendeu, Nynaeve ficou contente de que o restante das reclamações fosse inaudível. De seu lugar em um dos cantos do carroção, Elayne nem disfarçava o interesse em escutar o que Juilin dizia. Tanto ela quanto Nynaeve haviam trocado de roupa, do outro lado do carroção, invertendo, por sinal, as cores dos vestidos anteriores.

Após prender as peias entre as patas dianteiras do castrado, Thom ergueu com facilidade os pesados cestos e começou a descarregá-los.

— Mardecin não é tão próspera quanto parece a distância. — Ele colocou no chão um saco com pequenas maçãs e outro com uma verdura cheia de folhas verde-escuras. — Sem o comércio com Tarabon, a cidade está definhando.

O restante parecia ser apenas sacos com nabos e feijões, além de carne curada na pimenta e presuntos curados no sal. E uma garrafa selada de cerâmica cinza que Nynaeve tinha certeza de conter conhaque. Os dois homens haviam reclamado de não ter alguma bebida para acompanhar os cachimbos, à noite.

— Mal se dá cinco passos sem ver um ou dois Mantos-brancos. A guarnição tem cerca de cinquenta homens, com barracas no outro lado da ponte, na colina acima da cidade. Já foi consideravelmente maior, mas parece que Pedron Niall está levando Mantos-brancos de toda parte para Amador. — Alisando o longo bigode, Thom pareceu pensativo por um momento. — Não entendo qual é o plano dele.

Thom não gostava nada disso. Normalmente, algumas horas em um local eram suficientes para ele começar a se enfronhar nas questões entre Casas de nobres e mercadores, nas alianças, nos esquemas e nas conspirações características do chamado Jogo das Casas.

— Todos os boatos falam que Niall está tentando impedir uma guerra entre Illian e Altara, ou talvez Illian e Murandy. Isso não é motivo para reunir soldados. Mas vou lhes dizer uma coisa: não importa o que aquele tenente disse, é um Imposto do Rei que vem financiando a comida enviada para Tarabon, e as pessoas não estão nada felizes com isso. Não querem alimentar tarabonianos.

— O Rei Ailron e o Senhor Capitão Comandante não são da nossa conta — afirmou Nynaeve, analisando o que o homem trouxera. *Três* presuntos salgados! — Vamos atravessar Amadicia o mais rápido e discretamente possível. Talvez Elayne e eu tenhamos mais sorte em encontrar verduras. Quer dar uma volta, Elayne?

A garota se levantou imediatamente, alisando as saias cinzentas e pegando o chapéu no carroção.

— Isso seria ótimo, depois do assento do carroção. Podia ser diferente, se Thom e Juilin me deixassem montar Sorrateiro mais vezes. — Dessa vez ela não lançou um olhar de flerte na direção do velho menestrel, o que já era alguma coisa.

Thom e Juilin se entreolharam, e o caçador de ladrões taireno puxou uma moeda do bolso do casaco, mas Nynaeve não lhe deu a chance de lançá-la.

— Vamos ficar bem sozinhas. Não vai haver problemas, com tantos Mantos-brancos para manter a ordem. — Ela enfiou o chapéu na cabeça, amarrou o cachecol sob o queixo e olhou com firmeza para os dois. — Além do mais, tudo isso que Thom comprou precisa ser guardado. — Os homens assentiram. Devagar e com relutância, mas assentiram. Às vezes, os dois levavam a sério demais o papel de supostos protetores.

Ela e Elayne já haviam alcançado a estrada deserta e caminhavam pela grama fina do acostamento, para não levantar poeira, quando Nynaeve pensou em um jeito de puxar o assunto sobre o qual queria conversar. Porém, antes que pudesse falar, Elayne se adiantou.

— Está bem óbvio que você quer falar comigo a sós, Nynaeve. É sobre Moghedien?

Nynaeve piscou, surpresa, e olhou de soslaio para a outra. Era bom se lembrar de que Elayne não tinha nada de boba. Só agia como tal. Resolveu que seguraria firme as rédeas de seu temperamento. Já seria uma conversa difícil, e pioraria se virasse uma discussão acalorada.

— Não é sobre isso, Elayne. — A garota achava que deveriam adicionar Moghedien à caçada. Não via a diferença entre um dos Abandonados e, por exemplo, Liandrin ou Chesmal. — Pensei que deveríamos discutir a maneira como você tem se comportado com relação a Thom.

— Não sei do que está falando — disse Elayne, o olhar fixo à frente, na direção da cidade, mas suas bochechas subitamente coradas denunciaram a mentira.

— Ele não só tem idade para ser seu pai duas vezes seguidas, como...

— Ele *não* é meu pai! — disparou Elayne. — Meu pai era Taringail Damodred, um Príncipe de Cairhien e Primeiro Príncipe Espachim de Andor! — Endireitando o chapéu sem necessidade, ela prosseguiu em um tom mais ameno, mas não muito: — Me desculpe, Nynaeve. Eu não pretendia gritar.

Controle-se, Nynaeve disse a si mesma.

— Pensei que estivesse apaixonada por Rand — disse, deixando a voz mais gentil. Não foi fácil. — As mensagens para Rand que você me pediu para entregar a Egwene certamente dão a entender isso. Imagino que você mesma tenha passado a ela mensagens parecidas.

O rosto de Elayne ficou ainda mais corado.

— Eu realmente o amo, mas... Ele está muito longe, Nynaeve. No Deserto, cercado por milhares de Donzelas da Lança que fazem todas as suas vontades. Não posso vê-lo, falar com ele, tocá-lo. — Ao final, a garota já estava sussurrando.

— Não acredito que você acha que ele vai recorrer a uma Donzela — disse Nynaeve, incrédula. — Ele é homem, mas não é tão volúvel assim. Além disso, qualquer Donzela espetaria uma lança nele se recebesse um olhar estranho, mesmo que Rand seja sei lá o quê da Aurora. De qualquer forma, Egwene garante que Aviendha está de olho nele para você.

— Eu sei, mas... Eu devia ter *garantido* que ele soubesse que eu o amo. — A voz de Elayne soava determinada. E preocupada. — Eu devia ter dito isso a ele.

Antes de Lan, Nynaeve mal olhara para qualquer homem, pelo menos não de forma séria, mas vira e aprendera muito como Sabedoria. Pelo que tinha observado, não havia jeito mais rápido de fazer um homem sair correndo, a menos que ele se declarasse primeiro.

— Acho que Min teve uma visão — prosseguiu Elayne. — Sobre mim, e sobre Rand. Ela sempre brincava sobre ter que dividi-lo, mas acho que não era brincadeira e que ela não tinha coragem de dizer o que de fato era.

— Isso é ridículo. — E era mesmo. Apesar de que, em Tear, Aviendha lhe contara sobre um terrível costume Aiel. ...*Você divide Lan com Moiraine*, uma vozinha sussurrou em sua cabeça. *Mas não é a mesma coisa!*, retrucou Nynaeve. — Tem certeza de que Min teve uma visão?

— Tenho. No início eu não acreditava, mas, quanto mais penso no assunto, maior a certeza. Ela brincava demais com isso para que significasse outra coisa.

Bem, independentemente do que Min tivesse visto, Rand não era Aiel. Ah, o sangue dele até podia ser, como afirmavam as Sábias, mas ele crescera em Dois Rios, e ela não permitiria que o rapaz assimilasse os maus hábitos dos Aiel. Também duvidava muito que Elayne permitisse.

— É por isso que você tem... — Não queria dizer “se oferecido”. — Provocado Thom?

Elayne lhe lançou um olhar enviesado, as bochechas voltando a ficar rubras.

— Mil léguas nos separam, Nynaeve. Você acha que Rand está evitando olhar para outras mulheres? “Homem é homem, em um trono ou em um chiqueiro”. — A garota tinha um estoque de ditados simples que aprendera com a babá, uma mulher sensata chamada Lini, que Nynaeve desejava um dia conhecer.

— Bem, não entendo por que você tem que flertar só por achar que Rand faz isso. — Evitou voltar a mencionar a idade de Thom. *Lan tem idade suficiente para ser seu pai*, murmurou aquela vozinha. *Eu amo Lan. Se pudesse descobrir uma maneira de libertá-lo de Moiraine...* *O problema agora não é esse!* — Thom é um homem com segredos, Elayne. Lembre-se de que foi Moiraine quem o enviou

para ficar conosco. O que quer que ele seja, não é um simples menestrel do interior.

— Ele foi um grande homem — disse Elayne suavemente. — Poderia ter sido mais ainda, não fosse o amor.

A paciência de Nynaeve se esgotou. Ela se virou para Elayne e a agarrou pelos ombros.

— O homem não sabe se lhe dá umas palmadas no traseiro ou se... ou se... se esconde em cima de uma árvore!

— Eu sei. — Elayne deu um suspiro frustrado. — Mas o que mais posso fazer?

Nynaeve rangeu os dentes no esforço para não sacudir a garota até fazer seu crânio chacoalhar.

— Se sua mãe ouvisse falar disso, mandaria Lini arrastar você de volta para o berçário!

— Não sou mais criança, Nynaeve. — A voz de Elayne estava tensa, e a cor em suas bochechas já não era mais de vergonha. — Sou tão mulher quanto minha mãe.

Nynaeve apertou o passo em direção a Mardecin, agarrando a trança com tanta força que as articulações doíam.

Apertando o passo, Elayne a alcançou.

— Vamos mesmo comprar verduras? — Seu rosto estava sereno, o tom de voz, leve.

— Você viu o que Thom trouxe? — perguntou Nynaeve, entredentes.

Elayne estremeceu.

— Três presuntos. E aquela carne apimentada horrível! Se alguém não colocar um prato feito na frente deles, será que homens comem alguma coisa que não seja carne?

A irritação de Nynaeve sumiu à medida que continuaram andando e conversando sobre as falhas do sexo frágil — os homens, óbvio — e outros assuntos tão corriqueiros quanto. Não sumiu completamente, claro. Gostava de Elayne e de sua companhia. Às vezes a garota parecia mesmo ser irmã de Egwene, como as duas às vezes se chamavam. Quando Elayne não estava bancando a fogosa, Thom poderia pôr um fim naquilo, com certeza, mas o velhote tonto mimava Elayne feito um pai com a filha favorita, mesmo quando não sabia se ficava calado ou desmaiava. De um jeito ou de outro, queria resolver a situação. Não por Rand, mas porque aquele não era o jeito de Elayne. Ela mais parecia ter sido acometida por uma febre estranha. Nynaeve pretendia curá-la.

Placas de granito pavimentavam as ruas de Mardecin, desgastadas por várias gerações de pés e rodas de carroção, e os prédios eram todos de tijolo ou de pedra. Muitos, porém, estavam vazios, tanto lojas quanto casas, às vezes com a

porta da frente aberta, deixando que Nynaeve visse o interior deserto. Ela divisou três ferrarias, duas abandonadas, e, na terceira, o ferreiro lubrificava preguiçosamente as ferramentas, e as forjas estavam frias. Uma estalagem com telhado de ardósia e bancos na frente, onde alguns homens com ar melancólico estavam sentados, apresentava várias janelas quebradas, e, em outra, o estábulo adjacente tinha as portas parcialmente fora das dobradiças e uma carruagem empoeirada repousava no pátio, com uma galinha infeliz fazendo ninho no assento do condutor. Nesta, alguém tocava uma viola. Parecia ser “Garça ao Vento”, mas a canção soava desalentada. A porta de uma terceira estalagem estava barrada por duas tábuas lascadas pregadas horizontalmente.

Pessoas aglomeravam-se nas ruas, mas se moviam com letargia, cansadas pelo calor. Os rostos entediados indicavam que, além da força do hábito, elas não tinham nenhuma razão para se mexer. Muitas mulheres, com grandes boinas que quase lhes escondiam a face, usavam vestidos com barras desgastadas, e mais de um homem tinha a gola ou as mangas dos longos casacos puídas.

Realmente havia Mantos-brancos espalhados pelas ruas. Se não tantos quanto Thom dissera, ainda assim muitos. Nynaeve prendia a respiração toda vez que via um homem de manto imaculado e armadura reluzente a encarando. Sabia que não havia usado o Poder por tempo suficiente para adquirir a expressão de idade indefinida de uma Aes Sedai, nem de longe, mas aqueles homens poderiam muito bem tentar matá-la — uma bruxa de Tar Valon, além de proscrita em Amadicia — caso suspeitassem minimamente de uma conexão sua com a Torre Branca. Os Mantos-brancos avançavam a passos largos em meio à multidão, aparentando indiferença para com a pobreza evidente que os circundava. Os cidadãos se afastavam daqueles homens de maneira respeitosa recebendo em resposta no máximo um meneio, quando muito, e, com frequência, um inflexivelmente piedoso “Caminhe pela Luz”.

Nynaeve ignorou os Filhos da Luz o melhor que pôde e se pôs a procurar verduras frescas, mas, quando o sol atingiu o ápice — uma bola de ouro flamejante ardendo por trás das nuvens finas —, ela e Elayne já tinham vagado pelos dois lados da ponte e, juntas, haviam conseguido apenas um pequeno punhado de ervilhas, alguns rabanetes minúsculos, umas poucas peras duras e um cesto para carregar tudo. Talvez Thom tivesse mesmo procurado. Naquela época do ano, as carroças e as bancas deveriam estar cheios dos produtos de verão, mas a maior parte do que encontraram foi amontoados de nabos e batatas que já tinham visto dias melhores. Pensando em todas as fazendas vazias na entrada da cidade, Nynaeve se perguntou como aquela gente aguentaria o inverno. Seguiu caminhando.

Pendurado de cabeça para baixo ao lado da porta de uma loja de costura com telhado de palha, havia um cacho do que parecia uma espécie de vassourinha com minúsculas flores amarelas, os talos completamente envolvidos

por uma fita branca e amarrados por uma fita amarela solta. Podia até ser uma débil tentativa de decoração, naqueles tempos difíceis. Mas ela tinha certeza de que não era.

Parou ao lado de uma loja abandonada com uma faca de trincar entalhada na placa que ainda pendia sobre a porta e fingiu procurar uma pedra no sapato enquanto estudava furtivamente a loja da costureira. A porta estava aberta, e rolos coloridos de tecido repousavam nas janelinhas envidraçadas, mas ninguém entrava ou saía.

— Não consegue encontrar, Nynaevae? Tire o sapato.

Ela virou a cabeça por reflexo. Quase se esquecera de que Elayne estava ali. Ninguém mais prestava atenção às duas, nem parecia perto o bastante para entreouví-las. Ainda assim, Nynaevae sussurrou.

— O cacho de vassourinhas na porta daquela loja. É um sinal da Ajah Amarela, um aviso de emergência de uma das espãs.

Não precisou dizer para Elayne não encarar o local. Os olhos da garota mal se moveram em direção à loja.

— Tem certeza? — perguntou a Filha-herdeira, baixinho. — E como é que você sabe?

— Claro que eu tenho certeza. Está perfeito. O pedacinho de fita amarela pendente está até dividido em três. — Nynaevae fez uma pausa para respirar fundo. A menos que estivesse completamente enganada, aquele punhado de ervas significava calamidade. Se *estivesse* equivocada, faria papel de idiota, o que detestava que acontecesse. — Passei bastante tempo na Torre conversando com as Amarelas. — O principal objetivo das Amarelas era Curar. Não se interessavam muito pelas ervas de Nynaevae, mas ninguém precisava de ervas quando se era capaz de Curar com o Poder. — Uma delas me falou. Não achou que fosse uma transgressão muito séria, já que tinha certeza de que eu escolheria a Amarela. Além disso, faz quase trezentos anos que o sinal não é usado. Elayne, só umas poucas mulheres de cada Ajah sabem quem são suas espãs, mas um monte de flores amarelas amarradas e penduradas daquele jeito sinaliza para qualquer irmã Amarela que há uma delas aqui, e com uma mensagem suficientemente urgente para que corra o risco de ser descoberta.

— Como vamos descobrir a mensagem?

Nynaevae gostou da pergunta. Não foi “O que devemos fazer?”. A garota era determinada.

— Venha comigo — disse ela, agarrando o cesto com mais força e se empertigando. Esperava se recordar de tudo que Shemerin lhe dissera. Torcia para que Shemerin tivesse lhe contado tudo. A Amarela roliça era bem agitada, para uma Aes Sedai.

O interior da loja não era grande, e cada pedacinho de parede estava coberto de prateleiras que armazenavam rolos de seda ou de lã ricamente tecida,

carretéis para acabamentos ou debrum e fitas e rendas de todos os tamanhos e descrições. Manequins pontuavam o ambiente com vestimentas que iam das parcialmente completas até as finalizadas, de algo apropriado para a dança, como uma de lã verde bordada, até um vestido de seda cinza-perolado que cairia muito bem em uma corte. À primeira vista, a loja tinha um aspecto próspero e ativo, mas os olhos aguçados de Nynaeve detectaram traços de poeira em uma peça de gola alta feita com uma renda frugal de Solinde e em um grande laço de veludo negro na cintura de outro vestido.

Havia duas mulheres de cabelos escuros na loja. Uma, jovem e magra, esfregava o nariz furtivamente com o dorso da mão, segurando um rolo de seda vermelho-claro junto aos seios. Seu cabelo era uma massa de cachos caindo até os ombros, à moda de Amadícia, mas parecia um ninho emaranhado em comparação ao penteado bem-arrumado da outra mulher. Bonita e de meia-idade, com certeza era a costureira, como denunciava a grande alfineteira eriçada, presa à sua cintura. Trajava um vestido de uma boa lã verde, bem-cortado e confeccionado para demonstrar suas habilidades, mas trabalhado de forma discreta, com flores brancas ao redor da gola alta, como se não quisesse chamar demasiada atenção das clientes.

Quando Nynaeve e Elayne entraram, as duas mulheres ficaram embasbacadas, como se ninguém fosse até lá havia um ano. A costureira se recompôs primeiro, olhando com dignidade cautelosa para as duas enquanto fazia um cumprimento discreto.

— Em que posso servi-las? Sou Ronde Macura. Minha loja está ao seu dispor. — Quero um vestido com flores amarelas bordadas no corpete — informou Nynaeve. — Mas sem espinhos, por favor? — completou, rindo. — Não me curo muito rápido.

O que dizia não importava, desde que incluísse as palavras “amarela” e “cura”. Só faltava aquele monte de flores não passar de coincidência. Se fosse o caso, teria de encontrar algum motivo para não comprar o tal vestido com flores. E uma maneira de evitar que Elayne contasse toda aquela miserável experiência para Thom e Juilin.

Por um momento, a Senhora Macura encarou-a com os olhos escuros, então voltou-se para a garota magra, empurrando-a para os fundos da loja.

— Vá até a cozinha, Luci, e prepare um bule de chá para estas boas damas. O da vasilha azul. A água já está quente, graças à Luz. Vá logo, garota. Largue isto e feche essa boca. Rápido, rápido. Vasilha azul, não se esqueça. Meu melhor chá — disse ela, voltando-se para Nynaeve tão logo a garota desapareceu por uma porta nos fundos. — Eu moro aqui mesmo na loja, sabe, e minha cozinha é ali atrás. — A mulher alisava as saias de modo nervoso, o polegar e o indicador da mão direita formando um círculo. O anel da Grande Serpente. Ao que parecia, não seria necessário inventar uma desculpa para o vestido.

Nynaevae repetiu o sinal e, após um instante, Elayne também o fez.

— Sou Nynaevae, e esta é Elayne. Vimos seu sinal.

A mulher se agitou como se fosse sair voando.

— O sinal? Ah, sim. Claro.

— Então? — indagou Nynaevae. — Qual é a mensagem urgente?

— Não deveríamos falar sobre isso aqui... hã... Senhora Nynaevae. Alguém pode entrar. — Nynaevae duvidava muito. — Conto tudo enquanto tomamos uma bela xícara de chá. Eu já disse que é o melhor que tenho?

Nynaevae e Elayne se entreolharam. Se a Senhora Macura estava tão relutante em dar a notícia, era porque deveria ser algo realmente estarrecedor.

— Se formos lá para trás — sugeriu Elayne —, ninguém vai conseguir nos ouvir.

Seu tom de voz majestoso fez a costureira encará-la. Por um momento, Nynaevae pensou que aquilo sobrepujaria o nervosismo da mulher, mas, no instante seguinte, a tola costureira já voltara a gaguejar.

— O chá vai ficar pronto em um minuto. A água já está quente. Costumávamos receber chá taraboniano aqui na cidade. Por isso é que estou aqui, suponho. Não pelo chá, claro. Por todo o comércio que havia, e por todas as notícias que iam e vinham com os carroções. Elas... vocês são mais interessadas em epidemias de doenças ou em um novo tipo de enfermidade, mas eu mesma acho isso interessante. Eu me interesso um pouco... — Ela tossiu e se apressou a continuar. Se alisasse o vestido com mais força, abriria um buraco na roupa. — Me interesso um pouco pelos Filhos, claro, mas elas... vocês... não estão muito interessadas neles, para falar a verdade.

— Para a cozinha, Senhora Macura — instruiu Nynaevae, com firmeza, assim que a mulher parou para respirar. Se a notícia deixava a costureira tão apavorada, não queria protelar nem mais um minuto para ouvi-la.

A porta nos fundos se abriu o suficiente para que se entrevisse o rosto ansioso de Luci.

— Está pronto, senhora — anunciou a mulher, ofegante.

— Por aqui, Senhora Nynaevae — indicou a costureira, ainda esfregando a frente do vestido. — Senhora Elayne.

Um pequeno corredor passava por uma escada estreita e levava a uma minúscula cozinha de teto com vigas trançadas, onde uma chaleira fervendo repousava na lareira e havia estantes altas por toda parte. Painéis de cobre estavam penduradas entre a porta dos fundos e uma janela que dava para um quintal com cerca alta de madeira. A mesinha no meio do cômodo continha um bule amarelo brilhante, um jarro verde de mel, três xícaras de cores diferentes, que não combinavam, e uma vasilha de cerâmica azul com a tampa ao lado. A Senhora Macura pegou a vasilha, tampou-a e apressou-se a colocá-la em uma estante onde havia outras duas dúzias de vasilhas de todas as cores e tons.

— Sentem-se, por favor — convidou ela, enchendo as xícaras. — Por favor.

Nynaev sentou-se ao lado de Elayne, e a costureira dispôs o chá diante delas e girou para pegar colherinhas de estanho em uma das estantes.

— E a mensagem? — indagou Nynaev, assim que a mulher ocupou a cadeira diante delas.

Como a Senhora Macura estava nervosa demais para tocar na própria xícara, Nynaev pôs um pouco de mel na dela e tomou um gole. A bebida estava quente, mas deixava na boca um gostinho de frescor mentolado. O chá quente talvez acalmasse os nervos da mulher, isso se alguém conseguisse fazê-la beber.

— Tem um gosto bom — murmurou Elayne, por cima da borda da xícara. — Que chá é este?

Boa menina, pensou Nynaev.

No entanto, as mãos da costureira só faziam tremer ao lado da xícara.

— Um chá taraboniano. De perto de Costa Sombria.

Com um suspiro, Nynaev deu mais um gole para acalmar o próprio estômago.

— A mensagem — insistiu. — Você não pendurou aquele sinal para nos convidar para um chá. Qual é a notícia urgente?

— Ah, sim. — A Senhora Macura passou a língua nos lábios, encarou as duas, e falou bem devagar. — Chegou aos meus ouvidos há cerca de um mês, e com a ordem de que qualquer irmã que passasse por aqui a ouvisse a qualquer custo. — Ela lambeu os lábios de novo. — Todas as irmãs são bem-vindas de volta à Torre Branca. A Torre precisa estar unida e forte.

Nynaev esperou pelo restante, mas a mulher se calou. *Aquela* era a mensagem urgente? Olhou para Elayne, que parecia afetada pelo calor. Caída na cadeira, encarava as próprias mãos sobre a mesa.

— Isso é tudo? — questionou Nynaev, surpresa por se pegar bocejando. O calor também devia estar lhe afetando.

A costureira apenas a encarava atentamente.

— Eu perguntei... — começou Nynaev, mas, de repente, sua cabeça ficou pesada demais para o pescoço. Elayne desmoronara na mesa, percebeu ela, os olhos fechados e os braços inertes. Nynaev encarou horrorizada a xícara em suas mãos. — O que você deu para nós? — indagou, a fala enrolada. Aquele gosto mentolado permanecia em sua boca, mas a língua parecia inchada. — Diga! — Deixando a xícara cair, se levantou apoiando-se na mesa, os joelhos cambaleando. — Que a Luz a queime, o que era?

A Senhora Macura arrastou a cadeira para trás, saindo do alcance de Nynaev, mas o nervosismo anterior deu lugar a um olhar calmo e satisfeito.

A escuridão tomou conta de Nynaev. A última coisa que ouviu foi a voz da costureira:

— Segure ela, Luci!



FIGOS E RATOS

Elayne percebeu que estava sendo carregada para o andar de cima pelos ombros e tornozelos. Os olhos se abriram, conseguia enxergar, mas controlava tão pouco o restante do corpo que ele parecia pertencer a outra pessoa. Até piscar era um gesto lento. A sensação era de que seu cérebro estava entupido de plumas.

— Ela está acordada, senhora! — esganiçou-se Luci, quase largando os pés de Elayne. — Está olhando para mim!

— Eu disse para você não se preocupar. — A voz da Senhora Macura veio de cima da cabeça da Filha-herdeira. — Ela não vai conseguir canalizar nem contrair um músculo, não com o chá de raiz-dupla no corpo. Descobri por acaso, mas com certeza veio a calhar.

Era verdade. O corpo de Elayne pesava feito uma boneca sem metade do estofamento, o traseiro batendo a cada degrau, e era tão capaz de canalizar quanto de fugir correndo. Sentia a Fonte Verdadeira, mas tentar agarrá-la era como tentar pegar uma agulha de cima de um espelho, e com os dedos dormentes. O pânico brotou, e uma lágrima escorreu por sua bochecha.

Talvez aquelas mulheres pretendessem entregá-la aos Mantos-brancos para execução, mas não acreditava que os Filhos da Luz tivessem preparado armadilhas na esperança de que uma Aes Sedai passasse por ali. Então sobravam os Amigos das Trevas, e quase com certeza servindo à Ajah Negra paralelamente à Amarela. Era certo que Elayne seria entregue à Ajah Negra, a menos que Nynaeve tivesse escapado. Mas, se quisesse fugir, não podia contar com mais ninguém. E não podia se mexer, nem canalizar. De súbito, percebeu

que estava tentando gritar, mas produzindo apenas um choramingo fraco e gorgolejante. Interrompê-lo consumiu toda a força que ainda tinha.

Nynaeve sabia tudo sobre ervas, ou era o que afirmava. Por que não reconhecera aquele chá? *Pare de se lamentar!* A vozinha firme no fundo da mente soou parecidíssima com a de Lini. *Um leitãozinho guinchando debaixo da cerca só atrai a raposa, quando deveria estar tentando fugir.* Desesperada, ela se concentrou na simples tarefa de abraçar *saidar*. Aquela *já fora* uma tarefa simples, mas, naquele momento, bem poderia estar tentando agarrar *saidin*. Mesmo assim, continuou tentando. Era só o que podia fazer.

A Senhora Macura, pelo menos, não parecia preocupada. Assim que largaram Elayne em uma cama estreita de um quartinho próximo, com apenas uma janela, a mulher ordenou que Luci saísse de novo, sem sequer olhar para trás. A cabeça da Filha-herdeira caíra de tal forma que conseguia ver outra cama estreita e uma cômoda alta com puxadores de latão manchado nas gavetas. Movia os olhos, mas mexer a cabeça estava além de seu alcance.

Poucos minutos depois, as duas voltaram, ofegantes, carregando Nynaeve, e a arremessaram na outra cama. Seu rosto estava frouxo e reluzia de lágrimas, mas os olhos escuros... Estavam tomados de fúria — e também de medo, mas Elayne torceu para que a raiva fosse maior. Quando *conseguia* canalizar, Nynaeve era mais forte que ela, e talvez tivesse êxito em fazer o que ela fracassava repetidamente e de forma retumbante. Aquelas lágrimas só podiam ser de raiva.

A Senhora Macura ordenou que a garota magra não saísse dali e deixou o quanto outra vez, apressada, retornando com uma bandeja que depositou no alto da cômoda. Nela estavam o bule amarelo, uma xícara, um funil e uma grande ampulheta.

— Agora, Luci, lembre-se de dar cerca de duas onças para cada uma assim que a ampulheta esvaziar. Na mesma hora, não se esqueça!

— Por que não damos logo agora, Senhora? — gemeu a garota, torcendo as mãos. — Quero que elas voltem a dormir. Não gosto que fiquem me olhando.

— Elas apagariam como se estivessem mortas, garota, e desse jeito podemos despertá-las o suficiente para fazê-las andar, caso necessário. Vou dar uma dosagem mais adequada quando chegar a hora de enviá-las. Elas vão ter dores de cabeça e cólicas, mas suponho que não seja mais do que merecem.

— Mas e se elas *conseguirem* canalizar, Senhora? E então? Elas estão olhando para mim.

— Pare de falar besteira, garota — ordenou a mais velha, rudemente. — Se pudessem, você não acha que elas já teriam canalizado? As duas estão indefesas feito gatinhos em um saco. E vão continuar assim, desde que você mantenha belas doses do chá dentro delas. Então trate de fazer como eu mandei, ouviu?

Preciso ir dizer para o velho Avi enviar um dos pombos dele e providenciar outras coisas, mas volto assim que puder. Melhor preparar mais um bule de raiz-dupla, só para prevenir. Vou sair pelos fundos. Feche a loja. Alguém pode entrar, e isso não seria nada bom.

Depois que a Senhora Macura deixou o cômodo, Luci ficou encarando as duas por um tempo, ainda torcendo as mãos, até finalmente sair apressada. Os fungados da garota soaram mais distantes a cada degrau.

Elayne via as gotículas de suor se formando na testa de Nynaeve, e torcia para que fossem pelo esforço, não pelo calor. *Tênte, Nynaeve.* Ela mesma tentou alcançar a Fonte Verdadeira, mas se atrapalhou em meio aos chumaços de lã que pareciam encher sua cabeça. Fracassou, tentou de novo e voltou a fracassar, tentou de novo... *Ai, Luz, tente, Nynaeve! Tênte!*

Seus olhos estavam fixos na ampulheta. Não conseguia enxergar mais nada. A areia caindo, cada grão marcando outra tentativa fracassada. O último grão caiu. E Luci não voltou.

Elayne se esforçou ainda mais para alcançar a Fonte, para se mover. Após alguns instantes, os dedos da mão esquerda se contraíram. *Isso!* Mais alguns minutos, e conseguiu erguer a mão. Apenas uma débil polegada, antes que tornasse a cair, mas conseguira. Com dificuldade, virou a cabeça.

— Lute — murmurou Nynaeve, a voz enrolada, quase ininteligível. As mãos apertavam com força o lençol sob o corpo. Parecia estar tentando se sentar. Não tinha nem erguido a cabeça, mas estava tentando.

— Lutando... — Elayne tentou dizer, mas soou mais como um grunhido.

Lentamente, conseguiu erguer a mão até ser capaz de vê-la, e a manteve ali. Uma fagulha de triunfo percorreu seu corpo. *Continue com medo da gente, Luci. Fique aí embaixo na cozinha um pouco mais, e...*

A porta se escancarou, e soluços frustrados a fizeram estremecer assim que Luci entrou à toda. Estava tão perto. A garota olhou para as duas e, com um uivo de puro terror, lançou-se em direção à cômoda.

Elayne tentou impedi-la, mas, mesmo magra como era, Luci afastou suas mãos trêmulas sem dificuldade e forçou o funil entre seus dentes. Elayne arquejava como se estivesse correndo. O chá frio e amargo encheu sua boca. Ela encarou Luci com um pânico que o rosto dela refletia, mas Luci manteve a boca de Elayne fechada e lhe esfregou a garganta com uma determinação tensa e assustada, até que engolisse. Enquanto era inundada pela escuridão, ouviu o gorgolejar dos parques protestos de Nynaeve.

Quando seus olhos voltaram a se abrir, Luci já se retirara, e a areia tornara a escorrer na ampulheta. Os olhos escuros de Nynaeve estavam arregalados, mas Elayne não sabia dizer se de medo ou de raiva. Não, sua amiga não desistiria. Era uma das facetas que admirava naquela mulher. A cabeça de Nynaeve podia estar até no cepo que, ainda assim, ela não desistiria. *Nossa cabeça está no cepo!*

Ficou constrangida de ser mais fraca que Nynaeve. Um dia seria Rainha de Andor, e, naquele instante, queria gritar de medo. Não gritou, nem em pensamento — obstinada, voltou a tentar forçar os membros a se mexerem, a tentar tocar *saidar* —, mas bem que queria. Como poderia vir a ser rainha se era assim tão fraca? Uma vez mais, buscou a Fonte Verdadeira. E de novo. E de novo. Correndo contra os grãos de areia. Outra tentativa.

Mais uma vez, a ampolheta se esvaziou sem que Luci visse. Ainda mais lentamente, Elayne alcançou o ponto em que conseguia levantar a mão. E depois a cabeça! Mesmo que tenha pendido para trás de novo imediatamente. Conseguiu ouvir Nynaeve murmurando sozinha, e desta vez entendeu a maior parte das palavras.

A porta voltou a se escancarar. Desesperada, Elayne levantou a cabeça para ver... e ficou boquiaberta. Thom Merrilin estava ali, como um herói das histórias que contava, uma das mãos agarrando com firmeza o pescoço de uma Luci quase desmaiada, a outra empunhando uma faca pronta para ser lançada. Elayne gargalhou, embora tenha soado mais como um sapo coaxando.

Grosseiramente, o homem empurrou Luci para um canto.

— Você fique aí, ou eu enfio essa lâmina no seu couro! — Thom alcançou Elayne com dois passos e alisou os cabelos da garota, a preocupação tingindo seu rosto enrugado. — O que você deu a elas, garota? Me fale, ou...!

— Não foi ela — resmungou Nynaeve. — A outra. Foi embora. Me ajude a levantar. Precisamos ir.

Elayne achou que Thom relutou em se afastar dela. O homem apontou a faca para Luci outra vez em tom de ameaça — a garota se encolheu como se nunca mais pretendesse se mexer —, e fez a arma sumir sob a manga em um piscar de olhos. Puxou Nynaeve para que ficasse de pé e a fez andar de um lado para outro nas poucas passadas que o quarto permitia. A mulher o usava de apoio, trôpega e sem qualquer firmeza.

— Estou contente por saber que não foi este carneirinho assustado que aprisionou vocês — disse ele. — Se tivesse sido ela...

Thom balançou a cabeça. Com certeza o homem as julgaria igualmente fracas caso Nynaeve lhe contasse a verdade. Elayne, certamente, não pretendia contar.

— Dei de cara com ela subindo a escada correndo, tão assustada que nem me ouviu chegar por trás. Só não fico feliz que a outra tenha fugido sem Juilin ver. Vocês acham provável que ela volte com mais gente?

Elayne rolou e mudou de posição.

— Acho que não, Thom. Ela não pode deixar... que muita gente... saiba quem ela é.

Mais um minuto, e talvez conseguisse se sentar. Elayne olhou diretamente para Luci, que se encolheu e tentou se fundir à parede.

— Os Mantos-brancos... a prenderiam... tão rápido quanto prenderiam a gente.

— Juilin? — indagou Nynaeve. Sua cabeça cambaleou quando ela ergueu os olhos para o menestrel. No entanto, não tinha dificuldades para falar. — Falei para vocês ficarem no carroção.

Irritado, Thom soprou o bigode.

— Você falou para a gente guardar os mantimentos, o que não exigia dois homens. Juilin seguiu vocês e, quando nenhum dos três voltou, fui procurar por ele. — Thom tornou a bufar. — Até onde ele sabia, bem podia ter uma dúzia de homens aqui dentro, mas estava prestes a vir sozinho atrás de vocês. Está amarrando Sorrateiro lá atrás. Que bom que eu decidi vir a cavalo. Acho que vamos precisar do animal para tirar vocês duas daqui.

Elayne descobriu que conseguia se sentar, içando-se para cima ao puxar os lençóis, mas uma tentativa de se pôr de pé quase fez com que voltasse a cair deitada na cama. *Saidar* continuava tão inatingível quanto antes, e sua cabeça ainda parecia feita de pena de ganso. Nynaeve estava um pouco mais ereta e voltara a tentar mover os pés, porém ainda se apoiando em Thom.

Minutos depois, Juilin chegou, empurrando a Senhora Macura à frente com a faca do cinto.

— Ela entrou por um portão na cerca dos fundos. Achou que eu fosse um ladrão. Achei melhor trazer a mulher aqui para dentro.

O rosto da costureira empalideceu de tal forma ao vê-los que seus olhos pareceram até mais escuros, e prestes a saltar da cabeça. A mulher não parava de passar a língua nos lábios e alisar a saia, nervosa olhando de relance para a faca de Juilin, como se ponderasse se não seria melhor tentar fugir de qualquer jeito. Na maior parte do tempo, contudo, encarava Elayne e Nynaeve. Elayne achou que as chances de a costureira se debulhar em lágrimas ou desfalecer eram as mesmas.

— Coloque essa mulher ali — apontou Nynaeve, indicando com a cabeça o canto do quarto onde Luci ainda tremia, abraçando os joelhos. — E ajudem Elayne. Nunca ouvi falar nessa raiz-dupla, mas caminhar parece que ajuda a diminuir os efeitos. Caminhar ajuda a resolver a maioria dos problemas.

Juilin apontou para o canto com a faca, e a Senhora Macura se apressou em obedecê-lo, sentando-se ao lado de Luci, ainda passando a língua nos lábios sem parar, apavorada.

— Eu... não teria feito... o que fiz... só que recebi ordens. Vocês precisam entender. Eu só estava cumprindo ordens.

Com gentileza, Juilin auxiliou Elayne a ficar de pé e lhe deu apoio para que a garota caminhasse no pouco espaço disponível, ziguezagueando com o outro par. Ela gostaria que fosse Thom. O braço de Juilin em sua cintura era familiar demais.

— Ordens de quem? — grunhiu Nynaeve. — A quem você se reporta, na Torre?

A costureira parecia enjoada, mas se manteve determinada, de boca fechada.

— Se você não falar — ameaçou Nynaeve, franzindo a testa —, vou deixar Juilin tomar conta de você. Ele é um caçador de ladrões taireno e sabe arrancar uma confissão tão rápido quanto qualquer Questionador dos Mantos-brancos. Não é, Juilin?

— Só preciso de uma corda para amarrá-la — disse ele, abrindo um sorriso tão malvado que Elayne quase tentou se afastar —, uns trapos para amordaçá-la até ela resolver falar, um pouco de óleo de cozinha e sal... — Sua risada fez o sangue de Elayne coalhar. — Ela vai falar.

A Senhora Macura se manteve rígida contra a parede, encarando-o com olhos tão esbugalhados quanto possível. Luci olhava para Juilin como se o homem tivesse acabado de se transformar em um Trolloc de oito pés de altura, com direito a chifres e tudo.

— Muito bem — exclamou Nynaeve, depois de um instante. — Na cozinha deve ter tudo o que você precisa, Juilin.

O olhar assustado de Elayne saltou da amiga para o caçador de ladrões, e voltou para sua amiga. Claro que ninguém estava mesmo pretendendo...? Não Nynaeve!

— Narenwin Barda — desembuchou de repente a costureira. As palavras se atropelavam à medida que a mulher as cuspiu. — Eu mando as informações para Narenwin Barda, em uma estalagem de Tar Valon chamada A Correnteza. Avi Shendar mantém pombos à minha disposição na saída da cidade. Ele não sabe para quem envio as mensagens e nem de quem recebo, e não se importa. A esposa dele era epilética, e... — Ela se interrompeu, tremendo e olhando para Juilin.

Elayne conhecia Narenwin, ou pelo menos já a vira na Torre. Uma mulherzinha magra e tão quieta que dava até para esquecer sua presença. E gentil, também. Uma vez por semana, deixava as crianças levarem seus animais de estimação para o terreno da Torre para que ela os Curasse. Dificilmente o tipo de mulher que faria parte da Ajah Negra. Por outro lado, um dos nomes da Ajah Negra do qual tinham conhecimento era o de Marillin Gemalphin, que gostava de gatos e fazia de tudo para cuidar de bichanos de rua.

— Narenwin Barda — repetiu Nynaeve, irritada. — Quero mais nomes, dentro ou fora da Torre.

— Eu... não sei mais nenhum — informou a Senhora Macura, com a voz fraca.

— Isso nós vamos ver. Há quanto tempo você é uma Amiga das Trevas? Há quanto tempo serve à Ajah Negra?

Uma rajada de indignação brotou de Luci.

— Nós não somos Amigas das Trevas! — Ela olhou para a Senhora Macura e se afastou um pouco. — Eu não sou, pelo menos! Eu caminho na Luz! De verdade!

A reação da outra mulher não foi menos enfática. Se antes seus olhos haviam se esbugalhado, agora saltavam.

— A Negra...! Está dizendo que ela realmente existe? Mas a Torre sempre negou... Perguntei a Narenwin o motivo, quando ela me escolheu para ser espiã das Amarelas, e só fui conseguir parar de chorar e me arrastar para fora da cama na manhã seguinte. Eu não sou... não sou!... Amiga das Trevas! *Nunca!* Sirvo à Ajah Amarela! À *Amarela!*

Ainda segurando o braço de Juilin, Elayne trocou olhares intrigados com Nynaeve. Qualquer Amigo das Trevas negaria, claro, mas parecia haver um quê de verdade na voz daquelas mulheres. O rompante das duas após a acusação fora quase que suficiente para sobrepujar o medo. Pela forma como hesitou, Nynaeve ficara com a mesma impressão.

— Se você serve à Amarela — começou, hesitante —, por que nos drogou?

— Por causa dela — retrucou a costureira, apontando a cabeça na direção de Elayne. — Recebi uma descrição dela há um mês. Tinha até o modo como ela empina o queixo e olha as pessoas de cima, às vezes. Narenwin disse que a mulher em questão poderia usar o nome Elayne e até afirmar que pertencia a uma Casa nobre. — A cada palavra, a raiva da mulher por ter sido considerada uma Amiga das Trevas parecia borbulhar mais. — Talvez você seja uma irmã Amarela, mas ela não é Aes Sedai, não passa de uma Aceita fugida. Narenwin falou que eu devia informar sobre a presença dela e de qualquer pessoa que a acompanhasse. E falou para atrasá-la, se possível. Ou até capturá-la. Ela e quem estivesse junto. Como as irmãs esperavam que eu capturasse uma Aceita, já não sei... Acho que nem Narenwin sabe a respeito do meu chá de raiz-dupla! Mas era isso que diziam as ordens que recebi! Disseram que eu deveria até correr o risco de me revelar, se preciso! Justo aqui, onde isso representaria a minha morte! Espere até a Amyrlin colocar as mãos em você, garota! Em todos vocês!

— A Amyrlin! — exclamou Elayne. — O que ela tem a ver com isso?

— Foi ordem dela. Uma ordem do Trono de Amyrlin, dizia a mensagem. Falava que a própria Amyrlin permitia que eu usasse qualquer método, desde que não matasse você. Quando a Amyrlin puser as mãos em você, você vai *preferir* que tivesse morrido! — Seu meneio de cabeça cortante foi cheio de satisfação e fúria.

— Lembre-se de que ainda não estamos nas mãos de ninguém — respondeu Nynaeve, seca. — Você é que está na nossa. — Mas seus olhos pareciam tão chocados quanto Elayne se sentia. — Deram algum motivo?

O lembrete de que a cativa era ela solapou o breve arroubo de raiva da mulher. Apática, ela se inclinou contra Luci, uma evitando que a outra desabasse.

— Não. Às vezes Narenwin informa o motivo, mas não desta vez.

— Você pretendia nos manter aqui, drogadas, até que alguém viesse nos buscar?

— Eu ia mandar vocês para lá de carroça, vestidas com algum trapo velho. — Não restava mais nenhuma nesga de resistência na voz da costureira. — Enviei um pombo para contar a Narenwin que estavam aqui e para informar o que eu estava fazendo. Therin Lugay me deve um grande favor e, se Narenwin não mandasse rápido irmãs para encontrar vocês, eu pretendia dar a ele raiz-dupla suficiente para toda a viagem até Tar Valon. Ele acha que estão doentes e que o chá é a única forma de manter as duas vivas até que uma Aes Sedai possa Curá-las. Uma mulher precisa ter cuidado para lidar com remédios, aqui em Amadícia. Cure demais, ou bem demais, e alguém sussurra “Aes Sedai”. Então a próxima coisa que você vai ver é sua casa pegando fogo. Ou pior. Therin sabe ficar de bico calado sobre o que...

Nynaeve fez com que Thom a ajudasse a se aproximar, até que pudesse encurralar a costureira.

— E a mensagem? A verdadeira mensagem? Você não colocou aquele sinal lá fora na esperança de nos atrair para a loja.

— Eu já disse qual era a verdadeira mensagem — informou a mulher, parecendo cansada. — Não achei que fosse causar problema algum. Não entendo o recado, e eu... por favor... — De repente, ela começou a soluçar, agarrando-se tão forte a Luci quanto a mulher mais jovem se agarrava a ela, ambas se lamuriando e gaguejando. — Por favor, não deixe este homem usar o sal em mim! Por favor! O sal, não! Ai, por favor!

— Amarre as duas — ordenou Nynaeve, irritada, após alguns instantes —, e vamos lá para baixo, onde podemos conversar.

Thom a ajudou a se sentar na beirada da cama mais próxima, então cortou rapidamente algumas tiras do outro lençol.

Pouco tempo depois, as duas estavam amarradas, de costas uma para a outra, as mãos de uma presas aos pés da outra, com chumaços do lençol servindo como mordaça. Ambas ainda choravam quando Thom ajudou Nynaeve a sair do quarto.

Elayne queria conseguir andar tão bem quanto Nynaeve, mas ainda precisava do apoio de Juilin para não rolar escada abaixo. Sentiu uma pequena pontada de ciúme ao ver Thom com o braço em torno de Nynaeve. *Você é uma garotinha tola*, disse a voz de Lini, com nitidez. *Já sou mulher feita*, retrucou, com uma firmeza que nunca teria ousado usar com a velha babá, mesmo no tempo atual. *Eu amo mesmo Rand, mas ele está longe, e Thom é sofisticado, inteligente*

e... Aquilo soava demais como desculpas, até mesmo para ela. Lini teria bufado daquele jeito que significava que não ia mais aturar tolices.

— Juilin — chamou Elayne, hesitante —, o que você ia fazer com o sal e o óleo de cozinha? Não precisa ser específico... — acrescentou, mais do que depressa. — Só quero uma ideia geral.

O homem a encarou por alguns instantes.

— Não sei. Mas elas também não sabiam. O truque é esse. A mente delas imaginou coisas piores do que eu seria capaz de pensar. Já vi um homem forte se render quando mandei buscar um cesto de figos e alguns ratos. Só que é preciso ter cuidado. Alguns confessam qualquer coisa, verdadeira ou falsa, só para escapar do que imaginaram. Mas acho que não foi o caso destas duas.

Elayne também achava que não. Mesmo assim, não conteve um arrepio. *O que alguém faria com figos e ratos?* Torceu para esquecer aquilo antes que a ideia pudesse lhe causar pesadelos.

Quando chegaram à cozinha, Nynaeve já cambaleava sem ajuda enquanto bisbilhotava a estante cheia de vasilhas coloridas. Elayne precisou se sentar. A vasilha azul repousava na mesa, além de um bule verde cheio, mas tentou não olhar para nenhum dos dois objetos. Ainda não conseguia canalizar. Podia agarrar *saidar*, mas a Fonte logo lhe escapava. Ao menos já estava confiante de que o Poder voltaria. A outra alternativa era horrível demais para ser contemplada, e não se permitira aquilo até então.

— Thom — disse Nynaeve, levantando a tampa de vários recipientes e xeretando. — Juilin. — Ela pausou, respirou fundo e, ainda sem olhar para os dois, continuou: — Obrigada. Estou começando a entender por que as Aes Sedai têm Guardiões. Muito obrigada.

Nem todas as Aes Sedai. As Vermelhas consideravam todos os homens maculados por conta dos atos daqueles que conseguiam canalizar, e algumas não se davam esse trabalho porque não saíam da Torre, enquanto outras simplesmente não substituíam um Guardião que morrera. A Verde era a única Ajah que permitia elos com mais de um Guardião. Elayne queria ser uma Verde. Não por esse motivo, claro, mas porque as Verdes se autodenominavam a Ajah da Batalha. Enquanto as Marrons procuravam conhecimentos perdidos e as Azuis se envolviam em causas, as Verdes tratavam de se preparar para a Última Batalha, quando tomariam a frente, como tinham feito nas Guerras dos Trollocs, para enfrentar os novos Senhores do Medo.

Os homens se entreolharam em total incredulidade. Decerto haviam se preparado para a habitual língua afiada de Nynaeve. Elayne estava quase tão chocada quanto eles. A mulher gostava de receber ajuda tanto quanto gostava de estar errada. As duas coisas a deixavam espinhosa feito uma roseira, embora, claro, ela sempre afirmasse ser a imagem do bom senso e da razoabilidade.

— Uma Sabedoria. — Nynaeve pegou uma pitada de pó de uma das vasilhas, cheirou e provou com a ponta da língua. — Ou seja lá como chamam aqui.

— Eles não têm um nome para isso aqui — informou Thom. — Não são muitas as mulheres em Amadícia que praticam seu velho ofício. É perigoso demais. Para a maior parte delas, trata-se apenas de uma atividade paralela.

Nynaeve pegou uma bolsinha de couro na parte de baixo da estante e começou a fazer trouxinhas de alguns recipientes.

— E quem eles procuram quando estão doentes? Um herborista?

— Isso — afirmou Elayne. Sempre ficava contente de mostrar a Thom que também conhecia o mundo. — Em Amadícia, são os homens que estudam as ervas.

Nynaeve franziu a testa com desdém.

— O que um homem pode saber sobre Curar alguma coisa? Seria o mesmo que pedir a um ferrador para fazer um vestido.

De repente, Elayne percebeu que estivera pensando em tudo, menos no que a Senhora Macura dissera. *Não pensar em um espinho não vai fazer com que ele machuque menos o seu pé.* Um dos ditados favoritos de Lini.

— Nynaeve, o que você acha que aquela mensagem significa? “Todas as irmãs são bem-vindas de volta à Torre Branca”? Não faz sentido. — Não era sobre isso que queria falar, mas pelo menos estava chegando perto do assunto.

— A Torre tem as próprias regras — disse Thom. — As Aes Sedai agem segundo as próprias razões, que em geral não são as que dão. Isso quando dão alguma razão.

Claro que ele e Juilin sabiam que elas eram apenas Aceitas. Isso era ao menos parte do motivo de nenhum dos dois obedecê-las tão prontamente quanto poderiam.

O desgosto no rosto de Nynaeve era nítido. Ela detestava ser interrompida ou que qualquer pessoa se manifestasse em seu lugar. A lista de coisas que a incomodavam era bem grande. Mas fazia poucos instantes que agradecera a Thom. Não podia dar bronca em um homem que acabara de salvá-la de ser carregada feito um repolho.

— Na maior parte do tempo, muito pouca coisa na Torre faz sentido — opinou, com amargura. Elayne suspeitou que o tom fosse tanto por causa de Thom quanto por causa da Torre.

— Você acredita no que ela disse? — Elayne respirou fundo. — Sobre a Amyrlin dizer que eu deveria ser levada de volta a qualquer custo?

O breve olhar que Nynaeve lhe lançou tinha um toque de simpatia.

— Não sei, Elayne.

— Ela estava falando a verdade. — Juilin girou uma das cadeiras ao contrário e se sentou de pernas abertas, o bastão apoiado no encosto. — Já

interroguei bandidos e assassinos suficientes para saber quando estou ouvindo a verdade. Parte do tempo, ela estava apavorada demais para mentir, e, no restante, com raiva demais.

— Vocês dois... — Nynaeve respirou fundo, jogou a bolsinha na mesa e cruzou os braços como se quisesse prender as mãos bem longe da trança. — Receio que Juilin esteja certo, Elayne.

— Mas a Amyrlin sabe o que estamos fazendo. Para começo de conversa, foi ela quem nos mandou deixar a Torre.

Nynaeve bufou audivelmente.

— Acredito em qualquer coisa vinda de Siuan Sanche. Queria passar uma hora com ela em um lugar onde não desse para canalizar. Aí veríamos se ela é mesmo durona.

Elayne não achava que aquilo fosse fazer diferença. Recordando-se daqueles imponentes olhos azuis, suspeitou que Nynaeve acabaria ganhando uma bela cota de machucados, na hipótese remota de que seu desejo fosse atendido.

— E o que vamos fazer a respeito? As Ajahs têm espãs por toda parte, ao que parece. Até a própria Amyrlin. Poderíamos nos deparar com mulheres tentando enfiar coisas na nossa comida por todo o caminho até Tar Valon.

— Não se nosso visual não for o que elas esperam. — Nynaeve tirou um jarro amarelo da prateleira e o colocou na mesa ao lado do bule de chá. — Isto aqui é pimenta-de-galinha branca. Serve para aliviar dor de dente, mas também para deixar o cabelo negro feito a noite.

Elayne tocou seus fios dourado-avermelhados. O cabelo *dela*, não o de Nynaeve, podia apostar! Mas, por mais que odiasse a ideia, admitia que era boa.

— Um toque de agulha e linha na parte da frente de alguns destes vestidos e já não somos mais mercadoras, e sim duas damas viajando com seus serviçais.

— Viajando em um carroção carregado de tinturas? — indagou Juilin.

O olhar entediado de Nynaeve indicou que a gratidão por ter sido salva já estava esgotada.

— Tem uma carruagem no pátio de um estábulo, no outro lado da ponte. Acho que o proprietário aceitaria vender. Voltem para o carroção antes que alguém o roube. Não sei o que vocês têm na cabeça para deixar tudo à mercê de quem estiver passando! Se as coisas ainda estiverem no lugar, vocês podem pegar uma das bolsas...

* * *

Algumas pessoas olharam com espanto quando a carruagem de Noy Torvald, puxada por quatro animais, estacionou na frente da loja de Ronde Macura, com baús amarrados ao teto e um cavalo encilhado preso à parte traseira. Noy perdera tudo o que tinha quando o comércio com Tarabon entrou em colapso.

Passara a se virar fazendo bicos estranhos para a viúva Teran. Ninguém na cidade jamais vira aquele cocheiro antes, um camarada alto e enrugado, com um bigode comprido e olhos frios e imperiosos, nem o lacaio negro e sério que trajava um chapéu taraboniano e que saltou com agilidade do veículo para abrir a porta. Os olhares de espanto se transformaram em murmúrios quando duas mulheres saíram da loja com pacotes nos braços. Uma delas usava um vestido de seda verde, e a outra, um de lã azul, mas ambas tinham um cachecol enrolado na cabeça, de forma a revelar não mais que um pouquinho dos cabelos. As duas praticamente saltaram para dentro da carruagem.

Dois dos Filhos da Luz começaram a se aproximar de forma despreocupada para descobrir quem eram aqueles estranhos, mas, enquanto o lacaio ainda fazia a escalada até o assento do condutor, o cocheiro estalou o longo chicote e gritou para que abrissem caminho para alguma lady cujo nome se perdeu quando os próprios Filhos se lançaram para fora do caminho, tropeçando na rua poeirenta, e a carruagem galopou em direção à Estrada Amador.

Os curiosos se dispersaram, fofocando entre si. Uma lady misteriosa, obviamente, acompanhada de sua criada, fazendo compras com Ronde Macura e partindo a toda, deixando os Filhos para trás. Pouca coisa acontecia em Mardecin naqueles tempos, e aquilo seria pauta para dias e dias de conversas. Os Filhos da Luz espanaram a poeira com raiva, mas por fim decidiram que reportar o incidente os faria passar por tolos. Além disso, o Capitão não gostava de nobres e provavelmente os mandaria ir atrás da carruagem, uma longa cavalcada no calor por conta de uma jovem arrogante de uma Casa qualquer. Se nenhuma acusação pudesse ser feita, algo sempre complicado em se tratando da nobreza, não seria o Capitão quem levaria a culpa. Na esperança de que as notícias sobre aquela humilhação não se espalhassem, os homens certamente jamais consideraram a possibilidade de interrogar Ronde Macura.

Pouco tempo depois, Therin Lugay conduziu sua carroça até o quintal atrás da loja, as provisões para a longa jornada à frente já embaladas sob a cobertura arredondada de tela. Era verdade que Ronde Macura o Curara de uma febre que matara vinte e três pessoas no inverno anterior, mas eram sua esposa chata e a sogra megera que o deixavam contente pela longa jornada até onde viviam as bruxas. Ronde dissera que alguém deveria ir encontrá-lo, só não dissera quem, mas ele esperava ir até Tar Valon.

Bateu seis vezes à porta da cozinha antes de entrar, mas foi só quando subiu a escada que encontrou alguém. No quarto dos fundos, Ronde e Luci estavam estiradas nas camas, completamente vestidas, mas com roupas amarrotadas, dormindo um sono profundo enquanto o sol ainda estava no céu. Nenhuma das duas despertou quando Therin as sacudiu. Ele não compreendeu a situação, nem por que um dos lençóis estava largado no chão, todo cortado em tiras, ou por que havia dois bules de chá vazios no quarto, mas apenas uma xícara, ou por que um

funil repousava no travesseiro de Ronde. Mas o homem sempre soubera que o mundo era repleto de coisas que não compreendia. No caminho de volta para a carroça, pensou nas provisões que o dinheiro de Ronde comprara, pensou em sua mulher e na mãe dela, e, quando partiu com os cavalos, sua intenção era ir conhecer Altara, ou talvez Murandy.

Bastante tempo se passou até que uma Ronde Macura desgrehada conseguisse cambalear até a casa de Avi Shendar para enviar um pombo com um fino tubinho amarrado à pata. O pássaro se lançou rumo ao nordeste, reto feito uma flecha, em direção a Tar Valon. Após refletir por um momento, Ronde preparou outra cópia em outro pedaço do fino pergaminho e amarrou-a a uma ave de outra gaiola. Esta partiu para o oeste, já que havia prometido enviar segundas vias de todas as mensagens. Naqueles tempos difíceis, uma mulher tinha que se virar da melhor forma possível, e não havia nenhum mal naquilo, não no tipo de relato que fazia para Narenwin. Ainda se perguntando se algum dia conseguiria tirar o gosto de raiz-dupla da boca, refletiu que não se importaria caso a mensagem causasse algum prejuízo àquela tal de Nynaeve.

Capinando seu jardim como habitualmente fazia, Avi não prestou atenção nos atos de Ronde. E, como sempre, lavou as mãos e entrou assim que a mulher partiu. Ela colocara um maço de folhas sob o pergaminho para amortecer a ponta da caneta. Ao erguê-lo contra a luz vespertina, ele conseguiu decifrar o que a mulher escrevera. Logo um terceiro pombo batia as asas, partindo em uma terceira direção.





O ENGATE DE NOVE CAVALOS

Um largo chapéu de palha protegia o rosto de Siuan do sol de fim de tarde enquanto ela permitia que Logain abrisse caminho pelo Portão Shilene de Lugard. As muralhas externas da cidade, altas e cinzentas, estavam precisando de reparos. Em dois pontos que conseguia divisar, desabamentos haviam reduzido a muralha a não mais que uma cerca alta. Min e Leane cavalgavam logo atrás, ambas cansadas do ritmo que o homem havia imposto nas últimas semanas, desde Fontes de Kore. Ele queria estar no comando, e não fora preciso muito para convencê-lo de que estava. Se Logain dizia a hora em que partiriam pela manhã, quando e onde parariam à noite, se guardava o dinheiro, e até se esperava que as mulheres não só servissem suas refeições, como as preparassem, para ela pouco importava. Na verdade, sentia pena do homem. Logain não tinha ideia do que Siuan planejava para ele. *Um peixe grande no anzol para pegar um maior ainda*, pensava ela, sombriamente.

No papel, Lugard era a capital de Murandy, o trono do Rei Roedran, mas os lordes murandianos juravam lealdade e depois se recusavam a pagar os impostos ou a fazer qualquer outra coisa que Roedran quisesse, e o povo agia da mesma forma. Murandy era uma nação só no papel, um povo que se mantinha unido por pouco: por uma suposta fidelidade ao rei ou à rainha — o trono mudava de mãos com bastante regularidade — e pelo medo de que Andor ou Illian pudessem reclamá-los, caso não mantivessem algum tipo de laço.

Muralhas de pedra entrecortavam a cidade, a maior parte em estado pior do que os bastiões exteriores, uma vez que Lugard crescera de modo desordenado ao longo dos séculos e fora dividida mais de uma vez entre nobres em conflito.

Era uma cidade suja, com muitas das ruas largas sem pavimento e todas com bastante poeira. Homens de chapéus de copa alta e mulheres com aventais e saias que revelavam o tornozelo esquivavam-se entre os pesados comboios dos mercadores, enquanto crianças brincavam nos sulcos abertos pelos carroções. Era o comércio que mantinha Lugard viva: o povo fazia negócios com Illian e Ebou Dar, e o comércio se estendia de Ghealdan, a oeste, até Andor, ao norte. Grandes terrenos vazios ao longo da cidade abrigavam carroções estacionados lado a lado, muitos bastante carregados e protegidos por telas, outros vazios, aguardando fretes. Nas ruas principais havia estalagens a se perder de vista, assim como estábulos e áreas para cavalos, que, somados, superavam o número de lojas e casas de pedra cinzas, todas cobertas com telhas azuis, vermelhas, púrpuras ou verdes. A poeira e o barulho tomavam conta do ar, com o tinido dos ferreiros, o ruído dos carroções e os impropérios de seus condutores, as gargalhadas escandalosas que saíam das estalagens. O sol assava Lugard à medida que deslizava para o horizonte, e o ar despertava uma sensação de que talvez nunca mais fosse voltar a chover.

Quando Logain finalmente entrou em um estábulo e apeou atrás de uma estalagem de telhado verde chamada O Engate de Nove Cavalos, Suan desceu de Bela e deu um tapinha hesitante no focinho da égua desgrenhada, com medo dos dentes. Em sua opinião, sentar no dorso de um animal não era forma de se viajar. Embarcações seguiam conforme o manejo do leme, mas um cavalo poderia decidir agir por conta própria. E barcos nunca mordiam. Bela ainda não tinha feito isso, mas poderia. Ao menos aqueles terríveis primeiros dias de rigidez já haviam passado, quando teve certeza de que Leane e Min estavam rindo pelas suas costas enquanto ela mancava pelo acampamento, à noite. Após um dia inteiro na sela, Suan ainda sentia como se tivesse sido espancada violentamente, mas conseguia disfarçar.

Assim que Logain começou a barganhar com o dono do estábulo, um velhote magrelo e sardento trajando um colete de couro, mas sem camisa, Suan se aproximou de Leane.

— Se quer praticar seus truques — disse ela calmamente —, pratique com Dalyn nesta próxima hora.

Leane lhe lançou um olhar dubio — ensaiara sorrisos e olhadelas em algumas das aldeias desde Fontes de Kore, mas Logain não recebera mais que olhares entediados —, depois suspirou e assentiu. Respirando fundo, a mulher avançou daquele incrível jeito sinuoso, já sorrindo para Logain enquanto conduzia sua égua cinza de pescoço arqueado. Suan não entendia como Leane fazia aquilo. Era como se alguns dos ossos dela deixassem de ser rígidos.

Movendo-se na direção de Min, Suan falou com a mesma calma:

— Assim que Dalyn tiver terminado com o dono do estábulo, diga a ele que você vai me encontrar lá dentro. Então vá rápido na frente e fique longe dele e

de Amaena até eu voltar. — Pelo barulho que ecoava da estalagem, a multidão lá dentro era grande o bastante para esconder um exército. Com certeza era grande o bastante para disfarçar a ausência de uma mulher. Min tinha aquela expressão de mula empacada nos olhos e abriu a boca, sem dúvida para perguntar por quê. Suan se antecipou.

— Obedeça, Serenla. Ou vai passar a limpar as botas dele, além de entregar o prato de comida. — O olhar teimoso permaneceu, mas Min, emburrada, anuiu.

Suan passou as rédeas de Bela para a mão da outra mulher, saiu correndo do estábulo e começou a descer a rua no que esperava que fosse a direção certa. Não queria ter de procurar na cidade inteira, não naquele calor e naquela poeira.

Pesados carroções puxados por pares com seis, oito ou até dez animais preenchiam as ruas, os condutores estalando longos chicotes e xingando tanto os cavalos quanto os transeuntes que zanzavam em meio aos vagões. Homens em trajes grosseiros e casacos de condutores de carroção se misturavam à multidão, por vezes lançando convites engraçadinhos para as mulheres por quem passavam. As mulheres, usando aventais coloridos, alguns listrados, e com a cabeça enrolada em lenços claros, caminhavam com os olhos fixos à frente, como se nada escutassem. As sem avental, com os cabelos soltos na altura dos ombros e saias que terminavam a um pé ou mais do chão, com frequência gritavam respostas ainda mais grosseiras.

Suan levou um susto ao perceber que alguns dos homens estavam fazendo propostas a ela. Isso não a deixou com raiva — era difícil pensar que realmente fosse o alvo daquelas palavras —, apenas surpresa. Ainda não estava acostumada às transformações por que passara. Aqueles homens podiam achá-la atraente... Seu reflexo na janela imunda da loja de um alfaiate chamou sua atenção. Não era muito mais do que a imagem turva de uma garota de pele clara usando chapéu de palha. Ela era jovem. Não só *parecia* jovem, pelo que podia notar, mas realmente *era*. Pouco mais velha que Min. Do ponto de vista dos anos que de fato tinha vivido, considerava ter a aparência de uma garota.

Uma vantagem de ter sido estancada, disse para si mesma. Conheceria mulheres que pagariam qualquer quantia para rejuvenecer quinze ou vinte anos. Algumas talvez considerassem o preço que Suan pagara uma barganha justa. Não era raro que se pegasse listando essas vantagens, talvez tentando se convencer de que existiam. Libertada dos Três Juramentos, ao menos podia mentir quanto fosse preciso. E nem o próprio pai a teria reconhecido. Ela não tinha a mesma aparência de quando era jovem. As mudanças que a maturidade promovera ainda estavam lá, mas suavizadas em forma de juventude. Sendo friamente objetiva, Suan achava que estava mais bonita agora do que quando garota. E “bonita” era o melhor elogio que já recebera. O mais habitual fora “simpática”. Não conseguia pensar naquele rosto como seu, como Suan Sanche.

Só era a mesma por dentro. A mente ainda guardava todo o seu conhecimento. Ali, no pensamento, ainda era a mesma pessoa.

Algumas das estalagens e tavernas de Lugard tinham nomes como O Martelo do Ferrador, ou O Urso Dançante, ou O Porco Prateado, geralmente combinando com espalhafatosas placas pintadas. Outras ostentavam nomes que não deveriam ser permitidos, o mais comportado deles sendo O Beijo da Domanesa, com a pintura de uma mulher de pele cor de cobre — nua até a cintura! — fazendo beicinho. Siuan se perguntou o que Leane acharia daquilo, mas, do jeito que a antiga Curadora vinha se comportando, talvez servisse apenas para lhe dar certas ideias.

Por fim, em uma rua transversal tão larga quanto a principal, pouco além de uma abertura sem portão em uma das muralhas internas que estava prestes a desabar, ela encontrou a estalagem que procurava, uma casa de três andares de pedra cinza rugosa encimados por telhas roxas. A placa acima da porta exibia uma mulher exageradamente voluptuosa coberta o mínimo possível pelos próprios cabelos, montando um cavalo em pelo. O nome, Siuan fez questão de esquecer assim que leu.

Dentro, o salão estava azulado de tanta fumaça de cachimbo, repleto de homens barulhentos que bebiam e gargalhavam enquanto tentavam beliscar as atendentes que os serviam e que, com sorrisos pacientes, se esquivavam como podiam. Quase imperceptíveis em meio ao burburinho, uma cítara e uma flauta acompanhavam uma jovem que cantava e dançava em cima de uma mesa, na extremidade do cômodo comprido. De vez em quando, a cantora rodopiava as saias tão alto que revelava quase completamente as pernas. O que Siuan entendeu da canção lhe deu vontade de lavar a boca da garota. Por que uma mulher sairia por aí sem roupa? Por que uma mulher cantaria a respeito daquilo para um bando de brutamontes bêbados? Era o tipo de lugar que nunca frequentara. Sua intenção era que a visita fosse o mais breve possível.

Não havia como se enganar quanto à dona da estalagem, uma mulher alta e corpulenta usando um vestido de seda vermelha que praticamente reluzia. Elaborados cachos tingidos — a natureza nunca produzira aquele tom de ruivo, certamente não combinado com olhos tão escuros — emolduravam um queixo protuberante e uma boca carrancuda. Entre uma e outra ordem berrada para as atendentes, ela parava nesta ou naquela mesa para trocar algumas palavras, dar um tapinha nas costas de alguém ou se divertir com seus clientes.

Siuan se manteve inflexível e tentou ignorar os olhares de interesse que os homens lhe lançavam à medida que se aproximava da mulher de cabelos carmesim.

— Senhora Tharne? — Precisou chamar três vezes, cada vez mais alto, antes que a dona da estalagem lhe devolvesse o olhar. — Senhora Tharne, quero trabalhar como cantora. Eu sei cantar...

— Será que sabe mesmo? — A mulher grandalhona riu. — Bom, eu já tenho uma cantora, mas posso ter outra para descansar a primeira. Me deixe dar uma olhada nas suas pernas.

— Eu sei cantar “A Canção dos Três Peixes” — disse Sivan, erguendo a voz. Tinha de ser aquela mulher. Não era possível que duas mulheres na mesma cidade tivessem aquele cabelo, e muito menos o mesmo nome, na mesma estalagem.

A Senhora Tharne gargalhou ainda mais e bateu no ombro de um dos homens à mesa mais próxima, quase derrubando-o do banco.

— Pouca gente pede essa por aqui, não é, Pel? — O sujeito dentuço, com seu chicote de condutor de carroção jogado sobre o ombro, gargalhou junto com a mulher.

— Também sei cantar “O Raiar do Céu Azul”.

A mulher balançou a cabeça e esfregou os olhos como se tivesse rido até chorar.

— Sabe, é? Ah, tenho certeza de que os rapazes vão adorar essa. Agora me mostre suas pernas. As pernas, garota, ou vá embora daqui!

Sivan hesitou, mas a Senhora Tharne só fez encará-la. E um número cada vez maior de homens também estava olhando. Aquela *só podia* ser a mulher certa. Devagar, Sivan puxou a saia até a altura do joelho. A dona da estalagem gesticulou com impaciência. Fechando os olhos, Sivan acumulou nas mãos cada vez mais pano das saias. Sentiu que o rosto não parava de enrubescer.

— Uma recatada — gargalhou a Senhora Tharne. — Bem, se essas canções são tudo o que você sabe, é melhor ter pernas que façam um homem cair de cara no chão. Não dá para saber até a gente fazer a moça tirar todas estas meias de lã, não é, Pel? Bem, venha comigo. Talvez você até tenha uma boa voz, mas não vou conseguir ouvir aqui. Vamos, garota! Mexa esse traseiro!

Sivan abriu os olhos em fogo, mas a grandalhona já caminhava a passos largos em direção aos fundos do salão. Rígida feito um vergalhão, Sivan deixou as saias caírem e a acompanhou, tentando ignorar as risadas e propostas indecentes. Seu rosto estava duro feito pedra, mas, por dentro, preocupação e raiva travavam uma guerra.

Antes de ser elevada ao Trono de Amyrlin, administrara a rede de espíões da Ajah Azul. Alguns também haviam sido seus aliados particulares, tanto naquela época quanto depois. Podia até não ser mais a Amyrlin, ou mesmo uma Aes Sedai, mas ainda conhecia todos aqueles agentes. Duranda Tharne já servia à Azul quando Sivan assumira a rede, uma mulher cujas informações eram sempre oportunas. Não se encontrava espíões em qualquer lugar, e sua confiabilidade variava — entre Tar Valon e aquele local, só havia uma espia em quem Sivan confiava o bastante para procurar. A mulher ficava em Quatro Reis, em Andor, mas havia desaparecido. No entanto, uma vasta quantidade de

notícias e boatos passavam por Lugard através dos comboios de carroções dos mercadores. Talvez houvesse espiões de outras Ajahs ali. Era bom ter isso em mente. *A cautela conduz o barco de volta para casa*, lembrou a si mesma.

Aquela mulher se encaixava perfeitamente na descrição de Duranda Tharne, e era certo que nenhuma outra estalagem poderia ter um nome tão vil, mas por que ela respondera daquele jeito quando Siuan se identificou como agente das Azuis? Tinha de arriscar. Min e Leane, à maneira delas, estavam ficando tão impacientes quanto Logain. A cautela conduzia o barco de volta para casa, mas às vezes a ousadia trazia de volta a frota inteira. Na pior das hipóteses, podia acertar a cabeça da mulher com alguma coisa e fugir pelos fundos. Analisando a largura e a altura da Senhora Tharne, além da força de seus braços robustos, só podia torcer para que desse certo.

Uma porta discreta no corredor que levava às cozinhas se abria para uma sala com mobília esparsa, com uma escrivaninha e uma cadeira em uma tira de carpete azul, um grande espelho na parede e, surpreendentemente, uma estante baixa com alguns livros. Assim que a porta se fechou atrás delas, diminuindo, se não cessando por completo o barulho do salão, a grandalhona se voltou para Siuan com os punhos plantados nos quadris largos.

— E então. O que você quer comigo? Nem se preocupe em me dizer um nome. Eu não quero saber, pouco me importa se o nome é real ou não.

Um pouco da tensão de Siuan se dissipou. Mas não a raiva.

— Você não tinha o direito de me tratar daquele jeito lá fora! Qual era sua intenção ao me obrigar a...?

— Eu tinha todo o direito — irrompeu a Senhora Tharne — e toda a necessidade. Se você tivesse vindo no começo ou no fim do expediente, como deveria, eu poderia ter colocado você para dentro de uma vez. Não acha que alguns daqueles homens estranhariam se eu trouxesse você para cá feito uma amiga que eu não via há muito tempo? Não posso me dar ao luxo de ter gente imaginando coisas a meu respeito. Sorte sua eu não ter obrigado você a tomar o lugar de Susu na mesa para cantar uma ou duas músicas. E veja lá como fala comigo. — Ela levantou a mão larga e pesada de forma ameaçadora. — Já casei filhas mais velhas que você e, quando vou visitá-las, elas se comportam direitinho e falam como devem. Se tentar dar uma de espertinha para cima de mim, vai entender por quê. Não vão nem ouvir você uivar e, mesmo que ouvissem, não iam se intrometer. — Com um meneio cortante de cabeça, como se tivesse esclarecido bem as coisas, ela voltou a plantar os punhos nos quadris. — Então, o que você quer?

Siuan tentara falar várias vezes durante o rompante, mas a mulher passara por cima dela feito um maremoto. Não estava acostumada com aquilo. Quando a Senhora Tharne terminou, a antiga Azul estava tremendo de raiva, as mãos segurando as saias com os nós dos dedos já brancos de tanto apertar, em busca

de algum autocontrole. Fez o mesmo esforço para conter seu temperamento. *Meu papel é ser apenas outra agente*, lembrou-se com firmeza. *Não sou mais a Amyrlin, apenas outra agente*. Além disso, suspeitou que a mulher pudesse levar a ameaça a cabo. Isso também ainda era novidade para ela, ter de se preocupar com alguém só por esse alguém ser maior e mais forte.

— Recebi a missão de entregar uma mensagem a um grupo daquelas a quem servimos. — Esperava que a Senhora Tharne interpretasse a tensão em sua voz como temor. A mulher poderia ser mais útil se achasse que ela estava devidamente intimidada. — Elas não estavam onde me disseram que eu as encontraria. Só me resta torcer para que você saiba algo que possa me ajudar a encontrá-las.

Cruzando os braços sob o enorme busto, a Senhora Tharne a examinou.

— Você sabe controlar o gênio quando lhe convém, hein? Bom. O que aconteceu na Torre? E não tente negar que você veio de lá, minha boa e arrogante mocinha. Sua mensagem tem todo o jeito da corte, e não foi em uma aldeia que você aprendeu a ser tão orgulhosa.

Suan respirou bem fundo antes de responder.

— Suan Sanche foi estancada. — Sua voz não tremeu, o que a deixou orgulhosa. — Elaida a'Roihan é a nova Amyrlin. — Não conseguiiu esconder uma ponta de incômodo nessa parte.

O rosto da Senhora Tharne não exibiu reação alguma.

— Bem, isso explica algumas das ordens que recebi. Algumas, talvez. Estancaram Suan, foi? Eu pensava que ela fosse ser a Amyrlin para sempre. Eu a vi uma vez, alguns anos atrás, em Caemlyn. De longe. Parecia capaz de mascar couro no café da manhã. — Os cachos escarlates impossíveis balançaram quando ela sacudiu a cabeça. — Bem, o que está feito, está feito. As Ajahs se dividiram, não foi? É a única possibilidade. As minhas ordens, e a velha abutre estancada. A Torre está dividida, e as Azuis estão fugindo.

Suan rangeu os dentes. Tentou convencer a si mesma de que a mulher era leal à Ajah Azul, e a ela, pessoalmente, mas isso não ajudou. *Velha abutre? Ela é que tem idade suficiente para ser minha mãe. E, se fosse, eu me mataria afogada*. Ela se esforçou para suavizar a voz.

— Minha mensagem é importante. Preciso seguir caminho o mais rápido possível. Você pode me ajudar?

— Importante, é? Olha, eu duvido. O problema é que eu posso dizer uma coisa, mas cabe a você decifrar. Quer? — A mulher se recusava a facilitar as coisas.

— Quero, por favor.

— Sallie Daera. Não sei quem ela é ou era, mas me disseram para dar o nome dela a qualquer Azul que chegasse aqui parecendo perdida, digamos assim. Talvez você não seja uma das irmãs, mas anda com o nariz suficientemente

empinado para ser uma delas, então aí está: Sallie Daera. Faça o que quiser com essa informação.

Siuân suprimiu um arroubo de felicidade e fez uma expressão propositalmente desanimada.

— Também nunca ouvi falar dela. Vou ter que continuar procurando.

— Se encontrar, diga a Aeldene Sedai que ainda sou leal, seja lá o que tiver acontecido. Já trabalho para as Azuis há tanto tempo que nem saberia o que fazer, se parasse.

— Vou dizer — afirmou Siuân. Não sabia que Aeldene a substituíra no controle dos espíões das Azuis. A Amyrlin, qualquer que fosse sua Ajah de origem, era de todas e não fazia parte de nenhuma. — Suponho que você precise de algum motivo para não me contratar. Eu não canto nada. Isso deve bastar.

— Como se isso importasse para aquele pessoal lá fora. — A grandalhona arqueou as sobancelhas e sorriu de um jeito que Siuân não gostou. — Vou pensar em algo, mocinha. E vou lhe dar um pequeno conselho: se não descer um ou dois degraus, algumas Aes Sedai a farão rolar escada abaixo. Estou surpresa por ainda não terem feito isso. Agora vá. Saia daqui.

Mulher detestável, grunhiu Siuân, em pensamento. *Se pudesse, eu a colocaria para pagar penitências até os olhos saltarem do rosto.* A mulher ainda achava que merecia mais respeito?

— Obrigada pela ajuda — agradeceu friamente, fazendo uma reverência boa o bastante para qualquer corte. — Você foi muito amável.

Siuân já avançara três passos no salão quando a Senhora Tharne apareceu atrás, subindo o tom de voz em um grito risonho que irrompeu em meio ao barulho.

— Moça tímida! Pernas brancas e magras o bastante para deixar todos vocês babando, e reclamou feito um bebê quando eu disse que teria que mostrar as coxas! Sentou no chão e começou a chorar! Quadris roliços o bastante para qualquer gosto, e ela...!

Siuân tropeçou quando a onda de gargalhadas subiu, sem jamais abafar o discurso da mulher. Conseguiu dar mais três passos, o rosto vermelho feito uma beterraba, então saiu correndo.

Na rua, fez uma pausa para recuperar o fôlego e deixar que o coração parasse de martelar. *Aquela bruxa velha horrorosa! Eu deveria...!* O que deveria ter feito não importava. Aquela mulher nojenta dissera o que ela precisava saber. Não era Sallie Daera, uma mulher. Só uma Azul saberia, ou mesmo suspeitaria. Salidar. Terra natal de Deane Aryman, a irmã Azul que se tornara Amyrlin depois de Bonwhin e que resgatara a Torre da ruína para a qual Bonwhin a conduzira. Salidar. Um dos últimos lugares onde alguém procuraria uma Aes Sedai, tirando Amadícia.

Dois homens com mantos cor de neve e armaduras brilhantes desciam a rua na direção de Siuan, movendo os cavalos com relutância para a passagem dos carroções. Filhos da Luz. Ultimamente, podiam ser encontrados por toda parte. Baixando a cabeça e observando com cuidado os Mantos-brancos por sob a aba do chapéu, Siuan se aproximou da entrada azul e verde da estalagem. Ao passar por ela, os dois lhe lançaram um olhar, rostos duros sob reluzentes elmos cônicos, e seguiram em frente.

Siuan mordeu o lábio, irritada. Era provável que tivesse atraído a atenção dos homens ao se encolher. E se eles tivessem visto seu rosto...? Nada aconteceria, claro. Os Mantos-brancos talvez tentassem matar uma Aes Sedai, se a encontrassem sozinha, mas Siuan já não tinha o rosto característico. O problema foi terem visto que tentara se esconder. Se Duranda Tharne não a tivesse deixado tão irritada, não teria cometido um erro tão tolo. Ainda se lembrava do tempo em que bobagens como os comentários da Senhora Tharne não a teriam abalado nem um pouco, em que aquela mocreia de cabelo tingido não teria ousado lhe dizer nada daquilo. *Se aquela megera não gosta do meu jeito, vou...* O que ia era continuar a tratar do assunto de que já vinha tratando, antes que a Senhora Tharne lhe desse uma surra que tornasse impossível sentar em uma sela. Às vezes, era difícil lembrar que o tempo quando reis e rainhas respondiam à sua convocação era coisa do passado.

Caminhando a passos largos pela rua, Siuan encarava as pessoas com tanta dureza que alguns dos condutores de carroções engoliram os comentários que estavam prestes a fazer para uma bela jovem desacompanhada. Apenas alguns.

* * *

Min se sentou em um banco encostado na parede do salão lotado da estalagem O Engate de Nove Cavalos e ficou observando uma mesa rodeada por homens, alguns com chicotes de condutor enrolados, outros portando espadas que os identificavam como guardas de mercadores. Outros seis homens estavam sentados lado a lado em torno da mesa. Só conseguia identificar Logain e Leane, sentados no extremo oposto. Ele tinha a testa franzida, contrariado. Os outros homens prestavam atenção em cada palavra que saía dos lábios sorridentes de Leane.

O ar estava tomado pela fumaça de cachimbos e por um burburinho que quase abafava a música da flauta e do tambor e a cantoria de uma garota que dançava em uma mesa entre as lareiras de pedra. A canção falava de uma mulher convencendo seis homens de que cada um deles era o único em sua vida. Min estava achando interessante, até a música passar a fazê-la enrubescer. De vez em quando, a cantora disparava olhares enciumados para a mesa lotada. Ou melhor, para Leane.

A domanesa alta entrara na estalagem com Logain já na coleira, e tal como o mel atrai as moscas, atraía ainda mais homens com aquele andar rebolado e o brilho sugestivo dos olhos. Quase saíra briga, Logain e os guardas dos mercadores com as mãos nas espadas, facas sendo desembainhadas, o proprietário corpulento e dois camaradas musculosos se aproximando com porretes. E Leane extinguiu as chamas quase como as inflamara, um sorriso aqui, algumas palavras ali, e um toque na bochecha. Até o taverneiro se demorara ali por perto, sorrindo feito bobo, até que os chamados da clientela o obrigaram a se afastar. E Leane achando que precisava treinar. Não parecia justo.

Se eu conseguisse fazer isso com um homem em particular, ficaria mais do que satisfeita. Talvez ela pudesse me ensinar... Luz, no que estou pensando? Min sempre fora ela mesma, e os outros podiam aceitá-la como era ou não. Mas estava pensando em mudar por causa de um homem. Já era suficientemente ruim ter de se esconder em um vestido, em vez do manto e das calças de sempre. *Ele olharia para você em um vestido decotado. Você tem mais para mostrar do que Leane, e ela... Pare com isso!*

— Precisamos ir para o sul — anunciou Siuan, perto de seu ombro dando-lhe um susto. Não a vira entrar. — Agora.

Pelo brilho em seus olhos azuis, estava claro que Siuan descobrira alguma coisa. Se ia compartilhar a informação era outra questão. Na maior parte do tempo, a mulher parecia pensar que ainda era a Amyrlin.

— Não temos como chegar em nenhum lugar com estalagens antes de a noite cair — avisou Min. — Podíamos pegar uns quartos e passar a noite aqui.

Era tentadora a ideia de voltar a dormir em uma cama, em vez de debaixo de cercas-vivas e em montes de feno, mesmo que fosse precisar dividir o colchão com Leane e Siuan. Logain queria alugar quartos para todos, mas a antiga Amyrlin controlava o dinheiro, mesmo quando era Logain que o distribuía.

Siuan olhou ao redor, mas todos no salão que não encaravam Leane estavam escutando a cantora.

— Não é possível. Eu... Eu acho que alguns Mantos-brancos devem estar fazendo perguntas sobre mim.

— Dalyn não vai gostar disso — sussurrou Min, com toda a calma.

— Então não fale para ele. — Siuan balançou a cabeça para o grupo em torno de Leane. — Apenas diga a Amaena que precisamos ir. Ele vai nos seguir. Só vamos torcer para que os demais também não sigam.

Min sorriu com ironia. Siuan podia até dizer que não ligava para o fato de Logain — Dalyn — ter assumido o comando, basicamente ignorando-a sempre que ela tentava obrigá-lo a alguma coisa, mas ainda estava determinada a fazer o homem voltar a obedecê-la.

— O que é um Engate de Nove Cavalos, aliás? — perguntou ela enquanto se levantava. Havia ido até a entrada em busca de alguma pista, mas a placa acima

da porta continha apenas o nome. — Já vi de oito, de dez, mas nunca de nove.

— Nesta cidade — respondeu Suan, empertigada —, é melhor não perguntar. — Um rubor súbito a fez achar que a mulher sabia muito bem do que se tratava. — Vá buscá-los. Temos um longo caminho pela frente, e nenhum tempo a perder. E não deixe ninguém ouvir.

Min bufou baixinho. Com o sorrisinho no rosto de Leane, nenhum daqueles homens sequer a enxergaria. Queria saber como Suan atraía a atenção dos Mantos-brancos. Era a última coisa de que precisavam, e a antiga Amyrlin não costumava cometer deslizes. Também queria saber como fazer Rand olhar para ela da forma que aqueles homens olhavam para Leane. Se passariam a noite inteira cavalgando, e ela suspeitava que sim, talvez Leane *pudesse* lhe dar algumas dicas.





UM VELHO CACHIMBO

Uma lufada de vento levantando poeira em uma rua de Lugard bateu no chapéu de veludo de Gareth Bryne, varrendo-o da cabeça direto para baixo de um dos carregadíssimos carroções. Uma roda com aro de ferro prensou o chapéu contra o barro duro da rua, deixando para trás apenas um destroço achatado. Ele encarou o objeto por um momento, depois seguiu em frente. *Já estava mesmo ficando puido da viagem*, disse a si mesmo. O casaco de seda também já estava empoeirado antes mesmo de chegar a Murandy. Escová-lo já não adiantava grande coisa, isso quando o homem se dava ao trabalho de fazê-lo. Àquela altura, parecia mais marrom do que cinza. Era melhor encontrar algo mais simples. Não estava a caminho de um baile.

Desviando-se dos carroções que ribombavam nos sulcos rua abaixo, ele ignorou os xingamentos que os condutores lhe dirigiam — qualquer integrante decente de esquadrão faria melhor até dormindo — e entrou em uma estalagem de telhado vermelho chamada O Banco do Carroção. A pintura na placa dava ao nome uma interpretação explícita.

O salão era igual a todos os salões que já vira em Lugard: condutores de carroções e guardas de mercadores espremidos junto a funcionários de estábulos, ferradores, trabalhadores, todo tipo de homem, todos falando ou gargalhando o mais alto que podiam enquanto bebiam o máximo que aguentavam, uma das mãos na caneca e a outra acariciando as atendentes. Neste ponto, não era muito diferente de salões e tavernas de várias outras cidades, embora a maioria delas fosse consideravelmente mais tranquila. Uma jovem curvilínea trajando uma blusa que parecia prestes a cair saltava e cantava em

cima de uma mesa em uma das laterais do salão, supostamente acompanhando a música de duas flautas e uma sabiola de doze cordas.

Bryne não tinha um bom ouvido para música, mas fez uma breve pausa para apreciar a canção da moça. Ela teria recebido elogios em qualquer campo de soldados onde ele já estivera. Mas, na verdade, seria igualmente popular mesmo que não cantasse uma nota sequer. Usando aquela blusa, teria arrumado um marido em pouquíssimo tempo.

Joni e Barim já estavam no local, o porte físico de Joni sendo suficiente para lhes garantir uma mesa, apesar do cabelo já ralo e da bandagem que ainda usava em torno das têmporas. Estavam ouvindo a garota cantar. Ou ao menos olhando para ela. Bryne tocou o ombro de cada um e meneou a cabeça na direção da porta lateral que conduzia ao pátio do estábulo, onde um rabugento cavaleiro vesgo lhes entregou os cavalos por três moedas de prata. Cerca de um ano antes, Bryne poderia ter comprado um cavalo decente por não muito mais. Os problemas a oeste e em Cairhien estavam gerando um caos no comércio e nos preços.

Ninguém falou até terem passado pelos portões da cidade e já estarem em uma estrada pouco usada, rumo ao norte. Era pouco mais que uma trilha larga e poeirenta cujas curvas levavam ao rio Storn. Foi só então que Barim se pronunciou.

— Passaram aqui ontem mesmo, milorde.

Bryne também ficara sabendo. Três belas jovens viajando juntas, claramente forasteiras, não tinham como passar por uma cidade como Lugard sem serem notadas. Pelos homens, pelo menos.

— Elas e um camarada de ombros largos — continuou Barim. — Parece que pode ser aquele Dalyn, o sujeito que tava com elas quando puseram fogo no estábulo do Nen. Em todo caso, seja lá quem for, ficaram um pouco na O Engate de Nove Cavalos, mas só pra beber um tantinho e ir embora. A domanesa que os rapazes tavam me falando quase criou confusão só por ficar sorrindo e se encostando aqui e ali, mas ela mesma tratou de acalmar tudo com o mesmo sorriso. Que me queime, mas eu gostaria de conhecer uma domanesa.

— Você descobriu em que direção eles seguiram, Barim? — perguntou Bryne, paciente. Não conseguira saber essa parte.

— Ah, não, milorde. Mas ouvi que uma porção de Mantos-brancos tem passado por aqui, todos indo para o oeste. O senhor acha que o velho Pedron Niall pode estar planejando alguma coisa? Talvez em Altara?

— Isso não é mais da nossa conta, Barim. — Bryne sabia que sua paciência falhara um pouco desta vez, mas Barim já era um companheiro de longa data e não se doeria muito com o rompante.

— Eu sei para onde eles foram, milorde — afirmou Joni. — Para o oeste, pela Estrada de Jehannah. E foram correndo, pelo que escutei. — O homem

soava confuso. — Milorde, encontrei dois guardas de mercadores, uns rapazes que trabalhavam nas Guardas, e tomei uns copos com eles. O que aconteceu foi que eles estavam em um pardieiro chamado A Viagem de Boa Noite, quando aquela Mara veio e pediu trabalho como cantora. Ela não conseguiu, não queria mostrar as pernas do jeito que as cantoras da maioria desses lugares fazem, e quem é que pode condenar a mulher? Aí ela foi embora. Pelo que Barim me contou, foi logo depois disso que todos eles partiram para o oeste. Eu não gosto disso, milorde. Ela não é o tipo de garota que procuraria trabalho em um lugar como aquele. Acho que ela está tentando se ver livre daquele camarada, o Dalyn.

Estranhamente, apesar do galo na cabeça, Joni não tinha qualquer animosidade com relação às três jovens. Desde que haviam partido da propriedade, ele opinava com frequência que as garotas estavam passando por algum tipo de apuro e precisavam ser resgatadas. Bryne suspeitava que, se conseguisse alcançar as jovens e levá-las de volta para suas terras, Joni lhe pediria que deixasse suas filhas ficarem responsáveis por cuidar das meninas.

Barim não tinha tais sentimentos.

— Ghealdan. — Ele franziu a testa. — Ou talvez Altara, ou Amadícia. Trazer essas garotas de volta vai custar um beijo no Tenebroso. Não parece que vale a pena essa chateação por causa de um estábulo e algumas vacas.

Bryne não respondeu. Os homens haviam seguido as garotas até ali, e Murandy não era um bom lugar para andorianos, depois de tantos anos com tantos problemas nas fronteiras. Só um tolo iria a Murandy caçando alguém que quebrara um juramento. Quão mais tolo teria de ser para continuar a perseguir a pessoa por meio mundo?

— Os rapazes com quem eu falei, milorde... — disse Joni, com timidez. — Parece que muitos dos velhos camaradas que... que serviram ao senhor estão sendo despachados. — Encorajado pelo silêncio de Bryne, ele prosseguiu. — Muitos camaradas novos chegando. Muitos. Aqueles rapazes falaram que pelo menos quatro ou cinco para cada um mandado embora. Gente que prefere criar do que evitar problemas. As pessoas já estão chamando esses de Leões Brancos, que só respondem a um tal de Gaebriel. — Joni cuspiu para demonstrar o que achava daquilo. — E mais tantos outros que nunca fizeram parte das Guardas. Nem recrutas de Casa alguma. Até onde eles sabiam, esse Gaebriel tem dez vezes mais homens de prontidão do que a quantidade de Guardas, e todos juraram fidelidade ao trono de Andor, mas não à Rainha.

— Isso também não é mais da nossa conta — replicou Bryne, curto e grosso.

Barim estava forçando a bochecha com a língua, como sempre fazia quando sabia de algo que não queria dizer ou que não tinha certeza se era importante.

— O que foi, Barim? Desembuche, homem.

O homem de rosto coriáceo o encarou, pasmo. Barim nunca descobrira como Bryne sabia quando ele estava escondendo algo.

— Bem, milorde, algumas pessoas com quem eu falei disseram que, ontem, uns Mantos-brancos tavam fazendo umas perguntas. Sobre uma garota que parece ser aquela Mara. Queriam saber quem ela era, para onde ela foi. Essas coisas. Ouvi dizer que se interessaram de verdade quando descobriram que ela tinha ido embora. Se estão atrás dela, ela pode ser enforcada antes que a gente consiga encontrar. Se estão tendo esse trabalho de perseguir a moça, pode ser que não façam tantas perguntas para confirmar se ela é mesmo Amiga das Trevas. Ou seja lá por que estão atrás dela.

Bryne franziu o cenho. Mantos-brancos? O que os Filhos da Luz poderiam querer com Mara? Ele jamais acreditaria que ela era Amiga das Trevas. No entanto, vira um jovem com cara de bebê ser enforcado em Caemlyn, um Amigo das Trevas que vinha ensinando as crianças nas ruas sobre as glórias do Tenebroso, o Grande Senhor das Trevas, como ele o chamava. O rapaz matara nove delas em três anos, até onde foi possível descobrir, quando as crianças pareciam prestes a denunciá-lo. *Não. Aquela garota não é Amiga das Trevas, e nisso eu aposto a minha vida.* Os Mantos-brancos suspeitavam de todo mundo. E se metessem na cabeça que ela fugira de Lugard para evitá-los...

Acelerou Andarilho para um meio galope. O garanhão castanho de focinho comprido não era vistoso, mas nem por isso deixava de ser resistente e corajoso. Os outros dois o alcançaram pouco depois e, percebendo como estava o humor de Bryne, ficaram de boca fechada.

A mais ou menos duas milhas de Lugard, desviou na direção de um matagal com carvalhos e folhas-de-couro. O restante de seus homens havia montado um acampamento temporário no local, em uma clareira debaixo de espessos galhos de carvalho. Várias fogueirinhas estavam acesas, mas sem fazer fumaça. Os homens aproveitavam qualquer chance que tivessem para preparar um pouco de chá. Alguns cochilavam. Dormir era outra coisa que um soldado velho jamais perdia a oportunidade de fazer.

Os que estavam acordados despertaram aos chutes os que tiravam sua soneca, e todos olharam para Bryne. Por um momento, ele permaneceu na sela, apenas observando-os. Cabelos grisalhos, cabeças carecas e rostos marcados pela idade. Ainda duros e em forma, mas, ainda assim... Fora um tolo por ter se arriscado a trazê-los a Murandy só porque precisava saber por que uma mulher quebrara um juramento. E talvez com Mantos-brancos no encalço. Não dava para dizer a que distância ou a quanto tempo de casa estariam antes de concluírem o objetivo. Se voltasse naquele momento, passariam mais de um mês viajando antes de voltarem a ver Fontes de Kore. Se continuasse, não havia garantia de que a perseguição acabaria antes do Oceano de Aryth. Deveria conduzir aqueles homens, e a si próprio, para casa. Deveria. Não seria razoável

pedir que tentassem tirar aquelas garotas das mãos dos Mantos-brancos. Podia deixar Mara para a justiça dos Filhos da Luz.

— Vamos seguir rumo ao oeste — anunciou ele. Imediatamente, fogueiras foram apagadas com chá e panelas amarradas às selas. — Vamos precisar manter um bom ritmo. Pretendo alcançar as garotas em Altara, se possível, mas, se não der, não há como dizer para onde elas vão nos levar. Vocês talvez vejam Jehannah, Amador ou Ebou Dar antes do fim da viagem. — Ele forçou uma gargalhada. — Vão descobrir se são fortes mesmo, se chegarmos a Ebou Dar. Lá tem tavernas em que as atendentes descascam illianenses para o jantar e cospem em Mantos-brancos só por diversão.

Todos gargalharam mais do que a piada tinha graça.

— Na sua companhia, não temos com que nos preocupar, milorde. — Thadriu, enfiando a caneca de latão nos alforjes. Seu rosto era enrugado feito couro amassado. — Ora, fiquei sabendo que uma vez o senhor bateu de frente com a própria Amyrlin, e que...

Jar Silvin lhe deu um chute no tornozelo, e o homem se voltou contra o mais jovem — já tinha cabelos grisalhos, mas ainda assim era mais jovem — com o punho cerrado.

— Por que fez isso, Silvin? Quer que eu quebre a sua cabeça, seu... O que foi? — O olhar carregado que Silvin e alguns dos demais lhe estavam lançando foi finalmente compreendido. — Ah... Ah, sim. — O homem se virou para checar as tiras da cinta em sua sela, mas ninguém mais ria.

Bryne se esforçou para relaxar a expressão pétrea. Era hora de deixar o passado no passado. Não precisavam parar de tocar no nome de uma mulher só porque ele compartilhara a cama com ela — entre outras coisas, pensara —, e depois essa mulher olhara para ele como se nunca o tivesse visto. Só porque ela o exilara de Caemlyn, sob ameaça de morte, por ele ter lhe aconselhado, como jurara fazer... Se ela quebrasse a cara com aquele Lorde Gaebriel que aparecera de uma hora para outra em Caemlyn, não seria mais da conta dele. A mulher lhe dissera, com uma voz tão neutra e fria quanto gelo liso, que seu nome nunca mais voltaria a ser dito no palácio, que apenas seus longos anos de serviço impediam que ela o enviasse para o carrasco por traição. Traição! Bryne precisava se manter animado, especialmente se aquela busca acabasse por se mostrar bem longa.

Passando o joelho ao redor do cepilho alto da sela, Bryne pegou o cachimbo e a bolsa e encheu o objeto de tabaco. O fornildo exibia o entalhe de um touro selvagem em cujo cabresto via-se a Coroa de Rosas de Andor. Durante mil anos, aquele fora o símbolo da Casa Bryne, força e coragem a serviço da rainha. Precisava de um cachimbo novo. Este já estava velho.

— Eu não sei dessa tão bem quanto você possa ter ouvido falar. — Bryne se abaixou na direção de um dos homens, que lhe entregou um galho ainda aceso de

uma das fogueiras extintas, e depois tornou a ficar ereto para pitar o cachimbo aceso. — Foi há cerca de três anos. A Amyrlin estava visitando diversas terras. Cairhien, Tear, Illian, e terminando em Caemlyn, antes de retornar a Tar Valon. Naquela época, estávamos tendo problemas com os lordes murandianos na fronteira, como de costume. — Ouviu-se uma onda de gargalhadas. Todos ali haviam servido, em um ou outro momento, na fronteira murandiana. — Eu tinha enviado alguns guardas para lá para deixar bem claro para os murandianos quem era o dono das ovelhas e do gado no nosso lado da fronteira. Nunca esperei que a Amyrlin fosse se interessar. — Bryne tinha atraído a atenção dos homens. Os preparativos para a partida ainda seguiam em curso, mas em um ritmo mais lento.

— Suan Sanche e Elaida se trancaram com Morgase... — Pronto, voltara a mencionar o nome dela, e nem se dera conta. — E, quando saíram, Morgase era metade trovoadas, com relâmpagos escapando pelos olhos, e metade uma garotinha de dez anos que tinha levado uma surra da mãe por ter roubado alguns bolinhos. Ela é uma mulher durona, mas presa entre Elaida e o Trono de Amyrlin... — Bryne balançou a cabeça, e os homens riram. Ter a atenção das Aes Sedai era algo que nenhum deles invejava em lordes e governantes. — Ela ordenou que eu retirasse imediatamente todas as tropas da fronteira com Murandy. Pedi para que discutíssemos a questão em particular, mas Suan Sanche partiu para cima de mim. Diante de metade da corte, me deu um pito de cabo a rabo, como se eu não passasse de um recruta bronco. Disse que, se eu não fizesse o que me mandavam fazer, ela me usaria como isca para peixes.

Bryne implorara pelo perdão dela, antes que a mulher terminasse — na frente de todo mundo, e só por ter feito o que jurara fazer —, mas não havia necessidade de mencionar essa parte. Mesmo ao final, não tivera certeza de que Suan não faria Morgase lhe cortar a cabeça, ou de que ela mesma não o faria.

— Para ela, deve ter sido como fisgar um peixe enorme. — Alguém gargalhou, e todos os demais acompanharam.

— O resultado — prosseguiu Bryne — foi que meu couro acabou chamuscado, e os guardas se afastaram da fronteira. Então, se estão esperando que eu proteja vocês em Ebou Dar, basta se lembrarem de que, na minha opinião, aquelas atendentes pendurariam até a Amyrlin para secar ao lado do resto de nós.

Os homens urraram de tanto gargalhar.

— O senhor chegou a descobrir do que se tratava, milorde? — quis saber Joni.

Bryne balançou a cabeça.

— Algum assunto das Aes Sedai, imagino. Para tipos como eu e você, elas não contam o que estão planejando. — Aquelas palavras renderam mais algumas risadas.

Os homens montaram com um vigor que desmentia suas idades. *Alguns deles não têm mais idade que eu*, pensou Bryne, secamente. Velho demais para sair perseguindo um belo par de olhos, jovens o bastante para ser de uma filha, se não de uma neta. *Eu só quero saber por que ela quebrou o juramento*, afirmou com firmeza para si mesmo. *Só isso*.

Erguendo a mão, fez um sinal para seguirem, e o grupo avançou para o oeste, deixando um rastro de poeira. Seria preciso cavalgar intensamente para alcançar as garotas. E era o que pretendia fazer. Em Ebou Dar ou no Poço da Perdição, ele as encontraria.





UM QUARTINHO EM SIENDA

Elayne se segurava nas dobradiças de couro da carruagem enquanto o veículo seguia saculejando, e tentava ignorar a expressão amarga de Nynaeve, à sua frente. As cortinas estavam abertas, apesar da poeira que às vezes as açoitavam pela janela. A brisa afastava um pouco do calor do fim de tarde. Sucessivas colinas com florestas estendiam-se na paisagem, a mata interrompida vez ou outra por pequenos trechos de plantações. A propriedade de um lorde, construída à moda de Amadícia, encimava uma das colinas a algumas milhas da estrada, um enorme edifício de pedra de cinquenta metros de altura com uma elaborada estrutura de madeira no topo, com varandas ornamentadas e telhado vermelho. No passado, a construção seria inteiramente de pedra, mas muitos anos haviam se passado desde que um lorde necessitara de uma fortaleza em Amadícia, e a atual lei do rei exigia a utilização de madeira. Nenhum lorde rebelde tinha a capacidade de resistir por muito tempo ao rei. Os Filhos da Luz, obviamente, estavam isentos dessa lei; eles estavam acima de várias das leis amadicianas. Quando criança, Elayne tivera de aprender algumas coisas sobre as leis e os costumes de outros países.

Descampados também pontilhavam as colinas ao longe, feito retalhos marrons em um tecido majoritariamente verde, os homens que neles trabalhavam parecendo formigas. Tudo aparentava segura. Um único relâmpago desencadearia um incêndio que poderia arder por léguas. Mas relâmpagos eram sinal de chuva, e as poucas nuvens no céu estavam demasiado altas e finas para isso. Distraída, Elayne se perguntou se conseguiria fazer chover. Já aprendera a

ter um controle considerável sobre o clima. Ainda assim, era muito difícil ter que começar do nada.

— Milady está entediada? — perguntou Nynaeve, ácida. — Pela maneira como milady está olhando para o campo, com ar de desaprovação, acho que milady deve estar querendo viajar mais rápido. — Virando a cabeça para trás sobre o ombro, ela empurrou uma pequena aba e gritou: — Mais rápido, Thom. Não discuta comigo! Você também, Juilin Caçador de Ladrões, cuidado com o que fala! Eu disse mais rápido!

A aba de madeira bateu, mas Elayne ainda ouviu Thom resmungando alto. Xingando, muito provavelmente. Nynaeve passara o dia todo gritando com os homens. Instantes depois, o chicote estalou e a carruagem zarpou adiante ainda mais rápido, balançando tão forte que as duas mulheres não paravam quietas nos assentos de seda dourada. O tecido havia sido cuidadosamente limpo quando Thom comprara o veículo, mas o estofamento já estava bem duro. Mesmo pulando para lá e para cá, o queixo travado de Nynaeve sugeria que ela não pediria para Thom desacelerar logo depois de tê-lo mandado ir mais depressa.

— Por favor, Nynaeve — pediu Elayne. — Eu...

A outra mulher a interrompeu.

— Milady está desconfortável? Sei que as ladies estão habituadas ao conforto, com o tipo de coisa que uma pobre criada sequer sabe que existe, mas tenho certeza de que milady quer chegar à próxima cidade antes do anoitecer, não quer? Para que a criada de milady possa servir o jantar de milady e preparar a cama de milady? — Os dentes de Nynaeve se cerraram em um clique quando o assento, subindo, se chocou contra o corpo dela, descendo. A mulher olhou com raiva para Elayne, como se tivesse sido culpa dela.

Elayne soltou um longo suspiro. Nynaeve entendera a questão, lá em Mardecin. Uma lady nunca viajava sem uma criada, e duas ladies provavelmente teriam duas criadas. A menos que colocassem vestidos em Thom e Juilin, aquilo significava que uma delas teria de fazer esse papel. Nynaeve *tinha* entendido que Elayne sabia mais sobre como ladies se comportavam. Ela explicara de modo bem gentil, e Nynaeve normalmente conseguia entender os apelos do bom senso. Normalmente. Mas tudo se passara ainda na loja da Senhora Macura, depois de terem enchido as duas mulheres com sua própria bebida horrível.

Saindo de Mardecin, viajaram depressa até a meia-noite, chegando a uma pequena aldeia com uma estalagem, onde tiraram o dono da cama para alugar dois quartos apertados com colchões estreitos. Despertaram antes da primeira luz do dia seguinte para seguir em frente, circundando Amador a algumas milhas de distância. Ninguém pensaria que eram mais do que afirmavam ser, mas nenhum deles se sentia confortável com a ideia de passar por uma cidade grande cheia de

Mantos-brancos. A Fortaleza da Luz ficava em Amador. Elayne ouvira falar que quem reinava em Amador era o rei, mas quem mandava era Pedron Niall.

O problema começara na noite anterior, em um lugar chamado Bellon, em um riacho lamacento que tinha o grandioso nome de Rio Gaeon, mais ou menos vinte milhas depois da capital. A estalagem Vau de Bellon era maior que a primeira, e a Senhora Alfara, dona do lugar, oferecera à Lady Morelin uma sala de jantar privada, o que Elayne não podia recusar. A Senhora Alfara pensara que apenas a criada de Lady Morelin, Nana, saberia como servi-la adequadamente. As ladies exigiam que tudo fosse de certa maneira, dizia a mulher, e tinham mesmo de exigir, mas as garotas do local simplesmente não estavam acostumadas com ladies. Nana saberia a maneira exata como Lady Morelin desejava que sua cama fosse preparada, e providenciaria para ela um belo banho após um caloroso dia de viagem. A lista de providências que Nana tomaria de forma perfeita para a sua senhora era infinita.

Elayne não tinha certeza se aquilo era comum para a nobreza amadeciana ou se a Senhora Alfara só estava se aproveitando de uma serviçal forasteira. A garota tentara poupar Nynaeve, mas a mulher estivera tão afeita a “como a senhora quiser” e “milady é muito especial” quanto a dona da estalagem. Teria soado tola, ou pelo menos esquisita, se insistisse. Estavam tentando não atrair atenção indevida.

Durante todo o tempo que estiveram em Bellon, Nynaeve agira em público como uma criada perfeita. Em particular, era diferente. Elayne só queria que Nynaeve voltasse a ser ela mesma, em vez de perturbá-la agindo como uma criada vinda diretamente da Praga. Pedidos de desculpas vinham sendo correspondidos com “milady é muito gentil”, ou apenas ignorados. *Não vou me desculpar de novo*, pensou, pela quinquagésima vez. *Não por algo que não foi minha culpa*.

— Andei pensando, Nynaeve. — Segurando-se firmemente a uma alça, ela se sentia como a bola de uma brincadeira infantil chamada Quique de Andor, que consistia em tentar manter uma bola de madeira colorida quicando para cima e para baixo com uma raquete. No entanto, não ia pedir para que desacelerassem a carruagem. Conseguia suportar, contanto que Nynaeve também suportasse. A mulher era tão teimosa! — Quero chegar a Tar Valon e descobrir o que está acontecendo, mas...

— Milady andou pensando? Milady deve estar com dor de cabeça depois de todo esse esforço. Vou preparar um bom chá de raiz de língua-de-ovelha e margarida vermelha assim que...

— Fique quieta, Nana — disse Elayne, calma, mas firme. Havia sido sua melhor imitação da mãe. Nynaeve ficou de queixo caído. — Se você puxar essa sua trança para mim, vai viajar lá no teto, junto com a bagagem. — Nynaeve emitia um som abafado, esforçando-se tanto para falar que nada saía. Bem

satisfatório. — Às vezes você parece pensar que eu ainda sou criança, mas é você quem está se comportando como uma. Eu não pedi para você lavar minhas costas, mas precisaria ter lutado para fazer você parar. Até me ofereci para esfregar as suas costas também, lembre-se disso. E me ofereci para dormir na cama de baixo. Mas você se deitou e não quis mais sair. Pare de birra. Se quiser, posso ser a criada na próxima estalagem. — Provavelmente seria um desastre. Nynaeve gritaria com Thom em público, ou daria uma bofetada na orelha de alguém. Mas qualquer coisa por um pouco de paz. — Podemos parar aqui mesmo e trocar de roupa nas árvores.

— Escolhemos os vestidos que ficam bons em você — resmungou a outra após um momento. Voltando a abrir a aba, gritou. — Mais devagar! Estão querendo nos matar? Seus tolos!

Fez-se um silêncio mortal do lado de fora, conforme a velocidade da carruagem diminuía para algo bem mais razoável, mas Elayne poderia apostar que os dois homens estavam conversando. Arrumou o cabelo da melhor maneira que pôde sem espelho. Quando pousava os olhos em um, ainda se espantava de ver aquelas mechas negras. Até o vestido de seda verde precisaria de uma boa escovada.

— Em que você estava pensando, Elayne? — indagou Nynaeve. Suas bochechas ficaram vermelhas. Ao menos sabia que Elayne tinha razão, mas recuar era, muito provavelmente, o pedido máximo de desculpas que faria.

— Estamos voltando às pressas para Tar Valon, mas temos de fato alguma ideia do que nos espera na Torre? Se a Amyrlin realmente deu aquelas ordens... Não acredito que tenha sido o caso, e nem entendo, mas não pretendo entrar na Torre até entender. “Só um tolo enfia a mão no oco de uma árvore sem primeiro ver o que tem dentro.”

— Uma sábia, essa Lini — disse Nynaeve. — Talvez a gente descubra mais se eu encontrar outro monte de flores amarelas penduradas de cabeça para baixo, mas, até lá, acho que temos que nos comportar como se a própria Ajah Negra estivesse no controle da Torre.

— A esta altura, a Senhora Macura já deve ter enviado outro pombo para Narenwin. Com descrições desta carruagem, dos vestidos que pegamos e, muito possivelmente, de Thom e Juilin também.

— Não podemos fazer nada. Nada disso teria acontecido se não tivéssemos enrolado tanto em Tarabon. Devíamos ter pegado um navio. — Elayne ficou embasbacada com aquele tom acusatório, e Nynaeve teve a graciosidade de voltar a enrubescer. — Bem, o que está feito, está feito. Moiraine conhece Sivan Sanche. Talvez Egwene possa perguntar a ela se...

A carruagem se sacudi e parou de repente, arremessando Elayne para cima de Nynaeve. A garota escutou o relincho desesperado dos cavalos enquanto tentava se erguer freneticamente, Nynaeve também a empurrando.

Agarrando *saidar*, pôs a cabeça para fora da janela, e, aliviada, tornou a largar a Fonte Verdadeira. O que havia ali era algo que já vira passar por Caemlyn mais de uma vez. Um conjunto itinerante de animais estava acampado em meio às sombras da tarde em uma grande clareira ao lado da estrada. Um imenso leão de juba escura estava deitado, sonolento, em uma jaula que ocupava toda a parte traseira de um carroção, enquanto suas duas consortes caminhavam confinadas em outra. Uma terceira jaula estava aberta. À frente dela, uma mulher fazia dois ursos negros de cara branca se equilibrarem em grandes bolas vermelhas. Outra jaula mantinha cativo o que parecia ser um enorme e peludo javali, exceto pelo focinho, excessivamente pontiagudo, e pelas garras em cada dedo. O animal era originário do Deserto Aiel, Elayne sabia, e seu nome era *capar*. As demais jaulas abrigavam outros animais, além de pássaros de coloração brilhante, mas, diferentemente de qualquer conjunto de animais itinerante que Elayne já vira, aquele viajava com artistas humanos: dois homens faziam malabarismo, jogando argolas enroladas com fitas um para o outro, quatro acrobatas se equilibravam um no ombro do outro, formando uma coluna altíssima, e uma mulher alimentava uma dúzia de cães que caminhavam apoiados só nas patas traseiras e, ao seu comando, davam cambalhotas para trás. Ao fundo, alguns homens instalavam dois postes altos. A garota não tinha ideia de para quê.

Porém, nada daquilo era o que tinha feito os cavalos se empinarem nos arreios e revirarem os olhos, apesar de toda a habilidade de Thom com as rédeas. Até Elayne sentia o cheiro dos leões, mas era para três imensos animais cinzentos e enrugados que os cavalos lançavam seu olhar aterrorizado. Dois deles eram da altura da carruagem, com enormes orelhas e grandes presas curvadas que ladeavam um nariz comprido que balançava até o chão. O terceiro, mais baixo que os cavalos, mas provavelmente com o mesmo peso, não tinha presas. Um bebê, supôs. Uma mulher de cabelos louros bem claros usava um pesado agulhão curvo para esfregar atrás da orelha do menorzinho. Elayne também já vira criaturas como aquela. E nunca esperara voltar a ver.

Um homem alto de cabelos escuros saiu a passos largos do acampamento, trajando, apesar do calor, um manto de seda vermelha que ele balançou ao se curvar com elegância. Tinha boa aparência, pernas bem-torneadas, e sabia muito bem disso.

— Perdoe-me, milady, se os cavalos-javali gigantes assustaram seus animais. — Ao se endireitar, ele acenou para que dois de seus homens ajudassem a acalmar os cavalos, e então fez uma pausa, encarando-a, e murmurou: — Calma, coração. — Foi alto o bastante para que Elayne tivesse certeza de que ele queria que ela escutasse. — Sou Valan Luca, milady, produtor de espetáculos. Sua presença me extasia. — O homem fez outra reverência, ainda mais elaborada que a primeira.

Elayne e Nynaeve se entreolharam, e a Filha-herdeira viu o mesmo sorriso divertido que sabia que ela própria estampava. Um homem bem cheio de si, aquele Valan Luca. Seus homens pareciam muito bons em aquietar os cavalos, que ainda bufavam e batiam as patas, mas cujos olhos já não estavam tão assustados quanto antes. Thom e Juilin encaravam os animais estranhos com olhares tão fixos quanto os dos cavalos.

— Cavalos-javali, Mestre Luca? — indagou Elayne. — De onde são?

— Cavalos-javali *gigantes*, milady — retrucou o sujeito prontamente —, da lendária Shara, onde eu mesmo liderei uma expedição a um mundo selvagem cheio de civilizações estranhas e paisagens mais estranhas ainda só para capturá-los. Eu ficaria fascinado em lhe contar a respeito. Povos gigantes, duas vezes maiores que um Ogier. — O homem ilustrava a conversa com gestos grandiosos. — Criaturas sem cabeça. Aves grandes o bastante para carregar um touro adulto. Cobras capazes de engolir um homem. Cidades feitas de ouro maciço. Desça, milady, e me permita lhe contar o que vi.

Elayne não tinha dúvidas de que Luca ficaria fascinado com as próprias histórias, mas certamente duvidava de que aqueles animais viessem de Shara. Para começo de conversa, nem o Povo do Mar via mais de Shara do que os portos amuralhados aos quais ficavam confinados. Qualquer um que cruzasse as muralhas jamais voltava a ser visto. Os próprios Aiel pouco sabiam. Além disso, tanto ela quanto Nynaeve já tinham visto criaturas como aquelas em Falme, durante a invasão Seanchan. Os Seanchan os usavam como animais para o trabalho e para a guerra.

— Acho que não, Mestre Luca.

— Então permita que nos apresentemos para você — respondeu o homem, mais do que de depressa. — Como pode ver, este não é um conjunto comum de animais itinerantes, e sim algo totalmente novo. Um espetáculo particular. Acrobatas, malabaristas, animais treinados, o homem mais forte do mundo. Até fogos de artifício. Temos nosso próprio Iluminador. Estamos a caminho de Ghealdan, e amanhã o vento já terá nos levado. Mas, por uma ninharia...

— Minha senhora disse que acha que não — intrometeu-se Nynaeve. — Ela tem coisas melhores com que gastar seu dinheiro do que assistir a animais. — Na verdade, era a própria Nynaeve quem controlava todo o dinheiro com mãos de ferro, gastando com relutância apenas o necessário. Ela parecia pensar que tudo deveria custar o que custava em Dois Rios.

— Por que deseja ir a Ghealdan, Mestre Luca? — questionou Elayne. A outra mulher fez cara feia e deixou que a própria Elayne resolvesse o assunto. — Soube que há muitos problemas por lá. Ouvi falar que o exército não conseguiu deter esse homem que chamam de Profeta, com suas pregações sobre o Dragão Renascido. Com certeza você não quer viajar para onde só há tumulto.

— MUITÍSSIMO exagero, milady. MUITÍSSIMO exagero. Onde há multidões, há pessoas querendo se divertir. E onde há pessoas querendo se divertir, meu espetáculo sempre é bem-vindo. — Luca hesitou, depois se aproximou da carruagem. Uma expressão encabulada perpassou seu rosto quando ele ergueu os olhos para os de Elayne. — Milady, a verdade dos fatos é que me faria um enorme favor se permitisse que eu me apresentasse. Na realidade, um dos cavalos-javali causou um pequeno problema na próxima cidade por onde vão passar. Foi um acidente — acrescentou ele, depressa —, posso lhe garantir. São criaturas gentis. Nem um pouco perigosas. Mas o povo de Sienda não só não está querendo que eu monte o espetáculo, como não quer nem que eu vá até lá... Bem, gastei todas as minhas moedas para pagar os prejuízos e as multas. — Ele fez uma careta. — Especialmente as multas. Se me deixasse lhe divertir, e realmente por uma mixaria, eu a nomearia patrona do meu espetáculo em todos os lugares do mundo aonde formos, espalhando a fama de sua generosidade, milady...?

— Morelin — respondeu Elayne. — Lady Morelin da Casa Samared. — Com seu novo cabelo, passaria por cairhiena. Não tinha tempo para assistir ao espetáculo, ainda que teria adorado fazê-lo em outra ocasião, e informou isso ao homem, acrescentando: — Mas vou lhe dar uma pequena ajuda, se não tem mesmo nenhum dinheiro. Dê algo a ele, Nana, para ajudá-lo a chegar a Ghealdan. — A última coisa que ela queria era que ele “espalhasse a fama” dela, mas ajudar os pobres e necessitados era um dever do qual não fugiria sempre que tivesse os meios para tal, mesmo em terras estrangeiras.

Resmungando, Nynaeve desenterrou uma bolsinha da cintura e enfiou a mão nela. Inclinou-se para fora da carruagem o suficiente para pressionar a mão de Luca em torno do que entregou ao homem. Ele pareceu se assustar quando ela disse:

— Se você arrumasse um trabalho decente, não precisaria ficar mendigando. Pode ir, Thom!

O chicote de Thom estalou, e Elayne foi lançada de volta ao assento.

— Não precisava ter sido rude. Nem tão abrupta. O que você deu para ele?

— Uma moeda de prata — retrucou Nynaeve com calma, recolocando a bolsa no lugar. — Mais do que ele merecia.

— Nynaeve — gemeu Elayne —, o homem deve estar pensando que estávamos nos divertindo às custas dele.

Nynaeve fungou.

— Com aqueles ombros, um bom dia de trabalho não iria matá-lo.

Elayne ficou em silêncio, embora não concordasse. Não completamente. Trabalhar certamente não faria mal ao homem, mas ela achava que não havia muitas opções disponíveis. *Não que eu ache que Mestre Luca aceitaria um trabalho que não lhe permitisse usar aquela capa.* Se tocasse no assunto, porém,

Nynaeve provavelmente discutiria. Quando Elayne explicava gentilmente qualquer coisa que Nynaeve desconhecia, a mulher a acusava de ter uma postura arrogante ou de querer fazer discursos, e Valan Luca não era nada que justificasse outra briga tão pouco tempo depois de a última ter sido relevada.

As sombras já se estendiam quando o grupo chegou a Sienda, uma aldeia de bom tamanho com construções de pedra e palha, além de duas estalagens. A primeira, O Lanceiro do Rei, exibia um enorme buraco no lugar onde um dia estivera a porta da frente, e uma multidão assistia aos operários que a consertavam. Talvez o “cavalo-javali” de Mestre Luca não tivesse gostado da placa, agora escorada ao lado do buraco, onde um soldado em posição de ataque segurava uma lança abaixada. Ela parecia ter sido derrubada.

Surpreendentemente, havia ainda mais Mantos-brancos nas ruas de terra abarrotadas do que em Mardecin, bem mais, além de outros soldados, homens em armaduras e chapéus cônicos de aço cujos mantos azuis exibiam a Estrela e o Cardo de Amadicia. Devia haver guarnições por perto. Os homens do Rei e os Mantos-brancos pareciam não se gostar nem um pouco. Ou se cruzavam agindo como se os homens trajando a cor errada nem existissem, ou trocavam olhares desafiadores, à beira de desembainhar as espadas. Alguns dos homens de mantos brancos exibiam cajados vermelhos de pastor por trás dos raios de sol de seus mantos. A Mão da Luz, como eles próprios se denominavam, a Mão que buscava a verdade, mas todos os demais os chamavam de Questionadores. Mesmo os outros Mantos-brancos se mantinham longe deles.

Em suma, era o bastante para fazer o estômago de Elayne se revirar. Mas restava apenas uma hora de luz do sol, se tanto, e isso levando em consideração os dias longos do fim do verão. Mesmo que seguissem viagem outra vez por mais metade da noite, não havia garantia de que surgiria outra estalagem à frente, e viajar tão tarde poderia chamar atenção. Além do mais, tinham motivo para parar cedo naquele dia.

A garota lançou um olhar significativo para Nynaeve, que, após um momento, assentiu e disse:

— Precisamos parar.

Quando a carruagem se aproximou da frente d'A Luz da Verdade, Juilin saltou para abrir a porta, enquanto Nynaeve, com um olhar de deferência no rosto, aguardava que ele oferecesse a mão para Elayne descer. Mas lançou um sorriso a Elayne: não voltaria a fazer birra. A bolsa de couro que a mulher carregava nos ombros parecia um pouco incompatível, mas Elayne esperava que não fosse muito. Agora que Nynaeve readquirira um estoque de ervas e unguentos, não pretendia tirar o olho dele.

Desde que vira a placa da estalagem, com um reluzente sol dourado como o que os Filhos usavam em seus mantos, preferira que o “cavalo-javali” tivesse desgostado daquele lugar, e não da outra estalagem. Pelo menos não havia

nenhum cajado de pastor por trás. Metade dos homens que enchiam o salão usava mantos brancos como a neve, seus elmos repousando na mesa à frente deles. A garota respirou fundo e precisou se conter para não dar meia-volta e ir embora.

Afora os soldados, era uma estalagem agradável, com bonitas vigas sustentando o teto alto e paredes escuras polidas. Galhos verdes decoravam a parede de duas grandes lareiras apagadas, e das cozinhas vinha o cheiro apetitoso de comida. Todas as atendentes, com seus aventais brancos, pareciam alegres ao passar apressadas em meio às mesas com as bandejas de vinho, cerveja e comida.

A chegada de uma lady gerou pouco burburinho em uma aldeia tão perto da capital. Ou talvez fosse pela postura *daquela* lady. Alguns poucos homens olharam para ela. A maior parte encarou com mais interesse a “criada”, apesar de a expressão dura de Nynaeve ao perceber os olhares fazê-los voltar a atenção depressa ao vinho. Nynaeve parecia pensar que um homem olhá-la era um crime, mesmo que ele não dissesse nada e não agisse de modo lascivo. Entretanto, Elayne às vezes se perguntava por que ela insistia em usar roupas que caíam tão bem. Elayne tivera que trabalhar duro até que aquele vestido cinza comum caísse perfeitamente em Nynaeve. Em se tratando de trabalhos mais finos, a mulher era uma negação com a agulha.

A dona da pousada, a Senhora Jharen, era uma mulher rechonchuda com longos cachos grisalhos, um sorriso acolhedor e olhos escuros curiosos. Elayne suspeitou que ela fosse capaz de identificar uma bairra puida ou uma bolsa vazia a dez passadas. Elas obviamente passaram pelo crivo da taverneira, pois a mulher fez uma elaborando reverência, as saias cinza se espalhando ao seu redor, e lhes deu efusivas boas-vindas, perguntando se a lady estava indo ou vindo de Amador.

— Vindo — retrucou Elayne, com lânguida presunção. — Os bailes da cidade foram extremamente agradáveis, e o Rei Ailron é mesmo bonito como dizem, o que nem sempre é o caso com os reis, mas eu preciso voltar para minha terra. Quero um quarto para mim e para Nana, e algo para meu laçao e meu condutor. — Lembrando-se de Nynaeve na cama de baixo, acrescentou: — Quero duas camas separadas. Preciso de Nana por perto, mas, se ela ficar na cama de baixo, não vai me deixar dormir de tanto roncar. — A expressão respeitosa de Nynaeve vacilou, ainda bem que apenas por um momento, mas era mesmo verdade. Ela roncava muito alto.

— Claro, milady — concordou a proprietária. — Tenho exatamente o que você precisa. Mas seus homens terão que dormir lá no estábulo, no depósito de feno. Estamos bem lotados, como pode ver. Uma trupe de vagabundos trouxe alguns animais imensos e horrorosos aqui para a aldeia ontem, e um deles praticamente destruiu O Lanceiro do Rei. O pobre do Sinn perdeu metade ou até

mais da clientela, e todos vieram para cá. — O sorriso da Senhora Jharen era mais de satisfação do que de pena. — Mas tenho um quarto sobrando, sim.

— Tenho certeza de que vai servir muito bem. Se puder mandar uma refeição leve e um pouco de água para eu me lavar, acho que vou me recolher cedo. — Ainda se via a luz do sol pelas janelas, mas Elayne cobriu a boca com delicadeza, como se reprimissem um bocejo.

— Claro, milady. Como quiser. Por aqui.

A Senhora Jharen parecia achar que precisava manter Elayne entretida enquanto mostrava às duas o segundo andar. Seguiu falando sobre a estalagem lotada e o milagre que era ainda ter um quarto vago, sobre o grupo de viajantes com seus animais, o modo como haviam sido expulsos da cidade e como aquela escória já ia tarde, sobre todos os nobres que já haviam se hospedado em seu estabelecimento ao longo dos anos, o que incluía, certa vez, até mesmo o Senhor Capitão Comandante dos Filhos. Aliás, um Caçador da Trombeta aparecera ali no dia anterior, a caminho de Tear, onde se dizia que a Pedra de Tear caíra nas mãos de algum falso Dragão — e não era uma perversidade horrorosa que os homens fossem capazes de tais atos?

— Espero que nunca encontrem. — Os cachos grisalhos da dona da estalagem balançaram quando ela sacudiu a cabeça.

— A Trombeta de Valere? — indagou Elayne. — Por que não?

— Ora, milady, porque se encontrarem, significa que a Última Batalha está próxima. O Tenebroso está se libertando. — A Senhora Jharen estremeceu. — Que a Luz permita que a Trombeta nunca seja encontrada. Dessa forma, a Última Batalha não tem como acontecer, não é? — Não parecia haver muitas respostas para uma lógica tão curiosa.

O quarto era bem pequeno, embora *não exatamente* um cubículo. Duas camas estreitas com lençóis listrados repousavam de cada lado de uma janela que dava para a rua, e o espaço entre elas e as paredes com reboco branco era o suficiente apenas para se passar. Entre as camas, uma mesinha com uma lamparina e uma caixa de madeira, um pequeno tapete florido e um lavatório com um espelhinho logo acima completavam a mobília. Ao menos tudo estava limpo e bem polido.

A proprietária afouou os travesseiros, alisou os lençóis e disse que os colchões eram da melhor pena de ganso, que os homens da lady trariam os baús para cima pela escada dos fundos, que tudo ficaria muito aconchegante, e que à noite havia uma brisa gostosa, caso a lady abrisse a janela e não fechasse a porta. Como se ela fosse dormir deixando aberta uma porta que dava para um corredor público. Antes que Elayne conseguisse fazer com que a Senhora Jharen saísse, duas garotas de avental chegaram com uma grande jarra azul com água quente e uma enorme bandeja laqueada coberta com um pano branco. O formato de um cântaro de vinho e duas canecas se desenhava em um dos lados, sob o pano.

— Acho que ela pensou que podíamos ir para O Lanceiro do Rei mesmo com um buraco na entrada — disse Elayne assim que a porta foi bem fechada. Examinando o quarto, ela fez uma careta. Mal haveria lugar para as duas e os baús. — Talvez devêssemos ir...

— Eu não ronco — afirmou Nynaeve, tensa.

— Claro que não. Mas eu precisava dizer alguma coisa.

Nynaeve pigarreou alto, porém, tudo o que disse foi:

— Ainda bem que estou suficientemente cansada para ir para a cama. Tirando a raiz-dupla, não identifiquei nada para ajudar a dormir no que aquela tal de Macura tinha.

Thom e Juilin precisaram de três viagens para trazer para cima os baús de madeira com borda de ferro, resmungando o tempo todo, como sempre faziam os homens, por ter que carregá-los até o segundo andar usando os degraus apertados dos fundos da estalagem. Também estavam reclamando de serem obrigados a dormir nos estábulos quando trouxeram o primeiro dos baús, que tinha dobradiças em forma de folha. A maior parte do dinheiro e dos objetos de valor que possuíam estava na base daquele baú, incluindo os *ter'angreal* recuperados, mas bastou eles darem uma olhada no quarto e depois entre si para calá-los. Sobre aquele assunto, ao menos.

— Vamos ver o que conseguimos descobrir no salão — informou Thom assim que o último baú foi empurrado para dentro. Quase não restava espaço para se chegar ao lavatório.

— E quem sabe dar uma volta pela aldeia — completou Juilin. — Quando há tanto desgosto quanto o que vi na rua, os homens costumam falar.

— Isso vai ser ótimo — opinou Elayne. Os dois queriam muito pensar que tinham mais utilidade do que só arrastar e carregar coisas. Havia sido assim em Tanchico e em Mardecin, claro, e talvez fosse ser o caso outras vezes, mas não ali. — Só tenham o cuidado de não se meter em confusão com os Mantos-brancos, ouviram? — Os dois trocaram olhares resignados, como se ela já não tivesse visto ambos com os rostos machucados e ensanguentados após darem voltinhas em busca de informação, mas Elayne os perdoou e sorriu para Thom. — Não vejo a hora de ouvir o que vocês descobrirem.

— De manhã — disse Nynaeve com firmeza. Ela estava evitando tanto olhar para Elayne que daria no mesmo se estivesse lhe lançando olhares furiosos. — Se vocês nos incomodarem antes disso por qualquer coisa menos importante que Trollocs, vão ver o que é bom.

O olhar que os homens trocaram foi muito revelador, fazendo Nynaeve arquear as sobrancelhas, mas tão logo ela lhes entregou algumas moedas, relutante, os dois foram embora concordando em deixar as duas dormirem sem serem importunadas.

— Se eu não puder nem falar com Thom... — começou Elayne, assim que os homens se foram, no que Nynaeve a cortou.

— Não quero que eles entrem aqui e me vejam dormindo de camisola. — Ela estava desabotoando a parte de trás do vestido, desajeitada. Elayne foi ajudá-la, mas Nynaeve a impediu. — Eu dou conta. Pegue o anel para mim.

Bufando, Elayne ergueu a saia para alcançar o bolsinho que costurara na parte interna da roupa. Se Nynaeve queria ser rabugenta, que fosse. Não responderia, mesmo que ela voltasse a ficar resmungando. Havia dois anéis no bolso. Deixou ali o da Grande Serpente, dourado, que recebera ao ser elevada a Aceita e retirou o anel de pedra.

Listrado e manchado de tons de vermelho, azul e marrom, era grande demais para ser usado em qualquer dedo, além de ser achatado e retorcido. Estranho como era, o anel só tinha uma aresta. Um dedo que percorresse essa aresta circularia a parte interna e externa antes de voltar para onde começara. Era um *ter'angreal* que dava acesso a *Tel'aran'rhiod*, inclusive para alguém que não tivesse o Talento que Egwene e as Andarilhas dos Sonhos Aiel compartilhavam. Bastava dormir com ele em contato com a pele. Diferentemente dos dois *ter'angreal* que haviam recuperado da Ajah Negra, este não exigia canalização. Pelo que Elayne sabia, até um homem talvez conseguisse usá-lo.

Vestindo apenas a camisola de linho, Nynaeve enredou o anel na tira de couro que já carregava o anel de sinete de Lan e seu próprio anel da Grande Serpente, depois reatou e voltou a pendurá-la em torno do pescoço antes de se deitar em uma das camas. Posicionando os anéis cuidadosamente bem perto da pele, aquietou a cabeça nos travesseiros.

— Ainda falta muito para Egwene e as Sábias chegarem lá? — perguntou Elayne. — Eu nunca consigo saber que horas são no Deserto.

— Falta, a menos que ela chegue cedo, o que não vai fazer. As Sábias a controlam muito de perto. Vai fazer bem para ela, a longo prazo. Sempre foi cabeça-dura.

Nynaeve abriu os olhos e lhe lançou um olhar significativo — para ela! —, como se aquilo também se aplicasse a Elayne.

— Lembre-se de falar para Egwene dizer a Rand que estou pensando nele. — Não deixaria a outra iniciar uma discussão. — Diga a ela para... dizer a ele que eu o amo, e só ele. — Pronto. Tinha posto para fora.

Nynaeve revirou os olhos de modo bastante ofensivo.

— Se é o que você quer — disse ela, seca, aconchegando-se nos travesseiros.

Conforme a respiração da outra mulher começou a desacelerar, Elayne empurrou um dos baús contra a porta e se sentou nele para esperar. Sempre odiara esperar. Seria bem feito para Nynaeve se Elayne descesse até o salão. Thom provavelmente ainda estaria lá, e... E nada. A função dele era ser seu

cocheiro. Ficou se perguntando se Nynaeve pensara naquilo antes de concordar em ser a criada. Elayne suspirou e se recostou na porta. *Realmente* detestava esperar.



ENCONTROS

Os efeitos do anel *ter'angreal* já não assustavam Nynaeve. Ela estava no lugar no qual estivera pensando no momento em que o sono chegou, a grande câmara de Tear chamada de Coração da Pedra, dentro da gigantesca fortaleza conhecida como Pedra de Tear. As luminárias douradas estavam apagadas, mas uma luz fraca parecia vir de todos os lugares e de lugar nenhum para simplesmente estar em torno dela, esvanecendo-se à distância em sombras fracas. Pelo menos não fazia calor. Nunca parecia quente ou frio em *Tel'aran'rhiod*.

Imensas colunas de pedra vermelha espalhavam-se em todas as direções, o domo abobadado lá no alto perdido em sombras turvas com mais lâmpadas douradas que pendiam de correntes de ouro. As pedras pálidas do piso sob os seus pés estavam desgastadas. Os Grão-senhores de Tear só iam àquela câmara — no mundo desperto, claro — quando sua lei e seus costumes exigiam, mas faziam isso desde a Ruptura do Mundo. Centralizada abaixo do domo estava *Callandor*, aparentemente uma espada cintilante feita de cristal, enfiada na pedra até metade. Do mesmo jeito que Rand a deixara.

Não se aproximou de *Callandor*. Rand afirmava ter urdido armadilhas em torno dela usando *saidin*, armadilhas que nenhuma mulher conseguia ver. Nynaeve imaginava que fossem terríveis — mesmo os melhores homens podiam ser cruéis quando queriam —, terríveis e feitas para capturar tanto as mulheres quanto os homens que tentassem usar aquele *sa'angreal*. Ele pretendia proteger a espada tanto da Torre quanto dos Abandonados. Afora o

próprio Rand, aquele que tocasse *Callandor* poderia morrer ou ter um destino ainda pior.

Esse era um fato de *Tel'aran'rhiod*. O que existia no mundo desperto também existia ali, embora o contrário nem sempre fosse verdade. O Mundo dos Sonhos, o Mundo Invisível, refletia o mundo desperto, ainda que às vezes de modo incomum, e talvez outros mundos também. Verin Sedai dissera a Egwene que havia um padrão urdido de mundos, desta e de outras realidades, assim como a urdidura das vidas das pessoas formava o Padrão das Eras. *Tel'aran'rhiod* perpassava todos eles, e mesmo assim poucos conseguiam penetrá-lo, a menos que acidentalmente, enquanto dormiam, durante sonhos mundanos. Eram momentos perigosos para esses sonhadores, ainda que eles jamais se dessem conta disso, a não ser que tivessem muito azar. Outro fato de *Tel'aran'rhiod* era que o que acontecia com o sonhador ali também acontecia no mundo desperto. Morrer no Mundo dos Sonhos era morrer de verdade.

Nynaeve teve a sensação de estar sendo observada das sombras entre as colunas, mas aquilo não a incomodou. Não era Moghedien. É só imaginação. *Não tem ninguém me observando. Eu falei para Elayne ignorá-los, e aqui estou...* Moghedien certamente faria bem mais do que olhar. Ainda assim, desejou estar com raiva suficiente para canalizar. Não que estivesse com medo, claro. Só não estava com raiva. E com nem um pouco de medo.

O anel de pedra retorcido parecia leve, como se estivesse tentando flutuar para fora da camisola, lembrando Nynaeve de que aquela era a única peça de roupa que trajava. Foi só pensar em se vestir que já estava usando um vestido. Era um truque de *Tel'aran'rhiod* do qual Nynaeve gostava. De certa forma, não era necessário canalizar, já que ali era possível fazer certas coisas que ela duvidava que qualquer Aes Sedai já tivesse feito por meio do Poder. Porém, não foi o vestido que a mulher esperava, de lã grossa e barata de Dois Rios. A gola alta enfeitada com renda Jaerecruz vinha quase até o queixo, mas uma pálida seda amarela lhe cobria em camadas com caimento justo e revelador. Quantas vezes já chamara vestidos tarabonianos como aquele de indecentes quando os usara para se misturar em Tanchico? Parecia que tinha se acostumado a eles mais do que imaginara.

Puxando forte a trança, irritada por conta dos próprios desvios de pensamento, deixou o vestido como estava. O traje talvez não fosse o que desejava, mas ela não era volúvel, do tipo que bateria o pé ou ficaria reclamando por causa disso. *Um vestido é um vestido*. Ela o usaria quando Egwene chegasse, com qualquer uma das Sábias que a acompanhasse desta vez, e se alguma delas dissesse uma palavra... *Eu não cheguei cedo para ficar tagarelando sozinha sobre vestidos!*

— Birgitte? — Quem lhe respondeu foi o silêncio, e Nynaeve chamou um pouco mais alto, embora isso não devesse ser necessário. Naquele lugar, aquela mulher era capaz de escutar o próprio nome mesmo que ele fosse pronunciado do outro lado do mundo. — Birgitte?

Uma mulher surgiu em meio às colunas, os olhos azuis calmos e cheios de confiança orgulhosa, os cabelos dourados presos em uma longa trança ainda mais intrincada que a de Nynaeve. O casaco branco curto e as volumosas calças de seda amarela, dobradas na altura do tornozelo sobre botas de cano curto com salto plataforma, eram uma indumentária de mais de dois mil anos atrás pela qual a mulher tomara gosto. As flechas em sua aljava pareciam de prata, assim como o arco que carregava.

— Gaidal está por perto? — indagou Nynaeve.

Ele costumava estar próximo de Birgitte e deixava Nynaeve nervosa, sempre ignorando sua presença e fazendo cara feia quando a mulher falava com ela. De início, havia sido um pouco chocante encontrar Gaidal Cain e Birgitte — heróis mortos há muito tempo e personagens de tantas histórias e lendas — em *Tel'aran'rhiad*. Porém, como a própria Birgitte dissera, que lugar poderia ser melhor que um sonho para heróis ligados à Roda do Tempo aguardarem seu renascimento? Um sonho que existia havia tanto tempo quanto a Roda. Eram eles, Birgitte, Gaidal Cain, Rogosh Olho-de-águia, Artur Asa-de-gavião e todos os demais, que a Trombeta de Valere voltaria a convocar para lutar em Tarmon Gai'don.

A trança de Birgitte balançou quando ela sacudiu a cabeça.

— Faz algum tempo que não o vejo. Acho que a Roda o girou para fora outra vez. Sempre acontece. — Sua voz tinha um quê de expectativa e preocupação.

Se ela estivesse certa, em algum lugar do mundo, um garotinho havia nascido: um bebê chorão que desconhecia quem era, mesmo que já estivesse predestinado a aventuras que criariam novas lendas. A Roda tecia os heróis no Padrão conforme eles eram necessários para dar forma ao próprio Padrão, e, quando morriam, todos voltavam até ali para aguardar de novo. Era isso que significava estar ligado à Roda do Tempo. Novos heróis também podiam ser ligados, homens e mulheres cuja bravura e feitos os elevavam a um patamar superior ao comum, mas, uma vez ligados, era para sempre.

— Quanto tempo você ainda tem? — perguntou Nynaeve. — Anos ainda, com certeza. — Birgitte sempre estivera ligada a Gaidal, amarrada a ele história após história, Era após Era, em aventuras e em um romance que nem mesmo a Roda do Tempo rompeu. Ela sempre renascia depois dele. Um ano, ou cinco, ou dez, mas depois.

— Não sei, Nynaeve. O tempo aqui não é como o tempo do mundo desperto. Eu encontrei você aqui dez dias atrás, ao que me parece, e encontrei Elayne há apenas um. Para vocês, foi há quanto tempo?

— Quatro dias e três dias — murmurou Nynaeve.

Ela e Elayne iam conversar com Birgitte sempre que possível, ainda que, com muita frequência, não pudessem aparecer por conta de Thom e Juilin estarem compartilhando o mesmo acampamento e montando guarda durante a noite. Birgitte se lembrava da Guerra do Poder, pelo menos de ter vivido uma de suas vidas nessa época, e dos Abandonados. Suas vidas passadas eram como livros que traziam boas lembranças de muito tempo atrás, as mais distantes sempre mais vagas que as mais próximas, mas os Abandonados se sobressaíam. Sobretudo Moghedien.

— Vê, Nynaeve? O fluxo do tempo aqui também pode mudar de maneiras mais significativas. Podem se passar meses até eu nascer de novo, ou dias. Aqui, para mim. No mundo desperto, ainda podem se passar anos até meu nascimento.

Com algum esforço, Nynaeve suprimiu seu desgosto.

— Então não devemos desperdiçar o tempo que tivermos. Você viu algum deles desde a última vez em que nos encontramos? — Não havia necessidade de dizer quem.

— Muitos. Lanfear, claro, vem com frequência a *Tel'aran'rhiod*, mas também vi Rahvin, Sammael e Graendal. Demandred. E Semirhage. — A voz de Birgitte ficou tensa ao citar o último nome. Nem Moghedien, que a odiava, a deixava tão visivelmente apavorada, mas Semirhage era outra conversa.

Nynaeve também estremeceu — a mulher de cabelos dourados contara muito sobre aquela Abandonada — e notou que estava trajando um espesso manto de lã com um capuz puxado de forma a esconder o rosto. Ruborizando, ela o fez desaparecer.

— Nenhum deles viu você? — perguntou, ansiosa.

Birgitte era mais vulnerável que ela de muitas maneiras, apesar de seu conhecimento sobre *Tel'aran'rhiod*. A mulher nunca fora capaz de canalizar. Qualquer um dos Abandonados poderia destruí-la como se esmagasse uma formiga, e sem nem diminuir o passo. E, caso ela fosse destruída ali, nunca mais renasceria.

— Não sou tão destreinada, ou tão tola, para permitir isso. — Birgitte se apoiou no arco de prata. Segundo a lenda, a mulher jamais errava o alvo com aquele arco e suas flechas prateadas. — Eles estão preocupados uns com os outros, e com mais ninguém. Já vi Rahvin e Sammael, Graendal e Lanfear, uns espionando os outros sem serem vistos. E Demandred e Semirhage, cada qual também se escondendo. Não os via tanto por aqui desde que foram libertados.

— Estão tramando alguma coisa. — Nynaeve mordeu o lábio inferior, frustrada e nervosa. — Mas o quê?

— Ainda não sei, Nynaeve. Na Guerra da Sombra, eles sempre estavam tramando algo, e com muita frequência uns contra os outros, mas nunca fizeram nada de bom para o mundo, o desperto ou o dos sonhos.

— Tente descobrir, Birgitte. Quanto e como puder, sem correr riscos. Não se arrisque.

O rosto da outra não se alterou, mas Nynaeve achou que ela estava se divertindo. Aquela tola fazia tão pouco caso do perigo quanto Lan. Nynaeve desejava poder perguntar sobre a Torre Branca, sobre o que Sivan estaria planejando, mas Birgitte não podia ver nem tocar o mundo desperto, a menos que fosse convocada a ele pela Trombeta. *Você só está tentando evitar o que realmente quer perguntar!*

— Tem visto Moghedien?

— Não. — Birgitte suspirou. — E tenho tentado. Em geral, consigo encontrar qualquer pessoa que saiba que está no Mundo dos Sonhos. Há uma sensação, como se elas estivessem espalhando ondas pelo ar. Ou talvez seja a consciência delas. Eu realmente não sei. Sou soldado, não uma estudiosa. Ou ela não esteve em *Tel'aran'rhiod* desde que você a derrotou, ou... — A mulher hesitou, e Nynaeve quis impedi-la de dizer o que sabia que viria a seguir, mas Birgitte era decidida demais para se esquivar de possibilidades ruins. — Ou então sabe que tenho procurado por ela. Sabe se esconder, aquela mulher. Não é à toa que a chamam de Aranha. — Na Era das Lendas, “moghedien” fora exatamente isso: uma aranha minúscula que tecia suas teias em lugares secretos, sua mordida venenosa o bastante para matar em um piscar de olhos.

Com uma súbita e intensa sensação de estar sendo observada, Nynaeve foi tomada por um calafrio. Não chegou a tremer. Apenas um calafrio, não um tremor. Mesmo assim, manteve o pensamento firme no vestido taraboniano macio a fim de que não se visse abruptamente usando uma armadura. Já era embaraçoso demais quando coisas daquele tipo aconteciam quando estava sozinha, e mais ainda sob os tranquilos olhos azuis de uma mulher que tinha valentia suficiente para fazer frente a Gaidal Cain.

— Você consegue encontrá-la até quando ela quer ficar escondida, Birgitte?

Aquilo era pedir demais, caso Moghedien soubesse que estava sendo caçada. Era como procurar um leão no mato alto, armado apenas com um graveto.

A outra mulher não hesitou.

— Talvez. Vou tentar. — Levantando o arco, acrescentou: — Agora preciso ir. Não quero correr o risco de ser vista pelas outras quando elas chegarem.

Nynaeve tocou o braço dela para impedi-la.

— Ajudaria muito se me deixasse contar a elas. Assim, eu poderia compartilhar com Egwene e as Sábias o que você me contou sobre os Abandonados, e elas poderiam contar para Rand. Birgitte, ele precisa saber...

— Você prometeu, Nynaeve. — Os reluzentes olhos azuis estavam tão inflexíveis quanto gelo. — As regras pré-estabelecidas dizem que não devemos permitir que ninguém saiba o que habita *Tel'aran'rhiod*. Quebrei muitas delas só por falar com você, muitas outras por lhe ajudar, porque não consigo ficar

parada vendo sua batalha contra a Sombra. Já travei essa batalha em muito mais vidas do que consigo me recordar, mas *vou* respeitar o máximo de regras que puder. Você precisa manter sua promessa.

— Claro que vou manter — respondeu a antiga Sabedoria, indignada —, a menos que você me libere dela. E eu *realmente* peço que...

— Não.

E Birgitte se foi. Em um momento, a mão de Nynaeve estava pousada em uma manga branca de casaco, e, no instante seguinte, no ar. Alguns dos xingamentos que entreouvira de Thom e Juilin percorreram sua mente, do tipo que a faria brigar com Elayne caso a garota os tivesse decorado, e mais ainda se os usasse. Não havia razão para chamar por Birgitte outra vez. Ela provavelmente não viria. Só restava a Nynaeve torcer para que a mulher respondesse na próxima vez em que ela ou Elayne a chamassem.

— Birgitte! Eu vou manter a minha promessa, Birgitte!

Ela ouviria. Na próxima vez que se encontrassem, talvez a mulher soubesse de algo sobre as atividades de Moghedien. Nynaeve quase torcia para que não fosse o caso. Se fosse, no entanto, significaria que Moghedien realmente estava espionando *Tel'aran'rhiod*.

Sua tola! "Se não vigiar as cobras, não poderá reclamar quando uma picar você." Nynaeve realmente queria um dia conhecer Lini, a antiga babá de Elayne.

O vazio da vasta câmara a oprimia, todas aquelas grandes colunas polidas e aquela sensação de estar sendo observada das sombras entre elas. *Se realmente houvesse alguém lá, Birgitte teria notado.*

Nynaeve percebeu que analisava o vestido de seda na altura dos quadris e, para tirar o pensamento de olhos inexistentes, se concentrou na peça de roupa. Quando Lan a vira pela primeira vez, ela estava vestindo boas peças de lã de Dois Rios, e, quando ele professara seu amor, um vestido bordado simples, mas Nynaeve queria que Lan a visse em vestidos como aquele. Não seria indecente, se fosse ele a observá-la.

Um espelho comprido apareceu, refletindo sua imagem enquanto ela se virava para um lado e para outro, até mesmo espiando por cima do ombro. O tecido amarelo era bem justo, de certa forma revelando tudo o que cobria. O Círculo das Mulheres de Campo de Emond a teria chamado de lado para uma boa conversa a sós, sendo ela a Sabedoria ou não. Porém, o vestido era muito bonito. Ali, sozinha, podia admitir que se acostumara mais do que um pouco a usar algo daquele tipo em público. *Você gostou*, brigou consigo mesma. *Você é assanhada do mesmo jeitinho que Elayne parece estar ficando!* Mas era bonito. E talvez não tão obsceno quanto sempre dissera. O decote não se abria até a altura dos joelhos, como o da Primeira de Mayene, por exemplo. Bom, talvez os

vestidos de Berelain não fossem tão decotados assim, mas ainda eram bem mais cavados do que exigia a respeitabilidade.

Já ouvira falar sobre o que as domanesas costumavam usar. Até as tarabonianas chamavam aquilo de indecente. Bastou pensar a respeito para a seda amarela se refazer em caimentos ondulados, com um cinto estreito de ouro trançado. E o tecido ficou transparente. Seu rosto enrubesceu. Muito transparente. Na verdade, quase sem nenhuma opacidade. O vestido fazia mais do que sugerir. Se Lan a visse usando aquilo, não ficaria tagarelando que seu amor por ela não tinha esperança e que não lhe daria trajes de luto como presente de casamento. Bastaria uma olhadinha para o sangue dele pegar fogo. Ele iria...

— O que, sob a Luz, é isso que você está vestindo, Nynaeve? — perguntou Egwene, escandalizada.

Nynaeve deu um salto, girando, e quando voltou a tocar o solo encarando Egwene e Melaine — *claro* que tinha que ser Melaine, embora nenhuma das Sábias fosse uma opção melhor —, o espelho sumira e ela estava usando um vestido escuro de lã de Dois Rios, grosso o bastante para os dias mais frios do inverno. Tão mortificada por ter levado um susto quanto pelo resto — *principalmente* por ter levado um susto —, trocou de vestido imediatamente, sem pensar, voltando ao delicado domanês, e passando depressa ao amarelo taraboniano.

O rosto de Nynaeve se inflamou. As duas provavelmente a achavam uma completa idiota. E na frente de Melaine, ainda por cima. A Sábida era bonita, com longos cabelos acobreados e olhos verdes límpidos. Não que Nynaeve desse a mínima para a aparência da mulher. Mas Melaine também estivera ali em seu último encontro com Egwene, e a provocara com relação a Lan. Nynaeve perdera a paciência com aquilo. Egwene afirmara que não se tratava de provocações, não entre as Aiel, mas Melaine tecera elogios aos ombros, às mãos e aos olhos de Lan. Que direito aquela raposa de olhos verdes tinha de ficar olhando para os ombros de Lan? Não que Nynaeve duvidasse da fidelidade dele. Mas Lan era homem, e estava longe dela, e Melaine estava lá perto, e... Com firmeza, ela pôs um ponto final naquela linha de raciocínio.

— Lan está...? — Parecia que seu rosto pegaria fogo. *Você não consegue controlar a língua, mulher?* Mas não iria e nem poderia recuar, não na presença de Melaine. O sorriso confuso de Egwene já era ruim o bastante, mas Melaine ousou exibir um olhar de compreensão. — Ele está bem? — Tentou manter uma atitude tranquila, mas acabou soando forçada.

— Ele está bem — respondeu Egwene. — Preocupado com a sua segurança.

Nynaeve deixou escapar o ar que nem percebera que estava segurando. O Deserto era um lugar perigoso, mesmo sem tipos como Couladin e os Shaído, e o homem não sabia o que significava ter cautela. E ele era que estava preocupado

com a segurança dela? Será que aquele tolo achava que ela não era capaz de tomar conta de si mesma?

— Finalmente chegamos a Amadicia — contou, apressada, querendo disfarçar. *A língua solta, e depois ainda suspira! Aquele homem roubou o meu bom senso!* Olhando para o rosto das outras duas, não havia como dizer se conseguira. — Uma aldeia chamada Sienda, a leste de Amador. Mantos-brancos por toda parte, mas não nos olham com suspeita. É com outras pessoas que temos que nos preocupar.

Na presença de Melaine, Nynaeve tinha de ser cuidadosa, talvez até distorcer um pouco a verdade aqui e ali, mas contara para as duas sobre Ronde Macura e sua estranha mensagem, e sobre a mulher ter tentado drogá-las. Tentado, porque não conseguira admitir na frente de Melaine que a costureira havia conseguido. *O que estou fazendo, Luz? Eu nunca menti para Egwene em toda a minha vida!*

O suposto motivo — o retorno de uma Aceita que fugiu — certamente não podia ser mencionado, não diante de uma das Sábias. Elas achavam que Nynaeve e Elayne eram Aes Sedai completas. Mas precisava fazer com que Egwene, de alguma forma, soubesse a verdade.

— Deve ser por causa de algum plano qualquer relacionado a Andor, mas Elayne, você e eu temos questões em comum, Egwene, e acho que deveríamos ter tanto cuidado quanto Elayne. — A garota assentiu devagar. Sua expressão era de estupor, como não poderia deixar de ser, mas ela pareceu entender. — Ainda bem que o sabor daquele chá me deixou desconfiada. Imagine tentar dar raiz-dupla para alguém que conhece ervas tão bem quanto eu.

— Tramas dentro de tramas — murmurou Melaine. — Penso que a Grande Serpente seja um bom símbolo para vocês Aes Sedai. Algum dia, talvez vocês se engulam por acaso.

— Também temos novidades — informou Egwene.

Nynaeve não via motivos para a pressa da garota em falar. *Eu com certeza não vou deixar esta mulher me fazer morder a isca e perder a cabeça. E certamente não ficaria com raiva por ela insultar a Torre.* Soltou a mão da trança. O que Egwene tinha a dizer fez com que pusesse seu humor de lado.

Couladin cruzando a Espinha do Mundo com certeza era grave, e Rand o seguindo era só um pouco menos. Estavam indo a toda rumo a Passo de Jangai, marchando desde a primeira luz até depois do crepúsculo, e Melaine afirmou que logo a alcançariam. As condições em Cairhien já eram suficientemente severas sem abrigar a guerra entre os Aiel. E uma nova Guerra dos Aiel decerto aconteceria se ele tentasse pôr em prática seu plano maluco. Maluco. Ainda não, com certeza. Rand precisava, de alguma forma, se agarrar à sanidade.

Faz quanto tempo desde que eu vivia preocupada sobre como iria protegê-lo?, pensou com amargura. E agora eu só quero que ele fique são para lutar a

Última Batalha. Não era só por isso, mas era por isso também. Rand era o que era. *Que a Luz me queime, eu sou tão má quanto Siuan Sanche ou qualquer uma delas!*

Mas foi o que Egwene tinha a dizer sobre Moiraine que a deixou chocada.

— Ela o *obedece*? — perguntou, incrédula.

Egwene assentiu vigorosamente, usando aquele ridículo cachecol Aiel.

— Ontem à noite eles tiveram uma discussão, já que ela ainda está tentando convencê-lo a não cruzar a Muralha do Dragão. Até que Rand disse para ela ficar do lado de fora até se acalmar. Moiraine parecia que ia engolir a própria língua, mas acabou saindo. Ficou do lado de fora, à noite, por uma hora.

— Isso não está certo — opinou Melaine, arrumando o xale com firmeza. — Os homens não têm nada que ficar dando ordens para Aes Sedai e nem para Sábias. Nem mesmo o *Car'a'carn*.

— Com certeza não — concordou Nynaeve, depois precisou manter a boca bem fechada para evitar que ficar de queixo caído consigo mesma. *O que me importa se Rand a fizer dançar conforme a música dele? Ela já fez todas nós dançarmos várias vezes conforme a música dela.* Mas não era certo. *Eu não quero ser Aes Sedai, só quero aprender mais sobre a Cura. Quero continuar a ser quem eu sou. Deixem que ele fique mandando nela!* Continuava não sendo certo.

— Pelo menos ele agora fala com ela — ponderou Egwene. — Antes, Rand ficava completamente ácido se ela parasse a dez pés dele. Nynaeve, ele está com o ego mais inflado a cada dia.

— Na época em que eu achava que você se tornaria Sabedoria depois de mim — disse Nynaeve, com ironia —, eu lhe ensinei a desinflar egos. Vai ser bom para Rand se você fizer isso, mesmo que ele tenha se transformado no maior touro do pasto. Principalmente porque ele é mesmo o maior. Me parece que reis e rainhas podem agir como tolos quando se esquecem *o que* são, sendo apenas *quem* são, mas são ainda pior quando só se lembram *do que* são, se esquecendo de *quem* são. A maioria deles precisava de alguém cuja única função fosse lembrá-los de que eles comem, suam e choram igualzinho a qualquer fazendeiro.

Melaine enrolou o xale em torno de si, parecendo não ter certeza se concordava ou não, mas Egwene disse:

— Eu tento, mas às vezes ele nem parece ser o mesmo, e, até quando parece, sua arrogância é uma bolha resistente demais para ser estourada.

— Faça o melhor que puder. Ajudar Rand a permanecer ele mesmo talvez seja a melhor coisa que alguém poderia fazer. Por ele e pelo resto do mundo.

As palavras causaram silêncio. Ela e Egwene certamente não gostavam de falar sobre a possibilidade de Rand enlouquecer, e Melaine não tinha como pensar diferente.

— Tenho outra coisa importante para lhe contar — continuou Nynaeve, após alguns instantes. — Acho que os Abandonados estão tramando algo.

Não era a mesma coisa que contar sobre Birgitte. Nynaeve fez parecer que ela mesma havia visto Lanfear e os demais. Na verdade, Moghedien era a única que seria capaz de reconhecer ao vivo, e talvez Asmodean, embora só o tivesse visto uma vez, e à distância. Esperava que nenhuma das duas pensasse em perguntar como ela sabia quem era quem, ou por que pensava que Moghedien pudesse estar se esgueirando. No fim das contas, o problema não surgiu de nada disso.

— Você tem andado pelo Mundo dos Sonhos? — Os olhos verdes de Melaine estavam gélidos.

Nynaeve a encarou com o mesmíssimo olhar, apesar do balançar de cabeça pesaroso de Egwene.

— Eu não tinha como ver Rahvin e os outros sem fazer isso, tinha?

— Você sabe pouco e tenta demais, Aes Sedai. Não deveriam ter lhe ensinado nem o pouco que você sabe. Falando por mim, às vezes me arrependo até de termos concordado com estes encontros. Mulheres sem treinamento não deveriam ter permissão de entrar em *Tel'aran'rhiod*.

— Eu já aprendi sozinha muito mais coisas do que você me ensinou. — Nynaeve se esforçou para manter a voz tranquila. — Aprendi sozinha a canalizar e não vejo por que *Tel'aran'rhiod* deva ser diferente.

Foi apenas uma raiva teimosa que a fez dizer aquilo. Aprendera sozinha a canalizar, verdade, mas não muito bem e sem saber o que estava fazendo. Antes da Torre Branca, havia Curado algumas vezes, mas sem consciência disso, até Moiraine lhe provar. Suas professoras na Torre tinham dito que era por isso que ela precisava estar com raiva para conseguir canalizar. Assustada, escondera de si mesma sua habilidade, e apenas a fúria era capaz de sobrepujar aquele medo enterrado por tanto tempo.

— Então você é uma daquelas que as Aes Sedai chamam de bravias. — Houve certa inflexão na última palavra, mas, fosse desdém ou pena, Nynaeve não gostou. Na Torre, o termo raramente era elogioso. Claro que não havia bravias entre os Aiel. As Sábias que eram capazes de canalizar encontravam todas as garotas que nasciam com a centelha, aquelas que mais cedo ou mais tarde desenvolveriam a capacidade de canalizar, mesmo que nem tentassem aprender. Também afirmavam encontrar toda e qualquer garota sem a centelha que, se instruída, pudesse aprender. Nenhuma Aiel morreria tentando aprender sozinha. — Você conhece os perigos de aprender o Poder sem orientação, Aes Sedai. Não pense que os perigos do sonho são menores. São tão grandes quanto, e talvez ainda maiores para quem se aventura sem ter conhecimento.

— Eu sou cuidadosa — afirmou Nynaeve com voz firme. Não tinha ido até ali para ser repreendida por aquela Aiel megera de cabelo ensolarado. — Sei o

que estou fazendo, Melaine.

— Não sabe nada. Você é tão cabeça-dura quanto esta outra aqui era quando veio até nós. — A Sábia lançou a Egwene um sorriso que realmente pareceu afetuoso. — Nós domamos o excesso de exuberância dela, e agora Egwene aprende tudo rápido. Embora ainda cometa muitas falhas. — O sorriso satisfeito de Egwene desapareceu. Nynaeve suspeitou que fora aquele sorriso que fizera Melaine acrescentar a última frase. — Se você deseja caminhar nos sonhos — prosseguiu a Aiel —, venha até nós. Nós também iremos domar seu entusiasmo e lhe ensinar.

— Eu não preciso ser domada, muito obrigada — retrucou Nynaeve com um sorriso educado.

— *Aan'allein* vai morrer no dia em que souber que você está morta.

Gelo perfurou o coração de Nynaeve. *Aan'allein* era como os Aiel chamavam Lan. Na Língua Antiga, significava Homem Único, ou Homem Sozinho, ou Homem Que É Um Povo Inteiro. Traduções exatas da Língua Antiga costumavam ser difíceis. Os Aiel tinham um enorme respeito por Lan, o homem que jamais desistiria de sua guerra contra a Sombra, o inimigo que destruíra sua nação.

— Você usa truques sujos na guerra — resmungou.

Melaine arqueou uma das sobrancelhas.

— Estamos em guerra? Se estivermos, então fique sabendo que, na batalha, só existe ganhar ou perder. Regras que proíbem machucar o outro são para jogos. Quero que você prometa que não vai fazer nada em um sonho sem primeiro consultar uma de nós. Sei que Aes Sedai não podem mentir, então quero ouvi-la prometer.

Nynaeve rangeu os dentes. As palavras seriam fáceis de falar. Não ficaria presa a elas, não estava unida aos Três Juramentos. Mas seria uma admissão de que Melaine estava certa. Ela não acreditava naquilo e não diria coisa alguma.

— Ela não vai prometer, Melaine — afirmou Egwene, por fim. — Quando fica com esse olhar de mula, é porque não saíra de casa nem que você mostrasse o telhado pegando fogo.

Nynaeve reservou uma ponta daquele olhar a Egwene. Mula, então! Quando tudo o que fez foi se recusar a ser jogada para lá e para cá feito uma boneca de pano.

Após um longo momento, Melaine suspirou.

— Muito bem. Mas seria bom lembrar, Aes Sedai, que você não passa de uma criança em *Tel'aran'rhiod*. Vamos, Egwene. Temos que ir. — Um sorrisinho surgiu no rosto de Egwene enquanto as duas desapareciam.

De repente, Nynaeve se deu conta de que suas roupas haviam mudado. Haviām sido mudadas. As Sábias conheciam *Tel'aran'rhiod* o suficiente para alterar coisas nos outros tanto quanto nelas próprias. Nynaeve agora trajava uma

blusa branca e uma saia escura, mas, ao contrário das saias das mulheres que tinham acabado de ir embora, a dela terminava bem acima do joelho. Os sapatos e as meias haviam sumido, e seu cabelo estava repartido em duas tranças, uma acima de cada orelha, amarradas com fitas amarelas. Uma boneca de pano com o rosto entalhado e pintado estava sentada ao lado de seus pés descalços. Nynaeve escutou os próprios dentes rangendo. Aquilo já acontecera uma vez antes, e ela conseguira arrancar de Egwene que aquela era a maneira como os Aiel vestiam as garotinhas.

Em um rompante de fúria, voltou a trajar a seda taraboniana amarela, desta vez ainda mais colada ao corpo, e deu um chute na boneca, que saiu voando, desaparecendo ainda no ar. Aquela tal de Melaine provavelmente estava de olho em Lan. Todos os Aiel pareciam pensar que ele era uma espécie de herói. A gola alta se transformou em um colarinho de renda, e o decote estreito e cavado deixava parte dos seios à mostra. Se aquela mulher sequer sorrisse para ele...! Se ele...! De repente, se deu conta de que o decote se aprofundava e se alargava rapidamente e apressou-se em ajustá-lo; não todo, mas o suficiente para não constrangê-la. O vestido tinha ficado tão apertado que mal conseguia se mexer. Também deu um jeito nisso.

Então ela precisava *pedir permissão*? Implorar para as Sábias antes de fazer qualquer coisa? Não fora ela quem derrotara Moghiedien? Na ocasião, todas haviam ficado justificadamente impressionadas, mas pareciam ter esquecido.

Se não podia usar Birgitte para descobrir o que estava havendo na Torre, talvez houvesse um jeito de fazer isso sozinha.





O QUE SE PODE APRENDER NOS SONHOS

Cuidadosamente, Nynaeve formou em sua mente uma imagem do gabinete da Amyrlin, da mesma forma como visualizara o Coração da Pedra ao ir dormir. Nada aconteceu, e ela franziu a testa. Deveria ter sido levada à Torre Branca, ao aposento que havia visualizado. Tentou de novo, imaginando outro aposento do local, mas um que visitara com muito mais frequência, ainda que em momentos menos alegres.

O Coração da Pedra se transformou no gabinete da Mestra das Noviças, um aposento compacto, com painéis escuros e mobília simples e robusta que tinha sido usada por várias gerações de mulheres que se apropriaram daquele escritório. Quando as transgressões de uma noviça eram tamanhas que algumas horas a mais esfregando o chão ou capinando trilhas não eram suficientes, era para lá que a mandavam. Para que uma Aceita recebesse um chamado do tipo, era necessária uma transgressão ainda maior, mas ainda assim ela ia, arrastando os pés e sabendo que a consequência seria tão dolorosa quanto, talvez ainda pior.

Nynaeve não queria nem olhar para o aposento — em suas numerosas visitas, Sheriam a chamara de “intencionalmente teimosa” —, mas se pegou encarando o espelho na parede, no qual noviças e Aceitas tinham que ficar olhando os próprios rostos chorosos enquanto ouviam o sermão de Sheriam sobre obedecer regras, mostrar o devido respeito ou o que fosse. Obedecer às regras dos outros e mostrar o respeito exigido sempre havia sido um estorvo para Nynaeve. Os débeis vestígios dourados na moldura entalhada indicavam que o objeto estivera ali desde a Guerra dos Cem Anos, se não desde a Ruptura.

O vestido taraboniano era bonito, mas qualquer pessoa que a visse naqueles trajes ficaria desconfiada. Até as domanesas se vestiam de modo circunspecto quando visitavam a Torre, e Nynaeve não conseguia imaginar que alguém pudesse sonhar em estar ali sem se comportar da melhor forma possível. Não que fosse provável que encontrasse alguém, exceto, talvez, uma pessoa que adentrasse *Tel'aran'rhiod* por alguns momentos durante um sonho. Antes de Egwene, não houvera nenhuma mulher na Torre capaz de entrar no Mundo dos Sonhos sem ajuda desde Corianin Nedeal, mais de quatrocentos anos antes. Por outro lado, entre os *ter'angreal* roubados da Torre que ainda estavam nas mãos de Liandrin e seus confederados, onze tinham sido estudados pela última vez pela própria Corianin. Os outros dois que a mulher estudara, os dois que Nynaeve e Elayne tinham em mãos, davam acesso a *Tel'aran'rhiod*. Era melhor presumir que os demais também davam. Havia pouca chance de que Liandrin ou qualquer uma das outras fossem sonhar que estavam de volta à Torre da qual tinham fugido, mas mesmo essa pequena chance era um risco grande demais, já que podia significar ser apanhada em uma cilada. Na verdade, Nynaeve não tinha como ter certeza de que os únicos *ter'angreal* roubados eram aqueles que Corianin estudara. Os registros sobre *ter'angreal* que ninguém compreendia costumavam ser obscuros, e outros poderiam muito bem estar nas mãos de irmãs Negras que ainda estavam na Torre.

O vestido mudou por completo, virou uma lã branca e macia, mas não de qualidade particularmente alta, com uma faixa de sete listras coloridas na bainha, uma para cada Ajah. Se visse alguém que não desaparecesse após alguns instantes, Nynaeve se transportaria de volta para Sienda, e a pessoa pensaria que ela era apenas uma das Aceitas tocando *Tel'aran'rhiod* em seus sonhos. Não. Não voltaria para a estalagem, e sim para o gabinete de Sheriam. Afinal de contas, qualquer pessoa assim teria de ser da Ajah Negra, e Nynaeve teria que caçá-la.

Para completar o disfarce, segurou a trança, subitamente loura-avermelhada, e fez uma careta para o rosto de Melaine no espelho. Aquela, sim, era uma mulher que ela gostaria de entregar para Sheriam.

O gabinete da Mestra das Noviças ficava perto dos alojamentos das noviças, e os largos corredores ladrilhados tremeluziam com movimentos ocasionais, para além das lamparinas apagadas e das tapeçarias de parede. Eram relances de garotas apavoradas, todas trajando o branco das noviças. Grande parte dos pesadelos daquelas garotas era com Sheriam. Nynaeve as ignorou enquanto passava apressadamente. Elas não estavam presentes o suficiente no Mundo dos Sonhos para vê-la, ou, se a vissem, pensariam apenas que ela fazia parte do sonho.

O gabinete da Amyrlin ficava a apenas uma rápida subida por uma larga escadaria. Ao se aproximar, Elaida surgiu de repente à sua frente, de rosto suado

e usando um vestido vermelho-sangue, a estola do Trono de Amyrlin em torno dos ombros. Ou quase a estola da Amyrlin, já que não tinha a listra azul.

Aqueles olhos escuros inflexíveis se concentraram em Nynaeve.

— Eu sou o Trono de Amyrlin, garota! Você não sabe demonstrar respeito? Vou fazer vo... — No meio da palavra, ela desapareceu.

Nynaeve soltou o ar, abalada. Elaida, Amyrlin. Aquilo com certeza era um pesadelo. *Provavelmente o maior sonho dela*, pensou, sarcástica. *Mais fácil nevar em Tear do que ela chegar tão alto.*

A antessala era bem parecida com o que se lembrava, com uma mesa ampla e uma cadeira para a Curadora das Crônicas logo atrás. Algumas cadeiras estavam dispostas ao longo da parede para as Aes Sedai que aguardavam para falar com a Amyrlin. Noviças e Aceitas ficavam de pé. Porém, o conjunto de papéis arrumado sobre a mesa, rolos amarrados, grandes pergaminhos com selos e cartas, não tinha o jeito de Leane. Não que ela fosse desorganizada, muito pelo contrário, mas Nynaeve sempre imaginara que, de noite, ela mantivesse tudo guardado.

Abriu a porta para a sala interna, mas diminuiu o passo conforme foi entrando. Não era surpresa que não tivesse conseguido sonhar que estava ali. O local não era nem um pouco parecido com o que se lembrava. A mesa ricamente entalhada e a cadeira alta feito um trono. Os bancos com entalhes de vinhas dispostos em uma curva perfeita à frente da mesa, nenhum deles uma mísera polegada fora do lugar. Suan Sanche apreciava móveis simples, como se fingisse que ainda era apenas a filha de um pescador, e mantinha apenas uma única cadeira sobressalente, que nem sempre permitia que os visitantes utilizassem. E aquele vaso branco cheio de rosas vermelhas, arrumado rigorosamente em um pedestal, como se fosse um monumento. Suan gostava de flores, mas preferia buquês coloridos, como um campo de flores silvestres em miniatura. Pendurado acima da lareira houvera um desenho bem simples de barcos de pesca em meio a juncos altos. Agora eram duas pinturas, uma das quais Nynaeve reconheceu. Rand, lutando contra o Abandonado que se autodenominava Ba'alzamon nas nuvens acima de Falme. A outra, em três painéis de madeira, retratava cenas para as quais sua memória não encontrava referência.

A porta se abriu, e o coração de Nynaeve foi parar na garganta. Uma Aceita de cabelos ruivos que ela nunca vira antes entrou no aposento e a encarou. A menina não desapareceu imediatamente. No momento em que Nynaeve se preparava para saltar de volta ao gabinete de Sheriam, a ruiva disse:

— Nynaeve, se Melaine soubesse que você estava usando o rosto dela, faria bem mais do que colocar você em um vestidinho de criança. — E, tão de repente quanto aparecera, a menina se transformou em Egwene, em seu traje Aiel.

— Você quase me matou de susto — resmungou Nynaeve. — Então as Sábias finalmente decidiram deixar você ir e vir como bem entender? Ou Melaine está por trás...

— Acho bom você ter levado um susto — irrompeu Egwene, as bochechas ficando mais coradas. — Você é uma tola, Nynaeve. Uma criança brincando em um estábulo com uma vela.

Nynaeve ficou boquiaberta. *Egwene* repreendendo-a ?

— Escute aqui, Egwene al'Vere. Eu não aceito broncas de Melaine, e muito menos...

— É melhor aceitar a bronca de alguém, antes que acabe morta.

— Eu...

— Preciso tirar este anel de pedra de você. Deveria ter dado ele para Elayne e dito a ela para não deixar você usar de jeito nenhum.

— Dito a ela para não...!

— Você acha que Melaine estava exagerando? — perguntou Egwene, inflexível, balançando o dedo quase que exatamente como a Sábida de cabelos loiros. — Não estava, Nynaeve. As Sábias disseram a verdade nua e crua sobre *Tel'aran'rhiad* diversas vezes, mas você parece pensar que elas não passam de idiotas falando com o vento. Você deveria ser uma mulher adulta, não uma criancinha idiota. Eu juro, qualquer bom senso que um dia você teve na cabeça parece ter desaparecido feito um sopro de fumaça. Bem, trate de encontrá-lo, Nynaeve! — Ela bufou bem alto, reposicionando o xale nos ombros. — Neste momento, você está tentando brincar com as lindas chamas da lareira, mas é tola demais para perceber que pode cair lá dentro.

Nynaeve encarou-a com espanto. Elas discutiam com alguma frequência, mas Egwene nunca havia lhe tratado como uma garotinha pega com o dedo no pote de mel. Nunca! O vestido. Era o vestido de Aceita que ela estava usando, além do rosto de outra pessoa. Voltou a se transformar em quem era, trajando uma boa lã azul que usara bastante em reuniões do Círculo e quando queria guiar o Conselho. Sentiu-se revestida de toda sua antiga autoridade de Sabedoria.

— Eu estou bem ciente do quanto desconheço — retrucou, com a voz calma —, mas aquelas Aiel...

— Você percebe que pode sonhar com algo de que não consiga escapar? Os sonhos aqui são reais. Se você se deixar levar por um sonho gostoso, ele pode lhe prender. Você prenderia a si mesma. Até morrer.

— Você vai...?

— Há pesadelos caminhando em *Tel'aran'rhiad*, Nynaeve.

— Você vai me deixar falar? — rosnou ela. Ou melhor, tentou rosnar. Havia súplicas frustradas demais no tom, para o seu gosto. Qualquer quantidade teria sido demais.

— Não, não vou — retrucou Egwene com firmeza. — Não até que você queira dizer algo que valha a pena ouvir. Eu disse pesadelos, e me refiro mesmo a pesadelos, Nynaeve. Quando alguém tem um pesadelo estando em *Tel'aran'rhiod*, ele também é real. E às vezes ele sobrevive mesmo depois de o sonhador já ter ido embora. Você simplesmente não entende isso, não é?

De repente, mãos ásperas envolveram os braços de Nynaeve. Sua cabeça foi sacudida para um lado e para outro, os olhos quase saltando das órbitas. Dois homens enormes e maltrapilhos ergueram-na no ar, seus rostos eram ruínas meio derretidas de carne embrutecida, as bocas babando, repletas de dentes amarelados e afiados. Nynaeve tentou fazê-los desaparecer — se uma Sábia Andarilha dos Sonhos conseguia, ela também era capaz —, e um dos homens rasgou a frente de seu vestido, abrindo-o feito um pergaminho. O outro a segurou pelo queixo com a mão desejosa, cheia de calos, e girou o rosto dela em sua direção. A cabeça dele se curvou até ela, a boca se abrindo. Se a intenção era beijar ou morder, Nynaeve não sabia, mas preferia morrer a permitir qualquer das opções. Tentou alcançar *saidar* e não encontrou nada. Estava com medo, não com raiva. Unhas espessas se afundaram em suas bochechas e seguraram sua cabeça com firmeza. Egwene, de alguma forma, fizera aquilo. Egwene.

— Por favor, Egwene! — Saiu apenas um grunhido, mas ela estava aterrorizada demais para se importar. — Por favor!

Os homens — criaturas — desapareceram, e os pés de Nynaeve bateram no chão. Por um momento, ela só conseguiu tremer e chorar. Consertou depressa os danos ao vestido, mas ainda dava para sentir os arranhões daquelas unhas compridas em seu pescoço e peito. Era bem fácil recuperar roupas em *Tel'aran'rhiod*, mas o que quer que acontecesse a um humano... Seus joelhos tremiam tanto que o máximo que conseguia era se manter de pé.

Ela meio que esperava que Egwene a confortasse, e, desta vez, teria aceitado com gosto, mas a outra mulher apenas disse:

— Há coisas piores aqui, mas os pesadelos são suficientemente ruins. Eu criei estes homens e os desfiz, mas até eu tenho problemas com aqueles que acabo encontrando. E não tentei segurá-los, Nynaeve. Se você soubesse desfazê-los, poderia ter desfeito.

Nynaeve sacudiu a cabeça com raiva, recusando-se a limpar as lágrimas das bochechas.

— Eu poderia ter me retirado do sonho. Para o gabinete de Sheriam, ou até de volta para a minha cama. — Ela não soou mal-humorada. Claro que não.

— Isso se você não estivesse tão apavorada que nem conseguiu pensar a respeito — afirmou Egwene de maneira ácida. — Ah, e pare de fazer cara feia. Faz você parecer idiota.

Nynaeve encarou a mais nova, mas não obteve o resultado de sempre. Em vez de explodir em uma discussão, Egwene simplesmente arqueou uma das

sobrancelhas.

— Nada disso parece coisa de Sivan Sanche — disse Nynaeve, mudando de assunto. O que dera na garota?

— Não mesmo — concordou Egwene, examinando o local. — Agora entendi por que tive que vir primeiro para o meu antigo quarto no alojamento das noviças. Mas de vez em quando as pessoas decidem renovar as cores.

— Foi o que eu quis dizer — disse Nynaeve pacientemente. Não tinha soado irritada e nem aparentava mau humor. Era ridículo. — A mulher que mobiliou este aposento não enxerga o mundo da mesma maneira que a mulher que escolheu o que costumava haver aqui. Olhe para estas pinturas. Não sei o que é aquela peça tripla, mas você é capaz de reconhecer a outra tão bem quanto eu. — Ambas haviam visto aquilo acontecer.

— Eu imagino que seja Bonwhin — falou Egwene, prestativa. — Você nunca prestou atenção às palestras como deveria. Isto é um tríptico.

— Seja o que for, a outra é que é importante. — Ouvira muito bem as Amarelas. As demais, na maioria das vezes, falavam um monte de bobagens inúteis. — Me parece que a mulher que a pendurou quer ser lembrada de como Rand é perigoso. Se Sivan Sanche, por algum motivo, tiver se voltado contra ele... Egwene, isso poderia ser bem pior do que ela só querer Elayne de volta na Torre.

— Talvez — ponderou Egwene. — Pode ser que os papéis revelem algo. Procure aqui. Quando eu terminar na escrivania de Leane, ajudo você.

Indignada, Nynaeve ficou olhando para as costas de Egwene enquanto a mulher saía. *Procure você aqui, ora!* Egwene não tinha o direito de lhe dar ordens. Deveria ir imediatamente atrás dela para deixar isso bem claro. *Então por que você está aqui parada feito uma pateta?*, questionou-se, com raiva. Examinar os papéis era uma boa ideia, e ela poderia fazer isso tanto ali dentro quanto lá fora. Na verdade, era mais provável que houvesse algo importante na escrivania da Amyrlin. Resmungando sozinha a respeito do que faria para enquadrar Egwene, caminhou até a mesa ricamente entalhada, chutando as saias a cada passo.

Não havia nada na mesa além de três caixas laqueadas com adornos, arrumadas com dolorosa precisão. Tendo em mente as armadilhas que podiam ser armadas por alguém que quisesse garantir a própria privacidade, ela conjurou uma vara comprida para empurrar e abrir as dobradiças da tampa da primeira, um objeto dourado e verde decorado com garças. Era um estojo com material para escrever, cheio de canetas, tinta e areia. A caixa maior, com rosas vermelhas se enroscando em rolos dourados, abrigava vinte ou mais delicados entalhes de marfim e turquesa, animais e pessoas, todos dispostos em veludo cinza-claro.

Quando abriu a tampa da terceira caixa — falcões dourados lutando em meio a nuvens brancas em um céu azul —, percebeu que as duas primeiras tinham se fechado novamente. Esse tipo de coisa acontecia ali. Tudo parecia querer permanecer como era no mundo desperto, e, para completar, se desviasse os olhos de alguma coisa, por um momento que fosse, poderia ver detalhes diferentes quando tornasse a olhar.

A terceira caixa continha documentos. A vara desapareceu, e ela levantou com cautela a folha de pergaminho que estava por cima. Formalmente assinada “Joline Aes Sedai”, tratava-se de uma humilde solicitação para que se cumprisse uma série de penitências que fizeram Nynaeve se retrair só de passar os olhos por elas. Não havia nada ali que importasse, a não ser para Joline. Um rabisco com letras angulosas na parte inferior dizia “aprovado”. Quando a garota se esticou para recolocar o pergaminho no lugar, ele desapareceu. A caixa também se fechou.

Com um suspiro, tornou a abri-la. Os papéis lá dentro pareciam diferentes. Segurando a tampa, ela os ergueu um a um, lendo tudo rapidamente. Ou tentando ler. Às vezes, as letras e relatos desapareciam enquanto ainda os erguia diante dos olhos. Outras, quando a leitura ainda não havia passado de meia página. Se traziam alguma saudação, era simplesmente “Mãe, com respeito”. Uns eram assinados por Aes Sedai, outros por mulheres com outros títulos, nobres ou não. Nenhum deles parecia tratar do assunto em questão. O Marechal-General de Saldaea e seu exército não foram encontrados, e a Rainha Tenobia estava se recusando a cooperar. Ela até conseguiu concluir esse relatório em especial, mas o documento presumia que o leitor soubesse por que o homem não estava em Saldaea e com o quê a rainha deveria estar cooperando. Não havia chegado qualquer relato de nenhum dos espiões das Ajahs em Tanchico havia três semanas, mas ela não conseguiu ir além dessa descoberta. Alguns problemas vinham se abatendo entre Illian, de um lado, e Murandy, do outro, e Pedron Niall estava assumindo o crédito. Mesmo nas poucas linhas que tinha em mãos, Nynaeve era capaz de sentir o ranger de dentes do autor. As cartas eram, sem dúvida, muito importantes, tanto as que conseguira ler apressadamente quanto as que sumiram sob seus olhos, mas sem qualquer serventia para ela. Havia começado a examinar o que parecia um relatório sobre uma reunião suspeita — a palavra usada era esta — de irmãs Azuis, quando um grito sofrido de “Ai, Luz, não!” veio do outro aposento.

Correndo em direção à porta, Nynaeve fez aparecer em suas mãos um pesado porrete de madeira, a cabeça encrespada de espinhos. Porém, quando entrou apressada, esperando encontrar Egwene no meio de uma batalha, viu apenas a mulher por trás da mesa da Curadora, encarando o nada. Com uma expressão de horror no rosto, certamente, mas ainda sem nenhum perigo ou ameaça que Nynaeve conseguisse divisar.

Egwene se assustou ao vê-la, então se recompôs visivelmente.

— Nynaeve, Elaida é o Trono de Amyrlin.

— Não seja idiota — debochou a mais velha. No entanto, a outra sala estava tão diferente de Suan Sanche... — Você está imaginando coisas. Só pode ser.

— Eu estava com um pergaminho nas mãos, Nynaeve, assinado “Elaida do Avriny a'Roihan, Vigia dos Selos, Chama de Tar Valon, O Trono de Amyrlin” e selado com o selo da Amyrlin.

O estômago de Nynaeve se revirou até subir ao peito.

— Mas como? O que aconteceu com Suan? Egwene, a Torre não depõe uma Amyrlin, exceto por algo bem sério. Foram só duas em quase três mil anos.

— Talvez Rand fosse um motivo sério o bastante. — A voz de Egwene permanecia inabalável, embora os olhos ainda estivessem bastante arregalados. — Talvez ela tenha adoecido de algo que as Amarelas não conseguiram curar, ou caiu das escadas e quebrou o pescoço. O que importa é que Elaida é a Amyrlin. Acho que ela não vai apoiar Rand como Suan apoiava.

— Moiraine — murmurou Nynaeve. — Ela estava tão certa de que Suan conduziria a Torre a segui-lo. — Não conseguia imaginar que Suan Sanche estivesse morta. Odiara a mulher muitas vezes, sentira algum medo dela de vez em quando, e podia admitir isso àquela altura, ao menos para si mesma, mas também a respeitara. Pensara que Suan duraria para sempre. — Elaida. Luz! Ela é má feito uma cobra e cruel feito um gato. Não há como prever o que ela é capaz de fazer.

— Temo que eu tenha uma pista. — Egwene pressionou as mãos contra a barriga, como se acalmasse o próprio estômago revoltado. — Era um documento bem curto. Consegui ler tudo. “Exige-se que todas as irmãs leais reportem a presença da mulher Moiraine Damodred. Ela deve ser detida, se possível, por quaisquer meios necessários, e trazida de volta à Torre para ser julgada pela acusação de traição”. O mesmo tipo de linguagem que parece ter sido usada a respeito de Elayne.

— Se Elaida quer Moiraine presa, deve significar que ela sabe que Moiraine tem ajudado Rand, e não gosta nem um pouco disso. — Falar era bom. Falar evitava que vomitasse. Traição. Mulheres eram espancadas por conta daquilo. Elaida quisera derrubar Moiraine. Agora, era Elaida quem faria isso por ela. — Elaida com certeza não vai apoiar Rand.

— Exatamente.

— Irmãs leais. Egwene, isso se encaixa na mensagem daquela mulher que Macura mencionou. O que quer que tenha acontecido com Suan, as Ajahs estão divididas quanto a Elaida ser a Amyrlin. Deve ser isso.

— Claro que sim. Muito bom, Nynaeve. Eu ainda não tinha pensado por esse lado.

A mulher sorria com tanta satisfação que Nynaeve lhe retribuiu o sorriso.

— Há um relatório na escrivadinha de Siu... da Amyrlin, sobre uma reunião das Azuis. Eu estava lendo exatamente essa parte quando você gritou. Sou capaz de apostar que as Azuis não apoiaram Elaida. — Nas melhores épocas, as Ajahs Azul e Vermelha tinham uma espécie de trégua armada, mas, nas piores, chegavam perto de pular no pescoço uma da outra.

Porém, quando as duas voltaram para a sala interior, não conseguiram encontrar o relatório. Havia vários documentos — a carta de Joline reaparecera, e uma breve leitura dela fez as sobrancelhas de Egwene se erguerem quase até o cabelo —, mas não o que elas queriam.

— Você consegue se lembrar do que dizia? — indagou Egwene.

— Eu só tinha lido algumas linhas quando você gritou e... Não consigo lembrar.

— Tente, Nynaeve. Tente com todo o afinco.

— Estou tentando, Egwene, mas não vai ter jeito. Eu *estou* tentando.

Nynaeve se deu conta do que estava fazendo de forma súbita, feito uma martelada no meio da testa. Desculpando-se. E para Egwene, uma garota em cujo traseiro tinha dado umas palmadas por teimosia não havia nem dois anos. E, momentos antes, estivera orgulhosa feito uma galinha com um ovo novo só por Egwene ter ficado contente com ela. Lembrava-se com total clareza do dia em que o equilíbrio entre elas mudara, quando haviam deixado de ser a Sabedoria e a garota que obedecia a qualquer de suas ordens e passado a ser apenas duas mulheres que estavam longe de casa. Parecia que esse equilíbrio havia mudado ainda mais, e Nynaeve não gostava disso. Teria que tomar alguma providência para fazê-lo voltar ao que era.

A mentira. Mentira de propósito para Egwene pela primeira vez naquele dia. Por isso sua autoridade moral desaparecera, por isso estava chafurdando na lama, incapaz de se impor de maneira adequada.

— Eu tomei o chá, Egwene. — Forçou cada palavra a sair. Precisou forçá-las. — O chá de raiz-dupla daquela mulher, Macura. Ela e Luci nos arrastaram para o andar de cima que nem sacas cheias de penas. Era mais ou menos essa a força que nós duas tínhamos. Se Thom e Juilin não tivessem aparecido para nos salvar, é provável que ainda estivéssemos lá. Ou a caminho da Torre, tão entupidas de raiz-dupla que só acordaríamos quando chegássemos. — Respirando fundo, tentou um tom de voz honrado e firme, o que era difícil depois de acabar de confessar ter sido uma completa idiota. O que acabou por dizer soou muito mais titubeante do que gostaria. — Se você contar isso para as Sábias, especialmente para aquela Melaine, vou lhe dar uma bofetada na orelha.

Algo naquelas palavras deveria ter inflamado a ira de Egwene. Parecia estranho querer começar uma discussão — em geral, as brigas entre as duas giravam em torno de Egwene se recusando a entender as coisas, e era raro elas acabarem bem, já que a garota criara o hábito de continuar a se recusar —, mas

certamente seria melhor que aquilo. Egwene, no entanto, só fez sorrir para ela. Um sorriso divertido. Um sorriso divertido e *condescendente*.

— Eu mais do que suspeitava disso, Nynaeve. Você costumava ficar tagarelando sobre ervas dia e noite, mas nunca mencionou nenhuma planta chamada raiz-dupla. Eu tive certeza de que você nunca tinha ouvido falar nela até aquela mulher citá-la. Você sempre tentou maquiarras as coisas. Se caísse de cara em um chiqueiro, tentaria convencer a todos de que foi de propósito. Agora, o que temos que decidir é...

— Eu não faço essas coisas — balbuciou Nynaeve.

— Claro que faz. Fatos são fatos. Você bem que podia parar de ficar choramingando por causa disso e me ajudar a decidir...

Choramando! Aquilo não estava se desenrolando nem um pouco ao seu gosto.

— Não é nada disso. Me refiro aos fatos. Nunca fiz isso que você falou.

Por um momento, Egwene a encarou em silêncio.

— Você não vai esquecer esse assunto, não é? Muito bem. Você mentiu para mim...

— Não foi uma mentira — resmungou ela. — Não exatamente.

A outra mulher ignorou a interrupção.

— ... e mente para si mesma. Você se lembra do que me obrigou a beber na última vez em que menti para você? — Uma xícara apareceu de repente em sua mão, cheia de um líquido verde viscoso medonho. Parecia que havia sido retirado de um lago espumoso e estagnado. — A única vez em que eu menti para você. A lembrança daquele gosto foi um desencorajamento bem eficaz. Se você não é capaz de dizer a verdade nem para si mesma...

Nynaeve deu um passo atrás antes de conseguir se refrear. Samambaia-felina fervida e folha-sábua em pó. Sua língua se retorceu só de pensar.

— Eu não *cheguei* a mentir, na realidade. — Por que estava dando desculpas? — Só não contei toda a verdade. — *Eu sou a Sabedoria! Eu era a Sabedoria. Isso ainda deve valer de alguma coisa.* — Você não pode estar pensando... — *Conte logo para ela. Não é você a criança aqui, e com certeza não vai tomar nada.* — Egwene, eu... — Egwene empurrou a xícara até quase debaixo do nariz dela. Nynaeve sentiu o cheiro acre. — Tudo bem — disse, mais que depressa. *Isso não pode estar acontecendo!* Mas não conseguia tirar os olhos daquela xícara transbordando, nem impedir as palavras de irem saindo atropeladas. — Às vezes eu tento fazer com que as coisas pareçam melhores para mim do que de fato elas foram. Às vezes. Mas nunca com nada importante. Eu nunca... menti... sobre nada importante. Nunca, eu juro. Só coisas pequenas. — A xícara desapareceu, e Nynaeve deu um pesado suspiro de alívio. *Tôla, sua tola! Ela não tinha como ter obrigado você a tomar! O que há com você?*

— O que nós temos que decidir — disse Egwene, como se nada tivesse acontecido — é para quem vamos contar. Moiraine certamente precisa saber, Rand também, mas se todo mundo ouvir falar nessa história... Os Aiel são um pouco estranhos, mesmo com relação às Aes Sedai. Apesar de tudo, acho que vão seguir Rand como Aquele Que Vem Com a Aurora, mas, assim que descobrirem que a Torre Branca está contra ele, talvez não o sigam com tanta empolgação.

— Mais cedo ou mais tarde eles vão descobrir — resmungou Nynaeve. *Ela não tinha como ter me obrigado a tomar!*

— Quanto mais tarde, melhor, Nynaeve. Então trate de controlar esse seu gênio e não saia falando sobre isso com as Sábias em nosso próximo encontro. Na verdade, seria melhor se você nem mencionasse esta visita à Torre. Assim, talvez consiga manter o segredo.

— Eu não sou idiota — retrucou Nynaeve, ríspida, irritando-se quando Egwene voltou a erguer a sobancelha. Não queria falar sobre a visita com as Sábias. Não por ser mais fácil desafiá-las pelas costas. Nada disso. E *não* estava tentando maquiar nada. Não era justo que Egwene pudesse perambular por *Tel'aran'rhiod* como bem entendesse, enquanto Nynaeve tinha de aguentar sermões e provocações.

— Sei que não — afirmou Egwene. — A não ser quando perde a cabeça. Você precisa controlar seu gênio e ficar de cabeça fria, caso esteja certa a respeito dos Abandonados, especialmente Moghedien. — Nynaeve olhou feio para ela, abrindo a boca para dizer que conseguia, sim, controlar o temperamento, e que lhe daria uma bofetada na orelha caso ela pensasse diferente, mas a jovem não lhe deu a chance. — Precisamos encontrar a tal reunião das irmãs Azuis, Nynaeve. Se elas estão contra Elaida, talvez, e apenas talvez, apoiem Rand como Suan apoiava. Mencionaram alguma cidade ou aldeia? Ou mesmo um país?

— Acho que... Não consigo lembrar. — Ela se esforçou para retirar o tom defensivo da própria voz. *Luz, eu confessei tudo, me fiz de idiota, e só piorei as coisas!* — Vou continuar tentando.

— Ótimo. Precisamos encontrá-las. — Por um momento, Egwene a analisou, enquanto ela se recusava a se repetir. — Nynaeve, tome cuidado com Moghedien. Não se apresse feito um urso na primavera só porque ela escapou de você em Tanchico.

— Eu não sou idiota, Egwene — respondeu Nynaeve com cautela. Era frustrante precisar controlar o temperamento, mas se Egwene ia só ficar ignorando-a ou lhe dando broncas, não havia vantagem nenhuma em se exaltar, além de que pareceria uma boboca ainda maior do que já parecia.

— Eu sei. Você já disse. Só não se esqueça disso. Tenha cuidado. — Egwene não foi sumindo desta vez. Apenas desapareceu, tão de repente quanto Birgitte.

Nynaeve encarou o local onde ela estivera, repassando na mente todas as coisas que deveria ter dito. Por fim, percebeu que poderia passar a noite toda ali. Estava se repetindo, e o momento para dizer tudo aquilo já havia passado. Resmungando baixo, saiu de *Tel'aran'rhiod* e voltou para sua cama em Sienda.

* * *

Os olhos de Egwene se abriram na escuridão quase total, quebrada apenas pelo parco luar que entrava pelo buraco de saída da fumaça. Ficou feliz por estar debaixo de uma pilha de cobertores. O fogo tinha se extinguido, e um frio congelante tomava conta da tenda. Sua respiração orvalhava bem diante do rosto. Sem levantar a cabeça, observou os arredores. Nenhuma Sábia. Ainda estava sozinha.

Aquele era seu maior medo nas incursões solitárias por *Tel'aran'rhiod*: retornar e encontrar Amys ou uma das outras esperando por ela. Bem, talvez não fosse o maior medo, já que os perigos do Mundo dos Sonhos eram tão grandes quanto descrevera para Nynaeve, mas, ainda assim, era um medo enorme. Não eram as punições que a amedrontavam, não do tipo que Bair impunha. Caso tivesse acordado e dado de cara com uma Sábia, teria aceitado sua pena com prazer, mas Amys dissera a Egwene, logo no início, que se ela entrasse em *Tel'aran'rhiod* sem a companhia de uma das Sábias elas a mandariam embora, recusando-se a continuar a ensiná-la. Aquilo a amedrontava bem mais do que qualquer outra coisa que as mulheres pudessem fazer. Porém, ainda assim, precisava seguir em frente. Mesmo sendo rápidas para ensinar, as Sábias não eram rápidas o bastante. Egwene queria aprender logo, e queria aprender tudo.

Canalizando, acendeu sua lamparina e pôs fogo na fogueira. Não havia mais nada ali para queimar, mas manteve o fluxo atado. Ficou deitada observando sua respiração enevoar bem à frente da boca e esperou que estivesse suficientemente quente para que pudesse se vestir. Estava tarde, mas Moiraine talvez ainda estivesse acordada.

O que acontecera com Nynaeve ainda a surpreendia. *Acho que ela até teria tomado o chá, se eu tivesse pressionado.* Tivera tanto medo de que Nynaeve descobrisse que ela não tinha a permissão das Sábias para perambular sozinha pelo Mundo dos Sonhos, estivera tão certa de que o rubor de embaraço a denunciara, que tudo em que conseguia pensar era em impedir que Nynaeve abrisse a boca, evitando que lhe arrancasse a verdade. E tivera certeza de que Nynaeve acabaria descobrindo de qualquer jeito — a mulher era bem capaz de denunciá-la e ainda dizer que era para seu próprio bem — que tudo o que pôde fazer foi tagarelar e tentar manter o foco no que quer que Nynaeve estivesse fazendo de errado. Não importava o quanto Nynaeve a irritasse, ela não podia

começar uma discussão. E, mesmo com tudo isso, Egwene, de alguma forma, conseguira ficar por cima.

Pensando a respeito, Moiraine raramente levantava a voz e, quando o fazia, tinha menos sucesso em conseguir o que queria. Fora assim mesmo antes de ela começar a se comportar de forma tão estranha com relação a Rand. As Sábias também nunca gritavam com ninguém — exceto, às vezes, umas com as outras — e, mesmo resmungando tanto a respeito de os chefes não lhes darem mais ouvidos, elas ainda pareciam conseguir o que queriam com muita frequência. Havia um velho ditado que a garota nunca tinha entendido: “Empenha-se para ouvir um sussurro quem se recusa a ouvir um grito.” Não voltaria a gritar com Rand. Uma voz calma, firme, de mulher adulta era o que faria diferença. Aliás, também não deveria mais gritar com Nynaeve. Egwene *era* uma mulher adulta, não uma garota dando chiliques.

Pegou-se rindo. Não deveria mais levantar a voz para Nynaeve, especialmente ao ver que falar com calma produzia tais resultados.

Por fim, a tenda pareceu quente o bastante, e ela se moveu com pressa, vestindo-se rápido. Ainda precisou quebrar o gelo do jarro de água antes de poder tirar o gosto de sono da boca. Lançando o manto de lã escura por cima dos ombros, desatou os fios de Fogo — era perigoso deixar Fogo atado sem supervisão — e, à medida que as chamas se esvaneciam, curvou-se e saiu da tenda. O frio a envolveu feito um torno gelado enquanto atravessava o acampamento a passos rápidos.

Só conseguia enxergar as tendas mais próximas, contornos baixos e sombreados que bem podiam fazer parte do próprio relevo acidentado, exceto pelo fato de o acampamento se estender por muitas milhas para os dois lados do terreno montanhoso. Aqueles altos picos recortados não eram a Espinha do Mundo, bem mais alta, e ainda a dias de distância para o oeste.

Egwene aproximou-se da tenda de Rand com hesitação. Uma nesga de luz era visível ao longo da aba de entrada. Conforme chegou mais perto, uma Donzela pareceu se erguer do solo, um arco de chifre às costas, a aljava na cintura, e lanças e um broquel na mão. Egwene não enxergava mais ninguém naquela escuridão, mas sabia que elas estavam ao redor, mesmo ali, cercadas pelos seis clãs que haviam jurado lealdade ao *Car'a'carn*. Os Miagoma estavam em algum ponto ao norte, marchando em paralelo. Timolan não revelava quais eram suas intenções. Rand não parecia se importar com a localização dos demais clãs. Sua atenção estava toda na corrida até Passo de Jangai.

— Ele está acordado, Enaila? — perguntou.

As sombras do luar se moveram pelo rosto da Donzela quando ela assentiu.

— Ele não dorme tanto quanto deveria. Os homens não conseguem passar sem descanso. — Soava tal e qual uma mãe preocupada com um filho.

Uma sombra ao lado da tenda se mexeu, revelando Aviendha com o xale enrolado ao corpo. Não parecia perturbada pelo frio, só pelo horário.

— Se eu achasse que funcionaria, até cantaria uma canção de ninar para ele. Já ouvi falar de mulheres que passaram a noite acordadas por causa de uma criança, mas um homem adulto deveria saber que as outras pessoas gostariam de estar entre os cobertores. — Ela e Enaila compartilharam um risinho abafado.

Egwene balançou a cabeça para a estranheza dos Aiel e se curvou para bisbilhotar pela fresta. Várias lamparinas iluminavam o interior. Ele não estava sozinho. Os olhos escuros de Natael pareciam cansados, e o homem conteve um bocejo. Ele, pelo menos, queria dormir. Rand estava esparramado por perto, ao lado de uma das douradas lamparinas a óleo, lendo um surrado livro com encadernação de couro. Uma ou outra tradução das Profecias do Dragão, pelo que conhecia de Rand.

De repente, ele vultou algumas páginas do livro, leu e gargalhou. Egwene tentou dizer a si mesma que não havia nenhum quê de loucura naquela gargalhada, só amargura.

— Uma boa piada — disse ele para Natael, fechando o livro e jogando-o para o bardo. — Leia a página duzentos e oitenta e sete e a página quatrocentos e me diga se não concorda.

Egwene se empertigou, lábios apertados. Ele deveria ter mais cuidado com os livros. Não podia falar com Rand, não na presença do menestrel. Era uma pena ele ter de contar com um homem que mal conhecia para lhe fazer companhia. Não. Ele tinha Aviendha e os chefes sempre por perto, além de Lan, todos os dias, e Mat, às vezes.

— Por que não se junta a eles, Aviendha? Se você estivesse lá, talvez ele quisesse conversar sobre alguma coisa que não aquele livro.

— Rand queria conversar com o menestrel, Egwene, e raramente faz isso na minha frente ou na de qualquer pessoa. Se eu não tivesse saído, ele e Natael sairiam.

— As crianças são uma preocupação enorme, ouvi dizer — gargalhou Enaila. — E filhos ainda mais. Agora que você abriu mão da lança, talvez possa me contar se isso é verdade.

Aviendha franziu o cenho iluminado pelo luar e caminhou de volta para seu lugar, junto à lateral da tenda feito uma gata ofendida. Enaila também pareceu achar aquilo engraçado e, gargalhando, pôs as mãos na cintura.

Resmungando sozinha a respeito do humor Aiel, que ela quase nunca entendia, Egwene seguiu na direção da tenda de Moiraine, não muito longe da de Rand. Como ali também se via uma nesga de luz, soube que a Aes Sedai estava acordada. Moiraine estava canalizando. Só algumas pequenas quantidades do Poder, mas ainda o bastante para Egwene senti-lo. Lan estava dormindo ali perto, enrolado em seu manto de Guardião. Tirando a cabeça e as botas, o restante do

corpo parecia fazer parte da noite. Segurando o manto, Egwene ergueu as saias e entrou na ponta dos pés para evitar acordá-lo.

A respiração do homem não mudou, mas algo a fez olhar novamente para Lan. A luz da lua cintilou nos olhos dele, abertos e encarando Egwene. Ela ainda estava girando a cabeça quando eles voltaram a se fechar. Nenhum outro músculo se mexeu. Talvez ele nem tivesse chegado a acordar. Às vezes, aquele homem a enervava. O que quer que Nynaeve visse nele, Egwene não conseguia enxergar.

Ajoelhando-se ao lado da aba da tenda, ela espiou o interior. Moiraine estava sentada, cercada por um brilho de *saidar*, a pedrinha azul que costumava ficar dependurada em sua testa balançando entre os dedos à frente do rosto. Ela brilhava, acrescentando um pouco de luminosidade à luz de uma única lamparina. A fogueira só continha cinzas. Até o cheiro já se dissipara.

— Posso entrar?

Precisou repetir a pergunta antes que Moiraine respondesse.

— Claro. — A luz de *saidar* se esvaneceu, e a Aes Sedai começou a prender a bela corrente dourada de volta no cabelo.

— Você estava espiando Rand? — Egwene se acomodou ao lado da mulher. O interior da tenda estava tão frio quanto lá fora. Canalizou chamas sobre as cinzas na fogueira e amarrou o fluxo. — Você disse que não ia mais fazer isso.

— Eu disse que, já que as Sábias podiam ver os sonhos dele, nós deveríamos garantir a Rand alguma privacidade. Elas não me pediram para espí-lo de novo desde que Rand as bloqueou, e eu não ofereci. Lembre-se de que elas têm os próprios objetivos, que podem não ser os mesmos que os da Torre.

Rápido assim, já haviam chegado ao ponto. Egwene ainda não estava certa de como dizer o que sabia sem trair a si mesma perante as Sábias, mas o único método talvez fosse simplesmente começar e depois ir tateando o caminho.

— Elaida agora é a Amyrlin, Moiraine. Eu não sei o que aconteceu com Suan.

— Como você sabe? — perguntou Moiraine, tranquilamente. — Descobriu alguma coisa caminhando em sonhos? Ou foi seu Talento de Sonhadora que finalmente se manifestou?

Aquela era a sua saída. Na Torre, algumas das Aes Sedai achavam que ela poderia ser uma Sonhadora, uma mulher cujos sonhos previam o futuro. Ela de fato já tivera sonhos que soubera ser significativos, mas aprender a interpretá-los era outra questão. As Sábias diziam que esse conhecimento precisava vir de dentro, e nenhuma das Aes Sedai tinha sido de maior utilidade. Rand sentado em uma cadeira, e de alguma forma ela sabia que a dona da cadeira sentiria uma raiva assassina por vê-la ocupada. Que a dona era uma mulher era o máximo que conseguira compreender daquilo, e mais nada. Algumas vezes, os sonhos eram complexos. Perrin relaxando com Faile no colo, beijando-a enquanto ela

brincava com a barba que ele deixara crescer no sonho. Por trás deles, dois estandartes tremulando, uma cabeça de lobo vermelha e uma águia carmesim. Um homem com um reluzente casaco amarelo estava de pé junto ao ombro de Perrin, uma espada presa às costas. Por alguma razão, ela sabia que se tratava de um Latoeiro, embora nenhum Latoeiro tocasse em espadas. E cada detalhe de tudo, exceto a barba, parecia importante. Os estandartes, Faile beijando Perrin, e até o Latoeiro. Cada vez que ele se aproximava de Perrin, era como se o frio da destruição perpassasse tudo. Mais um sonho. Mat jogando dados com sangue escorrendo pelo rosto, a aba larga do chapéu tão puxada para baixo que ela não conseguia ver a ferida, enquanto Thom Merrilin colocava a mão em uma fogueira para retirar a pedrinha azul que agora balançava na testa de Moiraine. Ou um sonho de uma tempestade, grandes nuvens escuras revolvendo sem nenhum vento ou chuva enquanto relâmpagos impressionantes, todos idênticos, rasgavam a terra. Ela até conseguia ter os tais sonhos, mas, como Sonhadora, até então era um fracasso.

— Eu vi um mandado de prisão para você, Moiraine, assinado por Elaida como Amyrlin. E não foi um sonho comum. — Tudo verdade. Só não toda a verdade. De repente, ficou contente por Nynaeve não estar ali. *Se estivesse, eu é que estaria olhando para uma xícara.*

— Há de ser o que a Roda tecer. Talvez não importe tanto caso Rand leve os Aiel além da Muralha do Dragão. Duvido que Elaida tenha continuado a se aproximar de governantes, ainda que soubesse que era o que Suan vinha fazendo.

— Isso é tudo? Pensei que Suan tivesse sido sua amiga um dia, Moiraine. Você é incapaz de derramar uma lágrima por ela?

A Aes Sedai a encarou, e aquele olhar tranquilo e sereno disse à garota quanto ainda faltava para que Egwene pudesse se referir a ela daquela maneira. Sentada, Egwene era quase uma cabeça mais alta, e, além disso, era mais forte com o Poder, mas ser uma Aes Sedai envolvia mais do que força.

— Não tenho tempo para lágrimas, Egwene. A Muralha do Dragão está a poucos dias de distância, e o Alguenya... Suan e eu já fomos amigas. Daqui a alguns meses, vai completar vinte e um anos que iniciamos nossa busca pelo Dragão Renascido. Só nós duas, recém-elevadas a Aes Sedai. Sierin Vayu foi elevada a Amyrlin pouco depois, uma Cinza com mais do que um quê de Vermelha. Se ela tivesse descoberto nossas intenções, teríamos passado o resto da vida cumprindo penitência, e com irmãs Vermelhas nos vigiando até enquanto dormíamos. Há um ditado em Cairhien, apesar de eu já tê-lo escutado em lugares tão distantes quanto Tarabon e Saldaea: “Pegue o que quiser e pague por isso.” Suan e eu seguimos pelo caminho que escolhemos, e nós sabíamos que, algum dia, teríamos que pagar por isso.

— Não entendo como você consegue ficar tão calma. Suan pode estar morta, ou até ter sido estancada. Ou Elaida vai se opor totalmente a Rand ou vai tentar prendê-lo em algum lugar até Tarmon Gai'don. Você sabe que ela nunca deixaria um homem capaz de canalizar à solta. Pelo menos nem todas estão apoiando Elaida. Uma parte da Ajah Azul está reunida em algum lugar, mas ainda não sei onde, e acho que outras mais também deixaram a Torre. Nynaeve disse que recebeu uma mensagem de um dos espiões das Amarelas sobre todas as irmãs serem bem-vindas para retornar à Torre. Se tanto as Azuis quanto as Amarelas se foram, outras devem ter seguido. E se elas se opuserem a Elaida, pode ser que apoiem Rand.

Moiraine suspirou, um som suave.

— Você espera que eu esteja feliz pela Torre Branca ter se dividido? Eu sou uma Aes Sedai, Egwene. Dei minha vida à Torre muito antes de chegar a suspeitar que o Dragão iria renascer durante meu tempo. Faz três mil anos que a Torre tem sido um bastião contra a Sombra. Ela tem orientado governantes a tomar decisões sábias, evitou guerras antes que elas estourassem e interrompeu outras que já haviam começado. É graças à Torre que a humanidade sequer se lembra de que o Tenebroso aguarda para fugir e que a Última Batalha é um futuro certo. À Torre, inteira e unida. Quase desejo que todas as irmãs tivessem jurado fidelidade a Elaida, não importa o que tenha acontecido com Suan.

— E Rand? — Egwene manteve a voz igualmente inabalável, igualmente suave. As chamas estavam começando a dar ao ar um pouco de calor, mas Moiraine acabara de acrescentar sua própria frieza. — O Dragão Renascido. Você mesma disse que ele não pode se preparar para Tarmon Gai'don a menos que lhe seja garantida a liberdade, tanto para aprender quanto para afetar o mundo. A Torre unida poderia fazê-lo prisioneiro, mesmo apesar de todos os Aiel do Deserto.

Moiraine abriu um sorrisinho.

— Aprenda: um juízo frio é sempre melhor do que palavras esquentadas. Mas você se esquece de que apenas treze irmãs unidas são capazes de blindar qualquer homem de *saidin*, e mesmo que não conheçam o truque de amarrar fluxos, precisa de menos ainda para manter essa blindagem.

— Eu sei que você não vai desistir, Moiraine. O que pretende fazer?

— Pretendo lidar com as coisas conforme acontecerem, enquanto eu puder. Ao menos Rand vai ser... mais fácil de conviver... agora que não preciso tentar afastá-lo do que ele quer. Suponho que eu deveria estar feliz por ele não me obrigar a servir seu vinho. Na maioria das vezes, Rand me ouve, mesmo que raramente dê alguma pista de sua opinião sobre o que eu falo.

— Vou deixar que você conte a ele sobre Suan e a Torre. — Isso evitaria perguntas esquisitas. Com Rand agindo de forma tão prepotente, talvez quisesse saber mais sobre o Talento dela de Sonhar do que Egwene seria capaz de

inventar. — E tem mais. Nynaeve viu Abandonados em *Tel'aran'rhiod*. Ela mencionou todos os que ainda estão vivos, exceto Asmodean e Moghedien, inclusive Lanfear. Acha que eles estão tramando alguma coisa, possivelmente juntos.

— Lanfear — disse Moiraine após alguns instantes.

As duas sabiam que Lanfear havia visitado Rand em Tear, e talvez em outras ocasiões que ele não mencionara. Ninguém além dos próprios Abandonados tinha muito conhecimento sobre eles — apenas fragmentos de fragmentos permaneciam na Torre —, mas sabia-se que Lanfear amara Lews Therin Telamon. Elas duas, e Rand, sabiam que ainda amava.

— Com sorte — prosseguiu a Aes Sedai —, não teremos que nos preocupar com Lanfear. Os outros que Nynaeve viu são outra questão. Você e eu devemos vigiar o mais atentamente que pudermos. Eu gostaria que mais Sábias fossem capazes de canalizar. — Ela deu uma risadinha. — Mas, se for para ficar desejando, poderia incluir que todas fossem treinadas pela Torre, ou que eu pudesse viver para sempre. Elas podem ser fortes em alguns aspectos, mas infelizmente carecem de muita coisa em outros.

— Ficar de olho é bom, mas o que mais? Se seis Abandonados investirem juntos contra ele, Rand vai precisar de toda e qualquer ajuda que pudermos dar.

Moiraine se inclinou para tocar seu braço, uma expressão afetuosa no rosto.

— Não podemos segurar a mão dele para sempre, Egwene. Ele já aprendeu a andar. Está aprendendo a correr. Só nos resta torcer para que aprenda antes de seus inimigos o pegarem. E, claro, continuar a aconselhá-lo. Orientá-lo sempre que pudermos. — Endireitando-se, Moiraine se alongou e conteve um pequeno bocejo com a mão. — Está tarde, Egwene. E acho que Rand vai pedir para levantarmos acampamento daqui a bem poucas horas, mesmo que ele não consiga dormir nada. Eu, no entanto, gostaria de descansar o máximo possível antes de encarar a sela.

Egwene se preparou para ir embora, mas, antes, tinha uma pergunta:

— Moiraine, por que você começou a fazer tudo o que Rand lhe diz? Nem Nynaeve acha isso certo.

— Não acha, é? — murmurou Moiraine. — Ela ainda vai ser uma Aes Sedai, querendo ou não. Por quê? Porque me lembrei de como se controla *saidar*.

Após um momento, Egwene assentiu. Para controlar *saidar*, primeiro era preciso se render a ele.

Foi só quando já estava tremendo no caminho de volta para a própria tenda que Egwene se deu conta de que Moiraine conversara com ela o tempo inteiro como uma igual. Talvez estivesse mais perto do que pensava de estar pronta para escolher sua Ajah.





UMA PROPOSTA INESPERADA

Nynaeve foi despertada pela luz do sol entrando sorrateiramente pela janela. Por um momento, permaneceu esparramada sobre o lençol listrado. Elayne dormia na outra cama. O início da manhã já estava quente, e a noite não havia sido muito melhor, mas não era por isso que sua camisola estava amarrotada e suada. Seus sonhos, após contar a Elayne o que vira, não haviam sido bons. Na maioria deles, estava de volta na Torre, sendo levada à força até a presença da Amyrlin, que ora era Elaida, ora Moghedien. Em alguns, Rand aparecia deitado ao lado da escrivanhinha da Amyrlin feito um cão, encoleirado, preso e com uma focinheira. E os sonhos com Egwene haviam sido tão ruins quanto, à sua própria maneira. Samambaia-felina fervida e folha-sábia em pó tinham um gosto tão ruim em sonhos quanto no mundo desperto.

Indo até o lavatório, limpou o rosto e esfregou os dentes com sal e bicarbonato. A água não estava quente, mas também não podia ser considerada fria. Despiu a camisola empapada e desencavou uma limpa de um dos baús, junto com uma escova de cabelo e um espelho. Espiando a própria imagem, Nynaeve se arrependeu de ter desfeito a trança só por conforto. Não ajudara nada, e agora seu cabelo era um emaranhado que pendia até a cintura. Sentando-se no baú, dedicou-se laboriosamente a desfazer os nós e depois começou a dar uma centena de escovadas nos fios.

Três arranhões percorriam seu pescoço e desapareciam sob a camisola. Já não estavam tão vermelhos, graças a um unguento de cura-tudo obtido com Macura. Dissera a Elayne que haviam sido causados por arbustos espinhentos. Bobagem — ela suspeitava que Elayne soubesse que era mentira, apesar de ter

contado uma história sobre espreitar pelo terreno da Torre depois que Egwene partiu —, mas andara transtornada demais para pensar com clareza. Explodira várias vezes com Elayne, por nenhum motivo além de estar pensando no tratamento injusto que recebera de Melaine e Egwene. *Não que não seja bom lembrá-la de que aqui ela não é a Filha-herdeira.* Ainda assim, nada daquilo era culpa da garota. Teria que compensá-la.

Pelo espelho, viu Elayne se levantar e começar a se lavar.

— Ainda acho que meu plano é melhor — disse a garota, esfregando o rosto. Seus cabelos tingidos na cor de um corvo não pareciam nada emaranhados, apesar dos cachos. — Poderíamos chegar a Tear muito mais rápido do meu jeito.

O plano de Elayne era abandonar a carruagem assim que chegassem ao rio Eldar, em alguma pequena aldeia onde fosse improvável que aparecessem muitos Mantos-brancos e, claro, onde não tivesse nem sinal de espiões da Torre. De lá, viajariam de barco até Ebou Dar, onde poderiam encontrar um navio para Tear. Já não havia dúvida de que precisavam ir para Tear. Tar Valon seria evitada a todo custo.

— Quanto tempo vai levar até um barco parar aqui onde estamos? — perguntou Nynaeve pacientemente. Pensara que isso tivesse sido decidido antes de irem dormir. Pelo que se lembrava, *tinha* sido. — Você mesma disse que pode ser que nenhum barco pare. E quanto tempo esperamos em Ebou Dar até encontrarmos um navio para Tear? — Largando a escova, começou a refazer a trança.

— Os aldeões penduram uma bandeira quando querem que um barco pare, e a maioria para. E sempre há navios indo para toda parte em uma cidade portuária do tamanho de Ebou Dar.

Como se ela já tivesse estado em uma cidade portuária de qualquer tamanho antes de ir embora da Torre com Nynaeve. Elayne sempre pensava que tudo o que não aprendera sobre o mundo como Filha-herdeira de Andor, aprendera na Torre, mesmo depois de inúmeras provas do contrário. E como ainda ousava se dirigir a ela naquele tom de voz superior!

— É pouco provável que a gente encontre alguma reunião de Azuis em um navio, Elayne.

O plano de Nynaeve era insistir na carruagem, atravessar o que faltava de Amadícia, depois Altara e Murandy, entrar em Far Madding, atravessando as Colinas de Kintara e seguir pela Planície de Maredo até Tear. Com certeza levaria mais tempo, mas, além da chance de descobrir a tal reunião de alguma forma, era muito raro que carruagens afundassem. Sabia nadar, mas não ficava confortável quando não havia nenhuma terra à vista.

Elayne secou o rosto com suavidade, trocou a camisola e veio ajudar na feitura da trança. Nynaeve não se deixou enganar: ainda ouviria falar em barcos. Seu estômago não gostava de navegar. Não que aquilo tivesse influenciado sua

decisão, claro. Se conseguisse trazer as Aes Sedai para o lado de Rand, a rota mais curta valeria muito a pena.

— Você se lembrou do nome? — indagou Elayne, entrelaçando as mechas.

— Lembrei ao menos que *havia* um nome. Luz, me dê um tempo. — Tinha certeza de que houvera um nome. Uma vila, teria de ser, ou uma cidade. Não tinha como ter visto e se esquecido do nome de um país. Respirando bem fundo, controlou um pouco o gênio e prosseguiu em um tom mais brando. — Eu vou me lembrar, Elayne. Só me dê um tempo.

Elayne emitiu um som evasivo e continuou a trançar.

— Será que foi mesmo inteligente pedir que Birgitte procurasse Moghedien? — perguntou ela, instantes depois.

Nynaeve franziu a testa para a jovem, mas o olhar de soslaio deslizou por Elayne feito água em seda lubrificada. Se queria mudar de assunto, aquele não havia sido uma boa escolha.

— Melhor nós a encontrarmos do que ela nos encontrar.

— Suponho que sim. Mas o que vamos fazer quando isso acontecer?

Nynaeve não tinha resposta para aquela pergunta. Mas era melhor caçar do que ser caçada, mesmo que a caça fosse aos trancos e barrancos. A Ajah Negra ensinara isso a ela.

O salão não estava cheio quando desceram, ainda que, mesmo tão cedo, já houvesse mantos brancos salpicados entre os clientes, a maioria homens mais velhos, todos com patentes oficiais. Sem dúvida eles preferiam comer o que se preparava nas cozinhas da estalagem do que o que os cozinheiros Mantos-brancos serviam nas guarções. Nynaeve quase preferia comer de novo em uma bandeja, mas aquele quartinho parecia mais um caixote. Todos aqueles homens estavam concentrados na comida, os Mantos-brancos não menos que os outros. Certamente era um local seguro. O cheiro de comida tomava conta do ar. Ao que parecia, aqueles homens queriam carne de vaca ou de carneiro até na primeira refeição do dia.

O pé de Elayne mal havia deixado o último degrau quando a Senhora Jharen surgiu para oferecer a elas, ou à Lady Morelin, melhor dizendo, uma sala de jantar privativa. Nynaeve nem sequer olhou para Elayne, mas a ouviu responder:

— Acho que vamos comer aqui. Quase nunca tenho a oportunidade de comer em um salão comum, e até gosto, na verdade. Peça para uma de suas garotas trazer algo refrescante para nós. Se o dia já começou assim, meu medo é sufocar antes de chegarmos à próxima parada.

Nynaeve sempre se surpreendia com o fato de aquele comportamento arrogante nunca ter feito com que elas fossem jogadas na rua. Àquela altura, já conhecera lordes e ladies suficientes para saber que quase todos se comportavam daquela forma, mas, mesmo assim... Nynaeve não aguentaria aquilo nem um

minuto. A dona da estalagem, no entanto, meneou a cabeça em reverência, sorrindo e esfregando as mãos, depois conduziu as duas a uma mesa próxima de uma janela que dava para a rua e saiu apressada para providenciar tudo o que Elayne pedira. Talvez aquele fosse o jeito dela de dar o troco na garota. As duas foram deixadas sozinhas, bem longe dos homens que já estavam nas outras mesas, mas qualquer pessoa que passasse do lado de fora poderia vê-las ali dentro, e se lhes fossem servidos algum prato quente, o que esperava que não fosse o caso, Elayne e Nynaeve estavam tão distantes das cozinhas quanto possível.

Quando a comida chegou, o café da manhã consistia em bolinhos doces temperados que vieram ainda mornos, enrolados em um pano branco, mas mesmo assim saborosos, peras amarelas, uvas roxas que pareciam um tanto enrugadas, e uma espécie de coisinhas vermelhas que a atendente disse se chamarem morangos, ainda que não se parecessem com nenhum fruto que Nynaeve já tivesse visto. O gosto também era bem peculiar, em especial com uma colher de creme coalhado por cima. Elayne afirmou já ter ouvido falar do fruto, o que era de se esperar. Com um vinho levemente condimentado supostamente refrigerado em uma adega — e um gole bastou para ela concluir que a adega não era das mais frias, se é que existia — a refeição matinal acabou se mostrando revigorante.

O homem mais próximo estava a três mesas de distância e usava um casaco de lã azul-marinho. Talvez fosse um comerciante próspero, mas não conversaram entre si. Haveria muito tempo para isso quando estivessem de volta na estrada, onde não haveria riscos de serem entreouvadas. Nynaeve terminou de comer bem antes de Elayne. Pelo modo como a garota não tinha a menor pressa para cortar uma pera, poderia se pensar que tinham o dia todo para ficar ali sentadas.

De repente, os olhos de Elayne se arregalaram em choque, e a faquinha retiniu na mesa. Nynaeve moveu a cabeça depressa e deu de cara com um homem tomando o assento no outro lado da mesa.

— Achei que fosse você, Elayne, mas o cabelo a princípio me deixou em dúvida.

Nynaeve encarou Galad, o meio-irmão de Elayne. A palavra, claro, era encarar. Alto e esbelto feito aço, com olhos e cabelos escuros, era o homem mais bonito que ela já tinha visto. Bonito não chegava a descrevê-lo. Era deslumbrante. Nynaeve já vira mulheres o rodearem na Torre, Aes Sedai inclusive, todas sorrindo feito tontas. Tratou de tirar o sorriso do rosto, mas não podia fazer nada com seu coração acelerado nem se obrigar a respirar no ritmo adequado. Não sentia nada pelo homem. A única questão era ele ser lindo. *Controle-se, mulher!*

— O que está fazendo aqui? — Nynaeve ficou contente por sua voz não ter soado abafada. Não era justo que um homem fosse bonito daquele jeito.

— E por que está usando *isto*? — Elayne falou baixo, mas sua voz ainda tinha um tom raivoso.

Nynaeve então percebeu que ele usava a parte de cima de uma armadura reluzente e um manto branco com dois nós dourados de graduação logo abaixo de um sol flamejante. Sentiu que suas bochechas enrubesciam. Ficara tão ocupada encarando o rosto do rapaz que sequer percebera o que ele estava usando! Sua vontade era esconder o próprio rosto daquela humilhação.

Ele sorriu, e Nynaeve precisou respirar fundo.

— Estou aqui porque fui um dos Filhos convocados do norte. E eu sou um Filho da Luz porque me pareceu a coisa certa a se fazer. Elayne, quando vocês duas e Egwene sumiram, não levou muito tempo para Gawyn e eu descobirmos que não estavam cumprindo um castigo em uma fazenda, ou o que quer que nos tenham dito. Elas não tinham o direito de envolver você nas tramas delas, Elayne. Nenhuma de vocês.

— Parece que você subiu de patente bem rápido — observou Nynaeve. Aquele tolo não percebia que falar sobre os planos das Aes Sedai era uma bela maneira de causar a morte das duas?

— Eamon Valda pareceu pensar que minha experiência me garantia isso, não importa onde foi obtida.

Ele deu de ombros, fazendo pouco caso da graduação. Não se tratava exatamente de modéstia, mas também não era pretensão. Melhor espadachim entre os que tinham ido estudar com os Guardiões na Torre, ele também se destacara nas aulas de tática e estratégia, mas Nynaeve não conseguia se lembrar de vê-lo se vangloriando de suas proezas, nem mesmo em brincadeira. Feitos assim não significavam nada para ele, talvez porque fossem conquistados com muita facilidade.

— Mamãe sabe disso? — questionou Elayne, ainda com a voz calma. Sua cara feia, entretanto, teria assustado um javali.

Desconfortável, Galad só fez mexer um fio de cabelo.

— Não tive oportunidade de escrever para ela. Mas não tenha tanta certeza de que ela vai reprovar, Elayne. Ela não anda tão amigável com o norte quanto antes. Ouvi dizer que uma proibição pode virar lei.

— Escrevi a ela uma carta explicando. — O olhar de Elayne se transformara em atordoamento. — Ela precisa entender. Ela também estudou na Torre.

— Não levante a voz — retrucou ele, em tom firme e baixo. — Lembre-se de onde você está. — Elayne ficou bastante vermelha, mas Nynaeve não soube dizer se de raiva ou de vergonha.

De repente, percebeu que ele vinha falando em um tom tão calmo quanto as duas, e com o mesmo cuidado. Galad não mencionara a Torre nenhuma vez, nem as Aes Sedai.

— Egwene está com você? — prosseguiu o homem.

— Não — retrucou ela, fazendo-o suspirar profundamente.

— Eu tinha esperança de... Gawyn quase enlouqueceu de preocupação quando ela desapareceu. Ele também se importa com ela. Vão me dizer onde ela está?

Nynaeve percebeu aquele “também”. O homem se tornara um Manto-branco, mas “se importava” com uma mulher que queria ser Aes Sedai. Os homens eram tão estranhos que às vezes quase não pareciam humanos.

— Não — respondeu Elayne com firmeza, o rubor nas bochechas diminuindo. — Gawyn também está aqui? Não posso acreditar que ele se tornou um... — Ela teve a sagacidade de baixar ainda mais a voz, mas mesmo assim completou a frase: — Um Manto-branco!

— Ele continua no norte, Elayne.

Nynaeve supôs que ele se referisse a Tar Valon, mas Gawyn decerto já tinha ido embora de lá. Ele não apoiaria Elaida, com certeza.

— Você não faz ideia do que aconteceu por lá, Elayne — continuou Galad. — Toda a corrupção e a vilania daquele lugar chegaram ao nível máximo, como não podia deixar ser. A mulher que mandou você embora foi deposta. — Galad olhou ao redor e baixou o tom de voz a um sussurro, apesar de não haver ninguém suficientemente perto para escutar. — Estancada e executada. — Respirando fundo, ele emitiu um som enojado. — Aquilo nunca foi lugar para você. Ou para Egwene. Não faz muito tempo que entrei para os Filhos, mas tenho certeza de que meu capitão vai permitir que eu viaje para escoltar minha irmã de volta para casa. É onde você deveria estar, com Mamãe. Me diga onde está Egwene e eu dou um jeito de garantir que ela também seja levada para Caemlyn. Vocês vão ficar seguras lá.

O rosto de Nynaeve ficou dormente. Estancada. E executada. Não fora uma morte acidental, ou uma doença. Que tivesse considerado essa possibilidade não tornava a situação menos chocante. O motivo só podia ser Rand. Se algum dia existira qualquer nesga de esperança de que a Torre pudesse não se opor a ele, já não existia mais. Elayne não demonstrava nada, os olhos fixos ao longe.

— Vejo que minha novidade a deixou chocada — comentou ele em voz baixa. — Não sei a profundidade com que aquela mulher lhe envolveu em seus planos, mas você agora está livre. Me deixe levá-la em segurança até Caemlyn. Ninguém precisa saber que você teve mais contato com ela do que as outras garotas que foram até lá para aprender. Vocês duas.

Nynaeve mostrou os dentes para o homem, no que esperava que parecesse um sorriso. Foi bom ser finalmente incluída. Poderia ter dado um tapa nele.

Quem dera não fosse tão bonito.

— Vou pensar a respeito — afirmou Elayne, hesitante. — O que você diz faz sentido, mas preciso de tempo para pensar. Eu preciso pensar.

Nynaeve a encarou. Fazia sentido? A garota estava falando bobagem.

— Posso lhe dar um tempinho — respondeu o rapaz —, mas não muito, se for pedir permissão para partir. Podemos receber ordens para...

De repente um Manto-branco de rosto quadrado e cabelo escuro surgiu à mesa, dando tapinhas no ombro de Galad e abrindo um largo sorriso. Mais velho, tinha em seu manto os mesmos dois nós de graduação.

— Ora, jovem Galad, você não pode ficar com todas as mulheres bonitas só para você. Todas as garotas da cidade suspiram quando você passa, e a maioria das mães também. Me apresente.

Galad arrastou o banco para trás para se levantar.

— Eu... achei que conhecia as duas quando elas desceram, Trom. Mas seja lá qual for o charme que você acha que eu tenho, ele não funciona com esta senhorita. Ela não gosta de mim, e acho que não vai gostar de nenhum dos meus amigos. Se você treinar a espada comigo hoje à tarde, talvez consiga atrair uma ou duas.

— Isso nunca vai acontecer com você por perto — reclamou Trom, bem-humorado. — E é mais fácil eu deixar o ferrador bater na minha cabeça com o martelo do que treinar contra você.

Porém, o homem acabou permitindo que Galad o conduzisse até a porta, disparando apenas um olhar pesaroso para as duas mulheres. Ao saírem, Galad olhou para a mesa, frustrado e indeciso.

Tão logo os dois saíram de vista, Elayne se levantou.

— Nana, preciso que você suba comigo. — A Senhora Jharen se materializou ao lado dela, perguntando se a lady apreciara a refeição, no que Elayne disse: — Chame meu condutor e meu laçao imediatamente. Nana vai acertar a conta. — Estava a caminho da escada antes mesmo de terminar de falar.

Nynaeve a acompanhou com os olhos e enfiou a mão na bolsa para pagar a mulher, dando garantias de que tudo estivera do agrado de sua patroa e tentando não reclamar do preço. Assim que se livrou da dona da estalagem, correu para o andar de cima. Elayne estava amontoando os pertences das duas nos baús de qualquer jeito, inclusive as camisolas suadas que haviam deixado penduradas nos suportes das camas para secar.

— Qual é o problema, Elayne?

— Precisamos ir embora imediatamente, Nynaeve. De uma vez. — Ela nem ergueu o rosto até o último objeto ter sido entulhado. — Neste exato instante, onde quer que esteja, Galad deve estar quebrando a cabeça com algo que nunca encarou antes. Duas coisas certas, mas opostas. Na cabeça dele, é correto me amarrar a um cavalo de carga, caso necessário, e me levar na marra até

Mamãe, aliviando as preocupações dela e *me salvando* de me tornar uma Aes Sedai, independentemente do que eu queira. E também é correto nos entregar para os Mantos-brancos, para o exército, ou para os dois. Essa é a lei de Amadícia, e também a lei dos Mantos-brancos. Aes Sedai são foras da lei aqui, assim como qualquer mulher que já tenha sido treinada na Torre. Mamãe se encontrou uma vez com Ailron para assinar um acordo comercial e eles tiveram que fazer isso em Altara, já que, legalmente, Mamãe não podia entrar em Amadícia. Agarrei *saidar* assim que o vi, e não vou soltar até que já estejamos bem longe.

— Tenho certeza de que você está exagerando, Elayne. Ele é seu irmão.

— Ele *não* é meu irmão! — Elayne puxou fundo o ar e expirou devagar. — Tínhamos o mesmo pai — disse ela com voz mais calma —, mas ele não é meu irmão. Não vou aceitá-lo. Nynaeve, eu já lhe falei várias vezes, mas você não aprende. Galad faz o que é certo. Sempre. Ele nunca mente. Você ouviu o que ele disse para aquele tal de Trom? Ele não disse que não nos conhecia. Todas as palavras que usou eram verdadeiras. Ele faz o que é *certo*, e pouco importa quem vai se machucar com isso, incluindo ele próprio. Ou eu. Ele costumava dedurar Gawyn e eu por qualquer coisa, e até se dedurava também. Se ele escolher a opção errada, teremos Mantos-brancos nos emboscando antes de chegarmos nos limites da aldeia.

Um tapinha soou na porta, e a respiração de Nynaeve ficou presa na garganta. Claro que Galad não iria de fato... O rosto de Elayne estava preparado, pronto para lutar.

Hesitante, Nynaeve abriu a porta. Eram Thom e Juilin, que estava com aquele chapéu idiota na mão.

— Milady nos chamou? — perguntou Thom, com um toque de servilismo endereçado a qualquer pessoa que pudesse estar escutando.

Conseguindo respirar de novo e sem se importar com quem estaria escutando, Nynaeve abriu o restante da porta.

— Entrem logo, vocês dois! — Já estava ficando cansada de vê-los se entreolhando a cada vez que ela falava.

Antes de Nynaeve voltar a fechar a porta, Elayne anunciou:

— Thom, precisamos ir embora imediatamente. — O olhar determinado sumira de seu rosto e a ansiedade tomava conta de sua voz. — Galad está aqui. Você deve se lembrar do monstro que ele era quando criança. Bem, não melhorou nada agora que cresceu, e, além de tudo, ele é um Manto-branco. Ele seria capaz de... — As palavras pareceram ficar presas na garganta. Ela encarou Thom, a boca se movendo em silêncio, mas com os olhos menos arregalados que os dele, que a fitavam.

O homem se sentou pesadamente sobre um dos baús, mas não tirou os olhos dos de Elayne.

— Eu... — Pigarreando de modo grosseiro, Thom prosseguiu: — Achei que tinha visto o sujeito vigiando a estalagem. Um Manto-branco. Mas ele parecia apenas a versão adulta daquele garoto. Suponho que não deveríamos ficar surpresos por ele ter virado um Manto-branco.

Nynaeve foi até a janela. Elayne e Thom mal pareceram notar quando ela passou entre os dois. O tráfego na rua estava começando a se intensificar, fazendeiros, carroças e aldeões se misturando a Mantos-brancos e soldados. No outro lado da rua, um Manto-branco estava sentado em um barril virado, aquele rosto perfeito inconfundível.

— E ele... — Elayne engoliu em seco. — Ele reconheceu você?

— Não. Quinze anos mudam mais um homem do que um garoto. Eu achei que você não se lembraria, Elayne.

— Lembrei em Tanchico, Thom.

Com um sorriso vacilante, Elayne se esticou e deu um puxão em um dos lados do comprido bigode do homem. Thom retribuiu o sorriso de um jeito igualmente hesitante, como se considerasse a hipótese de saltar pela janela.

Juilin coçou a cabeça, e Nynaeve também desejou ter alguma ideia a respeito do que eles estavam falando, mas havia questões mais importantes para resolver.

— Ainda precisamos ir embora, antes que ele bote a guarnição inteira atrás da gente. Com ele vigiando, não vai ser fácil. Não vi nenhum outro cliente que pareça ter uma carruagem.

— A nossa é a única no pátio do estábulo — informou Juilin. Thom e Elayne ainda estavam se entreolhando, claramente sem ouvir uma palavra.

Sair com as cortinas abaixadas não seria proteção alguma, então. Nynaeve até apostaria que Galad já descobrira exatamente como eles haviam chegado a Sienda.

— Há algum jeito de sairmos do pátio por trás?

— Um portão com largura suficiente para passarmos um de cada vez — respondeu Juilin, seco. — E, seja como for, o que tem do outro lado não passa de uma viela. Não há mais do que duas ou três ruas nesta aldeia que sejam largas o bastante para a carruagem. — Ele estudou aquele chapéu cilíndrico, virando-o nas mãos. — Posso me esgueirar para perto até conseguir dar uma pancada na cabeça dele. Se estiverem prontos, vocês poderiam partir na carruagem durante a confusão. Eu alcançaria vocês já na estrada.

Nynaeve bufou.

— Como? Galopando atrás da gente no Sorrateiro? Mesmo que não caísse da sela na primeira milha, você acha que conseguiria sequer chegar a um cavalo se atacasse um Manto-branco na rua? — Galad ainda estava parado do outro lado da calçada, e Trom se juntara a ele, os dois aparentemente envolvidos em uma conversa preguiçosa. Nynaeve se inclinou e deu um puxão no bigode de Thom.

— Você tem algo a acrescentar? Algum plano brilhante? Toda a atenção que prestou nas fofocas rendeu alguma coisa que possa ajudar?

O homem levou a mão ao rosto e lançou um olhar ofendido na direção dela.

— Não, a menos que você ache que Ailon estar reivindicando algumas aldeias de fronteira, em Altara, nos ajude em alguma coisa. Uma faixa que ocupa toda a extensão da fronteira, de Salidar até So Eban e até Mosra. Isso ajuda em alguma coisa, Nynaeve? Ajuda? Tente arrancar fora o bigode de um homem. Alguém vai acabar lhe dando uma bofetada no pé do ouvido.

— O que Ailon poderia querer com uma faixa ao longo da fronteira, Thom? — indagou Elayne.

Talvez estivesse interessada, já que parecia se interessar por qualquer mudança de panorama na política e na diplomacia, ou talvez só estivesse tentando interromper uma discussão. Antes de se envolver nos flertes com Thom, ela estava sempre tentando aliviar a situação.

— Não é o Rei, criança. — A voz dele se suavizou para falar com Elayne. — É Pedron Niall. Ailon costuma fazer o que lhe mandam, embora ele e Niall finjam que não é bem assim. A maioria daquelas aldeias está abandonada desde a Guerra dos Mantos-Brancos, e os Filhos se referem a elas como Confusões. Niall era o general em campo naquela ocasião, e duvido que um dia tenha desistido de querer Altara. Se controlar as duas margens do Eldar, ele pode minguar o comércio fluvial para Ebou Dar, e, se conseguir quebrar Ebou Dar, o resto de Altara vai pingar aos poucos nas mãos dele feito os grãos que caem de um furo em uma saca.

— Muito obrigada pela informação — cortou Nynaeve com firmeza, antes que ele ou a garota pudessem voltar a falar. Algo no que o homem dissera soou familiar, mas Nynaeve não sabia dizer o quê ou por quê. De qualquer forma, ninguém ali tinha tempo para aulas sobre as relações entre Amadícia e Altara, não com Galad e Trom vigiando a frente da estalagem. Ela disse exatamente isso, depois acrescentou: — E você, Juilin? Sempre conhece uns tipos mais baixos. — O caçador de ladrões sempre procurava os ladrões, arrombadores e salteadores de uma cidade. Afirmava que eles sabiam mais sobre o que realmente estava acontecendo do que qualquer oficial. — Existem contrabandistas que podemos subornar para nos tirar daqui na surdina ou... ou... Você sabe o tipo de coisa de que precisamos, homem.

— Ouvi falar muito pouco. Os bandidos ficam quietos em Amadícia, Nynaeve. Para o primeiro delito, ferro quente; para o segundo, amputação da mão boa; e para o terceiro, forca, seja por roubar a coroa do Rei ou um pedaço de pão. Não há muitos ladrões em um vilarejo deste tamanho, não dos que vivem disso. — Ele desdenhava dos ladrões amadores. — E, na maior parte do tempo, eles só queriam falar sobre dois assuntos: se o Profeta realmente está vindo para Amadícia, conforme dizem os boatos, e se os administradores daqui vão ceder e

deixar o conjunto de animais itinerante fazer uma apresentação. Sienda é muito longe da fronteira para que contrabandistas...

Nynaeve o interrompeu com uma satisfação determinada.

— É isso! O conjunto itinerante. — Todos olharam para ela como se a garota tivesse enlouquecido.

— Claro — disse Thom, com exagerada tranquilidade. — Podemos pedir para Luca trazer os cavalos-javali de volta e aí escapamos enquanto eles destroem um pouco mais o vilarejo. Não sei o que você deu a ele, Nynaeve, mas o homem jogou uma pedra na gente quando estávamos indo embora.

Dessa vez Nynaeve perdoou o sarcasmo, leve como foi. Assim como a falta de inteligência dele para compreender o que ela tinha em mente.

— Pode até ser, Thom Merrilin, mas Mestre Luca quer um patrono, e Elayne e eu seremos exatamente isso. Ainda temos que abandonar a carruagem e os animais... — Essa parte doía. Ela poderia ter construído uma casa bem confortável em Dois Rios pelo que tudo aquilo havia custado. — E sair pelos fundos.

Abrindo o baú com as dobradiças em forma de folha, ela escarafunchou entre roupas, lençóis, potes e tudo o que não quisera deixar para trás no carroção com as tinturas — ela se assegurara de que os homens tinham empacotado tudo, menos os arreios —, até encontrar as bolsas e as caixinhas douradas.

— Thom, você e Juilin vão sair por aquele portão dos fundos e vão encontrar algum tipo de carroção e de animais. Compre alguns mantimentos e encontrem a gente na estrada que leva de volta ao acampamento de Luca. — A contragosto, ela encheu a mão de Thom de ouro, sem nem se dar ao trabalho de contar. Não havia como saber quanto cada item custaria, e não queria que ele perdesse tempo pechinchando.

— Que ideia maravilhosa — disse Elayne, sorrindo. — Galad vai estar de olho em duas mulheres, não em uma trupe de animais e malabaristas. E ele nunca vai pensar que iríamos para Ghealdan.

Nynaeve não havia pensado naquilo. A intenção dela era fazer Luca partir direto para Tear. Um conjunto como o que o homem conseguira reunir, com acrobatas e malabaristas complementando os animais, poderia fazer sucesso em praticamente qualquer lugar, e disso ela tinha certeza. Mas se Galad de fato fosse atrás delas, ou enviasse alguém, seria para o leste. E talvez ele fosse esperto o bastante para desconfiar até de um conjunto itinerante. Os homens às vezes usavam o cérebro, normalmente quando menos se esperava.

— Essa foi a primeira coisa em que pensei, Elayne. — Nynaeve ignorou o gosto fraco na boca, a lembrança acre da samambaia-felina fervida e da folha-sábia em pó.

Claro que Thom e Juilin protestaram. Não tanto contra a ideia, mas pareciam pensar que, se um dos dois ficasse ali, poderia proteger as duas de Galad e de qualquer número de Mantos-brancos. Pareciam não perceber que, caso algo

assim acontecesse, canalizar daria mais resultados do que eles dois somados e mais outros dez. Os homens ainda pareciam incomodados, mas ela conseguiu empurrar os dois para fora com a inflexibilidade da frase:

— E não ousem voltar aqui. Encontramos vocês na estrada.

— Se precisarmos canalizar — sussurrou Elayne assim que a porta se fechou —, vamos nos ver rapidamente tendo que enfrentar toda a guarnição dos Mantos-brancos, e, bem provável, toda a guarnição do exército. O Poder não nos torna invencíveis. Bastam duas flechadas.

— Quando chegar a hora, nos preocuparemos com isso — respondeu Nynaeve.

Esperava que os homens não tivessem pensado naquilo. Se tivessem, era provável que um deles ficasse espionando, o que, caso não fosse feito com cautela, possivelmente inflamaria ainda mais as suspeitas de Galad. Nynaeve estava pronta para aceitar a ajuda deles sempre que necessário, Ronde Macura a fizera aprender essa lição, embora o fato de precisar ter sido resgatada feito um gatinho que caiu no poço ainda a irritasse. Mas era ela quem definia quando a ajuda era necessária, e não eles.

Uma rápida descida ao andar inferior a levou a encontrar a Senhora Jharen. Sua lady mudara de ideia. Achava que não conseguiria voltar a enfrentar tão rápido o calor e a poeira da viagem. Pretendia tirar um cochilo e não queria ser perturbada até a hora do jantar, quando a mandaria ao andar de baixo buscar a refeição. E ali estavam as moedas por mais uma noite de alojamento. A dona da estalagem foi bastante compreensiva com a fragilidade de uma lady nobre e da inconstância de suas vontades. Nynaeve achava que a Senhora Jharen seria compreensiva com qualquer coisa que não fosse um assassinato, desde que a conta fosse paga.

Afastando-se da mulher rechonchuda, Nynaeve encurralou uma das atendentes. Umas poucas moedas de prata trocaram de mãos e a garota de avental saiu em disparada para ir procurar dois daqueles gorros profundos que Nynaeve afirmara parecerem muito sombreados e frescos. Não eram o tipo de coisa que sua lady usaria, claro, mas serviriam muito bem para ela.

Quando voltou ao quarto, Elayne havia colocado as caixinhas douradas em um lençol, junto com a caixa escura e polida que abrigava os *ter'angreal* recuperados e a bolsa de camurça que guardava o selo. As gordas bolsas contendo as moedas repousavam na outra cama, ao lado da sacola de viagem de Nynaeve. Dobrando o lençol, Elayne amarrou a trouxa com um cordão resistente retirado de um dos baús. Nynaeve guardara *tudo* naqueles baús.

Não queria abandonar tudo aquilo. Não só pelos gastos. Não só. Nunca se sabia quando algum daqueles objetos viria a calhar. Era o caso dos dois vestidos de lã que Elayne estendera na cama. Não eram finos o bastante para uma lady e eram bons demais para uma criada, mas, se os tivessem deixado em Mardecin,

como Elayne quisesa, àquela altura estariam em maus lençóis com relação ao guarda-roupa.

De joelhos, Nynaeve vasculhou outro baú. Algumas camisolas, mais dois vestidos de lã para se trocarem. As duas frigideiras de ferro fundido em uma sacola de tela estavam em ótimo estado, mas eram pesadas demais, e era certo que os homens não se esqueceriam de providenciar substitutas. O equipamento de costura, na bela caixa entalhada. Thom e Juilin jamais pensariam em comprar nem mesmo um alfinete. No entanto, apenas parte de sua mente estava focada naquelas escolhas.

— Você já conhecia Thom? — perguntou, em uma voz que esperava ter sido casual. Observou Elayne com o canto do olho enquanto fingia se concentrar em enrolar as meias.

A garota tinha começado a separar as próprias roupas, suspirando para cada uma das sedas antes de colocá-las de lado. Com as mãos enterradas em um dos baús, ela paralisou e nem olhou para Nynaeve.

— Ele era bardo da Corte em Caemlyn quando eu era pequena — respondeu, muito calma.

— Entendi. — Não, ela não entendera nada. Como um homem passava de bardo da Corte, alguém que entretinha a realeza, quase um nobre, para um menestrel a perambular de aldeia em aldeia?

— Ele foi amante de Mamãe depois que Papai morreu. — Elayne voltara a escolher peças de roupa, e falou isso de forma tão casual que Nynaeve ficou embasbacada.

— Amante da sua...!

Mas Elayne ainda não a encarava.

— Só fui me lembrar dele em Tanchico. Eu era muito pequena. Foi por causa do bigode, e de ficar perto o bastante para olhar no rosto dele, e por tê-lo ouvido recitar um trecho d'*A Grande Caçada à Trombeta*. Ele achou que eu tinha me esquecido de novo. — O rosto da garota enrubescou de leve. — Eu... bebi muito vinho, e no dia seguinte fingi que não me lembrava.

Nynaeve só conseguiu balançar a cabeça. Recordava-se da noite em que a tola garota se enchera de vinho. Pelo menos nunca mais repetira o feito. A dor de cabeça na manhã seguinte fora uma Cura efetiva. Foi só então que Nynaeve entendeu por que Elayne se comportava daquela maneira com Thom. Havia visto a mesma cena algumas vezes em Dois Rios. Uma garota que mal tinha idade para de fato se enxergar como mulher. Com quem mais ela competiria, se não com a própria mãe? E, por vezes, não havia ninguém melhor contra quem competir para provar que já se era uma mulher. Em geral, aquilo não levava a nada além de tentativas de ser melhor em tudo, de cozinhar a costurar, ou talvez a alguns flertes inofensivos com o pai. Mas, no caso de certa viúva, Nynaeve já vira uma filha que era quase mulher-feita se transformar em uma tola absoluta,

tentando capturar o coração do homem com quem a mãe pretendia se casar. O problema era que Nynaeve não tinha a menor ideia do que fazer com tal tolice de Elayne. Apesar de diversos sermões e muitas broncas da parte de Nynaeve e do Círculo das Mulheres, Sari Ayellin não sossegara até sua mãe ter voltado a se casar e ela mesma também ter encontrado um marido.

— Suponho que ele deve ter sido como um segundo pai para você — especulou Nynaeve, com cautela. Fingiu se concentrar na bagagem. Thom certamente vinha olhando para a garota daquela maneira. Isso explicava muita coisa.

— Não penso nele desse jeito. — Elayne parecia determinada a decidir quantas camisolas de seda levaria, mas seus olhos se entristeceram. — Quase não me lembro de nada do meu pai. Eu era um bebê quando ele morreu. Gawyn diz que ele passava todo o tempo com Galad. Lini tentou minimizar isso da melhor forma possível, mas sei que ele nunca foi visitar Gawyn e eu no berçário. Eu sei que ele teria visitado assim que tivéssemos idade para aprender coisas, como era o caso de Galad. Mas ele morreu.

Nynaeve tentou de novo.

— Pelo menos Thom está bem, para um homem da idade dele. Estaríamos em maus lençóis se ele sofresse de problemas nas juntas. Homens mais velhos costumam sofrer.

— Se não mancasse, ele seria capaz de dar cambalhotas para trás. E eu não me importo que ele manque. Ele é inteligente e sabe muito sobre o mundo. É gentil, e me sinto muito segura ao lado dele. Acho melhor não dizer isso a ele. Do jeito que está, ele já tenta me proteger o suficiente.

Nynaeve suspirou e desistiu. Ao menos pelo momento. Thom talvez visse Elayne como uma filha, mas se a garota continuasse com aquilo, podia ser que o homem se lembrasse de que ela não era, e então Elayne se veria em uma enrascada.

— Thom gosta muito de você, Elayne. — Hora de mudar para algum outro assunto. — Você tem certeza quanto a Galad? Elayne? Tem certeza de que Galad poderia nos denunciar?

A mais jovem se sobressaltou, apagando os vestígios de seu cenho franzido.

— O quê? Galad? Tenho *certeza*, Nynaeve. E se nos recusarmos a deixar que ele nos leve até Caemlyn, estaremos apenas tomando a decisão por ele.

Resmungando sozinha, Nynaeve tirou do baú um vestido de cavalgada feito de seda. Às vezes, pensava que o Criador só tinha feito os homens para criar problemas para as mulheres.



PARA O OESTE

Quando a atendente subiu com os gorros, Elayne estava esparramada em uma das camas trajando uma camisola branca de seda, um pano úmido lhe cobrindo os olhos, e Nynaeve fingia remendar a bainha do vestido verde-claro que ela estivera usando. Com muita frequência, acabava espetando o dedo. Jamais teria admitido a alguém, mas não era muito boa com a agulha. Trajava seu vestido, claro — criadas não se refestelavam à toa, feito ladies —, mas tinha os cabelos soltos. Estava claro que não tinha intenção de sair do quarto tão cedo. Agradeceu a garota com um sussurro, como se não quisesse acordar sua lady, e lhe entregou outra moeda de prata, repetindo a ordem de que a lady não deveria ser incomodada em hipótese alguma.

Assim que a porta se fechou, Elayne se pôs de pé e começou a puxar as trouxas das duas de debaixo das camas. Nynaeve largou o vestido de seda e levou os braços às costas para se desabotoar. Logo as duas estavam prontas, Nynaeve vestindo lã verde, Elayne de azul, ambas com as trouxas nos ombros. Nynaeve carregava a bolsinha com suas ervas e o dinheiro, Elayne, as caixas enroladas nos lençóis. As profundas abas curvadas dos gorros escondiam tão bem seus rostos que Nynaeve achou que as duas poderiam passar por Galad sem que o homem as reconhecesse, ainda mais com ela estando de cabelo solto. Da trança ele se lembraria. A Senhora Jharen, entretanto, poderia parar duas estranhas descendo do andar de cima com pesadas trouxas.

A escada dos fundos ficava do lado de fora da estalagem, estreitos degraus de pedra junto à parede. Nynaeve sentiu um quê de pena de Thom e Juilin, que

havam subido por ali com os baús pesados, mas sua atenção estava no pátio e no estábulo com telhado de ardósia. Um cão amarelo estava deitado na sombra debaixo da carruagem, abrigando-se do calor que já aumentava, mas todos os empregados estavam lá dentro. De vez em quando, percebia algum movimento para além das portas do estábulo, que estavam abertas, mas ninguém saía. Lá dentro também era mais fresco.

As duas cruzaram rapidamente o pátio do estábulo até a viela entre o prédio e um alto muro de pedra. Uma carroça cheia de esterco, rodeada por moscas e pouco mais estreita que a viela, estava passando por ali. Nynaeve suspeitava de que Elayne estivesse envolta no brilho de *saidar*, embora não pudesse vê-lo. Ela própria estava torcendo para que o cão não decidisse latir e para que ninguém saísse das cozinhas ou do estábulo. Usar o Poder não era uma boa maneira de se esgueirar furtivamente, e ter de persuadir quem quer que fosse deixaria um rastro que Galad poderia seguir.

O rústico portão de madeira ao fim da viela tinha apenas um trinco sem fechadura, e a estreita rua de trás — onde se enfileiravam casas simples de pedra, a maioria com telhados de palha — estava vazia, exceto por um pequeno grupo de garotos parecendo brincar de acertar um ao outro com um pequeno saco de estopa recheado de grãos. O único adulto à vista era um homem alimentando pombos em um telhado do outro lado da rua, cabeça e ombros enfiados para dentro da gaiola. Nem ele nem os garotos fizeram mais do que olhar de relance para as duas quando elas fecharam o portão e saíram caminhando pela via tortuosa como se tivessem todo o direito de estar ali.

Já haviam caminhado umas boas cinco milhas para o oeste de Sienda ao longo da estrada poeirenta quando Thom e Juilin as alcançarem. Thom conduzia o que parecia ser um carroção de Latoeiro, tirando o fato de o veículo estar pintado com uma cor só: verde-oliva, e com a tinta já descamada em grandes áreas. Nynaeve ficou grata de enfiar suas trouxas debaixo do assento do condutor e subir, instalando-se ao lado dele, mas não ficou tão contente ao ver Juilin montando Sorrateiro.

— Falei para você não voltar para a estalagem — reclamou ela, jurando acertá-lo com alguma coisa caso ele e Thom se entreolhassem.

— Eu não voltei — retrucou o homem, sem saber que acabara de poupar a si mesmo uma lesão na cabeça. — Disse para o chefe do estábulo que milady desejava frutos frescos, e que Thom e eu tínhamos que ir apanhá-los. É o tipo de bobagem que alguns nob... — Ele se interrompeu, pigarreando, quando Elayne, sentada do outro lado de Thom, lhe lançou um olhar frio e indiferente. Às vezes ele se esquecia de que ela, de fato, vinha da realeza.

— Precisávamos de algum motivo para deixar a estalagem e as estrebarias — justificou Thom, chicoteando os cavalos. — Vocês devem ter dito que iam voltar para o quarto para não desfalecerem de calor, ou para Lady Morelin não

desmaiar, mas os empregados do estábulo ficariam se perguntando por que iríamos querer perambular no calor em vez de ficar em um bom e tranquilo depósito de feno sem nada para fazer, e quem sabe com uma jarra de cerveja. Desse modo não despertaremos comentários.

Elayne lançou a ele um olhar inexpressivo — sem dúvida por conta do possível “desmaio” de Lady Morelin — que o homem fingiu não ver. Ou talvez não tenha visto. Homens podiam ser cegos quando convinha. Nynaeve bufou. Isso ele não teve como não perceber. E com certeza estalou o chicote de modo agressivo logo depois. Tudo não passava de uma desculpa para que pudessem se alternar na montaria. Era outra coisa que os homens faziam: inventar desculpas para agir exatamente como queriam. Ao menos Elayne estava franzindo a testa de leve para ele, em vez de abrir sorrisos insinuantes.

— Tem outra coisa que eu descobri ontem à noite — prosseguiu Thom, após algum tempo. — Pedron Niall está tentando unir as nações contra Rand.

— Não que eu não acredite, Thom — respondeu Nynaeve —, mas como foi que você descobriu isso? Não posso imaginar que algum Manto-branco simplesmente tenha lhe contado.

— Muita gente estava dizendo a mesma coisa, Nynaeve. Há um falso Dragão em Tear. Um falso Dragão, não importam as profecias sobre a queda da Pedra ou sobre *Callandor*. Esse camarada é perigoso, e as nações devem se unir como fizeram na Guerra dos Aiel. E quem melhor do que Pedron Niall para liderá-las contra esse falso Dragão? Quando tantas línguas assim dizem a mesma coisa, é porque o pensamento existe em escalões mais altos, e, em Amadícia, nem Ailron expressa qualquer pensamento sem falar primeiro com Niall.

Era bastante frequente que o velho menestrel parecesse juntar as pontas dos boatos e sussurros e chegasse às respostas certas. Não, nada de menestrel. Ela precisava se lembrar disso. Independentemente do que afirmasse, Thom havia sido um bardo da Corte, e era provável que já tivesse visto pessoalmente muitas intrigas como as das histórias que contava. Talvez até tivesse se envolvido em algumas, caso de fato tivesse sido amante de Morgase. Olhou de soslaio para aquele rosto coriáceo com espessas sobrancelhas brancas e um bigode comprido tão branco quanto o cabelo. Não havia como explicar o gosto de certas mulheres.

— Algo desse tipo não é tão inesperado. — Nynaeve jamais esperara por aquilo. Mas deveria ter.

— Mamãe vai apoiar Rand — afirmou Elayne. — Eu sei que vai. Ela conhece as Profecias. E tem tanta influência quanto Pedron Niall.

O leve balançar de cabeça de Thom negava pelo menos a última afirmação. Morgase governava uma nação rica, mas havia Mantos-brancos por toda parte e de toda parte. Nynaeve se deu conta de que teria que começar a prestar mais atenção em Thom. Talvez o homem realmente soubesse tanto quanto fingia saber.

— Então agora você acha que deveríamos ter deixado Galad nos escotar até Caemlyn?

Elayne inclinou-se para a frente para encará-la com firmeza por sobre o corpo de Thom.

— Com certeza não. Para começar, não há como garantir que a decisão dele seria essa. E, além disso... — Ela se endireitou, se escondendo por trás do homem. Parecia estar falando sozinha, lembrando a si mesma. — Além disso, se Mamãe realmente se voltou contra a Torre, quero tratar de todos os meus assuntos com ela por carta, ao menos por enquanto. É bem capaz que ela nos mantenha presas no palácio para o nosso próprio bem. Ela pode até não conseguir canalizar, mas não estou disposta a enfrentá-la até me tornar uma Aes Sedai completa. E olhe lá.

— Uma mulher forte — afirmou Thom, com gosto. — Morgase lhe ensinaria a ter modos rapidinho, Nynaeve. — Ela bufou outra vez para ele, frustrada por não estar usando uma trança para puxar, mas o velhote tonto só fez sorrir.

O sol estava alto quando alcançaram o conjunto itinerante, ainda acampado no exato local onde o haviam deixado, na clareira ao lado da estrada. Naquele calor parado, até os carvalhos pareciam definhar um pouco. Tirando os cavalos e os grandes cavalos-javali cinzentos, todos os animais estavam enjaulados, e os humanos também não estavam à vista, sem dúvida dentro dos carroções, não muito diferentes do que eles próprios ocupavam. Nynaeve e os demais já haviam descido do veículo quando Valan Luca apareceu, ainda trajando aquela ridícula capa de seda vermelha.

Desta vez, não houve discursos melífluos, nada de reverências com floreios de capa. Os olhos do homem se arregalaram quando reconheceram Thom e Julin, e se apertaram ao ver o carroção em forma de caixa atrás deles. Ele se curvou para bisbilhotar dentro dos enormes gorros, e seu sorriso não foi de contentamento.

— Ah, então caímos um pouco na vida, hein, milady Morelin? Ou talvez nunca nem tenha estado lá em cima. Roubou uma carruagem e algumas roupas, não foi? Bem, eu detestaria ver uma testa tão linda ser marcada com ferro quente. É o que eles fazem por aqui, caso não saibam, e isso quando não fazem pior. Então, como parece que vocês foram descobertos, senão não haveria outro motivo para estarem fugindo, eu sugeriria que viajassem o mais rápido possível. Se quiserem sua maldita moedinha de volta, ela está em algum local aí na estrada. Eu a joguei de volta para vocês, e, no que depender de mim, vai ficar aí até Tarmon Gai'don.

— Você queria um patrono — retrucou Nynaeve, no momento em que ele lhes deu as costas. — Podemos ser seus patronos.

— Vocês? — Luca sorriu com desdém. Mas parou. — Ainda que algumas moedas roubadas da bolsa de algum lorde fossem ajudar, eu não posso aceitar moedas rou...

— Vamos pagar suas despesas, Mestre Luca — interrompeu Elayne com aquele tom de voz friamente arrogante que ela tinha —, e ainda lhe daremos mais cem marcos de ouro caso possamos viajar com você até Ghealdan, e caso aceite não parar até chegar na fronteira.

Encarando-a, Luca passou a língua pelos dentes.

Nynaeve soltou um grunhido. Cem marcos, e de ouro! Cem de prata cobririam facilmente todas as despesas dele até Ghealdan ou mais longe, não importava o que aqueles tais cavalos-javali comessem.

— Roubaram tanto assim? — questionou Luca, hesitante. — Quem está atrás de vocês? Eu não me arriscaria contra Mantos-brancos ou o exército. Eles jogariam todos nós na prisão e provavelmente matariam os animais.

— Meu irmão — respondeu Elayne, antes que Nynaeve pudesse negar raivosamente que tivessem roubado alguma coisa. — Parece que um casamento foi arranjado enquanto estive fora, e meu irmão foi enviado até aqui para me encontrar. Não tenho nenhuma intenção de voltar a Cairhien para me casar com um homem uma cabeça mais baixo que eu, três vezes mais pesado e com o triplo da minha idade. — As bochechas da garota ficaram coradas em uma fraca simulação de raiva. O jeito como pigarreou foi mais convincente. — Meu pai sonha em tomar posse do Trono do Sol, caso consiga angariar apoio suficiente. Meus sonhos consistem em um andoriano ruivo com quem *vou* me casar, não importa o que meu pai diga. E isso, Mestre Luca, é até mais do que você precisa saber a meu respeito.

— Talvez você seja quem diz ser — ponderou Luca com calma —, mas talvez não seja. Me mostre um pouco desse dinheiro que você afirma que vai me dar. Promessas só compram alguns copinhos de vinho.

Com raiva, Nynaeve revirou sua sacola de viagem em busca da bolsa mais gorducha e a sacudiu para o homem, enfiando-a de volta no local assim que ele se esticou para pegá-la.

— Você terá o que precisa conforme a necessidade aparecer. E os cem marcos depois que chegarmos a Ghealdan. — Cem marcos de ouro! Se Elayne continuasse assim, teriam que encontrar um banqueiro e usar aquelas cartas-de-direitos.

Luca emitiu um grunhido amargo.

— Tendo roubado isso de alguém ou não, ainda assim estão fugindo. Não vou arriscar meu espetáculo por vocês, seja por conta do exército ou de um lorde cairhieno qualquer que possa vir procurá-los. O lorde pode ser ainda pior, caso pense que roubei a irmã dele. Vocês vão ter que se misturar a nós. — Aquele sorriso desagradável ressurgiu no rosto do homem. Ele jamais se esqueceria

daquela moedinha de prata. — Todo mundo que viaja comigo trabalha em alguma coisa, e, caso não queiram chamar atenção, devem fazer o mesmo. Se os outros souberem que estão pagando pela companhia, vão começar a falar, e não é isso que vocês querem. Limpar as jaulas já basta. Os tratadores dos cavalos vivem reclamando de ter que limpá-las. Vou até encontrar aquela moedinha e devolvê-la para vocês como pagamento. Nunca permitam que se diga por aí que Valan Luca não é generoso.

Nynaevae estava prestes a dizer, e bem objetivamente, que eles não iriam pagar pela viagem a Ghealdan e ainda trabalhar quando Thom pousou a mão em seu braço. Sem uma palavra, ele se curvou para recolher seixos do chão e começou a fazer malabarismo com as pedras, seis em um mesmo círculo.

— Eu tenho malabaristas — informou Luca. As seis viraram oito, depois dez, e uma dúzia. — Você não é ruim. — O círculo virou dois, entrelaçando-se. Luca esfregou o queixo. — Talvez eu consiga encontrar um lugar para você no espetáculo.

— Também sei comer fogo — disse Thom, deixando as pedras caírem —, faço um número com facas — ele abanou as mãos vazias e pareceu tirar um seixo da orelha de Luca — e outras coisinhas mais.

Luca conteve um sorriso.

— Isso basta para você, mas e quanto aos demais? — O homem parecia estar com raiva de si mesmo por ter demonstrado qualquer sinal de entusiasmo ou aprovação.

— O que é aquilo? — perguntou Elayne, apontando.

Os dois postes altos que Nynaevae havia visto serem erguidos agora tinham cordas para lhes dar suporte e uma plataforma plana no topo, uma outra corda esticada e tensionada ao longo das trinta passadas entre os dois. Uma escada de corda se dependurava de cada plataforma.

— Isto é o equipamento de Sedrin — respondeu Luca, e então sacudiu a cabeça. — Sedrin, o andarilho dos céus, deslumbrante em seus feitos a dez passadas de altura em uma cordinha estreita. O tolo.

— Eu consigo andar nela — afirmou Elayne.

Thom a segurou pelo braço quando ela tirou o gorro e avançou para o poste, mas se acalmou após um rápido balançar de cabeça e um sorriso da garota.

Luca, no entanto, barrou a iniciativa.

— Ouça, Morelin, ou seja lá qual for seu nome, sua testa pode até ser linda demais para o ferro quente, mas seu pescoço é ainda mais lindo para acabar quebrado. Sedrin sabia o que estava fazendo, e terminamos de enterrá-lo há não mais que uma hora. Por isso é que todos estão em seus vagões. Claro que ele bebeu muito ontem à noite, após termos sido obrigados a deixar Sienda, mas eu já tinha visto o homem andar ali em cima com a barriga cheia de conhaque. Sabe do que mais? Você não precisa limpar jaula nenhuma. Venha para o meu

carroção e iremos dizer para todos que você é minha amada. Só de faz-de-conta, claro. — Seu sorriso astuto indicava que ele esperava mais que um faz-de-conta.

O sorriso que Elayne devolveu ao homem deveria tê-lo congelado.

— Agradeço muito a oferta, Mestre Luca, mas se, por gentileza, você puder me dar passagem... — Ele teve que dar, ou a jovem o teria atropelado.

Juilin amassou o chapéu cilíndrico nas mãos e depois voltou a enfiá-lo na cabeça quando Elayne começou a subir por uma das escadas de corda, tendo um pouco de dificuldade com as saias. Nynaeve sabia o que a garota estava fazendo. Os homens também deveriam saber, e talvez pelo menos Thom soubesse, mas ainda parecia pronto para sair correndo e segurá-la, caso ela caísse. Luca se aproximou, como se o mesmo pensamento lhe passasse pela cabeça.

Por um momento, Elayne ficou de pé na plataforma, alisando o vestido. O local parecia bem menor e mais alto de lá de cima. Então, erguendo delicadamente as saias, como se não quisesse que encostassem na lama, pisou na corda estreita. Parecia tão fácil quanto atravessar a rua. De certa forma, Nynaeve sabia que era mesmo. Não conseguia ver o brilho de *saidar*, mas sabia que Elayne tecera entre as duas plataformas largos fluxos de Ar criando um caminho rígido feito pedra.

De repente, Elayne pôs as mãos para baixo e deu duas estrelas, os cabelos negros feito um corvo agitando-se, e as pernas nas meias de seda revelando-se ao sol. Durante o brevíssimo instante em que a garota se endireitou, as saias pareceram roçar uma superfície plana, antes de Elayne tornar a erguê-las. Mais dois passos a levaram à plataforma oposta.

— Mestre Sedrin fazia isso, Mestre Luca?

— Dava saltos mortais — gritou de volta o homem. Murmurando, acrescentou: — Mas ele não tinha estas pernas. Uma lady! Rá!

— Não sou só eu que sei fazer isso — informou Elayne. — Juilin e... — Nynaeve balançou a cabeça com firmeza. Com ou sem canalizar, seu estômago apreciaria aquela corda lá nas alturas tanto quanto uma tempestade em alto mar. — ...e eu já fizemos isso muitas vezes. Vamos lá, Juilin. Mostre a ele.

O caçador de ladrões parecia preferir limpar as jaulas com as próprias mãos. As jaulas dos leões, e com os leões dentro. Ele fechou os olhos, a boca se movendo em uma oração silenciosa, e subiu a escada de corda como um homem subiria a um cadafalso. Do topo, correu os olhos de Elayne até a corda, concentrada e apavorada. De repente, deu um passo para fora da plataforma e andou a passos largos, os braços esticados, os olhos fixos em Elayne e a boca ainda se mexendo em uma prece. A garota desceu parcialmente a escada para abrir lugar para ele na plataforma, depois precisou ajudá-lo a encontrar os degraus com os pés e guiá-lo até embaixo.

Thom sorriu para Elayne, cheio de orgulho, quando ela desceu e apanhou seu capuz das mãos de Nynaeve. Juilin parecia ter sido colocado de molho na

água quente e depois torcido.

— Foi bom — disse Luca, esfregando o queixo, ponderando. — Não tão bom quanto Sedrin, vejam bem, mas bom. Aprecio especialmente o modo como você faz parecer tão fácil, enquanto... Juilin?... Enquanto Juilin finge estar completamente apavorado. Vai funcionar muito bem. — A resposta de Juilin para o homem foi um sorriso frio com um leve ar ameaçador. Luca se virou para Nynaeve, voltando até a girar a capa vermelha. O homem de fato parecia muito satisfeito. — E você, minha cara Nana? Que talento surpreendente você possui? Acrobacias, quem sabe? Ou engole espadas?

— Eu distribuo o dinheiro — respondeu ela, dando tapinhas na bolsa. — A menos que você queira *me* oferecer seu carroção. — Ela abriu um sorriso que deu um jeito naquela pose dele, além de fazê-lo recuar dois passos.

O falatório despertara as pessoas nos carroções, e todos se reuniram em torno do grupo enquanto Luca apresentava os novos artistas da trupe. O homem foi bem vago com relação a Nynaeve, dizendo simplesmente que o que ela fez foi surpreendente. Precitaria ter uma conversinha com o sujeito.

Os tratadores dos cavalos, como Luca se referia aos homens que não tinham talento performático, eram uma turma imunda e grosseira, talvez por receberem um pagamento mais baixo. Não havia muitos, em comparação com o número de carroções. Na verdade, acabava que todos ajudavam com o trabalho, incluindo a condução dos carroções. O dinheiro não era tão farto em um conjunto de animais itinerante, mesmo para uma trupe como aquela. Os demais formavam um grupo bem variado.

Petra, o fisiculturista, era o maior homem que Nynaeve já vira. Não em altura, mas em largura. Seu colete de couro expunha braços do tamanho de troncos de árvore. Ele era casado com Clarine, a mulher roliça de bochechas marrons que treinava os cães. Clarine parecia uma miniatura perto dele. Latelle, que se apresentava com os ursos, era uma mulher de rosto inflexível, olhos escuros, cabelos negros curtos e com um sorriso permanente de desdém. Aludra, a mulher esbelta cuja suposta função era ser uma Iluminadora, podia até já ter sido uma. Não usava os cabelos escuros trançados no estilo taraboniano, o que nem era surpreendente, dados os ânimos em Amadícia, mas ainda tinha o sotaque carregado, e quem poderia dizer o que havia acontecido com a Guilda dos Iluminadores? Sua casa do capítulo em Tanchico decerto fechara as portas. Os acrobatas, por outro lado, diziam ser os irmãos Chavana, mas, embora fossem todos homens baixos e atarracados, tinham um espectro de cores que variava dos olhos verdes de Taeric, com maçãs do rosto altas e nariz aquilino que denunciavam o sangue de Saldaea, até Barit, que era mais escuro que Juilin e tinha tatuagens do Povo do Mar nas mãos, embora não usasse brincos no nariz ou nas orelhas.

Todos, exceto Latelle, cumprimentaram os novatos calorosamente. Mais artistas significava mais gente atraída para o espetáculo, portanto mais dinheiro. Os dois malabaristas, Bari e Kin — que de fato pareciam irmãos —, engataram uma boa conversa com Thom sobre o ofício comum assim que descobriram que o homem não atuava da mesma forma que eles. Atrair mais pessoas era uma coisa, competir era outra. Porém, foi a mulher de cabelos pálidos que tratava dos cavalos-javali quem atraiu o interesse de Nynaeve. Cerandin permaneceu rígida, distante e mal disse uma palavra — Luca afirmou que ela viera de Shara com os animais —, mas seu modo de falar suave e gaguejado chamou a atenção de Nynaeve.

Levou um pouco de tempo para posicionar o carroção deles. Thom e Juilin pareciam mais do que satisfeitos pelos tratadores de cavalos ajudarem com os animais, mesmo que de má vontade, e alguns convites foram feitos a Nynaeve e Elayne. Petra e Clarine perguntaram se elas não queriam tomar um chá assim que tivessem se acomodado. Os Chavanas desejavam que as duas jantassem com eles, assim como Bari e Kin, o que acabou transformando em cara feia o sorriso desdenhoso de Latelle. Todos os convites foram declinados com elegância, Elayne sendo talvez um pouco mais delicada do que Nynaeve. A lembrança de ficar encarando Galad feito uma garota com olhos de sapo estava fresca demais em sua memória para que ela fosse mais do que minimamente educada com qualquer homem. Luca fez o próprio convite, exclusivo para Elayne, longe dos ouvidos de Nynaeve, e o que recebeu foi uma bofetada no rosto, além de Thom ter lhe exibido ostensivamente as facas, que pareceram rolar para um lado e para o outro em suas mãos até o homem ir embora resmungando sozinho e esfregando a bochecha.

Nynaeve deixou Elayne colocando as coisas no carroção — jogando-as, na verdade, e resmungando furiosamente consigo mesma — e foi em direção ao local onde os cavalos-javali estavam amarrados. Os imensos animais cinzentos pareciam bastante plácidos, mas, lembrando-se daquele buraco na parede de pedra d'O Lanceiro do Rei, não sentiu muita segurança nos cordames de couro que uniam suas enormes pernas dianteiras. Cerandin coçava o grande macho com seu aguilhão com gancho de bronze.

— Qual é o nome verdadeiro deles? — Hesitante, Nynaeve deu um tapinha no longo nariz, ou focinho, ou seja lá o que fosse, do macho. As presas tinham a grossura de suas pernas e umas boas três passadas de extensão, só um pouco maiores que as da fêmea. O focinho tentou farejar sua saia, e ela deu um passo apressado para trás.

— *S'redit* — respondeu a mulher de cabelo pálido. — Eles são *s'redit*, mas Mestre Luca achou que um nome mais fácil de pronunciar seria melhor. — Aquele sotaque arrastado era inconfundível.

— Há muitos *s'redit* em Seanchan?

O agulhão ficou imóvel por alguns instantes, então ela continuou a coçar.

— Seanchan? Onde é isso? Os *s'redit* são de Shara, assim como eu. Nunca ouvi falar de...

— Talvez você tenha ido a Shara, Cerandin, mas duvido muito. Você é Seanchan. A menos que eu esteja enganada, você fez parte da invasão à Ponta de Toman e foi deixada para trás depois de Falme.

— Não tenho a menor dúvida — afirmou Elayne, postando-se ao lado dela. — Ouvimos sotaques Seanchan em Falme, Cerandin. Não vamos lhe fazer mal.

Aquilo era mais do que Nynaeve estava disposta a prometer. As lembranças que tinha dos Seanchan não eram das melhores. E mesmo assim... *Uma Seanchan lhe ajudou quando você precisou. Nem todos são maus. Só a maioria.*

Cerandin deixou escapar um longo suspiro e seus ombros caíram. Foi como se uma tensão tão antiga, da qual ela já nem se dava mais conta, tivesse ido embora.

— Pouquíssimas pessoas que conheci sabem qualquer coisa que se aproxime da verdade sobre o Retorno, ou Falme. Já ouvi uma centena de histórias, cada uma mais extravagante que a outra, mas nunca a verdade. O mesmo vale sobre mim. Eu *fui* deixada para trás, assim como muitos dos *s'redit*. Estes três foram os únicos que consegui reunir. Não sei o que aconteceu com o restante. O macho é o Mer, a fêmea, Sanit, e a novinha é a Nerin. Ela não é de Sanit.

— Era isso que você fazia? — indagou Elayne. — Treinava os *s'redit*?

— Ou você era *sul'dam*? — acrescentou Nynaeve, antes que a mulher pudesse responder.

Cerandin balançou a cabeça.

— Fui testada, como todas as garotas são, mas não consegui usar o *a'dam*. Fiquei contente por ter sido escolhida para trabalhar com os *s'redit*. São animais magníficos. Vocês devem conhecer bastante coisa para saberem sobre *sul'dam* e *damane*. Nunca tinha encontrado ninguém que soubesse a respeito. — Ela não demonstrava medo algum. Ou talvez já tivesse gastado todo o seu temor desde que fora abandonada em uma terra estranha. Mas também podia estar mentindo.

Os Seanchan eram tão maus quanto os amadicianos no que se referia às mulheres capazes de canalizar, talvez piores. Não exilavam ou matavam: escravizavam. Por meio de um dispositivo chamado *a'dam* — Nynaeve tinha certeza de que se tratava de um *ter'angreal* — uma mulher que tivesse a habilidade de manejar o Poder Único podia ser controlada por outra mulher, uma *sul'dam*, que obrigava a *damane* a usar seus talentos para o que quer que a Seanchan desejasse, até como arma. Uma *damane* não era mais que um animal, mesmo que fosse um animal estimado. E transformavam em *damane* toda e qualquer mulher que encontrassem com a capacidade de canalizar ou que tivesse nascido com a centelha. Os Seanchan haviam esquadrinhado Ponta de Toman

mais minuciosamente do que a Torre jamais sonhara em fazer. O simples fato de pensar em *a'dam*, *sul'dam* e *damane* fez seu estômago se agitar.

— Sabemos um pouco — disse Nynaeve a Cerandin —, mas queremos saber mais.

Os Seanchan haviam ido embora, afugentados por Rand, mas isso não significava que não retornariam algum dia. Era um perigo distante, comparado a tudo mais que tinham que enfrentar, mas ter um espinho cravado no pé não queria dizer que um arranhão no braço não poderia infeccionar.

— Seria bom para você se respondesse nossas perguntas com sinceridade. — Haveria tempo para isso durante a jornada para o norte.

— Prometo que não vai acontecer nada com você — afirmou Elayne. — Eu vou protegê-la, caso seja necessário.

A mulher loura olhou de uma para a outra e, de repente, para a surpresa de Nynaeve, se prostrou no chão diante de Elayne.

— É mesmo uma Grã-lady desta terra, conforme disse Luca. Eu não percebi. Me perdoe, Grã-lady. Eu me rendo. — E beijou o chão à frente dos pés de Elayne, enquanto os olhos da garota pareciam prontos para saltar do rosto.

Nynaeve tinha certeza de que os seus não estavam muito diferentes.

— Levante-se — sibilou, olhando freneticamente para os lados para ver se alguém estava observando aquilo. Luca estava, maldito fosse! E Latelle também, ainda de cara feia, mas não havia nada a se fazer. — Levante-se! — A mulher nem se mexeu.

— Fique de pé, Cerandin — ordenou Elayne. — Ninguém exige que as pessoas se comportem assim nesta terra. Nem mesmo um governante. — Enquanto Cerandin se atrapalhava para ficar ereta, a garota acrescentou: — Eu vou lhe ensinar a maneira adequada de se comportar em troca de suas respostas para as nossas perguntas.

A mulher se curvou, as mãos nos joelhos e a cabeça baixa.

— Sim, Grã-lady. Como desejar. Eu sou sua.

Nynaeve suspirou pesadamente. Seria uma viagem e tanto até Ghealdan.





UM CÃO DE CAÇA DAS SOMBRAS

Liandrin guiou seu cavalo pelas ruas apinhadas de Amador, o sorriso de desdém nos lábios rosados escondido por um grande gorro. Detestava ter tido que abrir mão de suas várias tranças, e odiava mais ainda as modas ridículas daquela terra ridícula. Até gostava do amarelo-avermelhado do chapéu e do vestido de cavalgada, mas não dos grandes laços de veludo em ambos. Ainda assim, o gorro escondia seus olhos — combinados com os cabelos cor de mel, seus olhos castanhos a denunciariam imediatamente como taraboniana, algo nada bom em Amadícia, naqueles tempos —, além do que seria ainda pior de se exhibir ali: um rosto de Aes Sedai. Escondida com segurança, podia sorrir com afetação para os Mantos-brancos, que pareciam ser um a cada cinco homens nas ruas. Não que os soldados, que compunham outro quinto da população masculina, fossem melhores. Claro que nenhum deles sequer pensou em espiar seu rosto sob o gorro. Aes Sedai eram foras da lei ali, e isso significava que não havia nenhuma delas por perto.

Mesmo assim, sentiu-se um pouco melhor quando parou à frente dos elaborados portões de ferro da casa de Jorin Arene. Mais uma viagem infrutífera em busca de alguma mensagem da Torre Branca. Não houvera nada desde que ficara sabendo que Elaida pensava estar no controle da Torre e de que a tal Sanche fora deposta. Siuan escapara, verdade, mas, àquela altura, não passava de um trapo inútil.

Os jardins por detrás do muro cinzento estavam cheios de plantas já secando pela falta de chuva, mas podadas em cubos e bolas, embora uma tivesse a forma de um cavalo saltando. Só uma, claro. Mercadores como Arene imitavam seus

superiores, mas não ousavam ir muito longe para que ninguém os visse como excessivamente convencidos. Sacadas elaboradas decoravam a grande casa de madeira com telhado vermelho, que tinha até colunas entalhadas formando uma colonata. Mas, ao contrário da residência de lordes que pretendia copiar, essa colonata ficava sobre uma fundação de pedra de não mais que dez pés de altura. Uma pretensão infantil de agir como um nobre.

O homem grisalho e cerimonioso que se adiantou apressada e com deferência para segurar os estribos para que Liandrin descesse e depois pegou as rédeas estava todo vestido de preto. Quaisquer cores que um mercador escolhesse como uniforme decerto seriam as cores de algum lorde de verdade, e até um lorde menor poderia causar problemas para o mais rico comerciante. O povo nas ruas se referia ao preto como “uniforme de mercador” e prendia o riso quando tocava no assunto. Liandrin menosprezava o casaco preto do cavaleiro tanto quanto a casa e o próprio Arene. Um dia teria propriedades de verdade. Palácios. Aquilo lhe havia sido prometido, bem como o poder que viria junto.

Tirando as luvas de cavalgada, seguiu pela rampa ridícula que levava até as portas da frente, entalhadas com vinhas. As propriedades fortificadas dos lordes possuíam rampas, então era óbvio que um mercador que se considerasse importante não poderia ter degraus. Uma jovem serviçal vestida de preto apanhou as luvas e o chapéu no hall de entrada redondo, repleto de portas e reluzentes colunas pintadas e entalhadas, além de uma sacada que o circundava. O teto era laqueado com a imitação de um mosaico, estrelas dentro de estrelas, pretas e douradas.

— Dentro de uma hora quero tomar meu banho — disse à mulher. — A temperatura estará adequada desta vez, não? — A criada ficou pálida ao fazer sua reverência, gaguejando em concordância antes de se retirar às pressas.

Amellia Arene, mulher de Jorin, surgiu por umas das portas, absorta em uma conversa com um gorducho quase careca trajando um avental branco impecável. Liandrin suspirou com desdém. A mulher era pretensiosa, mas não apenas conversava pessoalmente com o cozinheiro como o tirava da cozinha para discutir as refeições. Tratava o empregado como... como um amigo!

O gorducho Evon a avistou primeiro e engoliu em seco, seus olhos de leitãozinho se desviando imediatamente. Liandrin não gostava de nenhum homem olhando para ela, e, em seu primeiro dia ali, falara com rispidez com o cozinheiro a respeito de como os olhares dele às vezes se estendiam demais. O gorducho tentara negar, mas ela conhecia os hábitos vis dos homens. Sem esperar para ser dispensado pela patroa, Evon voltou quase correndo por onde viera.

A esposa do mercador, que já estava ficando grisalha, era uma mulher inflexível quando Liandrin e as demais chegaram. Agora ficava lambendo os lábios e alisando sem necessidade o vestido de seda verde com laço drapeado.

— Há uma pessoa lá em cima com as outras, milady — disse ela, de modo hesitante. Naquele primeiro dia, pensara que podia se referir a Liandrin pelo nome. — Na sala de estar da frente. Vem de Tar Valon, acredito.

Imaginando quem poderia ser, Liandrin partiu em direção à escadaria mais próxima. Conhecia poucas outras integrantes da Ajah Negra, claro, por motivos de segurança. O que outras pessoas não soubessem, não poderiam trair. Na Torre, só conhecera uma das doze que a acompanharam quando ela partiu. Duas das doze estavam mortas, e ela sabia de quem era a culpa. Egwene al'Vere, Nynaeve al'Meara e Elayne Trakand. Tudo dera tão errado em Tanchico que ela poderia até pensar que aquelas três Aceitas presunçosas tinham estado por lá, exceto pelo fato de elas serem umas tolas que já haviam caído direitinho, e por duas vezes, nas armadilhas que ela própria havia preparado. Que tivessem escapado em ambas as ocasiões não vinha ao caso. Se tivessem estado em Tanchico, teriam caído nas mãos dela, o que quer que Jeaine afirmasse ter visto. Na próxima vez que as encontrasse, elas não escapariam de novo. Liandrin se livraria delas, a despeito de quaisquer ordens.

— Milady — balbuciou Amellia. — Meu marido, milady. Jorin. Por favor, alguma de vocês vai ajudá-lo? Não era a intenção dele, milady. Ele aprendeu a lição.

Liandrin fez uma pausa, apoiando a mão no corrimão entalhado e olhando por cima do ombro.

— Ele não deveria ter achado que seus juramentos para o Grande Senhor poderiam ser convenientemente esquecidos, não é?

— Jorin *já* aprendeu, milady. Por favor. Ele passa o dia inteiro deitado debaixo dos cobertores, tremendo, e neste calor. Chora sempre que alguém encosta nele ou se fala mais alto que um sussurro.

Liandrin fez uma pausa, como se considerasse as palavras, e então assentiu delicadamente.

— Vou pedir a Chesmal para ver o que pode fazer. Mas entenda que não estou fazendo nenhuma promessa.

Os agradecimentos trêmulos da mulher acompanham-na escada acima, mas Liandrin não prestou atenção. Temaile se deixara levar. Tinha sido da Ajah Cinza antes de se tornar Negra, e, sempre que fazia papel de mediadora, cuidava para dividir sofrimentos igualmente. E obtivera bastante sucesso como mediadora, já que gostava de disseminar a dor. Chesmal disse que o homem talvez fosse capaz de realizar pequenas tarefas dentro de poucos meses, contanto que não fossem pesadas demais e que ninguém levantasse a voz para ele. A mulher tinha sido uma das melhores Curandeiras das Amarelas em gerações, então devia mesmo saber.

Ficou surpresa ao entrar na sala de estar da frente. Nove das dez irmãs Negras que tinham vindo com ela estavam de pé junto aos painéis entalhados e

pintados que recobriam o aposento, embora houvesse várias cadeiras com estofamento de seda sobre o carpete com borda dourada. A décima, Temaile Kinderode, estendia uma delicada xícara de porcelana para uma mulher de cabelos escuros, bonita e robusta, que trajava um vestido cor de bronze de corte estranho. A mulher, que estava sentada, parecia vagamente familiar, apesar de não ser Aes Sedai. Aproximava-se claramente da meia-idade e, apesar das bochechas macias, não havia nela aquela expressão de idade indefinida.

Todavia, aquele clima encheu Liandrin de cautela. Temaile tinha uma aparência enganosamente frágil, com olhos azuis grandes e infantis que faziam as pessoas confiarem nela. Naquele momento, aqueles olhos demonstravam preocupação ou desconforto, e a xícara de chá tremeu no pires antes de a mulher apanhá-la. Todos os rostos demonstravam incômodo, exceto o daquela mulher estranhamente familiar. Jeaine Caide, de pele acobreada, vestindo uma das detestáveis indumentárias tarabonianas que costumava usar dentro da casa, ainda tinha lágrimas cintilando nas bochechas. Ela fora uma Verde, e gostava de se exibir para os homens até mais do que a maioria das Verdes. Rianna Andomeran, que fora Branca e continuava sendo uma assassina friamente arrogante, mexia, nervosa, na mecha branca de seu cabelo escuro acima da orelha esquerda. A arrogância da mulher havia sido solapada.

— O que aconteceu aqui? — Quis saber Liandrin. — Quem é você, e o que...? — De repente, a lembrança se acendeu em sua mente. Uma das Amigas das Trevas, uma serviçal em Tanchico que frequentemente se colocava acima de sua posição. — Gyldin!

Aquela serviçal as seguira, de alguma forma, e obviamente estava tentando se passar por uma mensageira Negra com alguma notícia terrível.

— Desta vez você deu um passo bem maior que as pernas. — Buscou *saidar*, mas, enquanto ainda o fazia, o brilho cercou a visitante, e uma espessa parede invisível bloqueou o acesso de Liandrin à Fonte. Ficou ali, feito um sol, tentadoramente fora de alcance.

— Não fique boquiaberta, Liandrin — anunciou a mulher, com um tom tranquilo. — Você está parecendo um peixe. Não sou Gyldin, sou Moghedien. Este chá precisa de mais mel, Temaile. — A Cinza esguia, com cara de raposa, foi correndo apanhar a xícara, respirando de forma ofegante.

Só podia ser. Quem mais poderia ter intimidado tanto todas as outras? Liandrin olhou para as mulheres de pé ao longo das paredes. Eldrith Jhondar, com seu rosto redondo, pela primeira vez não parecia nem um pouco alheia, apesar de ter uma mancha de tinta no nariz, e balançou a cabeça vigorosamente. As demais pareciam com medo até de se contrair. Liandrin não entendia por que um dos Abandonados — não deviam usar aquele nome, mas usavam entre si —, e justamente Moghedien, teria se disfarçado de serviçal. Aquela mulher tinha ou poderia ter tudo o que bem entendesse. Não apenas um conhecimento do Poder

Único maior do que Liandrin sonhava, mas poder em si. Poder sobre os outros, poder sobre o mundo. E imortalidade. Poder e uma vida que não acabaria nunca. Ela e suas irmãs tinham especulado a respeito de discórdias entre os Abandonados. Houvera ordens conflitantes entre eles, e ordens dadas a outros Amigos das Trevas que se opunham às ordens dadas a elas. Talvez Moghedien estivesse se escondendo dos outros doze.

Em uma longa reverência, Liandrin abriu as saias de cavalcada da melhor forma que pôde.

— Nós lhe damos as boas-vindas, Grande Senhora. Com os Escolhidos para nos liderar, com certeza triunfaremos antes do Dia do Retorno do Grande Senhor.

— Muito bem dito — respondeu Moghedien, seca, tomando a xícara novamente das mãos de Temaile. — Isso. Assim está bem melhor. — Temaile parecia absurdamente agradecida e aliviada. O que Moghedien fizera?

De repente, um pensamento ocorreu a Liandrin, e um pensamento indesejado: tratara uma das Escolhidas como uma serviçal.

— Grande Senhora, em Tanchico, eu não sabia que...

— Claro que não sabia — retrucou Moghedien, irritada. — Do que adiantaria eu esperar pacientemente nas sombras se você e estas outras me reconhecessem? — De repente, um sorrisinho brotou em seus lábios, mas não foi refletido no restante do rosto. — Está preocupada com as vezes em que mandou Gylidin ao cozinheiro para ser espancada? — Goticulas de suor brotaram de repente no rosto de Liandrin. — Você acredita mesmo que eu permitiria algo do tipo? Claro que o homem se reportou a você, mas só se lembrava do que eu queria que ele se lembrasse. Na verdade, ele estava com pena de Gylidin, tratada de forma tão cruel por sua senhora. — Moghedien parecia se divertir muito com aquilo. — Ele me deu algumas das sobremesas que preparava para você. Eu não ficaria chateada de saber que ainda está vivo.

Liandrin respirou aliviada. Não iria morrer.

— Grande Senhora, não há razão para me blindar. Também sirvo ao Grande Senhor. Fiz meus juramentos dos Amigos das Trevas antes mesmo de ir à Torre Branca. Busquei a Ajah Negra desde o dia em que soube que era capaz de canalizar.

— Então você é a única deste bando de desorientadas que não precisa aprender quem é sua senhora? — Moghedien arqueou uma sobrancelha. — Eu não teria adivinhado. — O brilho em torno dela desapareceu. — Tenho tarefas para você. Para todas vocês. O que quer que tenham adado fazendo, esqueçam. Vocês são um grupo atrapalhado, como provaram em Tanchico. Com a minha mão segurando o chicote, talvez calem com mais sucesso.

— Aguardamos ordens da Torre, Grande Senhora — afirmou Liandrin. Atrapalhadas! Tinham quase encontrado o que foram caçar em Tanchico quando a cidade explodira em tumultos. Escaparam por pouco das Aes Sedai que haviam

de algum jeito se intrometido em seus planos. Caso Moghedien tivesse se revelado, ou ao menos tomado parte em seu favor, teriam triunfado. Se o fracasso delas era culpa de alguém, era da própria Moghedien. Liandrin tentou alcançar a Fonte Verdadeira, não para abraçá-la, mas para se certificar de que a barreira não tinha sido vedada. Já desaparecera. — Atribuíram a nós grandes responsabilidades, a execução de grandes trabalhos, e certamente receberemos ordens para continuar...

Moghedien interrompeu-a com rispidez.

— Vocês servem a qualquer um dos Escolhidos que decida usá-las. Quem quer que lhes mande ordens, de dentro da Torre Branca, agora recebe as próprias ordens de um de nós, e é bem provável que rasteje por elas. Vocês vão me servir, Liandrin. Esteja certa disso.

Moghedien não sabia quem estava no comando da Ajah Negra. Aquilo foi uma revelação. Moghedien não sabia de tudo. Liandrin sempre imaginara os Abandonados como algo próximo da onipotência, muito além dos mortais comuns. Talvez a mulher realmente estivesse fugindo dos outros Abandonados. Delatá-la certamente lhe garantiria uma posição de destaque. Poderia até se tornar um deles. Havia um truque que aprendera na infância. E era capaz de tocar a Fonte.

— Grande Senhora, nós também servimos ao Grande Senhor. Também recebemos a promessa de vida eterna e poder assim que o Grande Senhor ret...

— Você acha que é igual a mim, irmãzinha? — Desgostosa, Moghedien fez uma careta. — Você esteve no Poço da Perdição para dedicar sua alma ao Grande Senhor? Sentiu o doce sabor da vitória em Paaran Disen, ou as cinzas amargas no Asar Don? Você não passa de uma cadelinha amestrada, não é nem a líder do bando, e vai seguir na direção que eu apontar até que eu ache justo lhe oferecer um lugar melhor. Estas outras também pensaram que eram mais do que são. Quer testar sua força contra mim?

— Claro que não, Grande Senhora. — Não com Moghedien avisada de antemão e pronta. — Eu...

— Mais cedo ou mais tarde vai acabar querendo, e prefiro tirar isso do caminho logo agora, no começo. Por que acha que suas companheiras parecem tão animadas? Ensinei a mesma lição a cada uma delas, hoje. Não vou ficar me perguntando em que momento também devo ensinar a você. Quero resolver isso logo. Experimente.

Lambendo os lábios, cheia de medo, Liandrin correu o olhar pelas mulheres rígidas junto às paredes. Só Asne Zeramene conseguia piscar. Ela mexeu a cabeça de modo discretíssimo. Os olhos oblíquos, as maçãs do rosto altas e o nariz acentuado denunciavam sua origem de Saldaea, e a mulher tinha toda a famigerada ousadia do lugar. Se ela era contra, se seus olhos escuros acusavam

uma ponta de medo, então com certeza era melhor se humilhar quanto fosse necessário para fazer Moghedien ceder. Porém, havia aquele truque...

Liandrin ficou de joelhos, com a cabeça baixa, e ergueu os olhos para a Abandonada com um medo que só em parte era fingimento. Moghedien estava relaxada na cadeira, bebericando o chá.

— Grande Senhora, imploro que me perdoe caso eu tenha me excedido. Sei que não passo de um verme sob seus pés. Eu imploro, como alguém que aceitaria ser seu fiel cão de caça, por sua misericórdia desta cadela infeliz.

Os olhos de Moghedien baixaram até a xícara e, em um piscar de olhos, enquanto as palavras ainda saíam aos tropeços de sua boca, Liandrin abraçou a Fonte e canalizou, procurando a brecha que deveria existir na confiança da Abandonada, a brecha que havia na fachada de força de qualquer pessoa.

Mesmo enquanto atacava, a luz de *saidar* envolveu a outra mulher e a dor tomou conta de Liandrin. Ela se contorceu no carpete e tentou ganir, mas uma agonia maior que tudo o que já sentira silenciou sua boca embasbacada. Os olhos pareciam querer pular da cabeça, a pele, se descascar em tiras. Debateu-se durante uma eternidade e, quando a dor sumiu, tão de repente quanto surgira, a única reação possível foi ficar ali deitada, tremendo e chorando, de boca aberta.

— Está começando a entender? — perguntou Moghedien, tranquila, entregando a xícara vazia para Temaile, instruindo: — Estava muito bom, mas da próxima vez faça um pouco mais forte. — Temaile parecia prestes a desmaiar. — Você não é rápida o bastante, Liandrin, não é forte o bastante, e não sabe o bastante. Aquela coisinha patética que você tentou contra mim. Quer ver como é de verdade? — Moghedien canalizou.

Liandrin a encarou com adoração. Arrastou-se pelo chão e deixou escapar algumas palavras entre os soluços que ainda não conseguia reprimir.

— Me perdoe, Grande Senhora. — Que mulher magnífica, como uma estrela nos céus, um cometa, mais maravilhosa que todos os reis e rainhas. — Perdoe, por favor — implorou, beijando a bainha da saia de Moghedien enquanto gorgolejava. — Perdão. Eu sou uma cadela, um verme. — Envergonhava-a profundamente não ter sido sincera ao dizer aquilo antes. Era verdade. Perante aquela mulher, tudo era verdade. — Permita que eu a sirva, Grande Senhora. Permita-me servi-la. Por favor. Por favor.

— Não sou Graendal — respondeu Moghedien, empurrando-a rudemente com o pé calçado em um chinelo de veludo.

De repente, a sensação de veneração desapareceu. Deitada ali, largada, chorando, Liandrin ainda conseguia se lembrar de tudo perfeitamente. Encarou a Abandonada com uma expressão de horror.

— Já está convencida, Liandrin?

— Sim, Grande Senhora — conseguiu responder. Estava. Convencida de que nem ousaria voltar a pensar em uma nova tentativa até estar certa de que teria

sucesso. Seu truque era apenas a sombra mais pálida do que Moghedien fizera. Mas se pudesse aprender...

— Vamos ver. Acho que você pode ser daquele tipo que precisa de uma segunda lição. Reze para que não seja assim, Liandrin. Minhas segundas lições são bastante duras. Agora vá para o seu lugar junto às outras. Vai perceber que eu peguei alguns dos objetos de Poder que vocês tinham aqui na sala, mas que deixei vocês ficarem com os badulaques que restaram. Não sou gentil?

— A Grande Senhora é gentil — concordou Liandrin, entre soluções ocasionais que não conseguia sufocar.

Claudicante, cambaleou até ficar de pé e foi para o lado de Asne. Encostar na parede ajudou-a a se manter ereta. Viu fluxos de Ar sendo urdidos. Só de Ar, mas, mesmo assim, quando eles vedaram sua boca e impediram o som de penetrar seus ouvidos, Liandrin se encolheu. Decerto não tentou resistir. Nem se permitiu pensar em *saidar*. Quem poderia dizer do que uma Abandonada era capaz? Talvez até de ler seus pensamentos. Aquilo quase a fez sair correndo. Não. Se Moghedien soubesse o que estava pensando, Liandrin àquela altura já teria sido morta. Ou ainda estaria no chão, gritando. Ou beijando os pés da Abandonada e implorando para servi-la. Tremia incontrolavelmente. Se aquele fluxo não lhe tivesse coberto os lábios, estaria batendo os dentes.

Moghedien urdiu os mesmos fluxos em torno de todas elas, exceto de Rianna, a quem a Abandonada chamou, com um dedo imperioso, para se ajoelhar diante dela. Então Rianna se retirou, e Marillin Gemalphin foi desamarrada e convocada.

De onde estava, Liandrin conseguia ver o rosto de todas, mesmo que não conseguisse ouvir o som que saía de suas bocas em movimento. Claramente, cada mulher estava recebendo ordens sobre as quais as demais nada sabiam. Os rostos, porém, lhe diziam pouco. Rianna mal escutou, um quê de alívio nos olhos, então curvou a cabeça em consentimento e saiu. Marillin pareceu surpresa e, em seguida, ansiosa, mas havia sido uma Marrom, e as Marrons eram capazes de demonstrar entusiasmo com qualquer coisa que lhes desse uma oportunidade de desencavar algum pedaço bolorento de conhecimento perdido. Jeaine Caide foi exibindo, pouco a pouco, uma máscara de terror, primeiro balançando a cabeça e depois tentando cobrir a si mesma e àquele vestido desagradavelmente transparente, mas o rosto de Moghedien se endureceu, e Jeaine anuiu às pressas e partiu, se não com o mesmo ímpeto de Marillin, ao menos tão rápido quanto. Berylla Naron, magra em um nível quase esquelético e das melhores manipuladoras e conspiradoras que existia, e Falion Bhoda, frígida e de rosto comprido, apesar do medo latente, demonstraram tão pouco quanto Rianna. Ispan Shefar, taraboniana como Liandrin, embora de cabelos escuros, chegou a beijar a bainha de Moghedien antes de se levantar.

Só então os fluxos em torno de Liandrin foram desfeitos. Pensou que fosse sua vez de receber só a Sombra sabia qual incumbência, até que viu os fluxos serem dissipados também em torno das mulheres que ainda restavam. O dedo de Moghedien a convocou peremptoriamente, e Liandrin se ajoelhou entre Asne e Chesmal Emry, uma mulher alta e bonita, de cabelos e olhos escuros. Chesmal, que fora Amarela, era capaz de Curar e matar com a mesma facilidade, mas a intensidade com que olhava para Moghedien e a maneira como suas mãos tremiam agarradas às saias indicavam que sua intenção era apenas obedecer.

Liandrin notou que precisaria se guiar por sinais como aquele. Falar a uma das outras sobre sua crença nas vantagens de delatar Moghedien para os demais Abandonados também poderia ser um desastre, caso a mulher em quem confiasse já tivesse decidido que se tornar uma cadelinha daquela Abandonada atendia melhor a seus interesses. Liandrin quase gemeu só de pensar em uma “segunda lição”.

— Você, vou manter aqui comigo — anunciou a Abandonada — para a tarefa mais importante. O que as outras fizerem pode render frutos saborosos, mas, para mim, a colheita de vocês será a mais importante. Uma colheita pessoal. Existe uma mulher chamada Nynaeve al'Meara. — Liandrin ergueu a cabeça, e os olhos escuros de Moghedien se estreitaram. — Você sabe de algo a respeito dela?

— Eu a desprezo — respondeu Liandrin, com sinceridade. — É uma bravia imunda que jamais deveria ter sido aceita na Torre.

Tinha aversão a todas as bravias. Sonhando fazer parte da Ajah Negra, ela própria começara a aprender a canalizar um ano antes de entrar na Torre, mas de forma alguma era uma bravia.

— Muito bom. Vocês cinco vão encontrá-la para mim. Eu a quero viva. Ah, sim, viva mesmo. — O sorriso de Moghedien fez Liandrin estremecer. Entregar Nynaeve e as outras duas para ela poderia ser muito conveniente. — Anteontem ela estava em uma aldeia chamada Sienda, talvez sessenta milhas a leste daqui, acompanhada de outra jovem em quem posso estar interessada, mas ambas sumiram. Vocês vão...

Liandrin escutou tudo ansiosamente. Para aquilo, poderia ser um fiel cão de caça. Para o resto, esperaria com paciência.





LEMBRANÇAS

— Minha Rainha?

Morgase ergueu os olhos do livro em seu colo. A luz do sol entrava pela janela da sala de estar adjacente ao quarto. O dia já estava quente, sem nenhuma brisa, e o suor umedecia seu rosto. Não faltava muito para meio-dia, e ela ainda não saía dali. Aquilo não era comum, ela não conseguia lembrar por que decidira passar uma manhã preguiçosa na companhia de um livro. Ultimamente, parecia incapaz de se concentrar em leituras. De acordo com o relógio dourado na cornija acima da lareira de mármore, uma hora se passara desde que virara a página pela última vez, e não se lembrava das palavras que lera. Devia ser o calor.

O jovem oficial da Guarda de casaco vermelho, ajoelhado e com um dos punhos apoiado no carpete dourado e vermelho, parecia vagamente familiar. No passado, soubera o nome de cada um dos Guardas designados para o Palácio. Talvez fosse o excesso de caras novas.

— Tallanvor — disse ela, para a própria surpresa. Era um jovem alto e forte, mas Morgase não sabia dizer por que se lembrava dele em particular. Será que a sugestão já conduzira alguma visita a ela? Muito tempo atrás? — Tenente da Guarda Martyn Tallanvor.

O homem a encarou, os olhos sérios a um nível alarmante, antes de voltar-se para o carpete.

— Perdoe-me, minha Rainha, mas estou surpreso de a senhora continuar aqui, dadas as notícias que chegaram esta manhã.

— Que notícias?

Seria bom ficar sabendo de mais coisas além das fofocas de Alteima sobre a corte tairena. Às vezes, Morgase tinha a impressão de que havia outra coisa para

perguntar à mulher, mas tudo o que sempre faziam era fofocar, o que não lhe parecia muito de seu feitio. Gaebril parecia gostar de escutá-las enquanto ficava sentado naquela cadeira alta diante da lareira, de pernas cruzadas, sorrindo satisfeito. Alteima passara a usar vestidos bastante ousados, e Morgase teria de se pronunciar a respeito. Pareceu se recordar vagamente de já ter pensado naquilo. *Bobagem. Se eu tivesse pensado, já teria falado com ela.* Balançou a cabeça e percebeu que abstraía completamente a presença do jovem oficial, que começara a falar, mas parara ao se dar conta de que ela não estava prestando atenção.

— Fale de novo. Eu me distraí. E levante-se.

O homem se levantou, irritado, lançando-lhe um olhar raivoso antes de voltar a fitar o chão. Ela observou o ponto que ele ficara encarando e ruborizou: o decote de seu vestido era extremamente revelador. Mas Gaebril gostava que ela usasse roupas assim. Com esse pensamento, parou de se preocupar com o fato de estar quase nua diante de um de seus oficiais.

— Seja breve — mandou, curta e grossa. *Como ele ousa olhar para mim desta maneira? Eu deveria mandá-lo para o açoite.* — Que notícias podem ser tão importantes para você pensar que pode invadir minha sala de estar como se fosse uma taverna?

O homem enrubescou, mas ela não soube se foi de vergonha ou por ele ter ficado com ainda mais raiva. *Como ousa estar com raiva de sua rainha? Será que este homem acha que escutá-lo é a única coisa que tenho a fazer?*

— Uma rebelião, minha Rainha — alertou o sujeito, em um tom de voz neutro, fazendo desaparecer os pensamentos sobre seus olhares ou sua raiva.

— Onde?

— Dois Rios, minha Rainha. Alguém ergueu o antigo brasão de Manetheren, a Águia Vermelha. Chegou um mensageiro de Ponte Branca hoje de manhã.

Morgase tamborilou os dedos no livro, pensando com mais clareza do que parecia fazer há muito tempo. Algo a respeito de Dois Rios a incomodava, alguma centelha que ela não conseguia reavivar. A região quase não fazia parte de Andor, e era assim há gerações. Ela e as últimas três rainhas anteriores haviam sofrido muita pressão para manter um controle módico sobre os mineiros e fundidores das Montanhas da Névoa, e mesmo esse controle simbólico teria se perdido caso houvesse um jeito de escoar os metais sem atravessar Andor. Escolher entre manter o ouro, o ferro e os outros metais das minas ou a lã e o tabaco de Dois Rios não tinha sido difícil. Mas uma rebelião não contida, mesmo em uma parte do reino que ela só governava no papel, poderia se espalhar feito um incêndio e atingir lugares que, de fato, lhe pertenciam. E Manetheren, a cidade das lendas e histórias destruída nas Guerras dos Trollocs, ainda sobrevivia na mente de alguns homens. Além disso, Dois Rios *era* dela. Ainda que o local

tivesse sido relegado à própria sorte por muito tempo, ainda fazia parte de seu reino.

— Lorde Gaebril já foi informado? — Com certeza não. Ele mesmo teria trazido a notícia a ela, além de sugestões de como lidar com o problema. As sugestões dele eram sempre certeiras. *Sugestões?* Pensou se lembrar de Gaebril lhe dizendo o que fazer. Claro que aquilo era impossível.

— Já foi, minha Rainha. — A voz de Tallanvor continuou suave, ao contrário do rosto, onde a raiva contida ainda era latente. — Ele gargalhou. Disse que Dois Rios parecia sinônimo de problema e que algum dia teria que tomar uma providência a respeito. Disse que essa perturbação menor teria que esperar devido a questões mais importantes.

O livro caiu quando Morgase se ergueu de repente, e ela pensou ver Tallanvor sorrindo com amarga satisfação ao passar rápido por ele. Uma serviçal a informou onde Gaebril poderia ser encontrado, e a rainha marchou direto para o pátio colunado com a fonte de mármore e o dique repleto de peixes e vitórias-régias. Ali estava um pouco mais fresco e sombreado.

Gaebril estava sentado na larga mureta branca da fonte com lordes e ladies reunidos ao seu redor. Morgase reconheceu menos da metade. O rosto escuro e quadrado de Jarid, da Casa Sarand, e sua esposa rabugenta de cabelos cor de mel, Elenia. Arymilla, da Casa Marne, com seu sorriso insinuante e os olhos castanhos arregalados de tanto fingir interesse. O esquelético Nasin, da Casa Caeren, que agarrava qualquer mulher que conseguisse encurralar, apesar dos ralos cabelos brancos. Naeen, da Casa Arawn, com o habitual sorriso de desdém estragando sua beleza pálida, Lir, da Casa Baryn, um homem teso como um chicote, mas que carregava uma espada; e Karind, da Casa Anshar, com o mesmo olhar indiferente que, segundo alguns, usara para enterrar três maridos. Sobre os demais, nada sabia a respeito, o que era bastante estranho. Mas jamais permitira a entrada de nenhum dos conhecidos no Palácio, salvo em ocasiões oficiais. Todos tinham feito oposição a ela durante a Sucessão. Elenia e Naeen haviam cobiçado o Trono do Leão para si. O que Gaebril estava pensando, trazendo toda aquela gente até ali?

— ... o tamanho de nossas propriedades em Cairhien, milorde — dizia Arymilla, inclinando-se para Gaebril enquanto Morgase se aproximava. Ninguém fez mais do que lhe dar uma olhadela. Como se ela fosse uma serviçal com o vinho!

— Quero falar com você a respeito de Dois Rios, Gaebril. Em particular.

— Esse assunto já foi resolvido, minha querida — respondeu ele casualmente, mergulhando os dedos na água. — O que me preocupa agora são outras questões. Achei que você fosse ficar lendo durante essas horas mais quentes do dia. Você deveria voltar para o quarto até de noite, quando é mais fresco.

Minha querida. Ele a chamara de “minha querida” na frente daqueles intrometidos! Ainda que Morgase ficasse arrepiada ao ouvir aquilo dos lábios dele quando estavam só os dois... Elenia cobria a boca.

— Acho que não, Lorde Gaebriel — afirmou Morgase com frieza. — Você vai vir comigo imediatamente. E estes outros já estarão fora do Palácio antes de eu retornar, ou vou expulsar todos de Caemlyn.

Gaebriel se pôs de pé de repente, um homem grande assomando sobre ela. Morgase parecia incapaz de olhar para outra coisa que não seus olhos escuros. Sua pele se arrepiou como se um vento gelado estivesse soprando pelo pátio.

— Você vai entrar e esperar por mim, Morgase. — A voz dele era um urro distante preenchendo seus ouvidos. — Já resolvi tudo o que precisava ser resolvido. Serei seu hoje à noite. Agora você vai entrar. Entre.

Ela já estava erguendo a mão para abrir a porta da sala de estar quando se deu conta de onde se encontrava. E do que tinha acontecido. Gaebriel dissera para ela entrar, e ela entrara. Encarando horrorizada a porta, pensou nos sorrisos afetados no rosto dos homens e nas sonoras gargalhadas de algumas mulheres. *O que aconteceu comigo? Como fiquei tão enfeitiçada por um homem?* Ainda sentia o ímpeto de entrar e esperar por ele.

Confusa, obrigou-se a dar meia-volta e sair dali. Foi um esforço. Por dentro, hesitava só de pensar na decepção de Gaebriel ao não encontrá-la onde esperava, e se contraiu mais ainda ao notar aquela hesitação.

A princípio, não sabia para onde estava indo ou por quê, só que não ficaria esperando de forma obediente nem por Gaebriel e nem por qualquer homem ou mulher no mundo. A cena na fonte não parava de se repetir em sua mente: ele mandando-a entrar, e todos aqueles rostos detestáveis olhando-a, divertidos. Seus pensamentos ainda pareciam embaralhados. Não entendia como ou por que deixara aquilo acontecer. Precisava pensar em algo que conseguisse compreender, qualquer outra coisa com que pudesse lidar. Jarid Sarand e os outros.

Ao assumir o trono, Morgase os perdoara por tudo o que haviam feito durante a Sucessão, assim como perdoara a todos os que se opuseram a ela. Parecera melhor enterrar todas as animosidades antes que elas apodrecessem e se transformassem no tipo de conspiração e intriga que infectava muitas terras. O Jogo das Casas, era como o chamavam — *Daes Dae'mar* —, ou o Grande Jogo, que causava desde brigas complexas e intermináveis entre Casas até a derrubada de governantes. O Jogo estava no cerne da guerra civil em Cairhien, e não havia dúvida de que influenciara o tumulto que tomava conta de Arad Doman e Tarabon. Tivera que perdoar a todos para impedir que o *Daes Dae'mar* nascesse em Andor, mas, se pudesse ter deixado alguns documentos de perdão sem assinatura, teriam sido os pergaminhos contendo os nomes daqueles sete.

Gaebril sabia disso. Publicamente, Morgase não demonstrara desfavor, mas, no âmbito privado, sempre falava de sua desconfiança. Eles haviam sido forçados a jurar lealdade, e ela identificara a mentira em suas línguas. Qualquer um ali aproveitaria a chance de derrubá-la, e todos os sete juntos...

Morgase só conseguia chegar a uma conclusão: Gaebril estava tramando contra ela. Mas não devia ter intenção de colocar Elenia ou Naeen no trono. *Não quando já me tem agindo feito a cadelinha dele*, pensou, com amargura. A intenção de Gaebril devia ser suplantá-la pessoalmente. Para se tornar o primeiro rei da história de Andor. E ela ainda sentia o desejo de voltar para a sua leitura e esperar por ele. Ainda ansiava pelo toque daquele homem.

Foi só quando viu os rostos envelhecidos ao redor, as bochechas enrugadas e as costas curvadas, que Morgase percebeu onde estava. O Alojamento dos Pensionistas. Alguns serviços retornavam para suas famílias quando a idade avançava, mas outros haviam passado tanto tempo no Palácio que já não conseguiam mais pensar em uma vida diferente. Ali, cada um tinha o próprio apartamentinho, o próprio jardim sombreado e um pátio espaçoso. Assim como todas as rainhas que a antecederam, Morgase incrementava as pensões ao permitir que eles comprassem comida abaixo do custo das cozinhas do Palácio, e a enfermaria tratava quaisquer doenças. Mesuras enferrujadas e reverências capengas a acompanharam, bem como murmúrios de “Que a Luz brilhe sobre a senhora, minha Rainha”, “Que a Luz a abençoe, minha Rainha” e “Que a Luz a proteja, minha Rainha”. Ela agradecia a todos de modo um tanto distraído. Aquela altura, já sabia para onde estava indo.

A porta de Lini era como todas as outras ao longo do corredor de ladrilhos verdes e sem adornos, exceto por um entalhe com o Leão de Andor empinando. Morgase nem pensou em bater antes de entrar. Era a Rainha, e aquele era seu Palácio. Sua antiga babá não estava lá, embora uma chaleira fervendo sobre uma pequena chama na lareira de tijolos indicasse que não demoraria muito.

Os dois pequenos cômodos tinham mobília apresentável, a cama feita à perfeição e duas cadeiras precisamente alinhadas com a mesa, onde um vaso azul bem no centro abrigava um pequeno leque de hortaliças. Lini sempre fora muito organizada. Morgase apostaria que, dentro do guarda-roupa, cada vestido estava pendurado equidistante dos demais, e o mesmo valia para os potes no armário ao lado da lareira.

Seis miniaturas de marfim estavam enfileiradas na cornija da lareira em pequenas prateleiras de madeira. Como Lini conseguira comprá-las com o ordenado de uma babá, Morgase jamais soubera. E claro que não podia perguntar. Em pares, elas ilustravam três jovens mulheres e as mesmas três como bebês. Elayne era uma delas, além da própria Morgase. Tomando nas mãos um retrato seu aos catorze anos, ainda uma garota esbelta, não acreditou que um dia parecera inocente. Usara aquele vestido de seda cor de marfim no

dia em que fora à Torre Branca, na época nem sonhando que seria Rainha, nutrindo apenas a vã esperança de que pudesse se tornar uma Aes Sedai.

Distraidamente, tocou o anel da Grande Serpente na mão esquerda. Não o merecera de verdade. Mulheres que não eram capazes de canalizar não ganhavam o anel. Porém, pouco antes de seu décimo-sexto aniversário, retornara para disputar a Coroa de Rosas em nome da Casa Trakand, e, ao subir ao trono, quase dois anos depois, recebera o anel de presente. Por tradição, a Filha-herdeira de Andor sempre era treinada na Torre, e como reconhecimento do longo apoio recebido pela nação, a Torre oferecia o anel à Rainha mesmo que ela não fosse capaz de canalizar. Na Torre, ela fora apenas a herdeira da Casa Trakand, mas ganhara o anel assim que teve a Coroa de Rosas na cabeça.

Em seguida, Morgase pegou o retrato de sua mãe, feito quando a mulher devia ter dezesseis anos. Lini fora a babá de três gerações de mulheres Trakand. Maighdin Trakand era linda. Morgase se lembrava daquele sorriso, de sua versão luminosa e maternal. Era Maighdin quem devia ter ocupado o Trono do Leão. Mas uma febre a levava, e uma jovem garota se vira sentada no Grão-trono da Casa Trakand, no meio de uma disputa que, no início, só tinha o apoio dos empregados e do bardo da Casa. *Eu conquistei o Trono do Leão. Não abrirei mão dele e não verei um homem ocupá-lo. Andor foi governada por uma rainha por mil anos, e não vou deixar que isso acabe agora!*

— Mexendo nas minhas coisas de novo, é, garota?

Aquela voz ativou reflexos esquecidos havia muito. Morgase escondeu a miniatura às costas antes até de se dar conta do que fizera. Com um balançar de cabeça arrependido, colocou o retrato de volta na prateleira.

— Não sou mais uma garotinha no berçário, Lini. É bom se lembrar disso, ou algum dia vai acabar dizendo algo que me obrigue a tomar providências.

— Meu pescoço já está magro e velho — retrucou a ex-babá, depositando na mesa um saco de rede com cenouras e nabos. Ela parecia frágil em seu asseado vestido cinza, os cabelos brancos presos em um coque e o rosto estreito com a pele fina como pergaminho, mas mantinha as costas eretas, a voz soava clara e firme, e os olhos escuros permaneciam tão penetrantes quanto sempre foram. — Pouco me importava se quisesse entregá-lo a um algoz ou a um carrasco, já estou mesmo quase no fim. “Um galho velho cega a lâmina que decepa a muda.”

Morgase suspirou. Lini não mudaria nunca. Não lhe faria reverências nem se a corte inteira estivesse presente.

— Você fica mais durona conforme envelhece. Não sei se o carrasco conseguiria encontrar um machado suficientemente afiado para o seu pescoço.

— Faz algum tempo que você não vem me ver, então suponho que esteja precisando entender algo que está se passando em sua mente. Quando você era criança, e depois também, sempre me procurava quando não conseguia entender certas questões. Melhor eu preparar um bule de chá?

— Algum tempo, Lini? Visito você toda semana, e é incrível eu fazer isso, dada a forma como você fala comigo. Eu mandaria até a maior Grã-lady de Andor para o exílio, caso ela falasse metade das coisas que você diz.

Lini a encarou com um olhar tranquilo.

— Sua sombra não aparece na minha porta desde a primavera. E estou falando como sempre falei. Já estou velha demais para mudar. Quer chá?

— Não. — Confusa, Morgase pôs a mão na cabeça. Ela de fato visitava Lini toda semana. Lembrava... Não, não lembrava. Gaebriel preencheria suas horas tão completamente que às vezes era difícil se lembrar de qualquer coisa que não fosse ele. — Não, eu não quero chá. Nem sei por que vim até aqui. Você não pode me ajudar com meu problema.

A antiga babá bufou, embora, de alguma forma, tenha soado delicada.

— Seu problema é com Gaebriel, não é? Só que agora está com vergonha de me dizer. Eu troquei suas fraldas, garota, cuidei de você quando ficou doente e só faltou vomitar o estômago, e lhe disse tudo o que você precisava saber sobre os homens. Você nunca sentiu toda essa vergonha de discutir o que fosse comigo, e agora não é um bom momento para começar a sentir.

— Gaebriel? — Os olhos de Morgase se arregalaram. — Você sabe? Mas como?

— Ora, garota — respondeu Lini com tristeza —, todo mundo sabe, apesar de ninguém ter tido coragem de lhe falar. Eu teria, caso você não tivesse se afastado tanto, mas está longe de ser um assunto fácil de discutir com você, não é? É o tipo de coisa em que uma mulher não acredita até descobrir por conta própria.

— Do que você está falando? — questionou Morgase. — Caso você soubesse de algo, era sua obrigação vir até mim, Lini. Era obrigação de qualquer um! Luz, eu sou a última a saber, e agora pode ser tarde demais para pôr um fim nisso.

— Tarde demais? — indagou Lini, incrédula. — E por que seria tarde demais? É só botar Gaebriel para fora do Palácio, até de Andor. E mande Alteima e as outras junto com ele. Pronto: acabou o problema. Só é tarde demais na sua cabeça.

Por um momento, Morgase não conseguiu falar.

— Alteima — disse, por fim — e... as outras?

Lini a encarou e então, desgostosa, balançou a cabeça.

— Sou uma velha tonta. Minha sagacidade já não é tão afiada. Bem, agora você sabe. “Quando o mel sai do favo, não dá para pôr de volta.” — Sua voz ficou mais gentil e, ao mesmo tempo, vigorosa. A mesma voz que ela usara para contar a Morgase que seu pônei havia quebrado uma perna e teria de ser sacrificado. — Gaebriel passa a maior parte das noites com você, mas Alteima desfruta de praticamente o mesmo tempo. Entre as outras seis ele se divide bem pouco. Cinco têm quartos no Palácio. Quando visita uma delas, uma novinha de

olhos esbugalhados, ele entra e sai do quarto todo enrolado em um manto, mesmo neste calor. Talvez ela seja casada. Me desculpe, garota, mas a verdade é a verdade. “Melhor enfrentar do que fugir do urso.”

Os joelhos de Morgase cederam, e se Lini não tivesse puxado rapidamente uma das cadeiras da mesa para apará-la, a rainha teria caído sentada no chão. Alteima. O fato de ele observar enquanto as duas fofocavam ganhou novos contornos. Um homem apreciando a brincadeira de duas de suas gatinhas de estimação. E outras *seis*! A raiva borbulhou em Morgase, uma raiva que não surgira quando ela pensara que ele estava interessado no trono. Considerara aquela hipótese com a mente fria e limpa. Tanto quanto conseguia considerar qualquer coisa, nos últimos tempos. Tratava-se de uma ameaça que precisava ser analisada com racionalidade. Mas aquilo! O homem abrigara as amantes dentro de *seu* Palácio. Fizera de Morgase só mais uma de suas prostitutas. Queria a cabeça de Gaebriel. Queria vê-lo esfolado vivo. Que a Luz a socorresse, queria o toque dele. *Eu devo estar enlouquecendo!*

— Isso vai ser resolvido junto com todo o resto — afirmou, friamente. Muito dependeria de quem estava em Caemlyn e quem estava em suas propriedades no interior. — Onde está Lorde Pelivar? Lorde Abelle? Lady Arathelle? — Nomes que lideravam de Casas fortes e possuíam muitos empregados.

— Exilados — respondeu Lini devagar, lançando-lhe um olhar estranho. — Você os exilou da cidade na primavera passada.

Morgase a encarou de volta. Não se lembrava de nada daquilo. Mas então se recordou, a memória turva e distante.

— Lady Ellorien? — perguntou, receosa. — Lady Aemlyn e Lorde Luan? — Outras Casas fortes. Outras Casas que lhe deram apoio antes de conquistar o trono.

— Exilados — retrucou Lini, ainda com hesitação na voz — Você mandou açoiarem Ellorien por ela ter exigido saber por quê.

Lini se curvou para escovar o cabelo de Morgase para trás, os dedos curvos se demorando nas bochechas da rainha como faziam quando a babá checava se ela estava com febre.

— Você está bem, garota?

Morgase assentiu vagamente, porque as lembranças estavam voltando ainda de maneira nebulosa. Ellorien, gritando ultrajada enquanto seu vestido era rasgado às costas. A Casa Traemane fora a primeiríssima a trazer seu apoio à Trakand, comandada por uma mulher bonita e roliça poucos anos mais velha que Morgase. Ellorien, uma de suas amigas mais próximas. Havia sido, pelo menos. O nome de Elayne fora inspirado na avó de Ellorien. Lembrava-se vagamente das outras pessoas deixando a cidade. Distanciando-se dela, o que àquela altura parecia óbvio. E os que permaneceram? Casas fracas demais para ter qualquer serventia, ou meros bajuladores. Morgase pensou se recordar de ter assinado

uma porção de documentos que Gaebril colocara diante dela e que criavam novos títulos. Bajuladores de Gaebril e inimigos dela. Eram os únicos que podia distinguir como pessoas influentes em Caemlyn.

— Pouco me importa o que você diz — afirmou Lini com firmeza. — Não está com febre, mas tem alguma coisa errada. Você está precisando é de uma Curadora Aes Sedai, isso sim.

— Nada de Aes Sedai.

A voz de Morgase ficou ainda mais dura. Tornou a tocar brevemente o anel. Sabia que sua animosidade perante a Torre aumentara nos últimos tempos para além do que alguns considerariam razoável, mas não conseguia mais se ver confiando em uma Torre Branca que parecia estar tentando impedi-la de ver a própria filha. A carta que escrevera para a nova Amyrlin exigindo o retorno de Elayne — ninguém *exigia* nada do Trono de Amyrlin, mas ela exigira — ainda não havia sido respondida. Mal dera tempo de chegar a Tar Valon. De qualquer forma, tinha certeza absoluta de que não queria uma Aes Sedai por perto. E ainda assim, ao mesmo tempo, não deixava de se orgulhar ao pensar em Elayne. Elevada a Aceita depois de tão pouco tempo. Elayne poderia até se tornar a primeira mulher a sentar no trono de Andor sendo de fato uma Aes Sedai, em vez de apenas ter sido treinada na Torre. Não fazia sentido que Morgase nutrisse os dois sentimentos ao mesmo tempo, mas pouquíssimas coisas faziam qualquer sentido, àquela altura. E sua filha jamais ocuparia o Trono do Leão caso Morgase não o assegurasse para ela.

— Eu disse nada de Aes Sedai, Lini, então pode parar de me olhar com essa cara. Desta vez você não vai me obrigar a tomar o remédio de gosto ruim. Além do quê, duvido que encontraríamos Aes Sedai de qualquer cor em Caemlyn. — Seus antigos aliados não estavam mais ali, exilados por sua própria determinação, e talvez inimigos eternos por conta do que fizera com Ellorien. Novos lordes e ladies ocupavam seus lugares no Palácio. Caras novas nos Guardas. Que lealdade ainda existia naquele local? — Você seria capaz de reconhecer um Tenente da Guarda chamado Tallanvor, Lini? — Com a rápida anuência da outra mulher, Morgase prosseguiu. — Encontre-o para mim e traga-o até aqui. Mas não deixe ele saber que está vindo me encontrar. Na verdade, diga a todos do Alojamento dos Pensionistas que, caso perguntem, é para falarem que eu não estou aqui.

— Esse assunto vai além de Gaebril e suas amantes, não é?

— Apenas vá, Lini. E depressa. Não resta muito tempo. — Pelas sombras que via pela janela no jardim repleto de árvores, o sol já começara a baixar. A noite não demoraria a cair. A noite, quando Gaebril procuraria por ela.

Após Lini sair, Morgase permaneceu na cadeira, sentada rigidamente. Não ousava se levantar. Os joelhos já estavam mais fortes, mas temia que, se começasse a se mover, não pararia até estar de volta em sua sala de estar, esperando por Gaebril. O ímpeto era muito forte, principalmente agora que

estava sozinha. E assim que aquele homem olhasse para ela, assim que a tocasse, Morgase não tinha dúvidas de que o perdoaria por tudo. Talvez até se esquecesse de tudo, dada a maneira como suas lembranças estavam confusas e incompletas. Poderia até pensar que Gaebril usara o Poder Único nela, de algum jeito, mas sabia que nenhum homem capaz de canalizar sobrevivia até a idade dele.

Lini lhe dissera várias vezes que sempre havia um homem no mundo pelo qual uma mulher se veria agindo feito uma tonta desmiolada, mas ela nunca acreditara que pudesse sucumbir a isso. Por outro lado, suas escolhas nunca tinham sido boas, não importava quão certas parecessem ser à época.

Casara-se com Taringail Damodred por motivos políticos. O homem já havia sido casado com Tigraine, a Filha-herdeira cujo desaparecimento desencadeara a Sucessão após a morte de Mordrellen. O casamento com ele criara uma ponte com a antiga rainha, atenuando as dúvidas da maioria de seus opositores, e, mais importante, mantivera a aliança que pusera um fim nas sucessivas guerras com Cairhien. Era assim que rainhas escolhiam seus maridos. Taringail tinha sido um homem frio e distante, e nunca existira amor entre eles, apesar dos dois filhos maravilhosos. Fora quase um alívio quando ele morreu em um acidente em uma caçada.

Thomdril Merrill, bardo da Casa e depois da Corte, de início fora uma alegria, inteligente e sagaz, um homem risonho que usara os truques do Jogo das Casas para auxiliá-la a ascender ao trono e que a ajudara a fortalecer Andor quando ela foi coroada. À época, tinha o dobro da idade dela, e, ainda assim, Morgase poderia ter se casado com ele — casamentos com plebeus não eram novidade em Andor —, mas o homem desaparecera sem dar uma palavra, e o gênio de Morgase levou a melhor. Nunca descobrira por que ele fora embora, mas isso não importava. Quando o bardo finalmente retornou, ela considerou rescindir a ordem de prisão. Porém, daquela vez, em vez de apaziguar a raiva da rainha, ele respondera cada palavra ríspida dela com outra igualmente grosseira, dizendo coisas que Morgase nunca perdoaria. Seus ouvidos ainda ardiavam quando se lembrava de ter sido chamada de criança mimada e fantoche de Tar Valon. Ele chegara a sacudi-la, sua própria rainha!

Em seguida, veio Gareth Bryne, forte e habilidoso, tão duro quanto seu rosto dava a entender e tão teimoso quanto ela própria. Acabara se mostrando um tolo traidor. Já estava bem longe de sua vida. Parecia que havia se passado anos desde que o vira pela última vez, e não pouco mais de seis meses.

E finalmente Gaebril, coroando sua lista de más escolhas. Ao menos os anteriores não haviam tentado suplantá-la.

Não haviam sido tantos homens para a vida de uma mulher, mas, por outro lado, foram homens demais. Outro alerta que Lini às vezes fazia era de que os homens só serviam para três coisas, embora fossem muito bons nessas três. Morgase estivera no trono desde antes de Lini pensar que ela tinha idade

suficiente para saber que coisas eram essas. *Talvez se eu os usasse só para dançar*, pensou Morgase, com sarcasmo, *eles não me dessem tantos problemas*.

As sombras no jardim, fora da janela, se moveram o equivalente a uma hora antes de Lini retornar com o jovem Tallanvor, que se ajoelhou enquanto a babá ainda fechava a porta.

— De início, ele não queria vir comigo — disse Lini. — Cinquenta anos atrás, suponho que eu poderia ter mostrado o que você está exibindo ao mundo, e ele teria vindo bem rápido, mas agora preciso usar a doçura do bom senso.

Tallanvor virou a cabeça para olhar com amargura na direção da mulher.

— Você ameaçou me bater com uma vara se eu não viesse. Sorte sua eu ter me perguntado o que poderia ser tão importante, em vez de mandar alguém arrastá-la até a enfermaria. — O fungar inflexível de Lini não perturbou o guarda, cujo olhar acre se tornou raivoso ao passar para Morgase. — Soube que sua reunião com Gaebriel não foi muito boa, minha Rainha. Minha esperança era de que fosse... melhor.

O homem a fitava diretamente nos olhos, mas o comentário de Lini a fizera ficar novamente consciente do vestido. Sentia como se flechas reluzentes apontassem para seu busto exposto. Foi com muito esforço que manteve as mãos calmamente repousadas no colo.

— Você é um rapaz esperto, Tallanvor. E leal, acredito, ou não teria vindo até mim com a notícia sobre Dois Rios.

— Não sou um garotinho — reclamou ele, se empertigando, ainda de joelhos. — Sou um homem que jurou a vida a serviço da Rainha.

Ela rebateu o mau humor dele de igual para igual.

— Se é um homem, comporte-se como tal. Fique de pé e responda as perguntas de sua rainha com sinceridade. E lembre-se de eu *sou* sua rainha, *jovem* Tallanvor. Seja lá o que você pense que possa ter acontecido, *eu* sou a Rainha de Andor.

— Me perdoe, minha Rainha. Eu a escuto e obedeço. — As palavras foram pronunciadas de maneira adequada, embora não muito arrependidas, mas ele se pôs de pé de cabeça erguida e a encarou de modo mais desafiador do que nunca. Luz, o homem era mais teimoso do que Gareth Bryne.

— Quantos homens leais ainda restam entre os Guardas no Palácio? Quantos vão obedecer seus juramentos e me seguir?

— Eu vou — respondeu ele, em voz baixa, a raiva desaparecendo de repente, embora ele ainda a encarasse sem desviar os olhos de seu rosto. — Quanto aos outros... se deseja encontrar homens leais, deve procurar nas guarnições mais distantes, talvez até Ponte Branca. Alguns dos que estavam em Caemlyn foram mandados para Cairhien junto com os coletores, mas os que ficaram na cidade estão todos com Gaebriel. O novo... O novo juramento é ao trono e à lei, não à Rainha.

Era pior do que ela gostaria, mas não mais do que esperara, na verdade. O que quer que fosse, Gaebriel não era idiota.

— Então preciso ir para algum lugar, começar a restabelecer meu reinado. — Seria difícil mobilizar as Casas após os exílios, após Ellorien, mas precisava fazê-lo. — Gaebriel pode tentar me impedir de deixar o Palácio. — Lembrou-se vagamente de tentar ir embora duas vezes e ser barrada por Gaebriel. — Então você vai providenciar dois cavalos e me esperar na rua de trás dos estábulos, ao sul. Encontrarei você lá já vestida para a cavalgada.

— Exposto demais — opinou Tallarvor. — E perto demais. Os homens de Gaebriel podem reconhecê-la, não importa quão bom seja seu disfarce. Eu conheço um homem... Será que conseguiria encontrar uma estalagem chamada A Bênção da Rainha, na parte ocidental da Cidade Nova? — A Cidade Nova só era nova em comparação à Cidade Interna, que a circundava.

— Consigo. — Não gostava de ser contrariada, mesmo quando fazia sentido. Bryne também fazia isso. Seria um prazer mostrar àquele jovem quão bem ela era capaz de se disfarçar. Tinha o hábito de fazer isso uma vez ao ano, embora percebesse que ainda não o fizera naquele ano; não se vestira como uma plebeia e caminhara pelas ruas para sentir a pulsação do povo. Ninguém jamais a reconhecera. — Mas podemos confiar nesse homem, Tallanvor?

— Basel Gill é tão leal à senhora quanto eu. — Ele hesitou, o rosto ficando angustiado antes de voltar à raiva. — Por que a senhora esperou tanto tempo? Sua Majestade deve ter ouvido falar, deve ter visto, e ainda assim ficou esperando enquanto Gaebriel apertava as mãos em torno do pescoço de Andor. Por que toda essa espera?

Certo. A raiva daquele homem era justificada, merecia uma resposta honesta. Mas Morgase não tinha essa resposta, certamente não uma que pudesse dar.

— Não é seu papel questionar a Rainha, jovem — respondeu, com uma firmeza gentil. — Um homem leal, como sei que você é, serve sem questionar.

Ele deixou escapar um longo suspiro.

— Estarei esperando no estábulo d'A Bênção da Rainha, minha Rainha. — E, com uma reverência adequada para uma audiência oficial, retirou-se.

— Por que você continua chamando-o de jovem? — questionou Lini, assim que a porta se fechou. — Isso o deixa com raiva. “Só um tolo coloca um carrapicho debaixo da sela antes de cavalgar.”

— Ele é jovem, Lini. Tem idade para ser meu filho.

Lini bufou, e desta vez sem nenhuma delicadeza.

— Ele é alguns anos mais velho que Galad, e Galad é velho demais para ser seu filho. Você estava brincando de boneca quando Tallanvor nasceu, e ainda achava que os bebês vinham do mesmo lugar que elas.

Com um suspiro, Morgase se perguntou se a mulher tratara sua mãe daquela maneira. Era provável. E caso Lini vivesse o bastante para ver Elayne no trono — do que, de certa forma, ela não duvidava, já que Lini duraria para sempre —, provavelmente trataria a garota do mesmo jeito. Isso presumindo que ainda haveria um trono para Elayne herdar.

— A questão é: ele é mesmo leal como parece, Lini? Um único Guarda fiel, quando todos os outros homens leais no Palácio foram mandados embora. De repente, me parece bom demais para ser verdade.

— Ele fez o novo juramento. — Morgase abriu a boca, mas Lini se antecipou. — Eu vi o rapaz depois disso, sozinho atrás dos estábulos. Por isso que sabia de quem você estava falando. Acabei descobrindo o nome. Ele não me viu. Estava de joelhos, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ficava pedindo desculpas a você e repetindo o velho juramento. Não apenas à “Rainha de Andor”, mas à “Rainha Morgase de Andor”. Ele fez o antigo juramento com a própria espada, cortando o braço para mostrar que preferiria derramar sua última gota de sangue do que quebrá-lo. Conheço uma ou duas coisinhas sobre os homens, garota. Aquele ali vai ficar ao seu lado contra um exército inteiro, mesmo que conte apenas com as próprias mãos.

Foi bom ouvir aquilo. Se não pudesse confiar em Tallanvor, a próxima pessoa de quem duvidaria seria Lini. Não, de Lini nunca. Ele jurara do jeito antigo? Àquela altura, aquilo só servia para as histórias. E já estava se perdendo em pensamentos de novo. Com certeza o jeito como Gaebriel confundia sua mente não funcionaria mais, com tudo que sabia. Então por que uma parte sua ainda queria voltar para a sala de estar e esperar? Precisava se concentrar.

— Vou precisar de um vestido simples, Lini. Um que não vista tão bem. Um pouco de fuligem da lareira e...

Lini insistiu em ir junto. Morgase teria que amarrá-la a uma cadeira para conseguir deixá-la para trás, e não tinha certeza de que aquela velha podia ser amarrada. Sempre parecera frágil e sempre fora bem mais forte do que aparentava.

Quando saíram por um pequeno portão lateral, Morgase não parecia muito consigo mesma. Um pouco de fuligem escurecera seu cabelo louro-acobreado, roubando o brilho e deixando-o escorrido. O suor pingando pelo rosto também ajudava. Ninguém acreditava que rainhas transpiravam. Um vestido largo de lã cinza áspera — muito áspera — e com saias divididas completava o disfarce. Até as anáguas e as meias eram daquela lã áspera. Parecia uma fazendeira que levara a carroça ao mercado e depois decidira ver um pouco da cidade. Lini estava como sempre, pragmática e de costas eretas, trajando um vestido de cavalgada de lã verde, bem-cortado, mas dez anos fora de moda.

Desejando poder se coçar, Morgase também quis que a outra mulher não a tivesse levado tão a sério quanto ao vestido não cair muito bem. Enquanto enfiava

seu vestido decotado sob a cama, a velha babá resmungara algum ditado sobre exibir utensílios que não se estaria disposto a vender, e quando Morgase afirmara que ela tinha acabado de inventá-lo, a resposta de Lini fora “Na minha idade, mesmo que eu invente vai se tratar de um velho ditado”. Morgase suspeitava bastante de que aquele vestido com drapeados horrorosos e que ainda por cima pinicava era um castigo pela roupa anterior.

A Cidade Interna fora erigida sobre colinas, com ruas que acompanhavam a curvatura natural da terra, planejadas para proporcionar vistas repentinas de parques cheios de árvores e monumentos ou torres cobertas de azulejos que, ao sol, reluziam em centenas de cores. De algumas elevações era possível ver toda Caemlyn, até as extensas planícies e florestas além da cidade. Morgase não prestou atenção em nada daquilo enquanto abria caminho apressada em meio à multidão que apinhava as ruas. Em outros tempos, teria tentado escutar as pessoas e avaliar os ânimos. Desta vez, só ouvia o zum-zum-zum e o burburinho de uma grande cidade. Nem pensava em tentar incitá-las. Milhares de homens armados basicamente com pedras e fúria poderiam sobrepujar os Guardas no Palácio Real, mas, caso ela já não soubesse, os tumultos na primavera que haviam chamado sua atenção para Gaebriel, além das quase revoltas do ano anterior, teriam lhe ensinado do que aglomerações eram capazes. Sua intenção era voltar a reinar Caemlyn, não vê-la em chamas.

Além das muralhas brancas da Cidade Interna, a Cidade Nova tinha suas próprias belezas. Torres altas e esguias, cúpulas reluzindo brancas e douradas, grandes telhados vermelhos e a enorme muralha externa com suas torres, toda de um cinza pálido rajado de branco e prateado. Amplos bulevares separados por árvores e gramados estavam atulhados de gente, carruagens e carroções. Exceto por reparar que a grama estava morrendo por falta de chuva, Morgase se concentrou em seu objetivo.

Baseada em suas incursões anuais, escolheu cuidadosamente as pessoas para as quais fazia perguntas. Homens, em sua maioria. Sabia a aparência que tinha, mesmo com fuligem no cabelo, e algumas mulheres lhe dariam direções erradas só por inveja. Os homens, por outro lado, quebravam a cabeça para acertar, só para impressioná-la. Mas não os que pareciam muito presunçosos, ou muito grosseiros. Os presunçosos costumavam se ofender por serem abordados, como se também não estivessem a pé, e os grosseiros pareciam pensar que uma mulher pedindo informação na verdade queria outra coisa.

Um sujeito com o queixo grande demais para o rosto, vendendo agulhas e alfinetes em uma bandeja, sorriu para ela.

— Alguém já disse que você parece a Rainha? É uma rainha bem bonita, não importa o que fez a gente passar.

Morgase respondeu ao homem com uma gargalhada estrondosa que lhe valeu um olhar duro por parte de Lini.

— Guarde seus galanteios para a sua esposa. Na segunda curva à esquerda, você diz? Eu lhe agradeço. E obrigada pelo elogio.

Conforme abria caminho pela multidão, sua expressão ficou séria. Já ouvira aquilo demais. Não que se parecia com a Rainha, mas que havia metido os pés pelas mãos. Gaebriel aumentara bastante os impostos para, ao que parecia, bancar seus recrutas, mas era ela quem levava a culpa — e corretamente. A responsabilidade era da Rainha. Outras leis também haviam saído do Palácio, leis que faziam pouco sentido, mas que de fato tornaram mais difícil a vida das pessoas. Escutava sussurros a seu respeito, conjecturas de que talvez Andor tivesse sido governada por rainhas por tempo demais. Murmúrios apenas, mas o que um homem ousava dizer baixinho, outros dez pensavam. Incitar multidões contra Gaebriel talvez não fosse tão fácil quanto ela pensara.

No fim das contas, encontrou seu objetivo: uma ampla estalagem de pedra, a placa sobre a porta contendo a imagem de um homem ajoelhado diante de uma mulher de cabelos dourados usando a Coroa de Rosas, com uma das mãos na cabeça dele. A Bênção da Rainha. Se aquilo era para ser ela, a semelhança não era das maiores. As bochechas eram gordas demais.

Foi só quando parou à frente da estalagem que Morgase se deu conta de que Lini estava arfando. Estabelecera um ritmo acelerado, e a antiga babá estava longe de ser jovem.

— Me desculpe, Lini. Eu não deveria ter andado tão...

— Se eu não conseguir aguentar seu ritmo, garota, como vou dar conta de cuidar dos bebês de Elayne? Vai ficar aqui parada? “Pés que se arrastam nunca terminam jornadas.” Ele disse que estaria no estábulo.

A mulher de cabelos brancos avançou, resmungando sozinha, e Morgase a seguiu, contornando a estalagem. Antes de pôr os pés no estábulo de pedra, protegeu os olhos para espiar o sol. Não mais do que duas horas para o crepúsculo. Quando Gaebriel procuraria por ela, se é que já não estava à procura.

Tallanvor não estava sozinho no estábulo de baias enfileiradas. Quando ele apoiou um dos joelhos no chão coberto de palha, trajando um casaco de lã verde com a espada presa por cima, dois homens e uma mulher também se ajoelharam, ainda que meio hesitantes, inseguros por vê-la naquele estado. O homem robusto de rosto rosado e cabelo já rareando devia ser Basel Gill, o estalajadeiro. Uma velha jaqueta de couro, bem justa e pontilhada de discos de aço, apertava sua cintura, e ele também carregava uma espada.

— Minha Rainha — disse Gill —, faz anos que não carrego uma espada, desde a Guerra dos Aiel, mas seria uma honra se a senhora me permitisse acompanhá-la. — O homem deveria ter parecido ridículo, mas não pareceu.

Morgase examinou os outros dois. Um sujeito grandalhão com um casaco cinza grosseiro, olhos com cílios pesados e nariz quebrado, além de cicatrizes no rosto. E uma mulher bonita e baixa, perto da meia-idade. Ela aparentava estar

com o valentão, mas seu vestido de lã azul com gola alta parecia sofisticado demais para que um homem como ele o tivesse comprado.

Mesmo com o olhar preguiçoso, o sujeito sentiu as dúvidas da rainha.

— Sou Lamgwin, minha Rainha, e um bom homem leal. Não é certo o que fizeram, e é preciso consertar as coisas. Também quero acompanhar a senhora. Eu e Breane.

— Levantem-se — ordenou Morgase. — Talvez seja preciso esperarmos alguns dias se passarem antes que seja seguro vocês me tratem como sua rainha. Ficarei contente com sua companhia, Mestre Gill. E com a sua, Mestre Lamgwin, mas sua esposa ficará mais segura em Caemlyn. Teremos dias difíceis pela frente.

Retirando palha das saias, Breane lhe lançou um olhar incisivo — e Lini, um mais incisivo ainda.

— Já vivi dias difíceis — afirmou a mulher, com sotaque cairhieno. Nascida na nobreza, a menos que Morgase estivesse enganada. Uma refugiada. — E nunca tinha conhecido um homem bom até encontrar Lamgwin. Ou até ele me encontrar. A lealdade e o amor que ele nutre por sua rainha, eu nutro por ele dez vezes mais. Ele acompanha a senhora, mas eu o acompanho. Não vou ficar para trás.

Morgase respirou fundo e, em seguida, assentiu. De qualquer forma, a mulher parecia irredutível. Um belo começo de exército para retomar o trono: um jovem soldado que vivia fazendo cara feia para ela, um estalajadeiro quase careca que aparentava estar há mais de vinte anos sem montar em um cavalo, um valentão das ruas que parecia meio dormindo, e uma refugiada da nobreza cairhiena que deixara claro que sua lealdade se restringia unicamente ao valentão. E Lini, claro. Lini, que a tratava como se ela ainda fosse criança. Ah, sim, um ótimo começo.

— Para onde vamos, minha Rainha? — indagou Gill, começando a guiar cavalos já encilhados para fora das baías. Lamgwin se moveu com velocidade surpreendente para lançar outra sela de cepilho alto em um cavalo, para Lini.

Morgase se deu conta de que não pensara naquilo. *Luz, não é possível que Gaebriel ainda esteja embaralhando minhas ideias.* Porém, ainda sentia aquele ímpeto de voltar para a sala. Não era ele. Tivera que se concentrar para sair do Palácio e chegar até ali. Em outros tempos, teria procurado primeiro Ellorien, mas Pelivar ou Arathelle serviriam. Assim que descobrisse uma maneira de explicar seus exílios.

Antes que pudesse abrir a boca, Tallanvor respondeu:

— Devemos ir até Gareth Bryne. Há forte rejeição à senhora nas grandes Casas, minha Rainha, mas, com Bryne ao seu lado, todos voltarão a jurar fidelidade, nem que seja porque sabem que ele vai vencer todas as batalhas.

Morgase travou os dentes para frear qualquer recusa imediata. Bryne era um traidor. Mas também era um dos melhores generais vivos. Sua presença seria um argumento convincente quando Morgase tivesse que fazer Pelivar e os demais se esquecerem de que ela os exilara. Muito bem. Não havia a menor dúvida de que ele agarraria a oportunidade de voltar a ser Capitão-General dos Guardas da Rainha. E, se não, conseguiria se virar suficientemente bem sem ele.

Quando o sol tocou o horizonte, já estavam a cinco milhas de Caemlyn e seguiam à toda para Fontes de Kore.

* * *

À noite era quando Padan Fain se sentia mais confortável. Conforme avançava devagar pelos corredores adornados por tapeçarias da Torre Branca, a escuridão lá fora parecia criar um manto para escondê-lo dos inimigos, apesar das lamparinas douradas e reluzentes que queimavam ao longo do trajeto. Uma sensação falsa, sabia. Seus inimigos eram muitos e estavam por toda parte. Naquele exato momento, assim como em todas as horas do dia, podia sentir Rand al'Thor. Não onde ele estava, mas que ainda estava vivo, em algum lugar. Ainda vivo. Aquela capacidade de sentir al'Thor fora um presente recebido em Shayol Ghul, no Poço da Perdição.

Sua mente vagou para longe das lembranças do que havia sido feito com ele no Poço. Lá, fora desfeito e refeito. Mas depois, em Aridhol, renascera. Renascera para destruir inimigos antigos e novos.

Sentia algo mais em sua caminhada noturna pelos saguões vazios da Torre: algo que lhe pertencia, que havia sido roubado. Naquele momento, desejou aquilo mais até do que desejava a morte de al'Thor, a destruição da Torre, ou mesmo a vingança contra seu antigo inimigo. Uma fome por ser inteiro.

A pesada porta tinha dobradiças resistentes e alças de ferro, além de um cadeado negro do tamanho de sua cabeça. Poucas portas eram trancadas — quem ousaria roubar em meio às Aes Sedai? —, mas algumas coisas a Torre considerava perigosas demais para deixar acessíveis. A mais perigosas de todas era mantida por detrás daquela porta, guardada por um cadeado robusto.

Rindo baixinho, tirou do bolso duas hastes curvas de metal e inseriu-as na fechadura, experimentando, pressionando e torcendo. Com um estalo vagaroso, o trinco recuou. Por um momento, ficou apoiado contra a porta, gargalhando com voz rouca. Guardada por um cadeado robusto. Cercada pela força das Aes Sedai e guardada por simples metal. Àquela hora, até as serviçais e noviças já deviam ter concluído suas tarefas, mas alguém ainda poderia estar de pé e talvez passasse por ali. Ainda tendo pequenos acessos de riso, guardou as hastes de metal no bolso, de onde pegou uma vela de cera, acendendo o pavio em uma das lamparinas próximas.

Segurou a vela bem alto ao fechar a porta atrás de si e observou o ambiente. Prateleiras forravam as paredes, cheias de caixas simples até baús incrustados de vários tamanhos e formas, pequenas estátuas feitas de osso, marfim ou algum material mais escuro, além de objetos de metal, vidro e cristal que brilhavam à luz da vela. Nada que parecesse perigoso. Tudo estava coberto de poeira. Era raro até as Aes Sedai entrarem ali, e não permitiam acesso a ninguém mais. O objeto que estava procurando o atriou.

Em uma prateleira à altura da cintura havia uma caixa escura de metal. Ele a abriu, revelando paredes de chumbo de duas polegadas de espessura, com espaço interno suficiente para uma adaga curva em uma bainha dourada, com um rubi bem grande incrustado no cabo. Nem o ouro nem o rubi, de um brilho escuro feito sangue, o interessavam. Apressado, derramou um pouco de cera para prender a vela ao lado da caixa e retirou a adaga.

Suspirou assim que a tocou, espreguiçando-se languidamente. Estava inteiro de novo, formando um único ser junto àquilo com que se unira tanto tempo atrás. Era uma coisa só, unido àquilo que efetivamente lhe dera vida.

Dobradiças de ferro rangeram baixinho, e ele correu para a porta com a lâmina curva nas mãos. A jovem pálida que abriu a passagem só teve tempo de ficar boquiaberta e tentar pular para trás antes que ele lhe cortasse a bochecha. No mesmo movimento, Fain deixou cair a bainha e agarrou a garota pelo braço, puxando-a para dentro do cômodo. Colocando a cabeça para fora, examinou o corredor de ponta a ponta. Continuava deserto.

Não teve pressa de recolher a cabeça e tornar a fechar a porta. Sabia o que iria encontrar.

A jovem estava caída no chão de pedra, tentando gritar, mas sem sucesso. As mãos se agarravam a um rosto já negro e empolado para além do reconhecível, o inchaço escuro descendo até os ombros feito um óleo espesso. As saias cor de neve, com faixas coloridas na barra, agitavam-se enquanto os pés se debatiam inutilmente. Fain lambeu o sangue que espirrara na mão e deu uma risada ao recolher a bainha.

— Você é um tolo.

Deu meia volta, adaga em punho, mas o ar em seu entorno pareceu se solidificar, encapsulando-o do pescoço ao solado das botas. Ficou ali parado, na ponta dos pés, a adaga estendida em posição de ataque, encarando Alviarin, que fechava a porta atrás de si e se apoiava nela para analisá-lo. Não houvera rangido. O suave raspar dos chinelos da garota agonizante no piso de pedra não teria conseguido mascarar qualquer ruído. Fain teve que piscar para afastar o suor, que de repente notou que caía em seus olhos.

— Você realmente pensou — prosseguiu a Aes Sedai — que não haveria vigilância neste aposento, ninguém montando guarda? Colocamos um alarme neste cadeado. Esta noite, a função daquela jovem tola era monitorá-lo. Se ela

tivesse feito o que deveria, você encontraria uma dezena de Guardiões e a mesma quantidade de Aes Sedai no lado de fora desta porta agora. Ela está pagando o preço da própria estupidez.

Os sons de agonia atrás dele cessaram, e Fain estreitou os olhos. Alviarín não era da Ajah Amarela, mas, ainda assim, poderia ter tentado curar a jovem. E também não soara o alarme que a Aceita deveria ter soado, ou não estaria ali sozinha.

— Você é da Ajah Negra — sussurrou ele.

— É uma acusação perigosa — retrucou ela com tranquilidade. Não estava claro para qual dos dois aquilo era perigoso. — Siuan Sanche tentou afirmar que a Ajah Negra existia, quando estava sendo questionada. Ela implorou para nos falar sobre o assunto. Elaida não quis ouvir, e nem vai querer. As histórias a respeito da Ajah Negra são uma difamação vil contra a Torre.

— Você é da Ajah Negra — disse ele, mais alto.

— Você quer roubar isso? — Alviarín soou como se o homem nem tivesse falado. — O rubi não vale a pena, Fain. Ou seja lá qual for o seu nome. A lâmina é maculada, de forma que apenas um tolo tocaria nela sem uma pinça ou ficaria por perto um segundo a mais que o necessário. Dá para ver o que ela fez com Verine. Então por que você veio aqui e foi direto atrás de algo que nem deveria saber onde estava? Você não pode ter tido tempo de fazer uma busca.

— Eu poderia eliminar Elaida para você. Basta um toque nisto aqui, e nem a Cura vai salvá-la. — Ele tentou gesticular com a adaga, mas não conseguiu movê-la nem um fio de cabelo. Se pudesse se mexer, Alviarín, àquela altura, já estaria morta. — Você poderia ser a número um da Torre, não a dois.

A mulher gargalhou, um som frio e desdenhoso.

— Você acha que eu não seria a número um, se quisesse? Ser a dois está bom para mim. Deixe Elaida assumir o crédito pelo que ela chama de sucessos e que também transpire pelos erros. Sei onde reside o poder. Agora responda as minhas perguntas, ou encontrarão dois cadáveres aqui, amanhã de manhã, em vez de um.

Haveria dois de qualquer maneira, desse ele respostas adequadas ou não, já que ela não pretendia deixá-lo vivo.

— Eu vi Thakan'dar. — Dizer aquilo doeu. As lembranças eram de agonia. Recusou-se a chorar, pôs as palavras para fora à força. — O grande mar de neblina se revolvendo e se chocando em silêncio contra os penhascos negros, as chamas das forjas reluzindo abaixo em vermelho, os relâmpagos feito punhais em um céu propício para levar homens à loucura. — Não queria continuar, mas obrigou-se. — Já percorri o caminho até as entranhas de Shayol Ghul, descendo o longo percurso com pedras feito presas raspando minha cabeça, até as margens de um lago de fogo e rochas derretidas... — *Não, de novo não!* — Nasquelas profundezas intermináveis, fica aprisionado o Grande Senhor das

Trevas. Só por conta da respiração dele, os céus acima de Shayol Ghul são negros ao meio-dia.

Àquela altura, Alviarin estava totalmente ereta, os olhos arregalados. Não com medo, mas impressionada.

— Já ouvi falar de... — começou, calma, estremecendo em seguida e encarando-o de modo penetrante. — Quem é você? Por que está aqui? Alguém dos Aban... dos Escolhidos o mandou? Por que não fui informada?

Ele jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— As tarefas dadas a tipos como eu devem ser informadas a tipos como você? — O sotaque nativo de Lugard voltara a ficar forte. De certa forma, Lugard era sua cidade natal. — Então os Escolhidos confiam tudo a você? — Algo dentro dele parecia gritar que aquela não era a maneira correta de agir, mas odiava Aes Sedai, e esse algo dentro dele também odiava. — Tenha cuidado, Aes Sedai lindinha, ou vão entregar você para um Myrddraal se divertir.

O olhar da mulher eram adagas de gelo encarando-o.

— Veremos, Mestre Fain. Vou dar um jeito nesta bagunça que você fez e depois vamos ver qual de nós dois está em mais alta conta com os Escolhidos. — Com os olhos fixos na adaga, ela saiu do aposento. O ar em torno dele só cedeu um minuto inteiro depois.

Fain resmungou consigo mesmo. Tolo. Jogando o jogo das Aes Sedai, rebaixando-se a elas, e bastara um momento de fúria para arruinar tudo. Embainhando a adaga, fez um corte na própria pele e lambeu a ferida antes de enfiar a arma dentro do casaco. Ele não era nada do que aquela mulher pensava. Já fora um Amigo das Trevas, mas agora estava além disso. Além e acima. Algo diferente. Algo mais. Se a mulher conseguisse se comunicar com um dos Abandonados antes que pudesse se livrar dela... Melhor não tentar. Não havia como encontrar a Trombeta de Valere naquele momento. Havia seguidores esperando por ele fora da cidade. Ainda deveriam estar esperando. Ele os amedrontara. Tinha esperança de que alguns dos humanos ainda estivessem vivos.

Antes do nascer do sol, Fain já havia saído da Torre e da ilha de Tar Valon. Al'Thor estava em algum lugar lá fora. E ele estava inteiro novamente.





PASSO DE JANGAI

Sob a iminente Espinha do Mundo, Rand guiava Jeade'en na subida pedregosa do sopé de Passo de Jangai. A Muralha do Dragão parecia tocar o céu, fazendo todas as outras montanhas parecerem pequenas, seus picos cobertos de neve desafiando o escaldante sol da tarde. O mais alto deles se lançava bem acima das nuvens que zombavam do Deserto com promessas de chuvas que nunca caíam. Rand não imaginava por que alguém iria querer escalar uma montanha, mas dizia-se que os homens que haviam tentado voltaram atrás, tomados pelo medo e impossibilitados de respirar. De fato, acreditava que um homem pudesse perder o fôlego de medo ao tentar subir tão alto.

— ... porém, embora os cairhienos estejam ocupados com o Jogo das Casas — dizia Moiraine, ao seu lado —, vão segui-lo, desde que saibam que você é forte. Seja firme com eles, mas eu pediria que também fosse justo. Um governante que concede a justiça verdadeira...

Ele tentava ignorá-la, assim como fazia com os demais cavaleiros e com os rangidos e barulhos dos carroções de Kadere, viajando pesadamente mais para trás. Os barrancos e desfiladeiros acidentados do Deserto já tinham sido ultrapassados, mas aquelas elevações irregulares, quase tão estéreis quanto a paisagem anterior, eram só um pouco melhores para os carroções. Fazia mais de vinte anos que ninguém viajava por aquele caminho.

Sempre que Rand permitia, Moiraine falava daquele jeito desde o nascer até o pôr do sol. Seus sermões podiam ser sobre questões pequenas — detalhes sobre o comportamento de cortes, digamos, em Cairhien, Saldaea ou em qualquer outro local — ou grandes: a influência política dos Mantos-brancos ou talvez a

influência do comércio nas decisões dos governantes de ir à guerra. Era como se ela quisesse vê-lo educado, como um nobre seria, ou deveria ter sido, antes que Rand chegasse ao outro lado da montanha. Era surpreendente a frequência com que as coisas que ela dizia refletiam o que qualquer pessoa em Campo de Emond teria chamado simplesmente de senso comum. E também a frequência com que não refletiam.

De vez em quando ela dizia algo espantoso. Por exemplo, que ele não deveria confiar em nenhuma mulher da Torre exceto nela, em Egwene, Elayne e Nynaeve. Ou a notícia de que Elaida passara a ser o Trono de Amyrlin. Com ou sem juramento de obediência, Moiraine se recusou a revelar como ficara sabendo daquilo. Disse que não era um segredo dela para contar. Ele suspeitava das Sábias Andarilhas dos Sonhos, embora elas o tivessem encarado nos olhos e se recusado a responder que sim ou que não. Gostaria de poder obrigá-las a fazer o juramento de Moiraine. Elas não paravam de se meter entre ele e os chefes, como se quisessem que Rand passasse primeiro por elas.

Naquele exato momento, não queria pensar a respeito de Elaida ou das Sábias, nem dar ouvidos a Moiraine. Só queria estudar a passagem à frente, uma fenda profunda nas montanhas, retorcida como se um machado cego tivesse tentado abrir caminho sem sucesso. Mais alguns minutos de cavalgada forte e chegaria lá.

Em um dos lados da entrada da passagem, um pico escarpado havia sido aplanado e esculpido ao longo de cem passadas, uma serpente desgastada pelo vento entrelaçada a um cajado, com umas boas trezentas braças de altura. Monumento, marco ou símbolo de um governante, decerto datava de alguma nação perdida antes de Artur Asa-de-gavião, talvez até de antes das Guerras dos Trollocs. Rand já tinha visto vestígios de nações desaparecidas havia muito tempo. Era comum que nem Moiraine conhecesse suas origens.

No outro lado, lá no alto, tão alto que ele não tinha certeza de que estava mesmo vendo o que pensava, logo abaixo de onde começava a neve, havia algo ainda mais estranho. Algo que fazia do primeiro monumento de milhares de anos de idade uma coisa banal. Rand poderia ter jurado que eram os vestígios de construções destruídas reluzindo em cinza contra a montanha escura, e, ainda mais estranho, o que parecia ser um tipo de doca do mesmo material, como que para navios, inclinando-se precariamente montanha abaixo. Se não fosse fruto de sua imaginação, aquilo teria que datar de bem antes da Ruptura. A face do mundo havia sido completamente transformada naqueles anos. No passado, tudo aquilo podia muito bem ter sido o leito de um oceano. Rand teria que perguntar a Asmodean. Mesmo que tivesse tempo, não achava que ia querer tentar alcançar tamanha altitude para descobrir por conta própria.

Aos pés da imensa serpente ficava Taïen, uma cidade com muralhas altas e de tamanho moderado, também remanescente da época em que Cairhien ainda

tinha permissão para enviar caravanas além da Terra da Trindade, quando a riqueza fluía de Shara ao longo do Caminho da Seda. Parecia haver pássaros sobrevoando a cidade, além de manchas escuras em intervalos regulares por toda a muralha de pedra cinza. Mat estava de pé nos estribos de Pips, de cenho franzido, protegendo os olhos com aquele chapéu de aba larga para espiar a passagem. O rosto rígido de Lan estava neutro, mas o homem parecia igualmente atento. Uma lufada de vento, um pouco mais frio naquele local, açoitou sua capa furta-cor e, por um momento, ele todo, dos ombros às botas, pareceu se misturar às colinas rochosas e aos esparsos arbustos espinhentos.

— Você está me ouvindo? — perguntou Moiraine de repente, aproximando-se dele com a égua branca. — Você precisa...! — Ela respirou fundo. — Por favor, Rand. Tem muitas coisas que eu preciso lhe contar, muita coisa que você precisa saber.

O quê de súplica em seu tom o fez olhar para ela. Rand se lembrava de quando se sentia intimidado pela presença dela. Agora, Moiraine parecia bem pequena, mesmo com todo o comportamento majestoso. Era uma bobagem que sentisse o instinto de protegê-la.

— Ainda temos muito tempo pela frente, Moiraine — respondeu ele gentilmente. — Eu não finjo pensar que sei tanto do mundo quanto você. De agora em diante, pretendo mantê-la por perto. — Ele mal percebeu a grande mudança desde a época em que *ela* era quem o mantinha por perto. — Mas, no momento, tenho outro assunto na cabeça.

— Claro. — A mulher suspirou. — Como quiser. Ainda temos bastante tempo.

Rand esporou o garanhão e o fez trotar, seguido pelos demais. Os carroções também aceleraram, embora não conseguissem manter o ritmo na subida. A capa de menestrel cheia de retalhos de Asmodean — Jasin Natael — se agitava atrás dele feito o estandarte que carregava preso ao estribo, um vermelho brilhante com o antigo símbolo Aes Sedai branco e preto ao centro. Seu rosto expressava uma raiva taciturna. Não ficara muito contente de ser o porta-estandarte. Sob aquele símbolo ele conquistaria, dizia a Profecia de Rhuidean, e talvez não assustasse tanto o mundo quanto o Estandarte do Dragão, o estandarte de Lews Therin, que deixara tremulando sobre a Pedra de Tear. Poucos saberiam que símbolo era aquele.

As manchas nas muralhas de Taien eram corpos, contorcidos em sua agonia final, deixados para inchar ao sol, pendurados pelo pescoço em uma fileira que parecia circundar a cidade. Os pássaros eram lustrosos corvos negros e abutres com a cabeça e o pescoço encardidos. Alguns corvos se empoleiravam nos corpos, empanurrando-se sem se preocupar com os novos visitantes. O fedor nauseantemente doce da podridão pairava no ar seco, assim como o cheiro acre de queimado. Portões com barras de ferro estavam escancarados em uma

grande área com ruínas, casas de pedra tomadas pela fuligem e telhados desabados. Nada se movia, exceto os pássaros.

Como Mar Ruois. Tentou afastar o pensamento, mas, em sua cabeça, via a grande cidade após sua reconquista, imensas torres enegrecidas e prestes a desabar, os restos de enormes fogueiras em cada cruzamento, onde os que haviam se recusado a fazer o juramento à Sombra tinham sido amarrados e arremessados vivos nas chamas. Sabia de quem aquela lembrança tinha que ser, embora não tivesse discutido o assunto com Moiraine. *Eu sou Rand al'Thor. Lews Therin Telamon está morto há três mil anos. Eu sou eu mesmo !* Aquela era uma batalha que pretendia vencer. Se realmente precisasse morrer em Shayol Ghul, morreria como ele próprio. Obrigou-se a pensar em outra coisa.

Fazia meio mês desde que deixara Rhuidean. Meio mês, apesar de os Aiel terem estabelecido um ritmo do amanhecer ao anoitecer que desgastava os cavalos. Mas Couladin já estava em movimento havia uma semana quando Rand ficara sabendo. Se não tivessem conseguido diminuir a distância, o homem teria todo aquele tempo para arrasar Cairhien antes que Rand pudesse alcançá-lo. E mais tempo ainda até que conseguisse conter os Shaido. Não foi uma boa mudança de pensamento.

— Tem alguém nos vigiando daquelas rochas à esquerda — afirmou Lan, calmo. Parecia completamente absorto em observar as ruínas de Taien. — Não é um Aiel, ou duvido que eu tivesse visto alguma coisa.

Rand ficou contente por ter feito com que Egwene e Aviendha permanecessem com as Sábias. A cidade lhe dava um motivo a mais, mas o observador se encaixava no plano original, quando tivera esperança de que Taien tivesse escapado. Egwene ainda usava as mesmas roupas que Aviendha, no estilo Aiel, e Aiel não teriam sido muito bem-vindos em Taien. Era menos provável ainda que fossem bem recebidas pelos sobreviventes.

Olhou para trás, para os carroções que vinham freando a uma curta distância, mais abaixo. Os murmúrios dos condutores vinham subindo a encosta, já que, dali, todos viam a cidade com clareza, bem como a decoração das muralhas. Kadere, robusto, mais uma vez todo de branco, enxugou o rosto de nariz aquilino com um lenço grande. Não parecia perturbado, apenas pensativo, os lábios franzidos.

Rand achava que Moiraine precisaria encontrar novos condutores assim que o grupo atravessasse a passagem. Kadere e sua equipe provavelmente fugiriam tão logo surgisse uma oportunidade. E Rand teria que deixá-los partir. Não era certo — não era justo —, mas era necessário para proteger Asmodean. Quanto tempo fazia que Rand estava fazendo o que era necessário, em vez de o que era certo? Em um mundo justo, ambos seriam a mesma coisa. Aquilo o fez rir, um arquejo rouco. Estava longe de ser o camponês que fora um dia, mas às vezes

aquele garoto ressurgia nele sorrateiramente. Os outros o encararam, e Rand lutou contra o ímpeto de dizer a todos que ainda não havia enlouquecido.

Longos minutos se passaram até dois homens e uma mulher emergirem das rochas, os três sem casaco, maltrapilhos, sujos e descalços. Aproximaram-se com hesitação, as cabeças inclinadas de modo apreensivo, os olhos fitando cavaleiro por cavaleiro até os carroções, como se pudessem sair correndo a qualquer grito. Bochechas macilentas e passos vacilantes sugeriam fome.

— Graças à Luz — exclamou finalmente um dos homens. Nenhum dos três era jovem, e este tinha o cabelo grisalho e o rosto profundamente enrugado. Seus olhos se detiveram em Asmodean por um momento, com seus babados em renda na gola e nas mangas, mas o líder daquela comitiva não estaria montado em uma mula e carregando um estandarte. Foi no estribo de Rand que ele se fixou, cheio de ansiedade. — Que a Luz seja louvada pelo senhor ter saído vivo daquelas terras terríveis, milorde. — Podia ser por conta do manto azul de seda que Rand usava, bordado em ouro nos ombros, ou do estandarte, ou mera bajulação. O homem não tinha motivos para pensar que eles fossem outra coisa que não mercadores, mesmo que bem-vestidos. — Aqueles assassinos selvagens despertaram de novo. Mais uma Guerra dos Aiel. Cruzaram a muralha à noite sem que ninguém percebesse e mataram qualquer um levantasse a mão, além de roubarem tudo que não estivesse preso ao lugar.

— À noite? — questionou Mat, sem rodeios. Com o chapéu puxado para baixo, ainda estava examinando a cidade arruinada. — Seus sentinelas estavam dormindo? Estando tão perto de seus inimigos, vocês tinham sentinelas, não? Até os Aiel teriam dificuldades de atacar vocês, caso houvesse boa vigilância. — Lan lhe lançou um olhar de aprovação.

— Não, milorde. — O homem grisalho piscou para Mat e, a seguir, deu sua resposta a Rand. O casaco verde de Mat era suficientemente adequado a um lorde, mas estava desabotoado e parecia amarrutado. — Nós... Nós só tínhamos um vigia em cada portão. Fazia muito tempo que nenhum deles botava os olhos em um dos selvagens. Mas, desta vez... O que eles não conseguiram roubar, incendiaram, e nos fizeram passar fome. Animais imundos! Graças à Luz vocês vieram nos salvar, milorde, ou todos nós teríamos morrido aqui. Sou Tal Nethin. Eu sou... eu era... fabricante de selas. Dos bons, milorde. Esta é minha irmã Aril, e aquele é o marido dela, Ander Corl. Ele faz belas botas.

— Eles também roubaram pessoas, milorde — completou a mulher, com a voz áspera. Um pouco mais jovem que o irmão, podia ter sido bonita em outros tempos, mas o desgaste das preocupações desenhara linhas em seu rosto que Rand suspeitava que jamais fossem se apagar por completo. Seu marido tinha um olhar perdido, como se não tivesse certeza de onde estava. — Minha filha, milorde, e meu filho. Levaram todos os jovens, todos com mais de dezesseis anos, e alguns com o dobro disso ou até mais. Disseram que eles eram gai-

alguma coisa e tiraram as roupas deles ali mesmo, na rua, e depois os levaram embora. Milorde, o senhor consegue...? — Sua voz foi minguando, e os olhos se fechando conforme a impossibilidade a assolava. As chances de que um dia voltasse a ver os filhos eram pequenas.

Moiraine saltou da sela no mesmo instante e se pôs ao lado de Aril. Abatida, a mulher arfou quando as mãos da Aes Sedai lhe tocaram, tremendo da cabeça aos pés. Ela olhou para Moiraine perplexa, mas a Aes Sedai apenas a segurou, como se lhe desse apoio.

De repente, Ander ficou de queixo caído ao pousar os olhos na fivela dourada do cinto de Rand, o presente de Aviendha.

— Os braços dele tinham esta marca. Exatamente assim. Toda entrelaçada, feito a serpente do penhasco.

Hesitante, Tal ergueu os olhos para Rand.

— O líder dos selvagens, milorde. Ele... tinha marcas iguais a esta nos braços. E usava aquelas roupas estranhas que todos eles usam, mas tinha as mangas do casaco cortadas e fazia questão de que todos vissem.

— Foi um presente que ganhei no Deserto — afirmou Rand. Teve o cuidado de manter as mãos no cepilho. As mangas do casaco escondiam seus próprios Dragões, exceto as cabeças, que estariam visíveis no dorso das mãos para qualquer um que olhasse de perto. Aril já perdera a curiosidade sobre o que Moiraine fizera ao tocá-la, e todos os três pareciam prestes a sair correndo. — Faz quanto tempo que foram embora?

— Seis dias, milorde — respondeu Tal, desconfortável. — Fizeram tudo em uma noite e um dia e, na manhã seguinte, partiram. Também teríamos ido embora, mas e se os encontrássemos voltando? Eles com certeza foram obrigados a recuar em Selean, não? — Tratava-se da cidade no outro lado da passagem. Rand duvidava que Selean, àquela altura, estivesse em condições melhores que Taien.

— Quantos outros sobreviveram além de vocês três?

— Talvez uns cem, milorde. Talvez mais. Ninguém contou.

A raiva explodiu abruptamente dentro de Rand, embora ele tenha tentado contê-la.

— Cem sobreviventes? — Sua voz era como ferro gelado. — E faz seis dias? Então por que seus mortos estão à mercê dos corvos? Por que cadáveres ainda decoram as muralhas da cidade? Aquela é a sua gente empestecendo o ar! — Os três se encolheram, recuando para longe do cavalo de Rand.

— Estávamos com medo, milorde — respondeu Tal com voz rouca. — Eles foram embora, mas poderiam voltar. E ele nos disse... O homem com as marcas nos braços disse para não tocarmos em nada.

— Uma mensagem — afirmou Ander com um tom de voz indiferente. — Ele foi escolhendo quem enforcaria, simplesmente apontando até ter o suficiente

para encher a muralha. Homens, mulheres, não fazia diferença. — Seus olhos estavam fixos na fivela de Rand. — Avisou que os corpos eram uma mensagem para um homem que viria atrás dele. Disse que queria que esse sujeito soubesse... soubesse o que eles vão fazer no outro lado da Espinha. Ele falou... Falou que faria coisas piores com esse homem.

Os olhos de Aril de repente se arregalaram, e os três, boquiabertos, olharam para trás de Rand por alguns momentos. Em seguida, aos gritos, deram as costas e saíram correndo. Aiel com véus negros surgiram em meio às rochas de onde Rand e seu grupo haviam vindo, e os três sobreviventes saíram em disparada na outra direção. Aiel com véus também apareceram ali, e os três desabaram no chão, soluçando e se agarrando uns aos outros conforme eram cercados. O rosto de Moiraine estava tranquilo e calmo, mas seus olhos não tinham nada de serenos.

Rand se virou na sela. Rhuarc e Dhearic desciam a encosta, revelando-se e desenrolando a *shoufa*. Dhearic era mais robusto que Rhuarc, com um nariz proeminente e mechas mais claras em meio ao cabelo dourado. Trouxera os Aiel Reyn, conforme Rhuarc dissera que faria.

Timolan e seus Míagoma seguiam por um caminho paralelo ao deles, pelo norte, havia três dias, trocando mensageiros de vez em quando, mas sem dar nenhuma pista sobre suas intenções. Os Codarra, os Shiande e os Daryne ainda estavam em algum ponto ao leste. Seguindo-o, de acordo com as informações que Amys e as demais conseguiam através de conversas em sonhos com as Sábias deles, mas vinham devagar. Aquelas Sábias tinham menos ideia dos objetivos de seus chefes de clã do que Rand tinha dos objetivos de Timolan.

— Isso era mesmo necessário? — perguntou ele quando os dois chefes se aproximaram. Ele também amedrontara aquelas pessoas, mas justificadamente, e não os fizera pensar que morreriam.

Rhuarc apenas deu de ombros, e Dhearic disse:

— Espalhamos lanças em torno de todo este forte sem sermos vistos, como você queria, e não parecia haver motivo para esperar, já que ninguém tinha ficado aqui para dançar as lanças. Além do mais, são apenas assassinos da árvore.

Rand respirou fundo. Já se dera conta de que, à sua maneira, aquele poderia ser um problema tão sério quanto Couladin. Quase quinhentos anos antes, os Aiel presentearam Cairhien com uma muda, uma poda de *Avendesora*, e, com ela, o direito que nenhuma outra nação tinha: atravessar a Terra da Trindade para fazer comércio com Shara. Não contaram o motivo — eles nunca haviam gostado muito dos aguacentos —, mas, para os Aiel, aquele acordo era uma exigência do *ji'e'toh*. Durante os longos anos da jornada que os levara ao Deserto, apenas um povo não os atacara, apenas um lhes permitira acesso a água quando o mundo

ficava cada vez mais sedento. E, por fim, eles haviam encontrado os descendentes daquele povo: os cairhienos.

Ao longo de quinhentos anos, riqueza fluiu por Cairhien junto com a seda e o marfim. Quinhentos anos, e a muda de *Avendoraldera* cresceu. E então o Rei Laman ordenou que a árvore fosse cortada para fazer um trono. As nações sabem por que os Aiel cruzaram a Espinha do Mundo, vinte anos antes — chamavam o episódio de “o Pecado de Laman”, ou “o Orgulho de Laman” —, mas poucos sabiam que, para os Aiel, aquilo não fora uma guerra. Quatro clãs tinham ido atrás do homem que quebrara o juramento e, quando o mataram, retornaram à Terra da Trindade. Porém, seu desprezo pelos assassinos da árvore, aqueles que quebraram os juramentos, nunca morrerá. Moiraine ser uma Aes Sedai anulava o fato de ser cairhiena, mas Rand não tinha certeza de quanto.

— Esta gente não quebrou nenhum juramento — informou aos demais. — Encontrem os outros. O fabricante de selas diz que há cerca de cem. E sejam gentis com eles. Se algum estivesse vendo, a esta altura já devem estar fugindo para as montanhas. — Os dois Aiel começaram a dar meia-volta, e Rand acrescentou: — Vocês ouviram o que eles contaram? O que acham do que Couladin fez aqui?

— Eles mataram mais do que o necessário — disse Dhearc, balançando a cabeça desgostosamente. — Como furões atacando ninhos de galinhas carijó.

Matar era tão fácil quanto morrer, diziam os Aiel. Qualquer tolo era capaz de ambos.

— E a outra questão? Levar prisioneiros. *Gai'shain*.

Rhuarc e Dhearc se entreolharam, e Dhearc comprimiu os lábios. Estava claro que ambos tinham ouvido, e aquilo os deixava desconfortáveis. Não era nada fácil deixar um Aiel desconfortável.

— Não pode ser — opinou Rhuarc, por fim. — Se for... Ser *gai'shain* é relacionado ao *ji'e'toh*. Ninguém que não siga o *ji'e'toh* pode ser transformado em *gai'shain*, ou não passam de animais humanos, como os que os sharanieses mantêm.

— Couladin abandonou o *ji'e'toh*. — Dhearc soou como se estivesse dizendo que pedras tinham ganhado asas.

Mat apertou os joelhos nos flancos de Pips e o conduziu para mais perto. Ele era um cavaleiro mediano, mas, às vezes, quando estava distraído, cavalgava como se tivesse nascido no lombo de um cavalo.

— Isso o surpreende? — perguntou Mat. — Depois de tudo que ele já fez? Couladin trapacearia nos dados até contra a própria mãe.

Os homens o encararam com expressões neutras, olhos feito pedras azuis. De muitas maneiras, os Aiel eram o *ji'e'toh*. E o que quer que Couladin fosse, aos

olhos daqueles homens, ainda era Aiel. Ramos acima de clãs, clãs acima de forasteiros, Aiel acima de aguacentos.

Algumas das Donzelas se juntaram a eles: Enaila, Jolien, Adelin e a rija Sulin, com seus cabelos brancos, senhora do teto das Donzelas em Rhuidean. Ela dissera às Donzelas que ficaram que escolhessem uma substituta, e agora liderava as Donzelas que ali estavam. Todas sentiram o clima tenso e não disseram nada, as pontas das lanças pacientemente apoiadas no chão. Um Aiel calmo fazia até uma pedra parecer agitada.

Lan quebrou o silêncio.

— Se Couladin espera que você o siga, deve ter deixado uma surpresa em algum ponto da passagem. Cem homens dariam conta de proteger algumas daquelas passagens apertadas contra um exército inteiro. Imagine mil...

— Então vamos acampar aqui — anunciou Rand. — Enviaremos patrulheiros na frente, para garantir que o caminho esteja livre. *Duadhe Mahdi'in?*

— Buscadores das Águas — concordou Dhearic, soando contente. Aquela fora a sua sociedade, antes de ele se tornar chefe de clã.

Sulin e as outras Donzelas encararam Rand, impassíveis, enquanto o chefe dos Reyn descia a encosta. Ele escolhera patrulheiros de outras sociedades nos últimos três dias, quando começara a temer pelo que poderia encontrar à frente, e tinha a sensação de que as Donzelas sabiam que não era só uma questão de dar vez aos outros. Tentou ignorar os olhares. O de Sulin era especialmente difícil de evitar — a mulher poderia enfiar um prego na parede com aqueles olhos azul-claros.

— Rhuarc, assim que os sobreviventes forem encontrados, alimente-os. E garanta que sejam bem-tratados. Nós os levaremos conosco. — O olhar de Rand foi atraído pela muralha da cidade. Alguns Aiel já estavam usando seus arcos curvos para matar os corvos. Às vezes, Criaturas da Sombra utilizavam corvos e outros animais que se alimentavam da morte como espíões. Os Aiel os chamavam de Olhos da Sombra. Os bichos mal interrompiam seu banquete frenético até serem atravessados por uma flecha, mas um homem sábio não se arriscava com corvos ou ratos. — E cuide para que os mortos sejam enterrados. — Ao menos naquele assunto, o certo e o necessário eram iguais.





UMA LÂMINA DE PRESENTE

O acampamento começou a ser montado às pressas na entrada do Passo de Jangai, afastado de Taien, estendendo-se pelas colinas ao redor, entre os esparsos arbustos espinhentos, chegando a subir as encostas das montanhas. Não que desse para enxergar muita coisa além do que havia dentro da passagem. As tendas Aiel se misturavam tão bem com o solo pedregoso que era possível não vê-las mesmo que se soubesse onde estavam e o que procurar. Nas colinas, os Aiel acampavam por clãs, mas ali na passagem se agruparam por sociedade. A maioria era de Donzelas, mas as sociedades masculinas também tinham enviado representantes, uns cinquenta de cada, que espalhavam suas tendas bem acima das ruínas de Taien, em acampamentos ligeiramente separados. Todos entendiam, ou achavam que entendiam, o fato de as Donzelas carregarem a honra de Rand, mas todas as sociedades desejavam proteger o *Car'a'carn*.

Moiraine — acompanhada por Lan, claro — desceu para supervisionar a acomodação dos carroções de Kadere, logo abaixo da cidade. A Aes Sedai se preocupava com o que havia naqueles carroções quase tanto quanto com Rand. Os condutores resmungavam impropérios a respeito do cheiro da cidade e evitavam olhar enquanto os Aiel arrancavam os corpos da muralha. Mas, após aqueles meses no Deserto, pareciam apreciar a proximidade até mesmo dos restos de algo que enxergavam como civilização.

Gai'shain montava as tendas das Sábias — as de Amys, Bair e Melaine — abaixo da cidade, nos dois lados da trilha desbotada que descia das colinas. Rand tinha certeza de que elas diriam que haviam escolhido o local para ficarem ao alcance dele e das incontáveis dezenas de Sábias mais embaixo, mas não achava que fosse coincidência que qualquer pessoa subindo as colinas para ir falar com

ele teria que passar por dentro ou ao lado do acampamento delas para poder alcançá-lo. Ficou um pouco surpreso ao ver Melaine orientando as figuras nos roupões brancos. Apenas três noites antes, ela se casara com Bael, em uma cerimônia que a tornara esposa dele e irmã-primeira da outra esposa do homem, Dorindha. Aparentemente, essa parte fora tão importante quanto o próprio casamento. Aviendha ficara chocada — ou talvez irritada — com a surpresa de Rand.

Quando Egwene chegou montada na égua cinzenta, com Aviendha na garupa, as saias compridas puxadas até acima dos joelhos, as duas pareciam um par, apesar da cor de pele diferente e de Aviendha ser alta o bastante para olhar por cima do ombro de Egwene sem esticar o pescoço, cada uma usando apenas um bracelete de marfim e um colar. O trabalho de remover os corpos enforcados mal havia começado. A maior parte dos corvos já estava morta no chão, montes de penas negras se espalhando por todo lado, e o restante do bando tinha voado, mas abutres empanturrados demais para alçar voo ainda bamboleavam em meio às cinzas dentro das muralhas da cidade.

Rand queria poder evitar que as duas mulheres vissem a cena, mas, para sua surpresa, nenhuma delas saiu correndo para esvaziar o estômago. Bem, ele de fato não esperara algo do tipo por parte de Aviendha, que já vira e lidara com a morte com alguma frequência, e cujo rosto se manteve neutro. Mas não esperara a compaixão pura nos olhos de Egwene enquanto observava os cadáveres inchados sendo trazidos para baixo.

A garota guiou Bruma para junto de Jeade'en e se inclinou para tocar o braço de Rand.

— Eu sinto muito, Rand. Não tinha como você ter evitado isso.

— Eu sei — respondeu ele.

Rand nem *sabia* que existia uma cidade ali até Rhuarc mencioná-la por acaso, cinco dias antes — todas as reuniões com os chefes só tratavam da possibilidade de conseguirem cobrir mais distância por dia e do que Couladin faria quando atravessasse Passo de Jangai — e, àquela altura, os Shaido já haviam terminado o trabalho ali e ido embora. Rand já estava cansado de se xingar de idiota.

— Bem, é só para você se lembrar. A culpa não foi sua. — Egwene cutucou Bruma com os calcanhares e começou a falar com Aviendha antes de estar longe demais para ser ouvida. — Estou contente por Rand estar encarando tudo isso tão bem. Ele tem o hábito de se sentir culpado por coisas que não tem como controlar.

— Os homens sempre acreditam que têm o controle de tudo que está ao redor deles — retrucou Aviendha. — Quando se dão conta de que não é bem assim, acham que falharam, em vez de aprender uma verdade bem simples que as mulheres já conhecem.

Egwene deu risada.

— *Esta* é a verdade pura e simples. Assim que vi aquela pobre gente, achei que fôssemos encontrá-lo vomitando em algum canto.

— O estômago dele é tão sensível assim? Eu...

As vozes das duas foram sumindo à medida que a égua se afastava a passos lentos. Rand se endireitou na sela, ruborizando. Estava se comportando feito um idiota, tentando escutar a conversa delas. Mas isso não o impediu de franzir o cenho na direção das costas de ambas. Só assumia responsabilidade pelo que lhe cabia, mesmo que só em sua opinião. Só pelas coisas pelas quais podia fazer algo a respeito. Não gostava que elas estivessem falando sobre ele, fosse pelas costas ou bem debaixo do nariz. Só a Luz sabia o que estariam dizendo.

Rand desceu do cavalo e conduziu Jeade'en em busca de Asmodean, que parecia ter ido dar uma volta. Depois de tantos dias na sela, era bom caminhar. Vários agrupamentos de tendas iam brotando ao longo da passagem. Os penhascos e as encostas das montanhas criavam barreiras formidáveis, mas os Aiel ainda se organizavam como se esperassem um ataque dali. Rand tentara caminhar com os Aiel, mas bastara metade de um dia para decidir voltar ao cavalo. Já era suficientemente difícil acompanhar o ritmo deles cavalgando. Os Aiel eram capazes de esgotar os animais quando forçavam o ritmo.

Mat também desmontara e estava agachado com as rédeas em uma das mãos e a lança de punho negro por cima dos joelhos, espiando os portões escancarados, examinando a cidade e murmurando consigo mesmo enquanto Pips tentava morder um arbusto espinhento. Mat estava examinando, não apenas olhando. De onde viera aquela observação sobre os sentinelas? Ele passara a dizer coisas estranhas de vez em quando, desde que visitaram Rhuidean pela primeira vez. Rand queria que Mat aceitasse falar sobre o que acontecera, mas o rapaz ainda negava que qualquer coisa tivesse ocorrido, apesar do medalhão com cabeça de raposa, da lança e da cicatriz em torno do pescoço. Melindhra, a Donzela Shaido com quem Mat se envolvera, o observava a distância — até Sulin aparecer e ocupá-la com alguma tarefa. Rand se perguntou se Mat sabia que as Donzelas estavam apostando se Melindhra abriria mão da lança por ele. E também se ela o ensinaria a cantar, embora só tenham dado gargalhadas quando Rand perguntou o que aquilo significava.

O som da música o guiou até Asmodean, sentado sozinho em uma pedra protuberante com a harpa apoiada no joelho. O mastro do estandarte carmesim fora fincado no solo rochoso, e a mula fora amarrada a ela.

— Viu só, milorde Dragão — começou o Abandonando, com alegria —, seu porta-estandarte cumpre as obrigações com lealdade. — Então a voz e a expressão do homem mudaram. — Se você precisa mesmo deste troço, por que não deixar Mat ou Lan carregá-lo? Ou Moiraine? Aquela mulher ficaria feliz de carregar seu estandarte e limpar suas botas. Cuidado com ela. É ardilosa. Quando

uma mulher diz que vai obedecê-lo, e por vontade própria, é hora de dormir com um olho aberto e vigiar a retaguarda.

— Você carrega o estandarte porque foi escolhido, Mestre Jasin Natael. — Asmodean se sobressaltou e olhou em volta, embora todos os demais estivessem bem longe e ocupados demais para estarem escutando. De qualquer forma, ninguém além deles dois teria entendido. — O que sabe sobre aquelas ruínas lá em cima, perto da linha da neve? Devem ser da Era das Lendas.

Asmodean sequer olhou para o topo da montanha.

— Este mundo está muito mudado em relação ao mundo de quando eu... fui dormir. — Ele soava cansado e tremia um pouco. — Tudo o que eu sei sobre onde fica cada coisa, aprendi a partir do momento em que acordei. — Os acordes tristonhos de “A Marcha da Morte” emergiram da harpa. — Até onde eu sei, aquilo pode ser o que restou da cidade onde nasci. Shorelle era um porto.

Talvez ainda restasse uma hora de sol antes que a Espinha do Mundo o escondesse. Perto assim de montanhas altas, a noite chegava cedo.

— Hoje estou cansado demais para uma de nossas discussões. — Era assim que eles se referiam em público às aulas de Asmodean, mesmo quando não havia ninguém por perto. Somadas às sessões de treino com Lan ou Rhuarc, aquelas aulas deixavam pouco tempo para dormir desde que partiram de Rhuidean. — Vá para a sua tenda quando estiver pronto, nos vemos de manhã. Com o estandarte. — Não *havia* outra pessoa para carregar aquela coisa maldita. Talvez encontrasse alguém em Cairhien.

Quando Rand se virou, Asmodean tocou um acorde dissonante e disse:

— Nada de urdir fluxos de Fogo em torno da minha tenda hoje à noite? Será que finalmente está começando a confiar em mim?

Rand olhou por cima dos ombros.

— Confio em você como em um irmão. Até o dia em que me trair. Consegui liberdade condicional pelo que tem feito, como retribuição pelos ensinamentos. É mais do que você merece, mas, no dia em que se voltar contra mim, a barganha acaba e eu a enterro com você. — Asmodean abriu a boca, mas Rand o interrompeu. — Quem está falando sou eu, Natael. Rand al'Thor. O povo de Dois Rios não gosta de quem tenta apunhalá-los pelas costas.

Irritado, puxou as rédeas do animal sarapintado e se afastou antes que o outro homem pudesse dizer qualquer coisa. Não tinha certeza se Asmodean desconfiava de que um homem morto estava tentando dominá-lo, mas não deveria se permitir dar a ele nenhuma pista. Asmodean já estava bastante certo de que sua causa era perdida. Se começasse a pensar que Rand não controlava por completo a própria mente, que talvez estivesse enlouquecendo, o Abandonado iria embora em um piscar de olhos, e ainda havia coisas demais para Rand aprender.

Sob o comando de Aviendha, *gai'shain* com roupões brancos estavam montando a tenda de Rand bem depois da entrada da passagem, com aquela enorme serpente entalhada erguendo-se ameaçadora lá em cima. Os *gai'shain* tinham as próprias tendas, mas obviamente seriam as últimas a ser montadas. Adelin e uma dúzia de Donzelas estavam agachadas ali perto, só olhando, esperando para montar guarda enquanto ele dormia. Mesmo com mais de mil Donzelas acampadas ao redor de Rand toda noite, elas ainda colocavam guardas em sua tenda.

Antes de se aproximar, tocou o *angreal* no bolso do casaco para agarrar *saidin*. Claro que não havia necessidade de tocar a estátua do homenzinho gordo com uma espada. Um misto de imundície e doçura tomaram conta dele, aquele rio de fogo furioso, aquela devastadora avalanche de gelo. Canalizando como fizera toda noite desde que deixaram Rhuidean, Rand montou proteções em torno do acampamento inteiro — não apenas nas tendas que estavam na passagem, mas também em todas que foram montadas nas colinas logo abaixo e nas encostas das montanhas. Precisava do *angreal* para montar proteções tão grandes, mas por pouco. Pensara que fosse forte antes, mas os ensinamentos de Asmodean estavam lhe deixando ainda mais poderoso. Nenhum humano ou animal que cruzasse os limites daquela proteção perceberia qualquer coisa, mas Crias da Sombra que a tocassem fariam soar um alarme que seria ouvido por todo o acampamento. Se tivesse feito isso em Rhuidean, os Cães das Trevas jamais teriam entrado na cidade sem que ele soubesse.

Os próprios Aiel teriam de ficar de olho em inimigos humanos. Proteções eram urdiduras complexas, ainda que tênues, e tentar fazer com que cumprissem mais de um papel talvez acabasse por torná-las inúteis na prática. Rand poderia ter tecido aquela proteção para matar as Crias da Sombra, em vez de simplesmente fazer soar um alerta, mas teria parecido um farol para qualquer Abandonado homem que pudesse estar procurando por ele, e também para os Myrddraal. Não havia necessidade de atrair os inimigos para si quando eles talvez nem soubessem onde Rand estava. Daquele jeito, mesmo um dos Abandonados não perceberia nada até que estivesse bem perto, e um Myrddraal, só quando já fosse tarde demais.

Largar *saidin* era um exercício de autocontrole, apesar da sordidez da mácula e da maneira como o Poder tentava erodi-lo feito areia no leito de um rio, queimá-lo, obliterá-lo. Ele flutuou no vasto vácuo do Vazio, mas podia sentir o ar agitando cada fio de cabelo em sua cabeça, ver o trançado dos roupões dos *gai'shain*, sentir o cheiro morno de Aviendha. Queria mais. Mas também sentia o cheiro das cinzas de Taien e dos mortos que haviam sido queimados, da podridão dos que ainda não haviam sido, e até dos que já estavam enterrados, misturados com o solo seco de suas tumbas. Isso ajudou. Por um tempo, depois de largar

saidin, tudo o que fez foi respirar fundo o ar quente e árido. Comparado com antes, o sopro da morte parecia ausente, e o próprio ar, puro e maravilhoso.

— Olha o que estava aqui antes da gente — disse Aviendha, enquanto Rand entregava as rédeas de Jeade'en a uma *gai'shain* de rosto tranquilo.

Aviendha tinha nas mãos uma cobra marrom já morta, da grossura do antebraço dele e com mais de três passadas de comprimento. A cobra-sangue era chamada assim por conta do efeito de sua picada, que transformava o sangue em geleia em minutos. A menos que ele estivesse enganado, o corte certo em cima da cabeça do bicho fora feito pela adaga de Aviendha. Adelin e as outras Donzelas olhavam com aprovação.

— Você parou para pensar que poderia ter sido picada? — perguntou ele. — Chegou a pensar em usar o Poder, em vez de uma maldita adaga? Por que não deu um beijo nela primeiro? Com certeza chegou perto o bastante para isso.

Ela se empertigou, os grandes olhos verdes quase fazendo o frio da noite chegar mais cedo.

— As Sábias dizem que não é bom usar o Poder com muita frequência. — As palavras contidas foram tão frias quanto seus olhos. — Elas dizem que é possível segurar Poder demais e se machucar. — Com um leve franzir de cenho, ela acrescentou, mais para si mesma do que para ele: — Apesar de eu ainda nem ter chegado perto do meu limite. Tenho certeza.

Balançando a cabeça, ele se abaixou e entrou na tenda. A mulher não lhe daria ouvidos.

Mal tinha se acomodado em uma almofada de seda próxima da fogueira ainda apagada quando ela entrou. Sem a cobra-sangue, ainda bem, mas carregando cautelosamente um objeto longo enrolado em grossas camadas de um cobertor com listras cinzas.

— Você estava preocupado comigo — afirmou ela, com voz neutra. Não havia expressão alguma em seu rosto.

— Claro que não — mentiu ele. *Tola. Ainda vai acabar morrendo por não ter o senso de ser cuidadosa quando necessário.* — Me preocuparia do mesmo jeito com qualquer pessoa. Não quero ver ninguém picado por uma cobra-sangue.

Por um momento, ela o encarou com desconfiança, depois assentiu rapidamente.

— Bom. Contanto que você não suponha nada a meu respeito. — Colocando o cobertor enrolado aos pés de Rand, ela se pôs de cócoras no outro lado da fogueira, na frente dele. — Você não aceitou a fivela como cancelamento da dívida entre nós...

— Não existe dívida, Aviendha. — Rand pensou que ela tinha se esquecido daquilo. Ela continuou falando como se ele nem tivesse aberto a boca.

— ...mas talvez isto a cancele.

Rand suspirou e pegou o cobertor listrado — mas com cautela, já que ela o segurara com muito mais desconforto do que o fizera com a maldita cobra, que manuseara como se fosse um pedaço de pano —, desenrolou-o e ficou de queixo caído. O que havia dentro era uma espada, a bainha tão incrustada de rubis e pedras-da-lua que era difícil enxergar o ouro, exceto pelo ponto entalhado com um sol nascente e seus raios. O punho de marfim, longo o bastante para duas mãos, tinha outro sol nascente incrustado em ouro. Com rubis e pedras-da-lua, o pomo era maciço, e mais pedras criavam uma massa sólida ao longo do guarda-mão. Não fora feita para uso, apenas para ser vista. Para ser contemplada.

— Isto deve ter custado... Aviendha, como você conseguiu comprar isso aqui?

— Custou pouco — respondeu ela, tão na defensiva que a mentira ficou óbvia.

— Uma espada. Como você arrumou uma espada? Como qualquer Aiel arrumou uma espada? Não me diga que Kadere tinha escondido *isto* nos carroções dele.

— Eu a trouxe em um cobertor. — Ela soou mais nervosa do que quando falara sobre o preço. — Até Bair falou que não teria problema, desde que eu não chegasse a encostar nela. — Aviendha deu de ombros, desconfortável, mexendo e remexendo no xale. — Era a espada do assassino da árvore. De Laman. Foi tirada do corpo dele como prova de que estava morto, já que a cabeça não poderia ser trazida tão longe. Desde então, passou de mão em mão, para rapazes ou Donzelas tolas que queriam possuir a prova da morte dele. Só que todos logo começavam a pensar no que tinha nas mãos e a vendiam para outro tolo. O preço diminuiu bastante desde que foi vendida pela primeira vez. Nenhum Aiel colocaria as mãos nela, nem mesmo para remover as pedras.

— Bom, é muito bonita — disse ele, tão diplomaticamente quanto possível. Só um bufão carregaria algo tão chamativo. E aquele punho de marfim perderia a firmeza em uma mão escorregadia de suor ou sangue. — Mas não posso aceitar...

Ele se interrompeu ao desnudar umas poucas polegadas da lâmina, por força do hábito, para examinar o fio. Gravada no aço brilhante havia uma garça, símbolo de um mestre espadachim. Ele já tivera nas mãos uma espada com aquela marca. Teve um estalo, e poderia apostar que aquela lâmina era igual àquela outra espada, igual à lâmina com a marca do corvo na lança de Mat — um metal forjado com o Poder e que nunca se quebraria ou precisaria ser afiado. A maior parte das espadas dos mestres espadachins não passava de cópias daquelas. Lan poderia confirmar, mas Rand já tinha certeza.

Retirando a bainha, ele se inclinou para pousá-la à frente da mulher.

— Vou aceitar a lâmina como cancelamento da dívida, Aviendha. — Era comprida e levemente curvada, com fio único. — Só a lâmina. Você também

pode levar o punho de volta. — Rand poderia mandar fazer um punho e uma bainha nova em Cairhien. Talvez um dos sobreviventes de Taien fosse um couteleiro decente.

Com olhos arregalados, Aviendha alternou o olhar entre a bainha e Rand, boquiaberta, pela primeira vez mostrando espanto diante dele.

— Mas estas gemas valem muito, muito mais do que eu... Está tentando me deixar novamente em dívida com você, Rand al'Thor.

— Nada disso. — Se aquela lâmina permanecera intocada e imaculada dentro da bainha por mais de vinte anos, tinha que ser o que ele pensava que fosse. — Eu não aceitei a bainha, então ela foi sua o tempo todo. — Lançando para o ar uma das almofadas de seda, Rand executou a versão sentada da forma chamada Vento Fraco Aumentando. Choveram penas quando a lâmina a fatiou com perfeição. — E também não aceito o punho, então ele também é seu. Se teve algum lucro, o mérito é seu.

Em vez de parecer feliz com boa sorte — ele suspeitava que ela tivesse dado tudo o que tinha pela espada, e provavelmente recuperado cem vezes o valor ou até mais só com a bainha —, em vez de aparentar satisfeita, ou de agradecê-lo, Aviendha fitou as penas com um olhar tão indignado quanto qualquer dona de casa de Dois Rios faria ao ver seu chão todo sujo. Inflexível, ela bateu palma, e uma das *gai'shain* apareceu, ajoelhando-se imediatamente para limpar a bagunça.

— A tenda é minha — declarou Rand, enfático. Aviendha bufou para ele, imitando Egwene à perfeição. Aquelas duas, definitivamente, estavam passando tempo demais juntas.

Quando o jantar foi servido, já estava totalmente escuro. Comeram fatias de pão claro e um ensopado picante, com feijões, pimentões secos e pedaços de uma carne quase branca. Rand apenas sorriu para ela ao saber que se tratava da cobra-sangue. Já comera cobra e coisas piores desde que fora para o Deserto. *Gara*, o lagarto venenoso, era o pior de todos, na opinião dele. Não pelo gosto, que era bem parecido com frango, mas porque era um lagarto. Às vezes achava que devia ter mais seres venenosos — serpentes, lagartos, aranhas, plantas — no Deserto do que em todo o resto do mundo.

Aviendha pareceu decepcionada por ele não ter cuspid o ensopado com uma careta de nojo, embora às vezes fosse difícil dizer o que ela estava sentindo. Em certas ocasiões, a mulher parecia se divertir muito em deixá-lo desconcertado. Se Rand estivesse tentando fingir que era um Aiel, teria pensado que ela estava tentando provar que ele não era.

Cansado e querendo ir dormir, ele apenas tirou o casaco e as botas antes de rastejar para debaixo dos cobertores e virar as costas para Aviendha. Os homens e as mulheres Aiel podiam tomar banhos de vapor juntos, mas uma curta estada em Shienar, onde se fazia algo muito parecido, convencera-o de que não tinha

nascido para aquele tipo de coisa. Não sem ficar com o rosto tão vermelho que poderia morrer. Tentou não prestar atenção no farfalhar de Aviendha se despidendo debaixo dos próprios cobertores. Ao menos ela tinha certo pudor, mas, mesmo assim, por via das dúvidas, ele se manteve de costas.

Aviendha afirmava que deveria dormir na tenda com ele para dar continuidade às aulas sobre os modos e costumes Aiel, já que Rand passava um bocado dos dias na companhia dos chefes. Ambos sabiam que era mentira, embora ele não imaginasse o que as Sábias pensavam que a mulher descobriria daquela maneira. De vez em quando, ela soltava pequenos grunhidos ao puxar alguma peça de roupa e resmungava sozinha.

Para abafar os ruídos e fazê-lo parar de pensar no que eles significavam, Rand disse:

— Fiquei impressionado com o casamento de Melaine. Bael realmente não sabia de nada até ela e Dorindha falarem com ele?

— Claro que não — respondeu Aviendha, com desdém, fazendo uma pausa para o que Rand achou que fosse uma meia sendo tirada. — Por que ele deveria saber antes que Melaine depositasse a grinalda nupcial aos seus pés e o pedisse em casamento? — Ela gargalhou abruptamente. — Melaine quase enlouqueceu Dorindha procurando flores de *segade* para a grinalda. São incomuns aqui, tão perto da Muralha do Dragão.

— Isso tem algum significado especial? As flores de *segade*? — Tinham sido as flores que ele havia mandado para Aviendha, flores pelas quais ela nunca agradecera.

— Que ela tem personalidade forte e pretende continuar assim. — Mais uma pausa, quebrada por resmungos. — Se ela tivesse usado folhas ou flores de raiz-doce, significaria uma personalidade doce. Gota-da-manhã significaria que ela é submissa, e... São flores demais para listar. Eu levaria dias para ensinar todas as combinações, e você não precisa saber. Sua esposa não será uma Aiel. Você pertence a Elayne.

Rand quase olhou para Aviendha quando ela disse “submissa”. Não conseguia conceber uma palavra menos provável para descrever qualquer mulher Aiel. *Provavelmente significa que ela avisaria antes de apunhalar.*

A voz dela soara mais do que um pouco abafada ao fim da frase. Aviendha estava puxando a blusa pela cabeça, percebeu. Rand desejou que as lamparinas estivessem apagadas. Não, isso teria piorado as coisas. Em todo caso, passara por isso todas as noites desde Rhuidean, e a cada noite ficava pior. Precisava acabar com aquilo. Dali em diante, a mulher iria dormir com as Sábias, onde era o lugar dela. Aprenderia o que pudesse com Aviendha, mas só quando pudesse. Já fazia quinze noites que pensava exatamente a mesma coisa.

Tentou afastar as imagens da cabeça.

— Aquela parte do fim. Depois que os juramentos foram feitos. — Logo depois que meia dúzia de Sábias deram suas bênçãos, cem parentes de sangue de Melaine correram para cercá-la, todos carregando lanças. Uma centena de parentes de sangue de Bael havia se juntado a ele, que precisara abrir caminho para alcançá-la. Claro que ninguém velara o rosto e tudo fazia parte dos costumes, mas ainda assim, nos dois lados, sangue havia sido derramado. — Alguns minutos antes, Melaine estava fazendo juras de amor, mas, quando ele se aproximou, ela lutou feito um gato-selvagem encurralado. — Se Dorindha não tivesse socado a mulher nas costelas, Rand achava que Bael jamais teria conseguido jogá-la no ombro e levá-la embora. — Ele ainda manca e está com o olho roxo.

— E ela deveria ter se comportado feito uma fracote? — perguntou Aviendha, sonolenta. — Ele precisava saber o valor dela. Melaine não era só um enfeite para ele colocar na bolsa. — Ela bocejou, e Rand a ouviu se aconchegar melhor nos lençóis.

— O que significa “ensinar um homem a cantar”? — Os Aiel não cantavam, não depois de terem idade suficiente para pegar em uma lança, a não ser por cantos de guerra e lamúrias para os mortos.

— Está pensando em Mat Cauthon? — Ela riu. — Às vezes, um homem abre mão da lança por uma Donzela.

— Você está inventando. Nunca ouvi falar disso.

— Bem, não é exatamente abrir mão da lança. — A voz dela sugeria que já estava quase adormecendo. — Às vezes, um homem deseja uma Donzela que não vai abrir mão da lança por ele, aí dá um jeito de virar seu *gai'shain*. Um tolo, é claro. Donzela nenhuma olharia para um *gai'shain* como o homem esperaria. Ele tem que trabalhar muito e ficar quieto no lugar dele, e a primeira providência que tomam é fazê-lo aprender a cantar para distrair as irmãs-de-lança enquanto elas comem. “Ela vai ensiná-lo a cantar.” É isso que as Donzelas dizem quando um homem se faz de bobo com uma das irmãs-de-lança.

Os Aiel eram um povo muito peculiar.

— Aviendha? — Ele tinha dito que não voltaria a lhe perguntar aquilo. Lan dissera que era uma peça Kandori, uma padronagem chamada de flocos de neve. Provavelmente saqueada durante algum ataque no norte. — Quem lhe deu esse colar?

— Ganhei de uma pessoa próxima, Rand al'Thor. Viajamos muito hoje, e você vai nos fazer começar cedo amanhã. Durma bem e acorde amanhã, Rand al'Thor. — Só um Aiel desejaria boa-noite esperando que a pessoa não morresse durante o sono.

Montando uma proteção bem menor, mas muito mais intrincada, em seus sonhos Rand canalizou para apagar as luzes e tentou dormir. Uma pessoa próxima. Os Reyn tinham vindo do norte. Mas ela já estava com o colar em

Rhuidean. Por que ele se importava? A respiração lenta de Aviendha soava alta no ouvido de Rand, até que ele dormiu e teve um sonho confuso em que Min e Elayne o ajudavam a jogar Aviendha — que usava apenas aquele colar — em seu ombro, enquanto ela batia na cabeça dele com uma grinalda de flores de *segade*.





PÁSSAROS NA NOITE

Deitado de bruços em meio aos cobertores, de olhos fechados, Mat se deleitava com os polegares de Melindhra descendo por suas costas. Não havia nada tão bom quanto uma massagem após um longo dia de montaria. Bem, até havia, mas, naquele momento, ele se daria por satisfeito com os polegares dela.

— Você é bem musculoso para um homem tão baixo, Matrim Cauthon.

Ele abriu um dos olhos e a encarou; ela estava montada em sua cintura. Melindhra deixara o fogo duas vezes mais forte que o necessário, e suor lhe escorria pelo corpo. O cabelo liso e bem curto, exceto por aquele rabo de cavalo Aiel à nuca, estava grudado à cabeça.

— Se me acha baixo demais, sempre pode ir atrás de outra pessoa.

— Você não é baixo demais para o meu gosto. — Ela gargalhou, bagunçando seu cabelo. Era mais comprido que o dela. — E é bonitinho. Relaxe. Nada disto vai adiantar se você ficar tenso.

Mat grunhiu e tornou a fechar os olhos. Bonitinho? *Luz!* E baixo. Só uma Aiel poderia chamá-lo de baixo. Em todas as outras terras onde já tinha estado, era mais alto que a maioria dos homens, ainda que nem sempre por muito. Lembrava-se de ser alto, mais alto que Rand, quando cavalgara contra Artur Asa-de-gavião. E, ao lutar ao lado de Maecine contra os Aelgari, era um palmo mais baixo do que agora. Havia conversado com Lan, dizendo que ouvira uns nomes por alto. O Guardião lhe contara que Maecine fora rei de Eharon, uma das Dez Nações — essa parte Mat já sabia —, uns quatrocentos ou quinhentos anos antes das Guerras dos Trollocs. Lan duvidava que até a Ajah Marrom soubesse mais que aquilo. Muito se perdera nas Guerras dos Trollocs, e mais ainda na Guerra dos Cem Anos. Aquelas eram as lembranças mais antiga e mais

recente que haviam sido plantadas em sua cabeça. Nada depois de Artur Paendrag Tanreall, e nada antes de Maecine de Eharon.

— Está com frio? — indagou Melindhra, incrédula. — Você tremeu. — Ela saiu de cima dele, e Mat escutou quando a mulher colocou mais lenha no fogo. Havia bastante madeira ali para ser queimada. A Aiel lhe deu um forte tapa no traseiro quando voltou a subir e murmurou: — Bela musculatura.

— Se continuar com isso — resmungou ele —, vou achar que você quer me enfiar em um espeto para o jantar, feito um Trolloc. — Não que não gostasse de Melindhra, ainda mais quando ela não ficava dizendo que era mais alta, mas a situação o deixava desconfortável.

— Nada de espetos em você, Matrim Cauthon. — Os polegares da mulher se enterraram profundamente no ombro dele. — É só isso. Relaxe.

Mat supunha que algum dia se casaria, sossegaria. Era o que se costumava fazer. Uma mulher, uma casa, uma família. Acorrentado a um único lugar para o resto da vida. *Nunca ouvi falar de uma mulher que gostasse que o marido bebesse ou apostasse.* E ainda havia o que aquele pessoal do outro lado do *ter'angreal* em formato de batente de porta tinha dito. Que ele estava destinado “a se casar com a Filha das Nove Luas”. *Mais cedo ou mais tarde, suponho que um homem precise se casar.* Mas, com certeza, não pretendia esposar uma Aiel. Queria dançar com o máximo de mulheres que pudesse, enquanto pudesse.

— Acho que você não foi feito para espetos, e sim para grandes honras — afirmou Melindhra suavemente.

— Por mim, tudo bem.

Só que, agora, não conseguia mais fazer qualquer outra mulher olhar para ele, nem Donzelas nem nenhuma outra. Era como se Melindhra tivesse pendurado nele uma placa dizendo “propriedade de Melindhra, dos Shaido Jumi”. Bem, ela não teria escrito essa última parte, não ali. Mas, pensando bem, quem sabia o que uma Aiel faria, ainda mais uma Donzela da Lança? As mulheres não pensavam igual aos homens, e uma Aiel pensava diferente de qualquer outra pessoa no mundo.

— É estranho você se anular assim.

— Me anular? — murmurou ele. As mãos dela de fato causavam uma sensação boa. Desatando nós que ele nem sabia que existiam. — Como assim?

Imaginou se tinha algo a ver com aquele colar. Melindhra parecia dar grande importância a ele, ou ao fato de tê-lo ganhado, talvez. Nunca usara a peça, claro. Donzelas não usavam joias. Mas carregava-o na bolsa e mostrava para todas as mulheres que pediam para ver. Parecia que eram muitas.

— Você se coloca à sombra de Rand al'Thor.

— Não estou à sombra de ninguém — respondeu ele, distraído. Não tinha como ser o colar. Já dera joias para outras mulheres, Donzelas e algumas mais. Gostava de presentear mulheres bonitas, mesmo que tudo que recebesse em

troca fosse um sorriso. Nunca esperava mais. Se a mulher não fosse aproveitar os beijos e abraços tanto quanto ele, de que adiantaria?

— Claro que há algum tipo de honra em estar à sombra do *Car'a'carn*. Para estar perto dos poderosos, é preciso se manter à sombra deles.

— Sombra — concordou Mat, sem realmente escutar. Às vezes as mulheres aceitavam as joias, às vezes não, mas nenhuma decidira que era dona dele. Era isso que o incomodava, na verdade. Não estava disposto a ser propriedade de mulher nenhuma, não importava quão linda fosse. Nem quão boas fossem suas mãos em relaxar músculos tensos.

— Suas cicatrizes deveriam ser cicatrizes de honra, adquiridas em seu próprio nome, como um chefe, não isso. — Com um dedo, ela percorreu a cicatriz de enforcamento no pescoço de Mat. — Você ganhou esta servindo ao *Car'a'carn*?

Mat afastou a mão dela, apoiou-se no cotovelo para se levantar e se virou para encará-la.

— Tem certeza de que “Filha das Nove Luas” não significa nada para você?

— Eu já disse que não. Deite-se.

— Se estiver mentindo para mim, juro que açoito seu traseiro.

Com as mãos na cintura, ela baixou o olhar e o encarou ameaçadoramente.

— Você acha que é capaz... de açoitar meu traseiro, Mat Cauthon?

— Vou tentar ao máximo. — Ela provavelmente lhe atravessaria as costelas com uma lança. — Jura que nunca ouviu falar na Filha das Nove Luas?

— Nunca — respondeu ela, hesitante. — Quem é ela? Ou o quê? Deite-se e me deixe...

Um melro piou, aparentemente em todos os lugares da tenda, assim como do lado de fora, e, logo depois, um tordo. Dois bons pássaros de Dois Rios. Rand escolhera seus alarmes dentre sons familiares, de pássaros que não se via no Deserto.

Melindhra saiu de cima dele imediatamente e enrolou a *shoufa* em torno da cabeça, cobrindo-se com o véu enquanto apanhava lanças e broqueis. Saiu correndo da tenda daquele jeito mesmo.

— Sangue e malditas cinzas! — resmungou Mat, enquanto se atrapalhava com as próprias calças. O som de tordo significava ataque ao sul. Melindhra e ele haviam montado a tenda ao sul, com os Chareen, o mais longe de Rand que podiam ficar sem sair do acampamento. Mas ele não se enfiaria naqueles arbustos espinhentos nu, como Melindhra saíra. O melro contava um ataque ao norte, onde os Shaarad estavam acampados. Dois flancos ao mesmo tempo.

Enfiando os pés nas botas da melhor maneira que podia na tenda baixa, olhou para a cabeça prateada de raposa repousando ao lado dos cobertores. Lá fora, os gritos e o clangor de metal contra metal aumentavam. Mat enfim se dera conta de que o medalhão, de algum modo, evitara que Moiraine o Curasse na primeira

tentativa. Enquanto Mat o tocava, não fora afetado pela canalização da mulher. Nunca ouvira falar de Crias da Sombra capazes de canalizar, mas sempre havia a Ajah Negra — ouvira aquilo de Rand, e acreditava — e também a chance de que um dos Abandonados finalmente tivesse vindo atrás de Rand. Passando a tira de couro pela cabeça para que o medalhão ficasse pendurado no peito, pegou a lança entalhada com o corvo e se abaixou para sair em direção à luz fria do luar.

Mat não teve tempo de sentir frio. Antes mesmo de sair totalmente da tenda, quase foi decapitado pela espada de um Trolloc, curvada como uma foice. A lâmina roçou seu cabelo quando ele se atirou em um mergulho rasante, rolou e se ergueu com a lança em punho.

No escuro, a princípio o Trolloc podia até parecer um homem corpulento, embora bem mais alto que qualquer Aiel, coberto com uma armadura cheia de espinhos nos cotovelos e ombros e usando um elmo ornamentado com chifres de bode. Mas os chifres saíam de uma cabeça que parecia humana, e debaixo dos olhos se projetava um focinho de bode.

Rosnando, o Trolloc investiu contra ele e ganiu em um idioma grosseiro que não fora feito para a língua humana. Mat girou a lança feito um bastão, derrubando aquela pesada espada curva e enfiando a longa ponta da lança na barriga da criatura, aquele aço forjado com o Poder cortando a armadura tão fácil quanto a carne logo abaixo. Soltando um grito áspero, o Trolloc com focinho de bode se curvou, e Mat recuou para liberar sua arma, esquivando-se conforme a criatura caía.

Em torno dele, os Aiel, alguns sem roupa, outros seminus, mas todos de véus negros, lutavam contra Trollocs com fuças de javali, focinhos de lobo ou bicos de águia, alguns com chifres ou cristas, brandindo aquelas espadas estranhamente curvas, machados com pregos, lanças e tridentes com ganchos. Aqui e ali, um deles utilizava um imenso arco para atirar flechas farpadas do tamanho de lanças pequenas. Homens com casacos rústicos e espadas também lutavam ao lado dos Trollocs, gritando desesperadamente à medida que morriam junto aos arbustos espinhentos.

— Sammael!

— Sammael e as Abelhas Douradas!

Os Amigos das Trevas *estavam* morrendo, a maioria assim que enfrentava um Aiel, mas os Trollocs eram mais difíceis de matar.

— Não sou um maldito herói! — gritou Mat, para ninguém em particular, enquanto enfrentava o terceiro Trolloc, este com focinho de urso e orelhas peludas. A criatura empunhava um machado de cabo comprido com meia dúzia de pregos afiados e uma lâmina brilhante grande o bastante para cortar uma árvore ao meio, balançando-o de um lado para outro feito um brinquedo naquelas enormes mãos peludas. Era a proximidade de Rand que colocava Mat naquele tipo de situação. Tudo que ele queria da vida era um bom vinho, um jogo

de dados e uma bela garota, ou três. — Não quero me meter nisto! — Principalmente se Sammael estivesse por perto. — Estão me ouvindo?

O Trolloc caiu com a garganta retalhada, e ele se viu encarando um Myrddraal que tinha acabado de matar dois Aiel que o atacaram ao mesmo tempo. O Meio-homem parecia um humano de pele branca como leite azedo usando uma armadura com escamas negras, feito uma cobra. E também se movia feito uma serpente, rápido e fluido, a capa negra como a noite permanecendo imóvel, não importava como ele se mexesse. E não tinha olhos. Onde seus olhos deveriam estar, havia apenas uma camada de pele tão branca quanto a de um cadáver.

Aquele olhar sem olhos se virou para Mat, que estremeceu, o medo penetrando seus ossos. “O olhar do Sem-olhos é o próprio medo”, diziam nas Terras da Fronteira, onde tinham experiência nisso, e até os Aiel admitiam que a encarada de um Myrddraal disparava arrepios pela espinha. Essa era a primeira arma da criatura. O Meio-homem avançou para ele em uma corrida fluida.

Com um urro, Mat correu para enfrentá-lo, a lança girando feito um bastão, investindo, sempre em movimento. A criatura manejava uma lâmina tão escura quanto a própria capa, uma espada talhada nas forjas de Thakan'dar, e, se aquilo o cortasse, Mat estaria praticamente morto — a não ser que Moiraine aparecesse rápido para Curá-lo. Mas só havia um modo infalível de derrotar um Desvanecido: um ataque brutal. Era preciso destruí-lo antes que ele o destruísse, e parar para pensar em se defender era uma boa forma de morrer. Mat não podia nem pensar na batalha enfurecida que o cercava.

A lâmina do Myrddraal cintilava feito a língua de uma serpente e movia-se feito um relâmpago, mas para contra-atacar as investidas de Mat. Quando o aço com a marca do corvo, forjado com o Poder, encontrava o metal oriundo de Thakan'dar, uma luz azul brilhava em torno deles e ouvia-se um crepitar como o de raios no céu.

De repente, o ataque cortante de Mat atingiu a carne. A espada negra e a mão pálida voaram para longe, e, na volta, o golpe rasgou a garganta do Myrddraal, mas Mat não parou. Uma investida no coração, um corte em um dos tendões atrás do joelho, depois no outro, tudo em rápida sucessão. Só então se afastou da coisa ainda se debatendo no chão, agitando-se com a única mão que restava e o toco de braço cortado, as feridas esguichando sangue negro. Meios-homens levavam um bom tempo para aceitar que estavam mortos. E não morriam completamente, a não ser com o sol se pondo.

Examinando o entorno, Mat percebeu que o ataque havia acabado. Quaisquer Amigos das Trevas ou Trollocs que não estivessem mortos haviam fugido. Ao menos ele não via ninguém de pé, exceto os Aiel. Alguns também tinham sucumbido. Mat arrancou um lenço do pescoço do cadáver de um Amigo

das Trevas para limpar o sangue negro do Myrddraal da ponta de sua lança. Se demorasse a fazer isso, o sangue iria corroer o metal.

Aquele ataque noturno não fazia sentido. Pelos corpos que via ao luar, Trollocs e humanos, nenhum passara muito da primeira fileira de tendas. E sem números muito maiores, os inimigos não poderiam esperar fazer melhor que isso.

— O que foi aquilo que você gritou? *Carai* alguma coisa. Língua Antiga?

Mat se virou para olhar Melindhra. Ela baixara o véu, mas ainda não trajava um fiapo a mais do que a *shoufa*. Havia outras Donzelas por ali, homens também, usando tão pouco quanto e demonstrando o mesmo descaso, embora a maioria parecesse estar voltando para as tendas sem se demorar. Eles não tinham muito pudor, era isso. Nenhum pudor. Melindhra nem parecia sentir frio, apesar de a respiração soltar vapor. Mat estava tão suado quanto ela e, agora que não estava mais preocupado em lutar pela própria vida, se sentia congelando.

— Foi uma coisa que eu ouvi, certa vez — respondeu. — E gostei de como soa.

Carai an Caldazar! Pela honra da Águia Vermelha. O cântico de guerra de Manetheren. A maioria de suas lembranças eram de Manetheren. Algumas ele ganhara antes do batente retorcido. Moiraine dissera que era o Sangue Antigo surgindo. Contanto que não surgisse esguichando de suas veias, tudo bem.

Melindhra passou o braço em torno dos ombros de Mat enquanto ele rumava de volta para a tenda do casal.

— Vi você com o Mensageiro da Noite, Mat Cauthon. — Era um dos termos dos Aiel para os Myrddraal. — Você tem a altura que um homem precisa ter.

Sorrindo, ele envolveu a cintura dela, mas não conseguia tirar o ataque da cabeça. Queria — os pensamentos eram muito confusos em suas lembranças emprestadas —, mas não conseguia. Por que alguém deflagrara um ataque tão sem perspectivas? Só um tolo atacaria sem motivo uma força tão superior. Era esse pensamento que ele não conseguia afastar. Ninguém atacava sem motivo.

* * *

O piar dos pássaros fez Rand despertar imediatamente. Agarrando *saidin*, jogou os cobertores para o lado e saiu correndo sem nem vestir o casaco ou calçar as botas. A noite estava fria e iluminada pelo luar, sons distantes de batalha flutuavam das colinas abaixo da passagem. Em volta, Aiel se agitavam feito formigas apressadas, disparando pela noite até os pontos que poderiam ser atacados, ali na passagem. As proteções permaneceriam — Crias da Sombra na passagem disparariam o piar de um tentilhão — até que ele as desfizesse, de manhã, mas não havia razão para correr riscos tolos.

A passagem logo voltou a ficar tranquila, os *gai'shain* em suas tendas, proibidos de tocar em armas mesmo naquela situação, os outros Aiel a postos nos locais que talvez precisassem de defesa. Até Adelin e as outras Donzelas tinham partido, como se soubessem que Rand as deteria, caso esperassem. Ele ouvia alguns murmúrios vindos dos vagões perto das muralhas da cidade, mas nem os condutores nem Kadere deram as caras. Rand não esperava que dessem. Os sons distantes de batalha — homens berrando, gritando, morrendo — vinham de duas direções. Ambas abaixo, bem longe dele. Também havia pessoas do lado de fora das tendas das Sábias. Pareciam olhar na direção do confronto.

Um ataque lá embaixo não fazia sentido. Não eram os Miagoma, a menos que Timolan tivesse aceitado Crias da Sombra em seu clã, o que era tão provável quanto Mantos-brancos recrutando Trollocs. Rand se virou para a tenda e, mesmo envolto pelo Vazio, levou um susto.

Aviendha saíra para a luz do luar, um cobertor enrolado no corpo. Logo atrás dela havia um homem alto com um manto escuro. As sombras do luar perpassaram um rosto macilento, pálido demais, com olhos grandes demais. Um canto baixo se fez ouvir, e o manto se abriu — Rand percebeu que na verdade eram compridas asas coriáceas, como as de um morcego. Movendo-se como se hipnotizada, Aviendha caminhou para os braços da criatura.

Rand canalizou, e um fio de fogo devastador passou flamejando por ela, uma flecha de luz sólida que atingiu o Dragkar na cabeça. O efeito daquela corrente mais fina foi mais lento, mas não menos certo do que contra os Cães das Trevas. As cores da criatura se inverteram, o preto virando branco e o branco virando preto, até que ela se transformou em partículas brilhantes que se derreteram no ar.

Aviendha estremeceu quando o canto cessou, encarando as últimas partículas que desapareciam, e se virou para Rand, apertando o cobertor contra o corpo. Ela ergueu a mão, e um raio de fogo com a espessura da cabeça de Rand rugiu na direção dele.

Assustado mesmo dentro do Vazio, sem nem pensar em usar o Poder, ele se atirou no chão para fugir das chamas ondulantes. Elas feneceram logo depois.

— O que você está fazendo? — berrou Rand, tão furioso e chocado que o Vazio se rompeu e *saidin* sumiu de dentro dele. Esforçou-se para ficar de pé e caminhou com firmeza na direção dela. — Isto supera qualquer ingratidão de que eu já tenha ouvido falar! — Ia sacudi-la até fazer os dentes da mulher rangerem. — Acabei de salvar sua vida, caso não tenha percebido, e se ofendi algum maldito costume Aiel, não estou nem...!

— Da próxima vez — retrucou ela —, vou deixar o grande *Car'a'carn* resolver seus problemas sozinho! — Apertando o cobertor contra o corpo, irritada, ela se abaixou, tensa, para entrar na tenda.

Rand olhou para trás pela primeira vez: havia outro Draghkar, encrespado em chamas no chão. Tinha ficado tão furioso que não escutara o crepitar e os estalos da criatura queimando e não sentira o odor de gordura tostada. Não chegara nem a sentir o mal. Um Draghkar matava primeiro sugando a alma, depois a vida. Precisava ser de perto, por meio do toque, mas aquele estava estirado a não mais que duas passadas de onde Rand estivera. Ele não tinha certeza de quão eficaz o abraço melodioso de um Draghkar seria contra alguém preenchido por *saidin*, mas estava contente por não ter descoberto.

Respirou fundo e se ajoelhou ao lado da aba da tenda.

— Aviendha? — Não podia entrar. Uma lamparina estava acesa lá dentro, e, até onde ele sabia, ela poderia estar sentada nua, xingando-o de alto a baixo em pensamento, do jeito que Rand merecia. — Aviendha, me desculpe. Peço perdão. Fui tolo por falar daquele jeito sem perguntar o motivo. Eu deveria saber que você não me machucaria, e eu... eu... eu sou um idiota — concluiu, sem saber mais o que dizer.

— Você sabe muita coisa mesmo, Rand al'Thor. — A resposta soou abafada. — Você é um idiota!

Como os Aiel se desculpavam? Nunca pergantara aquilo para ela. Pensando no *ji'e'toh*, nos costumes matrimoniais e em ensinar os homens a cantar, ele não achava que perguntaria.

— É, eu sou. E peço desculpas. — Não houve resposta desta vez. — Você está debaixo dos cobertores? — Silêncio.

Resmungando sozinho, Rand se ergueu, mexendo os dedos cobertos apenas pela meia no chão gelado. Teria de permanecer ali fora até ter certeza de que ela estava decentemente coberta. Sem botas ou casaco. Tratou de agarrar *saidin*, com mácula e tudo, só para, dentro do Vazio, se afastar daquele frio de gelar os ossos.

As três Sábias Andarilhas dos Sonhos vieram correndo, claro, e também Egwene, todas fitando os restos fumegantes do Draghkar ao passarem ao lado da criatura, ajustando os xales quase no mesmo movimento.

— Só um — observou Amys. — Agradeço à Luz, mas estou surpresa.

— Eram dois — contou Rand. — Eu... destruí o outro. — Por que estava hesitante? Só porque Moiraine o alertara a respeito do fogo devastador? Era uma arma como qualquer outra. — Se Aviendha não tivesse matado este aí, ele poderia ter me alcançado.

— A canalização dela nos atraiu — explicou Egwene, olhando Rand de cima a baixo. De início, Rand achou que ela estivesse procurando ferimentos, mas a mulher prestou especial atenção a seus pés só de meia e depois olhou para a tenda, onde uma fresta na aba revelava a luz da lamparina. — Você irritou Aviendha de novo, não foi? Ela salvou sua vida, e você... Homens! — Com um

meneio desgostoso de cabeça, Egwene passou por ele e entrou na tenda. Rand ouviu vozes distantes, mas não entendeu o que estava sendo dito.

Melaine apertou o xale.

— Se não está precisando de nós, temos que ir ver o que está acontecendo lá embaixo. — Ela se apressou para ir embora e não esperou as outras.

Bair gargalhava enquanto ela e Amys a seguiam.

— Vamos apostar em quem ela vai dar uma olhada primeiro? Meu colar de ametista que você tanto gosta contra aquele seu bracelete de safira?

— Combinado. Eu escolho Dorindha.

A Sábia mais velha tornou a gargalhar.

— Ela ainda só tem olhos para Bael. Uma irmã-primeira é uma irmã-primeira, mas um marido novo...

As duas saíram do alcance do ouvido, e Rand se inclinou na direção da aba da tenda. Ainda não dava para escutar o que as mulheres estavam dizendo, a não ser que enfiasse a orelha na fresta, o que estava prestes a fazer. Claro que, com Egwene lá, Aviendha se cobrira. Por outro lado, pela forma como Egwene assimilara os modos Aiel, havia a chance de que, em vez disso, ela é que tivesse tirado as roupas.

O som suave de chinelos anunciou a chegada de Moiraine e Lan, e Rand se endireitou. Embora ouvisse a respiração de ambos, os passos do Guardião quase não faziam ruído. O cabelo de Moiraine caía no rosto, e ela trajava um roupão escuro, a seda brilhando ao luar. Lan estava totalmente vestido, botas e armas, enrolado naquela capa que o tornava parte da noite. Claro. O clamor do combate já estava morrendo nas colinas lá embaixo.

— Estou surpreso por você não ter vindo antes, Moiraine. — Sua voz soou fria, mas antes a voz do que ele. Rand manteve-se agarrado a *saidin*, lutando com o Poder, e o frio gelado da noite permaneceu distante. Ele estava ciente da temperatura, ciente de cada pelo arrepiado sob as mangas da camisa, mas o clima não o atingia. — Você costuma vir me procurar assim que sente o perigo.

— Eu nunca dei satisfação de tudo o que faço ou deixo de fazer. — A voz dela soou tão friamente misteriosa quanto sempre, ainda que, mesmo sob o luar, Rand tivesse certeza de que ela estava enrubescendo. Lan parecia incomodado, embora, no caso dele, fosse difícil dizer. — Não posso segurar sua mão para sempre. Em algum momento você tem que caminhar sozinho.

— Eu fiz isso hoje, não fiz? — A vergonha deslizou pelo Vazio. A frase soou como se ele tivesse dado conta de tudo sozinho. Então acrescentou: — Aviendha praticamente tirou aquele ali das minhas costas. — As chamas no Draghkar já estavam baixas.

— Então que bom que ela estava aqui — disse Moiraine calmamente. — Você não precisava de mim.

A mulher não ficara com medo, disse ele tinha certeza. Rand já vira Moiraine investir contra Criaturas da Sombra, manejaando o Poder com tanta habilidade quanto a de Lan com a espada; vira isso em ocasiões demais para crer que ela sentia medo. Então por que não viera ao sentir os Dragkhar? Podia ter ido, e Lan também. Aquele era um dos dons que um Guardiã recebia pelo laço com uma Aes Sedai. Rand podia fazê-la falar, encurralá-la entre o juramento que fizera a ele e a incapacidade de mentir. Não, não podia. Ou não queria. Não faria aquilo com alguém que estava tentando ajudá-lo.

— Pelo menos agora sabemos do que se tratava aquele ataque lá embaixo — ponderou Rand. — Queriam me fazer pensar que algo importante estava acontecendo por lá enquanto o Dragkhar se esgueirava até mim. Tentaram isso no Forte das Pedras Frias, e também não funcionou. — Só que, desta vez, quase funcionara. Caso essa *tivesse* sido a intenção. — Seria de se pensar que eles tentariam algo diferente. — Couladin à frente dele e os Abandonados por toda parte, ao que parecia. Por que não podia enfrentar um inimigo de cada vez?

— Não cometa o erro de pensar que os Abandonados são burros — alertou Moiraine. — Isso poderia muito bem ser fatal. — Ela mexia no roupão como se quisesse que ele fosse mais espesso. — Já está tarde. Se não precisa mais de mim...

Os Aiel começavam a voltar quando ela e o Guardiã foram embora. Alguns exclamaram coisas sobre o Dragkhar e acordaram *gai'shain* para arrastá-lo para longe, mas a maior parte apenas olhou para a criatura antes de entrar nas tendas. Pareciam já esperar aquele tipo de coisa de Rand.

Quando Adelin e as Donzelas surgiram, estavam arrastando os pés calçados em botas leves. Elas observaram o Dragkhar sendo arrastado por homens de roupão branco e trocaram longos olhares antes de se aproximarem de Rand.

— Não aconteceu nada aqui — afirmou Adelin, devagar. — O ataque foi todo lá embaixo, Amigos das Trevas e Trollocs.

— Berrando “Sammael e as Abelhas Douradas”, eu ouvi — completou outra Donzela, com a cabeça enrolada em uma *shoufa*. Rand não reconheceu quem era. Souu jovem. Algumas das Donzelas não tinham mais que dezesseis anos.

Respirando fundo, Adelin estendeu uma de suas lanças, firme como uma rocha, à frente dele. As demais fizeram o mesmo, uma lança cada.

— Nós... Eu... falhei — disse Adelin. — Deveríamos ter estado aqui quando o Dragkhar apareceu. Em vez disso, saímos correndo feito crianças para dançar as lanças.

— E o que eu devo fazer com estas lanças? — perguntou Rand.

— O que quiser, *Car'a'carn*. Estamos prontas e não iremos resistir — respondeu Adelin, sem hesitar.

Rand balançou a cabeça. *Malditos Aiel com seu maldito ji'e'toh.*

— Fiquem com elas e voltem a proteger minha tenda. Está bem? Vão. — As mulheres se entreolharam antes de começarem a obedecer, mas de modo tão relutante quanto haviam se aproximado dele de início. — E uma de vocês trate de dizer a Aviendha que vou entrar assim que voltar — completou ele. Não iria passar a noite inteira do lado de fora se perguntando se era seguro ou não voltar para a tenda. Saiu a passos firmes, o chão pedregoso bem duro sob os pés.

A tenda de Asmodean não ficava muito longe da dele. Não se ouvira um som sequer vindo dela. Rand tratou de abrir a aba e se abaixou para entrar. Asmodean estava sentado no escuro, mordendo o lábio. O homem se encolheu quando Rand surgiu, e não lhe deu chance para falar.

— Você não esperava que eu participasse da luta, esperava? Eu senti os Dragkar, mas você podia dar conta deles, e deu. Eu nunca gostei de Dragkar. Nunca deveríamos ter feito esses bichos. Têm menos cérebro que um Trolloc. Dê uma ordem e, ainda assim, eles às vezes matam o que estiver mais perto. Se eu tivesse saído, se tivesse feito alguma coisa... E se alguém percebesse? E se eles se dessem conta de que não tinha como ser você canalizando? Eu...

— Bom para você que não tenha saído — interrompeu Rand, sentando-se de pernas cruzadas no escuro. — Se eu tivesse sentido você canalizando lá fora hoje à noite, poderia tê-lo matado.

A gargalhada do outro homem foi vacilante.

— Também pensei nisso.

— Foi Sammael quem enviou o ataque de hoje. Os Trollocs e os Amigos das Trevas, pelo menos.

— Não é do feitio de Sammael desperdiçar homens — disse Asmodean lentamente. — Mas ele veria dez mil mortos, ou dez vezes mais que isso, se achasse que o preço vale a pena. Talvez um dos outros queira que você pense que foi ele. Mesmo que os Aiel tivessem feito prisioneiros... Trollocs não pensam em muita coisa além de matar, e Amigos das Trevas acreditam no que lhes dizem.

— Foi ele. Uma vez, Sammael usou o mesmo método para tentar me fazer atacá-lo, em Serendahar. — *Ah, Luz!* O pensamento flutuou pela superfície do Vazio. *Eu disse "me"*. Rand nem sabia onde ficara Serendahar, ou de nada do que acabara de dizer. As palavras haviam simplesmente saído.

— Eu nunca soube disso — disse Asmodean, hesitante, após um longo silêncio.

— O que eu quero saber é: por quê?

Rand escolheu as palavras com cuidado, torcendo para que todas fossem suas. Ele se recordava do rosto de Sammael, um homem... *Não é minha. Essa lembrança não é minha...* um homem compacto com uma barba loura cerrada. Asmodean descrevera todos os Abandonados, mas Rand sabia que aquela imagem não era fruto da descrição. Sammael sempre quisera ser mais alto, e se

ressentia de que o Poder não fosse capaz de mudar sua altura. Asmodean nunca lhe dissera isso.

— Pelo que você me contou, ele não ia querer me enfrentar, a menos que tivesse certeza da vitória, e talvez nem assim. Você disse que era provável que ele me deixasse para o Tenebroso, se possível. Então por que agora Sammael tem certeza de que vai vencer, caso eu decida ir atrás dele?

Discutiram a questão no escuro por horas, sem chegar a nenhuma conclusão. Asmodean pensava que havia sido um dos outros, esperando jogar Rand contra Sammael e se livrar de um deles ou de ambos. Ao menos foi o que Asmodean disse que achava. Rand sentia os olhos escuros do homem em si, ponderando. Aquele lapso fora grande demais para ser consertado.

Quando finalmente retornou para a própria tenda, Adelin e as doze Donzelas ficaram de pé de um pulo, todas dizendo juntas que Egwene tinha ido embora e que Aviendha dormira havia muito, que estava com raiva dele, que ambas estavam. As mulheres deram tantos conselhos diferentes sobre como lidar com a raiva das garotas, todos ao mesmo tempo, que Rand não entendeu nenhum. Por fim, ficaram em silêncio, entreolhando-se, até Adelin se pronunciar.

— Precisamos conversar sobre hoje à noite. Sobre o que fizemos e o que deixamos de fazer. Nós...

— Não foi nada — disse ele —, e, se tivesse sido, estaria perdoado e esquecido. Agora eu gostaria de ter algumas horas de sono. Se quiserem discutir isso, vão falar com Amys ou Bair. Tenho certeza de que elas vão entender melhor do que eu o que vocês esperam. — Surpreendentemente, aquilo as fez se calar e permitiu que ele entrasse.

Aviendha estava enrolada nos lençóis, com uma das pernas, magra e despida, para fora. Rand tentou não olhar. A garota deixara uma lamparina acesa. Agradecido, ele entrou debaixo dos próprios cobertores e canalizou para apagar a luz antes de soltar *saidin*. Desta vez, sonhou com Aviendha lançando fogo, só que ela não o lançava em um Dragghkar, e Sammael estava sentado ao lado dela, gargalhando.





“EU LHES CONCEDO O QUINTO”

Conduzindo Bruma pelo topo gramado de uma colina, Egwene observava a massa de Aiel descendo de Passo de Jangai. A sela havia tornado a puxar suas saias acima do joelho, mas agora ela já quase não percebia. Não tinha como ficar se preocupando com aquilo a cada minuto. E estava de meias. Não era como se estivesse com as pernas à mostra.

Os Aiel afluíam abaixo dela, trotando em colunas, organizados por clã, ramo e sociedade. Milhares e milhares, com seus cavalos e mulas de carga e os *gai'shain*, que cuidavam dos acampamentos enquanto o restante lutava; a multidão estendia-se por uma milha, sem contar os outros na passagem ou já à frente, fora de vista. Mesmo sem famílias, parecia uma nação em marcha. O Caminho da Seda fora uma estrada naquele ponto, com boas cinquenta passadas de largura e pavimentada com grandes pedras brancas, atravessando colinas para se manter plana. Só era possível ter vislumbres da estrada em meio à massa de Aiel, embora eles parecessem preferir andar na grama, mas muitas das pedras do pavimento tinham se erguido em uma das pontas ou afundado em outra. Fazia mais de vinte anos que apenas as carroças dos fazendeiros locais e um punhado de carroções trafegava por ali.

Era surpreendente voltar a ver árvores — árvores de verdade, imensos carvalhos e folhas-de-couro em meio a verdadeiros matagais, em vez de uma ou outra forma atrofiada e retorcida pelo vento. Além disso, uma grama alta se balançava ao vento ao longo das colinas. Havia uma floresta de verdade ao norte, e nuvens no céu, tênues e altas, mas nuvens. O ar parecia abençoadamente fresco depois do Deserto, e úmido, apesar das folhas marrons e das grandes trilhas também marrons em meio aos gramados indicarem que, na realidade,

talvez estivesse mais quente e seco do que o normal para aquela época do ano. Ainda assim, a área rural de Cairhien era um paraíso exuberante se comparada com o outro lado da Muralha do Dragão.

Um pequeno regato serpenteava rumo ao norte sob uma ponte quase plana, cercado pelo barro seco de um leito mais largo. O rio Gaelin ficava a poucas milhas de distância naquela direção. Egwene se perguntou o que os Aiel pensariam daquele rio. Já vira Aiel perto de um rio. A diminuta faixa d'água marcava uma pausa no constante fluxo de pessoas, já que homens e Donzelas paravam para observá-la, maravilhados, antes de fazer a travessia.

Os carroções de Kadere ribombavam pela estrada, as longas parselhas de mulas trabalhando duro, mas ainda assim sendo ultrapassados pelos Aiel. Havia levado quatro dias para atravessar as curvas e voltas de Passo de Jangai, e Rand pretendia avançar o máximo possível em Cairhien nas poucas horas de luz que ainda restavam. Moiraine e Lan viajavam com os carroções. Não à frente do grupo, nem mesmo na casinha branca sobre rodas que era o vagão de Kadere, mas ao lado do segundo carroção, onde o *ter'angreal* em forma de batente de porta, coberto por uma tela, criava uma corcova acima do restante da carga. Parte dos objetos estava cuidadosamente embalada ou acondicionada em caixas ou barris que Kadere levava para o Deserto repletos de seus produtos, e o resto estava simplesmente enfiado em qualquer lugar que coubesse, formas incomuns de metal e vidro, uma cadeira vermelha de cristal, duas estátuas de um homem e uma mulher nus, do tamanho de crianças, hastes de osso e marfim e estranhos materiais negros em vários comprimentos e espessuras. Toda a sorte de objetos, incluindo alguns que Egwene mal era capaz de começar a descrever. Moiraine fizera uso de cada polegada disponível em todos os carroções.

Egwene gostaria de saber por que a Aes Sedai estava tão preocupada com aquele carroção em particular. Talvez ninguém mais tivesse percebido que Moiraine prestava mais atenção a ele do que a todos os outros somados, mas Egwene percebera. Provavelmente não saberia o motivo tão cedo. Apesar de Moiraine ter passado a tratá-la de igual para igual, a novidade ainda era uma mudança pouco garantida, conforme Egwene percebera ao fazer a pergunta, no coração da passagem, e ouvir como resposta que sua imaginação era vívida demais e que, se ela tinha tempo de espionar a Aes Sedai, talvez Moiraine devesse falar com as Sábias sobre intensificar seu treinamento. Egwene se desculpara profusamente, claro, e sua polidez pareceu funcionar. Amys e as demais não estavam ocupando suas noites mais do que antes.

Cerca de uma centena de *Far Dareis Mai* das Taardad viajavam ao lado dela na estrada, movendo-se com tranquilidade, os véus pendurados, mas prontos para serem usados, as aljavas cheias na cintura. Algumas carregavam os arcos curvados, as flechas encaixadas, enquanto outras os mantinham presos às costas, lanças e broquéis balançando de modo ritmado conforme corriam. Atrás delas,

uma dúzia de *gai'shain* em seus roupões brancos conduziam mulas de carga e se esforçavam para acompanhar o ritmo. Um deles usava preto, não branco. De todos, Isendre era a que trabalhava mais pesado. Egwene reconheceu Adelin e outras duas ou três que haviam montado guarda na tenda de Rand na noite do ataque. Além das armas, cada uma segurava uma boneca, uma boneca feita de modo grosseiro vestindo saia e blusa brancas. O rosto das Donzelas parecia ainda mais pétreo que o habitual, tentando fingir que não estavam carregando aquilo.

Egwene não sabia qual era o motivo das bonecas. Aquelas Donzelas tinham ido ver Bair e Amys assim que o turno de guarda na tenda de Rand havia acabado e passaram um bom tempo na companhia das Sábias. Na manhã seguinte, enquanto o acampamento ainda estava despertando em meio ao cinza que precedia a alvorada, elas começaram a confeccionar aquelas bonecas. Egwene não pudera perguntar, claro, mas comentara o assunto com uma delas, uma Tomanelle ruiva do ramo Serai chamada Maira, e a mulher dissera que a finalidade era lembrá-la de que não era mais criança. Seu tom de voz deixara claro que ela não queria conversar. Uma das Donzelas carregando a boneca não tinha mais que dezesseis anos, mas Maira tinha pelo menos a mesma idade que Adelin. Não fazia muito sentido, e isso era frustrante. Toda vez que Egwene pensava entender os costumes Aiel, algo lhe provava o contrário.

A contragosto, os olhos de Egwene foram novamente atraídos para a entrada da passagem. As fileiras de estacas ainda estavam lá, quase invisíveis, estendendo-se ao longo das encostas íngremes das montanhas, exceto onde os Aiel haviam chutado e derrubado algumas delas. Couladin deixara mais uma mensagem: homens e mulheres empalados ao longo do caminho, deixados mortos ali por sete dias. As altas muralhas cinzentas de Selean estavam cravadas nas montanhas à direita da passagem, e nada era visível acima delas. Moiraine afirmara que o local era apenas uma sombra de sua antiga glória, ainda que fosse uma cidade de tamanho considerável, bem maior que Taien. No entanto, nada restara — e nenhum sobrevivente, exceto pelos que os Shaido levaram, embora alguns habitantes da cidade provavelmente tivessem fugido para outro lugar que considerassem seguro. Havia fazendas naquelas colinas. A maior parte do leste de Cairhien fora abandonada depois da Guerra dos Aiel, mas uma cidade precisava de fazendas para prover comida. Chaminés com listras de fuligem despontavam de paredes enegrecidas de casas de fazenda feitas de pedra. Aqui e ali, algumas vigas queimadas permaneciam de pé sobre um estábulo tombado, um estábulo e uma casa da fazenda haviam desabado por conta do calor. A colina por onde guiava Bruma fora uma pastagem para ovelhas. Perto da cerca, ao pé da colina, moscas ainda zumbiam sobre os refugos de um açougue. Não restava um só animal nas pastagens, nenhuma galinha ciscando no quintal do estábulo. As plantações pareciam palha queimada.

Couladin e os Shaído eram Aiel. Mas Aviendha, Bair, Amys, Melaine e Rhurarc, que dissera que Egwene lembrava uma de suas filhas, também. Todos ficaram indignados com os empalamentos, mas ainda pareciam pensar que aquilo era só um pouco pior do que o que os Assassinos da Árvore mereciam. A única forma de realmente entender os Aiel talvez fosse nascer Aiel.

Egwene lançou um último olhar para a cidade destruída, então desceu cavalcando devagar até a rústica cerca de pedra e saiu pelo portão, inclinándose, por força do hábito, para reapertar a tira de couro cru. Segundo Moiraine, a grande ironia era que o povo de Selean poderia muito bem ter apoiado Couladin. Nas instáveis correntes do *Daes Dae'mar*, quando comparassem um invasor Aiel com o homem que enviara os tairenos a Cairhien, não importando o motivo, era difícil prever qual teria sido a decisão, caso Couladin lhes tivesse dado oportunidade de escolha.

Ela cavalgou ao longo da larga estrada até alcançar Rand, naquele dia trajando seu casaco vermelho, e se juntou a Aviendha, Amys e trinta ou mais Sábias que mal conhecia, tirando as outras duas Andarilhas dos Sonhos, todas seguindo a curta distância. Mat, com seu chapéu e sua lança de cabo negro, e Jasin Natael, com a harpa no estojo de couro pendurada às costas e o estandarte carmesim tremulando com a brisa, também cavalgavam, mas Aiel apressados ultrapassavam o grupo pelos dois lados, já que Rand ia à frente com seu garanhão malhado enquanto conversava com os chefes de clã. Com ou sem saias, as Sábias teriam dado conta de acompanhar o ritmo das colunas que os ultrapassavam, caso não estivessem grudadas em Rand feito seiva de pinheiro. Elas mal olharam para Egwene, olhos e ouvidos concentrados no *Car'a'carn* e nos sete chefes.

— ... e quem quer que nos siga depois de Timolan — ia dizendo Rand, em um tom de voz firme — precisa receber a mesma mensagem. — Cães de Pedra deixados de vigia em Taien haviam retornado para relatar que os Miagoma entraram na passagem um dia depois. — Vim para impedir que Couladin despoje esta terra, não para saqueá-la.

— Uma mensagem difícil — afirmou Bael —, e para nós também, caso esteja dizendo que não podemos pegar o quinto.

Han e os demais, inclusive Rhurarc, assentiram.

— Eu lhes concedo o quinto. — Rand não aumentou o tom de voz, mas, subitamente, suas palavras eram pregos bem cravados. — Mas alimentos não serão levados como parte do quinto. Vamos viver do que conseguirmos encontrar na natureza, caçarmos ou comprarmos, caso alguém esteja vendendo comida, até eu ter como fazer os tairenos incrementarem o que estão trazendo de Tear. Se algum homem pegar uma moeda a mais que o quinto ou um pedaço de pão sem pagar, caso incendeie até mesmo uma cabana só por ela pertencer a um dos

Assassinos da Árvore, ou mate alguém que não está tentando matá-lo, vou mandar enforcar, seja quem for.

— É complicado dizer isso aos clãs — afirmou Dheeric, quase tão pétreo quanto Rand. — Vim para seguir Aquele Que Vem Com a Aurora, não para dar colo a quebradores de juramentos. — Bael e Jheran abriram a boca como se fossem concordar, mas um notou a reação do outro e ambos tornaram a cerrar os dentes.

— Guarde minhas palavras, Dheeric — reforçou Rand. — Eu vim para salvar esta terra, não para arruiná-la ainda mais. O que eu digo vale para todos os clãs, incluindo os Miagoma e qualquer outro que nos siga. Todos os clãs. Lembrem-se bem disso. — Desta vez ninguém falou, e ele montou de novo na sela de Jeade'en, permitindo ao garanhão caminhar entre os chefes. Aqueles rostos Aiel não demonstravam nenhuma expressão.

Egwene respirou fundo. Todos aqueles homens tinham idade suficiente para ser pai dele e até mais, certamente tão líderes de seus povos quanto reis, mesmo que negassem isso, líderes endurecidos em batalhas. Parecia que fazia pouquíssimo tempo desde que Rand fora um garoto, e não apenas na idade — um jovem que pedia e torcia, em vez de dar ordens esperando obediência. Estava mudando mais rápido do que Egwene conseguia acompanhar. Um bom sinal, caso evitasse que aqueles homens fizessem em outras cidades o que Couladin fizera em Taien e Selean. Foi o que disse a si mesma. Só queria que Rand fizesse isso sem se mostrar a cada dia mais arrogante. Quanto tempo até que ele esperasse que ela o obedecesse da mesma forma que Moiraine? Ou todas as Aes Sedai? Egwene torcia para que fosse apenas arrogância.

Querendo conversar, soltou um dos pés do estribo e estendeu a mão para baixo, na direção de Aviendha, mas a Aiel negou com a cabeça. Ela realmente não gostava de cavalgar. E podia ser que todas aquelas Sábias viajando a pé em grupo também a deixassem relutante. Algumas delas não andariam a cavalo nem com as duas pernas quebradas. Com um suspiro, Egwene desceu, conduzindo Bruma pelas rédeas e arrumando as saias, um pouco mal-humorada. As leves botas Aiel que estava usando, na altura dos joelhos, pareciam e eram confortáveis, mas não para andar grandes distâncias naquele piso pavimentado duro e irregular.

— Ele está mesmo no comando — comentou Egwene.

Aviendha mal tirou os olhos das costas de Rand.

— Eu não o conheço. Não é possível. Olhe só o que ele está carregando.

Ela se referia à espada, claro. Rand não a carregava, exatamente. A arma estava pendurada no cepilho da sela, em uma bainha simples de couro de javali, o punho comprido coberto pelo mesmo material, erguendo-se até a altura de sua cintura. Ele conseguira que o punho e a bainha fossem confeccionados por um homem de Taien durante a jornada de travessia da passagem. Egwene se

perguntou por quê, já que ele podia canalizar uma espada de fogo e realizar outras coisas que fariam espadas parecer brinquedos.

— Você que deu a espada a ele, Aviendha.

A amiga fez cara feia.

— Ele quer fazer com que eu também aceite o punho. Ele a usou. É dele. Usou na minha frente, como se quisesse zombar de mim com uma espada nas mãos.

— Você não está com raiva por causa da espada. — Pelo menos Egwene achava que não. Aviendha não dissera uma única palavra sobre o assunto na tenda de Rand, naquela noite. — Você ainda está chateada pela forma como ele falou com você, e eu entendo. Sei que ele se arrependeu. Às vezes Rand fala sem pensar, mas se você ao menos o deixasse se desculpar...

— Eu não quero as desculpas dele — resmungou Aviendha. — Não quero... Não consigo mais suportar isso. Não posso mais dormir na tenda dele. — De repente, ela segurou o braço de Egwene, que poderia ter pensado que ela estava prestes a chorar, se não a conhecesse melhor. — Você precisa falar com elas por mim. Com Amys, Bair e Melaine. Elas dão ouvidos a você. Você é Aes Sedai. Elas precisam me deixar voltar para as tendas das Sábias. Precisam!

— Quem precisa fazer o quê? — perguntou Sorilea, atrasando o passo só para poder andar ao lado das duas. A Sábida da Fortaleza Shende tinha cabelos brancos finos e um rosto coriáceo que ressaltava os ossos da face. Além de olhos verde-claros capazes de derrubar um cavalo a dez passadas. Aquela era a maneira normal como ela olhava para quem quer que fosse. Quando Sorilea estava irritada, outras Sábias ficavam quietas e chefes de clã davam desculpas para sair de perto.

Melaine e outra Sábida, uma Nakai Água Negra que já estava ficando grisalha, também se juntaram a elas, até Sorilea lançar um olhar na direção das duas.

— Se você não estivesse tão ocupada pensando naquele marido novo, Melaine, saberia que Amys quer falar com você. E com você também, Aeron. — Melaine enrubescceu e voltou *correndo* para junto das outras, mas a mais velha chegou primeiro. Sorilea observou as duas partirem e depois dedicou toda a sua atenção a Aviendha. — Agora podemos conversar com calma. Então, há algo que você não quer fazer. Algo que lhe mandaram fazer, claro. E você acha que esta garotinha Aes Sedai pode livrá-la disso.

— Sorilea, eu... — Aviendha não passou disso.

— No meu tempo, as garotas pulavam quando uma Sábida dizia para pular, e continuavam pulando até que as mandassem parar. Como eu ainda estou viva, este ainda é o meu tempo. Preciso ser mais clara?

Aviendha respirou fundo.

— Não, Sorilea — respondeu ela de forma submissa.

Os olhos da idosa pousaram em Egwene.

— E você? Acha que vai conseguir livrá-la disso?

— Não, Sorilea. — Egwene sentiu como se devesse fazer uma reverência.

— Bom — concluiu Sorilea sem soar satisfeita, como se aquilo fosse apenas o que ela havia esperado. Era quase certo que sim. — Agora eu posso falar com você sobre o que realmente quero saber. Ouvi dizer que o *Car'a'carn* lhe deu um presente-cortês diferente de tudo que já se viu, com rubis e pedras-da-lua.

Aviendha deu um salto, como se um rato lhe tivesse subido pela perna. Bem, ela provavelmente não pularia por causa do rato, mas era como Egwene teria saltado, naquela circunstância. A Aiel murmurou explicações tão apressadas sobre a espada de Laman e a bainha que suas palavras foram se atropelando.

Sorilea mexeu no xale e resmungou algo sobre garotas tocando em espadas, mesmo enroladas em cobertores, e sobre ter uma conversa séria com “a jovem Bair”.

— Então ele não despertou seu interesse. Uma pena. Isso o uniria a nós. No momento, ele vê gente demais como sendo dele. — Por um momento, ela examinou Aviendha da cabeça aos pés. — Vou pedir a Feran para dar uma olhada em você. O bisavô dele é meu filho-por-irmã. Você tem outras obrigações para com seu povo, além de aprender a ser uma Sábia. Esses quadris foram feitos para ter filhos.

Aviendha tropeçou em uma das pedras erguidas da pavimentação e por pouco não caiu.

— Eu... Eu vou pensar nele, quando tiver tempo — disse ela, esbaforida. — Ainda tenho muito a aprender sobre ser uma Sábia. E Feran é *Seia Doon*, e os Olhos Negros juraram não dormir sob tetos ou tendas enquanto Couladin estiver vivo. — Couladin era *Seia Doon*.

A Sábia de rosto coriáceo assentiu como se tudo tivesse sido resolvido.

— Você, jovem Aes Sedai. Dizem que conhece bem o *Car'a'carn*. Ele vai mesmo agir conforme ameaçou? Enforcaria até um chefe de clã?

— Eu acho... que talvez... ele vai, sim. — Falando mais rápido, Egwene acrescentou: — Mas tenho certeza de que é possível convencê-lo a fazer a coisa certa. — Ela não tinha certeza de nada daquilo, nem mesmo de que havia uma coisa certa a ser feita. O que Rand dissera parecera apenas correto, mas fazer justiça não traria vantagem nenhuma a Rand caso todos os outros se voltassem contra ele, assim como os Shaido.

Sorilea a encarou, surpresa, e então lançou um olhar para os chefes em torno do cavalo de Rand que deveria ter feito todos eles caírem duros.

— Vocês estão me entendendo mal. Ele precisa mostrar para aquele bando de lobos sarnentos que o lobo-chefe é ele. Um chefe precisa ser mais duro que os outros homens, jovem Aes Sedai, e o *Car'a'carn*, mais duro que os outros chefes. A cada dia, mais homens, e até Donzelas, são acometidos pela Desolação, mas

essas pessoas são apenas a frágil camada externa do pau-ferro. O que resta é a camada interna dura, e, para liderá-los, ele precisa ser duro. — Egwene percebeu que ela não incluiu nem a si mesma e nem as Sábias entre os que seriam liderados. Resmungando sozinha a respeito dos “lobos sarnentos”, Sorilea se afastou a passos largos e, em pouco tempo, tinha todas as Sábias a ouvindo enquanto caminhavam. O que quer que estivesse dizendo, Egwene não conseguia escutar.

— Quem é esse Feran? — indagou Egwene. — Nunca ouvi você falar dele. Como ele é?

Franzindo o cenho às costas de Sorilea, mais do que parcialmente encoberta pelas Sábias agrupadas ao seu redor, Aviendha respondeu de modo vago.

— Ele é bem parecido com Rhuarc, só que mais jovem, mais alto e mais bonito, com o cabelo bem mais ruivo. Faz mais de um ano que vem tentando atrair o interesse de Enaila, mas acho mais fácil ela ensiná-lo a cantar do que abrir mão da lança.

— Não entendo. Você pretende dividi-lo com Enaila? — Ainda era estranho falar sobre aquilo de forma tão casual.

Aviendha tornou a tropeçar e a encarou.

— Dividir? Eu não quero nada com ele. É até bonito, mas ri feito uma mula zurrando e cutuca o ouvido.

— Mas, pelo modo como você falou com Sorilea, eu achei que... você gostava dele. Por que não disse a ela o que acabou de me dizer?

A risada contida da outra mulher soou amargurada.

— Egwene, se ela achasse que eu estava tentando recusar, ela própria iria confeccionar minha grinalda nupcial e arrastaria Feran e eu pelo pescoço para nos casarmos. Você já ouviu alguém dizer não para Sorilea? Você conseguiria?

Egwene abriu a boca para afirmar que, obviamente, conseguiria, mas voltou a fechá-la de imediato. Fazer Nynaeve recuar era uma coisa; tentar o mesmo com Sorilea era outra. Seria como se colocar no caminho de um deslizamento de terra e dizer a ele para parar.

Para mudar de assunto, ela disse:

— Vou falar com Amys e as outras para você. — Não que realmente achasse que, àquela altura, isso fosse dar algum resultado. A hora certa fora antes de aquilo tudo começar. Pelo menos Aviendha finalmente enxergava a impropriedade da situação. Talvez... — Se formos juntas falar com elas, tenho certeza de que vão ouvir.

— Não, Egwene. Eu tenho que obedecer às Sábias. O *ji'e'toh* exige isso. — Como se ela não estivesse pedindo a intercessão da amiga momentos antes. Como se não tivesse praticamente implorado para as Sábias não a obrigarem a dormir na tenda de Rand. — Mas por que a minha obrigação com as pessoas

nunca é a que eu gostaria? Por que ela precisa ser algo que eu preferiria morrer a ter que fazer?

— Aviendha, ninguém vai obrigá-la a se casar ou a ter filhos. Nem Sorilea.
— Egwene esperava que tivesse soado um pouco menos hesitante naquelas últimas palavras.

— Você não entende — respondeu a outra mulher, suavemente —, e eu não tenho como explicar.

Aviendha envolveu o corpo com o xale e não quis mais falar no assunto. Preferia conversar sobre as aulas, sobre se Couladin daria meia-volta e iniciaria um confronto, sobre como o casamento afetara Melaine, que parecia ter que se esforçar para ficar séria, ou sobre qualquer outra coisa, exceto sobre o que não podia ou não queria explicar.





MENSAGEM ENVIADA

A terra mudou quando o sol começou a baixar. As colinas eram menores, os matagais, maiores. Era comum que cercas de pedra tombadas envolvendo o que um dia haviam sido plantações tivessem se tornado montes dos quais desabrochavam sebes selvagens, ou que agora contornassem longas sequências de carvalhos, folhas-de-couro e nogueiras, pinheiros e cajeputes, além de outras árvores que Egwene não conhecia. As poucas casas de fazenda estavam destelhadas, e árvores de dez ou quinze passadas de altura cresciam dentro delas, pequenas matas encapsuladas em muros de pedra, completas com pássaros gorjeando e esquilos de cauda preta. O riacho que às vezes surgia gerava tanta conversa entre os Aiel quanto as minúsculas florestas e a grama. Eles já haviam ouvido histórias das terras aguacentas, lido sobre elas em livros comprados de mercadores e mascates como Hadnan Kadere, mas poucos de fato os tinham visto desde a caçada a Laman. No entanto, os Aiel se adaptavam depressa. O marrom-acinzentado das tendas se misturava bem com as folhas mortas debaixo das árvores e com as ervas daninhas e a grama que estava morrendo. O acampamento se espalhava ao longo de milhas, marcado por milhares de pequenas fogueiras no anoitecer dourado.

Egwene ficou mais do que feliz por engatinhar para dentro de sua tenda tão logo os *gai'shain* terminaram de montá-la. No interior, as lamparinas estavam acesas, e um fogo diminuto ardia na fogueira. Ela desamarrou as botas macias e tirou-as junto com as meias de lã, esparramando-se nos brilhantes tapetes sobrepostos e movimentando os dedos dos pés. Gostaria de ter uma bacia d'água para colocá-los de molho. Não fingia ter tanta resistência quanto os Aiel, mas, se algumas horinhas de caminhada faziam seus pés parecerem ter o dobro do

tamanho, era porque estava ficando cada vez mais mole. Claro, água não seria um problema, ali. Ou não deveria ser. Lembrou-se daquele regato meio seco — poderia tomar um banho decente de novo.

Cowinde, tímida e silenciosa em seus trajes brancos, lhe trouxe o jantar, um pouco daquele pão bem claro e achatado feito de farinha de *zamai* e, em uma tigela com listras vermelhas, um ensopado grosso que Egwene comeu mecanicamente, embora se sentisse mais cansada do que faminta. Reconheceu os feijões e os pimentões desidratados, mas não perguntou do que era aquela carne escura. *Coelho*, disse a si mesma com firmeza, e torceu para que fosse. Os Aiel comiam coisas que fariam seu cabelo encaracolar mais que o de Elayne. Podia apostar que Rand não conseguia nem olhar para o que vinham servindo. Homens sempre eram chatos para comer.

Assim que terminou o ensopado, esticou-se perto de uma lamparina de prata entalhada com um disco de prata polido que refletia e aumentava a luz. Sentira-se um pouco culpada ao ser dar conta de que a maioria dos Aiel não dispunha de nenhuma luz à noite que não fosse a de suas fogueiras. Tirando as Sábias e os chefes de clãs e ramos, poucos haviam trazido lamparinas ou óleo. Mas não fazia sentido ficar sentada na tênue luminosidade da fogueira quando podia ter luz adequada. Aquilo foi um lembrete: as noites ali não seriam muito diferentes dos dias no Deserto. A tenda já estava começando a ficar desconfortavelmente quente.

Egwene canalizou fluxos de Ar para abafar o fogo e enfiou as mãos nos alforjes em busca do desgastado livro com encadernação de couro que pegara emprestado de Aviendha. Tratava-se de um volume pequeno e grosso com linhas que se amontoavam em letrinhas difíceis de ler, exceto com boa luminosidade, mas de fácil portabilidade. Era intitulado *A Chama, a Lâmina e o Coração*, uma coleção de histórias sobre Birgitte e Gaidal Cain, Anselan e Barashelle, Rogosh Olho-de-águia e Dunsinin, e mais uma porção de casais. Aviendha afirmava gostar do livro por conta das aventuras e batalhas, e talvez fosse o caso, mas absolutamente todas as histórias também falavam do amor entre um homem e uma mulher. Egwene estava disposta a admitir que era daquilo que gostava, das tramas às vezes turbulentas e às vezes afetuosas de um amor eterno. Estava disposta a admitir para si mesma, pelo menos. Não era bem o tipo de diversão que uma mulher com qualquer juízo poderia confessar publicamente.

Na verdade, estava com menos vontade de ler do que estivera de comer — tudo o que realmente queria era tomar banho e dormir, e talvez aceitasse pular o banho —, mas, naquela noite, ela e Amyr se encontrariam com Nynaeve em *Tel'aran'rhiod*. Onde quer que Nynaeve estivesse no caminho para Ghealdan, ainda não seria noite, e aquilo significava ter de continuar acordada.

Elayne fizera sua nova trupe parecer bastante empolgante, na última vez que se encontraram, embora Egwene não achasse que Galad fosse motivo suficiente

para sair correndo daquele jeito. Em sua opinião, o gosto de Nynaeve e Elayne por aventuras simplesmente aumentara. Era uma pena a notícia sobre Siuan. Elas precisavam de uma mão firme para aquietá-las. Era estranho Egwene pensar isso a respeito de Nynaeve, a quem sempre vira como dona da mão firme. Mas, desde aquele episódio na Torre em *Tel'aran'rhiod*, precisara enfrentar Nynaeve cada vez menos.

Cheia de culpa, Egwene percebeu, ao virar a página, que estava ansiosa para o encontro daquela noite. Não por Nynaeve ser uma amiga, mas porque queria ver se os efeitos tinham durado. Se Nynaeve puxasse a trança, Egwene arquearia uma sobrancelha para ela e... *Luz, espero que não tenha durado. Se ela deixar algo escapular sobre aquele passeio, Amys, Bair e Melaine vão se revezar me esfolando viva, isso se simplesmente não me mandarem embora.*

Seus olhos continuavam tentando se fechar enquanto ela lia, sonhando vagamente com as histórias do livro. Egwene poderia ser tão forte quanto qualquer uma daquelas mulheres, tão forte e valente quanto Dunsinin ou Nerein ou Melisinde ou até mesmo Birgitte, tão forte quanto Aviendha. *Será* que Nynaeve teria juízo suficiente para controlar a língua diante de Amys, naquela noite? Pensou distraidamente em pegar Nynaeve pela nuca e sacudi-la. Bobagem. A mulher era alguns anos mais velha. Arquear uma sobrancelha para ela. Dunsinin. Birgitte. Tão resistente e forte quanto uma Donzela da Lança.

A cabeça de Egwene escorregou para as páginas, e ela tentou aninhar o livrinho debaixo do rosto conforme sua respiração ia desacelerando e ficando mais profunda.

* * *

Teve um sobressalto ao se ver em meio às grandes colunas de pedra vermelha do Coração da Pedra, na estranha luz de *Tel'aran'rhiod*, e levou outro susto ao notar que usava o *cadin'sor*. Amys não ficaria contente ao vê-la daquele jeito. Não acharia nada engraçado. Egwene se trocou depressa e ficou surpresa quando as roupas se alternaram entre uma blusa de *algode* e uma pesada saia de lã, e um belo vestido de seda azul bordada, antes de finalmente se decidir pela vestimenta Aiel, completa com seu bracelete de marfim entalhado com chamás e o colar de ouro e marfim. Fazia algum tempo que não ficava indecisa assim.

Por um momento, Egwene pensou em sair do Mundo dos Sonhos, mas suspeitou que estivesse dormindo profundamente em sua tenda. Era muito provável que só adentrasse os próprios sonhos, e não era sempre que tinha consciência neles. Sem consciência, não poderia retornar a *Tel'aran'rhiod*. E não estava disposta a deixar Amys e Nynaeve a sós juntas. Quem poderia saber o que Nynaeve diria, caso Amys a irritasse? Quando a Sábia chegasse, Egwene

diria simplesmente que também tinha acabado de chegar. As Sábias sempre apareciam um pouco antes dela, ou ao mesmo tempo, mas claro que, se Amys acreditasse que Egwene tivesse chegado lá apenas um segundo antes, não haveria problema.

A garota já estava quase que acostumada a sentir olhos invisíveis naquela vasta câmara. São só as colunas, as sombras e todo *este espaço vazio*. Ainda assim, torceu para que nem Amys nem Nynaeve demorassem muito. Mas demorariam. O tempo podia ser tão estranho em *Tel'aran'rhiod* quanto em qualquer sonho, mas com certeza ainda faltava uma longa hora para o encontro marcado. Talvez Egwene tivesse tempo para...

De repente, percebeu que estava ouvindo vozes — como sussurros distantes em meio às colunas. Agarrando *saidar*, moveu-se cautelosamente em direção ao som, para o local onde Rand deixara *Callandor* sob o grande domo. As Sábias afirmavam que, ali, ter controle sobre *Tel'aran'rhiod* conferia tanto poder quanto canalizar *saidar*, mas Egwene conhecia bem melhor suas habilidades com o Poder, e confiava mais nelas. Ainda escondida atrás de grossas colunas de pedra vermelha, ela parou e observou.

Não era uma dupla de irmãs Negras, como temera, e também não era Nynaeve. Em vez disso, ali estava Elayne, perto do cabo brilhante de *Callandor*, que se erguia das pedras do piso, absorta em uma conversa tranquila com uma mulher vestida da maneira mais estranha que Egwene já tinha visto. Usava um casaco branco curto de corte peculiar e calças amarelas com dobras na altura do tornozelo, logo acima de botas de cano curto com saltos altos. Uma intrincada trança de cabelos dourados caía pelas costas, e a mulher tinha nas mãos um arco que reluzia feito prata polida. As flechas na aljava também brilhavam.

Egwene fechou os olhos. Primeiro, as dificuldades com o vestido, depois aquilo. Ler a respeito de Birgitte — o arco de prata certamente a identificara — não era razão para imaginar vê-la. Birgitte esperava, em algum lugar, que a Trombeta de Valere convocasse não só ela, mas a todos os outros heróis para a Última Batalha. Mas, quando Egwene voltou a abrir os olhos, Elayne e aquela mulher de roupa estranha ainda estavam lá. Não entendia o que as duas estavam dizendo, mas desta vez acreditou no que viu. Estava a ponto de dar as caras e anunciar sua presença quando, atrás dela, ouviu-se uma voz.

— Decidiu vir mais cedo? E sozinha?

Egwene girou e ficou diante de Amys, seu rosto bronzeado jovem demais para os cabelos brancos, bem como de Bair e suas bochechas coriáceas. Ambas estavam de pé com os braços cruzados no peito. Até a maneira como os xales estavam apertados contra o corpo sinalizava desprazer.

— Peguei no sono — respondeu Egwene.

Estava adiantada demais para que sua mentira funcionasse. Mesmo enquanto explicava depressa o fato de ter cochilado e o porquê de não ter retornado, tirando a parte sobre não querer que Nynaeve e Amys conversassem sozinhas, a garota ficou surpresa em sentir um quê de vergonha por ter pensado em mentir, e alívio por não tê-lo feito. Não que a verdade fosse necessariamente salvá-la. Amys não era tão rígida quanto Bair — por pouco —, mas era bem capaz de mandá-la ficar empilhando rochas até o fim da noite. Muitas Sábias usavam trabalho inútil como forma de punição. Não havia como se enganar dizendo que se tratava de algo diferente do cumprimento de um castigo quando se estava enterrando cinzas com uma colher. Isso se elas simplesmente não se recusassem a ensiná-la mais nada, claro.

Egwene não conseguiu conter um suspiro de alívio quando Amys assentiu e disse:

— Acontece. Mas, na próxima vez, volte e sonhe seus sonhos. Eu poderia ter ouvido o que Nynaeve tem a dizer e contado a ela o que sabemos. Se Melaine não estivesse com Bael e Dorindha hoje à noite, também estaria aqui. Você assustou Bair. Ela está orgulhosa do seu progresso, e, se algo acontecesse com você...

Bair não parecia orgulhosa. Ao contrário, franziu ainda mais o cenho quando Amys fez uma pausa.

— Você tem sorte de Cowinde ter voltado para recolher seu jantar e ficado preocupada de você não acordar para ir para a cama. Se eu achasse que você passou mais do que alguns poucos minutos aqui sozinha... — Por um momento, seu olhar se aguçou, prometendo algo terrível, e depois a voz ficou mal-humorada. — Agora suponho que tenhamos que esperar Nynaeve chegar, só para evitar ouvir você implorando, se a mandarmos embora. Se temos que esperar, está bem, mas vamos usar o tempo em nosso benefício. Concentre sua mente em...

— Não é Nynaeve — disse Egwene, às pressas. Não queria saber como seria uma aula com Bair naquele estado de espírito. — É Elayne, e... — Sua voz foi falhando enquanto ela se virava. Elayne, trajando uma elegante seda verde apropriada para um baile, caminhava de um lado para outro, não muito longe de *Callandor*. Não se via Birgitte em lugar nenhum. *Eu não estava imaginando coisas.*

— Ela já está aqui? — questionou Amys, movendo-se para um local de onde também conseguiria enxergar.

— Outra jovem tola — resmungou Bair. — As garotas de hoje em dia têm menos cérebro e disciplina do que cabras. — Ela saiu andando à frente de Egwene e Amys e se plantou diante de Elayne, do outro lado do cabo reluzente de *Callandor*, as mãos na cintura. — Você não é minha pupila, Elayne de Andor, embora já tenha extraído de nós o suficiente para evitar que morra aqui, caso

tenha cuidado, mas, se fosse eu, a açoitaria da cabeça aos pés e a mandaria de volta para a sua mãe até você estar crescida o bastante para poder ficar longe dos olhos dela. E acho que isso poderia levar tantos anos quanto os que você já viveu. Sei que tem vindo sozinha ao Mundo dos Sonhos, você e Nynaeve. São duas tolas.

Elayne levou um susto quando as mulheres apareceram, mas, conforme a bronca de Bair se desenrolava, ela se empertigou, o queixo erguido daquele jeito gélido. O vestido da garota se tornou vermelho e adquiriu um brilho ainda mais bonito, além de ganhar um bordado nas mangas e em torno do corpete alto, incluindo leões brancos empinando sobre duas patas e lírios dourados, sua própria insígnia. Uma fina tiara dourada repousava em seus cachos louro-avermelhados, um único leão empinando confeccionado com pedras-da-lua acima das sobrancelhas. Elayne ainda não controlava aquilo muito bem. Por outro lado, talvez estivesse usando exatamente o que pretendia, daquela vez.

— Agradeço sinceramente sua preocupação — disse ela de forma majestosa. — Porém, é verdade que não sou sua pupila, Bair dos Shaarad Haido. Sou grata pela orientação, mas preciso trilhar meu próprio caminho nas tarefas que me foram incumbidas pelo Trono de Amyrlin.

— Uma morta — retrucou Bair friamente. — Você reafirma sua obediência a uma mulher morta.

Egwene quase sentia os pelos de Bair eriçados de raiva. Se não fizesse algo, a mulher poderia decidir ensinar a Elayne uma lição dolorosa. A última coisa de que precisavam era daquele tipo de confusão.

— O que... Por que você está aqui, em vez de Nynaeve? — Ia perguntar o que Elayne estava fazendo ali, mas aquilo teria dado uma abertura a Bair, e talvez soasse como se ela estivesse do lado da Sábia. O que *queria* perguntar era o que Elayne estivera fazendo ao conversar com Birgitte. *Eu não estava imaginando coisas.* Talvez fosse alguém sonhando que era Birgitte. Mas só quem entrava propositalmente em *Tel'aran'rhiol* permanecia ali por mais que alguns minutos, e Elayne decerto não teria ficado falando com nenhuma dessas pessoas. E *onde* Birgitte e os outros heróis ficavam esperando?

— Nynaeve está tratando de uma dor de cabeça. — A tiara sumiu, e o vestido de Elayne se tornou mais simples, com apenas alguns arabescos dourados em torno do corpete.

— Ela está doente? — indagou Egwene, preocupada.

— Só umas dores de cabeça e um ou dois machucados. — Elayne deu risada e fez careta ao mesmo tempo. — Ah, Egwene, você não ia acreditar. Os quatro Chavanas tinham ido jantar conosco. Para flertar com Nynaeve, na verdade. Tentaram flertar comigo nos primeiros dias, mas Thom teve uma conversinha com eles, e eles pararam. Thom não tinha o direito de fazer isso. Não que eu *quisesse* que flertassem comigo, entende. De qualquer forma, eles estavam lá,

flertando com Nynaeve, ou tentando, já que ela prestava tanta atenção neles quanto em moscas zumbindo, quando Latelle chegou e começou a bater em Nynaeve com um pedaço de pau, xingando-a de todos os nomes.

— Ela se machucou? — Egwene não tinha certeza sobre de qual das duas estava falando. Se o gênio de Nynaeve fosse atizado...

— Ela, não. Os Chavanas tentaram tirar Nynaeve de cima de Latelle, e é provável que Tearic manque por alguns dias, sem falar no lábio inchado de Brugh. Petra precisou carregar Latelle até o carroção, e duvido que ela ponha o nariz para fora durante algum tempo. — Elayne balançou a cabeça. — Luca não sabia a quem culpar. Com um dos acrobatas capenga e a treinadora de ursos chorando na cama, ele acabou culpando todo mundo, e achei que Nynaeve também fosse dar uns tapas nele. Pelo menos ela não canalizou. Uma ou duas vezes eu achei que fosse, até ela conseguir derrubar Latelle.

Amys e Bair trocaram olhares indecifráveis. Aquela certamente não era a maneira como esperavam que Aes Sedai se comportassem.

Egwene também ficou um pouco confusa, principalmente de tentar acompanhar todos aqueles nomes que só ouvira de passagem. Pessoas estranhas viajando com leões, cães e ursos. E uma Iluminadora. Não acreditava que o tal de Petra fosse mesmo tão forte quanto Elayne dizia. Mas, em todo caso, Thom estava comendo fogo e fazendo malabarismo, e o que Elayne e Juilin faziam soava tão estranho quanto, mesmo que ela usasse o Poder.

Se Nynaeve tivesse ficado com raiva a ponto de canalizar... Elayne deveria ter visto o brilho dela agarrando *saidar*. Com ou sem um motivo real para se esconder, as duas não permaneceriam ocultas por muito tempo, caso alguma delas canalizasse de modo que as pessoas percebessem. Os espiões da Torre certamente ficariam sabendo. Aquele tipo de notícia viajava rápido, ainda mais se estivessem em Amadicia.

— Então avise a Nynaeve que é melhor ela controlar o gênio, ou vai ganhar um sermão que não vai gostar de ouvir. — Elayne pareceu surpresa, já que Nynaeve certamente não lhe contara o que se passara entre as duas, e Egwene acrescentou: — Se ela canalizar, você pode ter certeza de que Elaida vai ficar sabendo tão rápido quanto um pombo conseguir voar até Tar Valon.

Não podia dizer mais nada. Aquilo já causou outra troca de olhares entre Amys e Bair. O que elas pensavam sobre a Torre estar dividida e sobre uma Amirlyn que, até onde se sabia, dera ordens para que uma Aes Sedai fosse drogada, nenhuma das duas jamais revelara. Quando queriam, as Sábias podiam fazer Moiraine parecer a fofoqueira da aldeia.

— Na verdade, queria estar sozinha com vocês duas. Se estivéssemos na Torre, nos nossos antigos quartos, eu diria umas palavrinhas para vocês.

Elayne se enrijeceu de modo tão régio e sereno quanto havia feito com Bair.

— Você pode falar comigo sempre que desejar.

Será que Elayne entendera? Sozinha: longe das Sábias. Na Torre. Egwene só podia torcer. Era melhor mudar de assunto e esperar que as Sábias não analisassem suas palavras com tanto cuidado quanto queria que Elayne fizesse.

— Essa briga com Latelle vai causar problemas? — No que Nynaeve estava pensando? Em casa, ela teria feito qualquer mulher de sua idade que agisse daquele jeito ser levada tão rápido ao Círculo das Mulheres que os olhos saltariam do rosto. — A esta altura, vocês já devem estar quase em Ghealdan.

— Mais três dias, segundo Luca, se tivermos sorte. O conjunto não viaja tão rápido.

— Talvez já seja hora de abandoná-lo.

— Talvez — respondeu Elayne, hesitante. — Eu realmente gostaria de andar nos ares na frente de... — Balançando a cabeça, ela olhou para *Callandor*. A gola do vestido baixou subitamente e logo tornou a subir. — Não sei, Egwene. Não conseguiríamos viajar muito mais rápido sozinhos, e ainda não sabemos exatamente para onde ir. — Aquilo indicava que Nynaeve não se lembrara de onde as Azuis estavam reunidas. Caso o relatório para Elaida estivesse correto. — Sem falar que Nynaeve talvez surte se tivermos que abandonar o carroção para comprar cavalos encilhados ou mais uma carruagem. Além do mais, estamos aprendendo um bocado sobre os Seanchan. Cerandin serviu como tratadora de *s'redit* na Corte das Nove Luas, sede do trono da Imperatriz Seanchan. Ontem ela nos mostrou coisas que pegou quando fugiu de Falme. Egwene, ela tinha um *a'dam*.

Egwene deu um passo à frente, as saias roçando *Callandor*. As armadilhas de Rand não eram físicas, independentemente do que Nynaeve pensasse.

— Vocês têm certeza de que ela não era *sul'dam*? — Sua voz tremia de raiva.

— Tenho certeza — respondeu Elayne, tranquilizadora. — Eu mesma pus o *a'dam* nela, e não teve nenhum efeito.

Aquele era um segredinho do qual nem mesmo os Seanchan sabiam, ou, se sabiam, escondiam muito bem. Suas *damane* eram mulheres nascidas com a centelha, mulheres que acabariam canalizando, mesmo que não fossem treinadas. Mas as *sul'dam*, que controlavam as *damane*, eram as mulheres que não conseguiriam um domínio profundo do Poder sem treinamento. Os Seanchan pensavam que mulheres capazes de canalizar eram animais perigosos que precisavam ser controlados, e mesmo assim, sem perceber, davam a elas uma posição de honra.

— Eu não entendo esse interesse pelos Seanchan. — Amys pronunciou o nome de modo estranho. Nunca ouvira falar naquilo até Elayne tocar no assunto, no último encontro. — O que fazem é terrível, mas eles se foram. Rand al'Thor os derrotou, e eles fugiram.

Egwene virou as costas e encarou as imensas colunas polidas que se estendiam até as sombras.

— “Se foram” não significa dizer que não voltarão mais. — Não queria que ninguém visse seu rosto, nem mesmo Elayne. — Temos que aprender tudo o que pudermos, caso um dia eles voltem.

Os Seanchan haviam colocado um *a'dam* nela, em Falme. Pretendiam enviá-la ao outro lado do Oceano de Aryth, até Seanchan, para que passasse o resto da vida feito um cão em uma coleira. Sentia uma fúria brotar dentro de si toda vez que pensava neles. E um medo também. Medo de que, se eles de fato retornassem, acabassem conseguindo capturá-la e mantê-la cativa. Era isso que não podia deixar que as mulheres percebessem: o completo terror que sabia que transparecia em seus olhos.

Elayne tocou o braço dela.

— Se eles realmente voltarem, estaremos prontas — disse, com a voz gentil. — Eles não nos pegarão desprevenidas e ignorantes de novo. — Egwene lhe deu um tapinha na mão, embora quisesse mesmo apertá-la. Elayne compreendia mais do que Egwene desejava, mas, ao mesmo tempo, isso era reconfortante.

— Vamos terminar o que nos trouxe até aqui — ordenou Bair, enérgica. — Você precisa dormir de verdade, Egwene.

— Mandamos *gai'shain* tirarem sua roupa e colocarem você debaixo dos cobertores. — Surpreendentemente, Amys soou tão gentil quanto Elayne. — Quando retornar ao seu corpo, vai poder dormir até de manhã.

As bochechas de Egwene enrubesceram. Pelos modos Aiel, alguns daqueles *gai'shain* podiam muito bem ser homens. Teria que falar com as Sábias sobre o assunto — com delicadeza, claro. As mulheres não entenderiam, e não se tratava de algo que ela ficaria à vontade em explicar.

O medo tinha desaparecido, percebeu. *Parece que tenho mais medo de passar vergonha do que dos Seanchan.* Não era verdade, mas se agarrou àquele pensamento.

De fato, havia muito pouco para contar a Elayne: finalmente estavam em Cairhien, Couladin devastara Selean e arrasara as terras vizinhas, e os Shaido ainda estavam dias à frente e se deslocando para oeste. As Sábias tinham mais informações que ela, já que não haviam ido imediatamente para suas tendas, ao fim do dia. Houvera alguns conflitos à noite, pequenos e com poucos participantes, uns homens montados que fugiram rápido. E outros homens a cavalo tinham sido avistados, mas foram embora sem lutar. Não houvera captura de prisioneiros. Moiraine e Lan pareciam pensar que os cavaleiros podiam ser bandidos ou partidários de uma ou outra Casa que estava tentando tomar o Trono do Sol. Todos igualmente maltrapilhos. Quem quer que fossem, a notícia de que havia mais Aiel em Cairhien logo se espalharia.

— Eles acabariam sabendo mais cedo ou mais tarde. — Foi o único comentário de Elayne.

Egwene ficou observando enquanto Elayne e as Sábias desapareciam — parecia que a garota e o Coração da Pedra estavam se desvanecendo. Sua amiga de cabelos dourados não deu nenhum sinal de que entendera a mensagem.





SONHOS COM GALAD

Em vez de retornar ao próprio corpo, Egwene flutuou na escuridão. Ela mesma parecia fazer parte da escuridão. Se seu corpo estava acima, abaixo ou ao lado, Egwene não sabia — não havia orientação ali —, mas sabia que estava perto e que poderia retornar com facilidade. No breu, libélulas pareciam cintilar, uma enorme horda desaparecendo a uma distância inimaginável. Aquilo tudo eram sonhos, sonhos dos Aiel no acampamento, sonhos de homens e mulheres por toda Cairhien, por todo o mundo — todos ali, reluzindo.

Agora já conseguia reconhecer alguns entre os mais próximos e até identificar o sonhador. De certa forma, aquelas faíscas eram tão parecidas quanto libélulas — e foi isso que lhe rendeu tantos problemas no começo —, mas, por outro lado, de algum modo, elas agora aparentavam ser tão únicas quanto rostos. Os sonhos de Rand e os de Moiraine pareciam desbotados, ofuscados pelas proteções que ambos haviam tecido. Os de Amys e Bair eram brilhantes e regulares em sua pulsação. Parecia que as duas haviam seguido o próprio conselho. Se não os tivesse avistado, Egwene teria voltado de imediato para o próprio corpo. As duas eram capazes de perambular por aquela escuridão com muito mais desenvoltura que ela, que não saberia da presença de nenhuma delas até que a atacassem. Se Egwene um dia aprendesse a reconhecer Elayne e Nynaeve da mesma maneira, poderia sempre encontrá-las naquela grande constelação, independentemente do lugar do mundo em que estivessem. Naquela noite, porém, não tinha a intenção de observar o sonho de ninguém.

Com cuidado, formou uma imagem bem nítida em sua mente, e no segundo seguinte estava de volta a *Tel'aran'rhiod*, no quatinho sem janelas, na Torre,

onde morara quando noviça. Havia uma cama estreita embutida em uma das paredes pintadas de branco. Uma pia e um banquinho de três pernas repousavam de frente para a porta, e os vestidos e anáguas de lã branca de quem agora ocupava o cômodo estavam pendurados com pregadores junto a um manto branco. Não teria sido estranho encontrar o quarto desocupado. Fazia muitos anos que a Torre não conseguia preencher os aposentos das noviças. O chão era quase tão claro quanto as paredes e as roupas. Todos os dias, as noviças que ali moravam esfregavam aquele piso de joelhos. Egwene fizera aquilo, assim como Elayne, no quarto ao lado. Se uma rainha fosse treinar na Torre, começaria em um quarto como aquele, esfregando o chão.

As vestimentas estavam arrumadas de um jeito diferente quando ela tornou a olhar, mas Egwene ignorou. Pronta para agarrar *saidar* em um piscar de olhos, abriu a porta apenas o suficiente para colocar a cabeça para fora. E respirou aliviada ao ver a cabeça de Elayne fazendo o mesmo movimento na porta ao lado, tão lentamente quanto ela. Egwene torceu para não estar com a mesma expressão hesitante e olhos arregalados. Acenou depressa, e Elayne se adiantou, trajando o branco das noviças que se transformou em um vestido de cavalgada de seda cinza-claro assim que ela zarpou para dentro. Egwene odiava vestidos cinzas. Era o traje das *damane*.

Permaneceu ali por mais alguns instantes, examinando os corredores dos aposentos das noviças. Ocupavam vários outros andares, acima e abaixo, até o Pátio das Noviças, no térreo. Não que Egwene de fato esperasse que Liandrin ou alguém pior estivesse ali, mas era sempre bom ter cuidado.

— Achei que era isso que você queria dizer — falou Elayne, quando Egwene fechou a porta. — Faz ideia de quanto é difícil lembrar o que eu posso ou não posso falar na frente de quem? Às vezes queria que a gente pudesse contar tudo logo para as Sábias. Deixar que saibam que somos apenas Aceitas e acabar com esse assunto.

— Eu é que ia acabar com você — retrucou Egwene, com firmeza. — Por acaso, estou dormindo a menos de vinte passadas delas.

Elayne estremeceu.

— Aquela Bair... Ela me lembra Lini quando eu quebrava algo em que não deveria nem encostar.

— Espere até conhecer Sorilea.

Elayne lhe lançou um olhar de dúvida, mas, por outro lado, Egwene não tinha certeza de que ela própria teria acreditado em Sorilea até conhecê-la. Não havia como fazer aquilo de um jeito fácil. Ela mexeu no xale.

— Me conte sobre o encontro com Birgitte. Era Birgitte, não era?

Elayne cambaleou como se tivesse sido atingida no estômago. Seus olhos azuis se fecharam por um momento, e ela respirou tão fundo que poderia ter se enchido de ar até a ponta dos pés.

— Não posso falar com você sobre isso.

— Como assim não pode falar? Você tem língua. Era Birgitte?

— Eu *não posso*, Egwene. Você precisa acreditar em mim. Se pudesse, eu contaria, mas não posso. Talvez... eu possa perguntar... — Se Elayne fosse o tipo de mulher que torcia as mãos, estaria fazendo isso. Sua boca se abriu e se fechou sem emitir nenhuma palavra, os olhos percorreram todo o quarto como se buscassem inspiração ou auxílio. Ela respirou fundo e fitou Egwene com um olhar azul urgente. — Qualquer coisa que eu diga viola segredos que jurei guardar. Inclusive isso. Por favor, Egwene. Você precisa confiar em mim. E não pode dizer a *ninguém* o que... acha que viu.

Egwene se forçou a tirar do rosto a expressão severa.

— Vou confiar em você. — Pelo menos já não tinha a menor dúvida de que não estivera vendo coisas. *Birgitte? Luz!* — Espero que um dia confie em mim o suficiente para me contar.

— Eu *confio* em você, mas... — Balançando a cabeça, Elayne se sentou na beira da cama muito bem-arrumada. — Guardamos segredos com frequência exagerada, Egwene, mas às vezes há um motivo.

Um momento depois, Egwene assentiu e se sentou ao lado dela.

— Quando você puder. — Foi tudo o que disse, mas a amiga lhe deu um abraço alívio.

— Eu disse a mim mesma que não perguntaria isto, Egwene. Que ao menos uma vez não ficaria só pensando nele. — O vestido de cavalgada cinza se transformou em um cintilante vestido verde. Era impossível que Elayne soubesse quão profundo era o decote. — Mas... Rand está bem?

— Está são e salvo, se é isso que você quer saber. Achei que ele foi duro em Tear, mas hoje eu o ouvi ameaçar enforcar os homens que não obedecerem a seus comandos. Não que sejam ordens ruins. Ele não vai deixar ninguém levar comida sem pagar ou assassinar pessoas, mas mesmo assim. Eles foram os primeiros a aclamá-lo como Aquele Que Vem Com a Aurora e o seguiram para fora do Deserto sem hesitação. E Rand os ameaçou, duro como aço.

— Não é uma ameaça, Egwene. Ele é um rei, seja lá o que você ou ele ou sei lá quem diga, e um rei ou uma rainha devem conferir justiça sem temer os inimigos ou favorecer os amigos. Qualquer um que faça isso precisa ser duro. Mamãe às vezes faz as muralhas da cidade parecerem macias.

— Mas ele não precisa ser tão arrogante — opinou Egwene, calma. — Eu deveria lembrá-lo de que ele é apenas um homem, como Nynaeve me pediu, mas ainda não descobri como fazer isso.

— Ele *precisa* se lembrar de que é apenas um homem. Mas tem o direito de esperar que o obedeçam. — Havia um toque de orgulho no tom de Elayne, até que a garota baixou o olhar para si mesma. Então seu rosto enrubescceu e o vestido verde de repente estampava uma gola rendada até abaixo do queixo. —

Tem certeza de que não está confundindo isso com arrogância? — concluiu, com voz abafada.

— Ele está tão presunçoso quanto um porco em uma plantação de grãos. — Egwene se remexeu na cama. Lembrava-se de ser dura, mas o colchão fino parecia mais macio do que onde dormia na tenda. Não queria falar sobre Rand. — Acha mesmo que essa briga não vai criar mais problemas? — Uma rixa com a tal de Latelle não facilitaria em nada a viagem deles.

— Acho que não. O problema de Latelle com Nynaeve era não ter mais todos os homens descompromissados à disposição para ela escolher. Algumas mulheres pensam assim, suponho. Aludra é reservada, Cerandin não assustaria nem um ganso até eu começar a ensiná-la a se defender, e Clarine é casada com Petra. Mas Nynaeve já deixou claro que vai dar um tapa no pé do ouvido de qualquer homem que sequer *pense* que pode flertar com ela, e já se desculpou com Latelle, então espero que isso resolva a questão.

— Ela se desculpou?

Elayne assentiu, com uma expressão tão pasma quanto Egwene sabia estar fazendo.

— Eu achei que Nynaeve ia bater em Luca quando ele disse que ela tinha que pedir desculpas... E ele parece pensar que a regra dela não se aplica a ele, aliás. Mas, bom, ela se desculpou, depois de reclamar por mais ou menos uma hora. Resmungando sobre você, na verdade. — Elayne hesitou e lançou um olhar de soslaio na direção de Egwene. — Você falou alguma coisa no último encontro? Nynaeve tem se comportado... diferente... desde então, e às vezes fica falando sozinha. Discutindo, na verdade. Sobre você, pelo pouco que escutei.

— Eu não disse nada que não deveria ter dito. — Então seu efeito sobre Nynaeve se mantinha, fosse qual fosse o motivo. Ou isso, ou Nynaeve estava acumulando raiva para a próxima vez que se encontrassem. Egwene não pretendia mais aturar o gênio da mulher, não agora que sabia que não precisava. — Fale que eu mandei dizer que ela já é velha demais para ficar rolando no chão em uma briga. Se ela se meter em outra dessas, vai ouvir coisas piores. Fale exatamente assim. Que vai ser pior.

Que Nynaeve ficasse com isso em mente até a próxima vez. Ou ela estaria mansa como uma ovelha... ou Egwene teria que cumprir a ameaça que fizera. Nynaeve podia até ser mais forte com o Poder quando era capaz de canalizar, mas, ali, a mais forte era Egwene. De um jeito ou de outro, pusera um fim nas birras de Nynaeve.

— Eu vou falar para ela — afirmou Elayne. — Você também está diferente. Parece haver algo da atitude de Rand em você.

Egwene precisou de um momento para perceber o que a garota quis dizer; aquele sorrisinho divertido ajudou.

— Não fale besteira.

Elayne gargalhou e lhe deu outro abraço.

— Ah, Egwene, um dia você vai ser o Trono de Amyrlin, quando eu for a Rainha de Andor.

— Se a Torre ainda existir até lá — retrucou Egwene em um tom sóbrio, fazendo a gargalhada de Elayne desaparecer.

— Elaida não tem como destruir a Torre Branca, Egwene. O que quer que ela faça, a Torre vai permanecer. Talvez ela não dure como Amyrlin. Assim que Nynaeve se lembrar do nome daquela cidadezinha, aposto que vamos encontrar uma Torre no exílio. E com todas as Ajahs, exceto a Vermelha.

— Espero que sim. — Egwene sabia que soava triste. Queria que as Aes Sedai apoiassem Rand e se opusessem a Elaida, mas isso significaria uma Torre Branca rompida, e que talvez nunca mais voltasse a ser inteira.

— Preciso voltar — avisou Elayne. — Nynaeve insiste que quem não entra em *Tel'aran'rhiod* tem que ficar acordada, e ela está com dor de cabeça. Tem mais é que tomar um de seus chás de ervas e dormir. Não sei por que ela é tão insistente. Quem fica assistindo não pode fazer nada para ajudar, e nós já sabemos o bastante para ficarmos seguras aqui. — Seu vestido verde piscou e, por um instante, se transformou no casaco branco e nas volumosas calças amarelas de Birgitte e logo voltou a ser o que era. — Ela disse que não era para eu lhe falar isso, mas acha que Moghedien está tentando nos encontrar. Nynaeve e eu.

Egwene não fez a pergunta óbvia. Estava claro que se tratava de algo que Birgitte lhes contara. Por que Elayne queria tentar manter aquilo em segredo? *Porque ela prometeu. Elayne nunca quebrou uma promessa em toda a vida.*

— Diga a ela para ter cuidado. — Se achasse que um dos Abandonados estava atrás dela, a chance de Nynaeve ficar sentada esperando era pequena. Ela se lembraria de que derrotara a mulher uma vez, e sempre tivera mais coragem do que bom senso. — Não podemos subestimar os Abandonados. Nem os Seanchan, mesmo que, supostamente, não passem de tratadores de animais. Diga isso a ela.

— Acho que você não me daria ouvidos se eu lhe dissesse para tomar cuidado também.

Ela lançou um olhar surpreso para Elayne.

— Eu sempre tomo cuidado. Você sabe disso.

— Claro. — A última coisa que Egwene viu enquanto a outra mulher ia desaparecendo foi um sorriso divertido.

Egwene não foi embora. Se Nynaeve não se lembrava de onde era aquela reunião das Azuis, talvez ali ela pudesse descobrir. Estava longe de ser uma ideia nova: aquela não era sua primeira visita à Torre desde o último encontro com Nynaeve. Mudou seu rosto para o de Enaila, os cabelos cor de fogo caindo até os

ombros, e um vestido de Aceita com faixas coloridas na bainha, então formou a imagem do gabinete da Amyrlin, com sua mobília ornamentada.

O cômodo estava como sempre, embora, a cada visita, menos bancos entalhados com vinhas permanecessem no arco em frente à ampla escrivaninha. Os quadros ainda estavam pendurados acima da lareira. Egwene caminhou rápido até a escrivaninha, empurrando de lado aquela cadeira que parecia um trono, com a Chama de Tar Valon incrustada em marfim, para poder alcançar a caixa de correspondências laqueada. Ao levantar a tampa, toda entalhada com falcões e nuvens, começou a vasculhar os pergaminhos o mais rápido que podia. Ainda assim, alguns sumiram sem serem lidos por completo, ou se modificaram. Não havia como dizer de antemão o que era importante e o que era inútil.

A maior parte parecia ser relatórios de fracassos. Ainda não havia pistas sobre o local para onde o Senhor de Bashere levaria seu exército, e uma nota de frustração e preocupação ecoava nas palavras. Aquele nome pareceu levemente familiar a Egwene, mas, sem tempo a perder, ela largou o relatório e tratou de apanhar outro. Nenhuma informação também sobre o paradeiro de Rand, dizia um relato bajulador com um tom de quase pânico. Era bom saber daquilo, o que já fazia a ida até lá ter valido a pena. Mais de um mês havia se passado desde que os espiões das Ajahs em Tanchico tinham dado notícia, e outros em Tarabon também estavam em silêncio. O autor da carta punha a culpa na anarquia do lugar. Os boatos de que alguém tomara Tanchico não puderam ser confirmados, mas o autor sugeria que o próprio Rand estava envolvido. Melhor ainda, caso Elaïda estivesse procurando no lugar errado, a mil léguas de distância. Um confuso relatório dizia que uma irmã Vermelha em Caemlyn afirmara ter visto Morgase em uma audiência pública, mas vários agentes das Ajahs na cidade disseram que a Rainha não aparecia há dias. Confrontos nas Terras da Fronteira, possíveis rebeliões menores em Shienar e Arafel. O pergaminho sumiu antes que ela chegasse ao motivo. Pedron Niall convocando os Mantos-brancos para Amadícia, provavelmente para ir contra Altara. Que bom que Elayne e Nynaeve só passariam mais três dias ali.

O pergaminho seguinte era sobre Elayne e Nynaeve. Primeiro, a autora se mostrava contrária a punir a agente que permitira que as duas escapassem — Elaïda havia riscado aquelas palavras com rabiscos fortes e escrito “Fazer dela um exemplo!” na margem —, e a seguir, quando a mulher começava a detalhar a busca pela dupla em Amadícia, a folha única se tornou um punhado, um maço do que pareciam ser as estimativas de construtores e pedreiros para a construção de uma residência privada para o Trono de Amyrlin na área da Torre. Mais para um palácio, pelo número de páginas.

Egwene deixou as páginas caírem, e elas desapareceram antes de se espalharem pelo tampo da escrivaninha. A caixa laqueada estava fechada outra vez. Egwene sabia que poderia passar o resto da vida ali. Sempre haveria mais

documentos na caixa, e eles sempre estariam mudando. Quanto mais efêmero era algo no mundo desperto — uma carta, uma peça de roupa, uma tigela que podia ser mudada de lugar com frequência —, menos firme era seu reflexo em *Tel'aran'rhiod*. Não podia ficar ali por muito tempo. Dormir enquanto estava no Mundo dos Sonhos não era tão repousante quanto um sono sem perturbações.

Saindo apressada da antecâmara, Egwene estava prestes a alcançar as pilhas organizadas de rolos e pergaminhos, alguns lacrados, na escrivaninha da Curadora, quando o aposento pareceu piscar. Antes que ela tivesse tempo de sequer considerar o que aquilo significava, a porta se abriu e Galad entrou, sorrindo, o casaco azul bordado ajustado com perfeição aos ombros, as calças justas delineando o formato das panturrilhas.

Egwene respirou fundo, o estômago palpitando. Simplesmente não era justo que um homem tivesse um rosto tão bonito.

Ele se aproximou, os olhos escuros cintilando, e roçou a bochecha dela com os dedos.

— Quer dar uma volta comigo no Jardim das Águas? — perguntou, com delicadeza.

— Se vocês dois querem trocar carícias — disse uma voz feminina, com rispidez —, não é aqui que vão fazer isso.

Egwene girou, e seus olhos arregalados fitaram Leane sentada atrás da escrivaninha com a estola de Curadora nos ombros e um sorriso afetuoso no rosto acobreado. A porta para o gabinete da Amyrlin estava aberta e, lá dentro, Sivan estava de pé ao lado de sua escrivaninha simples e polida, onde lia um longo pergaminho, a estola de trabalho listrada em seus ombros. Aquilo era loucura.

Egwene fugiu sem pensar na imagem que estava formando, e se pegou tentando recuperar o fôlego em meio à vegetação de Campo de Emond, as casas com telhado de palha ao redor, e o rio Fonte de Vinho jorrando da pedra para a vasta extensão de grama. Perto da fonte de águas lépidas repousava a pequena estalagem de seu pai, o andar inferior de pedra, o superior, de paredes caiadas. “O único telhado do tipo em Dois Rios”, como Bran al’Vere sempre dizia a respeito de suas telhas vermelhas. A grande fundação de pedra perto da Estalagem Fonte de Vinho, com um imenso carvalho se erguendo no centro, era bem mais antiga que a própria estalagem, mas alguns diziam que algum tipo de estalagem existira ali, ao lado do rio Fonte de Vinho, há mais de dois mil anos.

Idiota. Depois de ter alertado Nynaeve com tanta firmeza a respeito dos sonhos em *Tel'aran'rhiod*, Egwene quase se permitira ser apanhada em um dos seus. Embora fosse estranho Galad aparecer. Às vezes, de fato, sonhava com ele. Seu rosto esquentou. Certamente não o amava, ou sequer gostava tanto assim dele, mas Galad era bonito, e, naqueles sonhos, era bem mais do que ela poderia desejar. Era com Gawyn, o irmão dele, que Egwene sonhava com mais

frequência, mas aquilo era igualmente tolo. O que quer que Elayne tivesse dito, o homem nunca manifestara nenhum sentimento por ela.

Fora aquele livro bobo, com todas aquelas histórias de amantes. Assim que acordasse, de manhã, iria devolver aquele troço para Aviendha. E diria a ela que não acreditava nem um pouco que ela o lia por causa das aventuras.

Estava relutante em ir embora, no entanto. Casa. Campo de Emond. O último lugar onde realmente se sentira segura. Mais de um ano e meio havia se passado desde a última vez que vira o local, mas tudo parecia estar conforme lembrava. Nem tudo. No Campo, havia dois postes altos com grandes estandartes: uma águia vermelha e uma cabeça de lobo, também vermelha.

Será que Perrin tinha alguma coisa a ver com aquilo? Ela não conseguia imaginar como. Mas ele tinha ido para casa, foi o que disse Rand, e ela sonhara com ele e com lobos mais de uma vez.

Não podia mais ficar ali parada. Era hora de...

Pisca.

A mãe saiu da estalagem, a trança quase grisalha caída em um dos ombros. Marin al'Vere era uma mulher esbelta, ainda bonita, e a melhor cozinheira de Dois Rios. Egwene escutou o pai gargalhando no salão, onde estava reunido com o restante do Conselho da Aldeia.

— Ainda está aí fora, garota? — perguntou a mãe, bem-humorada, em uma repreensão gentil. — Você com certeza já está casada há tempo suficiente para saber que não deveria demonstrar para o seu marido que fica se lamuriando enquanto espera por ele. — Com um balançar de cabeça, ela gargalhou. — Tarde demais. Aí vem ele.

Egwene se virou, ansiosa, os olhos indo além das crianças que brincavam no Campo. As toras da Ponte das Carroças tamborilaram quando Gawyn as atravessou galopando e desceu da sela bem em frente a ela. Alto e ereto em seu casaco vermelho com bordados de ouro, o homem tinha os mesmos cachos acobreados da irmã, além de olhos maravilhosos de um azul profundo. Não era tão bonito quanto seu meio-irmão, claro, mas o coração dela batia mais forte por ele do que batera por Galad — *Por Galad? O quê?* —, e Egwene precisou apertar o estômago em uma vã tentativa de atenuar o friozinho que ele lhe causava.

— Sentiu minha falta? — perguntou Gawyn, sorrindo.

— Um pouco. — *Por que pensei em Galad? Como se eu tivesse acabado de vê-lo há poucos instantes.* — Uma vez ou outra, quando não havia nada de interessante para ocupar meu tempo. Você sentiu a minha falta?

A resposta dele foi erguê-la do chão e lhe dar um beijo. Egwene não prestou atenção em muito mais do que isso até ele a colocar de volta no chão, as pernas bambas. Os estandartes haviam desaparecido. *Que estandartes?*

— Aqui está ele — anunciou a mãe, aproximando-se com um bebê enrolado em um cobertor. — Aqui está seu filho. É um belo menino. Nunca chora.

Gawyn soltou uma gargalhada ao tomar a criança nos braços e erguê-la bem alto.

— Ele tem os seus olhos, Egwene. Vai fazer sucesso com as meninas, algum dia.

Sacudindo a cabeça, Egwene se afastou dos dois. *Houvera* estandartes, uma águia e uma cabeça de lobo vermelhas. Ela *tinha* visto Galad. Na Torre.

— Nãããããooooo!

Ela fugiu, saltando de *Tel'aran'rhiod* direto para o próprio corpo. Ficou consciente apenas o bastante para se perguntar como pôde ser tola a ponto de permitir que as próprias fantasias quase a aprisionassem, e em seguida já estava profundamente imersa e segura no próprio sonho. Gawyn atravessava a Ponte das Carroças galopando e descia...

* * *

Surgindo de trás de uma casa com telhado de palha, Moghedien se perguntou distraidamente onde ficaria aquele vilarejo. Não era o tipo de lugar onde esperaria encontrar estandartes ao vento. A garota era mais forte do que pensara, para conseguir escapar de sua tessitura em *Tel'aran'rhiod*. Nem Lanfear conseguia aperfeiçoar suas habilidades ali, independentemente do que afirmasse. A garota só era de seu interesse porque estivera conversando com Elayne Trakand, que poderia levá-la a Nynaeve al'Meara. O único motivo para prendê-la era livrar *Tel'aran'rhiod* de alguém capaz de andar livremente por lá. Já era ruim o bastante precisar dividir o Mundo dos Sonhos com Lanfear.

Mas havia Nynaeve al'Meara. Aquela mulher, Moghedien pretendia ver implorando para servi-la. Ela a capturaria pessoalmente, e talvez pedisse ao Grande Senhor para conceder imortalidade à garota, para que aquela Nynaeve tivesse toda a eternidade para se arrepender de ter se oposto a Moghedien. Ela e Elayne estavam planejando algo com Birgitte, não era? Outra que ela tinha motivos para punir. Birgitte nem soubera quem era Moghedien, muito tempo atrás, na Era das Lendas, quando frustrara seu plano, urdido com tanto esmero, para sobrepujar Lews Therin. Mas Moghedien sabia quem ela era. Só que Birgitte — Teadra, como então se chamara — havia morrido antes que a Abandonada pudesse dar conta dela. A morte não era uma punição, não era um fim, não quando significava viver ali.

Nynaeve al'Meara, Elayne Trakand e Birgitte. Aquelas três ela encontraria, e daria um jeito em todas elas. Vindo pelas sombras, para que não percebessem nada até que fosse tarde demais. Todas as três, sem exceção.

Ela desapareceu, e os estandartes continuaram tremulando ao sabor da brisa de *Tel'aran'rhiod*.





SALLIE DAERA

O halo de grandeza, azul e dourado, bruxuleava intermitentemente em torno da cabeça de Logain, embora ele cavalgasse encurvado na sela. Min não entendia por que o halo vinha aparecendo com mais frequência nos últimos dias. O homem já nem se dava ao trabalho de erguer os olhos das ervas daninhas à frente do garanhão negro para as pequenas colinas arborizadas a volta deles.

As outras duas mulheres cavalgavam juntas um pouco adiante, Siuan tão desajeitada em Bela quanto sempre, Leane conduzindo habilmente sua égua cinzenta, mais com os joelhos do que com as rédeas. Apenas a fileira tão reta que não podia ser natural de samambaias perpassando as folhas que cobriam o solo da floresta davam pista de que, um dia, houvera uma estrada ali. As samambaias estavam murchando, e o tapete de folhas secas farfalhava e crepitava sob as patas dos cavalos. Galhos que se entrelaçavam em aglomerados densos proporcionavam um pequeno abrigo para o sol do meio-dia, mas o clima não tinha nada de fresco. O suor escorria pelo rosto de Min, apesar de uma brisa ocasional que soprava por trás deles.

Já fazia quinze dias que cavalgavam para o oeste e o sul vindos de Lugard, guiados apenas pela insistência de Siuan de que sabia exatamente para onde estavam indo. Não que ela revelasse o destino, claro. Siuan e Leane mantinham a boca tão fechada quanto armadilhas para ursos. Min não tinha certeza nem se Leane sabia. Quinze dias, e cidadezinhas e aldeias foram ficando cada vez mais raras e distantes uma da outra, até que, finalmente, já não havia nenhuma. Dia após dia, os ombros de Logain haviam se curvado ainda mais, e, dia após dia, o halo aparecia com mais frequência. De início, o homem só passara a resmungar que estavam caçando Jak das Névoas, mas Siuan reconquistara sua liderança

sem oposição à medida que Logain foi se ensimesmando cada vez mais. Durante os últimos seis dias, ele parecera não ter nem a energia necessária para se importar com o lugar para onde estavam indo ou se conseguiriam chegar lá.

Mais à frente, Suan e Leane conversavam tranquilamente. Tudo o que Min ouvia era um murmúrio quase inaudível que também poderia ser o som do vento nas folhas. E, caso tentasse cavalgar mais perto, as duas lhe diriam para ficar de olho em Logain, ou simplesmente a encarariam até que só uma idiota completa fosse manter o nariz enfiado onde não fora chamada. Já haviam agido das duas maneiras com demasiada frequência. De tempos em tempos, no entanto, Leane se virava na sela para dar uma olhada em Logain.

Por fim, Leane deixou Flor da Lua diminuir o passo para andar ao lado do garanhão negro dele. O calor não parecia incomodá-la. Não mais que um brilho de suor maculava seu rosto acobreado. Min usou as rédeas para guiar Rosa Selvagem para o lado e abrir espaço.

— Agora falta pouco — disse Leane para ele, com voz abafada. Logain não tirou o olhar das ervas daninhas à frente do cavalo. Ela se inclinou mais para perto e segurou no braço dele para se equilibrar. Apertou-o, na verdade. — Só mais um pouco, Dalyn. Você vai ter sua vingança. — Os olhos dele continuaram monotonamente fixos na estrada.

— Um morto prestaria mais atenção — opinou Min, com sinceridade.

Vinha anotando mentalmente tudo o que Leane fazia, e conversava com ela a respeito, de noite, embora tentasse não revelar seus motivos. Jamais seria capaz de se comportar como Leane. *Só se estivesse tão cheia de vinho que já não conseguisse nem pensar.* Porém, algumas pistas poderiam vir a calhar.

— Se você o beijasse, quem sabe?

Leane lhe disparou um olhar que poderia ter congelado a água corrente de um riacho, mas Min mal olhou de volta. Nunca tivera com Leane os mesmos problemas que tinha com Suan — bem, não tantos, pelo menos — e os poucos conflitos haviam diminuído desde que a mulher deixara a Torre. E diminuído ainda mais quando começaram a conversar sobre homens. Como se sentir intimidada por uma mulher que lhe dissera, na mais absoluta seriedade, que havia cento e sete tipos diferentes de beijos e noventa e três maneiras de tocar o rosto de um homem com as mãos? Leane realmente parecia acreditar naquilo tudo.

Min não pretendia que a sugestão do beijo soasse como piada. Leane andara arrastando asa para Logan, dando sorrisinhos que deveriam fazê-lo soltar fumaça pelas orelhas, desde o dia em que o homem fora arrastado dos cobertores, em vez de acordar primeiro para apressar o resto do grupo. Min não sabia se a antiga Curadora sentia mesmo algo por ele, embora achasse difícil sequer considerar a possibilidade, ou se só estava tentando evitar que ele

desistisse e morresse, mantendo-o vivo para o que quer que Suan tivesse planejado.

Leane certamente não abria mão de flertar com outros homens. Ela e Suan pareciam ter combinado que Suan lidaria com as mulheres, Leane, com os homens, e assim tinha sido desde Lugard. Seus sorrisos e olhares já lhes tinham valido quartos em dois locais onde os estalajadeiros disseram que não havia nenhum, diminuído a conta nestes e em outros três, e, em duas oportunidades, garantira noites de sono em celeiros, em vez de arbustos. Também tinham feito com que os quatro acabassem perseguidos pela esposa de um fazendeiro com um forcado na mão. E mingau frio do café da manhã fora *arremessado* neles por outra. Mas Leane achara os dois incidentes engraçados, ainda que ninguém mais concordasse. Nos últimos dias, no entanto, Logain parara de reagir como todos os outros homens que passavam mais de dois minutos olhando para ela. Parara de reagir a ela e a qualquer outra coisa.

Suan freou Bela, sem jeito, os cotovelos abertos, parecendo prestes a cair a qualquer momento. O calor também não a afetava.

— Já faz a leitura dele hoje? — Ela mal olhou para Logain.

— Ainda é a mesma — respondeu Min, pacientemente.

Suan se recusava a entender ou a acreditar, não importava quantas vezes Min lhe dissesse, assim como Leane. Não teria feito diferença se ela não tivesse visto a aura desde aquela primeira vez, em Tar Valon. Mesmo que Logain estivesse caído na estrada, às portas da morte, ela teria apostado tudo o que tinha e o que não tinha em algum tipo de recuperação milagrosa. A aparição de uma Aes Sedai para Curá-lo. Qualquer coisa. O que ela via era sempre verdade. Sempre acontecia. Ela sabia, da mesma maneira que soubera, na primeira vez em que vira Rand al'Thor, que iria se apaixonar perdida e desesperadamente por ele, como soubera que teria que dividi-lo com duas outras mulheres. Logain estava destinado a uma glória com a qual poucos homens haviam sonhado.

— Não fale assim comigo — repreendeu-a Suan, os olhos azuis se tornando mais penetrantes. — Já é ruim o bastante ter que dar comida na boca desta carpa peluda para fazê-la se alimentar. Não preciso também de você rabugenta feito um martim-pescador no inverno. Posso até ser obrigada a aturá-lo, garota, mas se você também começar a me criar problemas, vai se arrepender rapidinho. Fui clara?

— Sim, Mara. — *Você ao menos podia ter dito isso com uma pitadinha de sarcasmo*, pensou, irritada. *Não precisa ser dócil feito um ganso. Você já respondeu Leane.* Na última aldeia, a domanesa sugerira que ela praticasse com um ferrador o que vinham conversando. Um homem alto e bonito, com mãos de aparência fortes e um sorriso tranquilo, mas, ainda assim... — Vou tentar ser menos rabugenta.

A pior parte foi perceber que tentara soar sincera. Sivan tinha esse efeito. Min não conseguia nem começar a imaginar aquela mulher discutindo maneiras de sorrir para um homem. Sivan encararia o sujeito, diria o que fazer e esperaria ser prontamente obedecida. Assim como fazia com todo mundo. Se fosse diferente, como com Logain, seria apenas porque o assunto não era suficientemente importante para que ela pressionasse.

— Não falta muito, não é? — indagou Leane, de repente. Ela guardava o outro tom de voz para os homens. — Não estou gostando da aparência dele, e se precisarmos parar mais uma noite... Bem, se ele cooperar menos do que cooperou hoje de manhã, não sei se vamos ser capazes de colocá-lo de novo na sela.

— Não muito, se aquelas últimas orientações que eu peguei estiverem certas.

Sivan parecia irritada. Havia feito perguntas na última aldeia, dois dias antes — sem deixar que Min ouvisse, claro, e Logain nem demonstrara interesse —, e não gostava que a lembrassem disso. Min não entendia o motivo. Não havia como Sivan esperar que Elaida estivesse atrás delas.

Ela mesma torcia para que não faltasse muito. Era difícil saber com certeza quanto para o sul já tinham viajado desde que saíram da estrada para Jehannah. A maioria dos aldeões só tinha uma vaga ideia da localização de suas aldeias com relação a qualquer outra coisa que não fosse as cidadezinhas mais próximas. Mas, quando o grupo cruzara o Manetherendrelle e entrara em Altara, um pouco antes de Sivan tirá-los da estrada movimentada, o velho balseiro grisalho, por algum motivo, revelara possuir um mapa esfarrapado que ilustrava até as Montanhas da Névoa. A menos que suas estimativas estivessem equivocadas, faltavam poucas milhas para que alcançassem outro rio bem largo. Ou era o Boern, o que significaria que já estavam em Ghealdan, onde o Profeta e seus seguidores estavam, ou o Eldar, com Amadícia e os Mantos-brancos do outro lado.

A aposta de Min era Ghealdan, com ou sem Profeta, e até isso seria uma surpresa, caso realmente estivessem perto. Só um tolo pensaria em encontrar uma reunião de Aes Sedai mais perto de Amadícia do que o estritamente necessário, e Sivan era tudo, menos tola. Estivessem eles em Ghealdan ou Altara, Amadícia não podia estar a muitas milhas de distância.

— Uma hora o amansamento ia afetá-lo — resmungou Sivan. — Tomara que consiga aguentar mais alguns dias... — Min manteve a boca fechada. Se a mulher não lhe daria ouvidos, não fazia sentido falar.

Sivan balançou a cabeça e esporeou Bela de volta para a frente, agarrando-se às rédeas como se esperasse que a robusta égua disparasse, e Leane retomou a voz aveludada e os mimos a Logain. Talvez ela realmente nutrisse sentimentos por ele. Não seria uma preferência mais estranha que a de Min.

Passavam por colinas arborizadas sem o menor sinal de mudança, uma profusão de árvores e emaranhados de ervas daninhas e silveiras. As samambaias que demarcavam a antiga estrada continuavam lá, retas como uma flecha. Leane dissera que o solo era diferente onde estivera a estrada, como se Min devesse conseguir reparar naquilo. Esquilos e suas orelhas felpudas volta e meia tagarelavam com eles de algum galho, e pássaros piavam vez ou outra. Quais pássaros, Min não chegava nem perto de adivinhar. Quando comparada a Caemlyn, Illian ou Tear, Baerlon nem podia ser considerada uma cidade, mas ela se via como uma mulher urbana. Um pássaro era um pássaro. E não se preocupava em saber em que tipo de solo uma samambaia florescia.

Suas dúvidas voltaram a emergir. Tinham dado as caras mais de uma vez desde Fontes de Kore, mas fora mais fácil reprimir suas questões, à época. De Lugard em diante, vinham à tona com mais frequência, e Min se viu pensando a respeito de Suan de maneiras que, no passado, jamais teria ousado pensar. Não que tivesse coragem de confrontar a mulher com qualquer de suas ponderações, claro. Admitir aquilo, até para si mesma, a deixava irritada. Mas talvez Suan *não* soubesse para onde estava indo. Ela podia mentir, já que o estancamento a livrara dos Três Juramentos. Talvez ainda estivesse apenas torcendo para que, ao continuar procurando, descobrisse algum rastro do que precisava desesperadamente encontrar. De maneira peculiar, decerto, e ainda aos poucos, Leane começara a construir uma vida longe de preocupações com poder, o Poder e Rand. Não que tivesse abandonado isso tudo de vez, mas Min achava que, para Suan, *não havia* mais nada. A Torre Branca e o Dragão Renascido eram toda a vida dela, e a mulher se agarraria aos dois mesmo que precisasse mentir para si mesma.

As florestas deram lugar a uma grande aldeia, tão subitamente que deixou Min atordoada. Liquidâmbares, carvalhos e pinheiros retorcidos — essas árvores ela reconheceu — contornavam umas cinquenta passadas de casas com telhado de palha, feitas de seixos do rio, equilibrando-se nas pequenas elevações. Min poderia apostar que até pouco tempo as árvores ocupavam bem mais espaço. Uma boa quantidade de troncos se erguia em moitinhas estreitas em meio a algumas das casas, inclinados contra as paredes, e, aqui e ali, havia cepos murchos perto da entrada das moradias. As ruas ainda tinham um aspecto de terra revolvida, não eram uma superfície endurecida e compacta, fruto de gerações e gerações de pés. Homens em camisas de manga curta estavam colocando palha nova em cima de três grandes cubos de pedra que só podiam ter sido estalagens — uma delas ainda apresentava os vestígios de uma placa desgastada e já apagada balançando acima da porta —, ainda que não houvesse nenhuma palha velha onde pudesse ver. Havia bem mais mulheres perambulando do que homens, e muito poucas crianças brincando, em

comparação com o número de mulheres. O cheiro de almoço no ar era a única característica normal do lugar.

Se o primeiro vislumbre surpreendeu Min, ela quase caiu do cavalo ao ver o que tinha diante de si. As mulheres mais jovens, sacudindo lençóis nas janelas ou realizando apressadamente diversas tarefas, trajavam vestidos simples de lã, mas nenhuma aldeia de nenhum tamanho abrigara tantas mulheres em vestidos de cavalgada de seda ou de ótima lã, em todas as cores e cortes. Em torno delas, e também da maior parte dos homens, auras e imagens flutuavam diante dos olhos de Min, piscando e se transformando. Era raro que as pessoas tivessem algo a ser lido, mas Aes Sedai e Guardiões dificilmente ficavam sem aura por períodos de mais de uma hora. As crianças deviam ter pertencido a serviçais da Torre. As Aes Sedai que se casavam eram raras e pouquíssimas, mas sabia que elas teriam feito todo o possível para levar os serviçais, com suas famílias, para longe de qualquer lugar do qual achassem que deveriam fugir. Suan encontrara a reunião que procurava.

Houve uma estranha calma quando adentraram a aldeia, em seus cavalos. Ninguém falou. Aes Sedai os observavam, imóveis, bem como garotas e mulheres mais jovens, que deviam ser Aceitas ou até noviças. Homens que momentos antes se moviam com a graça de um lobo estavam paralisados, uma das mãos enfiada na palha ou esticada para uma porta, onde, sem dúvida, havia armas escondidas. As crianças tinham sumido, levadas às pressas por adultos que só podiam ser serviçais. Sob todos aqueles olhares petrificados, o pelo na nuca de Min se arrepiou.

Leane parecia nervosa e lançava olhares de soslaio para as pessoas pelas quais passavam, mas Suan manteve o rosto sereno e calmo conforme liderava os demais em direção à maior das estalagens, a da placa ilegível, desmontando desajeitada para amarrar Bela ao anel de ferro de uma das colunas de pedra que pareciam ter sido erguidas há pouco tempo. Ajudando Leane a ajudar Logain a desmontar — Suan nunca se oferecia para colocá-lo ou tirá-lo da sela —, Min se pegou espiando os arredores. Todos observando, ninguém se movendo.

— Eu não esperava ser recebida como uma filha retornando para casa — murmurou para Leane —, mas por que ninguém dá nem um oi?

Antes que Leane pudesse responder, caso pretendesse fazê-lo, Suan se antecipou.

— Bem, não parem de remar só porque a margem já está perto. Tragam o homem para cá. — E sumiu lá dentro enquanto Min e Leane ainda conduziam Logain até a porta. Ele foi sem resistência, mas, quando as duas deixaram de guiá-lo, o homem só deu mais um passo antes de parar.

O salão era diferente de todos os que Min já tinha visto. As amplas lareiras estavam apagadas, claro, e havia rachaduras em pontos de onde as pedras tinham desmoronado. O teto de gesso parecia podre, com buracos tão grandes

quanto a cabeça dela e que deixavam as ripas à mostra. Mesas descombinadas, de todos os tamanhos e formas, repousavam sobre um piso que o tempo tornara áspero e que várias garotas estavam varrendo. Mulheres com rostos de idade indefinida estavam sentadas, examinando pergaminhos e dando ordens para Guardiões, uns poucos trajando o manto furta-cor, ou para outras mulheres, algumas das quais só podiam ser Aceitas ou noviças. Outras eram velhas demais para isso, cerca de metade já grisalha e acusando claramente a idade, e também havia homens que não eram Guardiões, a maioria correndo, como se estivessem levando mensagens, ou indo buscar pergaminhos e taças de vinho para as Aes Sedai. O alvoroço criava um clima agradável de eficiência. Auras e imagens dançavam e envolviam cabeças por todo o ambiente, e eram tantas que Min teve que tentar ignorá-las antes que a engolfassem. Não era fácil, mas fora um truque que tivera de aprender ao ficar em torno de mais do que um punhado de Aes Sedai de uma vez.

Quatro delas vieram devagar até a frente para cumprimentar os recém-chegados, graciosas e serenas em suas saias divididas. Para Min, ver seus traços familiares foi como chegar em casa depois de ter se perdido.

Os olhos verdes de Sheriam se fixaram imediatamente no rosto de Min. Raios prateados e azuis cintilavam em torno de seu cabelo carmesim, além de uma suave luz dourada. Min não sabia dizer o que aquilo significava. Levemente robusta em seu vestido de seda azul-escuro, ela parecia inflexível.

— Eu ficaria mais feliz de ver você, garota, se soubesse como descobriu nossa presença aqui e tivesse alguma noção de por que teve a ideia sem pé nem cabeça de trazê-lo para cá. — Meia-dúzia de Guardiões se aproximaram, mãos repousadas nas espadas e olhos fixos em Logain. Ele nem parecia percebê-los.

Min ficou boquiaberta. Por que estavam perguntando para *ela*?

— Ideia sem pé nem...? — Não teve a chance de dizer mais nada.

— Seria bem melhor — interrompeu Carlinya, friamente, as bochechas pálidas — se ele tivesse morrido, como dizem os boatos.

A frieza não era raiva, mas uma lógica puramente racional. Ela era da Ajah Branca. Seu vestido cor de marfim parecia já bastante usado. Por um instante, Min viu a imagem de um corvo flutuando ao lado do cabelo escuro da mulher. Pareceu mais o desenho de um corvo do que o pássaro em si. Pensou que fosse uma tatuagem, mas não sabia o que significava. Ela se concentrou nos rostos e tentou não prestar atenção em mais nada.

— De qualquer forma, ele parece quase morto — continuou Carlinya, quase sem pausa. — Qualquer que seja sua ideia, seu esforço foi em vão. Mas eu também gostaria de saber como chegaram a Salidar.

Siu'an e Leane ficaram paradas se entreolhando de modo presunçosamente divertido enquanto o massacre continuava. Ninguém nem *olhava* para elas.

Myrelle, linda em um vestido de seda verde com bordados dourados no corpete, o rosto de um oval perfeito, costumava exibir um sorriso sagaz que, às vezes, podia rivalizar com os novos truques de Leane. Naquele momento, quando apareceu por trás da irmã Branca, ela não estava sorrindo.

— Fale logo, Min. Nada de ficar aí boquiaberta feito uma boba. — A mulher era conhecida por seu temperamento impetuoso, mesmo entre as Verdes.

— Você precisa nos contar — acrescentou Anaiya, com uma voz mais gentil. No entanto, havia uma nota de exasperação nas palavras. Era uma mulher de aspecto comum e maternal, apesar da suavidade de Aes Sedai em seu rosto, e alisava as saias cinza-claro, parecendo uma mãe se contendo para não ir buscar uma vara. — Nós vamos achar um lugar para você e para estas duas outras garotas, mas precisa nos dizer como chegaram até aqui.

Min estremeceu e fechou a boca. Claro. Aquelas duas outras garotas. Já se acostumara tanto a ver as duas daquele jeito que nem pensava mais em quanto elas haviam mudado. Min duvidava que alguma daquelas mulheres tivesse visto Leane ou Suan desde que elas foram levadas para as masmorras no subsolo da Torre Branca. Leane parecia prestes a cair na gargalhada, e Suan balançou a cabeça de desgosto pelas Aes Sedai.

— Não é comigo que vocês querem falar — disse Min a Sheriam. *Deixem “estas duas garotas” enfrentarem estes olhares, para variar.* — Perguntem a Suan, ou a Leane. — As mulheres olharam para Min como se ela fosse louca, até a garota indicar as duas acompanhantes com a cabeça.

Quatro pares de olhos de Aes Sedai saltaram para as outras duas, mas não houve reconhecimento imediato. Elas analisaram, franziram a testa e se entreolharam. Nenhum dos Guardiões tirou os olhos de Logain nem as mãos das espadas.

— O estancamento pode produzir este efeito — murmurou Myrelle, por fim. — Já li relatos que sugerem isso.

— Os rostos estão um tanto parecidos — opinou Sheriam, hesitante. — Alguém poderia ter encontrado mulheres bem parecidas com elas, mas por quê?

Suan e Leane não pareciam mais presunçosas.

— Nós somos quem somos — afirmou Leane, seca. — Perguntem alguma coisa. Nenhuma impostora poderia saber o que sabemos.

Suan não esperou as perguntas.

— Meu rosto pode ter mudado, mas pelo menos eu sei o que estou fazendo e por quê. Aposto que isso é mais do que posso dizer de vocês.

Min lamentou aquele tom de voz duro, mas Myrelle assentiu.

— É a voz de Suan Sanche. É ela.

— É possível treinar vozes — ponderou Carlinya, ainda fria e calma.

— Mas até que ponto é possível ensinar memórias? — Anaiya franziu o cenho inflexível. — Suan, se é que você é Suan mesmo, nós tivemos uma

discussão no seu vigésimo-segundo aniversário, você e eu. Onde ela aconteceu e como terminou?

Suan sorriu confiante para a mulher de aspecto maternal.

— Durante sua aula para as Aceitas sobre o porquê de tantas nações criadas a partir do império de Artur Asa-de-gavião não terem conseguido sobreviver após a morte dele. Falando nisso, eu ainda discordo em algumas questões. O resultado foi eu ter passado dois meses trabalhando três horas por dia nas cozinhas. “Espero que o calor abafe e diminua o seu ardor”, acho que foi o que você disse.

Se ela tinha pensado que uma resposta seria suficiente, estava enganada. Anaiya tinha mais perguntas para as duas mulheres, assim como Carlinya e Sheriam, que, aparentemente, haviam sido noviças e Aceitas junto com a dupla. Eram todas o tipo de coisa que nenhuma impostora teria como saber, de enrascadas em que se meteram, brincadeiras bem ou malsucedidas, e opiniões gerais a respeito de várias professoras Aes Sedai. Min não acreditou que as mulheres que vieram a se tornar o Trono de Amyrlin e a Curadora das Crônicas se metiam em confusão com tanta frequência, mas ficou com a impressão de que aquilo tudo era apenas a ponta do iceberg, e parecia que a própria Sheriam talvez não estivesse muito atrás. Myrelle, a mais jovem por muitos anos, se limitava a comentários divertidos, até Suan falar sobre uma truta colocada na banheira de Saroyia Sedai e sobre uma noviça que passou um semestre inteiro sendo ensinada a melhorar o comportamento. Não que Suan tivesse muita condição de falar sobre alguém tendo que melhorar o comportamento. Ter de lavar com heléboro-branco as camisolas de uma Aceita de quem ela não gostava, quando ainda era noviça? Sair escondida da Torre para ir pescar? Até as Aceitas precisavam de permissão para deixar a área da Torre, exceto durante horários específicos. Juntas, Suan e Leane haviam inclusive resfriado um balde de água até quase congelá-lo, então o posicionaram de modo a ensopar uma Aes Sedai que batera nelas com uma vara, segundo as duas, injustamente. Pelo brilho nos olhos de Anaiya, foi bom para elas não terem sido descobertas naquela ocasião. Pelo que Min sabia do treinamento das noviças — e do das Aceitas, aliás —, aquelas mulheres tiveram sorte de terem permanecido por tempo suficiente para que se tornassem Aes Sedai, isso para não falar de ainda estarem com o couro intacto.

— Estou satisfeita — disse, por fim, a mulher de aspecto maternal, olhando para as demais.

Myrelle aquiesceu logo depois de Sheriam, mas Carlinya disse:

— Ainda há a questão do que fazer com ela. — A mulher encarou Suan, sem nem piscar, e as outras de repente pareceram desconfortáveis. Myrelle contraiu os lábios, e Anaiya examinou o chão. Alisando o vestido, Sheriam pareceu evitar até olhar para os recém-chegados.

— Ainda sabemos de tudo o que sabíamos antes — disse Leane, a testa franzida de preocupação, pelo menos em parte. — Podemos ter serventia.

O rosto de Suan estava sombrio — Leane parecera se divertir contando as travessuras e os castigos dos tempos de garota, mas Suan não gostara nem um pouco de fazer as revelações —, mas, em comparação com o olhar quase raivoso, a voz estava apenas levemente tensa.

— Vocês queriam saber como chegamos até aqui. Eu fiz contato com uma das minhas agentes que também trabalha para as Azuis e ela me contou sobre Sallie Daera.

Min não entendeu nada sobre a tal Sallie Daera — quem era essa mulher? —, mas Sheriam e as demais assentiram. Min se deu conta de que Suan fizera algo além de contar a elas como haviam chegado ali. Ela revelara que ainda tinha acesso aos espiões que lhe serviram nos tempos de Amyrlin.

— Sente-se ali, Min — orientou Sheriam, apontando para a única mesa que não estava sendo usada, a um canto. — Ou você ainda é Elmindreda? E leve Logain com você. — Ela e as outras três tomaram Suan e Leane pelos braços e as conduziram aos fundos do salão. Duas outras mulheres com vestidos de cavalgada se juntaram a elas, antes que todas desaparecessem por uma porta recém-confeccionada com tábuas rústicas.

Min suspirou, pegou Logain pelo braço e o levou até a mesa, onde o sentou em um banco áspero, e tomou para si uma cadeira instável com espaldar alto. Dois Guardiões se posicionaram bem perto, reclinados contra a parede. Não pareciam de olho em Logain, mas Min conhecia os Gaidin. Eles viam tudo e, mesmo dormindo, eram capazes de sacar as espadas mais rápido que um piscar de olhos.

Então não seriam recebidas de braços abertos, mesmo com Suan e Leane sendo reconhecidas. Ora, o que esperava? Suan e Leane haviam sido as duas mulheres mais poderosas da Torre Branca. Agora, não eram nem Aes Sedai. Era bem provável que as demais não soubessem como se comportar com relação a elas. E ainda apareceram com um falso Dragão amansado. Era melhor que Suan não estivesse mentindo ou apenas desejando ter um plano para ele. Min não achava que Sheriam e as outras seriam tão pacientes quanto Logain fora.

E Sheriam, ao menos, a reconheceria. Min voltou a ficar de pé por tempo suficiente para espiar a rua por uma janela com o vidro rachado. Os cavalos ainda estavam nos varões, mas um dos Guardiões que não estava de vigia a alcançaria antes que desamarrasse as rédeas de Rosa Selvagem. Naquela última ocasião, na Torre, Suan fizera um esforço enorme para disfarçá-la. Para nada, ao que parecia. Porém, Min achava que nenhuma das Aes Sedai sabia de suas visões. Suan e Leane mantiveram esse segredo. Min ficaria feliz se continuasse assim. Se aquelas Aes Sedai ficassem sabendo, a envolveriam em suas tramas

como Suan fizera, e ela nunca chegaria até Rand. Não seria capaz de pôr em prática o que aprendera com Leane, caso a mantivessem presa ali.

Ajudar Suan a encontrar aquela reunião e a trazer as Aes Sedai para o lado de Rand havia sido ótimo e importante, mas ela ainda tinha um objetivo pessoal: fazer um homem que nunca olhara para ela duas vezes se apaixonar antes de enlouquecer. Talvez ela própria fosse tão louca quanto ele estava fadado a ficar.

— Aí nós vamos formar um casal que combina — murmurou para si mesma.

Uma garota sardenta de olhos verdes que só podia ser uma noviça parou à mesa dela.

— Gostariam de algo para comer ou beber? Tem ensopado de carne de veado e peras selvagens. Também deve ter um pouco de queijo. — Ela fazia tanto esforço para não olhar para Logain que daria no mesmo encará-lo de olhos arregalados.

— Peras e queijo seria ótimo — respondeu Min. Os últimos dois dias tinham sido de fome. Suan conseguira fregar alguns peixes em um ribeirão, mas era Logain quem caçava quando não comiam em uma estalagem ou em alguma fazenda. Feijões secos não contavam como refeição, na opinião de Min. — E um pouco de vinho, se tiver. Mas, primeiro, eu queria uma informação. Onde estamos? Caso isso também não seja segredo. O nome desta aldeia é Salidar?

— Em Altara. O Eldar fica a cerca de uma milha a oeste. Do outro lado já é Amadicia. — A garota fez uma imitação fraca do jeito misterioso das Aes Sedai. — Onde seria melhor para Aes Sedai se esconderem do que no lugar onde jamais seriam procuradas?

— Não deveríamos ter que nos esconder — intrometeu-se uma jovem de pele escura e cabelos encaracolados, parando ao lado da noviça. Min a reconheceu: uma Aceita chamada Faolain. Imaginara que ela ainda estivesse na Torre. Até onde sabia, Faolain nunca gostara de nada nem ninguém, e costumava falar que escolheria a Ajah Vermelha quando fosse elevada. Seria uma seguidora perfeita de Elaida. — Por que vocês vieram para cá? E com *ele*! Por que *ela* veio? — Min não teve dúvidas sobre de quem ela estava falando. — Precisamos nos esconder por culpa dela. Não acreditei que ela tinha ajudado Mazrim Taim a escapar, mas, se ela apareceu aqui com *ele*, talvez tenha mesmo.

— Já chega, Faolain — disse uma mulher esbelta, os cabelos negros caindo até a cintura, dirigindo-se à Aceita de rosto redondo. Min pensou reconhecer a mulher naquele vestido de cavalgada dourado escuro: Edesina. Uma Amarela, acreditava. — Vá cuidar de suas obrigações. E se pretende trazer comida, Tabiya, traga. — Edesina não viu a reverência carrancuda de Faolain. A noviça fez uma melhor e saiu apressada. A Aes Sedai, por sua vez, pôs a mão na cabeça de Logain. Encarando a mesa, ele nem pareceu notar.

De repente, os olhos de Min perceberam uma coleira prateada em torno do pescoço da mulher, e, tão de repente quanto, a peça pareceu se estilhaçar. Min estremeceu. Não gostava de visões ligadas aos Seanchan. Pelo menos Edesina, de alguma forma, escaparia. Mesmo que Min estivesse disposta a se expor, não fazia sentido alertar a mulher. Não mudaria nada.

— É o amansamento — afirmou a Aes Sedai, após alguns momentos. — Ele desistiu de viver, suponho. Não há nada que eu possa fazer por ele. Não que eu esteja certa de que deveria ajudar, se pudesse. — O olhar que lançou a Min antes de se afastar estava longe de ser amigável.

Uma mulher elegante, parecendo uma estátua envolta em seda castanho-avermelhada, parou a alguns pés de distância e ficou examinando Min e Logain calmamente, os olhos neutros. Kiruna era uma Verde de modos majestosos. Min ouvira dizer que ela era uma das irmãs do Rei de Arafel, mas, na Torre, a mulher fora amigável com ela. Min sorriu, mas aqueles olhos escuros varreram-na sem reconhecê-la, e Kiruna saiu da estalagem a passos suaves sendo subitamente seguida por quatro Guardiões bem diferentes, mas que se moviam com o mesmo andar de aspecto letal.

Aguardando a comida, Min torceu para que Sivan e Leane estivessem tendo uma recepção mais calorosa.





A PRÁTICA DA MODÉSTIA

— Vocês estão completamente perdidas — disse Siuan para as seis mulheres à sua frente, sentadas em seis cadeiras de estilos diferentes.

O próprio aposento estava uma bagunça. Sobre duas grandes mesas de cozinha junto às paredes havia canetas, frascos de tinta e garrafas com areia muito bem-arrumadas. Lamparinas que não combinavam, algumas de cerâmica esmaltada e outras douradas, além de velas de todas as espessuras e comprimentos, estavam prontas para fornecer luz ao cair da noite. Um farrapo de tapete de seda illianense, rico em tons de azul, vermelho e dourado, repousava em um piso de tábuas ásperas e desgastadas. Ela e Leane estavam sentadas em uma ponta do tapete, de frente para as mulheres, do outro lado, de maneira a serem o foco de todos os olhares. Janelas com vidros quebrados ou substituídos por seda impermeável permitiam que uma brisa entrasse, mas não era o bastante para afastar o calor. Siuan disse a si mesma que não invejava aquelas mulheres por sua capacidade de canalizar, já havia superado a questão, mas as invejava pelo modo como nenhuma delas transpirava. Seu rosto estava bastante úmido.

— Todo esse movimento aí fora é só jogo de cena. Vocês podem estar enganando umas às outras, e talvez até os Gaidin, embora, se eu fosse vocês, não fosse contar com isso, mas não *me* enganam.

Ela gostaria que Morvrin e Beonin não tivessem se juntado ao grupo. Morvrin duvidava de tudo, apesar do aspecto plácido e, por vezes, vagamente ausente; era uma Marrom robusta com mechas grisalhas que exigia seis provas distintas antes de acreditar que peixes tinham escamas. E Beonin, uma bonita Cinza com

cabelos escuros cor de mel e grandes olhos azul-acinzentados que a faziam parecer sempre meio assustada, fazia Morvrin parecer fácil de enganar.

— Elaida tem a Torre nas mãos, e vocês sabem que ela vai lidar mal com Rand al'Thor — afirmou Suan com desdém. — Vai ser pura sorte ela não entrar em pânico e mandar amansá-lo antes de Tarmon Gai'don. Vocês sabem que não importa como se sintam sobre homens canalizando, as Vermelhas se sentem dez vezes pior. A Torre Branca está mais fraca quando deveria estar mais forte. Nas mãos de uma tola, quando precisa de uma líder competente. — Ela franziu o nariz e fitou-as uma a uma, olhos nos olhos. — E vocês aqui, sentadas, navegando com as velas abaixadas. Ou vão conseguir me convencer de que estão fazendo mais do que brincar com os dedos e estourar bolhas?

— Concorda com Suan, Leane? — indagou Anaiya com um tom de voz ameno.

Suan nunca entendera por que Moiraine gostava daquela mulher. Tentar convencê-la a fazer qualquer coisa que não quisesse era como bater em um saco cheio de penas. Ela não confrontava nem discutia com ninguém, simplesmente se recusava silenciosamente. Até o modo como se sentava, com as mãos entrelaçadas, parecia mais com o de uma mulher esperando para amassar o pão do que com uma Aes Sedai.

— Concordo em parte — respondeu Leane. Suan lhe lançou um olhar incisivo, que ela ignorou. — Sobre Elaida, com certeza. Ela vai fazer mau uso de Rand al'Thor, e isso é tão certo quanto o mau uso que vem fazendo da Torre. Quanto ao resto, sei que vocês se esforçaram muito para reunir o máximo de irmãs que conseguiram, e imagino que estejam trabalhando com o mesmo afinho para tomar alguma providência com relação a Elaida.

Suan bufou. Ao atravessar o salão, vira relances de alguns daqueles pergaminhos que estavam sendo examinados assiduamente: listas de provisões, lotes de madeira para reconstruções e designações para cortar lenha, consertar casas e limpar poços. Nada mais. Nada que se parecesse nem de longe com um relatório das atividades de Elaida. O plano daquelas mulheres era passar o inverno ali. Bastava que uma das Azuis fosse capturada depois de ficar sabendo de Salidar, uma única mulher levada a interrogatório — ela não guardaria o segredo por muito tempo, caso Alviarin fosse a responsável por interrogar — e Elaida saberia exatamente onde apanhá-las. Enquanto elas se preocupavam em plantar hortas e cortar madeira suficiente antes da primeira nevasca.

— Então esse assunto está encerrado — afirmou Carlinya com frieza. — Vocês parecem não entender que não são mais a Amyrlin e a Curadora. Não são mais nem Aes Sedai. — Algumas tiveram o cuidado de parecer constrangidas. Não Morvrin e Beonin, mas as outras. Nenhuma Aes Sedai gostava de falar sobre estancamento, ou de se lembrar disso. Achariam especialmente ruim fazer isso diante delas duas. — Não digo isso para ser cruel. Não acreditamos nas

acusações contra vocês, apesar do acompanhante de viagem, ou não estaríamos aqui, mas vocês não podem assumir suas antigas posições entre nós, e isso é um fato.

Siuan se lembrava bem de Carlinya como noviça e Aceita. Uma vez por mês, ela cometia algum leve deslize, uma coisinha pequena que lhe valia uma ou duas horas extras de tarefas. Exatamente uma vez por mês. Não queria que as demais a vissem como arrogante. Aqueles tinham sido os únicos deslizes dela — nunca quebrara outra regra ou dera um passo errado; isso não seria lógico — e, mesmo assim, nunca havia entendido por que as outras garotas a consideravam um bichinho de estimação das Aes Sedai. Um bocado de lógica e não muito bom senso: esta era Carlinya.

— Ainda que a punição de vocês tenha seguido estritamente o que diz a lei — disse Sheriam gentilmente —, concordamos que foi de uma injustiça maldosa, uma distorção extrema do espírito da lei. — O encosto da cadeira atrás de seus cabelos vermelhos era estranhamente entalhado com o que parecia um monte de serpentes brigando. — Não importa o que dizem os boatos, a maioria das acusações feitas contra vocês era tão frágil que deveria ter sido motivo de riso.

— Não a acusação de que ela sabia sobre Rand al'Thor e que conspirou para escondê-lo da Torre — interrompeu Carlinya bruscamente.

Sheriam aquiesceu.

— Mas, ainda que seja verdade, mesmo isso não era suficiente para a punição que foi dada. E vocês não deveriam ter sido julgadas em sigilo, sem sequer terem a chance de se defender. Jamais temam que viremos as costas para vocês. Vamos cuidar para que as duas sejam bem tratadas.

— Eu agradeço — respondeu Leane, a voz suave e quase trêmula.

Siuan fez uma careta.

— Vocês ainda nem me perguntaram sobre os espiões que posso usar. — Ela gostava de Sheriam na época em que estudavam juntas, embora os anos e as posições tivessem feito as duas se afastarem. “Bem tratadas”, pois sim! — Aeldene está por aqui? — Anaiya começou a balançar a cabeça antes de ficar imóvel. — Suspeito que não, ou vocês saberiam mais sobre o que está acontecendo. Vocês deixaram que continuassem enviando relatórios para a Torre. — Uma lenta compreensão despontou nos rostos de cada uma. Não tinham conhecimento do cargo de Aeldene. — Eu chefieei a rede de espiões da Ajah Azul antes de ser elevada a Amyrlin. — Mais uma surpresa. — Com um pequeno esforço, cada um dos agentes das Azuis, e também aqueles que me serviram na época de Amyrlin, podem passar a enviar os relatórios para vocês por meio de rotas que não revelem o destino final dos documentos. — Seria necessário bem mais do que um pequeno esforço, mas Siuan já rascunhara a maior parte do plano na cabeça, e não era preciso dizer mais que isso naquele momento. — E eles podem continuar a enviar relatórios para a Torre, relatórios

contendo o que... vocês quiserem que Elaida saiba. — Quase dissera “nós”. Precisava tomar cuidado com as palavras.

Claro que elas não gostaram daquilo. As mulheres que cuidavam das redes talvez só fossem conhecidas de algumas delas, mas todas eram Aes Sedai. Sempre haviam sido. Mas aquele era o único pé-de-cabra de que dispunha para abrir caminho para o círculo que tomava as decisões. Caso contrário, elas provavelmente enfiariam Suan e Leane em uma casa de campo com uma serviçal para cuidar delas, e as duas talvez recebessem uma rara visita de uma Aes Sedai que quisesse examinar mulheres que haviam sido estancadas, até o dia em que morressem. Em tais circunstâncias, morreriam logo.

Luz, talvez elas até nos arrumem casamentos! Havia quem pensasse que um marido e filhos eram capazes de ocupar o suficiente a vida de uma mulher para substituir o Poder Único. Mais de uma mulher, exaurida por canalizar acima de suas capacidades, ou por testar um *ter'angreal* de função desconhecida, se vira sendo apresentada a potenciais maridos. Como aquelas que de fato se casavam sempre mantinham o máximo possível de distância entre si mesmas e a Torre e suas lembranças, a teoria permanecia sem comprovação.

— Não deve ser difícil — afirmou Leane, timidamente — entrar em contato com as pessoas que foram meus espões antes de eu virar Curadora. Ainda mais importante, como Curadora das Crônicas, eu tinha agentes inclusive em Tar Valon. — Alguns olhos se arregalaram, embora os de Carlinya tenham se estreitado. Leane piscou, se mexeu desconfortavelmente e abriu um sorriso tímido. — Sempre achei uma tolice prestarmos mais atenção aos ânimos de Ebou Dar ou Bandar Eban do que ao humor da nossa própria cidade. — As mulheres deviam entender a importância de ter espões em Tar Valon.

— Suan. — Inclinando-se para a frente em sua cadeira de braços robustos, Morvrin pronunciou o nome com firmeza, como se quisesse enfatizar que não dissera “Mãe”. Agora seu rosto redondo parecia mais teimoso do que plácido, sua robustez, uma massa ameaçadora. Quando Suan era noviça, Morvrin raramente notava o mau comportamento das garotas ao seu redor, mas, quando notava, ela mesma cuidava da questão de um modo que fazia com que todas se sentassem bem eretas e pisassem com cuidado por vários dias. — Por que deveríamos permitir que você faça o que quer? Você foi estancada, mulher. O que quer que tenha sido, você não é mais uma Aes Sedai. Se quisermos os nomes desses agentes, vocês duas nos darão essas informações. — As últimas palavras traziam uma certeza absoluta. Elas dariam os nomes, de um jeito ou de outro. Se aquelas mulheres quisessem, elas dariam.

Leane tremeu visivelmente, mas a cadeira de Suan rangeu quando ela enrijeceu as costas.

— Sei que não sou mais a Amyrlin. Acham que eu não sei que fui estancada? Meu rosto mudou, mas meu interior não. Todo o meu conhecimento

ainda está na minha cabeça. Usem! Pelo amor da Luz, me usem!

Siuan respirou fundo para se acalmar. *Que me queime se eu permitir que elas me deixem de lado até apodrecer!* Quando ela fez uma pausa, Myrelle tomou a palavra.

— O temperamento de uma jovem para combinar com o rosto de uma jovem. — Ela sorriu, sentada na beira de uma poltrona de encosto duro que poderia estar diante da lareira de uma fazenda, caso o fazendeiro não se importasse com o verniz descamando. O sorriso, porém, não era o habitual, ao mesmo tempo lânguido e sagaz, e os olhos escuros, quase tão grandes quanto os de Beonin, estavam cheios de pena. — Tenho certeza de que ninguém quer que você se sinta inútil, Siuan. E tenho certeza de que todas nós desejamos fazer pleno uso do seu conhecimento. O que você sabe vai ser de grande serventia para nós.

Siuan não queria a pena dela.

— Vocês parecem ter se esquecido de Logain e de por que eu o arrastei de Tar Valon até aqui. — Ela não pretendia tocar no assunto por conta própria, mas se elas não iam mencionar... — Minha ideia “sem pé nem cabeça”?

— Muito bem, Siuan — cedeu Sheriam. — Por quê?

— Porque o primeiro passo para derrubar Elaida é fazer Logain revelar para a Torre, ou para o mundo inteiro, se for preciso, que a Ajah Vermelha armou para ele se tornar um falso Dragão e depois poder derrubá-lo. — Agora, sim, tinha a atenção de todas. — Ele foi encontrado pelas Vermelhas em Ghealdan pelo menos um ano antes de se proclamar, mas, em vez de levá-lo a Tar Valon para ser amansado, elas plantaram na cabeça dele a ideia de afirmar que era o Dragão Renascido.

— Você tem certeza disso? — perguntou Beonin, baixinho, com um pesado sotaque taraboniano. Estava sentada bem quieta na cadeira alta de assento trançado, observando com atenção.

— Ele não sabe quem Leane e eu somos. Conversou conosco algumas vezes durante a jornada até aqui, tarde da noite, quando Min estava dormindo e ele não conseguia descansar. Não disse nada antes porque acha que a Torre inteira estava por trás, mas sabe que foram as irmãs Vermelhas que o protegeram e falaram para ele sobre o Dragão Renascido.

— Por quê? — questionou Morvrin, e Sheriam assentiu.

— É, por quê? Qualquer uma de nós faria todo o possível para ver um homem como ele amansado, mas a Ajah Vermelha vive só para isso. Por que elas inventariam um falso Dragão? — perguntou Sheriam.

— Logain não sabe — respondeu Siuan. — Talvez achem que ganham mais capturando um falso Dragão do que amansando um pobre idiota que talvez aterrorizasse uma aldeia. Talvez elas tenham algum motivo para querer criar mais tumulto.

— Não estamos sugerindo que elas tenham tido alguma coisa a ver com Mazrim Taim ou qualquer um dos outros — acrescentou Leane, mais do que depressa. — Elaida com certeza poderá lhes dizer o que vocês querem saber.

Siuan observou-as ponderar o assunto em silêncio. Nem consideraram a possibilidade de que ela estivesse mentindo. *Uma vantagem de ter sido estancada.* Pareceu não ocorrer a elas que ter sido estancada podia ter quebrado todos os laços com os Três Juramentos. Algumas Aes Sedai estudavam mulheres estancadas, verdade, mas superficialmente e com relutância. Nenhuma delas queria ser lembrada do que poderia acontecer consigo mesma.

Quanto a Logain, Siuan não tinha preocupações. Não, desde que Min continuasse a ver o que andara vendo. Ele viveria o suficiente para revelar o que Siuan queria, assim que conversasse com o homem. Não ousara arriscar que Logain decidisse seguir o próprio caminho, o que ele poderia muito bem ter feito, caso ela tivesse lhe contado o plano antes. Mas aquela era a única chance que ele tinha de se vingar das que o amansaram, agora que estava cercado por Aes Sedai. Vingança apenas da Ajah Vermelha, verdade, mas ele teria que se contentar com aquilo. Mais valia um peixe no barco que um cardume na água.

Ela olhou de relance para Leane, que abriu o sorriso mais discreto possível. Isso era bom. Leane não havia gostado de ser mantida no escuro sobre os planos dela para o homem até aquela manhã, mas Siuan vivera tempo demais envolta em segredos para que fosse fácil revelar mais do que o necessário, até mesmo para uma amiga. Achou que a ideia do envolvimento da Ajah Vermelha com os outros falsos Dragões fora muito bem plantada. As Vermelhas haviam liderado sua deposição do Trono. Quando aquilo tudo terminasse, talvez a Ajah Vermelha não existisse mais.

— Isto muda bastante as coisas — afirmou Sheriam, depois de algum tempo. — Não podemos seguir uma Amyrlin capaz de fazer esse tipo de coisa.

— Segui-la?! — exclamou Siuan, pela primeira vez realmente perplexa. — Vocês realmente estavam considerando voltar lá para beijar o anel de Elaida? Sabendo o que ela fez e o que vai fazer? — Leane se agitou no assento, como se ela própria quisesse proferir alguns insultos, mas as duas haviam concordado que seria Siuan a perder a cabeça.

Sheriam parecia um pouco envergonhada, e as bochechas morenas de Myrelle estavam um pouco vermelhas, mas as outras receberam as palavras tão placidamente como se estivessem tomando um banho de sol.

— A Torre precisa ser forte — afirmou Carlinya, com a voz tão dura quanto uma pedra congelada. — O Dragão já Renasceu, a Última Batalha se aproxima, e a Torre precisa estar unida.

Anaiya assentiu.

— Nós compreendemos seus motivos para não gostar de Elaida, até para odiá-la. Nós realmente entendemos, mas precisamos pensar na Torre e no

mundo. Confesso que eu mesma não gosto de Elaida. Mas, por outro lado, também nunca gostei de Siuan. Não é necessário *gostar* do Trono de Amyrlin. Não precisa olhar assim, Siuan. Sua língua é afiada desde os tempos de noviça, e isso só piorou com o passar dos anos. E, como Amyrlin, você mandava irmãs para onde bem entendia e poucas vezes explicava o porquê. Essas duas coisas não são uma combinação agradável.

— Eu vou tentar... segurar a língua — disse Siuan, seca. Aquela mulher esperava que o Trono de Amyrlin tratasse todas as irmãs como amigas de infância? — Mas torço para que o que contei a vocês mude seu desejo de se ajoelhar aos pés de Elaida.

— Se essa é você segurando a língua — ponderou Myrelle indolente —, talvez eu mesma tenha que dobrá-la, caso deixemos que você administre os espiões para nós.

— Claro que não podemos voltar para a Torre agora — opinou Sheriam. — Não depois de saber disso. Não até estarmos em uma posição para depor Elaida.

— O que quer que ela tenha feito, as Vermelhas vão continuar a apoiá-la — afirmou Beonin, como um fato, não uma objeção. Não era segredo que as Vermelhas se ressentiam do fato de que não houvera uma Amyrlin de sua Ajah desde Bonwhin.

Morvrin anuiu vigorosamente.

— Outras também irão. Todas as que apoiaram Elaida por tempo demais para acreditar que agora têm outra opção. Todas as que apoiam autoridades, mesmo que sejam vis. E algumas que vão crer que estamos dividindo a Torre quando ela deveria estar unida a qualquer custo.

— Tirando as irmãs Vermelhas, todas podem ser abordadas — ponderou Beonin, com sensatez —, podem estar abertas a negociação. — Mediar e negociar era o que sua Ajah fazia.

— Parece que vamos fazer uso dos seus agentes, Siuan. — Sheriam correu o olhar pelas demais. — A menos que alguém aqui ainda ache que deveríamos tomá-los dela. — Morvrin foi a última a balançar a cabeça, mas finalmente o fez, após um olhar demorado que fez Siuan se sentir nua.

Ela não conseguiu conter um suspiro de alívio. Nada de uma vida curta murchando em uma casa de campo, mas sim uma vida com um propósito. Talvez ainda fosse uma vida curta — ninguém sabia quanto tempo uma estancada poderia viver tendo algo para substituir o Poder Único em sua vida —, mas, com um propósito, seria suficientemente longa. Quer dizer que Myrelle ia dobrar sua língua por ela, hein? *Eu vou mostrar para aquela Verde de olhos de raposa... Eu vou controlar a minha língua e me dar por satisfeita por ela não estar fazendo nada além de olhar para mim, isso sim. Eu sabia que isso ia acontecer. Que me queime, mas eu sabia.*

— Obrigada, Aes Sedai — disse, com o tom de voz mais humilde que conseguiu. Chamá-las daquilo lhe doía. Era mais uma mudança, mais um lembrete do que já não era. — Vou tentar fazer um bom trabalho. — Myrelle não precisava ter assentido com tanta satisfação. Suan ignorou uma vozinha interna dizendo que ela teria feito o mesmo ou até mais em seu lugar.

— Se me permitem uma sugestão — disse Leane —, não basta esperar até vocês terem apoio suficiente no Salão da Torre para depor Elaida. — Suan exibiu um olhar interessado, como se ouvisse aquilo pela primeira vez na vida. — Elaida está em Tar Valon, na Torre Branca, e, para o mundo, é a Amyrlin. No momento, vocês são apenas um bando de dissidentes. Ela pode dizer que vocês são rebeldes e conspiradoras, e, vindo do Trono de Amyrlin, o mundo vai acreditar.

— Não temos como impedi-la de ser a Amyrlin antes de depô-la — disse Carlinya, mudando de posição na cadeira com um desdém gélido. Se estivesse com o xale de franjas brancas, teria se enrolado nele.

— Vocês podem dar ao mundo uma verdadeira Amyrlin — Leane não se dirigiu à irmã Branca, mas a todas elas, encarando uma por uma, falando com confiança, mas, ao mesmo tempo, parecendo apenas fazer uma sugestão que torcia para que acatassem. Fora Suan quem apontara que as técnicas que ela usava com os homens podiam ser adaptadas para as mulheres. — Vi Aes Sedai de todas as Ajahs, menos da Vermelha, no salão e nas ruas. Façam com que elejam um Salão da Torre aqui, e deixem o Salão escolher uma nova Amyrlin. Ai vocês podem se apresentar ao mundo como a verdadeira Torre Branca, apenas exilada, e Elaida como uma usurpadora. Com mais as revelações de Logain, têm dúvida de quem as nações vão aceitar como o verdadeiro Trono de Amyrlin?

A ideia foi ouvida com interesse. Suan viu que elas estavam considerando a sugestão. O que quer que as demais tenham pensado, Sheriam foi a única a se pronunciar contrariamente:

— Vai significar que a Torre está de fato dividida — concluiu a mulher de olhos verdes, com tristeza.

— Ela já está dividida — retrucou Suan, amargamente, desejando não ter dito nada quando todas as mulheres olharam para ela.

Aquela ideia era para vir toda de Leane. Suan tinha a reputação de ser uma manipuladora hábil, e era bem possível que elas suspeitassem de qualquer sugestão sua. Por isso começara fulminando-as. Ninguém teria acreditado se ela começasse com palavras amenas. Suan falaria com elas como se ainda pensasse ser a Amyrlin, e deixaria que as mulheres a colocassem em seu devido lugar. Leane, por outro lado, pareceria mais cooperativa, oferecendo apenas o pouco que podia, e seria mais provável que as Aes Sedai lhe escutassem. Cumprir a parte que lhe cabia não tinha sido difícil — até chegar a hora de

suplicar. Então desejara pendurar todas elas para secar ao sol. Sentada ali sem fazer nada!

Você não precisava se preocupar com elas suspeitarem de algo. Para elas, você é um junco quebrado. Se tudo saísse como devia, elas não mudariam de opinião. Um junco útil, mas fraco, sobre o qual não se deveria pensar duas vezes. Fora um ajuste doloroso de se fazer, mas Duranda Tharne lhe mostrara, em Lugard, a necessidade disso. Aquelas mulheres só a aceitariam nos próprios termos, e Siuan teria de utilizar isso da melhor forma possível.

— Eu gostaria de ter pensado nisso — continuou ela. — Ouvindo agora, a ideia de Leane dá a vocês uma maneira de reconstruir a Torre sem precisar primeiro destruí-la por completo.

— Ainda não consigo concordar. — A voz de Sheriam endureceu. — Mas o que tiver que ser, será. Há de ser o que a Roda tecer, e, se a Luz quiser, ela vai tecer Elaída para longe da estola.

— Vamos precisar negociar com as irmãs que continuam na Torre — divagou Beonin, quase consigo mesma. — A Amyrlin que escolhermos precisa ser uma negociadora habilidosa, não?

— É necessário alguém que pense com cuidado — ponderou Carlinya. — A nova Amyrlin precisa ser uma mulher de lógica e juízo sereno.

O bufar de Morvrin foi alto o bastante para fazer todas saltarem em suas cadeiras.

— Sheriam é a mais elevada entre nós, e nos manteve unidas quando já estaríamos correndo em dez direções diferentes.

Sheriam balançou a cabeça vigorosamente, mas Myrelle não lhe deu chance de falar.

— Sheriam é uma escolha excelente. Posso garantir que todas as irmãs Verdes aqui a apoiariam, sei disso. — Anaiya abriu a boca, a concordância estampada em seu rosto.

Era hora de pôr um fim naquilo, antes que a situação saísse do controle.

— Me permitem uma sugestão?

Siuan achou que simulou a modéstia bem melhor do que administrara a docilidade. Foi preciso esforço, mas era melhor aprender a mantê-la. *Myrelle não é a única que vai tentar me enfiar no fundo de um porão se acharem que eu passei dos limites. Sejam eles quais forem.* Só que elas não tentariam, elas fariam. As Aes Sedai esperavam, ou melhor, exigiam respeito de quem não era uma igual.

— Me parece que qualquer que seja a escolhida de vocês, deve ser alguém que não estava na Torre quando eu... fui deposta. Não seria melhor que a mulher que vai voltar a unir a Torre fosse alguém que não se pudesse acusar de ter escolhido um lado naquele dia? — Se precisasse continuar com aquilo, sua cabeça acabaria explodindo.

— Alguém muito forte com o Poder — acrescentou Leane. — Quanto mais forte for, mais vai poder defender tudo o que a Torre representa. Ou voltará a representar, assim que Elaida cair.

Suan poderia ter dado um chute nela. Aquela ideia deveria aguardar um dia inteiro para ser jogada no ar quando elas já tivessem começado de fato a considerar nomes. Ela e Leane sabiam o suficiente a respeito de cada irmã para apontar alguma fraqueza, alguma dúvida para ser plantada sutilmente sobre sua aptidão para a estola e o cajado. Suan preferiria nadar nua no meio de um cardume de lúcios do que imaginar aquelas mulheres percebendo que ela estava tentando manipulá-las.

— Uma irmã que não estava na Torre — refletiu Sheriam, assentindo. — Faz bastante sentido, Suan. Muito bom. — Como era fácil conseguir tapinhas nas costas!

Morvrin contraiu os lábios.

— Não vai ser fácil encontrar essa escolhida.

— A força limita as possibilidades. — Anaiya olhou em volta para as demais. — Não só fará dela um símbolo melhor, pelo menos para as outras irmãs, como a força com o Poder costuma vir acompanhada de força de vontade, e a escolhida certamente vai precisar disso.

Carlinya e Beonin foram as últimas a concordar.

Suan manteve o rosto calmo, sorrindo só por dentro. A ruptura da Torre mudara muitas coisas, muitas maneiras de pensar, além da dela própria. Aquelas mulheres tinham guiado as irmãs reunidas ali, e agora estavam discutindo quem deveria ser apresentada ao novo Salão da Torre como se isso não devesse ser uma escolha do próprio Salão. Não seria difícil convencê-las, bem discretamente, de que a nova Amyrlin deveria ser alguém que elas pudessem manejar. E, sem saber, as mulheres e a Amyrlin que Suan escolhera para substituí-la seriam guiadas por ela própria. Ela e Moiraine tinham trabalhado tempo demais para encontrar Rand al'Thor e prepará-lo, haviam dado muito de suas vidas para que arriscasse que o tempo que ainda lhe restava fosse estragado por outra pessoa.

— Me permitem outra sugestão? — A modéstia simplesmente não fazia parte de sua natureza. Ela teria que encontrar outra coisa. Tentando não ranger os dentes, esperou Sheriam assentir antes de prosseguir: — Elaida vai tentar descobrir onde Rand al'Thor está. Quanto mais para o sul eu vim, mais boatos escutei de que ele já saiu de Tear. Acho mesmo que sim, e acho que concluí para onde ele foi.

Suan não precisava dizer que elas tinham que encontrá-lo antes de Tar Valon. Todas compreendiam isso. Não só Elaida certamente lidaria mal com Rand, como, caso pusesse as mãos nele e o tivesse blindado e sob seu controle, qualquer esperança de derrubá-la cairia por terra. Os governantes conheciam as

Profecias, ainda que seus povos não conhecessem. Eles perdoariam uma dúzia de falsos Dragões, por pura necessidade.

— Para onde? — rosnou Morvrin, um instante antes de Sheriam, Anaiya e Myrelle também perguntarem em uníssono.

— Para o Deserto Aiel.

Houve um momento de silêncio, até que Carlinya disse:

— Isso é ridículo.

Siuan conteve uma resposta raivosa e sorriu de um jeito que esperava ser apologético.

— Talvez, mas eu li um pouco sobre os Aiel quando me tornei uma Aceita. Gitara Moroso achava que algumas das Sábias Aiel pudessem canalizar. — Gitara era a Curadora, naquela época. — Um dos livros que ela me deu para ler, um volume velho que ficava no canto mais poeirento da biblioteca, afirmava que os Aiel se autointitulavam o Povo do Dragão. Eu não me lembrei disso até tentar decifrar para onde Rand poderia ter ido. As Profecias dizem que “a Pedra de Tear não cairá até que o Povo do Dragão venha”, e havia Aiel na conquista da Pedra. Sobre isso, todos os boatos e histórias estão de acordo.

De repente, os olhos de Morvrin pareceram se desviar para outro lugar.

— Lembro de especulações sobre as Sábias, na época em que fui elevada ao xale. Seria fascinante, caso fosse verdade, mas os Aiel recebem Aes Sedai apenas um pouco melhor do que recebem qualquer outra pessoa que entre no Deserto, e parece que as Sábias têm alguma lei ou costume que as proíbe, pelo que eu entendi, de falar com estranhos, o que torna extremamente difícil se aproximar o suficiente de uma delas para sentir se... — Ela estremeceu de repente e encarou Siuan e Leane como se suas divagações tivessem sido culpa delas. — Algo que você se lembra de ter lido em um livro que provavelmente foi escrito por alguém que nunca viu um Aiel é um fio muito frágil para se tecer um cesto.

— Um fio muitíssimo frágil — reforçou Carlinya.

— Mas que faça valer a pena mandar alguém para o Deserto? — Foi preciso se esforçar para fazer daquilo uma pergunta, em vez de uma ordem. Siuan achava que ia derreter em suor, caso não encontrasse outra maneira. Ainda tinha controle suficiente sobre si mesma para ignorar o calor, geralmente, mas não enquanto tentava arrastar aquelas mulheres consigo sem que elas percebessem seu punho no cabelo delas. — Não creio que os Aiel tentariam machucar uma Aes Sedai. — Não se a mulher fosse rápida em mostrar que era uma Aes Sedai. Siuan realmente achava que não. Precisavam arriscar. — E, caso ele esteja no Deserto, os Aiel vão saber. Lembrem-se daqueles Aiel na Pedra.

— Talvez — ponderou Beonin, hesitante. — O Deserto é grande. Quantas pessoas precisaríamos mandar?

— Se o Dragão Renascido estiver no Deserto — disse Anaiya —, o primeiro Aiel que for encontrado vai saber disso. Rand al'Thor está no centro de todos os acontecimentos. Ele não conseguiria escorregar e cair no oceano sem fazer um barulho que seria ouvido em todos os cantos do mundo.

Myrelle sorriu.

— Tem que ser uma Verde. Ninguém do restante de vocês cria elos com mais de um Guardião, e dois ou três Gaidin podem ser muito úteis no Deserto até os Aiel perceberem que se trata de uma Aes Sedai. Eu sempre quis ver um Aiel. — Ela havia sido noviça durante a Guerra dos Aiel, e não tivera permissão para sair da Torre. Não que qualquer Aes Sedai tenha tomado parte na guerra, além de Curar, claro. Os Três Juramentos as impediam, a menos que Tar Valon, ou talvez até a própria Torre, fosse atacada. E aquela guerra não chegara a cruzar os rios.

— Nem você — avisou Sheriam — nem qualquer outra integrante deste Conselho. Quando concordou em se juntar a nós, Myrelle, concordou em ir até o fim, o que não inclui perambular por aí só porque está entediada. Receio que vá haver mais situações emocionantes do que qualquer uma de nós gostaria, até isso tudo terminar. — Em outras circunstâncias, ela teria sido uma excelente Amyrlin. Naquela, era simplesmente forte e segura demais de si. — Mas Verde... É, acho que sim. Duas? — Seus olhos verdes passearam por todas as demais. — Para garantir?

— Kiruna Nachiman? — sugeriu Anaiya.

— Bera Harkin? — acrescentou Beonin.

As outras assentiram, exceto Myrelle, que se remexia, irritada. Aes Sedai não faziam bico, mas ela chegou perto.

Siu'an respirou aliviada pela segunda vez. Tinha certeza de que seu raciocínio estava correto. Ele fora para algum lugar e, se estivesse em qualquer ponto entre a Espinha do Mundo e o Oceano de Aryth, os boatos estariam correndo de vento em popa. E, onde quer que ele estivesse, Moiraine estaria lá, segurando-o pelo colarinho. Kiruna e Bera com certeza estariam dispostas a levar uma carta para Moiraine, e haveria sete Guardiões com elas para evitar que os Aiel as matassem.

— Não queremos cansar você e Leane — prosseguiu Sheriam. — Vou pedir para uma das irmãs Amarelas dar uma olhada em vocês. Talvez ela possa fazer algo para ajudar, aliviá-las de alguma forma. Vou mandar arrumarem quartos onde possam descansar.

— Se você vai ser nossa chefe dos espiões — completou Myrelle, solícita —, deve se manter forte.

— Não sou tão frágil quanto vocês parecem pensar — protestou Siuan. — Se fosse, teria conseguido vir atrás de vocês por quase duas mil milhas? Qualquer fraqueza que eu tenha tido, depois de ser estancada, já ficou no passado,

acreditem. — A verdade era que tinha reencontrado um centro de poder e não queria abandoná-lo, mas não podia dizer isso. Todos aqueles olhos preocupados fixos nela e em Leane. Bem, não o de Carlinya, particularmente, mas os demais. *Luz! Vão mandar uma noviça nos enfiar na cama para tirarmos uma soneca!*

Uma batida na porta foi imediatamente sucedida por Arinvar, Guardião de Sheriam. Cairhieno, ele não era alto nem esbelto, mas, apesar das têmperas grisalhas, tinha o rosto severo e se movia como um leopardo à espreita.

— Há uns vinte e poucos cavaleiros a leste — anunciou, sem cerimônia.

— Não são Mantos-brancos — afirmou Carlinya —, ou imagino que vocês teriam nos informado.

Sheriam a encarou. Muitas irmãs ficavam irritadiças quando outra se colocava entre ela e seus Gaidin.

— Não podemos permitir que fujam, talvez para espalhar informação de que estamos aqui. Eles podem ser capturados, Arinvar? Eu preferia isso a matá-los.

— As duas opções podem ser bem difíceis — respondeu ele. — Machan afirma que estão armados e aparentam ser veteranos. Valem dez vezes mais do que a mesma quantidade de jovens.

Morvrin soltou um muxoxo contrariado.

— Temos que conseguir uma coisa ou outra. Me perdoe, Sheriam. Arinvar, os Gaidin conseguiriam levar sorrateiramente algumas das irmãs mais ágeis até bem perto desses homens para tecer Ar em torno deles?

Ele balançou minimamente a cabeça.

— Machan diz que eles podem ter visto alguns Guardiões vigiando. Com certeza perceberiam se tentássemos levar mais de uma ou duas de vocês até lá perto. Mas ainda estão se aproximando.

Siuan e Leane não foram as únicas a trocar olhares surpresos. Poucos homens viam um Guardião que não quisesse ser visto, mesmo sem o manto dos Gaidin.

— Então vocês devem fazer como acharem melhor — disse Sheriam. — Capturem esses homens, se possível. Mas nenhum pode escapar para nos denunciar.

Antes que Arinvar pudesse concluir a reverência, a mão no punho da espada, outro homem apareceu ao lado dele, escuro, alto e largo feito um urso, com cabelos até os ombros e uma barba cerrada que deixava o lábio superior aparente. Os movimentos fluidos de um Guardião pareciam estranhos nele. O homem piscou para Myrelle, sua Aes Sedai, enquanto falava com forte sotaque illianense:

— A maioria deles, no caso, resolveu ficar onde estava, mas um parece estar vindo sozinho. Mesmo que minha velha mãe discordasse, eu ainda diria que é Gareth Bryne, pelo que consegui ver.

Suan o encarou, as mãos e os pés subitamente frios. Havia muitos rumores de que Myrelle havia se casado com este Nuhel e com os outros dois Guardiões, o que desafiava as convenções e leis de todas as terras de que Suan já tinha ouvido falar. Era o tipo de pensamento incongruente que flutuava por uma mente em choque, e naquele momento ela se sentia como se um mastro tivesse desabado em sua cabeça. Bryne, ali? *Impossível! É loucura! Claro que o homem não poderia tê-las seguido todo esse tempo para... Ah, sim, poderia e seguiria. Aquele ali seguiria.* Enquanto viajavam, ela dissera a si mesma que se tratava apenas de cautela e sensatez não deixar rastros, que Elaida sabia que as duas não estavam mortas, independentemente dos boatos, e que não pararia de caçá-las até que fossem encontradas ou que ela fosse derrubada. Suan ficara irritada de ter precisado pedir informações, ao fim, mas o pensamento que a devorara feito um tubarão não tinha sido o de que Elaida, de alguma forma, pudesse encontrar um ferreiro de uma pequena aldeia em Altara, mas sim de que tal ferreiro fosse como uma placa pintada para Bryne. *Eu falei para você que era uma tolice, não falei? E agora aqui está ele.*

Suan se lembrava muito bem do confronto quando precisara dobrá-lo na questão envolvendo Murandy. Fora como dobrar uma barra espessa de ferro, ou alguma mola imensa que saltaria de volta se ela a soltasse por um instante. Precisara fazer uso de toda a sua força, tivera de humilhá-lo publicamente, para garantir que Bryne permanecesse curvado pelo tempo que fosse necessário. Ele não podia ir contra o que havia concordado em fazer de joelhos, suplicando o perdão dela, com cinquenta nobres assistindo a tudo. A própria Morgase já havia sido bem difícil, e Suan não estivera disposta a arriscar que Bryne desse à rainha uma desculpa para desobedecer suas instruções. Estranho pensar que ela e Elaida haviam trabalhado juntas naquela ocasião, quando obrigaram Morgase a obedecê-las.

Precisava manter a compostura. Estava atordoada, pensando em tudo, menos no que tinha de pensar. *Concentre-se. Não é hora de entrar em pânico.*

— Vocês precisam expulsá-lo daqui. Ou matá-lo.

Soube que fora um erro enquanto as palavras ainda estavam saindo da boca, todas exalando urgência. Até os Guardiões olharam para ela, assim como as Aes Sedai... Nunca antes soubera qual era a sensação, para alguém desprovida do Poder, de ter aqueles olhos em si com força total. Sentiu-se nua, com a própria mente despida. Mesmo sabendo que Aes Sedai não eram capazes de ler pensamentos, ainda teve vontade de se confessar antes que aquelas mulheres listassem suas mentiras e crimes. Suan torceu para que seu rosto não estivesse como o de Leane, com as bochechas vermelhas e os olhos arregalados.

— Você sabe por que ele está aqui. — A voz de Sheriam tinha uma certeza tranquila. — Vocês duas sabem. E não querem confrontá-lo. A ponto de nos pedir para matá-lo para vocês.

— São poucos os grandes capitães ainda vivos. — Nuhel listou-os nos dedos enluvados: — Agelmar Jagad e Davram Bashere nunca vão sair da Praga, eu acho, e Pedron Niall, no caso, seria inútil para vocês. Se Rodel Ituralde estiver vivo, vai estar atolado no que resta de Arad Doman. — O homem ergueu o dedo grosso. — E então só resta Gareth Bryne.

— Então você acha que vamos precisar de um grande capitão? — indagou Sheriam, em voz baixa.

Nuhel e Arinvar não olharam um para o outro, mas, ainda assim, Siuan teve a sensação de que os dois haviam se entreolhado.

— A decisão é sua, Sheriam — respondeu Arinvar, no mesmo tom. — Sua e das outras irmãs, mas, se sua intenção é voltar para a Torre, Bryne poderia ser útil. Se pretendem permanecer aqui até Elaida vir atrás de vocês, então, não. — Myrelle fitou Nuhel com um olhar questionador, e o homem assentiu.

— Parece que você estava certa, Siuan — disse Anaiya com ironia. — Não enganamos os Gaidin.

— A questão é saber se ele vai aceitar nos servir — afirmou Carlinya.

Morvrin anuiu e acrescentou:

— Temos que fazer Bryne enxergar nossa causa de modo que ele queira servir. Não vai nos ajudar em nada todos ficarem sabendo que nós matamos ou aprisionamos um homem tão notável antes mesmo de começarmos.

— Sim — concordou Beonin —, e precisamos oferecer recompensas que o prendam firmemente a nós.

Sheriam desviou o olhar para os dois homens.

— Quando Lorde Bryne chegar à aldeia, não digam nada a ele, mas tragam-no até nós. — Tão logo a porta se fechou atrás dos Guardião, o olhar da mulher se firmou. Siuan o reconheceu, os mesmos olhos verdes que faziam os joelhos das noviças tremerem antes que qualquer palavra fosse pronunciada. — Agora vocês vão nos dizer exatamente por que Bryne está aqui.

Não havia escolha. Se a apanhassem mesmo na menor das mentiras, passariam a questionar tudo. Siuan respirou fundo.

— Resolvemos nos abrigar para passar a noite em um estábulo perto de Fontes de Kore, em Andor. Bryne é o lorde de lá, e...





EM UMA ARMADILHA

Um Guardião de casaco verde-acinzentado se aproximou de Bryne assim que o viu conduzir Andarilho pelas primeiras casas de pedra da aldeia. Bastaram dois passos para o lorde reconhecê-lo como um Guardião, mesmo que todos aqueles rostos de Aes Sedai na rua não estivessem encarando-o. O que, em nome da Luz, tantas Aes Sedai estavam fazendo tão perto de Amadícia? Os boatos nas aldeias anteriores diziam que Ailron planejava conquistar aquela margem do Rio Eldar; o que significava que esse era o plano dos Mantos-brancos. As Aes Sedai podiam se defender bem, mas se Niall enviasse uma legião para cruzar o Eldar, boa parte daquelas mulheres morreria. A menos que ele tivesse desaprendido a perceber há quanto tempo um cepo fora cortado, aquele lugar não passava de floresta, dois meses antes. Em quê Mara havia se metido? Bryne tinha certeza de que a encontraria ali. Os aldeões se lembravam de três belas jovens viajando juntas, em especial pelo fato de uma delas ter perguntado onde ficava uma cidadezinha que estava abandonada desde a Guerra dos Mantos-brancos.

O Guardião, um homem grande, de rosto largo e, pela barba, illianense, se plantou na rua diante do capão castanho de focinho comprido de Bryne e fez uma reverência.

— Lorde Bryne? Sou Nuhel Dromand. Há algumas pessoas que querem falar com o senhor. Pode me acompanhar?

Bryne desmontou devagar, retirou as luvas e as enfiou atrás da espada no cinturão conforme examinava o lugar. O casaco simples de camurça que ele usava era bem melhor para uma jornada daquele tipo do que a seda cinza com a qual a iniciara, e da qual já havia se desfeito. Aes Sedai, Guardiões e outros o

encaravam em silêncio, mas até aqueles que só podiam ser serviçais não pareciam surpresos. E Dromand sabia o nome dele. O rosto de Bryne não era desconhecido, mas ele suspeitava que não fosse só isso. Se Mara fosse... se *as três* fossem agentes das Aes Sedai, aquilo não alterava o juramento que haviam feito.

— É claro, Gaidin Nuhel. — Se Nuhel ficou surpreso com o nome usado, não demonstrou.

A estalagem para a qual Dromand o levou — ou o que fora um dia uma estalagem — tinha o aspecto de uma sede de campanha, tomada por alvoroço e agitação. Isso se as Aes Sedai já tivessem comandado alguma campanha. Bryne identificou Serenla antes que ela o visse, sentada a um canto junto com um homem grande, que provavelmente era Dalyn. Quando a mulher o viu, o queixo quase bateu na mesa — então ela estreitou os olhos para ele, como se não acreditasse no que estava vendo. Dalyn parecia estar dormindo de olhos abertos, fitando o nada. Nenhuma das Aes Sedai ou dos Guardiões pareceu notá-lo conforme Dromand o conduzia pelo local, mas Bryne seria capaz de apostar sua casa e suas terras que qualquer um deles observara dez vezes mais do que todos os serviçais que o encaravam somados. Deveria ter dado meia-volta e ido embora assim que percebeu quem estava naquela aldeia.

Bryne tomou cuidado especial ao fazer reverências enquanto o Guardião o apresentava a seis Aes Sedai sentadas — só um tolo não tomaria cuidado perto de Aes Sedai —, mas sua atenção estava nas duas jovens de pé contra a parede, ao lado da lareira recém-varrida, parecendo terem sido repreendidas. A domanesa esbelta e atrevida lhe ofereceu um sorriso mais trêmulo que sedutor, para variar. Mara também estava assustada — absolutamente apavorada, diria —, mas aqueles olhos azuis ainda estavam cheio de rebeldia ao encontrar os dele. A garota tinha a coragem digna de um leão.

— Estamos felizes em recebê-lo, Lorde Bryne — disse a Aes Sedai de cabelos cor de fogo. Apenas levemente roliça e com olhos oblíquos, tinha beleza suficiente para fazer qualquer homem olhá-la com atenção, apesar do anel da Grande Serpente no dedo. — Vai nos contar o motivo de sua vinda até aqui?

— Claro, Sheriam Sedai.

Nuhel estava ao lado dele, mas Bryne não conseguia imaginar uma mulher que precisasse menos da guarda de um velho soldado. Tinha certeza de que elas já sabiam o porquê, e observar os rostos daquelas mulheres enquanto contava a história confirmou isso. As Aes Sedai não deixavam transparecer nada que não quisessem, mas, se não soubessem de antemão, pelo menos uma delas teria piscado quando ele falou sobre o juramento.

— Seu relato é uma história terrível, Lorde Bryne — falou a mulher chamada Anaiya. Rosto de idade indefinida ou não, ela parecia mais com uma próspera e feliz esposa de fazendeiro do que com uma Aes Sedai. — Mesmo

assim, estou surpresa por você ter vindo até tão longe, ainda que atrás de mulheres que quebraram um juramento. — As bochechas pálidas de Mara reluziram um vermelho furioso. — Um juramento sério, porém, e que não deveria ter sido quebrado.

— Infelizmente — ponderou Sheriam —, ainda não podemos permitir que você as leve.

Então elas eram agentes das Aes Sedai.

— Um juramento sério que não deveria ter sido quebrado, e mesmo assim vocês pretendem poupá-las de honrá-lo?

— Elas vão honrá-lo — afirmou Myrelle, lançando um olhar para a dupla junto à lareira que fez ambas ficarem mais eretas —, e pode ter certeza de que elas já estão arrependidas de ter fugido depois de terem jurado. — Desta vez, foi Amaena quem enrubesceu. Mara parecia pronta para mastigar pedras. — Mas ainda não temos como permitir isso. — Nenhuma Ajah fora mencionada, mas Bryne achou que a bela mulher de pele escura fosse Verde, e que a robusta de rosto redondo chamada Morvrin fosse Marrom. Talvez tenha sido pelo sorriso que Myrelle abriu para Dromand quando o homem o trouxe e pelo ar distraído de Morvrin. — Na verdade, elas não afirmaram quando o serviriam, e, neste momento, são úteis para nós.

Aquilo era uma tolice. Bryne deveria se desculpar pela chateação e ir embora. E até isso seria uma tolice. Antes de Dromand abordá-lo na rua, ele já sabia que seria improvável sair vivo de Salidar. Devia haver cinquenta Guardhões na floresta em torno de onde deixara seus homens, se não cem. Joni e os demais resistiriam bem, mas Bryne não os trouxera até ali para morrer. Porém, se fora tolo a ponto de permitir que um par de olhos o atraísse para aquela armadilha, era justo que fosse até o fim.

— Incêndio, roubo e atentado, Aes Sedai. Foram esses os crimes. Elas foram julgadas, sentenciadas e fizeram o juramento. Mas não faço objeção a permanecer aqui até que vocês as liberem. Mara pode ser minha ajudante pessoal quando não precisarem dela. Vou marcar as horas que ela trabalha para mim e descontá-las do seu tempo de pena.

Mara abriu a boca, irritada, mas, como se as mulheres praticamente soubessem que ela ia tentar argumentar, seis pares de olhos Aes Sedai se viraram na direção dela ao mesmo tempo. A mulher empertigou os ombros, fechou a boca e o encarou, as mãos rígidas na cintura. Bryne ficou contente por ela não ter uma faca na mão.

Myrelle parecia a ponto de gargalhar.

— Melhor escolher a outra, Lorde Bryne. Pela maneira como essa aí está olhando, você acharia a outra garota bem mais... simpática.

O homem esperou que Amaena ruborizasse, mas não foi o caso. Ela o olhava... de um jeito avaliador. A mulher até trocou um sorriso com Myrelle.

Bem, ela era domanesa, afinal de contas, e parecia bem mais domanesa do que na última vez em que a vira.

Carlinya, fria o bastante para fazer as demais parecerem calorosas, inclinou-se para a frente. Bryne estava atento a ela, e também à dos olhos grandes, Beonin. Não tinha certeza do porquê. Só que, se aquele fosse um Jogo das Casas, diria que as duas mulheres exalavam ambição. Talvez fosse mesmo um jogo.

— É melhor você estar ciente — disse Carlinya com tranquilidade — de que a mulher que você conhece como Mara é, na verdade, Sivan Sanche, antigo Trono de Amyrlin, e que Amaena é Leane Sharif, que era a Curadora das Crônicas.

Tudo que Bryne conseguiu fazer foi não ficar embasbacado feito um caipira. Agora que sabia a verdade, reconhecia no rosto de Mara — de Sivan —, o rosto que o subjugara, abrandado pela juventude.

— Como? — Foi tudo o que disse. Não conseguiria dizer muito mais.

— Existem certas coisas que é melhor os homens não ficarem sabendo — retrucou Sheriam, com frieza —, assim como a maioria das mulheres.

Mara — não, era melhor pensar nela pelo nome correto —, Sivan havia sido estancada. Bryne sabia disso. Devia ter algo a ver com o estancamento. Se aquela domanesa com pescoço de cisne fora a Curadora, ele podia apostar que também havia sido estancada. No entanto, falar sobre estancamento perto de Aes Sedai era uma boa maneira de provocá-las. Além do mais, quando Aes Sedai começavam a agir de modo misterioso, era certo que não dariam uma resposta direta nem se a pergunta fosse se o céu era azul.

Eram muito boas, aquelas Aes Sedai. Haviām tranquilizado Bryne e depois o golpeado com força quando baixara a guarda. Estava com uma sensação desconfortável de que sabia o motivo para terem-no acalmado. Seria interessante descobrir se tinha razão.

— Isso não muda o juramento que fizeram. Se elas ainda fossem a Amyrlin e a Curadora, estariam presas àquele juramento sob qualquer lei, incluindo a de Tar Valon.

— Já que você não faz objeção a permanecer aqui — informou Sheriam —, pode ficar com Sivan como sua criada particular sempre que não precisarmos dela. Se quiser, pode ficar com todas as três, incluindo Min, que você pareceu conhecer como Serenla. — Por algum motivo, aquilo irritou Sivan tanto quanto o que havia sido dito a seu respeito. A mulher resmungou sozinha, mas não alto o bastante para ser ouvida. — E já que não há objeções de sua parte, Lorde Bryne, enquanto permanecer aqui conosco, há um serviço que pode nos prestar.

— A gratidão das Aes Sedai não é de se desconsiderar — afirmou Morvrin.

— Ao nos servir, estará servindo à Luz e à justiça — acrescentou Carlinya.

Beonin aquiesceu e falou com tom de voz sério:

— Você serviu fielmente a Morgase e a Andor. Sirva-nos também, e não encontrará exílio quando tudo acabar. Nada do que lhe pedirmos atentará contra a sua honra. Nada do que pedirmos prejudicará Andor.

Bryne fez uma careta. Ele estava mesmo no Jogo. Às vezes, pensava que as Aes Sedai deviam ter inventado o *Daes Dae'mar*. Pareciam jogá-lo até dormindo. Guerras eram mais sangrentas, mas também mais honestas. Se a intenção daquelas mulheres era fazer dele um fantoche, então um fantoche ele seria — elas acabariam conseguindo, de uma maneira ou de outra —, mas estava na hora de mostrar que não era um marionete burro.

— A Torre Branca está dividida — disse ele, objetivamente. Os olhos das Aes Sedai se arregalaram, mas Bryne não lhes deu chance de falar. — As Ajahs estão rompidas. Essa é a única razão para todas vocês estarem aqui. Com certeza não precisam de mais uma ou duas espadas — o homem encarou Dromand e recebeu um meneio como resposta —, então, o único serviço que podem querer de mim é que eu lidere um exército. Primeiro, formar um, a menos que tenham outros acampamentos com muito mais homens do que eu vi aqui. E isso significa que pretendem se opor a Elaida. — Sheriam parecia irritada, Anaiya, preocupada, e Carlinya, prestes a falar, mas Bryne prosseguiu. Que ouvissem. Ele imaginava que fosse passar muito tempo ouvindo-as nos meses que se seguiriam. — Muito bem. Nunca gostei de Elaida e não acredito que ela possa ser uma boa Amyrlin. Mais importante, posso formar um exército para tomar Tar Valon. Desde que saibam que essa empreitada será longa e sangrenta. Mas estas são as minhas condições...

Todas se enrijeceram ao ouvir aquilo, inclusive Siuan e Leane. Homens não impunham condições às Aes Sedai.

— Primeiro, o comando é meu. Vocês me dizem o que fazer, mas eu decido como. Vocês dão comandos a mim, e eu os repasso aos meus soldados, não vocês. Não a menos que eu tenha concordado com o contrário. — Várias bocas se abriram, primeiro as de Carlinya e Beonin, mas o homem prosseguiu: — Eu nomeio, promovo e disciplino os homens. Não vocês. Em segundo lugar, se eu disser que algo não pode ser feito, vocês vão me ouvir. Não estou pedindo para usurpar sua autoridade — a chance de que elas permitissem isso era pequena —, mas não quero perder homens porque vocês não entendem de guerra. — Acabaria acontecendo, mas não mais que uma vez, e se ele tivesse sorte. — Terceiro, se derem início ao plano, terão que mantê-lo em curso. Estarei colocando meu pescoço na forca, assim como o de todos os homens que vierem comigo, e, caso vocês decidam daqui a seis meses que é preferível ter Elaida como Amyrlin do que uma guerra, estarão apertando o laço da forca de cada um de nós que puder ser caçado. As nações devem ficar de fora de uma guerra civil na Torre, mas não nos deixarão vivos caso vocês nos abandonem. Elaida garantirá que não. Se não estiverem de acordo, então não sei se posso servi-las.

Se me amarrarem com o Poder para que Dromand me rasgue a garganta ou se eu acabar degradado e enforcado, meu fim continuará sendo a morte.

As Aes Sedai não falaram nada. Por um longo momento, ficaram apenas encarando-o, até os arrepios na nuca de Bryne fazerem com que se perguntasse se Nuhel estaria pronto para lhe cravar uma adaga nas costas. Então Sheriam se ergueu, e as outras a acompanharam até as janelas. Ele via os lábios das mulheres se movendo, mas não ouvia nada. Se elas queriam esconder suas deliberações por trás do Poder Único, que fosse. Bryne não tinha certeza de quanto conseguiria delas, de tudo o que desejava. Se elas fossem sensatas, ele conseguiria tudo, mas Aes Sedai às vezes decidiam que as coisas mais estranhas faziam sentido. O que quer que resolvessem, ele teria de consentir com o máximo de graça possível. Era uma armadilha perfeita que ele havia preparado para si mesmo.

Leane lhe lançou um olhar e um sorriso que diziam tão claramente quanto palavras teriam dito que ele nunca saberia o que havia perdido. Bryne pensou que teria sido uma boa caçada, com ele sendo conduzido pelo nariz. Domanesas nunca prometiam metade do que se achava que elas haviam prometido, e só cumpriam o que escolhiam cumprir, mudando de ideia em um piscar de olhos.

A isca de sua própria armadilha o encarou diretamente, atravessou o cômodo até parar tão perto dele que precisava levantar o pescoço para encará-lo, e falou com uma voz baixa e furiosa:

— Por que você fez isso? Por que nos seguiu? Por um estábulo?

— Por um juramento. — Por um par de olhos azuis. Suan Sanche não podia ter mais que dez anos a menos que ele, mas era difícil se lembrar de que ela era Suan Sanche ao olhar para um rosto quase trinta anos mais jovem. Os olhos eram os mesmos, no entanto, fortes e de um azul profundo. — Um juramento que você me fez, e que quebrou. Eu deveria dobrar sua pena por causa disso.

Ela baixou o olhar, cruzou os braços, e rosnou:

— Já tomaram essa providência.

— Está me dizendo que elas puniram você por quebrar o juramento? Se açoitaram seu traseiro, não conta a menos que seja feito por mim.

O risinho de Dromand soou mais do que um pouco chocado. O homem ainda devia estar remoendo quem Suan havia sido. Bryne talvez também estivesse, e o rosto da mulher escureceu até ele achar que ela podia estar tendo um derrame.

— Minha pena já foi dobrada, se não mais que isso, seu monte de tripas de peixe rançoso! Você e seu controle de horas! Hora nenhuma vai valer até você ter nós três de volta na sua propriedade, nem se eu tiver que ser sua... sua... *ajudante pessoal*, ou seja lá o que for isso... durante vinte anos!

Então Sheriam e as demais também haviam planejado aquilo. Bryne observou as mulheres reunidas junto das janelas. Pareciam ter se dividido em dois grupos contrários: Sheriam, Anaiya e Myrelle de um lado, Morvrin e

Carlinya do outro, com Beonin no meio. Elas estavam dispostas a entregar Suan e Leane — e Min? — como suborno ou paliativo antes mesmo de ele ter entrado. Estavam desesperadas, o que significava que ele estava do lado mais fraco, mas talvez seu desespero fosse suficiente para que lhe dessem o que Bryne precisava para ter alguma chance de vitória.

— Está se divertindo com tudo isso, não está? — indagou Suan impetuosa, assim que os olhos do homem se moveram. — Seu urubu! Que se queime por ser esse idiota com cérebro de carpa. Agora que sabe quem eu sou, está contente por eu ter que me curvar e fazer reverências para você. — Ela ainda não parecia estar fazendo nada daquilo. — Por quê? É por eu ter feito você recuar com relação a Murandy? Você é mesquinho a esse ponto, Gareth Bryne?

Suan estava tentando deixá-lo com raiva. Percebeu que havia falado demais e não queria dar a ele tempo de pensar a respeito. Talvez não fosse mais Aes Sedai, mas manipular estava em seu sangue.

— Você era o Trono de Amyrlin — respondeu ele calmo —, e até um rei beija o anel da Amyrlin. Não posso dizer que gostei da maneira como você agiu, e talvez uma hora a gente converse sobre se era necessário ter feito o que fez com metade da corte assistindo, mas lembre-se de que eu segui Mara Tomanes até aqui, e que foi Mara Tomanes que eu pedi. Não Suan Sanche. Como você vive perguntando por quê, também quero saber: por que era tão importante que eu deixasse os murandianos atacarem o outro lado da fronteira?

— Porque sua interferência poderia ter arruinado planos importantes — disse ela, cada palavra soando firme —, assim como essa sua interferência comigo agora também pode. A Torre tinha identificado um jovem lorde na fronteira, chamado Dulain, como o homem que poderia um dia unificar Murandy de verdade, com a nossa ajuda. Eu não podia dar a chance de seus soldados o matarem. Tenho um trabalho a fazer aqui, *Lorde Bryne*. Me deixe fazê-lo, e talvez você alcance a vitória. Intrometa-se por puro rancor, e vai estragar tudo.

— Seja qual for seu trabalho, tenho certeza de que Sheriam e as outras vão garantir que você o faça. Dulain? Nunca ouvi falar. Ele não deve ter sido muito bem-sucedido. — Bryne acreditava que Murandy permaneceria uma colcha de retalhos de lordes e ladies independentes, até que a Roda girasse e uma nova Era chegasse. Os murandianos se autointitulavam lugardianos, mindeanos ou sabe-se lá o quê antes de se entenderem como parte de uma nação. Isso quando se chamavam de alguma coisa. Um lorde com a capacidade de uni-los, e que tinha a coleira de Suan na garganta, poderia angariar um número considerável de homens.

— Ele... morreu. — Suas bochechas ficaram vermelhas, e Suan pareceu ter sentimentos conflitantes. — Um mês depois que fui embora de Caemlyn, um fazendeiro andoriano matou-o com uma flecha durante uma incursão para roubar ovelhas.

Bryne não conseguiu conter a gargalhada.

— Eram os fazendeiros que você deveria ter obrigado a se ajoelhar, não eu. Bem, não precisa mais se preocupar com essas coisas. — Isso, com certeza, era verdade. Quaisquer funções que as Aes Sedai tivessem para ela, jamais envolveria poder ou tomada de decisões. Ele ficou com pena. Não conseguia imaginar aquela mulher desistindo e morrendo, mas ela perdera quase tudo que era possível perder, exceto a vida. Por outro lado, Bryne não gostara de ser chamado de urubu ou de um monte de tripas de peixe rançoso. Qual tinha sido a outra ofensa? Idiota com cérebro de carpa. — De agora em diante, você pode se preocupar só com a limpeza das minhas botas e a arrumação da minha cama.

Os olhos dela se estreitaram até não passarem de fendas.

— Se é o que deseja, *Lorde* Gareth Bryne, deveria ter escolhido Leane. Pode ser que *ela* seja tola o bastante.

Bryne por pouco não conseguiu evitar que seus olhos se arregalassem. O modo como as mentes femininas funcionavam o deixava impressionado.

— Você jurou me servir como eu escolhesse. — Ele deu uma risadinha. Por que estava fazendo aquilo? Sabia quem e o que ela era. Mas aqueles olhos ainda o perturbavam, fulminando-o desafiadoramente mesmo quando já não havia escapatória, como naquele momento. — Vai descobrir o tipo de homem que eu sou, Suan. — Disse isso com intenção de acalmá-la depois da gozação, mas, pela forma como os ombros da mulher se enrijeceram, ela pareceu entender como uma ameaça.

De repente, Bryne notou que escutava as Aes Sedai, um murmúrio suave de vozes que se silenciaram de imediato. Elas o encaravam com expressões indecifráveis. Não, encaravam Suan. Os olhos das mulheres seguiram-na quando ela começou a voltar para onde Leane ainda estava. Como se sentisse a pressão delas, cada passo era um pouco mais rápido que o anterior. Quando voltou a se virar, ao lado da lareira, seu rosto não expressava mais que os delas. Uma mulher notável. Ele não tinha certeza se, no lugar dela, teria se saído tão bem.

As Aes Sedai estavam esperando que ele se aproximasse. Quando Bryne o fez, Sheriam disse:

— Aceitamos as suas condições sem reservas, *Lorde* Bryne, e nos comprometemos a mantê-las. São muitíssimo razoáveis.

Carlinya, pelo menos, não parecia pensar que as condições fossem minimamente razoáveis, mas ele não se importou. Havia se preparado para abrir mão de todas, se preciso, exceto da última: que elas mantivessem o plano em curso.

Ele se ajoelhou, o punho direito pressionando o farrapo de tapete, e elas o circundaram, todas repousando uma das mãos em sua cabeça inclinada. Bryne não se importava se elas usassem o Poder para amarrá-lo ao juramento ou para

buscar a verdade — não tinha certeza se elas eram capazes de nenhum dos dois, mas quem de fato sabia do que as Aes Sedai eram capazes? — e, se a intenção delas fosse qualquer outra, não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. Aprisionado por um par de olhos, feito um caipira ingênuo e tolo. Ele *tinha mesmo* cérebro de carpa.

— Eu me comprometo e juro servi-las fielmente até a Torre Branca lhes pertencer...

Bryne já traçava planos. Thad e talvez um ou dois Guardiões cruzando o rio para ver o que os Mantos-brancos estavam tramando. Joni, Barim e alguns outros para Ebou Dar. Isso evitaria que Joni engolissem a língua toda vez que pousasse os olhos em “Mara” e “Amaena”, e cada um dos que enviasse teria de saber recrutar.

— ... formando e liderando seu exército fazendo máximo uso das minhas habilidades...

* * *

Quando o discreto zum-zum-zum das conversas no salão se dissipou, Min ergueu os olhos dos desenhos distraídos que fazia na mesa, mergulhando o dedo no vinho. Incrivelmente, Logain também se agitou, mas só para olhar as pessoas que estavam no cômodo, ou talvez para olhar através delas. Difícil dizer.

Gareth Bryne e aquele enorme Guardião illianense foram os primeiros a vir dos fundos. Naquele silêncio atento, ela escutou Bryne dizer:

— Diga a eles que uma taverneira de Ebou Dar enviou você, ou vão enfiar sua cabeça em uma estaca.

O illianense gargalhou bem alto.

— Cidade perigosa, essa Ebou Dar. — Tirando as luvas de couro de trás do cinturão da espada, ele partiu em direção à rua, ainda calçando-as.

A conversa começou a esquentar de novo quando Suan apareceu. Min não escutou o que Bryne disse a ela, mas a mulher saiu atrás do Guardião, resmungando consigo mesma. Min tinha a sensação desconfortável de que as Aes Sedai haviam decidido que iriam honrar aquele juramento tolo do qual Suan tanto se orgulhara, e imediatamente. Se conseguisse se convencer de que os dois Guardiões recostados na parede não perceberiam, já estaria porta afora — e na sela de Rosa Selvagem — em um instante.

Sheriam e as outras Aes Sedai saíram por último, com Leane. Myrelle sentou-a em uma das mesas e começou a discutir algo, enquanto as demais circulavam pelo cômodo e paravam para falar umas com as outras. O que quer que dissessem produzia reações desde absoluto choque a risos de contentamento, apesar da famosa serenidade das Aes Sedai.

— Fique aqui — ordenou Min a Logain, arrastando para trás a cadeira

bamba. Esperava que ele não fosse começar a criar problemas. Logain olhava para os rostos das Aes Sedai, uma a uma, aparentando estar mais atento do que estivera há dias. — Trate apenas de ficar nesta mesa até eu voltar, Dalyn. — Ela tinha perdido o hábito de estar perto de pessoas que sabiam o verdadeiro nome dele. — Por favor.

— Ela me vendeu para as Aes Sedai. — Foi um choque ouvi-lo falar depois de tanto tempo em silêncio. Ele estremeceu e, a seguir, anuiu. — Vou esperar.

Min hesitou, mas, se dois Guardiões não pudessem impedi-lo de cometer alguma estupidez, um salão repleto de Aes Sedai certamente poderia. Quando alcançou a porta, um capão castanho atarracado estava sendo conduzido por um homem com aspecto de cavaliário. O cavalo de Bryne, supôs. As montarias delas não estavam à vista. Qualquer tentativa de liberdade estava fora de cogitação. *Eu vou honrar aquela desgraça! Vou, sim! Mas elas não podem me afastar de Rand agora. Já fiz o que Siuan queria. Elas têm que me deixar ir atrás dele.* O único problema era que as Aes Sedai decidiam sozinhas o que tinham de fazer e, normalmente, decidiam também o que as outras pessoas tinham de fazer.

Siuan quase a derrubou, voltando apressada com uma expressão irritadíssima, um lençol enrolado debaixo do braço e alforjes nos ombros.

— Fique de olho em Logain — sussurrou ela, sem diminuir o passo. — Não deixe ninguém falar com ele. — Ela marchou até o pé da escada, onde uma serviçal de cabelos grisalhos começava a guiar Bryne para o andar de cima, e seguiu atrás deles. Pelo olhar que Siuan fixou nas costas do homem, ele deveria rezar para que ela não resolvesse puxar uma faca.

Min sorriu para o Guardião alto e esbelto que acompanhara sua ida até a porta. Ele ficara a dez pés de distância, quase sem olhar para ela, mas Min não se deixava iludir.

— Agora somos hóspedes. Amigos. — O homem não devolveu o sorriso. *Malditos homens com aquela cara de pedra!* Por que não podiam dar ao menos uma dica do que estavam pensando?

Logain ainda estava examinando as Aes Sedai quando ela voltou para a mesa. Bela hora para Siuan querer mantê-lo em silêncio, justo quando o homem começava a demonstrar vida novamente. Ela precisava conversar com Siuan.

— Logain — disse Min gentilmente, esperando que nenhum dos Guardiões recostados na parede conseguisse ouvir. Eles mal pareciam respirar desde que tinham tomado suas posições, exceto quando um deles a seguira. — Acho que você não deve falar nada até Mara lhe dizer o que planejou. Não fale com ninguém.

— Mara? — Ele abriu um sorriso sombrio de desdém. — Siuan Sanche, você quer dizer? — Então ele se lembrava do que tinha escutado em sua letargia. — Alguém aqui está com cara de que quer falar comigo? — Ele voltou a observar os arredores com o rosto franzido.

Realmente ninguém parecia querer falar com um falso Dragão amansado. Tirando os dois Guardiões, ninguém parecia dar a mínima para eles. Se não soubesse das coisas, Min teria jurado que as Aes Sedai ali presentes estavam animadas. Não que antes elas estivessem apáticas, mas agora com certeza pareciam mais enérgicas, conversando em pequenos grupos e dando ordens rápidas para os Guardiões. Os papéis aos quais haviam dedicado tanta atenção agora estavam abandonados. Sheriam e todas as outras que conversaram com Suan já haviam retornado para a sala dos fundos, mas Leane tinha duas mulheres em sua mesa, as duas escrevendo o mais rápido que podiam. E um fluxo constante de Aes Sedai adentrava a estalagem, desaparecendo por aquela porta rústica e não saindo mais. O que quer que tivesse acontecido lá dentro, Suan decerto as agitara.

Min desejou que Suan estivesse ali na mesa, ou, ainda melhor, que tivesse cinco minutos sozinha com ela em algum lugar. Sem dúvida, naquele momento estava golpeando Bryne com os alforjes. Não, Suan não chegaria a tanto, apesar de todos aqueles olhares ameaçadores. Bryne não era como Logain, com aquela aura de grandeza em todas as dimensões e emoções. Logain conseguira sobrepujar Suan por um tempo à base de sua pura enormidade. Bryne era quieto, reservado — não um homem pequeno, decerto, mas longe de ser dominante. Min não gostaria de ter como inimigo o homem de quem se lembrava, de Fontes de Kore, mas não achava que ele fosse resistir a Suan por muito tempo. Talvez pensasse que fosse agir docilmente enquanto cumpria sua pena como serviçal, mas Min não tinha dúvidas de quem acabaria fazendo o que o outro queria. Só precisava conversar com a mulher a respeito dele.

Como se pensar nela a convocasse, Suan veio descendo ruidosamente os degraus, um embrulho branco debaixo do braço. O mais certo seria dizer que ela correu escada abaixo. Se tivesse uma cauda, estaria estalando tal qual um chicote. A antiga Amyrlin fez uma breve pausa, encarando Min e Logain, e marchou em direção à porta que levava às cozinhas.

— Fique aqui — advertiu Min ao homem. — E, por favor, não diga nada até... que Suan possa falar com você. — Teria de se acostumar a voltar a se referir às pessoas pelos nomes verdadeiros. Logain nem olhou para ela.

Min alcançou Suan em um corredor pouco antes da cozinha. Os ruídos e respingos do esfregar de panelas e da lavagem de pratos podiam ser ouvidos pelas frestas das tábuas murchas na porta da cozinha.

Os olhos de Suan se arregalaram, alarmados.

— Por que você saiu de perto dele? Ele ainda está vivo?

— De acordo com as minhas visões, não vai morrer tão cedo. Suan, ninguém *quer* falar com ele. Mas eu preciso falar com você. — Suan enfiou o embrulho branco nos braços dela. Camisas. — O que é isso?

— A maldita roupa suja do maldito Gareth Bryne — rosnou a outra mulher. — Como você também é uma das *serviçais* dele, pode lavá-las. Antes de qualquer coisa, eu preciso falar com Logain.

Min agarrou o braço dela quando Suan tentou passar.

— Você pode gastar um minuto para me ouvir. Quando Bryne entrou, eu tive uma visão. Uma aura, e um touro arrancando rosas de em torno do próprio pescoço, e... Nada disso importa, só a aura. Não cheguei nem a entender isso completamente, mas entendi mais do que ao resto.

— O que você entendeu?

— Se quiser continuar viva, é melhor não sair de perto dele. — Apesar do calor, Min estremeceu. Só tivera uma única outra visão que apresentava um “se”, e ambas haviam sido potencialmente letais. Já era ruim o bastante às vezes saber o que *ia* acontecer. Se começasse a saber o que *podia*... — Isso é tudo que eu sei. Se ele ficar por perto, você vai sobreviver. Se ele se afastar demais, por muito tempo, você vai morrer. Vocês dois. Não sei por que vi algo a seu respeito na aura dele, mas você me pareceu parte dela.

O sorriso de Suan teria conseguido descascar uma pera.

— Eu preferiria navegar em um navio de casco podre cheio de enguias pescadas um mês antes.

— Nunca pensei que ele fosse nos seguir. Elas vão mesmo nos obrigar a ir com ele?

— Ah, não, Min. Ele vai conduzir os nossos exércitos à vitória. E fazer da minha vida o Poço da Perdição! Então ele vai salvar a minha vida, é? Não sei se vale a pena. — Suan respirou fundo e alisou as saias. — Quando você tiver lavado e passado o ferro nisso tudo, traga para mim. Eu levo lá para cima para ele. Pode limpar as botas dele antes de ir dormir, hoje à noite. Tem um quarto para nós, um cubículo, ao lado do dele, então vamos estar por perto caso Bryne queira alguém para afogar seus malditos travesseiros! — Antes que Min pudesse reclamar, Suan já havia saído.

Ao baixar o olhar para as camisas amassadas, Min teve certeza de que sabia quem ficaria responsável por toda a roupa suja de Bryne, e não seria Suan Sanche. *Maldito Rand al'Thor*. Apaixonar-se por um homem acabava obrigando as mulheres a cuidar de roupa suja, ainda que fossem de outro homem. Ao marchar até a cozinha para pedir água quente e um balde de lavar roupa, Min resmungava tanto quanto Suan.



LEMBRANÇAS DE SALDAEA

Estirado na cama, no escuro, só de camisa, Kadere brincava preguiçosamente com um lenço entre as mãos. As janelas abertas do carroção deixavam entrar o luar, mas não muito vento. Ao menos Cairhien era mais fresca que o Deserto. Algum dia, esperava voltar a Saldaea para caminhar no jardim onde sua irmã Teodora lhe ensinara as primeiras letras e números. Sentia tanta falta dela quanto de Saldaea, dos invernos rigorosos em que as árvores estouravam por causa da seiva congelada e a única maneira de viajar era com sapatos de neve ou esquis. Naquelas terras do sul, a primavera parecia o verão, e o verão parecia o Poço da Perdição. Ele estava empapado de suor.

Com um suspiro profundo, enfiou os dedos em uma fresta da cama embutida no carroção. O fragmento de pergaminho dobrado crepitou. Ele o deixou lá. Sabia a mensagem de cor:

Você não está sozinho entre estranhos. Um caminho já foi escolhido.

Só isso, e sem assinatura, claro. Encontrara o pergaminho enfiado por debaixo da porta ao se recolher, à noite. Havia uma cidadezinha a menos de um quarto de milha adiante, Eianrod, mas, mesmo que ainda houvesse uma cama macia vazia por lá, duvidava que os Aiel permitissem que ele passasse uma única noite longe dos carroções. Ou que a Aes Sedai permitisse. Naquele momento, seus planos se encaixavam bem com os de Moiraine. Talvez conseguisse voltar a ver Tar Valon. Um lugar perigoso para homens como ele, mas o trabalho lá sempre era importante — e revigorante.

Kadere tornou a se concentrar no bilhete, embora desejasse ser capaz de ignorá-lo. A palavra “escolhido” o fez ter certeza de que viera de outro Amigo das Trevas. A primeira surpresa fora recebê-lo àquela altura, após cruzar a maior parte de Cairhien. Cerca de dois meses antes, logo após Jasin Natael grudar em Rand al'Thor — por razões que o homem jamais se dignara a explicar — e sua nova parceira, Keille Shaogi, desaparecer — suspeitava que ela tivesse sido enterrada no Deserto com uma faca de Natael cravada no peito, e já ia tarde —, Kadere recebera a visita de um dos Escolhidos. Da própria Lanfear. Ela lhe dera instruções.

Levou a mão ao peito, em um gesto mecânico, e sentiu as cicatrizes através da camisa. Enxugou o rosto com o lenço. Parte de sua mente pensou com frieza, como fazia ao menos uma vez por dia desde então, que elas eram uma lembrança, uma prova concreta de que não havia sido um sonho comum. Um pesadelo comum. Outra parte quase balbuciava de alívio por Lanfear não ter retornado.

A segunda surpresa do bilhete fora a caligrafia. Uma caligrafia feminina, a menos que seu palpite estivesse muitíssimo errado, e algumas das letras escritas de um jeito que ele agora reconhecia como típico dos Aiel. Natael lhe dissera que devia haver Amigos das Trevas entre os Aiel — havia Amigos das Trevas em todas as terras, em meio a todos os povos —, mas ele nunca quisera encontrar irmãos no Deserto. Os Aiel podiam matar à primeira vista e se ofendiam com uma mera respiração.

Em linhas gerais, o bilhete prenunciava desastre. Possivelmente, Natael contara quem ele era para algum Aiel Amigo das Trevas. Rodopiando o lenço com raiva até transformá-lo em uma corda fina e comprida, Kadere o apertou com força entre as mãos. Se o menestrel e Keille não tivessem dado provas de que eram benquistos entre os Amigos das Trevas, ele teria matado os dois antes de chegar perto do Deserto. A única outra possibilidade fez seu estômago pesar. “Um caminho já foi escolhido.” Talvez aquilo só servisse para usar a palavra “escolhido”, e talvez a intenção tivesse sido informá-lo de que um dos Escolhidos decidira utilizá-lo. O bilhete não viera de Lanfear. Ela teria simplesmente conversado de novo com ele em seus sonhos.

Kadere tremeu, apesar do calor que o fizera tornar a enxugar o rosto. Tinha a sensação de que servir a Lanfear era ter uma senhora ciumenta, mas, caso algum outro dos Escolhidos o quisesse, não teria escolha. Apesar de todas as promessas recebidas quando ele fizera os juramentos, ainda garoto, Kadere era um homem de poucas ilusões. Apanhado entre dois Escolhidos, poderia ser esmagado feito um gatinho sob as rodas de um carroção, e causando tão pouca comoção quanto. Gostaria de estar em casa, em Saldaea. Gostaria tanto de ver Teodora de novo.

Um arranhão na porta fez Kadere se levantar. Apesar de todo o seu tamanho, era mais ágil do que permitia que os outros percebessem. Enxugou o rosto e o pescoço e passou pelo fogão de pedra — que, ali, não tinha nenhuma serventia — e pelos armários com portas verticais ornamentadas com entalhes e pinturas. Quando abriu a porta, uma figura esbelta enrolada em vestes negras entrou apressada. Kadere espiou rapidamente a escuridão iluminada pela lua para se certificar de que ninguém estava olhando — os condutores estavam roncando debaixo dos outros carroções, e os guardas Aiel nunca ficavam por perto — e fechou a porta depressa.

— Você deve estar com calor, Isendre. — Ele deu um risinho. — Tire o roupão e fique confortável.

— Não, obrigada — retrucou ela com amargura, a voz ecoando das profundezas sombreadas do capuz. Manteve-se de pé, bem ereta, mas, de vez em quando, estremeceu. A lâ devia estar pinicando mais que o normal, naquela noite.

Kadere tornou a rir.

— Como preferir.

Por baixo daquela roupa, suspeitava, as Donzelas da Lança ainda só permitiam que ela usasse as joias roubadas, se tanto. Isendre se tornara bastante recatada desde que as Donzelas a apanharam. Por que ela fora estúpida o suficiente para roubar, ele não entendia. Certamente não fizera nenhuma objeção quando as Donzelas a arrastaram do carroção pelo cabelo, aos gritos. Apenas ficou feliz por não terem pensado que ele estava envolvido. A ganância de Isendre decerto tornara a tarefa dele mais difícil.

— Tem algo para me contar sobre al'Thor ou Natael?

Boa parte das orientações de Lanfear havia sido para que ele ficasse atento àqueles dois, e Kadere sabia que não havia jeito melhor de vigiar um homem de perto do que pôr uma mulher em sua cama. Qualquer homem contava para a parceira coisas que jurara manter em segredo, vangloriava-se de seus planos e revelava suas fraquezas, mesmo que esse homem fosse o Dragão Renascido ou o tal da Aurora, como os Aiel chamavam.

Isendre estremeceu visivelmente.

— Pelo menos posso chegar perto de Natael. — Chegar perto? Uma vez que as Donzelas apanharam-na entrando furtivamente na tenda do homem, tinham passado a quase enfiá-la lá todas as noites. As histórias de Isendre eram sempre exageradas a seu favor. — Não que ele me diga algo. Espere. Tenha paciência. Continue em silêncio. Adapte-se ao destino, o que quer que isso signifique. Ele diz isso toda vez que tento fazer uma pergunta. Na maior parte do tempo, só quer tocar umas músicas que eu nunca ouvi na vida e fazer amor. — Ela nunca tinha outra coisa a dizer a respeito do menestrel. Pela centésima vez, Kadere se perguntou por que Lanfear queria que Natael fosse vigiado. Supostamente, o

homem tinha o nível mais alto que um Amigo das Trevas podia alcançar, apenas um degrau abaixo dos próprios Escolhidos.

— Entendo que isso quer dizer que você ainda não conseguiu se esgueirar para a cama de al'Thor, não é? — perguntou, passando por ela para se sentar na cama.

— Não. — A mulher se contraiu, desconfortável.

— Então você precisa se esforçar mais, não acha? Estou ficando cansado desses fracassos, Isendre, e nossos mestres não são tão pacientes quanto eu. Não importam os títulos dele, al'Thor continua sendo apenas um homem. — Ela costumava se gabar para Kadere que conseguia conquistar qualquer homem que quisesse e obrigá-lo a fazer suas vontades. E demonstrara que se gabava com razão. Não precisara roubar joias. Ele teria comprado para Isendre qualquer coisa que ela quisesse. E já *havia* lhe dado mais do que podia pagar. — As malditas Donzelas não têm como vigiá-lo o tempo todo, e, quando você estiver em sua cama, ele não vai permitir que elas machuquem você. — Uma provinha dela seria suficiente para isso. — Tenho plena fé e confiança nas suas habilidades.

— Não. — A resposta pareceu mais curta desta vez.

Irritado, Kadere enrolou e desenrolou o lenço.

— “Não” é uma palavra que nossos mestres não gostam muito de ouvir, Isendre. — Estava falando dos lordes entre os Amigos das Trevas, e não eram todos lordes e ladies de verdade, de maneira nenhuma. Um cavaliário poderia dar ordens a uma lady, e um mendigo, a um magistrado. Mas os comandos entre os Amigos das Trevas eram impostos, no mínimo, tão estritamente quanto os de qualquer hierarquia, talvez até mais. — É uma palavra que nossa mestra não gostaria de ouvir.

Isendre estremeceu. Não acreditara no que Kadere lhe contou até ele lhe mostrar as queimaduras no peito, mas, desde então, uma única menção a Lanfear havia sido o bastante para reprimir qualquer rebelião da parte dela. Desta vez, ela começou a chorar.

— Eu não posso, Hadnan. Quando paramos hoje à noite, achei que fosse ter uma chance, já que estamos em uma cidade, e não em tendas, mas elas me pegaram antes que eu chegasse a dez passadas dele. — Isendre tirou o capuz, e Kadere ficou boquiaberto quando o luar iluminou o escalpo nu de Isendre. Até as sobranceiras haviam sido raspadas. — Elas me rasparam, Hadnan. Adelin, Enaila e Jolien me seguraram e rasparam todos os pelos do meu corpo. Me bateram com urtigas, Hadnan. — A mulher tremia feito uma muda de árvore ao vento forte, soluçando com a boca entreaberta e balbuciando as palavras. — Estou com coceira dos ombros aos joelhos, mas ardida demais para me coçar. Elas disseram que me fariam *vestir* urtigas na próxima vez que eu sequer olhasse na direção dele. Estavam falando sério, Hadnan. De verdade! Disseram que me

entregariam a Aviendha e me contaram o que ela faria. Eu não posso, Hadnan. De novo, não. Eu não posso.

Chocado, Kadere ficou encarando a mulher. Isendre tinha um cabelo escuro tão lindo. Ainda assim, sua beleza era tamanha que estar careca feito um ovo só fazia com que parecesse exótica. As lágrimas e o rosto cabisbaixo só atenuavam um pouco seu charme. Se conseguisse chegar à cama de Al'Thor por uma única noite... Não iria acontecer. Ela estava derrotada, graças às Donzelas. O próprio Kadere já tinha feito o mesmo com algumas pessoas, conhecia bem os sinais. A ânsia para evitar mais castigos se transformava em ânsia por obedecer. A mente nunca queria admitir que estava fugindo de algo, então ela logo se convenceria de que realmente desejava obedecer, de que de fato não queria nada além de satisfazer as Donzelas.

— O que Aviendha tem a ver com isso? — resmungou ele. Quanto tempo faltava para que Isendre também sentisse a necessidade de confessar seus pecados?

— Al'Thor tem dormido com ela desde Rhuidean, seu tolo! Aquela Aiel passa todas as noites com ele. As Donzelas acham que os dois vão se casar. — Mesmo entre soluços, Kadere identificou a fúria ressentida. Não gostava que outra tivesse sucesso onde ela falhara. Com certeza era por isso que ainda não tinha contado nada a ele.

Apesar do olhar feroz, Aviendha era uma mulher bonita e de seios fartos, se comparada com a maioria das Donzelas, mas achava que Isendre era páreo para ela caso... Isendre desabou ao luar que entrava pelas janelas, tremendo da cabeça aos pés, soluçando de boca aberta, com lágrimas que ela nem se dava ao trabalho de enxugar escorrendo pelas bochechas. Ela rastejaria se Aviendha franzisse a testa em sua direção.

— Muito bem — disse ele gentilmente. — Se você não pode, então não pode. Ainda dá para arrancar alguma coisa de Natael. Sei que você é capaz. — Ele se levantou e segurou Isendre pelos ombros para levá-la até a porta.

Ela se esquivou do toque de Kadere, mas se virou.

— Natael vai passar vários dias sem querer olhar para mim — afirmou, petulante, entre soluços e fungadas. O choro ameaçava irromper novamente a qualquer momento, mas o tom de voz dele pareceu tê-la acalmado. — Estou toda vermelha, Hadnan. Vermelha como se tivesse passado um dia inteiro deitada ao sol. E meu cabelo vai levar uma vida para voltar a crescer...

Quando ela se aproximou da porta, os olhos já voltados para a maçaneta, Kadere enrolou o lenço até fazer dele uma corda e, em um instante, começou a apertar o pescoço de Isendre. Tentou ignorar os gorgolejos estridentes e o raspar frenético dos pés dela no chão. A mulher cravou as unhas nas mãos dele, mas o olhar de Kadere estava fixo à frente. Mesmo mantendo os olhos abertos, viu Teodora. Sempre via, quando matava uma mulher. Amara a irmã, mas ela

descobrir o que ele era e não teria ficado em silêncio. Os calcanhares de Isendre chutavam violentamente, mas, depois do que pareceu uma eternidade, ficaram lentos, depois imóveis, e ela se tornou um peso morto em suas mãos. Kadere segurou a corda bem apertado e contou até sessenta antes de afrouxar e deixar a mulher cair. Ela logo estaria confessando. Confessando que fazia parte dos Amigos das Trevas. E apontando o dedo para ele.

Tateou os armários e apanhou uma faca de açougueiro. Livrar-se de um cadáver inteiro seria difícil, mas, por sorte, os mortos não sangravam tanto. O roupão iria absorver o pouco que sangrasse. Talvez encontrasse a mulher que deixara o bilhete sob a porta. Se não fosse bonita o bastante, devia ter companheiras que também fossem Amigos das Trevas. Natael não se importaria se fosse uma Aiel a visitá-lo — Kadere teria preferido dormir com uma víbora; os Aiel eram perigosos. E talvez uma Aiel tivesse melhor chance do que Isendre contra Aviendha. Trabalhando de joelhos, ele cantarolou uma canção de ninar que Teodora lhe ensinara.





UMA APOSTA

Uma suave brisa noturna varreu a cidadezinha de Eianrod, então se dissipou. Sentado na balaustrada de pedra da ponte larga e plana no coração da cidade, Rand imaginou que a brisa estivesse quente, ainda que, depois do Deserto, não lhe parecesse. Morna para a noite, talvez, mas não o suficiente para fazê-lo desabotoar o casaco vermelho. O rio abaixo nunca fora dos maiores e estava com metade da largura habitual, mas Rand ainda apreciava observar a água fluir para o norte, com as sombras das nuvens passageiras naquela noite enluarada brincando pela superfície de brilho escuro. Na realidade, era por isso que estava ali fora à noite: para passar um tempo olhando a água corrente. Suas proteções estavam armadas, circundando o acampamento Aiel, que, por sua vez, circundava a cidade. Os próprios Aiel mantinham uma vigilância que não deixaria nem um pardal passar despercebido. Rand podia gastar uma hora se tranquilizando com o correr de um rio.

Certamente era melhor do que mais uma noite mandando Moiraine embora para que pudesse estudar com Asmodean. A mulher tinha até passado a lhe trazer as refeições e ficava falando enquanto ele comia, como se quisesse comprimir tudo o que sabia na cabeça de Rand antes que chegassem à cidade de Cairhien. Ele não conseguiria assisti-la implorando para ficar mais tempo — implorando de verdade! —, como fizera na noite anterior. Para uma mulher como Moiraine, aquele comportamento era tão pouco natural que Rand se sentira impelido a concordar simplesmente para acabar com aquilo. O que provavelmente fora a intenção. Era bem melhor passar uma hora ouvindo o tranquilo ondular líquido do rio. Com sorte, Moiraine já teria desistido, naquela noite.

As oito ou dez passadas de barro entre a água e as ervas daninhas nas duas margens abaixo estavam secas e rachadas. Rand espiou as nuvens acima, que passavam pela lua. Poderia tentar fazer com que chovesse. As duas fontes da cidade estavam secas, e havia poeira em um terço dos poços que não se encontravam irreversivelmente danificados. Porém, a palavra era tentar. Fizera chover certa vez, quando se lembrara do truque. Se conseguisse, desta vez poderia tentar não transformar a chuva em um verdadeiro dilúvio, com tempestades de vento que arrancassem árvores.

Asmodean não seria útil. Não entendia muito de condições climáticas, ao que parecia. Para cada coisa que o homem lhe ensinava, havia duas que ele não sabia ou que lhe mostrava sem muito esmero. No passado, Rand achara que os Abandonados sabiam de tudo, que eram praticamente onipotentes. Mas, se os demais fossem como Asmodean, também tinham suas ignorâncias e fraquezas. Podia até ser que Rand já soubesse mais do que eles sobre alguns assuntos. Do que alguns deles, pelo menos. O problema seria descobrir quem. Semirhage era quase tão ruim quanto Asmodean na manipulação de condições climáticas.

Rand estremeceu como se aquela fosse uma noite na Terra da Trindade. Asmodean jamais lhe dissera aquilo. Se pretendia dormir, era melhor escutar a água e não pensar em nada.

Sulin se aproximou, a *shoufa* em torno dos ombros de modo a revelar o cabelo branco curto, e se inclinou na balaustrada. A rija Donzela estava armada para a batalha, arco e flechas, lanças, faca e broquel. Assumira o comando da guarda de Rand naquela noite. A dez passadas de distância, mais duas dúzias de *Far Dareis Mai* estavam agachadas tranquilamente na ponte.

— Noite estranha — disse ela. — Estávamos jogando, mas de repente todo mundo começou a tirar só seis nos dados.

— Me desculpe — respondeu ele sem pensar, fazendo Sulin encará-lo de modo esquisito. Ela não sabia, claro. Rand não revelara nada a respeito. As ondulações que ele produzia como *ta'veren* se espalhavam de maneira estranha e aleatória. Nem os Aiel iriam querer estar a menos de dez milhas dele, se soubessem.

Naquele dia, o solo cedera sob três Cães de Pedra, fazendo-os cair em um poço de víboras, mas nenhuma das dúzias de mordidas encontrara mais que pano. Rand sabia que havia sido ele, manipulando a sorte. Tal Nethin, o fabricante de selas, sobrevivera a Taien apenas para tropeçar em uma pedra, no meio daquele dia, e quebrar o pescoço ao cair em um gramado plano. Rand também temia que tivesse sido ele. Por outro lado, Bael e Jheran haviam feito uma trégua na rixa de sangue entre os Shaarad e os Goshien, na presença de Rand, durante um almoço de carne seca em plena viagem. Eles ainda não se gostavam, e não pareciam entender o que haviam feito, mas *fizeram*, assumindo compromissos e fazendo juramentos de água, cada um segurando o copo para o outro beber. Para

os Aiel, juramentos de água eram mais fortes que qualquer outro. Várias gerações poderiam se passar antes que os Shaarad e os Goshien voltassem a sequer roubar ovelhas, cabras ou gado um do outro.

Rand se perguntara se, algum dia, aqueles efeitos aleatórios funcionariam a seu favor. Talvez aquilo fosse o mais perto que conseguiria chegar. O que mais acontecera naquele dia que poderia ser atribuído a ele, Rand não sabia. Nunca perguntava e também não queria ouvir. Os Bael e Jherans só compensavam em parte os Tal Nethins.

— Faz dias que não vejo Enaila ou Adelin — disse ele. Era uma mudança de assunto tão boa quanto qualquer outra. Aquelas duas, em particular, pareciam possessivas sobre suas posições na guarda dele. — Elas estão doentes?

O olhar que Sulin lhe lançou foi ainda mais esquisito, se possível.

— Elas vão voltar quando pararem de brincar de boneca, Rand al'Thor.

Ele abriu a boca e tornou a fechá-la. Os Aiel eram estranhos — as lições de Aviendha costumavam fazê-los parecerem ainda mais estranhos, não menos —, mas aquilo era ridículo.

— Bem, diga às duas que elas já são mulheres feitas e que precisam agir como tal.

Mesmo à luz da lua, ele viu que o sorriso dela era de contentamento.

— Será como o *Car'a'carn* deseja. — O que aquilo significava? Ela o encarou por um momento, os lábios apertados em uma expressão pensativa. — Você ainda não comeu esta noite. Tem comida suficiente para todo mundo, e você não vai encher nenhuma outra barriga ficando com fome. Se não comer, as pessoas vão ficar preocupadas com a *sua* saúde. Vai acabar adoecendo.

Ele gargalhou suavemente, um chiado rouco. O *Car'a'carn* em um minuto, e no outro... Se não fosse buscar algo para comer, Sulin provavelmente faria isso para ele. E, além do mais, tentaria lhe dar na boca.

— Eu vou comer. Moiraine já deve estar debaixo dos cobertores a uma hora dessas. — Desta vez, a estranheza no olhar dela foi gratificante. Para variar, *ele* dissera algo que *ela* não entendeu.

Ao esticar os pés para descer, Rand escutou o ressoar de patas de cavalo vindo pela rua de pedra em direção à ponte. Todas as Donzelas se puseram imediatamente de pé, os rostos cobertos pelos véus. Metade delas posicionou flechas nos arcos. Rand levou a mão instintivamente à cintura, mas a espada não estava lá. Os Aiel já achavam suficientemente estranho vê-lo cavalgar e carregar o troço na sela, e Rand não vira nenhuma necessidade de ofender ainda mais os costumes deles ao usá-la. Além do mais, não havia muitos cavalos, e eles se aproximavam caminhando.

Quando os cavaleiros apareceram, cercados por uma escolta de cinquenta Aiel, viu que eram menos de vinte, os ombros curvados nas selas. A maioria usava elmos com aro e casacos tairenos de mangas listradas sob a armadura

peitoral. Os dois que vinham à frente tinham couraças douradas enfeitadas e grandes plumas brancas presas à parte frontal dos elmos, e as listras de suas mangas cintilavam feito cetim sob o luar. No entanto, meia dúzia de homens mais atrás, mais baixos e fracos que os tairenos, dois deles com pequenos estandartes chamados *con* presos em mastros curtos atrelados às costas, usavam casacos escuros e elmos com formato de sino cortados para expor seus rostos. Os cairhienos usavam os estandartes para diferenciar os oficiais em batalha e também para identificar a guarda pessoal de um lorde.

Os tairenos emplumados o encararam, trocando olhares assustados, e desceram de modo desajeitado para se ajoelhar diante dele, os elmos debaixo do braço. Eram jovens, um pouco mais velhos que Rand, ambos com barbas escuras aparadas para formar uma ponta, à moda da nobreza tairena. As armaduras peitorais estavam amassadas, e havia lascas na camada dourada. Tinham cruzado espadas em algum lugar. Nenhum dos dois chegou a dar mais que uma olhadela para os Aiel que os cercavam, como se, caso ignorados, aqueles estrangeiros fossem desaparecer. As Donzelas tiraram os véus, embora não parecessem menos prontas para atravessar uma lança ou uma flecha pelo corpo de um dos homens ajoelhados.

Rhuarc seguia os tairenos acompanhado de um Aiel mais jovem, de olhos cinzentos e um pouco mais alto que ele, e parou logo atrás. Mangin era dos Taardad Jindo, e um dos que havia ido à Pedra de Tear. Os Jindo haviam trazido os cavaleiros.

— Milorde Dragão — disse o fidalgote rechonchudo de bochechas rosadas —, que minha alma queime, mas eles fizeram *o senhor* de prisioneiro? — O acompanhante, com orelhas de abano e nariz de batata que o faziam parecer com fazendeiro, apesar da barba, não parava de tirar nervosamente finos fios de cabelo do rosto. — Eles disseram que estavam nos trazendo para algum sujeito da Aurora. O *Car'a'carn*. Se me lembro do que meu tutor me ensinou, significa alguma coisa relacionada a chefes. Me perdoe, milorde Dragão. Sou Edorion, da Casa Selorna, e este é Estean, da Casa Andiamo.

— Eu sou Aquele Que Vem Com a Aurora — respondeu Rand, calmo. — E o *Car'a'carn*.

Já os identificara: jovens lordes que haviam passado o tempo todo bebendo, jogando e abordando mulheres quando ele estava na Pedra. Os olhos de Estean quase saltaram do rosto. Edorion, por um momento, pareceu igualmente surpreso, depois assentiu devagar, como se, de repente, tivesse entendido tudo.

— Levantem-se. Quem são seus acompanhantes cairhienos? — Seria interessante conhecer cairhienos que não estivessem fugindo dos Shaido ou de qualquer outro Aiel. Na verdade, se eles estavam com Edorion e Estean, talvez fossem os primeiros partidários que Rand encontrava naquelas terras. Caso os dois pais daqueles tairenos tivessem obedecido suas ordens. — Traga-os à frente.

Estean piscou, surpreso, ao se levantar, mas Edorion mal hesitou antes de se virar para gritar:

— Meresin! Daricain! Venham cá! — Foi como se chamasse cachorros. Os estandartes cairhienos ondularam quando os dois desceram lentamente dos cavalos.

— Milorde Dragão — cumprimentou Estean, lambendo os lábios como se estivesse com sede. — O senhor... O senhor enviou os Aiel para atacar Cairhien?

— Então eles atacaram a cidade?

Rhuarc aquiesceu, e Mangin respondeu:

— Se for possível acreditar nestes dois, Cairhien ainda resiste. Ou resistia, três dias atrás. — Não havia dúvida de que ele achava que Cairhien já caíra, e menos ainda de que não ligava para uma cidade de Assassinos da Árvore.

— Eu não os enviei, Estean — afirmou Rand, quando os dois cairhienos se juntaram à dupla, ajoelhando-se e retirando os elmos para revelar homens da mesma faixa etária de Edorion e Estean, os cabelos raspados na linha das orelhas e olhos escuros cheios de cautela. — Os que atacam a cidade são meus inimigos, os Shaido. Minha intenção é salvar Cairhien, caso ela ainda possa ser salva.

Rand precisou cumprir o protocolo de mandar os cairhienos ficarem de pé. Sua estada com os Aiel quase que o fizera se esquecer dos hábitos deste lado da Espinha do Mundo, de se curvar e se ajoelhar para lá e para cá. Também precisou pedir para que as pessoas fossem apresentadas, e os próprios cairhienos o fizeram. Lorde Tenente Meresin, da Casa Daganred, cujo *con* era uma sucessão de linhas verticais onduladas, vermelhas e brancas, e Lorde Tenente Daricain, da Casa Annallin, seu *con* coberto de quadradinhos vermelhos e pretos. Era uma surpresa ambos serem lordes. Embora comandassem e liderassem soldados em Cairhien, lordes não raspavam as cabeças e se tornavam soldados. Não era o costume, mas, ao que parecia, muita coisa havia mudado.

— Milorde Dragão. — Meresin gaguejou um pouco ao pronunciar as palavras. Tanto ele quanto Daricain eram homens esguios e de pele clara, com rostos afilados e nariz comprido, mas ele era um pouco mais robusto. Nenhum parecia ter comido muito, ultimamente. Meresin se apressou, como se temesse ser interrompido: — Milorde Dragão, Cairhien é capaz de resistir. Por mais alguns dias, talvez não mais que dez ou doze, mas o senhor precisa ir rápido, se pretende salvá-la.

— Foi por isso que viemos — alertou Estean, lançando um olhar sombrio na direção de Meresin. Os dois cairhienos devolveram o olhar, mas o ar de desafio era tingido por resignação. Estean tirou o cabelo grudado na testa. — Para buscar ajuda. Destacamentos foram enviados em todas as direções, milorde Dragão. — Apesar do suor no rosto, ele estremeceu, e sua voz ficou distante e vazia. — Havia mais homens quando começamos. Vi Baran morrer gritando com uma

lança atravessada nas tripas. Ele nunca mais vai cortar um baralho. Eu aceitaria uma caneca de algum conhaque forte.

Edorion virou o elmo nas mãos enluvadas e franziu o rosto.

— Milorde Dragão, a cidade consegue resistir um pouco mais, mas mesmo que estes Aiel lutem contra eles, a pergunta é: o senhor é capaz de levá-los até lá a tempo? Eu acho que dez ou doze dias são uma estimativa mais do que generosa da minha parte. Na verdade, só vim até aqui porque achei que morrer atravessado por uma lança seria melhor do que ser levado vivo quando eles cruzassem as muralhas. A cidade está atulhada de refugiados que fugiram dos Aiel. Não sobrou nenhum cão ou pombo por lá, e duvido que em breve ainda haja ratos. A única coisa boa é que ninguém parece muito preocupado com quem vai tomar o Trono do Sol, não com esse tal de Couladin à espreita.

— No segundo dia, ele ordenou que nos rendêssemos Àquele Que Vem Com a Aurora — disse Daricain, recebendo um olhar feio de Edorion por tê-lo interrompido.

— Couladin faz algum tipo de jogo com os prisioneiros — acrescentou Estean. — Bem de longe, mas de um ponto das muralhas que qualquer um podia ver. Também dá para ouvir os gritos deles. Que a Luz queime minha alma, mas não sei se ele está tentando nos subjugar ou se simplesmente gosta de fazer aquilo. Às vezes eles deixam camponeses correrem em direção à cidade só para atirar um monte de flechas neles quando já estão quase em segurança. Se é que Cairhien é segura. São só camponeses, mas... — Ele se interrompeu e engoliu em seco, como se tivesse acabado de se lembrar da opinião de Rand sobre os “só camponeses”. Rand apenas o encarou, mas o homem pareceu encolher e ficou murmurando a respeito do conhaque.

Edorion aproveitou o silêncio momentâneo.

— Milorde Dragão, o ponto é que a cidade pode resistir até sua chegada, caso o senhor vá rápido. Só resistimos ao primeiro ataque porque o Portão Frontal pegou fogo...

— A chamas quase tomaram a cidade — intrometeu-se Estean. O Portão Frontal, que quase delimitava outra cidade, fora das muralhas de Cairhien, era feito principalmente de madeira, pelo que Rand lembrava. — Teria sido um desastre se o rio não estivesse logo ali.

O outro taireno continuou em seguida.

— ... mas Lorde Leilan tem a defesa bem planejada, e os cairhienos parecem continuar fortes, até o momento. — Aquilo rendeu a Edorion uma careta de Meresin e Daricain que ele ou não viu ou fingiu não ver. — Sete dias, com sorte, talvez oito, no máximo. Caso o senhor consiga... — Um suspiro profundo pareceu murchar subitamente o aspecto rechonchudo de Edorion. — Não vi nenhum cavalo — disse ele, como que para si mesmo. — Os Aiel não cavalgam. O senhor nunca vai conseguir levar os homens tão longe a pé a tempo.

— Quanto tempo? — Rand perguntou a Rhurarc.

— Sete dias — respondeu ele. Mangin assentiu, e Estean gargalhou.

— Que minha alma queime, mas levamos esse tempo para chegar aqui a cavalo. Se vocês se acham capazes de fazer a viagem de volta a pé no mesmo tempo, devem estar... — Percebendo os olhos dos Aiel em si, Estean tirou o cabelo do rosto. — Tem algum conhaque nesta cidade?

— Não se trata de quão rápido nós conseguimos ir — retrucou Rand, calmo —, e sim de quão rápido vocês conseguem, caso desmontem alguns de seus homens e usem os cavalos deles de reserva. Quero que Meilan e Cairhien sejam avisados de que a ajuda está a caminho. Mas quem quer que vá precisa garantir que será capaz de ficar de boca fechada, caso seja apanhado pelos Shaido. Não quero que Couladin saiba de nada além do que puder descobrir por conta própria. — O rosto de Estean ficou mais branco que o dos cairhienos.

Meresin e Daricain se ajoelharam ao mesmo tempo, cada um tomando uma das mãos de Rand para beijá-la. Ele deixou, com tanta paciência quanto foi capaz de reunir. Um dos conselhos de Moiraine que parecera sensato fora não ofender os costumes dos povos, independentemente de quão estranhos ou repulsivos fossem, a menos que absolutamente necessário, e, ainda assim, pensando duas vezes.

— Nós vamos, milorde Dragão — afirmou Meresin, esbaforido. — Obrigado, milorde Dragão. Obrigado. Sob a Luz, juro que prefiro morrer a revelar uma só palavra para qualquer pessoa, exceto meu pai ou o Grão-lorde Meilan.

— Que a sorte esteja convosco, milorde Dragão — completou o outro. — Que a sorte esteja convosco e que a Luz o ilumine para sempre. Estou com o senhor até a morte. — Rand permitiu que Meresin também afirmasse que estava com ele antes de recolher as mãos com firmeza e ordenar que os dois se levantassem. Não gostava do modo como ambos lhe encaravam. Edorion os chamara feito cães, mas homens não deveriam olhar para ninguém como cães diante de um mestre.

Edorion respirou fundo, inchando as bochechas rosadas, e expirou devagar.

— Suponho que, se consegui sair de lá inteiro, sou capaz de voltar. Milorde Dragão, perdoe-me se o ofendo, mas o senhor se importaria em apostar, digamos, mil coroas de ouro, que realmente consegue chegar lá em sete dias?

Rand o encarou. O homem parecia Mat.

— Não tenho nem cem coroas de prata, muito menos mil de...

Sulin interrompeu:

— Ele tem, taireno — afirmou com propriedade. — Ele cobre a sua aposta, caso aceite dez mil em peso.

Edorion gargalhou.

— Combinado, Aiel. E cada cobre terá valido a pena caso eu perca. Pensando bem, não vou viver para coletar o prêmio, caso eu ganhe. Venham, Meresin e Daricain. — Ele soou como se estivesse mandando cães se sentarem. — Hora de cavalgar.

Rand esperou até que os três tivessem feito as reverências e estivessem na metade do caminho até os cavalos antes de se aproximar da Donzela de cabelo branco.

— O que vocês querem dizer com eu ter mil coroas de ouro? Nunca nem *vi* mil coroas de ouro, menos ainda dez mil.

As Donzelas trocaram olhares como se ele fosse demente. Rhuarc e Mangin fizeram o mesmo.

— Um quinto do tesouro que estava na Pedra de Tear pertence àqueles que tomaram a Pedra e será recolhido quando eles tiverem como levá-lo — explicou Sulin, como se falasse com uma criança sobre fatos simples da vida cotidiana. — Como chefe e líder da batalha, um décimo desse quinto é seu. Tear se rendeu a você como chefe de direito pelo triunfo, então um décimo de Tear também é seu. E você disse que podemos pegar o quinto destas terras. Um... imposto, foi como você chamou. — Ela tropeçou na palavra. Os Aiel não cobravam impostos. — A décima parte disso também é sua, como *Car'a'carn*.

Rand balançou a cabeça. Em todas as conversas com Aviendha, nunca pensara em perguntar se o quinto se aplicava a ele. Não era um Aiel, *Car'a'carn* ou não, e aquilo não parecia envolvê-lo. Bem, talvez não fosse um imposto, mas Rand poderia usá-lo como os reis usavam seus impostos. Infelizmente, só tinha uma vaga ideia de como seria aquilo. Teria de perguntar a Moiraine. Ela não abordara o tópico em suas aulas. Talvez a mulher achasse que era tão óbvio que ele já deveria saber.

Elayne saberia para que finalidade os impostos deveriam ser utilizados. Certamente fora mais divertido ser aconselhado por ela do que por Moiraine. Desejou saber onde ela estava. Ainda em Tanchico, provavelmente. Egwene só lhe repassava uma sequência de cumprimentos. Rand queria poder se sentar com Elayne e fazê-la explicar aquelas duas cartas. Donzela da Lança ou Filha-herdeira de Andor, as mulheres eram estranhas. Exceto Min, talvez. Ela gargalhara dele, mas nunca parecera estar falando em alguma outra língua. Agora ela não gargalharia. Se Rand algum dia voltasse a vê-la, Min correria cem milhas para ficar longe do Dragão Renascido.

Edorion desmontou todos os seus homens, pegando um dos cavalos e amarrando os demais pelas rédeas, junto com o de Estean. Não havia dúvida de que estava guardando o próprio animal para a arrancada final por entre os Shaído. Meresin e Daricain fizeram o mesmo com seus homens. Embora aquilo significasse que os cairhienos só teriam duas montarias reservas para cada um,

ninguém pareceu pensar que eles deveriam pegar algum dos cavalos tairenos. Partiram juntos trotando para o oeste, acompanhados de uma escolta Jindo.

Estean tomou o cuidado de não olhar para ninguém ao se aproximar dos soldados aos pés da ponte, nervosos por se verem cercados pelos Aiel. Mangin agarrou sua manga com listras vermelhas.

— Você vai poder nos contar sobre a situação dentro de Cairhien, aguacento. — O jovem de nariz de batata parecia a ponto de desmaiar.

— Tenho certeza de que ele vai responder a todas as perguntas que vocês fizerem — disse Rand com rispidez, enfatizando a palavra “perguntas”.

— Serão apenas perguntas — afirmou Rhuarc, tomando o outro braço do taireno. Ele e Mangin pareciam apertando e erguendo o homem, bem mais baixo. — Alertar os defensores da cidade é bom e providencial, Rand al'Thor — prosseguiu Rhuarc —, mas temos que enviar patrulheiros. Correndo, eles podem chegar a Cairhien tão rápido quanto homens a cavalo e voltar para nos encontrar com a informação sobre como Couladin dispôs os Shaido.

Rand sentia os olhos das Donzelas nele, mas manteve o olhar firme em Rhuarc.

— Andarilhos do Trovão? — sugeriu.

— *Sha'mad Conde* — concordou Rhuarc. Ele e Mangin viraram Estean, a quem estavam *mesmo* segurando, e partiram em direção aos outros soldados.

— Só perguntas! — gritou Rand para as costas deles. — Ele é seu aliado e meu vassalo.

Não fazia ideia se Estean era seu vassalo ou não — era mais uma pergunta para fazer a Moiraine —, e muito menos quanto o homem era realmente seu aliado — o pai dele, Grão-lorde Torean, tramara muitos planos contra Rand —, mas não permitiria nada parecido com os métodos de Couladin.

Rhuarc virou a cabeça e assentiu.

— Você cuida bem da sua gente, Rand al'Thor. — A voz de Sulin saiu monótona feito uma tábua aplinada.

— Eu tento — retrucou ele. Não estava disposto a morder a isca. Dentre os que fossem patrulhar os Shaido, alguns não retornariam, era um fato. — Agora acho que vou comer alguma coisa. E dormir um pouco.

Não devia faltar muito mais que duas horas para a meia-noite, e o sol ainda se erguia cedo naquela época do ano. As Donzelas o seguiram, observando cautelosamente as sombras, como se esperassem um ataque, gesticulando uma para a outra. Mas, para dizer a verdade, os Aiel pareciam estar sempre à espera de ataques.





AS NEVES DISTANTES

As ruas de Eianrod eram perfeitamente paralelas, sem curvas, e se cruzavam em ângulos retos. Onde era necessário, atravessavam colinas que, na maioria dos casos, eram aterradas com pedras. As construções de pedra e telhado de ardósia tinham um aspecto angular, como se todas as linhas fossem verticais. Eianrod não caíra nas mãos de Couladin. Não havia ninguém quando os Shaido passaram por lá. Contudo, boa parte das casas não passava de vigas queimadas e cascas ocas em ruínas, incluindo a maioria das largas edificações de mármore com três andares e varandas, que Moiraine afirmara pertencer a mercadores. Móveis quebrados e roupas estavam espalhados pelas ruas, além de pratos estilhaçados, cacos de vidro das janelas, botas, ferramentas e brinquedos.

Os incêndios haviam ocorrido em épocas diferentes — Rand chegara sozinho a essa conclusão, analisando o desgaste das madeiras enegrecidas e o cheiro de queimado que ainda se sentia em determinados locais —, mas Lan delineara o fluxo das batalhas que conquistaram e reconquistaram a cidade. Os conquistadores eram as diferentes Casas disputando o Trono do Sol, embora provavelmente, pelo aspecto das ruas, os últimos a dominar Eianrod tivessem sido bandidos. Boa parte dos bandos que vagavam por Cairhien não se mantinha leal a nada e a ninguém, exceto ao ouro.

Foi a uma das casas dos mercadores que Rand se dirigiu, na maior das duas praças da cidade. Eram três andares quadrados de mármore cinza, com varandas pesadas e degraus largos ladeados por espessos corrimãos de pedra que davam para uma fonte silenciosa, com a bacia redonda empoeirada. A oportunidade de voltar a dormir em uma cama tinha sido boa demais para deixar passar, e ele tivera esperanças de que Aviendha decidisse permanecer em uma

tenda. Se na dele ou na das Sábias, não se importava, contanto que não precisasse tentar dormir ouvindo a respiração dela a poucas passadas de distância. Ultimamente, começara a imaginar que escutava o coração dela batendo mesmo quando não estava agarrando *saidin*. Mas, caso ela não ficasse longe, havia tomado algumas precauções.

As Donzelas pararam junto aos degraus, espalhando-se pelo prédio para guardá-lo de todas as direções. Rand temera que elas fossem tentar declarar aquele local como Teto das Donzelas, ainda que só por uma noite, então, assim que escolheu a casa, uma das poucas na cidade com o telhado inteiro e a maioria das janelas intacta, dissera a Sulin que estava declarando-a o Teto dos Irmãos do Fonte de Vinho. Só podia entrar ali quem já tivesse bebido do riacho Fonte de Vinho, em Campo de Emond. Pelo olhar que lançou a ele, Sulin sabia muito bem quais eram suas intenções, mas ninguém o acompanhou além das portas largas que mais pareciam estreitos painéis verticais.

Dentro, os amplos aposentos estavam vazios, apesar de alguns *gai'shain* de roupões brancos terem espalhado cobertores para si mesmos no espaçoso hall de entrada, cujo teto alto de gesso exibia um padrão de quadrados rigorosos. Manter os *gai'shain* lá fora estava além de sua capacidade, mesmo que Rand quisesse, assim como manter Moiraine, a não ser quando ela estava dormindo em outro local. Não importava a ordem que Rand desse quanto a não ser perturbado, ela sempre encontrava um jeito de fazer as Donzelas a deixarem entrar, e ele sempre tinha que mandá-la embora com todas as letras para que a mulher partisse.

Os *gai'shain* se levantaram suavemente, homens e mulheres, antes que Rand fechasse a porta. Não dormiriam até que ele dormisse, e alguns se revezariam acordados para o caso de ele querer algo no meio da noite. Tentara ordenar que não fizessem isso, mas dizer um *gai'shain* para não servir de acordo com os costumes era como chutar um fardo de lã: qualquer impacto causado desapareceria assim que o pé desencostasse. Rand os dispensou com um aceno e subiu os degraus de mármore. Alguns dos *gai'shain* haviam recuperado alguns móveis, incluindo uma cama e dois colchões de penas, e ele não via a hora de se lavar e...

Rand ficou paralisado assim que abriu a porta do quarto. Aviendha optara por não permanecer nas tendas. Ela estava de pé junto ao lavatório com uma pia quebrada e um cântaro que não combinavam, um pedaço de pano em uma das mãos e uma barra de sabão amarelo na outra. Estava sem roupa. Parecia tão estarrecida e incapaz de se mover quanto ele.

— Eu... — Ela parou para engolir, os grandes olhos verdes fixos no rosto dele. — Não consegui armar uma tenda de vapor aqui nesta... cidade, então pensei em tentar o seu jeito de... — Ela tinha músculos definidos e curvas suaves, e a umidade a fazia brilhar da cabeça aos pés. Rand jamais imaginara

que suas pernas fossem tão compridas. — Achei que você ia ficar mais tempo na ponte. Eu... — Seu tom de voz ficou agudo, os olhos se arregalaram em pânico. — Eu não armei para você me ver assim! Preciso ficar longe de você! O mais longe que puder! Eu preciso!

De repente, uma linha vertical tremeluzente apareceu no ar perto dela. A linha se alargou, como se estivesse em rotação, e formou um portal. Um vento gelado soprou de lá e percorreu o quarto, trazendo espessas cortinas de neve.

— Preciso sair daqui! — gritou ela, saindo em disparada em direção à nevasca.

Imediatamente, o portão voltou a se estreitar, girando, mas, sem nem pensar, Rand canalizou e o bloqueou na metade da largura anterior. Não sabia o que havia feito, nem como, mas tinha certeza de que aquele era um portão para Viajar, tal como Asmodean lhe contara e fora incapaz de ensinar. Não havia tempo para pensar. Para onde quer que Aviendha tivesse ido, adentrara nua no coração de uma nevasca. Rand desamarrou os fluxos que tecera, já puxando todos os cobertores da cama para jogá-los por cima das roupas e do catre da garota. Pegou os lençóis, as roupas e os tapetes, tudo junto, e se lançou portão adentro poucos instantes depois de Aviendha.

O vento gelado uivava pelo ar noturno tomado por espirais brancas. Mesmo enrolado no Vazio, ele sentia o corpo tremendo. Conseguia identificar vagamente alguns vultos dispersos na escuridão. Árvores, pensou. Não sentia cheiro de nada, só o frio. À frente, uma forma se moveu, obscurecida pela escuridão e pela tempestade de neve. Não fosse a nitidez de sua visão no Vazio, talvez não a enxergasse. Aviendha estava correndo o máximo que podia. Ele se arrastou atrás dela, a neve batendo nos joelhos, segurando o embrulho compacto bem firme contra o peito.

— Aviendha! Pare! — Temeu que o vento uivante abafasse seu grito, mas ela o ouviu. O que apenas a fez correr mais ainda. Rand se forçou a acelerar, vacilando e tropeçando à medida que a neve cada vez mais profunda lhe pesava nas botas. As pegadas deixadas pelos pés descalços dela se preenchiam rapidamente. Se ele a perdesse de vista ali... — Pare, sua tola! Está tentando se matar? — O som de sua voz parecia impeli-la a correr mais rápido.

Sem arrefecer, Rand seguiu em frente, quase caindo e se esforçando para tornar a ficar de pé, empurrado tanto pelo vento que o açulava quanto pelos tropeços na neve e colisões com as árvores. Não podia tirar os olhos dela. Ficou agradecido por aquela floresta, ou o que quer que fosse aquilo, ter árvores tão espaçadas.

No Vazio, as ideias se sucediam rapidamente e logo eram descartadas. Poderia tentar domar a tempestade, e talvez, como resultado, o ar virasse gelo. Um abrigo de Ar para se proteger da neve que caía não ajudaria em nada contra

a neve já sob seus pés. Com Fogo, poderia derreter um caminho para si mesmo e, em troca, tropeçar em meio à lama. A menos que...

Ele canalizou, e a neve logo adiante derreteu em uma faixa de uma braça de largura, uma faixa que ia correndo à frente conforme ele corria. O vapor subiu, e a neve que caía desaparecia a um pé do solo arenoso. Rand sentia o calor atravessando as botas. Afundado quase na altura dos tornozelos, seu corpo tremia com o frio de gelar os ossos. Os pés suavam e se contraíam no solo aquecido. Mas ele já a estava alcançando. Mais cinco minutos e...

De repente, a imagem vaga que ele vinha seguindo desapareceu, como se Aviendha tivesse caído em um buraco.

Mantendo os olhos fixos no ponto em que a vira pela última vez, Rand correu o mais rápido que pôde. Subitamente, havia água gelada correndo por seus tornozelos, quase no meio das panturrilhas. À frente, a neve derretia, revelando cada vez mais, e o gelo voltava se refazendo, devagar. Nenhum vapor subia da água negra. Regato ou rio, era grande demais para que sua capacidade de canalizar aquecesse minimamente a corrente que fluía com velocidade. Ela devia ter corrido até o gelo e caído, mas Rand não a salvaria tentando entrar naquela água. Preenchido por *saidin*, mal se dava conta do frio, mas os dentes batiam sem controle.

Recuou até a margem, mantendo os olhos fixos no local onde achava que Aviendha caíra, e canalizou fluxos de Fogo no solo ainda descoberto, bem afastado do córrego, até a areia derreter, se fundir e ganhar um brilho branco. Mesmo naquela tempestade, aquilo ficaria quente por algum tempo. Colocando o embrulho ao lado — a vida dela dependeria de reencontrarem os cobertores e tapetes —, ele avançou pela branquidão da neve, perto da areia derretida, e se estirou. Lentamente, Rand rastejou até o gelo coberto de neve.

O vento passava assobiando. Era como se seu casaco nem existisse. As mãos, àquela altura, estavam dormentes, os pés, quase isso. Parara de tremer, exceto por um calafrio ocasional. Calmo e sereno dentro do Vazio, ele sabia o que estava acontecendo. Havia nevascas em Dois Rios, talvez tão intensas quanto aquela. Seu corpo estava se esgotando. Se não encontrasse logo alguma fonte de calor, seria capaz de assistir calmamente à própria morte de dentro do Vazio. Mas, caso morresse, Aviendha também morreria. Isso se já não estivesse morta.

Ele mais sentiu do que ouviu o gelo rachando com seu peso. As mãos tateantes caíram na água. O local era aquele, mas, com a neve rodopiando pelo ar, ele mal conseguia ver. Debateu-se, procurando, as mãos dormentes espirrando água. Uma delas bateu em alguma coisa na borda do gelo, e Rand comandou que seus dedos se fechassem, sentindo os cabelos congelados.

Tenho que tirá-la daqui. Ele rastejou para trás, arrastando-a. Aviendha era um peso morto deslizando devagar para fora d'água. *Dane-se se o gelo arranhá-la. Melhor do que congelar ou se afogar.* Para trás. *Continue se mexendo. Se você*

desistir, ela morre. Continue se mexendo, e que se queime! Rastejando. Puxava com as pernas, com uma das mãos. A outra estava presa ao cabelo de Aviendha. Não havia tempo para tentar segurar melhor. Fosse como fosse, ela não sentiria nada. *Faz muito tempo que você só tem tido facilidades. Lordes se ajoelhando, gai'shain correndo para buscar seu vinho, Moiraine fazendo o que você manda. Para trás. Hora de fazer alguma coisa você mesmo, se é que ainda consegue. Mexa-se, seu bastardo chamejante nascido de uma cabra decrépita! E continue se mexendo!*

De repente, seus pés começaram a doer e a dor foi subindo pelas pernas. Ele precisou de um momento para olhar para trás, e então rolou para fora do caminho fumegante de areia derretida. Fios de fumaça, no ponto em que suas calças haviam começado a pegar fogo, eram levados embora pelo vento.

Manuseando desajeitadamente o embrulho que havia deixado ali, ele enrolou Aviendha da cabeça aos pés em tudo o que encontrou: os cobertores, os tapetes do catre, as roupas dela. Cada pedacinho de proteção era vital. Os olhos estavam fechados, e ela não se mexia. Rand abriu os cobertores o suficiente para colocar o ouvido no peito dela. O coração batia tão devagar que ele não tinha certeza se realmente estava escutando. Nem quatro lençóis e meia dúzia de tapetes bastavam, e ele não tinha como canalizar calor nela, como fizera com o solo. Mesmo que afilasse o fluxo o máximo possível, era mais provável que a matasse do que a aquecesse. Rand sentia a tessitura que usara para manter o portão dela aberto, mesmo a uma ou talvez duas milhas de distância tempestade adentro. Se tentasse carregá-la até tão longe, nenhum dos dois sobreviveria. Ambos precisavam de abrigo, e teria de ser um local próximo.

Canalizou fluxos de Ar, e a neve começou a se mover pelo chão em sentido contrário ao do vento, formando espessas paredes quadradas de todos os lados, com três passadas de comprimento, e uma abertura funcionando como porta, erguendo-se cada vez mais, compactando a neve até fazê-la brilhar feito gelo e criando um telhado alto o bastante para se sustentar. Aconchegando Aviendha nos braços, ele adentrou o interior escuro aos tropeções, tecendo e amarrando chamas que dançavam nos cantos para dar luz e canalizando para despejar mais neve até fechar a porta.

Bastou o vento ficar de fora para a sensação de calor aumentar, mas aquilo não seria suficiente. Usando o truque que Asmodean lhe mostrara, Rand teceu Ar e Fogo, e o ar em torno deles se aqueceu. Nem ousava atar aquela tessitura. Se pegasse no sono, ela poderia crescer e derreter a cabana. Na verdade, as chamas eram quase tão perigosas de se amarrar, mas ele estava extenuado e com frio demais para manter mais de uma tessitura.

O chão da parte interna fora desobstruído conforme Rand construía o abrigo, um solo arenoso só com algumas folhas marrons que ele não reconhecia e ervas daninhas baixas, mortas e imundas que lhe eram igualmente estranhas.

Largando a tessitura que aquecia o ar, esquentou o chão o suficiente para deixá-lo menos gélido, depois voltou à outra tessitura. O máximo que conseguiu foi deitar Aviendha gentilmente, em vez de largá-la.

Enfiou a mão dentro dos cobertores para sentir a bochecha e o ombro dela. Gotas d'água percorriam o rosto dela à medida que o cabelo de Aviendha derretia. Rand estava com frio, mas ela estava um gelo, precisava de cada fiapo de calor que ele pudesse proporcionar, e Rand não ousava aquecer mais o ar. As paredes internas já brilhavam com uma discreta camada derretida. Por mais congelado que se sentisse, ele tinha muito mais calor no corpo do que Aviendha.

Rand tirou as roupas e se enfiou ao lado dela debaixo de todos os tecidos, as próprias vestes úmidas virando outra camada, já que podiam ajudar a manter o calor dos corpos. Com o tato acentuado pelo Vazio e por *saidin*, foi maravilhoso senti-la. Sua pele fazia seda parecer áspera. Comparado à pele dela, cetim era... *Não pense*. Tirou fios de cabelo úmidos do rosto de Aviendha. Deveria tê-los secado, mas a água já não parecia tão fria e, de qualquer forma, não havia nada além dos cobertores e das roupas para usar. Os olhos dela estavam fechados, o peito se mexendo lentamente contra o dele. A cabeça repousava no braço de Rand, aninhada em seu peito. Se não parecesse gelada como o inverno, poderia estar apenas dormindo. Tão em paz, sem raiva nenhuma. Tão linda. *Pare de pensar*. Foi um comando ríspido nas bordas do Vazio. *Fale*.

Rand tentou falar a primeira coisa que lhe veio à mente, sobre Elayne e a confusão que suas duas cartas haviam criado, mas aquilo logo fez pensamentos sobre Elayne e seus cabelos dourados flutuarem pelo Vazio, dos beijos trocados em lugares isolados da Pedra. *Não pense em beijos, seu idiota!* Passou a Min. Nunca pensara nela daquela maneira. Bem, uns poucos sonhos não contavam. Min teria lhe dado um tapa na cara se Rand algum dia tentasse beijá-la, ou gargalhado e o chamado de cabeça oca. O problema era que pensar em qualquer mulher fazia com que se lembrasse de que estava abraçado a uma completamente nua. Preenchido com o Poder, sentia o cheiro e cada polegada da pele dela com tanta clareza quanto se estivesse correndo as mãos por seu cor... O Vazio estremeceu. *Luz, você só está tentando aquecê-la! Mantenha a mente longe da pocilga, homem!*

Para tentar afastar os pensamentos, falou de suas esperanças quanto a Cairhien, de trazer a paze e um fim para a fome e de conseguir o apoio das nações sem mais derramamentos de sangue. Mas aquilo também tinha vida própria, o caminho inevitável a Shayol Ghul, onde teria que enfrentar o Tenebroso e morrer, caso as Profecias estivessem corretas. Parecia covardia dizer que, de alguma maneira, esperava sobreviver a tudo aquilo. Os Aiel não eram covardes. Mesmo o pior deles era bravo feito um leão. “A Ruptura do Mundo matou os fracos”, ouvira Bael dizer, “e a Terra da Trindade matou os covardes.”

Começou a falar sobre que lugar era aquele onde estavam, para onde

Aviendha os arrastara em sua fuga desenfreada e sem sentido. Algum lugar distante e estranho, para haver neve nesta época do ano. Fora mais que uma fuga sem sentido. Loucura. Ainda assim, sabia que ela fugira dele. *Fugira* dele. Devia mesmo odiá-lo para ter que fugir para o mais longe possível, em vez de apenas dizer para ele deixá-la tomar banho com privacidade.

— Eu devia ter batido na porta. — De seu próprio quarto? — Sei que você não quer ficar perto de mim. E não precisa. Não importa o que as Sábias queiram, o que digam, você vai voltar para as tendas delas. Não vai ter mais que ficar do meu lado. Na verdade, se você chegar perto, eu... eu vou mandar você embora. — Por que estava hesitando? Ela o tratava com raiva, frieza e amargura quando estava acordada. E dormindo... — Isso foi loucura. Você podia ter morrido. — Rand alisava o cabelo dela de novo. Parecia não conseguir parar. — Se aprontar metade disso outra vez, quebro seu pescoço. Faz ideia de quanto vou sentir falta de ouvir sua respiração à noite? — Falta? Ela era enlouquecedora! Rand já estava maluco. Precisava parar com aquilo. — Você vai embora e ponto final, mesmo que eu tenha que mandá-la de volta para Rhuidean. Se for uma ordem do *Car'a'carn*, as Sábias não podem impedir. Você não vai precisar fugir de mim outra vez.

A mão que ele não conseguia fazer com que parasse de alisar o cabelo de Aviendha ficou paralisada quando ela se mexeu. Ela estava quente, Rand percebeu. Muito quente. Devia enrolar um cobertor ao redor de si mesmo e se afastar. Ela abriu os olhos, claros e profundos, verdes, encarando-o com seriedade a menos de um pé de distância. Não parecia surpresa por vê-lo, e não se afastou.

Rand desentrelaçou os braços do corpo dela, começando a recuar, e Aviendha agarrou um punhado de seu cabelo em um aperto doloroso. Se ele se movesse, ficaria um pouco careca. Ela não lhe deu chance de explicar nada.

— Prometi para minha quase-irmã que vigiaria você. — Com voz baixa e neutra, parecia estar falando mais para si mesma do que para Rand. — Fugi de você o máximo que pude para proteger minha honra. E, mesmo aqui, você me seguiu. Os anéis não mentem, e eu não posso mais fugir. — Seu tom de voz se firmou de modo decisivo. — Não vou mais fugir.

Rand tentou perguntar o que aquilo significava enquanto se esforçava para soltar os dedos de Aviendha de seu cabelo, mas ela o agarrou de novo e puxou a boca de Rand para si. Foi o fim de seus pensamentos racionais. O Vazio se estilhaçou, e *saidin* escapou. Não achou que conseguiria interromper o beijo, mesmo que quisesse. E nem podia pensar em querer aquilo. Aviendha com certeza também não parecia desejar que ele quisesse. Na verdade, seu último pensamento coerente por um longo tempo foi que não haveria como fazer *Aviendha* parar.

Após um tempo considerável — duas horas, talvez três, Rand não tinha como ter certeza —, ele se pegou deitado nos tapetes com cobertores sobre o corpo, as mãos atrás da cabeça, observando Aviendha examinar as paredes brancas escorregadias. Os dois haviam retido uma quantidade surpreendente de calor, e não era mais necessário agarrar *saidin* nem para isolar o frio nem para tentar aquecer o ar. Aviendha não fizera mais do que pentear o cabelo com os dedos ao se levantar, e se movia sem a menor vergonha da nudez. Claro que já era um pouco tarde para sentir vergonha de algo tão pequeno quanto estar sem roupa. Rand se preocupara em não machucá-la ao arrastar Aviendha para fora da água, mas ela exibia menos arranhões que ele e, de algum modo, nenhum maculava minimamente sua beleza.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Neve.

Ele explicou o que era neve da melhor maneira possível, mas ela apenas balançou a cabeça, meio admirada, meio descrente. Para alguém que crescera no Deserto, água congelada caindo do céu devia parecer tão impossível quanto voar. De acordo com os registros, a única vez que sequer chovera no Deserto tinha sido quando Rand gerara a chuva.

Ele não conteve um suspiro de pesar quando ela começou a passar a camisola pela cabeça.

— As Sábias podem nos casar assim que voltarmos. — Ele ainda sentia sua tessitura mantendo o portão de Aviendha aberto.

A cabeça vermelho-escura da mulher passou pela gola da camisola, e ela o encarou sem expressão. Não de modo hostil, mas também nada amigável. Determinada, no entanto.

— O que faz você pensar que um homem tem o direito de me pedir isso? Além do mais, você pertence a Elayne.

Ele só conseguiu fechar a boca após alguns instantes.

— Aviendha, nós acabamos de... Nós dois... Luz, nós *temos* que nos casar. Não que eu esteja fazendo isso por obrigação — acrescentou, mais do que depressa. — Eu quero. — Não tinha muita certeza disso, na verdade. Talvez amasse Aviendha, mas talvez também amasse Elayne. E, por algum motivo, Min continuava a perturbá-lo. *Você é tão libertino quanto Mat*. Mas, desta vez, podia fazer o que era certo só porque era certo.

Aviendha bufou para ele, examinou as meias só para se certificar de que estavam secas e se sentou para calçá-las.

— Egwene conversou comigo sobre os costumes de casamento de vocês, de Dois Rios.

— Você quer esperar um ano? — indagou ele, incrédulo.

— Um ano. Sim, era disso que eu estava falando. — Ele nunca reparara quanto uma mulher exibia da perna ao calçar meias. Estranho que aquilo pudesse

parecer tão excitante depois de tê-la visto nua, suada e... Rand se concentrou em ouvi-la. — Egwene disse que pensou em pedir permissão à mãe dela para se casar com você, mas, antes que ela sequer mencionasse, a mãe disse que ela precisava esperar mais um ano, mesmo depois que já tivesse tranças no cabelo. — Aviendha franziu o rosto, um dos joelhos quase tocando o queixo. — Isso está certo? Ela disse que uma garota só pode fazer tranças no cabelo quando já tem idade para casar. Está me entendendo? Você parece aquele... peixe... que Moiraine pegou no rio. — Não havia peixes no Deserto. Os Aiel só os conheciam dos livros.

— Claro que estou — respondeu Rand. Entendera tanto quanto se fosse cego e surdo. Remexendo-se sob os cobertores, tentou parecer o mais confiante possível. — Pelo menos... Bem, costumes são complicados, e eu não tenho certeza de que parte você está falando.

Por um momento, Aviendha o encarou, desconfiada, mas os costumes Aiel eram tão intrincados que ela acabou acreditando. Em Dois Rios, namorava-se por um ano, e, caso desse certo, vinha o noivado e, por fim, o casamento. Os costumes terminavam aí. Enquanto se vestia, ela continuou:

— Eu estou falando de a garota pedir permissão à mãe durante o ano, e para a Sabedoria também. Não posso dizer que entendo. — A blusa branca passando pela cabeça abafou momentaneamente suas palavras. — Se a mulher quer o homem e já tem idade para casar, por que deveria pedir permissão? Mas viu só? Pelos meus costumes — seu tom de voz sugeria que eram esses que importavam —, cabe a mim escolher se lhe peço ou não em casamento, e eu não vou fazer isso. Pelos seus costumes — apertando o cinto, ela balançou a cabeça com desdém —, eu não tinha a permissão da minha mãe. E você precisaria da permissão do seu pai, suponho. Ou do irmão do seu pai, já que seu pai está morto. Não temos nenhuma das duas coisas, então não podemos nos casar. — Aviendha começou a dobrar o cachecol para enrolá-lo em torno da testa.

— Entendi — respondeu ele, com voz fraca.

Qualquer garoto de Dois Rios que pedisse ao pai aquele tipo de permissão levaria uma sonora bofetada na orelha. Quando pensava nos rapazes que haviam suado e se preocupado que alguém, *qualquer pessoa*, descobrisse o que faziam com a garota com quem pretendiam se casar... Lembrava-se de quando Nynaeve flagrara Kimry Lewin e Bar Dowtry no depósito de feno do pai de Bar. Kimry usava trança havia cinco anos, mas quando Nynaeve terminou o sermão, a Senhora Lewin assumiu o comando. O Círculo das Mulheres quase arrancara o couro do pobre Bar, e aquilo não foi nada em comparação com o que fizeram com Kimry durante o mês que levou até que o casamento fosse organizado, tempo que elas pensaram ser a mínima espera decente a se fazer. A piada sussurrada, para que não chegasse ao Círculo das Mulheres, era de que nem Bar

nem Kimry tiveram condições de se sentar durante toda a primeira semana depois do casamento. Rand supôs que Kimry não havia pedido permissão.

— Mas acho que Egwene não sabe de todos os costumes masculinos, afinal de contas — continuou ele. — As mulheres não sabem tudo. Olha, já que fui eu que comecei, temos que nos casar. Essas permissões não importam nada.

— *Você* começou? — Aviendha bufou de um jeito bem significativo. Aiel, andorianas ou o que fossem, as mulheres usavam aqueles sons como varas para cutucar ou bater. — Seja como for, não importa, já que vamos seguir os costumes Aiel. Isso não vai se repetir, Rand al'Thor. — Ele ficou surpreso e contente pelo tom de pesar na voz dela. — Você pertence à quase-irmã da minha quase-irmã. Tenho *toh* com Elayne agora, mas isso não é da sua conta. Vai ficar deitado aí para sempre? Já ouvi dizer que os homens ficam preguiçosos depois dessas coisas, mas logo os clãs vão começar a marcha da manhã. Você precisa estar lá. — De repente, um olhar triste perpassou o rosto de Aviendha, e ela caiu de joelhos. — Isso se tivermos como voltar. Não sei se lembro o que fiz para abrir o buraco, Rand al'Thor. Você precisa encontrar o caminho de volta.

Rand contou que havia bloqueado o portal e que ainda o sentia aberto. Aviendha pareceu aliviada e até abriu um sorriso. Mas ficou cada vez mais claro, quando ela se sentou e arrumou as saias, que não pretendia virar de costas enquanto ele se vestia.

— O que é justo é justo — resmungou Rand, após um longo instante, saindo desajeitado de debaixo dos cobertores.

Tentou parecer tão indiferente quanto ela, mas não foi fácil. Sentia os olhos de Aviendha feito um toque, mesmo quando estava de costas. Ela não tinha o direito de falar que Rand tinha um traseiro bonito. Ele não dissera nada sobre quão lindo era o dela. Aviendha só fez isso para vê-lo enrubescer. Mulheres não olhavam para homens daquele jeito. *E elas não pedem permissão para as mães para...?* Rand concluiu que a vida com Aviendha não se tornara nem minimamente mais fácil.





UMA LANÇA CURTA

Houve pouca discussão. Mesmo com a nevasca ainda feroz do lado de fora, dava para voltar ao portão usando os cobertores e tapetes como mantos. Aviendha começou a dividi-los enquanto Rand agarrava *saidin*, preenchendo-se com a vida e a morte, o fogo derretido e o gelo líquido.

— Divida por igual — instruiu ele. Rand sabia que sua voz soara fria e sem emoção. Asmodean dissera que isso não precisava acontecer, mas, até então, não fizera progresso.

Ela lhe lançou um olhar surpreso, mas tudo o que disse foi:

— Você tem mais para cobrir que eu. — E continuou o que estava fazendo.

Não adiantaria discutir. Por experiência própria, tanto de Campo de Emond quanto com as Donzelas, Rand sabia que, quando uma mulher queria fazer algo por alguém, a única maneira de impedi-la era amarrá-la, ainda mais quando a situação envolvia algum sacrifício por parte dela. A surpresa foi Aviendha não ter respondido de modo ácido, nem ter dito nada sobre ele ser um aguacento molenga. Talvez algo além de uma lembrança boa resultasse de tudo aquilo. *Não é possível que ela realmente tenha querido dizer que nunca vai acontecer de novo.* Mas suspeitava que fosse exatamente o que Aviendha quisera dizer.

Rand teceu um fluxo de Fogo fino como um dedo e fatiou o gelo para delinear uma porta em uma das paredes, alargando o espaço na parte superior. Espantosamente, luz do dia brilhou através da abertura. Ele largou *saidin* e trocou olhares surpresos com Aviendha. Sabia que havia perdido a noção de tempo —

you've lost the notion of years —, mas não podiam ter se demorando tanto assim ali. Onde quer que estivessem, a distância até Cairhien era enorme.

Forçou o bloco de gelo, que só se moveu quando Rand apoiou as costas contra a superfície, firmou os pés e empurrou com toda a sua força. Quando pensou que provavelmente seria mais fácil fazer aquilo com o Poder, o bloco enfim tombou para fora, revelando a fria e pálida luz gélida do dia. Mas não tombou por completo: parou inclinado, escorado contra a neve que se acumulara em torno da cabana. Caído de costas, com apenas parte da cabeça para fora, Rand divisou outras elevações, alguns montículos lisos cercado esparsas árvores atrofiadas que não reconhecia, outros talvez encobridos arbustos ou pedregulhos.

Abriu a boca, mas se esqueceu do que ia dizer assim que *algo* varreu o ar a não mais que cinquenta pés acima dele; um vulto coriáceo e cinzento, muito maior que um cavalo, as asas estendidas batendo devagar, uma tromba protuberante à frente, pés em forma de garras e uma cauda fina de lagarto serpenteando atrás do corpo. A cabeça de Rand girou involuntariamente para acompanhar o voo daquela coisa por sobre as árvores. Havia duas pessoas montadas às suas costas. Apesar de usarem o que pareciam mantos com capuz, era óbvio que estavam rastreando o terreno abaixo. Se mais do que sua cabeça estivesse à mostra, e se não estivesse diretamente abaixo da criatura, com certeza teria sido visto.

— Deixe os cobertores aí — disse ele ao mergulhar de volta para dentro. Contou a Aviendha o que vira. — Talvez eles sejam amigáveis, talvez não, mas eu prefiro não descobrir. — De qualquer maneira, não tinha certeza de que queria conhecer pessoas que andavam naquele tipo de criatura. Se é que eram pessoas. — Vamos voltar *discretamente* ao portão. O mais rápido que pudermos, mas escondidos.

Incrivelmente, Aviendha não discutiu. Quando expressou sua surpresa, enquanto a ajudava a escalar o bloco de gelo — o que também era incrível, já que ela aceitou sua mão sem hesitar —, Aviendha disse:

— Eu não discuto quando o que você diz faz sentido, Rand al'Thor.

Não era bem assim, na opinião dele.

O terreno ao redor era plano, coberto de neve, mas, a oeste, erguiam-se pontudas montanhas de cume branco, os picos envoltos por nuvens. Foi fácil perceber que ficavam a oeste, porque o sol estava nascendo. Menos da metade de aro dourado se erguia do oceano. Ele observou. A terra era inclinada o suficiente para que visse ondas estourando violentamente em um litoral rochoso e polvilhado de pedras a talvez uma milha. Um oceano a leste, estendendo-se sem fim até o horizonte e o sol. Se a neve já não bastasse, aquilo também indicava que estavam em terras desconhecidas.

Aviendha admirou, maravilhada, os vagalhões que rolavam e as ondas que arrebatavam e franziu o rosto para ele quando a água atingiu a costa. Talvez

nunca tivesse visto um oceano, mas já vira mapas.

Por estar de saia, Aviendha se atrapalhava com a neve ainda mais do que Rand, e ele próprio já estava chafurdando, abrindo caminho tanto escavando quanto andando, às vezes afundado até a cintura. Ela arquejou quando ele a tomou nos braços e a carregou, os olhos verdes fuzilando-o.

— Precisamos ir mais rápido do que você consegue andar, com estas saias arrastando — explicou ele.

O olhar dela se atenuou, mas Aviendha não abraçou seu pescoço, como Rand meio que esperara. Em vez disso, cruzou os braços e fez uma expressão resignada. E um pouco teimosa. Ela não havia mudado tanto assim, não importavam os efeitos daquela noite. Rand não entendeu por que isso o deixava aliviado.

Ele podia derreter um caminho na neve, como fizera durante a tempestade, mas, se outra criatura como aquela aparecesse, o caminho aberto levaria diretamente a eles. Uma raposa passou trotando pela neve bem à direita, a pelagem branca imaculada, exceto por uma ponta preta na cauda espessa, lançando olhares cautelosos ocasionais para ele e Aviendha. Rastros de coelhos marcavam a neve aqui e ali, borrados nos pontos em que os animais tinham saltado, e Rand chegou até a ver pegadas de um felino que deveria ser do tamanho de um leopardo. Talvez houvessem animais ainda maiores, talvez algum parente sem asas daquela criatura coriácea. Não era algo que ele gostaria de encontrar, mas sempre havia a chance de que os... *seres voadores*... entendessem os sulcos arados que ele estava deixando como o rastro de algum animal.

Rand ainda seguia de árvore em árvore, desejando que houvesse mais delas e que estivessem mais próximas. Claro que, se fosse assim, talvez não tivesse encontrado Aviendha na tempestade — ela grunhiu, franzindo o rosto para ele, e Rand afrouxou o aperto —, mas, naquela situação, certamente teria ajudado. Embora fosse justamente por estar se esgueirando que conseguiu avistar os outros primeiro.

A menos de cinquenta passadas, entre ele e o portão — colados ao portão, pelo que sentia de sua tessitura resistindo —, havia quatro pessoas a cavalo e mais de vinte a pé. As pessoas montadas eram mulheres envoltas em longos e espessos mantos revestidos de pele. Duas delas usavam um bracelete prateado no punho esquerdo, conectado por uma longa corrente feita do mesmo material cintilante a uma coleira reluzente em torno do pescoço de uma mulher vestida de cinza, sem manto, que estava de pé na neve. Os demais, todos a pé, eram homens trajando couro escuro, uma armadura pintada de dourado e verde e chapas sobrepostas descendo pelo peitoral, pelas laterais dos braços e pela parte frontal das coxas. As lanças exibiam borlas verdes e douradas, os longos escudos pintados das mesmas cores, e os elmos pareciam cabeças de imensos insetos, os rostos dos homens

espiando através das mandíbulas. Um deles era claramente oficial, sem a lança ou o escudo, mas com uma espada curva de duas mãos às costas. Os contornos das chapas da armadura laqueada eram de prata, e finas plumas verdes incrementavam o elmo pintado, feito antenas. Agora Rand sabia onde ele e Aviendha estavam. Já tinha visto uma armadura como aquela. E mulheres com aquelas coleiras.

Escondendo-se atrás do que parecia um pinheiro retorcido pelo vento, exceto pelo tronco ser liso e cinza com listras pretas, Rand apontou, e Aviendha aquiesceu em silêncio.

— As duas mulheres encolaradas são capazes de canalizar — sussurrou Rand. — Você consegue blindá-las? — E acrescentou, depressa: — Não abraça a Fonte ainda. Elas são prisioneiras, mas podem alertar as demais e, mesmo que não alertem, as mulheres com os braceletes talvez consigam perceber que elas sentiram você.

Aviendha o encarou com curiosidade, mas não perdeu tempo com perguntas tolas, do tipo “como você sabe?”. Rand sabia que ela o questionaria depois.

— As mulheres com os braceletes também são capazes de canalizar — respondeu ela, também sussurrando. — Mas a sensação é bem estranha. Fraca. Como se elas nunca tivessem praticado. Não entendo como isso é possível.

Rand entendia. Eram as *damane* que deviam ser capazes de canalizar. Se duas mulheres, de alguma forma, tivessem escapado da peneira Seanchan e se tornado *sul'dam* — e, pelo pouco que sabia sobre aquele povo, isso não seria fácil, já que os Seanchan testavam todas as mulheres na idade em que começavam a apresentar sinais da canalização —, certamente jamais ousariam trair a si mesmas.

— Você consegue blindar as quatro?

Ela lhe lançou um olhar presunçoso.

— É claro. Egwene me ensinou a manejar vários fluxos ao mesmo tempo. Consigo blindá-las, amarrar esses fluxos e prendê-las com fluxos de Ar antes que elas se deem conta do que está acontecendo. — O sorrisinho confiante desapareceu. — Sou rápida o bastante para dar conta delas e dos cavalos, mas isso deixa todo o resto para você até eu conseguir trazer ajuda. Se algum deles escapar... Eles com certeza conseguem arremessar aquelas lanças até aqui, e se uma delas prender você... — Ela resmungou baixinho, como se estivesse com raiva de não conseguir completar a frase. Por fim, o encarou com um olhar de fúria que Rand jamais vira nela. — Egwene me falou sobre a Cura, mas ela sabe pouco, e eu, menos ainda.

Do que ela poderia estar com raiva? *Mais fácil tentar entender o sol do que uma mulher*, pensou, sarcasticamente. Thom Merrilin lhe dissera aquilo, e era uma verdade absoluta.

— Cuide daquelas mulheres. Eu cuido do resto. Mas só quando eu tocar seu braço.

Rand percebeu que Aviendha achava que ele estava sendo presunçoso, mas não precisaria dividir fluxos, só tecer um intrincado fluxo de Ar para prender os braços e as pernas dos homens, bem como as patas dos cavalos. Respirou fundo, agarrou *saidin*, tocou o braço dela e canalizou.

Gritos assustados irromperam entre os Seanchan. Rand também deveria ter pensado em amordaçá-los, mas cruzariam o portão antes que atraíssem outras pessoas. Agarrando-se à Fonte, segurou o braço de Aviendha e praticamente arrastou-a pela neve, ignorando enquanto ela resmungava que sabia andar. Pelo menos daquele jeito ele abria uma trilha para ela, e precisavam se apressar.

Os Seanchan se aquietaram e ficaram observando enquanto ele e Aviendha surgiam diante deles. As duas mulheres que não eram *sul'dam* haviam tirado o capuz e lutavam contra a tessitura. Em vez de amarrar o fluxo, ele ficou segurando. De qualquer forma, precisaria soltá-lo quando fosse embora, porque não deixaria nem mesmo os Seanchan amarrados na neve. Se não morressem congelados, havia o grande felino cujas pegadas avistara. Onde havia um, devia haver mais.

O portão estava lá, mas, em vez de dar para o quarto dele em Eianrod, dava para um vazio cinza. Também parecia mais estreito do que ele se recordava. Pior, Rand enxergava a tessitura daquele cinza. Fora tecida com *saidin*. Um pensamento furioso deslizou pelo Vazio. Não sabia qual era a finalidade daquilo, mas podia muito bem ser uma armadilha para qualquer pessoa que atravessasse, urdida por um dos Abandonados. O mais provável era que tivesse sido Asmodean. Entregando-o aos outros Abandonados, o homem talvez pudesse recuperar seu lugar entre eles. Ainda assim, ficar ali estava fora de questão. Se Aviendha ao menos se lembrasse de como havia urdido o portão, poderia abrir outro, mas agora teriam de usar aquele mesmo, armadilha ou não.

Uma das mulheres a cavalo, com a frente do manto exibindo um corvo negro diante de uma torre simples, tinha um rosto severo e olhos escuros que pareciam querer perfurar o crânio de Rand. A outra, mais jovem, mais pálida e mais baixa, ainda que mais majestosa, trajava um manto verde ostentando a cabeça de um veado prateado. Os dedos mínimos das luvas de cavalgada eram compridos demais. Por causa das laterais raspadas da cabeça da mulher, Rand sabia que aqueles longos dedos encobriam unhas compridas e pintadas, sinais de nobreza Seanchan. Os soldados tinham rostos sérios e costas eretas, mas os olhos azuis do oficial cintilavam por detrás da mandíbula do elmo com aparência de inseto, e os dedos enluvados se retorciam enquanto ele se esforçava, em vão, para alcançar a espada.

Rand não se importava muito com eles, mas não queria deixar as *damane* para trás. Podia ao menos lhes dar uma chance de fugir. Mesmo que as mulheres

o encarassem como encarariam um animal selvagem com os caninos à mostra, elas não haviam escolhido ser prisioneiras, tratadas apenas um pouco melhor do que animais domésticos. Tocou a coleira da que estava mais próxima e sentiu um choque que quase entorpeceu seu braço. Por um instante, o Vazio se modificou e *saidin* lhe atravessou violentamente o corpo, mil vezes mais forte que a tempestade de neve. O cabelo loiro curto da *damane* se agitou quando a mulher tremeu e gritou ao toque dele, e a *sul'dam* conectada a ela arquejou, o rosto empalidecendo. Se não estivessem presas a fluxos de Ar, ambas teriam caído.

— Tente você — disse ele para Aviendha, esfregando as mãos. — Uma mulher deve conseguir tocar nisso com segurança. Não sei como abrir. — Parecia uma peça única, fechada de algum modo, tal como o bracelete e a coleira. — Mas se foi colocado, deve ter como tirar. — Alguns minutos a mais não fariam diferença com o que quer que tivesse acontecido com o portão. Teria sido Asmodean?

Aviendha balançou a cabeça, mas começou a manusear desajeitadamente a coleira da outra mulher.

— Agente firme! — rosnou enquanto a *damane*, uma garota de uns dezesseis ou dezessete anos, tentava recuar. Se as mulheres encolaradas encaravam Rand como se fosse uma fera selvagem, encaravam Aviendha como um pedaço de carne e osso.

— Ela é *marath'damane* — soluçou a garota pálida. — Salve Seri, senhora! Por favor, senhora! Salve Seri! — A outra *damane*, mais velha, quase maternal, começou a chorar incontrolavelmente. Por algum motivo, Aviendha lançou a Rand um olhar tão duro quanto o que deu à garota, resmungando sozinha e furiosa enquanto trabalhava na coleira.

— É ele, Lady Morsa — disse a *sul'dam* da outra *damane* de repente, com um sussurro que Rand mal escutou. — Já uso o bracelete faz tempo e saberia dizer se a *marath'damane* tivesse feito mais do que bloquear Jini.

Morsa não aparentou surpresa. Quando olhou para Rand, na verdade, seus olhos azuis pareceram emitir um brilho de reconhecimento aterrorizado. Só havia uma explicação para aquilo.

— Você estava em Falme — concluiu ele. Se Rand atravessasse o portão primeiro, deixaria Aviendha para trás, ainda que apenas por um instante.

— Estava. — A nobre parecia atordoada, mas sua voz lenta e vacilante era friamente imperiosa. — Eu vi você, e vi o que você fez.

— Então cuide para eu não fazer o mesmo aqui. Não crie problemas para mim, e eu a deixo em paz. — Não podia mandar Aviendha primeiro para só a Luz sabia onde. Se suas emoções não estivessem tão distantes, Rand teria aberto uma carranca como a que Aviendha estava fazendo para a coleira. Teriam que passar juntos, e estar prontos para encarar qualquer coisa.

— Há muitos segredos sobre o que aconteceu nas terras do grande Asa-de-gavião, Lady Morsa — disse a mulher de rosto severo. Seus olhos escuros estavam tão firmes em Morsa quanto haviam estado nele. — Há muitos boatos de que o Exército que Sempre Vence sentiu o sabor da derrota.

— Você agora quer encontrar verdade em boatos, Jalindin? — indagou Morsa, com um tom de voz cortante. — Inquiridores, mais que todos, deveriam saber quando ficar em silêncio. A própria Imperatriz proibiu que se fale do *Corenne* até que ela o mencione. Se você ou eu dissermos apenas o nome da cidade onde aquela expedição aportou, nossas línguas serão cortadas. Será que gostaria de ficar sem língua na Torre dos Corvos? Nem os Ouvidores escutariam seus gritos de misericórdia ou lhe dariam atenção.

Rand não entendeu mais do que duas de cada três palavras, e não foi por conta dos sotaques estranhos. Queria ter tempo para escutar. *Corenne*. O Retorno. Era assim que os Seanchan de Falme haviam chamado a tentativa de conquistar as terras além do Oceano de Aryth — as terras onde ele morava —, que consideravam seu patrimônio. O resto — Inquiridores, Ouvidores, a Torre dos Corvos — era um mistério. Mas, aparentemente, o Retorno fora cancelado, ao menos por enquanto. Foi bom saber disso.

O portão *estava* mais estreito. Talvez um dedo mais estreito do que momentos antes. Apenas seu bloqueio o mantinha aberto. O portão tentara se fechar assim que Aviendha soltara a tessitura, e continuava tentando.

— Rápido — disse ele para Aviendha, que lhe lançou um olhar tão paciente quanto uma pedra atirada em sua testa.

— Estou tentando, Rand al'Thor — respondeu ela, ainda trabalhando na coleira. Lágrimas escorriam pelas bochechas de Seri, e um gemido lento e contínuo saía da sua garganta, como se a Aiel pretendesse cortá-la. — Você quase matou as outras duas, e talvez quase tenha *se* matado. Eu senti o Poder atravessando as duas com força quando você tocou a outra coleira. Então deixe que eu cuide disso e, se eu puder soltar, vou soltar. — Aviendha resmungou um xingamento e bateu pela lateral da coleira.

Rand pensou em obrigar as *sul'dam* a remover as coleiras — se alguém sabia como tirar aqueles troços, eram elas —, mas, pelas expressões duras em seus rostos, sabia que precisaria forçá-las. Se não conseguia matar uma mulher, também não conseguiria torturar.

Suspirando, voltou a olhar o vazio cinzento que preenchia o portão. Os fluxos pareciam tecidos no fluxo de Rand. Não tinha como cortar um sem o outro. Atravessar poderia ativar a armadilha, mas cortar o cinza, mesmo que não ativasse, permitiria que o portão se fechasse antes que eles tivessem como saltar para dentro. Teria de ser um mergulho às cegas em só a Luz sabia o quê.

Morsa prestara atenção a cada palavra que ele e Aviendha trocaram, e agora olhava pensativa para as duas *sul'dam*, mas Jalindin não tirara os olhos do rosto

da nobre.

— Foram mantidos muitos segredos que os Inquiridores deveriam saber, Lady Morsa — afirmou a mulher de rosto sério. — Inquiridores precisam saber de tudo.

— Você está esquecendo seu lugar, Jalindin — explodiu Morsa, balançando as mãos enluvadas. Se seus braços não estivessem presos às laterais do corpo, teria apertado as rédeas. Amarrada, apenas baixou a cabeça para observar atentamente a outra mulher. — Você foi enviada a mim porque Sarek é ambicioso e tem planos para Serengada Dai e Tuel, e não para fazer perguntas a respeito do que a Imperatriz...

Jalindin interrompeu com rispidez.

— Quem esquece seu lugar é a senhora, Lady Morsa, se pensa que é páreo para os Inquiridores da Verdade. Eu mesma já questioneei tanto uma filha quanto um filho da Imperatriz, que a Luz a abençoe, e, como gratidão pelas confissões que arranquei, ela permitiu que eu a contemplasse. Por acaso a senhora pensa que sua humilde Casa está acima dos próprios filhos da Imperatriz?

Morsa se manteve ereta, não que tivesse muita opção, mas seu rosto empalideceu, e ela umedeceu os lábios.

— A Imperatriz, que a Luz a ilumine para sempre, já sabe muito mais do que eu sou capaz de lhe contar. Eu não quis insinuar que...

A Inquiridora voltou a interrompê-la, girando a cabeça para falar com os soldados, como se Morsa nem existisse:

— Esta mulher, Morsa, está sob a custódia dos Inquiridores da Verdade. Ela será interrogada assim que retornarmos a Merinloe. As *sul'dam* e as *damane* também. Parece que elas também andaram escondendo o que não deviam.

As mulheres citadas fizeram expressões de terror, mas Morsa teve a pior reação. Com os olhos arregalados e subitamente exaustos, ela se curvou o máximo que os fluxos invisíveis permitiam, sem soltar uma única palavra de protesto. Parecia querer gritar, mas apenas se resignou. O olhar de Jalindin se voltou para Rand.

— Ela o chamou de Rand al'Thor. Você será bem tratado, caso se renda a mim, Rand al'Thor. Como quer que tenha chegado até aqui, não pense que é possível escapar, mesmo que nos mate. Estão procurando pela *marath'damane* que canalizou esta noite. — Seus olhos saltaram para Aviendha. — Vão encontrar você também, e podem acabar matando-o sem querer. Há insubordinação neste distrito. Não sei como homens como você são tratados nas suas terras, mas, em Seanchan, seus sofrimentos podem ser atenuados. Aqui, você pode desfrutar de imensa honra pelo uso de seu Poder.

Rand gargalhou, e Jalindin pareceu ofendida.

— Não posso matar você, mas juro que pelo menos lhe darei uma surra por conta disso. — Em terras Seanchan, ele decerto não precisaria se preocupar em

ser amansado. Ali, os homens capazes de canalizar eram mortos. Não executados. Caçados e prontamente assassinados.

O portão tomado de cinza ficou outro dedo mais estreito, e mal tinha largura suficiente para que os dois passassem juntos.

— Deixe para lá, Aviendha. Temos que ir.

Ela largou a coleira de Seri e lançou um olhar exasperado na direção de Rand, mas seus olhos seguiram além dele até o portão, e Aviendha ergueu as saias para abrir caminho pela neve até lá, resmungando sozinha por conta da água congelada.

— Esteja pronta para qualquer coisa — avisou ele, passando um braço por seus ombros. Rand disse a si mesmo que eles precisavam ficar bem próximos para caberem na passagem. Não era porque gostava de senti-la perto. — Não sei o que vai ser, mas esteja pronta. — Ela assentiu, e ele disse: — Pule!

Os dois saltaram juntos para dentro do cinza, Rand soltando a tessitura que prendera os Seanchan para poder se preencher de *saidin* até quase explodir...

... e os dois aterrissaram aos tropeções no quarto dele em Eianrod, as lâmparas acesas e a escuridão do lado de fora das janelas.

Asmodean estava sentado junto à parede ao lado da porta, de pernas cruzadas. Não estava abraçando a Fonte, mas Rand o impediu de alcançar *saidin* de qualquer jeito. Girando, com os braços ainda em torno de Aviendha, percebeu que o portão havia sumido. Não, sumido, não — ainda via a própria tessitura, e o que sabia que devia ser a de Asmodean —, mas não parecia haver mais nada ali. Sem fazer nenhuma pausa, cortou sua tessitura e, de repente, o portão apareceu, uma vista de Seanchan que se estreitava rapidamente, Lady Morsa caída na sela e Jalindin bradando ordens. Uma lança com borlas verdes e brancas atravessou a abertura pouco antes que ela se fechasse. Por instinto, Rand canalizou Ar para apanhar a lança de dois pés de comprimento que começara a balançar. Seu cabo terminava de modo mais liso do que qualquer artesão poderia ter confeccionado. Tremendo, Rand ficou contente por não ter tentado remover a barreira cinza — o que quer que ela fosse — *antes* de saltar portão adentro.

— Que bom que nenhuma das *sul'dam* se recuperou a tempo — disse, segurando a lança partida —, ou teríamos coisa pior que isto vindo em nossa direção. — Observou Asmodean com o canto do olho, mas o homem, parecendo um pouco doente, permaneceu sentado onde estava. Não tinha como saber se Rand pretendia lhe enfiar aquela lança pela garganta.

Aviendha bufou com mais irritação do que demonstrara até então.

— Você acha que eu as soltei? — indagou, de modo acalorado. Ela afastou o braço dele com firmeza, mas Rand não achou que aquela irritação era com ele. Nem com seu braço, aliás. — Amarrei o fluxo que blindava as mulheres o mais apertado que pude. Elas são suas inimigas, Rand al'Thor. Até as que você chamou

de *damane* são cães fiéis que prefeririam matar você do que se libertarem. Você precisa ser duro com seus inimigos, não fraco.

Ela tem razão, pensou Rand, erguendo a lança. Deixara para trás inimigos que poderia muito bem ter de enfrentar algum dia. Precisava ser mais duro, ou acabaria virando farinha antes de chegar a Shayol Ghul.

De repente, Aviendha começou a alisar as saias, e sua voz ficou quase informal:

— Reparei que você não livrou aquela Morsa com cara de leite azedo do destino dela. Pelo modo como olhou para ela, pensei que aqueles olhos grandes e os seios redondos tinham chamado sua atenção.

Rand encarou-a com um espanto que ecoou pelo Vazio que o envolvia feito um xarope. Ela poderia muito bem estar dizendo que a sopa estava pronta. Perguntou-se como poderia ter notado os seios de Morsa, escondidos por um manto revestido de pele.

— Eu devia ter trazido a mulher — respondeu ele. — Para interrogá-la a respeito dos Seanchan. Acho que eles vão voltar a criar problemas.

O brilho que surgira nos olhos de Aviendha desapareceu. Ela abriu a boca, mas logo fechou, olhando para Asmodean quando Rand ergueu a mão. Quase enxergava as perguntas sobre os Seanchan nos olhos dela. Se conhecia Aviendha, assim que começasse, ela não pararia de escavar até desenterrar restos de informação que Asmodean nem se lembrava de ter. O que talvez não fosse ruim. Em outro momento. Depois que ele mesmo tivesse arrancado algumas respostas de Asmodean. Ela tinha razão. Ele precisava ser duro.

— Você foi esperto ao fazer aquilo — comentou Aviendha —, esconder o buraco que eu criei. Se um *gai'shain* tivesse entrado aqui, umas mil irmãs-de-lança poderiam ter marchado até lá para procurar você.

Asmodean pigarreou.

— Um dos *gai'shain* chegou a entrar. Uma pessoa chamada Sulin tinha dito que precisava se certificar de que você comesse, milorde Dragão, e para impedi-la de entrar com a bandeja e ver que você não estava, tomei a liberdade de dizer que você e a jovem não queriam ser perturbados. — Um leve estreitar dos olhos do homem chamou a atenção de Rand.

— O quê?

— Só que ela reagiu de maneira estranha. Gargalhou bem alto e saiu correndo. Alguns minutos depois, devia haver vinte *Far Dareis Mai* debaixo da janela, berrando e batendo as lanças nos broqueis por uma hora ou até mais. Devo admitir, milorde Dragão, que algumas das sugestões que elas fizeram surpreenderam até a mim.

Rand sentiu as bochechas queimarem — tudo acontecera do outro lado do maldito mundo, e mesmo assim as Donzelas ficaram sabendo! —, mas Aviendha apenas estreitou os olhos.

— Ela tinha o cabelo e os olhos parecidos com os meus? — A garota não esperou que Asmodean assentisse. — Deve ter sido minha irmã-primeira Niella. — Percebendo a curiosidade no rosto de Rand, ela respondeu antes que ele pudesse perguntar. — Niella é tecelã, não Donzela, e foi pega meio ano atrás por Donzelas Chareen durante um ataque ao Forte Sulara. Ela tentou me convencer a não empunhar a lança e sempre quis que eu me casasse. Vou mandá-la de volta para os Chareen com uma chicotada no traseiro para cada pessoa a quem ela contou!

Rand segurou o braço de Aviendha quando a mulher começou a sair do quarto.

— Quero falar com Natael. Suponho que não falte muito tempo para amanhecer...

— Duas horas, talvez — sugeriu Asmodean.

— ... então já não vai dar para dormir muito. Se você quiser tentar descansar, se importaria de fazer sua cama em outro lugar pelo que ainda resta da noite? De qualquer jeito, você precisa de novos cobertores.

Ela assentiu brevemente antes de se soltar e bater a porta atrás de si. Não podia estar com raiva de ter sido posta para fora do quarto de Rand — como poderia, depois de dizer que não aconteceria mais nada entre os dois? —, mas ele estava contente por não ser Niella.

Sacudindo a lança cortada, Rand se virou para Asmodean.

— Um cetro estranho, milorde Dragão.

— Vai servir. — Para lembrá-lo de que os Seanchan ainda estavam à solta. Desta vez, desejou que a voz estivesse ainda mais fria do que o Vazio e *saidin* a tornavam. Precisava ser duro. — Antes que eu decida se vou usá-lo para lhe espetar feito um carneiro, por que nunca mencionou esse truque de tornar algo invisível? Se eu não tivesse conseguido ver os fluxos, nunca teria percebido que o portão ainda estava lá.

Asmodean engoliu em seco, se remexendo como se não soubesse se Rand levaria a ameaça adiante. O próprio Rand não tinha certeza.

— Milorde Dragão, você nunca me perguntou. É uma questão de dobrar a luz. Você sempre tem tantas perguntas que é difícil encontrar um momento para falar de qualquer outra coisa. A esta altura, já deve ter notado que eu estou completamente do seu lado. — Umedecendo os lábios, ele se ergueu até ficar de joelhos. E começou a gaguejar: — Eu senti sua tessitura... Qualquer pessoa a uma milha de distância poderia ter sentido... Nunca vi nada parecido... Eu não sabia de ninguém que fosse capaz de bloquear um portão se fechando, a não ser Demandred, e talvez Semirhage... E Lews Therin... Eu senti, e vim, e tive trabalho para conseguir passar por aquelas Donzelas... Usei o mesmo truque... Precisa saber que agora sou seu. Milorde Dragão, eu sou seu.

Rand prestou mais atenção ao fato de que ele repetiu as palavras dos Cairhienos do que em qualquer outra coisa. Gesticulando com a meia-lança, disse secamente:

— Levante-se. Você não é um cão. — Porém, enquanto Asmodean se erguia devagar, encostou a comprida ponta da lança na garganta do homem. Precisava ser duro. — De agora em diante, toda vez que conversarmos, você vai me dizer duas coisas que eu *não* perguntei. Toda vez, lembre-se. Se eu desconfiar de que você está tentando esconder qualquer coisa de mim, vai desejar cair nas mãos de Semirhage.

— Como quiser, milorde Dragão — gaguejou Asmodean. Parecia pronto para se curvar e beijar sua mão.

Para não lhe dar chance, Rand foi até a cama sem cobertas e se sentou no lençol de linho, os colchões de pena cedendo debaixo dele enquanto examinava a lança. Era uma boa ideia usá-la como lembrete, se não como cetro. Mesmo com tudo o que estava acontecendo, era melhor não esquecer os Seanchan. Aquelas *damane*. Se Aviendha não estivesse lá para impedi-las de canalizar...

— Você já tentou me mostrar como bloquear uma mulher e fracassou. Tente me mostrar como evitar fluxos que não consigo ver, e como contra-atacá-los. — Certa vez, Lanfear cortara as tessituras de Rand como se usasse uma faca.

— Não é fácil, milorde Dragão, sem uma mulher contra quem praticar.

— Temos duas horas — retrucou Rand com frieza, permitindo que a blindagem do homem se desemaranhasse. — Tente. Tente ao máximo.





UMA QUESTÃO DE VERMELHO

A faca roçou o cabelo de Nynaeve e se cravou na tábua na qual ela estava encostada, fazendo-a se encolher por trás da venda. Queria estar com uma trança decente, em vez das mechas soltas caindo pelos ombros. Se aquela lâmina tivesse cortado um único fio... *Sua tola*, pensou, amargurada. *Você é muito, muito tola*. Com a venda cobrindo os olhos, Nynaeve só enxergava uma linha de luz bem fina na parte inferior. Parecia brilhante no escuro sob o pano. Ainda devia haver luz suficiente, mesmo que a tarde já estivesse acabando. Claro que o homem não atiraria facas se não desse para enxergar direito. A lâmina seguinte se cravou do outro lado de sua cabeça. Nynaeve sentiu a vibração. Achou que estava rente à sua orelha. Queria matar Thom Merrilin e Valan Luca. E talvez, por puro princípio, qualquer outro homem no qual conseguisse pôr as mãos.

— As peras — gritou Luca, como se não estivesse a apenas trinta passadas dela. Ele devia pensar que a venda também a deixava surda, não apenas cega.

Nynaeve manuseou desajeitadamente a bolsa na cintura, apanhou uma pera e equilibrou-a cuidadosamente na cabeça. Ela *estava* cega. Tola e absolutamente cega! Mais duas peras, e a garota abriu os braços com cautela em meio às facas que a cercavam, segurando, pelo talo, um fruto em cada mão. Fez-se uma pausa. Ela abriu a boca para dizer a Thom Merrilin que, se ele sequer a arranhasse, iria...

Tchunk, tchunk, tchunk! As lâminas voaram tão rápido que, se sua garganta não estivesse contraída feito um punho, Nynaeve teria deixado escapar um gritinho. Na mão esquerda, só restava o talo; na direita, a pera tremia

ligeiramente, com a faca atravessada. Do fruto na cabeça escorria suco em seu cabelo.

Retirando o tecido dos olhos, foi até Thom e Luca, ambos com enormes sorrisos. Antes que pudesse falar qualquer uma das palavras que fervilhavam em sua mente, Luca disse, admirado:

— Você é magnífica, Nana. Sua bravura é magnífica, mas você é mais ainda. — Ele rodopiou aquela ridícula capa de seda vermelha ao se curvar, uma das mãos na altura do coração. — Devo chamar este número de “Uma Rosa Entre Espinhos”. Apesar de, sinceramente, você ser mais bonita do que uma simples rosa.

— Não é preciso ter muita coragem para ficar parada feito uma árvore. — Ela era uma rosa? Então mostraria os espinhos para ele. Mostraria para os dois. — Escute aqui, Valan Luca...

— Quanta coragem. Você nunca vacila. Vou lhe dizer: eu não teria estômago para fazer o que você está fazendo.

Aquela era a pura verdade, Nynaeve afirmou para si mesma.

— Não tenho mais coragem que o necessário — disse, em um tom mais ameno. Era difícil gritar com um homem que insistia em dizer o quanto ela era valente. Com certeza era melhor do que escutar toda aquela baboseira sobre rosas. Thom tocou o longo bigode branco como se estivesse diante de algo engraçado.

— O vestido — disse Luca, com um sorriso que exibia todos os dentes. — Você vai ficar maravilhosa com...

— Não! — explodiu ela. Ele perdeu toda a simpatia que conquistara com os elogios ao puxar de novo aquele assunto. Clarine confeccionara o vestido que Luca queria que ela usasse, de uma seda mais rubra do que a capa dele. Nynaeve achava que a cor era para esconder o sangue, caso Thom errasse a mão.

— Mas, Nana, uma beldade em perigo é um *grande* atrativo. — A voz de Luca era suave, como se ele estivesse sussurrando palavras doces em seu ouvido. — Todos os olhos estarão em você, todos os corações batendo por sua beleza e coragem.

— Se você gosta tanto — retrucou ela, com firmeza —, use você.

Além da cor, Nynaeve não estava disposta a mostrar tanto busto em público, e pouco importava se Clarine achava adequado ou não. Ela já tinha visto o vestido com que Latelle se apresentava, cheio de lantejoulas pretas e com gola alta, até o queixo. Poderia usar algo do tipo... Onde estava com a cabeça? Nynaeve não tinha a menor intenção de seguir com aquilo. Só concordara em praticar o número para que Luca parasse de arranhar a porta de seu carroção toda noite, tentando convencê-la.

Mas o homem era hábil em perceber quando mudar de assunto.

— O que aconteceu aqui? — perguntou, parecendo subitamente um pouco preocupado.

Nynaeve se encolheu quando ele tocou seu olho inchado. Azar o dele ter optado por pular para aquele assunto. Teria sido melhor continuar tentando enfiá-la no vestido vermelho.

— Eu não gostei do olhar que vi no espelho esta manhã, então acabei com ele.

O tom inflexível e a expressão feroz fizeram Luca recolher a mão. Pelo brilho resabiado em seus olhos escuros, parecia suspeitar de que ela pudesse acabar com ele também. Thom esfregava o bigode furiosamente, o rosto vermelho do esforço para não rir. Sabia o que havia acontecido, claro. Sempre sabia. E, assim que ela sáisse, sem dúvida entreteria Luca com sua versão do ocorrido. Os homens não conseguiam ficar sem fofocar. Já nasciam assim, e nada que as mulheres fizessem dava jeito neles.

A luz do dia estava mais fraca do que ela pensara. O sol descia vermelho em meio às copas das árvores a oeste.

— Se fizer isso de novo sem uma luz melhor... — rosnou Nynaeve, mostrando o punho para Thom. — Já está quase de noite!

— Imagino — respondeu o homem, erguendo a espessa sobrancelha — que isso significa que você não quer praticar a parte em que *eu* é que fico vendado? — Ele estava brincando, claro. Só podia estar brincando. — Como quiser, Nana. De agora em diante, só com a melhor luz possível.

Foi só quando se afastou, alisando as saias furiosamente, que Nynaeve se deu conta de que concordara em participar daquela tolice. Dera a entender, pelo menos. Tão certo quanto o pôr do sol, eles tentariam fazê-la cumprir a palavra. *Sua tola, tola, tola!*

A clareira onde eles — ou Thom, ao menos, e que ele e Luca se queimassem! — tinham andado praticando não ficava longe do acampamento montado ao lado da estrada para o norte. Estava claro que Luca não queria perturbar os animais, caso Thom atravessasse o coração dela com alguma de suas facas. Era provável que o homem usasse o cadáver de Nynaeve para alimentar os leões. A única razão para ele querer que ela trajasse aquele vestido era poder cobiçar o que ela não tinha a intenção de mostrar a ninguém, exceto Lan, e que este também queimasse por ser tão tolo e teimoso. Queria que Lan estivesse ali para que pudesse dizer isso na cara dele. Queria que Lan estivesse ali para ter certeza de que ele estava em segurança. Nynaeve arrancou uma macela morta e usou o talo marrom e macio como um chicote para decepar as pontas das ervas daninhas que surgiam entre as folhas caídas no chão.

Na noite anterior, segundo Elayne, Egwene relatara conflitos em Cairhien, escaramuças com bandidos, com cairhienos que viam qualquer Aiel como inimigo, e com soldados andorianos que tentavam tomar o Trono do Sol para

Morgase. Lan estivera envolvido. Sempre que Moiraine o deixava ficar longe de seus olhos, o homem parecia dar um jeito de participar de conflitos, como se fosse capaz de pressentir onde eles irromperiam. Nynaeve nunca pensara que fosse desejar que aquela Aes Sedai mantivesse Lan em rédea curta ao lado dela.

Naquela manhã, Elayne ainda estava incomodada com o fato de os soldados da mãe estarem em Cairhien lutando contra os Aiel de Rand, mas o que preocupava Nynaeve eram os bandidos. De acordo com Egwene, se alguém identificasse bens roubados na posse de um bandido ou se jurasse tê-lo visto matar uma pessoa ou incendiar sequer um celeiro, Rand o mandava para a forca. Ele não pendurava a corda, mas dava no mesmo, e Egwene tinha dito que ele assistia a cada execução com o rosto tão frio e duro quanto as montanhas. Aquilo não era do feitio dele. Rand fora um garoto gentil. Qualquer mudança sofrida no Deserto havia sido para bem pior.

Mas Rand estava muito longe, e os problemas dela — dela e de Elayne — não estavam nem perto de serem resolvidos. O rio Eldar ficava a menos de uma milha ao norte, atravessado por uma única ponte de pedra alta, erigida entre compridos pilares de metal que cintilavam sem o menor sinal de ferrugem. Remanescentes de tempos antigos, decerto, talvez até de outra Era. Ela subira na ponte no meio do dia, assim que eles chegaram, mas não havia nenhum barco no rio que merecesse a denominação. Barcos a remo, pequenas embarcações pesqueiras trabalhando ao longo das margens com suas fileiras de juncos, algumas coisinhas estreitas e estranhas que zanzavam pela água, propulsionadas por homens ajoelhados que usavam remos, e até uma barça atarracada que parecia presa à lama — parecia haver muita lama nas duas margens, uma parte já dura, seca e rachada, ainda que isso não fosse surpresa, por conta do calor que teimava em se manter, mesmo tão fora de época —, mas nada que pudesse transportá-los depressa rio abaixo, como Nynaeve desejava. Não que ela soubesse para onde a embarcação deveria levá-los.

Mesmo forçando o cérebro ao máximo, não se lembrava do nome da cidadezinha onde as irmãs Azuis supostamente estavam. Golpeou com violência um dente-de-leão, que se desfez em pluminhas brancas que flutuaram até o solo. Provavelmente não estariam mais lá, de qualquer modo, se é que chegaram a estar. Mas era a única pista que tinham de um lugar seguro, além de Tear. Se ao menos conseguisse lembrar...

A única parte boa de toda a jornada para o norte foi que Elayne parara de flertar com Thom. Não acontecera mais desde que se juntaram à trupe. Mas teria sido bom se Elayne não tivesse decidido fingir que nada acontecera. No dia anterior, Nynaeve parabenizara a garota por ter recuperado o juízo, no que Elayne retrucara, muito calma: *Está tentando descobrir se eu vou me meter entre você e Thom, Nynaeve? Ele é bem velho para você, e eu achei que já estivesse interessada em outro, mas você já tem idade suficiente para tomar as próprias*

decisões. Eu gosto de Thom, e acho que ele gosta de mim. Eu o vejo como um segundo pai. Se quiser flertar com ele, tem minha permissão. Mas realmente pensei que você fosse menos volúvel.

Luca pretendia cruzar o rio pela manhã, e Samara, a cidadezinha na margem oposta, em Ghealdan, não era um bom lugar para ficar. Ele passara a maior parte do dia por lá, desde que haviam chegado, assegurando um local para montar o espetáculo. Sua única preocupação era que várias outras trupes haviam chegado ali primeiro, e a dele não era a única que tinha mais do que animais. Por isso estava tão insistente a respeito do “número” de Thom e Nynaeve com as facas. Teve sorte de Luca não querer que aquilo fosse feito lá nas alturas, junto com Elayne. O homem parecia achar que a coisa mais importante do mundo era que seu espetáculo fosse maior e melhor que qualquer outro. Para ela, a questão preocupante era que o Profeta estava em Samara, seus seguidores atulhando a cidade e se esparramando em tendas, cabanas e choupanas por todo o entorno, formando outra cidade que sobrepujava o tamanho nada desprezível da própria Samara — a cidade possuía uma muralha alta de pedra, e a maioria das edificações também era de seixos, muitas com três andares, e havia mais telhados de ardósia e telha do que de palha.

Aquela margem do Eldar não era melhor. Durante a viagem, tinham passado por três acampamentos de Mantos-brancos, centenas de tendas brancas em fileiras organizadas, e devia haver muitas mais que não avistaram. Mantos-brancos naquela margem do rio, o Profeta e talvez algum tumulto esperando para irromper na outra, e ela não fazia ideia de para onde ir e nem de como chegar lá, a não ser em um pesado carroção que se movia mais devagar do que ela caminhava. Nynaeve queria nunca ter deixado Elayne convencê-la a abandonar a carruagem. Sem enxergar nenhuma outra erva para ser arrancada ao alcance, partiu a macela ao meio, então de novo, até os pedaços ficarem menores que sua mão, e os jogou no chão. Desejou poder fazer o mesmo com Luca. E com Galad Damodred, por obriga-los a fugir. E com al’Lan Mandragoran, por não estar ali. Não que *precisasse* dele, claro. Mas sua presença teria sido... reconfortante.

O acampamento estava calmo, as refeições noturnas sendo preparadas em pequenas fogueiras ao lado dos carroções. Petra alimentava o leão de juba negra, jogando enormes pedaços de carne com uma vara por entre as barras. As leoas já estavam aninhadas amigavelmente umas às outras, deixando escapar um rosnado ocasional caso alguém se aproximasse demais da jaula. Nynaeve parou perto do carroção de Aludra. A Iluminadora estava trabalhando com um pilão e um almofariz de madeira em uma mesa que saía da lateral de seu carroção, resmungando sozinha acerca de qualquer que fosse a mistura que estivesse fazendo. Três dos Chavanas lançaram sorrisos sedutores para Nynaeve, convidando-a para se juntar a eles. Não Brugh, que ainda parecia irritado com o

lábio, apesar de ela ter lhe dado um unguento para diminuir o inchaço. Se batesse com a mesma força nos outros irmãos, talvez eles dessem ouvidos a Luca — e, mais importante, a ela! — e percebessem que Nynaeve não queria seus sorrisos. Que pena que Mestre Valan Luca não obedecia às próprias instruções. Latelle se virou da jaula do urso e sorriu timidamente para ela. Foi mais um sorrisinho afetado, na verdade. Mas Nynaeve observava principalmente Cerandin, serrando as grosseiras unhas da pata de um dos imensos *s'redit* cinzas utilizando o que parecia ser uma ferramenta mais apropriada para metais.

— Aquela ali — disse Aludra — usa as mãos e os pés com uma habilidade notável, não? Não me olhe assim, Nana — acrescentou, esfregando as mãos. — Não sou sua inimiga. Tome. Você tem que experimentar estes novos malabares de fogo.

Nynaeve apanhou cautelosamente a caixa de madeira da mulher de cabelos escuros. Era um cubo que ela poderia ter manuseado facilmente só com uma das mãos, mas usou as duas.

— Pensei que você os chamasse de bastões.

— Talvez sim, talvez não. Malabares de fogo explica bem melhor o que eles fazem do que bastões, não? Eu dei uma polida nos buraquinhos que prendem os malabares, para que não peguem fogo em contato com a madeira. Boa ideia, não? Elas são uma ideia nova, essas pontas. Você vai experimentar e me dizer o que acha?

— Vou, claro. Obrigada.

Nynaeve se afastou antes que a mulher pudesse lhe empurrar outra caixa. Segurava o objeto como se fosse explodir, o que não tinha certeza de que não aconteceria. Aludra queria que todo mundo experimentasse seus bastões, ou malabares de fogo, ou qualquer que fosse o próximo nome escolhido. Com certeza acenderiam uma fogueira ou uma lamparina. Também podiam pegar fogo se as pontas azul-acinzentadas roçassem uma na outra ou em qualquer material áspero. Para ela, era melhor continuar com pedra e aço, ou com carvão devidamente acondicionado em uma caixa de areia. Bem mais seguro.

Juilin a alcançou antes que pusesse os pés nos degraus do carroção que dividia com Elayne, seu olhar indo diretamente para o olho inchado de Nynaeve. Ela o encarou com tanta firmeza que o homem deu um passo para trás e tirou da cabeça aquele chapéu ridículo em forma de cone.

— Eu fui até o outro lado do rio — relatou ele. — Tem mais ou menos cem Mantos-brancos em Samara. Só observando e sendo observados com o mesmo ímpeto por soldados de Ghealdan. Mas eu reconheci um deles. Aquele jovem que estava sentado do outro lado d'A Luz da Verdade, em Sienda.

Ela sorriu para ele, que deu outro passo ligeiro para trás, encarando-a com cautela. Galad em Samara. Era só o que faltava.

— Você sempre traz notícias maravilhosas, Juilin. Deveríamos ter deixado você em Tanchico, ou melhor, na doca de Tear. — Aquilo não era justo. Era melhor ele ter lhe contado a respeito de Galad do que ela dar de cara com o rapaz ao virar uma esquina. — Obrigada, Juilin. Pelo menos agora sabemos que é melhor ficar de olho. — O meneio do homem não fez jus aos agradecimentos tão graciosos, e ele se apressou para ir embora, enfiando o chapéu na cabeça como se esperasse que ela lhe batesse. Homens não tinham modos mesmo.

O interior do carroção estava em melhores condições do que quando Thom e Juilin o compraram. A tinta descascando fora toda retirada — os homens resmungaram por ter de fazer aquilo — e os armários e a minúscula mesinha presa ao piso, lustrados até ficarem brilhando. O pequeno fogão de tijolinhos com a chaminé de metal nunca fora usado — as noites eram sempre quentes e, se começassem a cozinhar enquanto estivessem ali, Thom e Juilin nunca voltariam a assumir a função —, mas era um bom lugar para guardar objetos de valor, bolsas e caixas de joias. A bolsinha de camurça abrigava o selo — que ela enfiara o mais fundo que podia e no qual não encostara desde então.

Sentada em uma das camas estreitas, Elayne enfiava alguma coisa debaixo dos lençóis quando Nynaeve entrou, mas, antes que pudesse perguntar do que se tratava, a jovem exclamou:

— Seu olho! O que aconteceu? — Precisavam tingir o cabelo dela com pimenta-de-galinha outra vez. Tímidos vestígios dourados surgiam na raiz dos fios pretos. Passavam-se alguns poucos dias e já era preciso pintar as mechas de novo.

— Cerandin me acertou quando eu não estava olhando — resmungou Nynaeve.

Ainda sentia o gosto de samambaia-felina fervida e folha-sábua em pó. Aquele também *não* foi o motivo para ela ter deixado Elayne ir ao último encontro em *Tel'aran'rhiad*. Nynaeve *não* estava evitando Egwene. Era só que ela fazia a maior parte das excursões até o Mundo dos Sonhos, entre um encontro e outro, e era justo dar a Elayne oportunidades de ir também. Só isso.

Com cuidado, guardou a caixa com malabares de fogo em um dos armários, junto de outras duas. A única que realmente pegara fogo já fora descartada há muito tempo.

Não sabia por que estava escondendo a verdade. Era óbvio que Elayne não saíra do carroção, ou já saberia. Ela e Juilin deviam ser as únicas pessoas em todo o acampamento que não sabiam, agora que Thom com certeza já contara todos os detalhes asquerosos para Luca.

Nynaeve respirou fundo, sentou-se na outra cama e se forçou a encarar Elayne. Algo no silêncio da amiga indicava que ela sabia que mais coisa estava a caminho.

— Eu... perguntei a Cerandin sobre as *damane* e as *sul'dam*. Tenho certeza de que ela sabe mais do que demonstra. — Fez uma pausa para que Elayne questionasse se ela tinha perguntado ou exigido saber e para dizer que a Seanchan já contara a elas tudo o que sabia, e que Cerandin não tivera muito contato com as *damane* ou as *sul'dam*. Mas Elayne continuou em silêncio, e Nynaeve percebeu que só estava tentando adiar a situação com uma briga. — Ela ficou bem nervosa, dizendo que não sabe de mais nada, então eu a sacudi. Você foi mesmo longe demais com ela. Cerandin sacudiu o dedo debaixo do meu nariz! — Elayne apenas a observava, os olhos azuis calmos, quase sem piscar. Nynaeve se esforçou para não desviar o olhar, quando prosseguiu. — Ela... me jogou, de alguma forma, por cima do ombro. Eu levantei e dei um tapa nela, mas ela me derrubou com um soco. Por isso fiquei com olho inchado. — Era melhor também contar o resto. Elayne logo ficaria sabendo. Melhor que fosse por ela mesma. Mas preferia ter arrancado a língua. — Eu não estava disposta a deixar por aquilo mesmo, com certeza. Nós brigamos um pouco mais.

Da parte dela, não foi bem uma briga, a não ser por ter se recusado a desistir. A verdade cruel era que Cerandin só tinha parado de jogá-la de um lado para outro e de derrubá-la com rasteiras porque era como bater em uma criança. Nynaeve tivera tanta chance quanto uma criança. Desejara que pelo menos não houvesse ninguém presente, assim ela teria canalizado. Certamente estava com raiva suficiente. Desejava que pelo menos não houvesse ninguém presente, e ponto final. Nynaeve preferia que Cerandin a tivesse socado até sangrar.

— Aí Latelle deu uma vara para ela. Você sabe que aquela mulher quer se vingar de mim. — Não havia necessidade de contar que Cerandin estava segurando sua cabeça sob o engate de um carroção. Não levava uma surra dessas desde que tinha jogado um jarro d'água em Neysa Ayellin, quando tinha dezesseis anos. — De qualquer jeito, Petra apartou a briga. — E bem na hora, também. O imenso homem pegara as duas pela nuca como se fossem gatinhas. — Cerandin pediu desculpas, e acabou assim.

Petra obrigara a Seanchan a pedir perdão, verdade, mas também exigira o mesmo de Nynaeve, recusando-se a afrouxar o aperto gentil, mas duro feito aço, em torno de seu pescoço até que se desculpasse. Ela batera nele o mais forte que pôde, na boca do estômago, e o homem nem piscara. A mão de Nynaeve também parecia prestes a inchar.

— Não foi nada sério, na verdade. Suponho que Latelle vai tentar espalhar uma história fantasiosa. Quem eu preciso sacudir é ela. Não bati nela nem com metade da força que deveria.

Nynaeve se sentiu melhor ao contar a verdade, mas as dúvidas estampadas no rosto de Elayne fizeram-na querer mudar de assunto.

— O que é isto que você está escondendo? — Esticou-se e puxou o lençol para trás, revelando a extensão prateada do *a'dam* que haviam conseguido com

Cerandin. — Por que, sob a Luz, você quer olhar para isto? E se quer mesmo, por que esconder? É um objeto repugnante, e eu não entendo como você consegue tocar nele, mas, se é o que deseja, a decisão é toda sua.

— Não seja tão chata — rebateu Elayne. Um sorriso lento se abriu em seu rosto, demonstrando animação. — Acho que posso fazer um.

— Fazer um! — Nynaeve baixou a voz, torcendo para que ninguém entrasse correndo para ver quem estava matando quem, mas não a suavizou nem um pouco. — Luz, por quê? Fazer até uma fossa sem tampa seria melhor. Uma pilha de estrume. Ao menos teriam alguma utilidade.

— Eu não pretendo fazer um *a'dam*. — Elayne se manteve ereta, o queixo inclinado daquele jeito altivo. Soava ofendida e friamente calma. — Mas é um *ter'angreal*, e já decifrei como ele funciona. Vi que você assistiu a pelo menos uma aula sobre como se unir. O *a'dam* une duas mulheres. Por isso é que a *sul'dam* também precisa ser capaz de canalizar. — Ela franziu o cenho de leve. — Mas é um vínculo estranho. Diferente. Em vez de duas ou mais compartilhando o Poder, com uma como guia, nesse caso só uma assume todo o controle. Acho que é por isso que uma *damane* não pode fazer nada que a *sul'dam* não queira que ela faça. Não acredito nem um pouco que haja necessidade da corrente. A coleira e o bracelete funcionariam tão bem quanto sem ela, e da mesmíssima forma.

— Tão bem quanto — repetiu Nynaeve, seca. — Você estudou bastante o assunto, para alguém que não pretende reproduzir esse objeto. — Elayne não teve nem a delicadeza de enrubescer. — Você o usaria para quê? Não posso dizer que acharia ruim colocar um em torno do pescoço de Elaída, mas isso não torna a coisa menos repugn...

— Você não entende? — interrompeu Elayne, a arrogância totalmente transformada em empolgação. Quando se inclinou para tocar o joelho de Nynaeve, seus olhos brilhavam, e ela estava felicíssima consigo mesma. — É um *ter'angreal*, Nynaeve. E eu acho que consigo fazer um igual. — Elayne pronunciou cada palavra pausadamente, então gargalhou, antes de prosseguir, apressada: — Se eu conseguir fazer este, posso fazer outros. Talvez consiga fazer até *angreal* e *sa'angreal*. Ninguém na Torre foi capaz de fazer isso nos últimos mil anos! — Ela ficou ereta, estremeceu e cobriu a boca. — Eu nunca tinha pensado de verdade em *fazer* alguma coisa eu mesma. Não algo que fosse útil. Lembro de certa vez ficar observando um artesão, um homem que tinha feito algumas cadeiras para o palácio. Não eram douradas nem tinham entalhes elaborados, eram apenas para o salão dos servos, mas vi o orgulho nos olhos dele. Orgulho do que tinha feito, um móvel de qualidade. Acho que eu adoraria sentir isso. Ah, se a gente soubesse ao menos uma fração do que os Abandonados sabem! Todo o conhecimento da Era das Lendas na cabeça, e eles o utilizam

para servir à Sombra. Pense no que poderíamos fazer com aquilo. Pense no que poderíamos *construir*. — Ela respirou fundo e pousou as mãos no colo, o entusiasmo ainda todo lá. — Bem, seja como for, aposto que também consigo decifrar como Ponte Branca foi construída. Edifícios que parecem feitos de vidro, só que mais resistentes que aço. E *cuendillar*, e...

— Devagar aí — advertiu Nynaeve. — Ponte Branca fica a pelo menos quinhentas ou seiscentas milhas daqui, e se você acha que vai canalizar no selo, melhor pensar duas vezes. Quem sabe o que poderia acontecer? Ele vai continuar na bolsa, dentro do fogão, até encontrarmos um lugar mais seguro.

O entusiasmo de Elayne era muito estranho. Nynaeve também não se importaria em ter um pouco do conhecimento dos Abandonados — longe disso —, mas, se quisesse uma cadeira, contrataria um carpinteiro. Nunca sentira vontade de produzir nada, a não ser emplastos e unguentos. Quando tinha doze anos, sua mãe desistira de ensiná-la a costurar, depois que ficou evidente que Nynaeve não dava a mínima se conseguia ou não fazer uma costura em linha reta, e não havia como obrigá-la a se importar. Quanto a cozinhar... Ela até pensava ser boa cozinheira, mas a questão era que sabia suas prioridades. Curar era importante. Qualquer homem poderia construir uma ponte, e, em sua opinião, era melhor deixar isso a cargo deles.

— Com essa sua história de *a'dam* — continuou Nynaeve —, eu quase me esqueci de contar: Juilin viu Galad no outro lado do rio.

— Sangue e malditas cinzas — resmungou Elayne, e, quando Nynaeve arqueou as sobrancelhas, a garota prosseguiu com bastante firmeza: — Não venha me dar sermões pelo “meu linguajar”, Nynaeve. O que vamos fazer?

— Temos algumas opções: podemos ficar neste lado do rio e ter os Mantos-brancos de olho em nós, se perguntando por que abandonamos a trupe; podemos atravessar a ponte e torcer para que o Profeta não comece um tumulto e Galad não nos denuncie; ou podemos tentar comprar um barco a remo e fugir rio abaixo. Não são opções muito boas. E Luca vai querer os cem marcos dele. De ouro. — Ela tentou evitar uma careta, mas aquilo ainda a irritava. — Você prometeu, e suponho que não seria honesto fugir na calada da noite sem pagar. — Teria feito aquilo sem pestanejar, caso houvesse algum lugar para ir.

— Com certeza não seria — concordou Elayne, parecendo chocada. — Mas não temos que nos preocupar com Galad, pelo menos não enquanto estivermos com este grupo. Galad não vai se aproximar, ele acha que prender animais em jaulas é uma crueldade. Não vê nada de errado em caçar nem em comer animais, veja bem, só em enjaular.

Nynaeve balançou a cabeça. O fato era que Elayne encontraria alguma maneira de adiar a partida, nem que fosse por um dia, mesmo que tivessem como ir embora. Ela queria mesmo era andar nas alturas diante de uma plateia

que não fossem os outros artistas. E Nynaeve provavelmente teria que repetir o número das facas com Thom. *Mas eu não vou usar aquele maldito vestido!*

— Vamos contratar o primeiro barco que aparecer com tamanho suficiente para transportar quatro pessoas — decidiu ela. — Não é possível que todo o comércio no rio tenha acabado.

— Ajudaria se soubéssemos para onde ir. — O tom de voz de Elayne soou delicado demais. — Poderíamos seguir para Tear, sabe? Não precisamos ficar nessa situação só porque você... — Sua voz foi sumindo, mas Nynaeve sabia o que Elayne queria dizer. Só porque *ela* era teimosa. Só porque estava tão furiosa por não se lembrar de um simples nome que pretendia se recordar e partir para lá nem que fosse a última coisa que fizesse. Bem, aquilo não era verdade. Nynaeve pretendia encontrar as Aes Sedai que pudessem apoiar Rand e levá-las até ele, não rastejar até Tear feito uma refugiada patética buscando um lugar seguro.

— Eu vou lembrar — afirmou ela, a voz neutra. *Terminava com “bar”. Ou era “dar”? “Lar”?* — Antes de você cansar de se exhibir no espetáculo, vou me lembrar. — *Eu me recuso a usar aquele vestido!*





UMA FLECHA DE PRATA

Foi Elayne quem cozinhou naquela noite, o que significava que nada na comida era simples, apesar de estarem comendo em banquinhos em torno de uma fogueira, com grilos cricrilando na mata ao redor e, aqui e ali, um canto fraco e triste de algum pássaro noturno ecoando na escuridão cada vez mais profunda. A sopa foi servida fria e gelatinosa, com ferris verdes picadas e salpicadas por cima. Só a Luz sabia onde ela tinha encontrado as ferris, ou as minúsculas cebolas que misturara com as ervilhas. A carne fora cortada tão fina que estava quase transparente, então enrolada em uma trouxinha de cenoura, vagem, cebolinha e queijo de cabra. E havia até um pequeno bolo de mel para a sobremesa.

Tudo estava gostoso, embora Elayne não parasse de repetir que nada saíra como deveria, como se pensasse que dava para reproduzir ali o trabalho dos cozinheiros do Palácio Real de Caemlyn. Nynaeve tinha quase certeza de que a garota não estava apenas em busca de elogios. Elayne sempre fazia pouco caso de elogios, explicando exatamente o que fizera de errado. Thom e Juilin reclamaram por haver tão pouca carne, mas Nynaeve notou que ambos não só comeram cada pedacinho, como pareceram desapontados quando a última ervilha desapareceu do prato. Quando era ela que cozinhava, os dois, por algum motivo, sempre iam jantar em um dos outros carroções. Quando era um dos homens a preparar o jantar, era sempre ensopado ou uma carne com feijões tão cheia de pimenta que sua língua parecia pegar fogo.

Eles não comeram a sós, claro. Luca tratou disso ao trazer o próprio banquinho e posicioná-lo bem ao lado do de Nynaeve, a capa vermelha

esparramada para causar o melhor efeito possível, e as pernas compridas esticadas para que as panturrilhas ficassem à mostra, logo acima das botas. O homem aparecia quase toda noite. Estranhamente, só não ia quando Nynaeve cozinhasse.

Era até interessante atrair os olhos dele quando havia uma mulher tão bonita quanto Elayne por perto, mas Luca tinha lá seus motivos. Ele se sentava grudado nela — naquela noite, Nynaeve afastou o próprio banco três vezes, mas ele a acompanhou prontamente, como se nem percebesse — e se alternava entre compará-la a várias flores, que sempre saíam perdendo, ignorando o olho roxo que só um cego não veria, e divagar a respeito de como Nynaeve ficaria bonita naquele vestido vermelho, com elogios à sua coragem como adendo. Por duas vezes, deixou escapar sugestões de que fossem caminhar ao luar, convites tão velados que ela não tinha certeza do que eram, até parar para pensar.

— Aquele vestido vai ser a moldura perfeita para a sua coragem — murmurou ele no ouvido dela —, ainda que você a exiba com quatro vezes mais beleza, já que até os lírios-dara chorariam de inveja ao vê-la caminhar às margens da água iluminada pelo luar, assim como eu choraria e me tornaria um bardo, só para lhe cantar elogios sob esta mesmíssima lua.

Ela apenas piscou, tentando assimilar aquilo tudo. Luca pareceu considerar que fosse um flerte. Nynaeve acotovelou sem querer suas costelas antes que ele conseguisse lhe morder a orelha. Ao menos pareceu ser essa a intenção, ainda que ele tenha começado a tossir logo depois, afirmando que se engasgara com farelo de bolo. O homem com certeza era bonito — *Pare com isso!* — e de fato possuía panturrilhas bem torneadas — *O que você está fazendo, olhando para as pernas dele?* —, mas deveria achar que ela era uma desmiolada. Tudo para ajudar a melhorar seu maldito espetáculo.

Nynaeve tornou a afastar o banco enquanto ele tentava recuperar o fôlego. Não podia se afastar muito sem deixar claro que estava fugindo, embora estivesse com o garfo a postos para o caso de Luca voltar a segui-la. Thom examinou o prato como se ainda restasse mais do que apenas molho na louça branca. Juilin assobiava desafinado, bem baixinho, espiando com falso interesse o fogo que se apagava. Elayne olhou para ela e balançou a cabeça.

— Foi muito simpático da sua parte ter se juntado a nós — disse Nynaeve, levantando-se. Luca se levantou com ela, os olhos cheios de esperança brilhando à luz do fogo. Ela pôs seu prato em cima do que estava na mão dele. — Thom e Juilin vão ficar agradecidos por sua ajuda com os pratos, tenho certeza. — Antes que a boca do homem terminasse de se abrir, Nynaeve se virou para Elayne. — Já está tarde, e imagine que vamos cruzar o rio bem cedo.

— Claro — murmurou Elayne, com a sombra de um sorriso. A garota também deixou o prato com Luca antes de acompanhá-la para dentro do

carroção. Nynaeve quis abraçá-la. Até que a garota disse: — Você não deveria dar corda para ele. — Lamparinas presas em suportes de parede se acenderam.

Nynaeve plantou as mãos na cintura.

— *Dar corda?! O único jeito de dar menos corda seria enfiando uma faca naquele homem!* — Ela bufou para enfatizar e olhou feio para as lamparinas. — Na próxima vez, use um dos malabares de fogo de Aludra. Os bastões. Algum dia você vai acabar se esquecendo e canalizando onde não deveria, e aí o que vamos fazer? Fugir da morte com cem Mantos-brancos atrás de nós.

Teimosa como era, Elayne não aceitou a mudança de assunto.

— Posso ser mais nova, mas, às vezes, acho que entendo mais de homens do que você jamais vai entender. Para alguém como Valan Luca, esse seu jeito de sair correndo, hoje à noite, foi como um pedido para ele continuar a perseguição. Se você quebrasse o nariz dele, como fez no primeiro dia, talvez Luca desistisse. Você não o manda parar, nem pede! Fica sorrindo para ele, Nynaeve. Quer que o homem pense o quê? Fazia dias que você não sorria para *ninguém!*

— Estou tentando controlar meu temperamento — resmungou Nynaeve. Todos reclamavam do gênio dela, e agora que estava tentando controlá-lo, Elayne achava ruim! Não era tola a ponto de se deixar levar pelos elogios de Luca. Claro que não era tão idiota. Elayne gargalhou, e Nynaeve franziu o cenho.

— Ah, Nynaeve, “não se pode impedir o sol de nascer”. É o que Lini diria.

Nynaeve se esforçou para abrandar a expressão. Também controlou seu gênio. *Não acabei de provar isso lá fora?* Ela estendeu a mão.

— Me dê o anel. Ele *vai* querer cruzar o rio amanhã cedo, e quero pelo menos dormir de verdade depois que eu terminar.

— Pensei que eu iria hoje à noite. — Havia preocupação na voz de Elayne. — Nynaeve, você tem ido a *Tel'aran'rhiod* praticamente todas as noites, exceto nos encontros com Egwene. Aquela Bair tem uma questão para discutir com você, aliás. Precisei contar a elas por que você não foi, da outra vez, e ela afirma que você não deveria estar precisando de descanso, não importa o quanto visite o Mundo dos Sonhos, a menos que esteja fazendo algo errado. — A preocupação se transformou em firmeza, e foi a vez dela de plantar as mãos na cintura. — Tive que ouvir uma reprimenda que era para você, e não foi nada agradável, com Egwene lá parada concordando com cada palavra. Então, eu realmente acho que hoje à noite eu deveria...

— Por favor, Elayne. — Nynaeve não recolheu a mão. — Tenho perguntas para Birgitte, e as respostas podem me fazer ter mais perguntas. — Era verdade, em parte. Ela sempre tinha perguntas para Birgitte. Não tinha nada a ver com evitar Egwene ou as Sábias. Se visitava *Tel'aran'rhiod* com tanta frequência que Elayne sempre acabava indo para os encontros com Egwene, era simplesmente porque calhava de ser assim.

Elayne suspirou, mas pescou o anel de pedra retorcida de dentro da gola do vestido.

— Peça a ela de novo, Nynaeve. É muito difícil encarar Egwene com esse segredo. Ela viu Birgitte. Não diz nada, mas fica me olhando. Quando nos encontramos de novo, depois de as Sábias irem embora, é ainda pior. Ela *pode* perguntar, nessas ocasiões, mas não pergunta, o que piora tudo. — Ela franziu a testa enquanto Nynaeve transferia o pequeno *ter'angreal* para o cordão de couro em torno do próprio pescoço, junto com o pesado anel de Lan e o da Grande Serpente. — Por que você acha que nenhuma das Sábias volta com ela? Não descobrimos muita coisa no gabinete de Elaida, mas é de se imaginar que as Sábias fossem ao menos querer ver a Torre. Egwene não quer nem tocar no assunto na presença delas. Se eu chego perto desse tema, ela me olha de um jeito que parece que quer me bater.

— Acho que elas querem evitar a Torre o máximo possível. — E elas eram mesmo sábias em fazer isso. Se não fosse pela Cura, ela mesma evitaria a Torre, e até as Aes Sedai. Não estava treinando para ser uma Aes Sedai. Só esperava aprender mais sobre a Cura. E ajudar Rand, claro. — Elas são mulheres livres, Elayne. Mesmo que a Torre não estivesse a confusão que está, não iam querer Aes Sedai passeando pelo Deserto, recolhendo garotas para levar a Tar Valon.

— Suponho que seja isso. — O tom de voz de Elayne, no entanto, indicava que não entendia. Ela achava a Torre incrível e não via por que alguma mulher iria querer fugir das Aes Sedai. Presa para sempre à Torre Branca, diziam elas, ao colocar aquele anel no dedo de alguém. E falavam sério. Ainda assim, aquela tola não via o ónus disso.

Elayne a ajudou a se despir, e Nynaeve se deitou na cama estreita só de camisola, já bocejando. O dia fora longo, e era surpreendente como podia ser cansativo ficar parada com alguém que não enxergava arremessando facas nela. Fechou os olhos, pensamentos soltos passeando por sua mente. Elayne afirmara que estava só praticando quando bancara a boba com Thom. Não que “o pai afetuoso e a filhinha favorita” que bancavam agora fosse algo menos bobo. Talvez ela também pudesse praticar só um pouquinho com Valan. Ora, *isso* sim era uma tolice. Os olhos dos homens podiam até passear — *melhor* que os de Lan não o fizessem! —, mas ela sabia ser fiel. Não usaria aquele vestido. O decote era grande demais.

— Lembre-se de pedir a ela de novo. — Escutou Elayne dizer, ao longe.

O sono a envolveu.

* * *

Nynaeve estava no lado de fora do carroção, à noite. A lua estava alta, e nuvens

lançavam sombras sobre o acampamento. Grilos cricrilavam, e pássaros noturnos cantavam. Os olhos dos leões brilhavam ao encará-la de dentro das jaulas. Os ursos de cara branca eram montanhas escuras dormindo por trás de barras de ferro. Acorda para amarrar os cavalos estava vazia, os cães de Clarine não estavam nas correias ao lado do carroção que dividia com Petra, e a área onde os *s'redit* ficavam, no mundo desperto, estava vazia. Ela chegara à conclusão de que apenas animais selvagens tinham reflexos ali, mas, independentemente do que a Seanchan afirmasse, era difícil acreditar que aqueles imensos animais cinzentos haviam sido tão domesticados que já não eram mais selvagens.

De repente, Nynaeve percebeu que estava usando o vestido. De um vermelho abrasador, justo demais nos quadris para ser chamado de decente e com um decote quadrado tão acentuado que seu busto parecia prestes a escapar. Não imaginava mulher alguma usando-o, exceto Berelain. Para Lan, talvez ela usasse. Se estivessem sozinhos. Estivera pensando em Lan ao adormecer. *Estava, não estava?*

De qualquer modo, não ia deixar Birgitte vê-la com aquele troço. A mulher dizia ser um soldado, e, quanto mais tempo Nynaeve passava com ela, mais percebia que algumas de suas atitudes — e comentários — eram tão ruins quanto as de qualquer homem. Piores. Uma mistura de Berelain com um brigão de taverna. Os comentários não eram frequentes, mas sempre surgiam quando Nynaeve permitia que pensamentos aleatórios criassem qualquer coisa como aquele vestido. Ela o trocou por uma boa e espessa lã escura de Dois Rios, com um xale simples que nem era necessário, o cabelo de novo em uma trança decente, e abriu a boca para chamar Birgitte.

— Por que você se trocou? — perguntou a mulher, saindo das sombras e apoiando-se no arco de prata. A intrincada trança dourada pendia sobre o ombro, e o luar reluzia em seu arco e suas flechas. — Lembro de ter usado um vestido muito parecido com esse, certa vez. Foi só para chamar atenção para que Gaidal pudesse passar despercebido, mas os olhos dos guardas se esbugalharam feito olhos de sapos, e foi divertido. Principalmente quando eu usei para dançar com Gaidal, depois. Ele *sempre* odeia dançar, mas estava tão decidido a não deixar que nenhum outro homem se aproximasse que dançou comigo todas as músicas. — Birgitte soltou uma gargalhada gostosa. — Ganhei cinquenta moedas de ouro dele naquela noite, porque ele me olhava tanto que nem prestava atenção nas cartas. Os homens são estranhos. Não era como se ele nunca tivesse me visto...

— Já entendi — cortou Nynaeve, incomodada, enrolando o xale com firmeza em torno dos ombros.

Antes que pudesse acrescentar uma pergunta, Birgitte disse:

— Eu a encontrei. — E toda a ideia de fazer a pergunta se dissipou.

— Onde? Ela viu você? Pode me levar até ela? Sem ela ver? — Seu estômago se contraía de medo, e Valan Luca diria um bocado sobre sua coragem, se pudesse vê-la naquele momento, mas ela tinha certeza de que o medo viraria raiva assim que visse Moghedien. — Se puder me levar mais... — Sua voz morreu assim que Birgitte levantou a mão.

— Não acho que ela tenha me visto, ou duvido que eu estaria aqui agora. — Ela soou muito séria. Nynaeve achava mais fácil conviver com essa faceta da personalidade de soldado. — Posso levá-la até lá por um momento, caso você queira ir, mas ela não está sozinha. Ao menos... Você vai ver. Precisa ficar em silêncio e não deve fazer nada contra Moghedien. Há outros Abandonados. Pode até ser que você consiga destruí-la, mas conseguiria derrotar cinco de uma vez?

As palpitações no estômago de Nynaeve se espalharam para o peito. E para os joelhos. Cinco. Ela deveria só perguntar o que Birgitte vira ou escutara e deixar por isso mesmo. Então poderia voltar para a cama e... Mas Birgitte a estava encarando. Não estava questionando sua coragem, apenas observava. Pronta para ir em frente, caso ela pedisse.

— Vou ficar calada. E nem vou pensar em canalizar. — Não com cinco Abandonados juntos. Não que ela fosse capaz de canalizar sequer uma centelha naquele momento. Enrijeceu os joelhos para evitar que batessem um no outro. — Ao seu sinal.

Birgitte ergueu o arco e pôs a mão em seu braço...

... e Nynaeve perdeu o fôlego. Estavam no meio do nada, uma escuridão infinita envolvendo-as. Não havia cima ou baixo, seria uma queda infinita em qualquer direção. Tonta, ela se obrigou a olhar para onde Birgitte apontava.

Abaixo delas, Moghedien também estava na escuridão, trajando algo tão negro quanto tudo ao redor, curvada, ouvindo com atenção. Mais abaixo, à mesma distância, quatro enormes cadeiras com encostos altos, todas diferentes, repousavam em um piso de ladrilhos brancos e cintilantes que flutuava na escuridão. Estranhamente, Nynaeve conseguia escutar o que as pessoas nas cadeiras diziam, como se estivesse em meio a elas.

— ... nunca foi covarde — afirmava uma mulher bela e robusta, de cabelos loiros —, então por que começar agora? — Vestida com o que parecia ser uma bruma cinza-prateada e pedras preciosas, estava refestelada em uma cadeira de marfim entalhada no formato de acrobatas nus. Quatro homens esculpidos seguravam o assento, e os braços dela descansavam sobre as costas de mulheres ajoelhadas. Dois homens e duas mulheres apoiavam uma almofada de seda branca atrás de sua cabeça enquanto, acima, outros mais se contorciam em formas que Nynaeve não acreditava que o corpo humano pudesse assumir. Ela ruborizou ao perceber que alguns estavam protagonizando mais do que meros números de acrobacia.

Um homem atarracado, de altura mediana, com uma cicatriz cortando o rosto e uma barba dourada e quadrada, se inclinou para a frente, parecendo furioso. Sua cadeira de madeira pesada era entalhada com fileiras de homens em armaduras e cavalos, além de um punho calçado com luva de aço segurando um raio, no topo do encosto. O casaco vermelho compensava a simplicidade da cadeira, pois fios de outro derramavam-se pelos ombros e braços.

— Ninguém me chama de covarde — advertiu ele, com severidade. — Mas, se continuarmos como estamos, ele virá direto no meu pescoço.

— O plano foi esse desde o início — respondeu uma melodiosa voz feminina. Nynaeve não via de quem era, com a dona escondida por trás do imenso encosto de uma cadeira que parecia ser toda de prata e de uma pedra branca como a neve.

O segundo homem era grande, de uma beleza sombria, com mechas brancas nas têmporas. Brincava com um ornamentado cálice dourado e estava reclinado em um trono. Era a única descrição possível para aquele assento incrustado de pedras preciosas. Discretos vestígios dourados apareciam aqui e ali, mas Nynaeve não duvidava de que houvesse ouro maciço por baixo de todo aquele cintilar de rubis, esmeraldas e pedras-da-lua. Era de tamanho monumental e parecia pesado.

— Ele vai se concentrar em você — afirmou o homenzarrão, com uma voz profunda. — Se for necessário, mataremos alguém próximo a ele, deixando claro que o ataque veio de você. E ele vai atrás de você. E, enquanto estiver concentrado nessa perseguição, nós três vamos nos unir para pegá-lo. Aconteceu alguma coisa para mudar o plano?

— Não mudou nada — grunhiu o homem com a cicatriz — Principalmente, não mudou minha confiança em vocês. Eu *vou* fazer parte da união, ou o plano acaba aqui.

A mulher de cabelos dourados jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Pobre homem — zombou ela, balançando a mão cheia de anéis. — Você acha que ele não *perceberia* que você está unido? Ele tem um professor, lembre-se. Ruim, mas não um completo idiota. Daqui a pouco você vai pedir para incluirmos um bocado daquelas crianças da Ajah Negra para fazer o círculo passar de treze pessoas, de modo que você ou Rahvin tenham o controle.

— Se Rahvin confia o bastante na gente para se unir permitindo que uma de nós duas esteja no controle — ponderou a voz melodiosa —, você pode demonstrar a mesma confiança.

O homenzarrão encarava o cálice, e a mulher envolta em brumas abriu um ligeiro sorriso.

— Se não confia que não vamos atacá-lo — prosseguiu a mulher fora de vista —, então confie no fato de que estaremos nos vigiando de perto demais para

atacar. Você *concordou* com tudo isso, Sammael. Por que está começando a criar caso?

Nynaeve se sobressaltou quando Birgitte tocou seu braço...

... e as duas estavam de volta em meio aos carroções, com a lua brilhando por entre as nuvens. Parecia quase normal, em comparação com onde haviam estado.

— Por quê...? — começou Nynaeve, e engoliu em seco. — Por que você nos trouxe de volta? — Seu coração pulou para a garganta. — Moghedien nos viu?

Ficara tão atenta aos outros Abandonados, em quanto eram peculiares e comuns ao mesmo tempo, que se esquecera de ficar de olho em Moghedien. Soltou um suspiro aliviado quando Birgitte balançou a cabeça.

— Não tirei os olhos dela em momento algum, e ela não moveu nem um músculo. Mas não gosto de ficar tão exposta. Se ela ou qualquer um dos outros *tivesse* olhado para cima...

Nynaeve enrolou o xale bem apertado em torno dos ombros, mas ainda assim estremeceu.

— Rahvin e Sammael. — Queria que sua voz não estivesse tão rouca. — Você reconheceu os outros? — Claro que Birgitte reconhecera. Era estranho dizer, mas ela parecia abalada.

— A que estava encoberta pela cadeira era Lanfear. A outra era Graendal. Não pense que ela é uma tola só porque estava sentada em uma cadeira que faria uma arrumadeira Senje enrubescer. Ela é dissimulada e usa seus *bichinhos* em ritos que fariam até o soldado mais rude que já conheci jurar celibato.

— Graendal é dissimulada — ecoou a voz de Moghedien —, mas não o bastante.

Birgitte girou, o arco de prata se erguendo e uma flecha prateada quase sendo atirada — então, abruptamente, foi lançada a trinta passadas de distância em meio ao luar, chocando-se com tanta força contra o carroção de Nynaeve que ricocheteou de volta cinco passadas e ficou caída, inerte.

Desesperada, Nynaeve tentou agarrar *saidar*. O medo perpassava sua raiva, mas havia raiva suficiente. Então colidiu com uma parede invisível entre ela e o brilho quente da Fonte Verdadeira. Quase uivou. Alguma coisa agarrou seus pés, arrastando-os para trás e para cima, tirando-os do chão. As mãos voaram para o alto e para trás até os pulsos encontrarem os tornozelos, acima da cabeça. As roupas se transformaram em um pó que deslizou por sua pele, e a trança puxou sua cabeça para trás até os cabelos baterem nas nádegas. Nynaeve tentou freneticamente sair do sonho. Nada aconteceu. Permaneceu pendurada no ar, contorcida feito um animal em uma teia, cada músculo tensionado até o limite. Tremores lhe atravessavam o corpo. Os dedos se contraíam debilmente, roçando

seus pés. Pensou que, se tentasse mover qualquer outra parte do corpo, sua coluna quebraria.

Estranhamente, seu medo sumiu, agora que era tarde demais. Tinha certeza de que poderia ter sido rápida o bastante, não fosse o terror que a paralisara quando precisou agir. Tudo o que Nynaeve queria era uma chance de pôr as mãos no pescoço de Moghedien. *Grande vantagem isso me dá agora!* Cada respiração era fruto de um arfar tenso.

Moghedien se moveu para um ponto onde Nynaeve conseguia vê-la, entre o triângulo trêmulo formado por seus braços. O brilho de *saidar* circundava a mulher zombeteiramente.

— Um detalhe da cadeira de Graendal — disse a Abandonada. Seu vestido era feito de bruma, como o de Graendal, passando da neblina escura para algo quase transparente, depois voltando a brilhar como prata. O tecido mudava praticamente o tempo todo. Nynaeve já a vira usando-o antes, em Tanchico. — Não é algo em que eu teria pensado sozinha, mas Graendal pode ter... boas ideias. — Nynaeve a fuzilou com os olhos, mas Moghedien pareceu não perceber. — Não acredito que *você* realmente veio *me* caçar. Pensou mesmo que, por ter tido a sorte de me pegar desprevenida uma vez, é páreo para mim? — A risada da mulher foi cortante. — Se soubesse o trabalho que tive tentando encontrá-la... E aí você veio até mim. — Ela olhou para os carroções, examinando os leões e ursos por um instante, até voltar a encarar Nynaeve. — Um conjunto itinerante? Ficaria bem fácil encontrar você. Se eu ainda precisasse, não é?

— Faça o pior que puder, que a Luz a queime! — rosnou Nynaeve, da melhor forma que pôde.

Curvada como estava, precisava forçar as palavras uma a uma. Não ousava olhar diretamente para Birgitte — não que fosse conseguir virar a cabeça o bastante para isso —, mas revirando os olhos como estava, oscilando entre a fúria e o medo, teve um vislumbre. Seu estômago ficou oco, mesmo esticado feito pele de ovelha secando. Birgitte estava caída no chão, as flechas de prata se derramando da aljava à cintura, o arco a uma braça da mão inerte.

— Você acha que eu venci da outra vez por sorte? Se não tivesse me pegado de surpresa, eu teria lhe dado uma surra até ver você gemendo. Teria torcido o seu pescoço como se fosse uma galinha. — Se Birgitte estivesse morta, ela só tinha uma chance, e sombria: deixar Moghedien com tanta raiva que, em um rompante, a mulher a matasse rápido. Se ao menos houvesse algum jeito de alertar Elayne... Sua morte teria de ser o bastante. — Lembra que você disse que me usaria como banquinho de montaria? E depois, quando eu disse que faria o mesmo com você? Isso foi quando eu já tinha vencido. Quando você estava choramingando e suplicando pela sua vida. Me oferecendo qualquer coisa. Você é uma covarde! Um excremento de bacurau! Seu monte de...! — Alguma coisa

espessa rastejou até a boca de Nynaeve, achatando sua língua e forçando suas mandíbulas.

— Você é tão simplória — murmurou Moghedien. — Acredite, eu já estou com raiva suficiente de você. Não acho que eu vá usá-la como brinquinho de montaria. — O sorriso da Abandonada fez a pele de Nynaeve se arrepiar. — Acho que vou transformar você em um cavalo. Aqui, isso é bem possível. Um cavalo, um rato, um sapo... — Ela fez uma pausa, escutando. — ... um grilo. E, toda vez que você vier a *Tel'aran'rhiod*, vai ser um cavalo, até que eu decida mudar. Ou alguma outra pessoa que saiba como fazer isso. — Ela fez outra pausa, parecendo quase complacente. — Não, não quero lhe dar falsas esperanças. Restam apenas nove pessoas capazes de fazer essa tessitura, e você não vai querer estar na mão de qualquer um dos outros. Você vai ser um cavalo toda vez que eu a trouxer aqui. Vai ter a própria sela e a própria rédea. Vou até fazer uma trança na sua crina. — Nynaeve sentiu um puxão na trança que quase a escalpelou. — Claro que, mesmo assim, você ainda vai se lembrar de quem é. Acho que vou gostar da montaria, embora você talvez não goste. — Moghedien respirou fundo, e seu vestido escureceu até parecer reluzir naquela luz tênue. Nynaeve não tinha certeza, mas achava que talvez fosse da cor de sangue vivo. — Você me deixa igual a Semirhage. Vai ser bom me livrar de você para que eu possa concentrar toda a minha atenção em questões relevantes. A sirigaitazinha de cabelo amarelo está com você nesse conjunto?

A sensação espessa sumiu da boca de Nynaeve.

— Eu estou sozinha, sua estúpida... — Dor. Como se tivesse levado uma surra do tornozelo ao ombro, todos os golpes ao mesmo tempo. Soltou um berro agudo. De novo. Tentou cerrar os dentes, mas o próprio grito interminável lhe preencheu os ouvidos. As lágrimas escorriam miseravelmente pelas bochechas enquanto soluçava e, impotente, esperava a próxima investida.

— Ela está com você? — indagou Moghedien, pacientemente. — Não perca tempo tentando me fazer matá-la. Eu não vou. Você vai passar muitos anos me servindo. Suas habilidades patéticas podem ter alguma serventia, depois que eu terminar seu treinamento. Quando eu decidir treiná-la. Mas posso fazer você achar que o que acabou de sentir foi o carinho de um amante. Agora responda minha pergunta.

Nynaeve conseguiu recuperar o fôlego.

— Não — soluçou. — Ela fugiu com um homem assim que saímos de Tanchico. Um homem com idade suficiente para ser avô dela, mas com dinheiro. Ficamos sabendo do que aconteceu na Torre... — Nynaeve tinha certeza de que Moghedien sabia. — E ela ficou com medo de voltar para lá.

A mulher gargalhou.

— Que historinha deliciosa. Agora quase entendo por que Semirhage adora arrasar a personalidade das pessoas. Ah, você vai me proporcionar grandes

momentos de diversão, Nynaeve al'Meara. Mas, primeiro, vai me trazer aquela garota, a Elayne. Você vai blindá-la, amarrá-la e deixá-la aos meus pés. E sabe por quê? Porque algumas coisas são mesmo mais fortes em *Tel'aran'rhiod* do que no mundo desperto. Por isso é que você vai ser uma égua branca lustrosa sempre que eu a trouxer para cá. E não são só as dores impingidas aqui que duram no mundo desperto. A Compulsão também. Quero que pense nisso por um ou dois segundinhos, antes que comece a acreditar que foi ideia sua. Suspeito que a garota seja sua amiga. Mas você vai trazê-la até mim feito um bichinho de estimação... — Moghedien gritou quando a ponta de uma flecha de prata surgiu de repente abaixo de seu seio direito.

Nynaeve caiu no chão feito uma saca largada. A queda expulsou cada nesga de ar de seus pulmões tão eficientemente quanto um golpe de martelo na barriga. Esforçando-se para respirar, fez força para fazer músculos combalidos se moverem, e para, em meio à dor, agarrar *saidar*.

Ainda cambaleante, Birgitte tateou em busca de outra flecha da aljava.

— Vá, Nynaeve! — O grito saiu trêmulo. — Saia daqui! — A cabeça de Birgitte vacilou, e o arco de prata bamboleou quando ela o ergueu.

O brilho em torno de Moghedien se intensificou até parecer que ela estava envolta por um sol ofuscante.

A noite engolfou Birgitte feito uma onda, cobrindo-a de escuridão. Quando passou, o arco caiu sobre roupas vazias que desabavam no chão. As vestimentas desvaneceram como névoa que se esvai, e apenas o arco e as flechas permaneceram, brilhando ao luar.

Moghedien caiu de joelhos, ofegando, agarrando a haste saliente da flecha com as duas mãos à medida que o brilho ao seu redor se dissipava e morria. Então ela desapareceu, e o arco de prata caiu no ponto em que a mulher estivera, manchado de sangue escuro.

Depois do que pareceu uma eternidade, Nynaeve conseguiu se apoiar nas mãos e nos joelhos. Chorando, rastejou até o arco de Birgitte. Desta vez, não era dor que fazia as lágrimas brotarem. De joelhos, nua e sem ligar para mais nada, abraçou o arco.

— Me desculpe — soluçou. — Ah, Birgitte, me perdoe. Birgitte!

Não houve resposta, exceto o canto fúnebre de um pássaro noturno.

* * *

Liandrin se levantou de um salto quando a porta do quarto de Moghedien se escancarou e a Escolhida entrou na saleta cambaleante, o sangue ensopando a camisola de seda. Chesmal e Temaile correram para segurá-la pelos braços e mantê-la de pé, mas Liandrin permaneceu junto à cadeira. As demais haviam saído. Talvez até de Amador, pelo que Liandrin sabia. Moghedien só dizia o que

queria que seus interlocutores soubessem e punia qualquer pergunta que não quisesse ouvir.

— O que aconteceu? — indagou Temaile, surpresa.

O breve olhar que Moghedien lhe lançou deveria tê-la fritado imediatamente.

— Você possui certa habilidade de Cura — grunhiu a Abandonada para Chesmal. O sangue lhe manchava os lábios e escorria pelo canto da boca em um fluxo cada vez maior. — Use-a. Agora, sua tola!

A ghealdaniana de cabelos escuros não hesitou em colocar as mãos na cabeça de Moghedien. Quando o brilho de *saidar* envolveu Chesmal, Liandrinriu desdenhosamente consigo mesma. O rosto de Chesmal, de uma beleza masculina, estava tomado de preocupação, e os delicados traços de raposa da face de Temaile transformaram-se em uma careta de puro medo e nervosismo. Tão fiéis... Duas cadelinhas obedientes. Moghedien ficou na ponta dos pés, a cabeça jogada para trás. Ela estremeceu, os olhos arregalados, a boca escancarada ofegante, como se tivesse sido imersa em gelo.

Tudo acabou em poucos momentos. O brilho em torno de Chesmal desapareceu, e os calcanhares de Moghedien voltaram a tocar o carpete com estampas em azul e verde. Sem o apoio de Temaile, ela talvez tivesse caído. Apenas parte da força necessária para Curar advinha do Poder. O resto vinha da pessoa que estava sendo Curada. Qualquer ferida que tivesse causado todo aquele sangramento sumira, mas Moghedien decerto estava tão fraca quanto se houvesse passado várias semanas acamada feito uma inválida. Ela puxou a bela echarpe de seda dourada e marfim da cintura de Temaile para limpar a boca enquanto a mulher a ajudava a se virar em direção à porta do quarto. Estava fraca, e de costas.

Liandrin investiu com toda a força, com tudo o que decifrara sobre o que a Abandonada fizera com ela.

No mesmo segundo, *saidar* pareceu preencher Moghedien como uma inundação. A tentativa de Liandrin feneceu quando a Fonte lhe foi bloqueada. Fluxos de Ar a tiraram do chão e a arremessaram com tanta força contra a parede que seus dentes rangeram. Ela ficou ali pendurada, com os braços e pernas abertos, impotente.

Chesmal e Temaile se entreolharam, confusas, como se não tivessem entendido o que ocorrera. Continuaram a segurar Moghedien quando, ainda limpando calmamente a boca com a echarpe de Temaile, a mulher veio se pôr diante de Liandrin. Moghedien canalizou, e o sangue em sua camisola ficou negro e caiu em flocos no carpete.

— N-Não é nada disso, Grande S-senhora — gaguejou Liandrin freneticamente. — Eu só queria ajudá-la a dormir bem. — Pela primeira vez na vida, não se preocupou de recair em seu sotaque de camponesa. — Eu só... —

Sua frase foi interrompida com um arquejo esganado quando um fluxo de Ar lhe tomou a língua, esticando-a entre os dentes. Seus olhos castanhos se arregalaram. Um filete a mais de pressão e...

— Arranco? — Moghedien examinava o rosto da mulher, mas parecia falar sozinha. — Acho que não. É uma pena para você que aquela al'Meara me faça pensar como Semirhage. Do contrário, talvez eu simplesmente a matasse.

De repente, a Abandonada começou a amarrar a blindagem, o nó se tornando cada vez mais intrincado, até que Liandrin se perdeu completamente em seus giros e voltas. E o processo se estendeu.

— Pronto — disse Moghedien, por fim, soando satisfeita. — Você vai passar muito tempo procurando até encontrar alguém que consiga desatar isso. Só que não vai ter chance de procurar.

Liandrin observou os rostos de Chesmal e Temaile em busca de algum sinal de compaixão, pena, qualquer coisa. Os olhos de Chesmal estavam frios e inflexíveis. Os de Temaile brilhavam, e ela encostou a ponta da língua nos lábios e sorriu. Um sorriso nada amigável.

— Você achou que tinha aprendido algo sobre a Compulsão — prosseguiu Moghedien. — Eu vou lhe ensinar um pouco mais.

Por um instante, Liandrin estremeceu, os olhos de Moghedien preenchendo sua visão assim como a voz da mulher preenchia seus ouvidos e toda sua cabeça.

— Viver. — O instante passou, e o suor escorria do rosto de Liandrin enquanto a Escolhida sorria para ela. — A Compulsão tem muitos limites, mas comandar que alguém faça o que quer fazer, em seu âmago mais profundo, é algo que dura por toda uma vida. Você vai viver, por mais que pense desejar tirar a própria vida. E você vai pensar nisso. Vai passar muitas noites chorando, desejando a própria morte.

O fluxo que prendia a língua de Liandrin desapareceu, e ela mal fez uma pausa para engolir.

— Por favor, Grande Senhora, eu juro que não queria... — Sua cabeça zuniu, e pontos negros e prateados dançaram diante de seus olhos com o tapa desferido por Moghedien.

— Existem... atrativos... em fazer as coisas fisicamente — sussurrou a mulher. — Quer implorar mais?

— Por favor, Grande Senhora... — O segundo tapa fez seu cabelo balançar.

— Mais?

— Por favor... — Um terceiro tapa quase lhe desarticulou a mandíbula. A bochecha ardia.

— Se não consegue ser mais inventiva que isso, não vou nem dar ouvidos. É você quem vai me ouvir. Acho que meus planos para você deliciariam até a própria Semirhage. — O sorriso de Moghedien foi quase tão sombrio quanto o de Temaile. — Você vai viver, não estancada, mas sabendo que poderia voltar a

canalizar, se encontrasse alguém para retirar a blindagem. Mas isso é só o começo. Evon ficará contente com uma nova serviçal, e tenho certeza de que aquela Arene vai querer ter longas conversas com você sobre o marido. Ora, eles vão desfrutar tanto da sua companhia que eu duvido que você chegue a sair desta casa durante os próximos anos. Longos anos para você ficar desejando que tivesse me servido fielmente.

Liandrin balançou a cabeça, articulando “não” e “por favor” com os lábios. Estava chorando demais para obrigar as palavras a saírem.

Moghedien se virou para Temaile.

— Prepare-a para eles. E diga que não é para a matarem ou mutilarem. Quero que ela sempre acredite que *talvez* consiga fugir. Qualquer esperança fútil a manterá viva para sofrer. — Ela se soltou do braço de Chesmal, e os fluxos que prendiam Liandrin à parede sumiram.

Suas pernas cederam feito palha, fazendo-a se contorcer no carpete. Só a blindagem permanecia. Liandrin investia contra ela, em vão, enquanto rastejava atrás de Moghedien, tentando agarrar a barra da camisola da mulher e soluçando:

— Por favor, Grande Senhora.

— Elas estão acompanhando um conjunto itinerante — informou Moghedien a Chesmal. — Você procurou tanto, e eu é que tive que encontrá-las. Um conjunto itinerante não deve ser muito difícil de localizar.

— Vou servir fielmente — choramingou Liandrin. O medo transformava seus membros em água. Não conseguia rastejar rápido o bastante para alcançá-la. As mulheres nem se viravam para olhá-la, arrastando-se pelo carpete logo atrás. — Me amarre, Grande Senhora. Qualquer coisa. Eu serei seu cão fiel!

— Há muitos conjuntos itinerantes viajando para o norte — comentou Chesmal, a voz cheia de ansiedade em negar sua falha. — Para Ghealdan, Grande Senhora.

— Então preciso ir a Ghealdan — respondeu Moghedien. — Você vai conseguir cavalos rápidos e seguir... — A porta do quarto se fechou, interrompendo suas palavras.

— Serei um cão fiel — soluçou Liandrin, encolhida no carpete. Ergueu a cabeça, piscou para que as lágrimas caíssem e viu Temaile encarando-a, esfregando os braços e sorrindo. — Poderíamos dominá-la, Temaile. Nós três juntas poderíamos...

— Nós *três*? — gargalhou Temaile. — Você não dominaria nem a gorda da Evon. — Seus olhos se estreitaram enquanto ela examinava a blindagem amarrada a Liandrin. — Daria no mesmo se você tivesse sido estancada.

— Escute. Por favor. — Liandrin engoliu em seco e tentou firmar a voz, mas ainda soou rouca, como se ardesse de urgência, tagarelando em uma velocidade frenética: — Já conversamos sobre as divergências que devem existir entre os

Escolhidos. Se Moghedien se esconde assim, deve ser dos outros Escolhidos. Se a pegarmos e entregarmos a eles, pense nas posições que poderíamos conseguir. Poderíamos ser exaltadas acima de reis e rainhas. Poderíamos nos tornar Escolhidas!

Por um momento — um momento maravilhoso e abençoado —, a mulher de rosto infantil hesitou. Então, balançou a cabeça.

— Você sempre foi ambiciosa demais. “Quem tenta alcançar o Sol acaba queimado”. Não, acho que não vou tentar chegar tão alto para me queimar. Acho que vou fazer conforme me mandaram, e amaciar você para Evon. — Então ela sorriu, exibindo dentes que acentuavam seus traços de raposa. — Ele vai ficar tão surpreso quando você rastejar para beijar seus pés...

Antes mesmo de Temaile começar, Liandrin já estava gritando.





ARRANCADA

Aos bocejos, Elayne observava Nynaeve de sua cama, a cabeça apoiada no cotovelo, os cabelos negros caídos sobre o braço. Era mesmo ridícula aquela insistência de que a pessoa fora de *Tel'aran'rhiod* tivesse que permanecer acordada. Não sabia quanto tempo Nynaeve vivenciara no Mundo dos Sonhos, mas Elayne estava deitada ali havia umas duas longas horas, sem nenhum livro para ler, nenhuma costura para fazer, nem nada para ocupá-la a não ser olhar para a outra mulher esparramada na própria cama estreita. Não adiantava examinar o *a'dam*. Achava que já descobrira tudo o que podia dele. Tentara até um pouco de Cura na mulher adormecida, talvez toda a Cura que sabia. Nynaeve jamais consentiria, se estivesse acordada — não confiava muito nas habilidades de Elayne para aquilo —, ou talvez consentisse, naquele caso, mas de qualquer jeito o olho roxo sumira. Na verdade, aquela foi a Cura mais complicada que Elayne já fizera, e o processo esgotou suas habilidades. Nada para fazer. Se tivesse um pouco de prata, talvez tentasse fazer um *a'dam*. A prata não era o único metal, mas precisaria derreter moedas para ter o suficiente. Nynaeve ficaria menos contente com essa ideia do que com encontrar um segundo *a'dam*. Se ela estivesse disposta a contar para Thom e Juilin sobre as viagens ao Mundo dos Sonhos, pelo menos Elayne poderia ter convidado Thom para entrar e conversar.

Os dois de fato tinham conversas muito agradáveis. Como um pai passando os conhecimentos para a filha. Elayne nunca se dera conta de que o Jogo das Casas era tão profundamente enraizado em Andor, ainda que, por sorte, não tanto quanto em outras terras. De acordo com Thom, só as Terras da Fronteira

ficavam realmente de fora. Com a Praga logo ao norte e as investidas cotidianas de Trollocs, ninguém ali tinha tempo para tramas e conchavos. Ela e Thom tinham conversas maravilhosas, agora que o menestrel sabia que ela não tentaria se aconchegar em seu colo. O rosto de Elayne corou com a lembrança. Realmente pensara naquilo uma ou duas vezes e, ainda bem, não chegara a pôr a ideia em prática.

— “Até rainhas dão topadas, mas uma sábia presta atenção ao caminho” — recitou baixinho.

Lini era sábia. Elayne não achava que voltaria a cometer aquele erro. Sabia que cometia muitos, mas dificilmente o mesmo erro duas vezes. Um dia, talvez, errasse suficientemente pouco para ser merecedora de suceder a mãe no trono.

Ela se sentou de repente. Lágrimas brotavam dos olhos fechados de Nynaeve, escorrendo pelas laterais do rosto. O que Elayne pensara ser um ronco discreto — e a mulher roncava mesmo, apesar de não admitir — era um soluço baixo e lamurioso vindo do fundo da garganta. Não podia ser. Se ela tivesse se machucado, a ferida teria aparecido, embora Nynaeve só fosse senti-la ao acordar.

Talvez seja melhor acordá-la. Mas Elayne hesitou, a mão já estendida. Despertar alguém de *Tel'aran'rhiod* não era fácil — sacudir e até jogar água gelada no rosto nem sempre bastava —, e Nynaeve não gostaria de ser acordada aos muros depois da surra de Cerandin. *Eu me pergunto o que de fato aconteceu. Vou ter que perguntar a Cerandin.* Independentemente do que estivesse acontecendo, Nynaeve deveria conseguir sair do sonho quando quisesse. A não ser que... Egwene dissera que as Sábias eram capazes de prender pessoas em *Tel'aran'rhiod* contra a vontade, embora não tivesse passado o truque adiante, caso tivesse aprendido. Se alguém estivesse prendendo Nynaeve lá, naquele momento, machucando-a, não podia ser Birgitte ou as Sábias. Bem, até podiam ser as Sábias, caso tivessem surpreendido Nynaeve perambulando por onde achessem que não deveria. Mas, se não fossem as Sábias, só sobrava...

Elayne segurou Nynaeve pelos ombros para sacudi-la — se aquilo não funcionasse, gelaria o jarro d'água na mesa ou bateria no rosto dela até cansar —, mas então os olhos de Nynaeve se arregalaram.

A mulher imediatamente começou a chorar alto, o som mais desesperador que Elayne já ouvira.

— Ela morreu! Ai, Elayne. Ela morreu por culpa minha, por causa do meu orgulho bobo, pensando que eu poderia... — As palavras foram sumindo em meio aos soluços.

— Quem morreu? — Não podia ser Moghedien. A morte da Abandonada certamente não causaria todo aquele pesar. Elayne estava a ponto de abraçar Nynaeve para consolá-la quando ouviu uma batida na porta.

— Mande embora — resmungou Nynaeve, encolhendo-se até se transformar em uma bola trêmula no meio da cama.

Suspirando, Elayne foi até a porta e a abriu, mas, antes que pudesse dizer qualquer palavra, Thom passou por ela, a camisa escapando das calças, carregando um corpo envolto no próprio manto de condutor. A única coisa à mostra era um pé feminino descalço.

— Ela simplesmente apareceu — explicou Juilin, logo atrás dele, como se não acreditasse nas palavras que saíam da própria boca. Os dois estavam descalços, e Juilin, seminu, tinha o peito musculoso à mostra. — Acordei um instante e, de repente, ela estava lá de pé, nua como veio ao mundo, desabando feito uma rede cortada.

— Ela está viva — avisou Thom enquanto deitava a figura envolta no manto na cama de Elayne —, mas por um fio. Mal consegui ouvir o coração.

Elayne franziu o cenho, puxou o capuz do manto... e se viu encarando o rosto de Birgitte, pálido e desfalecido.

Nynaeve cambaleou da outra cama para se ajoelhar ao lado da mulher inconsciente. O rosto ainda estava molhado de lágrimas, mas o choro cessara.

— Ela está viva — murmurou, ofegante. — Ela está viva. — De repente, pareceu perceber que estava só de camisola diante dos homens, mas mal olhou para eles ao dizer : — Tire-os daqui, Elayne. Não posso fazer nada com eles assim, pasmos feito duas ovelhas.

Thom e Juilin reviraram os olhos um para o outro quando Elayne fez um gesto para que saíssem, e balançaram levemente a cabeça, mas recuaram até a porta sem reclamar.

— Ela é... uma amiga — explicou Elayne. Parecia em um sonho, flutuando, sem sentir nada. Como podia ser? — Vamos cuidar dela. — Como aquilo poderia ter acontecido? — Mas não digam nenhuma palavra a ninguém.

Os olhares que os dois lhe lançaram enquanto fechava a porta quase a fizeram enrubescer. Claro que eles sabiam que era melhor não falar nada. Mas homens às vezes precisavam ser lembrados até das coisas mais simples, Thom inclusive.

— Nynaeve, como, sob a Luz...? — começou, virando-se, e se interrompeu quando o brilho de *saidar* circundou a mulher ajoelhada.

— Que a queime! — rosnou Nynaeve, canalizando ferozmente. — Que a queime para sempre por ter feito isso!

Elayne reconheceu os fluxos sendo urdidos para Curar, mas reconhecer foi o máximo que conseguiu.

— Eu vou encontrá-la, Birgitte — murmurou Nynaeve.

Os fluxos de Espírito predominavam, mas havia Água, Ar e até Terra e Fogo. Parecia tão complicado quanto bordar um vestido com cada mão e outros dois com os pés. Vendada.

— Vou fazê-la pagar por isso. — O brilho reluzindo em torno de Nynaeve só fazia crescer, até sobrepujar as lamparinas, até que doesse encará-la sem estreitar os olhos. — Eu juro! Pela Luz e pela minha esperança na salvação e no renascimento, eu juro! — A raiva em sua voz mudou, tornando-se ainda mais profunda. — Não está funcionando. Não há nada de errado nela que possa ser Curado. Birgitte está em perfeito estado. Mas está morrendo. Ah, Luz, eu sinto ela indo embora. Que a Luz a queime, Moghedien! E me queime junto!

Nynaeve, no entanto, não desistiu. A urdidura continuava, fluxos complexos tecendo-se ao redor de Birgitte. E a mulher ali, a trança dourada pendendo da lateral da cama, o subir e descer do peito diminuindo.

— Posso fazer algo que talvez ajude — sugeriu Elayne, hesitante.

Supostamente era preciso ter permissão, mas nem sempre fora assim. No passado, fazia-se quase tanto sem quanto com permissão. Não havia motivos para que não funcionasse em uma mulher. Só que ela nunca tinha ouvido falar de aquilo ser feito em ninguém que não fosse homem.

— Unir? — Nynaeve não tirou os olhos da mulher deitada na cama, nem interrompeu seus esforços com o Poder. — Sim. Você vai ter que fazer, porque eu não sei como, mas me deixe guiar. Não sei nem metade do que estou fazendo neste minuto, mas sei que *consigo*. Você não conseguiria Curar nem um machucado.

Elayne comprimiu os lábios, mas deixou o comentário para lá.

— Unir, não.

A quantidade de *saidar* que Nynaeve agarrara era incrível. Se não podia Curar Birgitte com aquilo, qualquer colaboração de Elayne não faria a menor diferença. Juntas, seriam mais fortes do que cada uma por si, mas não tão fortes quanto se suas forças fossem simplesmente somadas. Além disso, Elayne não tinha certeza de que conseguiria se unir a alguém. Só estivera unida uma vez, e uma Aes Sedai fizera a união, mais para mostrar *o que* era do que *como* fazer.

— Pare, Nynaeve. Você mesma disse que não está funcionando. Pare e me deixe tentar. Se não der certo, você pode... — Poderia o quê? Se Curar funcionasse, já teria funcionado. Se não... Não havia motivo para tentar de novo.

— Tentar o quê? — explodiu Nynaeve, mas se afastou meio sem jeito, permitindo que Elayne se aproximasse. A urdidura da Cura sumiu, mas o halo reluzente, não.

Em vez de responder, Elayne pousou uma das mãos na testa de Birgitte. O contato físico era tão necessário para aquilo quanto para Curar. Nas duas vezes em que tinha visto o procedimento ser feito na Torre, a Aes Sedai havia tocado a testa do homem. Os fluxos de Espírito que urdiu foram complexos, talvez tão intrincados quanto os que Nynaeve urdira, momentos antes. Elayne mal compreendia o que estava fazendo, e tinha partes do processo das quais não entendia nada, mas prestara muita atenção à forma que o fluxo adquiria, quando

observara escondida. Prestara muita atenção porque tinha criado muitas histórias na cabeça, inventado romances tolos onde raramente havia qualquer romance. Após um momento, sentou-se na outra cama e deixou *saidar* se esvair.

Nynaeve franziu o cenho e se curvou para examinar Birgitte. A palidez da mulher desmaiada talvez tivesse se amenizado, a respiração talvez estivesse um tanto mais forte.

— O que você fez, Elayne? — Nynaeve não tirou os olhos de Birgitte, mas o brilho que a envolvia foi sumindo devagar. — Não foi uma Cura. Acho que eu também conseguiria fazer, agora que vi, mas não foi uma Cura.

— Ela vai sobreviver? — perguntou Elayne, com a voz fraca.

Não se via nenhum elo entre ela e Birgitte, nenhum fluxo, mas a garota sentia a fraqueza da mulher. Uma fraqueza terrível. Saberia na hora se Birgitte morresse, mesmo que estivesse dormindo ou a centenas de milhas de distância.

— Eu não sei. Ela não está mais definhando, mas eu não sei. — A fadiga amoleceu a voz de Nynaeve, e seu tom era sofrido, como se ela compartilhasse a lesão de Birgitte. Tensa, ela se levantou e desdobrou um lençol com listras vermelhas para estendê-lo sobre a mulher deitada. — O que você fez?

Elayne ficou em silêncio por tempo suficiente para que Nynaeve se juntasse a ela, sentando-se cambaleante na cama.

— Um elo — respondeu Elayne, por fim. — Eu... criei um elo com ela. Como uma Guardiã. — O olhar incrédulo no rosto de Nynaeve a fez acrescentar depressa: — Curar não estava adiantando. Eu precisava fazer alguma coisa. Você sabe os dons que um Guardiã adquire por fazer um elo. Um é a força, a energia. Ele é capaz de seguir em frente quando outros homens desabariam e morreriam, sobrevive a feridas que matariam qualquer outro. Foi a única coisa em que eu consegui pensar.

Nynaeve respirou fundo.

— Bem, pelo menos está funcionando melhor do que o que eu fiz. Uma Guardiã. Imagino o que Lan vai pensar disso. Não vejo motivo para ela não ser uma. Se existe mulher capaz, é ela. — Nynaeve se remexeu e encolheu as pernas por baixo do corpo, o olhar sempre voltado para Birgitte. — Você vai ter que manter isso em segredo. Se alguém descobrir que uma Aceita criou um elo com uma Guardiã, sob quaisquer circunstâncias...

Elayne estremeceu.

— Eu sei — disse ela, simples e energicamente. Não era exatamente uma ofensa digna de estancamento, mas era provável que qualquer Aes Sedai a fizesse desejar ter sido estancada. — Nynaeve, o que aconteceu?

Por um longo momento, pensou que a outra mulher fosse começar a chorar outra vez, o queixo e os lábios tremendo. Quando ela começou a falar, sua voz era férrea, o rosto, uma mistura de fúria e lágrimas demais para serem derramadas. Ela contou a história de maneira resumida, quase indiferente, até

chegar à aparição de Moghedien entre os carroções. Esse trecho, Nynaeve relatou em dolorosos detalhes.

— Eu deveria estar marcada do pescoço para baixo — concluiu ela com amargura, tocando o braço liso e sem marcas. De qualquer jeito, ela estremeceu ao toque. — Não entendo por que não estou. Eu lamento, mas mereço as açoitadas por conta do meu orgulho estúpido e tolo. Por ter medo demais de fazer o que deveria. Eu merecia ser pendurada feito um presunto em um defumadouro. Se houvesse alguma justiça, eu ainda estaria lá pendurada, e Birgitte não estaria deitada nessa cama com nós duas aqui nos perguntando se ela vai sobreviver ou não. Se ao menos eu soubesse mais coisas... Se ao menos tivesse o conhecimento de Moghedien por cinco minutos, eu *poderia* Curá-la. Tenho certeza.

— Se você ainda estivesse pendurada — retrucou Elayne, prática —, em muito pouco tempo estaria acordando e me blindando. Não duvido nada que Moghedien fosse cuidar para que você estivesse com raiva suficiente para canalizar, já que ela nos conhece muito bem, e duvido muito que eu fosse suspeitar de alguma coisa até você já ter feito. Não gosto da ideia de ser entregue a Moghedien, e não posso crer que você goste. — A amiga não a encarou. — Deve ter sido uma ligação, Nynaeve, como um *a'dam*. Foi assim que ela fez você sentir dor sem machucá-la. — Nynaeve permaneceu quieta, em um luto óbvio. — Nynaeve, Birgitte está viva. Você fez tudo o que podia por ela e, se a Luz quiser, ela vai sobreviver. Foi Moghedien que fez isso, não você. Um soldado que assume a culpa por companheiros que padecem nas batalhas é um tolo. Você e eu somos soldados em batalha, mas você não é uma tola, então pare de agir como se fosse.

Nynaeve fez uma cara feia que durou apenas poucos segundos, antes de virar o rosto completamente.

— Você não entende. — Sua voz baixou quase para um sussurro. — Ela... *era*... uma das heroínas ligadas à Roda do Tempo, destinada a renascer e tornar a renascer para criar lendas. Ela não nasceu dessa vez, Elayne. Ela foi arrancada de *Tel'aran'rhiod* do jeito que estava. Será que ainda está ligada à Roda? Ou foi arrancada de lá também? Arrancada do que conseguiu com a própria coragem, só por eu ter sido orgulhosa, burra e teimosa feito um homem por fazê-la caçar Moghedien.

Elayne torcera para que aquelas perguntas ainda não tivessem ocorrido a Nynaeve, e que não ocorressem até ela ter tido um pouco de tempo para se recuperar.

— Você sabe se Moghedien foi muito ferida? Talvez ela tenha morrido.

— Espero que não — rosnou Nynaeve. — Quero fazer com que ela pague...

— Ela respirou fundo, mas, em vez de revigorada, pareceu se encurvar. — Eu não contaria com a morte dela. A flechada de Birgitte não a atingiu no coração.

Incrível ela sequer ter conseguido atingir a mulher, vacilante como estava. Eu não teria me levantado, se tivesse sido arremessada para tão longe e com força suficiente para ainda ricochetear daquele jeito. Não consegui me levantar nem depois do que Moghedien me fez. Não, ela está viva, e é melhor supormos que ela pode estar Curada e no nosso encalço pela manhã.

— Ela ainda precisaria de tempo para descansar, Nynaeve. Você sabe disso. Ela tem ao menos como saber onde estamos? Pelo que você falou, Moghedien não teve tempo de fazer mais nada além de ver que isto aqui é um conjunto itinerante.

— E se ela *tiver* visto mais? — Nynaeve esfregou as têmporas como se fosse difícil pensar. — E se ela souber *exatamente* onde estamos? Poderia mandar Amigos das Trevas atrás de nós. Ou informar aos Amigos das Trevas em Samara.

— Luca está zangado porque onze conjuntos itinerantes já estão nos arredores da cidade, e outros três estão aguardando para cruzar a ponte. Nynaeve, ela vai precisar de dias para recobrar as forças, depois de uma ferida como aquela, mesmo que realmente encontre alguma irmã Negra para Curá-la, ou um dos Abandonados. E mais dias para procurar em quinze conjuntos. Isso se não houver outros atrás de nós na estrada, ou vindo de Altara. Se ela vier mesmo atrás de nós ou enviar Amigos das Trevas, qualquer das opções, já estamos alertas e temos vários dias para encontrar um barco que possa nos levar rio abaixo. — Elayne fez uma rápida pausa para pensar. — Tem alguma coisa nessa sua sacola de ervas que possa tingir seu cabelo? Aposto que você estava de trança em *Tel'aran'rhiod*. Lá, o meu sempre fica com a cor verdadeira. Se o seu estiver solto, como está agora, e com outra cor, vai ser bem mais difícil nos acharem.

— Há Mantos-brancos por toda parte — suspirou Nynaeve. — Galad. O Profeta. Nenhum barco. É como se tudo estivesse conspirando para nos prender aqui para Moghedien. Estou tão cansada, Elayne. Cansada de ter medo de quem possa estar na outra esquina. Cansada de ter medo de Moghedien. Não consigo pensar no que fazer. Meu cabelo? Não tenho nada para tingi-lo de cor nenhuma.

— Você precisa dormir — disse Elayne, firme. — Sem o anel. Me dê. — Nynaeve hesitou, mas ela ficou esperando com a mão estendida até a amiga pescar o anel de pedra do cordão em torno do pescoço. Enfiando-o na algibeira, Elayne prosseguiu: — Agora deite-se aí, e eu vou ficar de olho em Birgitte.

Nynaeve encarou a mulher estirada na outra cama por um instante, então balançou a cabeça.

— Eu não posso dormir. Preciso... ficar só. Preciso caminhar. — Com os músculos tão tensos quanto se tivesse apanhado, ela se ergueu e pegou o manto escuro do cabide, vestindo-o por cima da camisola. À porta, fez uma pausa. — Se ela quiser me matar — ponderou, apática —, não acho que tentaria impedir. — Então saiu pela noite com os pés descalços e o rosto tristonho.

Elayne hesitou, incerta quanto a qual das duas mulheres precisava mais dela, antes de se ajeitar onde estava sentada. Nada que dissesse poderia melhorar as coisas para Nynaeve, mas tinha fé na resiliência da amiga. Com um tempo sozinha para reorganizar as ideias, Nynaeve veria que a culpa era de Moghedien, não dela. Tinha que ver.





UM NOVO NOME

Elayne ficou sentada por um longo tempo, observando Birgitte dormir. Ela parecia mesmo estar dormindo. Em dado momento, a mulher se remexeu e, com uma voz desesperada, murmurou: “Me espere, Gaidal. Espere. Estou indo, Gaidal. Me esp...”. As palavras foram sumindo, voltando a ser só uma respiração lenta. Será que ela estava respirando melhor? A mulher ainda parecia mortalmente doente. Melhor do que estava, mas pálida e abatida.

Depois de mais ou menos uma hora, Nynaeve retornou, os pés sujos. Lágrimas recentes brilhavam em suas bochechas.

— Não consegui ficar longe — disse, tornando a pendurar o manto no cabide. — Durma você. Eu vou ficar cuidando dela. Preciso fazer isso.

Elayne se levantou devagar, alisando as saias. Podia ser que passar um tempo vigiando Birgitte ajudasse Nynaeve a pôr os pensamentos em ordem.

— Também não quero dormir ainda. — Estava exausta, mas não sentia mais sono. — Acho que eu é que vou dar uma caminhada.

Nynaeve apenas assentiu ao tomar o lugar de Elayne na cama, os pés poeirentos balançando na lateral, os olhos fixos em Birgitte.

Para a surpresa de Elayne, Thom e Juilin também estavam acordados. Os dois haviam feito uma fogueirinha perto do carroção e estavam sentados um de cada lado dela, as pernas cruzadas no chão, fumando os cachimbos de piteira longa. Thom enfiara a camisa para dentro da calça, e Juilin, apesar de continuar sem camisa, vestira o casaco e dobrara as mangas. A garota olhou ao redor antes de se juntar aos dois. Ninguém se mexia no acampamento todo escuro, exceto

pela luz da pequena fogueira e pelo brilho das lamparinas nas janelas do carroção.

Nenhum dos homens disse uma só palavra enquanto Elayne ajeitava as saias. Então, Juilin olhou para Thom, que anuiu, e o caçador de ladrões apanhou algo do chão e entregou a ela.

— Encontrei no lugar onde ela estava deitada — disse ele. — Como se tivesse caído da mão dela.

Elayne apanhou devagar a flecha prateada. Até as penas que a emplumavam pareciam de prata.

— Peculiar — opinou Thom, em tom casual, o cachimbo na boca. — E, somada à trança... Por algum motivo, todas as histórias fazem menção à trança. Apesar de eu já ter ouvido algumas que talvez sejam sobre ela, mas usando outros nomes, em que a trança não aparece. E outras com nomes diferentes, mas que mencionam a trança.

— Eu não ligo para histórias — afirmou Juilin. Não parecia mais nervoso que Thom. Mas, em todo caso, era preciso muita coisa para perturbá-los. — É ela? Já é ruim o bastante se não for, uma mulher aparecer assim nua do nada, mas... No que vocês nos meteram, você e N... Nana? — Ele *estava* nervoso. Juilin não errava, e sua língua *nunca* cometia deslizos. Thom apenas trago o cachimbo enquanto esperava a resposta.

Elayne virou a flecha nas mãos, fingindo examiná-la.

— Ela é uma amiga — disse, por fim. Até que Birgitte a liberasse, apenas se a liberasse, a promessa se mantinha. — Ela não é uma Aes Sedai, mas está nos ajudando. — Os dois a encararam, esperando mais informações. — Por que não deram isto aqui a Nynaeve?

Os dois trocaram um daqueles olhares — homens pareciam ter conversas inteiras só com olhares, ao menos perto de mulheres — que dizia, com tanta clareza quanto se tivessem usado palavras, o que pensavam de Elayne manter segredos. Principalmente quando eles tinham quase certeza da resposta. Mas ela dera sua palavra.

— Ela parecia abalada — explicou Juilin, pitando o cachimbo, ponderando. Thom tirou o seu de entre os dentes e soprou o bigode branco.

— Abalada? A mulher saiu só de camisola, parecendo perdida, e, quando eu perguntei se podia ajudá-la, não arrancou minha cabeça. Ela chorou no meu ombro! — Thom tocou a camisa de linho e resmungou algo sobre estar úmida. — Elayne, ela *pediu desculpas* por cada palavra atravessada que já me disse, o que significa quase todas as palavras que saem daquela boca. Disse que deveria ser chicoteada, ou que talvez já tivesse sido. Metade do que ela disse não fez sentido. Disse que era uma covarde, uma tola teimosa. Não sei qual é o problema, mas ela não está nem um pouco bem.

— Conheci uma mulher que se comportava assim, certa vez — recordou-se Juilin, olhando para o fogo. — Ela acordou, encontrou um ladrão no quarto e enfiou uma faca no coração dele. Só que, quando acendeu a lamparina, era o marido dela. O barco do homem tinha voltado mais cedo para as docas. Ela ficou andando que nem Nynaeve durante quinze dias. — Ele apertou os lábios. — Ai se enforcou.

— Detesto lhe impor este fardo, menina — acrescentou Thom com gentileza —, mas, se alguém pode ajudá-la, você é a única de nós. Eu sei como se faz para tirar um homem do sofrimento. Basta lhe dar um chute ou deixá-lo bêbado e arrumar uma pr... — Ele pigarreou alto, tentando fazer soar como uma tosse, e alisou o bigode. O único aspecto negativo do homem vê-la como uma filha era que às vezes parecia pensar que ela tinha doze anos. — De qualquer modo, a questão é que eu não sei o que fazer com esta mulher. E, mesmo que Juilin queira niná-la no colo, eu duvido que ela gostaria da ideia.

— Eu preferiria ninar um peixe-papão — resmungou o caçador de ladrões, mas não com tanta aspereza quanto o teria feito um dia antes. Estava tão preocupado quanto Thom, embora menos disposto a admitir.

— Vou fazer o que puder — garantiu Elayne, voltando a girar a flecha.

Eles eram bons homens, e ela não gostava de mentir ou de esconder qualquer coisa. A não ser que fosse absolutamente necessário, pelo menos. Nynaeve afirmava que era preciso manipular os homens para o próprio bem deles, mas não dava para ir longe demais. Não era certo levar um homem a enfrentar perigos dos quais ele não sabia nada a respeito.

Portanto, contou a eles. Sobre *Tel'aran'rhiod* e os Abandonados estarem à solta, sobre Moghedien. Não exatamente tudo, claro. Alguns acontecimentos em Tanchico tinham sido vergonhosos demais para que ela quisesse pensar a respeito. Manteve o segredo a respeito da identidade de Birgitte, e certamente não havia necessidade de entrar em detalhes sobre o que Moghedien fizera com Nynaeve. Explicar os eventos daquela noite acabou se tornando um pouco difícil, mas ela conseguiu. Contou-lhes tudo o que achava que deviam saber, o suficiente para deixá-los a par do que realmente tinham diante de si, pela primeira vez. Não só a Ajah Negra — e eles já tinham parecido confusos ao ouvir falar dela —, mas também os Abandonados, e com um deles provavelmente à caça dela e de Nynaeve. E deixou bem claro que elas duas também estariam caçando Moghedien, e que qualquer pessoa por perto corria perigo de ser pego entre predador e presa.

— Agora que estão sabendo, podem escolher entre ficar aqui ou ir embora — concluiu Elayne, e tomou o cuidado de não olhar para Thom. Torcia quase desesperadamente para que o homem ficasse, mas não o deixaria pensar que ela estava pedindo, nem por um olhar.

— Ainda não lhe ensinei metade do que você precisa saber, caso queira ser uma rainha tão boa quanto sua mãe — disse o menestrel, tentando soar autoritário, mas estragando tudo ao afastar uma mecha de cabelo tingido de preto de sua bochecha. — Você não vai se livrar de mim assim tão fácil, menina. Pretendo fazer de você uma mestra no *Daes Dae'mar*, nem que eu tenha que ficar de lengalenga no seu ouvido até você ficar surda. Eu ainda nem lhe ensinei a manejar uma faca. Tentei ensinar para a sua mãe, mas ela sempre disse que podia mandar um homem usar a faca, caso necessário. Um jeito tolo de encarar a questão.

Elayne se inclinou e beijou a bochecha áspera do homem. Thom piscou, erguendo as sobrancelhas espessas, então sorriu e voltou a enfiar o cachimbo na boca.

— Você também pode me dar um beijo — disse Juilin secamente. — Rand al'Thor vai usar minhas tripas como isca para peixes caso eu não devolva você para ele no mesmo estado em que ele a viu pela última vez.

Elayne ergueu o queixo.

— Não vou obrigá-lo a ficar por causa de Rand al'Thor, Juilin. — Devolvê-la? Oras! — Você só fica se quiser. E eu não libero você, e nem você, Thom, da promessa que fizeram de agir conforme mandarmos. — Thom, que rira do comentário do caçador de ladrões, exibiu um olhar surpreso que foi bem recompensador. A garota voltou a encarar Juilin. — Você vai acompanhar a mim, e a Nynaeve, claro, sabendo perfeitamente bem quem são os inimigos que estamos enfrentando, ou pode empacotar suas coisas e ir embora com Sorrateiro para onde bem entender. Eu lhe dou o cavalo.

Juilin se sentou ereto feito um poste, o rosto negro ficando ainda mais escuro.

— Nunca abandonei uma mulher em perigo em toda a minha vida. — Ele apontou a piteira para ela como se fosse uma arma. — Se você me mandar embora, vou ficar nos seus calcanhares.

Não era exatamente o que ela queria, mas serviria.

— Muito bem, então. — Elayne se levantou, empertigada, a flecha de prata ao lado, e manteve a atitude um tanto fria. Achava que eles tinham finalmente percebido quem estava no comando. — A manhã já vem chegando. — Será que Rand tivera mesmo a audácia de dizer a Juilin para “devolvê-la”? Thom teria que sofrer junto com o outro homem por um tempo, o que era bem justo, depois daquele sorrisinho. — Tratem de apagar este fogo e ir dormir. Agora. Sem desculpas, Thom. Você vai estar imprestável amanhã, se não dormir.

Obedientes, os dois começaram a arrastar poeira para cima do fogo com as botas, mas, quando Elayne alcançou os simples degraus de madeira do carroção, ouviu Thom dizer:

— Às vezes ela fala igual à mãe.

— Então fico feliz de nunca ter conhecido a mulher — resmungou Julin. — Cara ou Coroa para decidir a primeira guarda? — Thom murmurou em concordância.

Ela quase voltou lá, mas, em vez disso, se viu sorrindo da situação. *Homens!* Foi um pensamento carinhoso. Seu bom humor só durou até entrar.

Nynaeve estava sentada bem na beira da cama, se apoiando com as duas mãos, os olhos quase se fechando enquanto vigiavam Birgitte. Os pés ainda estavam sujos.

Elayne pôs a flecha de Birgitte em um dos armários, por trás de alguns sacos ásperos de ervilhas desidratadas. Por sorte, a amiga sequer chegou a olhar para ela. Elayne achava que a visão da flecha de prata não era o que Nynaeve precisava naquele exato momento. Mas *do que* ela precisava?

— Nynaeve, já passou da hora de você ir lavar os pés e dormir.

A mulher se inclinou na direção dela e piscou pesadamente.

— Pés? O quê? Eu tenho que vigiá-la.

Teria de ser um passo de cada vez.

— Os seus pés, Nynaeve. Estão sujos. Vá se lavar.

Com o cenho franzido, Nynaeve baixou o olhar para os pés empoeirados, então anuiu. Ela espirrou água ao virar o grande jarro branco sobre o lavatório, e ainda mais até terminar de se lavar e se enxugar com a toalha, mas então tornou a se sentar.

— Eu preciso vigiar. Caso... Caso... Ela gritou uma vez. Por Gaidal.

Elayne a empurrou, tentando fazê-la se deitar na cama.

— Você precisa dormir, Nynaeve. Não consegue nem manter os olhos abertos.

— Consigo — murmurou a outra mulher, tristonha, tentando se sentar, mesmo com a pressão de Elayne em seus ombros. — Eu preciso vigiá-la, Elayne. Preciso.

Nynaeve fazia os dois homens do lado de fora parecerem sensatos e obedientes. E, mesmo que Elayne quisesse, não havia como embebedá-la e encontrar um... um belo jovem para ela, que era o que a garota supunha que teria de ser. Com isso, só restava o chute. Compaixão e bom senso certamente não surtiram efeito.

— Já estou farta dessas lamúrias e desse seu chororô, Nynaeve — declarou, com firmeza. — Você vai dormir *agora*, e de manhã não vai dizer nenhuma palavra sobre como você é uma desgraçada infeliz. Se não consegue se comportar como a mulher lúcida que é, vou pedir para Cerandin lhe deixar com dois olhos roxos para compensar o hematoma que eu Curei. Você nem agradeceu por isso. Agora vá dormir!

Os olhos de Nynaeve se esbugalharam de um jeito indignado — ao menos ela não parecia a ponto de chorar —, mas Elayne os fechou com os dedos. As

pálpebras se cerraram com facilidade e, apesar de alguns protestos murmurados, a respiração lenta e profunda do sono chegou depressa.

Elayne deu um tapinha no ombro de Nynaeve, antes de se empertigar. Torcia para que fosse um sono tranquilo e com sonhos sobre Lan, mas qualquer tipo de sono era melhor para ela, naquele momento, do que não dormir nada. Lutando contra um bocejo, curvou-se para checar Birgitte. Não sabia se a cor ou a respiração da mulher apresentavam alguma melhora. Não havia nada a fazer além de esperar e torcer.

As lâmparas não pareciam estar incomodando nenhuma das outras duas, então Elayne as deixou acesas e se sentou no chão entre as duas camas. As luzes deviam ajudar a mantê-la acordada. Não que soubesse realmente por que deveria ficar acordada. Fizera todo o possível, assim como Nynaeve. Involuntariamente, inclinou-se contra a parede da frente, e seu queixo foi afundando devagar no peito.

O sonho que teve foi agradável, ainda que estranho. Rand se ajoelhava diante dela, e Elayne tocava sua cabeça e criava um elo com o homem, tornando-o seu Guardiã. Um de seus Guardiões. Agora, com Birgitte, *teria* que optar pela Verde. Havia outras mulheres presentes, os rostos mudando a cada vez que ela olhava. Nynaeve, Min, Moiraine, Aviendha, Berelain, Amathera, Liandrin e outras que ela não conhecia. Quem quer que fossem, Elayne sabia que teria que dividir Rand com elas, porque, no sonho, tinha certeza de que aquilo era o que Min previra. Não sabia bem como se sentia a respeito — alguns daqueles rostos ela desejava retalhar à unha —, mas, se era assim que o Padrão determinava, assim teria que ser. Porém, teria uma coisa dele que nenhuma das outras jamais poderia ter: o elo entre Guardiã e Aes Sedai.

— Que lugar é este? — indagou Berelain, com cabelos cor de corvo e tão bela que Elayne queria rosnar para ela. A mulher trajava o vestido vermelho e decotado que Luca queria que Nynaeve usasse. Ela sempre se vestia com roupas provocantes. — Acorde. Aqui não é *Tel'aran'rhiod*.

Elayne acordou em um susto e encontrou Birgitte virada para ela, apertando seu braço sem muita força. Seu rosto estava muito pálido e úmido de suor, como se ela estivesse com febre, mas os olhos azuis penetrantes estavam fixos no rosto de Elayne.

— Aqui não é *Tel'aran'rhiod*. — Não era uma pergunta, mas Elayne assentiu, e Birgitte relaxou com um longo suspiro. — Eu me lembro de tudo — sussurrou. — Estou aqui do jeito que estou, e me lembro. Está tudo diferente. Gaidal está aí fora em algum lugar, criancinha, ou até mesmo um jovem garoto. Mas, mesmo que eu o encontre, o que ele vai pensar de uma mulher com idade mais do que suficiente para ser mãe dele? — Ela esfregou os olhos com raiva, resmungando: — Eu não choro. Nunca choro. Eu me lembro disso, que a Luz me ajude. Eu nunca choro.

Elayne ficou de joelhos ao lado da cama da mulher.

— Você vai encontrá-lo, Birgitte. — Manteve a voz baixa. Nynaeve ainda parecia dormir profundamente, um ronco tímido e áspero ecoando com regularidade. E ela precisava dormir, não voltar a enfrentar aquilo tudo. — De algum jeito, você vai. E ele vai amar você. Eu sei que vai.

— Você acha que é isso que importa? Eu aguentaria não ter o amor dele. — Seus olhos reluzentes denunciaram a mentira. — Ele vai precisar de mim, Elayne, e eu não vou estar lá. Ele sempre tem mais coragem que o recomendável. Eu sempre preciso passar alguma cautela para ele. Pior, ele vai ficar perambulando, me procurando, mas sem saber o que procura, sem saber por que se sente incompleto. Nós sempre estamos juntos, Elayne. Duas metades do mesmo todo. — As lágrimas se derramaram e escorreram por seu rosto. — Moghedien disse que me faria chorar para sempre, e ela... — De repente, suas feições se contorceram, e soluços baixos e irregulares emergiram como se tivessem sido arrancados da garganta.

Elayne tomou a mulher mais alta nos braços e murmurou palavras reconfortantes que sabia serem inúteis. Como se sentiria se lhe tirassem Rand? Pensar naquilo quase bastou para fazê-la baixar a cabeça sobre a de Birgitte e chorar junto.

A garota não soube dizer quanto tempo levou para que Birgitte parasse de chorar, mas ela acabou afastando Elayne, se recompôs e limpou as bochechas.

— Nunca chorei assim, a não ser quando era uma criança. Nunca. — Ela virou o pescoço e franziu o rosto para Nynaeve, que ainda dormia na outra cama. — Moghedien a machucou muito? Eu não via ninguém retorcida daquele jeito desde que Tourag conquistou Mareesh. — Elayne deve ter parecido confusa, porque a mulher acrescentou: — Em outra Era. Ela está ferida?

— Não muito. De espírito, principalmente. O que você fez permitiu que ela escapasse, mas só depois que... — Elayne não conseguiu dizer. Muitas feridas, muito recentes. — Ela se culpa. Acha que... tudo... é culpa dela, por ter pedido sua ajuda.

— Se não tivesse pedido, Moghedien agora estaria ensinando Nynaeve a implorar. Ela é tão inconsequente quanto Gaidal. — O tom de voz seco de Birgitte contrastava com as bochechas molhadas. — Nynaeve não me arrastou para esta situação pelo cabelo. Se ela se diz responsável pelas consequências, então está assumindo a responsabilidade por atos meus. — Ela soou irritada. — Sou uma mulher livre e fiz minhas próprias escolhas. Ela não decidiu por mim.

— Devo admitir que você está encarando isso tudo melhor do que... eu encararia. — Elayne não conseguiu dizer “melhor do que Nynaeve”. Era verdade, mas o que disse também era.

— Eu sempre digo que, se for preciso subir no cadafalso, faça um gracejo para o público, dê uma moeda para o carrasco e caia com um sorriso nos lábios.

— Birgitte abriu um sorriso sombrio. — Moghedien acionou a armadilha, mas meu pescoço ainda não quebrou. Talvez eu ainda a pegue de surpresa, antes de quebrar. — O sorriso desapareceu e foi se transformando em uma expressão tensa enquanto a mulher examinava Elayne. — Eu consigo... sentir você. Acho que seria capaz de fechar os olhos e ainda dizer onde você está, mesmo a uma milha de distância.

Elayne respirou bem fundo.

— Criei um elo para você ser minha Guardiã — contou, depressa. — Você estava morrendo, e a Cura não adiantou, e... — A mulher a encarava. Não parecia mais tensa, mas o olhar era desconcertantemente penetrante. — Não havia outra opção, Birgitte. De outra forma, você teria morrido.

— Guardiã — repetiu Birgitte devagar. — Acho que me lembro de ter ouvido uma história sobre uma Guardiã mulher, mas foi em uma vida tanto tempo atrás que não me recordo de mais que isso.

Elayne respirou fundo de novo e, desta vez, teve que se obrigar a falar.

— Tem uma coisa que você precisa saber. Mais cedo ou mais tarde, vai descobrir, e eu decidi não esconder nada das pessoas que têm direito de saber, a menos que seja absolutamente necessário. — Inspirou uma terceira vez. — Eu não sou Aes Sedai. Sou apenas uma Aceita.

Por um longo momento, a mulher de trança dourada encarou-a, depois balançou lentamente a cabeça.

— Uma Aceita. Nas Guerras dos Trollocs, conheci uma Aceita que criou um elo com um sujeito. Barashelle ia ser testada no dia seguinte para ser elevada a Aes Sedai, e era certo que receberia o xale, mas ela estava com medo de que uma mulher que faria o teste naquele mesmo dia tomasse o homem. Nas Guerras dos Trollocs, a Torre tentava elevar mulheres o mais rápido possível, por necessidade.

— O que aconteceu? — Elayne não conseguiu evitar a pergunta. Barashelle? Aquele nome soou familiar.

Entrelaçando os dedos sobre o lençol que lhe cobria o busto, Birgitte mexeu a cabeça no travesseiro e fez uma expressão complacente.

— Desnecessário dizer que, assim que descobriram, não permitiram que ela fizesse os testes. A necessidade não pesou mais que tamanha ofensa. Fizeram a mulher passar o elo com o pobre coitado para outra, e, para ensiná-la a ter paciência, puseram-na nas cozinhas junto com as serviçais e as moças dos espetos. Ouvi falar que ela passou três anos lá e, quando por fim recebeu o xale, o próprio Trono de Amyrlin escolheu o Guardião dela, um homem de rosto seco e teimoso feito uma pedra chamado Anselan. Vi os dois alguns anos depois e não soube dizer qual deles dava as ordens. Acho que Barashelle também não tinha certeza.

— Nada bom — murmurou Elayne. Três anos nas... Espere aí. Barashelle e Anselan? Não podia ser a mesma dupla. Aquela história não dizia nada sobre Barashelle ser Aes Sedai. Mas ela já lera duas versões e ouvira Thom contar mais uma, e todas falavam de Barashelle trabalhando longa e arduamente para conquistar o amor de Anselan. Dois mil anos podiam mudar bastante uma história.

— Nada bom — concordou Birgitte, cujos olhos, subitamente, ficaram bem maiores e mais inocentes no rosto pálido. — Como você quer que eu mantenha o seu segredo terrível, suponho que não vá me perturbar tanto quanto algumas Aes Sedai perturbam seus Guardiões. Não seria bom me forçar a contar só para escapar de você.

O queixo de Elayne se ergueu instintivamente.

— Isso me soa muito como uma ameaça. Não encaro bem nenhum tipo de ameaça, suas ou de quem for. Se acha que...

A mulher deitada segurou seu braço e a interrompeu, arrependida. O aperto estava nitidamente mais forte.

— Por favor. Minha intenção não foi essa. Gaidal diz que meu senso de humor é como uma pedra lançada em um círculo *shoja*. — Uma nuvem perpassou seu rosto, ao mencionar Gaidal, então sumiu. — Você salvou a minha vida, Elayne. Vou manter seu segredo e lhe servir como Guardiã. E serei sua amiga, caso me aceite.

— Será um orgulho ter você como amiga. — Círculo *shoja*? Perguntaria o que era em outro momento. Birgitte podia estar mais forte, mas precisava de descanso, não de perguntas. — E como Guardiã.

Pelo visto, ia mesmo escolher a Ajah Verde. Além de tudo, era a única maneira de poder também criar um elo com Rand. O sonho ainda estava claro em sua mente, e ela pretendia convencê-lo a aceitar, de um jeito ou de outro.

— Talvez você pudesse tentar... moderar... seu senso de humor?

— Vou tentar. — Birgitte souou como se estivesse dizendo que tentaria erguer uma montanha. — Mas, se serei sua Guardiã, mesmo em segredo, serei sua Guardiã de verdade. Você mal consegue manter seus olhos abertos. É hora de dormir. — As sobrancelhas e o queixo de Elayne se ergueram ao mesmo tempo, mas a mulher não lhe deu chance de falar. — Entre muitas outras coisas, é função de um Guardião informar à Aes Sedai dele, ou dela, quando ela passa da conta. E também oferecer uma dose de cautela quando ela achar que é capaz de encarar o Poço da Perdição. E mantê-la viva para que possa cumprir seu dever. Vou fazer tudo isso por você. Você sempre estará protegida quando eu estiver por perto, Elayne.

Elayne supunha que realmente precisasse dormir, mas Birgitte precisava mais. Diminuiu as luzes e fez a mulher se aquietar e adormecer, mas não antes de Birgitte vê-la pôr um travesseiro e lençóis no chão, entre as camas, para si.

Houve uma pequena discussão sobre quem dormiria no chão, mas Birgitte estava tão fraca que Elayne não teve problemas para convencê-la a ficar na cama. Bem, não muito problema, pelo menos. Ainda bem que o ronco suave de Nynaeve não se interrompeu.

Elayne não se ajeitou para dormir de imediato, apesar do que disse a Birgitte. A mulher não poderia colocar o nariz para fora do carroção até ter algo para vestir, e ela era mais alta do que Elayne ou Nynaeve. Sentada entre as camas, começou a alongar a barra de seu vestido de montaria de seda cinza-escura. Pela manhã, mal haveria tempo para mais do que um ajuste rápido e alguns pontos na bainha nova. O sono se apossou dela ainda na metade da costura.

Sonhou de novo com criar um elo com Rand, e mais de uma vez. Às vezes, ele se ajoelhava por vontade própria, às vezes ela tinha de fazer o que fizera com Birgitte, chegando ao ponto de se esgueirar até o quarto dele enquanto Rand dormia. Birgitte agora era uma das outras mulheres. Elayne não se importou *muito* com aquilo. Não com ela, nem com Min, nem com Egwene, nem com Aviendha, nem com Nynaeve, embora não imaginasse o que Lan diria dessa última. As demais, no entanto... Acabara de ordenar que Birgitte, trajando um manto furta-cor de Guardiã, arrastasse Berelain e Elaïda até as cozinhas por três anos, quando, de repente, as duas começaram a espancá-la. Foi quando Elayne despertou e encontrou Nynaeve pisoteando-a para alcançar Birgitte e checar como a mulher estava. Pelas janelinhas, já se via a luz cinza da quase alvorada.

Birgitte acordou afirmando estar mais forte do que nunca e, além disso, faminta. Elayne não tinha certeza se Nynaeve já parara de se sentir culpada. Ela não ficou esfregando as mãos nem tocou no assunto, mas, enquanto Elayne lavava o rosto e explicava a respeito do conjunto itinerante e de por que tiveram de permanecer com ele um pouco mais, Nynaeve se apressou em descascar e descaroçar peras vermelhas e maçãs amarelas, fatiar queijo e entregar tudo para Birgitte em um prato com um copo de vinho diluído com mel e especiarias. Teria dado comida na boca de sua Guardiã, se a mulher deixasse.

Nynaeve lavou o cabelo de Birgitte com pimenta-de-galinha branca até que ele estivesse tão negro quanto o de Elayne — que, claro, cuidava do próprio cabelo —, deu a ela sua melhor meia e sua melhor camisola, e pareceu desapontada quando um par de sandálias de Elayne coube melhor nos pés da Guardiã. Ela insistiu em ajudar Birgitte com o vestido de seda cinza assim que seu cabelo fora enxugado com a toalha e trançado de novo — o quadril e o busto também precisavam ser afrouxados, mas aquilo ficaria para outra hora —, e quis até costurar a barra, até que o olhar incrédulo de Elayne a fez recuar, resmungando, enquanto esfregava o rosto, que era capaz de costurar tão bem quanto qualquer uma. Quando queria.

Quando as três finalmente saíram, o sol já despontava acima das árvores, a leste. Durante aquele breve período, o dia pareceu enganosamente confortável. Não havia uma nuvem sequer no céu, e ao meio-dia o ar estaria quente e abafado.

Thom e Juilin estavam amarrando a parelha ao carroção, e o acampamento inteiro se agitava com os preparativos para a partida. Sorrateiro já estava encilhado, e Elayne fez uma nota mental de falar que ela mesma cavalgaria naquele dia, antes que um dos homens se apossasse da sela. Porém, mesmo que Thom ou Juilin chegassem primeiro, não ficaria muito desapontada. Naquela tarde, andaria nas alturas pela primeira vez diante de uma plateia. O figurino que Luca lhe mostrara deixara Elayne um pouco nervosa, mas ao menos não estava se lamuriando sobre o vestido, como Nynaeve fazia.

O próprio Luca surgiu caminhando apressado pelo acampamento, a capa vermelha esvoaçando logo atrás, repetindo instruções desnecessárias aos berros.

— Latelle, acorde aqueles malditos ursos! Quero todos de pé, rosnando, quando passarmos por Samara. Clarine, preste atenção nos cães, desta vez. Se um deles sair correndo de novo atrás de um gato... Brugh, você e seus irmãos vão fazer as acrobacias logo à frente do meu carroção, lembre. *Colados ao carroção*. A ideia é que isto aqui seja uma procissão grandiosa, não uma corrida para ver qual de vocês consegue dar cambalhotas mais rápido! Cerandin, mantenha os cavalos-javali sob controle. Quero que as pessoas percam o fôlego de deslumbramento, não que saiam correndo, aterrorizadas!

Ele parou no carroção delas, encarando Nynaeve e Elayne com um olhar igualmente furioso, sobrando um pouco para Birgitte.

— Gentileza da parte de vocês terem decidido vir com o restante de nós, Senhora Nana, *Milady* Morelin. Achei que pretendessem dormir até o meio-dia. — Luca meneou a cabeça para Birgitte. — Estão tendo uma conversinha com alguém do outro lado do rio, então? Bem, não temos tempo para visitantes. Quero o espetáculo montado e em exibição ao meio-dia.

Nynaeve pareceu aturdida com aquela enxurrada, mas, ao final da segunda frase do homem, já o encarava de igual para igual. Qualquer esquisitice com relação a Birgitte aparentemente não detinha seu gênio quanto a outras pessoas.

— Estaremos prontas junto com todos os demais, e você sabe disso, Valan Luca. Em todo caso, uma ou duas horas não vão fazer a menor diferença. Tem tanta gente reunida do outro lado do rio que, se um em cada cem venha ver seu espetáculo, vai ser mais do que você jamais sonhou. Caso a gente decida tomar um café da manhã demorado, você pode esperar pacientemente. Se nos deixar para trás, não vai ter o que quer.

Aquele foi o lembrete mais direto que ela já fizera sobre os prometidos com marcos de ouro, mas, desta vez, isso não o conteve.

— Tanta gente? Tanta gente! As pessoas precisam ser atraídas, mulher. Chin Akima já está lá há três dias, e ele tem um camarada que faz malabarismo com espadas e machados. E nove acrobatas. Nove! Uma mulher de quem nunca ouvi falar tem duas acrobatas que fazem coisas em uma corda bamba que fariam os olhos dos Chavanas saltarem. Vocês não acreditariam nos públicos. Sillia Cerano tem uns homens que pintam a cara feito bobos da corte, espirrando água e atirando bexigas um no outro, e as pessoas estão pagando uma moeda a mais só para vê-los! — De repente, os olhos dele se estreitaram e se concentraram em Birgitte. — Você estaria disposta a pintar a cara? Sillia não tem nenhuma mulher entre os bobos dela. Alguns dos tratadores de cavalo topariam. Não machuca nada ser golpeado com uma bexiga inflada, e eu lhe pago... — Ele se interrompeu, refletindo. Era tão pão-duro quanto Nynaevae, e Birgitte tomou a palavra em seu silêncio momentâneo.

— Não sou bobo da corte, nem serei. Sou uma arqueira.

— Arqueira — murmurou ele, observando a intrincada e lustrosa trança negra que caía pelo ombro esquerdo dela. — E suponho que se chame Birgitte. Você é o quê? Um desses idiotas à caça da Trombeta de Valere? Mesmo que esse treco exista, que vantagem vocês têm uns sobre os outros para encontrá-la? Eu estava em Illian quando os juramentos de Caçador foram feitos, e havia milhares na Grande Praça de Tammaz. Mas, mesmo com toda a glória que vocês *podem* alcançar, nada sobrepuja o aplauso do...

— Eu sou arqueira, moço bonito — interrompeu Birgitte com firmeza. — Me arrume um arco, e vou disparar melhor que você ou qualquer um que escolha, cem coroas de ouro minhas contra uma sua.

Elayne esperou que Nynaevae ofegasse, já que eram elas que teriam de cobrir a aposta, caso Birgitte perdesse. E, independentemente do que a mulher dissesse, Elayne não achava que ela já estivesse totalmente recuperada. Mas a única reação de Nynaevae foi um breve fechar de olhos e um longo e profundo suspiro.

— Mulheres! — grunhiu Luca. Thom e Juilin pareceram concordar. — Você tem tudo a ver com *Lady* Morelin e Nana, ou sejam lá quais forem seus nomes. — Em um gesto extravagante, ele girou a capa de seda na direção do alvoroço de homens e cavalos que os cercava. — Pode ter escapado de seus olhos atentos, *Birgitte*, mas eu tenho um espetáculo para montar, e meus concorrentes, larápios como são, já estão sugando as moedas de Samara.

Birgitte sorriu, os lábios discretamente curvados.

— Está com medo, moço bonito? Podemos mudar sua aposta para uma moeda de prata.

Pela cor que brotou em seu rosto, Elayne achou que Luca poderia estar apoplético. O pescoço do homem, de repente, parecia não caber na gola.

— Eu vou buscar meu arco — sibillou ele. — Você pode conseguir os cem marcos com o rosto pintado ou limpando jaulas, e eu não estou nem aí!

— Tem certeza de que você está bem o bastante? — perguntou Elayne, quando o homem se afastou, resmungando sozinho. A única palavra que compreendeu foi uma repetição de “Mulheres!”. Nynaeve observava Birgitte como se quisesse que o chão se abrisse e a engolissem. Engolissem ela mesma, não Birgitte. Por algum motivo, vários tratadores de cavalos haviam se amontoado em torno de Thom e Juilin.

— Ele tem belas pernas — opinou Birgitte —, mas eu nunca gostei de homens altos. Some-se a isso um rosto bonito, e eles são sempre insuportáveis.

Petra, duas vezes mais largo que qualquer outro, se juntara ao grupo de homens. Ele fez algum comentário, então apertou a mão de Thom. Os Chavanas também estavam por lá. E Latelle, envolvida em uma conversa séria com Thom enquanto lançava olhares contrariados para Nynaeve e as outras duas mulheres a seu lado. Quando Luca retornou com um arco sem corda e uma aljava com flechas, ninguém mais cuidava dos preparativos. Os carroções, cavalos e jaulas — e até os cavalos-javali acorrentados — estavam abandonados, toda a gente reunida em torno de Thom e do caçador de ladrões. Todos seguiram Luca até uma curta distância do acampamento.

— Sou um homem de disputas justas — disse ele entalhando uma cruz branca na altura do próprio peito no tronco de um enorme carvalho. Havia recuperado um pouco do charme, e andou gingando ao recuar cinquenta passadas. — Vou fazer o primeiro disparo, para que você veja o que vai encerrar.

Birgitte tomou o arco da mão do homem e se afastou mais cinquenta passadas, enquanto Luca a seguia com os olhos. A mulher balançou a cabeça ao examinar o arco, mas apoiou-o no pé calçado e o encordoou com um único movimento fluido antes que Luca se juntasse a ela, a Nynaeve e a Elayne. Birgitte tirou uma flecha da aljava que ele tinha nas mãos, examinou-a por um momento e jogou-a para o lado como se fosse lixo. Luca franziu a testa e abriu a boca, mas ela já estava descartando uma segunda haste. As três seguintes também foram para o chão coberto de folhas, antes que ela cravasse uma no solo ao seu lado. Das vinte e uma, Birgitte só ficou com quatro.

— Ela consegue — sussurrou Elayne, tentando soar segura.

Nynaeve aquiesceu, lúgubre. Se precisassem pagar cem coroas de ouro, logo teriam que vender as jóias que Amathera lhes dera. As cartas-de-direitos eram praticamente inúteis, como explicara a Nynaeve. Se a usassem, seria como apontar sua localização a Elaida em um mapa. *Se eu tivesse me manifestado a tempo, poderia ter evitado isso. Como minha Guardiã, ela tem que me obedecer. Não tem?* Pelas evidências até ali, a obediência não fazia parte do elo. Será que as Aes Sedai que espiara também tinham obrigado os homens a fazer juramentos? Parando para pensar, achava que uma delas tinha.

Birgitte encaixou uma flecha, levantou o arco e disparou aparentemente sem nem parar para mirar. Elayne se retraiu, mas a ponta de aço terminou cravada bem no meio da cruz branca entalhada. Antes mesmo que parasse de tremer, a segunda se fixou ao lado. Então Birgitte esperou um momento, mas só até as duas flechas ficarem imóveis. Os espectadores arquejaram quando a terceira haste *dividiu* a primeira ao meio, o que nem se comparou ao silêncio absoluto de quando a última flecha rachou a outra com a mesma precisão. Uma vez, poderia ter sido sorte. Duas...

Os olhos de Luca pareciam querer saltar da cabeça. Com a boca escancarada, ele fitou a árvore, depois Birgitte, a árvore, e então Birgitte. A Guardiã ofereceu o arco, e ele balançou timidamente a cabeça.

De repente, Luca arremessou a aljava para longe e abriu bem os braços com um grito de contentamento.

— Facas, não! Flechas! De cem passadas de distância!

Nynaeve se curvou na direção de Elayne enquanto o homem explicava sua ideia, mas não deu um pio em protesto. Thom e Juilin estavam coletando dinheiro. A maioria das pessoas estendia moedas com um suspiro ou uma gargalhada, mas Juilin precisou segurar Latelle quando ela tentou sair de fininho e dizer algumas palavras irritadas antes de ela desenterrar moedas da bolsa. Então era aquilo que eles estavam tramando. Teria que dar um sermão neles. Mas depois.

— Nana, você não precisa levar isso adiante. — A mulher apenas encarou Birgitte, os olhos abatidos.

— E a nossa aposta? — questionou Birgitte, quando Luca se acalmou. Ele sorriu, então pescou uma moeda do bolso e jogou-a para ela. Elayne vislumbrou o lampejo dourado sob o sol quando Birgitte examinou a moeda, jogando-a de volta logo depois. — A aposta era você pagar uma moeda de prata.

Os olhos de Luca se arregalaram, surpresos, mas, no momento seguinte o homem já estava gargalhando e empurrando a moeda de ouro para a mão dela.

— Você vale cada cobre que vale esta moeda. O que me diz? Ora, talvez até a Rainha de Ghealdan venha ver uma apresentação como a sua. Birgitte e suas flechas. Vamos pintá-las de prata, o arco também!

Elayne queria desesperadamente que Birgitte olhasse para ela. Fazer o que o homem sugeria seria o mesmo que acender um farol para Moghedien.

Mas Birgitte só sacudiu a moeda na mão, sorrindo.

— A tinta vai estragar de vez este arco já surrado — ponderou por fim. — E me chame de Maerion. Já tive esse nome uma vez. — Apoiando-se no arco, ela abriu mais o sorriso. — Conseguem um vestido vermelho para mim também?

Elayne deixou escapar um suspiro de imenso alívio. Nynaeve parecia querer vomitar.





APRESENTAÇÕES EM SAMARA

Pelo que parecia ser a centésima vez, Nynaeve ergueu uma mecha do cabelo para examiná-la, então suspirou. Murmúrios abafados e risadas de centenas, senão milhares de pessoas, e uma música distante quase inaudível penetravam as paredes do carroção. Não se incomodara em passar todo o desfile pelas ruas de Samara dentro do carroção com Elayne — olhadelas ocasionais pelas janelas haviam-na convencido de que não preferiria estar em meio à multidão, berrando e tentando abrir caminho para os carroções —, mas, a cada vez que olhava para o cabelo recém-pintado de vermelho, desejava estar dando cambalhotas com os Chavanas, em vez de tingindo os fios.

Tomando o cuidado de não olhar para si mesma, Nynaeve se enrolou por inteiro no xale simples cinza-escuro, virou se, e tomou um susto ao dar de cara com Birgitte à porta. A mulher passara o desfile no carroção de Clarine e Petra, com Clarine ajustando um vestido vermelho sobressalente que Luca mandara fazer para Nynaeve. O homem dera a ordem antes mesmo que Nynaeve concordasse em usar o traje. Birgitte usava o vestido, a trança tingida de preto caindo pelo ombro de modo a se aninhar entre os seios, totalmente indiferente ao ousado decote quadrado. Só de olhar para a mulher, Nynaeve apertou ainda mais o xale. Birgitte não poderia exibir uma nesga a mais do busto pálido, se quisesse manter qualquer nível de decência. Do jeito que estava, o nível já era baixo, bastante escandaloso até. Olhar para a mulher fez o estômago de Nynaeve se embrulhar, mas não por causa da roupa ou da pele exposta.

— Se vai usar o vestido, por que se cobrir? — Birgitte entrou e fechou a porta atrás de si. — Você é mulher. Por que não se orgulhar disso?

— Se você acha que eu não deveria... — respondeu Nynaeve de modo hesitante, deixando o xale deslizar bem devagar até os ombros e revelando o irmão gêmeo do vestido de Birgitte. Sentia-se praticamente nua. — Eu só pensei... Eu pensei... — Segurando com força a saia de seda para manter as mãos nas laterais do corpo, sustentou o olhar da outra mulher. Mesmo sabendo que estava usando a mesma roupa, era mais fácil não olhar.

Birgitte sorriu.

— E se eu quisesse que você baixasse a gola mais uma polegada?

Nynaeve abriu a boca, o rosto ficando tão rubro quanto o vestido, mas, por um momento, não emitiu nenhum som. Quando alguma coisa saiu, ela soou como se estivesse sendo estrangulada.

— Não existe essa polegada para baixar. Olhe para o seu. Não existe nem um *fio de cabelo*!

Birgitte deu três passos rápidos, a testa franzida, e se curvou levemente para ficar com o rosto colado ao de Nynaeve.

— E se eu dissesse que quero que você baixe essa polegada? — rosnou ela, mostrando os dentes. — E se eu quisesse pintar seu rosto, para que Luca pudesse ter o bobo dele? E se eu arrancasse as suas roupas e lhe pintasse da cabeça aos pés? Que belo alvo você se tornaria. Todos os homens a menos de cinquenta milhas daqui viriam assistir.

Nynaeve moveu os lábios, mas, desta vez, nenhum som emergiu. Ela queria muito fechar os olhos. Talvez, quando os abrisse, nada daquilo estivesse acontecendo.

Com um meneio desgostoso de cabeça, Birgitte se sentou em uma das camas, cotovelo no joelho, e os olhos azuis penetrantes.

— Isso precisa parar. Quando eu olho na sua direção, você se encolhe. Fica me paparicando o tempo todo. Se olho de relance para um banquinho, você vai buscar um. Se passo a língua nos lábios, você põe um copo de vinho na minha mão antes que eu me dê conta de que estou com sede. Você lavaria as minhas costas e colocaria chinelos nos meus pés, se eu deixasse. Não sou nem um monstro, nem uma inválida, e nem uma criança, Nynaeve.

— Só estou tentando compensar o... — começou ela timidamente, dando um pulo quando a outra rugiu.

— Compensar? Você está tentando me diminuir!

— Não. Não é nada disso, de verdade. A culpa é minha por...

— Você se responsabiliza pelos meus atos — interrompeu Birgitte, com ferocidade. — *Eu decidi falar com vocês em Tel'aran'rhiod. Eu decidi ajudar. Eu decidi rastrear Moghedien. E eu decidi levar você para falar com ela. Eu!* Não foi você, Nynaeve, fui eu! Em nenhum momento fui sua marionete, seu cãozinho de caça, e não é agora que vou ser.

Nynaeve engoliu em seco e agarrou as saias com ainda mais força. Não tinha o direito de ficar com raiva daquela mulher. Nenhum direito. Mas Birgitte, sim.

— Você fez o que eu pedi. A culpa é minha por... por você estar aqui. A culpa é toda minha!

— E eu falei em culpa? Não vejo culpa nenhuma. Só homens e garotas idiotas assumem culpa onde ela não existe, e você não é nenhuma das duas coisas.

— Foi meu orgulho bobo que me fez pensar que eu poderia derrotar Moghedien de novo, e foi a minha covardia que fez com que ela... com que ela... Se eu não tivesse ficado com tanto medo que não conseguia nem cuspir, talvez pudesse ter feito algo a tempo.

— Covarde? — Os olhos de Birgitte se arregalaram, claramente incrédulos, e sua voz ganhou um quê de desdém. — Você? Achei que tivesse bom senso suficiente para não confundir medo com covardia. Você poderia ter fugido de *Tel'aran'rhiod* quando Moghedien a soltou, mas ficou lá para lutar. Não é responsabilidade ou culpa sua não ter conseguido. — Birgitte respirou fundo, esfregou a testa por um momento e voltou a se inclinar para a frente, séria. — Escute bem o que vou dizer, Nynaeve. Eu não me sinto culpada pelo que fizeram com você. Eu vi, mas não podia me mexer. Se Moghedien tivesse lhe amarrado feito um nó ou lhe descaroçado feito uma maçã, eu ainda não me responsabilizaria. Fiz o que pude, quando pude. E você fez o mesmo.

— Não foi igual. — Nynaeve tentou diminuir o fervor na voz. — A culpa de você *estar lá* foi minha. A culpa de você estar aqui é minha. Se você... — Ela tornou a parar para engolir. — Se você... errar... quando atirar em mim hoje, quero que saiba que eu vou entender.

— Eu não erro a mira — respondeu Birgitte, seca —, e não é em você que eu vou mirar.

Ela começou a retirar objetos de um dos armários e a colocá-los na mesinha. Flechas semiacabadas, hastes raspadas, pontas de aço para flechas, um pote de cola de sapateiro, fios bem finos e penas de ganso para a plumagem. Ela dissera que também faria o próprio arco, assim que possível. Chamara o arco de Luca de “galho torto arrancado de uma árvore morta por um idiota cego, e no meio da noite”.

— Eu gostava de você, Nynaeve — comentou enquanto depositava os objetos. — Com todos os defeitos e imperfeições. Mas, desse jeito de agora, já não gosto mais...

— Você não tem motivos para gostar de mim agora — respondeu Nynaeve, infeliz, mas Birgitte emendou, sem nem levantar a cabeça:

— ... e não vou permitir que você me diminua, que diminua as minhas decisões, ao assumir responsabilidade por elas. Tive poucas amigas, mas a

maioria era geniosa feito espectros de neve.

— Eu queria que você pudesse voltar a ser minha amiga. — O que, sob a Luz, era um espectro de neve? Alguma coisa de outra Era, sem dúvida. — Eu jamais tentaria diminuir você, Birgitte. Eu só...

Birgitte ignorou-a, mas levantou a voz. Toda a atenção da mulher parecia estar nas hastes das flechas.

— Eu queria voltar a gostar de você, sendo isso recíproco ou não, mas só vou conseguir se você voltar a ser quem era. Eu conseguiria aturá-la mesmo que você fosse uma bebê chorona irritante, se fosse mesmo o seu jeito. Aceito as pessoas como elas são, não como eu gostaria que fossem, ou então deixo para lá. Mas você não é assim, e eu não vou aceitar seus motivos para agir desse jeito. Enfim. Clarine me contou sobre sua briga com Cerandin. Agora já sei o que fazer na próxima vez em que você se apropriar das minhas decisões. — Ela fez o pedaço de um galho de freixo zunir vigorosamente. — Tenho certeza de que Latelle vai ficar feliz de providenciar a vara.

Nynaeve se forçou a relaxar a mandíbula e a suavizar o tom de voz o máximo possível.

— Você tem todo o direito de fazer o que bem entender comigo. — Junto às saias, seus punhos tremiam mais que a voz.

— Estou vendo um pouquinho do seu temperamento? Só a pontinha? — Birgitte sorriu para ela, bem-humorada e surpreendentemente ferina. — Quanto tempo até explodir? Estou disposta a gastar a quantidade de varas que for necessária. — O sorriso se dissipou, e ela ficou séria. — Ou consigo fazer você enxergar direito a situação, ou a quero longe de mim. Não tem outra saída. Eu não posso e não vou me afastar de Elayne. Esse elo me honra, e vou honrá-lo, e a ela. E não vou deixar você pensar que toma decisões por mim, ou que tomou. Eu sou eu mesma, não um apêndice seu. Agora vá embora. Preciso terminar estas flechas, caso queira ter algumas hastes que voem direito. Não pretendo matar você, e não vou deixar que aconteça por acidente. — Ela desarmou o pote de cola e se curvou sobre a mesa. — Quando for sair, não se esqueça de agir como uma boa garota e fazer uma reverência.

Nynaeve só conseguiu chegar aos degraus antes de bater o punho na coxa, furiosa. Como ela ousava? Será que pensava que podia simplesmente...? Achava que Nynaeve ia aturar...? *Pensei que ela pudesse fazer o que quisesse com você*, uma vozinha sussurrou em sua mente. *Eu disse que ela podia me matar*, rosnou de volta, *não me humilhar!* Dali a bem pouco tempo, *todo mundo* a estaria ameaçando com aquela maldita Seanchan!

Os carroções estavam abandonados, exceto por alguns tratadores de cavalos usando casacos grosseiros que montavam guarda perto da alta cerca de tela que fora erguida para abrigar o espetáculo de Luca. Daquele grande prado de grama marrom, a meia milha de Samara, as muralhas de pedra cinza da cidade eram

claramente visíveis, com as torres atarracadas nos portões e alguns dos edifícios mais altos despontando os telhados de palha ou de telha. Fora das muralhas, aldeias de choupanas toscas e cabanas brotavam feito cogumelos em todas as direções, repletas dos seguidores do Profeta, que tinham arrancado todas as árvores que existiam por milhas e milhas para fazer construções ou ter lenha para fogueiras.

Os clientes entravam no espetáculo pelo outro lado, mas dois dos tratadores de cavalos, munidos de porretes robustos, ficavam por ali para desencorajar qualquer pessoa que não quisesse pagar e resolvesse usar a entrada dos artistas. Nynaeve estava se aproximando, andando rápido e resmungando sozinha, furiosa, quando os sorrisos idiotas dos dois homens fizeram com que ela se desse conta de que o xale ainda estava enrolado nos ombros. O olhar que ela lhes lançou fez desaparecer os risinhos bestas. Foi só então que, bem devagar, Nynaeve se cobriu de maneira adequada. Não queria que aqueles dois estúpidos pensassem que podiam fazê-la ofegar e pular. O magrelo, dono de um nariz que ocupava metade do rosto, segurou a aba da tela para o lado, e ela se agachou e adentrou o pandemônio.

Havia gente aglomerada por toda parte, em amontoados barulhentos de homens, mulheres e crianças, em torrentes que tagarelavam enquanto fluíam de uma atração à outra. Tirando os *s'redit*, todos se apresentavam em palcos de madeira que Luca mandara construir. Os cavalos-javali de Cerandin atraíam o maior público; os imensos animais cinzentos, incluindo o bebê, se equilibravam nas patas dianteiras, as trombas compridas curvadas sinuosamente para cima. Já os cães de Clarine, mesmo dando cambalhotas para trás e saltando por cima uns dos outros, atraíam o menor. Uma boa quantidade de pessoas parava para encarar os leões e os peludos *capars*, que pareciam javalis; o veado de chifres estranhos de Arafel, Saldaea e Arad Doman; e os reluzentes pássaros de só a Luz sabia onde, além de algumas criaturas de pelagem marrom e cheias de ginga, com olhos grandes e orelhas redondas, que ficavam sentadas placidamente comendo folhas dos galhos que apanhavam com as patas da frente. A história que Luca contava sobre o local de onde aqueles animais vinham variava — Nynaeve supunha que ele não sabia —, e ainda não encontrara um nome que o satisfizesse. Uma enorme serpente dos pântanos de Illian, quatro vezes maior que um homem, arrancava tantos arquejos quanto os *s'redit*, embora só ficasse ali parada, aparentemente dormindo. Mas Nynaeve ficou contente ao ver que os ursos de Latelle, naquele momento de pé, rolando em cima de imensas bolas vermelhas de madeira, atraíam pouco mais público que os cães. Aquela gente podia avistar ursos nas próprias florestas, ainda que os da comitiva tivessem a cara branca.

Com suas lantejoulas pretas, Latelle cintilava sob o sol vespertino. De azul, Cerandin brilhava quase o mesmo tanto, assim como Clarine, de verde, embora

nenhuma das duas usasse tantos paetês quanto Latelle. E todos os vestidos tinham a gola bem alta, sob o queixo. Claro que Petra e os Chavanas se apresentavam usando apenas reluzentes calças azuis, mas era apenas para exibir os músculos. Bem compreensível. Os acrobatas estavam um sobre os ombros do outro, em colunas de quatro. Não muito longe, o culturista erguia uma barra comprida com uma grande bola de ferro em cada ponta — foram necessários dois homens para entregar aquele troço para ele — e, de imediato, começou a girá-la nas mãos maciças, chegando até a rodopiar a barra em volta do pescoço e das costas.

Thom fazia malabares com fogo, que também engolia. Oito bastões em chamas formavam um círculo perfeito. Então, de repente, ele tinha quatro em cada mão, um dos objetos despontando de cada aglomerado. Enfiando na boca com destreza cada uma das extremidades em chamas, o homem parecia engolir, depois as tirava da boca já apagadas, dando a impressão de ter acabado de comer algo saboroso. Nynaeve não entendia como ele não esturricava o bigode, muito menos como não queimava a garganta. Bastava ele girar os pulsos para os bastões apagados se dobrarem sobre os acesos feito ventarolas. No momento seguinte, já estavam formando dois círculos interligados acima da cabeça dele. Thom usava o mesmo casaco marrom de sempre, embora Luca tivesse dado um vermelho com paetês providenciado. Pelo modo como as sobrancelhas espessas dele se ergueram quando ela passou, Thom não entendeu por que Nynaeve o fuzilou com os olhos. Usando o próprio casaco!

Ela seguiu às pressas em direção à multidão apertada, alvoroçada e impaciente que cercava os dois altos postes com uma corda firmemente estendida entre eles. Nynaeve teve de usar os cotovelos para chegar à fileira da frente, apesar de duas mulheres a terem encarado e arrancado os maridos de seu caminho quando o xale escorregou. Se não estivesse tão ocupada enrubescendo e se cobrindo, teria devolvido o olhar. Luca estava lá, parecendo ansioso como um marido do lado de fora do quarto de parto, junto de um sujeito robusto com a cabeça toda raspada, exceto por um coque grisalho. Nynaeve se esgueirou para o outro lado de Luca. O homem da cabeça raspada tinha uma aparência perversa. Uma longa cicatriz cortava a bochecha esquerda, e usava um tapa-olho naquele mesmo lado com um olho ameaçador pintado em vermelho. Poucos homens que vira ali estavam armados com mais do que uma adaga, mas aquele usava uma espada presa às costas, o punho comprido se erguendo acima do ombro direito. Por algum motivo, parecia vagamente familiar, mas o pensamento de Nynaeve estava todo voltado para a corda bamba. Luca franziu o cenho ao ver o xale, sorriu para ela e tentou passar o braço em torno de sua cintura.

Enquanto ele ainda tentava recuperar o fôlego por conta da cotovelada desferida por Nynaeve, e ela ainda reposicionava o xale em um lugar decente, Juilin surgiu vacilante em meio à multidão do lado oposto, o chapéu cônico

vermelho inclinado de um jeito malandro, o sobretudo caindo de um dos ombros, e uma caneca de madeira transbordando na mão. Com passos excessivamente cautelosos de um homem cuja cabeça contém mais vinho que miolos, ele se aproximou da escada de corda que levava até o topo de uma das altas plataformas e olhou para cima.

— Suba! — gritou alguém. — Quebre esse pescoço tolo!

— Espere, amigo — clamou Luca, avançando com sorrisos e floreios da capa. — Aqui não é lugar para um homem com a barriga cheia de...

Juilin pousou a caneca no chão e disparou escada acima, chegando cambaleante na plataforma. Nynaeve prendeu a respiração. O homem era bom com lugares altos, o que não era de se estranhar, após uma vida inteira perseguindo ladrões nos telhados de Tear, mas, ainda assim...

Juilin se virou como se estivesse perdido. Parecia bêbado demais para ver ou se lembrar da escada. Os olhos se fixaram na corda. Hesitante, ele pôs um dos pés na corda estreita, então o recolheu. Empurrando o chapéu para trás para coçar a cabeça, examinou a corda retesada e, de repente, ficou visivelmente animado. Abaixou-se devagar até se apoiar nas mãos e nos joelhos e engatinhou, oscilante, até a corda. Luca gritou para que ele descesse, e a multidão gargalhou.

Na metade da travessia, Juilin parou, balançando desajeitadamente, e deu uma espiada para trás, os olhos se fixando na caneca que deixara no chão. Estava claramente conjecturando como voltar para apanhá-la. Devagar, com muito cuidado, o homem se levantou na direção do caminho que já percorrera, vacilando para um lado e para o outro. Um arquejo irrompeu da multidão quando seu pé escorregou e ele caiu, conseguindo se agarrar de algum modo com uma mão e um joelho enganchados na corda. Luca apanhou o chapéu taraboniano quando ele pousou no chão e gritou para todos que aquele homem era maluco e que não era responsável pelo que acontecesse. Nynaeve apertou o estômago com força. Imaginava-se lá em cima, e só isso era o bastante para deixá-la enjoada. O homem era um idiota. O mais perfeito e completo idiota!

Demonstrando dificuldade, Juilin deu um jeito de agarrar a corda com a outra mão e foi se movendo ao longo de sua extensão. Até a plataforma mais distante. Cambaleante, ele limpou o sobretudo, tentou puxar para endireitá-lo, conseguindo apenas mudar o ombro em que a roupa estava caída, e identificou a caneca no chão, junto ao outro poste. Apontando para ela de um jeito animado, tornou a pisar na corda.

Desta vez, pelo menos metade dos espectadores gritou para que o homem voltasse, que havia uma escada atrás dele. Os demais só fizeram soltar gargalhadas rotundas, sem dúvida torcendo para que quebrasse o pescoço. O homem atravessou a corda bamba tranquilamente, deslizou pela escada com as mãos e os pés nas laterais e apanhou a caneca de madeira para dar uma enorme golada. Foi só quando Luca estalou o chapéu vermelho na cabeça de Juilin e

ambos se curvaram — Luca fazendo floreios com a capa que metade das vezes cobriam Juilin —, que os espectadores perceberam que tudo havia sido parte da apresentação. Houve um momento de silêncio, então todos explodiram em aplausos, vivas e gargalhadas. Chegara a passar pela cabeça de Nynaeve que as coisas fossem ficar feias depois de a plateia ter sido ludibriada. O sujeito de coque tinha um ar vil mesmo quando ria.

Luca deixou Juilin perto da escada e voltou para se colocar entre Nynaeve e o homem de coque.

— Achei que fosse dar certo. — Ele parecia incrivelmente satisfeito consigo mesmo, e fazia pequenas reverências para o público, como se tivesse sido ele na corda lá no alto.

Nynaeve o olhou com irritação, mas não teve tempo de fazer o comentário ácido que tinha na ponta da língua, já que Elayne veio saltando em meio à multidão e se pôs ao lado de Juilin, os braços erguidos e um dos joelhos dobrados.

Nynaeve apertou os lábios e mexeu no xale de um jeito irritado. Apesar do que achava do vestido vermelho que nem sabia como acabara usando, não tinha certeza se o figurino de Elayne não era ainda pior. A Filha-herdeira de Andor usava uma roupa branca como a neve, paetês brilhando aqui e ali no casaco curto e nas calças justas. Nynaeve duvidara de que Elayne realmente apareceria em público com aquelas roupas, mas estivera preocupada demais com a própria indumentária para dar sua opinião. O casaco e as calças fizeram-na pensar em Min. Nunca aprovara o fato de Min usar roupas de menino, mas a cor e as lantejoulas tornavam aquelas vestimentas ainda mais... descaradas.

Juilin segurou a escada de corda para Elayne subir, embora não houvesse necessidade. A garota subiu até o topo com tanta habilidade quanto ele. Juilin sumiu na multidão assim que ela chegou lá em cima, onde voltou a fazer poses, sorrindo radiante para os estrondosos aplausos como se estivesse sendo adulada por seus súditos. Quando a jovem pisou na corda — que, de alguma maneira, parecia ainda mais estreita do que quando Juilin estivera nela —, Nynaeve praticamente parou de respirar e não pensou mais nada sobre as roupas de Elayne ou as próprias.

Elayne deixou a plataforma para pisar na corda, os braços abertos, e sem canalizar um caminho de Ar. Devagar, foi caminhando pela corda, pé ante pé, sem jamais vacilar. Canalizar seria perigoso demais, caso Moghedien tivesse qualquer pista de onde elas estavam. A Abandonada ou as irmãs Negras poderiam estar em Samara, e sentiriam a urdidura. E, se não estivessem na cidade naquele momento, logo poderiam estar. Na plataforma oposta, Elayne parou para receber bem mais aplausos do que Juilin — Nynaeve não entendeu por quê — e começou a voltar. Quase no fim, girou suavemente, retornou à metade do caminho, tornou a girar. Então bambeou, recuperando-se por pouco. Nynaeve sentiu como se a mão de alguém estivesse apertando sua garganta.

Com passadas lentas e ritmadas, a garota caminhou pela corda bamba e alcançou a plataforma, posando mais uma vez para gritos e aplausos ensurdecedores.

Nynaev engoliu o coração e voltou a respirar, ofegante, mas sabia que ainda não havia acabado.

Elayne ergueu os braços e, de repente, fez uma estrela ao longo da corda, as mechas negras esvoaçando, as pernas cobertas de branco lampejando ao sol. Nynaev gemeu e agarrou o braço de Luca quando a garota chegou à plataforma oposta, tropeçou na aterrissagem e freou quando já estava prestes a cair.

— Qual é o problema? — murmurou ele sob os arquejos que emergiam da multidão. — Você tem visto ela fazer isso toda noite desde Sienda. E em muitos outros lugares também, eu presumiria.

— Claro — respondeu Nynaev, baixinho.

Com os olhos fixos em Elayne, mal se deu conta do braço que Luca passara em torno de seus ombros, pelo menos não o bastante para que tomasse qualquer providência. Nynaev tentara convencer a garota a fingir um mau jeito no tornozelo, mas Elayne insistira que, depois de todos aqueles treinos usando o Poder, não precisava mais da ajuda. Talvez Juilin não precisasse — e aparentemente não mesmo —, mas Elayne nunca percorrera telhados à noite.

As estrelas do caminho de volta foram perfeitas, assim como a aterrissagem, mas Nynaev não desviou o olhar nem afrouxou o aperto na manga de Luca. Após o que então pareceu uma inevitável pausa para os aplausos, Elayne retornou à corda para mais giros, uma das pernas subindo e descendo tão rápido que parecia permanecer esticada o tempo inteiro. Ela também se colocou lentamente de ponta-cabeça, em uma pose que a deixava ereta feito uma adaga, os dedos do pé, na sapatilha branca, apontados para o céu. E deu uma cambalhota para trás que fez o público perder o fôlego e a deixou balançando, recuperando o equilíbrio por um fio. Fora Thom Merrill quem lhe ensinara aquilo, assim como a posição de ponta-cabeça.

Pelo canto do olho, Nynaev avistou Thom um pouco atrás dela, os olhos cravados em Elayne e equilibrado na ponta dos pés. Parecia orgulhoso feito um pavão. Dava a impressão de estar pronto para correr à frente e apanhá-la, caso ela caísse. Se isso de fato acontecesse, Thom seria ao menos parcialmente culpado. Jamais deveria ter ensinado aquelas coisas para ela!

Uma última travessia fazendo estrelas, as pernas de branco aparecendo e sumindo, reluzindo ao sol, mais rápido que antes. Nynaev não sabia daquela parte! Teria eviscerado Luca com a língua caso ele não tivesse resmungado cheio de raiva que Elayne ter acrescentado aquilo ao número só para ganhar mais aplausos era uma boa maneira de quebrar o pescoço. Uma pausa final para posar para mais aplausos, e Elayne, por fim, desceu.

Aos berros, o público correu na direção dela. Luca e quatro tratadores de cavalos com porretes cercaram a garota como se tivessem surgido por intermédio do Poder, mas mesmo assim, manco e tudo, Thom chegou primeiro.

Nynaeve pulou o mais alto que pôde, mal identificando Elayne ao olhar por cima de um bom número de cabeças. A garota não parecia assustada, nem mesmo desorientada, com todas aquelas mãos acenando e tentando tocá-la, estendidas em meio aos seguranças que a cercavam. Com a cabeça erguida e o rosto ruborizado por todo o esforço, ainda mantinha uma graciosidade tranquila e majestosa ao ser escoltada para fora. Como era capaz de fazer aquilo, vestida como estava, Nynaeve simplesmente não conseguia imaginar.

— Tem o rosto igual ao de uma maldita rainha — resmungou sozinho o homem caolho. Ele não saía correndo como os outros, apenas deixara a multidão passar. Vestido de modo grosseiro, com um casaco simples de lã cinza-escura, com certeza parecia forte o bastante para não ter medo algum de ser derrubado e pisoteado. Parecia bem inclinado a sacar aquela espada. — Que me queime por ser um fazendeiro tripa mole, mas ela tem coragem o bastante para ser uma maldita rainha.

Nynaeve ficou boquiaberta enquanto o homem se afastava a passos largos pelo meio do público, e não por causa do linguajar. Ou melhor, em parte por isso. Tinha se lembrado de onde o vira antes, um homem caolho, de coque, que não conseguia dizer duas frases sem proferir os xingamentos mais repugnantes.

Esquecendo-se de Elayne, que com certeza estava suficientemente segura, Nynaeve começou a abrir caminho na multidão para ir atrás do homem.





UM VELHO CONHECIDO

Por conta da multidão, Nynaeve demorou um pouco para alcançá-lo, resmungando a cada vez que era empurrada por algum homem boquiaberto com o show ao redor ou alguma mulher arrastando uma criança em cada mão — crianças que geralmente estavam tentando arrastar *a mãe* para atrações diferentes ao mesmo tempo. O caolho mal parou para olhar qualquer coisa, exceto pela grande serpente e os leões, até alcançar os cavalos-javali. Com certeza já os vira antes, posicionados como estavam perto da entrada do público. Toda vez que os *s'redit* se apoiavam só nas patas traseiras, como naquele momento, as enormes cabeças dos adultos podiam ser vistas até por quem estava do lado de fora, intensificando um pouco a pressão para entrar.

Sob uma larga placa vermelha com “Valan Luca” escrito com letras douradas de ambos os lados, uma dupla de tratadores de cavalos coletava os ingressos das pessoas que se afunilavam entre duas grossas cordas, depositando o dinheiro em cântaros transparentes de vidro grosso com rachaduras — Luca nunca gastava dinheiro comprando algo melhor —, de modo que podiam ver se o pagamento estava correto sem precisar pegar no dinheiro. Os tratadores depositavam as moedas direto dos cântaros no buraco de uma caixa amarrada com correntes de ferro tão pesadas que Petra precisara carregá-la até o lugar certo antes que sequer houvesse qualquer prata ali dentro. Uma segunda dupla de tratadores — homens de ombros largos e nariz quebrado, com as juntas grossas como as de lutadores — ficava ali perto com porretes, garantindo que o público se mantivesse em ordem. E para ficar de olho nos homens arrecadando o dinheiro, Nynaeve suspeitava. Luca não confiava em ninguém, ainda mais

quando o assunto era dinheiro. Na verdade, sua mão era tão fechada ao redor de moedas quanto a casca ao redor de uma maçã. Nynaeve nunca conhecera alguém tão sovina.

Devagar e às cotoveladas, ela se aproximou do homem com o coque de mechas grisalhas. Claro que *ele* não tivera problema para alcançar a primeira fileira diante dos *s'redit*. A cicatriz e o tapa-olho pintado teriam lhe garantido espaço, mesmo sem a espada às costas. O homem observava os imensos animais cinzentos com um sorriso, e o que Nynaeve supôs ser uma expressão maravilhada no rosto pétreo.

— Uno? — Ela achava que o nome era aquele.

O homem se virou para encará-la. Quando ela pôs o xale de volta no lugar, ele ergueu o olhar para seu rosto, mas nenhum sinal de reconhecimento cintilou em seu olho escuro. O outro olho zangado, pintado de vermelho, deixou Nynaeve um pouco enjoada.

Cerandin acenou com o aguilhão, gritando algo arrastado demais para ser inteligível, e os *s'redit* se viraram. Sanit, a fêmea, apoiando a pata no dorso largo e redondo de Mer, se virou para trás enquanto o macho permanecia ereto. Nerin, a filha, apoiou as patas na parte de baixo do dorso de Sanit.

— Eu vi você em Fal Dara — explicou Nynaeve. — E de novo, bem rápido, em Ponta de Toman. Depois em Falme. Você estava com... — Rodeada por tanta gente, Nynaeve não sabia o quanto podia falar. Boatos sobre o Dragão Renascido haviam circulado por toda Amadícia, e alguns até acertavam o nome dele. — Com Rand.

O olho verdadeiro de Uno se estreitou — Nynaeve tentava não olhar para o outro — e, após um momento, o homem assentiu.

— Eu me lembro do seu rosto. Nunca me esqueço de um maldito rosto bonito. Mas seu cabelo estava bem diferente. Nyna?

— Nynaeve — corrigiu ela, seca.

Olhando-a de alto a baixo, ele balançou a cabeça e, antes que Nynaeve pudesse falar qualquer coisa, segurou-a pelo braço e praticamente a arrastou pela porta de entrada.

Os tratadores dos cavalos a reconheceram, claro, e os sujeitos de nariz quebrado deram um passo à frente e levantaram os porretes. Nynaeve acenou furiosamente para que se afastassem, mesmo enquanto ainda libertava o braço. Precisou de três tentativas, e só conseguiu se desvencilhar porque Uno deixou. O aperto do homem parecia de ferro. Os tratadores com porretes hesitaram, então voltaram para seus lugares assim que viram Uno soltar a mulher. Pareciam saber que Valan Luca preferiria que eles protegessem a entrada.

— O que você pensa que está fazendo? — questionou Nynaeve, mas Uno apenas gesticulou para que ela o seguisse e não parou para ver se seria obedecido, apenas diminuiu um pouco o passo em meio à multidão que esperava

para entrar. As pernas do homem eram levemente arqueadas, e ele se movia como alguém que estava mais acostumado com o lombo de um cavalo do que com os próprios pés. Rosnando sozinha, ela segurou as saias e foi atrás dele em direção à cidade.

Dois outros conjuntos itinerantes estavam montados atrás de cercas de tela marrom não muito longe dali, e outros mais se espalhavam pelos vilarejos entupidos formados por barracos. Não havia nenhum muito perto das muralhas da cidade. Aparentemente, a governadora, que era como eles chamavam a mulher que Nynaeve teria chamado de prefeita — embora nunca tivesse ouvido falar em uma mulher prefeita —, decretara uma distância mínima de meia milha, com o intuito de proteger a cidade caso algum dos animais fugisse.

A placa acima da entrada do espetáculo mais próximo dizia “Mairin Gome” em letras verdes e douradas cheias de floreios. Acima da placa, dava para ver duas mulheres penduradas em uma corda que saía de uma estrutura alta que não estava ali quando as cercas de Luca foram erguidas. Parecia que o fato de os cavalos-javali se empinarem alto o bastante para serem vistos estava surtindo efeito. As mulheres se contorciam em posições que trouxeram a lembrança desconfortável do que Moghedien fizera com ela, e, de alguma forma, ainda conseguiam se segurar em pinos horizontais de ambos os lados da corda. A multidão que esperava impaciente à frente da placa da Senhora Gome era quase tão numerosa quanto a que estava junto da placa de Luca. Nenhum dos outros espetáculos tinha algo à mostra que ela pudesse ver, e seus públicos eram bem menores.

Uno se recusou a responder perguntas, a dizer uma só palavra e a fazer mais do que caras feias até que estivessem distantes do empurra-empurra da multidão, andando por um caminho de terra batida próprio para carroças.

— O que estou tentando fazer, desgraça — rosnou ele, então —, é levar você para algum lugar onde possamos ter uma maldita conversa sem que você seja feita em pedacinhos, que a Luz os queime, por esse bando de chamejados que vai tentar beijar a barra do seu vestido quando descobrir que você conhece o Lorde Dragão. — Não havia ninguém a trinta passadas dos dois, mas, mesmo assim, ele ainda estava atento a qualquer um que pudesse estar escutando. — Sangue e malditas cinzas, mulher! Você não sabe como esses chamejados desses cabeças de cabra são? Metade acha que o Criador conversa com o Dragão todos os dias na hora do jantar, e a outra metade acha que ele é o maldito Criador!

— Eu agradeço se puder moderar o linguajar, Mestre Uno. E também vou agradecer se andar mais devagar. Não estamos disputando uma corrida. Para onde está indo, e por que eu deveria dar mais um passo ao seu lado?

Com um riso irônico, ele virou o olho na direção dela.

— Ah, eu me lembro mesmo de você. A que tinha uma boca ins... grande. Ragan achava que você era capaz de abater e esfolar um cha... um touro a dez

passadas, só com a língua. Chaena e Nangu, a cinquenta. — Pelo menos ele realmente diminuiu o passo.

Nynaeve empacou.

— Para onde e por quê?

— Para a cidade. — Ele não parou. Seguiu andando firme, acenando para que ela o seguisse. — Não sei que cac... o que você está fazendo aqui, mas lembro que estava metida com aquela mulher *Azul*.

Nynaeve resmungou baixo, recolheu as saias e voltou a andar apressada atrás dele. Era a única maneira de ouvi-lo. O homem prosseguiu como se ela estivesse ao lado dele o tempo inteiro.

— Aqui não é lugar para você. Posso arranjar dinheiro suficiente para uma mald... aarrh!... dinheiro suficiente para mandar você de volta para Tear, eu acho. Dizem os boatos que é lá que o Lorde Dragão está. — Ele voltou a olhar ao redor com cautela. — A menos que, em vez disso, você queira ir para a ilha. — Aquilo deveria significar Tar Valon. — Tem uns boatos estranhos circulando sobre isso também. Paz, e como tem! — O homem vinha de uma região que não sabia o que era paz havia mais de três mil anos. Os shienaranos empregavam a palavra tanto como uma prece quanto como um xingamento. — Dizem que a antiga Amyrlin foi deposta. Talvez executada. Há quem diga que elas lutaram e incendiaram toda a... — Ele fez uma pausa, respirou fundo e fez uma careta horrível. — ... toda a cidade.

Caminhando junto do homem, Nynaeve o observava, admirada. Vira Uno pela última vez havia quase um ano, nunca falara mais de duas palavras com o sujeito, e ainda assim ele... Por que os homens sempre achavam que uma mulher precisava da ajuda deles? Eles não sabiam nem dar o laço nas próprias camisas sem ajuda de uma!

— Nós estamos muito bem, obrigada. A menos que você conheça algum comerciante com um barco que esteja para descer o rio.

— Nós? A mulher Azul está com você? Ou a Marrom? — Ele só podia estar falando de Moiraine e Verin. Estava sendo cauteloso, com certeza.

— Não. Você se lembra de Elayne? — Ele fez um meneio brusco, e Nynaeve resolveu provocá-lo. Nada parecia perturbar o homem, e era óbvio que ele pretendia assumir a responsabilidade pelo bem-estar dela. — Você acabou de vê-la. Disse que ela tinha... — Nynaeve fez uma voz mal-humorada para imitar a dele — ... o rosto igual ao de uma maldita rainha.

Ficou satisfeito de ver o homem tropeçar e olhar ao redor com tanto ímpeto que até mesmo dois Mantos-brancos que passavam por ali decidiram contorná-lo, embora tenham tentado fingir que Uno não tinha nada a ver com aquilo, claro.

— Ela? — rosnou ele, incrédulo. — Mas o maldito cabelo estava negro feito um corvo... — O homem observou o cabelo de Nynaeve e, no instante seguinte, já estava andando novamente, resmungando meio que consigo mesmo. — Ela é

filha de uma rainha, que a Luz me queime. De uma maldita rainha! Mostrando as pernas daquele jeito. — Nynaeve concordou. Até que ele prosseguiu: — Esses sulistas chamejados são um bando de esquisitos! Vocês não têm um pinga de decência! — Como se ele tivesse moral para falar! Os shienaranos podiam até se vestir de forma adequada, mas ela ainda ruborizava ao lembrar que, em Shienar, homens e mulheres tomavam banho juntos, e achavam isso tão normal quanto comer à mesma mesa.

— Sua mãe nunca lhe ensinou a falar com decência, homem?

O olho verdadeiro de Uno a encarou de modo quase tão sombrio quanto o pintado, e ele deu de ombros. Em Fal Dara, Uno e todos os demais haviam-na tratado como se fosse da nobreza, ou algo do tipo. Claro, era muito difícil se passar por uma lady naquele vestido, e com o cabelo em um tom que a natureza jamais criara. Nynaeve apertou mais o xale em torno do corpo e cruzou os braços para mantê-lo no lugar. A lâ cinza era terrivelmente desconfortável naquele calor seco, e ela mesma estava escorrendo. Nunca ouvira falar de ninguém que tivesse morrido de tanto suar, mas pensou que poderia muito bem ser a primeira.

— O que está fazendo aqui, Uno?

O homem olhou em volta antes de responder. Não que tivesse necessidade. Havia pouco tráfego no caminho — uma carroça ou outra puxada por bois, algumas pessoas com roupas de camponeses ou ainda mais simples e, aqui e ali, um homem a cavalo — e ninguém parecia disposto a chegar mais perto dele do que precisava. Uno parecia capaz de cortar a garganta de alguém por puro capricho.

— A mulher Azul nos deu um nome em Jehannah e disse que deveríamos esperar lá até que ela mandasse instruções, mas a mulher em Jehannah estava morta e enterrada quando chegamos. Uma velha. Morreu dormindo, e nenhum dos parentes dela já tinha ouvido falar no nome da mulher Azul. Aí Masema começou a falar com as pessoas e... Bem, não havia razão para ficar lá esperando ordens que nunca ouviríamos, mesmo que viessem. Ficamos por perto de Masema porque ele nos repassa o suficiente para vivermos, embora ninguém, tirando Bartu e Nengar, dê ouvidos às baboseiras dele. — O coque grisalho sacudiu quando ele balançou a cabeça, irritado.

De repente, Nynaeve se deu conta de que não houvera nenhum xingamento naquelas frases. Ele parecia prestes a engolir a língua.

— Talvez você possa falar alguns palavrões. — Ela suspirou. — Que tal uma frase sim, outra não? — O homem sorriu para ela com tanta gratidão que a deixou exasperada. — Como é que pode Masema ter dinheiro e o restante de vocês não ter nenhum? — Ela se lembrava de Masema: um homem desagradável que não gostava de nada nem ninguém.

— Ora, ele é o maldito Profeta que todos vieram ouvir. Quer conhecê-lo? — Ele parecia estar contando as frases. Nynaeve respirou fundo. O homem levaria ao pé da letra o que quer que ela dissesse. — Ele poderia encontrar um maldito barco para você, caso você queira um. Em Ghealdan, o que o Profeta quer, o Profeta costuma conseguir. Não, ele sempre acaba conseguindo de um jeito ou de outro, aquele chamejado. O homem foi um bom soldado, mas quem poderia imaginar que se transformaria nisso? — O olhar de Uno percorreu os barracos toscos e o povo da cidade, incluindo os espetáculos e a cidade à frente.

Nynaeve hesitou. O temido Profeta, que incitava multidões e revoltas, era Masema? Mas ele *realmente* pregava a vinda do Dragão Renascido. Estavam agora quase no portão da cidade, e ainda tinha algum tempo antes que precisasse deixar Birgitte lhe atirar flechas. Luca ficara mais do que desapontado por a mulher ter insistido em ser chamada de Maerion. Se Masema *conseguisse* encontrar um barco que fosse descer o rio... Naquele mesmo dia, talvez. Por outro lado, *havia* as revoltas. Se os boatos tivessem aumentado tudo dez vezes, então apenas algumas centenas haviam morrido nas cidades e vilarejos mais ao norte. Apenas algumas centenas.

— Só não vá lembrá-lo de que você tem alguma coisa a ver com aquela maldita ilha — prosseguiu Uno, encarando-a com cautela. Então Nynaeve se deu conta de que era ele provavelmente não sabia qual era a verdadeira ligação dela com Tar Valon. Se tornar Aes Sedai não era o único motivo para uma Mulher ir até lá, afinal de contas, também podiam estar buscando ajuda ou respostas. Uno sabia que ela tinha algum tipo de envolvimento, mas não mais que isso. — Ele gosta tanto das mulheres de lá quanto os Mantos-brancos. Se você mantiver a boca bem caladinha sobre esse maldito assunto, é provável que ele ignore. Para alguém que é do mesmo vilarejo que o Lorde Dragão, Masema pode mandar até *construírem* um barco.

Havia mais gente junto aos portões da cidade, flanqueados por atarracadas torres cinzas, com homens e mulheres entrando e saindo, a pé e em montarias, trajando todo tipo de vestimenta, desde farrapos até vestidos e casacos de seda bordados. Os próprios portões, espessos e revestidos de ferro, estavam abertos sob a guarda de uma dúzia de lanceiros em túnicas escamadas e elmos redondos de ferro com abas achatadas. Na realidade, os guardas prestavam mais atenção na meia dúzia de Mantos-brancos ali perto do que em qualquer outra coisa. Eram os homens em mantos cor de neve e armaduras brilhosas que observavam o ir e vir das pessoas.

— Os Mantos-brancos criam muitos problemas? — indagou ela, calma.

Uno moveu a boca como se fosse cuspir, olhou para ela, e não cuspiu.

— E onde é que esses chamejados não criam? Tinha uma mulher em um desses espetáculos itinerantes que fazia truques de mágica. Quatro dias atrás, uns cabeças de ovelha destruíram todo o espetáculo. — Valan Luca com certeza

nunca mencionara aquilo! — Paz! O que eles queriam era a mulher. Diziam que ela era... — ele olhou fixamente para o povo que passava apressado e baixou a voz — ... Aes Sedai. E Amiga das Trevas. Quebraram o maldito pescoço dela só para colocá-lo na corda, ouvi dizer, mas enforcaram o cadáver da mulher mesmo assim. Masema mandou decapitar os chefes da quadrilha, mas foram os Mantos-brancos que incitaram a gentilha. — A careta do homem combinou com o olho vermelho pintado no tapa-olho. — Tem havido muitos desses enforcamentos e decapitações, se você quer saber o que este infeliz aqui pensa. O desgraçado do Masema é tão cruel quanto os malditos Mantos-brancos quando o assunto é encontrar um Amigo das Trevas debaixo de cada maldita pedra.

— Uma frase sim, outra não — murmurou Nynaeve, e o homem chegou até a ruborizar.

— Não sei onde eu estou com a cabeça — resmungou, parando de andar. — Não posso levar você até lá. É metade festival, metade confusão, com um ladrão a cada três passos, e mulher nenhuma fica em segurança depois que escurece. — Ele soou mais escandalizado com a última informação do que com o resto. Em Shienar, as mulheres estavam sempre seguras em qualquer lugar, exceto de Trollocs e de Myrddraal, claro, e qualquer homem faria de tudo para garantir isso. — Não é seguro. Vou levar você de volta. Quando eu descobrir uma solução, venho te buscar.

Aquilo encerrou a questão para ela. Desvencilhando o braço antes que ele pudesse segurá-lo, ela apertou o passo em direção aos portões.

— Venha comigo, Uno, e não enrole. Se enrolar, vai ficar para trás.

O homem a alcançou, resmungando a respeito da teimosia das mulheres. Assim que compreendeu que ele estava falando sozinho e que, aparentemente, sua reclamação sobre os palavrões não valia para essas situações, Nynaeve parou de escutar.





ENCONTROS EM SAMARA

Os Mantos-brancos nos portões deram a Uno e Nynaeve a mesma importância que davam a qualquer outra pessoa naquele fluxo ininterrupto, o que significava um olhar frio, desconfiado e inquisitivo, ainda que rápido. O excesso de gente impossibilitava qualquer outra coisa mais demorada, e talvez os guardas com aquelas armaduras escamadas também ajudassem. Não que houvesse motivo para mais, a não ser na cabeça dela. Tanto o anel da Grande Serpente quanto o pesado anel de ouro de Lan estavam aninhados em sua bolsinha — por conta da gola baixa do vestido, não pôde usá-los no cordão —, mas ainda assim parte dela esperava que os Filhos da Luz identificassem instintivamente uma mulher treinada na Torre. Sentiu um alívio palpável quando aqueles olhos gelados e insensíveis se desviaram dela.

Os soldados também prestaram pouca atenção aos dois — assim que ela tornou a rearrumar o xale. A cara feia de Uno podia até ter ajudado a mandar os olhos dos homens de volta para os Mantos-brancos, mas o shienarano não tinha o direito de fazer cara feia, para começo de conversa. Aquilo ficava a cargo dela.

Nynaeve tornou a enrolar a lã cinza e amarrou as extremidades ao redor da cintura. O xale era mais justo no busto do que gostaria, e ainda expunha um pouco do decote, mas ainda era uma melhora considerável em comparação ao vestido. Pelo menos não teria que se preocupar com o xale escorregando. Só queria que aquele troço não fosse tão quente. O clima não deveria mesmo demorar a virar. Não estavam *tão* ao sul de Dois Rios.

Desta vez, Uno esperou pacientemente por Nynaeve. Ela não soube dizer se foi por mera gentileza — seu rosto marcado pela cicatriz parecia um tanto

paciente *demais* —, mas os dois, por fim, chegaram juntos em Samara. E, juntos, adentraram o caos.

Era um grande burburinho, sem nenhum som particularmente discernível. As pessoas lotavam as rústicas ruas de pedra, das tavernas com telhado de ardósia aos estábulos com tetos de palha, das estalagens com placas simples onde se lia “O Touro Azul” ou “O Ganso Dançarino”, todas lotadas, às lojas com placas desenhadas, não escritas, com uma faca e uma tesoura aqui, uma peça de tecido ali, a balança de um ourives ou a lâmina de um barbeiro, um pote, uma lamparina ou uma bota. Nynaeve via rostos pálidos como os dos andorianos e escuros como os do Povo do Mar, alguns limpos, outros sujos, com casacos de golas altas, baixas, sem gola nenhuma, com cores opacas e brilhantes, comuns e bordados, surrados e novinhos em folha, de estilos estranhos e familiares em igual quantidade. Um sujeito com uma barba escura bifurcada usava correntes de prata atravessadas no peitoral do casaco azul, e dois outros, com tranças no cabelo — *homens* com tranças pretas até o ombro e cobrindo as orelhas! — tinham minúsculos sinos de latão costurados às mangas do casaco vermelho e nos canos das botas que subiam até a coxa. Qualquer que fosse a terra de onde vinham, aqueles dois não tinham nada de tolos. Seus olhos escuros eram penetrantes e inquisitivos como os de Uno, e ambos carregavam espadas curvas às costas. Um homem de peito nu trajando uma cinta amarela brilhante, a pele de um marrom mais escuro que madeira envelhecida e mãos com intrincadas tatuagens, só podia ser do Povo do Mar, embora não usasse nem brincos nem anéis no nariz.

Também havia mulheres de todos os tipos, cabelos que iam do preto de um corvo ao loiro quase branco, trançados, presos ou soltos, bem curtos, na altura dos ombros, na cintura, com vestidos de lã surrada, de puro linho ou de sedas reluzentes, com golas rendadas ou bordadas até o queixo, e decotes tão profundos quanto o que ela escondia. Nynaeve chegou até a avistar uma domanesa de pele acobreada trajando um vestido vermelho quase transparente que a cobria até o pescoço, mas que não escondia praticamente nada! Ficou se perguntando se a mulher estaria em segurança quando escurecesse. Ou até mesmo em plena luz do dia.

Os Mantos-brancos e soldados que surgiam ocasionalmente em meio àquela massa de gente pareciam sufocados, penando tanto quanto os demais para se locomover. Carroças de boi ou carroções puxados por cavalos se emparelhavam ao longo das ruas que se entrecortavam de modo aleatório. Carregadores transportavam liteiras pelo meio da confusão, e, de vez em quando, uma carruagem laqueada com pares de quatro ou cinco animais emplumados seguia seu penoso caminho, lacaios fardados e guardas com elmos de aço tentando, em vão, abrir passagem. Músicos com flautas, cítaras ou sabilas tocavam em todas as esquinas onde não havia um malabarista ou um acrobata —

nada que fosse deixar Thom ou os Chavanas preocupados —, sempre com um outro homem ou mulher segurando um chapéu para coletar moedas. Mendigos maltrapilhos ziguezagueavam pela multidão, puxando mangas e estendendo mãos encardidas, e mascates andavam apressados com bandejas que continham de tudo, de alfinetes a fitas e peras, seus gritos se perdendo naquela balbúrdia.

Nynaeve já estava tonta quando Uno a puxou para uma rua mais estreita na qual a multidão parecia menor, em comparação. Antes de segui-lo, ela parou para endireitar as roupas, que haviam se desarrumado na confusão. Ali também estava ligeiramente mais tranquilo. Nada de artistas de rua e bem menos mascates e mendigos. Estes se mantinham longe de Uno, mesmo depois de o homem ter jogado algumas moedas de cobre para um ressabiado grupo de moleques, pelo que Nynaeve não os censurava. Uno simplesmente não parecia... caridoso.

Apesar de terem apenas dois ou três andares, as edificações da cidade se avultavam sobre aquelas vias estreitas, sombreando-as. Mas o céu estava claro, faltavam algumas horas até o crepúsculo. Tempo de sobra para voltar para o espetáculo. Se tivesse de voltar. Com sorte, ao pôr do sol, todos poderiam estar tomando seus lugares em uma embarcação.

Nynaeve levou um susto quando outro shienarano se juntou a eles de repente, espada às costas e cabeça toda raspada, a não ser pelo coque. Era um homem de cabelo escuro só um pouco mais velho que ela. Sem diminuir o passo, Uno fez apresentações e explicações breves.

— Que a paz a favoreça, Nynaeve — cumprimentou Ragan, a pele escura da bochecha fazendo uma covinha em torno de uma cicatriz triangular branca. Mesmo sorrindo, ele tinha o rosto duro. Nynaeve nunca conhecera um shienarano delicado. Homens delicados não sobreviviam na Praga. Tampouco mulheres delicadas. — Eu me lembro de você. Seu cabelo era diferente, não era? Não importa. Não tema. Nós vamos levá-la em segurança até Masema e onde quer que vá depois. Só tenha o cuidado de não mencionar Tar Valon a ele. — Ninguém olhava para o trio duas vezes, mas, mesmo assim, o homem baixou a voz: — Masema acha que a Torre vai tentar controlar o Lorde Dragão.

Nynaeve balançou a cabeça. Mais um tolo para tomar conta dela. Pelo menos ele não tentou ficar puxando conversa. Com o humor que estava, Nynaeve teria rosnado mesmo para um mero comentário sobre o calor. Sentia o rosto úmido, o que não era surpresa, dado o xale que precisava usar mesmo naquele clima. De repente, lembrou-se do que o caolho dissera a respeito da opinião de Ragan sobre sua língua. Nynaeve não fez mais que olhar de soslaio para ele, mas o shienarano passou para o outro lado de Uno, como se quisesse se proteger, e encarou-a com cautela. Homens!

As ruas ficaram ainda mais estreitas, e, apesar de os prédios de pedra alinhados por ali não terem ficado menores, ela notou que aquelas ruelas davam

para os fundos dos edifícios, para muros cinzentos que escondiam pequenos jardins. Os três finalmente chegaram a uma viela cuja largura mal permitia que caminhassem lado a lado. No extremo oposto, uma carruagem laqueada e dourada estava cercada por homens de armaduras escamadas. Um pouco mais perto, a meio caminho entre Nynaev e o veículo, alguns sujeitos rondavam os dois lados da viela. Em uma miscelânea de casacos, a maior parte deles segurava clavas, lanças ou espadas tão variadas quanto as vestimentas. Podiam ser uma gangue, mas, como nenhum dos shienaranos diminuiu o passo, ela também não se deteve.

— A rua ali da frente vai estar cheia de tolos malditos torcendo para conseguir ver Masema em uma maldita janela — murmurou Uno, apenas para o ouvido de Nynaev. — O único jeito de entrar é por trás. — Ele ficou em silêncio quando os três se aproximaram o suficiente para que os homens que aguardavam conseguissem escutar.

Dois desses homens eram soldados com elmos de aço com abas e túnicas escamadas, espadas na cintura e lanças na mão, mas foram os outros que examinaram os três recém-chegados e tocaram as armas. Tinham olhos perturbadores, excessivamente determinados, quase febris. Pela primeira vez, ela teria ficado feliz de receber um bom olhar lascivo. Aqueles homens não davam a mínima se ela era uma mulher ou um cavalo.

Sem dizer uma palavra, Uno e Ragan desafivelaram as espadas embainhadas das costas e as entregaram, junto com as adagas, para um homem de rosto rechonchudo que, pelo aspecto das calças e do casaco de lã azul que usava, devia ter sido comerciante. Aquelas roupas já haviam sido boas. Estavam limpas, mas bastante usadas, além de amarrotadas, como se tivesse dormido com elas por um mês. Ele claramente reconheceu os shienaranos, e, embora tenha franzido o rosto para ela por um momento, em especial para a faca que trazia na cintura, assentiu em silêncio para um estreito portão de madeira na parede de pedra. Aquele talvez tenha sido o fato mais perturbador de todos: nenhum deles emitiu um som sequer.

Do outro lado da parede havia um pequeno pátio onde ervas daninhas brotavam entre os paralelepípedos. A alta casa de pedra — três amplos andares cinza-claros, com janelas largas e calhas e cumeeiras ornamentadas, além do teto de telhas vermelho-escuras — devia ter sido uma das melhores de Samara. Assim que o portão se fechou atrás deles, Ragan sussurrou:

— Houve tentativas de assassinar o Profeta.

Nynaev levou um momento para se dar conta de que ele estava explicando por que as armas haviam sido entregues.

— Mas vocês são amigos dele — protestou ela. — Todos vocês seguiram Rand até Falme juntos. — Não ia começar a chamá-lo de Lorde Dragão.

— É por isso que a gente ainda pode entrar — retrucou Uno, seco. — Eu falei que nós não vemos as coisas como... o Profeta vê. — A hesitação e a olhadela rápida para o portão logo atrás, para ver se alguém estava ouvindo, foram extremamente reveladoras. Antes, ele o chamara de Masema. E estava claro que Uno era um homem cujo linguajar não era amenizado com facilidade.

— Preste atenção no que diz ao menos uma vez — aconselhou Ragan —, e é provável que receba a ajuda que deseja.

Nynaeve assentiu da maneira mais agradável que qualquer pessoa poderia esperar — reconhecia bom senso sempre que o escutava, ainda que o homem não tivesse o direito de oferecê-lo —, e Ragan e Uno trocaram olhares cheios de suspeitas. Nynaeve ia enfiar aqueles dois em uma saca junto com Thom e Juilin e bater neles com a primeira coisa que visse.

A casa era bonita, mas a cozinha estava empoeirada e vazia, exceto por uma mulher magrela e grisalha com um vestido cinza sem graça e um avental branco que eram os únicos itens limpos à vista, quando os três cruzaram o local. Chupando os dentes, a velha mal tirou os olhos da chaleirinha de sopa que vinha mexendo sobre uma minúscula chama em uma das lareiras de pedra. Duas painéis bem surradas estavam penduradas em ganchos que podiam abrigar vinte delas, e uma tigela de cerâmica rachada em uma bandeja de laca azul repousava na mesa ampla.

Passando a cozinha, tapeçarias de qualidade razoável decoravam as paredes. Nynaeve desenvolvera certo conhecimento no ano anterior, e aquelas cenas de banquetes e caçadas de veados, ursos e javalis eram só boas, não excelentes. Cadeiras, mesas e baús se enfileiravam nos corredores, artigos de laca escura com camadas de vermelho e madrepérolas incrustadas. As tapeçarias e a mobília também estavam empoeiradas, e o piso com ladrilhos vermelhos e brancos só vira uma passada indiferente de vassoura. Teias de aranha ornavam os cantos e cornijas do teto alto de gesso.

Não encontraram outros serviços — ou mais ninguém — até alcançarem um sujeito magricela sentado no chão ao lado de uma porta aberta, o casaco vermelho de seda encardido grande demais para ele, além de destoar da camisa imunda e da calça de lã surrada. Uma das botas rachadas tinha um buraco bem grande na sola, e um dedo surgia através de outro buraco na outra bota. O homem levantou a mão e sussurrou:

— Que a Luz brilhe sobre vocês, e que louve o nome do Lorde Dragão? — Ele fez soar como uma pergunta, o rosto estreito e tão sujo quanto a camisa contorcido em uma careta irritada, mas então deu o mesmo tom para todo o resto: — O Profeta não pode ser perturbado agora? Está ocupado? Vocês vão ter que esperar um pouco? — Uno aquiesceu, pacientemente, e Ragan se inclinou contra a parede. Já haviam passado por aquilo antes.

Nynaevae não sabia o que esperara do Profeta, nem agora que já estava ciente de quem ele era, mas com certeza não fora sujeira. Aquela sopa tinha cheiro de repolho e batatas, bem longe do cardápio adequado para um homem que tinha uma cidade inteira a seus pés. E só dois serviçais, ambos podendo muito bem ter vindo das cabanas mais rústicas da parte externa da cidade.

O guarda esquelético, se é que era mesmo um guarda — não tinha arma, e talvez também não fosse de confiança —, não fez objeção quando Nynaevae foi até um ponto de onde conseguia enxergar porta adentro. O homem e a mulher no cômodo não podiam ser mais diferentes. Masema raspava até o coque, e seu casaco era de lã marrom bem simples, bastante amarrotado, mas limpo, ainda que as botas até os joelhos estivessem gastas. Olhos fundos transformavam sua expressão dura em uma carranca constante, e uma cicatriz formava um pálido triângulo em sua bochecha escura, quase igual à cicatriz de Ragan, apenas mais tênue por conta da idade e um fiapo mais próxima do olho. A mulher, vestida de modo elegante com seda azul bordada em ouro, estava chegando na meia-idade e era bem bonita, apesar do nariz comprido demais. Uma touca simples de redinha azul prendia o cabelo escuro que ia até a cintura, mas ela usava um enorme colar de ouro e gotas de fogo com um bracelete combinando, e anéis com gemas decoravam quase todos os dedos. Enquanto Masema parecia pronto para entrar em ação, os dentes à mostra, ela demonstrava enfado com graciosidade e discrição majestosas.

— ... tantos o seguem aonde quer que você vá — ela estava dizendo —, que qualquer sinal de ordem sai voando pelos ares quando você chega. As pessoas não estão seguras sozinhas ou em suas propriedades...

— O Lorde Dragão quebrou todos os elos da lei, todos os elos feitos por homens e mulheres mortais. — A voz de Masema era acalorada, mas de intensidade, não de raiva. — As Profecias dizem que o Lorde Dragão quebrará todas as correntes que prendem, e assim é. O brilho do Lorde Dragão nos protegerá contra a Sombra.

— Não é a Sombra a ameaça aqui, e sim ladrões, oportunistas e esmagadores de cabeças. Alguns dos que seguem você, muitos deles acham que podem pegar o que bem entenderem de quem quer que seja sem pagar ou pedir licença.

— Há justiça na eternidade, quando voltarmos a nascer. Preocupar-se com as coisas deste mundo é inútil. Mas, muito bem, se você deseja a justiça precoce — os lábios dele se curvaram de maneira desdenhosa —, então que seja a seguinte: de agora em diante, qualquer homem que roubar terá a mão direita amputada; o homem que assediar uma mulher, insultar sua honra ou cometer um assassinato será enforcado; e uma mulher que roubar ou cometer um assassinato será açoitada. Se alguém fizer uma acusação e encontrar doze pessoas que a confirmem, será feito. Que assim seja.

— Como você disser, claro — murmurou a mulher. Manteve uma expressão ativa e elegante, mas soou abalada. Nynaeve não sabia como a lei de Ghealdan funcionava, mas achava que não era tão casual assim. A mulher respirou fundo. — Ainda há o problema da comida. Está ficando difícil alimentar tanta gente.

— Todos os homens, mulheres e crianças que vieram até o Lorde Dragão precisam ter a barriga cheia. É preciso que seja assim! Onde é possível encontrar ouro também é possível encontrar comida, e há ouro demais no mundo. Muita preocupação com o ouro. — Masema balançou a cabeça furiosamente. Não com raiva dela, mas de tudo. Parecia estar à procura daqueles que se preocupavam com riquezas para poder despejar a fúria em suas cabeças. — O Lorde Dragão renasceu. A Sombra paira sobre o mundo, e só o Lorde Dragão pode nos salvar. Só a crença no Lorde Dragão, a submissão e a obediência às palavras do Lorde Dragão. Todo o resto não serve para nada, mesmo onde não há blasfêmia.

— Abençoado na Luz seja o nome do Lorde Dragão. — A frase soou como uma resposta rotineira. — Não se trata mais de uma simples questão a respeito de ouro, Milorde Profeta. Encontrar e transportar comida suficiente...

— Eu não sou lorde — interrompeu ele outra vez, agora com raiva. Inclinou-se na direção da mulher, os lábios molhados de cuspe, e, embora o rosto dela não tenha se alterado, as mãos se contraíram como se quisessem apertar o vestido. — Não existe outro lorde além do Lorde Dragão, em quem a Luz habita, e eu não passo de uma humilde voz do Lorde Dragão. Não se esqueça disso! Altos ou baixos, blasfemadores só recebem flagelos!

— Perdoe-me — murmurou a mulher repleta de joias, espalhando as saias em uma reverência própria para a corte de uma rainha. — É como você diz, claro. Não há lorde além do Lorde Dragão, e eu não passo de uma humilde seguidora do Lorde Dragão, abençoado seja seu nome, que vem para ouvir a sabedoria e a orientação do Profeta.

Masema limpou a boca com o dorso da mão, ficando frio de repente.

— Você usa ouro demais. Não permita que posses mundanas lhe seduzam. O ouro é um entulho. O Lorde Dragão é tudo.

Imediatamente, ela começou a retirar os anéis dos dedos, e, antes que o segundo deles estivesse fora, o sujeito magricela apressou-se para perto dela, puxou uma bolsinha do casaco e segurou-a para que a mulher depositasse as joias lá dentro. O bracelete e o colar também foram.

Nynaeve olhou para Uno e ergueu uma sobrancelha.

— Todas as moedas vão para os pobres — disse ele em um tom de voz baixo que mal chegou aos ouvidos dela —, ou para alguém que precisa. Se uma mercadora qualquer não tivesse dado a ele a maldita casa, ele estaria em um maldito estábulo ou em uma daquelas cabanas fora da cidade.

— Até a comida dele é dada — completou Ragan, com a mesma tranquilidade. — Costumavam trazer pratos adequados para um rei, até descobrirem que ele distribuía tudo e só ficava com um pãozinho, uma sopa ou um ensopado. Ele mal bebe vinho, ultimamente.

Nynaeve balançou a cabeça. Era uma forma de conseguir dinheiro para os pobres... Roubar alguém que *não* fosse pobre. Claro que, no fim das contas, aquilo faria com que todos fossem pobres, mas talvez desse certo por um tempo. Ela se perguntou se Uno e Ragan sabiam mesmo o que aconteceria com as joias. Pessoas que afirmavam estar coletando dinheiro para ajudar os outros costumavam ter um jeito de deixar boa parte nos próprios bolsos, ou então apreciavam o poder que distribuí-lo por aí lhes conferia, e apreciavam em excesso. Nynaeve via com melhores olhos um homem que dava espontaneamente uma moeda do próprio bolso do que o sujeito que arrancava uma coroa de ouro do bolso de outra pessoa. E gostava menos ainda de tolos que abandonavam suas fazendas e lojas para seguir este... este *Profeta*, e sem ter nenhuma ideia de onde viria a próxima refeição.

Dentro do aposento, a mulher dirigiu a Masema uma reverência ainda mais respeitosa que a anterior, espalhando as saias e curvando a cabeça.

— Até que eu tenha a honra de ouvir de novo as palavras e o aconselhamento do Profeta. Que o nome do Lorde Dragão seja abençoado na Luz.

Masema acenou para ela de modo ausente, já distraído. Havia visto os três no corredor e estava olhando para eles com o máximo de prazer que seu rosto austero permitia. Não era grande coisa. A mulher foi embora sem parecer notar Nynaeve ou os dois homens. Nynaeve fungou quando o sujeito magricela de casaco vermelho acenou ansiosamente para que eles entrassem. Para alguém que acabara de ser obrigada a abrir mão de suas joias, a mulher conseguia exibir um belo ar majestoso.

O homem magrelo voltou à toda para seu lugar junto da porta enquanto os outros três homens apertavam as mãos à moda das Terras da Fronteira, segurando os antebraços.

— Que a paz favoreça a sua espada — saudou Uno, seguido por Ragan.

— Que a paz favoreça o Lorde Dragão — respondeu o homem —, e que a Luz dele nos ilumine a todos. — Nynaeve arquejou. Não havia dúvida do significado daquilo: o *Lorde Dragão* era a fonte da Luz. E ele tinha coragem de falar da blasfêmia dos outros! — Decidiram finalmente vir à Luz?

— Nós andamos na Luz — retrucou Ragan, cauteloso. — Como sempre. — Uno se manteve calado, o rosto inexpressivo.

Um ar de paciência desgastada dava um aspecto estranho às feições amargas de Masema.

— Não há outro caminho para a Luz que não através do Lorde Dragão. No fim, vocês vão ver o caminho e a verdade, pois já viram o Lorde Dragão, e só aqueles cujas almas estão engolidas pela Sombra é que podem ver e não acreditar. Vocês não são desse tipo. Vão acreditar.

Apesar do calor e do xale de lã, os braços de Nynaeve ficaram arrepiados. O homem falava com plena convicção, e, assim de perto, ela enxergava naqueles olhos negros um lampejo que beirava a loucura. Ele a varreu com os olhos, e seus joelhos se enrijeceram. O homem fazia o Manto-branco mais raivoso que já vira parecer meigo. Aqueles sujeitos na viela não passavam de uma débil imitação do mestre.

— Você, mulher. Está pronta para vir para a Luz do Lorde Dragão e abandonar o pecado e a carne?

— Eu caminho na Luz o melhor que posso. — Nynaeve se irritou ao se vir falando com tanta cautela quanto Ragan. Pecado? Quem ele pensava que era?

— Você está preocupada demais com a carne. — O olhar de Masema era fulminante ao percorrer o vestido vermelho e o xale enrolado bem apertado em torno do corpo.

— E o que você quer dizer com isso? — Os olhos de Uno se arregalaram de surpresa, e Ragan gesticulou discretamente para ela se calar, mas a chance de Nynaeve parar era a mesma de sair voando. — Acha que tem direito de dizer como eu devo me vestir? — Antes que se desse conta do que estava fazendo, já havia desamarrado o xale e o enrolado nos cotovelos. Estava calor demais, de qualquer jeito. — Homem *nenhum* tem esse direito, nem sobre mim e nem sobre qualquer outra mulher! Se eu decidisse sair *nua*, isso não seria da sua conta!

Masema contemplou o busto de Nynaeve por um momento — nenhum quê de admiração se acendeu em seus olhos profundos, apenas um desdém ácido —, e então levantou o olhar para o rosto. O olho verdadeiro e o olho pintado de Uno estavam combinando à perfeição, uma careta reprovadora, e Ragan se encolheu, por certo resmungando sozinho em seus pensamentos.

Nynaeve engoliu em seco. Não prestou muita atenção no que disse, afinal. Talvez, pela primeira vez na vida, estava realmente arrependida por ter falado sem pensar. Se aquele homem era capaz de ordenar que mãos fossem amputadas e pessoas, enforcadas, e só com um julgamento superficial, o que mais não faria? Ela achava que estava com raiva suficiente para canalizar.

Mas, se canalizasse... Se Moghedien ou qualquer uma das irmãs Negras estivesse em Samara... *Mas se eu não canalizar...!* Queria muito tornar a enrolar o xale em volta do corpo, até o queixo. Mas não com ele encarando-a. Alguma coisa no fundo da mente lhe gritava que não agisse como uma completa cabeça oca — só os homens deixavam o orgulho se sobrepor ao bom senso —, mas Nynaeve devolveu o olhar de Masema, mesmo que tenha tido que ficar atenta para não voltar a engolir em seco.

Ele franziu os lábios.

— Estas roupas só são usadas para incitar os homens, e por nenhum outro motivo. — Ela não entendia como a voz dele podia ser tão fervorosa e tão gélida ao mesmo tempo. — Pensar na carne distrai a mente do Lorde Dragão e da Luz. Já considerei banir vestidos que distraiam os olhos e a mente dos homens. Mas deixe que essas mulheres que perdem tempo atraindo homens e os homens que perseguem mulheres sejam flagelados até se darem conta de que é só na perfeita contemplação do Lorde Dragão e da Luz que a alegria pode ser encontrada. — Ele já não olhava mais para ela. Aquele olhar sombrio e ardente a atravessava, buscando algo distante. — Deixe que as tavernas, os estabelecimentos que vendem bebidas fortes e todos os lugares que tiram a mente das pessoas dessa perfeita contemplação fecharem e queimarem até serem destruídos. Frequentei lugares assim nos meus dias de pecado, mas agora me arrependo de coração, assim como todos deveriam se arrepender de suas transgressões. Só há o Lorde Dragão e a Luz! Todo o resto é uma ilusão, uma cilada armada pela Sombra!

— Esta é Nynaeve al'Meara — afirmou Uno, mais do que depressa, na primeira pausa que o homem fez para respirar. — De Campo de Emond, em Dois Rios, de onde vem o Lorde Dragão. — A cabeça de Masema se virou devagar para o caolho, e ela aproveitou a oportunidade para rearrumar depressa o xale. — Ela estava em Fal Dara com o Lorde Dragão, e em Falme. O Lorde Dragão resgatou-a em Falme. O Lorde Dragão a tem como uma mãe.

Nynaeve quis lhe dizer mais alguns impropérios, e talvez acrescentar uma boa bofetada na orelha. Rand *não* a resgatara — ou não exatamente, enfim — e ela era só alguns poucos anos mais velha que ele. Como uma mãe!

Masema voltou a se virar para ela. A luz zelosa que antes ardera em seus olhos não era nada comparada com a de agora. Eles quase brilhavam.

— Nynaeve. Sim. — A voz dele se acelerou. — Sim! Eu me lembro do seu nome e do seu rosto. Abençoada seja você entre as mulheres, Nynaeve al'Meara, mais que nenhuma outra, exceto a própria abençoada mãe do Lorde Dragão, já que você viu o Lorde Dragão crescer. Você cuidou do Lorde Dragão criança. — Ele a agarrou pelos braços, os dedos firmes apertando-a dolorosamente, mas o homem parecia não se dar conta. — Você vai falar para as multidões sobre a infância do Lorde Dragão, sobre suas primeiras palavras sábias, sobre os milagres que o acompanharam. A Luz a enviou aqui para servir ao Lorde Dragão.

Ela não sabia ao certo o que dizer. Nunca houvera milagres em torno de Rand que *ela* tivesse visto. *Ouvira* falar de algumas coisas em Tear, mas não se podia chamar o que um *ta'veren* causava de milagres. Não mesmo. Até o que acontecera em Falme tinha uma explicação racional. Mais ou menos. E, quanto a palavras sábias, as primeiras que ouvira dele fora uma promessa fervorosa de

nunca mais atirar pedras em ninguém, feita depois que ela dera umas palmadas em seu jovem traseiro por conta da transgressão. Não achava que, desde então, tivesse ouvido alguma outra palavra que chamaria de sábia. De todo modo, se Rand tivesse dado conselhos sábios desde o berço, mesmo que cometas tivessem surgido à noite e espíritos no céu de dia, ela não teria permanecido na companhia daquele maluco.

— Preciso viajar rio abaixo — informou, hesitante. — Para me juntar a ele. Ao Lorde Dragão. — O nome deixou um gosto amargo em sua língua, pronunciado cedo demais depois de ela prometer a si mesma que não o chamaria assim. Mas parecia que Rand nunca era tratado por algo tão simples quanto um mero “ele” pelo Profeta. *Só estou sendo sensata. Só isso.* “Um homem é um carvalho; uma mulher, um salgueiro”, dizia o ditado. O carvalho lutava contra o vento e se quebrava, enquanto o salgueiro se curvava quando precisava e sobrevivia. Não significava que ela gostava de se curvar. — Ele... o Lorde Dragão... está em Tear. O Lorde Dragão me convocou a ir até lá.

— Tear. — Masema a soltou, e Nynaeve, discretamente, esfregou os braços. Mas nem precisava ter sido discreta. O homem tinha voltado a olhar para algo fora do alcance da vista. — Sim, ouvi falar. — Também falava para algo fora do alcance da vista, ou para si mesmo. — Quando Amadícia aderir ao Lorde Dragão, como fez Ghealdan, vou conduzir as pessoas a Tear para que se regozijem no esplendor do Lorde Dragão. Enviarei discípulos para espalhar a palavra do Lorde Dragão por Tarabon e Arad Doman até Saldaea, Kandor e as Terras da Fronteira, até Andor, e vou conduzir as pessoas para se ajoelhar aos pés do Lorde Dragão.

— Um plano sábio... hã... ó Profeta do Lorde Dragão. — Um plano dos mais tolos, isso sim. O que não queria dizer que não fosse funcionar. Por algum motivo, os planos tolos dos homens costumavam dar certo. Rand poderia até gostar de ter toda aquela gente se ajoelhando, caso tivesse metade da arrogância que Egwene afirmava. — Mas nós... eu não posso esperar. Fui convocada, e, quando o Lorde Dragão convoca, meros mortais devem obedecer. — Ainda ia dar uma bofetada na orelha de Rand por ter sido obrigada a dizer aquilo! — Tenho que encontrar um barco que esteja para descer o rio.

Masema encarou-a por tanto tempo que ela começou a ficar nervosa. O suor lhe escorria pelas costas e entre os seios, e só em parte por causa do calor. Aquele olhar teria feito até Moghedien suar.

Por fim, o homem assentiu, o fanatismo ardente desaparecendo para dar lugar apenas à carranca sorumbática.

— Sim. — Ele suspirou. — Se você foi convocada, deve ir. Vá com a Luz, e na Luz. Vista-se de maneira mais apropriada, pois os que já estiveram perto do Lorde Dragão precisam ser mais virtuosos que todos os demais, e medite sobre o Lorde Dragão e a Luz.

— E um barco? — insistiu Nynaeve. — Você deve ficar sabendo sempre que um barco chega em Samara ou em qualquer vilarejo ao longo do rio. Se me disser onde posso encontrar um, tornaria minha jornada muito mais... rápida. — Ela ia dizer “mais fácil”, mas achou que Masema não se importaria muito com facilidades.

— Eu não me preocupo com esse tipo de coisa — retrucou ele, mal-humorado. — Mas você tem razão. Quando o Lorde Dragão ordena, é preciso ser pontual. Vou perguntar. Se uma embarcação for localizada, alguém vai acabar me informando. — Os olhos dele pularam para os dois outros homens. — Vocês devem garantir que ela fique em segurança até lá. Caso insista em se vestir desta maneira, vai atrair homens de pensamentos vis. Ela precisa ser protegida, feito uma criança desobediente, até que possa reencontrar o Lorde Dragão.

Nynaeve se segurou para não dizer nada. Um salgueiro, não um carvalho, quando era preciso ser um salgueiro. Conseguiu mascarar a irritação com um sorriso tão grato quanto aquele idiota esperava. Um idiota perigoso, no entanto. Ela precisava se lembrar disso.

Uno e Ragan se despediram depressa com mais apertos de antebraço e levaram-na embora às pressas, um segurando em cada braço, como se achassem que era necessário afastá-la rápido de Masema, por algum motivo. O homem parecia já ter se esquecido dos três antes mesmo que chegassem à porta; estava franzindo o rosto para o sujeito magricela, que esperava ao lado de um camarada rústico trajando um casaco de fazendeiro e amassando a boina com as mãos robustas, com uma expressão admirada no rosto largo.

Nynaeve não disse nenhuma palavra enquanto refaziam os passos pela cozinha, onde a mulher de cabelo grisalho mexia a sopa como se não tivesse se movido durante aquele ínterim. Permaneceu de bico calado enquanto os homens recuperavam as armas, mantendo-se em silêncio até já estarem caminhando pela viela e depois em algo cuja largura se aproximava da de uma rua. Então, partiu para cima dos dois, sacudindo o dedo diante do nariz de cada um alternadamente.

— Como ousam me *arrastar* para fora daquele jeito? — As pessoas que passavam abriam sorrisos, os homens com pesar, e as mulheres com aprovação, embora ninguém tivesse a mínima ideia do motivo da briga. — Mais cinco minutos e eu teria obrigado aquele homem a encontrar um barco hoje mesmo! Se vocês tornarem a encostar as mãos em mim...! — Uno bufou tão alto que ela se interrompeu com o susto.

— Mais cinco malditos minutos e Masema é que teria posto as malditas mãos em *você*. Ou teria dito que alguém deveria fazer isso, e então algum chamejado teria feito! Quando ele diz que alguma coisa deve ser feita, sempre tem cinquenta mãos, ou cem, ou mil, se for preciso, para obedecer!

Ele saiu andando a passos largos, Ragan ao lado, e ela precisou acompanhar, ou ficaria para trás. Uno seguiu em frente como se soubesse que ela viria. Nynaeve quase foi na direção oposta só para provar que ele estava enganado. Segui-lo não tinha nada a ver com qualquer medo de se perder naquele ninho de rato em forma de ruas. Ela teria sido capaz de encontrar a saída. Em algum momento.

— Ele ordenou que um Lorde do Alto Conselho da Coroa fosse chicoteado... chicoteado!... e por ter só metade da insolência que você tinha na voz — rosnou o caolho. — Desacato à palavra do Lorde Dragão, segundo ele. Paz! Questionar que direito ele tinha de comentar das suas roupas! Por alguns minutos, você até se saiu bastante bem, mas eu vi a sua cara no final. Estava pronta para partir de novo para o ataque. A única coisa pior que poderia ter feito seria dizer o maldito nome do Lorde Dragão. Ele diz que é blasfêmia. Assim como dizer o nome do desgraçado do Tenebroso.

O coque de Ragan balançava conforme ele assentia.

— Lembra a Lady Baelome, Uno? Logo depois que os primeiros boatos chegaram de Tear citando o nome do Lorde Dragão, Nynaeve, ela disse algo sobre “esse tal de Rand al’Thor” em uma audiência com Masema, e ele mandou trazer um machado e um cepo sem nem hesitar.

— Ele mandou decapitar uma pessoa só por *isso*? — questionou ela, incrédula.

— Não — resmungou Uno com desgosto. — Mas só porque a maldita rastejou quando percebeu que o desgraçado estava falando sério. Ela foi carregada para fora e pendurada pelos pulsos na traseira da própria carruagem, e então arrastada por toda a maldita extensão do vilarejo onde estávamos. Os próprios empregados dela, aquele bando de chamejados, ficaram parados feito um monte de fazendeiros covardes e só assistiram.

— Quando acabou — acrescentou Ragan —, ela agradeceu Masema por sua misericórdia, como Lorde Aleshin fez. — O tom de voz do homem era afiado demais para o gosto dela. Ele estava dando uma lição de moral e pretendia que Nynaeve aprendesse. — Eles tinham motivo, Nynaeve. Suas cabeças não teriam sido as primeiras que Masema colocou em uma estaca. A sua poderia ter sido a mais recente. E as nossas iriam junto, se tentássemos oferecer ajuda. Masema não tem favoritos.

Ela respirou fundo. Como Masema podia ter todo esse poder? E não só entre seus seguidores, pelo visto. Mas, por outro lado, lordes ou ladies podiam ser tão tolos quanto qualquer fazendeiro. Grande parte deles era até mais, na opinião dela. Aquela idiota cheia de anéis certamente era uma lady. Mercador algum jamais usaria gotas de fogo. Contudo, Ghealdan com certeza tinha leis, tribunais e juizes. Onde estava a rainha, ou o rei? Nynaeve não lembrava qual dos dois Ghealdan possuía. Ninguém em Dois Rios tinha muito contato com reis ou

rainhas, mas era para isso que eles serviam, eles e seus lordes e ladies: fazer com que a justiça fosse razoavelmente cumprida. Mas o que Masema fazia ali não era da conta dela. Nynaeve tinha problemas mais importantes com que se preocupar do que um bando de imbecis que permitiam que um louco os dominasse.

Ainda assim, a curiosidade a fez falar.

— Ele falou sério ao dizer aquilo de tentar fazer com que homens e mulheres parem de se olhar? O que ele acha que vai acontecer se não houver casamentos, não houver filhos? Depois vai fazer as pessoas pararem de cultivar, tecer, ou fabricar sapatos, para que possam pensar em Rand al'Thor? — Ela mencionou o nome de forma deliberada. Aqueles dois andavam por aí chamando-o de “Lorde Dragão” quase tanto quanto Masema. — Vou dizer uma coisa para vocês: se ele tentar ficar dizendo para as mulheres como devem se vestir, *vai* arrumar um tumulto. Contra ele.

Samara devia ter algo parecido com um Círculo das Mulheres. A maioria dos lugares tinha, mesmo que o chamassem de outro nome, mesmo que não fosse um tipo de arranjo formal. Havia certas coisas das quais os homens simplesmente não podiam cuidar. Claro que elas repreendiam mulheres por usarem roupas inapropriadas, mas não era o mesmo que meter o bedelho no assunto. As mulheres não se metiam em assuntos dos homens, pelo menos não mais que o necessário, e os homens não deveriam se meter em questões femininas.

— E não acho que os homens vão reagir muito diferente caso ele tente fechar tavernas e coisas do tipo. Nunca conheci um homem que não choraria até dormir se não pudesse enfiar o nariz em uma caneca, de vez em quando.

— Talvez ele faça — ponderou Ragan —, talvez não. Às vezes ele dá ordens e às vezes se esquece, ou só deixa para lá, porque alguma coisa mais importante acaba surgindo. Você ficaria surpresa — acrescentou ele, seco — com o que os seguidores de Masema são capazes de aceitar sem reclamar.

Ele e Uno a flanqueavam, Nynaeve percebeu, e observavam com cautela o povo na rua. Até para ela, os dois pareciam prontos para sacar as espadas em um piscar de olhos. Se de fato estivessem pensando em levar a cabo as instruções de Masema, seria melhor repensarem.

— Ele não é contra o casamento — rosnou Uno, encarando com tanta firmeza um mascate que carregava tortas de carne em uma bandeja que o homem se virou e saiu correndo sem nem pegar as moedas de duas mulheres que tinham comprado tortas. — Você tem sorte de ele não ter lembrado que você não tem marido, ou poderia ter lhe enviado para o Lorde Dragão já com um. Ele às vezes seleciona trezentos ou quatrocentos homens solteiros e a mesma quantidade de mulheres e casa todos os malditos. A maioria não se conhece nem de vista antes do tal dia. Se esses rola-bosta da tripa mole não dão um maldito pio

a respeito disso, você acha que eles vão abrir as malditas bocas para reclamar de cerveja?

Ragan resmungou alguma coisa para si mesmo, mas Nynaeve compreendeu o suficiente para estreitar os olhos. “Tem homem que não sabe a maldita sorte que *tem*”, foi o que disse. O homem nem percebeu o olhar fuzilante dela. Estava ocupado demais examinando a rua, vigiando alguém que poderia tentar roubá-la que nem um porco em uma saca. Nynaeve estava meio tentada a tirar o xale e jogá-lo fora. Ele também pareceu não ouvi-la bufar. Os homens tinham a capacidade de ser insuportavelmente cegos e surdos quando queriam.

— Pelo menos ele não tentou roubar minhas joias. Quem era aquela tola que deu para ele todas as joias dela? — Nynaeve não tinha certeza se a mulher havia se tornado uma das seguidoras de Masema.

— Aquela — respondeu Uno — era Alliandre, Abençoada da Luz, Rainha da Ghealdan. E mais uma dúzia de outros títulos, desses que vocês, sulistas, gostam de acumular.

Nynaeve tropeçou em um paralelepípedo e quase caiu.

— Então é assim que ele faz — exclamou, afastando as mãos dos dois, que tentavam ajudá-la. — Se a *rainha* é tola o bastante para dar ouvidos a ele, não me surpreende Masema conseguir fazer o que bem entende.

— Nada de tola — retrucou Uno, olhando-a com seriedade antes de voltar a observar a rua. — É uma mulher sábia. Quando você se vê se em um maldito cavalo selvagem, cavalga o maldito bicho do que jeito que dá, e nem precisa ser um prodígio de inteligência para fazer isso. Você acha que ela é uma tola só porque Masema pegou os anéis dela? Ela na verdade é esperta, porque sabe que Masema poderia exigir mais, se ela parasse de usar joias quando fosse falar com ele. Na primeira vez, ele a procurou, e desde então tem sido o contrário. Ele foi logo tirando os anéis dos dedos da chamejada. A mulher tinha cordões com pérolas no cabelo, e ele arrebentou os fios quando puxou. Todas as damas dela ficaram de joelhos, recolhendo os malditos objetos do chão. A própria Alliandre até chegou a pegar alguns.

— Isso não me soa tão sábio — disse ela, resoluta. — Soa como covardia. — *De quem eram os joelhos que estavam tremendo só com um olhar dele?*, perguntou uma voz na cabeça de Nynaeve. *Quem estava suando em bicas?* Pelo menos ela conseguira confrontá-lo. *Confrontei. Curvar-se feito um salgueiro não é a mesma coisa que se acuar feito um rato.* — Ela é a rainha, ou não?

Os dois homens se entreolharam daquele jeito irritante, e Ragan respondeu, tranquilo:

— Você não entende, Nynaeve. Alliandre é a quarta a se sentar no Trono Abençoado Pela Luz desde que chegamos a Ghealdan, o que não chega nem a meio ano. Johanin usava a coroa quando Masema começou a atrair algumas multidões, mas ele achou que Masema fosse um maluco inofensivo e não fez

nada nem quando as multidões se avolumaram e os próprios nobres dele alertaram que ele devia dar um fim àquilo. Johanin morreu em um acidente em uma caçada...

— Acidente em uma caçada?! — interrompeu Uno, sorrindo com desdém. Um mascate que estava olhando por acaso para ele deixou cair a bandeja com alfinetes e agulhas. — Só se ele não soubesse diferenciar a maldita ponta de uma lança javalis do cabo. Esses malditos desses sulistas e esse maldito Jogo das Casas!

— E Ellizelle o sucedeu — retomou Ragan. — Ela mandou o exército dispersar as multidões, até que finalmente aconteceu uma batalha, e foi o exército que bateu em retirada.

— Uns soldadinhos de merda — resmungou Uno. Nynaeve teria que falar com ele de novo sobre aquele linguajar.

Ragan assentiu, mas continuou:

— Dizem que Ellizelle tomou veneno depois disso, mas, não importa como morreu, foi substituída por Teresia. Teresia durou só dez dias, até mandar dois mil soldados contra as dez mil pessoas que tinham se reunido na parte externa de Jehannah para ouvir Masema. Depois que os soldados foram derrotados, ela abdicou para se casar com um mercador rico. — Nynaeve o encarou, incrédula, e Uno bufou. — Isso é o que dizem. Claro que, nesta terra, casar-se com um plebeu significa abrir mão para sempre de qualquer reivindicação ao trono, e mesmo que Beron Goraed goste de ter uma esposa jovem e bela com sangue real, ouço por aí que ele foi arrastado da cama por um grupo de vinte empregados de Alliandre e levado ao Palácio Jheda para um casamento nas primeiras horas da manhã. Teresia foi embora para viver na nova propriedade rural do marido enquanto Alliandre estava sendo coroada, tudo antes do nascer do sol, e a nova rainha convocou Masema ao palácio para lhe dizer que ele não seria mais importunado. Em duas semanas, era *ela* que estava indo até *ele*. Não sei se acredita de fato no que ele prega, mas sei que ela assumiu o trono de uma terra à beira de uma guerra civil, com Mantos-brancos prontos para invadir, e interrompeu o processo da única maneira que pôde. É uma rainha sábia, e um homem poderia se orgulhar de servi-la, ainda que ela seja uma sulista.

Nynaeve abriu a boca, mas se esqueceu do que ia dizer quando Uno se adiantou, em tom casual:

— Tem um chamejado de um Manto-branco nos seguindo. Não olhe para os lados, mulher. Você tem mais maldito juízo que isso.

O pescoço dela se enrijeceu pelo esforço de manter os olhos voltados para a frente. Sentiu um formigamento subindo pelas costas.

— Vire na próxima rua, Uno.

— Isso vai nos afastar das ruas principais e dos malditos portões. Podemos perder o desgraçado no meio das multidões.

— Vire! — Ela inspirou devagar, o que deixou sua voz menos esganiçada. — Preciso dar uma olhada nele.

Uno encarava a todos com tanta fúria que as pessoas abriram caminho por umas dez passadas à frente, mas eles viraram na ruela seguinte. Nynaeve virou um pouco a cabeça na hora em que dobraram, o suficiente para espreitar com o canto do olho antes que o muro de uma pequena taverna de pedra bloqueasse a visão. O manto cor de neve com o sol flamejante se destacava em meio à parca multidão. Não havia como confundir aquele rosto bonito, o rosto que ela tivera certeza de que veria. Nenhum Manto-branco que não fosse Galad teria motivo para segui-la, e nenhum outro teria motivo para seguir Uno ou Ragan.





O QUE A RODA TECER

Assim que Galad sumiu de vista, os olhos de Nynaeve percorreram a rua à frente. Estava furiosa, tanto consigo mesma quanto com Galadedrid Damodred. *Nynaeve, sua cabeça de vento imbecil!* Era uma via estreita como todas as demais, pavimentada com pedras redondas, ladeada por fileiras de casas, tavernas e lojas cinzentas, e com a movimentação menos intensa do período da tarde. *Se você não tivesse vindo até a cidade, ele nunca a teria encontrado!* Não havia gente suficiente para escondê-la. *Você tinha que se encontrar com o Profeta! Só você para acreditar que o Profeta lhe ajudaria a sumir daqui antes que Moghedien aparecesse! Quando vai aprender que não pode depender de ninguém, só de si mesma?* Em um instante, fez sua escolha. Quando Galad virasse aquela esquina e não os visse, começaria a procurar em lojas e talvez em tavernas.

— Por aqui. — Segurando as saias, ela disparou em direção à viela mais próxima e pressionou as costas contra a parede.

Ninguém prestou atenção nela, mesmo com aquele comportamento suspeito, e o que isso dizia sobre o povo de Samara era algo que não queria nem considerar. Uno e Ragan estavam ao seu lado antes mesmo que terminasse de se acomodar, empurrando-a ainda mais para dentro da viela empoeirada, para trás de um balde lascado e de um barril coletor de água da chuva tão seco que estava a ponto de ruir sob os próprios aros. Pelo menos os dois estavam fazendo o que ela queria. De certa maneira. Com as mãos tensas nos longos punhos das espadas embainhadas despontando acima dos ombros, eles estavam prontos para protegê-

la, desejasse ela ou não. *Deixe os homens, sua tola! Acha que consegue se proteger sozinha?*

Nynaeve decerto estava com raiva suficiente. Galad, dentre todas aquelas pessoas! Nunca deveria ter saído de perto do conjunto! Um capricho bobo, e que poderia pôr tudo a perder. Não podia canalizar ali, tanto quanto não pudera contra Masema. A simples possibilidade de que Moghedien ou as irmãs Negras estivessem em Samara a tornava dependente da proteção dos dois homens. E isso era o bastante para deixá-la com ainda mais raiva. Nynaeve poderia ter aberto um buraco na parede atrás de si a dentadas. Sabia por que as Aes Sedai tinham Guardiões — menos as Vermelhas. Racionalmente, ela sabia. Mas sua alma só queria rosnar.

Galad apareceu, abrindo caminho devagar pelo meio do povo nas ruas, os olhos varrendo a multidão esparsa. Ele deveria ter seguido em frente — deveria —, mas, quase de imediato, seu olhar parou na viela. Neles. Não teve nem a elegância de parecer contente ou surpreso.

Uno e Ragan se moveram em sincronia quando Galad foi na direção da viela. O caolho desembainhou a espada em um piscar de olhos, e Ragan foi um pouco mais lento por ter de fazer uma pausa para empurrar Nynaeve mais para dentro da passagem estreita. Os dois se posicionaram um atrás do outro. Se Galad passasse por Uno, ainda precisaria enfrentar Ragan.

Nynaeve rangeu os dentes. Poderia tornar todas aquelas espadas desnecessárias, inúteis. Conseguia sentir a Fonte Verdadeira feito uma luz invisível acima de seus ombros, esperando ser agarrada. Poderia. Se ousasse.

Galad parou na boca da viela, o manto jogado para trás, uma das mãos repousando serenamente no punho da espada, gracioso e pronto para o ataque. Não fosse pela armadura escovada, poderia estar num baile.

— Não quero matar nenhum de vocês dois, shienarano — disse calmamente para Uno.

Nynaeve ouvira Elayne e Gawyn falarem a respeito das habilidades de Galad com a espada, mas aquela era a primeira vez que pensava que ele de fato podia ser tão bom quanto diziam. Pelo menos *ele* achava que era. Dois soldados experientes com as lâminas à mostra, e ele os encarava como um cão de caça encararia um par de cães de menor porte; sem procurar briga, mas com absoluta confiança de que era capaz de dar conta dos dois. Sem jamais afastar o olhar dos homens, Galad dirigiu-se a ela:

— Outra pessoa teria ido para uma loja ou uma estalagem, mas você nunca faz o esperado. Vai me deixar falar com você? Não há necessidade de me obrigar a matar estes dois.

Nenhum dos pedestres estava parando, mas, mesmo com três homens lhe bloqueando a visão, Nynaeve enxergava cabeças se virando para dar uma olhadela no que teria atraído o Manto-branco. E para simplesmente admirar as

espadas. Boatos estariam brotando em todas aquelas cabeças e alçando voo com uma velocidade que faria um falcão parecer lento.

— Deixem o homem passar — ordenou Nynaeve.

Ao ver que Uno e Ragan nem se mexeram, repetiu a ordem com ainda mais firmeza. Foi então que, hesitantes, ambos se afastaram para o lado, tanto quanto a viela estreita permitia. E, ainda que nenhum deles tenha dito uma só palavra, havia entre os homens um quê de reclamação. Galad se aproximou tranquilamente, parecendo esquecer os shienaranos. Nynaeve suspeitava que acreditar naquilo seria um erro. Os homens de coque claramente não acreditavam.

Exceto por um dos Abandonados, Nynaeve não imaginava que homem gostaria menos de ter à sua frente no momento, mas, com aquele rosto diante dela, estava conscientíssima da própria respiração, da própria pulsação. Era ridículo. Por que aquele sujeito não podia ser feio? Ou ao menos comum.

— Você sabia que eu sabia que você estava nos seguindo. — O tom de acusação foi intenso, embora ela não tivesse certeza do que o estava acusando. De não fazer o que ela esperara e desejara, imaginou, com pesar.

— Presumi isso assim que a reconheci, Nynaeve. Lembro que você geralmente enxerga mais do que demonstra.

Ela não permitiria que o homem a distraísse com elogios. Bastava ver no que aquilo dera com Valan Luca.

— O que você está fazendo em Ghealdan? Achei que estivesse a caminho de Altara.

Por um momento, ele a encarou com aqueles belos olhos escuros, e então, de repente, gargalhou.

— No mundo inteiro, Nynaeve, só você me faria a pergunta que eu deveria estar lhe fazendo. Muito bem, eu vou responder, ainda que devesse ser o contrário. Eu de fato tinha ordens para ir a Salidar, em Altara, mas tudo mudou quando este tal de Profeta... Qual é o problema? Está passando mal?

Nynaeve se forçou a suavizar a expressão.

— Claro que não — respondeu, irritada. — Minha saúde está ótima, muitíssimo obrigada.

Salidar! Claro! Aquele nome foi como um dos malabares de fogo de Aludra explodindo em sua mente. Quebrara tanto a cabeça, e Galad lhe entrega por acaso o que ela não dera conta de desencavar sozinha. Se ao menos Masema conseguisse encontrar logo um barco... Se ao menos ela pudesse ter certeza de que Galad não lhes trairia... Sem permitir que Uno e Ragan o matassem, claro. Apesar do que Elayne dizia, Nynaeve não achava que a garota gostaria de ver o irmão morto. E havia pouca chance de que ele acreditasse que Elayne não estava com ela.

— Estou apenas surpresa por encontrá-lo aqui.

— Não é uma surpresa tão grande quanto a que eu tive quando soube que vocês tinham dado um jeito de ir embora de Sienda. — A severidade distorcia um pouco aquele rosto bonito, mas o tom de voz compensava. Em certo nível. Galad poderia estar dando um sermão em uma garotinha que saíra escondida de casa depois do horário de dormir só para subir em uma árvore. — Eu quase morri de preocupação. O que deu em vocês, sob a Luz? Fazem ideia do risco que correram? E vir para cá, ainda por cima. Elayne sempre escolhe encilhar um cavalo quando ele já está galopando, se puder, mas eu achei que você, pelo menos, tinha mais juízo. Este tal de Profeta... — Ele se interrompeu e encarou os dois homens. Uno cravara a ponta da espada no chão, as mãos cheias de cicatrizes entrelaçadas sobre o pomo. Ragan parecia estar única e exclusivamente inspecionando o fio da lâmina.

— Eu ouvi boatos — prosseguiu Galad, devagar — de que ele é shienarano. Não é possível você ter sido tão cabeça oca a ponto de se misturar com ele. — Havia questionamentos demais naquelas palavras, para o gosto de Nynaeve.

— Nenhum deles é o Profeta, Galad — retrucou ela com ironia. — Já conheço os dois há algum tempo, posso lhe garantir. Uno, Ragan, a menos que vocês pretendam cortar as unhas dos pés, guardem estes troços. E então? — Os homens hesitaram, Uno resmungando sozinho e cravando os olhos nela, mas, por fim, acabaram obedecendo. Homens costumavam reagir a uma voz firme. A maioria. Algumas vezes.

— Não pensei que fossem, Nynaeve. — O tom de voz de Galad, ainda mais seco que o dela, a deixou arrepiada, mas, quando prosseguiu, seu ar parecia mais de irritação que de superioridade. E de preocupação. O que a deixou ainda mais arrepiada, claro. *Ela* lhe causava palpitações, e *ele* tinha a coragem de ficar preocupado. — Não sei no que você e Elayne se meteram aqui, e nem quero saber, desde que eu consiga tirar vocês duas deste lugar antes que se machuquem. O comércio no rio está devagar, mas um barco apropriado, de qualquer tipo, deve chegar nos próximos dias. Trate de me dizer onde posso encontrar vocês, e eu garanto a viagem até algum ponto de Altara. De lá, vocês vão poder seguir caminho até Caemlyn.

Ela ficou boquiaberta a contragosto.

— Você pretende encontrar um navio para nós?

— É tudo o que eu posso fazer no momento. — Seu tom era de quem pedia desculpas. Então, sacudiu a cabeça, se autocensurando. — Não tenho como escoltá-las até estarem seguras. Minha obrigação é ficar aqui.

— Não queremos afastá-lo das suas obrigações — respondeu ela, meio ofegante. Se ele quisesse interpretar mal, que fosse. O melhor que ela torcera para acontecer era que ele as deixasse em paz.

Galad achou que precisava se defender.

— Mandar vocês para lá sozinhas não é nada seguro, mas uma embarcação vai levá-las embora antes que um conflito exploda na fronteira. E isso vai acontecer, mais cedo ou mais tarde. Basta uma centelha, e com certeza o Profeta vai acendê-la, caso ninguém mais o faça. Vocês precisam dar um jeito de ir até Caemlyn, você e Elayne. Só peço que me prometam que irão para lá. A Torre não é lugar para nenhuma das duas. Nem para... — Galad trincou os dentes, mas poderia muito bem ter citado o nome de Egwene.

Mal não faria se Galad também estivesse em busca de um barco. Se Masema se esquecia de fechar ou não tavernas, também poderia se esquecer de mandar alguém encontrar um barco. Sobretudo se achasse que um conveniente rompante de esquecimento pudesse manter Nynaeve por perto para levar adiante seus próprios planos. Mal não fazia... caso pudesse confiar em Galad. Se não, precisaria torcer para que ele não fosse tão bom com a espada quanto achava que era. Era um pensamento desagradável, mas não tanto quanto o que poderia acontecer, e aconteceria, caso o homem se provasse um traidor.

— Eu sou o que sou, Galad, e o mesmo vale para Elayne. — Ser cuidadosa com Masema deixara um gosto ruim na boca de Nynaeve. Um pouco de esquiva à moda da Torre Branca era o máximo que podia fazer. — E agora você é o que é. — Ela ergueu as sobranceiras indicando o manto branco dele. — Eles odeiam a Torre e odeiam mulheres que sabem canalizar. Agora que é um deles, por que eu não deveria pensar que vai haver cinquenta iguais a você atrás de mim daqui a menos de uma hora, tentando enfiar uma flecha nas minhas costas caso não consigam me arrastar para uma cela? Arrastar a mim e a Elayne também.

Irritado, Galad sacudiu a cabeça. Ou talvez estivesse ofendido.

— Quantas vezes eu tenho que repetir? Eu jamais deixaria minha irmã em perigo. Nem você.

Nynaeve achou bem irritante notar que ficara chateada com aquela pausa, deixando claro que ela só fora acrescentada depois. Não era nenhuma boba, daquelas que perdiam a sensatez por um par de olhos doces e incrivelmente penetrantes ao mesmo tempo.

— Se você diz — afirmou ela, fazendo-o voltar a balançar a cabeça.

— Me diga onde vocês estão hospedadas e eu darei um jeito de ir avisar ou mandar um recado assim que encontrar um barco adequado.

Se Elayne tivesse razão, Galad era tão capaz de mentir quanto uma Aes Sedai que tivesse feito os Três Juramentos, mas, ainda assim, Nynaeve hesitou. Qualquer erro ali poderia ser seu último. Ela tinha direito de correr riscos sozinha, mas aquele também envolvia Elayne. E Thom e Juilin, aliás. Independentemente do que quisessem pensar, ambos ainda eram responsabilidade dela. Mas Nynaeve estava ali, e a decisão teria de ser dela. Não que fosse ser diferente de qualquer jeito, para dizer a verdade.

— Pela Luz, mulher, o que mais você quer de mim? — rosnou Galad, erguendo as mãos como se quisesse segurá-la pelos ombros. A lâmina de Uno surgiu entre eles feito um raio de aço reluzente, mas o irmão de Elayne apenas a afastou para o lado como se fosse um galho, sem dar muita importância. — Não quero machucá-la, nem agora nem nunca. Juro pelo nome da minha mãe. Você não diz que é o que é? Eu sei o que você é. E o que não é. Pode ser que metade da razão para eu usar isto — Galad tocou o manto cor de neve — seja a Torre ter mandado vocês embora, você, Elayne e Egwene, por só a Luz sabe o quê, mesmo vocês sendo o que são. Foi como mandar um garoto que acabou de aprender a manejar uma espada para a batalha, e eu nunca vou perdô-las por isso. Ainda há tempo para vocês desistirem. Não precisam empunhar essa espada. A Torre é perigosa demais para você ou para a minha irmã, ainda mais agora. Metade do mundo se tornou perigoso demais para vocês! Me deixe ajudá-las a chegarem a um lugar seguro. — Sua voz era firme, embora tivesse adquirido um quê de aspereza. — Eu imploro, Nynaeve. Se acontecesse alguma coisa com Elayne... Quase desejo que Egwene estivesse aqui com vocês, para que eu pudesse... — Passando a mão pelo cabelo, Galad olhou para um lado e para o outro, buscando um jeito de convencê-la. Uno e Ragan tinham as lâminas em riste, mas Galad nem parecia notar. — Em nome da Luz, Nynaeve, me deixe fazer o que eu posso, por favor.

Foi um detalhe que, por fim, fez a balança pender na mente dela: estavam em Ghealdan. Amadícia era o único local em que era crime uma mulher canalizar, e eles estavam na margem oposta do rio. Isso fazia com que só restassem os juramentos de Galad como Filho da Luz para lutar contra o dever dele para com Elayne. Nesse conflito, Nynaeve achou que o sangue venceria. Além disso, ele de fato era bonito demais para que deixasse Uno e Ragan o matarem. Não que isso tenha tido alguma relação com a decisão que tomou, claro.

— Estamos no espetáculo de Valan Luca — confessou ela, por fim.
Galad pareceu aturdido e franziu o cenho.

— No espetáculo de...? Em um dos conjuntos itinerantes, você diz? — Havia um misto de incredulidade e desgosto na voz do homem. — O que, sob a Luz, estão fazendo com esse tipo de companhia? O pessoal que mantém esses espetáculos não é nada diferente de... Deixa para lá. Se estão precisando de umas moedas, eu posso arranjar. O bastante para pôr vocês em uma estalagem decente.

Galad souou como se tivesse certeza de que Nynaeve faria como ele desejava. Não foi um “Posso lhe ajudar com algumas coroas?” ou um “Quer que eu encontre um quarto para vocês?”. Ele achava que elas deveriam ficar em uma estalagem, então era para uma estalagem que elas iriam. O homem a conhecia o suficiente para saber que ela se esconderia em uma viela, mas, ao

que parecia, não sabia muito mais que isso. Além do quê, havia motivos para que permanecessem com Luca.

— Você acha que em Samara há algum quarto, ou mesmo um depósito de feno, que não esteja ocupado? — perguntou ela, um tantinho mais azeda do que pretendia.

— Tenho certeza de que consigo encontrar...

Ela o interrompeu.

— O último lugar em que qualquer pessoa nos procuraria é no meio dos espetáculos. — O último lugar em que qualquer pessoa, exceto Moghedien, pelo menos, procuraria. — Você não concorda que temos que evitar o máximo possível que nos vejam? Se *realmente* encontrasse um quarto, seria muitíssimo provável que tivesse que tirar alguém dele. Um Filho da Luz tão empenhado em garantir um quarto para duas mulheres? Isso aticaria línguas e atrairia olhares que nem um monte de estrume atrai moscas.

Ele não gostou daquilo, pela careta e pelo olhar que lançou a Uno e Ragan, como se fosse culpa dos dois, mas tinha bom senso suficiente para ver que ela estava certa.

— Não é um lugar adequado para nenhuma das duas, mas provavelmente é mais seguro do que qualquer outro dentro da cidade. Como você pelo menos já concordou com Caemlyn, não toco mais nesse assunto.

Nynaeve se manteve inexpressiva e o deixou pensar o que bem entendesse. Se Galad achava que ela tinha prometido o que não tinha, o problema era dele. Porém, Nynaeve precisava mantê-lo o mais longe possível do espetáculo. Bastaria uma olhadela na irmã com aquelas calças brancas de lantejoulas e a briga eclipsaria qualquer motim que Masema pudesse causar.

— Você vai ter que ficar bem longe do conjunto itinerante, lembre disso. Até encontrar um navio, pelo menos. Aí é só vir aos carroções dos artistas no cair da noite e perguntar por Nana. — Ele gostou menos ainda dessa parte, se é que era possível, mas ela o alertou com firmeza. — Não vi um único Filho da Luz por perto de nenhum dos espetáculos. Se você visitar um deles, não acha que as pessoas vão perceber e perguntar por quê?

O sorriso de Galad ainda foi lindo, mas mostrou dentes demais.

— Você tem resposta para tudo, ao que parece. Alguma objeção a pelo menos eu lhe escoltar de volta para lá?

— Claro que sim. Do jeito que a coisa está, já vai haver boatos, já que umas cem pessoas devem ter percebido esta nossa conversa. — Não conseguia mais ver a rua para além dos três homens, mas não tinha dúvida de que os pedestres ainda estavam olhando para a viela, além de Uno e Ragan não terem tornado a embainhar as espadas. — Mas, se você me acompanhar, seremos vistos por dez vezes mais gente.

Galad se contraiu em um misto de pesar e diversão.

— Resposta para tudo — resmungou. — Mas você tem razão. — Estava claro que ele gostaria que ela não tivesse. — Me escutem, shienaranos — disse, virando a cabeça e com a voz, de uma hora para outra, feito aço. — Eu sou Galadedrid Damodred, e esta mulher está sob a minha proteção. Quanto à acompanhante dela, eu consideraria minha vida uma perda pequena em troca de salvá-la do menor dos perigos. Se vocês permitirem que qualquer uma das duas sofra esse menor dos perigos, eu encontro vocês dois e os mato. — Ignorando tão completamente a expressão súbita e perigosa nos rostos dos shienaranos quanto ignorara as espadas, ele tornou a encarar Nynaeve. — Suponho que você continuará não me dizendo onde Egwene está.

— Tudo o que você precisa saber é que ela está bem longe daqui. — Ela cruzou os braços no peito e sentiu o coração batendo contra as costelas. Será que estava cometendo um erro perigoso por conta de um rosto bonito? — E mais segura do que qualquer ação sua poderia deixá-la.

Ele não pareceu acreditar, mas não levou o assunto adiante.

— Com sorte, encontro um navio em um ou dois dias. Até lá, não saia de perto desse... espetáculo de Valan Luca. Seja discreta e evite ser notada. O máximo que seu cabelo desta cor lhe permitir. E diga para Elayne não fugir de mim de novo. A Luz as iluminou por me permitir encontrá-las ainda inteiras, e terá que iluminar com o dobro do brilho para mantê-las longe de perigo, caso tentem ficar zanzando por Ghealdan. Os bandidos blasfemos desse Profeta estão por toda parte, não têm o menor respeito pela lei e pelas pessoas, e isso sem falar nos salteadores, que se aproveitam da desordem. A própria Samara é um ninho de vespas, mas, se você ficar quietinha e convencer a cabeça-dura da minha irmã a fazer o mesmo, vou encontrar um jeito de tirá-las daqui antes que sejam picadas.

Nynaeve precisou se esforçar para segurar a língua. Galad pegara tudo que ela dissera e transformara em ordens! A próxima providência do homem seria embalar tanto ela quanto Elayne em lã e deixar as duas sentadas em uma prateleira! *Não seria melhor se alguém fizesse mesmo isso?*, perguntou uma vozinha diminuta. *Você já não causou problemas suficientes fazendo tudo como queria?* Nynaeve mandou a tal voz ficar quieta. A voz não lhe deu ouvidos e, em vez disso, começou a listar desastres e quase desastres provocados por sua própria teimosia.

Galad pareceu tomar o silêncio de Nynaeve como concordância, afastou-se dela... e parou. Uno e Ragan haviam se movido para bloquear o caminho dele até a rua, olhando para ela com aquela calma estranha e ilusória que os homens adotavam quando estavam a um fio de atacar. O ar pareceu crepitar — até ela gesticular, apressada. Os shienaranos baixaram as lâminas e se puseram ao lado dela, e Galad tirou as mãos da espada, passou pelos três e se misturou à multidão sem olhar para trás.

Nynaeve olhou feio tanto para Uno quanto para Ragan e saiu apressada na direção oposta. Lá estava ela, arranjando as coisas da melhor maneira possível, e os dois quase tinham posto tudo a perder. Homens pareciam achar que violência resolvia tudo. Se ela tivesse um pedaço de pau bem robusto, teria espancado os três até tomarem juízo.

Os shienaranos pareciam ter criado algum juízo. Os dois a alcançaram, as espadas novamente embainhadas às costas, e seguiram-na sem dar um só pio mesmo quando, por duas vezes, ela virou na rua errada e precisou dar meia-volta. Foi bom para eles não terem dito nada. Nynaeve já estava farta de ter que se segurar. Primeiro Masema, depois Galad. Tudo o que ela queria era a menor das desculpas para dizer umas verdades a alguém. Em especial para aquela vozinha em sua cabeça, já reduzida a um zumbido de inseto, mas que se recusava a se calar.

Enquanto saía de Samara por aquele caminho para carroças com tráfego esperso, a voz se recusava a ser ignorada. Nynaeve se preocupava com a arrogância de Rand, mas a dela colocara a si mesma e a outras pessoas em tanto perigo quanto se tivesse sido negligente. Com Birgitte, ultrapassara os limites, ainda que a mulher estivesse viva. O melhor seria Nynaeve não voltar a enfrentá-las, nem a Ajah Negra nem Moghedien, até que alguém com conhecimento decidisse o que deveria ser feito. Sua mente protestou, mas ela a calou com a mesma firmeza que sempre tivera com Thom ou Juilin. Iria a Salidar e repassaria a questão para as Azuis. Era isso que ia fazer. Estava decidida.

— Você comeu alguma coisa que lhe fez mal? — indagou Ragan. — Está com cara de quem comeu pimenta madura.

Ela lhe lançou um olhar que o fez calar a boca e seguiu em frente. Os dois shienaranos acompanhavam o ritmo, um de cada lado.

O que Nynaeve ia fazer com eles? Precisava encontrar uma serventia para aqueles homens, com certeza. A aparição deles fora providencial demais para ser desperdiçada. No mínimo, eram dois pares a mais de olhos — bem, só três olhos, na verdade, e ela se acostumaria a olhar para aquele tapa-olho sem ficar com medo, nem que fosse a última coisa que fizesse —, e mais gente à procura de um navio poderia significar encontrá-lo mais rápido. Não haveria problema nenhum caso Masema ou Galad encontrassem primeiro, mas ela não queria que nenhum dos dois soubesse mais sobre sua vida do que era obrigada a revelar. Não sabia o que eles eram capazes de fazer.

— Vocês estão me acompanhando porque Masema mandou cuidarem de mim, ou porque Galad mandou?

— Maldição! Que diferença isso faz? — resmungou Uno. — Se o Lorde Dragão a convocou, você... — Ele se interrompeu, o cenho franzido, quando ela levantou o dedo. Ragan encarou aquele dedo como se fosse uma arma.

— Vocês pretendem nos ajudar a encontrar Rand?

— Não temos nada melhor para fazer — respondeu Ragan, seco. — Pelo andar da carruagem, não vamos voltar a ver Shienar até estarmos banguelas e de cabelos grisalhos. Talvez possamos cavalgar com você e Elayne até Tear ou onde quer que ele esteja.

Nynaeve não havia considerado aquela possibilidade, mas fazia sentido. Mais dois para ajudar Thom e Juilin com as tarefas e com a guarda. Não era preciso deixá-los a par de quanto tempo aquilo poderia levar ou de quantas paradas e desvios poderiam esperar por eles no caminho. As Azuis em Salidar talvez não as deixassem avançar mais. Assim que alcançassem as Aes Sedai, voltariam a ser apenas Aceitas. *Pare de pensar nisso! Você vai encontrá-las!*

A multidão que aguardava diante da espalhafatosa placa de Luca não parecia menor do que antes. Uma torrente de pessoas fluía para o prado para se juntar à aglomeração enquanto outro fluxo serpenteava para fora, comentando sobre o que acabara de ver. Vez ou outra, os cavalos-javali ficavam visíveis, empinados acima do muro de tela, arrancando os “oohs” e “aahs” dos que esperavam para entrar. Cerandin estava botando os animais para trabalhar de novo. A Seanchan sempre cuidava para que os *s’redit* descansassem bastante. Era muito rígida com isso, independentemente da vontade de Luca. Os homens obedeciam quando percebiam que não havia outra escolha. Geralmente.

A pouca distância da grama marrom e pisoteada, Nynaeve parou e se virou para encarar os dois shienaranos. Eles continuavam com o rosto tranquilo, mas pareciam adequadamente cautelosos, embora, no caso de Uno, isso envolvesse brincar com o tapa-olho de um jeito que a deixava nauseada. O povo que entrava ou saía do espetáculo não dava a mínima para eles.

— Então não vai ser por causa de Masema ou de Galad — declarou, com firmeza. — Se vão viajar comigo, vão fazer conforme *eu* disser, ou então podem tomar outro rumo, já que não vou aceitar nenhum dos dois.

Claro que eles tiveram de se entreolhar antes de balançar a cabeça em concordância.

— Se é assim que tem que ser, maldição — rosnou Uno —, então tudo bem. Se você não tem ninguém para cuidar da sua segurança, nunca vai conseguir sobreviver para o maldito reencontro com o Lorde Dragão. Algum fazendeiro tripa mole vai acabar servindo você no café da manhã só por causa dessa sua língua. — Ragan lhe lançou um olhar reservado que indicava concordar com cada palavra, mas que tinha imensas dúvidas sobre Uno ter resolvido vocalizá-las. Ragan, ao que parecia, era um homem sábio.

Desde que aceitassem os termos de Nynaeve, o motivo não importava muito. Por enquanto. Mais tarde haveria bastante tempo para esclarecer tudo.

— Não duvido que os outros também vão concordar — opinou Ragan.

— Outros? — perguntou ela, atônita. — Está me dizendo que não são só vocês dois? Mais quantos?

— Agora somos quinze. Acho que nem Bartu nem Nengar vão querer vir.

— Ficam atrás do *Profeta*. — Uno virou a cabeça e cuspiu. — Só quinze. Sar caiu daquele maldito pico nas montanhas, e Mendao teve que se meter em um maldito duelo contra três Caçadores da Trombeta, e...

Nynaeve estava ocupada demais tentando não ficar boquiaberta para escutar o que diziam. Quinze! Não pôde se impedir de calcular mentalmente quanto custaria alimentar quinze homens. Mesmo quando não estavam com muita fome, Thom e Juilin comiam mais do que ela e Elayne juntas. Luz!

Por outro lado, com quinze soldados shienaranos, não havia necessidade de ficar esperando um navio. Um barco com certeza era a maneira mais rápida de viajar — agora ela se lembrava do que ouvira a respeito de Salidar: uma cidade à beira do rio, ou bem perto, e um barco poderia levá-las direto para lá —, mas uma escolta de shienaranos daria ao carroção a mesma segurança, tanto contra Mantos-brancos e bandidos quanto contra seguidores do Profeta. Só que bem mais lento. E um único carroção partindo de Samara com uma escolta dessas certamente chamaria a atenção. Para Moghedien ou para a Ajah Negra, seria como ter uma placa apontando a partida delas. *Vou deixar as Azuis cuidarem delas e pronto!*

— Qual o problema? — perguntou Ragan.

— Eu não devia ter mencionado como Sakaru morreu — disse Uno, arrependido. Sakaru? Devia ter sido depois que ela parou de prestar atenção. — Eu não passo tanto tempo perto dessas mald... perto de damas. Esqueço que vocês têm fraqueza nas trip... quer dizer... é... o estômago delicado. — Se ele não parasse de puxar aquele tapa-olho, ia ver como o estômago dela era delicado.

A quantidade não mudava nada. Se era bom ter dois shienaranos, ter quinze era maravilhoso. Seu próprio exército particular. Não seria preciso se preocupar com Mantos-brancos, salteadores ou motins, nem mesmo se havia ou não se equivocado com relação a Galad. Quantos presuntos quinze homens comeriam por dia?

— Então tudo bem. Toda dia, assim que anoitecer, um de vocês, *e só um*, vai vir até aqui e perguntar por Nana. É o nome pelo qual me conhecem. — Não havia motivos para dar aquela ordem, exceto para ir criando neles o hábito de obedecê-la. — Elayne é conhecida como Morelin, mas perguntem por Nana. Se precisarem de dinheiro, me procurem, e não a Masema. — Nynaeve teve que suprimir uma careta ao dizer isso. Ainda havia ouro no fogão do carroção, mas Luca não cobrara suas cem coroas, e cobraria. Porém, sempre havia as joias, caso a necessidade surgisse. Ela precisava se assegurar de que os homens se afastariam de Masema. — Fora isso, nenhum de vocês deve vir me procurar ou

ver o espetáculo. — Se não dissesse aquilo, era provável que eles montassem guarda ou fizessem alguma idiotice do tipo. — A menos que apareça um barco. Nesse caso, venham correndo na mesma hora. Estão me entendendo?

— Não — resmungou Uno. — Por que precisamos ficar longe, mald...? — Ele recuou a cabeça quando Nynaeve ergueu um dedo em riste diante de seu nariz.

— Você se lembra do que eu falei sobre seu linguajar? — Ela precisou se obrigar a encará-lo. Aquele tapa-olho vermelho fazia o estômago de Nynaeve dar piruetas. — Caso não lembre, vai aprender por que os homens de Dois Rios têm línguas decentes dentro da boca.

Ela observou Uno ponderar a questão. O homem não sabia qual era a ligação dela com a Torre Branca, só que a ligação existia. Nynaeve poderia ser uma agente da Torre, ou treinada pela Torre. Ou até uma Aes Sedai, ainda que recém-formada. E a ameaça foi vaga o bastante para que ele interpretasse tudo da pior maneira. Nynaeve aprendera aquela técnica muito antes de ouvir Juilin explicá-la a Elayne.

Quando pareceu que a ideia fora assimilada — e antes que o sujeito pudesse fazer quaisquer perguntas —, ela baixou a mão.

— Você vai ficar longe pelo mesmo motivo de Galad: para não chamar atenção. Quanto ao resto, vai fazer porque eu disse que é para fazer. Se eu tiver que lhe explicar todas as minhas decisões, não vou ter tempo para mais nada, então é melhor aceitar tudo de bom grado.

Foi um comentário digno de uma Aes Sedai. Além disso, os homens não tinham escolha, caso pretendessem ajudá-la a chegar até Rand, como pensavam que iam fazer. Ela estava se sentindo bastante satisfeita consigo mesma ao enxotá-los de volta para Samara e passar às pressas pela multidão na fila e por baixo da placa que exibia o nome de Valan Luca.

Para sua surpresa, havia uma novidade no espetáculo. Em uma nova plataforma não muito longe da entrada, uma mulher de calça amarela estava de ponta-cabeça com os braços abertos bem esticados e um par de pombas brancas em cada mão. Não, não estava apoiada com a cabeça. A mulher se agarrava a uma espécie de moldura de madeira com os *dentes*, e nela se equilibrava. Enquanto Nynaeve observava, perplexa, a peculiar acrobata baixou as mãos até a plataforma por um momento e foi se dobrando ao meio até parecer estar sentada sobre a própria cabeça. Ainda assim, não foi o bastante. As pernas se curvaram para baixo, à frente do corpo, e depois, de modo impossível, de volta para baixo dos braços. Então ela transferiu as pombas para as solas do pé, que, àquela altura, eram os pontos mais altos da bola contorcida em que ela se transformara. Os espectadores ofegaram e aplaudiram, mas a cena deixou Nynaeve arrepiada. Era uma recordação demasiado forte do que Moghedien fizera com ela.

Não é por isso que eu pretendo entregá-la para as Azuis, disse para si mesma. *Só não quero causar outra calamidade*. Era verdade, mas Nynaeve também temia que, na próxima vez, não escapasse tão fácil ou tão ilesa. Jamais admitiria aquilo para outra alma. Não gostava de admitir nem para si mesma.

Lançando um último olhar intrigado na direção da contorcionista — Nynaeve não conseguira nem começar a decifrar a forma em que a mulher se contorcera em seguida —, ela se virou. E tomou um susto quando Elayne e Birgitte surgiram de repente ao seu lado, saindo da multidão. Elayne usava um manto que cobria decentemente as calças e o casaco branco, e Birgitte só faltava ostentar o vestido vermelho decotado. Não, não faltava, não. Estava ainda mais ereta que o normal e com a trança jogada para trás, para remover qualquer mínima cobertura. Nynaeve dedilhava o nó do xale na cintura, desejando que cada olhadela para Birgitte não a fizesse se lembrar de quanto ela própria estaria exibindo assim que a lã cinza fosse retirada. A aljava da outra mulher estava pendurada no cinto, e ela carregava consigo o arco que Luca lhe arrumara. As horas certamente já avançavam demais para que ela realizasse tiros.

Uma olhada para o céu sinalizou para Nynaeve que estava equivocada. Apesar de tudo o que acontecera, o sol ainda estava bem acima do horizonte. As sombras já se alongavam bastante, mas não o suficiente para dissuadir Birgitte, suspeito.

Tentando disfarçar que estava verificando o sol, ela fez um meneio na direção da mulher com a calça amarela, que àquela altura começara a se contorcer de um jeito que Nynaeve *sabia* que era impossível. E ainda se equilibrava com os dentes.

— De onde ela veio?

— Luca contratou — respondeu Birgitte calmamente. — Também comprou alguns leopardos. O nome dela é Muelin.

Enquanto Birgitte estava calma e controlada, Elayne quase que tremia de emoção.

— De onde ela *veio*? — gaguejou. — De um espetáculo que uma turba quase destruiu!

— Eu soube — disse Nynaeve —, mas o importante não é isso. Eu...

— Não é importante! — Elayne olhou para o céu, como se buscasse alguma orientação. — Você também soube *por quê*? Não sei se foram os Mantos-brancos ou esse Profeta, mas alguém inflamou uma multidão dizendo que... — Ela olhou ao redor, sem parar de falar, e apenas baixou a voz. Ninguém do público havia parado, mas todos que passavam ficavam olhando para as duas óbvias artistas ali. — ... que uma das mulheres do espetáculo talvez usasse xale. — Elayne enfatizou a última palavra. — São tolos de pensar que ela estaria em um conjunto itinerante, mas, em todo caso, você e eu estamos. E aí você sai correndo para a cidade sem dizer nada a ninguém. Já escutamos de tudo, desde um homem

careca te carregando nos ombros até você beijando um shienarano e saindo com ele de braços dados.

Nynaeve ainda estava boquiaberta quando Birgitte completou:

— Luca estava chateado, com qualquer das versões. Ele disse... — A mulher pigarreou e deixou a voz mais grave. — “Então ela gosta de homens rudes, é? Bem, eu posso ser tão rude quanto um cavalo selvagem!”. E lá foi ele, levando dois rapazes com ombros que nem os de pedreiros s’Gandin, para buscar você. Thom Merrilin e Juilin Sandar também foram, e bem irritados. Isso não melhorou nada o humor de Luca, mas todos estavam tão aborrecidos com você que não havia espaço para sentirem raiva uns dos outros.

Por um momento, Nynaeve encarou-as, confusa. Ela gostava de homens rudes? O que ele quis dizer com...? Aos poucos, foi assimilando, e soltou um gemido.

— Ah, era só o que me faltava. — E Thom e Juilin soltos por Samara. Só a Luz sabia em que confusões poderiam se meter.

— Eu ainda quero saber o que você pensava que estava fazendo — disse Elayne —, mas estamos perdendo tempo aqui.

Uma de cada lado, Nynaeve permitiu que as duas a levassem para longe da multidão, mas, mesmo com a notícia sobre Luca e os outros, estava satisfeita com seu trabalho naquele dia.

— Com sorte, devemos estar longe daqui em um ou dois dias. Se Galad não encontrar um barco para nós, Masema vai encontrar. Ele é o tal Profeta. Você se lembra de Masema, Elayne. Aquele shienarano da cara azeda que vimos... — Ao notar que Elayne parara, Nynaeve fez uma pausa para ela poder alcançá-las.

— Galad? — disse ela, descrente, esquecendo-se de manter o manto fechado. — Você viu... você *falou* com Galad? E com o Profeta? Deve ter falado, senão como eles estariam tentando encontrar um barco? Você tomou chá com eles, ou só se encontrou com os dois em um salão qualquer? Foi para lá que o careca levou você, sem dúvida. Talvez o Rei de Ghealdan também estivesse lá, não? Você poderia fazer o favor de me convencer de que estou sonhando, para que eu possa acordar?

— Trate de se acalmar — respondeu Nynaeve, com firmeza. — Agora é uma rainha, não um rei, e sim, ela estava lá. E ele não era careca, usava um coque. Estou falando do shienarano, não do Profeta. *Esse* é tão careca quanto...

Nynaeve encarou Birgitte até ela parar de dar risadinhas. O olhar se atenuou um pouco quando se lembrou de quem era a mulher e do que fizera a ela, mas se Birgitte não tivesse feito uma expressão neutra, poderiam ter descoberto se Nynaeve teria coragem ou não de estapeá-la. As três voltaram a caminhar, e Nynaeve continuou, da maneira mais comedida que pôde:

— Elayne, o que aconteceu foi o seguinte: eu vi Uno, um dos shienaranos que estava em Falme, assistindo você andar na corda. Aliás, a opinião dele sobre

a Filha-herdeira de Andor ficar mostrando as pernas não é melhor que a minha. Seja como for, Moiraine o mandou para cá depois de Falme, mas...

Enquanto abriam caminho pelo meio da multidão, Nynaeve relatou tudo bem rápido, não dando a menor importância para as exclamações cada vez mais incrédulas de Elayne e respondendo às perguntas das duas com o mínimo possível de explicação. Apesar de um breve interesse pelas sucessões no trono de Ghealdan, Elayne se concentrou no que *exatamente* Galad dissera e no porquê de Nynaeve ter sido tola o bastante para se aproximar do Profeta, *quem quer* que ele fosse. Aquela palavra — *tola* — pipocou com bastante frequência e obrigou Nynaeve a manter o próprio temperamento em rédea curta. Podia até duvidar de que seria capaz de esbofetear Birgitte, mas Elayne não tinha toda essa proteção, Filha-herdeira ou não. Se repetisse aquilo mais algumas vezes, a garota acabaria descobrindo. Birgitte estava mais interessada nas intenções de Masema, de um lado, e nos shienaranos, do outro. Parecia que ela havia se deparado com pessoas das Terras da Fronteira em vidas anteriores, embora as nações tivessem nomes diferentes, e, em grande medida, as enxergava com bons olhos. Ela falou pouco, na verdade, mas deu a impressão de aprovar que os shienaranos se juntassem ao grupo.

Nynaeve esperava que as notícias sobre Salidar as assustassem, entusiasmassem ou resultassem em qualquer coisa diferente do que ocorreu. Birgitte encarou com muita naturalidade, como se ela tivesse dito que as três iriam jantar com Thom e Juilin naquela noite. Só pretendia ir aonde Elayne fosse, e tudo o mais pouco importava. Elayne pareceu cheia de dúvidas. Dúvidas!

— Tem certeza? Você se esforçou tanto para lembrar e... Bem, me parece ridículamente fortuito que Galad tenha simplesmente dito o nome do lugar para você.

Nynaeve a encarou.

— Claro que eu tenho certeza. Coincidências *de fato* acontecem. Há de ser o que a Roda tecer, como você já deve ter ouvido falar. Agora eu lembro que ele também já havia mencionado o nome em Sienda, mas eu estava tão preocupada com *você* estar preocupada com ele que nem... — Ela não concluiu a frase.

Tinham chegado a uma área longa e estreita demarcada por cordas, próxima à cerca norte. Em uma das extremidades repousava algo parecido com uma placa de madeira, com duas passadas de largura e outras duas de altura. As pessoas se amontoavam junto às cordas em quatro fileiras, as crianças agachadas na frente ou agarradas à perna de um pai ou às saias de uma mãe. Um burburinho irrompeu quando as três apareceram. Nynaeve teria empacado ali mesmo, mas Birgitte segurara seu braço, então era andar ou ser arrastada.

— Achei que estávamos indo para o carroção — comentou. Ocupada com os relatos, prestara pouca atenção aonde estavam indo.

— Não, a menos que você queira me ver atirando no escuro — retrucou Birgitte. Ela parecia disposta demais a experimentar.

Nynaeve queria ter feito algum outro comentário diferente de um grunhido. O trecho de cerca preencheu sua visão à medida que avançaram em direção ao espaço aberto, distanciando-se dos espectadores. Até seus murmúrios cada vez mais intensos soavam distantes. A cerca parecia a uma milha de distância de onde Birgitte ficaria.

— Você tem certeza de que ele disse que jurava pela... nossa mãe? — questionou Elayne, amargurada. Reconhecer Galad como irmão ainda lhe era desagradável.

— O quê? Tenho, sim. Foi o que eu disse, não foi? Escute: se Luca está na cidade, não tem como ele ficar sabendo se fizemos o número ou não até que já seja tarde demais para... — Nynaeve sabia que estava gaguejando, mas parecia não conseguir fazer a língua parar. Por algum motivo, nunca se dera conta de como cem passadas eram uma distância *enorme*. Em Dois Rios, homens adultos sempre atiravam em alvos duas vezes mais longe que isso. Só que nenhum desses alvos jamais tinha sido *ela*. — É que... já está muito tarde. As sombras... O brilho... Nós realmente deveríamos fazer isso pela manhã. Quando a luz estiver...

— Se ele jurou por ela — interrompeu Elayne, como se nem estivesse ouvindo —, então é porque, aconteça o que acontecer, vai manter a palavra. É mais fácil ele quebrar um juramento pela esperança dele na salvação e no renascimento do que esse. Acho que... não, eu *sei* que podemos confiar nele. — Mas não souo particularmente feliz com aquilo.

— A luz está boa — afirmou Birgitte, uma pitada de empolgação na voz calma. — Posso tentar com uma venda nos olhos. Acho que esse pessoal vai querer que pareça bem difícil.

Nynaeve abriu a boca, mas não emitiu som nenhum. Desta vez, teria ficado feliz com um grunhido. Birgitte só estava fazendo uma piadinha de mau gosto. Só podia estar brincando.

As duas se posicionaram com as costas contra a cerca áspera de madeira, e Elayne começou a puxar o nó do xale enquanto Birgitte se virava na direção de onde tinham vindo e retirava uma flecha da aljava.

— O que você fez hoje foi muito tolo — reclamou Elayne. — Nós podemos confiar no juramento de Galad, tenho certeza, mas você não tinha como saber de antemão o que ele era capaz de fazer. E procurar o Profeta! — Ela puxou o xale dos ombros de Nynaeve sem delicadeza. — Não tinha como você ter a *menor* ideia do que *ele* poderia fazer. Você deixou todo mundo preocupado e colocou tudo em risco!

— Eu sei — consegui responder Nynaeve. O sol lhe batia nos olhos. Não tinha mais como enxergar Birgitte. Mas Birgitte podia vê-la. Claro que podia. O

importante era isso.

Elayne olhou para ela, desconfiada.

— Sabe?

— Sei que arrisquei tudo. Eu deveria ter conversado com você, perguntado. Sei que fui tola. Não deveriam me deixar sair sem alguém tomando conta. — Tudo saiu de um só fôlego. Birgitte *tinha* de estar enxergando.

A desconfiança de Elayne se transformou em preocupação.

— Você está bem? Se não quiser mesmo fazer isto...

Elayne achava que ela estava com medo. Nynaeve não podia, e não iria, permitir isso. Forçou um sorriso e torceu para que seus olhos não estivessem muito arregalados. Sentia o rosto tenso.

— Claro que eu quero. Estou até bem ansiosa, na realidade.

Elayne lhe lançou um olhar de dúvida, mas acabou anuindo.

— Você tem *certeza* a respeito de Salidar?

Sem esperar resposta, a Filha-herdeira afastou-se às pressas para o lado e dobrou o xale. Por algum motivo, Nynaeve não conseguiu sentir a indignação adequada por aquela pergunta, ou por Elayne não esperar pela resposta. Sua respiração estava tão acelerada que só tinha uma vaga consciência do que poderia escapular pelo decote do vestido, ainda que nem isso tenha sido capaz de acalmá-la. O sol preenchia sua visão. Se estreitasse os olhos, talvez fosse capaz de divisar Birgitte, mas seus olhos tinham vontade própria e se arregalavam cada vez mais. Àquela altura, não havia nada que pudesse fazer. Era um castigo por correr riscos bobos. Nynaeve só conseguia sentir o menor dos ressentimentos por ser castigada mesmo depois de cuidar de tudo tão bem. E Elayne nem chegara a acreditar sobre Salidar! Teria de aceitar aquilo estoicamente. Teria de...

Vindo aparentemente do nada, uma flecha acertou a madeira ao lado de seu pulso direito, e aquela determinação estoica se desfez em um discreto gemido. Teve que usar toda sua força de vontade para manter os joelhos eretos. Uma segunda flecha raspou o outro pulso e produziu um ganido um pouco mais alto. A possibilidade de Nynaeve parar as flechas de Birgitte era a mesma de ficar em silêncio. Flecha a flecha, as exclamações foram aumentando, e lhe pareceu que o público estava quase que comemorando suas lamúrias. Quanto mais alto gritava, mais alto eles vibravam e aplaudiam. Quando ela acabou toda delineada, dos joelhos à cabeça, os aplausos foram estrondosos. Na verdade, Nynaeve sentiu certa irritação ao final, quando toda a multidão saiu correndo para se aglomerar em torno de Birgitte, deixando-a lá, parada, olhando para as hastes emplumadas que a rodeavam. Algumas ainda tremiam. *Ela* ainda tremia.

Nynaeve se afastou e partiu em direção aos carroções o mais rápido que pôde, antes que alguém percebesse o quanto suas pernas estavam vacilantes. Não que qualquer pessoa ali estivesse prestando atenção *nela*. Tudo o que Nynaeve fizera fora ficar lá, parada, rezando para que Birgitte não espirrasse nem tivesse

uma coceira. E, no dia seguinte, teria de passar por tudo aquilo de novo. Ou isso ou deixar que Elayne — ou, pior, Birgitte — descobrisse que ela não tinha condições de encarar a situação.

Quando Uno apareceu naquela noite, procurando por Nana, ela lhe disse com absoluta clareza para incitar Masema o máximo que ousasse e para encontrar Galad e lhe dizer que ele *tinha* de encontrar um barco depressa, fossem quais fossem as exigências. Depois, Nynaeve foi para a cama sem comer e tentou se forçar a acreditar que era capaz de convencer Elayne e Birgitte de que estava doente demais para ficar de pé contra aquela madeira. O problema era que estava bem certa de que as duas saberiam exatamente qual era sua doença. O fato de que até Birgitte provavelmente demonstrasse compaixão só piorava tudo. Um daqueles tolos *tinha* que encontrar um barco!





O OFÍCIO DE KIN TOVERE

Com uma das mãos no punho da espada e a outra segurando a lança Seanchan de borlas verdes e brancas, Rand ignorava as outras pessoas no topo da colina esparsamente arborizada enquanto examinava os três acampamentos que se estendiam abaixo, sob o sol da manhã. Três acampamentos distintos, e a questão era essa. Aquelas eram todas as forças cairhienas e tairenas à sua disposição. Qualquer outro homem capaz de manejar uma espada ou uma lança estava preso na cidade ou só a Luz sabia onde.

Os Aiel haviam juntado hordas e mais hordas de refugiados entre Passo de Jangai e aquele ponto, e alguns tinham até vindo depois, por conta própria, atraídos pelos boatos de que *estes* Aiel, pelo menos, não estavam matando qualquer um que aparecesse — ou desalentados demais para se importar com outra coisa que não fazer uma refeição antes de morrer. Muitos achavam que iam morrer, fosse nas mãos dos Aiel, do Dragão Renascido ou na Última Batalha, o que pareciam pensar que estava para acontecer a qualquer momento. Um número considerável, se somado, mas a maioria era de fazendeiros, artesãos e comerciantes. Alguns sabiam usar arco ou funda para caçar coelhos, mas não havia nenhum soldado ali, nem tempo para ensiná-los. A própria cidade de Cairhien ficava a pouco mais de cinco milhas a oeste, e algumas das famigeradas “torres desnudas de Cairhien” eram visíveis acima da floresta que os separava. A cidade se espalhava por colinas não muito longe do rio Alguenya, cercada pelos Shaido de Couladin e por todos os que haviam se juntado a eles.

Um caótico conjunto de tendas e fogueiras no vale raso e comprido abaixo de Rand contava cerca de oitocentos tairenos com armaduras. Quase metade eram Defensores da Pedra, com placas de peito polidas e elmos orlados, as

mangas bufantes listradas de preto e dourado. O restante eram recrutas de uns poucos lordes cujos estandartes e flâmulas delineavam um círculo no centro do acampamento, em torno do símbolo prateado da Lua Crescente com Estrelas do Grão-lorde Weiramon. Guardas se mantinham firmes ao lado das cordas que amarravam os cavalos, como se esperassem um ataque aos animais a qualquer momento.

A trezentas passadas de distância, o segundo acampamento resguardava seus cavalos com a mesma rigidez. Os animais eram um bando heterogêneo; se Rand não estava enganado, alguns poucos eram do belo rebanho com pescoço arqueado de Tear, e os outros estavam mais para o tipo usado para puxar arados e carroças, todos amarrados juntos. Talvez houvesse cem cairhienos a mais que tairenos, mas suas tendas estavam em menor número e, na maioria das vezes, cheias de retalhos, além de seus estandartes e *con* representarem setenta e tantos lordes. Eram poucos os nobres cairhienos que ainda possuíam muitos empregados, e o exército se desmantelara no início da guerra civil.

O último agrupamento se estendia ao longo de outras quinhentas passadas e acomodava principalmente cairhienos, embora esse grupo estivesse separado dos outros por mais do que a distância física. Maior que os dois primeiros somados, este acampamento abrigava poucas tendas ou cavalos. Não ostentava estandartes, e apenas os oficiais usavam *con* — as pequenas flâmulas de cores fortes que levavam às costas para diferenciá-los para seus homens, em vez de representarem uma Casa. A infantaria talvez fosse necessária, mas raro era o lorde de Tear ou Cairhien que admitisse o fato. Por certo, nenhum concordaria em liderar tal grupo. No entanto, era o mais organizado dos acampamentos, as fogueiras em fileiras alinhadas, as compridas lanças espetadas na vertical, onde poderiam ser apanhadas em instante, além de agrupamentos de arqueiros e besteiros pontilhando as linhas. De acordo com Lan, a disciplina mantinha os homens vivos na batalha, mas a infantaria tinha mais probabilidade de saber e acreditar nisso do que a cavalaria.

Supostamente, os três grupos estavam juntos, sob o mesmo comando — o Grão-lorde Weiramon os trouxera do sul no fim do dia anterior —, mas os dois acampamentos de cavaleiros vigiavam um ao outro com quase a mesma cautela com que vigiavam os Aiel nas colinas do entorno, os tairenos com uma dose de desdém que os cairhienos reproduziam ao ignorar o terceiro, que, por sua vez, encarava os outros com amargura. Eram os seguidores de Rand, seus aliados, tão prontos para combater uns aos outros quanto a qualquer inimigo.

Ainda fingindo examinar os acampamentos, Rand analisou Weiramon, sem elmo e rígido feito ferro, ali perto. Dois homens mais jovens, lordes tairenos menores, ficavam nos calcanhares do Grão-lorde, as barbas escuras aparadas e oleadas em uma imitação perfeita da barba de Weiramon, exceto pelas mechas grisalhas. E as placas peitorais de ambos, usadas sobre mantos listrados e

brilhantes, tinham detalhes em ouro pouco menos ornamentados que os dele. Alheios, distantes de todos no topo daquela colina, ainda que próximos a Rand, os homens mais pareciam estar aguardando alguma cerimônia marcial em uma corte real, não fosse pelo suor que lhes escorria pelo rosto — coisa que eles também ignoravam.

Só faltavam algumas estrelas no símbolo do Grão-lorde para que ficasse igual ao de Lanfear, mas o sujeito de nariz comprido e cabelo grisalho oleado como a barba e penteado em uma tentativa vã de mascarar sua escassez não era a bela Abandonada. Ele estava vindo para o norte com reforços de Tear quando soube que os Aiel estavam atacando Cairhien. Em vez de dar meia-volta ou ficar parado, continuou seguindo para o norte tão rápido quanto seus cavalos aguentavam, reunindo quaisquer forças que encontrasse pelo caminho.

Essa era a boa notícia com relação a Weiramon. A má era que ele realmente acreditava que dispersaria os Shaido em Cairhien com aqueles homens. Ainda acreditava. E não ficara nada feliz por Rand não tê-lo deixado pôr o plano em prática, ou por estar cercado de Aiel. Para Weiramon, os Aiel eram todos iguais. Todo mundo pensava assim, na verdade. Um dos lordes mais jovens fazia questão de cheirar o lenço de seda perfumado sempre que olhava para um Aiel. Rand se perguntava por quanto tempo o sujeito sobreviveria. E o que ele precisaria fazer a respeito, quando o homem morresse.

Weiramon percebeu que Rand estava observando e pigarreou.

— Milorde Dragão — começou, rouco —, uma boa investida vai dispersá-los feito codornas. — Weiramon bateu as manoplas contra a palma da mão. — Pés nunca fazem frente a cavalos. Vou enviar os cairhienos para dispersá-los, depois sigo com meus...

Rand o interrompeu. O homem ao menos sabia contar? A quantidade de Aiel que via ali não lhe dava nenhuma pista de quantos mais poderiam estar em torno da cidade? Não importava. Rand já ouvira tudo que podia aguentar ouvir sobre aquele assunto.

— Você tem certeza sobre a notícia de Tear?

Weiramon piscou.

— Notícia, Milorde Dragão? Que not...? Ah, aquilo. Que minha alma queime, aquilo não é nada. Piratas illianenses estão sempre tentando atacar ao longo da costa. — Estavam mais do que tentando, pelo que o homem dissera quando chegou.

— E os ataques nas Planícies de Maredo? Também sempre atacam ali?

— Ora, que minha alma queime, ali são só salteadores. — Foi mais uma afirmação do que um protesto. — Talvez nem sejam illianenses, mas com certeza não são soldados. Com a misturada que aqueles illianenses fazem com as coisas, geralmente ninguém é capaz de dizer se é o rei, a Assembleia ou o Conselho dos Nove que está dando as cartas. Se eles decidirem se mexer, vamos

ter exércitos atacando Tear sob o comando das Abelhas Douradas, não invasores queimando uns carroções de mercadores e umas fazendas fronteiriças. Pode acreditar.

— Se você diz — respondeu Rand, da forma mais educada possível.

Qualquer poder que a Assembleia, o Conselho dos Nove ou Mattin Stepaneos den Balgar tivesse, era o poder que Sammael lhes permitia ter. Mas poucas pessoas sabiam que os Abandonados já estavam à solta. Alguns que *deveriam* saber se recusavam a acreditar, ignorando o fato como se isso fosse fazer os Abandonados sumirem, ou pareciam achar que, se algo tivesse de acontecer, seria em um futuro incerto e, de preferência, remoto. Não havia por que tentar convencer Weiramon, não importava o grupo ao qual o homem pertencesse. A crença ou a descrença dele não alterava nada.

O Grão-lorde olhou sério para o hiato entre as colinas. Para os dois acampamentos caírhienos, mais especificamente.

— Sem nenhum governo adequado por aqui, quem pode dizer que tipo de ralé foi para o sul? — Fazendo uma careta, ele bateu as manoplas ainda mais forte, antes de se voltar outra vez para Rand. — Bem, nós logo os obrigaremos a obedecê-lo, Milorde Dragão. Basta que dê a ordem, e eu posso avançar...

Rand passou pelo homem sem lhe dar ouvidos, apesar de Weiramon tê-lo seguido, ainda pedindo autorização para atacar, os outros dois atrás dele feito cãezinhos. O homem era um tolo cego.

Eles não estavam sozinhos, claro. Na realidade, o topo da colina estava cheio. Para começar, Sulin tinha reunido cem *Far Dareis Mai* em torno do pico, todas parecendo ainda mais prontas para pôr o véu do que os Aiel geralmente estavam. Não era apenas a proximidade com os Shaido que deixava Sulin ansiosa. Opondo-se à falta de suspeita de Rand para com os acampamentos lá embaixo, Enaila e duas Donzelas nunca se afastavam de Weiramon e seus fidalgotes, e, quanto mais perto de Rand eles chegavam, mais as três pareciam prestes a erguer os véus.

Não muito longe, Aviendha conversava com uma dezena ou mais de Sábias, os xales ao redor dos cotovelos, todas enfeitadas com braceletes e colares, menos a própria Aviendha. Surpreendentemente, era uma mulher magrela de cabelo branco, ainda mais idosa que Bair, quem parecia estar no comando. Rand teria esperado que fosse Amys ou Bair, mas até as duas se calavam quando Sorilea falava. Melaine estava com Bael, a meio caminho entre as demais Sábias e os outros chefes de clã. Ela não parava de ajeitar o manto do *cadin'sor* dele, como se o homem não soubesse se vestir sozinho, e Bael exibia o olhar paciente de um homem que estava repassando mentalmente todos os motivos pelos quais se casara. Podia estar enganado, mas Rand suspeitava que as Sábias estavam tentando influenciar os chefes de novo. Se fosse o caso, ele não tardaria a descobrir os detalhes.

Foi em Aviendha, porém, que os olhos de Rand se detiveram. Ela deu um breve sorriso para ele antes de tornar a prestar atenção em Sorilea. Um sorriso amigável, mas não mais que isso. Já era alguma coisa. A garota não lhe dera uma só patada desde o que acontecera entre eles, e, se de vez em quando fazia um comentário ácido, não era nada pior do que os de Egwene. Exceto na única vez em que ele mencionara de novo o casamento; Aviendha lhe dera uma bronca tão grande que ele não falara mais nisso. Mas aquele sorriso era só amigável, embora agora às vezes Aviendha fosse um pouco mais descuidada quando se despia na frente dele, à noite. Ela ainda insistia em dormir a não mais que três passadas de Rand.

Em todo caso, as Donzelas pareciam ter certeza de que havia bem menos que três passadas entre os lençóis deles, e Rand continuava esperando que aquela certeza se espalhasse, mas, até agora, não fora o caso. Egwene o esmagaria feito uma árvore caindo sobre ele caso sequer *suspeitasse* de algo do tipo. Para ela, era muito fácil falar de Elayne, mas Rand não conseguia nem decifrar Aviendha, que estava bem ali, diante dele. No fim das contas, apenas olhar para Aviendha o deixava ainda mais tenso que antes, mas ela parecia bem relaxada. De algum modo, aquilo parecia ser o contrário do que deveria. Com ela, tudo parecia ser às avessas. A verdade era que Min fora a única mulher que *não* o fizera se sentir de ponta-cabeça o tempo todo.

Suspirando, ele seguiu em frente, ainda sem dar ouvidos a Weiramon. Algum dia, entenderia as mulheres. Quando tivesse tempo para se dedicar a isso. No entanto, suspeitava que uma vida inteira não seria o bastante.

Os chefes de clã tinham o próprio agrupamento, com chefes de ramos e representantes das sociedades. Rand reconheceu alguns. Heirn, de pele escura, chefe dos Taardad Jindo, e Mangin, que o cumprimentou com um meneio amigável e fez uma careta de desdém para os tairenos. Juranai, esguio feito uma lança, líder dos *Aethan Dor*, os Escudos Vermelhos, presente na expedição apesar das poucas mechas brancas no cabelo castanho-claro, e Roidan, grisalho e de ombros largos, que liderava os *Sha'mad Conde*, os Andarilhos do Trovão. Desde que saíram de Passo de Jangai, aqueles quatro tinham se juntado a Rand em alguns de seus treinos sobre o combate Aiel, sem armas.

— Quer caçar hoje? — perguntou Mangin, quando Rand passou, ganhando um olhar surpreso.

— Caçar?

— Não há muito com o que se divertir, mas poderíamos tentar pôr umas ovelhas na saca. — O olhar irônico que Mangin lançou na direção dos tairenos deixou poucas dúvidas sobre quem eram as “ovelhas” às quais se referia, embora Weiramon e os demais não tenham percebido. Ou fingiram não perceber. O fidalgote com o lenço perfumado tornou a cheirá-lo.

— Outro dia, quem sabe — retrucou Rand, balançando a cabeça.

Achava que poderia fazer amizade com qualquer um dos quatro, mas em especial com Mangin, que tinha um senso de humor muito parecido com o de Mat. Mas, se não tinha tempo para estudar as mulheres, certamente não tinha tempo para fazer novas amizades. Tinha pouco tempo até para os velhos amigos, aliás. Estava preocupado com Mat.

No trecho mais alto da colina, uma torre feita de toras erguia-se acima das copas das árvores, a espaçosa plataforma no topo a vinte braças ou mais do chão. Os Aiel não sabiam trabalhar com madeira naquela escala, mas havia muitos entre os refugiados cairhienos que sabiam.

Moiraine estava esperando com Lan e Egwene aos pés da escada inclinada. Egwene andava pegando bastante sol e poderia muito bem ter passado por uma Aiel, não fossem os olhos escuros. Uma Aiel baixinha. Rand examinou o rosto dela rapidamente, mas não detectou nada além de cansaço. Amys e as outras deviam estar exigindo muito nos treinamentos. Mas a garota não ficaria grata por ele intervir.

— Você decidiu? — indagou Rand, ao parar.

Weiramon finalmente se calou.

Egwene hesitou, mas Rand notou que ela não olhou para Moiraine antes de assentir.

— Vou fazer tudo o que puder.

A relutância da mulher o incomodava. Ele não perguntara a Moiraine — ela não podia usar o Poder Único como arma contra os Shaido, a menos que eles a ameaçassem ou que ele conseguisse convencê-la de que todos eram Amigos das Trevas —, mas Egwene não fizera os Três Juramentos, e Rand tivera certeza de que ela entenderia que aquilo era necessário. Em vez disso, ela ficara pálida quando ele fez tal sugestão e o evitara por três dias. Ao menos havia concordado. Qualquer coisa que encurtasse a luta contra os Shaido era positivo.

O rosto de Moiraine se manteve inabalado, embora Rand não tivesse dúvidas do que ela pensava. Aqueles traços suaves de Aes Sedai, aqueles olhos de Aes Sedai, eram capazes de exibir uma reprovação gélida mesmo sem se alterar minimamente.

Perpassando o pedaço de lança pelo cinto, Rand pisou no primeiro degrau, e Moiraine se pronunciou.

— Por que você voltou a usar espada?

A última pergunta que ele esperava.

— Por que não? — rebateu, subindo desajeitado. Não foi uma boa resposta, mas ela o pegara desprevenido.

A ferida não completamente curada na lateral do corpo repuxou enquanto ele subia. Não estava doendo, exatamente, mas parecia prestes a se abrir de novo. Ele não ligou. A sensação quase sempre era essa, quando fazia esforço.

Rhuarc e os outros chefes de clã vieram logo atrás, Bael tinha sido o último a deixar Melaine lá embaixo, mas, ainda bem, Weiramon e seus dois puxa-sacos permaneceram no chão. O Grão-lorde *sabia* o que estava para ser feito. Ele não precisava nem queria mais informações. Sentindo os olhos de Moiraine a acompanhá-lo, Rand deu uma olhadela para baixo. Não era Moiraine. Era Egwene quem observava sua subida, o rosto tão parecido com o de uma Aes Sedai que ele não teria conseguido detectar a menor diferença. Moiraine estava inclinada para perto de Lan. Rand esperava que Egwene não fosse mudar de ideia.

Na ampla plataforma do topo, dois homens baixinhos e suados, com camisas de manga curta, estavam montando um tubo de madeira e latão — com três passadas de comprimento e mais grosso que um braço — em um suporte preso ao corrimão. Um tubo idêntico já repousava a algumas passadas; estava ali praticamente desde que a torre fora terminada, no dia anterior. Um terceiro homem sem casaco esfregava a careca com um lenço listrado enquanto grunhia para os outros dois.

— Cuidado aí. Eu disse *cuidado*! Se um de vocês desalinhar uma das lentes, seus fuinhos sem mãe, eu arrebento essas suas cabeças ocas. Aperte bem, Jol. Aperte! Se isto cair enquanto o Lorde Dragão estiver usando, é melhor vocês dois pularem atrás. E não falo só por ele. Se vocês quebrarem minha obra, vão preferir que tivessem quebrado os ossos desses seus crânios inúteis.

Jol e o outro sujeito, Cail, continuaram trabalhando rápido, mas sem demonstrar muito nervosismo. Já haviam tido muitos anos para se acostumar com o jeito de Kin Tovere falar. Fora o fato de ter encontrado entre os refugiados um artesão que fabricava lentes e lunetas — além de seus dois aprendizes — que fizera Rand ter a ideia daquela torre.

De início, nenhum dos três percebeu que não estavam mais sozinhos. Os chefes de clã subiram sem fazer barulho, e a arenga de Tovere foi o bastante para abafar o som das botas de Rand, que também tomou um susto quando a cabeça de Lan surgiu logo depois de Bael. Com ou sem botas, o Guardião fazia tão pouco barulho quanto os Aiel. E até Han era uma cabeça mais alto que os cairhienos.

Quando finalmente perceberam os recém-chegados, os dois aprendizes se sobressaltaram e arregalaram os olhos como se nunca tivessem visto um Aiel, então se curvaram para saudar Rand, e permaneceram curvados. O fabricante de lentes reagiu quase da mesma forma ao ver os Aiel, mas fez uma reverência mais contida, tornando a esfregar a cabeça no meio do movimento.

— Eu lhe disse que terminaria a segunda hoje, Milorde Dragão. — Tovere conseguiu atribuir respeito ao tom de voz sem torná-lo nem um pouco menos rude. — Uma ideia maravilhosa, esta torre. Eu nunca a teria concebido, mas assim que milorde começou a perguntar quão longe seria capaz de enxergar com

uma luneta... Me dê um tempo e eu lhe farei uma que, daqui, enxergue até Caemlyn. Se construírem uma torre alta o bastante — completou o homem, cautelosamente. — Há limites.

— O que você já realizou é mais que suficiente, Mestre Tovere. — Mais do que Rand esperara, com certeza. Ele já experimentara a primeira luneta.

Jol e Cail ainda estavam curvados em ângulo reto, olhando para baixo.

— Talvez seja melhor você levar seus aprendizes lá para baixo — sugeriu Rand. — Para não ficar tão cheio aqui.

Havia espaço para quatro vezes mais pessoas, mas Tovere foi logo cutucando o ombro de Cail com um dedo grosso.

— Venham comigo, seus caipiras desastrados. Estamos atrapalhando o Lorde Dragão.

Os aprendizes mal se ergueram o bastante para acompanhá-lo, os olhos ainda mais arregalados para Rand do que para os Aiel, enquanto sumiam escada abaixo. Cail era um ano mais velho que ele; Jol, dois. Ambos haviam nascido em cidades maiores do que Rand imaginara antes de deixar Dois Rios, além de já terem visitado Cairhien e visto o rei e o Trono de Amyrlin, mesmo que à distância, enquanto ele ainda estava pastoreando ovelhas. Era muito provável que, de certo modo, conhecessem mais do que ele sobre o mundo. Balançando a cabeça, Rand se abaixou para olhar pela nova luneta.

Cairhien entrou em foco. A floresta, que não parecia muito densa para alguém acostumado à mata de Dois Rios, terminava bem antes de alcançar a cidade, claro. Muralhas altas e cinzentas com as torres quadradas formavam um quadrado perfeito contra o rio, zombando das curvas fluidas das colinas. Dentro delas, mais torres se erguiam em um padrão preciso, marcando os vértices de uma malha quadriculada, algumas vinte ou até mais vezes maiores que as muralhas, e todas cercadas por andaimes. As lendárias torres desnudas ainda estavam sendo reconstruídas após terem sido incendiadas na Guerra dos Aiel.

Na última vez em que Rand vira a cidade, ela era cercada por outra, de uma margem à outra do rio: Portão Frontal, um ninho de rato todo de madeira e tão espalhafatosa quanto Cairhien, era solene. Restava apenas um trecho largo de cinzas e pedaços de madeira tostados envolvendo a cidade. Como se evitou que aquele incêndio se espalhasse pela própria Cairhien estava além da compreensão de Rand.

Estandartes adornavam todas as torres da cidade, distantes demais para serem identificados, mas batedores os haviam descrito para Rand. Metade exibia as Luas Crescentes de Tear. A outra metade copiava o estandarte do Dragão que ele deixara panejando sobre a Pedra de Tear, o que não era muito surpreendente. Em nenhum se via o Sol Nascente de Cairhien.

Mover só um pouco a luneta fazia com que a cidade saísse de vista. No lado mais distante do rio repousavam as ruínas dos celeiros. Só restavam as estruturas

enegrecidas de pedra. Alguns dos cairhienos com quem Rand conversara afirmavam que o incêndio dos celeiros levava a insurreições, depois à morte do rei Galldrian, e então à guerra civil. Outros diziam que fora o assassinato de Galldrian que causara as insurreições e o incêndio. Rand duvidava que algum dia fosse descobrir qual das duas versões era verdadeira, ou se alguma delas era.

Vários destroços queimados pontilhavam as duas margens do largo rio, mas nenhum ficava perto da cidade. Os Aiel ficavam desconfortáveis — amedrontados talvez fosse uma palavra muito forte — com cursos d'água que não podiam ser saltados ou atravessados a pé, mas Couladin dera um jeito de colocar barragens de toras flutuantes no Alguenya, tanto antes quanto depois de Cairhien, assim como homens suficientes para garantir que elas não fossem cortadas. Flechas incendiárias haviam dado conta do resto. Tirando ratos e pássaros, nada era capaz de entrar ou sair de Cairhien sem o consentimento de Couladin.

As colinas em torno da cidade exibiam poucos sinais de um exército em cerco. Aqui e ali, abutres batiam as pesadas asas, sem dúvida banquetecendo-se com os vestígios de alguma tentativa de invasão, mas não se via nenhum Shaido. A menos que quisessem, era muito raro que os Aiel se deixassem ver.

Mas... Rand girou a luneta de volta para o topo de uma colina descampada a talvez uma milha das muralhas da cidade. De volta para um grupo de homens. Não conseguiu discernir rostos, nem muita coisa mais, fora o fato de todos estarem usando o *cadin'sor*. Outro detalhe: um dos homens tinha os braços desnudos. Couladin. Rand teve certeza de que devia ser coisa de sua imaginação, mas pensou ver a luz do sol refletir nas escamas metálicas que imitavam as dele nos antebraços do homem, sempre que Couladin se mexia. Fora Asmodean quem as colocara ali. Só uma tentativa de desviar a atenção de Rand, de deixá-lo ocupado enquanto executava os próprios planos, mas, sem aquilo, quanta coisa teria sido diferente? Com certeza ele não estaria ali naquela torre observando uma cidade sitiada e aguardando uma batalha.

De repente, algo rasgou o ar naquele topo de colina distante, uma mancha comprida, e dois dos homens que lá estavam desabaram no chão. Com o olhar fixo nos dois, ambos aparentemente atravessados pela mesma lança, Couladin e os outros pareciam tão atônitos quanto Rand. Girando a luneta, ele procurou o homem que lançara o objeto com tamanha potência. Tinha que ser corajoso — e tolo — para se aproximar o suficiente para isso. A busca de Rand logo se ampliou para além de qualquer alcance possível para um braço humano. Começava a considerar um Ogier — improvável, já que incitar um Ogier à violência exigia muito — quando seu olhar foi atraído por um segundo borrão, que passou feito um raio.

Sobressaltado, Rand se pôs parcialmente ereto antes de tornar a mover a luneta em direção às muralhas de Cairhien. Aquela lança — ou o que quer que

fosse — viera de lá. Tinha certeza. Como aquilo era possível era outra questão. Àquela distância, tudo o que podia fazer era tentar distinguir o movimento ocasional de alguém nas muralhas ou no alto de uma torre.

Ao levantar a cabeça, Rand encontrou Rhuarc afastando-se da outra luneta e cedendo o lugar para Han. Aquela era a razão de ser da torre e das lunetas. Os batedores traziam quaisquer informações possíveis sobre a disposição dos Shaido, só que, daquela forma, os chefes podiam ver com os próprios olhos o terreno no qual a batalha seria travada. Já haviam traçado um plano, mas uma última análise do terreno nunca era demais. Rand não entendia tanto de batalhas, mas Lan considerara o plano deles bom. Ao menos no que dizia respeito à sua própria mente, Rand não entendia tanto. Às vezes, aquelas outras lembranças surgiam de mansinho, e ele parecia entender mais do que gostaria.

— Você viu aquilo? Aquelas... lanças?

Rhuarc encarou Rand tão atordoado quanto Rand sabia que também estava, mas o Aiel assentiu.

— A última acertou outro Shaido, mas ele saiu rastejando. Não foi Couladin, para nosso azar. — O homem gesticulou para a luneta, e Rand o deixou tomar seu lugar.

Teria sido tanto azar assim? A morte de Couladin não cessaria a ameaça a Cairhien ou a qualquer outro local. Agora que estavam naquele lado da Muralha do Dragão, os Shaido não retornariam pacificamente só porque o homem que pensavam ser o verdadeiro *Car'a'carn* tinha morrido. Isso poderia até abalá-los, mas não seria o bastante. Além do mais, depois de ter visto tudo o que vira, Rand não achava que Couladin merecia uma morte tão banal. *Eu consigo ser tão duro quanto o necessário*, pensou, tocando o punho da espada. *Com ele, eu consigo*.





ANTES DA FLECHA

A parte interna do teto de uma tenda só podia ser a visão mais tediosa do mundo, mas, deitado só de camiseta nas almofadas com borlas escarlates que Melindhra arranjara, Mat analisava atentamente o tecido marrom-acinzentado. Ou melhor, olhava para além dele. Com um braço atrás da cabeça, a outra mão girava um cálice de prata cheio de um bom vinho do sul de Cairhien. Um pequeno barril lhe custara tanto quanto dois bons cavalos — ou pelo menos quanto teriam custado em outros tempos, quando o mundo e tudo o que havia nele não estavam de cabeça para baixo —, mas Mat considerou um preço pequeno por algo tão decente. Às vezes, derramava uma ou duas gotas, mas nem se dava conta, e nunca tomava um gole.

Na opinião dele, fazia muito tempo que as questões haviam extrapolado o limite do meramente grave. Grave era ficar preso no Deserto sem ter ideia de como sair. Grave era os Amigos das Trevas surgirem do nada quando menos se esperava, ataques de Trollocs à noite e os estranhos Myrddraal que gelavam o sangue de qualquer um com aquele olhar sem olhos. Aquele tipo de coisa aparecia rápido e costumava terminar antes que houvesse muitas chances para se pensar a respeito. Certamente não era desejável, mas, se fosse preciso, dava para ir levando. Contudo, fazia dias que ele já sabia para onde estavam indo, e por quê. Nada de rápido, nesse caso. Muitos dias para pensar.

Eu não sou nenhum maldito herói, pensou, irritado, e não sou nenhum maldito soldado. Afastou com firmeza a lembrança de caminhar por muralhas de fortalezas dando ordens a seus últimos homens sobre o ponto por onde Trollocs subiam as escadas. Esse não era eu, e que a Luz queime quem era! Eu sou... Ele

não sabia o que era — um pensamento amargo —, mas, o que quer que fosse, envolvia apostas e tavernas, mulheres e dança. Disso, Mat tinha certeza. Quem ele era envolvia um bom cavalo e ter todas as estradas do mundo para escolher, não ficar sentado esperando alguém lhe atirar flechas ou tentar lhe atravessar as costelas com uma espada ou uma lança. Qualquer outra coisa faria dele um tolo, e isso ele não seria, nem por Rand, nem por Moiraine e nem por ninguém.

Quando se sentou, o medalhão de prata com cabeça de raposa pendurado no cordão de couro deslizou da gola de sua camisa, que estava desamarrada. Mat tornou a enfiá-lo para dentro, antes de beber um longo gole de vinho. O medalhão o protegia de Moiraine ou de qualquer outra Aes Sedai, desde que ninguém o tirasse dele — e com certeza alguém tentaria algo do tipo mais cedo ou mais tarde —, mas nada além de sua própria sagacidade o livraria de algum tolo que tentasse matá-lo junto com mais alguns milhares de outros tolos. Ou de Rand. Ou de ser *ta'veren*.

Um homem devia ser capaz de tirar algum proveito de algo assim, dessa capacidade de influenciar o desenrolar das coisas. Rand com certeza tirara, de certa forma. O próprio Mat nunca vira nada se dando a partir dele, exceto o rolar dos dados. Não viraria as costas para algumas das coisas que aconteceram a *ta'veren* em histórias. A fortuna e a fama lhes caíam nos bolsos como que do céu. Homens que desejavam matá-los decidiam, em vez disso, segui-los, e mulheres com gelo nos olhos começavam a derreter.

Não que ele estivesse reclamando do que tinha, na verdade. E não que desejasse algo como o que Rand arrumara. O preço para entrar no jogo era alto demais. Era só que parecia estar preso a todos os fardos de ser *ta'veren*, mas a nenhum dos prazeres.

— Hora de ir — anunciou para a tenda vazia, e então, pensativo, fez uma pausa e sorveu um gole do cálice. — Hora de montar em Pips e cavalgar. Cavalgar até Caemlyn, talvez — Não era uma cidade ruim, desde que evitasse o Palácio Real. — Ou Lugard. — Ouvira boatos sobre Lugard. Um belo local para tipos como ele. — Hora de deixar Rand comendo poeira. Ele tem um maldito exército Aiel e mais Donzelas cuidando dele do que é capaz de contar. Não precisa de mim.

A última parte não era bem verdade. De certa maneira, estranhamente, Mat estava amarrado ao sucesso ou ao fracasso de Rand em Tarmon Gai'don, tanto ele quanto Perrin, três *ta'veren* tecidos juntos. Era provável que as histórias só fossem mencionar Rand. Poucas chances de que ele ou Perrin tivessem papel nelas. E, além disso, havia a Trombeta de Valere, na qual ele não queria pensar, e não pensaria. Não até ser obrigado. Talvez ainda houvesse algum jeito de escapar daquela confusão em particular. De um jeito ou de outro, a Trombeta era problema para outro dia. Um dia distante. Com sorte, todas aquelas contas

venceriam em um dia muito distante. Só que isso poderia demandar mais sorte do que ele tinha.

A questão agora era que dissera tudo aquilo sobre ir embora e quase não sentira nada. Pouco tempo antes, Mat não teria conseguido nem falar sobre o assunto. Sempre que se afastava de Rand, era atraído de volta feito um peixe fisgado por alguma linha invisível. Depois, passara a conseguir falar a respeito e até a fazer planos, mas qualquer besteirinha o distraía e o fazia abandonar a ideia de partir sorrateiramente. Mesmo em Rhuidean, quando dissera a Rand que partiria, tivera certeza de que algo acabaria atrapalhando. E foi o que aconteceu, mais ou menos. Mat saíra do Deserto, mas não estava mais longe de Rand do que antes. Desta vez, não achava que seria atrapalhado.

— Eu não estou *abandonando* Rand — resmungou. — Se aquele maldito não conseguir tomar conta de si mesmo, nunca vai aprender. E eu não sou a babá dele, maldição.

Esvaziando o cálice, Mat vestiu o casaco verde, guardou as facas nos devidos esconderijos, arrumou um cachecol de seda amarelo-escuro para esconder a cicatriz do enforcamento no pescoço, apanhou o chapéu e saiu da tenda.

Depois da sombra relativamente fresca do interior da tenda, o calor atingiu seu rosto com intensidade. Não tinha certeza de como as estações se sucediam ali, mas o verão estava perdurando demais para o seu gosto. Ansiara a partida do Deserto para ver a chegada do outono. Para ter um pouco de frescor. Nenhuma sorte até então. Pelo menos a aba larga do chapéu protegia o rosto do sol.

Aquela floresta montanhosa de Cairhien era lastimável, mais clareiras do que árvores, e metade delas ficando marrons por conta da seca. Nem se comparava à Floresta do Oeste, de sua terra natal. Havia tendas baixas de Aiel por toda parte, embora, à distância, elas assumissem o aspecto de uma pilha de folhas mortas ou de um montículo de terra, a menos que as abas estivessem levantadas, e ainda assim não eram fáceis de avistar. Os Aiel que estavam ocupados com as próprias tarefas não olharam duas vezes para Mat.

De um cume, enquanto cruzava o acampamento, Mat divisou os carroções de Kadere formando um círculo, os condutores deitados na sombra abaixo deles, o mascate fora de vista. Kadere saía cada vez menos do próprio carroção e era raro que sequer colocasse o nariz para fora, exceto quando Moiraine aparecia para inspecionar os carregamentos. Os Aiel que rodeavam os carroções, pequenos agrupamentos com lanças e broquéis, arcos e aljavas, não tinham muita pretensão de ser algo mais que guardas. Moiraine devia pensar que Kadere ou alguns de seus homens tentariam roubar o que ela trouxera de Rhuidean. Mat se perguntou se Rand percebia que estava dando a Moiraine toda e qualquer coisa que ela pedia. Por um tempo, Mat pensara que era Rand quem dava as cartas, mas já não tinha mais tanta certeza, ainda que Moiraine realmente só faltasse fazer reverências e apanhar o cachimbo do amigo.

A tenda de Rand, naturalmente, ficava isolada no alto de uma colina, o estandarte vermelho pendurado em uma vara logo à frente. Ele tremulava com a brisa leve, por vezes se abrindo o suficiente para deixar à mostra o disco preto e branco. Aquele treco fazia a pele de Mat se arrepiar tanto quanto o estandarte do Dragão. Se um homem quisesse evitar se envolver com Aes Sedai, e apenas um idiota não quereria, a última coisa a se fazer era ostentar aquele símbolo.

As encostas da colina estavam vazias, mas as tendas das Donzelas circundavam o pé da elevação e se espalhavam em meio às árvores que se erguiam das encostas no entorno e desciam até o outro lado. Aquilo também era comum, assim como o acampamento das Sábias ficar dentro do das *Far Dareis Mai*, dezenas de tendas baixas a pouca distância da colina de Rand, *gai'shain* com seus robes brancos zanzando para lá e para cá.

Havia poucas Sábias à vista, mas compensavam a pequena quantidade com os olhares que acompanhavam Mat. Ele não tinha ideia de quantas daquele grupo eram capazes de canalizar, mas as mulheres não perdiam em nada para as Aes Sedai quando o assunto era aqueles olhares. Mat acelerou o passo e fez um esforço para não encolher os ombros, incomodado. Sentia aqueles olhos em suas costas com tanta firmeza quando sentiria o cutucão de uma vara. E teria de passar pela mesma provação na volta. Bem, bastavam algumas palavras com Rand, e seria a última vez que precisaria passar por aquilo.

Só que, quando tirou o chapéu e entrou na tenda de Rand, a única pessoa que estava lá era Natael, se espreguiçando nas almofadas com a harpa dourada com entalhes de dragão escorada no joelho e um cálice de ouro na mão.

Mat fez uma careta e xingou baixinho. Deveria ter imaginado. Se Rand estivesse ali, precisaria ter passado por um círculo de Donzelas rodeando a tenda. Era provável que estivesse no alto daquela torre recém-construída. Uma boa ideia, aquela. Conhecer o território. Era a segunda regra, logo depois de “Conheça o inimigo”, e não havia muita diferença entre as duas.

Pensar naquilo deixou um gosto amargo em sua boca. Aquelas regras vinham das lembranças de outros homens. As únicas regras que Mat queria ter em mente eram “Nunca beije uma garota cujos irmãos tenham cicatrizes de faca” e “Nunca aposte sem saber como sair pelos fundos”. Quase desejou que aquelas memórias de outros homens ainda fossem compartimentos separados de seu cérebro, em vez de ficar surgindo em seus pensamentos quando menos esperava.

— Algum problema de queimação no estômago? — perguntou Natael, preguiçosamente. — Uma das Sábias pode ter uma raiz que trate disso. Ou poderia tentar com Moiraine.

Mat não gostava do sujeito, que sempre parecia estar pensando em uma piada que não pretendia contar. E Natael se vestia como se tivesse três serviçais só para cuidar de suas roupas. Todas aquelas rendas cor de neve na gola e nos

punhos parecendo recém-lavadas. O camarada também não parecia suar nunca. Por que Rand o queria por perto era um mistério. Ele quase nunca tocava músicas alegres naquela harpa.

— Ele vai demorar a voltar?

Natael deu de ombros.

— Quando ele decidir. Talvez sim, talvez não. Homem nenhum mede o tempo do Lorde Dragão. E poucas mulheres. — Lá estava ele de novo, com aquele sorriso secreto. Havia um toque sombrio, desta vez.

— Vou esperar. — Pretendia levar aquilo adiante. Já adianta demais.

Natael bebericou o vinho e examinou Mat por cima do cálice.

Já era ruim o bastante que Moiraine e as Sábias o observassem daquele jeito silencioso e inquisitivo — e às vezes também Egwene, que agora era meio Sábá, meio Aes Sedai e estava muito mudada —, mas ganhar aquele olhar de um menestrel de Rand foi o suficiente para tirá-lo do sério. A melhor coisa de ir embora seria não ter ninguém olhando para ele como se soubessem no que estava pensando e até se suas roupas de baixo estavam limpas.

Dois mapas repousavam abertos perto da fogueira. Um, uma cópia minuciosa de um mapa esfarrapado encontrado em uma cidade parcialmente incendiada, mostrava o norte de Cairhien, desde o oeste do Alguenya até a metade do caminho para a Espinha do Mundo. Já o outro, recém-desenhado e esboçado, retratava as terras em torno da cidade. Folhinhas de pergaminho presas com pedregulhos pontilhavam ambos. Se ia esperar ali e ignorar o olhar inquisitivo de Natael, não havia nada a fazer além de estudar os mapas.

Com a ponta da bota, Mat afastou algumas pedras do mapa da cidade para que pudesse ler o que estava escrito nos pergaminhos. Fez uma careta, a contragosto. Se os batedores Aiel sabiam contar, Couladin tinha perto de cento e sessenta mil lanças — dos Shaído e daqueles que, supostamente, tinham se juntado a suas sociedades entre os Shaído. Uma noz difícil de quebrar, e espinhosa. Este lado da Espinha do Mundo não vira um exército como aquele desde os tempos de Artur Asa-de-gavião.

O segundo mapa ilustrava os outros clãs que tinham cruzado a Muralha do Dragão. Aquela altura, todos já estavam dispostos de acordo com a ordem em que haviam saído de Passo de Jangai, e estavam bem espalhados pelo terreno, mas ainda perto demais dali para oferecer tranquilidade. Os Shiande, os Codarra, os Daryne e os Miagoma. Somando-os, parecia haver pelo menos o mesmo número de lanças de Couladin. Se fosse verdade, significava que nenhum deles havia deixado muita gente para trás. Os sete clãs junto a Rand tinham quase o dobro desse número, com certeza o suficiente para enfrentar Couladin ou os outros quatro clãs. Mas só um dos dois. Não ambos, e não ao mesmo tempo. Mas ambos e ao mesmo tempo talvez fosse o que Rand precisaria enfrentar.

O que os Aiel chamavam de Desolação também devia estar afetando aqueles clãs — todos os dias, homens largavam as armas e desapareciam —, mas só um tolo pensaria que aquilo diminuiria mais os números deles que os de Rand. E sempre havia a possibilidade de que alguns desses homens estivessem passando para o lado de Couladin. Os Aiel não falavam sobre isso — nem muito nem abertamente — e mascaravam o fato com o discurso de aderir a sociedades. Mas, mesmo agora, homens e Donzelas ainda decidiam que não podiam aceitar Rand ou o que ele lhes contara sobre a própria história dos Aiel. Todas as manhãs, alguns desapareciam, e nem todos deixavam as lanças para trás.

— Uma bela situação, você não diria?

Mat virou a cabeça ao ouvir a voz de Lan, mas o Guardião tinha entrado sozinho.

— Só estava me distraíndo enquanto espero. Rand está vindo?

— Logo vai chegar. — Com os polegares enganchados no cinto da espada, Lan parou ao lado de Mat e baixou o olhar para o mapa. Seu rosto demonstrava tanto quanto o de uma estátua. — O dia de amanhã deverá chegar com a maior batalha desde Artur Asa-de-gavião.

— Não me diga!

Onde estava Rand? Ainda no alto daquela torre, provavelmente. Talvez Mat devesse ir até lá. Não, podia acabar correndo o acampamento todo, sempre um passo atrás de alcançá-lo. No fim das contas, Rand voltaria para a tenda. Mat queria conversar sobre algo que não fosse Couladin. *Esta luta não me diz respeito. Não estou fugindo de algo que tenha minimamente a ver comigo.*

— E eles? — Mat gesticulou para as folhinhas de pergaminho que representavam os Miagoma e os demais. — Alguma notícia se pretendem se juntar a Rand ou se a intenção deles é ficar lá, sentados, só assistindo?

— Quem sabe? Rhuarc não parece ter mais ideia do que eu, e, se as Sábias souberem, não estão abrindo a boca. A única certeza é que Couladin não vai sair de onde está.

Outra vez Couladin. Mat se agitou desconfortavelmente e deu meio passo para trás, na direção da porta. Não, *iria* esperar. Prendendo o olhar nos mapas, fingiu estudá-los mais um pouco. Talvez Lan o deixasse em paz. Só queria falar com Rand e ir embora.

O Guardião, porém, parecia querer conversar.

— O que você acha, Mestre Menestrel? Deveríamos investir com toda força contra Couladin e esmagá-lo amanhã?

— Me parece um plano tão bom quanto qualquer outro — retrucou Natael, austero. O homem esvaziou o cálice em um gole, largou-o em meio aos tapetes e pegou a harpa para começar a dedilhar suavemente algo sombrio e funesto. —

Eu não comando exército nenhum, Guardião. Não comando nada a não ser a mim mesmo, e nem sempre.

Mat grunhiu, e Lan o encarou antes de retomar seu estudo dos mapas.

— Você não acha que é um bom plano? Por que não?

A pergunta foi feita tão casualmente que Mat respondeu sem pensar:

— Por dois motivos. Se cercarem Couladin e conseguirem encurralá-lo entre vocês e a cidade, é possível esmagá-lo contra as muralhas. — Quanto tempo Rand ainda ia demorar? — Mas também podem fazê-lo passar por cima delas. Pelo que eu sei, ele já quase fez isso duas vezes, mesmo sem mineiros ou armas de cerco, e a cidade está se segurando por um fio. — Conversar com Rand e ir embora, só isso. — Se pressionarem demais o homem, vão se ver lutando dentro de Cairhien. É terrível lutar dentro de uma cidade. E a ideia é salvar o lugar, não terminar de arruiná-lo. — Aquelas folhinhas espalhadas pelos mapas, e os próprios mapas, deixavam tudo muito claro.

Franzindo o cenho, Mat se agachou, os cotovelos nos joelhos. Lan se abaixou ao lado, mas Mat mal percebeu. Era um problema arriscado. E fascinante.

— Melhor vocês tentarem expulsá-lo de lá. Atacá-lo principalmente pelo sul. — Ele apontou para o rio Gaelin, que se juntava ao Alguenya algumas milhas ao norte da cidade. — Existem pontes aqui em cima. Deixe um caminho livre até elas para os Shaido. Sempre deixem uma saída, a menos que vocês realmente queiram descobrir como um homem é capaz de lutar quando não tem nada a perder. — O dedo de Mat deslizou para o leste. Pelo visto, o terreno ali era cheio de colinas com bosques. Provavelmente não muito diferentes do entorno de onde estavam. — Algumas tropas bloqueando aqui por este lado do rio vão obrigá-los a ir para as pontes, caso essas tropas sejam grandes o bastante e estejam bem posicionadas. Quando eles estiverem em movimento, Couladin não vai querer enfrentar alguém na frente com vocês vindo por trás. — Sim. Quase exatamente o mesmo plano que em Jenje. — A não ser que ele seja um completo idiota, pelo menos. Pode ser que alcancem o rio ainda em boa formação, mas as pontes vão estrangulá-los. Não imagino nenhum Aiel nadando ou procurando um ponto raso para atravessar. Mantenham a pressão e forcem a passagem. Com sorte, vocês vão conseguir criar problemas para eles até as montanhas. — Igual também aos Vaus Cuindaigh, no fim das Guerras dos Trollocs, e em uma escala bem parecida. Não muito diferente, também, do Tora Shan. Ou da Garganta Sulmein, antes de Asa-de-gavião acertar o passo. Os nomes cintilavam pela mente de Mat, imagens de campos sangrentos esquecidos até por historiadores. Absorvido pelo mapa como estava, as lembranças não pareciam ser nada além de suas próprias memórias. — Pena que a cavalaria de vocês não é maior. Uma cavalaria leve é mais indicada para pastorear Couladin pelas montanhas. Invistam pelos flancos, mantenham eles em movimento, e nunca deixe que se assentem para lutar. Mas os Aiel devem funcionar quase tão bem quanto.

— E o outro motivo? — indagou Lan, tranquilo.

Mat estava definitivamente envolvido. Ele mais do que gostava de apostas, e batalhas eram apostas que faziam dos jogos de dados em tavernas um passatempo para crianças e velhos desdentados. Eram vidas que estavam em jogo, sua própria vida e as de outros homens, de gente que nem estava ali. A aposta errada, um lance tolo, e cidades, ou nações inteiras morriam. A música sombria de Natael era um acompanhamento oportuno. Ao mesmo tempo, aquele era um jogo que fazia seu sangue se agitar.

Sem tirar os olhos do mapa, Mat bufou.

— Você sabe tão bem quanto eu. Se qualquer um daqueles quatro clãs decidir aderir a Couladin, vão pegar vocês por trás enquanto suas mãos ainda estiverem ocupadas com os Shaido. Couladin vai ser a bigorna, e eles, o martelo, enquanto vocês vão ser a noz entre os dois. Levem só metade de suas forças para enfrentar Couladin. Isso vai deixar a luta empatada, mas é o jeito. — Em uma guerra, não havia isso de justiça. Era preciso pegar o inimigo pelas costas, quando ele menos esperava, e quando e onde ele estivesse mais fraco. — Vocês ainda têm uma vantagem: ele precisa se preocupar com uma incursão vinda da cidade. A outra metade, vocês dividem em três: uma para afunilar Couladin até o rio, e as outras duas separadas por algumas milhas, entre a cidade e os quatro clãs.

— Muito interessante — opinou Lan, aquiescendo. Aquele rosto de pedra nunca se alterava, mas a voz tinha um ar de aprovação, ainda que leve. — Um clã não ganharia nada atacando qualquer força, e menos ainda com o inimigo capaz de defender a retaguarda. E, pelo mesmo motivo, ninguém vai tentar interferir no que acontecer ao redor da cidade. Claro que todos os quatro poderiam aderir. Improvável, já que não fizeram isso até agora, mas, caso façam, muda tudo.

Mat gargalhou.

— Tudo sempre muda. O melhor plano só dura até a primeira flecha sair do arco. Isto seria brincadeira de criança, se não fosse o fato de Indirian e os outros não saberem o que querem. Se todos decidirem passar para o lado de Couladin, vocês lançam o dado e torcem, porque com certeza o Tenebroso vai estar no jogo. Pelo menos vocês vão ter forças suficientes fora da cidade para quase igualá-los. O suficiente para segurá-los pelo tempo que precisarem. Se for o caso, abandonem a ideia de perseguir Couladin e invistam tudo contra os quatro clãs assim que Couladin estiver atravessando o Gaelin. Mas minha aposta é que eles vão esperar, observar, e vir atrás de vocês só quando Couladin tiver terminado. A vitória dissipa muitas dúvidas da cabeça da maioria dos homens.

A música cessara. Mat olhou para Natael e viu que o homem segurava a harpa com força, encarando-o por cima dela com mais firmeza do que nunca. Encarando-o como se nunca o tivesse visto e não soubesse quem ele era. Os

olhos do menestrel eram como um vidro escuro e polido, os nós dos dedos brancos contra o dourado da harpa.

Com aquilo, tudo se encaixou; o que dissera e as lembranças que recordara. *Que me queime por ser um tolo que não segura a própria língua!* Por que Lan conduzira a conversa para aquele assunto? Por que não falara sobre cavalos, sobre o tempo, ou só ficara calado? O Guardião nunca se mostrara tão ávido por conversar. Em geral, Lan fazia uma árvore parecer extrovertida. Claro que Mat também teria permanecido concentrado e de boca fechada. Pelo menos não estivera tagarelando na Língua Antiga. *Sangue e cinzas, tomara que não!*

Levantando-se de repente, Mat se virou para sair e deu de cara com Rand parado junto à entrada da tenda, girando distraidamente aquele estranho pedaço de lança com borlas, como se nem se desse conta de que o segurava. Por quanto tempo estivera ali? Não importava. Mat foi desembuchando tudo às pressas.

— Estou indo embora, Rand. Assim que a primeira luz da manhã surgir, pulo na sela e vou. Iria agora mesmo se ainda desse para chegar a algum lugar satisfatório no que resta do dia. Quero ficar o mais longe possível dos Aiel, de *qualquer* Aiel; o mais longe que Pips conseguir me levar antes que eu pare para acampar. — Não havia sentido em se deitar em algum ponto em que poderia ser capturado e enforcado pelos batedores de sabia-se lá quem. Couladin também devia ter os dele, e até os outros clãs talvez não o reconhecessem antes que Mat tivesse uma lança lhe atravessando o fígado.

— Vou lamentar ver você partir — disse Rand, calmo.

— Não tente me convencer a não... — Mat piscou. — É isso? Você vai lamentar me ver partir?

— Eu nunca tentei fazer você ficar, Mat. Perrin foi embora quando precisou, e você também pode ir.

Mat abriu a boca, e então tornou a fechá-la. Rand nunca tentara fazê-lo ficar, verdade. Fizera isso sem tentar. Mas, desta vez, não havia o menor sinal do puxão de um *ta'veren*, nenhum sentimento vago de que estava fazendo a coisa errada. Estava firme e certo de seu propósito.

— Para onde você vai?

— Para o sul.

Não que houvesse muitas opções. As outras direções levavam ao Gaelin, com nada ao norte do rio que despertasse seu interesse, ou aos Aiel. Um grupo certamente o mataria e o outro talvez o matasse, talvez não, dependendo da proximidade de Rand e do que eles tivessem jantado na noite anterior. Chances não muito boas, pelos cálculos de Mat.

— De início, pelo menos. Depois, para algum lugar onde haja uma taverna e mulheres que não carreguem lanças.

Melindhra. Ela podia ser um problema. Mat achava que ela fosse o tipo de mulher que só era suave quando queria. Bem, de um jeito ou de outro, lidaria

com ela. Talvez pudesse ir embora escondido.

— Isto não é para mim, Rand. Não entendo nada de batalhas, e nem quero entender. — Evitou olhar para Lan e Natael. Se um dos dois desse com a língua nos dentes, Mat lhes acertaria um soco na boca. Inclusive no Guardião. — Você entende, não é?

O meneio de Rand poderia ter sido de compreensão. Talvez fosse.

— Eu me esqueceria de me despedir de Egwene, se fosse você. Já não sei mais se quando digo algo para ela também não estou dizendo para Moiraine, para as Sábias, ou para ambas.

— Cheguei a essa conclusão há muito tempo. Ela deixou Campo de Emond bem mais para trás do que nós dois. E se arrepende disso bem menos.

— Talvez — ponderou Rand, com tristeza. — Que a Luz brilhe sobre você, Mat — acrescentou, estendendo a mão —, e que lhe envie estradas suaves, clima bom e companhias agradáveis até que nos encontremos de novo.

Isso não aconteceria tão cedo, caso as coisas saíssem como Mat planejava. Ele ficou um pouco triste e se sentiu meio tolo por isso, mas um homem precisava cuidar de si mesmo. No fim das contas, era isso que importava.

O aperto de mão de Rand foi mais forte do que nunca — todos aqueles treinos com espadas só serviram para criar novos calos por cima dos antigos calos de arqueiro —, mas Mat discernia claramente os sulcos da marca da garça na palma da mão dele. Só um pequeno lembrete, caso ele viesse a se esquecer dos desenhos sob as mangas do amigo, ou daquelas coisas ainda mais estranhas dentro da cabeça dele, que permitiam que canalizasse. Se Mat conseguia esquecer que Rand canalizava — sequer pensava nisso há dias, dias! —, então era porque já passara *muito* da hora de ir.

Trocaram mais algumas palavras desajeitadas. Lan parecia ignorá-los, os braços cruzados, estudando os mapas em silêncio, enquanto Natael dedilhava preguiçosamente a harpa. Mat tinha um bom ouvido para música e a melodia desconhecida lhe soava irônica, o que o fez se perguntar por que o sujeito a escolhera. Passaram mais alguns momentos, já que Rand preferia enrolar a pôr um fim na conversa. Então Mat acabou saindo. Havia uma multidão do lado de fora: umas cem Donzelas espalhadas pelo topo da colina, andando na ponta dos pés, prontíssimas para enfiar uma lança em alguém; todos os sete chefes de clã esperando pacientemente, imóveis feito pedras; e três lordes tairenos tentando fingir que não estavam suando e que os Aiel não existiam.

Soubera da chegada dos lordes e chegara até a dar uma olhada no acampamento — nos acampamentos, na verdade — deles, mas não vira ninguém conhecido por lá, nem ninguém que quisesse tentar uma rodada com os dados ou as cartas. Os três homens o examinaram de cima a baixo, franzindo o rosto com desdém e, aparentemente, decidiram que Mat não era melhor que os Aiel, o que significava dizer que não era digno de atenção.

Mat enfiou o chapéu na cabeça, puxou a aba para baixo por sobre os olhos e, dando o troco, estudou os tairinos com frieza por um momento. Teve o prazer de notar que pelo menos os dois mais jovens voltaram a ficar desconfortavelmente cientes dele antes que começasse a descer a colina. O de barba grisalha ainda parecia muito impaciente para entrar na tenda de Rand, o que mal conseguia disfarçar, mas nada daquilo importava, de qualquer maneira. Mat nunca mais veria nenhum deles.

Não tinha ideia de por que não havia simplesmente ignorado os tais lordes. O fato era que seu andar estava mais leve, e Mat se sentia cheio de disposição. O que não era de surpreender, já que finalmente partiria, no dia seguinte. Parecia que os dados estavam girando em sua cabeça, e não havia como saber que números surgiriam quando parassem. Aquilo era estranho. Devia estar preocupado com Melindhra. Sim. Definitivamente iria embora cedo, e tão quieto quanto um rato se esgueirando sobre penas.

Assobiando, Mat foi até a própria tenda. Que canção era aquela? Ah, sim. “Dançando com Jak das Sombras”. Não tinha a intenção de dançar com a morte, mas a melodia era alegre, então foi assobiando-a mesmo assim enquanto tentava planejar a melhor rota para deixar Cairhien.

* * *

Rand observou Mat se afastar até bem depois que as abas da tenda haviam caído e o escondido.

— Só ouvi a última parte — disse, por fim. — Foi tudo daquele jeito?

— Praticamente — respondeu Lan. — Olhou os mapas por uns poucos minutos e elaborou um plano de batalha bem parecido com o que Rhuarc e os demais fizeram. Viu as dificuldades e os perigos, e como fazer frente a eles. Mat entende de mineiros, armas de cerco, e também de como usar uma cavalaria leve para atrapalhar um oponente já em fuga.

Rand o encarou. O Guardião não demonstrava surpresa, nem mesmo um tique no olho. Claro, fora ele quem apontara que Mat parecia surpreendentemente versado em questões militares. E Lan também não ia fazer a pergunta óbvia, o que era bom. Rand não tinha o direito de lhe dar as poucas respostas que sabia.

Ele mesmo tinha algumas dúvidas, como por exemplo: o que mineiros tinham a ver com batalhas? Ou talvez fosse só com cercos. Qualquer que fosse a resposta, não havia nenhuma mina mais próxima que a Adaga do Fratricida, e não se sabia se alguém ainda escavava por lá. Bem, aquela batalha teria que ser lutada sem eles. O importante era que Rand sabia que Mat adquirira mais do outro lado daquele batente de porta *ter'angreal* do que a tendência de falar na Língua Antiga quando estava distraído. E, sabendo disso, Rand aproveitaria a situação.

Você não precisa se tornar ainda mais duro, pensou ele com amargura. Vira Mat entrar em sua tenda e nem hesitara em mandar Lan até lá para ver o que podia brotar de uma conversa casual, a sós. Fora deliberado. O resto poderia ser ou não, mas ia acontecer. Torcia para que Mat ficasse bem, enquanto estivesse livre. Torcia para que Perrin estivesse aproveitando a vida em Dois Rios, apresentando Faile para a mãe e as irmãs, talvez se casando com ela. Torcia para isso porque sabia que iria atraí-los de volta, *ta'veren* puxando *ta'veren*, e ele era o mais forte. Moiraine dissera que não fora coincidência os três terem crescido na mesma aldeia, todos com quase a mesma idade. A Roda tecia eventualidades e coincidências no Padrão, mas não designava tipos como eles três sem motivo. No fim das contas, ele puxaria os amigos de volta para perto, não importava quão longe fossem, e, quando eles voltassem, Rand os usaria como pudesse. Como precisasse. Porque precisava. Porque o que quer que a Profecia do Dragão dissesse, ele tinha certeza de que sua única chance de triunfar em Tarmon Gai'don residia em ter os três juntos, três *ta'veren* amarrados um ao outro desde a infância, unidos mais uma vez. Não, ele não precisava se tornar duro. *Você já está rançoso o bastante para fazer um Seanchan cuspir o próprio jantar!*

— Toque “A marcha da morte” — ordenou ele com uma voz mais ríspida do que pretendia, e Natael, por um momento, encarou-o com um olhar neutro. O homem estivera ouvindo tudo. Teria perguntas, mas não encontraria respostas. Se Rand não podia contar para Lan os segredos de Mat, não os espalharia para um dos Abandonados, por mais domesticado que ele parecesse. Desta vez, deu um tom áspero à voz de propósito, e apontou a lança para o homem. — Toque, a não ser que você conheça uma ainda mais triste. Toque algo que faça a *sua* alma chorar. Se é que você ainda tem uma.

Natael abriu um sorriso submisso e fez uma reverência sentado, mas a pele em torno dos olhos empalidecera. E foi mesmo “A marcha da morte” que ele começou a tocar, mas com a harpa soando mais cortante do que nunca, um lamento com ares de canto fúnebre que com certeza faria qualquer alma chorar. Olhou fixamente para Rand, como se esperasse notar algum efeito.

Rand se virou e estirou-se nos carpetes com a cabeça voltada para os mapas e uma almofada vermelha e dourada debaixo do cotovelo.

— Lan, você poderia pedir para os outros entrarem?

O Guardião fez uma reverência formal antes de sair da tenda. Foi a primeira vez que Lan fez aquilo, mas Rand mal se deu conta.

A batalha teria início no dia seguinte. Era um fingimento educado dizer que Rand ajudara Rhuarc e os demais a armar um plano. Ele era suficientemente sagaz para saber o que não sabia, e, apesar de todas as conversas que tivera com Lan e Rhuarc, ainda não estava pronto. *Já planejei cem batalhas deste porte ou até maiores, e já dei ordens que levaram a dez vezes mais batalhas.* Não era um

pensamento seu. Lews Therin entendia de guerra — entendera de guerra —, mas Rand al'Thor, não, e ele era al'Thor. Rand ouvia, fazia perguntas, e assentia como se entendesse quando os chefes diziam que algo devia ser feito de determinada maneira. Às vezes entendia mesmo, mas desejava que não, porque sabia de onde viera tal compreensão. Sua única contribuição real fora afirmar que Couladin precisava ser derrotado sem que a cidade fosse destruída. De qualquer modo, esta reunião no máximo acrescentaria alguns detalhes ao que já fora decidido. Com todo o seu conhecimento recém-descoberto, Mat teria sido útil.

Não. Não queria pensar nos amigos e no que faria com eles antes que tudo estivesse terminado. Mesmo deixando a batalha de lado, havia muito com que se ocupar, coisas sobre as quais Rand poderia agir. A ausência de bandeiras cairhienas em Cairhien denotava um problema sério, e as contínuas desavenças com os andorianos, outro. Precisava pensar no que Sammael estava armando, e...

Os chefes entraram sem ordem específica. Desta vez, Dhearic veio primeiro, Rhuarc e Erim juntos no fim da fila, com Lan. Bruan e Jheran tomaram os lugares ao lado de Rand. Entre si, os Aiel não se preocupavam com precedência, e pareciam encarar *Aan'allein* praticamente como um deles.

Weiramon entrou por último, seus fidalgotes nos calcanhares e uma carranca muda no rosto. Precedência com certeza importava para ele. Resmungando para a própria barba oleada, ele deu a volta na fogueira a passos largos e tomou assento atrás de Rand. Pelo menos até os olhares diretos dos chefes finalmente lhe perfurarem a carapaça. Entre os Aiel, um parente próximo ou um irmão de sociedade talvez pudesse ocupar aquela posição, caso houvesse o risco de uma facada pelas costas. Ele ainda franziu o rosto para Jheran e Dhearic, como se esperasse que um dos dois abrisse espaço.

Por fim, Bael gesticulou para o lugar ao lado dele, do outro lado dos mapas à frente de Rand. Após uma pausa, Weiramon dirigiu-se até lá e se sentou com as pernas cruzadas, bem rígido, olhando para a frente e parecendo ter acabado de engolir uma ameixa verde inteira. Quase tão rígidos quanto, os jovens tairenos se puseram de pé atrás dele, um dos dois tendo a delicadeza de parecer envergonhado.

Rand registrou tudo, mas nada disse, apenas enfiou o polegar no cachimbo cheio de tabaco e agarrou *saidin* por tempo suficiente para acendê-lo. Precisava tomar alguma providência com relação a Weiramon. O homem exacerbava velhos problemas e criava novos. Nenhuma fagulha perpassou as feições de Rhuarc, mas as expressões dos outros chefes iam do desgosto amargo de Han à clara e fria presteza de Erim para dançar as lanças imediatamente. Talvez houvesse um jeito de Rand se ver livre de Weiramon e, ao mesmo tempo, começar a resolver outra de suas preocupações.

Seguindo o exemplo de Rand, Lan e os chefes começaram a encher seus cachimbos.

— Acredito que só precisamos fazer pequenos ajustes — opinou Bael, acendendo o cachimbo com uma baforada e, como de costume, inflamando um olhar raivoso de Han.

— Esses seus pequenos ajustes incluem os Goshien ou, quem sabe, algum outro clã?

Rand parou de pensar em Weiramon e se curvou para escutar enquanto os homens decidiam o que precisava ser alterado por causa da nova visão que haviam tido do terreno. De vez em quando, um dos Aiel olhava de relance para Natael, os olhos estreitados ou os lábios apertados sugerindo que a música fúnebre provocava algum efeito dentro deles. Até os tairenos faziam caretas tristes. Os sons, no entanto, surtiam pouco efeito em Rand, não o tocavam. Lágrimas eram um luxo a que ele já não podia mais se dar, nem mesmo por dentro.





ESTE LUGAR, ESTE DIA

Na manhã seguinte, Rand se levantou e se vestiu bem antes da primeira luz. Nem dormira, na realidade, e não fora Aviendha quem o mantivera acordado, mesmo ela tendo começado a se despir antes que ele apagasse as lamparinas e tendo canalizado para tornar a acender uma assim que Rand as apagou, dizendo que não conseguia enxergar no escuro, ainda que ele pudesse. Rand não respondera e, horas depois, mal percebera quando, uma hora antes dele, Aviendha se levantou, se vestiu e saiu. Nem pensou em se perguntar para onde ela estava indo.

Os pensamentos que o mantiveram olhando fixamente para a escuridão ainda lhe passavam pela cabeça. Homens morreriam naquele dia. Muitos homens, mesmo que tudo saísse como o planejado. Nada que fizesse mudaria isso. As coisas iriam acontecer de acordo com o Padrão. Mas Rand ficou repassando as decisões que tomara desde que entrara no Deserto pela primeira vez. Poderia ter feito algo diferente, algo que evitasse este dia, este lugar? Talvez em uma próxima vez. A lança borlada repousava em cima do cinturão, e a lâmina embainhada, ao lado dos lençóis. Haveria uma próxima vez, e depois outra, e depois mais outra.

Enquanto ainda estava escuro, os chefes entraram em bando para trocar algumas palavras finais e para informar que seus homens já estavam posicionados e prontos. Não que Rand esperasse algo diferente. Mesmo com as expressões pétreas, algumas emoções ficaram evidentes. Mas era uma mistura esquisita, certa ebulição sobre uma camada de melancolia.

Erim até exibia um sorriso discreto.

— Um bom dia para presenciarmos o fim dos Shaido — afirmou, por fim. Parecia completamente alerta.

— Queira a Luz — desejou Bael, a cabeça roçando a cobertura da tenda — que lavemos nossas lanças com o sangue de Couladin antes do cair do sol.

— Falar sobre o futuro dá azar — resmungou Han. Nele, aquela impressão era muito tênue. — O destino é que decide.

Rand assentiu.

— Queira a Luz que o destino não decida pela morte de um grande número dos nossos.

Gostaria que sua preocupação fosse de que poucos homens morressem, porque nenhum deles deveria ter a vida abreviada, mas ainda havia muitos dias pela frente. Precisaria de todas as lanças possíveis para trazer a ordem para este lado da Espinha do Mundo. Aquele era um problema entre ele e Couladin, tanto quanto o resto.

— A vida é um sonho — disse-lhe Rhuarc, no que Han e os outros assentiram em concordância. A vida não passava de um sonho, e todos os sonhos tinham que acabar. Os Aiel não corriam para a morte, mas também não corriam dela.

Quando estavam de saída, Bael hesitou.

— Você está certo do que quer que as Donzelas façam? Sulin tem conversado com as Sábias.

Então era disso que Melaine vinha tratando com Bael. Pelo modo como Rhuarc parou para escutar, também vinha ouvindo de Amys a respeito do assunto.

— Todos os outros estão fazendo o que devem sem reclamar, Bael. — Aquilo foi injusto, mas a situação era séria. — Se as Donzelas querem consideração especial, Sulin, em vez de ir correndo atrás das Sábias, pode me procurar.

Fossem eles qualquer outra coisa que não Aiel, Rhuarc e Bael estariam balançando a cabeça ao sair. Rand imaginou que ambos ouviriam bastante das esposas, mas teriam que lidar com isso. Se as *Far Dareis Mai* carregavam a honra de Rand, desta vez teriam que carregá-la para onde ele quisesse.

Para a surpresa de Rand, Lan apareceu bem quando ele próprio estava pronto para sair. O manto de Guardião pendia às costas, misturando-se à paisagem conforme Lan se movia.

— Moiraine está com você? — Rand esperara que Lan fosse ficar grudado a ela.

— Está aflita na tenda dela. Ela não tem como Curar tamanha quantidade nem que fossem só os feridos mais graves de hoje. — Foi a escolha de como ajudar. Não poderia usar o Poder como arma, mas poderia Curar. — O desperdício sempre a irrita.

— Irrita a todos nós — devolveu Rand.

O fato de ter tirado Egwene de cena provavelmente também a irritara. Até onde ele sabia, Egwene não era muito boa na Cura, mas poderia ajudar Moiraine. Bem, ele precisava que Egwene mantivesse sua promessa.

— Diga a Moiraine que, caso ela precise de ajuda, que peça para uma das Sábias capazes de canalizar. — Mas eram poucas as Sábias que tinham algum conhecimento a respeito da Cura. — Ela pode se unir e usar a força delas. — Rand hesitou. Moiraine já havia lhe falado alguma vez sobre se unir? — Você não veio até aqui para me dizer que Moiraine está incomodada — afirmou, irritado. Às vezes, era difícil separar o que vinha dela, o que vinha de Asmodean e o que brotava de Lews Therin.

— Vim para lhe perguntar por que você voltou a usar espada.

— Moiraine já perguntou isso. Ela mandou...?

O rosto de Lan não se alterou, mas ele foi áspero ao interromper:

— Eu quero saber. Você pode criar uma espada com o Poder ou matar sem uma espada, mas de repente voltou a carregar aço na cintura. Por quê?

Inconscientemente, Rand deixou uma das mãos deslizar pelo punho comprido.

— Não é muito justo usar o Poder desse jeito. Ainda mais contra alguém que não é capaz de canalizar. Seria como enfrentar uma criança.

O Guardião permaneceu em silêncio por um tempo, analisando-o.

— Você pretende matar Couladin pessoalmente — afirmou, por fim, em um tom de voz neutro. — Esta espada contra as lanças dele.

— Não pretendo procurar por ele, mas quem sabe o que vai acontecer? — Rand deu de ombros, incomodado. Não iria caçá-lo. Mas se o acaso tivesse que trabalhar em seu favor, que fosse para fazê-lo ficar frente a frente com Couladin. — Além do mais, eu não desconsideraria a hipótese de ele vir atrás de mim. As ameaças que ouvi dele são pessoais, Lan. — Rand ergueu o punho e afastou a manga carmesim o suficiente para deixar visível a parte dianteira do Dragão de crina dourada. — Couladin não vai descansar enquanto eu viver, não enquanto ele e eu tivermos isto.

Verdade fosse dita, ele mesmo não descansaria até que apenas um homem vivo carregasse os Dragões. Por direito, deveria juntar Asmodean e Couladin no mesmo pacote. Fora Asmodean quem marcara o Shaido, mas a ambição desenfreada de Couladin tornara aquilo possível. Sua ambição e recusa a obedecer às leis e aos costumes Aiel haviam levado, inevitavelmente, a este lugar, a este dia. Além da Desolação e da guerra entre os Aiel, havia Taïen para ser colocada na conta de Couladin, fora Selean e dezenas de cidadezinhas e vilarejos arruinados desde então, inúmeras centenas de fazendas incendiadas. Homens, mulheres e crianças que não foram enterradas e que haviam virado alimento para os abutres. Se ele era o Dragão Renascido, se tinha algum direito

de exigir que qualquer nação o seguisse, principalmente Cairhien, então lhes devia justiça.

— Então mande decapitá-lo quando ele for apanhado — sugeriu Lan, ríspido. — Destaque cem homens, ou mil, apenas para localizá-lo e capturá-lo. Mas não seja tolo a ponto de enfrentar Couladin! Você é bom com a espada, muito bom, mas os Aiel praticamente nascem com uma lança e um broquel nas mãos. Se uma lança lhe atravessar o peito, tudo terá sido em vão.

— Então eu deveria evitar um confronto? Você evitaria, se Moiraine não tivesse direitos sobre você? E Rhuarc, Bael ou qualquer um deles?

— Eu não sou o Dragão Renascido. O destino do mundo não está em meus ombros. — Porém, o fervor momentâneo desaparecera da voz do Guardião. Se não fosse por Moiraine, ele estaria sempre nos combates mais intensos. Naquele momento, aliás, parecia arrependido do elo com a Aes Sedai.

— Não vou correr riscos desnecessários, Lan, mas não posso escapar de tudo. — A lança Seanchan permaneceria na tenda naquele dia e só atrapalharia Rand se ele de fato encontrasse Couladin. — Venha. Se ficarmos mais tempo aqui, os Aiel vão terminar o trabalho sem nós.

Quando Rand saiu, poucas estrelas ainda cintilavam, e um brilho tênue delineava o horizonte a leste. Contudo, não foi isso que o fez parar, Lan a seu lado. As Donzelas formavam um anel em torno da tenda, ombro a ombro, de frente para eles. Um anel grosso que se espalhava e ia descendo as escuras encostas amortalhadas, mulheres de *cadin'sor* tão unidas que nem um rato poderia passar entre elas. Jeade'en não estava à vista, embora um *gai'shain* tivesse recebido a ordem de deixá-lo à espera, já encilhado.

As Donzelas não estavam sós. Duas mulheres na fileira da frente usavam saias pesadas e blusas claras, os cabelos amarrados para trás com echarpes. Ainda estava escuro demais para que fosse possível discernir claramente as feições, mas havia algo na silhueta das duas, em sua postura com os braços cruzados, que identificou Egwene e Aviendha.

Sulin deu um passo à frente antes que Rand pudesse abrir a boca para perguntar o que estava acontecendo.

— Viemos escoltar o *Car'a'carn* até a torre junto com Egwene Sedai e Aviendha.

— Quem mandou fazerem isso? — questionou Rand.

Uma olhadela para Lan indicou que não havia sido ele. Mesmo na escuridão, o Guardião pareceu agitado. Só por um momento, pelo menos, a cabeça se erguendo rápido, já que nada deixava Lan surpreso por muito tempo.

— Egwene devia estar a caminho da torre neste exato instante, e as Donzelas deviam estar junto para protegê-la. O que ela vai fazer hoje é muito importante. Ela precisa ser protegida enquanto isso.

— Nós vamos protegê-la. — A voz de Sulin estava completamente inexpressiva. — E ao *Car'a'carn*, que concedeu sua honra para que as *Far Dareis Mai* a carregassem. — Um murmúrio de aprovação percorreu as Donzelas.

— Faz todo sentido, Rand — ponderou Egwene, de onde estava. — Se uma pessoa usando o Poder como arma vai encurtar a batalha, três vão encurtá-la ainda mais. E você é mais forte que eu e Aviendha juntas. — Ela não pareceu gostar de dizer a última frase. Aviendha não falou nada, mas sua postura era eloquente.

— Isso é ridículo — Rand franziu a testa. — Me deixem passar e vão para suas posições.

Sulin nem se mexeu.

— As *Far Dareis Mai* carregam a honra do *Car'a'carn* — afirmou calmamente, no que as demais a acompanharam. Não subiram o tom, mas, com tantas vozes femininas juntas, aquilo se tornou um ruído alto. — As *Far Dareis Mai* carregam a honra do *Car'a'carn*, as *Far Dareis Mai* carregam a honra do *Car'a'carn*.

— Eu mandei me deixarem passar — ordenou ele, no exato instante em que o som cessou.

Foi o mesmo que dizer para elas recomeçarem.

— As *Far Dareis Mai* carregam a honra do *Car'a'carn*, as *Far Dareis Mai* carregam a honra do *Car'a'carn*. — Sulin apenas o encarava.

Após um momento, Lan se aproximou para murmurar secamente:

— Uma mulher não é menos mulher só porque carrega uma lança. Você já conheceu alguma que abrisse mão de algo que realmente quer? Dê o braço a torcer, ou vamos passar o dia inteiro de pé aqui enquanto você discute e elas ficam entoando a mesma frase. — O Guardião hesitou, e então prosseguiu: — Além do mais, faz mesmo sentido.

Egwene abriu a boca quando o falatório tornou a esmorecer, mas Aviendha pôs a mão no braço dela e sussurrou algumas palavras, e a garota não disse nada. Rand, porém, sabia o que ela pretendia falar: estava morrendo de vontade de reclamar que ele era um cabeça de vento tolo e teimoso, ou algo do tipo.

O problema era que Rand estava começando a se sentir como se fosse. Fazia sentido *mesmo* que ele seguisse para a torre. Não tinha nada a fazer em outro local — àquela altura, a batalha estava nas mãos dos chefes e do destino — e seria muito mais útil canalizando do que cavalgando por aí esperando encontrar Couladin. Se o fato de ser um *ta'veren* pudesse trazer Couladin até ele, o homem seria atraído à torre tanto quanto a qualquer outro local. Não que Rand tivesse muitas chances de ver o sujeito, após ordenar que todas as Donzelas defendessem a torre.

Mas como voltar atrás e ainda manter um resquício de dignidade depois de ter feito reclamações a torto e a direito?

— Decidi que posso contribuir mais ficando na torre — admitiu, o rosto fervendo.

— Como o *Car'a'carn* ordenar — respondeu Sulin, sem o menor sinal de escárnio, como se a ideia tivesse sido dele desde o princípio. Lan assentiu e se afastou, as Donzelas abrindo um caminho estreito.

A brecha, no entanto, se fechou logo atrás de Lan, e, quando as mulheres começaram a se mover, Rand não teve outra opção a não ser acompanhá-las. Poderia ter canalizado, claro, atirado Fogo ou derrubado todas elas com Ar, mas aquela não era a melhor maneira de se comportar com pessoas que estavam do lado dele, menos ainda com mulheres. Além disso, não tinha certeza se era possível afastá-las sem matá-las, e talvez nem assim. E, de qualquer modo, Rand havia decidido que seria mais útil na torre, afinal.

Egwene e Aviendha estavam tão caladas quanto Sulin, pelo que Rand ficou grato. Claro que pelo menos parte daquele silêncio tinha a ver com o esforço para subir a colina, e no escuro, sem quebrar o pescoço. Aviendha chegou a soltar uns resmungos aqui e ali que Rand mal escutou, alguma reclamação sobre as saias. Mas nenhuma das duas zombou dele por ter sido tão claramente dissuadido. Embora fosse bem possível que fizessem isso depois. Mulheres pareciam gostar de dar suas alfinetadas justo quando se pensava que o perigo já havia passado.

O céu começou a ficar cinzento e, à medida que a torre de madeira surgiu acima das árvores, o próprio Rand quebrou o silêncio.

— Eu não esperava que você fizesse parte disto, Aviendha. Achei que tivesse dito que as Sábias não participam de batalhas.

Tinha certeza de que ela dissera. Uma Sábia podia caminhar pelo meio de uma batalha sem ser tocada, ou entrar em qualquer forte ou parada de um clã que tivesse uma rixa de sangue com o dela, mas não participava de confrontos, muito menos canalizando. Até Rand ir ao Deserto, mesmo a maioria dos Aiel não sabia que algumas Sábias eram capazes de canalizar, embora houvesse boatos de habilidades estranhas e, às vezes, de algo que os Aiel pensavam que parecia canalização.

— Eu ainda não sou uma Sábia — respondeu ela, gentilmente, mexendo no xale. — Se uma Aes Sedai como Egwene pode tomar parte, eu também posso. Organizei isso hoje de manhã enquanto você ainda estava dormindo, mas vinha pensando no assunto desde que você pediu a Egwene.

Àquela altura, já havia luz suficiente para ele perceber Egwene enrubescendo. Quando notou que Rand estava olhando, ela tropeçou nos próprios pés, e ele teve que segurá-la pelo braço para evitar que caísse. Evitando encará-

lo, ela se soltou. Talvez Rand não tivesse de se preocupar com nenhuma alfinetada da amiga. Cruzando os bosques esparsos, subiram em direção à torre.

— Não tentaram impedir? Amys, quero dizer, ou Bair, ou Melaine? — Ele sabia que não. Se tivessem, ela não estaria ali.

Aviendha balançou a cabeça e, em seguida, franziu o cenho, pensativa.

— Passaram um tempão conversando com Sorilea e então me disseram para fazer o que eu achasse certo. O normal é me dizerem para fazer o que *elas* acham certo. — Aviendha o encarou de soslaio e acrescentou: — Ouvi Melaine dizer que você traz mudanças.

— É verdade — concordou ele, apoiando o pé no degrau inferior da primeira escada. — Que a Luz me ajude, é verdade.

A vista de cima da plataforma era magnífica mesmo a olho nu, uma longa extensão de colinas arborizadas. As árvores eram espessas o bastante para esconder os Aiel em marcha rumo a Cairhien — a maioria já devia estar em posição —, mas a alvorada banhava a cidade com uma luz dourada. Um rápido rastreio com uma das lunetas mostrou que as colinas estéréis ao longo do rio estavam plácidas e pareciam desprovidas de vida. Aquilo mudaria em breve. Os Shaido estavam ali, mesmo que escondidos no momento. Não permaneceriam escondidos quando Rand começasse a atirar... O quê? Não o fogo devastador. O que quer que fizesse, precisaria alarmar os Shaido o máximo possível antes que seus Aiel atacassem.

Egwene e Aviendha passaram um tempo se alternando na outra luneta, fazendo pausas para discussões tranquilas, mas agora estavam apenas conversando baixinho. Por fim, após trocarem meneios de cabeça, aproximaram-se do corrimão e olharam na direção de Cairhien, as mãos apoiadas na madeira cortada de forma grosseira. A pele de Rand ficou subitamente arrepiada. Uma delas estava canalizando, talvez ambas.

O que ele percebeu primeiro foi o vento soprando em direção à cidade. Não era uma brisa, e sim o primeiro vento de verdade que sentira naquele terreno. E nuvens começavam a se formar acima de Cairhien, mais pesadas ao sul, tornando-se cada vez mais espessas e escuras diante de seus olhos, se agitando. Somente ali, sobre Cairhien e os Shaido. Em todos os outros lugares que sua vista alcançava, o céu estava azul e límpido, só com uma ou outra nuvenzinha branca bem alta. Mesmo assim, os trovões irromperam, longos e pesados. De repente, um relâmpago desceu como uma facada, um raio de prata recortado que rasgou o alto de uma colina mais abaixo da cidade. Antes que o estalo do primeiro raio atingisse a torre, dois outros crepitaram em direção ao solo. Bifurcações furiosas dançavam por todo o céu, mas aquelas lanças únicas de um branco reluzente golpeavam com a regularidade de um coração batendo. De repente, o chão explodiu onde nenhum relâmpago caíra, e, feito uma fonte, jorrou a cinquenta pés, e então de novo e de novo em outros pontos.

Rand não tinha ideia de qual das mulheres estava fazendo o quê, mas as duas com certeza pareciam prontas para botar os Shaido para correr. Era hora de fazer a parte dele, ou ficaria só assistindo. Abriu-se e agarrou *saidin*. Um fogo gelado varreu a parte externa do Vazio que cercou Rand al'Thor. Friamente, ignorou a imundície oleosa que lhe invadia, oriunda da mácula, e controlou as torrentes selvagens do Poder que ameaçavam engolfá-lo.

Daquela distância, havia limites para o que era capaz de fazer. Na verdade, sem *angreal* ou *ter'angreal*, aquela era a distância máxima em que podia, de fato, fazer alguma coisa. Devia ser por isso que as mulheres estavam canalizando um relâmpago de cada vez, uma explosão depois da outra. Se ele estava em seu limite, elas deviam estar forçando os delas.

Uma lembrança deslizou pelo Vazio. Não dele, de Lews Therin. Desta vez, Rand não ligou. Em um instante, canalizou, e uma bola de fogo envelopou o topo de uma colina a umas cinco milhas de distância, uma massa agitada de chamas amarelo-claras. Quando desapareceu, ele viu mesmo sem a luneta que a colina estava mais baixa e com o cume negro, aparentemente derretida. Com os três juntos, talvez nem houvesse necessidade de os clãs lutarem contra Couladin.

Ilyena, meu amor, me perdoe!

O Vazio estremeceu. Por um momento, Rand cambaleou à beira da destruição. Ondas do Poder Único lhe atravessaram furiosamente, quebrando em espuma de medo. A mácula parecia se solidificar em torno do seu coração feito uma rocha fétida.

Rand apertou o corrimão até as juntas doerem e se obrigou a recobrar a calma, retendo o Vazio à força. Dali em diante, recusou-se a dar ouvidos aos pensamentos em sua cabeça. Em vez disso, concentrou tudo na canalização, em cauterizar uma colina atrás da outra de forma metódica.

* * *

Posicionado bem atrás de qualquer linha de árvores que houvesse no cume, Mat prendeu o focinho de Pips sob o braço, para que o cavalo não relinchasse enquanto assistia a uns mil Aiel esgueirando-se na direção dele, vindos das colinas ao sul. O sol começara a surgir no horizonte, criando sombras compridas que ondulavam ao lado da massa em trote. O clima ameno da noite já dava lugar ao calor do dia. O ar ficaria abafado assim que o sol ganhasse qualquer altura. Mat já começava a suar.

Os Aiel ainda não o tinham visto, mas ele não duvidava de que isso logo aconteceria, caso esperasse mais tempo ali. Não fazia grande diferença que aqueles só pudessem ser os homens de Rand — se Couladin tivesse homens ao sul, o dia ficaria muito interessante para quem fosse estúpido o bastante para se colocar no meio do confronto —, e não fazia grande diferença porque Mat não

correria o risco de deixar que o vissem. Naquela manhã, já ficara suficientemente perto de uma flecha para continuar tão descuidado. Distraído, correu os dedos pela bela tira rasgada no ombro do casaco. Boa pontaria, para um alvo móvel apenas parcialmente visível em meio às árvores. Acharia ainda mais admirável caso o alvo não tivesse sido ele mesmo.

Sem tirar os olhos dos Aiel que se aproximavam, Mat conduziu Pips com cuidado mais para o fundo do matagal esparso. Caso eles o vissem e apertassem o passo, Mat descobriria na hora. Diziam que os Aiel eram capazes de alcançar correndo um homem que estivesse a cavalo, e Mat pretendia ter uma boa margem para o caso de eles tentarem.

Quando as árvores cobriram sua visão dos Aiel, Mat acelerou o passo, conduzindo Pips para a encosta oposta antes de montar e virar para oeste. Todo cuidado era pouco para alguém que pretendesse sobreviver àquele dia ali. Ele resmungou sozinho enquanto cavalgava, o chapéu puxado para baixo para esconder o rosto, a lança de cabo preto atravessada no cepilho. Oeste. Outra vez.

O dia havia começado tão bem, umas duas horas antes da primeira luz, quando Melindhra saía para algum encontro com as Donzelas. Pensando que Mat estava dormindo, ela sequer olhara para ele ao sair resmungando baixinho sobre Rand al'Thor, honra, e “as *Far Dareis Mai* acima de tudo”. Parecia estar discutindo sozinha, mas, francamente, Mat pouco se importava se a mulher queria picar Rand em pedacinhos ou cozinhá-lo. Menos de um minuto depois de ela sair da tenda, o rapaz já estava atulhando os alforjes. Ninguém olhara duas vezes para Mat enquanto ele encilhava Pips e partia para o sul feito um fantasma. Um bom começo. Só não contara com as colunas de Taardad, Tomanelle e todos os outros malditos clãs zanzando por ali rumo ao sul. Não servia de consolo que aquilo fosse quase perfeitamente o que ele havia sugerido para Lan. Mat queria ir para o sul, e aqueles Aiel forçaram-no a ir em direção ao Alguenya. Em direção aonde aconteceriam os confrontos.

Uma ou duas milhas depois, virou Pips com cuidado encosta acima e parou bem em meio às árvores que se espalhavam pelo cume. Era uma colina mais alta que a maioria, e teve uma boa visão. Desta vez, não havia Aiel à vista, mas a colina que serpenteava ao longo da base do vale sinuoso era quase tão ruim quanto. Tairenos montados lideravam o pelotão logo atrás de um punhado de estandartes coloridos de lordes, com um intervalo até uma grossa e eriçada serpente composta por piqueiros que caminhavam na poeira erguida pelos tairenos, e depois outro intervalo até os cavalos dos cairhienos, com sua profusão de estandartes, flâmulas e *con*. Os cairhienos não mantinham nenhuma ordem, amontoando-se conforme os lordes iam para a frente e para trás para conversar, mas ao menos tinham flanqueadores dos dois lados. Em todo caso, Mat teria uma rota livre para o sul assim que os homens passassem. *E eu não vou parar até já estar na metade do caminho até o maldito Erinin!*

Uma pequena movimentação chamou sua atenção para a frente da coluna abaixo. Não estivesse tão alto, não a teria avistado. Nenhum dos cavaleiros tinha como ver, com certeza. Mat desenterrou a pequena luneta dos alforjes — Kin Tovere gostava dos dados —, olhou na direção do que avistara e assobiou baixinho por entre os dentes. Aiel, pelo menos tantos quantos os homens no vale, e, se não fossem os de Couladin, estavam querendo armar uma festa surpresa, já que estavam deitados, escondidos em meio aos arbustos secos e às folhas mortas.

Por um momento, Mat tamborilou os dedos na coxa. Em pouco tempo, haveria alguns cadáveres ali embaixo. E não muitos seriam de Aiel. *Não é da minha conta. Estou fora dessa, longe daqui, e indo para o sul.* Esperaria um tempinho e partiria, enquanto os homens estivessem ocupados demais para perceber.

O tal de Weiramon — Mat ouvira o nome do homem da barba grisalha na véspera — era um completo tolo. *Nada de guardas à frente e nada de batedores, ou o maldito saberia o que está esperando por ele.* Por sinal, pelo modo como as colinas se dispunham e pela forma como o vale era sinuoso, os Aiel também não enxergavam a coluna, apenas a tênue poeira subindo para o céu. Decerto tinham vigias para posicioná-los no lugar correto. Não podiam estar simplesmente esperando ali, contando com o acaso.

Assobiando distraidamente “Dançando com Jak das Sombras”, Mat tornou a pôr a luneta no olho e estudou o topo das colinas. Sim. O comandante Aiel deixara alguns homens em um ponto onde poderiam emitir um alerta pouco antes de a coluna alcançar o local de batalha. Mas nem eles já podiam ver a aproximação. Em poucos minutos, os primeiros tairenos entrariam em seu campo de visão, mas, até lá...

Foi um choque para ele esporear Pips e fazê-lo partir encosta abaixo a galope. *Sob a Luz, o que eu estou fazendo?* Bem, não podia só ficar ali, parado, e deixar todos aqueles homens irem em direção à morte feito gansos para o abate. Podia alertá-los. Só isso. Dizer o que lhes esperava à frente, então ir embora.

Os batedores cairhienos o avistaram se aproximando antes que Mat chegasse ao pé da encosta, claro, quando ouviram os passos ritmados de Pips. Dois ou três baixaram as lanças. Mat não ficava exatamente feliz de ter um pé e meio de aço apontado para ele, e menos ainda de ter três vezes essa quantidade, mas era óbvio que um único homem não configurava uma ameaça, nem mesmo cavalgando feito um louco. Deixaram-no passar, e ele se aproximou dos lordes cairhienos na liderança por tempo suficiente para gritar:

— Parem aqui! Agora! Sob as ordens do Lorde Dragão! Ou ele vai canalizar a cabeça de vocês para dentro da barriga e dar seus próprios pés para vocês comerem no café da manhã!

Seus calcanhares esporearam, e Pips disparou para a frente. Mat só deu uma olhadela para trás, para ter certeza de que os homens estavam fazendo o que ele

mandou — e estavam, ainda que demonstrando alguma confusão a respeito; as colinas ainda os escondiam dos Aiel e, assim que a poeira assentasse, eles não teriam como saber que os tairenos estavam ali —, e então Mat partiu, inclinado contra o cavalo, açoitando Pips com o chapéu e galopando ao lado da infantaria.

Se eu esperar e deixar Weiramon repassar as ordens, vai ser tarde demais. Só isso. Ele daria o alerta e iria embora.

Os homens a pé marchavam em blocos de uns duzentos piqueiros, com um oficial montado à frente de cada bloco e talvez cinquenta arqueiros ou besteiros atrás. A maioria olhou com curiosidade para Mat quando ele passou às pressas, as patas de Pips levantando nuvens de poeira, mas ninguém perdeu o passo. Algumas das montarias dos oficiais até se agitaram, como se os cavaleiros quisessem se aproximar e descobrir o motivo de Mat estar correndo, mas nenhum deles chegou a abandonar sua posição. Boa disciplina. Eles iam precisar dela.

Defensores da Pedra fechavam a fila dos tairenos, com suas armaduras e mangas bufantes listradas de preto e dourado e plumas de várias cores nos elmos identificando os oficiais e suboficiais. O restante trajava armaduras iguais, mas com mangas nas cores de diversos lordes. Com casacos de seda, os próprios lordes cavalgavam à frente com armaduras ornamentadas e grandes plumas brancas, os estandartes tremulando atrás deles com a brisa que ia se intensificando em direção à cidade.

Puxando as rédeas diante dos homens com força o bastante para fazer Pips derrapar, Mat gritou:

— Parem, em nome do Lorde Dragão!

Parecia a maneira mais rápida de fazê-los parar, mas, por um instante, Mat pensou que todos passariam cavalgando por cima dele. Quase no último instante, um jovem lorde que Mat se recordava de ter visto do lado de fora da tenda de Rand agitou a mão e, então, todos os homens puxaram as rédeas em uma avalanche de berros de comando que percorreu toda a extensão da coluna. Weiramon não estava lá. Nenhum dos lordes era mais do que dez anos mais velho que Mat.

— O que significa isso? — perguntou o sujeito que fizera a sinalização. Olhos escuros encaravam-no de modo arrogante junto a um nariz arrebitado, o queixo erguido de forma que a barba parecia pronta para apunhalá-lo. O suor que lhe escorria pelo rosto estragava só um pouco a cena. — Foi o próprio Lorde Dragão quem me deu essa ordem. Quem é você para...?

Ele foi interrompido quando outro homem que Mat conhecia lhe puxou pela manga e sussurrou algo em um tom urgente. Com sua cara de batata sob o elmo, Estean parecia extenuado, e também com calor — os Aiel o haviam interrogado a respeito das condições na cidade, Mat ficara sabendo —, mas o homem já jogara cartas com Mat em Tear e sabia exatamente quem ele era. Apenas a

armadura de Estean possuía lascas na ornamentação dourada. Nenhum dos demais tinha feito mais do que cavalgar arrumadinhos. Por enquanto.

O queixo do sujeito de nariz arrebitado foi baixando conforme ele escutava, e, depois que Estean se afastou, seu tom de voz foi mais moderado:

— Eu não quis ofender... ah... Lorde Mat. Sou Melanril, da Casa Asegora. Como posso servir ao Lorde Dragão? — A moderação se transformou em hesitação na pergunta final, e Estean se intrometeu, ansioso.

— Por que tivemos que parar? Sei que o Lorde Dragão disse para nos contermos, Mat, mas, que a minha alma queime, não há honra alguma em ficar sentado e deixar os Aiel lutarem todos os confrontos. Por que temos que ficar encarregados de perseguir os inimigos depois que já estiverem derrotados? Além do mais, meu pai está na cidade, e... — O homem deixou a voz morrer sob o olhar de Mat.

Mat balançou a cabeça e se abanou com o chapéu. Os tolos nem sequer estavam onde deveriam. Também não havia a menor chance de fazê-los dar meia-volta. Mesmo que Melanril obedecesse — e, olhando para ele, Mat não tinha certeza se seria o caso, mesmo sob supostas ordens do Lorde Dragão —, não haveria chance. O homem estava na sela, totalmente à vista dos sentinelas Aiel. Se a coluna comesse a dar meia-volta, eles saberiam que haviam sido descobertos e, muito provavelmente, atacariam enquanto os tairenos e os cairhienos estivessem enroscados. Seria uma carnificina tão certa quanto se tivessem continuado à frente, ignorantes da situação.

— Onde está Weiramon?

— O Lorde Dragão o mandou de volta para Tear — respondeu Melanril, hesitante. — Para cuidar dos piratas illianenses e dos bandidos nas Planícies de Maredo. Ele estava relutante em ir, claro, mesmo para assumir uma responsabilidade tão grande, mas... Me perdoe, Lorde Mat, mas, se foi o Lorde Dragão que o enviou, como pode não saber...

Mat o interrompeu.

— Eu não sou lorde. E se você quiser questionar o que Rand permite que os outros saibam, questione com ele. — Isso aquietou o sujeito. Ele não estava disposto a questionar o maldito Lorde Dragão. Weiramon era um tolo, mas ao menos tinha idade suficiente para já ter estado em batalhas. Exceto por Estean, parecendo uma saca de nabos amarrada ao cavalo, tudo o que aquele pessoal já tinha visto eram uma ou duas brigas de taverna. E talvez alguns duelos. Bela ajuda isso tudo lhes daria. — Agora todos tratem de me ouvir. Quando vocês passarem por aquela fenda ali na frente entre as próximas duas colinas, os Aiel vão vir que nem uma avalanche para cima de vocês.

Foi como se Mat tivesse dito a eles que haveria um baile, com todas as mulheres suspirando para conhecer um fidalgo taireno. Sorrisos ansiosos irromperam, e os homens começaram a se movimentar nos cavalos, dando

tapinhas nas costas uns dos outros e gabando-se de quantos inimigos cada um mataria. Estean era o único a reagir diferente, apenas suspirando e afrouxando a espada dentro da bainha.

— Não fiquem olhando lá para cima! — reclamou Mat. Os tolos. Em um minuto, estariam convocando o ataque! — Mantenham os olhos em mim. Em mim!

Os homens obedeceram porque sabiam de quem Mat era amigo. Melanril e os demais, com suas armaduras belas e intactas, franziam o cenho impacientemente, sem entender por que Mat não queria deixá-los dar início à missão de matar os selvagens Aiel. Não fosse ele amigo de Rand, era provável que tivessem esmagado tanto a ele quanto a Pips.

Mat poderia deixá-los avançar correndo. Fariam isso aos poucos, deixando os piqueiros e a cavalaria cairhiena para atrás, embora os cairhienos talvez se juntassem ao grupo assim que se dessem conta do que estava acontecendo. E todos morreriam. O mais inteligente seria deixar os homens ir à luta enquanto ele seguia na direção oposta. O único problema era que, assim que aqueles idiotas permitissem que os Aiel soubessem que haviam sido descobertos, os próprios Aiel poderiam decidir fazer algo mais sofisticado, como dar a volta para investir pelos flancos contra os tolos restantes. Se isso acontecesse, não havia certeza de que Mat conseguiria escapar.

— O que o Lorde Dragão quer que vocês façam — disse a eles — é avançar devagar, como se não houvesse nenhum Aiel nas próximas cem milhas. Assim que os lanceiros atravessarem a fenda, vão formar um cordão de isolamento, e aí vocês se posicionam dentro dele com o dobro da velocidade.

— Dentro! — protestou Melanril. Resmungos raivosos irromperam entre os outros jovens lordes, tirando Estean, que parecia pensativo. — Não há honra alguma em se esconder atrás de malditos...

— Tratem de obedecer! — urrou Mat, puxando Pips pelas rédeas até bem perto do cavalo de Melanril. — Ou, se os malditos Aiel não matarem vocês, Rand mata, e depois, o que quer que ele deixe sobrando, eu mesmo transformo em língua! — Aquilo já estava demorando demais. Os Aiel deviam estar se perguntando sobre o que estavam conversando. — Com sorte, vocês vão estar posicionados antes que os Aiel possam alcançá-los. Se tiverem besteiros nas selas, usem. Se não, aguentem firme. Vocês vão fazer o maldito ataque de vocês, e vão saber a hora certa, mas caso se movam cedo demais...! — Mat praticamente sentia o tempo se esgotando.

Aninhando a coronha da lança no estribo, Mat esporeou Pips de volta para a coluna. Quando olhou por sobre o ombro, Melanril e os outros conversavam e o espiavam. Pelo menos não estavam indo a toda vale acima.

O comandante dos piqueiros se revelou um cairhieno pálido e esbelto, meia cabeça mais baixo que Mat e montado em um castrado cinza que já parecia

mais para lá do que para cá. Daerid, porém, tinha o olhar severo, um nariz bastante quebrado e três cicatrizes que ziguezagueavam o rosto, uma delas não muito antiga. Tirou o elmo em forma de sino enquanto conversava com Mat. A parte frontal da cabeça era raspada. O homem não era um lorde. Talvez tivesse feito parte do exército, antes de a guerra civil começar. Sim, seus homens sabiam formar um ouriço. Ainda não havia enfrentado Aiel, mas já combatera salteadores e a cavalaria andoriana. Ele insinuou que também já tinha lutado contra outros cairhienos, por uma das Casas que disputavam o trono. Daerid não soava nem ansioso nem relutante, e sim como um homem com um trabalho a realizar.

A coluna se afastou quando Mat virou a cabeça de Pips para o outro lado. Os homens marchavam em um ritmo comedido, e uma rápida olhada para trás mostrou que os cavalos tairenos se moviam na mesma cadência.

Mat acelerou Pips, mas não muito. Parecia sentir os Aiel às costas, imaginando o que ele teria dito e aonde estava indo, e por quê. *Apenas um mensageiro que já deu sua mensagem e está indo embora. Nada com que se preocupar.* Decerto torcia para que fosse isso que os Aiel estavam pensando, mas seus ombros só relaxaram quando ele teve certeza de que não podia mais ser visto.

Os cairhienos ainda estavam esperando onde Mat os deixara. Os flaqueadores também permaneciam em posição. Estandartes e *con* formavam um aglomerado onde os lordes haviam se reunido. Eram um entre cada dez homens, ou mais. A maioria usava armaduras comuns e, onde havia douraduras ou prateados, a peça estava batida como se um ferreiro bêbado tivesse posto as mãos nela. Algumas das montarias daqueles homens faziam a de Daerid parecer o cavalo de batalha de Lan. Será que conseguiriam fazer ao menos o que era necessário? Mas os rostos que se voltaram para Mat eram duros, e os olhares, mais duros ainda.

Ele já estava livre, escondido dos Aiel. Podia seguir cavalgando. Depois de dizer àqueles homens o que era esperado deles, pelo menos. Havia mandado os outros para dentro da armadilha dos Aiel. Não podia simplesmente abandoná-los.

Talmanes, da Casa Delovinde, cujo *con* era três estrelas amarelas em um fundo azul, e o estandarte, uma raposa negra, era ainda mais baixo que Daerid e no máximo três anos mais velho que Mat, mas liderava os cairhienos, embora houvesse homens mais velhos e até grisalhos ali presentes. Seus olhos expressavam tão pouco quanto os de Daerid, e ele parecia um chicote em riste. Sua armadura e sua espada eram absolutamente simples. Assim que disse seu nome a Mat, se pôs a ouvir em silêncio enquanto o rapaz explicava o plano e se inclinava um pouco para fora da sela para riscar linhas no chão com a lança com lâmina de espada.

Os demais lordes cairhienos formaram um círculo com seus cavalos e assistiram a tudo, mas nenhum deles com tanta atenção quanto Talmanes. O homem estudou o mapa que Mat desenhara, depois analisou o rapaz da cabeça aos pés, incluindo a lança. Quando Mat terminou, o sujeito continuou em silêncio, até que o próprio Mat rosnou:

— Então? Pouco me importa se vocês vão pegar ou largar, mas seus amigos vão estar com Aiel até a cintura daqui a pouco.

— Os tairenos não são meus amigos. E Daerid é... útil. Com certeza não é um amigo. — A frase fez risinhos secos se espalharem entre os lordes ao redor. — Mas, se você liderar metade, eu lidero a outra.

Talmanes tirou uma das manoplas com proteção de aço e estendeu a mão, mas por um momento Mat ficou apenas olhando. Liderar? Ele? *Sou um jogador, não um soldado. Um mulherengo.* Lembranças de batalhas de muito tempo atrás giravam em sua mente, mas ele se forçou a refreá-las. Tudo o que tinha de fazer era seguir cavalgando. Mas então talvez Talmanes deixasse Estean, Daerid e os demais para morrer. Na mesma cilada de que Mat os havia tirado. Ainda assim, ficou surpreso de apertar a mão do homem e dizer:

— Apenas esteja lá quando tiver que estar.

Como resposta, Talmanes começou a recitar nomes com rapidez. Lordes e fidalgotes conduziram seus cavalos até Mat, cada qual seguido por um porta-estandarte e talvez uma dúzia de homens, até ele ter reunido uns quatrocentos e poucos cairhienos. Talmanes também não disse muita coisa depois disso. Só fez conduzir o restante para oeste, em trote, deixando para trás uma tênue nuvem de poeira.

— Mantenham-se juntos — disse Mat, para sua metade. — Ataquem quando eu disser para atacar, corram quando eu disser para correr, e não façam nenhum barulho desnecessário. — Ouvia-se o ranger das selas e o baque das patas, claro, conforme o seguiram, mas pelo menos os homens não falaram nem fizeram perguntas.

Espiou uma última vez a outra massa de estandartes e *con* reluzentes, e então uma curva do vale raso os escondeu. Como Mat tinha se metido naquilo? Tudo parecera tão simples no começo. Bastava dar um aviso e partiria. Cada passo dado depois parecera tão pequeno, tão necessário. E agora estava com lama até a cintura, e sem escolha que não fosse seguir em frente. Torcia para que Talmanes pretendesse dar as caras. O homem nem perguntara quem Mat era.

O vale entre as colinas serpenteava e se bifurcava conforme Mat seguia rumo ao norte, mas seu senso de direção era bom. Sabia exatamente, por exemplo, para que lado ficava o sul e a segurança, e não era para onde estava indo. Nuvens muito escuras se formavam sobre o céu da cidade, as primeiras daquele tamanho que Mat via em tempo. A chuva interromperia a seca — bom para os fazendeiros, se era que restava algum — e assentaria a poeira — bom

para os cavaleiros, que não anunciariam sua presença tão cedo. Se chovesse, talvez os Aiel desistissem e fossem embora. O vento também estava começando a aumentar, trazendo, incrivelmente, um pouco de frescor.

O som de combates se erguia por sobre os cumes: homens aos berros, homens aos gritos. Havia começado.

Mat virou Pips, suspendeu a lança e girou-a para a esquerda e para a direita. Ficou um tanto surpreso quando os cairhienos adotaram a formação de uma longa fileira de cada lado dele, de frente para a encosta acima. O gesto fora instintivo, de uma outra época e lugar, mas aqueles homens já haviam participado de combates. Mat fez Pips começar a atravessar as árvores esparsas a passos lentos, e todos acompanharam o ritmo em meio ao calmo farfalhar dos arreios.

Quando chegou lá no alto, a primeira coisa que Mat sentiu foi alívio ao ver Talmanes e seus homens no cume do lado aposto. Em seguida, mentalizou um palavra.

Daerid fizera a formação do ouriço; aglomerados pontudos de quatro fileiras de lanças intercaladas com arqueiros criavam um grande quadrado oco. Lanças compridas tornavam difícil a aproximação dos Shaído, independentemente de como eles atacassem, e os arqueiros e besteiros trocavam tiros intensos e rápidos com os Aiel. Homens tombavam dos dois lados, mas os piqueiros apenas se fechavam mais quando um dos seus caía, tornando o quadrado ainda mais apertado. Os Shaído, claro, também não aparentavam arrefecer a ofensiva.

No centro, desmontados, encontravam-se os Defensores e talvez metade dos lordes tairenos com seus homens. Metade. Foi isso que o fez xingar. O restante corria em meio aos Aiel, cortando e apunhalando com espadas e lanças em grupos de cinco ou dez, ou sozinhos. Dezenas de cavalos já sem os cavaleiros indicavam quão bem estavam se saindo. Melanril, abandonado apenas com seu porta-estandarte, estava por ali com sua espada. Dois Aiel partiram para cima para cortar os tendões das pernas do cavalo do fidalgote. O animal caiu, a cabeça se debatendo — Mat teve certeza de que o animal gritara, mas a balbúrdia abafou o som —, e então Melanril sumiu por trás de vultos que trajavam o *cadin'sor*, as lanças a apunhalá-lo. O porta-estandarte durou poucos momentos mais.

Já vai tarde, pensou Mat, sombrio. De pé nos estribos, ergueu bem alto a lança com lâmina de espada e girou-a para a frente, gritando:

— *Los! Los caba'drin!*

Se pudesse, teria engolido de volta aquelas palavras, e não porque eram na Língua Antiga. O caldeirão fervia no vale lá embaixo. Mas, independentemente de qualquer um dos cairhienos ter ou não entendido o comando de “Avante, cavaleiros” na Língua Antiga, todos compreenderam o gesto, em especial quando Mat voltou a sentar na sela e enfiou os calcanhares no cavalo. Não que de

fato quisesse fazer isso, mas, àquela altura, não via outra opção. Pusera aqueles homens ali — alguns talvez tivessem ido embora se ele tivesse lhes dito para dar meia-volta e sair correndo —, e simplesmente não tinha escolha.

Acompanhados de estandartes e *con* tremulando, os cairhienos desceram a colina em disparada ao lado dele, berrando gritos de guerra. Sem dúvida imitando-o, embora o que Mat estivesse gritando fosse “Sangue e malditas cinzas!”. Do outro lado do vale, Talmanes descia com o mesmo ímpeto.

Certos de que tinham encurralado todos os aguacentos, os Shaido só se deram conta dos outros no momento em que foram atingidos por trás pelos dois lados. Foi aí que os raios começaram a cair. Então a coisa ficou realmente feia.





A TRISTEZA MENOR

A camisa de Rand estava grudada ao corpo devido ao suor, mas ele manteve o casaco para se proteger do vento que soprava na direção de Cairhien. Faltava pelo menos uma hora para o sol atingir o pico do meio-dia, mas Rand sentia como se tivesse corrido a manhã toda e apanhado de porrete depois. Envolvido pelo Vazio, só tinha uma remota consciência do cansaço, percebia vagamente a dor nos braços, nos ombros e na base das costas, uma pulsação em torno da frágil cicatriz na lateral do corpo. Que tivesse qualquer consciência daquilo tudo já significava muita coisa. Preenchido pelo Poder, era capaz de enxergar folha a folha de árvores a cem passadas de distância, mas qualquer sensação física deveria lhe parecer tão distante quanto se estivesse acontecendo com outra pessoa.

Já fazia tempo que Rand passara a manejar *saidin* por meio do *angreal* em seu bolso, a escultura em pedra do homenzinho gordo. Ainda assim, usar o Poder passara a exigir esforço, ter que urdi-lo àquela distância de milhas e milhas... Mas só os fios rançosos que rajavam o Poder que ele agarrava impediam que Rand sorvesse mais, que tentasse puxar tudo para si. O Poder era doce, com ou sem mácula. Após horas canalizando sem parar, estava exausto. Ao mesmo tempo, tinha de lutar com ainda mais força contra o próprio *saidin*, empregar mais vontade para evitar que acabasse virando pó ali mesmo, que sua mente se transformasse em cinzas. Era cada vez mais difícil resistir à destruição de *saidin*, mais difícil resistir ao desejo de atrair mais, mais difícil dar conta do que ele já atraía. Uma espiral negativa repugnante, e horas pela frente antes que a batalha estivesse decidida.

Limpou o suor dos olhos e segurou o corrimão áspero da plataforma. Estava próximo do limite, mas era mais forte que Egwene e Aviendha. A Aiel estava de pé, espiando na direção de Cairhien e das nuvens de tempestade, curvando-se de tempos em tempos para olhar pela comprida luneta. Egwene estava sentada de pernas cruzadas, as costas apoiadas em uma estaca ainda coberta pela casca cinza, os olhos fechados. Ambas pareciam tão extenuadas quanto ele se sentia.

Antes que Rand pudesse fazer qualquer coisa — não que soubesse o quê, já que não tinha nenhuma habilidade com a Cura —, os olhos de Egwene se abriram, e ela se levantou e trocou algumas palavras sussurradas com Aviendha que o vento tratou de levar para longe até mesmo de sua audição potencializada por *saidin*. Então Aviendha se sentou no lugar de Egwene e deixou a cabeça se recostar na estaca. As nuvens negras em torno da cidade continuavam a disparar relâmpagos, mas agora vinham mais tridentes estrondosos do que raios únicos.

Então elas estavam se revezando, dando tempo para a outra descansar. Seria bom ter alguém para fazer o mesmo com ele, mas Rand não estava arrependido de mandar Asmodean ficar na tenda. Não teria confiado nele para canalizar. Especialmente naquele momento. Quem saberia o que ele poderia fazer, caso visse Rand enfraquecido daquele jeito?

Levemente trôpego, Rand girou a luneta para examinar as colinas em torno da cidade. Agora, sim, via-se vida ali naqueles topos. E morte. Para onde quer que olhasse, havia confrontos, Aiel contra Aiel, mil ali, cinco mil acolá, fervilhando no alto das colinas descampadas e enroscados demais para que ele pudesse fazer alguma coisa. Não conseguiu localizar a coluna da cavalaria e dos lanceiros.

Já os tinha visto três vezes, uma delas enfrentando o dobro de Aiel que eles somavam. Rand tinha certeza de que ainda estavam por lá. Tinha poucas esperanças de que Melanril tivesse decidido obedecer às ordens dele, àquela altura. Escolher o homem só porque ele tivera a delicadeza de ficar constrangido pelo comportamento de Weiramon fora um erro, mas o tempo para fazer a escolha tinha sido curto, e ele precisara se livrar de Weiramon. Não havia o que fazer a respeito, naquele momento. Talvez um dos cairhienos pudesse ser alçado ao comando. Se é que uma ordem direta de Rand pudesse fazer os tairenos obedecerem a um cairhieno.

Uma massa que se amontoava bem ao lado da alta muralha cinzenta da cidade atraiu sua atenção. Os enormes portões de ferro estavam abertos, Aiel lutando contra cavaleiros e piqueiros quase na parte externa, enquanto outro pessoal tentava fechar os portões, fracassando por conta da pressão exercida pelos corpos. Cavalos com selas vazias e homens de armadura caídos a meia milha do portão demarcavam onde a incursão havia sido forçada a recuar. Choviam flechas das muralhas, além de pedaços de cascalho do tamanho de cabeças — e até uma ou outra lança voando e golpeando com força suficiente

para atravessar dois ou três homens, embora Rand ainda não conseguisse identificar de onde vinham exatamente —, mas os Aiel passavam pelos mortos e chegavam cada vez mais perto de forçar a entrada. Uma rápida varredura mostrou a Rand mais duas colunas de Aiel trotando em direção aos portões, talvez três mil no total. Não tinha dúvidas de que também fossem de Couladin.

Rand tinha consciência de que estava rangendo os dentes. Se os Shaido entrassem em Cairhien, ele jamais os empurraria para o norte. Teria que desenterrá-los rua a rua. A quantidade de vidas perdidas tornaria insignificante o número atual de mortos, e a própria cidade acabaria em ruínas feito Eianrod, se não Taien. Cairhienos e Shaido encontravam-se misturados feito formigas em uma tigela, mas ele precisava tomar alguma providência.

Raspiro fundo e canalizou. As duas mulheres tinham preparado o terreno com aquelas nuvens de tempestade. Rand não precisava enxergar as tessituras delas para tirar proveito. Poderosos relâmpagos azul-prateados acertaram os Aiel uma vez, duas, e de novo, tão rápido quanto alguém conseguia bater palmas.

Rand ergueu a cabeça e piscou para fazer sumir as linhas cintilantes que ainda pareciam cruzar sua vista, e, quando tornou a olhar pelo tubo comprido, havia Shaido pelo chão feito cevada cortada em todos os pontos onde os relâmpagos tinham caído. Havia homens e cavalos atingidos também na área mais próxima aos portões, alguns imóveis, mas os ilesos arrastavam os feridos e os portões começavam a se fechar.

Quanto não vão conseguir voltar para dentro? Quanto dos meus acabei matando? A verdade nua e crua era que isso não importava. Aquilo precisava ser feito, e fora.

E muito bem. De um jeito distante, Rand sentiu os joelhos vacilarem. Se pretendia aguentar até o final do dia, precisaria diminuir o ritmo. Nada de ataques a esmo para todos os lados. Teria que identificar onde era particularmente necessário, onde podia fazer alguma...

As nuvens carregadas se amontoavam apenas sobre a cidade e as colinas ao sul, mas isso não impediu que relâmpagos irrompessem do céu claro e sem nuvens acima da torre, lampejando na direção das Donzelas reunidas logo abaixo com um estalo ensurdecedor.

Com o cabelo eriçado pela energia no ar, Rand observou. Sentiu aquele raio de maneira diferente; percebeu a tessitura de *saidin* que o criara. *Então Asmodean ficou tentado mesmo lá nas tendas.*

No entanto, não havia tempo para pensar. Como rápidas batidas em um tambor gigante, raios caíram em sequência, indo em meio às Donzelas até um último acertar a base da torre e gerar uma explosão de estilhaços do tamanho de braços e pernas.

Quando a torre começou a se inclinar lentamente, Rand se atirou em Egwene e Aviendha. De alguma maneira, conseguiu agarrar as duas com um só

braço e enroscou o outro em uma estaca que, àquela altura, era o lado mais alto da plataforma. As mulheres o encararam de olhos arregalados, as bocas se abrindo, mas, assim como não havia tempo para pensar, também não havia tempo para falar. A torre de madeira estilizada tombou contra os galhos das árvores. Por um instante, Rand acreditou que pudessem amortecer a queda.

Com um estalo, a estaca à qual ele se segurava rompeu. O chão subiu, e Rand perdeu o fôlego um segundo antes de as duas mulheres caírem por cima dele. Tudo ficou escuro.

Rand recobrou a consciência devagar. A audição voltou primeiro.

— ... nos desenterrou como se fôssemos um pedregulho e nos empurrou colina abaixo durante a noite. — Era a voz de Aviendha, baixa, como se estivesse falando consigo mesma. Algo tocava o rosto dele. — Você nos despiu do que somos, do que éramos. Precisa nos dar algo em troca, algo para sermos. Nós precisamos de você. — A coisa tocando seu rosto desacelerou, os movimentos se tornaram mais suaves. — Eu preciso de você. Não para mim, entenda. Para Elayne. O que existe agora entre mim e ela é entre mim e ela, mas eu vou lhe entregar para Elayne. Eu vou! Se você morrer, vou carregar seu corpo e dar para ela! Se você morrer...!

Os olhos de Rand se abriram e, por um momento, os dois se encararam quase nariz com nariz. O cabelo dela estava todo desgrenhado, a echarpe da cabeça sumira, e um hematoma roxo lhe marcava a bochecha. Aviendha se endireitou em um pulo, dobrou um pano úmido manchado de sangue e começou a dar batidinhas na testa de Rand com consideravelmente mais força do que antes.

— Não tenho nenhuma intenção de morrer — respondeu ele, embora, na realidade, não tivesse muita certeza daquilo.

O Vazio e *saidin* já não estavam mais ali, claro. Só de pensar em perdê-los daquela forma o fez tremer. Fora muita sorte *saidin* não ter incinerado sua mente por completo naquele último instante. A ideia de agarrar a Fonte de novo o fez gemer. Sem o Vazio para protegê-lo, sentia todas as dores, todos os machucados e arranhões, completamente. Estava tão cansado que poderia ter se deixado cair e dormir ali mesmo, caso não estivesse tão dolorido. Então era até bom que estivesse machucado, já que com certeza não poderia dormir. Não por muito tempo.

Deslizou a mão por debaixo do casaco, tocou na lateral do corpo e furtivamente limpou na camisa o sangue dos dedos antes de pôr a mão para fora de novo. Não era de se surpreender que uma queda como aquela tivesse aberto a ferida mal curada, que nunca cicatrizava de fato. Rand não parecia estar sangrando tanto assim, mas, se as Donzelas vissem, ou Egwene, ou mesmo Aviendha, talvez ele precisasse lutar para não ser arrastado até Moiraine para ser Curado. Ainda tinha muito o que fazer para se permitir aquilo — ser Curado,

acima de tudo, seria como levar uma porretada na têmpera — e, além do mais, devia haver muitas feridas mais graves para ela Curar.

Sorrindo e suprimindo outro gemido, Rand se pôs de pé com apenas uma ajudinha de Aviendha. E prontamente se esqueceu de todas as lesões.

Sulin estava sentada no chão ali perto, com Egwene fazendo uma bandagem em um corte sangrento em seu escalpo e resmungando furiosamente consigo mesma porque não sabia Curar. Mas a Donzela de cabelo branco não era a única baixa, e nem de longe a pior. Por toda parte, mulheres trajando o *cadin'sor* cobriam os mortos com lençóis e cuidavam daqueles que haviam meramente se queimado, isso se “meramente” pudesse ser aplicado para queimaduras de relâmpagos. Exceto pelos resmungos de Egwene, o topo da colina repousava quase em silêncio, até as mulheres machucadas estavam quietas, apenas respirando ruidosamente.

A torre de madeira, agora praticamente irreconhecível, não poupava as Donzelas ao desabar, quebrando braços e pernas e abrindo cortes. Rand viu quando um lençol cobriu o rosto de uma Donzela de cabelo loiro-acobreado, quase do mesmo tom do de Elayne, a cabeça torcida em um ângulo nada natural e os olhos vítreos fixos. Jolien. Uma das primeiras a cruzar a Muralha do Dragão em busca d'Aquele Que Vem Com a Aurora. Ela fora até a Pedra de Tear por ele. E agora estava morta. Por ele. *Ah, você se saiu bem em manter as Donzelas fora de perigo*, pensou Rand, com amargura. *Muito bem mesmo.*

Ainda sentia os relâmpagos, ou melhor, os resíduos de sua formação. Quase como a imagem residual que ficara em seus olhos mais cedo, era capaz de traçar a tessitura, apesar de ela estar desaparecendo. Para sua surpresa, vinham do oeste, e não das tendas. Não era Asmodean, então.

— Sammael. — Rand tinha certeza. Sammael enviara aquele ataque em Passo de Jangai, Sammael estava por trás dos piratas e das invasões em Tear, e fora Sammael quem fizera aquilo. Rand abriu a boca para deixar escapar um rosnado, e sua voz ecoou um sussurro áspero. — Sammael! — Não percebeu que avançara um passo, até Aviendha segurá-lo pelo braço. Logo depois, Egwene pegou o outro, as duas agarrando-se a ele como se pretendessem fincá-lo no chão.

— Não seja um perfeito cabeça de lâ — advertiu Egwene, parecendo assustada com o olhar de Rand, mas sem soltá-lo. Ela recolocara a echarpe marrom em torno da cabeça, mas, tendo apenas os dedos para se pentear, seu cabelo não ficara arrumado, e a blusa e a saia ainda estavam cobertas de poeira — Quem quer que tenha feito isso, por que você acha que esperou tanto, até que você já estivesse cansado? Porque caso não conseguisse te matar e você fosse atrás da pessoa, seria presa fácil. Você mal consegue ficar de pé!

Aviendha também não estava disposta a soltá-lo, sustentando o olhar dele.

— Precisam de você aqui, Rand al'Thor. Aqui, *Car'a'carn*. Sua honra reside em matar esse homem ou está aqui, entre aqueles que você trouxe para estas terras?

Um jovem Aiel chegou correndo pelo meio das Donzelas, a *shoufa* em torno dos ombros, lança e broquel balançando. Se achou estranho encontrar duas mulheres segurando Rand, não deu sinal. Olhou para os vestígios destruídos da torre e para os mortos e feridos com leve curiosidade, como se estivesse se perguntando como aquilo podia ter acontecido e onde os inimigos mortos poderiam estar. Cravando a ponta da lança no chão à frente de Rand, anunciou:

— Sou Seirin, do ramo Shorara dos Tomanelle.

— Vejo você, Seirin — respondeu Rand, com a mesma formalidade. Não foi fácil, com duas mulheres segurando-o como se achassem que ele fosse fugir.

— Han, dos Tomanelle, envia uma mensagem para o *Car'a'carn*. Os clãs a leste estão indo um em direção ao outro. Todos os quatro. Han pretende se reunir com Dheacic, e convidou Erim para se juntar a eles.

Rand respirou com cuidado e esperou que as mulheres pensassem que sua careta fora por conta da notícia. A lateral do corpo ardia, e ele sentia o sangue se espalhando devagar pela camisa. Então não haveria nada para forçar Couladin a ir para o norte quando os Shaido cedessem. Se é que cederiam. Ainda não haviam dado sinal disso, pelo que Rand tinha visto. Por que os Miagoma e os demais tinham decidido se unir? Se a intenção deles era partir contra Rand, estavam apenas dando um alerta. Mas, se a intenção *fosse* partir contra Rand, Han, Dheacic e Erim estariam em menor número, e se os Shaido resissem por tempo suficiente e os quatro clãs conseguissem avançar... Do outro lado das colinas arborizadas, Rand viu que começara a chover sobre a cidade, agora que Egwene e Aviendha não estavam mais segurando as nuvens. Isso atrapalharia os dois lados. A menos que as mulheres estivessem em melhor condição do que pareciam, talvez não tivessem como recuperar o controle, à tamanha distância.

— Diga a Han fazer o que for preciso para mantê-los longe de nós.

Jovem como era — mais ou menos da idade de Rand, aliás —, Seirin ergueu a sobrancelha, surpreso. Óbvio. Han não faria diferente, e Seirin sabia disso. Esperou apenas o suficiente para se certificar de que Rand não tinha mais nenhuma mensagem. Então saiu correndo colina abaixo, tão rápido quanto viera. Sem dúvida não queria perder mais do que o necessário dos confrontos, que, por sinal, já deviam ter se iniciado, mais ao leste.

— Preciso que alguém vá buscar Jeade'en — afirmou Rand, assim que Seirin saiu correndo.

Se tentasse andar toda aquela distância, realmente precisaria que as mulheres o segurassem de pé. As duas não se pareciam nem um pouco, mas conseguiram fazer praticamente a mesma expressão desconfiada. Aquele cenho franzido devia ser uma das coisas que toda garota aprendia com a mãe.

— Eu não vou atrás de Sammael. — Não ainda. — Mas preciso chegar mais perto da cidade.

Rand fez um meneio na direção da torre desabada. Era o único gesto possível, com as duas segurando-o. Talvez Mestre Tovere conseguisse salvar as lentes das lunetas, mas não havia nem três toras da torre que não estivessem quebradas. Por enquanto, nada de observar tudo do alto.

Egwene estava claramente insegura, mas Aviendha mal hesitou antes de pedir para uma jovem Donzela ir atrás dos *gai'shain*. Para buscar Bruma também, o que ele não previra. Egwene começou a se esfregar, reclamando sozinha da poeira, e Aviendha encontrou um pente de marfim e outra echarpe. Apesar da queda, as duas, de alguma forma, já aparentavam estar consideravelmente menos desgrenhadas do que ele. A fadiga ainda lhes marcava o rosto, mas, contanto que conseguissem canalizar, ambas seriam úteis.

Aquilo o fez parar. Ultimamente, será que pensava em qualquer pessoa para além de sua utilidade? Rand precisaria mantê-las tão seguras quanto estavam no alto da torre. Não que a torre tivesse sido muito segura, como acabou se provando, mas, desta vez, ele teria de administrar melhor a situação.

Sulin se levantou quando ele se aproximou, uma touca clara feita de bandagem de *algode* lhe cobrindo a cabeça, uma franja branca despontando.

— Vou chegar mais perto da cidade — avisou-a —, até poder ver o que está acontecendo e talvez fazer algo a respeito. Todas as Donzelas feridas devem permanecer aqui, assim como gente suficiente para protegê-las, caso haja necessidade. Forme uma guarda forte, Sulin. Só preciso de poucas, e seria uma péssima retribuição pela honra que as Donzelas me demonstraram se eu permitisse que as que foram feridas fossem massacradas. — Aquilo deveria manter a maior parte delas longe dos confrontos. Ele mesmo teria de ficar afastado da luta para garantir o mesmo às outras, mas, do jeito que se sentia, isso não seria um fardo. — Quero que você fique aqui e...

— Eu não sou uma das feridas — retrucou ela, inflexível, fazendo-o hesitar e, em seguida, assentir.

— Muito bem. — Rand sabia que a lesão dela era grave, mas também sabia que a mulher era forte. E, caso Sulin ficasse, poderia acabar com alguém como Enaila liderando sua guarda. Ser tratado como irmão não chegava nem perto do quanto era irritante ser tratado como filho, e ele não estava com humor para aturar a segunda opção. — Mas confio em você para garantir que ninguém que venha comigo *esteja* machucada, Sulin. Vou precisar me manter em movimento. Não posso permitir alguém que me obrigue a ir mais devagar ou que precise ser deixada para trás.

A mulher aquiesceu tão rápido que ele se convenceu de que ela faria com que qualquer Donzela com um arranhão permanecesse ali. Exceto ela, claro. Foi uma ocasião em que ele não se sentiu culpado por usar alguém. As Donzelas

tinham feito a escolha de carregar a lança, mas também escolheram segui-lo. “Seguir” talvez não fosse bem a palavra, considerando algumas coisas que elas tinham feito, mas isso, na cabeça dele, não mudava nada. Ele não iria, não poderia, ordenar que uma mulher fosse para a morte, e ponto final. Na verdade, até esperara algum tipo de protesto. Estava muito grato por não ter acontecido. *Eu devo ser mais sutil do que imagino.*

Dois *gai'shain* com seus robes claros chegaram trazendo Jeade'en e Bruma, e, atrás deles, seguiam-se muitos outros, trazendo bandagens e unguentos e, sobre os ombros, camadas e camadas de bolsas cheias d'água, sob a liderança de Sorilea e uma dúzia de outras Sábias que Rand já conhecera. Na melhor das hipóteses, achava que talvez soubesse o nome de metade delas.

Sorilea com certeza estava no comando, e foi rápida em fazer com que os *gai'shain*, assim como as outras Sábias, circulassem entre as Donzelas que tratavam ferimentos. Ela olhou para Rand, Egwene e Aviendha, franzindo o cenho, pensativa, e apertando os lábios, claramente achando que os três pareciam abatidos o bastante para que suas lesões precisassem de cuidados. Aquele olhar bastou para fazer Egwene subir desajeitada na sela de sua égua, sorrindo e assentindo para a Sábia idosa. No entanto, caso os Aiel fossem mais familiarizados com cavalos, Sorilea teria percebido que aquela rigidez desajeitada de Egwene era incomum. E o fato de Aviendha ter permitido que Egwene a ajudasse a subir na garupa da sela sem o menor protesto também indicava sua condição. A Aiel também sorriu para Sorilea.

Cerrando os dentes, Rand saltou para sua sela com um único movimento suave. Os protestos dos músculos doloridos acabaram enterrados sob uma avalanche de dor na lateral do corpo, como se ele tivesse sido apunhalado mais uma vez, e levou um minuto inteiro para que conseguisse voltar a respirar. Mas não deixou nada disso transparecer.

Egwene conduziu Bruma para junto de Jeade'en, perto o bastante para sussurrar.

— Se você não consegue fazer melhor que isso nem para montar em um cavalo, Rand al'Thor, talvez devesse esquecer por um tempo essa ideia de cavalgar.

Aviendha exibiu uma daquelas expressões Aiel neutras, mas os olhos estavam firmes no rosto dele.

— Também vi você montando — respondeu ele, calmo. — Talvez você devesse ficar aqui ajudando Sorilea até se sentir melhor. — Isso a calou, ainda que Egwene tenha fechado a boca com uma expressão amargurada. Aviendha tornou a sorrir para Sorilea. A velha Sábia ainda estava observando.

Rand bateu as botas no sarapintado, que começou a trotar colina abaixo. Cada passo do animal desencadeava um choque na lateral do corpo que o fazia respirar entre dentes, mas ele tinha muito chão para percorrer, e não poderia

fazer isso andando. Além do mais, o olhar de Sorilea estava começando a lhe dar nos nervos.

Bruma se juntou a Jeade'en antes que ele tivesse percorrido cinquenta passadas da encosta recoberta de vegetação, e outras cinquenta trouxeram Sulin e uma enxurrada de Donzelas, algumas correndo para se posicionar à frente. Mais do que ele esperara, mas não deveria ser problema. O que Rand tinha que fazer não envolvia tanta aproximação dos confrontos. Elas poderiam ficar mais atrás, seguras, junto dele.

Agarrar *saidin* foi um esforço por si só, mesmo que por meio de um *angreal*, e o simples peso disso parecia pressioná-lo mais do que nunca, a mácula, mais forte. Pelo menos o Vazio o protegia da própria dor. Um pouco, pelo menos. E se Sammael tentasse fazer joguinhos com ele de novo...

Apertou o passo de Jeade'en. O que quer que Sammael fizesse, Rand ainda tinha sua missão a cumprir.

* * *

A chuva gotejava da aba do chapéu de Mat, e, de tempos em tempos, ele precisava abaixar a luneta e limpar a extremidade do tubo. O aguaceiro diminuía na última hora, mas os galhos esparsos sobre sua cabeça não ofereciam proteção alguma. Havia muito que o casaco estava ensopado e as orelhas de Pips, arriadas. O cavalo parecia não querer se mexer, independentemente do quanto Mat lhe enfiasse os calcanhares.

Não tinha certeza de que horas eram. Algum momento do meio da tarde, pensava, mas as nuvens escuras não haviam afinado junto com a chuva e, no ponto em que estava, escondiam o sol. Por outro lado, havia uma forte sensação de que três ou quatro dias já tinham se passado desde que cavalgara vale abaixo para alertar os tairenos. Ainda não sabia ao certo por que fizera aquilo.

Era em direção ao sul que ele espiava, e o que procurava era uma saída. Uma saída para três mil homens. Era essa, tranquilamente, a quantidade de homens ainda viva, embora nenhum deles tivesse a menor ideia do que Mat planejava. Acreditavam que estava na caça de mais um combate, mas os três de até então eram, pelas contas de Mat, três a mais do que o número ideal. Àquela altura, achava que poderia escapar sozinho, desde que mantivesse os olhos abertos e não perdesse a concentração. Três mil homens, no entanto, atraíam olhares sempre que se moviam, e eles não se moviam rápido, com mais da metade a pé. Era por isso que Mat estava naquele topo de colina abandonado pela Luz, com os tairenos e os cairhienos apertados no valezinho comprido e estreito entre aquela colina e a seguinte. Se ele simplesmente tentasse fugir...

Voltou a olhar pela luneta e mirou as colinas ao sul, de vegetação esparsa. Havia muitas aqui e acolá, algumas até grandes, mas, mesmo ali, a maior parte

da terra era só de arbustos e relva. Conseguira voltar para o leste usando cada dobra de chão capaz de esconder um rato e trazendo os homens consigo para longe do terreno descampado até alguma cobertura mais adequada. Para longe daqueles malditos relâmpagos e bolas de fogo. Não tinha certeza se era pior quando trovejava ou quando a terra simplesmente explodia com um estrondo sem nenhuma razão aparente. Todo aquele esforço para descobrir que a batalha estava se deslocando junto com ele. Parecia incapaz de sair do olho do furacão.

Por onde anda minha maldita sorte agora que eu realmente preciso dela? Era um miolo mole por ter ficado ali. Ter mantido os demais vivos por tanto tempo não significava quer continuaria mantendo. Cedo ou tarde, os dados cairiam para o lado do Tenebroso. *Eles é que são os malditos soldados. Eu deveria deixar que cuidem disso e ir embora.*

Mas Mat continuou procurando, rastreando as encostas e picos arborizados que davam cobertura tanto para os Aiel de Couladin quanto para ele, mas, aqui e ali, conseguia avistá-los. Nem todos estavam travando batalhas, mas cada um dos agrupamentos que via era mais numeroso que o dele, todos encontravam-se entre Mat e a segurança ao sul, e não tinha como identificar quem era quem até que talvez já fosse tarde demais. Os Aiel pareciam saber só de olhar, mas isso não o ajudava em nada.

A uma milha ou mais dali, algumas centenas de vultos com *cadin'sor* correndo de oito em oito em direção ao leste encimaram uma elevação onde meia dúzia de folhas-de-couro cumpriam mal o papel de bosque. Antes que os que corriam à frente pudessem começar a descer pelo outro lado, um relâmpago lampejou em meio a eles, arremessando homens e terra feito uma pedra lançada em um lago. Pips nem piscou quando o estrépito alcançou Mat. O castrado já se acostumara a estouros mais próximos que aquele.

Alguns dos homens que haviam caído se reergueram, mancando, e imediatamente se juntaram àqueles que tinham ficado de pé, verificando sem demora o estado dos que não se mexiam. Cerca de uma dezena foi arrastada pelos ombros antes que todos descessem em disparada e voltassem para o ponto de onde tinham vindo. Ninguém parou para olhar a cratera. Mat os vira aprender essa lição. Esperar ali não passava de um convite para uma segunda lança prateada descer das nuvens. Momentos depois, já não estavam mais à vista. Exceto os mortos.

Mat girou a luneta para o leste. Havia um sinal de luz do sol a algumas milhas naquela direção. A torre de madeira deveria estar visível, destacando-se acima das árvores, mas já fazia algum tempo que não conseguia mais divisá-la. Talvez estivesse procurando nos locais errados. Não importava. O relâmpago só podia ser obra de Rand, assim como todo o resto. *Se eu conseguir ir por ali...*

Estaria de volta ao local de onde tinha começado. Ainda que não fosse o puxão do *ta'veren* atraindo-o de volta, teria dificuldades para ir embora de novo

tão logo Moiraine descobrisse seu plano. E havia Melindhra a considerar. Mat nunca ouvira falar de uma mulher que não olharia com desconfiança para um homem que tentara ir embora sem aviso.

Enquanto girava a luneta devagar para um lado e para o outro, procurando a torre, uma encosta coberta de folhas-de-couro e cajeputes espaçadas se incinerou de repente, todas as árvores transformando-se em tochas no mesmo instante.

Mat abaixou lentamente o tubo de latão. Não precisava do objeto para avistar o fogo, e a espessa fumaça cinza já desenhava uma grossa pluma no céu. Não precisava de muito para perceber quando alguém canalizava, não daquele jeito. Será que Rand enfim extrapolara os limites da loucura? Ou talvez Aviendha finalmente tivesse se cansado de ter que ficar perto dele. Nunca aborreça uma mulher capaz de canalizar — uma regra que Mat raramente conseguia obedecer, mas que tentava.

Deixe para bancar o engraçadinho com os outros, não com você mesmo, pensou, com amargura. Só estava tentando ignorar a terceira alternativa. Se Rand não tivesse finalmente enlouquecido e se Aviendha, Egwene ou uma das Sábias não tivesse decidido se livrar dele, então o responsável seria outro. Bastava somar dois mais dois. *Sammael*. Lá se fora a chance de tentar ir embora. Não havia mais saída. *Sangue e malditas cinzas! O que aconteceu com a minha...?*

Um galho caído estalou sob o pé de alguém atrás de Mat, que reagiu sem nem pensar, guiando Pips mais com os joelhos do que com as rédeas para dar um giro curto, a lança com lâmina de espada se agitando depressa do cepilho da sela.

Estean quase largou o elmo, os olhos se arregalando quando a lâmina curta parou a um fio de lhe decepar a cabeça. A chuva fizera seu cabelo cair no rosto. Também a pé, Nalesean sorriu, em parte sobressaltado e em parte se divertindo com o desconforto do outro jovem taireno. Compacto e de rosto pétreo, Nalesean era o segundo desde Melanril a liderar a cavalaria tairena. Talmanes e Daerid também estavam lá, uma passada atrás, como de costume, ambos com expressões neutras, também como de costume, por baixo dos elmos em forma de sino. Os quatro haviam deixado os cavalos mais para trás, junto das árvores.

— Há Aiel vindo bem na nossa direção, Mat — afirmou Nalesean, enquanto Mat posicionava a lança com a marca do corvo na vertical. — Que a Luz me queime a alma se forem menos de cinco mil. — Abriu outro sorriso ao dizer isso. — Acho que não sabem que estamos esperando por eles.

Estean balançou a cabeça.

— Estão seguindo pelos vales e ravinas. Se escondendo dos... — Ele olhou de relance para as nuvens e tremeu. Não era o único que estava incomodado com o que poderia vir do céu. Os outros três também olharam para cima. — Seja como for, está claro que eles pretendem passar por onde estão os homens de Daerid. —

Houve até um quê de respeito na voz dele ao mencionar os lanceiros. A contragosto, era verdade, e não muito, mas era difícil desdenhar de alguém que já salvara seu pescoço algumas vezes. — Eles só vão nos ver quando derem de cara com os homens.

— Maravilha. — Mat respirou fundo. — Isso é uma maldita de uma maravilha.

A intenção dele foi ser sarcástico, mas Nalesean e Estean não entenderam a piada, claro. Pareciam ansiosos. Mas Daerid tinha tanta expressão no rosto cheio de cicatrizes quanto uma pedra, e Talmanes ergueu só um pouco a sobrancelha e balançou minimamente a cabeça para Mat. Aqueles dois entendiam de luta.

O primeiro encontro com os Shaido havia sido, na melhor das hipóteses, uma aposta de igual para igual, mas uma que Mat jamais faria se não fosse obrigado. O fato de todos aqueles relâmpagos terem sacudido os Aiel o suficiente para torná-la um massacre não mudava nada. Em mais duas ocasiões, eles haviam entrado em ação quando Mat se vira tendo que escolher entre pegar ou ser pego, e em nenhuma das duas o resultado fora nem de perto o que os tairenos esperavam. Uma tinha sido empate, mas só porque Mat conseguira despistar os Shaido quando eles recuaram para se reorganizar. Pelo menos não tinham investido de novo enquanto Mat retirava todos os homens pelos sinuosos vales das colinas. Suspeitava que os Aiel haviam encontrado outra coisa para mantê-lo ocupados. Talvez mais relâmpagos, ou bolas de fogo, ou só a Luz sabia o quê. E Mat tinha muito boa noção do que permitira que eles escapassem do último confronto com o couro praticamente intacto: outro bando de Aiel atacando com força a retaguarda dos que lutavam contra ele, bem a tempo de evitar que os piqueiros fossem esmagados. Os Shaido tinham decidido evadir para o norte, e os outros — que ele ainda não sabia quem eram — debandaram para o oeste, deixando-o com a posse do terreno. Nalesean e Estean consideraram uma vitória clara. Daerid e Talmanes eram mais espertos.

— Quanto tempo? — indagou Mat.

Foi Talmanes quem respondeu:

— Meia hora. Talvez um pouco mais, se tivermos sorte. — Os tairenos aparentavam dúvida. Pareciam ainda não ter percebido quão rápido os Aiel eram capazes de se deslocar.

Mat não alimentava essas ilusões. Já estudara o terreno do entorno, mas tornou a olhar para o local e suspirou. A vista daquela colina era muito boa, e o ponto onde estava era o único conjunto de árvores relativamente decente em um raio de meia milha. O restante eram arbustos que não passavam da linha da cintura, pontilhados com folhas-de-couro, cajeputes e um carvalho ocasional. Aqueles Aiel com certeza enviariam batedores até lá para dar uma olhada, e não havia chance de nem mesmo os cavaleiros saírem de vista antes disso. Os

piqueiros estariam em campo aberto. Mat sabia o que precisava ser feito — novamente, era pegar ou ser pego —, mas nem por isso gostava.

Deu apenas uma olhada, mas, antes que abrisse a boca, Daerid falou:

— Meus olheiros informam que o próprio Couladin está neste grupo. Ou, ao menos, o líder está com os braços nus e exhibe marcas iguais a que se diz que o Lorde Dragão tem.

Mat soltou um grunhido. Couladin, e indo para o leste. Se houvesse algum jeito de sair do caminho, o sujeito daria de cara com Rand. Podia ser até o que ele pretendia. Mat reparou que estava fervendo, e não tinha nada a ver com Couladin querer matar Rand. O chefe dos Shaido, ou o que quer que o homem fosse, talvez se lembrasse vagamente de Mat como alguém que vivia perto de Rand, mas Couladin era o motivo para ele estar preso ali no meio de uma batalha, tentando sobreviver e se perguntando se a qualquer minuto a situação se transformaria em um confronto direto entre Rand e Sammael, do tipo capaz de matar qualquer coisa em um raio de duas ou três milhas. *Isso se uma lança não atravessar meu peito primeiro.* Estava tão impotente quanto um ganso pendurado na porta da cozinha. Nada daquilo estaria acontecendo se não fosse por Couladin.

Era uma pena ninguém tê-lo matado anos atrás. Ele por certo dera desculpas suficientes. Os Aiel raramente demonstravam raiva, e, quando o faziam, era de modo frio e contido. Couladin, por outro lado, parecia se exaltar duas ou três vezes por dia, perdendo a cabeça em rompantes furiosos tão depressa quanto um fiapo de palha se quebra. Era um milagre ainda estar vivo, e sorte do Tenebroso.

— Nalesean — disse Mat, com raiva —, dê uma volta bem grande com seus tairenos para o norte e ataque esses camaradas por trás. Vamos mantê-los ocupados, então trate de cavalgar em passo forte e invista contra eles feito um estábulo desabando. — *Então ele tem a sorte do Tenebroso, não é? Sangue e cinzas, eu só espero que a minha tenha voltado.* — Talmanes, faça o mesmo para o sul. Mexam-se, os dois. Temos pouco tempo, e estamos desperdiçando.

Os dois tairenos curvaram-se às pressas e, enfiando os elmos na cabeça, foram correndo apanhar os cavalos. O cumprimento de Talmanes foi mais formal.

— Que a sorte favoreça sua espada, Mat. Ou sua lança, eu talvez devesse dizer. — E também partiu.

Daerid ergueu os olhos para Mat enquanto os três desapareciam colina abaixo, e afastou as gotas de chuva dos olhos com um dedo.

— Quer dizer que desta vez você vai ficar com os lanceiros. Não pode se deixar dominar pela raiva do tal Couladin. Uma batalha não é lugar para tentar disputar um duelo.

Mat quase não conseguiu evitar ficar boquiaberto. Duelo? Ele? Com Couladin? Era por isso que Daerid achava que ele ia ficar com a infantaria? Mat

fizera essa opção porque era mais seguro ficar por detrás das lanças. Era esse seu motivo. Só esse.

— Não se preocupe. Consigo me controlar. — E ele tinha achado que Daerid era o mais esperto de todos.

O cairhieno apenas assentiu.

— Foi o que pensei. Você já viu lanças serem empunhadas, e enfrentou uma ou duas investidas, eu diria. Talmanes nunca elogia a ninguém, mas o ouvi dizer que seguiria para onde quer que você o conduzisse. Eu gostaria de ouvir sua história algum dia, andoriano. Você é jovem, e, pela Luz, não é minha intenção desrespeitá-lo, mas os jovens têm sangue quente.

— Esta chuva vai mantê-lo frio, se nada mais funcionar.

Sangue e cinzas! Estavam todos loucos? Talmanes fazendo elogios a ele? Mat se perguntou o que eles diriam se descobrissem que não passava de um jogador sendo guiado por fragmentos de memórias de homens que haviam morrido mil anos antes ou mais. Fariam um sorteio para ver quem seria o primeiro a espetá-lo como um porco. Especialmente os lordes. Ninguém gostava de ser feito de tolo, mas os nobres pareciam gostar menos ainda, talvez porque, com frequência, não precisassem de ajuda. Bem, de uma maneira ou de outra, Mat pretendia estar a milhas de distância quando essa descoberta fosse feita. *Maldito Couladin. Eu gostaria de enfiar esta lança pela garganta dele!* Esporeou Pips e partiu em direção à encosta oposta, onde a infantaria esperava logo abaixo.

Daerid subiu na sela e o acompanhou, aquiescendo conforme Mat detalhava o plano. Os arqueiros nas encostas, de onde poderiam cobrir os flancos, mas deitados, escondidos nos arbustos até o último minuto. Um homem no cume para sinalizar os Aiel à vista. E os piqueiros saindo assim que vissem o sinal, marchando diretamente em direção ao inimigo.

— Assim que *nós* conseguirmos ver os Shaido, vamos recuar o mais rápido que pudermos, quase de volta para o espaço entre estas duas colinas, e então nos viramos para ficar de frente para eles.

— Eles vão pensar que queríamos fugir, percebemos que não dava, e nos voltamos para eles feito um urso encarando cães de caça. Ao ver que somos menos da metade do número deles e que só estamos lutando porque somos obrigados, eles devem pensar que vão nos massacrar. Temos que prender a atenção deles só até os cavalos investirem pela retaguarda... — O cairhieno até sorriu. — As táticas dos próprios Aiel usadas contra eles.

— E é bom prendermos mesmo a atenção dos desgraçados. — O tom de Mat foi tão seco quanto suas roupas estavam molhadas. — Para soarmos convincentes, e para garantir que *eles* não comecem a dar a volta pelos *nostros* flancos, quero que comecem a gritar, assim que pararmos de recuar: “Protejam o Lorde Dragão”. — Desta vez, Daerid soltou uma gargalhada sonora.

Isso deveria atrair imediatamente os Shaído, em especial se Couladin estivesse no comando. Se Couladin de fato estivesse no comando, se ele achasse que Rand estava com os lanceiros, se os piqueiros pudessem resistir até a cavalaria chegar... Muitas variáveis. Mat escutava os dados rolando de novo em sua cabeça. Essa era a maior aposta que já tinha feito na vida. Ficou se perguntando quanto tempo faltava para que a noite caísse. Um único homem talvez conseguisse escapar à noite. Gostaria que aqueles dados desaparecessem de sua cabeça, ou que parassem logo, para que ele soubesse o resultado. Franzindo o cenho para a chuva, ele bateu com as botas em Pips e o fez descer a colina.

* * *

Jeade'en parou no alto de uma colina em que pouco mais de dez árvores formavam um tímido aglomerado, e Rand se curvou um pouco para tentar aliviar a dor na lateral do corpo. Bem lá no alto, a lua crescente proporcionava luz, mas, mesmo para sua visão amplificada por *saidin*, qualquer coisa a mais de cem passadas não passava de uma sombra amorfa. A noite engolira todas as colinas do entorno, e Rand estava apenas parcialmente consciente de Sulin rondando por ali, assim como das Donzelas lhe cercando por todos os lados. Também não parecia capaz de manter os olhos mais do que parcialmente abertos. Seus olhos pareciam cheios de areia, e a dor inquietante na lateral do corpo podia ser a única coisa que o mantinha desperto. Não pensava nisso com muita frequência. Seus pensamentos não estavam apenas distantes, estavam lentos.

Sammael atentara contra sua vida duas vezes naquele dia, ou haviam sido três? Mais? Achava de que deveria se lembrar da frequência com que alguém tentara matá-lo. Não, matar, não. Atrair. *Você ainda tem todo esse ciúme de mim, Tel Janin? Quando foi que eu desdenhei de você, ou lhe dei um dedo a menos do que merecia?*

Cambaleando, Rand passou a mão pelo cabelo. Havia algo estranho naquele pensamento, mas não conseguiu se lembrar do quê. Sammael... Não. Poderia dar conta dele quando... se... Não importava. Depois. No momento, Sammael não passava de uma distração do que de fato importava. Podia até já ter ido embora.

Vagamente, pensou que não houvera mais nenhum ataque depois... Depois do quê? Rand se recordava de ter contra-atacado o último movimento de Sammael com algo particularmente perverso, mas não conseguia fazer a memória aflorar. Fogo devastador, não. *Não devo usar aquilo. Põe em risco o*

tecido do Padrão. Nem por Ilyena? Eu seria capaz de incendiar o mundo e usar minha alma como pavio para ouvir outra vez a risada dela.

Estava de novo à deriva, sem conseguir se concentrar no que era realmente importante.

A despeito de há quanto tempo a noite caíra, o pôr do sol parecera uma batalha, as sombras se alongando para sobrepujar paulatinamente a luz dourado-avermelhada, os homens matando e morrendo. Ventos vadios ainda traziam berros e gritos distantes. Por causa de Couladin, sim, mas, no cerne da questão, por causa dele mesmo.

Por um momento, não conseguiu lembrar seu nome.

— Rand al'Thor — disse alto, e estremeceu, apesar de o casaco estar úmido de suor. Por um instante, aquele nome lhe soou estranho. — Eu sou Rand al'Thor e preciso... Eu preciso ver.

Não comera desde a manhã, mas a mácula de *saidin* dissipava a fome. O Vazio não parava de tremer, e Rand se segurava à Fonte Verdadeira pelas unhas. Era como montar um touro ensandecido de erva-vermelha, ou nadar nu em um rio de fogo com uma correnteza cheia de pedregulhos pontudos de gelo. Porém, quando não estava a ponto de ser escornado, espancado ou afogado, parecia que *saidin* era a única força que lhe restava. *Saidin* estava lá, preenchendo suas extremidades, tentando erodir ou corroer sua mente, mas pronto para ser usado.

Balançando a cabeça com vigor, Rand canalizou, e algo se inflamou bem alto no céu. Algo. Uma bola de chamas azuis borbulhantes que bania quaisquer sombras com uma luz inclemente.

Colinas se amontoavam por todos os lados, as árvores negras àquela luz forte. Nada se movia. Um som débil chegou aos seus ouvidos com uma rajada de vento. Vivas, talvez, ou uma cantoria. Podia estar imaginando coisas. Era tão diminuta que podia ser fantasia, e o som morreu com o vento.

De repente, tomou consciência das Donzelas lhe cercando, centenas delas. Algumas, incluindo Sulin, fitavam-no, mas muitas tinham coberto os olhos. Ele precisou de um momento para perceber que as mulheres estavam tentando preservar a visão noturna. Franziu o cenho, procurando. Egwene e Aviendha não estavam mais lá. Outro longo momento se passou antes que ele se lembrasse de afrouxar a tessitura da canalização e deixasse a escuridão voltar a se apossar da noite. Agora era uma escuridão profunda para os olhos dele.

— Onde elas estão? — Ficou ligeiramente irritado quando teve de dizer a quem se referia, assim como estava apenas ligeiramente consciente de que não tinha motivo para isso.

— Foram até Moiraine Sedai e as Sábias enquanto o sol estava se pondo, *Car'a'carn* — respondeu Sulin, aproximando-se de Jeade'en. Seu cabelo branco curto brilhava ao luar. Não, ela tinha uma bandagem na cabeça. Como podia ter

esquecido? — Já faz umas boas duas horas. Elas sabem que carne não é pedra. Mesmo as pernas mais fortes têm um limite para correr.

Rand franziu a testa. Pernas? Elas estavam montando Bruma. A mulher não estava dizendo coisa com coisa.

— Preciso ir atrás.

— Elas estão com Moiraine Sedai e as Sábias, *Car'a'carn* — retrucou a Aiel calma. Rand achou que ela também estava com o rosto franzido, mas era difícil ter certeza.

— Não elas — resmungou. — Preciso ir atrás da minha gente. Eles ainda estão por aí, Sulin. — Por que o garanhão não estava se mexendo? — Você consegue ouvi-los? Lá fora, na noite. Ainda lutando. Preciso ir ajudá-los. — Claro. Tinha que pressionar os calcanhares nas costelas do sarapintado. Mas, quando o fez, Jeade'en apenas deu a volta, Sulin segurando as rédeas. Ele não se lembrava de a mulher ter pegado os arreios.

— As Sábias precisam falar com você agora, Rand al'Thor. — A voz dela havia mudado, mas ele estava desgastado demais para definir.

— Não dá para esperar? — Ele devia ter perdido o batedor com aquela mensagem. — Eu preciso encontrá-los, Sulin.

Enaila pareceu brotar do outro lado da cabeça do garanhão.

— Você já encontrou sua gente, Rand al'Thor.

— As Sábias estão à sua espera — acrescentou Sulin.

Ela e Enaila viraram Jeade'en sem esperar que ele concordasse. Por algum motivo, as Donzelas se aglomeraram em torno dele quando partiram por um caminho tortuoso que descia a lateral da colina, os rostos refletindo o luar sempre que o encaravam, tão perto que os ombros roçavam os flancos do cavalo.

— Seja lá o que elas queiram — resmungou ele —, é melhor serem rápidas.

Não havia necessidade de elas estarem conduzindo o sarapintado, mas criar caso só por aquilo era um esforço grande demais. Rand se virou para olhar para trás, grunhindo por conta da dor na lateral do corpo. O cume já fora engolido pela noite.

— Ainda tenho muito a fazer. Preciso encontrar... — Couladin. Sammael. Os homens que estavam lutando e morrendo por ele. — Preciso encontrá-los. — Estava exausto, mas ainda não podia dormir.

Postes com lamparinas iluminavam o acampamento das Sábias, além de pequenas fogueiras de onde chaleiras com água eram levadas e substituídas por homens e mulheres de robe branco assim que começavam a ferver. *Gai'shain* zanzavam por toda parte, bem como Sábias, todos cuidando dos feridos, cuja quantidade deixava o acampamento lotado. Moiraine se movia devagar ao longo das compridas filas compostas pelos que não eram capazes de ficar de pé, só parando raras vezes para pousar as mãos em alguns Aiel que, então, se debatiam ao serem Curados. Ela cambaleava sempre que voltava a se erguer, com Lan

rondando por trás como se quisesse segurá-la, ou na expectativa de precisar fazê-lo. Sulin trocava palavras com Adelin e Enaila, baixo demais para Rand entender, e as mulheres mais jovens corriam para falar com a Aes Sedai.

Apesar do número de feridos, nem todas as Sábias estavam cuidando deles. Dentro de um pavilhão, a um canto, umas vinte estavam sentadas em círculo escutando outra, de pé no centro. Quando esta se sentava, outra lhe substituíra. Havia *gai'shain* ajoelhados na parte externa do pavilhão, mas nenhuma das Sábias parecia interessada em vinho ou em qualquer outra coisa que não fosse o que estavam ouvindo. Rand achou que Amys estava com a palavra no momento.

Para sua surpresa, Asmodean também estava ajudando com os feridos, as bolsas d'água penduradas em cada ombro destoando bastante do casaco escuro de veludo e renda branca. Quando se endireitou, depois de dar de beber a um homem de peito nu, a não ser por bandagens, avistou Rand e hesitou.

Após um instante, ele entregou as bolsas d'água para um dos *gai'shain* e foi costurando o caminho em direção a Rand pelo meio das Donzelas. Elas o ignoraram — todas pareciam de olho em Adelin e Enaila conversando com Moiraine, ou em Rand —, e o rosto do homem estava tenso quando precisou parar por conta do círculo compacto de *Far Dareis Mai* em torno de Jeade'en. Elas deram passagem devagar, e só o suficiente para deixá-lo alcançar o estribo de Rand.

— Eu tinha certeza de que você estava bem. Eu tinha certeza. — Pelo tom de voz, não tivera certeza nenhuma. Quando Rand não respondeu, Asmodean deu de ombros, desconfortável. — Moiraine insistiu para que eu carregasse a água. Uma mulher poderosa, para não permitir que o bardo do Lorde Dragão fosse... — Ele se interrompeu e umedeceu os lábios em um movimento rápido. — O que aconteceu?

— Sammael — disse Rand, mas não em tom de resposta. Só estava dando vazão aos pensamentos que deslizavam pelo Vazio. — Lembro da primeira vez em que ele foi chamado de Destruidor da Esperança. Depois que traiu os Portões de Hevan e desceu a Sombra em Rorn M'doi, no coração de Satelle. A esperança realmente pareceu morrer naquele dia, Culan Cuhan chorou. Que cara é essa? — O rosto de Asmodean estava tão branco quanto o cabelo de Sulin. O homem apenas balançou a cabeça, mudo. Rand espiou o pavilhão. Quem quer que estivesse falando àquela altura, ele não conhecia. — É ali que estão me esperando? Então preciso ir me juntar a elas.

— Elas não vão receber você ainda — afirmou Lan, surgindo ao lado de Asmodean, que deu um pulo —, nem a homem algum. — Rand também não ouvira ou vira o Guardião se aproximar, mas apenas virou a cabeça. Até isso parecia um esforço. Parecia ser a cabeça de outra pessoa. — Estão reunidas com Sábias dos Miagoma, dos Codarra, dos Shiande e dos Daryne.

— Os clãs estão vindo até mim — disse Rand com um tom de voz neutro. Só que haviam esperado tempo demais, a ponto de tornar aquele dia mais sangrento. Nunca era daquele jeito nas histórias.

— É o que parece. Mas os quatro chefes só vão falar com você quando as Sábias tiverem terminado de fazer seus arranjos — acrescentou Lan, seco. — Venha. Moiraine pode falar mais que eu sobre o assunto.

Rand balançou a cabeça.

— O que está feito, está feito. Posso ouvir os detalhes mais tarde. Se Han não precisa mais mantê-los longe de nós, então eu preciso dele. Sulin, mande um mensageiro. Han...

— *Já acabou*, Rand — insistiu o Guardião. — Tudo. Só restam uns poucos Shaido ao sul da cidade. Milhares foram feitos prisioneiros, e a maior parte dos outros está cruzando o Gaelin. Se alguém soubesse onde você estava, a notícia teria sido enviada uma hora atrás. Mas você não parava em lugar algum. Venha e deixe que Moiraine lhe conte.

— Acabou? Nós ganhamos?

— Você ganhou. De vez.

Rand espiou os homens recebendo bandagens, as filas pacientes aguardando para recebê-las, e aqueles já indo embora com elas. As fileiras de gente praticamente imóvel. Moiraine ainda se deslocava ao longo delas, parando aqui e ali, cansada, para Curar. Apenas alguns dos feridos estavam ali, claro. Teriam passado o dia vindo como pudessem, indo embora como e quando fosse possível. Se fosse possível. Nenhum dos mortos estaria por lá. *Só uma batalha perdida é mais triste que uma batalha vencida*. Rand parecia se lembrar de já ter dito aquilo, muito tempo atrás. Talvez tivesse lido em algum lugar.

Não. Havia gente demais vivendo sob sua responsabilidade para que ele se preocupasse com os mortos. *Mas quantos rostos vou reconhecer, como o de Jolien? Eu nunca vou me esquecer de Ilyena, nem se o mundo inteiro pegar fogo!*

Franziu a testa e levou uma das mãos à cabeça. Aqueles pensamentos pareciam brotar um sobre o outro, de diferentes lugares. Estava tão cansado que mal conseguia raciocinar. Mas precisava, precisava de pensamentos que não deslizassem quase fora do alcance. Largou a Fonte e o Vazio, e convulsionou quando *saidin* quase o esmagou naquele momento de recuo. Mal teve tempo de se dar conta do erro. Sem o Poder, a exaustão e a dor se abateram sobre ele.

Ao tombar da sela, estava consciente dos rostos virados em sua direção, das bocas mexendo, das mãos se esticando para segurá-lo, para amortecer sua queda.

— Moiraine! — berrou Lan, a voz oca no ouvido de Rand. — Ele está sangrando muito!

Sulin aninhou a cabeça dele nos braços.

— Agente firme, Rand al'Thor — pediu, com urgência. — Agente.

Asmodean não disse nada, mas seu rosto estava sombrio, e Rand sentiu um gotejar de *saidin* fluindo até ele, vindo do homem. Tudo se apagou.





DEPOIS DA TEMPESTADE

Sentado em um pequeno pedregulho no pé da encosta, Mat se encolheu ao puxar o chapéu de aba larga para baixo e, assim, evitar o sol da manhã. Em parte, para proteger os olhos da luz. Havia outra coisa que não queria ver, apesar de os cortes e machucados não o deixarem esquecer — principalmente o talho de flecha ao longo da têmpora, pressionado pelo chapéu. Um unguento dos alforjes de Daerid estancara o sangramento no local e nas outras partes do corpo, mas tudo ainda doía, e a maioria das lesões ardia. Essa parte ainda pioraria. O calor do dia só estava começando a apertar, mas o suor formava gotículas em seu rosto e já umedecia as roupas de baixo e a camisa. Mat se perguntou se o outono algum dia chegaria a Cairhien. Pelo menos o desconforto evitava que ficasse pensando no quanto estava cansado. Mesmo após uma noite insone — não conseguiria dormir nem em uma cama de penas, e menos ainda em cobertores no chão. Não que Mat quisesse voltar para perto de sua tenda, de qualquer modo.

Que bela de uma maldita confusão. Quase morto, suando feito um porco, sem conseguir encontrar um lugar confortável para esticar as pernas, e sem poder nem ousar ficar bêbado. Sangue e malditas cinzas! Parou de passar o dedo por um talho no casaco que percorria toda a extensão do peito — uma polegada de diferença e aquela lança teria lhe atravessado o coração; Luz, o sujeito era bom! — e afastou do pensamento aquela parte da história. Não que fosse fácil, com tudo que estava acontecendo ao redor.

Pela primeira vez, tairenos e cairhienos não pareciam se importar de ver tendas Aiel por todos os lados. Havia Aiel até no próprio acampamento, e, em um milagre quase tão grande quanto, tairenos se misturavam a cairhienos em meio às fogueiras fumacentas. Não que alguém ali estivesse comendo. As

chaleiras não haviam sido postas no fogo, embora Mat sentisse o cheiro de carne assando em algum lugar. Em vez disso, a maioria estava tão bêbada de vinho, conhaque ou do *oosquai* Aiel quanto possível, gargalhando e comemorando. Perto de onde Mat estava sentado, uma dezena de Defensores da Pedra trajando apenas camisas suadas de manga curta dançava ao som das palmas de dez vezes mais espectadores. Em fila, uns com os braços nos ombros dos outros, dançavam em passos tão velozes que era incrível que nenhum tropeçasse ou chutasse o homem ao lado. Em outro círculo de espectadores próximos a um poste de dez pés — Mat tratou de logo desviar os olhos —, o mesmo número de Aiel estava se divertindo à sua maneira. Mat presumiu que fosse uma dança, já que outro Aiel tocava foles para eles. Saltavam o mais alto que podiam, lançavam um dos pés ainda mais para cima e então pousavam com aquele mesmo pé, voltando a saltar imediatamente, cada vez mais rápido, por vezes rodopiando em pleno ar feito peões, ou dando cambalhotas e mortais para trás. Sete ou oito tairenos estavam sentados tratando de ossos que haviam quebrado ao tentar os movimentos, mas sempre celebrando e gargalhando ensandecidos, passando e repassando um jarro de pedra contendo algum líquido. Em outros pontos, mais homens dançavam e talvez cantavam. Com tanto alvoroço, era difícil dizer. Sem o menor esforço, Mat contou dez flautas, isso sem falar no dobro de flautins, além de um cairhieno magricela com um casaco esfarrapado que tocava um instrumento que parecia metade flauta, metade trompa, com alguns outros formatos estranhos aqui e ali. E havia incontáveis tambores, a maior parte meras painéis golpeadas com colheres.

Em resumo, o acampamento era uma mistura de baile e bagunça. Mat reconhecia a situação, principalmente das memórias que, caso se concentrasse o suficiente, ainda era capaz de atribuir a outros homens. Uma celebração por terem sobrevivido. Uma vez mais, haviam andado nas barbas do Tenebroso e vivido para contar. Mais uma dança no fio da navalha que se encerrava. Quase mortos na véspera, talvez mortos amanhã, mas, naquele dia, vivos, gloriosamente vivos. Mat não estava no clima de celebrações. Para que servia estar vivo, se isso significava viver em uma gaiola?

Balançou a cabeça quando Daerid, Estean e um Aiel ruivo e compacto passaram, trôpegos, um se apoiando no outro. Mal audíveis em meio a todo aquele clamor, Daerid e Estean se revezavam tentando ensinar ao homem mais alto a letra de “Dançando com Jak das Sombras”.

*— O dia todo beber, a noite inteira cantar
e com as garotas moedas gastar.
E quando tudo acabar, ir dançar
com Jak das Sombras.*

O sujeito bronzeado não demonstrava o menor interesse em aprender, claro — só aprenderia se os dois o convencessem de que se tratava de um hino de guerra —, mas ouvia, e não era o único. Quando os três saíram de vista, em meio à multidão que se amontoava, já estavam sendo seguidos por outros vinte homens balançando copos amassados e canecas de couro, todos berrando a canção a plenos pulmões.

*— Eu também gosto de cerveja e de vinho,
e de garotas com um belo sorriso,
mas meu maior prazer, infinito,
é dançar com Jak das Sombras.*

Mat queria nunca ter ensinado a canção a nenhum deles. Mas ensiná-la manteve sua mente ocupada enquanto Daerid impedia que ele sangrasse até a morte. Aquele unguento ardia tanto quanto os próprios cortes, e as habilidades de Daerid com a agulha e a linha jamais deixariam costureira nenhuma com inveja. Só que a canção se espalhara entre aqueles primeiros doze homens como fogo em vegetação seca. A cavalo e a pé, tairenos e cairhienos estavam cantando-a quando retornaram, ao nascer do dia.

Retornaram. De volta para o vale em meio às colinas de onde haviam partido, sob as ruínas da torre de madeira, e sem nenhuma chance de ir embora. Mat tinha se oferecido para ir cavalgando à frente, e Talmanes e Nalesean quase saíram no tapa para decidir quem lhe serviria de escolta. Nem todos haviam se tornado melhores amigos. Só faltava Moiraine aparecer para fazer perguntas sobre onde ele tinha estado e por quê, dando sermão sobre *ta'veren* e seus deveres, sobre o Padrão e Tarmon Gai'don, até deixá-lo tonto. Ela estava com Rand, sem dúvida, mas acabaria vindo atrás de Mat.

Ergueu os olhos para o topo da colina e o emaranhado de troncos destruídos entre as árvores quebradas. Aquele cairhieno que confeccionara as lunetas para Rand estava lá em cima, fuçando tudo com seus aprendizes. Os Aiel já não queriam mais saber daquilo. Com certeza já passava da hora de Mat ir embora. O medalhão com a cabeça de raposa o protegia de mulheres canalizando, mas Mat já ouvira o bastante de Rand para saber que era diferente quando um homem canalizava. Não tinha interesse em descobrir se o objeto o protegeria de Sammael e sua laia.

Fazendo caretas a cada pontada de dor, ele usou a lança de cabo preto como apoio ao ficar de pé. Ao seu redor, a comemoração continuava. Se ele partisse em direção às fileiras de lanças... Não estava ansioso para encilhar Pips.

— O herói não deve se sentar sem beber.

Levando um susto e grunhindo por conta das pontadas de dor, Mat se virou para encarar Melindhra. Ela trazia um grande jarro de barro em uma das mãos

em vez de uma lança, e o rosto estava sem véu, mas os olhos pareciam analisá-lo.

— Escute, Melindhra. Eu posso explicar.

— Explicar o quê? — perguntou ela, passando o braço livre pelos ombros de Mat. Mesmo com o choque repentino, ele tentou manter a postura ereta. Ainda não estava acostumado a ter de olhar para cima para falar com uma mulher. — Eu sabia que você iria procurar sua própria honra. O *Car'a'carn* projeta uma grande sombra, mas homem nenhum deseja passar toda a vida na penumbra.

Fechando a boca depressa, ele ainda conseguiu murmurar:

— Claro. — Então ela não ia tentar matá-lo. — É exatamente isso.

Aliviado, tomou o jarro da mão dela e sorveu sofregamente, mas quase cuspiu. Aquele era o conhaque de destilação dupla mais puro que ele já havia provado.

Melindhra retomou o jarro por tempo suficiente para beber um gole, então suspirou, agradecida, e o empurrou de volta para Mat.

— Ele era um homem de muita honra, Mat Cauthon. Seria melhor tê-lo capturado, mas, mesmo matando-o, você adquiriu muito *ji*. Você fez bem em ter ido atrás dele.

A contragosto, Mat olhou para o que estivera evitando encarar e estremeceu. Uma tira de couro prendia a cabeça de Couladin pelos cabelos ruivos no alto do poste perto de onde os Aiel dançavam. Aquele troço parecia sorrir. Para ele.

Ter ido atrás de Couladin? Mat fizera o possível para manter os piqueiros entre ele e *qualquer* Shaido. Mas aquela flecha lhe tosquiera a lateral da cabeça e, antes mesmo que percebesse, já estava no chão, lutando para se pôr de pé, cercado pelo combate furioso. Usara a lança com a marca do corvo para atacar tudo que o cercava enquanto tentava dar um jeito de voltar para Pips. Couladin surgira do nada, o rosto velado, pronto para matar, mas não havia como confundir aqueles braços nus enlaçados com Dragões em dourado e vermelho. O homem andara fazendo um grande estrago nos piqueiros, usando as próprias lanças, enquanto berrava para que Rand aparecesse e que *ele* era o verdadeiro *Car'a'carn*. Talvez acreditasse mesmo nisso, àquela altura. Mat ainda não sabia se Couladin o reconhecera ou não, mas isso não tinha feito nenhuma diferença, não quando o sujeito decidiu passar por cima dele para chegar até Rand. Ele também não sabia quem havia decapitado Couladin, depois da luta.

Eu estava ocupado demais tentando sobreviver para assistir, pensou, com amargura. E torcendo para que não sangrasse até a morte. Nos tempos de Dois Rios, ele fora tão habilidoso no manejo de um cajado quanto qualquer outro, e um cajado não era tão diferente de uma lança, mas Couladin já devia ter nascido com aquelas coisas nas mãos. Claro que, no fim das contas, aquela habilidade

toda não adiantara de muita coisa. *Talvez eu ainda tenha um pouco de sorte. Por favor, Luz, faça com que ela apareça agora!*

Estava pensando em como se livrar de Melindhra para que pudesse encilhar Pips quando Talmanes se apresentou com uma reverência formal, a mão sobre o coração à moda cairhiena.

— Que a sorte lhe sorria, Mat.

— E a você — respondeu Mat, distraído.

Melindhra não iria embora só com um pedido. Pedir certamente seria como pôr uma raposa no galinheiro. Talvez se dissesse a ela que queria dar uma cavalgada... Diziam que os Aiel conseguiam correr mais rápido que cavalos.

— Uma delegação chegou da cidade durante a noite. Haverá uma procissão triunfal para o Lorde Dragão como agradecimento, da parte de Cairhien.

— Ah, é?

A droga da mulher tinha de ter algum tipo de tarefa a fazer. As Donzelas estavam sempre em torno de Rand. Talvez ela fosse convocada para fazer isso. Olhando para Melindhra, no entanto, ele achou que seria melhor não contar com aquilo. O sorriso largo dela era... possessivo.

— A delegação era do Grão-lorde Melian — informou Nalesean, juntando-se à conversa. Sua reverência foi igualmente formal, com os braços se abrindo, mas apressada. — É ele quem está oferecendo a procissão ao Lorde Dragão.

— Lorde Dobraine, Lorde Maringil e Lady Colavaere, entre outros, também procuraram o Lorde Dragão.

Mat se concentrou de novo no presente. Os dois fidalgotes tentavam, cada um fingir que o outro não existia — ambos encarando apenas Mat, sem nem esboçar um olhar para o lado —, mas a tensão deixava seus rostos tão contritos quanto as vozes, as mãos com as juntas esbranquiçadas nos punhos da espada. Se os dois saíssem no tapa, seria como fechar tudo aquilo com chave de ouro, e com Mat provavelmente ainda tentando dar um jeito de ficar de fora quando um deles o acertasse por acaso.

— Que diferença faz quem mandou uma delegação, desde que Rand tenha a procissão dele?

— Faz diferença porque você deveria solicitar a ele nosso lugar de direito bem à frente — respondeu Talmanes, mais do que depressa. — Você matou Couladin e conquistou essa posição para nós. — Nalesean fechou a boca e fez uma careta. Ficou claro que ele estivera a ponto de dizer o mesmo.

— Tratem vocês dois de pedir — devolveu Mat. — Não tenho nada a ver com isso.

Melindhra apertou sua nuca, mas Mat não se importou. Moiraine decerto estava com Rand. Ele não queria enfiar o pescoço em um segundo laço enquanto ainda descobria como sair do primeiro.

Talmanes e Nalesean ficaram de queixo caído, como se Mat fosse demente.

— Você é nosso líder nessa batalha — protestou Nalesean. — Nosso general.

— Meu criado vai lustrar suas botas — emendou Talmanes, com um sorrisinho que ele tomou o cuidado de não dirigir ao taireno de rosto quadrado —, e vai esfregar e remendar suas roupas. Assim, sua aparência estará impecável.

Nalesean alisou a barba oleada, os olhos disparando em direção ao outro homem antes que conseguisse freá-los.

— Se me permite oferecer, tenho um bom casaco que acredito que lhe cairá bem. De cetim dourado e carmesim. — Foi a vez do cairhieno encará-lo.

— General! — exclamou Mat, usando o cabo da lança para se manter de pé. — Não sou nenhum maldito... Quer dizer, eu não quero usurpar seu lugar de direito. — Eles que decidissem a qual dos dois Mat se referia.

— Que minha alma queime — indignou-se Nalesean —, foi sua habilidade no combate que garantiu nossa vitória e nos manteve vivos. Sem falar na sua sorte. Já ouvi falar sobre como você sempre vira a carta certa, mas foi mais que isso. Eu o seguiria mesmo que você jamais tivesse conhecido o Lorde Dragão.

— Você é nosso líder — reafirmou Talmanes logo depois, com uma voz mais sóbria, ainda que não menos segura. — Até ontem, segui homens de outras terras porque precisei. No seu caso, eu o sigo porque quero. Talvez você não seja um lorde em Andor, mas, aqui, afirmo que é, e me comprometo a ser um de seus homens.

O cairhieno e o taireno se entreolharam como se estivessem assustados por externar o mesmo sentimento, e então, devagar, com relutância, trocaram breves meneios. Mesmo não se gostando — e só um tolo apostaria no contrário —, podiam concordar com aquele ponto. Em algum nível.

— Vou mandar meu cavaliário preparar seu cavalo para a procissão — informou Talmanes, que mal franziu o rosto quando Nalesean prosseguiu:

— O meu pode dividir o trabalho. Sua montaria deve nos deixar orgulhosos. E que a minha alma queime, mas precisamos de um estandarte. O seu estandarte. — Ao ouvir aquilo, o cairhieno aquiesceu de maneira enfática.

Mat não tinha certeza se gargalhava histericamente ou se simplesmente se sentava e chorava. Aquelas malditas memórias. Não fosse por elas, teria continuado a cavalgar. Não fosse por Rand, não teria nada daquilo. Era capaz de identificar cada passo que o levava ali; cada um deles parecera necessário e sem perspectivas, mas todos levaram inevitavelmente ao seguinte. No começo de tudo estava Rand. E o maldito *ta'veren*. Mat não entendia por que fazer algo absolutamente necessário e tão inofensivo quanto possível sempre parecia afundá-lo ainda mais no atoleiro. Melindhra começara a alisar sua nuca, em vez de apertá-la. Tudo o que ele precisava, agora...

Mat ergueu os olhos para a colina, e lá estava ela: Moiraine, em sua égua branca de passadas delicadas, com Lan em seu garanhão negro, erguendo-se feito uma torre ao lado dela. O Guardião se inclinou na direção da mulher, como

que para ouvi-la, e os dois pareceram ter uma breve discussão, com o homem protestando firmemente, mas, após um momento, a Aes Sedai puxou as rédeas de Aldieb e a fez dar a volta, cavalgando para fora de vista em direção à encosta contrária. Lan permaneceu onde estava, montado em Mandarb, observando o acampamento abaixo. Observando Mat.

Mat estremeceu. A cabeça de Couladin realmente parecia sorrir para ele. Quase ouvia a voz do homem. *Você pode até ter me matado, mas enfiou seu pé em cheio na armadilha. Estou morto, mas você nunca será livre.*

— Mas que maravilha — resmungou, dando um gole longo e sufocante no forte conhaque. Talmanes e Nalesean pareceram pensar que ele falara sinceramente, e Melindhra gargalhou em concordância.

Uns cinquenta ou mais tairenos e cairhienos haviam se reunido para assistir à sua conversa com os dois lordes, e entenderam aquela golada como um sinal para que lhe fizessem uma serenata, à qual deram início com versos que eles mesmos tinham inventado:

— *Lançar os dados e vê-los rodar,
Altas ou baixas, garotas amar
Seguir o jovem Mat quando ele chamar
E dançar com Jak das Sombras.*

Mat não conseguiu conter uma gargalhada. Tornou a se acomodar no pregulho e tratou de esvaziar o jarro. Devia haver um jeito de sair dali. Devia.

* * *

Rand abriu os olhos bem devagar, encarando o teto da tenda. Estava nu debaixo de um único cobertor. A ausência de dor foi quase preocupante, ainda que se sentisse mais fraco do que se lembrava. E ele lembrava. Dissera coisas, pensara... Sentiu um calafrio. *Não posso deixar que ele assuma o controle. Eu sou eu! Eu!* Mexendo-se sob o cobertor, encontrou a suave cicatriz redonda na lateral do corpo, sensível, porém fechada.

— Moiraine Sedai Curou você — disse Aviendha, assustando-o.

Não a vira sentada de pernas cruzadas nos tapetes perto da fogueira, bebericando de um copo de prata entalhado com leopardos. Asmodean estava estirado nas almofadas borladas, o queixo apoiado nos braços. Nenhum dos dois aparentava ter dormido. Ambos estavam com olheiras profundas.

— Isso não deveria ter sido necessário — prosseguiu Aviendha, com voz tranquila.

Cansada ou não, o cabelo estava arrumado, e as roupas limpas faziam enorme contraste com o veludo escuro amarrutado de Asmodean. De vez em quando, ela girava distraidamente o bracelete de marfim entalhado com rosas e espinhos que ele lhe dera. Também estava usando o colar com o floco de neve de prata. Ainda não dissera a Rand quem lhe dera aquilo, embora parecesse se divertir ao perceber que ele fazia muita questão de saber. Mas ela certamente não parecia estar se divertindo agora.

— A própria Moiraine Sedai estava a ponto de desmaiar de tanto Curar os feridos. *Aan'allein* precisou carregá-la para a tenda. Por sua causa, Rand al'Thor. Porque Curar você sugou as últimas forças dela.

— A Aes Sedai já está de pé — avisou Asmodean, suprimindo um bocejo. O homem ignorou o olhar penetrante de Aviendha. — Já esteve aqui duas vezes desde o nascer do sol, embora tenha dito que você se recuperaria. Acho que ontem à noite ela não tinha tanta certeza. Nem eu. — Ele puxou a harpa dourada para o colo e distraiu-se com ela, falando em um tom displicente: — Eu fiz o que pude por você, claro. Minha vida e minha fortuna estão atadas às suas, mas meus talentos não estão exatamente na Cura, você sabe. — O homem dedilhou algumas notas para demonstrar. — Sei que um homem pode acabar se matando ou amansando a si mesmo fazendo o que você fez. Ter força com o Poder é inútil se o corpo estiver exaurido. *Saidin* pode matar fácil caso o corpo esteja exausto. Foi o que ouvi dizer.

— Terminou de compartilhar sua sabedoria, Jasin Natael? — O tom de voz de Aviendha foi ainda mais gélido, e ela não esperou por uma resposta antes de desviar o olhar de gelo azul-esverdeado de volta para Rand. Parecia que a interrupção fora culpa dele. — Um homem às vezes pode se comportar como um tolo, e isso não tem tanto problema, mas um chefe deve ser mais que um homem, e o chefe dos chefes, mais ainda. Você não tinha o direito de se forçar até quase a morte. Egwene e eu tentamos fazer você vir conosco quando ficamos cansadas demais para continuar, mas você não deu ouvidos. Até pode ser muito mais forte do que nós duas, como Egwene diz, mas, ainda assim, é feito de carne e osso. Você é o *Car'a'carn*, não um novo *Seia Doon* em busca de honra. Você tem *toh*, uma obrigação para com os Aiel, Rand al'Thor, e não há como cumpri-la se estiver morto. Você não pode fazer tudo sozinho.

Por um momento, a única coisa que ele pôde fazer foi ficar boquiaberto. Mal fizera qualquer coisa, deixara a batalha para outras pessoas enquanto andava aos tropeções tentando ser útil. Não fora capaz nem de impedir que Sammael atacasse quando e como quisesse. E ela o repreendia por exagerar.

— Vou tentar lembrar — respondeu, por fim. Mesmo assim, Aviendha parecia pronta para mais sermões. — Alguma novidade sobre os Miagoma e os outros três clãs? — indagou, tanto para desviá-la do assunto quanto porque de fato

queria saber. Mulheres raramente se mostravam dispostas a parar antes de esmagar o oponente, a menos que fossem distraídas.

Funcionou. Ela estava ansiosa para contar o que sabia, claro, tanto quanto para dar broncas. O dedilhar suave de Asmodean — para variar, algo agradável, até pastoril — criou um estranho pano de fundo para as palavras dela.

Os Miagoma, os Shiande, os Daryne e os Codarra estavam acampados um à vista do outro a algumas milhas a leste. Um fluxo constante de homens e Donzelas andava entre os acampamentos, incluindo o de Rand, mas apenas entre sociedades, e Indirian e os demais chefes não se moviam. Já não havia dúvida de que acabariam aderindo a Rand, mas não antes de as Sábias terminarem suas conversas.

— Ainda estão conversando? — perguntou Rand. — Pela Luz, o que elas têm para discutir que demora tanto? Os chefes estão vindo para aderir a mim, não a elas.

Aviendha lhe lançou um olhar sério digno dos de Moiraine.

— As palavras das Sábias são para as Sábias, Rand al'Thor. — Ela hesitou e completou, como se fizesse uma concessão: — Egwene talvez lhe conte alguma coisa. Quando tiverem acabado. — Seu tom de voz também insinuava que Egwene talvez não dissesse nada.

Ela resistiu às tentativas dele de descobrir mais e, por fim, Rand deixou para lá. Talvez acabasse descobrindo antes que o afetasse, talvez não, mas, de qualquer maneira, não arrancaria de Aviendha nenhuma palavra que ela não quisesse falar. As Sábias Aiel não perdiam em nada para as Aes Sedai quando o assunto era guardar segredos e se cercar de mistérios. Aviendha vinha absorvendo muito bem aquela lição em particular.

A presença de Egwene na reunião das Sábias foi uma surpresa, bem como a ausência de Moiraine — Rand esperaria vê-la no meio de tudo, mexendo os pauzinhos para favorecer seus planos —, mas o fato era que uma coisa era consequência da outra. As Sábias recém-chegadas quiseram se reunir com uma das Aes Sedai que seguiam o *Car'a 'carn*, e, embora ela já tivesse se recuperado de tê-lo Curado, Moiraine afirmara não ter tempo. Egwene fora arrancada dos cobertores para substituí-la.

Aquilo fez Aviendha gargalhar. Estivera por perto quando Sorilea e Bair praticamente arrastaram Egwene da tenda, tentando enfiar as roupas nela enquanto a levavam às pressas.

— Eu vi a cena e gritei que dessa vez ela teria que cavar buracos no chão com a boca se estivesse para ser punida por alguma desobediência, e Egwene estava com tanto sono que acreditou. Começou a reclamar que não faria nada disso, e reclamou tanto que Sorilea quis saber o que ela tinha feito para achar que merecia um castigo. Você tinha que ter visto a cara da Egwene. — Aviendha gargalhou tanto que quase caiu.

Asmodean a encarava com desconfiança — embora o motivo para isso, sendo ele o que e quem era, estivesse além da compreensão de Rand —, mas Rand apenas esperou pacientemente até ela recuperar o fôlego. Para o humor Aiel, aquilo não era nada. O tipo de coisa que ele teria esperado mais de Mat que de qualquer mulher, mas, ainda assim, nada.

Quando ela se endireitou, enxugando os olhos, ele disse:

— Então, e os Shaido? Ou as Sábias deles também estão neste conclave?

Aviendha respondeu ainda dando risinhos contra o copo de vinho. Considerava os Shaido caso encerrado, algo de que já mal valia a pena falar. Milhares de pessoas haviam sido feitas prisioneiras, umas últimas ainda estavam sendo trazidas aos poucos, e os confrontos estavam encerrados, exceto por algumas pequenas escaramuças aqui e ali. Porém, quanto mais ele extraía dela, menos via os Shaido como página virada. Com os quatro clãs mantendo Han ocupado, o grosso do povo de Couladin cruzara o Gaelin em boas condições, até levando consigo a maior parte dos prisioneiros cairhienos que haviam capturado. Pior, tinham destruído as pontes de pedra ao passar.

Aquilo não preocupava Aviendha, mas a ele, sim. Dezenas de milhares de Shaido ao norte do rio, nenhuma maneira de chegar a eles até que as pontes fossem reconstruídas, e até usando madeira isso levaria tempo. Um tempo que Rand não tinha.

Quando parecia que já não havia mais nada a ser dito do assunto, Aviendha lhe contou algo que fez com que Rand se esquecesse da preocupação com os Shaido e dos problemas que poderiam causar. Ela mencionou casualmente, como se já tivesse quase esquecido.

— Mat matou Couladin? — perguntou ele, incrédulo, quando ela terminou. — Mat?

— Não foi isso que eu disse? — As palavras foram ásperas, mas não muito. Espiando-o por cima do copo de vinho, ela parecia mais interessada em como ele assimilaria a novidade do que se estava duvidando de suas palavras.

Asmodean dedilhou alguns acordes de uma marcha. A harpa parecia ressoar tambores e trompetes.

— De certa maneira, ele é um jovem tão surpreendente quanto você. Eu realmente não vejo a hora de conhecer o terceiro de vocês, o tal de Perrin.

Rand balançou a cabeça. Então Mat não escapara da atração que um *ta'veren* exercia sobre outro, no fim das contas. Ou talvez tivesse sido o Padrão que o apanhara, já que ele próprio era *ta'veren*. De um jeito ou de outro, suspeitava que Mat não estivesse muito feliz naquele exato momento. Não aprendera a lição. Quando a pessoa tentava fugir, o Padrão o puxava de volta, frequentemente com violência. Quando corria na direção em que a Roda tecia, às vezes era possível ter algum controle sobre a própria vida. Às vezes. Com

sorte, talvez mais controle do que o esperado, ao menos a longo prazo. Mas Rand tinha preocupações mais urgentes que Mat ou os Shaído.

Uma olhadela para a entrada lhe mostrou que o sol estava bem alto, embora tudo o que visse além disso fosse duas Donzelas agachadas junto à porta, as lanças atravessadas sobre os joelhos. Uma noite toda e a maior parte de uma manhã com ele inconsciente, e Sammael ou não tinha tentado encontrá-lo ou não tinha conseguido.

Rand foi cuidadoso ao usar aquele nome, mesmo só para si, apesar de outro começar a flutuar no fundo de seu pensamento: Tel Janin Aellinsar. História nenhuma o registrava, nenhum fragmento da biblioteca de Tar Valon. Moiraine lhe contara tudo o que as Aes Sedai sabiam sobre os Abandonados, e era pouco mais do que o narrado nas histórias. Até Asmodean sempre se referira a ele como Sammael, ainda que por outro motivo. Muito antes do término da Guerra da Sombra, os Abandonados haviam adotado os nomes pelos quais passaram a ser conhecidos, como se fossem símbolos do renascimento na Sombra. O nome verdadeiro do próprio Asmodean, Joar Addam Nessosin, o fazia vacilar, e ele afirmava ter se esquecido dos demais ao longo dos três mil anos.

Talvez não houvesse razão para esconder o que estava acontecendo dentro de sua cabeça — talvez não passasse de uma tentativa de negar a realidade —, mas continuaria chamando o homem de Sammael. E Sammael pagaria por todas as Donzelas que matara. As Donzelas que Rand não fora capaz de manter em segurança.

Mesmo enquanto se decidia, Rand fez careta. Dera um primeiro passo ao mandar Weiramon de volta para Tear — se a Luz quisesse, só ele e Weiramon sabiam a extensão desse primeiro passo —, mas não podia sair em perseguição a Sammael, independentemente do que desejasse ou jurasse fazer. Ainda não. Havia questões a serem tratadas ali em Cairhien primeiro. Aviendha até podia pensar que Rand não compreendia o *ji'e 'toh*, e talvez não compreendesse, mas sabia o que era uma obrigação, e tinha uma com Cairhien. Além do mais, havia maneiras de acompanhar o andamento das coisas com Weiramon.

Sentando-se — e tentando não demonstrar o esforço para fazê-lo —, Rand se cobriu com o máximo possível de decência e se perguntou onde estariam suas roupas. Não tinha visto nada além das botas, que repousavam logo atrás de Aviendha. Ela provavelmente sabia. Os *gai'shain* deviam tê-lo despido, mas também podia muito bem ter sido ela.

— Preciso entrar na cidade. Natael, mande encilhar Jeade'en e trazê-lo até aqui.

— Amanhã, talvez — respondeu Aviendha com firmeza, segurando Asmodean pela manga do casaco quando o homem começou a se levantar. — Moiraine Sedai disse que você precisa descansar para...

— Hoje, Aviendha. Agora. Não sei por que Meilan não está aqui, caso esteja vivo, mas pretendo descobrir. Natael, e o meu cavalo?

A mulher fez uma expressão teimosa, mas Asmodean libertou o braço, alisou o veludo amarrutado e disse:

— Meilan esteve aqui, outros também.

— Ele não deveria saber... — protestou Aviendha, com raiva, mas fechou a boca antes de terminar. — Ele precisa descansar.

Então as Sábias pensavam que podiam esconder coisas dele. Bem, não estava tão fraco quanto elas acreditavam. Segurando o cobertor junto ao corpo, tentou se levantar e acabou se contentando em mudar de posição quando suas pernas se recusaram a cooperar. Talvez estivesse tão fraco quanto elas pensavam. Mas não pretendia deixar que aquilo o parasse.

— Vou poder descansar quando morrer — afirmou Rand, desejando voltar atrás quando Aviendha se encolheu como se tivesse levado um tapa. Não, Aviendha não teria se encolhido por causa de um mero tapa. Ela considerava Rand importante para o bem dos Aiel, e uma ameaça à sua vida a feriria mais que um soco. — Me fale sobre Meilan, Natael.

Aviendha manteve o silêncio carrancudo, embora Asmodean também tenha ficado atônito, se seu olhar servia de indicativo.

Um cavaleiro viera em nome de Meilan, à noite, trazendo elogios floreados e garantias de lealdade eterna. Na alvorada, o próprio Meilan aparecera, junto com os seis outros Grão-lordes de Tear que estavam na cidade, além de um pequeno exército taireno que tocava os punhos das espadas e segurava as lanças como se esperasse lutar contra os Aiel que observavam silenciosamente a aproximação do grupo.

— Foi por pouco — disse Asmodean. — O tal Meilan não está acostumado a ser contrariado, eu acho, e os outros só estão um pouco mais. Ainda mais aquele do rosto encaroçado... Torean? E Simaan, que tem os olhos tão afiados quanto o nariz. Você sabe que estou acostumado a companhias perigosas, mas esses homens são tão perigosos, à maneira deles, quanto qualquer outro que eu já tenha conhecido.

Aviendha bufou.

— Não importa com o que eles estão acostumados, não tiveram escolha tendo Sorilea, Amys, Bair e Melaine de um lado, e Sulin e mil *Far Dareis Mai* do outro. E havia alguns Cães de Pedra — admitiu —, e uns poucos Buscadores das Águas e alguns Escudos Vermelhos. Se você serve mesmo ao *Car'a'carn* como afirma, Jasin Natael, deveria guardar o descanso dele como elas guardam.

— É o Dragão Renascido que eu sigo, jovem. O *Car'a'carn* eu deixo para você.

— Continue, Natael — ordenou Rand, impaciente, recebendo uma bufada também.

Aviendha estava certa a respeito de os tairenos não terem escolha, embora as Donzelas e outros Aiel tocando os véus tivessem preocupado os homens mais que as Sábias. Em todo caso, mesmo Aracome, um homem esbelto, já ficando grisalho, dono de um temperamento controlado, estivera a ponto de explodir enquanto conduziam os cavalos até ali. E Gueyam, careca feito uma pedra e largo como um ferreiro, estava com o rosto pálido de tanta raiva. Asmodean não sabia se o motivo era estarem em menor número, o que os impedira de sacar as espadas, ou a noção de que, mesmo que conseguissem abrir caminho e chegar a Rand, era improvável que fossem bem recebidos com o sangue de seus aliados nas lâminas dos homens.

— Os olhos de Meilan estavam saltando para fora da cabeça — concluiu Asmodean. — Antes de ir embora, porém, ele bradou sua lealdade e fidelidade a você. Talvez tenha pensado que você escutaria. Os outros logo trataram de repetir, mas Meilan acrescentou algo que deixou os outros surpresos. Ele disse “vou oferecer um presente de Cairhien ao Lorde Dragão”. E então anunciou que prepararia um grande desfile triunfal quando você estivesse pronto para entrar na cidade.

— Temos um velho ditado em Dois Rios — disse Rand, seco. — “Quanto mais alto um homem alardeia sua honestidade, mais firme você deve segurar sua bolsa”. — E outro dizia “A raposa sempre se oferece para dar sua lagoa ao pato”. Cairhien era dele, sem nenhum presente de Meilan.

Rand não tinha dúvidas quanto à lealdade do homem. Ela duraria enquanto Meilan acreditasse que seria destruído caso o pegassem traindo Rand. Caso o pegassem. A isca era essa. Aqueles sete Grão-lordes em Cairhien haviam sido os mais empenhados em vê-lo morto, em Tear. Por isso Rand os mandara para Cairhien. Se tivesse executado todos os nobres tairenos que tramaram contra ele, talvez já não restasse nenhum. Na época, dar a eles anarquia, fome e uma guerra civil para resolver a mil milhas de Tear parecera uma boa forma de interromper seus planos enquanto fazia algum bem onde era necessário. Claro que, então, Rand nem sabia da existência de Couladin, e menos ainda que o homem o faria ir até Cairhien.

Seria mais fácil se isto fosse uma história, pensou. Nas histórias, havia apenas umas poucas surpresas antes de o herói descobrir tudo o que precisava. Rand nunca parecia saber nem um quarto de tudo.

Asmodean hesitou — aquele velho ditado sobre homens alardeando honestidade também poderia se aplicar a ele, e o homem estava consciente disso, sem dúvida —, mas, quando Rand não disse mais nada, ele acrescentou:

— Acho que ele quer ser Rei de Cairhien. Subordinado a você, claro.

— E de preferência comigo bem longe. — Era provável que Meilan esperasse que Rand voltasse a Tear e a *Callandor*. Meilan decerto nunca teria medo de ter Poder demais.

— Claro. — Asmodean soou ainda mais seco do que Rand. — Houve outra visita entre essas duas.

Uma dúzia de lordes e ladies cairhienos tinham aparecido, sem seus empregados, cobertos por mantos e com os rostos escondidos em capuzes, apesar do calor. Sabiam com certeza que os Aiel desprezavam os cairhienos, e o sentimento era claramente recíproco, ainda que ficassem tão nervosos com a possibilidade de Meilan descobrir que eles tinham ido até lá quanto com a dos Aiel decidirem matá-los.

— Quando me viram — relatou Asmodean, com ironia —, metade pareceu pronta para me matar por medo de que eu fosse taireno. Você deve um agradecimento às *Far Dareis Mai* por ainda ter um bardo.

Mesmo sendo poucos, os cairhienos haviam sido mais difíceis de fazer recuar do que Meilan, ficando mais pálidos e suados a cada minuto, mas insistindo teimosamente em falar com o Lorde Dragão. Quando as exigências não deram certo, tinham chegado a suplicar despidoradamente, o que demonstrava o tamanho desse desejo. Asmodean podia até achar o humor dos Aiel estranho ou grosseiro, mas deu risadas dos nobres com vestidos de montaria e casacos de seda tentando ignorar sua presença enquanto se ajoelhavam para agarrar as saias de lã das Sábias.

— Sorilea ameaçou mandar despi-los e açoitá-los de volta até a cidade. — A risada muda se transformou em descrença. — Chegaram até a discutir entre si. Se isso permitisse que eles chegassem até você, eu realmente acredito que alguns teriam aceitado.

— Sorilea devia ter cumprido a ameaça — opinou Aviendha, em um tom surpreendentemente agradável. — Os quebradores de promessa não têm honra nenhuma. Pelo menos Melaine mandou as Donzelas jogarem todos em cima dos cavalos como se fossem sacos e enxotou os animais para fora do acampamento, com os quebradores de promessa mal se segurando.

Asmodean aquiesceu.

— Mas, antes disso, dois deles falaram comigo quando se convenceram de que eu não era um espião taireno. Lorde Dobraine e Lady Colavaere. Deixaram tudo tão nebuloso com pistas e insinuações maldosas que eu não tenho muita certeza, mas não me surpreenderia se pretendessem lhe oferecer o Trono do Sol. Seriam capazes de espalhar boatos para... algumas pessoas que eu conhecia.

Rand soltou uma gargalhada rouca.

— Talvez ofereçam. Se conseguirem os mesmos termos que Meilan.

Não precisava que Moiraine lhe dissesse que os cairhienos jogavam o Jogo das Casas até dormindo, nem que Asmodean o alertasse de que eles tentariam a sorte com os Abandonados. Os Grão-lordes à esquerda e os cairhienos à direita. Uma batalha terminada e outra, de um tipo diferente, mas não menos perigosa, começando.

— Seja como for, entendo que o Trono do Sol deva ficar com alguém que tenha direito a ele.

Rand ignorou a dúvida no rosto de Asmodean. Talvez o homem tivesse tentado ajudá-lo na noite anterior, talvez não, mas não confiava o suficiente no sujeito para deixá-lo a par de todos os seus planos. Independentemente de quanto do futuro de Asmodean estivesse amarrado ao dele, sua lealdade era pura necessidade, e ele ainda era o mesmo homem que escolhera entregar sua alma à Sombra.

— Meilan quer me oferecer uma entrada magnífica quando eu estiver pronto, é? Então é melhor eu entender os detalhes do que ele espera. — Rand compreendeu por que Aviendha se tornara tão agradável, até participando da conversa: enquanto ele estivesse ali sentado, estaria fazendo exatamente o que ela queria. — Você vai buscar meu cavalo, Natael, ou vou ter que ir eu mesmo?

A reverência de Asmodean foi profunda, formal e, ao menos na superfície, sincera.

— Eu sirvo ao Lorde Dragão.





OUTRAS BATALHAS, OUTRAS ARMAS

Franzindo a testa para as costas de Asmodean e se perguntando até onde confiava no sujeito, Rand levou um susto quando Aviendha arremessou seu copo, espirrando vinho nos tapetes. Os Aiel não desperdiçavam nada que pudesse ser bebido, não apenas água.

Ao encarar o ponto molhado, ela pareceu tão surpresa quanto ele, mas apenas por um momento. No instante seguinte, já plantara as mãos na cintura, ainda sentada, e cravara os olhos nele.

— Então o *Car'a'carn* vai entrar na cidade, sendo que mal consegue se sentar. Eu disse que o *Car'a'carn* deve ser mais que um homem, mas não sabia que agora ele era mais do que um mortal.

— Onde estão minhas roupas, Aviendha?

— Você é de carne e osso!

— Minhas roupas?

— Lembre-se do seu *toh*, Rand al'Thor. Se eu consigo me lembrar do *ji'e'toh*, você também consegue. — Aquilo lhe soou uma comparação estranha, já que seria mais fácil o sol nascer à meia-noite do que Aviendha se esquecer do *ji'e'toh* mesmo que por um segundo.

— Se você continuar com isso — disse ele com um sorriso —, vou começar a achar que se importa comigo.

Foi uma brincadeira — só havia duas maneiras de lidar com a mulher: brincar ou simplesmente ignorá-la, pois discutir era fatal —, e bem leve, considerando que já tinham passado uma noite inteira um nos braços do outro,

mas os olhos de Aviendha se arregalaram, ultrajados, e ela agarrou o bracelete de marfim como se fosse puxá-lo e atirá-lo em Rand.

— O *Car'a'carn* está tão acima dos outros homens que não precisa de roupas — rebateu ela. — Se ele quiser ir, deixe que vá nu! Devo chamar Sorilea e Bair? Ou quem sabe Enaila, Somara e Lamelle?

Rand se enrijeceu. De todas as Donzelas que o tratavam como um filho de dez anos de idade, ela citara as três piores. Lamelle até lhe trouxera sopa — a mulher não sabia cozinhar nada, mas insistia em lhe preparar sopas!

— Chame quem você quiser — disse ele com voz firme e neutra —, mas eu sou o *Car'a'carn* e eu vou até a cidade.

Com sorte, conseguiria encontrar suas roupas antes que ela voltasse. Somara era quase da altura de Rand e, naquele momento, provavelmente mais forte. O Poder Único não contaria para nada. Não teria conseguido tocar *saidin* nem se Sammael aparecesse na sua frente, muito menos agarrar-se a ele.

Por um longo tempo, Aviendha sustentou seu olhar, e então, abruptamente, pegou o copo entalhado com leopardos e tornou a enchê-lo de um jarro de prata.

— Se você encontrar suas roupas e se vestir sem cair — retrucou, calma —, então pode ir. Mas vou acompanhá-lo e, se eu achar que você está fraco demais para continuar, vai voltar para cá nem que Somara tenha que carregá-lo no colo.

Rand observou Aviendha se deitar, apoiada apenas no cotovelo, arrumar as saias com cuidado e começar a bebericar o vinho. Se ele voltasse a falar em casamento, não havia dúvida de que ela tornaria a lhe dizer poucas e boas, mas, de certa maneira, Aviendha se comportava como se fossem casados. Nas piores partes, pelo menos. Nas partes que eram a mesmíssima coisa que Enaila ou Lamelle faziam.

Resmungando sozinho, ele se enrolou no cobertor, passou se arrastando por ela e pela fogueira e foi apanhar as botas. Meias de lã limpas estavam dobradas dentro delas, mas nada além disso. Ele podia convocar os *gai'shain*. E fazer a fofoca se espalhar por todo o acampamento. Sem falar na possibilidade de que as Donzelas acabassem se envolvendo na questão. Então, a pergunta seria se ele era o *Car'a'carn*, que deveria ser obedecido, ou se era apenas Rand al'Thor, um homem totalmente diferente aos olhos delas. Um tapete enrolado nos fundos da tenda chamou sua atenção. Tapetes estavam sempre abertos. A espada de Rand estava lá dentro, o cinturão com a fivela do Dragão enrolado em torno da bainha.

Cantarolando baixinho, os olhos praticamente cerrados, Aviendha parecia semiadormecida enquanto o observava procurar.

— Você não precisa mais... *daquilo*. — Ela pôs tanto desgosto na palavra que ninguém teria acreditado que fora ela quem lhe dera a espada.

— Como assim?

Só havia uns poucos bauzinhos na tenda, entalhados com madreperla, trabalhados em latão, ou, no caso de um deles, folheado a ouro. Os Aiel

preferiam colocar seus objetos em trouxas. Nenhum guardava as roupas de Rand. O baú revestido de ouro, cheio de pássaros e animais nada familiares, abrigava sacos de couro bem amarrados, e exalou um cheiro de especiarias quando Rand levantou a tampa.

— Couladin está morto, Rand al'Thor.

Sobressaltado, ele parou e a encarou.

— Do que você está falando? — Será que Lan contara para ela? Ninguém mais sabia. Mas por quê?

— Ninguém me contou, se é isso que você está pensando. Eu já conheço você, Rand al'Thor. Todo dia aprendo mais a seu respeito.

— Eu não estava pensando nada disso — rosnou ele. — Não tem nada para ninguém contar.

Irritado, ele apanhou a espada embainhada e a carregou desajeitadamente debaixo do braço enquanto procurava. Aviendha continuou bebericando o vinho. Rand achou que ela poderia estar escondendo um sorriso.

Que ótimo. Os Grão-lordes de Tear suavam quando Rand al'Thor olhava para eles, e os cairhienos talvez lhe oferecessem seu trono. O maior exército Aiel que o mundo já conhecera havia cruzado a Muralha do Dragão sob as ordens do *Car'a'carn*, o chefe dos chefes. Nações tremiam com a mera menção ao Dragão Renascido. Nações! E, se não encontrasse suas roupas, teria que ficar quieto esperando que várias mulheres que pensavam saber mais do que ele sobre tudo lhe dessem permissão para sair.

Finalmente encontrou as peças quando notou o punho bordado em ouro de uma manga vermelha escapando por baixo do corpo de Aviendha. Ela estivera sentada nas roupas o tempo todo. A mulher grunhiu, mal-humorada, quando ele pediu para ela se afastar, mas obedeceu. Finalmente.

Como de costume, ela o observou se barbear e se vestir, canalizando para esquentar a água para Rand, sem comentar nada — e sem ele pedir —, depois de o rapaz ter se cortado e reclamado da água fria pela terceira vez. A verdade era que dessa vez estava irritado com a chance de Aviendha ver como ele estava instável, mais do que qualquer outra coisa. *Dá para se acostumar a qualquer coisa, caso a situação perdure por tempo suficiente*, pensou, irônico.

Aviendha interpretou mal o balançar de cabeça de Rand.

— Elayne não se importa se eu ficar olhando, Rand al'Thor.

Ele fez uma pausa no ato de amarrar a camisa, e a encarou.

— Você acredita mesmo nisso?

— Claro. Você pertence a ela, mas Elayne não é dona da sua imagem.

Rindo em silêncio, ele voltou a amarrar. Foi bom se lembrar de que o mistério recém-descoberto de Aviendha escondia certa ignorância, apesar de tudo. Rand não pôde evitar um sorriso convencido enquanto terminava de se vestir, afivelava a espada e apanhava a ponta borlada da lâmina Seanchan. O

último objeto pôs um quê sombrio em seu sorriso. Sua intenção era de que a lâmina fosse um lembrete de que os Seanchan ainda estavam à solta, mas servia para recordá-lo de tudo que ele ainda precisava encarar: cairhienos e tairenos, Sammael e os outros Abandonados, os Shaido e as nações que ainda nem o conheciam, nações que teriam que segui-lo, e antes de Tarmon Gai'don. Lidar com Aviendha era de fato bastante simples, se comparado a tudo aquilo.

Donzelas se puseram de pé aos saltos quando ele saiu da tenda depressa, para disfarçar as pernas vacilantes. Rand não teve certeza se foi bem-sucedido. Aviendha se manteve a seu lado como se não apenas pretendesse segurá-lo, caso ele caísse, mas como se tivesse certeza de que era o que aconteceria. Não ajudou em nada o humor de Rand quando Sulin, com sua touca de bandagens, olhou de modo inquisitivo para ela — não para ele, mas para ela! — e aguardou Aviendha assentir para ordenar que as Donzelas se aprontassem para partir.

Asmodean subiu a colina no dorso de sua mula, trazendo Jeade'en pelas rédeas. De algum modo, o homem encontrara tempo para vestir roupas limpas, peças de seda verde-escura. Com rendas brancas aos borbotões, claro. A harpa dourada pendia às suas costas, mas ele desistira de usar a capa de menestrel e não carregava mais o estandarte carmesim com o antigo símbolo das Aes Sedai. A função recairia para um refugiado cairhieno chamado Pevin, um sujeito sem expressão que trajava um casaco remendado de lã cinza-escura e montava uma mula marrom que parecia velha demais até para puxar carroças. Uma longa cicatriz, ainda vermelha, lhe percorria toda a lateral do rosto estreito, desde a mandíbula até o cabelo, que já rareava.

Pevin perdera a esposa e a irmã para a fome, e o irmão e um filho para a guerra civil. Não tinha ideia de que homens e de quais Casas os haviam assassinado, ou quem eles apoiavam para o Trono do Sol. A fuga para Andor lhe custara um segundo filho pelas mãos de soldados andorianos e um segundo irmão nas mãos de bandidos, e o retorno custara o último filho, morto por uma lança Shaido, além da filha, raptada enquanto ele era deixado para morrer. O homem raramente falava, mas, pelo que Rand entendera, ele agora só acreditava em três coisas: o Dragão Renascera, a Última Batalha estava próxima, e, se ficasse por perto de Rand al'Thor, vingaria sua família antes que o mundo fosse destruído. O mundo acabaria, com certeza, mas não importava, nada importava, contanto que ele obtivesse vingança. Da sela, ele fez uma reverência silenciosa para Rand assim que chegou ao cume. Seu rosto era absolutamente vazio, mas o homem mantinha o estandarte ereto e firme.

Rand montou em Jeade'en, depois puxou Aviendha para a garupa sem deixá-la usar o estribo, só para mostrar que conseguia, e então pôs o sarapintado em movimento antes que ela estivesse aprumada. Aviendha abraçou sua cintura e reclamou não muito baixo, permitindo que ele capturasse mais alguns fragmentos de sua opinião sobre Rand al'Thor e também sobre o *Car'a'carn*.

Mas ela não fez menção de se soltar, pelo que ele ficou agradecido. Não só era agradável tê-la apertada contra suas costas, como o apoio era bem-vindo. No meio do gesto de erguer Aviendha para a sela, ficara na dúvida se ela estava subindo ou se ele estava descendo. Rand torcia para que ela não tivesse notado. Torcia para que não fosse esse o motivo para ela estar abraçando-o com tanta força.

O estandarte carmesim com o grande disco branco e preto ondulava atrás de Pevin à medida que eles ziguezagueavam colina abaixo e seguiam pelos vales rasos. Como de hábito, os Aiel deram pouca atenção ao grupo conforme eles passaram, embora o estandarte marcasse sua presença com tanta veemência quanto a escolta de centenas de *Far Dareis Mai* que não tinham problemas para acompanhar o ritmo de Jeade'en e das mulas. Os Aiel continuaram cuidando das próprias vidas, espalhados entre as tendas que recobriam as encostas, no máximo dando uma olhadela ao ouvirem as patas dos cavalos.

Tinha sido espantoso ouvir que quase vinte mil pessoas haviam sido feitas prisioneiras na batalha — até sair de Dois Rios, nunca realmente acreditara que podia haver tanta gente em um mesmo lugar —, mas vê-las lhe chocou duas vezes mais. Em grupos de quarenta ou cinquenta, elas pontilhavam as encostas das colinas como repolhos, homens e mulheres igualmente sentados nus sob o sol, cada conjunto sob a vigilância de um *gai'shain*, quando muito. Era certo que ninguém mais lhes dava muita atenção, apesar de uma figura trajando o *cadin'sor* de vez em quando se aproximar de um dos grupos e ordenar que um homem ou uma mulher fosse realizar alguma tarefa. A pessoa chamada sempre partia às pressas, sem vigilância, e Rand viu vários retornarem e se esgueirarem de volta a seus lugares. Quanto aos demais, ficavam sentados, quietos, parecendo quase entediados, como se não tivessem motivos nem desejo de estar em outro local.

Talvez todos fossem vestir robes brancos com a mesma calma. Porém, Rand se lembrava de como aquelas mesmas pessoas já tinham violado as próprias leis e costumes com tanta facilidade. Couladin podia até ter iniciado ou ordenado a violação, mas todos o haviam seguido e obedecido.

Com o cenho franzido para os prisioneiros — vinte mil, e outros mais por vir, mas que ele certamente nunca confiaria em transformar em *gai'shain* —, levou certo tempo para Rand notar algo estranho entre os outros Aiel. Donzelas e homens Aiel que portavam lanças nunca trajavam nada na cabeça além da *shoufa*, e sempre de alguma cor que sumisse em meio às rochas e sombras, mas agora via homens usando uma faixa vermelha estreita. Talvez um em cada quatro ou cinco tinha uma tira de pano amarrada em torno da têmpora, com um disco bordado ou pintado acima das sobrancelhas, duas lágrimas unidas, uma preta e outra branca. O mais estranho de tudo, porém, talvez fosse que os *gai'shain* também a usavam. A maior parte usava os capuzes erguidos, mas todos

os que estavam com a cabeça descoberta usavam uma faixa. E os *algai'd'siswai* com seus *cadin'sor* viam aquilo e não faziam nada, estivessem ou não usando a faixa. *Gai'shain* jamais deveriam usar nada que fosse usado por aqueles que podiam tocar em armas. Jamais.

— Não sei — respondeu Aviendha de maneira rude às costas de Rand quando ele perguntou o que significava aquilo. Ele tentou se sentar mais ereto, já que ela parecia mesmo estar lhe segurando com mais força que o necessário. Após um momento, ela prosseguiu, mas falando tão baixo que ele precisou escutar com toda a atenção para poder compreender. — Bair ameaçou me bater se eu tocasse de novo no assunto, e Sorilea chegou mesmo a me bater nas costas com uma vara, mas acho que são aqueles que afirmam que nós somos *siswai'aman*.

Rand abriu a boca para perguntar o que era aquilo — só conhecia algumas poucas palavras na Língua Antiga —, quando a tradução surgiu sozinha em sua mente. *Siswai'aman*. Literalmente, a lança do Dragão.

— Às vezes — gracejou Asmodean —, é difícil enxergar a diferença entre si mesmo e os inimigos. Eles querem ser donos do mundo, mas você já é dono de um povo.

Rand virou a cabeça e o encarou até seu ar bem-humorado desaparecer e, dando de ombros em constrangimento, Asmodean deixou que sua mula ficasse para trás, ao lado de Pevin e do estandarte. O problema era que aquele nome de fato sugeria — mais que sugeria — propriedade. Essa informação também vinha das memórias de Lews Therin. Não parecia possível ser dono de pessoas, mas, caso fosse possível, Rand não queria. *Tudo o que eu quero é usá-las*, pensou, irônico.

— Vejo que você não acredita nisso — afirmou ele, por cima do ombro. Nenhuma das Donzelas vestira aquela peça.

Aviendha hesitou antes de responder.

— Não sei no que acreditar — falou tão baixo quanto antes, ainda que o tom demonstrasse raiva e incerteza. — Existem muitas crenças, e as Sábias costumam ficar em silêncio, como se não soubessem a verdade. Há quem diga que, ao seguir você, expiamos os pecados de nossos ancestrais ao... terem falhado com as Aes Sedai.

A hesitação na voz dela o alarmou. Rand nunca havia considerado que Aviendha se preocupasse tanto quanto os outros Aiel a respeito do que ele revelara sobre o passado de seu povo. “Envergonhada” talvez se encaixasse melhor do que “preocupada”, já que a vergonha era uma parte importante do *ji'e'toh*. Eles tinham vergonha do que haviam sido — seguidores do Caminho da Folha — e, ao mesmo tempo, tinham vergonha de ter abandonado a promessa de segui-lo.

— A esta altura, muitos já ouviram alguma versão de parte da Profecia de Rhuidean — prosseguiu Aviendha, com a voz mais controlada, como se ela mesma tivesse ouvido algo sobre a profecia antes de começar a treinar para se tornar uma Sábia —, mas ela foi deturpada. Eles sabem que você vai nos destruir... — O controle fraquejou quando ela respirou profundamente. — Mas muitos acreditam que você vai matar todos nós em infinitas danças da lança, um sacrifício para compensar os pecados. Outros creem que a própria Desolação já é uma provação que vai deixar só os fortes para a Última Batalha. Já ouvi até dizerem que os Aiel agora são um sonho seu e que, quando você acordar desta vida, já não existiremos.

Crenças sinistras, aquelas. Era uma pena Rand ter revelado um passado que eles viam como desonra. Era incrível que todos já não o tivessem abandonado. Ou enlouquecido.

— No que as Sábias acreditam? — perguntou Rand, tão baixo quanto o tom dela.

— Que o que tiver que ser, será. Nós vamos salvar o que puder ser salvo, Rand al'Thor. Não esperamos fazer mais que isso.

Nós. Ela se incluiu entre as Sábias, assim como Egwene e Elayne se incluíam entre as Aes Sedai.

— Bem — disse ele, calmo —, imagino que pelo menos Sorilea também acredite que eu mereço uma bofetada no ouvido. É provável que Bair concorde. E com certeza Melaine.

— Entre outras coisas — murmurou Aviendha. Para sua decepção, ela se afastou, apesar de ainda se agarrar ao seu casaco. — Elas acreditam em muita coisa que eu queria que não acreditassem.

Rand sorriu a contragosto. Então ela não achava que ele merecia uma bofetada. Uma mudança agradável em comparação a quando ele acordara.

Os carroções de Hadnan Kadere repousavam a cerca de uma milha da tenda de Rand, dispostos em círculo em um amplo vale entre duas colinas, de onde eram vigiados pelos Cães de Pedra. Com um casaco cor de creme lhe apertando o corpo massudo, o Amigo das Trevas de nariz adunco ergueu os olhos e enxugou o rosto com o lenço que sempre trazia consigo quando Rand passou cavalgando com o estandarte e a escolta galopante. Moiraine também estava lá, examinando o carroção onde o *ter'angreal* em forma de batente de porta estava amarrado sob uma tela, atrás do assento do condutor. Sequer olhou para os lados até Kadere falar com ela. Pelos gestos, ele parecia estar sugerindo que Moiraine gostaria de acompanhar Rand. Na verdade, parecia ansioso para que ela partisse, o que não era surpresa. Kadere devia estar orgulhoso de esconder por tanto tempo o fato de ser um Amigo das Trevas, mas, quanto mais ficava na companhia de uma Aes Sedai, mais corria o risco de ser descoberto.

De fato, Rand ficou surpreso de o homem ainda estar ali. Pelo menos metade dos condutores que haviam entrado no Deserto com ele já tinha dado o fora desde que cruzaram a Muralha do Dragão, substituídos por refugiados cairhienos escolhidos pelo próprio Rand, para garantir que não eram da estirpe de Kadere. Todas as manhãs, esperava descobrir que o sujeito tinha ido embora, ainda mais desde a fuga de Isendre. As Donzelas haviam quase destruído os carroções procurando por ela enquanto Kadere deixava três lenços ensopados de suor. Rand não lamentaria caso o homem desse um jeito de escapar durante a noite. Os guardas Aiel tinham ordens para deixá-lo ir, desde que não tentasse levar os preciosos carroções de Moiraine. Ficava mais óbvio a cada dia que suas cargas eram preciosas para a Aes Sedai, e Rand não permitiria que ela as perdesse.

Ele espiou por cima do ombro, mas Asmodean estava com o olhar fixo à frente, ignorando completamente os carroções. Afirmava não ter tido nenhum contato com Kadere desde que Rand o capturara, e o rapaz acreditava nisso. Sabia que o mercador nunca abandonava seus carroções e nunca saía do campo de visão dos guardas Aiel, exceto quando dentro do próprio carroção.

Em frente aos carroções Rand puxou as rédeas, sem pensar, e reduziu a velocidade. Moiraine com certeza iria querer acompanhá-lo até Cairhien. Ela podia já ter entupido sua cabeça, mas sempre parecia querer compartilhar mais alguma informação, e pelo menos desta vez a presença e o conselho dela poderiam ser úteis. Moiraine, porém, só fez olhar para ele por um longo instante, e então tornou a se virar para o carroção.

Com o cenho franzido, Rand enfiou os calcanhares no sarapintado. Era bom lembrar que ela tinha outras missões a cumprir além das que ele sabia. Rand se tornara confiante demais. Era melhor ter com ela a mesma cautela que tinha com Asmodean.

Não confie em ninguém, pensou, sombrio. Por um momento, não soube se o pensamento era dele ou de Lews Therin, mas, no fim das contas, decidiu que não importava. Todos tinham os próprios objetivos, os próprios desejos. Era melhor não confiar cegamente em ninguém além de si mesmo. No entanto, se perguntava até que ponto podia confiar em si com outro homem perambulando pelo fundo de seus pensamentos.

O céu em torno de Cairhien estava tão tomado de abutres que se tornara uma espiral de asas negras. No solo, as aves vagavam em meio a nuvens de moscas e chiavam para os corvos lustrosos que tentavam usurpar seus direitos sobre os mortos. Por onde os Aiel passavam recuperando os corpos de seus mortos nas colinas descampadas, os pássaros se moviam em voos pesados, guinchando protestos, para então tornar a pousar assim que os humanos vivos se afastavam algumas passadas. Nem abutres, corvos e moscas juntos conseguiriam sombrear a luz do sol, mas era assim que parecia.

Com o estômago revirando, tentando não olhar para a cena, Rand esporeou para acelerar Jeade'en até Aviendha tornar a se agarrar às suas costas e as Donzelas voltarem a correr. Ninguém reclamou, e ele não achou que fosse só porque os Aiel tinham a capacidade física para correr por horas. Até Asmodean estava pálido em torno dos olhos. O rosto de Pevin não se alterou, apesar de o estandarte reluzente açoitando o ar acima dele parecer escarnecer de um lugar como aquele.

O que havia à frente era pouco melhor. Rand se lembrava de Portão Frontal como uma colmeia estridente, um labirinto enroscado de ruas cheias de barulho e cor. Agora era uma faixa espessa e imóvel de brasas circundando as cinzentas muralhas quadradas de Cairhien por três lados. Pedacos calcinados de madeira caíam desordenados por cima de fundações de pedra e, aqui e ali, havia uma chaminé enegrecida de fuligem ainda de pé, às vezes pendendo precariamente. Em pontos distintos, sabia-se lá como, jazia uma cadeira intacta na rua de terra, uma trouxa apressada largada por alguém em fuga, e até uma boneca de pano, que davam ainda mais ênfase à desolação.

Brisas agitavam alguns dos estandartes nas torres da cidade e ao longo das muralhas. Um Dragão vermelho e dourado contra um fundo branco; a Lua Crescente de Tear, branca no vermelho e dourado. A seção intermediária do Portão de Jangai encontrava-se aberta, três arcos altos e quadrados na pedra cinza, guardados por soldados tairenos em elmos com abas. Alguns montavam cavalos, mas a maioria estava a pé, e as listras de cores variadas em suas mangas indicavam que eram empregados de lordes diversos.

Independentemente do que se sabia na cidade sobre a vitória na batalha e os Aiel aliados que vieram em resgate, a aproximação de centenas de *Far Dareis Mai* criou certo alvoroço. Mãos temerosas procuraram punhos de espada, lanças e escudos compridos. Alguns soldados chegaram a dar meio passo, como se quisessem fechar os portões mesmo enquanto fitavam seu oficial, que, com três plumas brancas no elmo e de pé nos estribos, hesitava e protegia os olhos do sol para examinar o estandarte carmesim. E Rand, mais especificamente.

Em um movimento abrupto, o oficial se sentou e disse algo que fez dois dos tairenos a cavalo voltarem galopando pelos portões adentro. Quase de imediato, ele acenou para os outros homens se afastarem, anunciando:

— Abram caminho para o Lorde Dragão Rand al'Thor! Que a Luz ilumine o Lorde Dragão! Toda a glória para o Dragão Renascido!

Os soldados ainda pareciam incomodados com a presença das Donzelas, mas formaram filas dos dois lados dos portões, fazendo reverências enquanto Rand passava. Aviendha bufou atrás dele, e de novo quando ele gargalhou. Ela não entendeu, e Rand não tinha nenhuma intenção de explicar. O que ele achava engraçado era que, por mais que tairenos, cairhienos ou qualquer outro fizessem de tudo para inflar seu ego, ele sempre podia contar com Aviendha e as

Donzelas, pelo menos, para colocá-lo de volta no lugar. E Egwene. E Moiraine. E Elayne e Nynaeve, por sinal, se algum dia voltasse a vê-las. Parando para pensar, aquelas pessoas pareciam ter como missão de vida murchar sua arrogância.

A cidade além dos portões fez sua gargalhada morrer.

Ali, as ruas eram pavimentadas, algumas largas o bastante para uma dúzia de carroções grandes, ou até mais, passarem lado a lado todas retas feito cortes de faca e formando ângulos retos ao se cruzarem. As colinas que, fora das muralhas, ondulavam o terreno, ali eram lavradas, aplanadas e revestidas de pedras. Pareciam tão artificiais quanto os edifícios, com suas linhas retas severas, ou as grandes torres, os topos inacabados cercados por andaimes. As pessoas lotavam as ruas e os becos, os olhos opacos e as bochechas fundas, encolhidas sob alpendres provisórios ou cobertores esfarrapados improvisados como tendas, ou então simplesmente amontoadas a céu aberto, com as roupas escuras segundo a moda de Cairhien ou coloridas, costume de Portão Frontal, além da indumentária grosseira de fazendeiros e aldeões. Até os andaimes estavam ocupados em todos os níveis, até o topo, onde as pessoas pareciam minúsculas por conta da altura. Apenas o meio das ruas permanecia livre enquanto Rand e as Donzelas passavam, e isso só até o povo surgir aos borbotões para cercá-los.

Foram as pessoas que o fizeram parar de rir. Exaustas e esfarrapadas como estavam, amontoadas feito carneiros em um curral demasiado apertado, elas davam vivas. Rand não tinha ideia de como sabiam quem ele era, a menos que os gritos do oficial nos portões tivessem sido ouvidos, mas um bramido irrompia à sua frente conforme circulava pelas ruas, as Donzelas forçando passagem em meio à multidão. O estrondo abafava quaisquer palavras, exceto por um “Lorde Dragão” ocasional quando um número suficiente de pessoas gritava ao mesmo tempo. Mas o sentido daquilo tudo ficava claro nos homens e mulheres levantando crianças para vê-lo passar, nos cachecóis e trapos de roupa acenados de todas as janelas, nas pessoas que, com mãos estendidas, tentavam abrir passagem entre as Donzelas.

Eles não pareciam ter medo dos Aiel, não quando tinham a oportunidade de encostar um dedo nas botas de Rand. E era tanta gente, a pressão de centenas de pessoas empurrando-os adiante, que algumas conseguiam dar um jeito de passar. Na verdade, boa parte delas acabou tocando em Asmodean — que decerto parecia um lorde, cheio de rendas, e talvez as pessoas achassem que o Lorde Dragão devesse ser um homem mais velho que o jovem de casaco vermelho —, mas não fazia diferença. Todos que conseguiam tocar a bota ou o estribo de qualquer deles, até de Pevin, estampavam a alegria no rosto e pronunciavam “Lorde Dragão” em meio ao alarido, mesmo quando as Donzelas forçavam o povo para trás com seus broques.

Entre o clamor da ovação e os cavaleiros enviados pelo oficial no portão, não foi surpresa quando Meilan apareceu, uma dúzia a menos de tairenos em seu séquito e cinquenta Defensores da Pedra para lhe abrir caminho, investindo contra as pessoas com os cabos das lanças. De cabelos grisalhos, vigoroso e esguio em seu belo casaco de seda listrada e punhos de cetim verde, o Grão-lorde estava sentado na sela com a naturalidade de quem havia sido colocado em um cavalo e ensinado a comandá-lo quase tão cedo quanto aprendera a andar. Ignorava o suor no rosto, assim como a possibilidade de que sua escolta pudesse pisar em alguém. As duas coisas eram apenas aborrecimentos menores, e o suor, provavelmente, o maior deles.

Edorion, o fidalgo de bochechas rosadas que fora a Eianrod, estava entre os demais, mais magro agora do que antes, de modo que o casaco de listras vermelhas parecia largo. A única outra pessoa que Rand reconheceu foi um sujeito de ombros largos vestido em tons de verde. Reimon gostava de jogar cartas com Mat na Pedra, Rand se recordava. Os demais, em sua maioria, eram homens mais velhos. Nenhum deles demonstrava mais consideração do que Meilan pela multidão que atravessavam, determinados. Não havia um só cairhieno no grupo.

As Donzelas deixaram Meilan passar cavalgando após o meneio de Rand, mas se fecharam atrás dele para excluir o resto, algo que o Grão-lorde, de início, não notou. Quando percebeu, seus olhos escuros arderam de raiva. Sentia raiva com frequência, o tal Meilan, desde a primeira vez que Rand fora a Pedra de Tear.

A balbúrdia começou a diminuir com a chegada do taireno, reduzindo-se a um débil murmúrio quando Meilan, do alto da sela, curvou-se de modo rígido para Rand. Ele olhou de relance para Aviendha antes de decidir ignorá-la, assim como tentava ignorar as Donzelas.

— Que a Luz o ilumine, Milorde Dragão. Seja bem-vindo a Cairhien. Devo me desculpar pelos passantes, mas eu não estava ciente de que pretendia entrar na cidade agora. Se eu soubesse, todos teriam sido afastados. Minha intenção era lhe oferecer uma entrada triunfal, condizente com o Dragão Renascido.

— Eu a tive — afirmou Rand, deixando o outro homem atônito.

— Como diz, Milorde Dragão. — O homem seguiu em frente após um momento, a voz deixando claro que não havia entendido. — Se me acompanhar até o Palácio Real, organizei uma pequena recepção. Pequena de fato, temo eu, já que não fui alertado de sua vinda, mas, em face disso, posso garantir...

— O que você tiver organizado está bom — interrompeu Rand, recebendo como resposta outra reverência e um sorriso tímido e bajulador.

No momento, o sujeito era pura subserviência, e, uma hora depois, estaria falando como se Rand fosse burro demais para ver o que estava bem debaixo de seu nariz. Mas, abaixo de tudo aquilo, ainda havia um desdém e um ódio que o

homem pensava que Rand não via, embora reluzissem em seus olhos. Desdém porque Rand não era um lorde. Não de verdade, na visão de Meilan, que devia ser lorde de nascença. E ódio porque Meilan tivera o poder da vida e da morte antes da chegada de Rand, com poucos no seu nível e ninguém acima. Acreditar que as Profecias do Dragão algum dia se realizariam era uma coisa. Vê-las realizadas, com o próprio poder reduzido por conta delas, era outra bem diferente.

Houve um momento de confusão antes de Rand autorizar Sulin a permitir que os outros lordes tairenos trouxessem seus cavalos para junto de Asmodean e do estandarte de Pevin. Meilan teria mandado os Defensores tornarem a abrir caminho, mas Rand ordenou sucintamente que os homens seguissem atrás das Donzelas. Os soldados obedeceram, rostos inalterados sob as abas dos elmos, apesar de o oficial de plumas brancas balançar a cabeça e de o Grão-lorde abrir um sorriso condescendente. Sorriso que sumiu tão logo ficou claro que a multidão abria passagem com tranquilidade à frente das Donzelas. Meilan acreditava que a fama de selvagem dos Aiel fosse o motivo de não precisarem abrir caminho a pauladas, e franziu o cenho quando Rand não lhe respondeu. Mas Rand reparou em uma coisa: agora que estava acompanhado dos tairenos, o povo não dava mais vivas.

Quadrado, escuro e monumental, o Palácio Real de Cairhien ocupava o centro exato da colina mais alta da cidade. Na verdade, entre o palácio com todos os seus andares e os terraços revestidos de pedra, era difícil afirmar até que havia uma colina ali. Altas galerias colunadas e janelas compridas e estreitas, bem acima do solo, não conseguiam atenuar a rigidez, assim como as torres escalonadas e cinzentas posicionadas com precisão dentro de quadrados concêntricos, um mais alto que o outro. A rua se transformava em uma rampa larga e extensa que levava a imensos portões de bronze e a um enorme pátio quadrado, com filas de soldados tairenos de pé feito estátuas, as lanças inclinadas. Havia outros mais nas varandas de pedra acima.

Uma onda de murmúrios percorreu as fileiras quando as Donzelas apareceram, mas foi logo abafada sob os gritos em coro de “Toda a glória para o Dragão Renascido! Toda a glória para o Lorde Dragão e para Tear! Toda a glória para o Lorde Dragão e para o Grão-lorde Meilan!”. Pela expressão de Meilan, parecia até que tudo aquilo era espontâneo.

Serviçais com roupas escuras, os primeiros cairhienos que Rand vira no palácio, aproximaram-se apressados com tigelas trabalhadas em ouro e panos de linho branco, assim que ele se moveu para descer da sela. Outros vieram para lhe tomar as rédeas. Ele usou a desculpa de lavar o rosto e as mãos com a água fresca para deixar que Aviendha descesse sozinha. Tentar ajudá-la poderia ter acabado com os dois estatelados nos paralelepípedos.

De pronto, Sulin apontou vinte Donzelas, além de si mesma, para acompanhá-lo para dentro do palácio. Por um lado, Rand ficou grato pela mulher não querer manter todas as lanças em torno dele. Por outro, gostaria que Enaila, Lamelle e Somara não estivessem entre as vinte. Os olhares avaliadores que elas lhe lançavam — em especial Lamelle, uma ruiva esguia e de queixo forte, quase vinte anos mais velha que ele — fizeram-no ranger os dentes enquanto tentava abrir um sorriso confiante. De alguma forma, Aviendha devia ter falado com elas, e com Sulin, por suas costas. *Talvez eu não possa fazer nada em relação às Donzelas*, pensou, emburrado, ao arremessar uma toalha de linho de volta para um dos serviçais, *mas que me queime se vai haver um único Aiel que não vai entender que eu sou o Car'a'carn !*

Os demais Grão-lordes cumprimentaram-no aos pés dos amplos degraus cinzentos que subiam do pátio, todos com casacos de seda coloridos com listras de cetim e botas com detalhes em prata. Estava claro que nenhum deles soubera que Meilan fora se encontrar com Rand até que já tivesse sido feito. Torean, com sua cara de batata e lânguido demais para um homem tão grande, fungava ansiosamente em um lenço perfumado. Gueyam, cuja barba oleada fazia a cabeça parecer ainda mais calva, apertava os punhos do tamanho de presuntos e encarava Meilan mesmo enquanto fazia uma reverência para Rand. O nariz pontudo de Simaan parecia tremer com tamanho ultraje. Maraconn, dono de olhos azuis raros em Tear, apertava os lábios finos até eles praticamente desaparecerem. E, mesmo que Hearne exibisse um grande sorriso, estava puxando distraidamente o lóbulo da orelha, como fazia quando estava furioso. Apenas Aracome, esbelto feito uma lâmina, não externava emoção alguma — mas ele sempre mantinha a raiva bem guardada até estar pronto para deixá-la explodir.

Era uma oportunidade boa demais para deixar passar. Agradecendo Moiraine em silêncio pelas lições — era mais fácil fazer um tolo tropeçar do que derrubá-lo, dizia ela —, Rand apertou simpaticamente a mão gorducha de Torean e deu um tapinha no ombro largo de Gueyam; retribuiu o sorriso de Hearne com outro, íntimo e afetuoso, e fez um meneio silencioso para Aracome, lançando-lhe um olhar que pareceu significativo. Simaan e Maraconn ele praticamente ignorou após dirigir a cada um deles um olhar tão monótono e frio quanto um lago no auge do inverno.

Era o suficiente por enquanto, e Rand observou os olhos dos homens se agitarem e os rostos se retesarem enquanto eles divagavam. Todos haviam jogado o *Daes Dae'mar*, o Jogo das Casas, a vida inteira, e estar entre cairhienos, que conseguiam interpretar muita coisa de uma tosse ou um arquear de sobancelha, só havia acentuado suas sensibilidades. Todos aqueles homens sabiam que Rand não tinha motivo para ser amigável com eles, e todos se perguntariam se a saudação recebida era apenas para mascarar a cumplicidade

de Rand com algum outro deles. Simaan e Maraconn pareciam os mais preocupados, ainda que os outros encarassem os dois como os mais suspeitos de todos. Talvez a frieza de Rand tivesse sido o verdadeiro disfarce. Ou talvez aquilo fosse exatamente o que Rand queria que pensassem.

Rand achava que Moiraine teria ficado orgulhosa dele, assim como Thom Merrilin. Mesmo que nenhum daqueles sete estivesse tramando ativamente contra ele naquele momento — algo em que nem Mat apostaria —, homens ocupando as posições que eles ocupavam poderiam fazer muito para atrapalhar os planos de Rand de modos discretos, e o fariam, se não por outro motivo, por força do hábito. Ou teriam feito. Agora Rand os desequilibrara. Se tivesse como mantê-los assim, todos ficariam ocupados demais vigiando uns aos outros, e, por sua vez, receosos demais de estarem sendo vigiados, para incomodá-lo. Poderiam até obedecê-lo, para variar, sem encontrar uma centena de motivos para as coisas serem feitas de maneira diferente de como ele queria. Bem, isso talvez já fosse pedir muito.

Sua satisfação desapareceu quando ele viu o sorriso sardônico de Asmodean. Pior foi o olhar inquisidor de Aviendha. Ela estivera em Pedra de Tear, sabia quem eram aqueles homens e por que Rand os mandara até ali. *Eu faço o que preciso fazer*, pensou, com amargura, desejando que aquilo não soasse como uma desculpa.

— Para dentro — ordenou, mais incisivo do que pretendia, e os sete Grão-lordes saltaram como se, de repente, tivessem lembrado quem e o que ele era.

Os homens quiseram se aglomerar em torno de Rand enquanto ele subia os degraus, mas, exceto por Meilan, para mostrar o caminho, as Donzelas simplesmente formaram um círculo compacto ao redor dele, e os Grão-lordes seguiram na retaguarda, junto com Asmodean e os lordes inferiores. Aviendha estava bem perto... claro, e Sulin ocupou o outro lado, com Somara, Lamelle e Enaila logo atrás. Rand estava ao alcance da mão de todas elas, e lançou um olhar acusador a Aviendha, que arqueou as sobranceiras de forma tão questionadora que ele quase acreditou que ela não tinha nada a ver com aquilo. Quase.

Os corredores do palácio estavam vazios, exceto pelos serviçais de vestes escuras, que se curvavam até quase encostar o peito nos joelhos ou faziam reverências igualmente acentuadas conforme Rand passava. Mas, quando adentrou o Grande Salão do Sol, descobriu que a nobreza cairhiena não fora completamente excluída do palácio.

— Aí vem o Dragão Renascido — entoou um homem de cabelo branco posicionado um pouco depois das enormes portas douradas e entalhadas com o Sol Nascente. O casaco vermelho bordado com estrelas azuis de seis pontas, um pouco grande nele após os dias em Cairhien, identificavam-no como um serviçal

superior da Casa de Meilan. — Todos saúdam o Lorde Dragão Rand al'Thor. Toda a glória para o Lorde Dragão.

Um rugido súbito preencheu a câmara até o teto, com sua abóbada angulada de cinquenta passadas de altura.

— Salve o Lorde Dragão Rand al'Thor! Toda a glória para o Lorde Dragão! Que a Luz ilumine o Lorde Dragão! — O silêncio que se seguiu, em comparação, pareceu duplamente mais intenso.

Entre as monumentais colunas quadradas de mármore com grossas tiras de um azul tão escuro que era quase negro, havia mais tairenos do que Rand esperava, fileiras de Lordes e Ladies da Terra trajando suas melhores roupas; chapéus pontiagudos de veludo e casacos com mangas listradas e bufantes, vestidos coloridos, rufos rendados e boinas apertadas com pérolas ou pequenas gemas bordadas ou costuradas em trabalhos intrincados.

Atrás deles estavam os cairhienos, com sua indumentária escura, exceto pelas barras coloridas no peito dos vestidos ou dos casacos compridos. Quanto mais listras nas cores da Casa, maior a graduação de quem as usava, mas mesmo os homens e mulheres com cores do pescoço à cintura ou até mais embaixo ficavam atrás dos tairenos que claramente pertenciam a Casas menores, com seus bordados amarelos, em vez de fios de ouro, e lã, em vez de seda. Muitos dos homens cairhienos haviam raspado e passado pó na parte frontal da cabeça, ao menos todos os mais jovens.

Os tairenos pareciam cheios de expectativa, ainda que desconfortáveis. Os rostos cairhienos poderiam ter sido cinzelados em gelo. Não havia como dizer quem o aplaudira e quem não, mas Rand suspeitava que a maior parte dos gritos viera das fileiras da frente.

— Boa parte destas pessoas desejava lhe servir — murmurou Meilan, enquanto caminhavam pelo piso de ladrilhos azuis com seu belo mosaico dourado do Sol Nascente. Uma onda de reverências e mesuras silenciosas se seguiu.

Rand apenas grunhiu em resposta. Desejavam lhe servir? Ele não precisava de Moiraine para saber que aqueles nobres menores esperavam se tornar maiores com propriedades obtidas em Cairhien. Não restava dúvida de que Meilan e os outros seis já haviam intimado os locais e até prometido quais terras seriam de quem.

Na outra extremidade do Grande Salão, o próprio Trono do Sol repousava centralizado no alto de um largo estrado de mármore azul-marinho. Ali a restrição cairhiena se mantinha, já que se tratava de um trono, afinal. A grande cadeira de braços maciços reluzia com douraduras e seda dourada, mas, de alguma forma, parecia composta apenas por linhas verticais simples, a não ser pelo Sol Nascente com seus raios ondulados que se destacaria acima da cabeça de quem quer que a ocupasse.

E a intenção era que fosse ele, percebeu Rand, bem antes de alcançar os nove degraus que conduziam ao estrado. Aviendha o acompanhou, e Asmodean, por ser seu bardo, também teve permissão para tal, mas Sulin logo dispôs as outras Donzelas em torno do estrado, as lanças casualmente empunhadas bloqueando Meilan, bem como o restante dos Grão-lordes. A frustração tingia os rostos tairenos. O Salão estava tão quieto que Rand ouvia a própria respiração.

— Isto pertence a outra pessoa — afirmou, por fim. — Além do quê, passei tempo demais na sela para ver com bons olhos um assento tão duro. Tragam uma cadeira confortável.

Houve um momento de silêncio e estupor antes que um murmúrio percorresse o Salão. O olhar de Meilan se tornou especulativo, mas logo foi suprimido, e Rand quase gargalhou. Era muito provável que Asmodean estivesse certo em relação ao homem. O próprio Asmodean estava encarando Rand com um ar de suspeita que mal conseguia esconder.

Passaram-se alguns minutos antes que o sujeito com o casaco com estrelas bordadas chegasse correndo, ofegante, seguido por dois cairhienos com roupas escuras que traziam consigo uma cadeira de espaldar alto repleta de almofadas revestidas de seda, indicando onde ela deveria ser colocada em meio a muitíssimas olhadelas preocupadas na direção de Rand. Entalhes dourados verticais percorriam o encosto e as grossas pernas da cadeira, mas pareciam insignificantes diante do Trono do Sol.

Enquanto os três serviçais ainda faziam suas reverências e saíam, curvando-se a cada passo, Rand jogou a maior parte das almofadas para o lado e se sentou com gosto, a lança Seanchan sobre os joelhos. Mas teve o cuidado de não suspirar. Aviendha o observava muito de perto para que fizesse isso, e o modo como Somara ficava alternando olhadelas entre os dois confirmava as suspeitas de Rand.

No entanto, fossem quais fossem seus problemas com Aviendha e as *Far Dareis Mai*, a maior parte dos presentes aguardava suas palavras com muita ansiedade e nervosismo. *Pelo menos estes aí vão pular quando eu mandar imitar um sapo*, pensou. Poderiam até não gostar, mas pulariam.

Com o auxílio de Moiraine, ele decidira o que devia fazer naquele local. Algumas coisas soubera mesmo sem as sugestões dela. Teria sido bom tê-la ali para falar em seu ouvido, caso necessário, em vez de ter Aviendha aguardando para dar um sinal a Somara, mas não havia por que esperar. Todos os nobres tairenos e cairhienos na cidade decerto estavam naquela câmara.

— Por que os cairhienos ficam atrás? — questionou em voz alta, no que a multidão de nobres se agitou e trocou olhares confusos. — Os tairenos vieram para ajudar, mas isso não é motivo para os cairhienos se manterem sempre na retaguarda. Deixem que todos se organizem por graduação. Todos.

Foi difícil dizer quais eram os mais estupefatos, se tairenos ou cairhienos, embora Meilan parecesse pronto para engolir a língua, e os outros seis não ficassem muito atrás. Mesmo Aracome, cujo pávio era mais comprido, ficou com o rosto pálido. Com muito arrastar de botas e repuxar de saias, com demasiados olhares gélidos de ambos os lados, todos se organizaram, até que as filas da frente ficassem todas compostas por homens e mulheres com listras no peito e a seguinte contasse apenas com alguns tairenos. No pé do estrado, Meilan e seus companheiros estavam acompanhados pelo dobro de lordes e ladies cairhienos, a maioria já grisalha, e todos com listras do pescoço até quase o joelho, apesar de “acompanhados” talvez não ser a palavra correta. Eram dois grupos separados por boas três passadas, e faziam tanta questão de não olhar uns para os outros que dava no mesmo que gritar ou erguer os punhos. Todos os olhos se detinham em Rand, e, se os tairenos estavam furiosos, os cairhienos ainda eram uma pedra de gelo, dando apenas meros sinais de descongelamento no modo sugestivo como o examinavam.

— Notei os estandartes tremulando sobre Cairhien — prosseguiu, tão logo a movimentação se abrandou. — É bom ver tantas Crescentes de Tear ao vento. Sem os Grão-lordes tairenos, Cairhien não estaria viva para hastear um estandarte, e sem as espadas tairenas, o povo desta cidade, que hoje sobreviveu, tanto os nobres quanto os plebeus, estaria aprendendo a obedecer aos Shaido. Tear conquistou sua honra. — Aquilo inflou os tairenos, claro, e provocou meneios impetuosos e sorrisos mais impetuosos ainda, embora os Grão-lordes decerto tenham parecido confusos. Até os cairhienos abaixo do estrado se entreolhavam, cheios de dúvidas. — Mas eu não preciso de tantos estandartes para mim. Deixem um estandarte do Dragão no lugar, na torre mais alta da cidade, para que todos que se aproximem possam vê-lo, mas façam com que os outros sejam retirados e substituídos pelos estandartes de Cairhien. Esta é Cairhien, e o Sol Nascente deve e vai tremular orgulhosamente. Cairhien tem a própria honra, que deve ser mantida.

A câmara irrompeu em um rugido tão repentino que as Donzelas levantaram as lanças; uma balbúrdia que reverberou de parede a parede. Em um instante, Sulin estava gesticulando naquela linguagem das Donzelas, mas os véus, já parcialmente erguidos, foram soltos novamente. Os nobres cairhienos aplaudiam com o mesmo entusiasmo que o povo nas ruas o fizera, saltitando e acenando como os habitantes de Portão Frontal em um festival. Naquele pandemônio, foi a vez de os tairenos trocarem olhares silenciosos. Não pareciam com raiva. Até Meilan dava a impressão de estar mais incerto do que qualquer outra coisa, embora, assim como Torean e os demais, observasse com estupor os lordes e ladies que o cercavam, há pouco cheios de dignidade fria, agora dançando e gritando o nome do Lorde Dragão.

Rand não sabia o que eles haviam interpretado de suas palavras. Decerto esperara que entendessem mais do que ele dissera, sobretudo os cairhienos, e talvez até que alguns de fato compreendessem o que ele quis dizer, mas nada o preparara para aquela demonstração. A discrição cairhiena era esquisita, ele sabia muito bem, e por vezes se misturava com uma ousadia inesperada. Moiraine tratara o assunto com reticência, comparando com sua insistência eterna em tentar lhe ensinar tudo. O máximo que dissera foi que, se aquela discrição fosse quebrada, poderia ser em um nível surpreendente. De fato, surpreendente.

Quando os vivos por fim se dissiparam, começaram os juramentos de fidelidade. Meilan foi o primeiro a se ajoelhar, o rosto constricto quando se comprometeu, sob a Luz e por sua esperança na Salvação e no Renascimento, a servir com lealdade e a obedecer. Era uma forma antiga, e Rand torcia para que ela de fato compelsse alguns deles a manter o juramento. Tão logo Meilan beijou a ponta da lança Seanchan, tentando esconder uma careta amarga ao passar a mão na barba, Lady Colavaere o substituiu. Uma linda mulher de meia-idade, com renda cor de marfim derramando-se pelas mãos que colocou sobre as de Rand, e tiras coloridas horizontais do alto do colarinho rendado até o joelho, ela prestou seu juramento com uma voz clara e firme e com o sotaque melodioso que ele estava acostumado a ouvir de Moiraine. Seu olhar misterioso também se assemelhava ao da Aes Sedai, ainda mais quando ela encarou Aviendha ao fazer sua reverência e tornar a descer os degraus. Torean a substituiu, suando profusamente ao jurar, e Lorde Dobraine veio em seguida; com os olhos fundos e analíticos, ele era um dos poucos homens mais velhos a ter raspado a parte da frente do cabelo comprido e grisalho. Então veio Aracome e...

Rand foi ficando impaciente à medida que a procissão continuou, um por um subindo para se ajoelhar diante dele, cairhieno sucedendo taireno sucedendo cairhieno, conforme ele decretara. Tudo aquilo era necessário, Moiraine dissera — e a voz em sua mente que ele sabia se tratar de Lews Therin concordou —, mas, para ele, era parte do atraso. Rand precisava ter a lealdade daquelas pessoas, ainda que apenas na aparência, para poder começar a tornar Cairhien segura. E esse começo, pelo menos, tinha que ser posto em prática antes que pudesse cuidar de Sammael. *E eu vou fazer isso! Ainda tenho muito o que fazer para permitir que ele continue saindo de trás da moita e me enfiando uma faca no tornozelo! Ele vai descobrir o que significa provocar o Dragão!*

Rand não entendeu por que os que vinham se ajoelhar diante dele começaram a suar e a lamber os lábios, gaguejando suas palavras de fidelidade. Mas também ele não conseguia enxergar a luz fria que ardia nos próprios olhos.





O PREÇO DE UM NAVIO

Quando terminou de se lavar, de manhã, Nynaeve se enxugou e, com relutância, vestiu uma camisola de seda limpa. A seda não era tão fresca quanto o linho, e mesmo com o sol tendo acabado de nascer, o calor no carroção prenunciava mais um dia escaldante. Além do mais, a peça era cortada de tal forma que Nynaeve temia que fosse cair em um bolo de tecido em torno de seus tornozelos, caso respirasse errado. Ao menos não estava úmida do suor da noite, como a outra que despiu.

Sonhos perturbadores haviam lhe atormentado o sono, sonhos com Moghedien que fizeram-na acordar no susto, sentando-se ereta na cama — e estes foram melhores do que os sonhos que não a acordaram —, sonhos com Birgitte atirando flechas nela *e acertando*, sonhos com os seguidores do Profeta causando tumultos em meio ao conjunto itinerante, sonhos em que ficava presa para sempre em Samara porque nenhuma embarcação aparecia, ou chegava a Salidar e encontrava Elaida no comando. Ou de novo Moghedien, lá, também. Acordara chorando deste último.

Tudo era apenas preocupação, claro, e natural que fosse assim. Três noites acampada ali sem nenhum navio dar as caras, três dias sufocantes em que ficava vendada contra aquela maldita tábua. Era o suficiente para deixar qualquer um no limite, mesmo sem a preocupação de Moghedien encontrá-las. Por outro lado, porém, o simples fato de a mulher saber que elas estavam em um conjunto itinerante não significava que as encontraria em Samara. Havia outros conjuntos

no mundo além daqueles reunidos ali. Pensar nos motivos para não se preocupar, no entanto, era mais fácil do que de fato não se preocupar.

Mas por que estou nervosa a respeito de Egwene? Nynaeve enfiou um galho partido em um pratinho com sal e bicarbonato, no lavatório, e começou a esfregar os dentes com vontade. Egwene surgira em quase todos os sonhos, gritando com ela, mas Nynaeve não entendia a presença dela.

Na verdade, a ansiedade e a falta de sono eram só parte do que a deixara com o humor tão ruim naquela manhã. Tudo o mais eram detalhes, ainda que reais. Uma pedrinha no sapato era algo pequeno, se comparado com ter a cabeça decepada, mas se a pedra já estava lá e o cepo talvez nunca estivesse...

Era impossível evitar o próprio reflexo e o cabelo solto, em vez de em uma trança decente. Independentemente de como o escovasse, aquela cor vermelha de latão nunca se tornava menos repulsiva. E Nynaeve sabia muito bem que um vestido azul repousava na cama atrás dela. Um azul que deixaria até uma latoeira atônita, e tão decotado quanto o vestido vermelho pendurado como um pregador. Era por isso que trajava aquela camisola tão solta. Um vestido como aquele não bastava, não de acordo com Valan Luca. Clarine já vinha trabalhando em mais dois de um amarelo virulento, e falava-se em listras. Nynaeve não queria nem saber de listras.

O homem podia ao menos me deixar escolher as cores, pensou, manejando furiosamente o galho partido. Ou Clarine. Mas não, ele tinha as próprias ideias e nunca perguntava nada. Não Valan Luca. As cores que ele escolhia às vezes faziam-na se esquecer dos decotes. *Vou jogar esse vestido na cara dele!* Mas sabia que não faria isso. Birgitte se exibia naqueles vestidos sem o menor sinal de pudor. A mulher com certeza não tinha *nada a ver* com nenhuma das histórias sobre ela! Não que Nynaeve fosse usar aquele vestido imbecil sem reclamar só porque Birgitte o usava. Não era uma competição, de maneira alguma. Era só que...

— Se tem que fazer uma coisa — rosnou, com o galho ainda na boca —, melhor se acostumar.

— O que você disse? — indagou Elayne. — Se vai falar, por favor, tire isto da boca. O barulho é nojento.

Nynaeve enxugou o queixo e fitou-a por cima do ombro. Elayne estava sentada na própria cama estreita com as pernas encolhidas, trançando o cabelo tingido de preto. Já trajava as calças brancas cheias de lantejoulas e uma blusa transparente demais, de seda cor de neve com pregas no pescoço. O casaco branco chapinhado de paetês repousava ao lado. Branco. Ela também tinha dois conjuntos de roupas para suas apresentações, com um terceiro sendo confeccionado, todos brancos, ainda que não exatamente comuns.

— Se você vai se vestir com estes trajes, Elayne, não deveria se sentar assim. É indecente.

A outra mulher lhe lançou um olhar furioso e carrancudo, mas pôs os pés calçados com chinelos no chão. E empinou o queixo com aquele jeito arrogante que tinha.

— Acho que vou dar uma volta pela cidade agora de manhã — anunciou, tranquila, ainda fazendo a trança. — Este carroção está... sufocante.

Nynaeve bochechou e cuspiu no lavatório. Ruidosamente. De fato, o carroção parecia menor durante o dia. Talvez precisassem ficar fora de vista o máximo possível — fora ideia dela, ideia da qual estava começando a se arrepender —, mas aquilo estava ficando ridículo. Três dias trancada com Elayne, exceto quando saíam para se apresentar, estavam começando a parecer três semanas. Ou três meses. Nynaeve nunca reparara em como Elayne tinha a língua ácida. Um navio precisava aparecer logo. Qualquer tipo de navio. Daria até a última moeda escondida no fogão de tijolinho, até a última joia, o que fosse, para ver um navio já naquele dia.

— Bem, isso não chamaria nenhuma atenção, não é? Mas talvez você esteja precisando do exercício. Ou vai ver é só o caimento dessas calças nos seus quadris.

Os olhos azuis lampejaram, mas o queixo de Elayne permaneceu erguido, e o tom de voz, frio.

— Sonhei com Egwene ontem à noite. Falamos sobre Rand e Cairhien, porque *eu* me preocupo com o que está acontecendo lá, ainda que *você* não. Mas entre um assunto e outro, ela disse que você estava virando uma megera histérica. Não que *eu* ache isso, exatamente. *Eu* diria que está mais para uma vendedora de peixe.

— Agora trate de me ouvir, sua mimadinha! Se você não... — Nynaeve se interrompeu, os olhos ainda furiosos, e então respirou fundo. Esforçou-se para que a voz soasse equilibrada. — Você sonhou com Egwene?

Elayne aquiesceu brevemente.

— E ela falou sobre Rand e Cairhien?

A mulher mais jovem revirou os olhos em uma exasperação exagerada e continuou fazendo a trança. Nynaeve forçou a própria mão a soltar um punhado do cabelo vermelho cor de latão, se obrigou a parar de pensar em ensinar à Filha-herdeira da maldita Andor um pouco de educação básica. Se não encontrassem logo um navio...

— Se você for capaz de pensar em algo além de exibir ainda mais as pernas, pode ser que goste de saber que Egwene também apareceu nos meus sonhos. Ela disse que Rand teve uma grande vitória ontem em Cairhien.

— Eu posso até estar exibindo minhas pernas — rebateu Elayne, as bochechas ficando coradas —, mas pelo menos não estou mostrando meus... Você também sonhou com ela?

Não levaram muito tempo para comparar observações, embora Elayne continuasse a demonstrar sua língua ferina. Nynaeve tivera um motivo perfeitamente justificável para gritar com Egwene, e era provável que Elayne *estivesse* sonhando em desfilar diante de Rand com seu figurino cheio de paetês, se não com coisa pior. Dizer aquilo não era mais que ser honesta. Ainda assim, logo ficou claro que Egwene dissera as mesmas coisas nos sonhos de ambas, e aquilo deixava pouca margem para dúvidas.

— Ela ficava dizendo que estava ali de verdade — resmungou Nynaeve —, mas eu pensei que aquilo só fizesse parte do sonho. — Egwene afirmara com frequência que era possível conversar com alguém nos sonhos, mas nunca dissera que era capaz disso. — Por que eu acreditaria? Ora, ela disse que finalmente tinha reconhecido uma tal lança que Rand começou a usar como sendo uma peça Seanchan. Isso é absurdo.

— Claro. — Elayne arqueou a sobancelha de um jeito irritante. — Tão absurdo quanto encontrar Cerandin e os *s'redit* dela. Deve haver outros refugiados Seanchan, Nynaeve, e é provável que lanças sejam o *mínimo* que eles deixaram para trás.

Por que a mulher não conseguia dizer nada sem dar uma cutucada?

— Estou vendo que *você* acreditou.

Elayne jogou a trança recém-terminada por cima do ombro e então, só para garantir, voltou a balançar a cabeça de maneira arrogante.

— Eu espero mesmo que Rand esteja bem. — Nynaeve bufou. Egwene contara que ele precisaria de vários dias de repouso antes de voltar a ficar de pé, mas que *havia* sido Curado. Elayne continuou: — Ninguém nunca ensinou a ele que não se deve ultrapassar os próprios limites. Rand não sabe que o Poder pode matá-lo caso canalize demais ou tente urdir muitos fios quando estiver cansado? Isso vale tanto para ele quanto para nós.

Então ela pretendia mudar de assunto?

— Talvez ele não saiba — ponderou Nynaeve, com doçura —, já que não existe uma Torre Branca para homens. — Isso a fez pensar em outra coisa. — Você acha que foi mesmo Sammael?

Pega com uma resposta já na ponta da língua, Elayne fitou-a de soslaio, furiosa, e deixou escapar um suspiro irritadiço.

— Não faz diferença para nós, faz? O que deveríamos estar pensando é em voltar a usar o anel. Para mais do que nos encontrarmos com Egwene. Há muito o que aprender. Quanto mais eu aprendo, mas me dou conta de quanto ainda não sei.

— Não. — Nynaeve não esperava que Elayne fosse pegar o anel *ter'angreal* ali e agora, mas, no reflexo, deu um passo em direção ao fogão de tijolinho. —

Nada de idas a *Tel'aran'rhiod* para nenhuma de nós, exceto para encontrar Egwene.

Elayne prosseguiu como se não tivesse ouvido nada. Como se Nynaeve tivesse falado para as paredes.

— A gente não precisa canalizar. Não vamos nos entregar desse jeito. — Ela não olhou para Nynaeve, mas havia certa aspereza em sua voz. Insistiu que elas poderiam usar o Poder, se tomassem cuidado. Até onde Nynaeve sabia, era bem possível que Elayne fizesse isso pelas costas dela. — Eu aposto que, se uma de nós visitasse o Coração da Pedra hoje à noite, Egwene estaria lá. Pense só: se *nós* pudéssemos conversar com ela nos sonhos *dela*, não precisaríamos mais nos preocupar em encontrar Moghedien em *Tel'aran'rhiod*.

— Então você acha que é fácil aprender? — perguntou Nynaeve, seca. — Se é assim, por que ela ainda não nos ensinou? Por que não fez isso antes? — Mas não estava sendo sincera. Era ela quem estava preocupada com Moghedien. Elayne sabia que a mulher era perigosa, mas era como saber que uma víbora era perigosa. Elayne sabia, mas Nynaeve já tinha sido picada. E ser capaz de se comunicar sem entrar no Mundo dos Sonhos seria valioso independentemente de evitar ou não Moghedien.

Em todo caso, Elayne ainda não estava prestando atenção no que Nynaeve dizia.

— Fico me perguntando por que ela insistiu tanto para que não falássemos para ninguém. Não faz sentido. — Ela mordeu o lábio inferior. — Há outra razão para falarmos com ela assim que pudermos. Na época, não significou nada para mim, mas, na última vez em que Egwene falou comigo, sumiu no meio de uma frase. O que lembrei agora foi que, antes de sumir, ela de repente pareceu surpresa e assustada.

Nynaeve respirou fundo e apertou a barriga com as duas mãos, em um esforço inútil de aplacar palpitações súbitas. Mas conseguiu manter a voz equilibrada.

— Moghedien?

— Luz, você é mesmo otimista! Não. Se Moghedien pudesse aparecer em nossos sonhos, acho que, a esta altura, já saberíamos. — Elayne sentiu um pequeno calafrio. Tinha certa ideia, sim, de como Moghedien era perigosa. — Seja como for, não foi esse tipo de olhar. Ela estava assustada, mas não tanto.

— Então ela talvez não estivesse em perigo. Talvez... — Obrigando-se a manter as mãos relaxadas, Nynaeve comprimiu os lábios de um jeito irritado. Só não tinha certeza de quem era o alvo dessa irritação.

Guardar o anel, tirando-o de vista, exceto para os encontros com Egwene, tinha sido uma boa ideia. Tinha, sim. Qualquer aventura no Mundo dos Sonhos poderia tê-las feito dar de cara com Moghedien, e ficar longe dela era mais que

apenas uma boa ideia. Nynaeve já sabia que fora superada. O pensamento a irritava, e mais ainda a cada vez que ressurgia, mas era a pura verdade.

Agora, porém, havia uma chance de que Egwene estivesse precisando de ajuda. Uma chance pequena. Estar devidamente temerosa de Moghedien não a fazia subestimar a possibilidade. E podia ser que Rand tivesse um dos Abandonados em seu encalço, assim como Moghedien estava atrás dela e de Elayne. O que Egwene relatara, tanto de Cairhien quanto das montanhas, sugerira que ele desafiara Rand a uma briga. Não que Nynaeve pensasse que podia fazer algo a respeito. Já Egwene...

Às vezes, Nynaeve tinha a impressão de que se esquecera do motivo que a fez sair de Dois Rios, para começo de conversa: proteger os jovens de sua aldeia que haviam sido capturados pelas teias das Aes Sedai. Não muito mais jovens que ela própria, só uns poucos anos, mas a diferença de idade parecia maior quando se era a Sabedoria da aldeia. Claro que o Círculo das Mulheres de Campo de Emond àquela altura com certeza já escolhera outra Sabedoria, mas isso não tornava a aldeia e a população menos sua. No fundo de seu coração, pensava que aquilo não a tornava nem menos Sabedoria. De algum modo, porém, proteger Rand, Egwene, Mat e Perrin das Aes Sedai se transformara em ajudá-los a sobreviver, e, por fim, sem que ela nem percebesse quando ou como, até aquele objetivo fora engolfado por outras necessidades. Entrar para a Torre Branca para aprender a melhor forma de derrubar Moiraine tinha se tornado um desejo ardente de aprender a Curar. Até seu ódio pela intromissão das Aes Sedai na vida das pessoas passara a coexistir com seu desejo de se tornar uma delas. Não que realmente quisesse isso, mas era a única maneira de aprender o que desejava. Tudo se tornara tão emaranhado quanto as teias das Aes Sedai, com ela no meio, e Nynaeve não sabia como escapar.

Eu ainda sou a mesma, e vou ajudá-los o quanto puder.

— Hoje à noite — disse ela voz alta —, eu vou usar o anel.

Sentou-se na cama e começou a puxar as meias. Uma lã grossa estava longe de ser confortável naquele calor, mas ao menos parte dela estaria vestida decentemente. Meias robustas e sapatos robustos. Birgitte usava sandálias brocadas e meias de seda fina que pareciam bem fresquinhas. Nynaeve tratou de suprimir com firmeza aquele pensamento.

— Só para ver se Egwene *está* na Pedra. Se não estiver, eu volto e não usamos mais o anel até o próximo encontro marcado.

Elayne a observava com um olhar impassível que a fez puxar as meias com incômodo cada vez maior. A mulher não dizia uma palavra, mas a inexpressividade em seus olhos sugeria que Nynaeve podia estar mentindo. Pelo menos foi como Nynaeve interpretou. Provavelmente porque ela considerou mesmo a ideia — seria bem fácil garantir que o anel não estivesse encostando em sua pele quando fosse dormir. Não havia motivo para acreditar que Egwene

estaria esperando no Coração da Pedra naquela noite. Nynaeve não planejava mentir — o pensamento surgira de maneira espontânea —, mas a ideia surgiu, e tornou difícil olhar Elayne nos olhos. E daí que estava com medo de Moghedien? Fazia todo o sentido, mesmo que admitir isso deixasse um gosto ruim na boca.

Vou fazer o que for preciso. Nynaeve reprimiu a sensação do estômago embrulhado. Quando a camisola lhe cobriu as meias, já estava ansiosa para trajar o vestido azul e sair para o dia quente, só para escapar dos olhos de *Elayne*.

A Filha-herdeira estava terminando de ajudá-la com as fileiras de botões nas costas do vestido — e resmungando que ninguém *a* ajudara, como se alguém precisasse de ajuda para vestir calças — quando a porta do carroção se escancarou, deixando entrar uma lufada de ar quente. Sobressaltada, Nynaeve deu um salto e cobriu o busto com as duas mãos sem nem parar para pensar. Quando Birgitte surgiu, e não Valan Luca, ela tentou fingir que só estava ajustando o decote.

Alisando um vestido azul idêntico de seda brilhante, a mulher mais alta puxou a espessa trança negra por sobre o ombro desnudo com um sorriso satisfeito.

— Se você quer chamar atenção, não precisa ficar se mexendo assim. É óbvio demais. Basta respirar fundo. — Ela fez uma demonstração, e então gargalhou ao ver a expressão séria de Nynaeve.

Nynaeve se esforçou para controlar seu temperamento. Embora não soubesse bem o motivo para fazer isso. Mal acreditava que se sentira culpada pelo que acontecera. Gaidal Cain devia estar contente de ficar longe daquela mulher. E Birgitte agora arrumava o cabelo do jeito que queria. Não que aquilo tivesse a ver com qualquer coisa.

— Eu conhecia uma pessoa igual a você em Dois Rios, *Maerion*. Calle conhecia os guardas de todos os mercadores pelo primeiro nome, e com certeza não guardava segredos de nenhum deles.

O sorriso de Birgitte diminuiu.

— E eu certa vez conheci uma mulher igual a você. Mathena também olhava para os homens com o nariz empinado e chegou até a mandar executar um pobre sujeito que deu de cara com ela por acaso enquanto estava nadando nua. Nunca tinha beijado ninguém, até que Zheres lhe roubou um beijo. Parecia até que ela tinha acabado de descobrir a existência dos homens. Ficou tão enfeitiçada que Zheres precisou ir morar nas montanhas para fugir. Cuidado com o primeiro homem que a beijar. Mais cedo ou mais tarde, vai acabar acontecendo.

Com os punhos cerrados, Nynaeve deu um passo à frente em direção à mulher. Ou tentou. Elayne se meteu entre as duas, as mãos erguidas.

— Vocês duas tratem de parar com isso — advertiu ela, encarando as duas com o mesmo jeito altivo. — Lini sempre disse: “Esperar transforma os homens

em ursos dentro de um celeiro, e as mulheres em gatos dentro de uma saca.” Mas agora vocês vão parar de se engalfinhar! Não vou mais tolerar isso!

Para a surpresa de Nynaeve, Birgitte enrubescceu e balbuciou um pedido amargurado de desculpas. Para Elayne, claro, mas foi uma surpresa mesmo assim. Birgitte tinha escolhido ficar por perto de Elayne — não havia por que se esconder —, mas, depois de três dias, o calor parecia estar lhe afetando tanto quanto vinha afetando a jovem. Por sua vez, Nynaeve lançou à Filha-herdeira seu olhar mais gélido. Mantivera seu temperamento sob controle durante aquela espera, confinadas juntas — mantivera mesmo —, mas Elayne não tinha autoridade moral nenhuma para dizer nada.

— Agora — continuou Elayne no mesmo tom de voz ácido —, você tinha algum motivo para entrar feito um touro ou simplesmente se esqueceu de como se bate em uma porta?

Nynaeve abriu a boca para fazer um comentário sobre gatos — apenas um lembrete —, mas Birgitte se antecipou, a voz ainda mais tensa.

— Thom e Juilin voltaram da cidade.

— Voltaram?! — exclamou Nynaeve, e Birgitte a encarou antes de se voltar para Elayne.

— Você não mandou eles irem até lá?

— Não — retrucou Elayne, emburrada.

A garota marchou porta afora, Birgitte em seus calcanhares, antes que Nynaeve pudesse dizer uma única palavra. Não havia o que fazer a não ser acompanhá-las, resmungando sozinha. Era melhor Elayne não ter começado a achar que estava no comando. Nynaeve ainda não a perdoara por ter contado tanto aos homens.

O calor seco parecia ainda pior do lado de fora, pois o sol batia insistentemente na parede de lona que circundava o conjunto itinerante. O suor brotou em sua testa antes que ela chegasse ao pé da escada, mas, desta vez, não fez cara feia.

Os homens estavam sentados em banquinhos de três pernas ao lado da fogueira, os cabelos desgrehados e os casacos com aspecto de quem rolara na sujeira. Um filete vermelho escorria por baixo de um pano que Thom apertava contra o escalpo, descendo por uma mancha de sangue seco em forma de leque que lhe cobria a bochecha e manchava o bigode branco. Um inchaço roxo do tamanho de um ovo de galinha destacava-se no olho de Juilin, que segurava o cajado de madeira clara da grossura de um polegar com na mão envolta de qualquer jeito em uma bandagem ensanguentada. Aquele ridículo chapéu cônico repousando em sua nuca dava a impressão de ter sido pisoteado.

A julgar pelo barulho na área interna das paredes de lona, os tratadores de cavalos já estavam limpando as jaulas, e com certeza Cerandin estava com seus *s’redit* — nenhum dos homens se aproximava deles —, mas, comparativamente,

ainda havia pouca movimentação em meio aos carroções. Petra fumava seu cachimbo de piteira comprida enquanto ajudava Clarine a preparar o café da manhã. Dois dos Chavanas examinavam algum equipamento, junto com Muelin, a contorcionista, ao passo que os outros dois conversavam com duas das seis acrobatas que Luca contratara do espetáculo de Sillia Cerano. Elas afirmavam ser as irmãs Murasaka, apesar de serem ainda mais diferentes em aparência e cor de pele do que os Chavanas. Uma delas, parecendo tranquila em um robe de seda colorido, perto de Brugh e Taeric, tinha olhos azuis e cabelo quase branco; a outra tinha a pele tão escura quanto os olhos. Todos os demais já trajavam a indumentária para a primeira apresentação do dia, os homens com o peito nu e calças coloridas, Muelin de vermelho fino e transparente e um colete bem justo combinando, Clarine com paetês verdes de gola alta.

Thom e Juilin atraíam alguns olhares, mas, felizmente, ninguém achou necessário vir perguntar como estavam. Talvez fosse pelo modo abatido como estavam sentados, os ombros curvados e os olhos fitando o chão. Sem dúvida, ambos sabiam que estavam prestes a ouvir uma bronca que lhes deixaria com o couro ardido. Nynaeve certamente tinha essa intenção.

Elayne, no entanto, ofegou ao vê-los e saiu correndo para se ajoelhar ao lado de Thom, toda a raiva de momentos antes desaparecendo.

— O que aconteceu? Ah, Thom, sua cabeça! Deve estar doendo tanto. Isto está além das minhas habilidades. Nynaeve vai levar vocês lá para dentro para cuidar disto. Thom, você está velho demais para ficar se metendo em brigas.

Indignado, ele a ignorou da melhor maneira que pôde enquanto mantinha a compressa no lugar.

— Deixe para lá, criança. Já fiquei pior que isto caindo da cama. Esqueça.

Nynaeve não Curaria ninguém, apesar de estar com raiva suficiente. Ela se plantou à frente de Juilin, as mãos na cintura e um olhar de não-banque-o-espertinho-e-responda-logo no rosto.

— O que você pretendia ao sair de fininho sem me dizer nada? — Também serviu para começar a mostrar para Elayne *quem* estava no comando. — Se, em vez de ficar com este olho roxo aí, você acabasse com a goela decepada, como iríamos saber o que tinha acontecido? Não havia motivo para saírem assim. Nenhum! Já tem gente tratando de encontrar um navio.

Juilin ergueu os olhos para ela e puxou o chapéu para cobrir a testa.

— Tem gente tratando, é? Foi por isso que vocês começaram a andar por aí feito...? — Ele se interrompeu quando Thom gemeu alto e cambaleou.

Assim que o velho menestrel acalmou a preocupação de Elayne dizendo que fora só uma pontada momentânea e que ele estava bem o suficiente para ir a um baile — e depois de lançar um olhar significativo para Juilin, esperando que as mulheres não percebessem —, Nynaeve tornou a mirar ameaçadoramente o

taireno de pele escura para descobrir o que ele pensava sobre elas estarem andando por aí.

— Ainda bem que nós fomos — disse ele, em vez disso, com voz tensa. — Samara está parecendo um cardume de lúcios em torno de um pedaço de carne crua. Há quadrilhas em todas as ruas caçando Amigos das Trevas ou qualquer pessoa que não esteja disposta a saudar o Profeta como a única voz verdadeira do Dragão Renascido.

— Começou há mais ou menos três horas, perto do rio — acrescentou Thom, deixando escapar um suspiro quando Elayne limpou seu rosto com um pano úmido. Parecia ignorar os resmungos da garota, o que deve ter exigido certo esforço, já que Nynaeve entendeu com clareza “seu velho tolo” e “você precisa de alguém para cuidar de você antes que acabe morrendo”, entre outras coisas, em um tom de voz que era tão exasperado quanto afetuosos. — Como começou, eu já não sei. Ouvi culparem as Aes Sedai, os Mantos-brancos, os Trollocs, tudo menos os Seanchan, que só não levavam a culpa porque ninguém sabe que existem. — Ele se encolheu quando Elayne pressionou o pano. — Na última hora, estávamos ocupados demais tentando dar o fora dali para descobrir muita coisa.

— Há incêndios — completou Birgitte. Petra e sua esposa viram-na apontando e levantaram-se, apreensivos, para olhar. Duas nuvens escuras de fumaça erguiam-se acima da parede de lona, na direção da cidade.

Juilin se pôs de pé e encarou Nynaeve com um olhar severo.

— É hora de ir. Talvez a gente se destaque o suficiente para Moghedien nos encontrar, mas eu duvido. Há gente fugindo para todas as direções possíveis. Daqui a duas horas, não vão ser só dois incêndios, vão ser cinquenta, e evitar Moghedien não vai adiantar muito se uma das quadrilhas acabar fazendo picadinho de nós. Assim que acabarem de destruir tudo o que puder ser destruído na cidade, virão atrás dos espetáculos.

— Não fale esse nome — advertiu Nynaeve com rispidez, dirigindo a Elayne uma cara feia que a garota não viu. Permitir que homens soubessem demais era sempre um erro. O problema era que ele estava certo, mas permitir que um homem soubesse disso rápido demais também era um erro. — Você considerar sua sugestão, Juilin. Eu detestaria fugir sem motivo e depois ficar sabendo que um navio apareceu assim que nós fomos embora. — Ele olhou para Nynaeve como se ela tivesse enlouquecido, e Thom balançou a cabeça, apesar de Elayne ainda estar segurando-a para limpar o sangue. Então um vulto abriu caminho em meio aos carroções e animou Nynaeve. — Talvez já tenha chegado.

O tapa-olho pintado e o rosto cheio de cicatrizes de Uno, além do coque e da espada às costas, atraíram meneios casuais de Petra e dos Chavanas, e Muelin estremeceu. Ele fizera todas as visitas noturnas pessoalmente, ainda que não

tivesse nada a reportar. Sua presença naquele momento tinha de significar alguma notícia.

Como de costume, Uno sorriu para Birgitte assim que a viu, e seu único olho desceu ostensivamente para o busto exposto dela. E, como de costume, Birgitte devolveu o sorriso e lhe lançou um olhar lento de cima a baixo. Desta vez, no entanto, Nynaeve não se importou com quão repreensivelmente os dois se comportavam.

— Algum navio?

O sorriso de Uno sumiu.

— Tem um mald... um navio — anunciou ele, emburrado —, isso se eu conseguir levar vocês inteiros até lá.

— Estamos bem informados sobre os motins. Tenho certeza de que quinze shienaranos são capazes de nos conduzir em segurança.

— Vocês sabem sobre os motins — resmungou ele, fitando Thom e Juilin. — Mas sabem que os mald... que o pessoal de Masema está lutando contra os Mantos-brancos nas ruas? Sabem que ele ordenou que seu pessoal tome Amadícia com fogo e espadas? Milhares deles já cruzaram o mald... aargh!... já cruzaram o rio.

— Pode até ser — respondeu Nynaeve, com firmeza —, mas eu espero que você faça o que disse que faria. Você prometeu *me* obedecer, lembra? — Ela deu uma leve ênfase à palavra e lançou a Elayne um olhar significativo.

Fingindo não ver, a mulher ficou de pé, o pano ensanguentado na mão, e direcionou sua atenção a Uno.

— Sempre me disseram que os shienaranos estão entre os soldados mais corajosos do mundo. — A navalha afiada que havia em sua voz de repente se transformara em seda e mel. — Ouvi muitas histórias sobre a bravura shienarana quando era criança. — Ela repousava uma das mãos no ombro de Thom, mas tinha os olhos fixos em Uno. — Ainda me lembro delas. Espero lembrar para sempre.

Birgitte se aproximou e começou a massagear a nuca de Uno enquanto o encarava. Aquele olho vermelho fulminante no tapa-olho não parecia incomodá-la nem um pouco.

— Três mil anos vigiando a Praga — disse ela, gentilmente. Gentilmente. Fazia dois dias desde que falara com Nynaeve daquele jeito! — Três mil anos, nunca recuando sem pagar com dez vezes mais sangue. Isso pode até não ser Enkara ou o Passo Soralle, mas eu sei o que vocês vão fazer.

— O que você fez? — rosnou ele. — Leu todas as malditas histórias das Terras da Fronteira, cacete? — De imediato, ele se contraiu e deu uma olhada para Nynaeve, que declarara a Uno que esperava dele uma linguagem absolutamente moderada. Ele não encarara aquilo muito bem, mas não havia outra maneira de evitar deslizos, e Birgitte não deveria fazer cara feia para ela.

— Vocês conseguem falar com elas? — indagou ele, olhando para Thom e Juilin.
— Elas são umas mald... umas tolas de tentarem isso.

Juilin ergueu as mãos, e Thom soltou uma sonora gargalhada.

— Você já conheceu alguma mulher que ouvia a voz da razão quando não queria? — retrucou o menestrel.

Ele deixou escapar um grunhido quando Elayne tirou a compressa e começou a esfregar seu escalpo rachado com talvez um pouco mais de força do que era estritamente necessário.

Uno balançou a cabeça.

— Bem, se é para ser enganado, vou ser enganado. Mas ouçam bem o que eu digo: o pessoal de Masema descobriu o navio, chamado Cobra do Rio ou algo assim, menos de uma hora depois que ele atracou, mas os Mantos-brancos o capturaram. Foi isso que desencadeou essas briguinhas. A má notícia é que os Mantos-brancos ainda têm o controle das docas. A pior é que Masema pode ter se esquecido do navio. Fui conversar com ele, e Masema não quer nem ouvir falar no assunto. Só sabe falar em enforçar Mantos-brancos e fazer Amadícia se ajoelhar diante do Lorde Dragão nem que seja preciso atear fogo em todo o território. Só que ele não seu deu ao trabalho de contar para todo o pessoal dele. Teve confrontos perto do rio, e pode ainda estar tendo. Passar com vocês por todos os motins já vai ser bem difícil, mas, se houver uma batalha nas docas, não posso prometer nada. E como eu vou enfiar vocês em um navio que está nas mãos dos Mantos-brancos é uma coisa que eu não sei nem por onde começar. — Deixando escapar um longo suspiro, ele esfregou o suor da testa com o dorso da mão cheia de cicatrizes. O esforço por ter falado tanto tempo sem proferir nenhum palavrão estava estampado em seu rosto.

Nynaeve poderia ter se compadecido do linguajar dele, caso não estivesse chocada demais para abrir a boca. Só podia ser coincidência. *Luz, eu disse que toparia qualquer coisa por um navio, mas isso não. Isso não!* Ela não sabia por que Elayne e Birgitte a encaravam com semblantes tão inexpressivos. Ambas sabiam tanto quanto ela, e nenhuma das duas sugerira aquela possibilidade. Os três homens trocaram olhares sérios, obviamente conscientes de que algo estava acontecendo e, também obviamente, sem saber do que se tratava, graças à Luz. Era muito melhor quando não sabiam de tudo. Mas só podia ser coincidência.

Por um lado, Nynaeve ficou mais do que feliz de concentrar sua atenção em outro homem que abria caminho em meio aos carroções. Era uma justificativa para tirar os olhos de Elayne e Birgitte. Por outro lado, ver Galad fez seu estômago ir para nos pés.

O homem trajava roupas marrons simples e um chapéu liso de veludo, em vez do manto branco e da armadura polida, mas sua espada ainda repousava à cintura. Ele ainda não estivera nos carroções, e o efeito daquele rosto foi dramático. Muelin deu um passo involuntário na direção dele, e as duas acrobatas

esbeltas se inclinaram para a frente, boquiabertas. Os Chavanas foram rotundamente esquecidos e fizeram cara feia. Mesmo Clarine ajeitou o vestido ao vê-lo passar, mas só até Petra tirar o cachimbo da boca e fazer um comentário. Então, gargalhando, ela foi até onde ele estava sentado e aconchegou o rosto do homem em seu busto avantajado. Seus olhos, porém, ainda acompanhavam Galad por cima da cabeça do marido.

Nynaeve não estava com humor para se deixar afetar por um rosto bonito. Sua respiração mal se acelerou.

— Foi você, não foi? — questionou ela antes mesmo que ele a alcançasse. — Você capturou o Cobra do Rio, não foi? Por quê?

— Serpente do Rio — corrigiu ele, encarando-a com um olhar incrédulo. — Você mesma me pediu para eu lhe garantir passagem.

— Eu não pedi para você começar uma briga!

— Briga? — intrometeu-se Elayne. — Uma guerra. Uma invasão. E tudo por causa desse navio.

— Eu dei minha palavra para Nynaeve, irmã — respondeu Galad calmamente. — Minha maior obrigação é ver você a caminho de Caemlyn em segurança. E Nynaeve, claro. Os Filhos teriam que lutar contra esse Profeta, mais cedo ou mais tarde.

— Você não podia simplesmente ter avisado que o navio estava aqui? — indagou Nynaeve com enfado.

Os homens e suas palavras. Tudo muito admirável, às vezes, mas ela devia ter dado ouvidos quando Elayne disse que ele fazia o que entendia como certo, sem se importar com quem se ferisse.

— Não sei por que o Profeta queria o navio, mas duvido que fosse para que vocês pudessem seguir rio abaixo. — Nynaeve vacilou. — Além do mais, paguei a passagem de vocês para o capitão quando ele ainda estava desembarcando a carga. Uma hora depois, um dos dois homens que eu deixei lá para garantir que ele não fosse embora sem vocês veio me dizer que o outro estava morto e que o Profeta havia tomado o navio. Não entendo por que vocês estão tão aborrecidas. Queriam um navio, precisavam de um navio, e eu consegui um. — Com o cenho franzido, Galad falou com Thom e Juilin: — Qual é o problema delas? Por que ficam se entreolhando?

— Mulheres — respondeu Juilin, simplesmente, levando de Birgitte uma bofetada na nuca pela inconveniência. Ele a encarou com raiva.

— A picada das mutucas é terrível — sorriu ela, transformando a raiva de Juilin em incerteza enquanto ele rearrumava o chapéu.

— Podemos passar o dia inteiro aqui discutindo o que é certo e o que é errado — opinou Thom, seco —, ou podemos embarcar nesse navio. A passagem já foi paga, e não há como recuperar o dinheiro.

Nynaevae tornou a vacilar. Não importava o que ele quisesse dizer com aquilo, ela entendera do próprio jeito.

— Podemos ter problemas para chegar ao rio — afirmou Galad. — Vesti estas roupas porque os Filhos não são populares em Samara no momento, mas as quadrilhas podem atacar qualquer um. — Ele olhou desconfiado para Thom, com o cabelo e o bigode brancos, e para Juilin com um pouco menos de suspeita. Mesmo desgrenhado, o taireno era forte o bastante para fincar estacas. E então se voltou para Uno. — Onde está seu amigo? Outra espada pode ser útil até nos juntarmos aos meus homens.

Uno abriu um sorriso vilanesco. Estava claro que eles se gostavam ainda menos agora do que no primeiro encontro.

— Está por aqui. E talvez mais um ou dois. Vou mandá-los para o navio, caso seus Mantos-brancos consigam mantê-lo. Ou caso não consigam.

Elayne abriu a boca, mas Nynaevae foi mais rápida em tomar a palavra.

— Vocês dois, já chega! — Elayne teria voltado a tentar usar palavras melosas. Poderia ter funcionado, mas Nynaevae queria soltar a língua. Por alguma coisa, qualquer coisa. — Precisamos ir rápido. — Ao lançar dois malucos em direção ao mesmo alvo, deveria ter considerado o que poderia acontecer caso os dois chegassem ao mesmo tempo. — Uno, junte o restante de seus homens o mais rápido possível. — O homem tentou dizer que todos já estavam aguardando do outro lado do conjunto itinerante, mas ela prosseguiu. Eles *eram* malucos, *ambos*. *Todos* os homens eram! — Galad, você...

— Acordem e se levantem! — O grito de Luca cortou as palavras dela quando o homem surgiu trotando em meio aos carroções, mancando e com um machucado cobrindo a lateral do rosto. A capa escarlate estava suja e rasgada. Parecia que Thom e Juilin não tinham sido os únicos a entrar na cidade. — Brugh, vá dizer aos tratadores de cavalos para amarrarem as parelhas! Vamos ter que abandonar a lona. — Ele fez uma careta ao dizer isso. — E eu pretendo estar na estrada em menos de uma hora! Andaya, Kuan, chamem suas irmãs! Acordem todos que ainda estiverem dormindo, e, se estiverem se lavando, digam para vestirem roupas sujas ou virem nus! Rápido, a menos que queiram proclamar o Profeta e marchar até Amadícia! Chin Akima já foi decapitado, assim como metade dos artistas dele, e Sillia Cerano e uma dúzia dos dela foram açoitados por terem sido lentos demais! Mexam-se! — Naquele instante, todos, exceto os que estavam em torno do carroção de Nynaevae, se apressaram.

O coxear de Luca diminuiu conforme ele se aproximou, os olhos em Galad, cautelosos. E em Uno, aliás, embora já tivesse visto o caolho em duas outras ocasiões.

— Nana, eu quero falar com você — anunciou, com a voz tranquila. — A sós.

— Não iremos com você, Mestre Luca — informou ela.

— A sós — insistiu ele, tomando-a pelo braço e puxando-a para longe.

Nynaeve olhou para trás para dizer aos demais para não interferirem, mas logo descobriu que não era necessário. Elayne e Birgitte seguiam apressadas em direção à parede de lona que circundava o conjunto itinerante, e, apesar de olharem de relance para ela e para Luca, os quatro homens estavam absortos em uma conversa. Ela bufou alto. Belos homens aqueles, que viam uma mulher ser maltratada e não moviam um dedo.

Nynaeve sacudiu o braço para soltá-lo e foi andando a passos largos ao lado de Luca, as saias de seda farfalhando.

— Suponho que você queira o dinheiro, agora que estamos indo. Bem, é justo que você o tenha. Cem marcos de ouro. Embora eu ache que devesse dar um desconto pelo carroção e pelos cavalos que estamos deixando. E por nossa contribuição. Nós com certeza incrementamos seu número de clientes. Morelin e Juilin andando lá no alto, eu com as flechas, Thom...

— Você acha que eu quero o ouro, mulher? — questionou ele, investindo contra ela. — Se eu quisesse, já teria pedido desde o dia em que atravessamos o rio! Eu pedi? Você alguma vez se perguntou por que não?

A contragosto, ela deu um passo para trás e cruzou os braços, séria. E imediatamente desejou não tê-lo feito. A postura mais do que enfatizava seu decote. Foi a teimosia que manteve seus braços onde estavam — Nynaeve não iria deixá-lo pensar que estava constrangida, principalmente porque estava —, mas, para sua surpresa, os olhos de Luca permaneceram nos dela. Talvez estivesse doente. O homem nunca deixara de cravar os olhos em seu decote antes, e, se Valan Luca não estava interessado em seus seios *nem* em seu ouro...

— Se não é por causa do ouro, então por que quer conversar comigo?

— Enquanto eu voltava da cidade — explicou ele, hesitante, seguindo-a —, fiquei pensando que agora você finalmente iria embora. — De novo, Nynaeve se recusou a recuar, mesmo quando Luca ficou diante dela e a encarou fixamente. Pelo menos ele ainda estava olhando para seu rosto. — Não sei do que você está fugindo, Nana. Às vezes, quase acredito na sua história. Morelin com certeza tem um quê de nobreza, pelo menos. Mas você nunca foi a criada de uma lady. Nesses últimos dias, parte de mim ficou esperando encontrar vocês rolando no chão e arrancando os cabelos uma da outra. E talvez com Maerion no meio. — Ele deve ter notado algo no rosto dela, porque tratou de pigarrear e prosseguir mais do que de depressa. — A questão é que eu posso arranjar outra pessoa em quem Maerion atire. Você grita mesmo tão bonito que qualquer um pensaria que está mesmo aterrorizada, mas... — Ele tornou a pigarrear, ainda mais nervoso, e recuou. — O que estou tentando dizer é que eu quero que você fique. Existe um mundo enorme aí fora, milhares de cidadezinhas à espera de um espetáculo como o meu, e o que quer que esteja perseguindo você nunca vai encontrá-la se estiver comigo. Um pessoal de Akima e umas outras pessoas de Sillia que não

foram expulsas para o outro lado do rio, estão se juntando a mim. O espetáculo de Valan Luca vai ser o maior que o mundo já viu.

— Ficar? Por que eu ficaria? Eu lhe disse desde o início que nós só queríamos chegar em Ghealdan, e nada mudou.

— Por quê? Ora, para ser mãe dos meus filhos, é claro. — Ele segurou uma das mãos dela. — Nana, seus olhos me sugam a alma, seus lábios inflamam meu coração, seus ombros fazem meu pulso acelerar, seu...

Ela o interrompeu, afobada.

— Você quer se casar comigo? — perguntou Nynaeve, incrédula.

— Casar? — Ele pareceu atônito. — Bem... é... quero. Claro que quero. — Sua voz voltou a soar grave, e Luca pressionou os dedos de Nynaeve contra os lábios. — Vamos nos casar na primeira cidade em que pudermos. Nunca pedi nenhuma outra mulher em casamento.

— Eu acredito — respondeu ela, em um sussurro. Nynaeve fez certo esforço para soltar a mão. — Fico sensibilizada com a honra, Mestre Luca, mas...

— Valan, Nana. Valan.

— Mas sou a obrigada a declinar. Estou prometida para outra pessoa. — Bem, de certo modo, ela estava. Lan Mandragoran até podia pensar que seu anel era só um presente, mas ela o via de outra maneira. — E estou indo.

— Eu deveria amarrá-la e levá-la comigo. — A sujeira e os rasgões estragaram um pouco o floreio extravagante da capa quanto ele endireitou a postura. — Com o tempo, você se esqueceria desse sujeito.

— Se quiser tentar, eu mando Uno lhe dar uma surra que vai fazer você ter preferido ser fatiado feito linguça. — Aquilo não serviu muito para desanimá-lo. Nynaeve investiu contra o peito dele com um dedo em riste. — Você não me conhece, Valan Luca. Não sabe nada a meu respeito. Meus inimigos, esses que você desconsidera com tanta facilidade, fariam você arrancar a pele fora e dançar só com os ossos, e ainda ficaria grato se fosse só isso que eles fizessem. Agora eu preciso ir. Não tenho tempo para ficar ouvindo suas asneiras. Não, não diga mais nada! Minha decisão está tomada, e não vou mudar de ideia, então pode parar de tagarelar.

Luca soltou um suspiro profundo.

— Você é a única mulher para mim, Nana. Deixe os outros homens ficarem com essas dramáticas chatas e seus suspiros tímidos. Um homem saberia que tem que caminhar sobre fogo e domar uma leoa com as próprias mãos para se aproximar de você. Todo dia uma aventura, e toda noite... — O sorriso que ele abriu quase lhe rendeu uma bofetada no pé do ouvido. — Vou encontrá-la de novo, Nana, e você vai me escolher. Eu sinto isso bem aqui. — Batendo no peito de um jeito teatral, ele girou a capa de modo ainda mais pretensioso. — E você também sabe disso, minha caríssima Nana. Aí no seu coração, você sabe.

Nynaeve não sabia se balançava a cabeça ou se ficava boquiaberta. Homens eram loucos. *Todos* eles.

Luca insistiu em escoltá-la de volta ao carroção de braços dados, como se estivessem em um baile.

* * *

Caminhando a passos largos em meio ao alvoroço de tratadores de cavalos correndo para engatar as parelhas e o estrépito de homens gritando, cavalos relinchando, ursos grunhindo e leopardos rugindo, Elayne se viu resmungando sozinha de um jeito que fazia frente a qualquer dos animais. Nynaeve não tinha moral para falar sobre ela exibir as pernas. Elayne havia reparado em como ela se empertigara com a chegada de Valan Luca. E como respirara fundo. Tinha feito o mesmo com Galad, aliás. Não era que ela *gostasse* de usar aquelas calças. Eram confortáveis, verdade, e mais frescas que as saias. Agora entendia por que Min preferia usar roupas masculinas. Quase. Precisava superar a sensação de que o casaco era na verdade um vestido que mal cobria o quadril. Até então, conseguira. Não que pretendesse contar isso a Nynaeve, com aquela língua ferina dela. A mulher deveria ter se dado conta de que Galad ignoraria o custo de manter sua promessa. E Elayne a alertara várias vezes a respeito dele. E envolver o Profeta! Nynaeve simplesmente agira sem pensar.

— Você falou alguma coisa? — perguntou Birgitte.

Ela erguera a saia com um braço para acompanhar seu passo, desnudando sem a menor vergonha as pernas com as sandálias azuis brocadas até *bem* acima dos joelhos, e aquelas meias transparentes de seda não escondiam tanto quanto calças.

Elayne ficou imóvel.

— O que você acha das minhas roupas?

— Proporcionam liberdade de movimento — opinou a outra mulher, com sensatez. Elayne aquiesceu. — Claro que é bom que seu traseiro não seja muito grande, apertadas como são...

Voltando a caminhar furiosamente, Elayne puxou o casaco para baixo com movimentos firmes. A língua de Nynaeve não era tão ferina quanto a de Birgitte. Ela realmente deveria ter exigido algum juramento de obediência, ou pelo menos alguma demonstração adequada de respeito. Teria que lembrar disso quando chegasse a hora de criar um elo com Rand. Quando Birgitte a alcançou, exibindo uma expressão amarga, como se *ela* estivesse sendo levada ao limite, nenhuma das duas falou nada.

Trajando paetês verdes, a Seanchan de cabelos claros usava o agulhão para guiar o imenso macho *s'redit*, que empurrava com a cabeça o pesado carroção

que abrigava a jaula do leão de juba negra. Um tratador de cavalos com um colete de couro surrado segurava a lingueta do carroção, guiando o veículo até onde seus cavalos poderiam ser atados com mais facilidade. O leão andava de um lado para o outro, açoitando o ar com a cauda, e, de vez em quando, soltava um grunhido rouco, como o ensaio de um rugido.

— Cerandin — chamou Elayne —, preciso falar com você.

— Só um instante, Morelin. — Concentrada como estava no animal cinzento com grandes presas, seu jeito apressado e embolado de falar a tornou quase ininteligível.

— Agora, Cerandin. Nosso tempo é curto.

Contudo, a mulher só mandou o *s'redit* parar e se virou quando o tratador de cavalos gritou que o carroção estava na posição. Então, sem muita paciência, disse:

— O que você quer, Morelin? Ainda tenho muito o que fazer. E queria me trocar. Este vestido não é bom para viajar. — O animal aguardava pacientemente de pé atrás dela.

Elayne apertou os lábios.

— Nós vamos embora, Cerandin.

— É, eu sei. Os motins. Não deviam permitir esse tipo de coisa. Se esse Profeta pensar em nos fazer mal, vai descobrir do que Mer e Sanit são capazes. — Ela se virou para coçar o ombro de Mer com o aguilhão, e o bicho tocou o ombro dela com o focinho comprido. Uma tromba, como Cerandin chamava. — Há quem prefira *lopar* ou *grolm* para as batalhas, mas *s'redit*, quando se sabe usá-los...

— Fique quieta e escute — advertiu Elayne com firmeza. Manter a dignidade exigiu esforço, com a Seanchan sendo tão obtusa e com Birgitte de pé ao seu lado de braços cruzados. Elayne tinha certeza de que Birgitte só estava esperando para fazer algum comentário cortante. — Não estou falando do espetáculo. Estou falando de mim, de Nana e de você. Vamos embarcar em um navio agora de manhã. Em poucas horas, estaremos para sempre fora do alcance do Profeta.

Cerandin balançou a cabeça devagar.

— Poucos veículos fluviais são capazes de carregar *s'redit*, Morelin. Mesmo que você tenha encontrado um que consiga, o que eles fariam? O que eu faria? Acho que não sou capaz de ganhar sozinha tanto quanto ganho com Mestre Luca, nem mesmo com você andando nas alturas e Maerion atirando com seu arco. E suponho que Thom iria fazer malabarismo. Não. Não, é melhor continuarmos no espetáculo.

— Os *s'redit* vão ter que ser deixados para trás — admitiu Elayne —, mas tenho certeza de que Mestre Luca vai cuidar deles. Não vamos mais nos apresentar, Cerandin. Não há mais necessidade disso. Aonde estou indo, tem

muita gente que gostaria de aprender sobre... — Ela estava ciente do tratador de cavalos, um sujeito magrelo, dono de um destoante nariz bulboso, que estava perto o bastante para ouvir. — Sobre o lugar de onde você veio. Muito mais do que você já nos contou. — Não só ouvir. O tratador as olhava cheio de malícia. Alternando entre o busto de Birgitte e as pernas *dela*. Elayne o encarou até seu sorriso insolente murchar e ele retomar os afazeres sem demora.

Cerandin estava balançando a cabeça novamente.

— Vou deixar Mer, Sanit e Nerin para serem cuidados por homens que têm medo de chegar perto deles? Não, Morelin. Vamos ficar com Mestre Luca. Você também. É bem melhor. Lembra de como estava toda enlameada no dia em que chegou? Não quer acabar daquele jeito de novo.

Elayne respirou fundo e se aproximou da mulher. Ninguém além de Birgitte estava perto o bastante para escutar, mas ela não queria correr riscos tolos.

— Cerandin, meu nome verdadeiro é Elayne da Casa Trakand, Filha-herdeira de Andor. Um dia, serei a Rainha de Andor.

Com base no comportamento da mulher no primeiro dia, e mais ainda no que ela lhes dissera sobre os Seanchan, aquilo deveria ter bastado para amainar qualquer resistência. Em vez disso, Cerandin a encarou nos olhos.

— Você afirmou ser uma lady no dia em que chegou, mas... — A mulher fez um biquinho e olhou para as calças de Elayne. — Você é muito boa andando nas alturas, Morelin. Com treino, pode ficar boa o suficiente para um dia se apresentar para a Imperatriz. Cada um tem seu lugar, e devemos ficar em nossos lugares.

Por um momento, Elayne abriu e fechou a boca sem emitir nenhum som. Cerandin não acreditava nela!

— Eu já perdi tempo demais, Cerandin.

Ela esticou a mão para segurar o braço da mulher e arrastá-la na marra, caso necessário, mas a Seanchan pegou sua mão, girou e, gritando de surpresa, Elayne se viu na ponta dos pés, sem saber se seu pulso quebraria antes que o braço desencaixasse do ombro. Birgitte ficou lá, parada, os braços cruzados, e ainda teve a coragem de erguer uma sobrancelha!

Elayne rangeu os dentes. *Ela se recusava a pedir ajuda.*

— Me solte, Cerandin — ordenou, desejando não ter soado tão ofegante. — Eu mandei me soltar!

Após um momento, Cerandin a libertou e se afastou com cautela.

— Você é minha amiga, Morelin, e sempre será. Talvez algum dia se torne uma lady. Você tem os modos e, se atrair um lorde, talvez ele faça de você uma das *aza* dele. As *aza* às vezes viram esposas. Siga com a Luz, Morelin. Preciso terminar meu trabalho. — A mulher ofereceu o aguilhão para Mer o envolver com sua tromba, e o imenso animal se deixou conduzir pesadamente.

— Cerandin! — exclamou Elayne com rispidez. — Cerandin! — A mulher de cabelo claro não olhou para trás. Elayne cravou os olhos em Birgitte. — Que bela ajuda você deu — grunhiu ela, se afastando a passos largos antes que a mulher pudesse responder.

Birgitte a alcançou e passou a caminhar a seu lado.

— Pelo que ouço e pelo que vi, você passou um tempo considerável mostrando para aquela mulher que ela é forte. Esperava que eu lhe ajudasse a fazer ela se esquecer disso de novo?

— Eu não queria nada disso — resmungou Elayne. — Estava tentando cuidar dela. Ela está muito longe de casa, é uma estranha aonde quer que vá, e tem gente por aí que não a trataria nada bem se descobrisse de onde ela veio.

— Ela parece plenamente capaz de se cuidar — retrucou Birgitte, seca. — Mas vai ver foi você quem ensinou isso para ela, também. Talvez ela fosse indefesa antes de ser encontrada pela Filha-herdeira de Andor. — O olhar que Elayne lhe lançou deslizou por Birgitte feito gelo por aço morno.

— Você só ficou parada olhando. Não deveria ser minha...? — Elayne deu uma espiada ao redor. Foi só uma olhadela, mas vários tratadores de cavalos viraram a cabeça para o outro lado. — Minha Guardiã? Tem que me ajudar a me defender quando eu não puder canalizar.

Birgitte também olhou em volta, mas, infelizmente, não havia ninguém perto o bastante para fazê-la se conter.

— Eu vou defendê-la quando você estiver em perigo, mas se o perigo for apenas ganhar umas palmadas porque se comportou feito uma garotinha mimada, vou ter que decidir se é melhor deixar você aprender a lição que pode te salvar de coisa parecida ou até pior em outra ocasião. Dizer para ela que você é herdeira de um trono?! Sério?! Se sua intenção é ser uma Aes Sedai, é melhor começar a treinar como se distorce a verdade, não como se faz para esfaçalhá-la.

Elayne ficou boquiaberta. Foi só quando tropeçou nos próprios pés que conseguiu dizer:

— Mas eu sou!

— Se você diz — respondeu Birgitte, revirando os olhos para as calças cheias de lantejoulas.

Elayne não pôde fazer nada. Nynaeve manjava a própria língua feito uma agulha, Cerandin era mais teimosa que duas mulas, e agora aquilo. Jogou a cabeça para trás e soltou um grito frustrado.

Quando o som se dissipou, até os animais haviam se calado. Tratadores de cavalo ali por perto a encaravam. Elayne os ignorou. Nada podia irritá-la agora. Estava calma feito gelo, em pleno controle de si mesma.

— Foi um grito de socorro — indagou Birgitte, inclinando a cabeça — ou você está com fome? Acho que consigo encontrar uma ama-de-leite em...

Elayne se afastou depressa, com um rosnado que encheria de orgulho qualquer dos leopardos.





DESPEDIDAS

Assim que estava de volta ao carroção, Nynaeve se trocou e pôs um vestido decente, com alguns resmungos exasperados por ter que desabotoar uma fileira de botões e abotoar outra sozinha. A lã cinza simples, boa e bem-cortada, ainda que pouco elaborada, passaria despercebida em quase todos os lugares, mas era, decididamente, mais quente. Ainda assim, era boa a sensação de voltar a se vestir com decência. Também era um pouco *estranha*, como se estivesse usando roupas demais. Devia ser culpa do calor.

Nynaeve se ajoelhou rapidamente à frente do pequeno fogão de tijolinhos com chaminé de metal e abriu a porta de ferro que guardava seus pertences de valor.

Enfiou o anel de pedra retorcida dentro da bolsinha em sua cintura, junto com o de Lan e o anel de ouro da Grande Serpente. O cofrinho dourado contendo as gemas que Amathera lhe dera foi parar na algibeira de couro junto das bolsinhas com as ervas que pegara de Ronde Macura, em Mardecin, e do pilãozinho e do almofariz para prepará-las. Nynaeve tocou essas últimas bolsas só para se lembrar do que cada uma continha, de cura-tudo à pavorosa raiz-dupla. As cartas-de-direitos também estavam ali, além de três das seis bolsas, nenhuma tão gorducha quanto antes, depois de a viagem do conjunto itinerante até Ghealdan. Luca podia até não estar interessado em seus cem marcos de ouro, mas não sentira nenhum remorso em coletar o valor das despesas. Uma das cartas, que autorizava seu portador a fazer o que bem entendesse em nome do Trono de Amyrlin, estava junto dos anéis. Nada além de boatos vagos a respeito de algum tipo de problema em Tar Valon chegara a Samara. Nynaeve talvez

encontrasse serventia para a carta, mesmo com a assinatura de Sivan Sanche. A caixa de madeira escura ela deixou onde estava, junto de três das bolsas, bem como a bolsa de juta crua contendo o *a'dam* — naquilo, ela certamente não tinha o menor desejo de tocar — e a flecha de prata que Elayne achara na noite do encontro catastrófico com Moghedien.

Por um momento, Nynaeve franziu o cenho ao olhar para a flecha, pensando em Moghedien. Era melhor *mesmo* fazer o que fosse preciso para evitá-la. *Era melhor: Eu a derrotei uma vez!* E, na segunda, terminara pendurada feito uma linguça na cozinha. Se não fosse Birgitte... *Ela fez a escolha dela.* Era o que a mulher dissera, e era verdade. *Eu poderia derrotá-la de novo. Poderia. Mas, se eu falhar...* Se falhar...

Nynaeve só estava tentando evitar a bolsa de camurça enfiada mais no fundo, e sabia disso, embora tanto a bolsa quanto a ideia de voltar a ser derrotada por Moghedien fossem igualmente horríveis. Ela respirou fundo, enfiou a mão cautelosamente e pegou a bolsa, puxando pelos cordões, e soube que estivera enganada. O mal pareceu inundá-la, mais forte do que nunca, como se o Tenebroso estivesse mesmo tentando escapar pelo selo de *cuendillar* dentro da bolsa. Era melhor passar o dia pensando em ser derrotada por Moghedien. Havia *um mundo* de diferença entre o pensamento e a realidade. Só podia ser coisa da sua imaginação — não sentira nada daquilo em Tanchico —, mas Nynaeve desejou que pudesse deixar Elayne carregar o objeto também. Ou deixá-lo ali.

Pare de agir feito tola, disse a si mesma com firmeza. *Ele mantém a prisão do Tenebroso trancada. Você só está deixando a sua imaginação perder as estribelhas.* Ainda assim, porém, largou a bolsa em cima do vestido vermelho que Luca confeccionara, deixando-a cair como se fosse um rato morto há uma semana, e então, com mais do que um pouco de pressa, enrolou e amarrou o objeto firmemente. O pacote sedoso foi parar no meio de um monte de roupas que Nynaeve levaria consigo, dentro de seu bom manto de viagem cinza. Um pouco de polegadas de distância foram o bastante para acabar com aquela sensação sombria de vazio, mas, de qualquer jeito, desejou lavar as mãos. Se ao menos não soubesse que aquilo estava ali... *Estava* sendo uma tola. Elayne gargalharia dela, Birgitte também. E com razão.

Na realidade, as roupas que queria manter somavam dois embrulhos, e Nynaeve lamentou todo e qualquer ponto de costura que precisaria deixar para trás. Até a seda azul decotada. Não que quisesse voltar a usar algo parecido um dia — com certeza não pretendia nem tocar no vestido vermelho, não até entregar o pacote intacto para alguma Aes Sedai em Salidar —, mas não pôde deixar de fazer os cálculos mentais de quanto somariam as roupas, os cavalos e os carroções que tinham abandonado desde que partiram de Tanchico. Fora a carruagem e os barris de tintura. Até Elayne teria franzido o cenho se um dia

chegasse a pensar no assunto. Aquela jovem acreditava que sempre haveria dinheiro quando enfiasse a mão na bolsa.

Nynaeve ainda estava preparando a segunda trouxa quando Elayne voltou e, em silêncio, se trocou e pôs um vestido de seda azul. Continuou calada, a não ser pelos resmungos quando precisou flexionar os braços atrás do corpo para abotoar a roupa. Caso ela tivesse pedido, Nynaeve teria ajudado, mas, como não aconteceu, ficou observando-a em busca de machucados enquanto ela se trocava. Pensava ter ouvido um grito, minutos antes de Elayne aparecer, e, se ela e Birgitte tivessem chegado às vias de fato... Nynaeve não tinha certeza se ficou contente por não encontrar nenhum machucado. Uma embarcação as confinaria tanto quanto aquele carroção, de certa forma, e isso não seria nada agradável caso as duas ficassem saindo no tapa. Por outro lado, poderia ter sido bom elas extravasarem um pouco de seus temperamentos animalescos.

Elayne não disse uma palavra enquanto recolhia seus pertences, nem mesmo quando Nynaeve perguntou, em tom bastante cordial, aonde ela tinha ido tão afobada. Aquilo só rendeu um queixo empinado e um olhar frio, como se a garota pensasse que já estava ocupando o trono da mãe.

Às vezes, Elayne ficava muito quieta, e de um jeito que dizia bem mais do que palavras seriam capazes. Ao encontrar as três bolsas restantes, ela fez uma pausa antes de pegá-las, e a temperatura dentro do carroção pareceu baixar consideravelmente, embora tais bolsas fossem apenas a parte que lhe cabia. Nynaeve estava cansada de suas reclamações a respeito de como ela distribuía as moedas. Que Elayne observasse o dinheiro se esvaindo aos poucos e percebesse que em algum momento ele poderia acabar. Todavia, quando a garota notou que o anel sumira e que a caixa escura ainda estava ali...

Elayne suspendeu a caixa, destampou-a e estreitou os lábios enquanto analisava o conteúdo: os outros dois *ter'angreal* que elas haviam trazido de Tear. Um disquinho de ferro trabalhado nos dois lados com uma espiral estreita e uma placa fina com cinco polegadas de comprimento, aparentemente de âmbar e mais dura que aço, com uma mulher adormecida entalhada por dentro. Ambos poderiam ser usados para adentrar *Tel'aran'rhiod*, embora sem tanta facilidade ou tão bem quanto com o anel. Para fazer uso de qualquer um dos dois, era necessário canalizar Espírito, o único dos Cinco Poderes que podia ser canalizado durante o sono. Deixá-los com Elayne parecera o correto a Nynaeve, já que estava assumindo o cuidado do anel. Elayne fechou a caixa com um clique súbito, encarou-a com frieza e enfiou o objeto em uma de suas trouxas, junto da flecha de prata. Seu silêncio era estrondoso.

Elayne também fez duas trouxas, mas as dela eram maiores. Não deixou nada para trás, exceto pelas calças e os casacos de lantejoulas. Nynaeve preferiu não comentar que ela tinha esquecido as duas peças. Deveria ter comentado, já que estavam naquele clima ruim, mas *ela* sabia promover a harmonia. Limitou-

se a bufar uma vez quando Elayne adicionou ostensivamente o *a'dam* às suas coisas, embora, pelo olhar que recebeu de volta, tenha parecido até que fizera uma longa reclamação a respeito. Quando deixaram o carroção, todo aquele silêncio entre elas podia ser partido em lascas e usado para resfriar vinhos.

Do lado de fora, os homens estavam prontos. Resmungando para si mesmos, lançavam olhares impacientes para Nynaeve e Elayne. Não era justo. Galad e Uno não tinham o que arrumar. A flauta e a harpa de Thom pendiam às suas costas em estojos de couro junto de uma trouxinha, e Juilin, com quebra-espada afivelada no cinto e inclinado no cajado que tinha sua altura, carregava uma trouxa ainda menor, muito bem amarrada. Os homens estavam dispostos a usar as mesmas roupas até o pano apodrecer.

Claro que Birgitte também estava pronta, o arco na mão, a aljava na cintura e uma trouxa, não muito menor que uma das de Elayne, enrolada em uma capa a seus pés. Nynaeve achava provável que Birgitte estivesse levando os vestidos de Luca, mas era o que ela estava usando naquele momento que a fez pausar por um instante: as saias divididas pareciam com as calças volumosas que ela usara em *Tel'aran'rhiod*, exceto por serem mais douradas que amarelas e por não estarem presas nos tornozelos. O casaco curto azul tinha corte idêntico.

O mistério a respeito da origem daquelas vestimentas foi solucionado quando Clarine surgiu apressada tagarelando sobre como demorara e trazendo mais duas saias e outro casaco para serem dobrados e guardados na trouxa de Birgitte. A mulher ainda ficou para dizer como lamentava que elas estivessem indo embora do espetáculo, e não foi a única a tirar alguns momentos daquele corre-corre de atar cavalos e empacotar as coisas. Com seu sotaque taraboniano, Aludra veio desejar uma jornada segura, para onde quer que estivessem indo. E lhes deu mais duas caixas de seus malabares de fogo. Com um suspiro, Nynaeve as enfiou na algebeira. Tinha decidido deixar as outras caixas para trás, e Elayne as empurrara para o fundo da prateleira, atrás de uma saca de feijões, quando achou que Nynaeve não estava vendo. Fingindo não ver os olhos da esposa se estreitarem de preocupação, Petra se ofereceu para escoltá-los até o rio, assim como os Chavanas e Kin e Bari, os malabaristas. Após Nynaeve dizer que não era necessário, fazendo Petra franzir a testa, os homens mal conseguiram esconder o alívio. Ela precisou falar rápido, porque Galad e os outros pareciam a ponto de aceitar a oferta. Surpreendentemente, até Latelle apareceu por um breve instante, murmurando desculpas, abrindo sorrisos e olhando-as de um jeito que dizia que ela até carregaria todas aquelas trouxas pessoalmente, se isso fizesse com que fossem logo embora. Nynaeve ficou surpresa por Cerandín não aparecer, embora, de certa forma, também ficasse contente. Elayne podia até se dar muitíssimo bem com a mulher, mas, desde o incidente em que fora agredida, Nynaeve ficava um pouco nervosa quando ela estava por perto, talvez ainda mais porque a Seanchan não dava sinais explícitos de sentir o mesmo.

Luca foi o último, oferecendo a Nynaeve um punhado de flores silvestres atrofiadas e meio murchas pela seca — só a Luz sabia onde ele as encontrara — com declarações de amor eterno, elogios extravagantes à sua beleza, e promessas dramáticas de voltar a encontrá-la mesmo que tivesse de viajar pelos quatro cantos do mundo. Não soube dizer o que fez sua bochecha corar mais, mas seu olhar gélido varreu o sorriso do rosto de Juilin e a surpresa do de Uno. Qual fosse a opinião de Thom e Galad, ambos tiveram juízo suficiente para se manter neutros. Nynaeve não conseguiu olhar para Birgitte e Elaine.

O pior foi ter quer ficar escutando, as flores murchas desfalecendo em suas mãos, o rosto enrubescendo mais e mais. Tentar botá-lo para correr com um safanão na orelha provavelmente só faria estimulá-lo, e ofereceria aos outros mais forragem do que já tinham. Nynaeve quase soltou um suspiro de alívio quando aquele idiota fez uma reverência e se afastou com floreios elaborados da capa.

Continuou segurando as flores, andando à frente dos demais para que não fosse obrigada a olhar para a cara de ninguém, empurrando, irritada, as trouxas de volta ao lugar toda vez que elas escorregavam, até já não estar mais à vista dos carroções em torno das paredes de lona. Então, jogou aquelas flores esfarrapadas no chão com tanta violência que Ragan e o restante dos shienaranos maltrapilhos, agachados no prado a meio caminho até a estrada, se entreolharam. Cada um deles trazia às costas uma trouxa enrolada em um cobertor — pequena, claro! — ao lado da espada, mas penduradas junto de garrafas de água em quantidade suficiente para durar vários dias, isso sem falar que um terço tinha um jarro ou uma chaleira balançando em algum lugar. Ótimo. Se houvesse algo para cozinhar, eles que cozinhassem! Sem esperar que os homens decidissem se era seguro se aproximar dela, Nynaeve avançou sozinha, às pressas, até a estrada de terra.

Valan Luca era a causa de sua fúria — humilhá-la daquele jeito! Deveria ter dado uma pancada na cabeça dele, e que o Tenebroso cuidasse da opinião dos outros. Mas o verdadeiro alvo de sua raiva era Lan Mandragoran. Lan jamais lhe dera flores. Não que aquilo tivesse importância. Ele já havia expressado seus sentimentos com palavras mais profundas e mais verdadeiras do que Valan Luca algum dia seria capaz de proferir. Tudo que Nynaeve dissera a Luca era verdade, mas, se Lan dissesse que a arrastaria, ameaças jamais o impediriam. Canalizar só funcionaria caso conseguisse fazê-lo antes que ele transformasse seu cérebro e seus joelhos em geleia, só com beijos. Ainda assim, flores teriam sido de bom grado. Com certeza melhores do que outra explicação sobre o porquê de o amor deles ser impossível. Homens e sua palavra! Homens e sua *honra*! Casado com a morte, era? Ele e sua luta pessoal contra a Sombra! Ele iria viver, iria se casar com ela, e, se Lan discordasse, Nynaeve pretendia esclarecer

rapidinho a questão. Só havia o pequeno problema do elo dele com Moiraine para contornar. Nynaeve poderia gritar de frustração.

Já percorrera cem passadas da estrada quando os outros a alcançaram, olhando-a de soslaio. Elayne apenas fungava alto enquanto penava para rearrumar as duas grandes trouxas nas costas — ela *tinha* que levar tudo —, mas Birgitte caminhava apressada ao lado dela fingindo resmungar sozinha, ainda que em tom bastante audível, a respeito de mulheres que andavam aos pulos feito garotas carpanas saltando da encosta de um rio. Nynaeve ignorou as duas.

Os homens se espalharam, Galad à frente flanqueado por Thom e Juilin, os shienaranos em duas longas filas laterais, os olhos ressecados inspecionando cada arbusto ressecado e cada vinco no solo. Andar em meio àqueles homens fazia Nynaeve se sentir uma tola — parecia até que eles esperavam que um exército brotasse do chão, deixando ela e as outras duas mulheres indefesas —, especialmente quando os shienaranos obedeceram em silêncio o comando de Uno e desembainharam as espadas. Ora, não havia um único ser humano à vista. Até as aldeias mais pobres pareciam abandonadas. A lâmina de Galad permanecia na bainha, mas Juilin passou a erguer o cajado, em vez de usá-lo como bengala, e facas apareciam e sumiam das mãos de Thom de modo que parecia até distraído. Até Birgitte encaixou uma flecha no arco. Nynaeve balançou a cabeça. Uma quadrilha teria que ser muito corajosa para surgir diante daquele grupo.

Então chegaram a Samara, e Nynaeve começou a desejar que tivesse aceitado a escolta de Petra, dos Chavanas e de qualquer outro que pudessem ter encontrado.

Os portões estavam abertos e desguardados, e seis colunas de fumaça escura erguiam-se acima das muralhas cinzentas. As ruas além dele jaziam desertas. Vidro estilhaçado de janelas quebradas se esmigalhava sob os pés. Aquele era o único som que se ouvia, não fosse por um zumbido distante, como se monstruosos enxames de vespas se espalhassem pela cidade. Móveis e farrapos de roupas emporcalhavam as ruas de paralelepípedos, além de vasos, cerâmicas e objetos arrastados de lojas e de casas, e não dava para dizer se era obra de saqueadores ou do povo em fuga.

Não só as propriedades haviam sido destruídas. Em certo ponto, um cadáver trajando um belo casaco de seda verde estava parcialmente caído por uma janela, flácido e imóvel. Em outro, um sujeito vestido com farrapos balançava, enforcado no beiral da loja de um funileiro. Às vezes, ao fundo de uma rua ou beco, ela avistava o que poderiam ter sido trouxas descartadas de roupas velhas. Mas sabia que não se tratava disso.

Na soleira de uma porta lascada que pendia por uma única dobradiça, pequenas chamas ainda lambiam uma escadaria de madeira, a fumaça apenas começando a esmorecer. A rua podia até estar vazia, mas a pessoa que fizera

aquilo não estava muito longe. Com a cabeça girando, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo, Nynaeve segurou firme a faca à sua cintura.

Veza ou outra, o zumbido raivoso ficava mais alto, um rugido gutural indecifrável cheio de fúria que parecia vir de não mais que uma rua de distância, e que às vezes se dissipava em um murmúrio grave. Porém, quando os problemas surgiram, foi de surpresa e silenciosamente. A massa de homens andava de maneira furtiva a duas esquinas dali, feito uma alcateia em caça, ocupando a rua de lado a lado no mais completo silêncio, salvo pelo tropel das botas. Quando viram Nynaeve e os demais, foi como se alguém arremessasse uma tocha em um palheiro. Não houve hesitação. Como uma só coisa, todos se lançaram à frente, uivantes e raivosos, agitando ancinhos e espadas, machados e porretes, qualquer objeto que pudesse ser empunhado como arma.

Ainda havia raiva suficiente em Nynaeve para que ela abraçasse *saidar*, o que fez sem nem pensar, antes até de avistar o brilho surgir em torno de Elayne. Havia mais de uma dezena de maneiras como poderia deter sozinha aquela quadrilha, e outras tantas como poderia destruí-la, se quisesse. Não fosse por Moghedien. Ela não soube dizer se o mesmo pensamento fez Elayne se conter. Nynaeve só sabia que se agarrava à raiva e à Fonte Verdadeira com igual fervor, e que era Moghedien, mais do que aquela turba investindo contra eles, que dificultava as coisas. Estava se agarrando aos dois, e sabia que não ousaria fazer nada. Não se houvesse alguma alternativa. Quase desejou ser capaz de cortar os fluxos que Elayne estava urdindo. Tinha de haver outra alternativa.

Um homem, um sujeito alto com um casaco vermelho esfarrapado que pertencera a outra pessoa, dado o bordado verde e dourado, vinha correndo à frente dos demais com suas pernas compridas, balançando um machado de madeira acima da cabeça. A flecha de Birgitte atravessou um de seus olhos. O homem caiu esparramado e foi pisoteado pelos outros, todos com o rosto contraído, gritando sem dizer coisa alguma. Nada iria refreá-los. Com um gemido que era metade ultraje, metade puro medo, Nynaeve soltou a faca da cintura e, ao mesmo tempo, se preparou para canalizar.

Feito uma onda investindo contra pedregulhos, o ataque se estilhou no aço shienarano. Os homens de coque, não muito menos esfarrapados que aqueles contra os quais lutavam, manejavam as espadas com as duas mãos de maneira metódica, feito artesãos em seu ofício, e a ofensiva não ultrapassou a fileira estreita que eles formavam. Homens desabavam gritando pelo Profeta, mas outros mais passavam por cima, aos trancos e barrancos. Juilin, o tolo, estava naquela fileira, o chapéu cônico achatado empoleirado em sua cabeça, o cajado fino parecendo um borrão que desviava estocadas, quebrava braços e rachava crânios. Thom trabalhava atrás da fileira, mancando bastante enquanto se deslocava de um ponto ao outro para combater os poucos que conseguiam dar um jeito de passar. Só levava uma adaga em cada mão, mas até espadachins

padeciam naquelas lâminas. O rosto envelhecido do menestrel estava carrancudo, mas, quando um sujeito corpulento trajando um colete de couro quase atingiu Elayne com seu ancinho, Thom soltou um rosnado tão feroz quanto o de qualquer um dos homens da quadrilha e praticamente decepou a cabeça do agressor ao lhe rasgar a garganta. Em meio a tudo aquilo, Birgitte movia-se com tranquilidade de um ponto a outro, cada uma de suas flechas acertando um olho.

No entanto, se o grupo deteve a quadrilha, foi Galad quem a dispersou. Ele encarou a investida como se aguardasse a próxima dança em um baile, os braços cruzados despreocupadamente, sem nem se dar ao trabalho de desembainhar a lâmina até a turba já tê-lo praticamente alcançado. Então de fato dançou, toda a sua graça transformada em morte fluida em um piscar de olhos. Não encarava os agressores. Simplesmente abria uma trilha da largura de sua espada através do coração da multidão. Algumas vezes, cinco ou seis homens o cercavam com espadas, machados e pernas de mesa transformadas em porretes, mas só durante o pouquíssimo tempo que levavam para morrer. No fim, toda a sua fúria, toda a sua sede de sangue, não eram páreo para Galad. Foi dele que os primeiros homens fugiram, largando as armas, e, quando todo o resto partiu, as pessoas se dividiam em torno dele. Quando a quadrilha começou a fugir por onde viera, Galad estava a vinte passadas de todos os demais, sozinho entre os mortos e as lamúrias dos que agonizavam.

Nynaeve sentiu um calafrio quando ele se curvou para limpar a lâmina no casaco de um dos cadáveres. Era gracioso até fazendo aquilo. Era bonito até fazendo aquilo. Achou que fosse vomitar.

Não tinha ideia de quanto tempo aquilo tudo levaria. Alguns dos shienaranos estavam apoiados em suas espadas, ofegantes. E olhavam para Galad com uma boa dose de respeito. Curvado com uma das mãos no joelho, Thom tentava afastar Elayne com a outra enquanto dizia à garota que só estava tentando recuperar o fôlego. Minutos, uma hora. Poderia ter sido qualquer um dos dois.

Desta vez, ao olhar para os homens feridos caídos aqui e ali, um deles rastejando para longe, ela não sentiu o menor desejo de Curar, nenhuma pena. Não muito longe havia um ancinho, onde alguém o arremessara. A cabeça decepada de um homem estava empalada em uma estaca, a de uma mulher, em outra. Tudo o que ela sentia era enjoo — e gratidão por não ter sido a sua cabeça. Isso, e frio.

— Obrigada — disse para ninguém em particular e para todos. — Muito obrigada. — As palavras a incomodaram um pouco, já que ela não gostava de confessar algo que não fora capaz de fazer por si própria, mas soaram fervorosas. Birgitte assentiu, e Nynaeve travou uma batalha interna. Mas a mulher fizera tanto quanto qualquer outro. Consideravelmente mais que ela própria. Nynaeve enfiou a faca de volta na bainha. — Você... atirou muito bem.

Com um sorriso irônico, como se soubesse exatamente quanto aquelas palavras haviam sido difíceis, Birgitte começou a recuperar as flechas. Nynaeve estremeceu e tentou não olhar.

A maioria dos shienaranos estava ferida, e tanto Thom quanto Juilin sangravam aqui e ali — miraculosamente, Galad estava intacto. Ou talvez não fosse bem um milagre, dada a maneira como ele manejava a espada, mas, machões até o último fio de cabelo, todos insistiram que as feridas não eram graves. Até Uno disse que precisavam seguir em frente, com um braço inerte e um corte em toda a lateral do rosto, cuja cicatriz praticamente imitaria a primeira, caso não fosse Curada logo.

Na verdade, Nynaeve não estava relutante em seguir, apesar de ficar repetindo para si mesma que deveria estar tratando os ferimentos. Elayne passou um braço pela cintura de Thom, oferecendo apoio, mas ele respondeu se recusando a se escorar nela e começando a recitar uma narrativa em Cântico Alto, tão cheia de floreios que era até difícil reconhecer a história de Kirukan, a bela rainha-guerreira das Guerras dos Trollocs.

— Ela tinha o gênio de um javali preso em uma roseira-brava, no melhor dos dias — comentou Birgitte, baixinho, para ninguém em particular. — Nada parecida com alguém que eu conheço.

Nynaeve rangeu os dentes. Nunca mais elogiaria a mulher, não importava o que ela fizesse. Parando para pensar, qualquer homem de Dois Rios poderia ter atirado tão bem quanto ela, daquela distância. Qualquer menino.

Estrondos os seguiam, rugidos distantes de outras ruas, e Nynaeve tinha a sensação de estar sendo observada de alguma das janelas vazias e quebradas. Mas a notícia devia ter se espalhado, ou os olhos que a seguiam haviam visto o que acontecera, porque ninguém mais deu sinal de vida. Até que, de repente, mais de vinte Mantos-brancos surgiram na rua à frente, metade com os arcos em punho, o restante com as lâminas desembainhadas. Os shienaranos sacaram suas lâminas em um piscar de olhos.

Uma conversa rápida entre Galad e um sujeito de cabelo grisalho sob o chapéu cônico garantiram a passagem de todos, apesar de o homem ter encarado os shienaranos de um jeito condescendente, além de Thom e Juilin, e também Birgitte, por sinal. Foi o suficiente para deixar Nynaeve incomodada. Elayne podia até marchar ao lado dela com o queixo empinado, ignorando os Mantos-brancos como se fossem serviçais, mas Nynaeve não gostava de ser tratada com tanto descaso.

O rio não estava longe. Mais adiante, depois de alguns pequenos armazéns de pedra com teto de ardósia, estavam as três docas de pedra da cidade, que mal encostavam na água por cima da lama seca. Uma embarcação robusta com dois mastros repousava na extremidade de uma delas. Nynaeve não esperava ter

problema para conseguir cabines separadas das outras mulheres. Torcia para que o navio não balançasse muito.

Uma pequena multidão estava agrupada a vinte passadas da doca sob os olhares atentos de quatro guardas com mantos brancos. Eram cerca de doze homens, a maioria velhos e todos esfarrapados e lanhados, e o dobro de mulheres, a maioria com duas ou três crianças agarrando-se a elas, algumas também com um bebê nos braços. Havia outros dois Mantos-brancos de pé no início da doca. As crianças escondiam os rostos nas saias das mães, mas os adultos lançavam olhares ansiosos para o navio. Aquela imagem apertou o coração de Nynaeve, que se lembrava dos mesmos olhares, em quantidade muito maior, em Tanchico. Pessoas desesperadas em busca de segurança. Ela não fora capaz de fazer nada por aquela gente.

Antes que pudesse fazer algo por estes, Galad já agarrara ela e Elayne pelo braço e as empurrara pela doca e depois por uma prancha de desembarque instável. Outros seis homens de rostos severos trajando mantos brancos e armaduras polidas estavam de pé no convés, onde observavam um grupo de homens descalços e, em sua maioria, com o peito nu, acorados nas proas espaçosas e íngremes. Não soube dizer se o novo capitão aos pés da prancha olhava com mais amargura para os Mantos-brancos ou para o grupo tão contrastante que entrava em seu navio.

Agni Neres era um homem alto e magrelo vestindo um casaco escuro, dono de orelhas de abano e um rosto sério e afilado. Não ligava para o suor que lhe escorria pelas bochechas.

— Você pagou a passagem de duas mulheres. Suponho que queira que eu leve a outra mocinha e os homens de graça? — Birgitte fitou-o com uma expressão ameaçadora, mas o homem pareceu não ver.

— Você terá o dinheiro das passagens, meu bom capitão — disse-lhe Elayne, com a voz tranquila.

— Desde que o valor seja razoável — completou Nynaeve, ignorando o olhar penetrante de Elayne.

Os lábios de Neres se estreitaram, apesar de isso parecer quase impossível, e ele voltou a se dirigir a Galad:

— Então, se vocês retirarem seus homens do meu barco, eu navego. Gosto menos do que nunca de estar aqui à luz do dia.

— Assim que você embarcar seus *outros* passageiros — disse Nynaeve, indicando as pessoas agrupadas em terra.

Neres olhou para Galad, mas o homem se afastara para falar com os demais Mantos-brancos. Encarou o povo do lado de fora e falou para o ar acima da cabeça de Nynaeve, sem se dignar a encará-la:

— Qualquer pessoa que tenha como pagar. Não são muitos ali os que parecem poder. E eu não poderia levar todos, mesmo que tivessem dinheiro.

Nynaev ficou na ponta dos pés para que o homem não pudesse ignorar seu sorriso. O queixo dele foi parar dentro da gola.

— Cada um deles, *Capitão*. Do contrário, eu mesma arranco as suas orelhas.

A boca do homem se abriu raivosamente. Então, de repente, seus olhos se arregalaram e fitaram um ponto além dela.

— Tudo bem — respondeu ele bem rápido. — Mas eu espero algum tipo de pagamento, não se esqueça. Só faço caridades no Dia Primeiro, e ele já passou faz tempo.

Nynaev tornou a plantar os calcanhares no convés e olhou desconfiada por cima do ombro. Thom, Juilin e Uno estavam lá, observando ela e Neres de um jeito discreto. Tão discreto quanto possível com as feições de Uno e os rostos ensanguentados. Exageradamente discreto.

Bufando, ela prosseguiu:

— Quero ver todos eles a bordo antes de pegarem em qualquer corda — disse ela, e saiu em busca de Galad.

Achava que ele merecia alguns agradecimentos. O homem pensara que o que estava fazendo era o certo. Esse era o problema com os melhores homens. Eles sempre achavam que estavam fazendo o certo. Ainda assim, independentemente do que os três haviam feito, *tinham* evitado uma discussão.

Nynaev encontrou-o com Elayne, aquele belo rosto tingido de frustração. Sua expressão se animou ao vê-la.

— Nynaev, eu só paguei sua viagem até Boannda. Só é metade do caminho até Altara, onde o Boern deságua no Eldar, mas não tive como pagar mais. O Capitão Neres levou todas as moedas de cobre da minha bolsa e eu ainda precisei pegar emprestado. O sujeito cobra os olhos da cara. Receio que de lá até Caemlyn vá ter que ser por sua conta. Eu realmente lamento.

— Você já fez o suficiente — afirmou Elayne, cujos olhos vagueavam em direção às nuvens de fumaça que se erguiam sobre Samara.

— Eu havia prometido — retrucou ele, com uma resignação já desgastada. Ficou claro que os dois haviam dito palavras parecidas antes de Nynaev se aproximar.

Nynaev fez seus agradecimentos, que ele dispensou com toda a graça, mas olhando-a como se ela também não entendesse. O que ela estava mais do que pronta para admitir. Ele iniciara uma guerra para manter uma promessa, Elayne tinha razão sobre isso. Seria uma guerra, se já não fosse. Porém, mesmo seus homens tendo capturado o navio de Neres, ele não exigira um preço melhor. O navio era de Neres, e o homem podia cobrar quanto quisesse. Desde que levasse Elayne e Nynaev. Era verdade: Galad nunca considerava o custo de agir certo, nem para si nem para qualquer outro.

Na prancha, ele parou e ficou olhando a cidade como se previsse o futuro.

— Fiquem longe de Rand al'Thor — recomendou, sombrio. — Ele traz a destruição. Ele vai romper o mundo de novo, antes disso acabar. Fiquem longe dele. — Então se afastou a passos firmes pela doca, já pedindo sua armadura.

Nynaeve se viu trocando um olhar de curiosidade com Elayne, embora logo tenha se transformado em embaraço. Era difícil dividir um momento cúmplice com alguém que podia lhe agredir com a língua. Pelo menos foi por isso que *ela* se sentiu constrangida. Não imaginava por que Elayne se preocuparia, a menos que estivesse começando a recuperar o juízo. Claro que Galad não suspeitava que elas não tinham intenção de ir até Caemlyn. Claro que não. Homens nunca tinham esse nível de percepção. Ela e Elayne passaram um bom tempo sem voltar a se entreolhar.





PARA BOANNDÁ

Não tiveram grandes problemas para embarcar o grupo de homens, mulheres e crianças. Em momento algum Nynaeve precisou esclarecer para o Capitão Neres que ele *iria* arrumar lugar para todos, e, a despeito de quanto *ele* achasse que fosse cobrar, *ela* sabia *exatamente* quanto pagaria pelas passagens daquela gente até Boannda. Claro que talvez tivesse ajudado um pouco quando pediu discretamente a Uno para mandar os shienaranos fazerem alguma coisa com suas espadas. Quinze homens de rostos duros e trajas grosseiros, todos com coques nas cabeças raspadas, sem falar nas manchas de sangue, lubrificavam e afiavam lâminas, e gargalhavam quando um deles se lembrava de como o outro quase havia tido o corpo atravessado por um espeto, feito um carneiro — bem, o efeito que eles surtiam foi bastante promissor. Nynaeve contou o dinheiro na mão do homem, e, se aquilo lhe doía, bastava recorrer à memória daquelas docas de Tanchico para continuar contando. Neres tinha razão em um aspecto: aquela gente não parecia ter muitas moedas. Eles precisariam de todo e qualquer tostão que tivessem. Elayne não tinha o direito de perguntar, naquele tom de voz enjoativamente doce, se Nynaeve estava com dor de dente.

A tripulação correu sob gritos de comando de Neres para zarparem enquanto as últimas pessoas ainda embarcavam aos trancos e barrancos, carregando seus pertences miseráveis — aqueles que ainda tinham algo além dos farrapos que vestiam. Na verdade, eles lotaram até mesmo aquela embarcação robusta, de modo que Nynaeve começou a se perguntar se Neres também estivera certo a esse respeito. Porém, tamanha era a esperança que brotava em seus rostos assim que firmavam os pés no convés, que ela ficou envergonhada por pensar naquilo. E, quando descobriram que ela pagara suas passagens, todos se amontoaram em

torno dela e lutaram para lhe beijar as mãos ou a barra da saia, gritando agradecimentos e bênçãos, alguns com lágrimas escorrendo pelas bochechas sujas, tanto homens quanto mulheres. Nynaeve desejou afundar entre as pranchas sob seus pés.

Os conveses fervilhavam quando os remos entraram em ação e as velas foram içadas, e Samara começou a sumir antes que ela pudesse pôr fim naquele coro de agradecimentos. Se Elayne e Birgitte tivessem dito uma só palavra, teria lhes dado um peteleco que as faria rodar o navio duas vezes.

Cinco dias haviam se passado desde que embarcaram no *Serpente do Rio*, cinco dias descendo as lentas curvas do Eldar sob um sol de assar e noites não muito mais frescas. Nesse ínterim, algumas coisas mudaram para melhor, mas a viagem não começou bem.

O primeiro problema da jornada foi a cabine de Neres na popa, a única acomodação no navio, tirando o convés. Não que o capitão estivesse relutante em se mudar. A pressa do homem — calças, casacos e camisas jogadas nos ombros e balançando de um enorme chumaço que trazia nos braços, a caneca de barbear em uma das mãos, a lâmina na outra — fez Nynaeve olhar feio para Thom, Juilin e Uno. Uma coisa era usá-los quando decidisse, e outra bem diferente era eles *tomarem conta* dela sem ela saber. Seus rostos não poderiam estar mais neutros, ou seus olhos, mais inocentes. Elayne resolveu citar mais um dos ditados de Lini:

— Uma saca aberta não esconde nada, e uma porta aberta esconde muito pouco, mas um homem de expressão aberta com certeza está escondendo alguma coisa.

No entanto, qualquer que fosse o problema que os homens pudessem se tornar, a questão agora era a própria cabine. O local cheirava a mosto e mofo mesmo com as minúsculas janelinhas abertas, que deixavam pouca luz penetrar os cantos úmidos. “Cantos” era a palavra. A cabine era pequena, menor que o carroção, e a maior parte do espaço era ocupada por uma mesa pesada, uma cadeira de encosto alto presa ao chão e pela escada que levava ao convés. Um lavatório construído junto à parede, com um cântaro encardido, uma tigela e um espelho estreito empoeirado atulhavam ainda mais o aposento e complementavam a mobília, exceto por algumas prateleiras vazias e cabides para pendurar roupas. As vigas do teto eram baixas, na altura de suas cabeças. E só havia uma cama, mais larga do que onde vinham dormindo, mas não larga o bastante para as duas. Alto como era, Neres parecia estar morando em uma caixa. O homem com certeza não abria mão de uma única polegada que pudesse ser entupida de carga.

— Ele chegou a Samara à noite — resmungou Elayne, aliviando-se do peso das trouxas e pondo as mãos na cintura ao olhar em volta com ar insatisfeito —, e queria ir embora à noite. Escutei quando ele falou para um de seus homens que

pretendia passar a noite navegando, independentemente da... vontade das... *mocinhas*. Parece que viajar à luz do dia não é muito do gosto dele.

Pensando nos cotovelos e nos pés frios da outra mulher, Nynaeve se perguntou se não ficaria melhor dormindo lá em cima com os refugiados.

— Do que você está falando?

— O sujeito é contrabandista, Nynaeve.

— Com *este* navio? — Nynaeve largou as trouxas, deixou a algibeira em cima da mesa e se sentou na beirada da cama.

Não, não ia dormir no convés. A cabine podia até feder, mas poderiam arejá-la, e, se a cama era apertada, ao menos tinha um colchão grosso de penas. O navio balançava, *sim*, e de um jeito incômodo. Era melhor usufruir de todo conforto possível. Elayne não tinha como *expulsá-la* dali.

— Está mais para um *barril*. Vamos ter sorte se chegarmos a Boannda em duas semanas. Só a Luz sabe quanto tempo mais até Salidar. — Nenhuma delas sabia de fato quão longe era Salidar, e ainda não era hora de tocar no assunto com o Capitão Neres.

— Tudo se encaixa. Até o nome. *Serpente do Rio*. Que comerciante honesto daria esse nome ao seu barco?

— Bem, e se ele for? Não seria a primeira vez que tiraríamos proveito de um contrabandista.

Elayne ergueu as mãos, exasperada. Sempre pensava que obedecer a lei era importante, independentemente de quão tola fosse tal lei. Tinha mais em comum com Galad do que gostaria de admitir. Quer dizer que Neres as chamara de *mocinhas*?

A segunda dificuldade foi encontrar lugar para os demais. O *Serpente do Rio* não era uma embarcação muito grande, nem larga, e, contando todos, havia bem mais que cem pessoas a bordo. Um espaço precisava ser ocupado pela tripulação trabalhando com os remos e cuidando dos cordames e das velas, e isso não deixava muito chão para os passageiros. Não ajudava nada o fato de os refugiados se manterem o mais longe possível dos shienaranos. Parecia que já tinham estourado sua cota de homens armados. Mal havia espaço para todos se sentarem, e não havia como se deitar.

Nynaeve abordou Neres logo de cara.

— Esta gente precisa de mais espaço. Especialmente as mulheres e as crianças. Como você não tem mais cabines, vamos ter que usar o porão.

O rosto de Neres ficou sombrio. Com o olhar fixo em frente, a cerca de uma passada à esquerda dela, o homem grunhiu:

— Meu porão está cheio de cargas valiosas. Cargas muito valiosas.

— Será que os ficais reais patrulham este trecho do Eldar? — ponderou Elayne, em tom despreocupado, encarando as margens arborizadas dos dois

lados. O rio só tinha algumas centenas de passadas de largura naquele trecho, bordejado por uma lama negra e seca e um barro amarelo. — Ghealdan de um lado, Amadicia do outro. Pode parecer estranho um porão cheio de produtos do sul e você indo para o sul. Claro que é provável que você tenha todos os documentos mostrando onde pagou os impostos. E você poderia explicar que não descarregou por causa dos problemas em Samara. Ouvi falar que os fiscais são mesmo bem compreensivos.

Com os cantos da boca curvados para baixo, o homem continuou sem olhar para nenhuma das duas.

E foi por esse motivo que o sujeito pôde ver direitinho quando Thom abanou as mãos vazias, fez um floreio e, de repente, rodopiou um par de facas entre os dedos antes de fazer uma delas desaparecer.

— Só estou praticando — comentou o menestrel, alisando o bigode comprido com a outra lâmina. — Gosto de manter afiadas algumas de minhas... habilidades.

O corte no couro cabeludo branco e o sangue fresco no rosto, somados a uma ferida manchada de sangue em um dos ombros do casaco e a rasgões por todas as outras partes, faziam-no parecer muito vilanesco, menos quando comparado a Uno. O sorriso cheio de dentes do shienarano não tinha nenhum humor e dava uma imagem infeliz à longa cicatriz e ao novo corte que lhe descia pelo rosto, vermelho e cru. Comparado a isso, o feroz olho carmesim do tapa-olho quase empalidecia.

Neres fechou os olhos e soltou um longo suspiro.

As portinholas se abriram, e caixotes e barricas foram jogados no rio, alguns pesados, a maioria leve e cheirando a especiarias. Neres se encolhia toda vez que a água do rio encobria algo. O homem se animou — se é que se podia dizer algo do tipo a respeito dele — quando Nynaeve ordenou que rolos de seda, tapetes e fardos de belas peças de lã fossem deixados ali embaixo. Até ele perceber que a intenção era que tudo aquilo fosse feito de cama. Se seu rosto estivera amargo antes, àquela altura poderia ter coalhado um balde de leite no cômodo ao lado. Durante todo o processo, Neres não deu um pio. Quando mulheres começaram a içar baldes de água com cordas para lavar seus filhos ali mesmo, no convés, o homem caminhou apressado até a popa, os punhos cerrados às costas, e se pôs a encarar os últimos caixotes, ainda flutuando, que iam ficando para trás.

De certa forma, foi a atitude peculiar de Neres com relação a mulheres que começou a atenuar o veneno da língua ácida de Elayne e de Birgitte. Pelo menos foi como Nynaeve enxergou. Ela própria mantivera sua serenidade habitual, claro. Neres não gostava de mulheres. A tripulação falava rápido quando precisava conversar com qualquer mulher, e sempre o fazia dando olhadelas na direção do capitão até poderem voltar apressados a seus afazeres. Um sujeito que parecesse à toa por um instante logo ouvia um rugido de Neres mandando-o

cumprir alguma tarefa, caso esse sujeito trocasse duas palavras com qualquer pessoa que usasse saias. Os comentários apressados e as advertências murmuradas tornavam as opiniões de Neres perfeitamente claras.

Mulheres representavam altos gastos para um homem, engalfinhavam-se feito gatos de rua e causavam problemas. Toda e qualquer agrura que um homem enfrentasse era culpa, de um jeito ou de outro, de uma mulher. Neres esperava que metade delas estivesse rolando no convés, aos tapas, antes do primeiro pôr do sol. Todas flertariam com sua tripulação e provocariam discussões, isso quando não causassem brigas. Se pudesse ter expulsado para sempre todas as mulheres de seu navio, talvez ficasse feliz. Se pudesse tê-las tirado da sua vida, teria ficado em êxtase.

Nynaeve jamais encontrara um tipo assim. Claro, já ouvira homens resmungarem sobre mulheres e dinheiro, como se eles não gastassem moedas por ai feito água — homens não tinham cabeça para dinheiro, eram piores até que Elayne —, e já os ouvira até atribuir vários problemas às mulheres, normalmente quando eles próprios eram os culpados. Mas Nynaeve era incapaz de se lembrar de *algum dia* ter conhecido um homem que de fato *não gostasse* de mulheres. Foi uma surpresa descobrir que Neres tinha uma esposa e uma horda de filhos em Ebou Dar, mas não surpreendeu nada saber que ele só ficava em casa por tempo suficiente para realizar um novo carregamento. O homem não queria nem *falar* com mulheres. Era simplesmente estarecedor. Às vezes, Nynaeve se pegava olhando para ele de soslaio, da forma como o faria para algum animal exótico. Bem mais estranho que um *s'redit* ou qualquer outra coisa do conjunto itinerante de Luca.

Naturalmente, não havia como Elayne ou Birgitte descarregar sua raiva perto dos ouvidos dele. O revirar de olhos e o modo como Thom e os demais se entreolhavam já era ruim o bastante. Eles ao menos faziam algum esforço para disfarçar. A satisfação explícita de Neres de ter suas ideias ridículas confirmadas — ele certamente tiraria essa conclusão — teria sido insuportável. O homem as deixava sem escolha que não fosse engolir a própria acidez e sorrir.

Já Nynaeve teria adorado dar uma palavrinha com Thom, Uno e Juilin, longe dos olhos de Neres. Eles estavam voltando a esquecer seus lugares, esquecer que deveriam obedecê-la. Os resultados não importavam; eles deveriam esperar. E, por alguma razão, os homens passaram a atormentar Neres com comentários morbidamente animados sobre rachar cabeças e cortar gargantas. Porém, o único lugar em que Neres não botava o pé era na cabine. Nenhum deles era um homem tão grande, embora Thom *fosse* alto e Uno, relativamente largo, mas, amontoados ali, ficariam perto demais por conta do espaço minúsculo e a olhariam muito de cima. Isso não ajudaria em nada o esporro que pretendia dar neles. Dê a um homem a chance de se agigantar e ele teria metade da batalha ganha. Então Nynaeve tratou de fazer uma cara

agradável, ignorou as expressões assustadas de Thom e Juilin, os olhares incrédulos de Uno e Ragan, e tirou proveito do bom humor superficial que as outras mulheres haviam sido forçadas a adotar.

Conseguiu continuar sorrindo mesmo ao se dar conta do porquê de as velas estarem tão infladas e das margens ondulantes do rio passarem tão rápido naquela tarde, tão velozes quanto um cavalo em pleno trote. Neres ordenara que os remos fossem recolhidos e armazenados ao longo dos corrimãos. Parecia quase feliz. Quase. Uma ribanceira baixa de barro corria por toda a margem de Amadícia. No lado de Ghealdan havia uma tira larga de juncos entre rios e árvores, em sua maioria marrons, onde a água recuara. Samara ficava a apenas algumas horas rio acima.

— Você canalizou — disse Nynaeve para Elayne, entre dentes. Ela enxugou o suor do rosto com o dorso da mão e resistiu ao impulso de espirrá-lo no convés, que balançava suavemente. Os outros passageiros haviam recuado algumas passadas para longe delas duas e de Birgitte, mas, ainda assim, Nynaeve manteve a voz baixa e o mais afável que pôde. Seu estômago parecia se remexer quase tão rápido quanto o barco avançava, o que não ajudava a melhorar seu humor. — Este vento é obra sua. — Ela esperava que houvesse funcho-vermelho suficiente na algebeira.

A julgar pelo semblante tranquilo e pelos olhos amendoados de Elayne, leite e mel deviam ter jorrado de sua boca quando disse:

— Você está parecendo uma lebre assustada. Controle-se. Samara está *milhas* atrás de nós. Ninguém sentiria nada com toda essa distância. Ela teria que estar aqui no navio para saber. Eu fui bem rápida.

Nynaeve achou que seu rosto poderia rachar caso sustentasse o sorriso por mais tempo, mas, com o canto do olho, via Neres examinando os passageiros e balançando a cabeça. Com a raiva que sentia naquele momento, também via o resíduo já quase dissipado da tessitura da outra mulher. Interferir no clima era como rolar uma pedra ladeira abaixo: a coisa tendia a continuar do modo como começara. Quando acabava saindo do prumo, como aconteceria mais cedo ou mais tarde, era preciso consertar. Moghedien talvez sentisse uma tessitura daquele tamanho se estivesse em Samara, mas com certeza não bem o suficiente para localizá-la. A própria Nynaeve era páreo para Moghedien em força bruta e, se não era forte o bastante para fazer algo, parecia seguro afirmar que a Abandonada também não era. E Nynaeve queria, sim, viajar o mais rápido possível. Naquele momento, ficar confinada naquele cubículo com as outras duas um dia a mais que o necessário a atraía tanto quanto dividir a cabine com Neres. Nesse sentido, um dia extra na água não era nada para se ansiar. Como um navio conseguia se deslocar daquela maneira em um rio que parecia tão plácido?

Manter o sorriso estava começando a deixar seus lábios doloridos.

— Você deveria ter perguntado, Elayne. Você sempre sai fazendo as coisas sem perguntar, sem pensar. Já passou da hora de se dar conta de que, se você cair em um buraco por ter saído correndo às cegas, sua velha babá não vai aparecer para pegá-la no colo e lavar seu rosto. — À última palavra, os olhos de Elayne estavam tão arregalados quanto uma xícara de chá, e os dentes à mostra pareciam prontos para tentar uma mordida.

Birgitte as conteve com as mãos, inclinando-se para a frente e sorrindo tanto que parecia envolta até o pescoço em alegria.

— Se vocês não pararem com isso, vou enfiar a cabeça das duas no rio para dar uma esfriada. Vocês estão se comportando feito garçonetes de Shago com vasca hiberna!

Rostos suados congelados com expressões simpáticas, as três saíram caminhando em direções diferentes, se afastando uma da outra para o mais longe que o navio permitia. Quase ao pôr do sol, Nynaeve ouviu Ragan dizer que ela e as demais deviam estar bastante aliviadas por deixarem Samara, pela forma como praticamente gargalhavam uma no ombro da outra, e os outros homens pareciam concordar, mas o restante das mulheres a bordo as observava com rostos demasiado inexpressivos. *Elas* identificavam problemas de cara.

Pouco a pouco, no entanto, aquele problema acabou se dissipando. Nynaeve não tinha certeza de como. Talvez os semblantes agradáveis que Elayne e Birgitte passaram a estampar tenham contaminado as duas, mesmo a contragosto. Talvez o ridículo de tudo aquilo, de tentar manter um sorriso amigável no rosto enquanto trocavam palavras amargas, tenha ficado mais e mais evidente. O que quer que fosse, ela não podia reclamar das consequências. Devagarinho, dia a dia, as palavras e os tons de voz começaram a condizer com os sorrisos, e, vez ou outra, uma delas parecia até constrangida ao se lembrar de como andara se comportando. Ninguém pensou em pedir desculpas, claro, o que Nynaeve entendia bem. Se estivesse sendo tão tola e perversa quanto as duas, certamente não iria querer lembrar ninguém disso.

As crianças também tiveram seu papel na restauração do equilíbrio de Elayne e Birgitte, embora esse processo tenha começado quando Nynaeve tratou das feridas dos homens naquela primeira manhã, no rio. Ela buscou sua algibeira cheia de ervas e preparou emplastros e unguentos e fez curativos em cortes. Essas feridas a deixavam com raiva suficiente para Curar — doenças e machucados sempre despertavam sua raiva —, e ela fez isso em alguns dos piores casos, apesar de ter precisado tomar cuidado. Machucados desaparecendo desencadeariam conversas, e só a Luz sabia o que Neres faria se pensasse que havia uma Aes Sedai a bordo. Era muito provável que mandasse um homem em um bote a Amadícia na calada da noite para tentar fazê-las serem presas. Na verdade, a notícia poderia ter feito alguns refugiados se jogarem no rio.

No caso de Uno, por exemplo, ela esfregou um pouco de óleo de raiz-marda no ombro ferido, pincelou um bocadinho de pomada de cura-tudo no corte fresco que descia pelo rosto — não havia por que gastar muito em nenhum dos dois casos — e enfaixou a cabeça até ele mal conseguia mexer a mandíbula, tudo isso antes de Curá-lo. Quando o homem arquejou e se debateu, ela disse, com rispidez:

— Não se comporte como um bebê. Eu nunca pensei que uma dorzinha de nada fosse incomodar um homem tão grande e forte. Agora trate de não mexer em nada disso. Se encostar um dedo nelas nos próximos três dias, vou lhe dar uma dose de algo que você não vai esquecer tão cedo.

O homem aquiesceu devagar, encarando-a com tanta confusão que ficou claro que não sabia o que ela tinha feito. Se ele percebesse, quando enfim retirasse as bandagens, com sorte ninguém mais se lembraria exatamente de quão feio era o corte, e Uno deveria ter juízo suficiente para manter a boca fechada.

Depois que Nynaeve começou, foi natural continuar e tratar o restante dos passageiros. Poucos refugiados não apresentavam arranhões e machucados, e algumas das crianças demonstravam sinais de febre ou vermes. Essas, ela podia curar sem preocupações. Crianças sempre faziam um estardalhaço quando tomavam doses de qualquer coisa que não tivesse gosto de mel. Se contassem para as mães que tinham sentido coisas estranhas, era porque crianças tinham imaginação fértil.

Nynaeve nunca se sentira muito confortável com crianças. Verdade, queria ser mãe dos filhos de Lan. Parte dela queria. Crianças conseguiam fazer bagunça a partir de nada. Pareciam ter o hábito de fazer o contrário do ordenado assim que se virava as costas, só para verem como os adultos reagiriam. Contudo, ela se viu acariciando o cabelo escuro de um garoto que não passava de sua cintura e que lhe encarava feito uma coruja com reluzentes olhos azuis. Eram muito parecidos com os olhos de Lan.

De início, Elayne e Birgitte se juntaram a ela só para ajudar a manter a ordem, mas, de um jeito ou de outro, também acabaram sendo atraídas para junto das crianças. Estranhamente, Birgitte não parecia nem um pouco desajeitada com um garoto de três ou quatro anos agarrado de cada lado da cintura e uma roda de crianças lhe cercando enquanto cantava alguma música boba sobre animais dançantes. E Elayne distribuía o conteúdo de um saco, balas doces vermelhas. Só a Luz sabia onde conseguira aquilo, e por quê. Não demonstrou a menor culpa quando Nynaeve a flagrou colocando uma delas na boca. Apenas sorriu, puxou com delicadeza o dedo de uma garotinha de dentro da boca e o substituiu por outra bala. As crianças riam como se estivessem reaprendendo a fazer aquilo, e se aconchegavam com tanta facilidade nas saias de Nynaeve, Elayne ou Birgitte quanto nas das mães. Era muito difícil manter

qualquer mau humor naquelas circunstâncias. Nynaeve foi incapaz de se obrigar a fazer mais que bufar, e discretamente, quando, no segundo dia, Elayne retomou seu estudo do *a'dam* na privacidade da cabine. A mulher parecia mais convencida do que nunca de que o bracelete, o colar e a correia criavam uma forma estranha de união. Nynaeve chegou até a sentar uma ou duas vezes com ela. A mera visão daquele objeto vil era o bastante para deixá-la em condições de abraçar *saidar* e acompanhar o estudo.

As histórias dos refugiados vieram à tona, claro. Famílias separadas, perdidas ou mortas. Fazendas, lojas e ofícios arruinados conforme as ondas de problemas do mundo se espalharam, comprometendo o comércio. As pessoas não tinham como comprar quando não podiam vender. O Profeta fora apenas o último tijolo que fez o eixo da carroça se partir. Nynaeve não falou nada quando viu Elayne entregar um marco de ouro para um sujeito de cabelo grisalho que esfregou a testa enrugada e tentou beijar sua mão. Ela logo aprenderia como o ouro sumia rápido. Além do mais, a própria Nynaeve também ofertara algumas moedas. Bem, talvez mais que só algumas.

Todos os homens, exceto dois, eram grisalhos ou quase calvos, com rostos coriáceos e mãos cheias de calos do trabalho. Os mais jovens que não haviam sido arregimentados pelo Profeta foram incorporados ao exército. Os que recusaram a uma ou outra coisa tinham sido enforcados. A dupla mais jovem — pouco mais que garotos, na verdade, e Nynaeve duvidava que algum deles já se barbeasse com regularidade — tinha expressões assustadas, e ambos se encolhiam se um dos shienaranos olhasse para eles. Às vezes, os homens mais velhos falavam sobre recomeçar, encontrar um pedaço de terra para arar ou retomar seus comércios, mas o tom de suas vozes indicava que se tratava mais de blefes e bravatas do que de esperanças reais. Na maior parte do tempo, conversavam calmamente sobre suas famílias: uma esposa perdida, filhos e filhas perdidos, netos perdidos. Todos pareciam perdidos. Na segunda noite, um sujeito com orelha de abano que parecera o mais entusiasmado em meio a um grupo triste simplesmente desapareceu. Quando o sol surgiu, o homem havia sumido. Podia ter nadado até a margem. Nynaeve esperava que sim.

Foram as mulheres, porém, que conquistaram seu coração. Não tinham mais perspectivas que os homens, nem mais certezas, mas a maioria carregava fardos maiores. Nenhuma estava acompanhada do marido ou mesmo sabia se ele ainda estava vivo, mas as responsabilidades que lhes pesavam nos ombros também as fazia seguir em frente. Nenhuma mãe determinada era capaz de desistir. No entanto, até as que não tinham filhos pretendiam ir em busca de um futuro. Todas tinham pelo menos uma nesga da esperança que os homens apenas fingiam ter. Três delas mexeram especialmente com Nynaeve.

Nicola tinha mais ou menos sua idade e altura; era uma tecelã esbelta de cabelo escuro, olhos grandes e que pretendia se casar. Até que seu Hyran metera

na cabeça que o dever de seguir o Profeta, seguir o Dragão Renascido, o chamava. Casaria-se com ela assim que cumprisse seu dever. O dever era algo muito importante para Hyran. Ele teria sido um marido e um pai bom e correto, dizia Nicola. Só que a ideia na cabeça dele não adiantou muito quando alguém a partiu ao meio com um machado. Nicola não sabia quem nem por quê, só que precisava ficar o mais longe possível do Profeta. Em algum lugar por aí tinha que existir um local onde não havia matanças, onde não estaria sempre com medo do que poderia haver na próxima esquina.

Marigan, alguns anos mais velha, já fora rechonchuda, mas o vestido marrom puido estava folgado, e seu rosto embotado parecia exausto. Os dois filhos, de seis e sete anos, encaravam o mundo em silêncio com olhos enormes. Agarrados um ao outro, davam a impressão de estar apavorados com tudo e com todos, até com a própria mãe. Marigan trabalhara com curas e ervas em Samara, apesar de ter ideias esquisitas sobre ambas as coisas. Não era de se surpreender, na verdade. Uma mulher que oferecia Curas com Amadícia e Mantos-brancos logo do outro lado do rio precisava ser discreta, e, desde o princípio, ela tivera que aprender tudo sozinha. Tudo o que Marigan sempre quis fazer foi Curar doenças, e afirmava tê-lo feito bem, embora não tivesse sido capaz de salvar o marido. Os cinco anos desde a morte dele haviam sido difíceis, e a chegada do Profeta decerto não a ajudara nem um pouco. Quadrilhas que caçavam Aes Sedai obrigaram-na a se esconder depois que ela Curara a febre de um homem e os boatos começaram a dizer que ela o ressuscitara. Isso dava a mostra de quão pouco a maioria das pessoas sabia a respeito das Aes Sedai, já que morte estava além do poder de Cura. Até Marigan parecia pensar o oposto. Assim como Nicola, a mulher não sabia para onde estava indo. Uma aldeia em algum lugar, ela esperava, onde pudesse voltar a administrar suas ervas em paz.

Areina era a mais jovem das três, dona de olhos azuis confiantes em um rosto com machucados roxos e amarelos que claramente não vinha de Ghealdan. Suas roupas, ao menos, deixavam isso bem claro: um casaco curto escuro e calças volumosas não muito diferentes das de Birgitte. Eram tudo o que ela possuía. Ela não contava exatamente de onde era, mas estava aberta a falar sobre os caminhos que a tinham levado ao *Serpente do Rio*. Pelo menos em parte. Nynaeve precisou deduzir alguns pontos. Areina tinha ido a Illian com a intenção de trazer o irmão mais novo para casa antes que ele fizesse o juramento para se tornar um Caçador da Trombeta. Com milhares de pessoas na cidade, entretanto, ela não chegara a encontrá-lo, mas, de alguma forma, acabou ela mesma fazendo o juramento, tomando a decisão de sair para ver o mundo mesmo sem acreditar que a Trombeta de Valere de fato existia, em parte na esperança de que, em algum lugar, encontraria o jovem Gwil e o levaria de volta para casa. As coisas tinham ficado... difíceis... desde então. Areina não relutava muito em conversar, mas fazia um enorme esforço para melhorar as situações...

A mulher fora expulsa de diversas aldeias, roubada em uma ocasião e agredida em várias outras. Ainda assim, não tinha a intenção de desistir, de procurar refúgio ou uma aldeia pacífica. O mundo ainda existia, e Areina pretendia encará-lo de frente. Não que ela colocasse as coisas dessa maneira, mas Nynaeve sabia que era isso que ela queria dizer.

Nynaeve também sabia muito bem por que aquelas três foram as que mais a emocionaram: cada uma das histórias poderia ser o reflexo de um fio da própria vida. O que ela não entendia direito era por que gostava mais de Areina. Analisando uma coisa e outra, Nynaeve achava que quase todos os problemas da mulher advinham da língua solta; ela dizia às pessoas exatamente o que pensava. Não podia ser coincidência ela ter sido expulsa de uma aldeia tão rápido que tivera de deixar o cavalo para trás, logo depois de ter chamado o prefeito de maluco com cara de idiota e dito para algumas aldeãs que faxineiras esqueléticas não tinham o direito de questionar por que ela estava viajando sozinha. E isso era só o que ela admitia ter dito. Nynaeve achava que passar alguns dias tendo-a como exemplo seria ótimo para Areina aprender a se controlar. E tinha de haver alguma coisa que pudesse fazer pelas outras duas também. Nynaeve entendia muito bem aqueles que desejavam paz e segurança.

Na manhã do segundo dia, enquanto os temperamentos ainda estavam mansos e as línguas — algumas! — ainda estavam ásperas, houve uma conversa estranha. Nynaeve fez um comentário bastante ameno sobre Elayne não estar no palácio da mãe e não pensar que Nynaeve dormiria todas as noites espremida contra a parede. Elayne empinou o queixo, mas, antes que pudesse abrir a boca, Birgitte se intrometeu:

— Você é a Filha-herdeira de Andor? — Ela mal olhou para os lados para se certificar de que não havia ninguém perto o bastante para ouvir.

— Sou. — Elayne soou mais respeitável do que Nynaeve se recordava de ter ouvido em um bom tempo, mas havia um quê de... satisfação?

Com o rosto completamente inexpressivo, Birgitte apenas se afastou e subiu até a proa, onde se sentou em um rolo de corda e ficou olhando o rio à frente. Elayne franziu a testa e, por fim, foi se sentar ao lado. As duas ficaram conversando tranquilamente por um bom tempo. Nynaeve não teria se juntado a elas nem que tivessem lhe *pedido*! Fosse qual fosse a discussão, Elayne pareceu um pouco chateada, como se tivesse esperado um resultado diferente, mas, depois daquilo, as duas nunca mais se trataram com grosseria.

Naquele mesmo dia, mais tarde, Birgitte retomou seu nome verdadeiro, embora tenha sido em um último arroubo de mau humor. Com Moghedien seguramente para trás, ela e Elayne lavaram o cabelo e tiraram a cor preta com folha-saco, e Neres, ao ver uma com cachos acobreados na altura do ombro e a outra com o cabelo dourado em uma intrincada trança e portando um arco e uma aljava, soltou um resmungo ácido sobre “Birgitte, diretamente daquelas histórias

idiotas”. Para azar dele, ela escutou. Aquele *era* o nome dela, disse-lhe Birgitte, em tom áspero, e, se ele não gostasse, ela o flecharia pelas orelhas no mastro que ele escolhesse. Vendada. O homem saiu andando às pressas com o rosto enrubescido e gritando para que seus homens apertassem cordas que, se fossem mais apertadas, acabariam arrebentando.

Àquela altura, Nynaeve não teria se importado se Birgitte de fato cumprisse a ameaça. A folha-saco podia até ter deixado um leve aspecto avermelhado em seu cabelo, mas estava perto o bastante da cor natural para deixá-la quase gritando de alegria. A menos que todos a bordo fossem acometidos de gengivite e dor de dente, ainda tinha folha-saco sobrando. E funcho-vermelho suficiente para manter seu estômago quieto. Nynaeve não conteve um suspiro de satisfação quando seu cabelo secou e foi adequadamente trançado de novo.

Claro que, com Elayne canalizando bons ventos e Neres navegando dia e noite, as fazendas e aldeias com seus telhados de palha passavam rápido pelas margens; pessoas acenavam durante o dia e viam janelas acesas à noite, sem sinal dos tumultos rio acima. Mesmo larga como era aquela embarcação de péssimo nome, seu desempenho navegando pelo rio era bom.

Neres parecia dividido entre o prazer de sua sorte com ventos tão bons e a preocupação por se deslocar à luz do dia. Mais de uma vez, olhou saudoso para um fim-de-mundo qualquer, um regato coberto de árvores ou um lago que avançava bem para dentro da margem, onde o *Serpente do Rio* poderia ser ancorado e escondido. Vez ou outra, posicionada de modo que ele pudesse ouvir, Nynaeve fazia observações sobre como o homem devia estar feliz porque as pessoas de Samara em pouco tempo não estariam mais em seu navio, acrescentando um ou outro comentário a respeito de como essa ou aquela mulher estava ótima depois de descansar ou sobre quão cheios de vida eram seus filhos. Foi o bastante para lhe tirar imediatamente da cabeça qualquer ideia de fazer uma parada. Teria sido mais fácil ameaçá-lo com os shienaranos ou com Thom e Juilin, mas aqueles sujeitos já estavam ficando convencidos demais. E Nynaeve com certeza não pretendia discutir com um homem que não a olhava nem falava com ela.

O amanhecer cinzento do terceiro dia encontrou a tripulação operando os remos para levá-los até uma doca em Boannda. Tratava-se de uma cidade de tamanho considerável, maior que Samara, em uma ponta de terra onde o ligeiro rio Boern, que descia de Jehannah, desaguava no Eldar, mais lento. Havia inclusive três torres dentro das altas muralhas cinzentas, e um edifício branco reluzindo sob um telhado vermelho que decerto poderia se passar por um palácio, ainda que pequeno. Quando o *Serpente do Rio* foi bem atado às pesadas estacas na extremidade de uma das docas — estacas que estavam enterradas até a metade em lama seca —, Nynaeve se perguntou em alto e bom som por que

Neres havia se dado ao trabalho de ir até Samara quando poderia ter descarregado seus produtos ali.

Elayne apontou com a cabeça para um homem robusto que estava na doca, usando uma corrente com algum tipo de sinete pendurado na altura do peito. Havia vários outros como ele, todos com a corrente e um casaco azul, observando com atenção dois outros navios bem grandes descarregarem nas demais docas.

— Fiscais coletores da rainha Alliandre, eu diria. — Tamborilando os dedos na amurada, Neres *não* estava olhando para os homens com a mesma atenção com que eles observavam as outras embarcações. — Talvez tivesse algum acerto com o pessoal de Samara. Acho que ele não quer papo com esses aí.

Ignorados pelos fiscais coletores, os homens e mulheres de Samara marcharam relutantes pela prancha. Pessoas não passavam por procedimentos alfandegários. Para os samaranos, era o início das incertezas. Tinham a vida pela frente, e, para começar de novo, possuíam apenas o local onde estavam e o que Nynaeve e Elayne lhes dera. Antes que todos tivessem chegado na metade da doca, ainda andando em grupo, algumas das mulheres já começavam a parecer tão desanimadas quanto os homens. Alguns até começaram a chorar. O rosto de Elayne era pura preocupação. Sua vontade sempre era cuidar de todos. Nynaeve torceu para que Elayne não descobrisse que ela doara mais algumas moedas de prata para uma ou outra mulher.

Nem todos abandonaram o navio. Areina ficou, assim como Nicola e Marigan, que segurava firme seus filhos, cujos olhos fitavam em um silêncio ansioso as outras crianças que desapareciam em direção à cidade. Desde Samara, os dois garotos não haviam dito uma só palavra que Nynaeve tivesse ouvido.

— Quero ir com você — disse Nicola a Nynaeve, torcendo as mãos inconscientemente. — Me sinto segura perto de você.

Marigan aquiesceu, enfática. Areina não disse nada, mas se aproximou das outras duas, fazendo questão de se incluir no grupo mesmo enquanto lançava um olhar neutro a Nynaeve, desafiando-a a mandá-la embora.

Thom balançou a cabeça de leve, e Juilin fez uma careta, mas foi para Elayne e Birgitte que Nynaeve olhou. Elayne não hesitou em aquiescer, e a outra foi apenas um segundo mais lenta. Nynaeve recolheu as saias e marchou até Neres, de pé na popa.

— Suponho que agora vou ter meu navio de volta — disse ele, para algum ponto vazio entre a embarcação e a doca. — Já não era sem tempo. Esta viagem tem sido a pior que eu já fiz.

Nynaeve abriu um enorme sorriso. Desta vez, ele olhou, sim, para ela antes que terminasse de falar. Bem, quase olhou.

Não que Neres tivesse muita escolha. Não dava para apelar para as autoridades de Boannda. E, se não gostasse dos preços que ela oferecia, bem, ainda assim teria que navegar rio abaixo. Então, o *Serpente do Rio* voltou a zarpar rumo a Ebou Dar com uma parada pela frente, da qual ele só seria informado quando Boannda começasse a ficar para trás.

— Salidar! — grunhiu ele, olhando fixamente por sobre a cabeça de Nynaeve. — Salidar está abandonada desde a Guerra dos Mantos-brancos. Só uma tola iria querer desembarcar lá.

Mesmo sorrindo, Nynaeve estava com raiva suficiente para abraçar a Fonte. Neres soltou um rugido e deu um tapinha no pescoço e na cintura ao mesmo tempo.

— As mutucas são terríveis nesta época do ano — comentou Nynaeve, simpática. Birgitte caiu na gargalhada antes que estivessem na metade do convés.

De pé na proa, Nynaeve respirou fundo quando Elayne canalizou para aumentar a força do vento e fazer o *Serpente do Rio* se deslocar em meio à forte corrente que fluía do Boern. Estava quase comendo funcho-vermelho no lugar das refeições, mas, mesmo que acabasse com o estoque antes de Salidar, não se importaria. A jornada estava quase chegando ao fim. Nesse sentido, tudo o que enfrentara valera a pena. Claro que nem sempre pensara assim, e as línguas irritantes de Elayne e Birgitte não haviam sido a única causa.

Naquela primeira noite, deitada só de camisola na cama do capitão enquanto Elayne, aos bocejos, ocupava a cadeira e Birgitte se reclinava contra a porta com a cabeça raspando nas vigas, Nynaeve usara o anel com a pedra retorcida. Uma única lamparina presa a um suporte enferrujado fornecia luz e, surpreendentemente, um cheiro de especiarias advinha do óleo. Talvez Neres também não gostasse do fedor de mosto e mofo. Se Nynaeve aninhava o anel entre os seios de maneira ostensiva — assegurando às demais que ele encostava na pele —, bem, tinha razão para tal. Algumas horas com as duas sendo um pouco mais razoáveis não a tornara menos cautelosa.

O Coração da Pedra estava exatamente como estivera em todas as ocasiões anteriores, uma luz pálida vindo de todos os lados e de lugar nenhum, a reluzente espada de cristal, *Callandor*, fincada nas pedras do calçamento abaixo da grande cúpula, imensas colunas de pedra vermelha polida enfileirando-se até as sombras. E aquela sensação de estar sendo observada, tão comum em *Tel'aran'rhiod*. Nynaeve se controlou para não fugir nem iniciar uma busca frenética por entre as colunas. Se obrigou a parar ao lado de *Callandor* e ficou contando devagar até mil, fazendo uma pausa de cem em cem para chamar por Egwene.

Aquilo era tudo o que podia fazer. O controle que tanto a orgulhava desaparecera. Suas roupas se alternavam conforme pensava em Moghedien, Egwene, Rand e Lan. De minuto em minuto, lãs grossas de Dois Rios se

transformavam em um manto abafado com capuz profundo, que virava um conjunto de armaduras de Manto-branco, que se tornava o vestido de seda vermelha — só que transparente! —, que se transformava em um manto ainda mais grosso, que virava... Ela achava que o rosto também estava mudando. Assim que viu as próprias mãos, cuja pele estava mais escura que a de Juilin... Talvez Moghedien não pudesse reconhecê-la.

— Egwene! — O último chamado rouco ecoou entre as colunas, e Nynaeve se obrigou a ficar ali, tremendo, por mais uma contagem até cem. Exceto por sua presença, a grande câmara permanecia vazia. Desejando sentir mais arrependimento que afobação, ela saiu do sonho...

... e se viu deitada tocando o anel de pedra na correia, fitando as espessas vigas acima da cama e escutando os milhares de rangidos do navio seguindo em disparada rio acima em meio à escuridão.

— Ela estava lá? — indagou Elayne. — Você não passou muito tempo dormindo, mas...

— Estou cansada de sentir medo — interrompeu Nynaeve, sem tirar os olhos das vigas. — Estou t-tão cansada de ser uma c-covarde. — As últimas palavras se dissolveram em lágrimas que ela não conseguiu nem refrear nem esconder, independentemente de quanto tenha esfregado os olhos.

Em um instante, Elayne estava a seu lado, abraçando-a e alisando seu cabelo, e, no momento seguinte, Birgitte pressionava um pano umedecido com água fria em sua nuca. Nynaeve chorou enquanto as ouvia dizer que ela não era covarde.

— Se achasse que Moghedien estava me caçando — afirmou Birgitte, por fim —, eu fugiria. Se não houvesse nenhum outro esconderijo além da toca de um texugo, eu me retorceria toda, viraria uma bola e só pararia de suar quando ela fosse embora. Eu também não ficaria na frente de um dos *s'redit* de Cerandin se ele estivesse vindo na minha direção, e nada disso é covardia. Você precisa escolher o momento e o local, e investir contra aquela mulher quando ela menos esperar. Se algum dia eu tiver oportunidade, vou me vingar dela, mas só se for nessas condições. Em qualquer outra circunstância, seria tolice.

Estava longe de ser o quer Nynaeve queria ouvir, mas suas lágrimas e o conforto das duas abriram outra fenda nas sebes espinhentas que haviam crescido entre elas.

— Vou provar que você não é covarde. — Tirando a caixa de madeira escura da prateleira onde a colocara, Elayne pegou o disco de ferro com gravações espiraladas. — Vamos voltar lá juntas.

Aquilo, Nynaeve queria ouvir menos ainda. Mas não havia como evitar, não depois que as duas tinham lhe dito que ela não era covarde. Assim, lá foi ela de novo com Elayne.

Para a Pedra de Tear, onde ficaram encarando *Callandor* — melhor do que ficar olhando por cima do ombro se perguntando se Moghedien iria aparecer —, então para o Palácio Real de Caemlyn, com Elayne à frente, e, a seguir, sob a liderança de Nynaeve, para Campo de Emond. Nynaeve já vira palácios antes, com suas imensas muralhas, grandes tetos pintados e pisos de mármore, suas douraduras, belos tapetes e tapeçarias elaboradas, mas era ali que Elayne havia crescido. Vê-la sabendo disso a fez entender um pouco sobre Elayne. Claro que a mulher esperava que o mundo se curvasse a ela. Crescera sendo ensinada que seria assim, e em um lugar onde era assim.

Elayne, uma imagem pálida de si mesma por conta do *ter'angreal* que estava usando, ficou estranhamente quieta durante o tempo em que estiveram ali. No entanto, Nynaeve, por sua vez, ficou quieta em Campo de Emond. Para começar, a aldeia estava maior do que ela recordava, com mais casas com telhado de palha e outras estruturas de madeira sendo erguidas. Alguém estava construindo uma casa *bem* grande logo na entrada da aldeia, três andares enormes e um plinto de pedra de cinco passadas de altura coberto de nomes entalhados fora erigido no Campo. Reconheceu boa parte deles. Em sua maioria, eram nomes de Dois Rios. Havia um mastro de bandeira de cada lado do plinto, um encimado por um estandarte com uma cabeça de lobo vermelha, o outro com uma águia vermelha. Tudo parecia próspero e feliz — até onde ela intuía, sem ninguém por lá —, mas não fazia sentido. Que raios eram aqueles estandartes? E quem estaria construindo uma casa como aquela?

Em um piscar de olhos, estavam na Torre Branca, no gabinete de Elaida. Ali, nada mudara, exceto por só meia dúzia de bancos ainda permanecerem no semicírculo à frente da escrivaninha. E do tríptico de Bonwhin, que sumira. A pintura de Rand continuava lá, com um rasgo grosseiramente remendado na tela ao longo do rosto dele, como se alguém tivesse arremessado algo na obra.

Elas folhearam os papéis da caixa laqueada e entalhada com os falcões dourados, e também os da mesa da Curadora, na antessala. Os documentos e cartas mudavam enquanto elas liam, mas, ainda assim, deu para descobrir algumas informações. Elaida sabia que Rand cruzara a Muralha do Dragão e chegara a Cairhien, mas, quanto ao que ela pretendia fazer a respeito, não havia nenhuma pista. Uma exigência furiosa para que todas as Aes Sedai voltassem à Torre de imediato, a menos que tivessem ordens específicas da própria Elaida para fazerem o contrário. Elaida parecia estar com raiva de muita coisa: de que tão poucas irmãs tivessem retornado após sua oferta de anistia, de que a maior parte dos espões de Tarabon permanecessem em silêncio, de que Pedron Niall ainda estivesse convocando os Mantos-brancos a retornar para Amadícia sem que ela soubesse por quê, de que Davram Bashere ainda não tivesse sido encontrado, apesar de ter um exército consigo. Havia fúria em todos os documentos com seu selo. Nenhum aparentava ser realmente útil ou interessante,

exceção feita, talvez, ao dos Mantos-brancos. Não que elas devessem ter alguma dificuldade quanto a isso, enquanto estivessem no *Serpente do Rio*.

Quando retornaram a seus corpos no navio, Elayne se manteve em silêncio ao se levantar da cadeira e recolocar o disco na caixa. Sem pensar, Nynaeve se pôs de pé para ajudá-la a tirar o vestido. Birgitte subiu a escada aos trancos e barrancos quando as duas, trajando suas camisolas, foram juntas para a cama. Pretendia dormir bem no alto da escada, afirmou.

Elayne canalizou para apagar a lamparina. Após um tempo deitada no escuro, disse:

— O palácio parecia tão... vazio, Nynaeve. Dava uma sensação de vazio tão grande.

Nynaeve não sabia que outra opção poderia haver para qualquer lugar em *Tel'aran'rhiod*.

— Foi o *ter'angreal* que você usou. Você me pareceu meio desbotada.

— Bem, eu achei que estava ótima. — Porém, havia só um quê de aspereza na voz de Elayne, e as duas se acomodaram para dormir.

Nynaeve se lembrava muito bem dos cotovelos de Elayne, mas nem eles foram capazes de diminuir seu bom humor, assim como a reclamação da garota de que *ela* tinha pés gelados. Nynaeve conseguira. Talvez se esquecer de que estava com medo não fosse o mesmo que não senti-lo, mas pelo menos voltara ao Mundo dos Sonhos. Talvez, algum dia, fosse capaz de não sentir mais medo.

Tendo começado, era mais fácil seguir do que parar. Em todas as noites a partir daquela, entraram juntas em *Tel'aran'rhiod*, sempre fazendo uma visita à Torre para ver o que conseguiam descobrir. Não havia muita coisa além de uma ordem enviando um emissário a Salidar para convidar as Aes Sedai de lá para retornar à Torre. Exceto pelo fato de que o convite — o tanto que Nynaeve leu antes de ele se transformar em um relatório sobre uma triagem de noviças com potencial de atitude adequada, fosse qual fosse o significado disso — era mais uma exigência de que aquelas Aes Sedai se submetessem imediatamente a Elaida e agradecessem por terem permissão para isso. Todavia, foi a confirmação de que as duas não estavam perseguindo uma lebre selvagem. O problema com o restante dos fragmentos que viam era que elas não sabiam o suficiente para encaixar as peças. Quem era esse tal Davram Bashere e por que Elaida estava tão ansiosa para encontrá-lo? Por que Elaida proibira a todos de mencionar o nome de Mazrim Taim, o Falso Dragão, sob a ameaça de punições severas? Por que tanto a Rainha Tenobia de Saldaea quanto o Rei Easar de Shienar haviam escrito cartas educadas, mas claramente ressentidas pela intromissão da Torre em seus assuntos? Tudo aquilo fez Elayne murmurar um dos ditados de Lini: “Para conhecer dois, é preciso primeiro conhecer um.” Nynaeve não pôde discordar.

Além das viagens ao gabinete de Elaida, elas treinavam controle, tanto de si mesmas quanto das coisas ao redor, no Mundo dos Sonhos. Nynaeve não pretendia ser flagrada de novo por Egwene e pelas Sábias. Quanto a Moghedien, tentava nem pensar nela. Era bem melhor se concentrar nas Sábias.

Sobre o truque de Egwene, de aparecer nos sonhos delas, como acontecera em Samara, não conseguiram decifrar nada. Chamá-la só fazia aumentar aquela sensação desconfortável de estarem sendo observadas, e a mulher não fez outra aparição daquele tipo. Tentar manter outra pessoa em *Tel'aran'rhiod* era incrivelmente frustrante, mesmo após Elayne ter pego o macete, que era ver o outro apenas como mais uma parte do sonho. Ela finalmente conseguiu — e Nynaeve parabenizou-a com o máximo de graça possível, já que ainda demorou alguns dias para repetir o feito. Elayne tinha aquela aparência nebulosa nos sonhos, e até parecia mesmo feita de névoa, desaparecendo com um sorriso sempre que desejava. Quando Nynaeve, por fim, conseguiu prendê-la ali, o esforço era o mesmo de carregar um pedregulho.

Criar formas ou flores fantásticas só de pensar nelas era bem mais divertido. O esforço envolvido parecia estar relacionado tanto ao tamanho do objeto quanto com se ele poderia de fato existir. Árvores cobertas de flores vermelhas, douradas e púrpuras em formatos malucos eram mais difíceis de se fazer do que um espelho para examinar as modificações do vestido. Um reluzente palácio de cristal brotando do chão era ainda mais difícil, e, ainda que parecesse sólido ao toque, transformava-se sempre que a imagem dentro da mente vacilava, e acabava desaparecendo assim que a imagem sumisse. Chegaram a um acordo silencioso sobre deixar animais de lado, depois que um ser bem peculiar — parecido com um cavalo, mas com um chifre no focinho! — perseguiu-as até o alto de uma colina antes que as duas conseguissem fazê-lo desaparecer. Aquilo chegou perto de desencadear uma nova discussão, com uma afirmando que a outra o havia criado, mas então Elayne recuperou o suficiente de sua personalidade e começou a rir sobre a imagem das duas correndo à toda colina acima com as saias levantadas e gritando para aquela coisa ir embora. Nem a teimosa recusa de Elayne de admitir que a culpa fora dela conseguiu evitar que Nynaeve começasse a rir também.

Elayne se alternava entre o disco de ferro e a placa que parecia de âmbar com o entalhe de uma mulher adormecida, mas de fato não gostava de usar nenhum dos dois *ter'angreal*. Mesmo que usasse ambos com afinco, não se sentia tão dentro de *Tel'aran'rhiod* quanto com o anel. E os dois realmente exigiam esforço. Não era possível amarrar o fluxo de Espírito, o que causava saída imediata do Mundo dos Sonhos. Canalizar qualquer outra coisa ao mesmo tempo parecia quase impossível, ainda que Elayne não soubesse por quê. Ela parecia mais interessada em como os objetos haviam sido confeccionados, e não ficava nem um pouco contente por eles não revelarem seus segredos com tanta

facilidade quanto os *a'dam*. Não entender o porquê era uma pedra em seu sapato.

Certa vez, Nynaeve experimentou um dos dois, por coincidência na noite em que elas iam se encontrar com Egwene, a noite após deixarem Boannda. Não estaria com raiva suficiente, não fosse por aquilo que a irritava com mais frequência: homens.

Neres começara, caminhando pesadamente pelo convés quando o sol começou a baixar, resmungando sozinho a respeito de ter tido sua carga *roubada*. Ela o ignorou, claro. Depois foi Thom, que, armando sua cama aos pés do mastro, disse baixinho:

— Ele não deixa de ter razão.

Obviamente, ele não a vira ali perto, na luz fraca do pôr do sol, assim como Juilin, agachado ao lado dele, também não.

— Ele é contrabandista, mas de fato pagou por aqueles produtos. Nynaeve não tinha o direito de tomá-los.

— Os direitos de uma mulher são os que a maldita diz que tem. — Uno gargalhou. — Pelo menos é isso que dizem as mulheres de Shienar.

Foi só então que eles a viram e ficaram em silêncio, um ato prudente, mas atrasado, como de costume. Uno esfregou a bochecha, a que não tinha cicatriz. Removera as bandagens naquele mesmo dia e, àquela altura, já sabia o que havia sido feito. Nynaeve achou que ele parecia envergonhado. Era difícil afirmar isso naquelas sombras que se modificavam tão depressa, mas os outros dois tinham expressões neutras.

Ela não respondeu, claro, apenas se afastou batendo os pés, agarrando a trança com firmeza. Até desceu a escada batendo os pés. Elayne já estava com o disco de ferro na mão. A caixa de madeira escura repousava aberta na mesa. Nynaeve apanhou a placa amarelada com a mulher adormecida entalhada no interior. Era escorregadia e macia, nada que arranharia metal. Com uma ponta de raiva ardendo, *saidar* era um brilho tépido quase imperceptível em seus ombros.

— Talvez eu consiga descobrir alguma coisa sobre por que este troço só deixa canalizar aos pinguinhos.

E foi assim que ela se viu no Coração da Pedra, canalizando um fluxo de Espírito para a placa, que, em *Tel'aran'rhiod*, estava enfiada em sua bolsinha da cintura. Como fazia sempre no Mundo dos Sonhos, Elayne trajava um vestido adequado para a corte da mãe, uma seda verde bordada com ouro em volta da gola, além de um colar e braceletes de ouro e pedras-da-lua, mas Nynaeve se surpreendeu ao descobrir que ela própria vestia algo parecido, embora seu cabelo estivesse com uma trança — e na cor natural —, em vez de solto. O vestido era azul-claro e prateado, e, se não era tão decotado quanto os de Luca, ainda era mais do que achava que escolheria. Contudo, gostou do modo como a

gota de fogo solitária em seu cordão de prata reluzia entre seus seios. Egwene não acharia tão fácil intimidar uma mulher vestida daquela forma. Não que aquilo tivesse algo a ver com o motivo de ter se trajado assim, ainda que inconscientemente.

Ela logo percebeu o que Elayne quisera dizer com se achar ótima. Para si mesma, Nynaeve não parecia diferente da outra mulher, que tinha o anel de pedra retorcida enredado no colar. Elayne, no entanto, disse que ela parecia... enevoad. A sensação de *saidar* também estava enevoad, a não ser pelo fluxo de Espírito que ela começara a tecer ainda acordada. O resto era débil, e até o calor contínuo da Fonte Verdadeira parecia emudecido. Sua raiva continuava intensa o suficiente apenas para que canalizasse. Se sua irritação com os homens desaparecera diante da confusão, a confusão passara a irritá-la. Preparar-se para confrontar Egwene não tinha nada a ver com aquilo. Ela não estava se preparando, e não havia razão para o gosto distante de samambaia-felina fervida e de folha-sábia em pó em sua língua! Porém, produzir uma única chama dançando em pleno ar, uma das primeiras coisas que se ensinava a uma novíça, parecia tão difícil quanto carregar Lan nas costas. A chama parecia tê-lo mesmo para ela, e, assim que Nynaeve amarrou a tessitura, começou a se dissipar. Segundos depois, não existia mais.

— As duas? — indagou Amys. Ela e Egwene tinham acabado de aparecer do outro lado de *Callandor*, ambas com saias, blusas e xales Aiel. Egwene, ao menos, não se enfeitara com tantos colares e braceletes. — Por que está tão estranha, Nynaeve? Aprendeu a vir caminhando?

Nynaeve levou um susto. Odiava quando as pessoas chegavam de mansinho.

— Egwene, como você... — começou ela, alisando as saias, ao mesmo tempo em que Elayne disse:

— Egwene, não entendemos como você...

Egwene as interrompeu.

— Rand e os Aiel obtiveram uma grande vitória em Cairhien. — As palavras vieram em uma torrente, tudo o que ela lhes contara nos sonhos, de Sammael à ponta de lança Seanchan. Cada palavra praticamente atropelava a seguinte, e Egwene dizia tudo com um olhar determinado.

Nynaeve e Elayne se entreolhara, confusas. Ela *com certeza* já lhes contara aquilo. Não podiam ter imaginado, não com cada palavra agora confirmada. Até Amys, o longo cabelo branco enfatizando ainda mais a idade indefinida de seu rosto, diferente de uma Aes Sedai, olhava impressionada para aquele dilúvio.

— *Mat* matou Couladin? — exclamou Nynaeve, em dado momento. Aquilo não fora mencionado nos sonhos com Egwene. Aquilo não parecia do feitio de Mat. Liderando soldados? *Mat*?

Quando Egwene finalmente se aquietou, mexendo no xale e com a respiração acelerada, já que mal parara para respirar durante o processo,

Elayne disse baixinho:

— Ele está bem? — Soou como se estivesse começando a duvidar das próprias lembranças.

— Tão bem quanto se poderia esperar — respondeu Amys. — Ele exige demais de si mesmo e não dá ouvidos a ninguém. Só a Moiraine. — Amys não parecia contente.

— Aviendha fica com ele a maior parte do tempo — completou Egwene. — Está cuidando bem dele para você.

Nynaeve duvidava. Não sabia muito sobre os Aiel, mas suspeitava que, se Amys dizia “demais”, qualquer outra pessoa diria “de maneira fatal”.

Elayne pareceu concordar.

— Então por que ela está deixando que ele exija tanto de si? O que ele está fazendo?

Bastante coisa, ao que parecia, e além da conta. Duas horas por dia treinando a espada com Lan ou qualquer outra pessoa que encontrasse. Aquilo fez a boca de Amys se estreitar de amargura. Mais duas estudando o modo Aiel de lutar sem armas. Egwene podia considerar isso estranho, mas Nynaeve sabia bem como era ficar indefeso quando não se conseguia canalizar. Rand, no entanto, com certeza nunca se veria nessa situação. Tornara-se um rei, ou algo maior, cercado por guardas *Far Dareis Mai* e dando ordens a lordes e ladies. Na verdade, passava tanto tempo lhes dando ordens e perseguindo-os para se certificar de que estavam sendo cumpridas que não desperdiçaria tempo com refeições se as Donzelas não lhe levassem comida onde quer que ele estivesse. Por algum motivo, enquanto aquilo parecia irritar Egwene quase tanto quanto irritava Elayne, Amys estava se divertindo, embora seu rosto tenha retomado a dureza Aiel assim que ela se deu conta de que Nynaeve percebera. Outra hora de cada dia era concedida a uma estranha escola que ele fundara e que convidava não só estudiosos, como artesãos, desde um sujeito que fazia lunetas a uma mulher que construía um tipo de besta imensa com polias capazes de atirar uma lança a uma milha de distância. Rand não contara a ninguém qual era seu propósito com aquilo, exceto talvez a Moiraine, mas a única resposta que a Aes Sedai dera a Egwene foi que o ímpeto de deixar algum legado era forte em todos. Moiraine não parecia se importar com o que Rand fazia.

— Os Shaido que sobraram estão recuando para o norte — informou Amys, seca —, e outros mais atravessam a Muralha do Dragão para se juntar a eles todos os dias, mas Rand al'Thor parece ter se esquecido disso. Está mandando as lanças para o sul, em direção a Tear. Metade já foi. Rhuarc diz que ele nem explicou o motivo para os chefes, e acho que Rhuarc não mentiria para mim. Tirando talvez Aviendha, Moiraine é quem fica mais perto de Rand al'Thor, mas, ainda assim, ela se recusa a fazer perguntas a ele. — Balançando a cabeça, ela

resmungou: — Mas, em defesa dela, posso dizer que nem Aviendha descobriu alguma coisa.

— A melhor maneira de guardar um segredo é não contá-lo a ninguém — respondeu Elayne, o que rendeu a ela um olhar sério. Amys não ficava muito longe de Bair quando o assunto era olhares que deixavam qualquer um inquieto.

— Não vamos chegar a uma conclusão aqui — disse Nynaeve, fixando o olhar em Egwene, que parecia incomodada. Se havia um bom momento para começar a consertar o equilíbrio entre as duas, era melhor que fosse aquele. — O que eu quero saber...

— Você tem razão — cortou Egwene. — Não estamos no gabinete de Sheriam, onde podemos ficar à toa focando. O que vocês têm para nos dizer? Ainda estão com o conjunto itinerante de Mestre Luca?

Nynaeve prendeu a respiração, as perguntas lhe escapando da mente. Havia tanto o que contar. E tanto a não contar. Ela contou como tinha seguido Lanfear até a reunião com os Abandonados, e só falou de ter visto Moghedien espionando. Não que estivesse evitando contar como Moghedien a tratara — não muito, não exatamente —, mas Birgitte não liberara as duas da promessa de guardar segredo. Claro que aquilo significava não dizer nada a respeito de Birgitte, que a mulher estava com elas. Era estranho, já que Egwene sabia que Birgitte as estava ajudando, e ainda tinham que fingir que Egwene não sabia *de nada*. Mas Nynaeve conseguiu, apesar de gaguejar toda vez que Egwene arqueava as sobancelhas. Graças à Luz, Elayne ajudou-a a contar de Samara como sendo culpa de Galad e Masema. O que, de fato, era verdade. Se qualquer um dos dois tivesse simplesmente lhe contado sobre o navio, nada do que se seguiu teria acontecido.

Quando ela terminou — mencionando Salidar —, Amys perguntou, com a voz calma:

— Você tem certeza de que elas vão apoiar o *Car'a'carn*?

— Elas devem conhecer as Profecias do Dragão tão bem quanto Elaida — respondeu Elayne. — A melhor maneira de se oporem a ela é se unirem a Rand e deixarem claro para o mundo inteiro que *elas* pretendem apoiá-lo até o fim, até Tarmon Gai'don. — Não havia o menor sinal em sua voz que indicasse que não estava falando de um completo estranho. — Do contrário, elas não passam de rebeldes, sem nenhuma pretensão de legitimidade. Elas precisam dele, no mínimo, tanto quanto ele precisa delas.

Amys fez que sim, mas não parecia concordar totalmente.

— Acho que me lembro de Masema — afirmou Egwene. — Olhos encovados e rabugento? — Nynaeve aquiesceu. — Não consigo vê-lo como Profeta, mas posso imaginá-lo incitando um motim ou uma guerra, sim. Tenho certeza de que Galad só fez o que achava que era o melhor. — As bochechas de Egwene ficaram levemente coradas. Até a mera lembrança do rosto de Galad

era capaz daquilo. — Rand vai querer saber a respeito de Masema. E de Salidar. Se eu conseguir fazê-lo ficar parado o suficiente para ouvir.

— Quero saber como é possível vocês duas estarem aqui — disse Amys. Ela escutou a explicação e examinou a placa na mão quando Nynaeve a entregou. Outra pessoa tocando o *ter'angreal* enquanto ela o usava lhe causou arrepios. — Acho que você está menos aqui que Elayne — opinou a Sábua, por fim. — Quando uma andarilha entra no Mundo dos Sonhos no sono, só um pedacinho bem pequeno dela permanece no corpo, apenas o bastante para mantê-la viva. Se ela dorme um sono leve, onde pode estar aqui e também conversar com alguém no mundo desperto, fica com a aparência igual a sua para alguém que está aqui por inteiro. Talvez seja a mesma coisa. Não sei se gosto de que qualquer mulher que saiba canalizar entre em *Tel'aran'rhod*, mesmo neste estado. — Ela devolveu o *ter'angreal* para Nynaeve.

Deixando escapar um suspiro de alívio, Nynaeve se apressou em guardar a placa. Seu estômago ainda estava embrulhado.

— Se já disseram tudo... — Amys fez uma pausa enquanto Nynaeve e Elayne confirmavam às pressas que aquilo era o fim. Os olhos azuis da mulher eram incrivelmente penetrantes. — Então temos que ir. Admito que há mais vantagens nestes encontros do que eu supus inicialmente, mas ainda tenho muito o que fazer hoje à noite. — Ela lançou um olhar para Egwene, e as duas desapareceram juntas.

Nynaeve e Elayne não hesitaram. Em torno delas, em um piscar de olhos, as grandes colunas de pedra vermelha se transformaram em uma salinha de paredes escuras e pouca mobília, toda simples e robusta. A raiva de Nynaeve estivera vacilante, e, com isso, sua retenção de *saidar*, mas o gabinete da Mestra das Noviças firmou as duas coisas. Insolente e teimosa! Esperava que Sheriam estivesse em Salidar. Seria um prazer encará-la de igual para igual. Contudo, queria estar em outro lugar. Elayne se olhava no espelho de moldura dourada e tocava o cabelo, distraída, arrumando-o. Não que ela precisasse usar as mãos para isso, ali. Ela também não gostava de estar naquele aposento. Por que Egwene sugerira reunir-se ali? O gabinete de Elaida podia até não ser o local mais confortável, mas era melhor que aquilo.

No momento seguinte, Egwene apareceu do outro lado da ampla mesa, os olhos gélidos e as mãos na cintura como se aquele cômodo pertencesse a ela.

Antes que Nynaeve pudesse abrir a boca, Egwene começou:

— Suas tagarelas desmioladas, vocês por acaso viraram duas burras sem juízo? Se eu peço para alguma coisa ficar só entre vocês, vocês saem contando imediatamente para a primeira pessoa que veem pela frente? Nunca pararam para pensar que não precisam dizer tudo para todo mundo? Pensei que fossem boas em guardar segredos. — As bochechas de Nynaeve foram esquentando. Pelo menos não havia como estar tão vermelha quanto Elayne. Egwene ainda

não tinha acabado: — Quanto a como eu fiz aquilo, não posso ensinar. Vocês precisam ser Andarilhas dos Sonhos. Se conseguem tocar os sonhos de alguém usando o anel, não sei como. E duvido que consigam com aquele outro troço. Tentem se concentrar no que estão fazendo. Talvez Salidar não seja nada do que vocês estão esperando. Agora, também tenho outras coisas para fazer hoje à noite. Pelo menos *tenham* ser espertas! — E ela desapareceu tão de repente que a última palavra quase pareceu ecoar do ar vazio.

A vergonha corroeu a raiva de Nynaeve. Ela tinha quase explodido com o pedido de Egwene. E Birgitte: como podia guardar segredo quando a outra mulher *sabia*? A vergonha venceu, e *salidar* lhe escapou pelos dedos feito areia.

Nynaeve acordou com um susto, agarrando o *ter'angreal* amarelo com firmeza em uma das mãos. A lamparina presa ao suporte diminuíra para uma luz bem fraca. Elayne estava deitada perto dela, ainda dormindo. O anel, na correia, deslizara para a cavidade da garganta.

Resmungando sozinha, Nynaeve passou por cima da amiga para guardar a placa e derramou um pouco de água no lavatório para lavar o rosto e o pescoço. A água estava morna, mas pareceu fria. Naquela luz sombria, achou que o espelho mostrava que ainda estava enrubescida. Bela tentativa de consertar o equilíbrio! Se ao menos tivessem se encontrado em outro local... Se ao menos não tivesse dado com a língua nos dentes feito uma garotinha desmiolada... Teria sido melhor se estivesse usando o anel, em vez de parecer uma assombração aos olhos de Egwene. Era tudo culpa de Thom e Juilin. E de Uno. Se eles não a tivessem deixado com raiva... Não, a culpa era de Neres. Ele... Nynaeve pegou o jarro com as duas mãos e lavou a boca. Era só do gosto do sono que estava tentando se livrar. Não de samambaia-felina fervida e folha-sábia em pó. Não mesmo.

Quando se virou do lavatório, Elayne estava se sentando e desatando o cordão de couro que prendia o anel.

— Vi você perdendo *salidar*, então dei uma passada no gabinete de Elaida, mas achei que não devia demorar porque você podia ficar preocupada. Não descobri nada, só que Shemerin vai ser detida e rebaixada a Aceita. — Ela se levantou e enfiou o anel na caixa.

— Elas podem fazer isso? Rebaixar uma Aes Sedai?

— Não sei. Acho que Elaida está fazendo o que bem entende. Egwene não deveria usar aquelas roupas Aiel. Não são muito elegantes.

Nynaeve deixou escapar o ar que estava prendendo. Era óbvio que Elayne queria ignorar o que Egwene dissera. Nynaeve estava a disposta a permitir.

— Não, com certeza não são. — Ela subiu na cama e se encolheu contra a parede. As duas se revezavam dormindo na metade externa.

— Eu nem tive a chance de mandar um recado para Rand. — Elayne subiu em seguida, e a lamparina se apagou. As janelinhas só deixavam entrar uma

nesga de luar. — E um para Aviendha. Se ela está cuidando dele para mim, então precisa cuidar mesmo.

— Rand não é um cavalo, Elayne. Você não é dona dele.

— Eu nunca disse que era. Como você se sentiria se Lan se interessasse por alguma cairhiena?

— Não seja boba. Vá dormir. — Nynaeve enfiou a cara no travesseirinho. Talvez devesse ter mandado uma mensagem para Lan. Todas aquelas nobres, tanto tairenas quanto cairhienas... Dizendo palavras melosas para um homem, em vez da verdade. Era melhor ele não esquecer a quem pertencia.

Abaixo de Boannda, as matas eram densas nos dois lados do rio, emaranhados intactos de árvores e videiras. Não viam mais aldeias ou fazendas. O Eldar podia muito bem estar correndo por áreas ermas a mil milhas de distância de presença humana. No início da tarde, cinco dias após a partida de Samara, o *Serpente do Rio* ancorou no meio de uma curva do rio, enquanto o único bote do navio transportava os passageiros remanescentes para uma praia de lama seca e rachada, bordejada por colinas baixas e arborizadas. Até os salgueiros imensos e os carvalhos com raízes profundas exibiam algumas folhas marrons.

— Não havia necessidade alguma de dar aquele colar para o homem — disse Nynaeve na margem, observando a aproximação do bote a remo carregado com quatro remadores, Juilin e os últimos cinco shienaranos. Esperava não ter sido ingênua. Neres lhe mostrara seu mapa daquele trecho do rio e apontara Salidar marcada a duas milhas da água, mas nada mais indicava que algum dia houvera uma aldeia perto dali. A muralha de árvores estava bem intacta. — O que eu paguei a ele era mais do que suficiente.

— Não para cobrir a carga — retrucou Elayne. — O fato de ele ser um contrabandista não significa que *nós* temos o direito de roubá-lo. — Nynaeve se perguntou se ela andara conversando com Juilin. Era provável que não. Era só a lei mais uma vez. — Além do mais, opalas amarelas são cafonas, ainda mais naquela combinação. De qualquer forma, valeu a pena só para ver a cara dele. — De repente, Elayne deu uma risadinha. — *Desta vez* ele olhou para mim. — Nynaeve tentou evitar, mas também acabou rindo.

Thom estava mais acima, próximo das árvores, tentando distrair os dois garotos de Marigan fazendo malabarismo com as bolas coloridas que tirava das mangas. Jaril e Seve fitavam-no, calados, e mal piscavam, agarrados um ao outro. Nynaeve não ficara surpresa quando Marigan e Nicola pediram para acompanhá-la. Nicola podia estar assistindo a Thom e gargalhando, mas passaria o tempo todo ao lado de Nynaeve, caso ela permitisse. Areina querer vir, porém, tinha sido um tanto chocante. Ela estava sentada sozinha em um tronco caído, observando Birgitte, que encordoava seu arco. As três talvez ficassem em choque quando descobrissem o que havia em Salidar. Ao menos Nicola encontraria seu

santuário, e Marigan poderia até administrar suas ervas, caso não houvesse muitas Amarelas por perto.

— Nynaeve, você chegou a pensar em... como vão nos receber?

Nynaeve encarou Elayne com perplexidade. As duas haviam cruzado meio mundo, ou quase isso, e derrotado a Ajah Negra duas vezes. Tinham recebido ajuda em Tear, tudo bem, mas o mérito em Tanchico fora só delas. Traziam notícias de Elaida e da Torre que Nynaeve podia apostar que ninguém em Salidar sabia a respeito. E, mais importante, podiam ajudar estas irmãs a entrar em contato com Rand.

— Não vou dizer que elas vão nos saudar como heroínas, Elayne, mas eu não me surpreenderia se nos dessem um beijo antes do final do dia. — Só Rand já valeria isso.

Dois dos marujos descalços saltaram do bote para não deixá-lo ir com a correnteza, e Juilin e os shienaranos respingaram água ao desembarcar. Então os marujos retornaram aos trancos e barrancos para o bote. No *Serpente do Rio*, alguns homens já estavam levantando a âncora.

— Abra uma trilha para nós, Uno — ordenou Nynaeve. — Pretendo chegar antes de escurecer. — Pelo aspecto da floresta, repleta de videiras e vegetação rasteira empoeirada, andar duas milhas podia levar o dia todo. Isso se Neres não a tivesse enganado. Isso a preocupava mais do que qualquer outra coisa.





PARA ENSINAR E APRENDER

Cerca de quatro horas depois, o suor que escorria pelo rosto de Nynaeve tinha muito pouco a ver com o calor incômodo, e ela se perguntava se não teria sido melhor se Neres os tivesse enganado. Ou se recusado a transportá-los além de Boannda. A luz do sol de fim de tarde cintilava intensamente através das janelas, cujas vidraças estavam quase todas quebradas. Agarrando as saias com um misto de irritação e nervosismo, Nynaeve tentava evitar olhar para as seis Aes Sedai ao redor de uma das mesas robustas perto da parede. Suas bocas moviam-se em silêncio enquanto confabulavam por detrás de uma cortina de *saidar*. Elayne estava com o queixo erguido e as mãos pousadas calmamente à cintura, mas certa tensão na região dos olhos e nos cantos da boca comprometiam seu ar majestoso. Nynaeve não tinha certeza se queria saber sobre o que as Aes Sedai conversavam. Uma sequência de surpresas chocantes havia solapado suas grandes expectativas e as transformado em confusão. Mais um choque e poderia gritar, e não sabia se de fúria ou de pura histeria.

Praticamente tudo, exceto por suas roupas, estava disposto naquela mesa, da flecha de prata de Birgitte, diante da corpulenta Morvrin, aos três *ter'angreal*, à frente de Sheriam, passando pelas caixas douradas, sob os olhos escuros de Myrelle. Nenhuma das mulheres parecia contente. O rosto de Carlinya podia ter sido entalhado em gelo, até a maternal Anaiya exibia um semblante rígido, e o olhos permanentemente arregalados de Beonin tinham um aspecto inconfundivelmente irritado. Irritado e algo mais. Às vezes, Beonin fazia menção de tocar o pano branco que cobria cuidadosamente o selo de *cuendillar*, mas sua mão sempre parava e recuava.

Nynaeve desviou os olhos do pano. Sabia muito bem quando as coisas haviam começado a dar errado. Os Guardiões que as cercaram na mata tinham agido de modo adequado, ainda que com frieza — assim que ela obrigou Uno e os shienaranos a baixar as espadas, pelo menos. E as boas-vindas calorosas de Min haviam sido cheias de gargalhadas e abraços. Mas as Aes Sedai e as demais pessoas nas ruas, ocupadas com os próprios afazeres, apenas passaram apressadas, sem mal olhar para o grupo que chegava escoltado na aldeia. Havia bastante gente em Salidar, com homens armados sendo treinados em quase todas as áreas livres. A primeira pessoa além dos Guardiões e de Min a lhes dar qualquer atenção foi a esguia irmã Marrom a quem foram levados, no local que algum dia havia sido o salão daquela estalagem. Ela e Elayne contaram para Phaedrine Sedai a história que haviam combinado, ou tentaram contar. Em cinco minutos as duas foram deixadas sob ordens estritas de não moverem um dedo ou dizerem uma só palavra, nem mesmo uma para outra. Depois de dez minutos se entreolhando em total confusão enquanto todos ao redor — de Aceitas a noviças vestidas de branco, de Guardiões a serviçais e soldados — andavam apressados por entre mesas onde Aes Sedai examinavam papéis e davam ordens bruscas, elas foram enfim levadas à presença de Sheriam e das demais tão rápido que Nynaeve achou que tinham feito o caminho com dois passos. Foi então que começou o interrogatório, mais propício a prisioneiros capturados que a heroínas retornando. Nynaeve secou o suor do rosto, mas, assim que havia enfiado o lenço de volta na manga, suas mãos agarraram as saias de novo, com força.

Ela e Elayne não estavam sozinhas naquele tapete colorido de seda. Suan, com um vestido comum de boa lã azul, parecia até estar ali por vontade própria, o rosto calmo, absolutamente sereno, mas Nynaeve sabia que não era assim. A mulher parecia absorta em pensamentos tranquilos. Leane ao menos observava as Aes Sedai, ainda que aparentasse igual confiança. Na verdade, estava mais autoconfiante do que Nynaeve lembrava que ela fosse. A mulher de pele acobreada também parecia mais esguia, mais graciosa, de certa forma. Talvez fosse o vestido escandaloso. Aquela seda verde-clara tinha a gola tão alta quanto o vestido de Suan, mas marcava cada curva do corpo, e o material só era opaco por pouco. No entanto, foram os rostos das duas que realmente chocaram Nynaeve. Ela jamais esperara encontrar nenhuma delas viva, e menos ainda, com certeza, aparentemente ser tão jovens — uns poucos anos mais velhas que ela, se tanto. Ambas não faziam mais que trocar olhadelas. Na realidade, Nynaeve pensou ter detectado certa frieza entre as duas.

Havia outra coisa diferente nelas, algo que Nynaeve só estava começando a reconhecer. Mesmo todas, incluindo Min, tendo sido discretas, ninguém fez segredo do fato de que elas haviam sido estancadas. Nynaeve sentia aquela ausência. Talvez por estar em um aposento em que todas as outras mulheres podiam canalizar, ou talvez por saber que elas haviam sido estancadas, mas, pela

primeira vez, estava verdadeiramente consciente de que Elayne e as demais possuíam a habilidade. E de sua ausência em Suan e Leane. Algo lhes fora retirado, arrancado. Era como uma ferida. Talvez a pior ferida que uma mulher poderia sofrer.

A curiosidade a venceu. Que tipo de ferida seria aquela? O que fora arrancado? Nynaeve bem que poderia fazer uso daquela espera e da irritação que perpassava seu nervosismo. Ela abraçou *saidar*...

— Alguém por acaso lhe deu permissão para canalizar aqui, Aceita? — indagou Sheriam, dando um susto em Nynaeve, que largou a Fonte Verdadeira às pressas.

A Aes Sedai de olhos verdes conduziu as demais de volta às suas cadeiras descombinadas, dispostas em semicírculo no tapete, tendo como foco as quatro mulheres de pé. Algumas carregavam objetos da mesa. Elas se sentaram, encarando Nynaeve, as emoções antes perceptíveis agora engolfadas pela calma de Aes Sedai. Nenhum daqueles rostos de idade indefinida acusava o calor, nem uma única gótica de suor. Por fim, em um tom de voz levemente repreensor, Anaiya disse:

— Você ficou muito tempo longe de nós, criança. Independentemente do que tenha aprendido neste intervalo, parece ter se esquecido de muita coisa.

Ruborizada, Nynaeve fez uma reverência.

— Perdoe-me, Aes Sedai. Minha intenção não era desobedecer. — Torceu para que as mulheres pensassem que o rubor em seu rosto fosse por causa do calor. Ela *ficara* longe muito tempo. Ainda no dia anterior, era *ela* quem dava as ordens e as pessoas pulavam para obedecer. Agora esperavam que ela pulasse. Era irritante.

— Você conta uma história... interessante. — Era óbvio que Carlinya acreditava em muito pouco. Airmã Branca virou a flecha de prata de Birgitte nas mãos longas e esguias. — E adquiriu alguns pertences estranhos.

— A Panarca Amathera nos deu muitos presentes, Aes Sedai — explicou Elayne. — Parecia pensar que salvamos o trono dela. — Mesmo pronunciadas em uma voz perfeitamente tranquila, as palavras soaram tensas. Nynaeve não era a única irritada com a perda de liberdade. O rosto suave de Carlinya se retesou.

— Vocês chegam trazendo notícias perturbadoras — opinou Sheriam. — E com alguns... objetos perturbadores. — Seus olhos levemente enviesados vagaram até a mesa, ao *a'dam* prateado, e então voltaram a se cravar com firmeza em Elayne e Nynaeve. Desde que descobriram do que se tratava e para que servia, a maioria das Aes Sedai tratara o objeto como uma víbora vermelha viva. A maioria.

— Se esta coisa faz o que estas crianças afirmam — divagou Morvrin, meio distraída —, precisamos estudá-lo. E se Elayne acredita mesmo que é capaz de

confeccionar um *ter'angreal*... — A irmã Marrom balançou a cabeça. Sua atenção estava mesmo no anel de pedra achatada, rajado de vermelho, azul e marrom, que segurava em uma das mãos. Os outros dois *ter'angreal* repousavam em seu colo largo. — Você diz que isto era de Verin Sedai? Como nunca soubemos dele? — As palavras não foram direcionadas a Nynaeve ou a Elayne, mas a Suan.

Suan franziu o cenho, mas não do jeito feroz que Nynaeve lembrava. Tinha um quê de submissão, como se a mulher soubesse que estava falando com suas superiores, e sua voz também tinha. Era mais uma mudança em que Nynaeve mal podia acreditar.

— Verin nunca me disse nada a respeito. Eu gostaria muito de perguntar algumas coisinhas a ela.

— E *eu* tenho perguntas sobre *isto*.

O rosto de oliva de Myrelle se nublou quando ela desdobrou um papel familiar — por que haviam guardado aquilo? — e o leu em voz alta: “O que o portador fizer é feito sob meu comando e autoridade. Obedeça e mantenha o silêncio, por ordem minha. Suan Sanche, Vigia dos Selos, Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin”. Ela amassou o papel e seu selo.

— Longe de ser algo para se dar a uma Aceita.

— Na época, eu não sabia em quem podia confiar — respondeu Suan, em um tom suave. As seis Aes Sedai a encararam. — Eu tinha autoridade para tal. — As seis Aes Sedai sequer piscaram. A voz de Suan adquiriu um quê de súplica exasperada. — Vocês não podem me condenar por ter feito o necessário quando eu tinha total direito de agir desse modo. Quando o barco está afundando, você tapa o buraco com o que consegue encontrar.

— E por que não nos contou? — questionou Sheriam, tranquila, mas com uma pitada de dureza. Como Mestra das Noviças, ela nunca levantava a voz, embora, por vezes, isso fosse preferível. — Três Aceitas... Aceitas!... mandadas para longe da Torre atrás de treze irmãs plenas da Ajah Negra. Você usa bebês para tapar os buracos do seu barco, Suan?

— Não somos bebês — contestou Nynaeve, irritada. — Várias daquelas treze estão mortas, e nós frustramos os planos delas duas vezes. Em Tear, nós...

Carlinya cortou-a feito uma lâmina de gelo:

— Você já nos contou sobre Tear, criança. E sobre Tanchico. E sobre derrotar Moghedien. — Sua boca se contorceu com ironia. A mulher já tinha dito que Nynaeve fora uma tola por ter ficado a menos de uma milha de um dos Abandonados, e que tivera sorte de escapar com vida. Que Carlinya não soubesse quão certa estava, já que as duas com certeza não haviam lhe contado tudo, só fez o estômago de Nynaeve se retesar ainda mais. — Vocês *são* duas crianças, e sortudas, se decidirmos não lhes dar uma surra. Agora tratem de ficar caladas até que sejam chamadas a falar. — Nynaeve enrubescceu intensamente,

torcendo para que as mulheres interpretassem aquilo como vergonha, e ficou calada.

Sheriam não tirara os olhos de Sivan.

— Então? Por que nunca mencionou ter enviado três crianças para caçar leões?

Sivan respirou fundo, mas cruzou as mãos e curvou a cabeça de modo arrependido.

— Não parecia haver razão, Aes Sedai, com tantas outras questões importantes. Não escondi nada quando havia a menor razão para contar. Todos os detalhes que sabia sobre a Ajah Negra, eu contei. Passei um bom tempo sem saber onde estas duas estavam ou o que andavam fazendo. O importante é que agora elas estão aqui, e com estes três *ter'angreal*. Devem entender o que significa ter acesso ao gabinete de Elaida, aos papéis dela, ainda que só a trechos. Não fosse isso, vocês só teriam descoberto que ela sabe onde vocês estão quando já fosse tarde demais.

— Sabemos bem disso — concordou Anaiya, com os olhos em Morvrin, que continuava franzindo o cenho para o anel. — É que os meios utilizados apenas nos pegaram um pouco de surpresa.

— *Tel'aran'rhiod* — murmurou Myrelle. — Isso agora não passa de uma questão para discussões eruditas dentro da Torre, quase uma lenda. E Andarilhas dos Sonhos Aiel. Quem poderia imaginar que as Sábias Aiel fossem capazes de canalizar, e mais ainda de fazer isso?

Nynaeve queria que tivessem conseguido guardar aquele segredo — como a verdadeira identidade de Birgitte e algumas outras coisas que conseguiram esconder —, mas era difícil evitar que essas informações escapassem quando se era interrogada por mulheres que podiam abrir buracos em pedras só com o olhar. Bem, tinham que ficar contentes por terem mantido os segredos que conseguiram. Assim que mencionaram *Tel'aran'rhiod* e que haviam entrado nele, teria sido mais fácil um rato fazer gatos correrem para as árvores do que aquelas mulheres pararem de fazer perguntas.

Leane deu meio passo à frente sem olhar para Sivan.

— O importante é que, com estes *ter'angreal*, é possível falar com Egwene e, por meio dela, com Moiraine. Com as duas, vocês podem não só ficar de olho em Rand al'Thor, como devem conseguir influenciá-lo mesmo em Cairhien.

— Para onde ele foi quando deixou o Deserto Aiel — emendou Sivan —, que foi aonde eu previ que ele iria. — Se os olhos e palavras se voltaram para as Aes Sedai, seu tom de voz seco foi totalmente direcionado a Leane, que soltou um grunhido.

— Que bem enorme isso fez. Duas Aes Sedai enviadas ao Deserto para caçar patos.

Sim, com certeza havia certa animosidade ali.

— Chega, crianças — sentenciou Anaiya, soando demasiado como se as duas fossem de fato crianças, e ela, uma mãe acostumada às suas briguinhas bobas. Ela encarou as outras Aes Sedai com um olhar decidido. — Vai ser muito bom poder conversar com Egwene.

— Se é que estes objetos funcionam como elas dizem — ponderou Morvrin, fazendo o anel quicar na palma da mão e tocando os outros *ter'angreal* no colo. Sem provas, a mulher não acreditaria nem que o céu era azul.

Sheriam assentiu.

— É, essa vai ser a primeira obrigação de vocês, Elayne e Nynaeve. Terão a chance de ensinar para as Aes Sedai, de nos mostrar como usá-los.

Nynaeve fez uma reverência, exibindo os dentes. As mulheres podiam entender aquilo como um sorriso, se quisessem. Ensiná-las? Sim, e jamais chegar perto do anel ou das outras peças de novo. A reverência de Elayne foi ainda mais tensa, o rosto uma máscara de frieza. Os olhos da garota se voltaram para aquele *a'dam* idiota, quase desejosos.

— As cartas-de-direitos são úteis — afirmou Carlinya. Mesmo com toda aquela tranquilidade e lógica da Ajah Branca, sua irritação ainda evidente na pronúncia tensa das palavras. — Gareth Bryne sempre quer mais ouro do que nós temos, mas, com elas, quem sabe ele fique satisfeito.

— É — concordou Sheriam. — E também devemos pegar a maior parte das moedas. Todos os dias aumenta o número de bocas para alimentar e de corpos para vestir aqui e em toda parte.

Elayne fez um meneio gracioso, como se elas não fossem tomar o dinheiro de qualquer jeito, mas Nynaeve simplesmente esperou. Ouro, cartas-de-direitos e até os *ter'angreal* eram só uma parte.

— Quanto ao resto — prosseguiu Sheriam —, concordamos que vocês deixaram a Torre sob ordens, independentemente de quão equivocadas tenham sido, e não podemos culpá-las por isso. Agora que voltaram em segurança, vão retomar seus estudos.

Nynaeve apenas soltou o ar lentamente. Não era mais do que esperara desde o início do interrogatório. Não que tenha gostado, mas, desta vez, ninguém a acusaria de ser teimosa. Não quando tudo indicava que não adiantaria.

— Mas...! — reclamou Elayne, com rispidez. Foi tudo que disse antes que Sheriam a interrompesse, tão ríspida quanto:

— Vocês vão retomar seus estudos. As duas são muito fortes, mas ainda não são Aes Sedai. — Aqueles olhos verdes fitaram-nas até terem certeza de que as duas tinham compreendido, e então a mulher tornou a falar, a voz mais amena. Mais amena, mas ainda firme. — Vocês voltaram e, ainda que Salidar não seja a Torre Branca, podem considerá-la como tal. Pelo que disseram na última hora, ainda têm bastante a nos contar. — A respiração de Nynaeve se acelerou, mas os olhos de Sheriam tornaram a escorregar para o *a'dam*. — Pena não terem

trazido a Seanchan com vocês. Era algo que realmente deveriam ter feito. — Por algum motivo, Elayne enrubescou intensamente e, ao mesmo tempo, pareceu irritada. Já Nynaeve ficou aliviada de as mulheres só terem mencionado a Seanchan. — Mas Aceitas não podem ser responsabilizadas por não pensarem como Aes Sedai — prosseguiu Sheriam. — Siuan e Leane vão lhes fazer muitas perguntas. Vocês vão cooperar com elas e responder tudo da melhor maneira possível. Acredito que não vou precisar lembrá-las de não tirarem vantagem da condição atual das duas. Algumas Aceitas, e até algumas noviças, pensaram que podiam determinar de quem era a culpa, em certas situações, e até atribuir punições. — O tom ameno se transformou em aço frio. — Essas jovens ficaram extremamente arrependidas. Preciso dizer mais?

Nynaeve e Elayne foram rápidas em afirmar que não; ambas quase gaguejando de tanta pressa em responder. Nynaeve não tinha pensado em culpar ninguém — em sua opinião, a culpa era de todas as Aes Sedai —, mas não queria que Sheriam ficasse com raiva dela. Perceber aquilo a fez engolir a verdade com um gosto amargo: os dias de liberdade com certeza eram coisa do passado.

— Ótimo. Agora podem pegar as joias que a Panarca lhes deu, o arco também. Quando tiverem tempo, vou querer saber por que ela deu um presente como este. E saiam. Uma das outras Aceitas vai arrumar lugares para vocês dormirem. Vestidos apropriados devem ser mais difíceis de encontrar, mas vão acabar aparecendo. Espero que encarem suas... aventuras... como coisa do passado e que aceitem com tranquilidade suas antigas posições. — Embora não pronunciada, ficou clara a promessa de que, caso não aceitassem com tranquilidade, seriam tranquilizadas até aceitarem. Sheriam assentiu, satisfeita, quando percebeu que as duas haviam entendido.

Beonin não dissera uma só palavra desde que a proteção de *saidar* fora reduzida, mas, enquanto Nynaeve e Elayne faziam reverências, a irmã Cinza se levantou e caminhou a passos largos até a mesa onde os objetos das duas estavam dispostos.

— E isto aqui? — indagou, com seu forte sotaque taraboniano, puxando o pano branco que cobria o selo da prisão do Tenebroso. Dessa vez, seus grandes olhos azul-acinzentados pareciam mais raivosos que assustados. — Não vai haver mais nenhuma pergunta a respeito disto? Pretendem ignorar, todas vocês? — O disco preto e branco repousava ali, próximo à bolsa de camurça, em doze ou mais pedaços remontados da melhor maneira possível.

— Estava inteiro quando o colocamos na bolsa. — Nynaeve fez uma pausa para umedecer os lábios. Mesmo que seus olhos tivessem evitado o pano que cobria o objeto, agora não tinha como não olhar o selo. Leane sorria ao ver o vestido vermelho usado para embrulhar o objeto e dissera... Não, não ia se desviar do assunto, nem mesmo em pensamentos! — Por que deveríamos ter pensado em tomar um cuidado especial? *É cuendillar!*

— Nem olhamos — afirmou Elayne, ofegante — e nem tocamos nele mais do que foi preciso. Ele dava uma sensação de imundície, maldade. — Não mais. Carlinya obrigara cada uma delas a segurar um pedaço e exigira saber de que sensação maligna estavam falando.

Elas já haviam dito tudo aquilo antes, mais de uma vez, e ninguém mais prestava atenção.

Sheriam se levantou e caminhou até a Cinza de cabelos cor de mel.

— Não estamos ignorando nada, Beonin. Fazer mais perguntas para estas garotas não vai adiantar. Elas já nos disseram o que sabem.

— É sempre bom fazer mais perguntas — opinou Morvrin, que parara de mexer distraidamente nos *ter'angreal* para fitar o selo quebrado com tanta firmeza quanto as demais. Era *cuendillar*, tanto ela quanto Beonin o haviam testado e garantido isso, mas, ainda assim, Morvrin quebrara um dos fragmentos só com as mãos.

— Quantos dos sete ainda estão intactos? — perguntou Myrelle, em tom suave, como se falasse consigo mesma. — Quanto tempo até o Tenebroso se libertar e a Última Batalha começar?

As Aes Sedai faziam um pouco de tudo, de acordo com seus talentos e inclinações, mas cada Ajah tinha a própria razão de existir. As Verdes, que se intitulavam a Ajah da Batalha, se preparavam para enfrentar novos Senhores do Medo na Última Batalha. Havia um quê quase ansioso na voz de Myrelle.

— Três — respondeu Anaiya, nervosa. — Três ainda estão inteiros. Caso nossas informações estejam certas. Vamos rezar para que sim. Vamos rezar para que três sejam suficientes.

— Vamos rezar para que esses três sejam mais fortes do que este — resmungou Morvrin. — *Cuendillar* não pode ser quebrado assim e ainda ser *cuendillar*. Não pode.

— Vamos discutir isso no momento adequado — ponderou Sheriam. — Após questões mais imediatas sobre as quais podemos tomar providências. — Tomando o pano da mão de Beonin, tornou a cobrir o selo. — Siuan, Leane, chegamos a uma decisão sobre... — Ela interrompeu a frase ao se virar e ver Elayne e Nynaeve. — Não mandamos vocês saírem? — Apesar de toda a calma aparente, ela ter se esquecido da presença das duas deixava clara a confusão interior de Sheriam.

Nynaeve estava mais do que pronta para oferecer outra reverência, deixar escapar um apressado “com sua licença, Aes Sedai” e partir em disparada em direção à porta. Sem mover um músculo, as Aes Sedai — e Siuan e Leane — observaram ela e Elayne saírem. Nynaeve sentia os olhos daquelas mulheres empurrando-as. Elayne não caminhou nem um pouquinho mais devagar, apesar de ter tornado a olhar para o *a'dam*.

Só quando a porta se fechou e ela pôde se recostar na madeira sem pintura, agarrando a caixa dourada contra o peito, foi que Nynaeve respirou normalmente desde que entrou na velha estalagem de pedra, ou pelo menos foi o que lhe pareceu. Não queria pensar no selo rompido. Mais um selo rompido. Não pensaria. Aquelas mulheres eram capazes de tosquiar ovelhas só com o olhar. Nynaeve estava quase ansiosa por assistir à primeira reunião delas com as Sábias; não fosse pelo fato de que provavelmente seria encurralada no meio. Sua chegada à Torre fora mais do que difícil, tendo de aprender a obedecer, a se curvar. Após longos meses dando as ordens — bem, vez ou outra consultara Elayne, mas normalmente era ela quem mandava —, Nynaeve não sabia como voltaria a costurar lã e varrer cascalho.

O salão comum, com teto de gesso em más condições e lareiras de pedra prestes a desabar, continuava tão movimentado quanto quando entrara. Ninguém lhe lançou mais que uma olhadela desta vez, e ela retribuiu com menos ainda. Uma pequena multidão aguardava ela e Elayne.

Thom e Juilin, em um banco rústico encostado em uma parede de gesso descascando, conversavam baixinho com Uno, agachado à frente dos dois com o longo punho da espada despontando acima do ombro. Areina e Nicola, ambas olhando maravilhadas para tudo e tentando não demonstrar, ocupavam outro banco com Marigan, que observava Birgitte tentando distrair Jaril e Seve fazendo estranhos malabarismos com três das bolas de madeira colorida de Thom. Ajoelhada atrás dos garotos, Min lhes fazia cócegas, sussurrando em seus ouvidos, mas os dois só se agarravam um ao outro e encaravam tudo em silêncio com aqueles olhos enormes.

Só duas outras pessoas em todo o aposento não demonstravam pressa. Dois dos três Guardiões de Myrelle conversavam encostados à parede a algumas passadas dos bancos, bem junto à porta que levava ao corredor da cozinha: Croi Makin, um sério jovem andoriano loiro, de beleza notável, e Avar Hachami, de nariz adunco, queixo quadrado e um espesso bigode grisalho que parecia um par de chifres curvados para baixo. Nem os olhos escuros de Hachimi, capazes de fazer uma pessoa engolir em seco, estimularia alguém a dizer que ele era bonito. Nenhum deles olhava para Uno, Thom ou qualquer outro, claro. Era mera coincidência que só eles dois estivessem desocupados e que tivessem escolhido ficar exatamente ali. Claro.

Birgitte deixou uma das bolas cair ao ver Nynaeve e Elayne.

— O que vocês contaram a elas? — indagou calma, mal olhando de relance para a flecha de prata na mão de Elayne. A aljava estava pendurada no cinto, mas o arco repousava escorado na parede.

Nynaeve se aproximou, tomando o cuidado de não olhar na direção de Makin e Hachami. Com a mesma cautela, diminuiu a voz e contou de modo neutro:

— Respondemos tudo que elas perguntaram.

Elayne tocou o braço de Birgitte.

— Elas sabem que você é uma boa amiga que tem nos ajudado. Sua permanência aqui é bem-vinda, e o mesmo vale para Areina, Nicola e Marigan.

Foi só quando Birgitte relaxou um pouco que Nynaeve se deu conta de quão tensa ela estivera. A mulher de olhos azuis recolheu a bola amarela que tinha caído e arremessou as três suavemente de volta para Thom, que as apanhou com uma das mãos e as fez desaparecer em um só movimento. Ela exibia o mais discreto dos sorrisos de alívio.

— Não tenho palavras para dizer como estou contente em ver vocês duas — disse Min, pelo menos pela quarta ou quinta vez. Seu cabelo estava mais comprido, embora ainda fosse apenas uma touca escura contornando a cabeça, e havia algo de diferente nela que Nynaeve não conseguia identificar. Surpreendentemente, flores recém-bordadas subiam pelas lapelas de seu casaco. Antes, Min sempre usava roupas bem sem graça. — Um rosto amigo é raro por aqui. — Seus olhos se desviaram minimamente na direção dos Guardiões. — Precisamos ter uma longa conversa a sós. Não vejo a hora de ouvir o que vocês andaram aprontando desde que partiram de Tar Valon. — Ou também para contar o que ela andara aprontando, a menos que Nynaeve estivesse enganada.

— Eu também quero muito conversar com você — afirmou Elayne, bastante séria. Min a encarou, e então suspirou e aquiesceu, não mais tão ansiosa.

Thom, Juilin e Uno apareceram por trás de Birgitte e Min, olhando-as com aquela cara que os homens faziam quando queriam dizer coisas que achavam que uma mulher não ia gostar de ouvir. Antes que tivessem a chance de abrir a boca, porém, uma mulher de cabelo cacheado trajando um vestido de Aceita se meteu entre Juilin e Uno, fitou-os com raiva, e se plantou diante de Nynaeve.

O vestido de Faolain, com suas sete faixas coloridas na bainha representando cada uma das Ajahs, não era tão branco quanto deveria, e seu rosto escuro estava carrancudo.

— Estou surpresa de vê-la aqui, bravia. Achei que você tinha fugido de volta para sua aldeia, e nossa bela Filha-herdeira tivesse voltado para o colo da mãe.

— Ainda gosta de ser mais azeda que leite estragado, Faolain? — provocou Elayne.

Nynaeve manteve uma expressão simpática. Por pouco. Em duas oportunidades, na Torre, Faolain fora designada para ensiná-la alguma coisa. Para colocá-la em seu devido lugar, era o que Nynaeve achava. Mesmo quando tanto professora quanto aluna eram Aceitas, a professora era considerada uma Aes Sedai enquanto durasse a aula, e Faolain tirava total proveito disso. A mulher de cabelo cacheado passara oito anos como noviça e outros cinco como Aceita, e não ficara muito contente por Nynaeve não ter precisado ser noviça, ou por

Elayne ter ficado menos de um ano usando o branco. Foram duas aulas com Faolain e duas visitas ao gabinete de Sheriam para Nynaeve, por teimosia, gênio forte e uma lista tão longa quanto seu braço. Ela tratou de fazer a voz soar leve:

— Ouvi dizer que Suan e Leane foram maltratadas por alguém. Acho que Sheriam pretende fazer alguém de exemplo para acabar com isso de uma vez por todas. — Ela encarou Faolain fixamente, e a mulher arregalou os olhos de maneira assustada.

— Não fiz nada desde que Sheriam... — Faolain fechou a boca, e seu rosto enrubesceu intensamente. Min cobriu a boca com a mão, e Faolain olhou ao redor, observando as outras mulheres, de Birgitte a Marigan, e fez um movimento brusco na direção de Nicola e Areina. — Vocês duas servem, eu acho. Venham comigo. Agora. Sem enrolação. — As duas se levantaram devagar, Areina com um olhar cauteloso e Nicola com mãos trêmulas na cintura.

Elayne se pôs entre elas e Faolain antes que Nynaeve pudesse, queixo empinado e olhos de um gelo azul imperioso.

— O que você quer com elas?

— Estou cumprindo ordens de Sheriam Sedai — retrucou Faolain. — Eu, particularmente, acho que elas são velhas demais para um primeiro teste, mas obedeço. Uma irmã acompanha os grupos de recrutamento de Lorde Bryne, testando até mulheres da idade de Nynaeve. — Seu sorriso parecia o de uma víbora. — Devo informar Sheriam Sedai que você desaprova, Elayne? Devo dizer a ela que você não vai deixar suas *empregadas* serem testadas? — Elayne baixou o queixo enquanto a mulher falava, mas claro que não podia simplesmente recuar. Precisava de uma mudança de assunto.

Nynaeve tocou no ombro de Faolain.

— Encontraram muitas?

A contragosto, a mulher virou a cabeça e, quando olhou de volta, Elayne estava acalmando Areina e Nicola, explicando que elas não seriam machucadas ou forçadas a nada. Nynaeve não teria ido tão longe. Quando as Aes Sedai encontravam alguém que nascera com a centelha, como Elayne ou Egwene, alguém que acabaria canalizando, desejasse ou não, tendiam a colocá-la em treinamento, independentemente do que a mulher preferisse. Eram mais pacientes com as mulheres que podiam ser treinadas, mas que jamais tocariam *saidar* sem esse treinamento, e com bravias, as que tinham sobrevivido à chance de uma em quatro de aprenderem sozinhas, normalmente sem ter ideia disso e com algum tipo de bloqueio, como era o caso de Nynaeve. Em tese, elas podiam escolher se iam ou ficavam. Nynaeve optara por entrar na Torre, mas suspeitava que, se não o tivesse feito, teria entrado mesmo assim, talvez com as mãos e os pés amarrados. As Aes Sedai davam às mulheres que tinham a mais remota

chance de se juntar a elas as mesmas opções que davam a um cordeiro em dia de banquete.

— Três — respondeu Faolain, um momento depois. — Todo aquele esforço e só acharam três. Uma delas, bravia. — Ela não gostava mesmo das bravias. — Não sei por que estão tão ávidas para encontrar noviças. As noviças que temos não podem ser elevadas a Aceitas até retomarmos à Torre. A culpa é toda de Siuan Sanche, dela e de Leane. — Um músculo se contraiu em sua mandíbula, como se ela percebesse que aquele comentário podia soar como uma acusação às antigas Amyrlin e Curadora, e tratou de pegar Areina e Nicola pelos braços. — Venham comigo. Eu obedeço ordens e, se é para serem testadas, vocês vão ser testadas, sendo ou não perda de tempo.

— Que mulher odiosa — murmurou Min, estreitando os olhos para Faolain, que cruzava o salão às pressas levando as outras. — Se existisse justiça, seria de se imaginar que ela teria um futuro desagradável pela frente.

Nynaeve queria perguntar o que Min tinha visto sobre a Aceita de cabelo cacheado — havia umas cem perguntas que queria fazer —, mas Thom e os outros dois homens se plantaram firmemente diante dela e de Elayne, Juilin de um lado e Uno do outro para que pudessem observar todas as direções. Birgitte conduzia Jaril e Seve até a mãe, querendo ficar de fora da questão. Pelo olhar ressentido que lhes lançou, Min também sabia qual era a intenção dos homens e parecia prestes a dizer algo, mas acabou apenas dando de ombros e se juntando a Birgitte.

Pela expressão de Thom, ele podia estar prestes a comentar sobre o tempo ou perguntar o que tinha para o jantar. Nada importante.

— Este lugar está cheio de sonhadoras e tolas perigosas. Elas acham que podem depor Elaida. É por isso que Gareth Bryne está aqui. Para formar um exército para elas.

O sorriso de Juilin quase partiu seu rosto no meio.

— Tolas, não. Loucas e loucos. Pouco me importa se Elaida estava lá no dia em que Logain nasceu. Estão todos loucos se pensam que, daqui, são capazes de derrubar uma Amyrlin que está sentada na Torre Branca. Poderíamos chegar em Cairhien em um mês, talvez.

— Ragan e alguns dos outros já têm marcados os cavalos que vão pegar emprestado. — Uno também estava sorrindo, o que parecia incrivelmente incongruente com aquele fulgurante olho vermelho em seu tapa-olho. — Os guardas estão orientados para ficar de olho nas pessoas que estão chegando, não saindo. Podemos despistá-los na floresta. Logo vai escurecer. Nunca vão nos encontrar. — As mulheres usando anéis da Grande Serpente, lá perto do rio, tinham causado um efeito notável no linguajar de Uno. Embora ele parecesse não fazer o esforço quando estavam longe dos ouvidos delas.

Nynaeve olhou para Elayne, que balançou de leve a cabeça. Elayne toparia qualquer coisa para ser Aes Sedai. E ela? Tinham poucas chances de influenciar aquelas Aes Sedai a apoiar Rand se, em vez disso, todos tivessem decidido tentar controlá-lo. Na verdade, chance nenhuma. Era melhor ser realista. E, ainda assim... Ainda assim, havia a Cura. Ela não aprenderia nada a respeito em Cairhien, mas ali... A menos de dez passadas dela, Therva Maresis, uma Amarela esguia de nariz comprido, usava sua caneta para ticar metodicamente alguns itens em um pergaminho. Um Guardião careca de barba negra estava perto da porta, confabulando com Nisao Dachen, uma cabeça mais alto que ela, embora não fosse mais alto que a média, enquanto Dagdara Finchey, tão larga quanto qualquer homem ali presente e mais alta que a maioria, falava com um grupo de novças à frente de uma das lareiras apagadas, mandando-as embora com rispidez, uma a uma, para cumprir alguma tarefa. Nisao e Dagdara também eram da Ajah Amarela. Dizia-se que Dagdara, cujos cabelos já agrisalhando denotavam uma idade considerável para uma Aes Sedai, entendia mais de Cura que qualquer outra. Nynaeve não poderia fazer nada de útil se fosse atrás de Rand. Só o assistiria enlouquecer. Se pudesse aprender mais da Cura, talvez encontrasse uma maneira de conter aquela loucura. Em sua opinião, as Aes Sedai se conformavam que coisas demais não tinham solução.

Tudo isso lhe passou pela cabeça durante o tempo que levou para olhar para Elayne e tornar a se voltar para os homens.

— Nós vamos ficar aqui, Uno. Se você e os outros quiserem ir atrás de Rand, estão livres para isso, até onde me cabe. Receio que eu não tenha mais dinheiro para ajudá-los.

O ouro que as Aes Sedai haviam pegado era necessário, como elas tinham dito, mas ainda assim Nynaeve franziu o cenho para as poucas moedas de prata que lhe restavam na bolsa. Aqueles homens tinham-na seguido, e a Elayne também, claro, por motivos bem escusos, mas isso não diminuía sua responsabilidade para com eles. A lealdade de todos era para com Rand. Ninguém ali tinha motivo para entrar em um embate com a Torre Branca. Nynaeve olhou para a caixa dourada e, relutante, acrescentou:

— Mas eu tenho umas coisinhas que vocês podem vender pelo caminho.

— Você também precisa ir, Thom — afirmou Elayne. — Você também, Juilin. Não há razão para ficarem. Não precisamos de vocês agora, e Rand precisa. — Ela tentou botar sua caixinha de joias nas mãos de Thom, mas ele se recusou a pegá-la.

Os três homens se entreolharam daquele modo irritante, Uno chegando a revirar os olhos. Nynaeve pensou ouvir Thom resmungar sozinho sobre ter avisado que elas teimariam.

— Talvez daqui a alguns dias — respondeu Thom.

— Alguns dias — concordou Juilin.

Uno assentiu.

— Eu aceitaria descansar um pouco, se depois vou precisar fugir de Guardiões até a metade do caminho para Cairhien.

Nynaeve lhes lançou seu olhar mais sério e puxou a trança de maneira deliberada. Elayne estava com o queixo mais empinado do que nunca, os olhos azuis suficientemente arrogantes para cinzelar gelo. Thom e os demais com certeza já conheciam aqueles sinais. Suas bobagens não seriam toleradas.

— Se vocês acham que ainda estão obedecendo as ordens de Rand al'Thor para cuidar de nós... — começou Elayne em um tom de voz gélido, ao mesmo tempo que em Nynaeve disse, irritada:

— Vocês prometeram seguir ordens, e eu quero ver...

— Não é nada disso — interveio Thom, penteando com o dedo uma mecha do cabelo de Elayne. — Nada disso. Será que um velhote manco não pode querer descansar um pouco?

— Para falar a verdade — emendou Juilin —, só vou ficar porque Thom está me devendo dinheiro. Dos dados.

— Vocês esperam que a gente roube vinte cavalos dos Guardiões como quem cai da cama? — grunhiu Uno. Parecia que ele se esquecera de que já havia se oferecido para fazer exatamente aquilo.

Elayne apenas os encarou, sem palavras, e a própria Nynaeve também estava pensando para encontrá-las. Não tinham conseguido nada. Nenhum dos três moveu nem um pé. O problema era que ela estava dividida. Havia decidido que os mandaria embora. Decidira, e não era porque não queria que os homens a vissem fazer reverências e seguir ordens aqui e acolá. Não mesmo. Porém, com quase nada em Salidar saindo como ela esperava, Nynaeve tinha de admitir, ainda que com relutância, que seria... reconfortante... saber que ela e Elayne tinham mais que Birgitte de apoio. Não que fosse aceitar a oferta da fuga, claro — se podia ser chamada assim —, sob nenhuma circunstância. A presença deles seria apenas... reconfortante. Não que fosse permitir que eles soubessem disso, com certeza. Não precisaria, já que eles iriam embora, a despeito do que achessem. Rand *encontraria* serventia para aqueles homens, muito provavelmente, e ali eles só atrapalhariam. A menos que...

A porta sem pintura se abriu, e Sivan passou por ela às pressas, seguida por Leane. As duas se entreolharam com frieza antes de Leane bufar e sair desfilando, surpreendentemente reboiativa, ao passar por Croi e Avar e desaparecer no corredor que levava às cozinhas. Nynaeve franziu um pouco o cenho. Em meio a toda aquela frieza, houvera um instante, um breve lampejo que ela quase deixou passar despercebido bem à sua frente...

Sivan girou em direção a ela e então parou de forma abrupta, o rosto ficando neutro. Outra pessoa se juntara à pequena multidão.

Gareth Bryne, a armadura amassada afivelada sobre o casaco de camurça e luvas com dorso de aço enfiadas no cinturão da espada, irradiava autoridade. Quase totalmente grisalho e com um rosto enigmático, tinha o aspecto de um homem que já vira de tudo e passara por tudo, um homem que aguentaria qualquer coisa.

Elayne sorriu, assentindo graciosamente. Bem diferente do olhar de espanto que ela fez quando chegaram em Salidar e ela o reconheceu do outro lado da rua.

— Não vou dizer que é totalmente bom vê-lo, Lorde Gareth. Ouvi falar de alguns problemas entre você e mamãe, mas tenho certeza de que isso pode ser remediado. Sabe que mamãe às vezes age sem pensar. Ela vai aparecer e pedir para você voltar a seu local de direito em Caemlyn, pode ter certeza.

— O que está feito está feito, Elayne. — Ele ignorou a surpresa da garota; Nynaeve duvidava que alguém que conhecesse a posição social de Elayne já tivesse sido tão áspero com ela. Bryne se voltou para Uno: — Já pensou no que eu disse? Os shienaranos são a melhor cavalaria pesada do mundo, e eu tenho alguns rapazes ideais para receber treinamento adequado.

Uno franziu o cenho, seu único olho se voltando para Elayne e Nynaeve. Então ele aquiesceu, hesitante.

— Não tenho nada melhor para fazer. Vou perguntar aos outros.

Bryne lhe deu um tapinha no ombro.

— Muito bem. Agora você, Thom Merrilin. — Thom havia se virado parcialmente quando o outro homem se aproximou, alisando o bigode e fixando o olhar no chão como se quisesse esconder o rosto. Mas agora retribuía o olhar sério de Bryne. — Eu conheci um sujeito com um nome bem parecido com o seu — comentou Bryne. — Um jogador habilidoso de certo jogo.

— E eu conheci um sujeito bem parecido com você — retrucou Thom. — Fez de tudo para me prender. Acho que ele teria cortado minha cabeça caso tivesse conseguido me pegar.

— Foi há muito tempo? Os homens às vezes fazem coisas estranhas pelas mulheres. — Bryne olhou de relance para Sivan e balançou a cabeça. — Aceita disputar um jogo de pedras comigo, Mestre Merrilin? Às vezes fico torcendo para encontrar um homem que saiba jogar bem, como é jogado nos círculos mais elevados.

As espessas sobrancelhas brancas de Thom baixaram quase tanto quanto as de Uno, mas em momento algum ele tirou os olhos de Bryne.

— Posso jogar uma ou duas partidas — respondeu, por fim —, assim que souber qual é a aposta. Desde que entenda que eu não pretendo passar o resto da vida jogando pedras com você. Não gosto mais de ficar muito tempo no mesmo lugar. Às vezes, meus pés coçam.

— Desde que não cocem no meio de uma partida decisiva — devolveu Bryne, seco. — Vocês dois, venham comigo. E não esperem dormir muito. Por aqui, tudo é para ontem, exceto o que deveria ter sido feito semana passada. — Ele fez uma pausa e tornou a olhar para Suan. — Minhas camisas não vieram totalmente limpas, hoje. — E, com isso, saiu com Thom e Uno. Suan lançou um olhar de raiva às suas costas e então virou o rosto franzido para Min, que fez uma careta e tratou de zarpar para onde Leane tinha ido.

Nynaeve não entendeu bem essa última interação. Nem o atrevimento daqueles homens, achando que podiam falar em código — e bem na cara dela, que não poderia compreender o assunto. Em todo caso, já estava farta deles.

— Que bom que ele não precisa de um caçador de ladrões — ironizou Juilin, olhando de soslaio para Suan e demonstrando claro desconforto. Não superara o choque de ter descoberto o nome dela. Nynaeve não tinha certeza se ele assimilara que Suan fora estancada e não era mais o Trono de Amyrlin. Ele certamente parecia achá-la inquietante. — Assim, posso sentar e conversar. Vi vários sujeitos que parecem propensos a desabafar com uma caneca de cerveja.

— Ele praticamente me ignorou — disse Elayne, incrédula. — Pouco me importa qual é o problema entre ele e mamãe. Ele não tem direito de... Bem, mais tarde eu cuido de Lorde Gareth Bryne. Preciso conversar com Min, Nynaeve.

Nynaeve fez menção de seguir Elayne quando a garota partiu apressada em direção àquele corredor que levava às cozinhas — Min lhes daria respostas diretas —, mas Suan segurou-a pelo braço com punhos de ferro.

A Suan Sanche que curvara a cabeça de maneira submissa perante as Aes Sedai tinha sumido. Ninguém ali usava o xale. Ela não levantou a voz em nenhum momento. Não era preciso. A mulher encarou Juilin de um jeito que o deixou apavorado.

— Preste atenção às perguntas que faz, caçador de ladrões, ou vai ser obrigado a arrancar as próprias tripas. — Aqueles frios olhos azuis saltaram para Birgitte e Marigan. A boca de Marigan se retorceu como se ela tivesse provado algo ruim, e até Birgitte piscou. — Vocês duas vão achar uma Aceita chamada Theodrin e pedir a ela algum lugar para dormir hoje à noite. Aquelas crianças parecem que já deveriam estar na cama. E então? Mexam esses pés! — Antes que as duas tivessem dado um só passo, e com Birgitte se movendo tão rápido quanto Marigan, talvez até mais, a mulher investiu contra Nynaeve: — Para você eu tenho algumas perguntas. Mandaram você cooperar, e eu sugiro que coopere, caso saiba o que é bom para a saúde.

Nynaeve foi arrastada. Antes que desse conta, Suan já estava subindo com ela às pressas por degraus instáveis com um corrimão improvisado de madeira rústica e puxando-a por um corredor de piso grosseiro até um cubículo com duas camas apertadas afixadas à parede, uma em cima da outra. Suan sentou-se no

único banco e acenou para que Nynaeve se acomodasse na cama de baixo. Ela preferiu ficar de pé, talvez apenas para mostrar que não seria forçada a nada. Não havia muito mais no quarto. Um lavatório com um tijolo escorando uma das pernas abrigava uma bacia e um jarro lascado. Alguns vestidos pendiam de pregadores de roupa, e o que aparentava ser um catre repousava enrolado a um canto. Nynaeve caíra bastante de status em um só dia, mas Sivan caíra bem mais do que ela seria capaz de imaginar. Não achava que teria tantos problemas com a mulher. Mesmo que Sivan ainda fosse dona dos mesmos olhos.

Sivan fungou.

— Você é quem sabe então, garota. O anel. Ele não exige canalização?

— Não. Você me ouviu dizer a Sheriam...

— Qualquer pessoa pode usar? Uma mulher que não sabe canalizar? Um homem?

— Um homem, talvez. — *Ter'angreal* que não necessitavam do Poder costumavam funcionar com homens e mulheres. — Com qualquer mulher, sim.

— Então você vai me ensinar a usá-lo.

Nynaeve arqueou uma sobrancelha. Aquilo poderia ser uma arma para conseguir o que queria. Se não, ainda tinha outra. Talvez.

— Elas estão sabendo disto? Toda a conversa foi sobre mostrar *a elas* como funcionava. Não mencionaram você em momento algum.

— Elas não sabem. — Sivan não parecia nem um pouco abalada. Até sorriu, e de um jeito nada agradável. — E não vão saber. Ou vão descobrir que você e Elayne têm se passado por irmãs plenas desde que deixaram Tar Valon. Moiraine pode até estar deixando Egwene se safar, porque eu aposto que ela está contando a mesma mentira, mas Sheriam, Carlínya...? Elas vão fazê-la gemer feito uma porca parindo antes de se darem por satisfeitas. Bem antes.

— Isso é ridículo. — Nynaeve se deu conta de que estava bem na beira da cama. Não se lembrava nem de ter sentado. Thom e Juilin controlariam as línguas. Ninguém mais sabia. Ela precisava falar com Elayne. — Nós não fingimos nem fizemos nada parecido.

— Não minta para mim, garota. Se eu precisasse de confirmação, seus olhos já me deram. Seu estômago está dando cambalhotas, não está?

Com certeza estava.

— Claro que não. Se eu ensinar alguma coisa a você, é porque quero. — Não deixaria aquela mulher intimidá-la. O último vestígio de misericórdia se esvaiu. — Se eu ensinar, vou querer algo em troca. Estudar você e Leane. Quero saber se uma estancada pode ser Curada.

— Não pode — respondeu Sivan, sem rodeios. — Agora...

— Qualquer coisa que não seja a morte deve poder.

— “Deve poder” não é “pode”, garota. Prometeram para mim e para Leane que nos deixariam em paz. Se você quer saber o que acontece com qualquer

pessoa que nos incomoda, fale com Faolain ou Emara. Elas não foram as primeiras nem as piores, mas foram as que passaram mais tempo chorando.

A outra arma. O quase pânico a apagara de sua cabeça. Se é que essa arma existia. Uma olhadela.

— O que Sheriam diria se soubesse que você e Leane não estavam nem um pouco perto de sair no tapa? — Suan apenas a encarou. — Elas acham que vocês estão domesticadas, não é? Quanto mais você explode com alguém que não pode revidar, mais elas entendem como uma prova quando você faz de tudo para obedecer toda vez que uma Aes Sedai tosse. Um pouco de servilismo foi suficiente para fazê-las esquecer que vocês duas trabalharam juntas por anos? Ou vocês as convenceram de que ser estancadas transformou tudo, não só o rosto? Quando as Aes Sedai descobrirem que têm tramado pelas costas delas, que estão sendo manipuladas, vocês vão uivar mais alto que qualquer porca. — Nem uma piscada. Suan não perderia a cabeça, deixando quaisquer confissões escaparem. Porém, houvera alguma coisa naquele breve olhar. Nynaeve tinha certeza. — Eu quero estudar você, e Leane, sempre que eu quiser. E Logain. — Talvez pudesse aprender algo com ele também. Homens eram diferentes. Seria como analisar o problema por outro ângulo. Não que fosse Curá-lo, mesmo que descobrisse como. Rand canalizar era necessário, mas ela não estava disposta a deixar outro homem no mundo capaz de manejar o Poder. — Se não, você pode esquecer o anel e *Tel'aran'rhiod*. — O que Suan queria lá? Provavelmente, só revisitar algo que ao menos se parecesse com ser uma Aes Sedai. Nynaeve esmagou aquele resquício de misericórdia que se acendeu nela. — E se você fizer qualquer alegação de termos fingido ser Aes Sedai, não terei outra opção que não contar sobre você e Leane. Elayne e eu podemos até ficar desconfortáveis até a verdade aparecer, mas isso vai acontecer, e vai fazer vocês chorarem tanto quanto Faolain e Emara juntas.

O silêncio se estendeu. Como a outra mulher conseguia parecer tão calma? Nynaeve sempre pensara que tinha a ver com o fato de ela ser Aes Sedai. Sua boca estava seca, e era a única parte do corpo assim. Se estivesse errada, se Suan estivesse disposta a pagar para ver, ela sabia quem estaria chorando.

Por fim, Suan resmungou:

— Espero que Moiraine tenha conseguido manter Egwene mais sob controle que isso. — Nynaeve não entendeu, mas mal teve tempo para pensar a respeito. No instante seguinte, a outra mulher já estava se inclinando para a frente com a mão estendida. — Você guarda os meus segredos e eu guardo os seus. Me ensine a usar o anel e poderá estudar tudo o que quiser sobre estancamentos e amansamentos.

Foi por pouco que Nynaeve conteve um suspiro de alívio ao apertar a mão que lhe fora estendida. Conseguira. Pela primeira vez no que parecia uma

eternidade, alguém tentara intimidá-la sem sucesso. Sentia-se quase pronta para enfrentar Moghedien. Quase.

* * *

Elayne alcançou Min assim que a garota saiu pela porta dos fundos da estalagem, e passou a caminhar ao lado dela. Min tinha o que pareciam ser duas ou três camisas brancas emboladas debaixo do braço. O sol batia nas copas das árvores e, sob a luz que se desvanecia, o pátio do estábulo tinha o aspecto suave de terra recém-revirada, com um imenso cepo que poderia ter pertencido a um carvalho bem no centro. O estábulo de pedra com telhado de palha não tinha portas, o que permitia uma boa olhada nos homens se movimentando em meio às estrebarias cheias. Surpreendentemente, Leane estava conversando com um homem corpulento no limiar da sombra do estábulo. Vestido de maneira rústica, ele parecia um ferreiro, ou um lutador. O que surpreendia era quão perto dele Leane estava, a cabeça inclinada enquanto o olhava de baixo. E então tocou a bochecha do homem, antes de se virar e voltar apressada para a estalagem. O homenzarrão ficou olhando por um momento e, em seguida, entrou nas sombras e sumiu.

— Nem me pergunte o que ela está tramando — antecipou-se Min. — Pessoas estranhas vêm aqui para falar com ela ou com Suan, e alguns dos homens, ela... Bem, você viu.

Elayne não dava a mínima para o que Leane fazia. Porém, agora que estava sozinha com Min, não sabia como puxar o assunto que queria.

— O que você está fazendo?

— Lavando roupa — resmungou Min, mexendo irritada nas camisas. — Não tenho como dizer como é bom ver Suan sendo o rato, ao menos uma vez. Ela não sabe se a águia vai comê-la ou fazer dela um bichinho de estimação, mas tem as mesmas opções que oferece aos outros: nenhuma!

Elayne apertou o passo para acompanhá-la quando as duas atravessaram o pátio do estábulo. Não sabia de que se tratava, mas aquilo não dava abertura para o assunto que queria.

— Você sabia o que Thom ia sugerir? Nós vamos ficar.

— Eu disse a eles que vocês ficariam. Não foi uma visão. — O passo de Min voltou a ficar lento enquanto passavam entre o estábulo e uma parede de pedra quase desmoronando e desciam uma viela escura com touças de palhada e vegetação pisada. — Eu só não achei que você abriria mão da chance de estudar de novo. Você sempre ansiou por isso. Nynaeve também, mesmo que não admita. Eu queria estar errada. Iria com vocês. Ao menos eu... — Ela resmungou sozinha algo que soou furioso. — Aquelas três que vocês trouxeram é que são um problema, e isso *foi* uma visão.

Ali estava. A abertura de que ela precisava. No entanto, em vez de perguntar o que pretendia, Elayne disse:

— Está falando de Marigan, Nicola e Areina? Como elas podem ser um problema? — Só um tolo ignorava o que Min via.

— Não sei exatamente. Identifiquei apenas uns relances de aura, e só com o canto do olho. Nunca quando eu estava olhando diretamente para elas, quando poderia ter decifrado alguma coisa. Não são muitos os que têm auras o tempo todo, você sabe. Problemas. Talvez elas contem histórias. Vocês estavam tramando algo que não queriam que as Aes Sedai soubessem?

— Claro que não — respondeu Elayne, com rispidez. Min a olhou de soslaio, e ela acrescentou: — Bem, nada que não fosse necessário. Seja como for, elas não têm como saber. — Aquilo não estava levando ao ponto que queria. Elayne respirou fundo e saltou do penhasco: — Min, você teve uma visão sobre Rand e eu, não teve? — Deu mais dois passos antes de perceber que a outra mulher havia parado.

— Tive. — Foi uma palavra cheia de cautela.

— Você viu que iríamos nos apaixonar.

— Não exatamente. Vi que você se apaixonaria por ele. Não sei o que Rand sente por você, só que ele está preso a você de alguma forma.

Elayne comprimiu os lábios. Aquilo era mais ou menos o que esperara, mas não o que queria ouvir. *“Desejar” e “querer” causam tropeços, mas “ser” prepara o caminho.* Era o que Lini dizia. Tinha que lidar com o que era, não com o que desejava que fosse.

— E você viu que haveria outra pessoa. Alguém com quem... eu teria... que dividi-lo.

— Duas — disse Min com voz rouca. — Duas outras. E... E uma sou eu.

Com a boca já aberta para a pergunta seguinte, Elayne, por um momento, só conseguiu encará-la.

— Você? — conseguiu dizer, por fim.

Min se crispou.

— É, eu! Acha que não sou capaz de me apaixonar? Eu não queria, mas me apaixonei, e é isso. — Ela apertou o passo e ultrapassou Elayne na viela, que desta vez demorou mais para alcançá-la.

Aquilo certamente explicava algumas coisas: como Min sempre saía pela tangente ao tocar no assunto, de um jeito nervoso, e o bordado em suas lapelas. E, ao menos que estivesse imaginando, Min também estava usando ruge. *Como eu me sinto em relação a isso?*, ponderou Elayne. Não conseguiu chegar a uma conclusão.

— Quem é a terceira? — perguntou baixinho.

— Não sei — balbuciou Min. — Só sei que é geniosa. Não é Nynaeve, graças à Luz. — Ela soltou um risinho tímido. — Acho que eu não aguentaria

isso. — Mais uma vez ela lançou um olhar enviesado e cauteloso na direção de Elayne. — O que isso muda entre nós duas? Eu gosto de você. Nunca tive uma irmã, mas às vezes sinto que você... Eu quero ser sua amiga, Elayne, e não vou deixar de gostar de você não importa o que aconteça, mas não tenho como deixar de amá-lo.

— Não gosto muito da ideia de ter que dividir um homem — confessou Elayne, rígida. Com certeza era um eufemismo.

— Nem eu. Só que... Elayne, tenho vergonha de admitir, mas vou aceitá-lo do jeito que for. Não que alguma de nós duas tenha muita escolha. Luz, ele bagunçou toda a minha vida. Só pensar nele bagunça minha cabeça. — Min parecia não saber se ria ou chorava.

Elayne soltou o ar devagar. Não era culpa de Min. Melhor que fosse Min do que, digamos, Berelain ou uma outra que ela não suportasse.

— *Tà'veren* — disse ela. — Ele molda o mundo em torno dele. Somos farelos pegos em um redemoinho. Mas acho que me lembro de dizermos, eu, você e Egwene, que nunca deixaríamos um homem atrapalhar nossa amizade. Vamos dar um jeito nisso, Min. E quando descobirmos quem é a terceira... Bem, também vamos dar um jeito nisso. De alguma maneira. — Uma terceira! Seria Berelain? *Ah, sangue e cinzas!*

— De alguma maneira — concordou Min em um tom desanimado. — Enquanto isso, nós estamos presas aqui com uma corrente no tornozelo. Sei que há outra, sei que não posso fazer nada a respeito, mas já tive problemas demais aceitando que seria você e... nem todas as cairhienas são como Moiraine. Uma vez eu vi uma nobre cairhiena em Baerlon. Na superfície, fazia Moiraine parecer Leane, mas às vezes ela dizia coisas, fazia insinuações... E as auras dela! Acho que homem nenhum na cidade inteira estava seguro sozinho com ela, a menos que fosse feio, chato ou, melhor ainda, estivesse morto.

Elayne bufou, mas conseguiu suavizar a voz.

— Não se preocupe com isso. Temos outra irmã, você e eu, uma que você ainda não conhece. Aviendha está vigiando Rand de perto, e ele não dá dez passos sem a presença de uma guarda das Donzelas da Lança. — Uma cairhiena? Pelo menos Berelain ela conhecia, sabia algo a seu respeito. Não. Não ia se preocupar com aquilo como uma desmiolada. Qualquer mulher feita lidava com o mundo como ele era e extraía o melhor disso. Mas quem poderia ser?

As duas tinham ido parar em um jardim pontilhado de freixos. Enormes caldeirões, em sua maioria esburacados onde a ferrugem fora raspada, repousavam junto ao muro de pedra que circundava a área e que fora derrubado em vários pontos pelas árvores que cresciam por entre ele. Apesar das sombras cortando o jardim, dois caldeirões fervendo ainda tinham o fogo aceso, e três noviças, os cabelos ensopados de suor e as saias brancas levantadas e amarradas,

trabalhavam pesado em tábuas de bater roupa mergulhadas em espaçosas tinas cheias de água com sabão.

Elayne deu uma olhada nas camisas debaixo do braço de Min e abraçou *saidar*.

— Me deixe ajudar com isto. — Canalizar para executar tarefas era proibido, já que, segundo se dizia, o trabalho físico desenvolvia o caráter. Mas aquilo não era a mesma coisa. Se rodopiasse as camisas dentro da água com força suficiente, não haveria nenhuma razão para as duas molharem as mãos. — Me conte tudo. Sivan e Leane estão mesmo tão mudadas quanto parecem? Como você veio parar aqui? Logain está *mesmo* aqui? E por que você está lavando as camisas de um homem qualquer? Conte tudo.

Min gargalhou, claramente satisfeita com a mudança de assunto.

— “Tudo” vai levar uma semana. Mas vou tentar. Primeiro, eu ajudei Sivan e Leane a sair do calabouço em que Elaida tinha enfiado as duas, e então...

Fazendo os devidos sons de espanto, Elayne canalizou Ar para tirar um dos caldeirões ferventes do fogo. Mal se deu conta dos olhares incrédulos das noviças. Já estava acostumada com a própria força, e era raro lhe ocorrer que, sem pensar, fazia coisas que algumas Aes Sedai plenas não conseguiam. Quem era a terceira mulher? Era bom Aviendha estar vigiando Rand bem de perto.





A NOTÍCIA CHEGA A CAIRHIEN

Um fiapo de fumaça azul subia do rústico cachimbo de piteira curta preso entre os dentes de Rand, que apoiava uma das mãos na balastrada de pedra da varanda enquanto observava o jardim abaixo. Sombras afiadas se alongavam. O sol era uma bola vermelha baixando em um céu sem nuvens. Dez dias em Cairhien, e este parecia ser o primeiro momento em que ficava quieto, tirando as horas de sono. Selande estava a seu lado, o rosto pálido inclinado para cima para observar Rand, não o jardim. O cabelo dela não estava penteado como os das ladies de classes mais altas, porém ainda acrescentava meio pé à sua altura. Ele tentava ignorá-la, mas era difícil ignorar uma mulher que insistia em pressionar os seios firmes contra seu braço. A reunião demorara o suficiente para Rand querer um rápido intervalo. Entendeu que cometera um erro assim que Selande o seguiu.

— Conheço uma piscina isolada — informou ela, baixinho — onde poderíamos escapar deste calor. É uma piscina coberta, onde nada nos perturbaria. — A música da harpa de Asmodean fluía pelos arcos quadrados atrás dos dois. Algo leve e tranquilo.

Rand pitou com um pouco mais de vigor. O calor. Nada comparado ao Deserto, mas... Embora o outono devesse estar chegando, a tarde parecia ter saído do meio do verão. Um verão sem chuvas. No jardim, homens com camisas de manga curta regavam as plantas com baldes, fazendo isso a essa hora para evitar que a água evaporasse, mas grande parte da vegetação estava marrom ou morrendo. Aquele clima não podia ser natural. O sol escorchante zombava dele. Moiraine concordava, Asmodean também, mas nenhum dos dois

sabia o que ou como fazer, não mais que Rand. Sammael. Em relação a Sammael, ele podia tomar providências.

— Água fresca — murmurou Selande —, e eu e você a sós. — Ela se aproximou mais, embora Rand não soubesse como foi possível.

Ele se perguntou quando viria a próxima provocação. Não podia se precipitar na irritação, independentemente do que Sammael fizesse. Assim que a reforma metódica em Tear estivesse concluída, e só então, soltaria o raio. Um único golpe arrasador para pôr um fim em Sammael e, ao mesmo tempo, acrescentar Illian ao pacote. Com Illian, Tear e Cairhien, e mais um exército Aiel grande o bastante para esmagar qualquer nação em semanas, ele...

— Você não quer nadar? Eu não nado bem, mas com certeza você pode me ensinar.

Rand suspirou. Por um momento, desejou que Aviendha estivesse ali. Não. A última coisa que ele queria era que Selande acabasse machucada, correndo e gritando com as roupas parcialmente rasgadas.

Baixou os olhos para ela e falou com tranquilidade, o cachimbo ainda na boca:

— Eu consigo canalizar. — Ela piscou e recuou sem mover um músculo. Nunca entendiam por que Rand sempre tocava naquele assunto. Para elas, era algo a ser mencionado de passagem, ignorado, se possível. — Dizem que eu vou enlouquecer. Mas ainda não estou louco. Ainda não. — Ele soltou uma risada profunda e então interrompeu-a abruptamente e deu ao próprio rosto uma expressão vazia. — Ensinar você a nadar? Posso fazê-la flutuar na água com o Poder. *Saidin* é maculado, você sabe. O toque do Tenebroso. Mas você não vai sentir. Vai envolvê-la por inteiro, mas você não vai sentir nada. — Outra risada, um pouco ofegante. Os olhos escuros da mulher estavam tão arregalados e redondos quanto possível, e havia um quê enojado em seu sorriso. — Mais tarde, então. Quero ficar sozinho, para pensar em... — Ele se curvou como se fosse beijá-la e, com um gritinho abafado, Selande se abaixou em uma reverência tão súbita que, a princípio, Rand pensou que ela havia caído.

Recuando e fazendo reverências afobadas a cada passo, a mulher gaguejou algo sobre como era uma honra servi-lo, que seu maior desejo era fazer isso, tudo com um tom de voz à beira da histeria, até tropeçar em um dos arcos quadrados. Uma última reverência curta, e ela disparou para dentro.

Rand fez uma careta e tornou a se virar para a balastrada. Assustar uma mulher dessa maneira... Se tivesse apenas pedido para ela deixá-lo, Selande teria dado desculpas, entendido a ordem como apenas um contratempo momentâneo, a menos que fosse um comando direto para ficar bem longe dele, e, mesmo assim... Talvez a notícia sobre o ocorrido se espalhasse, dessa vez. Ele precisava manter seu temperamento em rédea curta. Ultimamente, andava perdendo o controle fácil demais. Era por causa da seca sobre a qual não podia fazer nada,

dos problemas que brotavam feito erva por todos os lados. Mais alguns momentos sozinho com seu cachimbo. Quem governaria uma nação quando poderia ter uma tarefa mais fácil, como transportar água morro acima em um crivo?

Do outro lado do jardim, entre duas das torres escalonadas do Palácio Real, tinha uma vista de Cairhien, mal-iluminada e encoberta, domando as colinas mais do que erguendo-se sobre elas. Sua bandeira carmesim com o antigo símbolo das Aes Sedai pairava murcha acima de uma dessas duas torres, uma cópia minuciosa do Estandarte do Dragão acima da outra. Esta era exibida em uma dúzia de pontos da cidade, inclusive na mais alta das grandes torres inacabadas, bem à frente dele. Gritar surtira o mesmo pouco efeito que dar ordens. Nem tairenos nem cairhienos acreditaram que ele realmente falava sério ao dizer que só queria um estandarte, e que os Aiel não davam a mínima para estandartes, de um jeito ou de outro.

Mesmo agora, nos confins do palácio, ouvia os murmúrios de uma cidade lotada a ponto de estourar: refugiados de todos os cantos da região com mais medo de retornar para suas casas do que de ficar perto do Dragão Renascido. Mercadores afluindo e vendendo o que quer que as pessoas tivessem condições de comprar e comprando o que quer que elas não tivessem condições de manter. Lordes e homens armados aderindo ao estandarte de Rand ou ao de quem fosse. Caçadores da Trombeta acreditando que ela seria encontrada perto do Lorde Dragão; uma dezena de habitantes de Portão Frontal — ou uma centena — estavam prontos para vendê-la a qualquer um. Pedreiros Ogier do Pousio Tsofu querendo descobrir se havia trabalho para suas famosas habilidades. Aventureiros — alguns dos quais talvez fossem bandidos uma semana antes — vindos para ver o que conseguiriam. Houvera até cerca de cem Mantos-brancos, apesar de terem galopado assim que ficou claro que o cerco fora suspenso. O fato de que Pedro Niall estava reunindo Mantos-brancos o preocupava? Egwene lhe dava pistas sobre certos assuntos, mas ela via questões do ponto de vista da Torre Branca, onde quer que estivesse. O ponto de vista das Aes Sedai não era o dele.

Ao menos os trens com vagões cheios de grãos começavam a chegar de Tear com certa regularidade. Um povo com fome poderia se revoltar. Rand queria ficar satisfeito com a alegria por aquela gente não estar mais faminta, mas ali estava ele. Havia menos bandidos. E a guerra civil ainda não recomeçara. Ainda. Mais boas notícias. Precisava se assegurar de que as coisas continuariam assim antes que fosse embora. Uma centena de assuntos a tratar antes que pudesse ir atrás de Sammael. Dos chefes em quem realmente confiava, daqueles que haviam marchado desde Rhuidean ao seu lado, só Rhuarc e Bael permaneciam. Mas se os quatro clãs que aderiram a ele depois não fossem confiáveis para marchar até Tear, seriam confiáveis à solta em Cairhien? Indirian e os demais tinham-no reconhecido como *Car'a'carn*, mas sabiam tão pouco de Rand quanto Rand sabia deles. A mensagem daquela manhã poderia ser

um problema. Berelain, Primeira de Mayene, só estava a algumas centenas de milhas ao sul da cidade, vindo se juntar a ele com um pequeno exército. Não fazia ideia de como ela havia conseguido liderá-los através de Tear. Estranhamente, a carta da mulher perguntara se Perrin estava com ele. Não havia dúvida de que Berelain temia que Rand se esquecesse do pequeno país dela, caso não o lembrasse. Seria quase um prazer vê-la enfrentar os cairhienos, a última em uma longa lista de Primeiras que haviam conseguido evitar que Tear engolisse seu país ao jogar o Jogo das Casas. Se ele a pusesse no comando ali, talvez... Rand levaria Meilan e os outros tairenos consigo quando chegasse a hora. Se a hora algum dia chegasse.

Nada disso era melhor do que o que o aguardava lá dentro. Rand bateu no cachimbo para tirar a borra e apagou as últimas centelhas do tabaco sob as botas. Desnecessário correr o risco de atear fogo ao jardim. As chamas se elevariam feito uma tocha. A seca. O clima não natural. Reparou que estava rosando baixinho. Primeiro, cuidar do que ele sabia que podia fazer algo a respeito. Rand precisou se esforçar para suavizar sua expressão antes de entrar.

Asmodean, tão bem vestido quanto qualquer lorde, babados de renda no pescoço, dedilhava a um canto uma canção tranquilizadora, recostado nas paredes sóbrias e escuras como se estivesse apenas passando o tempo. Todos os demais que estavam sentados pularam da cadeira com a aparição de Rand e tornaram a sentar após seu gesto incisivo. Meilan, Torean e Aracome ocupavam cadeiras entalhadas em ouro em uma das laterais do comprido tapete vermelho e dourado, cada um com um jovem lorde taireno às costas, espelhando os cairhienos, do outro lado. Dobraine e Maringil também tinham cada qual um lorde às costas, ambos com a parte frontal da cabeça raspada e branca de talco, como a de Dobraine. Com o rosto pálido, Selande estava de pé junto ao ombro de Colavaere e estremeceu quando Rand olhou para ela.

Controlando a própria expressão, Rand cruzou rápido todo o tapete até sua cadeira. A própria cadeira lhe dava motivo para precisar se controlar. Era um novo presente de Colavaere e dos outros dois, no que imaginavam que fosse o estilo taireno. Rand devia gostar do espalhafatoso estilo taireno. Ele governava Tear e mandara os tairenos para Cairhien. Dragões entalhados sustentavam-na, todos em vermelho e dourado cintilante com esmaltes e douraduras, e grandes pedras do sol fazendo as vezes dos olhos dourados. Outros dois compunham os braços, e vários mais se erguiam no alto espaldar. Incontáveis artesãos deviam ter ficado sem dormir desde a chegada de Rand para dar conta de fabricar o objeto. Sentado ali, sentia-se um idiota. A música de Asmodean mudara. Passara a ser um som grandioso, uma marcha triunfal.

Ainda assim, havia uma cautela extra nos escuros olhos cairhienos que o observavam, uma cautela que se refletia nos tairenos. A sensação também já estivera ali antes de ele fazer o intervalo. Na tentativa de bajulá-lo, talvez

tivessem cometido um erro que só agora estavam percebendo. Todos haviam tentado ignorar quem ele era, fingir que não passava de um jovem lorde qualquer que os conquistara e que podiam lidar e manipular. Aquela cadeira — aquele trono — escancarou quem e o que Rand era de fato.

— Os soldados estão se deslocando conforme o previsto, Lorde Dobraine? — O som da harpa se dissipou tão logo ele abriu a boca, Asmodean parecendo concentrado apenas em acariciá-la.

O homem de pele coriácea abriu um sorriso soturno.

— Estão, milorde Dragão. — Nada além disso.

Rand não alimentava ilusões de que Dobraine gostasse mais dele do que os outros ou que não fosse tentar tirar algum proveito da maneira que pudesse, mas Dobraine parecia mesmo disposto a manter o juramento que fizera. As barras coloridas que lhe desciam pela parte frontal do casaco estavam desgastadas pelo roçar da armadura peitoral que fora afivelada tantas vezes por cima delas.

Maringil se moveu para a beira do assento, esguio feito um chicote e alto para os padrões cairhienos, o cabelo branco quase encostando nos ombros. A frente da cabeça não era raspada, e o casaco, com listras que iam quase até o joelho, não exibia desgastes.

— Precisamos daqueles homens aqui, milorde Dragão. — Seus olhos de falcão piscaram para o trono dourado e tornaram a se concentrar em Rand. — Ainda há muitos bandidos à solta por estas terras. — Ele tornou a mudar de posição de modo que não precisasse olhar para os tairenos. Meilan e os outros dois deram um sorriso discreto.

— Já enviei Aiel para caçar bandidos — avisou Rand.

Eles haviam mesmo recebido ordens para executar quaisquer salteadores que lhes cruzassem o caminho. E para não desviar de rota para encontrá-los. Nem os Aiel eram capazes de fazer isso e ainda se deslocar rápido.

— Fiquei sabendo que Cães de Pedra mataram quase duzentos perto de Morelle, três dias atrás. — Isso ficava perto da fronteira mais ao sul que os cairhienos haviam reivindicado poucos anos antes, na metade do caminho até o rio Iralell. Não precisava contar a eles que esses Aiel, àquela altura, já podiam estar até no rio. Era um povo capaz de cobrir longas distâncias mais depressa que cavalos.

Maringil franziu o cenho, desconfortável, e insistiu:

— Há mais uma razão: metade de nossas terras a oeste do Alguenya está nas mãos de Andor. — Ele hesitou. Todos sabiam que Rand crescera em Andor, e dezenas de boatos afirmavam que ele era filho de uma ou outra Casa Andoriana, talvez até filho da própria Morgase, exilado porque sabia canalizar ou fugido antes que conseguissem amansá-lo. O homem esguio prosseguiu como se caminhasse na ponta dos pés por entre adagas, vendado e descalço. — Morgase ainda não parece estar avançando mais, mas o que ela já tomou precisa ser

reconquistado. Seus arautos já proclamaram até o direito dela sobre... — Maringil parou de repente. Ninguém ali sabia para quem Rand queria designar o Trono do Sol. Talvez fosse para Morgase.

O olhar sombrio de Colavaere fez Rand analisar a situação de novo. Ela falara pouco naquele dia. Não falaria mais até descobrir por que o rosto de Selande estava tão branco.

De repente, Rand se cansou de tantos nobres hesitantes e de todas aquelas manobras do *Daes Dae'mar*.

— Vou cuidar das reivindicações andorianas a Cairhien quando estiver pronto. Aqueles soldados vão para Tear. Vocês vão seguir o bom exemplo de obediência do Grão-lorde Meilan, e não quero mais ouvir falar no assunto. — Rand se virou para os tairenos. — O seu é um bom exemplo, não é, Meilan? E o seu, Aracome? Se amanhã eu for embora, não vou me deparar com mil Defensores da Pedra acampados dez milhas ao sul e que já deveriam estar a caminho de Tear há dois dias, vou? Nem com dois mil soldados de Casas Tairenas?

Os sorrisos foram murchando a cada pergunta. Meilan ficou imóvel, os olhos escuros brilhando, e o rosto estreito de Aracome ficou pálido, embora fosse difícil dizer se de raiva ou de medo. Torean secou o rosto encaroçado com um lenço de seda que puxou da manga. Rand estava na liderança de Tear, e pretendia liderar; *Callandor* enterrada no Coração da Pedra comprovava o fato. Por isso eles não tinham reclamado sobre Rand enviar soldados tairenos a Cairhien. Pretendiam conseguir novas terras, talvez reinos, ali, bem longe de sua liderança.

— Não vai, milorde Dragão — garantiu Meilan, por fim. — Amanhã vou cavalgar ao seu lado para que veja com os próprios olhos.

Rand não duvidou. Meilan despacharia um cavaleiro para o sul o mais rápido possível, e, no dia seguinte, aqueles soldados já estariam bem longe, a caminho de Tear. Bastava. Por ora.

— Por mim está encerrado, então. Podem ir embora.

Alguns pularam de surpresa, se aquietando tão depressa que poderia ter sido só imaginação, e então todos já se levantavam, se curvavam e faziam reverências, Selande e os jovens lordes recuando. Suas expectativas tinham sido maiores. Uma audiência com o Dragão Renascido era sempre longa e tortuosa, na opinião deles, durante as quais eram dobrados com firmeza para onde Rand queria que seguissem, fosse declarando que nenhum taireno poderia reivindicar terras em Cairhien sem se casar com uma Casa cairhiena, fosse se recusando a permitir a expulsão dos habitantes de Portão Frontal, ou fazendo leis que antes só valiam para plebeus passarem a se aplicar a nobres.

Os olhos de Rand acompanharam Selande por um momento. Ela não fora a primeira, nos últimos dez dias. Nem a décima, nem mesmo a vigésima. Ficara

tentado, ao menos de início. Quando rejeitava uma mulher esbelta, uma rechonchuda logo a substituíra, assim como uma alta ou uma morena, ao menos para os padrões cairhienos, substituíra uma baixa ou uma loura. A busca constante pela mulher que o satisfaria. As Donzelas impediam firmemente as que tentavam invadir furtivamente o alojamento dele à noite, mas sendo mais gentis do que Aviendha fora com a única que pegou. Aviendha parecia considerar a posse de Elayne sobre ele de uma seriedade mortal. Ainda assim, seu senso de humor Aiel parecia ficar muito satisfeito em atormentá-lo. Rand vira essa satisfação estampada na cara dela quando gemeu e escondeu o rosto ao vê-la se despir para dormir. Então poderia até ter se ressentido da seriedade mortal dela, caso não tivesse compreendido bem rápido o que estava por trás daquela sucessão de belas jovens.

— Milady Colavaere.

A mulher parou assim que Rand pronunciou seu nome, tranquila e com o olhar sereno sob a torre ornamentada de cachos escuros. Selande não teve outra opção a não ser permanecer com ela, embora estivesse claramente tão relutante em ficar quanto os demais estavam em sair. Meilan e Maringil foram os últimos a se curvar e sair, tão atentos a Colavaere e à tentativa de desvendar por que ela fora convocada que não perceberam que estavam um do lado do outro. Escuros e predatórios, seus olhos combinavam à perfeição.

A porta de madeira escura se fechou.

— Selande é uma jovem muito bonita — afirmou Rand. — Mas há quem prefira a companhia de uma mulher... mais madura... mais versada. Você vai jantar comigo hoje, quando soar a Segunda Noite. Estou ansioso para ter esse prazer. — Ele acenou para que ela saísse antes que a mulher pudesse dizer qualquer coisa, se é que ela diria. Seu rosto não se alterou, mas a reverência que fez foi um tantinho desajeitada. Selande parecia simplesmente pasma. E infinitamente aliviada.

Tão logo a porta voltara a se fechar atrás das duas mulheres, Rand jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Uma gargalhada áspera e sarcástica. Estava cansado do Jogo das Casas, então jogava-o sem pensar. Sentira-se mal por assustar uma mulher, então assustara outra. Eram motivos suficientes para rir. Colavaere estava por trás daquela fila de jovens que andaram se jogando para cima dele. Se encontrasse uma amante para o Lorde Dragão, uma jovem cujos fiozinhos ela manipulasse, Colavaere teria uma corda atada com firmeza a Rand. Mas era outra mulher que ela pretendia deitar, e talvez até casar, com o Dragão Renascido. Agora ela mesma teria que suar até a Segunda Noite. Ela sabia que era bonita, mesmo que não linda, e, se ele rechaçava todas as jovens que ela enviava, talvez fosse porque quisesse uma com uns quinze anos a mais. E Colavaere sabia que não ousaria negar o homem que detinha Cairhien nas mãos. Naquela noite, ela estaria submissa — e pararia com aquela idiotice. Aviendha

muito provavelmente rasgaria a garganta de qualquer mulher que encontrasse na cama dele. Além do mais, Rand não tinha tempo para todas aquelas pombinhas que se assustavam tão fácil e que pensavam em se sacrificar por Cairhien e Colavaere. Havia problemas demais a resolver, e nenhum tempo.

Luz, e se Colavaere decidir que o sacrifício vale a pena? Era possível. Ela com certeza tinha sangue frio suficiente. *Então vou ter que cuidar para que ele fique frio de medo.* Não seria difícil. Sentia *saidin* logo no canto da vista. Sentia a mácula. Às vezes, achava que o que sentia era a mácula nele mesmo, os resíduos deixados por *saidin*.

Rand se pegou encarando Asmodean. O homem parecia analisá-lo, o rosto neutro. A música começou feito água gorgolejando sobre rochas, tranquilizante. Então ele precisava ser tranquilizado?

A porta se abriu sem que ninguém batesse e permitiu a entrada de Moiraine, Egwene e Aviendha juntas, o vestido Aiel das mais jovens emoldurando o azul-claro da Aes Sedai. Para qualquer outra pessoa, mesmo Rhuarc ou outro chefe de clã ainda próximo da cidade, ou mesmo uma delegação de Sábias, uma Donzela teria entrado para anunciá-las. Essas três, as Donzelas deixavam entrar mesmo que ele estivesse tomando banho. Egwene deu uma olhada para “Natael” e fez uma careta, e a melodia ficou mais baixa e, por um momento, intrincada, talvez uma dança, antes de se tornar quase uma brisa farfalhante. O homem exibiu um sorriso torto direcionado só à harpa.

— Estou surpreso em vê-la, Egwene — disse Rand. Ele passou a perna por cima do braço da cadeira. — Já são quantos, seis dias que você tem me evitado? Trouxe mais boas notícias? Masema saqueou Amador em meu nome? Ou será que essas Aes Sedai que você diz que me apoiam passaram para a Ajah Negra? Preste atenção que eu não estou perguntando *quem* elas são ou onde estão. Nem como você sabe. Não peço para que você entregue os segredos das Aes Sedai, das Sábias ou de quem quer que elas sejam. Basta você me dar as migalhas que veio oferecer como esmola e deixe que eu me preocupo com ser apunhalado pelas coisas que você não me diz.

Egwene o encarou com o olhar calmo.

— Você sabe o que precisa saber. E eu não vou contar o que você não precisa. — Foi o que ela dissera, seis dias antes. Ela era tão Aes Sedai quanto Moiraine, ainda que uma usasse vestes Aiel e a outra, seda azul-clara.

Não havia nada calmo em relação a Aviendha. Ela se moveu para ficar ombro a ombro com Egwene, os olhos verdes cintilando e as costas tão eretas que poderiam ser de aço. Rand estava um tanto surpreso por Moiraine não ter se juntado a elas, para que as três a encarassem daquele jeito. O juramento de obediência dela deixava brechas espantosas, ao que parecia, e as três aparentavam ter se tornado muito próximas desde que ele discutira com Egwene. Não que tivesse sido exatamente uma discussão. Não era possível discutir muito

com uma mulher que observava tudo com olhos serenos, nunca levantava a voz e, após uma única recusa a responder, se recusava até a reconsiderar a pergunta.

— O que você quer? — indagou ele.

— Estas duas chegaram para você há menos de uma hora — respondeu Moiraine, estendendo-lhe duas cartas dobradas. A voz dela parecia combinar com a melodia de Asmodean.

Desconfiado, Rand se levantou para apanhá-las.

— Se são para mim, como foram parar nas suas mãos?

Uma estava endereçada a “Rand al’Thor” com uma letra pequena e angulada; a outra, com uma escrita fluida, ainda que não menos precisa, para o “Lorde Dragão Renascido”. Os lacres estavam intactos. Um segundo olhar o deixou atônito. Os dois lacres pareciam ser feitos com a mesma cera vermelha e, se um trazia impressa a Chama de Tar Valon, o outro tinha uma torre enfronhada no que ele reconheceu ser a ilha de Tar Valon.

— Talvez por conta de onde vieram — respondeu Moiraine —, e de quem vieram. — Não era uma explicação, mas era o máximo que ele teria, a não ser que exigisse mais. Ainda assim, teria que insistir. Ela mantinha o juramento, mas a seus próprios modos. — Não há nenhuma agulha envenenada nos lacres. Nem armadilhas urdidas.

Rand parou com o polegar na Chama de Tar Valon — não pensara em nada daquilo — e então a rompeu. Uma segunda Chama em cera vermelha repousava ao lado da assinatura, Elaida do Avriny a’Roihan, rabiscado com afobação acima dos títulos da mulher. O resto estava escrito com a letra angulada:

Não há como negar que você é aquele que foi profetizado, e ainda assim muitos vão tentar destruí-lo pelas outras coisas que você é. Para o bem do mundo, isso não pode ser permitido. Duas nações se ajoelharam para você, assim como os selvagens Aiel, mas o poder dos tronos é como poeira perto do Poder Único. A Torre Branca vai abrigá-lo e protegê-lo contra aqueles que se recusam a enxergar as coisas como devem ser. A Torre Branca vai cuidar para que você viva para ver Tarmon Gai’don. Ninguém mais é capaz disso. Uma escolta de Aes Sedai chegará para conduzi-lo a Tar Valon com a honra e o respeito que você merece. Isto eu lhe garanto.

— Ela nem pergunta — observou Rand, irônico.

Lembrava-se bem de Elaida, considerando que só se encontrara com ela uma vez. Uma mulher dura o bastante para fazer Moiraine parecer uma gatinha. “A honra e o respeito” que ele merecia. Rand poderia apostar que a escolta de Aes Sedai, por obra do acaso, teria treze mulheres.

Devolveu a carta de Elaida para Moiraine e abriu a outra. A página estava preenchida pela mesma letra que a endereçara:

Com todo o respeito, imploro humildemente para me fazer conhecida pelo Lorde Dragão Renascido, a quem a Luz abençoa como salvador do mundo.

Todo o mundo precisa prestar uma reverência a você, que conquistou Cairhien em um dia, assim como fez em Tear. Porém, eu lhe suplico, seja cauteloso, pois seu esplendor vai inspirar inveja até mesmo entre os que não foram laborados na Sombra. Mesmo aqui na Torre Branca há cegos que não conseguem enxergar sua verdadeira fulgurância, que iluminará a todos nós. Mas saiba que alguns comemoram sua chegada, e ficarão gratos de servir sua glória. Não somos daqueles que roubariam seu brilho, mas daqueles que se ajoelhariam para se aquecer diante de sua cintilância. Você vai salvar o mundo, segundo as Profecias, e o mundo será seu.

Para a minha vergonha, devo implorar para que você não permita que ninguém mais leia estas palavras, e para que as destrua assim que as tiver lido. Despida de sua proteção, estou em meio a pessoas que usurpariam seu poder, e não tenho como saber quem, em seu entorno, é tão fiel quanto eu. Soube que Moiraine Damodred pode estar com você. Ela pode servi-lo com devoção, tomando suas palavras como lei, como eu o farei, mas não tenho como saber, já que minha lembrança dela é de uma mulher reservada, muito afeita a intrigas, como são os cairhienos. Mas mesmo que você acredite que ela é sua vassala, como eu sou, imploro para que mantenha esta missiva em segredo, inclusive dela. Minha vida repousa sob seus dedos, milorde Dragão Renascido, e sou sua serva.

Alviarín Freidhen.

Rand leu a carta uma vez mais, incrédulo, e então entregou-a a Moiraine. Ela mal examinou a página antes de repassá-la a Egwene, que, junto com Aviendha, lia a outra carta. Poderia Moiraine já saber o que ambas continham?

— Que bom que você fez seu juramento — ponderou Rand. — Se tivesse continuado do jeito que era antes, tão sigilosa, eu poderia começar a desconfiar. Que bom que agora está mais aberta. — Ela não reagiu. — O que acha disso?

— Ela deve ter ouvido falar do seu ego inflado — respondeu Egwene, baixinho. Rand não achou que fosse para ele ouvir. Ela balançou a cabeça e disse mais alto: — Isso não parece nem um pouco com Alviarín.

— É a letra dela — assegurou Moiraine. — O que *você* acha disso, Rand?

— Acho que há uma competição na Torre, esteja Elaida sabendo disso ou não. Presumo que uma Aes Sedai tenha a mesma dificuldade para escrever uma mentira do que para falar. — Ele não esperou que ela aquiescesse. — Se Alviarín tivesse floreado menos, eu teria pensado que elas estavam trabalhando juntas para me trazer para o lado delas. Não consigo enxergar Elaida pensando nem em metade do que Alviarín escreveu, e não consigo vê-la tendo uma Curadora que escreveria isto, não com ela sabendo.

— Você não vai fazer nada disso — disse Aviendha, a carta de Elaida amassada na mão. Não foi uma pergunta.

— Não sou nenhum idiota.

— Não é, às vezes — retrucou ela, a contragosto, piorando ainda mais as coisas ao erguer uma sobranceira questionadora para Egwene, que refletiu por um momento e então deu de ombros.

— Você vê mais alguma coisa? — indagou Moiraine.

— Vejo espíãs da Torre Branca — respondeu Rand, seco. — Elas sabem que eu controlo a cidade.

Durante pelo menos dois ou três dias após a batalha, os Shaido teriam impedido qualquer coisa indo para o norte que não fosse um pombo. Nem um cavaleiro que soubesse onde trocar de cavalo, o que não era fácil fazer entre Cairhien e Tar Valon, teria chegado na Torre a tempo destas cartas estarem ali hoje.

Moiraine sorriu.

— Você aprende rápido. Vai se sair bem. — Por um momento, pareceu quase afetuosa. — O que vai fazer a respeito?

— Nada, só garantir que a “escolta” de Elaida não chegue nem a uma milha de mim. — Treze das mais fracas Aes Sedai unidas seriam capazes de sobrepujá-lo, e ele não achava que Elaida mandaria as mais fracas. — Isso, e estar ciente de que a Torre fica sabendo de tudo que eu faço logo no dia seguinte. Nada além disso até eu descobrir mais. Será que Alviarin poderia ser uma das suas amigas misteriosas, Egwene?

Ela hesitou, e Rand de repente ficou se perguntando se Egwene dissera a Moiraine algo mais do que havia lhe dito. Eram segredos das Aes Sedai que ela guardava, ou das Sábias? Ao menos ela respondeu:

— Não sei — disse, simplesmente.

OuvIU-se uma batida na porta, e Somara pôs a cabeça loira para dentro.

— Matrim Cauthon está aí, *Car’a ’carn*. Diz que você mandou chamá-lo.

Quatro horas antes, assim que ficara sabendo que Mat tinha voltado à cidade. Qual seria a desculpa desta vez? Estava na hora de acabar com as desculpas.

— Fiquem — ordenou às mulheres. Sábias deixavam Mat quase tão desconfortável quanto Aes Sedai. Aquelas três o tirariam o sério. Rand não pensou nem hesitou em usá-las. Também usaria Mat. — Mande-o entrar, Somara.

Mat entrou sorrindo e a passos lentos, como se estivesse adentrando um salão de estalagem. Seu casaco verde estava desabotoado, e a camisa, parcialmente desamarrada, expondo a prateada cabeça de raposa que balançava em seu peito suado, mas o cachecol de seda escura, apesar do calor, estava envolto no pescoço para esconder a cicatriz do enforcamento.

— Desculpe se demorei muito. Alguns cairhienos achavam que sabiam jogar cartas. Ele não sabe tocar nada mais animado? — perguntou, indicando Asmodean com a cabeça.

— Ouvi falar — começou Rand — que todos os jovens capazes de pegar em uma espada querem se juntar ao Bando da Mão Vermelha. Talmanes e Nalesean estão tendo que despachá-los aos montes. E Daerid dobrou seu número de lacaios.

Mat fez uma pausa ao se sentar na cadeira que Aracome ocupara.

— É verdade. Um belo grupo de jovens... camaradas querendo ser heróis.

— O Bando da Mão Vermelha — murmurou Moiraine. — *Shen an Calhar*. Um grupo lendário de heróis, de fato, embora os homens que o formavam devam ter mudado muitas vezes durante uma guerra que durou bem mais de trezentos anos. Dizem que eles foram os últimos a tombar nas mãos dos Trollocs, fazendo a guarda do próprio Aemon quando Manetheren morreu. Reza a lenda que, para marcar a passagem deles, uma fonte nasceu onde eles caíram, mas eu penso que a fonte já estava lá.

— Eu não saberia dizer. — Mat tocou o medalhão com a cabeça de raposa, e sua voz ficou mais grave. — Algum tolo tirou esse nome de algum lugar, e todos começaram a usar.

Moiraine deu uma olhadela desdenhosa para o medalhão. A pedrinha azul pendendo em sua testa parecia atrair a luz e brilhar, apesar de os ângulos não estarem corretos.

— Ao que parece, você é muito corajoso, Mat. — As palavras foram ditas em um tom neutro, e o silêncio que se seguiu enrijeceu o rosto dele. — Muito corajoso — repetiu, por fim —, para liderar *Shen an Calhar* até o lado sul do Alguenya, contra os andorianos. Mais corajoso até do que isso, já que os boatos dizem que você foi fazer o reconhecimento do trajeto sozinho e que Talmanes e Nalesean tiveram que cavalgar muito para alcançá-lo. — Ao fundo, Egwene bufou. — Não é muito sábio para um jovem lorde liderando seus homens.

O lábio de Mat se retorceu.

— Não sou nenhum lorde. Me dou mais respeito que isso.

— Mas muito corajoso — repetiu Moiraine como se ele nem tivesse falado. — Carroções de abastecimento andorianos incendiados, postos avançados destruídos. E três batalhas. Três batalhas e três vitórias. Com poucas baixas dos seus homens, ainda que em menor número. — Enquanto a mulher passava o dedo por um rasgão no ombro do casaco do rapaz, Mat foi se afundando o máximo possível na cadeira. — Você é atraído para o calor das batalhas ou elas é que são atraídas a você? Estou quase surpresa por você ter voltado. Pelo que ouvi das histórias, você poderia ter empurrado os andorianos de volta para o outro lado do Erinin, caso tivesse ficado.

— Você acha isso engraçado? — rosnou Mat. — Se tem algo a dizer, diga. Você pode bancar o gato como quiser, mas eu não sou nenhum rato.

Por um instante, ele olhou furiosamente para Egwene e Aviendha, que assistiam a tudo de braços cruzados, e tornou a passar o dedo pela cabeça de

raposa. Com certeza estava se perguntando. O objeto impedira que a canalização de uma mulher o atingisse. Impediria três?

Rand ficou só observando. Observando o amigo ser preparado para o que pretendia fazer com ele. *Resta algo em mim além da necessidade?* Foi um pensamento breve, que veio e passou. Rand faria o que tinha de fazer.

A voz da Aes Sedai se revestiu de cristais de gelo, quase como um eco:

— Todos nós fazemos o que temos que fazer, como decreta o Padrão. Para alguns, há menos liberdade que para outros. Não importa se escolhemos ou somos escolhidos. O que deve ser, será.

Mat não parecia nem um pouco mais calmo. Cauteloso, sim, e com certeza com raiva, mas não calmo. Ele poderia passar por um gato encurralado por três cães. Um gato que pretendia vender caro a derrota. Parecia ter se esquecido de que havia mais pessoas no ambiente além dele próprio e das três mulheres.

— Você sempre tem que forçar os homens a ir aonde você quer, não é? Chutá-los lá naquele lugar, caso não sejam devidamente conduzidos pelo nariz. Sangue e malditas cinzas! Não me olhe assim, Egwene. Vou falar como bem entender. Que me queime! Só faltava Nynaeve estar aqui arrancando a trança da cabeça e Elayne me olhando de cima. Bem, que bom que ela não está para ouvir a notícia, mas, mesmo que Nynaeve estivesse aqui com você, eu não seria empurrado...

— Que notícia? — interrompeu Rand bruscamente. — Uma notícia que Elayne não deveria ouvir?

Mat levantou o olhar para Moiraine.

— Quer dizer que há algo que você ainda não desencavou?

— Que notícia, Mat? — intimou Rand.

— Morgase morreu.

Egwene ofegou e cobriu a boca, os olhos parecendo imensos círculos. Moiraine sussurrou algo que poderia ter sido uma prece. Os dedos de Asmodean não vacilaram na harpa em nenhum momento.

Rand sentiu como se tivessem lhe arrancado as entranhas. *Elayne, me perdoe*. E um eco distante, alterado. *Ilyena, me perdoe*.

— Você tem certeza?

— Tanta quanto é possível ter sem ver o corpo. Parece que Gaebriel foi proclamado rei de Andor. E de Cairhien também, por sinal. Supostamente, por Morgase. Algo sobre esses tempos exigirem a mão forte de um homem ou coisa do tipo, como se alguém tivesse a mão mais forte que a própria Morgase. Só que aqueles andorianos do sul têm ouvido boatos de que ninguém a vê há semanas. Mais que boatos. Agora me diga o que tudo isso significa. Andor nunca teve um rei, mas agora tem, e a rainha sumiu. Era Gaebriel quem queria Elayne morta. Tentei dizer isso a ela, mas você sabe como ela sempre sabe mais que um

fazendeiro com os pés enlameados. Acho que ele não hesitaria nem um segundo em decepar a garganta de uma rainha.

Rand se pegou sentado em uma das cadeiras bem à frente de Mat, embora não se lembrasse de ter mudado de lugar. Aviendha pousou a mão em seu ombro. A preocupação lhe estreitava os olhos.

— Estou bem — disse ele com aspereza. — Não precisa chamar Somara. — O rosto dela enrubesceu, mas ele mal notou.

Elayne jamais o perdoaria. Ele sabia que Rahvin — Gaebril — tinha aprisionado Morgase, mas ignorara o fato porque os Abandonados poderiam esperar que ele a ajudasse. Agira ao próprio modo só para fazer o que eles não esperavam. E acabara perseguindo Couladin, em vez de fazer o que planejava. Ele sabia, e concentrara a atenção em Sammael. Porque o homem o provocara. Morgase podia esperar enquanto ele destruía a armadilha de Sammael e, com ela, o próprio Sammael. E então Morgase estava morta. A mãe de Elayne, morta. Elayne o amaldiçoaria até a cova.

— Eu vou lhe dizer uma coisa — prosseguiu Mat. — Está cheio de homens da rainha, lá. Eles não têm tanta certeza se vão lutar por um rei. Trate de encontrar Elayne. Metade deles vai se bandear para o seu lado para colocá-la no...

— Cale a boca! — ladrrou Rand.

Ele tremia com tanta fúria que Egwene deu um passo para trás, e até Moiraine o encarou com cautela. A mão de Aviendha lhe apertou o ombro, mas ele se desvencilhou ao se levantar. Morgase morta porque ele não tinha feito nada. Sua mão estivera na faca, tanto quanto, com certeza, a de Rahvin. Elayne.

— Ela será vingada. É Rahvin, Mat. Não Gaebril. Rahvin. Vou acorrentar esse homem, nem que seja a última coisa que eu faça!

— Ah, sangue e malditas cinzas! — gemeu Mat.

— Isso é loucura. — Egwene hesitou ao perceber o que dissera, mas manteve a voz firme e calma: — Você ainda tem muito o que fazer em Cairhien, sem falar nos Shaido ao norte e no que quer que esteja planejando para Tear. Quer começar outra guerra, com duas já em curso, além de uma terra arrasada?

— Não é uma guerra. Sou eu. Posso estar em Caemlyn em uma hora. Uma incursão, certo, Mat? Uma incursão, não uma guerra. Eu vou arrancar o coração de Rahvin. — Sua voz parecia um martelo. Sentia-se como se ácido lhe percorresse as veias. — Eu quase desejo ter as treze irmãs de Elaida para levar comigo, para sufocá-lo e trazê-lo perante a justiça. Julgado e enforcado por assassinato. Isso seria justiça. Mas ele vai ter só que morrer da maneira como eu puder matá-lo.

— Amanhã — sugeriu Moiraine, com a voz gentil.

Rand a encarou. Mas ela tinha razão. Amanhã seria melhor. Uma noite para deixar a raiva esfriar. Precisaria da cabeça tranquila para enfrentar Rahvin. No

momento, queria agarrar *saidin* e atacá-lo de todas as formas possíveis, destruí-lo. A música de Asmodean mudara de novo para uma canção que músicos de rua da cidade haviam tocado durante a guerra civil. Ainda era possível ouvi-la às vezes, quando um nobre cairhieno passava: “O Bobo da Corte que Pensava Ser Rei”.

— Fora, Natael. Fora!

Asmodean se endireitou suavemente, fazendo uma reverência, mas seu rosto poderia ter passado por neve enquanto ele cruzava o cômodo às pressas, como se soubesse o que podia acontecer se demorasse um segundo a mais. Ele sempre forçava os limites, mas talvez desta vez tivesse forçado demais. No momento em que abria a porta, Rand tornou a falar:

— Vejo você hoje à noite. Ou vejo você morto.

A reverência de Asmodean já não foi tão graciosa.

— Como milorde Dragão ordenar — disse, a voz rouca, e tratou de sair e fechar a porta atrás de si.

Com expressão neutra, as três mulheres observavam Rand sem nem piscar.

— O resto de vocês também pode ir. — Mat praticamente deu um salto em direção à porta. — Você, não. Ainda tenho coisas para lhe dizer.

Mat parou a meio caminho, suspirou alto e brincou com o medalhão. Era o único que havia se movido.

— Você não tem treze Aes Sedai — disse Aviendha —, mas tem duas. E eu. Posso não saber tanto quanto Moiraine Sedai, mas sou tão forte quanto Egwene e já conheço a dança. — Ela estava falando da dança das lanças, o nome Aiel para a batalha.

— Rahvin é meu — respondeu ele, baixinho.

Talvez Elayne pudesse perdô-lo um pouco se Rand ao menos vingasse sua mãe. Era provável que não, mas talvez Rand perdoasse a si mesmo. Um pouco. Forçou-se para manter as mãos na lateral do corpo sem cerrar os punhos.

— Você vai desafiá-lo para um duelo? — questionou Egwene. — Vai chegar lá com essa raiva toda? Já passou pela sua cabeça que Rahvin pode não estar sozinho, se agora se intitula rei de Andor? Grande vantagem você aparecer lá e um dos guardas dele lhe enfiar uma flecha no coração.

Rand se lembrava da época em que desejava que Egwene não gritasse com ele, mas, no momento, teria sido bem mais fácil.

— Você achou que eu pretendia ir sozinho? — Ele pretendia, não pensara em nenhum momento em ter alguém lhe protegendo a retaguarda, mas agora escutava um sussurro débil: *ele gosta de vir por trás ou pelos flancos*. Mal conseguia pensar com clareza. Sua raiva parecia ter vida própria, aticando as chamas que a mantinham fervendo. — Mas não você. É perigoso. Moiraine pode vir, se quiser.

Egwene e Aviendha não se entreolharam antes de dar um passo à frente, mas se moveram como se fossem uma só, e só pararam quando já estavam tão próximas que até Aviendha tinha que inclinar a cabeça para olhá-lo nos olhos.

— Moiraine pode vir, se quiser — disse Egwene.

Se a voz dela era um gelo suave, a de Aviendha era uma rocha derretida:

— Mas é perigoso demais para nós.

— Você agora é meu pai? Seu nome é Bran al’Vere?

— Se você tem três lanças, deixa duas de lado só porque elas foram feitas há pouco tempo?

— Não quero que vocês corram risco — respondeu ele, rígido.

Egwene arqueou as sobrancelhas.

— Ah! — Apenas isso.

— Não sou sua *gai’shain*. — Aviendha mostrou os dentes. — Você nunca vai escolher quais riscos eu assumo, Rand al’Thor. Nunca. Aprenda logo.

Ele poderia... o quê? Envolvê-las em *saidin* e deixá-las ali? Ainda não sabia blindá-las, então as mulheres poderiam dar o troco e capturá-lo. Que bela confusão, tudo porque faziam questão de ser teimosas.

— Você pensou nos guardas — observou Moiraine —, mas e se quem estiver com Rahvin for Semirhage ou Graendal? Ou Lanfear? Estas duas aqui poderiam dar conta de um deles, mas você conseguiria enfrentar uma delas e Rahvin sozinho?

Houvera algo na voz de Moiraine quando ela mencionou o nome de Lanfear. Será que estava com medo de que, caso Lanfear estivesse lá, ele finalmente se juntasse a ela? O que Rand faria se ela estivesse lá? O que poderia fazer?

— Elas podem vir — concordou ele, entre dentes. — E você, vai?

— Como você ordenar — respondeu Moiraine, mas nenhuma delas estava com pressa. Aviendha e Egwene rearrumaram os xales cuidadosa e ostensivamente antes de partirem em direção à porta. Lordes e ladies podiam até sair em disparada quando ele falava, mas elas, jamais.

— Você não tentou me dissuadir — observou ele de repente.

As palavras foram para Moiraine, mas Egwene respondeu primeiro, ainda que para Aviendha, e com um sorriso:

— Impedir um homem de fazer o que ele quer é como tirar doce de criança. Às vezes é necessário, mas às vezes o aborrecimento simplesmente não vale a pena.

Aviendha assentiu.

— Há de ser o que a Roda tecer — foi a resposta de Moiraine.

Ela parou na porta parecendo mais Aes Sedai do que ele jamais vira, a idade indefinida, os olhos escuros parecendo prontos para engoli-lo, a silhueta esbelta, mas ainda assim tão majestosa que poderia ter dado ordens a uma sala repleta de

rainhas mesmo que não fosse capaz de canalizar nem uma centelha. A pedra azul em sua testa estava atraindo a luz outra vez.

— Você vai se sair bem, Rand.

Ele continuou fitando a porta até bem depois de ela ter se fechado atrás das mulheres.

Foi um arrastar de botas que o fez se lembrar da presença de Mat, que tentava se esgueirar para a saída, movendo-se devagar para não ser visto.

— Preciso falar com você, Mat.

Mat fez uma careta. Tocando na cabeça de raposa como se fosse um talismã, girou para encarar Rand.

— Se você acha que vou colocar minha cabeça a prêmio só porque aquelas tolas puseram, pode esquecer. Não sou nenhuma droga de herói e nem quero ser. Morgase era uma mulher bonita e eu até gostava dela, tanto quanto se pode gostar de uma rainha, mas Rahvin é Rahvin, que o queime, e eu...

— Cale a boca e ouça. Você precisa parar de fugir.

— Que me queime se vou fazer isso! Eu não escolhi esse jogo e não vou...

— Eu mandei calar a boca! — Com o dedo em riste, Rand pressionou a cabeça de raposa contra o peito de Mat. — Eu sei onde você conseguiu isto. Eu estava lá, lembra? Cortei a corda em que você estava enforcado. Não sei exatamente o que foi enfiado na sua cabeça, mas, seja lá o que for, eu preciso. Os chefes de clã entendem de guerra, mas, de alguma forma, você também entende, e talvez melhor. Eu preciso disso! Então vou dizer o que você vai fazer, você e o Bando da Mão Vermelha...

* * *

— Tomem cuidado amanhã — alertou Moiraine.

Egwene parou na porta do quarto dela.

— Claro que vamos tomar cuidado. — Seu estômago estava dando cambalhotas, mas manteve a voz firme. — Sabemos como vai ser perigoso enfrentar um dos Abandonados. — Pela expressão de Aviendha, elas poderiam estar conversando sobre o que havia para jantar. Mas, em todo caso, a mulher nunca tinha medo de nada.

— Sabem mesmo? — murmurou Moiraine. — Seja como for, tomem muito cuidado, independentemente de acharem que um dos Abandonados está perto ou não. Rand vai precisar de vocês duas no futuro. Vocês controlam bem o temperamento dele, embora eu deva dizer que seus métodos são incomuns. Ele vai precisar de pessoas que ele não consiga afastar ou reprimir com seus rompantes, que lhe digam o que ele precisa ouvir, em vez de falarem o que pensam que ele quer escutar.

— Você faz isso, Moiraine — respondeu Egwene.

— Claro. Mas, mesmo assim, ele vai precisar de vocês. Descansem bem. Amanhã vai ser... difícil para todas nós. — A Aes Sedai deslizou pelo corredor, passando da penumbra para um foco de lamparina e para a penumbra. A noite já vinha caindo naqueles corredores sombreados, e o estoque de óleo estava reduzido.

— Fica um pouco comigo, Aviendha? — indagou Egwene. — Estou com mais vontade de conversar do que de comer.

— Preciso contar para Amys o que prometi fazer amanhã. E tenho que estar no quarto de Rand al'Thor quando ele for dormir.

— Elayne nunca vai poder reclamar de você não ter vigiado Rand de perto. Você saiu mesmo pelo corredor arrastando Lady Berewin pelos cabelos?

As bochechas de Aviendha ganharam um discreto rubor.

— Você acha que essas Aes Sedai em... Salidar?... vão ajudá-lo?

— Cuidado com esse nome, Aviendha. Rand não pode encontrá-las sem preparação. — Do jeito que ele estava agora, era mais provável que elas o amansassem, ou pelo menos que enviassem as próprias treze irmãs, do que o ajudassem. Egwene teria que se colocar entre elas em *Tel'aran'rhiod*, ela e Nynaeve e Elayne, e torcer para que aquelas Aes Sedai estivessem comprometidas demais para recuar antes que descobrissem como ele estava quase no limite.

— Vou tomar cuidado. Descanse bem. E coma bem hoje à noite. De manhã, não coma nada. Não é bom dançar as lanças de barriga cheia.

Egwene observou-a se afastar antes de pressionar as mãos na barriga. Achava que não comeria nada nem agora nem de manhã. Rahvin. E talvez Lanfear ou um dos outros. Nynaeve enfrentara Moghedien e vencera. Mas Nynaeve, quando canalizava, era mais forte que ela ou Aviendha. Talvez não houvesse ninguém mais. Rand disse que os Abandonados não confiavam uns nos outros. Ela quase desejava que ele estivesse enganado, ou que pelo menos não tivesse tanta certeza. Foi apavorante quando pensou ter visto outro homem ao olhar nos olhos dele, ter ouvido as palavras de outro homem saindo da boca de Rand. Não deveria ser assim. Todos renasciam conforme a Roda girava. Mas o Dragão Renascido não era qualquer um. Moiraine não tocava no assunto. O que Rand faria se Lanfear estivesse lá? Lanfear amara Lews Therin Telamon, mas o que o Dragão sentia por ela? Quanto de Rand ainda era Rand?

— Desse jeito, vai acabar ficando maluca — disse ela com firmeza. — Você não é mais criança. Comporte-se como uma mulher.

Quando uma servçal trouxe o jantar, com vagem, batata e um pão assado fresco, ela se obrigou a comer. O gosto era de cinzas.

Mat atravessou apressado os corredores parcamente iluminados do palácio e escancarou a porta dos cômodos que haviam sido reservados para o jovem herói da batalha contra os Shaido. Não que ele tivesse passado muito tempo ali. Quase nenhum. Serviçais haviam acendido duas das lamparinas de pé. Herói! Ele não era herói coisa nenhuma! O que um herói ganhava? Uma Aes Sedai lhe dando tapinhas nas costas antes de tornar a mandá-lo para a batalha, uma nobre se resignando a lhe premiar com um beijo ou a pôr uma flor em seu túmulo. Ele andou para lá e para cá no vestibulo, dessa vez sem prestar atenção ao valor do tapete florido illianense ou das cadeiras, baús e mesas douradas e incrustadas de marfim.

O tempestuoso encontro com Rand se estendera até o pôr do sol, ele se esquivando, se recusando, e Rand perseguindo-o com tanta obstinação quanto Asa-de-gavião após o massacre na Passagem Cole. O que ele deveria fazer? Se partisse de novo, Talmanes e Nalesean com certeza iriam atrás dele com o máximo de homens que conseguissem pôr nas selas, esperando que Mat encontrasse uma nova batalha. E era provável que encontrasse. Era isso que realmente o desencorajava. Mesmo que ele detestasse admitir, a Aes Sedai tinha razão. Mat era atraído para as batalhas ou elas eram atraídas para ele. Ele fizera o máximo possível para evitar uma, do outro lado do Alguenya. Até Talmanes comentara a respeito. Até a segunda vez em que sua cuidadosa fuga furtiva de um dos grupos de andorianos conduziu-os até onde não havia outra opção que não lutar contra outro grupo. E, todas as vezes, ele sentia os dados rolando em sua cabeça. Agora era quase como um aviso de que um combate o aguardava após a colina seguinte.

Sempre havia um navio nas docas, ou poderia haver, junto das barcas de grãos. Seria pouco provável se ver em uma batalha em um navio no meio de um rio. Tirando o fato de que os andorianos controlavam uma das margens do Alguenya em metade ou mais de sua extensão, abaixo da cidade. Do jeito que andava sua sorte, o navio acabaria encalhando na margem ocidental com metade dos andorianos acampada ali.

Assim, só restava fazer o que Rand queria. Mat já estava até vendo.

— Bom dia, Grão-lorde Weiramon e todos os demais Grão-lordes e Grã-ladies. Sou um jogador, um garoto do campo, e estou aqui para assumir o comando do seu maldito exército! O maldito Lorde Dragão Renascido estará aqui conosco assim que o filho da mãe terminar de resolver uma maldita questãozinha!

Mat apanhou a lança de cabo preto em um canto e arremessou-a do outro lado do aposento. O objeto atingiu uma tapeçaria — uma cena de caça — e a parede de pedra logo atrás com um som violento, e então caiu no chão, deixando os caçadores perfeitamente divididos ao meio. Praguejando, ele se apressou em

apanhá-la. A lâmina de espada de dois pés de comprimento não estava nem lascada nem arranhada. Claro que não. Trabalho de Aes Sedai.

Mat passou os dedos pelos corvos da lâmina.

— Algum dia vou me ver livre do trabalho das Aes Sedai?

— O que você disse? — perguntou Melindhra, da porta.

Ele a encarou enquanto apoiava a lança na parede e, desta vez, não foi em cabelos loiros brilhantes, olhos azuis límpidos ou um corpo firme que pensou. Parecia que, mais cedo ou mais tarde, todos os Aiel acabavam indo ao rio para ficar contemplando em silêncio toda aquela água em um só lugar, mas Melindhra ia quase todos os dias.

— Kadere já encontrou algum navio? — Não iria a Tar Valon em barcas de grãos.

— Os carroções do mascate ainda estão aqui. Não sei nada sobre... navios. — Ela pronunciou a palavra nada familiar de maneira esquisita. — Por que você quer saber?

— Vou passar um tempo fora. Por Rand — tratou de acrescentar às pressas. O rosto dela estava muito quieto. — Eu levaria você comigo se pudesse, mas você não iria querer abandonar as Donzelas. — Um navio ou seu cavalo? E para onde? Essa era a questão. Mat poderia chegar mais depressa a Tear em uma embarcação fluvial veloz do que com Pips. Isso se fosse tolo o bastante para optar por isso. Se era que havia opção.

A boca de Melindhra se estreitou por um breve momento. Para a surpresa de Mat, não foi porque ele a estava deixando.

— Então lá vai você de novo ficar à sombra de Rand al'Thor. Você adquiriu muita honra por conta própria, entre os Aiel e também entre os aguacentos. Honra sua, não uma honra refletida do *Car'a'carn*.

— Ele pode ficar com a honra dele e levá-la a Caemlyn ou ao Poço da Perdição, não me importa. Não se preocupe. Ainda vou receber muitas honras. Vou lhe escrever para contar. De Tear. — Tear? Se fizesse essa opção, nunca escaparia de Rand ou das Aes Sedai.

— Ele está indo para Caemlyn?

Mat tentou não hesitar. Não deveria falar nada sobre aquele assunto. Qual fosse a decisão sobre o resto, podia manter esse segredo.

— Foi só um exemplo. Por causa dos andorianos ao sul, suponho. Eu não saberia dizer para onde ele...

Foi sem aviso. Em um instante, Melindhra estava apenas ali parada, e, no instante seguinte, o pé dela lhe acertava sua barriga, fazendo-o perder o fôlego e se curvar todo. Com olhos arregalados, Mat lutou para se manter de pé, para se endireitar, para pensar. Por quê? Ela rodopiou feito uma dançarina, para trás, e seu outro pé, ao lhe atingir a lateral da cabeça, o deixou cambaleante. Sem

qualquer pausa, ela pulou e fez um movimento de chute, a delicada sola de sua bota golpeando-o em cheio no rosto.

Quando os olhos de Mat clarearam o suficiente para lhe permitir enxergar, ele estava caído de costas e havia quase meio cômodo de distância entre os dois. Sentia que havia sangue em seu rosto. A cabeça parecia estofada de lã, e o quarto tremia. Foi quando ele a viu puxar uma faca da bolsa, a lâmina fina, não muito maior que a mão dela, reluzindo à luz da lamparina. Com um movimento ágil, Melindhra enrolou a *shoufa* em torno da cabeça e cobriu metade do rosto com o véu negro.

Groque, Mat se moveu por instinto, sem pensar. A lâmina foi sacada da manga da camisa e saiu de sua mão como se atravessasse gelatina. Foi só então que ele percebeu o que acabara de fazer, e se esticou desesperadamente para tentar apanhá-la no ar.

O cabo brotava entre os seios de Melindhra. Ela vergou até ficar de joelhos e tombou para trás.

Mat se esforçou para se pôr de pé, as mãos e os joelhos vacilantes. Não teria conseguido se erguer nem se sua vida dependesse disso, mas rastejou até Melindhra, murmurando ensandecido:

— Por quê? Por quê?

Mat afastou o véu para o lado, e aqueles olhos azuis límpidos se concentraram nele. Ela chegou até a sorrir. Mat não olhou para o cabo da faca. O cabo da faca dele. Sabia onde ficava o coração, em um corpo.

— Por quê, Melindhra?

— Eu sempre gostei desses seus olhos bonitos — murmurou ela, ofegante, a voz tão fraca que ele precisou se esforçar para ouvir.

— Por quê?

— Alguns juramentos são mais importantes que outros, Mat Cauthon. — A faca de lâmina fina surgiu depressa, toda a força que ainda restava na mulher posta no gesto, a ponta forçando no peito dele a cabeça de raposa. O medalhão de prata não deveria ter detido uma lâmina, mas a angulação estava errada o suficiente para que alguma falha oculta do aço fizesse a lâmina se soltar do cabo assim que ele segurou a mão dela. — Você tem a sorte do próprio Grande Senhor.

— Por quê? — insistiu ele. — Que a queime, por quê? — Mat sabia que não haveria resposta. A boca de Melindhra permaneceu aberta, como se ela fosse dizer algo mais, mas seus olhos já começavam a vidrar.

Ele puxou o véu de volta para cima, cobrindo o rosto e os olhos vidrados dela, e então deixou a mão cair. Já matara homens e Trollocs, mas nunca uma mulher. Nunca uma mulher, até aquele momento. As mulheres ficavam contentes quando ele aparecia na vida delas. Não era presunção. As mulheres sorriam para ele. Mesmo quando as abandonava, elas sorriam como se ele fosse ser bem-

vindo de volta. Aquilo era tudo o que Mat queria de fato das mulheres: um sorriso, uma dança, um beijo e ser lembrado com carinho.

Ele percebeu que seus pensamentos estavam divagando. Puxando o cabo sem lâmina da mão de Melindhra — era de uma jade dourada e opaca, incrustada com abelhas douradas —, Mat arremessou-o na lareira de mármore, torcendo para se despedaçasse. Queria chorar, uivar. *Eu não mato mulheres! Eu beijo, eu não...!*

Precisava pensar com clareza. Por quê? Não porque ele estava indo embora, por certo. Melindhra mal reagira a isso. Além do mais, ela pensara que ele estava indo atrás de honra. Sempre aprovara isso. Então lembrou-se de algo que ela falou, com um calafrio: a própria sorte do Grande Senhor. Ele ouvira aquilo muitas vezes de maneiras diferentes: a sorte do próprio Tenebroso.

— Uma Amiga das Trevas. — Dúvida ou certeza? Ele queria que aquele pensamento tornasse o que acabara de fazer mais fácil de processar. Carregaria o rosto dela até a morte.

Tear. Ele praticamente dissera a ela que estava indo para Tear. A adaga. Abelhas douradas em jade. Sem olhar, ele seria capaz de apostar que eram nove. Nove abelhas douradas em um campo verde. O símbolo de Illian. Onde quem mandava era Sammael. Será que Sammael tinha medo dele? Como Sammael sequer poderia saber? Fazia poucas horas desde que Rand perguntara — dissera — a Mat sobre o que deveria fazer, e nem ele estava certo ainda. Será que Sammael não queria se arriscar? Certo. Um dos Abandonados com medo de um jogador, não importava o quanto sua cabeça pudesse estar entupida do conhecimento bélico de outros homens. Isso era ridículo.

Tudo se resumia ao seguinte: ele poderia acreditar que Melindhra não fizesse parte dos Amigos das Trevas, que decidira matá-lo por capricho e que não havia relação entre o cabo de jade incrustado de abelhas douradas e ele talvez indo a Tear para liderar um exército contra Illian. Poderia, se fosse um idiota. Melhor pecar por excesso de cautela, era o que sempre dizia. Um dos Abandonados o notara. Ele com certeza já não estava mais à sombra de Rand.

Deslizando pelo chão, sentou-se com o queixo apoiado nos joelhos e recostado na porta, sem tirar os olhos do rosto de Melindhra, tentando decidir o que fazer. Quando uma serviçal bateu à porta com o jantar, gritou para que a mulher fosse embora. Comida era a última coisa de que precisava. O que faria? Queria não sentir os dados girando em sua cabeça.





ESCOLHAS

Rand soltou a navalha, limpou as últimas manchas de espuma do rosto e começou a amarrar os laços da camisa. O sol do início da manhã se derramava por entre os arcos quadrados que davam na varanda do quarto. As pesadas cortinas de inverno haviam sido instaladas, mas estavam amarradas para deixar entrar uma brisa. Ele estaria apresentável quando matasse Rahvin. Pensar naquilo fazia uma bolha de raiva subir de suas entranhas. Forçou-se a se acalmar. Estaria apresentável e calmo. Frio. Nada de erros.

Quando virou de costas para o espelho de moldura dourada, Aviendha estava sentada no catre enrolado contra a parede, sob uma tapeçaria que ilustrava torres douradas de uma altura inimaginável. Rand oferecera que outra cama fosse acrescentada ao quarto, mas ela afirmava que colchões eram macios demais para dormir. Aviendha o observava com atenção, a camisola esquecida em uma das mãos. Ele tivera o cuidado de não ficar olhando para os lados enquanto se barbeava para dar a ela tempo para se vestir, mas, além das meias brancas, Aviendha não trajava uma única peça de roupa.

— Eu não envergonharia você diante de outros homens — afirmou ela, de repente.

— Me envergonhar? Como assim?

Ela se levantou com um único movimento suave, surpreendentemente pálida onde o sol não lhe tocava, esbelta e musculosa, mas com curvas e uma maciez que atormentavam os sonhos de Rand. Esta era a primeira vez que ele se permitira olhar diretamente para Aviendha enquanto ela se exibia, mas a mulher não parecia consciente disso. Aqueles grandes olhos verde-azulados estavam fixos nos dele.

— Eu não pedi para Sulin incluir Enaila, Somara ou Lamelle naquele primeiro dia. Nem pedi para elas vigiarem ou fazerem qualquer coisa, se você fraquejasse. Aquilo foi preocupação delas.

— Você só me deixou pensar que elas tentariam me carregar no colo feito um bebê caso meus joelhos fraquejassem. Muito diferente.

O tom irônico dele passou despercebido.

— Fiz você tomar cuidado quando era preciso.

— Entendo — retrucou ele, seco. — Bem, em todo caso, eu agradeço a promessa de não me envergonhar.

Ela sorriu.

— Eu não disse isso, Rand al'Thor. Disse que não faria isso na frente de outros homens. Se for necessário, para o seu próprio bem... — Seu sorriso se alargou.

— Você pretende ir assim? — Ele gesticulou, irritado, esquadrinhando-a da cabeça aos pés.

Aviendha jamais demonstrara o menor sinal de embaraço por ficar nua na frente dele — longe disso —, mas deu uma olhadela para si mesma, depois para ele a observá-la, e seu rosto enrubesceu. De repente, ela estava envolta em lã marrom-escura e *algode* branco, e voou tão depressa para dentro das próprias roupas que ele poderia ter pensado que ela estava canalizando para vesti-las.

— Já preparou tudo? — Foi a pergunta que saiu em meio à confusão. — Já falou com as Sábias? Você sumiu ontem à noite. Quem mais vem conosco? Quantos você pode levar? Nada de aguacentos, eu espero. Você não pode confiar neles. Ainda mais naqueles Assassinos da Árvore. Você consegue mesmo nos levar até Caemlyn em uma hora? Vai ser como eu fiz na noite...? Quer dizer, como você vai fazer? Não gosto de confiar em coisas que não conheço ou que não entendo.

— Está tudo pronto, Aviendha.

Por que ela estava tagarelando? E se recusando a olhá-lo nos olhos? Rand se encontrara com Rhuarc e os outros chefes ainda próximos da cidade. Não haviam gostado muito do plano dele, mas o analisaram em termos do *ji'e'toh*, e ninguém achava que Rand tinha outra escolha. Eles discutiram rápido, concordaram e desviaram a conversa para outros assuntos. Nada que tivesse a ver com Abandonados, Illian ou batalhas. Mulheres, caça, se o conhaque cairhieno se comparava ao *oosquai*, ou o tabaco aguacento era melhor do que o cultivado no Deserto. Por uma hora, ele quase se esquecera do que vinha pela frente. Torcia para que a Profecia de Rhuidean de algum modo estivesse errada, para que ele não destruísse aqueles homens. As Sábias o haviam procurado, uma delegação de mais de cinquenta, alertadas pela própria Aviendha e lideradas por Amys, Melaine e Bair, ou talvez por Sorilea. Com as Sábias, costumava ser difícil dizer quem estava no comando. Não tinham vindo para convencê-lo a desistir de

nada, graças novamente ao *ji'e'toh*, mas para ter certeza de que ele entendia que sua obrigação com Elayne não pesava mais que o compromisso com os Aiel, e elas o mantiveram na sala de reunião até ficarem satisfeitas. Era isso ou tirá-las do caminho na marra para chegar à porta. Quando queriam, aquelas mulheres eram tão boas em ignorar gritos quanto Egwene se tornara.

— Nós vamos descobrir quantos posso levar assim que eu tentar. Só Aiel. — Com sorte, Meilan, Maringil e o resto só ficariam sabendo que Rand tinha ido embora depois que ele partisse. Se a Torre tinha espiões em Cairhien, talvez os Abandonados também tivessem, e como ele poderia confiar em pessoas que não podiam ver o sol nascendo sem tentar usar isso no *Daes Dae'mar*? Como essas pessoas seriam capazes de guardar segredos?

Quando vestiu o casaco vermelho com bordados de ouro de uma bela lã claramente adequada para um Palácio Real, de Caemlyn ou Cairhien — esse pensamento o divertia de um jeito meio sombrio —, Aviendha já estava quase vestida. Para ele, era um assombro ver como ela conseguia se vestir tão depressa e, ainda assim, não ficar com nada fora do lugar.

— Uma mulher apareceu aqui ontem à noite enquanto você não estava.

Luz! Ele se esquecera de Colavaere.

— E o que você fez?

Ela fez uma pausa enquanto amarrava os laços da blusa, os olhos tentando abrir um buraco na cabeça dele, mas o tom de voz foi casual.

— Levei-a de volta para o quarto dela, onde ficamos conversando por um tempo. Não vai mais aparecer nenhuma sirigaita Assassina da Árvore na aba da sua tenda, Rand al'Thor.

— Exatamente o que eu almejava, Aviendha. *Luz!* Você a machucou muito? Não pode sair por aí espancando ladies. Essa gente já me traz problemas suficientes sem você arranjar ainda mais.

Ela bufou e voltou para os laços.

— Ladies! Mulher é mulher, Rand al'Thor. A menos que seja uma Sábia — acrescentou judiciosamente. — Essa tal vai sentar com cuidado hoje de manhã, mas tem como esconder os machucados, e, com um dia de descanso, já vai poder sair do quarto. E agora ela sabe como as coisas funcionam. Eu avisei que, se ela voltasse a chatear você outra vez, *qualquer* chateação, eu iria conversar de novo com ela. Uma conversa bem mais longa. Ela vai fazer o que você disser, e quando disser. O exemplo dela vai ensinar as demais. Os Assassinos da Árvore não entendem de outro jeito.

Rand suspirou. Não era um método que ele teria ou poderia ter escolhido, mas talvez acabasse funcionando. Ou talvez só tornasse Colavaere e as outras mais dissimuladas, dali em diante. Aviendha podia não estar preocupada com repercussões negativas a ela — na verdade, ele ficaria surpreso se ela tivesse sequer considerado a possibilidade —, mas uma mulher que ocupa o Grão-trono

de uma Casa poderosa não era o mesmo que uma jovem nobre de classe inferior. Qualquer que fosse o efeito para ele, Aviendha podia se ver em algum corredor escuro, recebendo dez vezes mais do que fizera a Colavaere, se não pior.

— Na próxima vez, deixe que eu cuido dessas questões do meu jeito. Eu sou o *Car'a'carn*, lembre.

— Tem espuma de barbear na sua orelha, Rand al'Thor.

Resmungando sozinho, ele apanhou a toalha listrada e gritou, ao ouvir uma batida na porta:

— Entre!

Quem entrou foi Asmodean, rendas brancas no colarinho e nas mangas do casaco preto, o estojo da harpa lançado às costas e uma espada na cintura. Pela frieza do rosto, poderia ser inverno, mas seus olhos escuros estavam cheios de cautela.

— O que você quer, Natael? — indagou Rand. — Já lhe dei suas instruções ontem à noite.

Asmodean umedeceu os lábios e deu uma olhadela para Aviendha, que franzia o cenho para ele.

— Sábias instruções. Ficando aqui e observando, suponho que eu possa descobrir algo de seu interesse, mas hoje de manhã só se fala nos gritos vindos dos aposentos de Lady Colavaere, noite passada. Estão falando que ela o desagradou, apesar de ninguém parecer saber como. Essa incerteza está deixando todo mundo pisando em ovos. Duvido que alguém vai sequer respirar nos próximos dias sem considerar o que você pode pensar a respeito. — O rosto de Aviendha era o retrato de uma insuportável satisfação consigo mesma.

— Então você quer vir comigo? — perguntou Rand em tom gentil. — Você quer estar na minha retaguarda quando eu enfrentar Rahvin?

— Existe lugar melhor para o bardo do Lorde Dragão? Mas, ainda melhor, estar à sua frente. Onde posso mostrar minha lealdade. Eu não sou forte. — A careta de Asmodean pareceu comum para qualquer homem admitindo aquilo, mas, por um instante, Rand sentiu *saidin* preenchendo o outro homem, sentiu a mácula que retorceu a boca de Asmodean. Apenas por um instante, mas tempo suficiente para ele julgar. Se Asmodean tivesse agarrado tanto quanto podia, teria sérios problemas para fazer frente a uma das Sábias capazes de canalizar. — Não sou forte, mas talvez possa dar uma ajudinha.

Rand queria poder ver a barreira que Lanfear tecera. A mulher dissera que ela se dissiparia com o tempo, mas Asmodean não parecia capaz de canalizar mais agora do que no primeiro dia em que caiu nas mãos de Rand. Talvez ela tivesse mentido para dar falsas esperanças a Asmodean, para fazer Rand acreditar que o homem acabaria ficando forte o bastante para lhe ensinar mais

do seria possível. Seria do feitio dela. Ele não teve certeza se aquele pensamento era dele ou de Lews Therin, mas estava seguro de que era verdade.

A longa pausa fez Asmodean tornar a lambe os lábios.

— Um ou dois dias aqui não vão fazer diferença. Você já vai ter voltado, ou estará morto. Me deixe provar minha lealdade. Talvez eu possa fazer alguma coisa. Um fiapo a mais de peso no seu lado pode mexer com o equilíbrio. — Uma vez mais, só por um instante, *saidin* se derramou sobre ele. Rand pressentiu certo esforço, mesmo que ainda fosse um fluxo tênue. — Você sabe quais são as minhas escolhas. Estou me agarrando àquele tufo de grama à beira do precipício, rezando para que ele aguente mais uma batida do coração. Se você fracassar, estou mais que morto. Preciso ver você vencer e viver. — Desviando o olhar subitamente para Aviendha, ele pareceu perceber que talvez tivesse dito demais. Sua gargalhada teve um som vazio. — De que outra maneira vou poder compor as canções da glória do Lorde Dragão? Um bardo precisa ter algo com que trabalhar. — O calor nunca incomodava Asmodean, e ele dizia que isso era um truque da mente, não do Poder, mas gotículas de suor escorriam por sua testa.

Seguindo na sua frente, ou deixado para trás? Talvez para fugir em busca de um esconderijo quando começasse a se perguntar o que estaria acontecendo em Caemlyn. Asmodean seria o homem que era até que morresse e renascesse, e mesmo depois, talvez.

— Na minha frente — disse Rand com calma. — E se eu sequer suspeitar que o lugar onde o tal fiapo vai pesar possa me desagradar...

— Deposito toda a minha confiança na misericórdia do Lorde Dragão — murmurou Asmodean, curvando-se. — Com a permissão do Lorde Dragão, vou esperar lá fora.

Os olhos de Rand percorreram o cômodo enquanto o homem partia, recuando ainda curvado. Sua espada repousava no baú com fios dourados ao pé da cama, o cinto com fivela de Dragão enrolado na bainha e na ponta de lança Seanchan. A matança daquele dia não seria com aço, não da parte dele. Rand tocou o bolso e sentiu o formato do homenzinho gordo com a espada. Era a única espada de que precisaria. Por um momento, considerou Deslizar até Tear para recuperar *Callandor*, ou até Rhuidean, pelo que escondera por lá. Poderia destruir Rahvin com qualquer uma das duas opções antes que o homem se desse conta de que ele estava presente. Poderia destruir a própria Caemlyn com qualquer uma das duas. Mas poderia confiar em si mesmo? Tanto poder. Tanto Poder Único. *Saidin* estava por ali, quase à vista. A mácula parecia parte dele. A fúria se esvaía bem abaixo da superfície, de Rahvin, dele mesmo. Caso se libertasse, e ele estivesse com *Callandor*... O que faria? Seria invencível. Com a outra opção, poderia fazer Deslizar até a própria Shayol Ghul, dar um fim em tudo, acabar com aquilo de um jeito ou de outro. De um jeito ou de outro. Não. Não estava sozinho naquilo. Não poderia aceitar nada que não fosse a vitória.

— O mundo se apoia em meus ombros — murmurou. De repente, soltou um ganido e bateu na nádega esquerda. Sentiu como se uma agulha o tivesse espetado, mas não precisava dos calafrios nos braços, já se dissipando, para lhe dizer o que acontecera. — Para que foi isso? — grunhiu para Aviendha.

— Só para ver se o *Lorde Dragão* ainda era feito de carne e osso como o resto de nós mortais.

— Sou — retrucou, com voz neutra, e agarrou *saidin*, em toda a sua doçura e toda a sua imundície, só o bastante para canalizar brevemente.

Os olhos de Aviendha se arregalaram, mas ela não se encolheu, apenas olhou para ele como se nada tivesse acontecido. Ainda assim, enquanto cruzavam o vestibulo, ela esfregou furtivamente o traseiro quando achou que ele estava olhando para o outro lado. Parecia que ela também era de carne e osso. *Que me queime, achei que tivesse ensinado alguns modos a ela.*

Rand abriu a porta, saiu e parou, observando. Mat estava escorado em sua lança peculiar com o chapéu de aba larga puxado para baixo, um pouco afastado de Asmodean, mas não foi isso que o deixou confuso. Não havia Donzelas. Deveria ter percebido que alguma coisa estava errada quando Asmodean entrou sem ser anunciado. Surpresa, Aviendha olhava para os lados como se esperasse encontrá-las atrás de uma das tapeçarias.

— Melindhra tentou me matar ontem à noite — informou Mat, fazendo Rand parar de pensar nas Donzelas. — Em um minuto estávamos conversando, no outro ela estava tentando arrancar minha cabeça com pontapés.

Mat contou a história com frases curtas. A adaga com as abelhas douradas. As conclusões que tirou. Fechou os olhos ao relatar como tudo terminara — um simples e inflexível “eu matei ela” — e tornou a abri-los depressa, como se tivesse visto algo por trás das pálpebras que não quisesse ver.

— Lamento por você ter tido que fazer isso — disse Rand com calma, e Mat, frio, apenas deu de ombros.

— Antes ela do que eu. Suponho. Ela era dos Amigos das Trevas. — Não souo como se aquilo fizesse tanta diferença.

— Vou me acertar com Sammael. Assim que eu estiver pronto.

— E quantos ainda vão restar?

— Os Abandonados não estão aqui — interrompeu Aviendha. — Nem as Donzelas da Lança. Onde estão? O que você fez, Rand al'Thor?

— Eu? Tinha vinte bem aqui quando fui para a cama ontem à noite, e desde então não vi mais nenhuma.

— Talvez seja porque Mat... — começou Asmodean, e parou assim que Mat lhe lançou um olhar silencioso de dor, e ao mesmo tempo pronto para atacar.

— Não sejam tolos — advertiu Aviendha com voz firme. — *Far Dareis Mai* não alegariam *toh* contra Mat Cauthon por conta disso. A mulher tentou matá-lo e ele a matou. Nem as quase-irmãs dela alegariam isso, se ela tivesse alguma. E

ninguém alegaria *toh* contra Rand al'Thor pelo que outra pessoa fez, a menos que tivesse sido ordem dele. *Você* fez alguma coisa, Rand al'Thor, algo grande e sombrio, ou elas estariam aqui.

— Eu não fiz nada — retrucou ele, incisivo. — E não pretendo ficar aqui parado discutindo isso. Está devidamente vestido para cavalgar para o sul, Mat?

Mat enfiou a mão no bolso do casaco e tocou algo. Costumava manter ali seus dados e o copo.

— Caemlyn. Estou cansado deles me atacando na surdina. Quero fazer isso com um deles, para variar. Só espero que eu receba o maldito tapinha nas costas, e não a maldita flor — acrescentou, com uma careta.

Rand não perguntou o que aquilo significava. Mais um *ta'veren*. Dois juntos para, talvez, distorcer o acaso. Não havia como dizer *como* nem *se*, mas...

— Parece que vamos ficar juntos por um pouco mais de tempo. — Mat aparentava estar mais resignado que qualquer outra coisa.

Antes que tivessem ido muito longe no corredor repleto de tapeçarias, Moiraine e Egwene os encontraram e passaram a caminhar junto do grupo como se o dia promettesse não mais que um passeio nos jardins. Egwene, calma e com o olhar tranquilo, a Grande Serpente dourada no dedo, realmente poderia ser uma Aes Sedai, apesar das vestes e do xale Aiel e do cachecol enrolado na cabeça, enquanto Moiraine... Fios dourados capturavam a luz e criavam listras discretas no tremeluzente vestido de seda azul da mulher. A pedrinha azul em sua testa, pendendo de uma corrente de ouro amarrada às ondas de cabelo escuro, brilhava com tanta intensidade quanto as grandes safiras incrustadas em ouro em torno de seu pescoço. Estava longe de ser a indumentária apropriada para a ocasião, mas Rand, com seu casaco vermelho, não podia falar nada.

Talvez fosse o fato de estar ali, onde a Casa Damodred chegara a ocupar o Trono do Sol, mas a postura graciosa de Moiraine estava mais majestosa do que Rand já vira. Nem a presença de “Jasin Natael” foi capaz de causar uma surpresa que estragaria aquela serenidade régia, mas, incrivelmente, ela abriu um sorriso cálido para Mat.

— Então você também vai, Mat. Aprenda a confiar no Padrão. Não desperdice sua vida tentando mudar o que não pode ser mudado. — Pela cara de Mat, ele poderia estar considerando mudar de ideia até quanto a estar ali, mas a Aes Sedai lhe deu as costas sem o menor sinal de preocupação. — São para você, Rand.

— Mais cartas? — Ele estranhou. Uma tinha seu nome escrito com uma letra elegante que ele logo reconheceu. — Uma carta sua, Moiraine? — A outra trazia o nome de Thom Merrilin. Ambas haviam sido lacradas com cera azul, aparentemente com o anel dela da Grande Serpente, imprimindo a imagem da cobra picando a própria cauda. — Por que me escrever uma carta? E lacrada.

Você nunca teve receio de dizer na minha cara o que bem entendesse. Se algum dia eu esqueci, Aviendha tem me lembrado de que eu não passo de carne e osso.

— Você está muito diferente do garoto que vi pela primeira vez na frente da Estalagem Fonte de Vinho. — Sua voz era como um suave badalo de prata. — Você quase não é o mesmo. Rezo para que tenha mudado o suficiente.

Egwene murmurou algo bem baixo. Rand achou que fosse “e eu rezo para que você não tenha mudado demais”. Estava franzindo o rosto para as cartas, como se também se perguntasse o que havia nelas. Aviendha também.

Moiraine prosseguiu, mais animada, ainda que mais bruscamente:

— Os lacres garantem privacidade. Esta carta trata de assuntos em que eu gostaria que você pensasse. Não agora. Quando você tiver tempo para isso. Quanto à carta de Thom, não conheço um lugar mais seguro para deixá-la do que em suas mãos. Entregue a ele quando voltarem a se encontrar. Agora, tem uma coisa nas docas que você precisa ver.

— Nas docas? — estranhou Rand. — Moiraine, logo hoje, dentre todas as manhãs, eu não tenho tempo para...

A mulher, porém, já estava descendo o corredor como se tivesse certeza de que ele a acompanharia.

— Mandei preparar cavalos. Inclusive um para você, Mat, só para garantir.

Egwene só hesitou por um momento, e então a acompanhou.

Rand abriu a boca para chamar Moiraine de volta. Ela jurara obedecer. O que quer que ela tivesse para lhe mostrar, ele poderia ver outro dia.

— Que mal faz uma hora a mais? — resmungou Mat. Talvez estivesse reconsiderando.

— Seria bom você ser visto esta manhã — opinou Asmodean. — Rahvin deve ficar sabendo assim que acontecer. Se ele tiver alguma suspeita, se tiver algum espião que tenha escutado os planos pelos buracos das fechaduras, pode até acalmá-lo por hoje.

Rand olhou para Aviendha.

— Você também recomenda um adiamento?

— Recomendo que você escute Moiraine Sedai. Só os tolos ignoram as Aes Sedai.

— O que pode ter nas docas de mais importante que Rahvin? — grunhiu ele, balançando a cabeça. Havia um ditado em Dois Rios, mas nunca era falado perto dos ouvidos das mulheres: “O Criador fez as mulheres para agradar aos olhos e atormentar a mente.” Nesse sentido, Aes Sedai com certeza não tinham nada de diferente. — Uma hora.

* * *

O sol ainda não estava suficientemente alto para fazer sumir a longa sombra que

as muralhas da cidade lançavam sobre o desembarcadouro de pedra onde os carroções de Kadere estavam enfileirados, mas, mesmo assim, o homem enxugava o rosto com um enorme lenço. Era só em parte o calor que o fazia suar. Grandes paredes de pedra cinza estendendo-se até o rio nas duas extremidades da fileira de docas faziam com que o desembarcadouro parecesse uma caixa escura, com ele dentro. As únicas coisas atracadas ali eram imensas barcas de grãos, com proa arredondada, e outras mais estavam ancoradas no rio, esperando sua vez de descarregar. Kadere considerara se esgueirar para uma delas quando a embarcação partisse, mas isso significaria abandonar a maior parte do que ainda possuía. No entanto, se achasse que a lenta passagem rio abaixo o levaria a qualquer coisa além da morte, ele partiria. Lanfear não retornara a seus sonhos, mas ele tinha as queimaduras no peito para lembrá-lo das ordens da mulher. Tremia só de pensar em desobedecer a um dos Abandonados, mesmo com o suor lhe escorrendo pelo rosto.

Se ele ao menos soubesse em quem confiar, ou mesmo tivesse alguma ideia de até onde era possível confiar em qualquer de seus colegas Amigos das Trevas. O último de seus condutores que fizera os juramentos desaparecera dois dias antes, muito provavelmente em uma das barcas de grãos. Ele ainda não sabia que mulher Aiel empurrara aquele bilhete por baixo da porta de seu carroção — “Você não está sozinho entre estranhos. Um caminho já foi escolhido” —, embora tivesse várias possibilidades em mente. As docas continham quase tantos Aiel quanto trabalhadores, todos vindos para observar o rio. Kadere vira alguns daqueles rostos com mais frequência do que o recomendável, e alguns tinham lhe lançado um olhar pensativo. Um ou outro cairhieno fizera o mesmo, bem como um lorde taireno. Isso não significava muita coisa, claro, mas se pudesse encontrar alguns homens com quem trabalhar...

Um grupo a cavalo surgiu por um dos portões, Moiraine e Rand al'Thor abrindo caminho junto com o Guardião da Aes Sedai, enquanto contornavam as carroças que descarregavam sacos de grãos. Uma onda de vivas os acompanhava.

“Toda a glória para o Lorde Dragão!”, “Salve o Lorde Dragão!” e, de vez em quando, “Glória ao Lorde Matrim! Glória à Mão Vermelha!”.

Desta vez, a Aes Sedai se virou em direção ao final da fila de carroções sem nem olhar para Kadere. Ele ficou grato por isso. Mesmo que ela não fosse Aes Sedai, mesmo que não encarasse como se conhecesse todos os cantos escuros de sua mente, ele não teria chegado muito de perto de algumas das coisas que a mulher colocara em seus carroções. Na noite anterior, Moiraine o obrigara a tirar a lona de cima daquele batente de porta estranhamente retorcido no carroção logo atrás do dele. Ela parecia sentir um prazer perverso em fazer com que ele próprio a ajudasse com as coisas que queria examinar. Kadere teria tornado a cobrir o objeto caso suportasse chegar perto, ou mandaria um de seus

condutores fazê-lo. Ninguém que ainda estava com ele tinha visto Herid mergulhar meio corpo para dentro daquele batente, em Rhuidean — o próprio Herid fora o primeiro a fugir, tão logo passaram por Jangai; o homem não fora mais o mesmo depois que o Guardião o puxara de volta —, mas viam aquela coisa, o modo como os cantos não se encaixavam de maneira adequada, como não era possível percorrer seus contornos sem piscar e ficar tonto.

Kadere ignorou os três primeiros cavaleiros assim como a Aes Sedai o ignorara, e Mat Cauthon quase tanto quanto. O homem estava usando o chapéu *dele*. Nunca conseguira encontrar um para substituir. Aquela meretriz Aiel, Aviendha, cavalgava na garupa da sela da jovem Aes Sedai, ambas com as saias puxadas exibindo as pernas. Se ele precisasse de alguma confirmação de que a Aiel estava dormindo com al'Thor, bastava ver o modo como ela olhava para ele. Sempre havia aquela luz possessiva nos olhos de uma mulher que levava um homem para a cama. Mais importante, Natael estava com eles. Aquela era a primeira vez que Kadere ficava tão perto dele desde que atravessara a Espinha do Mundo. Natael, do alto escalão dos Amigos das Trevas. Se ele conseguisse passar pelas Donzelas e alcançar Natael...

De repente, Kadere piscou. Onde estavam as Donzelas? Al'Thor sempre tinha uma escolta de mulheres empunhando lanças. Com o rosto franzido, percebeu que não via uma única Donzela entre os Aiel, nem no desembarcadouro, nem nas docas.

— Não vai nem olhar para uma velha amiga, Hadnan?

Aquela voz melodiosa fez Kadere se virar em um pulo, boquiaberto ao dar de cara com um rosto de nariz adunco e olhos escuros quase escondidos por dobrinhas de gordura.

— Keille? — Era impossível. Ninguém que não fosse Aiel sobrevivia sozinho no Deserto. Ela *tinha* de estar morta. Mas ali estava, seda branca sobre o corpo massudo, pentes de marfim no topo dos cachos escuros.

Com um sorriso discreto nos lábios, ela se virou com uma graciosidade que ainda o surpreendia para uma mulher tão grande e subiu com leveza os degraus que a levaram para dentro do carroção dele.

Kadere hesitou por um momento, e então se apressou atrás dela. Preferia que Keille Shaogi tivesse mesmo morrido no Deserto — a mulher era mandona, insolente, e era melhor não pensar que levaria alguma moeda das poucas que ele conseguira salvar —, mas seu escalão era tão alto quanto o de Jasin Natael. Talvez ela respondesse algumas perguntas. Pelo menos ele teria alguém com quem trabalhar. Na pior das hipóteses, alguém em quem pôr a culpa. Tinha mais poder quem estava lá no alto, mas esses também levavam a culpa pelos fracassos de seus subordinados. Mais de uma vez, Kadere entregara seus superiores àqueles que estavam ainda mais alto só para poder se proteger.

Ele fechou a porta com cuidado, se virou... e teria gritado se sua garganta não estivesse apertada demais para emitir qualquer som.

A mulher ali de pé trajava seda branca, mas não era gorda. Era a mulher mais bonita que ele já vira, olhos feito lagos escuros, insondáveis, prata trançada ao redor do quadril estreito, luas crescentes de prata no cabelo negro cintilante. Kadere conhecia aquele rosto de seus sonhos.

O baque de seus joelhos no chão o fez perder o fôlego.

— Grande Senhora — falou com voz rouca —, como posso servi-la?

Lanfear parecia estar olhando para um inseto, um que ela poderia esmagar com a sola da sandália — ou não.

— Demonstrando obediência aos meus comandos. Tenho andado muito ocupada para vigiar Rand al'Thor. Me conte o que ele tem feito, além de conquistar Cairhien, e o que planeja fazer.

— É difícil, Grande Senhora. Um tipo como eu não tem como se aproximar de alguém como ele. — Um inseto, aqueles olhos frios diziam, com permissão para viver só enquanto fosse útil. Kadere vasculhou a memória em busca de qualquer coisa que tivesse visto, ouvido ou imaginado. — Ele está mandando Aiel para o sul em grandes números, Grande Senhora, apesar de eu não saber por quê. Os tairenos e cairhienos parecem não notar, mas acho que eles não sabem diferenciar um Aiel do outro. — Nem ele sabia. Não ousaria mentir para Lanfear, mas se ela achasse que ele tinha mais serventia do que de fato tinha... — Ele fundou algum tipo de escola, em um palácio da cidade que pertencia a uma Casa sem sobreviventes... — De início, não havia como dizer se ela gostava do que estava ouvindo, mas, conforme Kadere prosseguiu, a expressão dela se tornou sombria.

* * *

— O que é que você quer me mostrar, Moiraine? — indagou Rand, impaciente, atando as rédeas de Jeade'en a uma das rodas do último carroção da fila.

A Aes Sedai estava na ponta dos pés, espiando pela lateral do carroção um par de barris familiares. A não ser que estivesse enganado, eles armazenavam os dois selos de *cuendillar* enrolados em lã para melhor proteção, já que não eram mais inquebráveis. Ali, ele sentia com força a mácula do Tenebroso. Quase parecia vir dos barris, um sopro débil, como se algo estivesse apodrecendo em algum lugar escondido. — Aqui é seguro — murmurou Moiraine.

Ela ergueu as saias com graciosidade e andou até o início da fila de carroções. Lan seguiu logo atrás, como um lobo parcialmente domesticado, o manto que lhe pendia às costas em uma profusão de cores que se misturavam à paisagem.

Rand a fuzilou com os olhos.

— Ela lhe explicou do que se trata, Egwene?

— Só que você precisava ver uma coisa. Que você tinha que vir até aqui de qualquer jeito.

— Você precisa confiar nas Aes Sedai — advertiu Aviendha, quase com a mesma neutralidade, mas com um quê de dúvida.

Mat riu.

— Bem, eu pretendo descobrir agora. Natael, vá dizer a Bael que estarei com ele em...

Na outra ponta da fila, a lateral do carroção de Kadere explodiu, os estilhaços atingindo Aiel e o povo da cidade. Rand soube; não precisou dos calafrios crispando a pele para saber. Saiu correndo em direção ao carroção, atrás de Moiraine e Lan. O tempo pareceu desacelerar, tudo acontecendo ao mesmo tempo, como se o ar fosse uma gelatina agarrando-se a cada momento.

Lanfear saiu para aquele silêncio estupefato — exceto pelos gemidos e gritos dos feridos — com algo flácido, pálido e cheio de listras vermelhas pendendo das mãos, arrastando atrás dela conforme ela descia degraus invisíveis. O rosto da mulher era uma máscara esculpida em gelo.

— Ele me contou, Lews Therin. — Ela quase gritou, arremessando aquela coisa pálida no ar. Algo a apanhou e, inflando-a por um momento, transformou-a em uma estátua sangrenta e transparente de Hadnan Kadere: era a pele dele, removida por inteiro. O vulto ruiu e caiu no chão quando a voz de Lanfear se esgançou até virar um guincho: — Você deixou outra mulher tocá-lo! De novo!

Os momentos se arrastaram, tudo acontecendo de uma só vez.

Antes que Lanfear alcançasse as pedras do desembarcadouro, Moiraine suspendeu ainda mais as saias e começou a correr em direção a ela. Mesmo a Aes Sedai sendo rápida, Lan era ainda mais, e ele ignorou o berro dela de “Não, Lan!”. Desembainhando a espada, as pernas compridas do Guardião logo a ultrapassaram, o manto furta-cor panejando às costas conforme ele investia. De repente, Lan pareceu dar de cara com uma parede de pedra invisível, quicou para trás e tentou seguir cambaleando outra vez. Um só passo e, como se uma mão gigante lhe tivesse espanado com violência, ele voou dez passadas, atingindo as pedras com força.

Enquanto o Guardião ainda estava no ar, Moiraine avançou, os pés derrapando no calçamento, até ficar cara a cara com Lanfear. Só por um instante. A Abandonada encarou-a como se ponderasse o que era aquilo em seu caminho, e então Moiraine foi arremessada com tanta força para o lado que saiu rolando inúmeras vezes até desaparecer atrás de um dos carroções.

A área do cais era um caos completo. Passados meros instantes desde que o carroção de Kadere explodira, só sendo cego para não saber que a mulher de branco estava manejando o Poder Único. Ao longo das docas, machados se agitavam cortando cordas e soltando as barcas, enquanto as tripulações,

desesperadas, conduziam as embarcações para a água aberta e a fuga. Estivadores de peito nu e gente da cidade com roupas escuras saltavam a bordo. Na outra direção, homens e mulheres gritavam e corriam feito loucos enquanto tentavam atravessar os portões e entrar na cidade. E, entre eles, vultos trajando o *cadin'sor* velavam o rosto e investiam contra Lanfear com lanças, facas ou mesmo os punhos. Não havia dúvida de que ela era a fonte do ataque, nenhuma dúvida de que lutava com o Poder. Apesar disso, todos corriam para dançar as lanças.

Ondas de fogo investiam contra eles. Flechas incendiárias atravessavam os que se conseguiam se aproximar com as roupas em chamas. Não que Lanfear estivesse lutando com eles, ou que sequer lhes desse muita atenção. Era como se ela estivesse espantando mosquitos ou picadinhas. Os que fugiam eram incendiados tanto quanto os que tentavam lutar. Ela se movia em direção a Rand como se nada mais existisse.

Tudo aconteceu durante algumas batidas de coração.

Ela dera três passos quando Rand agarrou a metade masculina da Fonte Verdadeira, aço derretido e um gelo de estilhaçar, a doçura do mel e o gosto de sambaqui. Nas profundezas do Vazio, a luta pela sobrevivência era distante, a batalha diante dele, só um pouco menos. Enquanto Moiraine desaparecia sob o carroção, ele canalizou, sugando o calor das chamas de Lanfear e afundando-o no rio. Chamas que pouco antes engolfavam formas humanas desapareceram. No mesmo instante, Rand tornou a tecer os fluxos, fazendo surgir um domo cinza enevoadado, uma grande forma oval que encapsulava a ele, Lanfear e a maioria dos carroções, uma parede quase transparente que isolava tudo que já não estava dentro dela. Mesmo enquanto amarrava a tessitura, não tinha certeza do que era ou de onde viera — alguma memória de Lews Therin, talvez —, mas as chamas de Lanfear batiam nela e paravam. Rand mal enxergava as pessoas do lado de fora, muitos se debatendo — ele sumira com as chamas, não com as peles queimadas, e aquele fedor ainda pairava no ar —, mas ninguém que já não estivesse em chamas seria incendiado. Também havia corpos dentro da redoma, montículos de tecido chamuscado, alguns agitando-se debilmente e gemendo. Ela não ligou. As chamas que canalizara se esvaneceram, os mosquitos foram espantados. Lanfear sequer olhou para os lados.

Batidas do coração. Fazia frio no Vazio, e, se sentia pena dos mortos, agonizantes e feridos, o sentimento estava tão longínquo que talvez nem existisse. Ele era o próprio frio. A própria vaziez do Vazio. Só a fúria de *saidin* o preenchia.

Algo se moveu dos dois lados. Aviendha e Egwene, os olhos concentrados em Lanfear. A intenção dele fora isolá-las daquilo. As mulheres provavelmente tinham corrido atrás dele. Mat e Asmodean estavam do lado de fora. A parede não isolara os últimos carroções da fila. Com uma calma gélida, Rand canalizou

Ar para capturar Lanfear. Egwene e Aviendha poderiam blindá-la enquanto ele a distraía.

Alguma coisa cortou os fluxos dele. Foram impelidos para trás com tanta força que Rand soltou um grunhido.

— Uma delas? — rosnou Lanfear. — Qual das duas é Aviendha? — A cabeça de Egwene pendeu para trás e ela uivou, os olhos saltando, toda a agonia do mundo lhe saindo pela boca em um grito agudo. — Qual das duas? — Tremendo, Aviendha se ergueu na ponta dos pés, seus uivos seguindo os de Egwene conforme ambas subiam cada vez mais alto.

De repente, o pensamento estava ali, na vacuidade. *Espírito tecido com Fogo e Terra*. Rand sentiu algo sendo cortado, algo que não enxergava, e Egwene desabou, inerte, enquanto Aviendha se apoiava nas mãos e nos joelhos, cabeça baixa e tremendo.

Lanfear cambaleou, os olhos se alternando entre as mulheres e ele, lagos escuros de fogo negro.

— Você é meu, Lews Therin! Meu!

— Não. — A voz de Rand parecia chegar a seus ouvidos após passar por um túnel de uma milha de extensão. *Distraía ela das garotas*. Ele continuou se aproximando sem olhar para trás. — Eu nunca fui seu, Mierin. Sempre vou pertencer a Ilyena.

Dor e perda fizeram o Vazio estremecer. E desespero, enquanto ele combatia algo além do fogo de *saidin*. Por um momento, conseguiu se equilibrar. *Eu sou Rand al'Thor. E Ilyena, para todo o sempre, vai ser meu coração*. Equilibrado no fio da navalha. *Eu sou Rand al'Thor!* Outros pensamentos tentaram brotar, uma fonte deles, sobre Ilyena, sobre Mierin, sobre o que ele poderia fazer para derrotá-la. Forçou-se para abafá-los, até o último. Se recobrasse os sentidos do lado errado... *Eu sou Rand al'Thor!*

— Seu nome é Lanfear, e eu prefiro morrer a amar um dos Abandonados.

Algo cintilou no rosto da mulher, talvez angústia, e então voltou a ser uma máscara de mármore.

— Se você não é meu — disse ela com frieza —, então está morto.

Com o peito em agonia, como se seu coração estivesse prestes a explodir, e a sensação de pregos fumegantes lhe perfurando a cabeça, a dor era tão forte que, dentro do Vazio, ele queria gritar. A morte estava chegando, e ele sabia. Freneticamente — e mesmo no Vazio, frenético, a vacuidade bruxuleava, definhava —, ele teceu Espírito, Fogo e Terra, lançando-os com selvageria. Seu coração não estava mais batendo. Dedos de uma dor sombria destruíam o Vazio. Um véu cinzento lhe caía sobre os olhos. Sentiu sua tessitura rasgar irregularmente a dela. A ardência da respiração em pulmões vazios, o espasmo do coração começando a bombear outra vez. Consequia enxergar novamente,

manchas prateadas e negras flutuando entre ele e uma Lanfear com o rosto pálido, ainda retomando o equilíbrio após o coice de seus próprios fluxos. A dor estava ali, na cabeça e no peito, como feridas, mas o Vazio se firmou, e a dor corpórea era remota.

E ainda bem que estava distante, pois não tinha tempo para se recuperar. Forçando-se a avançar, Rand golpeou-a com Ar, um porrete para fazê-la cair desacordada. Lanfear cortou a tessitura, e ele golpeou de novo, de novo e de novo, com ela rasgando até última tessitura. Uma chuva furiosa de investidas enquanto ele se aproximava, que a mulher, de alguma forma, enxergava e refutava. Se Rand conseguisse mantê-la ocupada por mais alguns instantes, se uma daquelas clavas invisíveis caísse na cabeça dela, se ele tivesse como se aproximar o suficiente para atacá-la com os punhos... Inconsciente, ela estaria tão indefesa quanto qualquer outra pessoa.

De repente, Lanfear pareceu se dar conta do que ele estava fazendo. Ainda bloqueando os golpes de Rand tão facilmente quanto se estivesse enxergando cada um deles, ela recuou até seus ombros baterem no carroção atrás de si. E então sorriu tal qual o coração do inverno.

— Você vai morrer devagar e, antes de morrer, vai implorar para eu deixar você me amar.

Não foi diretamente Rand que Lanfear atacou desta vez. Foi o elo dele com *saidin*.

O pânico ressoou pelo Vazio feito um gongo logo no primeiro toque, afiado feito uma lâmina, o Poder esmaecendo à medida que o golpe deslizava cada vez mais fundo entre ele e a Fonte. Com Espírito, Fogo e Terra, Rand cortou a lâmina da faca. Sabia onde encontrá-la, sabia onde estava o elo, sentiu aquela primeira incisão. A blindagem que ela tentara criar sumia, reaparecia, retornava tão rápido quanto ele conseguia cortá-la, mas sempre com um declínio momentâneo de *saidin*, momentos em que quase falhava, deixando o contra-ataque de Rand mal sendo suficiente para frustrar as investidas de Lanfear. Manejar duas tessituras ao mesmo tempo deveria ser fácil — ele era capaz de manejar dez ou mais —, mas não quando uma delas era uma defesa desesperada contra algo que ele não tinha como saber que estava ali até que já fosse quase tarde demais. Não quando os pensamentos de outro homem continuavam tentando brotar dentro do Vazio, lhe dizendo como derrotá-la. Se desse ouvidos, talvez fosse Lews Therin Telamon a sobreviver à batalha, com Rand al'Thor se tornando apenas uma voz ocasional na mente dele, se tanto.

— Vou fazer estas *duas* rameiras ficarem assistindo enquanto você implora — acrescentou Lanfear. — Mas é melhor eu fazer as duas verem você morrer ou fazer você ver a morte delas? — Quando ela tinha subido na carroça? Rand precisava vigiá-la, ficar atento a qualquer sinal de que ela estivesse se cansando, perdendo a concentração. Era uma esperança vã. De pé ao lado do retorcido

batente de porta *ter'angreal*, Lanfear baixou o olhar na direção dele, uma rainha prestes a dar sua sentença, mas ainda gastou tempo sorrindo friamente para um bracelete escuro de marfim que virava e revirava entre os dedos. — Qual das duas coisas vai doer mais, Lews Therin? Eu quero que você sofra. Quero que sofra como nenhum homem jamais sofreu!

Quanto mais espesso o fluxo da Fonte, mais difícil seria cortá-lo. Rand enfiou a mão no bolso do casaco, a estátua do homenzinho gordo empunhando a espada pressionada com força contra a garça marcada em sua mão. Ele agarrou *saidin* o mais fundo que pôde, até que a mácula flutuasse junto com ele na vacuidade, feito chuva orvalhando.

— Dor, Lews Therin.

Ele houve dor, o mundo engolido em agonia. Não o coração ou a cabeça desta vez, mas o corpo inteiro, cada parte dele, agulhas quentes apunhalando-o dentro do Vazio. Rand pensou ouvir um chiado ardente a cada estocada, a última sempre mais profunda que a anterior. As tentativas de Lanfear de blindá-lo não arrefeceram. Vieram mais rápido, mais fortes. Ele não acreditava que a mulher era tão forte. Agarrando-se ao Vazio, a *saidin*, causticante e congelante, ele se defendia feito um selvagem. Poderia acabar com aquilo, acabar com ela. Poderia invocar um relâmpago ou envolvê-la no fogo que a própria Lanfear usara para matar.

Imagens passaram depressa em meio à dor. Uma mulher com um vestido escuro de mercadora saltando do cavalo, a espada vermelho-fogo leve em suas mãos. Tinha vindo matá-lo, na companhia de um punhado de outros Amigos das Trevas. Os olhos sombrios de Mat. *Eu matei ela*. Uma mulher de cabelos dourados jazendo em um corredor em ruínas onde, ao que parecia, as próprias paredes haviam derretido e escorrido. *Ilyena, me perdoe!* Foi um grito desesperador.

Ele podia acabar com aquilo. Só que não conseguia. Iria morrer, talvez o mundo fosse morrer, mas ele não conseguia se forçar a matar outra mulher. De alguma forma, parecia a maior piada que o mundo já vira.

* * *

Limpando o sangue da boca, Moiraine saiu rastejando de trás do carroção e se pôs de pé sem muita firmeza, o som de uma gargalhada masculina ecoando em seus ouvidos. A contragosto, seus olhos dispararam em busca de Lan e o encontraram caído bem perto da enevoada parede cinza da redoma acima de suas cabeças. Ele estremeceu, talvez tentando encontrar forças para se levantar, talvez morrendo. Moiraine se esforçou para tirá-lo do pensamento. Lan salvara sua vida tantas vezes que, por direito, sua vida deveria ser dele, mas há muito que

a Aes Sedai tinha feito o que podia para garantir que ele sobrevivesse à sua guerra solitária contra a Sombra. Àquela altura, Lan deveria viver ou morrer sem ela.

A gargalhada era de Rand, de joelhos nas pedras do desembarcadouro. Gargalhando, mas com lágrimas escorrendo por um rosto transtornado, como o de um homem no limite da loucura. Moiraine sentiu um arrepio. Se ele tivesse enlouquecido, ela não poderia fazer nada. Só podia fazer o que podia fazer. O que deveria fazer.

A visão de Lanfear a atingiu feito um choque. Não de surpresa, mas de ver a cena que aparecera com tanta frequência em seus sonhos desde Rhuidean: Lanfear de pé na carroça, cintilando como o sol, envolta em *saidar*, emoldurada pelo *ter'angreal* em forma de batente de porta retorcido enquanto sorria impiedosamente com os olhos fixos em Rand. Ela girava um bracelete nas mãos. Um *angreal*. A menos que Rand tivesse o próprio *angreal*, ela deveria ser capaz de esmagá-lo. Ou ele tinha um, ou Lanfear estava brincando com ele. Não importava. Moiraine não gostava daquele círculo de marfim entalhado escurecido pelo tempo. À primeira vista, parecia um acrobata se curvando para trás para agarrar os tornozelos. Só olhando mais de perto se notaria que seus pulsos e tornozelos estavam amarrados. Ela não gostava do objeto, mas o trouxera de Rhuidean. Na véspera, tirara o bracelete de uma saca cheia de quinquilharias e o deixara largado ali, aos pés do batente.

Moiraine era uma mulher pequena e franzina. Seu peso não moveu nem um milímetro o carroção quando ela subiu. Quando seu vestido ficou preso em uma lasca e rasgou, ela hesitou, mas Lanfear não olhou para os lados. A mulher dera conta de todas as ameaças, exceto Rand. Àquela altura, ele era a única coisa do mundo com a qual ela se importava minimamente.

Moiraine suprimiu uma pequena bolha de esperança — não podia se permitir tamanho luxo —, se equilibrou por um momento na parte posterior do carroção, abraçou a Fonte Verdadeira e saltou em Lanfear. A Abandonada percebeu no último instante, o suficiente para se virar logo antes que Moiraine a golpeasse e lhe tirasse o bracelete. Cara a cara, as duas caíram para dentro do batente de porta *ter'angreal*. Uma luz branca engoliu tudo.



PALAVRAS DESVANECENTES

Nas profundezas de um Vazio que estava encolhendo, Rand viu Moiraine surgir aparentemente do nada para agarrar Lanfear. Os ataques que ele sofria cessaram no instante em que as duas mergulharam pelo *ter'angreal*, batente de porta em um raio de luz branca infinita. A luz preenchia o retângulo de pedra vermelha retorcida como se quisesse atravessá-lo, mas colidisse em alguma barreira invisível. Relâmpagos criavam arcos prateados e azuis cada vez mais violentos em torno do *ter'angreal*. Ruídos estridentes crepitavam pelo ar.

Trôpego, Rand se pôs de pé. A dor ainda não tinha sumido por completo, mas a pressão, sim, trazendo a promessa de que a dor passaria. Não conseguia tirar os olhos do *ter'angreal*. *Moiraine*. O nome da mulher permanecia em sua mente, deslizando pelo Vazio.

Lan passou por ele cambaleando, concentrado no carroção, inclinado para a frente como se a única maneira de não cair fosse continuar avançando.

Rand não conseguia fazer mais que ficar de pé naquele momento. Ele canalizou e segurou o Guardião com fluxos de Ar.

— Você... Você não pode fazer nada, Lan. Não tem como ir atrás dela.

— Eu sei — respondeu Lan, desesperado. Contido no meio de um passo, ele não relutou, só ficou encarando o *ter'angreal* que engolira Moiraine. — Que a Luz me traga paz, mas eu sei.

Aquela altura, o próprio carroção estava em chamas. Rand tentou suprimi-las, mas, tão logo sugou o calor de uma das labaredas, os relâmpagos desencadearam outra. Embora feito de pedra, até o batente de porta começava a fumer, uma fumaça branca e acre ficando mais espessa sob o domo cinza.

Respirá-la, mesmo brevemente, fez Rand tossir e suas narinas queimarem. A pele formigava e ardia por onde quer que a fumaça passasse. Às pressas, ele desatou a tessitura do domo, preferindo desfazer a redoma do que esperar que ela se dissipasse, e urdiu em torno do carroção uma comprida chaminé de Ar que brilhava feito vidro, levando a fumaça bem para o alto, para longe. Só então soltou Lan. Não se surpreenderia se o homem fosse atrás de Moiraine de qualquer jeito, caso pudesse chegar ao carroção. Tudo já estava em chamas, assim como o batente de pedra vermelha, derretendo como se fosse de cera, mas, para um Guardião, talvez aquilo não importasse.

— Ela se foi. Não consigo sentir a presença dela. — As palavras soaram como se tivessem sido arrancadas do peito de Lan. Ele se virou e começou a percorrer a fila de carroções sem dar sequer uma olhadela para trás.

Acompanhando o Guardião com os olhos, Rand viu Aviendha ajoelhada segurando Egwene. Ele soltou *saidin* e correu pelo desembarcadouro. A dor física que estivera distante voltou com força, mas ele correu, ainda que desajeitado. Asmodean também estava lá, olhando de um lado para outro como se esperasse que Lanfear saltasse de trás de um dos carroções ou de uma carroça tombada. E Mat, agachado com a lança apoiada no ombro, abanava Egwene com seu chapéu.

Rand finalmente parou, derrapando.

— Ela...?

— Não sei — respondeu Mat, infeliz.

— Ainda está respirando. — Aviendha pareceu incerta sobre por quanto tempo continuaria assim, mas os olhos de Egwene tremularam e se abriram quando Amys e Bair passaram empurrando Rand, acompanhadas de Melaine e Sorilea. As Sábias se agruparam de joelhos em torno das mulheres mais jovens e murmuraram sozinhas e entre si enquanto examinavam Egwene.

— Eu me sinto... — balbuciou Egwene, parando para engolir. Seu rosto estava pálido, lívido. — Está... doendo. — Uma lágrima escapou.

— Claro que está — afirmou Sorilea, com rispidez. — É isso que acontece quando você se deixa envolver pelas maquinacões de um homem.

— Ela não pode ir com você, Rand al'Thor. — Melaine, com seu lindo cabelo dourado, estava claramente irritada, mas não olhava para ele. A raiva poderia tanto ser de Rand quanto do que tinha acontecido.

— Eu... vou ficar boa que nem água de poço... com um pouco de repouso — sussurrou Egwene.

Usando um cantil, Bair umedeceu um pano e cobriu com ele a testa de Egwene.

— Você vai ficar bem com bastante repouso. Receio que você não vá encontrar Nynaeve e Elayne hoje à noite. Não vai nem chegar perto de *Tel'aran'rhiod* durante alguns dias, até estar forte de novo. Não me olhe com essa

cara teimosa, garota. Se for necessário, ficaremos de olho nos seus sonhos para ter certeza e, se sequer pensar em desobedecer, a deixaremos aos cuidados de Sorilea.

— Você não vai me desobedecer mais de uma vez, Aes Sedai ou não — advertiu Sorilea, mas com um toque de compaixão que destoava do rosto coriáceo emburrado. A frustração estava estampada no rosto de Egwene.

— Eu, pelo menos, estou bem o bastante para fazer o que precisa ser feito — disse Aviendha. Na verdade, ela não parecia muito melhor que Egwene, mas conseguiu lançar um olhar desafiador para Rand, de quem claramente esperava uma discussão. Seu ar de rebeldia se dissipou um pouco quando ela se deu conta de que as quatro Sábias estavam lhe encarando. — Eu estou — resmungou.

— Claro — retrucou Rand, sem muita convicção.

— Eu estou — insistiu ela. Para ele. Aviendha tomou o cuidado de evitar que seu olhar cruzasse com o das Sábias. — Lanfear me dominou por um pouco menos de tempo do que Egwene. Foi o suficiente para fazer diferença. Tenho *toh* com você, Rand al'Thor. Acho que não teríamos sobrevivido por muito mais tempo. Ela era muito forte. — Seus olhos viajaram até o carroção em chamas. Labaredas ferozes já haviam reduzido o veículo a um amontoado chamuscado e disforme dentro da chaminé vítrea. O *ter'angreal* de pedra vermelha desaparecera. — Eu não vi tudo que aconteceu.

— Elas... — Rand limpou a garganta. — As duas se foram. Lanfear está morta. Moiraine também.

Egwene começou a chorar, seus soluços fazendo-a tremer dentro do abraço apertado de Aviendha, que repousou a cabeça no ombro da amiga como se também fosse chorar.

— Você é um tolo, Rand al'Thor — afirmou Amys, se levantando. Seu rosto surpreendentemente jovem sob o turbante e o cabelo branco estava rígido como pedra. — Por isto e por muitas outras coisas, você é um tolo.

Rand se desviou do tom acusatório nos olhos dela. Moiraine estava morta. Morta porque ele não conseguira se obrigar a matar uma Abandonada. Não sabia se queria chorar ou gargalhar feito um louco. Se fizesse uma das duas coisas, achava que não conseguiria parar.

As docas, que se esvaziaram quando ele criou o domo, estavam cheias de novo, embora poucos se aproximassem do ponto onde surgira a redoma cinzenta e enevoada. Sábias se deslocavam pela área para atender os que tinham se queimado e para confortar os agonizantes, ajudadas por *gai'shain* de robes brancos e homens com o *cadin'sor*. Os gemidos e os gritos o apunhalavam. Ele não fora rápido o bastante. Moiraine morrerá. Nada de Cura nem para os mais feridos. Porque ele... *Eu não consegui. Que a Luz me ajude, eu não consegui!*

Mais homens Aiel o observavam, alguns só agora baixando o véu. Rand ainda não via nenhuma Donzela. Não havia só Aiel. Dobraine, a cabeça nua, e

montando um castrado negro, não tirava os olhos dele, e, não muito longe, Talmanes, Nalesean e Daerid observavam Mat de cima dos cavalos quase tão atentamente quanto o faziam com Rand. Pessoas se enfileiravam no topo da grande muralha da cidade, delineadas e sombreadas pelo sol que se erguia, e havia mais gente ao longo das cortinas de pedra. Dois daqueles vultos na penumbra se viraram quando ele olhou para cima, se viram a menos de vinte passadas de distância um do outro e pareceram se retrair. Rand seria capaz de apostar que se tratava de Meilan e Maringil.

Lan voltara para os cavalos perto do último carroção da fila, e acariciava o focinho branco de Aldieb. A égua de Moiraine.

Rand foi até ele.

— Me desculpe, Lan. Se eu tivesse sido mais rápido, se eu... — Ele expirou profundamente. *Não consegui matar uma, então matei a outra. Que a Luz me queime e me cegue!* Se acontecesse, naquele momento, ele não teria se importado.

— A Roda tece. — Lan foi até Mandarb e se ocupou em verificar as cintas da sela do garanhão negro. — Ela era um soldado, uma guerreira, à maneira dela, tanto quanto eu. Isso poderia ter acontecido umas duzentas vezes nestes últimos vinte anos. Ela sabia, e eu também. Foi um bom dia para morrer. — Sua voz estava tão firme quanto sempre, mas aqueles frios olhos azuis estavam contornados de vermelho.

— Mesmo assim, me desculpe. Eu deveria... — O homem não seria reconfortado por “deveria”, e aquilo pesava na alma de Rand. — Espero que ainda possa ser meu amigo, Lan, depois do que... Eu valorizo seus conselhos, seus treinamentos com a espada, e vou precisar de ambos nos próximos dias.

— Sou seu amigo, Rand. Mas não posso ficar. — Lan girou e subiu na sela. — Moiraine fez uma coisa comigo que não se fazia há centenas de anos, não desde a época em que as Aes Sedai criavam elos com Guardiões independentemente da vontade deles. Ela alterou meu elo para que ele passasse para outra pessoa quando ela morresse. Agora eu preciso encontrar essa outra e me tornar um dos Guardiões dela. Eu já sou. Consigo senti-la de maneira tênue, em algum lugar no extremo oeste, e ela é capaz de me sentir. Preciso ir, Rand. Moiraine fez isso. Ela disse que não me daria nenhum tempo para morrer tentando vingá-la. — Ele agarrou as rédeas como se refreasse Mandarb, como se estivesse se segurando para não lhe enfiar as esporas. — Se algum dia você vir Nynaeve de novo, diga a ela que... — Por um instante, aquele rosto pétreo ficou encrespado de angústia. Só um instante, e logo voltou a ser como granito. Ele resmungou sozinho, mas Rand escutou: “Uma ferida limpa sera mais rápido e dói por menos tempo”. Em voz alta, o Guardião disse: — Diga a ela que encontrei outra pessoa. Às vezes, irmãs Verdes são tão próximas de seus Guardiões quanto outras mulheres são dos maridos. De todas as formas. Diga a ela que fui me tornar amante, e também a

espada, de uma irmã Verde. Essas coisas acontecem. Já faz muito tempo desde a última vez que a vi.

— Vou dizer a ela o que você pedir, Lan, mas não sei se ela vai acreditar em mim.

Lan curvou-se do alto da sela para segurar com força o ombro de Rand. Ele se lembrava de já ter chamado Lan de lobo quase domesticado, mas aqueles olhos faziam um lobo parecer um cãozinho.

— Somos parecidos em muitos aspectos, você e eu. Há uma escuridão em nós. Escuridão, dor, morte. Tudo isso irradia de nós. Se algum dia você amar uma mulher, Rand, abandone-a e deixe-a encontrar outro homem. Vai ser o maior presente que você pode dar a ela. — Lan se endireitou e ergueu a mão. — Que a paz favoreça a sua espada. *Tai'shar* Manetheren. — A saudação antiga. O verdadeiro sangue de Manetheren.

Rand ergueu a mão.

— *Tai'shar* Malkier.

Lan esporou os flancos de Mandarb, e o garanhão deu um pinote para a frente, dispersando os Aiel e todos os demais do caminho, como se quisesse levar o último Malkier a galope durante todo o percurso até onde quer que ele estivesse indo.

— Que o último abraço da mãe o receba em casa, Lan — murmurou Rand, estremecendo. Aquilo era parte dos rituais funerais em Shienar e em todo o resto das Terras da Fronteira.

Todos ainda o observavam, os Aiel e as pessoas em cima das muralhas. A Torre saberia do que ocorrera ali, ou uma versão do ocorrido, tão logo um pombo pudesse voar até lá. Se Rahvin também tivesse alguma maneira de vigiá-lo — bastaria apenas um corvo na cidade, um rato ali à beira do rio —, certamente não esperaria nada naquele dia. Elaida pensaria que ele estava enfraquecido, talvez mais maleável, e Rahvin...

Rand percebeu o que estava fazendo e se retraiu. *Pare com isso! Por pelo menos um minuto, pare e fique de luto!* Não queria todos aqueles olhos nele. Os Aiel recuavam diante de Rand quase tão prontamente quanto tinham recuado diante de Mandarb.

A cabana com teto de ardósia do administrador das docas não passava de um único aposento de pedra sem janelas repleto de prateleiras entupidas de livros contábeis, rolos de pergaminho e papéis, iluminado por duas lamparinas sobre uma mesa rústica coberta de selos fiscais e carimbos de aduana. Rand fechou a porta atrás de si para se proteger de quaisquer olhos.

Moiraine morta, Egwene ferida e Lan ausente. Um preço alto a se pagar por Lanfear.

— Que a Luz o queime, fique de luto! — grunhiu ele. — Ela fez por merecer ao menos isso! Você não tem mais nenhum sentimento? — Mas, na maior parte,

ele se sentia dormente. O corpo doía, mas, sob a dor, estava amortecido.

Rand deixou os ombros caírem, enfiou as mãos nos bolsos e sentiu as cartas de Moiraine. Pegou-as devagar. Tinha uma coisa na qual ele precisava pensar, ela dissera. Recolocando no bolso a carta de Thom, rompeu o lacre da outra. As páginas estavam densamente recobertas pela letra elegante de Moiraine.

Estas palavras vão desaparecer poucos momentos depois que esta carta sair da sua mão — uma proteção feita para você —, então tenha cuidado. O fato de você estar lendo isto significa que certos acontecimentos se passaram nas docas como eu esperava...

Ele parou, os olhos fixos no papel, e então continuou a leitura depressa.

Desde o primeiro dia em que cheguei a Rhuidean, eu soube — e você não deve se dar o trabalho de se perguntar como, já que alguns segredos pertencem aos outros, e não vou trai-los — que haveria um dia em que notícias a respeito de Morgase chegariam a Cairhien. Eu não sabia o conteúdo — se o que escutamos for verdade, que a Luz tenha misericórdia daquela alma, uma mulher voluntariosa e teimosa, às vezes com o gênio de uma leoa, mas, mesmo assim, uma rainha boa e graciosa —, mas, em todas as vezes, tal notícia conduzia às docas no dia seguinte. A partir das docas, havia três caminhos, mas, se você está lendo isto, eu parti, e Lanfear também...

As mãos de Rand apertaram as páginas ainda mais. Ela sempre soube. Soube, e mesmo assim o levou até lá. Apressado, desamassou o papel amarrotado.

Os outros dois caminhos eram muito piores. Em um deles, Lanfear matava você. No outro, levava-o embora e, quando eu o via de novo, você passara a se intitular Lews Therin Telamon, e era amante devoto dela.

Espero que Egwene e Aviendha tenham sobrevivido ilesas. Veja, eu não sei o que vai acontecer com o mundo no futuro, exceto, talvez, por uma coisinha que não tem a ver com você.

Não pude lhe dizer, pelo mesmo motivo que não pude contar a Lan. Mesmo conhecendo as opções, eu não sabia ao certo qual você escolheria. Os homens de Dois Rios, ao que parece, têm muito do famoso Manetheren, assim como os homens das Terras da Fronteira. Dizem que um nativo das Terras da Fronteira levaria uma facada para evitar que uma mulher se machucasse, e consideraria justo. Não ousei arriscar que você colocasse minha vida acima da sua, certo de que, de alguma forma, se esquivaria do destino. Não se trata de um risco, eu temo, mas de uma certeza tola, como certamente ficou provado hoje...

— Minha escolha, Moiraine — resmungou ele. — Era minha escolha.

Algumas considerações finais.

Se Lan ainda não partiu, diga-lhe que o que eu fiz com ele foi pensando na melhor. Um dia ele vai entender e, eu espero, me abençoar por isso.

Não confie cegamente em nenhuma mulher que hoje seja uma Aes Sedai. Não me refiro apenas à Ajah Negra, embora você sempre deva ficar atento a elas. Desconfie tanto de Verin quanto de Alviarin. Temos feito o mundo dançar conforme a nossa música durante três mil anos. Esse é um hábito difícil de quebrar, como bem aprendi enquanto dancei conforme a sua música. Você deve dançar como quiser, e até a mais bem-intencionada de minhas irmãs pode tentar guiar seus passos, assim como um dia eu tentei.

Por favor, entregue a carta para Thom Merrilin em segurança quando o encontrar de novo. Há uma pequena questão que tratei com ele certa vez e que, em nome da paz de espírito de Thom, quero esclarecer.

Por fim, fique sempre atento também ao Mestre Jasin Natael. Não o aprovo plenamente, mas entendo. Talvez fosse a única alternativa. Mas tenha cuidado com ele. Ele continua sendo o mesmo homem que sempre foi. Tenha isso sempre em mente.

Que a Luz o ilumine e proteja. Você vai se sair bem.

Estava assinada simplesmente com “Moiraine”. Ela quase nunca utilizara o nome de sua Casa.

Rand releu o penúltimo parágrafo com atenção. De alguma forma, ela sempre soube quem era Asmodean. Só podia ser isso. Soubera que um dos Abandonados estava bem ali, diante dela, e não pestanejara uma vez sequer. Também soubera por quê, caso ele tivesse entendido direito. Rand pensaria que, em uma carta que se apagaria assim que ele a soltasse, Moiraine poderia ser explícita e dizer logo o que queria. Não só no que se referia a Asmodean, mas também sobre como descobrir aquilo tudo em Rhuidean — algo a ver com as Sábias, a não ser que estivesse enganado, e elas não lhe revelariam mais que a carta —, sobre as Aes Sedai — havia alguma razão para ela ter mencionado Verin? E por que Alviarin, em vez de Elaida? — e até sobre Thom e Lan. Rand não achava que ela tivesse deixado uma carta para Lan. O Guardião não era o único que acreditava em feridas limpas. Ele quase abriu a carta endereçada a Thom, mas Moiraine poderia tê-la protegido do mesmo jeito que protegera a dele. Aes Sedai e cairhiena, ela se embrulhara até o fim em mistério e manipulação. Até o fim.

Era isso que ele estava tentando evitar com toda aquela baboseira sobre ela guardar segredos. Moiraine sempre soube o que aconteceria e o acompanhara com a mesma bravura de qualquer Aiel. Veio se encontrar com a morte mesmo sabendo que ela a esperava. Morreria porque ele não conseguira se obrigar a matar Lanfear. Não fora capaz de matar uma mulher, então outra morreria. Os olhos dele retornaram às últimas palavras.

Você vai se sair bem.

Elas cortavam feito navalha.

— Por que está chorando aqui sozinho, Rand al'Thor? Ouvi falar que alguns aguacentos acham vergonhoso ser pego chorando.

Ele cravou os olhos em Sulin, de pé junto à porta. Estava com seu equipamento completo, o arco em um estojo às costas, a aljava na cintura, um broquel redondo de couro e três lanças nas mãos.

— Eu não... — As bochechas dele estavam úmidas. Rand tratou de secá-las. — Está quente aqui. Estou suando feito um... O que você quer? Pensei que tinham decidido me abandonar e voltar para a Terra da Trindade.

— Não fomos nós que abandonamos você, Rand al'Thor. — Sulin fechou a porta atrás de si, sentou-se no chão e largou o broquel e um par de lanças. — Foi você que nos abandonou. — Em um único movimento, a mulher pôs o pé contra a lança que tinha nas mãos, fez pressão, e partiu-a no meio.

— O que você está fazendo? — Ela jogou os dois pedaços para o lado e apanhou mais uma lança. — Eu perguntei o que você está fazendo!

O rosto da Donzela de cabelo branco poderia até ter feito Lan hesitar, mas Rand se curvou e lhe tomou a lança das mãos. O pé dela, revestido em uma bota macia, acabou indo parar nas articulações do dedo dele. E com força.

— Você vai nos mandar vestir saias e nos obrigar a casar e cuidar do lar? Ou vamos ter que ficar do lado da sua fogueira e lamber sua mão sempre que você nos der um pedaço de carne? — Os músculos da mulher se retesaram, e a lança se partiu, as farpas rasgando a palma da mão dele.

Rand praguejou ao afastar a mão ferida e sacudiu as gotículas de sangue.

— Eu não quero nada disso. Achei que vocês tinham entendido. — Sulin apanhou a última lança, posicionou o pé, e Rand canalizou, tecendo Ar para mantê-la na posição em que estava. A mulher apenas o encarou em silêncio. — Que me queime, você não disse nada! Então eu mantive as Donzelas longe da batalha com Couladin. Nem todos lutaram naquele dia. E você nunca disse uma só palavra.

Os olhos de Sulin se arregalaram, incrédulos.

— *Você impediu as Donzelas de dançarem as lanças? Nós é que impedimos você.* Parecia uma garota recém-casada com a lança, pronto para sair correndo e matar Couladin sem nem pensar na lança que poderia atingi-lo pelas costas. Você é o *Car'a'carn*. Não tem o direito de se arriscar sem necessidade. — A voz dela ganhou um tom neutro. — E agora lá vai você enfrentar o Abandonado. O segredo está bem guardado, mas já ouvi o suficiente daqueles que lideram as outras sociedades.

— E você quer me impedir de lutar dessa vez também? — perguntou ele, bem baixo.

— Não seja tolo, Rand al'Thor. Qualquer um poderia ter dançado as lanças com Couladin. Você ter cogitado correr esse risco foi o pensamento de uma criança. Nenhum de nós é capaz de enfrentar os Devotos da Sombra, só você.

— Então por que...? — Ele fez uma pausa. Já sabia a resposta. Depois daquele dia sangrento contra Couladin, se convencera de que elas não se importariam. Quisera acreditar que não.

— Os que o acompanham foram escolhidos. — As palavras foram ditas como pedras sendo atiradas. — Homens de todas as sociedades. Homens. Não tem nenhuma Donzela, Rand al'Thor. As *Far Dareis Mai* carregam a sua honra, e você nos tira a nossa.

Ele respirou fundo, atrapalhando-se para encontrar as palavras.

— Eu... não gosto de ver mulheres morrendo. Eu detesto, Sulin. Me embrulha o estômago. Eu não seria capaz de matar uma mulher nem se minha vida dependesse disso. — As páginas da carta de Moiraine farfalhavam em suas mãos. Morta porque ele não fora capaz de matar Lanfear. Nem sempre era só a vida dele. — Sulin, eu preferiria ir até Rahvin sozinho do que ver uma de vocês morrer.

— Bobagem. Qualquer pessoa precisa de outra na retaguarda. Então é Rahvin. Até Roidan, dos Andarilhos do Trovão, e Turol, dos Cães de Pedra, esconderam isso. — Ela deu uma olhada para seu pé erguido, preso contra a lança pelos mesmos fluxos que lhe enredavam os braços. — Me solte, e conversaremos.

Após um momento de hesitação, Rand desfez a tessitura. Estava pronto para amarrá-la de novo, caso necessário, mas Sulin apenas cruzou as pernas e se sentou, quicando a lança nas palmas das mãos.

— Às vezes eu me esqueço de que você foi criado longe do nosso sangue, Rand al'Thor. Agora me ouça. Eu sou o que eu sou. *Isto* é o que eu sou. — E levantou a lança.

— Sulin...

— Escute bem, Rand al'Thor. Eu *sou* a lança. Quando um amante se colocou entre mim e a lança, eu escolhi a lança. Há quem escolha diferente. Algumas decidem que já passaram tempo demais com a lança e que querem um marido, um filho. Eu nunca quis outra coisa. Nenhum chefe hesitaria em me mandar para onde quer que a dança estivesse mais intensa. Se eu morresse lá, minhas irmãs-primeiras fariam luto por mim, mas nem uma unha a mais do que quando nosso irmão-primeiro faleceu. Um Assassino da Árvore que me apunhalasse no coração enquanto eu estivesse dormindo estaria me honrando mais do que você honra. Entende agora?

— Entendo, mas... — Ele de fato entendia. Sulin não queria que ele fizesse dela algo diferente do que era. Tudo o que ele tinha de fazer era estar disposto a vê-la morrer. — O que acontece se você quebrar a última lança?

— Se eu não tenho honra nesta vida, talvez na próxima. — Ela disse aquilo como se fosse apenas outra explicação. Rand levou alguns momentos para compreender. Tudo o que tinha de fazer era estar disposto a vê-la morrer.

— Você não me deixa escolha, não é? — Não mais do que Moiraine deixara.

— Sempre há escolhas, Rand al'Thor. Você tem uma opção, e eu tenho outra. O *ji'e'toh* só permite isso.

Rand queria rosnar para ela, xingar o *ji'e'toh* e todos que o seguiam.

— Escolha suas Donzelas, Sulin. Não sei quantas posso levar, mas vão ser tantas *Far Dareis Mai* quanto de qualquer outra sociedade.

Ele passou rápido por ela, que abriu um sorriso súbito. Não de alívio. De prazer. Prazer porque teria a chance de morrer. Rand devia tê-la deixado amarrada por *saidin*, amarrada ali para que pudesse lidar com ela quando voltasse de Caemlyn. Abriu a porta com força, avançou a passos largos até o desembarcadouro... e parou.

Enaila encabeçava uma fila de Donzelas, cada uma com três lanças nas mãos. A fila começava junto à porta da cabana e desaparecia no portão da cidade mais próximo. Alguns dos homens Aiel na doca lançavam olhares curiosos para a cena, mas estava bem claro que se tratava de uma questão entre as *Far Dareis Mai* e o *Car'a'carn*, e que nenhuma outra sociedade tinha nada a ver com o assunto. Amys e mais três ou quatro Sábias que um dia haviam sido Donzelas observavam com mais atenção. A maior parte dos que não eram Aiel já tinha ido embora, exceto por alguns homens que endireitavam nervosamente as carroças de grãos tombadas e tentavam olhar para o outro lado. Enaila deu um passo na direção de Rand e então parou e sorriu assim que Sulin saiu. Não de alívio. De prazer. Sorrisos de prazer que se estendiam por toda aquela longa fila de Donzelas. Sorrisos das Sábias também, além de um meneio firme de Amys, como se Rand tivesse dado um fim a algum comportamento imbecil.

— Cheguei a pensar que elas entrariam uma a uma para lhe tirar da miséria com beijos — afirmou Mat.

Rand franziu o cenho para ele, que sorria recostado na lança, o chapéu de aba larga na cabeça, inclinado para trás.

— Como você pode estar tão animado? — O cheiro de carne tostada ainda recendia no ar, assim como as lamúrias de homens e mulheres queimados sendo tratados pelas Sábias.

— Porque estou vivo — rosnou Mat. — O que você quer que eu faça? Chore? — Ele deu de ombros, um tanto constrangido. — Amys disse que Egwene vai ficar bem de verdade em alguns dias. — Mat deu uma olhada em volta, mas parecia não querer ver o que via. — Que me queime, se vamos mesmo fazer isso, então vamos. *Dovie'andi se tovy'a sagain*.

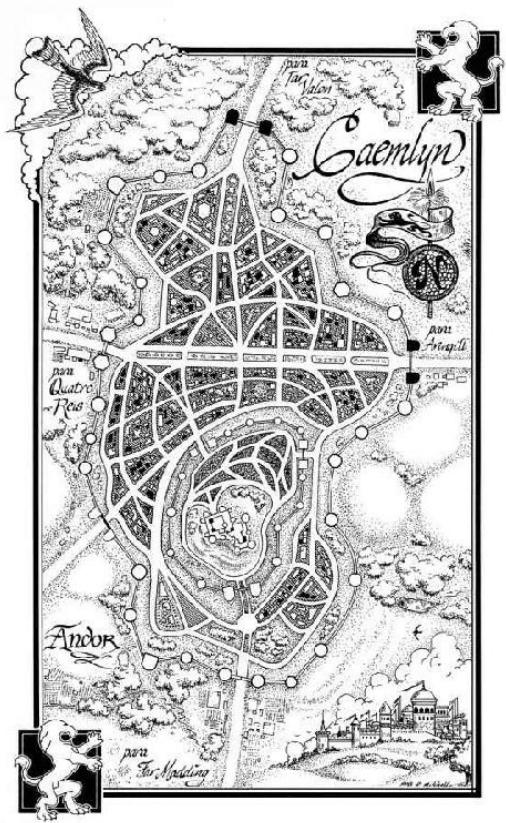
— O quê?

— Eu disse que é hora de lançar os dados. Sulin tampou seus ouvidos?

— É hora de lançar os dados — concordou Rand. As chamas haviam se extinguido dentro da chaminé vítrea de Ar, mas a fumaça branca ainda subia

como se o fogo continuasse consumindo o *ter'angreal*. *Moiraine*. Ele deveria ter... O que estava feito estava feito. As Donzelas já se amontoavam ao redor de Sulin, tantas quantas cabiam no desembarcadouro. O que estava feito estava feito, e ele teria que lidar com isso. A morte seria uma libertação de tudo com que ele tinha que conviver. — Então vamos.







PARA CAEMLYN

Quinhentas das Donzelas atrás de Sulin acompanharam Rand de volta ao Palácio Real, onde Bael aguardava no grande pátio interno junto dos portões frontais, ao lado de Andarilhos do Trovão, Olhos Negros, Buscadores das Águas e homens de todas as outras sociedades, seus números lotando o pátio e invadindo o palácio através de todas as portas, até as menores passagens dos serviçais. Alguns assistiam a tudo das janelas mais baixas, esperando sua vez de sair. As sacadas de pedra que circundavam a área estavam desertas. Em todo o pátio, só um dos homens que aguardava não era Aiel. Tairenos e cairhienos — cairhienos, em especial — não davam as caras quando os Aiel se juntavam. A exceção estava de pé acima de Bael nos largos degraus cinzentos que conduziam ao local: Pevin, o estandarte carmesim mal pendurado no mastro, e o fato de estar cercado de Aiel não parecia mexer com ele mais do que qualquer outra situação.

Na garupa da sela, Aviendha agarrava-se a Rand com firmeza, os seios lhe pressionando as costas até o momento em que ele desceu do cavalo. Ela conversara com algumas das Sábias, nas docas, e Rand achava que não deveria ter escutado.

— *Vá com a Luz* — dissera Amys, tocando o rosto de Aviendha. — *E vigie-o de perto. Você sabe quanta coisa depende dele.*

— *Muita coisa depende de vocês dois* — disse Bair a Aviendha, quase em uníssono com Melaine, que advertiu, irritada:

— *Seria mais fácil se, a esta altura, você já tivesse conseguido.*

— *Na minha época, até as Donzelas sabiam como lidar com os homens* — rousnou Sorilea.

— *Ela tem se saído melhor do que você imagina* — afirmou Amys. *Aviendha balançou a cabeça. O bracelete de marfim com rosas e espinhos deslizando pelo braço quando ela ergueu a mão para interromper a outra mulher; mas Amys prosseguiu sem dar atenção aos protestos. — Eu esperei que ela mesma nos contasse, mas, já que ela não vai...*

Foi então que ela viu Rand a apenas dez pés de distância, as rédeas de Jeade'en nas mãos, e se interrompeu bruscamente. Aviendha se virou para seguir o olhar de Amys e, quando seus olhos o encontraram, um vermelho intenso cobriu seu rosto, e então sumiu tão rápido que até suas bochechas bronzeadas ficaram pálidas. As quatro Sábias cravaram os olhos nele, indecifráveis.

Asmodean e Mat surgiram por trás de Rand, conduzindo seus cavalos.

— *Mulheres aprendem esse olhar no berço?* — resmungou Mat. — *São as mães que ensinam? Eu diria que o poderoso Car'a'carn vai ficar com as orelhas chamuscadas se ficar por aqui por muito mais tempo.*

Rand balançou a cabeça e estendeu os braços quando Aviendha girou a perna para descer, então a tirou do dorso do sarapintado. Por um momento, ele a segurou pela cintura e encarou seus límpidos olhos verde-azulados. Ela não desviou o olhar nem alterou sua expressão, mas as mãos se apertaram devagar nos antebraços dele. O que será que ela tinha que conseguir? Rand pensara que Aviendha fora designada pelas Sábias para espioná-lo, mas, sempre que ela perguntava sobre coisas que ele escondia das Sábias, era com raiva explícita por ele manter esses segredos. Nunca com ironia, nunca tentando desencavar alguma coisa. Era ameaçadora, às vezes, mas nunca dissimulada. Ele considerara a possibilidade de que ela fosse como uma das jovens de Colavaere, mas só durante o breve momento que levava para se dar conta da ideia. Aviendha jamais permitiria que a usassem dessa forma. Além do mais, mesmo que fosse o caso, ter dado a ele um gostinho dela para então negar até mesmo um mero beijo, sem falar em tê-lo obrigado a persegui-la por meio mundo, não era uma boa maneira de conduzir a questão. Se ficar nua na frente dele era mais do que natural para ela, era porque os costumes Aiel eram diferentes. Se a aflição dele quanto a isso a satisfazia, provavelmente era porque ela achava divertidíssimo brincar com Rand. Então, o que será que ela tinha que conseguir? Armações por todo lado. Será que todos estavam tramando algo? Ele via o próprio rosto nos olhos dela. Quem dera aquele colar de prata a Aviendha?

— Eu também gosto de ficar abraçadinho, como qualquer um — afirmou Mat —, mas você não acha que tem muita gente olhando?

Rand largou a cintura de Aviendha e deu um passo para trás, e ela também se afastou depressa. Com a cabeça curvada, Aviendha ficou se distraindo com a saia e resmungando a respeito de como andar a cavalo desarrumara sua roupa, mas não antes de Rand ver que suas bochechas estavam coradas. Bem, ele não tinha pretendido deixá-la constrangida.

Olhando em torno do pátio com uma expressão carrancuda, Rand disse:

— Eu falei que não sei quantos vou poder levar, Bael.

Com as Donzelas se espalhando pelos portões até a rampa, mal havia espaço para se mexer no pátio. Quinhentos de cada sociedade significavam seis mil Aiel. Os corredores internos deviam estar entupidos.

O imenso chefe deu de ombros. Como todos os Aiel, estava com a *shoufa* enrolada em torno da cabeça, pronto para erguer o véu. Nenhuma bandana vermelha, embora parecesse que pelo menos metade dos demais usava o disco preto e branco na testa.

— Toda lança que puder acompanhar você, vai. As duas Aes Sedai virão logo?

— Não. — Foi bom Aviendha ter mantido a promessa de não deixá-lo tocar nela de novo. Lanfear tentara matar as duas porque não sabia qual delas era Aviendha. Como Kadere descobrira, para contar a ela? Não importava. Lan estava certo. As mulheres só encontravam dor ou morte quando se aproximavam demais dele. — Elas não vêm.

— Há relatos de... problemas... perto do rio.

— Grande vitória, Bael — disse Rand, cansado. — E muita honra adquirida. — *Mas não por mim.* Pevin se aproximou, passando por Bael, e se pôs bem atrás do ombro de Rand com o estandarte, seu rosto estreito e cheio de cicatrizes absolutamente sem expressão. — Quer dizer que todo o palácio está sabendo disso?

— Eu ouvi rumores — respondeu Pevin. Ele abriu e fechou a boca, como se buscasse mais palavras. Rand encontrara um substituto para o casaco remendado do rapaz, uma boa lã vermelha, e Pevin providenciara que Dragões fossem bordados na roupa, cada um subindo por uma das laterais do tórax. — De que você estava indo. Para algum lugar. — Aquilo pareceu exaurir o estoque dele.

Rand assentiu. Boatos se espalhavam pelo palácio feito cogumelos à sombra. Mas, desde que Rahvin não descobrisse... Fez uma varredura pelos telhados e pelo alto das torres. Nada de corvos. Fazia tempo que não via nenhum, apesar de ter ouvido falar de alguns sendo mortos por outros homens. Talvez agora os pássaros o evitassem.

— Esteja preparado. — Rand agarrou *saidin* e flutuou no Vazio, na apatia.

O portão surgiu no pé dos degraus, primeiro uma linha brilhante que pareceu girar, abrindo-se para a escuridão em um buraco quadrado de quatro passadas de largura. Não se ouvia nenhum murmúrio dos Aiel. Quem estivesse do outro lado poderia vê-lo como se através de um vidro esfumado, um cintilar obscuro no ar, mas tentar passar por ali seria como atravessar uma das muralhas do palácio. Pela lateral, o portão só não era invisível para os poucos que estavam suficientemente perto para ver o que parecia um fio de cabelo comprido e fino bem tensionado.

Quatro passadas era o tamanho máximo que Rand conseguia abrir. Segundo Asmodean, havia limites para um homem só. Parecia que sempre havia limites. A quantidade de *saidin* agarrada não importava. O Poder Único não tinha muito a ver com os portões, na realidade. Só com sua feitura. E havia outra coisa, para além dele. Um sonho de um sonho, como dizia Asmodean.

Rand adentrou, pisando no que aparentava ser um paralelepípedo erguido no pátio, mas ali o quadrado estava imerso na mais absoluta escuridão, dando a sensação de que não havia nada em direção alguma. Nada, para sempre. Não era como a noite. Ele conseguia se ver, e ver o paralelepípedo, perfeitamente. Mas todo o resto, em toda parte, era apenas escuridão.

Precisava construir uma plataforma tão larga quanto pudesse. Ao pensar naquilo, mais pedras apareceram de uma vez só, duplicando o pátio. Imaginou-o ainda maior. Instantaneamente, as pedras cinzas se estenderam até onde a vista alcançava. Com um susto, Rand se deu conta de que suas botas estavam começando a afundar na pedra sob seus pés. O aspecto dela era o mesmo, ainda que parecesse ceder devagar como lama, esvaindo-se em torno das botas. Depressa, ele tratou de trazer tudo de volta para um quadrado do tamanho do que havia do lado de fora — e que se manteve sólido — e então começou a aumentá-lo, só que uma fileira por vez. Não levou muito tempo para perceber que não era capaz de fazer uma plataforma muito maior que a da primeira tentativa. A pedra ainda parecia perfeita, sem afundar sob os pés, mas a segunda fileira dava a impressão de estar... insubstancial, como uma concha bem fina que poderia se quebrar com um passo errado. Seria porque aquilo era o maior que se poderia construir? Ou porque ele não tinha pensado nela maior logo de cara? *Nós criamos nossos limites. O pensamento brotou de surpresa. E os estabelecemos mais longe do que temos direito.*

Rand sentiu calafrios. No Vazio, era como se sentisse outra pessoa estremecer. Era bom ser lembrado de que Lews Therin ainda estava dentro dele. Tinha que ter cuidado para não se ver em uma batalha pela própria mente enquanto estivesse lutando com Rahvin. Não fosse por isso, ele poderia... Não. O que ocorrera no desembarcadouro estava feito. Não transformaria aquilo em um problema ainda maior.

Reduziu a plataforma em uma fileira e se virou. Bael estava esperando lá fora, no que parecia uma imensa porta quadrada que dava para a luz do dia, um pouco antes dos degraus. Ao lado dele, Pevin não parecia mais confuso que o chefe Aiel, o que significava que estava completamente neutro. Pevin carregaria aquele estandarte aonde quer que Rand fosse, inclusive ao Poço da Perdição, sem jamais pestanejar. Mat empurrou o chapéu para trás para coçar a cabeça e então tornou a recolocá-lo, resmungando sobre dados rolando em sua mente.

— Impressionante — comentou Asmodean, calmo. — Bastante impressionante.

— Deixe para elogiá-lo outra hora, harpista — advertiu Aviendha.

Ela foi a primeira a atravessar, olhando para Rand, não para onde colocava os pés. Caminhou até ele sem dar sequer uma olhada para outra coisa além de seu rosto. Quando o alcançou, porém, ela se virou de repente, arrumando o xale e examinando a escuridão. Por vezes, as mulheres eram mais estranhas que qualquer outra coisa que o Criador pudesse ter criado.

Bael e Pevin vieram logo atrás, depois Asmodean, uma das mãos agarrando a correia do estojo da harpa que lhe perpassava o peito, a outra apertando o cabo da espada, e então Mat, pavoneando-se, mas um tanto relutante e rabugento, como se discutisse consigo mesmo. Na Língua Antiga. Sulín reclamou a honra de ser a primeira dos demais, mas um grande fluxo de pessoas veio logo atrás, e não só Donzelas da Lança, mas também *Taîn Shari*, os Sangues Verdadeiros, e *Far Aldazar Din*, os Irmãos da Águia. Escudos Vermelhos e Mensageiros da Aurora, Cães de Pedra e Mãos de Faca, representantes de todas as sociedades, atravessavam aos montes.

À medida que os números aumentavam, Rand se deslocou para o lado oposto da plataforma. Não tinha a menor necessidade de ver para onde estava indo, mas queria. Na verdade, poderia ter permanecido na outra ponta ou ido para um dos lados. As direções ali eram mutáveis. Para onde quer fosse, se feito de maneira adequada, acabaria levando-o a Caemlyn. E, se feito errado, para o infinito negrume do nada.

Exceto por Bael e Sulín — e Aviendha, claro —, os Aiel deixaram um pouco de espaço em torno dele e de Mat, Asmodean e Pevin.

— Afastem-se das beiradas — alertou Rand. — Todos os Aiel mais próximos a ele recuaram um pé. Não enxergava por cima da floresta de cabeças amortalhadas com a *shoufa*. — Já está cheio? — gritou. Aquele troço daria conta de metade dos que queriam ir, mas não muito mais que isso. — Já está cheio?

— Já — gritou, por fim, uma relutante voz feminina que ele pensou ser de Lamelle, mas ainda se via uma montanha de gente junto ao portão, Aiel certos de que devia haver espaço para mais um.

— Chega! — berrou Rand. — Mais ninguém! Afastem-se do portão! Fiquem todos bem afastados! — Ele não queria que acontecesse com carne humana o que acontecera com a lança Seanchan.

Uma pausa e, então, um grito:

— Está livre. — Era Lamelle. Rand teria apostado sua última moeda de cobre que Enaila e Somara também estavam em algum lugar ali atrás.

O portão pareceu virar de lado e foi afinando até desaparecer com um último lampejo de luz.

— Sangue e cinzas! — resmungou Mat, apoiando-se na lança, aborrecido. — Isto aqui é pior que os malditos Caminhos! — Isso lhe rendeu um olhar surpresa

de Asmodean, e outro sugestivo de Bael. Mat não notou. Estava ocupando demais observando a escuridão.

Não havia sensação de movimento, nenhuma brisa para fazer tremular o estandarte que Pevin carregava. Todos poderiam estar absolutamente parados. Mas Rand sabia que não. Quase sentia a aproximação do lugar para o qual estavam indo.

— Se você surgir muito perto dele, ele vai sentir. — Asmodean lambeu os lábios e evitou olhar para qualquer outra pessoa. — Pelo menos foi isso que eu ouvi dizer.

— Eu sei para onde estou indo — retrucou Rand. Não muito perto. Mas não muito longe. Ele se lembrava bem do local.

Nenhum movimento. Um negrume infinito, e eles ali no meio. Sem se mexer. Meia hora já se passara, talvez.

Uma leve agitação percorreu os Aiel.

— O que houve? — indagou Rand.

Ouviram-se murmúrios pela plataforma.

— Alguém caiu — disse um homem corpulento próximo a ele. Rand o reconheceu. Meciar. Era *Cor Darei*, um Lança Noturna. Estava usando a bandana vermelha.

— Não foi uma das... — começou Rand, então flagrou Sulin lhe lançando um olhar sério.

Rand se virou para encarar a escuridão, a raiva parecendo uma mancha contra o Vazio apático. Então uma Donzela cair não deveria ser de maior importância para ele? Mas era. Uma queda eterna na escuridão infinita. A sanidade se desmantelaria antes que a morte viesse, de fome, sede ou medo? Em uma queda como aquela, até um Aiel devia sentir medo o bastante para parar um coração. Ele quase torcia para que sim. Seria mais misericordioso que a outra opção.

Que me queime, o que aconteceu com toda aquela dureza de que eu tanto me orgulhava? Donzela ou Cão de Pedra, uma lança é uma lança. Mas pensar a respeito não tornava aquilo verdade. *Eu serei duro!* Ele deixaria as Donzelas dançarem as lanças onde bem entendessem. Deixaria. E sabia que procuraria descobrir o nome de todas que morressem, que cada nome seria mais um talho em sua alma. *Eu serei duro. Que a Luz me ajude, eu serei. Que a Luz me ajude.*

Aparentemente imóveis no meio da escuridão.

A plataforma parou. Era difícil afirmar como ele sabia, em que momento foi capaz de dizer que antes ela estivera se movendo, mas ele sabia.

Canalizou, e um portão se abriu da mesma maneira que se abrira no pátio em Cairhien. O ângulo do sol mal se alterara, mas, ali, a luz do começo da manhã brilhava em uma rua pavimentada e uma encosta ascendente exibia os retalhos marrons da grama e das flores silvestres mortas pela seca. Era uma

encosta encimada por uma muralha de pedra de duas braças ou mais de altura, as pedras trabalhadas de modo grosseiro para causar a impressão de ser uma construção natural. Acima da muralha, Rand divisava as cúpulas douradas do Palácio Real de Andor, alguns dos pálidos pináculos coroados com estandartes tremulando à brisa, exibindo o Leão Branco. No outro lado da muralha, o jardim onde encontrara Elayne pela primeira vez.

Olhos azuis acusadores flutuaram no limite do Vazio, a lembrança súbita de beijos roubados em Tear, memórias de uma carta pondo o coração e a alma dela a seus pés, de declarações de amor repassadas por Egwene. O que ela diria se ficasse sabendo a respeito de Aviendha, sobre aquela noite na cabana de neve? Lembranças de outra carta em que ela o desprezava de maneira gélida, uma rainha condenando um porqueiro ao exílio sombrio. Não importava. Lan tinha razão. Mas ele queria... O quê? Quem? Olhos azuis, olhos verdes e olhos castanho-escuros. Elayne, que talvez o amasse e talvez não conseguisse se decidir? Aviendha, que o provocava com o que ele não podia tocar? Min, que ria dele e o achava um cabeça de lã idiota? Tudo aquilo tremeluzia pelos limiares do Vazio. Tentou ignorar, não ligar para as lembranças angustiadas de outra mulher de olhos azuis que jazia morta no corredor de um palácio, muito tempo atrás.

Precisava ficar ali parado enquanto os Aiel saíam apressados atrás de Bael, cobrindo-se com os véus e espalhando-se à direita e à esquerda. Era sua presença que mantinha a plataforma, que desapareceria tão logo ele passasse pelo portão. Aviendha aguardava quase tão calma quanto Pevin, embora de vez em quando colocasse a cabeça para fora e franzisse de leve a testa para um lado ou para outro, rua abaixo. Asmodean passava os dedos pela espada, e sua respiração estava acelerada. Rand se perguntou se o homem sabia como usar aquele troço. Não que fosse precisar. Mat olhava para o alto da muralha como se revivesse uma lembrança ruim. Também já entrara no Palácio por ali.

O último Aiel com véu passou, então Rand sinalizou para que os outros saíssem, e só depois os seguiu. Em um piscar de olhos, o portão deixou de existir, deixando-o bem no meio de um imenso círculo de Donzelas em posição de alerta. Aiel desciam a rua em curva — ela seguia o contorno da colina, já que todas as ruas da Cidade Interna eram traçadas conforme o terreno — e desapareciam ao dobrar em esquinas sinuosas enquanto se apressavam para encontrar e deter qualquer pessoa que pudesse dar um alerta. Outros mais subiam a encosta, e alguns tinham até começado a escalar a muralha usando minúsculas protuberâncias e sulcos como apoios para os dedos dos pés e das mãos.

De repente, os olhos de Rand se fixaram. À sua esquerda, a rua se curvava para baixo e fazia o contorno até sair de vista, o declive permitindo que enxergasse além das torres ladrilhadas que cintilavam ao sol matinal em uma centena de cores cambiantes, e além dos telhados, até um dos muitos parques da

Cidade Interna, seus monumentos e passeios brancos formando uma cabeça de leão quando vistos daquele ângulo. À direita, a rua ascendia um pouco antes de fazer uma curva e sumir, mais torres encimadas por pináculos ou cúpulas de vários formatos reluzindo acima dos telhados. Aiel tomavam as ruas, dispersando-se depressa pelas vielas laterais que se espiralavam para além do Palácio. Aiel, e mais nenhuma outra alma. O sol já estava suficientemente alto para as pessoas estarem cuidando de seus afazeres, mesmo tão perto do Palácio.

Como em um pesadelo, a muralha acima explodiu em meia dúzia de pontos, Aiel e pedras esmagando os que ainda a escalavam. Antes que aqueles pedaços de alvenaria alcançassem o chão, Trollocs surgiram pelas aberturas, deixando cair os arietes da grossura de árvores que haviam utilizado, desembainhando espadas curvadas feito foices. Outros mais, com machados espinhosos e lanças farpadas, imensos vultos de armadura negra com espinhos nos ombros e cotovelos, enormes rostos humanos distorcidos por focinhos com focinheiras, além de bicos, chifres e penas, mergulhando do alto da encosta com Myrddraal sem olhos em meio a eles feito serpentes da meia-noite. Por toda a extensão da rua, Trollocs uivantes e Myrddraal silenciosos jorravam das portas e saltavam das janelas. Do céu límpido, relâmpagos caíam feito punhaladas.

Rand urdiu Fogo e Ar para fazer frente a Fogo e Ar, uma proteção que se ampliava devagar em sua corrida contra a chuva de relâmpagos. Devagar demais. Um raio atingiu a proteção diretamente acima de sua cabeça, estilhaçando-se em um clarão ofuscante, mas outros alcançaram o solo, e o cabelo de Rand se arrepiou quando o próprio ar pareceu derrubá-lo com um golpe. Quase perdeu a tessitura, quase perdeu até o Vazio, mas urdiu o que não conseguia enxergar com os olhos ainda tomados pela luz resplandecente e espalhou a proteção contra os raios enviados pelos céus, e cujos golpes podia ao menos sentir. Golpes para atingi-lo, mas isso poderia mudar. Rand agarrou *saidin* usando o *angreal* em seu bolso, urdiu a proteção até ter certeza de que ela encobriria metade da Cidade Interna, e então a amarrou. Quando começou a se pôr de pé, sua visão retornou, de início dolorida e marejada. Precisava agir rápido. Rahvin sabia de sua presença. Ele tinha que...

Surpreendentemente, pouco tempo se passara, ao que parecia. Rahvin não ligava para quantos dos seus perdia. Na encosta, Trollocs e Myrddraal atordoados sucumbiam para as lanças das Donzelas, muitas das quais também cambaleavam. Algumas Donzelas, as que estavam mais próximas a Rand, só agora retomavam a subida de onde haviam sido arremessadas, e Pevin mantinha-se ereto com a ajuda do mastro do estandarte vermelho, o rosto cheio de cicatrizes inexpressivo feito uma placa de ardósia. Mais Trollocs transbordavam pelas frestas na muralha logo acima, e o alarido da batalha preenchia as ruas em todas as direções, mas, no que cabia a Rand, aquilo tudo podia estar acontecendo em outro país.

Houvera mais de um raio naquela primeira torrente, mas nem todos tinham sido direcionados a ele. As botas fumegantes de Mat repousavam a doze passadas de onde o próprio Mat estava caído de costas. Gavinhas de fumaça subiam também do cabo da lança, do casaco e até da cabeça de raposa prateada, pendurada para fora da camisa e que não o salvara da canalização de um homem. Asmodean era um vulto retorcido carbonizado, reconhecível apenas pelo estojo da harpa enegrecido ainda afivelado às suas costas. E Aviendha... Sem feridas, poderia estar apenas cochilando — se fosse possível cochilar com os olhos fixos no sol, sem piscar.

Rand se curvou para tocar o rosto dela. Já esfriando. Parecia que... nem era carne.

— Raaaahviiiiin!

Ele se assustou um pouco com aquele som saindo de sua garganta. Parecia estar sentado em algum ponto bem profundo da própria mente, o Vazio em seu entorno mais vasto e mais vazio do que nunca. *Saidin* ribombava nele. Rand não se importava se acabasse sendo esvaído. A mácula filtrava tudo, manchava tudo. Ele não se importava.

Três Trollocs passaram pelas Donzelas, enormes machados com espinhos e lanças curvadas nas mãos peludas, olhos demasiado humanos fixos nele, de pé ali, aparentemente desarmado. O que tinha um focinho com presa de javali tombou com a lança de Enaila lhe perpassando a espinha. O de bico de águia e o urso amordaçado correram na direção de Rand, um calçado com botas, o outro só com as patas.

Rand se sentiu sorrir.

Fogo irrompeu dos dois Trollocs, uma chama de cada poro, rebentando através da armadura negra. Quando suas bocas se abriam para gritar, um portão se abriu no ponto exato onde estavam. Metades ensanguentadas de Trollocs em chamas, fatiados à perfeição, tombaram, mas Rand tinha os olhos fixos na abertura. Ela não dava para a escuridão, e sim para um grande salão colunado com paredes de pedra entalhada de leões, onde um homenzarrão com manchas grisalhas no cabelo escuro se levantou de surpresa de um trono dourado. Uma dúzia de homens, alguns trajados como lordes, alguns com armaduras, se viraram para seguir o olhar de seu mestre.

Rand mal reparou neles.

— Rahvin — disse ele. Ou alguém. Não tinha certeza de quem.

Enviando chamas e relâmpagos à sua frente, Rand atravessou o portão e deixou que a abertura se fechasse atrás de si. Ele era a própria morte.

* * *

Nynaeve não estava tendo o menor problema para manter o mau humor que lhe

permitia canalizar um fluxo de Espírito até a estatueta âmbar da mulher adormecida em sua bolsa. Nem a sensação de olhos invisíveis à espreita poderia perturbá-la com a raiva que sentia naquela manhã. Sivan estava diante dela em uma rua de Salidar, em *Tel'aran'rhiod*, uma rua vazia, a não ser por elas, algumas moscas e uma raposa que parara para olhar as duas com curiosidade antes de seguir seu caminho.

— Você precisa se concentrar — ladrrou Nynaevae. — Na primeira vez, você tinha mais controle do que agora. Concentre-se!

— Eu *estou* me concentrando, menina idiota! — O vestido simples de lã azul de Sivan de repente virou seda. A estola de sete listras do Trono de Amyrlin repousava em seus ombros e, em seu dedo, uma serpente dourada mordida a própria cauda. Com o rosto franzido para Nynaevae, ela não parecia ter se dado conta da mudança, embora já tivesse usado o mesmo vestido cinco vezes só naquele dia. — Se estou tendo alguma dificuldade, é por causa daquela mistura horrível que você me deu! Blergh! Ainda estou sentindo o gosto. Parecia bilis de linguado! — A estola e o anel sumiram, e a gola alta do vestido de seda baixou o suficiente para revelar o anel de pedra retorcida balançando entre seus seios em uma bela corrente de ouro.

— Se você não tivesse insistido para eu te ensinar em um momento em que precisa de ajuda para dormir, não teria tido que tomar nada. — Sim, houvera um pouco de raiz de língua-de-ovelha e outras coisinhas mais que não estavam necessariamente na receita. A mulher merecia ter a língua coalhada.

— Você não tem como me ensinar quando está ensinando para Sheriam e as outras. — A seda empalideceu. A gola voltou a ficar alta, cercada por um tufo de renda branca e um chapéu com pérolas bem ajustado ao cabelo de Sivan. — Ou preferiria me ensinar logo depois? Você diz que precisa dormir *um pouco* sem ser incomodada.

Nynaevae tremeu, os punhos cerrados na lateral do corpo. Sheriam e as outras não eram nem o que mais lhe dava raiva. Ela e Elayne vinham se revezando para trazê-las a *Tel'aran'rhiod*, duas de cada vez, por vezes todas as seis na mesma noite, e, mesmo que Nynaevae fosse a professora, elas nunca a deixavam se esquecer de que era uma Aceita, e elas, Aes Sedai. Uma única palavra ríspida quando elas cometiam algum erro bobo e... Elayne só recebera ordens para esfregar painéis uma vez, mas as mãos de Nynaevae já estavam ressecadas de tanta água quente com sabão. Enfim, lá onde seu corpo repousava dormindo, estavam ressecadas. Mas o pior não era isso. Também não o era o fato de que ela mal tinha tempo para estudar o que poderia ser feito, se é que algo poderia, quanto a uma pessoa estancada ou amansada. Em todo caso, Logain era mais cooperativo do que Sivan e Leane, ou pelo menos demonstrava mais vontade. Graças à Luz, ele entendeu que era preciso guardar segredo. Ou ela achava que tinha entendido. Era provável que pensasse que Nynaevae acabaria

Curando-o. Não, pior que tudo isso era Faolain ter sido testada e elevada... não a Aes Sedai — não sem o Bastão dos Juramentos, que estava bem guardado na Torre —, mas para algo acima de Aceita. Agora Faolain usava o vestido que bem entendesse e, se não podia usar o xale ou escolher uma Ajah, fora agraciada com outro tipo de autoridade. Nynaeve achava que tinha ido buscar mais copos d'água, mais livros — largados de propósito, ela tinha certeza! —, mais alfinetes, jarros de tinta e outros objetos inúteis nos últimos quatro dias do que o fizera em toda a sua estada na Torre. Ainda assim, nem Faolain era o pior de tudo. Nynaeve não queria nem se pensar no assunto. Sua raiva teria sido capaz de aquecer uma casa durante o inverno.

— O que foi que te enfiou um anzol pela guelra hoje, garota? — Sivan trajava um vestido parecido com os de Leane, só que mais transparente do que até Leane usaria em público, tão fino que ficava difícil dizer de que cor era. Também não era a primeira vez no dia que ela o usava. O que estaria circulando lá no fundo de seus pensamentos? No Mundo dos Sonhos, coisas como trocar de roupa assim traíam pensamentos que a pessoa talvez nem soubesse que tinha. — Até hoje, você vinha sendo quase uma companhia decente — prosseguiu Sivan, irritada, para então fazer uma pausa. — Até hoje. Agora eu entendo. Ontem à tarde, Sheriam mandou Theodrin começar a te ajudar a derrubar a barreira que você criou. É isso que está te incomodando tanto? Você não gosta de Theodrin te dizendo o que fazer? Ela também é uma bravia, garota. Se alguém puder ajudar a aprender a canalizar sem ter primeiro que engolir urtigas, ela...

— E por que é que *você* está tão agitada que nem consegue sossegar com o mesmo vestido? — Theodrin... Era isso que incomodava de verdade. O fracasso. — Será que foi algo que eu escutei ontem à noite?

Theodrin era calma, bem-humorada, paciente. Disse que não tinha como Nynaeve ter sucesso em uma sessão só. Sua própria barreira demorara meses para ser demolida, e, ao fim ela percebera que já canalizava muito antes de ir para a Torre. Ainda assim, o fracasso doía e, pior que tudo, se um dia alguém descobrisse que ela tinha chorado feito um bebê nos braços reconfortantes de Theodrin quando percebeu que estava fracassando...

— Soube que você jogou as botas de Gareth Bryne na cabeça dele quando ele mandou você se sentar e engraxá-las direito. Ele ainda não sabe que é Min quem engraxa, sabe? E aí ele virou você de cabeça para baixo e...

O tabefe de mão cheia desferido por Sivan deixou-a com os ouvidos zunindo. Por um instante, só conseguiu encarar a outra mulher, os olhos se arregalando mais e mais. Com um ganido incompreensível, tentou dar um soco no olho de Sivan. Tentou, porque, de alguma forma, a mulher tinha conseguido agarrar seu cabelo. No momento seguinte, ambas estavam no chão, na poeira da rua, rolando, gritando e se engalfinhando feito loucas.

Grunhindo, Nynaeve achava estar levando a melhor, mesmo que, na metade do tempo, não soubesse se estava por cima ou por baixo. Com uma das mãos, Siuan tentava lhe arrancar a trança com raiz e tudo, enquanto, com a outra, socava suas costelas ou qualquer outra coisa que encontrasse. Mas Nynaeve retribuía à altura, e como os puxões e socos de Siuan com certeza estavam ficando cada vez mais fracos, apagaria a mulher em um minuto, e então arrancaria seus cabelos. Nynaeve uivou quando um pé lhe atingiu em cheio o queixo. A mulher a chutara! Nynaeve tentou acertar uma joelhada nela, mas, de saia, isso não era fácil. Em uma luta justa, não se podia chutar!

De repente, Nynaeve se deu conta de que Siuan estava tremendo. De início, achou que ela estivesse chorando, mas então percebeu que eram gargalhadas. Nynaeve se ergueu um pouco, afastou alguns fios de cabelo do rosto — sua trança estava praticamente desfeita — e baixou o olhar para ela.

— Do que você está rindo? De mim? Se você...!

— Não é de você. É de nós. — Ainda tremendo de tanto rir, Siuan empurrou Nynaeve para longe. O cabelo de Siuan estava todo bagunçado, e o vestido de lã simples que trajava agora estava coberto de terra, parecendo desgastado e cuidadosamente remendado em vários pontos. Também estava descalça. — Duas mulheres feitas, rolando pelo chão que nem... Eu não fazia isso desde que tinha... doze anos, eu acho. Comecei a pensar que só nos faltava aparecer a gorda da Cian me puxando pela orelha e dizendo que garotas não brigam. Ouvi falar que uma vez ela derrubou um tipógrafo bêbado. Não sei por quê. — Por um momento, Siuan pareceu ter um acesso de risadinhas, mas então tratou de ficar quieta e, espanando a poeira do vestido, se levantou. — Se tivermos alguma discordância, podemos resolver a questão como duas mulheres adultas. — E, em um tom mais cuidadoso: — Ainda assim, pode ser uma boa ideia não discutirmos Gareth Bryne.

Siuan se assustou quando o vestido surrado se transformou em um vestido de festa vermelho com bordados pretos e dourados ao redor da barra e do decote redondo.

Nynaeve ficou sentada, encarando-a. O que ela teria feito, como Sabedoria, se flagrasse duas mulheres rolando no chão daquele jeito? A resposta no máximo baixou sua raiva para uma efervescência. Siuan parecia ainda não ter se dado conta de que não precisava espanar a poeira com as mãos em *Tel'aran'rhioid*. Afastando os próprios dedos que estavam ajeitando a trança, Nynaeve se levantou depressa e, antes que ficasse de pé, a trança já caía com perfeição sobre o ombro e a boa lã de Dois Rios que usava, de aparência bem limpa.

— Concordo — declarou.

Teria feito quaisquer duas mulheres que flagrasse daquela maneira lamentarem ter nascido antes mesmo de as conduzir até o Círculo das Mulheres. O que estava pensando para usar os punhos como algum homem idiota? Primeiro

Cerandin, em cujo episódio nem queria pensar, mas já tinha pensado, depois Latelle, e agora aquilo. Conseguiria superar a própria barreira ficando zangada o tempo todo? Infelizmente, ou talvez felizmente, pensar daquele jeito não ajudou em nada seu humor.

— Se tivermos discordâncias, podemos... discuti-las.

— O que eu suponho que queira dizer que vamos gritar uma com a outra — retrucou Siuan, seca. — Bem, melhor assim que do outro jeito.

— Não precisaríamos gritar se você...! — Nynaeve respirou fundo e desviou os olhos. Não era uma boa maneira de recomençar. O ar ficou preso na garganta, e ela encarou Siuan de novo tão rápido que pareceu apenas que tinha balançado a cabeça. Esperava que sim. Por um breve instante, um rosto aparecera em uma janela do outro lado da rua. Então, ela sentiu uma palpação na barriga, uma bolha de medo, e uma ardência de raiva por se ver amedrontada. — Acho que deveríamos voltar agora — disse baixinho.

— Voltar?! Você falou que aquele preparado repugnante me faria dormir duas boas horas, e só estamos aqui há pouco mais da metade disso.

— O tempo aqui transcorre de maneira diferente. — Teria sido Moghedien? O rosto desaparecera tão rápido que poderia ter sido alguém que sonhara estar ali só por um instante. Se fosse Moghedien, elas não deviam, e não deviam de jeito nenhum, permitir que ela soubesse que tinha sido vista. Precisavam ir embora. Uma bolha de medo, uma ardência de raiva. — Eu já falei. Um dia em *Tel'aran'rhiod* pode ser uma hora no mundo desperto, ou o contrário. Nós...

— Já consegui coisa melhor tirando água da sentina, garota. Melhor você não pensar que vai conseguir me passar a perna. Você vai me ensinar tudo o que ensina para as outras, como combinamos. Podemos ir quando eu acordar.

Não havia tempo. Se tivesse sido Moghedien... O vestido de Siuan agora era de seda verde, e o anel da Grande Serpente e a estola da Amyrlin estavam de volta, mas, incrivelmente, o decote estava quase tão baixo quanto o das roupas anteriores. O anel *ter'angreal* pendia acima dos seios, fazendo parte, de alguma forma, de um colar de esmeraldas quadradas.

Nynaeve se moveu sem pensar. Esticou a mão e puxou o colar com tanta força que ele se partiu do pescoço de Siuan. Os olhos da mulher se arregalaram, mas, assim que o fecho quebrou, ela desapareceu, o colar e o anel derretendo na mão de Nynaeve. Por um instante, ela ficou olhando para os dedos vazios. O que acontecia com alguém mandado embora de *Tel'aran'rhiod* daquela maneira? Ela mandara Siuan de volta para seu corpo adormecido? Ou para o corpo de outra pessoa? Para lugar nenhum?

Nynaeve entrou em pânico. Percebeu que estava apenas parada lá. Então fugiu na velocidade do pensamento, o Mundo dos Sonhos parecendo se transformar em torno dela.

Nynaeve estava em uma rua empoeirada de um vilarejo com casinhas de madeira, todas de apenas um andar. O Leão Branco de Andor tremulava em um mastro alto, e uma única doca de pedra avançava para um rio largo onde um bando de aves de bico comprido batia asas rumo ao sul, um pouco acima da água. Tudo era vagamente familiar, mas ela precisou de um momento para identificar onde estava: Jurene. Em Cairhien. E aquele rio era o Erinin. Fora ali que ela, Egwene e Elayne entraram a bordo do *Flechador*, de nome tão mal escolhido quanto o *Serpente do Rio*, para continuar a jornada até Tear. Aqueles dias pareciam algo lido em um livro muito tempo antes.

Por que tinha ido parar em Jurene? Pergunta simples, respondida assim que ela pensou a respeito: Jurene era o único lugar que conhecia bem o bastante para aparecer, em *Tel'aran'rhiod*, com a certeza de que Moghedien não estaria. Ficara ali por no máximo uma hora, quando Moghedien ainda nem sabia de sua existência, e Nynaeve estava segura de que nem ela nem Elayne tinham tornado a mencionar o local nem em *Tel'aran'rhiod* ou acordadas.

Mas aquilo suscitava outra pergunta. A mesma, de certo modo: por que Jurene? Por que não saltar do Sonho e acordar na própria cama? Por pior que fosse, lavar louças e esfregar o chão não a cansavam tanto que deixassem seu sono pesado. *Ainda posso ir embora*. Moghedien a vira em Salidar, caso tivesse sido Moghedien. Agora Moghedien conhecia Salidar. *Posso contar para Sheriam*. Como? Admitindo que estava ensinando Suan? Não fosse com Sheriam e as outras Aes Sedai, ela não deveria pôr as mãos naqueles *ter'angreal*. Como Suan os pegava quando bem entendia, Nynaeve não fazia ideia. Não, ela não estava com medo de mais horas com água quente até os cotovelos. Estava com medo de Moghedien. A raiva ardia com força em suas entranhas. Desejava ter um pouco de menta-de-ganso na algibeira de ervas. *Estou tão... tão cansada de sentir esse maldito medo*.

Havia um banco na frente de uma das casas, com vista para a doca e o rio. Ela se sentou e analisou a situação por todos os ângulos. Era ridícula. A Fonte Verdadeira era uma coisa pálida. Ela canalizou uma chama dançando no ar acima de sua mão. Nynaeve podia até parecer sólida — para si mesma, pelo menos —, mas enxergava o rio através daquela chama fraca. Desfez o fogo, que desapareceu feito névoa assim que a tessitura foi desamarrada. Como poderia enfrentar Moghedien se até mesmo a noviça mais fraca de Salidar conseguiria lhe fazer páreo ou até sobrepujar sua força? Por isso fugira para aquele local, em vez de ir embora de *Tel'aran'rhiod*. Com medo e com raiva de sentir medo, zangada demais para pensar com clareza, para considerar as próprias fraquezas.

Sairia do Sonho. Independentemente do que Suan vinha aprontando, estava feito, e a mulher teria de correr o risco junto com ela. O mero pensamento em mais horas esfregando o chão fez sua mão apertar a trança com força. Mais

provável que fossem dias, e talvez a vara de Sheriam, ainda por cima. Talvez nunca mais deixassem-na se aproximar de um dos *ter'angreal* dos sonhos, ou de nenhum *ter'angreal*. Designariam Faolain para tomar conta dela, em vez de Theodrin. Seria o fim de qualquer estudo sobre Suan e Leane, e mais ainda de Logain. Talvez o fim de seus estudos sobre a Cura.

Em um rompante de fúria, canalizou outra chama. Se era uma nesga mais forte, ela não conseguia perceber. Não adiantou nada a tentativa de incitar sua raiva na esperança de que fosse ajudar.

— Não há outra opção que não seja contar para elas que eu vi Moghedien — resmungou, puxando a trança com força suficiente para machucar. — Luz, elas vão me entregar para Faolain. Eu quase prefiro morrer!

— Mas você parece gostar de fazer um ou outro servicinho para ela.

Aquela voz debochada fez Nynaeve saltar do banco como se tivesse sido empurrada. Toda de preto, Moghedien estava de pé na rua balançando a cabeça para o que via. Com toda a sua força, Nynaeve urdiu uma proteção de Espírito e arremessou-a entre a outra mulher e *saidar*. Ou tentou. Foi como cortar uma árvore com uma machadinha de papel. Moghedien até sorriu antes de se dar ao trabalho de cortar a tessitura de Nynaeve, e o fez de forma tão casual quanto se estivesse enxotando um simples picadinha. Nynaeve a encarou, atordoada. Depois de tudo, acabaria assim. O Poder Único, inútil. Toda a raiva que borbulhava dentro dela, inútil. Todos os seus planos, suas esperanças, inúteis. Moghedien nem se preocupou em contra-atacar. Nem se deu ao trabalho de canalizar uma proteção para ela. Tamanho era seu desdém.

— Bem que achei que você tivesse me visto. Fiquei descuidada quando você e Suan começaram a tentar se matar. E com as mãos. — Moghedien soltou uma gargalhada de menosprezo. Estava urdindo algo, mas de maneira preguiçosa, já que não havia motivo para ter pressa. Nynaeve não sabia o que era, mas mesmo assim queria gritar. Por dentro, a fúria fervia, mas o medo lhe comprometia o bom senso e lhe fincava os pés no chão. — Às vezes, acho que você é ignorante demais até para treinar, você e o antigo *Trono de Amyrlin* e todo o resto. Mas não posso permitir que você me traia. — A tessitura estava avançando para ela. — Parece que está na hora de finalmente pôr as mãos em você.

— Parada, Moghedien! — gritou Birgitte.

Nynaeve ficou boquiaberta. Era *mesmo* Birgitte, e com a aparência de sempre, casaco branco curto e calças largas amarelas, a intrincada trança dourada jogada por cima do ombro, uma flecha de prata engatada no arco. Era impossível. Birgitte não fazia mais parte de *Tel'aran'rhiod*, tinha ficado em Salidar para garantir que ninguém descobrisse Nynaeve e Suan dormindo em pleno sol a pino e comesse a fazer perguntas.

Moghedien ficou tão chocada que os fluxos que tinha urdido desapareceram. O choque, no entanto, durou menos que um instante. A flecha reluzente saiu voando do arco de Birgitte... e evaporou. O arco evaporou. Algo pareceu agarrar a arqueira, movendo seus braços para cima e tirando-a do chão. Quase na mesma hora, ela foi dominada, os pulsos se unindo aos tornozelos a um pé acima do chão.

— Eu devia ter considerado a possibilidade de você aparecer. — Moghedien se virou de costas para Nynaeve para se aproximar de Birgitte. — Está gostando de ser de carne e osso? Sem Gaidal Cain?

Nynaeve pensou em canalizar. Mas o quê? Uma adaga, que talvez nem penetrasse a pele da mulher? Fogo, que nem lhe chamuscaria as saias? Moghedien tanto sabia que ela era inútil que nem olhava para ela. Se Nynaeve interrompesse o fluxo de Espírito para a estatueta de âmbar, acordaria em Salidar e poderia dar um alerta. Seu rosto se retorceu quase às lágrimas quando olhou para Birgitte. A mulher de cabelos dourados estava ali, pendurada, e encarava Moghedien com um ar desafiador. Em contrapartida, a Abandonada a contemplava como um entalhador observaria um pedaço de madeira.

Só tem eu, Nynaeve pensou. *Minha canalização não faz a menor diferença. Só tem eu.*

Levantar aquele primeiro pé foi como tirá-lo da lama até os joelhos, o segundo passo vacilante nem um pouco mais fácil. Em direção a Moghedien.

— Não me machuque — bradou Nynaeve. — Por favor, não me machuque.

Um calafrio lhe percorreu o corpo. Birgitte sumira. Uma criança de uns três ou quatro anos com um casaco branco curto e calças largas amarelas estava ali de pé, mexendo com um arco de prata de brinquedo. Jogando a trança dourada para trás, a garotinha mirou o arco em Nynaeve e riu, para em seguida enfiar um dedo na boca como se não tivesse certeza se tinha feito alguma coisa errada. Nynaeve caiu de joelhos. Rastejar de saias era difícil, mas achava que não teria conseguido se manter de pé. De alguma forma, ela conseguiu e, choramingando, esticou a mão em súplica.

— Por favor, não me machuque. Por favor, não me machuque. — Repetiu, uma vez atrás da outra enquanto se arrastava até a Abandonada, um besouro machucado se revirando na terra.

Moghedien assistiu em silêncio, até que, por fim, disse:

— Cheguei a pensar que você fosse mais forte que isso. Agora, acho que realmente estou gostando de ver você assim, de joelhos. Esta distância já chega, garota. Não que eu ache que você tem coragem suficiente para sair no tapa *comigo*... — Ela pareceu se divertir com a ideia.

A mão de Nynaeve hesitou a uma braça de Moghedien. Tinha de ser perto o bastante. Só havia ela. E *Tel'aran'rhiod*. A imagem se formou em sua mente, e ali estava, o bracelete de prata em sua mão estendida, uma corrente prateada

unindo-o à coleira de prata em torno do pescoço de Moghedien. Não foi só o *a'dam* que ela fixou na mente, mas Moghedien usando-o, Moghedien e o *a'dam*, uma parte de *Tel'aran'rhiod* que ela manipulou como quis. Sabia um pouco o que esperar. Certa vez, em Falme, usara um bracelete *a'dam* por um breve momento. De um jeito estranho, tinha consciência de Moghedien como tinha do próprio corpo, das próprias emoções, dois conjuntos, um distinto do outro, mas ambos em sua mente. E havia algo pelo qual ela apenas torcera, e porque Elayne insistira que funcionava assim. O troço era de fato uma união. Ela sentia a Fonte *por meio* da outra mulher.

A mão de Moghedien saltou para a coleira, o choque arregalando seus olhos. Fúria e horror. Mais fúria que horror, de início. Nynaeve sentiu tudo isso quase como se pertencesse a ela. Moghedien com certeza sabia o que eram a corrente e a coleira, mas ainda assim tentou canalizar. Ao mesmo tempo, Nynaeve sentiu uma ligeira mudança em si mesma e no *a'dam*, conforme a outra mulher tentava dobrar *Tel'aran'rhiod* à própria vontade. Suprimir a tentativa de Moghedien foi simples. O *a'dam* era uma união, e com ela no controle. Saber daquilo facilitava as coisas. Como Nynaeve não queria canalizar aqueles fluxos, eles não foram canalizados. Daria no mesmo Moghedien tentar agarrar uma montanha só com as mãos. O horror sobrepujou a fúria.

Ficando de pé, Nynaeve fixou na mente a imagem adequada. Não apenas imaginou Moghedien presa ao *a'dam*, mas *soubes* que ela estava encolarada, tanto quanto sabia o próprio nome. No entanto, a sensação de mudança, da pele formigando, não se dissipou.

— Pare com isso — ordenou ela, incisiva. O *a'dam* não se moveu, mas parecia tremer invisivelmente. Ela pensou em urtiga-vespanegra roçando a outra mulher bem de leve do ombro até o joelho. Moghedien estremeceu, exalando convulsivamente. — Eu disse para parar com isso, ou vou fazer pior. — A sensação passou. Moghedien a observava com cautela, ainda agarrando a coleira de prata em torno do pescoço e com um ar de quem estava alerta e pronta para fugir.

Birgitte — a criança que era ou tinha sido Birgitte — estava de pé olhando curiosamente para as duas. Nynaeve se concentrou em formar a imagem dela como mulher adulta. A garotinha tornou a pôr o dedo na boca e começou a examinar o arco de brinquedo. Nynaeve bufou com raiva. Era difícil mudar o que outra pessoa já estava mantendo. E, para completar, Moghedien afirmara que podia fazer mudanças permanentes. Mas o que ela podia fazer, também podia desfazer.

— Faça ela voltar ao normal.

— Se você me soltar, eu...

Nynaeve pensou de novo nas urtigas, e desta vez a roçada não foi de leve. Moghedien puxou ar por entre os dentes cerrados e se sacudiu feito roupa de cama no vento forte.

— Essa — disse Birgitte — foi a coisa mais aterrorizante que já aconteceu comigo. — Adulta outra vez, usava o casaco curto e as calças largas, mas não estava nem com o arco nem com a aljava. — Eu *era* uma criança, mas, ao mesmo tempo, o verdadeiro eu estava flutuando lá no fundo da mente da criança. E eu sabia disso. Sabia que só iria assistir ao que acontecesse e brincar... — Jogando a trança dourada por cima do ombro, ela olhou com dureza para Moghedien.

— Como você veio parar aqui? — indagou Nynaeve. — Estou agradecida, você entende, mas... como?

Birgitte lançou um último olhar pétreo para Moghedien e abriu o casaco para pescar por dentro da gola da blusa o anel de pedra retorcida em uma tira de couro.

— Siuan acordou. Só por um momento, e não totalmente. Por tempo suficiente para grunhir algo sobre você ter arrancado isto dela. Quando você não acordou logo depois, eu sabia que alguma coisa estava errada, então peguei o anel e tomei o final da mistura que você preparou para Siuan.

— Não tinha sobrado quase nada. Só a borra.

— O suficiente para me pôr para dormir. O gosto é horrível, por sinal. Depois disso, foi tão fácil quanto encontrar dançarinas em Shioti. De certa maneira, é quase como eu ainda estivesse...

Birgitte se interrompeu para encarar Moghedien outra vez. O arco de prata reapareceu em sua mão, e uma aljava com flechas na cintura, mas, após um breve momento, tornaram a sumir.

— Passado é passado, e o futuro está pela frente — disse ela com firmeza. — Não fiquei tão surpresa assim quando percebi que havia duas de vocês conscientemente em *Tel'aran'rhiod*. Eu sabia que a outra devia ser ela, e quando cheguei e vi vocês duas... Parecia que você já tinha sido capturada, mas a minha esperança era que, se eu conseguisse distraí-la, você conseguiria dar um jeito.

Nynaeve sentiu uma punhalada de vergonha. Considerara abandonar Birgitte. Era esse o jeito que quase dera. O pensamento durara apenas um momento, rejeitado assim que surgira, mas surgira. Que covarde ela era. Com certeza Birgitte nunca tivera esses momentos de ser dominada pelo medo.

— Eu... — Um gosto distante de samambaia-felina fervida e folha-sábia em pó. — Eu quase fugi — confessou Nynaeve, a voz fraca. — Estava tão apavorada que minha língua ficou presa no céu da boca. Eu quase fugi e abandonei você.

— Ah, é? — disse Birgitte. Nynaeve se contorcia por dentro enquanto a outra mulher a observava. — Mas você não fugiu, não foi? Eu deveria ter soltado a

flecha de surpresa, mas nunca me senti confortável atirando em alguém pelas costas. Nem nela. Ainda assim, deu certo. Mas agora o que vamos fazer com ela?

Moghedien com certeza parecia ter superado o medo. Ignorando a coleira de prata em torno da garganta, observava Nynaeve e Birgitte como se *elas* fossem as prisioneiras. E parecia deliberar a respeito do que fazer com as duas. Tirando um tique ocasional nas mãos, como se quisesse coçar os pontos em que sua pele ainda se lembrava das urtigas, a mulher parecia a serenidade em pessoa vestida de preto. Só o *a'dam* permitia a Nynaeve saber que ainda havia medo nela, quase balbuciante, mas reduzido a um zumbido mudo. Queria que o troço também lhe permitisse saber o que Moghedien estava pensando, não apenas sentindo. Por outro lado, também estava contente por não estar dentro da mente por trás daqueles frios olhos escuros.

— Antes que você considere qualquer medida... drástica — afirmou Moghedien —, lembre-se de que eu sei muita coisa que lhe seria útil. Tenho observado os outros Escolhidos, espreitado os planos deles. Isso não vale nada?

— Me conte, e então vou poder avaliar se vale alguma coisa — respondeu Nynaeve. O que faria com a mulher?

— Lanfear, Graendal, Rahvin e Sammael estão conspirando.

Nynaeve deu um tranco curto na corrente, fazendo-a cambalear.

— Disso eu sei. Me conte alguma novidade. — Ali, a mulher era uma cativa, mas o *a'dam* só existia enquanto estivessem em *Tel'aran'rhiod*.

— Você sabia que eles estão atraindo Rand al'Thor para atacar Sammael? Mas, quando ele atacar, vai dar de cara com os outros também, só esperando para subjugá-lo. Pelo menos Graendal e Rahvin ele vai encontrar. Acho que o jogo de Lanfear é outro, e os demais não sabem nada a respeito.

Nynaeve trocou olhares preocupados com Birgitte. Rand tinha que saber daquilo. Saberia, assim que ela e Elayne pudessem falar com Egwene, naquela noite. Se elas conseguissem pôr as mãos no *ter'angreal* por tempo suficiente.

— Isso — murmurou Moghedien —, caso ele sobreviva até lá.

Nynaeve segurou a corrente prateada no ponto onde ela se unia à coleira e puxou o rosto da Abandonada até bem perto do seu. Olhos escuros retribuíram seu olhar, neutros, mas ela sentia a raiva através do *a'dam*, bem como o medo se retorcendo e sendo contido.

— Trate de me ouvir. Você acha que eu não sei por que está fingindo ser tão cooperativa? Você acha que, se falar por tempo suficiente, eu vou cometer algum deslize e acabar deixando você escapar. Acha que, quanto mais conversarmos, mais difícil vai ser, para mim, matar você. — Essa parte era verdade. Matar alguém a sangue frio, mesmo uma Abandonada, seria complicado, talvez mais complicado do que ela pudesse dar conta. O que ia fazer com a mulher? — Mas meta uma coisa na cabeça: eu não vou permitir que você

só fique insinuando tudo. Se tentar esconder qualquer coisa de mim, vou fazer com você tudo o que um dia você pensou em fazer comigo. — Terror, avançando furtivamente pela corrente, como ganidos de gelar os ossos nos confins da mente de Moghedien. Talvez ela não soubesse tanto sobre o *a'dam* quanto Nynaeve pensara. Talvez acreditasse que Nynaeve podia ler seus pensamentos, caso tentasse. — Agora, se você sabe de alguma ameaça a Rand, qualquer coisa além de Sammael e os outros, trate de me dizer. Agora!

As palavras saíram aos borbotões, e Moghedien apenas parava para umedecer os lábios.

— Al'Thor pretende ir atrás de Rahvin. Hoje. Hoje de manhã. Porque ele acha que Rahvin matou Morgase. Não sei se matou ou não, mas Al'Thor acredita que sim. Só que Rahvin nunca confiou em Lanfear. Nunca confiou em nenhum deles. Por que confiaria? Ele achou que tudo poderia ser alguma armadilha contra ele, então tratou de criar a própria armadilha. Ele espalhou proteções em Caemlyn inteira, de forma que, se algum homem canalizar uma única centelha, ele vai saber. Al'Thor vai cair direitinho. Tenho quase certeza de que já caiu. Acho que ele pretendia sair de Cairhien logo que o sol nascesse. Não tive nada a ver com isso. Nada disso foi obra minha. Eu...

Nynaeve queria calar a boca daquela mulher. O suor de medo brilhando no rosto dela a deixava enjoada, mas se ainda por cima tivesse que ouvir aquela voz de súplica... Começou a canalizar, considerando se seria forte o bastante para prender a língua de Moghedien, e então sorriu. Estava unida à Abandonada, e detinha o controle. Os olhos de Moghedien se esbugalharam quando ela teceu fluxos para calar a boca da mulher e os amarrou. Nynaeve também acrescentou tampões nas orelhas dela, antes de se voltar para Birgitte.

— O que você acha?

— Elayne vai ficar de coração partido. Ela ama a mãe.

— Eu sei! — Nynaeve respirou fundo. — Vou chorar ao lado dela e serei sincera em cada lágrima, mas, agora, é só com Rand que eu tenho que me preocupar. Acho que ela estava dizendo a verdade. Quase consegui sentir que sim. — Ela segurou a corrente de prata logo abaixo do bracelete e a sacudiu. — Talvez seja isso mesmo ou talvez tenha sido imaginação. Em que você acredita?

— Que é verdade. Ela nunca foi muito corajosa, a não ser quando estava em vantagem ou quando pensava estar. E você com certeza a deixou morrendo de medo.

Nynaeve fez uma careta. Cada palavra dita por Birgitte criava uma nova bolha de raiva em suas entranhas. Nunca tinha sido muito corajosa, a não ser quando estava em vantagem. Aquilo poderia descrevê-la. Ela havia deixado Moghedien morrendo de medo. Havia mesmo, e cada palavra fora sincera. Era uma coisa esbofetear alguém quando necessário; mas ameaçar com torturas e querer torturar, mesmo Moghedien, era outra. E ali estava ela, tentando evitar o

que sabia que tinha de fazer. Nunca era muito corajosa, a não ser quando estava em vantagem. Desta vez, ela mesma semeou a bolha de raiva.

— Precisamos ir a Caemlyn. Eu, pelo menos, preciso. Com ela. Do jeito que estou, posso até não conseguir canalizar com força suficiente nem para rasgar papel, mas, com o *a'dam*, posso usar a força dela.

— Daqui de *Tel'aran'rhiod*, você não vai conseguir afetar nada no mundo desperto — afirmou Birgitte, calma.

— Eu sei! Eu sei, mas preciso fazer alguma coisa.

Birgitte jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Ah, Nynaeve, é uma vergonha tão grande andar com alguém tão covarde quanto você. — De repente, seus olhos se arregalaram, surpresos. — Não tinha sobrado muito da sua poção. Acho que estou acord... — No meio da palavra, ela simplesmente não estava mais ali.

Nynaeve respirou fundo e desamarrou os fluxos em torno de Moghedien. Ou obrigou a mulher a desamarar. Com o *a'dam*, era de fato difícil afirmar qual das duas opções. Queria que Birgitte ainda estivesse lá. Um par de olhos a mais. Alguém que provavelmente conhecia *Tel'aran'rhiod* melhor do que ela jamais conheceria. Alguém que era corajosa.

— Nós duas vamos fazer uma viagem, Moghedien, e você vai me ajudar com até o último fiapo que tiver. Se eu for pega de surpresa por alguma coisa... Basta dizer que tudo que acontece com quem estiver usando o bracelete também acontece com quem estiver com a coleira. Só que dez vezes mais forte. — O olhar doentio no rosto de Moghedien dizia que ela tinha acreditado. O que era justíssimo, já que era verdade.

Respirando fundo outra vez, Nynaeve começou a formar a imagem do único palácio de Caemlyn que ela conhecia suficientemente bem para lembrar: o Palácio Real, para onde Elayne a levara. Rahvin devia estar lá. Mas no mundo desperto, não no Mundo dos Sonhos. Ainda assim, ela precisava fazer alguma coisa. *Tel'aran'rhiod* se modificou em torno dela.





OS FIOS ARDEM

Rand parou. Um chamuscado comprido ao longo da parede do corredor marcava o ponto em que meia dúzia de tapeçarias caras tinham virado cinzas. As chamas subiam lambendo outras, e diversas mesas e baús incrustados não passavam de ruínas tostadas. Não era obra dele. Trinta passadas à frente, homens de casaco vermelho com armaduras e elmos jaziam mortos e contorcidos nos ladrilhos do piso branco, as espadas inúteis às mãos. Também não era obra dele. Rahvin desperdiçara os próprios homens na tentativa de alcançar Rand. O Abandonado fora inteligente nos ataques, inteligente nas escapadas, mas, desde que fugira do salão do trono, não encarara Rand por mais que o instante necessário para atacar e bater em retirada. Rahvin era forte, talvez tanto quanto Rand, e mais versado no Poder Único, mas Rand trazia no bolso o *angreal* do homenzinho gordo, e Rahvin não tinha nenhum.

O corredor era duplamente familiar, por já tê-lo visto antes e por já ter visto algo parecido.

Caminhei por aqui com Elayne e Gawyn no dia em que conheci Morgase. O pensamento deslizava dolorosamente pelos limiares do Vazio. Dentro, ele estava frio, sem emoção. Saidin era pura fúria e ardor, mas ele estava calmo, gélido.

E mais um pensamento, feito uma punhalada. *Ela jazia em um piso como este, os cabelos dourados esparramados como se estivesse dormindo. Ilyena Cabelos de Sol. Minha Ilyena.*

Elaida também estivera presente naquele dia. *Ela previu a dor que eu causaria. Sabia da escuridão em mim. De parte dela. O suficiente.*

Ilyena, eu não sabia o que estava fazendo. Eu estava louco! Estou louco. Ah, Ilyena!

Elaida sabia — de uma parte —, mas não contou nem essa parte toda. Melhor que tivesse contado.

Ah, Luz, não existe perdão? Fiz o que fiz por loucura. Não existe misericórdia?

Gareth Bryne teria me matado, se soubesse. Morgase teria ordenado a minha morte. Morgase talvez estivesse viva. A mãe de Elayne, viva. Aviendha, viva. Mat. Moiraine. Quantos vivos, se eu tivesse morrido?

Fiz jus à minha tormenta. Mereço a morte final. Ah, Ilyena, eu mereço morrer. Eu mereço morrer.

Um tropel de botas atrás de Rand. Ele se virou.

Eles vinham de um amplo corredor transversal a menos de vinte passadas de Rand, cerca de vinte homens com armaduras, elmos e os casacos vermelhos com colarinho branco dos Guardas da Rainha. Exceto pelo fato de que Andor àquela altura não tinha uma rainha e de que aqueles homens não tinham servido e ela, quando a rainha estava viva. Um Myrddraal os liderava, o rosto pálido sem olhos feito um verme que vivia debaixo de uma rocha, as placas sobrepostas de armadura negra acentuando a ilusão dos movimentos de serpente, o manto negro pendendo imóvel, não importava como a criatura se movesse. O olhar do Sem-olhos era puro medo, mas medo era algo distante dentro do Vazio. Os homens hesitaram quando o viram, e então o Meio-homem ergueu a espada de lâmina negra. Homens que ainda não haviam sacado as suas puseram as mãos nos punhos das armas.

Rand — ele achava que aquele era seu nome — canalizou de uma forma que não se lembrava de jamais ter feito.

Homens e Myrddraal congelaram onde estavam. Uma geada branca foi se espessando em cada um deles, uma geada que soltava fumaça como as botas de Mat haviam soltado. O braço erguido do Myrddraal se partiu com um estalo alto. Quando se chocaram contra os ladrilhos do piso, braço e espada se espatifaram.

Rand — sim, era esse seu nome: Rand — sentia o frio, o frio feito uma lâmina, ao passar por eles e se virar para a direção de onde tinham vindo. Frio, e ainda assim mais quente que *saidin*.

Um homem e uma mulher estavam agachados junto da parede, serviços com fardas vermelhas e brancas, a poucos anos da meia-idade e agarrados um ao outro como que para se proteger. Ao ver Rand — tinha mais um nome, não era só Rand —, o homem começou a se levantar de onde se aninhara para se proteger do grupo liderado pelo Myrddraal, mas a mulher o puxou de volta pela manga.

— Vão em paz — disse Rand, estendendo a mão. Al'Thor. Sim, Rand al'Thor. — Não vou machucar vocês, mas podem se machucar se ficarem aqui.

Os olhos castanhos da mulher se reviraram. Ela teria desmaiado e caído caso o homem não a tivesse apanhado, sua boca fina se mexendo com rapidez, como se ele estivesse rezando, mas sem conseguir pronunciar as palavras.

Rand olhou para onde o homem estava olhando. Sua mão se estendera o suficiente para fora da manga do casaco para desnudar a cabeça do Dragão com crina dourada que era parte de sua pele.

— Não vou machucar vocês — reiterou e partiu, deixando os dois ali mesmo. Ainda tinha Rahvin para encurralar. Rahvin para matar. E depois?

Nenhum som além do estalar de suas botas nos ladrilhos. E, lá no fundo da mente, uma voz tênue com lamentos sobre Ilyena e sobre perdão. Rand se esforçou para sentir Rahvin canalizando, senti-lo preenchido pela Fonte Verdadeira. Nada. *Saidin* lhe causticava os ossos, congelava a pele, depurava a alma, mas, sem ele, não era fácil ver, a menos que já se estivesse bem perto. Um leão na grama alta, dissera Asmodean certa vez. Um leão enraivecido. Asmodean deveria entrar na conta daqueles que não deviam ter morrido? E Lanfear? Não. Não...

Rand só teve um instante de aviso para se atirar no chão, uma nesga de tempo da espessura de um fio de cabelo antes de sentir os fluxos urdidos de repente e uma barra de luz branca, fogo líquido da grossura de um braço, abrindo uma fenda na parede, rasgando feito uma espada o local onde seu peito estivera. Onde a barra atingiu, nos dois lados do corredor, as paredes e frisos, portas e tapeçarias deixaram de existir. Tapetes destroçados e pedaços de pedra e gesso destruídos choviam em direção ao chão.

E ele pensara que os Abandonados tinham medo de usar fogo devastador! Quem lhe dissera aquilo? Moiraine. Ela com certeza merecera viver.

O fogo devastador brotou das mãos de Rand, um facho branco brilhante zarpando na direção de onde vinha aquela outra barra. A outra barra morreu quando a que Rand canalizava atravessou a parede, deixando uma imagem residual roxa em sua visão. Rand soltou o próprio fluxo. Finalmente conseguira?

Cambaleou para ficar de pé e canalizou Ar, escancarando com tanta força as portas em ruínas que o que sobrara delas foi arrancado das dobradiças. Dentro, o aposento estava vazio. Uma sala de estar, com cadeiras dispostas diante de uma grande lareira de mármore. Seu fogo devastador arrancara um pedaço de um dos arcos que davam para um pequeno pátio com uma fonte, e outro de uma das colunas cilíndricas ao longo do caminho, logo atrás.

Rahvin, porém, não fora por ali e nem morrera naquela explosão de fogo devastador. Restava no ar um resíduo, um tênue vestígio de *saidin* urdido. Rand o reconheceu. Diferente do portão que abrira para Deslizar até Caemlyn ou do que usara para Viajar — agora já sabia que fora isso que fizera — até o salão do trono. Mas virar um igual àquele em Tear, ele próprio o fizera.

Rand teceu outro. Um portão, uma abertura, ao menos. Um buraco na realidade. Não era escuridão o que havia do outro lado. Na verdade, se ele não soubesse que o caminho estava ali, se não enxergasse a tessitura, talvez não tivesse percebido. Ali, diante dele, estavam os mesmos arcos se abrindo para o mesmo pátio com a fonte, o mesmo caminho colonado. Por um instante, os buracos perfeitamente redondos que seu fogo devastador criara no arco e na coluna falharam, se preencheram, e então voltaram a ser buracos. Para onde quer que o portão levasse, era outro lugar, um reflexo do Palácio Real, assim como fora um dia o reflexo da Pedra de Tear. Rand sentiu um leve arrependimento por não ter falado sobre aquilo com Asmodean quando teve chance, mas nunca conseguira conversar com ninguém sobre aquele dia. Não importava. Naquele dia, ele empunhara *Callandor*, mas o *angreal* em seu bolso já se provara suficiente para caçar Rahvin.

Rand atravessou depressa, afrouxou a tessitura e cruzou rápido o pátio, à medida que o portão foi sumindo. Rahvin teria sentido aquele portão, caso tentasse e estivesse perto o bastante. Ter a estátua do homenzinho gordo não significava que ele podia ficar ali esperando para ser atacado.

Nenhum sinal de vida, exceto por ele próprio e uma mosca. Também havia sido assim em Tear. As lamparinas dos corredores permaneciam apagadas com seus pavios brancos que jamais tinham visto uma chama, mas, mesmo no que deveria ser o mais escuro dos salões, havia luz, que parecia vir de todos os lugares e de lugar nenhum. Às vezes, aquelas lamparinas também se moviam, bem como outros objetos. Entre uma olhada e a seguinte, uma lamparina alta podia ter se deslocado um pé, um vaso em um nicho qualquer, uma polegada. Detalhes, como se alguém os tivesse movido enquanto não se estava olhando. Qualquer que fosse aquele lugar, era bem estranho.

Enquanto Rand caminhava ao longo de outra colonata, tentando sentir Rahvin, ocorreu-lhe que não ouvira a voz que chamava por Ilyena desde que canalizara o fogo devastador. Talvez, de alguma forma, tivesse espantado Lews Therin da mente.

Bom. Parou na extremidade de um dos jardins do Palácio. Os arbustos de rosas e estrelas-brancas pareciam tão enlameados pela seca quanto estariam no palácio de verdade. Em alguns dos pináculos brancos que se erguiam acima dos telhados, o estandarte do Leão Branco ondulava, mas qualquer pináculo poderia mudar em um piscar de olhos. *Bom, se eu não preciso dividir a mente com...*

Sentia-se estranho. Imaterial. Levantou o braço e o encarou. Conseguia ver o jardim através da manga do casaco e do braço, como se enxergasse em meio à névoa. Uma névoa que se dispersava. Quando olhava para baixo, via os paralelepípedos do caminho através de si mesmo.

Não! O pensamento não foi dele. Uma imagem começou a se solidificar. Um homem alto, de olhos escuros, com o rosto vincado pela preocupação e mais

fios brancos que castanhos no cabelo. *Eu sou Lews Ther...*

Eu sou Rand al'Thor, interrompeu Rand. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas o débil Dragão começava a desaparecer do braço enevoado que ele tinha em frente ao rosto. O braço começou a parecer mais escuro, os dedos em sua mão, mais compridos. *Eu sou eu*. Aquilo ecoou no Vazio. *Eu sou Rand al'Thor*.

Lutou para formar a imagem de si mesmo na cabeça, batalhando para imaginar o que via todos os dias no espelho ao se barbear, o que via no espelho comprido ao se vestir. Era uma luta frenética. Jamais olhara de fato para si mesmo. As duas imagens se condensavam e se diluíam, o homem mais velho de olhos escuros e o mais jovem de olhos azul-acinzentados. Devagar, a imagem mais jovem se firmou, e a mais velha, desvaneceu. Devagar, seu braço foi ficando mais sólido. Seu braço, com o Dragão enlaçado e a garça marcada na palma da mão. Houvera ocasiões em que detestara aquelas marcas, mas agora, mesmo encapsulado no Vazio apático, quase abriu um sorriso ao vê-las.

Por que Lews Therin tentara tomar posse dele? Para transformá-lo em Lews Therin. Rand tinha certeza de que aquele homem de olhos escuros e rosto sofrido era ele. Por que agora? Por quê, naquele lugar, onde quer que fosse, ele podia fazer isso? Mas... Havia sido Lews Therin quem gritara aquele enfático “não”. Não fora um ataque de Lews Therin. Fora de Rahvin, e sem usar o Poder. Se o homem tivesse sido capaz de fazer isso em Caemlyn, na verdadeira Caemlyn, teria feito. Tinha que ser alguma habilidade que ele adquirira ali. E, se Rahvin a adquirira, talvez Rand também o tivesse. A imagem de si mesmo fora o que o segurara e o trouxera de volta.

Ele se concentrou no arbusto de rosas mais próximo, que tinha uma braça de altura, e o imaginou murchando, sumindo. Obedientemente, a vegetação derreteu até desaparecer, mas, assim que a imagem em sua mente também sumiu, o arbusto voltou, tão de repente quanto sumira.

Rand assentiu, frio. Então havia limites. Sempre havia limites e regras, e ele não sabia quais eram as dali. Mas conhecia o Poder, tudo que Asmodean lhe ensinara e que ele aprendera sozinho, e *saidin* ainda estava nele, toda a doçura da vida, toda a podridão da morte. Rahvin precisava vê-lo para atacá-lo. Com o Poder, era preciso ver algo para conseguir atingi-lo, ou saber *exatamente* onde ele estava em relação a si mesmo com a precisão de um fio de cabelo. Talvez fosse diferente naquele lugar, mas Rand achava que não. Quase desejou que Lews Therin não tivesse se calado de novo. Talvez o homem conhecesse aquele lugar e suas regras.

Varandas e janelas davam para o jardim, em alguns pontos a quatro andares de altura. Rahvin tinha tentado... desfazê-lo. Rand agarrou a torrente enfurecida de *saidin* por meio do *angreal*. Relâmpagos cintilaram no céu, uma centena de

raios de prata bifurcados, até mais, apunhalando cada janela, cada varanda. Trovões preencheram o jardim, fazendo pedaços de pedra estourarem. O próprio ar crepitou, e o pelo dos braços e do peito tentou se eriçar debaixo da camisa. Até os cabelos começaram a se eriçar. Rand deixou os relâmpagos morrerem. Aqui e ali, pedaços de janelas de pedra e de varandas destroçadas se soltavam, o estrondo da queda emudecido pelos ecos dos trovões que ainda ressoavam em seus ouvidos.

Fendas enormes passaram a existir no lugar das janelas. Pareciam as órbitas oculares de alguma caveira monstruosa, as varandas em ruínas feito uma dúzia de bocas estilhaçadas. Se Rahvin estivesse em qualquer uma delas, com certeza teria morrido. Rand só acreditaria quando visse o cadáver. Queria ver Rahvin morto.

Abrindo um sorriso predatório, sem perceber, ele voltou depressa para dentro do palácio. Quisera ver Rahvin morrer.

* * *

Nynaeve se jogou de peito no chão e se arrastou pelo piso do salão quando *algo* atravessou a parede mais próxima com tudo. Moghedien pulou tão rápido quanto ela, mas, caso não o tivesse feito, Nynaeve a teria arrastado pelo *a'dam*. Teria sido aquilo obra de Rand ou Rahvin? Tinha visto barras de fogo branco, uma luz líquida feito a de Tanchico, e não sentia o menor desejo de voltar a ficar por perto de uma delas. O fogo devastador era uma tessitura que ela não sabia nem queria saber fazer. *Que se queimem esses dois tolos, eu quero Curar, não aprender um jeito bonito de matar!*

Ela ficou agachada e espiou na direção de onde tinham vindo. Nada. Um corredor vazio do Palácio. Com um rasgo de dez pés de comprimento nas duas paredes, tão exato quanto qualquer pedreiro teria feito, e pedaços de tapeçaria caídos no chão. Nenhum sinal de qualquer dos dois. Até aquele momento, Nynaeve não os vira nem de relance. Vira apenas seus feitos. Às vezes, ela quase fora destruída junto com os tapetes. Ainda bem que podia fazer uso da raiva de Moghedien, filtrá-la do terror que lutava para escapar, e deixar que o sentimento a invadissem. Sua própria raiva era um algo desprezível que mal lhe teria permitido sentir a Fonte Verdadeira, e menos ainda canalizar o fluxo de Espírito que a mantinha em *Tel'aran'rhiod*.

Moghedien estava curvada abraçando os joelhos e tendo ânsias de vômito. A boca de Nynaeve se estreitou em reprovação. A mulher tentara remover o *a'dam* mais uma vez. Sua cooperação se dissipara depressa quando elas descobriram que Rand e Rahvin estavam ali em *Tel'aran'rhiod*. Bem, tentar desatar aquela coleira quando ela estava no próprio pescoço era um castigo em si

mesmo. Ao menos Moghedien já não tinha mais nada no estômago, àquela altura.

— Por favor. — Moghedien agarrou a saia de Nynaeve. — Eu estou avisando, nós precisamos ir embora. — O pânico absoluto tornava sua voz sofrida. O terror agonizante de Moghedien se espelhava em sua face. — Eles estão aqui em carne e osso. Em carne e osso!

— Fique quieta — respondeu Nynaeve, distraída. — A menos que você tenha mentido para mim, isso é uma vantagem. Para mim.

A outra mulher afirmou que estar fisicamente no Mundo dos Sonhos limitava o controle sobre o Sonho. Ou melhor, ela admitiu isso, após deixar um pouco de seu conhecimento escapar. Também tinha admitido que Rahvin não conhecia *Tel'aran'rhiod* tão bem quanto ela. Nynaeve esperava que aquilo significasse que o Abandonado não conhecia aquele mundo tão bem quanto *ela*. Que o homem conhecia mais que Rand, ela não tinha dúvidas. Aquele cabeça de vento! Qualquer que fosse o motivo para vir atrás de Rahvin, ele jamais deveria ter permitido que o Abandonado o levasse até ali, onde ele não conhecia as regras, onde pensamentos podiam matar.

— Por que você não entende o que eu digo? Mesmo que eles só tivessem sonhado que estavam aqui, seriam mais fortes que nós. Estando aqui de carne e osso, eles podem nos esmagar sem nem piscar. De carne e osso, eles podem canalizar mais *saidin* do que nós somos capazes de urdir *saidar* sonhando.

— Estamos unidas.

Ainda distraída, Nynaeve deu um puxão forte na trança. Não havia como dizer para que direção eles haviam ido. E não havia sinal de nada até que ela os visse. De alguma forma, ainda parecia injusto que eles pudessem canalizar sem que ela visse ou sentisse os fluxos. Uma lamparina de pé que havia sido fatiada ao meio de repente voltou a ficar inteira, e depois, tão rápido quanto, se partiu de novo. Aquele fogo branco devia ser incrivelmente poderoso. *Tel'aran'rhiod* costumava se recuperar depressa do que quer que sofresse.

— Sua tola desmiolada — soluçou Moghedien, sacudindo a saia de Nynaeve com as duas mãos, como se quisesse sacudir a própria Nynaeve. — Pouco importa quanto você é valente. Estamos unidas, mas você não contribui em nada estando desse jeito. Nem uma migalha. É a minha força e a sua loucura. Eles estão aqui em carne e osso, não sonhando! Estão usando coisas com que você nunca sonhou! Eles vão nos destruir se ficarmos aqui!

— Trate de baixar a voz. — Nynaeve se irritou. — Quer que um deles venha aqui atrás da gente?

Ela olhou depressa para os dois lados, mas o corredor continuava vazio. Aquilo foram passos, botas? Rand ou Rahvin? Um tinha que ser abordado com tanta cautela quanto o outro. Um homem lutando pela própria vida poderia atacar

antes de se dar conta de que elas estavam do lado dele. Bem, que ela estava, pelo menos.

— Precisamos sair daqui — insistiu Moghedien, mas com voz mais baixa. Ela ficou de pé, um ar soturno de rebeldia lhe retorcendo a boca. O medo e a raiva se contraíam dentro dela, um dominando primeiro, depois o outro. — Por que eu deveria continuar ajudando você? Isto é loucura!

— Você prefere sentir as urtigas de novo?

Moghedien hesitou, mas seus olhos escuros se mantiveram teimosos.

— Você acha que eu prefiro deixar aqueles dois me matarem do que ser ferida por você? Você é mesmo louca. Eu não vou me mexer até você estar pronta para nos tirar deste lugar.

Nynaeve voltou a puxar a trança. Se Moghedien se recusasse a andar, teria que arrastá-la. Não seria um método muito rápido de procurar o que ainda pareciam milhas de corredores do Palácio para percorrer. Ela deveria ter sido mais rigorosa quando a mulher tentou empacar pela primeira vez. Na posição de Nynaeve, Moghedien a teria matado sem hesitação ou, se visse alguma serventia nela, teria urdido o truque de retirar seu livre-arbítrio e fazê-la venerá-la. Nynaeve já sentira esse dissabor uma vez, em Tanchico, e, mesmo que soubesse como fazê-lo, achava que não conseguiria impingir isso a ninguém. Ela desprezava aquela mulher, detestava-a com toda a sua força. Mas, mesmo que não precisasse dela, não teria conseguido matá-la a sangue frio. O problema era que temia que, àquela altura, Moghedien também já soubesse disso.

Ainda assim, uma Sabedoria chefiava o Círculo das Mulheres — mesmo que o Círculo nem sempre concordasse —, e o Círculo das Mulheres distribuía punições para mulheres que infringissem as leis ou ofendessem os costumes muito profundamente, e também até para os homens, por algumas transgressões. Nynaeve podia não ter o estômago de Moghedien para matar ou para destruir a mente das pessoas, mas...

Moghedien abriu a boca e Nynaeve preencheu-a com uma mordada de Ar. Ou talvez tenha feito Moghedien preenchê-la. Com o *a'dam* unindo as duas, era como se ela mesma canalizasse, mas Moghedien sabia que se tratava de suas habilidades sendo usadas feito ferramentas nas mãos de Nynaeve. Seus olhos escuros reluziram indignados quando os fluxos da própria Moghedien prenderam seus braços junto às laterais do corpo e puxaram as saias até apertá-las com força em torno dos tornozelos. Para o restante, Nynaeve usou o *a'dam*, como usara para as urtigas, criando as sensações que queria que a outra mulher experimentasse. Não era realidade, e sim uma *sensação* de realidade.

Moghedien se retesou nas amarras quando uma tira de couro pareceu golpeá-la no traseiro. Era isso que ela ia sentir. Ultraje e humilhação percorriam toda a corrente. E desdém. Em comparação com seus métodos elaborados para machucar pessoas, aquilo parecia adequado para uma criança.

— Quando você estiver pronta para cooperar de novo — advertiu Nynaeve —, é só balançar a cabeça.

Poderia levar um bom tempo. Ela não podia simplesmente ficar ali enquanto Rand e Rahvin tentavam se matar. Se o homem errado morresse por ela ter sido atrasada por Moghedien...

Nynaeve se lembrou de um dia quando tinha dezesseis anos, logo depois de ter sido considerada adulta o suficiente para prender o cabelo em uma trança. Desafiada por Nela Thane, ela roubara um pudim de ameixa de Corin Ayellin e, ao sair pela porta da cozinha, dera de cara com a Senhora Ayellin. Relembrar a consequência daquilo e enviar a lembrança pela corrente fez os olhos de Moghedien se esbugalharem.

Com uma cara emburrada, Nynaeve repetiu a dose. *Ela não vai me fazer parar por aqui!* De novo. *Independentemente do que ela pense, eu vou ajudar Rand!* De novo. *Mesmo que isso nos mate!* De novo. *Ah, Luz, ela pode estar certa. Rand poderia matar nós duas antes de se dar conta de que sou eu.* De novo. *Luz, eu odeio sentir medo!* De novo. *Eu odeio essa mulher!* De novo. *Eu odeio essa mulher!* De novo.

De repente, Nynaeve percebeu que Moghedien se sacudia de modo frenético nas amarras, balançando a cabeça com tanta violência que ela parecia prestes a se soltar do pescoço. Por um momento, Nynaeve ficou olhando embasbacada para o rosto da mulher, tomado pelas lágrimas, e então parou o que estava fazendo e desembaraçou depressa os fluxos de Ar. Luz, o que ela tinha feito? Ela não era Moghedien.

— Presumo que você não vai mais me criar nenhum problema.

— Eles vão nos matar — murmurou a Abandonada, quase ininteligível em meio aos soluços, mas, ao mesmo tempo, aquiescendo afobada.

Nynaeve se enrijeceu de propósito. Moghedien merecia tudo o que recebera e muito, muito mais. Na Torre, uma Abandonada teria sido estancada e executada assim que o julgamento pudesse ser concluído, e seriam necessárias poucas evidências além de quem ela era.

— Bom. Agora nós...

O Palácio inteiro foi sacudido por trovões, ou algo muito próximo disso; as paredes chacoalharam, e a poeira se ergueu do chão. Nynaeve caiu parcialmente por cima de Moghedien, e as duas cambalearam enquanto tentavam se manter de pé. Antes que a agitação tivesse cessado por completo, foi substituída por um estrondo, como se algum fogo monstruoso estivesse subindo com tudo por uma chaminé do tamanho de uma montanha. Durou apenas um momento. O silêncio que se seguiu pareceu mais profundo do que antes. Não. Havia botas. Um homem correndo. O som ecoou pelo corredor. Vindo do norte.

Nynaeve puxou a outra mulher.

— Vamos.

Moghedien gemeu, mas não resistiu ao ser puxada corredor abaixo. Seus olhos, porém, estavam enormes, e a respiração, acelerada demais. Nynaeve achou bom ter Moghedien por perto, e não só para acessar o Poder Único. Depois de todos aqueles anos se escondendo nas sombras, a Aranha era tão covarde que, em comparação, Nynaeve parecia quase corajosa. Quase. Era só a raiva que sentia do próprio medo que a tornava capaz de segurar aquele único fluxo de Espírito que a mantinha em *Tel'aran'rhiod*. Moghedien era uma demonstração viva de terror absoluto.

Puxando a mulher logo atrás de si por meio da corrente cintilante, Nynaeve acelerou. Ela perseguiu o som já débil daqueles passos.

* * *

Rand pisou com cautela no pátio redondo. Metade do círculo de pedras brancas era cortado pela estrutura de três andares atrás dele, e a outra metade era delimitada por um semicírculo de pedra que encimava colunas claras de cinco passadas de altura que davam para outro jardim, os passeios de cascalho sombreados sob árvores baixas. Bancos de mármore cercavam um tanque com vitórias-régias. E peixes dourados, brancos e vermelhos.

Subitamente, os bancos se moveram, escorreram e se transformaram em figuras masculinas sem rosto, ainda tão brancos e de aparência tão pétrea quanto o mármore. Rand já descobrira como era difícil transformar algo que Rahvin alterara. Relâmpagos saíram dançando da ponta de seus dedos e estraçalharam os homens de pedra, deixando-os em cacos.

O ar virou água. Sufocando, Rand lutou para nadar em direção às colunas. Via o jardim adiante. Tinha que haver algum tipo de barragem que impedisse toda aquela água de se derramar. Antes que conseguisse canalizar, formas douradas, vermelhas e brancas zanzaram disparadas ao redor dele, bem maiores do que os peixes do tanque. E com dentes. Investiram contra ele, o sangue se espiralando em uma bruma vermelha. Instintivamente, Rand agitou as mãos para espantar os peixes, mas sua parte fria, nos confins do Vazio, canalizou. O fogo devastador explodiu na barragem, se houvesse alguma, e em qualquer lugar onde Rahvin pudesse estar em que conseguisse enxergar aquele pátio. A água se agitou e começou a lançá-lo com violência para um lado e para outro à medida que fluía com rapidez para preencher os túneis vazios escavados pelo fogo devastador. Centelhas douradas, brancas e vermelhas investiram contra ele feito dardos, acrescentando novos fios carmesim à água. Sacudido, Rand não enxergava o bastante para mirar seus raios selvagens, que lampejavam em todas as direções. Não lhe restava fôlego. Tentou pensar em ar, ou que a água fosse ar.

De repente, era. Rand caiu com força nos paralelepípedos em meio a peixinhos se debatendo, rolou e se pôs de pé. Tudo voltara a ser ar, e até suas

roupas estavam secas. O círculo de pedra se alternava entre permanecer intacto e estar em completa ruína, com metade das colunas desabadas. Algumas das árvores jaziam caídas sobre os próprios cepos, ficavam inteiras, e então tornavam a estar caídas. O Palácio atrás dele exibia buracos nas paredes brancas, um deles chegando a perpassar uma cúpula dourada bem alta logo acima, e talhos rasgavam janelas, algumas com treliças de pedra. Todos esses danos tremeluziam, sumindo e reaparecendo. Não da forma lenta e ocasional de antes, mas constante. Destruição, e então um cenário intacto, depois de novo, em seguida nada, e então tudo destruído novamente.

Rand se retraiu e pressionou a mão na lateral do corpo, na velha ferida que nunca cicatrizava por completo. Ela ardia como se seus esforços quase a tivessem aberto de novo. O corpo inteiro ardia das doze ou mais dentadas que sangravam. Aquilo não mudara. Os rasgões ensanguentados no casaco e nas calças ainda estavam lá. Fora ele quem fizera a água voltar a ser ar? Ou um de seus raios frenéticos de fogo devastador teria repellido Rahvin, ou de repente até o matado? Não importava, a menos que fosse a última opção.

Enquanto limpava sangue dos olhos, Rand examinou as janelas e varandas que circundavam o jardim, a alta colunata na extremidade oposta. Ou começou a examinar, quando outra coisa chamou sua atenção. Sob a colunata, identificou os resquícios desvanecentes de uma tessitura. De onde estava, podia afirmar que se tratava de um portão, mas, para verificar de que tipo e para onde levava, precisava se aproximar. Rand saltou por cima de um amontoado de pedras trabalhadas que desapareceram enquanto ele estava no meio do pulo e atravessou o jardim correndo, desviando das árvores caídas. O resíduo já quase não existia, e ele tinha de se aproximar o suficiente antes que o portão desaparecesse por completo.

De repente, Rand caiu, o cascalho lhe arranhando as palmas quando ele aprou a queda. Não identificava nada que pudesse tê-lo feito tropeçar. Sentia-se tonto, quase como se tivesse sido atingido na cabeça. Tentou ficar de pé, alcançar aquele resíduo. E se deu conta de que seu corpo estava se contorcendo. Cabelos compridos lhe cobriam as mãos, os dedos pareciam estar encolhendo, retornando às mãos. Eram quase patas. Uma armadilha. Rahvin não tinha fugido. O portão fora uma armadilha, e ele caíra direitinho.

O desespero aderiu ao Vazio enquanto ele lutava para manter o juízo. Suas mãos. Eram mãos. Quase mãos. Forçou-se a se levantar. Suas pernas pareciam curvadas do jeito errado. A Fonte Verdadeira retrocedeu, o Vazio encolheu. Camadas de pânico fulguravam além da vacuidade apática. Fosse lá em que Rahvin estivesse tentando transformá-lo, não seria capaz de canalizar. *Saidin* escapando, desvanecendo, fraco mesmo agarrado por meio do *angreal*. As varandas ao redor davam vista para ele; estavam vazias, e havia a colunata. Rahvin tinha de estar em uma daquelas janelas com treliças, mas em qual? Rand

desta vez não tinha força para cem raios. Uma explosão. Disso, daria conta. Se agisse rápido. Qual janela? Lutava para permanecer ele mesmo, para canalizar *saidin*, recebia de bom grado qualquer mancha da mácula como prova de que ainda detinha o Poder. Cambaleando em uma meia-volta, procurando em vão, urrou o nome de Rahvin. Pareceu o urro de uma besta.

* * *

Puxando Moghedien atrás de si, Nynaeve dobrou a esquina. À frente dela, um homem desapareceu na esquina seguinte, o som de suas botas ecoando. Ela não sabia há quanto tempo começara a seguir aquelas botas. Às vezes, tinham se silenciado, e ela tivera que esperar que ressoassem novamente para identificar a direção. Às vezes, quando paravam, aconteciam coisas. Nynaeve não vira nada, mas uma vez o Palácio retumbara como um sino a badalar e, em outra, seu cabelo tentara se eriçar conforme o ar parecia crepitar, e em outra... Não importava. Aquela era a primeira ocasião em que via de relance o homem que calçava tais botas. Não achou que fosse Rand, com aquele casaco preto. A altura condizia, mas o homem era grande demais, com o peito excessivamente largo.

Antes mesmo que percebesse, Nynaeve estava correndo. Seus sapatos robustos há tempos haviam se transformado em silenciosas sandálias de veludo. Se era capaz de ouvi-lo, ele também poderia ouvi-la. O arfar frenético de Moghedien era mais barulhento que suas passadas.

Nynaeve alcançou a esquina e parou para espiar com cautela o outro lado da curva. Agarrou *saidar* — através de Moghedien, mas o Poder estava nela —, e ficou pronta para canalizar. Não havia necessidade. O corredor estava vazio. Viase uma porta em uma parede bem distante, repleta de janelas com arabescas treliças de pedra, mas ela não achou que o homem tivesse ido até lá. Mais perto, outro corredor seguia para a direita. Nynaeve seguiu apressada até lá e tornou a espiar com cautela. Uma escada em caracol se erguia logo após a intersecção dos dois corredores.

Por um momento, Nynaeve hesitou. O homem partira apressado para algum lugar. Aquele corredor levava de volta ao ponto de onde elas tinham vindo. Teria ele voltado correndo? Precisaria subir, então.

Puxando Moghedien, ela subiu os degraus devagar, empenhando-se para ouvir qualquer coisa que não fosse a respiração quase histérica da Abandonada e o sangue que martelava nos próprios ouvidos. Se acabasse dando de cara com ele... Sabia que ele já estava lá, em algum ponto à frente. A surpresa tinha que funcionar a seu favor.

No primeiro patamar, fez uma pausa. Os corredores dali espelhavam os de baixo. Também estavam igualmente vazios e silenciosos. Teria ele continuado a subir?

A escada estremeceu de leve sob os pés de Nynaeve, como se o palácio tivesse sido golpeado por um imenso ariete, e então tremeu de novo. Outra vez, uma barra de fogo branco atravessou com tudo a parte superior de uma das janelas com treliça, se distorceu para cima em um ângulo bizarro e então se dissipou no instante em que começou a rasgar o teto.

Nynaeve engoliu em seco e piscou em um esforço inútil de se livrar da mancha violeta nos olhos, resíduo visual daquele troço. Aquilo só podia ser Rand tentando atacar Rahvin. Se ficasse muito perto do Abandonado, Rand poderia acertá-la sem querer. Se ele estava atacando às cegas daquele jeito — para ela, aquele fora um ataque um tanto desesperado —, poderia atingi-la sem nem perceber.

Os tremores haviam cessado. Os olhos de Moghedien brilhavam, aterrorizados. Pelo que Nynaeve sentia através do *a'dam*, era incrível que a mulher não estivesse se contorcendo no chão, ganindo e espumando pela boca. Nynaeve também sentia um pouco de vontade de ganir. Obrigou-se a pôr o pé no degrau seguinte. Subir era uma opção tão boa quanto qualquer outra. O segundo passo foi quase tão difícil. Devagar, porém. Não precisava aparecer diante dele tão repentinamente. A surpresa teria que ser dele. Moghedien a seguia feito uma cadela chicoteada, tiritando.

À medida que subia, Nynaeve agarrou o máximo de *saidar* que pôde, tanto quanto Moghedien conseguia, até o ponto em que sua doçura se tornou quase uma dor. Era o aviso. Mais que aquilo, e Nynaeve se aproximaria do ponto em que seria mais do que podia suportar, o ponto em que ela se estancaria, exauriria sua capacidade de canalizar. Ou talvez exaurisse Moghedien, diante das circunstâncias. Ou ambas. De qualquer jeito, seria um desastre. Ela, porém, se segurou naquele ponto, a... *vida*... preenchendo-a com uma pressão a um fiapo de luz de arrebentar a pele. Era o máximo que poderia ter agarrado, caso estivesse canalizando sozinha. Ela e Moghedien tinham praticamente a mesma força com o Poder. Tanchico fora a prova disso. Era o bastante? Moghedien insistia que os homens eram mais fortes. Rahvin, pelo menos — Moghedien o conhecia —, e não parecia provável que Rand pudesse ter sobrevivido por tanto tempo se não fosse tão forte quanto. Não era justo que os homens tivessem os músculos e, além disso, fossem mais fortes com o Poder. Na Torre, as Aes Sedai sempre tinham afirmado que eram iguais. Apenas não...

Estava divagando. Nynaeve respirou fundo e puxou Moghedien para fora da escada. Tinham chegado ao topo.

O salão estava vazio. Nynaeve foi até o ponto em que ele se encontrava com o corredor transversal e espiou. E lá estava ele, um homem alto e grande trajando negro, com mechas brancas no cabelo escuro, olhando pelas brechas curvas de uma das janelas de pedra para espiar algo lá embaixo. Havia suor e

esforço em seu rosto, mas o homem parecia sorrir. Um rosto bonito, tão bonito quanto o de Galad, mas que não lhe tirava o fôlego.

O que ele observava — Rand talvez? — prendia sua total atenção, mas Nynaeve não lhe deu chance de percebê-la. Podia ser Rand lá embaixo. Ela não tinha como dizer se Rahvin estava canalizando ou não. Nynaeve preencheu todo o corredor em torno do homem com fogo, de parede a parede, do chão ao teto, despejando nessa chama todo o *saidar* que tinha, um fogo tão quente que a própria pedra esfumaçou. O calor obrigou-a a recuar a e se encolher.

Rahvin gritou em meio à chama — era só uma — e afastou-se cambaleando, voltando para onde o corredor virava um corredor colunado. Um piscar de olhos, menos, enquanto ela ainda estava encolhida, e ele ficou de pé, dentro da chama, mas cercado de ar puro. Cada nesga de *saidar* que ela era capaz de canalizar estava indo para aquele inferno, mas Rahvin conseguia contê-lo. Nynaeve o via através do fogo. Tudo tinha uma aparência avermelhada, mas ela via. Exalava fumaça do casaco chamuscado do homem. Seu rosto era uma ruína causticada, um dos olhos de um branco leitoso. Mas os dois olhos exalavam malevolência quando ele os virou na direção dela.

Nenhuma emoção lhe chegava por meio da correia *a'dam*, apenas um embotamento pesado como chumbo. O estômago de Nynaeve se contraiu. Moghedien desistira. Desistira porque a morte estava ali para ambas.

* * *

O fogo irrompeu pelas treliças entalhadas acima de Rand, e as labaredas preencheram cada fenda, dançando em direção à colunata. Isso fez a luta dentro dele parar de forma abrupta. Rand voltou a ser ele mesmo tão de repente que foi quase um choque. Estivera canalizando *saidin* feito um desesperado, tentando se agarrar ao pouco que fosse. Então *saidin* veio em uma avalanche de fogo e gelo que fez seus joelhos cederem, fez o Vazio estremecer com uma dor que o picotava.

E Rahvin cambaleou de volta à colunata, seu rosto virado para algo lá dentro. O homem estava cercado de fogo, mas, de alguma forma, permanecia de pé como se não fosse afetado. Entretanto, se agora não estava sendo atingido, não fora o caso antes. Apenas o tamanho do vulto, a impossibilidade de ser outra pessoa, indicavam a Rand que se tratava dele. O Abandonado era uma imagem carbonizada de carne vermelha em frangalhos que teria exaurido qualquer Curandeira. A agonia que ele sentia devia ser incalculável. Exceto pelo fato de que Rahvin estaria envolto pelo Vazio, mesmo queimado daquele jeito, enrolado em uma vacuidade em que a dor corpórea era distante e *saidin* estava à mão.

Saidin ferveu dentro de Rand, e ele soltou tudo. Não para Curar.

— Rahvin! — gritou, e o fogo devastador saiu voando de suas mãos, uma luz derretida mais espessa que um homem, impulsionada por todo o Poder que ele era capaz de canalizar.

Quando atingiu o Abandonado, Rahvin deixou de existir. Os Cães das Trevas de Rhuidean haviam se tornado poeira antes de desaparecer, qualquer tipo de vida que tivessem pelegara para continuar existindo, ou fora o Padrão lutando para se manter, mesmo no caso daquelas criaturas. Mas Rahvin simplesmente... não existia mais.

Rand deixou o fogo devastador morrer e largou um pouco de *saidin*. Piscando para afastar a imagem residual roxa, levantou os olhos para o enorme buraco na balaustrada de mármore, os vestígios de uma coluna feito um dente canino acima dela, e olhou para um buraco idêntico no teto do Palácio. Não tremeluziam, como se o que ele fizera fosse forte demais até para aquele lugar ser capaz de consertar. Depois de tanta coisa, quase parecia muito fácil. Talvez houvesse algo lá em cima para convencê-lo de que Rahvin estava mesmo morto. Rand correu até uma porta.

* * *

Nynaeve tentou desesperadamente inflamar a chama em torno de Rahvin mais uma vez. Pensou que deveria ter usado relâmpagos. Ela ia morrer. Aqueles olhos terríveis haviam se fixado em Moghedien, não nela, mas ela também ia morrer.

O fogo líquido cortou o ar até a colunata, tão quente que fez o fogo que Nynaeve criara parecer frio. O choque a fez soltar a tessitura, e ela ergueu uma das mãos para proteger o rosto, mas, antes que pudesse completar o gesto, o fogo líquido desaparecera. Assim como Rahvin. Ela não acreditava que ele tivesse escapado. Houvera um instante, tão breve que podia quase tê-lo imaginado, em que aquela barra branca encostou nele e o fez virar... névoa. Só um instante. Ela poderia ter imaginado. Mas achava que não. Respirou fundo, trêmula.

Moghedien tinha o rosto enterrado nas mãos, chorando e tremendo. A única emoção que Nynaeve sentia através do *a'dam* era um alívio tão poderoso que suprimia qualquer outra coisa.

Botas apressadas ecoaram nos degraus abaixo.

Nynaeve girou e deu um passo à frente em direção à escada em caracol. Ficou surpresa ao se dar conta de que estava sorvendo *saidar* profundamente, mantendo-se a postos.

Sua surpresa se dissipou quando Rand apareceu no topo da escada. Ele estava diferente. Os traços eram os mesmos, mas seu rosto estava endurecido. Os olhos, de um azul gélido. Os rasgões ensanguentados no casaco e nas calças, além do sangue no rosto, pareciam combinar com aquela expressão.

Com tal aparência, Nynaeve não se surpreenderia se ele matasse Moghedien ali mesmo, assim que descobrisse quem ela era. Nynaeve ainda via serventia na Abandonada. Rand reconheceria um *a'dam*. Sem pensar duas vezes, ela o modificou, deixou a corrente desaparecer e manteve apenas o bracelete de prata no pulso e a coleira em Moghedien. Houve um momento de pânico quando ela compreendeu o que tinha feito, e então um suspiro tão logo percebeu que ainda sentia a outra mulher. Tudo funcionava exatamente como Elayne dissera. Talvez Rand não tivesse visto. Nynaeve estava entre ele e Moghedien, e a corrente estivera atrás dela.

Ele mal olhou para Moghedien.

— Fiquei pensando naquelas chamas enquanto subia. Pensei que podia ter sido você ou... Que lugar é este? É aqui que você se encontra com Egwene?

Erguendo os olhos para ele, Nynaeve tentou não engolir em seco. Aquele rosto era tão frio.

— Rand, as Sábias dizem que o que você fez, o que está fazendo, é perigoso e até mau. Elas afirmam que você perde uma parte de si mesmo quando vem para cá em carne e osso, uma parte do que o torna humano.

— As Sábias entendem de tudo? — Ele passou por ela e encarou a colunata. — Eu pensava que as Aes Sedai entendiam de tudo. Não importa. Não sei a dose de humanidade que o Dragão Renascido pode se permitir ter.

— Rand, eu... — Ela não sabia o que dizer. — Venha, me deixe pelo menos Curá-lo.

Ele ficou parado para permitir que Nynaeve erguesse as mãos e lhe segurasse a cabeça. Ela teve que suprimir um estremecimento. As feridas recentes dele não eram graves, apenas numerosas — não sabia o que poderia tê-lo mordido, mas tinha certeza de que a maioria daqueles machucados eram mordidas —, mas a ferida antiga, a ferida semicicatrizada que nunca sarava na lateral do corpo dele, aquela era um poço de escuridão, um poço cheio de como ela pensava que a mácula de *saidin* devia ser. Nynaeve canalizou os fluxos complexos que compunham a Cura, Ar e Água, Espírito, e até Fogo e Terra em pequenas quantidades. Rand não gritou e nem se debateu. Nem piscou. Ele estremeceu. Só isso. Então segurou-a pelos pulsos e afastou as mãos de seu rosto. Nynaeve não relutou. As feridas recentes haviam desaparecido, cada mordida, arranhão ou machucado, mas não a ferida antiga. Nada mudara quanto a ela. Qualquer coisa que não fosse a morte deveria poder ser Curada, inclusive aquilo. Qualquer coisa!

— Ele morreu? — perguntou ele com tranquilidade. — Você o viu morrer?

— Morreu, Rand. Eu vi.

Ele assentiu.

— Mas ainda tem outros, não tem? Outros... Escolhidos.

Nynaeve sentiu a punhalada de medo vinda de Moghedien, mas não olhou para trás.

— Rand, você precisa ir. Rahvin está morto, e este lugar é perigoso para você deste jeito. Precisa ir e nunca mais voltar em carne e osso para cá.

— Eu já vou.

Ele não fez nada que ela pudesse ver ou sentir — claro que não, ela não tinha como —, mas, por um momento, achou que o corredor atrás dele tinha... se transformado, de alguma forma. Mas não parecia diferente em nada. Exceto... Ela piscou. Não havia mais nenhuma coluna desabada na colunata atrás dele, nenhum buraco no corrimão de pedra.

Rand prosseguiu como se nada tivesse acontecido.

— Diga a Elayne... Peça para ela não me odiar. Peça para ela... — O sofrimento lhe contorceu o rosto. Por um instante, Nynaeve viu o garoto que conhecera, sua expressão como a de alguém que perdia algo precioso. Ela estendeu a mão para confortá-lo e ele deu um passo para trás, seu rosto novamente pétreo e vazio. — Lan tinha razão. Diga para Elayne me esquecer, Nynaeve. Diga a ela que eu encontrei outra coisa para amar e que não sobra espaço para ela. Ele queria que eu lhe dissesse o mesmo. Lan também encontrou outra pessoa. Ele falou que é para você esquecê-lo. Melhor nunca ter nascido do que amar um de nós.

Ele tornou a recuar, desta vez três passos largos, o salão, ou parte dele, aparentando girar de modo nauseante com Rand ali no meio, e então se foi.

Nynaeve ficou encarando o ponto onde ele estivera, e não o cintilar intermitente da colunata voltando a parecer desabada. Lan pedira para ele dizer *aquilo*?

— Um homem... notável — afirmou Moghedien, com a voz suave. — Um homem muito, muito perigoso.

Nynaeve encarou-a. Algo novo lhe vinha por meio do bracelete. Ainda havia medo, mas emudecido por... Expectativa talvez fosse a melhor maneira de descrever.

— Tenho sido prestativa, não tenho? — perguntou Moghedien. — Rahvin morto, Rand al'Thor, salvo. Nada disso teria sido possível sem mim.

Nynaeve entendia. Mais que expectativa, esperança. Mais cedo ou mais tarde, ela teria que acordar. O *a'dam* desapareceria. Moghedien estava tentando lembrá-la da ajuda que dera — como se não tivesse precisado arrancar tudo aquilo dela — para o caso de Nynaeve estar criando coragem para matá-la antes de ir.

— Também está na hora de eu ir — afirmou Nynaeve. O rosto de Moghedien não se alterou, mas o medo se intensificou, assim como a esperança. Uma xícara grande de prata apareceu na mão de Nynaeve, aparentemente contendo chá. — Beba isto.

— O que...? — replicou Moghedien.

— Não é veneno. Eu poderia matar você tranquilamente mesmo sem veneno, se fosse meu objetivo. Afinal de contas, o que acontece com você aqui também acontece no mundo real. — Esperança bem mais forte que o medo, agora. — Vai fazer você dormir. Um sono profundo, profundo demais para você tocar *Tel'aran'rhiod*. Chama-se raiz-dupla.

Moghedien pegou a xícara devagar.

— Para eu não poder segui-la? Não vou discutir. — A mulher inclinou a cabeça para trás e bebeu até secar a xícara.

Nynaeve a observou. Aquela quantidade deveria derrubá-la rápido. Porém, uma pontada de crueldade a fez falar. Sabia que era crueldade e não deu a mínima. Moghedien não merecia nenhum descanso.

— Você sabia que Birgitte não estava morta. — O olhar de Moghedien se estreitou de leve. — Você sabia quem é Faolain. — Os olhos da mulher tentaram se arregalar, mas ela já estava sonolenta. Nynaeve sentia os efeitos da raiz-dupla se espalhando. Concentrou-se em Moghedien, presa ali em *Tel'aran'rhiod*. Nada de sono tranquilo para uma dos Abandonados. — E você sabia quem é Sivan, que antes ela era o Trono de Amyrlin. Eu nunca mencionei isso em *Tel'aran'rhiod*. Nunca. Vejo você daqui a pouco. Em Salidar.

Os olhos de Moghedien se reviraram. Nynaeve não teve certeza se foi pela raiz-dupla ou se foi um desmaio, mas não importava. Largou a outra mulher, e Moghedien sumiu. A coleira de prata retiniu ao cair nos ladrilhos do piso. Elayne ficaria feliz pelo menos com aquilo.

Nynaeve saiu do Sonho.

* * *

Rand andava rápido pelos corredores do Palácio. Parecia haver menos danos do que ele se lembrava, mas não prestou muita atenção. Saiu a passos largos no grande pátio na frente do Palácio. Rajadas de Ar tinham feito os altos portões se soltarem parcialmente das dobradiças. Logo depois havia uma imensa praça oval, e o que ele andava procurando: Trollocs e Myrddraal. Rahvin estava morto, e os outros Abandonados não estavam ali, mas havia Trollocs e Myrddraal para serem eliminados em Caemlyn.

Estavam lutando, um amontoado de centenas, talvez milhares, cercando algo que ele não era capaz de enxergar através da muralha de armaduras negras, da altura de um Myrddraal a cavalo. Muito mal, conseguiu ver seu estandarte carmesim panejando lá no meio deles. Alguns se viraram para ficar de frente para o Palácio quando os portões foram arremessados um para cada lado.

Rand, no entanto, ficou imóvel. Bolas de fogo atingiam a massa compacta de armaduras negras, e Trollocs em chamas jaziam por toda parte. Não podia ser.

Sem ousar pensar ou ter qualquer esperança, ele canalizou. Fachos de fogo devastador saltavam de suas mãos tão rápido quanto ele era capaz de urdi-los, mais estreitos que seu dedo mindinho, precisos e interrompidos assim que golpeavam. Eram muito menos poderosos do que o que ele havia usado no final contra Rahvin, do que qualquer um que usara contra o Abandonado durante toda a batalha, mas Rand não podia correr o risco de um dos fachos sair fatiando quem estivesse preso no meio de todos aqueles Trollocs. Fez pouca diferença. O primeiro Myrddraal atingido pareceu ter as cores invertidas, tornando-se um vulto negro vestido de branco, e então virou poeira ao vento, sumindo tão logo seu cavalo saiu galopando em uma fuga desenfreada. Trollocs e Myrddraal, todos que se viraram na direção de Rand tiveram o mesmo fim, então ele começou a atingir as costas dos que ainda estavam virados para o outro lado, de modo que uma névoa contínua de poeira cintilante pareceu preencher todo o ar, renovada conforme ia evaporando.

As criaturas não conseguiam fazer frente àquilo. Gritos bestiais de fúria se transformaram em uivos de medo, e eles fugiram em todas as direções, exceto na dele. Rand viu um dos Myrddraal tentar impedir as criaturas e ser pisoteado, cavaleiro e montaria, mas os demais esporearam seus animais e fugiram.

Rand os deixou ir. Estava ocupado observando os Aiel de rosto velado irrompendo do cerco das criaturas com suas lanças e facas de lâmina pesada. Era um deles quem estava carregando o estandarte. Aiel não carregavam estandartes, mas aquele, um pedacinho da bandana vermelha aparecendo por baixo da *shoufa*, carregava. Também havia batalhas em curso em algumas das ruas que saíam da praça, Aiel contra Trollocs, o povo da cidade contra Trollocs, e até homens de armadura com o uniforme da Guarda da Rainha contra Trollocs. Ao que parecia, nem homens dispostos a matar uma rainha eram capazes de aguentar os Trollocs. Rand, porém, mal se dava conta. Estava procurando em meio aos Aiel.

Lá estava. Uma mulher de blusa branca, uma das mãos segurando as saias volumosas enquanto decepava um Trolloc em fuga com uma faca curta. Instantes depois, chamas enveloparam a figura com focinho de urso.

— Aviendha! — Rand não sabia que estava correndo até gritar o nome dela.
— Aviendha!

E lá estava Mat, o casaco rasgado e sangue na ponta de lança com lâmina de espada, apoiando-se na haste negra enquanto assistia à fuga dos Trollocs, contente por deixar a briga para outras pessoas, agora que era possível. E Asmodean, segurando uma espada meio sem jeito e tentando vigiar todas as direções ao mesmo tempo, caso algum Trolloc decidisse voltar. Rand sentia

saidin nele, ainda que fraco. Achava que, em boa parte da luta, Asmodean não usara aquela lâmina.

Fogo devastador. Fogo devastador, que incendiava e eliminava um fio do Padrão. Quanto mais forte fosse, mais para trás a chama queimava. E o que quer que a pessoa tivesse feito *não tinha mais acontecido*. Rand não se importava se a explosão que lançara em Rahvin tivesse desembaraçado metade do Padrão. Não se o resultado fosse aquele.

Quando se deu conta das lágrimas que escorriam por seu rosto, largou *saidin* e o Vazio. Queria sentir aquilo.

— Aviendha! — Rand ergueu-a do chão e a girou, enquanto a mulher o encarava como se ele tivesse enlouquecido. Não queria colocá-la no chão, mas acabou colocando. Assim, podia abraçar Mat. Ou tentar.

Mat o rechaçou.

— Qual é o seu problema? Parece ter achado que nós havíamos morrido. Não que isso não tenha quase acontecido. Ser um general tem que ser mais seguro do que isso!

— Vocês estão vivos — gargalhou Rand. Ele passou a mão pelo cabelo de Aviendha, que perdera o lenço e estava com os fios soltos caindo pelo pescoço. — Estou feliz por vocês estarem vivos. Só isso.

Rand tornou a se voltar para a praça, e sua alegria se esvaiu. Nada poderia extingui-la, mas os corpos que jaziam empilhados onde os Aiel haviam montado guarda diminuíram-na. Muitos deles não eram grandes o bastante para serem de homens. Lá estava Lamelle, o véu rasgado, assim como metade da garganta. Nunca mais lhe prepararia uma sopa. Pevin, as mãos agarradas à haste da lança de um Trolloc, grossa feito um punho, que lhe atravessava o peito, seu rosto com a primeira expressão que Rand via nele. Surpresa. O fogo devastador enganara a morte de seus amigos, mas não a de outros. Gente demais. Donzelas demais.

Contente-se com o que pode ter. Alegre-se com o que você pode salvar e não sinta demais pelas perdas. O pensamento não era dele, mas Rand o assimilou. Parecia uma boa maneira de evitar a loucura antes que a mácula de *saidin* o conduzisse a ela.

— Para onde você foi? — indagou Aviendha. Não estava zangada. Se tanto, aparentava alívio. — Em um segundo estava lá, no outro, tinha sumido.

— Eu precisava matar Rahvin — explicou ele, calmo. Ela abriu a boca, mas ele a cobriu com os dedos para silenciá-la e em seguida afastou-a com delicadeza. *Contente-se com o que pode ter.* — Deixe isso para lá. Ele está morto.

Bael surgiu mancando, a cabeça ainda envolvida pela *shoufa*, mas o véu dependurado na altura do peito. Havia sangue na coxa, e também na ponta da única lança que lhe restava.

— Os Mensageiros da Noite e os Crias da Sombra estão fugindo, *Car'a'carn*. Alguns dos aguacentos participaram da dança contra eles. Inclusive alguns dos homens com armaduras, embora eles tenham dançado primeiro contra nós. — Sulin estava atrás dele, sem véu, um pavoroso talho vermelho lhe rasgando a bochecha.

— Cacem todos eles pelo tempo que for — ordenou Rand. Ele começou a caminhar, incerto da direção, desde que fosse para longe de Aviendha. — Não quero nenhum deles à solta pelos campos. Fiquem de olho nos Guardas. Depois eu vou descobrir quais eram homens de Rahvin e quais... — Continuou caminhando, falando, e sem olhar para trás. Contentando-se com o que pode ter.





BRASAS INCANDESCENTES

A janela alta tinha espaço de sobra para acomodar Rand, erguendo-se bem acima de sua cabeça e distando dois pés de cada lado. Com as mangas enroladas, ele olhava para baixo e observava um dos jardins do Palácio Real. Aviendha passava as mãos pela bacia de pedra-vermelha da fonte, ainda intrigada com tanta água cujo único propósito era ser admirada e manter vivos alguns peixes ornamentais. De início, ficara mais que indignada quando Rand a proibira de sair caçando Trollocs pelas ruas. Na verdade, não sabia se ela teria obedecido, não fosse por uma discreta escolta de Donzelas que Sulin achava que ele não tinha percebido. Rand também não deveria ter ouvido a Donzela de cabelo branco lembrar Aviendha de que ela não era mais *Far Dareis Mai* e ainda não era uma Sábia. Sem casaco, mas ainda de chapéu para se proteger do sol, Mat estava sentado na borda da fonte e conversava com ela. Sem dúvida investigando o que ela sabia sobre os Aiel estarem impedindo as pessoas de deixar a cidade. Mesmo que Mat tivesse decidido aceitar seu destino, era improvável que algum dia parasse de reclamar. Asmodean estava tocando harpa sentado em um banco à sombra de uma murta vermelha. Rand se perguntou se o homem sabia ou suspeitava do que tinha acontecido. Ele não deveria ter nenhuma lembrança — para ele, aquilo nunca acontecera —, mas quem poderia afirmar o que um dos Abandonados sabia ou seria capaz de concluir?

Uma tosse educada desviou sua atenção do jardim.

A janela de onde Rand olhava os outros ficava a uma braça e meia do chão na parede oeste da sala do trono, o Grande Salão onde Rainhas de Andor haviam recepcionado embaixadores e proferido julgamentos por quase mil anos. Era o único lugar de onde pensara que podia observar Mat e Aviendha sem ser visto ou

incomodado. Fileiras de colunas brancas de vinte passadas de altura ladeavam o aposento. A luz das imensas janelas se misturava com a luz colorida das grandes vidraças no teto arqueado, onde o Leão Branco se alternava com retratos de antigas rainhas e com cenas de grandes vitórias andorianas. Enaila e Somara não pareciam impressionadas.

Rand desceu.

— Alguma notícia de Bael?

Enaila deu de ombros.

— A caça aos Trollocs continua. — Pelo tom de voz, a mulher diminuta gostaria de estar participando. A altura de Somara fazia Enaila parecer ainda menor. — Alguns habitantes estão ajudando. A maioria se escondeu em suas casas. Os portões da cidade estão guardados. Nenhuma cria da Sombra vai escapar, eu acho, mas receio que alguns Mensageiros da Noite possam conseguir.

— Era difícil matar Myrddraal, e igualmente difícil encurralá-los. Às vezes, era fácil acreditar nas antigas histórias de que eles cavalgavam as sombras e eram capazes de desaparecer ao virar de lado.

— Trouxemos um pouco de sopa para você — informou Somara, meneando a cabeça loira na direção de uma bandeja de prata coberta com um pano listrado, repousada no estrado que abrigava o Trono do Leão. Entalhado e dourado, com enormes patas de leão nas extremidades dos pés, o trono era um assento maciço no alto de quatro degraus de mármore branco, com um tapete vermelho levando a ele. O Leão de Andor, destacado em pedras-da-lua em um fundo de rubis, estivera acima da cabeça de Morgase sempre que ela ocupara o assento. — Aviendha disse que você ainda não comeu nada hoje. É a sopa que Lamelle costumava fazer para você.

— Suponho que nenhuma das serviçais tenha voltado. — Rand suspirou.

— Uma das cozinheiras, talvez? Uma ajudante?

Enaila balançou a cabeça com desdém. Serviria seu tempo como *gai'shain* de bom grado, caso fosse necessário, mas a ideia de qualquer pessoa passar a vida inteira servindo a outra lhe desagradava.

Subindo os degraus, Rand se agachou para afastar o pano, mas torceu o nariz. Pelo cheiro, qualquer das duas que tivesse preparado a sopa não cozinhava melhor do que Lamelle. O som dos passos de algum homem vindo pelo salão foi a desculpa de que Rand precisava para virar as costas para a bandeja. Com alguma sorte, não precisaria tomar aquilo.

O homem que se aproximava pelo extenso piso de ladrilhos vermelhos e brancos decerto não era andoriano; o casaco era cinza, curto, e as calças folgadas estavam enfiadas nas botas dobradas na altura do joelho. Esbelto e só um palmo mais alto que Enaila, era dono de um nariz adunco e olhos escuros enviesados. Havia mechas grisalhas no cabelo preto e no espesso bigode que

parecia chifres curvados para baixo em torno da boca grande. Ele fez uma pausa para se curvar levemente, segurando com graciosidade a espada curva na cintura, apesar do inconveniente fato de carregar dois cálices de prata em uma das mãos e um jarro de cerâmica tampado na outra.

— Perdoe minha intrusão — disse ele —, mas não havia ninguém para me anunciar.

As roupas do homem podiam até ser simples e desgastadas pelo uso, mas ele tinha o que parecia ser um bastão de marfim arrematado por uma cabeça de lobo dourada enfiado por trás do cinto da espada.

— Sou Davram Bashere, Marechal-General de Saldaea. Estou aqui para falar com o Lorde Dragão, quem os rumores na cidade afirmam estar no Palácio Real. Presumo que eu esteja falando com ele, não? — Por um instante, seus olhos pousaram nos Dragões reluzentes enlaçando em vermelho e dourado os braços de Rand.

— Eu sou Rand al'Thor, Lorde Bashere. O Dragão Renascido. — Enaila e Somara haviam se colocado entre Rand e o homem, as mãos no cabo da faca de lâmina comprida, prontas para erguer o véu. — Estou surpreso por encontrar um lorde de Saldaea em Caemlyn, e mais ainda querendo falar comigo.

— Na realidade, cavalguei até Caemlyn para falar com Morgase, mas fui rechaçado pelos bajuladores de Lorde Gaebriel, ou eu deveria chamá-lo de Rei Gaebriel? Ele ainda está vivo? — O tom de voz de Bashere indicava que ele duvidava daquilo e que, de qualquer jeito, não lhe importava. Ele sequer fez uma pausa. — Muita gente na cidade afirma que Morgase também está morta.

— Ambos morreram — confirmou Rand, sombrio. Sentou-se no trono, a cabeça repousando no Leão de Andor de pedras-da-lua. O trono fora dimensionado para uma mulher. — Eu matei Gaebriel, mas não antes de ele ter matado Morgase.

Bashere arqueou uma sobrancelha.

— Então eu devo saudar o Rei Rand de Andor?

Furioso, Rand inclinou-se para a frente.

— Andor sempre teve rainhas, e ainda tem. Elayne era a Filha-herdeira. Com a morte da mãe, a rainha é ela. Talvez precise ser coroada primeiro, não conheço a lei, mas, até onde me cabe, a rainha é ela. Eu sou o Dragão Renascido. Isso é o máximo que eu desejo, mais até. O que quer comigo, Lorde Bashere?

Se a raiva de Rand chegou a causar algum incômodo, o homem não demonstrou. Seus olhos enviesados observavam o Dragão com cuidado, mas sem desconforto.

— A Torre Branca permitiu a fuga de Mazrim Taim. O falso Dragão. — Ele fez uma pausa e, como Rand não disse nada, prosseguiu. — A Rainha Tenobia não queria Saldaea com problemas de novo, então fui designado para caçá-lo

mais uma vez e dar um fim à sua vida. Persegui-o em direção ao sul durante várias semanas. Não precisa temer que eu tenha trazido um exército estrangeiro para Andor. Tirando uma escolta de dez homens, deixei o resto acampado na Floresta de Braem, bem ao norte de qualquer fronteira que Andor tenha reivindicado nos últimos duzentos anos. Mas Taim está em Andor. Tenho certeza.

Hesitando, Rand tornou a se reclinar.

— Você não vai poder pegá-lo, Lorde Bashere.

— Permite que eu lhe pergunte por que não, Milorde Dragão? Se você quiser usar os Aiel para caçá-lo, não faço nenhuma objeção. Meus homens vão permanecer na Floresta de Braem até eu retornar.

Rand não tivera a intenção de revelar tão cedo essa parte do plano. A demora poderia ser custosa, mas primeiro ele pretendia ter um controle firme das nações. Porém, talvez fosse melhor começar ali mesmo.

— Vou anunciar uma anistia. Eu sei canalizar, Lorde Bashere. Por que outro homem deveria ser caçado e assassinado, ou amansado, só porque é capaz de fazer o que eu faço? Vou anunciar que qualquer homem que consiga tocar a Fonte Verdadeira, qualquer homem que queira aprender, pode vir até mim e contar com a minha proteção. A Última Batalha se aproxima, Lorde Bashere. Pode não haver tempo para nenhum de nós ficar louco antes dela, e mesmo assim eu não desperdiçaria um homem só por esse risco. Quando os Trollocs saíram da Praga, nas Guerras dos Trollocs, marcharam com Senhores do Medo, homens e mulheres que usavam o Poder para a Sombra. Vamos enfrentar isso de novo em Tarmon Gai'don. Não sei quantas Aes Sedai estarão ao meu lado, mas não vou abrir mão de nenhum homem capaz de canalizar, se ele quiser marchar comigo. Mazrim Taim é meu, Lorde Bashere, não seu.

— Entendo — respondeu ele, sem a menor emoção. — Você conquistou Caemlyn. Soube que Tear é sua, e Cairhien logo será, se já não é. Sua intenção é conquistar o mundo com seus Aiel e seu exército de homens canalizando o Poder Único?

— Se for preciso — devolveu Rand, tão neutro quanto o lorde. — Vou receber de braços abertos, como um aliado, qualquer governante que me aceite, mas, até agora, só vi manobras visando o poder ou a absoluta hostilidade. Lorde Bashere, há anarquia em Tarabon e Arad Doman, e a situação não é muito diferente em Cairhien. Amadícia está de olho em Altara. Os Seanchan... Você já deve ter ouvido boatos sobre eles em Saldaea, e é provável que os piores boatos sejam verdade. Esses Seanchan, lá do outro lado do mundo, estão de olho em todos nós. Homens lutando as próprias batalhas mesquinhas, com Tarmon Gai'don mais próximo a cada dia. Precisamos de paz. De tempo antes que os Trollocs venham, antes que o Tenebroso se liberte, tempo para nos preparar. Se minha única forma de encontrar tempo e paz para o mundo for pela imposição, que seja. Não é o que eu quero, mas vou impor.

— Eu li *O ciclo de Karaethon* — afirmou Bashere. O homem pôs os cálices debaixo do braço por um momento, quebrou o lacre de cera da tampa do jarro e os encheu de vinho. — Mais importante, a Rainha Tenobia também leu as Profecias. Não posso falar por Kandor, Arafel ou Shienar. Acredito que vão se juntar a você, já que, nas Terras da Fronteira, até uma criancinha sabe que a Sombra espreita na Praga para descer sobre nós, mas não posso falar por eles.

Enaila encarou com suspeita o cálice que o homem lhe entregou, mas subiu os degraus para entregá-lo a Rand.

— Na verdade — continuou Bashere —, não posso falar nem por Saldaea. Tenobia é a rainha. Sou apenas o general dela. Mas acho que, assim que eu designar um cavaleiro veloz para mandar uma mensagem à Rainha, a resposta será Saldaea marchando ao lado do Dragão Renascido. Enquanto isso, lhe ofereço meus serviços, e também os de nove mil cavalos de Saldaea.

Rand rodopiou o cálice e encarou o vinho tinto escuro. Sammael em Illian, e os outros Abandonados só a Luz sabia onde. Seanchan aguardando no outro lado do Oceano de Aryth e, ali, homens prontos para agir em proveito próprio e obter quaisquer ganhos, a despeito de quanto aquilo custasse para o mundo.

— A paz ainda está bem longe — disse ele em um tom brando. — Ainda teremos sangue e morte por um bom tempo.

— É sempre assim — respondeu Bashere, tranquilo, sem que Rand soubesse a que afirmação ele estava se referindo. Talvez às duas.

* * *

Enfiando a harpa debaixo do braço, Asmodean se afastou de Mat e Aviendha. Ele gostava de tocar, mas não para uma dupla que não prestava atenção, e que menos ainda apreciava. Não tinha certeza do que acontecera naquela manhã, e não tinha certeza de que queria saber. Muitos Aiel haviam expressado surpresa ao vê-lo, afirmando que tinham-no visto morto. Asmodean não queria detalhes. Um talho extenso descia pela parede logo à sua frente. Sabia o que causara aquele gume afiado, aquela superfície tão escorregadia quanto o gelo, mais lisa do que qualquer mão seria capaz de polir em cem anos.

Distraído — mas sentindo também um calafrio —, ficou se perguntando se ter renascido daquela maneira o tornava um novo homem. Achava que não. A imortalidade não existia mais. Fora um presente do Grande Senhor; era esse nome que usava em sua cabeça, independentemente do que al'Thor exigisse de sua língua. Isso por si só já era prova de que ainda era ele mesmo. Com a imortalidade não mais existindo — ele sabia que devia ser imaginação, mas às vezes pensava sentir o tempo arrastando-o, puxando-o em direção a um túmulo que nunca achara que fosse conhecer —, canalizar o pouco de *saidin* que conseguia era como beber do esgoto. Não lamentava que Lanfear estivesse

morta. O mesmo valia para Rahvin, mas para Lanfear especialmente, pelo que ela lhe havia feito. Daria risada quando cada um dos demais também morresse, principalmente o último. Não tinha renascido como um novo homem, mas iria se segurar o máximo que pudesse naquele tufo de grama à beira do precipício. As raízes acabariam cedendo, e a longa queda viria, mas, até lá, estava vivo.

Abriu uma portinha com a intenção de encontrar um caminho até a despensa. Deveria haver algum vinho decente por lá. Um passo, e ele parou, o sangue sumindo do rosto.

— Você? Não! — As palavras ainda pairavam no ar quando ele morreu.

* * *

Morgase secou o suor do rosto e, em seguida, enfiou o lenço de volta pela manga e rearrumou o chapéu de palha um tanto esfarrapado. Pelo menos dera um jeito de conseguir um vestido de cavalgada decente, embora mesmo uma boa lã cinza ainda fosse desconfortável naquele calor. Na realidade, fora Tallanvor quem o conseguira. Deixando o cavalo trotar, ela observou o jovem alto que cavalgava à sua frente por entre as árvores. A corpulência de Basel Gill enfatizava como Tallanvor era alto e esbelto. Ele lhe entregara o vestido dizendo que a peça lhe fazia mais jus do que aquele troço piniquento com que ela fugira do Palácio, e olhando-a de cima, sem nunca pestanejar, nunca dizer qualquer palavra respeitosa. Claro que a própria Morgase decidira que não era seguro que outros soubessem quem ela era, em particular quando descobriu que Gareth Bryne partira de Fontes de Kore. Por que o homem tivera que ir caçar incendiadores de estábulo justo quando ela precisava tanto dele? Não importava, se sairia igualmente bem sem ele. Mas havia algo inquietante nos olhos de Tallanvor quando ele a chamava simplesmente de Morgase.

Com um suspiro, ela deu uma olhada para trás, por cima do ombro. O gigantesco Lamgwin cavalgava vigiando a floresta, Breane a seu lado, observando-o tanto quanto aos arredores. Seu exército não crescera nada desde Caemlyn. Gente demais tinha ouvido falar a respeito de nobres exilados sem motivo e sobre leis injustas na capital para fazer mais que desdenhar até da menção mais casual de mover uma mão em apoio à sua devida governante. Ela duvidava inclusive de que faria alguma diferença se eles soubessem com quem falavam. Então ali estava ela, cavalgando por Altara, mantendo-se o máximo possível na floresta, porque parecia haver grupos de homens armados por toda parte. Cavalgando pela floresta com um valentão de rua com o rosto cheio de cicatrizes, uma nobre cairhiena que virara uma refugiada apaixonada, um estalajadeiro corpulento que mal conseguia evitar cair de joelhos sempre que ela o encarava, e um jovem soldado que por vezes a olhava como se ela estivesse

trajando um daqueles vestidos que usara para Gaebril. E Lini, claro. Não havia como se esquecer de Lini.

Como se pensar nela tivesse sido um chamado, a velha babá esporeou seu cavalo e se aproximou.

— Melhor você olhar para a frente — alertou ela com tranquilidade.

— “Um leão jovem ataca rápido, e quando você menos espera”.

— Você acha que Tallanvor é perigoso? — questionou Morgase, incisiva, no que Lini, de soslaio, lhe lançou um olhar sugestivo.

— Só da maneira que qualquer homem conseguem ser perigoso. Um homem de bela figura, você não acha? Altura mais do que suficiente, mãos fortes, eu acredito. “Não há por que deixar o mel envelhecer demais antes de prová-lo”.

— Lini — disse Morgase, em tom de advertência.

A idosa vinha insistindo nesse assunto com demasiada frequência nos últimos dias. Tallanvor era um homem bonito, suas mãos de fato pareciam fortes, e ele era dono de panturrilhas bem torneadas, mas era jovem, e Morgase era sua rainha. A última coisa de que ela precisava era começar a olhar para ele como homem, e não como seu súdito e soldado. Estava prestes a dizer isso para Lini, e também que a mulher perdera o juízo se pensasse que ela aceitaria um homem dez anos mais novo, o que com certeza ele era, mas Tallanvor e Gill estavam olhando para trás.

— Controle essa língua, Lini. Se você enfiar ideias tolas na cabeça daquele jovem, vou largá-la em algum lugar por aí.

O riso desdenhoso de Lini teria rendido ao maior nobre de Andor certo tempo de reflexão em uma cela. Se ela ainda estivesse no trono, teria.

— Tem certeza de que quer fazer isso, garota? “Depois que se salta do penhasco, é tarde demais para mudar de ideia”.

— Vou encontrar aliados onde pudermos — respondeu Morgase com dureza.

Tallanvor puxou as rédeas e se sentou bem ereto na sela. O suor lhe escorria pelo rosto, mas ele parecia ignorar o calor. Mestre Gill deu um puxão na gola do gibão coberto de discos, como se desejasse poder tirá-lo.

— Há fazendas logo adiante, após a floresta — informou Tallanvor —, mas é improvável que alguém vá reconhecê-la aqui. — Morgase encarou-o com um olhar neutro. A cada dia ficava mais difícil desviar o olhar quando ele a encarava. — Mais dez milhas e devemos estar em Cormaed. Se aquele sujeito em Sehar não tiver mentido, vai haver uma barca lá, e vamos chegar a Amadícia antes de escurecer. Tem certeza de que quer mesmo fazer isso, Morgase?

O modo como ele pronunciou seu nome... Não. Ela estava deixando as fantasias ridículas de Lini tomarem conta dela. Era culpa do maldito calor.

— Minha decisão já foi tomada, jovem Tallanvor — respondeu ela, com frieza —, e espero não ser questionada depois que tiver resolvido.

Morgase esporeou a montaria com força, fazendo com que o pinote do cavalo quebrasse a troca de olhares e que o animal o ultrapassasse. O jovem conseguiria alcançá-la. Ela encontraria aliados onde pudesse. Recuperaria seu trono, e azar de Gaebril ou de *qualquer um* que achasse que poderia ocupá-lo em seu lugar.



E a Glória da Luz brilhou sobre ele. E a Paz da Luz lhe rendeu homens. Unindo nações a ele. Tornando muitos um só. Mas os fragmentos de corações machucavam. E o que um dia havia sido se fez novamente — em fogo e em tempestade, dividindo tudo ao meio.

Pois a paz dele... — pois a paz dele... ... era a paz...

... era a paz... ... da espada.

E a Glória da Luz brilhou sobre ele.

— de “Glória do Dragão”,
composta por Meane sol Ahelle,
a Quarta Era

Fim
do Quarto Cinco
de *A Roda do Tempo*





Uma nota sobre datas neste glossário. O Calendário Tomano (elaborado por Toma dur Ahmid) foi adotado aproximadamente dois séculos depois da morte do último Aes Sedai e registrava os anos Depois da Ruptura do Mundo (DR). Muitos registros foram destruídos nas Guerras dos Trollocs, tanto que, ao fim das Guerras, havia controvérsia sobre o ano exato conforme o antigo sistema. Um novo calendário foi proposto por Tiam de Gazar, comemorando a libertação da ameaça dos Trollocs e registrando cada ano como um Ano Livre (AL). O Calendário Gazarano ganhou ampla aceitação nos vinte anos seguintes ao fim das Guerras. Artur Asa-de-gavião tentou estabelecer um novo calendário com base na fundação de seu império (DF, Desde a Fundação), mas apenas historiadores o conhecem. Após a destruição e as mortes provocadas pela Guerra dos Cem Anos, um terceiro calendário foi desenvolvido por Uren din Jubai Gaivota-voadora, acadêmico do Povo do Mar, e promulgado pela Panarca Farede de Tarabon. O Calendário de Farede, que data do fim arbitrariamente decidido da Guerra dos Cem Anos e registra os anos da Nova Era (NE), encontra-se atualmente em uso.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai da Era das Lendas, o que os classifica entre os mais poderosos de todos os tempos. Aes Sedai que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra diante da promessa de imortalidade. Entre si, intitulavam-se “os Escolhidos”. De acordo com as lendas e os fragmentos de registros, foram aprisionados com o Tenebroso quando a prisão foi resselada. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças. Eles são: Aginor, Asmodean, Balthamel, Be’lal, Demandred, Graendal, Ishamael, Lanfear, Mesaana, Moghedien, Rahvin, Sammael e Semirhage.

Aceitas: Jovens mulheres em treinamento para se tornarem Aes Sedai que alcançaram certo nível de poder e passaram por determinados testes. Em geral, leva-se de cinco a dez anos para que uma noviça seja elevada a Aceita. Sob regras um pouco menos rígidas do que as noviças, as Aceitas podem escolher as próprias áreas de estudo, dentro de alguns limites. Uma Aceita usa o anel da Grande Serpente no terceiro dedo da mão esquerda. Quando uma Aceita é elevada a Aes Sedai, o que geralmente demora mais um período de cinco a dez anos, ela escolhe a própria Ajah, adquire o direito a usar o xale e pode passar a usar o anel em qualquer dedo, ou não usá-lo, se as circunstâncias assim justificarem.

a'dam: Dispositivo Seanchan usado para controlar qualquer mulher capaz de canalizar. Consiste em uma coleira ligada a um bracelete por correntes, tudo feito de metal prateado. Não tem efeito em mulheres que não são capazes de canalizar. *Ver também* damane; Seanchan; sul'dam.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos, cobrem o rosto com um véu antes de matar. Guerreiros mortíferos com armas ou punhos, jamais tocam em espadas ou montam a cavalo, a menos que sob pressão. Seus flautistas tocam quando eles entram em batalha, e os Aiel chamam a luta de “a Dança” e “a Dança das Lanças”. São divididos em doze clãs: os Chareen, os Codarra, os Daryne, os Goshien, os Miagoma, os Nakai, os Reyn, os Shaarad, os Shaído, os Shiande, os Taardad e os Tomanelle. Às vezes, falam de um décimo-terceiro clã, o Clã Que Não Era, os Jenn, que foram os construtores de Rhuidean. *Ver também* Deserto Aiel; Rhuidean; Sociedades guerreiras dos Aiel.

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, são sete e se diferenciam por cores: Azul, Vermelho, Branca, Verde, Marrom, Amarela e Cinza. Todas as Aes Sedai, exceto o Trono de Amyrlin, pertencem a uma Ajah. Cada Ajah segue uma filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai. A Ajah Vermelha, por exemplo, dedica-se a encontrar homens capazes de canalizar o Poder e amansá-los. A Ajah Marrom abre mão das superficialidades e se dedica à busca por conhecimento, enquanto a Ajah Branca, amplamente abstêmia do mundo e dos valores da sabedoria mundana, dedica-se às questões filosóficas e à busca da verdade. A Ajah Verde (chamada de Ajah da Batalha durante as Guerras dos Trollocs) mantém-se a postos para Tarmon Gai'don, a Amarela se concentra no estudo da Cura, e as irmãs Azuis se envolvem com certas causas e com a justiça. As Cinzas são mediadoras, buscando a harmonia e o consenso. Os rumores de uma Ajah Negra, dedicada a servir ao Tenebroso, são oficialmente negados.

Alviarin Freidhen: Aes Sedai da Ajah Branca agora elevada a Curadora das Crônicas, abaixo apenas do Trono de Amyrlin, entre as Aes Sedai. Uma

mulher de lógica fria e ambições mais frias ainda.

Amadícia: Nação localizada ao sul das Montanhas da Névoa, entre Tarabon e Altara. Sua capital, Amador, é o lar dos Filhos da Luz, cujo Senhor Capitão Comandante governa de fato, ainda que não por direito, com mais poder que o rei. Qualquer pessoa capaz de canalizar é vista em Amadícia como um fora da lei. Pela lei local, essas pessoas devem ser encarceradas ou exiladas, mas, na prática, todas costumam ser assassinadas sob a alegação de “resistir à prisão”. O estandarte de Amadícia exibe uma estrela de prata de seis pontas sobreposta por um cardo vermelho em um fundo azul.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de extinguir a capacidade de um homem de canalizar o Poder Único. É necessário, pois os homens que canalizam enlouquecem por causa da mácula de *saidin* e, em sua loucura, terminam por fazer coisas horríveis com o Poder antes que a mácula os mate. Um homem amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas não Curada, e pode-se evitar a morte caso o procedimento seja feito cedo o bastante. No entanto, um homem que é amansado acaba inevitavelmente desistindo de querer viver, e aqueles que não conseguem cometer suicídio morrem de um jeito ou de outro em um ou dois anos. *Ver também* estancamento; Poder Único.

Amigos das Trevas: Seguidores do Tenebroso, acreditam que ganharão poder, grandes recompensas e até a imortalidade quando ele for libertado.

Amys: Sábia do Forte das Pedras Frias e Andarilha dos Sonhos. Aiel do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad, esposa de Rhuarc e esposa-irmã de Lian, que é a senhora do teto do Forte das Pedras Frias. Amys é irmã-da-mãe de Aviendha.

Andarilha dos Sonhos: Nome Aiel para uma mulher capaz de adentrar *Tel'aran'rhiod*. *Ver também* *Tel'aran'rhiod*.

angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem que qualquer um capaz de canalizar manipule uma quantidade maior do Poder do que seria possível ou seguro sem ajuda. Alguns foram fabricados para uso de mulheres, outros, de homens. Os rumores de *angreal* usáveis tanto por homens quanto por mulheres nunca foram confirmados. Não se sabe mais como fabricá-los. Restam poucos. *Ver também* *sa'angreal*; *ter'angreal*.

Arad Doman: Nação no Oceano de Aryth. Atualmente arruinada pela guerra civil e por guerras simultâneas contra aqueles que se declararam a favor do Dragão Renascido e contra Tarabon. A maioria dos mercadores de Arad Doman é de mulheres e, segundo o ditado, “permitir que um homem negocie com uma domanesa” é extremamente insensato. As domanesas são famosas — ou infames — pela beleza, sedução e vestimentas escandalosas.

Artur Asa-de-gavião: Rei lendário, Artur Paendrag Tanreall governou entre AL

943-994 e unificou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo. Chegou a enviar exércitos para atravessar o Oceano de Aryth (AL 992), mas todo contato com as tropas foi perdido na ocasião de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos. Seu símbolo era um gavião dourado em pleno voo. *Ver também* Guerra dos Cem Anos.

Avendesora: Na Língua Antiga, a “Árvore da Vida”. Mencionada em muitas histórias e lendas, que lhe fornecem várias localizações. Poucos conhecem sua localização verdadeira.

Avendoraldera: Uma árvore que cresceu na cidade de Cairhien a partir de um ramo de *Avendesora*, um presente dos Aiel em 566 NE, apesar de nenhum registro escrito revelar qualquer ligação entre os Aiel e *Avendesora*. *Ver também* Guerra dos Aiel.

Bair: Sábia do ramo Haido dos Aiel Shaarad e Andarilha dos Sonhos.

Berelain sur Paendrag: Primeira de Mayene, Abençoada da Luz, Defensora das Ondas, Grão-trono da Casa Paeron. Jovem, bonita e obstinada, é uma governante habilidosa. *Ver também* Mayene.

Birgitte: Heroína de lendas e histórias, famosa tanto pela beleza quanto pela bravura e destreza no arco e flecha. Diz-se que carregava um arco de prata e flechas também de prata, com os quais jamais errava o alvo. Uma entre os heróis convocados de volta sempre que a Trombeta de Valere é tocada. Sempre ligada ao herói-espadachim Gaidal Cain. Exceto por sua beleza e destreza com o arco, tem pouco a ver com o que se fala dela nas histórias. *Ver também* Cain, Gaidal; Trombeta de Valere.

bravia: Mulher que aprendeu a canalizar o Poder Único sozinha, sobrevivendo à crise gerada por esse aprendizado, o que só acontece com uma a cada quatro. Tais mulheres costumam criar barreiras para impedir a si próprias de compreenderem o que estão fazendo, mas, quando essas barreiras são transpostas, as bravias revelam-se entre as mais poderosas capazes de canalizar. O termo costuma ser usado de forma pejorativa.

Breane Taborwin: Antes uma lady de alta graduação de Cairhien, agora uma refugiada paupérrima que encontrou a felicidade com o tipo de homem que, no passado, mandava seus serviços enxotarem.

cadin'sor: Indumentária dos guerreiros Aiel composta de casaco e calças marrom e cinza que se camuflam junto às pedras e sombras, além de botas macias até os joelhos, presas com cadarços. Na Língua Antiga, “roupas de trabalho”.

Cain, Gaidal: Herói-espadachim de lendas e histórias. Sempre ligado a Birgitte, diz-se ser tão bonito quanto ela. Um dos heróis que se supõe convocar de volta sempre que a Trombeta de Valere é tocada. *Ver também* Birgitte, Trombeta de Valere.

Cairhien: Nome de uma nação nos limites da Espinha do Mundo, e da capital de

tal nação. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel, assim como muitas outras cidades e aldeias. O consequente abandono de lavouras próximas da Espinha do Mundo tornou necessária a importação de grãos. O assassinato do Rei Galldrian (998 NE) resultou em uma guerra civil pela sucessão do Trono do Sol, na interrupção dos carregamentos de grãos e na fome. Cairhien tem como estandarte um sol nascente com muitos raios em um fundo de céu azul. *Ver também* Guerra dos Aiel.

Callandor: A Espada Que Não É Espada, a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Uma espada de cristal que, no passado, ficou guardada na Pedra de Tear. Poderoso *sa'angreal* masculino, sua retirada da câmara conhecida como Coração da Pedra foi, junto com a queda da Pedra, um sinal importante do Renascimento do Dragão e da aproximação de Tarmon Gai'don. Recolocada no Coração e reinserida na pedra por Rand al'Thor. *Ver também* Pedra de Tear; *sa'angreal*.

canalizar (verbo): Controlar o fluxo do Poder Único. *Ver também* Poder Único.

Cinco Poderes, os: Há fios no Poder Único. Eles são batizados conforme o elemento a que se prestam — Terra, Ar (às vezes chamado de Vento), Fogo, Água e Espírito — e recebem o nome de Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único será mais forte em um elemento, ou talvez dois, mas raramente mais que isso, e será mais fraco com os demais. Na Era das Lendas, enquanto Espírito era encontrado igualmente em homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra e/ou Fogo era muito mais frequente em homens, e com Água e/ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos.

Colavaere, da Casa Saighan: Uma lady cairhiena de alta graduação, manipulativa e ardilosa, como toda a nobreza de Cairhien. Ela já deteve tanto poder que, por vezes, não percebe a própria vulnerabilidade diante de um poder maior.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 1 pé; 3 pés = 1 passada; 2 passadas = 1 braça; 1000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

Couladin: Homem ambicioso do ramo Domai dos Aiel Shaido. Sua sociedade guerreira é a *Seia Doon*, os Olhos Negros.

cuendillar: Substância indestrutível criada durante a Era das Lendas. Qualquer força utilizada na tentativa de destruí-la é absorvida, deixando-a ainda mais forte. Também chamada de pedra-do-coração.

damane: Na Língua Antiga, significa literalmente “encolaradas”. Este é o termo Seanchan para mulheres capazes de canalizar e que, na visão deles, são devidamente controladas com o uso de um *a'dam*. Mulheres capazes de canalizar, mas que ainda não são *damane*, são chamadas de *marath'damane*,

cujos significado literal é “as que devem ser encolaradas”. *Ver também a'dam; Seanchan; sul'dam.*

Deserto Aiel: Terra inhóspita, severa e praticamente desprovida de água que fica a leste da Espinha do Mundo. Chamada pelos Aiel de Terra da Trindade. Poucos forasteiros se aventuram na região porque os Aiel se consideram em guerra com todos os povos, e estrangeiros não são bem-vindos. Apenas mascates, menestrelis e Tuatha'an têm entrada permitida em segurança, ainda que os Aiel evitem qualquer contato com os Tuatha'an, a quem chamam de “Perdidos”. Não se sabe da existência de qualquer mapa do Deserto.

Dobraine, da Casa Taborwin: Lorde cairhieno de alta graduação que acredita em levar seus juramentos ao pé da letra.

Dragão Renascido: De acordo com as Profecias do Dragão, este homem é o Renascimento de Lews Therin, o Fratricida. *Ver também* Dragão, falso; Dragão, o; Dragão, Profecias do.

Dragão, falso: Nome dado aos vários homens que afirmaram ser o Dragão Renascido. Alguns desencadearam guerras que envolveram diversas nações. Ao longo dos séculos, a maioria era incapaz de canalizar, mas alguns podiam fazê-lo. Todos, porém, desapareceram, foram capturados ou mortos sem cumprir nenhuma das Profecias do Dragão. Entre os capazes de canalizar, os mais poderosos foram Raolin Algoz-das-trevas (ativo em 335-36 DR), Yurian Arco-de-pedra (cerca de 1300-1308 DR), Davian (AL 351), Guaire Amalasan (AL 939-43), Logain (997 NE) e Mazrim Taim (998 NE). *Ver também* Dragão Renascido.

Dragão, o: Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra da Sombra, há uns três mil anos, ou mais. Sofrendo da loucura que se abateu sobre todos os Aes Sedai do sexo masculino, Lews Therin matou todas as pessoas de seu sangue e todos que amava, recebendo então a alcunha de Fratricida. *Ver também* Dragão Renascido; Dragão, Profecias do.

Dragão, Profecias do: Pouco conhecidas, exceto entre os bem-instruídos, e raramente discutidas, as Profecias registradas em *O Ciclo de Karaethon* predizem que o Tenebroso será libertado mais uma vez, e que Lews Therin Telamon, o Dragão, Renascerá para lutar em Tarmon Gai'don, a Última Batalha contra a Sombra. Segundo as Profecias, ele vai salvar o mundo e então causar uma nova Ruptura. *Ver também* Dragão, o.

Elaida do Avrin, a'Roihan: Aes Sedai que era da Ajah Vermelha e que foi elevada ao Trono de Amyrlin. Antiga conselheira da Rainha Morgase, de Andor. Às vezes faz Previsões.

Enlaila: Uma das Donzelas da Lança, pertence ao ramo Jarra dos Aiel Chareen. Sensível no que diz respeito à própria estatura, é dona de uma atitude notável

em relação a Rand al'Thor, considerando-se que é apenas um ano mais velha que ele.

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais atualmente só se pode sonhar. *Ver também* Guerra da Sombra; Roda do Tempo; Ruptura do Mundo.

Espinha do Mundo: Cadeia de altíssimas montanhas com poucos pontos de travessia que separa o Deserto Aiel das terras a oeste. Também chamada de Muralha do Dragão.

estancamento: Ato realizado pelas Aes Sedai que consiste em isolar definitivamente do Poder Único uma mulher capaz de canalizá-lo. Uma mulher que tenha sido estancada pode sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Realizado tão poucas vezes que as noviças são obrigadas a decorar os nomes e crimes de todas as mulheres que sofreram a punição. Oficialmente, resulta do julgamento e da sentença por um crime. Quando ocorre por acidente, é chamado de exaurimento, mas, na prática, o termo “estancamento” é usado em ambos os casos. Acontecendo de um jeito ou de outro, mulheres que foram estancadas costumam não viver muito; parecem simplesmente desistir e morrer.

Faile: Na Língua Antiga, significa “falcão”. Nome adotado por Zarine Bashere, uma jovem de Saldaea.

Faolain Orande: Uma Aceita que não gosta de bravias.

Far Dareis Mai: Na Língua Antiga, literalmente “Donzelas da Lança”. Sociedade guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite mulheres, e apenas mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. (“Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum pode lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.”) *Ver também* Aiel; Sociedades guerreiras dos Aiel.

Filha-herdeira: Título da herdeira do Trono do Leão de Andor. Sem filhas vivas, o trono passa à parente consanguínea mais próxima da Rainha. Divergências quanto a quem era exatamente a parente consanguínea mais próxima levaram a diversas brigas pelo poder, a última sendo “a Sucessão”, chamada assim em Andor, ou “a Terceira Guerra pela Sucessão Andoriana” em outros lugares, acontecimento que entronou Morgase, da Casa Trakand.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas que não deve lealdade a nenhuma nação, dedicada a derrotar o Tenebroso e a destruir todos os Amigos das Trevas. Foi fundada durante a Guerra dos Cem Anos com o objetivo de pregar contra o crescente número de Amigos das Trevas,

mas evoluiu no decorrer da guerra até se tornar uma organização militar. Extremamente rígidos em suas crenças e convencidos de que são os únicos que conhecem a verdade e sabem o que é certo. Consideram as Aes Sedai e qualquer um que as apoie como Amigos das Trevas. Chamados pejorativamente de Mantos-brancos. Têm como símbolo um sol dourado em um fundo branco.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo que faz girar a Roda do Tempo. Divide-se em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham, ao mesmo tempo, com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres a *saidar*. Desde que o Tempo da Loucura se iniciou, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

Gaidin: Na Língua Antiga, “Irmão nas Batalhas”. Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões. *Ver também* Guardião.

gai'shain: Na Língua Antiga, “Comprometido com a Paz nas Batalhas”. Por conta do *ji'e'toh*, exige-se de um Aiel feito prisioneiro por outro Aiel durante uma incursão ou uma batalha que sirva ao seu captor com humildade e obediência durante um ano e um dia, sem tocar em armas ou protagonizar nenhum ato de violência. Sábias, ferreiros, crianças e mulheres com filhos menores de dez anos não podem ser feitos *gai'shain*.

Galad: Lorde Galadedrid Damodred, chamado de Galad. Meio-irmão de Elayne e Gawyn, por parte de pai, Taringail Damodred. Tem como símbolo uma espada de prata alada com a ponta para baixo.

Gareth Bryne: Antigo Capitão-general da Guarda da Rainha em Andor. Exilado pela Rainha Morgase. Considerado um dos maiores generais vivos. O selo da Casa Bryne é um touro selvagem com a coroa de rosas de Andor em torno do pescoço. Tem como símbolo pessoal três estrelas douradas, cada uma com cinco pontas.

Gawyn da Casa Traland: Filho da Rainha Morgase e irmão de Elayne, será o Primeiro Príncipe Espadachim quando Elayne subir ao trono. Tem como símbolo um javali branco.

Grande Praga, a: Região no extremo norte inteiramente corrompida pelo Tenebroso. Local onde vivem Trollocs, Myrddraal e outras criaturas da Sombra.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro é uma blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade que já era antigo antes do início da Era das Lendas. Consiste em uma serpente mordendo a própria cauda. Um anel na forma da Grande Serpente é dado às mulheres elevadas a Aceitas entre as Aes Sedai.

Grão-lordes de Tear: Com atuação semelhante à de um conselho, os Grão-lordes são, historicamente, os governantes da nação de Tear, onde não há rei ou rainha. Seu número não é fixo, varia ao longo dos anos de tantos quanto vinte a tão poucos quanto seis. Não devem ser confundidos com os Senhores da Terra, que são lordes tairenos menores.

Guardião: Guerreiro que tem um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único e concede dádivas como cura acelerada, capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso, e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso à distância. Enquanto o Guardião viver, a Aes Sedai com quem tem o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que esteja, do mesmo modo que, quando ele morre, ela sabe o momento e a maneira como seu Guardião morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que é natural uma Aes Sedai ter um elo com apenas um Guardião por vez, a Ajah Vermelha se recusa a ter quaisquer Guardiões e a Ajah Verde crê que uma Aes Sedai pode estabelecer elos com quantos Guardiões quiser. Por ética, é preciso que o Guardião aceite o elo, mas há casos em que este foi feito involuntariamente. O que a Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso, em um ataque liderado por Lews Therin Telamon, o Dragão, e uma centena de Aes Sedai do sexo masculino chamados de Cem Companheiros. O contra-ataque do Tenebroso maculou *saidin* e enlouqueceu Lews Therin e os Cem Companheiros, dando início ao Tempo da Loucura. *Ver também* Poder Único; Tempo da Loucura.

Guerra dos Aiel (976-978 NE): Quando o Rei Laman de Cairhien cortou *Avendoraldera*, quatro clãs dos Aiel cruzaram a Espinha do Mundo. Eles saquearam e incendiaram a capital de Cairhien e muitas outras cidades e vilarejos, e o conflito se estendeu até Andor e Tear. A opinião geral é de que os Aiel foram finalmente derrotados na Batalha das Muralhas Reluzentes, diante de Tar Valon, mas a verdade é que Laman foi morto naquela batalha, e, tendo cumprido seu objetivo, os Aiel cruzaram a Espinha de volta. *Ver também* *Avendoraldera*; Cairhien; Espinha do Mundo.

Guerra dos Cem Anos (994-1117 AL): Série de guerras concomitantes entre alianças que mudavam constantemente, iniciada pela morte de Artur Asade-gavião e a subsequente disputa por seu império. Durou de 994 AL até 1117 AL. A guerra deixou grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e

o Deserto Aiel, do Mar das Tempestades à Grande Praga, quase desabitadas. A destruição foi tanta que restam apenas alguns registros da época. Com as guerras, o império de Artur Asa-de-gavião se fragmentou e as nações dos dias atuais se formaram. *Ver também* Artur Asa-de-gavião.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram mais de trezentos anos, ao longo dos quais os exércitos dos Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os Trollocs foram forçados de volta à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentados.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

Inquiridores da Verdade: Espécie de polícia/organização de espões do Trono Imperial Seanchan. Embora a maioria seja propriedade da família Imperial, os Inquiridores têm amplos poderes. Até alguém do Sangue (os nobres Seanchan) pode ser preso por não responder alguma pergunta feita por um Inquiridor ou por se recusar a cooperar com um. A definição de cooperação é imposta pelos próprios Inquiridores, que respondem apenas à Imperatriz.

ji'e'toh: Na Língua Antiga, “honra e obrigação” ou “honra e dever”. É o complexo código que rege a vida dos Aiel, e que exigiria diversos volumes para ser explicado. Para dar um pequeno exemplo, há muitas formas de se adquirir honra em batalhas. A menor delas é matar, já que qualquer um é capaz disso. A maior é tocar em um inimigo armado sem machucá-lo. Em algum ponto intermediário está transformar um inimigo em *gai'shain*. Em outro exemplo, a vergonha, que também possui muitos níveis no *ji'e'toh*, é considerada em vários desses níveis como algo pior que a dor, ferimentos ou até a morte. Um terceiro exemplo são os vários graus de *toh*, ou obrigação, mas é bom observar que até o grau mais baixo deve ser cumprido em sua totalidade. *Toh* tem mais peso que quaisquer outros aspectos, já que um Aiel, caso necessário, aceita a vergonha para cumprir uma obrigação que, para um forasteiro, pode parecer menor. *Ver também* *gai'shain*.

Jogo das Casas: Nome dado às armações, tramas e manipulações feitas pelas Casas nobres na busca de poder. Nele, dá-se grande valor à dissimulação, a buscar um objetivo enquanto parece-se estar buscando outro, e ao alcance de suas metas com o menor esforço visível. Também conhecido como Grande Jogo e, às vezes, por seu nome na Língua Antiga: *Daes Dae'mar*.

Juramentos, Três: Juramentos feitos por uma Aceita ao ser elevada a Aes Sedai. São proferidos enquanto ela segura o Bastão dos Juramentos, um *ter'angreal* que confirma seu compromisso com os votos. São eles: (1) Não dizer palavra que não seja verdadeira. (2) Não criar arma com a qual um homem possa matar outro. (3) Nunca usar o Poder como arma, exceto contra Crias da Sombra ou, em casos extremos, em defesa da própria vida, da vida de seu

Guardião ou de outra Aes Sedai. O segundo juramento foi o primeiro a ser adotado, em reação à Guerra da Sombra. O primeiro juramento, embora levado ao pé da letra, em geral pode ser contornado por um discurso cuidadoso. Acredita-se que os dois últimos sejam invioláveis.

Kadere, Hadnan: Suposto mascate que se arrepende de ter entrado no Deserto Aiel.

Langwin Dorn: Valentão de rua que é leal à sua rainha.

Lanfear: Na Língua Antiga, “Filha da Noite”. Uma Abandonada. Diferente dos demais Abandonados, ela mesma escolheu seu nome. Dizem ter sido apaixonada por Lews Therin Telamon e ter odiado a esposa dele, Ilyena. *Ver também* Abandonados; Dragão, o.

Lews Therin Telamon; Lews Therin Fratricida: *Ver* Dragão, o.

Liandrin: Aes Sedai outrora da Ajah Vermelha, de Tarabon. Atualmente, sabe-se que pertence à Ajah Negra.

Língua Antiga: A língua falada durante a Era das Lendas. Espera-se que os nobres e os bem-educados saibam falá-la, mas a maioria conhece apenas algumas poucas palavras. Traduzi-la costuma ser difícil, já que se trata de uma língua com muitos significados cuja diferença é bem sutil.

Lini: Babá de Elayne e, antes, da mãe dela, Morgase, e também da mãe de Morgase. Mulher com muita força de vontade, percepção considerável e dona de um arsenal de ditados.

Logain: Homem que afirmava ser o Dragão Renascido, mas que agora foi amansado. *Ver também* Dragão, falso.

Lugard: Na teoria, a capital de Murandy, apesar de a nação ser uma colcha de retalhos de lealdades a cidades e a lordes e ladies específicos, fazendo com que qualquer um que ocupe o trono raramente tenha algum controle até mesmo sobre a cidade. Lugard é um importante centro comercial e sinônimo de ladroagem, devassidão e desonras em geral.

Maighande: Uma das grandes batalhas das Guerras dos Trollocs. A vitória dos seres humanos no conflito desencadeou o longo processo que, por fim, mandou os Trollocs de volta para a Grande Praga. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

Malkier: Nação que um dia fez parte das Terras da Fronteira, hoje consumida pela Praga. O símbolo de Malkier era um grou dourado em pleno voo.

Manetheren: Uma das dez nações que formaram o Segundo Pacto. Também é o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram destruídas nas Guerras dos Trollocs. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Mat Cauthon: Jovem de Campo de Emond, no distrito de Dois Rios, em Andor, que, além de ser *ta'veren*, é extremamente sortudo. Nome completo: Matrim Cauthon.

Mayene: Cidade-estado no Mar das Tempestades, circundada e historicamente oprimida por Tear. A governante de Mayene é denominada “Primeira”. As Primeiras alegam ser descendentes de Artur Asa-da-gavião. Seu estandarte é um gavião dourado em pleno voo em um fundo azul.

Mazrim Taim: Dragão falso que, até ser derrotado e capturado, causou um tumulto em Saldaea. Não só é capaz de canalizar, como também tem enorme força.

Meilan, da Casa Mendiana: Grão-lorde de Tear. General competente, mas um homem de ambições e ódios. *Ver também* Grão-lordes de Tear.

Melaine: Sábia do ramo Jhirad dos Aiel Goshien e Andarilha dos Sonhos. *Ver também* Andarilha dos Sonhos.

Melindhra: Donzela da Lança do ramo Jumai dos Aiel Shaido. Mulher de lealdades divididas. *Ver também* Sociedades guerreiras dos Aiel.

menestréis: Viajantes contadores de histórias, músicos, malabaristas, acrobatas e mestres do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos de retalhos coloridos, apresentam-se principalmente em aldeias e cidades pequenas.

Morgase: Pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-Trono da Casa Trakand. Seu símbolo são três chaves douradas. O símbolo da Casa Trakand é uma pedra angular prateada.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de Trollocs nas quais o material humano usado para criar Trollocs ressurgiu, mas maculado pelo mal que originou os Trollocs. Não têm olhos, mas enxergam como águias, tanto na luz quanto no escuro. Têm certos poderes que vêm do Tenebroso, inclusive a habilidade de causar um medo paralisante com uma encarada e de sumir onde quer que haja sombras. Uma das poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar água corrente. Espelhos os refletem de maneira enevoada. Em terras diferentes, são conhecidos por diversos nomes, entre os quais: Meios-homens, Sem-olhos, Homem das Sombras, Espreitadores, Espectros e Desvanecidos.

Muralha do Dragão: *Ver* Espinha do Mundo.

Natael, Jasín: Nome usado por Asmodean, um dos Abandonados.

Niall, Pedron: Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz. *Ver também* Filhos da Luz.

Nynaeve al'Meara: Mulher que exercia a função de Sabedoria em Campo de Emond, Dois Rios, um distrito de Andor. Atualmente uma das Aceitas.

Ogier: Raça não humana, caracterizada por altura elevada (um adulto do sexo masculino tem cerca de dez pés de altura, em média), porte largo, narizes muito parecidos com focinhos e orelhas longas e peludas. Vivem em áreas chamadas de *pousos*, das quais saem muito pouco, e costumam ter mínimo contato com humanos. O conhecimento sobre eles entre os humanos é escasso, e muitos creem que Ogier são apenas lendas, embora eles sejam exímios construtores e tenham erguido a maior parte das grandes cidades erigidas depois da Ruptura.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a substância da realidade para aquela Era. *Ver também* *ta'veren*.

Pedra de Tear: Grande fortaleza na cidade de Tear que dizem ter sido construída por meio do Poder Único, logo após a Ruptura do Mundo. Sitiada e atacada sem sucesso incontáveis vezes, caiu em uma única noite pelas mãos do Dragão Renascido e de algumas centenas de Aiel, tornando realidade duas partes das Profecias do Dragão. *Ver também* Dragão, Profecias do.

Poder Único: O poder retirado da Fonte Verdadeira. A grande maioria das pessoas é incapaz de aprender a canalizá-lo. Pouquíssimos podem ser ensinados, e uma parcela ainda menor nasce com essa habilidade. Para esses poucos, não há necessidade de aprendizado, pois acabarão canalizando o Poder independentemente da vontade, e talvez sem nem perceber. Essa habilidade inata costuma se manifestar no fim da adolescência ou início da idade adulta. Caso não aprendam a controlar, com ajuda ou por si mesmos (algo bem difícil, com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o Tempo da Loucura, homem algum é capaz de canalizar sem enlouquecer de forma terrível e então, mesmo tendo aprendido a ter certo controle, morrer logo depois de uma espécie de doença degenerativa que faz com que o portador apodreça ainda vivo. Assim como a loucura, essa doença é causada pela mácula do Tenebroso em *saidin*. *Ver também*, canalizar; Cinco Poderes; Fonte Verdadeira; Tempo da Loucura.

Praga: *Ver* Grande Praga, a.

pronunciar o nome do Tenebroso: Pronunciar o nome verdadeiro do Tenebroso (Shai'tan) atrai sua atenção, causando, na melhor das hipóteses, azar, e na pior, tragédias. Por esse motivo, lança-se mão de muitos eufemismos, entre os quais Tenebroso, Pai das Mentiras, Cega-vista, Senhor do Túmulo, Pastor da Noite, Veneno dos Corações, Veneno das Almas, Presa-do-Coração, Velho Ceifador, Queima-grama, Mata-folhas. Os Amigos das Trevas o chamam de Grande Senhor das Trevas. Costuma-se dizer que alguém que parece estar brincando com o azar está “pronunciando o nome do Tenebroso”.

Rhuarc: Um Aiel, chefe do clã dos Aiel Taardad.

Rhuidean: Uma grande cidade, a única no Deserto Aiel, e totalmente desconhecida para o mundo exterior. Abandonada por quase três mil anos. No passado, só se permitia que um homem Aiel entrasse em Rhuidean uma única vez, para que, dentro de um grande *ter'angreal*, fosse testado se ele era adequado para chefe de clã (apenas um de cada três sobrevivia ao teste). Mulheres Aiel entravam na cidade apenas duas vezes, primeiro para serem testadas no mesmo *ter'angreal* e depois para se tornarem Sábias, mas com uma taxa de sobrevivência consideravelmente maior. Atualmente, a cidade voltou a ser habitada pelos Aiel. Um grande lago alimentado por um oceano subterrâneo de água doce ocupa uma das extremidades do vale de Rhuidean, e esse lago, por sua vez, alimenta o único rio do Deserto.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era. Conforme a Roda gira, as Eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez ele é sujeito a mudanças maiores.

Ronde Macura: Costureira de Amadícia que tentou servir a demasiados mestres e senhoras sem saber de fato quem eles eram.

Ruptura do Mundo: Durante o Tempo da Loucura, Aes Sedai do sexo masculino tomados pela loucura transformaram a face da terra. Eles arrasaram antigas cadeias de montanhas e construíram novas, ergueram terra onde havia oceanos e fizeram os oceanos invadir a terra. Muitas partes do mundo ficaram completamente despovoadas, e os sobreviventes se dispersaram como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada em contos, lendas e na história como a Ruptura do Mundo. *Ver também* Tempo da Loucura.

sa'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a canalização de muito mais Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém mais poderoso. O volume de Poder que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. Não se sabe mais como fabricá-los. Assim como ocorre com os *angreal*, existem *sa'angreal* de uso masculino e de uso feminino. Restam apenas alguns, muito mais raros que os *angreal*.

Sabedoria: Nas aldeias, é a mulher escolhida pelo Círculo das Mulheres por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como por seu bom senso. Geralmente, é considerada equivalente ao Prefeito, e em algumas aldeias é sua superior. O cargo de Sabedoria é vitalício, e é raro

uma deixar o ofício antes de morrer. Dependendo da região, o título pode ser outro, como Guia, Curandeira, ou Buscadora.

Sábia: Entre os Aiel, as Sábias são mulheres escolhidas por outras Sábias e treinadas para a cura, o uso de ervas e outras habilidades, de modo muito similar às Sabedorias. Em geral, há apenas uma Sábia por clã ou ramo. São detentoras de grande autoridade e responsabilidade, bem como de forte influência entre os chefes dos ramos e clãs, embora esses homens com frequência as acusem de se intrometer em seus assuntos. As Sábias ficam de fora de todas as rixas e batalhas, e, de acordo com o *ji'e'toh*, não podem ser feridas ou sofrer nenhum tipo de impedimento. Algumas delas têm a capacidade de canalizar, mas não alardeiam isso. Três Sábias ainda vivas são andarilhas dos sonhos, podendo adentrar *Tel'aran'rhiod* e, entre outras coisas, conversar com pessoas que estejam sonhando. *Ver também* Andarilha dos Sonhos; *ji'e'toh*; *Tel'aran'rhiod*.

saidar; saidin: *Ver* Fonte Verdadeira.

Seanchan: (1) Descendentes dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth e que, lá, conquistaram terras. Acreditam que qualquer mulher capaz de canalizar deva ser controlada para a segurança de todos, e que, pelo mesmo motivo, qualquer homem capaz de canalizar deva ser morto. (2) A terra onde vivem esses descendentes.

Senhores do Medo: Homens e mulheres capazes de canalizar, que passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, atuando como generais das forças dos Trollocs, dos Myrddraal e dos Amigos das Trevas. Às vezes, os menos instruídos os confundem com os Abandonados.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, além da Grande Praga. Local da prisão do Tenebroso.

Sociedades guerreiras dos Aiel: Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das doze sociedades guerreiras, que são: os Olhos Negros (*Seia Doon*), os Irmãos da Águia (*Far Aldazar Din*), os Mensageiros da Aurora (*Rahien Sorei*), os Mãos de Faca (*Sovin Nai*), as Donzelas da Lança (*Far Dareis Mai*), os Dançarinos da Montanha (*Hama N'dore*), os Lanças Noturnas (*Cor Darei*), os Escudos Vermelhos (*Aethan Dor*), os Cães de Pedra (*Shae'en M'taal*), os Andarilhos do Trovão (*Sha'mad Conde*), os Sangues Verdadeiros (*Tain Shari*) e os Buscadores das Águas (*Duadhe Mahdi'in*). Cada sociedade tem os próprios costumes e, às vezes, deveres específicos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia, os Cães de Pedra muitas vezes são usados para cuidar da retaguarda durante a retirada de um grupo de investida, enquanto as Donzelas assumem com frequência a função de batedoras. É frequente os clãs invadirem o território um dos outros e lutarem entre si, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, ainda que os

clãs o façam. Dessa maneira, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs, mesmo quando em guerra declarada. *Ver também* Aiel; Deserto Aiel; *Far Dareis Mai*.

Sonhador: *Ver* Talentos.

sul'dam: Significa literalmente “portadora da corrente”, e é o termo Seanchan para uma mulher com a habilidade de controlar, por meio de um *a'dam*, uma mulher que sabe canalizar. Posição de relativa honra entre os Seanchan. O que poucos sabem é que, na verdade, as *sul'dam* são mulheres que também poderiam aprender canalizar. *Ver também* *a'dam*; *damane*; Seanchan.

ta'maral'ailen: Na Língua Antiga, “Teia do Destino”. Uma grande mudança no Padrão de uma Era, centrada em uma ou mais pessoas que são *ta'veren*. *Ver também* Padrão de uma Era; *ta'veren*.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vidas próximas, talvez todos os fios de todas as vidas, para formar uma Teia do Destino. *Ver também* Padrão de uma Era; *ta'maral'ailen*.

Talentos: Habilidades relativas ao uso do Poder Único em áreas específicas. O mais conhecido de todos é a Cura. Alguns, como o de Viajar (habilidade de ir de um lugar a outro sem cruzar o espaço interveniente), estão perdidos para as Aes Sedai de hoje. Outros, como o da Previsão (capacidade de predizer eventos futuros, mas de forma geral), são muito raros. Outro Talento que havia muito se pensava não mais existir era o de Sonhar, que envolve, entre outras coisas, a interpretação dos sonhos do Sonhador para predizer eventos futuros de maneira mais específica do que as Previsões o fazem. Alguns Sonhadores têm a capacidade de adentrar *Tel'aran'rhioid*, o Mundo dos Sonhos, e (ao que se diz) até mesmo os sonhos de outras pessoas. A última Sonhadora de que se tinha notícia era Corianin Nedead, que morreu em 526 NE, mas agora existe outra, ainda muito pouco conhecida. *Ver também* *Tel'aran'rhioid*.

Tallanvor, Martyn: Tenente da Guarda da Rainha que ama sua rainha mais do que à honra ou à própria vida.

Tanchico: Capital de Tarabon. *Ver* Tarabon.

Tarabon: Nação no Oceano de Aryth. Outrora local de grandes negociações, fonte de tapetes, tintas e fogos de artifício, entre outros produtos confeccionados pela Guilda de Iluminadores. Poucas notícias chegaram de Tarabon desde que a nação passou a ser assolada pela anarquia e pela guerra civil, além das guerras simultâneas contra Arad Doman e os Devotos do Dragão, pessoas que juraram seguir o Dragão Renascido.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Trombeta de Valere.

Tear: Nação no Mar das Tempestades cuja capital, de mesmo nome, é uma grande cidade portuária. O estandarte de Tear exibe três luas crescentes brancas inclinadas em um fundo metade vermelho, metade dourado. *Ver também* Pedra de Tear.

Tel'aran'rhiod: Na Língua Antiga, “Mundo Invisível” ou “Mundo dos Sonhos”. Um mundo vislumbrado em sonhos que os antigos acreditavam permear e circundar todos os outros mundos possíveis. Muitos podem tocar *Tel'aran'rhiod* por alguns momentos em seus sonhos, mas foram poucos os que já tiveram a capacidade de adentrá-lo ao seu bel prazer, embora tenha-se descoberto recentemente que alguns *ter'angreal* concedem essa capacidade. Ao contrário de outros sonhos, o que acontece às criaturas vivas no Mundo dos Sonhos é real: uma ferida sofrida lá ainda existirá ao despertar, e quem lá morre não acorda jamais. *Ver também ter'angreal*.

Tempo da Loucura: Os anos após o contra-ataque do Tenebroso macular a metade masculina da Fonte Verdadeira, quando os Aes Sedai enlouqueceram e causaram a Ruptura do Mundo. Não se sabe a duração exata desse período, mas acredita-se que tenha sido de aproximadamente cem anos. Terminou com a morte do último Aes Sedai. *Ver também* Poder Único.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan. A fonte de todo mal, antítese do Criador. Aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador no momento da Criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas.

ter'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que utilizam o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para determinado objetivo. Alguns são utilizados pelas Aes Sedai, mas o propósito original de muitos deles é desconhecido. Alguns requerem canalização, enquanto outros podem ser usados por qualquer pessoa. Alguns matarão qualquer mulher que os use ou destruirão sua habilidade de canalizar. Assim como os *angreal* e *sa'angreal*, seu modo de produção foi perdido na Ruptura do Mundo. *Ver também angreal; sa'angreal*.

Termos de parentesco dos Aiel: As relações de sangue dos Aiel são expressas em um modo complexo, que os forasteiros consideram difícil de compreender, mas que os Aiel consideram preciso. Alguns exemplos são suficientes para demonstrar a questão, já que a explicação completa exigiria um livro inteiro. Irmãs-primeiras e irmãos-primeiros têm a mesma mãe. Irmãs-segundas e irmãos-segundos se referem aos filhos de uma irmã-primeira ou um irmão-primeiro da mãe de alguém, e irmãs-da-mãe e irmãos-do-pai são as irmãs-primeiras ou irmãos-primeiros da mãe de alguém. Avó e avô se referem à mãe e ao pai da própria mãe, enquanto os pais do pai são a avó-segunda e o avô-segundo, já que um Aiel é sempre

mais próximo dos parentes maternos que dos paternos. Depois disso, as complicações crescem e se tornam ainda mais confusas por fatores como a capacidade de amigos próximos se adotarem como irmãs-primeiras ou irmãos-primeiros. Quando se considera que mulheres Aiel que são amigas próximas por vezes se casam com o mesmo homem, tornando-se assim esposas-irmãs e casadas uma com a outra tanto quanto com o homem, a complexidade fica ainda mais evidente.

Terras da Fronteira: As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar. Sua história é de ataques e guerras infinitas contra Trollocs e Myrddraal.

Thom Merrilin: Um menestrel e viajante nada comum. *Ver também* menestréis.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso cuja origem remonta à Guerra da Sombra. De imensa estatura, são uma mistura distorcida entre animais e humanos. Os Trollocs se dividem em bandos semelhantes a tribos, entre eles os Dha'vol, os Ko'bal e os Dhai'mon. Malignos por natureza, matam por puro prazer. Traíçoeiros ao extremo, são confiáveis apenas quando coagidos pelo medo.

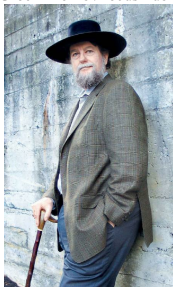
Trombeta de Valere: Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Dizem poder convocar os heróis mortos para lutar contra a Sombra. Uma nova Caçada à Trombeta foi convocada, e Caçadores da Trombeta declarados podem ser encontrados em muitas nações.

Trono de Amyrlin: (1) Título da líder das Aes Sedai. Eleita para este cargo vitalício pelo Salão da Torre, que é formado por três representantes (as Votantes) de cada uma das sete Ajahs. O Trono de Amyrlin tem, ao menos em teoria, autoridade suprema entre as Aes Sedai, e seu status equivale ao de um rei ou rainha. Uma forma de tratamento um pouco menos formal é apenas "a Amyrlin". (2) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

Verin Mathwin: Aes Sedai da Ajah Marrom, da qual a última notícia que se soube foi de que estava em Dois Rios, supostamente em busca de garotas às quais se pudesse ensinar a canalizar. *Ver também* Ajah.

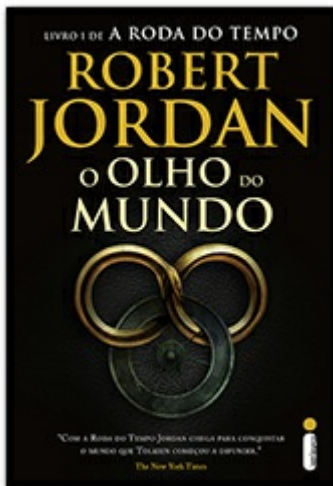
SOBRE O AUTOR

©Liza Groen Trombi/Locus Publications

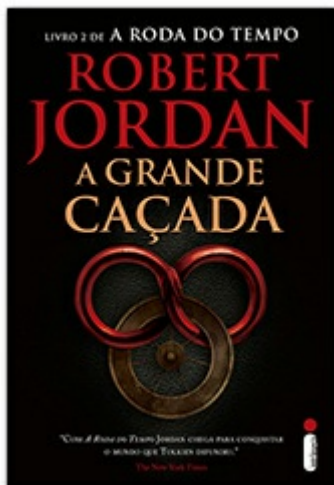


ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos 5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Julio Verne. Serviu na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *As Chamas do Paraíso* é o quinto dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, considerada a maior e mais elaborada obra de literatura fantástica já criada desde os livros de J.R.R. Tolkien. Robert Jordan morreu em 2007.

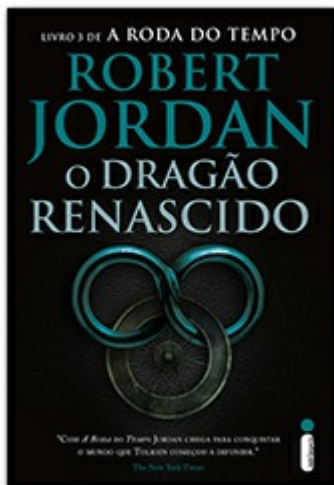
CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE



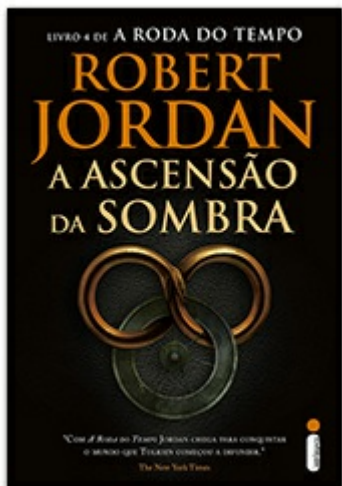
*O olho do mundo
(Livro 1)*



*A grande caçada
(Livro 2)*



*O dragão renascido
(Livro 3)*

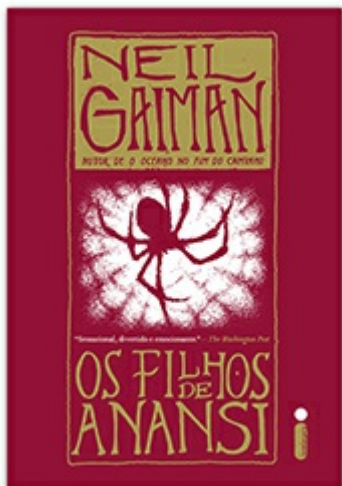


*A ascensão da sombra
(Livro 4)*

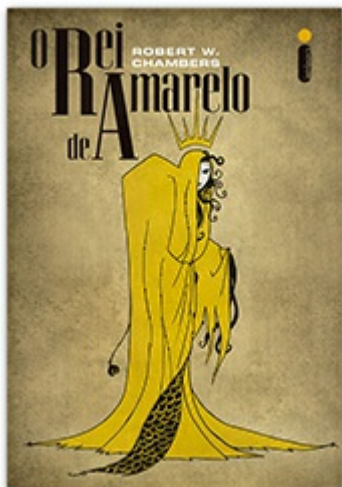
LEIA TAMBÉM



S
J. J. Abrams & Doug Dorst



Os filhos de Anansi
Neil Gaiman



O rei de amarelo
Robert W. Chambers

LIVRO 6 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

O SENHOR DO CAOS



"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

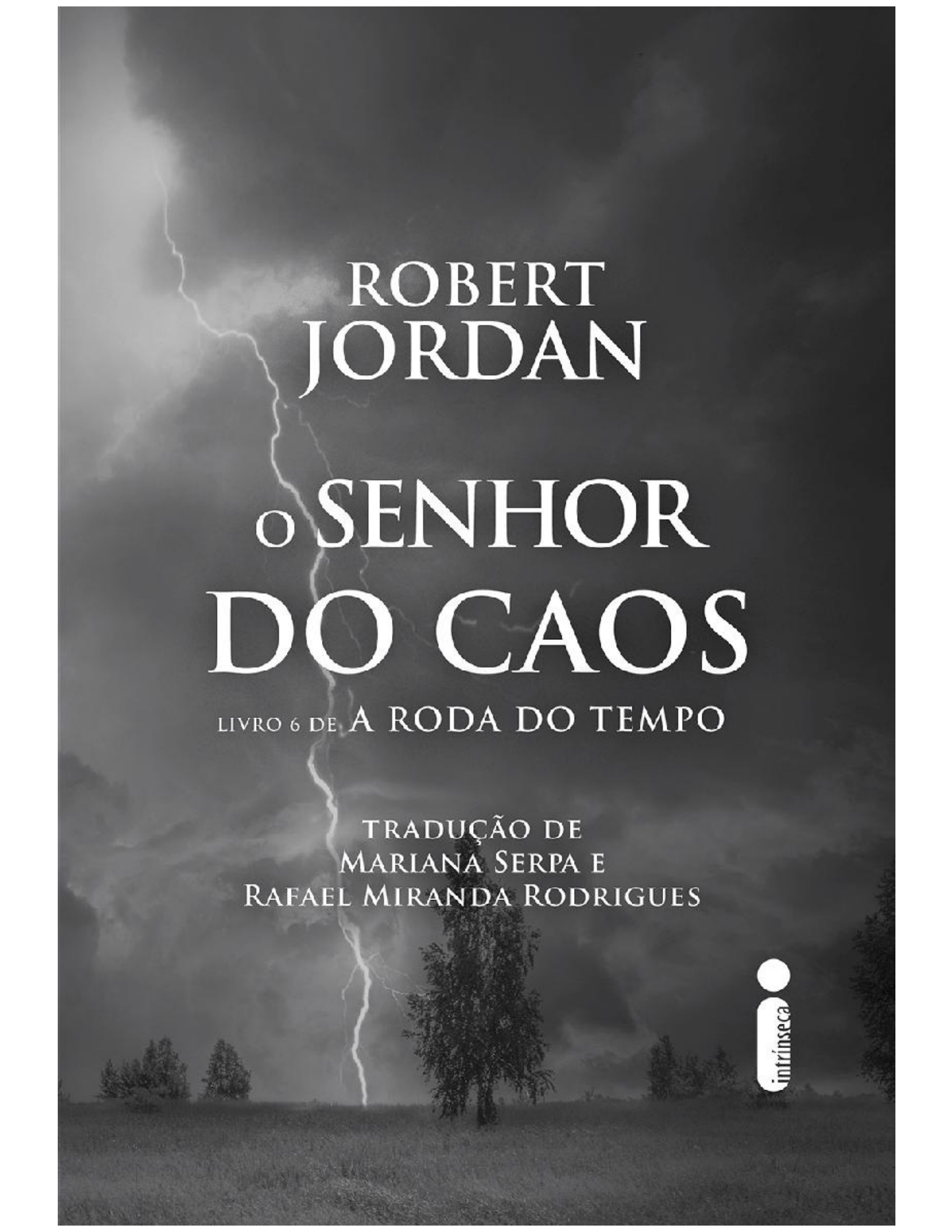
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





ROBERT
JORDAN

o SENHOR
DO CAOS

LIVRO 6 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
MARIANA SERPA E
RAFAEL MIRANDA RODRIGUES



Copyright © 1994 by Robert Jordan

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associates, Inc.

“The Wheel of Time[®]”, “The Fires of HeavenTM” e o símbolo da roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan.
Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL

Lord of Chaos

EDIÇÃO

Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

Marcela de Barros

REVISÃO

Cristiane Pacanowski

IMAGEM DA FOLHA DE ROSTO

Shutterstock.com

MAPAS E ILUSTRAÇÕES

Ellisa Mitchell e Matthew C. Nielsen

ADAPTAÇÃO DO MAPA

Kátia Regina Silva

IMAGEM DA RODA DO TEMPO

© Sam Weber

COURO

© Duncan P. Walker/iStockphoto

REVISÃO DE E-BOOK

Marina Góes

Roberta Clapp

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0292-6

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para Betsy

[FOLHA DE ROSTO](#)

[CRÉDITOS](#)

[MÍDIAS SOCIAIS](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[EPÍGRAFE](#)

[PRÓLOGO: A PRIMEIRA MENSAGEM](#)

[MAPA 1](#)

[1 LEÃO NA COLINA](#)

[2 A VISITA](#)

[3 OS OLHOS DE UMA MULHER](#)

[4 SENSO DE HUMOR](#)

[5 UMA DANÇA DIFERENTE](#)

[6 TRAMAS URDIDAS EM SOMBRAS](#)

[7 UMA QUESTÃO DE OPINIÃO](#)

[8 ARMA-SE UMA TEMPESTADE](#)

[9 PLANOS](#)

[10 UM DITADO DAS TERRAS DA FRONTEIRA](#)

[11 AULAS E PROFESSORES](#)

[12 PERGUNTAS E RESPOSTAS](#)

[13 SOB A POEIRA](#)

[14 SONHOS E PESADELOS](#)

[15 UM MONTE DE AREIA](#)

[16 PREVISÕES DA RODA](#)

[17 A RODA DA VIDA](#)

[MAPA 2](#)

[18 UM POUCO DE SOLIDÃO](#)

[19 QUESTÕES DE *TOH*](#)

[20 VISITAS DO *POUSO*](#)

[21 PARA *SHADAR LOGOTH*](#)

[22 RUMO AO SUL](#)

[23 PARA ENTENDER A MENSAGEM](#)

[24 A MISSÃO DIPLOMÁTICA](#)

[25 COMO RELÂMPAGOS E CHUVA](#)

[26 LIGANDO AS LINHAS](#)

[27 PRESENTES](#)

[28 CARTAS](#)

[29 FOGO E ESPÍRITO](#)

[30 CURAR DE NOVO](#)

[31 LACRE DE CERA VERMELHA](#)

[32 CONVOCAÇÃO ÀS PRESSAS](#)

[33 CORAGEM PARA FORTIFICAR](#)

[34 A JORNADA PARA SALIDAR](#)

[35 NO SALÃO DAS VOTANTES](#)

[36 A AMYRLIN É ELEVADA](#)

[37 QUANDO A BATALHA COMEÇA](#)

[38 UM SÚBITO DESÂNIMO](#)

[39 POSSIBILIDADES](#)

[40 GARGALHADA INESPERADA](#)

[41 UMA AMEAÇA](#)

[42 A TORRE NEGRA](#)

[43 A COROA DE ROSAS](#)

[44 A COR DA CONFIANÇA](#)

[45 UM PENSAMENTO AMARGO](#)

[46 ALÉM DO PORTÃO](#)

[47 A MULHER ERRANTE](#)

[48 APOIADAS NA FACA](#)

[49 O ESPELHO DE BRUMAS](#)

[50 ESPINHOS](#)

[51 A CAPTURA](#)

[52 TESSITURAS DO PODER](#)

[53 O FESTIVAL DAS LUZES](#)

[54 O CHAMADO](#)

[55 POÇOS DE DUMAI](#)

[EPÍLOGO: A RESPOSTA](#)

[GLOSSÁRIO](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

[CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE](#)

[LEIA TAMBÉM](#)

Cantam os leões, os montes fogem em rol.
De dia brilha a lua, de noite vem o sol.
Mulher cega, homem surdo, corvo atroz.
Vem, Senhor do Caos, reinar sobre nós.

(cantiga infantil ouvida na Grande Arvalon, da Quarta Era)



A PRIMEIRA MENSAGEM

Demandred saiu para as encostas negras de Shayol Ghul, e a passagem, um buraco na trama da realidade, tremeluziu e desapareceu. Nuvens cinzentas se revolviam acima, encobrindo o céu como um mar invertido de ondas cinzentas morosas que arrebentavam em volta do pico oculto da montanha. Abaixo, estranhas luzes lampejavam pelo vale árido, em tons azuis e vermelhos desbotados que não eram suficientes para afastar as trevas sombrias encobrindo sua fonte feito uma mortalha. Relâmpagos subiam pelas nuvens, e trovões lentos ribombavam. Ao longo da encosta, vapor e fumaça se elevavam por vulcões isolados, alguns tão pequenos quanto a mão de um homem, outros enormes o bastante para engolir dez camaradas.

Na mesma hora, soltou o Poder Único — e com a mesma delicadeza que o Poder sumiu, esvaneceu-se também a agudez de sentidos que tornava tudo mais claro, mais penetrante. A ausência de *saidin* deixava um vazio, porém, naquele lugar, apenas um tolo se arriscaria a sequer parecer disposto a canalizar. Além do mais, apenas um tolo desejaria ver, farejar ou sentir com clareza as coisas daquele lugar.

No tempo que era agora conhecido como Era das Lendas, aquele lugar fora uma ilha idílica em um mar tranquilo, lugar predileto dos apreciadores de paisagens rústicas. Apesar do vapor, o frio era cortante. Demandred não se permitia senti-lo, mas o instinto o fazia apertar contra o corpo o manto de veludo forrado de pele. Uma leve bruma revelava sua respiração, quase invisível antes de ser tragada pelo ar. Poucas léguas a norte dali o mundo era puro gelo, mas Thakan'dar era sempre seca como um deserto, por mais que vivesse em um permanente inverno.

Havia água, por assim dizer, um arroio de águas negras que corria pela encosta rochosa ao lado de uma ferraria de teto cinza. Martelos retiniam lá dentro, e luz branca cintilava pelas janelas estreitas a cada repique. Uma mulher vestida em andrajos estava agachada, encostada na parede de pedras brutas da ferraria, parecendo desesperançosa, com um bebê aninhado nos braços e uma menina comprida afundando o rosto em suas saias. Prisioneiros capturados em uma invasão às Terras da Fronteira, sem dúvida. Mas eram muito poucos; os Myrddraal deviam estar rangendo os dentes, incomodados. Suas espadas sempre falhavam depois de algum tempo e tinham que ser substituídas, apesar de as incursões às Terras da Fronteira terem sido reduzidas.

Um dos forjadores apareceu, um homem robusto e de movimentos lentos que parecia ter sido esculpido de uma montanha. Os forjadores não estavam exatamente vivos: caso se afastassem de Shayol Ghul, transformavam-se em pedra ou pó. Também não eram exatamente ferreiros; não faziam nada além das

espadas. Com as duas mãos, o sujeito segurava uma lâmina de espada presa em pinças compridas — a lâmina já estava temperada, pálida feito neve sob a lua. Vivo ou não, o forjador tomou cuidado ao mergulhar o metal reluzente no arroio escuro. Qualquer fragmento de vida que possuía poderia desaparecer ao encostar naquela água. Quando o metal emergiu outra vez, estava negro feito a morte. Porém, o trabalho ainda não havia sido terminado. O forjador voltou para dentro arrastando os pés, e de súbito uma voz masculina soltou um grito desesperado.

— Não? Não! NÃO!

Ouviu-se um ganido, e o som foi definhando sem perder a intensidade, como se o sujeito que gritara fosse arrastado a uma distância inimaginável. A espada estava pronta.

Outro forjador apareceu — talvez o mesmo, talvez outro — e ergueu a mulher com um puxão. Mulher, bebê e criança começaram a choramingar, mas o bebê foi arrancado do colo da mãe e enfiado nos braços da menininha. Por fim, a mulher encontrou um resquício de resistência. Aos soluços, começou a chutar e arranhar desesperadamente. O forjador parecia se abalar tanto quanto uma pedra. Os berros da mulher cessaram assim que ela entrou. Os martelos recomeçaram a retinir, abafando os soluços das crianças.

Uma espada pronta, e duas por vir. Demandred nunca tinha visto menos de cinquenta prisioneiros aguardando para entregar as crias ao Grande Senhor das Trevas. Os Myrddraal deviam estar mesmo rangendo os dentes, incomodados.

— Você está remanchoando depois de ser convocado pelo Grande Senhor? — A voz era áspera feito couro podre.

Demandred virou-se devagar — como é que um Meio-homem se atrevia a dirigir-se a ele naquele tom? —, porém as palavras de repreensão morreram na boca. Não por causa do olhar sem olhos da criatura de rosto pálido — o olhar de um Myrddraal metia medo em qualquer homem, mas ele extirpara seu medo havia muito tempo. Foi pela própria criatura coberta de negro. Todos os Myrddraal tinham a altura de um homem alto, eram uma cópia serpeante de um homem, e todos pareciam ter saído do mesmo molde. Aquele era cerca de uma cabeça mais alto que o usual.

— Vou levá-lo ao Grande Senhor — anunciou o Myrddraal. — Sou Shaidar Haran.

A criatura deu meia-volta e começou a subir a montanha com seu caminhar fluido, feito uma serpente. A capa retinta permanecia estranhamente imóvel, sem a menor ondulação.

Demandred hesitou antes de segui-lo. Os Meios-homens sempre tinham nomes na língua enrolada dos Trollocs. “Shaidar Haran” vinha do idioma que o povo agora denominava Língua Antiga. Significava “Mão das Trevas”. Outra surpresa, e Demandred não gostava de surpresas, sobretudo em Shayol Ghul.

A entrada para a montanha poderia ser confundida com um dos vulcões, à diferença de que não emitia vapor ou fumaça. A abertura era ampla o bastante para a passagem de dois homens lado a lado, mas o Myrddraal manteve-se à frente. Logo na entrada, o caminho já formava um declive — um túnel de piso gasto e liso feito azulejos polidos. O frio foi diminuindo conforme Demandred seguia as largas costas de Shaidar Haran, cada vez mais para baixo, aos poucos substituído por um calor crescente. Demandred o percebia, mas não se deixava atingir. Uma luz pálida emanava da pedra e inundava o túnel, mais brilhante que o crepúsculo incessante lá fora. Do teto despontavam protuberâncias pontudas e serrilhadas, dentes de pedra prontos para se fecharem, os dentes do Grande Senhor para dilacerar os traidores e infiéis. Sem dúvida, não eram formações naturais, porém eram eficazes.

De súbito, Demandred notou algo. Todas as vezes que percorrera esse trajeto, os agulhões quase roçavam o topo da cabeça. Daquela vez, havia um espaço de pelo menos duas mãos entre eles e a cabeça do Myrddraal. Aquilo o surpreendeu. Não o fato de a altura do túnel estar diferente — o estranho era costumeiro, por ali —, e sim de ter sido dado um espaço a mais ao Meio-homem. O Grande Senhor emitia avisos tanto aos homens quanto aos Myrddraal. Aquele espaço extra era um lembrete.

O túnel de repente se abria em uma ampla saliência que dava para um lago de pedras fundidas, vermelhas rajadas de preto, onde chamas da altura de um homem dançavam, se extinguíam e nasciam outra vez. Não havia teto, apenas um buraco imenso se erguendo montanha acima até um céu que não era o céu de Thakan'dar. Aquele céu fazia o de Thakan'dar parecer normal, com as nuvens estranhamente estriadas correndo feito raios, como se conduzidas pelos piores ventos que o mundo já vira. Os homens chamavam aquele lugar de Poço da Perdição, e poucos tinham noção de como o nome era apropriado.

Mesmo depois de tantas visitas — e a primeira fora em um passado de bem mais de três mil anos —, Demandred sempre sentia um pavor reverente. Ali, conseguia sentir a Fenda — o antiquíssimo buraco perfurado na prisão onde o Grande Senhor jazia desde o momento da Criação. Ali, a presença do Grande Senhor o inundava. Fisicamente, o lugar ficava tão distante da Fenda quanto qualquer outro no mundo, mas ali o Padrão parecia mais fino, o que permitia que fosse sentido.

Demandred viu-se perto de abrir um sorriso como nunca estivera antes. Como eram tolos os que haviam se oposto ao Grande Senhor. Sim, a Fenda ainda estava bloqueada, mesmo que de forma mais tênue do que quando o Grande Senhor despertara de seu longo sono e se libertara de sua prisão. Bloqueada, porém maior do que quando ele despertara. Ainda não tão grande quanto na época em que Demandred fora jogado lá com seus companheiros, no fim da Guerra do Poder, porém um pouco maior a cada visita. Logo, o bloqueio seria desfeito, e o Grande Senhor estenderia a mão outra vez por sobre a terra. Logo, chegaria o Dia do Retorno. E ele governaria o mundo pelo restante dos tempos. Abaixo do Grande Senhor, claro. E com os outros Escolhidos que sobrevivessem, certamente.

— Pode se retirar agora, Meio-homem.

Não queria a criatura ali para ver o êxtase tomando conta dele. O êxtase e a dor.

Shaidar Haran não se mexeu.

Demandred abriu a boca... e uma voz explodiu em sua cabeça.

DEMANDRED.

Chamar aquilo de voz era como chamar uma montanha de seixo. Aquilo quase esmagou o interior de seu próprio crânio, e ele foi completamente arrebatado. Tombou de joelhos. O Myrddraal continuava assistindo, impassível, mas apenas uma parte sua era capaz de notar a criatura, com aquela voz invadindo seu cérebro.

DEMANDRED. COMO VAI ESTE MUNDO?

Nunca sabia ao certo quanto o Grande Senhor sabia do mundo. A ignorância o surpreendia tanto quanto o conhecimento. Porém não tinha dúvidas a respeito do que o Grande Senhor queria ouvir.

— Rahvin foi morto, Grande Senhor. Ontem. — Sentiu dor. Uma euforia tão forte logo se tornava dor. Seus braços e pernas se contraíram. Estava suando. — Lanfear desapareceu sem deixar rastros, assim como Asmodean. E Graendal avisou que Moghedien não foi encontrá-lo, como haviam combinado. Também ontem, Grande Senhor. Não acredito em coincidências.

OS ESCOLHIDOS ESTÃO DEFINHANDO, DEMANDRED. OS FRACOS SUCUMBEM. QUEM ME TRAIR, MORRERÁ A MORTE FINAL. ASMODEAN, ESMAGADO PELA PRÓPRIA FRAQUEZA. RAHVIN, MORTO PELO PRÓPRIO ORGULHO. ELE SERVIU BEM, MAS NEM MESMO EU POSSO SALVÁ-LO DO FOGO DEVASTADOR. NEM MESMO EU POSSO CAMINHAR FORA DO TEMPO. Por um instante, uma ira terrível apossou-se daquela voz assustadora, e... seria frustração? Um instante apenas. MORTO POR MEU ANTIGO INIMIGO, O QUE CHAMAM DRAGÃO. VOCÊ USARIA O FOGO DEVASTADOR A MEU SERVIÇO, DEMANDRED?

Demandred hesitou. Uma gota de suor deslizou meia polegada por seu rosto; pareceu ter levado uma hora para escorrer. Durante a Guerra do Poder, ambos os lados passaram um ano usando fogo devastador. Até descobrirem as consequências. Sem acordo nem trégua — jamais houvera trégua, muito menos clemência —, os dois lados simplesmente pararam. Naquele ano, cidades inteiras pereceram sob o fogo devastador,

centenas de milhares de tramas do Padrão foram queimadas, a própria realidade quase desfiou, mundo e universo evaporando em cerração. Se o fogo devastador fosse usado outra vez, poderia não restar um mundo para governar.

Outra coisa o deixou incomodado. O Grande Senhor já sabia como Rahvin morreria. E parecia saber mais sobre Asmodean do que ele.

— Como ordenar, Grande Senhor, assim será. — Seus músculos podiam estar trêmulos, mas sua voz estava firme. A pedra quente começava a formar bolhas em seus joelhos, mas a carne poderia muito bem ser de outra pessoa.

ASSIM SERÁ.

— Grande Senhor, é possível destruir o Dragão. — Um homem morto não conseguiria manejar o fogo devastador, e talvez então o Grande Senhor não visse mais necessidade disso. — Ele é fraco e ignorante, e sua atenção vive dispersa em dezenas de direções. Rahvin era um imbecil vaidoso. Eu...

VOCÊ SERIA NAE'BLIS?

A língua de Demandred congelou. Nae'blis. Aquele que se postava apenas um degrau abaixo do Grande Senhor, comandando todos os outros.

— Eu desejo apenas servi-lo, Grande Senhor, da forma que puder. — Nae'blis.

ENTÃO ESCUTE E SIRVA. OUÇA QUEM VAI MORRER E QUEM VAI VIVER.

Demandred gritou quando a voz o atingiu. Lágrimas de alegria correram por seu rosto.

Imóvel, o Myrddraal o observava.

* * *

— Fiquem quietas. — Nynaeve sacudiu a longa trança por cima do ombro. — Não vai dar certo se vocês ficarem se remexendo feito crianças com coceira.

Do outro lado da mesa instável, nenhuma das mulheres parecia muito mais velha do que ela, embora tivessem cerca de vinte anos a mais, e nenhuma estava de fato se remexendo, mas o calor deixava Nynaeve nervosa. O quartinho sem janelas estava abafado. Ela pingava de suor, enquanto as outras pareciam frescas e secas. Leane, com um vestido domanês de seda azul excessivamente fina, apenas deu de ombros — a mulher alta e de pele acobreada possuía um estoque aparentemente infindável de paciência. Quase sempre. Já Siuan, serena e robusta, quase nunca tinha paciência para oferecer.

Siuan grunhiu e ajeitou as saias outra vez, irritada. Em geral usava roupas lisas, porém esta manhã vestia um delicado linho amarelo com bordado taireno labiríntico envolvendo o decote que por pouco não era cavado demais. Os olhos azuis eram frios feito a água do fundo de um poço. Frios como seria a água no fundo de um poço, se o tempo não estivesse completamente doido. Os vestidos podiam ser diferentes, mas os olhos não.

— Não vai funcionar mesmo — vociferou ela. Seu modo de falar também permanecia o mesmo. — Não dá para remendar um casco com o barco todo queimado. Bom, é perda de tempo, mas eu prometi que tentaria, então vamos logo com isso. Leane e eu temos trabalho a fazer.

As duas comandavam a rede de olhos-e-ouvidos para as Aes Sedai ali em Salidar, as agentes que divulgavam os informes e rumores a respeito do que acontecia no mundo.

Nynaeve alisou as próprias saias para se acalmar. Seu vestido era de lã branca lisa com sete faixas coloridas na bainha, uma para cada Ajah. Um vestido de Aceita. Aquilo a incomodava mais do que poderia ter imaginado. Preferia estar usando o vestido de seda verde que guardara na bolsa. Estava disposta a admitir, pelo menos para si mesma, que tomara gosto por roupas refinadas, mas a escolha daquele vestido em particular fora apenas pelo conforto — era fino e leve —, e não porque verde era uma das cores preferidas de

Lan. Não mesmo. Devaneios do pior tipo. Uma Aceita que usasse qualquer coisa que não o vestido branco com faixas logo descobriria que estava *muito* abaixo das Aes Sedai. Decidida, afastou todos aqueles pensamentos. Não estava ali para se preocupar com roupinhas frescas. Ele também gostava de azul. Não!

Sutilmente, usou o Poder Único para sondar as duas mulheres, primeiro Siuan, depois Leane. De certa forma, não estava canalizando. Não conseguia canalizar nem um fiapo se não estivesse irritada, sequer sentia a Fonte Verdadeira. No fim das contas, dava no mesmo. Finos filamentos de *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira, perpassavam as duas mulheres conforme Nynaeve tecia, só que não se originavam dela.

No pulso esquerdo, Nynaeve usava um bracelete fino, uma tira simples de prata segmentada. Quase toda de prata, de qualquer forma, e de origem especial, embora isso não fizesse diferença. Era a única joia que usava além do anel da Grande Serpente. As Aceitas eram desencorajadas a usar muitos adornos. Um colar do mesmo material envolvia o pescoço da quarta mulher, sentada em um banquinho encostado na parede de reboco grosseiro, as mãos cruzadas no colo. Usava lã grossa de fazendeiro e tinha o rosto rechonchudo e cansado das pessoas do campo, mas sequer suava. Também não movia um só músculo, mas seus olhos escuros observavam tudo. Nynaeve via o brilho de *saidar* que envolvia a mulher, mas era ela própria quem conduzia a canalização. Bracelete e colar criavam um elo bastante similar à forma como as Aes Sedai se conectavam para unir poderes. Segundo Elayne, a explicação envolvia “matrizes completamente idênticas”, mas a partir dali a explicação se tornava incompreensível. A verdade era que Nynaeve achava que Elayne não entendia nem a metade do que fingia entender. Ela mesma não entendia nada, a não ser o fato de que era capaz de sentir todas as emoções da outra mulher — e também de sentir a própria —, em um canto de sua mente, e ela detinha o controle de toda a *saidar* que a outra podia manipular. Às vezes, achava que teria sido melhor se aquela mulher no banquinho estivesse morta. Seria mais simples, sem dúvida. Menos complicado.

— Alguma coisa foi rasgada ou cortada — resmungou a Aceita, secando distraidamente o suor do rosto.

Era apenas uma vaga impressão, quase imperceptível, mas, por outro lado, era a primeira vez que sentia algo além de vazio. Poderia ser imaginação, o desejo desesperado de encontrar alguma coisa, qualquer que fosse.

— Rompida — explicou a mulher no banquinho. — Esse era o nome do que vocês hoje chamam de estancar, no caso das mulheres, e amansar, no dos homens.

Três cabeças se viraram na direção da mulher; três pares de olhos a encararam cheios de fúria. Siuan e Leane tinham sido Aes Sedai até serem estancadas durante o golpe à Torre Branca, que pusera Elaida no Trono de Amyrlin. Estancadas. Uma palavra que provocava arrepios. Nunca mais poderiam canalizar. E sempre se lembrariam disso, teriam consciência da perda. Sentiriam a Fonte Verdadeira eternamente, sabendo que jamais poderiam tocá-la outra vez. O estancamento era tão incurável quanto a morte.

Isso era o que todos acreditavam, ao menos, mas, na opinião de Nynaeve, o Poder Único deveria ser capaz de Curar qualquer coisa, exceto a morte.

— Só fale se tiver algo útil a acrescentar, Marigan — retrucou Nynaeve, com rispidez. — Caso contrário, fique quieta.

Marigan encolheu-se outra vez contra a parede, os olhos faiscantes cravados em Nynaeve. Medo e ódio percorreram o bracelete, o que sempre acabava acontecendo. Os prisioneiros quase nunca gostavam de seus captores, nem mesmo — talvez sobretudo — quando sabiam que mereciam ser presos, e até mais. O problema era que Marigan também dissera que o rompimento — o estancamento — não podia ser Curado. Ora, a mulher enchia a boca para dizer que na Era das Lendas havia Cura para tudo, a não ser para a morte, e que o que hoje a Ajah Amarela chamava de Cura nada mais era do que o trabalho grosseiro e apressado dos campos de batalha. No entanto, sempre que Nynaeve tentava arrancar informações mais específicas ou até um palpite a respeito de como eram os procedimentos, a mulher não abria a boca. Marigan sabia tanto sobre Cura quanto Nynaeve sobre o trabalho nas forjas — os ferreiros enfiavam metal no carvão quente e batiam

nele com um martelo. Decerto não era o bastante para fazer uma ferradura. Nem para Curar qualquer coisa além de um hematoma.

Remexendo-se na cadeira, Nynaeve observou Leane e Sivan. Passara dias assim, examinando-as sempre conseguia convencê-las a deixar de lado seu outro trabalho, mas até então nada descobrira. De súbito, deu-se conta de que girava o bracelete no pulso. Fosse qual fosse o ganho, odiava permanecer conectada à mulher. A intimidade lhe causava arrepios. *Pelo menos posso tentar aprender alguma coisa, pensou. E não pode ser pior do que tudo o que já aconteceu.*

Tomando cuidado, abriu o bracelete — era impossível encontrar o fecho sem saber de antemão onde ele ficava — e entregou-o a Sivan.

— Coloque isso aqui.

Perder o acesso ao Poder era ruim, mas precisava fazer isso. E perder as ondas de emoção era como tomar um banho. Os olhos de Marigan acompanharam o fino aro de metal, hipnotizados.

— Por quê? — inquiriu Sivan. — Você disse que essa coisa só funciona...

— Anda logo, Sivan.

Sivan a encarou com teimosia — Luz, que mulher obstinada! — antes de fechar o bracelete no próprio pulso. Na mesma hora, foi tomada por uma expressão de espanto, depois estreitou os olhos para Marigan.

— Ela odeia a gente, mas disso eu já sabia. E sente medo, e... surpresa. O rosto dela não revela o menor traço, mas a mulher está chocada até a raiz dos cabelos. Acho que não acreditava que eu também pudesse usar isto aqui.

Marigan se remexeu, incomodada. Até então, apenas duas pessoas que sabiam a seu respeito podiam usar o bracelete. Quatro teriam mais chances de fazer perguntas. A mulher parecia cooperar, mas quanto estaria escondendo? O máximo possível, Nynaeve tinha certeza.

Sivan balançou a cabeça, com um suspiro.

— E eu não posso. Deveria conseguir tocar a Fonte a partir dela, não é mesmo? Pois é, não consigo. Mais fácil um peixe subir em árvores. Fui estancada e ponto final. Como é que se tira essa coisa? — A mulher sacudiu o bracelete. — Como é que se tira essa porcaria?

Com delicadeza, Nynaeve deitou a mão sobre a de Sivan, por cima do bracelete.

— Você não consegue ver? O bracelete não funciona para uma mulher incapaz de canalizar, assim como o colar não funcionaria. Se eu pusesse um dos dois em uma das cozinheiras, ia ser só uma joia bonita.

— Cozinheira ou não — retrucou Sivan, impassível —, eu não consigo canalizar. Fui estancada.

— Mas existe algo aí para ser Curado — insistiu Nynaeve —, senão você não receberia sensação nenhuma vinda do bracelete.

Sivan deu um puxão para soltar o braço e estendeu o punho.

— Tire isso de mim.

Nynaeve aquiesceu, balançando a cabeça. Às vezes Sivan conseguia ser tão cabeça-dura quanto qualquer homem!

Quando estendeu o bracelete para Leane, a domanesa ergueu o pulso com avidez. A antiga Curadora das Crônicas fingia aceitar o estancamento tão bem quanto Sivan — quanto Sivan fingia —, mas nem sempre se saía bem nisso. Supostamente, a única forma de sobreviver por um longo tempo após o estancamento era encontrar algo mais para preencher a vida, preencher o vazio deixado pelo Poder Único. Para Leane e Sivan, esse algo era administrar a rede de agentes e, mais importante, tentar convencer as Aes Sedai em Salidar a apoiar Rand al'Thor como o Dragão Renascido sem deixá-las saber o que estavam fazendo. A questão era se isso bastava. A amargura no rosto de Sivan, além do prazer no de Leane, quando o bracelete se fechou, denunciavam que talvez nada jamais fosse o bastante.

— Ah, sim. — Leane tinha um jeito direto de falar. Exceto quando se dirigia aos homens, pelo menos.

Era domanesa, afinal, e vinha tentando tirar o atraso do tempo que passara na Torre. — É, ela está mesmo atônita, não está? Mas está começando a se controlar. — Por uns instantes, a mulher ficou sentada em silêncio, avaliando a figura no banquinho. Marigan a encarava de volta, receosa. Por fim, Leane deu de ombros. — Também não consigo tocar a Fonte. Tentei fazer com que ela sentisse uma picada de pulga no tornozelo. Se tivesse funcionado, ela teria dado algum sinal.

Este era outro truque do bracelete: provocar sensações físicas na mulher que portava o colar. Apenas sensações, pois o ato não gerava qualquer marca ou dano real. Ainda assim, a sensação de duas chicotadas bem dadas tinha bastado para convencer Marigan de que era melhor cooperar. A alternativa seria um julgamento rápido seguido de execução.

Apesar do fracasso, Leane não tirou os olhos do bracelete quando Nynaeve o abriu e o fechou outra vez no próprio punho. Parecia que ela, ao menos, não desistira completamente de algum dia canalizar outra vez.

Recuperar o acesso ao Poder parecia maravilhoso. Não tanto quanto abraçar e ser preenchida por *saidar*, porém até mesmo tocar a Fonte a partir de outra mulher era como duplicar a vida que corria em suas veias. Conter *saidar* dentro de si despertava a vontade de rir e dançar de pura alegria. Supunha que um dia se acostumaria com isso — imaginava que as Aes Sedai plenas com o tempo se acostumassem. Considerando o prazer que lhe trazia, a conexão com Marigan era um preço pequeno a se pagar.

— Agora que a gente sabe que existe uma chance — anunciou —, acho...

A porta se abriu com um estrondo, e Nynaeve viu-se de pé antes mesmo de pensar em reagir. Nem tinha cogitado usar o Poder, e teria gritado, se a garganta não estivesse completamente travada. Não foi a única, porém mal percebeu que Sivan e Leane também se levantaram de um salto. O medo cascadeando pelo bracelete pareceu um eco do que ela própria sentia.

A jovem que fechou a porta de madeira irregular não percebeu a comoção que causara. Alta e empertigada em seu vestido de Aceita, os cachos dourados por sobre os ombros, parecia cuspir fogo, de tão irritada. No entanto, mesmo com o rosto rígido de raiva e pingando de suor, a jovem conseguia permanecer bonita — era uma das habilidades de Elayne.

— Vocês sabem o que elas estão fazendo? Estão enviando uma missão diplomática para... para Caemlyn! E se recusam a me deixar ir! Sheriam me *proibiu* de tocar outra vez nesse assunto. Me proibiu de sequer *falar* a respeito!

— Nunca ensinaram você a bater antes de entrar, Elayne? — Nynaeve endireitou a cadeira e sentou-se outra vez. Desabou, na realidade: os joelhos estavam bambos de alívio. — Achei que *você fosse Sheriam*. — A simples ideia de ser descoberta dilacerava suas entranhas.

Elayne teve a decência de corar e pedir desculpas na mesma hora. Então estragou tudo, acrescentando:

— Mas não entendo por que ficaram tão nervosinhas. Birgitte ainda está lá fora, e vocês *sabem* que ela avisaria caso alguém se aproximasse. Nynaeve, elas *precisam* me deixar ir.

— Elas não *precisam* fazer nada disso — retrucou Sivan com rispidez.

Ela e Leane também haviam se sentado de novo. Sivan mantinha as costas eretas, como sempre, mas Leane estava curvada para trás, meio bamba, feito os joelhos de Nynaeve. Marigan estava encostada na parede, ofegante, os olhos fechados, as mãos pressionadas com força no reboco da parede. Alívio e o mais completo terror jorravam pelo bracelete em solavancos alternados.

— Mas...

Sivan não permitiu que Elayne dissesse outra palavra.

— Você acha que Sheriam, ou qualquer uma das outras, vai deixar a Filha-herdeira de Andor cair nas mãos do Dragão Renascido? Ainda mais depois que sua mãe morreu...

— Eu não acredito nisso! — vociferou Elayne.

— Você não acredita que Rand a tenha matado — prosseguiu Siuan, inflexível —, e isso é outra coisa. Eu também não. No entanto, se Morgase estivesse viva, teria aparecido e reconhecido Rand como o Dragão Renascido. Ou, se acreditasse que ele era um falso Dragão, apesar das provas, estaria organizando a resistência. Nenhuma de minhas informantes ouviu um sussurro sequer a respeito de uma coisa ou outra. Nem em Andor, nem aqui em Altara, nem em Murandy.

— Ouviram, *sim* — retrucou Elayne. — Tem uma rebelião no oeste.

— Contra Morgase. Contra. Isso se também não for boato. — A voz de Siuan demonstrava tanta flexibilidade quanto um tronco de carvalho. — Sua mãe está morta, garota. É melhor admitir e acabar logo com esse período de luto.

Elayne ergueu a cabeça, um hábito muito irritante que tinha — era a imagem da arrogância fria, embora a maioria dos homens, sabe-se lá por quê, considerasse aquilo atraente.

— Você reclama o tempo todo sobre como demora para entrar em contato com as suas agentes — declarou a garota, muito calma —, mas vou deixar de lado o fato de que pode não ter ouvido tudo o que há para ouvir. Esteja minha mãe viva ou não, *meu* lugar agora é em Caemlyn. *Eu* sou a Filha-herdeira.

O bufo alto de desdém de Siuan fez Nynaeve dar um salto.

— Você já é Aceita há tempo o bastante para não se perder nessas besteiras.

Elayne possuía um potencial que não era visto em mil anos. Não tanto quanto Nynaeve, se a mulher aprendesse a canalizar por vontade própria, mas mesmo assim suficiente para fazer os olhos de qualquer Aes Sedai brilharem. A Filha-herdeira torceu o nariz. Sabia muito bem que, mesmo que já tivesse tomado posse do Trono do Leão, as Aes Sedai ainda a manteriam presa no treinamento — pedindo, se fosse possível, ou enfiando-a em um barril, caso necessário. Abriu a boca, mas Siuan continuou, sem sequer pausar para respirar:

— É verdade, ninguém vai se incomodar se você subir logo ao trono. Há muito não se vê uma Rainha abertamente declarada Aes Sedai. Mas não vão deixar você ir para lá até ser uma irmã completa, ou mesmo depois. Justamente porque você é a Filha-herdeira, em breve será a Rainha, não vão deixar que se aproxime do maldito Dragão Renascido até saberem quanto podem confiar nele. Sobretudo desde essa... *anistia* dele. — A boca da mulher se contorceu ao pronunciar a palavra, e Leane fez uma careta.

Nynaeve também conteve a língua. Fora criada para temer qualquer homem capaz de canalizar, todos destinados a enlouquecer e aterrorizar quem estivesse à sua volta antes que a metade masculina da Fonte, maculada pela Sombra, lhe trouxesse uma morte terrível. Rand, porém, um sujeito que vira crescer, era o Dragão Renascido — sua vinda era um sinal de que a Última Batalha estava próxima, uma batalha na qual ele deveria enfrentar o Tenebroso. O Dragão Renascido, a única esperança da humanidade — um homem capaz de canalizar. E pior: os informes revelavam que estava tentando reunir outros como ele. Naturalmente, não era possível que houvesse muitos. Qualquer Aes Sedai caçaria homens assim — a Ajah Vermelha tinha poucas funções além dessa. Ainda assim, segundo os relatórios, haviam encontrado alguns, embora bem menos do que antes houvera em outros tempos.

Elayne, no entanto, não estava disposta a desistir. Era uma de suas características admiráveis: não desistia nem com a cabeça no cadafalso e o machado já descendo. Permaneceu parada de cabeça erguida, enfrentando o olhar de Siuan, o que Nynaeve considerava muito difícil.

— Existem duas razões muito claras pelas quais eu devo ir. Primeiro: seja lá o que tenha acontecido com minha mãe, ela *está* desaparecida, e eu, como Filha-herdeira, posso acalmar o povo e assegurar que a sucessão continua intacta. Segundo: posso me aproximar de Rand. Ele confia em mim. Eu seria *de longe* melhor do que qualquer outra escolhida pelo Salão.

As Aes Sedai em Salidar tinham escolhido seu próprio Salão da Torre, um novo Salão no Exílio, por assim

dizer. Sua suposta tarefa era considerar a escolha de um novo Trono de Amyrlin, uma Amyrlin legítima para clamar o título e a Torre de volta de Elaida, mas Nynaeve não vira muito sinal disso.

— É muita gentileza sua se oferecer para sacrifício, criança — retrucou Leane secamente.

A expressão de Elayne não se alterou, mas a jovem enrubesceu de fúria. Poucas pessoas fora daquele quarto sabiam, e nenhuma delas era Aes Sedai, mas Nynaeve não tinha dúvidas de que a primeira atitude de Elayne em Caemlyn seria ficar a sós com Rand e quase matá-lo de beijos. Leane continuou:

— Com sua mãe... desaparecida... se Rand al'Thor tiver você e Caemlyn, terá Andor, e o Salão não permitirá que ele possua Andor por mais do que o necessário, ou qualquer outro lugar, se for possível impedir. Ele carrega Tear e Cairhien no bolso, e os Aiel também, ao que parece. Se acrescentarmos Andor, Murandy e Altara desabariam a um espirro dele, e com a gente dentro. Rand está ficando cada vez mais poderoso, e muito depressa. Pode vir a decidir que não precisa de nós. Com Moiraine morta, não tem mais ninguém perto dele em quem possamos confiar.

Nynaeve estremeceu. Moiraine fora a Aes Sedai que a tirara de Dois Rios com Rand e mudara a vida deles. A dela e a de Rand, Egwene, Mat e Perrin. Passara tanto tempo desejando fazer Moiraine pagar pelo que fizera a eles que perdê-la era como perder um pedaço de si mesma. Mas a Aes Sedai morrera em Cairhien e levara Lanfear consigo. Estava rapidamente se tornando uma lenda entre as Aes Sedai, a única da Torre a ter matado não apenas um, mas dois dos Abandonados. A única coisa boa que Nynaeve via nisso, por mais que se envergonhasse de ver qualquer coisa boa, era que Lan agora estava livre de seu elo de Guardião. Se pelo menos conseguisse encontrá-lo.

Siuan prosseguiu, no ponto exato onde Leane parara:

— Não podemos nos dar ao luxo de deixar o garoto sair navegando sem ninguém para conduzir o timão. Quem é que sabe o que ele pode fazer? Sim, sim, sei que você fica aflita para defendê-lo, mas não quero nem ouvir. Estou tentando equilibrar um lúcio vivo no nariz, garota. Não podemos deixar que Rand se fortaleça demais antes de nos aceitar, mas também não ousamos refreá-lo muito. E estou tentando manter Sheriam e as outras convencidas de que *devem* apoiar Rand, mesmo com metade do Salão considerando, com seus botões, que não quer ter nada a ver com ele e a outra metade acreditando de todo o coração que ele deva ser amansado, Dragão Renascido ou não. Em todo caso, sejam quais forem seus argumentos, sugiro que aceite o que Sheriam diz. Você não vai fazer a cabeça de ninguém, e Tiana não tem noviças o suficiente para se ocupar, por aqui.

O rosto de Elayne se contraiu de raiva. Tiana Noselle, irmã Cinza, era Mestra das Noviças em Salidar. Uma Aceita precisava sair muito mais da linha do que uma noviça para ser mandada para Tiana, mas justamente por isso a visita era sempre muito mais dolorosa e vexatória. A Cinza podia demonstrar um pouco de bondade para com uma noviça, ainda que não muita, mas sentia que as Aceitas já não deviam cair em esparrelas e costumava fazê-las pensar o mesmo muito antes de deixarem o pequeno cubículo onde ficava seu gabinete.

Nynaeve andara observando Siuan, e um pensamento lhe veio à mente.

— Vocês sabem tudo a respeito dessa... missão diplomática, ou seja lá o que isso for... não sabem? Vocês duas sempre têm as ideias alinhadas com Sheriam e o circulozinho dela. — O Salão poderia muito bem ter toda a autoridade até que fosse escolhida uma nova Amyrlin, mas quem de fato controlava tudo era Sheriam e o grupinho de Aes Sedai que organizaram as primeiras chegadas em Salidar. — Quantas estão sendo enviadas, Siuan?

Elayne prendeu a respiração: estava claro que não havia pensado nisso. Era um sinal de como estava transtornada. Em geral era ela que notava os detalhes que Nynaeve deixava passar.

Siuan não negou a acusação. Desde o estancamento, conseguia mentir feito um mercador de lã, mas, quando decidia ser franca, era franca como um tapa na cara.

— Nove. “O bastante para honrar o Dragão Renascido”, elas disseram, afinal, costumamos mandar três para um *rei*, “mas não o suficiente para intimidá-lo”. Isso se ele tiver ficado sábio o suficiente para perceber que deveria ficar intimidado.

— É melhor torcer para que sim — retrucou Elayne, com frieza. — Senão nove podem ser oito a mais do que o necessário.

O número perigoso era treze. Rand era forte, talvez mais do que qualquer homem desde a Ruptura, porém treze Aes Sedai ligadas eram capazes de dominá-lo, blindá-lo de *saidin* e levá-lo prisioneiro. Treze era o número necessário para amansar um homem, embora Nynaeve já começasse a achar que se tratasse mais de costume do que de necessidade. As Aes Sedai faziam muitas coisas apenas por força do hábito.

Siuan abriu um sorriso longe de parecer de agrado.

— Eu fico imaginando... por que é que ninguém mais pensou nisso? Pense, garota! Sheriam pensa, o Salão também. A princípio só uma vai se aproximar dele, depois disso ninguém vai chegar perto, só se ele estiver à vontade. Mas Rand vai saber que tem nove das nossas lá, e sem dúvida alguém vai explicar a ele como isso é uma honra.

— Entendi — respondeu Elayne, com uma vozinha baixa. — Eu devia ter imaginado que uma de vocês pensaria nisso. Desculpe. — Era outra de suas qualidades. Podia ser teimosa feito uma mula vesga, mas, quando concluía que estava errada, admitia, tão mansa quanto uma camponesa. Muito raro para uma nobre.

— Min também vai — completou Leane. — Os... talentos dela podem ser úteis para Rand. As irmãs não saberão disso, é claro. Ela consegue guardar segredos. — Como se essa fosse a parte importante.

— Entendi — repetiu Elayne, desta vez de maneira inexpressiva. Fez esforço para avivar o tom, mas foi um fracasso. — Bom, estou vendo que estão ocupadas com... com Marigan. Não quis incomodar. Por favor, não me deixem interrompê-las.

Antes que Nynaeve pudesse abrir a boca, a Filha-herdeira se retirou e bateu a porta. Cheia de raiva, Nynaeve virou-se para Leane:

— Pensei que Siuan fosse a malvada das duas, mas isso foi cruel!

Foi Siuan quem respondeu.

— Sempre há problemas quando duas mulheres amam o mesmo homem, e quando o homem em questão é Rand al'Thor... sabe a Luz quanta lucidez ele ainda tem, ou em que direção mandarão que ele siga. Se arranhões e puxões de cabelo estiverem por vir, que aconteçam aqui e agora.

Sem pensar, a mão de Nynaeve agarrou a trança e deu um puxão por cima do ombro.

— Eu tenho que... — O problema era que havia pouco que pudesse fazer, e nada que fizesse muita diferença. — Vamos retomar de onde paramos quando Elayne entrou. Mas vou avisando, Siuan: se você fizer outra coisa dessas com ela — *ou comigo*, pensou —, farei você se arrepender por... aonde é que pensam que estão indo?

Siuan arrastara a cadeira para trás e se levantara, e, depois de uma olhadela, Leane fez o mesmo.

— Temos que trabalhar — respondeu a mulher, com aspereza, rumando para a porta.

— Você prometeu ficar disponível, Siuan. Sheriam mandou. — Não que Sheriam considerasse aquilo uma perda de tempo menos que Siuan, mas Nynaeve e Elayne haviam conquistado recompensas, além de certa quantidade de indulgências. Uma delas era ter Marigan servindo de criada, o que lhes deixava mais tempo para os estudos de Aceitas.

Siuan disparou um olhar bem-humorado pela porta.

— Talvez você deva reclamar com ela? E explicar como estão conduzindo essa pesquisa? Eu quero um tempo com *Marigan* hoje à noite; tenho mais umas perguntas.

Quando a antiga Amyrlin saiu, Leane anunciou, pesarosa:

— Seria ótimo, Nynaeve, mas nós temos que fazer o que *podemos*. Você podia tentar com Logain. — E também saiu.

A Aceita fechou a cara. Analisar Logain ajudara menos do que analisar as duas mulheres. Já não sabia ao certo se poderia descobrir qualquer coisa com ele. De todo modo, a última coisa que desejava era Curar um homem amansado. Ele a deixava muito nervosa.

— Vocês ficam se mordendo feito ratos presos em uma caixa — comentou Marigan. — Diante das evidências, suas chances não são muito boas. Talvez você devesse considerar... outras opções.

— Engula essa sua língua imunda! — Nynaeve cravou os olhos na mulher. — Engula, que a Luz a queime! — O medo ainda corria pelo bracelete, porém também algo mais, algo quase fraco demais para existir. Uma levíssima centelha de esperança, talvez. — Que a luz a queime — murmurou.

O nome verdadeiro da mulher não era Marigan, e sim Moghedien. Uma Abandonada, presa pelo próprio orgulho e arrogância, prisioneira entre as Aes Sedai. Apenas cinco mulheres no mundo sabiam disso, nenhuma delas Aes Sedai, mas manter Moghedien em segredo era a mais pura necessidade. Os crimes dos Abandonados a levariam à execução com a mesma certeza de que o sol nasceria. Siuan concordava: para cada Aes Sedai que preferisse aguardar, se houvesse alguma, dez exigiriam justiça imediata. Em sua sepultura sem lápide, também seria enterrado todo o conhecimento a respeito da Era das Lendas, época em que, com o Poder, se operavam feitos inimagináveis nos dias atuais. Nynaeve não sabia ao certo se acreditava em metade do que a mulher contava sobre aquela Era. Mas era certo que compreendia menos da metade.

Arrancar informações de Moghedien não era fácil. Às vezes era como Curar: Moghedien nunca se interessara por muita coisa que não fosse capaz de elevá-la, de preferência por atalhos. Era bastante improvável que revelasse a verdade, mas Nynaeve suspeitava de que a mulher tivesse sido uma espécie de vigarista antes de jurar a alma ao Tenebroso. Às vezes, ela e Elayne simplesmente não sabiam que perguntas fazer. Tinham apenas a certeza de que Moghedien quase nunca falava por vontade própria. Ainda assim, descobriram boas informações e repassaram a maior parte às Aes Sedai. Como se fossem resultado das pesquisas e dos estudos como Aceitas, claro. E ganharam bastante reconhecimento por isso.

Se fosse possível, ela e Elayne teriam guardado segredo a respeito da mulher, mas Birgitte soubera desde o início, e Siuan e Leane precisavam ser informadas. Siuan sabia o bastante sobre as circunstâncias que haviam levado à captura de Moghedien para exigir uma explicação detalhada, além de possuir poder de barganha para obtê-la. Nynaeve e Elayne sabiam alguns segredos de Siuan e Leane; já as duas pareciam saber tudo a respeito dela e de Elayne, exceto pela verdade em relação a Birgitte. Era um equilíbrio precário, com vantagem para a antiga Amyrlin e sua Curadora. Além do mais, alguns fragmentos das revelações de Moghedien faziam menção a supostas tramas de Amigos das Trevas e palpites a respeito do que os outros Abandonados poderiam estar tramando. A única maneira de passar essas informações adiante era fazer com que parecessem ter vindo das agentes de Siuan e Leane. Nada sobre a Ajah Negra — muitíssimo bem escondida e negada havia muito —, ainda que isso fosse o que mais interessava a Siuan. Sentia nojo dos Amigos das Trevas, mas a mera ideia de Aes Sedai prestando juramentos ao Tenebroso era suficiente para levá-la a uma fúria esmagadora. Moghedien alegava ter medo de chegar perto de *qualquer* Aes Sedai, e isso era perfeitamente crível. O medo era uma sensação permanente naquela mulher. Não era de se admirar que tivesse se escondido por tanto tempo nas sombras, a ponto de receber a alcunha de Aranha. Em suma, era um tesouro valioso demais para ser entregue ao carrasco, embora a maioria das Aes Sedai não a visse dessa forma. A maioria das Aes Sedai poderia se recusar a tocar ou confiar em qualquer coisa revelada por ela.

Culpa e repugnância açoitavam Nynaeve, e não era a primeira vez. Que montante de conhecimento poderia justificar manter uma Abandonada livre da justiça? Entregá-la acarretaria punição, decerto extrema, a todos os envolvidos, não apenas a ela própria, mas também a Elayne, Siuan e Leane. Entregá-la acarretaria a revelação do segredo de Birgitte. E a perda de todo aquele conhecimento. Moghedien podia não saber muito

sobre Cura, mas dera a Nynaeve uma dezena de dicas a respeito do que era possível fazer, e sem dúvida tinha mais informações guardadas. Com tudo aquilo a conduzi-la, o que poderia vir a descobrir?

Nynaeve queria um banho, e não tinha nada a ver com o calor.

— Vamos conversar sobre o tempo — resmungou, em um tom amargo.

— Você sabe mais do que eu sobre controlar o tempo. — Moghedien soava exausta, e a sensação ecoou pelo bracelete. Muitas perguntas haviam sido feitas a respeito do assunto. — Tudo o que sei é que o que está acontecendo é obra do Grande... do Tenebroso. — Depois do ato falho, a mulher teve a coragem de abrir um sorriso insinuante. — Seres humanos comuns não têm força suficiente para mudar isso.

Nynaeve teve que se esforçar para não ranger os dentes. Elayne sabia mais sobre alterar o tempo do que qualquer outra em Salidar, e dissera o mesmo. Incluindo a parte do Tenebroso, embora bastasse não ser idiota para saber disso, com o calorão que fazia em uma época em que a neve deveria estar quase chegando, com a chuva escassa e a umidade evaporando.

— Então vamos falar sobre usar tramas diferentes para Curar doenças diferentes. — A mulher tinha contado que antigamente levava-se mais tempo do que nas Curas da atualidade, mas que toda a força provinha do Poder, não do paciente ou da mulher que canalizava. E, claro, que os *homens* de fato se saíam melhor em determinados tipos de Cura, mas Nynaeve não acreditaria numa coisa dessas. — Você deve ter visto alguém fazer isso pelo menos uma vez.

Pôs-se a escavar em busca de pepitas. Alguns conhecimentos valiam muito a pena. Só desejava não ter a sensação de que estava escavando lodo.

* * *

Elayne não hesitou ao sair, apenas acenou para Birgitte e prosseguiu. Com os cabelos dourados presos em uma trança intrincada que ia até a cintura, Birgitte brincava com dois garotinhos enquanto vigiava a viela estreita, o arco apoiado em uma cerca tombada logo ao lado. Ou tentava brincar. Jaril e Seve encaravam a mulher de estranhas calças amarelas e casaco curto e escuro, mas não exibiam qualquer outra reação. Nunca exibiam e nunca falavam. Os dois supostamente eram os filhos de “Marigan”. Birgitte estava contente em brincar com eles, mas também um pouco triste: gostava de crianças, sobretudo de meninos, e sempre se sentia assim quando brincava. Elayne sabia disso tão bem quanto sabia de seus próprios sentimentos.

Se achasse que Moghedien tinha qualquer coisa a ver com o estado dos dois... mas a mulher alegava que eles já estavam assim quando os apanhara em Ghealdan para o disfarce: órfãos de rua. E algumas irmãs Amarelas disseram que era porque os dois haviam visto muita coisa nos motins em Samara. Elayne acreditava, pelo que ela própria presenciara por lá. Segundo as irmãs Amarelas, os dois melhorariam com tempo e carinho. Elayne torcia que sim. Torcia para que não estivesse permitindo que a única responsável escapasse da justiça.

Não queria pensar em Moghedien. Em sua mãe. Não, definitivamente não queria pensar na mãe. Min. E Rand. Tinha de haver algum jeito de lidar com isso. Quase sem ver o assentir de cabeça que Birgitte dera em resposta, correu pela viela e emergiu na rua principal de Salidar sob o céu aberto e escaldante do meio-dia.

Por anos, Salidar permanecera abandonada, antes que ali comessem a se reunir as Aes Sedai em fuga após o golpe de Elaida. Naquele momento, havia palha fresca no telhado das casas, que em sua maioria exibiam reparos e remendos consideravelmente novos, assim como nas três grandes construções de pedra que antes eram estalagens. Uma, a maior delas, era chamada por alguns de Pequena Torre. Era lá que o Salão se reunia. Só haviam consertado o necessário, claro, e muitas janelas exibiam vidraças quebradas, ou não tinham vidro nenhum. Havia questões mais importantes do que recobrir os tijolos de argamassa ou pintar as paredes.

As ruas de terra estavam abarrotadas. Não apenas de Aes Sedai, obviamente, mas também de Aceitas nos vestidos com listras e noviças apressadas, todas de branco, além de Guardiões, magros e corpulentos, movendo-se com a graça mortal de leopardos, de serviçais que acompanhavam as Aes Sedai vindas da Torre, e até de algumas crianças. E soldados.

O Salão dali se preparava para fazer cumprir as alegações contra Elaida à mão armada, caso necessário, tão logo escolhessem o verdadeiro Trono de Amyrlin. Vindo das forjas distantes nos arredores da Aldeia, o clangor distante de martelos entrecortava os murmúrios do povo, anunciando a ferração de cavalos e o conserto de armaduras. Um homem de rosto quadrado e cabelos escuros bem grisalhos cavalgava lentamente pela rua, vestindo um casaco meio amarelo e uma placa peitoral já gasta. Abria caminho por entre a multidão, observando os grupos de homens em marcha que levavam nos ombros lanças compridas ou arcos. Gareth Bryne concordara em recrutar e liderar o exército do Salão de Salidar, embora Elayne desejasse saber exatamente como e por quê. Tinha algo a ver com Siuan e Leane, mas não conseguia nem imaginar o quê, posto que o sujeito deixava as duas esgotadas — especialmente Siuan — com o cumprimento de algum juramento que Elayne também não sabia bem qual era. Só sabia que Siuan reclamava, amargurada, por ter que manter limpos o quarto e as roupas daquele homem antes de cumprir qualquer outra obrigação. Reclamava, mas fazia. O juramento devia ser mesmo poderoso.

Os olhos de Bryne passaram por Elayne quase sem hesitar. Desde que chegara a Salidar, o homem se comportara de modo educado, sempre frio e distante, embora a conhecesse desde o berço. Até menos de um ano antes, fora Capitão-General da Guarda da Rainha em Andor. Elayne chegou a pensar que ele e sua mãe fossem se casar. Não, não pensaria na mãe! Min. Precisava encontrar Min para conversar.

No entanto, assim que se pôs a andar por entre a multidão pela rua de terra batida, duas Aes Sedai a encontraram. Não havia escolha a não ser parar e lhes dispensar uma medida enquanto o povo passava ao redor. As duas abriram sorrisos enormes. Nenhuma suava uma gota que fosse. Puxando um lençinho da manga para enxugar o rosto, Elayne desejou já dominar um pouquinho desse conhecimento em especial das Aes Sedai.

— Bom dia, Anaiya Sedai, Janya Sedai.

— Bom dia, criança. Tem mais alguma descoberta para nós? — Como sempre, Janya Frende falava como se não tivesse tempo para pronunciar as palavras. — Você e Nynaeve têm feito um progresso impressionante, ainda mais para duas Aceitas. Não sei como Nynaeve consegue, tendo tanta dificuldade com o Poder, mas devo dizer que estou muito satisfeita.

Ao contrário da maioria das irmãs Marrons, geralmente absortas em seus livros e estudos, Janya Sedai era bastante asseada: cada fio de cabelo escuro parecia muito arrumado, emoldurando o rosto etéreo que marcava as Aes Sedai depois de muito tempo manejando o Poder. Contudo, a aparência da mulher esguia denunciava sua Ajah. Usava um vestido liso de lã cinza pesada — as Marrons quase nunca pensavam em roupas como algo além de uma cobertura decente para o corpo —, e, mesmo enquanto falava, parecia ter a testa levemente franzida, como se tivesse a mente tomada por qualquer outra coisa. Janya Sedai seria muito bonita sem a testa franzida. Ela continuou:

— Essa técnica de se enrolar na luz para ficar invisível... Extraordinário. Tenho certeza de que alguém vai encontrar um meio de impedir as ondas, para que seja possível caminhar e manter o efeito ao mesmo tempo. E Caremma está bastante animada com aquele truquezinho de bisbilhotice da Nynaeve. Muito safado da parte dela, porém útil. Caremma está pensando em um jeito de adaptá-lo para *conversarmos* à distância. Pense só. Falar com alguém a uma milha de distância! Ou duas, ou até...

Anaiya tocou o braço da mulher, e ela parou de falar, olhando sem reação para a outra Aes Sedai.

— Vocês estão progredindo muito, Elayne — comentou Anaiya, com a voz calma. A mulher de rosto largo estava sempre calma. A melhor palavra para descrevê-la era “maternal”, às vezes “reconfortante”,

embora as feições de Aes Sedai tornassem impossível atribuir-lhe qualquer idade. Além disso, ela pertencia ao pequeno círculo de Sheriam que detinha o verdadeiro poder em Salidar. — Muito mais que qualquer uma de nós esperava, a bem da verdade, esperávamos muito. A primeira a fazer um *ter'angreal* desde a Ruptura. Isso é extraordinário, criança, e quero que você saiba disso. Deveria estar muito orgulhosa de si mesma.

Elayne encarou o chão diante de seus pés. Dois garotos da altura de sua cintura passaram às gargalhadas, entrecortando a multidão. Queria que não houvesse ninguém por perto para ouvir aquilo. Não que qualquer transeunte estivesse prestando atenção. Com tantas Aes Sedai na aldeia, as próprias noviças só dispensavam medidas às que lhes dirigiam a palavra, e todas estavam sempre cheias de tarefas atrasadas.

Não se sentia nem um pouco orgulhosa, já que todas as “descobertas” provinham de Moghedien. Houvera muitas, a começar pela “inversão” — fazer com que uma tessitura só pudesse ser vista pela mulher que a urdira —, porém não haviam passado todas as novas informações adiante. Como o talento de esconder a habilidade de canalizar, por exemplo. Sem ele, Moghedien teria sido desmascarada em questão de horas — qualquer Aes Sedai a dois ou três passos de uma mulher era capaz de sentir se ela podia ou não canalizar. Se as outras aprendessem esse truque, poderiam aprender a transpô-lo. E isso também ajudava a criar disfarces: as tramas invertidas faziam com que “Marigan” não se parecesse nem um pouco com Moghedien.

Algumas coisas que a mulher sabia eram absolutamente repugnantes. A Compulsão, por exemplo, uma forma de forçar a vontade alheia e plantar instruções de modo que o receptor executasse ordens que sequer se lembrava de ter recebido. Havia coisas piores. Repugnantes demais, talvez perigosas demais para confiá-las a qualquer pessoa. Nynaeve dizia que precisavam aprendê-las para poder contra-atacá-las, mas Elayne não queria. Guardavam tantos segredos, mentiam tanto para os amigos e as pessoas próximas, que quase desejava poder fazer os Três Juramentos no Bastão dos Juramentos sem ter de esperar até ser elevada a Aes Sedai. Um deles a limitaria a não dizer palavra que não fosse verdadeira como se esse fosse o limite de seu próprio corpo.

— Não me saí tão bem quanto poderia com o *ter'angreal*, Anaiya Sedai.

Aquilo, pelo menos, era feito dela e de mais ninguém. Os primeiros haviam sido o bracelete e o colar. Um segredo bem guardado, desnecessário dizer, mas eram uma cópia levemente alterada de uma invenção sórdida — o *a'dam* — que os Seanchan haviam deixado para trás ao retornarem para o mar após a invasão de Falme. O disco verde liso que permitia que alguém sem força suficiente — ou seja, a maioria das Aes Sedai — conseguisse reproduzir o truque da invisibilidade fora ideia dela desde o início. Não possuía qualquer *angreal* ou *sa'angreal* para estudar, portanto fora impossível tentar construí-los até então — e, mesmo tendo facilidade em reproduzir o artefato Seanchan, os *ter'angreal* se mostraram mais complicados do que ela imaginara. Esses objetos usavam o Poder Único, em vez de intensificá-lo, para um propósito específico, para fazer algo. Alguns podiam até ser utilizados por quem fosse incapaz de canalizar, até mesmo por homens. Deveria ter sido mais simples. Talvez as funções fossem simples, mas a fabricação não era.

A afirmação modesta desencadeou uma torrente de Janya.

— Bobagem, criança. Pura bobagem. Ora, não tenho dúvidas de que assim que chegarmos de volta à Torre e pudermos testar você a contento e pôr o Bastão dos Juramentos em suas mãos, você será elevada ao xale, bem como ao anel. Não tenho dúvidas. Está mesmo atingindo o potencial que vimos em você. E mais. Ninguém poderia imaginar...

Anaiya tocou o braço dela outra vez. Parecia um código entre as duas, pois mais uma vez Janya parou e ficou sem palavras.

— Não há necessidade de encher tanto assim a cabeça dessa criança — comentou. — Elayne, não vou aturar essa sua mania de ficar amuada. Você já deveria ter passado dessa fase há muito tempo. — A mãe conseguia ser firme e gentil ao mesmo tempo. — Não vou admitir que você faça bico por conta de uns

poucos fracassos, não com um sucesso tão incrível. — Elayne fizera cinco tentativas com o disco de pedra. Duas não tinham dado em nada, e outras duas deixavam a pessoa fora de foco e causavam embrulhos no estômago. A tentativa bem-sucedida fora a terceira. Mais do que poucos fracassos, na opinião de Elayne. — Tudo o que você fez é incrível. E Nynaeve também.

— Obrigada — respondeu Elayne. — Obrigada às duas. Vou tentar não ficar amuada. — Quando uma Aes Sedai acusava alguém de qualquer coisa, era melhor não tentar negar. — Podem me dar licença, por favor? Fiquei sabendo que a missão diplomática para Caemlyn está partindo hoje e quero me despedir de Min.

As duas a dispensaram, claro, embora Janya talvez tivesse levado meia hora para fazer isso se não estivesse acompanhada de Anaiya, que encarou Elayne com um olhar cortante — decerto sabia tudo sobre a conversa com Sheriam —, mas nada disse. Às vezes, o silêncio de uma Aes Sedai falava tão alto quanto suas palavras.

Mexendo no anel no terceiro dedo da mão esquerda, Elayne disparou, quase correndo, os olhos focados bem à frente para poder alegar não ter visto qualquer outra pessoa que tentasse pará-la para lhe parabenizar. Talvez funcionasse, talvez significasse uma visita a Tiana — indulgências pelo bom trabalho tinham seus limites. Naquele exato instante, preferiria que fosse Tiana a lhe fazer elogios desmerecidos.

O anel de ouro era uma serpente mordendo a própria cauda, a Grande Serpente, símbolo das Aes Sedai, mas também usado pelas Aceitas. Quando vestisse o xale com franjas nas cores da Ajah que escolhesse, usaria o anel no dedo que quisesse. Escolheria a Ajah Verde por necessidade — apenas as irmãs Verdes tinham mais de um Guardiã, e ela queria Rand. Ou quanto dele fosse possível, ao menos. A dificuldade era que já fizera um elo com Birgitte, a primeira mulher a se tornar Guardiã. Por isso conseguia sentir as sensações de Birgitte — sabia que a mulher cortara a mão naquela manhã. Só Nynaeve sabia sobre o elo. Guardiões eram reservados para as Aes Sedai completas, e se uma Aceita desobedecesse essa proibição não haveria indulgência no mundo que lhe salvasse a pele. Aquilo fora obra da necessidade, não um capricho — do contrário, Birgitte teria morrido —, mas Elayne não achava que faria diferença. Infringir uma regra com o Poder poderia ser fatal para si mesma e para os outros — para deixar isso bem claro, as Aes Sedai raramente deixavam alguém escapar ao infringir uma regra, pelo motivo que fosse.

Havia tantos subterfúgios ali em Salidar. Não apenas Birgitte e Moghedien. Um dos Juramentos proibia as Aes Sedai de mentir, mas as coisas não ditas não eram necessariamente mentiras. Moiraine aprendera a urdir um manto de invisibilidade, talvez o mesmo que haviam aprendido com Moghedien. Nynaeve vira Moiraine fazer isso uma vez, antes de aprender qualquer coisa sobre o Poder. No entanto, ninguém mais em Salidar aprendera. Ou admitia ter aprendido, de todo modo. Birgitte confirmara o que Elayne começara a suspeitar: a maioria das Aes Sedai, talvez todas, guardava para si pelo menos parte do que aprendia, e a maioria possuía seus truques secretos. Esses truques poderiam ser ensinados às noviças ou às Aceitas e tornar-se de conhecimento geral, se fossem aprendidos por um número suficiente de Aes Sedai... ou poderiam morrer com quem as descobrira. Por duas ou três vezes, Elayne pensou ter visto um leve brilho nos olhos de uma das mulheres ao demonstrar algo que descobrira. Carennan aprendera o truque da bisbilhotagem com rapidez surpreendente. Mas esse não era bem o tipo de acusação que uma Aceita podia fazer contra uma Aes Sedai.

Esse conhecimento não deixava seus próprios fingimentos mais palatáveis, mas talvez ajudasse um pouco. Isso e também se lembrar da necessidade. Se pelo menos parassem de elogiá-la pelo que não tinha feito...

Tinha certeza de onde encontraria Min. O rio Eldar ficava menos de três milhas a oeste de Salidar, e um pequeno córrego margeava a beirada da aldeia, abrindo caminho pela floresta até o rio. A maioria das árvores que crescera na cidade havia sido derrubada depois que as Aes Sedai começaram a chegar, mas ainda havia um pequeno trecho na ribanceira atrás de algumas casas, em um pedaço de terra estreito demais para ter qualquer utilidade. Min dizia gostar mais das cidades, porém ainda assim tinha o costume de se sentar entre

essas árvores. Era uma forma de escapar da companhia de Aes Sedai e Guardiões por um tempo, e para Min isso era quase essencial.

Como esperado, tão logo Elayne virou a curva de uma casa de pedras em direção à estreita faixa de terra, avançando ao lado de um filete de água igualmente estreito, encontrou Min sentada, recostada em uma árvore, observando o pequeno córrego borbulhar por sobre as pedras. Ou o que restava dele: o riacho gotejava por um leito de lama seca com o dobro de sua largura. As árvores daquela área ainda tinham algumas folhas, mas a maior parte da floresta ao redor começava a desfolhar. Até os carvalhos.

Um galho seco se partiu sob a sandália de Elayne, e Min levantou-se de um salto. Como de costume, usava roupas masculinas — casaco cinza e calças —, mas tinha mandado bordar pequenas flores azuis nas lapelas e nas laterais das calças confortáveis. Por estranho que fosse para alguém que dizia ter sido criada por três tias costureiras, Min parecia não saber distinguir as duas pontas de uma agulha. A jovem encarou Elayne, fez uma careta e passou os dedos pelos cabelos escuros na altura do ombro.

— Você sabe. — Foi tudo o que disse.

— Achei que devíamos conversar.

Min passou as mãos pelos cabelos outra vez.

— Siuan só me contou hoje de manhã. Desde então venho tentando criar coragem para contar a você. Ela quer que eu o espione, Elayne. Por causa da missão diplomática. E me deu nomes de pessoas em Caemlyn que podem mandar recados de volta para ela.

— Você não vai, claro — respondeu Elayne, sem o menor tom de pergunta, e Min lhe devolveu um olhar de gratidão. — Por que estava com medo de vir falar comigo? Nós somos amigas, Min. Prometemos não deixar homem nenhum ficar entre nós. Mesmo que seja amado pelas duas.

A risada de Min era um pouco rouca, e Elayne supunha que muitos homens achassem atraente. E a jovem era bonita, mas de uma forma meio travessa. Além de alguns anos mais velha — o que seria vantagem ou desvantagem?

— Ah, Elayne, dissemos isso quando estávamos a salvo, com ele bem longe de nós duas. Perder você seria como perder uma irmã, mas e se uma de nós mudar de ideia?

Era melhor não perguntar qual das duas seria. Elayne tentava não pensar no fato de que se amarrasse e amordaçasse Min com o Poder e invertesse a trama, poderia escondê-la em um porão até que a missão diplomática estivesse bem distante.

— Não vamos — respondeu, simplesmente. Não, não poderia fazer isso com Min. Queria Rand todo para si, mas não podia magoar a amiga. Talvez pudesse só pedir que a outra não fosse até que ambas pudessem ir. Em vez disso, disse: — Gareth está liberando você do juramento?

Desta vez a risada de Min foi curta, quase uma tosse.

— Até parece. Ele diz que vai me cobrar isso mais cedo ou mais tarde. Siuan é a única que realmente quer manter, sabe a Luz por quê. — Uma leve tensão em seu rosto fez Elayne pensar que havia alguma visão envolvida, mas ela não perguntou. Min nunca falava a respeito de suas visões, a não ser que envolvesse diretamente a pessoa.

A jovem tinha uma habilidade conhecida por poucas em Salidar. Elayne e Nynaeve, Siuan e Leane, só. Birgitte não sabia, mas, por outro lado, Min não sabia a respeito de Birgitte. Ou Moghedien. Tantos segredos. Mas o de Min era só dela. A jovem às vezes via imagens ou auras ao redor dos outros, e às vezes sabia o que significavam. Quando sabia, estava sempre certa — por exemplo, se dizia que um homem e uma mulher iriam se casar, então cedo ou tarde eles se casavam, mesmo que os dois claramente se odiassem no momento. Leane chamava isso de “ler o Padrão”, mas não tinha nada a ver com o Poder. A maioria das pessoas só exibia imagens de vez em quando, mas Aes Sedai e Guardiões, sempre. As fugas de Min para aquele lugar eram uma forma de escapar dessa torrente de informações.

— Você pode levar uma carta a Rand para mim?

— Claro. — A mulher aquiesceu tão depressa, a expressão tão sincera, que Elayne corou e prosseguiu depressa. Não sabia se teria concordado caso fosse a situação inversa. — Você não pode deixar que ele saiba das suas visões, Min. Em relação à gente. — Uma coisa que a jovem vira a respeito de Rand era que três mulheres se apaixonariam perdidamente por ele e se uniriam a ele para sempre, e que uma dessas mulheres seria ela própria. A segunda ficou claro que seria Elayne. — Se ele souber de alguma coisa sobre a visão, pode decidir que não é o que queremos, apenas um capricho do Padrão ou do fato de ele ser *ta'veren*. Rand poderia decidir agir com nobreza e nos salvar, impedindo que qualquer uma de nós se aproxime dele.

— Talvez — concordou Min, meio em dúvida. — Os homens são estranhos. É mais provável que, caso ele perceba que nós duas vamos sair correndo quando ele estalar os dedos, faça exatamente isso. Rand não vai conseguir se conter. Já vi homens fazendo isso. Acho que tem a ver com o cabelo que cresce no queixo deles. — A jovem tinha uma expressão tão pensativa que Elayne não soube dizer se era piada ou não. Min parecia saber muito sobre os homens. A jovem trabalhara basicamente em estábulos, pois gostava de cavalos, mas chegou a mencionar ter servido mesas em uma taverna. — De todo modo, não vou contar. Você e eu vamos dividi-lo feito uma torta. Talvez deixemos a terceira ficar com alguma migalha, quando ela aparecer.

— O que é que vamos fazer, Min?

Elayne não pretendia dizer aquilo, decerto não em tom quase de choramingo. Parte dela queria declarar que não tinha a menor dúvida de que *ela* nunca iria correndo quando ele estalasse o dedo e outra parte desejava que ele estalasse. Parte queria dizer que *não* dividiria Rand de forma alguma, com *ninguém*, nem mesmo com uma amiga, as visões de Min que fossem para o Poço da Perdição. Mas a outra parte desejava dar um cascudo em Rand por fazer isso com ela e Min. Era tudo tão infantil que sentia vontade de enterrar a cabeça, mas era incapaz de separar a raiva dos outros sentimentos. Acalmando a voz, respondeu à própria pergunta antes que Min o fizesse:

— O que vamos fazer é sentar aqui um pouco e conversar. — Dito e feito, escolheu um cantinho particularmente abundante de folhas mortas. Uma árvore formava um ótimo encosto. — Não só sobre Rand. Vou sentir a sua falta, Min. É tão bom ter uma amiga em quem posso confiar.

Min sentou-se de pernas cruzadas ao lado dela e começou, distraída, a catar seixos e atirá-los no córrego.

— Nynaeve é sua amiga. Você confia nela. E Birgitte sem dúvida parece uma amiga: você passa até mais tempo com ela do que com Nynaeve. — Um leve franzido enrugou sua testa. — Ela acredita *mesmo* que é a Birgitte das lendas? Quer dizer, todas as histórias mencionam o arco e a trança, ainda que o dela não seja de prata. E não acredito que ela tenha nascido com esse nome.

— Ela nasceu com o nome — respondeu Elayne, receosa. Era verdade, de certo modo. Era melhor mudar o rumo da conversa. — Nynaeve ainda não decidiu se sou uma amiga ou alguém que ela precisa intimidar para fazer o que ela considera correto. E passa mais tempo do que eu se lembrando de que sou filha da Rainha a quem ela serve. Às vezes acho que ela usa esse fato contra mim. Você nunca faz isso.

— Talvez eu não fique tão impressionada. — Min exibia um sorriso largo, mas soava séria. — Eu nasci nas Montanhas da Névoa, Elayne, nas minas. O poder da sua mãe é bem enfraquecido lá para as bandas do oeste. — O sorriso desapareceu de seu rosto. — Me desculpe.

Sufocando um lampejo de indignação — Min era tão súdita do Trono do Leão quanto Nynaeve! —, Elayne deixou a cabeça pender para trás e encostar na árvore.

— Vamos falar de coisas alegres.

O sol vertia por sobre os galhos das árvores acima delas; o céu era uma folha azul límpida, sem um traço sequer de nuvem no horizonte. Por impulso, ela se abriu para *saidar* e deixou-se preencher, como se todo o prazer da vida no mundo tivesse sido destilado e cada gota em suas veias tivesse sido substituída pela

essência. Se conseguisse formar pelo menos uma nuvenzinha, seria um sinal de que tudo daria certo. A mãe estaria viva. Rand a amaria. E Moghedien... dariam um jeito nela. Arranjariam uma solução. Urdiu uma tênue teia de Ar e Água pelo céu, o mais distante que pôde, buscando umidade para uma nuvem. Se ao menos conseguisse puxá-la com força suficiente... a doçura logo se transformou quase em dor, o sinal de perigo — se recorresse a um tanto mais de Poder, poderia acabar estancando a si mesma. Só uma nuvenzinha.

— Coisas alegres? — indagou Min. — Bom, eu sei que você não quer falar sobre Rand, mas, além nós duas, ele ainda é a coisa mais importante no mundo, no momento. E a mais alegre. Os Abandonados caem mortos quando ele aparece, e as nações fazem fila para se curvar perante ele. As Aes Sedai aqui estão prontas para apoiá-lo. Sei que estão, Elayne: precisam estar. Ora, daqui a pouco Elaida vai pôr a Torre nas mãos dele. A Última Batalha será moleza. Ele está vencendo, Elayne. Nós estamos vencendo.

A Aceita largou a Fonte e tombou para trás, encarando o céu vazio como se tornara seu humor. Não era preciso saber canalizar para ver a mão do Tenebroso em ação, e, se ele podia tocar o mundo dessa forma, se podia sequer tocar o mundo...

— Estamos mesmo? — indagou, porém baixo demais para que Min ouvisse.

* * *

A casa do solar ainda não estava terminada, os compridos painéis de madeira do salão principal continuavam opacos e sem cor, mas Faile ni Bashere t'Aybara ouvia as petições dos súditos todas as tardes, como era apropriado à mulher de um lorde. Ficava sentada em uma robusta cadeira de espaldar alto com entalhes de falcões, bem diante de uma lareira de pedras nuas — havia uma lareira gêmea no outro extremo do aposento. A cadeira vazia a seu lado, com entalhes de lobos e uma grande cabeça de lobo no topo, deveria estar ocupada por seu marido, Perrin t'Bashere Aybara, Perrin Olhos-Dourados, Lorde de Dois Rios.

Naturalmente, o solar não passava de uma casa de fazenda grande demais, e o salão se estendia por pouco mais de quinze passadas. Ah, como Perrin a olhara feio quando ela insistira que fosse tão grande... Ele ainda pensava em si mesmo como ferreiro, ou até ajudante de ferreiro. Além disso, na ocasião de seu nascimento, a mulher recebera o nome de Zarine, não Faile. Essas coisas não importavam. Zarine, nome de mulher lânguida que suspirava trêmula ao ouvir poemas compostos em homenagem a seu sorriso. Faile, o nome que escolhera quando fora jurada Caçadora da Trombeta de Valere, significava falcão na Língua Antiga. Ninguém que olhasse com atenção para seu rosto — com nariz acentuado, maçãs do rosto proeminentes e olhos escuros e oblíquos que lampejavam quando ela estava com raiva — poderia duvidar de qual dos dois nomes lhe era mais apropriado. Quanto ao restante, o que importava era a intenção. E o que era correto e apropriado.

Naquele momento, seus olhos lampejavam. Não tinha nada a ver com a teimosia de Perrin, e apenas um pouco com o calor fora de estação. Mesmo que, em verdade, ter que abanar inutilmente o leque de penas de faisão para tentar secar o suor do rosto não melhorasse em nada seu humor.

Aquela hora já avançada da tarde, restava pouca gente da multidão que fora vê-la julgar as contendias. A verdade é que o povo ia para ser ouvido por Perrin, mas ele ficava apavorado só de pensar em julgar pessoas com quem crescera. A não ser que Faile o encurralasse, fugia feito lobo na neblina quando chegava a hora das audiências diárias. Por sorte, o povo não se incomodava quando Lady Faile os ouvia, em vez de Lorde Perrin. Ou então poucos se incomodavam, de todo modo, e eram sábios o bastante para disfarçar.

— Vocês trouxeram o assunto a mim — declarou, em um tom inexpressivo.

As duas mulheres suadas diante dela se remexiam, desconfortáveis, e encaravam o chão de pedras polidas.

Sharmad Zeffar, de pele acobreada, cobrira as curvas generosas, mas pouco as ocultava. Usava um

vestido domanês de gola alta bastante transparente, com as mangas e bainhas de seda dourada bem claras e puídas, ainda com manchinhas da viagem que pareciam impossíveis de limpar. De qualquer forma, seda era seda, algo raro de se encontrar na região. Os patrulheiros que rondavam as Montanhas da Névoa em busca de vestígios da invasão dos Trollocs no último verão encontravam poucas das criaturas bestiais — e nenhum Myrddraal, pela graça da Luz —, mas resgatavam refugiados quase todos os dias: dez aqui, vinte ali, cinco acolá. A maioria vinha da Planície de Almoth, mas um bom número era de Tarabon e, como Sharmad, de Arad Doman — terras abandonadas, arruinadas pela anarquia, além da guerra civil. Faile não queria nem pensar em quantos haviam morrido naquelas montanhas. Com a falta de estradas ou mesmo de trilhas, a viagem não era fácil, nem em épocas melhores, e os dias atuais estavam longe de ser a melhor época.

Rhea Avin não era refugiada, apesar de usar uma imitação de vestido taraboniano em lã de trama fina, com delicados pregueados cinza que moldavam e revelavam quase tanto quanto a vestimenta delgada de Sharmad. Os que sobreviviam à dura viagem traziam mais do que rumores preocupantes, habilidades nunca vistas em Dois Rios e braços para trabalhar nas fazendas despovoadas pelos Trollocs. Rhea era bonita, de rosto redondo e nascera a menos de duas milhas de onde ficava o solar. Usava os cabelos escuros em uma trança da grossura de um punho que descia até a cintura. Em Dois Rios, as moças só trançavam os cabelos quando o Círculo das Mulheres considerava que estavam em idade de se casar, fosse aos quinze anos ou aos trinta, embora poucas passassem dos vinte. Rhea era cerca de cinco anos mais velha que Faile e trançava os cabelos havia quatro anos, mas, naquele momento, parecia ainda usá-los soltos e ter acabado de reparar que a ideia esplêndida de outrora era de fato a coisa mais burra que poderia ter feito. Aliás, Sharmad parecia ainda mais envergonhada, pois tinha um ano ou dois a mais que Rhea. Para uma domanesa, deveria ser humilhante encontrar-se em tal situação. Faile queria estapear a cara das duas, mas uma lady não podia fazer tal coisa.

— Um homem — disse ela, no tom mais firme possível — não é um cavalo nem um pedaço de terra. Nenhuma de vocês pode tê-lo como propriedade. E vir aqui me perguntar qual das duas tem direito a ele... — Faile soltou um suspiro lento e profundo. — Se eu achasse que Wil al'Seen estivesse seduzindo as duas, poderia ter algo a dizer a respeito. — Wil tinha um fraco pelas mulheres, e elas, por ele, com suas panturrilhas bem torneadas. Mas o sujeito nunca fazia promessas. Sharmad parecia prestes a desabar. Afinal, as domanesas é que tinham reputação de levar os homens na lábia, não o contrário. — Sendo assim, meu julgamento é o seguinte: vocês duas irão até a Sabedoria para explicar o assunto a ela, não deixem nenhum detalhe de fora. Daise vai cuidar disso. Espero que antes do cair da noite tenha notícias de que já estiveram com ela.

As duas se encolheram. Daise Congar, a Sabedoria de Campo de Emond, não toleraria esse tipo de bobagem. Faria até muito mais do que apenas não tolerar. Contudo, as duas se curvaram em mesuras, murmurando “sim, milady” em um uníssono desesperado. Se já não estivessem, dentro em breve se arrependeriam amargamente por fazerem Daise perder tempo com elas.

E eu, pensou Faile, com firmeza. Todos sabiam que era raro Perrin comparecer às audiências, ou as duas jamais teriam trazido um “problema” tão idiota. Se ele estivesse ali, ocupando seu lugar, as mulheres teriam saído de fininho em vez de revelarem aquilo. Faile desejou que o calor tivesse deixado Daise bem irritadiça. Era pena que não havia como fazê-la dar uma lição em Perrin também.

Cenn Buie ocupou o lugar das mulheres quase antes que as duas saíssem do caminho, arrastando os pés. Apesar de se apoiar bastante em um cajado quase tão velho quanto ele próprio, o homem conseguiu se curvar em uma mesura floreada — então estragou o movimento correndo os dedos ossudos pelos cabelos ralos e finos. Como de costume, parecia ter dormido com o casaco marrom grosseiro.

— Que a Luz brilhe sobre a senhora, Lady Faile, e sobre seu honrado marido, Lorde Perrin. — As palavras grandiosas soavam estranhas naquela voz esganiçada. — Permita que eu acrescente meus votos de contínua felicidade a todos do Conselho. Sua beleza e inteligência iluminam a vida de todos nós, bem como a

justiça em seus pronunciamentos.

Faile tamborilou os dedos no braço da cadeira antes que pudesse se deter. Elogios e floreios, em vez dos resmungos azedos de sempre. A lembrança, com o devido respeito, de que ele ocupava uma cadeira do Conselho da Aldeia de Campo de Emond e era um homem de influência. E aquele cajado para suscitar compaixão... O telhador era ágil como qualquer um com metade da sua idade.

— O que o senhor me traz hoje, Mestre Buie?

Cenn se endireitou, sem se lembrar de escorar na bengala. E sem se lembrar de eliminar o tom mordaz da voz.

— São todos esses forasteiros chegando aos montes, trazendo uma porção de coisa que a gente não quer por aqui. — O homem parecia ter esquecido que ela também era forasteira. A maior parte do povo de Dois Rios esquecera. — Costumes estranhos, milady. Roupas indecentes. As mulheres vão vir falar sobre as vestimentas dessas domanesas atiradas, isso se já não tiverem vindo. — De fato, algumas já tinham reclamado, embora uma centelha nos olhos de Cenn revelasse que ela se arrependeria caso cedesse às demandas. — Estranhos roubando comida de nossas bocas, tomando nossos negócios. Aquele rapaz taraboniano e suas telhas idiotas, por exemplo. Ocupando mãos que poderiam estar fazendo algum trabalho útil. Ele não se importa com o povo de Dois Rios. Ora, ele...

Abanando-se, Faile parou de escutar, mas teve o cuidado de dar impressão de que prestava muita atenção — uma habilidade que o pai lhe ensinara, necessária em momentos como esse. Claro. As telhas de Mestre Hornval concorreriam com os telhados de palha de Cenn.

Nem todos se sentiam como Cenn em relação aos recém-chegados. Haral Luhhan, o ferreiro de Campo de Emond, fizera uma parceria com um cuteleiro domanês e um polidor de metais da Planície de Almoth, e Mestre Aydaer contratara três homens e duas mulheres que entendiam de marcenaria, escultura e até de douradura — embora decerto não houvesse ouro para tanto. As cadeiras dela e de Perrin eram trabalho desse grupo, tão caprichadas quanto Faile encontrara em outras cortes. Aliás, o próprio Cenn contratara cerca de meia dúzia de ajudantes, nem todos de Dois Rios, pois muitos telhados tinham pegado fogo no ataque dos Trollocs, e novas casas eram erguidas para todos os lados. Perrin não tinha o direito de fazê-la ouvir toda aquela bobagem sozinha.

O povo de Dois Rios podia até tê-lo proclamado lorde — o que era o certo a se fazer, depois que Perrin os levou à vitória sobre os Trollocs —, e ele podia até estar começando a perceber que não seria capaz de mudar esse fato — como decerto deveria ter tentado assim que começaram a se curvar em reverências e chamá-lo de Lorde Perrin, a despeito de ele pedir que não o fizessem —, mas ainda assim se recusava a aceitar as pompas que vinham com o título de lorde, tudo o que um povo *esperava* de seus lordes e ladies. Pior ainda: se recusava a cumprir os deveres de lorde. Faile sabia muito bem o que devia ser feito, já que era a filha mais velha que restara de Davram t'Ghaline Bashere, Lorde de Bashere, Tyr e Sidona, Guardião da Fronteira da Praga, Defensor da Terra do Coração, Marechal-General da Rainha Tenobia de Saldaea. Era verdade que fugira para se tornar Caçadora da Trombeta — e aberto mão disso por um marido, o que às vezes ainda a surpreendia —, mas ainda se lembrava. Perrin escutava quando ela tentava explicar, até assentia nos momentos oportunos, mas obrigá-lo a de fato fazer qualquer coisa era como obrigar um cavalo a dançar a sa'sara.

Cenn enfim parou de balbuciar, finalmente lembrando-se de engolir a injúria que fervilhava entre seus dentes.

— Perrin e eu decidimos usar palha — comentou Faile, muito calma. Enquanto Cenn ainda assentia, satisfeito, acrescentou: — E o senhor ainda não terminou o trabalho. — O velho levou um susto. — Parece que aceitou fazer mais telhados do que é capaz de dar conta, Mestre Buie. Se não terminar o nosso logo, temo que precisaremos chamar o Mestre Hornval para colocar suas telhas. — Cenn contraiu os lábios, quieto. Se

Faile pusesse telhas na mansão, outros fariam o mesmo. — Aprecio seu discurso, mas tenho certeza de que o senhor prefere terminar meu telhado do que perder tempo com conversa mole, apesar de agradável.

De lábios comprimidos, Cenn a encarou por um instante, furioso, depois curvou-se em uma mesura modesta. Murmurou algo ininteligível, exceto por um “milady” abafado no final, e saiu pisando duro pelo chão liso, segurando o cajado. As coisas que o povo inventava para tomar o tempo dela. Perrin teria de fazer sua parte, nem que ela tivesse de trazê-lo amarrado pelos braços e pernas.

As demais queixas não foram tão exasperantes. Uma mulher outrora corpulenta, usando um vestido de retalhos de flores bordadas que caía no corpo feito um saco, vinda da distante Ponta de Toman, além da Planície de Almoth, queria negociar ervas e medicamentos. O grandalhão Jon Ayellin esfregando a careca, e o magricela Thad Torfinn, puxando as lapelas do casaco, ambos em uma disputa pelas fronteiras de suas terras. Dois mineiros domaneses de pele escura e barba bem rente, ambos em coletes de couro compridos, que acreditavam ter visto sinais de ouro e prata no caminho para as montanhas. E de ferro, embora o interesse fosse menor. E, por fim, uma taraboniana magra e musculosa com o rosto fino coberto por um véu transparente e os cabelos claros presos em uma infinidade de trancinhas alegando ter trabalhado como tecelã e saber fazer tapetes no tear.

Faile encaminhou a mulher interessada em ervas ao Círculo das Mulheres local — se Espara Soman tivesse talento para a coisa, as mulheres encontrariam um lugar para ela sob a supervisão de uma das Sabedorias da região. Com tanta gente nova chegando, muitos em péssimas condições por conta da viagem, todas as Sabedorias de Dois Rios passaram a ter uma ou duas aprendizes — e estavam sempre à procura de mais. Talvez não fosse exatamente o que a mulher queria, mas era onde teria de começar. Bastaram algumas perguntas para deixar claro que nem Thad nem Jon de fato se lembravam de onde ficava a fronteira — ao que parecia, a disputa começara antes mesmo de Faile nascer —, então ela os orientou a tirarem uma média da diferença entre o limite que cada um julgava ser o certo e dividir as terras nesse ponto, a mesma decisão que os dois acreditavam que teria sido a do Conselho da Aldeia, motivo pelo qual haviam mantido a contenda entre si por tanto tempo.

Aos outros, concedeu a permissão que buscavam. Em verdade, ninguém precisava de permissão, mas era melhor que soubessem desde o início quem detinha a autoridade. Em troca de seu consentimento e prata suficiente para comprar provisões, Faile convenceu os dois domaneses a darem a Perrin um décimo do que encontrassem, bem como a revelar a localização do ferro encontrado no caminho. Perrin não gostaria, mas em Dois Rios não havia qualquer coisa que se assemelhasse a impostos, e era de se esperar que um lorde fizesse e fornecesse coisas que requeriam dinheiro. E ferro seria tão útil quanto ouro. Quanto a Liale Mosrara, a empreitada da taraboniana não duraria muito se ela fosse menos habilidosa do que dizia. No entanto, se fosse tão boa quanto se proclamava... três tecelãs já garantiam que os mercadores encontrariam mais do que apenas lã quando descessem de Baerlon no ano seguinte, e carpetes decentes seriam mais um produto para trazer dinheiro. Liale prometeu que os primeiros e melhores trabalhos de seu tear iriam para a mansão, e Faile aceitou o presente com um gracioso meneio de cabeça. Poderia dar mais se e quando os carpetes aparecessem. O chão estava mesmo precisando de alguma cobertura. No geral, todos pareciam bastante satisfeitos. Até Jon e Thad.

Enquanto a taraboniana se afastava, cheia de medidas, Faile se levantou, feliz em ter terminado, mas parou ao ver quatro mulheres adentrarem por uma das portas que flanqueavam a lareira mais distante, todas suando em vestidos escuros de lã pesada de Dois Rios. Daise Congar, mais alta e larga que a maioria dos homens, destacava-se das outras Sabedorias, projetando-se para a frente para tomar a liderança nas cercanias de sua própria aldeia. Edelle Gaelin, de Colina da Vigília, magra e de tranças grisalhas, mantinha as costas retas e a expressão dura para deixar claro que considerava que deveria ocupar o lugar de Daise, se não por qualquer outra razão, em virtude da idade e do longo tempo no ofício. Elwinn Taron, Sabedoria de Trilha de

Deven, era a mais baixa: uma mulher redonda e com um agradável sorriso maternal, que ela exibia mesmo quando estava obrigando os outros a fazer o que não queriam. A última, Milla al'Azar, de Barca do Taren, vinha na retaguarda. Era a mais jovem, quase com idade para ser filha de Edelle, e sempre parecia insegura perto das outras.

Faile continuou de pé, abanando-se devagar. Desejava, de coração, que Perrin estivesse ali. De verdade. Aquelas mulheres tinham tanta autoridade na aldeia quanto o prefeito — às vezes até mais, sob alguns aspectos —, e era preciso muito cuidado ao lidar com elas, dedicando-lhes a dignidade e o respeito devidos. O que dificultava as coisas. Perto de Perrin, todas pareciam garotinhas tímidas, ávidas por agradar, mas com ela... fazia séculos que Dois Rios não tinha nobres; havia sete gerações que não se via sequer um representante da Rainha em Caemlyn. Todos ainda estavam aprendendo a se comportar diante de um lorde e uma lady, inclusive aquelas quatro. Às vezes esqueciam que estavam diante de Lady Faile, viam apenas uma jovem mulher cujo casamento Daise presidira poucos meses antes. Às vezes enchiam-na de reverências e de “sim, claro, milady”, mas bem no meio da fala diziam exatamente o que ela devia fazer a respeito de alguma questão sem notar a menor incongruência. *Você não vai mais deixar isso na minha mão, Perrin.*

As mulheres curvaram-se em mesuras, com graus variados de habilidade, e disseram “Que a Luz brilhe sobre a senhora, milady”, umas por cima das outras.

Cortesias findadas, Daise começou a falar antes mesmo de retornar a coluna à posição ereta.

— Mais três garotos fugiram, milady. — As palavras estavam no meio do caminho entre o respeito e o tom de “agora escute aqui, mocinha” que ela às vezes usava. — Dav Ayellin, Ewin Finngar e Elam Dowtry. Fugiram para ver o mundo, por conta das histórias de Lorde Perrin sobre as coisas lá fora.

Faile piscou, surpresa. Aqueles três não eram garotos. Dav e Elam eram mais velhos que Perrin, e Ewin não era muito mais novo do que ela própria. E as histórias de Perrin, que ele contava rara e relutantemente, não já não eram a única forma pela qual a juventude de Dois Rios ficava sabendo a respeito do mundo lá fora.

— Posso pedir a Perrin para falar com vocês, se desejarem.

As quatro se remexeram, inquietas, Daise procurando por ele ansiosa, Edelle e Milla alisando as saias sem nem perceber, Elwinn puxando a trança por cima do ombro e ajeitando-a com cuidado, também de modo inconsciente. De súbito, notaram o que estavam fazendo e congelaram, sem olhar umas para as outras. Nem para ela. A única vantagem de Faile era que aquelas mulheres sabiam o efeito que seu marido exercia sobre elas. Tantas vezes vira uma ou outra recuperar a compostura depois de se encontrar com Perrin, jurando não deixar que aquilo acontecesse outra vez; tantas vezes vira a determinação delas sair voando pela janela só de olharem para seu marido. Nenhuma sabia ao certo se preferia tratar com Perrin ou com ela.

— Isso não será necessário — respondeu Edelle, depois de um instante. — A fuga dos garotos é um aborrecimento, mas nada mais do que isso. — Seu tom se tornou ainda menos respeitoso que o “milady” de Daise.

A roliça Elwinn acrescentou um sorriso próprio de mãe para filha.

— Já que estamos aqui, querida, acho que vale a pena mencionar outra coisinha. Água. Veja bem, algumas pessoas estão preocupadas.

— Já faz meses que não chove — completou Edelle, e Daise assentiu.

Desta vez, Faile piscou de propósito. As mulheres eram inteligentes demais para achar que Perrin poderia fazer qualquer coisa a respeito disso.

— Os córregos ainda estão fluindo, e Perrin ordenou que mais poços sejam cavados. — Na verdade apenas tinha sugerido, mas felizmente dava no mesmo, no fim das contas. — E os canais de irrigação da Floresta das Águas estarão terminados muito antes do período de plantio. — Aquilo era obra dela: metade dos campos em Saldaea eram irrigados, mas ali ninguém ouvira falar nessa técnica. — De todo modo, mais cedo ou mais tarde as chuvas terão que cair. Os canais são só por garantia.

Daise assentiu outra vez, sem muita confiança, bem como Elwinn e Edelle. Mas todas sabiam daquilo tão bem quanto ela.

— Não é só a chuva — murmurou Milla. — Não exatamente, de todo modo. Não é natural. Veja, nenhuma de nós consegue escutar o vento. — Ela se encolheu diante das carrancas repentinas das outras. Ficou claro que estava falando demais e revelando segredos. Supostamente todas as Sabedorias eram capazes de prever o tempo escutando o vento. Pelo menos, todas afirmavam ser capazes. Mas a mulher prosseguiu, obstinada. — Bom, não conseguimos! Em vez disso, olhamos para as nuvens, avaliamos o comportamento dos pássaros, das formigas e das lagartas, e... — Ela respirou fundo e se endireitou, ainda evitando os olhares das outras Sabedorias.

Faile ponderou sobre como aquela mulher conseguia lidar com o Círculo das Mulheres de Barca do Taren, ou ainda com o Conselho da Aldeia. Claro, todas as pessoas eram tão inexperientes nessas posições quanto Milla — a aldeia fora totalmente despovoada com os ataques dos Trollocs, e todo mundo ali era novo.

— Isso não é natural, milady. As primeiras neves deviam ter caído semanas atrás, mas estamos em clima de pleno verão. Não estamos preocupadas, milady, estamos apavoradas! Se ninguém mais quiser admitir, eu admito. Passo quase todas as noites acordada. Faz um mês que não prego o olho, e... — A voz de Milla foi morrendo, e seu rosto enrubesceu quando percebeu que talvez tivesse ido longe demais. As Sabedorias tinham que manter o controle a todo momento, não sair por aí dizendo que estavam apavoradas.

Os olhos das outras iam de Milla para Faile. Não diziam palavra, e suas feições inexpressivas eram dignas de Aes Sedai.

Faile finalmente compreendia. Milla dissera a mais pura verdade. O clima *não* era natural — era absolutamente o contrário disso. Ela mesma com frequência passava a noite sem dormir, rezando para que chovesse — ou melhor ainda, que nevasse —, tentando não pensar no que espreitava por detrás do calor e da seca. Ainda assim, o papel de uma Sabedoria era tranquilizar o povo. A quem recorreriam quando precisasse ser tranquilizada?

Aquelas mulheres poderiam não saber o que estavam fazendo, mas tinham ido ao lugar certo. Parte do acordo entre nobres e plebeus, internalizado em Faile desde o nascimento, era que os nobres forneciam segurança e proteção. E fornecer segurança também significava lembrar o povo que os tempos difíceis não duravam para sempre. Se hoje estava ruim, amanhã seria melhor — se não amanhã, depois de amanhã. Ela própria desejava ter certeza disso, mas aprendera a ceder a própria força a todos os que se encontravam em posição inferior, ainda que não lhe restasse força alguma para si. Aprendera a mitigar os medos do povo, e não infectá-los com seu próprio.

— Perrin já me falava sobre o povo dele antes mesmo de eu pôr os pés aqui — comentou. Seu marido não era homem de se gabar, mas as informações acabavam escapando. — Quando o granizo acaba com suas colheitas, quando o inverno mata metade do rebanho de ovelhas, vocês se enchem de determinação e seguem em frente. Quando os Trollocs assolaram Dois Rios, vocês os enfrentaram e, assim que acabaram com eles, começaram a reconstruir tudo sem nem pestanejar. — Faile não teria acreditado se não tivesse visto com os próprios olhos, não se tratando de um povo do sul. Aquela gente teria se saído muito bem em Saldaea, onde as incursões de Trollocs eram encaradas com naturalidade, pelo menos nos trechos mais ao norte. — Não posso dizer que o tempo amanhã estará ideal. Posso afirmar que Perrin e eu faremos o que for preciso, tudo o que for possível. E não preciso dizer que vocês enfrentarão o que cada dia trouxer, seja o que for, e que vão se preparar para enfrentar o dia seguinte. É esse o tipo de gente que Dois Rios produz. É o que vocês são.

Aquelas eram mulheres inteligentes. Se ainda não tinham admitido para si próprias o motivo da visita, teriam de fazê-lo depois da resposta de Faile. Se fossem menos inteligentes, poderiam ter se ofendido. Mas mesmo as palavras que aquelas Sabedorias diziam a si mesmas só surtiavam o efeito desejado quando vinham de outra pessoa. Claro, isso em si já era constrangedor. As mulheres ficaram bastante ruborizadas, cada uma de

um tom de vermelho, desejando silenciosamente estar bem longe dali.

— Bem, é claro — respondeu Daise. Com os punhos robustos plantados nos quadris largos, a mulher encarou as outras Sabedorias, desafiando-as a dizerem o contrário. — Eu falei a mesma coisa, não falei? A garota é sensata. Falei o mesmo logo que ela chegou aqui. Essa garota tem a cabeça no lugar, eu disse.

Edelle fungou com desdém.

— E por acaso alguém falou que ela não tem, Daise? Eu não ouvi ninguém dizer isso. Ela tem, mesmo. — Para Faile, a mulher acrescentou: — Você tem mesmo a cabeça no lugar.

Milla meneou a cabeça em reverência.

— Obrigada, Lady Faile. Sei que eu já disse o mesmo a cinquenta pessoas, mas, vindo da senhora, de alguma forma... — Um pigarreo alto de Daise a interrompeu bem no meio da frase. Aquilo estava indo longe demais. O rosto de Milla ficou mais vermelho.

— Excelente trabalho de costura, milady. — Elwinn inclinou-se para a frente e tocou a saia de montaria preferida de Faile. — Mas sei de uma costureira taraboniana lá em Trilha de Deven que pode fazer uma ainda melhor para a senhora. Se me permite o comentário. Dei uma palavrinha com a mulher, e agora ela só faz vestidos decentes, exceto para as mulheres casadas. — O sorriso maternal surgiu outra vez em seu rosto, ao mesmo tempo duro e indulgente. — Ou as que estão sendo cortejadas. Ah, ela faz umas peças bonitas. Ora, aposto que consideraria um prazer trabalhar com seu tom de pele e sua cintura.

Antes que a outra terminasse, Daise foi abrindo um sorriso complacente.

— Therille Marza, bem aqui em Campo de Emond, já está fazendo meia dúzia de vestidos para Lady Faile. E o traje de gala mais bonito que já vi.

Elwinn se endireitou, Edelle franziu os lábios e até Milla ficou pensativa.

Para Faile, a audiência estava encerrada. A costureira domanesa requeria pulso firme e vigilância constante para que não vestisse Faile para a corte de Bandar Eban. O traje de gala fora ideia de Daise, uma surpresa. E mesmo que fosse ao estilo de Saldaea, em vez de Arad Doman, Faile não sabia onde poderia usá-lo. Levaria um tempo até Dois Rios começar a organizar bailes ou desfiles. Se dependesse das Sabedorias, logo todas estariam competindo para ver qual das aldeias a vestiria.

Ofereceu chá às mulheres, acrescentando um comentário displicente de que poderiam pensar em uma forma de encorajar o povo em relação ao clima. A fala logo surtiu o efeito desejado, e as mulheres saíram quase tropeçando umas nas outras, lamentando os deveres que as impediam de ficar mais.

Faile observou-as partirem. Milla na retaguarda, como de costume, feito uma criança correndo atrás das irmãs mais velhas. Talvez fosse possível trocar algumas palavras discretas com algumas integrantes do Círculo das Mulheres de Barca do Taren. Cada aldeia precisava de um prefeito e uma Sabedoria firmes para defender os interesses do povo. Palavras discretas e cuidadosas. Quando Perrin descobrira que Faile andara conversando com os homens de Barca do Taren antes das eleições para prefeito.... Ora, se havia um sujeito inteligente e entusiasmado com a presença dela e de Perrin, por que os eleitores não poderiam saber que ela e Perrin retribuía aquele apoio? Mas quando ele descobrira... Perrin era um homem gentil, raramente se irritava, mas Faile se trancara no quarto dos dois só por garantia, até que ele se acalmasse. O que só aconteceu depois da promessa de ela não “interferir” mais em nenhuma eleição para prefeito, abertamente ou às escondidas. O que fora muito injusto da parte dele. E muito inconveniente. Mas Perrin não mencionara as eleições do Círculo das Mulheres. Bem, o que os olhos dele não viam poderia lhe fazer muito bem. E também a Barca do Taren.

Pensar em Perrin fez Faile lembrar a promessa que fizera a si mesma. O leque de penas abanou mais depressa. Aquele não fora o dia das piores bobagens, nem o pior momento com as Sabedorias — ninguém perguntara quando Lorde Perrin teria um herdeiro, graças à Luz! —, mas talvez o calor impiedoso tivesse sido a gota d’água. Perrin *cumpriria* sua obrigação, ou...

Um trovão ressoou pela mansão, e relâmpagos iluminaram as janelas. Faile encheu-se de esperança. Se a chuva viesse...

Correu sem fazer barulho com os pés calçados nas sandálias, procurando pelo marido. Queria compartilhar a chuva com ele. E ainda pretendia dizer algumas palavrinhas duras. Mais do que algumas, se preciso.

Perrin estava onde ela tinha imaginado: bem lá em cima, no terceiro andar, no alpendre frontal — um homem de cabelos cacheados vestido em um casaco marrom liso, com ombros e braços robustos. Tinha as costas largas viradas para ela e se apoiava em uma das colunas de sustentação da cobertura. Encarava o chão de um dos lados do solar, não o céu. Faile parou à porta.

Outro trovão ressoou, e um raio azul rasgou o céu. Um raio sem trovão em um céu sem nuvens. Não era prenúncio de chuva. Nada de chuva para aliviar o calor. Gotículas de suor brotavam em seu rosto, mas ela tremia.

— Acabou? — perguntou Perrin, e Faile se sobressaltou.

O marido não levantara a cabeça. Às vezes era difícil lembrar-se de como sua audição era sensível. Ou ele poderia ter sentido o cheiro de Faile — torceu para que fosse o perfume, não o suor.

— Achei que você estaria com Gwil ou Hal.

Aquele era um dos maiores defeitos de Perrin. Faile tentava treinar serviçais, mas ele os considerava companhia adequada para tomar uma caneca de cerveja e dar umas risadas. Pelo menos não ficava atrás de qualquer rabo de saia, como tantos homens. Nunca sequer percebera que Calle Coplin começara a trabalhar na casa deles com o intuito de fazer mais do que arrumar a cama de Lorde Perrin. E nem mesmo notara quando Faile pôs Calle para fora com um punhado de gravetos.

Ao aproximar-se do marido, viu para o que ele estava olhando. Dois homens despidos até a cintura praticavam esgrima com espadas de madeira, mais abaixo. Tam al'Thor era robusto e grisalho, e Aram, magro e jovem. Aram estava aprendendo depressa. Muito depressa. Tam já fora soldado, além de mestre espadachim, mas Aram pareceria estar dando trabalho.

Sem nem pensar, ela baixou os olhos para as tendas agrupadas em um campo cercado de pedras a meia milha na direção da Floresta do Oeste. O restante dos latoeiros estava acampado entre carroções — ainda não acabados — que pareciam casinhas sobre rodas. Naturalmente, já não reconheciam a presença de Aram desde que ele empunhara a espada. Os Tuatha'an não praticavam violência, por qualquer motivo que fosse. Faile se perguntou se iriam embora quando os carroções incendiados pelos Trollocs fossem substituídos, conforme o planejado. Não somavam mais de cem, mesmo depois de reunidos todos os que estavam escondidos na mata. Decerto iriam, deixando Aram para trás, como ele próprio escolhera. Nunca ouvira falar de algum Tuatha'an fixando moradia em qualquer lugar que fosse.

Por outro lado, o povo de Dois Rios costumava dizer que, por ali, nada nunca mudava, ainda que muita coisa tivesse mudado desde os Trollocs. Campo de Emond, a algumas centenas de passadas da mansão, aumentara em tamanho, e sua população já reconstruía todas as casas incendiadas, além de começar a erguer novas moradias. Algumas até eram de tijolos, outra novidade. E algumas tinham telhados de telha. Na velocidade com que as novas habitações estavam sendo erigidas, a mansão logo estaria dentro da aldeia. Muito se falava a respeito de um muro, caso os Trollocs retornassem. Mudanças. Um punhado de crianças corria pelas ruas atrás do gigantesco Loial. Poucos meses antes, a visão do Ogier, da altura de um homem e meio, com as orelhas peludas e o nariz tão largo que quase ocupava o rosto inteiro, deixara todas as crianças embasbacadas, e as mães, desesperadas para protegê-las. Mas as mães já haviam passado a mandar seus filhos para sessões de leitura com o Ogier. Os estrangeiros que circulavam entre os habitantes de Campo de Emond, em seus casacos e vestidos de cortes exóticos, destacavam-se quase tanto quanto Loial, mas ninguém lhes dispensava mais que uma olhadela, e o mesmo acontecia com os três Aiel da aldeia — sujeitos estranhos,

longilíneos, todos vestidos em tons de marrom e cinza. Até duas semanas antes, ainda havia duas Aes Sedai por lá, que também já provocavam apenas medidas e cumprimentos respeitosos. Mudanças. Os dois mastros erguidos não muito longe do rio Fonte de Vinho, no Campo, eram visíveis por sobre os telhados das casas, um ostentando a silhueta vermelha da cabeça de lobo que se tornara símbolo de Perrin, o outro, a águia carmesim símbolo de Manetheren, que desaparecera durante as Guerras dos Trollocs, cerca de dois mil anos antes, mas aquela terra fizera parte da nação, e Dois Rios hasteava sua bandeira quase por aclamação. Mudanças — e eles não faziam ideia de como eram grandes, de como eram inexoráveis. Mas Perrin os apoiaria, não importava o que viesse pela frente. Com a ajuda de Faile, ele os apoiaria.

— Eu e Gwil caçávamos coelhos juntos — comentou Perrin. — Ele é só alguns anos mais velho, e às vezes me levava para caçar.

Faile precisou de um momento para se lembrar do que ele estava falando.

— Gwil está tentando aprender a ser lacaio. Você não o ajuda muito quando fica chamando o rapaz para fumar cachimbo e conversar sobre cavalos nos estábulos. — Ela inspirou lenta e profundamente. A tarefa não seria fácil. — Você tem um dever com essas pessoas, Perrin. Por mais difícil que seja, você precisa cumprir seu dever.

— Eu sei — respondeu ele, baixinho. — Consigo senti-lo me puxando.

A voz dele estava tão estranha que Faile estendeu a mão e deu um puxão em sua barba curta, para que ele a encarasse. Os olhos dourados, estranhos e misteriosos como nunca, tinham um ar triste.

— Como assim? Você pode até ter uma certa afeição por Gwil, mas ele...

— É o Rand, Faile. Ele precisa de mim.

O nó em seu estômago, que ela andara tentando ignorar, se apertou ainda mais. Faile convencera a si mesma de que esse perigo fora embora com as Aes Sedai. Bobagem. Ela era casada com um *ta'veren*, um homem destinado a desviar as vidas dos que o rodeavam conforme o Padrão desejava, e crescera com dois outros *ta'veren*, um deles o próprio Dragão Renascido. Era uma parte de Perrin que Faile era obrigada a dividir. Não gostava de ter que dividir nem um fio de cabelo, mas aquilo não tinha jeito.

— E o que você vai fazer?

— Vou atrás dele. — Perrin desviou o olhar por um instante, e os olhos de Faile acompanharam os seus. Recostados à parede estavam um pesado martelo de ferreiro e um machado com uma lâmina afiada em formato de meia-lua, com um cabo de meia passada de comprimento. — Eu não estava... — Sua voz era quase um sussurro. — Não estava conseguindo encontrar uma forma de contar isso a você. Vou hoje à noite, quando todos estiverem dormindo. Acho que não tenho muito tempo, e a viagem pode ser longa. Mestre al'Thor e Mestre Cauthon vão ajudar você com os prefeitos, se for preciso. Eu já falei com eles. — Perrin tentou suavizar a voz, uma tentativa lamentável. — De qualquer modo, você não deve ter problemas com as Sabedorias. Engraçado... quando eu era garoto, as Sabedorias sempre pareciam tão assustadoras, mas na verdade são bem tranquilas, basta ser firme.

Faile comprimiu os lábios. Então ele tinha falado com Tam al'Thor e Abell Cauthon, mas não com ela? E com as Sabedorias! Só queria que ele trocasse de lugar com ela por um dia, para ver como as Sabedorias eram tranquilas.

— Não tem como a gente partir assim tão rápido. Precisaremos de tempo para organizar uma comitiva decente.

Perrin estreitou os olhos.

— A gente? Você não vai! Vai ser... — Ele tossiu, então prosseguiu em um tom mais moderado. — Vai ser melhor se um de nós ficar aqui. Quando o lorde viaja, a lady precisa ficar para cuidar das coisas. Faz sentido. Chegam mais refugiados a cada dia. Tem um monte de problemas para resolver. Se você também for, a situação por aqui vai ficar pior do que com a invasão dos Trollocs.

Ele realmente acreditava que ela não repararia que ele tinha se corrigido no meio da frase? Perrin estava prestes a dizer que seria perigoso. Como será que essa mania dele de querer protegê-la dos perigos a fazia se derreter por dentro e ao mesmo tempo a deixava tão irritada?

— Nós vamos fazer o que você achar melhor — respondeu a jovem, em um tom brando, e Perrin piscou, desconfiado, então coçou a barba e assentiu.

Só restava fazê-lo enxergar o que realmente era melhor. Pelo menos ele não declarara logo de início que ela *não podia* ir. Quando Perrin fincava a pata, era mais fácil arredar um celeiro de grãos, mas, tomando o devido cuidado, era possível evitar uma situação dessas. Na maioria das vezes.

Faile o abraçou de repente e enterrou o rosto em seu peito largo. As mãos fortes de Perrin acariciaram seus cabelos com suavidade — ele decerto pensava que Faile estava preocupada com sua partida iminente. Bem, de certa forma, ela estava. Só que não era por ele estar partindo sem ela. Perrin ainda não aprendera o que significava ter uma esposa de Saldaea. Os dois estavam tão longe de Rand al'Thor... Por que é que o Dragão Renascido precisava de Perrin justo naquele momento, e com tanta força que seu marido podia sentir a centenas de léguas de distância? Por que havia tão pouco tempo? Por quê? A camisa de Perrin estava colada ao corpo suado, e o calor anormal também fazia Faile transpirar, mas ela tremia.

* * *

Com uma das mãos no punho da espada, Gawyn Trakand usava a mão livre para jogar uma pedrinha para o alto e pegá-la em seguida enquanto circulava mais uma vez ao redor de seus homens, conferindo as posições nos entornos da colina encimada de árvores. Um vento quente e seco levantava a terra pela pastagem marrom cheia de ondulações e fazia drapejar o manto verde e simples pendurado às suas costas. Não se via nada além de grama morta, moitas isoladas e arbustos mirrados. Teria de cobrir muitas frentes com os homens que comandava, caso uma luta fosse travada ali. Ele os reunira em grupos de cinco espadachins a pé, com arqueiros cinquenta passadas atrás, colina acima. Outros cinquenta homens aguardavam com lanças e cavalos a postos, no cume, próximos ao acampamento, prontos para avançar para onde fosse necessário. Gawyn torcia para que não fosse preciso.

No início, havia menos rapazes da Jovem Guarda, mas sua reputação atraiu recrutas. O aumento dos números seria de grande ajuda, e nenhum recruta tinha permissão para sair de Tar Valon antes de estar à altura de certos padrões. Não que ele esperasse que fosse haver luta naquele dia, não mais do que em qualquer outro, a questão é que aprendera que a hora da batalha muitas vezes vinha quando menos se esperava. Só as Aes Sedai esperariam até o último minuto para revelar a um homem que algo tão importante estava para acontecer.

— Tudo certo? — perguntou, parando junto a um grupo de espadachins. Apesar do calor, alguns usavam os mantos verdes, exibindo símbolo de Gawyn no peito, o javali branco em disparada.

Jisao Hamora era o mais jovem, ainda com sorriso de garoto, mas também o único dos cinco com uma pequena torre prateada na gola, enfeite que o marcava como veterano na batalha da Torre Branca. Foi ele quem respondeu.

— Tudo certo, milorde.

A Jovem Guarda fazia jus ao nome. O próprio Gawyn, com pouco mais de vinte anos, estava entre os mais velhos. Era regra não aceitar ninguém que já tivesse feito parte de algum exército, empunhado armas para um lorde ou lady ou mesmo trabalhado como guarda de mercadores. Os primeiros integrantes haviam chegado à Torre ainda meninos ou jovens para serem treinados pelos Guardiões, os mais exímios espadachins e combatentes do mundo, e continuavam parte da tradição, embora os Guardiões não os treinassem mais. A

juventude não era uma falha. Apenas uma semana antes, o grupo conduziu uma pequena cerimônia para os primeiros pelos de bigode que Benji Dalfor raspava, e em seu rosto havia uma cicatriz que ganhara na batalha da Torre. As Aes Sedai estavam ocupadas demais para Curar nos dias seguintes à deposição de Siuan Sanche. A mulher talvez ainda fosse Amyrlin, caso a Jovem Guarda não tivesse enfrentado e vencido muitos de seus antigos instrutores nos corredores da Torre.

— Isso tem algum propósito, milorde? — perguntou Hal Moir. O sujeito era dois anos mais velho que Jisao e, como muitos que não ostentavam a torre de prata, lamentava-se por não ter estado presente no conflito. Ele logo amadureceria. — Não vejo o menor sinal de Aiel.

— Ah, não vê? — Sem qualquer indicativo, Gawyn arremessou a pedra com toda a força no único arbusto que havia por perto, uma moita irregular. O único som que se ouviu foi o farfalhar das folhas mortas, mas o arbusto se remexeu um tantinho mais do que o esperado, como se um homem escondido ali tivesse sido atingido em um ponto sensível. Os mais novos exclamaram, mas Jisao apenas afrouxou a espada na bainha. — Um Aiel, Hal, é capaz de se esconder até em um buraco no chão onde você não teria nem tropeçado. — Não que Gawyn soubesse sobre os Aiel muito além do que havia nos livros, mas lera cada volume que encontrara na biblioteca da Torre Branca, todos escritos pelos homens que de fato haviam enfrentado Aiel. Lera todos os livros que encontrara com relatos de soldados entendidos no assunto. Um homem precisava estar preparado para o futuro, e, ao que parecia, o futuro do mundo era a guerra. — Mas, se aprouver à Luz, não haverá luta hoje.

— Milorde! — gritou uma voz do alto da colina, quando o sentinela avistou o que ele acabara de ver: três mulheres emergindo de uma moitinha algumas centenas de passadas a oeste, vindo em direção à colina. Oeste, que surpresa. Mas os Aiel gostavam de surpresas.

Lera a respeito das mulheres Aiel que lutavam ao lado dos homens, porém aquelas não tinham a menor condição de lutar: usavam volumosas saias escuras e blusas brancas. Apesar do calor, tinham xales enrolados nos ombros. Por outro lado, como haviam chegado àquela moita sem serem notadas?

— Mantenham os olhos atentos, e não nelas — mandou, desobedecendo a própria ordem e encarando com interesse as três Sábias, emissárias dos Aiel Shaido. Ali, não poderiam ser outra coisa.

As mulheres avançavam, imponentes, nem parecendo estar se aproximando de um grupo de homens armados. Os cabelos iam até a cintura — Gawyn lera que os Aiel usavam cabelos curtos — e estavam presos por lenços dobrados. Usavam tantos braceletes e colares compridos de ouro, prata e marfim que o brilho as teria denunciado a uma milha de distância.

Empertigadas e com o semblante orgulhoso, as três passaram pelos espadachins a passos firmes, sem olhá-los, e começaram a subir a colina. A líder era uma loura cuja blusa solta revelava a pele consideravelmente bronzeada sob o decote aberto. As outras duas eram grisalhas, de rostos bronzeados. A loura deveria ter menos da metade da idade das outras.

— Não seria má ideia chamar essa aí para uma dança — comentou um dos rapazes, admirado, depois que as mulheres passaram. Era pelo menos dez anos mais jovem do que a loura.

— Eu não faria isso se fosse você, Arwin — retrucou Gawyn, em um tom seco. — Pode ser que haja um mal-entendido. — Lera que os Aiel chamavam a batalha de “dança”. — Além do mais, ela comeria o seu fígado no jantar. — Avistara de relance os olhos verde-claros da mulher, e nunca vira olhar mais duro.

Gawyn ficou olhando as Sábias até chegarem ao topo da colina, onde meia dúzia de Aes Sedai aguardava com seus Guardiões. As que os tinham: duas eram da Ajah Vermelha, portanto não tinham Guardiões. Quando as Aiel desapareceram no interior de uma das compridas tendas brancas, com os cinco Guardiões montando guarda em volta, ele retomou a ronda da colina.

A Jovem Guarda estava alerta desde que se espalhara a notícia da chegada dos Aiel, o que desagradara Gawyn. Deveriam estar alertas assim desde antes. Até a maioria dos que não exibiam o símbolo da torre

prateada haviam sido vistos lutando nos arredores de Tar Valon. Eamon Valda, o Senhor Capitão dos Mantos-brancos em comando, arrastara quase todos os seus homens para o oeste mais de um mês antes, mas o grupinho deixado para trás tentou se juntar aos bandidos e capangas que Valda reunira. Pelo menos esses a Jovem Guarda conseguira afugentar. Gawyn queria poder acreditar que também tinham afugentado Valda — a Torre decerto mantivera seus próprios soldados bem longe das escaramuças, apesar de a única razão para a presença dos Mantos-brancos tivesse sido tentar causar problemas à Torre —, mas suspeitava de que o Senhor Capitão tivesse suas próprias razões para bater em retirada. Provavelmente recebera ordens de Pedron Niall, e Gawyn daria tudo para saber quais eram. Luz, como odiava não saber. Era como tatear no escuro.

A verdade era que estava irritado. Admitia. Não somente por conta dos Aiel, mas por só ter sido informado sobre essa reunião durante a manhã daquele mesmo dia. E também não havia sido informado sobre aonde estavam indo até ser chamado para uma conversa em particular com Coiren Sedai, a irmã Cinza que liderava as Aes Sedai. Elaida sempre fora reticente e arrogante quando conselheira de sua mãe em Caemlyn, mas depois de elevada ao Trono de Amyrlin, a nova Elaida fazia a antiga parecer aberta e afetuosa. Sem dúvida o pressionara para que ele organizasse aquela escolta com o intuito de afastá-lo de Tar Valon.

A Jovem Guarda aderira ao lado de Elaida durante a luta — a antiga Amyrlin fora destituída do Cajado e da Estola pelo Salão, e a tentativa subsequente de libertá-la havia sido pura e simplesmente uma rebelião contra a lei —, mas Gawyn já tinha suas dúvidas em relação a todas as Aes Sedai muito antes de ouvir a leitura das acusações contra Siuan Sanche. De tão frequentes que eram, ele já nem prestava mais atenção nas afirmações de que elas manipulavam os tronos feito marionetes, mas foi só então que viu os cordéis sendo puxados. Viu as consequências, ao menos, e foi sua irmã Elayne quem dançou: saiu dançando para bem longe de seus olhos, dançou tanto que, até onde ele sabia, cessou até de existir. Ela e a outra. Lutara para manter Siuan presa, depois virou as costas e a deixou fugir. Se Elaida algum dia descobrisse isso, nem mesmo a coroa de sua mãe poderia salvar sua vida.

Ainda assim, Gawyn escolhera ficar porque sua mãe sempre apoiara a Torre, porque sua irmã queria ser Aes Sedai. E porque havia outra mulher que também queria aquele destino. Egwene al’Vere. Não tinha sequer o direito de pensar nela, mas abandonar a Torre seria o mesmo que a abandonar. Como eram frívolos os motivos por que um homem escolhia o próprio destino. No entanto, saber que eram frívolos não mudava nada.

Encarava o gramado ressequido, fustigado pelo vento, enquanto avançava a passos largos de uma posição a outra. Lá estava ele, esperando que os Aiel não decidissem atacar, apesar — ou por causa — da conversa que as Sábias dos Shaido estavam travando com Coiren e as outras. Suspeitava de que houvesse Aiel o suficiente para aniquilá-lo, por ali, mesmo com a ajuda das Aes Sedai. Estava a caminho de Cairhien e não sabia o que sentia a respeito. Coiren o fizera jurar que manteria a missão em segredo, e, mesmo assim, parecia temerosa de suas palavras. Era para estar. Era sempre bom examinar com muito cuidado as palavras de uma Aes Sedai — aquelas mulheres não podiam mentir, mas maleavam a verdade feito massa de pão —, porém nem assim ele encontrou significados obscuros. As seis Aes Sedai pediram ao Dragão Renascido que as acompanhasse até a Torre, junto com a Jovem Guarda como escolta de honra liderada pelo filho da Rainha de Andor. Só poderia haver uma razão, tão chocante para Coiren que a Cinza só conseguira fazer vagas alusões a ela. Gawyn também ficara chocado. Elaida pretendia anunciar ao mundo que a Torre Branca apoiava o Dragão Renascido.

Era quase inacreditável. Elaida fora uma Vermelha antes de se tornar Amyrlin. As Vermelhas odiavam a mera ideia de um homem capaz de canalizar. Na verdade, elas em geral não pensavam muito nos homens. Mesmo assim, a queda da outrora invencível Pedra de Tear, cumprindo a profecia, confirmava que Rand al’Thor era o Dragão Renascido, e até Elaida dizia que a Última Batalha estava próxima. Gawyn não conseguia associar o fazendeiro assustado e abatido que encontrara no Palácio Real em Caemlyn ao homem

dos boatos que corriam do Rio Erinin até Tar Valon. Dizia-se que ele enforcara Grão-lordes tairenos e permitira que os Aiel saqueassem a Pedra. Rand decerto trouxera os Aiel ao longo da Espinha do Mundo para assolar Cairhien pela segunda vez desde a Ruptura. Talvez fosse a loucura. Gawyn tinha gostado de Rand al'Thor e lamentava o que o homem havia se tornado.

Quando retornou ao grupo de Jisao, havia mais alguém à vista: um mascate com um chapéu molengo se aproximava pelo oeste, conduzindo uma mula de carga alta e magrela. O sujeito seguiu direto para a colina: avistara o grupo.

Jisao se remexeu, mas ficou imóvel quando Gawyn tocou seu braço. Este sabia o que o rapaz mais jovem estava pensando, mas, se os Aiel decidissem matar o tal sujeito, não haveria o que pudessem fazer. Coiren não ficaria nem um pouco contente se ele desse início a uma batalha com o povo com quem ela estava negociando.

O mascate prosseguiu, bamboeante, até o arbusto onde Gawyn atirara a pedra. A mula começou a abocanhar a grama marrom sem muito critério enquanto o homem tirava o chapéu, ensaiava uma medida dirigida a todos e começava a secar o rosto grisalho com um lençinho encardido.

— Que a Luz brilhe sobre os senhores, milordess. Os senhores estão muito bem instalados para viajantes nesses tempos escassos, mas, se houver qualquer coisinha de que precisem, o velho Mil Tesen com certeza traz em suas trouxas. E ninguém faz preço melhor em dez milhas, milordess.

Gawyn duvidava de que houvesse uma fazenda sequer em um raio de dez milhas.

— Tempos escassos, de fato, Mestre Tesen. O senhor não tem medo dos Aiel?

— Aiel, milorde? Eles estão todos lá para baixo, em Cairhien. O velho Mil fareja os Aiel, ah se não. Na verdade, queria até que tivesse uns por aqui. É bom fazer negócio com os Aiel. Eles carregam um monte de ouro. De Cairhien. E não incomodam os mascates. Todo mundo sabe disso.

Gawyn absteve-se de perguntar por que o homem não estava rumando para o sul, se os Aiel em Cairhien rendiam tão bons negócios.

— Que notícias traz do mundo, Mestre Tesen? O senhor, vindo do sul, deve saber o que ainda não chegou até nós, no norte.

— Ah, muita coisa lá para o sul, milorde. Os senhores ouviram falar de Cairhien? Daquele sujeito que se diz Dragão e tudo o mais? — Gawyn assentiu, e o mascate prosseguiu. — Bom, ele tomou Andor. Quase tudo, pelo menos. A rainha morreu. Tem gente dizendo que ele vai dominar o mundo inteiro antes de...

O sujeito soltou um ganido abafado e parou de falar antes que Gawyn pudesse perceber que o agarrara pelo colarinho.

— A Rainha Morgase morreu? Responda, homem! Depressa!

Tesen revirou os olhos em busca de ajuda, mas respondeu, e depressa:

— É o que dizem por aí, milorde. O velho Mil não sabe, mas acha que sim. Todo mundo está dizendo, milorde. Todo mundo diz que foi obra desse Dragão. Milorde? Cuidado com o pescoço do velho Mil, milorde! Milorde!

Gawyn soltou as mãos com um movimento brusco, como se tivesse tocado em brasa. Queimava por dentro. Era outro pescoço que queria agarrar.

— A Filha-herdeira. — Sua voz parecia muito distante. — Alguma notícia de Elayne, a Filha-herdeira?

Tesen deu um longo passo atrás assim que se viu livre.

— Não que eu saiba, milorde. Uns dizem que ela também morreu. Alguns dizem que foi obra dele, mas não sei direito.

Gawyn assentiu, hesitante. Seus pensamentos pareciam vir subindo do fundo de um poço. *Meu sangue deve ser derramado antes do dela, minha vida deve ser entregue antes do dela.*

— Obrigado, Mestre Tesen. Eu... — *Meu sangue deve ser derramado antes do dela...* fora o juramento que fizera quando mal tinha tamanho para olhar por cima da borda do berço de Elayne. — O senhor pode fazer

negócios com... alguns dos meus homens podem precisar... — Gareth Bryne tivera que explicar o significado daquelas palavras, mas, mesmo naquela época, Gawyn já sabia que teria de honrar o juramento, mesmo que fracassasse em tudo o mais na vida. Jisao e os outros o encaravam, preocupados. — Cuidem do mascate — disse a Jisao, um pouco rude, e deu meia volta.

Sua mãe estava morta, e Elayne também. Era só um boato, mas às vezes os boatos que corriam na boca do povo tinham um quê de verdade. Gawyn deu meia dúzia de passos até o acampamento das Aes Sedai antes de se dar conta do que fazia. Suas mãos doíam. Teve de encará-las para perceber que a câimbra que sentia era causada pela força com que apertara o punho da espada e teve de se obrigar a soltá-lo. Coiren e as outras pretendiam levar Rand al'Thor a Tar Valon, mas se a mãe dele estivesse morta... Elayne. Se as duas estivessem mortas, queria ver se o Dragão Renascido sobreviveria a uma espada cravada no coração!

* * *

Ajeitando o xale de franjas vermelhas, Katherine Alruddin levantou-se das almofadas da tenda onde estava sentada com as outras mulheres. Quase bufou quando Coiren, roliça e pomposa, entoou:

— Tal como foi acordado, assim será feito. — Que absurdo! Era uma reunião com selvagens, não um tratado entre a Torre e um governante, como as palavras sugeriam.

As Aiel não esboçavam outra reação, nenhuma expressão diferente de quando tinham chegado. Era um tanto surpreendente: reis e rainhas sempre traíam seus sentimentos mais íntimos quando encarados por duas ou três Aes Sedai, quem dirá meia dúzia, então esses selvagens deveriam estar tremendo visivelmente. Talvez fosse melhor dizer que não esboçaram *quase* nenhuma reação: a líder — que se chamava Sevanna, mas apresentava-se com o nome seguido por alguma bobagem sobre “ramos”, “Aiel Shaido” e “sábica” — declarou:

— Está acordado, contanto que eu veja a cara dele. — A mulher era sisuda e usava a blusa com o cordão desamarrado para atrair os olhares dos homens. O fato de os Aiel terem escolhido aquela mulher para liderá-la era uma medida de como eram brutos. — Quero vê-lo, e quero que ele me veja quando for derrotado. Só assim essa sua Torre será aliada dos Shaido.

O toque de ansiedade na voz da Aiel fez Katherine suprimir um sorriso. Sábica? Aquela Sevanna era uma imbecil, isso sim. A Torre Branca não tinha aliados: havia os que serviam aos seus desígnios de bom grado e os que serviam de mau grado, nada mais.

Um leve franzido nos cantos da boca de Coiren denunciava sua irritação. A Cinza era boa negociadora, mas gostava das coisas em perfeita ordem, de que cada passo fosse dado exatamente como planejado.

— O seu serviço sem dúvida merece o preço que você pede.

Uma das Aiel grisalhas — Tarva, ou algo assim — estreitou os olhos, mas Sevanna assentiu, ouvindo o que Coiren queria que ela ouvisse.

A Cinza se levantou para escoltar as Aiel até o pé da colina, acompanhada de Erian, uma Verde, de Nesune, uma Marrom, e dos cinco Guardiões que somavam no total. Katherine avançou até a orla das árvores para observar. Na chegada, as Aiel tinham recebido permissão para subir sozinhas, como as suplicantes que eram, mas na volta recebiam todas as honrarias possíveis, para que acreditassem ser realmente amigas e aliadas. Katherine se perguntou se aquelas mulheres eram civilizadas o bastante para perceber as sutilezas.

Gawyn estava lá embaixo, sentado em uma pedra, encarando o gramado. O que aquele jovem pensaria se descobrisse que ele e seus garotos só estavam ali para permanecerem afastados de Tar Valon? Nem Elaida nem o Salão gostavam de ter à volta um grupinho de lobos que se recusavam a ser encoleirados. Talvez fosse possível persuadir os Shaido a eliminar o problema. Elaida sugerira a ideia. Dessa forma, a morte do rapaz não faria sua mãe se voltar contra a Torre.

— Se olhar por mais tempo para esse garoto, Katherine, vou começar a achar que você estaria melhor como Verde.

A Vermelha deixou entrever um breve lampejo de raiva e inclinou a cabeça respeitosamente.

— Eu estava só especulando sobre os pensamentos dele, Galina Sedai.

Era a demonstração máxima de respeito adequada a um lugar público como aquele, talvez até um tantinho a mais. Galina Casban aparentava no máximo quarenta anos, mas a mulher de rosto redondo tinha pelo menos o dobro da idade real de Katherine e fora líder da Ajah Vermelha por dezoito anos. Naturalmente, o fato não era conhecimento comum entre as irmãs de outras cores — tais coisas diziam respeito apenas à Ajah. Galina sequer integrava o grupo de Votantes das Vermelhas no Salão da Torre, embora, pelas suspeitas de Katherine, as líderes da maioria das outras Ajahs integrassem. Elaída a teria nomeado líder da expedição em vez da presunçosa Coiren, mas a própria Galina apontara que uma Vermelha poderia despertar as suspeitas de Rand al'Thor. O Trono de Amyrlin deveria ser de todas as Ajahs e de nenhuma, renunciando à sua antiga lealdade, ainda assim, se Elaída prestava deferência a alguém — o que era discutível —, essa pessoa era Galina.

— Será que ele virá por vontade própria, como imagina Coiren? — indagou Katherine.

— Talvez — respondeu Galina, em um tom seco. — A honra que esta delegação dispensa a ele deveria ser suficiente para fazer um rei carregar o próprio trono até Tar Valon.

Katherine não se deu ao trabalho de assentir.

— Essa tal Sevanna vai matá-lo, se tiver a chance.

— Então ela não pode ter chance alguma. — A voz de Galina era fria, e a boca carnuda parecia rígida. — O Trono de Amyrlin não ficará satisfeito em ver seus planos interrompidos. E eu e você passaremos dias gritando no escuro, antes de morrer.

Endireitando o xale nos ombros, pensativa, Katherine estremeceu, pensativa. O ar estava empoeirado, era melhor levar o manto leve. O que as mataria não seria a raiva de Elaída, ainda que a fúria da Amyrlin pudesse ser terrível. Katherine era Aes Sedai havia dezessete anos, mas até a manhã da partida de Tar Valon não sabia que compartilhava com Galina mais do que a Ajah Vermelha. Integrava a Ajah Negra havia doze anos sem saber que Galina também fazia o mesmo, e havia muito mais tempo. Por necessidade, as irmãs Negras mantinham suas identidades em segredo, inclusive umas das outras. Os raros encontros ocorriam entre rostos encobertos e vozes disfarçadas. Antes de Galina, Katherine conhecera apenas três que seria capaz de reconhecer. As ordens eram deixadas em seu travesseiro ou nos bolsos do manto, escritas com uma tinta que desaparecia caso o papel fosse tocado por outra mão que não a sua. Havia um local secreto para entregar mensagens, com ordens expressas de não tentar ver quem vinha apanhá-las. Jamais desobedecera. Poderia haver irmãs Negras entre as que seguiriam no dia seguinte, mas ela não tinha como saber.

— Por quê? — perguntou.

As ordens de poupar o Dragão Renascido não faziam sentido, mesmo que ele fosse entregue nas mãos de Elaída.

— Perguntar é perigoso para alguém que jurou obedecer sem questionar.

Katherine estremeceu outra vez e quase não conseguiu conter uma mesura.

— Sim, Galina Sedai.

Mas não conseguia impedir a mente de repetir a pergunta. Por quê?

* * *

— Elas não demonstram respeito nem honra — resmungou Therava. — Nos deixam entrar em seu

acampamento como se fôssemos cães desdentados, depois nos levam embora sob escolta, feito suspeitas de ladroagem.

Sevanna não olhava em volta. Não olharia até estar outra vez entre as árvores, em segurança. As Aes Sedai estariam atentas a sinais de nervosismo.

— Elas concordaram, Therava — respondeu. — Por ora, isso basta.

Por ora. Um dia, todas aquelas terras seriam saqueadas pelos Shaido. Incluindo a Torre Branca.

— Isso tudo está muito mal engendrado — interveio a terceira mulher, com a voz rígida. — As Sábias evitam as Aes Sedai, sempre foi assim. Talvez não haja problemas para você, Sevanna. Como viúva de Couladin e de Suladric, você fala como chefe de clã até mandarmos outro homem a Rhuidean. Mas o restante de nós não deveria tomar parte disso.

Sevanna mal conseguia se forçar a continuar avançando. Desaine fora contra sua elevação a Sábua, bradando em alto e bom som que ela não passara por nenhum aprendizado nem fora a Rhuidean uma única vez, clamando que seu posto como chefe de clã a tornava inapta. Além do mais, como viúva de não apenas um, mas dois chefes já mortos, talvez ela trouxesse mau agouro. Felizmente, um bom número das Sábias Shaido dera ouvidos a Sevanna, não a Desaine. Porém, *infelizmente*, havia gente demais dando ouvidos a Desaine para que fosse seguro fazê-la desaparecer. As Sábias supostamente eram invioláveis — até circulavam livres entre os Shaido e os imbecis traidores, lá em Cairhien —, mas Sevanna encontraria um jeito.

Como se infectada pelas dúvidas de Desaine, Therava começou a resmungar, em parte para si mesma:

— Mal engendrado é ficar contra as Aes Sedai. Nós as servíamos antes da Ruptura e falhamos. É por isso que fomos enviados à Terra da Trindade. Se falharmos outra vez, seremos destruídos.

Era nisso que todos acreditavam: era parte das histórias antigas, quase parte dos costumes. Sevanna não tinha tanta certeza. Aquelas Aes Sedai pareciam fracas e tolas aos seus olhos, viajando sob a escolta de umas poucas centenas de homens por terras onde os verdadeiros Aiel, os Shaido, poderiam atacá-los com milhares.

— Vejo o raiar de um novo dia — retrucou, ríspida, repetindo parte de um de seus discursos às Sábias. — Não estamos mais atados à Terra da Trindade. Qualquer olho pode ver que o que foi já mudou. Temos de mudar, ou acabaremos como se nunca tivéssemos sido. — Nunca revelara quanto pretendia mudar, claro. Se conseguisse o que queria, as Sábias dos Shaido jamais enviariam um homem a Rhuidean.

— Dia novo ou antigo — resmungou Desaine —, o que é que vamos fazer com Rand al'Thor se conseguirmos tomá-lo das Aes Sedai? É melhor, e mais fácil, cravar uma faca em suas costelas durante a escolta delas para o norte.

Sevanna não respondeu. Ela não sabia o que responder. Não ainda. Só tinha a certeza de que, quando o chamado *Car'a'carn*, o chefe dos chefes de todos os Aiel, estivesse acorrentado diante de sua tenda feito um cão raivoso, aquela terra de fato pertenceria aos Shaido. E a ela. Tinha essa certeza antes mesmo de aquele estranho dar um jeito de encontrá-la nas montanhas que os aguacentos chamavam de Adaga do Fratricida. O sujeito lhe entregara um pequeno cubo feito de alguma pedra dura, com entalhes intrincados formando desenhos estranhos, e lhe dissera o que fazer com aquilo quando al'Thor caísse em suas mãos. Precisaria da ajuda de uma Sábua capaz de canalizar. Carregava o objeto no bolso do cinto o tempo todo, mas ainda não decidira o que fazer com aquilo. Apesar disso, ainda não contara a ninguém sobre o aguacento ou o cubo. Seguiu em frente de cabeça erguida, avançando sob do sol escaldante em um céu de outono.

* * *

O jardim do palácio poderia ter um resquício de frescor se houvesse qualquer árvore, mas a única sombra vinha das topiarias exóticas, em formatos de cavalos cavalgando, ursos acrobatas e coisas do tipo. Jardineiros

em camisas de manga corriam apressados com baldes de água debaixo do sol escaldante da tarde, tentando salvar suas criações. Tinham desistido das flores, limpando todos os canteiros e padronizando-os com gramados também decadentes.

— Uma pena que o calor esteja tão forte — comentou Ailron. Ele puxou um lenço de renda da manga rendada do casaco de seda amarela e deu tapinhas delicados no rosto, depois jogou o lenço de lado. Um serviçal de uniforme vermelho e dourado logo apanhou o lenço do chão de cascalhos e desapareceu de volta no cenário. Outro homem uniformizado depositou um lenço limpo na mão do Rei, para que este o enfiasse na manga. Ailron não agradeceu, claro, sequer pareceu notar. — Esses camaradas em geral conseguem preservar tudo vivo até a primavera, mas talvez eu tenha algumas perdas neste inverno, já que está parecendo que não teremos inverno nenhum. As plantas toleram melhor o frio do que a estiagem. Você não acha que estão ótimas, minha querida?

Ailron, Ungido pela Luz, Rei e Defensor de Amadícia, Guardião do Portão Sul, não era tão bonito quanto diziam os rumores, porém logo que o conhecera, anos antes, Morgase suspeitara de que ele próprio talvez fosse a fonte de tais rumores. A cabeleira escura era farta e ondulada — e, mesmo assim, as entradas na testa já eram perceptíveis. O nariz era um pouco comprido demais, as orelhas um tantinho grandes. Todo o rosto sugeria uma vaga brandura. Um dia ela teria de perguntar: esse Portão Sul dava para onde?

Abanando o leque de marfim entalhado, ela examinou uma das... composições dos jardineiros. Pareciam três mulheres nuas imensas em uma luta desesperada contra serpentes gigantes.

— São mesmo extraordinárias — respondeu. Uma pedinte dizia o que era necessário.

— Sim. Sim, não são? Ah, parece que os assuntos de Estado me chamam. Assuntos urgentes, eu receio. — Uma dúzia de homens, de casacos tão coloridos quanto as flores que já não cresciam naquele jardim, tinham despontado na escadinha de mármore no extremo oposto da calçada e aguardavam diante de uma dezena de colunas caneluradas que não serviam para sustentar coisa alguma. — Até a noite, minha querida. Conversaremos mais sobre os seus terríveis problemas e o que posso fazer a respeito.

Ele curvou-se diante da mão dela, parando a um passo de beijá-la, e Morgase respondeu com uma medida suave, murmurando as frivolidades costumeiras. O homem foi embora depressa, seguido por todos, exceto um, do grupinho de serviçais que o acompanhava por toda parte.

Quando se viu sozinha, Morgase abanou o leque com mais força do que podia na presença daquele homem — Ailron fingia não ser afetado pelo calor, mesmo com o rosto empapado de suor — e seguiu de volta para seus aposentos. Seus por resignação mais que concordância, assim como o vestido azul-claro que tivera que aceitar como presente. Insistira na gola alta, apesar do calor: tinha uma opinião muito firme a respeito de decotes baixos.

O serviçal que ficara seguia atrás dela, a curta distância. E Tallanvor, claro, seguindo-a feito uma sombra, ainda insistindo em usar o grosseiro casaco verde que vestira na viagem até lá, de espada na cintura como se esperasse que ela fosse ser atacada no Palácio de Seranda, a menos de duas milhas de Amador. Morgase tentava ignorar o rapaz alto, mas, como de costume, ele se recusava a ser ignorado.

— Deveríamos ter ido para Ghealdan, Morgase. Para Jehannah.

Adiara certas coisas por tempo demais. Suas saias farfalharam quando ela deu meia-volta para confrontá-lo, e seus olhos se inflamaram.

— Na jornada, certas descrições se faziam necessárias, mas as pessoas à nossa volta sabem quem eu sou. Lembre-se disso você também e demonstre o devido respeito pela sua Rainha. De joelhos!

Para seu espanto, ele não se moveu.

— Você é a minha Rainha, Morgase? — Pelo menos Tallanvor teve a decência de baixar a voz para que o serviçal não ouvisse e espalhasse a fofoca, mas seus olhos... Morgase por pouco não recuou ao ver o desejo nítido contido neles. E a raiva. — Não vou deixá-la à própria sorte, Morgase, mas você deixou muita coisa

para trás ao largar Andor nas mãos de Gaebril. Quando resolver isso, vou me ajoelhar aos seus pés, e pode até mandarem cortar minha cabeça, se for sua vontade, mas até lá... Deveríamos ter ido para Ghealdan.

Aquele jovem tolo se mostrava disposto a morrer lutando contra o usurpador mesmo depois de Morgase perceber que nenhuma Casa em Andor a apoiaria, e dia após dia, semana após semana desde que ela concluía que sua única escolha era procurar ajuda no exterior, ele vinha ficando cada vez mais insolente e insubordinado. Poderia pedir a cabeça de Tallanvor a Ailron e recebê-la sem qualquer questionamento. No entanto, a ausência de questionamentos não significava ausência de pensamentos. Ela realmente era apenas uma suplicante ali e não podia se dar ao luxo de pedir um favor que não fosse absolutamente necessário. Além do mais, não estaria ali sem Tallanvor. Seria prisioneira — pior que prisioneira — de Lorde Gaebril. Eram os únicos motivos pelos quais a cabeça de Tallanvor continuaria em seu pescoço.

Seu exército guardava as portas ornamentadas de seus aposentos. Basel Gill era um homem de bochechas rosadas, vaidoso, que usava os cabelos grisalhos penteados para trás para disfarçar a careca parcial. Seu colete de couro, cerzido com discos de aço, apertava com dificuldade a barriga, e ele levava uma espada que permanecera intocada por vinte anos até prendê-la no cinto para seguir sua rainha. Lamgwin era durão e corpulento, mas seus olhos de pálpebras pesadas lhe conferiam um aspecto sonolento. Ele também portava uma espada, mas as cicatrizes em seu rosto e no nariz, quebrado mais de uma vez, eram sinal de que estava mais acostumado a usar os punhos, ou um porrete. Um estalajadeiro e um brigão de rua. Fora Tallanvor, esse era o único exército de que dispunha até então para resgatar Andor e seu trono das mãos de Gaebril.

Os homens se curvaram em mesuras desajeitadas, mas ela passou direto por entre os dois e bateu a porta na cara de Tallanvor.

— O mundo — declarou, em um rosnado — seria muito melhor sem os homens.

— E mais vazio, sem dúvida — completou a antiga ama de Morgase, na antessala, sentada em sua cadeira ao lado de uma janela coberta com cortinas de veludo. O coque grisalho de Lini se balançava de um lado a outro enquanto ela mantinha a cabeça inclinada por sobre o aro de bordado. Uma mulher muito magra, mas nem de longe tão frágil quanto aparentava. — Imagino que Ailron esteja igualmente pouco acessível hoje? Ou foi Tallanvor, minha criança? Você precisa aprender a não deixar os homens estragarem o seu humor. Essa irritação deixa seu rosto todo manchado.

Lini ainda não admitia que não era mais ama, apesar de já ter sido ama da filha de Morgase.

— Ailron foi fantástico — respondeu Morgase, com prudência. A terceira mulher no recinto fungou alto. Estivera ajoelhada, apanhando roupas de cama dobradas de dentro de um baú, e Morgase teve que fazer um esforço para não olhar feito para ela. Breane era... companheira de Lamgwin. A baixinha bronzeada de sol estava sempre atrás dele, mas era cairhiena e deixava bem claro que Morgase não era sua rainha. — Mais um ou dois dias — prosseguiu —, e acho que consigo que ele se comprometa. Hoje ele finalmente admitiu que preciso de soldados de fora para recuperar Caemlyn. Quando Gaebril for expulso de lá, os nobres virão outra vez a mim.

Esperava que sim: estava em Amadícia por ter se deixado cegar por Gaebril, por ter destratado até seus amigos mais antigos entre as Casas só para seguir ordens dele.

— “Um cavalo lento nem sempre chega ao fim da viagem” — citou Lini, ainda concentrada no bordado. Gostava muito de ditados antigos, e Morgase suspeitava de que ela inventasse alguns conforme a demanda.

— Este vai — insistiu. Tallanvor estava errado em relação a Ghealdan: segundo Ailron, a nação estava à beira da anarquia por conta do Profeta a respeito de quem todos os serviçais andavam cochichando, o sujeito que pregava o Renascimento do Dragão. — Gostaria de um pouco de ponche, Breane. — A mulher só a encarou, e ela acrescentou: — Por gentileza.

Ainda assim, o copo foi servido com uma cara emburrada.

A mistura de vinho e sucos de frutas estava gelada e refrescante naquele calor, e Morgase apreciou o

toque do cálice de prata contra a própria testa. Ailron mandara trazer neve e gelo das Montanhas da Névoa, embora fosse necessário um fluxo quase incessante de carroções a fim de prover o suficiente para o palácio.

Lini também apanhou um cálice.

— Quanto a Tallanvor — começou, depois de um golinho.

— Deixe quieto, Lini! — vociferou Morgase.

— E daí que ele é mais novo? — começou Breane. Também servira ponche para si. Tamanha afronta! A função dela era de serviçal, fosse lá o que tivesse sido em Cairhien. — Se quer o homem, agarre-o de uma vez. Lamgwin diz que o sujeito está jurado a você, e já vi o jeito como ele a olha. — Ela soltou uma risada rouca. — Duvido que recuse. — Os cairhienos eram nojentos, mas pelo menos a maioria encobria os costumes libertinos apropriadamente.

Morgase estava prestes a expulsar a mulher do quarto quando ouviu uma batida na porta. Sem aguardar permissão, um homem de cabelos brancos, todo magro e musculoso, adentrou o recinto. Seu manto branco como a neve trazia o brasão de um sol dourado e flamejante no peitoral. Torcera para conseguir evitar os Mantos-brancos até selar um acordo sólido com Ailron. O vinho fresco de súbito congelou seus ossos. Onde estavam Tallanvor e os outros? Como tinham permitido que o homem adentrasse seus aposentos daquele jeito?

Com os olhos escuros cravados nela, o sujeito dispensou uma medida ínfima. Tinha o rosto envelhecido e a pele repuxada, mas era fraco como um martelo sem dono.

— Morgase de Andor? — perguntou, com a voz firme e profunda. — Sou Pedron Niall. — Não era um Manto-branco qualquer, mas o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz em pessoa. — Não tema. Não vim para prender a senhora.

Morgase se apurou.

— Me prender? Sob que acusação? Eu não sei canalizar.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela quase estalou a língua, de tão exasperada. Não deveria ter mencionado a canalização. O fato de ter se colocado na defensiva era prova de como estava nervosa. O que dissera era verdade, pelo menos em grande medida. Cinquenta tentativas de sentir a Fonte Verdadeira resultaram em apenas um sucesso, e precisara de mais vinte tentativas de se abrir a *saidar* até conseguir um único fiozinho. Uma irmã Marrom chamada Verin lhe dissera que havia pouquíssima necessidade de ela permanecer na Torre até aprender a manejar a habilidade ínfima com segurança. Mesmo assim, naturalmente, a Torre a fez ficar. Mas até aquela capacidade de canalizar diminuta era proibida em Amadícia, sujeita a pena de morte. O anel da Grande Serpente em sua mão, joia que tanto fascinara Ailron, agora reluzia de tão quente.

— Mas foi treinada na Torre — murmurou Niall. — Isso também é proibido. Porém, como eu disse, não vim para prendê-la, mas para ajudá-la. Dispense suas mulheres para podermos conversar. — Ele ficou à vontade, ocupando uma poltrona alta acolchoada e dobrando o manto no encosto. — Mas, antes que elas saiam, vou querer um pouco desse ponche. — Para desgosto de Morgase, Breane imediatamente levou um cálice ao homem, mantendo os olhos baixos e o rosto inexpressivo feito uma tábua.

Ela se esforçou para recobrar o controle.

— Elas ficam, Mestre Niall. — Não daria ao homem a satisfação de chamá-lo pelo título. A desfeita não parecia intimidá-lo. — O que aconteceu com os meus homens ali fora? Não vou deixar passar se estiverem feridos. E o que o faz pensar que eu preciso da sua ajuda?

— Seus homens não estão feridos — respondeu Niall, desdenhoso, ainda bebendo. — Acha que Ailron vai dar o que a senhora precisa? A senhora é uma bela mulher, Morgase, e Ailron aprecia as damas de cabelos da cor do sol. A cada dia, vai se aproximar mais desse acordo que a senhora busca, mas sem nunca fechá-lo, até a senhora concluir que, talvez, com... algum sacrifício, ele acabe cedendo. Mas isso não vai acontecer, não

importa o que dê a ele. A turba desse suposto Profeta está devastando o norte de Amadícia. A oeste está Tarabon, com uma guerra civil de muitos lados, mercenários jurados ao tal Dragão Renascido e rumores de Aes Sedai e do próprio falso Dragão apavorando Ailon. Fornecer soldados à senhora? Se ele conseguisse dez homens para cada um que tem de prontidão agora, ou até para cada dois, venderia a própria alma. Mas eu posso enviar cinco mil Filhos montados a Caemlyn, com a senhora no comando. Basta pedir.

Dizer que Morgase estava atônita teria sido pouco. Ela foi até uma cadeira oposta ao sujeito, mantendo a imponência apropriada, e sentou-se antes que as pernas cedessem.

— Por que o senhor iria querer me ajudar a expulsar Gaebriel? — inquiriu. O sujeito obviamente sabia de tudo, sem dúvida possuía espiões entre os serviçais de Ailon. — Nunca dei aos Mantos-brancos a liberdade que desejavam em Andor.

Dessa vez, Niall fez uma careta. Os Mantos-brancos não gostavam dessa alcunha.

— Gaebriel? Seu amante está morto, Morgase. O falso Dragão Rand al'Thor somou Caemlyn às suas conquistas.

Lini emitiu um gemido fraco, como se tivesse se furado, mas o homem manteve os olhos em Morgase.

A rainha, por sua vez, precisou agarrar o braço da cadeira para não apertar a mão no estômago. Se a outra mão não tivesse apoiado o cálice no braço da cadeira, ela teria derrubado ponche no carpete. Gaebriel, morto? O sujeito tirara vantagem dela, fizera dela sua amante, usurpara sua autoridade, oprimira a nação em seu nome e, por fim, nomeara a si mesmo Rei de Andor, que nunca tivera um rei. Como, depois de tudo isso, ela poderia lamentar por jamais poder sentir suas mãos outra vez? Era loucura. Se não soubesse que era impossível, pensaria que ele tinha dado um jeito de usar o Poder Único nela.

Mas al'Thor estava de posse de Caemlyn? Isso podia mudar tudo. Ela o encontrara uma vez, um jovem camponês assustado, vindo do oeste, tentando de tudo para dispensar o respeito adequado à sua rainha. Mas era um jovem portando a espada de um mestre, com a marca da garça. E Elaida o tratara com cautela.

— Por que o chama de falso Dragão, Niall? — Se o sujeito pretendia chamá-la pelo nome, poderia passar até mesmo sem a alcunha de “mestre” destinada aos camponeses. — A Pedra de Tear caiu, como afirmavam as Profecias do Dragão. Os próprios Grão-senhores de Tear o proclamaram Dragão Renascido.

Niall estampava um sorriso debochado.

— Em todos os lugares onde ele apareceu havia Aes Sedai. Elas canalizam para ele, pode apostar. O garoto é só uma marionete da Torre. Tenho amigos em muitos lugares — eram espiões, a bem da verdade —, e eles me informaram que há provas de que a Torre fez a mesma armação com Logain, o último falso Dragão. Talvez ele tenha ficado muito cheio de si, e as Aes Sedai tenham precisado dar um fim nele.

— Não há prova disso. — Morgase ficou satisfeita com a firmeza da própria voz. Ouvira os rumores sobre Logain a caminho de Amador. Mas eram só rumores.

O homem deu de ombros.

— Acredite no que quiser, mas eu prefiro a verdade a fantasias bobas. Será que o verdadeiro Dragão Renascido faria o que ele fez? Os Grão-senhores o proclamaram, não foi o que a senhora disse? Quantos ele enforcou antes de os outros se curvarem? Ele deixou os Aiel saquearem a Pedra e toda a Cairhien. Afirma que Cairhien deve ter um novo governante, nomeado por ele, mas o único poder de verdade por lá é ele mesmo. E, além do mais, diz que haverá um novo governante em Caemlyn. A senhora está morta, sabia disso? Acho que estão falando em Lady Dyelin. Ele se sentou no Trono do Leão e realizou audiências, mas imagino que o assento seja muito pequeno, por ser destinado a mulheres. Ele o ergueu como troféu de sua conquista no Grande Salão do seu Palácio Real e o substituiu por um trono próprio. Mas nem tudo foram flores para ele, claro. Algumas Casas andorianas acham que ele matou a senhora. Agora que a senhora está morta, começou a despertar compaixão. Só que ele controla tudo em Andor com punhos de ferro, com uma horda de Aiel e um exército de rufiões das Terras da Fronteira recrutados pela própria Torre. Mas, se a senhora está pensando

que ele vai recebê-la de volta em Caemlyn e lhe devolver o trono...

Niall foi baixando a voz, mas a torrente de palavras atingira Morgase feito pedras. Dyelin só seria a próxima na sucessão se Elayne morresse sem ter filhos. Ah, Luz, Elayne! Será que ela ainda estava segura na Torre? Era estranho pensar na antipatia que nutrira pelas Aes Sedai — em grande parte por terem perdido Elayne durante um tempo — e que ela exigira o retorno da filha, sendo que ninguém *exigia* nada da Torre, porém agora esperava que estivessem mantendo sua filha na rédea curta. Lembrou-se de uma carta enviada por Elayne depois de retornar a Tar Valon. Teria havido outras? Muitos acontecimentos do período em que Gaebril a mantivera cativa eram vagos. Sem dúvida Elayne estava segura. Ela também deveria estar preocupada com Gawyn e Galad — sabia lá a Luz onde os dois estavam —, mas Elayne era sua herdeira. A paz em Andor dependia de uma sucessão tranquila.

Precisava pensar bem no assunto. Tudo fazia sentido, mas as mentiras bem engendradas sempre faziam sentido, e aquele homem era um mestre nessa arte. Precisava de fatos. Não era surpresa que Andor acreditasse em sua morte: tivera de sair do próprio reino às escondidas, para evitar Gaebril e os que poderiam entregá-la a ele ou fazê-la pagar pelas injustiças que ele cometera. Se disso restasse alguma compaixão, poderia aproveitá-la quando se reerguesse dos mortos. Fatos.

— Precisarei de tempo para pensar — declarou.

— Mas é claro. — Niall levantou-se devagar. A própria Morgase teria se levantado, para que ele não ficasse mais alto, mas não sabia se as pernas aguentariam. — Volto daqui a um ou dois dias. Enquanto isso, quero garantir sua segurança. Ailron está tão ocupado com os próprios problemas que não há como afirmar quem poderia entrar sorrateiro, talvez com más intenções. Tomei a liberdade de postar alguns dos Filhos de vigia aqui. Com o consentimento de Ailron.

Morgase sempre ouvira dizer que os Mantos-brancos eram o verdadeiro poder em Amadícia e tinha certeza de que acabara de comprovar isso.

Niall foi um tantinho mais formal na partida do que na chegada, fazendo uma medida que serviria a um de seus iguais. De um jeito ou de outro, deixava entrever que ela não tinha escolha.

Morgase se levantou assim que o sujeito foi embora, mas Breane disparou em direção às portas ainda mais depressa. Porém, antes que as duas conseguissem dar três passos, uma das portas se abriu, e Tallanvor e os outros dois irromperam no aposento.

— Morgase — chamou ele, em um arquejo, tentando sorvê-la com os olhos. — Achei que...

— Achou? — indagou a rainha, com desdém. Era demais! Ele não aprendia. — É assim que você me protege? Um garoto faria melhor! Pensando bem, isso foi mesmo obra de um garoto.

Tallanvor sustentou aquele olhar abrasador por mais um instante, então deu meia-volta e saiu, abrindo caminho por Basel e Lamgwin.

O estalajadeiro permaneceu parado, apertando as mãos nervosamente.

— Eram pelo menos trinta, minha Rainha. Tallanvor teria lutado... Ele tentou gritar, avisar a senhora, mas deram nele com o cabo de uma espada. O mais velho disse que não pretendiam machucar a senhora, mas que queriam tratar unicamente com a senhora, e se fosse necessário nos matar... — Olhou para Lini, depois Breane, que estudava Lamgwin de cima a baixo em busca de ferimentos. O sujeito também parecia bastante preocupado com a esposa. — Minha Rainha, se eu imaginasse que seríamos de alguma serventia... eu sinto muito. Decepcionei a senhora.

— “O remédio que cura é sempre amargo” — murmurou Lini. — Ainda mais para uma criança com ataques de birra.

Pelo menos desta vez a mulher não usara um tom que todo o cômodo fosse capaz de ouvir. E estava certa. Morgase sabia bem disso. Menos em relação ao ataque, claro. Basel, de tão arrasado, já parecia a ponto de aceitar de bom grado a decapitação.

— O senhor não me decepcionou, Mestre Gill. Pode ser que um dia eu venha a pedir que o senhor morra por mim, mas só quando sua morte resultar em um bem maior. Niall só queria conversar. — Basel se apurou no mesmo instante, mas Morgase sentiu o peso do olhar de Lini sobre si. Muito amargo. — O senhor peça a Tallanvor que venha aqui. Eu... quero me desculpar pelas palavras impetuosas.

— A melhor maneira de se desculpar com um homem — interveio Breane — é levá-lo para um canto isolado do jardim.

Morgase teve um estalo. Antes de se dar conta do que fazia, já tinha arremessado o cálice na mulher, espalhando ponche pelo carpete.

— Saia daqui! — ganiu. — Todos vocês, saiam! O senhor pode levar o meu pedido de desculpas a Tallanvor, Mestre Gill.

Breane limpou o ponche do vestido com toda a calma, depois andou devagar até Lamgwin e deu o braço a ele. Basel saiu quase tropeçando ao tentar conduzi-los para fora.

Para surpresa de Morgase, Lini também saiu. Não era de seu feitio, o mais provável era que a antiga ama ficasse e lhe passasse o velho sermão, como se Morgase ainda tivesse dez anos. Não sabia por que aguentava aquilo. No entanto, quase pediu que a mulher ficasse. Mas logo todos saíram, a porta foi fechada... e ela tinha questões mais importantes com que se preocupar do que os sentimentos feridos de Lini.

Andou em círculos pelo carpete, tentando pensar. Ailron exigiria concessões nos negócios — e talvez o “sacrifício” de Niall — pela ajuda. Estava disposta a fazer as concessões, mas temia que Niall estivesse certo em relação à quantidade de soldados que o outro dispensaria. De certa forma, seria mais fácil ceder às demandas do Senhor Capitão Comandante. O homem decerto pediria livre acesso a Andor a todos os Mantos-brancos. E autonomia para eliminar os Amigos das Trevas que encontrassem em cada desvão, para incitar motins contra mulheres desamparadas acusadas de serem Aes Sedai, para matar as verdadeiras Aes Sedai. Niall poderia até exigir uma lei contra a canalização, contra a ida de mulheres à Torre Branca.

Seria possível — ainda que difícil e sangrento — expulsar os Mantos-brancos quando eles já tivessem estabelecidos, mas havia mesmo a necessidade de abrir as portas para eles, para começo de conversa? Rand al'Thor era o Dragão Renascido, tinha certeza disso, independentemente do que Niall dissesse. Tinha quase certeza. Porém, pelo que sabia, governar nações não era parte das Profecias do Dragão. Dragão Renascido ou falso Dragão, ele não poderia ter posse de Andor. Mas como ela poderia saber?

Um tímido roçar na porta a trouxe de volta a si.

— Entre — declarou, com rispidez.

A porta se abriu lentamente, e entrou um jovem de sorriso largo, vestido em um uniforme vermelho e dourado e trazendo uma bandeja com uma jarra de prata cheia de ponche gelado, já com gotículas formadas pela umidade. Estava esperando Tallanvor. Lamgwin montava guarda sozinho no corredor, pelo que ela podia ver. Ou pelo menos descansava, recostado na parede feito um segurança de taverna. Ela gesticulou, indicando ao jovem onde deixar a bandeja.

Irritada — Tallanvor deveria ter vindo, ah se deveria! —, voltou a andar em círculos. Basel e Lamgwin podiam partir para a aldeia mais próxima em busca de boatos, mas seriam apenas boatos, e talvez plantados por Niall. O mesmo valia para os serviços do palácio.

— Minha Rainha. Posso falar, minha Rainha?

Morgase se virou, estupefata. O sotaque era de Andor. O jovem estava ajoelhado, o sorriso largo oscilando entre a dúvida e a arrogância. Talvez tivesse sido belo, mas o nariz quebrado fora mal corrigido. Em Lamgwin o traço parecia rústico, ainda que grosseiro, já naquele camarada... parecia que o sujeito tinha tropeçado e caído de cara no chão.

— Quem é você? — inquiriu. — Como entrou aqui?

— Sou Paitr Conel, minha Rainha. Venho de Mercado de Sheran. Em Andor — acrescentou, como se ela

pudesse não se dar conta disso.

Impaciente, Morgase fez um gesto para que o rapaz prosseguisse.

— Vim para Amador com meu tio, Jen — explicou o recém-chegado. Ele é mercador em Quatro Reis, e veio atrás de tinturas tarabonianas. Elas estão caras, com todos esses problemas em Tarabon, mas ele achou que pudesse encontrar um preço melhor... — Morgase estreitou os lábios, e o sujeito logo continuou: — Ouvimos falar da senhora, minha Rainha, que a senhora estava aqui no palácio. E tem essa lei aqui de Amadícia, e com a senhora tendo sido treinada na Torre Branca e tudo o mais... Pensamos que poderíamos ajudar... — O rapaz engoliu em seco e concluiu, com uma vozinha fraca: — Ajudar a senhora a fugir.

— E vocês estão preparados para me ajudar... a fugir?

Não era o melhor plano, mas ela poderia cavalgar rumo ao norte até Ghealdan. Tallanvor ficaria exultante. Não, não ficaria, e isso seria pior.

Paitr, porém, balançou a cabeça cheio de pesar.

— Tio Jen tinha um plano, mas agora há Mantos-brancos em todo o palácio. Eu não sabia o que fazer além de vir falar com a senhora, que foi o que ele mandou. Tio Jen vai pensar em outra coisa, minha Rainha. Ele é esperto.

— Eu tenho certeza disso — murmurou Morgase. Então a ideia de ir a Ghealdan voltou a esmaecer. — Há quanto tempo você saiu de Andor? Um mês? Dois? — O rapaz aquiesceu. — Então não sabe o que está acontecendo em Caemlyn. — Ela deu um suspiro.

O jovem lambeu os lábios.

— Eu... estamos hospedados em Amador, com um homem que tem pombos. Um mercador. Ele recebe mensagens de todos os cantos. De Caemlyn também. Mas só ouço más notícias, minha Rainha. Pode levar um dia ou dois, mas o tio vai achar outra saída. Só queria que a senhora soubesse que tem ajuda por perto.

Bem, as coisas seriam desse jeito, afinal. Uma disputa entre Pedron Niall e esse tal de Jen, tio de Paitr. Desejou não ter tanta certeza quanto em quem apostar.

— Enquanto isso, pode me contar quanto as coisas estão ruins em Caemlyn.

— Minha Rainha, eu fui mandado aqui apenas para informar a senhora a respeito da ajuda. Meu tio vai ficar brabo se eu ficar...

— Eu *sou* a sua Rainha, Paitr — retrucou Morgase, com firmeza —, e também do seu tio Jen. Ele não vai se incomodar se você responder às minhas perguntas. — Paitr parecia prestes a sair em disparada, mas ela se acomodou em uma cadeira e se preparou para esgravatar a verdade.

* * *

Pedron Niall sentia-se bastante satisfeito ao descer de sua montaria no pátio principal da Fortaleza da Luz e jogar as rédeas para um cavaliço. Morgase estava sob controle, e ele não precisara mentir nenhuma vez. Não gostava de mentir. Criara sua própria interpretação dos acontecimentos, mas tinha certeza de tudo. Rand al'Thor era um falso Dragão, um instrumento da Torre. O mundo estava cheio de idiotas incapazes de pensar. A Última Batalha não seria um duelo titânico entre o Tenebroso e um Dragão Renascido, um homem comum. O Criador abandonara a humanidade à própria sorte havia muito tempo. Não... quando Tarmon Gai'don chegasse, seria como nas Guerras dos Trollocs, mais de dois mil anos antes, quando hordas de Trollocs e outras Crias da Sombra emergiram da Grande Praga, arruinaram as Terras da Fronteira e quase afogaram toda a humanidade em um mar de sangue. Não pretendia deixar a humanidade enfrentar isso cindida e despreparada.

Uma onda de medidas de Filhos vestidos em mantos brancos o acompanhou pelos corredores de paredes

de pedra da Fortaleza ao longo de todo o trajeto até sua sala de audiências particular. Na antessala, Balwer, o secretário de rosto rígido, pôs-se de pé de um salto e começou a enumerar os papéis que aguardavam a assinatura do Senhor Capitão, mas Niall focou a atenção no homem alto que se levantava, sossegado, de uma das cadeiras encostadas na parede — tinha um cajado carmesim de pastor por trás do sol dourado no manto e três nós dourados de graduação abaixo do bordado.

Jaichim Carridin, Inquisidor da Mão da Luz, tinha o aspecto severo de sempre, porém com mais cabelos grisalhos nas têmporas do que da última vez que Niall o vira. Os olhos escuros e fundos guardavam um toque de preocupação, e não era de se admirar. As duas últimas missões que lhe foram outorgadas terminaram em desastres, o que era nada auspicioso para um homem com aspirações de tornar-se Grão-inquisidor, talvez até Senhor Capitão Comandante.

Niall largou o manto com Balwer e fez um gesto para que Carridin o acompanhasse até a sala de audiências propriamente dita, onde as paredes de madeira escura exibiam estandartes de batalha capturados de antigos inimigos como troféus, e o chão era adornado por um sol imenso feito com uma quantidade de ouro capaz de embasbacar a maioria dos homens. No mais, era um aposento simples e estoico, reflexo do próprio Niall. O Senhor Capitão Comandante sentou-se em uma cadeira de espaldar alto bem trabalhada, mas sem ornamentos. As duas compridas lareiras idênticas, uma em cada extremo do aposento, jaziam frias e limpas naquela época do ano em que deveriam abrigar fogueiras. Prova suficiente de que a Última Batalha estava próxima. Carridin dispensou uma medida profunda e ajoelhou-se sobre o raio de sol, já gasto por tantos séculos de receber pés e joelhos.

— Você se perguntou por que mandei buscá-lo, Carridin?

Depois dos acontecimentos na Planície de Almoth e Falme, depois de Tanchico, não haveria como recriminar o homem se ele estivesse pensando que seria preso. Porém, se suspeitava da possibilidade, não deixava entrever na voz. Como de costume, não se absteve de mostrar que sabia mais do que qualquer um. Decerto mais do que deveria.

— As Aes Sedai em Altara, meu Senhor Capitão Comandante. A chance de eliminar metade das bruxas de Tar Valon, bem aqui em nossa porta.

Um exagero. Havia um terço delas em Salidar, se tanto, porém não mais do que isso.

— E por acaso se perguntou em voz alta, com seus amigos?

Niall duvidava de que Carridin tivesse algum amigo, mas havia uns sujeitos com quem ele bebia. Com quem se embebedava, nos últimos tempos. O homem era dotado de algumas habilidades, no entanto. Habilidades úteis.

— Não, meu Senhor Capitão Comandante. Eu não cairia em tamanha esparrela.

— Bom — respondeu Niall. — Porque você não vai chegar nem perto dessa Salidar, e nem qualquer outro Filho.

Não soube dizer se foi um lampejo de alívio que o rosto de Carridin estampou por uns instantes. Se foi, era um comportamento destoante: o homem jamais demonstrara falta de coragem. E alívio, sem dúvida, não era a reação mais adequada.

— Mas elas estão ali pedindo para ser atacadas. Essa é a prova de que os boatos são verdadeiros, de que a Torre está dividida. Conseguiremos destruir esse bando sem que as outras ergam a mão. A Torre vai se enfraquecer a ponto de sucumbir.

— Acha mesmo? — perguntou Niall, secamente. Entrelaçou os dedos diante do corpo e manteve o tom de voz suave. Os Questionadores... a Mão desprezava essa alcunha, mas até ele a empregava. Os Questionadores nunca viam o que não estivesse bem diante do próprio nariz. — Nem a Torre pode apoiar abertamente esse falso Dragão al'Thor. E se ele se rebelar, como Logain? Agora... um grupo de insurgentes? Elas sim podem apoiá-lo, e haja o que houver a Torre Branca não sujará as saias. — Tinha certeza de que era

isso que estava acontecendo. Caso não fosse, havia meios de usar qualquer desunião real para enfraquecer mais a Torre. Ainda assim, acreditava estar certo. — Em todo caso, o que o mundo vê é o que importa. Não deixarei que vejam apenas uma luta entre os Filhos e a Torre. — Precisava que o mundo enxergasse a verdadeira face da Torre: um antro de Amigos das Trevas se metendo com forças que deveriam se manter intocadas pela humanidade, as responsáveis pela Ruptura do Mundo. — Esta é uma luta do mundo contra o falso Dragão al’Thor.

— Então, se não vou para Altara, meu Senhor Capitão Comandante, que ordens tem para mim?

Niall jogou a cabeça para trás com um suspiro. Sentia um cansaço súbito. Sentia todo o peso de sua idade, e ainda mais.

— Ah, Carridin, você vai para Altara.

Niall conhecia o nome e o rosto de Rand al’Thor desde pouco depois da suposta invasão marítima de Falme, uma conspiração das Aes Sedai que custara mil homens aos Filhos e espalhou o caos e os Devotos do Dragão por Tarabon e Arad Doman. Na época, ficara sabendo quem era al’Thor e acreditara poder usá-lo para forçar a união das nações. Depois de unidas, com o Falso Dragão sob sua liderança, teria sido possível eliminar al’Thor e preparar-se para as hordas de Trollocs. Enviara emissários a cada governante de cada terra para alertá-los do perigo. Mas al’Thor conseguia ser ainda mais ligeiro do que ele imaginara, ainda era difícil acreditar. A ideia era deixar o leão raivoso rugindo pelas ruas por tempo o bastante para assustar todos, mas o leão se agigantara e ficara mais veloz do que um raio.

No entanto, nem tudo estava perdido, precisava sempre se lembrar disso. Mais de mil anos antes, Guaire Amalasan se declarara Dragão Renascido, um falso Dragão capaz de canalizar. Amalasan conquistara mais terras do que al’Thor possuía no momento, até que um jovem rei de nome Artur Paendrag Tanreall enfrentou-o em uma batalha e deu início à escalada de seu próprio império. Niall não se considerava um novo Artur Asa-de-gavião, mas era o que o mundo dispunha. E, enquanto estivesse vivo, não desistiria.

Já iniciara o contra-ataque à crescente força de al’Thor. Além dos emissários aos governantes, enviara homens a Tarabon e Arad Doman. Poucos, mas com a missão de encontrar as pessoas certas e sussurrar em seus ouvidos que todos os seus problemas eram culpa dos Devotos do Dragão, os tolos e Amigos das Trevas que haviam declarado apoio a al’Thor. E da Torre Branca. Já chegavam bastantes rumores de Tarabon a respeito do envolvimento de Aes Sedai na briga, rumores que serviam de preparação para a verdade. Era hora de dar o próximo passo naquele novo plano, para indicar que lado escolher aos que se mantinham em cima do muro. Tempo. Tinha tão pouco tempo. Mesmo assim, era impossível não sorrir. Certos homens, já mortos, um dia haviam declarado: “Quando Niall abre um sorriso, está mirando sua jugular.”

— Altara e Murandy estão prestes a ser assolados por uma praga de Devotos do Dragão — disse a Carridin.

* * *

O aposento parecia o salão de estar de um palácio — teto abobadado em reboco trabalhado, carpetes com tramas delicadas no piso de azulejos brancos, painéis com entalhes elaborados nas paredes —, embora estivesse longe de ser um palácio. Na verdade, estava longe de qualquer lugar capaz de ser compreendido pela mente humana. O vestido de seda bronze de Mesaana farfalhava enquanto ela circundava uma mesa marchetada de lápis-lazúli, entretida na montagem de uma complexa torre de dominós de marfim, na qual cada nível era maior que o inferior. Orgulhava-se de realizar o feito unicamente com seus conhecimentos de tensão e alavancagem, sem usar um fio sequer de Poder. A torre já tinha nove andares.

A verdade era que, mais do que entretida, Mesaana estava evitando conversar com sua companhia.

Semirhage costurava, sentada em uma cadeira de espaldar alto revestida em tapeçaria vermelha, os dedos compridos e magros trabalhando com destreza os pontos minúsculos do padrão intrincado de flores diminutas. Era sempre surpreendente lembrar que a outra mulher apreciava uma atividade tão... comum. O vestido preto criava um forte contraste com a cadeira. Nem Demandred tinha a ousadia de insinuar a Semirhage que ela só usava preto com tanta frequência porque Lanfear usava branco.

Pela milésima vez, Mesaana tentou analisar a razão do desconforto que sentia perto da outra. Conhecia as próprias forças e fraquezas, tanto em relação ao Poder Único quanto em outros aspectos. Igualava-se a Semirhage na maioria dos pontos, e, nos que não se igualava, tinha outras forças para contrapor às fraquezas da mulher de preto. Não era isso. Semirhage se deleitava com a crueldade, tinha prazer em causar sofrimento, mas decerto não era essa a questão. Mesaana sabia ser cruel quando necessário, além de não se importar com o que Semirhage fazia com os outros. Tinha de haver uma razão, mas não conseguia descobrir qual.

Irritada, posicionou outra peça de dominó, e a torre desmoronou com um estrondo, despejando os quadradinhos de marfim pelo chão. Estalando a língua, Mesaana deu as costas para a mesa e cruzou os braços.

— Onde está Demandred? Faz dezessete dias que ele foi para Shayol Ghul, mas esperou até agora para nos informar de uma mensagem e ainda por cima não apareceu. — Durante aquele período, ela mesma fora duas vezes ao Poço da Perdição e fizera aquela caminhada inquietante, com os dentes de pedra a lhe roçar os cabelos. E só encontrou um Myrddraal estranho, alto demais e que se recusava a falar. Encontrara a Fenda lá, claro, mas o Grande Senhor não respondera. Não permaneceu por muito tempo nenhuma das vezes. Sempre acreditara ser imune ao medo, pelo menos ao suscitado pelo olhar de um Meio-homem, mas, nas duas vezes, o olhar sem olhos do Myrddraal a mandara embora a passos ligeiros, e apenas seu forte autocontrole evitou que saísse em disparada. Se a canalização naquele local não fosse uma via de morte certa, teria destruído o Meio-homem ou Viajado para fora do Poço. — Onde é que ele está?

Semirhage desviou a atenção da costura, erguendo sem piscar os olhos escuros cravados no rosto escuro e plácido, então deixou o trabalho de lado e levantou-se com graça.

— Ele vai chegar quando chegar — respondeu, calma. Era sempre calma e sempre graciosa. — Se não quiser esperar, vá embora.

Sem perceber, Mesaana ergueu-se um tantinho nas pontas dos pés, mas ainda assim precisou olhar para cima. Semirhage era mais alta que a maioria dos homens, mas tinha proporções tão perfeitas que só se podia notar sua altura quando a mulher se erguia, encarando os outros de cima.

— Embora? Eu *vou* embora. E ele pode...

Não houve qualquer aviso, naturalmente. Nunca havia aviso quando um homem canalizava. Uma linha brilhante e vertical surgiu no ar, depois se expandiu e girou para o lado, formando um portão com largura suficiente para permitir a entrada de Demandred. Ao chegar, ele dispensou a cada mulher uma pequena medida. Trajava vestes cinza-escuro, com uma renda clara no pescoço. Demandred tinha facilidade para acompanhar a moda e os tecidos daquela Era.

Seu perfil de nariz aquilino era bastante bonito, embora não fosse propriamente o tipo que fazia disparar o coração de uma mulher. De certa forma, “quase” e “não propriamente” eram palavras que haviam permeado a vida de Demandred. O Abandonado tivera a infelicidade de nascer no dia seguinte a Lews Therin Telamon, que se tornaria o Dragão, enquanto Barid Bel Medar, seu nome da época, passaria anos quase conseguindo realizar os feitos de Lews Therin, mas sem propriamente conquistar a mesma fama. Se Lews Therin não existisse, Barid teria sido o homem mais aclamado de sua Era. Será que estaria ali naquele momento, caso tivesse sido conclamado líder no lugar daquele homem, que ele considerava intelectualmente inferior, além de um idiota demasiado cauteloso e provido de muita sorte? Bem, *isso* era especulação, embora Mesaana já tivesse especulado antes. Não, o importante era que Demandred desprezava o Dragão e, depois que o Dragão

Renascera, esse desprezo fora transferido para o novo Dragão.

— Por quê...?

Demandred ergueu uma das mãos.

— Vamos aguardar a presença de todos, Mesaana, para eu não ter que me repetir.

Mesaana sentiu uma pontada minúscula de *saidar* um instante antes de surgir uma linha cintilante que se abriu em um portão. Graendal adentrou, pela primeira vez sem a companhia de seus serviçais seminus, e deixou a passagem desaparecer tão depressa como a de Demandred. Era uma mulher curvilínea, com cabelo louro-acobreado e cheio de cachos. E de fato conseguira dar um jeito de encontrar estraite para o vestido de gola alta. E embora fosse de gola alta, a roupa refletia seu humor: o tecido era uma bruma diáfana. Às vezes, Mesaana se perguntava se Graendal pensava em qualquer coisa além de seus prazeres sensuais.

— Fiquei imaginando se estariam aqui — comentou a recém-chegada, em um tom jovial. — Vocês três têm andado tão misteriosos.

A mulher soltou uma risada alegre, meio boba. Não... julgar Graendal pela aparência seria um erro terrível. Quase todos que a tomaram por idiota tinham morrido havia muito, vítimas da mulher a quem trataram com desdém.

— Sammael vem? — perguntou Demandred.

Indiferente, Graendal abanou uma das mãos, que ostentava um anel.

— Ah, ele não confia em você. Acho que já não confia nem em si mesmo. — O estraite escureceu, tornando-se uma bruma menos reveladora. — Ele está liderando exércitos em Illian, lamentando não ser capaz de armá-los com lanças de choque. Quando não é isso, fica procurando algum *angreal* ou *sa'angreal* que possa ser usado. Algo com uma força decente, claro.

Todos os olhos se voltaram para Mesaana, que respirou fundo. Qualquer um deles teria dado... bem, quase tudo por um *angreal* ou *sa'angreal* útil. Todos tinham mais força do que aquelas crianças mal treinadas que se diziam as Aes Sedai daqueles tempos. Ainda assim, um elo com um número suficiente de crianças mal treinadas poderia destruí-los. Exceto, claro, pelo fato de que elas não sabiam mais como fazer isso, e nem mesmo possuíam recursos para tanto. Era necessária a presença de um homem para mais de treze mulheres se unirem, e de mais de um homem caso o número total de pessoas ultrapassasse vinte e sete. A verdade era que aquelas garotas — até as mais velhas pareciam garotas para Mesaana, que vivera mais de trezentos anos, sem contar o tempo que passara presa na Fenda, e era considerada recém-chegada à meia-idade — não representavam perigo real, mas isso não diminuía o desejo dos presentes por um *angreal*, ou, melhor ainda, por um *sa'angreal*, mais poderoso. Com esses objetos remanescentes de seu próprio tempo, eles seriam capazes de canalizar uma quantidade de Poder que os transformaria em cinzas caso tentassem sem ajuda. Qualquer um arriscaria muita coisa por uma recompensa dessas, porém nem tudo. Não sem uma necessidade real. Mas a falta de necessidade real não aplacava o desejo.

Na mesma hora, Mesaana assumiu um tom de bronca.

— A Torre Branca agora tem guardas e vigias em suas câmaras blindadas, do lado de dentro e de fora, e ainda por cima contam *tudo* quatro vezes por dia. A Grande Posse da Pedra de Tear também está sob proteção, com uma trama hedionda que me prenderia com toda força se eu tentasse passar por ela ou desatá-la. Acho que só pode ser desatada por quem atou, e, até isso acontecer, aquilo ali é uma armadilha para qualquer mulher capaz de canalizar.

— Um monte de entulhos inúteis, todos empoeirados, pelo que ouvi falar — retrucou Demandred, com desprezo. — Os tairenos reuniram tudo de que tivessem a menor suspeita de ligação com o Poder.

Mesaana suspeitava de que o homem não falava apenas baseado em rumores. Assim como desconfiava que a Grande Posse também estivesse protegida com uma armadilha contra homens. Do contrário, Demandred já

teria capturado seu *sa'angreal* e partido atrás de Rand al'Thor.

— Não há dúvida de que existem alguns em Cairhien e Rhuidean. Mas, mesmo que você não dê de cara com al'Thor, as duas cidades estão abarrotadas de mulheres capazes de canalizar.

— Garotas ignorantes. — Graendal fungou com desdém.

— Existe alguma diferença — retrucou Semirhage, com frieza — entre morrer nas mãos de uma cozinheira, com uma faca cravada nas costas, ou de perder um duelo sha'je em Qal?

Mesaana aquiesceu.

— Então só sobra o que quer que esteja soterrado em antigas ruínas ou esquecido em algum sótão. Se querem contar com a sorte de encontrar alguma coisa, vão em frente. Eu não vou. A não ser que alguém saiba a localização de uma caixa de estase? — Havia certa aspereza na pergunta. Era possível que as caixas de estase tivessem sobrevivido à Ruptura do Mundo, mas, depois de todos os abalos, decerto estariam no fundo de algum oceano ou nas profundezas das montanhas. Restava muito pouco do mundo que tinham conhecido, além de alguns nomes e lendas.

O sorriso de Graendal era só doçura.

— Sempre achei que você devia ser professora. Ah. Desculpe. Esqueci.

O rosto de Mesaana assumiu uma expressão sombria. Sua trajetória até o Grande Senhor começara quando, todos aqueles anos antes, lhe fora negado um lugar em Collam Daan. Haviam-na declarado inadequada para a pesquisa, porém disseram que ainda poderia ensinar. Bem, e ela ensinara — até que descobriu como dar uma lição nos que a haviam desprezado!

— Ainda estou esperando para ouvir o que o Grande Senhor disse — murmurou Semirhage.

— Sim. Vamos matar al'Thor? — Mesaana percebeu que agarrava a saia com as duas mãos, então a soltou. Estranho. Nunca se deixava provocar. — Se tudo correr bem, em dois meses, no máximo três, ele estará em um lugar onde eu possa alcançá-lo sem problemas, além de indefeso.

— Onde é que você pode alcançá-lo sem problemas? — Graendal arqueou uma sobrancelha, intrigada. — Onde foi que você montou o seu covil? Pouco importa. Por mais simples que seja esse plano, é tão bom quanto os que eu tenho ouvido.

Demandred continuou em silêncio, analisando-as. Não, não analisava Graendal, e sim ela e Semirhage. E, quando enfim falou, meio que para si mesmo, dirigiu-se às duas.

— Quando penso em onde vocês duas se meteram, eu me pergunto... quanto será que o Grande Senhor sabe, e há quanto tempo? Quantos dos acontecimentos ocorreram por desígnio dele, todo esse tempo? — Não havia resposta. Por fim, ele completou: — Vocês querem saber o que o Grande Senhor me falou? Pois bem. Mas fica entre nós, e bem guardado. Já que Sammael escolheu se afastar, não vai saber de nada. Nem os outros, vivos ou mortos. A primeira parte da mensagem do Grande Senhor foi simples: “Deixe o Senhor do Caos reinar.” São as palavras exatas. — Os cantos de sua boca se contorceram no mais próximo de um sorriso que Mesaana já vira em seu rosto. Então, ele contou o resto.

Mesaana percebeu que tremia, mas não soube se de empolgação ou de medo. O plano poderia funcionar: eles poderiam ganhar tudo. Mas precisariam de sorte, e ela não gostava de apostas. Demandred é que era o jogador. Mas ele tinha razão a respeito de uma coisa: Lews Therin cunhara a própria sorte com a mesma imperiosidade que se cunha uma moeda. Ao que parecia, Rand al'Thor vinha fazendo o mesmo.

A menos... a menos que o Grande Senhor tivesse um plano maior do que o que fora revelado. E essa possibilidade a assustava mais do que qualquer outra.

O espelho de moldura dourada refletia o salão, as paredes repletas de mosaicos perturbadores, mobília dourada e carpetes refinados, além dos outros espelhos e das tapeçarias. Um salão de um palácio, mas sem janelas — nem portas. O espelho refletia uma mulher de vestido vermelho-sangue, bem escuro, andando de um lado a outro, o belo rosto contorcido em um misto de ira e incredulidade. Principalmente incredulidade. Refletia também o rosto dele, que lhe era muitíssimo mais interessante do que a mulher. Não conseguiu resistir a tocar o próprio nariz, boca e bochechas para certificar-se de que eram reais. Não era jovem, porém era mais jovem do que da primeira vez em que despertara do longo sono, com os infinitos pesadelos. Um rosto comum, e ele sempre odiara ser comum. Sentiu na garganta o princípio de uma gargalhada, uma risadinha, e a abafou. Não estava louco. Apesar de tudo, não estava.

Um nome lhe fora concedido durante o segundo sono, de longe muito mais terrível, antes que ele acordasse naquele rosto e corpo. *Osan'gar*. Um nome dado por uma voz que ele conhecia e não ousava desobedecer. Seu antigo nome, concedido com escárnio e adotado com orgulho, deixara de existir. A voz de seu mestre assim declarara, e assim foi. A mulher era *Aran'gar*. E já não era mais quem tinha sido.

Escolhas interessantes, esses nomes. *Osan'gar* e *aran'gar*: as adagas das mãos esquerda e direita em uma forma de duelo bastante popular durante um breve período logo no princípio daquele longo processo, desde o dia da criação da Fenda até o verdadeiro início da Guerra do Poder. Suas lembranças eram meio turvas — muito fora perdido no longo sono, assim como no curto —, mas disso ele recordava. A luta só fora popular por um breve período porque quase sempre culminava na morte dos dois duelistas. As lâminas das adagas eram revestidas com um veneno de efeito lento.

Algo formou um borrão no espelho, e ele se virou, mas não muito depressa. Tinha de se lembrar de quem era e se certificar de que os outros se lembrassem. Ainda não havia porta, mas um *Myrddraal* passara a dividir o recinto com ele. Nada daquilo era estranho no lugar onde estava, apesar de o *Myrddraal* ser mais alto que todos os que *Osan'gar* já vira.

Ele se demorou um pouco, deixando que o Meio-homem esperasse para ter sua presença reconhecida. Antes que pudesse abrir a boca, *Aran'gar* bradou:

— Por que fizeram isso comigo? Por que me colocaram neste corpo? Por quê? — A última pergunta saiu quase como um ganido.

Osan'gar pensou ter visto os lábios sem sangue do *Myrddraal* se contorcerem em um sorriso — algo impossível, ali ou em qualquer outro lugar. Até os *Trollocs* tinham senso de humor, ainda que vil e violento, mas não os *Myrddraal*.

— Vocês dois receberam o melhor que pudemos arranjar nas Terras da Fronteira. — Sua voz era um sibilo traiçoeiro em um relvado seco. — É um corpo excelente, forte e saudável. E melhor do que a outra opção.

As duas afirmações eram verdadeiras. Era um corpo excelente, adequado a uma dançarina *daien* dos tempos passados: bem-desenhado e longilíneo, com um rosto oval cor de marfim que combinava muito bem e olhos verdes, emoldurado por cabelos negros e brilhantes. E qualquer coisa era melhor do que a outra opção.

Talvez *Aran'gar* não fosse da mesma opinião. A ira manchava seu belo rosto. Acabaria se descontrolando. *Osan'gar* sabia: isso sempre fora um problema de *Aran'gar*. *Lanfear*, em contraste, sempre parecia cautelosa. Tentou tocar *saidin*. Canalizar ali seria perigoso, porém menos do que deixar que *Aran'gar* cometesse alguma estupidez. Se abriu para *saidin*... e nada encontrou. Não tinha sido blindado — teria sentido isso, e saberia como contornar a situação ou romper a blindagem, se não fosse muito forte. Parecia que tinha sido apartado. O choque o deixou petrificado.

O que não aconteceu com *Aran'gar*, que talvez tivesse feito a mesma descoberta, mas tivera uma reação diferente. Com um guincho alto, feito um gato, partiu para cima do *Myrddraal*, as mãos em garra.

Um ataque inútil, sem dúvida. O *Myrddraal* sequer se moveu. Em um movimento displicente, a criatura

agarrou a mulher pela garganta, estendeu os braços e a suspendeu até os pés saírem do chão. O guincho tornou-se um murmúrio, e Aran'gar agarrou o punho do Meio-homem com ambas as mãos. Sustentando o corpo da mulher dependurado, ele voltou o olhar sem olhos para Osan'gar.

— Você não foi apartado, mas só vai canalizar quando receber permissão. E nunca vai me atacar. Eu sou Shaidar Haran.

Osan'gar tentou engolir em seco, mas sua boca parecia um deserto. Não era possível que a criatura tivesse alguma coisa a ver com o que fora feito a ele. Myrddraal tinham certos poderes, mas nada desse tipo. Ainda assim, o Meio-homem sabia. Nunca gostara dos Myrddraal. Havia ajudado na criação dos Trollocs, combinando raças humanas e animais — e se orgulhava disso, das habilidades necessárias, da dificuldade envolvida —, mas aquelas crias acidentais o deixavam incomodado, para dizer o mínimo.

Shaidar Haran voltou a atenção ao corpo que se contorcia, preso por seu punho. O belo rosto começava a ficar roxo, mas os pés continuavam se sacudindo, sem forças.

— Você vai se adaptar. O corpo se curva à alma, mas a mente se curva ao corpo. Já está se adaptando. Daqui a pouco vai parecer que nunca esteve em outra carne. Ou pode se recusar... Então outro tomará o seu lugar, e você será entregue... aos meus irmãos. E ainda com o bloqueio. — Os lábios finos se contorceram outra vez. — Eles estão sentindo falta de um pouco de diversão aqui nas Terras da Fronteira.

— Ela não consegue falar — interveio Osan'gar. — Você vai matá-la! Não sabe quem somos? Ponha-a no chão, Meio-homem! Obedeça!

Aquela coisa tinha que ser obrigada a obedecer a um Escolhido. No entanto, o Myrddraal continuou impassível, analisando o rosto escurecido de Aran'gar por um longo instante antes de pousá-la de volta no chão e abrir o punho.

— Eu obedeço ao Grande Senhor. A ninguém mais. — Aran'gar ficou ali, cambaleante, tossindo e engolindo o ar. Se ele retirasse a mão, a mulher cairia. — Vai se submeter à vontade do Grande Senhor? — A voz rascante não fez uma exigência, apenas uma pergunta superficial.

— Eu... eu vou — conseguiu responder a mulher, rouca, e Shaidar Haran a soltou.

Aran'gar cambaleou, massageando a garganta, e Osan'gar fez menção de ajudá-la, mas antes que a tocasse ela o ameaçou com um olhar cortante e o punho cerrado. Ele recusou de mãos erguidas. Não precisava dessa inimizade. Mas era mesmo um belo corpo, além de uma piada maravilhosa. Sempre se orgulhara do próprio senso de humor, mas aquilo era muito superior.

— Vocês não se sentem gratos? — questionou o Myrddraal. — Estavam mortos, agora estão vivos. Pensem em Rahvin, cuja alma já não tem salvação, já não pertence ao tempo. Vocês têm mais uma chance de servir ao Grande Senhor e se absolver de seus erros.

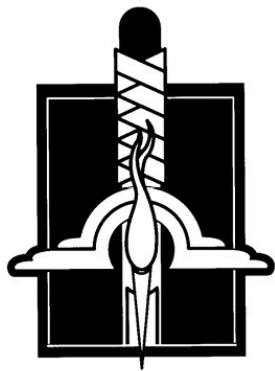
Osan'gar se apressou em assegurar à criatura de que era grato, que não desejava nada além de servir e ganhar absolvição. Rahvin estava morto? O que acontecera? Não importava: um Escolhido a menos era uma chance a mais de conquistar o verdadeiro poder quando o Grande Senhor fosse libertado. Era desgastante se humilhar diante de um ser que ele próprio criara, exatamente como os Trollocs, mas se recordava muito bem da morte. E rastejaria até diante de um verme para evitá-la outra vez. Aran'gar respondeu com a mesma rapidez, pelo que ele pôde perceber, apesar da raiva no olhar. Decerto também se lembrava.

— Então está na hora de vocês partirem outra vez para o mundo a serviço do Grande Senhor — declarou Shaidar Haran. — Ninguém além de mim e do Grande Senhor sabe que vocês estão vivos. Se forem bem-sucedidos, viverão para sempre e ocuparão um lugar acima de todos os outros. Se falharem... Mas vocês não vão falhar, não é mesmo?

O Meio-homem sorriu. Era como ver a morte sorrindo.







LEÃO NA COLINA

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas se desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu por entre as florestas de árvores secas das colinas de Cairhien. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

O vento soprava na direção oeste, por aldeias e fazendas abandonadas, muitas reduzidas a amontoados de madeira carbonizada. A guerra devastara Cairhien, tanto a guerra contra os outros países quanto a civil, ambas trazendo invasão e caos, e, mesmo depois de terminado — se é que *de fato* terminara —, poucas pessoas tinham se aventurado a retornar a suas casas. O vento não trazia umidade, e o sol se esforçava para ressequir a pouca que restava no solo. Na fronteira entre a pequena cidade de Maerone com a grande Aringill, do outro lado do Rio Erinin, o vento adentrava Andor. As duas cidades pareciam fornos, e, ainda que em Aringill houvesse mais orações pedindo chuva — pois os refugiados de Cairhien se acotovelavam no interior das muralhas feito sardinhas em um barril —, até os soldados aglomerados nos arredores de Maerone ofereciam suas preces ao Criador, as palavras às vezes embriagadas, às vezes sôfregas. O inverno já deveria ter começado a despontar na relva, a primeira neve deveria ter caído havia muito tempo, e o povo suado temia a razão para o frio ainda não ter chegado, embora poucos ousassem dar voz a esse temor.

O vento soprava na direção oeste, remexendo as folhas ressecadas das árvores, fazendo ondear a superfície dos córregos minguados margeados pela lama dura e seca. Não havia destroços de incêndios em Andor, mas os aldeões encaravam o sol escaldante com apreensão, e os fazendeiros tentavam não olhar para os campos que, no outono, não haviam produzido colheita. O vento seguia para oeste, cruzando Caemlyn, onde dois estandartes tremulavam no alto do Palácio Real, no coração da Cidade Interna, erguida pelos Ogier. Um dos estandartes tinha o fundo vermelho como sangue e ostentava um disco dividido por uma linha sinuosa, metade de um branco reluzente, metade de um negro profundo. O outro, de um pano branco feito neve, tremulava contra o céu. A figura ostentada parecia cavalgar ao vento, uma estranha serpente de juba dourada e quatro pés, os olhos cor de sol e as escamas em tons de ouro e escarlate. Era difícil saber qual dos

estandartes provocava mais temor. Às vezes, o mesmo seio que acalentava medo trazia esperança. Esperança de salvação e medo de destruição, ambos vindos da mesma fonte.

Muitos diziam que Caemlyn era a segunda cidade mais bela do mundo — e não só os andorianos, que costumavam colocá-la em primeiro lugar, à frente até da própria Tar Valon. Enormes torres redondas estendiam-se pela imensa muralha externa de pedras cinzentas rajadas de branco e prata, enquanto no interior erguiam-se torres ainda mais altas, seus domos brancos e dourados reluzindo ao sol impiedoso. A cidade se estendia colina acima, e, no centro, ficava a antiquíssima Cidade Interna, circundada por uma muralha própria, branca e reluzente, contendo seus próprios domos e pináculos — um mosaico de azulejos roxos, brancos, dourados e cintilantes que encaravam com arrogância a Cidade Nova, lá embaixo, com seus bem menos de dois mil anos.

Assim como a Cidade Interna era o coração de Caemlyn, e não apenas por ocupar o centro, o Palácio Real era o coração da Cidade Interna. Parecia saído de um conto de menestrel, com pináculos brancos como a neve, domos dourados e trabalhos de cantaria que lembravam rendas. Um coração que pulsava sob a sombra daqueles dois estandartes.

Despido até a cintura, equilibrando-se sem dificuldade nas pontas dos pés, Rand estava tão alheio ao fato de estar no pátio de azulejos brancos de um palácio quanto à presença de observadores entre as colunas à volta. O suor colava os cabelos à cabeça e escorria pelo peito. A ferida arredondada na lateral do corpo, ainda meio cicatrizada, doía demais, mas ele se recusava a reconhecer a dor. Havia duas figuras iguais às do estandarte branco acima entrelaçadas em seus antebraços, refletindo um brilho metálico vermelho e dourado. Dragões, como os Aiel chamavam, e outros já adotavam o nome. Rand tinha vaga ciência das marcas de garça nítidas em cada uma de suas palmas, mas só porque podia senti-las contra o longo cabo da espada de madeira que usava para praticar.

Ele era um com a espada, fluindo de postura em postura sem nem pensar, as botas roçando de leve os azulejos claros. Leão na Colina virou Arco da Lua, que virou Torre da Manhã. Sem pensar. Cinco homens suados e sem camisa o rodeavam, passando nervosamente de postura em postura, manejando as espadas de prática. Eram tudo o que Rand percebia. Com os rostos rígidos e confiantes, eram os melhores que encontrara até então. Os melhores desde que Lan partira. Sem pensar, como Lan lhe ensinara. Ele era um com a espada, um com os outros cinco homens.

De súbito, avançou, e os homens à sua volta logo se deslocaram para mantê-lo no centro. No exato instante em que esse equilíbrio ameaçou se romper, quando pelo menos dois dos cinco sujeitos já faziam menção de rompê-lo, Rand deu um giro ligeiro na metade de um passo e começou a correr no sentido oposto. Os outros tentaram reagir, mas era tarde demais. Com um estrépito, Rand aparou um golpe da espada de prática com a própria lâmina feita de ripas de madeira amarradas. Ao mesmo tempo, seu pé direito acertou a barriga do homem de cabelos grisalhos, ao seu lado. O sujeito se encolheu, gemendo. Lâmina contra lâmina, Rand forçou o oponente de nariz quebrado a se virar, chutando outra vez o homem grisalho encolhido enquanto girava. O grisalho caiu, arquejante, tentando respirar. O oponente de Rand tentou recuar para usar a espada, mas o movimento liberou Rand, que desferiu um golpe em espiral — As Tranças da Videira —, acertando em cheio no peitoral do sujeito, com força suficiente para derrubá-lo no chão.

Apenas alguns instantes haviam se passado, tão poucos que foi nesse momento que os outros homens começaram a se aproximar. O primeiro, um sujeitinho ligeiro, muito baixo e desproporcionalmente robusto, soltou um grito e, apesar da própria estatura, saltou por cima do sujeito do nariz quebrado, enquanto este desabava para a frente. A espada de prática de Rand o atingiu nas canelas, desestabilizando-o, depois outra vez nas costas, derrubando-o sobre as pedras do pavimento.

Com isso, restaram apenas dois, mas eram os melhores: um varapau, cuja espada serpenteava como a língua de uma cobra e um sujeito enorme de cabeça raspada, que não falhava nunca. No mesmo instante, os

dois se separaram para atacar pelas laterais, mas Rand não esperou. Mais que depressa, aproximou-se do magrelo — tinha apenas um instante antes que o outro contornasse os sujeitos caídos no chão.

O magrelo era bom, além de ligeiro. Rand oferecera ouro em troca de prática com os melhores, e eles tinham comparecido. O sujeito era alto para um andoriano, embora Rand fosse um palmo mais comprido, mas a altura influenciava pouco o manejo da espada. Às vezes, a força também. Rand partiu com tudo para atacá-lo. O homem franziu o rosto comprido e recuou. O Javali Dispara Montanha Abaixo rompeu Cortando a Seda, desarmou Raio de Três Pontas, e as ripas de madeira atadas atingiram com força a lateral do pescoço do homem. Com um grito abafado, o quarto oponente caiu.

No mesmo instante, Rand se jogou para baixo e para a direita, fez um rolamento por sobre as pedras do pavimento e ergueu-se de joelhos, a espada já traçando O Rio Erode a Margem. O homem de cabeça raspada não era ligeiro, mas tinha conseguido se antecipar ao golpe. Ao mesmo tempo que a espada de madeira de Rand varreu o largo torso do sujeito, as ripas da lâmina do homem acertaram a cabeça do Dragão Renascido.

Por um momento, Rand vacilou, pontos negros borrando a visão. Sacudindo a cabeça com esforço, tentando clarear a visão, usou a espada de prática como apoio para se levantar. O sujeito da cabeça raspada o observava, ofegante e receoso.

— Pague a ele — declarou, e o receio sumiu do rosto do sujeito de cabeça raspada. — O receio era desnecessário. Como se Rand não tivesse prometido uma moeda extra por dia a qualquer um que conseguisse acertá-lo. E o triplo para quem o derrotasse sozinho. Era uma forma de garantir que ninguém recuasse para bajular o Dragão Renascido. Rand nunca perguntava seus nomes — se o interpretassem mal e lutassem com mais afinho, melhor. Queria oponentes para testá-lo, não amigos. Os amigos que já tinha um dia amaldiçoariam a hora em que o conheceram, isso se já não estivessem amaldiçoando. Os outros sujeitos já começavam a se mover — os “mortos” tinham de permanecer imóveis até o fim da luta, obstruindo a passagem como corpos de verdade, mas o baixinho atarracado teve que ajudar o grisalho a se levantar, além de enfrentar a dificuldade de erguer a si próprio sem auxílio. O sujeito ágil remexia a cabeça, fazendo careta. Não haveria mais treinamento naquele dia. — Pague a todos.

Uma onda de aplausos e vivas percorreu as estreitas colunas caneluradas. Vinha dos observadores: lordes e ladies vestidos em sedas coloridas, cheias de bordados e trançados elaborados. Rand franziu o cenho e jogou a espada de lado. Aquelas pessoas lambiam as botas de Lorde Gaebriel quando a Rainha Morgase — a rainha *deles* — era pouco mais de uma prisioneira dentro do palácio. O palácio *dela*. Mas Rand precisava deles. Por ora. *Se agarrar o espinho, vai sair espetado*, pensou. Esperava que, ao menos, fosse seu próprio pensamento.

Sulin, uma Aiel esguia e grisalha, líder da escolta de Donzelas da Lança que o acompanhava deste lado da Espinha do Mundo, tirou um marco de ouro de Tar Valon da bolsa do cinto e atirou-o, fazendo uma careta que repuxava a cicatriz hedionda na lateral de seu rosto. As Donzelas não gostavam de ver Rand manejando espadas, mesmo de prática. Não aprovavam o uso de espada nenhuma. Assim como todos os Aiel.

O homem da cabeça raspada apanhou a moeda e dispensou uma mesura cautelosa em resposta ao olhar azul fixo de Sulin. Todos agiam com cautela perto das Donzelas, com seus casacos, suas calças e botas macias com cadarços marrons e cinza, a roupa inteira feita para se mesclar à desolada paisagem do Deserto. Algumas haviam começado a acrescentar tons de verde ao vestuário, para se adequarem ao que chamavam de terras aguacentas — apesar da seca. Em comparação ao Deserto, eram terras úmidas. Poucos Aiel tinham se deparado com águas intransponíveis antes de deixar o Deserto e já tinham disputado rixas amargas pelo controle de laguinhos de duas ou três passadas de largura.

Como qualquer guerreiro Aiel — como as outras vinte Donzelas de olhos claros espalhadas pelo pátio —, Sulin tinha cabelos curtos, a não ser por um rabo de cavalo na nuca. Portava três lanças curtas e um broquel redondo de couro de touro na mão esquerda, além de uma faca de lâmina robusta e pontuda no cinto. Como qualquer guerreiro Aiel — até os da idade de Jalani, com seus dezesseis anos e rosto redondo infantil

—, Sulin sabia fazer excelente uso daquelas armas — e o faria à menor provocação, pelo menos do ponto de vista do povo daquele lado da Muralha do Dragão. As Donzelas, exceto Sulin, observavam todos os presentes, cada janela coberta de painéis vazados em desenhos intrincados, cada balcão de pedras claras, cada sombra. Algumas portavam arcos curtos e curvos feitos de chifres, com flechas já encaixadas, e mais flechas preparadas nas aljavas peludas da cintura. *Far Dareis Mai*, as Donzelas da Lança, carregavam a honra do profetizado *Car'a'carn* — ainda que às vezes de forma bem peculiar —, e nenhuma hesitaria em morrer para preservar a vida de Rand. A ideia fez o estômago dele se revirar.

Sulin arremessou mais moedas com um ar de desprezo — Rand gostava de usar ouro de Tar Valon para quitar esta dívida —, uma extra para o de cabeça raspada e uma para cada um dos outros. Os Aiel gostavam tanto dos aguacentos quanto de espadas, uma reprovação que se estendia a qualquer um que não fosse nascido e criado no Deserto. Para a maioria dos Aiel, esse sentimento pouco amistoso também incluiria Rand, apesar do sangue Aiel, mas ele ostentava os Dragões em seus braços. Um o marcava como chefe de clã por ter arriscado a vida com sua própria força de vontade, o segundo o marcava como *Car'a'carn*, chefe dos chefes, Aquele Que Vem Com a Aurora. E as Donzelas tinham outros motivos para aprová-lo.

Os homens recolheram as espadas de prática, camisas e casacos, curvaram-se em mesuras e partiram.

— Amanhã — gritou Rand, para eles. — Cedo.

Mesuras mais profundas mostraram que tinham ouvido a ordem.

Antes que os homens sem camisa abandonassem o pátio, as nobres andorianas emergiram de trás da colunata, um arco-íris de sedas se amontoando ao redor de Rand, dando batidinhas nos rostos suados com lenços de bordas rendadas. Aquilo deixava um gosto amargo na boca do rapaz de Dois Rios. *Faça uso do que precisar, ou a Sombra acabará cobrindo a terra.* Moiraine lhe dissera isso. Ele quase preferia a oposição genuína dos cairhienos e tairenos à adulação daquele bando de andorianos. Por pouco não soltou uma risada: era engraçado chamar as atitudes dos outros nobres de genuínas.

— O senhor foi esplêndido — soltou Arymilla, com um suspiro, tocando delicadamente seu braço. — Tão ágil, tão forte.

Os grandes olhos castanhos da mulher pareciam ainda mais derretidos que de costume. Ao que parecia, ela era tola a ponto de considerá-lo impressionável. O vestido verde, coberto de vinhas de prata, tinha um decote profundo para os padrões andorianos — ou seja: sugeria um leve decote. Ela era bonita, mas parecia ter idade para ser mãe de Rand. Nenhuma das outras era mais jovem, algumas até mais velhas, mas todas competiam entre si para lamber suas botas.

— Foi magnífico, milorde Dragão. — Elenia quase acotovelou Arymilla para que saísse do caminho. O sorriso ficava estranho na mulher de rosto ardiloso, que tinha a reputação de ser uma megera. Exceto quando estava perto de Rand, claro. — Nunca houve espadachim como o senhor em toda a história de Andor. Nem mesmo Souran Maravaile, o maior general de Artur Asa-de-gavião, marido de Ishara, primeira a se sentar no Trono do Leão... nem mesmo ele sobreviveu ao ser enfrentado por apenas quatro espadachins. Quatro assassinos, no vigésimo terceiro ano da Guerra dos Cem Anos. Ainda assim, ele matou todos os quatro. — Elenia quase nunca perdia a chance de exibir seus conhecimentos acerca da história de Andor, sobretudo das partes obscuras, como a guerra que desmembrara o império de Asa-de-gavião depois de sua morte. Pelo menos daquela vez não tinha acrescentado justificativas às próprias reivindicações ao Trono do Leão.

— Só teve um pouco de azar no fim da luta — acrescentou Jarid, marido de Elenia, em um tom jovial.

Era um homem robusto, escuro para um andoriano. Os punhos e a comprida gola do casaco vermelho estavam cobertos de bordados de arabescos e javalis dourados, o símbolo da Casa Sarand; enquanto o vestido vermelho de Elenia, no mesmo tom, tinha as longas mangas e a gola alta cobertas de bordados dos Leões Brancos de Andor. Rand se perguntou se a mulher pensava que ele não reconheceria os leões. Jarid era Grão-

trono da Casa, mas era sua esposa quem detinha toda força e ambição.

— Um feito extraordinário, milorde Dragão — acrescentou Karind, sem rodeios. O vestido cinza brilhoso da mulher, de corte tão severo quanto o rosto, mas ostentando uma infinidade de tranças de prata nas mangas e na bainha, tinha quase o mesmo tom das mechas grisalhas espalhadas em seus cabelos negros. — O senhor decerto deve ser o melhor espadachim do mundo. — Apesar das palavras, a grandalhona exibia um olhar duro como um martelo. Caso sua inteligência se equiparasse à obstinação em seu olhar, seria uma mulher perigosa.

Naeon era esguia, pálida e bonita, com grandes olhos azuis e cabelos negros ondulados e brilhantes, mas o olhar de desprezo com que encarava os cinco homens que partiam era uma constante em seu rosto.

— Acredito que eles tenham planejado tudo de antemão, para que um conseguisse acertar o senhor. Vão dividir a moeda extra entre o grupo. — Ao contrário de Elenia, Naeon, em seu vestido azul cujas mangas longas ostentavam as Três Chaves de prata da Casa Arawn, jamais mencionava suas pretensões de subir ao trono, ao menos não perto de Rand. Fingia estar satisfeita como Grão-trono de uma Casa antiga, feito uma leoa fingindo estar satisfeita com o papel de gatinho domesticado.

— Será que posso esperar que meus inimigos nunca se ajudem? — murmurou Rand.

Naeon ficou boquiaberta. A mulher não era nada burra, mas parecia crer que seus opositores deviam se pôr de joelhos tão logo ela os confrontasse e tomava como uma afronta quando isso não acontecia.

Ignorando os nobres, Enaila, uma das Donzelas da Lança, entregou a Rand uma toalha branca para secar o suor. Era uma ruiva impetuosa, baixa para os padrões Aiel, e ficava irritada por algumas daquelas aguacentas serem mais altas que ela. Quase todas as Donzelas eram capazes de encarar de frente a maioria dos homens. Os nobres andorianos também fizeram o possível para ignorar a Aiel, mas desviaram o olhar com tamanho acinte que a tentativa resultou em evidente fracasso. Enaila se afastou, comportando-se como se todos os nobres fossem invisíveis.

O silêncio durou apenas uns instantes.

— Milorde Dragão é sábio — comentou Lorde Lir, com uma pequena mesura, o cenho franzido de leve. O Grão-trono da Casa Baryn era esguio e firme como uma lâmina, metido em um casaco amarelo adornado com tranças de ouro, mas, no geral, era demasiado melífluo e delicado. Fora um franzir de cenho ocasional, que sempre parecia inconsciente, nada nunca maculava seu semblante, mas o sujeito estava longe de ser o único a lançar olhares estranhos a Rand. Todos aqueles nobres volta e meia miravam o Dragão Renascido com um misto de descrença e admiração. — Cedo ou tarde, os inimigos acabam trabalhando juntos. É preciso identificá-los antes que tenham a oportunidade.

Mais elogios à sabedoria de Rand foram graciosamente proferidos por Lorde Henren, um sujeito atarracado, careca e de olhar duro, por Lady Carlys, com seus cachos grisalhos, expressão aberta e mente maquinadora, pela gorducha Daerilla, toda risonha, pelo nervoso Elegar, de lábios finos, e também por quase dez outros que tinham segurado a língua enquanto os mais poderosos se pronunciavam.

Assim que Elenia tornou a abrir a boca, um silêncio se abateu entre os lordes e ladies menores.

— É grande a dificuldade de identificarmos nossos inimigos antes que eles se façam conhecidos. Depois que isso acontece, as providências costumam vir tarde demais. — O marido dela assentiu com um ar sábio.

— Como eu sempre digo — anunciou Naeon —, quem não está ao meu lado, está contra mim. Considero uma boa regra. Os indecisos podem estar simplesmente aguardando a oportunidade de cravar uma adaga pelas costas.

Não era nem de longe a primeira vez que aqueles nobres tentavam defender as próprias posições lançando suspeitas sobre qualquer lorde ou lady que não estivesse no recinto, mas Rand gostaria que parassem com aquilo sem que precisasse mandá-los parar. As tentativas andorianas de jogar o Jogo das Casas eram insignificantes se comparadas às manobras dissimuladas dos cairhienos ou até dos tairenos, além de

irritantes, mas havia certos pensamentos que Rand preferia que não tivessem por enquanto. Surpreendentemente, a ajuda veio do grisalho Lorde Nasin, o Grão-trono da Casa Caeren.

— Ah, um novo Jearom! — exclamou o sujeito, abrindo um sorriso subserviente no rosto magro e encovado. Arrancou olhares exasperados dos outros, inclusive dos nobres menores, que não conseguiram se conter depressa o bastante. Nasin andara um pouco aturdido desde os acontecimentos envolvendo a vinda de Rand a Caemlyn. Em vez da Estrela e Espada, símbolo de sua Casa, as lapelas azul-claras exibiam uma padronagem incongruente de flores e folhagens pontilhada de nós-de-amantes carmesins, e ele às vezes usava uma flor presa aos cabelos ralos, feito um rapazote camponês indo fazer a corte. Ainda assim, a Casa Caeren era tão poderosa que nem mesmo Jarid ou Naeen interromperiam Nasin. O homem meneou a cabeça presa ao pescoço magro. — Seu manejo da espada é espetacular, milorde Dragão. O senhor é um novo Jearom.

— Por quê? — irrompeu uma voz pelo pátio, azedando a expressão dos andorianos.

Davram Bashere sem dúvida não era andoriano, com olhos oblíquos e quase negros, nariz adunco feito um bico e as pontas do bigode grisalho que se curvavam para baixo, feito dois chifres ladeando a boca larga. Era magro, um pouco mais alto que Enaila e usava um casaco curto cinza com bordados em prata nos punhos e nas lapelas, além de calças largas enfiadas em botas de cano dobrado na altura dos joelhos. Os andorianos se viraram para observar o local do pátio onde o Marechal-General de Saldaea mandara deixar uma cadeira dourada, na qual estava esparramado, uma perna apoiada sobre um dos braços da cadeira, a espada com guarda-mão anelado virada de modo a deixá-la bem acessível. O suor brilhava em seu rosto escuro, mas ele dispensava tanta atenção a isso quanto aos andorianos.

— Por que o quê? — inquiriu Rand.

— Esse treinamento todo com as espadas — explicou Bashere, tranquilo. — E ainda por cima com cinco homens. Ninguém treina contra cinco. Não faz sentido. Mais cedo ou mais tarde, seus miolos serão esparramados no chão durante uma balbúrdia dessas, mesmo com espadas de prática. E tudo em vão.

Rand contraiu a mandíbula.

— Jearom certa vez derrotou dez homens.

Remexendo-se na cadeira, Bashere soltou uma risada.

— Você acha que vai viver tempo suficiente para se igualar ao maior espadachim da história? — Um murmúrio irritado se ergueu entre os nobres andorianos. Rand tinha certeza de que a raiva era fingida. Bashere, porém, ignorou a reação. — Afinal de contas, você é quem você é. — Ele fez um movimento súbito, feito uma mola se expandindo. Uma adaga disparou em direção ao coração do Dragão Renascido.

Rand não moveu um músculo. Em vez disso, agarrou *saidin*, a metade masculina da Fonte Verdadeira. Não precisou pensar, foi como respirar. *Saidin* o preencheu, trazendo a mácula do Tenebroso, uma avalanche de gelo turvo, uma torrente fétida de metal fundido. *Saidin* tentava aniquilá-lo, varrê-lo, mas ele o conduziu como um homem se equilibrando sobre uma montanha em colapso. Canalizou uma simples onda de Ar, que envolveu a adaga e bloqueou-a a um braço de distância de seu peito. O Vazio o envolvia, Rand flutuava lá dentro, em meio ao nada, distante de pensamentos e emoções.

— Morra! — gritou Jarid, empunhando a espada e avançando na direção de Bashere.

Lir, Henren, Elegar e todos os lordes andorianos desembainharam suas espadas, inclusive Nasin, que parecia prestes a largá-la. As Donzelas já tinham as *shoufas* enroladas na cabeça, e seus véus negros cobriam os rostos de olhos verdes e azuis quando as mulheres ergueram as lanças de pontas compridas. Os Aiel sempre erguiam os véus antes de matar.

— Parem! — urrou Rand, e todos ficaram paralisados onde estavam, os andorianos piscando, confusos, as Donzelas suspensas nas pontas dos pés. O único outro movimento de Bashere fora se acomodar outra vez, a perna ainda enganchada ao braço da cadeira.

Usando uma das mãos para puxar a adaga de cabo de chifre de sua prisão de ar, Rand soltou a Fonte.

Ainda que a mácula lhe revirasse o estômago — aquela mácula que acabava por destruir os homens capazes de canalizar —, era difícil deixar o poder. Ao ser tomado por *saidin*, ele enxergava com mais clareza, ouvia com mais agudeza. Era um paradoxo que ele não compreendia, mas, quando flutuava naquele Vazio aparentemente infinito, de algum modo protegido de emoções e sensações corpóreas, todos os sentidos ficavam amplificados. Sem o Vazio, Rand sentia-se menos vivo. E a mácula sempre parecia deixar rastros nele, mas não a glória mitigante de *saidin*. A glória mortal, que o mataria se ele vacilasse uma polegada que fosse na luta para dominá-la.

Rand girou a adaga e avançou lentamente até Bashere.

— Se eu tivesse demorado só mais um segundo — murmurou —, estaria morto. Eu poderia matar você agora mesmo, e nenhuma lei de Andor ou de qualquer outro lugar deixaria de me dar razão. — Percebeu que estava prestes a fazer isso. *Saidin* fora substituído por uma raiva fria. Uma relação de poucas semanas não amaciava a atitude do sujeito.

Os olhos oblíquos do Marechal-General estavam calmos como se ele estivesse à vontade na própria casa.

— Minha esposa não ia gostar. Nem você, aliás. Deira provavelmente assumiria o comando e partiria outra vez à caça de Taim. Ela desaprova eu ter concordado em seguir o Lorde Dragão.

Rand assentiu de leve, a raiva um pouco embotada pela compostura de seu interlocutor. E pelas palavras. Fora uma surpresa descobrir que, junto com os nove mil cavaleiros de Bashere, estavam as esposas de todos os nobres de Saldaea e da maioria dos oficiais. Rand não entendia como um homem podia levar a mulher para o meio do perigo, mas era tradição em Saldaea, exceto quando a campanha avançava para a Praga.

Evitou olhar para as Donzelas. Eram guerreiras até a raiz dos cabelos, mas também eram mulheres. Rand prometera não as proteger do perigo ou da morte. No entanto, não prometera passar a gostar disso e sentia uma agonia interna sempre que precisava honrar o acordo, mas era um homem de palavra. Fazia o que tinha de fazer, mesmo odiando a si mesmo por isso.

Com um suspiro, ele jogou a adaga de lado.

— Sua pergunta — declarou, educadamente. — Por quê?

— Porque você é quem é — respondeu Bashere, sem rodeios. — Porque você é o que é... assim como esses homens que você está reunindo, eu suponho. — Rand ouviu pés se remexendo atrás de si. Por mais que tentassem, os andorianos não conseguiam esconder seu horror ante a anistia que ele instaurara. — Você pode fazer o que fez com a adaga todas as vezes — prosseguiu o Marechal-General, baixando o pé apoiado no braço da cadeira e inclinando-se para a frente. — Mas qualquer assassino que queira chegar até o Dragão terá de passar por cima dos seus Aiel. E dos meus cavaleiros, aliás. Ora! Se algum inimigo se aproximar de você, não será humano. — Ele gesticulou com vigor e recostou-se outra vez. — Bom, se quer praticar com a espada, então pratique. Os homens precisam de exercício, e também de uma distração. Só não vá rachar esse crânio. Muita coisa depende de você, e não estou vendo nenhuma Aes Sedai por aqui para Curá-lo. — O bigode quase encobriu o súbito sorriso do sujeito. — Além do mais, acho que nossos amigos andorianos não vão continuar acolhendo a mim e a meus homens de modo tão afetuoso.

Os andorianos tinham embainhado as espadas, mas os olhares malignos permaneciam fixos em Bashere. Aquilo nada tinha a ver com quanto o sujeito chegara perto de matar Rand. Os nobres em geral mantinham o semblante suave perto de Bashere, apesar de ele ser um general estrangeiro comandando um exército estrangeiro em solo andoriano. O Dragão Renascido queria Bashere ali, e aquelas pessoas teriam aberto sorrisos para um Myrddraal, se o Dragão Renascido assim desejasse. Mas se Rand se voltasse contra o saldaeano... aí não seria preciso esconder mais nada. Eram abutres, estiveram a postos para devorar Morgase, antes de sua morte, e devorariam Bashere à menor chance. E Rand também. Mal podia esperar para se livrar deles.

A única forma de viver é morrer. O pensamento lhe veio à cabeça de repente. Já haviam lhe dito aquilo, e de

um jeito que fora impossível não acreditar, mas o pensamento não era seu. *Preciso morrer. Só mereço a morte.* Levando a mão à cabeça, Rand deu as costas para Bashere.

O Marechal-General pulou da cadeira no mesmo instante, agarrando o ombro de Rand, que ficava uma cabeça mais alto que ele.

— Qual é o problema? O golpe rachou mesmo a sua cabeça?

— Está tudo bem. — Rand baixou as mãos. Não sentia dor, era só o choque de ter os pensamentos de outro homem na mente. Bashere não era o único a observá-lo. A maioria das Donzelas o encarava com a mesma atenção que dispensavam ao restante do pátio, sobretudo Enaila e Somara, de cabelos louros, a mais alta de todas. Aquelas duas decerto arranjariam algum chá de ervas assim que terminassem suas tarefas e só sossehariam depois que ele bebesse. Elenia, Naeen e os outros andorianos estavam ofegantes, agarrando os casacos e as saias, analisando Rand de olhos arregalados, temendo estar vendo os primeiros sinais de sua loucura. — Eu estou bem — disse a todos no pátio.

Só as Donzelas relaxaram — Enaila e Somara não muito.

Os Aiel não ligavam para o “Dragão Renascido”. Para eles, Rand era o *Car’a’carn*, profetizado para uni-los e destruí-los. Eles não tiveram dificuldades para aceitar isso, embora também se preocupassem, e pareciam aceitar a canalização e todos os seus possíveis desdobramentos com a mesma tranquilidade. Os outros — *os aguacentos*, pensou, secamente — o chamavam de Dragão Renascido e nunca especulavam a respeito do que aquilo significava. Acreditavam que ele era a reencarnação de Lews Therin Telamon, o Dragão, o homem que selara o buraco da prisão do Tenebroso e dera fim à Guerra da Sombra, mais de três mil anos antes. Também dera fim à Era das Lendas, quando o último contra-ataque do Tenebroso maculara *saidin*, levando todos os homens que canalizavam à loucura, começando pelo próprio Lews Therin e seus Cem Companheiros. Chamavam Rand de Dragão Renascido sem jamais suspeitar que uma parte de Lews Therin Telamon pudesse estar dentro de sua cabeça, tão louco quanto no dia em que dera início ao Tempo da Loucura e à Ruptura do Mundo, tão louco quanto qualquer um dos Aes Sedai homens que modificaram a face do mundo até deixá-la irreconhecível. Aquilo acontecera aos poucos, mas quanto mais Rand aprendia a respeito do Poder, mais forte ficava em relação a *saidin*, e mais forte ficava a voz de Lews Therin — e mais difícil se tornava a luta para evitar ser dominado pelos pensamentos de um homem morto. Era um dos motivos por que ele gostava de praticar com a espada: a ausência de pensamentos era uma barreira que preservava sua identidade.

— Precisamos encontrar uma Aes Sedai — murmurou Bashere. — Se esses boatos forem verdade... que a Luz queime meus olhos, seria melhor se nunca tivéssemos deixado aquela ir embora.

Muita gente fugira de Caemlyn nos dias seguintes à ocupação de Rand e dos Aiel. O próprio Palácio ficara quase vazio da noite para o dia. Havia pessoas que Rand gostaria de ter encontrado, gente que o ajudara, mas todos tinham desaparecido. Alguns ainda fugiam. Uma das fugitivas desses primeiros dias fora uma jovem Aes Sedai — tão jovem que seu rosto ainda não tinha aquele aspecto de idade indefinida típico das Aes Sedai. Os homens de Bashere mandaram um aviso assim que encontraram a mulher em uma estalagem, mas, quando ela descobriu quem Rand era, saiu correndo aos berros. Literalmente. Rand nunca descobriu seu nome ou sua Ajah. Havia rumores de que outra Aes Sedai estava em algum lugar da cidade, mas havia centenas de rumores espalhados por Caemlyn, milhares, cada um mais improvável que o outro. Era bem improvável que qualquer um daqueles boatos fosse levar a uma Aes Sedai. As patrulhas Aiel tinham avistado várias passando direto por Caemlyn, todas claramente apressadas para chegarem a algum lugar, nenhuma com intenção de adentrar uma cidade ocupada pelo Dragão Renascido.

— Será que eu posso confiar em alguma Aes Sedai? — perguntou Rand. — Foi só uma dor de cabeça. Minha cabeça não é assim tão dura a ponto de nem doer depois de uma pancada.

Bashere bufou com tanta força que o farto bigode se remexeu.

— Por mais dura que seja a sua cabeça, cedo ou tarde você vai ter que confiar nas Aes Sedai. Sem elas, nunca vai obter o apoio de todas as nações sem ter que apelar para a conquista. O povo espera esse tipo de coisa. Por mais que ouçam falar das Profecias que você já cumpriu, muitos vão esperar que as Aes Sedai marquem você.

— De todo modo, eu não vou evitar o conflito. Você sabe bem disso — respondeu Rand. — Duvido que os Mantos-brancos me recebam de braços abertos em Amadícia, mesmo que Ailron concorde com a minha presença, e Sammael não vai abrir mão de Illian sem luta.

Sammael, Rahvin, Moghedien e... com esforço, expulsou o pensamento da mente. Não era fácil. Vinha sempre sem aviso, e nunca era fácil.

Um baque surdo o fez virar a cabeça. Arymilla estava caída no chão de pedras. Karind se ajoelhava para puxar as saias da mulher, cobrindo os tornozelos, e esfregar seus pulsos. Elegar cambaleava, como se fosse se juntar a Arymilla a qualquer momento, e Nasin e Elenia não pareciam muito melhor. A maioria dos outros parecia prestes a vomitar. Mencionar os Abandonados tinha esse efeito, ainda mais depois que Rand contara a eles que Lorde Gaebriel na realidade era Rahvin. Não sabia ao certo em quanto aqueles nobres acreditavam, mas considerar a possibilidade já era suficiente para deixar quase todos tremendo. Só estavam vivos por se mostrarem tão chocados. Se Rand tivesse suspeitado de que eles sabiam a quem estavam servindo... *não*, pensou. *Se eles soubessem, se fossem todos Amigos das Trevas, você mesmo assim os usaria.* Às vezes, se achava tão repugnante que queria morrer de uma vez.

Ao menos estava dizendo a verdade. As Aes Sedai tentavam ao máximo manter segredo sobre os Abandonados estarem livres, temiam que a notícia só espalhasse mais caos e pânico. Rand tentava disseminar a verdade. O povo poderia até entrar em pânico, mas teria tempo de se recuperar. Do jeito que as Aes Sedai queriam conduzir as coisas, a informação e o pânico poderiam chegar tarde demais para serem remediados. Além do mais, o povo tinha o direito de saber o que estava enfrentando.

— Illian não vai aguentar por muito mais tempo — disse Bashere. Rand virou a cabeça depressa de volta para ele, mas o sujeito era experiente demais para falar sobre o que não devia onde não devia. Estava apenas desviando o assunto dos Abandonados. Ainda que Rand nunca tivesse visto qualquer assunto que deixasse o Marechal-General inquieto, nem mesmo os Abandonados. — Illian vai se espatifar feito uma noz golpeada por um martelo.

— Você e Mat bolaram um bom plano. — A ideia principal fora de Rand, mas Mat e Bashere haviam fornecido os mil detalhes que fariam o plano dar certo. Mat mais do que Bashere.

— Um rapaz interessante, esse Mat Cauthon — refletiu o homem. — Espero um dia poder conversar com ele outra vez. O jovem não chegou a dizer quem o tutelou. Agelmar Jagad? Ouvi dizer que vocês dois foram para Shienar. — Rand não disse uma palavra. Os segredos de Mat pertenciam ao próprio Mat, nem mesmo ele sabia muito bem quais eram. Bashere inclinou a cabeça e esfregou o bigode. — Ele é jovem para ter estudado sob a tutela de alguém. Não parece mais velho do que você. Será que encontrou uma biblioteca? Gostaria de ver os livros que ele leu.

— Vai ter que perguntar a ele — respondeu Rand. — Eu não sei. — Supunha que Mat devia ter lido algum livro, em algum momento, em algum lugar, mas o amigo nunca fora muito interessado em leituras.

Bashere apenas assentiu. Quando Rand não queria falar sobre algum assunto, Bashere em geral o deixava quieto. Mas nem sempre.

— Da próxima vez que for para Cairhien, por que não traz de volta a irmã Verde que ficou por lá? Egwene Sedai? Ouvi os Aiel falando dela, dizem que também é da sua aldeia. Você confia nela, não confia?

— Egwene tem outras obrigações. — Rand soltou uma risada. Irmã Verde. Ah, se Bashere soubesse.

Somara surgiu ao seu lado trazendo a camisa de linho e o casaco de uma bela lã vermelha cortada ao estilo andoriano, com dragões na gola comprida e grossas folhas de loureiro nas lapelas, subindo pelas

mangas. Somara era alta até para uma Aiel, talvez nem uma mão mais baixa do que ele. Tal qual as outras Donzelas, ela baixara o véu, mas a *shoufa* marrom acinzentada ainda escondia quase todo o rosto.

— O *Car'a'carn* vai acabar pegando um resfriado — murmurou ela.

Rand duvidava muito. Os Aiel podiam não achar aquele calor muito fora do comum, mas o suor já escorria por seu corpo quase na mesma intensidade que durante o treino. Ainda assim, vestiu a camisa e enfiou-a por dentro da calça, deixando os laços desfeitos, depois se meteu no casaco. Não achava que Somara de fato fosse tentar vesti-lo à força, não na frente dos outros, mas assim evitaria o sermão dela e de Enaila — e muito provavelmente de algumas das outras —, bem como o chá de ervas.

Ele era o *Car'a'carn* para a maioria dos Aiel, e isso valia para as Donzelas. Em público. Quando estava sozinho com aquelas mulheres que haviam escolhido rejeitar o casamento e a família em favor da lança, as coisas ficavam mais complicadas. Supunha que — talvez — pudesse acabar com aquilo, mas tinha uma dívida com as Donzelas. Algumas já tinham morrido por ele, e outras morreriam — ele prometera, que a Luz o queimasse por isso! —, e, se podia permitir que se sacrificassem por ele, poderia permitir que fizessem qualquer outra coisa. Na mesma hora, o suor empapou a caminha e começou a deixar manchas escuras no casaco.

— Você precisa das Aes Sedai, al'Thor. — Rand torcia para que Bashere tivesse metade dessa tenacidade na batalha, o que era sua reputação. Mas só podia se basear naquela reputação e em algumas poucas semanas de contato. — Você não pode se dar ao luxo de tê-las como inimigas, e se elas não acharem que têm ao menos alguns cordéis atados a você, podem acabar debandando para o lado inimigo. Aes Sedai são traiçoeiras, homem nenhum tem como saber o que elas vão fazer ou deixar de fazer, nem por quê.

— E se eu lhe disser que existem centenas de Aes Sedai dispostas a me apoiar?

Rand estava ciente dos andorianos escutando a conversa. Precisava tomar cuidado para não falar demais. Não que soubesse muita coisa. O que sabia provavelmente era fruto de exagero e esperança. E duvidava bastante das “centenas”, a despeito das insinuações de Egwene.

Bashere estreitou os olhos.

— Se tivesse saído uma missão diplomática da Torre, eu saberia, então... — Ele baixou a voz quase a um sussurro. — A cisão? A Torre realmente se *cindiu*? — O Marechal-General parecia não conseguir acreditar nas palavras que saíam da própria boca. Todos sabiam que Siuan Sanche fora deposta e estancada. E executada, segundo os rumores. Ainda assim, para a maioria da população, a cisão da Torre era mera conjectura, e poucos acreditavam nisso. A Torre Branca permanecera intacta por três mil anos, um monólito se assomando sobre os tronos. Mas o saldaeano considerava todas as possibilidades. Ele prosseguiu em um sussurro de fato, aproximando-se para que os andorianos não entreouvíssem: — Devem ser as rebeldes que estão dispostas a apoiar você. Talvez você conseguisse um acordo melhor com elas... Aquelas mulheres vão precisar de você tanto quanto você delas, talvez até mais. Mas rebeldes, mesmo sendo Aes Sedai, não chegam nem perto de ostentar o poder da Torre Branca, ao menos não com qualquer coroa. Os cidadãos comuns podem não ver a diferença, mas os reis e as rainhas vão saber.

— Mesmo assim são Aes Sedai — respondeu Rand, também baixinho —, não importa quem sejam. — *E onde quer que estejam*, pensou secamente. *Aes Sedai... servas de todos... o Salão dos Servos está destruído... destruído para sempre... destruído... Ilyena, meu amor...* Impiedoso, ele esmagou os pensamentos de Lews Therin. Às vezes eles até ajudavam, fornecendo informações necessárias, mas estavam ficando fortes demais. Se tivesse uma Aes Sedai por ali... uma Amarela, as que mais sabiam sobre Cura. Aí talvez ela... Ele encontrara uma Aes Sedai de confiança, embora só tivesse passado a confiar nela pouco antes de sua morte. Moiraine deixara um conselho em relação às Aes Sedai, em relação a qualquer mulher que usasse o xale e o anel. — Eu nunca vou confiar em nenhuma Aes Sedai — declarou, em um tom baixo e rouco. — Vou usá-las,

porque preciso delas. Mas, rebeldes ou da Torre, sei que elas vão tentar me usar, porque é isso o que as Aes Sedai fazem. Nunca vou confiar nelas, Bashere.

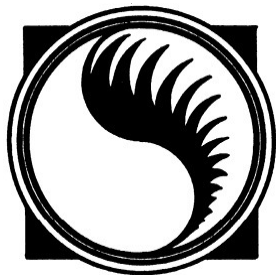
O saldaeano assentiu, hesitante.

— Então use-as, se puder. Mas não se esqueça. Ninguém dura muito tempo seguindo o caminho das Aes Sedai. — Ele soltou uma risada curta de repente. — Até onde eu sei, Artur Asa-de-gavião foi o último. Que a Luz queime meus olhos, talvez você venha a ser o segundo.

O ruído de botas anunciou movimento no pátio: um dos homens de Bashere chegara, um sujeito jovem e corpulento, de nariz pronunciado, uma cabeça mais alto que seu general, ostentando uma barba negra brilhosa e um bigode espesso. Caminhava feito um homem mais habituado a uma sela do que aos próprios pés, mas manejou a espada na cintura com suavidade, ao se curvar em uma reverência. Para Bashere mais do que para Rand. Bashere podia até ser seguidor do Dragão Renascido, mas Tumad — Rand achava que era esse o nome do homem: Tumad Ahzkan — era seguidor de Bashere. Enaila e três outras Donzelas cravaram os olhos no saldaeano recém-chegado. Elas realmente não confiavam em nenhum aguacento perto do *Car'a'carn*.

— Um sujeito aí se apresentou aos portões — declarou Tumad, desconfortável. — Ele diz... É Mazrim Taim, milorde Bashere.





A VISITA

Mazrim Taim. Ao longo dos séculos, antes de Rand, outros homens haviam alegado ser o Dragão Renascido. Nos últimos anos, houvera uma epidemia de falsos Dragões, alguns de fato capazes de canalizar. Um deles era Mazrim Taim, que reuniu um exército e destruiu Saldaea antes de ser capturado. A expressão de Bashere não se alterou, mas ele agarrou o cabo da espada com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. Tumad o encarava, à espera de ordens. A fuga de Taim, a caminho de Tar Valon para ser amansado, era o principal motivo pelo qual Bashere fora até Andor. Era essa a extensão do medo e do ódio que Saldaea sentia por Mazrim Taim. A Rainha Tenobia mandara Bashere levar seu exército atrás do homem aonde quer que ele fosse, pelo tempo que fosse, para garantir que Taim jamais atormentasse Saldaea outra vez.

As Donzelas permaneceram paradas e serenas, mas aquele nome se espalhou entre os andorianos como uma tocha atirada na grama seca. Arymilla estava sendo ajudada a se levantar, mas revirou os olhos outra vez e teria desabado de novo se Karind não a tivesse amparado a meio caminho do chão de pedras. Elegar cambaleou para trás por entre as colunas e se curvou, vomitando audivelmente. O restante arquejava, em pânico, levando lenços à boca e agarrando os punhos das espadas. Até mesmo a impassível Karind unedecia os lábios, em um tique nervoso.

Rand tirou a mão do bolso do casaco.

— A anistia — lembrou, e os dois saldaeanos lhe lançaram um olhar longo e inexpressivo.

— E se ele não tiver vindo pela sua anistia? — perguntou Bashere, depois de um instante. — E se ele ainda alegar que é o Dragão Renascido?

Os andorianos se mexeram nervosamente. Ninguém queria estar a milhas de distância de onde o Poder Único poderia ser usado em um duelo.

— Se ele achar isso — respondeu Rand, com firmeza —, vou desiludi-lo.

Rand levava no bolso o tipo mais raro de *angreal*: um feito para homens. Era uma escultura de um homenzinho gordo portando uma espada. Por mais forte que Taim fosse, não tinha condições de enfrentar aquilo. — Mas, se ele tiver vindo pela anistia, eu a concedo, assim como a concedi aos outros. — Fosse lá o que Taim tivesse feito em Saldaea, Rand não poderia se dar ao luxo de rejeitar um homem capaz de canalizar, alguém que não tivesse a necessidade de ser instruído desde os primeiros passos. Precisava de um homem desses. E não rejeitaria ninguém que não fosse um Abandonado, a não ser que fosse forçado a isso. *Demandred e Sammael, Semirhage e Mesaana, Asmodean e...* Rand forçou Lews Therin a recuar. Não podia se dar ao luxo de se

distrair.

Bashere fez outra pausa antes de falar, mas por fim assentiu e soltou a espada.

— A sua anistia persiste, é claro. Mas escute bem, al’Thor. Se Taim puser os pés em Saldaea outra vez, não vai sair vivo. Há lembranças demais. Não há ordem que eu possa dar, ou mesmo Tenobia em pessoa, que vá impedir isso.

— Vou mantê-lo longe de Saldaea. — Ou Taim fora até lá para se submeter a ele, ou seria necessário matá-lo. Em um gesto inconsciente, Rand tocou o bolso, comprimindo o homenzinho gordo por baixo da lã. — Vamos recebê-lo aqui.

Tumad encarou Bashere, mas o breve aceno de cabeça do Marechal-General veio tão ligeiro que a medida do barbudo ficou parecendo resposta à ordem verbalizada. Um lampejo de irritação passou pelo rosto de Rand, mas ele nada disse, e Tumad se afastou depressa, naquele caminhar meio gingado. Bashere cruzou os braços diante do peito e permaneceu parado com um dos joelhos dobrado, a imagem de um homem à vontade. Aqueles olhos escuros e oblíquos, fixos na direção pela qual Tumad saía, exibiam o retrato de um homem com o desejo de matar.

O roçar de pés recomeçou entre os andorianos, meias passadas hesitantes se afastando, depois retornando. Pelo modo como respiravam, o grupo parecia ter corrido milhas.

— Vocês podem partir — anunciou Rand.

— Eu, de minha parte, continuarei ao seu lado — começou Lir, ao mesmo tempo que Naeon dizia, rispidamente:

— Não vou fugir de...

Rand cortou os dois:

— Vão!

Os nobres queriam demonstrar que não tinham medo, ainda que estivessem prestes a borrar as calças. Queriam fugir, abandonando o que lhes restava de dignidade que ainda não haviam atirado aos pés de Rand. Era uma escolha simples. Ele era o Dragão Renascido, e ganhar sua aprovação significava demonstrar obediência. E obediência, nesse caso, significava fazer o que eles realmente queriam. Com uma onda de medidas profundas, reverências com saias completamente estendidas e murmúrios apressados de “Com sua permissão, milorde Dragão” e “Às suas ordens, milorde Dragão”, os nobres saíram... não exatamente correndo, mas andando o mais depressa que podiam sem parecer que estavam correndo. E na direção oposta à de Tumad: sem dúvida não queriam arriscar um encontro fortuito com Mazrim Taim, que se dirigia para o pátio.

A espera alongou-se no calor — demorava para conduzir um homem pelos amplos corredores desde os portões do Palácio —, mas, assim que os andorianos saíram, ninguém se mexeu. Bashere manteve o olhar fixo no ponto onde Taim surgiria. As Donzelas vigiavam tudo, mas era sempre assim; e, ainda que parecessem prontas para velar o rosto em um instante, também era sempre assim. Exceto pelos olhos, aquelas mulheres poderiam muito bem ser estátuas.

Enfim o som de botas ecoou pelo pátio. Rand quase tentou agarrar *saidin*, mas se conteve. O homem perceberia que ele estava de posse do Poder no instante em que adentrasse o recinto, e Rand não podia se permitir parecer temê-lo.

Tumad emergiu primeiro sob a luz do sol que invadia o ambiente, logo seguido de um homem de cabelos pretos e altura bem acima da média ostentando o rosto escuro, os olhos oblíquos, o nariz adunco e as maçãs do rosto proeminentes bem característicos do povo de Saldaea, embora estivesse de barba feita e se vestisse como um mercador andoriano que já fora próspero, mas estivesse enfrentando dificuldades. O casaco azul-escuro era de lã fina urdida com veludo mais escuro, mas o uso deixara os punhos puídos. As calças estavam esgarçadas nos joelhos e as botas rachadas exibiam uma camada de poeira. Ainda assim, o sujeito caminhava

empertigado, um feito impressionante considerando os quatro homens do exército de Bashere atrás de si, empunhando as lâminas quase retas, mas levemente curvas, as pontas a pouquíssima distância de suas costelas. O calor não parecia incomodá-lo. Os olhos das Donzelas acompanhavam seus passos.

Rand observou Taim enquanto o homem e sua escolta cruzavam o pátio. O sujeito era pelo menos quinze anos mais velho do que ele, devia ter trinta e cinco, no máximo alguns a mais. Pouco se sabia e menos ainda se encontrava nos livros a respeito de homens capazes de canalizar — era um assunto evitado por grande parte das pessoas com um pinga de decência —, mas Rand aprendera tudo o que pudera. Eram relativamente poucos os que de fato procuravam saber mais sobre o assunto, e este era um dos problemas. Desde a Ruptura, a maioria dos homens que canalizavam nascia com a habilidade, com potencial para ativá-la ao chegar à idade adulta. Alguns conseguiam controlar a loucura durante anos antes de serem encontrados e amansados por Aes Sedai; outros já eram encontrados irremediavelmente loucos, por vezes menos de um ano depois de tocar *saidin* pela primeira vez. Rand se mantivera agarrado à sanidade — ao menos até então — por quase dois anos. Ainda assim, diante dele estava um homem que talvez tivesse conseguido manter esse feito durante dez ou quinze anos. Só isso já valia de algo.

A um gesto de Tumad, o grupo parou a alguns passos de Rand. Ele abriu a boca, mas, antes que pudesse se pronunciar, Lews Therin irrompeu em sua mente em um frenesi. *Sammael e Demandred me odiavam, por mais honrarias que eu lhes concedesse. Quanto mais honrarias, mais ódio, até que venderam a alma e se afastaram. Principalmente Demandred. Eu deveria tê-lo matado! Deveria ter matado todos eles! Arrasado a terra para matá-los! Arrase a terra!*

Com o rosto paralisado, Rand lutou para controlar a própria mente. *Eu sou Rand al'Thor. Rand al'Thor! Nunca conheci Sammael, Demandred ou nenhum deles! Que a Luz me queime, sou Rand al'Thor!* Como um eco débil, outro pensamento surgiu, vindo de algum lugar. *Que a luz me queime.* Parecia uma súplica. Então Lews Therin desapareceu, de volta a fossem quais fossem as sombras onde vivia.

Bashere tirou vantagem do silêncio.

— Você alega ser Mazrim Taim? — Ele soou descrente, e Rand o encarou, confuso. Era ou não era Taim? Só um louco alegaria ser aquele falso Dragão, se fosse mentira.

A boca do prisioneiro se contorceu no que poderia ser o esboço de um sorriso, e ele esfregou o queixo.

— Eu fiz a barba, Bashere. — A voz trazia mais do que um toque de deboche. — É meio quente aqui tão ao sul, você não percebeu? Mais quente do que deveria estar, mesmo por aqui. Quer alguma prova? Devo canalizar para você? — Os olhos escuros do homem desviaram de relance para Rand, depois retornaram a Bashere, cujo rosto ficava mais sombrio a cada instante. — Talvez não, não agora. Eu me lembro de você. Eu o derrotei em Irinjarar, até que aquelas visões surgiram no céu. Mas todo mundo sabe disso. O que ninguém sabe além de você e Mazrim Taim? — Com a atenção voltada para Bashere, o homem parecia ignorar os guardas, todos ainda segurando as espadas perto de suas costelas. — Ouvi dizer que você abafou o que aconteceu com Musar, Hachari e suas esposas. — O deboche desaparecera. Ele simplesmente relatava o ocorrido. — Eles não deveriam ter tentado me matar debaixo de uma bandeira de negociação. Creio que você tenha arrumado boas posições para eles, como serviçais? Tudo o que vão querer agora é servir e obedecer, não conseguirão ser felizes de outra forma. Eu poderia tê-los matado. Todos os quatro empunharam as adagas.

— Taim — rosnou Bashere, levando a mão depressa ao cabo da espada —, seu...!

Rand se pôs entre os dois, agarrando o punho da mão que tentava erguer a espada. As espadas dos guardas e a de Tumad já estavam encostando em Taim, decerto tocando a carne, pela forma como estavam cravadas em seu casaco, mas ele não esboçou reação.

— Você veio me ver — inquiriu Rand — ou insultar Lorde Bashere? Se fizer isso de novo, vou deixar que

ele o mate. Minha anistia perdoa o que você fez, mas não permite que fique se gabando de seus crimes.

Taim analisou Rand por um instante, antes de falar. Apesar do calor, o sujeito quase não suava.

— Vim ver você. Foi você que eu vi no céu. Dizem que enfrentou o Tenebroso em pessoa.

— Não era o Tenebroso — respondeu Rand. Bashere não estava exatamente lutando contra seu gesto de contenção, mas sentia o braço tensionado do homem. Se o soltasse, aquela lâmina estaria cravada em Taim em um piscar de olhos. A menos que usasse o Poder. Ou que Taim usasse. Era preciso evitar isso, se possível. Continuou segurando o punho de Bashere. — Ele se autodenominava Ba'alzamon, mas acho que era Ishamael. Eu o matei depois, na Pedra de Tear.

— Ouvi dizer que você matou vários Abandonados. Devo chamá-lo de Lorde Dragão? Ouvi esse pessoal usando esse título. Pretende matar todos os Abandonados?

— Você tem outra ideia de como resolver essa questão? — perguntou Rand. — Ou eles morrem, ou o mundo morre. A não ser que você acredite que eles possam ser persuadidos a abandonar a Sombra da mesma forma que abandonaram a Luz.

Aquilo estava ficando ridículo. Lá estava ele, conversando com um sujeito espetado por cinco pontas de espadas que com certeza tiravam sangue por baixo do casaco enquanto ele próprio continha outro sujeito, ávido por cravar a sexta espada e arrancar mais do que um filete de sangue. Pelo menos os homens de Bashere eram disciplinados o bastante para não fazer mais sem ordens de seu general. Pelo menos Bashere estava mantendo a boca fechada. Admirado com a frieza de Taim, Rand prosseguiu o mais depressa que pôde, tentando não parecer precipitado:

— Sejam lá quais forem os seus crimes, Taim, não são nada perto dos crimes dos Abandonados. Você já torturou uma cidade inteira, já obrigou milhares de pessoas a ferirem umas às outras lentamente, a ferirem seus entes queridos? Semirhage fez isso, e simplesmente porque podia fazê-lo, para provar que era capaz, por puro prazer. Você já matou crianças? Graendal matou. Dizia que era bondade de sua parte, que as matava para que não sofressem ao ver seus pais escravizados e levados embora por ela. — Só torcia para que os outros saldaeanos estivessem escutando com metade da atenção de Taim, que estava até um pouco inclinado para a frente, parecendo interessado. E torcia para que os outros não fizessem muitas perguntas a respeito de onde tinham vindo todas aquelas informações. — Você deu seres humanos para os Trollocs comerem? Todos os Abandonados fizeram isso. Os prisioneiros que não se curvavam a eles eram sempre dados aos Trollocs, isso se não fossem mortos na hora. Mas Demandred aprisionou duas cidades só porque achava que o povo delas o menosprezara antes de ele se voltar para a Sombra. Cada homem, mulher e criança foi parar na barriga de um Trolloc. Mesaana construiu escolas no território que controlava, escolas onde crianças e jovens eram instruídos a respeito da *glória* do Tenebroso, onde eram ensinados a matar os colegas que tinham dificuldade de aprender. Eu poderia continuar. Poderia nomear os treze, um a um, listando as centenas de crimes escabrosos atribuídos a cada um deles. Seja lá o que você tenha feito, nem se compara. E agora você veio receber o meu perdão, para caminhar pela Luz e se submeter a mim, para enfrentar o Tenebroso com uma força com a qual jamais enfrentou ninguém. Os Abandonados estão vacilantes. Pretendo caçar todos e erradicá-los. E você vai me ajudar. É por isso que merece o perdão. E, para dizer a verdade, é provável que você mereça mais cem perdões até que a Última Batalha tenha terminado.

Enfim sentiu o braço de Bashere relaxar, a espada do homem deslizar de volta para dentro da bainha. Quase não conseguiu abafar um suspiro de alívio.

— Não vejo motivo para vigiá-lo tão de perto. Guardem as espadas.

Hesitantes, Tumad e os outros começaram a embainhar as espadas. Hesitantes, mas obedeceram. Taim, então, se pronunciou.

— Me submeter? Eu tinha pensado mais em estabelecer uma espécie de aliança entre nós dois. — Os outros saldaeanos ficaram tensos. Bashere ainda estava atrás de Rand, mas ele já podia *sentir* que o homem

ficara tenso. As Donzelas não moviam um só músculo, exceto pela mão de Jalani, que tremulou de leve em direção ao véu. Taim inclinou a cabeça, sem perceber. — Eu seria o parceiro inferior, é claro, apesar de já ter tido muitos anos a mais do que você de estudo do Poder. Há tanto que eu posso lhe ensinar.

A ira se avultou dentro de Rand até embotar a visão. Falara sobre coisas das quais não deveria saber, decerto dera origem a dezenas de rumores a respeito de si mesmo e dos Abandonados, tudo para suavizar o terror das ações daquele sujeito, e o homem tinha a audácia de falar em *uma aliança*? Dentro de sua mente, Lews Therin se enfurecia. *Mate-o! Mate-o agora mesmo! Mate-o!* Pela primeira vez, Rand não se deu ao trabalho de calar a voz.

— Nada de alianças! — rosnou. — Nada de parcerias! Eu sou o Dragão Renascido, Taim! Eu! Se você tiver algum conhecimento de que eu possa tirar proveito, vou usá-lo, mas você vai aonde eu mandar, fazer o que eu mandar e quando eu mandar.

Sem hesitar, Taim deslizou até o chão, prostrando-se apoiado em um dos joelhos.

— Eu me submeto ao Dragão Renascido. Vou servir e obedecer.

Os cantos de sua boca se contorceram outra vez naquele esboço de sorriso enquanto ele se levantava. Tumad o encarava, boquiaberto.

— Rápido assim? — murmurou Rand. A raiva não se dissipara, estava incandescente. Se cedesse, não sabia ao certo o que poderia acabar fazendo. Lews Therin ainda balbuciava nas profundezas de sua mente. *Mate-o! Você tem que matá-lo!* Rand afastou Lews Therin, transformando-o em um murmúrio quase inaudível. Talvez não devesse se surpreender: coisas estranhas aconteciam perto dos *ta'veren*, ainda mais de um *ta'veren* tão forte quanto ele. Não deveria se surpreender ao ver um homem mudar de ideia tão depressa, mesmo alguém cujo destino parecia gravado na pedra. Porém, a raiva o dominava, junto com uma forte desconfiança. — Você se declarou o Dragão Renascido, lutou batalhas por toda Saldaea, só foi capturado porque ficou inconsciente, e agora desiste assim tão fácil? Por quê?

Taim deu de ombros.

— Que escolha eu tenho? Vagar pelo mundo sozinho, sem amigos, perseguido, enquanto você conquista todas as glórias? Isso supondo que Bashere não dê um jeito de me matar antes que eu consiga sair da cidade, ou essas suas mulheres Aiel. Mesmo que não consigam, mais cedo ou mais tarde as Aes Sedai vão me encurralar. Duvido que a Torre vá se esquecer de Mazrim Taim. Ou eu posso seguir você, e parte dessa glória será minha. — Pela primeira vez, o sujeito olhou em volta, examinando os guardas e as Donzelas, e balançou a cabeça como se não conseguisse acreditar. — Poderia ter sido eu. Como eu poderia saber, se não tentasse? Eu posso canalizar, sou forte nisso. Que indicativos eu tinha de que não era o Dragão Renascido? Só precisava cumprir uma das Profecias.

— E como você daria um jeito de ter nascido nas encostas do Monte do Dragão? — perguntou Rand, com frieza. — A primeira Profecia a ser cumprida.

Taim contorceu a boca outra vez. Não era um sorriso de verdade: seus olhos denunciavam isso.

— Os vencedores escrevem a história. Se eu tivesse tomado a Pedra de Tear, a história teria demonstrado que nasci no Monte do Dragão, de uma mulher jamais tocada por um homem, e que os céus se abriram, radiantes, para anunciar a minha chegada. O tipo de coisa que dizem a seu respeito, agora. Mas foi você quem tomou a Pedra, com seus Aiel, e o mundo o aclama como o Dragão Renascido. Eu não sou idiota de resistir a isso: você é o escolhido. Bem, já que eu não posso comer o bolo inteiro, me contento com os farelos que caírem no meu prato.

— Você pode ter honras, Taim, ou pode não ter. Se vai começar a se atormentar por conta disso, pense no que aconteceu com os outros que fizeram o mesmo que você. Logain foi capturado e amansado, e há rumores de que morreu na Torre. Um sujeito sem nome decapitado em Haddon Mirk pelos tairenos. Outro,

queimado pelos murandianos. Queimado *vivo*, Taim! E também foi isso que os illianenses fizeram com Gorin Rogad, quatro anos atrás.

— Não é um destino que eu gostaria de ter — concluiu Taim, em voz calma.

— Então esqueça as honras e lembre-se da Última Batalha. Tudo o que eu faço é pensando em Tarmon Gai'don. Tudo o que eu mandar você fazer será com isso em mente. *Você* deve pensar sempre em Tarmon Gai'don!

— É claro. — Taim estendeu as mãos. — Você é o Dragão Renascido. Não tenho dúvidas, reconheço isso publicamente. Nós marchamos para Tarmon Gai'don. E as Profecias afirmam que você sairá vitorioso. E as histórias vão lembrar que Mazrim Taim foi seu braço direito.

— Talvez — respondeu Rand, em um tom rude. Vivera profecias demais para acreditar que qualquer uma delas se realizava exatamente do jeito que prometia. Ou que eram garantia de alguma coisa. Acreditava que as profecias estabeleciam as condições necessárias para determinado acontecimento. Só que satisfazer as condições não era garantia de que tal coisa *fosse* ocorrer, apenas de que *poderia* ocorrer. Algumas condições fixadas pelas Profecias do Dragão eram mais do que indicativos de que ele teria de morrer para ter qualquer chance de vitória. Pensar nisso não o ajudava a manter o temperamento sob controle. — Queira a Luz que essa sua oportunidade não chegue tão cedo. Agora... que conhecimentos você tem de que eu possa fazer uso? Consegue ensinar homens a canalizar? Consegue testar um homem para saber se ele tem condições de aprender? — Ao contrário das mulheres, um homem capaz de canalizar não conseguia simplesmente sentir a habilidade de outro. As diferenças entre homens e mulheres em relação ao Poder Único eram quase tantas quanto as que havia entre homens e mulheres no geral. Às vezes, essas diferenças eram sutis feito um fio de cabelo, outras, eram tão opostas quanto pedra e seda.

— E a sua anistia? Quer dizer que realmente apareceram alguns imbecis querendo aprender a ser como eu e você?

Bashere apenas encarava Taim, cheio de desprezo, os braços cruzados e os pés bem afastados, mas Tumad e os guardas se remexiam, incomodados. As Donzelas, não. Rand não fazia ideia de como as Donzelas se sentiam em relação ao número de homens que havia respondido ao seu chamado, elas nunca demonstravam coisa alguma. Com a lembrança de Taim como falso Dragão ainda pulsando forte, poucos saldaeanos conseguiam esconder a inquietação.

— Só me responda, Taim. Se puder fazer o que eu quero, então diga. Se não puder... — Era a raiva dentro dele que falava. Não podia mandar o homem embora, não com uma nova luta a cada dia. Taim, no entanto, parecia crer que Rand faria isso.

— Consigo fazer as duas coisas — respondeu, mais do que depressa. — Encontrei cinco ao longo dos anos... não que eu estivesse procurando... mas apenas um teve coragem de prosseguir, depois de ser testado. — Ele hesitou, então acrescentou: — Ele enlouqueceu dois anos depois. Tive que matá-lo antes que ele me matasse.

Dois anos.

— Você consegue refrear a loucura há muito mais tempo. Como?

— Está preocupado? — murmurou Taim, então deu de ombros. — Não posso ajudar. Não sei como, eu simplesmente consigo e pronto. Estou lúcido como... — Ele voltou os olhos na direção de Bashere, ignorando o olhar impassível do homem. — Como Lorde Bashere.

De repente, Rand foi tomado por dúvidas. Metade das Donzelas voltara a observar o pátio. Elas nunca se mantinham tão atentas a uma possível ameaça a ponto de ignorar outras. A possível ameaça era Taim, e a segunda metade das Donzelas ainda tinha os olhos cravados nele e em Rand, querendo captar o menor indício de que a ameaça se tornasse real. Qualquer homem estaria atento àquilo, àquelas mulheres com uma ameaça de morte súbita nos olhos, nas mãos. Rand estava ciente, e elas estavam ali para protegê-lo. Tumad e os

outros guardas ainda mantinham as mãos nos cabos das espadas, prontos para empunhá-las outra vez. Se os homens de Bashere e os Aiel decidissem matar Taim, seria bem difícil que ele escapasse daquele pátio, por mais que canalizasse, a não ser que Rand o ajudasse. Ainda assim, Taim dispensava aos soldados e às Donzelas a mesma atenção que à columata e às pedras do pavimento. Seria coragem, genuína ou fingida, ou algo mais? Uma espécie de loucura?

Depois de um instante de silêncio, Taim prosseguiu.

— Você ainda não confia em mim. Não há motivos para isso. Ainda. Com o tempo, você vai confiar. Em consideração a essa futura confiança, eu lhe trouxe um presente.

Ele puxou um embrulho surrado de debaixo do casaco, um pouco maior do que dois punhos de um homem.

Franzindo o cenho, Rand apanhou o embrulho e prendeu a respiração ao sentir a forma rígida envolta em pano. Puxou depressa os trapos multicoloridos, revelando um disco do tamanho de sua palma — um disco igual ao do estandarte escarlate pendurado no alto do palácio, metade branco e metade negro: o antigo símbolo dos Aes Sedai, de antes da Ruptura do Mundo. Passou os dedos pelas duas lágrimas gêmeas.

Apenas sete daqueles haviam sido fabricados, todos de *cuendillar*. Selos da prisão do Tenebroso, selos que mantinham o Senhor das Trevas apartado do mundo. Rand estava de posse de outros dois, ambos muito bem escondidos. Muito bem protegidos. Nada era capaz de destruir *cuendillar*, nem mesmo o Poder Único — a borda de uma taça delicada feita de pedra-do-coração era capaz de riscar aço e diamante —, mas três dos sete *tinham* sido destruídos. Ele os vira estilhaçados. E vira Moiraine arrancar uma lasca da borda de um deles. Os selos estavam se enfraquecendo, só a Luz sabia como ou por quê. O disco em suas mãos ainda apresentava a rigidez lustrosa de *cuendillar*, parecia uma mistura da mais fina porcelana com metal polido... mas ele tinha certeza de que se quebraria, se o deixasse cair nas pedras a seus pés.

Três quebrados. Estava de posse de outros três. Onde estaria o sétimo? Restavam apenas quatro selos entre a humanidade e o Tenebroso. Quatro, se o último ainda estivesse inteiro. Apenas quatro separavam a humanidade da Última Batalha. Enfraquecidos como estavam, será que ainda continham bem a prisão?

A voz de Lews Therin irrompeu como um trovão. *Quebre quebre todos você precisa quebrar todos precisa precisa precisa quebrar todos quebre e ataque você precisa atacar depressa precisa atacar agora quebre quebre quebre...*

Rand estremeceu com o esforço de lutar contra aquela voz, repelindo um nevoeiro que se grudava à sua mente feito teias de aranha. Seus músculos doíam, como se ele lutasse contra um gigante de carne e osso. Aos poucos, foi empurrando o nevoeiro de Lews Therin para as entranhas mais profundas, as sombras mais ocultas que podia encontrar dentro da própria mente.

De súbito, ouviu as palavras que murmurava, com a voz rouca.

— Precisa quebrar agora quebre tudo quebre quebre quebre.

Percebeu que segurava o selo acima da cabeça, prestes a esmagá-lo no pavimento branco. A única coisa que o impedia era Bashere, nas pontas dos pés, as mãos erguidas agarrando seus braços.

— Eu não sei o que é isso — murmurou o Marechal-General —, mas você não acha melhor esperar um pouco antes de quebrar?

Tumad e os outros já não olhavam para Taim: encaravam Rand, embasbacados. Até as Donzelas o observavam, os olhos cheios de preocupação. Sulin fez menção de dar um passo em direção aos homens, e Jalani, sem nem perceber, estendeu a mão para Rand.

— Realmente. — Rand engoliu em seco. A garganta doía. — É melhor não.

Bashere deu um passo atrás, hesitante, e Rand baixou a mão que segurava o selo, também hesitante. Se Rand considerara Taim imperturbável, agora tinha uma prova do contrário. O rosto do falso Dragão estava tomado pelo choque.

— Você sabe o que é isso, Taim? — inquiriu. — Deve saber, ou não teria trazido para mim. Onde foi que encontrou isso? Tem outro? Sabe onde está?

— Não — respondeu Taim, a voz instável. Não exatamente de medo, parecia mais um homem que presenciara um despenhadeiro se desintegrar sob seus pés e de repente, de alguma forma, se vira de volta em solo firme. — Esse é o único que eu... Ouvi toda sorte de rumores desde que fugi das Aes Sedai. Monstros surgindo do meio do nada. Feras estranhas. Homens falando com animais, e os animais respondendo. Aes Sedai enlouquecendo como deveria acontecer conosco. Aldeias inteiras enlouquecendo, matando umas às outras. Alguns podem ser verdade. Metade do que eu sei ser verdade é igualmente doido. Ouvi dizer que alguns dos selos tinham sido destruídos. Um martelo poderia quebrar esse aí.

Bashere franziu o cenho, encarou o selo nas mãos de Rand e arquejou. Agora, entendia.

— Onde foi que você encontrou isso? — repetiu Rand. Se conseguisse encontrar o último... então o quê? Lews Therin se revolia em sua mente, inquieto, mas ele se recusava a escutar.

— No último lugar onde você poderia imaginar — disse Taim —, que eu creio ser o primeiro lugar onde deveríamos procurar pelos outros. Uma fazendinha decadente em Saldaea. Parei para pegar água e o fazendeiro me entregou o disco. Era velho, sem filhos ou netos para herdar o objeto, e achou que eu fosse o Dragão Renascido. Contou que a família guardara o disco por mais de dois mil anos. Que foram reis e rainhas durante as Guerras dos Trollocs, nobres durante a época de Artur Asa-de-gavião. Talvez a história seja verdade. Seria tão improvável quanto encontrar esse disco em uma choupana a poucos dias de viagem até a Fronteira da Praga.

Rand assentiu, depois parou para recolher os trapos do embrulho. Estava acostumado a ver o improvável acontecer a seu redor, e por vezes também devia acontecer em outras terras. Reembrulhou o selo depressa e entregou-o a Bashere.

— Guarde isso com muito cuidado. — *Quebre!* Ele sufocou a voz. — Nada pode acontecer com este disco.

Bashere tomou o embrulho com as duas mãos, em um gesto reverente. Rand não soube ao certo se a medida era para ele ou para o selo.

— Estará seguro durante dez horas ou dez meses, até que você o requeira.

Por um instante, Rand analisou o Marechal-General.

— Todos estão esperando eu enlouquecer, estão todos com medo, menos você. Agora há pouco, você deve ter pensado que eu finalmente tinha ficado louco, mas mesmo assim não teve medo de mim.

Bashere deu de ombros, abrindo um sorriso por trás do bigode grisalho.

— Quando dormi pela primeira vez em cima de uma sela, Muad Cheade era Marechal-General. O homem era louco feito uma lebre no início da primavera. Revistava o camareiro duas vezes por dia para ver se ele não estava escondendo veneno e só bebia vinagre e água, que alegava terem o efeito de neutralizar o veneno com o qual o sujeito o alimentava. Mas, durante todo o tempo em que convivi com ele, o vi comer tudo o que seu camareiro preparava. Uma vez, mandou derrubar um bosque de carvalhos porque as árvores estavam olhando feio para ele. Depois insistiu para que os troncos caídos tivessem funerais decentes, e ele próprio conduziu a oração. Você faz ideia do tempo que leva para cavar covas para vinte e três carvalhos?

— Por que ninguém fez nada? A família dele?

— Os que não eram tão loucos quanto ele, ou mais, tinham medo de olhá-lo com desconfiança. De todo modo, o pai de Tenobia não teria deixado ninguém encostar um dedo em Cheade. Ele podia ser louco, mas comandava melhor que qualquer um que já conheci. Nunca perdeu uma batalha. Sequer chegou perto disso.

Rand riu.

— Então você me segue porque acha que eu posso superar o Tenebroso nas táticas de batalha?

— Eu o sigo porque você é quem é — respondeu Bashere, baixinho. — O mundo precisa seguir você, ou

os que sobreviverem vão desejar ter morrido.

Hesitante, Rand aquiesceu. As Profecias diziam que ele iria destruir nações e reuni-las. Não que ele desejasse fazer isso, mas as Profecias eram seu único guia para como lutar a Última Batalha, como vencê-la. E achava, mesmo sem elas, que unir as nações era necessário. A Última Batalha não seria travada apenas entre ele e o Tenebroso. Não podia acreditar nisso: por mais que pudesse estar enlouquecendo, ainda não chegara ao ponto de se julgar mais que um simples homem. Aquela também seria uma batalha da humanidade contra Trollocs e Myrddraal, contra todo tipo de Crias da Sombra que a Praga fosse capaz de regurgitar, e contra Amigos das Trevas emergindo de seus esconderijos. Haveria outros perigos na jornada até Tarmon Gai'don, e, se o mundo não estivesse unido... *Você faz o que tem de ser feito*. Não sabia dizer se a voz viera dele mesmo ou de Lews Therin, mas, até onde sabia, era verdade.

Avançou depressa até a coluna mais próxima, olhou para trás e disse para Bashere:

— Vou levar Taim para a fazenda. Quer vir junto?

— Fazenda? — perguntou Taim.

Bashere balançou a cabeça.

— Não, obrigado — respondeu, em um tom seco. O saldaeano podia não aparentar nervosismo, mas Rand e Taim juntos decerto era o máximo que ele era capaz de suportar. Ele claramente evitava a fazenda. — Meus homens estão ficando moles em policiar as ruas para você. Pretendo dar uma dura em uns deles, durante algumas horas. Você ia inspecioná-los hoje à tarde. Mudou de ideia?

— Que fazenda? — perguntou Taim.

Rand soltou um suspiro, se sentindo cansado de repente.

— Não, não mudei de ideia. Estarei na inspeção, se possível. — Aquilo era importante demais para mudar de ideia, embora ninguém além de Bashere e Mat soubessem. Não podia deixar que pensassem que era mais do que uma formalidade, uma cerimônia inútil para um homem cada vez mais tomado pela pompa de sua posição, o Dragão Renascido indo receber a saudação de seus soldados. Também tinha outra visita a fazer, naquele mesmo dia. Uma que todos pensariam estar sendo mantida em segredo. Poderia até continuar em segredo para a maioria, mas Rand não tinha dúvidas de que as pessoas que ele queria que soubessem, saberiam.

Apanhou a espada, apoiada em uma das colunas estreitas, e afivelou-a por cima do casaco aberto. O cinto era de couro de javali, escuro e sem adornos, bem como a bainha e o cabo comprido. A fivela era ornamentada com um dragão de aço e ouro muito bem trabalhado. Precisava se livrar daquela fivela, encontrar algo mais simples. Mas não podia fazer isso. Fora presente de Aviendha. E justamente por isso deveria se livrar daquilo. Não conseguia encontrar uma solução para aquele ciclo de pensamentos.

Algo mais o aguardava ali: uma lança de dois pés de comprimento, com borla verde e branca abaixo da ponta afiada. Ao virar-se de volta para o pátio, ergueu-a. Uma das Donzelas entalhara o cabo curto com Dragões. Alguns já chamavam aquilo de Cetro do Dragão, sobretudo Elenia e seu grupo. Rand mantinha o objeto por perto para se lembrar de que talvez tivesse mais inimigos do que conseguia enxergar.

— Que fazenda é essa que você está falando? — A voz de Taim ganhou firmeza. — Aonde é que pretende me levar?

Rand analisou o homem por um longo instante. Não gostava de Taim. Alguma coisa nos modos dele. Ou talvez algo em si próprio. Passara tempo ele sendo o único que conseguia sequer pensar em canalizar sem medo das Aes Sedai. Bem, não fazia muito tempo, e pelo menos as Aes Sedai não tentariam amansá-lo, não agora que sabiam quem ele era. Poderia ser simplesmente isso? Ciúme por não ser mais o único? Achava que não. Apesar de tudo o mais, acolheria quantos homens capazes de canalizar tranquilos que pudesse encontrar no mundo. Enfim deixaria de ser uma aberração. Não, não chegaria a tanto, não deste lado de Tarmon Gai'don. Ele era único, era o Dragão Renascido. Quaisquer que fossem os motivos, ele simplesmente não

gostava do sujeito.

Mate esse homem! Ganiu Lews Therin. *Mate todos eles!* Rand abafou a voz. Não era obrigado a gostar de Taim, só precisava usá-lo. E confiar nele. O que era o mais difícil.

— Vou levá-lo a um lugar onde você pode me servir — respondeu com frieza.

Taim não se encolheu nem franziu o rosto, apenas observou e aguardou, os cantos da boca por um breve instante se contorcendo naquele meio sorriso.





OS OLHOS DE UMA MULHER

Contendo a própria irritação — e os murmúrios de Lews Therin —, Rand tentou tocar *saidin*, lançando-se à já familiar batalha por controle e sobrevivência em meio ao vazio. A mácula vinha em uma torrente enquanto ele canalizava. Mesmo no vazio dava para senti-la se embrenhando em seus ossos, talvez até em sua alma. Não havia outra forma de descrever o que estava fazendo, além de dizer que era um vinco no Padrão, um buraco. Aprendera isso sozinho, já que seu professor não tivera muito êxito em explicar nem mesmo o que jazia por detrás das coisas que ensinava. Uma linha vertical brilhante surgiu no ar, expandindo-se depressa até virar uma abertura do tamanho de uma porta larga. O que se via através dela parecia distorcida, uma clareira iluminada pelo sol em meio a árvores afetadas pela seca, tudo girando até parar.

Enaila e mais duas Donzelas ergueram os véus e saltaram pouco antes que a abertura se firmasse. Meia dúzia de outras as seguiram, algumas com os arcos de chifre a postos. Rand não esperava que houvesse nada ali contra o qual fosse preciso proteção. Fizera com que o outro extremo da abertura — isso se *houvesse* outro extremo: Rand não entendia como funcionava, mas parecia existir apenas um lado da coisa — fosse no meio da clareira porque talvez abrir um portal entre as pessoas fosse perigoso, mas dizer às Donzelas — ou a qualquer Aiel — que não era preciso manter-se alerta era como dizer a um peixe que não era preciso nadar.

— Isso é um portão — explicou a Taim. — Posso mostrar a você como fazer, se não tiver entendido.

O homem o encarava. Se tivesse prestado atenção, teria visto a tessitura de *saidin* sendo feita. Qualquer homem capaz de canalizar poderia vê-la.

Taim juntou-se a Rand para adentrar a clareira, com Sulin e as outras Donzelas trás. Algumas lançaram um olhar de desdém à espada na cintura de Rand, ao passar por ele em fila, gesticulando rápida e silenciosamente na língua de sinais das Donzelas. Indignadas, decerto. Enaila e a vigia à frente já haviam se separado, cautelosas, por entre as árvores esqueléticas e sem cor. Seus casacos e calças, o *cadin'sor*, mesclavam seus corpos às sombras, mesmo sem terem acrescentado verde ao cinza e marrom. Com o Poder dentro de si, Rand conseguia ver cada agulha dos pinheiros, a maioria morta. Sentia o odor azedo da seiva das folhas-de-couro. O próprio ar tinha um cheiro quente, seco e empoeirado. Não havia perigo para ele ali.

— Espere, Rand al'Thor — chamou uma voz insistente de mulher, do outro lado da abertura. A voz de Aviendha.

Na mesma hora, Rand soltou *saidin* e a trama. A abertura fechou-se em um piscar de olhos, do mesmo

modo que se abrisse. Havia perigos e perigos. Taim oencarou, curioso. Algumas das Donzelas, veladas e desveladas, também lhe lançaram olhares ligeiros. Olhares reprovadores. Gesticularam na linguagem das Donzelas. Contudo, tinham o bom senso de manter a boca fechada — Rand se fizera muito claro a respeito disso.

Ignorando tanto a curiosidade quanto a desaprovação, Rand avançou pelas árvores com Taim a seu lado, folhas e galhos mortos se partindo sob seus pés. As Donzelas, avançando em um largo círculo ao redor deles, não emitiam qualquer som sob as botas macias e amarradas até os joelhos. Algumas já tinham feito essa jornada com Rand, sempre sem nenhum incidente, mas nada jamais as convenceria de que aquelas matas não eram um bom local para uma emboscada. Antes de Rand, a vida no Deserto amargara quase três mil anos de ataques, escaramuças, rixas e guerras que tempo nenhum poderia mitigar.

Sem dúvida havia coisas que ele poderia aprender com Taim — mesmo que não tantas quanto o sujeito pensara que poderia ensinar —, mas o aprendizado era uma via de mão dupla, e estava na hora de ele começar a instruir o mais velho.

— Ao meu lado, cedo ou tarde você terá que enfrentar os Abandonados. Talvez antes da Última Batalha. Provavelmente antes. Você não parece surpreso.

— Ouvi rumores. Alguma hora eles iam se libertar.

Então as notícias estavam se espalhando. Sem querer, Rand abriu um sorriso. As Aes Sedai não iam gostar. Além de tudo o mais, havia um certo prazer em lhes dar uma cutucada.

— Você precisa estar pronto para qualquer coisa, a qualquer momento. Trollocs, Myrddraal, Draghkar, Homens Cinza, *gholam*...

Ele hesitou, acariciando o longo punho da espada com a palma da mão marcada pela garça. Não fazia ideia do que era um *gholam*. Lews Therin não tinha se pronunciado, mas ele sabia que era de lá que vinha o nome. Às vezes alguns pensamentos fragmentados penetravam a fina barreira entre ele e aquela voz e se tornavam parte das lembranças de Rand, em geral sem qualquer explicação. Nos últimos tempos, vinha acontecendo com mais frequência. Não era algo contra o qual ele pudesse lutar, como a voz. A hesitação durou apenas um instante.

— Não só no norte, perto da Praga. Mas também aqui ou em qualquer lugar. Eles estão usando os Caminhos.

Era outra coisa que precisava resolver. Mas como? Criados a partir de *saidin*, os Caminhos tinham se perdido nas trevas, tão maculados quanto *saidin*. As Crias da Sombra não conseguiam evitar todos os perigos dos Caminhos — a maioria, na melhor das hipóteses, fatal para os homens —, mas, de alguma maneira, ainda eram capazes de viajar por eles. Mesmo que percorrer os Caminhos não fosse tão rápido quanto cruzar um portão, era possível avançar centenas de milhas em um só dia viajando por eles. Esse problema teria que ficar para depois. Deixara muitos problemas para depois. Tinha muitos problemas para agora. Irritado, golpeou uma folha-de-couro com o Cetro do Dragão; fragmentos de folhas largas e resistentes caíram pelo chão, quase todos marrons.

— Se a criatura já foi mencionada em alguma lenda, pode ter certeza de que virá nos atacar. Até mesmo Cães das Trevas, embora, nesse caso, se eles fazem mesmo parte da Caçada Selvagem, pelo menos o Tenebroso não está livre para vir cavalcando atrás deles. Os Cães sozinhos já são bem ruins. Tem como matar algumas dessas Crias da Sombra do modo como as lendas instruem, mas outros só morrem com fogo devastador, disso eu tenho certeza. Você conhece o fogo devastador? Se não, é uma coisa que não vou ensinar. Se conhece, não use em nada, só nas Crias da Sombra. E não ensine a ninguém.

“A origem de alguns desses rumores que você ouviu pode ser... não sei bem como chamá-las, uso a expressão ‘bolhas de mal’. São como aquelas bolhas que às vezes despontam em algum pântano, só que essas emergem do Tenebroso à medida que os selos se enfraquecem. Em vez de odores pútridos, são cheias de... de

mal. Ficam pairando pelo Padrão até estourar, então, quando estouram, qualquer coisa pode acontecer. Qualquer coisa. Seu próprio reflexo pode pular para fora do espelho e tentar matá-lo. Pode acreditar.”

Se a ladainha estava deixando Taim preocupado, ele não demonstrou. Apenas respondeu:

— Eu já estive na Praga, já matei Trollocs e Myrddraal. — Ele afastou um galho baixo do caminho e segurou-o para que Rand passasse. — Nunca ouvi falar nesse tal de fogo devastador, mas se um Cão das Trevas vier atrás de mim, darei um jeito de matá-lo.

— Bom — respondeu Rand, tanto sobre a ignorância de Taim quanto à autoconfiança. O fogo devastador era um fragmento de conhecimento que Rand não se importaria de ver desaparecer do mundo. — Com sorte, você não vai encontrar nada disso por aqui, mas nunca dá para ter certeza.

A mata de súbito terminou e deu lugar a uma fazenda, com uma ampla casa de dois andares e telhado de palha, a construção desgastada pelo tempo, fumaça subindo de uma das chaminés e um grande celeiro meio inclinado. O dia ali não estava mais fresco do que na cidade a algumas milhas de distância, o sol, não menos escaldante. Galinhas ciscavam, duas vacas pardas ruminavam em um cercadinho de ripas, um rebanho de cabras pretas amarradas se ocupava em arrancar as folhas dos arbustos ao alcance e uma carroça de rodas altas jazia à sombra do celeiro, mas o lugar não parecia uma fazenda. Não havia campo à vista: o entorno era todo ocupado por florestas, cortadas apenas pelo sinuoso caminho de terra batida que se estendia para o norte, usado para as raras excursões até a cidade. E havia gente demais.

Quatro mulheres, todas de meia-idade exceto por uma, penduravam roupas lavadas em um par de varais, e uma dezena de crianças, nenhuma com mais de nove ou dez anos, brincava entre as galinhas. Também havia homens circulando por ali, a maioria parecendo ocupada. Vinte e sete, ainda que fosse exagero chamar alguns deles de homens. Eben Hopwil, o magrelo que puxava um balde de água de dentro do poço, alegava ter vinte anos, mas devia ter quatro ou cinco a menos. O que mais se via no garoto eram o nariz e as orelhas. Fedwin Morr, um dos três sujeitos suados que trocavam a palha velha do teto, era bem mais desenvolvido e tinha bem menos espinhas, mas sem dúvida não era mais velho. Mais da metade dos homens tinha apenas três ou quatro anos a mais do que esses dois. Rand quase mandara alguns de volta para casa — pelo menos Eben e Fedwin, mesmo a Torre Branca aceitando noviças tão jovens quanto eles, às vezes até mais. Em algumas cabeças já dava para ver fios grisalhos entre os cabelos escuros, e Damer Flinn, de rosto enrugado, empunhando um galho descascado em frente ao celeiro para demonstrar a dois rapazes como se usava uma espada, mancava e exibia apenas uma franjinha fina de cabelos brancos. Damer integrara a Guarda da Rainha até ser atingido na coxa por uma lança murandiana. Não era um grande espadachim, mas parecia ter competência para ensinar os outros a não acertarem o próprio pé. A maioria dos homens era de Andor, alguns poucos cairhienos. Ainda não havia nenhum de Tear, embora a anistia também tivesse sido proclamada por lá. Levaria algum tempo para que chegasse gente de tão longe.

Damer foi o primeiro a reparar nas Donzelas. Ele deitou o graveto e dirigiu a atenção dos pupilos a Rand. Então Eben soltou um berro e largou o balde, se molhando todo, e todos dispararam, atabalhoados, gritando avisos em direção à casa, e se amontoaram atrás de Damer, ansiosos. Mais duas mulheres de avental saíram da casa, o rosto vermelho por conta dos fogões, e ajudaram as outras a juntar as crianças atrás dos homens.

— Lá estão eles — explicou Rand. — Você tem quase metade de um dia. Quantos consegue testar? Quero saber quem tem condições de ser treinado quanto antes.

— Este bando foi tirado do fundo de um... — começou a dizer Taim, desdenhoso, então parou no meio do pátio da fazenda, encarando Rand. Galinhas ciscavam em volta de seus pés. — Você não testou nenhum? Por quê, em nome da...? Você não sabe, não é? Sabe Viajar, mas não sabe testar alguém para detectar o talento.

— Alguns não querem canalizar. — Rand aliviou a força com que agarrava o punho da espada. Detestava admitir as lacunas em seu conhecimento àquele homem. — Alguns só pensaram na chance de ter glória,

riqueza ou poder. Mas quero qualquer homem que tenha condições de aprender, sejam lá quais forem as motivações.

Os alunos — os homens que seriam alunos —, parados diante do celeiro, observavam Rand e Taim com o que quase poderia ser considerado calma. Afinal de contas, todos tinham ido a Caemlyn na esperança de aprender com o Dragão Renascido ou crendo que aprenderiam. Eram as Donzelas, dispostas em círculo ao redor da fazenda e investigando a casa e o celeiro, que lhes atraíam a atenção, em uma espécie de fascínio cauteloso e até mesmo apreensivo. As mulheres agarravam as crianças às saias, o olhar fixo em Rand e Taim e uma variedade de expressões nos rostos, desde ar impassível até mordidas ansiosas nos lábios.

— Venha — declarou Rand. — Está na hora de conhecer seus alunos.

Taim hesitou.

— É mesmo só para isso que você me quer? Para tentar ensinar a essa escória deprimente? Isso se for possível ensinar a algum deles. Quantos você realmente acha que vai encontrar em um grupo que simplesmente veio vagando até você?

— Isso é importante, Taim. Eu mesmo faria, se pudesse, se tivesse tempo. — O tempo era sempre crucial, estava sempre faltando. E ele mesmo admitira, por mais que lhe fosse penoso. Rand percebia que não gostava muito de Taim, mas não era obrigado a gostar. Não ficou esperando e, depois de um instante, o outro o alcançou com passos compridos. — Você falou em confiança. Estou confiando em você para isso. — *Não confie!*, vociferou Lews Therin, de seu recôndito obscuro. *Nunca confie em ninguém! Confiança traz a morte!* — Teste os rapazes e comece as aulas assim que descobrir quem é capaz de aprender.

— Como o Lorde Dragão desejar — murmurou Taim, irônico, quando chegaram ao grupo que os aguardava.

Foram saudados com medidas e reverências, nenhuma muito polida.

— Este é Mazrim Taim — anunciou Rand. Queixos caíram e olhos se arregalaram, naturalmente. Alguns dos mais jovens os encararam como se achassem que ele e Taim estavam ali para lutar, uns poucos pareciam ansiosos para assistir. — Apresentem-se a ele. A partir de hoje, ele será seu instrutor.

Taim lançou a Rand um olhar frio enquanto os alunos foram se agrupando devagar em torno dele e começaram a se apresentar.

Na verdade, as reações foram variadas. Fedwin avançou com avidez, abrindo caminho até a frente, logo ao lado de Damer, enquanto Eben permaneceu atrás, com o rosto pálido. Os outros estavam divididos, hesitantes, indecisos, mas por fim foram se pronunciando. A declaração de Rand punha um ponto final em semanas de espera para alguns daqueles homens, talvez em anos de sonhos. Um novo paradigma começava naquele momento, um que lhes permitiria canalizar, fossem quais fossem as implicações.

Um sujeito troncudo de olhos escuros, seis ou sete anos mais velho que Rand, ignorou Taim e afastou-se dos outros. Vestido em um casaco bruto de fazendeiro, Jur Grady parou diante de Rand, remexendo os pés e retorcendo um quepe de tecido nas mãos ásperas. Encarava o quepe e o chão sob as botas gastas, só de vez em quando erguendo os olhos para Rand.

— É... milorde Dragão, eu andei pensando... é... meu pai está cuidando do meu terreno, um bom pedaço de terra, e se o córrego não secar ainda vai dar uma safra, isso se chover, e... e... — Ele esmagou o quepe, então endireitou-o outra vez, com cuidado. — Estava pensando em voltar para casa.

As mulheres não estavam agrupadas em volta de Taim. Agarravam as crianças e observavam, em uma fileira silenciosa de olhos angustiados. A mais jovem, uma moça roliça de cabelos claros, com um garoto de quatro anos brincando com seus dedos, era Sora Grady. Aquelas mulheres estavam ali acompanhando os maridos, mas Rand suspeitava de que metade das conversas entre os casais eventualmente mencionasse a partida. Cinco homens já tinham ido embora, todos casados, ainda que nenhum tivesse dado o casamento como justificativa. Que mulher ficaria tranquila vendo o marido esperar para aprender a canalizar? Deveria

ser como vê-lo na fila para cometer suicídio.

Alguns diriam que aquele não era um lugar para famílias, embora muito provavelmente esses mesmos diriam que os homens também não deveriam estar ali. Na opinião de Rand, as Aes Sedai haviam cometido um erro se fechando para o mundo. Poucos adentravam a Torre Branca além das Aes Sedai, as mulheres que queriam ser Aes Sedai e as pessoas que as serviam. Apenas um punhado ia até lá em busca de ajuda e só fazia isso em circunstâncias extremas. Quando as Aes Sedai saíam da Torre, a maioria mantinha distância do povo — e algumas nunca saíam. Para as Aes Sedai, as pessoas eram peças de um jogo e o mundo era o tabuleiro, não um lugar onde viver. Para elas, apenas a Torre Branca era real. Nenhum homem conseguiria esquecer o mundo e as pessoas comuns quando tinha a própria família diante de si.

Aquilo só precisava durar até Tarmon Gai'don — quanto tempo? Um ano? Dois? —, mas a questão era se duraria até lá. De alguma forma, duraria. Ele faria durar. As famílias eram, para os homens, uma lembrança de por que lutavam.

Os olhos de Sora estavam cravados em Rand.

— Vá, se quiser — respondeu a Jur. — Você pode ir embora a qualquer momento antes que comece a aprender a canalizar. Depois que der esse passo, terá se tornado o mesmo que um soldado. Você sabe que vamos precisar de todos os soldados que pudermos encontrar antes da Última Batalha, Jur. A Sombra vai arrebanhar novos Senhores do Medo prontos para canalizar, pode contar com isso. Mas a escolha é sua. Talvez você consiga ficar de fora lá na sua fazenda, até acabar. Deve haver alguns lugares no mundo que ficarão a salvo do que está por vir. Espero. De todo modo, o restante de nós vai fazer o possível para preservar o máximo de locais que der. Mas você podia ao menos dizer seu nome a Taim. Seria uma vergonha ir embora antes de descobrir se tem condições de aprender.

Evitando os olhos de Sora, Rand deu as costas para Jur, que parecia confuso. *E você recrimina as Aes Sedai por manipular os outros*, pensou com amargura. Fazia o que tinha de fazer.

Taim ainda ouvia os nomes do grupo, continuando a lançar olhares irritados mal contidos a Rand. De súbito, a paciência dele se esgotou.

— Já chega disso. Posso pegar os nomes depois, dos que ainda estiverem aqui amanhã. Quem é o primeiro a ser testado? — Na mesma rapidez, os homens congelaram a língua. Alguns o encaravam sem nem piscar os olhos. Taim apontou para Damer. — É melhor já tirar você do caminho. Venha cá.

Damer não se moveu até Taim o agarrar pelo braço e o puxar, afastando-o um pouco dos outros.

Observando, Rand também se aproximou.

— Quanto mais Poder for usado — ia explicando Taim, a Damer —, mais fácil detectar a ressonância. Por outro lado, uma ressonância grande demais pode lhe trazer um desconforto na cabeça, ou talvez até matá-lo, então vou começar de leve.

Damer piscou os olhos. Não entendera quase nada, exceto talvez a parte sobre desconforto e morte. Rand, porém, sabia que a explicação tinha sido para ele. Taim estava escondendo sua ignorância dos outros.

De súbito, uma pequenina chama tremulante irrompeu no ar. Tinha uma polegada de altura e estava equidistante dos três homens. Rand sentia o Poder em Taim, ainda que apenas um pouquinho, e via o fino fluxo de Fogo que o homem urdia. A chama trouxe um alívio surpreendente, era prova de que Taim podia mesmo canalizar. As dúvidas iniciais de Bashere deviam ter ficado em sua mente.

— Concentre-se na chama — disse Taim. — Você é a chama. O mundo é a chama. Não existe nada além da chama.

— Eu não sinto nada, só um princípio de dor nos olhos — resmungou Damer, enxugando o suor do rosto com o dorso da mão bruta e calejada.

— Concentre-se! — vociferou Taim. — Não fale, não pense, não se mexa. Concentre-se.

Damer aquiesceu, depois piscou os olhos para a carranca de Taim e congelou, encarando a chama

diminuta em silêncio.

Taim estava concentrado, mas Rand não sabia ao certo em quê. Ele parecia escutar. Uma ressonância, ao que dissera. Rand manteve o foco, escutando, tentando sentir... alguma coisa.

Minutos se passaram sem que ninguém movesse um só músculo. Cinco, seis, sete minutos intermináveis, e Damer praticamente sem piscar. O velho respirava com dificuldade, suando tanto que parecia que tinham derramado um balde de água em sua cabeça. Dez minutos.

De repente, Rand sentiu. A ressonância. Uma coisa pequena, um eco do minúsculo fluxo de Poder que pulsava em Taim, mas parecia vir de Damer. Só podia ser a ressonância que Taim mencionara, mas ele não se mexeu. Talvez houvesse mais, ou talvez aquilo não fosse o que Rand imaginava.

Mais um ou dois minutos se passaram, e por fim Taim assentiu, liberando a chama e *saidin*.

— Você é capaz de aprender... Damer, não é? — Ele parecia surpreso. Sem dúvida não imaginara que o primeiríssimo homem passaria no teste, ainda mais um velho quase careca. Damer abriu um sorriso fraco, parecia prestes a vomitar. — Acho que eu não deveria me surpreender se todos esses simplórios passarem no teste — murmurou o homem de nariz de gavião, olhando para Rand. — Você parece ter a sorte de dez homens juntos.

Botas se remexeram, sem jeito, entre o restante dos “simplórios”. Sem dúvida alguns já desejavam não passar. Não podiam recuar agora, mas, se falhassem no teste, poderiam voltar para casa sabendo que tinham tentado, sem precisar encarar o que viesse caso passassem.

O próprio Rand ficou um pouco surpreso. Não houvera nada além daquele eco, no fim das contas, e ele sentira antes de Taim, que sabia o que procurava.

— No devido tempo, vamos descobrir qual é a extensão da sua força — explicou Taim, enquanto Damer retornava para perto dos outros. O grupo se afastou um pouco dele, sem encará-lo. — Talvez você tenha tanta força quanto eu ou até quanto o Lorde Dragão aqui. — O vão em torno de Damer se ampliou mais um pouco. — Só o tempo dirá. Preste atenção enquanto eu testo os outros. Se for esperto, vai conseguir pescar o jeito daqui a mais quatro ou cinco testes. — Uma rápida olhadela para Rand informou que o comentário tinha sido para ele. — Pois bem, quem é o próximo? — Ninguém se mexeu. O saldaeano alisou o queixo e apontou para um sujeito desajeitado com bem mais de trinta anos, um tecelão de cabelos escuros chamado Kely Huldin — Você. — Na fileira de mulheres, a esposa de Kely soltou um gemido de lamento.

Vinte e seis outros testes tomariam o restante da tarde, talvez até mais. Com ou sem calor, os dias estavam ficando cada vez mais curtos, como se o inverno de fato estivesse chegando, e um teste malsucedido levava alguns minutos a mais do que um bem-sucedido, só por garantia. Bashere estava aguardando, e ainda havia Weiramon para visitar, e...

— Continue aí — disse Rand a Taim. — Volto amanhã para ver como foram as coisas. Lembre-se da confiança que estou depositando em você. — *Não confie nele*, ganiu Lews Therin. A voz parecia vir de alguma figura cabriolante nas profundezas de sua mente. *Não confie. Confiança leva à morte. Mate o homem. Mate todos eles. Ah, morrer e acabar, acabar com tudo, dormir sem sonhos, sonhos de Ilyena, me perdoe, Ilyena, não há perdão, apenas a morte, mereço morrer...* Rand deu as costas para o grupo antes que seu rosto denunciasse a luta interna. — Amanhã. Se eu puder.

Taim o alcançou antes que ele e as Donzelas chegassem à metade do caminho de volta até as árvores.

— Se ficar mais um pouco, pode aprender a fazer o teste. — Havia um toque de exasperação em sua voz. — Isso se eu encontrar mais uns quatro ou cinco, de todo modo, o que não vai me surpreender. Você parece ter a sorte do próprio Tenebroso. Imagino que queira aprender. A não ser que esteja pretendendo largar tudo nas minhas costas. Estou lhe avisando, vai levar tempo. Por mais que eu pressione, esse Damer ainda vai levar dias, semanas, antes de sequer conseguir sentir *saidin*, que dirá tocá-lo. Só tocar, sem canalizar nem uma

centelha.

— Eu já entendi como funciona o teste — respondeu Rand. — Não foi difícil. E de fato pretendo largar tudo nas suas costas, até você conseguir encontrar outros e ensinar a eles o suficiente para que possam ajudá-lo a procurar mais outros. Lembre-se do que eu disse, Taim. Seja rápido em ensinar a eles.

Havia perigos naquilo. Aprender a canalizar a metade feminina da Fonte Verdadeira era como aprender a aceitá-la, pelo que as mulheres tinham dito a Rand, aprender a submeter-se a algo que prestaria obediência a quem se entregasse. Era como guiar uma força colossal que só faria mal a quem abusasse de seu uso. Elayne e Egwene viam aquilo como natural. Para Rand, era quase impossível de acreditar. Canalizar a metade masculina era uma guerra constante por controle e sobrevivência. Se avançasse além da conta ou muito depressa, viraria um rapazinho atirado sem roupas em uma batalha intensa contra inimigos armados. Mesmo depois de aprender, era possível acabar destruído, morto ou com a mente obliterada por *saidin* — isso se simplesmente não acabasse exaurindo a própria habilidade de canalizar. O mesmo preço que as Aes Sedai cobravam de um homem capaz de canalizar que capturassem poderia ser cobrado do próprio canalizador em um instante de descuido, em um instante em que baixasse a guarda. Não que alguns daqueles homens diante do celeiro não estivessem dispostos a pagar esse preço naquele exato minuto. A esposa de Kely Huldin, com seu rosto redondo, agarrava o marido pela gola da camisa, falando com urgência. Kely balançava a cabeça, indeciso, e os outros homens casados encaravam suas esposas, preocupados. Mas estavam diante de uma guerra, e as guerras eram feitas de baixas, mesmo entre os casados. Luz, Rand estava ficando calejado a ponto de dar nojo a uma cabra. Virou um pouco o corpo para não ter que ver os olhos de Sora Grady.

— Vá avançando por onde der — disse a Taim. — Ensine o máximo possível no menor tempo possível.

Taim comprimiu os lábios de leve ao ouvir as primeiras palavras de Rand.

— O máximo possível — repetiu, impassível. — Mas o quê? Coisas que possam ser usadas como armas, suponho.

— Armas — concordou Rand. Todos os homens tinham que ser armas, inclusive ele próprio. Será que uma arma poderia ter família? Poderia se permitir ser amada? Ora, *de onde* ele tirara aquela ideia? — O máximo que puderem aprender, mas principalmente isso.

Havia tão poucos homens. Vinte e sete. E se houvesse pelo menos mais um além de Damer capaz de aprender, Rand agradeceria por ser *ta'veren* e ter atraído o homem para si. As Aes Sedai apenas capturavam e amansavam homens de fato capazes de canalizar, mas tinham se aprimorado bastante ao longo dos últimos três mil anos. Ao que parecia, algumas acreditavam estar tendo sucesso em algo que jamais pretenderam: apartar da humanidade a habilidade de canalizar através da seleção. A Torre Branca fora construída para abrigar três mil Aes Sedai constantemente — muito mais, se todas fossem convocadas de uma vez, com aposentos para abrigar centenas de meninas em treinamento. Contudo, antes da cisão havia apenas quarenta e tantas noviças na Torre, e menos de cinquenta Aceitas.

— Preciso de mais gente, Taim. Dê um jeito de encontrar mais. Ensine a eles como fazer o teste, antes de qualquer outra coisa.

— Pretende chegar ao número das Aes Sedai, é? — O sujeito parecia impassível, mesmo considerando que aquele poderia mesmo ser o plano de Rand. Seus olhos escuros e oblíquos mantiveram-se firmes.

— Quantas Aes Sedai existem ao todo? Mil?

— Menos que isso, acho — respondeu Taim, cauteloso.

Eliminaram os canalizadores da raça humana. Queimaram todos por serem quem eram, mesmo que com motivo.

— Bom, haverá inimigos suficientes, de todo modo. — O que não faltava eram inimigos. O Tenebroso, os Abandonados, Crias da Sombra, Amigos das Trevas. Os Mantos-brancos, sem dúvida, e muito provavelmente algumas Aes Sedai, as que pertenciam à Ajah Negra e as que queriam controlá-lo. Essas

últimas ele contava como inimigas, por mais que elas não se considerassem assim. Decerto haveria Senhores do Medo, bem como ele afirmara. E mais. Inimigos o bastante para destruir todos os seus planos, para destruir tudo. Apertou o cabo entalhado do Cetro do Dragão. O tempo era o maior inimigo, o que ele tinha a menor chance de derrotar. — Eu vou derrotá-los, Taim. Todos eles. Eles acham que podem destruir tudo. É sempre destruindo, nunca construindo! Eu vou construir alguma coisa, vou deixar um legado. Seja lá o que aconteça, isso eu farei! Vou derrotar o Tenebroso. E vou purificar *saidin*, para que os homens não tenham medo de enlouquecer, para que o mundo não precise temer a canalização dos homens. Eu vou...

A borla verde e branca balançou quando ele sacudiu a lança, nervoso. Era impossível. O calor e a terra zombavam dele. Algumas coisas precisavam ser feitas, mas era tudo impossível. O máximo que qualquer um deles poderia esperar era ganhar e morrer antes de enlouquecer, e nem isso ele sabia como controlar. Só podia continuar tentando. Mas tinha que haver um meio. Se de fato existisse algo parecido com justiça, tinha que haver um meio.

— Purificar *saidin* — murmurou Taim. — Acho que isso iria requerer mais poder do que você imagina. — Ele fechou os olhos, pensativo. — Ouvi falar de coisas chamadas *sa'angreal*. Você tem algum que acha que poderia...

— Não importa o que eu tenho ou deixo de ter — retrucou Rand, com rudeza. — Ensine os que forem capazes de aprender, Taim. Depois encontre mais e os ensine também. O Tenebroso não vai esperar. Luz! Não temos tempo, Taim, mas temos que dar um jeito. Nós temos!

— Vou fazer o possível. Só não espere que Damer seja capaz de derrubar as muralhas de uma cidade amanhã de manhã.

Rand hesitou.

— Taim? Fique de olho em qualquer aluno que comece a aprender depressa demais. Me avise imediatamente. Um dos Abandonados pode tentar se infiltrar entre os estudantes.

— Um dos Abandonados! — Saiu quase como um sussurro. Pela segunda vez, Taim parecia abalado, agora de fato bastante surpreso. — Por que é que...?

— Qual é a extensão da sua força? — interrompeu Rand. — Agarre *saidin*. Agora. O máximo que conseguir.

Por um instante, Taim simplesmente encarou Rand, inexpressivo. Então o Poder fluiu por dentro dele. Não havia brilho, tal como as mulheres viam umas em torno das outras, apenas uma sensação de força e ameaça, mas Rand conseguia senti-la muito bem e avaliá-la. Taim continha o suficiente de *saidin* para destruir a fazenda e todos ali em questão de segundos, o suficiente para devastar tudo até onde a vista alcançasse. Não era muito menos do que o próprio Rand era capaz de manejar sozinho. Por outro lado, o homem podia estar se contendo. Não aparentava estar se esforçando. Ele talvez não quisesse exibir toda a sua força. Como poderia prever a reação de Rand?

A sensação de *saidin* se esvaneceu de Taim, e, pela primeira vez, Rand percebeu que ele próprio estava tomado pela metade masculina da Fonte, uma torrente indomável feita de todos os fios que ele conseguia puxar do *angreal* guardado em seu bolso. *Mate-o*, murmurou Lews Therin. *Mate-o agora mesmo!* Por um instante, o choque o arrebatou. O vazio que o rodeava cedeu um pouco, *saidin* se intensificou e avolumou, e ele quase não conseguiu soltar o Poder antes de ser esmagado junto com o Vazio. Quem agarrara a Fonte, ele ou Lews Therin? *Mate-o! Mate-o!*

Em um assomo de fúria, Rand deu um berro dentro da própria cabeça: *Cale a boca!* Para sua própria surpresa, a outra voz desapareceu.

Suor escorria por seu rosto, e ele o limpou com a mão quase trêmula. Ele próprio agarrara a Fonte, só podia ter sido isso. A voz de um homem morto não poderia ter feito uma coisa dessas. Inconscientemente,

não confiava em Taim manejando tamanha quantidade de *saidin* enquanto ele permanecia indefeso. Era isso.

— Só fique de olho em quem aprender depressa demais — murmurou.

Talvez estivesse revelando demais a Taim, mas as pessoas tinham o direito de saber o que poderiam vir a enfrentar. Quanto precisassem saber. Não ousava deixar que Taim ou qualquer um descobrisse onde ele aprendera a maior parte das coisas que sabia. Se alguém descobrisse que ele mantivera um dos Abandonados prisioneiro e permitira que ele fugisse... os rumores jamais mencionariam a parte do *prisioneiro*. Os Mantos-brancos alegavam que ele era um falso Dragão e muito provavelmente também Amigo das Trevas e diziam o mesmo de qualquer um que tocasse o Poder Único. Se o mundo soubesse a respeito de Asmodean, muita gente mais poderia acreditar nisso. Pouco importava que Rand tivesse precisado de um homem para instruí-lo com *saidin*. Nenhuma mulher podia fazer isso, não mais do que podiam ver suas tessituras, ou ele as delas. *Os homens sempre acreditam no pior, e as mulheres sempre acreditam que o pior esconde algo ainda mais terrível.* Era um antigo ditado de Dois Rios. Se Asmodean aparecesse outra vez, Rand lidaria com o homem sozinho.

— Só fique de olho. Discretamente.

— Como milorde Dragão desejar. — Taim chegou a fazer uma leve medida antes de sair outra vez pela fazenda.

Rand percebeu que as Donzelas o encaravam. Enaila, Somara, Sulin, Jalani e todas as outras tinham o olhar cheio de preocupação. Elas aceitavam de pronto quase tudo o que ele fazia, até as coisas que ele hesitava em fazer e as decisões que deixavam os outros povos sobressaltados. Mas ficavam chocadas com coisas que ele nem compreendia. Elas aceitavam e *se preocupavam* com ele.

— Você não pode se cansar — murmurou Somara.

Rand a encarou e a mulher de cabelos louros enrubesceu. Aquele poderia até não ser considerado um lugar público, já que Taim estava longe demais para ouvir, mas mesmo assim aquilo estava passando dos limites.

Enaila, contudo, puxou uma *shoufa* reserva do cinto e entregou-a a ele.

— Não é bom para você pegar sol demais — murmurou a mulher.

— Ele precisa de uma esposa para vigiá-lo — resmungou uma das outras, Rand não soube dizer qual.

Nem mesmo Somara e Enaila diziam essas coisas na frente dele. E Rand sabia a quem se referiam: Aviendha. Quem melhor para se casar com o filho de uma Donzela do que uma Donzela que largara a lança para se tornar uma Sábia?

Suprimindo um lampejo de raiva, Rand enrolou a *shoufa* na cabeça e se sentiu grato. O sol estava mesmo escaldante e o tecido marrom-acinzentado bloqueava uma quantidade surpreendente de calor. O suor empapou o pedaço de pano na mesma hora. Seria possível que Taim conhecesse algum truque como o das Aes Sedai para não se deixar afetar pelo calor e pelo frio? Saldaea estava muito longe ao norte e, no entanto, tal qual os Aiel, o homem quase não transpirava. Apesar da gratidão, o que Rand disse foi:

— O que eu não posso é ficar aqui parado perdendo tempo.

— Perdendo tempo? — indagou a jovem Jalani, em um tom inocente demais, desamarrando a *shoufa* e expondo momentaneamente os cabelos curtos, quase tão ruivos quanto os de Enaila. — Como pode o *Car'a'cam* estar perdendo tempo? Da última vez que suei tanto quanto ele, tinha corrido do nascer ao cair do dia.

Sorrisos e gargalhadas irromperam entre as outras Donzelas. Maira, uma ruiva, pelo menos dez anos mais velha do que Rand, se acabava de rir, dando tapas na própria coxa, enquanto Desora, uma loura, tentava esconder o riso com a mão, como de costume. Liah, com sua cicatriz no rosto, pulava sem parar, enquanto Sulin quase se curvava de tanto rir. O humor Aiel era estranho, para dizer o mínimo. Os heróis das histórias não tinham sofrido chacotas, nem mesmo estranhas como aquela e Rand duvidava de que coisa parecida

acontecesse com reis. Parte da questão era que um chefe Aiel, mesmo o *Car'a'cam*, não era um rei. Sob muitos aspectos, ele até podia ter a autoridade de um, mas qualquer Aiel podia ficar cara a cara com um chefe e dizer exatamente o que pensava. A maior parte da questão, no entanto, era outra.

Apesar de ter sido criado em Dois Rios, por Tam al'Thor e pela esposa de Tam, Kari, que morrera quando Rand tinha cinco anos, sua verdadeira mãe, fora uma Donzela da Lança que morrera dando à luz nas encostas do Monte do Dragão. Não uma Aiel, embora o pai tivesse sido, mas ainda assim uma Donzela. Dessa forma, Rand estava sujeito a costumes Aiel mais poderosos que a lei. Não havia como resistir. Nenhuma Donzela podia se casar e continuar portando a lança, e, a menos que abrisse mão da lança, qualquer criança que gestasse era entregue pelas Sábias a outra mulher, de modo que a Donzela jamais sabia que mulher era essa. Havia a crença de que o filho de uma Donzela trazia sorte, tanto ao nascer quanto a quem o criasse, embora ninguém além da nova mãe e seu marido soubessem que o filho não era dela. Mais ia além disso: a Profecia Aiel de Rhuidean dizia que o *Car'a'cam* seria gerado daquela forma, mas criado por aguacentos. Para as Donzelas, Rand representava o retorno de todas aquelas crianças: o primeiro filho de uma Donzela a ser conhecido por todos.

A maioria, fossem mais velhas que Sulin ou mais jovens que Jalani, o acolhia como a um irmão perdido por muitos anos. Em público, dispensavam-lhe o mesmo respeito que a qualquer chefe, por menor que parecesse. Sozinho com elas, no entanto, Rand acabava sendo tratado como irmão, ainda que a posição de irmão mais novo ou mais velho não tivesse nada a ver com a idade de cada mulher. Ele se contentava em ver que poucas seguiam o mesmo caminho de Enaila e Somara: em público ou não, era muito irritante ter uma mulher da idade dele se comportando como sua mãe.

— Então temos que ir para um lugar onde eu não vá suar — respondeu, conseguindo abrir um sorriso.

Devia isso a elas. Algumas já tinham morrido por ele e mais morreriam, antes que tudo terminasse. As Donzelas logo reprimiram as risadas, a postos para ir aonde o *Car'a'cam* mandasse, a postos para defendê-lo.

A questão era: para onde ir? Bashere aguardava sua visita calculadamente fortuita, mas se Aviendha tivesse ouvido a respeito, poderia muito bem estar com o Marechal-General. Rand andava evitando a mulher o máximo que podia, sobretudo se houvesse o risco de ficarem a sós. Porque queria ficar sozinho com ela. Até então, conseguira esconder isso das Donzelas. Se elas tivessem a menor suspeita que fosse, o atormentariam pelo resto da vida. O fato era que ele *precisava* manter distância dela. Rand levava a morte consigo, feito uma doença contagiosa. Era um alvo e as pessoas que o cercavam acabavam morrendo. Precisara endurecer o coração para permitir que as Donzelas morressem — que a Luz o queimasse para sempre por aquela promessa! —, mas Aviendha abria mão da lança para estudar com as Sábias. Rand não sabia ao certo o que sentia por ela, só sabia que se Aviendha morresse por sua causa algo dentro dele morreria também. Era uma sorte que ela não tivesse qualquer envolvimento emocional com ele. Só tentava ficar por perto porque as Sábias queriam que ela o vigiasse e porque queria vigiá-lo para Elayne. Nenhum dos motivos facilitava a situação para ele — era exatamente o oposto.

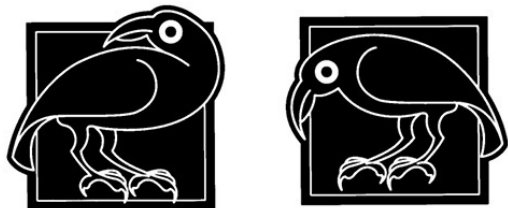
Na verdade, não era difícil decidir. Bashere teria que esperar, só assim ele conseguiria evitar Aviendha. E a visita a Weiramon, planejada no Palácio para que parecesse uma tentativa de manter segredo, ocorreria primeiro. A vontade de fugir era um motivo tolo para tomar uma decisão, mas o que podia fazer um homem diante da insensatez de uma mulher? Inverter as obrigações poderia acabar sendo a melhor decisão. As pessoas que ele queria que descobrissem sobre o encontro secreto descobririam de qualquer forma — e talvez fosse justamente pela inversão que acabassem acreditando no que Rand queria que acreditassem, posto que tudo de fato seria feito às escondidas. Talvez a vistoria com Bashere e os homens de Saldaea parecesse ainda mais despropositada, já que ele deixaria para fazê-la no fim do dia. Isso. Manobras sobre manobras, um comportamento digno de qualquer cairhieno jogando o Jogo das Casas.

Agarrando *saidin*, Rand abriu um portão — a nesga de luz em pleno ar foi se alargando, revelando o interior de uma grande tenda com listras verdes, vazia exceto por um tapete colorido bordado com uma padronagem tairena em forma de labirinto. Não havia chance de sofrerem uma emboscada naquela tenda, menos ainda do que nos entornos da fazenda, mas Enaila, Maira e as outras se velaram e avançaram com pressa. Rand fez uma pausa e olhou para trás.

Kely Huldin caminhava em direção à casa de fazenda, a cabeça baixa, a esposa conduzindo os dois filhos a seu lado. A mulher afagava o ombro de Kely, como se tentando consolá-lo, mas mesmo do outro lado do terreno, Rand distinguia a expressão radiante dela. Estava claro que Kely falhara no teste. Taim estava diante de Jur Grady, ambos encarando uma minúscula chama que tremeluzia entre os dois. Sora Grady, com o filho agarrado junto ao seio, não olhava para o marido. Ainda mantinha os olhos cravados em Rand. *Os olhos de uma mulher cortam mais que uma faca* — outro ditado de Dois Rios.

Ele adentrou a abertura, aguardou o restante das Donzelas fazerem a travessia e soltou a Fonte. Fazia o que tinha que fazer.





SENSE DE HUMOR

O interior pouco iluminado da tenda estava quente o bastante para fazer Caemlyn, cerca de oitocentas milhas ao norte, parecer fresca e agradável. Ao erguer a aba de tecido da entrada, Rand teve que piscar para acostumar os olhos. O sol o atingiu como um martelo e ele ficou feliz por estar usando a *shoufa*.

Uma réplica do estandarte do Dragão pendia no alto da tenda de listras verdes, bem ao lado de um estandarte carmesim que ostentava o antigo símbolo dos Aes Sedai. Outras tendas se estendiam pela planície de elevações suaves, onde quase todos os tufo de grama dura tinham se incorporado à terra, depois de pisoteados por tantos cascos e botas. Havia tendas de topo pontudo e tendas de topo plano, além de muita cor. A maioria das tendas era inteiramente branca — ou pelo menos de um branco sujo —, mas muitas eram listradas ou completamente coloridas e também havia as cores dos estandartes dos lordes. Havia um exército reunido ali, na fronteira de Tear, às margens da Planície de Maredo — milhares e milhares de soldados vindos de Tear e Cairhien. Os Aiel haviam erguido os próprios acampamentos, bem longe dos aguacentos. Havia cinco Aiel para cada taireno e cairhieno e mais chegavam a cada dia. Um exército capaz de fazer Illian tremer na base, um bando já com força suficiente para aniquilar qualquer coisa que cruzasse seu caminho.

Enaila e o restante da guarda dianteira já estavam do lado de fora, os véus baixados, reunidas com mais de dez homens Aiel. Os Aiel montavam guarda constante naquela tenda. Vestidos e armados feito as Donzelas, eram todos tão altos quanto Rand ou ainda mais — leões frente aos leopardos das Donzelas, homens de rosto duro, curtido pelo sol, com frios olhos azuis, verdes ou cinza. Naquele dia eram os *Sha'mad Conde*, Andarilhos do Trovão, liderados pelo próprio Roidan, o chefe da sociedade daquele lado da Muralha do Dragão. As Donzelas carregavam a honra do *Car'a'cam*, mas cada uma das sociedades de guerreiros exigia fazer sua parte na guarda de Rand.

Um detalhe do traje de alguns dos homens diferia das roupas das Donzelas. Metade usava enrolado nas têmporas um tecido carmesim ostentando o antigo símbolo Aes Sedai, o disco preto e branco logo acima das sobrancelhas. Era uma novidade, vista pela primeira vez apenas alguns meses antes. Os que usavam a faixa na cabeça se consideravam *siswai'aman*, que na Língua Antiga queria dizer “As Lanças do Dragão”. As Lanças que Pertencem ao Dragão, em uma tradução mais literal. As faixas nas cabeças e seu significado deixavam Rand incomodado, mas havia pouco que ele pudesse fazer, já que os homens se recusavam até mesmo a admitir que as usavam. Por que nenhuma Donzela as ostentava — pelo menos nenhuma que ele tivesse visto —, Rand não fazia ideia. Elas eram quase tão relutantes em tocar no assunto quanto os homens.

— Vejo você, Rand al'Thor — declarou Roidan, muito sério. Os cabelos de Roidan eram

consideravelmente mais grisalhos do que louros, mas o rosto do homem de ombros largos poderia servir de martelo ou bigorna a um ferreiro. A julgar pelas cicatrizes no nariz e nas bochechas, parecia provável que tivesse sido mesmo usado, e mais de uma vez. Os frios olhos azuis faziam o rosto parecer suave. Ele evitava olhar para a espada de Rand. — Que o dia lhe traga boa sombra. — A frase não tinha relação com o sol escaldante ou o céu sem nuvens. Roidan não parecia transpirar sequer uma gota. Era apenas uma saudação comum ao povo de uma terra onde o sol era sempre escaldante, e as árvores, raras.

Com o mesmo nível de formalidade, Rand respondeu:

— Vejo você, Roidan. Que o dia lhe traga boa sombra. O Grão-lorde Weiramon está por aqui?

Roidan indicou com a cabeça um grande pavilhão com as laterais listradas de vermelho e o teto carmesim, todo circundado por homens portando lanças compridas apoiadas com precisão, as placas peitorais reluzentes, os casacos de tecido preto e dourado dos Defensores da Pedra tairenos. Acima, tremulavam as Três Luas Crescentes de Tear, brancas sobre um fundo vermelho e dourado, e o sol raiado de Cairhien, dourado sobre um fundo azul, ambos flanqueando o estandarte escarlate de Rand, os três drapejando ao sabor de uma brisa que mais parecia o bafo de um forno.

— Os aguacentos estão todos lá. — Encarando Rand direto nos olhos, Roidan acrescentou: — Faz três dias que Bruan não é chamado àquela tenda, Rand al'Thor. — Bruan era o chefe de clã dos Aiel Nakai, o clã de Roidan. Ambos eram do ramo do Campo de Sal. — Nem Han, dos Tomanelle, ou Dhearic, dos Reyn. Ou qualquer outro chefe de clã.

— Vou falar com eles — respondeu Rand. — Pode informar Bruan e os outros de que estou aqui?

Roidan aquiesceu, solene.

Olhando os homens de esguelha, Enaila inclinou-se para perto de Jalani e perguntou, em um sussurro que poderia ter sido ouvido claramente a dez passadas de distância:

— Sabe por que eles são chamados de Andarilhos do Trovão? Porque, mesmo quando estão parados, a gente fica olhando para o céu procurando os raios.

As Donzelas explodiram em gargalhadas.

Um jovem Andarilho do Trovão deu um salto, chutando a bota alta e macia mais alto do que a cabeça de Rand. Era bonito, exceto pela cicatriz branca enrugada que ostentava abaixo da tira de pano preto que cobria o olho que faltava. Ele também usava a faixa vermelha na cabeça.

— Sabe por que as Donzelas se comunicam por gestos? — gritou, quando atingiu o ponto mais alto do salto. Ao voltar ao chão, fez uma careta atordoada. Não era direcionada às Donzelas: o sujeito falava com seus companheiros, ignorando as mulheres. — Porque mesmo quando não estão falando, elas não conseguem parar de falar.

Os *Sha'mad Conde* gargalharam tão alto quanto as Donzelas tinham rido.

— Só mesmo os Andarilhos do Trovão veriam honra em vigiar uma tenda vazia — comentou Enaila, com Jalani, em um tom desapontado, balançando a cabeça. — Se os *gai'shain* trouxerem canecas vazias da próxima vez que eles pedirem vinho, com certeza vão ficar mais bêbados do que a gente conseguiria se estivesse bebendo *oosquai*.

Parecia que os Andarilhos do Trovão pensavam que Enaila tinha levado a melhor. O caolho e vários outros ergueram os broquéis de couro de touro na direção dela e bateram neles com as lanças. A Donzela apenas escutou por um instante, depois assentiu e foi atrás das outras que seguiam Rand.

Refletindo a respeito do humor Aiel, Rand observava o vasto campo. Os aromas de comida emergiam de centenas de fogueiras espalhadas — pão assando no carvão, carne assando em espetos, sopa borbulhando em caldeirões pendurados em tripés. Soldados comiam bem e bastante sempre que podiam, pois as provisões das campanhas costumavam ser limitadas. Cada fogueira exalava seus próprios aromas adocicados — havia mais estrume de boi seco do que lenha para queimar, na Planície de Maredo.

Havia arqueiros, besteiros e lanceiros pelos arredores, vestidos em seus coletes de couro com discos de aço costurados ou simplesmente em casacos acolchoados, mas tanto os nobres tairenos quanto os cairhienos desprezavam andar e enalteciam a cavalgada, portanto acabavam ficando em evidência, já que estavam montados. Os tairenos usavam capacetes bojudos com abas, ostentando placas peitorais sobre os casacos de mangas bufantes de tecido listrado nas cores de seus vários lordes. Os cairhienos estavam de casacos escuros, com placas peitorais surradas e capacetes em formato de sino com uma abertura que expunha o rosto. Pequenos estandartes chamados *con* ficavam presos em bastões curtos às costas de alguns dos homens, demarcando a nobreza inferior cairhiena, os filhos caçulas e às vezes os baixos oficiais, embora poucos plebeus cairhienos fossem elevados — e poucos tairenos, também. As duas nacionalidades não se misturavam. Enquanto os tairenos costumavam sentar-se esparramados nas selas e sempre dirigir um olhar de desprezo a qualquer cairhieno que se aproximasse, os nobres cairhienos — de estatura mais baixa — se sentavam rígidos nas selas, o mais empertigados que podiam, ignorando completamente a presença tairena. Os dois países haviam travado mais de uma guerra um contra o outro antes que Rand os obrigasse a cavalgar juntos.

Usando vestimentas rústicas, velhos grisalhos e alguns rapazes recém-saídos da infância perambulavam em meio às tendas cutucando o chão com varas robustas. Alguns perseguiam ratos, tentando golpeá-los com um porrete para acrescentá-los aos demais, já mortos, pendurados no cinturão. Um sujeito narigudo e sem camisa, usando um colete de couro manchado, com um arco na mão e a aljava na cintura, se aproximou de uma mesa diante de uma das tendas e depositou no tampo uma comprida fileira de corvos e gralhas amarradas pelos pés. Recebeu em troca uma bolsa, entregue pelo taireno sem capacete e aparentemente entediado que estava sentado do outro lado. Pouca gente tão ao sul acreditava que Myrddraal de fato usassem ratos, corvos e afins como espiões — Luz, exceto pelos que de fato os haviam visto, quase ninguém tão ao sul de fato acreditava em Myrddraal, ou mesmo Trollocs! —, mas se o Lorde Dragão queria livrar o acampamento dessas criaturas, todos ficavam satisfeitos em obedecer. Ainda mais considerando que o Lorde Dragão pagava em prata por cada cadáver.

Muitos vivas se ergueram, claro. Ninguém mais circularia pelo acampamento com uma escolta de Donzelas da Lança, ainda por cima portando o Cetro do Dragão. “Que a Luz ilumine o Lorde Dragão!”, “Que a Graça proteja o Lorde Dragão!” e outras saudações similares foram ouvidas de todos os lados. Muitas, inclusive, pareciam sinceras, embora fosse difícil afirmar, com os homens gritando a plenos pulmões. Alguns apenas encaravam a escolta com um olhar temeroso ou davam meia-volta e cavalgavam para longe, mas não muito depressa. Afinal, não havia como dizer quando Rand decidiria invocar raios ou partir o chão em dois. Os homens capazes de canalizar acabavam mesmo loucos e quem poderia saber o que um homem louco faria, ou quando? Aclamando-o ou não, todos observavam as Donzelas com desconfiança. Poucos haviam se acostumado a ver mulheres portando armas feito homens. Além do mais, todos sabiam que os Aiel eram tão imprevisíveis quanto os loucos.

O barulho não foi suficiente para evitar que Rand ouvisse o que as Donzelas cochichavam.

— Ele tem um ótimo senso de humor. Quem é? — perguntou Enaila.

— Ele se chama Leiran — respondeu Somara. — Um Cosaida Chareen. Você só gostou do senso de humor dele porque Leiran julgou sua piada melhor que a dele. Mas o homem parece mesmo ter mãos fortes. — Várias Donzelas disfarçaram as risadinhas.

— Não achou a piada de Enaila engraçada, Rand al'Thor? — Sulin caminhava ao lado dele a passos largos. — Você não riu. Nunca ri. Às vezes acho que você não tem senso de humor.

Rand parou na mesma hora, virando-se para as Donzelas tão de repente que várias agarraram os véus e olharam em volta, tentando entender o que o assustara. Ele pigarreou.

— Certa manhã, um velho fazendeiro irritadiço, chamado Hu, encontrou seu melhor galo no topo de uma

árvore muito alta ao lado do laguinho da fazenda e o bicho não queria descer. Então ele foi pedir ajuda a seu vizinho, Wil. Os dois nunca tinham se dado bem, mas Wil por fim concordou em ajudar. Eles foram até o laguinho e começaram a subir a árvore, Hu primeiro. Os dois pretendiam assustar o galo para fazê-lo descer, mas a ave simplesmente voava cada vez mais alto, subindo de galho em galho. Então, quando Hu e o galo já estavam quase no topo da árvore, com Wil logo atrás, os dois ouviram um estalo bem alto. O galho sob os pés do velho fazendeiro tinha se partido e lá foi ele laguinho adentro, espalhando água e lama por todo lado. Wil desceu o mais depressa possível, todo desajeitado. Da margem do laguinho, ele estendeu a mão para Hu, mas o velho só ficou ali, parado, deitado de barriga para cima, afundando cada vez mais na lama, até só se ver o nariz dele para fora da água. Um terceiro fazendeiro viu o que aconteceu, foi correndo e puxou Hu de dentro do laguinho. “Por que você não tomou a mão de Wil?”, perguntou o sujeito. “Você podia ter se afogado.” Hu resmungou em resposta: “Por que eu deveria tomar a mão dele? Acabamos de nos cruzar, em plena luz do dia, e ele não dirigiu uma palavra a mim.”

Rand aguardou, ansioso.

As Donzelas trocaram olhares inexpressivos. Por fim, Somara perguntou:

— O que aconteceu com o laguinho? O ponto principal da história é a água, não é?

Jogando as mãos para o alto em um gesto de frustração, Rand retomou a caminhada em direção ao pavilhão de listras vermelhas. Atrás dele, ouviu Liah dizer:

— Acho que era para ser uma piada.

— Como é que a gente vai rir se ele não sabe o que aconteceu com a água? — perguntou Maira.

— Foi o galo — concluiu Enaila. — O humor dos aguacentos é estranho. Acho que tem alguma coisa a ver com o galo.

Rand tentou parar de escutar.

Os Defensores se enrijeceram ainda mais com a aproximação dele, se isso era possível, e os dois parados diante da entrada abriram caminho suavemente, afastando as duas abas de franjas douradas. Eles encaravam um ponto além das Aiel.

Rand já havia liderado os Defensores da Pedra uma vez, em uma luta desesperada contra Myrddraal e Trollocs nos corredores da própria Pedra de Tear. Os homens teriam seguido qualquer um que se pusesse na liderança, naquela noite, mas tinha sido ele.

— A Pedra resiste — murmurou. Aquele fora seu grito de batalha.

O lampejo de um sorriso estampou alguns daqueles rostos antes que retomassem as expressões rígidas. Em Tear, plebeus não sorriam para o que um lorde dizia, a menos que estivessem absolutamente certos de que o lorde esperava um sorriso.

A maioria das Donzelas ficou de cócoras do lado de fora, as lanças apoiadas nos joelhos — postura que aquelas mulheres poderiam manter durante horas sem mover um músculo sequer. Sulin seguiu Rand para dentro, junto com Liah, Enaila e Jalani. Mesmo que aqueles Defensores fossem todos amigos de infância de Rand, as Donzelas teriam sido igualmente cautelosas, mas de amigos os homens lá dentro não tinham nada.

Carpetes coloridos e com franjas cobriam o chão do pavilhão, todos com padronagens de labirintos tairenos e arabescos elaborados. No centro jazia uma mesa colossal, repleta de entalhes e douraduras, excessivamente marchetada com marfim e turquesa. Com certeza fora necessário um carroção particular para transportar algo tão grande. A mesa, repleta de mapas, separava uma dúzia de tairenos de rosto suados de metade do mesmo número de cairhienos, que sofriam ainda mais com o calor. Cada um segurava um cálice dourado que serviçais discretos em roupas de tecido preto e dourado mantinham sempre cheio de ponche. Todos os nobres usavam seda, mas os cairhienos de barba feita, mais baixos, esguios e pálidos do que os homens do outro lado da mesa, trajavam casacos escuros e sóbrios, exceto pelas cores de suas Casas em faixas horizontais brilhantes no peitoral, cujo número indicava a graduação da Casa. Os tairenos, por sua vez,

com a barba oleada e cuidadosamente aparada, usavam casacos acolchoados em uma profusão de vermelhos, amarelos, verdes e azuis, de cetim e brocados, com bordados em fios de prata e de ouro. Os cairhienos eram formais, sombrios até, a maioria de rosto encovado e com a frente da cabeça raspada e coberta de pó de arroz — o que já fora moda entre os soldados em Cairhien, mas não entre os lordes. Os tairenos sorriam e fungavam lenços e caixinhas perfumadas que inundavam o pavilhão com seus aromas pesados. Além do ponche, a única coisa que pareciam ter em comum eram os olhares impassíveis que dirigiam às Donzelas, além do costume de fingir que os Aiel eram invisíveis.

O Grão-lorde Weiramon, de barba oleada e mechas grisalhas nos cabelos, curvou-se em uma reverência profunda. Era um dos quatro Grão-lordes no recinto, calçando botas com elaborados enfeites em prata. Os outros eram o gorduchão untuoso chamado Sunamon; Tolmeran, cuja barba cinza como ferro lembrava a ponta de uma lança, o corpo magro servindo de cabo; e Torean, com o nariz de batata, que tinha mais cara de fazendeiro do que a maioria dos fazendeiros. No entanto, Rand deixara a liderança nas mãos de Weiramon. Por ora. Os outros oito eram lordes inferiores, alguns de barba feita, mas com não menos mechas grisalhas nos cabelos. Estavam ali por conta de seu juramento de fidelidade a um ou outro Grão-lorde, mas todos tinham alguma experiência em batalhas.

Weiramon não era baixo para um taireno, embora Rand fosse uma cabeça mais alto. O sujeito lembrava um galo de briga: todo empertigado e de peito estufado.

— Todos saúdam o Lorde Dragão — entoou ele, com uma medida —, em breve Conquistador de Illian. Todos saúdam o Senhor da Manhã. — Os outros pronunciavam a frase apenas um átimo depois, os tairenos com os braços estendidos, os cairhienos com a mão no peito.

Rand fez uma careta. Senhor da Manhã fora um dos títulos de Lews Therin, pelo menos segundo os fragmentos de histórias. Grande parte das informações fora perdida com a Ruptura do Mundo, outra virara fumaça durante as Guerras dos Trollocs e mais ainda se perdera depois, na Guerra dos Cem Anos. No entanto, surpreendentemente, alguns fragmentos às vezes sobreviviam. Ficou surpreso por Lews Therin não ter começado a gritaria insana ao ouvir Weiramon pronunciar o título. Pensando bem, Rand não ouvia a voz desde que gritara com ela. Até onde se lembrava, aquela fora a primeira vez que ele de fato se dirigira à voz que coabitava sua mente. As possibilidades que isso encerrava provocavam calafrios.

— Milorde Dragão? — Sunamon secou o suor das mãos gordas. Parecia tentar não encarar a *shoufa* enrolada na cabeça de Rand. — O senhor está...? — Ele engoliu as palavras e abriu um sorriso obsequioso. Perguntar a um louco em potencial, para dizer o mínimo, se ele estava bem talvez não fosse o mais apropriado. — O Lorde Dragão gostaria de um pouco de ponche? Uma mistura de safra de Lodanille com melão.

Um Senhor da Terra magricelo vassalo de Sunamon, um sujeito chamado Estevan, de rosto duro e olhos ainda mais duros, fez um gesto ríspido. Um serviçal correu para apanhar um cálice dourado que jazia sobre uma mesinha lateral encostada à parede de lona, enquanto outro se apressava em enchê-lo.

— Não — respondeu Rand. Então repetiu, mais enfático: — Não. — Dispensou o serviçal sem nem olhá-lo. Teria Lews Therin *lhe dado ouvidos*? De alguma forma, aquilo só piorava a situação. Não queria pensar nessa possibilidade agora, não queria pensar nela em momento algum. — Assim que Hearne e Simaan chegarem, vai estar quase tudo pronto. — Os dois Grão-lordes deveriam chegar em breve. Estavam conduzindo os maiores grupos de soldados tairenos que haviam saído de Cairhien, mais de um mês antes. Havia grupos menores a caminho do sul, claro, e mais cairhienos. Além de mais Aiel. O fluxo de Aiel desencadearia as coisas. — Quero ver...

De súbito, Rand percebeu que o pavilhão ficara muito quieto, muito silencioso, exceto pelo movimento repentino de Torean, bebendo o restante do ponche na taça de um gole só. O homem esfregou a mão na boca e estendeu o cálice pedindo mais, mas os serviçais pareciam tentar se fundir às paredes de listras vermelhas.

Sulin e as outras três Donzelas se levantaram depressa, prontas para velar os rostos.

— O que foi? — perguntou Rand, baixinho.

Weiramon hesitou.

— Simaan e Hearne foram... para Haddon Mirk. Eles não virão. — Torean agarrou um cântaro trabalhado a ouro da mão de um dos serviçais e encheu o próprio cálice, espirrando ponche nos carpetes.

— E por que eles foram para lá em vez de virem para cá? — Rand não ergueu a voz. Tinha certeza da resposta. Aqueles dois, além de cinco outros Grão-lordes, haviam sido enviados a Cairhien basicamente para encontrar as mentes determinadas a conspirar contra o Dragão Renascido.

Sorrisos maliciosos surgiram entre os cairhienos, a maioria meio escondida pelos cálices erguidos mais do que depressa. Semaradrid, de posição mais alta, as faixas coloridas no casaco indo até a cintura, sorria sem nem disfarçar. Era um homem de rosto comprido, com mechas brancas nas têmporas e olhos escuros que poderiam quebrar até uma pedra. Ele se movia com dificuldade por causa das feridas causadas pela guerra civil de seu país, mas a ferida que o fazia mancar viera em uma batalha contra Tear. Seu principal motivo para cooperar com os tairenos era o fato de eles não serem Aiel. Quanto aos tairenos, a principal razão pela qual cooperavam era o fato de os cairhienos também não serem.

Quem respondeu foi um dos vassalos de Semaradrid, um jovem lorde chamado Meneril que ostentava um casaco com metade das listras de seu senhor e um rosto com uma cicatriz da guerra civil que repuxava o canto esquerdo de sua boca em um eterno sorriso sardônico.

— Traição, milorde Dragão. Traição e rebelião.

Weiramon poderia ter hesitado em dizer essas palavras na cara de Rand, mas não deixaria um estrangeiro falar em seu lugar.

— Sim, rebelião — apressou-se em confirmar, cravando os olhos em Meneril, mas a afetação não demorou a retornar. — E não apenas eles, milorde Dragão. Os Grão-lordes Darlin e Tedosian e a Grã-lady Estanda também estão envolvidos. Que a minha alma queime, mas eles todos confirmaram a oposição! Parece que vinte ou trinta nobres menores se juntaram a eles, e alguns não passam de fazendeiros arrogantes. Tolos queimados pela Luz!

Rand quase admirava Darlin. O homem se opusera abertamente a ele desde o início, fugindo da Pedra depois da queda e tentando estruturar uma resistência entre os nobres do campo. Tinha sido diferente com Tedosian e Estanda. Assim como Hearne e Simaan, os dois tinham se curvado em mesuras e sorrisos, chamado Rand de Lorde Dragão e tramado pelas suas costas. A falta de uma atitude punitiva de Rand agora cobrava seu preço. Não era de admirar que Torean derrubasse ponche pela barba grisalha: o sujeito estivera profundamente envolvido com Tedosian e também com Hearne e Simaan.

— Eles confirmaram mais do que oposição — completou Tolmeran, em um tom frio. — Afirmaram que o senhor é um falso Dragão e que a queda da Pedra, bem como a empunhadura da Espada Que Não É Espada, foram truques das Aes Sedai. — Sua voz traía uma ponta de dúvida. Ele não estivera na Pedra de Tear na noite em que ela sucumbira.

— No que você acredita, Tolmeran? — Era uma acusação tentadora para os habitantes de uma terra onde a canalização fora ilegal antes de Rand mudar a lei; onde as Aes Sedai eram, na melhor das hipóteses, toleradas; onde a Pedra de Tear permanecera invencível por quase três mil anos antes que o Dragão Renascido a conquistasse. E uma acusação familiar. Rand se perguntou se encontraria Mantos-brancos junto com os rebeldes, quando fossem derrotados. Achava que Pedron Niall talvez fosse inteligente demais para permitir que eles fossem pegos.

— Acho que o senhor empunhou *Callandor* — respondeu o homem esguio, depois de hesitar por um instante. — Acho que o senhor é o Dragão Renascido. — Nas duas vezes, houve uma leve ênfase no “acho”. Tolmeran era audacioso.

Estevan assentiu. Hesitante, mas assentiu. Outro homem de coragem.

Mas nem mesmo eles fizeram a pergunta óbvia: se Rand queria que fossem atrás dos rebeldes. Ele não se surpreendeu. Por um lado, Haddon Mirk não era um lugar fácil para encontrar alguém, era um imenso emaranhado de florestas sem nenhuma aldeia, estrada ou trilha. No terreno montanhoso encrespado que cortava a margem mais ao norte, um homem levaria, com sorte, um longo dia para cobrir um punhado de milhas, e exércitos inteiros poderiam esgotar a ração percorrendo aquelas terras antes de se confrontarem. Além disso, havia talvez o aspecto mais importante: quem fizesse tal pergunta poderia ser suspeito de se voluntariar para liderar a expedição, e um voluntário poderia ser suspeito de querer se juntar a Darlin, não acorrentá-lo. Os tairenos podiam não jogar *Daes Dae'mar*, o Jogo das Casas, com a mesma proficiência que os cairhienos — que viam as mais secretas motivações em uma simples olhadela e ouviam em uma só frase mais do que todas as entrelinhas que a pessoa poderia querer transmitir —, mas maquinavam e vigiavam uns aos outros, atentos a conspirações, acreditando que todos faziam o mesmo.

Contudo, era melhor que, por ora, Rand deixasse os rebeldes em paz. Toda a sua atenção tinha que estar em Illian — tinha que *parecer* estar em Illian. Mas também não podia ser visto como benevolente. Os homens presentes não se oporiam a ele, porém, com ou sem Última Batalha, apenas duas coisas evitavam que tairenos e cairhienos se engalfinhassem. Ainda que mal e porcamente, eles preferiam estar acompanhados uns dos outros do que dos Aiel, além de temerem a ira do Dragão Renascido. Se perdessem esse medo, começariam a tentar matar uns aos outros e os Aiel mais rápido que Rand conseguia dizer “Jak da Névoa”.

— Alguém se pronuncia em defesa deles? — indagou Rand. — Alguém sabe de algum atenuante? — Se alguém sabia, segurou a língua. Contando os serviçais, quase duas dezenas de pares de olhos o observavam, à espera. Talvez os serviçais fossem os mais atentos. Sulin e as Donzelas olhavam *tudo*, menos ele. — Eles perderão seus títulos e suas terras e propriedades serão confiscadas. Quero que sejam expedidos mandados de prisão para todo homem cuja identidade seja conhecida. E toda mulher também. — Isso poderia se revelar um problema: em Tear, a pena para rebelião era a morte. Rand havia mudado algumas leis, mas não essa, e agora era tarde demais. — Leve a público que quem matar um deles será absolvido, e quem os ajudar será acusado de traição. Qualquer um que se render terá a vida poupada. — O que talvez pudesse solucionar a questão crítica de Estanda, caso desse para controlá-la, pois Rand não ordenaria a execução de uma mulher. — Mas os que resistirem irão para a força.

Os nobres mudaram de posição, incomodados, e se entreolharam — tanto os tairenos quanto os cairhienos. Seus rostos estavam lívidos. Decerto esperavam sentenças de morte — era a punição mínima para rebeliões, ainda mais com a guerra iminente —, mas a perda dos títulos os deixou claramente chocados. Apesar de todas as leis que Rand mudara em ambas as terras, apesar dos lordes repreendidos diante dos magistrados, enforcados por assassinato ou multados por agressão, eles ainda acreditavam haver alguma diferença marcada a ferro, alguma ordem natural que os tornava leões por direito e os plebeus, ovelhas. Um Grão-lorde que fosse para a força morria como Grão-lorde, mas Darlin e os outros morreriam como camponeses aos olhos daqueles homens — um destino muito pior do que a própria morte. Os serviçais continuaram parados, as jarras suspensas, aguardando para encherem qualquer cálice vazio demais. Tinham as feições inexpressivas como sempre, mas alguns olhos exibiam uma satisfação que não estivera ali antes.

— Agora que resolvemos isso — começou Rand, puxando a *shoufa* enquanto caminhava até a mesa —, vejamos os mapas. Sammael é mais importante do que um bando de idiotas apodrecendo em Haddon Mirk. — Esperava mesmo que apodrecessem. Que a Luz os queimasse!

Weiramon comprimiu os lábios e Tolmeran se apressou em suavizar o cenho franzido. O rosto de Sunamon estava tão impassível que podia muito bem ser uma máscara. Os outros tairenos pareciam igualmente indecisos, os cairhienos também, embora Semaradrid disfarçasse bem. Alguns tinham visto Myrddraal e Trollocs durante aquele ataque na Pedra, e outros tinham presenciado o duelo de Rand com

Sammael em Cairhien, mas, ainda assim, achavam que sua afirmação de que os Abandonados estavam à solta fosse um sintoma da loucura. Rand ouvira boatos sussurrados sobre como causara sozinho a destruição em Cairhien, atacando amigos e inimigos feito um maníaco. Pela expressão pétrea de Liah, um deles acabaria espetado por uma lança de Donzela, se não controlassem os olhares.

De qualquer forma, todos se reuniram em torno da mesa. Rand jogou a *shoufa* no chão e começou a revirar os mapas espalhados uns por cima dos outros. Bashere estava certo: os homens seguiriam qualquer louco que vencesse. Contanto que vencesse. Assim que encontrou o mapa que queria, um desenho detalhado do extremo leste de Illian, os chefes Aiel chegaram.

Bruan, dos Aiel Nakai, foi o primeiro a entrar, seguido de perto por Jheran, dos Shaarad; Dhearic, dos Reyn; Han, dos Tomanelle e Erim, dos Chareen, cada um retribuindo os acenos de cabeça de Sulin e das três Donzelas. Bruan, um homem corpulento de olhos acinzentados e tristes, era quem realmente liderava os cinco clãs que Rand mandara para o sul. Nenhum dos outros se opusera: o aspecto sereno de Bruan mascarava suas habilidades de luta. Usando o *cadin'sor*, a *shoufa* pendurada no pescoço, os Aiel vinham desarmados, exceto pelas pesadas facas de cintura. No entanto, um Aiel nunca estaria desarmado enquanto tivesse braços e pernas.

Os cairhienos simplesmente fingiram que eles não estavam ali, mas os tairenos fizeram questão de olhar com desprezo e cheirar abertamente as caixinhas e os lenços perfumados. A única coisa que Tear perdera para os Aiel fora a Pedra e isso com a ajuda do Dragão Renascido, acreditavam — ou das Aes Sedai —, mas Cairhien fora destruída por eles duas vezes, duas vezes derrotada e humilhada.

Exceto por Han, os Aiel ignoravam todos. Han, de cabelos brancos e um rosto que parecia couro enrugado, encarava os nobres com um olhar assassino. Era um homem espinhoso, para dizer o mínimo, e talvez não ajudasse o fato de que alguns dos tairenos tinham a mesma altura que ele. Han era baixo para um Aiel — o que significava ter uma altura bem acima da média para um aguacento —, e tão sensível quanto Enaila em relação a isso. E, claro, os Aiel desprezavam os tais “Assassinos da Árvore” — uma de suas alcunhas para os cairhienos — mais do que qualquer outro aguacento. E também os chamavam de “Quebradores de Juramentos”.

— Os illianenses — começou Rand, com firmeza, alisando o mapa. Usara o Cetro do Dragão para manter aberto um dos lados e um tinteiro adornado em ouro e uma vasilha de areia combinando para segurar o outro. Não precisava que aqueles homens comessem a matar uns aos outros. Não achava que fariam isso, pelo menos não enquanto ele estivesse lá. Nas histórias, os aliados eventualmente acabavam por confiar e gostar uns dos outros. Rand duvidava de que o mesmo algum dia fosse acontecer com aqueles homens.

A Planície de Maredo, com sua sucessão de colinas baixas, estendia-se a certa distância para o interior de Illian, a partir de onde dava lugar a montes cobertos de florestas até bem perto do Manetherendrelle e de um de seus braços, o Rio Shal. Cinco marcações em cruz, a cerca de dez milhas de distância uma da outra, assinalavam a extremidade leste dessas colinas. As Colinas de Doirlon.

Rand pôs o dedo na cruz bem do meio.

— Vocês têm certeza de que Sammael não acrescentou novos acampamentos? — Uma leve careta no rosto de Weiramon o fez completar, irritado: — Lorde Brend, se preferir. Ou então o Conselho dos Nove, Mattin Stepaneos den Balgar, o rei em pessoa, o que quer que seja. Os acampamentos continuam assim?

— Nossos batedores informam que sim — respondeu Jheran, calmo. Esguiço feito uma lança, de cabelos castanho-claros com muitas mechas grisalhas, ele estava sempre calmo agora que a rixa de sangue de quatrocentos anos dos Shaarad com os Goshien havia terminado, com a chegada de Rand. — *Sovin Nai* e *Duadhe Mahdi'in* estão vigiando bem. — Ele assentiu de leve, satisfeito, e Dhearic também. Jheran fora *Sovin Nai*, um Mão de Faca, antes de se tornar chefe; e Dhearic fora *Duadhe Mahdi'in*, um Buscador das Águas. —

Ficaremos sabendo de qualquer mudança em cinco dias, com os corredores.

— Meus batedores acreditam que sim — declarou Weiramon, como se Jheran não tivesse falado. — Envio uma nova tropa a cada semana. Leva um mês inteiro para eles irem e voltarem, mas garanto a você que estou tão atualizado quanto a distância permite.

Os rostos dos Aiel pareciam esculpidos em pedra.

Rand ignorou a interação. Já tentara estreitar à força a distância entre tairenos, cairhienos e Aiel, mas eles sempre se separavam assim que ele virava as costas. Era um desperdício de energia.

Quanto aos acampamentos... sabia que ainda havia apenas cinco. Ele os visitara, por assim dizer. Havia um... lugar... que sabia como adentrar, um reflexo do mundo real estranho e despovoado, e ele caminhara pelas muralhas de madeira dos imensos castros ali. Sabia as respostas a quase todas as perguntas que pretendia fazer, mas estava fazendo malabarismos com planos dentro de planos, feito um menestrel fazendo malabarismo com fogo.

— E Sammael ainda está mandando mais homens para cima? — Desta vez, enfatizou o nome.

As expressões dos Aiel não se alteraram. Se os Abandonados estavam à solta, então estavam. O mundo deveria ser encarado como era, não como eles gostariam que fosse. Os outros, no entanto, dispararam olhares ligeiros e preocupados para ele. Cedo ou tarde, se acostuariam. Cedo ou tarde, acreditariam.

— Cada homem de Illian capaz de segurar uma lança sem tropeçar, ao que parece — respondeu Tolmeran, lúgubre. Estava tão ansioso para lutar contra os illianenses quanto qualquer taireno. As duas nações se odiavam desde que tinham sido arrancadas à força dos escombros do império de Artur Asa-de-gavião, e sua história incluía guerras disputadas pelos motivos mais insignificantes. Contudo, Tolmeran parecia menos inclinado que os outros Grão-lordes a crer que uma batalha pudesse ser vencida com apenas uma boa investida. — Cada batedor que consegue voltar informa que os acampamentos estão maiores, com defesas ainda mais descomuns.

— É melhor avançarmos agora, Lorde Dragão — sugeriu Weiramon, com vigor. — Que a Luz queime a minha alma, posso pegar os illianenses de surpresa. Eles estão cavando a própria cova. Ora, quase não têm nenhum cavalo! Vou esmagá-los e o caminho para a cidade ficará livre. — Em Illian, bem como em Tear e Cairhien, “a cidade” era a cidade que originara o nome da nação. — Que meus olhos queimem, vou cravar seu estandarte em Illian dentro de um mês, milorde Dragão. Dois, no máximo. — Olhando para os cairhienos, ele acrescentou, como se as palavras lhe fossem arrancadas da boca: — Semaradrid e eu. — Semaradrid dispensou-lhe uma discreta medida. Muito sutil.

— Não — respondeu Rand, com aspereza. O plano de Weiramon estava fadado ao fracasso. Boas duzentas e cinquenta milhas separavam o acampamento dos grandes castros de Sammael, do outro lado de uma planície gramada onde um aclave de cinquenta pés poderia ser considerado uma colina alta, e um amontoado de moitas, uma floresta. Sammael também tinha batedores: qualquer rato ou corvo poderia estar fazendo as vezes de vigia. Duzentas e cinquenta milhas. Com sorte, doze ou treze dias para os tairenos e cairhienos. Os Aiel talvez pudessem fazer em cinco, com esforço — um ou dois batedores sozinhos avançavam mais depressa que um exército, mesmo entre os Aiel, mas eles não eram parte dos planos de Weiramon. Com tanto tempo até os tairenos e cairhienos chegarem às Colinas de Doirlon, Sammael estaria pronto para esmagá-los, não o contrário. Um plano tolo. Até mais do que o que Rand apresentara. — Eu já lhes dei as ordens. Esperem aqui até Mat chegar para assumir o comando, e mesmo assim ninguém vai dar um passo até eu considerar que estão em número suficiente. Temos mais homens a caminho, tairenos, cairhienos, Aiel. Eu quero destruir Sammael, Weiramon. Destruí-lo para sempre, colocar Illian sob o estandarte do Dragão. — Tudo isso era verdade. — Eu só queria poder estar com vocês, mas Andor ainda necessita da minha atenção.

O rosto de Weiramon virou uma pedra. A careta de Semaradrid, de tão azeda, teria transformado o

vinho do ponche em vinagre. Tolmeran estampava uma expressão impassível, demonstrando sua censura com a sutileza de um soco no nariz. No caso de Semaradrid, a preocupação era a demora. Mais de uma vez, ele apontara que, se a cada dia mais homens chegavam ao acampamento, o mesmo acontecia nos fortes em Illian. O plano de Weiramon com certeza era resultado de sua influência, embora o lorde cairhieno pudesse ter feito melhor. As dúvidas de Tolmeran estavam em Mat. Apesar do que ouvira dos cairhienos em relação às habilidades de Mat para a batalha, Tolmeran acreditava ser mera bajulação de idiotas em relação a um camponês que, por acaso, era amigo do Dragão Renascido. Eram objeções sensatas, e a de Semaradrid inclusive tinha fundamento — se o plano que tinha chegado a eles fosse mais do que mero disfarce. Era improvável que Sammael dependesse inteiramente de ratos e corvos como espiões. Rand imaginava que também houvesse espiões humanos mandados pelos outros Abandonados, e provavelmente também pelas Aes Sedai.

— Será como o senhor quiser, milorde Dragão — disse Weiramon, derrotado.

O homem era bastante corajoso em relação à batalha, mas um completo idiota, cego, incapaz de pensar além da glória do ataque, de seu ódio pelos illianenses, seu desprezo pelos cairhienos e os “selvagens” Aiel. Rand tinha certeza de que Weiramon era exatamente o homem de quem precisava. Tolmeran e Semaradrid não se mexeriam tão cedo, contanto que Weiramon permanecesse no comando.

Os nobres conversaram durante mais algum tempo e Rand escutou, fazendo perguntas de vez em quando. Não havia mais oposição, nem sugestões de que o ataque acontecesse imediatamente, nem mesmo discussões a respeito de como seria. As perguntas de Rand a Weiramon e aos demais eram relativas a carroções — carroções e o que havia neles. Planície de Maredo possuía poucas aldeias, bem distantes umas das outras, sem nenhuma cidade além de Far Madding, ao norte, e tão poucas fazendas que era quase impossível alimentar o povo que já vivia por lá. Um exército gigantesco iria requerer um fluxo constante de carroções vindos de Tear para trazer de tudo, desde farinha para pães até pregos para ferraduras. Exceto por Tolmeran, os Grão-lordes eram da opinião de que o exército poderia carregar o que fosse preciso para cruzar a planície, depois simplesmente viver às custas de Illian. Parecia haver certo apreço à ideia de assolar as terras de seu antigo inimigo feito um enxame de gafanhotos. Os cairhienos tinham uma opinião diferente, sobretudo Semaradrid e Meneril. Não eram só os plebeus que haviam passado fome durante a guerra civil de Cairhien e o sítio dos Shaido à sua capital: aqueles rostos encovados eram prova disso. Illian era uma terra abundante, e até mesmo as Colinas de Doirilon possuíam fazendas e vinhas, mas Semaradrid e Meneril não queriam confiar os estômagos de seus soldados a forragens inconstantes, se houvesse opção. Quanto a Rand, ele não queria Illian mais assolada do que o estritamente necessário.

Ele não pressionou ninguém. Sunamon assegurou-lhe de que os carroções estavam sendo montados, e o homem já aprendera bem a lição sobre dizer uma coisa a Rand e fazer outra. Estavam reunindo suprimentos em toda Tear, apesar das caretas de impaciência de Weiramon diante da ideia e dos resmungos de Torean em relação aos custos. O importante, no entanto, era que o plano estava indo adiante — o que seria notado.

Sua partida envolveu mais baboseiras afetadas e medidas elaboradas e ele enrolou a *shoufa* de volta na cabeça e apanhou outra vez o Cetro do Dragão, recebendo convites pouco animados para que ele ficasse para um festim e ofertas igualmente insinceras para acompanhá-lo na partida, caso ele não pudesse ficar para o banquete. Tairenos ou cairhienos, os nobres evitavam a companhia do Dragão Renascido o máximo possível sem perder sua boa graça enquanto fingiam estar fazendo o oposto. Acima de tudo, desejavam estar bem longe quando ele canalizasse. Os nobres o acompanharam até a entrada, naturalmente, e alguns passos para o lado de fora, mas Sunamon soltou um suspiro audível quando ele os deixou, e Rand ouviu Torean soltar uma risadinha de alívio.

Os chefes Aiel acompanharam Rand em silêncio e as Donzelas do lado de fora juntaram-se a Sulin e às outras três, circundando os seis homens que partiam em direção à tenda de listras verdes. Dessa vez, houve

apenas umas poucas saudações e os chefes não disseram uma palavra. Haviam falado igualmente pouco no pavilhão. Quando Rand comentou a respeito, Dhearic disse:

— Esses aguacentos não querem nos ouvir. — Era um homem alto e forte, menos de um dedo mais alto que Rand, narigudo e com mechas brancas bem destacadas nos cabelos louros. Seus olhos azuis estavam repletos de desprezo. — Eles só ouvem o vento.

— Eles falaram sobre os que se rebelam contra você? — perguntou Erim. Mais alto que Dhearic, ele tinha um rosto belicoso e quase tanto branco quanto vermelho nos cabelos.

— Falaram — respondeu Rand e Han franziu o cenho para ele.

— Se estiver mandando esses tairenos atrás de sua própria gente, está cometendo um erro. Mesmo que pudéssemos confiar neles, não acho que dariam conta. Mande as lanças. Um clã seria mais do que suficiente.

Rand balançou a cabeça.

— Darlin e seus rebeldes podem esperar. Sammael é mais importante.

— Então nos deixe ir para Illian agora — retrucou Jheran. — Esqueça esses aguacentos, Rand al'Thor. Já tem quase duzentas mil lanças reunidas aqui. Podemos destruir os illianenses antes que Weiramon Saniago e Semaradrid Maravin cheguem à metade do caminho até lá.

Por um instante, Rand fechou os olhos com força. Será que todo mundo discutiria com ele? Aqueles homens não se submeteriam a uma cara feia do Dragão Renascido — o Dragão Renascido era apenas uma profecia dos aguacentos. Os Aiel seguiam Aquele Que Vem Com a Aurora, o *Car'a'cam*, e, como ele estava mais do que cansado de ouvir, nem o *Car'a'carn* era rei.

— Quero a sua palavra de que vão ficar aqui até Mat mandar vocês se mexerem. Uma promessa, de cada um de vocês.

— Nós vamos ficar, Rand al'Thor. — A voz enganadoramente melíflua de Bruan guardava uma pontada de rigidez. Os outros concordaram em tons um pouco mais duros, mas concordaram.

— Mas é perda de tempo — acrescentou Han, contorcendo a boca. — Que eu jamais veja a sombra se não for.

Jheran e Erim assentiram. Rand não esperava que eles cedessem tão depressa.

— De vez em quando, é preciso perder tempo para ganhá-lo — retrucou, e Han bufou.

De volta à tenda de listras verdes, os Andarilhos do Trovão haviam erguido as laterais com estacas, deixando a brisa soprar pelo interior protegido pela sombra. Por mais quente e seca que estivesse, os Aiel pareciam achá-la refrescante. Rand não parecia suar uma gota a menos do que quando estava exposto ao sol. Puxou a *shoufa* enquanto se ajeitava nos tapetes dispostos em camadas, com Bruan e os outros chefes diante de si. As Donzelas foram circundar a tenda com os Andarilhos do Trovão — de vez em quando um deles soltava alguma gracinha e os outros riam. Dessa vez, Leiran parecia estar ganhando vantagem. Pelo menos, as Donzelas bateram as lanças nos broquéis duas vezes para ele. Rand não entendia quase nada.

Usando o polegar para apertar o tabaco que enchia o cachimbo de haste curta, ele passou a bolsa de pele de cabra entre os chefes, para que enchessem seus próprios cachimbos — encontrara um pequeno barril de boas folhas de Dois Rios em Caemlyn —, então canalizou para acender seu fumo enquanto os outros mandavam um Andarilho do Trovão pegar um galho em brasa de uma das fogueiras. Depois de todos os cachimbos serem acesos, os homens se acomodaram para conversar, baforando satisfeitos.

A conversa durou pelo menos o mesmo tempo que o debate com os lordes. Não que houvesse tanto a conversar, mas porque Rand conversara sozinho com os aguacentos. Os Aiel eram muito sensíveis em relação à honra, suas vidas eram governadas pelo *ji'e'toh*, honra e obrigação, que tinha regras tão complexas e estranhas quanto o senso de humor daquele povo do Deserto. Eles conversaram sobre os Aiel que ainda vinham de Cairhien, sobre quando Mat chegaria, sobre o que deveria ser feito em relação aos Shaido — e se

algo devesse ser feito. Conversaram sobre caça, sobre mulheres, sobre conhaque ser tão bom quanto *oosquai*, sobre piadas. Até o paciente Bruan jogou as mãos ao alto com impaciência, desistindo de tentar explicar as piadas Aiel. O que, pela Luz, havia de engraçado em uma mulher esfaquear o marido por acidente, fossem quais fossem as circunstâncias, ou em um homem que acabava se casando com a irmã da mulher que desejava? Han grunhia, bufava e se recusava a acreditar que Rand não compreendia — o Aiel quase caíra para trás de tanto rir com a história do esfaqueamento. A única coisa sobre a qual não conversaram foi a guerra iminente contra Illian.

Quando os homens saíram, Rand estreitou os olhos na direção do sol, a meio caminho do horizonte. Han repetia a história do esfaqueamento, e os chefes que estavam de saída riram mais uma vez. Rand bateu o cachimbo na base da mão para esvaziá-lo e esmagou o resto de fumo com o pé. Ainda havia tempo de retornar a Caemlyn e encontrar Bashere, mas voltou para a tenda, sentou-se e ficou observando o cair do sol. Quando a bola de fogo tocou o horizonte, tornando-se vermelha como sangue, Enaila e Somara trouxeram-lhe um prato de cozido de carneiro com comida suficiente para dois homens, uma fatia redonda de pão e uma jarra de chá de menta que fora posta para esfriar em um balde de água.

— Você não come o suficiente — reclamou Somara, tentando alisar seus cabelos antes que ele afastasse a cabeça.

Enaila o encarou.

— Se não evitasse tanto Aviendha, ela faria você comer.

— Ele atrai o interesse dela, depois foge — resmungou Somara. — Você precisa atraí-la de novo. Por que não se oferece para lavar os cabelos dela?

— Ele não pode ser *tão* ousado — retrucou Enaila, com firmeza. — Oferecer-se para pentear os cabelos dela vai ser mais do que suficiente. Rand não quer que ela pense que ele é atrevido.

Somara fungou alto.

— Ela não vai pensar que ele é atrevido se continuar fugindo desse jeito. Você pode ser modesto demais, Rand al'Thor.

— Vocês sabem que nenhuma das duas é minha mãe, não sabem?

As duas mulheres de *cadin'sor* se entreolharam, confusas.

— Será que isso é outra piada de aguacentos? — perguntou Enaila.

Somara deu de ombros.

— Não sei. Ele não parece estar achando graça. — Ela deu um tapinha nas costas de Rand. — Tenho certeza de que foi uma boa piada, mas precisa ser explicada.

Rand aturou aquilo, sofrendo em silêncio, rangendo os dentes enquanto elas o observavam comer. As mulheres vigiavam literalmente cada colherada. As coisas não melhoraram quando elas saíram com seu prato e Sulin juntou-se ao grupo. Sulin tinha conselhos objetivos e bastante impróprios sobre como ele poderia atrair outra vez a atenção de Aviendha. Entre os Aiel, era o tipo de coisa que uma irmã-primeira podia fazer por um irmão-primeiro.

— Você precisa ser recatado aos olhos dela — explicou a Donzela de cabelos brancos —, mas não tão recatado a ponto de ela considerá-lo um chato. Peça a ela que raspe suas costas na tenda de vapor, mas peça timidamente, olhando para o chão. Quando se despir para se deitar, permita-se dançar como se estivesse satisfeito com a vida. Daí, finja perceber que ela está por perto, peça desculpas e se enfie nos cobertores. Você consegue enrubescer?

Um grande sofrimento e em silêncio. As Donzelas sabiam demais e, ao mesmo tempo, não o bastante.

Quando retornaram a Caemlyn, bem depois do pôr-do-sol, Rand seguiu para seus aposentos com as botas nas mãos, Tateando sem jeito pela antessala até o dormitório, no escuro. Mesmo que não soubesse que Aviendha estava lá, já deitada em seu catre no chão perto da parede, teria sentido a presença dela. Na

quietude da noite, podia ouvir sua respiração. Pela primeira vez, parecia que conseguira esperar tempo bastante para que ela caísse no sono. Tinha tentado parar com aquilo, mas Aviendha não lhe dava atenção, e as Donzelas riam de sua “timidez” e seu “recato”. Concordavam que eram boas características em um homem, individualmente, desde que não fossem muito exageradas.

Ele se deitou na cama com uma sensação de alívio por Aviendha estar de fato dormindo, além de certo descontentamento por não ter ousado acender uma lâmpada para se lavar. Então a mulher se virou em seu catre. Claro que estivera acordada o tempo todo.

— Durma bem e acorde amanhã. — Foi só o que ela disse.

Pensando na idiotice que era sentir uma satisfação súbita ao ouvir uma mulher que queria evitar lhe desejar boa-noite, Rand enfiou um travesseiro de penas de ganso debaixo da cabeça. Aviendha decerto considerava aquilo a piada mais incrível — insultar era quase uma arte entre os Aiel, e quanto mais perto o insulto chegasse de arrancar sangue, melhor. O sono começou a vir, e seu último pensamento consciente foi de que ele também tinha uma grande piada na manga — uma que por enquanto apenas ele, Mat e Bashere conheciam. Sammael não tinha o menor senso de humor, mas aquele exército forte e enorme aguardando em Tear era a maior piada que o mundo veria. Com sorte, Sammael estaria morto antes de perceber a graça.





UMA DANÇA DIFERENTE

A estalagem Cervo Dourado fazia, em muitos aspectos, jus ao próprio nome. Mesas lustrosas e bancos de pés com entalhes de rosas ocupavam o grande salão. Uma serviçal de avental branco tinha a única função de varrer o chão de pedras brancas. Ornatos azuis e dourados formavam uma larga faixa pintada nas paredes caiadas, logo abaixo do teto de vigas altas. As lareiras eram de pedra bem adornada, seus pisos haviam sido decorados com galhos de árvores perenes e sobre cada lintel havia um cervo esculpido, sustentando uma taça de vinho nos ramos dos chifres. Em cada cornija jazia um grande relógio com detalhes em douradura. Um grupo de músicos tocava sobre uma pequena plataforma nos fundos, dois homens suados em camisas de manga entoando flautas lamentosas, um par dedilhando sabiolas de nove cordas e uma mulher de rosto vermelho metida em um vestido de listras azuis tangendo pequeninos martelos de madeira em um saltério de pés finos. Mais de uma dezena de serviçais corria para cima e para baixo a passos rápidos, usando aventais e vestidos azul-claros. A maioria era bonita, embora algumas tivessem quase a idade da Senhora Daelvin, a estalajadeira roliça e pequenina de coque grisalho, ralo e baixo. Bem o tipo de lugar de que Mat gostava: exalava conforto e riqueza. Escolhera aquele local por ficar praticamente cravado no centro da cidade, mas os outros motivos também não eram nada maus.

Nem tudo era perfeito na segunda melhor estalagem de Maerone, claro. Os aromas da cozinha eram mais uma vez de carneiro, nabo e a inevitável sopa picante de cevada e se misturavam ao cheiro de terra e dos cavalos lá fora. Bem, comida era um problema em uma cidade abarrotada de refugiados e soldados, que se multiplicavam nos acampamentos ao redor. Roucas vozes masculinas entoavam marchas, indo e vindo pela rua, somando-se aos sons de botas, cascos de cavalos e homens maldizendo o calor. O salão também estava bem quente, sem uma mísera brisa. Se alguém abrisse as janelas, a poeira cobriria tudo lá dentro, e em nada minimizaria o calor. Maerone parecia uma assadeira.

Pelo que Mat podia ver, a droga do mundo inteiro estava secando, e ele não queria pensar no porquê. Gostaria de poder esquecer o calor, esquecer o motivo pelo qual estava em Maerone, esquecer tudo. Seu bom casaco verde, com bordados de ouro na gola e nos punhos, estava desabotoado, a boa camisa de linho, aberta, mas mesmo assim ele suava feito um porco. Talvez ajudasse se soltasse o lenço de seda preta em torno do pescoço, mas era raro ele fazer isso em público. Tomou o último gole do vinho, deitou a caneca de estanho reluzente sobre a mesa, junto ao cotovelo e apanhou o chapéu de aba larga para se abanar. Não importava o que ele bebesse: assim que descia pela goela, já começava a sair pelo suor.

Quando escolheu se hospedar na Cervo Dourado, os lordes e os oficiais do Bando da Mão Vermelha o seguiram, o que significava que todos os outros guardaram distância. Normalmente a Senhora Daelvin não se incomodava. Ela podia ter alugado cada cama por cinco vezes mais só entre os lordes e fidalgotes do Bando — e o pessoal pagava bem, brigava pouco e costumava resolver suas desavenças na rua antes de derramar sangue. Naquela tarde, no entanto, apenas nove ou dez homens ocupavam as mesas, e ela volta e meia piscava para os bancos vazios, dava um tapinha no coque e suspirava — não venderia muito vinho até a noite. Boa parte de seus lucros provinha do vinho. Os músicos, porém, tocavam com vigor. Um punhado de lordes satisfeitos com a música — qualquer um com ouro merecia ser tratado por “milorde”, na opinião deles — podiam ser mais generosos do que um salão apinhado de soldados comuns.

Para infelicidade dos bolsos dos músicos, Mat era o único que escutava, estremeando a cada três notas. Não era culpa dos músicos: a melodia era boa, se o ouvinte não conhecesse o que estava escutando. Mat conhecia — e ensinara aos sujeitos, batendo palmas no ritmo e cantarolando com os lábios fechados —, mas ninguém além dele ouvia aquela melodia havia mais de dois mil anos. Pelo menos podia dizer que eles tinham acertado o ritmo.

Um fragmento de conversa chegou a seus ouvidos. Deitando outra vez o chapéu, abanou a caneca para pedir mais vinho e inclinou-se por cima da mesa na direção dos três homens que bebiam à mesa ao lado.

— Como é que é?

— Estamos tentando descobrir como recuperar uma parte do dinheiro que perdemos para você — respondeu Talmanes, o rosto sério por trás da caneca de vinho. Não estava aborrecido. Com apenas alguns anos a mais que os vinte de Mat e uma cabeça mais baixo, era raro Talmanes sorrir. Para Mat, o homem parecia uma mola encolhida. — Ninguém ganha de você nas cartas. — Ele era comandante de metade da cavalaria do Bando e um lorde ali em Cairhien, mas tinha a frente da cabeça raspada e coberta de pó de arroz, embora o suor de alguma forma tivesse removido um pouco da cobertura. Um bom número de lordes cairhienos mais jovens assumira o estilo dos soldados. O casaco de Talmanes também era liso, sem as faixas coloridas dos nobres, embora ele tivesse direito a algumas.

— Nem tanto — protestou Mat. Verdade, quando a sorte estava com ele, era perfeito, mas a sorte vinha em ciclos, sobretudo ao tratar-se de algo tão ordenado quanto um deque de cartas. — Sangue e cinzas! Vocês arrancaram cinquenta coroas da minha bolsa, semana passada.

Cinquenta coroas. Cerca de um ano antes, teria dado cambalhotas ao ganhar uma coroa e chorado ao pensar em perdê-la. Um ano antes, ele não tinha nenhuma moeda para perder.

— E isso me deixa para trás em quantas centenas? — retrucou Talmanes, em um tom seco. — Quero ter a chance de recuperar algumas.

Se o nobre de fato começasse a ganhar de Mat com alguma frequência, também começaria a se preocupar. Bem como a maioria dos homens do Bando, Talmanes considerava a sorte de Mat um talismã.

— Os dados são uma bela porcaria — retrucou Daerid, o comandante da infantaria do Bando. Ele bebeu com avidez e ignorou a careta escondida por detrás da barba oleada de Nalesean. A maioria dos nobres que Mat conhecera considerava dados um jogo comum, apropriado apenas aos camponeses. — Nunca vi você levar prejuízo nos dados. Tem que ser um jogo sobre o qual você não tenha controle, nenhuma mãozinha, se é que me entende.

Só um pouco mais alto do que Talmanes, seu companheiro cairhieno, Daerid era cerca de quinze anos mais velho. Já quebrara o nariz mais de uma vez e ostentava três cicatrizes brancas cruzando o rosto. Era o único dos três que não tinha sangue nobre, mas também usava a frente da cabeça raspada e coberta de pó. Daerid fora soldado a vida toda.

— Pensamos em cavalos — comentou Nalesean, gesticulando com a caneca de estanho. Era um sujeito grandalhão, mais alto que os dois cairhienos e liderava a outra metade da cavalaria do Bando. Dado o calor,

Mat com frequência se perguntava por que o homem cultivava aquela viçosa barba negra, mas ele a aparava todas as manhãs para mantê-la pontuda. E, enquanto Daerid e Talmanes deixavam os casacos cinza lisos desabotoados, Nalesean mantinha o seu fechado até o pescoço. Era um casaco de seda verde com mangas tairenas, listradas e bufantes, e punhos de cetim dourado. Seu rosto reluzia de suor, o que ele ignorava. — Que minha alma queime, mas a sua sorte é páreo duro na batalha e nas cartas. E nos dados — acrescentou, com outra careta para Daerid. — No entanto, nas corridas de cavalos, só depende dos cavalos.

Mat sorriu e apoiou os cotovelos na mesa.

— Arrume um bom cavalo, então veremos.

Sua sorte talvez não afetasse um cavalo de corrida. Além de dados, cartas e similares, ele nunca sabia muito bem o que poderia influenciar, ou quando. Porém, Mat crescera vendo o pai negociar carne de cavalo e também tinha um bom olho para os animais.

— Vai querer o vinho ou não? Não dá para servir se eu não alcançar a sua caneca.

Mat olhou por cima do ombro. A serviçal atrás dele, carregando uma jarra de estanho polida, era baixa e magra, uma belezinha de olhos escuros, pele clara e cachos negros aninhados nos ombros. Aquele sotaque bem marcado e musical de Cairhien tornava sua voz melodiosa. Mat pusera os olhos em Betse Silvin desde o primeiro dia em que entrara na Cervo Dourado, mas essa era sua primeira chance de falar com ela — estava sempre ocupado com cinco coisas urgentes e mais dez que deveriam ter sido feitas no dia anterior. Os outros homens já tinham enterrado a cara no vinho, deixando-o a sós com a mulher — ou tão a sós quanto era possível sem irem embora. Tinham bons modos, até mesmo os dois nobres.

Escancarando um sorriso, Mat passou as pernas por cima do banco, virando-se para a mulher, e estendeu a caneca para que ela a enchesse.

— Obrigado, Betse — disse e ela balançou a cabeça em uma medida.

Contudo, quando Mat sugeriu que ela servisse uma caneca para si mesma e bebesse com ele, a moça deitou a jarra na mesa, cruzou os braços e inclinou a cabeça para o lado, encarando-o de cima a baixo.

— Duvido de que a Senhora Daelvin fosse gostar disso. Ah, não, acho que ela não iria gostar. O senhor é lorde? Esses sujeitos ficam lambendo o chão que o senhor pisa, mas nenhum o chama de “milorde”. E quase não o cumprimentam com reverências, só os plebeus.

— Não — respondeu Mat, mais ríspido do que gostaria, erguendo as sobrancelhas —, eu *não* sou um lorde. — Rand podia deixar o povo ficar para lá e para cá chamando-o de Lorde Dragão e coisa e tal, mas isso não era para Matrim Cauthon. Não, nada disso. Ele respirou fundo e voltou a abrir um sorriso. Algumas mulheres tentavam desestabilizar os homens, mas esse tipo de dança ele conhecia muito bem. — Me chame de Mat, Betse. Tenho certeza de que a Senhora Daelvin não vai se incomodar se você sentar um pouquinho aqui comigo.

— Ah, vai, sim. Mas acho que posso conversar um minutinho. O senhor deve ser quase lorde. Por que está usando esse troço neste calor? — Inclinando-se para a frente, Betse puxou o lenço dele para baixo. Mat não estava muito atento e deixou que escorregasse um pouco. — O que é isso? — Betse passou o dedo pela saliência grossa e clara que circundava o pescoço dele. — Alguém tentou enforcá-lo? Por quê? O senhor é jovem demais para ser um cascudo fora-da-lei. — Mat afastou a cabeça e amarrou depressa a seda negra de volta, escondendo a cicatriz, mas Betse nem piscou. Ela enfiou a mão dentro da camisa aberta de Mat e puxou o medalhão de prata com cabeça de raposa que ele usava preso a uma tira de couro. — Foi por roubar isso aqui? Parece caro... é muito caro?

Mat agarrou o medalhão e o guardou de volta no lugar. A mulher mal parava para respirar, de modo que ele não conseguia brecha para falar. Ouviu Nalesean e Daerid dando risadinhas mais atrás e sua expressão pesou. Às vezes toda aquela sorte no jogo parecia trazer o oposto em relação às mulheres, e eles sempre achavam graça.

— Não, se o senhor tivesse roubado, não o teriam deixado ficar com ele, não é mesmo? — Betse prosseguiu com o falatório. — E, se o senhor é quase lorde, imagino que possa ter coisas feito essa. Talvez tenha sido porque sabia demais. O senhor parece um jovem que sabe bastante coisa. Ou que pensa que sabe. — Ela abriu um daqueles sorrisos astutos, típicos de quando as mulheres queriam confundir um homem. Raramente isso queria dizer que elas sabem mesmo de alguma coisa, mas conseguiam fazer os homens acreditarem que sim. — Tentaram enforcar o senhor por achar que sabia demais? Ou foi por fingir ser lorde? Tem certeza de que não é um lorde?

Daerid e Nalesean já gargalhavam alto, e até Talmanes soltava risadinhas, mesmo tentando fingir que era por outra coisa. Daerid, já sem ar, comentava alguma história sobre um homem caindo de um cavalo sempre que conseguia recuperar o fôlego, mas não parecia nem um pouco engraçada, pelo menos as partes que Mat ouvia.

Ele, no entanto, manteve o sorriso largo. Nem que aquela mulher *conseguisse* falar mais depressa do que ele corria, Mat não se daria por vencido. Betse era muito bonita e ele passara as últimas semanas conversando com gente do naipe de Daerid para baixo — homens suados que às vezes se esqueciam de fazer a barba e com frequência não tinham chance de tomar banho. Betse suave nas bochechas, mas exalava um leve perfume de sabão de lavanda.

— Na verdade, arrumei esse arranhão por saber de menos — comentou, em um tom suave. As mulheres sempre gostavam quando um homem fazia pouco de suas cicatrizes. Só a Luz sabia como ele estava arrumando cicatrizes demais. — Eu agora sei mais do que deveria, mas na época sabia menos. Pode-se dizer que fui enforcado por conhecimento.

Balançando a cabeça, Betse fez um beicinho.

— Me parece que isso foi um gracejo, Mat. Os fidalgotes sempre soltam gracejos, mas ainda assim o senhor diz que não é lorde. Além do mais, eu sou uma mulher simples. Gracejos são complicados demais para mim. Acho que o melhor é ir direto ao ponto. Já que o senhor não é lorde, seria melhor se falasse simples, ou pode dar a entender que está fingindo ser lorde. Nenhuma mulher gosta de um homem que finge ser o que não é. Talvez o senhor possa me explicar o que estava tentando dizer?

Era um esforço manter o sorriso. Aquele bate-e-volta não estava indo nada como ele queria. Não sabia dizer se Betse era uma completa idiota ou se só estava tentando fazê-lo tropeçar nos próprios pés ao tentar se levantar. Fosse como fosse, ela era bonita e cheirava a lavanda, não a suor. Daerid e Nalesean pareciam prestes a morrer por falta de ar. Talmanes cantarolava “Um Sapo no Gelo”. O desgraçado achava que Mat tinha trocado os pés pelas mãos na hora de andar, é?

Mat pousou a caneca de vinho e se levantou, fazendo uma medida e tomando a mão de Betse.

— Eu sou quem sou e ninguém mais, mas seu rosto me deixa sem palavras. — Aquilo a fez piscar, sem palavras. Não importava o que as mulheres dissessem, elas sempre gostavam de floreios. — Me concede uma dança?

Sem esperar resposta, ele a conduziu até um espaço livre por entre as mesas do salão. Com sorte, a dança acalmaria um pouco aquela língua, e, afinal de contas, ele era um sujeito de sorte. Além do mais, nunca tinha ouvido falar de uma mulher cujo coração não amolecesse com uma dança. *Quem dança consegue que as moças perdoem muito; quem dança bem consegue que elas perdoem tudo.* Era um ditado muito antigo. Muito antigo mesmo.

Betse hesitou, mordendo o lábio e procurando a Senhora Daelvin com o olhar, mas a estalajadeira gordinha apenas sorriu e acenou para que ela fosse adiante, depois deu uma ajeitadinha pouco eficaz nos cachos que escapavam do coque e voltou a atormentar as outras serviçais, como se as mesas estivessem cheias. A Senhora Daelvin ficava de olho atento em qualquer homem que ela acreditasse estar se comportando de maneira inadequada. Apesar da aparência tranquila, a mulher carregava um pequeno porrete entre as saias,

e às vezes o botava em uso — Nalesean ainda a olhava com cautela quando ela se aproximava —, mas que mal havia se um cliente desejava uma dança? Mat segurou as mãos de Betse e esticou os braços para os lados. Haveria espaço suficiente entre as mesas. Os músicos começaram a tocar mais alto, mas não melhor.

— Deixa que eu conduzo — instruiu Mat a Betse. — O início é fácil. — Ele começou a dançar no compasso da música, inclinando-se e deslizando a perna para a direita, o pé esquerdo vindo logo atrás. Inclinando, deslizando e puxando o pé, os braços estendidos.

Betse pegou o jeito depressa e se movimentava com graça. Quando eles alcançaram os músicos, Mat ergueu as mãos dela delicadamente acima da cabeça e girou o próprio corpo e o da moça, costas contra costas. Então inclinou e deslizou, girou de volta frente a frente, deslizou e girou, e de novo e de novo, de volta até o ponto de partida. Betse engatou no passo com a mesma agilidade, sorrindo feliz para ele, quando os giros permitiam. Ela era mesmo bonita.

— Agora vai ficar um pouco mais complicado — anunciou Mat, virando-se de modo que os dois encarassem os músicos lado a lado, os punhos cruzados e as mãos unidas à frente.

Joelho direito para cima, um chutinho de leve para a esquerda, então um deslize para a frente e para a direita. Joelho esquerdo para cima, chutinho para a direita, deslize para a frente e para a esquerda. Betse ria enquanto os dois avançavam mais uma vez em direção aos músicos. Os movimentos ficavam mais complexos a cada passo, mas ela só precisava de uma demonstração para conseguir acompanhá-lo, leve feito uma pluma em suas mãos a cada volta, giro e rodopio. E o melhor de tudo: estava completamente muda.

Ele foi envolvido pelo compasso da dança e pela música, mesmo com as notas faltando, e as memórias tomaram sua mente enquanto os dois deslizavam pelo salão, indo e voltando. Nas memórias, Mat era uma cabeça mais alto, tinha longos bigodes dourados e olhos azuis. Usava um casaco de seda cor de âmbar, atado à cintura com uma faixa vermelha, decorado com babados da mais fina renda barsinesa e botões de safira amarela de Aramaelle no peitoral. Estava dançando com uma bela emissária de pele escura dos Atha'an Miere, o Povo do Mar. A fina corrente de ouro que unia o aro no nariz da mulher a uma das inúmeras argolas na orelha sustentava pequeninos medalhões que a identificavam como Mestra das Ondas do Clã Shodin. Para Mat, não importava quanto aquela mulher era poderosa: isso era preocupação do rei, não de um lorde mediano. A mulher era bela e leve em seus braços, e os dois dançavam sob o imenso domo de cristal da corte de Shaemal, quando o mundo inteiro invejava o esplendor e o poder de Coremanda. Outras memórias perpassavam as margens de sua consciência, revelando pequenos fragmentos daquela dança que ele recordava. A manhã traria notícias do aumento das investidas dos Trollocs fora da Grande Praga, e o mês seguinte viria com a notícia de que Barsine, das torres douradas, fora invadida e incendiada e de que as hordas de Trollocs rumavam para o sul. Então começaria o que mais tarde viria a ser chamado de Guerras dos Trollocs, embora ninguém chamasse assim no início — mais de trezentos anos de batalhas quase ininterruptas, sangue, fogo e ruínas, até que os Trollocs fossem expulsos de volta, e os Senhores do Medo, derrotados. Então teria início a queda de Coremanda, com toda sua riqueza e seu poder; de Essenia, com seus filósofos e célebres instituições educacionais; de Manetheren, Eharon e todas as Dez Nações, tudo reduzido a ruínas, mesmo na vitória, a partir de onde outras terras se ergueriam, terras que só tinham memória das Dez Nações como mera lenda de um tempo mais feliz. Mas isso tudo estava no futuro, e ele baniou as memórias em troca do prazer da lembrança do momento. Naquela noite, dançava a dança do padrão com...

Mat piscou, subitamente assustado com os raios de sol que inundavam as janelas e o formoso rosto sorrindo à sua frente, cintilante de suor. Quase tropeçou no emaranhado de seus pés com os de Betse, com quem rodopiava pelo salão, mas conseguiu se recompor antes disso, relembrando os passos instintivamente. Essa dança pertencia a ele com a mesma certeza que aquelas memórias pertenciam à sua mente, emprestadas ou roubadas, mas tão entranhadas no que ele de fato vivera que Mat já não era capaz de distinguir a diferença. Tudo era parte dele agora, preenchendo as lacunas em suas próprias lembranças. Mat podia muito bem ter

vivido todas elas.

Ele dissera a verdade sobre a cicatriz em seu pescoço. Fora enforcado por conhecimento e pela falta dele. Por duas vezes, adentrara um *ter'angreal* como se fosse um desmiolado, um camponês tolo achando que seria um feito simples como uma caminhada no pasto. Bem, quase tão simples. Os resultados só reforçaram suas suspeitas sobre qualquer coisa relacionada com o Poder Único. Da primeira vez, ouviu que iria morrer e nascer de novo, entre outras coisas que preferia não ter ouvido. Algumas dessas outras coisas o encaminharam para a segunda jornada através de um *ter'angreal*, cuja consequência fora uma corda amarrada em seu pescoço.

Uma série de decisões, todas regidas por bons motivos ou pura necessidade, todas parecendo muito sensatas no momento em que as tomara, todas com consequências que ele jamais imaginara. Mat sempre se via preso nesse tipo de dança. Estivera morto até o momento em que Rand o soltara daquela força e o ressuscitara. Pela centésima vez, fez uma promessa a si mesmo. Daquele momento em diante, prestaria atenção onde pisava. Nada de se precipitar sem pensar nos desdobramentos.

Na verdade, ele ganhara mais do que a cicatriz naquele dia. O amuleto prateado de cabeça de raposa, por exemplo, o único olho sombreado de forma a parecer o antigo símbolo dos Aes Sedai. Às vezes, Mat ria tanto por causa daquele medalhão que suas costelas doíam. Não confiava em nenhuma Aes Sedai, por isso chegava a dormir e a tomar banho com aquela coisa no pescoço. O mundo era um lugar curioso, quase sempre curioso e esquisito.

Outra coisa que ganhara fora conhecimento, ainda que indesejado. Fragmentos das vidas de outros homens enchiam sua cabeça, milhares e milhares, às vezes algumas horas de memórias, às vezes anos inteiros, mas em fragmentos, lembranças de cortes e de combates, momentos vividos ao longo de bem mais de mil anos, desde muito antes das Guerras dos Trollocs até a batalha final do império de Artur Asa-de-gavião. Todas essas lembranças eram suas agora, ou era como se fossem.

Nalesean, Daerid e Talmanes batiam palmas ao ritmo da música e os outros homens espalhados pelas mesas também. Homens do Bando da Mão Vermelha, estimulando seu comandante a dançar. Luz, o nome do grupo dava calafrios em Mat. Pertencera a um lendário bando de heróis que morrera tentando salvar Manetheren. Não havia um só homem cavalgando ou marchando atrás do estandarte do Bando que não achasse que aquele grupo também acabaria fazendo parte das lendas. A Senhora Daelvin também batia palmas e o restante das serviçais fizera uma pausa para assistir à dança.

Era por causa das lembranças daqueles outros homens que o Bando seguia Mat, embora eles não soubessem. Sua cabeça continha memórias de mais batalhas e campanhas do que cem homens poderiam ter vivido. Fosse do lado vencedor ou do derrotado, Mat se lembrava de como aquelas batalhas tinham sido ganhas ou perdidas, e bastava um pouco de sagacidade para traduzir tudo aquilo em vitórias para o Bando. Isso quando não conseguia encontrar um jeito de evitar o confronto.

Mais de uma vez, desejara que aqueles fragmentos das vidas de outros homens saíssem de sua cabeça. Sem eles, Mat não estaria onde estava, liderando um grupo de quase seis mil soldados que aumentava a cada dia, prestes a conduzi-los para o sul e assumir o comando de uma maldita invasão a uma terra controlada por um dos malditos Abandonados. Ele não era nenhum herói, nem queria ser. Heróis tinham o péssimo hábito de acabar mortos. Um herói recebia no máximo um tapinha nas costas — isso quando não havia apenas a promessa de um tapinha antes de ele ser mandado à caça outra vez. Aliás, o mesmo valia para os soldados.

Por outro lado, sem essas lembranças Mat não teria seis mil soldados com ele. Estaria sozinho, *ta'veren* e preso ao Dragão Renascido, alvo fácil e conhecido dos Abandonados. Ao que parecia, alguns sabiam muita coisa a respeito de Mat Cauthon. Moiraine alegara que ele era importante, que talvez Rand precisasse dele e de Perrin para vencer a Última Batalha. Se fosse verdade, ele faria o que fosse preciso — só teria que se acostumar à ideia, mas faria —, mas não seria um maldito herói. Se pelo menos conseguisse descobrir o que fazer a respeito da maldita Trombeta de Valere... Oferecendo uma pequena prece pela alma de Moiraine,

desejou que ela estivesse errada.

Ele e Betse terminaram a última sequência de passos, e a mulher desabou em cima dele, rindo, quando pararam.

— Ah, foi maravilhoso. Me senti em um palácio. Vamos de novo? Ah, vamos? Vamos?

A Senhora Daelvin aplaudiu os dois por um instante, mas assim que percebeu as outras serviçais paradas ao redor do casal, sacudiu os braços com vigor e pôs todas para correr feito galinhas.

— “Filha das Nove Luas” significa alguma coisa para você?

As palavras simplesmente saíram. Era só porque se lembrara daquele *ter’angreal*. Onde quer que fosse encontrar a tal Filha das Nove Luas, quando isso acontecesse — *Luz, espero que ainda falte muito tempo para isso!*, pensou com fervor —, com certeza não seria em um vilarejo, servindo mesas em uma estalagenzinha abarrotada de soldados e refugiados. Por outro lado, quem poderia saber, em se tratando de profecias? Fora uma profecia, de certo modo. Morrer e nascer outra vez. Casar-se com a Filha das Nove Luas. Abrir mão de metade da luz do mundo para salvar o mundo, fosse lá o significado daquilo. Mat *tinha* morrido, afinal, pendurado naquela corda. Se essa parte era verdade, o resto também tinha que ser. Não havia escapatória.

— Filha das Nove Luas? — repetiu Betse, ofegante. A falta de fôlego não diminuía a tagarelice. — É uma estalagem? Uma taverna? Não é aqui em Maerone, disso eu sei. Talvez seja do outro lado do rio, em Aringill? Nunca fui a...

Mat encostou um dos dedos nos lábios dela.

— Deixe para lá. Vamos dançar mais uma dança. — Uma regional, dessa vez, algo atual, que não carregasse lembranças de outros homens. O problema era que realmente precisava pensar para identificar em meio às lembranças qual dança era de seu tempo.

Um pigarreio o fez olhar para trás e ele suspirou ao ver Edorion parado na entrada, as manoplas com dorso de aço enfiadas atrás do cinturão, o capacete debaixo do braço. O jovem lorde taireno era um homem roliço e de bochechas rosadas quando apostara contra Mat, na Pedra de Tear. No entanto, desde que chegara ao norte adquirira um aspecto mais duro e curtido pelo sol. O capacete de abas agora não ostentava plumas, e a douradura um dia ornamentada de sua placa peitoral já estava desfigurada por lascas e mossas. O casaco de mangas bufantes era azul com listras pretas, mas parecia bastante usado.

— Você me pediu para lembrá-lo de sua ronda a essa hora. — Edorion tossiu contra o punho cerrado. Fazia questão de não olhar para Betse. — Mas posso voltar mais tarde, se preferir.

— Vou agora — respondeu Mat.

Era importante fazer a ronda diária, buscar estranhezas todos os dias. As memórias daqueles outros homens lhe diziam isso e ele aprendera a confiar nas memórias quando se tratava desse tipo de coisa. Já que estava preso a essa função, era melhor desempenhá-la direito. Fazer as coisas direito talvez pudesse preservar sua vida. Além do mais, Betse se afastara, tentando enxugar o suor do rosto com o avental e ajeitar os cabelos ao mesmo tempo. A euforia já esvanecia de sua expressão. Não importava. Ela se lembraria. *Dance bem com uma mulher*, pensou Mat, convencido, *que já ganha metade de seu coração*.

— Entregue isso aos músicos — pediu ele à serviçal, depositando três marcos de ouro em sua mão. Por mais que tivessem tocado mal, durante alguns momentos a melodia o transportara para longe de Maerone e do futuro imediato. De todo modo, as mulheres gostavam de generosidade. As coisas estavam indo muito bem. Com uma mesura, quase beijando a mão dela, Mat acrescentou: — Até mais ver, Betse. Dançaremos de novo quando eu voltar.

Para sua surpresa, ela abanou um dedo sob o nariz dele e balançou a cabeça em reprimenda, como se lesse sua mente. Bem, ele jamais alegara entender as mulheres.

Ajeitando o chapéu na cabeça, apanhou a lança de cabo preto que jazia ao lado da porta. Fora outro

presente do lado de lá daquele *ter'angreal*, com a inscrição em Língua Antiga no cabo e a ponta estranha, feito uma espada curta gravada com dois corvos.

— Vamos percorrer os bares hoje — disse a Edorion, e os dois saíram a passos firmes sob o calor intenso do meio-dia, adentrando a balbúrdia de Maerone.

Era uma cidade pequena e sem muros, porém cinquenta vezes maior do que qualquer uma que Mat vira antes de sair de Dois Rios. Na verdade, era uma aldeia grande, cuja maior parte das construções de tijolos e pedras tinha um único andar de altura, e as estalagens, no máximo três; além de apresentarem tantos telhados de ripas de madeira e de palha quanto de laje ou telha. Àquela hora, as ruas, quase todas de terra batida, estavam abarrotadas. A cidade tinha gente de todo tipo, na maioria cairhienos e andorianos. Embora ficasse do lado cairhieno do Erinin, Maerone não fazia parte de nação alguma: estava bem no meio do caminho, e a gente que ali vivia ou passava pertencia a uma meia dúzia de nações diferentes. Até Aes Sedai — umas três ou quatro — tinham aparecido por ali, desde que Mat chegara. Mesmo usando o medalhão, sempre mantivera distância delas — não havia motivo para caçar problemas —, mas todas tinham ido embora tão rápido quanto haviam chegado. Ele de fato tinha sorte, quando importava. Pelo menos até então.

O povo da cidade estava imerso em seus afazeres, a maioria ignorando os muitos homens, mulheres e crianças vestidos em andrajos que perambulavam a esmo. Esses últimos eram todos cairhienos e em geral chegavam até o rio antes de retornarem aos acampamentos de refugiados ao redor da cidade. Poucos, no entanto, voltavam para casa. A guerra civil podia ter terminado em Cairhien, mas ainda havia as milícias, e eles temiam os Aiel. E, pelo que Mat sabia, também temiam topiar com o Dragão Renascido. A pura verdade era que haviam fugido para o mais longe possível, e nenhum deles tinha energia para mais do que ir até o rio e admirar Andor.

Os soldados do Bando se somavam à multidão, grupos de um ou três serpenteando por entre as lojas e tavernas, tropas em forma, besteiros e arqueiros com coletes cobertos de discos de metal, lanceiros usando placas peitorais surradas descartadas por seus superiores ou arrancadas dos mortos. Por toda parte se viam cavaleiros de armaduras, lanceiros tairenos em capacetes com abas, cairhienos de capacetes em formato de sino e até alguns andorianos com seus capacetes cônicos de elmos com barras horizontais. Rahvin expulsara um bom número de homens da Guarda da Rainha, homens leais demais a Morgase e alguns haviam se juntado ao Bando. Mascates aos berros circulavam pela massa de gente com suas bandejas. Ofereciam agulhas e fios; unguentos bons para qualquer ferida e remédios para todo tipo de mal, desde bolhas até diarreia e tifo; sabão; panelas e canecas de estanho que prometiam jamais enferrujar; meias de lã; facas e adagas do mais fino aço andoriano — eles davam sua palavra —, todo tipo de coisa indispensável a um soldado ou que os vendedores pudessem convencê-los de que era indispensável. O burburinho era tamanho que os berros de qualquer mascate eram engolidos a mais de três passos de distância.

Os soldados reconheceram Mat na mesma hora, claro, e muitos deram vivas, mesmo os que estavam longe demais para ver além de seu chapéu de aba larga e a estranha lança. O acessório e a arma o marcavam tão claramente quanto a insígnia de qualquer nobre. Mat ouvira todo tipo de boatos em relação à sua recusa a usar armadura e capacete. Eram os mais diversos, desde coragem insana à suspeita de que apenas uma arma forjada pelo Tenebroso em pessoa poderia matá-lo. Alguns diziam que ele ganhara o chapéu das Aes Sedai e que, enquanto o usasse, *nada* seria capaz de matá-lo. A verdade era que se tratava de um chapéu comum, e ele o usava para garantir boa sombra. E porque o ajudava a se lembrar de não chegar perto de nenhum lugar onde fosse preciso usar armadura e capacete. As histórias que circulavam sobre sua lança, com aquela inscrição que pouca gente entre os nobres era capaz de ler, eram ainda mais exageradas. No entanto, nenhuma se aproximava da estranheza da verdade. Aquela lâmina com inscrição de corvo fora feita por Aes Sedai durante a Guerra da Sombra, antes da Ruptura. Não era necessário afiá-la, nunca, e ele duvidava de que a lâmina pudesse ser quebrada.

Acenando para agradecer os berros de “Que a Luz ilumine Lorde Matrim!”, “Lorde Matrim e vitória!” e outras bobagens, ele cruzou a multidão com Edorion. Pelo menos não precisava acotovelar ninguém: o povo abria caminho logo que o via. Queria que não fossem tantos os refugiados que o encaravam como se ele escondesse a chave de sua esperança no bolso. Além de garantir que recebessem a comida vinda nas fileiras de carroções que saíam de Tear, Mat não sabia o que mais podia fazer. Muitos estavam sujos e vestidos em farrapos.

— O sabão seguiu para os acampamentos? — perguntou.

Edorion ouviu, apesar da gritaria.

— Seguiu. A maioria acabou trocando o sabão com os mascates por vinho barato. Eles não querem sabão: querem ou cruzar o rio ou afogar as mágoas.

Mat soltou um grunhido amargo. Passagem para Aringill era algo que não podia dar àquelas pessoas.

Até a guerra civil destruir Cairhien, Maerone fora ponto de passagem entre Cairhien e Tear, o que significava que possuía quase tantas estalagens e tavernas quanto casas. As primeiras cinco onde ele enfiara o nariz eram bem similares, desde A Raposa e O Ganso até a Chicote do Carroceiro — construções de pedra com mesas abarrotadas e eventuais brigas, que Mat ignorava. Todavia, nunca encontrava ninguém bêbado.

A Portão do Rio, do outro lado da cidade, já fora a melhor estalagem de Maerone, mas placas pesadas pregadas nas portas de madeira manchada pelo sol serviam de lembrete aos estalajadeiros e serventes para que não embebedassem os soldados do Bando. Ainda assim, mesmo os soldados sóbrios entravam em brigas — tairenos com cairhienos com andorianos; homens a pé com cavaleiros; vassalos de um lorde lutavam contra os de outro; veteranos enfrentavam novatos e soldados brigavam com civis. Antes de saírem de controle, as lutas eram interrompidas por soldados de cassetetes e braçadeiras vermelhas que iam do punho ao cotovelo. As unidades se revezavam no fornecimento de Braços Vermelhos, mandando homens diferentes a cada dia, e o grupo tinha que pagar por qualquer dano ocorrido em seus dias de serviço. Isso aumentava o esforço para manter a paz.

Quando adentrou A Raposa e O Ganso, Mat viu um menestrel corpulento de meia idade equilibrando bastões em chamas; enquanto na Estalagem do Erinin, um menestrel magrelo e já meio careca, de harpa na mão, declamava parte da *Grande Caçada à Trombeta*. Apesar do calor, ambos usavam a inconfundível capa, toda coberta de retalhos multicoloridos que se agitavam ao menor movimento. Um menestrel daria a própria mão para não perder aquela capa. Os dois tinham plateias bastante atentas — muitos espectadores vinham de aldeias que saudavam avidamente a visita de um menestrel —, mais até do que a garota que cantava em cima de uma mesa, na taverna chamada As Três Torres. A moça era bonita, com seus longos cachos escuros, mas uma canção sobre amor verdadeiro decerto não seria muito interessante para os homens que bebiam e gargalhavam. Nos outros locais, a única diversão vinha de um ou dois músicos, mas o burburinho era ainda mais alto e metade das mesas estava envolvida em jogos de dados que fizeram os dedos de Mat coçar. Mas era verdade que ele quase sempre ganhava, pelo menos no dado, e não seria correto tomar moedas de seus próprios soldados. E a maioria dos homens às mesas era do Bando, poucos refugiados tinham moedas para gastar em salões.

Algumas pessoas que não faziam parte do grupo circulavam por entre os integrantes do Bando. Um kandoriano esguio e de barba forçada ostentando uma pedra da lua do tamanho da unha do dedão pendurada em uma orelha e correntes de prata cruzando o peitoral em seu casaco vermelho; uma domanesa de pele acobreada e olhos astutos, com anéis de pedras preciosas em todos os dedos, apesar do vestido azul modesto; um taraboniano com um quepe azul cônico de ponta achatada, o bigode grosso escondido por trás de um véu transparente. Homens gorduchos em casacos tairenos apertados na cintura; sujeitos magrelos usando casacos murandianos que iam até o joelho; mulheres de olhar penetrante em vestidos de gola alta ou até o tornozelo, mas sempre de lã bem cortada e cores sóbrias. Todos mercadores, prontos para quando comesçassem as

tiradas entre Andor e Cairhien. Em cada salão havia dois ou três homens afastados dos outros, em geral sozinhos, a maioria sujeitos de olhar severo, alguns bem-vestidos, outros pouco mais ajeitados que os refugiados, mas todos com ar de quem sabia manejar a espada que traziam na cintura ou nas costas. Mat identificou duas mulheres com aquele grupo, embora nenhuma portasse armas — uma tinha um cajado comprido apoiado na mesa e supôs que a outra levasse facas escondidas no vestido de montaria. Ele próprio escondia umas facas nas roupas. Tinha certeza de que sabia o que ela e os outros queriam, e a mulher seria tola de se meter naquilo desarmada.

Ao sair com Edorion da Chicote do Carroceiro, Mat parou para observar uma mulher grandalhona de saias marrons divididas abrindo caminho pela multidão. A mulher nem piscava, os olhos observando tudo, desmentindo a aparente placidez do rosto redondo e ela ainda trazia no cinto um porrete cravejado de pregos e uma adaga de lâmina pesada o suficiente para dar conta de um Aiel. Então havia uma terceira mulher no grupo. Eram Caçadores da Trombeta, estavam atrás da lendária Trombeta de Valere que convocaria os mortos de volta de seus túmulos para lutar na Última Batalha. Quem a encontrasse teria lugar garantido nas histórias. *Isso se sobrar alguém para escrever alguma maldita história*, pensou Mat, mordaz.

Alguns acreditavam que a Trombeta surgiria onde houvesse lutas e tumulto. Fazia quatrocentos anos desde que a última Caçada à Trombeta fora convocada e o povo tinha surgido de tudo que era lugar para fazer os juramentos mais recentes. Mat vira bandos de Caçadores nas ruas de Cairhien e esperava ver mais quando chegasse a Tear. Decerto também estariam avançando para Caemlyn. Queria que um deles tivesse encontrado a coisa. Pelo que sabia, a maldita Trombeta de Valere jazia em algum ponto das profundezas da Torre Branca — e, se ele conhecia minimamente as Aes Sedai, ficaria surpreso se dez delas estivessem cientes disso.

Uma tropa marchava atrás de um oficial a cavalo de placa peitoral amassada e capacete cairhieno, entre Mat e a mulher corpulenta. Cerca de duzentos lanceiros com as armas para cima, um matagal de ponteiras, seguidos por mais de cinquenta arqueiros com aljavas na cintura e arcos presos aos ombros. Não era o arco longo de Dois Rios que Mat crescera usando, mas era uma arma bastante digna. Precisava encontrar bestas para os homens, embora os arqueiros não estivessem muito dispostos a trocar de arma. O batalhão cantava enquanto marchava e a massa de vozes se sobrepunha ao resto do barulho.

*— O almoço vai ser feijão e feno estragado,
no dia do nome ganha um casco quebrado.
Vai suar e sangrar até envelhecer,
Só nos seus sonhos ouro vai ter.
É a vida de um soldado.
É a vida de um soldado.*

Uma multidão de civis os seguia, cidadãos e refugiados juntos, todos homens jovens e curiosos, observando e escutando. Mat não deixava de se impressionar. Quanto mais a canção maldizia o serviço — e a pior parte ainda não chegara —, maior a multidão. Certo como a água era molhada, alguns daqueles homens saíam para falar com um porta-estandarte antes de o dia terminar, e a maioria assinaria seu nome ou deixaria uma marca. Decerto achavam que a música era uma tentativa de assustá-los, de preservar a glória e os ganhos ilícitos. Pelo menos os lanceiros não estavam cantando “Dançando com Jak das Sombras”. Mat odiava aquela música. Assim que os rapazes percebiam que Jak das Sombras era a morte, começavam a ir atrás de um porta-estandarte.

— Sua garota com outro se casa.

*Sua única terra é uma cova rasa.
Sua comida de verme, ninguém vai chorar,
Seu próprio nascimento você vai amargar.
É a vida de um soldado.
É a vida de um soldado.*

— O pessoal não para de se perguntar quando é que vamos para o sul — comentou Edorion, com um ar desprezioso, enquanto a tropa avançava pela rua levando um rastro de imbecis — Estão surgindo boatos. — Ele espiou Mat de soslaio, avaliando seu humor. — Percebi que os ferradores estão conferindo as parelhas para os carroções de suprimentos.

— A gente vai quando a gente for — respondeu Mat. — Não precisamos informar Sammael de nossa partida.

Edorion lançou a ele um olhar firme. O taireno não era nem um pouco bronco. Não que Nalesean fosse — só era ansioso demais, às vezes —, mas Edorion tinha uma mente perspicaz. Nalesean jamais teria percebido os ferradores. Era pena que a Casa Aldiaya fosse superior à Casa Selorna em importância, ou Mat teria posto Edorion no lugar de Nalesean. Aqueles nobres idiotas, com sua fixação idiota nas graduações. Não, Edorion não era nem um pouco burro — sabia que tão logo o Bando rumasse para o sul, as notícias desceriam o rio a toda a velocidade, talvez também voando com os pombos. Mat não teria apostado contra a possibilidade de haver espiões em Maerone, nem se sentisse a sorte com força suficiente para lhe arrebentar o crânio.

— Tem também um boato de que o Lorde Dragão estava na cidade, ontem — comentou Edorion, no volume mais baixo que o barulho da rua permitia.

— O máximo que aconteceu ontem — respondeu Mat, seco — foi que tomei o primeiro banho em uma semana. Vamos logo. Vai levar metade do tempo que nos resta de luz para acabar com isso.

Mat daria tudo para descobrir como aquele boato começara. Estava errado em apenas metade de um dia, e decerto não houvera ninguém para ver. Nas primeiras horas da manhã, um raio de luz despontara de repente no quarto de Mat, lá na estalagem Cervo Dourado. Desesperado, ele se atirara do outro lado da cama de quatro pilares, uma bota calçada e a outra a meio caminho, puxando a faca que mantinha presa entre as omoplatas. Então percebeu que era Rand, brotando de um daqueles malditos buracos no nada. Parecia estar saindo do palácio em Caemlyn, pelas colunas visíveis antes de a abertura se esvaír. Ficou um pouco espantado com a visita no meio da noite, sem escolta Aiel, irrompendo bem no quarto de Mat — coisa que ainda lhe dava calafrios. Aquela luz estranha poderia tê-lo fatiado em dois, se estivesse no lugar errado. Mat *não gostava* do Poder Único. A situação toda fora muito estranha.

— *Vá depressa e devagar, Mat — disse Rand, andando de um lado para o outro, sem olhar em sua direção. Mantinha a mandíbula tensa, o rosto empapado de suor. — Ele tem que estar avisado. Tudo depende disso.*

Sentado na cama, Mat deu um solavanco com o pé para terminar de tirar a bota e largou-a no tapete que a Senhora Daelvin lhe cedera.

— *Eu sei — respondeu, em um tom amargo, parando para esfregar o tornozelo que machucara em uma das colunas da cama. — Eu ajudei a bolar a porcaria do plano, lembra?*

— *Como é que a gente sabe quando está apaixonado por uma mulher, Mat? — Rand não parava de andar e disparou a pergunta como se tivesse tudo a ver com o que estava dizendo antes.*

Mat piscou.

— *Pelo Poço da Perdição, como eu vou saber? Nessa armadilha eu nunca pus o pé. Por quê?*

Rand apenas deu de ombros.

— *Vou acabar com Sammael, Mat. Eu juro. Devo isso aos mortos. Mas onde estão os outros? Preciso acabar com*

todos.

— Mas um de cada vez. — Ele quase não conseguiu evitar que a frase saísse como uma pergunta. Nos últimos tempos, não havia como saber com o que Rand ficaria obcecado.

— Tem Devotos do Dragão em Murandy, Mat. Em Altara também. Homens devotos a mim. Quando Illian for minha, Altara e Murandy cairão feito ameixas maduras. Vou iniciar contato com os Devotos do Dragão em Tarabon. e em Arad Doman. E, se os Mantos-brancos tentarem me impedir de chegar a Amadícia, vou acabar com eles. O Profeta já deixou Ghealdan preparada e está quase terminando com Amadícia, pelo que eu ouvi dizer. Consegue imaginar Masema como Profeta? Saldaea virá até mim, Bashere tem certeza. Todas as Terras da Fronteira virão. Têm que vir! Eu vou conseguir, Mat. Todas as nações unidas antes da Última Batalha. — A voz de Rand assumira um tom febril.

— Claro, Rand — respondeu Mat, hesitante, acomodando a outra bota ao lado da primeira. — Mas uma coisa de cada vez, certo?

— Nenhum homem deveria ter a voz de outro homem na própria cabeça — resmungou Rand e as mãos de Mat congelaram enquanto ele tirava uma das meias de lã.

Por mais estranho que fosse, pegou-se pensando se ainda poderia usar o par mais um dia. Rand sabia de parte do que acontecera dentro daquele ter'angreal em Rhuidean — pelo menos sabia que ele, de alguma forma, obtivera conhecimento a respeito das funções de um soldado. Mas não sabia de tudo... Mat achava que não. Não sabia das lembranças de outros homens. Rand não pareceu notar nada fora do comum. Só passou os dedos pelos cabelos e prosseguiu:

— Ele pode ser enganado, Mat... Sammael sempre pensa de maneira muito linear. Mas será que tem alguma brecha por onde ele possa se esgueirar? Se houver qualquer erro, milhares de pessoas vão morrer. Dezenas de milhares. Centenas já vão morrer, de todo modo, mas não quero que sejam milhares.

Mat contorceu o rosto em uma careta tão intensa que o mascate de rosto suado que tentava lhe vender uma adaga com cabo de pedras “preciosas” de vidro colorido quase largou a mercadoria ao tentar se misturar à multidão. Rand era sempre assim, trocando de assunto toda hora, indo da invasão de Illian para os Abandonados e as mulheres — Luz, Rand sempre conseguia o que queria com as mulheres, que nem Perrin —, da Última Batalha às Donzelas da Lança e coisas que Mat não compreendia. E quase nunca ouvia as respostas, às vezes sequer esperava por elas. Ouvir Rand falar de Sammael como se conhecesse o homem era mais que apenas desconcertante. Sabia que Rand acabaria enlouquecendo, mas se a loucura já estivesse à espreita...

E quanto aos outros, os coitados que *desejavam* canalizar, que Rand estava reunindo, e o tal sujeito Taim, que já conseguia? Rand mencionara como se não fosse nada muito relevante. Mazrim Taim, o maldito falso Dragão, ensinando aos malditos alunos de Rand — ou fosse lá o que fossem aqueles homens. Quando todos comessem a enlouquecer, Mat não queria estar nem a mil milhas deles.

Só que tinha tanta opção quanto uma folha em um redemoinho. Era *ta'veren*, porém Rand era mais. Nada havia nas Profecias do Dragão sobre Mat Cauthon, mas ele fora capturado e preso, feito um leitãozinho. Luz, queria nunca ter posto os olhos na Trombeta de Valere.

Com a expressão sombria, avançou pelas tavernas e pelos salões, afastando-se dos entornos da Cervo Dourado. Não eram diferentes da primeira que vistoriara: mesas abarrotadas de homens bebendo, jogando e brigando, os músicos sempre abafados pelo burburinho, Braços Vermelhos apartando as brigas assim que começavam. Em uma, um menestrel recitava *A Grande Caçada* — popular mesmo sem Caçadores por perto —, em outra, uma mulher branca e pequenina entoava uma canção um tanto obscena, que ficava ainda mais escandalosa ao ser recitada por alguém de rosto redondo e olhos tão grandes e inocentes.

Ainda desanimado, abandonou a Trombeta de Prata — que nome idiota! — e sua cantora de rosto inocente. Talvez tenha sido por isso que saiu disparado em direção à gritaria que estourava na rua, logo na frente de outra estalagem. Se houvesse soldados envolvidos, os Braços Vermelhos cuidariam da situação, mas mesmo assim Mat foi se embrenhando pela multidão. Rand estava enlouquecendo e largando-o no meio da

tempestade, com Taim e aqueles outros idiotas prontos para adentrar a loucura com ele. Sammael aguardava em Illian e nem a Luz sabia onde estava o restante dos Abandonados — todos decerto à procura de uma chance de arrancar sua cabeça pelo caminho. Isso sem levar em conta o que as Aes Sedai fariam se pusessem as mãos nele outra vez — pelo menos, as que sabiam demais. E todo mundo pensando que ele ia dar as caras e virar um maldito herói! Em geral, tentava se safar das brigas na lábia quando não conseguia passar longe delas, mas naquele momento queria uma desculpa para meter um soco bem no meio da cara de alguém. O que encontrou não foi nada do que esperava.

Um grupo de cidadãos — cairhienos baixos usando roupas discretas e um punhado de andorianos mais altos vestidos em cores mais vivas — rodeava, inexpressivo, dois homens compridos e magros de bigodes curvos, que usavam casacos murandianos longos de seda brilhosa e portavam espadas ornamentadas de pomos e guarda-mãos dourados. O sujeito de casaco vermelho exibia um sorriso largo, divertindo-se ao observar o de amarelo agarrar a gola da camisa de um garoto pouco mais alto que a cintura de Mat, sacudindo-o como um cachorro sacode um rato.

Ele manteve a calma. Lembrou a si mesmo de que não sabia o motivo de tudo aquilo.

— Vá com calma com o garoto — mandou, pousando a mão no braço do casaco amarelo. — O que foi que ele fez para merecer...?

— Ele tocou o meu cavalo! — vociferou o sujeito com sotaque de Mindea, afastando a mão de Mat com uma sacudida. Os mindeanos se gabavam de ter o pior temperamento de todos em Murandy. Se gabavam! — Vou torcer esse pescocinho de camponês! Vou esmagar esse moleque magricela...!

Sem dizer outra palavra, Mat ergueu a base da lança e a enfiou direto no meio das pernas do sujeito. O murandiano abriu a boca, mas não emitiu som algum. Seus olhos se reviraram até ficarem completamente brancos. O garoto disparou assim que o homem desabou de joelhos, as pernas moles e a cara no chão da rua.

— Não vai, não — retrucou Mat.

Aquilo não foi o fim, claro. O homem de casaco vermelho agarrou a própria espada. Até conseguiu desembainhar um pedacinho antes que Mat lhe acertasse o pulso com a base da lança. Grunhindo, o sujeito largou o cabo, mas esticou a outra mão para agarrar a adaga de lâmina comprida pendurada em seu cinto. Mais que depressa, Mat o golpeou acima da orelha. Não foi com força, mas o sujeito caiu em cima de seu companheiro. Que imbecil! Mat não soube ao certo se estava pensando no sujeito do casaco vermelho ou em si mesmo.

Finalmente chegaram alguns Braços Vermelhos, abrindo caminho por entre os observadores. Eram cavaleiros tairenos de costas largas, pareciam meio sem jeito andando a pé com as botas até os joelhos, as mangas douradas espremidas embaixo das braçadeiras. Edorion agarrou o garoto, um menino encovado e emburrado de cerca de seis anos, arrastando os dedos nus pela terra e de vez em quando tentando dar um tranco no braço de seu captor. Talvez fosse a criança mais feia que Mat já vira, com nariz achatado, boca grande demais para o rosto e orelhas imensas despontando das laterais da cabeça. Pelos rombos em seu casaco e calças, era um dos refugiados. Parecia imundo.

— Dê um jeito nisso, Harnan — mandou Mat. Harnan era um Braço Vermelho de queixo comprido, um líder de destacamento de expressão tolerante com uma tatuagem tosca de um gavião na bochecha esquerda. A moda parecia estar se difundindo pelo Bando, mas a maioria se limitava a marcar partes do corpo que costumavam ficar encobertas. — Descubra o motivo disso tudo, depois mande esses dois grosseirões para fora da cidade. — Eles mereciam, fosse lá qual tivesse sido a provocação.

Um magricelo de casaco murandiano de lã escura serpenteou por entre o povo e caiu de joelhos ao lado dos dois, no chão. O de casaco amarelo começara a emitir grunhidos abafados e o de casaco vermelho já agarrava a cabeça, murmurando algo que pareciam xingamentos. O recém-chegado fez mais barulho que os dois juntos.

— Ah, milordess! Milorde Paers! Milorde Culen! Os senhores foram mortos? — Ele estendeu as mãos trêmulas na direção de Mat. — Ah, mas não mate os dois, milorde! Não assim, indefesos. Eles são Caçadores da Trombeta, milorde. Eu sou Padry, servo deles. São heróis, milorde, são sim.

— Eu não vou matar ninguém — interrompeu Mat, enojado. — Você faça esses heróis montarem em seus cavalos e caia fora de Maerone até o anoitecer. Não gosto de marmanjos que ameaçam torcer o pescoço de uma criança. Eles têm até o anoitecer!

— Mas, milorde, eles estão machucados. Era é só um camponesinho, e estava bulindo no cavalo de Lorde Paers.

— Eu só sentei no cavalo — gritou o garoto. — Eu não estava... isso aí que o senhor disse.

Mat assentiu, de cara feia.

— Não se quebra o pescoço de uma criança por se sentar em um cavalo, Padry. Nem se for um *camponesinho*. Tire esses dois daqui, ou eu é que vou torcer o pescoço *deles*. — Gesticulou para Harman que assentiu depressa para os outros Braços Vermelhos. Os líderes de destacamento nunca faziam nada sozinhos, assim como os porta-estandartes. O grupo ergueu Paers e Culen com violência e os atirou para longe, grunhindo. Padry foi atrás, contorcendo as mãos e gritando, em protesto, que seus mestres não estavam em condições de cavalgar, que eram Caçadores da Trombeta e heróis.

Mat percebeu que Edorion ainda agarrava o braço da causa de todo aquele problema. Os Braços Vermelhos tinham ido embora, os habitantes da cidade já se dispersavam. Ninguém prestava atenção ao garoto, todos tinham suas próprias crianças para cuidar, tarefa que já era bastante difícil. Mat suspirou pesadamente.

— Você não entende que pode se machucar “só sentando” em um cavalo estranho, garoto? O garanhão que esse tipo de sujeito cavalga é capaz de pisotear um garotinho que nem você em sua baía e ninguém nunca mais o encontraria.

— Capão. — O garoto deu outro puxão para tentar se soltar de Edorion, e, ao perceber que não tinha conseguido, fechou um bico emburrado. — Era um capão e não ia me machucar. Os cavalos gostam de mim. Eu não sou um *garotinho*, tenho nove anos. E meu nome é Oliver, não é *garoto*.

— Oliver, é? — Nove anos? Podia ser. Mat era ruim em dizer a idade de crianças, ainda mais sendo uma criança cairhiena. — Bom, Oliver, onde estão sua mãe e seu pai? — Ele olhou em volta, mas os refugiados ao redor passavam tão ligeiros quanto os cidadãos. — Onde é que eles estão, Oliver? Tenho que devolver você a eles.

Em vez de responder, Oliver mordeu o lábio inferior. Uma lágrima se formou em um dos olhos e ele a esfregou, cheio de raiva.

— Os Aiel mataram o papai. Um desses... Shado. Mamãe disse que a gente estava indo para Andor. Ela disse que a gente ia morar em uma fazenda. Com cavalos.

— Onde é que ela está? — perguntou Mat, baixinho.

— Ela ficou doente. Eu... eu a enterrei num lugar com umas flores. — De súbito, Oliver chutou Edorion e começou a se debater, preso a seu pulso. As lágrimas escorriam pelo rosto do menino. — Me solte. Eu consigo me cuidar sozinho. Me solte.

— Cuide dele até encontrarmos alguém — disse Mat a Edorion que o encarou embasbacado, tentando ao mesmo tempo afastar e segurar o garoto.

— Eu? E o que é que eu vou fazer com esse ratinho bravo como um leopardo?

— Para começar, dê a ele um prato de comida. — Mat torceu o nariz. Pelo cheiro, Oliver passara pelo menos um tempinho no chão da baía do capão. — E um banho. Ele está fedendo.

— Fale comigo — gritou Oliver, esfregando o rosto. As lágrimas ajudaram a dar um jeito na imundície. — Fale comigo, não de mim!

Mat piscou, surpreso, depois se agachou.

— Me desculpe, Olver. Eu também sempre odiava quando faziam isso comigo. Agora, o negócio é o seguinte: você está fedendo, então Edorion vai levar você até a Cervo Dourado, onde a Senhora Daelvin vai deixar você tomar um banho. — A irritação no rosto de Olver cresceu. — Se ela falar alguma coisa, diga que fui eu quem mandou. Ela não vai poder impedir. — Mat conteve um sorriso diante do olhar espantado do garoto, aquilo poderia pôr tudo a perder. Olver talvez não gostasse da ideia de tomar um banho, mas se alguém tentasse proibi-lo... — Agora faça o que Edorion mandar. Ele é um verdadeiro lorde taireno e vai arranjar um prato de comida quentinha para você e umas roupas sem furos. E uns sapatos. — Era melhor não acrescentar “e alguém para cuidar de você”. A Senhora Daelvin poderia dar um jeito nisso. Um pouco de ouro daria conta de qualquer relutância.

— Eu não gosto de tairenos — resmungou Olver, franzindo o cenho primeiro para Edorion, depois para Mat. Edorion fechara os olhos e murmurava sozinho. — Ele é lorde de verdade? O senhor também é lorde?

Antes que Mat pudesse responder, Estean veio correndo pela multidão, o rosto grumoso todo vermelho e empapado de suor. A placa peitoral amassada conservava alguns fragmentos da antiga glória dourada e as tiras de cetim vermelho nas mangas amarelas do casaco estavam bem puídas. Ele não parecia nem um pouco o filho do lorde mais rico de Tear. Por outro lado, jamais parecera.

— Mat. — O homem ofegava, metendo os dedos pelos cabelos ralos que insistiam em cair por sobre a testa. — Mat... no rio, lá embaixo...

— O quê? — interrompeu Mat, irritado. Começaria a mandar bordar “Não sou um maldito lorde” em seus casacos. — Sammael? Os Shaído? A Guarda da Rainha? Os malditos Leões Brancos? O quê?

— Um navio, Mat — respondeu Estean, ofegante, remexendo o cabelo. — Um navio imenso. Acho que é do Povo do Mar.

Era improvável. Os Atha'an Miere nunca levavam os navios além do porto mais próximo do mar aberto. Porém... não havia muitas aldeias ao sul do Erinin e os carregamentos que os carroções conseguiam levar escasseariam antes que o Bando chegasse a Tear. Ele já tinha contratado embarcações fluviais para acompanhar a trilha da marcha, mas um navio maior seria bastante útil.

— Cuide de Olver, Edorion — mandou, ignorando a careta do homem. — Estean, me leve a esse navio.

Estean assentiu com vigor. Teria voltado a correr em disparada se Mat não tivesse agarrado a manga de seu casaco para obrigá-lo a caminhar. Estean estava sempre ansioso e demorava a aprender, combinação responsável pelos cinco hematomas que ele ostentava no corpo, todos causados pelo porrete da Senhora Daelvin.

O fluxo de refugiados crescia à medida que Mat se aproximava do rio, ambos em lentos movimentos sinuosos. Meia dúzia de barcas de ripas largas estava atracada ao cais, feito de vigas de madeira revestidas de piche, mas os remos haviam sido levados para longe e não havia um único tripulante à vista em nenhum deles. Os únicos barcos em atividade eram meia dúzia de balsas fluviais, embarcações robustas de um ou dois mastros que haviam feito uma parada rápida antes de seguir o rio. Os tripulantes descalços mal se mexiam nos barcos que Mat contratara. Os porões estavam abarrotados, e os capitães garantiam ter condições de navegar assim que ele emitisse a ordem. Pelas águas do Erinin corriam embarcações de proa larga e velas quadradas, navios estreitos de velas triangulares, mas nada que fizesse a passagem entre Maerone e Aringill, toda murada, onde estava exposto o Leão Branco de Andor.

O estandarte também ondeava em Maerone, e os soldados andorianos que guardavam a cidade não tinham ficado felizes em deixar o Bando da Mão Vermelha entrar na cidade. Rand podia até controlar Caemlyn, mas seu comando não se estendia à Guarda da Rainha nem às unidades erguidas por Gaebriel, como os Leões Brancos. Eles agora estavam em algum ponto a oeste — pelo menos era naquela direção que haviam fugido, e qualquer boato que mencionasse bandidos podia ser obra deles —, mas o restante cruzara o rio depois das

escaramuças com o Bando. Desde então, ninguém cruzara o Erinin.

Mas a única coisa que Mat realmente viu foi um navio ancorado bem no meio do imenso rio. Era mesmo uma embarcação do Povo do Mar, maior e mais comprida do que qualquer das fluviais, porém de aspecto bem suave, com dois mastros inclinados. Silhuetas escuras subiam pelos cordames, umas de peitoral desnudo e calças largas que à distância pareciam pretas, outras usando as blusas de cores vivas comum às mulheres. Metade da tripulação, ou quase isso, parecia de mulheres. As imensas velas quadradas tinham sido puxadas, mas ainda pendiam em dobras frouxas, prontas para serem soltas a qualquer instante.

— Arrume um barco para mim — pediu a Estean. — E uns remadores. — Precisava lembrar isso a Estean. O taireno apenas piscou, surpreso, passando a mão pelos cabelos. — Corra, homem! — Estean assentiu de repente e pôs-se a correr.

Mat caminhou até a ponta do desembarcadouro mais próximo, apoiou a lança no ombro e puxou a luneta do bolso do casaco. Quando pôs o tubo revestido de latão diante do olho, o navio pulou mais para perto. O Povo do Mar parecia estar à espera de algo... mas do quê? Alguns olhavam na direção de Maerone, mas a maioria observava o lado oposto, inclusive o pessoal no tombadilho superior — onde deviam estar a Senhora das Velas e as outras oficiais do navio. Ele girou a luneta para o outro extremo do rio e avistou um bote a remos comprido e estreito com homens escuros remando, avançando em direção ao navio.

Havia alguma confusão em um dos compridos cais de Aringill, quase idênticos aos de Maerone. Casacos vermelhos com golas brancas e reluzentes placas peitorais indicavam a presença da Guarda da Rainha, que claramente recebia um grupo de pessoas que chegava do navio. O que fez Mat assobiar baixinho foi o par de para-sóis vermelhos entre os recém-chegados, um deles com dois andares. Às vezes aquelas antigas lembranças eram bastante úteis: o para-sol de dois andares indicava a Mestra das Ondas de um clã, e o outro, seu Mestre da Espada.

— Arrumei um barco, Mat — anunciou Estean, ofegante, por cima de seu ombro. — E uns remadores.

Mat virou a luneta de volta para o navio. Pela atividade no convés, estavam subindo a pequena embarcação, mas alguns homens no cabrestante já puxavam a âncora para cima, e as velas já estavam sendo sacudidas.

— Parece que eu não vou precisar — murmurou.

Do outro lado do rio, a delegação dos Atha'an Miere desapareceu no desembarcadouro com uma escolta de guardas. Nada daquilo fazia sentido. Pessoas do Povo do Mar a novecentas milhas do mar. Apenas a Senhora dos Navios era mais importante que uma Mestra das Ondas; apenas o Mestre das Lâminas era mais importante que um Mestre da Espada. Não fazia sentido, não pelas lembranças que tinha daqueles outros homens em sua mente. Mas eles *eram* velhos — Mat “lembrava” que se conhecia menos sobre os Atha'an Miere do que sobre qualquer povo, exceto os Aiel. Sabia mais sobre os Aiel por experiência própria do que por lembranças, e isso já era bem pouco. Talvez alguém que conhecesse o Povo do Mar de hoje em dia pudesse entender o que estava havendo ali.

As velas já ondeavam ao alto do navio, a âncora ainda sendo puxada, encharcada de água, para a proa. Fosse lá o que tanto os apressava, parecia que não os levaria de volta ao mar. A embarcação deslizou rio acima a uma velocidade crescente, traçando uma curva em direção à foz pantanosa do Alguenya, poucas milhas a norte de Maerone.

Bem, não tinha nada a ver com ele. Com uma última olhadela pesarosa para o navio — aquela coisa poderia transportar mais do que todas as embarcações menores que ele conseguira juntas —, Mat enfiou a luneta de volta no bolso e deu as costas para o rio. Estean ainda andava de um lado a outro, encarando-o.

— Pode dispensar os remadores, Estean — disse Mat, com um suspiro, e o taireno saiu pisando firme, resmungando sozinho e esfregando as mãos no cabelo.

Havia mais lama visível desde a última vez que fora até o rio, alguns dias antes. Era só uma nesga viscosa

de menos de uma mão de largura entre a água e a tirinha estreita de lama seca da margem, mas era prova de que mesmo um rio como o Erinin estava secando aos poucos. Nada a ver com ele. Pelo menos, nada que pudesse fazer a respeito. Deu meia-volta e retomou as rondas nas tavernas e nos salões. Era importante que nada parecesse fora do normal, naquele dia.

Quando o sol caiu, Mat já estava de volta à estalagem Cervo Dourado, dançando com Betse, agora sem o avental, enquanto os músicos tocavam o mais alto que podiam. Danças regionais, dessa vez. As mesas tinham sido afastadas para dar lugar a seis ou oito casais. A noite trouxe um pouco de frio, mas só em comparação com o dia. Homens bebendo às gargalhadas apinhavam os bancos, e as serventes corriam para levar sopa de carneiro, nabo e cevada às mesas e manter cheias as canecas de cerveja e as taças de vinho.

Por mais surpreendente que fosse, as mulheres pareciam considerar a dança um descanso da tarefa de circular pelo salão com as bandejas. Pelo menos, todas sorriam avidamente quando chegava sua vez de enxugar o suor da face e tirar o avental para uma dança, embora suassem na mesma intensidade depois que a música começava. Talvez a Senhora Daelvin tivesse acertado algum tipo de revezamento. Nesse caso, Betse era exceção. A bela jovem só servia vinho para Mat, só dançava com Mat e a estalajadeira abria sorrisos enormes para o casal, como uma mãe no casamento da filha, o que deixava Mat constrangido. Na verdade, Betse dançava com ele até lhe deixar os pés e as panturrilhas doloridas, mas jamais interrompia o sorriso, os olhos brilhando de puro prazer. Exceto quando paravam para recuperar o fôlego, claro. Ou melhor, para ele recuperar o fôlego — a moça não parecia precisar. Assim que seus pés paravam, a língua disparava a galope. O mesmo, inclusive, acontecia quando ele tentava beijá-la: Betse sempre virava a cabeça e exclamava sobre uma coisa ou outra, de modo que ele acabava por lhe beijar a orelha ou os cabelos, em vez de os lábios. E ela sempre parecia se surpreender. Mat ainda não conseguira concluir se a mulher era muito tonta ou esperta demais.

O relógio já marcava quase duas da manhã quando ele enfim disse a Betse que ia parar pela noite. A decepção se estampou no belo rosto, e um biquinho apareceu. A moça tinha ânimo para dançar até amanhecer. Não estava só: uma das servas mais velhas massageava um dos pés, apoiada em uma parede, mas as outras pareciam tão animadas e alertas quanto Betse. A maioria dos homens parecia exausta e os que se deixavam arrastar para longe dos bancos estampavam sorrisos petrificados, mas a maior parte apenas recusava a dança. Mat não entendia. Concluiu que devia ser porque, na dança, quase todo o esforço ficava a cargo dos homens, tendo de conduzir tantas levantadas e rodopios. Além do mais, as mulheres eram leves, pular de um lado a outro simplesmente consumia menos de sua energia. Piscando para uma servente corpulenta que rodopiava Estean pelo salão, em vez do contrário — o homem sabia dançar, esse talento ele tinha —, Mat apertou uma moeda de ouro na mão de Betse, uma coroa andoriana bem gorda, para que ela comprasse algo bonito.

A mulher analisou a coroa por um instante, então se pôs nas pontas dos pés e o beijou de leve na boca, feito o roçar de uma pluma.

— Eu nunca enforcaria você, não importa o que fizesse. Dança comigo amanhã? — Antes que ele pudesse responder, a mulher deu uma risadinha e saiu em disparada, olhando-o por cima do ombro até começar a tentar puxar Edorion para a área da dança. A Senhora Daelvin interceptou o casal e enfiando um avental nas mãos de Betse, apontou o polegar na direção da cozinha.

Mat mancou de leve ao andar até a mesa encostada na parede dos fundos, onde Talmanes, Daerid e Nalesean haviam se escondido. Talmanes encarava a taça de vinho como se ali fosse encontrar respostas a questões profundas. Daerid, com um sorriso de orelha a orelha, observava Nalesean tentando se desvencilhar de uma servente roliça de olhos cinza e cabelos castanho-claros sem querer admitir para a moça que estava com os pés doloridos. Mat apoiou os punhos na mesa.

— O Bando segue para o sul ao amanhecer. É melhor vocês começarem a se aprontar.

Os três o encararam, boquiabertos.

— Mas isso é daqui a algumas horas — protestou Talmanes.

— Vai levar esse tempo só para tirar esses homens dos salões — disse Nalesean, ao mesmo tempo.

Estremecendo, Daerid sacudiu a cabeça.

— Ninguém vai dormir hoje à noite.

— Eu vou — respondeu Mat. — Algum de vocês me acorde daqui a duas horas. Assim que amanhecer, quero todo mundo em marcha.

E foi assim que se viu montado em Pips, seu robusto capão marrom, à cinzenta luz da aurora, levando a lança na sela e o arco longo sob a cilha. Estava com o sono atrasado e uma dor atrás dos olhos, observando o Bando da Mão Vermelha deixar Maerone. Todos os seis mil homens. Metade a cavalo, metade a pé, fazendo barulho o bastante para acordar os mortos. Apesar da hora, o povo se enfileirava nas ruas e olhava, atordoado, por detrás das janelas.

O estandarte quadrado de franjas vermelhas do Bando guiava o caminho, uma mão vermelha sobre um fundo branco, o lema bordado em carmesim logo abaixo: *Dovie'andi se tovyä sagain*. “É hora de rolar os dados.” Nalesean, Daerid e Talmanes seguiam com o estandarte, dez homens montados batiam em atabales de latão com panos escarlata amarrados, e o mesmo número de trombeteiros somavam floreios aos sons. Atrás vinha a cavalaria de Nalesean, composta por uma mistura de cavaleiros tairenos e Defensores da Pedra, fidalgotes cairhienos ostentando *con* nas costas — os pequeninos estandartes que identificavam os oficiais de Cairhien — e serviçais em seu encalço, e um punhado de andorianos. Cada esquadrão e tropa tinha seu próprio estandarte comprido exibindo a Mão Vermelha, uma espada e um número. Mat os fizera sortear quem ficaria com cada número.

A mistura causara certa reclamação, ou mais do que isso, verdade fosse dita. No início, os cavalos cairhienos seguiam Talmanes, e os tairenos, Nalesean. Os homens a pé desde sempre se configuraram um grupo heterogêneo. Também houvera reclamações para que cada unidade tivesse o mesmo número de homens, além de protestos quanto aos números nas flâmulas. Os lordes e os capitães sempre reuniram o máximo de homens capazes de segui-los, e os grupos ficavam conhecidos como homens de Edorion, Meresin ou Alhandrin. Eles ainda faziam isso um pouco — por exemplo, os quinhentos de Edorion chamavam a si mesmos de Martelos de Edorion, não de Primeiro Esquadrão —, mas Mat lhes incutira a noção de que todos os homens pertenciam ao Bando, não às nações onde por acaso tivessem nascido, e quem não gostasse de fazer as coisas do jeito dele, que se sentisse livre para ir embora. O mais impressionante era que ninguém tinha ido.

Era difícil entender por que ficavam. Sob a liderança dele os homens venciam, claro, mas alguns morriam. Tinha dificuldade de alimentá-los e garantir que o pagamento chegasse mais ou menos na época certa, e era bom que esquecessem a fortuna que alardeavam que iriam saquear. Ninguém até então vira uma só moeda daquela fortuna e ele não via grandes chances de que um dia isso fosse acontecer. Era loucura.

O Primeiro Esquadrão ergueu um viva, que logo se alastrou pelo Quarto e o Quinto. Os Leopardos de Carlomin e as Águias de Reimon, como chamavam a si mesmos.

— Lorde Matrim e vitória! Lorde Matrim e vitória!

Se Mat tivesse uma pedra à mão, teria jogado neles.

A infantaria vinha em seguida, serpenteante, cada companhia sob a cadência de batuques de tambor e uma flâmula comprida, esta com uma lança cruzada diante da mão, em vez de uma espada. Eram vinte fileiras encrespadas com pontas de lança, seguidas por cinco de arqueiros ou besteiros. Cada companhia também tinha uma ou duas flautas, e entoavam uma canção seguindo a melodia.

— *A noite toda beber, o dia todo dançar,
e com as garotas moedas gastar.
E quando tudo acabar, é hora de bailar
com Jak das Sombras.*

Mat ficou ouvindo a música até o primeiro homem da cavalaria de Talmanes aparecer, então cravou os calcanhares nos flancos de Pips. Não precisava esperar os carroções de mantimentos na outra ponta, nem as fileiras de remontas. Entre aquele ponto e Tear, os cavalos ficariam mancos ou sofreriam mortes que os ferradores não teriam condições de impedir, e um cavaleiro sem cavalo não adiantava de muita coisa. No rio, sete pequenos navios vinham descendo devagar, debaixo de velas triangulares, um pouco mais ligeiros que a correnteza. Cada um ostentava uma pequena bandeira com a Mão Vermelha. Outras embarcações também começavam a zarpar, algumas rumando ligeiras para o sul, debaixo de toda a lona que podiam sustentar.

Assim que alcançou a dianteira da coluna, o sol enfim despontou por detrás do horizonte, enviando os primeiros raios pelas fileiras de colinas e os matagais isolados. Mat puxou o chapéu para baixo, para proteger os olhos do brilho daquela nesga de luz. Nalesean cobriu a boca com o punho envolto em uma manopla, abafando um bocejo impressionante, e Daerid permaneceu sentado em sua sela, corcunda, as pálpebras pesadas, como se fosse cair no sono ali mesmo. Apenas Talmanes mantinha as costas eretas, os olhos bem abertos e alerta. Mat sentia-se mais como Daerid.

Ainda assim, ergueu a voz para ser ouvido por cima dos tambores e trombetas.

— Enviem os batedores assim que estivermos fora das vistas da cidade. — Tanto a floresta quanto o descampado ficavam bem mais longe ao sul, mas uma estrada bem estabelecida entrecortava os dois. A maior parte do tráfego seguia pela água, mas ao longo dos anos haviam passado por ali andarilhos e carroções suficientes para demarcar uma trilha. — E fechem a matraca, que droga.

— Batedores? — repetiu Nalesean, espantado. — Que a minha alma queime, não tem ninguém nem com uma lança em um raio de dez milhas, a não ser que você ache que os Leões Brancos tenham parado de correr. E, se tiverem parado, não vão avançar mais de cinquenta milhas se souberem que estamos por perto.

Mat ignorou o homem.

— Quero cobrir trinta e cinco milhas hoje. Quando conseguirmos cobrir trinta e cinco todos os dias, veremos quantas mais conseguimos forçar. — Eles o encararam boquiabertos. Os cavalos não conseguiam manter esse ritmo por muito tempo e qualquer pessoa além dos Aiel considerava vinte e cinco milhas uma distância boa até demais para se percorrer a pé. Mas Mat precisava jogar com a mão que recebera. — Comadrin escreveu: “Ataquem por terra, de onde o inimigo não imagina, de um canto inesperado, em um momento inesperado. Armem defesas onde o inimigo não imagina, quando acredita que terão fugido. A surpresa é a chave da vitória, e a rapidez é a chave da surpresa. Para o soldado, a velocidade é vida.”

— Quem é Comadrin? — perguntou Talmanes, depois de um instante, e Mat precisou se aprumar para responder.

— Um general. Morreu há muito tempo. Eu li um livro dele.

Lembrava-se de ter lido, pelo menos, e mais de uma vez. Duvidava de que ainda existisse alguma cópia. Lembrava-se até de ter conhecido Comadrin depois de perder uma batalha para ele, por volta de seiscentos anos antes de Artur Asa-de-gavião. Essas lembranças lhe vinham à mente sem qualquer aviso. Pelo menos não falara na Língua Antiga, já estava conseguindo evitar esse tipo de coisa.

Observando os batedores montados se dispersarem pela planície ondulante ao longo do rio, Mat relaxou. Sua parte naquilo tudo havia começado, e de acordo com o plano. Uma partida afobada sem aviso prévio, como se estivesse tentando fugir sorrateiro para o sul, mas pomposa o suficiente para garantir que seria notada. A coisa toda o faria parecer um idiota, o que também era bom. Era boa ideia ensinar o Bando a se

deslocar mais depressa — a rapidez poderia evitar o confronto —, e o avanço certamente seria notado ao longo do rio, mesmo que ninguém mais reparasse. Esquadrinhou o céu: nenhum corvo ou gralha, o que não significava muita coisa. Nenhum pombo, também, mas Mat comeria a própria sela se nenhum pombo tivesse saído de Maerone aquela manhã.

Dentro de no máximo alguns dias, Sammael saberia que o Bando estava chegando depressa e a notícia que Rand espalhara em Tear teria deixado claro que a chegada de Mat sinalizava a invasão iminente de Illian. Mesmo no melhor ritmo que o Bando fosse capaz de imprimir, levariam mais de um mês para chegar a Tear. Com sorte, Sammael ficaria preso feito um piolho entre duas pedras antes que Mat sequer precisasse chegar a cem milhas de distância do Abandonado. Sammael veria todo o ataque se aproximando — ou quase todo —, mas aquela seria uma dança diferente da que ele imaginava. Diferente da dança que qualquer um além de Rand, Mat e Bashere imaginavam. Esse era o verdadeiro plano. Mat se pegou assobiando. Pela primeira vez, tudo sairia do jeito que esperava.





TRAMAS URDIDAS EM SOMBRAS

Cauteloso, Sammael pisou nos carpetes de seda florida, deixando o portão aberto para caso fosse preciso recuar, mantendo-se firmemente agarrado a *saidin*. Costumava recusar reuniões fora de territórios neutros — ou de seu próprio —, mas já era a segunda vez que pisava ali. Questão de necessidade. Nunca fora de confiar nos outros, ainda mais desde que ouvira fragmentos do que se passara entre Demandred e as três mulheres — e Graendal sem dúvida contara apenas o suficiente para se beneficiar de alguma forma. Ele compreendia: tinha seus próprios planos, desconhecidos pelos outros Escolhidos. Haveria apenas um Nae'blis, um prêmio tão valioso quanto a própria imortalidade.

Sammael ficou parado sobre um palanque largo com parapeito de mármore em uma das extremidades. Mesas e cadeiras com entalhes trabalhados em ouro e marfim, algumas com detalhes bastante repulsivos, tinham sido dispostas no alto do palanque de modo a fornecer ampla visão de todo o restante do salão comprido e cheio de colunas, dez pés abaixo. Nenhuma escada levava até à imensa e extravagante arena para apresentações de espetáculos. O sol reluzia através das janelas altas, cujo vidro colorido fora montado em padrões intrincados. O calor escaldante não penetrava o aposento. O ar ali estava frio, mas Sammael só o sentia de leve. Graendal, assim como ele, não tinha necessidade alguma de tamanho esforço, mas era claro que faria alguma coisa rebuscada. Era uma surpresa ela não ter estendido a trama ao palácio inteiro.

Havia algo de diferente na parte inferior do aposento, desde sua última visita, mas ele não conseguia distinguir o quê. Viu três piscinas rasas no centro do salão, cada uma com uma fonte — silhuetas esguias feitas de pedra, dando a impressão de movimento — jorravam água quase até as vigas de mármore entalhado do teto abobadado. Homens e mulheres brincavam nas piscinas, vestindo retalhos diminutos de seda, enquanto outros um pouco mais cobertos se apresentavam nas áreas laterais: acrobatas, malabaristas, dançarinos de diversos estilos, músicos de flautas, trombetas, tambores e todo tipo de instrumento de corda. Gente de todos os tamanhos, de todos os tons de pele, cabelos e olhos, cada um com o físico mais perfeito que o outro. Tudo organizado para entreter quem estivesse em cima do palanque. Era uma idiotice. Desperdício de tempo e energia. Típico de Graendal.

Quando adentrou o local, o palanque estava vazio, mas, com *saidin* a preenche-lo, sentiu o doce perfume de Graendal, o sopro de um jardim florido, e ouviu o suave roçar de suas sandálias nos carpetes bem antes que ela se pronunciasse, atrás dele.

— Meus bichinhos não são lindos?

A mulher juntou-se a ele no parapeito, abrindo um sorriso para o cenário abaixo. Seu delicado vestido azul à moda domanesa era colado ao corpo e mais revelava do que sugeria. Como de costume, ela usava anéis de pedras diferentes em cada dedo, além de quatro ou cinco braceletes com pedras preciosas em cada pulso. Um largo colar de imensas safiras repousava ao redor da gola alta do vestido. Sammael não entendia dessas coisas, mas suspeitou de que a mulher tivesse passado horas ajeitando os cachos dourados que tocavam seus ombros e as pedrinhas em forma de lua salpicadas neles. Aquela aparência displicente traía um certo toque de precisão.

Sammael às vezes se questionava a respeito da mulher. Só a conhecera depois de escolher abandonar uma causa perdida e juntar-se ao Grande Senhor, mas todos sabiam quem ela era — famosa, honrada, asceta dedicada, cuidando das pessoas de mente perturbada que a Cura era incapaz de tocar. Naquele primeiro encontro, quando Graendal aceitou o compromisso inicial de Sammael para com o Grande Senhor, cada traço da benfeitora comedida tinha sumido, como se ela passasse deliberadamente a ser o oposto de tudo o que fora. Ao que parecia, a mulher só se dedicava ao próprio prazer, quase ocultando um desejo de humilhar qualquer um que possuísse uma partícula de poder. Isso, por sua vez, quase ocultava sua própria sede de poder, que ela quase nunca demonstrava abertamente. Graendal sempre tivera muito talento para ocultar segredos à vista de todos. Sammael acreditava conhecê-la melhor do que todos os outros Escolhidos — a mulher o acompanhara até Shayol Ghul para prestar sua homenagem ao Grande Senhor —, mas nem mesmo ele conhecia todas as suas nuances. Graendal tinha tantos lados obscuros quanto um *jegal* tinha escamas, e passava de um a outro com a rapidez de um raio. Naquela época, ela era a senhora — e ele, o acólito, apesar de todas as suas realizações como general. Agora era diferente.

Nenhum dos banhistas ou artistas olhava para cima, mas a chegada dela os deixou mais vivazes, mais graciosos — se é que tal coisa era possível —, tentando exhibir-se melhor. Aquelas pessoas viviam para agradá-la. Graendal garantia que assim fosse.

Ela apontou para um grupo de quatro acrobatas, um homem de cabelo escuro sustentando três mulheres esguias, as peles acobreadas besuntadas e brilhosas.

— Acho que esses são os meus preferidos. Ramsid é irmão do rei domanês. A mulher apoiada em seus ombros é esposa de Ramsid, as outras duas são a irmã mais nova e a filha mais velha do rei. Você não acha incrível o que se pode aprender com o estímulo apropriado? Imagine a quantidade de talentos desperdiçados.

Aquele era um dos conceitos preferidos da mulher. Um lugar para cada um e cada um em seu lugar, de acordo com os talentos pessoais e as necessidades da sociedade. Que pareciam sempre girar em torno dos desejos da própria Graendal. Sammael achava aquilo entediante. Se essas regras tivessem sido aplicadas a ele, ainda estaria no mesmo posto.

O acrobata virou-se lentamente para que os dois vissem bem a cena. De braços abertos, o homem equilibrava uma mulher em cada mão, enquanto as duas seguravam as mãos da terceira, que ele sustentava nos ombros. Graendal já seguira para a atração seguinte, um homem de pele bem escura e uma mulher de cabelos cacheados, ambos muito bonitos. A bela dupla tocava harpas estranhas e alongadas, com sinos que ressoavam ecos cristalinos ao movimento das cordas.

— Minhas mais recentes aquisições, das terras além do Deserto Aiel. Deviam me agradecer por tê-los resgatado. Chiape era Sh'boan, uma espécie de imperatriz, recém-enviuada, e Shaofan estava prestes a casar-se com ela e se tornar Sh'botay. Ela governaria absoluta durante sete anos, depois morreria. Ele, então, escolheria uma nova Sh'boan e reinaria absoluto até morrer, dali a mais sete anos. Esse ciclo durou quase três mil anos ininterruptos. — Graendal soltou uma risadinha e balançou a cabeça, pensativa. — Shaofan e Chiape insistem que as mortes são naturais. Vontade do Padrão, como eles chamam. Para eles, tudo é a Vontade do Padrão.

Sammael manteve os olhos nas pessoas abaixo. Graendal tagarelava feito uma tola, mas só outro tolo para acreditar em sua ingenuidade. Tudo o que ela parecia deixar escapar sem querer no meio das baboseiras era plantado com o cuidado de uma agulha *conje*. O segredo era descobrir por que ela revelava aquelas coisas e o que pretendia ganhar com isso. Por que Graendal de repente resolvera buscar bichinhos de estimação tão longe? Ela quase nunca optava por fazer muito esforço. Estaria tentando fazê-lo pensar que tinha algum interesse pelas terras além do Deserto, só para desviar a atenção dele? O campo de batalha era ali. Ali seria o primeiro lugar a receber o toque do Grande Senhor, depois de liberto. O resto do mundo seria fustigado pelas rebarbas das tempestades, até mesmo assolado, mas as tempestades teriam origem ali.

— Já que tanta gente da família do rei domanês obteve sua aprovação — começou ele, em um tom seco —, fico surpreso por não haver outros. — Se Graendal queria desviar a atenção de Sammael, ela daria um jeito de retomar o assunto. A mulher nunca achava que alguém pudesse conhecer seus truques a ponto de poder enxergá-los.

Uma mulher esguia de cabelos escuros, não muito jovem, mas que ostentava o tipo de elegância e beleza que a acompanhariam por toda a vida, surgiu a seu lado com um cálice de cristal cheio de ponche de vinho tinto nas mãos. Sammael apanhou o cálice, embora não tivesse intenção de beber. Novatos sempre cansavam os próprios olhos à espera de uma grande investida, mas acabavam por se deixarem surpreender pelo assassino solitário que atacava pelas costas. As alianças, por mais que fossem temporárias, estavam indo muito bem, mas quanto menos Escolhidos continuassem vivos no Dia do Retorno, maiores as chances de um dos sobreviventes ser nomeado Nae'blis. O Grande Senhor sempre encorajara essa... competição. Apenas os mais aptos eram dignos de servir. Às vezes, Sammael acreditava que aquele que governaria o mundo para sempre seria o último dos Escolhidos a permanecer de pé.

A mulher se virou para um jovem musculoso que segurava uma bandeja dourada com outro cálice, combinando com uma jarra comprida. Ambos usavam mantos brancos diáfanos, e nenhum deu atenção para o portão que levava aos aposentos de Sammael, em Illian. Quando a mulher serviu Graendal, seu rosto era um retrato de pura adoração. Graendal nunca via problema em falar o que fosse na frente de seus serviçais e bichinhos de estimação, embora não houvesse um único Aliado das Trevas entre eles. A mulher não confiava em Aliados das Trevas, considerava-os muito volúveis, mesmo que o nível de Compulsão usado naqueles que a serviam pessoalmente deixasse pouco espaço para qualquer coisa além de adoração.

— Imagino que daqui a pouco verei o próprio rei aqui servindo vinho — comentou Sammael.

— Você sabe que eu só seleciono os melhores. Alsalam não está à altura do meu padrão. — Graendal tomou o vinho da mão da mulher sem nem olhá-la, e, não pela primeira vez, Sammael se perguntou se os bichinhos de estimação não seriam uma defesa, assim como o falatório. Um pouco de estímulo poderia fazê-la soltar alguma coisa.

— Cedo ou tarde você vai escorregar, Graendal. Um de seus visitantes vai reconhecer alguém que lhe sirva vinho ou recuse dividir a sua cama. E vai ter o bom senso de segurar a língua até a hora de ir embora. O que você vai fazer se alguém invadir este palácio com um exército para resgatar um marido ou uma irmã? Uma flecha pode não ser o mesmo que uma lança de choque, mas ainda pode ser letal.

A mulher jogou a cabeça para trás e soltou uma risada alegre e bem-humorada, obviamente frívola demais para ter percebido o insulto. Ou é o que pareceria, se a pessoa não a conhecesse.

— Ah, Sammael, por que eu deixaria que vissem qualquer coisa além do que quero que vejam? É claro que não mando meus bichinhos servirem os outros. Os partidários de Alsalam, seus oponentes e até os Devotos do Dragão saem daqui pensando que apoio apenas eles e mais ninguém. E não querem incomodar uma inválida.

Ele sentiu um leve arrepio na pele quando Graendal canalizou, e, por um instante, a imagem dela mudou. Sua pele ficou acobreada mas opaca, e seus olhos e cabelos ficaram escuros, porém inexpressivos. A mulher

parecia frágil e encovada, uma domanesa outrora bela, aos poucos perdendo uma batalha contra a doença. Sammael quase não pôde evitar fazer uma careta. Um toque comprovaria que os contornos ossudos daquele rosto não eram dela — apenas o emprego mais refinado de Ilusão passaria ao teste. Porém, Graendal não conseguia abandonar a exuberância. No instante seguinte, voltou ao normal, exibindo um sorriso irônico.

— Você não acreditaria em como todos eles confiam em mim e levam em consideração o que tenho a dizer.

Sammael nunca deixava de se espantar com a escolha dela em permanecer ali, em um palácio conhecido por toda Arad Doman, rodeada por guerra civil e anarquia. Claro que não pensava que ela tivesse revelado aos outros Escolhidos onde se estabelecera. E ficava receoso da confiança que a mulher depositara nele ao informá-lo. Graendal gostava de conforto, mas nunca queria ter muito trabalho para mantê-lo. Aquele palácio, no entanto, estava à vista das Montanhas da Névoa, e era necessário um esforço considerável para manter a desordem afastada, a fim de evitar que perguntassem aonde foram parar o antigo dono, sua família e seus serviçais. Sammael não ficaria surpreso em descobrir que cada domânês que visitasse o lugar saísse dali acreditando que aquela terra pertencia à família dela desde a Ruptura. A mulher usava a Compulsão às marteladas, e com tanta frequência que não era incomum esquecerem que ela podia manejar o Talento de formas mais brandas com grande maestria, enredando os caminhos de uma mente de forma tão sutil que até o exame mais atento deixaria de notar os vestígios. Talvez Graendal fosse a pessoa mais competente no uso da Compulsão que já existira.

Deixou o portão desaparecer, mas agarrou-se a *saidin*. Os truques dela não funcionariam em um homem envolto pela Fonte. E a verdade era que ele gostava de lutar pela sobrevivência, embora já nem reparasse mais. Apenas os mais fortes mereciam sobreviver, e ele comprovava a própria aptidão todos os dias naquela batalha. A mulher não tinha como saber que ele ainda se agarrava a *saidin*, mas sorriu de leve para o cálice, como se soubesse. Sammael detestava quando as pessoas fingiam saber algo que desconheciam tanto quanto odiava quando elas sabiam algo que ele desconhecia.

— O que você tem para me contar? — perguntou, em um tom mais ríspido do que o pretendido.

— Sobre Lews Therin? Você parece não se interessar por mais nada. Ah, como ele daria um bom bichinho. Eu faria dele o centro de todas as exposições. Não que seja bonito o suficiente, claro, mas vale a pena por ele ser quem é. — Ela sorriu outra vez para o cálice e acrescentou, em um murmúrio que teria sido inaudível se ele não estivesse de posse de *saidin*: — E eu gosto dos altos.

Sammael se conteve para não se espichar o máximo possível. Não era um homem baixo, mas se ressentia por sua altura não se equiparar às suas capacidades. Lews Therin tinha sido uma cabeça mais alto que ele, assim como al'Thor. Era comum a presunção de que os mais altos eram melhores. Teve que se conter ainda mais para não tocar a cicatriz enviesada que marcava seu rosto, da linha do cabelo até a barba bem-aparada. Fora obra de Lews Therin, e Sammael a conservava como lembrete. Suspeitava de que a mulher tivesse confundido a pergunta dele de propósito, para atormentá-lo.

— Lews Therin morreu há muito tempo — respondeu ele, em um tom duro. — Rand al'Thor é um fazendeiro arrogante, não passa de um roceiro que teve sorte na vida.

Graendal ficou sem reação, como se estivesse surpresa.

— Acha mesmo? Não pode ser apenas obra da sorte. A sorte não o levaria tão longe, tão depressa.

Sammael não tinha ido até lá para falar sobre al'Thor, mas sentiu um frio congelante na espinha. Pensamentos que se forçara a abandonar retornaram em uma torrente. Al'Thor não era Lews Therin, mas al'Thor era a alma de Lews Therin renascida, assim como o próprio Lews Therin tinha sido o renascimento daquela alma. Sammael não era filósofo nem teólogo, mas Ishamael fora as duas coisas e afirmava haver segredos divinos escondidos naquele fato. Era verdade que Ishamael morrera louco, mas, mesmo enquanto ainda estava são, na época em que a derrota de Lews Therin Telamon parecia garantida, afirmava que aquela

luta acontecia desde a Criação, uma guerra interminável entre o Grande Senhor e o Criador, tudo por meio de representantes humanos. E mais: declarava abertamente que o Grande Senhor gostaria tanto de trazer Lews Therin para a Sombra quanto de se libertar. Talvez Ishamael já estivesse meio louco na época, mas houvera esforços para trazer Lews Therin para a Sombra. E Ishamael dizia que o mesmo havia acontecido antes, que o campeão do Criador passara a ser uma criatura da Sombra e fora erguido como campeão da Sombra.

Havia implicações perturbadoras naquelas alegações, ramificações que Sammael não queria considerar. Mas o que martelava fundo em sua mente era a possibilidade de o Grande Senhor de fato querer tornar al'Thor Nae'blis. Algo que não poderia acontecer sozinho. Al'Thor precisaria de ajuda. Ajuda... isso poderia explicar sua suposta sorte até então.

— Você descobriu onde al'Thor está escondendo Asmodean? Ou qualquer coisa sobre o paradeiro de Lanfear? Ou de Moghedien?

Naturalmente, Moghedien sempre permanecia escondida. A Aranha sempre dava as caras quando todos acreditavam que ela finalmente estava morta.

— Você sabe tanto quanto eu — respondeu Graendal, em um tom displicente, fazendo uma pausa para bebericar o ponche. — Na minha opinião, Lews Therin matou todos. Ah, não me venha com caretas. Al'Thor, já que insiste. — O pensamento não parecia incomodá-la, mas, por outro lado, ela jamais se veria em conflito aberto com al'Thor. Nunca fora esse o seu jeito de proceder. Se al'Thor algum dia a descobrisse, Graendal simplesmente abandonaria tudo e se estabeleceria em outro canto... ou se renderia antes que ele desferisse o primeiro golpe, depois tentaria convencê-lo de que era indispensável. — Há rumores em Cairhien sobre Lanfear ter sido morta pelas mãos de Lews Therin no mesmo dia em que ele matou Rahvin.

— Rumores! Lanfear tem ajudado al'Thor desde o início, se você quer saber. Eu o teria degolado na Pedra de Tear, mas alguém enviou Myrddraal e Trollocs para salvá-lo! Foi Lanfear, tenho certeza. Estou farto dela. Da próxima vez que a vir, vou matá-la! E por que ele mataria Asmodean? Eu mesmo faria isso, se o encontrasse, mas ele se bandeou para o lado de al'Thor. Estava instruindo al'Thor no uso do Poder!

— Você sempre tem uma desculpa para as suas falhas — comentou ela, a boca junto ao cálice de ponche, outra vez em um tom baixo demais para que ele pudesse ter ouvido sem ajuda de *saidin*. Depois prosseguiu, mais alto: — Escolha suas próprias explicações para o que aconteceu, se desejar. Você pode até estar certo. Só sei que Lews Therin parece estar nos tirando do jogo, um a um.

A mão de Sammael tremeu de raiva, quase derramando um pouco do ponche antes que conseguisse se controlar. Rand al'Thor *não era* Lews Therin. Ele próprio sobrevivera ao grande Lews Therin Telamon, espalhando louvores por vitórias que não poderia ter conquistado sozinho e torcendo para que todos acreditassem. Seu único arrependimento era que o homem não tivesse deixado uma cova onde ele pudesse cuspir.

Balançando os dedos cheios de anéis no compasso de uma música que vinha lá de baixo, Graendal comentou, distraída, como se sua atenção de fato estivesse na melodia.

— Tantos de nós morremos ao confrontá-lo. Aginor e Balthamel. Ishamael, Be'lal e Rahvin. E também Lanfear e Asmodean, não importa no que você acredite. E talvez até Moghedien. Ela pode estar se esgueirando pelas sombras, esperando o restante de nós cair... ela é idiota o bastante para tentar uma coisa dessas. Eu realmente espero que você tenha um lugar preparado para onde fugir. Não resta dúvidas de que você é o próximo na lista dele. E ele não vai demorar, eu diria. Não vou enfrentar nenhum exército aqui, mas Lews Therin está reunindo um bastante grande para mandar atrás de você. É o preço que se paga por não se contentar em ter o poder, querendo também ser *visto* como poderoso.

Sammael, de fato, fizera alguns preparativos para o caso de ter que bater em retirada — era no mínimo uma medida prudente —, mas ouvir Graendal professar em alto e bom som a certeza dessa necessidade o

deixou enfurecido.

— Então, se eu destruir *al’Thor*, não estarei violando nenhuma ordem do Grande Senhor. — Ele não entendia. Mas não era necessário entender o Grande Senhor, apenas obedecer a ele. — Pelo que você me contou. Se tiver encoberto algum detalhe...

Os olhos de Graendal se transformaram em duas pedras de gelo. Ela podia sempre querer evitar conflitos, mas não gostava de ameaças. No instante seguinte, já era toda sorrisos vazios outra vez. Instável como o tempo em M’jinn.

— Demandred me disse o que o Grande Senhor disse a ele, e é o que estou repassando a você, Sammael. Cada palavra. Duvido de que até mesmo ele ousasse mentir em nome do Grande Senhor.

— Mas você me disse muito pouco sobre o que ele planeja fazer — retrucou Sammael, baixinho. — Ele, ou Semirhage, ou Mesaana. Praticamente nada.

— Eu disse o que sei. — Ela soltou um suspiro irritado. Talvez estivesse dizendo a verdade. Parecia desgostosa por não saber. Talvez. Com Graendal, tudo e qualquer coisa poderia ser encenação. — Quanto ao resto... pense no passado, Sammael. Costumávamos maquirar uns contra os outros quase com a mesma veemência com que combatíamos Lews Therin, e ainda assim estávamos levando a melhor, até que ele nos apanhou reunidos em Shayol Ghul. — Ela estremeceu, e por um instante seu rosto pareceu abatido. Sammael também não queria se lembrar daquele dia, nem do que veio depois: um sono sem sonhos enquanto o mundo se transformava até ficar irreconhecível, e tudo o que ele produzira desaparecia. — Agora despertamos em um mundo onde deveríamos estar tão acima dos meros mortais quanto se fôssemos de outra espécie... e estamos morrendo. Esqueça-se por um instante de quem vai ser o Nae’blis. Al’Thor, já que você insiste em chamá-lo assim... al’Thor, quando despertamos, estava indefeso como um bebê.

— Ishamael não pensava assim — respondeu Sammael.

Claro, Ishamael *estava* louco naquela época... mas Graendal apenas continuou como se ele não tivesse retrucado:

— Nós agimos como se este fosse o mundo que conhecemos, só que nada é o que conhecemos. Um a um, estamos morrendo, e al’Thor só se fortalece. E vai arrebanhando povos e nações. A imortalidade é minha. Eu não quero morrer.

— Se está com medo dele, então mate-o.

Se pudesse, Sammael teria engolido de volta as palavras antes que saíssem todas da boca.

O rosto de Graendal se contorceu em uma careta de desprezo e incredulidade.

— Eu sirvo ao Grande Senhor e obedeço, Sammael.

— Bem como eu. Bem como qualquer um de nós.

— Que bondade a sua, dignar-se a ficar de joelhos diante de nosso Mestre. — A voz dela era gélida como o sorriso, e a expressão dele se tornou sombria. — Só estou dizendo que Lews Therin é tão perigoso agora quanto no tempo dele. Medo? Sim, estou com medo. Pretendo viver para sempre, e não ter o mesmo destino de Rahvin!

— *Tsag!* — A palavra de baixo calão a fez piscar, surpresa, e encará-lo de verdade. — Al’Thor... al’Thor, Graendal! Um garoto ignorante, seja lá o que Asmodean consiga ensinar a ele! Um grosseirão primitivo que provavelmente ainda considera impossíveis nove em cada dez fatos que eu e você já estamos cansados de saber! Al’Thor arranca reverências de uns poucos lordes e acha que conquistou uma nação. Ele não tem a determinação para cerrar os punhos e conquistá-las de verdade. Só os Aiel... *Bajad drovja!* Quem iria imaginar que mudariam tanto? — Precisava se controlar. Nunca praguejava daquele jeito, considerava sinal de fraqueza. — Apenas eles o acompanham de verdade, e nem todos. Al’Thor está por um fio, e, de um jeito ou de outro, vai acabar caindo.

— Será? E se ele...? — Ela hesitou, erguendo o cálice tão depressa que derrubou um pouco de ponche no

pulso, então bebeu quase tudo. A elegante serviçal veio correndo com a jarra de cristal. Graendal estendeu o cálice para ser preenchido e prosseguiu, sem fôlego. — Quantos de nós vamos morrer antes que isso acabe? Precisamos nos unir como nunca fizemos antes.

Não era isso o que Graendal começara a dizer. Sammael ignorou o arrepio gelado que outra vez lhe percorreu a espinha. Al'Thor não seria escolhido como Nae'blis. Não seria! Então ela queria que eles se unissem, não era?

— Então vamos fazer um elo. Nós dois unidos seríamos mais do que páreo para al'Thor. Que esse seja o início de nossa nova parceria. — A cicatriz se esticou quando ele abriu um sorriso, notando a súbita impassibilidade no rosto de Graendal. O elo teria de partir da mulher, mas, sendo apenas os dois, Graendal teria de confiar a ele o controle da situação e a decisão de quando finalizar a conexão. — Pois bem. Parece que vamos continuar como antes. — Verdade fosse dita, jamais houvera qualquer dúvida a respeito. Nenhum dos dois possuía o dom da confiança. — O que mais você tem a me dizer? — Essa era a razão pela qual ele fora até lá, não para escutar baboseiras sobre Rand al'Thor. Dariam um jeito em al'Thor. Direta ou indiretamente.

A mulher o encarou, empertigada, os olhos cintilando de animosidade. Por fim, disse:

— Muito pouco. — Graendal não se esqueceria de que ele a vira perder o controle. Sua voz não revelava a menor raiva. O tom era suave, até informal. — Semirhage perdeu a última reunião. Não sei por quê, e não acho que Mesaana ou Demandred saibam. Mesaana ficou particularmente aborrecida, embora tenha tentado esconder. Ela acredita que logo Lews Therin estará nas nossas mãos, mas, por outro lado, Mesaana sempre diz isso. Ela tinha certeza de que Be'lal iria matá-lo ou capturá-lo em Tear, estava muito orgulhosa daquela armadilha. Demandred pede que você tenha cuidado.

— Então Demandred sabe que eu e você nos encontramos — comentou Sammael, impassível. Por que esperara receber algo menos que migalhas, daquela mulher?

— É claro que sabe. Não faz ideia de quanto eu lhe conto, mas sabe que conto uma parte. Estou tentando nos unir, Sammael, antes que seja...

Ele a interrompeu de repente.

— Entregue um recado meu a Demandred. Diga que eu sei o que ele está tramando. — Os acontecimentos do sul traziam a marca de Demandred, que sempre gostara de agir por representantes. — Diga a *ele* que tome cuidado. Não vou admitir que ele ou que seus *amigos* interfiram em meus planos. — Talvez pudesse direcionar a atenção de al'Thor para lá. Isso decerto daria um fim nele. Se não fosse possível por outros meios. — Contanto que fiquem longe de mim, os lacaios de Demandred podem escavar o que ele quiser, mas quero que mantenham distância, ou ele é quem vai responder por isso. — Houvera uma longa luta depois que a Fenda foi aberta na prisão do Grande Senhor, muitos anos antes de ser reunida força suficiente para um movimento declarado. Desta vez, quando o último selo fosse destruído, Sammael presentearia o Grande Senhor com nações dispostas a segui-lo. Que diferença faria se não soubessem a quem estavam seguindo? Sammael não falharia, como Be'lal e Rahvin. O Grande Senhor veria quem o servia melhor. — Diga a ele!

— Se é o que você deseja — respondeu Graendal, dando um sorriso relutante. Um instante depois, aquele sorriso indolente retornou a seu rosto. Ela estava sempre mudando de expressão. — Essas ameaças me esgotam. Venha. Escute a música e se acalme. — Sammael começou a dizer que não tinha interesse na música, como ela sabia muito bem, mas a mulher se voltou para o parapeito de mármore. — Lá estão eles. Escute.

O homem de pele muito escura e a mulher tinham ido até o pé do palanque com suas harpas peculiares. Sammael imaginou que os carrilhões acrescentassem algo à melodia, mas não sabia dizer o quê. Ao ver que Graendal os observava, os músicos abriram um sorriso reverente.

Apesar de tê-lo mandado escutar a música, Graendal continuou falando.

— Eles vêm de um lugar bem peculiar. As mulheres capazes de canalizar são forçadas a se casarem com filhos de mulheres com a mesma capacidade, e todas as pessoas dessas linhagens são marcadas com tatuagens no rosto logo ao nascer. Ninguém marcado tem permissão de se casar com alguém não marcado, e qualquer criança que nasça de tal união é morta. Os homens tatuados são mortos no vigésimo primeiro ano de vida, sem exceção, e passam a vida enclausurados, sem nem sequer aprender a ler.

Então ela voltara ao assunto, afinal de contas. Devia mesmo considerá-lo um idiota. Sammael decidiu plantar sua própria farpinha.

— Eles prendem uns aos outros feito criminosos?

Um lampejo de confusão assomou o olhar de Graendal, mas foi logo suprimido. Era evidente que a mulher não pensara no assunto — não havia por que ter pensado naquela relação. Pouca gente da época deles cometera sequer um crime violento, muito menos uma quantidade maior de infrações. Antes da Fenda, pelo menos. Mas claro que a mulher não admitia a própria ignorância. Em alguns momentos era melhor disfarçar a falta de conhecimento, mas Graendal costumava não fazer exceções à regra. Por isso Sammael fizera o comentário: sabia que aquilo a afetaria, e seria uma ótima punição pelas asneiras que ela não cansava de despejar em seus ouvidos.

— Não — respondeu a mulher, como se tivesse entendido. — Os Ayyad, como se denominam, vivem em seus vilarejos, evitando todas as outras pessoas, e supostamente nunca canalizam sem permissão ou por ordem dos Sh’botay ou Sh’boan. Na verdade, eles são o verdadeiro poder, são a razão pela qual os Sh’botay e Sh’boan só governam durante sete anos. — Graendal irrompeu em uma sonora gargalhada. Ela própria sempre acreditara que o melhor era ser o poder por trás do poder. — Pois sim, uma terra fascinante. Longe demais do centro para ser de alguma valia durante muitos anos, é claro. — A mulher fez um gesto sutil de dispensa, abanando os dedos cheios de anéis. — Teremos muito tempo para ver o que pode ser feito de lá, depois do Dia do Retorno.

Sim, Graendal obviamente queria induzi-lo a pensar que tinha algum interesse naquele lugar. Se de fato tivesse, nunca o teria mencionado. Sammael pôs o cálice intocado na bandeja que o sujeito musculoso estendeu para ele antes mesmo que movesse a mão. Graendal treinava muito bem os serviçais.

— Tenho certeza de que a música deles é fascinante. — Para quem se interessava por esse tipo de coisa. — Mas tenho uns preparativos para coordenar.

Graendal pousou a mão no braço dele.

— Preparativos meticulosos, eu creio? O Grande Senhor não vai gostar nem um pouco se você atrapalhar os planos dele.

Sammael comprimiu os lábios.

— Eu fiz tudo para convencer al’Thor de que não represento ameaça alguma, só faltou me render, mas o homem está obcecado.

— Você poderia abandonar Illian, recomeçar em algum outro lugar.

— Não! — Ele nunca fugira de Lews Therin, e não fugiria daquele bufão provinciano. O Grande Senhor não podia estar pretendendo colocar um sujeito daquele naipe acima dos Escolhidos. Acima dele! — Você me passou as ordens do Grande Senhor?

— Não gosto de ficar me repetindo, Sammael. — Sua voz guardava um toque de exasperação, e os olhos, certa raiva. — Se não acreditou em mim da primeira vez, não vai acreditar agora.

Ele a encarou por mais um instante, depois assentiu em um gesto brusco. Era muito provável que a mulher tivesse dito a verdade — mentir a respeito do Grande Senhor poderia causar um contra-ataque fatal.

— Não vejo motivo para nos encontrarmos outra vez até que você tenha algo a me contar, além da ausência de Semirhage. — Um breve olhar intrigado para os harpistas devia ser suficiente para fazê-la crer

que a tentativa de desviar o foco do assunto fora bem-sucedida. Para não ficar muito óbvio, Sammael transformou o olhar em uma expressão de desaprovação para as pessoas que brincavam nas piscinas, os acrobatas e os outros. Todo aquele esforço despendido, toda aquela exibição de carne... tudo aquilo o enojava. — Da próxima vez, você pode ir a Illian.

Graendal deu de ombros, como se aquilo não importasse, mas moveu os lábios bem de leve — a audição dele, intensificada por *saidin*, captou “isso se você ainda estiver lá”.

Com frieza, Sammael abriu um portão de volta a Illian. O jovem musculoso não conseguiu se mover rápido o bastante — sequer teve tempo de gritar antes de morrer fatiado em dois, bem no meio, junto com a bandeja e a jarra de cristal. A borda de um portão fazia uma navalha parecer uma lâmina cega. Graendal franziu os lábios em um biquinho rabugento pela perda de um de seus bichinhos.

— Se quiser nos ajudar a permanecer vivos — disse Sammael —, descubra como Demandred e os outros pretendem levar adiante as instruções do Grande Senhor. — Sem desviar o olhar, ele adentrou o portão.

* * *

Graendal manteve a expressão contrariada até que o portão se fechasse atrás de Sammael, depois permitiu-se tamborilar com as unhas no parapeito de mármore. Sammael, com seus cabelos dourados, poderia ser belo o suficiente para figurar entre seus bichinhos, se deixasse Semirhage — a única que restava com a habilidade para fazer o que outrora fora uma tarefa simples — remover o sulco calcinado naquele rosto. Era inútil pensar naquilo. Melhor ponderar se seu esforço valeria a pena.

Shaofan e Chiape tocavam sua estranha música atonal, muito bonita, repleta de harmonias complexas e dissonâncias estranhas. Seus rostos refletiam a alegria de estar agradando Graendal. Ela assentiu, e o deleite da dupla foi quase palpável. Eles eram muito mais felizes agora do que se ela não os tivesse capturado. Tivera muito trabalho para obtê-los, e só o fizera para aqueles poucos minutos que passara com Sammael. Claro que poderia ter se preocupado menos — qualquer um daquelas terras teria servido —, mas tinha seus critérios, mesmo para preparar um subterfúgio momentâneo. Muito tempo antes, escolhera ir atrás de todos os prazeres, permitir-se tudo o que não a diminuísse aos olhos do Grande Senhor.

Seus olhos repousaram nas entranhas que sujavam seu tapete, e Graendal torceu o nariz, irritada. Daria para salvar a trama, mas ficou irritada por ter de ser ela a remover o sangue. Dispensou ordens ligeiras, e Osana correu para coordenar a remoção do tapete. E para mandar descartarem os restos de Rashan.

Sammael era um completo idiota. Não, não idiota. Representava um perigo mortal quando travava lutas diretas, quando enfrentava algo que compreendia com clareza, mas parecia um cego em se tratando de sutilezas. Era muito provável que acreditasse que a intenção dos artifícios de Graendal fosse mascarar o que ela e os outros estavam tramando. Jamais imaginaria que ela conhecesse cada curva de sua mente, cada volteio de suas ideias. Afinal de contas, Graendal passara quase quatro mil anos estudando o trabalho de mentes muito mais convolutas que a dele. Sammael era muito transparente, ah, como era. Por mais que tentasse encobrir, estava desesperado. Aprisionado na caixa-forte de suas próprias maquinações — em uma caixa-forte que ele, em vez de abandonar, defenderia até a morte, e dentro da qual acabaria por morrer.

Ela bebericou o ponche, franzindo a testa de leve. Era possível que já tivesse atingido seu objetivo com o homem, embora tivesse pensado que levaria quatro ou cinco visitas. Teria de encontrar um motivo para ir vê-lo em Illian — era melhor observar o paciente, mesmo depois de já ter tomado as providências desejadas.

Fosse o rapaz um mero fazendeiro ou o Lews Therin em pessoa retornado do túmulo — ela não conseguia se decidir a respeito —, ele havia se provado perigoso até demais. Graendal servia ao Grande

Senhor das Trevas, mas não pretendia morrer — nem mesmo pelo Grande Senhor. Viveria para sempre. Claro que só contrariava o Grande Senhor, mesmo que no menor de seus caprichos, quem desejasse passar uma eternidade morrendo e outra desejando agonias mais suaves do que a longa morte. Ainda assim, Rand al'Thor precisava ser eliminado, mas seria Sammael quem levaria a culpa. Seria uma grande surpresa se o homem percebesse que ela o botara no rastro de Rand al'Thor tal qual um *dornat* mandado à caça. Não, ele não era o tipo de homem que reconhecia sutilezas.

No entanto, estava longe de ser burro. Seria interessante saber como ele descobrira a respeito do elo. Ela própria jamais teria descoberto se Mesaana não tivesse cometido um raro deslize ao despejar sua ira pela ausência de Semirhage. Estava tão furiosa que não percebera quanto havia revelado. Por quanto tempo Mesaana ficara enfiada dentro da Torre Branca? Esse simples fato já abria caminhos bem interessantes. Se houvesse algum meio de descobrir onde Demandred e Semirhage haviam se metido, talvez fosse possível desvendar o que estavam tramando. O grupo não havia confiado a informação a ela. Ah, não. Aqueles três trabalhavam juntos desde antes da Guerra do Poder. Nas aparências, pelo menos. Graendal tinha certeza de que tramavam uns contra os outros com a mesma frequência com que todos os outros Escolhidos. No entanto — fosse porque Mesaana minasse os planos de Semirhage, ou Semirhage quem sabotasse Demandred —, Graendal ainda não descobrira uma ranhura entre o grupo por onde pudesse forçar a entrada.

O som de botas anunciou uma chegada, mas não eram os homens para trocar o carpete e recolher Rashan. Ebram era um domanês alto e bem-apeesoado, usando calças vermelhas justas e uma camisa branca larga. Poderia figurar entre seus bichinhos, não fosse apenas filho de um mercador. Ebram manteve os olhos fixos nela enquanto se ajoelhou, escuro e lustroso.

— O Lorde Ituralde chegou, Grande Senhora.

Graendal pousou o cálice sobre uma mesa que parecia marchetada com dançarinos de marfim.

— Então ele falará com a Lady Basene.

Ebram levantou-se devagar e estendeu o braço para a frágil domanesa que agora via diante de si. Ele sabia quem estava por trás da trama da Ilusão, mas mesmo assim sua expressão de reverência diminuiu um pouco. A mulher sabia que era Graendal, e não Basene, quem Ebram venerava. Naquele momento, ela não se importava. Sammael estava encaminhado na direção de Rand al'Thor, para dizer o mínimo, e talvez já tivesse disparado. Quanto a Demandred, Semirhage e Mesaana... Apenas Graendal sabia que fizera sua própria viagem para Shayol Ghul e cruzado o lago de fogo. Só ela sabia que o Grande Senhor praticamente prometera nomeá-la Nae'blis, uma promessa garantida com al'Thor fora do caminho. Graendal seria a mais obediente dos servos do Grande Senhor. Semearia o caos e usaria a colheita para explodir os pulmões de Demandred.

* * *

Semirhage deixou a porta com vigas de ferro se fechar atrás de si. Uma das esferas de luz, resgatada sabia lá o Grande Senhor de onde, bruxuleava espasmodicamente, mas esses objetos ainda forneciam mais luz do que as velas e os lampiões a óleo com que ela tinha que viver naquela nova Era. Exceto pela luminosidade, o lugar tinha o aspecto intimidador de uma prisão, com paredes de pedra bruta, chão sem revestimento e uma mesinha de madeira crua em um canto. Não era de seu estilo — gostaria de tudo feito do mais branco e reluzente *cueran*, lustroso e estéril. O lugar fora preparado antes que ela encontrasse uma finalidade para ele. Uma mulher de cabelos claros, vestida em seda, estava pendurada no ar, no meio do aposento, os braços e as pernas abertos, os olhos desafiadores cravados nela. Uma Aes Sedai. Semirhage odiava Aes Sedai.

— Quem é você? — inquiriu a paciente. — Uma Amiga das Trevas? Uma irmã Negra?

Ignorando o barulho, Semirhage conferiu depressa o escudo entre a mulher e *saidar*. Caso a barreira

falhasse, conseguiria envolver a infeliz de novo sem a menor dificuldade — era uma medida da fraqueza da mulher que ela pudesse se dar ao luxo de deixar a trama do escudo sem vigilância —, mas era de sua natureza ser cautelosa, dar cada passo exatamente no momento certo. Agora, as roupas. Quando vestida, a pessoa sentia-se mais segura do que quando despida. Delicadamente, Semirhage urdiu Fogo e Vento e dilacerou vestido, roupa de baixo e qualquer tecido que houvesse da cabeça aos pés da paciente. Juntou tudo em um montinho à sua frente e canalizou outra vez Fogo e Terra — um fino pó se espalhou pelo chão de pedra.

Os olhos azuis da mulher se arregalaram. Semirhage duvidava de que ela pudesse reproduzir essas simples ações, ainda que tivesse sido capaz de entendê-las.

— Quem é você? — Desta vez havia certa aspereza na pergunta, uma exigência. Medo, talvez. Era sempre bom quando o medo vinha logo.

Semirhage localizou com precisão no cérebro da mulher os centros receptores das mensagens de dor enviadas pelo corpo, e, com a mesma minúcia, começou a estimulá-los com Espírito e Fogo. A princípio, só um pouquinho, em um trabalho vagaroso. Um estímulo forte demais poderia matar em instantes, mas era impressionante ver quanto o sistema poderia ser forçado com incrementos graduais. Era difícil trabalhar em algo invisível, mesmo tão de perto, mas ela conhecia o corpo humano melhor que ninguém.

A paciente esparramada sacudiu a cabeça, como se pudesse espantar a dor. Ao perceber que não podia, cravou os olhos em Semirhage, que simplesmente assistia a cena se desenrolar, sustentando a rede. Mesmo com toda a pressa que aquilo requeria, podia se dar ao luxo de um pouquinho de paciência.

Como odiava qualquer pessoa que se intitulasse Aes Sedai. Ela própria fora uma — e uma Aes Sedai de verdade, não uma idiota ignorante feito aquela simplória pendurada à sua frente. Fora famosa, célebre, enviada aos quatro cantos do mundo por sua habilidade de reparar qualquer ferida, de resgatar do abismo pessoas por quem já não havia nada a se fazer. Então, uma delegação do Salão dos Servos lhe ofereceu uma escolha na qual não havia o que escolher: ser atada à promessa de que nunca mais voltasse a viver seus prazeres, assistindo ao fim da própria vida se aproximar por causa da atadura, ou ser apartada do Poder e banida dos Aes Sedai. E esperavam que ela aceitasse ser atada — era a coisa mais racional e sensata a se fazer, e eles eram homens e mulheres racionais e sensatos. Jamais imaginaram que ela iria fugir. Fora uma das primeiras pessoas a ir até Shayol Ghul.

Gotas densas de suor brotavam no rosto pálido da paciente. A mandíbula estava contraída, e as narinas se abriam quando ela puxava o ar. De vez em quando, a mulher soltava um pequeno grunhido. Paciência. Faltava pouco.

Tinham inveja dela. Os que não podiam fazer o que ela podia. Alguma das pessoas que ela resgatara das garras da morte já dissera que preferia ter morrido a sofrer o tantinho a mais que ela infligia? E os outros? Sempre havia quem merecesse sofrer. E daí se ela sentia prazer em lhes dar a punição que mereciam? Ah, o Salão e suas lamúrias hipócritas sobre direitos e legalidades. Semirhage tinha o direito de fazer o que fizera — conquistara o direito. Fora mais importante para o mundo do que todos aqueles que a entretinham com seus gritos. E, por inveja e despeito, o Salão tentara *derrubá-la*!

Bem, alguns deles tinham caído diante dela, durante a guerra. Tendo tempo, ela podia destruir mesmo o homem mais forte, a mulher mais orgulhosa, moldá-los da forma exata que desejasse. O processo até podia ser mais lento do que a Compulsão, mas era infinitamente mais prazeroso, e ela acreditava que nem mesmo Graendal conseguiria desfazer o resultado. A Compulsão podia ser revertida. No entanto, seus pacientes... De joelhos, eles imploravam para que suas almas fossem entregues à Sombra, então serviam com obediência até o dia de sua morte. Demandred sempre se demonstrava impressionado com o tamanho daquele golpe, mais um Conselheiro do Salão proclamando sua aliança com o Grande Senhor, mas a parte favorita de Semirhage era observar os rostos empalidecerem ao vê-la, mesmo anos depois, e sua urgência em garantir que permaneciam fiéis ao que ela os tornara.

Um primeiro soluço escapou da mulher pendurada no ar, mas foi abafado. Semirhage aguardou, impassível. O momento podia até requerer pressa, mas pressa demais poderia pôr tudo a perder. Outros soluços escaparam, sobrepujando os esforços da paciente para controlá-los, cada vez mais altos, mais altos, até se transformarem em um uivo. Semirhage aguardou. A mulher brilhava com uma camada lustrosa de suor, a cabeça se virava de um lado a outro, e ela se debatia inutilmente sob as amarras invisíveis, em espasmos convulsivos. Os berros, intensos e agudíssimos, só acabavam ao usar todo o estoque de ar em seus pulmões, então ela os enchia outra vez e recomeçava. Aqueles olhos azuis completamente arregalados nada enxergavam — estavam vidrados. Tinha começado.

Semirhage cortou os fluxos de *saidar* de repente, mas minutos se passaram até que os berros cessassem e dessem lugar a arquejos.

— Qual é o seu nome? — perguntou, em um tom gentil.

Não importava qual seria a pergunta, contanto que a mulher respondesse. Poderia ter sido “Ainda quer me desafiar?”. Era sempre um prazer continuar perguntando até que comesçassem a suplicar para provar que não a desafiariam. Mas, daquela vez, precisava tirar o máximo de cada pergunta.

Tremores involuntários percorreram a mulher pendurada. Lançando um olhar cauteloso a Semirhage, os olhos semicerrados, ela lambeu os lábios, tossiu, e por fim disse, em um murmúrio rouco:

— Cabriana Mecandes.

Semirhage abriu um sorriso.

— É bom me dizer a verdade. — No cérebro havia centros de dor e de prazer. Enquanto se aproximava, ela estimulou um dos últimos, apenas por alguns instantes, porém com força. O estímulo fez Cabriana arregalar os olhos ao máximo, ofegante e trêmula. Puxando um lençinho da manga, Semirhage ergueu o rosto espantado da mulher e secou o suor com delicadeza. — Eu sei que isso é muito difícil para você, Cabriana — declarou, com doçura. — Tente não dificultar ainda mais. — Com um gesto suave, afastou os cabelos molhados do rosto da mulher. — Quer alguma coisa para beber? — Canalizou sem esperar resposta, fazendo um cantil de metal surrado flutuar de cima da mesinha no canto até sua mão. A Aes Sedai não tirava os olhos de Semirhage, mas bebeu com avidez. Depois de alguns goles, Semirhage tomou de volta o cantil e devolveu-o à mesa. — Pois bem, assim é melhor, não é? Lembre-se, tente não dificultar ainda mais as coisas.

Quando ela se virou, a mulher falou, ácida:

— Eu cuspo no leite da sua mãe, Amiga das Trevas! Está me ouvindo? Eu...

Semirhage parou de escutar. Em qualquer outra época, ficaria coruscante de prazer pelo fato de a rebeldia da paciente persistir. Sentia a mais pura alegria em reduzir a rebeldia e a dignidade a lascas diminutas, observando o paciente enfim se dar conta de que estava se esvaindo e começar a lutar — em vão — para agarrar-se ao que restava. Daquela vez, não havia tempo para aquilo. Com cuidado, urdiu outra vez a teia entrelaçando os centros de dor do cérebro de Cabriana. Preferia estar pessoalmente no controle, mas era necessário um pouco de pressa. Impulsionou a rede, canalizou para apagar as luzes e saiu, fechando a porta atrás de si. A escuridão também faria sua parte. Sozinha, no escuro, com dor.

Sem querer, Semirhage emitiu um gemido frustrado. Não havia *finesse* naquilo. Não gostava de ter que se apressar. Muito menos de se afastar de suas responsabilidades. A garota era dura e voluntariosa, e as circunstâncias, difíceis.

O corredor era quase tão desolado quanto o aposento, um largo túnel cruzando a pedra, com passagens transversais que ela não tinha o menor desejo de explorar quase perdidas na escuridão. Havia apenas duas outras portas à vista, e uma levava a seus aposentos. Eram bastante confortáveis, já que precisava estar ali, mas Semirhage não seguiu naquela direção. Shaidar Haran estava parado diante da porta, todo de preto, envolto em uma escuridão que parecia fumaça, tão imóvel que foi quase um choque quando ele se pronunciou, em um som que era quase o triturar de ossos:

— O que você descobriu?

As invocações a Shayol Ghul tinham trazido em uma advertência do Grande Senhor. *QUANDO OBEDECE SHAI DAR HARAN, VOCÊ OBEDECE A MIM. QUANDO DESOBEDECE SHAI DAR HARAN...* Por mais exasperante que tivesse sido a advertência, não havia necessidade de mais.

— O nome dela. Cabriana Mecandes. Não consegui descobrir mais nada em tão pouco tempo.

A criatura deslizou pelo corredor daquela maneira angustiante aos olhos, a capa cor de ébano suspensa, sem ser afetada pelo movimento. Em um instante, parecia uma estátua a dez passos de distância, no momento seguinte, se avultava por cima dela, forçando-a a escolher entre recuar e esticar o pescoço para olhar para cima, encarando aquele rosto sem olhos e totalmente branco. Recuar estava fora de cogitação.

— Você vai exauri-la, Semirhage. Vai apertá-la até secar, sem demora, e me contar todos os detalhes do que descobrir.

— Prometi ao Grande Senhor que faria isso — respondeu a mulher, com frieza.

Os lábios sem sangue se contorceram em um sorriso. Foi a única resposta. A criatura se virou depressa, avançou a passos firmes por entre as sombras... e desapareceu.

Semirhage queria saber como os Myrddraal faziam aquilo. Não tinha nada a ver com o Poder. Nos umbrais da sombra, onde a luz se enfraquecia, um Myrddraal podia surgir subitamente em outro ponto, em outra sombra bem distante. Muito tempo antes, Aginor fizera testes com centenas deles, até destruí-los, em um esforço vão para aprender como aquilo era feito. Os próprios Myrddraal não sabiam — ela mesma provaria isso.

De repente, percebeu que suas mãos comprimiam com força o próprio estômago, que lembrava uma bola de gelo. Fazia muitos anos que não sentia medo em qualquer situação que não envolvesse encarar o Grande Senhor no Poço da Perdição. O nó congelante começou a derreter assim que se deslocou até a outra porta de prisão. Mais tarde analisaria a emoção de maneira desapaixorada. Shaidar Haran podia ser diferente de qualquer Myrddraal que ela já vira, mas ainda era um Myrddraal.

Seu segundo paciente, suspenso no ar feito a primeira, era um homem atarracado de rosto quadrado, usando casaco e calças de um verde próprio para se camuflar nas matas. Metade dos bulbos-candentes estava bruxuleante, quase se apagando — era um milagre que tivessem durado todo aquele tempo —, mas a verdade era que o Guardião de Cabriana era de pouca importância. O necessário, pelo propósito que fosse, jazia na mente da Aes Sedai. Parecia que os Myrddraal tinham recebido a ordem de capturar uma Aes Sedai, e, por algum motivo, acreditavam que Aes Sedai e Guardiões fossem inseparáveis. O que não era exatamente ruim. Semirhage ainda não tivera a oportunidade de destruir um desses lutadores célebres.

Os olhos escuros do homem tentavam penetrar a mente de Semirhage enquanto ela lhe removia as roupas e botas e as destruía, da mesma forma que fizera com as de Cabriana. Ele era peludo, uma massa de músculos grandes e rijos e cicatrizes. Não tremeu. Nada disse. Possuía uma rebeldia diferente. A da mulher era audaciosa, escancarada, a dele era uma recusa silenciosa a se dobrar. Talvez fosse mais difícil de destruir do que sua senhora. Em geral lidar com ele teria sido muito mais interessante.

Semirhage fez uma pausa, analisando-o. Havia algo... uma rigidez ao redor da boca e dos olhos. Como se ele já tivesse lutado contra a dor. Claro. Havia aquele elo entre Aes Sedai e Guardiões. Era estranho que esses primitivos tivessem concebido algo que nenhum dos Escolhidos compreendesse, mas era assim. Pelo pouco que sabia, era muito provável que este sujeito tivesse sentido ao menos um pouco do que se passava com a outra paciente. Em outra ocasião, isso apresentaria possibilidades interessantes. Naquele momento, significava apenas que o homem pensava saber o que o aguardava.

— Sua dona não cuida muito bem de você — comentou Semirhage. — Se a mulher não fosse uma selvagem, você não estaria desfigurado por tantas cicatrizes. — O homem alterou a expressão apenas um tantinho. A um levíssimo desprezo. — Pois sim.

Desta vez, urdiu a teia nos centros de prazer e começou a estimulação lenta e gradual. O homem era inteligente. Franziu o cenho, balançou a cabeça e estreitou os olhos, cravados nela feito lascas de gelo negro. Sabia que não deveria estar sentindo aquele êxtase crescente e, embora não pudesse enxergar a rede, sabia que só podia ser obra dela, então resistiu. Semirhage quase abriu um sorriso. Ele decerto considerava mais fácil lutar contra o prazer do que contra a dor. Em raras ocasiões, destruíra as vontades de pacientes apenas com isso. Essa maneira era menos satisfatória, e, depois que ela acabava, eles ficavam incapazes de formar pensamentos coerentes — simplesmente queriam mais do êxtase que aflorava em suas mentes. Porém era rápido, e eles faziam qualquer coisa para ter mais. Aquela falta de coerência era a razão pela qual Semirhage não procedera dessa maneira com a outra paciente: precisava arrancar respostas. No entanto, aquele sujeito logo saberia a diferença.

Diferença. Ela levou um dos dedos aos lábios, pensativa. Por que Shaidar Haran era diferente de todos os outros Myrddraal? Não gostou de detectar uma estranheza logo quando tudo parecia estar indo a favor deles, e um Myrddraal acima dos Escolhidos, mesmo que apenas em algumas situações, ia além de mera estranheza. Al'Thor estava cego, com toda a atenção voltada para Sammael, e Graendal só permitia que Sammael soubesse o bastante para evitar que arruinasse tudo por orgulho. E era óbvio que Graendal e Sammael estavam tramando para levar vantagens, fosse juntos ou separados. Sammael era um *so-far* superaquecido com manete empenado, e Graendal não era muito menos imprevisível. Os dois nunca tinham entendido que o poder provinha apenas do Grande Senhor, distribuído conforme sua escolha, por suas próprias razões. De acordo com seus caprichos — na segurança de sua mente, podia pensar aquilo.

O maior problema eram os Escolhidos que tinham desaparecido. Demandred insistia que deviam estar mortos, mas ela e Mesaana não tinham tanta certeza. Lanfear. Se houvesse alguma justiça, o tempo lhe entregaria Lanfear. A mulher sempre aparecia quando menos se esperava, sempre se comportava como se tivesse o direito de meter o bedelho nos planos alheios, sempre fugia para se proteger quando suas intromissões causavam problemas. Moghedien. Aquela lá sempre ficava escondida, mas nunca conseguia passar muito tempo sem dar as caras, só para lembrar ao restante que também era uma Escolhida. Asmodean. Um traidor, e já condenado. Mas tinha mesmo desaparecido. E a existência de Shaidar Haran e as ordens que ela própria recebera serviam para lembrá-la de que o Grande Senhor tinha os próprios meios e objetivos.

Os Escolhidos eram meras peças no tabuleiro; podiam ser Conselheiros e Pináculos, mas ainda assim não passavam de peças. Se o Grande Senhor a deslocara até ali em segredo, talvez também estivesse deslocando Moghedien, Lanfear ou até Asmodean. Shaidar Haran talvez tivesse sido mandado para dar ordens secretas a Graendal ou Sammael. Ou, talvez até, a Demandred ou Mesaana. Aquela perturbadora aliança — se é que podia ser chamada por um nome tão forte — entre os três já durava muito tempo, mas nenhum dos dois lhe contaria se recebesse ordens secretas do Grande Senhor, bem como ela jamais os deixaria saber das ordens que a levaram até ali ou das que a fizeram enviar Myrddraal e Trollocs até a Pedra de Tear para lutar contra os enviados por Sammael.

Se o Grande Senhor pretendia transformar al'Thor em Nae'blis, ela própria se ajoelharia diante dele — e ficaria esperando por um deslize que o pusesse em suas mãos. A imortalidade lhe concedia tempo de espera infinito. Enquanto isso, sempre haveria outros pacientes para entretê-la. O que a preocupava era Shaidar Haran. Ela sempre fora uma jogadora de *tcheran* medíocre, mas Shaidar Haran era uma nova peça do tabuleiro, cuja força e propósito eram desconhecidos. E uma das jogadas ousadas para capturar o Grão-conselheiro do oponente e levá-lo para seu lado do tabuleiro era sacrificar os Pináculos em um falso ataque. Semirhage se ajoelharia, se fosse preciso, por quanto tempo fosse preciso, mas não seria sacrificada.

Uma estranha sensação na teia a desviou de seus pensamentos. Ela olhou para o paciente e estalou a língua, exasperada. A cabeça dele pendia para o lado, o queixo estava escuro, sujo do sangue da própria

língua, que ele mastigara. Os olhos estavam vidrados e opacos. Por falta de atenção, intensificara a estimulação depressa demais. Com uma raiva que não chegou a transparecer em seu rosto, Semirhage parou de canalizar. Não havia por que tentar estimular o cérebro de um cadáver.

Um súbito pensamento lhe ocorreu. Se o Guardião podia sentir o que a Aes Sedai sentia, será que o oposto também aconteceria? Analisando as cicatrizes que adornavam o corpo do homem, teve certeza de que era impossível. Até aquelas imbecis teriam alterado o elo, se compartilhassem a sensação *daquilo*. Ainda assim, deixou o corpo de lado e saiu pelo corredor, um pouco apressada.

Antes de abrir a porta de vigas de ferro para adentrar a escuridão, ouviu berros que lhe trouxeram um profundo suspiro de alívio. Matar a mulher antes de arrancar tudo o que ela sabia decerto a faria permanecer ali até a captura de outra Aes Sedai. No mínimo.

Por entre os uivos guturais, Semirhage ouviu palavras quase ininteligíveis, palavras que pareciam carregar toda a força da alma da paciente.

— Por favooooooooorrrrrr! Ah, Luz, POR FAVOOOOORRR!

Semirhage abriu um sorriso discreto. Era divertido, afinal.





UMA QUESTÃO DE OPINIÃO

Sentada em seu colchão, Elayne terminou de dar as cem escovadas com a mão esquerda, depois guardou a escova de cabelo na bolsinha de viagem de couro e a empurrou de volta para baixo da cama estreita. Sentia um latejar fraco atrás dos olhos depois de passar o dia canalizando para fabricar *ter'angreal*. Na maior parte do tempo *tentando* fabricá-los. Nynaeve, equilibrada no banquinho de pés soltos, terminara muito antes de escovar os cabelos até a cintura e já tinha quase acabado de refazer a trança frouxa para ir dormir. O suor brilhava em seu rosto.

Mesmo com uma das janelas abertas, o quartinho estava abafado. A lua cheia pairava em um céu negro repleto de estrelas. Um toco de vela fornecia luz fraca. As velas e os lampiões a óleo eram escassos em Salidar, e ninguém conseguia mais que uma nesga de luz à noite, a não ser que precisasse trabalhar com pena e tinta. O quarto era bem apertado, com pouco espaço para circulação entre as duas camas pequenas. A maior parte dos pertences das duas estava guardada em um par de baús surrados com dobradiças de latão. Dos ganchos nas paredes pendiam os vestidos de Aceitas e capas desnecessárias naquele calor, e buracos no reboco amarelado revelavam a madeira da fundação. Espremida entre as camas havia uma minúscula mesa meio torta, e o lavatório bambo no canto do quarto sustentava uma jarra e uma bacia brancas cheias de lascas. Nem mesmo as Aceitas mais elogiadas recebiam luxos ou mimos.

Um maço de flores silvestres meio amassadas, brancas e azuis — iludidas pelo clima a florescerem mais tarde, e sem muito primor — despontava de um vaso amarelo com gargalo quebrado em cima da mesa, entre um par de canecas de cerâmica marrom. O outro único ponto de cor era o pardal preso em uma gaiola de palha. Elayne cuidava do bichinho, que estava com uma asa quebrada. Testara suas poucas habilidades de Cura em outro pássaro, mas os pardais eram pequenos demais para sobreviver ao choque.

Nada de reclamar, disse a si mesma com firmeza. As Aes Sedai viviam um pouco melhor; as noviças e serviçais, um pouco pior; e os soldados de Gareth Bryne quase sempre dormiam no chão. É preciso suportar o que não se pode mudar. Lini dizia isso o tempo todo. Bem, Salidar oferecia pouco conforto e nada de luxo. E também nada de frescor.

Afastando o tecido da camisola do corpo, ela assoprou contra os seios.

— É melhor chegarmos lá antes delas, Nynaeve. Você sabe como elas ficam quando têm que esperar.

Não soprava sequer a menor brisa, e o ar seco parecia extrair transpiração de todos os poros. Devia

haver algo que pudesse ser feito a respeito do clima. Se houvesse, as Chamadoras de Ventos do Povo do Mar decerto já teriam feito, naturalmente. Mas Elayne talvez conseguisse pensar em uma solução, se pelo menos as Aes Sedai a liberassem dos *ter'angreal* por tempo suficiente. Como Aceita, era de se pensar que pudesse estudar o que quisesse, mas... *Se elas achessem que eu conseguiria comer e ensiná-las a fazer ter'angreal ao mesmo tempo, eu não teria um minuto de sossego.* Pelo menos no dia seguinte tiraria um descanso disso.

Nynaeve se remexia na cama com o *a'dam* no pulso, fazendo caretas e ajustando o bracelete. A mulher sempre insistia para que uma delas o usasse durante o sono, embora isso provocasse sonhos estranhos e desagradáveis. Não havia a menor necessidade, pois o *a'dam* também manteria Moghedien sob controle se estivesse pendurado em um gancho na parede. Além disso, a Abandonada dividia um cubículo realmente minúsculo com Birgitte. A arqueira era uma excelente vigia, e Moghedien quase chorava sempre que a via sequer franzir o cenho. A mulher tinha poucos motivos para manter Moghedien viva, mas muitos para querê-la morta, o que a Abandonada sabia muito bem. Naquela noite, o bracelete seria de menos utilidade que o habitual.

— Nynaeve, elas devem estar *esperando*.

A mulher fungou alto — não lidava bem com ter que estar à disposição de alguém —, mas apanhou um dos dois anéis de pedra chata que jaziam sobre a mesa entre as camas. Ambos eram largos demais para usar nos dedos, um era rajado e pontilhado de azul e marrom, o outro era azul e vermelho. Os dois eram retorcidos de modo a ter apenas uma borda. Nynaeve desamarrou a tira de couro que pendia de seu pescoço, enfiando o anel azul e marrom junto a outro, pesado e dourado. O anel de sinete de Lan. Tocou com carinho o aro robusto e dourado antes de enfiar os dois anéis debaixo da roupa.

Elayne, de testa franzida, apanhou o anel azul e vermelho.

Os anéis eram *ter'angreal* que ela fabricara como imitação de outro, que estava de posse de Siuan. Apesar da aparência simples, eram incrivelmente complexos. Dormir com um deles em contato com a pele levava a pessoa a *Tel'aran'rhiod*, o Mundo dos Sonhos, um reflexo do mundo real — talvez de todos os mundos. Algumas Aes Sedai afirmavam que havia muitos mundos, como se todas as variações do Padrão de fato existissem, e que todos esses mundos juntos formavam um Padrão ainda maior. O fato era que *Tel'aran'rhiod* refletia o mundo onde ela vivia e tinha certas propriedades extremamente úteis. Ainda mais porque a Torre não fazia ideia de como adentrá-lo, pelo que as duas sabiam.

Os anéis funcionavam, embora nenhum tão bem quanto os originais. Elayne estava se aprimorando aos poucos: das quatro tentativas de produzir uma cópia, fracassara em apenas uma. Uma média *muito* melhor do que a dos objetos que fabricava do zero. Mas e se uma das tentativas acabasse produzindo resultados piores do que apenas não funcionar, ou não funcionar muito bem? Aes Sedai tinham sido estancadas ao estudar *ter'angreal*. “Exauridas” era o nome que se dava quando acontecia por acidente, mas o resultado era igualmente irreversível. Nynaeve, naturalmente, não considerava que fosse irreversível, porém não se daria por satisfeita até que conseguisse Curar uma pessoa morta há três dias.

Elayne girou o anel nos dedos. O que ele fazia era fácil de compreender, era o “como” que lhe escapava. “Como” e “por quê” — essas eram as questões. Acreditava que o padrão de cores dos anéis tinha tanta influência quanto a forma — qualquer forma que não um aro retorcido não tinha serventia, e o anel que acabara saindo todo azul provocava pesadelos terríveis —, mas não sabia ao certo como reproduzir o vermelho, o azul e o marrom originais. Ainda assim, suas cópias tinham a mesma estrutura delicada, a mesma disposição dos pequeninos fragmentos, impossível de ser vista ou detectada sem o Poder Único. Por que as *cores* seriam importantes? Parecia haver uma trama comum na estrutura diminuta dos *ter'angreal* que só funcionavam com canalização, e outra na dos que apenas se utilizavam do Poder latente — descobrir isso foi o que permitiu suas tentativas de fabricar *ter'angreal* originais. Mas havia tanto que ela não sabia, tanto que só

fazia na base da adivinhação.

— Vai ficar aí sentada a noite inteira? — perguntou Nynaeve em um tom seco, e Elayne se sobressaltou. Apoiando uma das canecas de cerâmica de volta na mesa, a mulher se ajeitou na cama, as mãos cruzadas sobre o colo. — Foi *você* quem disse para não as deixarmos esperando. No que depende de mim, não pretendo dar àquelas patas-chocas nenhuma desculpa para virem abocanhar minhas plumas.

Mais que depressa, Elayne deslizou o anel rajado — já não era de pedra, ainda que ela tivesse usado pedra para fazê-lo — por um cordão, que então amarrou no próprio pescoço. A segunda caneca de cerâmica também continha uma tintura de ervas que Nynaeve preparara, levemente adoçada com mel para suavizar o amargor. Elayne bebeu quase a metade, o que, por suas experiências anteriores, seria suficiente para ajudá-la a dormir, mesmo com a dor de cabeça. Era uma daquelas noites em que não podia se dar ao luxo de perder tempo.

Estirada na cama apertada, canalizou um fluxo rápido para apagar a vela, depois abanou a camisola em busca de um pouco de frescor. Uma brisa, pelo menos.

— Queria que Egwene melhorasse. Estou cansada das migalhas que Sheriam e as outras jogam para a gente. Quero saber o que está acontecendo!

Percebeu que tocara em um assunto perigoso. Egwene fora ferida um mês e meio antes, em Cairhien, no dia em que Moiraine e Lanfear morreram. No dia em que Lan desaparecera.

— As Sábias dizem que ela *está* melhorando — murmurou Nynaeve, sonolenta, no escuro do quarto. Pela primeira vez, não pareceu querer desviar o assunto para Lan. — É isso o que Sheriam e a panelinha dela dizem, e elas não têm motivo para mentir, mesmo que possam fazê-lo.

— Bom, queria conseguir descobrir o que Sheriam está aprontando para amanhã à noite.

— Se vai ficar desejando coisas impossíveis... — Nynaeve parou para bocejar. — Pode começar a torcer para o Salão escolher você como Amyrlin. Acho que você até tem chance. Quando elas finalmente escolherem alguém, nós duas estaremos grisalhas o bastante para a função.

Elayne abriu a boca para retrucar, mas, a exemplo da outra, acabou emendando um bocejo. Nynaeve começou a roncar — não alto, mas com persistência. Elayne deixou os olhos se fecharem, mas seus pensamentos continuavam a toda, mesmo contra sua vontade.

O Salão estava mesmo sendo dilatatório. Havia dias em que as Votantes se encontravam durante menos de uma hora, e com frequência sequer se reuniam. Ao falar com uma delas, não se via a menor urgência, embora as Votantes das seis Ajahs — não havia Vermelhas em Salidar, óbvio — não revelassem às outras Aes Sedai o que discutiam durante as sessões, muito menos a uma Aceita. Definitivamente havia motivo para a pressa em decidir. Ainda que suas intenções permanecessem em segredo, a existência do grupo de Salidar já não era. Elaida e a Torre não as ignorariam para sempre. Além disso, os Mantos-brancos ainda estavam a poucas milhas de distância, em Amadícia, e já havia rumores sobre Devotos do Dragão bem ali em Altara. Só a Luz sabia o que os Devotos do Dragão poderiam tramar, se Rand não os controlasse. O Profeta era bom exemplo — ou talvez um exemplo péssimo. Motins, casas e fazendas incendiadas, gente morta por não demonstrar fervor suficiente no apoio ao Dragão Renascido.

O ronco de Nynaeve parecia um tecido sendo rasgado, mas bem ao longe. Elayne abriu outro bocejo, estalando o maxilar, virou-se de lado e abraçou o travesseiro fino. Havia motivo para se apressarem. Sammael estava em Illian, e Salidar ficava a poucas centenas de milhas da fronteira illianense, perto demais de um dos Abandonados. Só a Luz saberia onde os outros estavam ou o que estariam tramando. E Rand. As Votantes deviam estar preocupadas com Rand. Ele não representava perigo, claro. Não poderia. Mas *era* a chave de tudo — o mundo de fato se curvava à volta dele. Elayne *daria um jeito* de criar um elo com ele. Min. Ela e a missão diplomática já deviam ter percorrido mais da metade do trajeto até Caemlyn. Não havia neve para atrasar o passo. Chegariam dali a mais um mês. Não que estivesse preocupada com a aproximação

entre Min e Rand. No que a garota estava pensando? Min. O sono veio chegando, ela foi entrando em *Tel'aran'rhiod*...

... e se viu parada na rua principal de Salidar, em um silêncio noturno sepulcral, a lua quase cheia no céu. Via tudo com bastante clareza, mais do que o mero luar permitiria. Sempre havia essa sensação de claridade, no Mundo dos Sonhos, vinda de todos os lados e de lado nenhum, como se a própria escuridão emanasse um brilho sombrio. Por outro lado, os sonhos eram assim mesmo, e aquilo era um sonho — por mais que não fosse um dos comuns.

Aquela aldeia refletia a verdadeira Salidar, mas como um estranho fac-símile, mais quieta do que a verdadeira vila estaria com o cair da noite. Todas as janelas estavam escuras, e um ar de vazio se abatia sobre o local, como se nenhuma das construções estivesse ocupada. Ali, naturalmente, não estavam. O silvo agudo de um pássaro noturno foi seguido por outro, depois por um terceiro, e algo produziu um fraco farfalhar, como se escapulindo em meio à indefinível meia-luz. Mas os estábulos estariam vazios, e também as cercas de estacas do lado de fora da cidade, e as clareiras onde o gado e as ovelhas ficavam reunidos. Criaturas selvagens apareciam aos montes por ali, mas nenhuma domesticada. Os detalhes mudavam a cada olhadela: as construções de telhados de palha permaneciam iguais, mas um barril de água podia estar em uma posição ligeiramente diferente ou ter desaparecido, uma porta antes fechada estaria aberta ao se voltar o rosto outra vez para a mesma direção. Quanto mais efêmero fosse um objeto no mundo real, mais inconstante era sua posição ou condição ali, e menos concreto era seu reflexo.

De vez em quando via-se um movimento bruxuleante na rua escura: alguém surgia, dava uns passos e ia embora, ou flutuava pelo chão, como se voasse. Muita gente podia adentrar *Tel'aran'rhiod* em sonhos, porém apenas por um breve instante. O que era uma grande sorte. Outra característica do Mundo dos Sonhos era que tudo o que ocorresse ali afetava a realidade do mundo desperto. Se alguém morresse ali, não acordava. Um estranho reflexo. Mas o calor era idêntico.

Nynaeve estava ali, parada, usando um vestido branco de Aceita com faixas na bainha, impaciente ao lado de Sivan e Leane. Também usava o bracelete de prata, embora ele não se conectasse dali com o mundo desperto. O bracelete ainda controlava Moghedien, mas Nynaeve, fora do corpo, não sentiria nada através dele. Leane ostentava uma aparência esbelta e majestosa, mas, na opinião de Elayne, o vestido domanês de seda fina, pouquíssimo opaco, prejudicava um pouco a elegância. As cores também não paravam de mudar — o tipo de coisa que acontecia até que a pessoa aprendesse a se virar por ali. Sivan estava melhor. Usava um vestido simples de seda azul, com decote baixo o suficiente para exibir o anel retorcido preso em um colar. Vez por outra, no entanto, brotavam enfeites de renda pelo vestido, e o colar passava de uma simples corrente de prata a uma elaborada peça com rubis, gotas de fogo ou esmeraldas cravejadas em ouro, com os brincos combinando, logo em seguida retornando à corrente simples.

O anel que pendia do pescoço de Sivan era o original, e ela tinha a mesma concretude de qualquer um dos edifícios. Elayne, a seus próprios olhos, parecia igualmente concreta, mas sabia que seu aspecto aos olhos das outras era um pouco indistinto, tal qual o de Nynaeve e Leane. Parecia possível ver o luar através de seus corpos. Era o resultado de usar uma das cópias. Dava para sentir a Fonte Verdadeira, mas daquele jeito *saidar* era tênue — se tentasse canalizar, a canalização também seria fraca. Com o anel de Sivan, não. Mas era o preço que se pagava por ter seus segredos mais irreveláveis expostos a terceiros. Sivan confiava mais no original do que nas cópias de Elayne, então o usava — ou às vezes Leane usava —, enquanto Elayne e Nynaeve, que tinham acesso a *saidar*, precisavam se contentar com os outros.

— Onde elas estão? — inquiriu Sivan. Seu decote subia e descia. O vestido estava verde, com uma imensa fileira de pedras-da-lua no decote. — Já é péssimo que queiram meter o remo no meu barco e remar do jeito que bem entenderem, agora ainda por cima me deixam esperando.

— Não sei por que você se incomoda tanto em esperá-las chegar — retrucou Leane. — Você gosta de

ver as garotas errarem. Elas não sabem metade do que acham que sabem. — Por um instante, o vestido dela ficou quase transparente. Um pesado colar de pérolas grandes surgiu ao redor de seu pescoço e desapareceu. A mulher não percebeu. Tinha ainda menos experiência com aquele lugar do que Siuan.

— Preciso dormir de verdade — resmungou Siuan. — Bryne tenta me matar de trabalhar. Mas preciso esperar de boa vontade duas mulheres que vão passar metade da noite lembrando como se anda. Sem falar nessas duas me estorvando. — Ao avistar Elayne e Nynaeve, franziu o cenho e revirou os olhos.

Nynaeve agarrou a trança com firmeza, indicação precisa de que estava ficando irritada. Pela primeira vez, Elayne concordou plenamente com a irritação. Era muito difícil ensinar a alunas que acreditavam saber mais do que de fato sabiam e que se achavam no direito de repreender a professora quando não aceitavam o contrário. Claro, as outras eram muito piores do que Siuan ou Leane. *Onde* estavam as outras?

Um movimento surgiu na rua. Seis mulheres envoltas no brilho tênue de *saidar*, que não desapareceram. Como de costume, Sheriam e o restante do conselho tinham se transportado em sonho a seus próprios aposentos e ido para a rua. Elayne não sabia ao certo quanto elas já compreendiam acerca dos atributos de *Tel'aran'rhiod*. De todo modo, as mulheres com frequência insistiam em fazer coisas do próprio jeito, mesmo quando havia um modo melhor de fazê-las. Quem poderia saber mais que uma Aes Sedai?

As seis mulheres recém-chegadas de fato eram novatas em *Tel'aran'rhiod*, e a cada vez que Elayne as olhava seus vestidos tinham mudado. De início, uma delas usava o xale bordado de Aes Sedai, com franjas na cor de sua Ajah e a Chama de Tar Valon — uma robusta lágrima branca — bordada na parte de trás. Depois quatro delas vestiam o xale. Depois nenhuma. Por vezes, alguma usava uma capa leve de viagem daquelas que só servem para impedir a poeira da estrada de sujar as roupas, sempre com a Chama atrás e do lado esquerdo do peito. Suas feições etéreas não se mostravam afetadas pelo calor, claro — as Aes Sedai nunca demonstravam sentir calor —, nem que estavam cientes das alterações em suas vestimentas.

As mulheres pareciam tão indistintas quanto Nynaeve ou Leane. Sheriam e as outras confiavam mais nos *ter'angreal* que requeriam canalização para adentrar os sonhos do que nos anéis. Simplesmente não pareciam querer crer que *Tel'aran'rhiod* não tinha relação alguma com o Poder Único. Pelo menos Elayne não podia dizer quais delas estavam usando as cópias. Dentre as mulheres, haveria três com um disquinho feito de um material que um dia fora ferro, gravado dos dois lados com uma espiral compacta e acionado por um fluxo de Espírito, o único dos Cinco Poderes capaz de ser canalizado durante o sono — com exceção de onde estavam, é claro. As outras três estariam portando pequenas placas que um dia foram de âmbar, com uma mulher dormindo gravada dentro de cada uma. Ainda que tivesse diante de si todos os seis *ter'angreal*, Elayne não seria capaz de distinguir os três originais. As cópias tinham saído muito boas. Mesmo assim, eram cópias.

Pôde ouvir o fim da conversa enquanto as Aes Sedai vinham descendo a rua de terra batida, mas não entendeu nada.

— ... vão desdenhar da nossa escolha, Carlinya — dizia Sheriam, com seus cabelos de fogo —, mas vão desprezar qualquer escolha que façamos. Nós podemos muito bem manter a nossa decisão. Você não precisa que eu liste os motivos outra vez.

Morvrin, uma corpulenta irmã Marrom com mechas grisalhas nos cabelos, riu com desdém.

— Depois de todo o nosso trabalho com o Salão, teríamos um trabalhão para fazê-las mudar de ideia.

— Desde que nenhum governante nos ridicularize, de que isso nos importa? — indagou Myrelle, em um tom acalorado. A mais jovem das seis, Aes Sedai havia poucos anos, ela parecia bastante irritada.

— Que governante ousaria? — perguntou Anaiya, parecendo uma dona de casa inquirindo que criança ousaria pisar em seus carpetes com os sapatos sujos de lama. — De todo modo, nenhum rei ou rainha sabe o bastante do que se passa entre as Aes Sedai para entender. Só a opinião das irmãs deve ser motivo de preocupação, não a deles.

— O que me preocupa — retrucou Carlinya, impassível — é que, se tivermos facilidade em manipulá-la, outros também podem ter. — A irmã Branca, de pele pálida e olhos quase negros, estava sempre impassível, alguns diriam gélida.

Fosse qual fosse o assunto, não era nada que quisessem debater na frente de Elayne e das outras. Logo antes de encontrá-las, as mulheres se calaram.

Siuan e Leane reagiram às recém-chegadas dando subitamente as costas uma para a outra, como se sua conversa tivesse sido interrompida pelas Aes Sedai. Elayne, por sua vez, na mesma hora baixou a cabeça para conferir o vestido. Era o correto, branco com as listras. Não sabia como se sentia a respeito de ter surgido, sem nem pensar, já com o vestido certo — podia apostar que Nynaeve tivera de trocar a roupa depois de chegar. Por outro lado, Nynaeve era muito mais intrépida do que ela, desafiando limites aos quais ela mesma se sujeitara. Como conseguiria governar Andor? Isso se sua mãe estivesse morta. Se.

Sheriam, meio gorducha e com as maçãs do rosto proeminentes, voltou os olhos verdes e oblíquos para Siuan e Leane. Por um momento, usava um xale de franjas azuis.

— Se vocês duas não aprenderem a se dar bem, juro que as mandarei para Tiana. — Parecia algo dito com tanta frequência que já perdera o tom de ameaça.

— Vocês trabalharam juntas por bastante tempo — interveio Beonin, com seu sotaque taraboniano carregado. Era uma bela irmã Cinza, com cabelos cor de mel em uma infinidade de tranças e olhos azuis acinzentados que pareciam sempre sobressaltados. No entanto, nada surpreendia Beonin. A cada novo dia, ela só acreditava no nascer do sol se o visse com os próprios olhos, e Elayne achava que, se alguma manhã não visse o sol nascer, Beonin não arrepriaria um só fio de cabelo. Só se consideraria vingada por sempre ter exigido provas. — Então podem e devem trabalhar juntas outra vez.

Beonin soava como se tivesse dito aquilo tantas vezes que mal tinha que pensar para repetir a frase. Todas as Aes Sedai estavam acostumadas com Siuan e Leane. Tinham começado a tratá-las da mesma forma que tratariam garotinhas incapazes de parar de brigar. As Aes Sedai de fato tendiam a ver qualquer adulto como criança. Até aquelas duas, que um dia haviam sido suas irmãs.

— Você pode mandar as duas para Tiana ou não — vociferou Myrelle —, mas pare de falar nisso. — Elayne não achava que a mulher de beleza soturna estivesse irritada com Siuan ou Leane. Talvez não fosse nada ou ninguém em particular. Seu temperamento difícil era famoso até entre as Verdes. O vestido de seda amarelo-ouro passou a ostentar uma gola alta, mas com um recorte oval que expunha o topo dos seios. Ela também usava um colar curioso, uma larga gargantilha de prata sustentando três pequenas adagas cujos punhos repousavam sobre o decote. Uma quarta adaga apareceu e desapareceu tão depressa que poderia ter sido imaginação. Ela olhou Nynaeve de cima a baixo, como se buscasse alguma imperfeição. — Estamos indo para a Torre ou não? Se temos que fazer isso, podemos muito bem aproveitar o tempo gasto para fazer algo de útil.

Elayne então entendeu o motivo da irritação de Myrelle. Logo que ela e Nynaeve chegaram a Salidar, tinham encontros com Egwene em *Tel'aran'rhiod* a cada sete dias para compartilhar suas descobertas. O que nem sempre era fácil, já que Egwene era acompanhada de pelo menos uma das Andarilhas do Sonho Aiel com quem estava estudando. Encontrar-se sem uma ou duas das Sábias fora um tanto difícil. De todo modo, tudo aquilo acabou quando elas chegaram a Salidar. Aquelas seis Aes Sedai do conselho de Sheriam tinham assumido o controle dos encontros, mas tinham apenas os três *ter'angreal* originais e pouco conhecimento acerca de *Tel'aran'rhiod* além de como adentrá-lo. Tinha sido exatamente na época em que Egwene fora ferida, de forma que as Aes Sedai tinham que lidar sozinhas com as Sábias. Eram encontros de dois grupos de mulheres orgulhosas e resolutas, cada um desconfiado do que o outro queria, nenhum disposto a ceder ou baixar a cabeça um tantinho que fosse.

Claro que Elayne não sabia o que se passava nessas reuniões, mas tomava por base as próprias

experiências e os fragmentos de informação que Sheriam e as outras deixavam escapar aqui e ali.

As Aes Sedai estavam convencidas de que eram capazes de aprender qualquer coisa que pudesse ser aprendida, além de em geral sempre exigirem o respeito dispensado às rainhas e sempre esperarem que tudo lhes fosse revelado sem protestos nem delongas. Ao que parecia, as mulheres da Torre tinham exigido resposta para tudo: os planos de Rand, quando Egwene estaria em condições de retornar ao Mundo dos Sonhos e até se havia a possibilidade de espionar sonhos alheios em *Tel'aran'rhiod*, de adentrar fisicamente o Mundo dos Sonhos ou de levar alguém para o sonho à revelia. Tinham até perguntado mais de uma vez se era possível afetar o mundo real a partir do que se fazia no sonho, impossibilidade da qual pareciam duvidar. Morvrin já estudara um pouco alguns escritos sobre *Tel'aran'rhiod*, o suficiente para ter um sem-fim de dúvidas, embora Elayne desconfiasse de que Siuan fosse responsável por uma parte. Achava que Siuan estava tramando algum artil para participar das reuniões, mas as Aes Sedai pareciam crer que já era o bastante dar a ela salvo-conduto para usar o anel a fim de auxiliar no trabalho com os olhos-e-ouvidos. A antiga Amyrlin só se incomodava realmente com a interferência de Aes Sedai em seu trabalho.

Quanto às Aiel... as Sábias — ao menos as Andarilhas dos Sonhos —, pelo que Elayne percebera a partir dos próprios encontros, elas não apenas sabiam praticamente tudo o que havia para se saber a respeito do Mundo dos Sonhos, como também o consideravam quase uma propriedade particular. Não gostavam que ninguém fosse até lá na ignorância e lidavam de forma muito rigorosa com qualquer atitude que julgassem tola. Além do mais, eram um grupo reticente e, ao que parecia, extremamente leal a Rand e que não estava disposto a revelar muito mais do que o fato de ele estar vivo ou de que Egwene retornaria a *Tel'aran'rhiod* quando estivesse em condições. Também não mostravam a menor disposição a responder às perguntas que consideravam inapropriadas — o que podia significar tanto que não confiavam que os conhecimentos do inquiridor fossem suficientes para a resposta, ou que a pergunta, a resposta ou ambas de alguma forma violavam sua estranha filosofia de honra e obrigação. Elayne sabia pouco sobre o *ji'e'toh* — tudo o que sabia era que aquilo existia e que gerava comportamentos bastante peculiares e delicados.

De todo modo, era a receita para o desastre, e Elayne achava muito provável que esse prato fosse servido fresco a cada sete dias, pelo menos do ponto de vista das Aes Sedai.

A princípio, Sheriam e as outras cinco tinham requisitado aulas todas as noites, mas agora as solicitavam em apenas duas ocasiões: na véspera da reunião com as Sábias, como se para apurar as habilidades antes do dia da competição, e na noite seguinte, quando em geral estavam mais quietas, como se para processar o que dera errado e como contra-atacar. Myrelle decerto já fervilhava de agitação por conta do desastre da noite que viria em seguida. Era certo que haveria algum.

Morvrin virou-se para Myrelle e abriu a boca, mas outra mulher surgiu de repente entre elas. Elayne levou um instante para reconhecer as feições sem idade de Gera, uma das cozinheiras. Vestida com o xale de franjas verdes com a Chama de Tar Valon e pesando menos da metade de seu peso verdadeiro, Gera ergueu um dedo admonitório para as Aes Sedai... e desapareceu.

— Quer dizer então que é com isso que ela sonha? — perguntou Carlinya, com frieza. Mangas pontudas cresceram em seu vestido de seda alvíssima, cobrindo as mãos, e uma gola alta e justa se projetou sob o queixo. — Alguém devia ter uma conversa com ela.

— Deixe para lá, Carlinya — retrucou Anaiya, com uma risadinha. — Gera é uma boa cozinheira. Eu até entendo o atrativo desses pensamentos. — Ela de repente ficou mais magra e alta. Suas feições em si não se alteraram: era o mesmo rosto inexpressivo e maternal de sempre. Com uma risada, a mulher mudou de volta. — Será que você nunca vê diversão em nada, Carlinya?

Até a fungada desdenhosa de Carlinya em resposta foi fria.

— Gera com certeza nos viu — interveio Morvrin. — Mas será que vai se lembrar? — Seus duros olhos escuros estavam pensativos. O vestido de lã escura e lisa era o mais estável dos seis. Alguns detalhes

mudavam, mas era uma mudança tão sutil que Elayne não conseguia de fato dizer o que havia de diferente.

— É claro que vai — respondeu Nynaeve, em um tom amargo. Já explicara isso. Seis Aes Sedai a encararam com as sobrancelhas erguidas, e ela moderou o tom. Um pouco. Também odiava esfregar panelas. — Se ela se lembrar do sonho, vai se lembrar. Mas só como sonho.

Morvrin franziu o cenho. Queria uma prova, quase como Beonin. A expressão extremamente aborrecida de Nynaeve traria problemas, fosse qual fosse seu tom. Antes que Elayne pudesse dizer algo que desviasse o foco das Aes Sedai da amiga, Leane abriu a boca, exibindo no rosto um sorrisinho quase afetado:

— Vocês não acham que a gente deveria ir agora?

Siuan bufou de desdém em resposta à timidez da mulher, e Leane cravou os olhos penetrantes nela.

— Pois sim, você com certeza quer passar o máximo de tempo possível na Torre — retrucou Siuan, num tom acanhado, e Leane fungou.

Elas realmente atuavam muito bem. Sheriam e as outras sequer suspeitavam de que Siuan e Leane fossem mais do que duas mulheres estancadas agarrando-se a um propósito que preservasse sua vida, agarrando-se às rebarbas do que um dia haviam sido. Duas mulheres infantis tentando o tempo inteiro irritar uma à outra. As Aes Sedai não deveriam ter se esquecido da fama de manipuladora voluntariosa de Siuan, sempre cheia de artimanhas — assim como Leane, ainda que em menor grau. Se aquelas duas tivessem demonstrado união ou revelado suas verdadeiras faces, as seis Aes Sedai teriam se lembrado disso e considerariam com muita atenção todas as declarações da dupla. Porém, divididas e destilando rancor uma para cima da outra, quase sem perceber que praticamente rastejavam aos pés das Aes Sedai... nesse caso, quando uma era forçada a concordar com o que a outra dizia, a sugestão vinha com maior peso. Quando uma se opunha com base em argumentos claramente frívolos, também. Elayne sabia que o objetivo do fingimento era levar Sheriam e as outras a apoiarem Rand. Só desejava saber os outros propósitos para os quais empregavam o ardil.

— Elas têm razão — interveio Nynaeve, com firmeza, lançando um olhar enojado para Siuan e Leane. Aquele disfarce a aborrecia ao extremo: Nynaeve jamais se rebaixaria, nem que a própria vida dependesse disso. — A essa altura, vocês já devem saber que quanto mais tempo passam aqui, menos descansam de verdade. O sono enquanto se está em *Tel'aran'rhiol* não é reparador feito o sono comum. Agora, lembrem-se de tomar cuidado caso vejam qualquer coisa fora do normal. — Ela de fato odiava ter que se repetir, e seu tom de voz deixava isso bem claro. E Elayne precisava admitir que, em se tratando daquelas mulheres, se repetir era muitas vezes necessário. Se pelo menos Nynaeve não parecesse estar falando com crianças desmioladas... — Quando alguém adentra *Tel'aran'rhiol* em sonho, feito Gera, mas está tendo um pesadelo, às vezes o pesadelo persiste. E eles são muito perigosos. Evitem tudo o que parecer incomum. E tentem controlar os pensamentos, desta vez. O que vocês pensam aqui pode se tornar real. Aquele Myrddraal que apareceu do nada da última vez pode até ter sido resquício de um pesadelo, mas acho que foi uma de vocês que deixou a mente vagar. Vocês estavam falando sobre Ajah Negra, se não se lembram, debatendo se elas estariam permitindo a entrada de Crias da Sombra na Torre. — Como se tudo aquilo já não fosse péssimo, Nynaeve ainda acrescentou: — Vocês não vão impressionar as Sábias amanhã à noite se chamarem um Myrddraal.

Elayne estremeceu.

— Criança — retrucou Anaiya, com gentileza, ajustando o xale de franjas azuis que de súbito surgiu sobre seus braços —, você tem feito um excelente trabalho, mas isso não é desculpa para falar com tamanha irritação.

— Você ganhou muitos privilégios — concordou Myrelle, sem o mesmo tom gentil —, mas parece estar se esquecendo de que são *privilégios*. — Sua carranca devia ter sido suficiente para fazer até Nynaeve estremeecer. Myrelle, nas semanas anteriores, agira de maneira cada vez mais dura com a Aceita. E agora também usava o xale. Todas usavam. Péssimo sinal.

Morvrin bufou audivelmente.

— Quando eu era Aceita, qualquer garota que falasse com uma Aes Sedai dessa maneira teria passado o mês esfregando o chão, mesmo que estivesse para ser elevada no dia seguinte.

Elayne mais que depressa se pronunciou, torcendo para conseguir se antecipar ao desastre. Nynaeve pusera no rosto o que ela acreditava ser uma expressão de complacência, porém estava mais para uma careta emburrada e teimosa.

— Tenho certeza de que ela não teve a menor intenção, Aes Sedai. Temos trabalhado demais. Por favor, nos perdoe. — Incluir a si mesma poderia ser de alguma ajuda, já que não tinha feito nada. E poderia fazer com que as duas acabassem esfregando o chão. Pelo menos aquilo fez Nynaeve olhar para ela. E, ao que parecia, a levou a refletir, já que a amiga assumiu uma expressão de fato complacente, fez uma mesura e encarou o chão, como se estivesse envergonhada. E talvez estivesse mesmo. Talvez. Elayne apressou-se em prosseguir, como se Nynaeve tivesse pedido desculpas formais e as outras tivessem aceitado. — Sei que todas vocês querem passar o máximo de tempo possível na Torre, então talvez seja melhor não nos demormos mais? Que tal se todas visualizarem o gabinete de Elaida da maneira exata como o viram da última vez? — Ali em Salidar, Elaida jamais era chamada de Amyrlin. Da mesma forma, o gabinete da Amyrlin na Torre Branca tivera o nome alterado. — Peço que todas visualizem o lugar bem fixamente, para que cheguemos lá juntas.

Anaiya foi a primeira a assentir, mas até Carlinya e Beonin se deixaram contornar.

Não ficou claro se as dez mulheres se deslocaram ou se foi *Tel'aran'rhiod* que se deslocou em torno delas. Poderia ter sido ambas as coisas, pelo pouco que Elayne de fato compreendia. O Mundo dos Sonhos era de uma maleabilidade quase infinita. Primeiro estavam todas na rua em Salidar, mas, no instante seguinte, se viram no interior de um aposento grande e todo ornamentado. As Aes Sedai assentiram, satisfeitas, ainda inexperientes a ponto de se contentar com tudo o que funcionasse de acordo com o planejado.

Assim como *Tel'aran'rhiod* refletia o mundo desperto, aquele aposento refletia o poder das mulheres que o haviam ocupado durante os últimos três mil anos. Os grandes abajures de chão dourados estavam apagados, mas havia luz, à maneira estranha dos sonhos e de *Tel'aran'rhiod*. A comprida lareira era de mármore dourado de Kandor, e o chão, de pedra vermelha polida das Montanhas da Névoa. Os painéis das paredes tinham sido instalados havia relativamente pouco tempo, meros mil anos. Eram de madeira clara, com linhas desiguais e entalhes de bestas e pássaros maravilhosos, que Elayne tinha certeza de serem originários da imaginação do escultor. Reluzentes pedras peroladas emolduravam as imensas janelas em arco que levavam até a sacada com vista para o jardim particular da Amyrlin — aquela pedra fora extraída de uma cidade sem nome, submersa no Mar das Tempestades durante a Ruptura do Mundo, e ninguém jamais encontrara material similar.

Cada mulher que utilizava aquele aposento deixava ali sua própria marca, ainda que apenas durante o período de sua posse, e com Elaida não era diferente. Uma pesada cadeira com ares de trono, com uma Chama de Tar Valon de marfim coroando o espaldar alto, jazia atrás de uma pesada escrivaninha ornamentada com entalhes de três anéis conectados. Sobre a mesa havia apenas três caixas de laca altaranas, cada uma precisamente à mesma distância das outras. Um vaso branco liso repousava no topo de um austero pedestal recostado a uma parede. O vaso continha rosas cujo número e cor mudavam a cada olhada, porém sempre dispostas em arranjos muito sóbrios e rígidos. Rosas naquela época do ano, com aquele clima! O Poder Único fora *desperdiçado* só para fazê-las florescer. Elaida fazia o mesmo quando era conselheira da mãe de Elayne.

Acima da lareira estava pendurada uma pintura no novo estilo, em lona estendida, de dois homens lutando entre as nuvens, disparando raios. Um deles tinha rosto de fogo, o outro era Rand. Elayne estivera em Falme durante aquele episódio, e a pintura não estava muito longe da realidade. A tela fora rasgada bem em cima do rosto de Rand, ao que parecia pelo arremesso de um objeto pesado, e havia um remendo quase invisível.

Estava claro que Elaida queria uma lembrança constante do Dragão Renascido — e estava igualmente claro que a mulher não ficava muito feliz em ter que olhar para ele.

— Se me dão licença — pediu Leane, antes mesmo que todas terminassem de menear a cabeça, satisfeitas —, preciso ver se meu povo recebeu minhas mensagens.

Todas as Ajahs, exceto a Branca, tinham uma rede de olhos-e-ouvidos espalhada pelas nações, e um bom número de Aes Sedai tinha sua rede própria, mas Leane era rara, talvez única — como Curadora, criara uma rede dentro da própria Tar Valon. No instante em que falou, a mulher desapareceu.

— Ela não devia andar por aqui sozinha — comentou Sheriam, exasperada. — Nynaeve, vá atrás dela. E fiquem juntas.

Nynaeve deu um puxão na trança.

— Eu não acho que...

— Você “não acha” um pouco demais — interrompeu Myrelle. — Pelo menos uma vez na vida, Aceita, faça o que lhe for mandado. E na hora em que for mandado.

Trocando um olhar azedo com Elayne, Nynaeve assentiu, claramente engolindo uma bufada, e desapareceu. Elayne não foi muito simpática ao sofrimento da amiga. Se Nynaeve não tivesse cedido à própria irritação em Salidar, talvez tivesse podido explicar que seria impossível encontrar Leane, que a mulher podia estar em qualquer lugar da cidade e que fazia semanas que ela vinha se aventurando sozinha em *Tel’aran’rhiod*.

— Agora vamos ver o que podemos descobrir — disse Morvrin.

Porém, antes que as outras pudessem se mexer, Elaida surgiu atrás da escrivanhinha, os olhos vidrados. Uma mulher inflexível, de beleza masculina e olhos e cabelos escuros, Elaida usava um vestido vermelho-sangue e a estola listrada do Trono de Amyrlin por sobre os ombros.

— Como eu Previ — entoou. — A Torre Branca vai se reunir sob o meu comando. Sob o *meu* comando! — Ela apontou para o chão, irritada. — Ajoelhem-se e peçam perdão por seus pecados! — Com isso, ela sumiu.

Elayne soltou um longo suspiro, então sentiu-se grata ao perceber que não fora a única.

— Uma Previsão? — Beonin franziu a testa, pensativa. Não parecia preocupada, mas poderia muito bem estar. Elaida de fato tinha o dom da Previsão, ainda que não fosse constante. Quando a Previsão dominava uma mulher e ela previa um acontecimento, acontecia.

— Um sonho — retrucou Elayne, e ficou surpresa em ver como sua voz estava firme. — Ela está dormindo e sonhando. Não me admira que sonhe tudo conforme seu gosto. — *Por favor, Luz, que seja apenas isso.*

— Perceberam a estola? — perguntou Anaiya, a ninguém em particular. — Não tinha listra azul. — A estola da Amyrlin deveria exibir uma listra para cada uma das sete Ajahs.

— Um sonho — repetiu Sheriam, inexpressiva. Soava destemida, mas usava outra vez o xale de franjas azuis, que apertava em volta do corpo. Anaiya também.

— Seja isso ou não — interveio Morvrin, muito calma —, é melhor fazermos o que viemos fazer. — Pouca coisa a amedrontava.

A súbita agitação desencadeada pelas palavras da irmã Marrom deixou muito claro como todas tinham ficado paralisadas. Ela, Carlinya e Anaiya mais que depressa saíram para a antessala, onde estaria a mesa de trabalho da Curadora — Alviarin Freidhen, sob as ordens de Elaida. Uma Branca, por estranho que fosse, já que a Curadora *sempre* vinha da mesma Ajah da Amyrlin.

Siuan olhou irritada para as mulheres que saíam. Ela sempre dizia que havia mais a se descobrir com os papéis de Alviarin do que os de Elaida, pois a Branca às vezes parecia saber mais do que a mulher a quem supostamente servia, e por duas vezes Siuan encontrou provas de que Alviarin havia ido contra as ordens de Elaida sem repercussão aparente. Não que tivesse revelado tais ordens a Elayne ou Nynaeve. O que Siuan

decidia compartilhar era bem limitado.

Sheriam, Beonin e Myrelle se reuniram diante da mesa de Elaida, abriram uma das caixas de laca e começaram a revirar os papéis lá dentro. Era ali que Elaida guardava as correspondências e os relatórios recentes. A caixa, entalhada com gaviões dourados lutando entre as nuvens brancas de um céu azul, cismava em fechar de repente toda vez que uma delas soltava a tampa, até que as mulheres se lembraram de mantê-la presa, mas os papéis também se modificavam durante a leitura. Papel era mesmo uma matéria efêmera. Entre *tsc*, *tsc* exaltados e suspiros de irritação, as Aes Sedai perseveraram.

— Aqui tem um relatório de Danelle — anunciou Myrelle, passando os olhos por uma das folhas. Siuan tentou juntar-se a elas, pois Danelle, uma jovem Marrom, fizera parte do grupo de conspiradoras que a depusera; mas Beonin olhou feio para a antiga Amyrlin, que retornou para o canto, resmungando sozinha. Beonin voltou a atenção à caixa e aos documentos antes mesmo que Siuan desse três passos, e as outras duas nem sequer perceberam a troca. Myrelle continuou: — Ela diz que Mattin Stepaneos aceita cordialmente, que Roedran ainda está tentando ouvir de todos os lados e que Alliandre e Tylin querem mais tempo para considerar a resposta. Tem uma observação aqui, na caligrafia de Elaida: “Pressione-os!” — A mulher estalou a língua enquanto o relatório se desfazia em suas mãos, transformando-se em ar. — Não dizia em relação ao quê, mas só pode haver duas possibilidades que envolva aqueles quatro.

Mattin Stepaneos era Rei de Illian, e Roedran, de Murandy, enquanto Alliandre era Rainha de Ghealdan, e Tylin, de Altara. O assunto só podia ser Rand ou as Aes Sedai em oposição a Elaida.

— Pelo menos sabemos que nossas emissárias ainda têm as mesmas chances que as de Elaida — comentou Sheriam.

Claro, Salidar não mandara ninguém até Mattin Stepaneos, pois Lorde Brend, do Conselho dos Nove — na verdade Sammael —, era quem detinha o poder em Illian. Elayne queria muito poder saber que proposta de Elaida Sammael estava disposto a apoiar, ou pelo menos permitir que Mattin Stepaneos dissesse que ele iria apoiar. Tinha certeza de que as três Aes Sedai também queriam muito saber, mas elas apenas continuaram pegando documentos de dentro da caixa de laca.

— O mandado de prisão para Moiraine ainda está em vigor — anunciou Beonin, balançando a cabeça enquanto a folha em sua mão de súbito se transformava em um grosso calhamaço de papéis. — Ela ainda não sabe que Moiraine morreu. — Franzindo o cenho para os papéis, ela os deixou cair. As folhas se espalharam e se dissolveram no ar antes de chegar ao chão. — E Elaida continua pretendendo construir um palácio para si.

— Bem típico dela — retrucou Sheriam, num tom seco. Estendeu a mão com um tranco e apanhou o que parecia um bilhete. — Shemerin fugiu. A *Aceita* Shemerin.

As três olharam para Elayne antes de voltar a atenção à caixa, que tiveram que abrir outra vez. Ninguém fez qualquer comentário em relação às palavras de Sheriam.

Elayne quase rangeu os dentes. Ela e Nynaeve tinham dito às outras que Elaida estava rebaixando Shemerin, uma irmã Amarela, a *Aceita*, mas elas naturalmente não tinham acreditado. Era possível obrigar uma Aes Sedai a cumprir penitências, era possível bani-la, mas não era possível rebaixá-la, a não ser que fosse estancada. Porém, fora exatamente isso que Elaida fizera, fossem quais fossem as leis da Torre. Talvez ela estivesse reescrevendo as leis da Torre.

A verdade era que muitas coisas que haviam contado àquelas mulheres não tinham sido levadas a sério. Moças tão novas, *Aceitas*, não podiam ter tanto conhecimento sobre o mundo a ponto de saberem o que podia ou não ser verdade. Jovens eram crédulas, ingênuas, podiam muito bem ver e acreditar em algo que com certeza não existia. Elayne se esforçou para não bater o pé. Uma *Aceita* aceitava o que as Aes Sedai desejassem oferecer e não pedia o que as Aes Sedai escolhessem guardar para si. Como pedidos de desculpas. A Filha-herdeira preservou o rosto sereno e conteve a ira.

Siuan não se sentia presa a tais amarras. Pelo menos, não na maior parte do tempo. Quando as Aes Sedai

não estavam olhando, sempre lhes dispensava uma carranca. Naturalmente, se uma das três lhe dirigisse o olhar, ela na mesma hora assumia uma expressão mansa. Era muito experiente nisso. Um leão sobrevive sendo leão, dissera certa vez a Elayne, e um rato, sendo rato. Mas Siuan dava um rato muito pertinaz.

Elayne pensou ter detectado preocupação nos olhos da antiga Amyrlin. Aquela tarefa fora dela desde que Siuan provara às Aes Sedai que podia usar o anel com segurança — na verdade, depois de ela e Leane terem aulas secretas ministradas por Nynaeve e Elayne —, além de ser uma excelente fonte de informações. Restabelecer contato com os olhos-e-ouvidos espalhados pelas nações e redirecionar os informes da Torre para Salidar levava tempo. Se Sheriam e as outras pretendiam assumir o controle daquilo, Siuan poderia se tornar menos útil. Nenhuma rede de agentes da história da Torre jamais fora comandada por ninguém menos que uma irmã completa antes que a antiga Amyrlin chegasse a Salidar com seu conhecimento sobre os olhos-e-ouvidos do Trono e da Ajah Azul, que ela comandara antes de se tornar Amyrlin. Beonin e Carlinya mostravam relutância em depender de uma mulher que já não era uma delas, e as outras não pareciam pensar muito diferente. Verdade fosse dita, nenhuma delas se sentia muito confortável perto de uma mulher estancada.

E também não havia nada que Elayne pudesse fazer. As Aes Sedai poderiam chamar aquilo de instrução, poderiam até pensar que fosse, mas ela sabia por experiência própria que, se tentasse ensinar qualquer coisa sem que lhe fosse solicitado, seria repreendida na hora. Estava ali para responder às perguntas e nada mais. Pensou em um banquinho que apareceu na mesma hora — tinha entalhes de vinhas nos pés —, e se sentou para esperar. Uma cadeira seria mais confortável, mas talvez gerasse comentários. Uma Aceita sentada muito confortavelmente em geral era considerada uma Aceita sem tarefas o bastante. Depois de um instante, Siuan conjurou um banquinho quase idêntico e abriu um sorriso tenso para Elayne... e uma careta de desprezo para as costas das Aes Sedai.

Da primeira vez que Elayne visitara aquele aposento em *Tel'aran'rhiod*, havia um semicírculo de banquinhos similares, uma dúzia ou mais, diante da robusta mesa entalhada. A cada visita havia menos, e agora, ela não via nenhum. Tinha certeza de que isso indicava alguma coisa, embora não conseguisse imaginar o quê. Tinha certeza de que Siuan pensava o mesmo e que, muito provavelmente, já desvendara a razão. Mas, se era o caso, não compartilhara a explicação com Elayne e Nynaeve.

— Os combates em Shienar e Arafel estão arrefecendo — murmurou Sheriam, meio que para si mesma —, mas ainda não tem nada aqui que indique por que começaram. Apenas escaramuças, só que os homens da Fronteira não lutam entre si. Eles têm que lidar com a Praga. — Ela era de Saldaea, uma das Terras da Fronteira.

— Pelo menos a Praga continua em paz — comentou Myrelle. — Paz até demais. Isso não vai durar muito. Ainda bem que Elaida tem muitos olhos-e-ouvidos pelas Terras da Fronteira.

Siuan conseguiu estremecer ao mesmo tempo que olhava feio para Myrelle. Elayne achava que a antiga Amyrlin ainda não conseguira entrar em contato com seus agentes nas Terras da Fronteira, muito longe de Salidar.

— Eu ficaria mais tranquila se pudéssemos dizer o mesmo de Tarabon. — A folha na mão de Beonin ficou maior e mais larga. Ela deu uma olhadela, fungou e deixou-a de lado. — Os olhos-e-ouvidos em Tarabon, eles andam quietos. Todos eles. A única notícia que Elaida tem de Tarabon são os rumores de Amadícia de que as Aes Sedai estão envolvidas na guerra. — Ela balançou a cabeça, pensando no absurdo de depositar tais rumores em uma folha de papel. As Aes Sedai não se envolviam em guerras civis. Pelo menos não abertamente a ponto de serem detectadas. — E, ao que parece, há apenas uns poucos relatos confusos de Arad Doman.

— Dentro em breve nós mesmas saberemos de Tarabon — disse Sheriam, em um tom tranquilo. — Só mais algumas semanas.

A busca prosseguiu por horas. Os documentos nunca escasseavam, a caixa de laca estava sempre cheia. Inclusive, a pilha às vezes crescia com a retirada de uma folha. Claro que apenas as menores mantinham sua concretude por tempo suficiente para serem lidas por completo, mas de vez em quando uma carta ou um relatório já visualizado despontava outra vez na caixa. Havia longos períodos de silêncio, mas alguns documentos provocavam comentários, e uns poucos suscitavam discussões entre as Aes Sedai. Siuan começou a trançar um barbante, brincando de cama de gato sozinha, em aparente desatenção. Elayne desejou poder fazer o mesmo, ou melhor, poder ler um pouco — um livro surgiu no chão a seus pés, *As Jornadas de Jain, o Viajante*, e ela logo o fez desaparecer —, mas as mulheres que não eram Aes Sedai tinham mais liberdade do que as ainda em treinamento. Contudo, ouvindo a conversa, ela descobriu algumas coisas.

O envolvimento de Aes Sedai em Tarabon não foi o único boato que chegou à escritaninha de Elaida. Havia rumores de que a reunião de Pedron Niall com os Mantos-brancos tivera muitos objetivos, como tomar o trono de Amadícia — o que sem dúvida ele não precisava fazer —, reprimir as guerras e a anarquia em Tarabon e Arad Doman, e até *apoiar* Rand. Elayne só acreditaria nisso quando o sol nascesse no oeste. Havia relatos de acontecimentos estranhos em Illian e Cairhien: aldeias tomadas pela loucura, pesadelos ambulantes à luz do dia, bezerros falantes de duas cabeças, Crias da Sombra se materializando do nada — talvez houvesse outros acontecimentos, mas só esses tinham sido testemunhados. Sheriam e as outras não pareceram se importar muito, pois o mesmo tipo de histórias chegava a Salidar vindas de algumas partes de Altara e Murandy e também pelo rio, de lá de Amadícia. As Aes Sedai achavam que fosse histeria do povo por saber do Dragão Renascido. Elayne não tinha tanta certeza. Tinha visto coisas que as outras não tinham, mesmo com tantos anos de experiência. Corria o boato de que sua mãe estava formando um exército a oeste de Andor — e ainda por cima sob a antiga bandeira de Manetheren! — e também que fora feita prisioneira por Rand e escapara para todas as nações imagináveis, incluindo as Terras da Fronteira e Amadícia — sendo que essa última era um absurdo *inimaginável*. Ao que parecia, a Torre não acreditava em nada disso. Elayne queria saber no que acreditar.

Tentou parar de sofrer por não saber o paradeiro da mãe quando ouviu Sheriam mencionar seu nome. A mulher não estava falando com ela, apenas lendo às pressas uma folha de papel quadrada, que logo se transformou em um comprido pergaminho com três selos no canto inferior. Elayne Trakand deveria ser localizada e levada de volta à Torre Branca a qualquer custo. Caso fracassasse, a encarregada “invejaria a punição de Macura”. Aquilo deixou Elayne arrepiada. Quando ela e Nynaeve estavam a caminho de Salidar, uma mulher chamada Ronde Macura chegara muito perto de mandá-las de volta à Torre feito trouxas de roupa suja. A casa governante de Andor, leu Sheriam, era “a chave” — o que não fazia o menor sentido. Chave de quê?

Nenhuma das três Aes Sedai sequer olhou na direção dela. Apenas se entreolharam e prosseguiram. Talvez tivessem se esquecido de que Elayne estava ali, mas, por outro lado, talvez não. Aes Sedai faziam o que decidiam fazer. Se Elayne seria defendida de Elaida ou se por qualquer motivo a entregariam de pés e mãos atados, isso seria decisão das Aes Sedai. “*O lúcio não pede permissão para jantar o sapo*”, costumava dizer Lini.

A reação de Elaida era evidente na condição do relatório que reportava a anistia de Rand. Elayne quase podia vê-la esmagando a folha, começando a rasgá-la e então alisando-a com frieza e depositando-a de volta na caixa. Seus acessos de fúria eram quase sempre gélidos. Elaida não escrevera nada naquele documento, porém um rabisco contumaz em outro, enumerando as Aes Sedai ainda na Torre, deixava claro que ela estava prestes a declarar publicamente que qualquer uma que não obedecesse sua ordem de retorno seria considerada traidora. Sheriam e as outras debateram essa possibilidade com toda a calma. Por mais que muitas irmãs pretendessem obedecer, algumas teriam bastante chão a percorrer — algumas talvez ainda nem tivessem recebido a convocação. De todo modo, a ordem confirmaria ao mundo os rumores sobre a cisão da Torre.

Elaida devia estar em pânico para considerar uma coisa dessas, ou talvez absolutamente fora de si.

Elayne sentiu um calafrio, e não tinha nada a ver com não saber se Elaida estava apavorada ou descontrolada. Havia duzentas e noventa e quatro Aes Sedai na Torre apoiando Elaida. Quase um terço do total, quase tantas quanto as que estavam reunidas em Salidar. Talvez o melhor a esperar disso fosse que as outras também se dividissem. Depois de um grande afluxo no início, o número que chegava a Salidar era muito pequeno. Talvez o fluxo à Torre também tivesse diminuído. Havia esperança.

Durante um tempo, as três mulheres vasculharam em silêncio. Então Beonin exclamou:

— Elaida, ela mandou emissárias a Rand al'Thor.

Elayne se levantou de um salto. Quase não conseguiu segurar a língua, mas viu Siuan cerrar o punho — o gesto um pouco comprometido pelo fracasso em fazer o barbante sumir depressa.

Sheriam procurou a folha, mas antes que sua mão a tocasse, o papel se dividiu em três.

— Para onde ela as mandou? — perguntou, ao mesmo tempo que Myrelle inquiria, com a calma e serenidade por um fio:

— Quando foi que saíram de Tar Valon?

— Para Cairhien — respondeu Beonin. — E não vi quando, se é que estava escrito. Mas elas com certeza vão seguir para Caemlyn assim que descobrirem onde ele está.

Mesmo assim, era bom. Talvez levassem um mês ou mais para viajar de Cairhien até Caemlyn. A missão diplomática de Salidar o alcançaria antes, sem dúvida. Elayne guardava um mapa roto debaixo de seu colchão em Salidar, e todos os dias marcava quanto achava que as enviadas já tinham percorrido em direção a Caemlyn.

A irmã Cinza ainda não tinha terminado.

— Parece que Elaida, ela está pretendendo oferecer apoio a Rand. E uma escolta à Torre.

Sheriam arqueou as sobrancelhas, surpresa.

— Isso é um absurdo. — O rosto cor de oliva de Myrelle assumiu uma expressão sombria. — Elaida era uma Vermelha.

A Amyrlin era de todas as Ajahs e de nenhuma, mas mesmo assim ninguém abandona completamente suas origens.

— Aquela mulher é capaz de qualquer coisa — retrucou Sheriam. — Pode ser que ele veja atrativos no apoio da Torre.

— Talvez a gente possa enviar uma mensagem para Egwene pelas mulheres Aiel? — sugeriu Myrelle, em tom de dúvida.

Siuan tossiu alto, de um jeito bastante falso, porém Elayne já estava no limite. Advertir Egwene era vital, sem dúvida — o pessoal de Elaida com certeza tentaria arrastá-la de volta para a Torre caso a descobrisse em Cairhien, e ela não teria uma recepção muito agradável —, mas o resto...!

— Como vocês podem sequer pensar que Rand escutaria qualquer coisa vinda de Elaida? Acham que ele não sabe que ela era da Ajah Vermelha e o que isso significa? Elas não vão oferecer apoio, e vocês sabem disso. Nós precisamos avisá-lo! — Havia contradição naquilo, e ela sabia, mas estava tomada de preocupação. Morreria se alguma coisa acontecesse a Rand.

— E como é que você sugere que *nós* façamos isso, Aceita? — inquiriu Sheriam, com frieza.

Elayne temia que estivesse parecendo um peixe, com a boca escancarada daquele jeito. Não fazia ideia de que resposta dar. E foi salva por um berro ao longe, de repente, seguido por gritos indistintos vindos da antessala. Estava mais perto da porta, mas quando saiu correndo as outras vieram logo atrás.

O quarto estava vazio, exceto pela escrivadinha da Curadora, com pilhas de papéis e montes de rolos e documentos, e uma fileira de cadeiras encostadas em uma das paredes, onde as Aes Sedai se sentavam enquanto aguardavam para falar com Elaida. Anaiya, Morvrin e Carlinya tinham sumido, mas uma das altas

portas de entrada ainda estava se fechando. Os gritos frenéticos de uma mulher ecoavam pela abertura estreita. Sheriam, Myrelle e Beonin quase derrubaram Elayne no desespero de chegar à parede. Podiam ter a aparência indistinta, mas tinham corpos concretos até demais.

— Tomem cuidado — gritou Elayne, mas não havia nada a fazer além de juntar as saias e correr com Siuan.

Adentraram a cena de um pesadelo. Literalmente. A cerca de trinta passos à direita, o corredor cheio de tapeçarias de súbito se abria em uma caverna de pedras que se estendia infinitamente, iluminada em alguns trechos pelo fraco brilho avermelhado das fogueiras e dos braseiros espalhados. Havia Trollocs por toda parte, imensas silhuetas com contornos de gente, os rostos demasiadamente humanos distorcidos por focinhos, trombas e bicos bestiais, além de chifres, presas ou cristas emplumadas. Os que estavam mais longe pareciam mais indefinidos que os próximos, como se os mais distantes não estivessem completamente ali, ao passo que os mais próximos eram gigantes, duas vezes maiores que um homem, maiores até do que um Trolloc de verdade, todos envoltos em couro e malha negra com ponteiras, uivando e cabriolando por entre fogueiras, caldeirões, rodas de tortura, estranhas molduras pregueadas e outros utensílios de metal.

Era de fato um pesadelo, porém maior do que qualquer outro que Elayne já tivesse ouvido Egwene ou as Sábias mencionarem. Depois de deixarem a mente de quem as criava, essas criaturas às vezes vagavam pelo Mundo dos Sonhos e se fixavam em algum lugar. Assim que as encontravam, as Andarilhas dos Sonhos Aiel as destruíam com toda a tranquilidade, mas as Sábias — e Egwene — tinham lhe dito que o melhor a fazer era evitar qualquer criatura com quem topasse. Infelizmente, Carlinya não devia ter prestado atenção quando ela e Nynaeve passaram o conselho adiante.

A irmã Branca estava amarrada e pendurada pelos tornozelos por uma corrente que sumia na escuridão acima. Aos olhos de Elayne, o tênue brilho de *saidar* ainda a rodeava, mas Carlinya se contorcia e gritava freneticamente enquanto era abaixada de ponta cabeça em direção a um imenso caldeirão negro cheio de óleo fervente.

Ao mesmo tempo que Elayne avançava pelo corredor, Anaiya e Morvrin pararam na fronteira do pesadelo, onde o chão da torre de repente se transformava em caverna. Assim que pararam, suas formas indistintas começaram a se espichar para dentro da borda, feito fumaça entrando em uma chaminé. Na mesma hora ambas surgiram do lado de dentro, Morvrin aos berros enquanto dois Trollocs giravam imensas rodas de ferro que a faziam se esticar cada vez mais, Anaiya pendurada pelos pulsos com Trollocs dançando à sua volta, fustigando-a com chicotes com pontas de metal que deixavam rasgos enormes em seu vestido.

— Precisamos nos unir — anunciou Sheriam, e o brilho tênue que a envolvia se fundiu com o de Myrelle e o de Beonin. Mesmo assim não chegou nem perto do brilho capaz de envolver uma única mulher no mundo desperto, uma mulher que não fosse um sonho nebuloso.

— Não! — gritou Elayne, desesperada. — Vocês não podem aceitar isso como real! Tem que tratar a situação como... — Ela agarrou o braço de Sheriam, mas o fluxo de Fogo que as três haviam urdido, tênue mesmo com o elo, tocou a fronteira entre sonho e pesadelo. A trama desapareceu, como se absorvida pelo pesadelo, e no mesmo instante as três começaram a se espichar feito brumas levadas pelo vento. Só tiveram tempo de gritar, surpresas, antes de tocar a fronteira e desaparecer. Sheriam ressurgiu lá dentro com a cabeça para fora de um objeto de metal escuro em formato de sino; ao seu redor os Trollocs giravam manivelas e impulsionavam alavancas, e os cabelos ruivos da Aes Sedai balançavam enquanto ela guinchava cada vez mais alto. Das outras duas não havia sinal, mas Elayne achou que ouvia mais berros ao longe, com gritos ininterruptos de “Não!” e mais pedidos de ajuda.

— Você lembra o que lhe dissemos sobre como desfazer pesadelos? — perguntou Elayne.

Com os olhos fixos na cena à frente, Siuan assentiu.

— Negar a realidade deles. Tentar visualizar mentalmente como as coisas seriam fora dele.

Aquele tinha sido o erro de Sheriam, e decerto o erro de todas as outras Aes Sedai. Ao tentar canalizar para combater o pesadelo, elas o tinham aceitado como verdade, e essa aceitação tragara todas para dentro do pesadelo exatamente como se elas o estivessem sonhando, deixando-as impotentes. A única saída era recordar o conselho, o que elas não davam sinal de sequer tentar fazer. Os ganidos cada vez mais altos penetravam os ouvidos de Elayne.

— O corredor — murmurou a Filha-herdeira, tentando formar na mente a imagem da última vez que o vira. — Pense em como era o corredor.

— Estou tentando, garota — rosnou Siuan. — Não está funcionando.

Elayne suspirou. Siuan tinha razão. Nenhuma linha da cena diante delas sequer estremeceu. A cabeça de Sheriam quase vibrava acima da mortalha de metal que envolvia o restante de seu corpo. Os uivos de Morvrin saíam feito arquejos contidos, e Elayne quase podia ouvir suas articulações sendo rompidas. Os cabelos de Carlinya, pendurados logo abaixo do corpo de ponta-cabeça, já quase tocavam a superfície borbulhante do óleo quente. Duas mulheres não eram o bastante. O pesadelo era grande demais.

— Precisamos das outras — anunciou.

— Leane e Nynaeve? Garota, mesmo que soubéssemos onde encontrá-las, Sheriam e as outras estariam mortas antes de... — Siuan foi baixando a voz, encarando Elayne. — Você não está falando de Leane e Nynaeve, está? Está falando de Sheriam e... — Elayne apenas assentiu, assustada demais para verbalizar. — Acho que elas não podem nos ouvir daqui, nem nos ver. Esses Trollocs nem sequer olharam na nossa direção. O que quer dizer que teremos que tentar fazer isso pelo lado de dentro. — Elayne assentiu outra vez. — Garota — a voz de Siuan estava inexpressiva —, você tem a coragem de um leão, mas o bom senso de um pássaro-peixe. — Com um suspiro pesado, ela acrescentou: — Bem, eu mesma não vejo outra maneira.

Elayne concordava com tudo, menos em relação à coragem. Se não estivesse com os joelhos travados, já teria se jogado aos soluços no chão de azulejos com as cores de todas as Ajahs. Percebeu que tinha uma espada na mão, uma lâmina comprida de aço reluzente completamente inútil ali, mesmo se soubesse como empunhá-la. Largou a arma, que desapareceu antes de tocar o chão.

— Essa demora não está ajudando em nada — resmungou. Mais algum tempo, e a pouca coragem que conseguira reunir acabaria por evaporar.

Juntas, ela e Siuan deram um passo em direção à fronteira. Elayne deixou o pé tocar aquela linha divisória, e de súbito se sentiu sendo puxada para dentro, sugada feito água por um tubo.

Primeiro estava parada de pé no corredor, encarando aqueles horrores, e, no instante seguinte, estava deitada de barriga para baixo na pedra cinza bruta, os pulsos e os tornozelos presos bem forte às costas, com os mesmos horrores à sua volta. A caverna se estendia infinitamente em todas as direções, e o corredor da torre já não parecia existir. Gritos ecoavam pelo ar, vindos das paredes de pedra e do teto cheio de estalactites. A poucos passos, um imenso caldeirão negro borbulhava sobre um fogo imenso e crepitante. Um Trolloc com focinho de javali, arrematado com presas, jogava lá dentro uns caroços que pareciam raízes impossíveis de identificar. Um panelão. Trollocs comiam qualquer coisa. Até gente. Elayne pensou nas mãos e nos pés livres, mas a corda áspera ainda comprimia sua carne. Até a sombra pálida de *saidar* desaparecera, a Fonte Verdadeira já não existia para ela — não ali. Um pesadelo de verdade, e fora capturada por completo.

A voz de Siuan entrecortou os gritos em um gemido de dor.

— Sheriam, me escute! — Só a Luz sabia o que estava sendo feito a ela. Elayne não conseguia ver nenhuma das outras, só ouvir. — Isso é um sonho! *Aah... aaaaaaah!* P-pense em como as coisas são de verdade!

Elayne tomou a dianteira.

— Sheriam, Anaiya, todo mundo, me escutem! Vocês precisam pensar no corredor como ele era! Isso só é real se vocês acreditarem! — Ela fixou a imagem do corredor na mente, os azulejos coloridos em fileiras

ordenadas, os lampiões de pé dourados e as tapeçarias esplêndidas. Nada mudou. Os gritos ainda ecoavam. — Vocês precisam pensar no corredor! Fixem essa imagem na cabeça, e ela vai se tornar real! Vocês podem derrotar isso, basta tentarem! — O Trolloc a encarou, trazia na mão uma faca grossa de lâmina afiada. — Sheriam, Anaiya, vocês precisam se concentrar! Myrelle, Beonin, concentrem-se no corredor! — O Trolloc a ergueu pela lateral do corpo. Elayne tentou se esquivar, mas um joelho gigantesco a prendeu no lugar sem esforço enquanto a coisa começava a dilacerar suas roupas feito um caçador esfolando a carcaça de um cervo. Desesperada, Elayne se agarrou à imagem do corredor. — Carlinya, Morvrin, pelo amor da Luz, concentrem-se! Pensem no corredor! No corredor! Todas vocês! Firmem a imagem no pensamento! — Grunhindo qualquer coisa numa língua áspera, que não fora feita para uma boca humana, o Trolloc girou Elayne de cabeça para baixo outra vez e ajoelhou-se por cima dela, os joelhos grossos esmagando seus braços contra as costas. — O corredor! — gritou a jovem. A coisa entrelaçou os dedos pesados em seus cabelos e puxou sua cabeça com força. — O corredor! Pensem no corredor! — A lâmina do Trolloc tocou seu pescoço retesado por trás da orelha esquerda. — O corredor! O corredor! — A lâmina começou a deslizar.

De repente, Elayne se viu encarando os azulejos coloridos do chão sob seu nariz. Levando as mãos à garganta, maravilhada por tê-las livres, sentiu algo molhado e examinou os próprios dedos. Sangue, mas só um fiozinho. Um arrepio percorreu seu corpo. Se aquele Trolloc tivesse conseguido cortar sua garganta... Cura nenhuma teria adiantado. Com outro arrepio, a jovem se levantou devagar. Estava na Torre, no corredor que levava ao gabinete da Amyrlin, sem sinal de Trollocs ou de cavernas.

Siuan estava ali, parecia uma massa de hematomas usando um vestido todo rasgado, e as demais Aes Sedai não passavam de figuras indistintas prestes a se desmanchar. Carlinya era quem parecia em melhor estado, toda trêmula e de olhos arregalados. Ela tocou os cabelos escuros chamuscados que agora mediam apenas um palmo de comprimento. Sheriam e Anaiya estavam ensanguentadas, as roupas reduzidas a trapos. Myrelle estava encolhida, o rosto pálido, toda nua e repleta de hematomas e arranhões vermelhos. Morvrin gemia a cada vez que se mexia, o que fazia de maneira pouco natural, como se as juntas já não funcionassem da forma correta. O vestido de Beonin parecia ter sido rasgado por garras, e ela arquejava, ajoelhada, os olhos arregalados como nunca, apoiada à parede para não cair.

De súbito Elayne percebeu que seu próprio vestido e sua roupa de baixo estavam pendurados dos ombros, abertos com um corte limpo que expunha a frente de seu corpo — como se um caçador tivesse cortado a carcaça de um cervo. Ela tremeu tanto que quase caiu. Para remendar as roupas bastou um pensamento, mas ela não sabia ao certo quanto tempo levaria para remendar a memória.

— Temos que voltar — anunciou Morvrin, ajoelhando-se desajeitadamente entre Sheriam e Anaiya. Apesar da rigidez e dos gemidos, soava impassível como nunca. — Precisamos de algumas Curas, e do jeito que estamos ninguém aqui vai ser capaz de fazê-las.

— Isso. — Carlinya tocou outra vez os cabelos curtos. — É, talvez seja melhor voltarmos a Salidar. — Sua voz sem dúvida soava como uma versão instável da frieza costumeira.

— Vou ficar um pouco, se ninguém se opuser — retrucou Siuan. Ou pelo menos sugeriu, naquele tom inadequadamente humilde. O vestido estava inteiro outra vez, mas os hematomas persistiam. — Talvez eu descubra mais alguma coisa útil. Só tenho umas manchas roxas, já me machuquei mais do que isso caindo num barco.

— Parece mais que alguém fez um barco cair em você — retrucou Morvrin —, mas você é que sabe.

— Eu também vou ficar — anunciou Elayne. — Posso ajudar Siuan e não estou nem um pouco ferida. — Sentia o corte na garganta toda vez que engolia.

— Não preciso de ajuda — retrucou Siuan, ao mesmo tempo que Morvrin completou, em um tom de voz ainda mais firme:

— Você manteve o controle muito bem hoje, criança. Não estrague tudo agora. Você vem com a gente.

Elayne assentiu com a cabeça, emburrada. Discutir só a poria em maus lençóis. Quem visse a cena até poderia imaginar que a irmã Marrom era a professora, e Elayne, a pupila. E decerto pensaria que ela tinha adentrado o pesadelo sem querer, assim como as outras.

— Lembrem-se de que vocês podem sair direto do sonho para o próprio corpo. Não precisam voltar a Salidar primeiro. — Não havia como dizer se elas tinham ouvido. Morvrin dera as costas assim que Elayne fizera que sim com a cabeça.

— Calma, Sheriam — disse a Marrom corpulenta, em um tom tranquilizador. — Já, já estaremos de volta a Salidar. Calma, Anaiya. — Pelo menos Sheriam parara de chorar, embora ainda gemesse de dor. — Carlinya, pode ajudar Myrelle? Está pronta, Beonin? Beonin?

A Cinza ergueu a cabeça e encarou Morvrin por um instante antes de assentir.

As seis Aes Sedai desapareceram.

Com uma última olhada para Siuan, Elayne só se demorou um instante a mais, porém não seguiu para Salidar. Decerto alguém viria Curar o corte em seu pescoço quando reparasse nele, mas por alguns instantes todas estariam preocupadas com as seis Aes Sedai acordando com a aparência de quem fora empurrado para dentro de uma engrenagem monstruosa. Elayne tinha esses poucos minutos — e tinha outro destino em mente.

Não foi fácil fazer aparecer a sua volta o Grande Salão do palácio de sua mãe, em Caemlyn. Elayne sentiu certa resistência antes de parar em um piso de azulejos vermelhos e brancos sob o imenso teto abobadado, entre fileiras de robustas colunas brancas. Assim como nos outros lugares, a luz parecia vir de todos os cantos e de lugar nenhum. As imensas janelas acima, que exibiam alternadamente o Leão Branco de Andor, as primeiras rainhas do reino e cenas de grandes vitórias andorianas, confundiam-se com a noite lá fora.

Na mesma hora Elayne viu a diferença que dificultara sua chegada: no estrado, no fim do corredor, onde deveria estar o Trono do Leão, havia em lugar uma monstruosidade toda elaborada de Dragões em ouro reluzente, esmaltados de vermelho e dourado, com pedras-do-sol no lugar dos olhos. O trono de sua mãe não fora removido do aposento: jazia sobre uma espécie de pedestal, atrás e acima daquela monstruosidade.

Elayne avançou devagar pelo corredor, subindo as escadas de mármore branco para olhar o trono dourado das Rainhas de Andor. O Leão Branco de Andor, feito de pedras-da-lua dispostas sobre um fundo de rubis, ficava acima do ponto onde repousaria a cabeça de sua mãe.

— O que você está fazendo, Rand al'Thor? — sussurrou, irritada. — O que você pensa que está fazendo?

Sentiu um pavor imenso ao pensar que ele estivesse estragando as coisas, sem ela ali para conduzi-lo por entre as armadilhas e os imprevistos. Era bem verdade que Rand lidara bastante bem com os tairenos e, ao que parecia, com os cairhienos, mas o povo dela era diferente. Eram francos e honestos e não gostavam de ser manipulados nem intimidados. O que dera certo em Tear e Cairhien, ali podia explodir bem na cara dele, feito a exibição de fogos de artifício de um Iluminador.

Se ao menos pudesse estar com ele. Se ao menos pudesse adverti-lo sobre a missão diplomática da Torre. Elaida com certeza escondia algum truque na manga, do qual lançaria mão quando ele menos esperasse. Será que Rand seria sensato o suficiente para ver isso? Aliás, Elayne não fazia ideia de quais eram as ordens da missão diplomática de Salidar. Apesar dos esforços de Siuan, a maioria das Aes Sedai em Salidar ainda parecia ter opiniões conflitantes a respeito de Rand al'Thor. Ele era o Dragão Renascido, o salvador profetizado da humanidade, mas, por outro lado, era um homem capaz de canalizar, condenado à loucura, à morte e à destruição.

Cuide dele, Min, pensou. Encontre-o logo e cuide dele.

Uma pontada de ciúme a invadiu ao pensar que Min estaria lá justamente para fazer o que ela queria. Talvez tivesse que dividi-lo, mas *teria* uma parte dele só para si. Elayne criaria um *elo*, fazendo dele seu Guardião, custasse o que custasse.

— Vai acontecer. — Ela estendeu a mão em direção ao Trono do Leão, querendo jurar como todas as rainhas de Andor juraram, desde que Andor existia. O pedestal era alto demais para que ela tocasse o trono, mas o que contava era a intenção. — *Vai* acontecer.

O tempo estava se esgotando. Uma Aes Sedai logo chegaria, lá em Salidar, para acordá-la e Curar o minúsculo corte em seu pescoço. Com um suspiro, Elayne saiu do sonho.

* * *

Demandred saiu de trás das colunas do Grande Salão e olhou dos dois tronos para o ponto onde a garota desaparecera. Elayne Trakand, a menos que estivesse redondamente enganado, e usando um *ter'angreal* menor, dado seu aspecto indistinto, um desses feitos para estudantes em início de treinamento. Daria tudo para saber o que se passava na cabeça daquela jovem, mas suas palavras e expressão tinham sido bastante claras. Ela não gostava do que al'Thor estava fazendo ali, nem um pouco, e pretendia tomar uma atitude a respeito. Suspeitava de que fosse uma jovem determinada. De todo modo, era mais um fio puxado na trama, por mais fraco que tivesse sido o puxão.

— Deixe o Senhor do Caos reinar — disse para os tronos, embora ainda desejasse saber por que tinha que ser assim, e abriu um portão para sair de *Tel'aran'rhiod*.





ARMA-SE UMA TEMPESTADE

Na manhã seguinte, Nynaeve acordou de mau humor ao raiar do dia. Tinha a sensação de que vinha mau tempo pela frente, mas uma olhadela pela janela não revelou uma nuvem sequer no céu ainda meio escuro. O dia já prometia ser outro forno. A roupa de baixo estava empapada de suor e toda amarrotada, de tanto que ela se remexera. Já fora capaz de confiar em sua capacidade de escutar o vento, mas, desde que saíra de Dois Rios, parecia não funcionar do mesmo jeito — isso quando não a deixava na mão.

Ter que aguardar a vez de usar o lavatório também não ajudou, e muito menos escutar o relato de Elayne sobre o que tinha acontecido depois que ela deixou o gabinete de Elaida. Sua própria noite fora uma busca em vão pelas ruas de Tar Valon, onde além dela mesma só se viam pombos, ratos e pilhas de lixo. Aquilo fora um choque: Tar Valon estava sempre impecável. Elaida devia estar negligenciando demais a cidade, para que aparecesse lixo em *Tel'aran'rhiod*. Em dado momento, avistou Leane de relance pela janela de uma taverna perto da Baía do Sul, por mais incrível que fosse vê-la num lugar daqueles, mas quando correu para dentro do salão só encontrou mesas e bancos recém-pintados de azul. Devia ter desistido, mas Myrelle andava atormentando seu juízo nos últimos tempos, e queria ter a consciência tranquila quando contasse à mulher que de fato tentara. Myrelle podia detectar uma evasiva mais rápido do que qualquer pessoa que ela já conhecera ou de quem ouvira falar. Para completar, tinha saído de *Tel'aran'rhiod* na noite anterior e encontrado o anel de Elayne já de volta na mesa, com a jovem caída no sono. Se existisse um prêmio para esforço inútil, teria ganhado sem nem tentar. E saber que Sheriam e as outras quase tinham morrido... Até o canto do pardal, em sua gaiolinha de palha, ganhou uma olhada de desprezo.

— Elas acham que sabem de tudo — resmungou Nynaeve, em tom de desprezo. — Contei a elas sobre os pesadelos. Eu avisei, e ontem não foi a primeira vez. — Não fazia diferença que todas as seis irmãs tivessem sido Curadas antes mesmo que ela tivesse voltado de *Tel'aran'rhiod*. Tudo poderia ter terminado de maneira muito pior... e só porque elas achavam que já sabiam tudo. Os puxões irritados que ela deu na trança atrasaram a refeitura do penteado para o dia. O bracelete do *a'dam* também às vezes agarrava no cabelo, mas ela não pretendia tirá-lo. Era dia de Elayne usá-lo, o que daria no mesmo que deixá-lo pendurado em um prego na parede. Sentiu preocupação passar pelo bracelete, junto com aquele medo inevitável, porém, mais do que qualquer coisa, frustração. “Marigan” sem dúvida já estava ajudando a preparar o café da manhã, e ter que fazer as tarefas parecia irritá-la mais do que ser prisioneira. — Foi muito bem pensado da sua parte, Elayne.

Mas você não disse como foi que acabou no meio da coisa depois de tentar avisar todo mundo.

Ainda esfregando o rosto com a toalha, Elayne estremeceu.

— Não foi tão difícil chegar nessa solução. Um pesadelo daquele tamanho requeria o trabalho de todas. Talvez elas tenham aprendido um pouco de humildade. Talvez a reunião com as Sábias, hoje, não seja tão ruim.

Nynaeve assentiu, pensando consigo mesma. Então fora o que ela imaginara. Não em relação a Sheriam e às outras — as Aes Sedai só aprenderiam a ter humildade no dia em que as cabras comessem a voar, e as Sábias ainda levariam um dia mais. Era em relação a Elayne: estava claro que a garota entrara no pesadelo por escolha própria, embora jamais fosse admitir. Nynaeve não sabia ao certo se a menina considerava ostentação levar crédito pela bravura ou se simplesmente não percebia quanto era corajosa. De todo modo, Nynaeve estava dividida entre admiração pela coragem da amiga e o desejo de que, ao menos uma vez na vida, Elayne reconhecesse seus feitos.

— Achei que tinha visto Rand.

Aquilo fez Elayne baixar a toalhinha.

— Ele estava lá em carne e osso? — Aquilo era perigoso demais, segundo as Sábias. Havia o risco de perder parte de sua humanidade. — Mas você o avisou.

— E desde quando ele escuta a voz da razão? Só o vi de relance. Talvez ele só tenha tocado *Tel'aran'rhiod* em sonho. — Era improvável. Ao que parecia, Rand criava blindagens tão fortes nos próprios sonhos que ela achava que ele não teria como adentrar aquele mundo de outra forma senão em carne e osso, nem que fosse um Andarilho dos Sonhos e portasse um dos anéis. — Talvez fosse alguém um pouco parecido com ele. Como eu disse, foi uma visão muito rápida, na praça em frente à Torre.

— Eu devia estar lá com ele — murmurou Elayne. Esvaziando a bacia na jarra para a noite, ela abriu espaço para Nynaeve usar o lavatório. — Ele *precisa* de mim.

— Ele precisa é do que sempre precisou. — Nynaeve parecia irritada enquanto enchia a bacia com água da jarra. Realmente odiava se lavar com água que tinha ficado ali parada a noite toda. Pelo menos não estava fria, já que, naqueles tempos, não havia mais o que se pudesse chamar de água fria. — Alguém para dar um safanão em sua orelha uma vez por semana, só por precaução, e também para mantê-lo na linha.

— Não é justo. — As palavras saíram abafadas pela roupa de baixo limpa que Elayne enfiava pela cabeça. — Eu me preocupo com ele o tempo todo. — A cabeça emergiu pela gola exibindo um semblante mais preocupado que indignado, a despeito do tom, e ela puxou um vestido branco com listras de um dos pregos da parede. — Eu me preocupo com ele até em *sonhos*! Você acha que ele passa o tempo inteiro preocupado *comigo*? Duvido muito.

Nynaeve assentiu, embora parte dela considerasse que não era exatamente a mesma coisa. Rand havia sido informado de que Elayne estava em segurança com as Aes Sedai, por mais que não soubesse onde. Como é que ele algum dia poderia estar em segurança? Nynaeve se debruçou no lavatório, e o anel de Lan escapou pela gola da roupa de baixo e ficou balançando no cordão de couro. Não, Elayne tinha razão. Fosse lá o que Lan estivesse fazendo, fosse lá onde ele estivesse, Nynaeve duvidava de que ele pensasse nela metade das vezes que ela pensava nele. *Luz, que ele esteja vivo, mesmo que não pense nem um pouco em mim.* Aquela possibilidade a encheu de raiva, raiva o bastante para dar um puxão na trança, se não estivesse com as mãos cheias de sabão e segurando a toalha de rosto.

— Você não pode passar o tempo todo preocupada com um homem — declarou, com amargor —, mesmo se quiser ser uma Verde. O que foi que elas encontraram, ontem à noite?

Foi uma longa história, embora com pouco conteúdo, e, depois de um tempo, Nynaeve sentou-se na cama de Elayne para escutar e fazer perguntas. Não que as respostas revelassem muito. Não era a mesma coisa que

ela própria olhar os documentos. Era importante descobrir que Elaida finalmente ficara sabendo da anistia de Rand, mas o que a mulher pretendia fazer a respeito? A prova de que a Torre estava travando contato com governantes até poderia ser boa notícia, já que talvez fizesse o Salão começar a se mexer. Alguma coisa tinha que tirar a Aes Sedai daquele marasmo. Era mesmo preocupante que Elaida estivesse enviando uma missão diplomática a Rand, mas ele não seria idiota a ponto de dar ouvidos a qualquer um que viesse a mando de Elaida. Ou seria? Simplesmente não havia informação suficiente no que Elayne entreouvira. E o que Rand estava pensando quando colocou o Trono do Leão em um pedestal? O que ele estava fazendo com um trono, para começo de conversa? Ele até podia ser o Dragão Renascido e o tal *car-sei-lá-o-que-das-quantas* dos Aiel, mas Nynaeve não conseguia esquecer que cuidara dele quando criança e lhe dera umas boas palmadas quando preciso.

Elayne continuou se vestindo, mas estava arrumada antes de a história acabar.

— Eu conto o resto mais tarde — disse a jovem, muito apressada, e disparou porta afora.

Nynaeve grunhiu e voltou a se vestir, sem pressa. Naquele dia, Elayne daria sua primeira aula às noviças, coisa que Nynaeve ainda não tivera permissão para fazer. Mas, ainda que não tivesse ganhado a confiança para ensinar às noviças, havia Moghedien. Que dentro em breve estaria concluindo as tarefas do café da manhã.

Quando encontrou a mulher, enfiada até os cotovelos em água com sabão, o colar de prata do *a'dam* parecia bastante deslocado ali. Moghedien não estava sozinha: cerca de dez mulheres esfregavam roupas sobre tábuas em um pátio com cerca de madeira, entre caldeirões borbulhantes de água fervente. Outras penduravam as roupas já limpas em compridos varais erguidos entre estacas, mas, nas tábuas de lavar, pilhas de roupa de cama, roupas de baixo e de todo tipo de tecido aguardavam a vez. O olhar que Moghedien lhe dirigiu teria sido capaz de fritar o couro de Nynaeve. Ódio, vergonha e ira atravessaram o *a'dam*, quase suficientes para sobrepujar o medo, sempre presente.

A mulher no comando, Nildra, grisalha e magra feito um varapau, veio toda alvoroçada, segurando sua comprida colher de pau feito um cetro, as saias de lã escura amarradas aos joelhos para não tocarem o chão enlameado por conta da água espalhada.

— Bom dia, Aceita. Veio atrás de Marigan, suponho? — Seu tom era seco, um misto de respeito com a certeza de que, no dia seguinte, poderia ver qualquer Aceita trabalhando com as lavadeiras por um dia ou um mês. E sendo tão atormentadas quanto as outras, se não mais. — Bom, eu ainda não posso liberá-la. Já tem pouquíssima gente aqui. Uma das minhas garotas está se casando hoje, outra fugiu, e duas vão pegar leve no trabalho porque estão grávidas. Myrelle Sedai disse que eu podia ficar com ela. Talvez eu consiga liberá-la daqui a umas horas. Vou ver.

Moghedien se endireitou, abrindo a boca, mas Nynaeve a silenciou com um olhar firme e um toque conspícuo no bracelete em seu pulso, e a Abandonada retornou ao trabalho. Bastariam algumas palavras impróprias de Moghedien, uma reclamação do tipo que jamais seria proferida pela camponesa que ela aparentava ser, para levá-la ao estancamento e ao carrasco — e Nynaeve e Elayne não teriam fim muito melhor. Nynaeve não pôde evitar engolir em seco, aliviada, quando Moghedien inclinou-se de volta para a tábua, a boca se contorcendo enquanto resmungava entre dentes. Vergonha imensa e fúria desmedida percorreram o *a'dam*.

Nynaeve conseguiu abrir um sorriso para Nildra e murmurar qualquer coisa indistinta, depois seguiu a passos firmes até uma das cozinhas comunitárias para tomar o café da manhã. Ficou imaginando se a Verde criara alguma birra com ela, por qualquer motivo que fosse. E se iria amargar uma dor de estômago permanente por estar prendendo Moghedien. Comia menta-de-ganso quase feito bala, desde que pusera o *a'dam* na mulher.

Foi bem fácil arranjar uma caneca de barro cheia de chá com mel e um pãozinho saído do forno, mas teve

que ir comendo enquanto andava. Seu rosto pingava de suor. Mesmo àquela hora da manhã, o calor já estava forte, e o ar, seco. O sol nascente era um domo de ouro fundido acima da floresta.

As ruas de terra batida estavam movimentadas, como de costume quando havia luz do dia. Aes Sedai deslizavam, serenas, ignorando a poeira e o calor, os rostos misteriosos compenetrados em tarefas misteriosas, em geral seguidas de seus Guardiões — lobos de olhos frios fingindo, em vão, que haviam sido domados. Havia soldados por toda parte, em geral marchando ou cavalgando em grupamentos, mas Nynaeve não entendia por que tinham permissão de deixar as ruas lotadas daquele jeito, se seus acampamentos eram na mata. As crianças saracoteavam, às vezes imitando os soldados, mas portando gravetos em lugar das espadas e ponteiros. Noviças com vestidos brancos, ocupadas com suas tarefas, abriam caminho a passo rápido pela multidão. Os serviçais se deslocavam um pouco mais devagar, mulheres com braços abarrotados de lençóis para as camas das Aes Sedai ou cestas de pão das cozinhas, homens guiando carros de boi cheios de lenha empilhada, puxando baús ou levando nos ombros carcaças inteiras de ovelhas para as cozinhas. Salidar não fora concebida para comportar tanta gente, e a aldeia estava quase explodindo.

Nynaeve continuou andando. Uma Aceita supostamente deveria ter a maior parte do dia para si, para estudar sobre o que escolhesse, sozinha ou com uma Aes Sedai, a não ser que desse aulas para as noviças. Ainda assim, se a Aceita aparentasse não estar fazendo nada, poderia ser chamada por qualquer Aes Sedai. E ela não pretendia passar o dia ajudando uma irmã Marrom a catalogar livros ou passando anotações a limpo para uma Cinza. *Odiava* passar a limpo, com todas aquelas estaladas de língua quando manchava o papel e bufadas por não ter a caligrafia limpa como a de um copista. Então ela seguiu por entre o povo e a poeira, atenta para caso visse Siuan e Leane. Estava com raiva suficiente para canalizar sem usar Moghedien.

Cada vez que reparava no pesado anel de ouro aninhado entre os seios, pensava: *ele tem que estar vivo. Mesmo que tenha me esquecido, Luz, que ele esteja vivo.* E esse último pensamento, naturalmente, a deixava ainda mais irritada. Se a ideia de esquecê-la sequer passasse pela cabeça de al'Lan Mandragoran, ela o poria na linha. Ele tinha que estar vivo. Os Guardiões quase sempre morriam vingando suas Aes Sedai, e era tão certo quanto o nascer sol que nenhum Guardião se permitiria desviar do caminho dessa vingança, mas não havia como Lan vingar Moiraine. Era como se a Azul tivesse caído de um cavalo e quebrado o pescoço. Ela e Lanfear tinham matado uma à outra. Ele *tinha* que estar vivo. E por que ela deveria se sentir culpada pela morte de Moiraine? Era verdade que aquilo deixara Lan livre, mas ela não tivera nada a ver com o fato. Ainda assim, a primeira coisa que sentira ao saber que Moiraine estava morta, por mais efêmero que tivesse sido, fora alegria por Lan estar livre, e não pesar por Moiraine. Dessa vergonha ela não tinha como se livrar, o que a deixava com mais raiva do que nunca.

De súbito, viu Myrelle caminhando a passos firmes em sua direção, acompanhada de um homem louro a cavalo: Croi Makin, um de seus três Guardiões, bem jovem e bem magro, mas forte como uma rocha. Com uma expressão determinada, a Aes Sedai decerto não demonstrava os efeitos da noite anterior. Nada indicava que Myrelle estivesse procurando por ela, porém Nynaeve logo se enfiou em um grande edifício de pedras, que outrora fora uma das três estalagens de Salidar.

O amplo salão havia sido limpo e mobiliado como uma recepção. As paredes caiadas e o teto alto tinham sido remendados, havia umas poucas tapeçarias vistosas penduradas e alguns tapetes coloridos jaziam espalhados no chão, que já não parecia lascado, mas continuava a resistir a todos os esforços dos serviçais para deixá-lo com aspecto lustroso. O interior protegido do sol estava fresco, se comparado à rua. Pelo menos um pouco mais fresco. E estava ocupado.

Logain permanecia, insolente, diante de uma das grandes lareiras apagadas, a cauda do casaco vermelho com bordados em ouro enfiada nas costas, parado sob o olhar atento de Lelaine Akashi, com seu xale de franjas azuis indicando a formalidade da ocasião. Uma mulher esbelta, com um ar de dignidade que às vezes se abrandava em um sorriso afetuoso, uma das três Votantes da Ajah Azul no Salão da Torre de Salidar.

Naquele dia, o mais evidente era seu olhar penetrante, observando a audiência de Logain.

Eram dois homens e uma mulher resplandecente, vestidos com sedas bordadas e joias de ouro, todos os três grisalhos, embora um dos homens estivesse quase careca — o que ele compensava com a barba quadrada e um longo bigode. Eram poderosos nobres altaranos, que haviam chegado na véspera com uma escolta de peso e pareciam tão desconfiados uns dos outros quanto das Aes Sedai que reuniam um exército dentro de Altara. Os altaranos deviam lealdade a um lorde, uma lady ou cidade — pouca ou nenhuma lealdade restava à nação que chamavam de Altara. Poucos nobres pagavam impostos ou davam atenção ao que dizia a rainha em Ebou Dar, mas voltavam sua atenção a um exército comum. Só a Luz sabia que efeitos os boatos sobre os Devotos do Dragão exerciam no povo dali. Naquele momento, contudo, os nobres tinham se esquecido de trocar olhares altivos e de encarar Lelaine em desafio. Todos tinham os olhos fixos em Logain, como se ele fosse uma serpente imensa e de cores fortes.

Completando o ciclo, Burin Shaeren, de pele acobreada, cujo rosto parecia entalhado de um toco de madeira, observava tanto Logain quanto os visitantes — era um homem preparado para se mover súbita e violentamente em um piscar de olhos. O Guardião de Lelaine estava ali em parte para vigiar Logain — afinal de contas, o sujeito supostamente estava em Salidar de livre e espontânea vontade —, mas sobretudo para proteger o homem dos visitantes e de uma facada no peito.

De sua parte, Logain parecia florescer sob aqueles olhares. Era um homem alto, de cabelos cacheados que tocavam os ombros largos, pele escura e bem bonito, mesmo com feições rígidas, e tinha a soberba e a confiança de uma águia. Mas era uma promessa de vingança que alimentava o brilho em seus olhos. Ainda que ele não pudesse dar o troco em todos os que lhe fizeram mal, poderia pelo menos se esforçar para punir alguns.

— Seis irmãs Vermelhas me encontraram em Cosamelle, cerca de um ano antes de eu me proclamar — ia dizendo ele, quando Nynaeve entrou. — Javindhra, esse era o nome da líder, embora uma chamada Barasine também falasse bastante. E ouvi mencionarem Elaida, como se a mulher soubesse o que elas estavam tramando. Elas me encontraram enquanto eu dormia, e, quando me blindaram, achei que seria o meu fim.

— Aes Sedai — interrompeu a mulher que escutava, bruscamente. Era troncuda e de olhar rígido, com uma fina cicatriz na bochecha, que Nynaeve considerou incongruentes com uma mulher. As altaranas de fato tinham reputação de ferozes, embora muito provavelmente fosse exagero. — Aes Sedai, como pode o que ele alega ser verdade?

— Não sei como, Lady Sarena — respondeu Lelaine, muito calma —, mas recebi a confirmação de uma pessoa incapaz de mentir. Ele está dizendo a verdade.

O rosto de Sarena não se alterou, mas ela cerrou os punhos às costas. Um de seus companheiros, o homem alto de rosto encovado, com mais fios grisalhos que pretos no cabelo, tinha os polegares cravados no cinturão. Ele tentava parecer relaxado, mas a força com que cerrava os punhos embranquecia as juntas.

— Como eu ia dizendo — prosseguiu Logain, dando um sorrisinho —, elas me encontraram e me deixaram optar entre morrer ali mesmo ou aceitar sua oferta. Uma escolha estranha, nada do que eu esperava, mas eu não tinha muito tempo para pensar. Elas não disseram que já tinham feito isso, mas tive a sensação de que já eram experientes na coisa. Não davam motivos, mas, olhando para trás, me parece bem claro. Capturar um homem capaz de canalizar trazia pouca glória, mas abater um falso Dragão, por outro lado...

Nynaeve franziu o cenho. Ele falava em um tom tão displicente, como se conversasse sobre a caça do dia, mas tratava da própria ruína, e cada palavra era mais um prego cravado no caixão de Elaida. Talvez no caixão de toda a Ajah Vermelha. Se as Vermelhas tinham pressionado Logain a se proclamar o Dragão Renascido, poderiam ter feito o mesmo com Gorin Rogad ou Mazrim Taim? Talvez com *todos* os falsos Dragões da história? Ela quase podia ver as engrenagens girando feito moinhos nas mentes dos altaranos — a princípio

lentas, depois girando cada vez mais rápido.

— Durante um ano inteiro, elas me ajudaram a evitar outras Aes Sedai — continuou Logain —, enviando mensagens quando avistavam alguma, embora naquela época não houvesse muitas. Depois que eu me proclamei e comecei a reunir seguidores, elas mandavam notícias sobre onde estavam os exércitos do rei e quantos eram em número. Como é que vocês acham que eu sempre soube onde e quando atacar?

Os ouvintes remexiam os pés, tanto pelas palavras quanto pelo sorriso feroz daquele homem.

Logain odiava as Aes Sedai. Nynaeve tinha certeza disso pelas poucas vezes em que conseguira se obrigar a estudá-lo. Não que tivesse continuado a pesquisa depois da partida de Min ou descoberto qualquer coisa durante as sessões anteriores. Chegara a pensar que observá-lo seria como olhar para o problema de outro ângulo — a diferença entre os homens nunca ficava tão clara quanto ao usarem o Poder —, mas observá-lo era pior do que olhar uma caverna escura. Não havia nada ali, nem a caverna. Em geral, estar perto de Logain era perturbador. O homem perscrutava cada movimento seu com intensidade fervorosa, fazendo-a estremecer mesmo ciente de que poderia envolvê-lo com o Poder, caso ele erguesse um dedinho que fosse para lhe fazer mal. Não era o tipo de fervor que os olhos dos homens costumavam direcionar às mulheres, era um desprezo puro. E o mais aterrorizante era que ele jamais deixava o sentimento transparecer em suas feições. As Aes Sedai o haviam apartado para sempre do Poder Único. Nynaeve só podia imaginar o que ela própria sentiria se alguém lhe fizesse isso. Ele, no entanto, não podia se vingar de todas as Aes Sedai. O que podia era destruir a Ajah Vermelha — e a missão até agora parecia promissora.

Era a primeira vez que vinham três ao mesmo tempo, mas toda semana, mais ou menos, chegava um lorde ou uma lady para ouvir a história dele, vindos de Altara ou às vezes até de Murandy, e todos saíam completamente arrebatados pelo que Logain lhes contava. Não era de se admirar: a única notícia mais chocante seria se as Aes Sedai admitissem que a Ajah Negra de fato existia. Bem, elas não fariam uma coisa dessas, não em público, e era pela mesma razão que faziam o possível para manter em segredo as notícias relacionadas a Logain. Podia ter sido obra da Ajah Vermelha, mas ainda assim eram Aes Sedai, e muita gente não sabia distinguir uma Ajah da outra. No geral, apenas poucas pessoas eram trazidas para ouvir Logain, ainda que cada uma fosse escolhida pelo poder da Casa que liderava. Casas que agora cederiam seu apoio às Aes Sedai em Salidar, ainda que nem sempre abertamente. Ou que pelo menos se recusariam a apoiar Elaida.

— Javindhra me avisou da chegada de mais Aes Sedai — continuou Logain —, as que estavam atrás de mim, e informou onde estariam, para que eu pudesse atacá-las sem aviso prévio. — As feições serenas e etéreas de Lelaine se endureceram por um instante, e a mão de Burin foi sozinha para o punho da espada. Irmãs haviam morrido tentando capturar Logain. O homem pareceu não notar a reação. — A Ajah Vermelha nunca me deu informações falsas, até que me traíram.

O homem barbado encarava Logain com tanta intensidade que era evidente que estava se forçando a fazê-lo.

— Aes Sedai, e os seguidores dele? Talvez ele estivesse seguro na Torre, mas foi capturado muitas léguas mais perto de onde estamos.

— Não foram todos mortos ou capturados — observou o lorde de rosto encovado, logo atrás do primeiro. — A maioria fugiu, evaporou. Eu conheço bem a história de meu povo, Aes Sedai. Os seguidores de Raolin Algoz-das-trevas ousaram atacar a própria Torre Branca depois da captura dele, e os de Guaire Amalasan também. Nós nos lembramos muito bem do exército de Logain marchando por nossas terras para querer que isso se repita numa tentativa de resgate.

— Você não precisa temer isso. — Lelaine olhou para Logain com um sorriso breve, como uma mulher olharia um cão domesticado e preso a uma coleira. — Ele já não deseja glória, quer apenas reparar um pouco do mal que causou. Além do mais, duvido de que muitos de seus antigos seguidores viriam ao seu chamado, não depois de ele ser levado enjaulado para Tar Valon, onde foi amansado. — Sua risada baixinha ecoou na

voz dos altaranos, mas só depois de um instante, e era um eco bem fraco. O rosto de Logain era uma máscara de ferro.

De repente, Lelaine notou Nynaeve logo à frente do batente da porta e ergueu as sobrancelhas. A mulher já havia trocado palavras amistosas com Nynaeve mais de uma vez e elogiara as supostas descobertas dela e de Elayne, mas seria tão rápida quanto qualquer outra Aes Sedai em repreender uma Aceita que cometesse um deslize.

Nynaeve curvou-se em uma mesura, fazendo um gesto com a caneca de barro já sem chá.

— Peço perdão, Lelaine Sedai. Preciso levar isso de volta à cozinha. — Ela disparou pela rua escaldante antes que a Aes Sedai pudesse dizer uma palavra.

Por sorte, Myrelle já não estava à vista. Nynaeve não estava com disposição para mais um sermão sobre como demonstrar responsabilidade, manter a calma ou qualquer coisa idiota. Por uma sorte ainda maior, viu Siuan parada a menos de trinta passos de distância, encarando Gareth Bryne no meio da rua, os dois no meio da multidão de transeuntes que iam e vinham. Tal qual Myrelle, Siuan não dava sinais do ataque relatado por Elayne — na opinião de Nynaeve, elas respeitariam mais *Tel'aran'rhiod* se não pudessem simplesmente fugir de lá e ter seus deslizes Curados na mesma hora em que chegavam ao mundo desperto. Nynaeve se aproximou.

— Qual é o seu problema, mulher? — rosnou Bryne para Siuan. Sua cabeça grisalha a olhava de cima, assomando-se sobre aquele rosto de aspecto jovem. Com os pés calçados em botas bem plantados no chão e as mãos nos quadris, Bryne parecia robusto como um rochedo. O suor que escorria por seu rosto poderia ser de outra pessoa, de tão pouca atenção que ele dispensava às gotas. — Eu a elogio pela maciez das minhas camisas, e você retruca com essa rudeza. E eu disse que você parecia bem-disposta, o que não é um golpe comum para começar batalhas, até onde eu sabia. Foi um elogio, mulher, mesmo que não tenha vindo acompanhado de rosas.

— Elogio? — rosnou Siuan em resposta, os olhos azuis cravados nele. — Eu não quero seus elogios! Você fica todo alegre por eu ter que passar suas camisas. Você é um homem muito mais baixo do que eu imaginava, Gareth Bryne. Espera mesmo que eu corra atrás de você feito uma criadinha quando o exército marchar, mendigando mais *elogios*? E você *não* vai se dirigir a mim dessa forma, como *mulher*! Eu tenho nome!

Uma veia saltou na têmpora de Bryne.

— Fico feliz em saber que você mantém a palavra, *Siuan*. E, se o exército de fato marchar, espero que continue mantendo. Nunca pedi que você fizesse esse juramento, ele foi escolha sua, para tentar se eximir da responsabilidade pelo que fez. Você nunca achou que seria obrigada a cumpri-lo, não é? Falando na marcha do exército, o que foi que você ouviu enquanto rastejava diante das Aes Sedai e beijava os pés delas?

Em um piscar de olhos, Siuan passou da ira fervilhante à calma gélida.

— Isso não faz parte do meu juramento. — Ela parecia uma jovem Aes Sedai, parada ali, toda empertigada, com aquela rebeldia fria e arrogante. Parecia alguém que ainda não usara o Poder por tempo suficiente para adquirir aquele ar etéreo. — Não vou servir de espiã para você. Você serve ao Salão da Torre, Gareth Bryne, por juramento *seu*. Seu exército vai marchar quando o Salão decidir. Fique atento às palavras deles e obedeça.

A mudança em Bryne foi imediata.

— Você seria uma inimiga com quem valeria a pena cruzar espadas — comentou, dando uma risadinha de admiração. — Seria melhor ainda... — Com a mesma rapidez, o sorriso deu lugar a uma careta. — O Salão, é? Ora! Diga a Sheriam que ela pode muito bem parar de me evitar. O que pode ser feito aqui já foi feito. Diga a ela que um cão de caça preso em uma jaula pode virar porco com a chegada dos lobos. Não reuni esses homens para serem vendidos no mercado. — Com um curto aceno de cabeça, ele saiu pisando

firme pela multidão.

Siuan o encarou de cenho franzido.

— Que história foi essa? — perguntou Nynaeve, e Siuan se assustou.

— Não é da sua conta — retrucou em tom rude, alisando o vestido. Pairava no ar a suspeita de que Nynaeve a estava espiando de propósito. Siuan sempre levava tudo para o lado pessoal.

— Deixe para lá — disse Nynaeve em um tom firme. Ela não se deixaria ser distraída. — O que eu não vou deixar para lá é a vontade de estudar você. — Faria algo de útil hoje, nem que acabasse morta. Siuan abriu a boca e olhou em volta. — Não, eu não estou com Marigan, e, neste exato instante, não preciso dela. Você só permitiu que me aproximasse de você duas vezes desde que encontrei uma pista de que algo em você poderia ser Curado. Duas! Pretendo estudar você hoje, e, se eu não conseguir, *vou* contar a Sheriam que você está desobedecendo as ordens dela de se colocar disponível. Juro que vou!

Por um instante, pensou que a outra fosse desafiá-la a tentar, mas Siuan por fim respondeu, de má vontade:

— Hoje à tarde. Estou ocupada agora de manhã. A não ser que você considere sua vontade mais importante do que ajudar seu amigo de Dois Rios?

Nynaeve deu um passo à frente. Ninguém na rua dispensava às duas mais do que uma olhadela ao passar, mas mesmo assim ela baixou o tom.

— O que é que elas estão planejando para ele? Você vive dizendo que elas não se decidiram em relação ao que fazer, mas a essa altura devem ter chegado a *alguma* conclusão. — Se tinham, Siuan saberia, não importava se devesse ou não estar sabendo.

Leane apareceu de repente, e teria sido melhor Nynaeve ficar de boca calada. Siuan e Leane cravaram os olhos uma na outra, as costas rígidas, pareciam dois gatos se estranhando em um cantinho.

— E então? — murmurou Siuan, o maxilar contraído.

Leane fungou, e seus cachos balançaram quando ela jogou a cabeça para trás. Ela contorceu os lábios em uma expressão de desprezo, mas as palavras não correspondiam à expressão e nem ao tom.

— Eu tentei dissuadi-las — retrucou, mas num tom suave. — Só que elas não tinham escutado você o suficiente para sequer considerar. Você não vai se reunir com as Sábias hoje à noite.

— Ah, entranhas de peixe! — rosnou Siuan, dando meia-volta e disparando a passos firmes, porém não mais ligeiros do que Leane, para o lado oposto.

Nynaeve quase jogou as mãos para o alto, de tão frustrada. As duas estavam conversando como se ela não estivesse ali, como se ela não soubesse exatamente sobre o que estavam falando. Ignorando-a. Era bom que Siuan aparecesse à tarde, como prometera, ou daria um jeito de torcê-la todinha e colocá-la para secar! Ao ouvir uma voz de mulher atrás de si, Nynaeve deu um salto.

— Aquelas duas deviam ser enviadas a Tiana para receber umas boas varadas. — Lelaine parou a seu lado, olhando primeiro para Siuan, depois para Leane. A Aes Sedai chegara de mansinho. Que mulher bisbilhoteira! Não havia sinal de Logain, nem de Burin, nem dos nobres altaranos. A irmã azul remexeu o xale. — Elas não são o que eram, claro, mas era de se esperar que conservassem um pouco de decoro. Não será nada bom se elas começarem a puxar os cabelos uma da outra no meio da rua.

— Às vezes as pessoas simplesmente irritam as outras sem querer — comentou Nynaeve. Siuan e Leane se esforçavam tanto para sustentar a historinha que o mínimo que ela podia fazer era corroborá-la. Ah, como odiava gente bisbilhoteira.

Lelaine olhou a mão de Nynaeve, agarrada à trança, e ela mais que depressa soltou o cabelo. Muita gente conhecia aquele hábito — um hábito que ela se esforçava para abandonar. Mas a Aes Sedai apenas disse:

— Não quando isso fere a dignidade das Aes Sedai, criança. Mulheres que servem às Aes Sedai precisam demonstrar certa reserva em público, por mais patetas que sejam a portas fechadas. — Decerto não havia

nada a ser dito em resposta. Pelo menos, nada que não gerasse problemas. — Por que você entrou agora há pouco no recinto onde eu estava exibindo Logain?

— Achei que o salão estivesse vazio, Aes Sedai — respondeu Nynaeve, prontamente. — Peço perdão. Espero não ter incomodado a senhora. — Isso não era resposta... ela não podia dizer que estava se escondendo de Myrelle, mas a Azul esguia apenas a encarou por um instante.

— O que você acha que Rand al'Thor vai fazer, criança?

Nynaeve piscou, confusa.

— Aes Sedai, faz meio ano que não o vejo. Só sei o que a gente ouve por aqui. O Salão já...? Aes Sedai, o que foi que o Salão decidiu em relação a ele?

Perscrutando o rosto de Nynaeve, Lelaine franziu os lábios. Aqueles olhos escuros, que pareciam ler pensamentos, eram muito perturbadores.

— Que coincidência impressionante. Você vem da mesma aldeia que o Dragão Renascido, assim como aquela outra garota, Egwene al'Vere. A expectativa era muito boa, quando ela se tornou noviça. Você faz alguma ideia de onde ela está? — A mulher não esperou a resposta. — E os outros dois rapazes, Perrin Aybara e Mat Cauthon. Ambos também *ta'veren*, pelo que eu soube. É mesmo impressionante. E agora você, com descobertas extraordinárias, apesar de suas limitações. Seja lá onde Egwene estiver, será que está se aventurando em lugares onde nenhuma de nós esteve? Todos vocês geraram muitos debates entre as irmãs, como pode imaginar.

— Espero que estejam dizendo coisas boas a nosso respeito — respondeu Nynaeve, hesitante.

As Aes Sedai haviam feito muitas perguntas sobre Rand desde sua vinda para Salidar, sobretudo depois da partida da missão diplomática para Caemlyn — algumas Aes Sedai, inclusive, eram incapazes de conversar com ela sobre outra coisa. Mas aquilo era diferente. Esse era o problema em falar com Aes Sedai. Metade das vezes não dava para saber ao certo o que elas buscavam ou pretendiam.

— Você ainda tem esperanças de Curar Siuan e Leane, criança? — Lelaine assentiu, como se Nynaeve já tivesse respondido, e soltou um suspiro. — Às vezes acho que Myrelle tem razão. Nós mimamos você demais. Sejam lá quais forem as suas descobertas, talvez devêssemos deixá-la aos cuidados de Theodrin até que esse seu bloqueio de canalizar por vontade própria seja dissolvido. Considerando o que você fez nos dois últimos meses, pense no que poderá fazer depois. — Agarrando a trança sem perceber, Nynaeve tentou encontrar uma brecha para falar, para fazer um protesto cauteloso, mas Lelaine ignorou a tentativa. E decerto foi melhor assim. — Você não está fazendo nenhum favor a Siuan e Leane, criança. Deixe que elas esqueçam quem e o que eram e se contentem com quem e o que são. Pela forma como se comportam, o único impeditivo para que esqueçam completamente é você, com essas tentativas tolas de Curar o que não pode ser Curado. Elas não são mais Aes Sedai. Por que alimentar falsas esperanças?

Havia um toque de compaixão em sua voz, junto com um leve desprezo. Afinal de contas, as que não eram Aes Sedai eram inferiores, e os ardis de Siuan e Leane definitivamente as fizeram cair ainda mais no conceito geral. Além disso, ali em Salidar não eram poucas as que culpavam Siuan e suas tramas, em seus tempos de Amyrlin, pelos problemas da Torre. Era muito provável que acreditassem que ela merecia tudo o que lhe acontecera e muito mais.

O que *fora* feito, contudo, era um complicador. O estancamento era raro. Antes de Siuan e Leane, fazia cento e quarenta anos que uma mulher não era julgada e estancada, e pelo menos doze anos que não se via uma mulher exaurida. As estancadas em geral tentavam se afastar ao máximo das Aes Sedai. Lelaine, caso fosse estancada, decerto tentaria esquecer que fora Aes Sedai — se é que isso era possível. E deixava claro que gostaria de esquecer que Siuan e Leane também tinham sido, de que haviam sido destituídas de tudo aquilo. Grande parte das Aes Sedai se sentiria mais confortável se elas pudessem ser encaradas como duas mulheres que jamais tinham sido capazes de canalizar, que jamais tinham sido Aes Sedai.

— Sheriam Sedai me concedeu permissão para tentar — declarou Nynaeve, com a maior firmeza que ousava dirigir a uma irmã completa. Lelaine sustentou o olhar até Nynaeve se desviar. Ela agarrou a trança antes que pudesse perceber, e as juntas de seus dedos ficaram brancas, mas manteve a expressão serena. Tentar encarar uma Aes Sedai era um truque bastante insensato para uma Aceita.

— Todas agimos feito bobas algumas vezes, criança, porém a mulher sábia aprende a limitar a frequência desse tipo de atitude. Como parece que você já terminou o café da manhã, sugiro que se livre dessa caneca e vá encontrar o que fazer antes que arrume problemas. Nunca pensou em cortar esse cabelo? Ah, não importa. Pode ir.

Nynaeve fez uma mesura, mas a Aes Sedai já tinha virado as costas. Olhou feio para Lelaine assim que se viu livre de seu olhar. *Cortar o cabelo?* Ergueu a trança e a sacudiu com força na direção da Aes Sedai que se afastava — e ficou furiosa por ter esperado ela se afastar para fazer aquilo, mas, se não tivesse esperado, com certeza seria mandada para fazer companhia a Moghedien na lavagem das roupas, e no caminho ainda teria que dar uma paradinha para ver Tiana. Já estava ali em Salidar havia meses, sem fazer nada — pelo menos era o que parecia, apesar de tudo o que ela e Elayne tinham conseguido arrancar de Moghedien —, cercada de Aes Sedai que tinham decidido ficar só conversando enquanto esperavam o mundo acabar sem elas. E Lelaine ainda sugeriu que ela cortasse o cabelo! Ah, Nynaeve perseguira a Ajah Negra, havia sido capturada e tinha fugido, além de ter capturado uma Abandonada — tudo bem que ninguém sabia disso —, e ajudado a Panarca de Tarabon a reconquistar o trono — tudo bem que não tinha durado muito. Depois de fazer isso tudo, era obrigada a ficar sentada levando crédito pelo que conseguia arrancar de Moghedien. E vinham lhe sugerir cortar o cabelo? Se fosse adiantar de alguma coisa, aceitaria até ficar careca!

Avistou Dagdara Finchey, que era tão robusta quanto qualquer homem ali na rua e mais alta do que a média, avançando por entre a multidão. Ver a Amarela de rosto redondo só a deixou mais irritada. Um dos motivos para permanecer ali em Salidar era estudar com as Amarelas, que todos diziam conhecer a arte da Cura melhor do que ninguém. Bem, se alguma delas sabia mais que Nynaeve sobre Cura, não estava disposta a compartilhar seus conhecimentos com uma reles Aceita. Tinha pensado que as Amarelas seriam as mais receptivas ao seu desejo de Curar tudo e todos, inclusive o estancamento, mas era o grupo que parecia menos animado com a ideia. Não fosse a intervenção de Sheriam, Dagdara a teria mandado esfregar o chão dia e noite até ela desistir dessas “bobagens e perdas de tempo”; e Nisao Dachen, uma Amarela bem baixinha de olhos penetrantes, se recusava até a falar com Nynaeve enquanto ela insistisse em tentar “alterar a forma da trama do Padrão”.

E, para piorar a situação, os sentidos ainda diziam que uma tempestade estava para chegar, cada vez mais próxima, embora ela continuasse sofrendo os efeitos do céu completamente sem nuvens com um sol escaldante.

Resmungando sozinha, Nynaeve enfiou a caneca de barro na traseira de um carrinho de madeira e seguiu pela rua abarrotada desviando dos outros transeuntes. Sua única opção era seguir com o dia até Moghedien estar livre, e só a Luz sabia quanto isso ia demorar. Uma manhã inteira perdida somada a uma longa lista de dias perdidos.

Muitas das Aes Sedai meneavam a cabeça e sorriam para ela, mas bastava forçar um sorriso de desculpas e acelerar um tantinho o passo, como se estivesse com pressa, para evitar ser parada pelas inevitáveis perguntas sobre que novidades podiam esperar dela. Com seu humor atual, poderia acabar respondendo exatamente o que estava pensando, uma atitude extremamente tola. Ficavam ali fazendo nada. Querendo que *ela* adivinhasse o que Rand faria. Mandando-a cortar o cabelo. Argh!

Claro que não recebeu apenas sorrisos. Quando se deparou com a pequena Nisao, que agiu como se ela fosse invisível, ainda teve que pular para fora do caminho para não ser atropelada pela Amarela. E uma Aes Sedai ativa, de cabelos claros, olhos azuis e queixo proeminente, guiando um capão ruano alto pela multidão,

passou olhando feio para ela. Nynaeve não a reconheceu. Ela estava muito arrumada, usando um vestido de montaria de seda cinza-claro, mas a capa de linho leve dobrada na frente da sela indicava que a mulher tinha acabado de chegar — outro indício era o Guardião magricela de casaco verde que vinha atrás dela, montado em um cavalo de batalha alto e cinzento e com um ar apreensivo. Os Guardiões *nunca* pareciam apreensivos, mas Nynaeve imaginou que poderiam abrir uma exceção quando sua Aes Sedai decidia se juntar a uma rebelião contra a Torre. Luz! Até os recém-chegados a irritavam!

Então viu Uno, com sua cara cheia de cicatrizes, o cabelo todo raspado, exceto pelo rabo de cavalo no topo da cabeça e o tapa-olho com um olho falso horroroso pintado em vermelho-vivo. Uno parou ao ouvir o berro assustado de um jovem a cavalo vestido com armadura de placa e malha, com uma lança amarrada à sela. O jovem passou de assustado a envergonhado na mesma hora. Uno abriu um sorriso afetuoso para Nynaeve. Bem, até poderia ser afetuoso, não fosse o tapa-olho. A Aceita respondeu com uma careta que o fez piscar e dar meia-volta para ralar com o soldado.

Não foram Uno e seu tapa-olho que tinham deixado Nynaeve amarga. Não exatamente. Uno acompanhara ela e Elayne até Salidar e até prometera roubar cavalos — “pegar emprestado”, como ele dizia —, caso elas quisessem partir, mas já não havia a menor chance disso. Uno passara a usar uma faixa dourada trançada nos punhos do casaco escuro e surrado, indicando seu posto de oficial — ele estava treinando uma cavalaria pesada para Gareth Bryne, estava dedicado demais para se preocupar com Nynaeve. Não, não era verdade. Se ela dissesse que queria ir embora, Uno arranjaría cavalos em questão de horas, e ela partiria com uma escolta de shienaranos de rabos de cavalo que haviam jurado lealdade a Rand e só estavam ali em Salidar porque ela e Elayne tinham levado todos até lá. Só que para isso ela precisaria admitir que estivera errada ao decidir ficar ali, precisaria admitir que tinha mentido todas as vezes que afirmara estar muito feliz em Salidar. E não era capaz de admitir tudo isso. Uno só estava ali porque acreditava que deveria *cuidar* dela e de Elayne, e Nynaeve não admitiria nada para ele!

Aquela ideia de sair de Salidar era nova, uma vontade despertada ao ver Uno, e Nynaeve começou a pensar seriamente no assunto. Se Thom e Juilin não tivessem ido embora para Amadícia... Não que os dois tivessem decidido viajar a passeio, é claro. Quando morrer ali como Aes Sedai ainda lhe parecia valer de alguma coisa, aqueles dois tinham se oferecido para descobrir o que estava acontecendo do outro lado do rio. Como queriam avançar até a própria Amador, eles já estavam afastados havia bem mais de um mês — e, na melhor das hipóteses, ainda levariam mais uns dias para voltar. Claro que os dois não eram os únicos despachados para descobrir o que estava acontecendo. Havia mandado até algumas Aes Sedai, mas a maioria tinha ido mais para oeste, na direção de Tarabon. Entre fingir estar fazendo alguma coisa e a demora no retorno dos dois, Nynaeve tinha boas desculpas para esperar. Desejou não ter deixado os dois partirem — nenhum deles teria ido se ela tivesse dito não.

Thom era um velho menestrel, embora já tivesse sido muito mais que isso, e Juilin era um apanhador de ladrões de Tear: dois homens competentes que sabiam como agir em terras estranhas, além de dotados de um sem-número de capacidades úteis. Os dois também tinham acompanhado Nynaeve e Elayne até Salidar, e nenhum teria questionado caso ela dissesse que queria ir embora. Com certeza falariam dela pelas costas, mas não pela frente, como no caso de Uno.

Era horrível ter que admitir que de fato precisava daqueles dois, mas não tinha a menor ideia de como faria para roubar um cavalo. E, além disso, uma Aceita rondando os estábulos ou as fileiras de estacas dos soldados não passaria despercebida. E, se tirasse o vestido branco, seria vista e denunciada antes mesmo de chegar perto de um casco. E, mesmo que conseguisse fugir, seria perseguida. Quase todas as Aceitas e noviças fugidas eram capturadas e sofriam punições amargas que reduziam a pó qualquer ideia de uma segunda tentativa. Depois de começado, o treinamento para ser Aes Sedai só terminava quando as *Aes Sedai* diziam que tinha terminado.

Claro que não era o medo da punição que a impedia — o que eram uma ou duas varadas diante da possibilidade de ser morta pela Ajah Negra ou de ter que enfrentar um dos Abandonados? Só não sabia se queria mesmo ir. E para onde iria? Para Caemlyn, atrás de Rand? Encontrar Egwene em Cairhien? E será que Elayne iria junto? Ah, a menina com certeza iria se fossem para Caemlyn. Será que aquela sua ansiedade era uma vontade de *agir*, de fazer qualquer coisa que fosse, ou o medo de que as Aes Sedai descobrissem Moghedien? A punição para uma fuga não seria páreo para isso! Ainda não tinha chegado a nenhuma conclusão quando virou uma curva e se deparou com a turma de noviças de Elayne, todas reunidas em um espaço aberto entre duas casas de pedra e telhado de palha, onde antes ficavam as ruínas de outra casa.

Eram mais de vinte mulheres vestidas de branco sentadas em semicírculo, observando enquanto Elayne guiava duas outras mulheres em um exercício, as três envoltas pelo brilho tênue de *saidar*. Tabiya, uma menina sardenta e de olhos verdes, com cerca de dezesseis anos, e Nicola, uma mulher esguia e de cabelos negros da idade de Nynaeve, passavam, inseguras, uma pequenina chama de um lado a outro. A chama tremulava e volta e meia sumia por alguns segundos quando uma das mulheres não era rápida o suficiente em manter a trama que a outra lhe passara. Naquele estado de humor, Nynaeve conseguia ver claramente os fluxos urdidos.

Dezoito noviças tinham sido levadas às pressas quando Sheriam e as outras fugiram da torre, e Tabiya era uma delas, mas a maioria das moças ali era como Nicola: recrutadas depois que as Aes Sedai se estabeleceram em Salidar. Nicola não era a única mais velha que o normal para uma noviça, quase metade das outras mulheres tinha a mesma idade. Quando Nynaeve e Elayne foram para a Torre, era raro as Aes Sedai testarem mulheres mais velhas que Tabiya — Nynaeve era famosa tanto por ser bravia quanto pela idade avançada —, mas, talvez por desespero, as mulheres de Salidar tinham expandido os testes para mulheres até um ou dois anos mais velhas que Nynaeve. E, com isso, aquele acampamento passara a abrigar mais noviças do que a Torre Branca tivera em anos, um sucesso que levou as Aes Sedai a iniciarem novas buscas, cruzando Altara de aldeia em aldeia.

— Você não queria estar dando essa aula?

Nynaeve sentiu o estômago se revirar ao ouvir aquela voz por cima do ombro. Duas vezes na mesma manhã. Ah, como queria ter um pouco de menta-de-ganso na bolsa do cinto. Se continuasse se deixando ser pega de surpresa, acabaria tendo que organizar a papelada de alguma Marrom.

A domanesa bochechuda não era Aes Sedai. Se estivesse na Torre, Theodrin já teria sido elevada ao xale, mas ali fora apenas elevada à uma posição superior à de uma Aceita, porém inferior à de uma irmã plena. Ela usava o anel da Grande Serpente na mão direita, não na esquerda, e o vestido verde caía bem na pele bronzeada, mas ainda não tinha permissão para escolher uma Ajah ou para usar o xale.

— Tenho mais o que fazer do que ensinar um bando de noviças cabeças-duras.

Theodrin apenas sorriu ao notar o tom mordaz de Nynaeve. Ela era sempre tão simpática.

— Uma Aceita cabeça-dura ensinando noviças cabeças-duras? — Bem, nem sempre. — Bom, depois que conseguirmos fazer você canalizar sem estar a ponto de arrancar a cabeça das meninas, também vai ser instrutora. E eu não ia achar nem um pouco surpreendente se você fosse elevada logo em seguida, com todas as coisas que vem descobrindo. Sabe, você nunca me contou o seu truque.

As bravias quase sempre tinham algum truque, desenvolvido logo na primeira vez em que desvelavam a habilidade de canalizar. Outra característica comum era uma espécie de bloqueio, uma barreira mental que escondia o poder de canalização até delas mesmas.

Nynaeve teve que fazer um esforço para manter a expressão serena. Poder canalizar quando bem entendesse, ser elevada a Aes Sedai... Nada disso ia resolver o problema de Moghedien, mas ao menos poderia ir aonde quisesse, estudar o que lhe desse vontade sem ninguém buzinando em seus ouvidos que simplesmente não havia Cura para isso ou aquilo.

— Às vezes, alguns doentes já sem salvação se curavam. Eu ficava tão irritada quando via alguém à beira

da morte, mesmo com todos os meus conhecimentos a respeito das ervas... — Ela deu de ombros. — Aí a pessoa ficava boa.

— Muito melhor que o meu. — A mulher esguia suspirou. — Eu podia fazer um rapaz querer me beijar... ou não querer. Meu bloqueio eram os homens, não a raiva. — Nynaeve a encarou, incrédula, e Theodrin deu uma risada. — Bem, e os sentimentos. Se eu estivesse perto de um de quem eu gostasse ou detestasse muito, eu conseguia canalizar. Se não tivesse nenhum sentimento extremo ou se não houvesse homens por perto, eu era praticamente uma árvore para *saidar*.

— E como foi que você conseguiu superar isso? — perguntou Nynaeve, curiosa.

Elayne tinha dividido as noviças em duplas, e as garotas, muito sem jeito, passavam pequenas chamas de uma para a outra.

O sorriso de Theodrin cresceu, e seu rosto corou.

— Um rapaz chamado Charel, criado dos estábulos da Torre, começou a me olhar diferente... Eu tinha quinze anos, e o sorriso dele era lindo. As Aes Sedai permitiam que ele ficasse em silêncio em um canto durante as minhas aulas, até eu conseguir canalizar. Só que até o nosso primeiro encontro tinha sido planejado por Sheriam, eu não fazia ideia. — Ela enrubesceu ainda mais. — E também não sabia que ele tinha uma irmã gêmea. Nem que, depois de uns dias, o Charel sentado diante de mim na realidade era a Marel. Um dia ela tirou o casaco e a camisa no meio de uma aula, e eu fiquei em estado de choque, quase desmaiei... mas depois disso passei a conseguir canalizar sempre que quisesse.

Nynaeve não conseguiu evitar cair na gargalhada, e, apesar do rosto corado, Theodrin riu junto sem o menor constrangimento.

— Ah, queria que também fosse fácil assim para mim.

— Nós vamos romper esse seu bloqueio, não importa quão difícil seja — respondeu Theodrin, parando de rir. — Hoje à tarde...

— Hoje à tarde eu vou estudar Siuan — interrompeu Nynaeve, mais do que depressa, e Theodrin comprimiu os lábios.

— Você tem me evitado, Nynaeve. No mês passado só tivemos três encontros, você conseguiu escapar de todas as outras aulas. Não tenho problemas com suas tentativas falhas, mas não vou tolerar que você fique com medo de tentar.

— Eu não estou com medo... — começou Nynaeve, indignada, mas uma vizinha perguntou se ela estava tentando esconder a verdade de si mesma. Era tão desanimador tentar, tentar, tentar... sem nunca conseguir.

Theodrin não permitiu que ela continuasse a frase.

— Vou acreditar que você já tem um compromisso hoje — respondeu, muito calma —, mas vamos ter que nos encontrar amanhã e todos os dias seguintes, ou serei forçada a tomar uma atitude. Não quero apelar para outros métodos, e você também não quer que eu faça isso, mas vou quebrar esse seu bloqueio. Myrelle me pediu para dedicar uma atenção especial a isso, e juro que é exatamente o que farei.

Aquilo era quase um eco do que Nynaeve dissera a Siuan, e a antiga Sabedoria ficou de queixo caído. Era a primeira vez que Theodrin usava a autoridade de sua posição, e, considerando sua sorte desde que acordara naquele dia, era capaz de Nynaeve acabar tendo que ir junto com Siuan fazer uma visita à Tiana.

Theodrin não esperou resposta, simplesmente assentiu, como se as duas estivessem de acordo, e saiu deslizando rua afora. Nynaeve quase podia ver um xale franjado sobre os ombros dela. A manhã não estava indo nada bem. E de novo Myrelle se metendo! Quase deu um berro.

Elayne, no meio de suas noviças, sorriu orgulhosa para ela, mas Nynaeve apenas balançou a cabeça e virou as costas. Ia voltar para o quarto. E, como se para ficar bem claro o desastre que estava sendo aquele dia, antes de chegar na metade do caminho Nynaeve trombou com Dagdara Finchey, que passou correndo e a derrubou. Correndo! Uma Aes Sedai! A grandalhona não parou e nem se dignou a se virar para pedir

desculpas enquanto seguia abrindo caminho pela multidão.

Nynaeve se levantou, espanou a poeira do vestido, foi até o quarto pisando firme, entrou e bateu a porta com força. Lá dentro estava quente e sufocante, e as camas desfeitas ainda aguardavam Moghedien vir arrumá-las. E o pior de tudo era aquela sensação de que uma chuva de granizo deveria estar se abatendo sobre Salidar naquele exato instante. Bem, ela não seria surpreendida nem derrubada.

Nynaeve se atirou nos lençóis amarfanhados e ficou ali, mexendo no bracelete de prata, divagando sobre o que conseguiria arrancar de Moghedien naquela tarde, se perguntando se Siuan apareceria para o estudo, pensando em Lan, no seu bloqueio, em ficar ou não em Salidar... Não seria uma fuga de verdade, afinal. Provavelmente acabaria indo para Caemlyn atrás de Rand — ele precisava de alguém para impedir que aquele poder todo lhe subisse à cabeça, e Elayne ia gostar de encontrá-lo. Só queria que sua partida — e *não* fuga! — não tivesse começado a parecer ainda mais atraente depois da conversa com Theodrin.

Esperava que as emoções que recebia pelo *a'dam* lhe dessem algum sinal de que Moghedien tinha terminado as tarefas, e só então iria atrás dela — a mulher sempre se escondia quando estava de mau humor. Mas a vergonha e o ultraje que identificava pelo bracelete não amainaram, e ela ficou completamente surpresa ao ver a porta ser escancarada com violência.

— Ah, então você está aqui — grunhiu Moghedien. — Olhe só! — Ela ergueu as mãos. — Estão arruinadas! — Nynaeve achou que pareciam as mãos de qualquer outra pessoa que lavava roupas... estavam brancas e enrugadas, era verdade, mas isso era temporário. — Além de eu ter que viver na miséria, andando de um lado para o outro cumprindo tarefas, feito uma serviçal, agora querem que eu trabalhe feito uma primitiva...!

Nynaeve interrompeu a mulher com um procedimento muito simples: pensou em um golpe ligeiro de vara, na sensação de recebê-lo, então transferiu o pensamento para a parte de sua mente que recebia as emoções de Moghedien. A mulher arregalou os olhos escuros e fechou a boca depressa, apertando os lábios. Não foi um golpe forte, apenas um lembrete.

— Feche a porta e sente-se — mandou Nynaeve. — Depois você arruma as camas. Vamos estudar um pouco.

— Estou acostumada a levar uma vida muito melhor — resmungou Moghedien, mas obedeceu. — Até um trabalhador noturno de Tojar levava uma vida melhor!

— Se eu não estiver enganada — retrucou Nynaeve com rispidez —, um trabalhador noturno de sei lá onde não tem uma sentença de morte esperando por ele. Estou pronta para contar a Sheriam exatamente quem você é, se quiser. Basta me pedir. — Era puro blefe, e ela sentiu um embrulho quente no estômago só de pensar.

Ainda assim, Moghedien foi tomada por uma onda de medo e repugnância. Nynaeve quase admirava a capacidade da mulher de manter a expressão firme: se ela estivesse sentindo aquilo, estaria gritando e rangendo os dentes no chão.

— O que você quer que eu ensine? — perguntou Moghedien, contida.

Tinham sempre que dizer o que queriam dela. A mulher quase nunca fazia sugestões ou oferecia seus conhecimentos, a não ser que fosse pressionada a um ponto que Nynaeve considerava à beira da tortura.

— Vamos tentar uma coisa que você não conseguiu me ensinar muito bem: como detectar a canalização de um homem. — Até então, era a única coisa que ela e Elayne não tinham conseguido aprender com facilidade. Seria útil, caso decidisse ir para Caemlyn.

— Não é fácil, ainda mais sem um homem para praticar. Pena que você ainda não conseguiu Curar Logain. — O tom e a expressão de Moghedien não indicavam escárnio, mas ela encarou Nynaeve e prosseguiu, mais do que depressa: — Bem, mesmo assim, podemos tentar outra vez.

A aula realmente não foi fácil. Nunca era, mesmo quando era alguma coisa que Nynaeve aprendia assim

que entendia as tramas necessárias. Moghedien não conseguia canalizar sem que Nynaeve permitisse — sem que Nynaeve a conduzisse, na verdade —, e, quando se tratava de aprender algo novo, Moghedien precisava ditar a condução dos fluxos. Era uma confusão e tanto, o principal motivo para não conseguirem aprender dez coisas diferentes por dia. Neste caso específico, Nynaeve já tinha *alguma* ideia de como eram urdidos os fluxos, mas era um trabalho intrincado que envolvia os Cinco Poderes e fazia a Cura parecer simples, além de o padrão se alterar constantemente, em um piscar de olhos. Pelo que Moghedien dizia, era a dificuldade que reduzia a frequência do uso. E provocava uma bela dor de cabeça em quem tentasse sustentar aqueles fluxos por muito tempo.

Nynaeve se deitou na cama e se esforçou ao máximo. Se decidisse ir mesmo atrás de Rand, poderia precisar disso, e não havia como prever quando partiria. Até canalizou os fluxos sozinha — foi só pensar em Lan, ou Theodrin, que a raiva veio com força. Cedo ou tarde, Moghedien teria que pagar por seus crimes, então como ela ficaria, já tão acostumada a recorrer ao poder da mulher sempre que queria? Precisava viver e operar dentro dos próprios limites. Será que Theodrin era *mesmo* capaz de encontrar uma forma de quebrar o bloqueio? Lan tinha que estar vivo, ela precisava encontrá-lo. O incômodo se transformou em uma dor penetrante bem nas têmporas. Uma tensão surgiu nos olhos de Moghedien, que volta e meia esfregava a cabeça, mas por baixo do medo que corria pelo bracelete, também havia algo que quase parecia satisfação. Nynaeve supôs que ensinar trouxesse alguma satisfação, mesmo quando a pessoa não queria. Não sabia muito bem se gostava de ver Moghedien exibir uma reação tão normal e humana.

E também não soube dizer quanto tempo a aula durou, com Moghedien murmurando “quase” e “não tanto”, mas, quando a porta se abriu outra vez, ela se sentou tão depressa que quase caiu do colchão. O susto de Moghedien foi tão intenso que qualquer outra mulher teria gritado.

— Já ficou sabendo, Nynaeve? — perguntou Elayne, encostando a porta. — Tem uma emissária da Torre aqui, foi mandada por Elaida.

Nynaeve esqueceu as palavras que teria gritado se o coração não estivesse entalado na boca. Esqueceu até a dor de cabeça.

— Uma emissária? Tem certeza?

— Claro que eu tenho certeza, Nynaeve. Acha que eu teria vindo correndo até aqui só para contar uma *fofoca*? A aldeia inteira está em polvorosa.

— Não sei por que todo esse alvoroço — retrucou Nynaeve, amarga. Sua cabeça voltou a doer, e nem toda a menta-de-ganso do estoque de ervas guardado debaixo da cama teria aliviado a queimação no estômago. Aquela garota não ia aprender nunca a bater na porta antes de entrar? Moghedien comprimia a barriga com as duas mãos, como se também precisasse de um pouco de menta-de-ganso. — Já contamos a elas que Elaida sabe de Salidar.

— Bem e pode até ser que tenham acreditado — respondeu Elayne, desabando ao pé da cama de Nynaeve —, e pode ser que não, mas acho que isso confirmou a notícia. Elaida sabe onde estamos. Provavelmente sabe até o que estamos tramando. Qualquer um dos serviçais pode ser espião. Talvez até alguma irmã. Dei uma boa olhada na emissária, Nynaeve. É bem loura e tem olhos azuis congelantes. Uma Vermelha chamada Tarna Feir, segundo Faolain. Um dos Guardiões montando guarda a escoltou. Pelo olhar dela, a mulher poderia estar encarando uma pedra.

Nynaeve olhou para Moghedien.

— Vamos parar com essa lição. Volte daqui a uma hora para fazer as camas. — Ela esperou Moghedien sair, franzindo a boca e agarrando as saias, então virou-se para Elayne. — Que... que recado ela trouxe?

— Claro que não me contaram, Nynaeve. Todas as Aes Sedai com quem cruzei estavam se perguntando a mesma coisa. Ouvi dizer que Tarna riu quando informaram que ela seria recebida pelo Salão da Torre... E não foi porque achou graça. Você acha... — Elayne mordeu o lábio inferior por um instante. — Você acha que

elas podem mesmo decidir...

— Voltar? — perguntou Nynaeve, incrédula. — Elaida vai querer que elas percorram as últimas dez milhas de joelhos. E a última milha rastejando, com a barriga no chão! E mesmo que não seja o caso, mesmo que essa Vermelha diga “voltem para casa, está tudo perdoado, é hora do jantar”, acha mesmo que elas iam conseguir ignorar Logain assim tão fácil?

— Nynaeve, as Aes Sedai vão ignorar qualquer coisa para reunificar a Torre Branca. Você não compreende a situação como eu. Eu convivo com Aes Sedai no palácio desde o dia em que nasci. A questão é: qual é a mensagem de Tarna? E qual é a resposta do Salão?

Nynaeve esfregou os braços, irritada. Não tinha respostas, só um pouco de esperança, e seus sentidos indicavam que aquela chuva de granizo invisível deveria estar ressoando feito tambor nos telhados de Salidar. A sensação se arrastou durante dias.





PLANOS

— Você mandou trazer esses Iluminadores para Amador? — Muitos teriam se encolhido ao ouvir tamanha frieza na voz de Pedron Niall, mas não o homem parado em cima do raio de sol dourado entalhado no chão, diante daquela cadeira lisa e de espaldar alto em que Niall se sentava. Aquele homem exalava confiança e competência. Pedron prosseguiu: — Omerna, eu coloquei dois mil Filhos de vigia na fronteira com Tarabon por um motivo. Tarabon está de quarentena. *Ninguém* tem permissão de cruzar a fronteira. Se dependesse de mim, aqui não entraria nem um pardal.

Omerna era a imagem ideal de um oficial dos Filhos da Luz: alto e imponente, com o rosto impávido e confiante, queixo proeminente e mechas brancas nas têmporas. Os olhos escuros pareciam mais do que capazes de se manterem firmes ao inspecionar o campo de batalha mais sangrento, como de fato acontecia. Mas os olhos, naquele momento, estavam imersos em reflexão profunda. O tabardo branco e dourado de Senhor Capitão Ungido pela Luz lhe caía muito bem.

— Meu Senhor Capitão Comandante, eles estão querendo estabelecer uma casa do capítulo aqui. — Até sua voz, grave e melíflua, era adequada à imagem. — Os Iluminadores viajam por todos os cantos. Deve ser fácil infiltrar agentes entre eles. Agentes que seriam bem recebidos em qualquer cidade, em qualquer solar de nobres, em qualquer palácio de governantes. — Abdel Omerna tinha o cargo de um membro inferior do Conselho dos Ungidos, mas na verdade ele era o mestre dos espões dos Filhos da Luz. Por assim dizer. — Pense em como seria bom!

Mas Niall estava pensando que a Guilda de Iluminadores era toda de tarabonianos, cada homem e mulher. E Tarabon estava infectada pelo caos e pela loucura, que ele não deixaria correr soltos em Amadícia. Por mais que tivesse que esperar para cauterizar essa ferida pustulenta, ia pelo menos isolá-la.

— Eles vão receber o mesmo tratamento que qualquer um que tente atravessar a fronteira, Omerna. Serão mantidos sob vigia, sem poder falar com ninguém e escoltados para fora de Amadícia o mais rápido possível.

— Se me permite a insistência, meu Senhor Capitão Comandante, eles podem ser muito úteis, o que vale o preço dos rumores que talvez acabem espalhando. Os Iluminadores não se misturam muito com o povo. E, além de serem úteis para os meus agentes, Amador ainda teria o imenso prestígio de ter uma casa do capítulo de Iluminadores. E seria a única. A de Cairhien foi abandonada, assim como aposto que aconteceu o mesmo com a de Tanchico.

Prestígio! Niall esfregou o olho esquerdo para aliviar um tremor involuntário. Não adiantava muito se irritar com Omerna, mas teve que fazer um esforço para se controlar. O calor da manhã era um fogo cozinhando seu temperamento.

— Eles são mesmo bem isolados, Omerna. Só andam uns com os outros, só viajam juntos e raramente falam com gente de fora. Você vai querer fazer esses agentes se casarem com Iluminadores? É raro haver casamentos com gente de fora da Guilda, e só é possível se tornar um Iluminador por herança de nascença.

— Ah. Bem... Com certeza vamos encontrar um jeito. — Nada abalava aquela fachada de confiança e competência.

— As coisas serão feitas segundo minhas ordens, Omerna. — O homem chegou a abrir a boca outra vez, mas Niall, irritado, se antecipou: — Segundo as minhas ordens, Omerna! Não quero ouvir mais uma palavra sobre isso! Muito bem, e que informações você traz para mim, hoje? Que informações úteis? Essa é a sua função, e não ficar jogando lenha na fogueira de Ailron.

Omerna hesitou, obviamente querendo continuar argumentando em favor de seus preciosos Iluminadores, mas por fim disse, em um tom solene:

— Parece que os informes sobre Devotos do Dragão em Altara são mais do que apenas rumores. E deve ser o mesmo em Murandy. A infestação é pequena, mas vai crescer. Ainda estamos em um momento em que seria possível dar conta deles e das Aes Sedai em Salidar com uma só cajadad...

— Você agora dita as estratégias dos Filhos? Reúna informações e deixe que eu decida o que fazer. O que mais você tem para mim?

O homem respondeu à interrupção com um leve balançar de cabeça, calmo e respeitoso. Omerna tinha muito talento para manter a calma, talvez fosse o que fazia de melhor.

— Tenho boas notícias. Mattin Stepaneos está pronto para se unir ao senhor. Ele ainda está hesitante em fazer um pronunciamento público, mas meu pessoal em Illian informou que isso vai acontecer em pouco tempo. Pelo que dizem os relatórios, ele está bem ansioso.

— Isso seria extraordinário — respondeu Niall, em um tom seco.

É, sem dúvida seria extraordinário. Entre os muitos estandartes e galhardetes enfileirados nas cornijas do escritório estavam os Três Leopardos de Mattin Stepaneos, em preto e prata. Estavam pendurados ao lado de um Estandarte Real Illianense, com franjas douradas e nove abelhas bordadas com fios de ouro em seda verde. O rei de Illian tinha levado a melhor nas Confusões — pelo menos havia conseguido forçar um acordo ratificando a fronteira entre Amadícia e Altara no mesmo ponto inicial —, mas Niall duvidava de que o homem algum dia fosse esquecer que, mesmo tendo a vantagem do terreno e mais homens na batalha em Soremaine, fora derrotado e capturado. Se os Companheiros illianenses não tivessem protegido o campo durante a fuga do restante do exército para longe da armadilha de Niall, Altara teria virado um feudo dos Filhos, e Murandy também, talvez até Illian. E pior: Mattin Stepaneos tinha uma bruxa de Tar Valon como conselheira, mesmo que tentasse esconder isso — e a mulher. Niall enviara os emissários porque não ousava deixar de explorar todas as possibilidades, mas ter Mattin Stepaneos a seu lado de livre e espontânea vontade seria, de fato, extraordinário.

— Prossiga. E seja breve. Tenho um dia cheio e posso ler os relatórios escritos mais tarde.

Apesar das instruções, Omerna relatou as novidades num discurso longo, proferido em uma voz sonora e cheia de certeza. Al'Thor só tinha estendido o controle em Andor para pouco além de Caemlyn, e estava claro que seu ataque surpresa fora contido — como Omerna lembrou, cautelosamente, que já previra. Havia pouca chance de que as Terras da Fronteira se unissem aos Filhos contra o falso Dragão — os lordes de Shienar, Arafel e Kandor estavam aproveitando a calmaria da Praga para armar uma rebelião, e a Rainha de Saldaea tinha se refugiado na casa de campo por medo de que o mesmo acontecesse em suas terras. Mas os agentes de Omerna continuavam trabalhando, e os governantes das Terras da Fronteira teriam que entrar na

linha assim que as rebeliões menores fossem contidas. Por outro lado, os governantes de Murandy, Altara e Ghealdan estavam quase se juntando a eles, embora ainda falassem coisas ambíguas para acalmar as bruxas de Tar Valon. Alliandre, de Ghealdan, sabia que seu trono estava abalado, sabia que precisava dos Filhos para não cair de repente, assim como seus predecessores; e tanto Tylin, de Altara, e Roedran, de Murandy, nutriam esperanças de que a influência dos Filhos finalmente fizesse deles mais do que peças decorativas. Estava claro que o homem considerava que aquelas terras já estavam praticamente nas mãos de Niall.

E Omerna achava que o quadro era ainda melhor dentro de Amadícia. Recrutas iam aos bandos até os estandartes dos Filhos, tinham mais homens do que em muito tempo. Estritamente falando, os recrutas não eram da conta de Omerna, mas ele sempre mesclava os relatórios com todas as boas notícias que conseguisse encontrar. O Profeta não perturbaria a terra por muito tempo mais, já que sua turba estava envolvida numa disputa sobre quem cuidaria dos saques de aldeias e mansões ao norte, e poderia muito bem acabar debandando de volta para Ghealdan no embate seguinte com os soldados de Ailron. Não tinha muito mais espaço nas cadeias, já que estavam prendendo os Amigos das Trevas e os espiões de Tar Valon mais depressa do que conseguiam enforcá-los. A caça às bruxas de Tar Valon só rendera duas capturas, porém mais de cem mulheres haviam sido interrogadas, o que era uma boa medida da intensidade do patrulhamento. E estavam apreendendo cada vez menos refugiados de Tarabon, prova de que a quarentena estava se revelando eficaz — e os capturados eram mandados de volta para Tarabon no tempo em que levava para arrastá-los de volta à fronteira. Omerna relatou depressa essa última notícia, o que não era de se surpreender, considerando a ideia idiota sobre os Iluminadores.

Niall só escutava com atenção suficiente para saber a hora de assentir. Omerna tinha sido bem adequado ao papel de comandante de campo, só precisava que alguém lhe dissesse como proceder, mas, agora que mudara de posto, era cansativo lidar com tanta tolice e ingenuidade. O homem havia relatado a morte de Morgase, afirmando com absoluta certeza que seu corpo fora visto e identificado, e mantivera a história até que Niall o pôs frente a frente com a antiga rainha. Omerna escarnecera dos “rumores” de que a Pedra de Tear tinha caído, e até hoje negava que a fortaleza mais poderosa do mundo pudesse ter sido tomada por qualquer força externa — insistia que era algum caso de traição, que algum Grão-lorde entregara a Pedra a al’Thor e a Tar Valon. E ele insistia em dizer que o desastre em Falme e as questões em Tarabon e Arad Doman eram obra do retorno dos exércitos de Artur Asa-de-gavião pelo Oceano de Aryth. Estava convencido de que Siuan Sanche não havia sido deposta; de que al’Thor estava louco e à beira da morte; de que Tar Valon tramara a morte do Rei Galldrian para deflagrar a guerra civil em Cairhien; e de que esses três “fatos” estavam ligados aos rumores ridículos de gente irrompendo em chamas e pesadelos brotando do nada e massacrando aldeias inteiras — que eram sempre convenientemente relatados por alguém que vivia num lugar muito distante. Ele ainda não tinha muita certeza de nada, mas estava trabalhando numa grande teoria que prometia revelar a qualquer momento — uma teoria que supostamente acabaria com toda aquela conspiração das bruxas e deixaria Tar Valon nas mãos de Niall.

Com Omerna era assim: ou ele inventava razões mirabolantes para os acontecimentos, ou pescava as fofocas nas ruas e as engolia sem nem refletir. Passava boa parte do tempo escutando fofocas nas mansões e nas ruas. Além de ter sido visto bebendo nas tavernas com Caçadores da Trombeta, não era segredo que ele desembolsara quantias enormes de dinheiro por nada menos que três supostas Trombetas de Valere. E, nas três vezes, Omerna levava o objeto para o interior e passara dias soprando o negócio, até ter que admitir que nenhum herói lendário morto sairia cavalgando do túmulo. Mesmo assim, os fracassos provavelmente não o impediriam de fazer novas compras nos becos escuros e nos fundos das tavernas. O problema era fácil de explicar: enquanto um mestre espião duvidava até mesmo do próprio reflexo no espelho, Omerna acreditava em qualquer coisa.

O homem enfim esgotou o falatório, e Niall disse:

— Lerei seus relatórios com a devida atenção, Omerna. Bom trabalho. — Ah, como ele ficou feliz com o elogio, alisando o tabardo, todo orgulhoso. — Agora vá. E mande Balwer entrar quando estiver saindo. Tenho que ditar algumas cartas.

— Claro, meu Senhor Capitão Comandante. Ah. — Omerna parou no meio de uma medida, franziu o cenho e revirou o bolso do colete branco e puxou um pequenino cilindro de osso que entregou a Niall. — Isso aqui chegou no pombal hoje de manhã.

O cilindro estava marcado com três finas linhas vermelhas de cima a baixo, o que indicava que deveria ser entregue a Niall com os selos de cera intactos. E o homem quase se esquecera.

Omerna aguardou, decerto esperando alguma dica sobre o conteúdo do cilindro, mas Niall o dispensou com um aceno.

— Não se esqueça de falar com Balwer. Se existe alguma chance de Mattin Stepaneos se juntar a mim, é melhor eu escrever e ver se consigo influenciá-lo a tomar a decisão certa. — Omerna não teve escolha a não ser curvar-se em mais uma medida e sair.

Mesmo depois de o homem fechar a porta, Niall simplesmente correu os dedos pelo cilindro por um tempo. Aquelas raras mensagens especiais quase nunca traziam boas notícias. Ele se levantou com cuidado — nos últimos tempos, a idade andava lhe pesando nos ossos — e encheu de ponche um cálice de prata, que deixou em cima da mesa para ir abrir uma pasta de couro trabalhado presa por um fio de linho. A pasta continha uma única folha de papel grosso, amassado e parcialmente rasgado, com um desenho a giz de um artista de rua: dois homens lutando entre nuvens, um com o rosto de fogo, o outro de cabelos vermelhos e escuros. Al'Thor.

Todos os seus planos de impedir o falso Dragão tinham dado errado, todas as suas esperanças de conter a crescente maré de conquista daquele homem, de desviá-lo de seu caminho de vitórias. Será que tinha esperado demais, deixando al'Thor ficar ainda mais poderoso? Se fosse o caso, havia apenas uma forma de lidar de vez com aquilo: uma faca no escuro, uma flecha lançada de algum telhado. Quanto tempo ousaria esperar? Ousaria correr o risco de não esperar? Tanto a pressa quanto a espera poderiam causar um desastre.

— Milorde mandou me chamar?

Niall encarou o homem que entrara tão silenciosamente. À primeira vista, Balwer não parecia capaz de se mover sem nem um farfalhar seco para denunciar sua presença. Tudo nele era tenso e aflitivo. O casaco marrom caía sobre os ombros calombentos, as pernas pareciam prestes a quebrar com o peso do corpo esquelético. O sujeito se movia feito um pássaro saltando de galho em galho.

— Você acredita que a Trombeta de Valere vai convocar os heróis mortos para nos salvar, Balwer?

— Pode ser que sim, milorde — respondeu o homem, remexendo as mãos, nervoso. — Pode ser que não. Eu não contaria muito com isso.

Niall assentiu.

— E você acha que Mattin Stepaneos vai se juntar a mim?

— Mais uma vez, pode ser que sim. Ele não vai querer acabar morto ou feito de marionete. O homem só quer agarrar a Coroa de Louros, e o exército que está se reunindo em Tear provavelmente vai fazer ele suar para conseguir o que quer. — Balwer abriu um sorriso minúsculo, não mais que um esgar de lábios. — Ele já falou abertamente sobre a inclinação de aceitar sua proposta, milorde, mas, por outro lado, acabei de saber que Mattin anda se comunicando com a Torre Branca. Ao que parece, ele concordou em fazer alguma coisa, mas ainda não sei o quê.

Todo mundo sabia que Abdel Omerna era o espião-mestre dos Filhos. A posição deveria ser um segredo, é claro, apesar de qualquer pedinte ou cavalição ser capaz de apontar Omerna na rua — ainda que o fizessem discretamente, para não serem pegos em flagrante por quem consideravam o homem mais perigoso de Amadícia. Mas a verdade era que Omerna era um chamariz, um idiota que sequer sabia que só servia para

encobrir o verdadeiro espião-mestre da Fortaleza da Luz: Sebban Balwer, o secretário empertigado e enrugado de Niall, com a constante cara de desaprovação. Um homem acima de qualquer suspeita, um nome em que ninguém acreditaria, se ouvisse em alguma confissão.

Enquanto Omerna acreditava em todo e qualquer rumor, Balwer era um cético — talvez não acreditasse nem nos Amigos das Trevas nem no Tenebroso. Balwer acreditava na eficiência de espreitar os outros, escutar seus sussurros e arrancar seus segredos. Naturalmente, o homem teria servido a qualquer outro mestre tão bem quanto servia a Niall, o que só o tornava um espião melhor. As descobertas de Balwer nunca eram maculadas pelo que ele supunha — ou pelo que desejava — ser a verdade. Como duvidava de tudo, o homem sempre conseguia desencavar os fatos.

— Eu não esperava outra coisa de Illian, Balwer, mas até Mattin pode ser convencido. — O homem precisava ser convencido. Não podia ser tarde demais. — Alguma novidade das Terras da Fronteira?

— Nada ainda, milorde. Mas Davram Bashere está em Caemlyn. E com uma cavalaria ligeira de trinta mil, segundo meus informantes, mas acho que não chega nem a metade disso. Ele não deixaria Saldaea tão vulnerável, por mais que a Praga esteja tranquila, mesmo que Tenobia ordenasse.

Niall grunhiu, o canto do olho esquerdo começando a tremelicar. Passou os dedos pelo desenho da pasta, um retrato supostamente bem preciso de al'Thor. Bashere em Caemlyn. Um bom indicativo de que Tenobia estava no interior, se escondendo de seu enviado.

Não havia boas notícias das Terras da Fronteira, independentemente do que quer que Omerna acreditasse. As “rebeliões menores” de que ele falara eram mesmo menores, mas não tinham as causas que o falso espião imaginava. Homens de toda a Fronteira da Praga estavam debatendo sobre se al'Thor era apenas mais um falso Dragão ou o Dragão Renascido. Considerando o jeito dos homens das Terras da Fronteira, esses debates às vezes evoluíam para pequenas batalhas. As lutas tinham começado em Shienar logo que a Pedra de Tear caiu, o que só servia para confirmar o envolvimento das bruxas — como se realmente precisassem de confirmação. De acordo com Balwer, ainda não dava para saber no que isso tudo acabaria.

Uma das poucas coisas que Omerna tinha acertado era que al'Thor ainda estava em Caemlyn. Mas por quê? Ainda mais com Bashere, os Aiel e as bruxas? Isso nem mesmo Balwer soubera responder. Qualquer que fosse o motivo, precisava agradecer à Luz por isso! Era verdade que as turbas do Profeta estavam se dedicando apenas a saquear o norte de Amadícia, mas consolidavam cada vez mais seu poder, matando ou botando para correr qualquer um que se recusasse a apoiar o Profeta do Dragão. Os soldados de Ailron só haviam parado de recuar porque aquele maldito Profeta tinha decidido cessar os avanços. Alliandre e os outros que Omerna tinha tanta certeza de que se juntariam aos Filhos na verdade estavam indecisos, evitando dar uma resposta aos emissários de Niall com atrasos e desculpas esfarrapadas. O Senhor Capitão Comandante dos Filhos suspeitava de que nem mesmo eles soubessem muito bem como iam proceder.

Ao que parecia, tudo estava a favor de al'Thor, exceto pelo que quer que fosse que o prendia em Caemlyn, mas Niall sempre fora muito mais perigoso quando estava na desvantagem, acuado contra a parede.

De acordo com os rumores, se é que dava para acreditar na boataria das ruas, Carridin estava se saindo bem em Altara e Murandy, embora não tão rápido quanto Niall gostaria. O tempo era um inimigo tão poderoso quanto al'Thor e a Torre. Ainda assim, provavelmente já seria o bastante se Carridin só estivesse se saindo bem de acordo com os boatos. Talvez fosse hora de expandir o domínio dos “Devotos do Dragão” até Andor. Quem sabe também até Illian, embora umas poucas fazendas e aldeias invadidas não fossem fazer a menor diferença para influenciar Mattin Stepaneos a seguir pelo caminho certo, já que nem o exército se formando em Tear parecia suficiente para convencê-lo. Niall ficava horrorizado só de pensar no tamanho daquele exército — mesmo que fosse só a metade, mesmo que não passasse de um quarto do número que Balwer informava, era aterrador. Não se via nada dessa magnitude desde os dias de Artur Asa-de-gavião. Em vez de assustar os homens a ponto de convencê-los se unir a Niall, um exército desses poderia intimidá-los a

ponto de saírem correndo atrás do estandarte do Dragão. Se os Filhos tivessem um ano, ou meio ano que fosse, Niall conseguiria fazer frente a todo o exército de imbecis e vilões e selvagens Aiel que al'Thor reunira.

Claro que nem tudo estava perdido. Enquanto ele estivesse vivo, nada estava perdido. Tarabon e Arad Doman eram tão inúteis para al'Thor e as bruxas quanto para ele, dois poços apinhados de escorpiões, e apenas um tolo enfiaria a mão ali antes que mais daqueles escorpiões se matassem. Mesmo que Saldaea estivesse perdida — uma derrota que ele era incapaz de admitir —, Shienar, Arafel e Kandor ainda estavam pesando as opiniões e possíveis consequências, numa balança que, como todas as outras, podia ser forçada para o lado certo. Mesmo que Mattin Stepaneos estivesse tentando cavalgar dois cavalos ao mesmo tempo — o homem sempre tentava —, ainda poderia ser forçado a montar o alazão correto. Altara e Murandy ainda podiam ser inclinadas para o caminho mais apropriado, e Andor cairia em suas mãos com ou sem um leve toque do chicote de Carridin. Em Tear, os agentes de Balwer tinham convencido Tedosian e Estanda a se unirem a Darlin, transformando uma pretensa rebeldia em uma verdadeira rebelião, e Balwer estava confiante de que o mesmo pudesse ser feito em Cairhien e Andor. Em mais um mês, no máximo dois, Eamon Valda chegaria de Tar Valon — Niall poderia passar sem Valda, mas isso deixaria a maior parte da força dos Filhos concentrada num único ponto, pronta para ser usada onde fosse melhor.

Sim, ainda tinha muito a seu favor. Ainda não havia nada definitivo, mas tudo estava convergindo na direção certa. Só precisava de tempo.

Niall notou que ainda segurava o cilindro de metal, então quebrou o selo de cera com o polegar e desenrolou o papel fino com todo o cuidado.

Balwer não disse uma palavra, mas estreitou a boca de novo — e dessa vez não foi um sorriso. Consequia tolerar Omerna, sabia que o homem era um imbecil e de fato preferia operar nas sombras, mas não gostava de ver Niall recebendo notícias antes dele, ainda mais vindas de desconhecidos.

Uma caligrafia minúscula cobria o pedaço de papel em um criptograma conhecido por poucos além de Niall, e ninguém ali em Amador. Para o Senhor Capitão Comandante, ler aquilo era tão fácil quanto ler a própria letra. A assinatura na base da folha o fez piscar, surpreso, e o conteúdo também. Varadin era, ou tinha sido, um de seus melhores agentes pessoais. O homem, um vendedor de tapetes que lhe servira muito bem durante as Confusões enquanto mascateava seus produtos em Altara, Illian e Murandy. Lucrara tanto que conseguira se estabelecer como comerciante rico em Tanchico, fornecedor regular de bons carpetes e vinhos para os palácios do Rei e da Panarca e para as casas da maioria dos nobres de suas cortes. Em suas visitas comerciais, o homem sempre ia embora com olhos e ouvidos cheios. Niall o dera como morto havia muito tempo por conta das reviravoltas naquela região — era a primeira vez em um ano que Varadin mandava notícias. Pelo que seu informante alegava, teria sido melhor que o homem estivesse mesmo morto. A mensagem tinha sido na caligrafia trêmula de alguém à beira da loucura, um relato desconexo sobre homens cavalgando estranhas bestas e criaturas voadoras, sobre Aes Sedai presas em coleiras e sobre os *Hailene*. A palavra da Língua Antiga significava Predecessores, mas Varadin nem ao menos tentara explicar por que aquelas pessoas o deixavam tão apavorado ou quem supostamente eram. O homem estava obviamente delirante, tendo visto sua nação se desintegrando diante de si.

Irritado, Niall amassou o papel e o atirou longe.

— Primeiro tenho que aguentar as idiotices de Omerna, agora isso. O que mais você tem para mim, Balwer?

Bashere. As coisas podiam ficar feias com Bashere no comando dos exércitos de al'Thor. O homem fazia jus à reputação. Quem sabe não era melhor enviar uma adaga nas sombras para ele?

Balwer não desviou o olhar de Niall nem por um segundo, mas o Senhor Capitão Comandante sabia que a bolinha de papel no chão acabaria nas mãos do homem, a menos que a queimasse.

— Sei de quatro coisas que poderiam atrair seu interesse, milorde. Primeiro, a menos importante: os rumores sobre as reuniões dos Ogier em seus *pousos* são verdadeiros. O que parece transmitir certa ansiedade, em se tratando dos Ogier. — Claro que ele não disse sobre o que essas reuniões tratavam: era tão provável fazer um humano ser aceito em uma reunião Ogier quanto convencer um Ogier a se tornar espião. Ou seja: mais fácil fazer o sol nascer à noite. — Além disso, uma quantidade bem inusitada de navios do Povo do Mar está atracada nos portos ao sul, sem recolher cargas nem navegar.

— E eles estão esperando o quê?

O verdadeiro mestre espião contraiu os lábios por um instante, como se uma corda os repuxasse.

— Ainda não sei, milorde.

Balwer não gostava de admitir que existiam segredos que ele era incapaz de desencavar. Tentar descobrir mais que o senso comum sabia sobre os Atha'an Miere era como tentar aprender o segredo da Guilda de Iluminadores para fazer fogos de artifício: completamente inútil. Pelo menos os Ogier talvez acabassem decidindo revelar as decisões tomadas nas tais reuniões.

— Prossiga.

— A notícia razoavelmente mais interessante é... um tanto curiosa, milorde. Fontes confiáveis me informaram que al'Thor foi visto em Caemlyn, em Tear e em Cairhien, por vezes no mesmo dia.

— Confiáveis? Só se for de um confiável louco. As bruxas devem ter dois ou três homens parecidos com al'Thor, parecidos o bastante para enganar qualquer um que não o conheça muito bem. Isso explicaria muita coisa.

— Pode ser, milorde. Meus informantes *são* confiáveis.

Niall fechou a pasta de couro com força, escondendo o rosto de al'Thor.

— E a notícia de maior interesse?

— Suas fontes em Altara... fontes confiáveis, milorde... informaram que as bruxas de Salidar alegam que a Ajah Vermelha encorajou Logain a se tornar um falso Dragão. Que praticamente o fabricaram, na verdade. As bruxas estão com Logain em Salidar, ou pelo menos com um homem que alegam ser Logain, e o exibem aos nobres que convidam para uma visita. Não tenho provas, mas suspeito de que estejam contando essa história para todos os governantes com quem conseguem contato.

Franzindo o cenho, Niall observou os estandartes expostos na sala. Os símbolos representavam inimigos de quase todas as nações — nenhum daqueles o derrotara duas vezes, poucos tinham conseguido ao menos uma vitória. Os estandartes já estavam velhos, desgastados com o tempo. Assim como Niall. Mas não estava tão velho a ponto de não conseguir ver um fim para o que ele mesmo havia começado. Cada um daqueles estandartes tinha sido capturado em batalhas sangrentas, quando era difícil saber o que estava acontecendo para além do que os olhos podiam informar, quando a certeza da vitória ou da derrota eram igualmente efêmeras. A pior batalha que já lutara, com exércitos trôpegos caindo uns por sobre os outros perto de Moisen, durante as Confusões, parecia movida por artimanhas tão fáceis de compreender quanto as fantasias de uma criança, se comparados àquela batalha que ele travava agora.

Será que estava errado? A Torre estaria mesmo dividida? Haveria mesmo algum conflito entre as Ajahs? Por quê? Por al'Thor? Se as bruxas estavam brigando entre si, muitos dos Filhos se mostrariam prontos para defender a solução de Carridin: um golpe que destruísse Salidar e o máximo de bruxas possível. Muitos dos Filhos eram homens que acreditavam que pensar no dia de amanhã era pensar muito à frente e que nunca consideravam a semana ou o mês seguinte, que dirá o ano que ainda estava por vir. Valda era um deles, e talvez fosse bom que o sujeito ainda não tivesse chegado a Amador. E também Rhadam Asunawa, o Grão-inquisidor dos Questionadores. Valda estava sempre querendo usar o machado, mesmo quando o punhal servia melhor para a tarefa em questão; enquanto Asunawa simplesmente queria — e queria para ontem — ver enforcadas todas as mulheres que tivessem passado uma mísera noite na Torre, ver queimados todos os livros

que mencionavam Aes Sedai ou o Poder Único, ver vindas todas as palavras a respeito daquela feitiçaria maligna. Asunawa nunca pensava para além desses objetivos, nem se preocupava com o custo. Niall trabalhara muito duro, arriscara muita coisa, para permitir que aquilo se transformasse, aos olhos do mundo, numa disputa entre os Filhos e a Torre.

Na verdade, não fazia muita diferença ele estar ou não errado. Mesmo que estivesse, ainda conseguiria tirar muitas vantagens da situação. Talvez ainda mais vantagens do que se estivesse certo. Com um pouco de sorte, poderia arrasar a Torre Branca de um jeito irreparável, esmagar as bruxas até virarem pó. Com isso, o poder de al'Thor decerto iria vacilar, mas o falso Dragão continuaria a representar ameaça suficiente para ser usado como isca. E estaria perto da verdade. Muito perto.

Sem tirar os olhos dos estandartes, o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz respondeu:

— A cisão da Torre é real. A Ajah Negra se revelou. As vitoriosas detêm a Torre, e as perdedoras foram expulsas e estão lambendo as feridas em Salidar. — Niall olhou para Balwer e quase abriu um sorriso. Qualquer outro dos Filhos já estaria protestando, dizendo que não havia Ajah Negra, ou então que todas as bruxas eram Amigas das Trevas. Até o recruta mais novo teria feito isso. Mas Balwer mal olhou para ele, sem nem piscar diante de sua blasfêmia contra tudo o que os Filhos representavam. — Só nos resta decidir se a Ajah Negra ganhou ou perdeu. Acho que ganhou. A maioria vai considerar que as verdadeiras Aes Sedai são as da Torre. E é mesmo melhor que associem as *verdadeiras* Aes Sedai com a Ajah Negra. Al'Thor é uma criatura da Torre, um vassalo da Ajah Negra. — Ele pegou a taça que estava na mesa e bebericou, o que não ajudou em nada a aplacar o calor. — Talvez eu possa me aproveitar disso como mais uma desculpa para ainda não ter agido contra Salidar. — Por meio de seus emissários, ele alegava que o fato de não ter tomado providências era prova de como acreditava que al'Thor era uma ameaça terrível, já que preferira permitir que as bruxas se reunissem às portas de Amadícia a desviar os esforços das forças dos Filhos contra o perigo do falso Dragão. — Aquelas mulheres de lá estão horrorizadas, assombradas em finalmente ver, depois de tantos anos, a extensão do avanço da Ajah Negra. Finalmente se rebelaram contra a maldade em que estavam imersas... — Ele foi perdendo o vigor da imaginação. Aquelas mulheres eram todas servas do Tenebroso, que tipo de mal as faria se rebelar? Porém, depois de um instante, Balwer tomou a palavra:

— Pode ser que elas tenham decidido se jogar à mercê do senhor, milorde, ou até pedir sua proteção. Saíram derrotadas de uma rebelião, mais fracas que as inimigas, e temem ser subjugadas. Um homem à beira do precipício, já certo de sua morte, estende a mão para pedir ajuda até a seu pior inimigo. Pode ser que... — Balwer tamborilou os dedos ossudos sobre os lábios, pensativo. — Pode ser que estejam prontas para se arrepender de seus pecados e abdicar da posição de Aes Sedai?

Niall o encarou. Suspeitava de que os pecados das bruxas de Tar Valon fossem mais uma das coisas em que Balwer não acreditava.

— Isso é absurdo — retrucou, impassível. — O tipo de coisa que se poderia esperar de Omeria.

O secretário manteve a mesma expressão afetada de sempre, mas começou a esfregar as mãos, como sempre fazia quando se sentia insultado.

— É mesmo o que milorde esperaria dele, mas é o tipo de coisa que seria repetida onde ele mais colhe informações, nas ruas e nos salões onde os nobres fofocam enquanto bebem vinho. Ninguém nunca ri dos absurdos, nesses lugares, apenas escuta. O que pode parecer absurdo demais para acreditar é tomado como verdade justamente por ser absurdo demais para ser mentira.

— E como é que você apresentaria isso? Não vou plantar nenhum boato sobre uma possível ligação dos Filhos com as bruxas.

— Seriam apenas rumores, milorde. — Niall endureceu o olhar, e Balwer espalmou as mãos. — Como milorde desejar. A cada conto se aumenta um ponto, então a história mais simples tem mais chance de preservar sua essência. Sugiro quatro rumores, milorde, não apenas um. Primeiro, espalhamos o boato de que

a cisão da Torre foi causada por uma insurreição da Ajah Negra. Segundo, que a Ajah Negra saiu vitoriosa e agora controla a Torre Branca. Terceiro, que as Aes Sedai em Salidar, expulsas e apavoradas, renunciaram ao posto de Aes Sedai. E quarto, que as mulheres vieram até o senhor em busca de piedade e proteção. Para o povo, cada história servirá como confirmação das outras. — Ajeitando a lapela, Balwer abriu um sorrisinho de satisfação.

— Muito bom, Balwer. Que assim seja. — Niall tomou um gole maior de vinho. O calor o deixava cada vez mais consciente da própria idade. Sentia que os ossos pareciam frágeis. Mas viveria por tempo suficiente para ver o falso Dragão cair, ver o mundo reunido para enfrentar Tarmon Gai'don. Ainda que não vivesse para liderar a Última Batalha, tinha certeza de que a Luz lhe concederia ao menos isso. — E quero que Elayne Trakand e seu irmão Gawyn sejam localizados e trazidos de volta para Amador. Cuide disso. Agora pode sair.

Em vez de sair, Balwer hesitou.

— Milorde sabe que eu jamais faria nenhuma sugestão sobre como proceder.

— Mas está querendo fazer uma agora? E qual seria?

— Pressione Morgase, milorde. Já passou mais de um mês, e ela ainda está *considerando* a sua proposta. Ela...

— Já chega, Balwer. — Niall suspirou. Às vezes desejava que Balwer não fosse de Amadícia, e sim um cairhieno que absorvera o jogo das casas junto com o leite da mãe. — Morgase está cada dia mais comprometida comigo, seja lá em que ela acredite. Eu preferiria que ela tivesse aceitado a proposta logo, pois já teria Andor contra al'Thor, e com uma boa quantidade de Filhos para engrossar as fileiras. Mas, a cada dia que a mulher passa como minha hóspede, fica mais e mais atada a mim. Não vai demorar a descobrir que é minha aliada simplesmente porque o mundo acredita que ela é, então estará tão enroscada que será impossível se soltar. E ninguém jamais vai poder dizer que a coagi, Balwer. Isso é muito importante. É sempre mais difícil abandonar uma aliança que o mundo acredita ter sido formada por livre e espontânea vontade do que uma que é possível provar que foi formada à força. Pressa e descuido só levam à ruína, Balwer.

— Muito bem, milorde.

Niall o dispensou com um gesto, e o sujeito fez uma mesura e se retirou. Balwer não compreendia. Morgase era uma oponente de peso. Se fosse pressionada demais, lutaria contra todas as adversidades. No entanto, bastava pressioná-la da maneira certa para que ela se pusesse a enfrentar o inimigo que acreditava ver, então só perceberia a armadilha quando já fosse tarde demais. O tempourgia, pressionando-o, pesando com todos os anos que já vivera, todos os meses de que precisava tão desesperadamente, mas Niall não deixaria que a pressa arruinasse seus planos.

* * *

O falcão arremeteu, lançando-se em um golpe certo contra o enorme pato que cruzava os céus, provocando uma explosão de penas. As duas aves se afastaram, e o pato, com o voo interrompido, começou a cair. O falcão mergulhou no céu límpido, inclinando o corpo em um ângulo preciso, e se lançou outra vez contra a presa abatida, prendendo-a entre as garras. O peso considerável do pato atrapalhava o voo, mas, com certo esforço, a ave vitoriosa voou ao encontro das pessoas que a aguardavam em terra.

Morgase se perguntou se ela mesma não seria como o falcão: orgulhosa e determinada demais para perceber que sua presa era maior do que as asas podiam suportar. Tentou relaxar as mãos enluvadas, que agarravam as rédeas com força. O chapéu branco de aba larga, com longas plumas brancas, era uma leve proteção contra o sol impiedoso, mas o suor ainda assim brotava em seu rosto. Em seu vestido de montaria de seda verde com bordados em ouro, Morgase nem parecia uma prisioneira.

Havia outras pessoas a cavalo e a pé no longo campo de grama seca e marrom, mas não chegavam a formar uma multidão. Um grupo de músicos, todos de tabardos azuis com bordados brancos, trazendo flautas, sabiolas e tambores, tocavam uma melodia suave, bem apropriada para a tarde regada a vinho gelado. Uma dezena de adestradores vestindo coletes de couro bem trabalhados por cima das camisas brancas de mangas bufantes afagava os falcões de olhos vendados empoleirados em seus braços protegidos por manoplas ou pitavam os cachimbos e baforavam uma fumaça azul nos rostos das aves. E havia o dobro de serviçais uniformizados circulando com frutas e vinho em cálices dourados apoiados em bandejas também douradas, além de homens usando cotas de malha reluzentes circulando pelos arredores, mantendo-se bem próximos às grandes árvores de galhos nus. Tudo isso para acompanhar o cortejo de Morgase e garantir que a tarde de falcoaria transcorresse sem grandes problemas.

Bem, pelo menos era esse o motivo que tinham alegado, embora o povo do Profeta estivesse quase a duzentas milhas ao norte e não fosse muito provável encontrar bandidos tão perto de Amador. Além disso, apesar do grupo de mulheres que a acompanhavam em éguas e capões, todas com vestidos de montaria de seda brilhosa e deslumbrantes chapéus de abas largas com plumagens coloridas, os cabelos compridos divididos em cachos, conforme ditava a moda da corte amadiciada, a verdade era que o cortejo de Morgase consistia apenas em mais duas pessoas: o desajeitado Basel Gill, montado meio torto no cavalo, o colete de discos de metal comprimindo a barriga volumosa por cima do casaco de seda vermelha — casaco esse que a própria Morgase arranjava, para Basel não ser ofuscado pelos serviçais —, e Paitr Conel, que parecia ainda mais desajeitado em seu casaco branco e vermelho de pajem, claramente muito nervoso desde que Morgase o fizera se juntar ao cortejo. As mulheres que os acompanhavam eram nobres da corte de Ailron que tinham se “oferecido” como damas de companhia. O pobre Mestre Gill mexia na espada, distraído, observando os Mantos-brancos com um olhar de pura desilusão. Sim, aqueles homens de cotas de malha eram Mantos-brancos, apesar de sempre abrirem mão do uniforme quando a acompanhavam para fora da Fortaleza da Luz. E também eram vigias: se Morgase tentasse cavalgar para muito longe ou se afastar por muito tempo, o comandante daquele destacamento, Norowhin, um sujeito de olhar duro, que odiava fingir não ser um Manto-branco, “sugeriria” que ela retornasse a Amador, dando alguma desculpa como o calor muito intenso ou algum boato de bandoleiros rondando a área. Não havia como discutir com cinquenta homens de armadura sem perder a dignidade. Na primeira vez em que saíram, Norowhin quase tomou as rédeas das mãos dela, e era por isso que Morgase nunca permitia que Tallanvor a acompanhasse nesses passeios. O rapaz era tolo o bastante para insistir em defender a honra e os direitos de Morgase mesmo diante de cem homens. Ele passava o tempo livre praticando com a espada, como se esperasse dar um jeito de abrir o caminho de Morgase à força.

Uma brisa se ergueu de repente, roçando seu rosto, e, com um susto, Morgase percebeu que estava sendo abanada: Laurain estava inclinada na sela, balançando um leque de renda branca. Ela era uma mulher jovem e esbelta, com os olhos escuros um pouco próximos demais, e estava sempre com um sorrisinho coquete.

— Vossa majestade deve ter ficado tão satisfeita em saber que seu filho se juntou aos Filhos da Luz. E que subiu de graduação tão depressa.

— Isso não deveria ser nenhuma surpresa — retrucou Altalin, abanando o próprio rosto gorducho. — Não havia dúvidas de que o filho de Sua Majestade evoluiria rápido, assim como o esplendor do sol não demora em se intensificar. — A mulher se regozijou ao ouvir os murmúrios de concordância de algumas das outras damas de companhia, em resposta àqueles joguinhos de palavras ridículos.

Morgase se esforçava para manter o rosto sereno. A notícia de Niall, que recebera na noite anterior, durante uma das visitas surpresa, tinha sido um verdadeiro choque. Galad, um Manto-branco! Bem, pelo menos ele estava seguro, segundo o Comandante dos Filhos. Mas não podia visitá-la, já que as obrigações de um Filho da Luz o mantinham afastado. Claro que ele faria parte de sua escolta quando ela retornasse a

Andor, liderando um exército de Filhos.

Não, Galad estava tão em perigo quanto Elayne ou Gawyn — talvez até mais. Quisesse a Luz que Elayne estivesse em segurança na Torre Branca. Quisesse a Luz que Gawyn estivesse vivo. Niall alegava não saber o paradeiro do garoto, só tinha certeza de que Gawyn não estava em Tar Valon. E Galad agora era como uma faca em sua garganta — claro que Niall jamais seria cruel a ponto de sugerir uma coisa dessas, mas bastaria uma ordem dele para que o menino fosse enviado em alguma missão de morte certa. A única coisa que o mantinha em segurança era o fato de Niall achar que Morgase não ligava tanto para ele quanto para Elayne e Gawyn.

— Fico feliz por ele, se é isso o que o rapaz busca — respondeu, indiferente. — Mas Galad é filho de Taringail, não meu. Meu casamento com Taringail foi arranjado, vocês sabem como são essas coisas. Pode parecer estranho, mas ele já está morto há tanto tempo que mal me lembro de seu rosto. Galad é livre para fazer o que bem entender. Gawyn é quem será o Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne ocupar o Trono do Leão. — Ela dispensou um serviçal que trazia um cálice de vinho numa bandeja. — Niall poderia ao menos ter providenciado um vinho decente.

Esse último comentário gerou uma onda de risadinhas nervosas. Morgase até conseguira se aproximar um pouco daquelas mulheres, mas ninguém se sentia à vontade para ofender Pedron Niall — ao menos não ali, onde qualquer comentário poderia chegar aos ouvidos dele. Morgase aproveitava toda e qualquer oportunidade de reclamar do Comandante dos Filhos quando as damas de companhia podiam ouvir: a atitude de desafio servia para convencê-las de sua valentia, o que era importante se quisesse forjar alianças, mesmo que parciais. E mais importante, pelo menos para ela, era que ajudava a preservar a ilusão de que não era prisioneira ali.

— Ouvi dizer que Rand al'Thor exhibe o Trono do Leão feito um troféu de caça.

O comentário tinha vindo de Marande, uma bela mulher com rosto em formato de coração, um tanto mais velha que as outras. Era irmã do Grão-trono da Casa Algoran, o que por si só já a tornava bastante poderosa — talvez o bastante para se opor a Ailron, mas não a Niall. As outras afastaram as montarias para que Marande se aproximasse no capão baio. Não havia a menor chance de forjar qualquer tipo de aliança ou amizade com aquela mulher.

— Pois ouvi dizer o mesmo — retrucou Morgase, displicente. — O leão é um animal perigoso de se caçar, e o Trono do Leão mais ainda. Sobretudo para um homem. Os homens que se aventuram sempre acabam mortos.

Marande abriu um sorriso.

— Também ouvi dizer que al'Thor deixa os homens capazes de canalizar em postos altos de seu exército.

A frase provocou uma troca de olhares desconfortáveis entre as demais presentes, acompanhados de um burburinho de murmúrios de preocupação. Uma das mais jovens, a esguia Marewin, ainda quase uma menina, se desequilibrou na sela de patilho alto, parecendo prestes a desmaiar. As notícias da anistia de al'Thor vinham acompanhadas de histórias assustadoras — conversas que Morgase desejava fervorosamente que fossem apenas boatos. Quisesse a Luz que todas as notícias não passassem de boatos: homens capazes de canalizar se reunindo em Caemlyn, bebendo e festejando no Palácio Real, aterrorizando a cidade.

— Você ouve bastante coisa — retrucou. — Por acaso passa o dia escutando atrás das portas?

Marande alargou o sorriso. Havia sido incapaz de resistir à pressão de se tornar uma das damas de companhia de Morgase, mas tinha poder o suficiente para exibir sua insatisfação sem medo. Era como um espinho cravado fundo no pé: impossível de remover e provocava uma pontada de dor a cada passo.

— O prazer de servir Vossa Majestade me deixa com pouco tempo livre, mas de fato tento ouvir tudo o que chega de notícias de Andor. Para tratar delas com Vossa Majestade, claro. Ouvi dizer que o falso Dragão se reúne diariamente com os nobres andorianos. Lady Arymilla e Lady Naeon, Lorde Jarid e Lorde Lir. E

outros amigos deles.

Um dos falcoeiros ergueu uma ave cinza de asas negras e olhos vendados para Morgase. Os sinos de prata presos nas tiras de couro das patas tilintavam enquanto a ave andava pela manopla do adestrador.

— Obrigada, mas já cacei bastante por hoje — respondeu Morgase, então ergueu a voz: — Mestre Gill, reúna a escolta. Estou voltando para a cidade.

Gill levou um susto. Sabia muito bem que só estava ali para cavalgar na cola dela, mas começou a acenar e gritar ordens aos Mantos-brancos como se acreditasse que os homens fossem obedecer. Morgase, por sua vez, deu meia-volta com a égua negra, mas conduziu o animal a um passo lento, claro. Norowhin sairia em disparada atrás dela se suspeitasse da menor possibilidade de uma tentativa de fuga.

Claro que os Mantos-brancos sem mantos saíram a galope, formando a escolta antes mesmo que a égua pudesse avançar dez passos. E, antes que Morgase chegasse à beirada do gramado, Norowhin já estava a seu lado com uma dezena de homens à frente e o restante seguindo atrás, bem de perto. Os serviçais, os músicos e os falcoeiros foram deixados para trás, para ajeitarem as cargas e seguirem o mais depressa possível.

Gill e Paitr tomaram suas posições atrás de Morgase, seguidos pelas damas de companhia. Marande sorria triunfante, embora algumas das outras exibissem caretas de desaprovação. Nada muito explícito — mesmo que tivesse que se submeter à vontade de Niall, Marande tinha um poder considerável dentro de Amadícia —, mas a maioria daquelas mulheres tentava se esforçar na tarefa de dama de companhia, mesmo tendo sido forçadas àquilo. A maioria delas provavelmente teria assistido Morgase de bom grado, apenas não gostava de ter que morar na Fortaleza da Luz.

A própria Morgase teria sorrido, se tivesse certeza de que Marande não notaria. A língua solta era a única razão pela qual não insistira, semanas antes, para que a mulher fosse dispensada. Marande gostava de alfinetá-la apontando a extensão dos problemas em Andor como se fossem indícios de que o poder da rainha estava esgotado, mas os nomes que citava eram um bálsamo para Morgase: todos de homens e mulheres que se opuseram a ela durante a Sucessão, todos bajuladores de Gaebriel. Daqueles nobres, não esperava nada menos — nem nada mais — do que essa atitude. Se Marande tivesse citado outros nomes, seria diferente. Se ela falasse de Lorde Pelivar, Abelle, Luan, Lady Arathelle, Ellorien ou Aemlyn. Ou outros. Mas aqueles nobres nunca tinham sido citados nas provocações de Marande, e o nome deles com certeza estaria presente caso o mais leve sussurro vindo de Andor os pusesse em suspeita. Enquanto Marande não mencionasse aqueles nobres, haveria esperança de que não tinham se ajoelhado diante de al'Thor. Aquelas pessoas a apoiaram na primeira reivindicação ao trono e, se a Luz quisesse, poderiam apoiá-la de novo.

A floresta de árvores quase secas deu lugar a uma estrada de terra batida, e o grupo foi avançando para o sul, em direção a Amador. Passaram por trechos em que a mata tinha sido reduzida a tocos de troncos de árvores derrubadas e descampados de grama amarelada envoltos por cercas de pedra caídas, com casas de pedra com telhados de palha e celeiros bem afastados da estrada. Tinha bastante gente na estrada, todos levantando poeira ao andar, e Morgase teve que cobrir o rosto com um lenço de seda, embora o povo abrisse caminho ao avistar um grupo tão grande de homens com armas e armaduras. Alguns até corriam para as árvores ou saltavam por cima das pedras das cercas caídas e disparavam campo adentro. Os Mantos-brancos ignoravam as pessoas, e nenhum fazendeiro ergueu os punhos ou gritou com os invasores. Muitas fazendas pareciam abandonadas, sem galinhas ou qualquer outro animal à vista.

Por entre o povo que andava pela estrada Morgase viu uma carroça de bois, um homem conduzindo algumas ovelhas e até mesmo uma jovem guiando um grupo de gansos. Todos eram obviamente locais. Alguns levavam trouxas nos ombros ou alforjes abarrotados, mas a maioria ia de mãos vazias, como se não tivesse ideia de para onde seguia. E essa maioria parecia maior a cada vez que Morgase recebia permissão para sair de Amador, não importava para que direção seguisse com a comitiva.

Ajustando o lenço sobre o nariz, Morgase olhou Norowhin de esguelha. O sujeito tinha mais ou menos a

mesma idade e altura de Tallanvor, mas as semelhanças acabavam por aí. Norowhin nunca fora bonito, com o rosto vermelho coberto pelo capacete reluzente em forma de cone e a pele descascada por conta do sol. Era magricela, desengonçado e tinha um nariz proeminente que lembrava uma picareta. Ele liderava a “escolta” sempre que Morgase saía da Fortaleza da Luz, e ela sempre tentava engatar conversa. Manto-branco ou não, ela considerava uma vitória cada passinho que avançava na empreitada de convencê-lo de que não precisava tratá-la como prisioneira.

— Esses são os refugiados do Profeta, Norowhin?

Não podiam ser, pelo menos não todos. Havia tanta gente rumando para o norte quanto para o sul.

— Não. — Foi a resposta rude, e ele nem se dignou a encará-la. Seus olhos esquadrihavam a beira da estrada, como se ele esperasse que alguém fosse aparecer do nada para resgatá-la.

Infelizmente, era o único tipo de reação que Morgase conseguia arrancar dele. Mesmo assim insistiu:

— E quem são, homem? Com certeza não são tarabonianos. Vocês estão mesmo conseguindo manter esse povo longe de Amadícia. — Tinha visto Mantos-brancos a cavalo acompanhando um grupo de tarabonianos para oeste, mais cedo. Cinquenta e tantos homens, mulheres e crianças imundos e quase caindo de cansaço sendo conduzidos feito gado. Só tinha conseguido conter a língua por saber que não havia nada que pudesse fazer sobre o assunto. — Amadícia é uma terra rica. Nem mesmo uma seca dessas teria conseguido expulsar tanta gente de suas fazendas em uns poucos meses.

Norowhin pareceu tentar conter uma careta.

— Não são — respondeu enfim. — São refugiados do falso Dragão.

— Mas como? Ele está a centenas de léguas daqui.

A relutância do homem ficou mais uma vez estampada no rosto queimado de sol, só não era possível saber se ele hesitava em busca das palavras certas ou se estava considerando se deveria responder ou não.

— Essas pessoas acreditam que ele seja o verdadeiro Dragão Renascido — disse, por fim, parecendo enojado. — Alegam que ele quebrou todos os elos, segundo as Profecias. Homens renunciaram a seus lordes, aprendizes largaram os mestres. Maridos abandonaram as famílias, e as esposas deixaram os maridos. É uma praga levada pelo vento, um vento que vem do falso Dragão.

Morgase avistou um jovem casal abraçado que observava a passagem da comitiva. O suor escorria em seus rostos, sujos da mesma poeira que cobria as roupas simplórias. Pareciam famintos, de rosto encovado e olhos arregalados. Será que coisa parecida poderia estar acontecendo em Andor? Será que Rand al'Thor também teria causado isso em sua terra? *Se tiver, ele vai pagar.* O problema era conseguir ter certeza de que a cura não seria pior do que a doença. Se resgatasse Andor, mesmo que de uma situação dessas, e a entregasse aos Mantos-brancos...

Tentou continuar a conversa, mas, depois de lhe dirigir mais palavras do que já tinha conseguido dizer de uma só vez, Norowhin retomou as respostas monossilábicas. Não importava: se conseguira abrir aquela casca uma vez, poderia repetir o feito.

Morgase se remexeu sobre a sela para tentar ver melhor o casal de jovens, mas eles estavam ocultos atrás dos soldados Mantos-brancos. Isso também não importava. Aqueles rostos permaneceriam guardados em sua memória, assim como sua promessa.





UM DITADO DAS TERRAS DA FRONTEIRA

Rand estava com saudade dos dias em que teria sido possível caminhar sozinho pelos corredores do Palácio. Naquela manhã, estava acompanhado por Sulin e mais vinte Donzelas; por Bael, o chefe de clã dos Aiel Goshien, com seus cinco *Sovin Nai*, os Mãos de Faca dos Jhirad Goshien, pela honra do chefe de clã; e por Bashere, escoltado por homens de Saldaea com os típicos narizes de gavião. A comitiva apinhava o amplo corredor com paredes cobertas de tapeçarias. As *Far Dareis Mai* e os *Sovin Nai*, vestidos em seu *cadin'sor*, nem olhavam para os serviçais que se curvavam em mesuras e reverências rápidas logo e saíam do caminho. Já os saldaeanos, mais jovens, avançavam com um ar afetado, vestidos com casacos curtos e calças largas enfiadas nas botas. Estava fazendo calor até ali, naquela passagem sombreada, com grãosinhos de poeira dançando no ar. Alguns serviçais ostentavam o uniforme vermelho e branco dos tempos do governo de Morgase, mas a maioria era recém-chegada e ainda usava as mesmas roupas de quando se candidatara ao trabalho: a lã típica de fazendeiros e comerciantes, os tecidos quase todos escuros e lisos, mas de diversas cores, com bordados ou pedacinhos de renda aqui e ali.

Rand fez uma anotação mental para não se esquecer de mandar a Senhora Harfor, a Criada-chefe, providenciar uniformes para todos, de modo que os recém-chegados não sentissem que precisavam usar suas melhores roupas para trabalhar. Os uniformes do Palácio com certeza seriam de qualidade superior à de qualquer roupa dos camponeses, exceto talvez pelas suas roupas de festa. Havia menos serviçais do que durante o governo de Morgase, e boa parte dos homens e mulheres vestidos em vermelho e branco eram grisalhos e meio corcundas, pois tinham sido convocados dos alojamentos dos aposentados. Em vez de fugir, como tantos outros, aqueles serviçais preferiram abdicar da aposentadoria a ver o palácio destruído. Outra anotação mental. Mandar a Senhora Harfor — Criada-chefe não era um título muito glorioso, mas era Reese Harfor quem comandava o dia a dia do Palácio Real — encontrar serviçais o bastante para que os mais velhos pudessem desfrutar da aposentadoria. Será que o benefício ainda estava sendo pago, agora que Morgase morrera? Devia ter pensado nisso antes. Bem, Halwin Norry, guarda-livros-chefe, saberia. Rand se sentia como se estivesse sendo espancado por penas até a morte. Cada coisa o fazia lembrar-se de outra que precisava ser feita. E ainda tinha o problema com os Caminhos... as penas não eram nada macias. Mandara uma guarda vigiar o Portal dos Caminhos ali em Caemlyn, além de todas as entradas próximas a Tear e Cairhien, mas não tinha nem como ter certeza de quantos existiam.

Sim, trocaria todas as mesuras e reverências, toda a guarda de honra, todas aquelas questões e incumbências, toda aquela gente com necessidades a serem atendidas... trocaria tudo aquilo pelos dias em

que sua única preocupação era arranjar um casaco para se aquecer. Claro que, naqueles dias, não teria sequer permissão de caminhar por esses corredores, pelo menos não sem um tipo diferente de guarda, vigiando para que ele não surrupiasse um dos cálices de ouro e prata dos nichos na parede ou alguma das esculturas de marfim de uma das mesas marchetadas de lápis-lazúli.

Pelo menos a voz de Lews Therin não estava resmungando ininterruptamente naquela manhã. E pelo menos Rand achava que estava pegando o jeito daquele truque que Taim lhe ensinara. O rosto de Bashere estava empapado de suor, mas Rand quase não era afetado pelo clima extremo — o casaco cinza de seda bordado estava abotoado até o pescoço, e, mesmo sentindo um pouco de calor, o jovem não suava uma gota sequer. Taim explicara que com o tempo Rand sequer sentiria calor ou frio, mesmo que a temperatura chegasse a extremos que incapacitariam um homem comum. Era apenas questão de se retrair e se distanciar de si mesmo, de um jeito parecido com quando ele se preparava para abraçar *saidin*. Era estranho que aquela habilidade fosse tão similar aos usos do Poder, mesmo sem ter qualquer relação com a Fonte Verdadeira. Será que as Aes Sedai também faziam isso? Nunca tinha visto uma delas suar. Pelo menos achava que não.

Riu de repente. Ah, estava pensando se as Aes Sedai suavam ou não! Talvez ainda não estivesse louco, mas não teria dificuldades em se passar por um tonto cabeça de lã.

— Eu falei alguma coisa engraçada? — indagou Bashere, em um tom seco, cofiando o bigode.

Algumas Donzelas o encararam, um pouco ansiosas. Estavam tentando compreender o humor dos aguacentos.

Rand não sabia como Bashere conseguia manter a compostura. Naquela mesma manhã, chegara ao Palácio um boato sobre levantes nas Terras da Fronteira provocados por disputas entre os locais. As fofocas dos viajantes brotavam feito erva depois da chuva, mas aquele rumor parecia ter vindo direto do norte, trazido por mercadores vindos de lugares tão distantes quanto Tar Valon. Ninguém mencionara nomes ou locais específicos, então as disputas poderiam muito bem estar ocorrendo em Saldaea. Além disso, Bashere não recebia notícias de sua terra desde que fora embora, meses antes. Ainda assim, pela reação ao boato, ele poderia simplesmente ter ouvido alguém comentar que o preço do nabo subira.

Claro, Rand também não tinha notícias sobre Dois Rios, apenas os vagos rumores de que sua terra natal fora afetada por alguma rebelião originada em algum lugar a oeste, o que, em tempos como aqueles, podia ou não ser verdade. Mas não era a mesma coisa: Rand abandonara Dois Rios. As Aes Sedai tinham espiões em toda parte, e ele não estaria se arriscando nem um pouco em apostar que os Abandonados também. O Dragão Renascido não tinha qualquer interesse na aldeiazinha onde Rand al'Thor crescera — isso estava no passado. Se não fosse assim, dominariam Campo de Emond para usar o lugar contra ele. Bem, não ia se ocupar discutindo sozinho sobre seus motivos. Havia abandonado o lugar e ponto final.

Será que eu mereço escapar do destino que me espera, mesmo que eu descubra como? O pensamento vinha dele mesmo, não de Lews Therin.

Rand endireitou os ombros, que de repente pareciam muito doloridos, e manteve a voz baixa:

— Me desculpe, Bashere. Foi uma ideia meio engraçada que tive. Mas estava ouvindo. Você disse que Caemlyn está ficando muito cheia. Que para cada homem que fugiu supostamente por medo do falso Dragão, chegaram outros dois porque acham que não sou falso e, portanto, não têm medo. Está vendo?

Bashere grunhiu em resposta — uma resposta que poderia significar qualquer coisa.

— E quantos não vieram para cá por outros motivos, Rand al'Thor? — perguntou Bael, o sujeito mais alto que Rand já vira, quase uma boa mão maior que ele próprio. O Aiel fazia um contraste estranho com Bashere, que era mais baixo do que todas as Donzelas, exceto Enaila. O chefe de clã dos Aiel Goshien ostentava espessas mechas grisalhas nos cabelos vermelho-escuros, mas seu rosto magro ainda era bem rígido, e os olhos azuis, muito penetrantes. — Você já tem inimigos mais do que suficiente para a cota de cem homens. Ouça bem o que eu digo, logo vão tentar um novo ataque contra você. Talvez tenham vindo até

Mensageiros das Sombras entre os recém-chegados.

— Mesmo que não tenha Amigos das Trevas entre o povo, os problemas virão — observou Bashere —, a inquietação cresce aos poucos na cidade, como um pão no forno. Bastante gente foi atacada e espancada por duvidarem de que você é mesmo o Dragão Renascido. E um coitado foi arrastado de uma taverna até um celeiro e enforcado nas vigas só por ter rido ao ouvir o relato dos seus milagres.

— Meus milagres? — indagou Rand, incrédulo.

Um serviçal enrugado e grisalho, metido em um casaco meio largo à guisa de uniforme, que ia pelo corredor carregando um grande vaso, tropeçou e caiu para trás quando tentou se curvar em uma mesura e recuar para sair do caminho ao mesmo tempo. O vaso verde-claro, um artigo do Povo do Mar feito de porcelana fina como papel, voou por cima da cabeça do serviçal e saiu rolando pelo chão de azulejos vermelho-escuros, rodopiando e quicando até parar, perfeitamente de pé, cerca de trinta passadas mais adiante. O velho se levantou mais que depressa, com agilidade surpreendente, e correu para resgatar o vaso. Ele bateu a porcelana toda, ao mesmo tempo incrédulo e aliviado, e soltou uma exclamação quando viu que não havia sequer uma lasca ou rachadura. Outros serviçais encararam a cena com a mesma incredulidade, antes de se recompor de repente e seguirem com seus afazeres. Eles se esforçavam tanto em evitar olhar para Rand que muitos esqueciam as mesuras e reverências.

Bashere e Bael se entreolharam, e Bashere bufou, soprando o frondoso bigode.

— Têm acontecido coisas estranhas — comentou. — A cada dia chega uma história nova. Alguma criança caiu de uma janela a quarenta passadas de altura e se estatelou nas pedras do pavimento, mas não sofreu um único arranhão. Ou alguma velhinha se meteu no meio de mais de vinte cavalos em disparada, mas além de não ter sido derrubada ou pisoteada ainda conseguiu sair ilesa. Outro dia um sujeito acertou cinco coroas vinte e duas vezes seguidas nos dados, e o pessoal também pôs isso na sua conta. Sorte a dele.

— Dizem por aí que ontem à noite uma cesta de telhas caiu de cima de um telhado. As telhas ficaram intactas, mas caíram formando o antigo símbolo dos Aes Sedai — acrescentou Bael. Ele encarou o serviçal grisalho que estava de queixo caído, apertando o vaso contra o peito enquanto eles passavam. — E eu não duvido.

Rand soltou a respiração devagar. Claro que os dois não tinham mencionado o outro tipo de coisa estranha que andava acontecendo. Não falaram do homem que estava caminhando quando tropeçou e foi enforcado pelo próprio lenço amarrado ao pescoço, que ficou preso na lingueta de uma porta. Nem do vento forte que soprou pelas janelas e portas abertas de uma casa, soltou uma ripa do teto e matou a mulher que estava sentada à mesa com a família. O tipo de coisa que realmente podia acontecer, mas era raro. Só que aqueles eventos não eram incomuns quando ele estava por perto. O mero fato de Rand estar a algumas milhas de distância retorcia o padrão e o acaso, para o bem ou para o mal — e os dois aconteciam com a mesma frequência. Mesmo que os Dragões sumissem de seus braços, e as garças desaparecessem das palmas das mãos, Rand ainda estaria marcado. Havia um ditado nas Terras da Fronteira: *“A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha.”* Depois de erguer a montanha nos ombros, a única opção era sustentá-la com firmeza: não havia como deitá-la outra vez no chão. E também não havia mais ninguém que pudesse carregá-la em seu lugar. Reclamar não resolveria nada.

— Você encontrou os homens responsáveis pelo enforcamento? — indagou, rude. Bashere balançou a cabeça. — Então encontre os responsáveis e prenda todos por homicídio. Quero acabar com essa moda. Não é crime nenhum duvidar de mim.

Segundo os rumores, o Profeta declarara que aquilo era, sim, um crime. Mas Rand não podia fazer nada a respeito disso — pelo menos por enquanto. Nem ao menos sabia onde Masema estava, só tinha a vaga noção de que era em algum lugar de Ghealdan ou de Amadícia. Isso se não tivesse se mudado nesse meio-tempo. Fez mais outra anotação mental: precisava encontrar aquele homem e dar um jeito de freá-lo.

— Seja qual for o tamanho dessa dúvida? — inquiriu Bashere. — Andam dizendo pelos cantos que você é um falso Dragão e que matou Morgase com a ajuda das Aes Sedai. Que o povo deveria se rebelar e vingar sua rainha. Esses rumores podem estar sendo repetidos por mais gente do que imaginamos. Não dá para ter certeza.

Rand ficou muito sério. Conseguia aceitar que o povo especulasse sobre sua participação na morte de Morgase — não tinha muita opção: por mais que negasse, muitas estranhezas tinham acontecido durante a tomada do Palácio, havia coisas demais que não se encaixavam, o que suscitava dúvidas. Mas não podia tolerar qualquer incitação à rebelião. Não dividiria Andor entre guerras e disputas. Entregaria a Elayne um país tão intocado quanto o que recebera. Se algum dia a encontrasse outra vez, é claro.

— Descubra quem começou esses rumores e jogue os responsáveis na prisão — mandou, em um tom severo. Luz, como poderiam descobrir quem dera início àquela fofoca? — Se quiserem perdão, podem pedir a Elayne. — Uma jovem serviçal usando um vestido marrom simples e espanando um vaso de vidro retorcido olhou para o seu rosto enquanto Rand dava a ordem. O vaso caiu de suas mãos subitamente trêmulas e se despedaçou. É, ele nem sempre alterava o acaso. — Alguma boa notícia? Seria ótimo.

A jovem se agachou, ainda trêmula, para recolher os cacos, mas bastou um olhar de Sulin — um simples olhar! —, e ela se afastou correndo, de olhos arregalados, e se apertou contra a parede, junto a uma tapeçaria de um leopardo em plena caça. Rand não entendia por quê, mas algumas mulheres pareciam temer mais as Donzelas que os homens Aiel. A jovem olhou para Bael como se esperasse receber alguma proteção. Mas ele não parecia nem vê-la.

— Bem, depende de o que você considera boas notícias — retrucou Bashere, dando de ombros. — Fiquei sabendo que Ellorien, da Casa Traemane, e Pelivar, da Casa Coelan, chegaram à cidade faz três dias. Entraram escondidos, por assim dizer, e, pelo que eu sei, nenhum dos dois chegou nem perto da Cidade Interna. E corre o boato de que Dyelin, da Casa Taravin, está aqui por perto, no interior. Nenhum deles respondeu aos seus convites. Não ouvi nada que pudesse ligá-los aos boatos. — Ele olhou de esguelha para Bael, que balançou a cabeça de leve.

— Ouvimos ainda menos do que você, Davram Bashere. O povo daqui só deixa a língua solta na companhia de outros aguacentos.

De todo modo, eram boas notícias. Rand precisava daquelas pessoas. Poderia dar um jeito de resolver a situação, se aqueles nobres achassem que ele era um falso Dragão. E se aquelas pessoas acreditassem que ele tinha matado Morgase... bem, era ainda melhor que permanecessem leais à memória e ao sangue da rainha.

— Mande novos convites para virem me visitar. E inclua o nome de Dyelin. Os dois devem saber onde ela está.

— Se eu mandar o convite, acho que a única coisa que eles vão ouvir é que tem um exército de Saldaea instalado em Andor — retrucou Bashere, meio na dúvida.

Rand hesitou, então assentiu, abrindo um sorriso de repente.

— Peça a Lady Arymilla que leve o convite. Não tenho dúvidas de que ela vai adorar a oportunidade de mostrar aos outros quanto é próxima de mim. Mas quero que você redija.

Mais uma vez, as aulas de Moiraine sobre o Jogo das Casas se mostravam úteis.

— Bem, tem mais, e não sei se é uma notícia boa ou ruim — continuou Bael, mudando de assunto —, mas os Escudos Vermelhos disseram que duas Aes Sedai alugaram quartos em uma estalagem na Cidade Nova. — Os Escudos Vermelhos tinham ajudado os homens de Bashere a fazer o policiamento de Caemlyn, no começo, mas depois assumiram a função. Bael abriu um leve sorriso ao notar o desapontamento no rosto de Bashere. — Nós ouvimos menos, Davram Bashere, mas pode ser que, às vezes, nossos olhos vejam mais.

— Alguma delas é nossa amiga que gosta de gatos? — perguntou Rand.

As histórias de que havia uma Aes Sedai na cidade persistiam. Às vezes eram duas, ou três, ou um grupo

maior, mas o máximo que Rand conseguira descobrir eram umas poucas histórias sobre uma Aes Sedai que Curava gatos e cachorros, mas que sempre estava em alguma rua mais à frente. E sempre contada por alguém que ouvira de alguém que ouvira em uma taverna ou um mercado.

Bael balançou a cabeça.

— Acho que não. Os Escudos Vermelhos disseram que as duas parecem ter chegado no meio da noite.

Bashere parecia interessado — o homem não perdia uma chance de repetir que Rand precisava das Aes Sedai. Bael, contudo, franzia o cenho de leve, tão de leve que só um Aiel teria percebido. Aquele era um povo cauteloso, até relutante, quando o assunto era Aes Sedai.

Aquelas poucas palavras davam a Rand muito o que pensar, e cada pensamento desencadeado pelos boatos levava de volta para ele. As duas Aes Sedai deviam ter um motivo para ir a Caemlyn quando suas irmãs andavam evitando a cidade desde que o Dragão Renascido aparecera por lá. O mais provável era que tivesse a ver com ele. Era comum evitar viajar à noite até mesmo nos tempos de paz, e os tempos não andavam nada pacíficos. Chegar no meio da madrugada talvez indicasse que as Aes Sedai estavam tentando passar despercebidas — e o mais provável é que fosse justamente ele quem elas não quisessem que notasse sua presença. Por outro lado, poderia ser apenas alguma viagem urgente. O que talvez indicasse uma missão para a Torre. E a verdade era que Rand não conseguia pensar em nada mais importante para a Torre, naquele momento, do que ele próprio. Ou as duas poderiam estar viajando ao encontro das Aes Sedai que Egwene insistia que iam apoiá-lo.

Fosse o que fosse, Rand queria saber. Só a Luz sabia o que as Aes Sedai — fossem as da Torre ou as desse grupo escondido com Elayne — estavam tramando, mas ele tinha que descobrir. As Aes Sedai eram um grupo grande demais e potencialmente perigoso demais para ele se dar ao luxo de não ficar atento. Como a Torre reagiria quando Elaida soubesse da anistia? Como as Aes Sedai reagiriam? Será que já estavam sabendo?

Enquanto se aproximavam das portas no fim do corredor, Rand abriu a boca para pedir a Bael que convidasse uma das Aes Sedai para vir ao Palácio. Podia dar conta de duas delas, se fosse o caso — contanto que não o pegassem de surpresa —, mas não havia motivo para se arriscar antes de saber quem eram e o que pretendiam.

Estou tomado de orgulho. Esse mesmo orgulho doentio que me destruiu!

Rand tropeçou. Era a primeira vez do dia que ouvia a voz de Lews Therin em sua cabeça — e ainda por cima o comentário era parecido demais com o que estava pensando a respeito das Aes Sedai —, mas não foi isso o que o fez parar de repente e engolir as palavras que estava prestes a dizer.

As portas que davam para um dos jardins do Palácio estavam abertas por causa do calor. Não havia flores, e alguns dos arbustos de rosas e estrelas-brancas estavam murchos, mas, mesmo com poucas folhas nas copas, ainda havia a sombra das árvores ao redor da fonte de mármore branco que jorrava água, bem no coração do jardim. Uma mulher de saia rodada de lã marrom e uma blusa branca e larga de *algode* estava parada junto à fonte, com um xale cinza enrolado nos braços, com aquela mesma expressão atônita que os Aiel encaravam a água que não tinha outra função além de ser olhada. Rand deixou os olhos de perderem nas linhas do rosto de Aviendha, nas ondas de seus cabelos ruivos que caíam sobre os ombros, o lenço cinza dobrado amarrado no topo da cabeça. Luz, como ela era bonita. Aviendha observava o movimento da água, ainda sem reparar em sua presença.

O que sentia por ela era amor? Não sabia. A Aiel sempre aparecia nos sonhos com Elayne e com Min. Rand sabia que aquilo é que era perigoso. Sabia que não tinha nada a oferecer a uma mulher além de sofrimento.

Ilyena, lamentou Lews Therin. Eu a matei! A Luz há de me consumir para sempre!

— Deve ser coisa importante, para uma dupla de Aes Sedai aparecer desse jeito — murmurou Rand. —

Talvez seja melhor eu visitar a estalagem e descobrir por que vieram. — Quase todos da comitiva pararam junto com ele, mas Enaila e Jalani se entreolharam e continuaram avançando, passando por ele e indo para o jardim. Rand ergueu a voz uma fração mínima e a deixou ainda mais dura. — As Donzelas aqui virão comigo. Quem quiser botar um vestido e fofocar sobre juntar casais pode ficar para trás.

Enaila e Jalani se empertigaram e se viraram para ele, um brilho de indignação nos olhos. Era bom que Somara não estivesse na guarda naquela manhã: a mulher provavelmente teria seguido em frente mesmo assim. Sulin remexeu os dedos, dizendo alguma coisa na língua de sinais secreta das Donzelas. Fosse lá o que ela estivesse dizendo, acabou com a indignação dos olhares das outras duas e as deixou com o rosto ardendo de vergonha. Os Aiel empregavam uma variedade de gestos quando era melhor manter o silêncio. Cada clã tinha alguns sinais específicos, assim como cada sociedade, além dos gestos comuns entre todos os Aiel. Mas apenas as Donzelas tinham criado uma verdadeira linguagem a partir dos sinais.

Rand se afastou do jardim, sem esperar Sulin acabar o que estava dizendo. Aquelas Aes Sedai podiam sair de Caemlyn tão rápido quanto tinham chegado. Olhou por cima do ombro. Aviendha ainda encarava a água — ela não tinha reparado nele. Apressou o passo.

— Bashere, pode mandar um de seus homens aprontar os cavalos? No Portão do Estábulo Sul. — Os portões principais do Palácio davam para a Esplanada da Rainha, que estaria apinhada de gente na esperança de conseguir um vislumbre de Rand. Levaria meia hora para passar, se tivesse sorte.

Com um gesto, Bashere botou a questão a encargo de um dos saldaeanos mais jovens, que saiu em disparada. Seus passos tinham o balanço ligeiro de um homem mais acostumado a uma sela do que às próprias pernas.

— Um homem inteligente sabe quando recuar diante de uma mulher — comentou Bashere, para o ar —, mas um homem sábio reconhece que às vezes é preciso ficar e enfrentá-la.

— É coisa dos jovens — retrucou Bael, em tom indulgente. — Os jovens perseguem as sombras e fogem do luar, mas no fim das contas acabam acertando o próprio pé com a lança que carregavam.

Alguns outros Aiel, tanto Donzelas quanto Mãos de Faca, soltaram risadinhas. Só os mais velhos. Irritado, Rand olhou para trás outra vez.

— Nenhum de vocês ficaria bem de vestido.

Para sua surpresa, tanto as Donzelas quanto os Mãos de Faca riram outra vez, e ainda mais alto. Talvez ele estivesse pegando o jeito do humor Aiel.

Tudo correu conforme o esperado quando ele saiu do Portão do Estábulo Sul e adentrou uma das ruas sinuosas da Cidade Interna. Os cascos de Jeade'en ressoavam nas pedras do pavimento enquanto o garanhão se remexia — o sarapintado quase não saía mais do estábulo, ultimamente. Havia bastante gente na rua, mas nem de longe na mesma quantidade que deveria estar apinhando os caminhos do outro lado do Palácio, e todos ali estavam ocupados com seus afazeres. Mesmo assim, as pessoas apontavam para ele, cochichando umas com as outras. Alguns talvez tivessem reconhecido Bashere — que, ao contrário de Rand, circulava com frequência pela cidade —, mas qualquer um que saísse do Palácio, ainda mais com uma escolta de Aiel, devia ser importante. Os cochichos e dedos apontados os seguiram pelas ruas.

Apesar dos olhares, Rand tentou apreciar a beleza das construções Ogier da Cidade Interna. Considerava preciosos os raros momentos em que conseguia simplesmente parar e apreciar alguma coisa. As ruas sinuosas saíam do reluzente Palácio Real, todo branco, e seguiam em curvas pelos contornos das colinas como se fossem parte da paisagem natural. O lugar era pontilhado de torres elegantes revestidas de ladrilhos coloridos, algumas com domos dourados, roxos ou brancos cintilando à luz do sol. Em certo ponto, havia um grande espaço aberto dando vista para um parque bem arborizado; em outro, uma colina atraía o olhar para os limites da cidade, para as florestas e planícies ondulantes além do comprido muro branco rajado de prata que circundava toda Caemlyn. A Cidade Interna fora projetada para encantar e confortar os olhos. De acordo

com os Ogier, apenas a própria Tar Valon e a histórica Manetheren a superavam em beleza, e muitos humanos, sobretudo os andorianos, acreditavam que na verdade a beleza de Caemlyn fazia jus às outras duas.

As alvíssimas muralhas da Cidade Interna demarcavam o início da vizinha, a Cidade Nova, com seus próprios domos e pináculos, alguns tentando competir em altura com os da Cidade Interna, que ocupava as colinas mais altas. As ruas ali eram mais estreitas e estavam cheias de vida. Até os bulevares mais amplos, divididos por canteiros com fileiras de árvores, estavam lotados de gente a pé, carros de boi, carroções puxados por cavalos, pessoas montadas ou em carruagens e liteiras. Um burburinho pairava no ar, feito um imenso enxame de abelhas.

Avançavam ainda mais devagar por ali, mesmo com o povo abrindo caminho. Assim como o povo nas ruas da Cidade Interna, aquela gente não sabia quem ele era, mas ninguém queria atravancar o avanço dos Aiel — ainda assim, avançar pelas ruas cheias em uma comitiva tão grande era algo que, simplesmente, levava tempo. E na rua havia todo tipo de gente: fazendeiros usando lã crua; mercadores em casacos ou vestidos de corte mais refinado; artesãos envolvidos em seus trabalhos; mascates berrando sobre os produtos expostos em bandejas e carrinhos de mão, vendendo desde fitas e alfinetes até frutas e fogos de artifício — e os preços dos dois últimos itens estavam igualmente exorbitantes. Um menestrel, em seu manto coberto de retalhos, esbarrou em três Aiel que inspecionavam as lâminas expostas nas mesas diante da oficina de um couteleiro. Dois sujeitos esguios de cabelos escuros e trançados e espadas nas costas — Rand supôs que fossem Caçadores da Trombeta — estavam parados em uma esquina, conversando com um grupo de saldaeanos enquanto ouviam uma dupla de músicos; uma mulher na flauta e um homem batucando um tambor. Os cairhienos, mais baixos e de pele mais clara, destacavam-se entre os andorianos, assim como os tairenos, de pele mais escura. Mas também havia murandianos em seus casacos compridos, altaranos em coletes elaborados, kandorianos de barba forcada e até um par de domaneses, com seus longos brincos e o típico bigode fino e comprido.

E outro tipo de gente também se destacava na multidão, com seus casacos surrados e vestidos amarrotados, quase sempre sujos, com olhares fixos perdidos, piscando em confusão, claramente sem rumo e ou ideia do que fazer. Era uma gente que já tinha encontrado o que buscava: ele — o Dragão Renascido. Rand não tinha noção do que fazer com aquelas pessoas, mas, querendo ou não, eram sua responsabilidade. Não importava que ele não tivesse pedido a ninguém que jogassem a vida fora, que nunca nem tivesse esperado que eles abandonassem tudo. Nada importava: já estava feito. E por ele. Aquelas pessoas, se descobrissem Rand ali na rua, poderiam muito bem subjugar os Aiel em meio ao desespero de simplesmente tocá-lo.

Rand tocou a estátua do homenzinho gordo no bolso do casaco, o *angreal*. Era um artefato excelente, se as coisas chegassem ao ponto de ele precisar usar o Poder Único para se proteger de gente que abandonara tudo por sua causa. Era justamente por isso que Rand quase nunca se aventurava pela cidade. Ou esse era pelo menos um dos motivos — ele era ocupado demais para se dar ao luxo de perder tempo com passeios.

Bael os guiou até uma estalagem chamada Sabujo de Culain, na parte oeste da cidade, uma construção de pedra de três andares com telhado de azulejos vermelhos. A multidão aglomerada na sinuosa rua lateral que levava à estalagem recuou para os lados, se amontoando em volta da comitiva quando eles pararam na porta de entrada. Rand tocou outra vez o *angreal* — duas Aes Sedai... provavelmente conseguiria lidar com elas sem ajuda —, desceu da montaria e entrou. Claro que antes entraram três Donzelas e uma dupla de Mãos de Faca, todos avançando nas pontas dos pés e prestes a erguer os véus. Seria mais fácil ensinar um gato a cantar do que convencer os Aiel a se acalmarem um pouco. Dois saldaeanos ficaram com os cavalos, e Bashere e os outros o seguiram de perto, com Bael e outros Aiel atrás — claro que Bael deixara homens de guarda do lado de fora. Mas o que encontraram não era o que Rand esperava.

O salão poderia ser qualquer um dos mais de cem salões de estalagem em Caemlyn: os imensos barris de cerveja e vinho enfileirados em uma parede caiada, sustentando uma fileira de pequenas barricadas de conhaque

e o gato cinza listrado deitado bem no topo; o par de lareiras de pedra completamente vazias; o teto de vigas, as três ou quatro serviçais de avental circulando por entre as mesas; os bancos espalhados pelo lugar; o chão de madeira crua. O estalajadeiro, cuja enorme papada fazia seu rosto redondo parecer ter três queixos, com o corpanzil apertado num avental branco, aproximou-se depressa a passos pesados, limpando as mãos e lançando um olhar nervoso na direção dos Aiel. O povo de Caemlyn já conseguira compreender que aquele povo do deserto não sairia saqueando e incendiando tudo — tinha sido muito mais difícil convencer os Aiel de que Andor não era um território conquistado e que eles não poderiam reivindicar o quinto —, mas isso não queria dizer que os estalajadeiros estavam acostumados a receber tantos Aiel armados em seus salões.

O estalajadeiro concentrou a atenção em Rand e Bashere, porém mais em Bashere. Os dois obviamente eram homens de recursos, a julgar por suas roupas, mas Bashere era bem mais velho, então o mais provável era que ele fosse o mais importante do grupo.

— Bem-vindo, milorde, milordes... O que posso oferecer aos senhores? Tenho vinhos de Murandy e de Andor, conhaque de...

Rand o ignorou. Havia uma diferença gritante em relação às outras centenas de salões de estalagens na cidade: a clientela. Teria esperado encontrar pelo menos um ou dois homens bebendo, àquela hora, mas não havia nenhum. Quase todas as mesas estavam cheias de moças — quase todas garotas, na verdade — em vestimentas simples. Ainda sentadas e segurando as canecas de chá, elas se viraram, espantadas, para encarar os recém-chegados. Mais de uma soltou um murmúrio de surpresa ao notar a altura de Bael. No entanto, nem todas olharam para os Aiel, e foram as jovens que se voltaram para *ele*, boquiabertas, que deixaram Rand surpreso. Ele conhecia aquelas meninas. Não conhecia todas muito bem, mas mesmo assim... Uma em particular chamou sua atenção.

— Bo? — perguntou, incrédulo.

A garota de olhos grandes que o encarava... não conseguia entender quando a menina passara a ser velha o bastante para trançar os cabelos. Aquela era Bodewhin Cauthon, irmã de Mat. E ali estava a roliça Hilde Barran, sentada ao lado da magrela Jerilin al'Caar e da bela Marisa Ahan, com as mãos espalmadas nas bochechas, como sempre fazia quando estava surpresa. E também Emry Lewin, de corpo robusto, Elise Marwin, Darea Candwin, e... As meninas eram todas de Campo de Emond ou das vilas vizinhas. Passando os olhos pelas outras mesas, notou que as garotas ali também deviam ser de Dois Rios. Pelo menos a maioria. Viu um rosto domanês, além de pelo menos dois outros que também deveriam ser de um lugar distante, mas poderia ter visto cada um daqueles vestidos em um dia comum em Campo de Emond.

— Pela Luz, o que vocês estão fazendo aqui?

— Estamos indo para Tar Valon — conseguiu dizer Bo, apesar da surpresa. Sua única semelhança com Mat era o leve toque de malícia nos olhos. O espanto em vê-lo sumiu depressa, e a jovem abriu um largo sorriso de encanto e admiração. — Para virar Aes Sedai, que nem Egwene e Nynaeve.

— E olha que a gente poderia perguntar a mesma coisa — acrescentou Larine Ayellin, sempre graciosa, ajeitando a grossa trança por cima do ombro com uma displicência calculada. Era a mais velha das garotas de Campo de Emond, quase três anos mais nova que ele, mas a única de cabelos trançados além de Bo. Larine sempre se considerara muito importante, e era bonita o bastante para que todos os rapazes corroborassem sua opinião. — Lorde Perrin praticamente não falou sobre você, só comentou que você estava viajando e tendo aventuras. E usando casacos finos, o que pelo visto é verdade.

— Está tudo bem com o Mat? — perguntou Bo, parecendo ansiosa de repente. — Ele está com você? Minha mãe está tão preocupada... Ele não lembrava nem de calçar meias limpas se não tivesse alguém em cima dele.

— Não — respondeu Rand, hesitante —, ele não está aqui. Mas está bem.

— A gente não imaginou que fosse encontrar você aqui em Caemlyn — comentou Jancy Torfinn, em sua

voz aguda. A menina não devia ter mais que quatorze anos: era a mais jovem do grupo, pelo menos entre as garotas de Campo de Emond. — Aposto que Verin Sedai e Alanna Sedai vão ficar muito felizes. As duas sempre fazem perguntas sobre você.

Então elas eram as duas Aes Sedai ali na cidade. Rand conhecia Verin, uma irmã Marrom, até melhor do que gostaria, mas não sabia o que pensar sobre a presença dela na cidade. De todo modo, essa não era nem de longe a notícia mais importante. Aquelas garotas tinham vindo de *casa*.

— Então está tudo bem em Dois Rios? Em Campo de Emond? Parece que Perrin conseguiu chegar bem. Ei... espera aí! *Lorde* Perrin?

Aquilo abriu as comportas, liberando a torrente de novidades. As garotas de outras vilas de Dois Rios estavam mais interessadas em espiar os Aiel, principalmente Bael, com olhares de esgelha, e algumas até dispensavam olhares para os saldaeanos, mas as jovens de Campo de Emond se aglomeraram ao redor de Rand e começaram a falar ao mesmo tempo. A informação saía toda entrecortada e confusa, pontuada por perguntas sobre ele, Mat, Egwene e Nynaeve. Mesmo que tivesse chance de falar, Rand não levaria menos de uma hora para responder àquilo tudo.

Trollocs tinham invadido Dois Rios, mas *Lorde* Perrin os expulsara. As meninas se empolgaram ao relatar a grande batalha, todas falando ao mesmo tempo e tão rápido que foi difícil entender qualquer coisa além do fato de que houvera uma batalha. Claro que todos da região haviam se envolvido na luta, mas *Lorde* Perrin fora quem salvara o lugar. E era sempre *Lorde* Perrin — quando Rand chamava o amigo apenas de Perrin, era corrigido com a mesma naturalidade com que as garotas corrigiriam o erro gramatical de uma criança pequena.

Mesmo com a notícia de que os Trollocs tinham sido derrotados, Rand sentiu um aperto no peito. Abandonara seu povo. Se estivesse lá, talvez não houvesse uma lista de mortos tão extensa, com tantos nomes conhecidos. Porém, se tivesse voltado para sua terra natal, não teria os Aiel ao seu lado. E não teria domínio sobre Cairhien — pelo menos não naquela magnitude. E Rahvin com certeza teria unido Andor e enviado os exércitos contra ele e Dois Rios. Havia um preço a ser pago por qualquer decisão que ele tomava — e quem pagava eram os outros. Não podia esquecer que era um preço muito menor do que o mundo pagaria sem ele — o que, claro, não ajudava muito.

Julgando a expressão sombria de Rand como uma provável consternação diante da lista dos mortos de Dois Rios, as garotas mais que depressa mudaram para os relatos mais alegres. Ao que parecia, Perrin tinha se casado com Faile. Rand desejou que os dois fossem felizes e se perguntou quanto tempo poderia durar qualquer felicidade que qualquer um deles encontrasse. As garotas achavam tudo muito lindo e romântico, mas lamentavam não ter havido tempo para as festividades de costume. Apesar de aprovarem e admirarem muito Faile, todas as jovens, até Larine, também pareciam sentir um pouco de inveja.

O vilarejo também fora visitado por Mantos-brancos. Estavam acompanhados de Padan Fain, o velho mascate que visitava Campo de Emond toda primavera. As garotas não pareciam ter muita certeza se os Mantos-brancos tinham ido como amigos ou inimigos, mas, se Rand ainda tivesse dúvidas, a união com Fain as teria dissipado. O antigo mascate era um Amigo das Trevas — ou talvez fosse coisa ainda pior —, e faria qualquer coisa para prejudicar Rand, Mat e Perrin. Principalmente Rand. A pior notícia das garotas talvez fosse o fato de ninguém saber se Fain estava vivo ou morto. De todo modo, os Mantos-brancos e os Trollocs tinham batido em retirada, e uma torrente de refugiados cruzava as Montanhas da Névoa trazendo todo tipo de novidades, de costumes a mercadorias, de plantas e sementes a roupas e tecidos. Uma das garotas ali era domanesa, e também havia duas tarabonianas e três da Planície de Almoth.

— Larine comprou um vestido domanês — comentou a pequena Jancy, com uma risada que a fez estreitar os olhos —, mas a mãe mandou ela devolver.

Larine ergueu uma das mãos, então parou para pensar e apenas fungou com desdém e ajeitou a trança.

Jancy deu uma risadinha.

— E quem liga para vestidos? — retrucou Susa al’Seen. — Rand não liga para vestidos. — A jovem magra e agitada sempre se entusiasmara com as menores coisas, e ela agora quase saltitava, apoiando-se nas pontas dos pés enquanto falava. — Alanna Sedai e Verin Sedai testaram todo mundo lá. Bem. Quase todo mundo...

— Cilia Cole também queria ser testada — intrometeu-se Marce Eldin, uma menina robusta de quem Rand não se lembrava muito bem, suas únicas memórias eram da garota com a cara enfiada em algum livro, mesmo enquanto andava pela rua. — Ela insistiu! E passou, mas disseram que ela era muito velha para ser noviça.

Susa quase não deixou Marce terminar.

— ... e nós todas passamos...

— Estamos viajando dia e noite quase sem parar desde que saímos de Ponte Branca — intrometeu-se Bo, sem esperar por uma pausa. — É tão bom fazer uma pausa e descansar um pouquinho...

— Você já foi a Ponte Branca, Rand? — perguntou Jancy, por cima de Bo. — Chegou a ver a ponte em si?

— ... então estamos indo para Tar Valon, para virar Aes Sedai! — concluiu Susa, olhando feio para Bo, Marce e Jancy ao mesmo tempo. — Em Tar Valon!

— Ainda vamos demorar um pouco para seguir para Tar Valon.

A voz, vinda da porta que levava para a rua, desviou a atenção das garotas, mas as duas Aes Sedai que acabavam de entrar nem deram atenção para os questionamentos prestes a surgir — ambas só tinham olhos para Rand. Apesar de partilharem da mesma feição etérea, as duas eram bastante diferentes. Era impossível definir a idade de qualquer uma delas, mas Verin era baixinha e gorducha, com rosto quadrado e um toque grisalho nos cabelos; enquanto a outra, que devia ser Alanna, tinha pele escura e o corpo esguio: uma bela mulher com olhar ardiloso, de cabelos negros e ondulados e um brilho de gênio forte no olhar — além de uma leve vermelhidão nos olhos, como se tivesse chorado, embora Rand achasse difícil de imaginar uma Aes Sedai aos prantos. O vestido de montaria de Alanna era de seda cinza com listras verdes e parecia impecável, como se ela tivesse acabado de trocar de roupa, ao passo que o tecido marrom-claro do vestido de Verin estava um pouco amarrotado. Apesar de a Marrom não dar muita atenção às roupas, seus olhos escuros eram bem astutos e penetrantes. E estavam cravados em Rand feito musgos em pedra.

Dois homens vestindo casacos de um tom verde opaco acompanharam as duas para dentro do salão. Um era parrudo e grisalho, e o outro, mais alto, era muito magro e de pele escura, mas ambos estavam com uma espada presa à cintura, e, mesmo sem a presença das Aes Sedai, dava para saber que eram Guardiões só pelos movimentos fluidos. Os dois ignoraram Rand e ficaram de olho nos Aiel e nos saldaeanos. Permaneciam imóveis e calmos, claramente prontos para qualquer movimento súbito. Os Aiel não se mexeram, não exatamente, mas parecia que o grupo inteiro, tanto Donzelas quanto Mãos de Faca, estava prestes a erguer os véus. Os saldaeanos mais jovens de repente aproximaram as mãos do punho da espada. Apenas Bael e Bashere pareciam realmente tranquilos. As garotas não repararam em nada além da chegada das Aes Sedai, mas o estalajadeiro gordo notou a súbita mudança de humores do grupo e começou a esfregar as mãos, sem dúvida já visualizando a destruição no salão, talvez até na estalagem inteira.

— Não teremos problemas — declarou Rand, num tom alto e firme, tanto para o estalajadeiro quanto para os Aiel. Esperava que todos os presentes tivessem entendido o recado. — Não teremos nenhum problema, Verin, a não ser que venha de você.

Várias garotas arregalaram os olhos ao verem Rand falando daquele jeito com uma Aes Sedai, e Larine fungou alto.

Verin o examinou com seus olhos astutos.

— Quem somos nós para criar problemas perto de você? Vejo que você avançou muito desde a última vez em que nos encontramos.

Rand não sabia bem por quê, mas não queria falar sobre aquilo.

— Se decidiram não ir para Tar Valon, então é porque devem ter ouvido que a Torre está cindida. — A frase gerou um burburinho assustado entre as garotas, que decerto não tinham ouvido as notícias. As Aes Sedai não esboçaram qualquer reação. — Sabem onde estão as opositoras de Elaida?

— Algumas coisas devem ser discutidas em particular — respondeu Alanna, muito calma. — Mestre Dilham, precisaremos da sala de jantar privada.

O estalajadeiro quase tropeçou nos próprios pés na pressa de assegurar que a sala estava à disposição.

Verin saiu andando em direção a uma porta lateral.

— Por aqui, Rand.

Alanna o encarou, erguendo a sobrancelha com uma expressão indagativa.

Rand conteve um sorriso amargo. As duas mal tinham chegado e já queriam assumir o comando, mas parecia que esse tipo de atitude era tão natural para as Aes Sedai quanto respirar. As garotas de Dois Rios o encaravam com olhares de diferentes níveis de pena. Sem dúvida achavam que as Aes Sedai iam arrancar seu couro se ele não se comportasse e falasse com mais educação. Talvez Verin e Alanna também pensassem o mesmo. Com uma medida suave, Rand gesticulou para que Alanna fosse na frente. Quer dizer que tinha avançado bastante, é? As duas não faziam ideia.

Alanna respondeu à medida com um aceno de cabeça, juntou as saias em um gesto elegante e saiu deslizando atrás de Verin, mas foi nesse momento que os problemas começaram. Os dois Guardiões fizeram menção de seguir as Aes Sedai, mas, antes que pudessem dar um só passo, um par de *Sovin Nai* de olhos frios avançou para impedi-los. No mesmo instante, Sulin mexeu os dedos na linguagem de sinais das Donzelas, mandando Enaila e Dagendra, uma mulher grandalhona, em direção à porta para onde as Aes Sedai estavam indo. Os saldaeanos olharam para Bashere, que fez um gesto para que permanecessem onde estavam, mas ele próprio lançou um olhar interrogativo para Rand.

Alanna soltou um muxoxo irritado.

— Vamos falar com ele a sós, Ihvon.

O Guardião esguio franziu o cenho, então assentiu, hesitante.

Verin olhou para trás, levemente surpresa, como se tivesse sido arrancada de seus pensamentos.

— O quê? Ah, sim, claro. Tomas, fique aqui, por favor.

O Guardião grisalho pareceu um pouco hesitante, então olhou firme para Rand antes de se recostar tranquilamente na parede ao lado da porta de saída. Parecia tão tranquilo quanto o fio esticado que acionaria uma armadilha. Só depois é que os dois Mãos de Faca que tinham se adiantado pareceram relaxar... pelo menos o tanto que um Aiel poderia relaxar, é claro.

— Quero falar com elas sozinho — declarou Rand, encarando Sulin.

Por um momento, achou que ela fosse retrucar. A líder do grupo de Donzelas retesou a mandíbula, mas por fim engatou alguns gestos, dando ordens para Enaila e Dagendra, e as duas se afastaram, olhando para ele enquanto balançavam a cabeça em desaprovação. Sulin mexeu os dedos outra vez, e todas as Donzelas riram. Ah, como Rand queria dar um jeito de aprender aquela linguagem de sinais... Sulin tinha ficado escandalizada quando ele perguntou se podia.

As garotas de Dois Rios trocaram olhares confusos quando Rand saiu atrás das Aes Sedai, e quando ele fechou a porta, ao entrar, ouvia um burburinho crescente. A sala era pequena, mas tinha cadeiras de madeira polida em vez de bancos, e havia castiçais de estanho na mesa lustrosa e na cornija com entalhes de vinhas sobre a lareira. As duas janelas estavam fechadas, mas ninguém fez menção de abri-las. Rand se perguntou se alguma das Aes Sedai notara como o calor o afetava tão pouco quanto a elas.

— Vocês vão levar as meninas para as rebeldes? — perguntou, assim que fechou a porta.

Verin franziu o cenho e alisou as saias.

— Você sabe muito mais a respeito disso do que nós.

— Só ouvimos falar do que se passou na Torre quando chegamos a Ponte Branca. — O tom de Alanna era frio, mas havia calor em seus olhos, que não desviavam dele. — O que você sabe sobre as... rebeldes? — Todo o desgosto do mundo pareceu acompanhar aquela palavra.

Pelo visto as duas haviam ouvido os rumores em Ponte Branca, então tinham ido correndo para lá e mantido tudo escondido das garotas. Pelas reações de Bo e das outras, a decisão de não ir a Tar Valon era novidade. Ao que parecia, as duas só tinham confirmado que os rumores eram verdadeiros naquela mesma manhã.

— Imagino que vocês não vão me dizer quem é sua espiã em Caemlyn.

As duas simplesmente o encararam, e Verin inclinou a cabeça para analisá-lo. Era estranho pensar em como já ficara inquieto ao ser alvo do olhar de uma Aes Sedai, que sempre pareciam tão serenas e no controle da situação. Já não sentia o estômago se revirar, ansioso, quando encarava de frente uma — ou mesmo duas — Aes Sedai. *Ah, o orgulho*, comentou Lews Therin, soltando uma risada insana, e Rand conteve uma careta.

— Fui informado de que existe um grupo de rebeldes. E vocês não negaram saber onde elas estão. Não desejo nenhum mal a elas, longe disso. Tenho motivos para crer que podem me apoiar.

Rand preferiu manter segredo sobre a principal razão de querer saber o paradeiro das rebeldes. Talvez Bashere estivesse certo, talvez ele realmente precisasse do apoio das Aes Sedai, mas o que mais o impelia a descobrir onde as outras estavam era ter sido informado de que Elayne estava com elas. Precisava dela para conquistar Andor sem violência. Era só por isso que a estava procurando. Só por isso. Rand sabia que ele era tão perigoso para a Filha-herdeira quanto para Aviendha.

— Pelo amor da Luz, se souberem, me digam.

— Se soubéssemos — retrucou Alanna —, não teríamos o direito de contar a ninguém. Se elas decidirem apoiar você, pode ter certeza de que virão ao seu encontro.

— E no tempo delas — acrescentou Verin —, não no seu.

Rand abriu um sorriso taciturno. Deveria ter esperado isso, talvez até menos. O que o guiava era o conselho de Moiraine, no dia em que ela morreu: não confiar em mais nenhuma mulher que usasse o xale.

— Mat está com você? — perguntou Alanna, em um tom que sugeria que aquilo realmente tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Se eu soubesse onde ele está, por que contaria a vocês? E então, já é minha vez de perguntar de novo? — Elas não pareceram achar graça.

— É tolice sua nos tratar como inimigas — murmurou Alanna, aproximando-se. — Você parece abatido. Está conseguindo descansar direito?

Quando a mulher ergueu a mão, Rand deu um passo atrás, afastando-se. Ela parou.

— Assim como você, Rand, não tenho intenção de causar mal. Isso não vai machucá-lo.

Alanna organizara a frase de um jeito tão direto que não tinha como não ser verdade. Rand assentiu, e a mulher ergueu a mão para tocar sua cabeça. A pele de Rand formigou de leve quando Alanna abraçou *saidar*, e ele sentiu uma onda morna e familiar percorrer o corpo — a sensação de alguém conferindo sua saúde.

A mulher assentiu, satisfeita. Então aquela sensação morna virou um calor intenso de repente, como se ele tivesse sido transportado por um instante para o meio de uma caldeira crepitante. Mesmo depois que o calor passou, Rand se sentiu estranho, muito mais consciente de si mesmo do que jamais estivera, muito consciente da presença de Alanna. Ele balançou o corpo de leve, ligeiramente tonto, os músculos fracos. Sentiu um eco de confusão e desconforto vindo de Lews Therin.

— O que você fez? — inquiriu. Furioso, agarrou *saidin*. A força do Poder Único o ajudou a se manter de

pé. — O que foi que você fez?

Sentiu uma pancada no fluxo que o unia à Fonte Verdadeira. As mulheres estavam tentando blindá-lo! Urdiu seus próprios escudos e os jogou com força contra as duas. Ah, tinha mesmo avançado muito e aprendido bastante desde a última vez que encontrara Verin. A Marrom cambaleou, apoiando-se na mesa, e Alanna grunhiu, como se tivesse levado um soco.

— O que foi que você fez? — Mesmo no Vazio frio e desapaixonado, sentiu que a voz saía rascante. — Me responda! Eu não prometi que não machucaria vocês. Se não me disserem...

— Ela criou um elo com você — respondeu Verin, mais do que depressa. Se a sua serenidade tinha sido abalada, ela a recuperou em um instante, porque continuou, a voz tranquila: — Ela fez de você um de seus Guardiões, com um elo. Foi isso.

Alanna recuperou a compostura ainda mais depressa. Mesmo blindada, a mulher o encarou com toda a calma, os braços cruzados e um leve brilho satisfeito nos olhos. Satisfeito!

— Eu falei que não ia machucá-lo. E, de fato, fiz o oposto.

Rand tentou se acalmar, respirando lenta e profundamente. Caíra no jogo dela feito um patinho. Sentia a ira rastejando fora do Vazio. Calma. Precisava manter a calma. Um Guardião. Então ela era uma Verde. Não que fizesse diferença. Rand não sabia muito sobre Guardiões, e não tinha ideia de como quebrar o elo — não sabia nem se era possível. Sentia apenas choque e espanto emanando de Lews Therin. Não pela primeira vez, desejou que Lan não tivesse fugido a galope logo após a morte de Moiraine.

— Vocês disseram que não vão para Tar Valon. Nesse caso, e já que parecem não ter muita certeza se sabem ou não onde as rebeldes estão, podem ficar aqui em Caemlyn. — Alanna abriu a boca, mas ele não a deixou falar. — E deviam ficar gratas por eu não atar a blindagem e largar as duas assim! — Aquilo as fez parar e ouvir. Verin comprimiu os lábios, e o brilho de raiva nos olhos de Alanna podia se equiparar ao calor daquela fornalha em que ele mergulhara mais cedo. — Mas vão ficar longe de mim. As duas. Estão proibidas de entrar na Cidade Interna, a não ser que sejam convocadas por mim. Se tentarem entrar lá, podem acreditar que *vou* deixar as duas presas nesse escudo, além de jogá-las em uma cela. Estamos entendidos?

— Perfeitamente. — Apesar do fogo nos olhos, a voz de Alanna era puro gelo.

Verin limitou-se a assentir.

Rand parou assim que abriu a porta. Tinha se esquecido das garotas de Dois Rios. Umas conversavam com as Donzelas, outras apenas as observavam, cochichando por trás das canecas de chá. Bo e um grupo das meninas de Campo de Emond interrogavam Bashere, que estava agarrado a uma caneca de estanho, com um dos pés apoiado em um banco. Pareciam metade entretidas, metade horrorizadas. O barulho da porta se abrindo as fez virar a cabeça de repente.

— Rand! — exclamou Bo — Este sujeito aqui está falando umas coisas horríveis de você.

— Ele disse que você é o Dragão Renascido — balbuciou Larine.

Ao que parecia, as outras garotas espalhadas pelo salão ainda não tinham ouvido a novidade, e todas soltaram murmúrios surpresos.

— Eu sou — confirmou Rand, cansado.

Larine fungou e cruzou os braços.

— Percebi que você estava se achando todo importante assim que vi esse casaco, ainda mais depois de ter ido embora com uma Aes Sedai. E notei isso antes mesmo de você ser tão desrespeitoso com Alanna Sedai e Verin Sedai. Mas não sabia que você tinha virado um completo idiota.

Bo soltou uma risada, mas parecia mais de medo do que de alguém que achava graça.

— Você não devia dizer essas coisas, Rand, nem mesmo de brincadeira. Tam criou você direito, e não para essas besteiras. Você é Rand al'Thor. Agora deixe de bobagem.

Rand al'Thor. Era mesmo seu nome, mas ele mal sabia quem era. Tam al'Thor o criara, mas seu pai na

verdade era um chefe de clã Aiel morto havia muito. Sua mãe era uma Donzela, mas não era Aiel. E isso era tudo o que sabia sobre quem realmente era.

Saidin ainda o preenchia. Com toda a delicadeza, envolveu Bo e Larine em fluxos de Ar e ergueu as duas até ficarem com os pés balançando.

— Eu sou o Dragão Renascido. Negar isso não muda nada. Nem desejar que seja mentira. Eu não sou o homem que vocês conheceram em Campo de Emond. Entendem agora? Entendem? — Reparou que estava gritando e calou a boca.

Sentia o estômago pesado feito chumbo, estava tremendo. Por que Alanna fizera aquilo? Que conspirações de Aes Sedai se escondiam por trás daquele belo rosto? Moiraine lhe dissera para não confiar em nenhuma delas.

Sentiu uma mão tocar seu braço e girou a cabeça com um solavanco.

— Por favor, ponha as meninas no chão — pediu Alanna. — Por favor. Elas estão assustadas.

E estavam mais do que assustadas. Larine estava completamente pálida, a boca escancarada como se ela quisesse gritar e não lembrasse o que precisava fazer. Bo soluçava tanto que seu corpo todo tremia. E não eram as únicas. As outras garotas de Dois Rios tinham se afastado ao máximo dele, abraçadas umas com as outras, e a maioria também chorava. As serviçais também tinham se juntado ao grupinho, chorando tanto quanto as meninas. O estalajadeiro estava caído de joelhos, de olhos arregalados, murmurando sons indistintos.

Rand desceu as duas garotas de volta para o chão e soltou *saidin* depressa.

— Me desculpem. Não quis assustar vocês. — Assim que conseguiram se mover, Bo e Larine saíram correndo para perto das outras. — Bo? Larine? Me desculpem. Não vou machucar vocês, prometo.

As duas não olharam para ele. Nenhuma das garotas olhou. Claro que Sulin o encarava, assim como as outras Donzelas, todas impassíveis e com olhares de reprovação.

— O que está feito, está feito — disse Bashere, deitando a caneca. — Talvez seja melhor assim. Quem sabe?

Rand assentiu, hesitante. Provavelmente era mesmo melhor que as garotas quisessem manter distância dele. Melhor para elas. Só queria ter conseguido conversar um pouquinho mais sobre as notícias de casa. Ter um pouquinho mais de tempo para ser apenas Rand al'Thor. Ainda sentia os joelhos tremendo por conta do elo, mas depois que começou a andar só parou ao subir na sela de Jeade'en. Melhor que tivessem medo dele. Melhor esquecer Dois Rios de vez. Ficou se perguntando se a montanha algum dia ficaria mais leve, ou se seu peso só aumentaria cada vez mais.





AULAS E PROFESSORES

Assim que Rand saiu da estalagem, Verin soltou o suspiro que estivera segurando. Tinha alertado Siuan e Moiraine sobre quanto aquele garoto era perigoso. Mas nenhuma das duas lhe dera ouvidos, e agora, após pouco mais de um ano, Siuan estava estancada e provavelmente morta, enquanto Moiraine... As ruas fervilhavam com rumores sobre o Dragão Renascido instalado no Palácio Real, quase todos inacreditáveis, e nada digno de crédito sequer mencionava alguma Aes Sedai. Moiraine até podia ter decidido deixar Rand pensar que estava seguindo o próprio caminho, mas jamais permitiria que o rapaz se afastasse — não com a situação como estava, com Rand reunindo tamanho poder. Não num momento como aquele, com o jovem representando tamanho perigo. Será que Rand havia se voltado contra Moiraine com ainda mais violência do que demonstrara contra ela e Alanna, havia pouco? O rapaz envelhecera desde a última vez em que o vira, e seu rosto apresentava as marcas de uma vida difícil. Só a Luz sabia como Rand tinha uma vida bastante dura, mas Verin se perguntava se aquelas marcas no rosto dele também não estavam relacionadas com a dificuldade em manter a sanidade?

Pois então. Moiraine morta, Siuan morta, a Torre Branca cindida, e Rand possivelmente à beira da loucura. Verin soltou um grunhido irritado. Quando se corria riscos, às vezes a conta chegava em momentos inesperados, e o pagamento nunca era na moeda prevista. Passara quase setenta anos trabalhando com extrema cautela e dedicação, e aquele garoto poderia ter botado tudo a perder. Mas Verin vivera tempo demais e passara por coisas demais para ficar balançada. *Vamos por partes. Melhor resolver o que dá para resolver agora, em vez de perder tempo se preocupando com o que talvez não aconteça nunca.* Aprendera essa lição a duras penas, mas nunca deixou de segui-la.

Primeiro precisava acalmar as jovens, que ainda estavam encolhidas em um canto feito um rebanho de ovelhas assustadas, agarradas umas às outras, soluçando e escondendo o rosto. Verin entendia muito bem o que elas estavam sentindo. Não era a primeira vez que ela confrontava um homem capaz de canalizar, muito menos o Dragão Renascido em pessoa, mas sentia o estômago revirar como se estivesse em um navio em alto-mar. Começou com palavras de consolo, um tapinha no ombro aqui, um afago no cabelo ali, tentando manter um tom maternal na voz. Conseguiu restabelecer boa parte da calma só de convencer as meninas de que Rand tinha ido embora, e para isso precisara persuadir quase todas a abrirem os olhos. Pelo menos com isso os soluços passaram, mas Jancy ainda exigia, insistente, que alguém lhe dissesse que Rand estava

mentindo, que tinha sido apenas um truque. Bodewhin implorava, com a mesma veemência, que seu irmão fosse localizado e resgatado — ah, Verin faria quase qualquer coisa para saber onde Mat estava —, e Larine balbuciava que precisavam deixar Caemlyn naquele mesmo dia, e sem demora.

Verin puxou uma das serviçais para um canto. A mulher de rosto comum, apesar de pelo menos vinte anos mais velha que qualquer uma das meninas de Dois Rios, estava com os olhos arregalados e ainda tremia e secava as lágrimas com o avental. Depois de perguntar qual era seu nome, Verin pediu:

— Azril, traga um chá fresco para todas. Bem quente e com bastante mel. E ponha um pouquinho de conhaque. — Então examinou a jovem mulher por um instante e acrescentou: — Ponha um tanto mais que um pouquinho, melhor dar uma dose generosa para cada uma. — Aquilo ajudaria a acalmar os nervos. — E quero que você e as outras serviçais também tomem um pouco.

Azril fungou, piscou e limpou o rosto, mas aquiesceu com uma medida — receber a ordem de desempenhar uma tarefa corriqueira pareceu aplacar suas lágrimas, embora ela continuasse com medo.

— Sirva as garotas em seus quartos — mandou Alanna, e Verin aquiesceu.

Dormir um pouco faria maravilhas aos ânimos delas. Não fazia muito tempo que as meninas estavam fora da cama, mas a mistura do conhaque com a viagem difícil que tiveram até ali daria conta do recado.

A ordem causou comoção.

— Não podemos nos esconder aqui — conseguiu dizer Larine, entre fungadas e soluços. — Precisamos ir embora! Agora! Ele vai matar todas nós!

As bochechas de Bodewhin estavam úmidas e reluzentes, mas o rosto assumira uma expressão determinada. A teimosia de Dois Rios causaria problemas àquelas jovens.

— Temos que encontrar Mat. Não podemos deixar meu irmão com aquele... com um homem capaz de... não podemos! Mesmo que ainda seja Rand, não podemos!

— Quero ver Caemlyn — gemeu Jancy, com um ganido, embora ainda estivesse trêmula.

As outras fizeram coro às três. Algumas apoiavam Jancy, apesar de ainda estarem tremendo de medo, mas a maioria se juntara, inflexível, na exigência de ir embora. Ele, um dos achados mais promissores em Dois Rios, uma garota alta e bonita de Colina da Vigília, voltou a chorar a plenos pulmões.

Verin precisou de todo o seu autocontrole para não começar a distribuir tapas. As mais jovens até tinham desculpa para agir daquele jeito, mas Larine, Elle e algumas outras garotas usavam os cabelos trançados porque supostamente já eram mulheres. Além disso, apenas duas tinham sido tocadas pelos fluxos de Poder de Rand, e o perigo já passara. Por outro lado, estavam todas cansadas, além de a visita de Rand ter sido um choque — um dos muitos que as meninas decerto enfrentariam no futuro —, então Verin conteve a irritação.

Mas Alanna não pensava da mesma forma. Mesmo entre as Verdes, era conhecida pelo gênio imprevisível, que nos últimos tempos andava ainda pior.

— Vocês vão para os quartos agora mesmo — declarou, com frieza. Mas a frieza só estava no tom.

Verin soltou um suspiro ao ver a companheira de viagem urdir Ar e Fogo em uma Ilusão. Exclamações de assombro tomaram o salão da estalagem, e os olhos já arregalados das meninas se abriram ainda mais. Não havia necessidade daquela demonstração, mas o costume das Aes Sedai ditava que não era certo desautorizar uma irmã em público, e, para dizer a verdade, a Marrom se viu aliviada quando os ganidos de Elle enfim cessaram. Até a própria Verin estava com os nervos à flor da pele. Claro que as jovens, ainda sem treinamento, não conseguiam ver os fluxos. Para elas, Alanna ficava maior a cada palavra, e sua voz parecia cada vez mais alta — não era o tom que mudava, e sim a intensidade, adequando-se ao tamanho que ela parecia ter.

— Vocês se tornarão noviças, e a primeira lição é aprender a obedecer às Aes Sedai. Na hora em que são mandadas. E sem reclamar nem choramingar. — Alanna estava parada no meio do salão, e Verin não via diferença em sua aparência, mas a cabeça da Ilusão tocava as vigas do teto. — Agora vão logo! Quem não

estiver no quarto quando eu contar até cinco vai se arrepender da decisão até a hora da morte. Um. Dois...

As meninas saíram correndo e fazendo uma barulheira, subindo as escadas nos fundos do salão em desespero, antes que a Verde chegasse ao três. Verin ficou surpresa ao notar que nenhuma tinha sido pisoteada.

Alanna não se deu ao trabalho de contar além de quatro: soltou *saidar* assim que a última garota de Dois Rios desapareceu no andar de cima, deixando a Ilusão sumir, e balançou a cabeça de leve, satisfeita. Verin imaginava que todas precisariam de uma boa dose de convencimento até para enfiar as cabeças para fora da porta dos quartos. E talvez fosse melhor assim. Com as coisas como estavam, não queria ter que ir atrás de ninguém que sáísse às escondidas para dar um passeio por Caemlyn.

Claro que a Ilusão de Alanna não fez efeito apenas nas futuras noviças. Tiveram que convencer as serviçais a saírem de debaixo das mesas, e a mulher que caíra enquanto tentava se arrastar até a cozinha precisou de ajuda para se levantar. As serviçais não soltaram um pio, apenas tremiam feito vara verde. Cada uma delas precisou de um leve empurrãozinho de Verin para começar a se mexer, e a Marrom ainda teve que repetir a ordem de que servissem chá e conhaque três vezes antes de Azril parar de encará-la como se estivesse brotando mais uma cabeça em seu pescoço. O estalajadeiro estava de queixo caído, os olhos pareciam a ponto de saltar das órbitas. Verin olhou para Tomas e gesticulou para o sujeito abalado.

Seu Guardião a encarou com o mesmo olhar amargo de todas as vezes em que Verin pedia a ele que resolvesse problemas triviais — mesmo assim, o homem raramente questionava suas ordens —, então passou um dos braços por cima dos ombros de Mestre Dilham e perguntou, em um tom jovial, se ele não gostaria de acompanhá-lo em algumas canecas do melhor vinho da casa. Tomas era um bom homem, com talentos surpreendentes. Ihvon estava sentado com as costas na parede e as botas apoiadas em uma mesa, um olho na porta e outro em Alanna — o olho em Alanna estava bastante atento. O homem estava ainda mais solícito com ela desde a morte de Owein, o outro Guardião da Verde, além de, sabiamente, tratá-la com ainda mais delicadeza para não provocar seu mau gênio — embora, no geral, Alanna se controlasse um pouco melhor. E a Verde não demonstrava o menor interesse em ajudar a arrumar a bagunça que fizera. Estava parada de braços cruzados no meio do salão, olhando para o nada. Para qualquer um que não fosse Aes Sedai, a mulher parecia a encarnação da serenidade. Para Verin, a Verde estava prestes a explodir.

A Marrom foi até ela e tocou seu braço.

— Precisamos conversar.

Alanna a encarou com um olhar indecifrável e, sem dizer uma palavra, saiu deslizando a passos elegantes em direção à sala de jantar particular.

Às suas costas, Verin ouviu Mestre Dilham dizer, com a voz trêmula:

— Acha que eu posso dizer que o Dragão Renascido é freguês da minha estalagem? Ele entrou aqui, afinal.

A Marrom deu um leve sorriso. Pelo menos aquele homem ficaria bem. O sorriso sumiu assim que ela fechou a porta atrás de si.

A Verde andava de um lado para o outro pela pequena sala de jantar, batendo o pé, a seda das saias divididas farfalhando a cada passo, um sussurro tão leve quanto o de espadas sendo desembainhadas. A serenidade sumira de seu rosto.

— Que audácia! Ele nos deteve! Nos *restringiu*!

Verin a observou por uns momentos antes de responder. Levava dez anos para superar a morte de Balinor e estabelecer um elo com Tomas. A verde estava com os nervos à flor da pele desde a morte de Owein e passara tempo demais contendo as emoções. Os poucos arroubos de choro que ela se permitira desde que partiram de Dois Rios não eram o suficiente — a mulher precisava deixar a tristeza sair.

— Imagino que ele realmente tenha como nos manter longe da Cidade Interna, botando guardas no portão, mas não pode nos prender aqui em Caemlyn.

Aquilo suscitou o olhar fulminante que Verin esperava. Rand podia ter aprendido bastante sozinho, mas era pouco provável que soubesse tecer selos que as prendessem ali, então as duas não teriam muita dificuldade em partir — mas para isso teriam que abandonar as garotas de Dois Rios. Não se encontrava um tesouro como o de Dois Rios desde... Verin não conseguia nem imaginar quanto tempo fazia. Talvez desde as Guerras dos Trollocs. Eram muitas garotas. Tinham estabelecido um limite de idade de dezoito anos — mesmo garotas tão jovens em geral tinham dificuldades em aceitar as restrições da vida de noviça —, mas, se tivessem aumentado esse limite em apenas cinco anos, estariam levando o dobro de garotas, se não mais. Cinco das que traziam consigo — cinco! — tinham nascido com a centelha, inclusive a irmã de Mat, uma garota chamada Wile e a jovem Jancy: aquelas garotas conseguiriam canalizar, não importava se alguém as ensinasse ou não, e seriam muito fortes. Ela e Alanna tinham deixado outras duas para trás, para serem recolhidas dali a um ou dois anos, quando tivessem idade suficiente para sair de casa. Não havia muito perigo: sem treinamento, as nascidas com a habilidade raramente manifestavam o poder antes dos quinze anos. Todas as outras prometiam um talento excepcional, cada uma delas. Dois Rios era um veio de ouro puro.

Depois de chamar a atenção da Verde, Verin mudou de assunto. Não tinha a menor intenção de abandonar aquelas jovens. Ou de se afastar mais do que o necessário de Rand.

— Acha que ele está certo em relação às rebeldes?

Alanna cerrou os punhos, agarrando as saias, então relaxou as mãos.

— Fico com nojo só de pensar na possibilidade! Será que realmente chegamos a esse ponto... — Sua voz foi morrendo, meio perdida. Deixou os ombros caírem. Já dava para ver o prenúncio das lágrimas, que ela quase não conseguia conter.

Com a ira da Verde atenuada, Verin decidiu que era hora de fazer algumas perguntas, antes de deixá-la irritada outra vez.

— Será que com algum incentivo a sua açougueira conseguiria nos dizer alguma coisa sobre o que aconteceu em Tar Valon?

A açougueira não era realmente de Alanna, e sim uma agente da Ajah Verde — só tinha sido descoberta porque Alanna reparara no sinal que indicava um aviso urgente no exterior da loja. Não que a Verde tivesse lhe contado qual era o sinal, claro. A Marrom certamente não teria revelado nenhum segredo das Marrons.

— Não. A mulher não sabe nada além daquela mensagem, que já foi o bastante para deixar sua boca tão seca que ela mal conseguia pronunciar as palavras.

A mensagem. “Todas as Aes Sedai leais devem retornar à Torre. Tudo está perdoado.” Aquilo, pelo menos, era a essência da mensagem. Um lampejo de raiva cintilou nos olhos de Alanna, mas durou apenas um instante e não teve a mesma força de antes.

— Não fosse por todos esses boatos, eu jamais teria revelado identidade da informante a você — declarou a Verde.

Não fossem os boatos e o fato de ela estar com as emoções tão fora de controle. Pelo menos a mulher tinha parado de andar de um lado para o outro.

— Eu sei — retrucou Verin, sentando-se à mesa —, e vou respeitar o segredo. Mas você tem que concordar que essa mensagem confirma os rumores que ouvimos. A Torre está cindida. É bem provável que *de fato* tenha rebeldes em algum lugar. A questão é: o que faremos?

Alanna a encarou como se Verin estivesse louca, o que não era de se espantar: Siuan só podia ter sido deposta pelo Salão da Torre, segundo as leis da Torre. Só a sugestão de ir contra a lei da Torre já era algo inimaginável. Mas, por outro lado, ver a Torre cindida também era inimaginável.

— Se ainda não tiver uma resposta, pense um pouco a respeito. E considere isto: Siuan Sanche foi uma das responsáveis por o jovem al'Thor ter sido encontrado, em primeiro lugar. — Alanna abriu a boca, decerto para perguntar como Verin sabia daquilo e se também tinha parte da responsabilidade, mas a

Marrom não deu nem chance. — E apenas uma mente simplória poderia acreditar que a responsabilidade por ter encontrado o Dragão Renascido não teve relação com a deposição da Amyrlin. Não existem coincidências assim tão grandes. Então é melhor pensar em qual deve ser a opinião de Elaida sobre Rand. Não esqueça que ela era Vermelha. E, enquanto pensa no assunto, quero que me responda uma coisa: onde você estava com a cabeça para formar um elo com ele daquele jeito?

Alanna não deveria ter ficado surpresa com a pergunta, mas ficou. A Verde hesitou, então puxou uma cadeira e também se sentou, ajeitando as saias, antes de responder.

— Era a coisa mais lógica a se fazer, com ele ali na nossa frente. E deveria ter sido feito há muito tempo. Mas vocês não conseguiram... ou não quiseram. — Como a maioria das Verdes, Alanna achava um pouco surpreendente que as outras Ajahs insistissem que cada irmã devesse ter apenas um Guardiã. E era melhor nem mencionar o que achavam sobre as Vermelhas preferirem não ter nenhum. — Alguém devia ter forjado um elo com aqueles três desde que o encontraram. São importantes demais para ficarem à solta, ainda mais al'Thor.

A Verde de repente ficou com as bochechas coradas. Ela ainda levaria um bom tempo para voltar a ter as emoções sob controle.

Verin sabia a causa do rubor: Alanna tinha se descuidado e soltado a língua. As duas mantiveram o olho em Perrin durante as longas semanas enquanto testavam as moças de Dois Rios, mas Alanna logo parara de falar sobre a necessidade de estabelecer um elo com ele. O silêncio se devia à ameaça simples, porém fervorosa, de Faile — e feita bem longe dos ouvidos de Perrin — de que Alanna não sairia viva de Dois Rios se ousasse fazer uma coisa daquelas. Claro que a ameaça não teria funcionado caso Faile soubesse alguma coisa sobre o elo entre uma Aes Sedai e seu Gaidin, mas fora justamente sua ignorância que refreara a Verde. Era bem provável que a frustração de ter sido impedida pela ameaça de uma garota qualquer, somada à exaustão, que levava Alanna a fazer aquilo com Rand. A mulher não tinha apenas forjado um elo com ele: tinha feito aquilo sem permissão. Uma prática abandonada havia centenas de anos.

Bem, pensou Verin, secamente, eu também violei alguns costumes ao longo da vida.

— Lógica? — perguntou, abrindo um sorriso para abrandar as palavras. — Você está parecendo uma Branca. Muito bem. E o que vai fazer, agora que Rand é seu? Considerando a lição que ele acabou de nos dar. O que me lembra uma história de quando eu era menina, dessas que contavam à beira da lareira, sobre uma mulher que conseguiu botar sela e rédea em um leão. Ela adorou a nova montaria, até que descobriu que nunca mais poderia desmontar nem dormir.

Alanna estremeceu e esfregou os braços.

— Ainda não consigo acreditar em como ele é forte. Se pelo menos tivéssemos nos unido mais cedo... E eu tentei... mas fracassei... Ele é tão forte!

Até Verin teve que fazer um esforço para conter o tremor. Alanna estava falando do momento em que uniram suas forças para manejar uma quantidade maior de Poder, e Verin não via como poderiam ter feito isso mais cedo — a não ser que Verde estivesse sugerindo que tivessem se unido antes de ela estabelecer o elo de Guardiã. A Marrom não sabia dizer o que poderia ter acontecido caso tivessem se atrevido a tanto. De todo modo, o encontro com al'Thor fora uma sucessão de acontecimentos horríveis. Depois de descobrirem que não conseguiam apartá-lo da Fonte Verdadeira, tiveram que testemunhar o desdém com que ele, sem a menor dificuldade, blindara as duas ao mesmo tempo, rompendo sua ligação com *saidar* como se cortasse um fio. As duas, e de uma só vez. Impressionante. Quantas mulheres seriam necessárias para blindá-lo e contê-lo? Todas as treze, como ditava a tradição? Aquilo era apenas um costume antigo, mas no caso dele talvez de fato fosse necessário. Bem, de qualquer forma, não era hora de pensar naquilo.

— E ainda temos que pensar na questão da anistia.

Alanna arregalou os olhos.

— Você não pode acreditar numa coisa dessas! Sempre que surgia um falso Dragão, vinham também os boatos de que o sujeito estava reunindo homens capazes de canalizar. Mas eram apenas boatos, e tão falsos quanto os homens que se diziam Dragões. Esses homens querem todo o poder para si, não gostam de dividir nada com os outros.

— Ele não é um falso Dragão — retrucou Verin, muito calma. — Isso muda tudo. Se um dos boatos é verdadeiro, o outro pode ser também. E essa história de anistia está na boca do povo desde que saímos de Ponte Branca.

— Mesmo que seja verdade, talvez ninguém tenha vindo. Nenhum homem decente sonha em canalizar. Teríamos um falso Dragão por semana, se houvesse muitos homens com essas ideias.

— Ele é *ta'veren*, Alanna. Ele atrai o que necessita.

Alanna abriu e fechou a boca, cerrando os punhos apoiados sobre o tampo da mesa até os dedos ficarem brancos, de tanta força. Não restava mais nenhum traço da tranquilidade das Aes Sedai em seu rosto, e ela estava visivelmente trêmula.

— Não podemos permitir uma coisa dessas... Agora temos homens canalizando à solta pelo mundo? Se for verdade, precisamos dar um fim nisso. É nossa obrigação!

O acesso de raiva estava prestes a irromper outra vez, e os olhos de Alanna faiscavam.

— Precisamos saber onde al'Thor está mantendo esses homens, antes de pensar no que fazer com eles — retrucou Verin, ainda calma. — O Palácio Real parece um bom local para isso, mas vai ser difícil descobrir se não tivermos acesso à Cidade Interna. Proponho o seguinte...

Alanna se inclinou para a frente e ouviu com atenção.

O plano ainda precisava de muitos ajustes, mas podiam deixar quase todos para mais tarde. Ainda havia diversas questões a serem respondidas, porém isso também ficaria para depois. Moiraine estava mesmo morta? Se sim, como morrera? Havia mesmo rebeldes? E como ela e Alanna deveriam se posicionar nessa cisão entre as Aes Sedai? Era melhor tentarem entregar Rand a Elaida ou às rebeldes? E onde estavam essas Aes Sedai foragidas? O paradeiro das rebeldes era uma informação valiosa, independente das respostas para as outras perguntas. Como poderiam tirar proveito da corrente tão frágil que Alanna colocara em Rand? Será que era boa ideia uma delas, ou quem sabe as duas, tentar tomar o lugar de Moiraine? Pela primeira vez desde que Alanna extravasara seus sentimentos, tão à flor da pele depois da morte de Owein, Verin ficou feliz por isso ter demorado tanto. Naquele estado tão volúvel e confuso, a Verde ficava mais suscetível a aceitar sua orientação, e Verin sabia exatamente qual devia ser a resposta para algumas daquelas perguntas. E sabia que Alanna não ia gostar nada de algumas das respostas. Melhor que ela só descobrisse quando já fosse tarde demais.

* * *

Rand galopou de volta para o Palácio, aos poucos foi deixando para trás até mesmo os Aiel, ignorando os gritos de sua comitiva e a contrariedade das pessoas em seu trajeto, que sacudiam o punho no ar por precisarem saltar para fora do caminho de Jeade'en — ignorava até o rastro de confusão que deixava, com liteiras e carruagens enroscadas com as rodas dos carrinhos de venda. Bashere e seus homens, que usavam cavalos menores, mal conseguiam manter o ritmo. Rand não sabia muito bem por que estava com tanta pressa — não levava notícias tão urgentes assim —, mas, conforme a tremedeira em seus braços e pernas diminuía, aumentava a percepção de que continuava muito consciente de Alanna. Podia *senti-la*. Era como se a mulher tivesse se esgueirado para dentro de sua mente e se alojado lá. Se podia senti-la, então a Aes Sedai também o sentia? O que mais ela podia fazer? O que mais? Precisava escapar daquilo.

Orgulho, disse Lews Therin, gargalhando. Pela primeira vez, Rand não tentou silenciar a voz.

Não era ao palácio que estava pensando em ir, mas para Viajar era preciso conhecer o lugar de partida ainda melhor que o de chegada. Quando entrou no Estábulo Sul, jogou as rédeas do garanhão para um cavaleiro de colete de couro e saiu correndo. As pernas compridas o mantiveram à frente dos saldaeanos que o tinham seguido até ali, e Rand disparou por corredores onde serviçais o encaravam, boquiabertos, curvando-se em mesuras e reverências assim que o viam passar a toda. No Grande Salão, Rand agarrou *saidin*, abriu o vão no ar e disparou, avançando pela clareira próxima à fazenda e largando a Fonte Verdadeira.

Soltando um longo suspiro, ele caiu de joelhos sobre as folhas mortas. Sentia o golpe duro do calor do sol, que atravessava por entre os galhos nus das copas das árvores. Já fazia um bom tempo que perdera a concentração necessária para se manter indiferente à temperatura. Ainda sentia a mulher ali, porém era uma sensação mais fraca — se é que dava para chamar de fraca a certeza de que Alanna estava *naquela* direção. Poderia apontar para onde ir mesmo de olhos fechados.

Agarrou *saidin* outra vez, apenas por um instante, mergulhando naquele êxtase de fogo, gelo e lodo rançoso. Uma espada em sua mão. Uma espada de fogo — de Fogo —, com uma garça escura na lâmina vermelha e meio curvada. Mas não conseguia se lembrar de ter pensado na arma. Era Fogo, mas o cabo longo era frio e rígido contra a palma da mão. O Vazio não fazia diferença, o Poder não fazia diferença. Alanna ainda estava li, enroscada em um canto de seu cérebro, à espreita.

Com uma risada amarga, Rand soltou o Poder outra vez e se ajoelhou ali mesmo. Ah, como estivera confiante. Eram apenas duas Aes Sedai. Claro que conseguia dar conta delas — não dera conta de Egwene e Elayne juntas? O que aquelas mulheres poderiam fazer a ele? Percebeu que a risada persistia. Parecia incapaz de parar. Bem, era mesmo engraçado. Aquele orgulho idiota... O excesso de confiança. Aquilo já lhe metera em problemas antes — e não só a ele. Ah, tivera tanta certeza de que, junto com os Cem Companheiros, não teria o menor problema para selar a Fenda...

As folhas secas no chão estalaram quando ele se forçou a ficar de pé.

— Não fui eu! — exclamou, rouco. — Isso não fui eu! Saíam da minha cabeça! Todos vocês, saíam da minha cabeça!

A voz de Lews Therin, ao longe, emitia murmúrios indistintos. Alanna aguardava em silêncio, paciente, em um canto de sua mente. A voz do antigo Dragão parecia ter medo da mulher.

Determinado, Rand esfregou os joelhos das calças. Ele não se renderia àquilo. Não podia confiar em nenhuma Aes Sedai — não ia mais esquecer. *Quando não temos mais em quem confiar, só o que resta é a morte*, comentou Lews Therin, com uma risadinha. Rand não se renderia.

Nada na fazenda mudara — nada, mas também tudo. A casa e o celeiro continuavam iguais, com as galinhas, as cabras e as vacas. Sora Grady, com o rosto frio e inexpressivo, ficou na janela observando a chegada de Rand. Sora era a única mulher que restava, todas as outras esposas e namoradas tinham ido embora junto com os homens que haviam falhado nos testes. Taim estava com os alunos — todos os sete — em uma área aberta um pouco atrás do celeiro, onde ervas escassas cresciam no chão de barro vermelho e duro. Além do marido de Sora, Jur, apenas Damer Flinn, Eben Hopwil e Fedwin Morr tinham passado nos primeiros testes. Os outros eram novos, todos quase tão jovens quanto Fedwin e Eben.

Todos os alunos exceto Damer, com seus cabelos brancos, estavam sentados um ao lado do outro, de costas para Rand. O mais velho estava diante da fileira, o cenho franzido, encarando uma pedra do tamanho de uma cabeça a trinta passadas de distância.

— Agora — mandou Taim.

Rand sentiu Damer agarrar *saidin* e o viu urdir Fogo e Terra em tramas inexperientes.

A pedra explodiu, e Damer e os outros alunos se jogaram no chão para escapar dos fragmentos que

sairam voando. Taim nem se mexeu — as lascas de pedra quicaram no escudo de Ar erguido no último instante. Damer ergueu a cabeça, receoso, e limpou o sangue de um talho raso logo abaixo do olho esquerdo. Rand comprimiu os lábios — apenas por pura sorte não tinha sido atingido por alguma daquelas lascas voadoras. Olhou para trás, para a casa. Sora ainda estava lá, aparentemente ileso. E ainda o encarava. As galinhas nem ao menos pararam de ciscar — pareciam acostumadas.

— Talvez da próxima vez você se lembre do que eu sempre digo — comentou Taim calmamente, deixando sua trama esvaecer. — Você precisa erguer o escudo ainda enquanto ataca, ou pode acabar se matando. — O homem deu uma olhada raivosa para Rand, como se já tivesse notado sua presença desde que ele chegara. — Continuem — disse aos alunos, e foi andando até Rand, empinando o nariz de gavião. Naquele dia, seu rosto parecia um pouco cruel.

Damer se sentou entre os homens na fileira, e Eben, um jovem com o rosto coberto de marcas vermelhas, se levantou, nervoso, mexendo em uma de suas orelhas enormes enquanto usava uma trama de Ar para erguer uma pedra de uma pilha mais afastada. Os fluxos eram inconstantes, e ele deixou a pedra cair antes de ajeitá-la no lugar.

— Acha que é seguro eles ficarem sem supervisão? — perguntou Rand, quando Taim se aproximou.

A segunda pedra também explodiu, mas dessa vez os alunos já tinham urdido os escudos para se protegerem dos fragmentos. E Taim também — o professor envolvera a si mesmo e a Rand na mestra urdidura. Sem dizer uma palavra, Rand agarrou *saidin* e criou seu próprio escudo, afastando o de Taim, que contorceu a boca em seu costumeiro meio sorriso.

— O senhor me mandou pegar pesado com os rapazes, milorde Dragão, então é o que estou fazendo. Mando usarem o Poder para tudo, tudo mesmo, até as tarefas do dia. Ontem à noite, o mais novo conseguiu ter a primeira refeição quente. Se não conseguem produzir calor suficiente sozinhos, eles comem comida fria. Ainda levam o dobro do tempo que o normal para fazer quase tudo, mas estão aprendendo a manejar o Poder o mais depressa possível, pode acreditar. Mas ainda não temos muitos aprendizes, claro.

Ignorando a pergunta implícita, Rand olhou em volta.

— E cadê Haslin? Está bêbado de novo? Eu já disse que ele só pode tomar vinho à noite.

Henre Haslin tinha sido Mestre da Espada da Guarda da Rainha, o encarregado de treinar recrutas até Rahvin começar a reorganizar a guarda, descartando todos os fiéis a Morgase ou mandando-os para a guerra em Cairhien. Como era velho demais para ingressar em uma campanha, Haslin fora mandado embora do palácio com o dinheiro da aposentadoria. Quando a notícia da morte de Morgase se espalhou por Caemlyn, o homem começara a se afogar no vinho. Haslin tinha seus defeitos, mas ao menos acreditava que Rahvin — que conhecia como Gaebril — é que era o assassino de Morgase, e não Rand. E o sujeito era um bom professor. Quando estava sóbrio.

— Mandei o sujeito embora — retrucou Taim. — Qual é a serventia das espadas? — Outra pedra explodiu. — Nunca senti falta de uma, e preciso tomar cuidado para não me cortar com minha própria lâmina. Esses homens agora têm o Poder.

Mate-o! Mate-o agora! A voz de Lews Therin, etérea, ecoava dentro do Vazio. Rand exterminou o eco, mas não conseguiu acabar com a raiva que o envolveu no Vazio de repente, fechando-o como uma concha. Mesmo assim, o Vazio drenava toda a emoção de sua voz.

— Trate de encontrar Haslin, Taim, e traga-o de volta para cá. Diga a ele que mudou de ideia. E também diga isso aos alunos. Ou melhor, pode escolher dizer o que quiser, mas quero Haslin aqui, dando aulas todos os dias. Esses homens precisam fazer parte do mundo, não ficar à margem. O que é que eles vão fazer quando não conseguirem canalizar? Se soubesse manejar uma espada ou lutar com as próprias mãos, você teria escapado quando foi blindado pelas Aes Sedai.

— Eu escapei. Estou bem aqui.

— Pelo que ouvi dizer, você foi libertado por alguns dos seus seguidores. Se não fosse eles, teria acabado ao lado de Logain em Tar Valon, amansado. Esses homens aqui não têm seguidores. Vá atrás de Haslin.

Taim curvou-se em uma medida suave.

— Como ordenar, milorde Dragão. O que o trouxe aqui, milorde Dragão? Veio falar de Haslin e espadas?
— A voz dele guardava um levíssimo toque de desprezo, mas Rand ignorou.

— Tem Aes Sedai em Caemlyn. Está na hora de parar com as idas à cidade, tanto suas quanto dos alunos. Só a Luz sabe o que aconteceria se um deles topasse com uma Aes Sedai e ela o reconhecesse pelo que é.

Ou, o que também era possível, se um aluno reconhecesse uma Aes Sedai, como decerto reconheceria. O homem sem dúvida sairia correndo ou entraria em pânico e atacaria, e qualquer uma dessas reações o deixaria marcado. Qualquer uma dessas reações seria sua ruína. Pelo que Rand vira mais cedo, tanto Verin quanto Alanna acabariam com qualquer um daqueles alunos como se fossem apenas criancinhas.

Taim deu de ombros.

— Apesar de destreinados, é bem provável que consigam explodir a cabeça de uma Aes Sedai com a mesma facilidade com que destroem essas pedras. A trama é só um pouco diferente... — Ele olhou para trás e ergueu a voz: — Precisa de mais concentração, Adley. Concentração é tudo.

O rapaz desengonçado, todo braços e pernas, que estava parado diante dos outros alunos, se assustou e perdeu contato com *saidin*, mas conseguiu agarrar o Poder de novo, ainda sem jeito. Mais uma pedra explodiu quando Taim virou de volta para Rand e sugeriu:

— Aliás, posso... dar conta das mulheres sozinho... se esse for o problema para você.

— Se eu quisesse essas mulheres mortas, já teria matado.

Rand achava que conseguiria dar conta disso, se tentassem matá-lo ou amansá-lo. Pelo menos torcia para estar certo. Mas será que tentariam, ainda mais depois de estabelecer aquele elo? Aí estava uma coisa que não pretendia informar a Taim. Não precisava dos resmungos de Lews Therin para saber que o homem não era confiável — não a ponto de expor alguma fraqueza que pudesse esconder. *Luz, quanto poder permiti que Alanna tivesse sobre mim?*

— Pode deixar que vou informar se for preciso matar alguma Aes Sedai. Até lá, ninguém deve sequer levantar a voz para uma, a não ser que ela esteja tentando arrancar a cabeça do sujeito. Aliás, quero vocês todos o mais longe possível das Aes Sedai. Não quero nenhum incidente, nada que as ponha contra mim.

— E acha mesmo que elas já não estão contra você? — murmurou Taim.

Rand decidiu ignorar a provocação de novo. Dessa vez, foi porque não tinha certeza da resposta.

— E não quero ver ninguém morto nem amansado porque a cabeça é grande demais para o chapéu. E quero que você garanta que eles saibam bem disso. Você é responsável por eles.

— Como quiser — respondeu Taim, dando de ombros outra vez. — Mais cedo ou mais tarde, alguns deles vão acabar morrendo. A não ser que o que você queira é mantê-los confinados aqui para sempre. Bem, é provável que alguns morram mesmo assim. A morte é quase inevitável, a não ser que eu reduza o passo das aulas. Você não precisaria se preocupar tanto com eles, se me deixasse sair para procurar mais homens.

Tinham voltado ao mesmo ponto. Rand olhou os alunos. Um jovem suado, de cabelos claros e olhos azuis, estava com dificuldade para colocar uma pedra no lugar. O sujeito não parava de perder o contato com *saidin*, e a pedra avançava aos pulinhos. Dali a poucas horas, a carroça com os candidatos ao treinamento que haviam chegado desde a tarde de ontem sairia do Palácio. Dessa vez seriam quatro. Alguns dias vinham apenas três, ou dois, embora o número de candidatos estivesse aumentando aos poucos. Já tinham testado dezoito homens desde que Rand levara Taim até ali, sete dias antes, e apenas três conseguiriam aprender a canalizar. Taim insistia que era um número extraordinário, considerando que os homens só tinham ido a Caemlyn atrás de uma oportunidade. E também atentou outra vez para o fato de que, nesse passo, poderiam medir forças com a Torre em seis anos. Rand não precisava ser lembrado de que não tinha seis anos. E não

havia tempo para reduzir o ritmo do treinamento.

— E como você faria isso?

— Com os portões. — Taim aprendera a usá-los de primeira. Ele aprendia bem rápido tudo o que Rand mostrava. — Posso visitar duas, talvez até três aldeias por dia. É mais fácil começar com aldeias, mais até do que com vilarejos. Deixo Flinn a cargo das aulas, já que ele é o mais avançado do grupo, apesar da demonstração que você viu. E levo comigo Grady, Hopwil ou Morr. Você teria que fornecer uns cavalos decentes... Aquele pangaré que puxa a carroça não vai servir.

— Mas qual seria o seu plano? Chegar do nada e anunciar que está procurando homens capazes de canalizar? Vai ter sorte se os aldeões não tentarem mandar você direto pra força.

— Eu me considero um pouco mais sensato do que isso — retrucou Taim secamente. — Vou dizer que estou recrutando homens para seguir o Dragão Renascido. — Mais sensato? Não muito. — Isso vai assustar o povo, que vai ficar afastado por tempo suficiente para eu reunir quem estiver disposto a vir conosco. E ajuda a selecionar quem ainda não estiver pronto para apoiar você. Suponho que você não tenha a intenção de treinar homens que vão se voltar contra você na primeira oportunidade. — Taim ergueu uma sobrancelha indagativa, mas não esperou a resposta óbvia. — Assim que eu tirar os homens das aldeias em segurança, trago todos para cá através de um portão. Alguns talvez entrem em pânico, mas isso não deve ser muito difícil contornar. E, já que terão concordado em seguir um homem capaz de canalizar, vai ser difícil rejeitarem meus testes. E posso mandar os que falharem para Caemlyn. Está mais do que na hora de você começar a organizar um exército próprio, em vez de depender dos outros. Bashere pode mudar de ideia a qualquer momento. E ele com certeza vai se voltar contra você se a Rainha Tenobia mandar. E sabe-se lá do que esses Aiel são capazes.

O homem fez uma pausa depois do último comentário ácido, mas Rand segurou a língua. Já tinha pensado coisa parecida — apesar de com certeza não suspeitar dos Aiel —, mas Taim não precisava saber disso. Depois de um instante, o tutor prosseguiu como se sequer tivesse tocado no assunto:

— Vamos fazer uma aposta, você define o valor. No primeiro dia de recrutamento, aposto que encontro tantos homens capazes de aprender a canalizar quanto os que vierem por conta própria até Caemlyn no período de um mês. Quando Flinn e alguns dos outros já estiverem prontos para continuar seus estudos sem mim... — Ele espalmou as mãos. — Em menos de um ano, consigo tantos homens quanto há Aes Sedai na Torre Branca. E cada homem será uma arma.

Rand hesitou. Deixar Taim partir era um risco. O homem era agressivo demais — o que faria se topasse com uma Aes Sedai em uma de suas viagens de recrutamento? Talvez mantivesse a palavra e a poupasse, mas e se a mulher descobrisse do que ele era capaz? E se ela o blindasse e o capturasse? Era uma perda que Rand não podia se permitir. Não conseguiria treinar os alunos e fazer tudo o que precisava fazer. Do jeito que estavam, levaria seis anos para se igualar à Torre Branca em número. Isso se as Aes Sedai não descobrissem aquela fazenda e destruíssem tudo, inclusive os alunos, antes que formassem um grupo experiente o bastante para se defender. Do jeito de Taim, levariam menos de um ano. Por fim, Rand assentiu. A voz de Lews Therin era um zumbido ensandecido ao longe.

— Você terá seus cavalos.





PERGUNTAS E RESPOSTAS

— E então? — perguntou Nynaeve, na voz mais paciente que conseguiu. Estava fazendo um esforço para manter as mãos paradas sobre o colo, e ainda mais para permanecer sentada na cama. Sufocou um bocejo. Estava muito cedo, e já fazia três dias que não dormia direito. A gaiola de palha estava vazia — tinham libertado o pardal. Como queria estar livre também... — E então? — repetiu.

Elayne estava ajoelhada em sua cama, com a cabeça e os ombros enfiados para fora da janela que dava para a viela atrás da casa. Dali, dava para ver apenas uma nesga dos fundos da Pequena Torre, onde, apesar da hora, estavam quase todas as Votantes de Salidar, recebendo os emissários que a Torre Branca enviara naquela manhã. Não dava para ver muito, mas era o suficiente para notar um pedaço do selo que impedia o som das vozes das mulheres ali reunidas de sair da estalagem. O tipo de selo que barrava inclusive as tentativas de usar o Poder para escutar. Era o preço que ela e Nynaeve tinham que pagar por compartilhar o que sabiam.

Depois de um instante, a Filha-herdeira se sentou de volta, a frustração estampada no rosto.

— Nada. Você disse que esses fluxos iam atravessar o selo sem serem notados. Acho que ninguém me notou, mas não ouvi absolutamente nada.

O comentário fora dirigido a Moghedien, sentada no banquinho bambo em um canto. Nynaeve não conseguia nem exprimir quanto ficava irritada em ver que a mulher não suava uma gota sequer. A Abandonada afirmava que era preciso passar um bom tempo em contato com o Poder até ser capaz de alcançar o distanciamento necessário para ignorar o frio e o calor, o que não era nem um pouco mais animador do que as vagas promessas das Aes Sedai de que “com o tempo” a temperatura pararia de afetá-la. Elayne e Nynaeve pingavam suor, e Moghedien estava fresca como uma manhã de primavera. Luz, que ódio!

— Eu disse que havia a possibilidade de atravessarem — retrucou Moghedien, na defensiva. Ela mantinha a atenção quase toda em Elayne: a mulher sempre cravava os olhos em quem estivesse usando o bracelete do *a'dam*. — Uma possibilidade. Existem milhares de formas de urdir um selo. Pode levar dias para abrir uma brecha em um.

Nynaeve mal conseguiu conter a língua. Estavam tentando havia dias. Era a terceira tentativa desde a chegada de Tarna Feir, e o Salão ainda mantinha a mensagem de Elaida como segredo absoluto. Bem, Sheriam, Myrelle e as outras sabiam do que se tratava — Nynaeve não se surpreenderia se elas tivessem ficado sabendo antes mesmo do Salão —, mas até Suan e Leane tinham sido deixadas de fora daquelas reuniões. Pelo menos era o que diziam.

Reparou que estava puxando as saias e sossegou as mãos. Precisavam dar um jeito de descobrir o que Elaida queria — e o mais importante, qual fora a resposta do Salão de Salidar. Era urgente. Tinham que arranjar um jeito.

— Tenho que ir — anunciou Elayne, com um suspiro. — Tenho que mostrar o processo de fabricação de um *ter'angreal* a mais algumas irmãs.

Pouquíssimas Aes Sedai em Salidar pareciam ter o dom, mas todas queriam aprender, e a maioria acreditava que conseguiria pegar o jeito, bastava que Elayne demonstrasse quantas vezes fossem necessárias.

— É melhor você ficar com isso — acrescentou a Filha-herdeira, soltando o bracelete. — Quero testar uma ideia nova para a fabricação depois que acabar com as irmãs, e ainda tenho que dar uma aula para as noviças.

Elayne também não parecia muito feliz com a perspectiva da aula com as noviças — pelo menos não como ficara antes da primeira vez. A Filha-herdeira saía tão irritada das aulas que ficava arisca feito um gato. As garotas mais novas eram ansiosas demais e ficavam atropelando as lições e se aventurando em coisas com as quais não faziam ideia de como lidar — e quase sempre sem perguntar antes. As mais velhas, embora fossem um pouco mais cautelosas, eram muito mais propensas a discutir e retrucar, e muitas simplesmente se recusavam a seguir as ordens de uma mulher seis ou sete anos mais nova. Elayne tinha adquirido o costume de sair resmungando coisas como “noviças tontas” e “idiotas teimosas” pelos cantos, como uma mulher que já tivesse passado dez anos como Aceita.

— Isso pode lhe comprar um pouco de tempo para questionar essa aí. Talvez você tenha mais sorte do que eu para aprender a detectar um homem canalizando.

Nynaeve balançou a cabeça.

— Tenho que passar a manhã ajudando Janya e Delana com suas anotações. — Não conseguiu conter a careta ao responder. Delana era uma Votante da Ajah Cinza, e Janya era da Marrom, mas Nynaeve sabia que não conseguiria arrancar nada daquelas duas. — E depois tenho mais uma *aula* com Theodrin. — Mais perda de tempo. Todos ali em Salidar estavam apenas perdendo tempo. — Use o bracelete — mandou, quando Elayne foi pendurar o *a'dam* em um prego na parede, junto com suas roupas.

A Filha-herdeira soltou um suspiro irritado, mas recolocou o bracelete. Nynaeve achava que Elayne confiava demais no *a'dam*. Enquanto o colar permanecesse no pescoço de Moghedien, qualquer mulher capaz de canalizar poderia encontrá-la e controlá-la através do bracelete. E, se ninguém estivesse com o *a'dam* no pulso, a Abandonada não conseguiria se afastar mais de dez passos do bracelete sem cair de joelhos e ter ânsias de vômito — e o mesmo aconteceria se a mulher tentasse mover o *a'dam* mais de umas poucas polegadas de onde ele fora deixado ou tentasse soltar o colar em seu pescoço. Talvez isso fosse o suficiente para a mulher se convencer a ficar ali, bem quietinha, mas uma Abandonada talvez conseguisse arranjar um jeito de contornar as limitações do *a'dam*, se tivesse oportunidade. Em Tanchico, Nynaeve dera as costas para uma Moghedien blindada e atada com o Poder por apenas alguns instantes e a mulher conseguira escapar. Depois que a capturou de volta, uma de suas primeiras perguntas foi sobre como a mulher conseguira dar conta daquela proeza — e arrancar a resposta dela tinha sido quase tão difícil quanto arrancar a cabeça do pescoço. Ao que parecia, bastava um pouco de tempo e de paciência para descobrir como romper uma blindagem. Elayne insistia que aquilo não funcionaria no caso do *a'dam* — não havia nenhum nó da trama para atacar, e, com o colar no pescoço, Moghedien não teria nem ao menos como *tentar* tocar *saidar* sem permissão —, mas Nynaeve preferia não correr o risco.

— Tome cuidado na hora de passar as notas a limpo — aconselhou Elayne. — Já ajudei Delana com as anotações. Ela *odeia* erros e borrões. Vai obrigar você a reescrever cinquenta vezes, se for preciso, só para ter uma folha limpa.

Nynaeve fez careta. Podia não ter a caligrafia tão limpa e delicada quanto a de Elayne, mas não era uma grosseirona que acabara de aprender que a ponta da pena devia ser mergulhada na tinta. A Filha-herdeira nem reparou, só abriu um último sorriso e saiu. Talvez a menina só quisesse ajudar. Se as Aes Sedai descobrissem como Nynaeve odiava passar as notas a limpo, começariam a lhe passar a tarefa como punição.

— Talvez seja melhor você ir até al'Thor — sugeriu Moghedien, de repente.

Ela estava sentada de um jeito diferente, com a postura mais rígida. Os olhos escuros estavam fixos em Nynaeve. Por quê?

— Como assim? — inquiriu Nynaeve.

— Você e Elayne deveriam ir atrás de Rand, em Caemlyn. Elayne pode virar rainha, e você... — O sorriso de Moghedien não era nada agradável. — Cedo ou tarde, vão chamar você para uma sala e tentar descobrir como é que você consegue fazer todas essas descobertas incríveis e ao mesmo tempo tremer feito uma garotinha pega roubando doces quando tenta canalizar na frente dos outros.

— Eu não...! — Não iria se explicar, não àquela mulher. Por que Moghedien de uma hora para a outra começara a se comportar daquele jeito tão petulante? — Só se lembre, seja lá o que acontecer comigo se descobrirem a verdade, sua cabeça vai parar debaixo do machado rapidinho.

— E o seu sofrimento vai durar muito mais tempo. Semirhage já conseguiu fazer um homem passar cinco anos gritando todos os dias. E até manteve o sujeito são... Bem, no fim, nem mesmo ela conseguiu manter o coração dele funcionando. Duvido de que alguma dessas crianças tenha um décimo da habilidade de uma Abandonada, mas talvez você descubra em primeira mão quanto elas já aprenderam.

Como a mulher conseguia dizer aquelas coisas? Parecia ter se livrado daquela ansiedade habitual feito uma serpente soltando a pele velha. Seria de se pensar que eram duas iguais debatendo um assunto corriqueiro. Não, pior: a atitude de Moghedien dava a entender que o assunto, apesar de ser corriqueiro para ela, era algo terrível para Nynaeve. Desejou estar usando o bracelete, o que teria sido ao menos um consolo. Moghedien não podia estar tão serena e tranquila quanto indicavam seu rosto e sua voz.

Nynaeve ficou sem fôlego. O bracelete. Era isso. O bracelete não estava no quarto. Sentiu uma bola de gelo formar-se no fundo do estômago, e o suor de repente pareceu escorrer mais intensamente pelo rosto. Pela lógica, não fazia diferença se o bracelete estava ou não ali: o colar estava muito bem preso ao pescoço de Moghedien, enquanto Elayne usava a outra parte do *a'dam* — *Por favor, Luz, que ela não tenha tirado esse negócio!* Mas, na verdade, não era questão de lógica: Nynaeve nunca tinha ficado sozinha com a mulher sem o bracelete por perto. Ou melhor: as únicas vezes em que isso acontecera quase haviam terminado em desastre completo. Verdade que Moghedien não estava usando o *a'dam* nessas ocasiões, mas isso também não fazia diferença. A mulher ainda era uma Abandonada, e Nynaeve estava a sós com ela sem uma maneira de controlá-la. Agarrou as saias para se impedir de agarrar a faca de cintura.

O sorriso de Moghedien se alargou como se a mulher tivesse lido seus pensamentos.

— Mas não se preocupe, pode ter certeza de que essa minha sugestão de partir leva em conta o que é melhor para você. Isto aqui — acrescentou, erguendo a mão acima do colar, mas tomando cuidado para não o tocar — vai me manter presa em Caemlyn tão bem quanto me mantém aqui, mas é melhor ser escrava lá do que morrer neste lugar. Só não demore muito para se decidir: se essas mulheres que se consideram Aes Sedai resolverem voltar para a Torre, não haveria presente melhor para o novo Trono de Amyrlin do que você, uma mulher tão próxima de Rand al'Thor. Além de Elayne, claro. Se o rapaz sentir metade do que a menina sente por ele, quem a mantiver sob seu poder tem uma corda amarrada nele. Uma corda que ele jamais poderá arrebentar.

Nynaeve se levantou, forçando os joelhos a ficarem firmes.

— Pode ir fazer as camas e limpar o quarto. Quero encontrar tudo brilhando quando voltar.

— Quanto tempo você tem? — perguntou Moghedien, antes de ela conseguir chegar à porta. Pelo tom,

poderia estar perguntando se a água para o chá já tinha fervido. — Alguns dias, no máximo, até enviarem uma resposta para Tar Valon? Algumas horas? Como fica a balança das Aes Sedai, se de um lado estiver Rand al'Thor, talvez até somado aos supostos crimes de Elaida, e do outro a reunificação de sua preciosa Torre?

— E trate de dar atenção redobrada na limpeza dos penicos — disse Nynaeve, sem se virar. — Desta vez quero ver eles bem limpos — acrescentou, saindo antes que Moghedien pudesse dizer qualquer outra coisa e fechando a porta com força.

Nynaeve se apoiou nas tábuas ásperas de madeira, parando para respirar fundo no corredor estreito e sem janelas. Revirou a bolsa do cinto, pegou um saquinho e enfiou duas folhas de menta-de-ganso amassadas na boca. Levava um tempo para a menta-de-ganso aliviar a queimação no estômago, mas ela mastigou e engoliu como se a pressa fosse acelerar o processo. Os últimos minutos de conversa tinham sido um baque atrás do outro, com Moghedien destruindo várias de suas *certezas*. Mesmo com toda a desconfiança, acreditara que a mulher estava com medo. E se enganara. Ah, Luz, estava redondamente enganada. Tivera tanta certeza de que Moghedien sabia tão pouco sobre o relacionamento de Elayne e Rand quanto as Aes Sedai. Outra vez se enganara. E ainda sugerir que fossem encontrá-lo... haviam tomado pouco cuidado com as conversas que tinham na frente daquela Abandonada. O que mais teriam deixado escapar, e como Moghedien conseguiria usar aquelas informações contra elas?

Outra Aceita adentrou o corredor mal iluminado, vinda da sala principal da casinha, e Nynaeve se endireitou, enfiando a menta-de-ganso de volta na bolsa e alisando o vestido. Todos os aposentos, exceto a sala da frente, tinham sido transformados em alojamentos, e todos eram ocupados por Aceitas e serviçais — três ou quatro em cada quarto, nenhum muito maior do que o aposento de onde acabara de sair, e em alguns casos duas mulheres eram obrigadas a dividir a cama. A Aceita que acabava de chegar era uma mulher esguia, quase frágil, com olhos cinza e sorriso ligeiro. Era Emara, uma illianense que não gostava nem de Siuan nem de Leane — o que Nynaeve conseguia compreender — e que achava que as duas deviam ser mandadas embora — com toda a decência, como fizera questão de ressaltar —, como acontecera com todas as outras mulheres estancadas. Apesar disso, era simpática e não se ressentia do “espaço extra” de Elayne e Nynaeve, nem do fato de “Marigan” desempenhar as tarefas das duas. E essa ausência de ressentimento era rara entre as Aceitas.

— Ouvi dizer que você está passando a limpo para Janya e Delana — comentou ela, naquela voz aguda, quando passou apressada em direção ao próprio quarto. — Vá por mim: escreva o mais depressa que der. Janya, no caso, se preocupa mais em conseguir registrar tudo do que com alguns borrões.

Nynaeve olhou feio para as costas de Emara. Escrever devagar para Delana. Escrever depressa para Janya. Mas que maravilha de conselho que recebia. De todo modo, não podia se preocupar com cópias borradas. E nem com Moghedien, não até ter chance de conversar sobre o assunto com Elayne.

Balançando a cabeça e murmurando entre dentes, avançou a passos firmes para fora da casa. Tudo bem que talvez tivesse dado sua situação ali como certa e cometido alguns deslizos, mas ainda tinha tempo de mudar o rumo das coisas. Sabia quem precisava encontrar.

Nos últimos dias, Salidar estivera imersa em uma onda de tranquilidade, embora as ruas continuassem abarrotadas. Uma boa medida da calma era como as ferrarias dos arredores da cidade estavam silenciosas. Todos tinham sido orientados a segurar a língua enquanto Tarna estivesse por ali, sem revelar nada sobre a missão diplomática a caminho de Caemlyn nem sobre Logain, que estava sendo mantido em segurança em um dos acampamentos dos soldados — e muito menos sobre os próprios soldados e o motivo pelo qual estavam se reunindo. E isso deixava o povo quase todo com medo de falar qualquer coisa numa voz mais alta que um sussurro. O burburinho que permeava a cidade tinha um toque de ansiedade.

Todos tinham sido afetados. Serviçais que viviam apressados avançavam a passos hesitantes, olhando temerosos por cima do ombro. Até as Aes Sedai pareciam cautelosas, por baixo daquela fisionomia calma,

sempre se entreolhando, pensativas, analisando os comportamentos umas das outras. Havia menos soldados nas ruas — como se Tarna não tivesse visto os números, quando chegou, e tirado suas próprias conclusões. Caso o Salão de Salidar desse a resposta errada para a Torre Branca, todos ali podiam parar no cadafalso. Até governantes e nobres que preferiam se manter alheios aos assuntos da Torre decerto enforcariam qualquer soldado em quem conseguissem pôr as mãos só para evitar que difundissem a ideia de rebelião. Sentindo a situação incerta, os poucos homens que circulavam ostentavam expressões impassíveis ou carrancas ansiosas — exceto Gareth Bryne, que aguardava pacientemente diante da Pequena Torre. O homem ia todos os dias ali, chegando antes de qualquer das Votantes e só indo embora depois de a última sair. Nynaeve achava que ele queria garantir que as Aes Sedais dali se lembrassem dele e do que estava fazendo por elas. E, na única vez em que viu as Votantes saindo, Nynaeve achou que elas não pareciam muito felizes em vê-lo esperando.

Só os Guardiões não se comportavam diferente diante da chegada da irmã Vermelha. Os Guardiões e as crianças. Nynaeve levou um susto quando três garotinhas de lacinhos no cabelo passaram à sua frente, correndo feito codornas, suadas, poeirentas e rindo enquanto iam de um lado a outro. As crianças não sabiam das notícias que toda a Salidar estava esperando — e nem entenderiam se soubessem. E cada Guardião seguiria sua Aes Sedai sem pestanejar, não importava o que ela decidisse e para onde rumasse.

Quase todos os cochichos pareciam tratar do clima, mas também se falava das histórias que chegavam sobre acontecimentos estranhos em outros lugares — bezerros falantes de duas cabeças; homens sufocados por enxames de moscas; todas as crianças de uma aldeia desaparecendo no meio da noite; gente caindo morta de repente, em plena luz do dia, afetada por algo invisível. Qualquer pessoa em sã consciência sabia muito bem que a seca e o calor fora de época eram causados pelo toque da mão do Tenebroso, mas até as Aes Sedai — pelo menos a maioria — duvidavam quando Elayne e Nynaeve diziam que esses outros acontecimentos eram igualmente verídicos, que bolhas de mal estavam se erguendo da prisão do Tenebroso à medida que os selos se enfraqueciam, subindo para o mundo e pairando pelas tramas do Padrão até estourarem. A maioria das pessoas não era capaz de pensar com tal lucidez. Alguns culpavam Rand por tudo, enquanto outros afirmavam que o Criador ficara insatisfeito com o mundo — fosse porque não estavam se unindo para seguir o Dragão Renascido, ou porque as Aes Sedai não o haviam capturado e amansado, ou porque as Aes Sedai estavam se opondo a uma Amyrlin entronada. Nynaeve, inclusive, ouvira que o tempo voltaria ao normal assim que a Torre estivesse unificada outra vez. Foi abrindo caminho pela multidão, querendo chegar logo.

— ... juro que é verdade! — ia resmungando uma cozinheira, com farinha até os cotovelos — Tem um exército de Mantos-brancos reunido do outro lado do rio Eldar, só esperando uma ordem de Elaida.

Além do falatório sobre o clima e os bezerros de duas cabeças, as histórias sobre os Mantos-brancos também estavam na boca do povo. Mas *Mantos-brancos* aguardando ordens de *Elaida*? O calor devia ter derretido os miolos daquela mulher!

— É verdade, que a Luz seja testemunha — murmurava um carroceiro grisalho para uma mulher de cenho franzido, cujo vestido de lã bem cortado indicava seu posto de camareira de alguma Aes Sedai. — Elaida morreu. A Vermelha veio convocar Sheriam para ser a nova Amyrlin.

A camareira assentia, aceitando cada palavra.

— Pois eu acho que Elaida é uma ótima Amyrlin — afirmava um homem de casaco tosco, remexendo um molho de varas apoiado no ombro. — Tão boa quanto qualquer outra. — Ele não se dirigia especificamente à mulher que o acompanhava. Falava alto e precisou se controlar para não dar uma olhada em volta e conferir quem estava ouvindo.

Nynaeve contorceu a boca, amargurada. Aquele homem *queria* ser ouvido. Como Elaida conseguira descobrir tão depressa sobre Salidar? Pelo que via, Tarna saíra de Tar Valon logo que as Aes Sedai começaram a se reunir ali na aldeia. Siuan já comentara, em tom sombrio, que um bom número das Azuis —

a Ajah originalmente convocada a Salidar fora a Azul — ainda estavam desaparecidas, e Alviarin fizera questão de abordar o assunto com a mensageira de Elaida. Nynaeve sentia o estômago revirar só de pensar naqueles questionamentos, mas nada parecia tão terrível quanto a explicação mais óbvia para o caso: havia partidárias de Elaida infiltradas ali em Salidar. Todos se olhavam com desconfiança, e o lenhador encasacado não tinha sido o primeiro que Nynaeve ouviu dizer aquilo, e naquelas mesmas palavras. As Aes Sedai podiam até não tocar no assunto, mas Nynaeve suspeitava de que algumas estivessem doidas para se pronunciarem. Aquela inquietude deixava Salidar borbulhante feito um caldeirão de cozido, e não dos mais saborosos. E só lhe deixava mais certa sobre o que estava fazendo.

La demorar para encontrar quem estava procurando. Precisava primeiro encontrar grupos de crianças brincando, e não havia muitas crianças ali em Salidar. Como era de se esperar, Birgitte estava assistindo a cinco garotos correndo pela rua e jogando um saquinho de pedras uns nos outros, gargalhando alto sempre que um era atingido, inclusive o que levava a pancada. Uma brincadeira tão tola quanto quase todas as brincadeiras de meninos. Ou de homens.

Claro que Birgitte não estava sozinha. Era muito raro de acontecer, a não ser que ela própria buscasse a solidão. Areina estava bem ali ao lado, dando batidinhas com um lenço para secar o suor que escorria pelo rosto e tentando não parecer entediada com as crianças. A mulher era um ou dois anos mais nova que Nynaeve e usava os cabelos escuros pouco abaixo dos ombros trançados como as madeixas loiras de Birgitte, que iam até a cintura. As roupas também eram cópia das de Birgitte: um casaco cinza-claro até a cintura e volumosas calças cor de bronze, presas no tornozelo pelas botas curtas com salto elevado, imitando até o arco e a aljava na cintura. Nynaeve suspeitava que Areina nunca tivesse sequer segurado um arco antes de conhecer Birgitte. Decidiu ignorar a mulher.

— Preciso falar com você — disse a Birgitte. — Em particular.

Areina a encarou, os olhos azuis exibindo um brilho que lembrava desprezo.

— Nossa, achei que você fosse querer usar o xale em um dia lindo como esse, Nynaeve. Minha nossa! Você está suando feito um porco. O que aconteceu?

Nynaeve contraiu o rosto. Virara amiga daquela mulher antes de Birgitte entrar no grupo, mas a relação azedou quando chegaram a Salidar. Areina ficara mais do que decepcionada ao saber que Nynaeve não era uma Aes Sedai completa, e foi só a pedido de Birgitte que a mulher não revelou às verdadeiras Aes Sedai que Nynaeve fingira ser uma delas. Além do mais, Areina fizera o juramento de Caçadora da Trombeta, e Birgitte decerto era melhor modelo para essa vida. Ah, e pensar que Nynaeve um dia sentira pena ao vê-la machucada!

— Pela sua cara — comentou Birgitte, com um sorriso suado —, ou você está a ponto de estrangular alguém, provavelmente a Areina aqui, ou seu vestido abriu bem na frente de um bando de soldados e você não estava usando roupa de baixo.

Areina soltou uma risada curta, mas pareceu chocada. Nynaeve não entendia a surpresa; a mulher já tivera bastante tempo para se acostumar com o suposto senso de humor de Birgitte, mais apropriado a um marmanjo barbado com o nariz enfiado em uma caneca e a pança cheia de cerveja.

Nynaeve ficou um tempo assistindo aos garotos brincarem, querendo dar uma chance de a irritação arrefecer. Seria ainda pior do que inútil se deixar irritar quando tinha um favor a pedir.

Dois dos garotos que brincavam de correr e desviar do saquinho de pedras eram Seve e Jaril. As Amarelas estavam mesmo certas, um tempo atrás, quando os diagnosticaram: precisavam mesmo era de tempo. Depois de quase dois meses com outras crianças em Salidar, sem motivos para ter medo, eles riam e gritavam tão alto quanto os amiguinhos.

Um pensamento súbito a atingiu, golpeando-a feito uma marreta. “Marigan” continuava cuidando deles, ainda que de má vontade, sempre se certificando de que estivessem alimentados e de banho tomado, mas,

agora que os meninos tinham voltado a falar, poderiam revelar que a mulher não era mãe deles. Talvez já até o tivessem feito. O que até poderia não suscitar perguntas, mas havia o risco — e perguntas poderiam fazer desabar o castelo de cartas que tinham erguido acima de suas cabeças. Nynaeve sentiu a bola de gelo ressurgir no fundo do estômago. Por que não tinha pensado nisso antes?

Levou um susto quando sentiu Birgitte tocar seu braço.

— Qual é o problema, Nynaeve? Você está com uma cara.. parece que sua melhor amiga acabou de morrer e ainda a amaldiçoou com seu último suspiro.

Areina se afastava a passos largos, empertigada, e deu uma olhada para as duas por cima do ombro. Ela nem se abalava ao ver Birgitte beber e flertar com os homens, e até tentava imitá-la, mas ficava toda encrespada sempre que Birgitte queria ficar a sós com Elayne ou Nynaeve. No mundo de Areina, os homens não representavam ameaça e só mulheres podiam ser consideradas amigas, mas apenas ela podia ser amiga de Birgitte. Parecia achar estranha a ideia de ter duas amigas. Bem, não havia por que perder tempo pensando nela.

— Você conseguiria arrumar cavalos para nós? — Nynaeve tentou manter a voz firme. Não era isso o que tinha ido pedir, mas Seve e Jaril fizeram com que aquela pergunta parecesse excelente. — Quanto tempo levaria?

Birgitte a puxou do meio da rua até a entrada de uma viela estreita entre duas casas castigadas pelo clima, dando uma olhada cautelosa em volta antes de responder. Não havia ninguém por perto para ouvir, nem ninguém prestava atenção nelas.

— Um ou dois dias. Uno acabou de me contar...

— Uno não! Quero deixar ele fora disso. Só você, eu, Elayne e Marigan. A não ser que Thom e Juilin voltem a tempo. E Areina, se você insistir.

— Areina é mesmo muito tonta em alguns aspectos — respondeu Birgitte, hesitante —, mas a vida logo acaba com esse comportamento... ou acaba com ela. Você sabe que eu não vou insistir se você e Elayne não quiserem a presença dela.

Nynaeve ficou quieta. Birgitte estava se comportando como se *ela* é que estivesse com ciúmes! Ora, não se importava se aquela mulher quisesse uma companhia tão volúvel como Areina.

Esfregando as juntas dos dedos sobre os lábios, Birgitte franziu o cenho.

— Thom e Juilin são bons homens, mas o melhor para evitar confusão é garantir que ninguém esteja disposto a criar confusão com você. Dez ou mais shienaranos, com armaduras ou sem, seriam de grande ajuda. Não entendo você e Uno. Ele é durão e seguiria você e Elayne até o Poço da Perdição. — Um súbito sorriso se abriu em seu rosto. — Além do mais, ele até que é bem constituído...

— Não precisamos de ninguém segurando nossa mão pelo caminho — retrucou Nynaeve, rígida. Bem constituído? Teve um lampejo daquele tapa-olho pintado, junto com as cicatrizes. Birgitte tinha um gosto estranhíssimo para homens. — Podemos muito bem dar conta de qualquer coisa que cruze nosso caminho. E acho que já provamos isso, se é que você precisa de provas.

— Eu sei que podemos, Nynaeve, mas vamos acabar atraindo problemas feito uma pilha de esterco atraindo moscas. Altara está cozinhando em fogo brando, a cada dia chegam mais rumores sobre os Devotos do Dragão. E aposto meu melhor vestido de seda contra uma das suas camisolas velhas que metade daquele bando é de bandidos, bem do tipo que vai achar que quatro mulheres sozinhas são presa fácil. Aí vamos ter que provar o contrário a cada dois dias. E ouvi dizer que a situação em Murandy é ainda pior, cheia como está de Devotos do Dragão, bandidos e os refugiados de Cairhien, apavorados achando que o Dragão Renascido vai atrás deles a qualquer momento. Imagino que você não esteja pensando em fazer a travessia por Amadícia, e sim por Caemlyn. — A trança intrincada balançou de leve quando ela inclinou a cabeça e ergueu uma sobrancelha, com uma expressão interrogativa. — E Elayne concorda com você nessa questão do Uno?

— Vai concordar — resmungou Nynaeve.

— Entendi. Bem, quando tiver a palavra dela vou providenciar todos os cavalos de que precisarmos. Mas primeiro quero que ela me explique por que não levar Uno.

O tom inflexível deixou Nynaeve ardendo de raiva. Se pedisse a Elayne, mesmo que com toda a delicadeza, para explicar a Birgitte que Uno deveria ficar, podiam muito bem acabar encontrando o sujeito na estrada, à espera delas. E Birgitte ia parecer toda surpresa, sem entender como ele sabia que estavam partindo — e por qual caminho. A mulher podia até ser Guardiã de Elayne, mas Nynaeve às vezes se perguntava qual das duas estava no comando. Quando encontrasse Lan — *quando, não se!* —, ia fazer o homem jurar por tudo o que é mais sagrado que acataria suas decisões.

Respirou fundo algumas vezes, tentando se acalmar. Não fazia sentido discutir com uma parede. Era melhor ir direto ao assunto que a levaria a procurar Birgitte.

Com a maior naturalidade possível, deu um passo mais para dentro da estreita viela, forçando a outra mulher a segui-la. O chão estava coberto de tocos e galhos marrons, restos dos arbustos que tinham sido removidos para abrir caminho. Examinou a multidão na rua, tentando manter um ar despreocupado. Ninguém prestava atenção nelas, mas baixou a voz mesmo assim.

— Precisamos descobrir que mensagem Tarna trouxe para o Salão e o que estão respondendo. Elayne e eu tentamos, mas as reuniões são protegidas por um selo, não dá para espionar a conversa. Mas só se a pessoa tentar ouvir alguma coisa com o Poder. Ficaram tão preocupadas com essa possibilidade que se esqueceram do velho método de encostar a orelha atrás da porta. Bastaria que alguém...

— Não — interrompeu Birgitte, em um tom indiferente.

— Pelo menos considere o pedido. É dez vezes mais provável que eu ou Elayne sejamos descobertas do que você.

Nynaeve até pensou em acrescentar que Elayne era bem esperta e conseguiria dar conta, mas a mulher bufou, interrompendo-a.

— Eu já disse que não! Você já demonstrou ser muitas coisas desde que a conheci, Nynaeve, mas nunca me pareceu tola. Luz, daqui a um ou dois dias vão anunciar as decisões para todo mundo.

— Temos que saber agora — insistiu Nynaeve, sussurrando e engolindo em seco. — Ah, sua tonta com cérebro de homem.

Tonta? Claro que nunca parecera tonta! Ah, não podia ficar irritada. Se conseguisse convencer Elayne a ir embora, talvez não estivessem mais em Salidar dali a um ou dois dias. Melhor não abrir aquele saco de serpentes outra vez.

Com um arrepio — que Nynaeve achou um tanto exagerado, aliás —, Birgitte se apoiou no arco e voltou a falar:

— Uma vez me pegaram espionando as Aes Sedai. Me largaram três dias depois, e saí de Shaemal assim que consegui arrumar um cavalo. Não vou passar por isso de novo só para você ganhar um ou dois dias, ainda mais sem necessidade.

Nynaeve manteve a calma. Fez um esforço para conservar a expressão serena, para não ranger os dentes nem puxar a trança. Estava calma.

— Nunca ouvi história nenhuma sobre você espionando as Aes Sedai.

Ela se arrependeu das palavras assim que saíram de sua boca. Aquele era o cerne do segredo de Birgitte: ela era a Birgitte das histórias. Não deveriam jamais mencionar nada que pudesse levar alguém a pensar nisso.

A mulher permaneceu impassível por um instante, encobrindo tudo o que poderia estar remoendo em seu interior. Aquilo foi o bastante para Nynaeve estremecer: aquele era um segredo permeado de muita dor. Seu rosto de pedra por fim voltou a ser de carne, e Birgitte suspirou.

— O tempo transforma as coisas. Eu mesma mal reconheço metade dessas histórias, e a outra metade ainda menos. Não vamos mais falar disso. — Ficou bem óbvio que não era uma sugestão.

Nynaeve abriu a boca, ainda sem qualquer ideia do que dizer. A dívida que tinha com Birgitte a impedia de obrigar a outra a remoer suas dores, mas depois de ter dois pedidos simples negados...!

A voz de uma terceira mulher irrompeu subitamente da entrada da viela.

— Nynaeve, Janya e Delana querem ver você neste instante.

O sobressalto de Nynaeve foi tão grande que o pulo mais pareceu um voo — e o seu coração quase fugiu voando pela boca.

Quem estava na entrada da viela era Nicola, em suas roupas de noviça. A mulher mais nova pareceu surpresa por um instante — e Birgitte também, mas ela logo baixou os olhos para o arco, parecendo divertida.

Nynaeve engoliu em seco duas vezes antes de conseguir forçar uma palavra a sair da boca. Quanto a mulher teria ouvido?

— Se acha que isso é jeito de falar com uma Aceita, Nicola, é melhor se corrigir depressa. Ou vai acabar tendo ajuda para aprender.

Era uma resposta digna de Aes Sedai, mas a mulher esguia de olhos escuros simplesmente examinou Nynaeve de alto a baixo, com um olhar observador e avaliativo.

— Peço perdão, Aceita — respondeu, com uma mesura. — Vou tentar ser mais cuidadosa.

A mesura não se estendeu mais do que o suficiente para uma Aceita, e, ainda que o tom da resposta tivesse sido frio, não fora o bastante para valer uma bronca. Areina não fora a única companheira de viagem decepcionada em saber a verdade sobre Elayne e Nynaeve, mas Nicola concordara em manter o segredo — só parecera um pouco surpresa por elas acharem que precisariam pedir. Só depois de a testagem revelar que a mulher era capaz de aprender a canalizar é que ela passou a assumir aquela postura avaliativa.

Nynaeve entendia muito bem. Nicola não possuía a centelha inata — sem orientação, jamais teria tocado *saidar* —, mas já haviam falado de seu potencial, da força que um dia teria, caso se dedicasse. Apenas dois anos antes, Nicola teria demonstrado mais potencial do que qualquer noviça em séculos e teria causado grande comoção, mas isso era antes de Elayne e de Egwene, e da própria Nynaeve — Nicola nunca lhe dissera isso, mas tinha certeza de que a mulher estava determinada a chegar ao nível dela e de Elayne, talvez até a superá-las. A noviça nunca ultrapassava a linha do decoro, mas era comum se comportar bem no limite do aceitável.

Nynaeve meneou a cabeça, ríspida. Compreender o que se passava não a impedia de querer mandá-la tomar uma dose tripla de raiz de língua-de-ovelha, para deixar de ser tonta.

— Pois tente mesmo. Vá dizer às Aes Sedai que vou encontrá-las daqui a pouco. — Nicola curvou-se em outra mesura, mas, assim que a mulher se virou para ir embora, Nynaeve chamou: — Espere. — Nicola parou imediatamente. Não parecia mais estar lá, mas Nynaeve tinha certeza de ter notado um lampejo de... satisfação? — Você deu o recado completo?

— Me mandaram aqui para mandar você ir encontrar com elas, Aceita, e foi isso que eu fiz. — O tom da resposta parecia tão estagnado quanto água há mais de uma semana na jarra.

— O que foi que elas disseram? Quero as palavras exatas.

— As palavras exatas, Aceita? Não sei se consigo lembrar as palavras *exatas*, mas vou fazer um esforço. Não se esqueça que foram as palavras delas, eu só estou repetindo. Janya Sedai disse algo como: “Se aquela garota tonta não aparecer logo, juro que ela só vai conseguir sentar direito quando tiver idade para ser avó.” E o que Delana Sedai falou foi algo como: “Capaz de ela conseguir os netos antes de decidir aparecer aqui. Se a Aceita não estiver na minha frente em quinze minutos, vou fazer pano de chão com o couro dela.” — Havia um brilho de pura inocência nos olhos da noviça. — Isso foi há uns vinte minutos, Aceita. Talvez um pouquinho

mais.

Nynaeve quase teve que engolir em seco outra vez. Não era só porque as Aes Sedai não podiam mentir que as ameaças deviam ser levadas ao pé da letra, mas às vezes quase não fazia diferença. Se fosse qualquer outra noviça ali, que não Nicola, ela teria gritado “ai, Luz!” e saído em disparada. Mas não sob aquele olhar. Não diante de uma mulher que parecia estar criando uma lista mental de suas fraquezas.

— Nesse caso, suponho que não haja motivo para você ir correndo na frente. Vá cuidar das suas tarefas. — Nynaeve virou as costas para a mesura de Nicola, como se não estivesse dando a mínima, e disse a Birgitte: — Falo com você mais tarde. Sugiro que até lá você não decida tomar nenhuma atitude a respeito do que conversamos. — Com sorte, conseguiria manter a mulher longe de Uno com aquela ameaça velada. Com muita sorte.

— Vou considerar sua sugestão — retrucou Birgitte, muito séria.

Mas não havia nada de sério na mistura de compaixão e divertimento em seu rosto. A mulher conhecia bem as Aes Sedai — em alguns aspectos, sabia mais sobre elas do que qualquer Aes Sedai daquele tempo.

Não havia o que fazer além de aceitar e torcer pelo melhor. Assim que começou a andar pela rua, Nynaeve notou Nicola a seu lado.

— Mandei você cuidar das suas tarefas.

— Elas me mandaram voltar depois de encontrar você, Aceita. Essa aí é uma das suas ervas? Por que você usa ervas? É porque não consegue...? Ah, me desculpe. Eu não devia ter mencionado...

Nynaeve piscou, encarando o saco de menta-de-ganso em suas mãos. Não se lembrava de tê-lo pegado. Enfiou o saco de ervas de volta na bolsa, pensando em como queria mascar todas as folhas ali. Ignorou tanto o pedido de desculpas quanto o comentário anterior. O arrependimento com certeza era tão falso quanto a pergunta fora deliberada.

— Uso ervas porque nem sempre é preciso Curar.

O que as Amarelas achariam desse comentário, se isso chegasse a seus ouvidos? Elas desprezavam as ervas e só demonstravam interesse por doenças graves demais para os métodos tradicionais. Ou pelo menos enfermidades graves em que optar pela Cura não chegava ser um uso supérfluo do Poder. Ah, o que estava fazendo? Toda preocupada com a resposta que dera para Nicola, temendo que ela fosse dedurar tudo para as Aes Sedai? A despeito dos olhares que dava para Nynaeve e Elayne, ela ainda era uma noviça. Os olhares não importavam.

— Fique quieta — mandou Nynaeve, irritada. — Quero pensar.

Nicola ficou mesmo quieta enquanto as duas iam andando pelas ruas apinhadas, mas Nynaeve teve a impressão de que a mulher caminhava se arrastando. Talvez fosse só sua imaginação, mas sentiu os joelhos doerem com o esforço de não passar na frente dela. Não importava o que acontecesse, não ia deixar Nicola sequer pensar que ela parecia com pressa.

A situação começou a corroê-la por dentro. De todas que poderiam ter sido enviadas para buscá-la, era difícil imaginar alguém pior do que Nicola, com aqueles olhares. Birgitte já devia estar encontrando Uno. As Votantes deviam estar dizendo a Tarna que queriam se ajoelhar e beijar o anel de Elaida. Seve e Jaril deviam estar falando para Sheriam que não sabiam distinguir “Marigan” de um ganso selvagem. Tinha sido um dia daqueles, e o sol escaldante nem chegara ao topo do céu sem nuvens.

Janya e Delana aguardavam na sala principal da pequena casa que dividiam com três outras Aes Sedai — claro que cada uma tinha seu próprio quarto. Cada Ajah tinha uma casa onde se reunir, mas as Aes Sedai estavam espalhadas pela aldeia, e seus alojamentos tinham sido dispostos de acordo com a ordem de chegada. Janya, que encarava o chão de cara feia e lábios franzidos, nem pareceu notar a chegada das duas. Mas a pálida Delana, cujos cabelos eram tão claros que não dava para dizer se havia ou não fios brancos, encarou-as com os olhos azuis, igualmente claros, assim que adentraram pela porta. Nicola deu um salto.

Nynaeve teria apreciado mais aquilo se não tivesse feito a mesma coisa. Os olhos da robusta irmã Cinza não eram muito diferentes dos de qualquer outra Aes Sedai, mas, quando se concentravam em alguém, era como se ninguém mais existisse. Havia quem dissesse que Delana era boa mediadora, já que ambas as partes sempre chegavam a um acordo só para que ela parasse de encará-los. O alvo do olhar começava a se perguntar o que havia feito de errado, mesmo que não tivesse feito nada. A lista de erros que surgiu em sua cabeça fez Nynaeve se curvar em uma mesura tão intensa quanto a de Nicola, antes mesmo que percebesse o que estava fazendo.

— Ah — comentou Janya, surpresa, como se as duas tivessem brotado do chão —, aí estão vocês.

— Peço desculpas pelo atraso — disse Nynaeve, mais do que depressa. Nicola que pensasse o que quisesse. Era Delana quem a encarava, não a noviça. — Perdi a noção do tempo, e...

— Não importa. — Delana tinha a voz grave para uma mulher, e seu sotaque era um eco gutural do shienarano de Uno, apesar de estranhamente melódico em uma mulher tão corpulenta. Por outro lado, Delana era estranhamente graciosa para uma mulher tão robusta. — Nicola, pode sair. Você vai fazer umas tarefas para Faolain até a próxima aula.

Nicola não perdeu tempo em curvar-se em outra mesura e sair. Talvez quisesse ter ouvido o que as Aes Sedai diriam por Nynaeve estar atrasada, mas ninguém testa os limites com nenhuma Aes Sedai.

Nynaeve não teria reparado nem se tivessem brotado asas em Nicola. Acabara de perceber que não havia frasco de tinta na mesa em que as Aes Sedai faziam as refeições, nem caixa de areia, pena, ou papel. Nada do que poderia precisar. Será que devia ter levado os seus? Delana *ainda* a encarava. A mulher *nunca* encarava alguém por tanto tempo. Na verdade, ela nunca encarava ninguém, a não ser com algum motivo.

— Quer chá de menta gelado? — ofereceu Janya, e foi a vez de Nynaeve ficar surpresa. — Acho chá reconfortante. Suaviza a conversa, é o que sempre digo. — Sem esperar resposta, a irmã Marrom, que parecia um pássaro, começou a encher xícaras desparelhadas com o líquido de um bule de listras azuis que estava no aparador, e uma pedra fazia as vezes de um dos pés do móvel. As Aes Sedai até podiam ter mais espaço, mas a mobília delas estava em condições tão precárias quanto as das Aceitas. — Delana e eu decidimos que as anotações podem ficar para outra hora. Em vez disso, vamos só conversar. Quer mel? Eu prefiro sem. Acho que o doce estraga o sabor. As jovens sempre querem mel. Você vem fazendo umas coisas incríveis. Você e Elayne. — Delana pigarreou alto, o que fez a Marrom encará-la com um olhar interrogativo. Depois de um instante, Janya disse: — Ah. Sim.

Delana puxara uma das cadeiras da mesa para o centro da sala. Uma cadeira com assento de palha. No instante em que Janya mencionou que só iriam conversar, Nynaeve soube que não seria bem assim. A Cinza indicou a cadeira, e Nynaeve sentou-se bem na pontinha, aceitou a xícara apoiada em um pires quebrado da mão que Janya oferecia e agradeceu. Depois disso, não precisou esperar muito.

— Fale mais sobre Rand al'Thor — mandou Janya.

A Marrom parecia prestes a dizer mais alguma coisa, mas Delana pigarreou outra vez. Janya piscou e se calou, bebericando o chá. As duas estavam paradas uma de cada lado da cadeira de Nynaeve. Delana a encarou, soltou um suspiro e canalizou para apanhar a terceira xícara, que veio flutuando, então cravou os olhos nela outra vez, daquele jeito que parecia que abriria buracos em sua cabeça. Janya parecia perdida em pensamentos, parecendo ter se esquecido de Nynaeve.

— Já contei tudo o que sei — respondeu Nynaeve, com um suspiro. — Bem, contei às outras Aes Sedai, de todo modo.

E tinha contado mesmo. Nada do que soubesse poderia fazer mal a Rand, pelo menos não mais do que saber o que ele era. E talvez ajudasse se pudesse fazer as irmãs o enxergarem como homem. Não um homem capaz de canalizar, mas apenas um homem. Não era tarefa fácil, quando o assunto era o Dragão Renascido.

— Eu não sei de mais nada — completou.

— Não faça malcriação — retrucou Delana, bruscamente. — E não fique se remexendo.

Nynaeve deitou a xícara de volta no pires e limpou a mão na saia.

— Criança — começou Janya, em tom de pura compaixão —, sei que você acha que contou tudo o que sabe, mas Delana... eu não acredito que você esconderia algo de propósito...

— E por que não? — vociferou a Cinza. — Os dois nasceram na mesma aldeia. Um viu o outro crescer. Ela pode ser mais leal a ele do que à Torre Branca. — O olhar lancinante se abateu outra vez sobre Nynaeve. — Conte alguma coisa que ainda não contou. Já ouvi todas as suas histórias, garota, então vou saber se tentar me enrolar.

— Tente, criança. Tenho certeza de que não quer Delana zangada com você. Por que... — Outro pigarreio fez Janya se calar.

Nynaeve torceu para que as duas achassem que o chocalhar da xícara de chá significasse que ela também estava agitada. Primeiro fora arrastada até ali, apavorada — não, apavorada, não, apreensiva — com a possível irritação delas, e agora isso. Ficar rodeada por Aes Sedai ensinava a ouvir com atenção. Poderia até não ser possível captar a intenção real, mas a chance era maior do que ouvindo sem muita atenção, como a maioria costumava fazer. Nenhuma das duas dissera que de fato achava que ela estava escondendo alguma coisa, só estavam querendo assustá-la para ver se ela soltaria mais alguma informação. E Nynaeve não estava com medo das duas. Bem, não muito. Mas estava furiosa.

— Quando ele era garoto — começou, hesitante —, aceitava a punição sem discutir, se achasse que merecia. Mas, se não achasse, protestava até o fim.

Delana bufou.

— Você já contou isso para todo mundo que quisesse escutar. Conte algo diferente. E logo!

— Dá para tentar orientá-lo ou convencê-lo, mas não adianta querer forçá-lo. Rand empaca se achar que...

— Isso também. — Apoiando as mãos na cintura larga, Delana abaixou-se até que seus olhos ficassem na altura dos de Nynaeve, que quase desejou que fosse Nicola encarando-a de novo. — Conte alguma coisa que não tenha contado a todas as cozinheiras e lavadeiras de Salidar.

— Tente, criança — pediu Janya e, espantosamente, deixou por isso mesmo.

As duas continuaram cavando informações. Janya pedia, simpática, e Delana pressionava sem piedade. Nynaeve mencionou cada detalhe que conseguiu lembrar. Aquilo não aliviou sua situação: os detalhes tinham sido mencionados tantas vezes que ela já se lembrava deles de cor. Como Delana observou, tão delicadamente — ou melhor, nem tanto. Quando Nynaeve conseguiu dar um gole no chá, a bebida já estava rançosa, e a doçura quase travou a língua. Janya parecia de fato acreditar que as moças gostavam de muito mel. A manhã estava passando devagar. Muito devagar.

— Não vamos a lugar nenhum com isso — anunciou Delana, por fim, cravando os olhos em Nynaeve como se ela fosse a culpada.

— Então posso ir? — perguntou Nynaeve, cansada.

Cada gota de suor que empapava seu corpo parecia ter sido espremida. Ela se sentia sem energia. Também queria estapear aqueles rostos frios de Aes Sedai.

Delana e Janya trocaram olhares. A Cinza deu de ombros e foi até o aparador, encher outra xícara de chá.

— Claro que pode — respondeu Janya. — Sei que deve ter sido difícil para você, mas precisamos mesmo conhecer Rand al'Thor melhor do que ele conhece a si mesmo, se quisermos tomar a melhor decisão possível. Do contrário, tudo pode acabar virando uma catástrofe. Ai, ai, sim... Você foi muito bem, criança. Por outro lado, eu não esperava menos. Uma pessoa capaz de fazer as descobertas que fez, e ainda por cima com a sua deficiência... Ora, não espero de você nada menos que a excelência. E pensar que...

Levou um bom tempo até a mulher parar de falar e deixar Nynaeve sair, cambaleante. E ela cambaleou

mesmo: sentia os joelhos fracos. Todas estavam falando dela. Claro que estavam. Deveria ter dado ouvidos a Elayne e deixado as tais descobertas para ela. Moghedien tinha razão. Cedo ou tarde, começariam a investigar como ela conseguia fazer aquilo. Então as Aes Sedai queriam tomar a melhor decisão para evitar uma catástrofe. E não davam qualquer pista do que pretendiam com relação a Rand.

Olhando para o sol, quase no topo do céu, Nynaeve percebeu que estava atrasada para a reunião com Theodrin. Pelo menos dessa vez tinha uma boa desculpa.

A casa de Theodrin — e de mais umas vinte mulheres — ficava depois da Pequena Torre. Nynaeve reduziu o passo ao chegar perto da antiga estalagem. O burburinho dos Guardiões na porta da frente, perto de Gareth Bryne, deixava claro que a reunião ainda não havia terminado. Um resíduo de raiva permitiu que ela visualizasse o selo de proteção, um domo plano, fechado, feito principalmente de Fogo e Ar, mas com toques de Água, cintilava diante de seus olhos, cobrindo toda a construção. O nó da trama parecia um tormento. Tocar nele seria quase como oferecer o próprio couro a um curtume, já que havia muitas Aes Sedai na rua lotada. De vez em quando, alguns Guardiões entravam e saíam do brilho, invisível a eles, deixando ou juntando-se à vigília na porta. O mesmo selo de proteção que Elayne não conseguira penetrar. Um escudo contra bisbilhoteiros. Contra quem tentasse ouvir algo com o Poder.

A casa de Theodrin ficava a cerca de cem passadas mais adiante na rua, mas Nynaeve virou-se para entrar no pátio ao lado de um casebre de telhado de palha, apenas duas casas depois da antiga estalagem. Uma cerca de madeira bamba protegia o pequenino jardim de ervas murchas nos fundos do casebre, mas havia um portão ainda preso por uma única dobradiça quase completamente enferrujada. Quando ela o abriu, a dobradiça soltou um rangido tétrico. Nynaeve olhou em volta, afobada — ninguém nas janelas ou na rua podia vê-la —, juntou as saias e disparou pela viela estreita que dava no quarto que ela dividia com Elayne.

Hesitou por um instante, secando as palmas suadas no vestido, lembrando-se do que Birgitte dissera. Sabia que no fundo era uma covarde, por mais que se odiasse por isso. Houve um tempo em que pensara em si mesma como corajosa — não uma heroína como Birgitte, mas corajosa o bastante. O mundo lhe dera uma boa lição. Só de pensar no que as irmãs fariam se a pegassem ali, sentia vontade de dar meia-volta e ir correndo até Theodrin. Havia uma pequena chance de que encontraria a janela do aposento exato onde estavam as Votantes. Uma chance ínfima.

Tentando molhar um pouco a boca — como podia estar tão seca, se o resto do corpo estava tão úmido? —, ela se aproximou devagar. Um dia gostaria de saber como era ser corajosa feito Birgitte ou Elayne, em vez de uma covarde.

O selo de proteção não se alterou quando ela o adentrou, e ela sequer o sentiu. Sabia que não sentiria. Tocá-lo não faria mal nenhum, mas, mesmo assim, ela se espremeu contra a parede de pedra bruta para evitar a trama ao máximo. Alguns pedacinhos de trepadeira agarrados às rachaduras roçaram seu rosto.

Nynaeve foi seguindo devagar até o batente da janela — mas quase deu meia-volta e foi embora. A janela estava bem fechada, e todo o vidro tinha desaparecido e sido substituído por um tecido impermeável que podia até deixar entrar luz, mas não permitia que ela visse nada lá dentro. E nem ouvisse nada — se é que havia alguém do outro lado. Não havia como saber, já que nenhum som escapava. Foi respirando bem fundo e avançando aos poucos até a janela seguinte. Um dos painéis também fora substituído, mas dava para ver uma mesa surrada, a madeira outrora ornamentada coberta de papéis e frascos de tinta, com poucas cadeiras em volta. Fora isso, o cômodo estava vazio.

Resmungando um xingamento que ouvira de Elayne — a garota tinha um repertório surpreendente de palavrões —, ela foi tateando o caminho pela pedra bruta. A terceira janela estava aberta. Nynaeve chegou mais perto — e então deu um pulo para trás. Não tinha realmente acreditado que encontraria alguma coisa, mas Tarna estava ali. Não com as Votantes, mas com Sheriam, Myrelle e o restante daquele grupinho. Se seu coração não estivesse batendo tão alto, teria ouvido os murmúrios das vozes das mulheres antes de vê-las.

Ela se ajoelhou e se aproximou do batente o máximo que podia sem ser vista pelas pessoas lá dentro. A base da janela aberta roçava sua cabeça.

— ... tem certeza de que é essa a mensagem que quer que eu leve de volta? — Aquela voz dura só podia ser de Tarna. — Está me pedindo mais tempo para avaliar a situação? O que há para avaliar?

— O Salão... — começou Sheriam.

— O *Salão* — retrucou a emissária da Torre, em tom de escárnio. — Não pense que não sei onde está o poder. Esse suposto *Salão* pensa o que vocês seis mandam.

— Foi o Salão, ele pediu mais tempo — declarou Beonin, com firmeza. — Quem é que pode dizer a que decisão elas vão chegar?

— Elaida vai ter que esperar para ouvir a decisão delas — completou Morvrin, em uma imitação clara do tom gélido de Tarna. — Ela não aguenta esperar mais um pouco para poder ver a Torre Branca íntegra mais uma vez?

A resposta de Tarna foi ainda mais fria:

— Vou levar a sua... a mensagem do *Salão*... para a Amyrlin. Vamos ver o que ela pensa a respeito.

Uma porta se abriu e se fechou com um baque cortante.

Nynaeve poderia ter gritado de frustração. Agora sabia a resposta, mas não a pergunta. Se pelo menos Janya e Delana a tivessem liberado um pouquinho mais cedo... Bem, melhor do que nada. Melhor do que “vamos voltar e obedecer a Elaida”. Não havia por que ficar ali, esperando ser vista.

Ela começou a se afastar, então ouviu Myrelle dizer:

— Talvez seja melhor simplesmente deixar uma mensagem para ela. Talvez seja melhor convocá-la.

Com o cenho franzido, Nynaeve parou onde estava. Ela quem?

— As formalidades devem ser cumpridas — retrucou Morvrin, em um tom ríspido. — Temos que seguir as cerimônias apropriadas.

Beonin respondeu na hora, em um tom firme.

— Precisamos cumprir cada letra da lei. O menor deslize será usado contra nós.

— E se tivermos cometido um erro? — Carlinya soava acalorada, talvez pela primeira vez na vida. — Quanto temos que esperar? Quanto ousamos esperar?

— Esperaremos o tempo que for preciso — retrucou Morvrin.

— O tempo que for necessário — ratificou Beonin. — Não esperei esse tempo todo para aquela criança dócil simplesmente abandonar todos os nossos planos.

Por algum motivo, aquilo gerou um silêncio, embora Nynaeve tenha ouvido alguém murmurar “dócil” outra vez, como se examinasse a palavra. Que criança? Uma noviça, talvez uma Aceita? Não fazia sentido. As irmãs *nunca* esperavam pelas noviças ou Aceitas.

— Já fomos longe demais para voltar atrás agora, Carlinya — declarou Sheriam, por fim. — Ou trazemos a garota aqui e garantimos que ela faça o que tem que fazer, ou deixamos tudo para o Salão e esperamos que elas não nos levem ao desastre. — Pelo tom, ela considerava a última possibilidade uma esperança tola.

— Um deslize — acrescentou Carlinya, com uma voz ainda mais fria do que de costume —, basta um deslize, e vamos todas acabar com a cabeça numa estaca.

— Mas quem é que vai colocar ela lá? — perguntou Anaiya, pensativa. — Elaida, o Salão, ou Rand al'Thor?

O silêncio se estendeu, as saias farfalharam, e a porta se abriu e se fechou outra vez.

Nynaeve arriscou uma espiada. O aposento estava vazio. Soltou um muxoxo exaltado. Era de pouco consolo que elas tivessem decidido esperar — a resposta final ainda poderia ser qualquer coisa. O comentário de Anaiya mostrou que aquelas seis ainda estavam tão cautelosas em relação a Rand quanto a Elaida. Talvez

até mais. Elaida não estava reunindo homens capazes de canalizar. E quem era a “criança dócil”? Não, isso era irrelevante. Elas podiam estar tramando cinquenta planos dos quais Nynaeve nada sabia.

O selo de proteção esvaneceu, e ela deu um salto. Já passava da hora de sair dali. Levantando-se às pressas, começou a espanar a terra dos joelhos enquanto se afastava da parede. Deu apenas um passo, pois foi obrigada a parar, ainda agachada, as mãos paralisadas sobre as manchas de terra do vestido, diante de Theodrin.

A domanesa bochechuda a encarou de volta sem dizer uma palavra.

Em instantes, Nynaeve considerou e descartou a desculpa ridícula de que estava procurando algo que deixara cair. Em vez disso, endireitou-se e passou lentamente pela domanesa, como se não tivesse nada a explicar. Theodrin a seguiu com as mãos na cintura. Nynaeve considerou suas opções. Podia dar uma pancada na cabeça de Theodrin e sair correndo. Podia se ajoelhar outra vez e implorar. As duas seriam bem equivocadas, em sua opinião, mas não conseguia pensar em nenhuma solução intermediária.

— Você tem conseguido manter a calma? — perguntou Theodrin, olhando para a frente.

Nynaeve levou um susto. Recebera aquela instrução da domanesa, depois do treino da noite anterior para romper o bloqueio. Manter a calma, ter sempre pensamentos tranquilos e serenos.

— É claro — respondeu, com uma risada fraca. — O que poderia me aborrecer?

— Que bom — respondeu Theodrin, em um tom suave. — Hoje pretendo tentar algo um pouco mais... direto.

Nynaeve a encarou. Nenhuma pergunta? Nenhuma acusação? Pelo jeito que o dia estava se desenrolando, não conseguia acreditar que sairia tão fácil dessa.

Nenhuma das duas viu a mulher que as observava de uma das janelas do segundo andar.





SOB A POEIRA

Nynaeve, enrolada em uma toalha esfarrapada de listras vermelhas e se perguntando se era melhor desfazer a trança, olhou irritada para o vestido e a roupa de baixo pendurados no encosto das cadeiras, pingando nas tábuas recém-varridas do chão. Sua outra opção de vestimenta era outra toalha velha, essa listrada de verde e branco e consideravelmente maior.

— Agora sabemos que choque não funciona — rosnou, para Theodrin, estremecendo. Sentia a mandíbula doer, e as bochechas ainda ardiam. Theodrin tinha reflexos rápidos e um braço forte. — Eu até conseguiria canalizar agora, mas, enquanto testávamos essa alternativa, *saidar* era a última coisa em que eu pensaria. — No momento em que fora encharcada, perdera o fôlego, os pensamentos fugiram e os instintos assumiram o comando.

— Bem, então canalize para secar suas coisas — resmungou Theodrin.

A dor na mandíbula de Nynaeve até diminuiu ao ver Theodrin examinar o próprio reflexo em um triângulo de espelho quebrado e levar a mão ao olho. A pele já estava meio inchada, e Nynaeve suspeitava que o hematoma ficaria espetacular. Seu braço não era tão fraco assim. E um hematoma era *o mínimo* que Theodrin merecia!

Talvez a domanesa pensasse a mesma coisa, já que disse, em um suspiro:

— Não vou tentar isso de novo. Mas ainda vou conseguir ensinar você a se render a *saidar* sem ter que ficar irritada a ponto de agarrar a Fonte com os dentes.

Olhando irritada para as roupas encharcadas, Nynaeve parou um instante para pensar. Nunca tinha feito nada parecido. Eram proibidas de realizar tarefas com o Poder, e com razão. *Saidar* era sedutora. Quanto mais a pessoa canalizava, mais queria canalizar — e, quanto mais a pessoa queria canalizar, maior o risco de que abraçasse Poder demais e acabasse estancada ou morta. A doçura da Fonte Verdadeira veio preenchê-la sem quaisquer impedimentos — se a manhã já não tivesse sido o suficiente, o balde de água de Theodrin garantira a irritação. Uma simples trama de Água absorveu toda a umidade de suas roupas e a fez escorrer pelo chão, formando uma poça que logo se espalhou e se juntou aos resquícios do balde.

— Não sou muito boa em me render — comentou.

A menos que não houvesse mais razão para lutar. Só um tolo insistiria quando não havia chance de vitória. Nynaeve não conseguia respirar debaixo d'água, não conseguia voar batendo os braços... e não conseguia

canalizar se não estivesse irritada.

Theodrin, que olhava irritada para a poça, voltou-se para Nynaeve e plantou as mãos na cintura fina.

— Estou bem ciente disso — retrucou, com calma demais. — Por tudo o que aprendi, você não deveria sequer conseguir canalizar. Fui ensinada que é preciso estar calma para canalizar, estar internamente serena e tranquila, com a menta aberta e complacente. — O brilho tênue de *saidar* a rodeava, e fluxos de Água reuniram a pocinha em uma bola líquida, uma visão estranha apoiada no chão. — É preciso se entregar antes de guiar. Mas você, Nynaeve... por mais que tente se render, e olha que já a vi tentar, você persiste e se agarra com unhas e dentes, a não ser que esteja furiosa o bastante para esquecer a luta e se deixar levar. — Fluxos de Ar ergueram a bola oscilante. Por um instante, Nynaeve achou que a domanesa pretendia atirar a água nela, mas a esfera flutuou pelo recinto e saiu por uma das janelas abertas. Fez um estrondo ao cair, e um gato berrou, assustado e irritado. Talvez a proibição não se aplicasse a alguém do nível de Theodrin.

— Por que não deixamos por isso mesmo? — Nynaeve tentou soar otimista, mas achava que não tinha se saído muito bem. *Queria* poder canalizar quando bem entendesse. Mas, como dizia o ditado, “se desejos dessem asas, os porcos poderiam voar”. — Não faz sentido perder...

— Deixe ele assim — mandou Theodrin, quando Nynaeve começou a passar a trama de Água nos cabelos. — Solte *saidar*, deixe ele secar naturalmente. E vista suas roupas.

Nynaeve estreitou os olhos.

— Você tem outra surpresa me esperando, não tem?

— Não. Agora comece a preparar sua mente. Você é um botão de flor sentindo o calor da Fonte, pronto para se abrir. *Saidar* é o rio, você é a margem. O rio é mais poderoso que a margem, mas é ela que o contém e o conduz. Esvazie a mente e fique só com o botão. Não há nada em seus pensamentos além do botão. Você é o botão...

Enfiando a roupa de baixo pela cabeça, Nynaeve suspirou enquanto a voz de Theodrin prosseguia, hipnótica. Exercícios de noviça. Se funcionassem para ela, já teria conseguido canalizar por vontade própria muito tempo antes. Devia desistir logo daquilo e ir tratar de coisas que conseguiria resolver, como convencer Elayne a ir a Caemlyn. Mas queria que Theodrin conseguisse o que pretendia, mesmo que precisasse de dez baldes d'água. Aceitas não viravam as costas; Aceitas não desafiavam a autoridade. Odiava que os outros lhe dissessem o que não era capaz de fazer, mais ainda do que quando lhe diziam o que fazer.

Horas se passaram, e as duas ficaram ali, sentadas, uma de frente para a outra, diante de uma mesa que parecia saída de uma fazenda decrepita. Passaram horas repetindo os exercícios que as noviças também deviam estar fazendo naquele mesmo instante. O botão de flor e a margem do rio. A brisa de verão e o riacho murmurante. Nynaeve tentou ser uma semente de dente-de-leão flutuando ao vento, tentou ser a terra sorvendo a chuva da primavera, tentou ser uma raiz penetrando o solo bem lentamente. Tudo sem efeito — ou, pelo menos, sem o efeito que Theodrin queria. A domanesa chegara a sugerir que Nynaeve se imaginasse nos braços de um amante, o que acabou sendo um desastre, já que ela acabou pensando em Lan — como ele *ousava* sumir daquele jeito! —, mas a cada vez a frustração virava raiva, incendiando seu gênio feito brasa em palha seca, e punha *saidar* a seu alcance, Theodrin mandava que soltasse e recomeçasse, devagar e com calma. A domanesa se agarrava ao que queria com tanta intensidade que era enlouquecedor. Nynaeve achou que a mulher poderia ensinar as mulas a serem teimosas. E Theodrin nunca se frustrava, sua serenidade era quase uma arte. Nynaeve queria virar um balde de água fria na cabeça *dela*, para ver se *ela* ia gostar. Por outro lado, considerando a dor que sentia na mandíbula, talvez não fosse boa ideia.

Theodrin Curou o machucado antes de a aula acabar, que era até onde iam suas habilidades naquele Dom. Logo depois, Nynaeve retribuiu a Cura. O olho de Theodrin assumira um tom de roxo brilhante, e odiava não poder deixá-lo de lembrança para que a mulher tivesse um pouco mais de cuidado ao planejar as aulas

seguintes. Mas a retribuição era apenas justa, e os arquejos e arrepios de Theodrin quando os fluxos de Espírito, Ar e Água percorreram seu corpo foram como uma retribuição pelos arquejos da própria Nynaeve, quando aquele balde foi jogado em cima dela. Claro que também estremeecera na hora de ser Curada, mas não se podia ter tudo.

Lá fora, o sol já estava a meio caminho do horizonte a oeste. Na rua, uma onda de mesuras e reverências percorreu a multidão, que abria caminho para Tarna Feir. A representante da Torre ia deslizando com a elegância de uma rainha ao caminhar por um chiqueiro, o xale de franjas vermelhas enrolado nos braços, tão chamativo quanto um estandarte. Mesmo a cinquenta passadas de distância, a atitude era clara na maneira como mantinha a cabeça erguida e levantava as saias para não sujá-las de terra, ignorando até os que a cumprimentavam com mesuras quando ela passava. Houvera muito menos reverências e bem mais alvoroço e insultos no primeiro dia, mas uma Aes Sedai era uma Aes Sedai — ao menos para as irmãs em Salidar, que reforçaram essa lição com duras punições: duas Aceitas, cinco noviças e quase dez serviçais, homens e mulheres, passavam as horas de folga arrastando lixo da cozinha e dejetos de penico até as florestas, para serem enterrados.

Enquanto Nynaeve tentava escapulir antes que Tarna pudesse vê-la, seu estômago roncou tão alto que rendeu um olhar assustado de um sujeito carregando um cesto de nabos nas costas. Tinha perdido o café da manhã com as tentativas de Elayne de romper o selo de proteção e o almoço com os exercícios de Theodrin — e as aulas daquele dia ainda não tinham acabado: recebera instruções de Theodrin para que não dormisse à noite. O choque falhara, mas talvez a exaustão funcionasse. *Qualquer bloqueio pode ser quebrado*, dissera Theodrin, em um tom confiante e implacável, *e eu vou quebrar o seu. Só precisa acontecer uma vez. Uma vez canalizando sem raiva, e salidar será sua.*

Naquele momento, Nynaeve só queria comida. Os ajudantes já estavam quase terminando a limpeza das cozinhas, claro, mas o aroma de cozido de carneiro e porco assado aguçou seu nariz — ainda assim, Nynaeve teve que se contentar com duas maçãs horrorosas, um pedaço de queijo de cabra e um naco de pão. O dia não estava melhorando.

De volta ao quarto, encontrou Elayne esparramada na cama. A Filha-herdeira olhou-a sem nem erguer a cabeça, então voltou a encarar o teto rachado.

— Meu dia foi péssimo, Nynaeve — comentou, com um suspiro. — Escaralde *insiste* em aprender a fazer um *ter'angreal*, sendo que não tem força para isso. E Varilin fez *alguma coisa*... não sei o quê... e a pedra em que ela estava trabalhando virou uma bola de... bem, não era exatamente fogo... e bem nas mãos dela! Acho que teria morrido se Dagdara não estivesse conosco... Ninguém mais ali conseguiria Curá-la, e acho que não teria dado tempo de buscar outra pessoa. Daí fiquei pensando em Marigan... Mesmo que a gente não consiga aprender a detectar um homem canalizando, talvez dê para detectar o que ele já fez... Acho que me lembro de Moiraine *insinuando* que era possível. *Acho* que me lembro... de todo modo, eu estava distraída pensando nela quando alguém encostou no meu ombro, aí eu dei um berro, como se tivesse levado uma picada de agulha. Era só o coitado de um carroceiro querendo me perguntar sobre algum boato idiota, mas assustei tanto o homem que ele quase saiu correndo.

Ela enfim fez uma pausa para tomar fôlego, e Nynaeve abandonou a ideia de atirar o resto da última maçã em sua cabeça e aproveitou o silêncio para perguntar:

— Cadê a Marigan?

— Ela demorou bastante na arrumação, mas como já tinha terminado, eu a mandei voltar para o quarto. *E ainda* estou usando o bracelete. Está vendo? — Ela sacudiu o braço, depois o largou de volta no colchão, mas a torrente de palavras não desacelerou. — Ela não parava de choramingar daquele jeito horroroso sobre como deveríamos fugir para Caemlyn, e eu simplesmente não conseguia aguentar *nem mais um minuto*, não

depois do dia que tive. A aula com as novças foi um desastre. Sabe a Keatlin, aquela mulher *terrível*, a nariguda? Ela não parava de resmungar que se estivesse em casa não deixaria uma *garota* dar as ordens. Daí Faolain chegou batendo o pé, *exigindo* saber por que Nicola estava na aula. Como é que *eu* ia saber que Nicola devia estar cuidando de umas tarefas para ela? Depois *Ibrella* decidiu tentar fazer a maior chama que poderia e quase tocou fogo na sala *inteira*, e Faolain me passou um sermão na frente de *todo mundo* por não conseguir controlar a turma. E Nicola disse que *ela*...

Nynaeve desistiu de tentar encontrar uma brecha para falar — talvez devesse ter atirado a maçã —, então simplesmente gritou:

— Eu concordo com a Moghedien!

O nome calou a boca de Elayne, que se sentou na cama, surpresa. Mesmo sabendo que estava dentro do quarto, Nynaeve não pôde deixar de olhar em volta para conferir se alguém a ouvira.

— Mas que tolice, Nynaeve.

Não dava para saber se a Filha-herdeira se referia à sua opinião ou a ela ter falado o nome da Abandonada em voz alta, e Nynaeve não pretendia perguntar. Ela se sentou na própria cama, de frente para Elayne, e ajeitou as saias.

— Não, não é. Qualquer dia desses, Jaril e Seve vão acabar contando que Marigan não é mãe deles, isso se já não tiverem contado. Você está preparada para responder às perguntas que virão depois? Eu, não. Qualquer dia desses, alguma Aes Sedai vai querer entender como é que eu consigo descobrir tanta coisa sem passar raiva do dia até a noite. A cada duas Aes Sedai com quem falo, uma menciona o assunto. E Dagdara anda me olhando de um jeito estranho. Além do mais, elas só vão ficar aqui, sentadas, mais nada. A não ser que decidam voltar para a Torre. Entrei escondida lá e escutei Tarna conversando com Sheriam...

— Você *o quê*?

— Eu entrei escondida e fiquei ouvindo — respondeu Nynaeve, muito calma. — A mensagem que mandaram para Elaida é de que precisam de mais tempo para considerar a proposta. O que, no mínimo, quer dizer que estão considerando esquecer essa história da Ajah Vermelha com Logain. Não sei como teriam coragem de deixar isso de lado, mas aposto que estão considerando. Se ficarmos por muito mais tempo aqui, podemos acabar entregues de presente a Elaida. Se formos agora, pelo menos poderemos dizer a Rand para ele não contar com o apoio de nenhuma Aes Sedai. Dizer para ele não confiar em nenhuma Aes Sedai.

Franzindo o cenho com toda a elegância, Elayne se sentou de pernas cruzadas.

— Se ainda estão considerando a proposta, então não se decidiram. Acho melhor ficarmos. Talvez a gente possa ajudá-las a tomar a decisão certa. Além do mais, você nunca vai conseguir romper esse seu bloqueio se formos embora. A não ser que pretenda convencer Theodrin a ir junto.

Nynaeve ignorou o comentário. Como se Theodrin tivesse feito muita diferença. Baldes de água. Nada de dormir à noite. O que viria depois? A mulher praticamente dissera que ia tentar o possível e o impossível até descobrir algo que funcionasse. Nynaeve achava que havia coisa demais entre o possível e o impossível.

— Ajudá-las a decidir? Elas não vão nos dar ouvidos. Até mesmo *Siuan* mal nos dá ouvidos. E isso porque ela tem o rabo preso com a gente, e nós com ela.

— Ainda acho melhor ficarmos aqui. Pelo menos até o Salão *decidir* alguma coisa. Então, se o pior acontecer, pelo menos teremos fatos para contar a Rand, e não suposições.

— E como é que vamos descobrir o que elas decidirem? Não dá para esperar que eu vá encontrar duas vezes a janela certa para espiar. Se esperarmos algum anúncio, pode ser que já tenham começado a nos vigiar. Ou a mim, pelo menos. Não tem uma só Aes Sedai que não saiba que eu e Rand somos de Campo de Emond.

— Siuan vai nos contar antes de qualquer anúncio — retrucou a garota tola, com toda a calma. — Você não acha que ela e Leane vão voltar mansinhas para Elaida, acha?

Havia esse detalhe. Ela ia mandar arrancar a cabeça de Siuan e de Leane antes que elas pudessem sequer fazer uma medida.

— Mas isso ainda não leva em conta o problema de Jaril e Seve — insistiu Nynaeve.

— Vamos pensar em alguma coisa. Não é como se fossem as primeiras crianças refugiadas cuidadas por alguém que não é parente. — Elayne decerto estava achando que o sorriso de covinhas que deu era reconfortante. — Só precisamos nos concentrar em arranjar uma solução. E temos no mínimo que esperar Thom voltar de Amadícia. Não posso deixá-lo para trás.

Nynaeve jogou as mãos para cima, frustrada. Se a aparência das pessoas refletisse a personalidade, Elayne seria uma mula esculpida em pedra. A garota tinha tomado Thom Merrill como substituto do pai, que morrera quando ela ainda era pequena. E às vezes parecia pensar que o homem não conseguiria nem encontrar o caminho até a mesa de jantar se ela não o tomasse pela mão.

O único aviso foi a sensação de alguém abraçando *sair* ali perto, então um fluxo de Ar fez a porta se abrir, e Tarna Feir adentrou o quarto. Nynaeve e Elayne se levantaram de um salto. Uma Aes Sedai era uma Aes Sedai, e em alguns casos bastava a palavra de Tarna para que a pessoa se juntasse aos demais ofensores enterrando lixo nas horas vagas.

A loura encarou as duas Aceitas com uma expressão arrogante no rosto que parecia feito de mármore branco.

— Pois bem. A Rainha de Andor e a bravia incapaz.

— Ainda não sou rainha, Aes Sedai — respondeu Elayne, com uma polidez fria. — Só quando for coroada no Grande Salão. E só se minha mãe estiver morta.

Tarna abriu um sorriso mais gélido do que uma tempestade de neve.

— É claro. Tentaram manter sua presença aqui em segredo, mas sempre há boatos e sussurros. — Ela olhou as camas estreitas e o banquinho bambo, as roupas penduradas nos grampos presos às paredes de gesso rachado. — Imaginei que teriam alojamento melhor, considerando todos os milagres por que são responsáveis. Se estivessem na Torre, onde é o seu lugar, não seria surpresa se as duas já estivessem prestes a ser testadas para o xale.

— Obrigada — respondeu Nynaeve, querendo mostrar que podia ser tão educada quanto Elayne. Tarna a encarou. Aqueles olhos azuis quase faziam sua expressão parecer calorosa. Então acrescentou, mais do que depressa: — Aes Sedai.

Tarna virou-se de volta para Elayne.

— Você tem um lugar especial no coração da Amyrlin, assim como Andor. Você não conseguiria nem acreditar na enormidade de recursos empregados nas buscas pelo seu paradeiro. Sei que ela ficaria muito feliz se você retornasse comigo a Tar Valon.

— Meu lugar é aqui, Aes Sedai. — A voz de Elayne ainda era agradável, mas a jovem mantinha o queixo erguido, em uma postura tão arrogante que competia com a de Tarna. — Retornarei à Torre junto com as outras irmãs.

— Entendo — respondeu a Vermelha, impassível. — Muito bem. Agora nos dê licença. Quero conversar a sós com a bravia.

Nynaeve e Elayne se entreolharam, mas não havia nada que a Filha-herdeira pudesse fazer além de se curvar em uma medida e se retirar.

Quando a porta se fechou, a mudança na postura de Tarna foi surpreendente. A mulher se sentou na cama de Elayne e pôs as pernas para cima, cruzou os pés, recostou-se contra a cabeceira lascada e cruzou as mãos sobre a barriga. Seu rosto relaxou, e ela até sorriu.

— Você parece tensa. Não fique. Eu não mordo.

Nynaeve teria acreditado mais se os olhos da Aes Sedai também tivessem mudado junto com a postura.

O sorriso não chegava aos olhos — pelo contrário, os olhos pareciam dez vezes mais duros, cem vezes mais gélidos, por causa do contraste. Nynaeve sentiu calafrios.

— Eu não estou tensa — retrucou, rígida, plantando os pés no chão para não os remexer.

— Ah. Então está ofendida? Por quê? Foi porque a chamei de “bravia”? Eu também sou bravia, sabe. Foi a própria Galina Casban que desfez meu bloqueio, com uma boa surra. Ela já sabia qual seria a minha Ajah muito antes que eu mesma soubesse e manifestou seu interesse por mim. Galina sempre faz isso com as que ela acredita que escolherão a Ajah Vermelha. — Tarna balançou a cabeça, rindo, os olhos ainda frios e cortantes. — Ah, as horas que passei gritando e chorando antes de conseguir encontrar *saidar* sem estar com os olhos bem fechados... não dá para urdir tramas sem enxergar os fluxos. Fiquei sabendo que Theodrin está usando métodos mais delicados com você.

Nynaeve remexeu os pés involuntariamente. Theodrin não tentaria uma coisa dessas! Tinha certeza disso. Retesar os joelhos não diminuía as reviravoltas em seu estômago. Então não deveria se sentir ofendida? Era para ignorar o “incapaz” também?

— Sobre o que queria falar comigo, Aes Sedai?

— A Amyrlin quer ver Elayne em segurança, mas, sob muitos aspectos, você é igualmente importante. Talvez até mais. O que você guarda na cabeça sobre Rand al'Thor pode ser inestimável. Isso e o que tem na cabeça de Egwene al'Vere. Sabe onde ela está?

Nynaeve queria secar o suor da testa, mas manteve as mãos firmes ao lado do corpo.

— Faz muito tempo que não vejo Egwene, Aes Sedai. — Fazia meses desde o último encontro das duas, em *Tel'aran'rhiod*. — Se me permite a pergunta, quais são as intenções da... — Ninguém ali em Salidar chamava Elaida de Amyrlin, mas ela supostamente devia respeito àquela Vermelha à sua frente. — ... da Amyrlin em relação a Rand?

— Intenções, criança? Ele é o Dragão Renascido. A Amyrlin sabe disso e pretende dar a ele todas as honras merecidas. — A voz de Tarna ganhou um toque de intensidade. — Pense, criança. Este grupo daqui vai voltar assim que as irmãs perceberem as consequências de seus atos, mas cada dia que se passa pode fazer a diferença. Já faz três mil anos que a Torre Branca orienta os governantes — sem as Aes Sedai, teria havido mais guerras, e muito mais sangrentas. O mundo corre o risco de cair em desgraça se al'Thor não receber essa orientação. Só que, assim como não dá para urdir a trama sem ver os fluxos, não se pode orientar um completo desconhecido. O melhor para al'Thor seria que você voltasse comigo e repassasse tudo o que sabe sobre ele à Amyrlin. E que voltasse logo agora, não daqui a semanas ou meses. Isso também seria o melhor para você. Não dá para ser elevada a Aes Sedai aqui: o Bastão dos Juramentos está na Torre. A testagem só pode ser feita em Tar Valon.

O suor escorria, fazendo arder os olhos de Nynaeve, mas ela se recusava a piscar. Aquela mulher achava que podia suborná-la?

— A verdade é que nunca passei muito tempo com ele. Eu morava na aldeia, sabe, e ele morava numa fazenda mais afastada na Floresta do Oeste. Só me lembro de um garoto que se recusava a ouvir a voz da razão. Ele precisava ser obrigado a cumprir com suas obrigações, às vezes até arrastado. Isso quando garoto, é claro. Ele pode muito bem ter mudado. Claro que quase todos os homens não passam de garotos crescidos, mas ele pode ter mudado.

Tarna apenas a encarou por um longo instante — longo demais, sob aquela mirada gélida.

— Bom — disse a Vermelha, enfim, e levantou-se tão depressa que Nynaeve quase deu um passo para trás, mas não havia para onde recuar naquele quatinho minúsculo. O sorriso inquietante permanecia. — Foi um grupo estranho o que se reuniu aqui. Não vi nenhuma das duas, mas ouvi dizer que Siuan Sanche e Leane Sharif estão abrilhantando a cidade com sua presença. Não é o tipo de gente a quem uma mulher sábia gostaria de se associar. E talvez os outros também não sejam. Seria muito melhor para você se viesse

comigo. Partirei pela manhã. Quero que me avise ainda hoje à noite se devo ou não esperar por você na estrada.

— Receio que não...

— Pense a respeito, criança. Essa pode ser a decisão mais importante da sua vida. Pense bem. — A máscara de cordialidade esvaneceu, e Tarna saiu do quarto.

Os joelhos de Nynaeve cederam, e ela despençou na cama. A mulher despertara tantas emoções que ela não fazia ideia de como lidar com tudo aquilo. Sentia a raiva e a inquietude se revolvendo dentro de si em um frenesi. Queria que a Vermelha tivesse algum meio de se comunicar com as Aes Sedai da Torre que estavam atrás de Rand. Ah, queria ser uma mosquinha para ouvir quando tentassem usar o que ela dissera a respeito dele. Aquelas mulheres tentavam suborná-la. Tentavam deixá-la com medo — e tinham sucesso, precisava admitir. Tarna tinha tanta certeza de que as Aes Sedai ali acabariam se ajoelhando aos pés de Elaida... A Vermelha decidira que a rendição era inevitável, era apenas uma questão de tempo. E será que a parte final havia sido uma alusão a Logain? Nynaeve suspeitava de que Tarna soubesse mais de Salidar do que o Salão ou Sheriam imaginavam. Talvez Elaida realmente tivesse defensoras ali na cidade.

Ficou esperando Elayne voltar, mas, depois de quase meia hora sem nem sinal da Filha-herdeira, saiu atrás da garota. A princípio apenas andou pelas ruas de terra batida, depois apertou o passo, parando aqui e ali para espiar a multidão de cabeças de cima de um carroção, escalando um barril virado para baixo ou uma plataforma de pedra. O sol já estava bem baixo, quase na linha das árvores, quando ela voltou para o quarto, resmungando sozinha. E deu de cara com Elayne, que também acabava de chegar.

— Onde você se meteu? Achei que Tarna tinha lhe amarrado em algum canto!

— Estava pegando isto aqui com Siuan.

Elayne abriu a mão. Na palma havia dois dos anéis de pedra retorcidos.

— Algum deles é o verdadeiro? Foi uma boa ir atrás deles, mas você deveria ter tentado pegar o verdadeiro.

— Nada me fez mudar de opinião, Nynaeve. Ainda acho melhor ficarmos.

— Mas Tarna...

— Só aumentou minhas certezas. Se formos embora, Sheriam e o Salão *definitivamente* vão escolher a Torre em vez de Rand. Sei disso. — Ela pôs as mãos nos ombros de Nynaeve, que se deixou conduzir até sentar-se na cama. Elayne ocupou a cama em frente e se inclinou para mais perto, enfatizando o que dizia: — Você se lembra do que me disse sobre usar a necessidade como guia para encontrar alguma coisa em *Tel'aran'rhiod*? A gente precisa é de um jeito de convencer o Salão a não ir até Elaida.

— Como? Que jeito? Se a história de Logain não basta...

— A gente vai saber quando encontrar — respondeu Elayne, com firmeza.

Nynaeve, absorta, passou os dedos pela trança grossa.

— E você vai aceitar ir embora se não encontrarmos nada? Não gosto da ideia de ficar aqui, sentada, até elas decidirem começar a nos vigiar.

— Vou aceitar ir embora, mas só se você concordar em ficar se encontrarmos alguma coisa útil. Nynaeve, por mais que eu queira vê-lo, somos mais úteis aqui.

Nynaeve hesitou, então concordou com um murmúrio. Parecia um acordo seguro. Como não tinham ideia do que procurar, ela achava que não havia a menor chance de encontrarem qualquer coisa de útil.

Se o dia já estava passando devagar antes daquilo, agora parecia se arrastar. As duas foram para a fila de uma das cozinhas pegar os pratos de presunto fatiado, nabos e ervilhas. O sol parecia parado havia horas bem no topo das árvores. Quase todos em Salidar se deitavam logo após o pôr do sol, mas sempre restavam umas poucas luzes saindo das janelas, sobretudo na Pequena Torre, onde o Salão oferecia jantares para Tarna. Uma melodia de harpas volta e meia escapava da antiga estalagem — as Aes Sedai tinham encontrado um harpista

razoável entre os soldados, então mandaram o sujeito fazer a barba e se enfiar nas roupas chamativas dos músicos. As pessoas na rua circulavam a passos rápidos diante da estalagem, apenas olhando de soslaio para o interior ou fazendo tanto esforço para ignorar a movimentação lá dentro que chegavam a tremer com a tensão. Gareth Bryne, como sempre, era a exceção. Ele fez sua refeição sentado em um caixote de madeira no meio da rua, em um ponto em que seria visto por qualquer um do Salão que olhasse pela janela. Devagar, muito devagar, o sol foi deslizando por entre as árvores. A escuridão chegou de repente, sem o anúncio do crepúsculo, e as ruas logo ficaram desertas. A melodia do harpista voltou a escapar da estalagem. Gareth Bryne permaneceu sentado no caixote, na beira da luz que saía de uma das janelas do Salão em festa. Nynaeve balançou a cabeça — não sabia se o achava fantástico ou idiota. Um pouco de cada, talvez.

Só depois de estar na cama com o *ter'angreal* de pedra rajada preso ao cordão em seu pescoço, junto ao pesado anel de ouro de Lan, com a vela apagada, que ela se lembrou das instruções de Theodrin. Bem, tarde demais para aquilo. E, de todo modo, a domanesa não teria como saber se Nynaeve tinha ou não dormido. E onde estava Lan?

A respiração de Elayne foi ficando mais lenta. Nynaeve abraçou o travesseirinho com um breve suspiro, e...

... se viu ao pé da cama vazia, encarando uma Elayne enevoadada sob a tênue luz da noite em *Tel'aran'rhiod*. Ninguém as via ali. Talvez Sheriam ou alguma Aes Sedai de seu círculo estivesse por perto, ou quem sabe Siuan ou Leane. Claro que ela e Elayne tinham o direito de visitar o Mundo dos Sonhos, mas não queriam ter que responder a perguntas sobre o que pretendiam fazer naquela noite. Elayne parecia ver aquilo como uma caçada — conscientemente ou não, se vestira como Birgitte: casaco verde e calças brancas. A jovem piscou para o arco de prata em suas mãos, e ele desapareceu junto com a aljava.

Nynaeve olhou para as próprias vestimentas e suspirou. Um vestido de baile de seda azul com flores douradas bordadas no decote baixo e em linhas trançadas ao longo da saia volumosa. Sentia que calçava sapatilhas de festa de veludo. Não importava muito o que a pessoa vestia em *Tel'aran'rhiod*, mas o que dera nela para sua mente escolher aquelas roupas?

— Você sabe que isso pode não dar certo, não sabe? — perguntou, mudando as roupas para o vestido de lã simples e os sapatos grossos típicos de Dois Rios. Elayne não tinha o direito de sorrir daquele jeito. Um arco de prata. Rá! — Precisamos ter pelo menos alguma ideia do que estamos procurando, precisamos de pelo menos uma leve noção do que queremos.

— Vai ter que dar certo, Nynaeve. Pelo que você disse, as Sábias ensinaram que quanto mais forte a necessidade, melhor, e precisamos mesmo encontrar alguma coisa, ou a ajuda que prometemos a Rand vai por água abaixo. Vai sobrar só o que Elaida estiver disposta a oferecer. Eu não vou permitir que isso aconteça, Nynaeve. Não vou.

— Abaixei esse nariz empinado. Eu também não vou permitir uma coisa dessas se puder fazer algo a respeito. É melhor a gente andar logo com isso.

Nynaeve deu a mão a Elayne e fechou os olhos. Concentrou-se na necessidade de algo que ajudasse. Esperava que uma parte de si tivesse alguma ideia do que seria isso. Talvez nada acontecesse. Algo que ajudasse. De repente, tudo pareceu derreter à sua volta, e ela sentiu *Tel'aran'rhiod* inclinar e arremeter.

Abriu os olhos de supetão. Inevitavelmente, cada passo baseado em sua necessidade era dado às cegas e, embora a aproximassem de seu objetivo, qualquer um desses passos poderia jogá-la em um poço de serpentes ou deixá-la cara a cara com um leão em plena caça, pronto para lhe arrancar a perna.

Não viu leões, mas o que viu era perturbador. O brilho do sol indicava que já era meio-dia, mas isso não a incomodou — o tempo ali transcorria de um jeito diferente. Ela e Elayne estavam de mãos dadas em uma rua de paralelepípedos, rodeadas por edifícios de tijolo e pedra — casas e lojas decoradas com sancas e frisos

elaborados, os telhados de telha sustentando domos ornamentados, pontes de pedra ou madeira se elevando em arco sobre as ruas, às vezes até três ou quatro andares acima. Pilhas de lixo, roupas velhas e mobília quebrada se amontoavam pelos cantos das ruas, e ratos corriam em bandos, às vezes parando para bater os dentes, destemidos, em desafio. Algumas pessoas apareciam de repente, tremeluzindo, e logo sumiam, trazidas por seus sonhos às margens de *Tel'aran'rhiod*. Um homem despencou de uma das pontes, aos berros, mas esvaneceu antes de chegar ao chão de pedras. Uma mulher de vestido rasgado gritava enquanto corria em direção a elas, mas também sumiu depois de poucos passos. Gritos e berros truncados ecoavam pelas ruas, e às vezes se ouvia uma risada rouca e quase insana.

— Não estou gostando nada disso — comentou Elayne, preocupada.

Ao longe, uma coluna branca feito neve se assomava acima da cidade, muito mais alta do que as torres ao redor — algumas, inclusive, ligadas por pontes tão altas que faziam as grandes torres da área em que estavam parecerem baixas. As duas estavam em Tar Valon, na parte onde Nynaeve avistara Leane da última vez. A antiga Curadora não falara muito abertamente sobre o que andava fazendo — alegando, com um sorriso, que buscava uma forma de manter a aura de mistério e assombro das Aes Sedai.

— Não importa — declarou Nynaeve, corajosamente. — Ninguém aqui em Tar Valon sequer sabe sobre o Mundo dos Sonhos. Não vamos encontrar ninguém.

Nynaeve sentiu o estômago se revirar quando um homem apareceu de repente, com o rosto ensanguentado, cambaleando em direção a elas. O sujeito não tinha mãos, apenas cotocos esguichando sangue.

— Não foi isso o que eu quis dizer — resmungou Elayne.

— Vamos logo. — Nynaeve fechou os olhos, concentrando-se no que precisavam encontrar.

Tudo mudou.

Estavam na Torre, em um dos corredores circulares com paredes cobertas de tapeçarias. Uma garota gorducha em trajes de noiva brotou a menos de três passadas dali, arregalando os olhos ao vê-las.

— Por favor — choramingou a menina. — Por favor. — E desapareceu.

De repente, Elayne deu um grito:

— Egwene!

Nynaeve deu meia-volta, mas o corredor estava vazio.

— Eu vi a Egwene — insistiu Elayne. — Tenho certeza.

— Imagino que ela possa tocar *Tel'aran'rhiod* em um sonho comum, como qualquer outra pessoa — sugeriu Nynaeve. — Vamos continuar com o que viemos fazer.

Estava começando a sentir algo maior que desconforto. As duas deram as mãos outra vez. O que precisavam encontrar.

Tudo mudou.

Não era um depósito comum. As paredes estavam cobertas de prateleiras e havia duas fileiras curtas de estantes no meio do aposento, cheias de caixas de vários formatos e tamanhos muito bem guardadas, algumas de madeira lisa, outras com entalhes ou envernizadas. Continham coisas enroladas em pedaços de pano; às vezes pequenas imagens e estatuetas; figuras peculiares de vidro, metal, cristal, pedra ou porcelana esmaltada. Nynaeve não precisava nem olhar com mais atenção para saber que deviam ser objetos do Poder Único, muito provavelmente *ter'angreal*, talvez até alguns *angreal* e *sa'angreal*. Dentro da Torre, uma coleção de objetos tão díspares e guardada com tanto esmero e ordenação não podia ser de outra coisa.

— Acho que não faz muito sentido continuar explorando esse lugar — comentou Elayne, desanimada. — Não sei o que poderíamos conseguir aqui.

Nynaeve deu um leve puxão na trança. Se tivesse alguma coisa ali que pudessem usar — devia haver, a não ser que as Sábias tivessem mentido —, então devia ter um jeito de conseguir chegar a essa coisa no mundo desperto. No tempo que passou na Torre, os *angreal* e similares não eram tão bem guardados — em

geral, eram vigiados apenas por um cadeado e uma novilha. A porta dali era de tábuas pesadas, trancada por um pesado cadeado de ferro preto. Sem dúvida estava trancado, mas ela o visualizou aberto e empurrou a porta.

O depósito se abria para um aposento da guarda. Uma das paredes estava coberta por camas estreitas empilhadas, enquanto a outra continha fileiras de estantes com velhas alabardas. Atrás de uma mesa maciça e surrada rodeada de banquetas ficava outra porta, reforçada com ripas de ferro, com uma pequena janela gradeada.

Assim que ela se virou de volta para Elayne, percebeu que a porta estava fechada outra vez.

— Se a gente não conseguir pegar o que precisa aqui, talvez dê para encontrar algo parecido em algum outro lugar. Quer dizer, talvez alguma outra coisa funcione. Pelo menos agora temos uma pista. Acho que essas coisas aqui são *ter'angreal* que ninguém descobriu como usar. Só por isso estariam guardados desse jeito. Pode ser que até mesmo canalizar perto deles seja perigoso.

Elayne a encarou com um olhar irônico antes de responder:

— Mas se tentarmos a busca pela necessidade outra vez, não vamos acabar voltando para cá? A não ser que... A não ser que as Sábias tenham lhe ensinado como eliminar um local da busca.

As Sábias não tinham ensinado, não estavam nem um pouco ávidas por compartilhar informação com ela. Mas tudo era possível naquele lugar, onde se podia abrir um cadeado só com a força do pensamento.

— Vamos fazer exatamente isso. Vamos nos concentrar em como o que queremos não está em Tar Valon.

— Franzindo o cenho para as prateleiras, Nynaeve acrescentou: — E aposto que vai ser algum *ter'angreal* que ninguém sabe como usar. — Só não sabia como aquilo ia ajudar a convencer o Salão a apoiar Rand.

— Precisamos de um *ter'angreal* que não esteja em Tar Valon — disse Elayne, como se tentasse se convencer daquilo. — Muito bem. Vamos em frente.

Ela estendeu as mãos, e, depois de um instante, Nynaeve as segurou. Ainda não conseguia entender o que a possuía para insistir em continuar a busca. Queria ir embora de Salidar, não encontrar um motivo para ficar. Mas se aquilo lhes trouxesse uma garantia de que as Aes Sedai de Salidar apoiariam Rand...

Pensou no que precisavam. De um *ter'angreal*. Que não estivesse em Tar Valon. Era disso que precisavam.

Tudo mudou.

Fosse lá onde estivessem, a cidade banhada pela luz da aurora com certeza não era Tar Valon. A menos de vinte passadas dali a rua larga e pavimentada transformava-se em uma ponte de pedras com estátuas nas duas extremidades, a base arqueada unindo as duas margens de pedra de um canal. A cinquenta passadas, no sentido oposto, havia outra ponte. Torres delgadas circundadas por varandas se elevavam por toda a parte, feito lanças cravadas em fatias de estruturas redondas e ornamentadas. Todas as construções eram brancas, com portas e janelas com formato de grandes arcos pontiagudos, às vezes duplos ou triplos. Os edifícios maiores ostentavam compridas varandas de ferro forjado pintadas de branco com vista para as ruas e os canais, mas com telas de ferro em desenhos intrincados encobrindo quaisquer ocupantes; no topo, domos brancos com faixas douradas ou escarlates se erguiam até formarem pontas agudas, tão altas quanto as torres.

Nynaeve se concentrou naquilo que precisavam.

Tudo mudou.

Poderia muito bem ser outra cidade. A rua era estreita e com pavimento irregular, os dois lados completamente cobertos de construções de cinco e seis andares com as paredes rebocadas de massa branca já descascando em vários pontos, deixando os tijolos à mostra. Não havia varandas. Moscas zumbiam pelo ar, e era difícil dizer se ainda era alvorada, com o chão tomado pelas sombras dos edifícios.

As duas se entreolharam. Parecia improvável encontrar um *ter'angreal* ali, mas já tinham ido longe demais

para parar. Tinham que ir atrás do que precisavam.

Tudo mudou.

Nynaeve espirrou antes de conseguir abrir os olhos, então espirrou outra vez assim que os abriu. Cada vez que mexia os pés, subia uma nuvem de poeira. O depósito não era nada parecido com o da Torre. Um pequeno aposento lotado de baús, barris e engradados, empilhados de todas as maneiras possíveis, quase sem deixar espaço entre si, e tudo sob uma grossa camada de poeira. Nynaeve deu um espirro tão forte que achou que seus sapatos iam sair dos pés... e a poeira desapareceu. Toda. Elayne abriu um sorrisinho presunçoso. Nynaeve não disse uma palavra, apenas visualizou o recinto na cabeça, mas *sem* poeira. Devia ter pensado nisso.

Ela encarou o amontoado de tralhas e soltou um suspiro. O lugar não era maior que o quartinho onde seus corpos dormiam, em Salidar, mas vasculhar aquilo tudo...

— Vai levar semanas.

— Podemos tentar mais uma vez. Talvez isso nos mostre as coisas que precisamos examinar. — Elayne soava tão descrente quanto Nynaeve se sentia, mas era uma boa sugestão.

Nynaeve fechou os olhos, e mais uma vez... tudo mudou.

Quando ela abriu os olhos de novo, estava parada no fim da fileira de tralhas mais afastada da porta, encarando um alto baú quadrado de madeira que ia até sua cintura. As alças estavam enferrujadas, e o próprio baú parecia ter passado os últimos vinte anos sob golpes de martelos. Nynaeve não conseguia imaginar um local mais improvável para armazenar qualquer coisa de útil, ainda mais um *ter'angreal*. Mas viu Elayne ali, parada bem a seu lado, encarando o mesmo baú.

Nynaeve pôs a mão na tampa — aquelas dobradiças *iam* abrir sem que ela precisasse forçá-las — e a empurrou para cima. Não houve sequer um rangido. Lá dentro, duas espadas extremamente enferrujadas e uma placa peitoral com um buraco no meio e no mesmo tom amarronzado jaziam sobre o restante do conteúdo: um emaranhado de pacotes embrulhados em tecidos que pareciam ter sido reaproveitados a partir de roupas velhas e dos resquícios de alguma cozinha.

Elayne remexeu em um pequeno caldeirão com a alça quebrada.

— Não sei se levaríamos semanas, mas pelo menos o resto da noite.

— Quer tentar outra vez? — sugeriu Nynaeve. — Mal é que não faria.

Elayne deu de ombros. Olhos fechados. O que precisavam.

Nynaeve estendeu a mão e tocou um objeto redondo e rígido, enrolado em trapos podres. Quando abriu os olhos, viu a mão de Elayne próxima à sua. A Filha-herdeira sorria de orelha a orelha.

Não foi fácil tirar o embrulho do baú. Não era pequeno, e tiveram que revirar casacos esfarrapados, painéis amassados e embrulhos que se desintegravam revelando estatuetas, animais entalhados e todo tipo de bobagem. Quando enfim desenterraram o embrulho, tiveram que erguê-lo juntas. Era um disco largo e achatado envolto em tecido velho. Quando afastaram os trapos que o cobriam, o objeto revelou-se uma tigela rasa de cristal espesso com mais de dois pés de diâmetro, o interior coberto de entalhes profundos que pareciam nuvens formando redemoinhos.

— Nynaeve — começou Elayne, hesitante —, acho que isso aqui é...

Nynaeve levou um susto e quase largou a tigela, que de repente assumiu um tom azul bem claro, e as nuvens entalhadas começaram a se mover devagar. Uma fração de segundo depois, o cristal estava transparente outra vez, e as nuvens entalhadas, paradas. Mas Nynaeve tinha certeza de que não eram as mesmas nuvens de antes.

— É, sim! — exclamou Elayne. — É um *ter'angreal*. E aposto o que você quiser que tem alguma relação com o clima. Mas não sou forte o suficiente para usá-lo sozinha.

Engolindo em seco, Nynaeve tentou fazer o coração parar de palpar.

— Pare com isso! Você ainda não entendeu que pode acabar se estancando se mexer com um *ter'angreal* sem saber o que ele faz?

A tola teve a ousadia de parecer surpresa.

— Mas é *isso* o que viemos procurar, Nynaeve. Você acha que existe *alguém* que saiba mais sobre os *ter'angreal* do que eu?

Nynaeve fungou. Não era só porque Elayne estava certa que não merecera a advertência.

— Não estou dizendo que não seria maravilhoso se isso fizer alguma coisa com o clima, porque é. Só não vejo como isso pode ser o que a gente precisa. Esse negócio não vai fazer o Salão mudar de opinião em relação a Rand.

— O que você precisa nem sempre é o que você quer — respondeu Elayne. — Era o que Lini costumava dizer quando me proibia de cavalgar ou de subir em árvores, mas talvez também se aplique aqui.

Nynaeve fungou com desdém outra vez. Talvez até se aplicasse, mas naquele momento ela queria ter o que queria. Era pedir demais?

A tigela sumiu de suas mãos, e foi a vez de Elayne levar um susto, resmungando sobre nunca se acostumar com aquilo. O baú também se fechou.

— Nynaeve, quando eu canalizei dentro da tigela, senti... Olha, esse não é o único *ter'angreal* aqui. Acho que também tem algum *angreal*, talvez até um *sa'angreal*.

— Aqui? — perguntou Nynaeve, incrédula, encarando o quartinho atulhado. Mas, se havia um, por que não dois? Ou dez? Ou cem? — Luz, não canalize de novo! E se você sem querer fizer algum deles se manifestar? Você poderia acabar estanca...

— Eu sei o que estou fazendo, Nynaeve. De verdade, sei mesmo. Agora, o que *nós* temos que fazer é descobrir exatamente onde fica este quarto.

O que não foi tarefa fácil. Embora as dobradiças parecessem massas de ferrugem maciça, a porta não era um obstáculo — não em *Tel'aran'rhiod*. Os problemas vieram logo depois. O corredor estreito e escuro lá fora possuía apenas uma janela, na outra extremidade. Através dela, não se via nada além da parede branca caiada descascada do outro lado da rua. E também não adiantou descer os estreitos lances de escada de pedra. A rua lá fora poderia ter sido a primeira que tinham visto naquela área da cidade, fosse lá onde fosse — as construções eram todas tão parecidas que não serviam para se localizarem. As pequeninas lojinhas ao longo da rua não tinham placas, e só o que indicava as estalagens eram as portas pintadas de azul — o vermelho parecia indicar as tavernas.

Nynaeve avançou à procura de algum marco, qualquer coisa que pudesse indicar sua localização. Algo que informasse qual era aquela cidade. Cada rua onde entrava era igual à anterior, mas ela não demorou a encontrar uma ponte que, ao contrário das outras, era de pedra lisa e não tinha estátuas. Subindo até o centro da plataforma arqueada, viu apenas o canal, que nos dois sentidos se encontrava com outros, além de mais pontes e mais construções de massa branca flocada.

De súbito, ela percebeu que estava sozinha.

— Elayne — chamou.

Silêncio, exceto pelo eco de sua própria voz.

— Elayne? Elayne!

A loura apareceu de volta em um canto, perto da base da ponte.

— Aí está você! — exclamou a jovem. — Nossa, este lugar faz uma toca de coelho parecer bem planejada. Desviei os olhos por um segundo, e você sumiu. Encontrou alguma coisa?

— Nada. — Nynaeve olhou outra vez para o canal, antes de se juntar à amiga. — Nada útil.

— Pelo menos dá para ter certeza de onde estamos. Ebou Dar. Só pode ser. — O casaco curto e as calças largas de Elayne se transformaram em um vestido de seda verde com renda saindo pelas mangas, gola alta com bordados elaborados e um decote estreito, porém bastante profundo e revelador. — Não consigo pensar em nenhuma outra cidade com tantos canais além de Illian, e isso aqui com certeza não é Illian.

— Espero que não — retrucou Nynaeve, sem forças.

Nunca tinha lhe ocorrido que uma busca às cegas poderia levá-las ao covil de Sammael. Reparou que o próprio vestido também tinha mudado para uma seda azul-marinho mais adequada a viagens, completado com uma capa de linho. Fez a capa desaparecer, mas deixou o restante como estava.

— Você ia gostar de Ebou Dar, Nynaeve. As Mulheres Sábias de lá sabem mais de ervas do que ninguém. Conseguem curar de tudo. E é bom que consigam, mesmo, porque lá o povo duela como se trocasse de roupa, sejam nobres ou plebeus, homens ou mulheres. — Elayne deu uma risadinha. — Thom disse que aqui tinha leopardos, mas eles foram embora porque achavam o povo de Ebou Dar muito nervosinho.

— Muito interessante — respondeu Nynaeve —, mas de que me interessa se esse povo passa o dia se esbofeteando? Elayne, isso aqui foi tão útil quanto se tivéssemos deixado os anéis de lado e ido dormir. Eu não conseguiria voltar àquele quarto nem se fosse para receber o xale. Se pelo menos tivéssemos como fazer um mapa... — Ela fez uma careta. Era melhor pedir asas no mundo desperto: se pudessem sair de *Tel'aran'rhiod* com um mapa, poderiam sair com a tigela.

— Então teremos que ir procurar em Ebou Dar — declarou Elayne, com firmeza. — No mundo real. Pelo menos saberemos em que *parte* da cidade começar.

Nynaeve se animou. Ebou Dar ficava a apenas algumas milhas de Salidar, descendo o Rio Eldar.

— Parece uma ótima ideia. E vamos poder dar no pé antes que tudo desabe na nossa cabeça.

— Sério, Nynaeve? Você ainda acha que isso é o que importa?

— É uma das coisas que importam. Consegue pensar em alguma outra coisa para fazer aqui? — Elayne balançou a cabeça. — Então é melhor voltarmos. Quero dormir de verdade esta noite.

Não dava para saber quanto tempo passava no mundo desperto quando se estava em *Tel'aran'rhiod* — às vezes uma hora lá correspondia a uma hora no Mundo dos Sonhos, mas às vezes era um dia ou mais. Por sorte, a recíproca não parecia verdadeira, ou pelo menos não tanto, ou correriam o risco de morrer de fome durante o sono.

Nynaeve saiu do sonho...

... e abriu os olhos, encarando o travesseiro, tão empapado de suor quanto ela própria. Nenhuma brisa soprava pela janela aberta. O silêncio se abatera sobre Salidar, e o som mais alto eram os arrulhos agudos das garças. Ela se sentou, desatou o nó do cordão no pescoço e removeu o anel de pedra retorcido, pausando um instante para tocar o robusto anel de ouro de Lan. Elayne se remexeu, então se sentou, bocejando, e canalizou para acender um toco de vela.

— Acha que vai adiantar de alguma coisa? — perguntou Nynaeve, baixinho.

— Não sei. — Elayne se deteve para abafar um bocejo com o dorso da mão. Como ela conseguia ser bonita até bocejando, com os cabelos bagunçados e a bochecha com marcas do travesseiro? Era um mistério que as Aes Sedai deveriam investigar. — O que eu sei é que aquela tigela talvez possa fazer alguma coisa em relação ao clima. E sei que um esconderijo de *ter'angreal* e *angreal* precisa cair nas mãos certas. É nosso dever entregá-lo ao Salão. Ou pelo menos a Sheriam. E sei que, se isso não fizer com que elas apoiem Rand, vou continuar buscando até encontrar algo que faça. E sei que quero dormir. Podemos continuar esta conversa de manhã?

Sem esperar resposta, a Filha-herdeira apagou a vela, enroscou-se outra vez na cama e respirou fundo. As respirações lentas e intensas do sono começaram assim que ela encostou a cabeça no travesseiro.

Nynaeve se esticou outra vez, encarando o teto em meio à escuridão. Pelo menos em breve estariam a

caminho de Ebou Dar. No dia seguinte, talvez. No máximo um ou dois dias depois, já que precisariam se aprontar para a jornada e parar algum barco de passagem. Pelo menos...

Ela de repente se lembrou de Theodrin. Se levassem dois dias para se aprontar, a domanesa iria querer duas sessões — isso era tão certo como um pato tinha penas. E a mulher esperava que Nynaeve não dormisse à noite. Bem, Theodrin não tinha como saber, mas...

Suspirando pesadamente, ela saiu da cama. Não havia muito espaço para caminhar, mas usou todo o espaço disponível, ficando mais irritada a cada minuto. Só queria ir embora. Já tinha dito que não possuía muito talento para a rendição, mas talvez estivesse se aprimorando na arte da fuga. Seria maravilhoso poder canalizar quando bem entendesse. Nynaeve nem percebeu as lágrimas que começaram a rolar por seu rosto.





SONHOS E PESADELOS

Quando viu Elayne e Nynaeve, Egwene não saiu do sonho — ela pulou fora. Não voltou para seu corpo adormecido em Cairhien, pois a noite estava apenas começando. Em vez disso, foi explorar o vasto negrume pontilhado de luzes cintilantes que pareciam piscar, muitas mais do que havia estrelas no mais límpido dos céus, cada uma nítida e distinta, até onde a vista alcançava. Embora ela na verdade não tivesse olhos ali. Egwene flutuava sem forma definida no infinito entre *Tel'aran'rhiod* e o mundo desperto, a fenda estreita entre sonho e realidade.

Se tivesse um coração, ele estaria martelando feito um tambor desenfreado. Egwene achava que não tinha sido vista, mas o quê, em nome da Luz, aquelas duas estavam fazendo *lá*, naquela parte da Torre que não guardava nada de importante? Em suas excursões noturnas, Egwene tinha o cuidado de evitar o gabinete da Amyrlin, os alojamentos das noviças e até os das Aceitas. Sempre parecia que, caso Nynaeve ou Elayne — ou ambas — não estivessem em um daqueles lugares, haveria alguma outra pessoa. Podia ter falado com as amigas, claro — elas com certeza guardariam segredo —, mas algo lhe disse que era melhor não. Sonhara com aquilo, e a sensação tinha sido de um pesadelo. Não do tipo que faz a pessoa acordar suando frio, e sim aqueles pesadelos que fazem quem os sonha ficar se virando, agonizante, de um lado para o outro. Aquelas outras mulheres... Será que as Aes Sedai de Salidar sabiam que estranhos perambulavam pela Torre no Mundo dos Sonhos? Bom, eram estranhos para ela, ao menos. E, se as mulheres já não soubessem, não tinha como alertá-las — não sabia como. Era tudo tão frustrante!

O grande oceano de escuridão cintilante criava um redemoinho ao seu redor, parecendo se mover enquanto ela permanecia onde estava. Egwene nadou confiante, como um peixe nativo daquele mar de escuridão e luz — assim como os peixes, ela não precisava pensar no que fazia para se mover por ali. Aquelas luzes tremeluzentes eram sonhos, todos os sonhos de todas as pessoas do mundo. De todos os mundos, de lugares que não eram exatamente o mundo que Egwene conhecia, de mundos que não tinham nada a ver com o seu. Verin Sedai tinha sido a primeira a lhe falar sobre aqueles lugares, e as Sábias afirmavam que era exatamente isso — e, espiando, ela mesma avistara coisas em que simplesmente não podia acreditar, nem mesmo em sonho. Não eram pesadelos — que sempre pareciam banhados em vermelho, azul ou no cinza turvo das sombras profundas —, e sim sonhos repletos de coisas impossíveis. Melhor evitá-los, já que claramente não pertencia àqueles mundos. Espionar aqueles sonhos era como se ver cercada por espelhos quebrados, com tudo girando, tornando impossível distinguir o que estava em cima e o que estava embaixo.

Só de pensar sentia o estômago querendo se esvaziar — e, se fosse embora com aquela sensação, mas sem ter como aliviá-la justamente por *não ter* um estômago, a vontade voltaria assim que retornasse ao próprio corpo. E não era nada bom acordar vomitando.

Aprendera algumas coisas naquelas aventuras solitárias, conhecimento que somara aos ensinamentos das Sábias — chegara até a se aventurar onde as Andarilhas do Sonho Aiel a teriam impedido de entrar. Mas, ainda assim... tinha certeza de que saberia mais, muito mais, se tivesse ajuda de alguma Andarilha dos Sonhos. Claro que a mulher diria que aquilo ainda era perigoso demais, para não falar em proibido, mas também sugeriria as melhores táticas a tentar. Egwene já estava bem avançada, já ultrapassara as lições mais simples, e agora as soluções vinham fáceis — bem, não tão fácil assim, nunca era realmente fácil, apenas menos difícil. Ela chegara a um ponto em que era capaz de descobrir sozinha qual seria o passo seguinte, mas esses sempre seriam passos que as Sábias Andarilhas dos Sonhos já haviam trilhado muito antes. Aquelas mulheres poderiam ensinar em uma noite, em uma hora, o que Egwene levava um mês para dominar sozinha. Mas só ensinariam quando decidissem que ela estava pronta — nunca antes. Isso era tão irritante... só queria aprender. Aprender tudo. Imediatamente.

Todas as luzes pareciam idênticas, mas Egwene aprendera a reconhecer algumas — só não sabia dizer exatamente como ou por quê, o que a deixava bem irritada. Nem mesmo as Sábias entendiam por quê, mas, depois que identificava a quem pertencia um sonho, conseguia encontrar os outros sonhos daquela pessoa feito uma flecha bem mirada acertando o alvo — e não importava se quem sonhava estivesse do outro lado do mundo. Aquela luz ali era de Berelain, a Primeira de Mayene, mulher que Rand deixara no comando de Cairhien. Egwene sempre ficava desconfortável olhando os sonhos de Berelain. Eles em geral não eram muito diferentes dos sonhos de qualquer outra mulher que se interessasse igualmente por poder, política e os vestidos da última moda, mas Berelain às vezes tinha sonhos com homens — inclusive alguns com conhecidos seus — que faziam Egwene enrubescer só de lembrar.

E aquele brilho discretamente embotado logo adiante era Rand, com os sonhos guardados por trás de um selo de proteção tecido com *saidin*. Egwene quase parou — ficava um pouco ressentida de ser bloqueada por algo que não era capaz de ver ou sentir —, porém decidiu deixar para lá. Não queria perder mais uma noite com tentativas inúteis.

Aquele lugar distorcia as distâncias da mesma forma que *Tel'aran'rhiod* distorcia o tempo. Rand estava dormindo em Caemlyn — a menos que tivesse ido passear em Tear, coisa que Egwene gostaria muito de descobrir como ele fazia —, mas ela identificou uma luz conhecida bem perto do sonho dele: era Bair, que estava em Cairhien, a centenas de léguas de Rand. Egwene tinha certeza absoluta de que, naquela noite, Rand não estava em Cairhien. *Como* ele fazia aquilo?

Egwene se afastou do sonho da Sábia na hora, os pontinhos de luzes passando tão depressa que pareciam riscos. Provavelmente não fugiria se também tivesse visto os sonhos de Amys e Melaine, mas, se as outras duas Andarilhas dos Sonhos não estavam dormindo e sonhando, poderiam muito bem estar andando por entre os sonhos. E uma delas podia estar bem ali, pronta para investir contra ela e arrastá-la para fora daquele universo escuro e pontilhado — ou talvez até para dentro do próprio sonho de Andarilha, onde teria mais controle sobre o ambiente. E Egwene duvidava de que fosse capaz de impedir o ataque, pelo menos não ainda. Estaria à mercê da Aiel que a encontrasse, seria apenas parte do sonho *dela*. Manter-se no controle de si mesma dentro do sonho de uma pessoa comum, que não tinha ideia do que estava acontecendo, já era bem difícil, mas isso nem se comparava à dificuldade de escapar de tal sonho sem que a própria pessoa parasse de sonhar com você, o que normalmente ela só fazia ao acordar se você estava de fato lá, invadindo o sonho dela. Quando quem sonhava era uma Andarilha, tão consciente do que acontecia no próprio sono quanto do mundo desperto, era impossível. E isso só na *melhor* das hipóteses.

Egwene só então reparou em como estava sendo tola. Era inútil correr. Se tivesse sido encontrada, Amys ou Melaine já a teriam levado para outro lugar. Aliás, podia muito bem estar correndo na direção das duas. As luzes que passavam depressa ao redor não desaceleraram, simplesmente pararam de vez. As coisas eram assim naquele lugar.

Frustrada, Egwene pensou um pouco no que fazer. Queria aprender o máximo que conseguisse a respeito de *Tel'aran'rhiod*, mas tinha ido ali principalmente para dar uma olhada no que estava acontecendo no mundo. Às vezes, era como se as Sábias se recusassem a permitir que ela soubesse se o sol já tinha ou não nascido se ela não pudesse ver por conta própria. Diziam que ela não deveria se exaltar — mas como, se ficava desesperada só de pensar em tudo o que não sabia? E era por isso que estava na Torre Branca, tinha tentado encontrar alguma pista sobre as intenções de Elaida. E de Alviarin. Nunca encontrava nada muito concreto, apenas pistas — e poucas. Odiava não saber. Continuar na ignorância era como se ver, de repente, cega e surda.

Bem, a Torre estava fora de questão — não havia opção, já que não tinha certeza de que partes eram seguras. O restante de Tar Valon já fora eliminado depois da quarta vez em que quase deu de cara com uma mulher de pele acobreada que assentia, surpreendentemente satisfeita, enquanto examinava um estábulo que parecia ter acabado de ser pintado de azul. Quem quer que fosse a mulher, era óbvio que não tinha ido a *Tel'aran'rhiod* por acidente — além de não ter desaparecido como um sonhador eventual, ela aparentava ser feita de névoa. A mulher estava obviamente usando algum *ter'angreal* para acessar o mundo dos sonhos, o que quase com certeza significava que se tratava de uma Aes Sedai. Egwene só sabia de um *ter'angreal* que dava acesso ao Mundo dos Sonhos sem canalização, e ele estava com Elayne e Nynaeve. Ainda assim, aquela mulher esbelta e muito bonita, usando um vestido escandalosamente transparente, não parecia ser Aes Sedai havia muito tempo — parecia ter a idade de Nynaeve, e não aquele rosto etéreo de idade indefinida.

Egwene poderia ter tentado segui-la — afinal, a mulher talvez fosse da Ajah Negra, já que as Negras tinham roubado alguns *ter'angreal* relacionados ao Mundo dos Sonhos. Mas achou que não valia a pena ir atrás da mulher, considerando os riscos de ser descoberta, talvez até capturada, e o fato de que não teria com quem compartilhar as informações que descobrisse até arranjar um jeito de falar de novo com Elayne ou Nynaeve — a não ser que acabasse descobrindo algo terrível o bastante para botar tudo a perder... A questão era que a Ajah Negra era problema das Aes Sedai e, além de todos os outros motivos para guardar segredo, ela não poderia sair contando aquilo para qualquer um. Manter o silêncio não era questão de escolha.

Egwene examinou as luzes mais próximas sem muita atenção. Não reconheceu nenhuma. Os pontos cintilantes estavam completamente imóveis, estrelas bruxuleantes paralisadas em um gelo negro e límpido.

Estava aparecendo gente demais no Mundo dos Sonhos para o seu gosto. Tudo bem que tinham sido duas pessoas, mas só essas duas já eram gente demais. A mulher de pele acobreada e uma outra, bela e robusta, de olhos azuis e rosto determinado, andando a passos resolutos. Egwene a apelidara de “a mulher determinada” e achava que ela devia ser capaz de adentrar *Tel'aran'rhiod* sozinha — ela tinha uma aparência sólida, e não entalhada na névoa. Além disso, quem quer que fosse a mulher e qualquer que fosse o motivo para ela estar ali, Egwene a via pela Torre com mais frequência do que via Nynaeve, Elayne, Sheriam e todas as outras juntas. A mulher parecia ser vista em todos os lugares — além da Torre, ela quase surpreendera Egwene, em sua última visita a Tear. E claro que *não* tinha sido uma noite de reunião das Sábias com as Aes Sedai. Egwene avistou a mulher caminhando escondida pelo Coração da Pedra, resmungando sozinha, parecendo irritada. E ela também aparecera em Caemlyn nas duas últimas visitas de Egwene.

A mulher determinada tinha tantas chances de ser da Ajah Negra quanto a outra, de pele acobreada — mas qualquer uma das duas também poderia ser de Salidar. Ou quem sabe as duas fossem do grupo de Aes Sedai dissidente, embora Egwene nunca as tivesse visto juntas e muito menos na companhia de alguém de

Salidar. Aliás, qualquer uma delas podia muito bem ser da Torre — entre as que restavam lá havia divisões internas o bastante para que um lado decidisse espionar o outro. Além do quê, as Aes Sedai da Torre mais cedo ou mais tarde ficariam sabendo de *Tel'aran'rhiod* — isso se já não soubessem. Aquelas duas estranhas só traziam mais perguntas sem resposta. E a única solução em que Egwene conseguia pensar era evitá-las.

Claro que, nos últimos tempos, ela andava tentando evitar qualquer um no Mundo dos Sonhos. Tinha começado a andar por lá sempre vigilante, olhando por cima do ombro, achando que alguém a seguia sorrateiramente, vendo coisas. Pensou ter avistado Rand, Perrin e até Lan de relance, sempre meio de canto de olho. Era sua imaginação, claro — ou talvez eles só tivessem entrado ali por acaso, em sonhos. Mas aquilo tudo a deixava assustadíssima feito gato no canil.

Ela franziu o cenho — ou teria franzido, se tivesse rosto. Uma daquelas luzes parecia... Não podia dizer que era familiar, já que não a conhecia, mas a luz parecia... atraí-la. Não importava para onde olhasse, acabava se voltando para o mesmo pontinho cintilante.

Talvez devesse tentar encontrar Salidar. Para isso teria que esperar Elayne e Nynaeve saírem de *Tel'aran'rhiod* — já conseguia identificar os sonhos das duas só de olhar, claro. Na verdade, conseguiria encontrar os sonhos das duas até dormindo, pensou, dando uma risadinha muda. Até o momento, suas muitas tentativas de localizar Salidar através dos sonhos das duas amigas tinham sido tão frutíferas quanto tentar atravessar a barreira dos sonhos de Rand. Ali, a distância e a localização não tinham nenhuma relação com o mundo desperto. Amys dizia que a distância e a localização naquele lugar nem ao menos *existiam*. Por outro lado, seria um exercício tão bom quanto qualquer...

Ficou surpresa ao notar que o pontinho em que seu olhar sempre pousava começou a flutuar em sua direção, aumentando a ponto de o que antes parecia uma estrela distante logo se transformar em uma lua branca e cheia. Egwene sentiu uma centelha de medo se acender dentro de si. Encostar em um sonho e bisbilhotá-lo era fácil — era como encostar um dedo na superfície de um lago em um toque tão suave que a água envolvia o dedo, mas a superfície não era perturbada —, mas tudo aquilo deveria ser fruto da sua própria vontade. Era a Andarilha quem buscava o sonho, e não o sonho que a procurava. Desejou que a luz fosse embora, desejou que toda a paisagem estrelada se movesse — só que aquela luz é que se moveu, expandindo-se até preencher sua visão com uma luz branca.

Desesperada, ela tentou se afastar. Luz branca. Nada além da luz branca, absorvendo-a...

Egwene piscou, embasbacada. Ao seu redor, estendia-se uma floresta de grandes colunas brancas. Quase tudo parecia confuso, indistinto, sobretudo as colunas mais distantes, mas havia algo bem nítido e real: Gawyn, correndo em sua direção pelo piso de ladrilhos brancos, trajando um casaco verde, um misto de ansiedade e alívio no rosto. Que era *quase* o rosto de Gawyn. Ele não era tão belo quanto o meio-irmão, Galad, mas mesmo assim era bonito. Só que aquele rosto parecia muito... comum. Egwene tentou se mexer, mas não conseguiu — não conseguia de jeito nenhum. Sentia as costas apoiadas em uma das colunas, e correntes prendiam seus pulsos acima da cabeça.

Aquilo devia ser o sonho de Gawyn. De todos aqueles incontáveis pontos de luz, tinha parado justamente perto do dele — que, de alguma forma, a atraía. Aquela atração era um problema para depois: naquele momento, ela queria saber por que ele sonharia em mantê-la presa. Egwene tratou de fixar a verdade com firmeza na mente: aquilo era um sonho, o sonho de outra pessoa. Ela era ela, e não o que quer que Gawyn quisesse que fosse. Egwene não aceitava a realidade de nada daquilo. Nada ali a afetava de verdade. Não parava de repetir aquilo na mente, como um mantra. O processo tornava difícil pensar em qualquer outra coisa, mas, contanto que se mantivesse firme, poderia correr o risco de permanecer naquele sonho — ao menos por tempo suficiente para descobrir que esquisitices e peculiaridades perpassavam os pensamentos de Gawyn. Mantê-la presa!

De repente, uma imensa chama em forma de gota brotou nos ladrilhos do piso, e uma fumaça amarela e

ácida ondulou pelo ar. Rand saiu daquele inferno de chamas. Trajava um casaco vermelho com bordados dourados aos moldes de um rei e encarava Gawyn. Fogo e fumaça desvaneceram. Só que aquele homem mal se parecia com Rand — o verdadeiro era da mesma altura e porte de Gawyn, mas aquela figura ali diante deles era uma cabeça mais alto que o irmão de Elayne. E o rosto também era apenas levemente parecido, com proporções ligeiramente estranhas e uma expressão mais dura do que deveria — o rosto frio de um assassino. O recém-chegado abriu um sorriso desdenhoso.

— Ela não será sua — rosnou.

— Ela não vai ficar presa aqui com você — retrucou Gawyn, com a voz tranquila.

De repente, os dois empunhavam espadas.

Egwene ficou boquiaberta. Não era Gawyn quem a mantinha prisioneira — em seu sonho, ele a resgatava! E de Rand! Tinha que ir embora daquela loucura. Ela se concentrou em estar *fora* dali, de volta na escuridão, vendo tudo aquilo *de fora*. Nada aconteceu.

As espadas se chocaram com um estrondo, e os dois bailaram uma dança mortal — ou quão mortal poderia ser em um sonho. Nada ali fazia sentido. Quem sonharia com um duelo de espadas?! E não era pesadelo — podia ser confuso, mas tinha um aspecto muito normal, as cores não estavam embotadas. “Os sonhos dos homens são um labirinto tão confuso que até ele desconhece”, dissera Bair, certa vez.

Egwene fechou os olhos e se concentrou. Fora. Estava lá fora, olhando aquilo se desenrolar dentro da luz. Não restava espaço para pensar em mais nada. Estava do lado de fora, olhando para dentro. Do lado de fora, olhando para dentro. Do lado de fora!

Abriu os olhos outra vez. O confronto estava chegando ao clímax. A lâmina de Gawyn penetrou o peito de Rand, que pareceu murchar. O aço se desprende do corpo dele e deslizou pelo ar, em um arco reluzente. A cabeça de Rand rodopiou pelo chão, quase alcançando os pés de Egwene, parando com os olhos cravados nela. A jovem sentiu um grito borbulhar na garganta antes que pudesse contê-lo. Era um sonho. Apenas um sonho. Mas aqueles olhos mortos a encará-la pareciam bem reais.

Então Gawyn surgiu diante dela, a espada de volta na bainha. A cabeça e o corpo de Rand tinham sumido. Ele estendeu as mãos para as algemas que a prendiam, que também sumiram.

— Eu tinha certeza de que você viria — sussurrou Egwene, e levou um susto com a própria reação.

Ela ainda era ela mesma! Não podia se render àquilo, senão acabaria presa de verdade.

Sorrindo, Gawyn tomou-a nos braços.

— Essa sua certeza me deixa tão feliz. Eu teria vindo antes, se pudesse. Não deveria ter deixado que você corresse perigo por tanto tempo. Você me perdoa?

— Eu perdoaria qualquer coisa que você fizesse.

Havia duas Egwenes: uma alegremente aninhada nos braços de Gawyn, que a carregava por um corredor palaciano repleto de tapeçarias coloridas e grandes espelhos com molduras douradas ornamentadas; outra em um cantinho ao fundo da mente da primeira.

Aquilo estava ficando sério. Mesmo se concentrando o máximo que podia em estar do lado de fora, Egwene continuava ali, vendo tudo pelos olhos de uma outra Egwene. Ela tratou de reprimir a curiosidade a respeito do que Gawyn sonhava com ela. Essa curiosidade, ali, podia ser perigosa. Não aceitava nada do que estava vivenciando como verdade! Mas nada mudava.

Olhou para o corredor, que parecia bem real à primeira vista, mas tudo o que ela via de canto de olho parecia enevoado. Sua atenção foi capturada pela própria imagem, vista de relance em um espelho. Egwene até teria se virado para olhar, quando passaram, mas era apenas uma passageira na mente da mulher dos sonhos de Gawyn. A mulher refletida naquele espelho era ela — não havia qualquer traço que diferisse minimamente do seu rosto verdadeiro —, mas, de alguma forma, o conjunto era todo muito... Bonito — era a única palavra que se aplicava. Uma beleza estonteante. Era assim que Gawyn a via?

Não! Nada de curiosidade! Estava do lado de fora!

Entre um passo e outro de Gawyn, o corredor virou uma encosta coberta de flores silvestres, cujo perfume era trazido pela brisa suave. A verdadeira Egwene levou um susto. Será que aquilo era obra sua? Sentiu a barreira entre ela e a outra enfraquecer. Egwene se concentrou, desesperada. Aquilo não era real. Recusava-se a aceitar. Ela era ela. Estava do lado de fora. Queria estar do lado de fora, olhando para dentro.

Gawyn colocou-a com toda a delicadeza sobre um manto que, naquele jeito estranho dos sonhos, já estava estendido na encosta. Ele se ajoelhou a seu lado e afastou uma mecha de cabelo da bochecha de Egwene, deixando os dedos roçarem o canto da boca. Estava muito difícil se concentrar em qualquer coisa. Egwene podia até não ter controle sobre o corpo em que estava, mas sentia o que aquela Egwene do sonho sentia, e os dedos de Gawyn pareciam soltar faíscas contra sua pele.

— Meu coração é seu — entooou ele, baixinho. — Minha alma, tudo o que eu sou. — O casaco de Gawyn assumira um tom escarlate, todo trabalhado com bordados elaborados de folhas de ouro e leões de prata. Ele gesticulava dramaticamente, levando a mão da cabeça ao coração. — Quando penso em você, não sobra espaço para mais nada. Seu perfume invade meu cérebro e incendeia meu sangue. Meu coração bate tão forte que não conseguiria escutar nem se o mundo se rompesse ao meio. Você é o meu sol, a minha lua, as minhas estrelas. Você é o Céu e a Terra. Você é mais preciosa do que a vida, o ar ou... — Ele parou de repente e franziu o cenho. — Estou parecendo um idiota — resmungou consigo mesmo.

Se Egwene tivesse algum controle sobre as próprias cordas vocais, teria discordado. Era muito bom ouvir aquilo, mesmo que soasse um pouquinho — só um pouquinho — exagerado.

Naquele instante em que ele franziu o cenho, ela sentiu a tensão se afrouxar, mas...

O mundo ao redor mudou.

Gawyn colocou-a com toda a delicadeza sobre um manto que, naquele jeito estranho dos sonhos, já estava estendido na encosta. Ele se ajoelhou a seu lado e afastou uma mecha de cabelo da bochecha de Egwene, deixando os dedos roçarem o canto da boca. Egwene podia até não ter controle sobre o corpo em que estava, mas sentia o que aquela Egwene do sonho sentia, e os dedos de Gawyn pareciam soltar faíscas contra sua pele.

Não! Egwene não podia aceitar nenhuma parte daquele sonho como real!

O rosto de Gawyn era puro sofrimento, o casaco assumiu um tom cinza e sóbrio. As mãos cerradas repousavam sobre os joelhos.

— Não tenho o direito de me dirigir a você como bem entender — declarou, todo rígido. — Meu irmão ama você. Sei que Galad vive em agonia, temendo pela sua vida. E acabou virando um Manto-branco em grande parte porque acha que as Aes Sedai abusaram de você... Eu sei que ele... — Gawyn fechou os olhos com força. — Ah, Luz, me ajude!

O mundo ao redor mudou.

Gawyn colocou-a com toda a delicadeza num manto que, naquele jeito estranho dos sonhos, já estava estendido na encosta. Ele se ajoelhou a seu lado e afastou uma mecha de cabelo da bochecha de Egwene, deixando os dedos roçarem o canto da boca.

Não! Egwene estava perdendo o pouco controle que tinha! Precisava sair dali! *Por que tanto medo?* Não tinha certeza se o pensamento era seu ou da *outra*. A barreira entre elas estava fina como seda. É o *Gawyn*. *Gawyn*.

— Eu amo você — declarou ele, hesitante. Estava outra vez no casaco verde, mas ainda parecia menos bonito do que na vida real. Ele cutucou um dos botões do casaco, então afastou a mão. Gawyn olhou para ela como se temesse o que poderia ver em seu rosto. Claramente, tentava esconder esse medo, ainda que sem sucesso. — Eu nunca disse isso para mulher nenhuma, Egwene, nunca nem tive vontade. Você não tem ideia de como é difícil dizer agora... Mas não é que eu não queira — acrescentou, mais do que depressa, estendendo uma das mãos para tocá-la. — Mas revelar meus sentimentos desse jeito, sem o menor encorajamento, é

como largar a espada e deixar o peito exposto a uma lâmina. Mas não que eu ache que você... Luz! Não consigo me expressar direito! Será que existe alguma chance de... quem sabe um dia... você começar a nutrir... algum... sentimento... por mim? Algo... além de amizade?

— Você é um idiota... e um amor! — respondeu, com a voz cheia de ternura, rindo. — Eu te amo.

Aquele *eu te amo* ecoou na parte dela que era realmente ela. Egwene sentiu a barreira desaparecer, teve um segundo para perceber que não se importava, e então passou a haver uma única Egwene — uma Egwene feliz que passou os braços por trás do pescoço de Gawyn.

* * *

Sentada em seu banquinho sob a luz fraca do luar, Nynaeve cobriu a boca para abafar o bocejo que escapou e piscou firme os olhos que pareciam cheios de areia. Aquilo ia funcionar — ah, se ia. Ela ia desmaiar de sono assim que cumprimentasse Theodrin, se não antes! Sentiu o queixo se inclinando contra o peito e tratou de se levantar. O banquinho parecia feito de pedra, e seu traseiro já estava dormiente, mas, ao que parecia, aquele desconforto já não era mais o suficiente para mantê-la desperta. Talvez fosse melhor caminhar um pouco ao ar livre. Esticando os braços, ela tateou para encontrar o caminho até a porta.

De repente, um grito distante cortou a noite. No mesmo instante, o banquinho em que estava sentada a atingiu com força nas costas. Nynaeve se chocou contra a madeira áspera da porta, soltando seu próprio grito assustado. Estarrecida, encarou o banco, que jazia no chão ao seu lado, com um dos pés tortos.

— O que foi?! — gritou Elayne, sentando-se de repente na cama.

Mais gritos e berros ressoaram pela cidade, alguns vindos da própria casa em que elas estavam, acompanhados de baques e uma sinfonia de coisas caindo que pareciam vir de tudo que era lado. A cama vazia de Nynaeve chacoalhou e se deslocou praticamente uma passada. A de Elayne se ergueu no ar, quase arremessando a jovem para fora do colchão de palha.

— Uma bolha de mal — explicou Nynaeve, surpresa com a calma na própria voz. Não havia por que sair pulando desesperada de um lado para o outro, mas, por dentro, era exatamente o que ela estava fazendo. — Precisamos acordar todos que ainda estiverem dormindo. — Não sabia como alguém poderia não ter acordado com aquela algazarra, mas quem ainda estivesse dormindo podia acabar morrendo, sem chance de se defender.

Sem esperar resposta, ela saiu depressa do quarto e tratou de abrir a primeira porta que encontrou no corredor — teve que se agachar quando uma bacia de louça branca passou voando pelo espaço onde um segundo antes estivera sua cabeça e se chocou contra a parede logo atrás. Quatro mulheres dividiam aquele quarto, mobiliado com duas camas pouco maiores que a de Nynaeve. Uma das camas estava virada de cabeça para baixo, e as duas ocupantes presas sob ela tentavam em vão se arrastar para fora. Na outra cama, Emara e Ronelle, outra Aceita, debatiam-se desesperadas, aparentemente sufocadas pelas próprias roupas de cama que haviam se enrolado nelas com firmeza.

Nynaeve agarrou a primeira mulher que conseguiu sair de baixo da cama virada, uma serviçal esquelética chamada Mulinda, ainda atônita, e a empurrou para a porta.

— Corra! Acorde todo mundo que ainda estiver dormindo nesta casa e ajude quem puder! Corra! — Mulinda saiu aos tropeços, enquanto Nynaeve puxava a outra mulher caída e a ajudava a se levantar. — Me ajude, Satina. Preciso de ajuda para soltar Emara e Ronelle.

A mulher rechonchuda estava trêmula, mas assentiu e obedeceu sem pestanejar. Não era só questão de desenrolar os lençóis, claro — o tecido parecia vivo, como uma trepadeira maligna agarrada às mulheres, apertando-as cada vez mais, até esmagá-las. Trabalhando juntas, Nynaeve e Satina tinham acabado de, mal a

mal, afastar os panos da garganta das outras duas quando o jarro d'água saltou do lavatório e se chocou contra o teto. Satina deu um pulo e largou o lençol, que se soltou das mãos de Nynaeve e voltou para a mesma posição de antes. As mulheres presas começavam a parecer cada vez mais sem forças, debatendo-se com movimentos mais lentos. Uma delas ofegava, deixando escapar murmúrios roucos, a outra não emitia som algum. Mesmo sob o luar fraco que entrava pelas janelas, dava para ver que seus rostos estavam inchados e escuros.

Nynaeve agarrou o lençol outra vez e se abriu para *sair*, mas não encontrou nada. *Estou me rendendo, que me queime! Estou me rendendo! Preciso do Poder!* Nada. A cama se sacudiu, empurrando-a pelos joelhos, e Satina ganiu.

— Não fique aí parada! — raliou Nynaeve. — Me ajude!

De repente, a roupa de cama escapou outra vez de suas mãos. Em vez de se enroscar de volta em Emara e Ronelle, o tecido se desenroscou das duas e se afastou tão depressa e com tanta força que Emara e Ronelle se chocaram uma contra a outra ao caírem de volta no colchão. Quando viu Elayne à porta, Nynaeve fechou a boca. O lençol caiu do teto. O Poder. Claro.

— Todas estão acordadas — informou Elayne, já com um robe por cima da camisola, entregando outro a Nynaeve. — Sofreram alguns machucados e arranhões, um ou dois cortes bem feios que precisarão ser tratados quando houver tempo, e acho que *todo mundo* vai ter pesadelos por uns dias, mas foi só. Tome. — Gritos e berros ainda ressoavam noite adentro. Satina deu um pulo quando Elayne deixou o lençol cair, mas ele ficou imóvel no chão. A cama virada, no entanto, se mexeu, rangendo. Elayne se curvou, examinando as duas mulheres que gemiam, caídas na cama. — Acho que só estão um pouco tontas. Satina, me ajude com elas.

Nynaeve olhou irritada para o robe em suas mãos. Aquelas duas deviam mesmo estar tontas, depois de serem torcidas feito pano. Ah, Luz, como ela era inútil... E ainda por cima saía correndo feito uma tola, querendo assumir o comando. Sem o Poder, ela era inútil.

— Nynaeve, pode me ajudar aqui? — Elayne sustentava uma Emara cambaleante, enquanto Satina mais do que carregava Ronelle até a porta. — Acho que Emara vai vomitar, e é melhor que seja lá fora. Parece que os penicos quebraram.

Pelo cheiro, Elayne estava certa. Os cacos de cerâmica se sacudiam no chão, tentando escapar da cama virada.

Irritada, Nynaeve enfiou o robe. Já sentia a Fonte, um brilho tépido ligeiramente fora de vista, mas decidiu ignorá-la. Passara anos se virando bem sem o Poder, podia continuar assim. Ela ergueu o braço livre de Emara por cima do ombro e ajudou a conduzi-la, ainda gemendo, até a rua. Quase conseguiram chegar a tempo.

Quando finalmente saíram da casa, depois de limpar a boca de Emara, todas as outras mulheres já estavam reunidas diante da porta, em robes ou o que quer que usassem para dormir. A lua brilhante, ainda cheia, no topo de um céu límpido, iluminava tudo. Mais pessoas saíam das outras casas em meio a uma profusão de berros e gritos. Uma tábu de uma cerca próxima começou a chacoalhar, seguida de outra. Um balde saiu quicando rua abaixo. Uma carroça carregada de lenha avançou de repente, as traves das rodas arando sulcos rasos no chão de terra batida. Fumaça começou a subir de uma casa mais adiante, e elas ouviram gritos pedindo por água.

Nynaeve reparou em um vulto escuro caído na rua. O lampião bruxuleante, quase ao alcance de suas mãos inertes estendidas, indicava que devia ser um dos guardas noturnos. Dava para ver seus olhos arregalados reluzindo ao luar, o rosto coberto de sangue e a cabeça amassada na lateral, onde algo o atingira com a força de um golpe de machado. Nynaeve mesmo assim tentou sentir seu pulso na garganta. Estava tão furiosa que tinha vontade de dar um berro. A morte devia vir depois de uma vida longa, com a pessoa na

própria cama, cercada pela família e pelos amigos. Qualquer outro cenário indicava um desperdício de vida. Um desperdício terrível!

— Ah, então você encontrou *saidar* esta noite, Nynaeve. Que bom.

Nynaeve deu um pulo e ergueu os olhos, encontrando o rosto de Anaiya. Só então percebeu que de fato agarrava *saidar* — e mesmo assim era inútil. Levantou-se, esfregou os joelhos com pesar e tentou não olhar para o homem morto. Se tivesse sido mais rápida, será que teria feito diferença?

O brilho do Poder cercava Anaiya — e não apenas ela. Aquela aura de luz singular também envolvia outras duas Aes Sedai já em seus trajes habituais, além de uma Aceita de robe e Nicola e outras duas noviças, ainda de camisola. Nynaeve notou outros grupos reluzentes, dezenas e mais dezenas de pontinhos de luz deslocando-se pela rua. Alguns pareciam de Aes Sedai completas, mas a maioria, não.

— Abra-se para uma união — instruiu Anaiya. — E você também, Elayne. E... Qual é o problema com Emara e Ronelle? — Ao ouvir que estavam ainda meio tontas, se recuperando, Anaiya resmungou baixinho, depois mandou que as duas fossem encontrar um círculo para se unir assim que estivessem melhores. Sem delongas, selecionou outras quatro Aceitas do grupo em torno de Elayne. — Sammael logo vai ver que Salidar está bem longe de estar indefesa. Isso se for mesmo ele, e não um dos outros. Bem, vamos logo. Abracem a Fonte, mas se mantenham bem no limiar. Fiquem abertas, se entregando.

— Isto não é coisa dos Abandonados — começou Nynaeve, mas Anaiya, em um tom muito rígido e maternal, cortou-a com firmeza.

— Não discuta, criança, apenas se abra. Já estávamos esperando um ataque. Não algo desse tipo, mas já estávamos preparadas, nos planejamos para isso. Vamos, criança. Não podemos perder tempo com conversa inútil.

Nynaeve tratou de calar a boca e tentou se colocar naquele limiar do abraço de *saidar*, no momento da rendição. Não foi fácil. Por duas vezes, sentiu o Poder fluir para dentro de si e depois atravessar seu corpo até Anaiya — e nas duas vezes o fluxo escapuliu de volta para ela. A Aes Sedai estreitou os lábios e olhou feio para Nynaeve, como se achasse que tinha sido de propósito. A terceira vez foi como se a tivessem agarrado pela nuca. *Saidar* passou varrendo por seu corpo até Anaiya e, quando ela tentou se retrair — era de fato culpa dela, não do fluxo, afinal —, o Poder que ela canalizava ficou retido ali, misturando-se com um fluxo ainda maior.

Nynaeve ficou impressionada. Viu-se olhando para o rosto das outras, querendo descobrir se sentiam o mesmo. Agora era parte de algo mais, algo maior que ela mesma. Não era só o Poder Único. As emoções iam desabando sobre ela — medo, esperança, alívio e assombro, maior do que qualquer outra, além daquela sensação de calma que só podia vir das Aes Sedai. Não havia como discernir que emoções eram suas. A experiência deveria ser assustadora — sentia-se mais próxima daquelas mulheres do que poderia se sentir até mesmo de uma irmã. Era como se todas fossem uma só carne. Ashmanaille, uma Cinza magricela, pareceu compreender o que ela estava pensando e abriu um sorriso caloroso.

Nynaeve ficou surpresa quando percebeu que não estava mais irritada. A raiva desaparecera, engolida pelo assombro. Mas o fluxo de *saidar* ainda permanecia, talvez pelo fato de o controle já ter passado para a irmã Azul. Seu olhar caiu sobre Nicola, que não abriu um sorriso fraterno, apenas lhe lançou aquele olhar calculista. Por reflexo, Nynaeve tentou se afastar da união, mas nada aconteceu. Faria parte daquele círculo até que Anaiya o quebrasse, e fim.

A entrada de Elayne no círculo foi muito mais tranquila, mas ela primeiro escondeu o bracelete de prata no bolso do robe. Nynaeve sentiu o suor frio brotar de seu rosto. O que aconteceria se Elayne tivesse entrado na união ainda ligada a Moghedien através do *a'dam*? Não fazia ideia, o que só piorava a sensação da dúvida. Nicola franziu o cenho, olhando de Nynaeve para Elayne. Claro que a noviça não tinha como separar uma

emoção da outra, ainda mais quando nem mesmo Nynaeve conseguia identificar o que ela própria estava sentindo. A entrada das últimas duas mulheres no círculo foi igualmente tranquila. Shimoku, uma bela kandoriana de olhos escuros, elevada a Aceita pouco antes da cisão da Torre, e Calindin, uma taraboniana que usava os cabelos negros em uma infinidade de trancinhas finas, Aceita já fazia uns bons dez anos — uma era um pouco mais que uma noviça, a outra precisava dar o máximo de si para aprender cada migalha de conhecimento, mas nenhuma das duas teve a mesma dificuldade que ela para se unir ao círculo.

Então Nicola se pronunciou, de repente. Era como se estivesse falando dormindo:

— A espada do leão, a lança dedicada e ela aquela que enxerga além. Três a bordo do barco, e aquele que está morto, mas ainda vive. Chega ao fim a grande batalha, mas não acabam as batalhas do mundo. A terra dividida pelo retorno, e há tantos guardiões quanto servas. O futuro se equilibra no fio de uma lâmina.

Anaiya a encarou.

— O que você disse, criança?

Nicola piscou, confusa.

— Eu falei alguma coisa, Aes Sedai? — perguntou, com a voz fraca. — Estou me sentindo... diferente...

— Bem, se for vomitar, então vomite logo de uma vez — retrucou Anaiya, com rispidez. — Unir-se pela primeira vez pode deixar algumas mulheres meio estranhas. Não temos tempo para cuidar do seu estômago. — Como se para comprovar a urgência da situação, ela ergueu as saias e disparou pela rua. — Tratem de ficar bem juntas, todas vocês. E avisem quando virem algum problema que precise de nossa atenção.

O que não foi muito difícil. Pessoas se amontoavam pelas ruas, gritando perguntas sobre o que estava acontecendo — algumas apenas gritando coisas sem sentido —, e havia muito movimento: portas batiam, janelas se escancaravam sem que ninguém as tocasse; ouviam-se estrondos e objetos se estilhaçando dentro das casas. Panelas, ferramentas, pedras e qualquer objeto que não estivesse bem preso podia dar um salto ou sair voando a qualquer momento. Com uma risada triunfante quase histérica, uma cozinheira rechonchuda de camisola agarrou um balde que se arremessava contra ela ainda no ar. Quando um sujeito pálido e magro só com as roupas de baixo tentou se desvencilhar de um pedaço de lenha, seu braço acabou quebrando com um estalido. Cordas se retorciam, subindo por pernas e braços, e até as roupas começaram a se remexer sobre os corpos de quem as usava. Encontraram um homem muito peludo com a camisa toda enrolada na cabeça, debatendo-se com tamanho desespero que ninguém conseguia se aproximar para tentar arrancar a peça de cima de seu rosto antes que ele se asfixiasse. Uma mulher, que conseguira se enfiar em um vestido, mas não tivera tempo de abotoá-lo, se agarrava à ponta de um telhado de palha, gritando a plenos pulmões enquanto o vestido tentava lançá-la por cima da casa — ou talvez céu adentro.

Resolver essas questões acabou se revelando tão simples quanto encontrar problemas a serem resolvidos. Os fluxos de Poder que Anaiya manjava por meio da união — assim como os fluxos dos outros círculos — não teriam a menor dificuldade de refrear a investida de uma manada de touros, que dirá uma chaleira que decidira sair voando. Assim que um objeto era contido, fosse pelo Poder ou com as próprias mãos, a coisa raramente voltava a se mover, mas o problema era que eram muitos. Não havia tempo nem para Curar alguém, a menos que a vida da pessoa estivesse em perigo. Pancadas, sangramentos e ossos fraturados tinham que esperar enquanto mais uma tábua de alguma cerca era jogada de volta no chão, de preferência antes de rachar a cabeça de alguém, ou enquanto outro barril que saíra rolando desgovernado era detido antes de quebrar a perna de algum desavisado.

Nynaeve sentia uma frustração crescente. Havia tanto a resolver — vários problemas pequenos, mas um homem com o crânio rachado por uma frigideira ou uma mulher estrangulada pela própria camisola acabavam tão mortos quanto alguém atacado diretamente pelo Poder. E a frustração não era só dela — pelo que podia entender, vinha de todas do círculo, inclusive das Aes Sedai. Ainda assim, só o que podia fazer era seguir marchando ao lado das outras, assistindo a Anaiya tecer a combinação dos fluxos de todas as mulheres

do círculo para lutar contra mil pequenos perigos. Nynaeve ficou completamente absorta em ser apenas um canal, em ser uma com todas aquelas outras mulheres.

Anaiya enfim parou, franzindo o cenho. A dissolução da união pegou Nynaeve de surpresa. Ela ficou parada um momento, com o olhar perdido e fixo de quem não compreendia o que estava acontecendo. Gemidos e lamentos tinham tomado o lugar de gritos e berros. A rua, iluminada pelo brilho pálido do luar, estava parada, exceto pelas pessoas que tentavam ajudar os feridos. Pela posição da lua, passara menos de uma hora, mas, para Nynaeve, pareciam ter sido dez. Sentia as costas doloridas no ponto em que o banco a atingira, os joelhos vacilavam, e os olhos pareciam ter sido ariados. Ela bocejou tão forte que achou que as orelhas iam saltar do rosto.

— Eu não esperava isso de um dos Abandonados — resmungou Anaiya, meio que para si mesma, mas alto o bastante para ser para as outras. Ela também soava cansada, mas disparou para assumir a tarefa seguinte. Antes, segurou Nicola pelo ombro. — Você mal se aguenta em pé, criança. Vá para a cama. Pode ir. Quero que venha falar comigo assim que amanhecer, antes mesmo do café. Angla, você fica. Você ainda consegue se unir de novo e emprestar um pouco de força para a Cura. Lanita, cama.

— Não foi nenhum dos Abandonados — afirmou Nynaeve. Murmurou, na verdade. Luz, como estava cansada. — Foi uma bolha de mal.

As três Aes Sedai a encararam. E as outras Aceitas também, aliás, assim como as noviças. Todo mundo, exceto Elayne. Até mesmo Nicola, que ainda não tinha ido embora. Pelo menos daquela vez, Nynaeve não deu a mínima para como o olhar da outra mulher parecia medi-la. Estava com sono demais para se importar.

— Vimos uma em Tear, na Pedra — confirmou Elayne. Na verdade, tinham visto apenas as consequências, no entanto era mais do que qualquer uma das duas desejava ver outra vez. — Se Sammael tivesse atacado, não ficaria só arremessando gravetos.

Ashmanaille trocou olhares indecifráveis com Bharatine, uma Verde capaz de fazer o corpo esquelético parecer esbelto e dar ao nariz comprido um aspecto elegante.

Anaiya sequer pestanejou.

— Me parece que você tem energia de sobra, Elayne. Também pode me ajudar com a Cura. E você, Nynaeve... Perdeu de novo, não foi? Bem, pela cara, devia ser carregada para a cama, mas vai ter que dar um jeito de ir sozinha. Shimoku, levante-se e vá para a cama, criança. Calindin, venha comigo.

— Anaiya Sedai — chamou Nynaeve, com muita educação —, Elayne e eu fizemos uma descoberta, hoje à noite. Se pudermos conversar a sós...

— Amanhã, criança. Para você, é cama. E já, antes que desabe no meio da rua.

Anaiya nem esperou para ver se seria obedecida. Levando Calindin a tiracolo, caminhou a passos largos até um homem que se lamuriava, deitado no chão, a cabeça apoiada no colo de uma mulher, e se curvou sobre ele. Ashmanaille puxou Elayne para o outro lado, e Bharatine levou Angla para uma terceira direção. Antes de desaparecer em meio à multidão, Elayne encarou Nynaeve por cima do ombro e balançou a cabeça de leve.

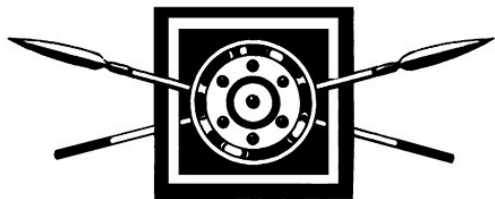
Bem, talvez não fosse o melhor momento para mencionar a vasilha e Ebou Dar. A reação de Anaiya fora meio estranha, como se ela tivesse ficado desapontada ao descobrir que não tinha sido um ataque dos Abandonados. Por quê? Nynaeve estava cansada demais para pensar naquilo. Anaiya até podia ter controlado os fluxos, mas seu corpo servira como canal para *saidar* durante uma hora inteira, o suficiente para desgastar até alguém que já tivesse dormido uma boa noite de sono.

Cambaleando, Nynaeve avistou Theodrin. A domanesa mancava, ladeada por um par de noviças trajando branco, parando sempre que encontrava alguém com um ferimento que suas habilidades com a Cura pudessem dar conta. Ela não reparou em Nynaeve.

Vou para a cama, pensou Nynaeve, emburrada. *Anaiya Sedai mandou*. Por que Anaiya parecera desapontada? Um pensamento começou a brotar lá no fundo da mente, mas ela estava com sono demais para examiná-lo.

Andava a passos arrastados, quase tropeçando no chão nivelado. Ia *dormir*, e Theodrin que pensasse o que quisesse a respeito.





UM MONTE DE AREIA

Egwene abriu os olhos, sem reparar nos arredores. Ficou um tempo ali, deitada, aconchegada na cama, mexendo distraidamente no anel da Grande Serpente preso à tira em torno do pescoço. Quando o usava no dedo, recebia muitos olhares suspeitos. Era mais fácil se passar por aluna das Sábias se ninguém achasse que ela era Aes Sedai — o que de fato não era, claro: era uma Aceita. Tinha passado tanto tempo fingindo ser Aes Sedai que às vezes quase esquecia que não era.

Uma nesga do sol morno do início da manhã entrava pela fresta na abertura de entrada, tão fraca que mal servia para iluminar o interior da tenda. Era como se não tivesse pregado o olho, e as têmporas latejavam de dor. Desde que Lanfear quase matara Aviendha e Egwene, no dia em que Moiraine tinha levado a Abandonada consigo para a morte, a jovem sempre ficava com dor de cabeça depois de ir a *Tel'aran'rhiod*, embora nunca forte o bastante para incomodar de verdade. De qualquer forma, aprendera uma coisinha ou outra com Nynaeve sobre as ervas, muito tempo antes, ainda em casa, e conseguira encontrar algumas plantas conhecidas ali em Cairhien. Raiz de dorme-bem a deixaria sonolenta — ou, cansada como ela estava, talvez a apagasse por horas —, mas acabaria com qualquer vestígio de dor de cabeça.

Ela se levantou, endireitou a camisola amarrotada e empapada de suor e foi pisando nas camadas de tapetes até o lavatório da tenda — uma vasilha de cristal entalhada que já devia ter sido usada para servir sangria a um nobre qualquer. Ora, a vasilha era tão boa para armazenar água limpa quanto o jarro de vidro azul, mas água não estava nem um pouco fresca quando Egwene lavou o rosto. Teve o vislumbre de seus próprios olhos no espelhinho de moldura dourada preso à parede escura da tenda e sentiu as bochechas ficarem vermelhas.

— Bem, o que você achava que ia acontecer? — sussurrou. Parecia impossível, mas seu rosto no espelho ficou ainda mais vermelho.

Aquilo não tinha passado de um sonho — não fora como em *Tel'aran'rhiod*, onde o que acontecia passava a ser real depois de acordar, mas Egwene se lembrava de cada detalhe como se tivesse sido mesmo real. Achou que as bochechas iam pegar fogo. Fora só um sonho, e ainda por cima um sonho de Gawyn. Ele não tinha o direito de sonhar aquelas coisas com ela.

— Foi tudo culpa dele — declarou, zangada, para o próprio reflexo. — Não tive nada a ver com isso! Não tive nem escolha! — Ela tratou de fechar a boca, já arrependida. Estava querendo culpar o homem pelas coisas com que sonhava! E ainda por cima estava falando com um espelho, feito uma galinha tonta.

Egwene parou diante da saída da tenda baixa para espiar o movimento lá fora. Estava instalada na

extremidade do acampamento Aiel, e as muralhas cinzentas de Cairhien se erguiam cerca de duas milhas a oeste, cruzando as colinas descampadas. O espaço entre o acampamento e as muralhas, onde antes ficava Portão da Frente, a cidade que envolvia Cairhien, agora estava vazio, e restava apenas o chão chamuscado. Considerando a luz ambiente, o sol acabara de surgir acima da linha do horizonte, mas os Aiel já zanzavam por entre as tendas.

Egwene decidiu que não levantaria cedo aquela manhã. Não depois de passar a noite toda fora do corpo — uma lembrança que a fez corar de novo. Luz, ia passar o resto da vida com as bochechas vermelhas só por causa de um sonho? Ao que parecia, era uma grande possibilidade. Bem, depois de tudo o que passara, podia se dar ao luxo de dormir até tarde. O cheiro de mingau sendo feito não era páreo para as pálpebras pesadas.

Muito cansada, Egwene se jogou de volta nos cobertores e massageou as têmporas. Estava cansada demais para preparar a raiz de dorme-bem. De qualquer forma, achava que estava cansada demais para que a erva fizesse diferença. A dor era fraca e sempre sumia em cerca de uma hora. Já estaria bem quando acordasse.

Considerando a noite que tivera, não foi surpresa ter Gawyn invadindo seus sonhos. Reviveu algumas vezes um dos sonhos dele — mas não que tenham sido idênticos, claro. Nas versões de Egwene, algumas situações constrangedoras simplesmente não ocorriam ou, no mínimo, não apareciam em tantos detalhes. Gawyn passava muito mais tempo recitando poemas ou abraçando-a enquanto assistiam ao sol nascer e se pôr. E ele também não dizia que a amava, todo atrapalhado. Além disso, aparecia tão bonito quanto na vida real. Tudo o mais fora obra da cabeça de Egwene: beijos ternos que duravam para sempre, Gawyn ajoelhado enquanto ela amparava sua cabeça com as mãos... Algumas coisas não faziam sentido. Por duas vezes seguidas, sonhou que agarrava os ombros dele e tentava forçá-lo a se virar para o outro lado. Na primeira vez, Gawyn afastou suas mãos com rispidez; na outra, Egwene parecia ser mais forte que ele. As duas ocorrências se mesclavam na memória. Em outra ocasião, Gawyn ia fechando uma porta na cara dela, e Egwene sabia que morreria se aquela fresta de luz cada vez menor desaparecesse.

Os sonhos foram se amontoando. Nem todos eram com ele, e a maioria parecia mais pesadelo do que sonho.

Perrin surgiu diante dela. O amigo ferreiro tinha um lobo deitado a seus pés, além de um gavião e um falcão aninhados um em cada ombro, os dois se encarando por cima da cabeça dele. Perrin, que não parecia reparar nos pássaros, ficava tentando jogar o machado longe, até que desistiu e saiu correndo, com o machado flutuando atrás dele. Perrin reapareceu: deu as costas a um latoeiro e saiu correndo cada vez mais rápido, ignorando seus gritos para que ele voltasse. Mat surgiu, falando palavras estranhas que Egwene quase compreendia — *é na Língua Antiga*, pensou —, com dois corvos pousados um em cada ombro, as garras perfurando o casaco, afundando na pele logo abaixo. Mat parecia tão alheio aos animais quanto Perrin, porém mantinha uma expressão desafiadora, que logo mudou para uma carranca resignada. Em outro sonho, uma mulher com o rosto encoberto por sombras chamava Mat, atraindo-o em direção a um grande perigo. Egwene não sabia do que se tratava, só tinha certeza de que era monstruoso. Vários sonhos foram sobre Rand; nem todos eram ruins, mas eram sempre estranhos. Elayne o forçava a ficar de joelhos, empurrando-o para baixo com apenas uma das mãos. Elayne ao lado de Min e Aviendha, sentadas caladas ao redor dele, cada uma esperando sua vez de pousar uma das mãos sobre ele. Rand andando em direção a uma montanha em chamas, esmigalhando alguma coisa sob as botas. Egwene se remexeu e choramingou: as coisas que Rand esmagava com os pés eram os lacres da prisão do Tenebroso, despedaçando-se a cada passo dele. Egwene sabia. Não precisava vê-los para saber.

Alimentados pelo medo, os sonhos foram piorando. As duas estranhas que vira em *Tel'aran'rhiod* a apanhavam e a arrastavam até uma mesa cheia de mulheres encapuzadas. Quando as mulheres baixaram os capuzes, eram todas Liandrin, a irmã Negra que a capturara em Tear. Uma Seanchan sisuda lhe entregou um

bracelete e um colar de prata conectado por uma corrente prateada — um *a'dam*. Aquilo a fez gritar. Já tinha sido obrigada a usar um *a'dam*. Preferiria morrer a permitir que aquilo acontecesse de novo. Outro sonho — Rand fazendo estripulias pelas ruas de Cairhien, gargalhando enquanto explodia as casas e as pessoas na rua com relâmpagos e fogo. Outros homens corriam com ele, golpeando a tudo com o Poder. Aquela terrível anistia de Rand fora anunciada em Cairhien, mas homem nenhum *escolheria* canalizar. Sonhou que as Sábias a surpreendiam em *Tel'aran'rhiod* e a vendiam feito bicho nas terras além do Deserto Aiel, que era o que faziam com os cairhienos encontrados pelo Deserto. Egwene sonhou que saía do corpo e ficava ali, parada, assistindo ao rosto se derreter e ao crânio rachar, enquanto vultos de sombras a cutucavam com bastões. Cutucando. Cutucando...

Ela se sentou de repente, ofegante, e Cowinde se endireitou ao lado da cama, a cabeça curvada escondida no capuz do robe branco de lã.

— Me perdoe, Aes Sedai. Só pretendia acordá-la para acabar com seu jejum noturno.

— Não precisava abrir um buraco nas minhas costelas — resmungou Egwene, mas logo se arrependeu do comentário ácido.

Um brilho irritado tomou os olhos azuis intensos de Cowinde, mas logo foi abafado, escondida por trás da máscara de *gai'shain* resignada e submissa. Depois de fazer o juramento de obedecer com docilidade e não tocar em armas durante um ano e um dia, os *gai'shain* aceitavam o que lhes acontecesse, não importava se era uma palavra rude, uma agressão ou até uma facada no peito, provavelmente. Era por isso que os Aiel consideravam matar um *gai'shain* tão absurdo quanto matar uma criança — era algo imperdoável, e o assassino acabava morto por seu próprio irmão ou irmã. Ainda assim, Egwene tinha certeza de que aquela obediência cega era uma máscara. Os *gai'shain* eram obstinados e se esforçavam para manter a aparência de docilidade, mas eram Aiel. Impossível pensar em um povo menos dócil, mesmo no caso de Cowinde, que se recusara a abandonar a roupa branca ao fim do um ano e um dia. A recusa foi um ato de rebeldia, um orgulho teimoso similar ao de qualquer homem que se recusava a bater em retirada mesmo diante de dez inimigos. Era nesse tipo de enrascada que os Aiel acabavam por causa daquele *ji'e'toh*.

E era um dos motivos por que Egwene tomava cuidado com o modo como se dirigia aos *gai'shain*, sobretudo aos que eram como Cowinde. Aquelas pessoas não tinham como revidar uma agressão sem violar tudo em que acreditavam. Por outro lado, Cowinde fora uma Donzela da Lança — e voltaria a ser, se algum dia a convencessem a abandonar aquela roupa branca. Se Egwene não pudesse contar com o Poder, aquela *gai'shain* provavelmente conseguiria subjugar-la com uma das mãos enquanto amolava a lança com a outra.

— Não quero café da manhã — declarou Egwene. — Pode ir embora, quero dormir.

— Nada de café da manhã? — questionou Amys, os colares e braceletes de marfim, ouro e prata tilintando quando ela se agachou para entrar na tenda. A mulher não usava anéis, coisa que Aiel nenhum usava, mas usava adornos o suficiente para enfeitar três mulheres e ainda sobrar um pouco. — Achei que pelo menos seu apetite já tivesse voltado.

Bair e Melaine entraram logo em seguida, ambas também adornadas com muitas joias. Cada uma era de um clã, mas mantinham suas tendas bem próximas, apesar de as outras Sábias que haviam cruzado a Espinha do Dragão terem permanecido junto a seus ramos. As três se acomodaram sobre almofadas borladas coloridas diante das cobertas de Egwene e ajustaram os xales escuros que as Aiel usavam o tempo todo — pelo menos as Aiel que não faziam parte das *Far Dareis Mai*. Amys tinha cabelos tão brancos quanto os de Bair, mas — talvez pelo contraste entre os cabelos brancos e o rosto liso — parecia estranhamente jovem em comparação com a cara de avó de Bair, que ostentava rugas profundas. Amys tinha dito que seus cabelos eram apenas um pouco menos claros quando ela era pequena.

Em geral, era Bair ou Amys que ficava no comando, mas foi Melaine, de cabelos dourados e olhos verdes,

quem falou primeiro naquele dia:

— Se você parar de comer, não vai se recuperar. Nós tínhamos pensado em permitir que nos acompanhasse ao próximo encontro com as Aes Sedai. Elas sempre perguntam quando vão poder ver você outra vez...

— E sempre agem como aguacentas tolas — completou Amys, ácida.

Amys não era uma mulher amarga, mas seu humor azedava sempre que se referia às Aes Sedai de Salidar. Talvez esse azedume todo fosse simplesmente por se ver obrigada a fazer reuniões com Aes Sedai. Era costume das Sábias evitar as mulheres da Torre, sobretudo as Sábias capazes de canalizar, como Amys e Melaine. Além disso, as mulheres não ficaram nada felizes ao ver que as Aes Sedai tinham substituído Nynaeve e Elayne nas reuniões. Egwene também não. Pelo que entendera, as Sábias achavam que haviam conseguido impressionar suas duas amigas com a seriedade de estar em *Tel'aran'rhiod*. No entanto, pelo que ouvira das reuniões, as Aes Sedai não tinham ficado nem um pouco impressionadas. Pouca coisa impressionava uma Aes Sedai.

— Mas talvez seja melhor reconsiderar — continuou Melaine, com a voz tranquila. Antes do casamento, que não tinha muito tempo, a mulher era irascível feito um espinheiro. Mas, agora, pouca coisa a fazia perder a compostura. — Você não deve voltar para os sonhos até seu corpo ter se recuperado.

— Seus olhos estão vermelhos — observou Bair, com uma voz preocupada e ansiosa que combinava com a expressão em seu rosto. Ainda assim, ela era a mais dura das três. — Você dormiu mal?

— Como ela poderia ter dormido bem? — indagou Amys, irritada. — Tentei olhar os sonhos dela três vezes, ontem à noite, mas não encontrei nada. Ninguém dorme bem sem sonhar.

Egwene sentiu a boca ficar seca num piscar de olhos; e a língua grudou no céu da boca. Claro que elas iam verificar seus sonhos justamente na única noite em que ela passara mais do que apenas algumas horas fora do corpo.

Melaine fez cara feia. Não para Egwene, mas para Cowinde, ainda ajoelhada e de cabeça baixa.

— Tem um monte de areia perto da minha tenda — avisou, em um tom que lembrava um pouco a irritação constante de antes do casamento. — Quero que você olhe grão por grão até encontrar um que seja vermelho. E se não for o que estou procurando, vai ter que olhar tudo de novo. Agora vá. — Cowinde se curvou em uma mesura tão profunda que o rosto quase tocou os tapetes coloridos e saiu. Melaine abriu um sorriso satisfeito. — Você parece surpresa, Egwene. Se a garota não quer fazer o que é certo por conta própria, vou fazer com que queira. Já que ela diz que continua me servindo, ainda é minha responsabilidade.

O longo cabelo de Bair rodopiou quando ela balançou a cabeça.

— Não vai dar certo. — Ela ajustou o xale nos ombros pontudos. Egwene suava, mesmo só de camisola e com o sol ainda baixo, mas os Aiel estavam acostumados a passar ainda mais calor. — Já açoitei Juric e Bera até cansar o braço, mas, não importa quantas vezes eu diga para elas deixarem de usar branco, as duas voltam a usar o robe antes do pôr do sol.

— É uma abominação — resmungou Amys. — Desde que viemos para as terras aguacentas, um em cada quatro dos *gai'shain* que terminam de cumprir seu tempo se recusam a voltar para seus ramos. Eles estão distorcendo o significado do *ji'e'toh*.

Aquilo era obra de Rand, que revelara a todos o que apenas as Sábias e os chefes de clã sabiam: que, no passado, todos os Aiel haviam se recusado a tocar em armas ou praticar a violência. Depois disso, alguns acreditavam que ser *gai'shain* era dever de todos os Aiel, ao passo que outros se recusavam a aceitar Rand como o *Car'a'cam* justamente por conta disso, e ainda havia os que a cada dia decidiam se juntar aos Shaido, nas montanhas do norte. Alguns simplesmente abandonavam as armas e sumiam, e ninguém sabia de seu paradeiro. Vítimas da Desolação, como chamavam os Aiel. Para Egwene, o mais estranho daquilo tudo era

que nenhum Aiel culpava Rand, a não ser os Shaído. A Profecia de Rhuidean afirmava que o *Car'a'carn* os levaria de volta e os destruiria. De volta para o quê, ninguém parecia ter certeza, mas que ele os destruiria, todos, de alguma forma, aceitavam com a mesma calma com que Cowinde se conformara com uma tarefa que sabia não ter propósito.

Naquele momento, Egwene não teria se importado se todos os Aiel de Cairhien passassem a usar o robe branco dos *gai'shain*. Se as Sábias sequer suspeitassem do que ela andara aprontando... Preferiria examinar *centenas* de montes de areia, e faria isso de boa vontade, já que achava que não teria tanta sorte. Sua punição seria bem mais severa. Certa vez, Amys dissera que o Mundo dos Sonhos era extremamente perigoso e, se ela não fizesse exatamente o que mandassem, não a ensinaria mais. As outras com certeza concordariam. E aquela era a punição que Egwene mais temia. Preferia encarar *milhares* de montes de areia sob o sol escaldante.

— Não precisa ficar tão nervosa — brincou Bair, rindo. — Amys não está com raiva de todos os aguacentos, e com certeza não está zangada com você, que é como uma filha das nossas tendas. É com aquela sua irmã Aes Sedai. Uma mulher chamada Carlinya insinuou que estaríamos prendendo você contra vontade.

— Insinuou? — Amys ergueu as sobrancelhas claras quase até a raiz dos cabelos. — A mulher afirmou com todas as letras!

— Mas ela aprendeu a controlar a língua — retrucou Bair, dando uma risada que a fez se balançar na almofada escarlate. — Ah, aposto que aprendeu. Quando saímos, a Aes Sedai ainda estava aos berros, tentando tirar os lagartos-escarlates do vestido. Para os olhos fracos de uma aguacenta, um lagarto-escarlate é igualzinho a uma víbora-vermelha, mas eles não são venenosos. Só que não param de se contorcer quando ficam confinados.

Amys fungou.

— E os lagartos-escarlates teriam sumido se ela os visualizasse sumindo. Aquela mulher não aprende nada. Os Aes Sedai a quem servimos na Era das Lendas não deviam ser tão tolos. — Apesar das palavras duras, ela parecia mais calma.

Melaine gargalhava com vontade, e Egwene também acabou soltando uma risadinha. Havia aspectos inexplicáveis no humor Aiel, mas não tinha dificuldade em ver a graça naquela situação. Só encontrara Carlinya três vezes, mas só de imaginar aquela mulher presunçosa, sisuda e fria se sacudindo sem parar enquanto tentava arrancar cobras de dentro do vestido... Egwene mal conseguia conter uma gargalhada.

— Pelo menos seu humor anda bem — comentou Melaine. — As dores de cabeça voltaram?

— Minha cabeça está bem — mentiu Egwene, e Bair aquiesceu.

— Ótimo. Aquela dor persistente nos deixou preocupadas. Basta você continuar sem entrar em sonhos por mais um tempo que elas não devem voltar. Não precisa ficar com medo de qualquer efeito negativo depois de ter entrado nos sonhos. A dor é só uma forma de o corpo nos mandar descansar.

Aquilo quase fez Egwene rir de novo, mas não por ter achado graça. Os Aiel muitas vezes ignoravam ferimentos graves e ossos quebrados só porque achavam que tinham mais o que fazer.

— Por mais quanto tempo vou precisar esperar? — indagou. Detestava mentir para as Sábias, mas ficar sem fazer nada era ainda pior. Já tinha sido bem ruim durante os primeiros dez dias depois de Lanfear a acertar com aquilo, fosse o que fosse. Naqueles primeiros dias ela não conseguia nem pensar sem sentir que a cabeça ia explodir. Assim que melhorou, a “coceira do tédio”, como sua mãe chamava, a fizera ir a *Tel'aran'rhiod* escondida das Sábias. Ninguém aprendia descansando, afinal. — Então é para eu ir na próxima reunião?

— Talvez — respondeu Melaine, dando de ombros. — Veremos. Mas você precisa comer. Se estiver sem apetite é porque tem alguma coisa errada que não sabemos.

— Ah, eu consigo comer. — Inclusive, o mingau cozinhando lá fora cheirava bem. — Acho que só estava com preguiça. — Foi complicado se levantar sem vacilar; a cabeça ainda não queria ser movida. — Pensei em mais perguntas ontem à noite.

Melaine revirou os olhos, divertida.

— Desde que você se machucou, faz cinco perguntas para cada questionamento de antes.

Porque estava tentando decifrar as coisas sozinha. Mas claro que não podia dizer isso, então apenas pegou uma roupa de baixo limpa de um dos pequenos baús alinhados junto à parede da tenda e trocou-a pela camisola suada que estava usando.

— Perguntar é bom — interveio Bair. — Pergunte.

Egwene escolheu as palavras com cuidado, continuando a trocar a roupa com uma naturalidade medida, metendo-se na mesma blusa branca de *algode* e na saia volumosa de lã das Sábias.

— É possível alguém ser puxado para dentro de um sonho contra a vontade?

— Claro que não — respondeu Amys —, a não ser que tenha um toque muito desajeitado.

Mas, logo em seguida, Bair respondeu:

— A não ser que haja emoções muito fortes envolvidas. Se tentar ver o sonho de alguém que a ama ou odeia, você pode acabar sendo puxada para dentro. Ou se amar ou odiar a pessoa. É por isso, inclusive, que nem nos atrevemos a olhar os sonhos de Sevanna ou sequer falar com as Sábias Shaido em seus próprios sonhos.

Egwene achava muito surpreendente que aquelas mulheres — e todas as outras Sábias, na verdade — ainda se encontrassem e conversassem com as Sábias dos Shaido. Segundo os costumes, a união entre as Sábias estava acima de rixas e batalhas, mas Egwene achava que se opor ao *Car'a'carn* e jurar matá-lo deixava os Shaido muito além de um conflito comum.

— Sair do sonho de alguém que a odeia ou a ama é como tentar escalar para sair de um buraco bem fundo e de paredes lisas — concluiu Bair.

— Bem isso. — Amys pareceu recobrar o humor, olhando de soslaio para Melaine. — Por isso que nenhuma Andarilha dos Sonhos comete o erro de tentar ver os sonhos do marido. — Melaine parecia cada vez mais séria, os olhos fixos à frente. — Bem, pelo menos não comete esse erro duas vezes.

Bair abriu um sorriso enorme que aprofundou os vincos de seu rosto, tudo isso enquanto claramente evitava olhar para Melaine.

— Pode ser um tremendo choque, ainda mais se o marido estiver irritado com a esposa Andarilha. Como, em um exemplo que acabei de inventar, caso o marido tivesse que ficar longe da esposa por causa do *ji'e'toh*, e ela, revoltada feito uma criança tola, fosse boba o bastante para dizer que ele não iria se a amasse de verdade.

— Isso já está fugindo demais da pergunta — advertiu Melaine, com o rosto muito vermelho e a voz muito contida.

Bair riu.

Egwene conteve a curiosidade e o divertimento. Forçou a voz a soar ainda mais casual:

— Mas e se a pessoa não estiver tentando olhar?

Melaine olhou para ela, agradecida, e Egwene sentiu uma pontada de culpa. Claro que não o suficiente para deixar de tentar descobrir a história inteira mais tarde. Só podia ser hilária, para *Melaine* corar daquele jeito.

— Já ouvi um caso assim — comentou Bair. — Quando eu era jovem e estava começando a aprender, fui treinada por Mora, a Sábida do Forte Colrada. Ela dizia que, se o sentimento fosse *muito* intenso, como um amor ou um ódio imensos e que não deixassem espaço para mais nada, a Andarilha poderia ser puxada para

dentro do sonho só de ficar sabendo que ele existia.

— Nunca ouvi falar de nada parecido — afirmou Melaine.

Amys apenas pareceu incerta.

— Eu também nunca ouvi isso de ninguém, só de Mora — confirmou Bair. — Mas Mora era incrível. Diziam que tinha quase trezentos anos quando morreu com uma picada de cobra-sangue, mas parecia tão jovem quanto qualquer uma de vocês. Eu não passava de uma garota, mas me lembro bem de Mora. Ela entendia de muitas coisas, e não só era capaz de canalizar como era bem forte. Vinham Sábias de todos os clãs para aprender com ela. Acho que é muito raro haver um amor ou um ódio tão grandes, mas Mora dizia que já tinha acontecido duas vezes com ela. Uma com o primeiro homem com quem se casou, outra com um rival que disputava o interesse de seu terceiro marido.

— Trezentos?! — exclamou Egwene, parando de amarrar a bota macia que ia até os joelhos. Achava que nem Aes Sedai viviam tanto.

— Como falei, era o que se dizia — retrucou Bair, sorrindo. — Algumas mulheres envelhecem mais devagar, como Amys aqui. E, quando se trata de uma mulher como Mora, sempre surgem histórias. Um dia conto a história de como Mora moveu uma montanha. Quer dizer, é o que dizem.

— Um dia? — indagou Melaine, em um tom um tanto delicado demais. Dava para ver que ela ainda se ressentia do que acontecera no sonho de Bael, fosse o que fosse, e de todas as outras saberem do acontecido. — Já ouvi todas as histórias de Mora quando era criança. Acho até que sei todas de cor. No dia em que Egwene terminar de se vestir, temos que a fazer comer alguma coisa. — Um brilho em seus olhos verdes indicava que ela pretendia conferir que cada mordida fosse engolida. Suas suspeitas quanto à saúde de Egwene com certeza não tinham cessado. — E responder às outras perguntas.

Egwene, desesperada, se atrapalhou na formulação da pergunta seguinte. Em geral, sempre acordava com um monte de perguntas, mas, depois dos acontecimentos da noite anterior, acabara só com aquela dúvida. Se deixasse por aquilo mesmo, as Sábias poderiam começar a suspeitar se a indagação não surgira por ela ter ido escondida espionar algum sonho. Mais uma pergunta. E não sobre os próprios sonhos, tão estranhos. Um ou outro até poderiam ter algum significado, se ela conseguisse decifrá-lo. Anaiya afirmava que Egwene era uma Sonhadora, alguém capaz de predizer o curso de acontecimentos futuros, e aquelas três Sábias concordavam que podia ser o caso, mas diziam que Egwene deveria aprender que a interpretação dos sonhos vinha de dentro. Além disso, não sabia ao certo se queria discutir seus sonhos, não importava com quem. Aquelas mulheres já sabiam mais do que se passava em sua cabeça do que Egwene gostaria que soubessem.

— Ah... e as Andarilhas dos Sonhos que não são Sábias? Vocês por acaso encontram outras mulheres em *Tel'aran'rhiod*?

— Às vezes — respondeu Amys —, mas não é comum. Sem um guia com quem aprender, a mulher pode nunca sequer perceber que caminhar no Mundo dos Sonhos é mais do que ter sonhos vívidos.

— E, ignorante dos arredores, pode muito bem acabar morrendo, vítima do sonho, antes de aprender... — completou Bair.

Já mais segura por ter se afastado daquele assunto arriscado, Egwene relaxou. Conseguira mais respostas do que poderia esperar. Sabia que amava Gawyn — *Então você sabia, é?* sussurrou uma voz. *E estava disposta a admitir?* —, e os sonhos dele eram um claro indicativo de que esse amor era correspondido. Porém, pensando bem, se os homens eram capazes de dizer coisas que não sentiam quando acordados, era muito provável que pudessem sonhá-las. Bem, com as Sábias confirmando que ele a amava com tanta intensidade que passava por cima de tudo, Egwene...

Não. Pensaria nisso depois. Não fazia ideia de em que parte do mundo estava Gawyn. O importante era que sabia do perigo. Da próxima vez, conseguiria reconhecer e evitar os sonhos de Gawyn. *Se é isso que você*

realmente quer, sussurrou aquela vizinha. Egwene torceu para que as Sábias encarassem suas bochechas coradas como um fulgor saudável. Queria poder interpretar o significado dos próprios sonhos. Isso se tivessem algum significado.

* * *

Aos bocejos, Elayne subiu em uma pedra para ver por cima das cabeças da multidão. Naquele dia, não havia soldados em Salidar, mas o povo enchia as ruas e assistia das janelas, entre sussurros ansiosos, esperando, os olhos fixos na Pequena Torre. Os únicos sons vinham do arrastar de pés ansioso que levantavam poeira e, volta e meia, faziam alguém tossir. Apesar do calor logo no início da manhã, as pessoas mal se moviam, a não ser para abanar algum leque ou chapéu a fim de se refrescar.

Leane estava parada entre duas casas de telhado de palha, nos braços de um homem alto e de rosto muito sério que Elayne nunca vira. E bem nos braços dele. Decerto era algum dos agentes da antiga Curadora das Crônicas. Era mais comum que os olhos-e-ouvidos das Aes Sedai fossem mulheres, mas os de Leane eram quase todos homens. Ela sempre os mantinha fora de vista, mas Elayne já notara alguns tapinhas em bochechas desconhecidas e sorrisos em direção a um par de olhos estranhos. Não fazia ideia de como Leane conseguia. Tinha certeza de que, se tentasse aqueles truques domaneses, o sujeito acabaria achando que ela prometera muito mais do que pretendia dar. Com Leane, os homens ganhavam um tapinha e um sorriso e iam embora tão felizes quanto se tivessem recebido um baú de ouro.

Em outro ponto da multidão, viu Birgitte, que, muito esperta, se mantivera afastada. Daquela vez, não viu aquela horrorosa da Areina em lugar nenhum. A noite tinha sido muito mais que agitada, e Elayne só fora para a cama quando o dia já começava a raiar. Na verdade, nem teria ido se Birgitte não tivesse dito a Ashmanaille que Elayne parecia um pouco tonta. Claro que Birgitte não estava sendo apenas observadora: o elo com um Guardião era uma via de mão dupla. Qual era o problema de estar um pouco cansada? Quando fora mandada para a cama, ainda havia muito trabalho a fazer, e ela conseguiria canalizar com mais força do que metade das Aes Sedai ali em Salidar. Através do elo, sabia que a própria Birgitte ainda não dormira! Ah, tinha sido mandada para a cama feito uma noviça, enquanto Birgitte passava a noite carregando os feridos e limpando destroços!

Quando olhou de novo, viu que Leane já estava sozinha, espremendo-se por entre a multidão em busca de um bom lugar para assistir a tudo. Não havia sinal do homem alto.

Aos bocejos, uma Nynaeve sonolenta e de olhos vermelhos foi para perto de Elayne, fazendo cara feia para um lenhador de colete de couro que tentara chegar antes dela. Resmungando sozinho, o sujeito se enfiou de volta na multidão. Elayne gostaria que Nynaeve não fizesse aquilo — os bocejos, não a cara feia. Antes que pudesse se conter, imitou o movimento. Birgitte até tinha desculpa — não muita —, mas Nynaeve, não. Theodrin não podia ter esperado que ela ficasse acordada depois da noite anterior, e Elayne ouvira Anaiya mandá-la para a cama. Ainda assim, quando Elayne entrou no quarto, deu de cara com Nynaeve sentada no banquinho, que acabara com o pé torto, tentando se manter acordada, a cabeça meneando a cada dois minutos, resmungando que Theodrin ia ver só, todo mundo ia ver só....

Claro que o bracelete do *a'dam* transmitia medo, mas também tinha um toque do que poderia ser diversão. Moghedien passara a noite escondida debaixo da cama, ilesa — e, como se escondera bem, não recebera ordens de catar um único galho caído. Conseguira até ter uma boa noite de sono assim que a comoção arrefeceu. Ao que parecia, ainda valia o velho ditado sobre a sorte do Tenebroso.

Nynaeve abriu a boca para um novo bocejo, e Elayne desviou os olhos depressa. Ainda assim, precisou botar a mão na frente da boca e segurar firme para não a imitar — o que não deu muito certo. O som de pés

arrastando e de tossidelas foi assumindo um ar cada vez mais impaciente.

As Votantes ainda estavam com Tarna na Pequena Torre, mas o cavalo ruão da Vermelha já estava preparado, amarrado bem ali, na rua, diante da antiga estalagem. Ao redor encontrava-se a escolta de honra para as primeiras dez milhas de viagem da Vermelha de volta a Tar Valon: dez Guardiões ao lado de seus cavalos de batalha, segurando bem as rédeas — uma visão difícil, com os mantos furta-cor confundindo o olhar. A multidão não se reunira ali ansiosa, apenas por causa da partida da enviada da Torre, mas a maioria parecia tão esgotada quanto Elayne.

— Seria de se pensar que ela era... era... — Cobrindo a boca com a mão, Nynaeve deu um enorme bocejo.

— Ah, sangue e cinzas! — murmurou Elayne.

Ou tentou murmurar, pois só o que saiu depois do “ah” foi um resmungo abafado pela mão cobrindo seu próprio bocejo. Lini sempre dizia que aquele tipo de comentário vulgar era indicativo de uma mente lerda e de inteligência limitada — e isso sempre vinha logo antes de uma ordem para que Elayne lavasse a boca, claro. Mas, algumas vezes, não havia expressão melhor para expressar tantos sentimentos em tão poucas palavras. E ela teria dito mais, porém não conseguiu.

— Por que não fazem logo uma procissão? — vociferou Nynaeve. — Não entendo para que tanto alvoroço por causa dessa mulher — completou. E bocejou de novo. De novo!

— É porque essa mulher é Aes Sedai, dorminhoca — respondeu Siuan, juntando-se a elas. — Duas dorminhocas — completou, olhando para Elayne. — Vão acabar com o casco coberto de cracas, se continuarem nessa leseira. — Elayne tratou de fechar a boca e encarar Siuan com seu olhar mais gélido. Como de costume, o efeito foi como chuva deslizando por um telhado laqueado. — Tarna é Aes Sedai, meninas — prosseguiu Siuan, encarando os cavalos parados à espera. Ou talvez estivesse olhando para a carroça vazia que tinham puxado até a entrada da estalagem de pedra. — E uma Aes Sedai é uma Aes Sedai, não há como mudar isso.

Nynaeve olhou feio para Siuan, que nem reparou.

Elayne agradeceu por Nynaeve ter se controlado. Sabia que a resposta pronta na ponta da língua da amiga teria sido bem venenosa.

— Qual foi o prejuízo de ontem à noite?

Siuan respondeu sem nem desviar o olhar da porta da estalagem, por onde Tarna sairia.

— Sete mortos só aqui na aldeia. Quase cem soldados nos acampamentos, com todas aquelas espadas, machados e outras armas jogadas pelos cantos, mas sem ninguém para ajudar com o Poder. Algumas irmãs estão Curando os sobreviventes agora.

— E Lorde Gareth? — perguntou a Filha-herdeira, um pouco ansiosa.

O homem podia estar agindo com frieza com ela, mas Elayne já vira seus sorrisos calorosos quando era criança, e ele sempre tinha balas no bolso para ela.

Siuan bufou tão alto que algumas pessoas se viraram para olhar.

— Aquele lá... Até um peixe-leão quebraria os dentes, se tentasse morder o homem — resmungou.

— Você parece de bom humor — observou Nynaeve. — Finalmente descobriu qual é a mensagem da Torre? Gareth Bryne a pediu em casamento? Alguém morreu e deixou uma herança...?

Elayne tentou não olhar para a amiga — até o som do bocejo dela fazia sua mandíbula ranger.

Siuan encarou Nynaeve com indiferença, e ela devolveu na mesma moeda, ainda que com olhos um tanto úmidos.

— Por favor, conte se tiver descoberto alguma coisa — interrompeu Elayne, antes que os olhares assassinos que as duas trocavam acabassem matando de verdade.

— Todo mundo sabe que uma mulher que se diz Aes Sedai quando não é está se metendo num caldeirão

fervente com água até o pescoço, mas se a mulher ainda por cima alegar fazer parte de uma Ajah específica, essa Ajah tem prioridade na escolha da punição... — murmurou Sivan, como se estivesse pensando em voz alta. — Myrelle já contou sobre a vez em que encontrou uma mulher em Chachin que dizia ser uma Verde? Era uma antiga noviça que não passou no teste para Aceita. Vocês deviam perguntar, quando ela tiver algumas horas livres. Vai levar um bom tempo para contar a história toda. A coitada deve ter desejado ter sido simplesmente estancada muito antes de Myrelle acabar. Estancada e decapitada.

Inexplicavelmente, a ameaça não surtiu mais efeito do que o olhar feio de antes tivera em Nynaeve. As duas sequer estremeceram. Talvez estivessem cansadas demais.

— Ah, trate de me contar o que sabe — ameaçou Elayne, baixinho —, senão vou ensinar você a se sentar direito, na próxima vez em que estivermos sozinhas. E pode sair chorando atrás de Sheriam, se quiser.

Sivan estreitou os olhos. De repente, Elayne soltou um gritinho de dor e levou a mão à cintura.

Sivan nem tentou disfarçar enquanto recolhia a mão que dera o beliscão.

— Não sou muito chegada a ameaças, garota. Você sabe o que Elaida disse tão bem quanto eu. E viu antes de todo mundo aqui.

— Para voltarem, que está tudo perdoado? — indagou Nynaeve, incrédula.

— Mais ou menos. Tem uma boa dose de tempero para disfarçar o peixe azedo, uma conversa de que, mais do que nunca, a Torre precisar se unir. Sem falar na isca de que ninguém precisar ter medo, só quem “de fato decidiu se rebelar”. Só a Luz sabe o que isso quer dizer. Eu não sei.

— E por que estão mantendo tudo em segredo? — protestou Elayne. — Não é possível que elas achem que alguém vai voltar para Elaida. Basta mostrar Logain!

Sivan não respondeu, apenas franziu a testa para os Guardiões à espera na frente da estalagem.

— Ainda não entendo por que elas estão pedindo mais tempo — resmungou Nynaeve. — Elas sabem o que deve ser feito. — Sivan continuou quieta. Depois de alguns segundos, Nynaeve ergueu as sobrancelhas. — Você não sabe o que elas responderam.

— Agora eu sei — retrucou Sivan, irritada, para então murmurar sozinha, algo que saiu como sobre “tolas fracas de joelhos bambos”.

Elayne concordou, mas segurou a língua.

A porta da antiga estalagem se abriu de repente, e algumas Votantes — uma de cada Ajah — saíram, usando os xales cheios de babados, seguidas de Tarna. As outras Votantes fechavam a procissão. Se a multidão ali reunida estava esperando alguma cerimônia, devia ter ficado desapontada. Com uma expressão indecifrável, Tarna montou no cavalo, correu os olhos pelas Votantes, encarou brevemente a multidão e esporou o capão, colocando-o em movimento. A escolta de Guardiões foi junto. Um burburinho preocupado se elevou da multidão, ansiosa como abelhas agitadas, à medida que as pessoas iam abrindo passagem.

Os murmúrios se prolongaram até Tarna sumir de vista, já fora da aldeia, e Romanda subir na carroça e, com toda a delicadeza, endireitar o xale de babados amarelos. Seguiu-se um silêncio mortal. Segundo a tradição, os pronunciamentos do Salão eram feitos pela Votante mais antiga. Claro que Romanda não se movia como uma idosa, e seu rosto tinha a idade tão indefinida quanto qualquer outro, mas mechas de cabelo grisalho sempre eram um indicativo da idade numa Aes Sedai, e o coque preso à nuca da Amarela era de um grisalho claro, sem o menor sinal de qualquer mecha escura. Elayne se perguntava quantos anos a mulher devia ter, mas perguntar a idade de uma Aes Sedai era considerado extremamente rude.

Romanda teceu fluxos de Ar para aumentar o alcance da voz aguda de soprano, que chegou a Elayne como se estivesse cara a cara com a Amarela.

— Muitos de vocês andam preocupados, mas não há necessidade. Se Tarna Sedai não tivesse vindo até nós, teríamos enviado missivas para a Torre Branca. Afinal, não dá para dizer que a localização do nosso esconderijo é um segredo. — Romanda fez uma pausa, como se quisesse dar tempo para a multidão rir, mas

todos mantiveram os olhos fixos na mulher, que arrumou o xale. — Nosso propósito aqui não mudou. Estamos em busca da verdade e da justiça, de fazer o que é certo...

— Certo para quem? — murmurou Nynaeve.

— ... e não vamos hesitar ou fracassar. Cuidem de suas tarefas como têm cuidado, certos de que continuam abrigados sob nossas mãos, agora e depois de retornarmos a nossos devidos lugares na Torre Branca. Que a Luz brilhe sobre todos vocês. Que a Luz brilhe sobre todos nós.

O burburinho se intensificou, e a multidão foi se dispersando aos poucos enquanto Romanda descia da carroça. O rosto de Siuan poderia ter sido esculpido em pedra, tamanho estoicismo, os lábios comprimidos e pálidos. Elayne tinha algumas perguntas, mas Nynaeve saltou da pedra onde estivera e forçou caminho em direção à estalagem. Elayne se apressou em segui-la. Na noite anterior, a amiga estivera prestes a revelar o que tinham descoberto sem nem pensar. Se quisessem usar a informação para influenciar o Salão, precisavam expor o que sabiam com cuidado. E de fato parecia que precisavam dessa influência. O pronunciamento de Romanda fora uma carroça e meia de nada e claramente irritara Siuan.

Espremendo-se por entre dois grandalhões de olhos cravados nas costas de Nynaeve, que pisara em vários pés para passar, Elayne se virou para trás e flagrou Siuan de olho nela e em Nynaeve. Mas só durou um instante: assim que percebeu que havia sido vista, fingiu ter encontrado algum conhecido na multidão e pulou para o chão, como se estivesse indo atrás da pessoa. Franzindo o cenho, Elayne apressou o passo. Siuan estava ou não irritada? E quanto daquela irritação e ignorância do que se passava era fingimento? A ideia de Nynaeve de fugir para Caemlyn — que Elayne ainda não tinha certeza se já fora descartada — era mais que estúpida, mas até ela estava ansiosa para ir a Ebou Dar e fazer algo realmente útil. Todos aqueles segredos e suspeitas eram como uma comichão que não conseguia alcançar para coçar. Bastava que Nynaeve não estragasse tudo...

Elayne alcançou a amiga no exato instante em que Nynaeve chegava a Sheriam, parada perto da carroça da qual Romanda fizera o pronunciamento. Morvrin também estava lá, junto com Carlinya, e as três usavam os xales. Naquela manhã, todas as Aes Sedai estavam de xale. O cabelo cacheado de Carlinya, agora muito mais curto, era o único sinal do quase desastre em *Tel'aran'rhiod*.

— Precisamos falar com você a sós — declarou Nynaeve, para Sheriam. — Em particular.

Elayne suspirou. Não era o melhor dos começos, mas também não era um dos piores.

Sheriam encarou as duas por um momento e então olhou para Morvrin e Carlinya.

— Muito bem. Lá dentro — ordenou.

Quando se viraram, deram de cara com Romanda entre elas e a porta. A Amarela, de olhos escuros e com uma beleza masculina, estava parada, envolta no xale de babados amarelos cheio de flores e vinhas e com a Chama de Tar Valon bem no topo, entre os ombros. Ignorando Nynaeve, ela abriu um sorriso caloroso para Elayne — o tipo de sorriso que ela já se acostumara a esperar e a temer, vindo de uma Aes Sedai. Para Sheriam, Carlinya e Morvrin, a expressão foi bem diferente. Romanda as encarou, apática e de cabeça erguida, até as três se abaixarem em reverências tímidas e murmurarem “Com sua licença, Votante”. Só então Romanda se afastou para o lado, mas mesmo assim fungou alto.

O povo não notou, claro, mas Elayne já entreouvira trechos de conversas das Aes Sedai a respeito de Sheriam e seu pequeno conselho. Algumas achavam que elas só cuidavam de aspectos do cotidiano de Salidar, liberando o Salão para tratar questões mais importantes. Outros sabiam que elas tinham influência junto ao Salão — mas o tamanho dessa influência variava de acordo com quem opinava. Romanda era uma das que acreditavam que era influência demais. Pior ainda: havia duas Azuis e nenhuma Amarela no grupinho. Elayne sentiu o olhar da Votante mais velha cravado em suas costas enquanto acompanhava as outras porta adentro.

Sheriam as conduziu a uma das salas privativas junto à antiga área comum, com painéis carcomidos por insetos e uma mesa cheia de papéis encostada a uma das paredes. Ela ergueu as sobrancelhas quando Nynaeve pediu que tomassem precauções para evitar que alguém entreouvisse, mas teceu a barreira ao redor do

aposento sem nenhum comentário. Lembrando-se das aventuras passadas de Nynaeve, Elayne tomou o cuidado de verificar se todas as janelas estavam bem fechadas.

— Não espero menos do que notícias de que Rand al'Thor está a caminho — avisou Morvrin, seca.

As duas outras se entreolharam. Elayne conteve a indignação. Aquelas mulheres realmente acreditavam que ela e Nynaeve estavam escondendo segredos sobre Rand al'Thor. Elas e aqueles segredos!

— Não é nada disso — respondeu Nynaeve —, mas é igualmente importante. Apenas diferente.

As duas contaram de sua viagem a Ebou Dar e da descoberta da vasilha *ter'angreal*. Não na ordem certa e sem mencionar a Torre, mas com todos os pontos essenciais.

— E vocês têm certeza de que essa vasilha é um *ter'angreal*? — indagou Sheriam, quando Nynaeve terminou. — Ela pode controlar o clima?

— Pode, Aes Sedai — confirmou Elayne, simplesmente. O melhor era ser simples, para começar.

Morvrin grunhiu. A mulher duvidava de tudo.

Mexendo no xale, Sheriam assentiu.

— Então vocês fizeram bem. Vamos mandar uma carta para Merilille. — Merilille Ceandevin, a irmã Cinza enviada para Ebou Dar a fim de convencer a rainha a apoiar Salidar. — Precisaremos de todos os detalhes.

— Ela não vai conseguir encontrar — interveio Nynaeve, antes que Elayne pudesse abrir a boca. — Mas eu e Elayne conseguiremos.

Os olhos das Aes Sedai gelaram.

— Provavelmente seria impossível para ela — acrescentou Elayne, mais do que depressa. — Nós *vimos* onde está a vasilha, mas mesmo assim vai ser difícil. Mas pelo menos *sabemos* o que vimos. Descrevê-la numa carta nunca seria igual.

— Ebou Dar não é lugar para Aceitas — afirmou Carlinya, com frieza.

O tom de voz de Morvrin foi um pouco mais gentil, ainda que rude:

— Todas precisamos fazer o melhor que pudermos, criança. Acham que Edesina, Afara e Guisin queriam ir para Tarabon? O que elas poderiam fazer para trazer ordem àquela terra agitada? Mas temos que tentar, então elas foram. Neste exato momento, Kiruna e Bera devem estar na Espinha do Mundo, em sua jornada atrás de Rand al'Thor no Deserto Aiel, porque, quando enviamos as duas, achamos, e era só um palpite, que ele pudesse estar lá. A jornada delas não é menos fútil porque estávamos certas, agora que ele já saiu do Deserto. Todas fazemos o que podemos, o que devemos. Vocês são Aceitas. Aceitas não saem correndo para Ebou Dar ou outro lugar qualquer. O que vocês duas podem e devem fazer é ficar aqui, estudando. Mesmo se vocês fossem irmãs completas, eu diria para ficarem. Há mais de cem anos ninguém faz o tipo de descoberta que vocês fizeram, tantas em tão pouco tempo.

Nynaeve, sendo quem era, ignorou o que não queria ouvir e se concentrou em Carlinya.

— Temos nos saído muito bem sozinhas, obrigada. Duvido que Ebou Dar seja tão ruim quanto Tanchico.

Elayne achava que Nynaeve não sabia nem que estava agarrando a trança, puxando a ponto de quase arrancar. Será que ela nunca aprenderia que às vezes bastava um pouco de civilidade para conquistar o que a honestidade poria a perder?

— Entendo as suas preocupações, Aes Sedai — ponderou Elayne —, mas, mesmo podendo parecer falta de modéstia, a verdade é que estou mais qualificada para localizar um *ter'angreal* do que qualquer pessoa em Salidar. E Nynaeve e eu sabemos mais sobre onde procurar do que conseguiríamos transmitir em uma carta. Se nos mandarem para Merilille Sedai, tenho certeza de que, sob a orientação dela, conseguiríamos localizar a tigela bem rápido. Seriam apenas alguns dias de barco até Ebou Dar e mais os poucos dias da volta, além de alguns dias sob a tutela de Merilille Sedai. — Foi difícil não respirar fundo. — Enquanto isso, vocês

poderiam mandar uma mensagem para um dos olhos-e-ouvidos de Siuan em Caemlyn. para que a pessoa já esteja lá quando Merana Sedai chegar com a missão diplomática.

— E por que, sob a Luz, deveríamos fazer isso? — contestou Morvrin.

— Achei que Nynaeve tivesse dito, Aes Sedai. Não tenho certeza, mas acredito que a vasilha também precise da canalização de um homem para funcionar.

Claro que aquilo causou uma pequena comoção. Carlinya engasgou, Morvrin resmungou baixinho e Sheriam ficou literalmente boquiaberta. Nynaeve também ficou surpresa, mas apenas por um instante. Elayne teve certeza de que a amiga conseguira disfarçar antes que as outras notassem — estavam estupefatas demais para ver muita coisa, afinal. A questão, pura e simples, era que se tratava de uma mentira. O segredo era ser simples. Em tese, os grandes feitos da Era das Lendas tinham sido alcançados por homens e mulheres canalizando em conjunto, provavelmente em união. Era muito provável que *existissem* alguns *ter'angreal* que precisassem da canalização conjunta de um homem para funcionar. Em todo caso, se Elayne não conseguisse fazer aquela vasilha funcionar, ninguém mais em Salidar conseguiria — exceto talvez Nynaeve. Caso o funcionamento dependesse da participação de Rand, o Salão de Salidar não poderia simplesmente desperdiçar a chance de tomar alguma providência a respeito do clima e teriam que se aliar a ele. Quando Elayne “descobrisse” que um círculo de mulheres daria conta da vasilha, as Aes Sedai de Salidar já estariam muito atreladas a Rand para poderem se libertar.

— Tudo isso faz muito sentido — afirmou Sheriam, por fim —, mas não muda o fato de que vocês são apenas Aceitas. Vamos enviar uma carta para Merilille. Tem havido muita conversa sobre vocês duas...

— Conversa! — irrompeu Nynaeve. — Vocês só fazem isso, vocês *e* o Salão! Só conversam! Elayne e eu podemos *encontrar* esse *ter'angreal*, mas vocês preferem ficar cacarejando feito galinhas chocadeiras! — As palavras iam se atropelando ao sair. Nynaeve puxava a trança com tanta intensidade que Elayne não se surpreenderia se acabasse se soltando da cabeça, pendurada em suas mãos. — Vocês só ficam aqui, sentadas, torcendo para que Thom, Juilin e os outros voltem dizendo que os Mantos-brancos não vão desabar feito uma casa velha em cima da gente, sendo que eles podem muito bem voltar com os Mantos-brancos em seu encalço. Ficam sentadas só pensando no que fazer com Elaida, em vez de fazer o que disseram que fariam, e se atrapalham todas para resolver como lidar com Rand. Por acaso já sabem como vão se posicionar a respeito dele? Sabem, apesar de a missão diplomática já estar a caminho de Caemlyn? E querem saber por que só ficam sentadas conversando? Pois eu sei! Vocês têm medo. Medo de ver a Torre cindida, medo de Rand, dos Abandonados, da Ajah Negra... Ontem à noite, Anaiya deixou escapar que vocês tinham um plano pronto para o caso de um dos Abandonados atacar. Todos aqueles círculos, e tudo por uma bolha de mal... Será que finalmente acreditam que elas existem? E os círculos estavam todos desordenados, a maioria deles com mais noviças do que Aes Sedai, porque só algumas Aes Sedai sabiam de antemão o que fazer. Achem que a Ajah Negra está aqui em Salidar, e estavam com medo de que o plano pudesse chegar a Sammael ou algum dos outros. Não confiam nem umas nas outras! Não confiam em ninguém! E é por isso que não vão nos mandar para Ebou Dar? Achem que *nós* somos da Ajah Negra, ou que vamos fugir para Rand, ou... ou...! — A voz foi fraquejando, e Nynaeve começou a ofegar e a gaguejar. Mal parara para respirar durante aquele rompante.

O primeiro instinto de Elayne foi tentar colocar panos quentes, mas não conseguia nem começar a pensar em como fazer isso. Seria tão fácil quanto suavizar o relevo de uma cordilheira. Foram as Aes Sedai que a fizeram esquecer a preocupação por Nynaeve talvez ter conseguido estragar tudo. Os rostos inexpressivos, com olhos capazes de ver através de rochas, não deveriam ter transmitido nenhuma emoção — mas, para ela, transmitiam. E não era aquela raiva fria que deveria ser direcionada a qualquer um tolo o bastante para vociferar contra uma Aes Sedai. O que ela viu foi um escudo, e a única coisa a ser escondida era a verdade. Uma verdade que elas mesmas não queriam admitir: estavam realmente com medo.

— Acabou? — indagou Carlinya, com uma voz capaz de congelar o sol.

Elayne soltou um espirro tão forte que bateu a cabeça na lateral do caldeirão virado. O cheiro de sopa queimada enchia seu nariz. O sol do meio da manhã esquentara o interior escuro do panelão até parecer que ele ainda estava no fogo. O suor pingava de seu rosto — ou melhor, escorria. Ela largou a pedra-pomes áspera e engatinhou de costas para fora do caldeirão, então olhou para a mulher a seu lado — ou melhor, para a metade exposta da mulher, enfiada em um caldeirão um pouco menor, também deitado de lado. Ela cutucou a cintura de Nynaeve e abriu um sorriso satisfeito quando o cutucão a fez bater a cabeça no ferro, resultando em um gemido de dor. Nynaeve saiu de dentro do panelão com um olhar ameaçador — o brilho perigoso em seus olhos sequer foi amenizado pelo bocejo que ela escondeu por trás da mão encardida. Elayne não lhe deu nem chance de falar.

— Você tinha que explodir, não tinha? Não consegue controlar esse gênio nem por cinco minutos. Já tínhamos tudo nas mãos, mas você teve que ir lá e dar um pontapé bem no nosso tornozelo.

— Elas não teriam deixado a gente ir para Ebou Dar, de qualquer jeito — resmungou Nynaeve. — E não chutei nada sozinha. — Ela empinou o queixo em um gesto afetado, erguendo tanto a cabeça que teve que olhar bem para baixo para ver Elayne. — “Aes Sedai controlam o próprio medo” — entoou, em um tom que poderia ter servido para repreender um vagabundo bêbado e cambaleante que tivesse se metido na frente de seu cavalo. — “E não permitem que o medo as controle. Liderem, e seguiremos com prazer. Mas vocês precisam liderar, não se curvar na esperança de que alguma coisa faça os problemas desaparecerem.”

Elayne sentiu as bochechas esquentarem. Não se comportava daquele jeito. E com certeza não tinha falado naquele tom.

— Bem, talvez nós duas tenhamos perdido a calma, mas... — Ela ouviu passos, então parou de falar.

— Ah, então quer dizer que as crianças de ouro das Aes Sedai decidiram descansar um pouco, é? — O sorriso de Faolain era tão pouco amigável quanto um sorriso poderia ser. — Não estou aqui pelo prazer, entendem? Queria passar o dia trabalhando em algum projeto meu, algo não terrivelmente inferior ao que as duas crianças de ouro têm feito. Em vez disso, tenho que vigiar duas Aceitas esfregando painéis para expiar seus pecados. Vigiar para que não saiam de fininho feito as duas noviças inferiores que deveriam ser. Agora voltem ao trabalho. Só posso ir embora quando vocês terminarem, e não pretendo passar o dia inteiro aqui.

A mulher de cabelo escuro e cacheado era como Theodrin: acima de uma Aceita, mas abaixo de uma Aes Sedai. O que Elayne e Nynaeve teriam sido, caso Nynaeve não tivesse se comportado como uma gata que levou um pisão. Nynaeve e ela, corrigiu-se Elayne, relutante. Sheriam dissera exatamente isso enquanto anunciava quanto tempo das horas “livres” as duas passariam trabalhando nas cozinhas, dando conta do pior trabalho que as cozinheiras pudessem encontrar. Mas nada de Ebou Dar, de um jeito ou de outro. Isso também fora deixado bem claro. Uma carta estaria a caminho de Merilille ao meio-dia — isso se já não tivesse sido enviada.

— Eu... sinto muito — disse Nynaeve.

Elayne piscou para ela. Ouvir a amiga pedindo desculpas era como ver neve em pleno verão.

— Também sinto muito, Nynaeve.

— Ah, se sentem — retrucou Faolain. — Nunca vi ninguém sentir tanto. Agora voltem ao trabalho, antes que eu encontre um motivo para mandar as duas para Tiana assim que terminarem.

Elayne lançou um olhar pesaroso para Nynaeve, rastejou de volta para dentro do caldeirão e atacou a sopa queimada com a pedra-pomes como se atacasse Faolain. Voaram pedaços pretos de legumes carbonizados e pó de pedra. Não, Faolain não: as Aes Sedai, que ficavam sentadas quando deveriam estar agindo. Ah, mas ela

ia para Ebou Dar, *ia* encontrar aquele *ter'angreal* e *ia* usá-lo para amarrar Sheriam e todas as outras a Rand. E de joelhos! Deu um espirro tão forte que os sapatos quase saíram voando dos pés.

* * *

Sheriam deu meia-volta e saiu andando pela viela estreita, com brotos e trechos de erva daninha e palhada murchas aqui e ali. Estivera observando as duas trabalhando em sua punição por uma fresta na cerca.

— Estou arrependida. — Ao refletir sobre as palavras e o tom de Nynaeve, sem falar em Elayne, aquela criança deplorável, acrescentou: — Só um pouco.

Carlinya abriu um sorriso desdenhoso. Era muito boa naquilo.

— Quer contar para Aceitas o que nem vinte Aes Sedai sabem? — Com o olhar penetrante de Sheriam em resposta, ela fechou a boca com um estalo.

— Há ouvidos onde menos se espera — disse Sheriam em voz baixa.

— Mas numa coisa aquelas duas têm razão — ponderou Morvrin. — Só de pensar em al'Thor fico com o estômago revirado. Não temos escolha, com ele.

Sheriam achava que fazia muito tempo que já não tinham escolha.





PREVISÕES DA RODA

Rand estava sentado no Trono do Dragão, o Cetro do Dragão apoiado nos joelhos abertos, muito tranquilo e relaxado — ou era o que demonstrava. Tronos não são feitos para alguém se sentar relaxado, e aquele ali parecia ainda menos propício para o conforto, mas isso era apenas parte da dificuldade. Também havia o incômodo de sentir Alanna, uma presença constante chamando sua atenção. Se contasse às Donzelas o que acontecera, elas iam... não. Como podia sequer cogitar uma coisa dessas? Já a deixara assustada o bastante para a mulher se manter na linha, a prova disso era que Alanna não fizera nenhum esforço para entrar na Cidade Interna. E Rand saberia se a mulher tivesse tentado. Não... naquele momento, Alanna incomodava ainda menos do que o assento almofadado e desconfortável.

Apesar do casaco azul trabalhado em prata abotoado até a gola, Rand não sentia calor — estava mesmo pegando o jeito do truque de Taim —, mas, se a impaciência o fizesse suar, estaria pingando como se tivesse acabado de sair de um rio. Manter o frescor do corpo não era problema, o complicado era ficar ali, parado. Queria entregar a Elayne um reino em boas condições, e aquela manhã seria o primeiro passo em sua missão para devolver Andor. Se o grupo fosse vê-lo.

— ... e, além do mais — ia dizendo o homem alto e magrelo diante do Trono, em uma voz monótona —, mil, quatrocentos e vinte e três refugiados de Murandy, quinhentos e sessenta e sete de Altara, e cento e nove de Illian. Isso pelo que conseguimos da contagem dentro da cidade propriamente dita, é claro. — Os poucos fios de cabelo que restavam a Halwin Norry eram grisalhos e arrepiados, mais parecendo penas de escrever enfiadas atrás das orelhas. Visual bem apropriado, já que ele era o secretário-chefe de Morgase. — Contratei vinte e três secretários a mais para a contagem, mas o número ainda é insuficiente para...

Rand parou de escutar. Apesar de estar grato pelo fato de o homem não ter fugido do reino, como tantos outros fizeram, não sabia dizer se Norry considerava qualquer outra realidade que não a dos números em seu livro contábil. O homem enumerava as mortes durante a semana no mesmo tom seco e sem emoção com que relatava o preço do nabo nas carroças do interior; organizava os enterros diários de refugiados que não tinham onde cair mortos com o mesmo desprendimento com que contratava pedreiros para a reforma das muralhas da cidade. Para ele, Illian era apenas uma terra, não a morada de Sammael; Rand era apenas mais um governante.

Onde estão?, perguntou-se, furioso. *Por que nem Alanna tentou se aproximar de mim?* Moiraine não teria se

acovardado com tão pouco.

Onde estão os mortos?, sussurrou Lews Therin. *Por que não se calam?*

Rand soltou uma risadinha soturna. Só podia ser piada.

Sulin estava acocorada de um dos lados do tablado do trono, parecendo muito confortável, e a ruiva Urien se acomodara do outro. Vinte *Aethan Dor*, Escudos Vermelhos, montavam guarda junto com a escolta permanente de Donzelas entre as colunas do Grande Salão, alguns usando a faixa vermelha na cabeça. Alguns estavam de pé, outros sentados ou agachados, e muitos conversavam baixinho, mas todos prontos para entrar em ação em um piscar de olhos, até mesmo as Donzelas e os dois Escudos Vermelhos que jogavam dados. Ao menos um par de olhos estava sempre em Norry — poucos Aiel confiavam em um aguacento tão perto de Rand.

Bashere apareceu de repente entre as portas altas do Salão e o chamou com um balançar de cabeça — Rand se endireitou no trono. Sangue e cinzas, *até que enfim*. A borla verde e branca pendurada à lança Seanchan com entalhe de dragão se balançou quando ele gesticulou, encerrando o discurso do contador.

— Muito bom trabalho, mestre Norry. Seu relatório não deixou nada de fora, e vou cuidar para que você receba o ouro necessário. Agora, se o senhor puder me desculpar, preciso cuidar de outros assuntos.

O homem não deu o menor sinal de curiosidade ou mágoa por ter sido interrompido daquele jeito tão abrupto. Ele parou de falar na hora, no meio da frase, curvou-se em uma mesura, entouu um “como o Lorde Dragão ordenar” com a mesma falta de emoção de sempre e recuou três passos antes de dar meia-volta e sair. Ele sequer olhou Bashere ao passar. Para ele, só havia a realidade dos livros contábeis.

Impaciente, Rand assentiu para Bashere e se endireitou ainda mais, com as costas rijas coladas ao trono. Os Aiel se calaram, o que os fez parecer ainda mais prontos para agir.

O saldaeano não entrou sozinho. Dois homens e duas mulheres vinham logo atrás, nenhum deles jovem, todos metidos em sedas finas e brocados. Tentavam ignorar a existência de Bashere — e quase conseguiam, mas não puderam evitar os olhares atentos dos Aiel espalhados por entre as colunas. A loura, Dyelin, apenas hesitou um pouco, mas Abelle e Luan, ambos grisalhos e de feições duras, franziram o cenho para as figuras metidas no *cadin'sor*, levando a mão instintivamente para o espaço vazio onde estariam as espadas. Ellorien, uma mulher roliça e de cabelos escuros, que seria bem bonita se perdesse a teimosia e a dureza do rosto, parou e ficou encarando os Aiel, antes de voltar a si e apressar o passo para alcançar os outros. Assim que puderam ver Rand direito, também pareceram surpresos. Todos se entreolharam brevemente, em dúvida. Talvez tivessem imaginado que fosse mais velho.

— Milorde Dragão — entouu Bashere, bem alto, parando diante do tablado —, Senhor da Manhã, Príncipe da Aurora, Verdadeiro Defensor da Luz, aquele diante de quem o mundo se ajoelha em reverência, eu trago Lady Dyelin, da Casa Taravin, Lorde Abelle, da Casa Pendar, Lady Ellorien, da Casa Traemane e Lorde Luan, da Casa Norwelyn.

Os quatro andorianos enfim reconheceram a presença de Bashere, todos comprimindo os lábios e o fitando apenas com olhares penetrantes e de esguelha. Algo no tom de Bashere dera a impressão de que o homem estava trazendo quatro cavalos para Rand, e dizer que pareceram ficar mais empertigados seria como sugerir que a água parecia ainda mais molhada — ainda assim, foi exatamente o que aconteceu quando os quatro olharam para Rand. Ou para a direção geral onde ele estava. Não conseguiram evitar olhar o Trono do Leão, cintilante e reluzente, em um pedestal atrás da cabeça do Dragão Renascido.

Rand quis rir daquelas expressões indignadas — estavam indignados, sim, mas também cautelosos e talvez até um pouco espantados, ainda que não tivessem intenção de demonstrar surpresa. Ele e Bashere tinham pensado muito bem naquela lista de títulos para seu posto de Dragão Renascido, mas a parte sobre o mundo se ajoelhar diante dele era nova, um acréscimo do próprio Bashere. Rand estava seguindo o conselho

de Moiraine. Quase podia ouvir sua voz suave recitando: *O que fica registrado a seu respeito é a primeira impressão que têm de você. É assim que o mundo funciona. Se primeiro aparecer em um trono, não importa se no segundo seguinte você se comportar feito um fazendeiro no chiqueiro: parte deles sempre se lembrará de que o viram em um trono. Mas, se virem primeiro um jovem, um mero camponês, vão se ressentir ao ver você subindo ao trono, não importa quanto isso seja seu direito, não importa o tamanho de seu poder.* Bem, se um ou dois títulos tivessem mesmo todo esse poder, as coisas ficariam muito mais fáceis.

Eu era o Senhor da Manhã, murmurou Lews Therin. *Eu sou o Príncipe da Aurora.*

Rand manteve a expressão serena.

— Não lhes darei as boas-vindas, pois esta é a sua terra, é o palácio da sua rainha. Ainda assim, fico feliz por terem aceitado meu convite.

Claro que não mencionou o fato de só terem vindo depois de cinco dias e ainda por cima só tendo avisado com algumas poucas horas de antecedência. Apenas se levantou, deitou o Cetro do Dragão no trono e desceu do tablado. Com um sorriso contido — *Nunca pareça hostil, a menos que seja realmente necessário*, dissera Moiraine. *Mas, acima de tudo, não pareça amistoso demais. Não pereça ávido.* —, Rand apontou para cinco poltronas com encostos almofadados dispostas em círculo entre as colunas.

— Vamos nos sentar — convidou. — Vamos conversar e beber um pouco de vinho gelado.

E os quatro foram, claro, examinando Rand e os Aiel com a mesma curiosidade — e talvez o mesmo nível de animosidade, tudo muito mal disfarçado. Depois que todos se acomodaram, os *gai'shain* se aproximaram em silêncio, usando as túnicas brancas com capuz. Alguns traziam vinho em cálices dourados já úmidos pela condensação, outros se postaram atrás de cada poltrona com um leque de plumas, abanando o ar. Todas as poltronas, menos a de Rand. E os quatro perceberam isso, notaram a ausência de suor em seu rosto. Mas os *gai'shain* também não transpiravam, mesmo com as túnicas, e nem os outros Aiel. Rand examinou os rostos dos quatro nobres por sobre o próprio cálice de vinho.

Os andorianos se orgulhavam de serem mais objetivos e sempre se vangloriavam de que o Jogo das Casas era muito mais intrincado em outras terras do que na deles, mas ainda assim se julgavam capazes de jogar *Daes Dae'mar*, quando preciso. E eram mesmo, de certa forma, mas os cairhienos — e até mesmo os tairenos — consideravam suas táticas muito simplórias para os movimentos e contramovimentos tão sutis do Grande Jogo. Os quatro nobres ali presentes conseguiam manter a compostura boa parte do tempo, mas, para um aluno de Moiraine cuja força fora posta à prova em Tear e Cairhien, eles revelavam demais a cada mexida dos olhos, a cada levíssima mudança de expressão.

Primeiro, os nobres repararam que não havia cadeira para Bashere. Eles trocaram olhares rápidos, um tanto mais animados, ainda por cima depois de ver que o próprio Bashere estava saindo a passos largos da sala do trono. Os quatro até se permitiram acompanhá-lo com o olhar e o mais sutil sorriso de satisfação. Estava claro que eles desprezavam a presença do exército saldaeano em Andor com a mesma intensidade com que Naeon e aquele bando. Seus pensamentos eram óbvios: talvez a influência do estrangeiro fosse menor do que temiam. Ora, Bashere fora tratado como nada mais do que um serviçal com um cargo mais elevado.

Dyelin arregalou os olhos bem de leve no mesmo instante que Luan, apenas um segundo antes dos outros dois. Durante breves momentos, os quatro encararam Rand com tanta atenção que ficou óbvio que evitavam olhar uns para os outros. Bashere era forasteiro, mas também era o Marechal-General de Saldaea, três vezes lorde, tio da Rainha Tenobia. Se Rand o usava como serviçal...

— Um vinho excelente — comentou Luan, encarando o cálice, e hesitou um momento antes de acrescentar: — Milorde Dragão. — O título parecia ter sido arrancado à força.

— É do sul — acrescentou Ellorien, depois de um golinho. — Safra das Colinas de Tunaighan. Acho espantoso o senhor conseguir gelo em Caemlyn, este ano. Ouvi dizer que o povo já começou a chamar este de

“o ano sem inverno”.

— Acha mesmo que eu gastaria tempo e esforço para encontrar gelo com tantos problemas assolando o mundo? — retrucou Rand.

O rosto magro de Abelle empalideceu, e ele pareceu se forçar a tomar mais um gole do vinho. Luan, por outro lado, fez questão de esvaziar o cálice e em seguida o estendeu para um *gai'shain*, indicando que queria mais. Os olhos verdes do Aiel de robe branco exibiram um lampejo de fúria, um contraste com a suavidade calculada do rosto bronzeado de sol. Servir aguacentos era coisa de serviçal, e os Aiel desprezavam o conceito de serviçais. Claro que Rand nunca conseguira entender como esse desprezo se encaixava em toda a ideia de ser *gai'shain*, mas as coisas eram assim.

Dyelin apoiou a taça bem firme entre os joelhos e passou a ignorá-la. De perto, dava para ver alguns fios grisalhos em seus cabelos louros. Ela era linda, embora apenas os cabelos lembrassem Morgase e Elayne. Dyelin, a seguinte na sucessão ao trono, era no mínimo prima próxima da Filha-herdeira. A mulher, encarando-o com uma leve carranca, parecia prestes a balançar a cabeça em reprovação, mas apenas disse:

— Estamos preocupados com os problemas do mundo, mas ainda mais com os que afetam Andor. O senhor nos trouxe aqui para encontrar uma cura?

— Se os senhores souberem de alguma — respondeu Rand, simplesmente. — Se não, acho que devo procurar em outro lugar. Muitos julgam conhecer a cura apropriada e, se eu não encontrar a que quero, terei que me contentar com a segunda opção. — Aquilo fez os nobres contraírem a boca. No caminho até lá, Bashere os conduziu por um pátio onde Arymilla, Lir e as outras tinham sido deixadas. Era uma espécie de fila de espera, mas, para olhares estranhos, pareciam estar relaxando no Palácio. — Achei que os senhores iam querer ajudar a recuperar a integridade de Andor. Ouviram minha proclamação? — Não precisou dizer qual. Naquele contexto, só poderia haver uma.

— Há uma recompensa por notícias de Elayne — respondeu Ellorien, inexpressiva, o rosto ainda mais contido —, que será feita rainha, agora que Morgase morreu.

Dyelin assentiu.

— Para mim, está bom.

— Mas para mim, não! — vociferou Ellorien. — Morgase traiu os amigos e desprezou os partidários mais antigos. É hora de acabar com o poder da Casa Trakand sobre o Trono do Leão. — Ela, assim como todos os outros, parecia ter se esquecido de Rand.

— Dyelin é a próxima na sucessão — declarou Luan, sem rodeios. A mulher balançou a cabeça, como se já tivesse ouvido aquilo, mas Luan prosseguiu mesmo assim: — Eu apoio Dyelin.

— Elayne é a Filha-herdeira — retrucou Dyelin com firmeza. — *Eu apoio Elayne.*

— Que diferença faz quem cada um de nós apoia? — inquiriu Abelle. — Se ele matou Morgase, não vai... — Ele se calou de repente, fazendo careta, então olhou para Rand. Seu olhar não era exatamente rebelde, mas estabelecia um claro desafio para que ele respondesse ao comentário. Parecia esperar que ele reagisse mal.

— É isso que vocês acham? — Rand olhou com pesar para o Trono do Leão em seu pedestal. — Por que, sob a Luz, eu mataria Morgase, se fosse entregar o controle a Elayne?

— Pouca gente sabe em que acreditar — respondeu Ellorien, rígida, as bochechas bem vermelhas. — O povo fala de tudo, a maioria é pura asneira.

— Como, por exemplo? — A pergunta era para Ellorien, mas foi Dyelin quem respondeu, encarando-o bem nos olhos.

— Dizem que o senhor vai lutar a Última Batalha e matar o Tenebroso. Dizem que o senhor é um falso Dragão, uma marionete das Aes Sedai, ou ambos. Dizem que o senhor é o filho bastardo de Morgase, um Grão-lorde tairino, um Aiel... — Ela franziu o cenho, mas logo prosseguiu. — Dizem que o senhor é filho de

uma Aes Sedai com o próprio Tenebroso. Que o senhor é o Tenebroso, ou que é até mesmo o Criador em um corpo humano. Dizem que o senhor vai destruir o mundo, depois vai salvá-lo, então vai subjugá-lo e dar início a uma nova Era. Há tantos boatos quanto há bocas. A maioria afirma que o senhor matou Morgase. Muitos acrescentam Elayne à história. Dizem que essa proclamação é um disfarce para encobrir seus crimes.

Rand soltou um suspiro. Alguns daqueles boatos eram os piores que ele já ouvira.

— Não vou perguntar em quais vocês acreditam.

Por que Dyelin insistia em franzir o cenho quando ele falava? E não era a única. Luan fazia o mesmo, enquanto Abelle e Ellorien lhe lançavam o tipo de olhar que Rand aprendera a esperar receber do pessoal de Arymilla, quando achavam que ele não estava olhando. *Olhando. Sempre olhando*, murmurou Lews Therin, em um sussurro rouco, dando uma risadinha. *Eu estou sempre olhando você. Mas quem olha para mim?*

— Em vez disso, prefiro perguntar se vão me ajudar a unificar Andor outra vez. Não quero que Andor acabe virando outra Cairhien, ou pior, uma terra como Tarabon ou como Arad Doman.

— Eu conheço um pouco do *Ciclo de Karaethon*. Acredito que o senhor seja o Dragão Renascido — comentou Abelle. — Ainda assim, nada nas profecias menciona o senhor governando, apenas falam da luta contra o Tenebroso em Tarmon Gai'don.

Rand apertou o cálice com tanta força que a superfície escura do vinho oscilou. Seria tão mais fácil se aqueles quatro fossem como quase todos os Grão-lordes tairenos ou cairhienos. O problema era que nenhum deles queria um ínfimo de poder a mais do que já possuíam. Por mais gelado que estivesse o vinho, duvidava de que o Poder Único fosse intimidar aquele bando. *Tenho certeza de que, se eu tentasse, os quatro apenas me mandariam matá-los de uma vez, e a Luz que me queimasse!*

A Luz que me queime, ecoou Lews Therin, irritado.

— Quantas vezes vou ter que dizer que não quero governar Andor? Vou embora assim que Elayne se sentar no Trono do Leão. E, se depender de mim, jamais voltarei.

— Se o trono pertence a alguém — retrucou Ellorien, sem se abalar —, é a Dyelin. Se está sendo sincero, então ponha a coroa na cabeça dela e vá embora. Andor estará recuperada, e não duvido de que nossos soldados vão segui-lo até a Última Batalha, se necessário.

— Ainda assim, eu recuso — interveio Dyelin, a voz firme, então voltou-se para Rand. — Quero esperar e considerar as possibilidades, milorde Dragão. Quando vir Elayne viva e coroada e depois que o senhor for embora, mandarei os meus homens o seguirem, não importa se mais ninguém em Andor fizer isso. Mas, se o tempo passar e o senhor ainda estiver reinando aqui, ou se esses seus Aiel selvagens fizerem com esta terra o que ouvi que fizeram em Cairhien e Tear... — Ela olhou com desprezo para as Donzelas e os Escudos Vermelhos e até assim como para os *gai'shain*, como se estivessem saqueando e incendiando a cidade naquele exato momento. — Ou se o senhor mandar para cá aqueles... homens que reuniu depois dessa sua anistia, então me voltarei contra o senhor, mesmo que nenhum outro cidadão de Andor faça isso.

— E eu estarei ao lado dela — declarou Luan, com firmeza.

— E eu também — completou Ellorien, logo seguida por Abelle.

Rand jogou a cabeça para trás e riu, sem conseguir se conter, parte por divertimento, parte por frustração. *Luz! E eu achando que uma oposição direta seria melhor do que tê-los tramando pelas minhas costas ou lambendo minhas botas!*

Os quatro o encararam, inquietos, sem dúvida achando que aquilo já era a loucura em curso. E talvez fosse, mesmo. Nem ele tinha mais certeza de nada.

— Podem considerar a situação pelo tempo que for necessário — retrucou, levantando-se para encerrar a audiência. — O que estou falando é verdade. Mas peço que também considerem isto: Tarmon Gai'don está cada dia mais perto. Não sei mais quanto tempo os senhores poderão gastar com reflexões.

Os quatro se despediram com um movimento calculado da cabeça, como se estivessem entre iguais — era mais do que quando chegaram —, mas, quando se viraram para sair, Rand segurou Dyelin pela manga.

— Tenho uma pergunta para a senhora. — Os outros pararam e se viraram, antes de Rand acrescentar: — Uma pergunta pessoal.

Depois de um instante, Dyelin assentiu, e seus companheiros se afastaram um pouco. Os outros três permaneceram na sala do trono, observando com atenção, mas não estavam perto o bastante para entre ouvir.

— A senhora me olhou... de um jeito estranho — comentou Rand. *A senhora e todos os outros nobres que conheci em Caemlyn.* Pelo menos, todos os nobres andorianos. — Por quê?

Dyelin ergueu a cabeça e o encarou, então assentiu de leve, para si mesma.

— Qual é o nome da sua mãe?

Rand piscou.

— Minha mãe?

Sua mãe era Kari al'Thor. Pelo menos, era no que ele acreditava — Kari o criara desde a infância até o dia de sua morte. Mas decidiu dar a verdade crua que descobrira no Deserto.

— Minha mãe se chamava Shaiel. Foi uma Donzela da Lança. Meu pai era Janduin, chefe do clã dos Aiel Taardad. — Dyelin ergueu uma sobrancelha, desconfiada. — Juro pelo que a senhora quiser. O que isso tem a ver com o que eu quero saber? Os dois já morreram há muito tempo.

A mulher pareceu aliviada.

— Então parece ser apenas uma mera semelhança, um acaso, só isso. Não estou sugerindo que o senhor não saiba quem são seus pais, mas é que tem um sotaque do oeste de Andor.

— Semelhança? Eu cresci em Dois Rios, mas meus pais são esses que eu disse. Com quem é que eu pareço, para a senhora ficar me encarando?

A mulher hesitou, então soltou um suspiro e respondeu:

— Acho que não importa. Um dia o senhor precisa me contar como tem pais Aiel, mas foi criado em Andor. Vinte e cinco anos atrás, talvez mais, a Filha-herdeira de Andor desapareceu na calada da noite. Seu nome era Tigraine, e ela deixou para trás um marido, Taringail, e um filho, Galad. Sei que é apenas coincidência, mas vejo Tigraine em seu rosto. Da primeira vez que o vi, fiquei chocada.

O próprio Rand ficou chocado. Um arrepio gelado percorreu seu corpo. Fragmentos da história que ouvira das Sábias rodopiaram em sua mente... *uma jovem aguacenta de cabelos louros... um filho que ela amava, um marido que não amava... Shaiel foi o nome que ela adotou. Nunca nos deu outro... você parece um pouco com ela.*

— Como foi que Tigraine desapareceu? Sou muito interessado na história de Andor.

— Agradeço se não chamar de história, milorde Dragão. Eu era garota quando isso aconteceu, mas já não era mais criança e vinha muito ao Palácio. Certa manhã, Tigraine simplesmente não estava mais aqui, então nunca mais foi vista. Diziam que tinha o dedo de Taringail naquilo, mas ele parecia louco de aflição. Taringail Damodred queria ver sua filha Rainha de Andor e seu filho Rei de Cairhien mais do que tudo no mundo. Taringail era cairhieno, entende? O casamento supostamente era para acabar com as guerras entre Andor e Cairhien, e de fato conseguiu fazer isso. Mas o desaparecimento de Tigraine levou os cairhienos a pensarem que Andor fosse quebrar o acordo, e isso os levou a conspirar, como bons cairhienos que são. Essa história, claro, acaba com o episódio do Orgulho de Laman. E o senhor sabe aonde isso deu. — Essa última parte veio em um tom mais seco. — Meu pai diz que a culpa na verdade era de Gitara Sedai.

— Gitara? — perguntou Rand, impressionado por não soar tão espantado quanto se sentia. Ouvira aquele nome mais de uma vez.

Gitara Moroso foi uma Aes Sedai com o dom da Previsão, a mulher que anunciou que o Dragão havia Renascido nas encostas do Monte do Dragão e que pusera Moiraine e Siuan em sua longa busca. Gitara Moroso que, anos antes, dissera a “Shaiel” que, caso ela não fugisse para o Deserto sem contar a ninguém e se

tornasse Donzela da Lança, a desgraça se abateria sobre Andor e o mundo.

Dyelin assentiu, um tanto impaciente.

— Gitara era conselheira da Rainha Mordrellen — respondeu, sem rodeios —, mas passava mais tempo com Tigraine e Luc, o irmão dela, do que com a Rainha. Depois que Luc foi para o norte para nunca mais voltar, correram boatos de que Gitara o convencera de que sua fama, ou seu destino, estavam na Praga. Outros diziam que ele encontraria o Dragão Renascido por lá, ou também que a Última Batalha dependia de sua partida. Isso foi cerca de um ano antes de Tigraine desaparecer. Eu, por mim, duvido de que Gitara tenha tido qualquer coisa a ver com isso ou com o sumiço de Luc. Ela continuou conselheira da Rainha até Mordrellen morrer, e dizem que foi uma morte de tristeza pela perda de Tigraine e de Luc. Foi isso que desencadeou a Sucessão, é claro. — Ela deu uma olhada para os outros, que se remexiam, impacientes, lançando olhares desconfiados para os dois. Ainda assim, não resistiu e acrescentou: — Se não tivesse sido dessa forma, o senhor teria encontrado Andor bem diferente. Tigraine seria rainha, Morgase seria apenas Grão-trono da Casa Trakand, e Elayne nem teria nascido. Morgase casou-se com Taringail depois que subiu ao trono, o senhor bem sabe. Quem é que pode dizer o que mais teria sido diferente?

Enquanto a olhava se juntar aos outros e sair, Rand pensou em mais uma coisa que teria sido diferente: ele não estaria ali em Andor — não teria nem nascido. Tudo voltava para o mesmo ponto, em círculos sem fim. Tigraine foi para o Deserto em segredo, o que levou Laman Damodred a derrubar *Avendoraldera*, um presente dos Aiel, para fazer um trono. Isso, por sua vez, levou os Aiel até a Espinha do Mundo com o único objetivo de matar Laman — apesar disso, as nações chamavam o evento de Guerra dos Aiel. Com os Aiel, veio uma Donzela chamada Shaiel, que morreu no parto. Tantas vidas se alteraram e tantas vidas se perderam para que sua mãe pudesse dar à luz na hora e no local apropriados, para que então morresse naquele momento. Kari al'Thor era a mãe de quem ele se lembrava, ainda que muito pouco, mas Rand desejava ter conhecido Tigraine, Shaiel, ou fosse lá o nome pelo qual ela quisesse ser chamada, mesmo que por pouco tempo. Queria pelo menos ter visto seu rosto.

Devaneios inúteis. Sua mãe estava morta havia muitos anos. Já estava tudo acabado. Então por que aquilo ainda o incomodava tanto?

A Roda do Tempo e a roda da vida de um homem giram igual, sem pena nem misericórdia, murmurou Lews Therin.

Você está mesmo aí?, pensou Rand. *Ah, se houver algo aí além de uma voz e umas poucas memórias muito antigas, então responda! Está aí?* Silêncio. Como gostaria de receber um dos conselhos de Moiraine — ou de qualquer um.

De súbito, Rand percebeu que encarava a parede de mármore branco do Grande Salão, voltado para noroeste — na direção de Alanna. A Verde estava longe do Sabujo de Culain. *Não! Que a Luz a queime!* Não trocaria Moiraine por uma mulher capaz de preparar uma armadilha daquelas para ele. Não podia confiar em nenhuma mulher da Torre, exceto três: Elayne, Nynaeve e Egwene. Ou ao menos esperava poder confiar nelas. Mesmo que só um pouquinho.

Rand então se voltou para o grande teto abobadado, cujos vitrais coloridos exibiam batalhas, antigas rainhas e o Leão Branco. Aquelas mulheres, retratadas em uma escala maior que seu tamanho normal, encaravam Rand com olhares desaprovadores, como se estivessem perguntando o que ele estaria fazendo ali. Claro que a reprovação no olhar delas era fruto da sua imaginação, mas... por que pensara aquilo? Por conta da descoberta sobre Tigraine? E aquilo era mesmo apenas sua imaginação, ou já seria a loucura?

— Chegou alguém que acho que o senhor devia ver — anunciou Bashere, aparecendo atrás de Rand de repente.

Rand se sobressaltou, desviando o olhar das mulheres no teto. Estivera mesmo encarando aquelas antigas

rainhas? Bashere vinha acompanhado por um de seus cavaleiros. Um sujeito mais alto — coisa fácil perto de Bashere —, de barba e bigode escuros e olhos verdes oblíquos.

— Não verei ninguém, a não ser que seja Elayne — retrucou Rand, em um tom mais ríspido do que pretendia. — Ou alguém com provas de que o Tenebroso está morto. Vou passar a manhã em Cairhien.

A verdade é que não tivera qualquer intenção de viajar antes de as palavras saírem de sua boca. Mas lá poderia encontrar Egwene — e ficar longe das rainhas no teto.

— Já faz algumas semanas desde que apareci por lá. Se eu não ficar de olho, algum lorde ou lady vai acabar reivindicando o Trono do Sol pelas minhas costas.

Bashere olhou estranho para ele. Rand estava se explicando demais.

— Como quiser, mas acho que vai querer ver este homem primeiro. Ele diz que vem em nome de Lorde Brend, e acho que é verdade.

Os Aiel se levantaram no mesmo instante. Todos sabiam quem usava aquele nome.

Rand apenas encarou Bashere, surpreso. A última coisa que esperava era um emissário de Sammael.

— Traga o homem até mim.

— Hamad — disse Bashere, virando-se para o jovem que o acompanhava, e o saldaeano saiu depressa.

Alguns minutos depois, Hamad voltou trazendo um bando de saldaeanos desconfiados que escoltavam um sujeito. A princípio, nada no homem justificava todo aquele cuidado: ele não portava nenhuma arma visível, e seu estilo correspondia à moda de Illian — um casaco longo e cinza com o colarinho erguido e a barba encaracolada e cheia, mas sem bigode, além de ter um nariz curto e largo e ostentar um largo sorriso. Mas, quando o sujeito se aproximou, Rand notou que o sorriso nunca se alterava — todo o rosto do homem parecia congelado naquela expressão sorridente. Os olhos escuros, em contraste, se projetavam por trás daquela máscara de alegria forçada, e o medo neles era evidente.

Quando o homem estava a dez passadas de distância, Bashere ergueu a mão, e a guarda parou. O illianense, que encarava Rand, só percebeu a ordem de parada quando Hamad ergueu a espada e pressionou a ponta contra seu peito, forçando-o a parar para evitar ser atravessado pela arma. O homem simplesmente encarou a lâmina levemente sinuosa, então voltou os olhos aterrorizados para Rand, o sorriso ainda escancarado, os braços caídos ao lado do corpo. As mãos do sujeito tremiam na mesma intensidade da rigidez da expressão em seu rosto.

Rand começou a se aproximar do homem, mas Sulin e Urien se meteram entre os dois de repente — não bloquearam a passagem, não foi bem isso, apenas se posicionaram de modo que, para avançar mais, Rand teria que os empurrar ligeiramente para fora do caminho.

— O que será que fizeram com ele? — perguntou Sulin, examinando o sujeito. Donzelas e Escudos Vermelhos tinham saído de seus postos entre as colunas e se aproximado mais, alguns até de rosto velado. — Se não for uma Cria da Sombra, no mínimo foi tocado pela Sombra.

— Um sujeito desses deve poder fazer coisas que nem sequer imaginamos — comentou Urien, um dos Escudos Vermelhos que usava a tira de tecido escarlate presa à cabeça. — Talvez possa até matar com apenas um toque. Seria uma bela mensagem para um inimigo.

Nenhum dos dois o encarou, como se não falassem diretamente com Rand, mas ele assentiu. Talvez tivessem razão.

— Qual é o seu nome? — perguntou Rand ao homem.

Quando perceberam que ele ficaria onde estava, Sulin e Urien se afastaram um passo, indo um para cada lado.

— Eu, no caso, venho de... de Sammael — respondeu o sujeito, o sorriso ainda congelado no rosto. — Eu trago uma mensagem para... para o Dragão Renascido. Para o senhor, no caso.

Bem, era bem direto. Será que o sujeito era Amigo das Trevas, ou só mais uma pobre alma que Sammael

aprisionara em uma de suas tramas hediondas de que Asmodean lhe falara?

— Que mensagem? — perguntou Rand.

A boca do illianense se contorceu, como se ele tentasse resistir. O som que saiu não parecia nem de longe com a voz de antes: era mais profunda, mais confiante e com um sotaque diferente.

— Eu e você estaremos de lados diferentes quando chegar o Dia do Retorno do Grande Senhor, mas qual é o sentido de nos matarmos agora e deixarmos Demandred e Graendal disputarem o mundo sobre nossos cadáveres? — Rand reconheceu aquela voz de um dos fragmentos da memória de Lews Therin que tinham se fixado em sua mente. Era a voz de Sammael. Lews Therin rosnou, uma raiva sem palavras. — Você já tem bastante para digerir, para que pegar ainda mais? — prosseguiu Sammael, através do illianense. — E são bocados bem difíceis de mastigar, mesmo sem Semirhage ou Asmodean tentando lhe apunhalar pelas costas enquanto você está distraído. Eu proponho uma trégua, uma trégua que vai durar até o Dia do Retorno. Se você não agir contra mim, não agirei contra você. Eu me comprometo a não estender meus domínios a leste para além das Planícies de Maredo ou ao norte para além de Lugard e Jehannah, a noroeste. E que fique claro que estou deixando a maior parte do terreno para você. Não posso falar em nome dos outros Escolhidos, mas você pode ter certeza de que não tem o que temer de mim ou das terras sob meu domínio. Eu também me comprometo a não ajudar os outros em nada do que armem contra você, muito menos a se defenderem. Você tem feito um bom trabalho, retirando os Escolhidos do jogo. Não tenho dúvidas de que continuará muito bem, melhor até do que antes, agora que sabe que seu flanco sul está a salvo e que os outros lutam sem minha ajuda. Suspeito de que, no Dia do Retorno, restaremos apenas nós dois, como deve ser. Como está destinado a ser.

O illianense cerrou os dentes com um estalido, ainda se escondendo por trás daquele sorriso congelado. O brilho em seus olhos beirava a loucura.

Rand encarou o sujeito. Uma trégua com Sammael? Mesmo que pudesse confiar que o Abandonado fosse honrar a proposta, mesmo que isso significasse um perigo a menos até que desse conta dos outros... também significava que Sammael teria milhares de pessoas à sua mercê, e o Abandonado jamais se mostrara misericordioso. Rand sentiu a ira deslizando pela superfície do Vazio e só então percebeu que agarrara *saidin*. Aquela torrente abrasadora de doçura fétida e congelante parecia ecoar sua raiva. Lews Therin. Não era de se surpreender que aquela personalidade insana perdesse a cabeça. O eco da ira de Lews Therin ressoou na fúria de Rand, até que não dava mais para distinguir uma da outra.

— Leve esta mensagem de volta a Sammael — começou, a voz fria. — Vou cobrar o preço de cada morte que ele causou desde que despertou, é uma dívida. Vou cobrar o preço de cada assassinato que ele cometeu ou provocou, é uma dívida. Sammael escapou da justiça em Rorn M'doi, em Nol Caimaine e em Sohadra. — Eram lembranças de Lews Therin, mas a dor do que acontecera e a agonia que os olhos de Lews Therin tinham testemunhado queimavam no Vazio, como se fossem do próprio Rand. — Agora verei a justiça ser feita. Diga a Sammael que não há trégua com os Abandonados. Não há trégua com a Sombra.

O mensageiro ergueu a mão trêmula, secando o suor do rosto — não, não era suor: a mão ficou vermelha. Gotículas escarlate escapavam dos poros, e o homem tremia dos pés à cabeça. Hamad deu um passo atrás, surpreso, e não foi o único. Bashere cofiou o bigode, desconfortável, apertando-o bem entre os dedos, fazendo uma careta de dor em solidariedade. Até os Aiel encararam o sujeito. O illianense desabou, convulsionado, uma massa coberta de vermelho, o sangue formando uma poça escura e viscosa que se espalhava conforme o homem se debatia.

Recolhido à profundidade do Vazio, Rand apenas assistiu ao homem morrer, sem sentir nada. O Vazio isolava as emoções, e, além disso, não havia o que ele pudesse fazer. Mesmo que soubesse algo de Cura, não teria conseguido impedir aquilo.

— Eu acho — começou Bashere, hesitante — que Sammael saberá a resposta ao ver que o sujeito não vai retornar. Sei que há quem mate mensageiros que trazem más notícias, mas nunca ouvi falar de alguém que

matasse os mensageiros *para transmitir* a má notícia.

Rand assentiu. Assim como quando descobriu a verdade sobre Tigraine, aquela morte não mudava nada.

— Mande organizarem o enterro. Uma prece não fará mal ao homem, mesmo que não vá adiantar de nada.

Por que as rainhas, nos vitrais coloridos, ainda o encaravam acusadoramente? Elas com certeza já tinham visto coisa pior, talvez até ali, naquela sala do trono. E ainda conseguia apontar na direção exata de Alanna, ainda podia senti-la — o Vazio não o protegia. Será que podia confiar em Egwene? Ela sabia guardar segredo.

— Talvez eu passe a noite em Cairhien.

— Um fim estranho para um homem estranho — comentou Aviendha, contornando o trono. Pequenas portas ocultas ali atrás levavam às salas de vestir, que davam para outros corredores.

Rand fez menção de se colocar entre ela e o corpo sobre os azulejos vermelhos e brancos, mas parou. Depois de uma olhada curiosa, Aviendha apenas ignorou o homem morto no chão. A ruiva tinha sido Donzela da Lança, decerto testemunhara tantas mortes quanto Rand. E, quando Aviendha enfim abriu mão da lança, já devia ter matado tantos homens quanto Rand vira morrer.

Era nele que a jovem estava concentrada, olhando-o de cima a baixo para garantir que não estava ferido. Algumas Donzelas sorriram e abriram caminho, empurrando alguns Escudos Vermelhos para o lado, mas Aviendha ficou parada, ajeitando o xale, só olhando. Rand teve vontade de abraçá-la ali mesmo e ficou feliz por poder se conter. Sabia que, apesar do que as Donzelas achavam, Aviendha só estava ali porque as Sábias a tinham mandado espioná-lo. Era bom saber que ela não o queria. O bracelete de marfim que Aviendha usava no braço, todo de rosas entalhadas entre espinhos, bem como ela, fora presente de Rand. Era a única joia que ela usava além de um colar de prata, uma corrente kandoriana intrincada, forjada em um padrão que chamavam de flocos de neve. Rand não sabia de quem fora aquele presente.

Luz!, pensou, enojado com o próprio comportamento. Queria Aviendha e Elayne, mesmo sabendo que não podia ter nenhuma das duas. *Você é pior do que Mat sequer cogitou ser algum dia.* Até mesmo Mat teria o bom senso de ficar longe das mulheres a quem poderia fazer mal.

— Também tenho que ir para Cairhien — declarou Aviendha.

Rand fez careta. Uma das vantagens de passar a noite em Cairhien seria dormir sem ela no quarto.

— Não tem nada a ver com... — começou a jovem, irritada, mas se conteve, mordendo o lábio inferior carnudo, um brilho estranho nos olhos verde-azulados. — Preciso falar com as Sábias, com Amys.

— Claro — concordou Rand. — Não vejo por que a impedir.

Além disso, talvez conseguisse deixá-la para trás, por lá.

Bashere chamou sua atenção, tocando seu braço.

— Você ia ver meus cavaleiros marcharem hoje à tarde. — O tom era displicente, mas os olhos oblíquos do general conferiam grande peso às palavras.

Era *mesmo* importante, mas Rand queria ir para longe de Caemlyn, de Andor.

— Amanhã. Ou depois.

Precisava ir para longe dos olhares daquelas rainhas, todas se perguntando se alguém de seu sangue teria coragem de destruir sua terra, como fizera com tantas outras. Luz, Rand tinha o sangue delas nas veias! E também precisava ficar longe de Alanna, mesmo que só por uma noite. Precisava ficar longe dela.





A RODA DA VIDA

Com um breve fluxo de Ar, Rand apanhou o cetro e o cinturão ao lado do trono, então abriu o portão ali mesmo, diante da plataforma do trono — a barra de luz giratória foi se ampliando, abrindo-se para uma câmara vazia com paredes cobertas por painéis escuros. O aposento ficava a mais de seiscentas milhas de Caemlyn, no Palácio do Sol, o palácio real de Cairhien. A sala, reservada para que ele usasse justamente daquela maneira, não tinha nenhuma mobília, e tanto o chão de azulejos azul-escuros quanto os painéis de madeira da parede estavam lustrados e brilhantes. Apesar de não ter janelas, o lugar estava bastante iluminado — oito lampiões de chão dourados queimavam dia e noite, e os espelhos no aposento ampliavam o brilho das chamas a óleo. Rand fez uma pausa para afivelar a espada enquanto Sulin e Urien abriam a porta do corredor e conduziam Donzelas e Escudos Vermelhos velados adiante, à frente dele.

Rand achava a cautela dos Aiel ridícula. O largo corredor do lado de fora era a única forma de acesso ao aposento, e ele era constantemente guardado por cerca de trinta Aiel *Far Aldazar Din*, Irmãos da Águia, e quase vinte dos homens de Berelain, a Primeira de Mayene, todos com placas peitorais pintadas de vermelho e capacetes arredondados cujas abas, atrás, desciam quase até a nuca. Se havia um lugar no mundo onde Rand tinha certeza de que não precisava da escolta de Donzelas, era em Cairhien — e mais até do que em Tear.

Quando Rand saiu, viu um Irmão da Águia já no fim do corredor, indo anunciar sua chegada. Um mayenense ia atrás do Aiel mais alto, agarrado desajeitado à lança e à espada curta — ou melhor, um pequeno batalhão marchava atrás do *Far Aldazar Din*: serviçais nos mais variados uniformes; um Defensor da Pedra taireno metido em uma reluzente placa peitoral e um casaco preto e dourado; um soldado cairhieno com a frente da cabeça raspada e a placa peitoral bem mais surrada que a do taireno; duas jovens Aiel em saias pesadas e blusas brancas soltas, que Rand achou que reconhecia das aprendizes de Sábias. As notícias de sua chegada correriam depressa. Era sempre assim.

Pelo menos Alanna estava longe. Verin também, mas principalmente Alanna. Mesmo àquela distância, ainda tinha a vaga sensação de que a Verde estava em algum lugar a oeste. Era como sentir que havia alguém com a mão estendida parada a apenas um fio de cabelo de distância de sua nuca. Será que havia alguma forma de se livrar daquela mulher? Agarrou *saidin* outra vez, por um instante, mas não fez diferença.

Você nunca escapa das armadilhas em que se mete. O murmúrio de Lews Therin parecia confuso. *Para destruir uma força, só uma força ainda maior, mas então você acaba preso outra vez. Preso para sempre, sem poder morrer.*

Rand estremeceu. Às vezes parecia que a voz estava mesmo falando com ele. Se o que ela dizia ao menos fizesse sentido, vez ou outra, seria mais fácil tê-la dentro da mente.

— Vejo você, *Car'a'carn* — cumprimentou um dos Irmãos da Águia. O homem tinha olhos cinza na mesma altura dos de Rand e uma cicatriz branca cortava seu nariz, em forte contraste com o rosto bronzeado de sol. — Eu sou Corman, dos Mosaada Goshien. Que o dia lhe traga sombra.

Rand não teve chance de dar a resposta apropriada, pois o oficial de Mayene, um sujeito de bochechas rosadas, veio logo se enfiando entre os dois, empurrando o Aiel com um tranco dos ombros. Bem, não exatamente se enfiando: o sujeito era esguio demais para conseguir dar um tranco em alguém uma cabeça mais alto e com quase o dobro de largura no corpo, ainda mais se tratando de um Aiel — mas o mayenense talvez fosse jovem o suficiente para achar que podia. Ainda assim, ele se meteu na frente de Rand, ao lado de Corman, o capacete carmesim com uma única pluma vermelha enfiado debaixo do braço, duas asas trabalhadas nas laterais da redoma de metal.

— Milorde Dragão, sou Havien Nurelle, Lorde Tenente dos Guardas Alados, a serviço de Berelain sur Paendrag Paeron, Primeira de Mayene, e também a serviço do senhor.

Corman olhou de esguelha para o homem, contendo um sorrisinho.

— Vejo você, Havien Nurelle — respondeu Rand, solene, e o garoto piscou, surpreso. *Garoto?* Pensando bem, o tenente talvez não fosse muito mais novo que Rand, o que era um choque. — Se você e Corman puderem...

Ele de repente reparou que Aviendha tinha ido embora. Quase se matara tentando evitar aquela mulher, e, na primeira vez em que concordava em tê-la por perto, ela escapava de fininho assim que ele dava as costas!

— Levem-me a Berelain e Rhuarc — ordenou, com rispidez. — Se os dois não estiverem juntos, levem-me ao que estiver mais perto e vão atrás do outro.

Aviendha só podia ter corrido para as Sábias para relatar o que ele estava fazendo. Ah, mas dessa vez ele ia deixá-la para trás quando voltasse a Caemlyn.

Você quer o que não pode ter. E o que não pode ter é o que quer. Ao dizer isso, Lews Therin soltou uma risada maníaca. Sua presença já não incomodava Rand como antes. Não tanto. O fardo inevitável sempre pode ser carregado.

Corman e Havien deixaram seus homens para trás, conversando sobre quem estaria mais próximo, porém Rand ainda assim foi seguido por uma grande comitiva. As Donzelas e os Escudos Vermelhos o acompanhavam de perto, lotando o corredor com teto quadrado e abobadado. O ambiente parecia escuro, apesar dos lampiões de chão espalhados. Quase não havia cor, exceto em uma ou outra tapeçaria, e os cairhienos tentavam compensar a invasão de cores com muita rigidez nos bordados, fossem de flores, pássaros, cervos, leopardos caçando ou uma batalha de nobres. Os uniformes indicadores dos serviçais cairhienos, que saíam depressa do caminho, consistiam em listras coloridas nos punhos das mangas e a insígnia da casa a que serviam bordada no peitoral, no máximo uma gola ou as mangas nas cores da Casa e, muito raramente, um vestido ou casaco inteiro de um tom mais vívido. Claro que apenas os serviçais superiores usavam mais cores. Os cairhienos gostavam de ordem e desprezavam exageros. Poucas prateleiras espalhadas abrigavam ornamentos, uma vasilha dourada ou um vaso do Povo do Mar, mas tudo muito austero e trabalhado em linhas retas, sempre tentando disfarçar as curvas, caso houvesse alguma. Quando o corredor se abria para uma colonata de colunas retas, dava para ver, nos poucos jardins do andar de baixo, caminhos de sebe em ângulos precisos, cada canteiro do mesmo tamanho, cada arbusto e pequena árvore podados à perfeição e com o mesmo espaçamento. Se a seca e o calor tivessem permitido flores, Rand tinha certeza de que cada botão teria nascido em fileiras perfeitas.

Rand desejou que Dyelin pudesse ver aquelas vasilhas e vasos espalhados por ali. Os Shaido tinham levado tudo o que eram capazes de carregar no caminho do Deserto até Cairhien, então queimaram o que sobrara — um comportamento que violava o *ji'e'toh*. Os Aiel que seguiam Rand, os que tinham salvado a cidade, também pegaram algumas coisas, pois, pelas regras do povo do Deserto, a conquista de um lugar em batalha

lhes dava a permissão de levarem um quinto de todas as riquezas e recursos — e nem uma colher a mais. Bael até concordara, relutante, em abster-se do quinto em Andor, mas Rand achou que ninguém poderia pensar que qualquer coisa tivesse sido tirada dali, não sem uma listagem.

Apesar de toda a discussão, Corman e Havien não conseguiram encontrar nem Rhuarc nem Berelain antes de os dois decidirem aparecer.

Os dois se aproximaram sozinhos por entre as colonatas, sem qualquer comitiva — o que só fez Rand se sentir como se estivesse liderando uma espécie de desfile alegórico. Rhuarc, em seu *cadin'sor*, com o cabelo ruivo escuro pontilhado de mechas grisalhas, avultava-se sobre Berelain, uma bela jovem de pele clara metida em um vestido azul e branco. O decote era tão baixo que Rand pigarreou e desviou os olhos quando ela se abaixou para uma medida. Rhuarc, de *shoufa* enrolada no pescoço, não portava nenhuma arma além de uma pesada faca Aiel, enquanto Berelain usava o Diadema da Primeira de Mayene, um gavião dourado em pleno voo preso aos cabelos negros e brilhantes, que caíam em ondas por sobre os ombros nus.

Talvez fosse melhor mesmo que Aviendha tivesse ido embora — ela às vezes se comportava de forma muito violenta com mulheres que pensava estarem se jogando para cima de Rand.

Ele então reparou que Lews Therin cantarolava uma melodia dissonante — algo nela parecia perturbador, mas... o quê? Era uma espécie de zumbido, feito um homem admirando uma bela mulher que nem sequer o notara.

Pare com isso!, gritou Rand, para dentro da própria cabeça. *Pare de olhar pelos meus olhos! Não havia como dizer se Lews tinha ouvido — será que havia alguém lá dentro para ouvir? —*, mas o zumbido cessou.

Havien baixou-se em um dos joelhos, mas Berelain, quase distraída, gesticulou para que ele se levantasse.

— Creio que tudo esteja bem com milorde Dragão e com Andor. — A Primeira tinha o tipo de voz que fazia um homem parar para escutar. — E também com seus amigos, Mat Cauthon e Perrin Aybara.

— Está tudo bem — respondeu Rand. Berelain sempre perguntava por Mat e Perrin, não importava quantas vezes ele dissesse que um estava a caminho de Tear e que não via o outro desde antes da ida ao Deserto. — E com vocês?

Berelain olhou de esguelha para Rhuarc enquanto os dois se posicionavam um de cada lado de Rand, avançando para o corredor seguinte.

— Tão bem quanto se pode esperar, milorde Dragão.

— Tudo está bem, Rand al'Thor — respondeu Rhuarc, sem muita expressão. O que, afinal, era bem comum.

Rand sabia que ambos compreendiam por que ele deixara Berelain no comando de Cairhien. Pura lógica. Ela fora a primeira governante a lhe oferecer uma aliança sem pedir nada em troca, e Rand sabia que podia confiar nela, já que Berelain precisava dele, ainda mais do que quando fizeram a aliança, para manter Tear longe de Mayene. Além de os Grão-lordes tairenos sempre tentarem tratar Mayene como uma província, a jovem era estrangeira, vinda de uma pequena nação a centenas de léguas ao sul, e não tinha por que favorecer uma Casa ou facção cairhiena em detrimento de outra, nem qualquer esperança de se manter por muito tempo no poder. Além disso, ela sabia governar. A mais pura lógica. Além disso, considerando como os Aiel se sentiam em relação aos cairhienos — o que era recíproco —, colocar Rhuarc no comando teria gerado um derramamento de sangue. Cairhien já vira sangue suficiente.

O arranjo parecia estar funcionando bem. Tal qual Semaradrid e Weiramon, em Tear, os cairhienos aceitavam uma cidadã de Mayene como sua governante tanto porque ela não era Aiel, quanto porque o próprio Rand a havia escolhido. Berelain sabia o que estava fazendo, e pelo menos escutava os conselhos de Rhuarc, que falava em nome dos chefes dos clãs que ainda permaneciam ali. E, apesar de ainda não ter reclamado, a Primeira também lidava com as Sábias, que só desistiriam de se intrometer — ainda que não considerassem o que faziam como intromissão — um dia depois das Aes Sedai.

— E Egwene? — perguntou Rand. — Ela está melhor?

Berelain comprimiu os lábios de leve. A Primeira não gostava de Egwene — por outro lado, Egwene também não gostava dela. Não havia motivos para isso, não que Rand soubesse, mas também não havia o que fazer.

Rhuarc espalmou as mãos.

— Só sei o que Amys diz.

Amys era uma Sábia, e esposa de Rhuarc — uma das esposas. Eram duas, um dos costumes Aiel mais estranhos dentre os muitos costumes que Rand considerava estranhos.

— Ela diz que Egwene precisa descansar, não fazer muito esforço, comer bem e tomar ar fresco. Acho que a menina tem caminhado ao frescor do dia.

Berelain encarou o Aiel com um olhar irônico. O leve brilho da transpiração em seu rosto não diminuía sua beleza, mas Rhuarc, naturalmente, não suava nem um pouco.

— Eu gostaria de ver Egwene. Se as Sábias permitirem. — As Sábias eram tão enfáticas em reforçar suas regras internas quanto qualquer Aes Sedai, sempre fazendo questão de deixá-las bem delimitadas para os chefes de ramo, os chefes de clã e, sobretudo, para o *Car'a'carn*. — Mas, primeiro, temos que...

Ouviu um ruído baixo quando começaram a se aproximar daquela área, onde uma parede do corredor tinha sido substituída por uma balaustrada de colunas: era o clangor de espadas de treinamento. Rand deu uma olhada quando passou — ou pelo menos essa fora sua intenção inicial. Mas não pôde deixar de parar, surpreso, ao perceber que um cairhieno muito rígido, metido em um casaco cinza liso, supervisionava o treinamento de cerca de uma dezena de mulheres empapadas de suor, algumas usando vestidos de montaria com as saias divididas, outras vestidas em casacos e calças masculinos. A maioria ainda não conseguia manter muito bem as posturas e formas, apesar de serem bem vigorosas no combate, mas algumas fluíam suavemente de postura em postura, mesmo manejando as lâminas com certa hesitação. Todas pareciam muito obstinadas, mas os rostos sérios se dissolviam em risadas e lamentações quando elas percebiam que tinham cometido algum erro.

O cairhieno sisudo bateu palmas, e as mulheres pararam, ofegantes, apoiando-se nas espadas de treinamento, algumas alongando os braços, claramente não acostumadas ao esforço. Para além de seu campo de visão, Rand notou os serviçais indo e vindo, curvando-se em medidas e reverências enquanto apresentavam suas bandejas com cântaros e taças. Podiam ser serviçais, mas usavam um uniforme estranho para os padrões Cairhien — a roupa era toda branca, não importava se fossem vestidos ou casacos com calças.

— O que é isso? — perguntou, para os dois que o acompanhavam.

Rhuarc soltou um muxoxo desgostoso.

— Algumas cairhienas ficaram muito impressionadas com as Donzelas — explicou Berelain, com um sorriso. — Querem ser uma delas. Só que imagino que queiram manejar a espada, e não a lança. — Sulin se empertigou, ultrajada, e as Donzelas começaram a conversar naquela linguagem de sinais, com gestos que pareciam indignados. — São filhas de Casas nobres, e as deixei ficarem aqui porque os pais não permitiriam esse treinamento. A cidade já tem quase uma dúzia de escolas que instruem as mulheres no manejo da espada, mas muitas precisam ir escondidas para as aulas. E não são só as mulheres que estão tentando aprender. Todos os jovens cairhienos parecem bastante impressionados com os Aiel, estão até adotando o *ji'e'toh*.

— Estão é acabando com o *ji'e'toh* — resmungou Rhuarc. — Muitos vêm nos perguntar sobre nossos costumes, e quem não instruiria alguém disposto a aprender o que é o correto? Mesmo se for um Assassino da Árvore — Ele estava quase cuspiando. — Mas esses jovens distorcem os ensinamentos.

— Ah, eu não diria que distorcem — protestou Berelain. — Acho que só adaptam para os nossos costumes.

Rhuarc ergueu a sobrancelha de modo sutil, e a Primeira de Mayene suspirou em resposta. Havien parecia

a personalização do ultraje, vendo sua governante ser contestada. Nem Rhuarc nem Berelain repararam, ambos tão concentrados em Rand — ao que parecia, aquele era um debate que os dois tinham com frequência.

— Distorcem, sim — retrucou Rhuarc, insistente. — Esses idiotas vestidos de branco até alegam ser *gai'shain*. *Gai'shain*! — Os outros Aiel resmungaram, e as Donzelas voltaram a se comunicar na linguagem de sinais. Havien começou a parecer um pouco desconfortável. — Em que batalha ou invasão eles foram derrotados? Em que *toh* incorreram? Você confirmou minha ordem de proibição às brigas pela cidade, Berelain Paeron, mas esses jovens disputam duelos em qualquer canto onde acham que não serão vistos, e o perdedor adota o branco. Se um consegue golpear o outro mesmo enquanto os dois estão armados, o ferido pede por um duelo; quando o duelo é negado, o tolo veste o branco. O que isso tem a ver com honra ou obrigação? Esses jovens distorcem tudo, se comportam de um jeito que faria até um sharamano corar. Isso precisa acabar, Rand al'Thor.

O rosto de Berelain assumiu uma expressão teimosa, e ela agarrou as saias com os punhos cerrados.

— É normal os jovens lutarem, isso sempre acontece — retrucou ela, com um tom tão condescendente que dava para esquecer que ela também era jovem. — Mas, desde que isso começou, mais nenhum morreu em duelo. *Nenhum*. Só isso já basta para deixá-los seguirem com essas ideias. Além do mais, já confrontei pais e mães e alguns poderosos que exigiam que suas filhas fossem mandadas de volta para casa. Não vou negar a essas jovens o que já lhes prometi.

— Pode ficar com elas. Deixe que aprendam a arte da *espada*, se é o que elas querem. Mas precisam parar de dizer que estão seguindo o *ji'e'toh*. Precisam parar com essa história de usarem roupas brancas e alegarem ser *gai'shain*. O que elas fazem é uma ofensa — respondeu Rhuarc, os frios olhos azuis fixos em Berelain. Mas os olhos grandes e escuros da Primeira de Mayene permaneceram cravados em Rand.

Rand hesitou apenas por um instante. Podia entender por que os cairhienos mais jovens estavam impressionados com o *ji'e'toh* — depois de serem derrotados duas vezes pelos Aiel em menos de trinta anos, eles decerto deveriam se perguntar se aquele seria o segredo da vitória, ou talvez achassem que as derrotas simplesmente fossem prova de que o estilo de vida Aiel era melhor. Era evidente que os Aiel estavam incomodados com aquele comportamento que viam como um escárnio de suas crenças, mas a verdade era que algumas das situações que levavam os Aiel a se tornarem *gai'shain* também eram bastante peculiares. Por exemplo, reclamar com um homem sobre seu sogro ou com uma mulher sobre sua sogra — que, na nomenclatura Aiel, eram chamados de segundo-pai ou segunda-mãe — era considerado ofensa o bastante para justificar desembainhar armas, a não ser que a nora ou o genro é que tivesse começado a reclamar do parente em questão. Se, em vez de iniciar um duelo, a parte ofendida tocasse a outra, seria como se ela tivesse tocado um inimigo armado sem o ferir — o que tocava ganhava muito *ji* e incorria em muito *toh* para seu oponente, que, por sua vez, podia exigir tornar-se *gai'shain* para atenuar o ganho de honra de quem o tocara e diminuir a própria obrigação. De acordo com o *ji'e'toh*, era obrigatório honrar qualquer exigência de se tornar *gai'shain*, então a pessoa poderia acabar trabalhando em servidão durante um ano e um dia apenas por ter falado da sogra de alguém. O que parecia tão tolo quanto o que os cairhienos estavam fazendo. No fim das contas, seria muito fácil de resolver: deixara Berelain no comando, então tinha que apoiá-la. Simples assim.

— Rhuarc, os cairhienos já ofendem os Aiel simplesmente por serem cairhienos. Deixe estar. Quem sabe eles não acabem aprendendo o suficiente para que vocês parem de odiá-los.

Rhuarc resmungou, amargo, e Berelain sorriu. Por um momento, a jovem pareceu prestes a dar a língua para o Aiel. Claro que fora apenas sua imaginação — Berelain era apenas alguns anos mais velha do que ele, mas já governava Mayene quando ele ainda pastoreava ovelhas em Dois Rios.

Rand mandou Corman e Havien de volta à guarda e continuou seu caminho com Rhuarc e Berelain de

cada lado e o restante da comitiva logo atrás. Era praticamente um desfile, só faltavam os tambores e trompetes.

Mais atrás, o clangor das espadas de treinamento recomeçou. Era mais uma mudança, por menor que fosse. Nem mesmo Moiraine, que passara tanto tempo estudando as Profecias do Dragão, sabia se a nova Ruptura marcaria o começo de uma nova Era, mas não havia dúvidas de que Rand estava trazendo mudanças. Tantas por acidente, ao que parecia, quanto de propósito.

Quando chegaram à porta do gabinete que Berelain e Rhuarc dividiam — uma sala com paredes cobertas de painéis de madeira com entalhes de sóis nascentes, o que indicava que era usada pela realeza —, Rand parou e virou-se para Sulin e Urien. Se não conseguisse dispensá-los ali, com todos aqueles guardas, não ficaria livre em nenhum outro lugar.

— Pretendo retornar a Caemlyn amanhã, uma ou duas horas depois do nascer do sol. Até lá, visitem as tendas, vejam seus amigos e tentem não começar nenhuma rixa de sangue. Se fizerem muita questão, destaquem um de cada grupo para ficar comigo e me proteger dos ratos, mas duvido que haja qualquer coisa maior que isso disposta a me atacar, aqui.

Urien abriu um leve sorriso e assentiu, apesar de ter apontado para um cairhieno próximo, murmurando:

— Tem uns ratos grandes por aqui.

A princípio, Rand achou que Sulin fosse discutir, mas a mulher só sustentou aquele olhar inexpressivo por alguns momentos, antes de assentir — apesar da boca contraída. Ele com certeza ouviria bastante assim que se visse a sós com as Donzelas.

Era sua segunda vez no gabinete, mas Rand ainda ficava admirado com os contrastes do grande aposento. No teto alto de gesso trabalhado, linhas retas e ângulos marcantes formavam padronagens elaboradas, que desciam pelas paredes e marcavam o entorno de uma enorme lareira revestida de mármore azul-escuro. Uma mesa imponente coberta de papéis e mapas estava posicionada no centro do recinto, servindo como uma espécie de fronteira. As duas janelas altas e estreitas de um dos lados da lareira abrigavam vasos de barro em tamboretas baixos, com plantinhas cheias de botões diminutos vermelhos e brancos. Diante delas, do lado de lá da mesa, uma comprida tapeçaria exibia navios no mar, com homens puxando redes cheias de enchovas-pretas — a fonte da riqueza de Mayene. Um bordado ainda no aro, a agulha presa a um fio de linha vermelha pendendo do trabalho inacabado, jazia em uma poltrona alta e larga o bastante para Berelain se deitar, caso desejasse. No chão havia um único tapete, com desenho floral em vermelho e azul, e uma mesinha ao lado da cadeira sustentava uma bandeja de prata com uma jarra e cálices. Logo ao lado da bandeja, uma tirinha de couro trabalhada em ouro marcava um livro fino de encadernação vermelha, indicando o ponto onde Berelain parara de ler.

O chão do outro lado da mesa era coberto por camadas de tapetes menores de cores vivas e almofadas adornadas com borlas vermelhas, azuis e verdes. Uma bolsa de tabaco, um cachimbo de cano curto e um par de pinças jaziam ao lado de uma tigela de latão fechada, tudo sobre um pequeno baú com tiras de metal. Um baú maior, envolto por uma alça de ferro, apoiava uma escultura de marfim de algum animal desajeitado que Rand duvidava de que existisse. Cerca de vinte livros de todos os tamanhos possíveis, de edições de bolso a tomos tão grandes que até mesmo Rhuarc precisaria de ambas as mãos para sustentá-los, estavam alinhados no chão, ocupando toda a extensão da parede. Os Aiel fabricavam tudo de que precisavam no Deserto, exceto livros. Muitos mascates tinham feito fortunas negociando apenas livros com os Aiel.

— Pois bem — disse Rand, depois de ver a porta fechada, já a sós com Rhuarc e Berelain —, e como é que estão as coisas, de verdade?

— Estão como eu já disse — respondeu Berelain —, tão bem quanto se pode esperar. Cresceu o falatório sobre Caraline Damodred e Toram Riatin, mas o povo anda cansado demais para querer outra guerra tão cedo.

— Há boatos de que dez mil andorianos se juntaram a eles. — Rhuarc começou a encher o cachimbo, prensando o tabaco com o polegar. — Qualquer boato sempre multiplica as coisas por dez, quando não por vinte, mas mesmo assim é preocupante, se for verdade. Nossos vigias relataram que os números não são tão grandes, mas, se os deixarmos crescer, podem se tornar mais que um aborrecimento. A mosca-amarela é quase imperceptível, mas, se ela põe um ovo na sua pele, você acaba perdendo um braço ou uma perna antes mesmo de o ovo acabar de chocar... e isso se não morrer.

Rand soltou um grunhido. A rebelião de Darlin em Tear não era a única. A Casa Riatin e a Casa Damodred, as duas últimas a ocuparem o Trono do Sol, já estavam em uma rivalidade feroz antes de ele chegar, e era bem provável que voltassem à inimizade de antes assim que ele fosse embora. Ambas tinham deixado a rivalidade de lado, ao menos nas aparências — os cairhienos podiam ser completamente diferentes sob a superfície. Agora, seguindo o exemplo de Darlin, Toram e Caraline queriam reunir suas tropas em algum lugar que julgassem seguro — para tanto, tinham escolhido o interior mais distante possível da cidade: o sopé das montanhas da Espinha do Mundo. Juntas, as duas casas tinham reunido a mesma mistura que compunha as forças de Darlin, nobres quase sempre medianos, camponeses desalojados, alguns mercenários ultrajados com a situação e uns poucos milicianos. E aquilo talvez tivesse dedo de Niall, como no caso de Darlin.

Os sopés das montanhas não eram nem de longe tão impenetráveis quanto Haddon Mirk, mas Rand estava decidido a conter seus esforços: tinha vários inimigos, em muitos locais. Se parasse para matar a mosca-amarela de Rhuarc, um leopardo furtivo poderia lhe dar um bote. Queria acabar primeiro com os leopardos — se conseguisse descobrir onde estavam todos.

— E os Shaído? — perguntou, apoiando o Cetro do Dragão sobre a mesa, em cima de um mapa meio desenrolado do norte de Cairhien, com as montanhas que chamavam de Adaga do Fratricida. Os Shaído não eram um leopardo tão perigoso quanto Sammael, mas ainda eram um pouco maiores que o Grão-lorde Darlin ou que Lady Caraline. Berelain lhe entregou um cálice de vinho, que ele aceitou e agradeceu. — As Sábias já disseram alguma coisa sobre Sevanna e suas pretensões?

Achava que pelo menos uma ou duas poderiam investigar um pouco quando iam resolver suas questões de Sábias na Adaga do Fratricida — as Sábias dos Shaído com certeza faziam isso quando desciam para esses lados do Rio Gaelin. Mas não disse nada, claro. Os Shaído podiam ter abandonado o *ji'e'toh*, mas Rhuarc era muito tradicional em suas opiniões sobre espionagem. Claro que as Sábias tinham suas próprias opiniões, embora fosse impossível saber que opiniões eram essas, exatamente.

— Disseram que os Shaído estão construindo fortalezas. — Rhuarc fez uma pausa, pinçando um carvão em brasa do forninho de latão cheio de areia e o levando até o cachimbo. Depois de acender o fumo, prosseguiu: — Elas não acham que os Shaído tenham qualquer pretensão de voltar à Terra da Trindade. Eu concordo.

Rand passou a mão livre pelo cabelo. Caraline e Toram infestando o interior, e os Shaído se assentando deste lado da Muralha do Dragão — uma mistura bem mais perigosa do que os problemas com Darlin. E a mão invisível de Alanna parecia sempre prestes a tocar sua nuca.

— Tem mais notícias boas?

— Temos conflitos em Shamara — respondeu Rhuarc, o cachimbo na boca.

— Onde?

— Shamara... Ou Shara. Esse povo dá vários nomes para a própria terra: Co'dansin, Tomaka, Kigali, vários outros. E qualquer um pode ser verdadeiro. Ou nenhum. É um povo que mente sem nem pensar. Se não tomar o cuidado de abrir cada rolo de seda que comprar, você corre o risco de descobrir que só a parte de fora é seda. E, quando encontrar o vendedor de novo, ele vai dizer que não o conhece ou que é a primeira vez que faz negócios na área. Se você insistir muito, os outros acabam matando o vendedor só para lhe

tranquilizar, depois dizem que o sujeito era o único que podia tomar alguma providência em relação à seda e ainda tentam vender água como se fosse vinho.

— E por que os conflitos em Shara são boa notícia? — murmurou Rand.

Ele não estava realmente interessado na resposta, mas Berelain escutava com atenção. Só os Aiel e o Povo do Mar conheciam mais sobre as terras além do Deserto do que o marfim e a seda provenientes da região — as outras informações vinham das histórias em *As Jornadas de Jain, o Viajante*, fantasiosas demais para serem verdade. Mas, pensando bem, Rand se lembrava de alguma menção às mentiras do povo e aos vários nomes que davam àquela terra, mas, até onde lembrava, nenhum dos exemplos do livro coincidia com os de Rhuarc.

— Porque nunca há conflitos em Shara, Rand al'Thor. Dizem que as Guerras dos Trollocs chegaram até lá, mas, se houve alguma batalha desde então, não chegaram notícias aos pátios de troca. — Os Trollocs também tinham adentrado o Deserto Aiel durante aquela guerra. Desde então, as criaturas chamavam aquela região de Solo da Morte. Rhuarc continuou: — Na verdade, aqui fora não chegam notícias de nada daquelas terras. O povo diz que sempre foi uma só terra, e não muitas, como aqui, e que sempre houve paz. Quando você saiu de Rhuidean como *Car'a'carn*, a notícia se espalhou. E também havia menções do seu título entre os aguacentos daqui, “Dragão Renascido”. A notícia se espalhou dos pátios de troca, atravessando todo o Grande Fosso e os Penhascos da Aurora. — Os olhos de Rhuarc se mantiveram firmes e calmos; aquilo não o perturbava. — E as notícias agora voltam pela Terra da Trindade. Há conflitos em Shara, e os sharamanos nos pátios de troca perguntam quando é que o Dragão Renascido vai Romper o Mundo.

De repente, o vinho ficou amargo. Mais um lugar que, a exemplo de Tarabon e Arad Doman, mergulhara no caos só com o rumor de sua existência. Até onde ia sua influência? Será que, por causa dele, guerras das quais jamais saberia estavam se desenrolando em terras das quais ele jamais ouviria falar?

A morte se apoia em meus ombros, murmurou Lews Therin. *A morte caminha em minhas pegadas. Eu sou a morte.*

Rand estremeceu e pousou o cálice na mesa. Que preço aquelas Profecias cobravam, em todos aqueles versos grandiloquentes e insinuações tortuosas? Será que deveria acrescentar Shara — ou qualquer que fosse o verdadeiro nome daquela terra — à lista, junto com Cairhien e as outras? Será que devia contabilizar o mundo inteiro? Mas como, se nem ao menos conseguia ocupar Tear inteira, ou mesmo Cairhien? Aquilo levaria mais tempo do que uma vida inteira. E Andor... Ainda que estivesse destinado a destruir todas as nações, romper o mundo inteiro, preservaria Andor. Por Elayne. Daria um jeito.

— Shara, ou seja lá qual for o nome desse lugar, fica muito longe daqui. Daremos um passo de cada vez. E Sammael é nosso primeiro passo.

— Sammael — concordou Rhuarc.

Berelain estremeceu e esvaziou o cálice.

Passaram um tempo conversando sobre os Aiel a caminho do sul. Rand queria que o exército que estavam reunindo em Tear fosse grande o bastante para aniquilar de um só golpe o que quer que Sammael pusesse em seu caminho. Rhuarc parecia satisfeito, mas Berelain protestou, alegando que precisavam de mais gente em Cairhien — isso até Rhuarc mandá-la ficar quieta. A Primeira resmungou alguma coisa sobre o Aiel ser excessivamente teimoso, mas passou para o tópico seguinte, os esforços de reassentar os fazendeiros. Segundo seus cálculos, no ano seguinte não haveria mais necessidade de receberem grãos de Tear. Isso se a seca desse alguma trégua — se não desse, Tear não conseguiria suprir nem as próprias necessidades de grãos, muito menos exportar. E estavam começando a surgir os primeiros sinais da volta do comércio: mercadores chegavam de Andor, Tear e Murandy, descendo pelas Terras da Fronteira. Por falar no comércio, um navio do Povo do Mar ancorara naquela mesma manhã — Berelain achou estranho vê-los tão longe do mar, mas ainda assim eram bem-vindos.

A Primeira de Mayene ficou séria e concentrada, passando a falar mais depressa e dar voltas na mesa para alcançar uma ou outra pilha de papéis e enumerar o que Cairhien precisava comprar e o que podia pagar;

o que tinha para vender agora e o que teria dali a seis meses ou um ano. O futuro dependia do clima, claro, mas ela não se demorou nos comentários sobre a seca, agindo como se não fosse uma questão tão premente — ainda assim, encarou Rand com um olhar firme que dava a entender que ele era o Dragão Renascido e que, se havia como refrear aquele calor, cabia a ele descobrir. Rand já a vira lânguida e sedutora, e também já lidara com Berelain assustada, desafiadora e arrogante, mas nunca a vira daquele jeito. Parecia outra mulher. Rhuarc, sentado em uma de suas almofadas, baforando o cachimbo, parecia se divertir com a cena.

— ... essa sua escola talvez possa ajudar — comentou ela, franzindo o cenho para um longo pergaminho completamente preenchido por uma caligrafia precisa. — Quer dizer, se pararem de pensar em novas criações por tempo o bastante para executar as ideias que já conceberam. — Ela deu uma batidinha nos lábios e encarou o nada, pensativa. — Você me diz para dar todo o ouro que pedirem, mas se me deixasse segurar um pouco o dinheiro até eles de fato...

A frase foi interrompida pelo anúncio de Jalani, que meteu o rosto gorducho porta adentro — os Aiel pareciam incapazes de entender o conceito de bater à porta antes de entrar em um aposento.

— Mangin está aqui para falar com você e Rhuarc, Rand al'Thor.

— Avise que terei muito prazer em conversar com ele depois de...

Rand não conseguiu terminar, foi interrompido por Rhuarc, que disse, em voz baixa:

— Você deveria falar com ele agora, Rand al'Thor.

O chefe do clã parecia muito sério, e Berelain, que largara o pergaminho em cima da mesa, encarava o chão.

— Pois bem — aquiesceu Rand, hesitante.

Jalani voltou para o corredor, e Mangin entrou. O Aiel, um sujeito mais alto que Rand, era um dos que cruzaram a Muralha do Dragão em busca d'Aquele Que Vem Com a Aurora, e também fazia parte do pequeno grupo que tomou a Pedra de Tear.

— Seis dias atrás, eu matei um homem — anunciou ele, sem preâmbulos —, um Assassino da Árvore. E preciso saber se tenho *toh* com você, Rand al'Thor.

— Comigo? — perguntou Rand. — Você tem o direito de se defender, Mangin. Luz, você sabe muito bem diss... — Ele ficou mudo, encarando aqueles olhos cinza muito sérios, mas sem o menor sinal de medo; no máximo uma possível curiosidade. A expressão de Rhuarc nada revelava, e Berelain ainda se recusava a erguer os olhos do chão. — Ele atacou primeiro, não atacou?

Mangin balançou a cabeça bem lentamente.

— Eu vi que o homem merecia morrer, então o matei — retrucou ele, em um tom quase displicente, como se contasse que limpava ralos que pareciam precisar de uma limpeza. — Mas você tinha dito que só podemos matar os quebradores de juramentos que estivessem tentando nos matar. Eu agora tenho *toh* com você?

Rand lembrou-se do que dissera quando conquistaram a cidade... *vou mandar enforcar*. Sentiu um aperto no peito.

— Por que o homem merecia morrer?

— Ele usava o que não tinha direito de usar.

— Usava? O que é que ele estava usando, Mangin?

— Isto.

Foi Rhuarc quem respondeu, tocando o antebraço esquerdo, indicando o Dragão que envolvia seu antebraço. Não era comum os chefes de clã exibirem o desenho, e em geral nem mencionavam que o tinham — quando se tratava daquelas marcas, quase tudo era envolto em mistério, e os chefes preferiam que permanecesse assim.

— Uma versão feita com agulha e tinta, claro — completou Rhuarc.

Era uma tatuagem.

— E o homem estava fingindo ser chefe de clã? — perguntou Rand, mas sabia que estava procurando uma justificativa... *vou mandar enforcar*. Mangin tinha sido um dos primeiros a segui-lo.

— Não — respondeu o Aiel assassino. — Ele estava bebendo, exibindo a todos o que nem deveria ter no braço. Eu vejo seus olhos, Rand al'Thor. — O homem de repente escancarou um sorriso. — É uma complicação. Eu fiz o certo em matar aquele homem, mas agora tenho *toh* com você.

— Foi errado matar o sujeito. Você sabe a punição para um assassinato.

— Uma corda do pescoço, como fazem esses aguacentos — concordou Mangin, então assentiu, pensativo. — Me diga onde e quando, e eu estarei lá. Que você encontre água e sombra, Rand al'Thor.

— Que você encontre água e sombra, Mangin — respondeu Rand, triste.

Berelain comentou, depois que viram a porta se fechar outra vez:

— Bem, suponho que ele comparecerá ao próprio enforcamento de livre e espontânea vontade. Ah, Rhuarc, não me olhe com essa cara. Não estou querendo impugná-lo, nem manchar a honra Aiel.

— Seis dias! — grunhiu Rand, virando-se para ela. — Vocês dois sabiam por que ele queria falar comigo, *os dois*. Isso já faz seis dias, e vocês deixaram para eu resolver. Assassinato é assassinato, Berelain.

A Primeira de Mayene se aprumou, imponente, mas sua voz saiu na defensiva.

— Não estou acostumada a ver homens vindo confessar que cometeram um assassinato. É essa droga desse *ji'e'toh*. Esses Aiel com essa honra maldita. — Era estranho vê-la praguejando.

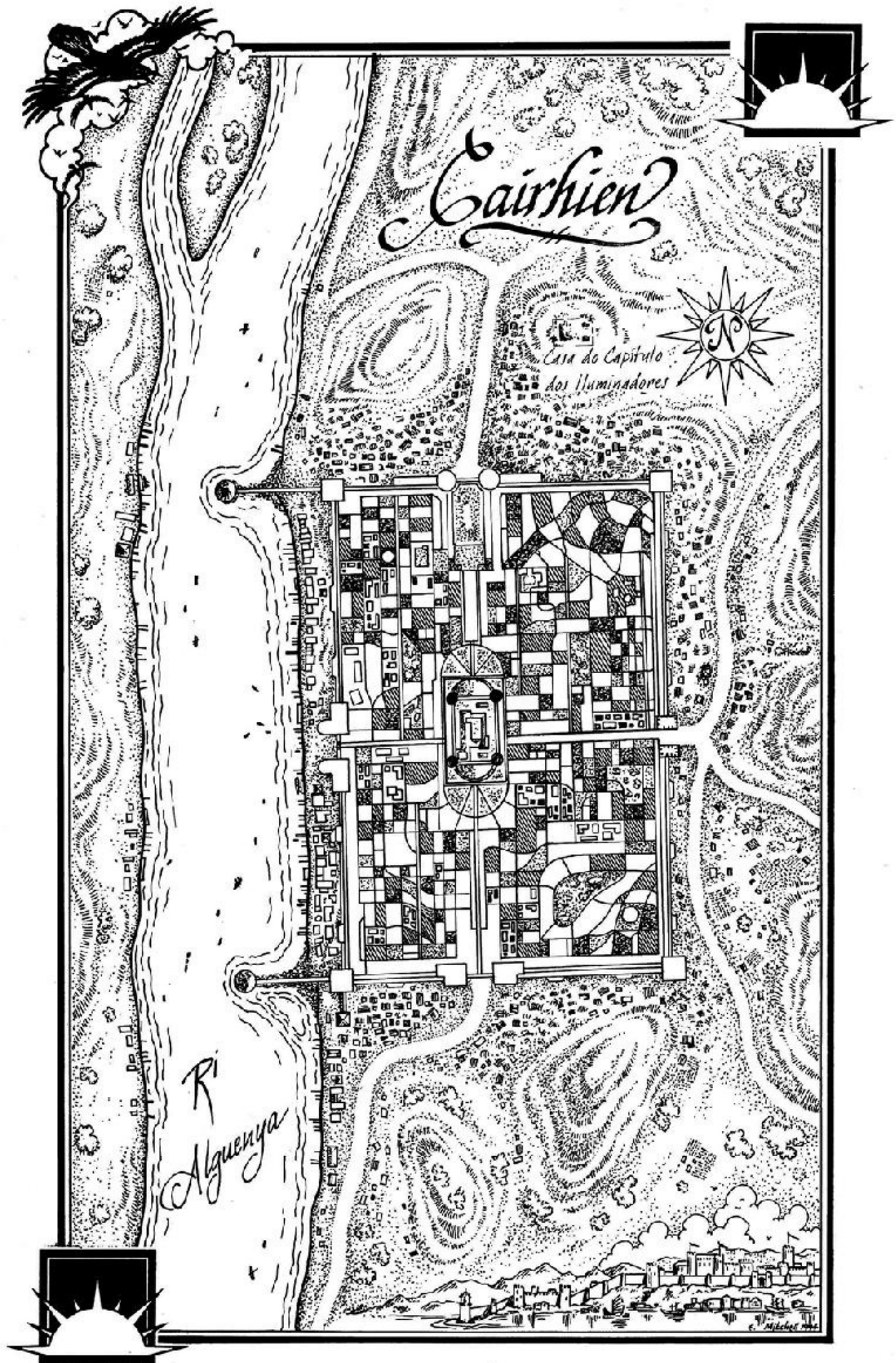
— Você não tem por que ficar irritado com Berelain, Rand al'Thor — observou Rhuarc. — A *toh* de Mangin é para com você, não com ela. Nem comigo.

— A *toh* dele era para com o homem que morreu — retrucou Rand, com frieza. Rhuarc pareceu chocado. — Da próxima vez que alguém cometer assassinato, não esperem por mim. Façam valer a lei!

Assim, talvez não tivesse que passar por aquela situação outra vez e ter que sentenciar um homem que ele conhecia e de quem gostava. Claro que faria de novo, se fosse preciso. Sabia muito bem disso, o que só o deixava mais triste. O que havia se tornado?

A roda da vida de um homem, murmurou Lews Therin. *Sem piedade. Sem misericórdia.*







UM POUCO DE SOLIDÃO

— Tem mais algum problema que vocês queiram que eu resolva? — O tom de Rand deixava claro que ele se referia a problemas que os dois já deveriam ter resolvido. Rhuarc balançou a cabeça de leve, e Berelain enrubesceu. — Ótimo. Marquem a data para o enforcamento de Mangin.

Quando a dor for demais, faça doer em outra pessoa, sussurrou Lews Therin, com uma risada rouca. Aquilo era sua responsabilidade. Era seu dever. Rand enrijeceu as costas, tentando não ser esmagado por aquela montanha, e completou:

— Marquem o enforcamento para amanhã. Digam a ele que foi decisão minha. — Rand fez uma pausa, os olhos vidrados, então percebeu que estava esperando ouvir o comentário de Lews Therin, e não o deles dois. Aguardando o conselho de um homem morto. Um homem morto e louco. — Vou até a escola.

Rhuarc comentou que as Sábias já deviam estar a caminho, e Berelain acrescentou que os nobres tairenos e cairhienos também exigiriam saber onde ela estava escondendo o Dragão Renascido, mas Rand mandou que os dois dissessem a verdade. E que avisassem para ninguém ir atrás dele, explicando que voltaria quando fosse a hora. Rhuarc e Berelain fizeram cara de quem comeu ameixa azeda, mas Rand simplesmente pegou o Cetro do Dragão e saiu.

No corredor, Jalani e um Escudo Vermelho, um sujeito louro e não muito mais velho que ela, puseram-se de pé em um movimento fluido e trocaram um olhar furtivo. Fora eles e alguns serviçais apressados em suas tarefas, o corredor estava vazio. Ao que parecia, Rand teria uma escolta com um integrante de cada grupo Aiel, mas ficou se perguntando se Urien tivera de brigar com Sulin para garantir aquela equidade.

Gesticulando para que os dois o acompanhassem, Rand foi direto para o estábulo mais próximo, com baias do mesmo mármore verde das colunas que sustentavam o teto alto. O criado-chefe, um velho calejado e orelhudo ostentando o Sol Nascente de Cairhien bordado no colete de couro curto, ficou tão chocado em vê-lo com apenas dois Aiel de escolta que ficou um tempo olhando as portas do estábulo, esperando os outros. O velho fez tantas medidas entre uma olhadela e outra para a porta que Rand se perguntou, impaciente, se algum dia conseguiria um cavalo. Assim que o velho finalmente gritou para os cavaleiros, pedindo “um cavalo para o Lorde Dragão!”, seis homens saíram em disparada, indo preparar um capão baio alto de olhos geniosos. Meteram o animal em uma rédea de franjas douradas, com uma sela trabalhada em ouro acima do teliz azul-celeste franjado, cheio de sóis nascentes bordados com fios de ouro.

Tão rápido quanto os cavaleiros, o criado-chefe orelhudo já estava longe quando Rand subiu na sela, pouquíssimo tempo depois da ordem dada. Decerto fora atrás da comitiva que o Dragão Renascido deveria

ter consigo; ou quem sabe fora espalhar a notícia de que Rand estava deixando o palácio praticamente só — Cairhien era assim. O baio que ele montava era um cavalo nobre e forçava um passo saltitante, mas Rand o forçou a trotar. Ainda estava tentando ajustar o estranho passo do animal quando saiu dos muros do palácio, assustando os guardas cairhienos ao passar. Não estava preocupado com uma possível tocaia de assassinos que porventura ouvissem os avisos do criado orelhudo — qualquer um que tentasse armar uma emboscada para ele acabaria descobrindo que estava tão mal preparado quanto um camponês sem tesoura na tosquia de ovelhas. Ainda assim, não queria se demorar — quanto mais tempo passava, maior era a chance de se ver cercado de nobres, e então seria impossível partir desacompanhado. E era bom estar sozinho, para variar.

Encarou Jalani e o jovem Aiel que corriam ao lado do baio. Achava que o homem se chamava Dedric, um Codarra do septo Fenda de Jaern. Bem, estava quase sozinho. Ainda sentia Alanna e ouvia os lamentos distantes de Lews Therin, pranteando a morte de sua Ilyena. Jamais estava realmente só. Isso talvez nunca mais acontecesse. Ainda assim, gostava daquela solidão parcial, o máximo que poderia ter, depois de tanto tempo no meio de todos.

Cairhien era uma cidade grande, e as ruas principais eram largas o bastante para fazer a multidão parecer pequena. As ruas pareciam flechas atravessando as colinas — tão perfeitamente escavadas e aterradas que mais pareciam obra dos homens — e sempre se cruzavam em ângulos muito retos. Havia imensas torres espalhadas pela cidade, todas envoltas em andaimes de madeira que quase encobriam seus suportes elaborados com arcos quadrados, todas parecendo já tocar o céu, mas planejadas para ir ainda mais alto. Já fazia vinte anos que as lendárias torres de Cairhien, tão elevadas que não tinham topo, consideradas uma das maravilhas do mundo, tinham sido incendiadas, queimando feito tochas durante a Guerra dos Aiel, e as restaurações ainda não haviam terminado.

Não foi fácil abrir caminho pela multidão, e o trote ligeiro do baio não durou muito. Rand já havia se acostumado a ter as pessoas abrindo espaço para sua escolta de sempre, mas o efeito não era o mesmo com apenas dois acompanhantes, ainda mais quando havia centenas de Aiel em seus *cadin'sor* andando por entre os locais. Achava que alguns daqueles Aiel o reconheciam, mas optavam por ignorá-lo, sem querer o constrangimento de chamar atenção para o *Car'a'carn* enquanto ele portava uma espada e montava um cavalo — o que era menos pior, mas não digno de aplauso. Para os Aiel, vergonha e constrangimento eram sensações muito piores que a dor, embora o *ji'e'toh* complicasse tudo de maneiras que Rand quase não conseguia compreender. Aviendha sem dúvida adoraria explicar, já que parecia querer que ele se tornasse Aiel.

E também havia todo tipo de gente apinhando as ruas: cairhienos da capital, em seus costumeiros trajes amarronzados; as pessoas que tinham vivido em Portão da Frente antes do incêndio, nas típicas roupas surradas de cores vibrantes; e tairenos, quase sempre uma cabeça mais altos que os locais, mas não tão altos quanto os Aiel. Carros de boi e carroções puxados por cavalos ziguezagueavam pelo povo, abrindo caminho para carruagens envernizadas de portas fechadas e liteiras, algumas com o estandarte de uma Casa ou outra. Ambulantes anunciavam seus produtos aos berros, exibindo bandejas, e mascates puxavam carrinhos de mão. Músicos, acrobatas e malabaristas se apresentavam em cada esquina — duas grandes mudanças. Cairhien costumava ser uma cidade silenciosa e tranquila, a não ser em Portão da Frente, e algo daquela sobriedade ainda se mantinha. As lojas ainda tinham placas pequenas, sem exibirem os produtos do lado de fora, e os locais ainda olhavam, altivos e indignados, para o povo da antiga Portão da Frente, com a costumeira algazarra, rindo alto e gritando uns com os outros, discutindo bem no meio da rua.

Só os Aiel reconheceram o cavaleiro de casaco azul trabalhado em prata, embora de vez em quando alguém olhasse com mais atenção para seu teliz. O Cetro do Dragão ainda não era muito conhecido por ali, e ninguém abria passagem. Rand estava dividido entre a impaciência e o prazer de não ser o centro das atenções.

A escola ficava em um palácio a uma milha do Palácio do Sol, e o lugar já fora propriedade de um certo

Lorde Barthaness, já falecido sem deixar saudades. O lugar era um gigantesco aglomerado de quadrados de pedra com torres em ângulos retos e varandas sem adornos. Os compridos portões do pátio principal estavam abertos, e Rand foi bem recebido.

Idrien Tarsin, diretora da escola, estava parada nos degraus largos do extremo oposto do pátio. Era uma mulher atarracada, metida em um vestido cinza simplório, tão empertigada que parecia uma cabeça mais alta do que era. E não estava sozinha: dezenas de pessoas se aglomeravam junto a ela nos degraus de pedra, homens e mulheres, quase todos vestindo lã, e não seda, as roupas quase sempre surradas e sem adorno. A maioria já tinha uma idade avançada, e Idrien não era a única com mais fios grisalhos do que pretos — alguns também não tinham preto nenhum na cabeça; ou não tinham cabelo —, embora aqui e ali Rand notava um rosto mais jovem encará-lo com avidez. Por “mais jovem”, entendia-se dez ou quinze anos mais velho do que ele.

Eram os professores, de certa forma, embora aquilo não fosse bem uma escola. Era verdade que havia alunos que iam lá para aprender, e ele notou rapazes e moças boquiabertos, dependurados em todas as janelas ao redor do pátio. Mas o objetivo de Rand tinha sido reunir o conhecimento do mundo em um só lugar. Já ouvira tantas vezes sobre quanto se perdera durante a Guerra dos Cem Anos e as Guerras dos Trollocs... Quanto mais teria sido perdido com a Ruptura do Mundo? Se estava destinado a Romper o Mundo outra vez, então criaria repositórios para preservar o conhecimento. Já fundara outra escola em Tear, embora ainda estivesse apenas no começo, e ele já buscava um bom local para criar a de Caemlyn.

Nada nunca sai como você espera, resmungou Lews Therin. *Não espere nada, e não terá surpresas desagradáveis. Não espere nada. Não deseje nada. Nada.*

Rand ignorou a voz em sua cabeça e desceu do cavalo.

Idrien veio cumprimentá-lo com uma mesura. Quando ela se endireitou, Rand teve o costumeiro choque de perceber que ela mal batia em seu peito.

— Bem-vindo à Escola de Cairhien, milorde Dragão. — Idrien tinha uma voz surpreendentemente doce e jovial, um forte contraste com seu rosto firme, mas Rand já a ouvira falar em tom mais áspero com alunos e professores. A mulher conduzia a escola na rédea curta.

— Quantos espões a senhora tem no Palácio do Sol? — perguntou Rand, sem muita emoção.

Idrien pareceu assustada, Rand só não sabia se era porque ele sugerira tamanho ultraje ou se — o que era mais provável — era porque a pergunta não era de bom-tom ali em Cairhien.

— Preparamos uma pequena exposição — anunciou a diretora, à guisa de resposta. Bem, Rand não esperava resposta, afinal. Ela encarou os dois Aiel como uma mulher olharia para dois cães marrons imensos e de temperamento imprevisível, mas se contentou em fungar em desaprovação. — Milorde Dragão, queira me acompanhar.

Rand a seguiu, franzindo o cenho. Exposição de quê?

O saguão de entrada era imenso, com colunas lustrosas de um tom sobre tom cinza-escuro e chão de azulejos de um cinza mais claro, além de uma varanda de mármore com veios cinza que circundava todo o saguão, três andares acima. E o lugar estava atulhado de... geringonças. Os professores aglomerados atrás dele correram para suas invenções, e Rand ficou olhando, lembrando-se do que Berelain dissera sobre a escola ter começado a fabricar coisas... Mas o quê?

Idrien respondeu sua dúvida conduzindo-o até cada geringonça, onde homens e mulheres apresentavam suas criações. Rand até conseguiu compreender algumas coisas.

Um conjunto de telas, raspadores e jarros cheios de retalhos de linho formavam uma máquina capaz de produzir o papel mais fino já fabricado — ou pelo menos era o que alegava seu inventor. Uma instalação gigantesca e maciça, com alavancas e imensas placas achatadas, era uma prensa de impressão muito melhor do que as que já havia em uso — mais uma vez, segundo o inventor. Dedric pareceu bem interessado na

prensa, até que Jalani decidiu que o Escudo Vermelho deveria estar atento a alguém que pudesse querer atacar o *Car'a'cam* e deu um pisão em seu pé. Depois disso, o Aiel foi mancando atrás de Rand. Viram um arado sobre rodas que parecia ter o propósito de abrir seis sulcos de uma só vez — pelo menos essa invenção Rand compreendia e até achava que poderia ser útil —; uma geringonça com hastes para cavalos tinha a função de substituir os homens que golpeavam o feno com foices durante a colheita; e também um novo tipo de tear, que o criador alegava ser mais fácil de manejar. Viram maquetes de madeira pintada, algumas com dutos para transportar água a locais onde os poços estavam secando; outras com prospectos de novos escoadouros e sistemas de esgoto para Cairhien; e até um modelo com estatuetas de homens, carroças, gruas e cilindros, feita com o propósito de demonstrar como as estradas poderiam voltar a ser construídas e pavimentadas com a mesma qualidade de muitos anos antes.

Rand não sabia se aquelas invencionices funcionariam, mas algumas pareciam valer a pena tentar. O arado, por exemplo, poderia ser bem útil para Cairhien conseguir voltar a produzir o próprio alimento. Mandaria Idrien construí-lo — não, ordenaria a Berelain mandar Idrien. *Sempre siga a hierarquia em público*, dissera Moiraine. *A não ser que pretenda passar por cima de algum governante e derrubá-lo*.

Kin Tovere era um dos professores que ele conhecia, um sujeito atarracado que fabricava lentes e tinha a mania de lustrar a careca com um lencinho listrado. Além de fazer lunetas de diversos tamanhos — “dá para contar os pelos do nariz de um sujeito a uma milha daqui”, como ele dizia —, o homem apresentou uma lente do tamanho da própria cabeça com um modelo de lunetas para sustentá-la junto com outras seis lentes imensas. A coisa toda tinha cerca de seis passadas de comprimento, além de um esquema surpreendente de orientações para observar as estrelas. Bem, Kin sempre quisera ver o que havia ao longe.

Idrien pareceu exibir uma satisfação contida enquanto Rand analisava o esboço de Mestre Tovere. A mulher não era muito fã do que não fosse prático. Durante o sítio de Cairhien, ela própria fabricara uma besta enorme e cheia de roldanas e alavancas capaz de arremessar lanças a uma milha com força suficiente para perfurar um homem. Se tudo fosse como ela gostaria, não se desperdiçaria tempo com qualquer coisa que não parecesse real e sólida.

— Pode construir — disse Rand. Talvez a invenção não tivesse utilidade real, não na mesma medida do arado, mas ele gostava de Tovere. Idrien suspirou e balançou a cabeça, mas Tovere ficou radiante. — E lhe concedo um prêmio de cem coroas de ouro. Isso parece interessante.

Aquela última frase gerou muito alarido, e foi difícil dizer se quem ficou mais surpreso e boquiaberto foi Idrien ou Tovere.

Outras geringonças no salão faziam Tovere parecer tão sensato quanto o aspirante a construtor de estradas. Um sujeito de rosto redondo apresentou alguma coisa com estrume de vaca que terminava com uma chama azulada queimando na ponta de um tubo de latão, mas nem mesmo ele parecia saber a serventia. Uma jovem magricela apresentou um mostruário que era basicamente uma concha de papel amarrada por cordas, suspensa no ar pelo calor que subia de um pequeno fogo em um braseiro. A jovem murmurou algo a respeito de voar — Rand tinha certeza de que tinha sido isso — e sobre a curvatura das asas do pássaro — ela apresentou desenhos de pássaros e do que pareciam pássaros *de madeira* —, mas ficou tão sem palavras diante do Dragão Renascido que não conseguiu soltar mais nenhuma explicação compreensível. Naturalmente, Idrien não conseguiu dizer do que se tratava.

E um sujeito careca estava parado diante de um conjunto de barras, rodas, tubos e cilindros de metal, tudo sobre uma pesada mesa de madeira recém-entalhada e raspada, com alguns talhos quase fundos o bastante para perfurar o tampo da mesa. Por alguma razão misteriosa, metade de seu rosto e uma das mãos estavam envoltos em ataduras. Assim que Rand adentrara o saguão de entrada, o sujeito começara a acender uma fogueira debaixo de um dos cilindros, muito nervoso. Logo que Rand e Idrien pararam diante da invenção, ele movimentou uma alavanca e abriu um sorriso orgulhoso.

A geringonça começou a vibrar, vapor saindo sibilante de dois ou três pontos. O sibilo tornou-se um guincho, e a coisa começou a tremer, emitindo um ruído tétrico. O guincho ficou ensurdecedor. A coisa tremia tanto que a mesa começou a se mexer. O careca se jogou em cima da mesa, sem jeito, e agarrou um fio solto do cilindro maior. O vapor irrompeu em uma nuvem, e a coisa toda parou. O homem gemeu, lambendo os dedos queimados.

— Belo trabalho com latão — comentou Rand, antes que Idrien o conduzisse para longe. Então perguntou, baixinho, quando se afastaram: — O que era aquilo?

A diretora deu de ombros.

— Mervin não quer contar a ninguém. Às vezes dá para ouvir uns estrondos vindos do quarto dele. São tão altos que as portas chegam a tremer. E ele já se esbaldou seis vezes, mas não para de dizer que, se fizer aquela coisa funcionar, dará início a uma nova Era. — Ela olhou para Rand, constrangida.

— Essa nova Era de Mervin será muito bem recebida — retrucou Rand, seco. Será que aquele treco deveria fazer música? E todos aqueles guinchos? — Não vi Herid. Ele se esqueceu de descer?

Idrien soltou outro suspiro. Herid Fel era um andoriano que sabe-se lá como fora parar na Biblioteca Real de Cairhien. O homem se autointitulava estudioso de história e filosofia — ou seja, um campo que não agradava à diretora.

— Milorde Dragão, Herid só sai do gabinete para ir à Biblioteca.

Rand precisou fazer um pequeno discurso para poder ir embora. Do alto de um banquinho, com o Cetro do Dragão enganchado na dobra do cotovelo, ele disse a todos que as criações eram magníficas. E algumas até poderiam ser, afinal. Só então conseguiu escapar com Jalani e Dedric. E com Lews Therin e Alanna. O grupo deixou para trás um burburinho satisfeito, e Rand se perguntou se alguém além de Idrien já cogitara fabricar alguma arma.

O gabinete de Herid Fel ficava em um dos andares superiores, em um ponto de onde não se via muito mais que os telhados de azulejo escuro e uma torre quadrada que bloqueava a paisagem. Herid alegava que não se importava, já que nunca olhava pela janela.

— Podem esperar aqui — declarou, quando chegaram à porta estreita que dava para o gabinete também estreito. Ficou surpreso em ver Jalani e Dedric concordarem prontamente.

De súbito, uma série de pequenos detalhes começaram a fazer sentido. Jalani não olhara com desaprovação para sua espada — coisa que sempre fazia questão de fazer — desde que Rand saíra da reunião com Rhuarc e Berelain. Nem ela nem Dedric sequer olharam para o cavalo no estábulo ou fizeram qualquer comentário depreciativo sobre como as pernas de Rand deveriam bastar — outra coisa que a mulher fazia com frequência.

Rand se virou para a porta e, como se para confirmar suas suspeitas, Jalani olhou Dedric de cima a baixo. Um olhar breve, mas cheio de interesse, e ainda por cima acompanhado de um sorriso. Dedric a ignorou com tanta ênfase que era como se estivesse retribuindo o olhar. Era o jeito Aiel, um sempre fingindo não entender até que o outro se fizesse claro. Jalani também teria ignorado Dedric, se ele a tivesse olhado primeiro.

— Divirtam-se — disse Rand antes de entrar, com uma olhadela por cima do ombro, apreciando as expressões sobressaltadas que seu comentário provocou.

O quarto era pequeno e estava abarrotado de livros, pergaminhos e maços de papel — tanto que não parecia haver mais nada ali. Prateleiras abarrotadas até o teto escondiam as paredes, exceto pela área da porta e de duas janelas abertas. Livros e papéis cobriam a mesa, que ocupava quase todo o espaço útil, e jaziam amontoados na cadeira sobressalente ou aqui e ali, no pouco que sobrava de chão. Herid Fel era um homem corpulento que sempre parecia ter se esquecido de pentear os cabelos finos e grisalhos pela manhã. O cachimbo que segurava entre os dentes estava apagado, e havia cinzas caídas no casaco marrom amarrotado.

O homem olhou com surpresa para Rand, então disse:

— Ah. Sim. Claro. Eu ia... — Ele franziu o cenho para o livro em suas mãos, então sentou-se à mesa e passou os dedos por algumas folhas soltas diante de si, resmungando baixinho para si mesmo. Herid virou-se para a primeira página do livro e coçou a cabeça. Então olhou de volta para Rand, olhando-o com surpresa mais uma vez. — Ah, sim. Sobre o que você queria conversar, mesmo?

Rand esvaziou a segunda cadeira, pousando livros e papéis no chão, apoiou o Cetro do Dragão sobre uma pilha de pergaminhos e se sentou. Já tentara conversar com os outros estudiosos, todos filósofos e historiadores, mulheres dotas e acadêmicos, mas era como tentar extrair informação de uma Aes Sedai. Todos tinham muita certeza das coisas sobre as quais tinham certeza, mas, quando se tratava de todo o resto, engatavam um falatório monótono que poderia significar qualquer coisa. E eles também se irritavam quando pressionados, já que pareciam achar que Rand duvidava de seu intelecto, o que consideravam um grande pecado. Quando não era isso, ou se empenhavam tanto em seus discursos que chegava ao ponto de Rand não entender metade, ou assumiam uma postura subserviente, tentando dizer exatamente o que ele queria ouvir. Herid era diferente. Sempre parecia se esquecer de que Rand *era* o Dragão Renascido, o que Rand achava ótimo.

— O que é que você sabe sobre Aes Sedai e Guardiões, Herid? Sobre o elo?

— Guardiões? Elo? Tanto quanto qualquer um que não seja Aes Sedai, suponho. O que não é muita coisa, veja bem. — Herid tragou o cachimbo, sem perceber que estava apagado. — O que o senhor queria saber?

— Esse elo pode ser quebrado?

— Quebrado? Ah, não. Creio que não. A não ser que o senhor esteja falando do momento em que o Guardião ou a Aes Sedai morre. Só assim o elo é quebrado. Acho. Eu me recordo de ter ouvido alguma coisa sobre o elo, mas não consigo lembrar exatamente...

Herid avistou uma pilha de anotações em cima da mesa, puxou-as mais para perto com as pontas dos dedos e começou a leitura, fechando a cara e balançando a cabeça. As notas tinham sido escritas em sua própria caligrafia, mas ele já não parecia mais concordar com o teor.

Rand suspirou. Quase acreditava que, se virasse a cabeça de repente, veria a mão de Alanna prestes a tocá-lo.

— E a pergunta que eu fiz da última vez? Herid? Herid?

O homem corpulento ergueu a cabeça com um solavanco.

— Ah. Sim. Ah, a pergunta. Da última vez. Tarmon Gai'don. Bem, não sei como é que vai ser. Trollocs, talvez? Senhores do Medo? Sim... Senhores do Medo. Mas andei pensando. Não tem como ser a Última Batalha. Não acredito que tenha. Talvez cada Era tenha uma Última Batalha. Ou pelo menos a maioria. — Ele franziu o cenho, os olhos voltados para o nariz e o cachimbo preso entre os dentes, e começou a revirar os papéis na mesa. — Tenho um acendedor aqui, em algum lugar.

— Como assim não tem como ser a Última Batalha? — Rand tentou manter a voz baixa. Sempre conseguia fazer Herid chegar ao ponto, o sujeito só precisava de um pouco de ajuda.

— O quê? Isso, exatamente isso. Não tem como ser a Última Batalha. Mesmo que o Dragão Renascido restaure os lacres da prisão do Tenebroso tão bem como fez o Criador. O que eu não acho que seja possível. — Ele se inclinou para a frente, baixando a voz e assumindo um tom conspiratório. — O Dragão Renascido não é o Criador, entende? Não importa o que andem dizendo por aí. Mesmo assim, alguém tem que selar a prisão. A Roda, entende?

— Não entendo... — A voz de Rand foi morrendo.

— Entende, sim. O senhor daria um bom aluno. — Herid tirou o cachimbo da boca e bafou a fumaça em um círculo. — A Roda do Tempo. As Eras vêm e vão e vêm de novo, com o girar da Roda, e tudo aquilo que a gente já sabe... — Ele ergueu o dedo de repente, apontando para um ponto daquela roda imaginária. —

Aqui a prisão do Tenebroso está inteira. Aqui, abriram um buraco nela e depois selaram de volta. — Ele moveu a ponta do cachimbo ao longo do arco que desenhara. — Nós estamos aqui. Os selos estão enfraquecendo. Mas isso não importa, é claro. — A haste do cachimbo completou o círculo. — Quando a Roda voltar para cá, para onde foi aberto o buraco pela primeira vez, a prisão do Tenebroso tem que estar selada de novo.

— Por quê? Talvez da próxima vez abram um buraco no remendo. Talvez tenha sido o que aconteceu da última vez... Quer dizer, é difícil abrir um buraco em algo que o Criador fez. Talvez tenham perfurado a Fenda por um remendo, o que seria muito mais fácil, e a gente não saiba.

Herid balançou a cabeça. Passou um instante encarando o cachimbo, voltando a notar que estava apagado. Rand achou que teria que chamá-lo outra vez para a conversa, mas Herid piscou e prosseguiu:

— Alguém teve que fazer isso, em algum momento. Quer dizer, na primeira vez. A não ser que o senhor ache que o Criador tenha feito a prisão já esburacada e remendada. — Ele ergueu as sobrancelhas, tornando a sugestão cômica. — Não... A prisão começou íntegra, e acho que voltará a ser quando a Terceira Era retornar. Hum... Será que ela era *chamada* de Terceira Era? — Ele molhou uma pena no tinteiro e rabiscou uma anotação apressada na margem de um livro aberto. — Argh, não importa mais. E não estou dizendo que é o Dragão Renascido quem vai tornar a prisão íntegra outra vez, e não necessariamente nesta Era em que estamos, mas isso terá que acontecer antes que a Terceira Era retorne. E já se passou muito tempo desde que a prisão foi restaurada pela última vez... passou no mínimo uma Era. Tanto tempo que ninguém se lembra do Tenebroso ou de sua prisão. Ninguém se lembra. Hum... Será que... — Ele espiou as próprias anotações e coçou a cabeça, então se surpreendeu ao notar que coçara a cabeça com a mão que segurava a pena, deixando um borrão de tinta nos cabelos. — Em qualquer Era que os selos se enfraqueçam, o povo acaba se lembrando do Tenebroso, já que tem que enfrentá-lo e prendê-lo outra vez.

Enfiando de volta o cachimbo entre os dentes, Herid tentou rabiscar outra anotação, mas não molhou a pena no tinteiro.

— A não ser que o Tenebroso se liberte — respondeu Rand, baixinho. — Para romper a Roda do Tempo e recriar o Tempo e o mundo à sua própria imagem.

— Tem isso. — Herid deu de ombros, olhando feio para a pena, até que enfim se lembrou do tinteiro. — Acho que não tem muito que eu ou o senhor possamos fazer a respeito. Por que não vem estudar aqui comigo? Duvido de que Tarmon Gai'don vá acontecer amanhã, e o senhor faria bom uso do seu temp...

— E você consegue pensar em alguma razão para romper os lacres?

Herid ergueu as sobrancelhas.

— Romper os lacres? Romper os lacres?! Por que alguém iria querer fazer isso? Só se fosse louco. Será que é possível romper os lacres, para começo de conversa? Acho que me lembro de ter lido em algum lugar que isso seria impossível, mas não me lembro de ter visto um motivo. O que o fez pensar em uma coisa dessas?

— Não sei.

Rand suspirou. No fundo da mente, Lews Therin entoava: *Rompa os lacres. Rompa os lacres e acabe com tudo. Me deixe morrer para sempre.*

* * *

Abanando-se distraidamente com a borda do xale, Egwene espiou os dois lados do corredor que cruzava, torcendo para não ter se perdido outra vez. Estava quase certa de que tinha e não ficaria nada satisfeita se fosse mesmo o caso. O Palácio do Sol tinha milhas de corredores, nenhum muito mais fresco do que lá fora, e

ela não passara tempo suficiente ali para conhecer o caminho.

Havia Donzelas por toda parte, em grupos de duas e três — muito mais do que a comitiva que acompanhava Rand, e decerto muito mais do que o normal, quando ele não estava ali. Pareciam estar só passeando, mas havia algo de... furtivo nelas. Várias a conheciam de vista, e Egwene teria esperado algum cumprimento amigável, já que as Donzelas pareciam ter concluído que ser pupila das Sábias era muito mais importante do que ser Aes Sedai — como acreditavam que ela fosse —, tanto que Egwene já não era mais considerada Aes Sedai, e sim pupila. Ainda assim, elas pareciam tão surpresas em vê-la quanto um Aiel poderia parecer surpreso. As cabeças se balançando em cumprimento vinham um segundo depois, e elas seguiam seu caminho, apressadas, sem dizer uma palavra. Desse jeito, Egwene não tinha como pedir informações.

Em vez de perturbar as Donzelas, Egwene optou por franzir o cenho para um serviçal suado com listras azuis e douradas nos punhos das mangas, ponderando se o sujeito saberia ou não como chegar aonde ela queria ir — a dificuldade, claro, era que não sabia muito bem aonde queria ir. Pena que o sujeito estivesse tão visivelmente tenso, com tantos Aiel por perto. O criado, decerto cheio de caraminholas sobre as Donzelas na cabeça, disparou para longe assim que viu “uma Aiel” encará-lo de cenho franzido — ninguém nunca notava os olhos escuros de Egwene, característica que não era encontrada entre o povo do Deserto.

Ela bufou, irritada. Bem, não precisava de informação, afinal. Cedo ou tarde acabaria encontrando um corredor conhecido. Não havia por que voltar por onde viera, mas por qual dos outros três corredores devia seguir? Acabou se decidindo por um e seguiu adiante a passos firmes — tão firmes que até algumas Donzelas abriram caminho.

A verdade era que estava um pouco irritada. Teria sido ótimo ver Aviendha, depois de tanto tempo, mas a ruiva simplesmente a cumprimentara com um aceno de cabeça e se enfiara em uma reunião com Amys. Só com Amys, como Egwene logo descobriu, ao tentar ir atrás das duas.

Você não foi convocada, dissera a Sábua, com rispidez, enquanto Aviendha se sentava de pernas cruzadas sobre uma almofada, parecendo infeliz enquanto encarava as camadas de tapete no chão. *Vá dar uma volta. E trate de comer. Você quer ser uma mulher ou um caniço?*

Bair e Melaine tinham chegado depressa, convocadas por algum *gai'shain*, e Egwene foi excluída. Ver a fileira de Sábias sendo dispensadas ajudou a apaziguar o incômodo, mas só um pouco. Ela era amiga de Aviendha, afinal. Se a ruiva estava com algum problema, Egwene queria ajudar.

— O que você está fazendo aqui? — inquiriu Sorilea, atrás dela.

Egwene estava muito orgulhosa de si mesma. Virou-se, muito calma, para encarar a Sábua da Fortaleza Shende. Sorilea era uma Jarra Chareen de cabelos brancos e finos e rosto coberto de pele curtida e muito repuxada. Era uma mulher ossuda e forte que podia canalizar, apesar de ter menos força com o Poder do que a maioria das noviças que Egwene conhecera. Se ela estivesse na Torre, teria sido dispensada sem nem chegar a ser Aceita. Claro que a canalização não fazia muita diferença entre as Sábias — fossem quais fossem as misteriosas leis que as regiam, a liderança das Sábias sempre recaía para Sorilea quando a mulher estava por perto. Egwene achava que Sorilea conquistara essa posição apenas com a força de vontade.

Como a maioria das Aiel, Sorilea era uma boa cabeça mais alta que Egwene. A Sábua a encarou com seus olhos verdes e firmes, um olhar capaz de desestabilizar um touro. Egwene se sentiu aliviada, pois aquele era o jeito normal de Sorilea encarar a todos. Se a mulher quisesse ralar com ela, as paredes já teriam desabado com a força de seu olhar, e as tapeçarias estariam em chamas, ou praticamente isso.

— Vim ver Rand — respondeu Egwene. — E a caminhada das tendas até aqui me pareceu um bom exercício.

Sem dúvida era um exercício melhor do que dar cinco ou seis voltas correndo ao redor das muralhas da cidade, o que os Aiel consideravam um exercício leve. Esperava que Sorilea não lhe perguntasse por que queria

falar com Rand. Não gostava de mentir para as Sábias.

Sorilea a encarou por um instante, como se tivesse farejado um segredo oculto, então ajeitou o xale sobre os ombros estreitos e disse:

— Rand não está aqui, foi visitar a escola. Berelain Paeron achou que não seria sensato ir atrás dele, e eu concordo.

Egwene teve que se esforçar para manter a expressão tranquila. Nunca imaginara que as Sábias fossem gostar de Berelain, mas as Aiel a tratavam como uma mulher sensata e respeitável — o que não fazia *o menor* sentido para Egwene —, e não era porque Rand lhe conferira autoridade, já que os Aiel não davam a mínima para a autoridade de nenhum aguacento. Aquilo era ridículo. A Primeira de Mayene se exibia em trajes escandalosos e flertava sem o menor pudor — isso quando não fazia mais do que flertar, como Egwene acreditava. Não era nem de longe o tipo de mulher para quem Amys abria um sorriso como se se tratasse de sua filha preferida. Muito menos Sorilea.

Sua mente, incontrolável, a fez pensar em Gawyn. Tinha sido apenas um sonho — e um sonho *dele*, aliás. Nada como o que Berelain fazia.

— Quando uma mulher cora sem qualquer motivo aparente, em geral é por causa de um homem — comentou Sorilea. — Quem atraiu seu interesse? Será que logo vamos vê-la pousar uma coroa nupcial aos pés dele?

— Aes Sedai quase nunca se casam — respondeu Egwene, em um tom frio.

A mulher de rosto curtido deu uma risada irônica, um som que lembrou tecido rasgando. As Donzelas e as Sábias — na verdade, todas as Aiel — podiam até considerar que Egwene não era Aes Sedai enquanto estudava com Amys e as outras, mas Sorilea ia ainda mais longe. A mulher parecia achar que Egwene de fato se tornara Aiel. Somado a isso, não havia nenhum assunto em que Sorilea julgasse não ter o direito de meter o bedelho.

— Mas você vai se casar, garota. Não é do tipo que vira essas *Far Dareis Mai*, que acham que a vida com os homens é, quando muito, um esporte feito a caça. Essas suas ancas foram feitas para ter bebês, e bebês você terá.

— Você sabe me dizer onde posso esperar por Rand? — perguntou Egwene, com a voz mais fraca do que gostaria.

Sorilea não era Andarilha dos Sonhos nem podia interpretá-los, e certamente não tinha o dom da Previsão, mas falava de um jeito tão decisivo que o que dizia parecia inevitável. Bebês de Gawyn. Luz, como teria bebês com Gawyn? As Aes Sedai nunca se casavam. Era raro um homem querer se casar com uma mulher que o deixaria tão vulnerável, se quisesse usar o Poder contra ele.

— Venha por aqui — apontou a Sábia. — É Sanduin, aquele Sangue Verdadeiro todo musculoso que eu vi perto da tenda de Amys, ontem? A cicatriz deixa o resto do rosto dele tão mais bonito...

Sorilea não parou de sugerir nomes enquanto conduzia Egwene pelo palácio, sempre espiando de rabo do olho para ver sua reação. A mulher também se esforçava ao máximo para listar os atributos de cada homem, e com certeza viu seu alvo corar várias vezes, já que essa lista incluía uma descrição dos corpos por baixo das roupas — coisa que sabia porque homens e mulheres Aiel compartilhavam as tendas de vapor.

Quando as duas chegaram à ala onde Rand passaria a noite, Egwene já estava desesperada. Ela ficou mais do que satisfeita em agradecer depressa e fechar a porta da sala com firmeza na cara de Sorilea. Por sorte, a Sábia também devia ter afazeres, ou teria empurrado a porta e imposto sua presença.

Egwene respirou fundo e começou a alisar as saias e arrumar o xale. Não que estivessem em desalinho, mas ela sentia como se tivesse sido empurrada colina abaixo. Sorilea realmente amava bancar a casamenteira — era capaz até de moldar a coroa nupcial e arrastar uma mulher desavisada para deitá-la aos pés do homem que *ela própria* escolhera e ainda torcer o braço do sujeito até ele agarrar a coroa. Bem, ela não arrastava

ninguém nem torcia braços, mas era tão insistente que dava no mesmo. Claro que Sorilea não levaria aquilo adiante com ela, e só de pensar naquela possibilidade, Egwene deu uma risadinha. No fim das contas, Sorilea não achava que ela tivesse mesmo virado Aiel — a mulher sabia que Egwene era Aes Sedai, ou pelo menos acreditava que ela fosse. *Claro* que não precisava se preocupar!

Ouvindo passos suaves vindo do dormitório, ela congelou, as mãos ainda no lenço cinza dobrado prendendo seus cabelos. Rand conseguia ir direto de Caemlyn a Cairhien, talvez tivesse surgido no quarto. Ou talvez alguém — ou algo — estivesse esperando por ele. Egwene agarrou *saidar*, preparando urdiduras terríveis, pronta para lançá-las... Até que uma *gai'shain* saiu do aposento e adentrou a sala trazendo roupas de cama dobradas. A mulher levou um susto ao vê-la, e Egwene soltou *saidar*, torcendo para não ter corado outra vez.

A mulher na túnica branca com capuz era Niella, tão parecida com Aviendha que causava espanto à primeira vista. Mas logo era possível ver que seria preciso acrescentar seis ou sete anos àquele rosto, que também não parecia tão bronzeado e talvez fosse um pouco mais rechonchudo. A irmã de Aviendha era tecelã e nunca fora Donzela da Lança. Já passara bem mais da metade da pena de um ano e um dia.

Egwene não a cumprimentou, pois isso só deixaria Niella constrangida.

— Sabe se Rand chegará logo? — perguntou.

— O *Car'a'carn* vai chegar quando chegar — respondeu a jovem, os olhos baixos e submissos. Era mesmo estranho. Mesmo sendo um pouco mais jovem e rechonchudo, era o rosto de Aviendha. Não combinava com a submissão. — Devemos estar preparados para quando ele chegar.

— Niella, faz ideia de por que Aviendha foi se trancar com Amys, Bair e Melaine?

Aquilo com certeza não tinha nada a ver com caminhar pelos sonhos. Aviendha era tão incapaz de acessar *Tel'aran'rhiod* quanto Sorilea.

— Ela está aqui? Não, não sei por quê. — Apesar da negativa, Niella estreitou um pouco os olhos verde-azulados.

— Você sabe, sim — insistiu Egwene. Poderia muito bem tirar vantagem da obediência *gai'shain*. — Diga o que sabe, Niella.

— O que eu sei é que, se o *Car'a'carn* me encontrar aqui com a roupa de cama suja, a surra que vou levar de Aviendha não vai me deixar sentar o dia inteiro — respondeu Niella, em tom de lamento.

Egwene não sabia se havia *ji'e'toh* envolvido naquilo, mas, quando as duas estavam juntas, Aviendha era duas vezes mais rigorosa com a irmã do que com qualquer outro *gai'shain*.

Niella se virou, a túnica deslizando pelo tapete branco, seguindo depressa para a porta, mas Egwene a segurou pela manga.

— Você vai largar o branco quando acabar seu tempo?

Não era uma pergunta educada, e a submissão deu lugar a um orgulho que fazia frente a qualquer Donzela.

— Qualquer outra atitude seria zombar do *ji'e'toh* — respondeu a jovem, muito rígida. Então um leve sorriso surgiu em seus lábios. — Além do mais, meu marido viria atrás de mim. Ele não ficaria nem um pouco satisfeito. — A máscara de submissão retornou, e ela baixou os olhos. — Posso ir? Se Aviendha está aqui, prefiro não a encontrar, se puder evitar. E ela virá para cá.

Egwene a dispensou. Não tinha o direito de perguntar, falar da vida de antes ou de depois do branco era vergonhoso para um *gai'shain*. Até ela se sentiu um pouco constrangida, mesmo que não fosse sua obrigação seguir o *ji'e'toh*. Só se atinha a ele o suficiente para ser educada.

Quando se viu sozinha, Egwene se acomodou em uma poltrona com enormes entalhes e apliques de ouro — sentar-se nela era estranhamente desconfortável, depois de tanto tempo com as pernas cruzadas em almofadas ou no chão. Enfiando as pernas para baixo do corpo, ela se perguntou o que Aviendha estaria

falando com Amys e as outras duas. Sobre Rand, tinha quase certeza. As Sábias sempre queriam saber dele. Os Aiel não davam a mínima para as Profecias do Dragão, mas conheciam a Profecia de Rhuidean de cabo a rabo. Quando Rand destrísse os Aiel, como rezava a profecia, salvaria o que restasse do restante. E as Sábias queriam garantir que esse restante incluísse o maior número possível de Aiel.

Era por isso que obrigavam Aviendha a ficar ao lado dele, beirando a indecência: se Egwene entrasse no quarto onde Rand passaria a noite, tinha certeza de que encontraria um catre no chão para Aviendha. Mas os Aiel não viam as coisas dessa maneira. As Sábias queriam que Aviendha ensinasse os hábitos e costumes Aiel a Rand — lembrá-lo de que seu sangue era Aiel, por mais que a criação tivesse sido outra. Ao que parecia, as Sábias achavam que ele precisava ser lembrado disso *o tempo todo* — considerando o que estavam tentando assegurar, Egwene não podia culpá-las. Não completamente. Ainda assim, era uma indecência botar uma mulher para dormir no mesmo quarto de um homem.

Bem, não havia o que pudesse fazer em relação ao problema de Aviendha, sobretudo se a amiga não parecia ver isso como um problema. Com a cabeça apoiada no cotovelo, Egwene tentava pensar em como abordaria Rand. Sua mente deu voltas e mais voltas, mas ainda não tinha conseguido pensar em uma solução quando ele entrou na sala, murmurando alguma coisa para dois Aiel no corredor, antes de fechar a porta.

Egwene se levantou de um salto.

— Rand, você tem que me ajudar com as Sábias! Elas vão ouvir você — disparou, sem conseguir se conter.

Não saiu *nem um pouco* como o que tinha planejado dizer.

— Também estou muito feliz em ver você — retrucou ele, abrindo um sorriso. Rand portava a mesma lança Seanchan comprida que ela já conhecia, e Egwene notou que fora entalhada com dragões desde a última vez que a vira. Ela se perguntou onde Rand arrumara aquilo. Ficava arrepiada com qualquer coisa que viesse dos Seanchan. — Eu estou bem, Egwene, obrigado. E você? Parece ter voltado a si, sempre muito cautelosa.

Rand parecia tão cansado. E também severo e implacável — tão implacável que o sorriso ficava esquisito nele. Cada vez que Egwene o via, ele parecia mais implacável.

— Não venha bancar o engraçadinho — retrucou, olhando feio para Rand. Melhor prosseguir como começara. Pelo menos era melhor do que voltar atrás e dar mais motivos para aquele sorrisinho na cara dele. — Você me ajuda?

— Como?

Rand não fez cerimônias — bem, a sala era mesmo dele —, jogando a lança enfeitada com borlas sobre uma mesinha de pés entalhados em forma de leopardo e livrando-se do cinturão da espada e do casaco. Misteriosamente, ele estava tão seco de suor quanto um Aiel.

— As Sábias me escutam, é verdade, mas só ouvem o que querem. Já reconheço de longe aquele olhar sem emoção de quando elas acham que estou falando bobagens, mas decidem simplesmente me ignorar em vez de me constranger chamando minha atenção ou tentando discutir — declarou ele, puxando uma das poltronas com entalhes de ouro para ficar de frente para Egwene e se esparramando, esticando os pés ainda calçados nas botas. Até aquilo ele fazia com um ar de arrogância. Definitivamente tinha gente demais lhe dispensando medidas.

— Mas você realmente fala umas bobagens, de vez em quando — resmungou Egwene. Era surpreendente, mas a falta de tempo para pensar ajudava na concentração. Ajeitando o xale com muito cuidado, ela se postou diante de Rand. — Sei que você gostaria de mais notícias de Elayne... — Por que ele assumira uma expressão tão triste, mas ao mesmo tempo gélida feito o inverno? Devia ser porque já fazia um bom tempo que não ouvia notícias da Filha-herdeira. — Duvido de que Sheriam esteja passando recados dela para você, quando se encontra com as Sábias. — Não houvera nenhuma mensagem, até onde ela sabia, embora fosse raro Rand aparecer em Cairhien em busca de recados. — É em mim que Elayne confia esse tipo de missiva.

Posso trazer notícias dela para você, se convencer Amys de que eu estou forte o bastante para... para retomar meus estudos.

Desejou não ter hesitado, mas Rand já sabia demais a respeito de caminhar pelos sonhos, quiçá até de *Tel'aran'rhiod*. Quase tudo sobre aquele talento era segredo das Sábias, sobretudo das Andarilhas. Egwene não tinha o direito de revelar aqueles segredos.

— Vai me dizer onde está Elayne? — perguntou ele, com toda a naturalidade, como se pedisse uma xícara de chá.

Egwene hesitou, mas fizera um acordo com Elayne e Nynaeve — Luz, quanto tempo fazia? Mas o acordo ainda valia, afinal. Rand já não era o garoto com quem ela crescera — tinha virado um homem cheio de si, e, qualquer que fosse o tom que empregava àquela pergunta, seus olhos firmes *exigiam* resposta. Aes Sedai e Sábias juntas já eram uma mistura que gerava faíscas, mas botar Rand de frente com as Aes Sedai acabaria em um incêndio. Era preciso haver algum intermediário entre eles, e só elas três estavam disponíveis. Era inevitável, mas Egwene esperava que não acabassem chamuscadas no processo.

— Não posso lhe dizer isso, Rand. Não tenho o direito. Não é um segredo meu para contar. — E estava dizendo a verdade. Aliás, não era como se pudesse contar onde ficava essa Salidar, se tudo o que sabia era que as amigas estavam em uma cidadezinha depois de Altara, em algum ponto ao longo do Rio Eldar.

Rand se inclinou para a frente, determinado.

— Eu sei que ela está com as Aes Sedai. E você já disse que são Aes Sedai que me apoiam, ou que poderiam apoiar. Mas essas mulheres têm medo de mim? Dou minha palavra de que mantereí distância, se o problema for o medo. Egwene, pretendo entregar o Trono do Leão e o Trono do Sol a Elayne. Ela tem direito aos dois, e Cairhien vai aceitá-la tão fácil quanto Andor. Eu preciso dela, Egwene.

A jovem abriu a boca... então percebeu que estava prestes a contar tudo o que sabia sobre Salidar. Cerrou os dentes na mesma hora, com tanta força que machucou a mandíbula, então se abriu para *saidar*. A doce sensação de vida, tão forte que sobrepujava tudo o mais, pareceu ajudar, e a vontade de falar foi se atenuando aos poucos.

Rand se sentou, com um suspiro, e Egwene o encarou de olhos arregalados. Uma coisa era saber que ele era o *ta'veren* mais forte desde Artur Asa-de-gavião, outra era ela própria se ver envolvida naquilo. Teve que fazer muito esforço para se impedir de envolver o tronco com os braços e estremecer.

— Você não vai me contar — declarou Rand. Não era uma pergunta. Ele esfregou os antebraços por cima das mangas da camisa, lembrando a Egwene que ainda estava abraçada a *saidar*. Ele estava tão perto que devia ter sentido um leve arrepio. — Acha que eu ia arrancar a resposta de você à força? — vociferou ele, irritado. — Eu sou algum monstro, para você ter que usar o Poder para se proteger?

— Eu não preciso de nada para me proteger de você — retrucou Egwene, com toda a calma que conseguiu reunir.

O estômago ainda se revirava um pouco. Aquele era Rand, um homem capaz de canalizar. Parte dela queria simplesmente cair no choro e sair contando tudo. Aquele ímpeto a deixava envergonhada, mas a vergonha não eliminava a vontade. Deixou *saidar* de lado, triste por sentir aquela pontinha de relutância em fazer isso. Mas de fato não importava: se chegassem a lutar, teria que ser rápida o bastante para blindá-lo, ou Rand a venceria tão fácil como em uma queda de braço.

— Rand, sinto muito por não poder ajudar, mas realmente não posso. E, mesmo assim, tenho que pedir outra vez sua ajuda. Mas você sabe que isso também o beneficiaria.

A raiva dele foi engolida por um sorriso enorme e inquietante. Era assustadora a rapidez com que ele mudava de humor.

— “Por um prato, um gato; por um gato, um prato” — citou Rand.

Mas por nada, nada, completou Egwene, em pensamento. Ouvia o ditado de Barca de Taren, desde menina. — Então quebre esse seu prato na cabeça e depois enfie o gato nas calças, Rand al'Thor — retrucou, com frieza.

Conseguiu não bater a porta na hora de sair, mas foi por pouco.

Enquanto se afastava a passos largos, foi pensando no que faria. Precisava dar um jeito de convencer as Sábias de que estava pronta para voltar a *Tel'aran'rhiod* — oficialmente, por assim dizer. Cedo ou tarde, Rand encontraria as Aes Sedai de Salidar, mas seria de muita ajuda se conseguisse falar com Elayne ou Nynaeve antes disso. Estava um pouco surpresa em ver que Salidar ainda não tentara uma aproximação com Rand. O que estaria impedindo Sheriam e as outras? Bem, não podia fazer nada a respeito, e suas amigas decerto sabiam mais sobre o que estava acontecendo.

Mas havia uma coisa que estava ansiosa para contar a Elayne: Rand precisava dela. O apelo dele parecera mais sincero do que qualquer coisa que ele já dissera na vida. Isso deveria apaziguar as preocupações de Elayne a respeito de seu amor. Homem nenhum diria que precisava de uma mulher que não amasse, não com tamanha intensidade.

* * *

Rand permaneceu alguns instantes sentado, encarando a porta que se fechara atrás de Egwene. Ela estava tão diferente da garota com quem crescera. Naqueles trajes Aiel, Egwene conseguia fazer uma bela imitação de Sábica — exceto pela altura, talvez, mas era uma Sábica baixa e com grandes olhos escuros. Bem, Egwene sempre se dedicara a tudo de corpo e alma. Lembrou-se de que ela o encarara com a calma e frieza de uma Aes Sedai, agarrando *saidar* quando achou que estava sendo ameaçada. E era isso o que precisava manter em mente: não importava a roupa, o que Egwene queria ser era Aes Sedai. E ela guardaria os segredos das Aes Sedai, mesmo depois de Rand ter deixado bem claro quanto precisava de Elayne para garantir a paz de duas nações. Tinha que passar a pensar nela como Aes Sedai. Era um pensamento triste.

Cansado, Rand se levantou e botou o casaco de volta. Ainda tinha que ver os nobres cairhienos — Colavaere, Maringil, Dobraine e os outros. E os tairenos também — Meilan, Aracome e seu bando entrariam em desespero se ele passasse um instante a mais com os cairhienos do que com eles. E as Sábicas também iam querer sua vez, assim como Timolan e os outros chefes de clã que estavam por ali e que ele ainda não encontrara naquele dia. Por que decidira sair de Caemlyn, mesmo? Bem, fora bom falar com Herid. As dúvidas que o homem levantou não tinham sido muito agradáveis de se pensar, mas era bom conversar com alguém que não parecia fixado no fato de que ele era o Dragão Renascido. E tivera um tempinho sem a comitiva permanente de Aiel. Precisava fugir mais.

Viu seu reflexo em um espelho com moldura dourada.

— Pelo menos você não deixou Egwene perceber o quanto estava cansado — disse, para a imagem no espelho.

Era um dos conselhos mais sucintos que recebera de Moiraine: *Nunca demonstre fraqueza*. Só precisava se acostumar a pensar que Egwene agora também era uma das pessoas sobre quem Moiraine lhe avisara.

* * *

Sulin estava muito tranquila, acorada no jardim logo abaixo dos aposentos de Rand al'Thor, aparentemente entretida com uma pequena brincadeira de girar a faca e acertar a ponta da lâmina no chão de terra. Um pio de coruja soou de uma das janelas, e Sulin se levantou de um pulo, praguejando, guardando a faca no cinto.

Rand al'Thor saía do quarto outra vez. Aquele tipo de vigília não adiantaria de nada. Se Enaila ou Somara estivessem ali, mandaria as duas segui-lo, mas em geral tentava protegê-lo desse tipo de bobagens, como protegeria um irmão-primeiro.

Sulin foi a passos rápidos até a saída mais próxima para se juntar às outras três Donzelas lá em cima e, fingindo caminhar a esmo, começou a explorar o labirinto de corredores em busca de Rand. Não importava o que o *Car'a'carn* quisesse: não podiam deixar que nada acontecesse ao único filho de uma Donzela que já havia voltado para elas.





QUESTÕES DE TOH

Rand achou que conseguiria dormir bem aquela noite. Estava tão cansado que quase podia ignorar Alanna, e — mais importante — Aviendha estava nas tendas com as Sábias, e não se despindo para dormir sem nem se importar com sua presença, ou atrapalhando seu descanso com o som de sua respiração. Ainda assim, outra coisa o fez se revirar na cama: sonhos. Sempre blindava seus sonhos, querendo impedir a entrada dos Abandonados — e das Sábias —, mas a blindagem não podia impedir o que já estava lá dentro. Logo vieram os sonhos: gigantescas criaturas aladas planavam pelo céu — pareciam asas de pássaros gigantes, mas sem os pássaros —; grandes cidades com construções impossivelmente altas, as paredes reluzindo sob o sol; estranhos objetos em forma de besouro e de gotas d'água horizontais disparavam por entre as ruas. Já tinha visto tudo aquilo antes, nas visões do imenso *ter'angreal* de Rhuidean, onde ganhara as marcas dos Dragões nos braços. Sabia que se tratavam de coisas da Era das Lendas, mas aquele sonho era completamente diferente. Tudo parecia distorcido, as cores estavam... erradas, como se seus olhos não estivessem funcionando direito. As asas sho começaram a falhar e cair, cada uma causando centenas de mortes. As construções altas se despedaçavam, as paredes se estilhaçando feito vidro; incêndios engoliam as cidades; e a terra se movia em ondas, feito um mar revoltoso. E ele não parava de se ver frente a frente com uma bela mulher loura, notando enquanto o amor virava horror em seu rosto. Parte dele a conhecia. Parte dele queria salvá-la... salvá-la do Tenebroso, de algum mal, do que ele próprio estava prestes a fazer. Mas tinha tantas partes, a mente cindida em tantos fragmentos cintilantes, e todos aos berros.

Rand acordou no escuro, suando e tremendo. Sonhos de Lews Therin. Aquilo nunca tinha acontecido, ele nunca sonhara os sonhos do outro homem em sua mente. Ficou ali, deitado, esperando as horas passarem até o dia nascer, encarando o nada, com medo de fechar os olhos. Agarrou-se a *saidin* como se pudesse usá-lo para enfrentar aquele homem morto, mas Lews Therin continuou em silêncio.

Quando enfim viu uma luz fraca despontar nas janelas, um *gai'shain* adentrou o quarto em silêncio, trazendo uma bandeja de prata coberta com um pano. Quando viu Rand acordado, o homem não disse palavra, apenas fez uma medida e saiu, tão silencioso quanto entrou. Sentiu cheiro de chá de groselha gelado, pão morno, manteiga, mel e o mingau quente que os Aiel comiam toda manhã — usando o Poder, conseguia sentir os cheiros tão bem como se o nariz estivesse colado na bandeja. Soltando a Fonte Verdadeira, Rand se vestiu e afivelou a espada. Nem tocou no pano que cobria a comida — não estava com fome. Metendo o Cetro do Dragão preso na dobra do cotovelo, ele saiu de seus aposentos.

Sulin, acompanhada por outras Donzelas, já estava de volta ao largo corredor, assim como Urien e seus Escudos Vermelhos, mas não eram os únicos. Uma aglomeração de pessoas lotava o corredor, um pouco atrás da escolta Aiel, e também havia gente mais para dentro do perímetro demarcado por sua guarda particular. Aviendha estava no meio de uma delegação de Sábias, com Amys, Bair e Melaine — e Sorilea, naturalmente —, além de Chaelin, uma Miágoma Fumaça Líquida, com mechas grisalhas nos cabelos de um tom escuro de vermelho, e Edarra, uma Shiande Neder que não parecia muito mais velha do que ele próprio, embora os olhos azuis já exibissem aquela calma inabalável e ela tivesse uma presença ativa o suficiente para fazer frente às outras Sábias. Berelain também estava com as mulheres, mas não se via Rhuarc ou qualquer outro chefe de clã — Rand já dissera aos homens o que tinha a dizer, e os Aiel não gostavam de prolongar debates. Mas por que as Sábias estavam ali? E Berelain? A Primeira de Mayene usava um vestido verde e branco cujo decote exibia uma bela extensão do colo pálido.

Também havia alguns cairhienos, todos fora do perímetro da guarda Aiel. Colavaere, cujo rosto de traços fortes não tivera a beleza diminuída pela meia-idade, havia prendido os cabelos escuros em uma elaborada torre de cachos e usava um vestido colorido por listras horizontais que iam da gola alta bordada em ouro até a bainha, abaixo dos tornozelos — mais listras do que qualquer um dos cairhienos presentes. Dobraine, o rosto duro e quadrado, usava a frente da cabeça raspada à moda militar local, seu casaco surrado nos pontos em que ficavam as alças de uma placa peitoral. Maringil, todo empertigado, não só não usava a cabeça raspada como seus cabelos brancos iam até os ombros, e seu sobretudo de seda escura, com quase tantas listras quanto o de Dobraine, ia até os joelhos e era tão elegante que poderia ser usado em um baile. Vinte ou mais nobres se apinhavam atrás deles, quase todos rapazes e moças mais jovens, mas poucos ostentavam uma quantidade de listras horizontais que sequer chegava à cintura.

— Que a graça ilumine o Lorde Dragão — murmuraram, levando a mão ao coração ou fazendo medidas. — A graça nos honra com a presença do Lorde Dragão.

Os tairenos também estavam presentes. Grão-lordes e Ladies, sem os nobres menores — uns de chapéu de veludo pontudo e casaco de seda com mangas bufantes de cetim listrado; outros com uma espécie de beca de cores fortes adornada com um grande rufo de renda e barrete bem-ajustado cravejado de pérolas ou pedras preciosas. Todos prestando respeito ao Dragão Renascido e saudando-o com “Que a Luz ilumine o Dragão da Luz”. Meilan estava mais à frente, claro, um sujeito esguio, rígido e inexpressivo, com a barba grisalha e pontuda. Logo atrás estava Fionnda, muito séria e com olhos de aço, mas que não reduziam nem um pouco sua beleza, ao contrário dos sorrisos tímidos e afetados da graciosa Anaiyella, que de alguma forma a deixavam menos bonita. Não se via nenhum sorriso no rosto de Maracom, com seus olhos azuis raros para um taireno, nem de Aracome, que parecia duas vezes mais esguio ao lado de toda a corpulência do careca Gueyam, ainda que fosse igualmente forte. Esses últimos três, assim como Meilan, tinham sido muito próximos de Hearne e Simaan. Rand não mencionara aqueles dois ou sua traição na noite anterior, mas tinha certeza de que era fato conhecido — assim como estava certo de que seu silêncio já produzia o efeito apropriado à consciência de cada um daqueles homens. Os tairenos já estavam acostumados com o que seu silêncio dizia desde que chegaram em Cairhien, mas, naquela manhã, encaravam Rand como se ele fosse ordenar a prisão de qualquer um deles a qualquer momento.

Na verdade, quase todo mundo parecia de olho em alguma outra pessoa. Uns tantos encaravam os Aiel com ansiedade, alguns menos ou mais bem-sucedidos em esconder a raiva. Outros observavam Berelain quase com a mesma atenção — Rand ficou surpreso em ver que, até nos homens que a encaravam —, mesmo os tairenos —, a suspeita vencia o desejo em seus olhos. A maioria, claro, olhava para ele — Rand era quem era, *o que* era. Colavaere alternava o olhar frio entre ele e Aviendha, mas encarar a outra mulher sempre fazia seus olhos se aquecerem de raiva — Colavaere guardava bastante mágoa, embora Aviendha parecesse ter se esquecido disso. Bem, Colavaere com certeza jamais esqueceria a surra que recebera da ruiva depois de ser

encontrada nos aposentos de Rand, muito menos perdoaria o fato de aquilo ter se tornado de conhecimento geral. Meilan e Maringil evitavam cruzar olhares, deixando bem claro quanto estavam cientes da presença um do outro — ambos almejavam o trono de Cairhien e consideravam o outro seu principal rival. Dobraine estava atento a Meilan e Maringil, mas ninguém sabia o motivo. Melaine encarava Rand com os olhos de Sorilea pregados nela, e Aviendha encarava o chão, franzindo o cenho. Uma jovem cairhiena de olhos grandes usava o cabelo solto, cortado na altura dos ombros, em vez de armado em cachos elaborados, e portava uma espada presa em um cinturão sobre o vestido escuro de montaria, com apenas seis listras coloridas. Muitos dos outros não se davam ao trabalho de disfarçar os sorrisos de desprezo quando olhavam para ela, mas a moça sequer pareceu notar, enquanto alternava olhares de extrema admiração às Donzelas e de extremo medo do Dragão. Rand se lembrava dela: Selande, integrante do grupo de beldades que Colavaere achava que conseguiriam capturar o Dragão Renascido em suas tramoias, tendo persistido até Rand convencê-la de que não daria certo — com a ajuda não requisitada de Aviendha, infelizmente. Esperava que Colavaere agora o temesse o bastante para esquecer a vingança contra Aviendha, mas desejava poder convencer Selande de que ela não tinha nada a temer dele. *Você não pode agradar a todos*, dissera Moiraine. *Não pode apaziguar todos os ânimos*. Moiraine era uma mulher dura.

Para completar, os Aiel observavam todo mundo com a mesma atenção — exceto as Sábias, claro. E Berelain, por algum motivo misterioso. Os Aiel sempre pareciam desconfiados dos aguacentos, mas tratavam a Primeira de Mayene como se fosse só mais uma das Sábias.

— É uma honra receber vocês todos. — Rand torceu para não ter soado seco demais.

Mais um carnaval de nobres. Ele se perguntou onde estaria Egwene. Decerto esparramada na cama. Considerou ir atrás dela por um instante, com uma última tentativa de... não, se Egwene não queria falar, não sabia como convencê-la. Quando ele mais precisava, ser *ta'veren* não adiantava de nada.

— Infelizmente, não posso dedicar mais tempo a vocês, nesta manhã. Vou voltar para Caemlyn.

Era com Andor que precisava lidar no momento. Andor e Sammael.

— Suas ordens serão levadas a cabo, milorde Dragão — anunciou Berelain. — Esta manhã, para que o senhor possa testemunhá-las.

— Minhas ordens?

— Mangin — explicou ela. — Ele foi avisado hoje de manhã.

A maioria das Sábias parecia impassível, mas tanto Bair quanto Sorilea não escondiam a desaprovação — que, por mais surpreendente que parecesse, era dirigida a Berelain.

— Não pretendo testemunhar o enforcamento de cada assassino — respondeu Rand, com frieza.

A verdade é que se esquecera — ou melhor, apagara da mente. Não era o tipo de coisa que um homem gostaria de ficar lembrando, ter mandado enforcar alguém de quem gostava. Rhuarc e os outros chefes de clã sequer haviam mencionado o fato, em sua conversa com ele. E outra verdade era que não queria que essa execução fosse um evento especial. Os Aiel tinham que seguir a lei, como todos os outros. Cairhienos e tairenos precisavam presenciar aquilo e saber que, se Rand não tratava os Aiel com favoritismo, também não faria o mesmo com eles. *Use tudo e todos*, pensou, enojado — ou ao menos torcia para que o pensamento tivesse mesmo vindo dele. Além do mais, não queria assistir a enforcamento nenhum, muito menos o de Mangin.

Meilan parecia pensativo, e Aracome estava com a testa coberta de gotículas de suor, mas talvez fosse apenas o calor. Colavaere, pálida, parecia estar vendo Rand pela primeira vez na vida. Berelain trocou olhares pesarosos com Bair e Sorilea, que assentiu — será que as duas já tinham avisado a Primeira de Mayene de que essa seria sua resposta? Não parecia muito possível. Os outros rostos variavam da surpresa à satisfação, mas o de Selande chamou sua atenção. A jovem, de olhos arregalados, parecia ter se esquecido das Donzelas. E, se antes daquele pronunciamento ela já olhava Rand com medo, agora parecia decididamente apavorada. Bem,

que fazer?

— Vou para Caemlyn imediatamente — anunciou.

Um burburinho irrompeu entre os grupos de cairhienos e tairenos, e Rand notou que muitas das exclamações mais pareciam suspiros de alívio.

Não se surpreendeu ao ver que todos o acompanharam até os aposentos reservados para suas Viagens. As Donzelas e os Escudos Vermelhos impediram a passagem de todos os aguacentos, exceto Berelain. Os Aiel não gostavam da aproximação dos cairhienos em particular, mas Rand ficara muito satisfeito por eles também terem barrado os tairenos, daquela vez. Muitos nobres olharam feio para ele, mas ninguém protestou — ao menos não que ele tenha ouvido. Nem mesmo Berelain, que seguiu logo atrás de sua escolta, junto com as Sábias e Aviendha, todas conversando baixinho e vez ou outra soltando uma risadinha. Berelain e Aviendha de conversinha? E rindo? Aquilo lhe deu arrepios.

Quando parou diante da porta com entalhes quadrados e retos que dava para o aposento reservado para suas Viagens, Rand olhou, hesitante, para o topo da cabeça de Berelain, que se curvava em uma medida.

— Mantereí Cairhien justa e igualitária, sem ceder ao medo ou a favores, até seu retorno, milorde Dragão.

Talvez, mesmo com a execução de Mangin, ela de fato tivesse ido vê-lo apenas para dizer isso — e ser ouvida pelos outros nobres. A frase, por alguma razão, arrancou um sorriso indulgente de Sorilea. Rand precisava descobrir o que estava acontecendo ali: não permitiria que as Sábias se metessem entre Berelain e ele. As outras Sábias tinham puxado Aviendha para um canto e estavam se revezando para falar com ela. Rand não conseguia distinguir as palavras, mas fosse o que fosse, pareciam falar com muita firmeza.

— Quando vir Perrin Aybara — acrescentou Berelain —, por favor mande minhas lembranças e meu afeto. E Mat Cauthon também.

— Aguardaremos ansiosos o retorno do Lorde Dragão — mentiu Colavaere, mantendo a expressão cuidadosamente neutra.

Meilan olhou feio para ela, irritado pelo fato de a mulher ter conseguido falar primeiro, e fez um discurso floreado, repetindo o que Colavaere já dissera com outras palavras. Claro que Maringil tentou superar suas palavras, pelo menos nos floreios. Fionda e Anaiyella ainda tentaram sobrepujar os outros dois, acrescentando tantos elogios que Rand começou a olhar irritado para Aviendha, ainda ocupada com as Sábias. Dobraine contentou-se em soltar um “Até seu retorno, milorde Dragão”, enquanto Maracorn, Gueyam e Aracome soltaram murmúrios indistintos, os olhos cautelosos.

Foi um alívio poder finalmente entrar na câmara e ir para longe deles. Só ficou surpreso quando viu que Melaine também o seguia, à frente de Aviendha. Ele ergueu uma das sobrancelhas, confuso.

— Preciso consultar Bael sobre uns assuntos das Sábias — explicou, muito séria, cravando os olhos em Aviendha.

A ruiva assumira uma expressão tão inocente que só podia estar escondendo alguma coisa. Aviendha sempre parecia encarar muitas coisas estranhas com naturalidade, mas nunca exibia um olhar inocente — ao menos não tão inocente.

— Como quiser — respondeu ele.

Suspeitava de que as Sábias estivessem apenas esperando uma chance de enviar a mulher para Caemlyn. Quem melhor para garantir que Bael não sofresse influências erradas de Rand do que sua própria esposa? Assim como Rhuarc, Bael tinha duas esposas — o que Mat sempre dissera não saber muito bem se era um sonho ou um pesadelo.

Aviendha ficou olhando com atenção enquanto ele abria o portão de volta para Caemlyn, bem dentro do Grande Salão. Ela sempre ficava muito atenta, mesmo sendo incapaz de ver os fluxos e as tramas. Ela própria já abrira um portão, mas fora em um instante de pânico, e ela não conseguia se lembrar de como fizera.

Naquele dia, por alguma razão, o feixe de luz giratório a fez lembrar o que acontecera na ocasião: as bochechas bronzeadas coraram, e ela pareceu se recusar a olhar na sua direção. Tomado pelo Poder, Rand sentiu seu cheiro — o perfume herbáceo do sabão, um toque de um cheiro doce que ele não se lembrava de ter sentido antes. Foi a primeira vez que se sentiu ávido para se livrar de *saidin*, e foi o primeiro a adentrar o salão do trono vazio. Alanna pareceu desabar sobre ele, uma presença tão palpável como se estivesse diante dele. Reparou que a Verde tinha chorado. Seria porque ele tinha ido embora? Bem, que chorasse. Tinha que encontrar um jeito de se livrar dela.

As Donzelas e os Escudos Vermelhos não ficaram muito felizes por Rand ter ido na frente, naturalmente. Urien apenas grunhiu e balançou a cabeça em desaprovação. Já Sulin ficou muito pálida e ergueu-se nas pontas dos pés para encarar Rand nos olhos.

— O grande e poderoso *Car'a'carn* entregou sua honra para as *Far Dareis Mai* carregarem — praticamente sibilou a mulher, em um sussurro baixo. — Se o poderoso *Car'a'carn* morrer em uma emboscada enquanto estiver sob a proteção das Donzelas, não restará mais honra nenhuma às *Far Dareis Mai*. Se o conquistador *Car'a'carn* não se importa com isso, então talvez Enaila tenha razão. Talvez o todo-poderoso *Car'a'carn* não passe de um garoto mimado que precisa ser levado pela mão para não acabar caindo de um penhasco porque estava de nariz empinado em vez de olhar por onde anda.

Rand fechou a cara. Quando estavam a sós, ele apenas rangia os dentes e ouvia — e no geral ouvia ainda menos! —, em respeito à dívida que tinha com as Donzelas. Mas nem Enaila nem Somara o repreendiam daquele jeito em público. Melaine saíra depressa e já estava na metade do corredor, erguendo as saias, quase correndo — ao que parecia, ela mal podia esperar para restabelecer a influência das Sábias com Bael. Rand não sabia se Urien tinha ouvido a bronca, mas parecia bem concentrado em guiar seus *Aethan Dor* velados, que vasculhavam as colunas junto com as Donzelas — coisa que não precisavam de orientações ou guia para fazer. Aviendha, por sua vez, estava ali, parada, de braços cruzados, exibindo um misto de irritação e aprovação, e Rand não teve dúvidas de que ela ouvira cada palavra.

— O dia de ontem correu bem. De agora em diante, acho que dois guardas serão mais do que o suficiente — declarou, com a voz firme. Os olhos de Sulin quase saltaram das órbitas, e ela ficou sem palavras. Bem, depois de tirar poder dela, era melhor devolver um pouco, ou a mulher explodiria feito os fogos de artifício de um Iluminador. — Claro que será diferente quando eu sair do Palácio. Essa guarda que você vem me fornecendo será boa nessas ocasiões, mas quando eu estiver aqui, no Palácio do Sol ou na Pedra de Tear, dois na escolta já bastam — concluiu, e deu meia-volta enquanto Sulin ainda abria e fechava a boca, sem resposta.

Aviendha foi para o seu lado enquanto ele circundava o tablado dos tronos rumo às portinhas nos fundos. Tinha ido para lá, em vez de seguir direto para seus aposentos, na esperança de despistá-la. Mesmo sem *saidin*, sentia o cheiro dela — ou talvez fosse apenas a memória do cheiro. De todo modo, desejou estar com o nariz entupido e resfriado. Aquele perfume era bom demais.

Apertando o xale em volta do corpo, Aviendha mantinha o olhar fixo à frente, parecendo preocupada, e passou sem nem perceber quando Rand segurou a porta para um dos quartos de vestir com paredes cobertas de painéis com entalhes de leões — coisa que em geral despertava certa ira nela, no mínimo uma pergunta irritada sobre qual dos braços dela parecia quebrado. Quando Rand perguntou qual era o problema, a jovem levou um susto.

— Nada. Sulin estava certa. Mas... — Ela de repente abriu um sorriso enorme, mas meio relutante. — Você viu a cara dela? Sulin não ouve uma resposta dessas... desde nunca, eu acho. Nem Rhuarc fala assim com ela.

— Estou surpreso com esse seu apoio.

Aviendha o encarou com aqueles olhos enormes. Rand poderia passar o dia inteiro tentando decidir se eram mais azuis ou mais verdes... Não. Não tinha o direito de pensar nos olhos dela. Não importava o que havia acontecido logo depois de ela abrir aquele portão — para *fugir dele*, aliás. E também, principalmente, não tinha o direito de pensar no que acontecera entre os dois naquele dia.

— Ah, Rand al'Thor, você só me perturba — comentou ela, sem um pinga de irritação. — Luz, às vezes acho que o Criador fez você só para me causar problemas.

Rand quis retrucar, dizer que aquilo era apenas culpa dela própria. Mais de uma vez se oferecera para levá-la de volta para as Sábias, mesmo que na prática isso só servisse para fazê-las mandarem outra espiã em seu lugar. Mas, antes que ele pudesse abrir a boca, Jalani e Liah chegaram, seguidas de perto por dois Escudos Vermelhos — um deles era um sujeito grisalho, ostentando no rosto quase o triplo das cicatrizes na face de Liah. Rand mandou Jalani e o homem das cicatrizes de volta ao salão do trono, o que quase desencadeou uma briga — não da parte do Escudo Vermelho, claro: o homem apenas olhou para seu companheiro, deu de ombros e saiu. Jalani, no entanto, se empertigou.

Rand apontou para a porta que levava ao Grande Salão.

— O *Car'a'cam* espera que as *Far Dareis Mai* sigam para onde ele ordenar.

— Você pode ser um rei dos aguacentos, Rand al'Thor, mas não é rei dos Aiel. — A irritação evidente na voz de Jalani acabou com seu ar de dignidade, o que fez Rand notar como ela era jovem. — As Donzelas nunca vão desapontá-lo na dança das lanças, mas isto aqui não é a dança.

Mesmo tendo respondido, ela se retirou, parando apenas para trocar breves gestos com Liah, naquela língua de sinais das Donzelas.

Com Liah e o outro Escudo Vermelho, um homem louro e esguio chamado Cassin, quase uma boa polegada mais alto que ele, Rand atravessou o palácio depressa até seus aposentos. Com Aviendha, claro. Se achava que aquelas saias pesadas a deixariam para trás, estava muitíssimo enganado. Liah e Cassin montaram guarda no corredor, do lado de fora da enorme antessala, mas Aviendha entrou atrás dele. O cômodo tinha um friso de mármore com entalhes de leões, logo abaixo do teto alto, e as paredes eram cobertas de tapeçarias com desenhos de cenas de caça e montanhas enevoadas.

— Você não deveria estar com Melaine? Para cuidar desses assuntos das Sábias e tudo o mais?

— Não — retrucou ela, sem rodeios. — Melaine não ficaria muito feliz com minha interferência, não agora.

Luz, mas *ele* não ficaria feliz se ela não fosse logo embora. Rand largou o Cetro do Dragão sobre uma mesa com pés cobertos de entalhes dourados de vinhas, desafivelou o cinturão da espada e perguntou:

— Amys e as outras lhe contaram onde Elayne está?

Aviendha ficou um bom tempo ali, parada, no meio do piso de azulejos azuis, encarando-o com uma expressão indecifrável.

— Elas não sabem — disse, por fim. — Eu perguntei.

Rand tinha imaginado que ela perguntaria. Já fazia meses que Aviendha parara de falar em Elayne, mas, antes de ir a Caemlyn com ele pela primeira vez, uma em cada duas palavras que saíam de sua boca eram para lembrá-lo de que ele pertencia a Elayne — segundo a própria Aviendha, pelo menos, e ela já deixara bem claro que o que acontecera entre os dois do outro lado daquele portão não mudava em nada esse fato. Outra coisa que ficara bem clara é que aquilo decididamente não aconteceria de novo. Rand concordava com ela, e era pior que um porco pela ponta de arrependimento misturada à concordância. Ignorando todas as elegantes poltronas douradas, Aviendha se acomodou no chão, de pernas cruzadas, e ajeitou as saias graciosamente.

— Mas falaram de você — comentou.

— Ah, por essa eu não esperava — retrucou ele, irônico.

Para sua surpresa, Aviendha enrubesceu. Ela não era mulher de corar, e já era a segunda vez no mesmo

dia.

— As Sábias contaram os sonhos que tiveram, e alguns lhe dizem respeito. — A voz dela começou a sair um pouco falha, até que Aviendha fez uma pausa para pigarrear, então o encarou com um olhar firme e determinado. — Melaine e Bair sonharam que você estava em um barco — contou, proferindo a palavra com estranheza, mesmo depois de tantos meses em terras aguacentas —, junto com três mulheres cujos rostos elas não conseguiram distinguir. E uma balança que pendia primeiro para um lado, depois para o outro. Melaine e Amys sonharam com um homem ao seu lado, encostando uma adaga em seu pescoço, mas sem você ver. Bair e Amys sonharam com você dividindo as terras aguacentas ao meio com uma espada.

Aviendha olhou de relance, os olhos cheios de desprezo, para a espada embainhada largada sobre o Cetro do Dragão. Desprezo, sim, muito, mas também um pouco de culpa. Ela lhe dera aquela espada, que já fora do Rei Laman. O presente viera cuidadosamente embrulhado em um cobertor, para que ela não tocasse na arma diretamente.

— Elas não conseguem interpretar os sonhos, mas acharam que você deveria saber — concluiu ela.

O primeiro era tão obscuro para ele quanto era para as Sábias, mas o segundo parecia óbvio: um homem que ele não podia ver atacando-o com uma adaga só podia ser um Homem Cinza. Eram almas entregues à Sombra — não apenas juradas, mas completamente entregues —, e podiam passar despercebidos mesmo quando encarados diretamente. Seu único propósito era matar. Como as Sábias não tinham conseguido entender uma mensagem tão clara? O último sonho também era bem claro, para sua infelicidade. E ele *já estava* dividindo as terras aguacentas: Tarabon e Arad Doman estavam em ruínas; as rebeliões em Tear e Cairhien a qualquer momento podiam deixar de ser apenas boatos; e Illian decerto logo sentiria o peso de sua espada. Isso sem falar no Profeta, espalhando os Devotos do Dragão por Altara e Murandy.

— Não vejo muito mistério em dois desses sonhos, Aviendha.

Ainda assim, a jovem apenas o encarou, descrente, enquanto ele explicava suas interpretações. Claro. Para Aviendha, se as Sábias Andarilhas dos Sonhos não conseguiam interpretar um sonho, então ninguém mais conseguiria. Rand soltou um grunhido frustrado e desabou em uma poltrona de frente para ela, perguntando:

— O que mais elas sonharam?

— Tem um outro sonho que eu posso contar, mas talvez não tenha muita relação com você. — O que significava que havia sonhos que ela não podia contar. Rand se perguntou por que as Sábias tinham discutido aqueles sonhos com ela. Aviendha não era Andarilha dos Sonhos. — As três tiveram o mesmo sonho, o que só torna seu significado mais especial. Elas sonharam com chuva — a palavra saiu com o mesmo estranhamento que “barco”, mais cedo. — Chuva saindo de uma tigela. E, em volta dela, há armadilhas e arapucas. Se for encontrada pelas pessoas certas, a tigela trará um tesouro que pode ser até mais impressionante do que ela própria. Mas, se cair nas mãos erradas, o mundo estará condenado. A chave para encontrar essa tigela é encontrar aquele que já não é.

— Já não é o quê? — Isso sem dúvida parecia o detalhe mais relevante. — É alguém que já morreu?

Os cabelos ruivos de Aviendha se balançaram sobre os ombros quando ela negou com a cabeça.

— Elas não sabem mais do que o que eu lhe disse.

Aviendha se levantou, para surpresa de Rand, ajeitando a roupa com aqueles movimentos mecânicos típicos das mulheres.

— Você... — Ele forçou uma tosse, cortando a frase no meio. *Você tem mesmo que ir?*, era o que estava prestes a perguntar.

Luz, queria que ela fosse. Cada minuto perto dela era uma tortura. Bem, poderia fazer o que era certo e bom para ele — e ainda melhor para ela.

— Você quer voltar para as Sábias, Aviendha? Retomar os estudos? Não tem muito por que você ficar mais tempo aqui comigo. Já aprendi tanto com você que é como se tivesse sido criado pelos Aiel.

Ela fungou, o que já era resposta suficiente, mas claro que não se conteve e respondeu:

— Você sabe menos que um garoto de seis anos. Por que um homem ouve a mãe-segunda antes da própria mãe, enquanto uma mulher ouve seu pai-segundo antes do próprio pai? Em que situação uma mulher pode se casar sem fazer a coroa nupcial? E quando uma senhora do teto precisa obedecer a um ferreiro? Se tiver uma *gai'shain* que faça prata, por que precisa permitir que ela trabalhe um dia para si mesma para cada dia que trabalhar para você? E por que o mesmo não se aplica a uma tecelã? — Rand pensou, buscando as respostas a fundo, para não precisar admitir que não sabia. Mas Aviendha remexeu o xale, como se tivesse esquecido que ele estava ali. — Às vezes o *ji'e'toh* rende ótimas piadas. Eu riria até morrer, se essa não fosse comigo. — Ela baixou a voz a um sussurro. — Vou ao encontro da minha *toh*.

Rand achou que a ruiva estivesse falando sozinha, mas respondeu mesmo assim. Com toda a delicadeza.

— Se você está falando de Lanfear, não fui eu que a salvei. Foi Moiraine. Ela morreu salvando todos nós.

A espada de Laman livrara Aviendha de sua única *toh* para com Rand, embora ele jamais tivesse compreendido qual era. Pelo menos da única obrigação que Aviendha sabia. Rezava para que ela jamais descobrisse a outra — Aviendha decerto acharia que tinha alguma dívida com ele, mesmo que Rand não enxergasse a questão dessa maneira.

Inclinando a cabeça e abrindo um sorrisinho, Aviendha olhou fundo nos olhos dele. A ruiva recobrou o autocontrole em um nível que deixaria Sorilea orgulhosa.

— Obrigada, Rand al'Thor. Bair sempre diz que de vez em quando é bom ser lembrada de que um homem não sabe tudo. Não se esqueça de me avisar quando pretende dormir. Não quero chegar muito tarde e acordá-lo.

Rand permaneceu parado, encarando a porta mesmo depois que ela saiu. Era mais fácil entender um cairhieno no Jogo das Casas do que uma mulher que não estava fazendo o menor esforço para ser enigmática. E suspeitava de que seus sentimentos por Aviendha, fossem lá quais fossem, complicavam ainda mais as coisas.

O que eu amo, eu destruo, comentou Lews Therin, com uma risada. *O que eu destruo, eu amo*.

Cale a boca!, pensou Rand, furioso, e a gargalhada insana morreu. Não sabia quem amava, mas sabia quem salvaria. De todas as ameaças, mas sobretudo de si mesmo.

* * *

Quando saiu para o corredor, Aviendha se encostou na porta, respirando fundo para se acalmar. Ou pelo menos para tentar se acalmar. O coração ainda tentava rasgar o peito e sair. Estar perto de Rand al'Thor doía como estar nua sobre uma cama de brasas, doía quase a ponto de lhe quebrar todos os ossos. Rand a fazia sentir uma vergonha que ela jamais pensou que sentiria. Era mesmo uma grande piada, como dissera, e parte dela queria mesmo rir. Tinha *toh* para com Rand, porém tinha muito mais para com Elayne. Rand apenas salvara sua vida — Lanfear a teria matado, não fosse por ele. E Lanfear queria mesmo matar Aviendha em especial, causando a maior dor possível. Lanfear sabia, de algum jeito. Mas, em comparação ao que incorrera com Elayne, sua *toh* para com Rand era um cupinzeiro aos pés da Espinha do Mundo.

Cassin simplesmente olhou para ela. O corte do casaco que o sujeito usava informava que era Goshien, além de *Aethan Dor*, mas Aviendha não reconhecia o ramo. Ele continuou acorocado, as lanças apoiadas nos joelhos. O homem não sabia de nada, claro. Mas Liah abriu um sorriso encorajador demais para uma mulher que não conhecia, e astuto demais para alguém que não soubesse. Aviendha ficou chocada em perceber que estava pensando em como os Chareen — como indicava o casaco de Liah — tinham fama de dissimulados. Nunca pensara em qualquer Donzela como algo além de *Far Dareis Mai*. Rand al'Thor esgotara seu cérebro.

Mas ainda assim mexeu os dedos, irritada. *Por que está sorrindo, garota? Não tem nada melhor para fazer?*

Liah ergueu as sobrancelhas de leve, e o sorriso não diminuiu, apenas assumiu um ar divertido. Ela gesticulou em resposta. *Quem você está chamando de garota, garota? Você ainda não é Sábia, mas não é mais Donzela. Acho que vai acabar trançando a alma em uma coroa e a deitando aos pés de um homem.*

Aviendha deu um passo à frente, furiosa. Poucos insultos eram piores que aquele, para as *Far Dareis Mai*. Mas então se conteve. Se estivesse de *cadin'sor* achava que Liah não seria páreo para ela, mas, naquelas saias, seria derrotada. E pior: Liah decerto se recusaria a fazer dela *gai'shain* — e poderia muito bem fazê-lo, já que teria sido atacada por uma mulher que não era Donzela, mas ainda não era Sábia —, ou então acabaria exigindo o direito de surrar Aviendha diante de todos os Taardad que pudessem reunir — o que seria vergonha menor que a recusa, claro, mas ainda assim uma vergonha considerável. E pior de tudo: mesmo que Aviendha ganhasse, Melaine decerto escolheria uma punição para fazê-la lembrar que deixara a lança para trás, e ela acabaria desejando dez surras de Liah diante de todos os clãs. Nas mãos de uma Sábia, a vergonha era mais cortante que uma faca afiada. Liah não moveu um músculo sequer. Ela sabia de tudo isso tão bem quanto Aviendha.

— E agora vocês ficam se encarando... — comentou Cassin. — Um dia tenho que aprender essa sua língua de sinais.

Liah olhou de esguelha para ele, soltando uma risada animada.

— Você vai ficar bonito de saias, Escudo Vermelho, vou gostar de ver quando vier pedir para se tornar Donzela.

Aviendha soltou um suspiro de alívio quando Liah desviou os olhos dela. Naquelas circunstâncias, não teria podido desviar o olhar primeiro e ainda manter a honra. Sem nem pensar, fez com os dedos o sinal de agradecimento — o primeiro gesto da língua de sinais que uma Donzela aprendia, posto que era a frase que uma nova Donzela mais usava: *Tenho toh*.

Liah respondeu sem nem hesitar. *Muito pequena, irmã-de-lança.*

Aviendha sorriu agradecida quando Liah não acrescentou o dedinho em gancho que teria transformado o termo em zombaria, o que era sempre utilizado com mulheres que tinham abandonado a lança, mas ainda tentavam se comportar como se não tivessem.

Um serviçal aguacento vinha apressado pelo corredor. Mantendo oculto o desgosto que sentia por quem passava a vida servindo aos outros, Aviendha foi para o lado oposto, querendo evitar passar pelo sujeito. Matar Rand al'Thor satisfaria uma *toh*, enquanto matar a si mesma satisfaria a segunda, mas cada *toh* impedia uma dessas soluções. Não importava o que as Sábias dissessem, teria quer dar um jeito de pagar aquelas duas dívidas.





VISITAS DO POUSO

Rand tinha apenas começado a enfiar o tabaco de Dois Rios no cachimbo curto quando a cabeça de Liah apareceu pela porta entreaberta. Antes que ela pudesse falar qualquer coisa, um criado de rosto redondo, usando um uniforme vermelho e branco, empurrou-a para abrir caminho e entrou, muito ofegante, desabando de joelhos diante de Rand. A Aiel encarava o sujeito, estupefata.

— Milorde Dragão — ganiu o criado, ainda sem ar —, os Ogier acabaram de chegar ao Palácio. Três deles! Servimos vinho e oferecemos um pouco mais, mas eles insistem que só querem ver o Lorde Dragão.

Rand manteve a voz calma, sem querer assustar o sujeito.

— Há quanto tempo você trabalha no Palácio...? — Além de usar o casaco do uniforme do tamanho certo, o sujeito não era jovem. — Acho que ainda não sei seu nome.

O criado ajoelhado arregalou os olhos.

— Meu nome? É Bari, milorde Dragão. É... trabalho aqui há... Milorde, fará vinte e dois anos na Noite Invernal. Milorde Dragão, e o Ogier?

Rand já fora duas vezes a um *pouso* Ogier, mas não sabia a etiqueta apropriada para recebê-los como convidados. Os Ogier tinham construído quase todas as grandes cidades, pelo menos as partes mais antigas, e de vez em quando ainda saíam dos *pousos* para realizar alguns reparos, mas ele duvidava de que um criado como Bari fosse ficar tão ansioso por qualquer visita menos importante que um rei ou uma Aes Sedai — ou talvez nem isso. Ele guardou o cachimbo e a bolsa de tabaco de volta no bolso.

— Então me leve até eles.

Bari se levantou de pé em um salto, quase dando pulinhos de ansiedade. Rand suspeitou de que tivesse tomado a decisão certa: o homem não demonstrou muita surpresa em ver o Lorde Dragão ir até os Ogier, em vez de mandar que viessem ao seu encontro. Ele deixou a espada e o cetro para trás — nada daquilo impressionaria os Ogier. Liah e Cassin o acompanharam, naturalmente, e pelo jeito Bari decerto teria ido correndo até os visitantes se não tivesse que ajustar o passo ao ritmo menos afoito de Rand.

Os Ogier aguardavam em um pátio, ao largo de uma fonte cheia de vitórias-régias, com peixes vermelhos e dourados nadando na base. Eram três: um homem de cabelos brancos usando um casaco comprido e aberto com botas altas de cano dobrado e duas mulheres, uma notavelmente mais jovem que a outra, ambas com saias cheias de bordados de vinhas e folhas, embora os bordados das roupas da Ogier mais velha fossem consideravelmente mais elaborados do que os da mais jovem. Os cálices de ouro, feitos para

humanos, pareciam minúsculos em suas mãos enormes. Muitas das árvores ali no pátio ainda conservavam algumas de suas folhas, e o próprio Palácio também fornecia alguma sombra. Os Ogier não estavam sozinhos. Quando Rand chegou, viu Sulin e quase trinta Donzelas à volta deles, além de Urien, junto de cinquenta ou mais de seus homens. Os Aiel tiveram a delicadeza de fazer silêncio ao avistarem Rand.

— Seu nome é música para meus ouvidos, Rand al'Thor — disse o Ogier, a voz retumbante feito um trovão, então fez as apresentações.

Ele era Haman, filho de Dal, filho de Morel. A mais velha era Covril, filha de Ella, filha de Soong; e a mais nova era Erith, filha de Iva, filha de Alar. Rand se lembrava de ter visto Erith quando foi ao Pouso Tsofu, a dois dias de cavalgada intensa de Cairhien. Não tinha a menor ideia do que ela estava fazendo ali em Caemlyn.

Os Ogier faziam os Aiel parecerem pequenos; faziam até o pátio parecer pequeno. Haman tinha uma vez e meia a altura de Rand e a mesma proporção em largura, Covril era menos de uma cabeça — uma cabeça Ogier — mais baixa que seu companheiro. Até mesmo Erith era quase um pé e meio mais alta que Rand. Ainda assim, essa era a menor das diferenças entre os Ogier e os humanos à volta. Haman tinha olhos imensos e redondos feito xícaras de chá, um nariz largo que ocupava quase o rosto inteiro, e orelhas pontudas, cheias de tufo de pelos brancos e despontando no topo da cabeça, por entre os cabelos grisalhos. Ele usava um comprido bigode branco, e uma barba estreita brotava do queixo. As sobrancelhas chegavam até as bochechas. Rand não sabia dizer exatamente o que distinguia o rosto masculino dele das feições de Erith e de Covril — exceto pela barba e pelo bigode, claro, além de as sobrancelhas delas serem menores e menos espessas —, mas os rostos delas pareciam mais delicados. Mesmo que Covril tivesse uma expressão bastante rígida — a Ogier mais velha lhe parecia familiar, não sabia por quê — e Erith parecesse preocupada, com as orelhas caídas.

— Peço licença um instante — começou Rand, mas Sulin não permitiu que ele dissesse outra palavra.

— Viemos falar com os Irmãos das Árvores, Rand al'Thor — declarou ela, com firmeza. — Você sabe que os Aiel são velhos amigos de água dos Irmãos da Árvore. Vamos com frequência ao *pouso* deles para fazer negócios.

— Isso é mesmo verdade — murmurou Haman. Ou melhor, murmurou para os padrões de um Ogier, mas que poderia muito bem ter causado uma avalanche nas montanhas ao longe.

— E não tenho dúvidas de que os outros vieram mesmo falar com eles — retrucou Rand. Só de olhar, conseguia identificar cada um dos integrantes de sua guarda entre a multidão de Aiel. O rosto de Jalani ficou escarlate. Por outro lado, não se viam Escudos Vermelhos ali, além de Urien e mais de três ou quatro homens espalhados pela multidão. — Não gostaria de ter que pedir a Enaila e a Somara que cuidem de *você*. — A indignação tomou o rosto bronzeado de Sulin, destacando ainda mais a cicatriz que ela conseguira por ter seguido Rand. — Vou conversar com eles sozinho. *Sozinho* — enfatizou, encarando Liah e Cassin. — A não ser que vocês achem que preciso de proteção contra esses Ogier.

A última frase apenas aumentou a irritação de Sulin, e ela reuniu as Donzelas com gestos rápidos na linguagem de sinais — o que, para qualquer um que não fosse Aiel, teria parecido um ataque de raiva. Alguns dos homens entre a multidão de Aiel deram risadinhas ao vê-las saírem, e Rand supôs que tivesse feito alguma piada sem querer.

Enquanto as Donzelas saíam, Haman afagou a longa barba.

— Nem sempre os humanos nos consideraram tão confiáveis, sabe. Não, não. — O murmúrio dele soava como uma imensa colmeia de abelhas. — Está nos registros antigos. Muito antigos. Apenas fragmentos, na verdade, mas datados de logo depois da...

— Ancião Haman — interrompeu Covril, com muita educação —, talvez seja melhor nos atermos ao assunto em questão? — A colmeia dela ressoava em um tom um pouco mais agudo.

Ancião Haman. Onde Rand ouvira aquele nome, antes? Cada *pouso* tinha seu próprio Conselho de Anciões. Haman suspirou profundamente.

— Muito bem, Covril, mas essa sua pressa é um tanto inquietante. Você mal nos deu tempo de nos lavarmos, depois que chegamos. Você começou a cabriolar feito um... — Seus olhos enormes se voltaram para Rand, e ele disfarçou a frase com uma tossidela, cobrindo a boca com a mão enorme, do tamanho de um pernil.

Os Ogier consideravam os humanos muito apressados, sempre tentando fazer agora o que não teria a menor importância até o dia seguinte. Ou até o ano seguinte, já que os Ogier viam tudo a longo prazo. Também consideravam afrontoso lembrar aos humanos de quanto eles “cabriolavam”.

— Tivemos uma viagem bastante árdua aqui Fora — prosseguiu Haman, para Rand. — Nosso tempo aqui não ficou menos difícil quando soubemos que os Aiel Shaido tinham sitiado Al’cair’rahienallen, o que foi mesmo extraordinário. Considerando isso, assim como o fato de que você de fato estava lá, mas foi embora antes que pudéssemos nos apresentar, e... não consigo deixar de pensar que fomos muito impetuosos. Não. Não, fale você, Covril. Foi por você que larguei meus estudos e ensinamentos para percorrer o mundo. A essa altura, minhas turmas já devem estar armando uma revolução. — Rand quase abriu um sorriso. Se seguissem os costumes Ogier, as turmas de Haman levariam mais de meio ano para concluir que ele de fato partira, depois passariam mais um ano inteiro debatendo como proceder a respeito.

— Você não pode culpar uma mãe por se preocupar — retrucou Covril, as orelhas peludas tremelizando. Ela parecia em conflito entre o respeito que devia demonstrar a um Ancião e a impaciência, pouco adequada aos modos Ogier. Ela se virou para Rand, empertigando-se, as orelhas bem erguidas e o queixo firme. — O que você fez com o meu filho?

Rand ficou boquiaberto.

— Filho?

— Loial! — Covril o encarou como se ele estivesse louco. Erith olhava para os dois, ansiosa, as mãos entrelaçadas contra o peito. — Você disse ao Ancião dos Anciões do Pouso Tsofu que cuidaria dele — prosseguiu Covril. — Os Anciões me contaram. Você ainda não tinha se proclamado Dragão, naquela época, mas foi você mesmo. Não foi, Erith? Alar não disse que foi Rand al’Thor? — Ela não deu tempo para a jovem fazer mais do que assentir. Sua voz foi ganhando velocidade, e uma careta de desgosto surgiu no rosto de Haman. — Meu Loial é jovem demais para estar aqui Fora, jovem demais para viajar pelo mundo fazendo as coisas que o senhor com certeza o está botando para fazer. O Ancião Alar me falou do senhor. O que é que o meu Loial tem a ver com os Caminhos e os Trollocs e a Trombeta de Valere? O senhor me devolva meu filho agora mesmo, por favor, para que eu possa casá-lo com Erith, como é o correto. Ela vai pôr um fim nessa vontade de viajar dele.

— Ele é muito bonito — murmurou Erith, encabulada, as orelhas tremelizando tanto de vergonha que os tufo de pelos escuros viraram um borrão. — E acho que ele também é muito corajoso.

Rand levou um instante para recuperar o equilíbrio mental. Um Ogier falando com tamanha firmeza era feito uma montanha desabando. Mas um Ogier falando com aquela firmeza e tão rápido...

Pelos costumes dos Ogier, Loial *era mesmo* jovem demais para sair do *pouso* sozinho. Loial tinha pouco mais de noventa anos, mas os Ogier tinham uma vida bastante longa. Desde o dia que em que o conhecera, sempre ansioso para ver o mundo, Loial morria de medo do que aconteceria quando os Anciões percebessem que ele fugira. E, acima de tudo, morria de medo de que sua mãe partisse para buscá-lo com uma noiva a tiracolo. Ele dizia que o noivo não tinha voz nesses assuntos, segundo a cultura Ogier, e que mesmo a noiva só podia opinar muito pouco — tudo ficava a cargo das duas mães. Não era nada impossível que um Ogier se visse comprometido com uma mulher que só iria conhecer no dia em que a mãe o apresentasse às futuras noiva e sogra.

Loial parecia pensar que o casamento seria o fim de tudo para ele — ou pelo menos o fim de seus anseios em ver mais do mundo. Bem, estivesse ele certo ou não, Rand não podia entregar um amigo de bandeja a seus maiores temores. Estava prestes a dizer que não sabia o paradeiro de Loial e sugerir que os três retornassem ao *pouso* e aguardassem que ele voltasse — chegou até a abrir a boca para isso —, quando uma dúvida lhe ocorreu. Ficou um pouco constrangido por não conseguir se lembrar de algo tão importante — pelo menos para Loial.

— Há quanto tempo ele está longe do *pouso*?

— Tempo demais — resmungou Haman, feito pedregulhos rolando montanha abaixo. — O garoto nunca se dedicava. Sempre falando em conhecer o mundo aqui Fora, como se de fato algo fosse diferente do que há nos livros que ele deveria estar estudando. Hum, hum. Que diferença faz se os humanos alteram as linhas de um mapa? A terra continua sendo...

— Ele está Fora faz tempo demais — acrescentou a mãe de Loial, com a firmeza de um mourão fincado em barro seco.

Haman franziu o cenho para ela, que devolveu um olhar igualmente firme, mesmo com as orelhas vibrando de constrangimento.

— J-Já faz mais de cinco anos — contou Erith. Suas orelhas murcharam por alguns instantes, depois subiram de volta, resistentes. Em uma imitação muito boa de Covril, ela completou: — Quero que ele seja meu marido. Soube disso assim que o vi pela primeira vez. Não vou deixar que ele morra. Não por conta dessas bobagens que ele faz.

Rand e Loial tinham conversado sobre muitos assuntos, e um deles fora a Saudade, embora Loial não gostasse de falar nisso. A Ruptura do Mundo fez os humanos fugirem para qualquer lugar seguro que encontrassem, e também fez os Ogier se afastarem dos *pousos*. Os humanos vagaram durante longos anos, atravessando um mundo que mudava algumas vezes ao longo do dia, e os Ogier também vagaram, buscando seus *pousos* perdidos com as mudanças da terra. Foi quando passaram a sofrer de Saudade. Um Ogier longe do *pouso* sempre desejava retornar. Um Ogier que ficava longe do *pouso* por muito tempo *precisava* retornar. Um Ogier muito tempo longe do *pouso* acabava morrendo.

— Ele me contou de um Ogier que ficou longe por mais tempo — respondeu Rand, baixinho. — Dez anos, acho que foi isso.

Haman já balançava a imensa cabeça em negativa antes mesmo que Rand concluísse o pensamento.

— Isso não importa. Pelo que sei, cinco ficaram Fora por tanto tempo assim e conseguiram voltar vivos, e acho que eu saberia se houvesse outros. Tamanha loucura decerto teria sido registrada nos livros. Três desses Ogier morreram menos de um ano depois de voltarem, e o quarto ficou inválido pelo resto da vida. O quinto não ficou muito longe disso e passou o resto da vida precisando de uma bengala para caminhar, apesar de não ter parado de escrever. Hum, hum. Dalar tinha umas coisas bem interessantes a dizer sobre... — Desta vez, quando Covril abriu a boca para protestar, Haman virou a cabeça de repente e a encarou, as compridas sobrancelhas curvadas para cima, até que a mulher começou a ajeitar as saias. Porém mesmo assim Covril sustentou seu olhar. — Cinco anos é pouco tempo, eu sei — continuou Haman, encarando Covril com um olhar de esguelha penetrante —, mas estamos atados ao *pouso*. Não ouvimos na cidade nada que indicasse que Loial está aqui, e, pelo alarido que suscitamos, acho que teríamos ouvido alguma notícia da presença dele. No entanto, se o senhor nos disser onde ele está, será um bem enorme para ele.

— Em Dois Rios — respondeu Rand. Salvar a vida de um amigo não era traição. — Quando o vi pela última vez, Loial estava em boa companhia, rodeado de amigos. Dois Rios é um lugar tranquilo. Seguro. — Ou pelo menos voltara a ser, graças a Perrin. — E ele estava bem, uns meses atrás. — Era o que ouvira de Bo, quando as garotas relataram o que acontecera pelas bandas de casa.

— Dois Rios — murmurou Haman. — Hum, hum. Pois sim, eu sei onde fica. Mais uma longa caminhada.

Os Ogier não tinham o costume de montar a cavalo. Poucos cavalos eram capazes de sustentá-los, e os Ogier preferiam avançar nos próprios pés.

— Temos que partir imediatamente — declarou Erith, com firmeza, ainda que seu tom fosse menos grave se comparado ao de Haman.

Covril e Haman a encararam, surpresos, e as orelhas dela desabaram de vez. Afinal, ela era uma moça jovem demais na companhia de um Ancião e de uma mulher que Rand suspeitava de ser de alguma importância entre os seus, pela maneira com que enfrentava Haman. Erith não devia ter um dia a mais que oitenta anos.

Pensando nisso, Rand sorriu. Ela era uma garotinha, lá pelos seus setenta anos.

— Por favor, aceitem a hospitalidade do Palácio. Uns poucos dias de descanso podem até acelerar sua viagem. E o senhor talvez possa me ajudar, Ancião Haman. — Naturalmente, Loial estava sempre falando de seu professor, o Ancião Haman. O Ogier que, segundo Loial, sabia tudo. — Preciso localizar os Portais dos Caminhos. Todos eles.

Os três Ogier falaram ao mesmo tempo:

— Portais dos Caminhos? — perguntou Haman, erguendo as orelhas e sobrancelhas ao mesmo tempo.

— Os Caminhos são muito perigosos. Perigosos demais.

— Uns poucos dias? — protestou Erith. — Meu Loial pode estar morrendo.

— Uns poucos dias? — inquiriu Covril, a voz um tom acima da de Erith. — Meu Loial pode estar... — Ela calou a boca e encarou a mais jovem, comprimindo os lábios e tremelizando as orelhas.

Haman olhou feio para as duas, afagando a barba estreita, irritado.

— Não sei por que me deixei convencer de uma coisa dessas. Eu devia estar dando minhas aulas, me reunindo com o Cepo... Covril, se você não fosse uma Oradora tão respeitada...

— Se você não fosse casado com a minha irmã... — retrucou a mulher, incisiva. — Voniel mandou que você cumprisse seu dever, Haman. — As sobrancelhas de Haman baixaram até que as compridas pontas tocassem as bochechas, e as orelhas de Covril pareceram perder quase toda a rigidez. — Quer dizer, Voniel *pediu* — corrigiu ela. Não foi uma correção apressada, e ela não perdeu a pose, mas definitivamente não hesitou em completar: — Pela Árvore e quietude, não quis ofendê-lo, Ancião Haman.

Haman pigarreou alto — o que, para um Ogier, era muito alto — e virou-se para Rand, puxando o casaco como se o arrumasse.

— Há Crias da Sombra usando os Caminhos — explicou Rand, antes que Haman pudesse abrir a boca. — Deixei guardas nos poucos que pude. — Incluindo o que ficava logo ao lado do Pouso Tsofu, depois de partirem. Aqueles três não poderiam ter vindo a pé desde o Pouso Tsofu depois de sua última visita inútil ao local. — Mas foram poucos. Todos precisam ser vigiados, ou então Myrddraal e Trollocs poderão surgir do nada e nos pegar desprevenidos. Mas não faço ideia de onde ficam todos.

Isso não adiantaria de nada para os portões, naturalmente. Às vezes ele se perguntava por que um dos Abandonados simplesmente não abria um portão para o palácio e mandava alguns milhares de Trollocs. Dez mil, talvez vinte. Seria muito difícil impedir um ataque dessa magnitude, isso se *conseguisse* impedir. Seria, na melhor das hipóteses, uma carnificina. Bem, não podia fazer nada em relação a um portão, a menos que estivesse nele. Mas podia tomar atitudes para se proteger dos Portais dos Caminhos.

Haman e Covril se entreolharam. Os dois foram para um canto conversar aos sussurros — incrivelmente, falaram baixo o suficiente para que Rand ouvisse apenas um zunido, como um imenso enxame de abelhas preso no telhado. Estava certo sobre a mãe de Loial ser de alguma importância: uma Oradora, um título que parecia relevante. Considerou agarrar *saidin* para poder ouvir a conversa, mas rejeitou a ideia,

enojado. Ainda não se rebaixara a bisbilhotar. A atenção de Erith estava dividida entre Rand e seus anciões, e ela alisou as saias sem perceber que o fazia.

Rand torceu para que eles não decidissem perguntar por que não pedira aquilo ao Conselho de Anciões no Pouso Tsofu. Alar, a Anciã dos Anciões de lá, fora bastante firme: o Cepo estava se reunindo, e uma coisa tão estranha — e tão peculiar, algo que jamais se cogitara fazer — quanto entregar a um humano o controle dos Portais dos Caminhos só poderia ser feita com o apoio do Cepo. Quem ele era parecia não importar — nem para ela e nem para aqueles três ali.

Haman enfim retornou, franzindo o cenho e agarrando as lapelas do casaco. Covril também franzia a testa.

— Isso tudo está indo rápido demais, rápido demais — começou Haman, em um tom grave, soando como o rolar de pedregulhos. — Queria poder debater isso com... bem, não posso. Crias da Sombra, o senhor disse? Hum, hum. Muito bem, se é preciso ligeireza, então é preciso ligeireza. E que não digam que os Ogier não sabem agir com rapidez quando é necessário. E talvez agora seja necessário. O senhor precisa entender que o Conselho de Anciões de qualquer *pouso* pode lhe negar isso, e também o Cepo.

— Mapas! — gritou Rand, tão alto que os três Ogier deram um salto. — Preciso de mapas! — Ele deu meia-volta, procurando algum dos serviçais que pareciam estar sempre por perto, um *gai'shain*, qualquer um. Sulin meteu a cabeça porta adentro e espiou o pátio. Claro que ela estaria ali por perto, depois de tudo o que Rand dissera. — Mapas — vociferou para ela. — Quero todos os mapas do Palácio. E uma pena, e tinta. Agora! Rápido! — Sulin o encarou com uma expressão de quase desdém e deu meia-volta. Os Aiel não usavam mapas, até alegavam que eram desnecessários. — Corra, *Far Dareis Mai*! — gritou.

Sulin o encarou por cima do ombro... e correu. Rand se perguntou que cara estava fazendo naquele momento para ter sido obedecido, querendo usá-la de novo quando fosse preciso.

Pela expressão no rosto de Haman, o Ancião já estaria retorcendo as mãos em desespero se tivesse um pouquinho menos de dignidade.

— Na verdade, tem pouca coisa que podemos de fato dizer que o senhor já não saiba. Cada *pouso* tem apenas um Portal, bem ao lado. — Essa parte não era novidade. Os primeiros Portais dos Caminhos não poderiam ter sido feitos dentro do *pouso*, que bloqueava a canalização. E, mesmo quando os Ogier receberam o Talismã do Crescimento e puderam eles próprios fazer com que os Caminhos crescessem e abrissem novos Portais, ainda havia Poder envolvido, por mais que não fosse usado para canalizar. — E tem um em cada cidade com um bosque Ogier. Embora aqui a cidade pareça ter crescido *por cima* do bosque. E em Al'cair'rahienallen... — A voz de Haman foi morrendo, e ele balançou a cabeça.

Era um nome que poderia muito bem sintetizar a questão. Três mil anos antes, ou quase isso, existira uma cidade erguida pelos Ogier chamada Al'cair'rahienallen. O local passara a se chamar Cairhien, e o bosque que os construtores Ogier plantaram em memória de seu *pouso* era parte de uma propriedade que pertencia ao mesmo Barathanes cujo palácio agora abrigava a escola de Rand. Ninguém, além dos Ogier e talvez de algumas Aes Sedai, sabia de Al'cair'rahienallen. Nem mesmo os cairhienos.

Fosse lá em que Haman acreditasse, muita coisa podia mudar em três mil anos. Imensas cidades construídas por Ogier tinham deixado de existir, algumas sem deixar nada além do nome. E algumas grandes cidades foram erguidas sem a mão dos Ogier. Segundo Moiraine, Amador era uma delas, criada depois das Guerras dos Trollocs — assim como Chachin, em Kandor, e Shol Arbela, em Arafel, e Fal Moran, em Shienar. Em Arad Doman, Bandar Eban fora construída sobre as ruínas de uma cidade devastada durante a Guerra dos Cem Anos — uma cidade que Moiraine conhecia por três nomes diferentes, nenhum deles confirmado, e que fora erguida sobre uma cidade sem nome que desaparecera nas Guerras dos Trollocs. Rand sabia de um Portal dos Caminhos no interior de Shienar, próximo a uma cidade de porte médio que

conservara parte do nome da gigantesca cidade arrasada pelos Trollocs. Sabia também de outro, dentro da Praga, em Malkier, um reino destruído pela Sombra. Outros locais tinham apenas passado por mudanças ou crescido bastante, como apontara o próprio Haman. O Portal dos Caminhos ali em Caemlyn agora ficava em um porão. Um porão bem escondido. Rand sabia que havia um Portal dos Caminhos em Tear, entre os campos de pastoreio onde os Grão-lordes criavam seus famosos rebanhos equinos. Devia haver outro em algum ponto das Montanhas da Névoa, onde um dia ficara Manetheren — fosse lá onde fosse. Quanto aos *pousos*, sabia apenas onde ficava o Pouso Tsofu. Moiraine não considerara os *pousos* ou os Ogier parte essencial da educação de Rand.

— O senhor não sabe onde ficam os *pousos*? — perguntou Haman, incrédulo, quando Rand terminou de explicar. — Isso é alguma piada Aiel? Nunca entendi o humor do Deserto.

— Para os Ogier, já faz um bom tempo que os Caminhos foram criados — explicou Rand, educadamente. — Para os humanos, faz uma eternidade.

— Mas o senhor nem ao menos *se lembra* de Mafal Dadaranell, Ancohima, Londaren Cor, ou...?

Covril pôs uma das mãos no ombro de Haman, mas a compaixão em seus olhos era para Rand.

— Ele não se lembra — murmurou ela. — Os humanos já se esqueceram. — Covril falava como se aquilo fosse a pior perda imaginável. Erith, apertando as mãos sobre a boca, parecia a ponto de chorar.

Sulin voltou, fazendo questão de mostrar que não corria, seguida por um grande grupo de *gai'shain* com braços abarrotados de rolos de mapas de todos os tamanhos, alguns arrastando nas pedras do pavimento do pátio, de tão compridos. Um homem de toga branca trazia uma caixa de escrita de marfim entalhado.

— Mandei alguns *gai'shain* procurarem mais — anunciou Sulin, em um tom rígido —, junto com alguns aguacentos.

— Obrigado — respondeu Rand. Um pouco da tensão se esvaiu do rosto da Aiel.

Rand se agachou e começou a espalhar e organizar os mapas ali mesmo, nas pedras do pavimento. Vários eram da cidade, e outros tantos representavam apenas partes de Andor. Ele logo encontrou um que exibia toda a faixa das Terras da Fronteira, e só a Luz sabia o que aquele mapa estava fazendo em Caemlyn. Alguns dos mapas, já envelhecidos e puídos, mostravam fronteiras que não existiam mais e nomeavam nações extintas centenas de anos antes.

As fronteiras e os nomes foram suficientes para ele classificar os mapas em ordem cronológica. Nos mais antigos, Hardan margeava o norte de Cairhien. Então, com o passar dos anos, Hardan desaparecia, e as fronteiras de Cairhien avançaram até a metade de Shienar antes de voltarem, quando ficou claro que o Trono do Sol simplesmente não conseguiria dar conta de tantas terras. Primeiro Maredo ficava entre Tear e Illian, depois desapareceu, e Tear e Illian passaram a fazer fronteira nas Planícies de Maredo, mas ambas foram se retirando aos poucos do local — pelos mesmos motivos de Cairhien. Caralain desapareceu, assim como Almoth, Mosara, Irenvelle e outras, por vezes absorvidas por outras nações, quase sempre virando territórios indômitos, terras de ninguém. Aqueles mapas narravam uma história de perecimento que começara com a ruína do império de Asa-de-gavião, um lento recuo da humanidade. Um segundo mapa das Terras da Fronteira mostrava apenas Saldaea e parte de Arafel, com a Fronteira da Praga cinquenta milhas mais longe a norte. A humanidade recuava, e a Sombra avançava.

Um homem magro e careca, usando um uniforme do Palácio mal-ajustado ao corpo, veio correndo pátio adentro com outro monte de mapas, e Rand suspirou e prosseguiu com a seleção.

Haman, muito sério, examinava a caixa de escrita que lhe fora entregue pelo *gai'shain*, então tirou outra, quase tão grande quanto, embora bastante simples, de um espaçoso bolso do casaco. A pena que saiu da caixa era de madeira polida, bem mais grossa que o polegar de Rand e comprida o bastante para parecer fina, mas encaixava-se perfeitamente nos dedos robustos do Ogier. Haman apoiou-se sobre as mãos e os joelhos e foi

engatinhando por cima dos mapas que Rand estendera, vez ou outra molhando a pena no frasco de tinta do *gai'shain* e rabiscando em uma caligrafia que parecia grande demais, mas que para ele era bastante pequena. Covril o acompanhava, espiando por cima do ombro de Haman, mesmo depois de ele perguntar duas vezes se a mulher achava que ele cometeria algum erro.

Foi uma aula para Rand, começando com sete *pousos* espalhados pelas Terras da Fronteira. Bem, os Trollocs de fato tinham medo de entrar nos *pousos*, e até os Myrddraal precisavam de um bom incentivo. A Espinha do Mundo, a Muralha do Dragão, abrigava treze, incluindo o que havia na Adaga do Fratricida — apenas algumas milhas separavam o Pouso Shangtai, ao sul, do Pouso Qichen e do Pouso Sanshen, ao norte.

— A terra realmente mudou com a Ruptura do Mundo — explicou Haman, quando Rand deu voz à surpresa. Ele prosseguiu com as marcações, um tanto ávido. Ou melhor, ávido para os padrões Ogier. — A terra virou mar, e o mar virou terra, mas a terra também se dobrou. Às vezes o que era bem distante se aproximou, e o que era próximo se distanciou. Embora, claro, ninguém possa dizer se Qichen e Sanshen começaram muito longe um do outro.

— Você se esqueceu de Cantoine — anunciou Covril, assustando um serviçal de uniforme, que jogou longe a nova braçada de mapas.

Haman olhou feio para ela e rabiscou o nome logo acima do Rio Iralell, não muito longe a norte de Haddon Mirk. Na faixa a oeste da Muralha do Dragão, da fronteira sul de Shienar até o Mar das Tempestades, havia apenas quatro *pousos*, todos considerados recém-encontrados pelos Ogier — o que significava que o mais recente, Tsofu, abrigava Ogier havia apenas seiscentos anos, e nenhum dos outros era habitado havia mais de mil anos. Alguns dos locais foram tão surpreendentes quanto as Terras da Fronteira, como as Montanhas da Névoa, que abrigava seis, e a Costa da Sombra. As Colinas Negras também tinham seus *pousos*, assim como as florestas acima do Rio Ivo, e as montanhas acima do Rio Dhagon, logo ao norte de Arad Doman.

O mais triste era a lista de *pousos* abandonados, desocupados por causa da grande redução da população Ogier. A Espinha do Mundo, as Montanhas da Névoa e a Costa da Sombra também estavam nessa lista, assim como um *pouso* nas profundezas da Planície de Almoth, perto da imensa floresta de Paerish Swar, e de um nas montanhas baixas ao longo do norte da Ponta de Toman, diante do Oceano de Aryth. Talvez mais triste ainda fosse o *pouso* assinalado bem na extremidade da Praga, em Arafel — os Myrddraal podiam ser relutantes em adentrar um *pouso*, mas, à medida que a Praga avançava para o sul, ia varrendo tudo em seu caminho.

Haman hesitou e comentou, em um tom triste:

— Sherandu foi tragado pela Grande Praga há 1.843 anos, e Chandar já não existe há 968.

— Que suas memórias floresçam e prosperem sob a Luz — murmuraram Covril e Erith, em uníssono.

— Eu sei de um que o senhor não marcou — avisou Rand.

Perrin lhe contara que tinha se abrigado nesse *pouso*. Ele puxou um mapa de Andor, para leste do Rio Arinelle, e tocou um ponto bem acima da estrada de Caemlyn, rumo à Ponte Branca — se não acertou o ponto exato, ao menos sabia que ficava bem perto.

Haman fez uma careta, quase um rosnado.

— Onde seria a cidade de Asa-de-gavião. Esse nunca chegou a ser reivindicado. Muitos *pousos* foram encontrados, mas não reivindicados. Tentamos nos manter afastados das terras dos homens.

Todas as marcações ficavam em montanhas escarpadas, em locais que os homens consideravam difíceis de entrar, ou, em uns poucos casos, apenas longe de qualquer habitação humana. O Pouso Tsofu ficava bem mais perto de um local habitado por homens, mas mesmo ele ficava a um dia inteiro de viagem da aldeia mais próxima.

— Esse seria um ótimo debate para algum outro momento — ralhou Covril. Falava com Rand, mas claramente se dirigia a Haman, como indicava seu olhar de esguelha. — Quero chegar o mais a oeste que der

antes do cair da noite.

Haman suspirou pesadamente.

— Ah, mas vocês não vão ficar aqui um pouco? — protestou Rand. — Devem estar exaustos, depois de toda essa caminhada, vindos de Cairhien.

— As mulheres não se exaurem nunca — reclamou Haman —, só exaurem os outros. É um ditado Ogier muito antigo.

Covril e Erith fungaram com desdém ao mesmo tempo. Resmungando sozinho, Haman seguiu com sua lista, mas agora de cidades construídas pelos Ogier — cidades que tinham abrigado bosques, cada qual com seu Portal dos Caminhos, para que os Ogier pudessem entrar e sair dos *pousos* sem ter de passar pelas sempre conturbadas terras dos homens.

Ele marcou Caemlyn, naturalmente, assim como Tar Valon, Tear, Illian, Cairhien, Maradon e Ebou Dar. Era tudo, no que dizia respeito às cidades que ainda existiam, e ele escreveu Barashta em vez de Ebou Dar. Talvez o lugar de Barashta fosse com as outras marcas, que indicavam locais onde os mapas não mostravam nada além de uma aldeia, quando muito: Mafal Dadaranell, Ancohima, Londaren Cor, claro, e Manetheren; além de Aren Mador, Aridhol, Shaemal, Braem, Condaris, Hai Ecorimon, Iman... a lista crescia, e Rand começou a ver manchinhas úmidas em cada mapa, quando Haman terminava. Levou um instante para perceber que o Ancião Ogier estava chorando em silêncio, deixando que as lágrimas vertessem enquanto assinalava cidades mortas e esquecidas. Talvez ele chorasse pelo povo, talvez pelas lembranças. A única certeza de Rand era que o choro não era pelas cidades em si, não era pelo trabalho perdido dos pedreiros Ogier — para os Ogier, o trabalho de cantaria era apenas uma função que haviam aprendido durante o Exílio. E que trabalho de cantaria poderia se comparar à grandiosidade das árvores?

Um daqueles nomes lhe pareceu familiar, e a localização também. A leste de Baerlon, vários dias de viagem para cima da Ponte Branca e Arinelle.

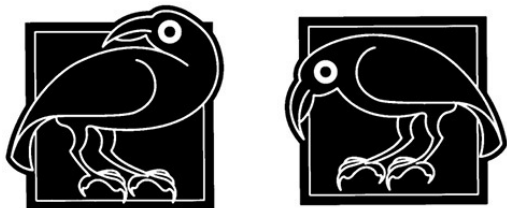
— Tinha um bosque aqui? — perguntou, o dedo sobre a marcação.

— Em Aridhol? — perguntou Haman. — Sim. Tinha, sim. Que tristeza.

Rand não ergueu a cabeça.

— Em Shadar Logoth — corrigiu. — Foi mesmo uma tristeza. Vocês poderiam... vocês me mostrariam esse Portal dos Caminhos, se eu os levasse até lá?





PARA SHADAR LOGOTH

— Se você nos levasse até lá? — indagou Covril, examinando o mapa nas mãos de Rand com uma carranca descomunal. — Seria um desvio enorme do nosso caminho, se bem me lembro onde fica Dois Rios. Precisamos encontrar Loial, e não aceito desperdiçar nem mais um dia.

Erith assentiu com firmeza.

Haman, as bochechas ainda molhadas de lágrimas, balançou a cabeça, desapontado com a afobação das duas, mas disse:

— Não posso permitir uma coisa dessas. Aridhol... Ou Shadar Logoth, como vocês chamam agora, um nome muito apropriado, aliás, não é lugar para alguém jovem como Erith. Não é lugar para ninguém, aliás.

Rand se levantou, deixando o mapa cair. Conhecia Shadar Logoth melhor do que gostaria.

— Vocês não vão perder tempo. Na verdade, vão ganhar. Levarei vocês em uma Viagem, abrindo um portão até Shadar Logoth. Assim, vocês percorreriam mais da metade do caminho até Dois Rios ainda hoje. E não vamos demorar. Sei que vocês conseguiriam me guiar direto até o Portal dos Caminhos.

Ogier eram capazes de sentir os Portais dos Caminhos, se não estivessem muito longe.

A proposta gerou outra pequena conferência diante da fonte, e dessa vez Erith exigiu participar. Rand só conseguiu entre ouvir alguns trechos, mas estava claro que Haman se opunha, pela forma como balançava a cabeça insistentemente; enquanto Covril, com as orelhas tão rígidas que dava a impressão de estar tentando parecer o mais alta possível, acreditava que deveriam aceitar. No começo, Covril franzia o cenho tanto para Erith quanto para Haman — fosse qual fosse a relação entre sogra e nora para os Ogier, a mãe de Loial deixava bem claro que, para ela, Erith não deveria opinar. Mas logo mudou de ideia: as duas Ogier se uniram contra Haman, insistentes e implacáveis.

— ... muito perigoso. Muito, muito perigoso — dizia Haman, feito um trovão distante.

— ... quase lá ainda hoje... — argumentava um trovão mais leve, de Covril.

— ... já está Fora há muito tempo... — acrescentava o ribombar sonoro de Erith.

— ... a pressa não compensa...

— ... meu Loial...

— ... meu Loial...

— ... Mashadar sob nossos pés...

— ... meu Loial...

— ... meu Loial...

— ... como Ancião...

— ... meu Loial...

— ... meu Loial...

Haman voltou até Rand ajeitando o casaco, como se tivesse sido rasgado ao meio, seguido de perto pelas duas. Covril parecia mais serena que Erith, que fazia um esforço visível para sufocar o sorriso, mas as duas estavam com as orelhas peludas apontadas no mesmo ângulo, transmitindo animação e satisfação.

— Nós decidimos — começou Haman, muito rígido — aceitar sua oferta. Vamos acabar logo com esse passeio para eu poder retomar as aulas. E voltar ao Cepo. Hum, hum. Há muito a dizer sobre o senhor, diante do Cepo.

Rand não se importava se Haman dissesse ao Cepo que ele intimidara os três. Os Ogier mantinham distância dos homens, só aparecendo para efetuar reparos em antigos trabalhos de cantaria, e era improvável que pudessem influenciar a opinião de qualquer humano sobre ele.

— Ótimo — respondeu. — Vou mandar alguém buscar seus pertences na estalagem.

— Estamos com tudo bem aqui — anunciou Covril.

A mulher foi até o outro lado da fonte, agachou-se e pegou duas trouxas que os Ogier haviam escondido ali atrás. Qualquer uma daquelas trouxas seria uma carga bem pesada para um homem, mas ela entregou uma a Erith e pendurou a alça da outra nos ombros, acomodando-a enviesada no peito e apoiada nas costas.

— Imaginamos que, se Loial estivesse aqui — explicou Erith, ajeitando a trouxa —, já estaríamos com tudo pronto para voltar ao Pouso Tsofu sem mais demora. Se não o encontrássemos, estaríamos prontos para partir. Sem demora.

— Na verdade, o problema são as camas — confidenciou Haman, erguendo as mãos apartadas, formando entre elas um espaço do tamanho de uma criança humana. — Nos tempos antigos, todas as estalagens daqui de Fora tinham dois ou três quartos para Ogier, mas hoje em dia é uma dificuldade encontrar mobília para o nosso tamanho. É difícil de entender por quê. — Ele olhou os mapas marcados e soltou um suspiro. — *Era* difícil entender.

Rand esperou apenas por tempo suficiente para Haman apanhar a própria trouxa, então agarrou *saidin* e abriu um portão ali mesmo, ao lado da fonte. O buraco no ar exibia uma rua devastada, repleta de ervas daninhas e construções em ruínas.

— Rand al'Thor — chamou Sulin, entrando no pátio em um passo quase casual, à frente de um grupo de serviçais e *gai'shain* abarrotadas de mapas. Liah e Cassin estavam junto, com a mesma naturalidade fingida. — Você pediu mais mapas.

O olhar de Sulin para o portal era quase acusatório.

— Posso me proteger melhor lá sozinho do que com vocês — explicou Rand, com frieza. Não pretendia ser frio, mas, envolto no Vazio, não havia como a voz soar mais que fria e distante. — Não há nada que suas lanças possam combater, e há algumas coisas que as lanças não venceriam.

Sulin ainda exibia boa parte da irritação de mais cedo.

— Por isso mesmo deveríamos ir.

Aquilo não faria sentido para ninguém que não fosse Aiel, mas...

— Eu não vou discutir — declarou Rand. Sulin tentaria ir atrás, caso ele recusasse. Ela convocaria Donzelas que tentariam pular portal adentro, mesmo que a abertura já estivesse se fechando. — Imagino que todo o restante da guarda de hoje deve estar logo ali dentro, na próxima sala. Convoque todas com um assobio. Mas quero que todos fiquem perto de mim e tomem o cuidado de não tocar em nada. Seja rápida. Quero acabar logo com isso.

Suas lembranças de Shadar Logoth não eram nada agradáveis.

— Eu as mandei embora, como você insistiu — retrucou Sulin, indignada. — Conte devagar até cem.

— Dez.

— Cinquenta.

Rand assentiu, e a mulher remexeu os dedos. Jalani disparou para dentro, e Sulin remexeu as mãos outra vez. Três *gai'shain*, atônitas, largaram o monte de mapas que carregavam, ergueram os longos robes brancos e correram de volta para o Palácio por caminhos diferentes. As mulheres pareciam muito surpresas, e nenhum Aiel nunca demonstrava tamanha surpresa. Sulin nem esperou: já tinha desaparecido quando as *gai'shain* começaram a se afastar.

Quando Rand chegou a vinte, Aiel começaram a saltar pátio adentro, pulando pelas janelas, jogando-se das sacadas. Ele quase perdeu a conta. Todos estavam velados, e havia apenas algumas Donzelas. Os Aiel olharam em volta, confusos por verem apenas Rand e três Ogier, que olharam de volta para eles, curiosos. Alguns baixaram os véus. Os serviçais do Palácio se encolheram, aproximando-se uns dos outros de modo apreensivo.

O fluxo de Aiel continuou mesmo depois de Sulin voltar, o véu baixado, no exato instante em que ele chegou a cinquenta. O pátio estava tomado de Aiel. Logo ficou claro que a mulher espalhara a notícia de que o *Car'a'carn* estava em perigo, a única forma que encontrara de reunir lanças suficientes no tempo que lhe fora concedido. Os homens resmungaram, amargurados, mas a maioria logo concluiu que era uma boa piada, e alguns soltaram risadinhas e bateram as lanças nos broquéis. Ainda assim, nenhum foi embora. Eles olharam o portão e se endireitaram, agachados, tentando ver o que estava acontecendo.

Com os ouvidos aguçados pelo Poder, Rand ouviu Nandera, uma Donzela bem musculosa, ainda bela apesar dos cabelos mais grisalhos que louros, sussurrar para Sulin:

— Você falou com as *gai'shain* como se fossem *Far Dareis Mai*.

Os olhos azuis de Sulin encararam os verdes de Nandera com firmeza.

— Falei. Lidaremos com isso ainda hoje, depois que Rand al'Thor estiver seguro.

— Depois que ele estiver seguro — concordou Nandera.

Sulin logo destacou vinte Donzelas, inclusive algumas que tinham composto a guarda naquela manhã. Quando Urien começou a escolher seus Escudos Vermelhos, homens de outras sociedades insistiram para serem incluídos. Aquela cidade para além do portão parecia um lugar cheio de inimigos, e o *Car'a'carn* tinha que ser protegido. Na verdade, nenhum Aiel dava as costas a uma possibilidade de luta — e quanto mais jovens, mais provável que corressem atrás de uma. Uma nova discussão começou quando Rand declarou que não poderia haver mais homens do que as Donzelas — o que desonraria as *Far Dareis Mai*, posto que elas carregavam sua honra —, e que Sulin não poderia escolher mais nenhuma Donzela. Falara sério quando dissera que estava levando aqueles Aiel a um lugar onde nenhuma de suas habilidades de batalha poderia protegê-los, e cada um que levava era um a mais em quem ficar de olho. Claro que não explicou isso. Não havia como saber quem ficaria ofendido com aquilo.

— Lembrem-se de não tocar em nada — ressaltou, assim que todos foram selecionados. — Não peguem nada, nem mesmo tomem um gole de água. E fiquem sempre à vista. Não entrem em nenhuma casa, não importa o motivo.

Haman e Covril assentiram com vigor, o que pareceu impressionar mais os Aiel que as palavras de Rand. Bem, não importava. Bastava que ficassem impressionados.

O grupo cruzou o portal e adentrou uma cidade morta — uma cidade mais do que morta.

O sol dourado, já a mais de meio caminho do zênite, esquentava as ruínas grandiosas. Aqui e ali ainda havia imensos domos intactos sobre palácios de mármore claro, porém era mais comum ver construções sem teto, e na maioria dos casos restavam apenas as ruínas de algum fragmento curvo. Compridas passarelas sustentadas por colunas ligavam torres mais altas do que Cairhien jamais sonhara ter, algumas com

extremidades irregulares. Por todo lado se viam tetos desmoronados das casas, além de tijolos e pedras espalhados pelas pedras rachadas do pavimento, resquícios de construções e muralhas desabadas. Fontes espatifadas e monumentos destruídos decoravam cada cruzamento. As imensas montanhas de entulho eram pontilhadas de árvores atrofiadas, morrendo pela falta de água. Ervas mortas revestiam as rachaduras das ruas e dos edifícios. Nada se movia — nem um pássaro, nem um rato, nem a brisa. O silêncio dominava Shadar Logoth. Onde a Sombra Espreita.

Rand deixou o portão se fechar. Nenhum Aiel baixou o véu. Os Ogier olhavam em volta, tensos, as orelhas bem para trás. Rand agarrou-se a *saidin*, naquela luta que, como dizia Taim, fazia o homem saber que estava vivo. Mesmo se não pudesse canalizar — especialmente nesse caso, talvez —, naquele lugar era bom ser lembrado de que estava vivo.

Aridhol era uma capital magnífica nos tempos das Guerras dos Trollocs, aliada de Manetheren e do restante das Dez Nações. Essas guerras duraram tanto tempo que faziam a Guerra dos Cem Anos parecer breve, e também davam a impressão de que a Sombra estava vencendo em todos os cantos e que cada vitória da Luz servia apenas para se ganhar tempo. Foi quando Mordeth tornou-se conselheiro de Aridhol e convenceram o governante de que, para ganhar a guerra — para sobreviver à guerra —, a cidade teria que ser ainda mais forte que a Sombra, ainda mais cruel e menos confiável que a Sombra. E isso foi se estabelecendo aos poucos, até que, por fim, Aridhol se tornou um lugar tão tenebroso quanto a Sombra — se não mais. A Guerra dos Trollocs seguia, feroz, mas Aridhol voltou-se para si mesma — virou-se contra si mesma. Consumindo-se.

E algo foi deixado para trás. Algo que impedia qualquer um de voltar a viver ali. Até a menor pedrinha daquele lugar estava maculada com o ódio e a desconfiança que tinham assassinado Aridhol e deixado Shadar Logoth em seu lugar. Com o tempo, até a menor pedrinha deixava uma mácula própria.

E ali ainda resistia algo além da mácula, embora essa já fosse forte o suficiente para afastar qualquer homem são.

Rand girou o corpo bem devagar, mantendo-se no mesmo lugar, examinando cada janela como se fosse uma órbita oca, os olhos arrancados das construções. O sol ainda estava alto, mas ele já sentia os olhos invisíveis o observando. Quando passara por ali antes, a sensação só ficara forte daquele jeito depois de o sol começar a baixar. Muito mais do que a mácula persistia ali. Um exército de Trollocs morrera enquanto acampava ali, desaparecera por completo, deixando apenas manchas de sangue nas paredes — mensagens implorando ao Tenebroso que os salvasse. Shadar Logoth não era um bom local para se estar à noite.

Este lugar me dá medo, murmurou Lews Therin, por trás do Vazio. *Você não fica com medo?*

Rand ficou sem fôlego. A voz estava mesmo falando com ele? *Fico.*

A escuridão está aqui. Um negrume mais negro que o negro mais intenso. Se o Tenebroso escolhesse viver entre os homens, viveria aqui.

Sim. Viveria.

Preciso matar Demandred.

Rand ficou sem reação.

Demandred tem alguma ligação com Shadar Logoth? Com este lugar?

Eu agora me lembro de que matei Ishamael. A voz transmitia um quê admirado, como se acabasse de descobrir isso. *Ele mereceu morrer. Lanfear também mereceu, mas fico feliz que não tenha sido por minhas mãos.*

Será que a voz apenas parecia estar falando com ele, por acaso? Ou Lews Therin estava ouvindo, respondendo?

Como foi que eu... que você matou Ishamael? Me conte.

Morte. Quero a morte completa. Mas não aqui. Não quero morrer aqui.

Rand suspirou. Era apenas por acaso. Também não queria morrer ali. Um palácio próximo, com as colunas da frente quebradas, estava bem inclinado em direção à rua. Poderia desabar a qualquer momento, soterrando-os ali mesmo.

— Podem guiar — disse a Haman. E alertou os Aiel: — Lembrem-se do que eu disse. Não toquem em nada, não peguem nada e não sumam de vista.

— Não achei que estivesse tão ruim — murmurou Haman. — Quase abafa a sensação do Portal dos Caminhos.

Erith soltou um gemido de lamento, e Covril teria soltado outro, se não fosse tão altiva. Os Ogier eram muito sensíveis à atmosfera de um lugar. Haman apontou. O suor em seu rosto não tinha nenhuma relação com o calor.

— Por aqui.

O pavimento rachado estalava sob as botas de Rand feito ossos sendo esmigalhados. Haman conduziu o grupo pelas ruas e esquinas, passando por diversas ruínas, mas sempre seguro da direção. Os Aiel à volta avançavam nas pontas dos pés. Seus olhos, a única parte do rosto visível por entre as dobras dos véus negros, indicavam que não esperavam um ataque — para eles, o ataque já tinha começado.

Os olhos invisíveis que os observavam e as construções destroçadas trouxeram memórias que Rand preferia evitar. Fora ali que Mat iniciara a jornada que o levaria à Trombeta de Valere — uma jornada que quase o matara, e talvez a mesma jornada que o conduzira a Rhuidean e ao *ter'angreal* do qual ele não queria falar. Ali, Perrin desaparecera quando todos foram forçados a fugir no meio da noite — quando Rand enfim o reencontrou, o amigo tinha olhos dourados tristes e segredos que Moiraine jamais revelara.

Ele próprio não escapara incólume, embora Shadar Logoth não o tivesse tocado diretamente. Padan Fain seguira todos até ali: Rand, Mat, Perrin, Moiraine, Lan, Nynaeve e Egwene. Padan Fain, o mascate que sempre visitava Dois Rios. Padan Fain, o Amigo das Trevas. Que agora, segundo Moiraine, era mais que Amigo das Trevas — algo pior. Fain seguira todos até Shadar Logoth, mas o que saiu de lá foi mais — ou menos — do que entrou. Padan Fain, ou quanto ainda restara dele, queria ver Rand morto. Já ameaçara todos os que Rand amava caso o garoto não fosse ao seu encontro. E Rand não fora. Perrin lidara com a ameaça e protegera Dois Rios, mas — Luz! — como doía. E o que Fain estava fazendo com os Mantos-brancos? Será que Pedron Niall era Amigo das Trevas? Se algumas Aes Sedai podiam ser, então o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz também podia.

— Lá está — anunciou Haman, e Rand levou um susto.

Shadar Logoth era o pior lugar do mundo para se perder em devaneios.

O Ancião estava parado onde já houvera uma praça enorme. Um dos cantos estava cheio de entulho enferrujado. No meio, onde talvez existisse uma fonte, havia uma cerca com filigranas de algum metal brilhante. Era da altura de um Ogier, e, ao contrário do restante dos escombros da cidade, permanecera intocada pela ferrugem. A cerca envolvia o que parecia uma pedra alta com entalhes de vinhas e folhas ao sabor da brisa — tinham sido esculpidas com tamanho esmero que parecia que a brisa logo voltaria a soprar. Pareciam tão bem-feitas que era uma surpresa notar seu tom cinza e pétreo, não verde. Era o Portal dos Caminhos, mesmo que não se parecesse com um portal.

— Derrubaram o bosque assim que os Ogier partiram para os *pousos* — resmungou Haman, irritado, as compridas sobrancelhas caídas. Mal esperaram uns vinte ou trinta anos para expandir a cidade.

Rand tocou a cerca com um fluxo de Ar, perguntando-se como transpor aquele obstáculo. Piscou, surpreso, quando a estrutura inteira se desfez em vinte ou mais pedaços, que desabaram com um estrépito que fez os Ogier darem um salto. Rand balançou a cabeça. Claro. Qualquer metal que tivesse sobrevivido tanto tempo sem o menor pontinho de ferrugem *só podia* ter sido feito a partir do Poder. Talvez fosse um resquício da Era das Lendas. Mas os fluxos que uniam as placas de metal já estavam enfraquecidos havia

muito, só esperando um bom solavanco.

Covril botou a mão em seu ombro.

— Queria pedir que o senhor não abrisse. Loial com certeza lhe ensinou como fazer... ele sempre teve interesse demais nesse tipo de coisa. Mas os Caminhos são perigosos.

— Posso trancar — anunciou Haman —, para que não possa mais ser aberto sem o Talismã do Crescimento. Hum, hum. É bem simples. A solução é muito óbvia. — Mas ele não parecia ansioso por tentar, e nem fez menção de se aproximar do portal.

— Talvez o portal tenha que ser usado às pressas, sem que se tenha tempo de pegar um Talismã do Crescimento — explicou Rand.

Todos os Caminhos talvez tivessem que ser usados, a despeito dos perigos. Se pudesse dar um jeito de purificá-los... era um projeto quase tão ambicioso quanto o anúncio que fizera a Taim de que purificaria *saidin*.

Começou criando tessituras em torno do Portal usando todos os Cinco Poderes, erguendo as partes da cerca de volta para o lugar. Desde o primeiro fluxo que canalizou, sentiu que a mácula parecia pulsar dentro dele — uma vibração que aos poucos tomava seu corpo. Devia ser em resposta ao mal de Shadar Logoth, um mal ecoando o outro. Mesmo dentro do Vazio, ficou tonto com tantas reverberações, como se o mundo oscilasse sob seus pés. A sensação o deixou com ânsia, querendo vomitar tudo o que já comera na vida. Ainda assim, perseverou. Não podia botar homens de guarda ali, assim como não podia enviar batedores para explorar a cidade.

A trama que ele urdiu, para então inverter, era uma armadilha horrível, adequada para aquele lugar. Um selo de proteção da mais profunda e completa vilania. Podia erguer um selo contra humanos ou um selo contra Crias da Sombra, mas não os dois. Por aquele ali, humanos passariam incólumes, e talvez até os Abandonados conseguissem atravessar — e quem sabe não conseguiriam nem notar sua presença. Ainda assim, se alguma Cria da Sombra passasse por ali... bem, era a questão da vilania. A criatura não morreria imediatamente, e talvez até vivesse para transpor as muralhas da cidade. Tempo suficiente para chegar bem longe, sair dali e não servir de aviso para o próximo Myrddraal que passasse. Tempo suficiente para a debandada de um exército de Trollocs, talvez deixando alguns para trás pelo caminho. E seria uma morte cruel o bastante para um Trolloc. Fazer aquilo o enojava tanto quanto a mácula em *saidin*.

Trançar os últimos nós da trama e soltar *saidin* só lhe trouxe um pouco de alívio. O resíduo de podridão que sempre parecia persistir ainda pulsava, e Rand quase sentia como se o chão pulsasse debaixo de suas botas. Os dentes e as orelhas doíam. Mal via a hora de sair dali.

Respirou fundo e preparou-se para canalizar outra vez, abrir um portão... então parou, franzindo o cenho. Contou todos depressa, depois recontou, mais devagar.

— Está faltando alguém. Quem é?

Os Aiel levaram apenas um instante para conferir.

— Liah — anunciou Sulin, por baixo do véu.

— Ela estava logo atrás de mim. — A voz de Jalani era inconfundível.

— Talvez ela tenha visto alguma coisa. — Parecia ser a voz de Desora.

— Eu mandei todo mundo ficar junto! — A ira irrompeu pelo Vazio como ondas arrebatando contra um rochedo, espumando. Alguém estava faltando, e eles ainda encaravam a situação com a maldita frieza Aiel. Uma *Donzela* faltando. Uma mulher desaparecida em Shadar Logoth. — Ah, quando eu encontrar aquela... — Ele combateu a fúria que ameaçava engolir o vazio à sua volta, ganhando polegada a polegada de autocontrole. Queria era gritar com Liah até ela desmaiar, então mandá-la para Sorilea pelo resto de sua vida. Sua fúria era incandescente, assassina. — Dividam-se em pares. Chamem o nome dela, procurem por toda parte, mas não entrem em prédio nenhum, não importa o motivo. E fiquem longe das sombras. Aqui um homem pode morrer sem nem se dar conta. Todos vocês podem morrer sem nem se darem conta. Se virem Liah dentro de

alguma construção, me chamem primeiro, mesmo que ela pareça completamente normal. Me chamem, a não ser que ela vá até vocês.

— Conseguiríamos procurar mais rápido sozinhos — sugeriu Urien, e Sulin assentiu em concordância. Houve acenos afirmativos demais entre os outros Aiel.

— Em pares! — Rand teve que lutar outra vez contra a fúria. *Que a Luz queime essa teimosia Aiel!* — Pelo menos assim cada um tem alguém de apoio. Façam o que eu digo na hora que eu digo, pelo menos uma vez na vida. Eu já estive aqui antes, sei um pouco mais do que vocês sobre este lugar.

Alguns minutos depois, quase todos gastos em um debate sobre quantos deveriam permanecer ao lado de Rand, vinte pares de Aiel se espalharam pela cidade em ruínas. Só uma ficou — Jalani, Rand achava, mas era difícil ter certeza por conta do véu. Pela primeira vez, a mulher não parecia nem um pouco satisfeita em vigiá-lo. Seus olhos verdes exibiam um brilho firme de contrariedade.

— Acho que podemos formar mais uma dupla — sugeriu Haman, olhando para Covril.

A Ogier assentiu.

— E Erith pode ficar aqui.

— Não! — gritaram Rand e Erith, quase no mesmo instante.

Os Ogier mais velhos se viraram, os rostos graves e cheios de desaprovação. As orelhas de Erith afundaram até quase a ponto de desabar.

Rand conteve o mau humor com mais firmeza. Antes, quando estava no Vazio, toda a raiva parecia permanecer em um lugar distante, ligada a ele por apenas um fio. Só que cada vez mais a raiva ameaçava arrebatá-lo, arrebatá-lo o Vazio. O que poderia ser um desastre. Bem, fora isso...

— Peço desculpas. Não tinha o direito de gritar com o senhor, Ancião Haman, nem com a senhora, Oradora Covril. — Seria a forma apropriada de se dirigir a eles? Eram mesmo aqueles títulos, para início de conversa? Nada na expressão dos dois lhe deu qualquer resposta. — Agradeceria muito se permanecessem aqui comigo. Podemos procurar todos juntos.

— É claro — concordou Haman. — Não vejo como lhe oferecer mais proteção do que o senhor é capaz de oferecer a si mesmo, mas o pouco que tenho a lhe oferecer é sua. — Covril e Erith assentiram em aprovação. Rand não fazia ideia do que Haman estava falando, mas não parecia hora de perguntar, com os três parecendo preparados para protegê-lo. Não tinha dúvidas de que conseguiria manter os três a salvo, desde que não se afastassem.

— Contanto que siga suas próprias regras, Rand al'Thor. — A Donzela de olhos verdes de fato era Jalani, soando animada por não ter que ficar ali esperando.

Rand torceu para que os outros tivessem entendido bem o perigo daquele lugar.

A busca já começou frustrante. Percorreram as ruas vigiadas por olhos invisíveis de cima a baixo, por vezes escalando entulho, sempre gritando por Liah. Os berros de Covril faziam ranger as paredes inclinadas, e os de Haman arrancavam grunhidos abomináveis das ruínas. Não se ouvia resposta. Os únicos outros sons eram os gritos das outras duplas de busca e os ecos zombeteiros se dissipando pelas ruas. Liah! Liah!

O sol já estava quase a pino quando Jalani comentou:

— Não acho que ela teria vindo tão longe, Rand al'Thor. A não ser que estivesse tentando fugir de nós, coisa que não faria.

Rand, que examinava as colunas sombrias no topo de amplos degraus de pedra, tentando ver o interior de um amplo aposento mais adiante, virou-se para a Aiel. Até onde pudera ver, não havia nada ali além de poeira. Nenhuma pegada. Os olhos invisíveis tinham esvanecido — não pareciam ter ido embora, mas quase.

— Temos que procurar o máximo que der. Talvez ela... — Não soube como concluir a frase. — Não quero abandonar Liah aqui, Jalani.

O sol subiu mais ainda, então começou a descer. Rand estava no topo do que um dia fora um palácio,

talvez um bloco inteiro de edifícios. Agora era uma colina, tão desgastada pelos anos que só o punhado de tijolos quebrados e os pedaços de madeira trabalhada despontando do chão seco davam indícios de que um dia fora outra coisa.

— Liah! — gritou, entre as mãos em concha. — Liah!

— Rand al'Thor! — chamou uma Donzela da rua de baixo, descendo o véu para que ele a reconhecesse. Sulin. Ela e sua dupla, ainda velada, estavam com Jalani e os Ogier. — Desça aqui.

Ele desceu depressa, fazendo subir uma nuvem de poeira e uma chuva de fragmentos de tijolo e pedras. Foi tão rápido que quase caiu duas vezes.

— Encontraram?

Sulin balançou a cabeça.

— Mas já teríamos encontrado, se ela estivesse viva. Liah não teria ido tão longe sozinha. Se alguém a levou, acho que a levou morta. Ela não cederia tão fácil. E, se está ferida a ponto de não conseguir responder a nossos chamados, isso também deve significar que ela está morta.

Haman soltou um suspiro triste. As compridas sobrancelhas das outras duas Ogier desabaram até as bochechas. Por alguma razão, seus olhares tristes e pesarosos se voltaram para Rand.

— Continuem procurando — mandou.

— Podemos olhar dentro das construções? Tem muitas salas que não conseguimos ver de fora.

Rand hesitou. Ainda estava perto do meio da tarde, mas já voltara a sentir aqueles olhos invisíveis à espreita. Tão forte quanto sentira no sol poente, da primeira vez que estivera lá. As sombras não eram seguras em Shadar Logoth.

— Não. Mas vamos continuar procurando.

Não soube ao certo por quanto tempo seguiu gritando pelas ruas. Depois de um tempo, Urien e Sulin pararam diante dele, ambos desvelados. O sol já tocava os topos das árvores a oeste, uma bola vermelho-sangue no céu sem nuvens. As sombras se estiravam, compridas, por sobre as ruínas.

— Eu procuro pelo tempo que você quiser — começou Urien —, mas gritar por ela não vai adiantar de mais nada. Se pudéssemos entrar nas construções...

— Não. — A resposta saiu fraca e rouca, e Rand pigarreou.

Luz, como queria água. Os vigias invisíveis estavam em cada janela, cada fresta, aos milhares, aguardando, antecipando. As sombras envolviam a cidade. As sombras não eram seguras em Shadar Logoth, mas a escuridão era pior — trazia apenas a morte. Mashadar surgia ao pôr do sol.

— Sulin, eu...

Não conseguia se obrigar a dizer que precisavam desistir, deixar Liah para trás, não importava se a mulher estava viva ou morta, ou talvez caída em algum lugar, inconsciente, fora de vista, atrás de um muro ou sob uma pilha de tijolos desabados. Poderia estar.

— Seja lá o que estiver nos vigiando, acho que está esperando o cair da noite — comentou Sulin. — Olhei para dentro de janelas e senti que algo me encarava de volta, mas não havia nada para ver. Não será nada fácil dançar as lanças com algo que os olhos não podem ver.

Rand então percebeu quanto desejava que Sulin falasse outra vez que Liah devia estar morta, que era melhor irem embora. Liah poderia estar ferida, caída em algum lugar por ali — era possível. Apalpou o bolso do casaco. O *angreal* do homenzinho gordo estava em Caemlyn, junto com sua espada e o cetro. Não sabia ao certo se conseguiria proteger o grupo todo, depois do cair da noite. Moiraine revelara que achava que nem a Torre Branca inteira conseguiria matar Mashadar — isso se Mashadar pudesse ser considerado um ser vivo.

Haman pigarreou.

— Pelo que me lembro de Aridhol, ou melhor, de Shadar Logoth — comentou, franzindo o cenho —,

quando o sol cair, nós provavelmente morreremos.

— Sim — concordou Rand, em um sussurro relutante.

Liah, que talvez estivesse viva. Todos os outros. Covril e Erith, um pouco afastadas, conversavam em particular. Conseguiu ouvir um sussurro: “Loial.”

O dever é mais pesado que a montanha. A morte, mais leve que a pluma.

O comentário de Lews Therin só podia ter sido tirado das memórias e dos pensamentos do próprio Rand — ao que parecia, as memórias atravessavam aquela barreira para todos os lados —, mas a frase o afetou profundamente.

— Temos que ir — anunciou. — Não importa se Liah estiver viva ou morta, nós... nós temos que ir.

Urien e Sulin apenas assentiram, mas Erith se aproximou e afagou seu ombro com uma delicadeza surpreendente, considerando que a mão era grande o bastante para envolver sua cabeça.

— Se me permite incomodá-lo — começou Haman —, já ficamos aqui bem mais tempo do que o esperado. — Ele apontou para o sol poente. — Eu ficaria muito agradecido se o senhor fizesse a gentileza de nos levar para fora da cidade daquela mesma maneira que nos trouxe até aqui.

Rand então se lembrou da floresta que ficava nas cercanias de Shadar Logoth. Dessa vez não haveria Myrddraal ou Trollocs por lá, mas ainda assim era uma floresta densa, e só a Luz sabia a que distância ou em que direção ficava a aldeia mais próxima.

— Vou fazer melhor que isso. Posso levar vocês direto até Dois Rios, e tão rápido quanto viemos para cá.

Os dois Ogier mais velhos assentiram, muito sérios.

— Que a bênção da Luz e a quietude retribuam a sua ajuda — murmurou Covril.

As orelhas de Erith tremelicaram de ansiedade — talvez tanto por ver Loial quanto por enfim sair de Shadar Logoth.

Rand hesitou por um instante. Loial decerto estava em Campo de Emond, mas não poderia levar os Ogier direto até lá. Era muito provável que a notícia de sua visita se espalhasse para além de Dois Rios. Teria que ir para um ponto longe da aldeia, longe o bastante para evitar as fazendas ali por perto.

Abriu o portão — um feixe de luz vertical despontou no ar e se alargou, e a mácula se revirou outra vez dentro dele. Estava pior que antes, e agora o chão parecia pulsar sob as solas de suas botas.

Seis Aiel pularam portão adentro, e os três Ogier os seguiram com uma pressa nem um pouco inesperada, dadas as circunstâncias. Rand hesitou e olhou para trás, para a cidade em ruínas. Tinha prometido que permitiria que as Donzelas morressem por ele.

Assim que o último Aiel passou, ouviu Sulin soltar um silvo de dor. Olhou para ela, mas a mulher encarava a mão dele — o dorso da mão, no qual Rand esfregara as unhas até tirar sangue. Envolto no Vazio como estava, a dor parecia pertencer a outra pessoa. A marca física não importava, o ferimento logo cicatrizaria, mas a ferida interna era mais profunda, em um lugar onde ninguém poderia ver. Um corte para cada Donzela morta, feridas que ele jamais deixava cicatrizar.

— Terminamos por aqui — anunciou, atravessando para Dois Rios. A palpitação da mácula desapareceu com o portão.

Rand tirou um momento para se orientar, franzindo o cenho. Não era fácil posicionar um portão com precisão, ao menos em um local desconhecido, mas escolhera uma área bem familiar: um prado coberto de ervas daninhas a sul do vilarejo, a boas duas horas de caminhada de Campo de Emond — um lugar desocupado e sem qualquer utilidade. Ainda assim, avistou formas se movendo sob a luz pálida do crepúsculo — ovelhas, um rebanho grande, e um garoto de cajado nas mãos e arco pendurado nas costas, encarando o grupo de recém-chegados a cerca de cem passadas de distância. Rand nem precisaria do olhar aguçado pelo Poder para dizer que o pastorzinho estava de olhos arregalados. O garoto largou o cajado e saiu correndo para uma casa que não estava lá quando Rand viu o lugar pela última vez. Uma casa com telhado de telhas.

Por um instante, ele se perguntou se estava mesmo em Dois Rios. A atmosfera local era familiar, assim como os cheiros. Mas todas aquelas mudanças de que Bo e as outras meninas lhe falaram... Rand não as tinha assimilado de fato, porque nada mudava em Dois Rios. Será que devia mandar as meninas de volta para ali, para casa? *Você tem é que ficar longe delas*, pensou, irritado.

— Campo de Emond é por ali — anunciou Rand. Campo de Emond. Perrin. Tam também devia estar lá, hospedado na estalagem Fonte de Vinho, junto dos pais de Egwene. — É lá que Loial deve estar. Não sei se vocês conseguem chegar antes do cair da noite, talvez seja melhor vocês irem falar com o pessoal daquela casa ali, eles com certeza cederão um lugar para vocês dormirem. Mas não falem de mim, nem revelem a ninguém como vocês chegaram aqui.

Já tinha sido visto por aquele garoto, mas o que ele contasse poderia muito bem ser tido como exagero quando três Ogier aparecessem.

Haman e Covril se entreolharam enquanto ajeitavam a trouxa nas costas, e a Ogier declarou:

— Não contaremos nada sobre como chegamos até aqui. Deixe que as pessoas inventem as histórias que quiserem.

Haman afagou a barba e pigarreou.

— Não vá se matar.

Mesmo no Vazio, Rand levou um susto com o comentário.

— O quê?

— A estrada à sua frente é longa e escura — explicou Haman, em sua voz retumbante — e eu temo que esteja muito manchada de sangue. Também temo que o senhor acabe levando todos nós por essa estrada. Mas não se esqueça de que precisa viver para chegar ao fim do caminho.

— Eu vou — respondeu Rand, sem rodeios. — Sigam com a Luz. — Tentou imprimir algum afeto ao que dizia, qualquer sentimento que fosse, mas não sabia se conseguira.

— Siga com a Luz — respondeu Haman, e as mulheres repetiram.

Os três Ogier deram as costas para o grupo, rumo à casa mais adiante. Mas nem mesmo Erith parecia acreditar que ele conseguiria seguir com a Luz.

Rand ficou um instante a mais ali, parado. Algumas pessoas tinham saído da casa e observavam os Ogier se aproximarem, mas os olhos de Rand estavam voltados para noroeste — não na direção de Campo de Emond, e sim da fazenda onde crescera. Dar meia-volta e abrir um portão para Caemlyn foi como arrancar o próprio braço — aquela dor seria um lembrete muito mais adequado da morte de Liah do que um mero arranhão.





RUMO AO SUL

Mat jogava as cinco pedras para cima, formando um círculo que girava suavemente logo acima das mãos — uma vermelha, uma azul, uma verde-clara e as outras duas com listras em padrões interessantes. Não parara de cavalgar enquanto jogava as pedras, conduzindo Pips com os joelhos, a lança de cabo preto enfiada atrás da cinta da sela, no lado oposto em que repousava o arco desencordado. As pedras lembravam Thom Merrilin, que lhe ensinara a arte do malabarismo, e ele se perguntou se o velho ainda estaria vivo. Pouco provável. Parecia ter passado uma eternidade desde que Rand mandara o menestrel ir atrás de Elayne e Nynaeve, querendo que ele cuidasse das duas — se existiam duas mulheres que precisassem menos de cuidados, Mat não conhecia. Só sabia que não havia dupla de mulheres mais capazes de fazer um homem acabar morto simplesmente por não dar ouvidos a seus conselhos. Nynaeve se metia em tudo o que um homem fazia, dizia ou pensava e sempre puxava aquela maldita trança na cara de quem fosse, e aquela maldita Filha-herdeira sempre achava que conseguiria deixar as coisas do jeito dela se empinasse bem o nariz e explicasse o que queria tão mal quanto Nynaeve — mas com Elayne era ainda pior, já que, se a petulância gélida não desse certo, a garota sorria, deixando as covinhas à mostra, e esperava que acabassem cedendo só porque ela era bonita. Mat torcia para que Thom tivesse sobrevivido às duas. E torcia para que elas também estivessem bem, mesmo que não fosse se importar muito se tivessem se metido em apuros vez ou outra desde que partiram às pressas sabia lá a Luz para onde. Elas que vissem como era difícil não ter Mat sempre por perto para descascar os abacaxis — e não tinham agradecido nem uma única vez quando ele estava sempre lá para ajudar. E nem precisavam ter encontrado algum abacaxi muito grande, só algo difícil o suficiente para desejarem que Mat Cauthon estivesse ali para resgatá-las de novo, como o idiota que era.

— E você, Mat? — indagou Nalesean, puxando as rédeas para se aproximar. — Já pensou alguma vez em como seria ser Guardião?

Mat quase deixou cair as pedras. Daerid e Talmanes o encaravam, muito suados, esperando a resposta. O sol já deslizava em direção ao horizonte, e em pouco tempo teriam que parar. O crepúsculo parecia durar cada vez mais conforme os dias iam se encurtando, mas Mat queria já estar sossegado com seu cachimbo quando a noite enfim caísse. E, além do mais, aquele era o tipo de terreno onde era muito fácil os cavalos quebrarem as pernas, se viajassem no escuro. Os cavalos e os homens.

Vinham do norte, e o Bando se estendia atrás dele, patas de cavalos e pés humanos levantando um rastro de poeira. Os estandartes drapejavam ao vento, mas os tambores estavam quietos conforme o grupo

atravessava as colinas baixas cobertas por um matagal esparsos com aglomerados de árvores aqui e ali. Avançavam mais rápido do que Mat imaginara: fazia onze dias que tinham partido de Maerone, mas já estavam na metade do caminho — talvez um pouco além — para Tear. E só tinham gastado um dia inteiro com o descanso dos cavalos. Claro que não sentia a menor pressa para tomar o lugar de Weiramon, mas não conseguia deixar de se perguntar quanto mais conseguiriam percorrer se avançassem entre o nascer e o pôr do sol, caso precisassem. Até ali, o máximo que tinham conseguido era quarenta e cinco milhas de uma só vez. Claro que os carroções com mantimentos levariam metade da noite para alcançá-los, mas, nos últimos dias, os homens a pé tinham feito questão de demonstrar que conseguiriam acompanhar os cavalos ao longo da viagem, ainda que não se mantivessem emparelhados com os animais a todo momento.

Um pouco mais para trás, a leste, havia um grupo de Aiel no topo de uma elevação cercada por árvores, todos correndo sem a menor dificuldade, diminuindo a distância pouco a pouco. Deviam estar viajando desde o nascer do sol e era certo que continuariam avançando até o cair da noite — isso se não avançassem por mais tempo. Se passassem pelo Bando enquanto ainda houvesse luz para vê-los, seria um bom estímulo para os homens no dia seguinte. Sempre que os Aiel os ultrapassavam, os homens pareciam dispostos a tentar avançar uma ou duas milhas a mais no dia seguinte.

Algumas milhas à frente, os aglomerados de árvores iam se alargando até virarem outra vez uma floresta densa, então era melhor descerem para um pouco mais perto do Erinin antes de avançarem até a mata. Quando chegaram no topo de uma colina, Mat avistou o rio, onde os cinco barcos que haviam sido contratados ostentavam o estandarte da Mão Vermelha, enquanto outros quatro barcos — que transportavam principalmente forragem para os cavalos — voltavam a Maerone para serem recarregados. O que ele não conseguia avistar ainda, mas que sabia que estava lá, era as pessoas que andavam ao longo das margens, algumas rio acima, outras rio abaixo, e algumas mudando de direção sempre que encontravam um grupo liderado por alguém com alguma lábia. Umas poucas tinham carroças, que em geral eram puxadas por seus próprios donos, e outras tinham carroções, mas a maioria levava apenas o que podia carregar — até os salteadores mais obtusos já tinham aprendido que não havia por que gastar tempo com aquela gente. Mat não fazia ideia de para onde aquele povo ia — coisa que nem mesmo aquelas pessoas sabiam —, mas o fluxo de gente ainda era o suficiente para congestionar aquela trilha ridícula ao longo do rio, que muitos teimavam em chamar de estrada. O Bando ganhava tempo indo ali por cima. Se tentassem seguir pela trilha no mesmo ritmo, precisariam abrir caminho a pauladas.

— Um Guardião? — repetiu Mat, guardando as pedras no alforje. Conseguiria encontrar mais pedras daquelas em qualquer lugar que fosse, mas gostava das cores das que tinha. Também estava guardando uma pena de águia, uma pedra desgastada, branca como a neve, que, no passado, devia ser coberta de entalhes. Também ficara tentado a levar consigo um pedregulho que parecia ter sido a cabeça de alguma estátua, mas para isso precisaria de um carroção. — Nunca. São um bando de tolos, idiotas o bastante para se deixar serem arrastados pela orelha por uma Aes Sedai. De onde você tirou essa ideia de jerico?

Nalesean deu de ombros. Estava bastante suado, mas mesmo assim usava o casaco — que naquele dia era vermelho com listras azuis — abotoado até o pescoço. O casaco de Mat estava aberto, mas mesmo assim ele sentia como se estivesse assando ao sol.

— Acho que foi por causa das Aes Sedai ali perto — sugeriu o taireno. — Que me queime a alma, mas não dá para não pensar. Quer dizer, que me queime a alma, o que elas estão tramando?

Ele estava falando das Aes Sedai no outro lado do Erinin, que, segundo os batedores, estavam subindo e descendo o rio às pressas, um pouco mais rápido que os andarilhos na outra margem.

— O que eu acho é que é melhor não pensar nelas — retrucou Mat.

Através da camisa, tocou a cabeça de raposa de prata. Mesmo com ela, ficou feliz em saber que as Aes Sedai estavam do outro lado do rio. Alguns dos seus soldados viajavam naquelas embarcações, e, mesmo

havendo poucas aldeias, seguiam as ordens de Mat e atracavam sempre que passavam por alguém na margem oposta, só para saber que notícias o viajante trazia. Até aquele momento, as notícias não tinham sido nada reveladoras e eram quase sempre desagradáveis. Aquele monte de Aes Sedai por ali era o menor dos problemas.

— E como não pensar nelas? — questionou Talmanes. — Acha que a Torre controlava mesmo Logain? Aquela era uma das novidades, uma notícia que chegara havia apenas dois dias.

Mat tirou o chapéu apenas por tempo suficiente para enxugar a testa. Quando caísse a noite, ficaria um pouco mais fresco. Mas continuaria sem vinho, sem cerveja, sem mulheres e sem jogos. Quem é que virava soldado por opção?

— Eu, por mim, acho que não duvido de quase nada vindo das Aes Sedai. — Ele deslizou o dedo por trás do cachecol preso ao pescoço e o afrouxou. Uma coisa boa em ser Guardião, pelo que sabia de Lan, era que eles pareciam não suar. — Mas isso? Veja, Talmanes, mais fácil eu acreditar que você é uma Aes Sedai. E você não é, é?

Daerid se curvou sobre o cepilho da sela de tanto gargalhar, e Nalesean quase caiu do cavalo. Talmanes ficou muito rígido, mas acabou sorrindo — até quase riu: o sujeito podia não ter muito senso de humor assim, mas tinha alguma coisa.

A seriedade logo voltou.

— E os Devotos do Dragão? Se for verdade, Mat, temos um problema.

O comentário cortou a gargalhada dos outros como se tivesse sido decepada por um machado.

Mat fez careta. Aquela era a última notícia — ou boato, ficava a gosto do freguês — que chegara, no dia anterior: uma aldeia incendiada em algum lugar de Murandy. E pior, pelo que se dizia, tinham matado todos que não jurassem fidelidade ao Dragão Renascido, executando as famílias junto.

— Rand vai resolver isso. Se for verdade. Aes Sedai, Devotos do Dragão, isso tudo é problema dele e a gente não tem nada com isso. Temos nossos próprios problemas.

Claro que aquilo não diminuiu a preocupação no rosto de nenhum deles. Já tinham visto muitas aldeias incendiadas, e todos suspeitavam de que veriam outras tantas logo que chegassem a Tear. Quem é que queria ser soldado?

Um cavaleiro despontou o topo da colina logo à frente e vinha galopando até eles. O sujeito fez o cavalo saltar por cima dos arbustos, em vez de desviar, mesmo na descida. Mat sinalizou para que os homens parassem e acrescentou:

— Nada de trompetes.

A ordem foi viajando atrás dele, em murmúrios, mas Mat manteve o olhar fixo no cavaleiro.

Transpirando aos borbotões, Chel Vanin puxou as rédeas do capão pardo bem diante de Mat. Usava um casaco cinza grosseiro que caía como um saco no corpo calvo e também se sentava na sela como se fosse um saco. Vanin era gordo, e não havia como disfarçar. Porém, por mais improvável que fosse, conseguia cavalgar qualquer coisa viva e era muito bom nisso.

Muito antes de chegarem a Maerone, Mat surpreendera Nalesean, Daerid e Talmanes pedindo os nomes dos melhores caçadores ilegais e ladrões de cavalo entre seus homens — gente que eles sabiam que eram culpados, mas contra os quais não se podia provar nada. Os dois nobres não quiseram admitir que tinham esse tipo de gente sob seu comando, mas, depois de certa insistência, acabaram revelando os nomes de três cairhienos, dois tairenos e — para surpresa de Mat — dois andorianos. Achava que nenhum andoriano estivesse entre eles por tempo suficiente para já ter aquela fama, mas parecia que as notícias se espalhavam rápido.

Mat chamou os sete sujeitos de lado e explicou que precisava de batedores, e um bom batedor utilizava praticamente as mesmas habilidades que um caçador ilegal ou um ladrão de cavalos. Ignorando as negativas

fervorosas de que eles já tivessem cometido qualquer tipo de crime — cada um soltou mais negativas do que Talmanes e Nalesean juntos, e com a mesma eloquência, ainda que com palavras bem mais vulgares —, Mat ofereceu perdão para quaisquer delitos praticados antes daquele dia, além de o triplo do pagamento e nenhum requisito sobre como conduziram o trabalho, contanto que lhe contassem a verdade. Alertou que seriam enforcados logo na primeira mentira. Muitos homens podiam acabar mortos por causa de uma mentira de um batedor. Mesmo com a ameaça, todos toparam sem nem pestanejar — claro que devia ser mais pelo trabalho fácil do que pela prata extra.

Só que sete não bastavam, então Mat tratou de pedir que sugerissem outros, tendo em mente o que ele dissera sobre as habilidades necessárias e sem esquecer que eles conseguirem ficar vivos para coletar o pagamento triplo dependeria em grande medida da capacidade dos homens que indicassem. Aquilo gerou muito coçar de queixos e olhares nervosos, mas os homens acabaram oferecendo mais onze nomes, sempre enfatizando que não estavam acusando os tais sujeitos de nada. Onze homens, todos caçadores ilegais e ladrões de cavalo bons o bastante para que nem Daerid nem Talmanes tivessem suspeitado deles, mas não o suficiente para passarem despercebidos pelos sete primeiros. Mat lhes fez a mesma oferta, tornando a pedir mais nomes. Quando chegou ao ponto em que não conseguia mais nenhuma nova indicação, Mat já contava com quarenta e sete batedores. Os tempos difíceis tinham levado muitos homens a se tornarem soldados, em vez de seguirem o ofício que teriam preferido.

O último, apontado por todos os três que foram recomendados antes dele, era Chel Vanin, um andoriano que antes morava em Maerone, mas que sempre atuara muito nas duas margens do Erinin. Vanin era capaz de roubar os ovos de uma fêmea de faisão ainda no ninho sem nem perturbá-la, embora fosse mais provável que ele levasse a coitada da ave junto. Vanin conseguia roubar um cavalo com o nobre ainda montado na sela, e o sujeito só descobriria dois dias depois. Ao menos foi o que disseram a seu respeito, sempre em tom de admiração. Com o sorriso faltando alguns dentes e um olhar da mais absoluta inocência no rosto redondo, Vanin protestara, alegando que não passava de um mero cavalariaço e, quando conseguia, mantinha o ofício de ferrador — mas completou dizendo que aceitaria o trabalho pelo quádruplo do pagamento normal do Bando. Até aquele momento, o pagamento mais do que valera a pena.

Sentado em seu capão pardo diante de Mat naquele topo de colina, Vanin parecia incomodado. O sujeito ficara feliz com o fato de Mat não querer ser tratado por “milorde”, já que não gostava muito de fazer reverências, mas mesmo assim tocou a testa com os dedos, em uma espécie de saudação.

— Acho que tem uma coisa que você precisa ver. Não sei o que dizer, você tem que ver com seus próprios olhos.

— Esperem aqui — ordenou Mat aos demais. Virou-se para Vanin e completou: — Me mostre.

Não era muito longe, cruzaram apenas as duas colinas seguintes e subiram ao longo de um regato sinuoso com margens largas de lama seca. O cheiro anunciou o que Vanin queria que Mat visse antes que os primeiros abutres bambolessem e levantassem voo — muitos dos pássaros só bateram as asas por umas poucas passadas antes de voltarem a pousar, sacudindo as cabeças peladas e guinchando provocações, mas o pior foram os que nem tiraram a cabeça do jantar, formando um amontoado de penas negras manchadas.

Havia um carroção tombado na passagem. Mais parecia uma casinha sobre rodas, e a madeira em tons intensos de verde, azul e amarelo o marcava como a morada de Latoeiros. Da caravana em volta, poucos carroções tinham escapado do fogo. Havia corpos por toda parte, homens, mulheres e crianças com roupas coloridas rasgadas e escurecidas pelo sangue seco. Parte de Mat analisou tudo aquilo com frieza, mas o restante queria vomitar ou sair correndo, qualquer coisa que não fosse ficar ali, sentado no dorso de Pips. Os agressores tinham vindo do oeste. Quase todos os corpos de homens e garotos mais velhos estava por ali, misturados ao que ainda restava de vários cães grandes, como se tivessem tentado formar uma barreira para deter os assassinos enquanto as mulheres e crianças fugiam. Uma luta inútil. Cadáveres empilhados indicavam

o lado para onde tinham tentado fugir, quando veio o segundo ataque. Só os abutres se moviam pela cena.

Vanin cuspiu por uma fresta entre os dentes, enojado.

— A gente sempre tem que expulsar esses daí antes que eles roubem muita coisa. E se a pessoa não ficar esperta, eles pegam as crianças e levam pra criar. E de vez em quando é preciso dar uns chutes para eles irem embora mais rápido, mas isso não se faz. Quem seria capaz de uma barbaridade dessas?

— Não sei. Ladrões, talvez.

De fato, os cavalos não estavam por ali. Mas ladrões sempre queriam apenas roubar, não matar, e nenhum Latoeiro resistiria, nem se quisessem levar sua última moeda e os fizessem tirar a roupa do corpo, do casaco às botas. Mat se obrigou a diminuir o aperto das mãos nas rédeas. Não havia para onde se virar sem esbarrar os olhos em uma mulher ou criança morta. Quem tinha feito aquilo, fosse quem fosse, não queria sobreviventes. Deu uma volta na área, bem devagar, tentando ignorar os guinchos dos abutres, que abriam as asas à sua passagem. O chão estava seco demais para exibir rastros precisos do que acontecera, mas, pelo que via, Mat achava que os cavalos tinham fugido por todos os lados, na hora da confusão. Voltou para perto de Vanin.

— Você poderia ter me contado — protestou. — Eu não precisava ver.

Luz, não precisava!

— Eu podia ter contado que não encontrei nenhum rastro — retrucou Vanin, virando o cavalo e avançando pelo regato raso. — Mas achei que o senhor precisava ver isto aqui.

O carroção tombado de lado fora quase completamente consumido pelo fogo, mas o anexo sobre rodas amarelas de aros vermelhos, onde ficava a cama, permanecera intacto. Um sujeito metido em um casaco escurecido pelas chamas, ainda com alguns pedaços remanescentes do tecido de um tom azul de doer os olhos, jazia estatelado contra a parede de madeira, uma das mãos coberta de sangue seco enegrecido e caída aberta para o lado. Ele escrevera uma mensagem no carroção intocado, e as letras trêmulas se destacavam, mais escuras que a madeira de fundo:

CONTE AO DRAGÃO RENASCIDO

Contar o quê?, pensou Mat. Que alguém assassinara uma caravana inteira de Latoeiros? Vai ver o homem tinha morrido antes de conseguir completar a frase. Não seria a primeira vez que um grupo de Latoeiros encontrava alguma informação importante. Se fosse uma história, o sujeito teria vivido por tempo suficiente para conseguir escrever aquele trecho vital que levaria à vitória do bem. Ora, fosse qual fosse a mensagem, ninguém àquela altura iria descobrir mais nenhuma palavra.

— Você estava certo, Vanin — concordou Mat. Então hesitou. Contar o que para o Dragão Renascido? Não tinha por que gerar ainda mais boataria. — Antes de ir embora, cuide de queimar o que resta desse carroção. E, se alguém perguntar, só o que tinha por aqui eram homens mortos.

E mulheres, e crianças.

Vanin aquiesceu.

— Esses selvagens imundos — resmungou, cuspiendo outra vez pelo buraco do sorriso. — Acho até que pode ter sido um grupo deles.

O sujeito estava reclamando do grupo de Aiel que enfim os alcançara, cerca de trezentos ou quatrocentos homens. Vinham trotando encosta abaixo e cruzaram o regato a não mais que cinquenta passadas dos carroções. Alguns ergueram a mão em cumprimento. Mat não reconheceu nenhum rosto, mas muitos dos Aiel já tinham ouvido falar do amigo de Rand al'Thor, um sujeito de chapéu contra o qual era melhor não apostar. Depois de atravessado o regato e subido a encosta seguinte, os Aiel seguiram em frente — para eles, todos aqueles corpos podiam muito bem nem ter existido.

Malditos Aiel, pensou Mat. Sabia que os Aiel evitavam os Latoeiros, que os ignoravam. Não sabia bem por quê, mas aquilo...

— Mas acho que não foram eles — opinou. — Não se esqueça de tocar fogo no carroção, Vanin.

Talmanes e os outros dois estavam no mesmíssimo lugar onde os deixara, claro. Quando Mat contou o que havia à frente e explicou que precisariam designar alguns destacamentos para os enterros, os homens assentiram com tristeza. E Daerid resmungou, descrente:

— Latoeiros?

— Vamos acampar aqui — acrescentou Mat.

Esperava algum comentário em protesto — ainda havia luz para avançarem mais algumas milhas, e aqueles três também tinham se envolvido nos debates sobre quanto o Bando conseguiria avançar por dia, tinham até feito suas apostas. Mas Nalesean só respondeu:

— Vou mandar um homem ir lá embaixo dar um sinal para os navios, antes que se distanciem demais.

Talvez os três também se sentissem como ele. A menos que dessem uma grande volta para chegarem ao rio, não haveria como evitar ao menos a visão dos abutres espalhados pelo céu acima dos destacamentos. Só porque o sujeito já tinha visto a morte de perto não significava que ia querer ver uma coisa daquelas. Mat, de sua parte, achava que acabaria esvaziando o estômago se visse aqueles pássaros mais uma vez. Pela manhã, haveria apenas túmulos — e bem longe do alcance dos olhos.

Mas a cena não saía da cabeça, mesmo depois de sua tenda ter sido montada bem no topo daquela colina, onde talvez passasse uma brisa do rio, caso surgisse alguma brisa. Corpos destroçados por assassinos, bicados por abutres. Fora pior que na batalha contra os Shaido, nos arredores de Cairhien. Algumas Donzelas tinham morrido naquela batalha, mas Mat pelo menos não vira nenhuma, e não houvera crianças. Os Latoeiros não lutavam nem para defender a própria vida. Ninguém matava o Povo Errante. Mat mal tocou na sua porção de carne com feijão e se recolheu o mais cedo possível. Nem mesmo Nalesean queria conversar, e Talmanes parecia mais tenso do que nunca.

A notícia da matança se espalhara. Uma quietude inédita tomou o acampamento. Em geral, a escuridão da noite era cortada por pelo menos algumas gargalhadas, e muitas vezes as canções desafinadas e de gosto duvidoso quebravam o silêncio até que os porta-estandartes finalmente convenciam o grupo dos que não admitiriam estar cansados a irem dormir. Aquela noite era como nas vezes em que tinham encontrado uma aldeia que ainda não enterrara seus muitos mortos ou um grupo de refugiados assassinados enquanto tentavam evitar que bandidos levassem o pouco que possuíam. Poucos conseguiam rir ou cantar depois de cenas como aquelas, e quase sempre eram silenciados pelos outros.

Mat ficou deitado, fumando seu cachimbo enquanto a noite caía. A tenda estava fechada para visitas, mas o sono não viria, com tantas memórias de Latoeiros mortos — e outras memórias, mais antigas, de outros mortos mais antigos. Eram batalhas demais, mortos demais. Dedilhou a lança, tateando a inscrição na Língua Antiga ao longo do cabo preto.

Eis o que foi acordado, tratado saído a contento.

O pensamento é a flecha do tempo, a lembrança jamais se apaga.

O que foi pedido está dado. O preço assim se paga.

Ficara com a pior parte daquele trato.

Depois de um tempo, Mat pegou um cobertor. Hesitou um instante, então pegou também a lança e saiu da tenda só com as roupas de baixo, o pingente de prata de cabeça de raposa em seu peito desnudo refletindo a luz da nesga de lua no céu. Uma leve brisa soprava, um discreto revolver do vento com um frescor mínimo que mal fazia o estandarte da Mão Vermelha tremular no mastro cravado no chão diante da tenda. Ainda assim era melhor do que lá dentro.

Mat estendeu o cobertor entre os arbustos e se deitou de peito para cima. Quando era garoto, às vezes se deitava ao relento e dormia identificando as constelações. Naquele céu claro, a lua, mesmo minguante, proporcionava luz suficiente para ofuscar quase todas as estrelas, mas ainda deixava algumas. Lá estavam a

Carroça de Feno, bem acima de sua cabeça; assim como as Cinco Irmãs e, mais ao lado, os Três Gansos, indicando o norte. A constelação do Arqueiro, a do Fazendeiro, a do Ferreiro, a da Serpente — que os Aiel chamavam de Dragão. E também a do Escudo, que alguns chamavam de “Escudo de Asa-de-gavião” — ver aquelas estrelas o deixou meio agitado: em algumas das suas memórias, não gostava nem um pouco de Artur Paendrag Tanreall —, além de a do Cervo e a do Carneiro. Ah, e logo ali a da Xícara e a da Viajante, o cajado bem destacado.

Mat ouviu um barulho, mas não conseguiu identificar o que era. Se a noite não estivesse tão parada, o ruído tênue poderia não ter parecido furtivo, mas, com a calmaria, foi exatamente essa a impressão que passou. Quem estaria se esgueirando ali por cima? Curioso, Mat ergueu o tronco, apoiando-se só no cotovelo — e congelou.

Vultos se moviam ao redor de sua tenda, sombras ao luar. A lua iluminou um deles o suficiente para que Mat identificasse um rosto velado. Seriam Aiel? Como assim, pela Luz? Em silêncio, os vultos cercaram a tenda e se aproximaram cada vez mais. O brilho do metal reluziu na noite, e Mat ouviu o tecido ser rasgado, então todos sumiram de vista. Saíram da tenda apenas um momento depois, muito atentos ao acampamento em volta. Havia luz suficiente para notar sua inquietação.

Mat ergueu o corpo, mas permaneceu de cócoras. Se ficasse abaixado, talvez conseguisse escapulir sem ser ouvido.

— Mat! — gritou Talmanes, para o alto da colina. Pela voz, parecia bêbado.

Ficou imóvel. Talvez Talmanes fosse embora, se achasse que ele estava dormindo. Os Aiel pareciam ter desaparecido, mas Mat tinha certeza de que só haviam se abaixado exatamente onde estavam.

O som das botas de Talmanes contra o chão foi ficando mais perto.

— Tenho um pouco de conhaque aqui, Mat. Acho que você devia tomar um gole. É bom para os sonhos. Você não vai se lembrar de nenhum.

Mat se perguntou se, caso sáísse correndo, os Aiel o ouviriam por cima do alarde de Talmanes. Estava a pouco mais de dez passadas dos homens adormecidos mais próximos — naquela noite, era o Primeiro Estandarte do Cavalo, os Raios de Talmanes, que ganharam a “honra” de cercá-lo naquela noite —, mas os Aiel estavam a menos de dez passadas, ao lado de sua tenda. Os homens do Deserto eram rápidos, mas, com duas passadas de vantagem, Mat achava que conseguiria ter cinquenta homens quase ao alcance quando os Aiel o alcançassem.

— Mat? Sei que que você não está dormindo. Vi sua cara, mais cedo. Vai melhorar depois que você matar os sonhos. Pode acreditar.

Mat ficou agachado, agarrando a espada, e respirou fundo. Só precisava de duas passadas de vantagem.

— Mat? — Talmanes estava mais perto. A qualquer momento, o idiota acabaria pisando em um Aiel. Acabaria com a garganta cortada, e os agressores não fariam nem um ruído.

Que a Luz o queime, Mat pensou. *Só preciso de duas passadas.*

— Às armas! — gritou, dando um pinote e se levantando de vez. — Os Aiel estão atacando! — Saiu correndo encosta abaixo. — Todos para o estandarte! Todos para a Mão Vermelha! Corram, seu bando de ladrões de tumba!

Aquilo acordou todos em volta — claro, o que mais poderia acontecer, com Mat berrando feito um touro no estouro da boiada? Ouviu gritos de todas as direções. Os tambores começaram a ribombar, os trompetes ressoavam em convocação. Homens do Primeiro Cavalo irromperam dos lençóis e saíram correndo em direção ao estandarte, espadas em riste.

Ainda assim, o fato era que os Aiel tinham uma distância menor a percorrer do que os soldados e sabiam o que estavam procurando. Por instinto, por sorte ou simplesmente por ser *ta'veren* — Mat com certeza não ouviu nada em meio àquele alvoroço —, algo o fez se virar justo no instante em que o primeiro vulto de véu

apareceu atrás de si, como se brotando do ar. Não teve nem tempo para pensar. Bloqueou a investida de uma lança Aiel com o cabo de sua lança estranha, mas o sujeito defendeu o contra-ataque com um broquel e deu um chute na barriga de Mat. O desespero lhe deu forças para manter as pernas eretas, mesmo sem nenhum ar nos pulmões, e Mat desviou depressa para o lado, escapando de uma ponta de lança que tentava se enfiar entre suas costelas. Então passou o cabo de sua própria lança por trás das pernas do Aiel, derrubando-o, e enfiou a ponta da arma no coração do agressor. Luz, torcia para que fosse um homem.

Mat sacudiu a lança, soltando a lâmina bem a tempo de se defender do ataque seguinte. *Eu devia ter fugido quando tive a chance!* Começou a usar a lança feito um bastão, os golpes fluindo em movimentos mais rápidos e intensos do que em toda a vida, girando e bloqueando investidas de lanças Aiel. Não tinha nem tempo de contra-atacar. Eram muitos. *Devia ter fechado essa minha matraca e dado no pé!* Conseguiu recuperar o fôlego.

— Avancem, seus ladrões de ovelha com tripas de pombo! Estão surdos? Limpem esses ouvidos e venham logo!

Mat começou a se perguntar por que ainda não estava morto — tivera sorte na luta contra aquele primeiro Aiel, mas não havia sorte que desse conta daquilo tudo —, até que reparou que não estava mais sozinho. Viu um cairhieno magricela só de roupas de baixo cair ali perto, quase aos seus pés, com um grito estridente. O sujeito logo foi substituído por um taireno, a camisa solta tremulando, a espada rodopiando sem parar. Outros homens se amontoaram, aos berros de “Lorde Matrim, vitória!”; “Avante Mão Vermelha!” e “Matem esses vermes!”

Mat recuou, deixando os soldados darem conta daquilo. *Tolo é o general que lidera na linha de frente.* As palavras vinham de uma daquelas memórias antigas, a fala de alguém cujo nome não acompanhara a lembrança. *Os homens morrem fácil, na linha de frente.* Aquele pensamento era só dele, mesmo.

No fim das contas, foi mesmo uma questão de números. Eram pouco mais de dez Aiel contra várias centenas de homens, se não o Bando inteiro, que conseguiram chegar no topo da colina antes que a coisa toda terminasse. Os Aiel morreram e, como se tratava de Aiel, levaram quase vinte homens do Bando, deixando o dobro de gente ou até mais sangrando, mas ainda vivos para se lamuriar. Mesmo tendo passado pouco tempo em luta, Mat estava dolorido e sangrava de cinco cortes diferentes — e suspeitava de que pelo menos três precisariam de suturas.

A lança serviu bem como bengala quando Mat foi mancando até Talmanes, estirado no chão com Daerid amarrando um torniquete em sua perna esquerda.

Havia duas manchas escuras na camisa branca de Talmanes.

— Parece que Nerim vai ter outra chance de treinar suas mãos de costureira na minha pele — comentou, ofegante. — Que o queime, ele tem patas de touro.

Nerim era serviçal de Talmanes e remendava a pele de seu senhor com quase a mesma frequência com que remendava as roupas do nobre.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Mat, baixinho.

Daerid deu de ombros. Estava só de bombachas.

— Acho que ele está sangrando menos que você. — Quando o sujeito ergueu a cabeça para responder, Mat notou que ele teria uma nova cicatriz para a coleção que ostentava no rosto. — Foi bom ter saído da frente deles, Mat. Ficou bem claro que vieram atrás de você.

— Que bom que não conseguiram o que queriam. — Talmanes se esforçou para ficar de pé, fazendo uma careta de dor enquanto se apoiava com o braço por sobre o ombro de Daerid. — Seria uma pena perder a sorte do Bando para uns selvagens que apareceram no meio da noite.

Mat pigarreou.

— Também fiquei pensando nisso.

Lembrou-se dos Aiel desaparecendo tenda adentro e estremeceu. Luz, por que aqueles Aiel queriam acabar com ele?

Nalesean apareceu, vindo de onde tinham disposto os corpos dos Aiel. Ainda estava com o casaco, apesar de desabotoado, e não parava de olhar feio para uma mancha de sangue na lapela — talvez fosse seu próprio sangue, talvez não.

— Que minha alma queime, sabia que mais cedo ou mais tarde esses selvagens iam nos atacar. Acho que eram parte daquele grupo que nos passou, mais cedo.

— Duvido — contestou Mat. — Se aqueles Aiel estivessem atrás de mim, teriam me enfiado num espeto e me colocado para assar no fogo antes que qualquer um de vocês notasse minha ausência. — Ele deu um jeito de ir mancando até os corpos dos Aiel e examinou um a um, usando a luz de uma lanterna que tinham trazido para ampliar sua visão à luz do luar. O alívio de encontrar apenas rostos masculinos quase fez seus joelhos bambearem. Não conhecia nenhum daqueles homens, mas de fato não conhecia muitos Aiel. — Devem ser Shaido — sugeriu, voltando com a lanterna para junto dos outros.

Poderiam ser Shaido. Poderiam ser Amigos das Trevas — Mat tinha plena consciência de que havia Amigos das Trevas entre os Aiel. E claro que Amigos das Trevas tinham muitos motivos para querer vê-lo morto.

— Amanhã acho que deveríamos tentar encontrar uma daquelas Aes Sedai no outro lado do rio — ponderou Daerid. — Nosso Talmanes aqui vai sobreviver, a menos que todo o conhaque tenha vazado pelos cortes, mas alguns dos outros feridos talvez não tenham tanta sorte.

Nalesean não se pronunciou, mas deu um grunhido que já dizia muita coisa. Ele era taireno, afinal — gostava menos das Aes Sedai do que Mat.

Mesmo assim, Mat não hesitou em concordar. Não permitiria que Aes Sedai nenhuma canalizasse nele — de certo modo, cada cicatriz era a marca de uma pequena vitória, de mais uma ocasião em que evitara as Aes Sedai —, mas não poderia pedir a um homem que morresse por ele. Depois de resolvido isso, tratou de falar sobre os outros assuntos que tinha em mente.

— Um fosso? — questionou Talmanes, descrente.

— Dando a volta em todo o acampamento? — A barba pontuda de Nalesean estremeceu quando ele falou. — A cada noite?

— E uma paliçada?! — exclamou Daerid. Então olhou em volta e baixou a voz: ainda havia soldados demais ali por perto, arrastando os mortos. — Os homens vão se rebelar, Mat.

— Não vão, não. Quando a manhã raiar, cada homem aqui vai saber que os Aiel se esgueiraram por todo o acampamento para chegar à minha tenda. Metade não vai nem mais dormir, com medo de acordar com uma lança nas costelas. Vocês três tratem de garantir que eles entendam direitinho como uma paliçada pode evitar que os Aiel entrem outra vez no acampamento. — Bem, se não os impedisse, pelo menos os atrasaria. — Agora vão embora, quero dormir pelo menos um pouco esta noite.

Depois que os nobres saíram, Mat examinou sua tenda. Havia cortes compridos nas paredes de tecido, as frestas por onde os Aiel tinham entrado, e o tecido meio solto volta e meia balançava com a brisa. Com um suspiro, foi voltando para o lençol em meio aos arbustos, então parou. Lembrou-se do barulho que o alertara. Os Aiel não tinham feito nenhum outro som, nem mesmo um farfalhar. Qualquer Aiel fazia tanto ruído ao se mover quanto uma sombra. Então de onde viera o barulho?

Apoiado na lança, mancando, Mat deu a volta na tenda, examinando o chão em volta. Não tinha certeza do que estava procurando. Não havia qualquer rastro que pudesse identificar à luz da lanterna. Duas das cordas da tenda tinham sido cortadas e pendiam ao longo das paredes de tecido, mas... Mat largou a lanterna no chão e tateou as cordas. O ruído podia ter sido feito ao cortar uma corda tensionada, mas não era preciso cortar nenhuma corda para entrar na tenda. Algo chamou sua atenção no ângulo dos cortes, na forma como se

alinhavam. Pegou a lanterna e iluminou em volta. Um arbusto próximo estava com a lateral podada, e os resquícios dos galhos finos ainda cheios de folhinhas repousavam no chão. Tinha sido uma poda muito bem-feita: perfeitamente reta, as pontas dos galhos cortadas bem lisinhas, como se tivessem sido aplainadas por um marceneiro.

Mat sentiu um arrepio. Ali fora aberto um daqueles buracos que Rand usava para Viajar. Já era ruim o bastante ter Aiel tentando matá-lo, mas ainda por cima tinham sido enviados por alguém capaz de fazer um daqueles... portões, como Rand chamava. Luz, se não estava a salvo dos Abandonados nem no meio do Bando, onde mais estaria? Ficou se perguntando como faria para dormir sob o brilho das tochas de segurança que teria que dispor ao redor da tenda. E os guardas — anunciaria uma guarda de honra, tentando amenizar um pouco a necessidade de escolher sentinela para ficar em torno da tenda. Da próxima vez, era provável que mandassem cem Trollocs — ou mil —, em vez de um bando de Aiel. Quer dizer, será que ele era importante o bastante para merecer isso? Se decidissem que era, poderia acabar recebendo a visita de um dos Abandonados. Sangue e cinzas! Não pedira para ser *ta'veren*, não pedira para ficar amarrado ao maldito Dragão Renascido.

— Sangue e malditas...!

Foi alertado por um barulho de passos no chão seco e rachado. Com um rosnado, já girou o corpo com a lança em riste... e conseguiu frear a investida a tempo: Olver gritou e caiu de costas, os olhos arregalados fixos na ponta de lança.

— Pelo maldito Poço da Perdição, o que você está fazendo aqui? — rallhou Mat.

— Eu... Eu... — O garoto parou para engolir em seco. — Estão dizendo que cinquenta Aiel tentaram matar o senhor durante o sono, Lorde Mat, mas que o senhor deu conta de matar todos primeiro. Mas eu queria ver se está tudo bem e se... Ah, veja: Lorde Edorion comprou sapatos para mim! — Ele ergueu o pé calçado.

Resmungando sozinho, Mat ajudou Olver a se levantar.

— Não foi isso que eu perguntei. Por que você não ficou em Maerone? Edorion não encontrou ninguém lá para cuidar de você?

— A mulher só estava interessada nas moedas de Lorde Edorion, não queria nada comigo. E já tinha seus próprios filhos, eram seis. Mestre Burdin me dá bastante comida, e só preciso dar de comer e beber para os cavalos dele. E escovar o pelo também. E gosto disso, Lorde Mat. Mas ele não me deixa montar.

Alguém pigarreou.

— Lorde Talmanes me enviou, milorde.

Era Nerim, um sujeito baixo até para um cairhieno, muito magricela e grisalho, com um rosto tristonho que parecia dizer que nada ia bem, mas que, no fim das contas, ainda assim era um dia melhor do que a maioria.

— Se milorde me perdoar a intromissão, devo dizer que essas manchas de sangue nunca mais sairão de suas roupas de baixo. Mas, se milorde me permitir, talvez eu consiga dar um jeito nesses cortes. — Nerim estava com a caixa de costura debaixo do braço. — Garoto, me arrume um pouco de água. E não quero ouvir nem um pio. Água para milorde, e rápido. — O criado de Talmanes aproveitou enquanto fazia uma reverência para pegar a lanterna no chão. — Será que milorde não quer entrar? O ar da noite não é bom para ferimentos.

Pouco depois, Mat já estava estirado ao lado das roupas de cama — afinal, “Milorde não vai querer manchar os lençóis” —, permitindo que Nerim limpasse o sangue ressecado e suturasse as feridas. Talmanes tinha razão: no que dizia respeito à arte da agulha e linha, o criado era um excelente cozinheiro. Com Olver ali perto, não lhe restou escolha senão cerrar os dentes e aguentar a dor.

Tentando manter a mente bem longe da agulha de Nerim, Mat apontou para a bolsa de pano pendurada no ombro de Olver.

— O que tem aí? — perguntou, arfando.

Olver apertou a bolsa esfarrapada contra o peito. O garoto continuava magricela, mas pelo menos estava mais limpo. Os sapatos eram bem robustos, e as calças e a camisa de lã pareciam novas.

— É tudo meu — declarou, na defensiva. — Não roubei nada. — Passado um momento, ele abriu a bolsa e foi retirando seus pertences: o par de calças sobressalente, as outras duas camisas e os pares de meias não despertaram o interesse de Mat, mas o garoto continuou listando o que tinha: — Esta aqui é a minha pena de falcão-vermelho, Lorde Mat, e esta pedra aqui é da cor do sol. Está vendo? — Ele mostrou uma bolsinha: — Tenho cinco moedas de cobre e uma de prata. — Então revelou um pano enrolado, amarrado com um barbante, junto de uma caixinha de madeira: — Meu jogo de Cobras e Raposas. Foi meu pai que fez, ele mesmo desenhou o tabuleiro. — Ele franziu o cenho por um instante, consternado, então prosseguiu: — E olhe só, tem uma cabeça de peixe grudada nesta pedra aqui. Não tenho ideia de como o peixe foi parar nela. E este aqui é o meu casco de tartaruga, de uma tartaruga de dorso azul. Dá para ver as listras?

Mat fez careta ao levar uma estocada particularmente forte da agulha de sutura e estendeu a mão, tateando o pano enrolado. Ficava bem melhor quando respirava pelo nariz. Estranho como funcionavam aquelas lacunas em sua memória. Sabia como jogar Cobras e Raposas, mas não tinha qualquer lembrança de já ter jogado.

— É mesmo um belo casco de tartaruga, Olver. Já tive um. De uma verde, essas que gostam de sol. — Mat esticou a mão para o lado e pegou a bolsa, de onde pescou duas coroas de ouro cairhienas. — Pode botar essas aqui na sua bolsa, Olver. Os homens precisam sempre andar com um pouco de ouro.

Olver se retesou e começou a guardar seus pertences de volta.

— Não sou de pedir dinheiro, Lorde Mat. Posso trabalhar por comida. Não sou nenhum mendigo.

— Não foi minha intenção sugerir uma coisa dessas. — Mat tentou encontrar algum motivo para pagar as duas coroas ao garoto. — Eu... Eu preciso de alguém para ser meu mensageiro. Não posso pedir isso a ninguém do Bando, estão todos ocupados com suas tarefas de soldado. Claro que você teria que cuidar do seu próprio cavalo, não tenho como pedir para fazerem isso no seu lugar.

Olver se endireitou.

— Eu teria o meu próprio cavalo? — indagou, incrédulo.

— Claro. Mas tem mais um detalhe. Meu nome é Mat. Se me chamar de *Lorde Mat* mais uma vez, vou arrancar seu nariz e dar um nó. — Mat soltou um berro e até encolheu o corpo de tanta dor. — Que o queime, Nerim! Isto aí é uma perna, não uma droga de um bife!

— Como milorde quiser — murmurou Nerim. — Sua perna não é mesmo nenhum pedaço de bife. Obrigado, milorde, pelo esclarecimento.

Olver levou a mão ao nariz, hesitante, como se considerasse se era possível arrancá-lo para dar um nó.

Gemendo, Mat se endireitou. Tinha acabado de se comprometer com um garoto, e aquilo não fora nenhum favor ao coitado — não se Olver estivesse por perto, da próxima vez que os Abandonados tentassem reduzir a quantidade de *ta'veren* no mundo. Bem, se o plano de Rand funcionasse, haveria um Abandonado a menos. Se fosse só pela vontade de Mat Cauthon, ficaria bem longe de confusões e perigos até que não existisse mais nenhum Abandonado.





PARA ENTENDER A MENSAGEM

Graendal conseguiu se impedir de ficar olhando em volta quando entrou no aposento, mas o vestido de estraiite ficou completamente negro antes que ela conseguisse retomar o autocontrole e voltar ao azul diáfano. Sammael fizera mudanças suficientes para que qualquer pessoa que entrasse naquela câmara se perguntasse se estava mesmo no Grande Salão do Conselho, em Illian. Bem, em todo caso, ficaria muito surpresa se alguém além do próprio Sammael chegasse até ali sem ter sido convidado — estava, afinal, bem dentro dos aposentos de “Lorde Brend”.

O ar tinha um frescor agradável. Em um dos cantos estava o cilindro oco e vertical de um permutador. As esferas de luz, bem fortes e de brilho estável, destacavam-se estranhamente contra os pesados candelabros de ouro onde estavam apoiadas, iluminando muito mais intensamente do que as velas e lamparinas a óleo daquela Era. Uma caixinha de música repousava no tampo de mármore da cornija da lareira, emitindo as suaves melodias das memórias de uma escultura sonora que, muito provavelmente, não era ouvida fora daquele aposento havia bem mais que três mil anos. Além disso, reconheceu várias das obras de arte nas paredes.

Graendal parou diante da obra de Ceran Tol conhecida como “Ritmo do Infinito”. Não era uma reprodução.

— Alguém poderia pensar que você roubou um museu, Sammael. — Era difícil mascarar a inveja na voz, e ela só deu conta de que falhara quando notou o discreto sorriso dele.

Sammael serviu vinho em dois cálices de prata chanfrados e entregou um a Graendal.

— Foi só uma caixa de estase que encontrei. Imagino que, nos últimos dias, tenham tentado guardar tudo o que podiam para a posteridade.

O sorriso de Sammael repuxava a cicatriz horrorosa que cruzava seu rosto. Ele foi atravessando a câmara, mas se deteve para lançar um olhar afetuoso para o tabuleiro de zara, que projetava o campo de caixas transparentes e imóveis no ar. Sammael sempre apreciara os jogos violentos, e a presença de um tabuleiro de zara naquela caixa de estase só podia indicar que um seguidor do Grande Senhor selecionara os itens para a posteridade — nos tempos antigos, estar de posse de uma única peça, que um dia tinha sido um ser humano, resultava em, no mínimo, aprisionamento — quando a pessoa era pega pelo outro lado, ao menos. O que mais Sammael tinha encontrado?

Bebericando o vinho — e suprimindo um suspiro por ser um vinho comum daquela Era, quando tivera esperança de que fosse no mínimo um delicado Satare ou ao menos um dos requintados Comolad —, Graendal alisou o vestido com os dedos cheios de anéis.

— Também encontrei uma, mas, fora um tanto de estraite, só continha um monte de quinquilharias — admitiu.

Sammael a convidara para ir ali e a deixara ver aquilo tudo — era hora das confidências, afinal. *Pequenas* confidências, ao menos.

— Mas que infelicidade. — Sammael abriu outro sorriso discreto. Ele de fato encontrara mais do que brinquedos e quinquilharias bonitas. — Por outro lado, imagine só como teria sido horrível abrir uma caixa e, digamos, incitar o ninho de um cafar. Ou uma jumara, ou qualquer uma das outras criaçõezinhas de Aginor. Sabia que tem jumaras à solta na Praga? E já adultas, mas agora já não conseguem atingir a metamorfose. São chamadas de Vermes.

Sammael gargalhou tão alto que o corpo se balançou com a risada.

Graendal abriu um sorriso bem mais caloroso do que sentia, e, se o vestido mudou de cor, foi apenas em alguma leve nuance do tom. Já tivera uma experiência bem desagradável — na verdade, quase fatal — com uma das criações de Aginor. O homem fora brilhante, é verdade, mas fora um louco. Só um louco teria criado coisas como os *gholam*.

— Você parece de muito bom humor.

— E por que não deveria estar? — retrucou Sammael, expansivo. — Estou prestes a me apossar de alguns *angreal* escondidos, sem falar no que mais pode haver entre eles. Ah, não precisa fingir tanta surpresa, eu obviamente sei que você e os outros andam tentando espiar por cima dos meus ombros, na esperança de ter alguma dica de onde estão esses *angreal*. Bem, não vai adiantar nada no seu caso. Ah, claro que vou compartilhar minha descoberta, mas só depois de me apossar do que quer que seja e escolher os melhores primeiro.

Esparramando-se sobre uma poltrona coberta de bordados dourados — podiam até ser de fios de ouro de verdade, o que seria bem de seu feitio —, Sammael apoiou o pé calçado sobre a ponta da outra bota e alisou a barba dourada.

— Além disso, mandei um emissário para al'Thor. A resposta foi bem favorável.

Graendal quase cuspiu o vinho.

— Favorável? Ouvi dizer que ele matou o mensageiro.

Se Sammael se abalou por ela saber daquilo, conseguiu disfarçar bem. Ele até sorriu.

— Al'Thor não matou ninguém; Andris foi até lá para morrer. Acha mesmo que eu ficaria esperando algum animal mensageiro, um *pombo*? A morte dele foi o que me deu a resposta de al'Thor.

— Que foi? — indagou, cuidadosa.

— Uma trégua.

A Graendal, parecia que dedos gélidos agarravam seus cabelos, tocando o couro cabeludo. Não podia ser verdade. Não podia, mas Sammael de fato parecia muito mais tranquilo do que da última vez que o vira, desde o despertar.

— Lews Therin nunca...

— Lews Therin morreu faz tempo, Graendal — interrompeu ele, em um tom divertido, até zombeteiro. Sem a menor raiva.

Fingindo beber, a mulher disfarçou um suspiro. Podia mesmo ser verdade?

— Ele ainda está reunindo seu exército em Tear. Eu vi com meus próprios olhos. Não parece muito uma trégua.

Sammael nem se preocupou em disfarçar a risada.

— Redirecionar um exército demora. Pode acreditar, aquele exército não vai se voltar contra mim.

— Acha mesmo que não? Um ou dois dos meus amiguinhos afirmam que ele quer você morto, depois de ter matado algumas de suas Donzelas de estimação. Se eu fosse você, começaria a pensar em morar em algum lugar menos vistoso, onde ele não me encontrasse tão fácil...

Não se notava nem o mais leve tremelicar de cílios nele. Era como se todas as cordinhas que antes o faziam se mexer tivessem sido cortadas.

— Quem liga para a morte de algumas Donzelas? — O rosto dele parecia cheio de uma confusão genuína. — Foi uma batalha, soldados morrem. Al'Thor pode ser fazendeiro, mas tem generais a seu lado para lutar suas batalhas e explicar como são as coisas. Duvido que tenha notado.

— Ah, você nunca olhou de verdade para essas pessoas. Elas mudaram tanto quanto a terra, Sammael. E não só os Aiel. De muitas maneiras, os outros povos mudaram ainda mais. Aqueles soldados eram mulheres. Para Rand al'Thor, isso faz diferença.

O homem deu de ombros, desdenhoso, e Graendal reprimiu o desprezo que sentia, mantendo o estraite estável em um enevoadado tranquilo. Sammael nunca conseguira compreender que era preciso entender as pessoas para fazê-las agir conforme sua vontade. A Compulsão funcionava bem, era verdade, mas não podia ser usada com o mundo inteiro.

Graendal se perguntou se não era na verdade a caixa de estase — a mesma que guardara aquelas coisas expostas ali na câmara — o achado que ele afirmava que logo teria em mãos. Se Sammael estivesse de posse de um único *angreal*... Bem, ela descobriria se fosse o caso, mas provavelmente só quando ele revelasse por conta própria.

— Então suponho que logo vamos descobrir quão mais sábio se tornou o primitivo Lews Therin — comentou ela, erguendo uma sobrancelha desconfiada e forçando um sorriso. Nenhuma reação dele. Onde Sammael encontrara rédeas tão fortes para o próprio gênio? A mera menção do nome de Lews Therin deveria ter bastado para ele perder um pouco o controle. — Bem, se ele não botar você parar correr de Illian feito um cosa disparando para o alto de uma árvore, então...

— Talvez você tenha que esperar sentada — interrompeu ele, com toda a delicadeza. — Digo, o tempo de espera cansaria sua beleza.

— Isso deveria ser uma ameaça, Sammael? — O vestido mudou para um rosa-claro, mas ela manteve a nova cor. Queria que o homem soubesse que estava com raiva. — Achei que você já tivesse aprendido, há muito tempo, que me ameaçar é um erro.

— Não é nenhuma ameaça, Graendal — retrucou ele, muito calmo. Todos os seus pontos fracos estavam entorpecidos, nada parecia tirá-lo daquela indiferença bem-humorada. — São só os fatos. Al'Thor não vai me atacar, e eu também não vou atacar o coitado. E claro que concordei em não prestar nenhum auxílio a outro Escolhido, se ele ou ela cair nas mãos de al'Thor. Tudo de acordo com as ordens do Grande Senhor, não acha?

— Claro.

Graendal manteve o rosto sereno, mas o estraite passara a um rosa mais escuro, perdendo um pouco o aspecto enevoadado. Em parte, a cor ainda denotava raiva. Estavam faltando algumas peças naquela história, mas como poderia descobrir quais eram?

— O que significa que — prosseguiu ele —, no Dia do Retorno, é bem provável que eu seja o único Escolhido restante para enfrentar al'Thor.

— Duvido de que ele vá conseguir matar todos nós — afirmou Graendal, irritada.

Mas a irritação também lhe incomodava o estômago. Já tinham morrido Escolhidos demais. Sammael devia ter encontrado um jeito de se manter afastado e ficar por último. Era a única explicação.

— Acha mesmo que não? Nem se ele descobrir onde vocês estão se escondendo? — O sorrisinho no

rosto dele só aumentou. — Eu já sei com certeza o que Demandred está tramando, mas onde ele está se escondendo? E onde está Semirhage? Mesaana? E ainda tem Asmodean e Lanfear? E Moghedien?

Aqueles dedos frios voltaram a agir, deixando sua marca gélida no crânio de Graendal. Sammael não ficaria parado diante dela com aquela tranquilidade e não falaria daquele jeito — ele sequer ousaria sugerir o que estava sugerindo — se não...

— Asmodean e Lanfear estão mortos, e é quase certo que Moghedien também esteja. — Graendal ficou surpresa ao notar que a própria voz saíra rouca e um tanto hesitante. O vinho não pareceu ter diminuído a secura na garganta.

— E os outros? — Foi uma pergunta bem simples, e a voz dele não soava nem um pouco insistente.

Graendal ficou arrepiada.

— Eu já lhe disse o que sei, Sammael.

— E não me disse nada. Quando eu for o Nae'blis, vou escolher quem estará logo abaixo de mim. Esse escolhido tem que estar vivo para receber o toque do Grande Senhor.

— Está dizendo que você foi a Shayol Ghul? Que o Grande Senhor lhe prometeu...?

— Você vai saber quando for a hora, não antes. Mas ouça um pequeno conselho, Graendal: já comece a se preparar. Onde estão os outros?

Graendal sentia a mente trabalhar freneticamente. O Grande Senhor só podia ter feito a promessa a Sammael. Só podia. Mas por que *ele*? Bem, não tinha tempo para especulações — o Grande Senhor escolhia como lhe apetecesse. E Sammael sabia o paradeiro dela, mesmo se não soubesse o de mais algum Escolhido. Bem, podia fugir de Arad Doman e se estabelecer em outro lugar — nem seria difícil. Teria que abrir mão dos joguinhos que conduzia por ali. Ora, mesmo se tivesse que abrir mão das disputas maiores, seria uma perda pequena em comparação a ter Rand al'Thor — ou Lews Therin — em seu encalço. Não tinha a menor intenção de encará-lo. Se era verdade que Ishamael e Rahvin tinham caído diante do garoto, não era ela que testaria a força de Rand — não diretamente. O Grande Senhor *só podia* ter prometido o posto a Sammael. E bem, se ele morresse... Ah, o homem com certeza estava agarrado a *saidin*, não seria louco de dizer tudo aquilo sem o amparo do Poder. E com certeza sentiria caso Graendal abraçasse *saidar* — ela é que acabaria morta. O Grande Senhor só podia ter prometido...

— Eu... eu não sei onde Demandred e Semirhage estão escondidos. Mesaana... Mesaana está na Torre Branca. É tudo o que sei. Juro.

Sentiu diminuir o aperto em seu peito quando ele enfim aquiesceu.

— Você vai encontrar os outros para mim. — Não foi uma pergunta. — Todos, Graendal. Se quiser me fazer acreditar que algum deles morreu, então me mostre o cadáver.

Graendal queria muito ter a coragem de matá-lo. O vestido ondulou em tons violentos de vermelho, reverberando a raiva, o medo e a vergonha que sentia, envolvendo-a em ondas incontroláveis. Muito bem, Sammael que pensasse que ela estava intimidada — pelo menos por ora. Que importava se ele entregasse Mesaana a al'Thor — se entregasse todos os Escolhidos a al'Thor? Bastava que al'Thor ficasse bem longe da garganta dela.

— Vou tentar.

— Faça mais do que tentar, Graendal. Mais do que tentar.

* * *

Depois que a mulher foi embora e Sammael viu fechar o portão que a levava de volta ao palácio em Arad Doman, ele deixou o sorriso se dissolver. As mandíbulas doíam de tanto esforço que fizera para sustentar a

expressão afável. Graendal pensava demais — ela estava tão acostumada a fazer os outros agirem em sua defesa que não conseguia nem cogitar como se defender por conta própria. Sammael se perguntou o que ela diria se descobrisse como fora manipulada daquele jeito — com a mesma habilidade que ela própria manipulara tantos tolos em seus tempos de glória. Apostaria qualquer coisa que fosse que a mulher não conseguira descobrir o verdadeiro propósito da conversa. Então Mesaana estava na Torre Branca? Mesaana na Torre e Graendal em Arad Doman. Ah, aquela mulher de fato conheceria o medo, se pudesse ver seu rosto agora. Não importava o que acontecesse, Sammael seria o único de pé no Dia do Retorno — seria nomeado Nae'blis e derrotaria o Dragão Renascido.



A MISSÃO DIPLOMÁTICA

Egwene, muito bem-humorada, deu as costas para a dupla de músicos na esquina — uma mulher suada que soprava uma flauta comprida e um sujeito de rosto corado dedilhando uma sabiola de nove cordas — e começou a abrir caminho pela multidão. O sol era uma bola de ouro líquido bem alta no céu, e o chão de paralelepípedos estava tão quente que o calor atravessava as botas macias e queimava a sola de seus pés. Suor pingava de seu nariz, o xale mais parecia um cobertor, mesmo preso frouxamente na altura dos cotovelos, e o ar estava tão poeirento que ela já estava com vontade de se lavar de novo. Ainda assim, Egwene sorria. Algumas pessoas olhavam de soslaio quando achavam que ela não ia reparar, o que quase a fez rir. Era assim que olhavam para os Aiel. As pessoas sempre viam o que esperavam ver e reparavam apenas nas suas roupas de mulher Aiel, ignorando a cor de seus olhos e sua baixa estatura.

Mascates e ambulantes ofereciam suas mercadorias aos gritos, competindo com os berros de açougueiros e artesãos, com o chocalhar e retinir de oficinas de prateiros ou ceramistas, e com o chiado de eixos mal lubrificados de carroças. Condutores praguejando impropérios e homens andando ao lado de carros de boi disputavam no grito a passagem com liteiras de laca escura e carruagens sóbrias, ostentando os símbolos de Casas nas portas trabalhadas. Havia músicos, acrobatas e malabaristas por toda parte. Um grupo de mulheres pálidas, portando espadas e usando vestidos de montaria, cruzou a passos arrogantes, imitando o comportamento que julgavam ver nos homens, soltando gargalhadas altas e exageradas enquanto abria caminho com uma atitude que, se fossem mesmo homens, teria desencadeado mais de dez brigas a cada cem passadas. O martelo de um ferreiro ressoou contra a bigorna. Pairava no ar aquele zum-zum-zum alvoroçado, o barulho típico de uma cidade — quase se esquecera de como era aquilo, em seu tempo entre os Aiel. Talvez tivesse até sentido falta.

Pensando nisso, a risada de fato saiu — e bem ali, no meio da rua. Ficara quase completamente desorientada da primeira vez em que escutara o barulho de uma cidade. Às vezes, parecia que aquela garota de olhos esbugalhados era outra pessoa.

Uma mulher, conduzindo a égua baia pela multidão, virou-se para Egwene, curiosa. Sininhos de prata estavam amarrados na cauda e na crina comprida da égua, e a mulher também ostentava sinos no cabelo preto, solto até quase o meio das costas. Era bela e não podia ser muito mais velha que Egwene, mas tinha uma expressão dura, um olhar penetrante e portava nada menos que seis facas no cinto — uma delas quase tão grande quanto a de um Aiel. Só podia ser uma Caçadora da Trombeta.

Um homem alto e bonito de casaco verde, com duas espadas às costas, ficou olhando a mulher passar. Devia ser outro. Aquela gente parecia estar por todos os lados. A multidão foi engolindo a mulher montada na égua baia, e o homem pegou Egwene o encarando. O sujeito abriu um sorriso interessado, endireitou os ombros largos e foi até ela.

Egwene foi logo armando a expressão mais fria que tinha, tentando misturar a rigidez de Sorilea com a seriedade de Siuan Sanche quando ostentava a estola do Trono de Amyrlin nos ombros.

O sujeito parou, parecendo surpreso, então deu meia-volta. Egwene pôde ouvi-lo resmungar um “Aiel chamuscados” e não conseguiu conter o riso. O sujeito deve ter ouvido, mesmo com o alarido da multidão, já que enrijeceu e balançou a cabeça — mas não olhou para trás.

Tinha dois motivos para seu bom humor. O primeiro era que as Sábias finalmente tinham concordado que uma caminhada pela cidade era um exercício tão bom quanto dar a volta ao redor das muralhas. Sorilea, em particular, não parecia conseguir entender por que Egwene iria querer passar um minuto a mais que o necessário naquele amontoado de aguacentos, ainda mais fechada entre muralhas. O segundo, porém principal motivo de seu bom humor, era as Sábias terem decidido que, com o desaparecimento das dores de cabeça que tanto as intrigaram — Egwene nunca conseguia esconder a dor muito bem —, ela logo poderia voltar a visitar *Tel’aran’rhiod*. Claro que não a tempo do encontro seguinte, que seria dali a três noites, mas sem dúvida antes do outro que haveria depois desse.

Para Egwene, a permissão era um alívio em mais de um sentido. Nada mais de entrar escondida no Mundo dos Sonhos. Nada mais de se desdobrar para tentar entender tudo sozinha. Nada mais de viver preocupada, temendo que as Sábias a encontrassem e se recusassem a ensinar a ela. Nada mais de mentiras inevitáveis. E a mentira fora mesmo inevitável: Egwene não podia perder tempo. Havia muito o que aprender, e ela duvidava de que teria tempo suficiente. Ainda assim, as Sábias nunca entenderiam.

Havia alguns Aiel na multidão, alguns de *cadin’sor* e outros com o branco dos *gai’shain* — os *gai’shain* iam para onde eram mandados, mas os outros podiam muito bem estar ali entre as muralhas pela primeira e, muito provavelmente, última vez. Os Aiel não pareciam gostar tanto de cidades, embora muitos tivessem adentrado as muralhas seis dias antes, querendo acompanhar o enforcamento de Mangin. Corria o boato de que o próprio homem passara o nó em volta do pescoço e fizera uma de suas piadas de Aiel sobre se seria a corda que quebraria o pescoço ou o pescoço que partiria a corda. Já vira vários Aiel repetirem a piada, mas nenhum comentário sobre o enforcamento. Sabia que Rand gostava de Mangin — tinha certeza. Berelain informara as Sábias sobre a sentença com a casualidade de quem avisa que as roupas colocadas para lavar voltariam limpas no dia seguinte, e as Sábias receberam a notícia com a mesma falta de preocupação. Egwene achava que nunca entenderia os Aiel. E receava que já não entendesse mais Rand. Já Berelain ela compreendia bem até demais — a mulher só estava interessada em um tipo de homem: os vivos.

Perdida naqueles pensamentos, teve que fazer um esforço para recuperar o bom humor. A cidade não estava mais fresca do que o acampamento do lado de fora das muralhas — na verdade, era capaz até de estar mais quente, sem a brisa e com o tamanho da multidão —, e o ar estava quase tão empoeirado quanto lá fora, mas pelo menos ela não estava caminhando sem nada para olhar além das cinzas de Portão da Frente. Mais alguns dias e poderia voltar aos ensinamentos, enfim aprendendo de verdade. Aquilo devolveu um sorriso ao seu rosto.

Parou perto de um sujeito magrelo com o rosto úmido de suor. Era fácil definir seu ofício: o sujeito era — ou melhor, tinha sido — Iluminador: o bigode espesso não estava coberto pelo véu diáfano dos tarabonianos, mas as calças folgadas com bordados nas pernas e a camisa igualmente folgada com bordados no peito já tornavam possível identificá-lo. Ele estava vendendo pássaros, pardais e pintassilgos presos em gaiolas rústicas. Depois que a sala do capítulo fora incendiada pelos Shaido, vários Iluminadores vinham tentando buscar meios de retornar a Tarabon.

— Ouvi de uma fonte das mais confiáveis — ia dizendo o Iluminador, para uma bela mulher grisalha, metida em um vestido de seda azul e corte simples. Sem dúvida era mercadora, tentando ganhar seu sustento com as pessoas que esperavam por tempos melhores ali em Cairhien. O Iluminador continuou confidenciando suas descobertas, aos sussurros, reclinado sobre uma gaiola: — Elas estão divididas, as Aes Sedai. Estão em guerra. Entre si.

A mercadora assentiu.

Egwene parou de fingir que considerava a ideia de comprar um pássaro de cabeça verde e seguiu em frente. Teve que saltar para fora do caminho de um menestrel de rosto redondo que avançava a seu lado a passos largos, cheio de floreios pomposos da capa coberta de retalhos. Menestréis sabiam muito bem que estavam entre os poucos aguacentos bem recebidos no Deserto e nunca se intimidavam com os Aiel — ou, pelo menos, fingiam que não.

Ficou incomodada com o boato do Iluminador. O problema não era o falatório de que a Torre estivesse dividida — isso não poderia ter sido mantido em segredo por muito tempo —, e sim aquela história de uma guerra entre as Aes Sedai. Ter as únicas mulheres capazes de manejar o Poder vivendo um conflito interno era como ter um lado da família em pé de guerra com o outro, uma disputa que ela só conseguia tolerar porque sabia os motivos. Ainda assim, a hipótese de que aquilo fosse virar algo mais sério... Se ao menos houvesse como Curar a Torre, unificá-la sem precisar de um banho de sangue.

Descendo um pouco mais a rua, encontrou uma mulher de Portão da Frente — estava toda suada e talvez ficasse bonita, se conseguisse limpar o rosto. Ela espalhava boatos junto com as fitas e os broches que vendia de uma bandeja presa em seu pescoço por uma correia. A mulher usava um vestido de seda azul com a saia cheia de tiras vermelhas horizontais que claramente fora confeccionado para uma mulher mais baixa. A bainha, muito desgastada, ficava elevada o bastante para revelar os sapatos robustos, e buracos nas mangas e no corpete indicavam os pontos de onde antigos bordados tinham sido arrancados.

— Pois vou lhe contar uma verdade — informou a mulher, para as clientes que vinham olhar sua bandeja. — Soube de gente que viu Trollocs pela cidade. Ah, sim, isso mesmo, estas contas verdes vão realçar seus olhos. Sim, sim, centenas de Trollocs. E também...

Egwene nem parou para ouvir. Se um único Trolloc tivesse aparecido em qualquer lugar nas redondezas da cidade, os Aiel teriam descoberto muito antes que virasse fofoca de rua. Quem dera as Sábias fofocassem — bem, elas às vezes fofocavam, mas só sobre os outros Aiel: nada dos aguacentos atraía o interesse do povo do Deserto. O problema era que ter a capacidade de viajar toda vez que quisesse para o gabinete de Elaida em *Tel'aran'rhiod*, onde podia ler suas correspondências, deixara Egwene mal-acostumada, sempre sabendo o que se passava no mundo.

De repente, reparou que mudara sua forma de examinar a cidade ao redor, encarando o rosto das pessoas. Em Cairhien, tão certo quanto havia suor, havia olhos-e-ouvidos das Aes Sedai. A cada dia, pelo menos um pombo devia alçar voo levando um relatório para Elaida. Espiões da Torre, das Ajahs e até de algumas Aes Sedai. E estavam por toda parte — em geral era quem menos se esperava. Por que aqueles dois acrobatas estavam ali parados, sem fazer nada? Estariam recuperando o fôlego ou vigiando-a? Os dois voltaram à ação de repente — com um pinote, um deles virou uma cambalhota no ar e pousou plantando bananeira apoiado nos ombros do colega.

Certa vez, sob ordens de Elaida, uma espiã da Ajah Amarela tentara mandar Elayne e Nynaeve de volta para Tar Valon. Egwene não sabia se Elaida também estava atrás dela, mas presumir o contrário seria uma grande tolice. Não conseguia se convencer de que a Vermelha perdoaria uma Aceita que tivesse trabalhado sob a orientação da Amyrlin que ela depusera.

Aliás, algumas das Aes Sedai de Salidar também deviam ter olhos-e-ouvidos pela cidade. Se a informação sobre “Egwene Sedai da Ajah Verde” chegasse a elas... Podia ser qualquer pessoa: aquela mulher

magrinha na porta da loja, parecendo examinar um rolo de tecido cinza-escuro; ou quem sabe aquela outra, toda desgrenhada, encostada ao lado da porta da taverna enquanto abanava o rosto com o avental; ou talvez o sujeito gordo da carroça cheia de tortas — por que ele a encarava daquele jeito estranho? Egwene quase decidiu ir embora pelo primeiro portão que achasse para fora da cidade.

Mas foi justamente o sujeito gordo quem a fez parar — ou ao menos o modo como ele tentou cobrir as tortas com as mãos. O homem a encarara daquele jeito porque *ela* o encarara. Devia estar com medo de que uma Aiel “selvagem” quisesse levar algumas de suas mercadorias sem pagar.

Egwene soltou uma risadinha fraca. Aiel. Mesmo quando a encaravam bem de perto, achavam que ela era Aiel. Se houvesse alguma agente da Torre atrás dela, passaria a seu lado sem nem olhar duas vezes. Sentindo-se um pouco melhor, ela voltou a perambular pelas ruas, ouvindo as conversas e boatarias sempre que podia.

O problema era que estava acostumada a saber das coisas apenas semanas, no máximo dias, depois de terem acontecido — e ainda por cima com a garantia de que acontecera mesmo da forma relatada. Boatos podiam atravessar cem milhas em um só dia ou levar um mês para andar alguns metros, e a cada dia geravam mais dez. Só naquela volta pela cidade, já descobrira vários boatos conflitantes: Siuan fora executada porque tinha exposto a existência da Ajah Negra; Siuan *era* Ajah Negra e ainda estava viva; a Ajah Negra expulsara todas as Aes Sedai de outras Ajahs da Torre. Não eram histórias novas, só variações de boatos mais antigos. Mas havia uma história nova, uma que vinha se espalhando feito um incêndio no prado em pleno verão: a Torre estivera por trás de todos os falsos Dragões. Toda vez que ouvia aquela história, Egwene ficava tão irritada que começava a andar mais rápido e com as costas mais rígidas — o que, claro, significava que ela passava um bom tempo andando rápido e com as costas eretas. Também ouviu as histórias de que, com a suposta morte de Morgase, os andorianos em Aringill tinham decidido que uma nobre — Dylin, Delin, o nome variava — agora era sua rainha; o que poderia muito bem ser verdade, aliás. E ouvira que havia Aes Sedai zanzando por Arad Doman, fazendo coisas muito improváveis, o que com certeza era mentira. E havia boatos de que o Profeta estava vindo para Cairhien; de que o Profeta fora coroado rei de Ghealdan — não, de Amadícia —, de que o Dragão Renascido condenara o Profeta à morte por blasfêmia. E dizia-se que os Aiel estavam partindo; mas também que o povo do Deserto pretendia se estabelecer por ali. Falavam que Berelain seria coroada no Trono do Sol. E um homenzinho esquelético de olhos evasivos parado na área externa de uma taverna quase apanhou só por afirmar que Rand era um Abandonado — Egwene nem hesitou em se intrometer para acabar com a confusão.

— Vocês não têm honra? — questionou, com frieza.

Os quatro brutamontes que estavam a ponto de agarrar o sujeito magricela apenas piscaram, confusos. Eram cairhienos, não muito mais altos que ela, mas bem mais encorpados. Tinham marcas de narizes quebrados e as juntas dos dedos afundadas típicas dos brigões, mas ela conseguiu mantê-los quietos apenas com a intensidade do olhar — intensidade e a presença de vários Aiel ali pela rua. Considerando o entorno, aqueles homens não cometeriam a tolice de se indispor com uma Aiel, como pensavam que ela era.

— Se quiserem lutar contra um homem por conta do que ele diz, lutem um de cada vez. E com honra — acrescentou. — Isto não é uma batalha. Vocês deveriam sentir vergonha de quererem lutar quatro contra um.

Os homens a encararam como se ela fosse doida, e Egwene começou a corar. Torceu para que achassem que era de raiva. O problema não era aqueles sujeitos ameaçarem alguém mais fraco, e sim não quererem permitir uma luta justa, um a um. Ah, acabara de passar um sermão como se aqueles homens seguissem *ji'e'toh*. Claro que, se fosse o caso, não teria havido a necessidade de um sermão.

Um dos brutamontes inclinou a cabeça em uma quase reverência. O nariz, além de torto, não tinha a ponta.

— Hum... é... senhora? Ele já foi. Podemos ir?

Era verdade. O sujeito magricela se aproveitara da interferência dela para dar no pé. Egwene sentiu um

lampejo de desprezo: o homem saía correndo só por medo de encarar quatro adversários. Como conseguia suportar tamanha vergonha? Luz! Já estava pensando como Aiel de novo.

Abriu a boca para dizer que era óbvio que eles podiam ir embora, mas nenhuma palavra saiu. Os homens interpretaram o silêncio como consentimento — ou talvez tenham achado que fosse uma desculpa para sair correndo —, mas Egwene mal reparou. Ela se distraiu com um grupo a cavalo, que seguia rua acima.

Não reconheceu os quase dez soldados de capas verdes que abriam caminho pela multidão, mas identificou na hora quem eles escoltavam. Só via as costas das cinco ou seis mulheres entre os soldados — parte das costas, na verdade, mas era mais do que suficiente. Muito mais. As mulheres usavam capas de viagem leves de linho claro, todas em tons de marrom, e Egwene acabou encarando intensamente o que parecia um disco branco bordado nas costas de uma das capas. Apenas alguns detalhes bordados diferenciavam o círculo alvo do branco da Chama de Tar Valon em seu interior, então a mulher devia ser da Ajah Branca. De relance, avistou um símbolo verde, um vermelho... Vermelho?! Cinco ou seis Aes Sedai cavalgando para o Palácio Real, onde uma cópia do estandarte do Dragão tremulava ao sabor da brisa inconstante, posicionado no topo de uma torre escalonada bem ao lado de uma das bandeiras carmesim de Rand, com o antigo símbolo das Aes Sedai. Alguns diziam que *aquele* era o estandarte do Dragão, outros alegavam que as bandeiras vermelhas eram o estandarte de al'Thor ou até mesmo dos Aiel, sem falar nas outras dezenas de possibilidades e boatos.

Egwene foi ziguezagueando pela multidão, seguindo as mulheres por cerca de vinte passadas, então parou. A presença daquela irmã Vermelha — ao menos a que tinha visto, poderia haver outras — só podia significar que aquela era a tão aguardada missão diplomática da Torre, que Elaida enviara para escoltar Rand até Tar Valon. Já fazia mais de dois meses que o anúncio da vinda da comitiva chegara a Cairhien, trazida por um mensageiro incansável. O grupo devia ter saído de Tar Valon logo depois do mensageiro.

E não encontrariam Rand ali, a não ser que ele tivesse aparecido sem aviso. Egwene estava certa de que Rand conseguira redescobrir um antigo Talento chamado Viagem, mas saber o que ele fazia não a ajudava a descobrir como. Bem, não importava se as Aes Sedai fossem ou não encontrar o Dragão — não poderiam encontrar Egwene. Se isso acontecesse, mesmo na melhor das hipóteses ela seria identificada como uma Aceita longe da Torre sem uma irmã completa para supervisioná-la — isso se Elaida não estivesse caçando-a. Ainda assim, elas iriam arrastá-la de volta para Tar Valon e Elaida. Egwene não alimentava ilusões de que conseguiria resistir a cinco ou seis Aes Sedai.

Com uma última olhada para o grupo de Aes Sedai já se afastando, Egwene ergueu as saias e saiu em disparada, desviando de algumas pessoas e esbarrando em outras, abaixando-se sob os focinhos de parelhas de animais que puxavam os carroções e as carruagens, deixando uma trilha de gritos indignados. Quando enfim cruzou um dos altos portões de arco triunfal que levavam para fora das muralhas, sentiu o golpe do vento quente no rosto. Sem as paredes e as construções como obstáculo, o ar carregava tanta poeira que fez Egwene tossir, mas ela continuou correndo até chegar às tendas baixas das Sábias.

Para sua surpresa, encontrou uma égua cinza lustrosa com sela e rédea trabalhadas e bordadas em ouro do lado de fora da tenda de Amys, sob os cuidados de um *gai'shain* que só tirava os olhos do chão para dar tapinhas amistosos no animal irrequieto. Quando se abaixou para entrar na tenda, encontrou a cavaleira: Berelain bebericava chá com Amys, Bair e Sorilea, todas estiradas em almofadas borladas e reluzentes. Uma mulher de robe branco, Roderia, estava ajoelhada em um canto, aguardando a hora de encher as xícaras de novo.

— Aes Sedai chegaram na cidade — alertou Egwene, assim que entrou. — Vão em direção ao Palácio do Sol. Deve ser a missão diplomática de Elaida para Rand.

Berelain levantou-se com muita graça. Mesmo a contragosto, Egwene tinha que admitir: a mulher era elegante. E o vestido de cavalgada tinha um corte decente — nem mesmo ela era tola o bastante para

cavalgar ao sol com o decote habitual. As outras mulheres também se levantaram.

— Bem, parece que preciso voltar para o palácio — anunciou Berelain, com um suspiro. — Só a Luz sabe o que elas vão pensar se não tiver ninguém lá para recebê-las. Amys, se souber de Rhuarc, pode mandar um recado para ele ir me encontrar?

Amys assentiu, mas Sorilea que falou:

— Melhor não depender tanto de Rhuarc, garota. Rand al'Thor entregou Cairhien aos seus cuidados. Para os homens, se você dá a mão, logo eles querem o braço inteiro. E, se for um chefe de clã, dê um dedo e ele logo vai estar querendo a sua cabeça.

— É verdade — murmurou Amys. — Rhuarc é a sombra do meu coração, mas é verdade.

Berelain calçou as finas luvas de cavalgada que estavam presas no cinto.

— Ele me lembra meu pai. Às vezes, até demais. — Ela abriu um breve sorriso pesaroso. — Mas dá bons conselhos. E sabe quando precisa ficar por perto e por quanto tempo permanecer. Acho que até as Aes Sedai ficariam impressionadas com Rhuarc cravando os olhos nelas.

Amys deu uma risadinha.

— Ele é mesmo impressionante. Pode deixar que vou mandar Rhuarc para você. — Dizendo aquilo, ela beijou a testa e as bochechas de Berelain com toda a delicadeza.

Egwene ficou olhando. Era um beijo de mãe para o filho ou a filha. *O que* estava acontecendo entre Berelain e as Sábias? Claro que não podia perguntar — uma pergunta daquela só traria vergonha para ela e para as Sábias. E para Berelain, mesmo que ela não fosse ficar sabendo, e mesmo que Egwene não se importasse de envergonhar Berelain até ela ficar careca.

Quando Berelain estava se virando para sair da tenda, Egwene a segurou pelo braço.

— Tome cuidado com elas. As Aes Sedai não serão amigáveis com Rand, mas as palavras erradas, ou mesmo um movimento errado, podem fazer com que se tornem inimigas declaradas.

Aquilo era verdade, mas não era o que Egwene precisava dizer. Preferia que lhe arrancassem a língua do que ter que pedir um favor de Berelain.

— Já lidei com Aes Sedai antes, Egwene Sedai — afirmou a Primeira de Mayene, seca.

Egwene se conteve e evitou respirar fundo. Teria que pedir, mas não permitiria que a mulher percebesse como estava sendo difícil.

— Elaida não será uma amiga para Rand, não mais que uma doninha pode ser amiga de uma galinha, e essas Aes Sedai são de Elaida. Se elas ficarem sabendo de uma Aes Sedai que o apoia e que está por aqui, ao alcance, essa Aes Sedai pode acabar desaparecendo logo no dia seguinte.

Ela encarou o rosto indecifrável da Primeira de Mayene, sem conseguir se obrigar a dizer mais nada. Depois de um longo instante, Berelain sorriu.

— Egwene Sedai, vou fazer o que estiver ao meu alcance. Por Rand. — Tanto o sorriso quanto a voz pareciam insinuar alguma coisa.

— Garota... — advertiu Sorilea, ríspida, e foi uma surpresa ver que Berelain corou de leve.

Sem olhar para Egwene e com uma voz cuidadosamente neutra, a Primeira de Mayene respondeu:

— Eu agradeceria se vocês não contassem nada a Rhuarc.

Na verdade, ela não olhava para ninguém, mas fazia um esforço para ignorar a presença de Egwene.

— Não vamos contar — retrucou Amys, sem demora, deixando Sorilea boquiaberta. — Não vamos contar. — A repetição era para Sorilea, a voz um misto de firmeza e pedido, até que a idosa enfim aquiesceu, ainda que relutante. Berelain chegou a suspirar de alívio antes de se abaixar e sair da tenda.

— Essa criança é espirituosa — gargalhou Sorilea, assim que Berelain saiu. Ela se reclinou de volta nas almofadas e deu tapinhas no lugar ao lado, sinalizando para que Egwene se sentasse. — Deveríamos encontrar o marido ideal para ela, um homem à altura dela. Se é que tal homem existe entre os aguacentos.

Esfregando as mãos e o rosto com o pano úmido que Roderia trouxera, Egwene se perguntou se aquilo já lhe dava abertura suficiente para perguntar sobre Berelain sem causar desonra. Ela aceitou a xícara de chá de porcelana verde do Povo do Mar e tomou seu lugar no círculo de Sábias. Se uma das outras respondesse ao comentário de Sorilea, talvez bastasse.

— Tem certeza de que essas Aes Sedai representam perigo para o *Car'a'carn*? — perguntou Amys, antes que outra pudesse se pronunciar.

Egwene corou. Estava perdida em fofocas enquanto havia questões tão importantes a tratar.

— Tenho — respondeu mais do que depressa. Então completou, mais calma: — Pelo menos... não sei se o que elas querem exatamente é fazer mal a Rand. Pelo menos não de propósito. — A carta de Elaida de fato dizia que deviam tratá-lo com “a honra e o respeito” que o Dragão merecia. Quanto respeito uma antiga irmã Vermelha achava que um homem capaz de canalizar merecia? — Mas não duvido de que elas vão querer ter algum controle sobre ele, obrigar Rand a fazer o que Elaida quiser. Não querem ser aliadas. — E até que ponto as Aes Sedai de Salidar eram aliadas? Luz, precisava falar com Elayne e Nynaeve. — E não vão se importar se ele é o *Car'a'carn*.

Sorilea grunhiu, amargurada.

— Acha que elas vão tentar fazer mal a você? — perguntou Bair.

Egwene assentiu.

— Se descobrirem que eu estou aqui... — Tentou disfarçar o arrepio tomando um golinho do chá de menta. Fosse para ter um meio de controlar Rand ou para levá-la embora como a Aceita não supervisionada que era, aquelas mulheres fariam de tudo para arrastá-la de volta para a Torre. — Elas não me deixarão livre, se tiverem opção. Elaida não vai querer que Rand ouça ninguém além dela mesma.

Bair e Amys trocaram olhares sérios.

— Então a resposta é simples. — Sorilea soou como se tudo estivesse decidido. — Você vai ficar aqui nas tendas, e elas não terão como encontrá-la. As Sábias sempre evitam Aes Sedai, de qualquer forma. Se ficar mais alguns anos com a gente, acho que você dará ótima Sábica.

Egwene quase deixou a xícara cair.

— Fico lisonjeada — respondeu, hesitante —, mas, uma hora ou outra, terei que ir embora.

Sorilea não pareceu convencida. Egwene aprendera a se impor com Amys e Bair, depois de um tempo, mas Sorilea...

— Bem, não tão cedo — retrucou Bair, abrindo um sorriso para que as palavras soassem amigáveis. — Você ainda tem muito o que aprender.

— Tem, e está ansiosa para voltar a estudar — acrescentou Amys. Egwene se esforçou para não corar, e a Sábica franziu o cenho. — Você parece estranha. Andou se esforçando demais, hoje de manhã? Eu tinha certeza de que você já estava recuperada o bastante...

— Já me recuperei — garantiu Egwene, mais do que depressa. — É verdade, já me recuperei. Faz dias que não tenho dor de cabeça. Foi a poeira do vento, quando eu estava correndo de volta para cá. E a multidão na cidade está maior do que eu me lembrava. E sem falar que eu estava tão empolgada que não comi bem no café da manhã.

Sorilea chamou Roderia com um gesto.

— Traga pão de mel, se ainda tiver, e queijo. E qualquer fruta que conseguir encontrar. — Ela cutucou as costelas de Egwene. — As mulheres não devem ser só pele e osso — disse a mulher que parecia ter sido largada ao sol até que quase toda a carne tivesse ressecado.

Egwene não se importava de ter que comer, já que estava tão empolgada naquela manhã que de fato se esquecera, mas Sorilea ficou olhando cada pedaço ser engolido, e aquele escrutínio dificultava um pouco as coisas. Isso e o fato de que as Sábicas queriam discutir o que fazer quanto às Aes Sedai — se as mulheres da

Torre se mostrassem hostis a Rand, então teriam que ser vigiadas. As Sábias precisavam encontrar um jeito de preservar e proteger o *Car'a'cam*. Até Sorilea estava meio nervosa com a possibilidade de terem que se colocar diretamente contra as Aes Sedai — nervosa, mas não com medo: o que a incomodava era ter que ir contra seus costumes. De qualquer forma, fariam o que fosse preciso pelo *Car'a'cam*.

Egwene estava preocupada com a possibilidade de que as Sábias transformassem em ordem aquela sugestão de Sorilea, de que ela permanecesse entre as tendas. Não haveria como escapar, passar despercebida por aqueles cinquenta olhos, a não ser ficando dentro da tenda. Como Rand fazia para Viajar? As Sábias fariam o que fosse preciso, desde que não fosse contra os princípios de *ji'e'toh*. As Sábias podiam muito bem ter interpretações criativas de alguns aspectos, mas se agarravam a essas interpretações com a mesma firmeza de qualquer outro Aiel. Luz, a própria Roderia era Shaído — uma dentre os milhares que foram capturados na batalha para expulsar os Shaído de Cairhien —, mas as Sábias a tratavam como qualquer outro *gai'shain*. E, pelo que Egwene via, Roderia também não se comportava nem um pouco diferente de qualquer outro *gai'shain*. Nenhuma delas se disporia a contrariar *ji'e'toh*, não importava quanto fosse preciso.

Por sorte, não tocaram de novo naquele assunto. Mas, para seu azar, falaram bastante de sua saúde. As Sábias não sabiam Curar nem verificar o estado de alguém com o Poder, então faziam testes com seus próprios métodos — alguns ela reconhecia das aulas de Nynaeve, quando queria se tornar Sabedoria, como examinar os olhos, ouvir o coração com um tubo oco de madeira; outros eram tipicamente Aiel, como tocar os dedos do pé até ficar tonta, pular no lugar até achar que os olhos iam saltar da cabeça e correr ao redor das tendas das Sábias até sua vista ficar cheia de pontinhos negros. Quando um *gai'shain* trouxe água para derramar em sua cabeça, ela bebeu o que pôde, ergueu as saias e correu mais um pouco. Aiel eram grandes adeptos de manter um corpo resistente, e, se ela fosse um passinho mais lenta, se vacilasse e parasse antes que Amys mandasse, as Sábias decidiriam que ela ainda não se recuperara o suficiente.

Quando Sorilea enfim assentiu, completando com um “você está tão saudável quanto uma Donzela”, Egwene já estava cambaleando, ofegante. Tinha certeza de que nenhuma Donzela estaria naquele estado, mas mesmo assim ficou orgulhosa de si mesma. Nunca se considerara molenga, mas tinha plena consciência de que, antes de viver entre os Aiel, teria caído de cara no chão na metade do teste. *Mais um ano e vou conseguir correr tão bem quanto qualquer* Far Dareis Mai, pensou.

Egwene também não estava com muita vontade de voltar para a cidade. Juntou-se às Sábias na tenda de vapor — desta vez não recebeu ordens de derramar água nas rochas quentes, e Roderia cuidou disso —, aproveitando o calor úmido enquanto os músculos relaxavam. Só saiu porque Rhuarc e dois outros chefes de clã — Timolan, dos Miagoma, e Indirian, dos Codarra — se juntaram a elas, todos homens altos e imensos, com rostos duros e austeros e cabelos já grisalhos. Quando os viu, saiu correndo da tenda, então tratou de enrolar o xale no corpo. Sempre que isso acontecia, esperava ouvir gargalhadas, mas os Aiel nunca entendiam por que ela saía correndo da tenda de vapor sempre que um homem entrava. Se entendessem, já teriam feito suas típicas piadas Aiel. Por sorte, simplesmente não faziam a conexão, para a felicidade de Egwene.

Egwene recolheu o restante das roupas em meio às pilhas bem arrumadas ali fora e saiu depressa para sua própria tenda. O sol já estava baixo no céu, e, depois de uma refeição leve, estaria pronta para dormir. Estava cansada demais para sequer pensar em *Tel'aran'rhiod*. Cansada demais, também, para se lembrar da maioria dos sonhos que teve — coisa que as Sábias vinham tentando lhe ensinar a fazer —, e a maioria dos que conseguiu se recordar envolvia Gawyn.





COMO RELÂMPAGOS E CHUVA

Apesar dos sonhos que teve a noite inteira, Egwene acordou se sentindo inexplicavelmente revigorada quando Cowinde veio chamá-la bem cedo, ainda no céu cinza que precede a alvorada. Renovada e pronta para tentar descobrir alguma coisa em sua ida à cidade. Depois de bocejar e se espreguiçar, levantou-se sem delongas, cantarolando enquanto se lavava e se vestia às pressas, mal parando para pentear os cabelos direito. Teria saído correndo da área das tendas, sem nem gastar tempo com o desjejum, mas deu de cara com Sorilea, o que pôs um fim a seus planos de sair às pressas. No fim das contas, também acabou sendo bom.

— Você não devia ter saído tão cedo da tenda de suor — comentou Amys, que estava recebendo cerca de vinte Sábias em sua tenda. Ela pegou uma tigela de mingau e frutas secas das mãos de Roderia, que, junto de Cowinde e um homem de robe branco chamado Doilan, outro Shaido, corria para servir a todos. — Rhuarc tinha muito o que dizer sobre suas irmãs. Talvez você possa acrescentar mais algumas coisas.

Depois de meses de fingimento, Egwene nem se perguntava quem seriam essas irmãs — sabia que a mulher estava falando da missão diplomática da Torre.

— Vou lhe contar o que puder. O que ele disse?

Para começar, havia seis Aes Sedai. E duas eram Vermelhas, não uma. Egwene não conseguia acreditar na arrogância — ou talvez na burrice — de Elaida, de ter enviado uma única Vermelha que fosse. Pelo menos o comando estava nas mãos de uma Cinza. As Sábias estavam acomodadas em um grande círculo, a maioria deitada, seus corpos parecendo delinear os raios de uma roda, embora houvesse algumas de pé ou ajoelhadas nos espaços. Todas se voltaram para Egwene assim que ela foi informada dos nomes das Aes Sedai visitantes.

— Infelizmente só conheço duas dessas — declarou a jovem, hesitante. — Temos muitas Aes Sedai, afinal, e não sou irmã completa há tanto tempo, para conhecer tantas. — Várias assentiram, aceitando a explicação. — Nesune Bihara é bem justa, escuta todos os lados antes de tomar uma decisão, mas sempre consegue identificar incongruências, por menores que sejam. Ela vê tudo, se lembra de tudo. Passa os olhos numa página uma única vez e consegue repetir palavra por palavra, e também é capaz de repetir uma conversa que ouviu um ano antes. E ela às vezes fala sozinha, enunciando os pensamentos sem nem se dar conta de que está falando em voz alta.

— Rhuarc falou que essa mulher estava interessada na Biblioteca Real. — Bair mexeu seu mingau, a atenção voltada para Egwene. — Disse que a escutou resmungar alguma coisa sobre selos.

Um murmúrio se espalhou por entre as outras Sábias, mas foi silenciado quando Sorilea pigarreou bem

alto.

Egwene pensou por um instante, remexendo o mingau com a colher — notou lascas de ameixa seca e alguma baga doce na mistura. Se Elaida tivesse interrogado Siuan antes da execução, devia saber que três selos já haviam sido quebrados. Rand mantinha dois outros escondidos em algum lugar — Egwene queria muito saber onde, mas seu velho amigo não parecia confiar em ninguém, nos últimos tempos — e Nynaeve e Elayne tinham encontrado um em Tanchico e o levado para Salidar. Bem, Elaida não tinha como saber destes. A menos que contasse com espiões em Salidar, mas... Não. Era especulação para outro momento, seria inútil cogitar aquilo agora. Elaida devia estar desesperada atrás dos outros selos. Parecia sensato enviar Nesune para a segunda maior biblioteca do mundo, perdendo apenas para a biblioteca da própria Torre Branca. Engolindo algumas ameixas secas, Egwene revelou suas conclusões às Sábias.

— Eu já tinha falado isso ontem à noite — grunhiu Sorilea. — Aeron, Colinda, Edarra, vão para a Biblioteca. Três Sábias devem bastar para encontrar o que houver para ser encontrado antes de uma Aes Sedai. — Três rostos assumiram uma expressão irritada. A Biblioteca Real era imensa. Mas a ordem partira de Sorilea, e, apesar de terem resmungado e suspirado, as mulheres escolhidas deixaram suas tigelas de mingau no chão e saíram imediatamente. — Você disse que conhecia duas — prosseguiu a Sábia mais velha, antes mesmo que as três tivessem saído. — Nesune Bihara e quem mais?

— Sarene Nemdahl — respondeu Egwene. — Mas vejam bem, conheço as duas apenas superficialmente. Sarene é como a maioria das Brancas, pondera tudo com muita lógica e às vezes parece surpresa quando alguém age com o coração, mas é geniosa. Ela quase sempre consegue se controlar, mas basta um passo errado na hora errada e ela acaba... arrancando seu nariz antes de você entender o que está acontecendo. Ainda assim, ela sempre escuta outras opiniões e admite que estava errada, mesmo depois de um ataque. Quer dizer, pelo menos depois que passa o acesso de raiva.

Enfiando uma colherada de bagas e mingau na boca, Egwene tentou examinar as Sábias sem que elas percebessem. Nenhuma parecia ter percebido sua hesitação. Ela quase dissera que Sarene mandaria alguém esfregar o chão antes que a pessoa pudesse entender o que estava acontecendo. Só conhecia as duas das aulas dos tempos de noviça. Nesune, uma kandoriana esguia com olhos afiados de águia, conseguia perceber mesmo de costas quando alguém deixava de prestar atenção. Assistira a várias aulas dela. Quanto a Sarene, só fora a duas de suas palestras sobre a natureza da realidade, mas era difícil esquecer uma mulher que afirmava como a beleza e a feiura eram ilusões, mesmo tendo um rosto que fazia qualquer homem parar para olhar com atenção.

— Espero que você consiga se lembrar de mais coisas — comentou Bair, apoiada no cotovelo, inclinando-se para Egwene. — Parece que você é a nossa única fonte de informações.

Egwene precisou de um momento para entender o que a mulher dizia. Sim, claro. Bair e Amys deviam ter tentado espiar o sonho das Aes Sedai, na noite anterior, mas todas as Aes Sedai protegiam os sonhos com barreiras — uma habilidade que se arrependia de não ter aprendido antes de deixar a Torre.

— Farei o possível. Onde ficam os aposentos delas lá no palácio?

Se quisesse falar com Rand na próxima vez em que ele visitasse a cidade, seria bom não ir parar nos aposentos delas enquanto tentava encontrar o caminho. Sobretudo os de Nesune. Sarene talvez não se lembrasse de uma noviça entre tantas outras, mas tinha quase certeza de que Nesune se lembraria. Aliás, qualquer uma das mulheres que não conhecia também poderia se lembrar dela, já que houve muito falatório a seu respeito quando estava na Torre.

— As Aes Sedai recusaram a oferta de sombra de Berelain, mesmo por uma única noite. — Amys franziu o cenho. Entre os Aiel, uma oferta de hospitalidade sempre devia ser aceita. A recusa, mesmo entre inimigos de sangue, era desonrosa. — Estão hospedadas com uma mulher chamada Arilyn, uma nobre dos Assassinos da Árvore. Rhuarc acredita que Coiren Saeldain já conhecia essa Arilyn antes de chegarem, ontem.

— É uma espiã de Coiren — garantiu Egwene. — Ou da Ajah Cinza.

Várias das Sábias resmungaram entre dentes, irritadas. Sorilea grunhiu alto de desgosto, e Amys soltou um longo suspiro de desapontamento. Algumas outras não pareceram tão convencidas. Corelna, de olhos verdes e um rosto que lembrava um falcão, ostentando grandes mechas cinza nos cabelos louros, balançou a cabeça em dúvida; já Tialin, uma ruiva esguia de nariz pontudo, encarou Egwene sem esconder a descrença.

Espionagem era uma violação de *ji'e'toh* — Egwene só não entendera ainda por que isso não se aplicava quando as Andarilhas dos Sonhos bisbilhotavam os sonhos alheios. Seria inútil ressaltar que as Aes Sedai não seguiam *ji'e'toh*. Aquelas mulheres sabiam disso, só achavam difícil de acreditar ou de compreender, tratando-se de Aes Sedai ou de qualquer outra pessoa.

Não importava o que algumas das Sábias achavam; Egwene sabia que estava certa e apostaria o que fosse. Galldrian, o último Rei de Cairhien, tivera uma conselheira Aes Sedai antes de ser assassinado. Niande Moorwyn fora uma presença quase invisível naquelas terras, mesmo antes de ter que desaparecer após a morte de Galldrian, mas Egwene conseguira descobrir que a mulher fizera algumas visitas às propriedades rurais de Lady Arilyn. E Niande era uma Cinza.

— Ao que parece, puseram cem guardas debaixo do teto de Arilyn — comentou Bair, depois de algum tempo. Então completou, em uma voz completamente sem emoção: — As Aes Sedai alegam que a situação na cidade ainda está instável, mas acho que estão com medo dos Aiel.

Olhares muito interessados surgiram em vários rostos — chegava a ser um pouco perturbador.

— Cem!? — exclamou Egwene. — Elas trouxeram *cem* homens?

Amys negou com a cabeça.

— Trouxeram mais de quinhentos. Os batedores de Timolan encontraram grande parte acampados a menos de meio dia de viagem a norte. Rhuarc mencionou os homens, e Coiren Saeldain explicou que eram uma guarda de honra, mas que tinham deixado a maioria esperando nos arredores da cidade para não *alarmar* ninguém.

— Elas acham mesmo que vão escoltar o *Car'a'cam* para Tar Valon. — Sorilea falava em uma voz tão dura que poderia rachar uma pedra, e sua expressão fazia o tom parecer bem suave. Egwene não fizera segredo do que dizia a carta de Elaida para Rand, e as Sábias pareciam gostar menos da mensagem a cada vez que a ouviam.

— Rand não é tolo o bastante para aceitar a oferta — declarou Egwene, mas não estava pensando na carta.

Quinhentos homens de fato poderiam ser apenas uma guarda de honra, e Elaida podia muito bem achar que o Dragão Renascido esperaria honrarias do tipo e ficaria até lisonjeado. Pensou em diversas possibilidades, mas precisava prosseguir com cuidado. Bastava uma palavra errada para que Amys, Bair ou, pior ainda, Sorilea — escapar dela era como tentar sair de um espinheiro — lhe dessem ordens que não seria capaz de obedecer se tivesse que dar conta do que só ela própria tinha como resolver. Ou que só ela estava disposta a resolver.

— Imagino que os chefes estejam de olho nesses soldados fora da cidade, certo? — Meio dia a norte estava mais para um dia inteiro de marcha, já que os soldados não eram Aiel. Era longe demais para representar qualquer perigo, mas um pouco de cautela nunca caía mal. Amys assentiu, e Sorilea olhou para Egwene como se ela tivesse perguntado se o sol ainda estaria no céu ao meio-dia. A jovem pigarreou. — Ah, claro que estão. — Era pouco provável que os chefes de clã fossem cometer um erro tão ingênuo. — Bem, tenho algumas sugestões. Se uma dessas Aes Sedai for ao palácio, algumas Sábias capazes de canalizar deveriam ir atrás, para garantir que ela não deixe nenhuma armadilha com o Poder.

As Sábias aquiesceram. Dois terços das presentes conseguiam manejar *saidar*. Algumas não tinham muito

mais habilidade que Sorilea, mas outras tinham o mesmo nível de Amys, que era tão forte quanto a maioria das Aes Sedai que Egwene já conhecera. Era mais ou menos a mesma proporção dali para todas as Sábias dos Aiel. Suas habilidades eram bem distintas das Aes Sedai — sabiam menos de alguns aspectos e mais de outros, mas no geral era o mesmo nível de poder, apenas em áreas distintas. Ainda assim, era provável que as Sábias conseguissem detectar “presentes” indesejados.

— E temos que ter certeza de que vieram só seis representantes da Torre — completou Egwene.

Teve que explicar essa parte. As Sábias tinham lido livros de aguacentos, mas nem as capazes de canalizar conheciam os rituais que as Aes Sedai haviam desenvolvido para lidar com homens capazes de tocar *saidin*. Entre os Aiel, um homem capaz de canalizar acreditava ser um escolhido e partia para o norte, para a Praga, caçando o Tenebroso. Nenhum nunca voltava. A própria Egwene não sabia dos rituais até ir para a Torre. Era raro as histórias que ouvira quando criança terem qualquer relação com a realidade.

— Rand consegue dar conta de duas mulheres de uma só vez — declarou Egwene, e sabia disso por experiência própria. — E pode ser que dê conta de seis. Mas, se estiverem em maior número do que afirmam, seria no mínimo prova de que mentiram, mesmo que apenas por omissão.

Quase se encolheu diante das testas franzidas daquelas mulheres. Quem mentia incorria em *toh* para com qualquer um que ouvisse a mentira. No seu caso, a mentira era inevitável. *Era mesmo*.

Durante todo o restante do café, as Sábias decidiram quem iria ao palácio naquele dia e quais chefes poderiam ser confiados para escolher homens e Donzelas para vasculharem a cidade em busca de mais Aes Sedai. Alguns poderiam relutar em agir contra qualquer Aes Sedai, não importava como — as Sábias não declararam isso, apenas deram a entender pelas coisas que diziam, e sempre com amargor —, e outros talvez acreditassem que qualquer ameaça ao *Car'a'cam*, mesmo por parte das Aes Sedai, seria mais bem resolvida com a lança — e algumas Sábias também pareciam partilhar daquela opinião. Sorilea recusara com muita ênfase as sugestões evasivas de que esse problema seria resolvido se Aes Sedai simplesmente não estivessem mais na cidade. No fim das contas, Rhuarc e Mandelain, dos Daryne, foram os dois únicos chefes de Clã que todas concordaram em chamar.

— Mas fiquem atentas para eles não escolherem nenhum *siswai'aman* — advertiu Egwene.

Os *siswai'aman*, a lança do Dragão, com certeza recorreriam à violência ao menor sinal de ameaça. O alerta lhe rendeu muitos olhares, tanto inexpressivos quanto irônicos — as Sábias são eram tolas. Ainda assim, Egwene estava incomodada com uma coisa: nenhuma delas mencionou o que já estava tão acostumada a ouvir quase sempre que o povo do Deserto mencionava as mulheres da Torre: no passado, os Aiel tinham falhado com as Aes Sedai e seriam destruídos se falhassem de novo.

Exceto por aquele único comentário, Egwene se manteve de fora da discussão, ocupando-se de uma segunda tigela de mingau — dessa vez com pera seca junto das ameixas —, o que gerou um meneio de aprovação de Sorilea. Mas não buscava aprovação de Sorilea — estava com fome, verdade, mas queria mesmo que aquelas mulheres esquecessem que ela estava ali. Pareceu funcionar.

Depois de encerrados o café da manhã e as discussões, Egwene voltou para sua tenda e se agachou junto da aba, do lado de dentro, observando um pequeno grupo de Sábias que partia rumo à cidade, lideradas por Amys. Quando as mulheres cruzaram o portão mais próximo, Egwene deu um pinote e saiu outra vez. Havia Aiel por toda parte, *gai'shain* e outros, mas todas as Sábias estavam em suas tendas, e ninguém pareceu olhá-la quando saiu andando para a muralha, tentando não caminhar rápido demais. Se alguém a notasse, poderia pensar que ela só estava fazendo seu exercício matinal. O vento aumentou, soprando ondas de poeira e resquícios das cinzas de Portão da Frente, mas ela manteve o ritmo. Estava apenas se exercitando.

Na cidade, a primeira pessoa para quem ela pediu informação, uma mulher magrela vendendo maçãs murchas a um preço exorbitante, não soube dizer o caminho para o palácio de Lady Arilyn. Nem a segunda,

uma costureira rechonchuda que arregalou os olhos ao ver o que parecia uma Aiel entrando em sua loja, muito menos o couteleiro meio careca que achou que Egwene estaria muitíssimo interessada em suas facas. Por fim, conseguiu a informação com uma prateira de olhos estreitos que a encarou com muita atenção durante todo o tempo que ela passou na loja. Egwene balançou a cabeça, desapontada, enquanto avançava a passos largos por entre a multidão. Às vezes esquecia como era grande uma cidade do porte de Cairhien — grande a ponto de que nem todo mundo saber onde ficava cada lugar.

Tão grande era a cidade que Egwene acabou se perdendo três vezes e precisou pedir informação a duas outras pessoas antes de acabar se esgueirando pela lateral de um estábulo que alugava cavalos, espiando o outro lado da rua. Sua atenção estava concentrada em uma construção que consistia em um amontoado de pedras escuras com janelas estreitas, varandas anguladas e torres inclinadas. Era pequeno para um palácio, mas parecia enorme para uma casa comum. Se bem lembrava, Arilyn estava um pouco acima da média da nobreza de Cairhien. Soldados com casacos verdes, usando placas peitorais e elmos, montavam guarda na espaçosa escadaria frontal, diante de cada portão visível e nas varandas. Estranhamente, eram todos jovens — bem, isso não importava. Havia mulheres canalizando dentro daquela casa, e não eram quantidades pequenas de *saidar*, para ela estar sentindo ali da rua — e sentindo com tanta intensidade. A quantidade de poder sendo canalizado diminuiu de repente, mas continuava significativa.

Egwene mordeu o lábio inferior. Não tinha como saber o que estavam fazendo ali dentro, não sem ver os fluxos. Por outro lado, as mulheres que estavam canalizando também precisavam ver os fluxos para tecê-los. Mesmo que estivessem diante de alguma janela mais escondida, se houvesse um fluxo sendo canalizado para fora da mansão, Egwene só não conseguiria ver se fossem todos voltados para o sul, para longe do Palácio do Sol — longe de tudo. O que elas estariam fazendo?

Um dos portões se abriu apenas por tempo suficiente para deixar sair uma parelha de seis baios puxando uma carruagem preta toda fechada com um brasão laqueado nas portas — duas estrelas de prata em um fundo de listras vermelhas e verdes. A carruagem rumou para o norte, abrindo caminho por entre a multidão. O condutor, de libré, abusava do chicote comprido, usando-o tanto para afastar as pessoas quanto para incitar os cavalos. Seria Lady Arilyn indo a algum lugar, ou seria alguém da missão diplomática?

Bem, não tinha ido até ali para ficar olhando. Recuando até só conseguir espiar para a rua com um dos olhos e apenas o suficiente para divisar o casarão, Egwene tirou uma pequena pedra vermelha da bolsinha do cinto, respirou fundo e começou a canalizar. Se uma das Aes Sedai estivesse olhando para fora naquela direção, conseguiria ver os fluxos, mas não a veria. Bem, precisava correr o risco.

A pedra lisa era apenas isso — uma pedra polida de algum regato. Mas Egwene aprendera aquele truque com Moiraine e, como esta usara uma pedra para se concentrar — na verdade uma pedra preciosa, mas a qualidade do material não fazia diferença —, Egwene também usava. Teceu principalmente Ar, com um toque de Fogo. A tessitura permitia ouvir a conversa alheia — ou espionar, como diriam as Sábias. Egwene não ligava para como chamavam, só queria descobrir as intenções das Aes Sedai enviadas pela Torre.

Tocou a tessitura com todo o cuidado na abertura de uma janela — bem de leve, com toda a delicadeza... Depois tocou em outra, e mais outra. Apenas silêncio. E então...

— ... daí virei pra ele — anunciou uma voz feminina, em seu ouvido — e falei bem assim: ah, você quer essas camas pra agora, é? Pois vai ficar querendo, Alwin Rael!

Outra mulher respondeu:

— Até parece que você falou isso mesmo!

Egwene abriu um sorriso amargo. Criadas.

Uma mulher corpulenta carregando uma cesta de pão no ombro passou por ali, encarando Egwene, confusa. Claro que estaria confusa: ouvia duas mulheres e via apenas uma garota ali, parada, com os lábios imóveis. Egwene resolveu o problema do jeito mais rápido que conhecia: encarou a mulher com tanta

irritação que ela levou um susto e quase deixou cair a cesta quando disparou para o meio da multidão.

Um pouco relutante, Egwene reduziu a intensidade da tessitura. Não ouviria tão bem, mas também não atrairia mais olhares curiosos. Uma Aiel espremida contra a parede já atraía muitos olhares, embora ninguém sequer hesitasse antes de seguir adiante, já que não queriam confusão com os Aiel. Não quis se preocupar com os curiosos. Foi movendo a tessitura de janela em janela. Suava em bicas, e não só por conta do calor, que já aumentava. Se uma única Aes Sedai visse seus fluxos, mesmo que de relance, mesmo que não reconhecesse a tessitura, todas saberiam que alguém estava canalizando contra elas. E claro que imaginariam o propósito da tessitura. Egwene se escondeu ainda mais — só aparecia metade do olho.

Silêncio. Silêncio. Um farfalhar — alguém andando? Chinelos num carpete? Mas nenhuma palavra. Silêncio. Um homem resmungando — parecia estar esvaziando penicos e nem um pouco contente. Sentindo as orelhas quentes, Egwene prosseguiu com a busca. Silêncio. Silêncio. Silêncio.

— ... acha mesmo que é necessário? — A voz da mulher chegava como um sussurro, mas mesmo assim soava intensa e cheia de si.

— Precisamos estar preparadas para qualquer eventualidade, Coiren — retrucou outra mulher, com uma voz que parecia uma barra de ferro. — Ouvi um boato surpreendente...

Uma porta bateu com força, cortando o restante da conversa.

Egwene encostou na parede de pedra do estábulo, desanimada. Queria gritar de tanta frustração. Ouvira a Cinza que estava no comando, e a outra só podia ser uma das Aes Sedai que a acompanhavam, ou não teria falado daquele jeito com Coiren. Não poderia ter encontrado conversa melhor para ouvir, mas *claro* que as duas saíram da sala onde estavam. Que boato surpreendente? Que eventualidades? Como elas iam se preparar? A canalização dentro da mansão voltou a aumentar. O que aquelas mulheres estavam armando? Egwene respirou fundo e recomeçou, obstinada.

O sol ia cada vez mais alto, e ela ouviu uma infinidade de barulhos, quase todos impossíveis de identificar, além de muitas conversas e fofocas dos serviçais. Uma mulher chamada Ceri estava grávida de novo, e teriam que servir vinho de Arindrim — Egwene não fazia ideia de que lugar era esse — para as Aes Sedai junto com a refeição do meio-dia. A descoberta mais interessante foi que era mesmo Arilyn naquela carruagem. A nobre tinha ido se encontrar com o marido, na área rural. Grande coisa. Uma manhã inteira desperdiçada.

As portas principais da mansão se escancaram, e os serviçais de libré se curvaram em mesuras. Os soldados não pareceram tensos, apenas um pouco mais atentos. Nesune Bihara saiu, seguida por um jovem alto que aparentava ter sido talhado em pedra — em um pedregulho, na verdade.

Egwene soltou depressa a tessitura, largou *saidar* e respirou bem fundo, tentando se acalmar. Não era hora de entrar em pânico. Nesune e seu Guardião trocaram algumas palavras, então a irmã Marrom de cabelo escuro olhou para os dois lados rua abaixo. Não restava dúvida de que estava atrás de alguma coisa.

Achando que, afinal, talvez fosse uma boa hora para entrar em pânico, Egwene começou a se afastar bem devagar, sem querer atrair o olhar atento de Nesune, e tratou de dar meia-volta assim que saiu de vista. Ergueu as saias e saiu correndo, abrindo caminho à força pela multidão. Correu três passadas, até que deu de cara com uma parede de pedra e caiu sentada no meio da rua, batendo no chão com tanta força que até quicou nos paralelepípedos quentes.

Ergueu os olhos, confusa — e só ficou ainda mais confusa. A parede de pedra era Gawyn, que a encarava de cima, parecendo tão estarrecido quanto ela. Os olhos dele eram azuis brilhantes e intensos, e aqueles cachos dourados... Sentiu o rosto corar, pensando em como queria enroscar os dedos outra vez naqueles cachos neles. *Você nunca fez isso*, corrigiu-se, com firmeza. *Foi só um sonho!*

— Machuquei você? — perguntou o rapaz, ansioso, abaixando-se para se ajoelhar a seu lado.

Egwene conseguiu se levantar, meio sem jeito, e espanou a poeira do corpo. Se pudesse ter um único

desejo realizado naquele exato momento, seria perder a capacidade de corar. Os dois já haviam atraído um círculo de curiosos, e ela enroscou o braço no de Gawyn e o puxou pela rua na direção em que estava indo antes de esbarrarem. Com uma olhadela por cima do ombro, viu que deixavam para trás apenas uma aglomeração agitada. Mesmo que Nesune fosse exatamente para aquela esquina, veria apenas um grupo de curiosos confusos. Ainda assim, não desacelerou, e a multidão abria passagem sem reclamar para a Aiel e seu companheiro, alto o bastante para também ser Aiel, mesmo carregando uma espada — e o modo como Gawyn se movia indicava que sabia como usá-la. Ele se portava como um Guardião.

Depois de se afastarem algumas passadas, Egwene desenroscou o braço do dele, embora relutante. Gawyn, por sua vez, agarrou sua mão antes que ela pudesse se afastar muito, e Egwene permitiu que ele a segurasse enquanto caminhavam.

— Bem, imagino que é para ignorar o fato de você estar vestida como uma Aiel — comentou o jovem, depois de alguns instantes. — A última notícia que tive era de que você estava em Illian. E imagino que eu também não deva comentar que você estava fugindo de um palácio onde seis Aes Sedai estão hospedadas. Um comportamento estranho para uma Aceita.

— Nunca fui a Illian — retrucou ela, olhando em volta, querendo ver se algum Aiel estaria perto o bastante para entreouvir. Vários olharam em sua direção, mas nenhum estava ao alcance da voz. De repente, Egwene assimilou o que Gawyn dissera. Encarou o casaco verde dele, do mesmo tom do casaco dos soldados. — Você veio com elas. Com as Aes Sedai da Torre.

Luz, era uma tola por não ter percebido isso assim que o viu.

A expressão dele se suavizou. Por um instante, seu rosto ficara duro como pedra.

— Eu comando a guarda de honra das Aes Sedai para escoltar o Dragão Renascido até Tar Valon. — Sua voz era uma estranha mistura de ironia, raiva e cansaço. — Isso se ele quiser. E se estiver mesmo aqui. Fiquei sabendo que ele... aparece e some. Coiren está irritada.

Egwene sentia o coração na garganta.

— Eu... Eu preciso lhe pedir um favor, Gawyn.

— Faço qualquer coisa, a não ser minhas poucas restrições — retrucou ele, simplesmente. — Não farei nenhum mal a Elayne ou a Andor e não me tornarei um Devoto do Dragão. Qualquer outra coisa que possa fazer por você, farei.

Várias pessoas se viraram na direção deles dois. A menor menção aos Devotos do Dragão já atraía muitos ouvidos. Quatro durões que levavam chicotes de condutor de carroção enrolados por cima dos ombros olharam feio para Gawyn e estalaram os dedos daquele jeito ameaçador que alguns homens faziam antes de uma briga. Gawyn apenas os encarou. Não eram pequenos, mas sua beligerância esvaneceu sob o olhar daquele rapaz. Dois até o saudaram levando o punho à testa antes de desaparecerem em meio ao mar de gente. Ainda assim, restaram muitos olhares curiosos, muitos rostos tentando observá-los furtivamente. Com aqueles trajes, Egwene atrairia olhares mesmo sem dizer uma só palavra. Ao lado daquele homem de cachos dourados com bem mais que uma braça de altura e que parecia um Guardião, não tinha como não chamar atenção.

— Precisamos conversar a sós — sugeriu ela.

Ah, se alguma Aes Sedai tiver feito Gawyn seu Guardião, eu vou... Mas era uma ameaça vazia.

Sem retrucar, Gawyn a levou a uma estalagem próxima chamada Homem Comprido. Uma coroa dourada arremessada ao estalajadeiro roliço resultou em uma saudação quase reverente e uma pequena sala de jantar privada com painéis escuros, cadeiras e uma mesa bem polida, além de uma lareira apagada sobre a qual repousava um vaso azul cheio de flores secas. Gawyn fechou a porta, e eles de repente pareceram muito desconfortáveis ali, a sós. Luz, como ele era lindo. Tão lindo quanto Galad. E o cabelo cacheando em torno das orelhas...

Gawyn pigarreou.

— O calor parece cada dia pior. — Ele secou o rosto com um lenço, então o ofereceu. Então pareceu se dar conta de que o lenço estava usado e pigarreou outra vez. — Hã, acho que tenho outro.

Egwene pegou seu próprio lenço enquanto ele vasculhava os bolsos.

— Gawyn, como você pode servir a Elaida depois do que ela fez?

— A Jovem Guarda serve a Torre — retrucou ele, rígido, mas balançou a cabeça, desconfortável. — Desde que... Siuan Sanche... — Por um momento, seus olhos viraram uma pedra de gelo. Só por um momento. — Egwene, minha mãe sempre dizia que até uma rainha precisa obedecer às leis que cria, ou não existiria lei. — Ele balançou a cabeça, irritado. — Eu não deveria ter ficado surpreso por encontrá-la aqui. Eu devia saber que você estaria junto de al'Thor.

— Por que esse ódio dele? — Se a voz dele não estava cheia de ódio, então nunca tinha ouvido ódio na vida. — Gawyn, ele realmente é o Dragão Renascido. Você deve ter ouvido falar do que aconteceu em Tear. Ele...

— Ele pode até ser o próprio Criador encarnado — retrucou o rapaz, irritado. — Al'Thor matou a minha mãe!

Os olhos de Egwene ficaram tão arregalados que quase saltaram do rosto.

— Não, Gawyn! Não matou, não!

— Pode jurar isso? Estava lá quando ela morreu? Todos estão falando nisso. O Dragão Renascido tomou Caemlyn e matou Morgase. E deve ter matado Elayne também. Não tenho nenhuma notícia dela. — Toda aquela fúria foi drenada, e Gawyn pareceu perder as forças. Deixou a cabeça cair para a frente, cerrou os punhos, fechou os olhos. — Não consigo descobrir nada sobre ela — sussurrou.

— Elayne está ilesa — avisou Egwene.

Ficou surpresa ao notar que estava bem diante dele. Então se levantou e ficou surpresa outra vez quando ergueu a mão e acariciou os cachos de Gawyn enquanto erguia sua cabeça. A sensação era idêntica à da memória do sonho. Então recolheu a mão como se tivesse sido queimada. Tinha certeza de que estava corando tanto que seu rosto em breve pegaria fogo. Só que... Manchas de cor brotaram nas bochechas de Gawyn. Claro. Ele também se lembrava, embora achasse que tinha sido um sonho só dele. Aquilo deveria ter deixado Egwene ainda mais corada, porém, de alguma forma, sua reação foi o oposto. O ruborizar de Gawyn acalmou seus nervos e a fez até querer sorrir.

— Elayne está em segurança, Gawyn. Isso, eu *posso* jurar.

— Onde ela está? — A voz dele era pura angústia. — E por onde andou? O lugar dela é em Caemlyn. Quer dizer, não em Caemlyn. Não enquanto al'Thor estiver lá. Mas é em Andor. Onde ela está, Egwene?

— Eu... não posso dizer. Não posso, Gawyn.

Ele a analisou, o rosto completamente inexpressivo, então suspirou.

— A cada vez que nos vemos, você é mais Aes Sedai. — Ele riu. A risada soou forçada. — Sabia que eu às vezes pensava em ser seu Guardiã? Que tolice, não é?

— Você vai ser o meu Guardiã.

Egwene só percebeu que dissera aquilo quando as palavras já tinham saído da boca. No entanto, soube que era verdade. Aquele sonho. Gawyn se ajoelhando diante dela para que segurasse sua cabeça. O significado daquilo poderia ser cem coisas ou nada, mas Egwene sabia.

Gawyn sorriu. O idiota achava que ela estava brincando!

— Ah, com certeza não serei eu. Galad, talvez. Só que você vai ter que espantar as outras Aes Sedai com uma vara. As Aes Sedai, as serviçais, as rainhas, as camareiras, as mercadoras, as mulheres de fazendeiros... Todas só têm olhos para ele. Nem tente dizer que não acha Galad...

O jeito mais simples de acabar com aquela baboseira foi cobrir a boca dele com a mão.

— Eu não amo Galad. Eu amo você.

Gawyn continuou tentando fingir que era zombaria, sorrindo por trás de seus dedos.

— Eu não posso ser Guardião. Serei o Primeiro Príncipe da Espada de Elayne.

— Se a Rainha de Andor pode ser Aes Sedai, então um Primeiro Príncipe pode ser Guardião. E você vai ser o meu. Trate de meter isso nessa sua cabeça dura, porque estou falando sério. E eu te amo.

Gawyn simplesmente a encarou. Pelo menos tinha parado com aquele sorriso. Só que ele não disse nada, ficou apenas olhando. Egwene afastou a mão do rosto dele e perguntou:

— E então? Não vai dizer nada?

— Quando você passa tanto tempo desejando ouvir algo — começou ele, hesitante —, então ouve de repente, sem aviso, é como escutar relâmpagos e ver a chuva cair no solo seco e rachado depois de uma longa seca. É um choque, mas você não quer ouvir outra coisa.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo — repetiu Egwene, sorrindo. — E então?

Em resposta, ele a ergueu nos braços e a beijou. Cada detalhe foi tão bom quanto nos sonhos. Foi ainda melhor. Foi... Quando ele a botou de volta no chão, Egwene se agarrou em seus braços — ela sentia que os joelhos não estavam funcionando direito.

— Milady Aiel Egwene Aes Sedai, eu te amo. Não vejo a hora de me tornar seu Guardião. — Deixando de lado a falsa formalidade e assumindo um tom mais leve, ele acrescentou: — Eu te amo, Egwene al’Vere. Você disse que queria um favor. Qual era? A lua em um colar? Mando um ourives dar um jeito nisso em menos de uma hora. Estrelas para usar no cabelo? Vou...

— Não conte a Coiren e as outras que estou aqui. Nem mencione o meu nome.

Egwene esperava alguma hesitação, mas Gawyn apenas respondeu, sem rodeios:

— Elas não vão ficar sabendo de nada por mim. E, se eu puder evitar, ninguém vai dizer nada. — Ele fez uma breve pausa, então segurou seus ombros e a encarou. — Egwene, não vou perguntar por que você está aqui. Não, ouça o que tenho a dizer. Sei que Siuan a envolveu em suas tramas e entendo que você seja leal a um homem da sua própria aldeia. Isso não importa. Mas você deveria estar na Torre Branca, estudando. Eu me lembro de todas lá comentarem que você seria uma Aes Sedai poderosa um dia. Você tem algum plano para voltar sem... sem ser punida? — Egwene balançou a cabeça, muda, e ele prosseguiu, apressado: — Talvez eu consiga arranjar um jeito, caso você não pense em nada antes. Sei que você não tinha opção senão obedecer Siuan, mas duvido que Elaída vá considerar isso. Só de mencionar o nome da antiga Amyrlin perto dela a pessoa corre o risco de sair sem cabeça. Vou tentar descobrir um jeito, qualquer que seja. Eu juro. Mas me prometa que, até eu conseguir, você não vai... não vai fazer nenhuma bobagem. — Durou apenas um instante, mas ele apertou seu ombro quase a ponto de doer. — Só me prometa que vai tomar cuidado.

Luz, se metera em uma encrenca daquelas. Não podia dizer a ele que não tinha a menor intenção de voltar à Torre enquanto Elaída ainda ocupasse o Trono de Amyrlin. E essa tal bobagem que ele queria que ela não fizesse com certeza estava relacionada a Rand. Gawyn parecia tão preocupado. Com ela.

— Eu vou tomar cuidado, Gawyn. Prometo. — *O máximo de cuidado possível*, emendou, para si mesma. Era apenas um pequeno detalhe, mas dificultou ainda mais o que precisava dizer: — Preciso lhe pedir um segundo favor. Rand não matou sua mãe. — Como podia dizer aquilo e esperar que ele ficasse menos tenso? Bem, com ou sem tensão, precisava ser feito. — Me prometa que não vai levantar a mão contra Rand até eu ter como provar que ele não matou sua mãe.

— Eu juro.

A resposta mais uma vez veio sem hesitação, mas a voz estava rouca, e as mãos a apertaram de novo por alguns instantes, e com mais força que antes. Egwene não se encolheu. Aquela leve dor foi como uma compensação para a dor que infligia nele.

— Tem que ser assim, Gawyn. Não foi ele, mas preciso de tempo para provar.

Ah, Luz, como faria isso? A palavra de Rand não bastaria. Que enrascada! Bem, precisava se concentrar em uma coisa de cada vez. E o que aquelas Aes Sedai estariam tramando?

Gawyn deixou-a sobressaltada ao respirar com pesar.

— Eu posso abrir mão de tudo, trair tudo, por você. Fuja comigo, Egwene. Vamos deixar isso tudo para trás. Eu tenho uma pequena propriedade ao sul de Ponte Branca, com um vinhedo e uma aldeia. É tão embrenhada na zona rural que por lá o sol se levanta com dois dias de atraso. Mal vamos ficar sabendo do que tem acontecido no mundo. Podemos nos casar no caminho. Não sei quanto tempo temos, com al'Thor e Tarmon Gai'don. Não sei quanto tempo teremos, mas podemos passá-lo juntos.

Egwene o encarou, pasma. Em seguida, ela se deu conta de que falara em voz alta, perguntando o que as Aes Sedai estariam tramando. Só então entendeu a palavra que ele usou — trair. Gawyn achava que Egwene queria que ele espionasse as Aes Sedai. E espionaria. Estava desesperado atrás de um modo de não ter que fazer isso, mas faria, se ela pedisse. Quando Gawyn prometera que faria qualquer coisa, estava falando de qualquer coisa mesmo, não importava o que lhe custasse. Foi quando Egwene fez uma promessa para si mesma — para ele, na verdade, mas não era o tipo de promessa que podia ser feita em voz alta. Se Gawyn deixasse escapar alguma coisa, ela usaria a informação — não tinha opção. Mas não iria tentar extrair qualquer informação dele, por menos que fosse. Não importava o que poderia lhe custar. Sarene Nemdahl jamais compreenderia aquilo, mas era a única coisa que poderia se equiparar à lealdade que ele lhe prometera.

— Eu não posso — respondeu, baixinho. — Você nunca vai conseguir compreender quanto eu quero isso, mas não posso. — Ela começou a rir de repente, sentindo lágrimas brotarem em seus olhos. — E nem você. Trair? Gawyn Trakand, essa palavra faz tanto sentido na sua boca quanto dizer que a escuridão é coisa do sol. — Suas promessas mudas podiam ser ótimas e muito verdadeiras, mas não podia deixar por aquilo mesmo. Sabia que usaria a lealdade que ele lhe dedicara, e usaria contra o que ele acreditava ser certo. Precisava oferecer uma parte de si em troca. — Eu durmo nas tendas, mas venho passear pela cidade todas as manhãs. Atravesso o Portão da Muralha do Dragão pouco depois do nascer do sol.

E Gawyn compreendeu, claro. Para retribuir a lealdade de Gawyn, ela oferecia sua fé nas palavras dele, depositava sua liberdade nas mãos dele. Gawyn tomou suas mãos dela e virou-as, beijando as palmas com toda a delicadeza.

— É um presente muito precioso. Se eu for todas as manhãs ao Portão da Muralha do Dragão, alguém com certeza vai notar. E pode ser que eu não consiga ir todas as manhãs. Mas não fique surpresa em me ver a seu lado quase todos os dias, logo depois de você entrar na cidade.

Quando Egwene finalmente saiu da estalagem, o sol já percorrera uma distância considerável. Era a hora mais quente da tarde, o que diminuía um pouco a multidão. Despedir-se levou bem mais tempo do que imaginara. Além disso, beijar Gawyn talvez não fosse bem o tipo de exercício que as Sábias tinham em mente, mas seu coração estava acelerado como se tivesse corrido.

Afastou aqueles pensamentos com firmeza — na verdade, teve que fazer bastante esforço para deixar o rapaz em segundo plano, já que afastá-lo da mente por completo parecia muito além de suas possibilidades — e voltou ao ponto de observação perto do estábulo. Alguém ainda canalizava lá dentro da mansão, e provavelmente era mais de uma pessoa — a menos que uma única pessoa estivesse tecendo algo bem grande. Dali de fora, a sensação estava mais fraca, mas ainda era forte. Viu uma mulher de cabelo escuro entrando na propriedade — não a reconheceu, mas o rosto duro de idade indefinida deixava bem claro o que a mulher era. Não tentou ouvir mais conversas e não ficou muito tempo ali — se as mulheres iam ficar entrando e saindo, havia uma grande chance de acabar sendo vista e reconhecida, apesar das roupas. Enquanto saía, às pressas, um pensamento ainda martelava em sua cabeça: o que elas estariam tramando?

* * *

— Viemos com a intenção de oferecer uma escolta para levar o Dragão a Tar Valon — informou Katherine Alruddin, remexendo-se de leve no assento. Nunca tinha entendido se as poltronas cairhienas eram tão desconfortáveis quanto pareciam ou se sua mente acreditava que fossem desconfortáveis apenas pela aparência. — Depois que ele deixar Cairhien para ir a Tar Valon, haverá... um vácuo aqui.

Lady Colavaere, acomodada na poltrona dourada diante dela, não sorriu, apenas se inclinou um pouco para a frente.

— Isso desperta meu interesse, Katherine Sedai. — Então se virou para os serviçais e completou: — Podem ir.

Katherine sorriu.

* * *

— Viemos com a intenção de oferecer uma escolta para levar o Dragão a Tar Valon — declarou Nesune, a voz muito controlada revelando uma pontinha de irritação. Apesar do rosto sereno, o taireno à sua frente não parava de remexer os pés, ansioso por estar na presença de uma Aes Sedai e talvez apreensivo com a possibilidade de ela começar a canalizar. Só um amadiciano estaria pior. — Depois que ele deixar Cairhien para ir a Tar Valon, Cairhien precisará de uma figura poderosa.

O Grão-senhor Meilan umedeceu os lábios.

— Por que está me dizendo isso?

O sorriso de Nesune poderia significar qualquer coisa.

* * *

Quando Sarene entrou na sala de estar, só encontrou Coiren e Erian, bebericando chá. Além do serviçal esperando para servi-las, claro. Sarene gesticulou para que o homem saísse.

— Ela pode se revelar bem difícil, essa Berelain — opinou, assim que a porta se fechou. — Não sei se o que funcionaria melhor com ela seria a maçã ou o chicote. Eu deveria encontrar Aracome amanhã, não é mesmo? Mas acho que precisaremos de mais tempo com Berelain.

— Maçã ou chicote — ponderou Erian, a voz contrita. — No caso, usamos o que for preciso.

Sarene pensou em como o rosto de Erian parecia ser de mármore claro emoldurado por asas de corvo — seu vício secreto era a poesia, mas jamais permitiria que descobrissem que ela se interessava por algo tão... emotivo. Morreria de vergonha se Vitalien, seu Guardião, descobrisse que ela já escrevera versos comparando-o a um leopardo, além de outros animais graciosos, poderosos e perigosos.

— Controle-se, Erian. — Como de costume, Coiren falava como se discursasse. — Sarene, ela está assim incomodada por um rumor que Galina escutou. Corre o boato de que uma irmã Verde estava em Tear com o jovem Rand al'Thor e que essa mulher agora está aqui em Cairhien.

Coiren *sempre* se referia ao garoto como “o jovem Rand al'Thor”, como se quisesse lembrar a todos de que o rapaz era muito jovem — e, portanto, inexperiente.

— Moiraine e uma Verde — matutou Sarene. Aquilo de fato poderia indicar problemas. Elaida insistia que Moiraine e Siuan tinham agido sozinhas, permitindo que al'Thor ficasse à solta sem orientação, mas, mesmo que o boato fosse de apenas mais uma Aes Sedai envolvida, poderia significar que outras também

estavam, o que poderia ser um fio condutor que levasse até algumas, quiçá muitas, das que tinham ido embora da Torre quando Siuan foi deposta. — Mas é só um boato.

— Talvez não seja — alertou Galina, entrando na sala. — Não ouviram? Alguém canalizou contra nós hoje de manhã. Por que eu não sei, mas acho que dá para ter um palpite. E com muitas chances de estar certo.

As contas presas às trancinhas escuras de Sarene estalaram quando ela balançou a cabeça.

— Isso não comprova a presença de uma Verde, Galina. Não prova nem que era uma Aes Sedai. Poderia ser alguma coitada qualquer mandada embora da Torre por não ter passado no teste para Aceita. E você sabe tão bem quanto eu que algumas daquelas Aiel podem canalizar.

Galina sorriu, os dentes brancos se destacando no rosto negro e duro.

— Acho que comprova a presença de Moiraine. Ouvi dizer que ela tinha a mania de ouvir as conversas alheias e não acredito nada nessa história tão oportuna de ela ter morrido. Não sem nenhum cadáver de prova e nem ninguém para dar detalhes de como foi.

Sarene também se incomodava bastante com aquilo. Em parte porque gostava de Moiraine, antes daquela história toda. Tinham sido amigas durante seu tempo de noviças e Aceitas, mesmo Moiraine estando um ano à frente, e a amizade se mantivera em seus poucos encontros nos anos seguintes. E em parte porque aquela história estava mesmo muito estranha, e era bastante conveniente que Moiraine tivesse morrido — ou melhor, desaparecido — agora que havia um mandato de prisão para sua cabeça. Naquelas circunstâncias, a Azul podia muito bem ter forjado a própria morte.

— Então você acredita que teremos que lidar com Moiraine e com uma irmã Verde desconhecida? Isso tudo é especulação, Galina.

O sorriso de Galina não se alterou, mas os olhos brilharam. A mulher era inflexível demais para a lógica, acreditava no que acreditava, não importando as evidências. Ainda assim, Sarene sempre achava que havia um fogo intenso e incandescente ardendo em algum lugar das profundezas de Galina.

— Eu acredito é que *Moiraine* é essa irmã Verde misteriosa — revelou Galina. — Que jeito melhor de escapar da prisão do que morrer e reaparecer como outra mulher, de outra Ajah? Já ouvi falar até que essa Verde é baixa, e todas sabemos como Moiraine está longe de ser uma alta. — Erian se endireitou na poltrona, rígida feito uma rocha, as labaredas de ultraje ardendo em seus grandes olhos castanhos. Galina se virou para ela: — Quando pegarmos essa *irmã Verde*, acredito que o melhor será deixá-la sob sua responsabilidade durante a jornada de volta à Torre.

Erian assentiu, ávida, mas o calor não se dissipou de seus olhos.

Sarene estava estarelecida. Moiraine fingindo ser de outra Ajah? Claro que não. Sarene nunca se casara — não havia nada de lógico em pensar que duas pessoas poderiam permanecer compatíveis por uma vida inteira —, mas a única comparação que lhe vinha à cabeça era que se passar por outra Ajah era como se deitar com o marido de outra mulher. No entanto, foi a acusação em si que a deixou estarelecida, não a possibilidade de que aquela fantasia pudesse ser verdade. Estava prestes a retrucar, observando que havia muitas mulheres baixas no mundo e que a pouca estatura de alguém era algo relativo, quando Coiren voltou a falar, naquela voz retumbante:

— Sarene, é sua vez de novo. Precisamos estar preparadas, aconteça o que acontecer.

— Ah, nem gosto de falar nisso — reclamou Erian. — No caso, parece que estamos nos preparando para o fracasso.

— O que é apenas lógico — retrucou Sarene. — Mesmo se dividirmos nosso tempo pela menor medida possível, continua sendo impossível afirmar com certeza factível o que vai acontecer entre um momento e outro. Se formos a Caemlyn atrás de al'Thor, podemos muito bem chegar lá apenas para descobrir que ele veio para cá, é melhor continuarmos aqui, para onde podemos afirmar com razoável certeza que ele vai voltar em algum momento. O problema é que isso pode acontecer amanhã ou daqui a um mês. Qualquer

acontecimento isolado em qualquer momento dessa espera, ou ainda qualquer combinação de eventos, poderia nos deixar sem alternativa. Portanto, é apenas lógico estarmos preparadas para o pior.

— Muito bem explicado — retrucou Erian, seca.

A mulher não levava muito jeito para a lógica, e Sarene às vezes achava que aquilo era uma característica comum às mulheres bonitas, apesar de não haver qualquer lógica aparente nessa relação.

— Temos todo o tempo de que precisamos — anunciou Coiren, com ares de grandeza. Mesmo quando não estava discursando, parecia fazer um pronunciamento. — Beldeine chegou hoje e alugou um quarto perto do rio, mas Mayam não conseguirá chegar em menos de dois dias. Precisamos tomar muito cuidado, e essa demora nos dá tempo.

— Continuo sem gostar nada dessa história de me preparar para o fracasso — murmurou Erian, para sua xícara de chá.

— Não considero nem um pouco inoportuno se tivermos algum tempo para levar Moiraine à justiça — opinou Galina. — Já esperamos esse tempo todo, não há tanta pressa assim para resolver as coisas com al'Thor.

Sarene suspirou. Aquelas mulheres eram tão boas em suas especialidades, mas não conseguia entender como. Não havia um pinga de lógica em qualquer uma delas.

Retirou-se para seus aposentos, sentou-se diante da lareira apagada e começou a canalizar. Seria mesmo possível que esse tal Rand al'Thor tivesse redescoberto a arte de Viajar? Era muito mais do que se poderia acreditar, mas era a única explicação. Que tipo de homem ele era? Bem, descobriria quando o conhecesse, não antes. Preenchida por *saidin* quase a ponto de a doçura se transformar em dor, começou a repassar os exercícios das noviças — aquilo serviria tão bem quanto qualquer outra preparação mental. E se preparar era apenas lógico.





LIGANDO AS LINHAS

Em um ressoar contínuo, trovões ribombavam pelas colinas baixas e cobertas de grama já amarronzada em um contínuo ressoar, embora não houvesse uma só nuvem no céu, apenas o sol escaldante, que ainda não chegara ao topo. Rand estava no cume de uma colina, segurando as rédeas, o Cetro do Dragão apoiado no cepilho da sela, esperando. O trovão foi crescendo aos poucos, aumentando. Era difícil não olhar para trás, para o sul, na direção de Alanna — a Verde machucara o tornozelo e ralara a mão naquela manhã, além de estar de péssimo humor. Não sabia como nem por quê, nem ao menos tinha ideia de como estava tão certo daquilo. O trovão chegou ao ápice.

Os cavaleiros saldaeanos despontaram no topo da colina mais próxima, os três galopando lado a lado, encabeçando a longa linha serpenteante que descia encosta abaixo até chegar ao campo extenso entre as muitas colinas — nove mil homens, uma serpente bem comprida. Eles se dividiram assim que chegaram ao pé de uma nova colina: a coluna do meio seguiu adiante, mas as outras deram uma guinada para a esquerda e a direita, então cada coluna se dividiu de novo e de novo, até cavalgarem em centenas de pequenas fileiras que ultrapassavam umas as outras. Os cavaleiros começaram a se erguer nas selas, uns apoiados nos pés, outros, nas mãos. Alguns se balançaram bem rente ao chão, acertando-o com a palma da mão em uma manobra impossível, uma vez de cada lado da montaria. Outros homens desceram das selas e se penduraram embaixo dos cavalos ainda em disparada; enquanto alguns se jogaram no chão para correr ao lado do animal antes de montar outra vez, para depois pular para o outro lado e repetir a proeza.

Rand ergueu as rédeas e cravou os calcanhares em Jeade'en. Quando o sarapintado começou a avançar, os Aiel à sua volta também se puseram em movimento. Naquela manhã, quem acompanhava a escolta das Donzelas eram os Dançarinos da Montanha, *Hama N'dore* — mais da metade usava a faixa vermelha dos *siswai'aman*. Caldin, um homem grisalho e de pele curtida, tentara convencer Rand a permitir mais de vinte homens na escolta, considerando a quantidade de aguacentos armados que haveria na exibição. Nenhum dos Aiel se preocupou em olhar com desprezo para a espada que ele carregava. Nandera, por exemplo, estava mais preocupada com as duzentas e tantas mulheres que seguiam o grupo a cavalo. A seus olhos, havia mais ameaça nas nobres saldaeanas e nas esposas dos oficiais do que naqueles soldados. Depois de ter conhecido algumas mulheres daquela terra, Rand não estava disposto a discutir com ela — a própria Sulin decerto concordaria. Foi quando reparou que não via Sulin desde... desde que tinham voltado de Shadar Logoth. Fazia oito dias. Será que a ofendera de algum jeito?

Não era hora de se preocupar com Sulin ou o *ji'e'toh*. Ele contornou o vale até o topo da colina de onde os saldaeanos tinham vindo. Bashere também cavalgou até lá, observando a demonstração — por uma irônica coincidência, ele fez isso tudo de pé sobre a sela.

Rand agarrou *saidin*, soltando-o um instante depois. Com a visão aguçada pelo Poder, não fora difícil notar as duas pedras brancas perto do pé da encosta, a quatro passos de distância uma da outra, exatamente onde Bashere as colocara na noite anterior — com sorte, sem ser visto. E, com sorte, ninguém faria muitas perguntas sobre aquela manhã. No prado abaixo, alguns homens cavalgavam dois cavalos, um pé em cada sela, ainda mantendo um galope ligeiro, enquanto outros sustentavam um soldado nos ombros. Muitas vezes, esse segundo soldado estava de cabeça para baixo, equilibrando-se com as mãos nos ombros do cavaleiro.

Olhou em volta, ouvindo um cavalo avançar em sua direção. Deira ni Ghaline t'Bashere cavalgava entre os Aiel visivelmente despreocupada. Armada apenas com uma faquinha no cinturão de prata e usando um vestido de montaria de seda cinza com bordados prateados nas mangas e na gola alta, a mulher parecia desafiá-los a atacá-la. Era uma mulher grande, tão alta quanto muitas das Donzelas e quase um palmo maior que o marido. Não era corpulenta ou mesmo rechonchuda, apenas grande. Mechas brancas despontavam de cada lado dos cabelos negros, e os olhos escuros e oblíquos estavam fixos em Rand. Devia ser uma bela mulher, quando a presença do Dragão Renascido não transformava seu rosto em granito.

— E meu marido está conseguindo... *entretê-lo*? — Ela nunca usava nenhum título para Rand nem nunca o chamava pelo nome.

Rand olhou para as outras saldaeanas, que o encaravam feito uma tropa de cavalaria pronta para avançar — seus rostos também eram puro granito, e os olhos oblíquos, gélidos. Estavam só esperando a ordem de Deira. Não tinha a menor dificuldade de acreditar nas histórias sobre as saldaeanas pegando as espadas dos maridos que tinham caído em batalha e conduzindo seus homens de volta para a luta. Tentar ser agradável não surtira qualquer efeito positivo com a esposa de Bashere. O próprio general apenas dava de ombros e dizia que ela de fato podia ser bem difícil, isso tudo com um sorriso enorme no rosto que só podia ser de orgulho.

— Pode dizer a Lorde Bashere que fiquei satisfeito — respondeu Rand. Virou Jeade'en para começar a voltar para Caemlyn. Sentia os olhos das saldaeanas cravados em suas costas.

Lews Therin soltou uma risadinha — pelo menos essa parecia ser a melhor forma de descrever o som. *Nunca provoque uma mulher desnecessariamente. Qualquer uma mataria com menos aviso ou motivo do que um homem ofendido, mesmo que depois acabe chorando sobre o cadáver.*

Você está mesmo aí?, perguntou Rand. *Você é mais que uma voz?*

Em resposta, veio apenas aquela risada baixa e louca.

Ele ficou ruminando a respeito de Lews Therin durante todo o trajeto de volta a Caemlyn, mesmo quando passaram por um dos longos mercados comunitários de teto azulejado enfileirados próximo aos portões da Cidade Nova. Temia estar enlouquecendo — não apenas pela loucura em si, embora isso já fosse ruim o bastante, mas porque, se enlouquecesse, como faria o que precisava ser feito? —, embora não notasse qualquer indício de loucura. Por outro lado, como saberia se sua mente de fato sucumbisse? Nunca conhecera um louco, só tinha o exemplo da voz de Lews Therin dentro de sua cabeça. Será que a loucura de todos os homens era igual? Será que acabaria daquele jeito, rindo e chorando por coisas que ninguém mais via ou notava? Sabia que tinha uma chance de sobreviver, por mais que parecesse impossível. *Se quiser viver, terá que morrer* — uma das três coisas que Rand sabia que só podiam ser verdade, pois lhe tinham sido reveladas dentro de um *ter'angreal* onde as respostas eram sempre verdadeiras, ainda que não fossem fáceis de compreender. Mas uma vida daquelas... não tinha certeza, mas talvez fosse melhor morrer.

A multidão caminhando pela Cidade Nova abriu caminho para os mais de quarenta Aiel que o acompanhavam, e alguns até reconheceram o Dragão Renascido — talvez mais pessoas tivessem reconhecido,

mas Rand não recebeu muitas saudações. “Que a Luz brilhe sobre o Dragão Renascido!”, “A glória da Luz ao Dragão Renascido!” e “O Dragão Renascido, o rei de Andor!”

Aquela última sempre o incomodava, e dessa vez ouviu a saudação mais de uma vez. Precisava encontrar Elayne. Sentia os dentes rangendo. Não conseguia nem olhar para o povo — queria deixar todos de joelhos, berrar que Elayne era a rainha. Tentando não ouvir, Rand encarou o céu, os telhados — tudo, menos a multidão. E foi por isso que conseguiu ver o homem de manto branco que escalou um telhado de telhas vermelhas e ergueu uma besta na direção dele.

Tudo aconteceu em um piscar de olhos. Rand agarrou *saidin* e canalizou enquanto a flecha voava em sua direção — o projétil atingiu uma barreira de Ar, uma massa de prata azulada suspensa no meio da rua, chocando-se com um clangor de metal contra metal. Uma bola de fogo irrompeu de sua mão, acertando o homem no peito enquanto a flecha ricocheteava para longe do escudo de Ar. As chamas envolveram o desconhecido e ele caiu do telhado ainda agonizando. Então alguém se atirou em cima de Rand, jogando-o para fora da sela.

Ele caiu feio no chão de paralelepípedos, sentindo um peso sobre seu corpo, e largou *saidin* ao mesmo tempo em que perdia o fôlego. Tentando respirar, lutou contra o peso, jogando-o para o lado... e viu que segurava Desora pelos braços. A mulher sorriu para ele — um belo sorriso —, então sua cabeça desabou para o lado. Os olhos azuis o encaravam, já cegos e embotados. Uma flecha da besta despontava de seu peito, pressionando o punho de Rand. Por que ela sempre escondera aquele sorriso tão lindo?

Rand foi agarrado e erguido por Donzelas e Dançarinos da Montanha que o empurraram para o canto da rua, bem ao lado da loja de um funileiro, e se dispuseram em um círculo bem fechado à sua volta — todos velados, os arcos de chifre prontos, os olhos perscrutando ruas e telhados. Gritos e berros irromperam por toda parte, mas a rua já estava completamente livre mais de cinquenta passadas de cada lado do círculo de Aiel, e a multidão virou uma massa fervilhante desesperada para ir embora. A rua estava vazia, exceto pelos corpos: Desora e mais seis, três deles Aiel. Rand achou que havia mais uma Donzela abatida. Era difícil ter certeza daquela distância, ainda mais com a pessoa caída feito uma boneca de pano.

Rand começou a andar, e os Aiel à sua volta apertaram ainda mais o círculo, em uma muralha de carne.

— Esses lugares parecem tocas de coelhos — comentou Nandera, displicente, mas ainda de rosto velado, vigiando os arredores. — Se entrar na dança aqui, pode acabar levando uma facada nas costas antes de desconfiar de que há perigo.

Caldin assentiu.

— Isso me lembra uma batalha perto de Fenda de Sedar, quando... Bem, pelo menos temos um prisioneiro. — Alguns dos *Hama N'dore* tinham saído de uma taverna do outro lado da rua, empurrando um homem com os braços e os cotovelos amarrados nas costas. O homem não parou de se debater até ser derrubado de joelhos sobre o chão de paralelepípedos, as lanças coladas a seu pescoço. — Talvez ele diga quem ordenou isso. — Caldin não parecia ter a menor dúvida de que o homemalaria.

Um instante depois, algumas Donzelas saíram de outra casa trazendo um segundo homem amarrado — o sujeito mancava e estava com o rosto ensanguentado. Não demorou para os Aiel alinharem quatro homens ajoelhados na rua. Enfim o semicírculo que envolvia Rand se afrouxou.

Os quatro pareciam durões, mas o que estava todo sujo de sangue cambaleou e revirou os olhos para os Aiel. Dois outros pareciam desafiadores, e o quarto os olhava com desprezo.

Rand sentiu as mãos tremerem.

— Têm certeza de que eles estavam envolvidos? — Não conseguia acreditar na brandura e na firmeza de sua voz. Um tanto de fogo devastador resolveria tudo. *Fogo devastador não*, protestou Lews Therin, ofegante. *Nunca mais*. — Têm certeza?

— Estavam — respondeu uma Donzela, mas ele não soube dizer quem era por trás do véu. — E os que matamos estavam usando isso aqui.

A mulher deu um puxão, soltando o manto preso pelos braços atados do sujeito com o rosto ensanguentado. Era um manto branco surrado, encardido e manchado com um raio de sol dourado bordado na parte que deveria ficar sobre o peitoral. Os outros três usavam mantos iguais.

— Foram enviados para ficar de vigia — acrescentou um Dançarino da Montanha — e informar aos superiores caso o ataque fosse malsucedido. — Ele soltou uma risada seca e curta. — Esses superiores não imaginavam o tamanho do fracasso.

— Nenhum desses homens disparou uma besta? — perguntou Rand. Fogo devastador. Não, ganiu Lews Therin, de longe. Os Aiel se entreolharam e negaram com as cabeças envoltas nas *shoufas*. — Enforcem todos — ordenou.

O sujeito ensanguentado quase desabou. Rand o sustentou com fluxos de Ar e o pôs de pé. Só então percebeu que agarrara *saidin*. Aceitou de bom grado aquela luta pela sobrevivência, aceitou até a mácula, que corroía seus ossos feito lodo ácido. O Poder diminuía a consciência das coisas que preferia não lembrar, das emoções que preferia não sentir.

— Qual é o seu nome?

— F-Faral, m-milorde. D-Dimir Faral. — Os olhos, tão arregalados que quase saltavam das órbitas, encaravam Rand por trás daquela máscara de sangue. — P-Por favor, não me e-enforce, m-milorde. Eu c-caminharei pela Luz, eu j-juro!

— Você é um sujeito de muita sorte, Dimir Faral — começou Rand, sua própria voz soando tão distante quanto os gritos de Lews Therin. — Você vai assistir ao enforcamento dos seus amigos — Faral começou a chorar —, depois receberá um cavalo, então vai contar a Pedron Niall que um dia eu também o enforcarei pelo que aconteceu aqui hoje. — Quando Rand soltou os fluxos de Ar, Faral desabou no chão, gemendo e afirmando que iria até Amador sem parar nem uma vez. Os três que estavam à beira da morte encararam o homem soluçante com desprezo. Um até cuspiu no chão.

Rand eliminou todos os pensamentos sobre aqueles homens. Niall era o único de quem precisava lembrar. Ainda havia uma coisa a fazer. Afastou *saidin*, travando a luta para escapar sem ser obliterado, a luta para se forçar a soltar o Poder. Não queria nenhum filtro que o apartasse das emoções que viriam com o que precisava fazer.

Uma Donzela estava ajeitando o corpo de Desora, que já estava com o véu erguido. A mulher ergueu o braço para detê-lo quando Rand tocou o *algode* negro, então hesitou, o encarou e se afastou, agachando.

Rand ergueu o véu e memorizou o rosto da Donzela caída. Parecia estar dormindo. Desora, do ramo Musara dos Aiel Reyn. Tantos nomes. Liah, dos Chareen Cosaida; Dailin, dos Taardad dos Nove Vales; Lamelle, dos Miagoma da Água Esfumada... tantos. Ele às vezes percorria nome por nome daquela lista, mas havia um nome que não fora culpa sua: Ilyena Therin Moerelle. Não sabia como Lews Therin pusera aquele nome ali, mas, mesmo que soubesse, não o removeria.

Afastar-se de Desora foi ao mesmo tempo um esforço e um alívio, mas foi puro alívio descobrir que o corpo que ele achava que era de uma segunda Donzela na verdade era de um homem — um sujeito baixo para um Aiel. Rand também lamentava pelos homens que morriam por ele, mas com suas mortes sempre vinha à sua mente um antigo ditado: “*Deixe que os mortos descansem, cuide dos vivos.*” Não era fácil, mas conseguia se obrigar a seguir aquelas palavras. Entretanto, nunca conseguia sequer invocar o ditado quando era uma mulher quem morria.

Seu olhar foi atraído pela visão de uma saia esparramada no chão de paralelepípedos. Os mortos não eram apenas Aiel.

A mulher levava uma flechada de besta bem entre as omoplatas. Quase nenhum sangue manchava as costas do vestido — uma morte rápida, o que era um pequeno consolo. Rand se ajoelhou e virou o corpo com toda a delicadeza. A outra ponta da flecha projetava-se do peito. A mulher tinha um rosto quadrado de meia-idade, com toques de fios grisalhos nos cabelos. Os olhos escuros estavam arregalados, e ela parecia surpresa. Não sabia seu nome, mas memorizou as feições. Aquela mulher morrera apenas por estar na mesma rua que ele.

Agarrou o braço de Nandera, que se desvencilhou para que ele não a atrapalhasse caso precisasse usar o arco, mas ainda assim o encarou.

— Encontre a família desta mulher e dê a eles o que precisarem. Ouro... — Não era o bastante. Precisavam era da esposa de volta, da mãe. Mas isso ele não podia dar. — O que precisarem. E descubra o nome dela.

Nandera estendeu a mão em sua direção, então voltou a segurar o arco. Quando Rand se levantou, notou que as Donzelas o observavam. Ah, claro que aqueles olhos estavam sempre atentos a tudo, mas os rostos velados pareciam se voltar para ele com um pouco mais de frequência. Sulin sabia como Rand se sentia, mesmo que não soubesse da lista, mas ele não tinha certeza se ela contara ou não às outras. Se tivesse contado, não fazia ideia do que as outras achavam.

Foi andando de volta para onde tinha caído e pegou o Cetro do Dragão, com suas borlas. Teve que fazer um esforço para se agachar, e a lança curta e ornamentada parecia muito pesada. Jeade'en não fora muito longe com a sela vazia, era um cavalo bem-treinado. Rand montou de volta no sarapintado.

— Já fiz tudo o que podia por aqui — anunciou, enfiando os calcanhares no lombo do cavalo. Os outros que pensassem o que quisessem.

Se não podia deixar as lembranças para trás, deixaria os Aiel. Ao menos por um tempo. Entregara Jeade'en a um cavaliço e adentrara o Palácio antes de Nandera e Caldin o alcançarem, trazendo cerca de dois terços da escolta de Donzelas e Dançarinos da Montanha. Alguns tinham ficado cuidando dos mortos. Caldin parecia irritado e, pela fúria nos olhos de Nandera, Rand se considerou sortudo por ela não estar velada.

Antes que a mulher pudesse reclamar, a Senhora Harfor se aproximou e curvou-se em uma mesura profunda.

— Milorde Dragão — começou, com uma voz grave e firme —, a Mestra das Ondas do clã Catelar, dos Atha'an Miere, fez uma petição para uma audiência.

Se o corte sofisticado do vestido vermelho e branco de Reese não bastasse como indicativo de que "Criada-chefe" não era uma boa designação para seu posto, os modos sem dúvida eram. A mulher rechonchuda, de cabelos grisalhos e queixo comprido, encarava Rand nos olhos, mesmo tendo que empinar o queixo para tanto, e conseguia mesclar o grau apropriado de deferência a uma total falta de servilismo e a um desinteresse que a maioria das nobres não conseguia atingir. Tal qual Halwin Norry, Reese permanecera no reino mesmo depois que a maioria dos outros criados fugiu — Rand tinha a leve suspeita de que a mulher ficara para defender o Palácio dos invasores e não ficaria surpreso em descobrir que ela fazia revistas periódicas em seus aposentos atrás de bens do Palácio; não ficaria surpreso sequer em saber que ela tentara revistar os Aiel.

— O Povo do Mar? O que é que eles querem?

Reese o encarou com um olhar paciente, tentando ser compreensiva com sua ignorância. Apenas tentando.

— A petição não informa, milorde Dragão.

Se Moiraine sabia alguma coisa a respeito do Povo do Mar, não priorizara o tópico em seus conselhos, mas, pela atitude de Reese, aquela mulher que pedia uma audiência era importante. O título de Mestra das

Ondas decerto soava importante. Bem, teria que usar o Grande Salão. Não visitara o lugar desde que voltara de Cairhien — não que tivesse qualquer motivo para evitar o salão do trono, simplesmente não houvera necessidade de usá-lo.

— Hoje à tarde — respondeu, hesitante. — Diga que a verei no meio da tarde. A senhora ofereceu boas acomodações a ela e à comitiva? — Duvidava de que uma pessoa com um título tão imponente fosse viajar sozinha.

— Ela recusou, e todos se hospedaram na Bola e Argola. — Reese Harfor pareceu meio irritada com aquilo; ao que parecia, não considerava a recusa muito apropriada, por mais importante que fosse uma Mestre das Ondas. — Estavam todos muito sujos e cansados por conta da viagem, quase não conseguiam se manter de pé. Vieram a cavalo, não de coche, e acredito que não estejam muito acostumados a esse tipo de viagem. — Ela piscou, parecendo surpresa por ter falado tanto, então recuperou a descrição como se vestisse um manto. — Outra pessoa deseja vê-lo, milorde Dragão. — Sua voz assumiu o mais leve tom de desgosto. — Lady Elenia.

Até ele teve que conter uma careta. Elenia decerto preparara mais um discurso reivindicando seus direitos ao Trono do Leão. Até então, Rand conseguira evitar ouvir mais de uma em cada três palavras. Bem, seria fácil dispensá-la. Ainda assim... precisava de uma informação a respeito da história de Andor, e ninguém por ali sabia mais do assunto do que Elenia Sarand.

— Bem, leve Lady Elenia aos meus aposentos, por favor.

— É verdade que pretende levar a Filha-herdeira ao trono?

A pergunta não veio em um tom ríspido, mas Reese não demonstrava a menor deferência. Seu rosto permanecia impassível, mas Rand tinha certeza de que, com a resposta errada, a mulher berraria “Por Elayne e o Leão Branco!” e tentaria esmagar seu crânio, com ou sem escolta Aiel em volta.

— Pretendo — respondeu ele, com um suspiro. — O Trono do Leão é de Elayne. Pela Luz e por minha esperança de renascimento e salvação, é dela.

Reese o avaliou por um instante, então abriu as saias em mais uma mesura profunda.

— Vou mandar Lady Elenia entrar, milorde Dragão.

A mulher se afastou a passos graciosos, as costas eretas. Mas era sempre assim, e não havia como dizer se ela acreditara no que ouvira.

— Um inimigo ardiloso — começou Caldin, irritadiço, antes que Reese avançasse cinco passadas — prepara uma emboscada fraca para que o alvo consiga escapar. Com a confiança de ter enfrentado a ameaça, o alvo então baixa a guarda e caminha direto para a segunda emboscada, mais poderosa.

Nandera, quase falando por cima de Caldin, declarou, em uma voz gélida:

— Os rapazes podem ser impetuosos, podem ser impulsivos, podem até ser idiotas. O *Car’a’carn* não pode se permitir ser um rapaz.

Rand olhou para os dois por cima do ombro antes de começar a se afastar. Parou apenas por tempo suficiente para dizer:

— Vamos voltar para o palácio. Escolham os dois da escolta.

Não foi nenhuma surpresa ver que Nandera e Caldin escolheram a si mesmos, menos ainda que o tenham seguido pisando duro, em um silêncio muito rígido.

Rand parou diante da porta para seus aposentos e pediu que mandassem Elenia entrar quando ela chegasse, então os deixou no corredor. Havia ponche de ameixa em uma jarra folheada a prata, mas ele nem pensou em beber. Ficou apenas encarando a jarra, tentando planejar o que diria — até que notou o que estava fazendo e soltou um grunhido de surpresa. O que havia para planejar?

Uma batidinha na porta anunciou Elenia. A mulher de cabelos cor de mel se curvou em uma mesura ao entrar. Usava um vestido trabalhado em rosas douradas — em qualquer outra mulher, Rand teria pensado que

eram simples rosas; em Elenia, só podia simbolizar a Coroa de Rosas.

— Milorde Dragão agradeço a imensa cortesia de me receber.

— Quero fazer algumas perguntas sobre a história de Andor — respondeu Rand. — Gostaria de um pouco de ponche de ameixa?

Elenia não conseguiu se conter e arregalou os olhos em deleite. Sem dúvida já planejava conduzir a conversa para as próprias reivindicações, mas Rand lhe dera um pretexto de graça. Ela abriu um sorriso em seu rosto de raposa.

— Posso ter a honra de servir milorde Dragão? — perguntou, mas não esperou que Rand assentisse. A mulher estava tão satisfeita com a reviravolta que ele quase podia imaginá-la empurrando-o para uma cadeira e obrigando-o a pôr os pés para cima. — Sobre que parte da história posso lhe fornecer algum esclarecimento?

— Um cenário mais geral... — Rand franziu o cenho, aquilo daria à nobre a desculpa perfeita para começar a listar sua linhagem com detalhes dali a duas frases. — Por exemplo, quero saber o que levou Souran Maravaile a trazer a esposa para cá. Ele era de Caemlyn?

— Foi Ishara quem trouxe Souran, milorde Dragão. — O sorriso de Elenia mudou um pouco, assumindo um ar indulgente. — A mãe de Ishara era Endara Casalain, a governante local de Artur Asa-de-gavião quando Andor era apenas uma província. Ela também era neta de Joal Ramedar, o último Rei de Aldeshar. Souran era só um... um general. — Rand podia apostar que a mulher estava para dizer que ele era plebeu, mas pensou melhor a tempo. — Claro que era o melhor dos generais de Asa-de-gavião. Endara renunciou à coroa e se ajoelhou perante Ishara, elevando-a a Rainha. — Rand não conseguia acreditar que a coisa tinha ocorrido exatamente dessa forma, ou pelo menos não daquele jeito tão pacífico. — Claro que foi uma época terrível, tão ruim quanto as Guerras dos Trollocs, tenho certeza. Com Asa-de-gavião morto, todos os nobres queriam se tornar reis. Ou rainhas. No entanto, Ishara sabia que ninguém poderia dar conta de todo o território. Eram facções demais, além das muitas alianças, e a maioria se desfazia assim que era selada. Ela convenceu Souran a suspender o cerco de Tar Valon e vir para cá com a maior parcela do exército que ele conseguiria manter por aqui.

— Souran Maravaile estava no comando do sítio de Tar Valon? — perguntou Rand, atônito.

Artur Asa-de-gavião mantivera Tar Valon sitiada durante vinte anos, oferecendo recompensas pelas cabeças de todas as Aes Sedai.

— Apenas no último ano, de acordo com os registros — respondeu a mulher, um tanto impaciente. Era visível que ela não estava nem um pouco interessada em Souran, exceto por ser marido de uma nobre. — Ishara era muito esperta, ela prometeu às Aes Sedai que sua filha mais velha seria enviada para estudar em Tar Valon, o que lhe rendeu o apoio da Torre e uma conselheira Aes Sedai chamada Ballair. Ela foi a primeira governante com uma conselheira da Torre. Claro que outros a imitaram, mas o fizeram porque queriam o trono de Asa-de-gavião. — Elenia desatou a falar, muito animada, o cálice esquecido enquanto ela gesticulava com a mão livre. As palavras saíram em uma torrente. — Uma geração inteira se passou antes de essa ideia fenecer, mas Narasim Bhuran insistiu em suas tentativas até os últimos dez anos da Guerra dos Cem Anos. Seus planos eram deploráveis e o fizeram acabar com uma lança cravada na cabeça um ano depois. Esmara Getares também tinha tentado, cerca de trinta anos antes, e obteve um progresso considerável até que decidiu conquistar Andor. A mulher passou os últimos doze anos de vida como *convidada* da Rainha Telaisien. Esmara foi assassinada, mas não há registro de por que alguém iria querer a mulher morta, depois que Telaisien destruiu seu poder. Veja bem, as Rainhas que vieram depois de Ishara... todas elas, de Alesinde a Lyndelle, deram seguimento às suas ideias, e não apenas no costume de enviar uma filha para a Torre. Ishara mandou Souran proteger as terras vizinhas a Caemlyn, começando com apenas algumas milhas, mas aos poucos foi expandindo o controle. Ora, levou cinco anos para seu domínio chegar ao Rio Erinin. A posse das Rainhas de

Andor sobre as terras que controlavam era incontestável, ainda mais em uma época em que a maioria dos que se intitulavam reis ou rainhas estavam mais interessados em conquistar algumas poucas terras do que em fortalecer as que já possuíam.

A mulher parou para tomar fôlego, e Rand aproveitou a brecha. Elenia falava daquela gente como se os conhecesse, mas ele já estava tonto com tantos nomes desconhecidos.

— Por que não existe a Casa Maravaile?

— Nenhum dos filhos de Ishara viveu além dos vinte anos. — Elenia deu de ombros e bebericou o ponche. O assunto não a interessava, mas deu abertura para um novo tópico. — Nove rainhas reinaram durante a Guerra dos Cem Anos, e nenhuma teve um filho que vivesse mais de vinte e três anos. As batalhas eram constantes, e Andor sofria pressão de todos os lados. Ora, durante o reinado de Maragaine, quatro reis reuniram seus exércitos contra ela. Inclusive, existe uma cidade nomeada em homenagem à batalha, que se passou por lá. Os reis eram...

— Mas todas as rainhas são descendentes de Souran e Ishara? — perguntou Rand, mais que depressa. A mulher descreveria em detalhes cada dia daquela maldita guerra, se ele deixasse. Ele se sentou e gesticulou para que Elenia se acomodasse em alguma poltrona.

— Sim — respondeu a nobre, relutante. A hesitação decerto estava em incluir Souran na lista. Ela logo se animou. — Veja bem, a questão é o quanto do sangue de Ishara a pessoa tem. Quantas linhas ligam a rainha a ela, e em que grau. No meu caso...

— Para mim não é tão fácil entender. Por exemplo, Tigraine e Morgase. Morgase tinha mais direito que Tigraine. Suponho que isso signifique que Morgase e Tigraine eram parentes próximas?

— Elas eram primas.

Elenia se esforçava para esconder a irritação em ser interrompida com tanta frequência, ainda mais agora, quando estava tão perto do que queria dizer. Mesmo assim, comprimiu os lábios e aceitou. Parecia uma raposa querendo abocanhar uma galinha que escapava a todo instante.

— Entendi.

Primas. Rand tomou um gole, esvaziando quase todo o cálice.

— Somos todos primos. Todas as Casas. — O silêncio dele pareceu revigorá-la. Seu sorriso voltou. — Com os casamentos entre nobres já há mais de mil anos, não existe uma só Casa sem uma gota do sangue de Ishara. Mas o que importa é o grau, assim como a quantidade de linhas de ligação. No meu caso...

Rand piscou.

— Vocês são *todos* primos? *Todos* vocês? Isso não parece muito poss... — Ele se inclinou para a frente, atento. — Elenia, se Morgase e Tigraine fossem pessoas mais simples, como mercadoras, ou fazendeiras... qual seria o grau de parentesco entre elas?

— Fazendeiras? — perguntou a mulher, encarando-o. — Milorde Dragão, que pergunta mais curios... — A nobre começou a empalidecer. Rand fora fazendeiro, afinal. Ela umedeceu os lábios e estalou a língua, tensa. — Eu suponho que... eu teria que pensar. Fazendeiras. Suponho que para isso eu teria que imaginar que todas as Casas fossem compostas de fazendeiros. — Ela soltou uma risada nervosa, abafando-a com ponche. — Bem, se as duas fossem fazendeiras, acho que ninguém as consideraria parentes, na verdade. Todas as ligações são bem distantes. Mas elas não eram fazendeiras, milorde Dragão...

Rand desviou mais da metade da atenção para os próprios pensamentos e se afundou de novo na cadeira. Não eram parentes.

— ... tenho trinta e uma linhas de ligação até Ishara, enquanto Dyelin tem apenas trinta, e...

Por que de repente se sentia tão tranquilo? Sentiu nós de tensão nos músculos se desfazerem — nós que ele nem notara que tinha.

— ... se me permite dizer, milorde Dragão.

— O quê? Peço desculpas. Deixei a cabeça voar longe por um instante... os problemas de... perdi a última coisa que a senhora disse.

Perdera, mas algo no que ela dissera o deixara intrigado.

Elenia ostentava aquele sorriso lisonjeiro e prestativo que ficava tão estranho em seu rosto.

— Ora, eu só estava dizendo que o senhor mesmo é um pouco parecido com Tigraine, milorde Dragão. O senhor deve ter um toque do sangue de Ishara... — A frase acabou com um gritinho abafado, e Rand percebeu que se levantara.

— Estou... um pouco cansado. — Ele tentou falar em um tom normal, mas sua voz soava distante, como se estivesse envolto no Vazio. — Peço à senhora a gentileza de me deixar sozinho.

Não sabia como estava seu rosto, mas Elenia se levantou de um pulo e correu para botar o cálice na mesa. A mulher tremia. Se antes seu rosto estava pálido, agora parecia papel. Curvando-se em uma mesura mais adequada a um ajudante de cozinha pego roubando, a nobre saiu correndo para a porta, cada passo mais ligeiro que o outro, sem nunca parar de olhá-lo por cima do ombro. Ela abriu a porta com um empurrão, e Rand ouviu suas sandálias ressoando corredor afora. Nandera enfiou a cabeça para dentro da sala, querendo ver como ele estava, então fechou a porta.

Rand ficou um longo tempo encarando o nada. Não era de se admirar que aquelas rainhas antigas o encarassem daquele jeito. Sabiam o que ele estava pensando, mesmo quando ele próprio não fazia ideia. A sementinha de preocupação que o corroía, súbita e invisível, desde que ele descobrira o nome verdadeiro da mãe... Mas Tigraine não era parente de Morgase. Sua mãe não fora parente da mãe de Elayne. Ele não era parente de...

— Você é um libertino da pior laia — declarou, a voz alta e amarga. — Você é um imbecil e um...

Desejou que Lews Therin se pronunciasse para que ele pudesse dizer a si mesmo que o outro sim era um louco e ele era são. O que sentia eram os olhares das governantes mortas de Andor, ou seria Alanna? Avançou até a porta e a abriu com um tranco. Nandera e Caldin estavam acorados sob uma tapeçaria de pássaros coloridos.

— Reúnam a escolta — declarou. — Vou a Cairhien. Por favor, não contem a Aviendha.





PRESENTES

Durante a caminhada de volta para o acampamento das Sábias, Egwene tentava se recompor, mas era como se seus pés sequer tocassem o chão. Ela sabia que não era o caso, já que cada passo contribuía para as ondas de poeira varridas pelas lufadas de vento quente. Tossindo, ela desejou que as Sábias também usassem véus. Um xale enrolado na cabeça não produzia o mesmo resultado e ela se sentia como uma tenda de vapor ambulante. Ainda assim, a sensação era de que caminhava nas nuvens. O cérebro parecia girar, e não era por conta do calor.

Primeiro achou que Gawyn não fosse encontrá-la, mas ela o viu assim que começou a caminhar pela multidão. Os dois acabaram passando a manhã inteira de mãos dadas na sala privada da estalagem O Homem Comprido, conversando enquanto tomavam chá. Egwene foi completamente descarada e o beijou logo que a porta se fechou, sem nem dar a Gawyn tempo de tomar a iniciativa, e chegou até a se sentar no colo dele, embora não por muito tempo. Aquilo a fez se lembrar dos sonhos de Gawyn, e ela considerou voltar a visitá-lo enquanto dormiam, fantasiando coisas que nenhuma mulher decente deveria sequer cogitar! Ao menos não uma mulher solteira. Com a reprimenda mental, ela se levantara de um pulo, feito corça assustada, o que acabou por assustá-lo também.

Olhou em volta, ansiosa. As tendas ainda estavam a meia milha de distância, e não havia viva alma por perto. Mesmo se houvesse alguém, não teria notado como ela corara. Reparando que sorria feito uma idiota por trás do xale, Egwene tratou de ficar séria. Luz, precisava se controlar. Tinha que esquecer a sensação dos braços fortes de Gawyn e se lembrar de por que tinham passado tanto tempo no salão da estalagem.

Enquanto abria caminho pela multidão, deu uma olhada ao redor, em busca de Gawyn, tentando — sem sucesso — parecer despreocupada. Afinal, não queria que ele pensasse que estava desesperada para vê-lo. De repente, um homem se inclinou para perto dela e sussurrou:

— Me siga até O Homem Comprido.

Egwene deu um pulo — não conseguiu evitar. Levou um momento para reconhecer Gawyn, que usava um casaco marrom simples com uma fina sobrecapa pendendo às costas, o capuz puxado quase escondendo o rosto. Não era o único de capa nos arredores — todos os não Aiel que iam para além das muralhas da cidade sempre as usavam —, mas poucos mantinham o capuz levantado naquele calor infernal.

Ela agarrou a manga dele com força quando Gawyn tentou ir andando na frente.

— O que o faz pensar que vou seguir você até uma estalagem, Gawyn Trakand? — perguntou, estreitando os olhos. Ainda assim, manteve a voz baixa. Não havia por que atrair olhares. — A gente ia caminhar. Se você está achando

que...

Gawyn fez uma careta e se apressou a responder, aos sussurros:

— As mulheres com quem vim para cá estão atrás de uma pessoa. Uma mulher com a sua descrição. Elas não falam muito perto de mim, mas escutei aqui e ali. Venha comigo.

Sem nem olhar para trás, ele saiu a passos largos, e Egwene não teve opção senão segui-lo, mesmo com o estômago se revirando.

As lembranças devolveram firmeza a seus pés. O chão, assado pelo sol, estava tão quente que ela sentia o calor através da sola das botas macias — um calor quase tão intenso quanto o dos paralelepípedos da cidade. Egwene não conseguia parar de pensar no encontro enquanto se arrastava em meio à poeira. Gawyn não sabia muito mais do que lhe contara naquele primeiro momento e argumentou que poderiam não estar atrás dela em especial, bastava que Egwene tomasse cuidado ao canalizar e que tentasse o máximo possível ficar fora de vista. O problema era que nem mesmo ele parecia muito convencido daquilo que dizia, ainda mais depois de ter tentado disfarçar as roupas de guardião. Egwene evitou mencionar o que ele vestia, pois Gawyn já parecia preocupadíssimo com os problemas que ela teria se aquelas Aes Sedai a encontrassem, ou se o seguissem e chegassem até ela, embora tenha deixado bem claro que não estava disposto a parar com aqueles encontros furtivos, mesmo que a sugestão tivesse partido dele próprio. Aliás, Gawyn estava convencido de que Egwene precisava encontrar um jeito de voltar às escondidas para Tar Valon e se restabelecer na Torre — isso ou fazer logo as pazes com Coiren e as outras e voltar com elas. Luz, Egwene devia ter se irritado por ele achar que sabia o que seria melhor para seu futuro mais do que ela própria. Ainda assim, por algum motivo, pensar naquilo só a fazia querer abrir um sorriso indulgente — mesmo agora. Por algum motivo misterioso, seu cérebro parecia parar de funcionar quando o assunto era Gawyn. Sem falar que o rapaz parecia surgir em sua mente o tempo inteiro, mesmo quando ela estava pensando em outras coisas.

Egwene mordeu o lábio inferior e se concentrou no verdadeiro problema: as Aes Sedai da Torre. Se ao menos conseguisse dar um jeito de interrogar Gawyn... Não seria traição fazer só algumas perguntinhas, saber quais eram as Ajahs, para onde iam ou... Não! A promessa que fizera fora para si mesma, mas quebrá-la traria desonra a ele. Nada de perguntas. Só o que Gawyn contasse espontaneamente.

E não importava o que ele dissesse, não havia motivo nenhum para acreditar que aquelas mulheres estavam atrás de Egwene al’Vere — mas também precisava admitir, mesmo relutante, que não havia motivos para pensar que não estavam atrás dela, apenas suposições e esperanças. Mesmo que uma agente da Torre não reconhecesse Egwene al’Vere nos trajes de uma Sábia, isso não significava que a agente nunca tivesse escutado seu nome ou ouvido falar de Egwene Sedai da Ajah Verde. Ela fez careta. Dali em diante, precisaria tomar muito cuidado quando fosse à cidade. Mais cuidado do que já estava pensando em tomar.

Chegou na área das tendas. O acampamento se espalhava por várias milhas, cobrindo as colinas a leste da cidade, arborizadas ou não. Aiel se moviam por entre as tendas baixas, mas havia poucos *gai’shain* por perto. E não se via nenhuma Sábia. Egwene quebrara uma promessa que fizera a elas — a Amys, na verdade, mas que se estendia para todas. O argumento da necessidade que tivera de quebrar a promessa parecia um junco cada vez mais fino para sustentar a mentira.

— Venha se juntar a nós, Egwene — chamou uma voz feminina.

A não ser que estivesse cercada de garotas muito jovens, Egwene não era difícil de identificar entre os Aiel, mesmo com a cabeça coberta. Surandha, aprendiz de Sorilea, enfiara a cabeça de cabelos louro-escuros para fora de uma das tendas e acenava para ela.

— As Sábias se reuniram de novo entre as tendas, todas elas, e disseram que temos o dia só para nós. O dia todo.

Aquele era um luxo raro, que Egwene não deixaria passar.

Lá dentro, encontrou algumas mulheres deitadas, esparramadas sobre almofadas, lendo à luz de

lamparinas a óleo — a tenda ficava fechada para bloquear a poeira, o que também deixava o interior escuro — e outras sentadas costurando, tricotando ou bordando. Duas brincavam com barbantes, em um jogo complexo de cama de gato. A tenda estava tomada por um murmúrio baixo de conversas casuais, e várias das presentes trocavam sorrisos. Nem todas eram aprendizes, havia visitas: duas mães e diversas irmãs-primейras. As aprendizes mais velhas usavam tantas joias quanto as Sábias, e todas estavam com as blusas desamarradas e os xales enrolados na cintura, embora o calor retido na tenda não parecesse incomodá-las.

Um *gai'shain* ia de um lado ao outro oferecendo chá. Algo no modo como ele se movia indicava que se tratava de um artesão, não de um *algai'd'siswai*. Tinha o rosto duro dos Aiel, ainda que parecesse um pouco mais delicado em comparação, e manter o comportamento dócil não parecia demandar tanto esforço dele. O sujeito usava uma daquelas bandanas vermelhas que o identificavam como *siswai'aman*. Nenhuma das mulheres parecia se incomodar com aquilo, mesmo que os *gai'shain* supostamente só devessem usar branco.

Egwene amarrou o xale na cintura e aceitou, agradecida, um pouco de água para lavar as mãos e o rosto, então desfez alguns dos laços da blusa e foi ocupar uma almofada vermelha com borlados entre Surandha e Estair, a aprendiz ruiva de Aeron.

— Por que as Sábias se reuniram? Alguém sabe o motivo?

Mesmo tendo perguntado aquilo, seu pensamento não estava nas Sábias — pensava em como não tinha a menor intenção de evitar a cidade. Concordara em visitar a estalagem do Homem Comprido a cada manhã, no caso de Gawyn estar lá, mesmo que o sorriso afetado da estalajadeira roliça tivesse feito suas bochechas arderem — só a Luz sabia o que a mulher devia pensar dela! Ainda assim, estava certo de que não tentaria mais ouvir as conversas na mansão de Lady Arilyn. Depois de se despedir de Gawyn, fora ver a casa — chegara quase perto o bastante para sentir que a canalização prosseguia lá dentro, mas acabou indo embora depois de uma espiadela da esquina. Só de chegar perto, era tomada pela desconfortável sensação de que Nesune apareceria de repente atrás dela.

— Suas irmãs, é claro — retrucou Surandha, com uma risada. — O que mais deixaria as Sábias aos pinotes, como se tivessem sentado em espinhos de *segade*?

Surandha tinha belas feições fortes, além de grandes olhos azuis, e a risada só a deixava mais bonita. Era cerca de cinco anos mais velha que Egwene e conseguia canalizar com tanta força quanto muitas das Aes Sedai. A jovem aguardava, ansiosa, o chamado para ser dona do próprio forte. Claro que, enquanto isso, ainda pulava só de Sorilea *pensar* em mandá-la pular.

— Deveríamos mandar Sorilea ir falar com elas — sugeriu Egwene, aceitando uma xícara de chá de listras verdes que o *gai'shain* lhe ofereceu.

Gawyn havia comentado que a Jovem Guarda estava ocupando todos os quartos que as Aes Sedai tinham deixado livres, e mesmo assim parte deles teve que se hospedar nos estábulos — com isso, o rapaz deixara escapar que não havia mais espaço nem para uma copeira e que as Aes Sedai não pareciam preparar mais quartos. Uma boa notícia.

— Sorilea conseguiria fazer até mesmo Aes Sedai se sentarem direito — acrescentou Surandha, jogando a cabeça para trás de tanto rir.

A risada de Estair foi mais tímida e um pouco escandalizada. A jovem esbelta de olhos cinza e sérios costumava se comportar sempre como se houvesse uma Sábia de olho. Egwene ficava muito impressionada em pensar como Sorilea tinha uma aprendiz tão alegre e divertida, enquanto Aeron, uma mulher agradável e sorridente que nunca usava palavras ríspidas, tinha uma aprendiz que parecia caçar regras para obedecer.

— Acredito que seja por causa do *Car'a'carn* — ponderou Estair, completamente séria.

— Por quê? — perguntou Egwene, sem muita atenção.

Teria mesmo que evitar a cidade. A não ser pelos encontros com Gawyn, claro — por mais

constrangedor que fosse ter que admitir, não abdicaria de encontrá-lo por nada menos que a certeza de que Nesune a aguardava na sala privativa do Homem Comprido. O que significava que voltaria a caminhar ao redor das muralhas da cidade para se exercitar, no meio de toda a poeira do vento. Aquela manhã fora uma exceção, mas não daria nenhuma desculpa às Sábias para postergar seu retorno a *Tel'aran'rhiod*. Naquela noite, as mulheres se encontrariam sozinhas com as Aes Sedai de Salidar, mas, dali a sete noites, Egwene estaria com elas.

— O que ele fez agora? — indagou para as outras duas.

— Você não ficou sabendo? — perguntou Surandha.

Dali a dois ou três dias, poderia ir atrás de Nynaeve e Elayne, ou falar com elas em seus sonhos — tentar falar, ao menos. Nunca dava para ter certeza de que a pessoa sabia que aquilo era mais que um sonho, a menos que também estivesse habituada a se comunicar daquela forma, o que Nynaeve e Elayne decerto não estavam. Egwene só conversara com elas nos sonhos uma única vez. Em todo caso, pensar em se encontrar com elas ainda a deixava um tanto desconfortável, e tivera mais um quase pesadelo meio nebuloso a respeito. Quando uma das duas falava, tropeçava e caía de cara no chão, deixava cair uma xícara ou um prato ou derrubava um vaso — sempre algum objeto que se estilhaçava com o impacto. Desde que interpretara o sonho sobre Gawyn se tornar seu Guardião, vinha fazendo o mesmo esforço com todos os outros sonhos que tinha. Claro que ainda não conseguira nenhuma interpretação sensata, mas tinha certeza de que aquele sonho em especial guardava algum significado. Talvez fosse melhor esperar o encontro seguinte para falar com uma das duas. Além disso, poderia acabar trombando de novo com os sonhos de Gawyn, ser atraída para eles. Suas bochechas coravam só de pensar.

— O *Car'a'cam* voltou — anunciou Estair. — Ele vai se encontrar com suas irmãs hoje à tarde.

Gawyn e os sonhos desapareceram da mente, e Egwene franziu o cenho para a xícara de chá. Duas visitas em dez dias. Era atípico dele voltar em tão pouco tempo. Por que teria vindo? Será que soubera das Aes Sedai enviadas da Torre? Como? Além disso, só a presença dele já provocava a pergunta de sempre: *como ele faz aquilo?*

— Como ele faz o quê? — indagou Estair.

Egwene piscou, sobressaltada, reparando que falara em voz alta.

— Como ele consegue me deixar com esse nó no estômago?

Surandha balançou a cabeça em comiseração, mas também sorriu:

— Ele é homem, Egwene.

— Ele é o *Car'a'cam* — ressaltou Estair, com muita ênfase e mais que um toque de reverência. Egwene não ficaria surpresa se ela passasse a usar aquela faixa idiota enrolada na cabeça.

Surandha logo confrontou Estair, querendo saber como a outra mulher conseguiria lidar com um chefe de forte ou, pior ainda, um chefe de clã ou de ramo, se não entendia que nenhum homem deixava de ser homem só porque era um líder. Estair retrucou, enfática, que o caso do *Car'a'cam* era diferente. Mera, uma das mais velhas na tenda, que viera para visitar a filha, inclinou-se na direção das três e disse que lidar com qualquer chefe, fosse de forte, de ramo, de clã ou o próprio *Car'a'cam*, era o mesmo que lidar com um marido. O comentário suscitou uma gargalhada de Baerin, também ali para visitar a filha, que completou dizendo que aquela era uma boa maneira de fazer uma senhora do teto depositar sua faca aos pés dela — uma declaração de rixa. Baerin tinha sido Donzela antes de se casar, mas qualquer um poderia declarar uma rixa contra qualquer Aiel que não fosse uma Sábia ou um ferreiro. Não importava: antes mesmo que Mera terminasse seu primeiro comentário, todas as presentes — exceto os *gai'shain*, claro — já tinham se metido na conversa, massacrando a pobre Estair. O *Car'a'cam* era um chefe entre os chefes e nada mais, isso era certo. A conversa prosseguiu em uma discussão sobre se era melhor abordar um chefe diretamente ou por meio de sua senhora

do teto.

Egwene não prestou muita atenção ao falatório. Claro que Rand não cometeria nenhuma tolice. Seu amigo se mostrara relutante em relação à carta de Elaida, mas, ainda assim, acreditara na sinceridade da mensagem de Alviarin — que, além de ser mais cordial, era absolutamente lisonjeira. Rand achava que tinha encontrado amigas e até mesmo seguidoras na Torre. Egwene duvidava muito. Com ou sem os Três Juramentos, estava convencida de que Elaida e Alviarin tinham mancomunado para escrever aquela segunda carta, mesmo com toda aquela besteirada de “servir sua glória”. Tudo não passava de uma artimanha para levá-lo até a Torre.

Encarando as próprias mãos, arrependida, Egwene suspirou e largou o chá. A xícara foi recolhida antes mesmo que pudesse afastar as mãos.

— Preciso ir — anunciou para as duas outras aprendizes. — Acabei de me lembrar que ainda preciso resolver um assunto.

Surandha e Estair falaram que queriam ir junto — na verdade, estavam prestes a se levantar e ir com ela, pois os Aiel nunca falavam da boca para fora —, mas algo no debate lhes chamou a atenção, e elas não discutiram quando Egwene insistiu que ficassem. Enrolando o xale de volta na cabeça e deixando as vozes cada vez mais elevadas para trás — Mera ia dizendo a Estair, sem um pinga de hesitação, que jovem até poderia se tornar uma Sábia, algum dia, mas que até lá ainda tinha muito o que aprender com uma mulher que dera conta de um marido e criara três filhas e dois filhos sem nenhuma esposa-irmã para ajudar —, Egwene saiu para a poeira e o vento.

Já na cidade, tentou se esgueirar pelas ruas cheias sem parecer muito furtiva, tentou ficar atenta aos arredores enquanto aparentava olhar apenas para o caminho que seguia. As chances de trombar com Nesune eram pequenas, mas... À frente, duas mulheres com vestidos muito sóbrios e aventais engomados deram um passo para o lado, desviando uma da outra. Por azar, ambas escolheram o mesmo lado e acabaram ficando cara a cara. Depois de murmurarem desculpas, deram mais um passo para o lado — o mesmo lado. Mais desculpas e, como se dançassem, foram outra vez mais um passo para o mesmo lado. Quando Egwene as ultrapassou, as duas ainda estavam andando de um lado para o outro em perfeita sincronia, os rostos já corando, as desculpas sendo engolidas por trás dos lábios comprimidos. Egwene não fazia ideia de quanto tempo aquilo ainda poderia durar, mas serviu para lembrá-la de que Rand estava na cidade. Luz, quando ele estava por perto, não seria nem um pouco absurdo se acabasse de cara com as seis Aes Sedai da Torre justo no instante em que uma lufada de vento arrancasse seu xale da cabeça e três pessoas gritassem seu nome e a chamassem de Aes Sedai. Com ele por perto, não acharia absurdo nem se desse de cara com Elaida.

Avançou, apressada, cada vez mais preocupada com a possibilidade de sofrer a influência de *ta'veren* de Rand, o olhar cada vez mais irritado. Por sorte, uma Aiel irritada de rosto coberto — aquelas pessoas ao menos sabiam da diferença entre um xale e um véu? — fazia todos saírem do caminho, o que lhe permitia acelerar o passo até quase correr. Ainda assim, ela não respirou tranquila até se enfiar no Palácio do Sol, entrando por uma portinha de empregados que ficava nos fundos.

Um forte cheiro de comida no fogo pairava no corredor estreito, e mulheres e homens de libré andavam às pressas de um lado a outro. Foi recebida pelos olhares atônitos de alguns serviçais descansando sem o casaco e algumas criadas que se abanavam com o avental. Provavelmente não era comum ver ninguém além dos serviçais tão perto das cozinhas, muito menos uma Aiel. Todos pareciam esperar que ela fosse tirar uma lança de debaixo das saias.

Egwene apontou para um homenzinho rechonchudo que enxugava o pescoço com um lenço.

— Sabe onde está Rand al'Thor?

O sujeito levou um susto, voltando os olhos para os colegas, que já se afastavam. Ele batia os pés, ansioso, doido para ir atrás dos outros.

— O Lorde Dragão, é... Senhora? Nos aposentos dele? É o que eu acho, ao menos. — Ele começou a se

virar de lado, curvando-se em uma medida. — Se a Senhora... é... se milady me permitir, preciso voltar para o...

— Você vai me levar até lá — interrompeu Egwene, a voz firme. Dessa vez, não ficaria perambulando à toa.

Voltando os olhos uma última vez em busca dos amigos desaparecidos, o sujeito suprimiu um suspiro, lançou um rápido olhar assustado para ver se não a havia ofendido e disparou atrás do casaco. O homem sabia se orientar muito bem naquele emaranhado de corredores palacianos, andando rápido e fazendo uma medida a cada curva. Quando, com uma última reverência, o sujeito enfim apontou para as portas altas decoradas com sóis nascentes dourados e vigiadas por uma Donzela e um Aiel, Egwene sentiu uma pontada de desdém e o dispensou. Não conseguia entender por que sentira aquilo quando o sujeito estava apenas fazendo o que era pago para fazer.

Quando ela se aproximou, o Aiel se levantou. Era um sujeito de meia-idade e *muito* alto, com um tórax e ombros que lembravam os de um touro e olhos cinzentos e frios. Egwene não o conhecia, e o Aiel parecia prestes a mandá-la embora. Por sorte, ela conhecia a Donzela.

— Deixe-a passar, Marie — disse Somara, abrindo um sorriso. — Esta é a aprendiz de Amys, e também de Bair e Melaine. A única aprendiz que eu conheço que serve a três Sábias. E, pela cara dela, foi enviada às pressas com palavras bem contundentes para Rand al'Thor.

— Às pressas? — O gracejo de Marie não suavizou a dureza de seu rosto ou de seus olhos. — Parece mais que veio se arrastando.

Ele retomou a posição de guarda.

Egwene não precisou perguntar o que ele queria dizer. Desenterrou um lenço do fundo da bolsa do cinto e esfregou o rosto. Ninguém era levado a sério sujo daquele jeito, e Rand precisava ouvi-la com atenção.

— São mesmo palavras importantes, Somara. Espero que ele esteja sozinho. As Aes Sedai ainda não vieram?

O lenço voltou cinza, e ela o devolveu à bolsa com um suspiro.

Somara balançou a cabeça.

— Ainda falta um bom tempo para elas chegarem. Você vai pedir para ele tomar cuidado? Não tenho intenção de desrespeitar suas irmãs, mas ele se joga sem pensar onde vai cair. É muito cabeça-dura.

— Vou pedir, sim.

Egwene não conseguiu suprimir um sorrisinho. Já ouvira Somara falar daquele jeito, com o tom orgulhoso e exasperado que uma mãe teria ao falar de um filho excessivamente aventureiro de dez anos de idade — e ouvira o mesmo tom sendo usado por outras Donzelas. Só podia ser alguma brincadeira Aiel. Bem, mesmo que não entendesse do que se tratava, apoiava qualquer comportamento que evitasse que Rand acabasse muito cheio de si.

— Também vou mandar ele lavar as orelhas. — Somara até assentiu, antes de se conter e voltar à expressão séria. Egwene respirou fundo. — Somara, minhas irmãs não podem saber que estou aqui. — Marie, que examinava cada serviçal que cruzava o corredor, a encarou com curiosidade. Egwene precisava tomar cuidado. — Nós não somos muito próximas, Somara. Na verdade, dá para dizer que sempre fomos o mais distantes possível, em se tratando de irmãs.

— Não há rixa pior que as rixas entre irmãs-primeiras — afirmou Somara, assentindo. — Entre. Não direi nada a elas sobre você. E se a língua de Marie ficar muito agitada, dou um nó nela.

Marie apenas abriu um leve sorriso, sem nem olhar para Somara — a mulher batia abaixo de seu ombro e devia ter metade de seu peso.

As Donzelas sempre a mandavam entrar sem ser anunciada, o que já causara alguns constrangimentos, mas dessa vez ela não encontrou Rand tomando banho. Só de olhar, dava para notar que aqueles eram os

antigos aposentos reais, e a antessala estava mais para uma miniatura de sala do trono — ou melhor, miniatura se comparada à verdadeira. As únicas curvas na decoração eram os raios ondulosos de um sol dourado, cada um de uma braçada de largura, gravados no piso de pedra polido. Espelhos altos em molduras de ouro austeras enfileiravam-se nas paredes sob largas faixas retas com douraduras, e a enorme cornija da lareira era toda de triângulos dourados que se sobrepunham feito escamas. Poltronas cobertas de douraduras estavam dispostas de cada lado do sol nascente, em duas fileiras tão rígidas quanto os espaldares altos, uma perfeitamente de frente para a outra. Rand estava sentado em uma poltrona com o dobro de douraduras e o espaldar duas vezes mais alto que as outras apoiada sobre um pequeno estrado também incrustado de douraduras. O jovem trajava um casaco de seda vermelho com bordados de ouro, ostentando uma careta de preocupação enquanto segurava aquela lança Seanchan entalhada apoiada no cotovelo. Parecia um rei — um rei prestes a cometer um assassinato.

Egwene apoiou os punhos cerrados na cintura.

— Somara disse que você devia ir lavar estas orelhas agora mesmo, meu jovem — ralhou, fazendo-o erguer a cabeça.

A surpresa e o leve ultraje duraram apenas um instante. Abrindo um sorriso, Rand se levantou e largou a ponta de lança no assento da cadeira.

— Luz, o que você andou fazendo? — perguntou ele, atravessando o aposento, agarrando-a pelos ombros e virando-a de frente para o espelho mais próximo.

Egwene fez uma careta involuntária. Que visão. A poeira que atravessara o xale — poeira não: já virara lama, com todo aquele suor — desenhava linhas em suas bochechas e espirais nos pontos de sua testa que esfregara com o lenço antes.

— Vou mandar Somara providenciar um pouco de água — afirmou ele, seco. — Talvez ela ache que é para as minhas orelhas.

Ah, aquele sorriso insuportável!

— Não precisa — respondeu Egwene, com o máximo de dignidade que conseguiu reunir. Não iria simplesmente se lavar com ele ali, assistindo. Puxou o lenço encardido da bolsa e tentou dar um jeito nas piores partes. — Daqui a pouco você vai se encontrar com Coiren e as outras. Não preciso avisar que elas são perigosas, preciso?

— Acho que você acabou de avisar. Bem, nem todas elas virão. Eu disse que não receberia mais que três, então apenas três foram enviadas. — Pelo espelho, Egwene notou a cabeça dele se inclinando, como se estivesse ouvindo alguma coisa. Rand assentiu, a voz baixando até não passar de um murmúrio: — É, consigo dar conta de três, se não forem muito fortes. — De repente, ele pareceu notar que era observado. — Claro que, se alguma delas for Moghedien de peruca, ou Semirhage disfarçada, vou acabar encrencado.

— Rand, você precisa levar isso a sério. — O lenço não estava ajudando muito. Com toda a relutância do mundo, cuspiu no tecido para ver se melhorava. Não havia maneira digna de cuspir em um lenço. — Eu sei o quanto você é forte, mas elas são Aes Sedai. Você não pode se comportar como se fossem apenas camponesas. Mesmo que ache que Alviarín *vai* se ajoelhar aos seus pés, junto com todas as amigas que trouxe, essas mulheres foram enviadas por Elaida. Você não pode acreditar que virão com qualquer intenção além de atar uma coleira em seu pescoço. Serei franca e direta: você deveria mandar todas embora.

— E confiar nas suas amigas escondidas? — indagou ele, a voz suave. Suave demais.

Egwene concluiu que não havia como dar jeito no rosto. Devia ter deixado Rand mandar trazer água. Bem, não tinha mais como pedir, não depois de ter recusado.

— Você sabe que não pode confiar em Elaida — advertiu, hesitante, virando-se para ele. Lembrando-se do desfecho da última conversa, não queria nem mencionar as Aes Sedai de Salidar. — Você sabe.

— Eu não confio em nenhuma Aes Sedai. Elas... — Ele hesitou, como se fosse usar alguma palavra...

Egwene não fazia ideia de qual poderia ser. — Elas tentarão me usar, e eu tentarei usar cada uma delas. Uma bela troca, não acha?

Se Egwene algum dia tivesse considerado a possibilidade de deixá-lo chegar perto das Aes Sedai de Salidar, teria desistido ao ver o olhar de Rand — era tão duro e gélido que ela ficou arrepiada.

Talvez, se ele ficasse zangado o bastante, se trocasse farpas com Coiren até obrigar a missão diplomática a voltar para a Torre de mãos abanando...

— Se você acha uma bela troca, então suponho que seja. Você é o *Dragão Renascido*, afinal. Bem, já que pretende continuar com isso, então é melhor fazer as coisas direito. Só não se esqueça de que são Aes Sedai. Até um rei trata as mulheres da Torre com respeito, mesmo quando não concorda com o que dizem. E até um Rei iria correndo a Tar Valon, se fosse convocado. Até os Grão-senhores tairenos iriam, até Pedron Niall. — Ah, o tonto voltou a sorrir; ou pelo menos exibiu os dentes, já que o restante do rosto estava tão inexpressivo quanto uma pedra de rio. — Espero que esteja prestando atenção, estou tentando ajudar. — Bem, e estava. Só não do jeito que ele pensava. — Se quer usar essas mulheres, não pode deixá-las feito gatas arrepiadas. Elas não ficarão mais impressionadas do que eu com você, Dragão Renascido, mesmo com esses casacos enfeitados, esse trono e esse cetro idiota. — Egwene olhou com desprezo para a ponta de lança borlada. Luz, aquele troço lhe causava arrepios! — As Aes Sedai não cairão de joelhos quando chegarem, e você não vai morrer por isso. Também não vai morrer se demonstrar alguma cortesia. Curve esse seu pescoço teimoso. Não é humilhação agir com a deferência apropriada, mostrar um pouco de humildade.

— A deferência apropriada — repetiu ele, pensativo. Suspirando, Rand balançou a cabeça com pesar e passou a mão no cabelo. — Bem, suponho que eu não possa falar com uma Aes Sedai como falo com um lorde qualquer que vem tramando contra mim. É um bom conselho, Egwene. Vou tentar. Serei humilde feito um rato.

Tentando não parecer espantada, Egwene disfarçou os olhos arregalados esfregando o rosto com o lenço. Não podia afirmar com certeza se os olhos estavam a ponto de saltar das órbitas, mas achou que deviam. A vida inteira, sempre que apontava que era melhor ir pela direita, Rand levantava o queixo e insistia na esquerda! Por que ele teve de escolher justo aquele momento para ouvi-la?

Havia algo de bom no jeito como as coisas estavam? Ao menos não faria mal a ele demonstrar algum respeito. Mesmo que elas estivessem do lado de Elaida, a ideia de alguém se mostrar impertinente com qualquer Aes Sedai de fato a aborrecia. Só que ela *queria* que ele fosse impertinente, tão arrogante quanto jamais havia sido. Não havia razão para tentar desfazer aquilo, não havia como. Ele não era obtuso. Apenas irritante.

— Foi só para isso que você veio? — indagou Rand.

Não podia ir embora, não ainda. Talvez tivesse uma chance de consertar as coisas, ou pelo menos de ter certeza de que Rand não era cabeça oca a ponto de concordar em ir para Tar Valon.

— Sabia que tem uma Senhora das Ondas do Povo do Mar num navio lá no rio, o *Borbotão*? — Era uma mudança brusca, mas para um assunto tão bom quanto qualquer outro. — Ela veio ver você, e ouvi dizer que a mulher já está ficando impaciente.

Ficara sabendo por Gawyn. Erian fora remando até o navio para descobrir o que o Povo do Mar estava fazendo tão dentro do continente, mas não recebeu permissão para embarcar. A mulher voltara em tal estado de espírito que, se não fosse Aes Sedai, diriam que estava prestes a explodir de ódio. Egwene tinha mais do que suspeitas de por que aquela gente estava ali, mas não as revelaria para Rand. Seria bom para ele finalmente se encontrar com alguém sem a expectativa de que a outra pessoa fosse se curvar a seus pés.

— Ao que parece, os Atha'an Miere estão por toda parte. — Rand se sentou em uma das cadeiras. Por algum motivo, parecia de bom humor. Egwene podia jurar que não tinha nada a ver com o Povo do Mar. — Berelain disse que tenho que me encontrar com essa Harine din Togara Dois Ventos, mas, se a mulher tiver

metade do gênio que Berelain relatou, então pode esperar. Já tenho que lidar com uma boa quota de mulheres zangadas, por enquanto.

Aquilo era quase uma abertura, mas não era o suficiente.

— Não consigo entender por quê. Você é tão cativante. — Egwene se arrependeu assim que falou. Aquelas palavras só reforçavam o que *não* queria que ele fizesse.

Rand franziu o cenho — não pareceu nem ter ouvido o comentário ácido.

— Egwene, sei que você não gosta de Berelain, mas a questão não vai muito além disso, não é? Quer dizer, você é tão boa em se passar por Aiel que dá para imaginá-la se oferecendo para dançar as lanças com ela. Berelain estava incomodada com alguma coisa, parecia desconfortável, mas não queria dizer o que era.

Bem, talvez tivesse encontrado um homem que lhe tivesse dito não. Bastaria isso para deixar a Primeira de Mayene tremendo nas bases.

— Não troquei nem dez palavras com ela desde que saímos da Pedra de Tear, e não nos falamos muito mais que isso por lá. Rand, você não acha que...

Uma das portas se abriu só o suficiente para deixar entrar Somara, que a fechou depressa atrás de si.

— *Car'a'carn*, as Aes Sedai estão aqui.

Rand virou a cabeça para a porta, o rosto duro feito pedra.

— Elas só deveriam chegar daqui a...! Ah, estão pensando que vão me pegar de guarda baixa, é? Elas precisam aprender quem é que dita as regras por aqui.

Egwene não se importaria nem se as mulheres da Torre estivessem tentando flagrar Rand só com as roupas de baixo. Berelain desapareceu da sua mente. Somara gesticulou, discretamente, parecendo expressar sua pena de Egwene. Bem, também não se importava com aquilo. Se pedisse, sabia que Rand poderia evitar que as mulheres a levassem. Só teria que ficar perto dele dali em diante, para que as mulheres não a atacassem e a blindassem assim que botasse a cara na rua, levando-a embora às pressas. Bastava pedir e se colocar sob a proteção dele. A diferença era minúscula entre isso ou ser arrastada de volta para a Torre dentro de uma saca — tão tênue que lhe fez doer o estômago. Primeiro porque jamais se tornaria Aes Sedai se ficasse se escondendo atrás dele, segundo porque a ideia de ficar escondida atrás de quem quer que fosse a irritava demais. Só que as enviadas da Torre estavam bem ali, do outro lado da porta, e ela em menos de uma hora poderia acabar metida na tal saca, ou coisa parecida. Respirar fundo e bem devagar não surtiu nenhum efeito para acalmar seus nervos, tão à flor da pele.

— Rand, tem alguma outra saída? Se não tiver, vou me esconder em um dos outros quartos. Elas não podem saber que estou aqui. Rand? Rand! Está me ouvindo?

Rand respondeu, mas não estava falando com ela.

— Ah, você *está* aí! — sussurrou, rouco. — É coincidência demais você pensar nisso justo agora. — Ele encarava o nada com um olhar de fúria, talvez de medo. — Que o queime, me responda! Eu sei que você *está* aí!

Sem conseguir se conter, Egwene umedeceu os lábios. Somara o encarava com o que só poderia ser descrito como preocupação maternal — e Rand nem notava o gracejo da Aiel —, mas Egwene sentia o estômago se retorcer. Ele não podia ter enlouquecido tão rápido. Não podia. Ainda assim, parecia que Rand ouvira alguma voz oculta, momentos antes. Talvez tivesse falado com a tal voz.

Não se lembrava de ter se aproximado tanto dele, mas logo estava com a mão firme contra a testa de Rand. Nynaeve sempre dizia para primeiro verificar se havia febre, mas não fazia ideia se isso adiantaria, àquela altura... Se ao menos ela soubesse mais do que o básico sobre Cura. Bem, também não adiantaria nada. Não se ele estivesse...

— Rand...? Você *está* bem?

Ele se recompôs, afastou o rosto da mão dela e a encarou com desconfiança. No momento seguinte, já

estava de pé, segurando-a pelo braço, praticamente arrastando-a pela sala — ia tão depressa que Egwene quase tropeçou nas próprias saias enquanto tentava acompanhá-lo.

— Fique ali parada — ordenou, ríspido, deixando-a plantada ao lado do estrado, então se afastou um pouco.

Esfregando o braço com vigor suficiente para que Rand não deixasse de reparar, Egwene fez menção de ir atrás dele. Os homens não tinham noção de como eram fortes. Nem mesmo Gawyn, embora, no caso dele, ela não se importasse muito.

— O que você pensa que...?

— Não se mexa! — Então, contrariado, acrescentou: — Ah, que o queime, parece que ondula quando você se mexe. Vou prender no chão, mas mesmo assim é melhor não ficar se mexendo muito. Não sei de que tamanho consigo fazer, e agora não é hora de descobrir.

Somara ficou boquiaberta — deu para ver, mesmo ela tendo fechado a boca logo em seguida.

Prender o que no chão? Do que ele estava falando...? A compreensão se abateu sobre ela, tão de repente que esqueceu de se perguntar quem seria esse “ele”. Rand tecera uma trama de *saidin* em torno dela. Egwene arregalou os olhos. Estava ofegante, respirando rápido demais, mas não conseguia parar. Será que a trama estava muito perto? Cada fiapo de razão lhe dizia que a mácula não poderia escorrer das tramas que ele fizesse — Rand já a tocara com *saidin*, em outra ocasião. Ainda assim, pensar naquilo só fez piorar as coisas. Instintivamente, encolheu os ombros e segurou as saias à frente do corpo, as mãos bem juntas.

— O que...? O que você fez? — Ficou orgulhosa por ter mantido a voz firme. Podia até estar um pouquinho instável, mas nada perto da lamúria que queria deixar escapar.

— Olhe naquele espelho — retrucou ele, rindo. Rindo!

Ela obedeceu, meio a contragosto... e ficou sem fôlego. Ali, no espelho prateado, estava a cadeira dourada sobre o estrado. O reflexo também mostrava parte do aposento. Mas não havia nenhuma imagem dela.

— Eu estou... invisível — sussurrou.

Certa vez, Moiraine escondera todos eles por trás de uma cortina de *saidar*. Mas como Rand aprendera aquilo?

— Muito melhor do que se esconder debaixo da minha cama — comentou, dirigindo-se ao ar, os olhos fixos em um ponto um palmo à direita da cabeça dela. Como se Egwene sequer tivesse *cogitado* essa possibilidade! — Quero que você veja como sei ser respeitoso. Além do quê — ele assumiu um tom mais sério —, talvez você perceba algo que eu deixe passar. E talvez até esteja disposta a me contar o quê, mais tarde. — Com uma risada alta e curta, Rand subiu no estrado, pegou a ponta de lança borlada e se sentou. — Mande elas entrarem, Somara. Permita que a missão diplomática da Torre Branca fale com o Dragão Renascido.

O sorriso retorcido no rosto dele deixou Egwene quase tão desconfortável quanto a proximidade da urdidura de *saidin*. Quão perto estava aquele troço maldito?

Somara saiu da sala, e as portas se abriram de novo momentos depois.

Uma mulher de vestido azul-escuro, muito imponente e rechonchuda, que só podia ser Coiren, vinha à frente. A seu lado, porém uma passada atrás, vinha Nesune, usando uma lã simples marrom, junto de uma Aes Sedai de cabelos negros como penas de corvo trajando seda verde — era muito bonita, de rosto redondo, com lábios fartos e chamativos. Egwene desejou que as Aes Sedai sempre usassem as cores das suas Ajahs — as Brancas usavam sempre que podiam. Não sabia a Ajah daquela terceira mulher, mas não acreditava fosse uma Verde — não com o olhar firme que ela lançou a Rand no instante em que pôs os pés no aposento. Uma serenidade fria quase mascarava o desprezo em seus olhos — e talvez mascarasse, para alguém que não

estivesse acostumado a lidar com Aes Sedai. Será que Rand tinha percebido? Talvez não, já que parecia concentrado em Coiren, cujo rosto era completamente indecifrável. Nesune, claro, estava atenta a tudo, os olhos de pássaro disparando para um lado e para o outro.

Egwene ficou muito grata pelo manto de invisibilidade que ele tecera. Deu batidinhas no rosto com o lenço, que ainda tinha nas mãos, então ficou paralisada. Rand disse que prenderia a trama no chão. Teria mesmo prendido? Luz, pelo pouco que sabia, poderia muito bem estar completamente exposta. Mas então o olhar de Nesune passou por ela sem nenhuma pausa. O suor escorria pelo rosto. Pingava. Que a Luz queimasse Rand! Ficaria perfeitamente feliz escondida debaixo da cama dele.

Atrás das Aes Sedai veio mais uma dúzia de mulheres com roupas simples e sobrecapas ásperas de linho pendendo das costas. A maioria era bem troncuda, mas parecia penar com o peso de dois baús nada pequenos, as alças de latão polido trabalhadas com a Chama de Tar Valon. As serviçais depositaram os baús no chão com suspiros de alívio bem audíveis, alongando os braços e as costas discretamente enquanto as portas se fechavam. Coiren e as outras Aes Sedai mergulharam em medidas na mais perfeita sincronia, ainda que não muito profundas.

Rand se levantou antes mesmo que as três Aes Sedai endireitassem as costas. O brilho de *saidar* cercava as três — tinham se unido. Egwene tentou se lembrar do que vira, de como aquilo era feito. Apesar do brilho intenso, nada abalou a calma em seus rostos quando Rand passou direto, indo até as serviçais, analisando cada um de seus rostos.

O que ele estava...? Ah, claro. Estava querendo se certificar de que nenhuma tinha o rosto de idade indefinida de uma Aes Sedai. Egwene balançou a cabeça, então voltou a ficar imóvel. Rand era um tolo se achava que aquilo bastava. Quase todas as servas pareciam já ter certa idade — não eram velhas, mas já tinham a marca da passagem dos anos —, só que duas eram jovens o bastante para terem sido elevadas havia pouco tempo. Nenhuma era — Egwene só conseguia sentir a capacidade de canalização das três Aes Sedai, e estava perto o bastante para ter sentido, caso houvesse a fagulha em alguma das outras mulheres. Ainda assim, Rand não podia afirmar só de olhar se aquelas mulheres eram ou não capazes de manejar o Poder.

Rand estendeu a mão e ergueu o queixo de uma jovem robusta, encarando-a com um sorriso.

— Não tenha medo — disse ele, baixinho. A mulher cambaleou como se estivesse prestes a desmaiar. Com um suspiro, Rand deu meia-volta. Nem olhou para as Aes Sedai quando passou por elas.

— Vocês não vão canalizar perto de mim — advertiu, firme. — Soltem.

Nesune pareceu pensativa por uma fração de segundo, mas as outras duas permaneceram completamente serenas enquanto ele voltava a se sentar e esfregava o braço. Egwene estivera presente quando ele desenvolveu aquela comichão. Rand acrescentou, com uma voz mais firme:

— Eu disse que vocês não vão canalizar perto de mim. Não vão nem abraçar *saidar*.

Houve um longo momento de hesitação, e Egwene rezou em silêncio. O que Rand faria se as mulheres continuassem abraçando a Fonte? Tentaria cortar a conexão? Interromper o acesso a *saidar* depois que a mulher já o abraçara era bem mais difícil do que criar uma barreira antes de acontecer. Não sabia nem se ele conseguiria lidar com três mulheres ao mesmo tempo, ainda por cima unidas. E pior — o que elas fariam se Rand tentasse alguma coisa? O brilho esvaneceu, e Egwene conseguiu — por pouco — suprimir um enorme suspiro de alívio. Aquela trama que ele fizera a tornava invisível, mas obviamente não isolava o som.

— Bem melhor. — Rand abriu um sorriso caloroso voltado para as três, mas o calor não chegou aos seus olhos. — Vamos começar de novo. Vocês são convidadas de honra e acabaram de entrar aqui neste exato momento.

Elas entenderam, claro. Rand não estava apenas supondo que as três estavam canalizando — ele sabia. Coiren se enrijeceu de leve, e a mulher de cabelos escuros como um corvo arregalou os olhos. Nesune apenas assentiu para si mesma, acrescentando aquilo às anotações mentais. Egwene torcia para que ele tomasse

cuidado — Nesune não deixaria passar nada.

Com esforço visível, Coiren tratou de se acalmar, alisou o vestido e quase ajustou um xale que nem ao menos estava usando.

— Eu tenho a honra — anunciou, com uma voz límpida — de ser Coiren Saeldain Aes Sedai, Embaixadora da Torre Branca e emissária de Elaida do Avriny a'Roihan, a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin.

Com apresentações um pouco menos floreadas, ainda que com as honrarias completas de Aes Sedai, ela anunciou as outras duas. A mulher de olhar firme e cabelos negros era Galina Casban.

— Eu sou Rand al'Thor.

A simplicidade assinalava um contraste nítido. Corina não mencionara o título de Dragão Renascido e ele também não, mas aquela omissão pareceu fazer o título ressoar de leve pela sala.

Coiren respirou fundo, inclinando a cabeça como se ouvisse o tal sussurro.

— Trazemos um nobre convite ao Dragão Renascido. O Trono de Amyrlin tem plena consciência de que os sinais foram dados e as profecias foram cumpridas, de que... — A mulher, sempre com uma voz alta e límpida, chegou rápido demais ao ponto, dizendo que Rand deveria acompanhá-las, “com a honra e o respeito merecidos”, até a Torre Branca, e que, caso ele aceitasse o convite, Elaida oferecia a proteção da Torre e todo o peso de sua autoridade e influência por trás do título de Amyrlin. Seguiu-se mais uma boa dose de discursos floreados antes que ela terminasse com um: — ... e, como símbolo de boa vontade, o Trono de Amyrlin envia este humilde presente.

Coiren se virou para os baús e ergueu as mãos. Então ficou parada, abrindo uma leve careta de irritação. Precisou gesticular duas vezes até que as serviçais compreendessem o que ela queria e puxassem as alças de latão para abrir as tampas dos baús. Ao que parecia, a mulher tivera intenção de abrir as tampas usando *saidar*. Os baús estavam completamente cheios de sacas de couro. Depois de um outro gesto, mais firme, as serviçais começaram a desamarrá-las.

Egwene conteve um suspiro. Não era de se surpreender que aquelas mulheres tivessem precisado de tanto esforço para carregar os baús! As sacas abertas tiveram seu conteúdo derramado: moedas de ouro de todos os tamanhos, anéis reluzentes, colares cintilantes e gemas soltas. Mesmo se as sacas logo abaixo da primeira camada contivessem apenas entulho, tratava-se de uma fortuna.

Reclinando-se na poltrona em forma de trono, Rand examinava os baús com um princípio de sorriso. As Aes Sedai o analisavam, os rostos cobertos com suas máscaras de autocontrole, mas Egwene achou ver um quê de complacência nos olhos de Coiren e um leve desdém nos lábios carnudos de Galina. Mas Nesune... Nesune representava o verdadeiro perigo.

As tampas se fecharam de repente, sem que ninguém as tocasse. As serviçais deram um pinote para trás, sem sequer abafarem os gritinhos de susto. As Aes Sedai se enrijeceram, e Egwene rezava com a mesma intensidade com que o suor escorria do corpo. Claro que queria um Rand arrogante e um tanto insolente, mas apenas o bastante para deixar as três irritadas, não a ponto de elas decidirem tentar amansá-lo ali mesmo.

Foi então que lhe ocorreu que, até o momento, Rand não mostrara nada daquele lado “humilde feito um rato”. Ah, ele nunca sequer tivera a intenção de mostrar humildade, apenas zombara dela! Se não estivesse tão aterrorizada, iria até ele e lhe daria uma bela bofetada na orelha.

— É bastante ouro — afirmou Rand. Parecia tranquilo, o sorriso enchendo o rosto todo. — Eu sempre encontro utilidade para ouro. — Egwene apenas piscou, surpresa. Rand soava quase ganancioso!

Coiren respondeu com um sorriso, uma imagem perfeita de arrogância ponderada.

— O Trono de Amyrlin é de extrema generosidade, claro. Quando você chegar à Torre Branca...

— Quando eu chegar à Torre — interrompeu Rand, como se pensasse alto. — Sim, mal posso esperar pelo dia em que entrarei na Torre. — Ele se inclinou um pouco para a frente, apoiando o cotovelo no joelho, o

Cetro do Dragão dependurado para além das pernas. — Mas, entendam, não posso ir imediatamente. Primeiro tenho compromissos por aqui, além de em Andor e em outros lugares.

Coiren comprimiu os lábios apenas por uma fração de segundo. Ainda assim, sua voz se manteve tranquila e firme como sempre.

— Com certeza não fazemos nenhuma objeção a descansar alguns dias por aqui antes de iniciarmos a jornada de volta a Tar Valon. Enquanto isso, permita-me sugerir que uma de nós fique disponível para aconselhá-lo em caso de necessidade. Ouvimos falar, claro, do triste destino de Moiraine. Não posso me oferecer, mas Nesune e Galina estão à disposição.

Rand analisou a dupla, franzindo o cenho, e Egwene prendeu a respiração. Ele mais uma vez parecia estar ouvindo alguma voz — ou tentando ouvir. Nesune o encarava com a mesma atenção com que ele a analisava. Galina alisou as saias por reflexo, sem nem reparar no que seus dedos faziam.

— Não — respondeu, por fim, recostando-se de volta e repousando os cotovelos nos braços da poltrona. Com aquilo, Rand a fazia parecer ainda mais um trono. — Não é muito seguro. Eu não gostaria que uma de vocês, por acidente, acabasse com uma lança atravessada entre as costelas. — Coiren abriu a boca para protestar, mas ele continuou falando. — Para sua própria segurança, nenhuma de vocês deve ficar a menos de uma milha de mim sem minha permissão. Aliás, o melhor é também manterem essa distância do Palácio, a não ser que eu permita. Vocês serão informadas quando eu estiver pronto para acompanhar a comitiva de volta a Tar Valon. Eu prometo. — Rand se levantou de repente. De cima do estrado, ficava alto o bastante para que as Aes Sedai precisassem levantar o pescoço, e as três deixaram muito claro que desgostavam daquilo tanto quanto das restrições impostas. Três rostos entalhados em pedra ergueram os olhos para fitá-lo. — Agora vou deixar que voltem ao seu descanso. Quanto mais rápido eu conseguir resolver certas questões, mais rápido poderei ir para a Torre. Mandarei avisar quando pudermos nos encontrar outra vez.

As três não ficaram nada satisfeitas com aquela dispensa tão súbita, muito menos com o fato de terem sido dispensadas. Eram as Aes Sedai que definiam quando uma audiência se encerrava. Ainda assim, havia pouco que pudessem fazer além de reverências mínimas, a contrariedade quase esfacelando a famosa calma das mulheres da Torre.

Quando davam meia-volta para ir embora, Rand se pronunciou mais uma vez, em um tom casual:

— Esqueci de perguntar: como está Alviarin?

— Está bem. — Galina passou alguns instantes boquiaberta, os olhos arregalados. Parecia surpresa por ter respondido.

Coiren hesitou, prestes a usar aquela abertura para falar mais, porém Rand já dava sinais de impaciência, quase batendo os pés no chão. Quando as mulheres saíram, ele desceu do tablado ainda carregando a ponta de lança, os olhos fixos nas portas que se fecharam atrás delas.

Egwene não perdeu tempo, foi logo avançando para cima dele.

— Que jogo é este que você está jogando, Rand al'Thor? — Já avançara quase cinco passos quando um vislumbre de seu reflexo nos espelhos a fez perceber que atravessara a tessitura de *saidin*. Pelo menos não reparara quando foi tocada por aquelas tramas cheias de mácula. — Pois bem?

— Ela é uma das mulheres de Alviarin — comentou ele, em tom pensativo. — Galina. Ela é uma das amigas de Alviarin. Posso até apostar.

Egwene parou diante dele e fungou com desdém.

— Você perderia sua moeda e ainda acabaria com um ancinho no próprio pé. Se Galina não é Vermelha, nunca vi uma Vermelha na vida.

— Só porque ela não gosta de mim? — Rand a encarava, e Egwene quase desejou que ele desviasse os olhos. — Porque ela tem medo de mim? — Ele não franziu a testa nem olhou feio para ela. Nem ao menos a encarava com dureza. Ainda assim, seus olhos pareciam saber coisas que ela desconhecia. Egwene odiou aquela

sensação. O sorriso de Rand surgiu tão de repente que ela teve que piscar. — Egwene, espera que eu acredite que você consegue identificar a Ajah de uma mulher só de olhar para o rosto dela?

— Não, mas...

— Seja como for, até as Vermelhas podem acabar me seguindo. Elas conhecem as Profecias tão bem quanto qualquer um. “A torre imaculada se divide e se ajoelha perante o símbolo esquecido.” Foram escritas antes de existir uma Torre Branca, mas o que mais poderia ser essa “torre imaculada”? E o símbolo esquecido? É meu estandarte, Egwene, com o antigo símbolo Aes Sedai.

— Que o queime, Rand al'Thor! — O xingamento que escapou de seus lábios soava mais estranho do que Egwene esperava. Não estava acostumada a dizer aquele tipo de coisa. — Que a Luz o queime! Você não pode estar pensando em ir mesmo com elas. Não pode!

Rand abriu um sorriso divertido. Divertido!

— Ora, eu não fiz o que você queria? Fiz o que você me disse para fazer e o que você queria.

Ela comprimiu os lábios, indignada. Já era ruim que ele soubesse que seus planos tinham falhado, mas era uma verdadeira grosseria jogar na cara dela daquele jeito.

— Rand, por favor, me escute. Elaida...

— A questão é como fazer você voltar para as tendas sem elas descobrirem sua presença. Acho que elas têm olhos-e-ouvidos no Palácio.

— Rand, você precisa...

— Que tal escapulir dentro de um daqueles cestos grandes da lavanderia? Posso mandar duas Donzelas carregarem.

Egwene quase gritou de frustração. Rand estava tão ansioso para se ver livre dela quanto das Aes Sedai.

— Pode deixar que meus próprios pés já são o bastante, obrigada. — Um cesto de lavanderia, ora essa! — Se me dissesse como faz para vir de Caemlyn para cá na hora que quiser, eu não precisaria me preocupar. — Ela não entendia por que era tão difícil perguntar a ele. — Sei que você não tem como me ensinar, mas, se me dissesse como faz, talvez eu pudesse dar um jeito de imitar o truque usando *saidar*.

Em vez de zombar dela, o que Egwene já praticamente esperava que acontecesse, Rand segurou as pontas de seu xale com ambas as mãos.

— Tem o Padrão — começou ele. — Aqui é Caemlyn — um dos dedos da mão esquerda se ergueu, elevando o tecido de lã —, e aqui é Cairhien. — Um dedo da outra mão se ergueu do outro lado, então ele uniu as pontas dos dois dedos. — Eu dobro o Padrão, então faço um buraco de um ponto ao outro. Não sei o que é que escavo para abrir esse buraco, mas não há espaço entre uma ponta e a outra. — Ele deixou o xale cair. — Isso ajuda?

Egwene mordeu o lábio e encarou o xale de cenho franzido, amargurada. Não ajudava em nada. Ficava enjoada só de pensar em abrir um buraco no Padrão. Tivera a esperança de que fosse ser como algo que ela descobrira em relação a *Tel'aran'rhiod* — não que pretendesse usar sua descoberta, claro, mas tivera todo aquele tempo nas mãos, e as Sábias não paravam de resmungar a respeito das perguntas das Aes Sedai sobre como entrar lá em carne e osso. Egwene achava que a solução seria criar uma semelhança — esse parecia o único meio de descrever o que precisava ser feito — entre o mundo real e seu reflexo no Mundo dos Sonhos. O que criaria um lugar onde seria possível simplesmente passar de um mundo para o outro. Se a Viagem de Rand tivesse uma relação mínima com isso, Egwene estaria disposta a tentar. Mas aquilo... *Saidar* sempre obedecia aos desejos de quem canalizava, bastava se ter consciência de que o Poder era muito mais forte que qualquer pessoa e precisava ser conduzido com delicadeza. Tentar forçar algo errado poderia resultar em morte, ou a pessoa acabaria exaurida antes mesmo de conseguir gritar.

— Rand, tem certeza de que não existe um meio de tornar as coisas mais iguais... ou... — Não sabia explicar. Em todo caso, ele balançou a cabeça antes mesmo que ela começasse a diminuir a voz em busca das

palavras certas.

— Me parece muito que essa sua ideia mudaria a tessitura do Padrão. Acho que eu acabaria destruído se tentasse. Eu só faço um buraco — completou, cutucando-a para demonstrar.

Bem, não havia sentido em tentar aprender aquilo. Egwene ajeitou o xale, irritada.

— Rand, e quanto ao Povo do Mar? Não sei nada sobre eles além do que li. — Na verdade sabia, mas não contaria a ele. — Mas deve ser um assunto importante para eles virem tão longe só para falar com você.

— Luz — murmurou Rand, distraído —, você pula de um assunto a outro feito uma gota d'água na frigideira quente. Vou receber o Povo do Mar quando tiver tempo. — Ele esfregou a testa, e seus olhos pareciam não ver. Então piscou, e já a encarava de novo. — Pretende ficar aqui até elas voltarem?

Ao que parecia, Rand queria mesmo se ver livre dela.

Egwene parou diante da porta, antes de sair, mas Rand já começara a andar de um lado a outro pela sala, as mãos entrelaçadas às costas, falando sozinho. Falava bem baixo, mas ela conseguiu entender uma parte:

— Que o queime, onde você está se escondendo? Sei que está aí!

Arrepiada, Egwene saiu. Se Rand estivesse mesmo enlouquecendo, não havia o que fazer. Bem, haveria de ser o que a Roda tecesse, e teriam que lidar com a tessitura que viesse.

Egwene se obrigou a se acalmar quando notou que estava atenta aos serviçais que passavam de um lado a outro do corredor, perguntando-se quais seriam agentes das Aes Sedai. Haveria de ser o que a Roda tecesse. Cumprimentando Somara com um meneio de cabeça, ela endireitou os ombros e fez um esforço enorme para não sair correndo até a entrada de serviço mais próxima.

* * *

Não havia muita conversa no interior da melhor carruagem de Arilyn, que partia do Palácio do Sol seguida pelo carroção que antes levara os baús, mas que agora transportava apenas as serviçais e o condutor. Nesune, que passara um tempo tamborilando sobre as costuras do banco de couro, começou a bater os dedos contra os lábios, pensativa. Que jovem interessante. Um objeto de estudo fascinante. Seu pé encostou em uma das caixas para catalogação de espécimes sob o assento — Nesune nunca ia a lugar algum sem seus compartimentos apropriados para catalogar os novos espécimes que encontrasse. Era de se pensar que o mundo inteiro já tivesse sido catalogado, mas, desde que partiram de Tar Valon, ela já armazenara cinquenta plantas, o dobro de insetos, a pele e os ossos de uma raposa, três tipos de cotovias e nada menos que cinco espécies de esquilos terrestres que tinha certeza de que ainda não estavam em nenhum registro.

— Eu não sabia que você e Alviarin eram amigas — comentou Coiren, depois de um tempo.

Galina fungou com desdém.

— Não é preciso ser amiga dela para saber que ela estava bem quando partimos.

Nesune se perguntou se Galina sabia que estava fazendo um beicinho de irritação. Bem, talvez fosse apenas o formato natural da boca... ora, a pessoa precisava aprender a lidar com o próprio rosto.

— Acha que ele sabia mesmo? — prosseguiu Galina. — Que ele sabia que estávamos... não é possível. Devia ser um palpite.

Nesune quase se aprumou, atenta, mas não parou de tamborilar os lábios. Era um esforço óbvio para mudar de assunto, assim como um sinal de que Galina estava nervosa. O silêncio persistira por todo aquele tempo porque ninguém queria tocar no nome de al'Thor. Ao mesmo tempo, parecia não haver nenhum outro assunto possível. Por que Galina não queria falar sobre Alviarin? As duas decerto não eram amigas; era raro uma Vermelha ter amizade com alguém de outra Ajah. Nesune registrou a dúvida em seu arquivo mental.

— Se era só um palpite, ele poderia fazer fortuna nas apostas das feiras. — Coiren não era boba. Era

explosiva até além da conta, mas não era nada boba. — Não importa o quanto essa ideia pareça ridícula, temos que presumir que ele pode sentir *saidar* numa mulher.

— Isso pode ser um desastre — resmungou Galina. — Não, não é possível. Só pode ter sido um palpite. Qualquer homem capaz de canalizar presumiria que estávamos abraçadas a *saidar*.

Nesune realmente se irritava com aquele beicinho; se irritava com aquela expedição toda. Estaria mais do que feliz em fazer parte da empreitada se tivessem lhe pedido para ir, mas Jesse Bilal não pedira, apenas a colocara no cavalo quase à força. Não importava como eram as coisas nas outras Ajahs, ninguém esperava que a líder do conselho das Marrons agisse daquela forma. E o pior de tudo era que suas acompanhantes estavam tão concentradas no jovem al'Thor que pareciam ter ficado cegas para qualquer outra coisa.

— O que acharam da irmã presente naquela audiência? — indagou, pensando alto.

Talvez não fosse uma irmã — sempre encontrava três Aiel quando ia à Biblioteca Real, e duas delas eram capazes de canalizar. Ainda assim, queria ver as reações das outras. Não estava desapontada — ou melhor, estava. Coiren apenas se endireitou, mas Galina a encarou, chocada. Nesune fez um esforço enorme para conter um suspiro. As duas realmente eram cegas. Tinham ficado a poucas passadas de uma mulher capaz de canalizar, mas não a sentiram só porque não podiam enxergá-la.

— Não sei como ela se escondeu — prosseguiu —, mas vai ser interessante descobrir.

Só podia ter sido obra dele, já que as três teriam notado qualquer tessitura de *saidar*. As outras não perguntaram se ela tinha certeza, pois sabiam que ela sempre deixava claro quando estava apenas conjecturando.

— É uma confirmação de que Moiraine está viva — declarou Galina, recostando-se no assento da carruagem com um sorriso sombrio. — Minha sugestão é mandar Beldeine atrás dela. Aí nós a pegamos e a deixamos amarrada no porão. Isso vai manter a mulher longe de al'Thor, pelo menos. E podemos arrastar Moiraine de volta para Tar Valon junto com o garoto. Duvido de que ele vá perceber, basta ofuscar sua vista com bastante ouro.

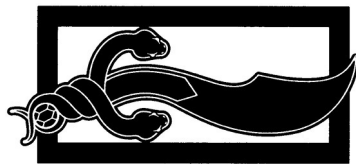
Coiren balançou a cabeça com vigor, em uma negativa enfática.

— Não temos nenhuma confirmação a mais do que já tínhamos, não de Moiraine. Pode ser essa Verde misteriosa. Quanto a essa ideia de descobrir quem quer que seja, eu concordo. Mas precisamos pensar bem antes de agir. Não vou arriscar todo o nosso plano, feito com tanto cuidado. Temos que nos manter cientes de que al'Thor tem uma ligação com essa irmã, quem quer que ela seja, e que ele pode ter pedido mais tempo apenas como uma estratégia. Por sorte, temos tempo.

Galina assentiu, ainda que relutante — a mulher se casaria e iria morar em uma fazenda antes de arriscar os planos.

Nesune se permitiu um suspiro tímido. Além daquela pompa toda, o outro único verdadeiro defeito de Coiren era sua mania de afirmar o óbvio. A mulher de fato tinha a cabeça boa, quando a usava. E de fato tinham tempo. Seu pé encostou outra vez em uma das caixas de espécimes catalogados. Não importava como tudo transcorreria, o registro que pretendia escrever sobre al'Thor seria o ápice de sua vida.





CARTAS

Lews Therin *estava* lá — Rand tinha certeza —, mas em sua mente não havia nenhum sussurro que não fosse dele próprio. No restante do dia, chegou a tentar pensar em outras coisas, por mais inúteis que fossem. Berelain quase perdeu as estribeiras com o tanto de vezes que ele apareceu do nada para perguntar sobre algum assunto que ela era perfeitamente capaz de resolver sozinha. Rand não tinha certeza, mas achava que a mulher começara a evitá-lo. Até Rhuarc começou a se mostrar incomodado depois da décima vez que Rand o encurralou querendo falar sobre os Shaido — os Shaido estavam imóveis, e Rhuarc só via duas saídas: deixá-los em paz na Adaga do Fratricida ou expulsá-los à força. Herid Fel tinha saído sem destino, o que Idrien logo apontou que ele fazia com frequência, ocasiões em que nunca era encontrado em lugar nenhum — quando Fel se perdia em pensamentos, às vezes também se perdia pela cidade. Rand acabou gritando com a diretora. Fel não era culpa dela, muito menos sua responsabilidade, mas Rand a deixou pálida e trêmula. Seu humor oscilava feito uma rajada de trovões varrendo o horizonte. E também gritou com Meilan e Maringil até os dois começarem a tremer nas bases e se retirarem, pálidos, além de reduzir Colavaere a lágrimas e ter chegado a pôr Anaiyella para correr, as saias erguidas até os joelhos. Inclusive, quando Amys e Sorilea foram perguntar o que ele tinha conversado com as Aes Sedai, gritou com as duas também — pela cara que Sorilea fez enquanto as suas Sábias iam embora, suspeitou de que fosse a primeira vez que alguém erguia a voz para ela na vida. Estava incomodado por saber — *sem sombra de dúvida* — que Lews Therin estava ali, que era mais do que uma voz, era um homem escondido dentro de sua cabeça.

Quando a noite caiu, quase teve medo de adormecer, medo de Lews Therin assumir o controle enquanto ele dormia. Quando enfim conseguiu dormir, não parou de se remexer e resmungar em meio a sonhos turbulentos. O primeiro raio de luz que entrou pelas janelas já o acordou — estava de olhos ardidos, embolado em meio aos lençóis molhados de suor, com as pernas doloridas e um gosto de cavalo morto havia seis dias na boca. Todos os sonhos que recordava eram ele correndo de algo que não conseguia ver. Levantou-se da imensa cama de dossel e foi até o lavatório coberto de douraduras. O céu lá fora ainda estava ficando cinza, então os *gai'shain* que trariam a água fresca ainda não tinham aparecido. Bem, a água da noite anterior bastaria.

Estava quase terminando de se barbear quando parou, a lâmina apoiada na bochecha, encarando o próprio reflexo no espelho da parede. Fugindo. Nos sonhos, tivera certeza de que estava correndo para fugir dos Abandonados, ou do Tenebroso, ou de Tarmon Gai'don — talvez até de Lews Therin. Estava tão cheio de si... *claro* que o Dragão Renascido sonharia que era perseguido pelo Tenebroso. Apesar de sempre protestar que ainda era Rand al'Thor, parecia ser tão fácil para ele se esquecer quanto para qualquer outro. Na verdade,

Rand al'Thor tinha fugido de Elayne, de seu medo de amar Elayne, assim como fugira do medo de amar Aviendha.

O espelho se espatifou, os estilhaços caíram no lavatório de porcelana. Os pedaços que sobraram na moldura refletiam uma imagem fragmentada de seu rosto.

Rand soltou *saidin*, enxaguou com cuidado os últimos resquícios de espuma do rosto e se demorou em guardar a lâmina de barbear. Nada mais de correr. Faria o que tinha de fazer, mas sem correr.

Quando saiu, duas Donzelas aguardavam no corredor. Harilin, uma ruiva magricela mais ou menos de sua idade, saiu correndo em busca das outras assim que o viu. Chiarid, uma loura de olhar alegre com idade para ser sua mãe, o acompanhou pelos corredores — os poucos serviçais que circulavam ficaram surpresos em vê-lo tão cedo. Chiarid sempre gostava de fazer piada à custa de Rand quando estavam sozinhos — algumas ele até entendia. A mulher o via como um irmão mais novo que precisava de uns freios para não se envaidecer demais. Naquela manhã, percebendo seu humor, ela ficou calada. Até olhou feio para a espada, mas apenas uma vez.

Nandera e as outras Donzelas os alcançaram antes que chegassem à metade do caminho até o aposento reservado às Viagens. Elas também logo perceberam seu silêncio taciturno, assim como os homens de Mayene e os Olhos Negros que vigiavam a porta de entalhes quadrados. Rand estava começando a achar que conseguiria sair de Cairhien sem que ninguém dissesse uma palavra quando uma jovem usando o vermelho e azul característico dos serviçais de Berelain se aproximou, afobada, e curvou-se em uma mesura profunda justo no instante em que ele abriu o portão.

— A Primeira lhe enviou isso — anunciou a jovem, ofegante, estendendo uma carta com um selo grande e verde. Ela parecia ter corrido até ali. — É do Povo do Mar, milorde Dragão.

Rand enfiou a carta no bolso do casaco e deu um passo à frente, adentrando o portão, ignorando a pergunta da jovem sobre que resposta mandar. Queria um pouco de silêncio. Passou o polegar pelo entalhe do Cetro do Dragão. Seria firme e forte, nada mais de ficar se lamentando.

O ambiente escuro do Grande Salão de Caemlyn trouxe Alanna de volta. Ainda era noite, mas ela estava acordada — Rand sabia disso, assim como sabia que ela estivera chorando, assim como soube que as lágrimas cessaram apenas instantes depois de ele fechar o portão atrás da última Donzela. Ainda restava um emaranhado de emoções caóticas e indecifráveis no fundo da mente, mas tinha certeza de que a Verde sabia que ele voltara. Alanna e seu elo sem dúvida tinham contribuído para sua fuga, mas ele agora aceitava o elo, por mais que não gostasse. Esse pensamento quase o fez soltar uma risadinha amarga. Melhor aceitar, já que não havia o que fazer. Alanna atara nele um fio — Luz, que não passasse disso —, então supostamente só teria problemas se a deixasse se aproximar o bastante para transformar o fio em uma correia. Desejou que Thom Merrill estivesse ali. Thom devia saber tudo sobre Guardiões e elos; ele sabia sobre as coisas mais surpreendentes. Bom, encontraria o menestrel quando encontrasse Elayne. Era isso.

Saidin se abriu em um globo de luz; Fogo e Ar iluminando a saída do salão do trono. Muito acima, as antigas rainhas, cobertas pela escuridão, não o incomodavam nem um pouco. Eram apenas imagens em vidro colorido.

O mesmo não se podia dizer de Aviendha. Quando chegaram aos seus aposentos, Nandera dispensou todas as Donzelas menos Jalani, e as duas entraram com ele para vistoriar os quartos enquanto ele usava o Poder para acender as lâmpadas e largava o Cetro do Dragão em uma mesinha de mármore marchetada, embora com muito menos douraduras do que teria uma equivalente no Palácio do Sol. Toda a mobília ali seguia esse estilo, com menos ouro e mais entalhes, em geral de leões ou rosas. Um imenso carpete vermelho cobria o chão, bordado com rosas de fios de ouro.

Se não estivesse cheio de *saidin*, provavelmente não teria ouvido as passadas suaves das Donzelas. Mas Aviendha surgiu antes mesmo que as duas cruzassem a antessala, embora o barulho não passasse de um

farfalar. A jovem saiu pisando duro do dormitório ainda escuro, os cabelos desgrehados e a faca de cintura na mão. Completamente nua. Quando o viu, a ruiva enrijeceu feito um poste e entrou de volta quase correndo. Notou um leve brilho passar pelas frestas da porta — uma lâmpada acesa. Nandera soltou uma risadinha baixa e trocou olhares divertidos com Jalani.

— Nunca vou entender os Aiel — resmungou Rand, largando a Fonte. — A questão não era as Donzelas considerarem a situação engraçada, fazia tempo que desistira de compreender o humor Aiel. O problema era Aviendha, que achava *muito* engraçado se despir na frente dele antes de dormir, mas parecia uma gata esquada quando revelava sequer um pedacinho de tornozelo sem querer. E claro que ele é que levava a culpa por ter visto.

Nandera deu mais uma risadinha.

— Não são os Aiel que você não entende, e sim as mulheres. Homem nenhum jamais conseguiu compreender as mulheres.

— Por outro lado, os homens são muito simples — observou Jalani.

Rand a encarou, o rosto ainda redondo feito o de uma criança, e ela corou de leve. Nandera parecia prestes a irromper em uma gargalhada.

Morte, sussurrou Lews Therin.

Rand se esqueceu de tudo em volta. *Morte? Como assim?*

A morte vem.

Que tipo de morte?, inquiriu Rand. *Do que você está falando?*

Quem é você? Onde estou?

Rand sentiu como se um punho apertasse sua garganta. Tivera tanta certeza, mas... Bem, era a primeira vez que Lews Therin deixava tão evidente que estava falando com ele. *Eu sou Rand al'Thor. Você está dentro da minha cabeça.*

Dentro...? Não! Eu sou eu mesmo! Eu sou Lews Therin Telamon! Eu sou eeeeeuuuuu!

O grito foi sumindo ao longe.

Volte aqui!, gritou Rand. *Que morte? Responda, que o queime!*

Silêncio. Ele se remexeu, inquieto. Saber era uma coisa, mas ter aquele homem morto dentro dele falando de morte... aquilo o fazia se sentir impuro, era como um leve toque da mácula de *saidin*.

Sentiu um toque no braço e quase voltou a agarrar a Fonte antes de perceber que era Aviendha. Considerando o tempo que se passara, a ruiva devia ter enfiado as roupas às pressas, mas parecia ter levado uma hora arrumando cada fio de cabelo. Diziam que os Aiel não demonstravam qualquer emoção, mas a verdade era que eles apenas eram mais reservados. Para quem sabia o que procurar, seus rostos revelavam tanto quanto o de qualquer povo. Aviendha parecia dividida entre a preocupação e a raiva.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Estava só pensando — respondeu Rand.

Não deixava de ser verdade. *Responda, Lews Therin! Volte aqui e me responda!* Como ele podia ter pensado que gostaria de um pouco de silêncio?

Infelizmente, Aviendha acreditou no que ele disse. Como não havia nada com que se preocupar... ela apoiou as mãos cerradas na cintura. Ah, eis uma coisa que ele compreendia muito bem sobre as mulheres, fossem Aiel ou de Dois Rios ou de qualquer lugar: mãos cerradas em punhos na cintura eram sinônimo de problemas. Nem precisava ter se dado ao trabalho de acender as lamparinas, pois os olhos da ruiva, em brasas, já teriam bastado para iluminar a sala.

— Você saiu sem mim de novo. Prometi às Sábias que ficaria perto de você até chegar a hora de eu ir embora, mas você faz pouco caso da minha promessa. E isso faz com que você tenha *toh* para comigo, Rand

al'Thor. Nandera, de agora em diante quero saber aonde ele vai e quando. E Rand não tem permissão de sair sem mim, já que tenho o dever de ficar junto dele.

Nandera não hesitou um instante sequer antes de assentir.

— Será como deseja, Aviendha.

Rand se virou, olhando para as duas.

— Ora, podem parar com essa história! Ninguém será informado das minhas idas e vindas, a não ser que eu mande.

— Eu dei minha palavra, Rand al'Thor — retrucou Nandera, impassível, encarando-o. Seus olhos demonstravam que a mulher não tinha a menor intenção de voltar atrás.

— E eu dou a minha — completou Jalani, com a mesma firmeza.

Rand abriu a boca, então fechou. Maldito *ji'e'toh*. Claro que seria inútil lembrar a elas que era o *Car'a'cam*. Aviendha pareceu um pouco surpresa por ele ter protestado — ao que parecia, já considerava o assunto resolvido. Rand se remexeu, incomodado, mas não por causa da jovem ruiva. Ainda sentia aquela impureza, agora mais forte. Talvez Lews Therin tivesse voltado. Rand o chamou em pensamento, mas não houve resposta.

Ouviram uma batidinha à porta e a Senhora Harfor entrou quase um segundo depois, fazendo a profunda reverência costumeira. A aparência impecável da Criada-chefe não dava sinais do horário cedo demais, claro — independentemente da hora do dia, Reese Harfor sempre parecia ter acabado de se vestir.

— Algumas pessoas vieram para a cidade, milorde Dragão, e Lorde Bashere achou que o senhor deveria ser informado o quanto antes. Lady Aemlyn e Lorde Culhan chegaram ontem ao meio-dia e estão hospedados com Lorde Pelivar. Lady Arathelle chegou uma hora mais tarde, com uma grande comitiva. Lorde Barel, Lorde Macharan, Lady Sergase e Lady Negara não vieram juntos, mas chegaram todos agora à noite, cada um com apenas alguns serviçais. Ninguém veio prestar seus respeitos ao Palácio. — A última frase saiu no mesmo tom impassível que não deixava transparecer sua opinião a respeito disso.

— Isso é uma boa notícia — respondeu Rand. E era, não importava que os nobres tivessem prestado seus respeitos ou não. Aemlyn e o marido, Culhan, eram quase tão poderosos quanto Pelivar, e Arathelle era a mais influente de todos, exceto por Dyelin e Luan. Os outros eram de Casas menores, e apenas Barel era um Grão-Trono de sua casa, mas os nobres que tinham se oposto a “Gaebril” estavam começando a se unir. Bem, claro que só seria uma boa notícia se encontrasse Elayne antes que o grupo decidisse tomar Caemlyn.

A Senhora Harfor o encarou por um instante, então lhe entregou uma carta com um selo azul.

— Isto foi entregue ontem à noite, bem tarde, milorde Dragão. Veio com um cavaliário. Um rapazote todo sujo. A Mestra das Ondas do Povo do Mar veio para a audiência e não ficou muito feliz ao descobrir que o Dragão não estaria aqui para recebê-la. — Desta vez, o tom de reprovação estava evidente, embora não desse para saber se era em relação à Mestra das Ondas, a Rand ter perdido a audiência ou à falta de higiene do mensageiro da carta.

Ele suspirou. Tinha se esquecido do Povo do Mar ali em Caemlyn. Bem, serviu para lembrá-lo da mensagem que Berelain repassara em Cairhien. Rand pegou a carta e notou que tanto o selo verde quanto o azul tinham o mesmo padrão, embora não fosse possível distinguir o que era. A imagem gravada consistia em duas coisas que pareciam vasos achatados com uma linha ornamentada correndo de um a outro. As duas cartas estavam endereçadas ao “Coramoor”, fosse quem ou o que isso fosse. Supunha que fosse um título para ele próprio. Talvez fosse como o Povo do Mar chamava o Dragão Renascido.

Rompeu o selo azul primeiro. Não havia saudação, a mensagem era completamente distinta de qualquer outra coisa que Rand já vira endereçada ao Dragão Renascido.

Querendo a Luz, talvez o senhor algum dia retorne a Caemlyn. Como viajei de muito longe para vê-lo, talvez encontre tempo para recebê-lo quando retornar.

*Zaida din Paredde Asa-negra
Mestra das Ondas do Clã Catelar*

Ao que parecia, a Senhora Harfor tinha razão: a Mestra das Ondas não estava nada satisfeita. O selo verde não guardava mensagem muito melhor.

Se aprover à Luz, eu o receberei no convés do Borbotão assim que lhe for conveniente.

*Harine din Togara Dois Ventos
Mestra das Ondas do Clã Shodein*

— Alguma notícia ruim? — perguntou Aviendha.

— Eu não sei. Acho que não.

Ainda de cenho franzido para as cartas, Rand mal notou quando a Senhora Harfor recebeu uma mulher de uniforme vermelho e branco, com quem trocou algumas palavras sussurradas. Nenhuma daquelas mulheres do Povo do Mar parecia alguém que ele desejasse encontrar. Já lera todas as traduções das Profecias do Dragão que encontrara, e, embora as mais claras quase sempre fossem muito nebulosas, não se lembrava de nada que mencionasse os Atha'an Miere. Talvez fossem um povo intocado por ele ou Tarmon Gai'don, já que viviam em navios no mar e em ilhas longínquas. Devia um pedido de desculpas àquela Zaida, mas talvez pudesse enrolá-la mandando Bashere em seu lugar — ele tinha títulos suficientes para saciar a vaidade de qualquer um.

A serviçal recém-chegada se atirou de joelhos diante dele, a cabeça coberta de branco abaixada, as mãos erguidas bem alto para oferecer uma terceira carta, essa em um pergaminho grosso. Rand hesitou, encarando a postura subserviente da mulher. Nem em Tear vira uma criada tão servil, quem dirá em Andor. A Senhora Harfor franzia o cenho e balançava a cabeça em desaprovação. A mulher de joelhos falou, ainda de cabeça baixa.

— Isto chegou para milorde Dragão.

— Sulin? — perguntou, surpreso. — O que você está fazendo? O que está fazendo nesse... *vestido*?

Sulin ergueu a cabeça. Estava com uma aparência terrível, feito um lobo que se esforçava ao máximo para fingir que era uma corça.

— É o que usam as mulheres que servem e obedecem em troca de moedas. — Ela balançou levemente as mãos erguidas, que ainda sustentavam a carta. — Fui ordenada a lhe informar que isso acabou de chegar para milorde Dragão, por... um cavaleiro que foi embora assim que me entregou.

A Criada-chefe estalou a língua, irritada.

— Quero uma resposta direta — retrucou ele, agarrando o pergaminho selado das mãos da mulher. Ela se levantou de um salto assim que o papel foi arrancado de suas mãos. — Volte aqui, Sulin. Sulin, eu quero uma resposta!

Mas Sulin correu até as portas, rápida como se ainda usasse o *cadin'sor*, e saiu sem responder.

Por algum motivo, a Senhora Harfor olhou feio para Nandera.

— Eu avisei que isso não iria funcionar. E avisei às duas que, enquanto ela usar o uniforme do Palácio, espero que ela honre o Palácio, não importa se é uma Aiel ou a Rainha de Saldaea. — Com uma medida, ela murmurou um “milorde Dragão” apressado para Rand e saiu pisando duro, resmungando sozinha sobre os

Aiel loucos.

Rand estava muito de acordo. Ele encarou primeiro Nandera, depois Aviendha e por fim Jalani. Nenhuma das três parecia nem um pouco surpresa. Nenhuma parecia ter presenciado nada fora do comum.

— Querem me dizer o que está acontecendo, pela Luz? Aquela era Sulin!

— Primeiro — começou Nandera —, Sulin e eu fomos até as cozinhas. Ela achou que esfregar panelas ou coisa assim seria adequado. Mas um sujeito lá disse que já tinha todos os ajudantes de que precisava. Ele parecia pensar que Sulin arrumaria briga com os outros. Não era um sujeito muito alto — observou, indicando um ponto logo abaixo do queixo de Rand —, mas era grandalhão, e acho que teria nos convidado para dançar as lanças se não tivéssemos ido embora de uma vez. Então fomos até essa mulher, Reese Harfor, já que ela parece ser a senhora deste teto. — Nandera não conseguiu conter uma leve careta de desprezo. Para um Aiel, não havia necessidade do posto de Criada-chefe: ou a mulher era senhora do teto ou não era. — Bem, a mulher não entendeu, mas pelo menos concordou. Quase achei que Sulin fosse mudar de ideia quando percebeu que Reese Harfor iria querer que ela usasse um vestido, mas claro que isso não aconteceu. Sulin é muito mais corajosa que eu. Preferia ser feita *gai'shain* por um *Seia Doon*.

— Eu preferia passar um ano inteiro levando surras diárias do irmão-primeiro do meu pior inimigo na frente da minha mãe — intrometeu-se Jalani, enfática.

Nandera estreitou os olhos em desaprovação e chegou a flexionar os dedos, mas, em vez de usar a linguagem de sinais, disse, em alto e bom som:

— Você exagera como uma Shaido, garota.

Se Jalani fosse um pouco mais velha, aqueles três insultos muito calculados poderiam ter causado problema, mas ela apenas fechou os olhos com força para não ter que olhar para as pessoas que tinham presenciado a sua humilhação.

Rand passou a mão nos cabelos.

— Reese não entendeu? Eu também não, Nandera. Por que é que ela está fazendo isso? Sulin abriu mão da lança? Se ela tiver se casado com um andoriano... — Coisas mais estranhas já tinham acontecido. — Olha, se for o caso, eu dou a ela ouro suficiente para comprar uma fazenda ou seja lá o que quiserem. Sulin não precisa virar serviçal.

Jalani arregalou os olhos, e as três mulheres o encararam como se *ele* fosse o louco.

— Sulin está pagando a sua *toh*, Rand al'Thor — respondeu Aviendha com firmeza. Ela estava muito ereta, e seus olhos o encaravam diretamente, em uma ótima imitação de Amys. Só que a cada dia a postura era menos imitação e mais ela própria. — Isso não lhe diz respeito.

Jalani meneou a cabeça, concordando. Nandera só ficou ali, parada, absorta, examinando a lança.

— Sulin é problema meu, sim — retrucou ele. — Se algo acontecer a ela...

Ele então se lembrou da conversa que entreouvira antes de ir a Shadar Logoth. Nandera acusara Sulin de falar com algumas *gai'shain* como se fossem *Far Dareis Mai*, e Sulin respondera que discutiriam aquilo depois. Não vira Sulin desde que voltaram de Shadar Logoth, mas tinha presumido que a mulher só estava irritada com ele e que deixara as outras na função de vigiá-lo. Ah, devia ter percebido. Ficar perto de um Aiel por muito tempo ensinava bastante de *ji'e'toh*, e as Donzelas eram as mais rígidas no assunto, exceto talvez pelos Cães de Pedra e os Olhos Negros. Além disso, ainda tinha as lições de Aviendha, em suas tentativas de transformá-lo em um Aiel.

A situação era simples, ou tão simples quanto tudo o mais no *ji'e'toh*. Se não estivesse tão preocupado com outras coisas, teria entendido desde o princípio. Não era crime lembrar diariamente um *gai'shain* de sua vida antes do branco, mesmo que se tratasse de uma senhora do teto — isso provocaria uma profunda vergonha, mas era permitido e por vezes até encorajado. No entanto, quando se tratava dos integrantes de

nove das treze sociedades, trazer essa lembrança à tona era uma desonra profunda, exceto sob um punhado de circunstâncias das quais não se recordava. As *Far Dareis Mai* sem dúvida estavam entre essas sociedades. Era uma das poucas formas de incorrer em *toh* para com um *gai'shain*, mas era considerada a obrigação mais dura a se pagar. Ao que parecia, Sulin optara por restaurar sua *toh* aceitando uma vergonha ainda maior — ao menos aos olhos dos Aiel — do que a que causara. A *toh* era dela, então ela escolhia como pagá-la e quanto tempo ficaria fazendo algo que desprezava. Afinal, quem melhor do que ela própria para definir o valor de sua honra ou a profundidade de sua obrigação? Ainda assim, Sulin só fizera o que fizera porque ele não lhe dera tempo suficiente.

— A culpa é minha — declarou Rand.

Foi a coisa errada a dizer. Jalani o encarou, surpresa. Aviendha corou, envergonhada — ela com frequência enfatizava que não havia desculpas em relação ao *ji'e'toh*; se salvar o próprio filho ocasionasse uma obrigação para com um inimigo de sangue, era preciso pagar o preço sem titubear.

O olhar que Nandera lançou a Aviendha ia muito além do desprezo.

— Se você parasse de suspirar pelos cantos pelas sobranças dele, essas suas lições seriam melhores.

Aviendha corou, indignada. Nandera se virou para Jalani e fez algum comentário na linguagem de sinais, e a Donzela mais jovem gargalhou, o que deixou o rosto de Aviendha ainda mais vermelho, dessa vez de pura vergonha. Parte de Rand esperava que a mulher fosse chamar as outras duas para dançar as lanças — bem, não exatamente isso, já que Aviendha lhe ensinara que nem as Sábias e nem suas aprendizes faziam esse tipo de coisa. Mas não se surpreenderia se ela desse um tapa nas orelhas de Nandera.

Rand se pronunciou, querendo evitar qualquer das possibilidades.

— Como fui o responsável por Sulin ter feito o que fez, não tenho *toh* para com ela?

Bem, com aquilo concluiu que de fato poderia fazer um papel de idiota ainda maior do que com o comentário anterior. O rosto de Aviendha ficou ainda mais vermelho, sabia a Luz como, e Jalani encarou o tapete a seus pés, de repente muito interessada nos desenhos de rosas. Até Nandera parecia um tanto constrangida com sua ignorância. Ele sabia que era possível alguém ser informado de que tinha *toh* ou mesmo ser lembrado do caso, embora isso fosse uma espécie de insulto, mas ter que perguntar significava que a pessoa não sabia. Bem, ele sabia. Poderia começar ordenando que Sulin largasse aquele trabalho ridículo de serviçal, deixar que ela pusesse outra vez o *cadin'sor*, e... e impedi-la de cumprir sua *toh*. Qualquer coisa que fizesse para suavizar o fardo de Sulin seria uma interferência na honra dela. A *toh* era de Sulin, então a escolha também era dela. Havia algum detalhe, mas não conseguia entender o que seria. Talvez pudesse perguntar a Aviendha. Bem, faria isso mais tarde, quando ela não fosse morrer de constrangimento. Os rostos das três deixavam claro que ele já a envergonhava mais do que o suficiente com aquela conversa. Luz, que confusão!

Enquanto pensava em uma possível saída, percebeu que ainda segurava a carta que Sulin trouxera. Ele a enfiou no bolso e desafivelou o cinturão, que largou sobre o Cetro do Dragão, então pegou o pergaminho de volta. Quem lhe enviaria uma mensagem por um cavaleiro que nem sequer fizera uma pausa para tomar café da manhã? Não havia nada escrito do lado de fora, nenhum nome. Apenas o mensageiro, agora desaparecido, poderia ter dito para quem era endereçada a mensagem. O selo era outro brasão que ele não reconhecia, alguma flor prensada sobre uma cera roxa. O pergaminho era pesado, do tipo mais caro que havia. O conteúdo, escrito em uma caligrafia fina e floreada, trouxe um sorriso pensativo a seu rosto.

Primo,

Vivemos tempos delicados, mas senti que deveria escrever para assegurá-lo de minha boa vontade e expressar minha esperança de, em troca, também ter sua simpatia. Não tema, eu o reconheço e legítimo. No entanto, há alguns que não veriam com bons olhos alguém que se aproximasse de você diretamente, sem primeiro passar por

— Que sorriso é esse? — perguntou Aviendha, curiosa, espiando a carta. Ainda havia um toque de raiva nas marcas ao redor de sua boca, um resquício da irritação pela vergonha que ele a fizera passar.

— É bom receber notícias de alguém tão transparente — respondeu.

O Jogo das Casas era simples se comparado ao *ji'e'toh*. O nome já dizia muito sobre o remetente, mas, se o pergaminho caísse em mãos erradas, pareceria apenas um bilhete para um amigo ou talvez uma resposta calorosa a algum favor que lhe fora pedido. Alliandre Maritha Kigarin, Abençoada pela Luz, Rainha de Ghealdan, jamais trataria alguém que nunca vira com tanta intimidade, ainda mais o Dragão Renascido. Era óbvia sua preocupação com os Mantos-brancos em Amadícia, assim como com o Profeta Masema. Teria que fazer alguma coisa a respeito de Masema. Alliandre fora muito cautelosa, sem arriscar pôr mais que o necessário no papel. E o lembrara de queimar a carta depois de ler — *nas chamas de seu coração*. Ainda assim, era a primeira vez que um governante o reconhecia sem que ele segurasse a espada no pescoço de sua nação. Pois bem, se ao menos ele conseguisse encontrar Elayne e lhe devolver Andor antes que tivesse outra batalha para enfrentar naquelas terras...

A porta se abriu bem devagar, e Rand ergueu os olhos para a sala. Não reparou em nada relevante, então se voltou outra vez para a carta, ponderando se assimilara toda a mensagem. Enquanto lia, teve que esfregar o nariz, incomodado. Lews Therin e aquela história de morte. Não conseguia se livrar daquela sensação de imundície.

— Jalani e eu vamos assumir nossas posições lá fora — anunciou Nandera.

Rand assentiu, absorto, contemplando a carta. Tinha certeza de que Thom encontraria seis coisas que ele deixara escapar, e só em uma primeira leitura.

Aviendha tocou seu braço, mas afastou a mão com um sobressalto.

— Rand al'Thor, precisamos conversar.

De súbito, tudo fez sentido. Ele vira a porta se abrindo. Não estava com aquele incômodo no nariz porque sentia cheiro de imundície, não porque se sentia maculado. Na verdade, não era bem um cheiro. Deixando cair a carta, empurrou Aviendha com tanta força que ela perdeu o equilíbrio, soltando um grito assustado — ao menos estava longe dele, longe do perigo. O tempo pareceu desacelerar. Rand agarrou *saidin* enquanto dava meia-volta.

Nandera e Jalani também se viraram para ver o que fizera Aviendha gritar. Rand teve que olhar com muita atenção para conseguir ver o homem alto de casaco cinza que nenhuma Donzela vira passar. O homem tinha os olhos escuros e sem vida fixos em Rand. Mesmo sabendo que o intruso estava diante de si, Rand se sentiu tentado a desviar os olhos do Homem Cinza — era isso que ele era, um dos assassinos da Sombra. A carta ainda pousava no chão quando o Homem Cinza percebeu que Rand o avistara. O grito de Aviendha ainda ecoava, ela havia acabado de cair com força no chão. Uma faca surgiu na mão do Homem Cinza, que manteve a lâmina abaixada e avançou. Quase com descaso, Rand o envolveu em espirais de Ar — uma barra de fogo incandescente e grossa feito um braço passou zunindo por cima de seu ombro e abriu um buraco bem no meio do peito do Homem Cinza, um buraco do tamanho de um punho. O assassino morreu sem nem reagir. A cabeça desabou para o lado — seus olhos, tão mortos quanto antes, ainda encaravam Rand.

Depois de morto, o poder misterioso que tornava o Homem Cinza tão difícil de notar já não fazia efeito. Depois de morto, o sujeito ficou tão visível quanto qualquer outra pessoa. Aviendha, ainda no chão, mas já começando a se levantar, soltou uma exclamação de surpresa, e Rand sentiu os arrepios que indicavam que ela

abraçara *saidar*. Nandera subiu o véu, deixando escapar um grunhido surpreso, e Jalani começou a erguer o dela.

Rand deixou o corpo desabar, mas continuou agarrado a *saidin* quando se virou para Taim, parado na porta.

— Por que o matou? — perguntou para o recém-chegado. O Vazio era responsável apenas por parte da frieza em sua voz. — Eu o tinha capturado. Ele poderia ter dito alguma coisa, talvez até revelasse quem o enviou. Aliás, o que você está fazendo aqui no meu quarto, entrando desse jeito?

Taim avançou até ele em um passo muito calmo, bem à vontade. Usava um casaco preto com dragões entrelaçados ao redor das mangas vermelhas e azuis. Aviendha se levantou depressa, empunhando a faca de cintura. Apesar de estar abraçada a *saidar*, o brilho em seus olhos deixava claro que ela estava tão inclinada a cravar a lâmina em Taim quanto a embainhá-la de volta. Nandera e Jalani continuavam veladas e estavam a postos, as lanças em riste. Taim as ignorou. Rand sentiu quando o outro homem largou o Poder. Nem ao menos parecia preocupado com o fato de Rand ainda estar preenchido por *saidin*. Quando encarou o Homem Cinza morto, aquele quase sorriso tão peculiar contorceu seus lábios.

— Coisas hediondas, esses Sem-alma. — Qualquer outra pessoa teria se arrepiado com a visão, mas não Taim. — Abri um portão para a sua varanda porque achei que você iria querer saber imediatamente.

— Alguém andou aprendendo depressa demais? — interrompeu Rand, e Taim abriu outra vez aquele meio sorriso.

— Não, não é um dos Abandonados disfarçado. A não ser que tenha conseguido se disfarçar de um garoto de pouco menos de vinte anos. O rapaz se chama Jahar Narishma, ele tem a centelha, mas ainda não a manifesta. A habilidade tende a se manifestar mais tarde nos homens do que nas mulheres. Você deveria visitar a escola. Vai ficar surpreso com as mudanças.

Rand não duvidava. Jahar Narishma não era nem de longe um nome andoriano. Pelo que sabia, as Viagens não impunham limites, e parecia que Taim se arriscara a ir bem longe no recrutamento. Rand não disse nada, só encarou o corpo estirado no tapete.

Taim fechou a cara, mas não perdeu a compostura, apenas pareceu irritado.

— Pode acreditar, eu também queria que esse aí ainda estivesse vivo. Vi o Homem Cinza e agi sem pensar, já que a última coisa que quero é você morto. Você prendeu o assassino no instante em que canalizei, mas foi tarde demais para frear o golpe.

Tenho que matá-lo, murmurou Lews Therin, e o Poder explodiu dentro de Rand. Paralisado, lutou para afastar *saidin* — foi uma luta difícil. Lews Therin tentava se agarrar à Fonte, tentava canalizar. Por fim, o Poder Único se esvaiu aos poucos, feito água escoando de um balde furado.

Por quê?, inquiriu Rand. *Por que quer ele morto?* Não houve resposta, apenas, ao longe, uma risada louca e um choro angustiado.

Aviendha o encarava, o rosto cheio de preocupação. Ela largara a faca, mas Rand ainda sentia aquele formigamento que lhe indicava que ela continuava em contato com *saidar*. As duas Donzelas tinham baixado os véus depois de se certificarem de que a chegada de Taim não era um ataque. Mesmo atentas a Taim e ao ambiente em volta, elas trocaram um olhar constrangido — só restava saber o motivo do constrangimento.

Rand sentou-se em uma cadeira ao lado da mesa onde estava a espada, apoiada no Cetro do Dragão. A luta durara apenas alguns instantes, mas sentia os joelhos fracos. Lews Therin quase assumira o controle, quase agarrara *saidin*. Antes, na escola, ele foi capaz de fingir para si mesmo que não tinha notado, mas não conseguiria desta vez.

Se Taim percebeu alguma coisa, não deixou transparecer. O homem se inclinou para apanhar a carta e deu uma olhadela antes de entregá-la a Rand, curvando-se na mais ínfima das medidas.

Rand enfiou o pergaminho no bolso. Nada abalava Taim, nada perturbava seu equilíbrio. Por que Lews Therin o queria morto?

— Considerando como você estava querendo ir atrás das Aes Sedai, estou surpreso por ainda não ter ouvido uma sugestão de atacar Sammael. Eu, você e mais alguns alunos mais fortes atacando-o lá em Illian, chegando de surpresa por um portão. Você sabe que o Homem Cinza só pode ter vindo de Sammael.

— Talvez — respondeu Taim, sem rodeios, examinando o corpo no chão. — Eu daria tudo para ter certeza. — Ele soava completamente sincero. — Quanto a Illian, duvido que seja simples como acabar com algumas Aes Sedai. Fico pensando no que eu faria, se estivesse no lugar de Sammael. Já teria envolvido Illian em um selo de proteção que me apontasse qualquer homem que sequer pensasse em canalizar e reduziria até o chão ao redor dele a cinzas sem nem dar tempo de o coitado piscar.

Rand também já pensara nisso. Ninguém defendia um lugar melhor que Sammael. Talvez a questão fosse apenas a loucura de Lews Therin. Talvez também a inveja. Rand tentou dizer a si mesmo que não estava evitando a escola porque era *ele* o invejoso, mas sempre sentia uma pontada estranha quando estava perto de Taim.

— Você já contou a novidade. Sugiro que vá cuidar do treinamento desse tal Jahar Narishma. Treine-o bem. Pode ser que a habilidade dele seja necessária muito em breve.

Os olhos escuros de Taim cintilaram por um breve instante, então ele baixou a cabeça em uma leve mesura. Sem mais uma palavra, o homem agarrou *saidin* e abriu um portão ali mesmo. Rand se obrigou a ficar sentado, sem canalizar, até Taim ir embora; o portão se afinando até virar uma linha fulgurante. Não podia se arriscar em mais uma luta contra Lews Therin, não considerando a chance de perder e começar a lutar contra Taim. *Por que* Lews Therin queria aquele homem morto? Luz, Lews parecia querer todos mortos, incluindo a si mesmo.

Tinha sido uma manhã agitada, sobretudo considerando que o céu ainda estava começando a clarear. Bem, houvera mais notícias boas do que ruins. Ele encarou o Homem Cinza estendido no tapete. A ferida decerto fora cauterizada no instante em que se abrira, mas a Senhora Harfor faria questão de avisá-lo se houvesse qualquer manchinha no tecido — ah, com certeza ele ficaria sabendo, mesmo que ela não pronunciasse uma palavra a respeito. Quanto à Mestra das Ondas do Povo do Mar... Bem, a mulher podia ir se afogar na própria petulância, no que lhe dizia respeito. Já tinha muito com que lidar sem *mais uma* mulher melindrosa.

Nandera e Jalani ainda remexiam os pés perto da porta. Deveriam ter ido ocupar seus postos do lado de fora da porta assim que Taim partiu.

— Se as duas ainda estão chateadas por conta do Homem Cinza, podem esquecer o assunto. Só uma idiota esperaria notar um Sem-alma sem ser por puro acaso, e nenhuma de vocês é idiota.

— Não é isso — retrucou Nandera, rígida.

Jalani cerrara o maxilar com tanta força que era evidente que estava se esforçando para segurar a língua.

Então Rand compreendeu. As duas não achavam que deveriam ter percebido o Homem Cinza, mas mesmo assim sentiam a vergonha de não terem conseguido notar o ataque. Além da vergonha, havia o medo da humilhação ainda por vir caso a notícia de seu “fracasso” se espalhasse.

— Não quero que ninguém saiba que Taim esteve aqui, nem o que ele disse. O povo já fica ansioso demais por saber que a escola fica aqui perto da cidade, as pessoas não precisam do medo de achar que Taim ou um dos alunos pode aparecer de repente. Acho que o melhor é não falarmos sobre nada do que aconteceu hoje de manhã. Não temos como esconder um corpo, mas quero que as duas jurem que vão apenas dizer que um homem tentou me matar e morreu por conta disso. É tudo o que eu pretendo revelar, e não quero que me pintem como um mentiroso.

A gratidão em seus rostos foi surpreendente.

— Eu tenho *toh* — murmuraram, quase ao mesmo tempo.

Rand pigarreou de repente. Não fora essa sua intenção, mas pelo menos as tranquilizara. Foi então que teve uma ideia para lidar com Sulin. A mulher não iria gostar, mas ainda estaria cumprindo sua *toh* — talvez ainda mais por não gostar. E aliviaria sua consciência, pelo menos um pouco, além de pagar parte de sua *toh* para com ela.

— Agora voltem para seus postos, ou então vou começar a achar que *vocês* é que querem ficar suspirando pelas minhas sobrancelhas. — Nandera não tinha dito isso? Dado a entender que Aviendha estava fascinada por suas *sobrancelhas*? — Andem. E mandem alguém para recolher esse sujeito daqui. — As duas saíram sorridentes, conversando na linguagem de sinais. Ele ficou ali, parado, então segurou Aviendha pelo braço. — Você disse que precisamos conversar. Vamos ficar no quarto até este aposento estar limpo.

Se houvesse alguma mancha, talvez Rand pudesse canalizar para limpá-la.

Aviendha se desvencilhou com um puxão.

— Não! Lá, não! — Ela respirou fundo e moderou o tom, mas ainda parecia desconfiada e um tanto irritada. — Por que não podemos conversar aqui?

Não havia motivo além do homem morto no chão, o que para ela parecia não fazer diferença. Aviendha o empurrou de volta para a cadeira, quase com violência, então o encarou e respirou fundo antes de falar.

— O *ji'e'toh* é a base da sociedade Aiel, é o que *somos*. Hoje de manhã você me envergonhou até os ossos.

Com os braços cruzados e encarando-o de frente, a ruiva lhe passou um sermão sobre sua ignorância e a importância de encobri-la até que ela conseguisse retificar a questão, depois explicou que a *toh* precisava ser satisfeita a qualquer custo. Ah, nessa parte ela gastou tempo.

Rand sabia que não era esse o assunto que a ruiva tivera em mente quando o chamou para conversar, mas estava gostando de analisar aqueles olhos — gostando mais do que deveria. Apreciando. Pouco a pouco, foi contendo o prazer de olhar nos olhos de Aviendha, então esmagou a satisfação até restar apenas um desejo abafado.

Achou que disfarçara os sentimentos, mas decerto algo mudara em sua expressão. A voz de Aviendha foi morrendo, e ela ficou ali, encarando-o, a respiração alta e entrecortada. Então desviou os olhos com um esforço visível.

— Pelo menos agora você entendeu — murmurou ela. — Tenho que... preciso... contanto que você entenda.

Ela ergueu as saias e saiu em disparada. Contornou o corpo como se não passasse de um arbusto em seu caminho.

Rand foi deixado para trás, naquela sala que por algum motivo lhe pareceu mais escura, sozinho com o corpo de um homem morto. Aquilo caía bem até demais. Quando os *gai'shain* chegaram para recolher o corpo, encontraram Rand rindo baixinho.

Padan Fain estava sentado com os pés apoiados em uma banquetta almofadada, observando a beleza da luz do sol nascente refletindo na lâmina curva da adaga que ele girava em suas mãos. Não era suficiente ter a arma presa ao cinto; de tempos em tempos ele simplesmente precisava tocá-la. O enorme rubi no punhal reluzia com uma malevolência intensa. A adaga era parte dele — ou ele era parte da adaga. A arma era parte de Aridhol, que os homens chamavam de Shadar Logoth. Por outro lado, ele também era parte de Aridhol — ou Aridhol era parte dele. Estava louco e sabia bem disso, mas não se importava, já que estava louco. A luz do sol refletia no aço, aço mais letal do que qualquer lâmina de Thakan'dar.

Um farfalhar chamou sua atenção e ele olhou para o Myrddraal do outro lado do cômodo, sentado, aguardando que ele terminasse. A criatura não tentou encará-lo — já fazia um bom tempo que Fain o fizera

parar de tentar.

Ele tentou retornar à contemplação da lâmina, tentou voltar a apreciar a beleza perfeita da morte perfeita, a beleza do que Aridhol já fora e do que voltaria a ser, mas o Myrddraal quebrara sua concentração. Estragara tudo. Quase se levantou e matou a criatura. Os Meio-homens levavam muito tempo para morrer. Quanto tempo aquele levaria, se Fain usasse a adaga? Parecendo sentir seus pensamentos, a criatura se remexeu outra vez. Não, melhor não, ela ainda podia ser útil.

De todo modo, era difícil permanecer concentrado por muito tempo em uma coisa só. Exceto em Rand al'Thor, claro. Sentia o garoto, podia apontar para a direção em que ele estava, até estimar a distância. Al'Thor o puxava, puxava até doer. Algo mudara nos últimos tempos, a mudança chegara de repente, quase como se alguém tivesse se apossado de parte de al'Thor e, no processo, tivesse tomado uma parte que o próprio Fain possuía. Não era problema. O garoto era dele.

Desejou poder sentir a dor de al'Thor — não conseguia acreditar que não tivesse ao menos lhe causado alguma dor. Por enquanto tinham sido apenas agulhadas, no máximo, mas uma quantidade suficiente de agulhadas acabaria por esgotá-lo. Os Mantos-brancos estavam firmes na oposição ao *Dragão Renascido*. Fain contorceu os lábios em um riso desdenhoso. Pouco provável que Niall algum dia apoiasse al'Thor mais do que Elaida o teria apoiado, mas era melhor não tomar nada como certo, quando se tratava daquele garoto maldito. Bem, já conseguira resolver a situação daqueles dois com o que trazia de Aridhol — talvez até conseguisse confiar nas próprias mãos de novo, mas nunca confiariam em al'Thor.

A porta se abriu de repente, e o jovem Perwyn Belman irrompeu no recinto, seguido pela mãe. Nan Belman era uma mulher vistosa, embora agora fosse raro para Fain notar se uma mulher era ou não vistosa. Nan era uma Amiga das Trevas e achava que seus juramentos eram apenas minimamente perversos até Padan Fain bater à sua porta. Nan achava que ele também era Amigo das Trevas, alguém importante nos conselhos. Claro que Fain estava longe disso — estaria morto assim que um dos Escolhidos pusesse as mãos nele. O pensamento suscitou uma risadinha.

Tanto Perwyn quanto a mãe se intimidaram com a visão do Myrddraal, claro, mas o garoto se recompôs primeiro, alcançando Fain enquanto a mulher ainda tentava recuperar o fôlego.

— Mestre Mordeth, Mestre Mordeth — chamou o garoto de casaco vermelho e branco, em uma voz esganiçada, trocando o peso de um pé para o outro nervosamente —, trago a notícia que o senhor queria.

Mordeth. Então tinha usado esse nome? Às vezes, Fain não conseguia lembrar o nome que usara em determinada situação, não conseguia saber qual nome era o dele. Abriu um sorriso afetuoso, embainhando a adaga por baixo do casaco.

— E que notícia seria essa, meu jovem?

— Alguém tentou matar o Dragão Renascido hoje de manhã. Um homem. O sujeito morreu, mas passou pelos Aiel e conseguiu entrar nos aposentos do Lorde Dragão.

Fain sentiu o sorriso virar um rosnado. Alguém tentara matar al'Thor? Al'Thor era dele! O garoto morreria pelas suas mãos, e de ninguém mais! Mas... O assassino passara pelos Aiel e entrara nos aposentos de al'Thor?

— Um Homem Cinza! — Não reconheceu o som rouco como sua própria voz. Homens Cinza eram coisa dos Escolhidos. Será que nunca se livraria da interferência deles?

Toda aquela ira precisava ser extravasada ou ele iria explodir. Em um gesto quase displicente, roçou a mão no rosto do garoto, que arregalou os olhos e começou a tremer — tremia tão intensamente que rangia os dentes.

Fain não entendia muito bem aqueles truques que conseguia fazer. Talvez fosse um toque do Tenebroso, talvez de Aridhol. Começara lá, depois que deixara de ser apenas Padan Fain. Só sabia que agora conseguia fazer certas coisas, bastava tocar o alvo.

Nan desabou de joelhos ao lado da cadeira dele, agarrando seu casaco.

— Piedade, Mestre Mordeth — implorou, ofegante. — Por favor, tenha piedade. Ele é só uma criança. Uma criança!

Fain a encarou, durante um instante, curioso, inclinando a cabeça. Era mesmo uma mulher muito bonita. Plantou o pé no peito dela e a empurrou para longe, querendo espaço para se levantar. O Myrddraal, que assistia à cena furtivamente, virou a cabeça depressa quando viu que ele notara. Ah, o Meio-homem se lembrava muito bem de seus... truques.

Fain andou de um lado a outro. Precisava se mexer. Al'Thor tinha que cair por suas mãos. Suas! Não dos Escolhidos. Como conseguiria feri-lo outra vez, apunhalá-lo bem no coração? Bem, havia aquelas garotas abestalhadas lá no Sabujo de Culain. Mas se al'Thor não saíra do lugar quando Dois Rios foi atacada, de que se importaria se Fain incendiasse a estalagem com aquelas garotinhas atrevidas dentro? Ah, o que ele tinha para usar? Só restavam alguns dos homens que tirara dos Filhos da Luz. A verdade é que aquilo fora apenas um teste — ah, o homem que conseguisse matar al'Thor naquela brincadeira teria implorado a ele para ser esfolado vivo! Ainda assim, a empreitada lhe custara alguns números. Só tinha o Myrddraal, um punhado de Trollocs escondidos fora da cidade, uns poucos Amigos das Trevas reunidos em Caemlyn e a caminho de Tar Valon. Sentia al'Thor puxando, arrastando-o. Havia uma mudança interessante em relação aos Amigos das Trevas. Em teoria, não deveria haver nada que os distinguisse de qualquer outra pessoa, mas Fain descobrira que podia identificá-los apenas com um olhar, mesmo que a pessoa tivesse pensado apenas em prestar o juramento à Sombra. Era como se tivessem uma marca na testa.

Não! Tinha que se concentrar. Concentrar! Clarear as ideias. Seus olhos caíram sobre a mulher, no chão, gemendo e afagando o filho. O garoto ainda balbuciava, e ela falava com ele baixinho, como se isso fosse ajudar. Fain não fazia ideia de como parar um de seus truques depois que já começara. Depois que a coisa toda acabasse, o garoto sobreviveria, embora não ileso. Fain não se dedicara ao golpe de coração. Tinha que clarear as ideias. Pensar em outra coisa. Uma bela mulher. Quanto tempo fazia desde que possuía uma mulher?

Sorrindo, Fain a tomou pelo braço. Precisava afastá-la daquele garoto tolo.

— Venha comigo. — Sua voz estava diferente, mais grandiosa, sem o sotaque de Lugard. Mas ele não percebeu. Nunca percebia. — Tenho certeza de que você, pelo menos, sabe demonstrar o respeito apropriado. Se me deixar satisfeito, nenhum mal lhe acontecerá.

Por que ela resistia? Fain sabia que estava sendo charmoso. Ora, teria que machucá-la. Era tudo culpa de al'Thor.





FOGO E ESPÍRITO

Nynaeve parou à sombra, logo em frente à Pequena Torre, secou o rosto e então enfiou o lenço de volta na manga. Claro que não adiantou muito — o suor voltou a brotar assim que o secou —, mas queria entrar lá com a melhor aparência possível. Queria parecer tranquila, serena, digna... embora não fosse conseguir. Sentia as têmporas latejando, e o estômago parecia... frágil. Nem conseguira olhar para o café da manhã. Era só efeito do calor, claro, mas sua vontade era voltar para a cama, deitar em posição fetal e morrer. Para completar, sua capacidade de escutar o vento a estava atormentando — aquele sol candente já deveria estar encoberto por nuvens negras turbulentas, todas soltando relâmpagos ameaçadores.

A um olhar pouco atento, os Guardiões descansando ali na frente não pareciam guardas, embora fossem. Aqueles homens lembravam os Aiel da Pedra de Tear — até dormindo deviam parecer lobos. Um sujeito careca de rosto quadrado, mais ou menos da sua altura, mas quase tão largo quanto alto, saiu correndo da Pequena Torre e seguiu rua abaixo, a espada presa às costas, o cabo despontando por cima do ombro. Até mesmo Jori — Guardião de Morvrin — conseguia parecer perigoso.

Uno passou com seu coque, abrindo caminho a cavalo pela multidão. Ele mal parecia registrar o calor, mesmo com a armadura de malha e placas de aço que cobriam seu corpo do ombro para baixo. Ele girou na sela para encará-la com o olho bom, e Nynaeve fechou a cara. Ah, Birgitte tinha falado com ele! Toda vez que o homem a via, ficava bem óbvio que ele estava esperando o pedido de cavalos. E ela estava quase pedindo — nem mesmo Elayne podia dizer que o que estavam fazendo por ali adiantava alguma coisa. Bem, na verdade ela não só podia como dizia, mas estava redondamente enganada.

Uno fez uma curva e sumiu de vista, e Nynaeve suspirou. Estava tentando protelar em vez de entrar logo na Pequena Torre. Myrelle talvez estivesse lá. Secou o rosto outra vez, franzindo o cenho para a mão enrugada. Já estava no décimo primeiro dia de esfregação de panelas, com mais vinte e nove pela frente. Vinte e nove!

Quando finalmente entrou no que já fora o salão da estalagem que agora era a Pequena Torre, notou que estava um pouquinho mais fresco, o que ofereceu certo alívio para sua dor de cabeça. Todos tinham passado a se referir ao aposento como “sala de espera”, e ali não se perdera tempo com reparos. Faltavam pedras nas lareiras e o reboco esburacado deixava ripas à mostra. Areina e Nicola varriam o chão junto de outra noviça, mas a limpeza não fazia muito efeito no assoalho castigado pelo tempo. Areina estava de cara feia, mas ela sempre parecia irritada quando precisava cumprir tarefas com as noviças. Ora, ninguém ficava à toa em Salidar. Na outra extremidade do salão, Romanda conversava com duas Aes Sedai esbeltas e bem mais velhas

— seus rostos até tinham aquele ar de idade indefinida, mas o cabelo era branco — que claramente haviam acabado de chegar, a julgar pelas finas sobrecapas que usavam. Nenhum sinal de Myrelle, o que fez Nynaeve suspirar de alívio — a mulher a enfiava em um espeto e mandava para o fogo a cada oportunidade, depois ainda a fazia virar de um lado para o outro! Algumas Aes Sedai estavam sentadas às mesas, todas de estilos diferentes, mas dispostas em fileiras muito retas. Estavam ocupadas com pergaminhos ou despachando ordens para Guardiões e serviçais, mas havia menos delas do que na primeira vez em que Nynaeve estivera lá. Àquela altura, só as Votantes e suas serviçais ainda moravam nos andares superiores, todas as outras tinham sido remanejadas para as Aes Sedai terem um espaço onde trabalhar. A Pequena Torre assumira as mesmas funções da Torre Branca e a mesmíssima formalidade. Da primeira vez que entrou ali no salão, o lugar estava tomado por um burburinho, havia um ar de diligência no local, de que algo estava sendo feito — uma falsa sensação, no caso. Agora, o ambiente parecia envolvido em um marasmo, mas era como entrar na Torre Branca.

Nynaeve foi até uma das mesas — mas não a mais próxima — e fez uma reverência calculada.

— Perdoe a intromissão, Aes Sedai, mas fiquei sabendo que Sivan e Leane estão aqui. Pode me informar onde eu as encontro?

Brendas parou de escrever e ergueu os olhos frios e escuros. Nynaeve decidira ir falar com ela em vez de com alguma mulher mais perto da porta porque Brendas era uma das poucas Aes Sedai que nunca a interrogara a respeito de Rand. Além disso, quando ainda era Amyrlin, Sivan apontara Brendas como uma pessoa de confiança — aquilo não tinha nada a ver com a situação do momento, mas Nynaeve buscava pequenos consolos.

— Elas estão com algumas Votantes, criança. — A voz de Brendas era feito um badalar, e tão sem emoção quanto o rosto pálido. Era raro as Brancas demonstrarem qualquer emoção, mas Brendas ia além: a mulher nunca externava nada.

Nynaeve conteve um suspiro irritado. Se as Votantes estivessem ouvindo os relatos dos olhos-e-ouvidos das antigas Azuis, talvez ainda levasse algumas horas para que elas fossem liberadas. Talvez ficassem lá dentro até o fim do dia. A essa altura, Nynaeve já estaria com a cabeça enfiada nas painéis.

— Obrigada, Aes Sedai.

Brendas interrompeu sua medida com um gesto.

— Theodrin fez algum progresso com você ontem?

— Não, Aes Sedai.

Se sua voz saiu contida e seca, foi porque tinha motivo: Theodrin dissera que pretendia tentar tudo, e ao que parecia era tudo *mesmo*. Na véspera, tinha feito Nynaeve bebericar vinho para ficar relaxada. Só que Nynaeve acabara tomando mais do que uns poucos golinhos. Ela nunca se esqueceria de ter sido carregada para o quarto cantando — cantando! — e já ficava vermelha só de lembrar. Não tinha como Brendas não saber. Todo mundo já devia ter ouvido a respeito. Nynaeve queria se enfiar em um buraco no chão.

— Só pergunto porque isso parece estar comprometendo seus estudos. Ouvi diversas irmãs comentando que você parou com as descobertas notáveis. Talvez o problema sejam as atividades suplementares, mas Elayne ainda consegue trazer uma novidade por dia, mesmo dando aulas e esfregando com as painéis. Várias irmãs estão ponderando se não seriam mais preparadas do que Theodrin para ajudar. Se nos revezássemos, se fizessemos você se esforçar o dia inteiro, todos os dias, poderia acabar sendo mais proveitoso do que essas sessões informais com alguém que, no fim das contas, é apenas pouco mais que uma Aceita. — Tudo aquilo foi dito em um tom equilibrado e sem o menor ar acusatório, mas o rosto de Nynaeve ficou vermelho como se a Aes Sedai tivesse gritado com ela.

— Tenho certeza de que Theodrin em breve vai conseguir dar um jeito nisso, Aes Sedai — respondeu, quase sussurrando. — Vou me esforçar mais, Aes Sedai.

Curvando-se em uma reverência apressada, Nynaeve tratou de dar meia-volta antes que Brendas pudesse interrompê-la outra vez. Com isso, acabou quase trombando em uma das recém-chegadas de cabelo branco. As duas eram tão parecidas que poderiam ser irmãs, quase imagens espelhadas uma da outra, com ossos finos e rostos compridos de traços aristocráticos.

A quase trombada não passou de um leve toque, e Nynaeve até tentou se desculpar, mas a Aes Sedai a encarou com um olhar tão intenso que qualquer falcão teria ficado com inveja.

— Preste atenção por onde anda, Aceita. Na minha época, uma Aceita que tentasse atropelar uma Aes Sedai só terminaria de esfregar o chão quando estivesse com o cabelo mais branco que o meu.

A outra tocou o braço da mulher irritada.

— Ah, deixe a criança ir, Vandene. Temos trabalho a fazer.

Vandene fungou com desdém, mas se permitiu ser levada para fora.

Nynaeve decidiu deixá-las saírem na frente. Viu Sheriam surgir de uma das salas de reunião acompanhada de Myrelle, Morvrin e Beonin. Myrelle também a viu e fez menção de ir em sua direção, mas só conseguiu dar um passo antes de Sheriam e Morvrin a segurarem e falarem algo depressa e em voz baixa, sem nem mesmo olhar para Nynaeve. Ainda conversando, as quatro atravessaram o aposento e desapareceram por outra porta.

Nynaeve esperou até estar do lado de fora da Pequena Torre para dar um puxão firme e deliberado na trança. As Aes Sedai tinham se encontrado com as Sábias na noite anterior, e era fácil imaginar por que as outras impediram Myrelle de falar com ela. Se Egwene finalmente tivesse ido à reunião na Pedra de Tear, ela não deveria ficar sabendo. Nynaeve al'Meara caíra em desgraça. Nynaeve al'Meara estava esfregando painéis feito uma noviça, quando poderia estar pelo menos um nível acima que o de Aceita. Nynaeve al'Meara não estava chegando a lugar nenhum com Theodrin e tinha parado de fazer aquelas descobertas maravilhosas. Nynaeve al'Meara jamais seria uma Aes Sedai. Sabia que tinha sido um erro começar a concentrar todo o conhecimento de Moghedien em Elayne. Sabia!

Sentia a língua se contorcer com a memória daquele gosto repugnante — rabo-de-gato fervida com folha-sábia em pó. Um antídoto que usara muitas vezes em crianças que não paravam de mentir. Tudo bem que ela própria sugerira usá-lo, mas ainda assim fora um erro. As Aes Sedai já não falavam mais sobre suas inovações, e sim sobre a falta delas. Aes Sedai que nunca tinham demonstrado mais que um interesse passageiro em seu bloqueio agora queriam ajudar a desfazê-lo. Não tinha como vencer. De um jeito ou de outro, acabaria com as Aes Sedai examinando-a da cabeça aos pés, de sol a sol.

Nynaeve deu um puxão ainda mais forte na trança, forte o bastante para machucar, o que, considerando a dor que já sentia, não fez nada para melhorar seu humor. Um soldado de elmo achatado, usando o gibão acolchoado comum dos arqueiros, diminuiu o passo para encará-la com curiosidade, mas ela retribuiu a encarada com um olhar tão maligno que ele tropeçou nos próprios pés e tratou de sumir na multidão. *Por que Elayne era tão teimosa?*

Sentiu mãos masculinas apertarem seus ombros, então deu a volta já soltando impropérios, preparando-se para arrancar a cabeça do sujeito. Mas as palavras morreram ainda na língua.

Thom Merrill sorria para ela por baixo daquele bigode branco comprido, os olhos azuis penetrantes brilhando no rosto cheio de marcas.

— Pela sua cara, Nynaeve, quase daria para pensar que você está zangada, mas sei que seu temperamento é tão doce que as pessoas chegam até a lhe pedir para enfiar o dedo no chá delas.

Juulin Sandar estava logo ao lado, um homem esguio que parecia entalhado em madeira escura escorado em um cajado de bambu da grossura de um polegar. Juulin era taireno, não taraboniano, mas mesmo assim usava aquele ridículo chapéu vermelho cônico de topo achatado, que estava ainda mais esfarrapado do que na última vez que o vira. Juulin tirou o chapéu ao reparar no olhar de Nynaeve. Os homens estavam empoeirados

e pareciam cansados da viagem, com rostos muito magros e abatidos — bem, na verdade nenhum deles jamais fora muito rechonchudo ou corpulento, para início de conversa. Ambos pareciam ter passado todas aquelas semanas desde que deixaram Salidar usando as mesmas roupas, desmontando das selas apenas para dormir.

Antes que Nynaeve pudesse abrir a boca, foram atingidos por uma avalanche humana. Elayne se jogou sobre Thom com tanta força que o velho cambaleou. Claro que o menestrel — que ainda mancava discretamente — passou as mãos debaixo dos braços da jovem e a ergueu e rodopiou em círculos feito uma criança. O velho estava gargalhando quando devolveu a garota ao chão, e Elayne também. A Filha-herdeira então puxou o bigode de Thom, e ambos apenas gargalharam ainda mais. Thom examinou as mãos da jovem, tão acabadas quanto as de Nynaeve, e perguntou em que tipo de problema ela conseguira se meter sem ele ali por perto para mantê-la na linha. Elayne respondeu que não precisava de ninguém lhe dizendo o que fazer, mas estragou a reprimenda ao ficar com as bochechas coradas, dar risadinhas e mordiscar o lábio.

Nynaeve respirou fundo. Às vezes, aqueles dois levavam a brincadeira de pai e filha um pouco longe demais. Às vezes, Elayne parecia pensar que tinha dez anos, e Thom parecia concordar com a garota.

— Achei que você tinha que dar aula para as noviças hoje de manhã, Elayne.

A Filha-herdeira a encarou de soslaio, então se recompôs. A tentativa de manter a compostura acabou chegando tarde demais, e ela teve que se contentar em endireitar o vestido listrado.

— Pedi a Calindin que me substituísse — respondeu, em um tom casual. — Achei que seria melhor lhe fazer companhia. E que bom que fiz isso — acrescentou, sorrindo para Thom. — Agora vamos poder ouvir tudo o que vocês descobriram em Amadícia.

Nynaeve fungou com desdém. Companhia? Ora essa. Não se lembrava de tudo o que acontecera na véspera, mas ainda tinha bem fresca a memória de Elayne gargalhando enquanto tirava sua roupa e a botava para dormir antes que o sol já tivesse sumido no céu. E tinha certeza de que se recordava de ouvi-la perguntando se ela queria um balde de água para esfriar a cabeça.

Thom não percebeu nada. Os homens eram quase todos cegos, embora ele fosse mais esperto que a média.

— Precisamos ser rápidos — afirmou o velho menestrel. — Agora que Sheriam já nos espremeu, pretende nos obrigar a ir falar pessoalmente com algumas Votantes. Por sorte, isso simplifica as coisas. Não tem Mantos-brancos o suficiente ao longo do Eldar para impedir sequer um rato de cruzar o rio, mesmo se esse rato tivesse tambores e trompetes para anunciar sua passagem com um dia de antecedência. Tirando o forte contingente na fronteira taraboniana e os homens que Niall colocou para tentar conter o Profeta, lá no norte, o tal Comandante dos Filhos parece estar reunindo todos os Mantos-brancos restantes em torno de Amadícia. E Ailron também está juntando seus soldados. Já tinha começado a aparecer conversa sobre Salidar nas ruas antes de irmos embora, mas, se Niall chegou a pensar na cidade, não encontrei nenhum indício disso.

— Tarabon — resmungou Juilin, analisando o chapéu. — Ouvi dizer que é um país muito perigoso para quem não sabe se cuidar.

Nynaeve não tinha certeza de qual dos dois era mais dissimulado, mas estava certa de que ambos eram perfeitamente capazes de mentiras tão deslavadas que deixariam um mercador de lã verde de inveja. E também não tinha dúvidas de que estavam escondendo alguma coisa.

Elayne percebeu na hora. Agarrando Thom pela lapela, ela ergueu os olhos e o encarou.

— Vocês ouviram alguma coisa sobre minha mãe — afirmou, calma. Não era uma pergunta.

Thom cofiou o bigode.

— Tem centenas de boatos em cada rua de Amadícia, criança, cada um mais louco que o outro. — Seu rosto curtido e cheio de rugas era pura inocência e franqueza, mas aquele homem perdera a inocência logo ao nascer. — Dizem que a Torre Branca inteira está aqui em Salidar, com dez mil Guardiões prontos para cruzar

o Eldar. E que as Aes Sedai estão no controle de Tanchico, que Rand tem asas e sai voando por aí à noite e...

— Thom — interrompeu Elayne.

O menestrel bufou, olhando de Juilin para Nynaeve como se aquilo fosse culpa deles.

— É só um boato, criança, tão louco quanto qualquer outro. Não consegui confirmar nada, e pode acreditar que tentei. Não queria nem mencionar. Só vai lhe trazer sofrimento. Deixe estar, criança.

— Thom. — A voz de Elayne saiu bem mais firme dessa vez.

Juilin remexeu os pés, parecendo querer estar em outro lugar. Thom só parecia emburrado.

— Bem, se você faz questão... Ao que parece, todo mundo em Amadícia acha que sua mãe está na Fortaleza da Luz e que ela vai liderar um exército de Mantos-brancos de volta a Andor.

Elayne balançou a cabeça e soltou uma risada baixa.

— Ah, Thom, acha que eu me preocuparia com esse tipo de coisa? Mamãe nunca pediria ajuda aos Mantos-brancos. Eu até preferia que fosse o caso. Queria que ela estivesse viva para isso. Esse negócio de levar soldados estrangeiros para Andor, ainda mais Mantos-brancos, é uma afronta a tudo o que ela me ensinou, mas ainda assim eu gostaria que fosse verdade. Bem, se desejar adiantasse de alguma coisa... — Ela abriu um sorriso triste, mas de uma tristeza contida. — Já respeitei meu tempo de luto, Thom. Minha mãe morreu, e agora tenho que fazer meu melhor para ser digna de sucedê-la. Ela jamais teria ido atrás da verdade em boatos ridículos, nem ficaria chorando pelos cantos.

— Criança — interveio Thom, meio sem jeito.

Nynaeve se perguntou o que o menestrel sentia a respeito da morte de Morgase, se é que sentia alguma coisa. Parecia difícil de acreditar, mas Thom já fora amante de Morgase quando a rainha era jovem e Elayne mal passava de uma bebê. Naquela época, ele não devia parecer um pano deixado por tempo demais ao sol para secar. Não sabia muito sobre como e por que tudo acabara, só que ele tinha ido embora de Caemlyn de fininho, com um mandado de prisão nos calcanhares. Não era um amor para se contar em histórias. Ele no momento só parecia preocupado em saber se Elayne estava falando a verdade ou escondendo sua mágoa. Ele deu alguns tapinhas no ombro da jovem e afagou seu cabelo. Se Nynaeve não quisesse tanto que eles brigassem como pessoas normais pelo menos uma vez, teria achado a cena muito bonita.

Alguém pigarreou, interrompendo-os.

— Mestre Merrillin? — chamou Tabiya, abrindo o vestido branco em uma medida ligeira. — Mestre Sandar? Sheriam Sedai manda informar que as Votantes estão prontas para receber os dois. E acrescenta que os senhores ainda não podem sair da Pequena Torre.

— Pequena Torre, é? — indagou Thom, seco, examinando a antiga estalagem. — Elas não podem nos prender lá para sempre, Elayne. Quando terminarmos, nós dois vamos conversar sobre... sobre o que você quiser.

O menestrel gesticulou para Tabiya ir na frente e marchou estalagem adentro, o coxear bem nítido era prova de como estava cansado. Juilin endireitou os ombros e o seguiu; parecia andar para a força. Era mesmo taireno.

Nynaeve e Elayne ficaram ali, paradas, sem olhar uma para a outra.

Por fim, Nynaeve falou:

— Eu não estava...

Ao mesmo tempo, Elayne disse:

— Eu não deveria...

As duas pararam de falar ao mesmo tempo, enrubescendo e endireitando as saias.

— Está quente demais para ficar aqui — opinou Nynaeve, por fim.

Não era muito provável que as Votantes ocupadas com os relatos de Siuan e Leane fossem parar para ouvir Thom e Juilin. Elas sempre dividiam esse tipo de trabalho. Só restava Logain, mesmo Nynaeve

preferindo que não fosse o caso. Não descobriria nada novo. Bem, era melhor do que ficar sem fazer nada até aparecerem dez Aes Sedai despejando suas tarefas sobre ela.

Com um suspiro, foi avançando rua abaixo. Elayne a acompanhou, como se tivesse sido convidada, o que ajudou Nynaeve a encontrar a raiva necessária. De repente, reparou que os pulsos de Elayne estavam desnudos.

— Onde está o bracelete? — perguntou, baixinho. Ninguém na rua entenderia, se escutasse, mas bastava abrir mão da cautela uma vez para começar a deixá-la de lado sempre. — Onde está Marigan?

— Está na minha bolsinha, Nynaeve. — Elayne se afastou, abrindo passagem para uma carroça de roda grande, então se aproximou de volta. — Marigan está lavando roupa junto com vinte outras mulheres. E gemendo a cada vez que se move. Ela fez um comentário que achou que Birgitte não fosse ouvir, e Birgitte... Olha, eu *tive* que tirar aquele troço, Nynaeve. Birgitte estava com a razão, e *doeu*. Eu disse para Marigan falar que tinha caído da escada.

Nynaeve fungou com reprovação, mas não estava realmente contrariada. Não havia usado muito o bracelete nos últimos tempos, e não porque não pudesse mais apresentar como suas as descobertas que conseguisse arrancar da Abandonada. Ainda tinha certeza de que Moghedien sabia *alguma coisa* a respeito da Cura, mesmo que nem ela própria percebesse — ninguém podia ser tão cego —, e ainda havia o truque de detectar a canalização de um homem, coisa que Moghedien sempre dizia que as duas estavam quase aprendendo. A verdade era que estava com medo de fazer coisa pior do que Birgitte, caso tivesse mais contato além do absolutamente necessário com a Abandonada. Talvez fosse porque a mulher sempre parecesse ligeiramente satisfeita, mesmo quando reclamava da dor gerada pelas tentativas de Nynaeve de dominar a arte da detecção. Talvez fosse a lembrança de quão assustada se sentira quando ficara sozinha com a mulher sem o bracelete. Talvez fosse um desgosto crescente por ter que evitar que uma Abandonada fosse a julgamento. Talvez fosse um pouco de tudo isso. O que sabia era que, ultimamente, precisava se obrigar a colocar o bracelete, e mal podia conter a vontade de socar o rosto de Moghedien sempre que a via.

— Eu não deveria ter rido de você — declarou Elayne. — Peço desculpas.

Nynaeve parou de andar tão de repente que um cavaleiro atrás delas precisou puxar as rédeas para não a atropelar. O homem ainda deu uns berros antes de sumir na multidão, mas o choque abafou tanto suas palavras que não havia possibilidade de serem ouvidas. Não era um choque pelo pedido de desculpas. Era pelo que precisava dizer. Pois era o certo a se dizer. Era verdade.

Incapaz de olhar para Elayne, Nynaeve retomou a caminhada.

— Você tinha todo o direito de rir. Eu... — Ela engoliu em seco. — Eu é que fiz papel de idiota. — E fizera, mesmo. Theodrin a mandara tomar só uns goles, um copo, e ela bebera cada gota do cântaro. Se era para fracassar, melhor não ser por falta de tentativa. — Você devia ter pegado aquele balde e enfiado minha cabeça dentro da água até eu conseguir recitar “A Grande Caçada à Trombeta” sem errar.

Ela arriscou uma olhada de rabo de olho. Elayne ainda tinha pequenos pontinhos vermelhos nas bochechas. Ah, então houvera mesmo aquela sugestão do balde.

— Poderia ter acontecido com qualquer um — rebateu a Filha-herdeira.

Nynaeve sentiu as próprias bochechas esquentarem. Quando acontecera com Elayne, Nynaeve tinha ensopado a cabeça da garota para tirar o efeito do vinho.

— Você devia ter feito o que fosse preciso para... me deixar sóbria.

Aquela era a discussão mais inusitada que conseguia se lembrar entre elas duas: enquanto insistia que agira como uma completa idiota e que merecia sofrer as consequências de suas ações, Elayne dava uma desculpa atrás da outra para justificar seu comportamento. Nynaeve não entendia por que assumir toda a culpa era tão revigorante, não se lembrava de jamais ter feito coisa parecida, sempre se esquivava até onde podia. Quase se irritou com Elayne, por não concordar que ela tinha agido como uma tonta infantil. A discussão perdurou até as duas chegarem à casinha de palha na extremidade da aldeia onde Logain estava sendo mantido.

— Se você não parar com isso — afirmou Elayne, por fim —, juro que vou buscar um balde d'água agora mesmo.

Nynaeve abriu a boca, então a fechou. Mesmo com a euforia de ter admitido que estava errada, aquilo já era um pouco demais. Não poderia encarar Logain sentindo-se tão bem daquele jeito. Bem, sentindo-se bem daquele jeito qualquer coisa seria inútil sem Moghedien e o bracelete que definitivamente se sentia bem demais para colocar. Deu uma olhada nos dois Guardiões que montavam guarda ao lado da porta de batente de pedra. Não estavam perto o bastante para ouvir, mas mesmo assim baixou a voz.

— Vamos, Elayne. Hoje à noite. — Com Thom e Juilin em Salidar, não haveria necessidade de pedir a Uno que encontrasse cavalos. — Não precisamos ir para Caemlyn, se você não quiser. Vamos para Ebou Dar. Merilille nunca vai encontrar aquela tigela, e Sheriam não vai deixar a gente ir procurar. Que tal? Hoje à noite?

— Não, Nynaeve. Que bem faremos a Rand se as Aes Sedai nos considerarem duas fugitivas? E é isso que seríamos. Você prometeu, Nynaeve. Você prometeu ficar se encontrássemos alguma coisa.

— Prometi ficar se encontrássemos alguma coisa útil. Só encontramos isto! — exclamou, esticando os braços e abrindo as mãos enrugadas debaixo do nariz da Filha-herdeira.

A firmeza sumiu do rosto e da voz de Elayne. A jovem comprimiu os lábios e encarou o chão.

— Nynaeve, você sabe que eu disse para Birgitte que iríamos ficar. Bem, parece que ela contou a Uno que não era para ele arranjar nenhum cavalo a você sob nenhuma circunstância, a menos que ela mandasse. E falou que você estava pensando em fugir. Só descobri quando já era tarde demais. — Ela balançou a cabeça, irritada. — Se ter um Guardião é assim, então não sei como alguém poderia querer um.

Nynaeve achou que os olhos fossem saltar das órbitas de tanta indignação. Então era por isso que Uno ficava olhando para ela. A euforia sumiu, se dissipando em um calor que... bem, era parte raiva, parte humilhação. O homem *sabia* e achava que ela... Ora, vejam só. Franziu o cenho para Elayne, então decidiu não fazer a pergunta que lhe viera à mente: será que Birgitte só alertara a Uno sobre ela ou o nome de Elayne estava incluído? Que bela família adotiva a Filha-herdeira encontrara. Thom, um pai indulgente que queria lhe ensinar tudo o que sabia, e Birgitte, uma irmã mais velha que achava que era seu papel evitar que a garota quebrasse o pescoço montando em cavalos que ainda não sabia controlar.

— Se é assim — disse, indiferente —, vamos ver o que consigo descobrir com Logain.

Era uma casa pequena, de apenas dois cômodos, mas as grossas paredes de pedra deixavam o ambiente relativamente fresco. Logain estava de camisa, fumando um cachimbo e lendo junto a uma janela. As Aes Sedai estavam cuidando bem dele: as poltronas e as mesas eram tão boas quanto qualquer outra em Salidar — nada muito grandioso, mas tudo bem-feito, mesmo sem combinar com qualquer outra peça da mobília —, e um tapete vermelho e dourado cheio de volutas cobria quase todo o piso, que havia sido tão bem varrido que Nynaeve duvidou de que Logain é que tivesse dado conta da limpeza.

Quando entraram, Logain baixou o livro sem parecer incomodado por elas não terem batido à porta. Ele se levantou devagar, esvaziou o cachimbo, vestiu o casaco e só então curvou a perna em uma reverência delicada.

— É bom ver vocês de novo depois de tanto tempo. Achei que tivessem se esquecido de mim. Que tal um pouco de vinho? As Aes Sedai só me permitem uma quantidade limitada, mas não é de má qualidade.

A oferta de vinho já bastou, e Nynaeve por pouco não se encolheu toda — ora, como se precisasse de mais bebida. Considerando o que descobrira de Uno, só o fato de estar diante de um homem já era o bastante. Não precisava alimentar a raiva com seus sentimentos sobre a Pequena Torre, mas pensar neles ajudou um pouco. A Fonte Verdadeira de repente estava ali, um calor invisível quase à vista. Ela se abriu e *saidar* a inundou. Se o que tinha sentido antes era euforia, aquilo era mais que um êxtase — *estava* se rendendo, e que a Luz queimasse Theodrin!

— Sente-se — mandou, fria. — Não vim jogar conversa fora. Responda o que lhe for perguntado. Do contrário, fique de boca fechada.

Logain simplesmente deu de ombros e obedeceu, dócil feito um cãozinho — não, não era docilidade: aquele sorriso era pura insolência. Parte era causada pelo que sentia a respeito das Aes Sedai, Nynaeve tinha certeza, mas outra parte... O homem ficou olhando enquanto Elayne se sentava em outra poltrona, ajustando as saias com movimentos meticulosos. Mesmo que Nynaeve não tivesse visto para onde ele estava olhando, saberia que era para uma mulher. Não havia nenhum sorrisinho, nenhum olhar lascivo, só... Nynaeve não sabia o quê, só sabia que Logain lhe dirigiu o mesmo olhar. De repente, teve total consciência de que era mulher e que ele era homem. Talvez fosse só por ele ser todo bonitão e de ombros largos, mas gostava de pensar que estava acima disso. Claro que não era a aparência dele.

Ela pigarreou e teceu filamentos de *saidar* em volta dele — Ar, Água, Fogo, Terra e Espírito. Todos os elementos da Cura, mas os utilizaria para uma sondagem. Ajudaria se o tocasse, mas não conseguiu se obrigar a fazê-lo. Já era ruim o bastante ter que tocá-lo com o Poder. O homem estava saudável feito um touro e quase tão forte quanto um. Não havia nem um pelo errado com ele, exceto o buraco.

Não era bem um buraco, era mais a sensação de que algo que parecia contínuo acabava de repente, que o que parecia suave e direto estava, na verdade, margeando uma ausência. Conhecia bem aquela sensação, estudara aquilo com muita atenção nos primeiros dias, quando achava que poderia aprender alguma coisa. Ainda lhe dava calafrios.

Logain ergueu os olhos e os fixou nela. Nynaeve não se lembrava de ter se aproximado tanto. O rosto dele era uma máscara do mais puro desdém. Ela podia não ser Aes Sedai, mas estava bem perto disso.

— Como você conseguiu fazer aquilo tudo de uma vez? — indagou Elayne. — Não consegui acompanhar nem metade.

— Silêncio — murmurou Nynaeve. Disfarçando o esforço que teve que fazer para tocá-lo, agarrou a cabeça de Logain com força. Sim. Contato físico facilitava as coisas, as impressões ficavam mais nítidas.

Direcionou todo o fluxo de *saidar* para onde o buraco deveria estar... e quase se surpreendeu ao se deparar com um vazio. Como sempre, não esperava descobrir nada. Homens eram tão diferentes de mulheres no que dizia respeito ao Poder quanto na parte de carne e osso, talvez até mais. Era como estudar uma pedra querendo descobrir mais sobre os peixes. Era difícil se manter concentrada no que estava fazendo, sabendo que sua presença ali era uma formalidade, que estava passando o tempo, por assim dizer.

O que Myrelle vai dizer? Será que não passaria adiante uma mensagem de Egwene? Aquele vazio, tão pequeno que poderia até ser desconsiderado, se mostrou enorme e vasto assim que permitiu que os fluxos o penetrassem, imenso o bastante para engolir a todos. Se ao menos eu tivesse como falar com Egwene... Aposto que assim que ela souber que a Torre está mandando uma missão diplomática atrás de Rand e que as Aes Sedai daqui estão de braços cruzados, ela vai me ajudar a convencer Elayne de que já fizemos tudo o que podíamos por aqui. Um vasto vazio, um nada. Lembrou-se do que encontrara em Siuan e Leane, aquela sensação de algo rompido. Tinha certeza de que era real, mesmo que a sensação fosse fraca. Homens e mulheres podiam até ser diferentes, mas talvez... *Só preciso dar um jeito de falar com ela. Egwene vai concordar que Rand estaria melhor com a gente por perto. E Elayne vai dar ouvidos a ela, já que acha que Egwene conhece Rand melhor que ninguém.* Lá estava. Algo rompido. Era só uma impressão, mas era a mesma com Siuan e Leane. *Mas como vou me encontrar com ela? Ah, se Egwene pudesse aparecer em nossos sonhos outra vez... Aposto que consigo convencê-la a vir se juntar a nós. Nós três nos sairíamos bem melhor com Rand. Juntas, poderíamos contar a ele o que aprendemos em Tel'aran'rhiod, evitar que ele cometa algum erro ingênuo com aquelas Aes Sedai. Ela vai concordar.* Havia algo naquele rompimento... Se fosse remendado com Fogo e Espírito, talvez...

Foi o ligeiro arregalar dos olhos de Logain que comprovou o que ela acabara de fazer. Nynaeve sentiu a

respiração ficar presa na garganta. Afastou-se dele tão rápido que tropeçou na própria saia.

— Nynaeve — chamou Elayne, se endireitando —, qual é o prob...?

Nynaeve piscou, agarrou toda a *saidar* que conseguia canalizar e o blindou.

— Vá buscar Sheriam — mandou, quase atropelando as palavras. — Mais ninguém, só Sheriam. Diga a ela... — Nynaeve respirou tão fundo que pareceu que era o primeiro ar em seu pulmão em horas. Seu coração estava tão acelerado que batia mais rápido que cavalos a galope. — Diga a ela que Curei Logain.



CURAR DE NOVO

Nynaeve sentiu algo empurrar a blindagem que tecera entre Logain e a Fonte Verdadeira, uma pressão que foi se intensificando até a tessitura começar a se curvar e a tremer, chegando quase a ponto de se romper. Deixou que *saidar* percorresse seu corpo, a doçura atingindo o limiar da dor, e canalizou cada fio em Espírito para a barreira.

— Anda logo, Elayne! — Não se incomodou nem um pouco por a voz ter saído tão aguda.

Elayne, que a Luz sempre brilhasse sobre ela, não perdeu tempo com perguntas. A garota se levantou de um pulo e saiu correndo na mesma hora.

Logain não movera um único músculo. Estava com os olhos — que pareciam brilhar — fixos nos de Nynaeve. Luz, o homem era grande, de ombros extremamente largos. Toda atrapalhada, Nynaeve tentou pegar a faca no cinto, então percebeu como estava sendo ridícula. Ele provavelmente conseguiria desarmá-la sem suar nem uma gota a mais do que já estava. Ela desviou alguns dos fluxos para Ar, criando elos que o deixaram preso exatamente onde estava, ainda sentado, amarrado pelos braços e pelas pernas. Logain continuava sendo grande, mas de repente pareceu mais normal e menos ameaçador. Só então lhe ocorreu que diminuía a força da barreira — bem, não conseguiria canalizar nem mais um fio de cabelo. A pura alegria que era *saidar* já era tão intensa em seu corpo que ela quase quis chorar. Logain sorriu.

Um dos Guardiões meteu a cabeça porta adentro, um homem de cabelo escuro com nariz pronunciado e uma cicatriz branca profunda ao longo do queixo magro.

— Alguma coisa errada? A outra Aceita saiu correndo como se tivesse sentado numa urtiga.

— Está tudo absolutamente sob controle — respondeu Nynaeve, com a voz tranquila. Ou ao menos o mais tranquila que conseguiu. *Ninguém pode saber, ninguém!* Não até que tivesse a chance de conversar com Sheriam, de trazer a mulher para seu lado. — Elayne esqueceu uma coisa e foi buscar. — A desculpa soou esfarrapada. — Pode sair. Estou ocupada.

Tervail — era o nome dele, Tervail Dura, Guardião de Beonin. Luz, por que estava preocupada com o nome dele? Antes de se retirar, Tervail abriu um sorriso irônico e fez uma reverência zombeteira. Os Guardiões não deixavam as Aceitas agirem como Aes Sedai.

Precisou de um esforço considerável para evitar umedecer os lábios. Analisou Logain. Por fora, o homem estava calmo, como se nada tivesse mudado.

— Não há necessidade disso, Nynaeve. Acha que eu vou atacar uma aldeia com centenas de Aes Sedai?

Elas fariam picadinho de mim antes que eu desse dois passos.

— Fique quieto — retrucou ela, sem nem pensar. Muito atrapalhada, encontrou uma cadeira atrás de si e, sem nunca tirar os olhos dele, se sentou. Luz, por que Sheriam estava demorando tanto? Ela precisava entender que tinha sido um acidente. A raiva de si própria era a única coisa que a mantinha canalizando. Como pudera ser tão descuidada, uma idiota cega?

— Não tenha medo — insistiu Logain. — Não vou me voltar contra elas, não a esta altura. Elas estão fazendo exatamente o que eu queria, mesmo que não percebam. A Ajah Vermelha acabou. Daqui a um ano, não haverá nenhuma Aes Sedai que ouse admitir que é Vermelha.

— Eu mandei você ficar quieto! — ralhou Nynaeve. — Acha que acredito que você só odeia as Vermelhas?

— Olha, já vi um homem que vai causar mais problemas do que eu já causei. Talvez seja o Dragão Renascido, não sei. Foi quando atravessaram Caemlyn comigo, depois que fui capturado. Ele estava longe, mas eu vi um... um brilho. Foi quando soube que ele iria abalar o mundo. Enjaulado como eu estava, não tive como não rir.

Nynaeve moveu parte do fluxo de Ar que o mantinha preso e o forçou entre as mandíbulas de Logain como uma mordaca. Seu rosto assumiu uma expressão raivosa e sombria, mas a emoção se dissipou quase imediatamente. Nynaeve nem se importou. Conseguira detê-lo. Pelo menos... Logain não tentara resistir, nem um pouco, mas talvez fosse porque soubera desde o princípio que seria inútil. Talvez. Mas com que força ele tentara romper a barreira? A pressão que ela havia sentido contra a blindagem não fora lenta, mas também não fora rápida. Fora quase como um homem alongando músculos há muito não utilizados, empurrando algo sem querer de fato movê-lo, apenas pela necessidade de exercitar os músculos. Só de pensar nisso seu estômago foi tomado por gelo.

Os olhos de Logain brilhavam, divertidos, quase como se o homem soubesse tudo o que havia se passado pela cabeça dela, o que só deixou Nynaeve ainda mais irritada. Logain estava com a boca escancarada feito um idiota, preso e blindado, mas *ele* estava tranquilo. Como pudera ser tão tola? Nynaeve não estava apta a ser Aes Sedai, não se sua barreira desmoronasse naquele instante. Não estava apta para ser deixada sozinha. Melhor dizerem a Birgitte para ficar de olho nela, antes que caísse de cara no chão ao tentar atravessar a rua.

Não foi intencional, mas ficar criticando a si mesma manteve a raiva borbulhando até a porta se escancarar. Não era Elayne.

Sheriam entrou logo depois de Romanda, com Myrelle, Morvrin e Takima seguindo de perto, depois entraram Lelaine, Janya, Delana, Bharatine e Beonin. Então vieram outras, aglomerando-se até lotarem o aposento. Nynaeve conseguia ver outras mulheres do outro lado da porta, que não tinha espaço para ser fechada. As que estavam lá dentro a encaravam, analisando também a tessitura. Estavam tão compenetradas que ela engoliu em seco, e toda a raiva cultivada com tanto cuidado se desfez. E, claro, desfizeram-se também a barreira e os elos que prendiam Logain.

Antes que Nynaeve pudesse pedir a outra pessoa que o blindasse, Nisao se plantou diante dela. Mesmo baixinha como era, a mulher conseguiu se assomar diante dela.

— Então que história é essa de você ter Curado este homem?

— Foi isso mesmo que ela disse que fez? — Logain até conseguiu parecer surpreso.

Varilin se aproximou e parou ao lado de Nisao. A Cinza esbelta era tão alta quanto Logain e se assomava acima de Nynaeve.

— Era isso que eu temia quando todo mundo começou a afagá-la por conta das descobertas. Assim que as novidades se esgotaram, os afagos cessaram. Claro que ela tentaria alguma maluquice para recuperá-los.

— É nisso que dá deixar a garota ficar *estudando* Siuan e Leane — interveio Romanda, firme. — E este sujeito. Deveriam ter dito a ela de uma vez que certas coisas não podem ser Curadas e ponto final!

— Mas eu Curei! — protestou Nynaeve. — Eu Curei! Por favor, blindem Logain. Vocês precisam blindá-lo, por favor!

As Aes Sedai diante dela se viraram para Logain, abrindo o mínimo de espaço de que ela precisava para também olhá-lo. O desgraçado devolveu os olhares com uma expressão inocente. Chegou até a dar de ombros!

— Acho que o mínimo que podemos fazer é mantê-lo blindado até termos certeza absoluta — sugeriu Sheriam.

Romanda aquiesceu, e uma blindagem despontou, sendo aumentada até se tornar forte o bastante para prender um gigante. O brilho de *saidar* envolvia quase todas as mulheres presentes. Romanda restaurou um pouco da ordem nomeando seis mulheres para manter uma blindagem menor, mas ainda assim mais que suficiente.

Myrelle agarrou o braço de Nynaeve.

— Você vai nos perdoar, Romanda, mas precisamos conversar a sós com Nynaeve.

Sheriam agarrou o outro braço.

— Melhor acabarmos logo com isso.

Romanda assentiu, distraída. Estava franzindo o cenho para Logain, como quase todas as Aes Sedai ali. Ninguém fez menção de sair.

Sheriam e Myrelle puseram Nynaeve de pé e a puxaram para a porta.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Nynaeve, sem fôlego. — Para onde estão me levando?

Do lado de fora, as três foram se acotovelando pela multidão de Aes Sedai. Muitas mulheres a encaravam com um olhar intenso, até acusador. Passaram aos empurrões por Elayne, que fez uma careta culpada. Nynaeve a encarou por cima do ombro enquanto as duas Aes Sedai a arrastavam tão depressa que ela não conseguia evitar tropeçar. Não que esperasse que Elayne fosse ajudá-la, mas podia ser a última vez que Nynaeve a via. Beonin estava falando alguma coisa para Elayne, que disparou pelo meio da multidão.

— O que vocês vão fazer comigo? — ganiu Nynaeve.

— Poderíamos deixar você esfregando panelas para o resto da vida — respondeu Sheriam em tom casual.

Myrelle assentiu.

— Você poderia passar o dia trabalhando nas cozinhas.

— Ou poderíamos açoitá-la todos os dias.

— Arrancar seu couro pedacinho por pedacinho.

— Pregar você dentro de um barril e só passar comida pelo buraquinho na tampa.

— Mas só mingau. Mingau dormido.

Nynaeve sentiu os joelhos fraquejarem.

— Foi um acidente! Eu juro! Foi sem querer!

Sem diminuir o passo, Sheriam sacudiu-a.

— Não seja tola, criança. Você pode ter feito algo impossível.

— Vocês acreditam em mim? Acreditam! Por que não disseram nada quando Nisao e Varilin e... Por que não disseram nada?

— Eu disse “pode ter feito”, criança. — Ela sentiu uma pontada de tristeza ao notar o tom neutro de Sheriam.

— Outra possibilidade — acrescentou Myrelle — é seu cérebro ter inchado de tanto esforço. — Ela encarou Nynaeve com um olhar desconfiado. — Você ficaria surpresa com a quantidade de Aceitas e até de noviças que afirmam ter redescoberto algum Talento perdido ou descoberto um novo. Quando eu era noviça, uma Aceita chamada Echiko estava tão convencida de que sabia voar que pulou do alto da Torre.

Atordoadas, Nynaeve olhava de uma mulher para a outra. Acreditavam nela ou não? Será que achavam mesmo que estava *louca*? *O que, sob a Luz, elas vão fazer comigo?* Tentava encontrar palavras para convencê-las — não estava mentindo, não estava maluca, e *tinha mesmo* Curado Logain —, mas sua boca abria e fechava sem fazer barulho, e foi assim até entrarem às pressas na Pequena Torre.

Só quando adentraram o que antes era uma sala de jantar privada da antiga estalagem, um aposento comprido onde agora havia uma mesa estreita cercada de cadeiras junto a uma parede, foi que Nynaeve se deu conta de que havia seguidoras em seu encalço. Mais de dez Aes Sedai foram entrando atrás delas: Nisao, de braços cruzados; Dagdara, com o queixo projetado para a frente como se pretendesse atravessar uma parede; Shanelle, Therva e... Todas da Ajah Amarela, salvo Sheriam e Myrelle. Aquela mesa sugeria a câmara de um magistrado, e a fileira de rostos taciturnos indicava um julgamento. Nynaeve engoliu em seco.

Sheriam e Myrelle a deixaram ali, de pé, e deram a volta para se juntar às Aes Sedai perto da mesa. Então, de costas para ela, começaram a conversar em voz baixa entre si. Quando se viraram de volta, seus rostos estavam indecifráveis.

— Você afirma ter Curado Logain. — Havia um quê de desdém na voz de Sheriam. — Você afirma ter Curado um homem amansado.

— Vocês têm que acreditar em mim — protestou Nynaeve. — Você disse que acreditava.

Ela deu um pulo, como se algo invisível a tivesse golpeado com força na cintura.

— Olhe os modos, Aceita — retrucou Sheriam com frieza. — Você ainda afirma isso?

Nynaeve encarou a mulher. Sheriam é que estava louca, mudando de comportamento daquele jeito. Ainda assim, conseguiu soar respeitosa:

— Sim, Aes Sedai.

Dagdara soltou uma exclamação de surpresa e desdém.

Sheriam gesticulou para aquietar um murmúrio entre as Amarelas.

— E você diz que o que fez foi um acidente. Se for o caso, suponho que não haja nenhuma chance de repetir o feito para provar que diz a verdade.

— Como ela poderia? — indagou Myrelle, parecendo achar graça. *Graça!* — Se ela foi fazendo o que fez às cegas, como conseguiria repetir? Não que faça diferença, a menos que ela realmente tenha Curado o homem.

— Responda! — exclamou Sheriam, e aquele açoite invisível a golpeou outra vez. Desta vez, Nynaeve conseguiu não se sobressaltar. — Existe alguma chance de você se lembrar do que fez, ao menos em parte?

— Eu me lembro, Aes Sedai — afirmou Nynaeve, soturna, com medo de uma nova agressão. O golpe não veio, mas já conseguia ver o brilho de *saidar* em torno de Sheriam. Aquele brilho parecia ameaçador.

Houve uma pequena comoção à porta, e Carlinya e Beonin abriram caminho pela fileira de Amarelas. Uma empurrava Siuan à frente, a outra trazia Leane.

— Elas não queriam vir — anunciou Beonin, exasperada. — Acreditam que elas tiveram a audácia de tentar dizer que estavam ocupadas?

Leane tinha a expressão tão inescrutável quanto a de qualquer Aes Sedai, mas Siuan disparava olhares irados para todas as presentes, sobretudo para Nynaeve.

Foi então que Nynaeve enfim compreendeu. Tudo se encaixou. A presença das irmãs Amarelas. Sheriam e Myrelle acreditando nela, depois não acreditando mais, ameaçando-a, agredindo-a. Foi tudo de propósito, tudo para deixá-la com raiva suficiente para que ela usasse sua Cura em Siuan e Leane, para que provasse seu feito para as Amarelas. Não. Pelas expressões em seus rostos, aquelas mulheres estavam ali para vê-la fracassar. Nynaeve não fez nenhum esforço para esconder o puxão que deu na trança — inclusive puxou outra vez, caso alguém não tivesse visto da primeira vez. Queria esbofetear *todas*. Queria dar a elas uma dose de

um preparado de ervas que, só com o cheiro, faria todas se sentarem no chão e chorarem feito bebês. Queria arrancar o cabelo de todas e estrangulá-las com os fios, queria...

— Eu preciso mesmo aguentar essa baboseira? — rosnou Siuan. — Tenho coisas importantes a fazer. Mesmo que eu só tivesse que cortar a cabeça de peixes, seria mais imp...

— Ah, cale a boca — interrompeu Nynaeve, irritadiça.

Com um passo, tomou a cabeça de Siuan nas mãos, como se pretendesse quebrar o pescoço da mulher. Tinha acreditado naquelas bobagens, até na história do barril! Aquelas mulheres a manipularam e ela tinha caído direitinho!

Saidar preencheu-a, e Nynaeve canalizou como fizera com Logain, combinando todos os Cinco Poderes. Desta vez sabia o que estava buscando, aquela sensação de algo rompido que quase não parecia estar lá. Espírito e Fogo para remendar a fenda, e...

Por um momento, Siuan só a encarou, impassível. Em seguida, o brilho de *saidar* a envolveu. Murmúrios de surpresa tomaram a sala. Bem devagar, Siuan se inclinou para a frente e deu um beijo em cada bochecha de Nynaeve. Uma lágrima correu por seu rosto, depois outra, e, de repente, Siuan estava chorando, abraçando a si mesma, trêmula. A aura reluzente ao seu redor se dissipou. Sheriam a envolveu em um abraço reconfortante e também parecia prestes a chorar.

As demais presentes encaravam Nynaeve. O choque que substituíra toda aquela serenidade de Aes Sedai foi muito satisfatório, e até mesmo a decepção em seus rostos foi gratificante. Os olhos azul-claros de Shanelle pareciam prestes a saltar das órbitas. Nisao ainda estava de queixo caído, até que a mulher notou que Nynaeve estava olhando e tratou de fechar a boca.

— O que fez você pensar em usar Fogo? — indagou Dagdara em uma voz estrangulada que pareceu extremamente aguda para uma mulher tão grande. — E Terra? Você usou Terra. A Cura se faz com Espírito, Água e Ar.

Aquilo abriu as comportas, e ela foi inundada por perguntas vindas de todas as presentes. Mas, na verdade, eram sempre as mesmas perguntas, apenas com palavras diferentes.

— Não sei por quê — respondeu Nynaeve, quando encontrou uma brecha. — Só me pareceu certo. Eu quase sempre uso tudo.

Aquilo gerou uma rodada de broncas. A Cura se fazia com Espírito, Água e Ar. Na Cura, era perigoso experimentar. Um erro poderia matar não só a Aes Sedai, mas também o paciente. Nynaeve não respondeu, e as advertências logo cessaram, abafadas entre olhares contrariados e saias amarrotadas. Além de não matar ninguém, Nynaeve ainda Curara o que elas diziam que era impossível ser Curado.

Leane exibiu um sorriso tão esperançoso que chegava quase a doer. Nynaeve se aproximou dela, também abrindo um sorriso, mascarando a irritação ardente que sentia por dentro. A Ajah Amarela e todo aquele suposto conhecimento sobre a Cura. Quantas vezes ela não estivera disposta a implorar de joelhos para que elas lhe ensinassem. Ora, entendia mais de Cura do que qualquer uma delas!

— Agora prestem bastante atenção, vocês não vão ter outra chance de ver como se faz tão cedo.

Conforme canalizava, Nynaeve sentiu uma aproximação, mas ainda não sabia dizer o que se aproximava. A Cura em Leane e Siuan era um pouco diferente da de Logain. Bem, como vivia dizendo a si mesma, homens e mulheres *eram* diferentes. *Luz, ainda bem que isso funciona com elas tão bem quanto funcionou com ele!* Aquilo provocou algumas perguntas desagradáveis. E se certas coisas exigissem Curas distintas em homens e mulheres? Talvez seu conhecimento não fosse mesmo tão grande quanto o das Amarelas.

A reação de Leane foi diferente. Nada de lágrimas. A mulher abraçou *saidar*, abriu um sorriso agradecido e soltou, apesar de o sorriso permanecer. Então agarrou Nynaeve em um abraço, apertando até suas costelas estalarem.

— Obrigada, obrigada, obrigada — sussurrava, sem parar.

Um murmúrio despontou entre as Amarelas, e Nynaeve se preparou para se deleitar com os elogios que receberia. Aceitaria as desculpas com elegância. Foi quando ouviu o que as mulheres estavam falando:

— ... usou Fogo e Terra como se estivesse abrindo um buraco numa pedra — comentou Dagdara em tom de reprovação.

— Um toque mais suave seria melhor — concordou Shanelle.

— ... ver se Fogo pode ser útil em problemas com o coração — ponderou Therva, tamborilando o narigão.

Beldemaine, uma arafeliana rechonchuda com sininhos de prata no cabelo, aquiesceu, pensativa, e completou: — ... se Terra fosse combinada com Ar assim, então...

— Fogo tecido em Água...

— Terra misturada com Água...

Nynaeve ficou boquiaberta. As mulheres já tinham se esquecido dela! Achavam que poderiam aprimorar a demonstração que tinham acabado de ver!

Myrelle deu um tapinha em seu braço.

— Você se saiu muito bem — murmurou. — Não se preocupe. Depois elas serão só elogios. Agora ainda estão um pouco desconcertadas.

Nynaeve fungou alto com desdém, mas nenhuma das Amarelas pareceu notar.

— Espero que isso ao menos signifique que não preciso mais esfregar panelas.

Sheriam se virou para ela de repente, sobressaltada.

— Por que não precisaria, criança? Que ideia é essa? — A mulher ainda tinha o braço em torno de Siuan, que, bastante envergonhada, enxugava os olhos com um lenço rendado. — Se qualquer pessoa pudesse quebrar regras ao bel-prazer, fazer o que bem entendesse, e escapar de punições só por fazer algo positivo para compensar... o mundo seria um caos.

Nynaeve suspirou. Devia ter imaginado.

Afastando-se das outras Amarelas, Nisao pigarreou. Disparou a Nynaeve um breve olhar que só poderia ser acusatório.

— Suponho que isso signifique que teremos que amansar Logain de novo. — Pelo tom de voz, ela parecia querer fingir que nada daquilo acontecera.

Quando as presentes começaram a aquiescer, Carlinya se pronunciou, tão gélida que o aposento pareceu ficar mais frio.

— Mas será que devemos? — Todos os olhos se voltaram para ela, que apenas prosseguiu, muito calma e tranquila. — Temos que considerar as implicações éticas. Como podemos apoiar um homem que é capaz de canalizar, um homem que está tentando juntar outros homens com a mesma habilidade, e, ao mesmo tempo, continuarmos agindo como antes, amansando os que encontramos? Na prática, que efeito isso terá quando ele descobrir? Por mais aflitiva que seja a atual situação, ela vai ajudá-lo a nos ver como um grupo dissociado da Torre e, mais importante, de Elaida e da Ajah Vermelha. Se amansarmos um único homem que seja, podemos perder essa diferenciação. Com isso, perdemos a chance de estabelecer nossa influência sobre ele antes de Elaida.

Quando ela parou, o silêncio caiu como um manto sobre o ambiente. Aes Sedai trocaram olhares preocupados, e os olhares dirigidos a Nynaeve fizeram o de Nisao parecer gentil. Irmãs tinham morrido na captura de Logain. E, mesmo que ele estivesse blindado, Nynaeve o transformara em um problema de novo e ainda dera um jeito de piorar a situação.

— Acho que você deveria ir — advertiu Sheriam, baixinho.

Nynaeve nem discutiu. Fez suas medidas o mais rápido possível e fez o possível para não sair correndo.

Quando saiu, Elayne já estava se levantando da escadinha de pedra.

— Me desculpe, Nynaeve — pediu ela, esfregando a saia. — Eu estava tão empolgada que deixei escapar tudo para Sheriam antes de me dar conta de que Romanda e Delana estavam lá.

— Não importa — respondeu Nynaeve, com firmeza, começando a andar pela rua lotada. — Elas ficariam sabendo mais cedo ou mais tarde. — Mas não era justo, não era. *Eu fiz uma coisa que elas disseram que não podia ser feita e ainda tenho que esfregar panelas!* — Elayne, não me importa o que você disser, temos que ir embora. Carlinya estava falando de “estabelecer influência” sobre Rand. Esse pessoal não é diferente da Elaida. Thom ou Juilin podem arranjar cavalos para nós, e Birgitte pode ir pentear capim.

— Receio que já seja tarde demais — ponderou Elayne em tom infeliz. — A notícia já está se espalhando.

Vindas de direções opostas, Larissa Lyndel e Zenare Ghodar atacaram Nynaeve feito dois falcões disputando uma lebre. Larissa era uma mulher ossuda cujo rosto simples quase se sobrepunha à idade indefinida de Aes Sedai, e Zenare era um tanto rechonchuda e com arrogância suficiente para fazer frente a duas rainhas, mas ambas pareciam ávidas e ansiosas. Eram da Ajah Amarela, embora nenhuma das duas estivesse presente quando Nynaeve Curou Siuan e Leane.

— Quero ver você fazer tudo de novo passo a passo — afirmou Larissa, agarrando firme um de seus braços.

— Nynaeve! — exclamou Zenare, tomando o outro braço. — Se você repetir a tessitura algumas vezes, aposto que vou descobrir umas cem coisas em que você nunca pensou.

Salita Toranes, uma tairana quase tão escura quanto as pessoas do Povo do Mar, pareceu surgir do nada.

— Vejo que foram mais rápidas. Bem, que minha alma queime se vou ficar esperando na fila.

— Eu cheguei primeiro, Salita — advertiu Zenare, firme, apertando mais o braço de Nynaeve.

— *Eu cheguei primeiro* — corrigiu Larissa, apertando também.

Nynaeve lançou um olhar de puro terror para Elayne, mas recebeu de volta apenas um olhar de pena e um dar de ombros — era disso que a jovem estava falando quando disse já ser tarde demais. Nynaeve não teria mais um instante de paz.

— ... com raiva? — ia dizendo Zenare. — Pois eu consigo pensar em cinquenta coisas que a deixariam com raiva suficiente até para mastigar pedras.

— *Eu consigo pensar em cem* — interveio Larissa. — E *eu* pretendo quebrar esse bloqueio dela, nem que seja a última coisa que eu faça.

Magla Daronos se enfiou entre o grupo abrindo caminho com os ombros, coisa que tinha de sobra. Parecia alguém hábil no manejo da espada ou de um machado de ferreiro.

— *Você vai quebrar, Larissa? Rá!* No caso, eu é que já pensei em várias maneiras de acabar de uma vez com essa história.

Nynaeve só queria gritar.

* * *

Siuan tentou com todas as suas forças não abraçar e segurar *saidar*, pois achou que fosse começar a chorar de novo, e isso seria inaceitável. Além de tudo, ficaria parecendo uma noviça boba aos olhos das mulheres que se amontoavam em torno dela na sala de espera. Cada expressão de fascínio e deleite, cada acolhida calorosa como se ela tivesse passado anos longe era como um bálsamo, sobretudo daquelas de quem já era amiga antes de se tornar Amyrlin, antes que o tempo e o dever as afastassem. Lelaine e Delana a envolveram em abraços como não faziam havia longos anos. Moiraine tinha sido sua única amiga mais próxima, a única além de Leane que ela conseguira manter por perto depois de receber a estola, e o dever as ajudara a permanecer juntas.

— É tão bom ter você de volta — disse Lelaine, risonha.

— Tão, tão bom — murmurou Delana, com uma voz calorosa.

Siuan gargalhou e teve que enxugar as lágrimas das bochechas. Luz, qual era o problema dela? Não chorava assim desde criança!

Talvez fosse apenas alegria por recuperar *saidar*, por todas as reações calorosas ao seu redor. Só a Luz sabia, mas aquilo era o bastante para abalar qualquer um. Nunca ousara sonhar que aquele dia chegaria, mas, agora que tinha chegado, não guardava rancor de nenhuma daquelas mulheres, perdoava a frieza da distância de antes, assim como da insistência anterior para que Siuan jamais pensasse que era uma igual. A divisão entre Aes Sedai e não Aes Sedai era clara — Siuan insistira nisso antes de ser estancada, e não precisava dizer que tornaria a fazê-lo —, e ela sabia como antes era preciso lidar com dureza com mulheres estancadas, para o próprio bem delas e daquelas que ainda eram capazes de canalizar. Como antes. Era estranho se dar conta de que aquilo jamais se repetiria.

De rabo de olho, Siuan avistou Gareth Bryne subindo a escada lateral do aposento.

— Me deem licença um momentinho — disse, e foi correndo atrás dele.

Mesmo às pressas, precisou parar a cada dois passos para aceitar mais congratulações durante todo o caminho até a escada, de modo que só o alcançou quando Bryne já estava em um corredor no segundo andar. Correu para ultrapassá-lo e se plantou diante dele. O cabelo quase todo grisalho do homem estava assanhado pelo vento, o rosto quadrado e o casaco de camurça desgastada estavam empoeirados. Ele parecia tão sólido quanto uma pedra.

Bryne ergueu um maço de papéis e disse, tentando contorná-la:

— Tenho que entregar isto aqui, Siuan.

Ela se moveu para bloquear seu caminho.

— Eu fui Curada. Posso canalizar de novo.

Ele assentiu — só assentiu!

— Eu fiquei sabendo. Suponho que isso signifique que, de agora em diante, você vai canalizar para limpar minhas camisas. Quem sabe agora elas fiquem limpas de verdade. Já me arrependi de ter aberto mão de Min tão fácil.

Siuan o encarou. O homem não era bobo. Por que estava fingindo que não entendia?

— Eu voltei a ser Aes Sedai. Você espera mesmo que uma Aes Sedai *lave as suas roupas*?

Só para deixar bem claro, ela abraçou *saidar* — aquela doçura da qual sentia tanta falta era tão maravilhosa que seu corpo chegou a estremecer —, envolveu-o em fluxos de Ar e o suspendeu — ou melhor, tentou suspender. Pasma, abraçou mais, tentou com mais força... até que a doçura a apunhalou feito mil anzóis. As botas do homem sequer saíram do chão.

Era impossível. Tudo bem que suspender algo era uma das coisas mais difíceis de se fazer ao canalizar, mas ela antes podia erguer quase três vezes o próprio peso.

— Era para eu ficar impressionado? — perguntou Bryne, com toda a calma. — Sheriam e suas amigas me deram sua palavra, o Salão me deu sua palavra, e, mais importante, você me deu a sua palavra, Siuan. Não deixaria você se safar com menos do que me prometeu nem se você voltasse a ser a Amyrlin. Agora trate de desfazer o que quer que tenha feito, senão, quando eu mesmo me soltar, vou lhe virar de cabeça para baixo e lhe dar uns tapas no traseiro por ser tão infantil. É bem raro você ser infantil, então não vá pensando que, a esta altura, vou deixar que você comece com isso.

Quase aturdida, Siuan soltou a Fonte. Não fora por conta da ameaça dele — Bryne cumpriria a ameaça, como já fizera outras vezes, embora não por esse motivo — e nem pelo choque de não ter conseguido levá-lo. Lágrimas pareciam brotar de repente em seus olhos, e ela esperava que soltar *saidar* pudesse contê-las. Algumas, contudo, continuaram a descer pelas bochechas, mesmo depois de ela piscar com força.

Antes de Siuan se dar conta de que o homem se movera, Gareth já tomara a cabeça dela entre as mãos.

— Luz, mulher, não vá me dizer que eu a assustei. Achava que você não teria medo nem se fosse largada numa cova com um bando de leopardos.

— Eu não estou com medo — retrucou ela, firme.

Bom. Ainda conseguia mentir. Por dentro, as lágrimas brotavam.

— Temos que encontrar um jeito de parar de atacar um ao outro o tempo todo — ponderou ele, em voz baixa.

— Não temos por que dar um jeito em nada. — As lágrimas estavam vindo. Estavam vindo. Ah, Luz, ele não podia ver. — Só me deixe em paz, por favor. Por favor, apenas suma.

Para sua surpresa, ele hesitou apenas por um momento antes de fazer o que ela pediu.

Ouvindo os passos de Bryne atrás de si, Siuan só conseguiu virar o corredor transversal antes que a represa arrebetasse e ela caísse de joelhos, debulhando-se em lágrimas. Àquela altura, já sabia o motivo. Alric, seu Guardiã — seu Guardiã morto, assassinado quando Elaida a depôs. Consequia mentir — os Três Juramentos tinham mesmo sido desfeitos —, mas alguma parte do elo com Alric, um elo de carne com carne e mente com mente, voltara. A dor da morte dele, antes mascarada pelo choque de descobrir as intenções de Elaida e depois enterrada com o estancamento... aquela dor a tomou por completo. Encolhida junto à parede, aos prantos, seu único consolo era Gareth não estar ali. *Não tenho tempo para o amor, que o queime!*

Pensar aquilo foi como levar um balde de água fria no rosto. A dor permaneceu, mas as lágrimas cessaram, e ela conseguiu se levantar com certo esforço. Amor? Aquilo era tão impossível quanto... quanto... Siuan não conseguia pensar em nada tão impossível. Aquele homem era impossível!

De repente, percebeu que Leane estava ali, parada, a menos de duas passadas de distância, observando-a. Ergueu a mão para limpar as lágrimas do rosto, mas desistiu. Não havia nada além de compaixão no rosto da amiga.

— Como você lidou com a... morte de Anjen, Leane? — Já fazia quinze anos.

— Eu chorei — respondeu Leane. — Passei um mês me segurando durante o dia e gastando a noite inteira chorando encolhida na minha cama. Depois de já ter transformado os lençóis em farrapos. Por outros três meses, as lágrimas brotavam sem mais nem menos. Só parou de doer mais de um ano depois. Por isso que nunca mais criei nenhum elo. Achava que não suportaria passar por tudo aquilo de novo. Mas passa, Siuan. — Ela conseguiu abrir um sorriso travesso. — Hoje em dia acho que já daria conta de dois ou três Guardiões, se não quatro.

Siuan assentiu. Poderia chorar à noite. Quanto ao maldito Gareth Bryne... Não havia nada. Não havia!

— Acha que elas já estão prontas? — Lá embaixo, só tinham conseguido alguns momentos para conversar. Aquele anzol precisava ser posicionado rápido, ou não seria nem lançado.

— Talvez. Não tive muito tempo. E tive que tomar cuidado. — Leane hesitou. — Tem certeza de que quer continuar com isso, Siuan? Vai mudar tudo para o que trabalhamos tão de repente e... eu não sou tão forte quanto antes, Siuan, nem você. A maior parte das mulheres aqui consegue canalizar mais que nós duas. Luz, acho que até algumas Aceitas conseguiriam, sem contar Elayne ou Nynaeve.

— Eu sei — ponderou Siuan. Precisava correr o risco. O outro plano não passara de um paliativo por conta de não ser mais Aes Sedai. Agora que voltara a ser... bem, fora deposta com pouco ou quase nenhum respeito às leis da Torre. Se voltara a ser Aes Sedai, por que não poderia ser Amyrlin de novo?

Ela endireitou os ombros e partiu lá para baixo, para enfrentar o Salão.

Deitada de camisola, Elayne conteve um bocejo e continuou a esfregar o creme que recebera de Leane. A mistura pareceu surtir algum efeito — ao menos achava que as mãos estavam mais macias. Uma brisa noturna entrava pela janela, fazendo bruxulear a vela solitária; ainda assim as lufadas de ar só serviam, se muito, para esquentar ainda mais o quarto.

Nynaeve entrou cambaleante, bateu a porta e se jogou na cama, de onde encarou Elayne.

— Magla é a mulher mais baixa, odiosa e *desprezível* do mundo todo — resmungou. — Não, essa é Larissa. Ou melhor, Romanda.

— Então quer dizer que elas conseguiram deixá-la com raiva suficiente para canalizar. — Nynaeve grunhiu, fazendo a expressão mais irritada e maligna que conseguia, e Elayne tratou de mudar de assunto. — Teve que fazer a demonstração para quantas delas? Achei que você fosse conseguir voltar bem mais cedo. Eu procurei por você no jantar, mas não a vi em lugar nenhum.

— Jantei um pãozinho — resmungou Nynaeve. — Um pãozinho! Tive que demonstrar para todas elas, até a última Amarela aqui de Salidar. Só que aquelas mulheres nunca ficam satisfeitas. Agora querem falar comigo uma de cada vez. Até montaram um esquema de revezamento! Amanhã de manhã é Larissa, e isso antes mesmo do café da manhã! Depois vem Zenare, depois... Ah, e elas não paravam de trocar ideias sobre como me irritar, falando como se eu nem estivesse presente! — Ela ergueu a cabeça, antes apoiada na colcha. Parecia ansiosa. — Estão competindo para ver quem consegue quebrar meu bloqueio, Elayne. Parecem moleques tentando agarrar o porco enebado no dia do festival. E eu sou o porco!

Com um bocejo, Elayne passou para ela o pote de creme para as mãos. Instantes depois, Nynaeve se virou na cama e começou a esfregar o unguento nas palmas — mesmo com todos os novos compromissos, continuava tendo que gastar um bom tempo com as panelas.

— Olha, peço desculpas por não ter feito como você queria naquele dia, Nynaeve. Poderíamos ter tecido disfarces como os de Moghedien e fugido no meio do dia sem que ninguém percebesse... — De repente, Nynaeve parou de esfregar as mãos. — O que foi?

— Eu não tinha pensado nisso. Nunca nem *pensei* nisso!

— Não? Eu achei que tivesse. Você é que aprendeu a tessitura primeiro.

— Tento nem pensar nas coisas que não podemos compartilhar com as irmãs. — A voz de Nynaeve soava insípida feito gelo, além de quase tão fria e dura quanto. — Bem, tarde demais. Estou tão cansada que não conseguiria canalizar nem mesmo se você tacasse fogo no meu cabelo. E acho que vou passar o resto da minha vida cansada, no que depender dessas mulheres. Elas só me liberaram hoje à noite porque não consegui agarrar *saidar* nem quando Nisao... — Nynaeve estremeceu e voltou a esfregar as mãos, espalhando o creme.

Elayne deixou escapar um suspiro contido. Quase se atrapalhara com as palavras. Também estava cansada. Admitir que estivera errado sempre fazia o outro se sentir um pouco melhor, mas não fora sua intenção sugerir usarem *saidar* para criar algum disfarce — inclusive, era o que temia que Nynaeve fosse sugerir. Ali, ao menos, poderiam ficar de olho nas Aes Sedai de Salidar e talvez conseguissem passar informações a Rand através de Egwene, quando ela enfim voltasse a visitar *Tel'aran'rhiod*. Na pior das hipóteses, ainda tinham um mínimo de influência através de Siuan e Leane.

Como se convocadas pelos pensamentos de Elayne, a porta se abriu e as duas entraram no quarto. Leane trazia uma bandeja de madeira com pão e uma tigela de sopa, além de uma xícara de cerâmica vermelha e um jarro branco vitrificado. Havia até um ramalhete fresco em um vasinho azul.

— Siuan e eu achamos que você talvez estivesse com fome, Nynaeve. Disseram que as Amarelas abusaram de você.

Elayne não sabia ao certo se devia se levantar. Eram só Siuan e Leane, mas as duas agora eram Aes Sedai de novo — ou ao menos ela achava que fossem. As recém-chegadas resolveram o impasse ao se sentarem:

Siuan se acomodou no pé da cama de Elayne, e Leane, na de Nynaeve, que encarou as duas com desconfiança antes de se sentar, as costas coladas na parede e a bandeja apoiada nos joelhos.

— Ouvi rumores de que você se apresentou ao Salão, Siuan — comentou Elayne, hesitante. — Deveríamos ter feito medidas?

— Quer saber se voltamos a ser Aes Sedai, garota? Sim. Elas bateram boca feito um monte de vendedoras de peixe na feira, mas pelo menos concordaram com isso.

Siuan trocou olhares com Leane, e suas bochechas adquiriram um leve tom rosado. Elayne suspeitou de que jamais descobriria com o que as Votantes não tinham concordado.

— Myrelle teve a gentileza de ir atrás de mim para contar — explicou Leane, cortando o breve silêncio. — Acho que vou escolher a Verde.

Nynaeve se engasgou com a colherada de sopa.

— Como assim? Dá para mudar de Ajahs?

— Não, não dá — respondeu Siuan. — Mas o Salão decidiu que, apesar de ainda sermos Aes Sedai, passamos um tempo sem ser. E, como elas insistem em dizer que toda aquela baboseira de deposição foi legal, todos os nossos antigos laços, elos, associações e títulos já não têm mais valor — explicou, a voz tão áspera que serviria como lixa de madeira. — Amanhã vou falar com as Azuis para ver se me aceitam de volta. Nunca ouvi falar de uma Ajah que rejeitasse alguém. Tudo bem que uma Aceita, quando é elevada, já foi abraçada pela Ajah certa, mesmo que não perceba que seus passos estão sendo guiados. Bem, pelo jeito como estão conduzindo essas questões, eu não ficaria surpresa se as Azuis batessem a porta na minha cara.

— E *como* as questões estão sendo conduzidas? — indagou Elayne. Tinha alguma coisa errada. Siuan era de intimidar, espicaçar e torcer o braço das pessoas com quem queria resolver algum assunto, não de trazer sopa, sentar ao pé da cama e bater papo como boas amigas. — Achei que tudo estivesse caminhando tão bem quanto se poderia esperar.

Nynaeve a encarou com um olhar ao mesmo tempo incrédulo e abatido. Bem, a amiga com certeza sabia o que Elayne quis dizer.

Siuan se virou para encará-la, mas não deixou Nynaeve de lado.

— Passei na casa de Logain. Tem seis irmãs mantendo a blindagem, igual a quando o capturaram. Ele tentou se libertar quando descobriu que já sabíamos que ele tinha sido mesmo Curado, e as irmãs de lá disseram que ele teria conseguido se fossem apenas cinco mantendo a barreira. Ou seja, o homem está tão forte quanto antes, ou com a força tão parecida que quase não faz diferença. Eu, não. Nem Siuan. Quero que você tente de novo, Nynaeve.

— Eu sabia! — Nynaeve arremessou a colher de volta para a bandeja. — Sabia que vocês queriam alguma coisa! Bem, estou cansada demais para canalizar, e, mesmo se não estivesse, não adiantaria de nada. Não se pode Curar o que já foi Curado. Agora caíam fora e levem essa sopa nojenta com vocês!

Restava menos da metade da sopa nojenta, e a tigela era bem grande.

— Eu sei que não vai funcionar! — retrucou Siuan, irritada. — Hoje de manhã eu também sabia que era impossível Curar um estancamento!

— Espere um pouco, Siuan — interrompeu Leane. — Nynaeve, você entende o que estamos arriscando, vindo aqui juntas? Isto aqui não é um quarto escondido num beco, com aquela sua amiga arqueira montando guarda. Tem mulheres pela casa toda, mulheres com olhos para ver e bocas para falar. Se descobrirem que Siuan e eu estamos fazendo esse joguinho com todo mundo, mesmo que só descubram daqui a dez anos... bem, basta dizer que Aes Sedai também podem ser punidas e que é muito provável acabarmos numa fazenda capinando repolhos até muito depois de nosso cabelo ficar branco. Viemos aqui pelo que você fez por nós, queremos recomeçar do zero.

— Por que não procuraram uma das Amarelas? — questionou Elayne. — A esta altura, a maioria já deve

saber tanto quanto Nynaeve.

A amiga a encarou, indignada, por cima da colherada de sopa. Não estavanojenta?

Siuan e Leane se entreolharam, até que a antiga Amyrlin confessou, relutante:

— Se falarmos com alguma irmã, mais cedo ou mais tarde todo mundo vai acabar sabendo. Se Nynaeve nos ajudar, pode ser que alguma das irmãs que conseguiu nos analisar hoje ache que cometeu um erro. Supostamente as irmãs são todas iguais, e já houve uma ou outra Amyrlin que quase não conseguia canalizar o suficiente para ganhar a estola. Ainda assim, segundo costume, exceto nos casos envolvendo um título como o de Amyrlin ou de líder de uma Ajah, se uma irmã é mais forte com o Poder, espera-se que a mais fraca fique fora de seu caminho.

— Não entendo — comentou Elayne. Era uma bela aula sobre as políticas internas da Torre. Aquela hierarquia fazia sentido, mas devia ser um dos aspectos da vida na Torre que só se aprendia vivendo como Aes Sedai. De um jeito ou de outro, já encontrara muitos indícios de que o verdadeiro aprendizado só começava depois de se adquirir o xale. — Se Nynaeve conseguir Curar vocês de novo, vocês ficarão mais fortes?

Leane balançou a cabeça.

— Ninguém nunca foi Curado de um estancamento. Talvez as outras passem a encarar esse retorno ao Poder como encaram as bravias, que acabam em um status um pouco mais baixo do que teriam considerando-se apenas a força no Poder. Talvez ter sido mais fraca agora valha de alguma coisa. Bem, se Nynaeve não conseguiu nos Curar por completo da primeira vez, talvez agora consiga nos levar a dois terços do que éramos, ou quem sabe à metade. Até isso seria melhor do que o que temos agora, mas mesmo assim muitas irmãs aqui ainda seriam tão fortes quanto ficaríamos, e boa parte seria ainda mais forte.

Elayne a encarou, ainda mais confusa. Nynaeve parecia ter levado uma paulada na cara.

— Tudo entra na conta — explicou Siuan. — Quem aprendeu mais rápido, quem passou menos tempo como noviça e Aceita... Há nuances de todos os tipos. Não se pode afirmar a força de ninguém com muita precisão. Duas mulheres podem parecer igualmente fortes, e talvez até sejam, mas só se poderia afirmar com certeza se houvesse um duelo, e estamos acima disso, pela graça da Luz. Se Nynaeve não nos devolver toda a nossa força, corremos o risco de acabar bem abaixo na hierarquia.

Leane voltou a falar.

— A hierarquia não deveria ditar mais do que as regras da vida cotidiana, mas dita. O conselho de alguém em uma posição mais alta tem mais peso. Isso não importava enquanto estávamos estancadas, já que não ocupávamos posição nenhuma, e as irmãs consideravam o que dizíamos apenas pelo mérito do argumento. Só que não vai mais ser assim.

— Entendo — retrucou Elayne, hesitante. Não era de surpreender que muitos acreditavam que as Aes Sedai tinham inventado o Jogo das Casas! Elas faziam o *Daes Dae'mar* parecer simples.

— É um consolo ver que eu ter Curado vocês lhes trouxe ainda mais problemas do que a mim mesma — resmungou Nynaeve. Ela encarou o fundo da tigela, soltou um suspiro e esfregou o último naco de pão no restinho da sopa.

Siuan fechou a cara, mas conseguiu manter a voz equilibrada.

— Entenda, estamos aqui nos abrindo com você. E não é só para convencê-la a tentar nos Curar de novo. Você me devolveu... minha vida. É isso. Eu já tinha conseguido me convencer de que ainda estava viva, mas parecia era que eu estava morta, se comparado com a vida com o Poder. Então vamos fazer o que Leane sugeriu e recomeçar do zero. Como amigas, se vocês me aceitarem. Se não, ao menos como tripulantes do mesmo barco.

— Amigas — rebateu Elayne. — Amigas soa bem melhor.

Leane abriu um sorriso para ela, mas a antiga Curadora e Siuan logo voltaram a atenção para Nynaeve, que apenas olhou de uma para outra.

— Se Elayne pode fazer uma pergunta, então eu também tenho esse direito. O que Sheriam e as outras descobriram com as Sábias, noite passada? E não venha me dizer que não sabe, Siuan. Até onde eu sei, sempre que elas formulam uma ideia, você descobre exatamente qual foi menos de uma hora depois.

Siuan cerrou o maxilar, teimosa, assumindo um brilho intimidador naqueles olhos azul-escuros. De repente, ela soltou um gritinho e se curvou para esfregar o tornozelo.

— Conte — mandou Leane, ajeitando a perna que acabara de estender para chutar a amiga. — Ou você conta ou conto eu. E fale tudo, Siuan.

A mulher cravou os olhos em Leane e inspirou, irritada, tão fundo que Elayne achou que ela fosse explodir. Então pousou os olhos em Nynaeve e suavizou a expressão. As palavras saíram meio arrastadas, mas saíram:

— A missão diplomática de Elaida chegou a Cairhien. Rand se encontrou com elas, mas parece estar tentando ganhar tempo. Ao menos é o que esperamos que ele esteja fazendo. Sheriam e as outras estão muito satisfeitas porque, para variar, conseguiram não bancar as tolas diante das Sábias. E Egwene irá à próxima reunião.

Por algum motivo, aquela última informação foi a que pareceu sair com mais relutância.

Nynaeve se animou, sentando-se mais ereta.

— Egwene? Maravilha! Ah, então desta vez elas não fizeram papel de tolas... Eu já tinha imaginado, já que não vieram nos arrastar para mais uma aula. — Ela estreitou os olhos para Siuan, mas até seu olhar desconfiado parecia animado. — O mesmo barco, é? E quem é a capitã?

— Eu, sua mulherzinha miserável... — Leane pigarreou, e Siuan parou e respirou fundo. Então continuou, mais calma: — Bem, que tal uma capitania conjunta? Responsabilidades iguais. — Então acrescentou, quando Nynaeve começou a abrir um sorriso: — Mas alguém precisa manejar o leme, e serei *eu*.

— Tudo bem — concordou Nynaeve, depois de uma longa pausa. Então, após um momento de hesitação, remexendo a colher, ela perguntou, com uma voz tão casual que Elayne quase jogou as mãos para o alto, desistindo das negociações: — Alguma chance de vocês talvez me... nos ajudarem... nos tirarem das cozinhas? — Os rostos das duas não pareciam muito mais velhos do que o de Nynaeve, mas ambas tinham sido Aes Sedai por longos anos, e seus olhos ainda se lembravam de como dar aquele olhar impassível de Aes Sedai. Nynaeve conseguiu encará-las com uma expressão mais tranquila do que Elayne teria conseguido, deixando transparecer apenas uma leve inquietação. Ainda assim, não foi nenhuma surpresa quando ela murmurou: — Bem, imaginei que não.

— Temos que ir — anunciou Siuan, já se levantando. — Acho que Leane subestimou o risco que corremos em sermos descobertas. Nós acabaríamos sendo as primeiras Aes Sedai a ter o couro arrancado em público, e já fui a primeira em coisas demais na vida.

Para a surpresa de Elayne, Leane se curvou para abraçá-la, sussurrando:

— Amigas.

Ela retribuiu o abraço e a declaração com o mesmo calor.

Leane também abraçou Nynaeve, murmurando palavras que Elayne não conseguiu entender, e Siuan também as abraçou, resmungando um agradecimento relutante.

Pelo menos foi o que ela interpretou da situação, mas assim que as duas saíram, Nynaeve comentou:

— Nossa, Elayne, Siuan estava quase chorando. Talvez tenha sido mesmo sincera. Acho que eu deveria tentar ser mais gentil com ela. — Um suspiro que logo se transformou em bocejo a fez pausar por um momento, então: — Ainda mais agora que ela voltou a ser Aes Sedai.

Dizendo isso, Nynaeve dormiu ali mesmo, como estava, com a bandeja ainda apoiada nos joelhos.

Abafando um bocejo com o dorso da mão, Elayne se levantou para guardar a bandeja debaixo da cama de Nynaeve. Demorou para conseguir tirar o vestido da amiga e acomodá-la na cama em uma posição mais confortável, mas nem assim a outra mulher acordou. Depois que apagou a vela e se acomodou, abraçando o

travesseiro, ainda ficou um tempo deitada sem dormir, encarando a escuridão, pensativa. Rand estava tentando dar conta de um grupo de Aes Sedai enviadas por Elaida? Ah, aquelas mulheres iam comê-lo vivo. Quase queria ter sido capaz de considerar aceitar a sugestão de Nynaeve, quando aquela ideia maluca ainda tinha alguma chance de êxito. Com o que aprendera com a mãe — mais os conhecimentos que adquirira com Thom —, sabia que se estivesse ao lado de Rand poderia guiá-lo por quaisquer armadilhas que aquelas mulheres preparassem, e ele sempre lhe daria ouvidos. E se estivesse lá também poderia criar um elo com ele. Não precisara esperar até usar o xale para criar um elo com Birgitte, por que teria que esperar para tornar Rand seu Guardião?

Ela se remexeu, inquieta, e se aconchegou ainda mais no travesseiro. Rand teria que ficar para depois. Ele estava em Caemlyn, não em Salidar, mas... Siuan não tinha dito que ele estava em Cairhien. Como...?

Estava cansada demais, e o pensamento se esvaiu. Siuan... Siuan ainda estava escondendo alguma coisa. Tinha certeza.

O sono chegou, e, com ele, veio um sonho: estava em um barco, com Leane sentada na proa flertando com um sujeito que parecia mudar de rosto a cada vez que Elayne olhava. Na popa, Siuan e Nynaeve brigavam, cada uma tentando virar o leme para um lado. A disputa continuou até Elayne se levantar e assumir o comando. Um motim era justificado quando a capitã guardava segredos demais.

Siuan e Leane voltaram na manhã seguinte, antes mesmo de Nynaeve abrir os olhos, o que foi mais que o bastante para deixá-la com raiva suficiente para canalizar. Porém o esforço de nada adiantou: não havia como Curar o que já tinha sido Curado.

* * *

— Farei o possível, Siuan — respondeu Delana, inclinando-se para a frente para dar um tapinha amigável em seu braço. As duas estavam sozinhas na sala de estar, e as xícaras de chá na mesinha entre elas permaneciam intocadas.

Siuan suspirou, parecendo desolada — bem, como mais poderia estar, depois da forma como se comportara diante do Salão? A luz do começo da manhã entrava pelas janelas, e Delana pensou no desjejum que ainda não tomara. Aquela era Siuan, afinal. Era uma situação desconcertante, e Delana não gostava nada de ficar desconcertada. Passara muito tempo se esforçando para não reconhecer sua velha amiga no rosto daquela mulher — o que não era muito difícil, já que a mulher em questão não se parecia em nada com a Siuan Sanche de que Delana se lembrava, mesmo depois de tantos anos de amizade. O primeiro choque viera logo que Siuan reapareceu, ainda que em uma forma mais jovem e bonita. O segundo foi encontrar Siuan à sua porta com o sol ainda por nascer, querendo sua ajuda. Siuan nunca pedia ajuda. Então veio o maior choque de todos, que se renovava toda vez que ela encontrava Siuan desde que aquela mulher al'Meara realizara o tal milagre: Delana agora era mais forte que Siuan. Bem mais. Sempre fora o contrário. Siuan assumira a dianteira quando as duas ainda eram novças, antes até de passarem a Aceitas. Bem, ainda assim, aquela *era* Siuan, e parecia bem cabisbaixa, coisa que Delana não se lembrava de já ter visto. Siuan até podia ficar chateada, mas nunca deixava transparecer. Era uma tristeza não poder fazer mais pela mulher com quem roubara bolinhos e que, mais de uma vez, levara a culpa por brincadeiras em que ambas estavam envolvidas.

— Siuan, eu posso fazer pelo menos o seguinte: Romanda ficaria mais do que feliz se aqueles *ter'angreal* dos sonhos acabassem sob os cuidados do Salão. Ela não tem influência com um número suficiente de Votantes para garantir isso, mas se Sheriam pensar que ela tem, se achar que você usou a sua influência junto a mim e a Lelaine para impedir isso de acontecer... ora, ela não vai ter como recusar sua proposta. Sei que Lelaine vai concordar. Apesar de eu não conseguir imaginar por que você quer se encontrar com aquelas Aiel. Romanda

fica sorrindo feito uma gata presa num pombal quando Sheriam volta daquelas reuniões e fica por aí batendo o pé, muito mal-humorada. Você, com esse seu temperamento, vai acabar quebrando alguma coisa de tanta raiva.

Que mudança. Em outros tempos, Delana não teria nem cogitado mencionar o temperamento de Siuan, mas agora o fazia sem nem pestanejar.

O semblante cabisbaixo de Siuan deu lugar a um sorriso.

— Ah, eu tinha esperanças de que você fosse ajudar com algo do tipo. Vou falar com Lelaine. E com Janya, acho que ela também ajudaria. Mas você precisa garantir que Romanda não leve isso adiante. Pelo pouco que sei, Sheriam já tem ao menos uma noção de como lidar com essas Aiel, e Romanda teria que começar do zero. Claro que isso talvez não seja importante para o Salão, mas eu preferiria não ter minha primeira interação com elas quando todo mundo já estivesse com um anzol nas guelras.

Delana reprimiu um sorriso ao levar Siuan até a porta e dar um abraço na amiga. Sim, era muito importante para o Salão manter uma relação pacífica com as Sábias, embora Siuan não tivesse como saber daquilo. Antes de entrar de volta, ficou um tempo ali, parada, assistindo enquanto Siuan seguia apressada pela rua. Ao que tudo indicava, ela é que teria que proteger a amiga, a partir de agora. Esperava se sair tão bem no papel quanto Siuan.

O chá ainda estava morno, então decidiu mandar Miesa, sua serviçal, ir buscar alguns pãezinhos e frutas. Quando ouviu uma batidinha tímida na porta da sala, ficou surpresa em ver não Miesa, e sim Lucilde, uma das noviças que tinham trazido da Torre.

A garota magricela baixou o corpo depressa em uma mesura nervosa. Bem, Lucilde sempre estava nervosa.

— Delana Sedai? Chegou uma mulher hoje de manhã, e Anaiya Sedai disse que era para eu trazer a visita aqui até você? O nome dela é Halima Saranov? Ela diz que conhece a senhora? — anunciou a garota, sempre hesitante.

Delana abriu a boca para responder que nunca tinha ouvido falar de nenhuma Halima Saranov, mas ficou quieta quando uma mulher surgiu à porta. Não conseguiu evitar encará-la. A mulher conseguia ser ao mesmo tempo esbelta e curvilínea, trajando um vestido de montaria cinza ridiculamente decotado, o cabelo negro comprido e brilhante emoldurando o rosto e os olhos verdes que decerto deixavam boquiabertos todos os homens que os encarassem. Claro que não foi por isso que Delana ficou surpresa ao encará-la. A mulher estava com as mãos soltas de cada lado do corpo, mas com os polegares bem presos entre o indicador e o médio. Delana nunca imaginou que veria uma mulher que não usasse o xale fazendo aquele sinal, e aquela Halima Saranov não tinha capacidade de canalizar — sabia disso, estava perto o bastante para ter certeza.

— Ah, sim — respondeu Delana —, eu me lembro, sim. Pode ir, Lucilde. E, criança, tente se lembrar de que nem toda frase é uma pergunta.

A noviça baixou o corpo depressa, em uma mesura tão rápida e profunda que quase caiu. Em outras circunstâncias, Delana teria suspirado. Nunca se saía bem com as noviças, mesmo sem entender por quê.

Quase antes de a garota sair, Halima foi rebolando até a cadeira em que pouco antes estivera Siuan e se sentou sem esperar convite. A mulher apanhou uma das xícaras intocadas, cruzou as pernas e bebericou o chá, encarando-a.

Delana devolveu um olhar firme.

— Quem você pensa que é, mulher? Não importa quão importante você pensa que é, ninguém está acima de uma Aes Sedai. E onde foi que aprendeu aquele sinal?

Seu olhar sério não surtiu efeito — devia ser a primeira vez em sua vida que aquilo acontecia.

Halima respondeu com um sorriso zombeteiro.

— Você acha mesmo que os segredos da... Ajah *mais escura*, por assim dizer, são assim tão secretos? E

quanto à sua posição como Aes Sedai... ora, você sabe muito bem que se um mendigo lhe fizesse os sinais apropriados, você daria um pinote e obedeceria sem pestanejar. A minha história é que, por um tempo, fui companheira de viagem de uma mulher chamada Cabriana Mecandes, uma irmã Azul. Por infortúnio, Cabriana veio a falecer ao cair do cavalo, e depois disso o Guardião dela simplesmente se recusou a sair da cama ou a comer. Ele também acabou morrendo. — Halima abriu um sorriso gentil, como se perguntasse se Delana estava acompanhando. — Cabriana e eu conversamos muito antes de ela morrer, e foi assim que fiquei sabendo de Salidar. Ela também me contou diversas coisas que tinha descoberto acerca dos planos da Torre Branca para vocês, aqui, e para o Dragão Renascido.

Ela abriu outro sorriso, um rápido lampejo de dentes brancos, e voltou a bebericar o chá, observando Delana com atenção.

Delana nunca fora mulher de desistir fácil; já coagira reis a estabelecer acordos de paz quando queriam guerra e arrastara rainhas pela nuca para assinar tratados que precisavam ser assinados. Era verdade que teria obedecido ao tal mendigo hipotético, caso ele fizesse os sinais adequados e dissesse as palavras certas. Mas a posição das mãos de Halima, mais cedo, a identificaram como pertencente à Ajah Negra, o que via agora, com toda certeza, que a mulher não era. Talvez achasse que aquela fosse a única maneira de convencer Delana a recebê-la para uma conversa, ou podia ser que também quisesse demonstrar seu conhecimento proibido. Delana não gostava nada dessa Halima.

— E imagino que você esteja querendo que eu faça o Salão acreditar na veracidade dessas suas informações? — rebateu, áspera. — Não deve ser problema, supondo que você saiba o suficiente sobre Cabriana para sustentar essa história. Nisso não tenho como ajudar, já que só encontrei a mulher duas vezes na vida, no máximo. E imagino que a chance de ela reaparecer e estragar a sua história é nula. Certo?

— Exatamente. — Outra vez aquele sorriso rápido e zombeteiro. — E eu poderia relatar a vida inteira de Cabriana, sei coisas até de que ela já tinha esquecido.

Delana apenas assentiu. Matar uma irmã era sempre lamentável, mas a pessoa precisava fazer o que tinha que ser feito.

— Então não vai haver problema. O Salão vai recebê-la como convidada, e posso me certificar de que as Votantes vão ouvir sua história.

— Convidada não era bem o que eu estava imaginando. Estou pensando em algo mais permanente... Sua secretária, por exemplo. Ou, melhor ainda, sua companheira. Preciso me assegurar de que esse Salão será guiado com mão firme. E, além dessa história de Cabriana, de tempos em tempos trarei instruções para você.

— Ora, você me escute bem! Eu...!

Halima a interrompeu. Nem precisou levantar a voz.

— Disseram que eu deveria mencionar um nome quando a encontrasse. Um nome que eu às vezes uso. Aran'gar.

A Aes Sedai se deixou cair na cadeira. Aquele nome já aparecera em seus sonhos. Pela primeira vez em anos, Delana Mosalaine estava com medo.



LACRE DE CERA VERMELHA

Eamon Valda avançava aos poucos pelas ruas lotadas, os passos do capão negro abafados pelo barulho da multidão de Amador. O suor brotava de cada poro, intensificado pelo calor da armadura e da placa peitoral. Os metais haviam sido polidos à perfeição e reluziam mesmo sob a camada de poeira. O calor só aumentava com o manto branco feito a neve estirado sobre a anca larga do cavalo musculoso. Ainda assim, Eamon era tão bom em esconder o incômodo que quem o visse pensaria que aquele era um agradável dia de primavera. Ele se esforçava ao máximo para ignorar as mulheres e os homens sujos que pediam esmola na rua — havia até mesmo crianças —, todos com rostos desolados e roupas desgastadas pela viagem. Até ali havia mendigos. Até ali.

Pela primeira vez na vida, não sentiu seu humor melhorar ante a visão majestosa das grandes muralhas de pedra da Fortaleza da Luz, uma construção inexpugnável cheia de torres e estandartes, o bastião da verdade e da retidão. Desmontou no pátio principal e jogou as rédeas para um Filho, vociferando algumas instruções de como o sujeito deveria cuidar do animal. O rapaz sabia o que fazer, claro, mas Valda precisava descontar a raiva em alguém. Havia homens de manto branco andando apressados por toda parte, todos parecendo muito enérgicos e ativos, apesar do calor intenso. Eamon torcia para que aquela prontidão para resolver as coisas fosse além das aparências.

O jovem Dain Bornhald veio correndo pelo pátio, apertando o punho contra o peitoral em uma saudação animada.

— Que a Luz o ilumine, Milorde Capitão. Fez boa viagem de Tar Valon, espero? — Ele estava com os olhos vermelhos e fedia a conhaque. Não havia desculpa para o sujeito estar bebendo durante o dia.

— A viagem pelo menos foi rápida — grunhiu Valda, descalçando as luvas e enfiando-as no cinturão da espada.

A resposta atravessada não fora motivada pelo cheiro de conhaque, embora fosse repreender o rapaz por conta daquilo. A jornada de fato fora rápida, considerando a distância. Recompensaria a legião com uma noite na cidade assim que os homens acabassem de montar o acampamento ali nos arredores de Amador. A jornada fora rápida, mas ele não estava nada satisfeito com as ordens que o convocaram de volta justo quando uma forte ofensiva poderia ter tombado a Torre, já frágil, e deixado as bruxas enterradas sob os escombros. Ele e seus homens tinham viajado a um passo impressionante, mesmo que cada dia tivesse sido pontuado por notícias ainda piores que as anteriores. Al'Thor em Caemlyn. Não importava que o homem fosse um Dragão

falso ou o verdadeiro: era um homem capaz de canalizar, e essa capacidade só existia em Amigos das Trevas. Uma turba de Devotos do Dragão em Altara. Aquele tal de Profeta arrastando sua rale por Ghealdan e pela própria Amadícia.

Ao menos conseguira matar parte daquela escória, embora fosse difícil enfrentar inimigos que estavam mais dispostos a bater em retirada e se misturar à multidão do que a lutar, gente que conseguia se esconder entre os malditos refugiados, uma turba de errantes desmiolados que pareciam pensar que al'Thor acabara com toda a ordem do mundo. Ah, mas ele encontrara uma solução para aquele desastre, ainda que não tivesse sido totalmente satisfatória. Sua legião deixara as ruas cheias, e os corvos provavelmente comeriam até explodir. Se não podia diferenciar a gentinha do Profeta da multidão imunda de refugiados, então melhor matar qualquer um que obstruísse seu caminho. Os inocentes deveriam ter ficado em suas casas, onde era o lugar deles — o Criador abrigaria os justos, afinal. Para Eamon Valda, os errantes foram apenas as ameixas no bolo.

— Ouvi boatos na cidade de que Morgase está aqui — comentou.

Não acreditava naquilo, ainda mais porque mais da metade dos rumores em Andor especulava sobre quem teria matado Morgase, e então foi uma grande surpresa quando Dain aquiesceu.

A surpresa virou desgosto conforme o jovem ia tagarelando sobre os aposentos de Morgase e as caçadas de que ela participava, sobre quão bem a mulher estava sendo tratada por ali e como Dain achava que ela logo assinaria um acordo com os Filhos. Valda não escondeu a cara de desgosto. Bem, não devia ter esperado coisa melhor de Niall — ele tinha sido um dos melhores soldados de sua época, sempre visto como um grande capitão, mas a velhice acabou amolecendo o homem. Valda se deu conta disso no instante que recebeu as ordens de Senhor Capitão Comandante, em Tar Valon. Niall deveria ter se deslocado até Tear com um batalhão assim que começou o burburinho a respeito de al'Thor, e assim teria conseguido reunir a força necessária durante a marcha. Nações inteiras teriam aderido à marcha dos Filhos contra um falso Dragão. Pelo menos no começo. Agora al'Thor estava em Caemlyn, forte o bastante para assustar os mais covardes. Mas Morgase estava ali. Se Morgase estivesse sob a responsabilidade de Eamon, ela teria assinado aquele acordo logo no primeiro dia, mesmo que alguém precisasse segurar sua mão ao redor da pena. Pela Luz, aquela mulher aprenderia a dar um pinote toda vez que ele a mandasse pular. E caso se recusasse a voltar para Andor com os Filhos, ele a levaria amarrada em um mastro. Ela daria um ótimo estandarte para conduzir a ofensiva até Andor.

Dain foi atrás dele, solícito, sem dúvida esperando um convite para o jantar daquela noite. Como era um oficial mais baixo na hierarquia, ele não podia convidar um mais antigo, porém deixava bem claro que queria conversar com seu velho comandante — sobre Tar Valon, talvez até sobre seu falecido pai. Valda não gostava muito de Geofram Bornhald. O homem era muito mole.

— Encontro você às seis para jantar no acampamento. E quero que esteja sóbrio, Filho Bornhald.

Não restava dúvidas de que Dain Bornhald andara bebendo. O jovem ficou um instante boquiaberto e gaguejou uma resposta sem jeito antes de fazer a saudação e partir. Valda se perguntou o que teria acontecido. Dain tinha sido um bom jovem oficial — ele se preocupava demais com besteiras, como arranjar provas de culpa quando não havia como obtê-las, mas mesmo assim era bom. Não era mole como o pai. Uma pena vê-lo se perder na bebida.

Resmungando sozinho — oficiais bebendo em plena Fortaleza da Luz, mais um sinal de que a influência nefasta de Niall apodrecera todas as maçãs do cesto —, Valda foi até seus aposentos. Pretendia dormir no acampamento, mas um banho quente não seria nada mau.

Um jovem Filho de ombros largos se aproximou de Valda no corredor de pedra bruta, o cajado de pastor escarlate, símbolo da Mão da Luz, despontava por trás do fulgurante sol dourado em seu peito. Sem parar de andar, sem sequer olhar para Valda, o Questionador murmurou, em um tom muito deferente:

— Milorde Capitão talvez devesse visitar o Domo da Verdade.

Valda franziu o cenho. Não gostava de Questionadores — a seu modo, eles até faziam um bom trabalho, mas sempre tivera a sensação de que aqueles homens só optavam pelo cajado para evitar enfrentar um inimigo armado. Ele quase começou a falar, levantando bem a voz para vociferar uma bronca, mas se deteve. Questionadores eram desleixados com a disciplina, mas um reles Filho jamaisalaria daquele jeito com um Senhor Capitão sem que houvesse um motivo. Talvez o banho pudesse esperar.

O Domo da Verdade era uma visão maravilhosa, e o lugar enfim o ajudou a recobrar um pouco do bom humor. O exterior da construção era todo branco, e o interior folheado a ouro refletia a luz de mil lampiões pendurados no teto. Espessas colunas brancas sem adornos, polidas até reluzirem, circundavam a câmara, mas o domo propriamente dito se estendia por mais cem passadas sem nenhum suporte e tinha cinquenta passadas de altura no cume, encimando o centro do aposento. Era lá que ficava o estrado simples de mármore branco, apoiado no piso também de mármore branco, onde o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz se posicionava, de pé, para se dirigir aos Filhos nas reuniões mais solenes, nas cerimônias mais sérias. Um dia, ele ficaria ali, de pé. Niall não viveria para sempre.

Dezenas de Filhos perambulavam pela enorme câmara — era mesmo uma visão maravilhosa, embora ninguém além dos Filhos jamais pudesse aproveitá-la. Bem, não recebera um chamado para admirar o Domo. Disso tinha certeza. Por trás das grandes colunas havia fileiras de colunas menores, tão simples e tão bem polidas quanto as maiores, além de nichos imensos onde afrescos de mais de mil anos ilustravam cenas de triunfos dos Filhos. Valda percorreu o aposento, observando cada reentrância. Enfim notou o homem alto e agrisalhado examinando uma das pinturas — Serenia Latar sendo conduzida ao cadafalso; a única Amyrlin que os Filhos conseguiram enforcar. A mulher já estava morta na ocasião, claro, até porque é difícil conseguir enforcar uma bruxa viva, mas não era esse o ponto. Seiscentos e noventa e três anos antes, a justiça havia sido feita de acordo com a lei.

— Algum problema, meu filho? — A voz era suave, quase mansa.

Valda se enrijeceu um pouco. Rhadam Asunawa até podia ser o Grão-inquisidor, mas ainda era um Questionador. E Valda era um Senhor Capitão, Ungido pela Luz, não alguém a ser tratado como “meu filho”.

— Não que eu tenha percebido — respondeu, sem rodeios.

Asunawa suspirou. Seu rosto abatido era um retrato do sofrimento de um mártir, e o suor poderia ter passado por lágrimas, mas seus olhos profundos pareciam arder com o calor que cozinhou toda a carne que lhe faltava nas bochechas. Em seu manto havia apenas o desenho do cajado, sem nenhum sol reluzente, como se ele não fizesse parte dos Filhos — ou, talvez, como se estivesse acima de todos.

— Vivemos tempos confusos. A Fortaleza da Luz abriga uma bruxa.

Valda se conteve para não lançar um olhar irônico ao outro homem. Covardes ou não, os Questionadores podiam ser perigosos até para um Senhor Capitão. Aquele ali talvez jamais conseguiria enforcar uma Amyrlin, mas decerto sonhava em ser o primeiro a enforcar uma rainha. Valda não se importava se Morgase morreria ou não, desde que antes pudesse arrancar toda e qualquer serventia da mulher. Optou por simplesmente não responder, e as espessas sobrancelhas grisalhas de Asunawa baixaram, aumentando a cavidade de seus olhos até eles parecerem espreitar de dentro de cavernas escuras.

— Vivemos tempos confusos — repetiu — e não podemos permitir que Niall destrua os Filhos da Luz.

Valda ficou longos minutos parado, examinando a pintura. Talvez o artista tivesse sido bom, talvez não — não entendia nada daquelas coisas e ligava para isso menos ainda. Bem, o sujeito fizera um trabalho decente com as armas e armaduras dos guardas, e a corda e o cadafalso pareciam reais. Daquilo ele entendia.

— Estou pronto para ouvir — declarou, por fim.

— Então vamos conversar, meu filho. Mais tarde, quando houver menos olhos para ver e menos ouvidos para ouvir. Que a Luz o ilumine, meu filho.

Asunawa saiu andando sem mais uma palavra, o manto branco ondulando de leve, os passos ecoando tão alto pelo aposento que parecia que o homem estava tentando cravar as botas nas pedras. Alguns dos Filhos se curvaram em profundas reverências quando ele passou.

* * *

De uma janela estreita bem acima do pátio, Niall ficou olhando enquanto Valda desmontava, falava com o jovem Bornhald e saía a passos firmes e irritados. Valda sempre estava irritado. Se houvesse como convocar os Filhos que estavam em Tar Valon e deixar Valda por lá, Niall teria feito isso alegremente. O homem até era um comandante de batalha competente, mas era mais talhado para lidar com multidões em polvorosa. Sua única ideia de tática era a investida, e sua estratégia... também era a investida.

Balançando a cabeça, Niall seguiu para a câmara de audiências. Tinha assuntos mais importantes que Valda com que se preocupar. Morgase ainda resistia, firme feito um exército com vantagem territorial, água de sobra e moral elevado. A mulher se recusava a admitir que estava encurralada em um vale sem saída e que seu inimigo é que tinha a vantagem do terreno mais elevado.

Balwer se levantou da escrivaninha assim que Niall entrou na antessala.

— Omerna veio aqui, milorde. Deixou isto. — O homem indicou um maço de papéis amarrados com fita vermelha sobre a mesa. — E isto. — Ele estreitou os lábios finos quando tirou do bolso um minúsculo cilindro de osso.

Resmungando, Niall pegou o tubo e foi para a câmara interna. Por algum motivo misterioso, Omerna estava mais inútil a cada dia. Deixar os relatórios com Balwer já era ruim o bastante, a despeito das bobagens que decerto continham, mas até aquele maldito sabia muito bem que não deveria entregar nenhum daqueles tubos com três listras vermelhas a ninguém que não o próprio Niall. Analisou o tubo à luz de um lampião para examinar o lacre de cera — intacto. Abriu o lacre com a unha do polegar. Precisava ter uma conversa muito séria com Omerna, deixar o sujeito com tanto medo que ele imploraria para ser incendiado pela Luz. O imbecil não seria um bom disfarce para o verdadeiro chefe da espionagem se ao menos não tentasse fazer o trabalho da melhor maneira que podia.

Era outra mensagem de Varadin, naquela cifra secreta de Niall escrita em garranchos finos, cobrindo a tira de papel bem fino. Quase queimou a mensagem sem ler, até que um detalhe bem no fim do bilhete lhe chamou a atenção. Voltando ao começo dos garranchos, foi decifrando a cifra de memória. Queria ter certeza absoluta. Era o mesmo de sempre, alguma baboseira sobre Aes Sedai presas em coleiras e estranhas criaturas, até que, bem no fim... Varadin tinha ajudado Asidim Faisar a encontrar um esconderijo em Tanchico. Mais tarde ele tentaria tirar Faisar da cidade sem ser reconhecido, mas os Predecessores estavam mantendo uma guarda tão cuidadosa que nem um sussurro passava pelas muralhas sem permissão.

Niall esfregou o queixo, absorto. Faisar era um dos homens que enviara a Tarabon para ver se ainda poderiam salvar alguma coisa por lá. Faisar não sabia de Varadin, que também não deveria saber nada a respeito de Faisar. Os Predecessores mantinham uma guarda tão cuidadosa que nem um sussurro passaria pelas muralhas. Garranchos de um louco.

Ele enfiou o papel no bolso e voltou para a antessala.

— Balwer, qual é a última notícia do oeste?

Entre eles, “oeste” sempre significava a fronteira com Tarabon.

— Nenhuma mudança, milorde. As patrulhas que chegam bem a fundo no território de Tarabon não conseguem voltar. O pior problema perto da fronteira são os refugiados tentando atravessar.

Patrulhas que chegavam bem a fundo. Tarabon era uma cova cheia de víboras venenosas e ratos

infectados, mas...

— Em quanto tempo você conseguiria mandar um mensageiro a Tanchico?

Balwer nem pestanejou. Ele não pareceria surpreso nem mesmo se algum dia seu cavalo começasse a falar com ele.

— O problema é arranjar cavalos novos depois que o mensageiro cruzar a fronteira, milorde. Em circunstâncias normais eu diria vinte dias para ir e voltar, talvez um pouco menos, num passo bom. Mas agora é o dobro disso, e se tivermos sorte. Talvez seja o dobro só para chegar em Tanchico.

Aquela cidade era uma cova que poderia engolir um mensageiro. Nem os ossos seriam encontrados

Bem, o sujeito não precisaria voltar, mas Niall guardou a informação só para si.

— Mande providenciarem um homem, Balwer. A carta estará pronta em uma hora. Eu mesmo vou falar com o mensageiro.

Balwer assentiu com uma mesura, mas também esfregou as mãos no manto, ofendido. Que ficasse. Havia uma chance muito pequena de concretizar aquilo sem expor Varadin — precaução desnecessária se o homem fosse mesmo insano, claro, mas se não fosse... Revelar a identidade do espião não aceleraria as coisas.

De volta à câmara de audiência, Niall analisou a mensagem de Varadin outra vez antes de tocar o papel na chama de uma lamparina e vê-lo se queimar. Amassou as cinzas entre os dedos.

O Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz sempre seguia quatro regras para lidar com as informações que recebia: nunca fazer planos sem saber o máximo possível sobre o inimigo, nunca hesitar em mudar os planos quando surgisse uma nova informação, nunca acreditar que sabia tudo e nunca esperar até saber tudo. Quem espera até saber tudo fica sentado na tenda enquanto o inimigo atea fogo na lona. Niall respeitava suas próprias regras. Só as deixara de lado uma vez na vida, seguindo uma intuição — tinha sido em Jhamara, onde, por nenhuma razão além de uma comichão no fundo da mente, destacara um terço do exército para vigiar montanhas que todos diziam serem intransponíveis. Enquanto manobrava o restante das forças para esmagar os murandianos e altaranos, um exército illianense que supostamente estava a cem milhas dali se abateu sobre o destacamento, vindo daquelas passagens “intransponíveis”. Só pôde bater em retirada sem ser esmagado por ter seguido aquela “intuição”. E ali estava, outra vez, a mesma comichão.

* * *

— Eu não confio nele — declarou Tallanvor com firmeza. — Ele me lembra um jovem trapaceiro que encontrei certa vez em um festival, o camarada tinha uma cara de bebê inocente, conseguia olhar qualquer um nos olhos e ainda sorrir enquanto escondia a carta marcada na manga.

Daquela vez, Morgase achou até fácil controlar o gênio. O jovem Paitr tinha relatado que o tio finalmente conseguiria dar um jeito de tirá-la sem ser vista da Fortaleza da Luz — ela e os outros. Os outros é que tinham sido o problema até então. Já fazia um tempo que Torwyn Barshaw declarara que conseguiria tirá-la de lá sozinha, mas Morgase não deixaria seus companheiros para trás, à mercê dos Mantos-brancos. Não deixaria nem mesmo Tallanvor.

— Compreendo que você se sinta assim — respondeu ela de forma indulgente. — Só não vá deixar que esses sentimentos atrapalhem. Algum ditado que se encaixe nessa situação, Lini? Algo que possa ajudar o jovem Tallanvor a lidar com seus sentimentos? — Luz, por que sentia tanto prazer em provocá-lo? O homem estava sempre a um passo da traição, mas ela era sua rainha, não... Recusava-se a concluir o pensamento.

Lini estava sentada perto das janelas, onde enrolava um novelo de lã azul da meada embolado nas mãos de Breane.

— Paitr me lembra aquele rapaz que foi ajudante de cavalaria um pouco antes de você ir para a Torre

Branca. Aquele que engravidou duas moças e foi pegotentando fugir da mansão com uma saca cheia das pratarias da sua mãe.

Morgase comprimiu o maxilar, mas nada estragaria sua diversão, nem mesmo o olhar de Breane, que parecia achar que também devia ter permissão de opinar. Paitr se deleitara com a fuga iminente de Morgase — em parte, claro, porque parecia esperar algum tipo de recompensa do tio, ou ao menos era o que dava a entender com alguns de seus comentários, algo sobre se redimir de um fracasso em casa. Bem, o jovem só faltou sair dançando quando Morgase concordou com o plano que tiraria todos da Fortaleza naquele mesmo dia e os veria fora de Amador no pôr do sol do dia seguinte. Iriam para longe de Amador, a caminho de Ghealdan, onde arranjariam soldados que não tentariam tirar vantagem de Andor. Dois dias antes, o próprio Barshaw tinha ido discutir o plano com ela. O sujeito narigudo e atarracado viera disfarçado de um lojista que fazia a entrega de agulhas de tricô e um novelo — o homem tinha olhar colérico e boca zombeteira, mas suas palavras saíram com um respeito satisfatório. Difícil acreditar que aquele era tio de Paitr, sendo os dois tão diferentes, e ainda mais difícil aceitar que o homem era mercador. Ao fim das contas, o plano era de uma simplicidade maravilhosa, ainda que não fosse muito digno, e só precisava de uma quantidade suficiente de gente no exterior da Fortaleza para dar certo. Morgase sairia da Fortaleza da Luz enterrada no fundo de uma carroça cheia de refugos da cozinha.

— Agora vocês todos já sabem o que fazer — anunciou. Contanto que ela permanecesse em seus aposentos, seus acompanhantes podiam se deslocar com uma liberdade considerável, e tudo dependia disso. Bem, nem tudo, mas todas as fugas que não a dela. — Lini, você e Breane têm que estar no quintal da lavanderia quando o sino soar a hora mais alta. — Lini aquiesceu, complacente, mas Breane apenas a encarou, em silêncio, com um olhar de reprovação. Já tinham repassado aquilo quase vinte vezes. Ainda assim, Morgase não permitiria que alguém acabasse sendo deixado para trás por algum erro bobo. — Tallanvor, você deixará a espada para trás e vai esperar na estalagem chamada O Carvalho e o Espinho. — O homem abriu a boca para protestar, mas ela se antecipou, firme. — Já ouvi suas argumentações. Você vai conseguir outra espada. Se deixar a arma aqui, vão pensar que você pretende voltar. — Tallanvor fez cara feia, mas assentiu. — Lamgwin vai esperar na estalagem A Cabeça Dourada, e Basel na...

Uma breve batidinha na porta, e ela se abriu o suficiente para dar acesso à cabeça quase careca de Basel.

— Minha Rainha, tem um homem... um Filho... — Ele olhou por cima do ombro, para o corredor. — É um Questionador, minha Rainha.

Tallanvor levou as mãos ao punho da espada, claro, e só as tirou de lá depois de Morgase gesticular duas vezes e olhar de cara feia para ele.

— Deixe-o entrar.

Conseguiu manter a voz calma, mas sentia um frio tão intenso na barriga que era como se tivesse engolido um bloco de gelo. Um Questionador? Será que a situação estava prestes a piorar com a mesma rapidez com que começara a melhorar?

Um sujeito alto de nariz aquilino empurrou Basel para fora do caminho e fechou a porta na cara dele. O tabardo branco e dourado com o cajado carmesim despontando no ombro indicava sua patente de Inquisidor. Morgase não conhecia Einor Saren pessoalmente, mas já tinham apontado o sujeito para ela na rua. Ele projetava uma segurança inabalável.

— Você foi convocada pelo Senhor Capitão Comandante — anunciou o sujeito, tranquilo. — Você virá agora mesmo.

Os pensamentos de Morgase se tornaram um turbilhão. Já estava acostumada a ser convocada — Niall nunca ia até ela, agora que a tinha como refém na Fortaleza —, chamada a comparecer perante o homem para mais um falatório sobre seu dever para com Andor ou para o que supostamente seria uma conversa amigável em que Niall tentaria provar que só estava agindo de acordo com os interesses dela e de Andor.

Estava acostumada com isso, mas não com aquele tipo de mensageiro. Se estivesse sendo entregue aos Questionadores, não haveria subterfúgios: Asunawa enviaria homens suficientes para arrastá-la dali e levar todos os seus companheiros junto. Morgase falara brevemente com o líder dos Questionadores, e o homem lhe dera calafrios. Por que tinham enviado um Inquisidor para convocá-la? Expôs sua dúvida, e Saren respondeu com o mesmo tom de voz gélido.

— Eu estava com o Senhor Capitão Comandante e já ia passar aqui perto. Já terminei o que tinha que fazer, agora vou levá-la até ele. A senhora é uma rainha, afinal, e merece o devido respeito. — O homem falou aquilo tudo com um ar meio aborrecido, um tanto impaciente, até que no final um quê de zombaria e ironia brotou em sua voz, que em nenhum momento perdeu a frieza.

— Muito bem — concordou ela.

— Devo acompanhar minha rainha? — Tallanvor fez uma mesura formal. Ao menos demonstrava deferência quando havia alguém de fora por perto.

— Não. — Levaria Lamgwin em vez dele. Não, nada disso: levar qualquer um dos homens faria parecer que Morgase achava que precisava de guarda-costas. Saren a apavorava quase tanto quanto Asunawa, mas não permitiria que o homem notasse nem o menor sinal de seu receio. A rainha abriu um sorriso casual e tolerante. — Tenho certeza de que não preciso de nenhuma proteção aqui.

Saren também sorriu, ou ao menos sua boca se abriu em um sorriso. Mas parecia estar rindo dela.

Do lado de fora, quando Basel e Lamgwin lhe lançaram olhares temerosos, Morgase quase mudou de ideia quanto a levar um acompanhante. E teria mesmo mudado, se não tivesse se pronunciado contra lá dentro. Bem, dois homens não tinham como protegê-la, se aquilo de fato fosse alguma armadilha, e mudar de ideia seria uma demonstração de fraqueza. E ela com certeza se sentiu fraca enquanto avançava pelos corredores de pedra ao lado de Saren, não parecia em nada com uma rainha. Não mesmo. Talvez gritasse como uma pessoa qualquer, se os Questionadores a trancassem em suas masmorras — bem, não havia talvez nesse caso. Não era tola o bastante para acreditar que a carne da realeza era diferente de qualquer outra, numa situação como aquela. Ainda assim, seria quem era enquanto a situação permitisse. Usando toda a sua força de vontade, tratou de ignorar o bloco de gelo na barriga.

Saren a conduziu até um pequeno pátio de lajotas, onde homens de peito nu golpeavam postes de madeira com a espada.

— Aonde vamos? — perguntou ela. — Este não é o mesmo caminho que fiz das outras vezes para o gabinete do Senhor Capitão Comandante. Ele está em outro lugar?

— Eu peguei o caminho mais curto — retrucou o homem, com aspereza. — Tenho assuntos mais importantes para tratar do que... — Ele não concluiu a frase e nem diminuiu o passo.

Morgase não teve opção senão segui-lo corredor adentro, passando por fileiras de quartos compridos cheios de catres estreitos e homens, a maioria de peito nu ou vestindo ainda menos. Manteve os olhos fixos nas costas de Saren, formulando as frases duras que pretendia dizer a Niall. Eles cruzaram o pátio de um estábulo, o ar fedendo a cavalos e esterco, onde um ferrador manipulava as patas dos cavalos a um canto; depois percorreram mais um corredor de casernas; depois outro, onde as cozinhas de um dos lados emanavam um forte aroma de ensopado no fogo; até que chegaram a outro pátio... Morgase ficou paralisada.

Um cadafalso alto e comprido repousava no centro do pátio. Três mulheres e mais de dez homens estavam sobre ele, as mãos e os pés atados, nós apertados em volta dos pescoços. Alguns choravam copiosamente, mas a maioria apenas parecia aterrorizada. Os dois últimos homens na extremidade oposta eram Torwyn Barshaw e Paitr — o garoto estava só de camisa, em vez do casaco vermelho e branco que Morgase mandara fazer especialmente para ele. Paitr não estava chorando, mas seu tio, sim. Paitr parecia horrorizado demais para as lágrimas.

— Pela Luz! — bradou um oficial Manto-branco, e outro empurrou uma alavanca comprida na ponta do

cadafalso.

Os alçapões abaixo de cada pessoa se abriram com estalos ruidosos, e as vítimas sumiram de vista. Algumas das cordas estiradas tremeram enquanto os homens e as mulheres nas extremidades se engasgavam e perdiam a vida, sem a piedade da morte rápida por um pescoço quebrado. Paitr foi uma das mortes lentas — e a fuga tão bem orquestrada de Morgase morria com ele. Talvez devesse ter ficado tão preocupada com o rapaz quanto estava por si própria, mas só conseguia pensar na fuga, na saída da armadilha em que ela própria se metera. Estava presa, e Andor estava ali junto com ela.

Saren a encarava e estava óbvio que esperava que a rainha fosse desmaiar ou vomitar.

— Tanta gente de uma só vez? — perguntou, orgulhosa do equilíbrio em sua voz.

A corda de Paitr parara de se agitar, só balançava devagar para um lado e para o outro. Não haveria fuga.

— Enforcamos Amigos das Trevas todos os dias — respondeu Saren, seco. — Em Andor você talvez os liberte depois de um simples sermão. Nós não somos indolentes.

Morgase retribuiu o olhar do homem. O caminho mais curto, é? Então aquela era a nova tática de Niall: não ficou surpresa por não ouvir nenhuma menção ao seu plano de fuga, o Senhor Capitão Comandante era sutil demais para isso. Morgase era uma hóspede de honra, e Paitr e seu tio tinham sido enforcados por acaso por algum crime que nada tinha a ver com sua presença ali. Quem seria o próximo a ir para a forca? Lamgwin ou Basel? Lini ou Tallanvor? Estranho, mas pensar em Tallanvor com uma corda no pescoço doía ainda mais que pensar em Lini na mesma situação. A mente pregava peças bem peculiares. Vislumbrou Asunawa por cima do ombro de Saren, encarando-a de uma janela que dava para o cadafalso. Olhando diretamente para ela. Talvez aquilo fosse obra dele, não de Niall. Não fazia diferença. Não podia permitir que sua gente morresse à toa. Não podia permitir que Tallanvor morresse. Peças bem peculiares, mesmo, as que a mente pregava.

Arqueando a sobrancelha em uma expressão de deboche, ela declarou, em uma voz suave e nem um pouco afetada pelo que acabara de ver:

— Se a cena o deixou de pernas bambas, acho que podemos esperar até você recobrar suas forças.

Que a Luz permitisse que não vomitasse.

Saren fechou a cara, deu meia-volta e saiu andando. Morgase o seguiu em um passo imponente, sem olhar para a janela de Asunawa e tentando não pensar no cadafalso.

Talvez fosse mesmo o caminho mais curto, já que, no corredor seguinte, Saren a conduziu por lances de escada bem íngremes que a deixaram na câmara de audiências de Niall mais depressa do que ela se lembrava de ter chegado nas outras vezes. Como de costume, Niall não se levantou e não havia cadeira para ela, de forma que era obrigada a ficar de pé diante dele, feito uma peticionária. O homem parecia distraído, sentado em silêncio, encarando-a sem parecer enxergá-la.

Niall vencera, mas não estava nem olhando para ela. Ficou irritada com aquilo. Luz, o homem tinha vencido. Talvez devesse voltar para seus aposentos. Se mandasse Tallanvor, Lamgwin e Basel a tirarem de lá à força, os homens tentariam. Iam morrer, assim como ela. Morgase jamais empunhara uma espada, mas, se desse essa ordem absurda, pegaria em uma. Ela morreria, e Elayne ocuparia o Trono do Leão — assim que al'Thor fosse tirado de lá, claro. A Torre Branca cuidaria para que Elayne ficasse com o que era dela. A Torre. Se a Torre garantisse o trono para sua filha... Parecia loucura, mas confiava ainda menos na Torre do que em Niall. Não, precisava salvar Andor por conta própria. Mas haveria um preço. E esse preço devia ser pago.

Teve que forçar as palavras a saírem:

— Estou pronta para assinar seu acordo.

Niall nem pareceu ouvir. Então piscou e, logo depois, de repente, soltou uma risada irônica e balançou a cabeça. Aquilo também a irritou. Fingir surpresa. Não tinha tentado fugir. Era uma hóspede. Como queria ver aquele homem pendurado no cadafalso.

O Senhor Capitão Comandante agiu tão depressa que Morgase quase duvidou de sua apatia de momentos antes. Em poucos instantes, mandou entrar o secretário caquético, trazendo um longo pergaminho com tudo já escrito e até uma cópia do selo de Andor — tão bem-feita que nem ela conseguiria distinguir do selo original.

Mesmo não tendo escolha sobre assinar ou não, fez questão de ler os termos: não havia nada diferente do que esperara. Niall lideraria os Mantos-brancos na retomada do trono, mas havia um preço, ainda que no acordo não fosse apresentado desta maneira: mil Mantos-brancos se aquartelariam em residência permanente em Caemlyn, com seus próprios tribunais e sem se sujeitar à lei de Andor, além de a ordem de Mantos-brancos passar a ser considerada igual à Guarda da Rainha e com o mesmo poder por toda Andor. Poderia levar a vida inteira para desfazer aquele acordo, e também a vida de Elayne, mas a alternativa era al'Thor levar o Trono do Leão como troféu. Se alguma mulher voltasse a reinar ali, seria Elenia, Naeen ou alguém dessa estirpe, e apenas como fantoche de al'Thor. Era isso ou Elayne como fantoche da Torre, e *não conseguia* se convencer de que podia confiar na Torre.

Assinou seu nome com caligrafia precisa e pressionou o Selo falso na cera vermelha que o secretário de Niall pingou ao pé da página. O Leão de Andor cercado pela Coroa de Rosas. Pronto, era a primeira rainha a aceitar soldados estrangeiros em solo andoriano.

— As legi...? — A pergunta saiu com mais dificuldade do que imaginara. — As legiões partirão em quanto tempo?

Niall hesitou, encarando a mesa à frente. Não havia nada ali além de caneta e tinta, uma tigela de pó de pedra-pomes e um toco de cera de selagem recém-queimado, como se ele tivesse acabado de escrever uma carta. O homem rabiscou a própria assinatura no acordo e gravou seu selo, um sol fulgurante em cera dourada, então entregou o pergaminho para o secretário.

— Guarde na sala de documentação, Balwer. E receio que eu não vá conseguir avançar tão rápido quanto esperava, Morgase. Preciso considerar algumas questões que vêm se desenrolando. Mas não precisa se preocupar. É só uma questão de como se deslocar melhor nas áreas que não têm relação com Andor. Insisto que veja esse pequeno adiamento apenas como um tempo a mais para que eu possa desfrutar de sua companhia.

Balwer fez uma reverência graciosa, ainda que um tanto austera, mas Morgase teve a impressão de que o homem estivera prestes a encarar Niall com alguma surpresa. Ela mesma por pouco não ficou boquiaberta. O homem a pressionara sem parar desde que ela chegara ali, mas agora tinha outras questões a considerar? Balwer saiu apressado, como se temesse que Morgase fosse tentar pegar o documento de volta e rasgá-lo, mas não poderia estar mais enganado. Ao menos não haveria mais enforcamentos. Tudo o mais seria resolvido quando fosse possível. Um passo de cada vez. Sua resistência tenaz acabara falhando, mas agora tinha tempo de novo — o tempo era uma dádiva inesperada que não podia ser desperdiçada. Então ele queria o prazer de sua companhia?

Morgase abriu um sorriso caloroso.

— Eu sinto como se tivesse tirado um grande um peso dos meus ombros. Ora, o senhor joga pedras?

— Sou conhecido como um jogador razoável. — O sorriso em resposta foi primeiro de surpresa, depois de animação.

A rainha ruborizou, mas conseguiu se controlar para não demonstrar raiva. Talvez fosse melhor Niall achar que a tinha derrotado. Ninguém vigiava um inimigo combalido com tanta atenção nem o mantinha em tão alta conta, e, se ela tomasse cuidado, poderia começar o processo de recuperar aquilo de que abrira mão antes mesmo de os soldados de Niall deixarem Amadícia. Morgase tivera um excelente professor no Jogo das Casas.

— Bem, tentarei não ser uma adversária tão ruim, caso o senhor aceite jogar.

Ela era bem mais que razoável no jogo das pedras, e talvez fosse até mais que uma boa jogadora, mas

teria que perder, claro. Bem, não podia perder tão feio a ponto de deixá-lo entediado. Odiava perder.

* * *

Franzindo o cenho, Asunawa tamborilava os dedos no braço coberto de douraduras da cadeira. Acima de sua cabeça, no espaldar, fora entalhado um cajado de pastor trabalhado em laca brilhante sobre um disco branco.

— A bruxa ficou surpresa — murmurou.

Saren respondeu como se aquilo fosse uma acusação.

— Os enforcamentos afetam mesmo algumas pessoas. Aqueles Amigos das Trevas foram apanhados ontem, pelo que ouvi estavam entoando algum catecismo para a Sombra quando Trom arrombou a porta. Eu até perguntei aos Filhos que os capturaram, mas ninguém pensou em tentar descobrir se algum deles tinha relação com ela. — Pelo menos o homem conseguiu evitar remexer os pés, permanecendo com uma postura tão ereta quanto era apropriado para um integrante da Mão da Luz.

Asunawa dispensou as explicações com um discreto aceno. Claro que não havia relação entre ela e aqueles condenados à forca, afora o fato de que Morgase era uma bruxa e aqueles eram Amigos das Trevas. A bruxa estava na Fortaleza da Luz, afinal. Ainda assim, estava incomodado.

— Niall me mandou buscá-la como se eu fosse um cachorro — reclamou Saren. — Quase vomitei tudo o que tinha no estômago só por estar tão perto de uma bruxa. Minhas mãos chegaram a tremer de vontade de agarrar a garganta da maldita.

Asunawa não seu deu ao trabalho de responder e mal escutou. Claro que Niall odiava a Mão. A maioria dos homens odiava o que temia. Não, seus pensamentos estavam voltados para Morgase. A mulher não era fraca, não mesmo. Tinha conseguido se defender bem de Niall, e ainda mais quando a maioria teria desabado logo depois de entrar na Fortaleza. A mulher arruinaria parte dos planos dele se acabasse se mostrando fraca, afinal. Já tinha todos os detalhes na cabeça, cada dia do julgamento dela, com embaixadores de cada terra que ainda era capaz de enviar um, até que Morgase enfim fizesse sua confissão dramática, arrancada com tamanha habilidade que ninguém encontraria nenhum vestígio em seu corpo. Então viriam as cerimônias da execução. Um cadafalso especial só para ela, a ser preservado posteriormente para marcar a ocasião.

— Vamos torcer para que ela continue resistindo a Niall — afirmou, abrindo um sorriso que alguns definiriam como brando e devoto. Nem mesmo a paciência de Niall poderia durar para sempre. Ao final, ele teria que entregá-la à justiça.





CONVOCAÇÃO ÀS PRESSAS

Para Egwene, a visita de Rand a Cairhien lembrava uma daquelas grandes apresentações de fogos de artifício de Iluminadores das quais apenas ouvira, mas que nunca tinha visto. O reverberar dos ecos parecia não ter fim.

Não voltou ao palácio, claro, mas as Sábias que iam até lá todos os dias em busca de armadilhas montadas com *saidar* contavam o que se passava. Nobres se entreolhavam com desconfiança, tanto tairenos quanto cairhienos. Berelain parecia estar se escondendo de algo, recusando-se a receber qualquer pessoa cuja audiência não fosse absolutamente necessária. Ao que parecia, Rhuarc ralhara com ela por negligenciar suas obrigações, mas o efeito foi mínimo. Aliás, o chefe do clã parecia ser o único indiferente em todo o palácio — até os serviçais se sobressaltavam quando alguém olhava para eles, embora isso talvez se devesse ao fato de as próprias Sábias estarem por todos os cantos.

Nas tendas, a situação não era muito melhor, ao menos não entre as Sábias — os outros Aiel estavam como Rhuarc: calmos e firmes. O contraste de posturas fazia a rabugice das Sábias ainda maior em um momento em que já era grande o suficiente. Amys e Sorilea voltaram do encontro com Rand quase espumando de raiva. Não disseram por quê, pelo menos não na frente de Egwene, mas o sentimento se espalhou pelas Sábias mais rápido que um raio, até que cada uma delas começou a andar por aí feito gatas eriçadas prontas para enfiar as garras em qualquer coisa que se mexesse. As aprendizes andavam pisando em ovos e falando manso, mas continuavam levando broncas pelo que antes teria passado despercebido e recebendo punições pelo que em circunstâncias normais teria resultado em apenas uma bronca.

Ver as Sábias Shaido no acampamento não ajudava — pelo menos Therava e Emerys eram Sábias, a terceira era a própria Sevana, andando para cima e para baixo cheia de si, usando a blusa tão aberta que rivalizava com Berelain, não importava quanto o vento soprasse a poeira. Therava e Emerys afirmavam que Sevana era uma Sábica, e, apesar dos resmungos de Sorilea, eram obrigadas a aceitá-la como tal. Egwene tinha certeza de que as mulheres estavam ali para espionar, mas Amys só olhava feio sempre que ela insinuava aquilo. Protegidas pelos costumes, as mulheres tinham passagem livre pelas tendas e eram bem recebidas por todas as Sábicas, inclusive Sorilea, acolhidas como amigas íntimas ou irmãs-primeiras. Ainda assim, a presença delas piorava o humor de todos — o de Egwene em especial. Sevana, aquela pantera de sorriso afetado, sabia quem ela era e não se esforçava para esconder seu prazer em mandar “a aprendiz baixinha” ir

buscar um copo d'água ou qualquer outra besteira em toda oportunidade. E Sevanna também a encarava com um olhar analítico, um olhar que lembrava Egwene de alguém analisando uma galinha e pensando em como a cozinhar depois de roubá-la. E não parava por aí: para piorar, as Sábias não lhe contavam sobre o que conversavam com as Shaído — era assunto das Sábias, não das aprendizes. Qualquer que fosse o motivo para aquelas três estarem ali, seu interesse no comportamento das outras Sábias era evidente. Mais de uma vez, em momentos em que Sevanna achava que não estava sendo observada, Egwene a flagrou sorrindo ao ver Amys, Malindhe ou Cosain passarem por ela falando sozinhas ou ajeitando o xale sem necessidade. Claro que ninguém dava ouvidos a Egwene, e um excesso de advertências a respeito das Shaído acabaram por lhe render a punição de passar quase um dia todo cavando um buraco “grande o bastante para se enfiar lá dentro sem ser vista” — e, para coroar o castigo, quando saiu do buraco toda suja e ensopada de suor para obedecer às ordens de tapá-lo de novo, viu que Sevanna a observava.

Dois dias depois da partida de Rand, Aeron e algumas outras Sábias mandaram três Donzelas pularem escondidas a muralha do palácio de Arilyn, à noite, para ver o que conseguiam descobrir, e isso só piorou a situação. As três conseguiram passar despercebidas pelos guardas de Gawyn, mesmo que com mais dificuldade do que esperavam, mas passar pelas Aes Sedai acabou sendo mais complicado. Quando ainda estavam no topo do telhado, tentando encontrar uma maneira de adentrar o sótão, acabaram envolvidas por tramas do Poder e puxadas para dentro do casarão. Por sorte, Coiren e as outras pareceram pensar que as Aiel só estavam ali para roubar, embora as Donzelas talvez não tivessem considerado aquilo tanta sorte. As três foram jogadas de volta na rua depois de uma sova tão grande que mal conseguiam andar — ainda estavam tentando conter os gemidos de dor quando voltaram para as tendas. As Sábias se revezaram repreendendo Aeron e as amigas, quase todas em particular, mas Sorilea pareceu fazer questão de confrontá-las diante do máximo de gente possível. Sevanna e as outras duas Shaído sorriam com um desdém bem explícito sempre que avistavam Aeron ou uma das outras, especulando em tons bastante audíveis sobre o que as Aes Sedai fariam quando descobrissem a verdade sobre a invasão. Até Sorilea olhou torto para as três ao ouvir os comentários, mas ninguém se pronunciou. Aeron e suas amigas passaram a andar parecendo pisar nos mesmos ovos que as aprendizes, que começaram a tentar se esconder sempre que não estavam desempenhando suas tarefas habituais ou envolvidas nas aulas. Os ânimos ficaram ainda mais exaltados.

Fora o buraco que tivera que cavar, Egwene conseguiu evitar o pior daquilo tudo, mas só porque passava boa parte do tempo longe das tendas — e o fazia sobretudo para ficar longe de Sevanna, antes que acabasse dando uma lição na mulher. Não tinha dúvidas de como terminaria, caso ousasse se manifestar: Sevanna era aceita como Sábia, não importava as caras feias quando ela não estava por perto, e Amys e Bair provavelmente deixariam as Shaído pensarem em um castigo para Egwene. Pelo menos não era tão difícil ficar afastada. Ela podia ser aprendiz, mas só Sorilea fazia qualquer esforço para lhe ensinar as milhares de coisas que uma Sábia precisava saber, e até Amys e Bair lhe darem permissão para voltar a *Tel'aran'rhiod*, Egwene tinha os dias e as noites livres — só precisava dar um jeito de escapar de ser convocada, junto com Surandha e as outras aprendizes, para lavar a louça, recolher esterco para as fogueiras ou coisa parecida.

Egwene não conseguia entender por que os dias pareciam passar tão devagar. Achava que podia ter algo a ver com ter que esperar a decisão de Amys e Bair. Encontrava Gawyn na estalagem O Homem Comprido todas as manhãs, e já estava acostumada com os sorrisinhos sugestivos da estalajadeira gorducha, apesar de ter considerado dar um belo pontapé na mulher em uma ou duas ocasiões. Talvez três, porém não mais que isso. Ah, aquelas horas da manhã passavam voando. Mal se sentava no colo dele e já era hora de endireitar o cabelo e ir embora. Não ficava mais incomodada de se sentar no colo de Gawyn — não que algum dia isso a tivesse incomodado de verdade, mas a experiência foi ficando cada vez melhor. Se por vezes pensava coisas que não deveria, e se esses pensamentos a faziam enrubescer... bem, nessas horas Gawyn sempre passava os dedos em seu rosto, murmurando seu nome de um jeito que ela poderia ouvi-lo repetir a vida inteira. O rapaz

deixava escapar menos sobre o que vinha se passando com as Aes Sedai do que ela ficava sabendo em outros lugares, mas Egwene mal se importava.

Eram as outras horas que se arrastavam como se estivessem atoladas na lama. Havia tão pouco a fazer que ela achava que ia acabar explodindo de tanta frustração. As Sábias escolhidas para ficar de olho na mansão de Arilyn não relataram mais nenhuma novidade sobre a presença das Aes Sedai — escolhidas entre as que eram capazes de canalizar, as vigias afirmavam que as mulheres da Torre continuavam manejando o Poder lá dentro dia e noite sem parar, mas Egwene não ousava se aproximar. Mesmo se tivesse coragem, não saberia o que elas estavam fazendo sem ver os fluxos. Se as Sábias não estivessem tão irritadiças, poderia passar o tempo lendo em sua tenda — na única vez em que pegou um livro, a não ser à noite, sob a luz de uma lamparina, Bair resmungou tanto sobre as garotas que desperdiçavam os dias deitadas com preguiça que Egwene acabou murmurando que se esquecera de alguma coisa só para sair correndo, antes que a Sábica lhe arrumasse alguma coisa para fazer. E uma conversa de poucos instantes com uma aprendiz poderia ser tão perigosa quanto pegar um livro: ser flagrada por Sorilea em uma pequena pausa para falar com Surandha, escondida sob a sombra de uma tenda dos Cães de Pedra, lhe rendeu uma tarde inteira cuidando da lavagem das roupas. Até teria ficado feliz em cuidar de algumas tarefas pelo simples fato de ter o que fazer, mas Sorilea foi examinar as roupas impecavelmente limpas penduradas dentro da tenda, protegidas da poeira onipresente, fungou e mandou que fizessem tudo de novo — e isso aconteceu duas vezes! Sevanna também testemunhou parte desse castigo.

Quando ia à cidade, Egwene sempre ficava tensa — ainda assim, no terceiro dia, foi de fininho até as docas, se esgueirando como um rato roubando leite de um gato. Um sujeito todo enrugado com um barquinho estreito coçou o cocuruto coberto de cabelos ralos e pediu um marco de prata para levá-la a remo até o navio do Povo do Mar. Nada na vida era de graça, mas aquele preço era ridículo. Egwene encarou o homem, respondendo que ele receberia apenas uma moeda comum de prata — o que ainda era bem caro, aliás —, e esperou que a barganha que viria a seguir não lhe custasse todas as moedas da bolsa, pois não tinha muitas. Todos se sobressaltavam ou se encolhiam diante dos Aiel, mas, quando o assunto era dinheiro, esqueciam-se do *cadin'sor* e das lanças e lutavam feito leões. O homem abriu a boca banguela, então fechou, espiou Egwene de cima a baixo, resmungou para si mesmo e, para a surpresa da garota, aceitou, acrescentando que ela estava roubando o pouco pão que ele tinha para comer.

— Vamos logo — grunhiu o sujeito. Vamos de uma vez. Não posso perder o dia todo por essa ninharia. Ora, essa mulher querendo intimidar um pobre trabalhador. Querendo roubar meu último naco de pão.

Ele não parou de resmungar mesmo quando começou a remar, impulsionando o barco minúsculo para as vastas águas do Alguenya.

Egwene não sabia se Rand já encontrara essa Senhora das Ondas, mas esperava que sim. De acordo com Elayne, o Dragão Renascido era o Coramoor do Povo do Mar, o Escolhido, e bastava ele aparecer para que aquela gente atendesse a todos os seus chamados. Ainda assim, torcia para que o Povo do Mar não tivesse se rebaixado tanto. Rand já tinha gente de mais disposta a lhe beijar os pés. Mas não fora até lá com aquele barqueiro ranzinza por causa de Rand. Elayne conhecera alguns Atha'an Miere, viajara em um de seus navios. E a amiga dizia que as Chamadoras de Ventos do Povo do Mar podiam canalizar — ao menos algumas delas. Talvez a maioria. Tratava-se de um segredo que os Atha'an Miere guardavam muito bem, mas a Chamadora de Ventos da embarcação de Elayne estivera mais do que disposta a compartilhar seus conhecimentos, depois de ser descoberta. Uma Chamadora de Ventos do Povo do Mar entendia bem dos assuntos do clima, e Elayne alegava que elas sabiam ainda mais do assunto do que as Aes Sedai, dizendo que a Chamadora de Ventos do navio em que estivera tecera fluxos enormes para gerar ventos favoráveis. Egwene não tinha ideia de quanto daquilo era verdade e quanto era apenas empolgação, mas aprender um pouco sobre o clima com certeza seria melhor do que ficar de braços cruzados, sem conseguir decidir se ser pega por Nesune talvez não fosse

melhor do que lidar com as Sábias e Sevanna. Com o que sabia até então, não conseguiria fazer chover nem se os céus estivessem negros — mas conseguiria invocar relâmpagos. Bem, o sol ardia, dourado, no céu sem nuvens, e ondas de calor dançavam sobre a água escura. Pelo menos não havia poeira rio adentro.

Quando o barqueiro finalmente recolheu os remos e deixou a pequena embarcação deslizar até a lateral do navio, Egwene se levantou, ignorando os resmungos do homem de que acabaria fazendo ambos caírem no rio.

— Olá? — gritou. — Olá? Posso subir a bordo?

Egwene já estivera em várias embarcações fluviais e se orgulhava de conhecer os termos corretos — aquela gente da navegação se ofendia sempre que ouvia um termo errado —, mas aquele navio era diferente. Já vira embarcações mais longas, porém nenhuma tão alta. Parte da tripulação estava nos cordames ou escalando os mastros oblíquos — homens de pele escura e peito nu, descalços, trajando calças coloridas folgadas presas por faixas brilhantes, e mulheres de pele escura com blusas de cores fortes.

Estava prestes a gritar outra vez, ainda mais alto, quando uma escada de cordas se desenrolou na lateral da embarcação. Não ouviu resposta do convés, mas aquilo parecia convite o bastante. Egwene subiu. Foi difícil — não a escalada, e sim manter as saias fechadas e as pernas cobertas com um mínimo de decência, o que a fez entender por que as mulheres do Povo do Mar usavam calças —, mas acabou chegando à amurada.

Seus olhos logo pousaram sobre uma mulher no convés, a menos de uma braça de distância. A blusa e as calças eram de seda azul, com uma faixa mais escura na cintura. Ela usava três argolas de ouro trabalhadas em cada orelha, além de uma correntinha da qual pendiam minúsculos medalhões cintilantes descendo de uma das orelhas até uma argola no nariz. Elayne descrevera a joia e até chegara a mostrá-la em *Tel'aran'rhiod*, mas ver a coisa ao vivo fez Egwene se encolher. Só que havia algo mais: conseguia sentir a capacidade de canalizar da mulher. Encontrara a Chamadora de Ventos.

Ela abriu a boca para falar com a mulher, então uma mão escura empunhando uma adaga reluzente surgiu de repente diante dos seus olhos. Antes que pudesse gritar, a lâmina cortou as cordas da escada. Ainda se segurando no objeto já sem serventia, Egwene despencou.

Foi só então que gritou — o grito durou um piscar de olhos, então ela caiu no rio, os pés mergulhando primeiro, afundando rapidamente. A água entrou depressa em sua boca aberta, abafando o grito. Achou que tinha engolido metade do rio. Ela se debateu, tentando desenrolar as saias em volta da cabeça e se livrar do que restava da escada. Não entrou em pânico. Não entrou. Quão fundo mergulhara? Via apenas uma escuridão lamacenta ao redor. Para que lado ficava a superfície? Tiras de ferro apertavam seu peito, mas ela expirou pelo nariz e ficou olhando o caminho das bolhas, que lhe pareceram ir para baixo e para a esquerda. Virou-se e nadou para a superfície. Faltava muito? Os pulmões ardiam.

Sua cabeça irrompeu para a luz do dia e, engasgando e tossindo, Egwene respirou fundo. Para a sua surpresa, o barqueiro estendeu a mão e a arrastou aos poucos para dentro do barco, resmungando para que ela parasse de se debater antes que irritasse as pessoas no navio, acrescentando que o Povo do Mar era uma gente muito sensível. O homem se inclinou de volta para recuperar o xale de Egwene antes que a peça afundasse de volta. Apanhou o xale das mãos do barqueiro, que recuou como se pensasse que ela iria bater nele com o tecido molhado. Sentia as saias pesadas, a blusa e a anágua grudando no corpo, o lenço todo torto no meio da testa. Uma poça começou a se formar sob seus pés no chão do barco.

O barquinho estava a cerca de vinte passadas do navio. A Chamadora de Ventos estava na amurada, junto com mais duas mulheres, uma usando roupas de seda verde comum e a outra com vestes de um tecido vermelho bordado com fios de ouro. Os brincos, anéis e correntes refletiam o sol.

— O presente da passagem é negado a você — afirmou a mulher de verde, e a de vermelho gritou:

— Avise às outras que esses disfarces não nos enganam. Não temos medo de vocês. O presente da passagem é negado a todas vocês!

O barqueiro encarquilhado pegou os remos, mas Egwene apontou o dedo em riste bem para o nariz estreito dele.

— Pare agora mesmo — ordenou Egwene. Como ousavam jogá-la na água daquele jeito, sem uma palavra de cortesia?

Egwene respirou fundo, abraçou *saidar* e canalizou quatro fluxos antes que a Chamadora de Ventos pudesse reagir. Então a mulher entendia do clima, era? Será que também conseguiria canalizar quatro fluxos de uma vez? Não eram muitas as que conseguiam, nem mesmo entre as Aes Sedai. Com um fluxo de Espírito, ela blindou a Chamadora de Ventos para impedi-la de interferir — isso se a mulher soubesse como. Todos os outros três foram de Ar, tecidos com toda a delicadeza ao redor de cada mulher, prendendo seus braços à lateral do corpo. Erguê-las no ar não foi exatamente difícil, mas também não foi fácil.

A tripulação do barco gritou quando as mulheres começaram a levitar até o rio. Egwene escutou o barqueiro se lamuriando, mas não estava interessada nele. As três mulheres do Povo do Mar sequer protestaram. Fazendo um esforço, ergueu-as ainda mais, a dez ou vinte passadas da superfície. Não importava quanto se empenhasse, aquele parecia ser seu limite. *Bem, não quero machucar ninguém*, pensou, soltando os fluxos. *Agora elas vão gritar.*

As três se enrolaram feito bolas assim que começaram a cair, giraram e estenderam os corpos com os braços esticados à frente. Mergulharam graciosamente, quase sem espirrar água. Momentos depois, três cabeças escuras despontaram na superfície, e as mulheres nadaram depressa de volta para o navio.

Egwene fechou a boca. *Se eu erguer as três pelo tornozelo e enfiar a cabeça de cada uma na água, aí elas vão...* O que estava pensando? Aquelas mulheres tinham que gritar só porque ela gritara? Não estava mais ou menos molhada do que as três. *Devo estar parecendo uma rata molhada!* Canalizou com cuidado — empregar os fluxos em si mesma sempre exigia cautela, já que não conseguia ver a trama muito bem —, e a água foi escorrendo do corpo, se esvaindo das roupas. A poça no chão do barco aumentou.

Só quando notou que o barqueiro a encarava com a boca escancarada e os olhos esbugalhados é que ela se deu conta do que fizera. Tinha canalizado no meio do rio, sem nada para escondê-la de qualquer Aes Sedai que pudesse ver. Com ou sem sol, de repente sentiu os ossos gelarem.

— Agora já pode me levar de volta para a margem. — Não havia como saber quem estava no cais, e, àquela distância, era impossível diferenciar um homem de uma mulher. — Mas não para a cidade. Para a beira do rio.

O sujeito obedeceu na hora, começando a remar tão rápido que Egwene quase caiu para trás. Ele a levou até um ponto da margem quase todo coberto por rochas lisas do tamanho da cabeça dela. Não havia ninguém à vista, mas, assim que o barco raspou nas pedras, Egwene saltou, ergueu as saias e disparou pelo barraco íngreme, mantendo o mesmo pique até estar de volta à tenda, onde desabou, ofegante, suando em bicas. Desde então, não foi mais à cidade. A não ser para ver Gawyn, claro.

Os dias se passaram, e o vento, já quase constante, carregava dia e noite lufadas de poeira e areia. Na quinta noite, Bair acompanhou Egwene ao Mundo dos Sonhos, um breve passeio de teste pelo trecho de *Tel'aran'rhiod* que Bair conhecia melhor: o Deserto Aiel, uma terra acidentada e ressecada que fazia até aquela Cairhien arrasada pela seca parecer formosa e exuberante. Uma viagem rápida, então Bair e Amys vieram acordá-la para conferir se a empreitada provocara algum efeito negativo. Não provocara. Nisso as duas acabaram concordando, depois de a obrigarem a correr e saltar várias vezes, e mesmo assim apenas após examinarem cuidadosamente seus olhos e seu coração. Ainda assim, na noite seguinte, Amys levou-a para mais uma voltinha no Deserto, seguida de mais um exame tão cansativo que Egwene ficou feliz quando enfim pôde se arrastar de volta para os lençóis e cair em um sono profundo.

Naquelas duas noites, Egwene não voltou ao Mundo dos Sonhos, mas foi mais por exaustão do que por

falta de vontade. Antes daqueles pequenos testes, sempre dizia a si mesma que devia parar de ir a *Tel'aran'rhiod* sozinha — não seria nada bom ser pega violando as restrições justo quando as Sábias estavam prestes a suspendê-las —, mas sempre acabava decidindo que uma viagensinha curta não teria problema, se fosse rápida o bastante para reduzir as chances de ficar exposta. O que de fato evitava era o lugar entre *Tel'aran'rhiod* e o mundo desperto, onde os sonhos flutuavam. Tomou essa decisão ao perceber como estava tentada a encontrar uma maneira de bisbilhotar os sonhos de Gawyn sem ser atraída para eles — mas sempre dizendo a si mesma que, caso isso acontecesse, tudo não passaria de um sonho. Tentava lembrar a si mesma, o tempo todo, que era uma mulher adulta, não uma garotinha tola. Ainda assim, estava feliz por ninguém mais saber da confusão que Gawyn criava em sua cabeça. Amys e Bair gargalhariam até chorar.

Na sétima noite, Egwene se preparou com todo o cuidado antes de dormir, botando uma camisola limpa e escovando o cabelo até deixá-lo brilhando. Nada daquilo seria relevante em *Tel'aran'rhiod*, mas servia para distraí-la de como seu estômago parecia dar piruetas. Naquela noite, as Aes Sedai estariam esperando por ela no Coração da Pedra, e não Elayne ou Nynaeve. Não deveria fazer diferença, a menos que... A escova de cabelo de marfim parou no meio de uma mecha. A menos que uma das Aes Sedai revelasse que ela era apenas uma Aceita. Como não tinha pensado naquilo? Luz, gostaria de poder falar com Nynaeve e Elayne. O problema era que também não via como falar com as amigas adiantaria de alguma coisa, e ela tinha certeza de que aquele sonho com objetos caindo no chão e se estilhaçando significava que algo acabaria dando muito errado caso tentasse entrar em contato com as amigas.

Mordiscando o lábio inferior, considerou ir dizer a Amys que não estava se sentindo bem — nada grave, só um incômodo no estômago, mas que achava que não daria conta de visitar o Mundo dos Sonhos naquela noite. Retomariam as aulas depois do encontro, mas... Seria mais uma mentira, além de uma covardia. Egwene não era covarde. A coragem não vinha igual e nem no mesmo nível para todos, mas a covardia era desprezível. Não importava o que acontecesse naquela noite, tinha que se forçar a encarar o que viesse de frente.

Firme e decidida, largou a escova, apagou o lampião com um sopro e foi rastejando até o catre. Estava cansada o bastante para não ter problemas em pegar no sono, embora já soubesse se obrigar a dormir a qualquer momento, quando necessário, ou pelo menos a entrar no leve transe que a levaria parcialmente ao Mundo dos Sonhos, mas a manteria desperta o suficiente para conseguir falar — talvez balbuciar — com alguém que estivesse aguardando junto a seu corpo. A última coisa que lhe ocorreu antes de cair no sono foi perceber, muito surpresa, que o estômago não estava mais se revirando.

Estava em uma grande câmara abobadada repleta de espessas colunas de pedra vermelha polida — o Coração da Pedra, na Pedra de Tear. Acima, lampiões dourados pendiam de correntes. Estavam apagados, mas claro que havia luz, aquela iluminação que vinha de todas as partes e de lugar nenhum. Amys e Bair já estavam lá, com a mesma aparência daquela manhã, tirando o fato de que todos os colares e braceletes cintilavam um pouco mais do que o normal, mesmo sendo de ouro. Conversavam em vozes tranquilas, mas pareciam irritadas. Egwene só conseguiu ouvir algumas palavras, mas tinha certeza de que houve uma menção a “Rand al'Thor”.

De repente, percebeu que usava um vestido branco de Aceita com bainha listrada. Assim que reparou, sua roupa se tornou uma cópia da vestimenta das Sábias, mas sem as joias. Achou que as outras duas não tinham percebido — ou que, caso tivessem, não soubessem o significado do vestido. Em alguns casos, a rendição fazia a pessoa perder menos *ji* e adquirir menos *toh*, mas Aiel nenhum consideraria isso sem pelo menos tentar lutar.

— Elas estão atrasadas de novo — reclamou Amys, irritada, andando até o espaço aberto logo abaixo do grande domo da câmara. No chão de pedra estava o que parecia uma espada de cristal — era a *Callandor* da

profecia, um *sa'angreal* masculino dos mais poderosos já criados. Rand deixara a espada ali para que os tairenos se lembrassem dele — como se houvesse chance de esquecerem —, mas Amys mal olhou para o objeto. Para muitos, A Espada Que Não É Espada até podia ser um símbolo do Dragão Renascido, mas para aquela Sábia aquilo era coisa dos aguacentos. — Bem, considerando a reunião passada, ao menos podemos esperar que elas não vão tentar fingir que sabem de tudo e que nós não sabemos de nada. As Aes Sedai se saíram bem melhor na última vez.

Bair fungou de um jeito que teria deixado Sorilea sem reação.

— Elas não vão melhorar nunca. O mínimo que podiam fazer era chegar na hora combi...

A frase ficou por terminar. Sete mulheres apareceram de repente do outro lado de *Callandor*.

Egwene reconheceu todas, até a jovem de olhos azuis e determinados que encontrara antes, em *Tel'aran'rhiod*. Quem seria? Amys e Bair já tinham falado das demais — quase sempre com amargura —, mas nunca mencionaram aquela mulher. Ela usava um xale com bordas azuis; todas estavam de xale, na verdade. Os vestidos volta e meia mudavam de cor e de corte, mas os xales nunca sequer tremeluziam.

Assim que chegaram, as Aes Sedai se voltaram para Egwene, como se as Sábias nem existissem.

— Egwene al'Vere — começou Sheriam, em um tom muito formal —, você está convocada a comparecer ao Salão da Torre. — A Aes Sedai estreitou os olhos de leve, tentando disfarçar alguma emoção. Egwene sentiu um aperto no peito: elas sabiam que estava se passando por uma irmã completa.

— Não pergunte o motivo da convocação — advertiu Carlinya, logo depois de Sheriam terminar, sua voz gélida aumentando ainda mais a sensação de formalidade. — Seu dever é responder, não perguntar.

Por algum motivo misterioso, Carlinya cortara o cabelo escuro bem curto. O detalhe irrelevante de repente pareceu importante para Egwene. Não queria ficar pensando no que tudo aquilo significava, não mesmo. As frases cerimoniais vieram em sucessão, em um ritmo imponente. Amys e Bair ajeitaram os xales e franziram o cenho, a irritação começando a virar preocupação.

— Não adie sua vinda — continuou Anaiya. Egwene sempre a tinha achado bondosa, mas a mulher de rosto gentil soava tão firme quanto Carlinya, com uma formalidade quase tão fria quanto a da Branca. — Seu dever é obedecer com presteza.

As três falaram em uníssono:

— É bom temer as convocações do Salão. É bom obedecer com presteza e humildade, sem questionar. Você está convocada a se ajoelhar perante o Salão da Torre e aceitar seu julgamento.

Egwene se forçou a controlar a respiração, ao menos o suficiente para conseguir evitar parecer ofegante. Qual seria a punição para o que fizera? Suspeitava de que não seria nada branda, a julgar por toda aquela cerimônia. Todas a encaravam. Tentou decifrar alguma coisa naqueles rostos de Aes Sedai — seis deles exibiam apenas a serenidade da idade indefinida, talvez uma leve intensidade no olhar. A jovem Azul ostentava a calma tranquila de alguém que já era Aes Sedai havia anos, mas não conseguia esconder o sorriso discreto e satisfeito.

Elas pareciam estar esperando resposta.

— Vou assim que puder. — Seu coração estava tão apertado que parecia prestes a ser esmagado, mas Egwene conseguiu deixar a voz em um tom à altura do das mulheres. Nada de covardia. Ela ainda se tornaria Aes Sedai. Isso se deixassem, depois de tudo o que fez. — Só não sei se consigo chegar assim tão rápido. O caminho é longo, e não sei exatamente onde fica Salidar, só sei que é algum lugar ao longo do Rio Eldar.

Sheriam e outras Aes Sedai se entreolharam. Seu vestido passou de uma seda azul-clara a um cinza-escuro de saias plissadas.

— Temos certeza de que existe uma maneira de fazer essa jornada mais depressa. Se as Sábias ajudarem, claro. Siuan está certa de que não precisaríamos de mais de um ou dois dias, se você entrar fisicamente em *Tel'aran'rhiod*...

— Não — interrompeu Bair, irritada, no mesmo instante em que Amys retrucava:

— Não vamos ensinar uma coisa dessas para ela. Isso já foi usado para o mal, e é uma habilidade maligna. Quem faz uma coisa dessas, não importa quem seja, perde uma parte de si mesmo.

— Você não pode saber disso com certeza — retrucou Beonin, em um tom muito paciente —, já que, ao que parece, nenhuma de vocês nunca nem tentou. Mas, se sabem que existe um jeito, devem ter alguma ideia de como se faz. Com essa informação, podemos descobrir a parte que vocês não souberem.

O tom paciente não foi a abordagem correta. Amys ajustou o xale e se endireitou, a postura ainda mais ereta que de costume. Bair plantou as mãos na cintura, encarando Beonin com um olhar duro e ameaçador. Em poucos instantes, haveria uma daquelas brigas que as Sábias tinham dado a entender que aconteciam. Ah, as duas iam ensinar àquelas Aes Sedai algumas lições sobre o que podia ser feito em *Tel'aran'rhiod*, deixando bem claro quão pouco aquelas mulheres da Torre sabiam. As Aes Sedai retribuíram os olhares irritados com expressões muito calmas e cheias de confiança. Os xales permaneciam estáveis, mas os vestidos se alternavam quase tão rápido quanto as batidas do coração de Egwene — só a roupa da jovem Azul parecia mais estável, tendo mudado apenas uma vez durante todo aquele longo silêncio.

Egwene tinha que acabar com aquilo. Precisava ir a Salidar, e não ajudaria em nada sua situação se ela testemunhasse aquelas Aes Sedai serem humilhadas.

— Eu sei como faz. Acho que sei. E estou disposta a tentar. — Se não desse certo, ainda poderia ir cavalcando. — Mas preciso saber onde é. Pelo menos melhor do que sei agora.

Amys e Bair desviaram a atenção das Aes Sedai para ela. Nem Carlinya conseguiria rivalizar com aqueles olhares frios — nem mesmo Morvrin teria conseguido. Egwene sentiu o coração se apertar mais um tanto.

Na mesma hora, Sheriam começou a dar as coordenadas — a tantas milhas dessa aldeia, a tantas léguas ao sul daquela outra —, mas a jovem Azul apenas pigarreou e disse:

— Isto aqui talvez seja mais útil. — A voz soava familiar, mas Egwene não conseguia se lembrar daquele rosto.

Ela parecia não ter muito mais controle sobre as próprias roupas do que as outras Aes Sedai, no fim das contas — a seda verde suave foi adquirindo um tom azul-escuro enquanto ela falava, e a gola alta bordada virou um rufo de renda ao estilo taireno enquanto uma touca cravejada de pérolas surgia em sua cabeça —, mas até que possuía algum conhecimento sobre *Tel'aran'rhiod*. Um mapa enorme se materializou no ar, mais para o lado. Um ponto vermelho reluzente em uma das extremidades indicava “Cairhien”, anotado com letras garrafais, e um segundo indicava “Salidar”, na outra extremidade. O mapa foi se expandindo e se modificando, e de repente as montanhas não eram apenas linhas, e sim relevos; as florestas adquiriram tons de verde e marrom; e os rios passaram a cintilar feito água azul à luz do sol. O mapa foi crescendo até virar um paredão que cobria toda a lateral da Pedra. Era como olhar de cima para o mundo inteiro.

Até as Sábias ficaram impressionadas — ao menos não deixaram a desaprovação clara até o vestido taireno da mulher se transformar em uma veste de seda amarela com bordados de prata na gola. Mas a jovem não estava interessada nas Aiel. Por algum motivo, fitava as outras Aes Sedai com um olhar desafiador.

— Esplêndido, Siuan — opinou Sheriam, depois de um momento.

Egwene ficou surpresa. Siuan? Devia ser outra mulher com o mesmo nome. A jovem Siuan pareceu muito satisfeita consigo mesma e aquiesceu — sua expressão assertiva lembrava muito Siuan Sanche, mas era impossível. *Você só está enrolando*, ralhou consigo mesma.

— Bem, isso com certeza é o suficiente para eu encontrar Salidar, podendo ou não... — Ela olhou de esguelha para Amys e Bair, que a encaravam com um olhar tão cheio de reprovação silenciosa que mais pareciam esculpidas em pedra inercial. — Podendo ou não entrar neste mundo em carne e osso. De um jeito ou de outro, prometo que estarei em Salidar assim que possível.

O mapa desapareceu. *Luz, o que elas vão fazer comigo?*

Chegou a abrir a boca para perguntar, mas Carlinya a interrompeu, ríspida, voltando ao tom cerimonioso, agora ainda mais intenso e rigoroso.

— Não pergunte o motivo da convocação. Seu dever é responder, não perguntar.

— Não adie a sua vinda — completou Anaiya. — Seu dever é obedecer com presteza.

As Aes Sedai se entreolharam e sumiram, indo embora tão depressa que Egwene chegou a suspeitar de que achavam que ela faria alguma pergunta.

Aquilo a deixou a sós com Amys e Bair. Mas, quando se virou para as Sábias, sem saber se deveria começar por uma explicação ou por um pedido de desculpas ou se apenas imploraria por compreensão, as duas também sumiram. Ficou sozinha, cercada pelas colunas de pedra vermelha, com *Callandor* cintilando a seu lado. Não havia desculpas no *ji'e'toh*.

Egwene suspirou, tristonha, e saiu de *Tel'aran'rhiod* de volta para seu corpo adormecido.

Ela despertou na mesma hora — acordar por vontade própria era uma parte tão importante do treinamento de uma Andarilha dos Sonhos quanto adormecer quando queria, e ela de fato prometera ir o mais depressa possível. Canalizando, acendeu todas as lamparinas. Precisaria de luz. Esforçou-se para ser rápida ao se ajoelhar junto de um dos bauzinhos encostados nas paredes da tenda e desencavar as roupas que não usara desde que chegara ao Deserto. Parte de sua vida chegava ao fim, mas ela não choraria por aquela perda. Não mesmo.

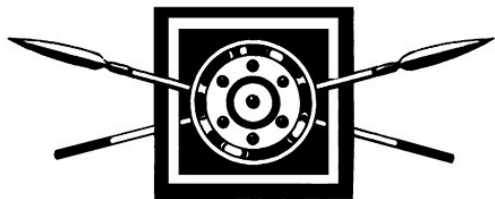
* * *

Assim que Egwene sumiu, Rand saiu de detrás das colunas. Às vezes ia ali dar uma olhada em *Callandor*. A primeira visita tinha sido depois de Asmodean ensinar a ele a inverter os fluxos. Depois disso, tinha mudado as armadilhas dispostas ao redor do *sa'angreal* para que apenas ele conseguisse ver as tramas. Se podia acreditar nas Profecias, quem conseguisse empunhar a espada depois dele seria seu “sucessor”. Não tinha certeza de quanto ainda acreditava naquilo, mas não precisaria correr riscos desnecessários.

Lews Therin resmungava em algum lugar no fundo de sua mente — isso acontecia sempre que Rand chegava muito perto de *Callandor*. Naquela noite, no entanto, a espada de cristal reluzente não lhe despertou nenhum interesse. Em vez disso, olhava para o ponto onde o imenso mapa fora estendido — no fim das contas a coisa se revelou não apenas um mapa, e sim algo mais. Que lugar seria aquele? Será que a pura sorte o conduzira até ali, naquela noite, em vez da noite anterior ou da seguinte? Teria sido um dos puxões de *ta'veren* no Padrão? Não importava. Egwene aceitara a convocação sem protestar, coisa que jamais faria se aquilo fosse obra da Torre e de Elaida. Essa tal de Salidar era onde estavam escondidas suas amigas misteriosas. Onde estava Elayne. E aquelas mulheres tinham lhe entregado a localização de bandeja.

Com uma gargalhada, Rand abriu um portão para o reflexo do Palácio em Caemlyn.





CORAGEM PARA FORTIFICAR

Ajoelhada, ainda só de camisola, Egwene franziu o cenho, examinando o vestido de cavalgada de seda verde-escura que estava usando quando chegou ao Deserto, tanto tempo antes. Ainda tinha muito a fazer. Tirara alguns instantes para escrever um bilhete apressado e depois acordara Cowinde para mandar que ela o entregasse na estalagem O Homem Comprido logo de manhã.

O bilhete não dizia muito, só explicava que precisara ir embora — e Egwene tampouco sabia muito mais que isso —, mas não podia simplesmente desaparecer sem deixar nenhuma explicação para Gawyn. Algumas das coisas que escrevera ainda a deixavam corada só de lembrar — dizer que o amava era uma coisa, mas chegara a *pedir* a ele que a esperasse! Bem, conseguira ser justa com ele, pelo menos tanto quanto possível. Só precisava terminar de se arrumar, e mal sabia para quê.

A abertura da tenda foi erguida, e Amys entrou com Bair e Sorilea. As três ficaram paradas, lado a lado, encarando-a de cima. Três olhares inflexíveis de reprovação. Egwene teve que se esforçar para não apertar o vestido contra o peito — só de camisola, como estava, sentia-se muito mais vulnerável. Embora, pensando bem, até de armadura estaria vulnerável diante daquelas três. A questão era que sabia que estava errada. Ficou surpresa por elas terem demorado tanto tempo para aparecer.

Egwene respirou fundo.

— Se vieram me punir, não tenho tempo para carregar água, cavar buracos e nem nada disso. Peço desculpas, de verdade, mas eu prometi que partiria assim que pudesse, e acho que elas vão contar cada minuto.

Amys ergueu as sobrancelhas claras, surpresa, e um olhar confuso perpassou o rosto de Bair e Sorilea.

— Como poderíamos punir você? — indagou Amys. — Você deixou de ser nossa pupila no instante em que as suas irmãs a convocaram, e agora tem que ir atender ao chamado delas como a Aes Sedai que é.

Egwene conteve a careta, disfarçando a expressão enquanto examinava o vestido de cavalgada. Achou impressionante como o tecido estava pouco amassado, mesmo depois de passar todos aqueles meses enrolado em um baú. Então se obrigou a encará-las.

— Sei que estão zangadas comigo e têm motivo para...

— Zangadas? — estranhou Sorilea. — Não estamos zangadas. Achei que você nos conhecesse melhor que isso. — Ela de fato não parecia zangada, mas ainda exibia a mesma expressão de censura das outras duas.

Egwene encarou cada uma delas, demorando-se em Amys e Bair.

— Mas vocês falaram que acham errado o que vou fazer. Que eu não devia nem pensar em fazer uma

coisa dessas. E eu tinha dito que nem mesmo pensaria, mas pensei assim mesmo e descobri como se faz.

Para sua surpresa, um sorriso brotou no rosto enrugado de Sorilea. A profusão de braceletes retiniu quando ela ajeitou o xale, parecendo satisfeita.

— Viram só? Eu disse que ela entenderia. Ela poderia ser Aiel.

A tensão no rosto de Amys pareceu diminuir um pouco, e a de Bair cedeu ainda mais. Egwene enfim compreendeu. As Sábias não estavam irritadas porque ela ia entrar em *Tel'aran'rhiod* em carne e osso — aquilo ainda era errado a seus olhos, mas entendiam quando alguém precisava fazer o que julgava ser necessário. E, mesmo que desse certo, Egwene só incorreria em obrigação para com ela mesma. As Sábias não estavam nem um pouco irritadas, ao menos não ainda. O que as incomodava era a mentira. Egwene sentia o estômago palpitar. Só sabiam da mentira que admitira. Que talvez fosse a menor das mentiras.

Teve que parar mais uma vez para respirar fundo, preparando a garganta para as palavras que precisava se forçar a dizer.

— Também menti sobre outras questões. Entrei em *Tel'aran'rhiod* sozinha, mesmo depois de ter prometido que não entraria. — Amys ficou séria outra vez. Sorilea, que não era Andarilha dos Sonhos, apenas balançou a cabeça com pesar. — Prometi obedecer como pupila, mas, depois que me machuquei e vocês me disseram para esperar, explicando que o Mundo dos Sonhos era perigoso demais, eu voltei lá mesmo assim. — Bair cruzou os braços, o rosto inexpressivo. Sorilea resmungou algo sobre garotas tolas, mas sem muita raiva. Egwene respirou fundo uma terceira vez, preparando-se para a parte mais difícil de dizer. Nem sentia mais as palpitações no estômago, pois o que havia dentro dela agora era uma dança tão louca e intensa que era surpreendente o corpo todo não estar tremendo. — O pior de tudo é que eu não sou Aes Sedai. Sou só uma Aceita. É como ser aprendiz. Ainda faltam alguns anos para eu ser elevada a Aes Sedai, se é que algum dia serei, depois disso.

Sorilea ergueu a cabeça ao ouvir aquilo, comprimindo os lábios finos em uma linha firme, mas nenhuma das três disse uma única palavra. Egwene é quem precisava esclarecer e resolver a situação. As coisas nunca mais seriam exatamente como eram, mas...

Você admitiu tudo, sussurrou uma vozinha. Agora é melhor tratar de descobrir em quanto tempo consegue chegar em Salidar. Você algum dia ainda pode ser elevada a Aes Sedai, mas não se deixar as Aes Sedai mais irritadas do que elas já estão.

Egwene baixou os olhos, encarando os tapetes coloridos dispostos em camadas, a boca se retorcendo de desdém. Desdém por aquela vozinha. E vergonha por tê-la em sua mente, por poder pensar aquilo. Iria embora, sim, mas antes precisava resolver a situação — e dava para resolver, com o *ji'e'toh*. Depois de fazer o que julgava ser necessário, era preciso pagar o preço; era assim que as coisas funcionavam. Muitos meses antes, no Deserto, Aviendha lhe mostrara como era cobrado o preço de uma mentira.

Reunindo cada fragmento de coragem que conseguiu encontrar e torcendo para que fosse o suficiente, Egwene deixou o vestido de seda de lado e se levantou. Estranhamente, parecia mais fácil prosseguir com aquilo depois de ter começado. Ainda teve que erguer os olhos para encarar as três, mas encarou-as com orgulho, de cabeça erguida, e não precisou forçar as palavras.

— Eu tenho *toh*. — Não sentia mais o estômago palpitar. — Peço a vocês o favor de me ajudarem a cumprir minha *toh*.

Salidar teria que esperar.

* * *

Apoiado no cotovelo, Mat examinava o jogo de Cobras e Raposas disposto no chão da tenda. De tempos em

tempos, uma gota de suor caía de seu queixo, quase pingando no tabuleiro. Não chegava a ser bem um tabuleiro, na verdade, só um pedaço de pano vermelho com as tramas das linhas desenhadas à tinta preta e setas identificando os possíveis sentidos de movimentos por cada linha — algumas permitiam ir apenas em uma direção, por outras era possível transitar nos dois sentidos. Dez discos de madeira clara, cada um com um triângulo pintado, marcavam as raposas, e outros dez com uma linha sinuosa eram as cobras. Duas lamparinas pousadas de cada lado proporcionavam luz mais que suficiente.

— Nós vamos ganhar esta, Mat — empolgou-se Olver. — Sei que vamos.

— Talvez — respondeu o mais velho. Os dois discos que os representavam, marcados com manchas pretas, estavam quase de volta ao círculo no meio do tabuleiro, mas eram as cobras e as raposas que jogariam os dados dessa vez. A maioria dos jogadores não conseguia nem chegar à ponta para começar a voltar. — Jogue os dados.

Não encostava no copo com os dados desde que o dera para o garoto — se iam jogar aquilo, melhor que fosse sem a ajuda da sua sorte.

Abrindo um sorriso enorme, Olver chacoalhou o copo de couro e deixou cair os dados de madeira, feitos por seu próprio pai. Ele gemeu, examinando as faces dos dados — três mostravam lados marcados com um triângulo, e os outros três exibiam linhas sinuosas, indicando que as três peças de cada lado se moveriam. Quando era a vez do inimigo, as cobras e as raposas se moviam em direção às peças dos jogadores seguindo pelo caminho mais curto, e se uma delas pousasse no mesmo ponto que uma peça... Uma cobra caiu em Olver, e uma raposa, em Mat — dava para ver que, se o garoto completasse a jogada, mais duas cobras teriam alcançado sua peça.

Era só um jogo para crianças, e um jogo impossível de vencer enquanto as regras fossem respeitadas. Olver logo estaria velho o bastante para compreender isso e, como qualquer outra criança, deixaria de jogar. Era apenas uma brincadeira de crianças, mas Mat não gostava de ver as raposas alcançando sua peça, e muito menos as cobras. Aquilo lhe trazia más recordações, mesmo que o jogo não tivesse nada a ver com suas memórias.

— Ah, bem, quase ganhamos — resmungou Olver. — Mais uma? — Sem esperar resposta, o garoto dispôs as peças nas posições iniciais do jogo, um triângulo perpassado por uma linha sinuosa, então entoou: — “Coragem para fortificar, fogo para cegar, música para encantar, ferro para selar.” Mat, por que dizemos isso? Aqui não tem fogo, nem música e nem ferro.

— Não sei.

Os versos faziam remexer algo no fundo de sua mente, mas Mat não sabia bem o quê. As antigas memórias que ganhara no *ter’angreal* pareciam ter sido escolhidas ao acaso — e provavelmente tinham sido mesmo —, e além disso ainda havia todas aquelas lacunas em suas próprias memórias, aquelas lembranças confusas. Bem, Olver sempre fazia perguntas que Mat não sabia responder, e quase todas começavam com um “por que”.

Daerid entrou na tenda, permitindo um vislumbre da noite lá fora, e levou um susto ao ver os dois. Estava com o rosto reluzindo de suor, mas usava o casaco, ainda que desamarrado. A nova cicatriz criara um sulco que ia de um lado ao outro das linhas brancas que já zigzagueavam seu rosto.

— Acho que já passou da sua hora de dormir, Olver — anunciou Mat, levantando-se. Sentiu algumas pontadas das feridas, mas não doía muito. Estavam cicatrizando bem. — Guarde o tabuleiro. — Foi para perto de Daerid e baixou a voz até um sussurro. — Corto a sua garganta se você abrir o bico para alguém.

— Por quê? — indagou Daerid, seco. — Você está se saindo um pai maravilhoso. O garoto assemelha-se muito a você. — Mat teve a impressão de que o homem se esforçou para conter um sorriso, mas a vontade pareceu passar no instante seguinte. — O Lorde Dragão está vindo para o acampamento — anunciou, sério como a morte.

O impulso de socar o rosto de Daerid se dissipou. Mat puxou a aba da tenda para o lado e se abaixou, mergulhando na noite só de camisa. Seis dos homens de Daerid, parados ao redor da tenda, enrijeceram quando ele apareceu — todos besteiros, já que piques não seriam muito úteis para guardas. Era noite, mas o acampamento não estava escuro: o brilho luminoso da lua crescente quase cheia no céu límpido era até solapado pelo resplendor dos fogos acesos entre as fileiras de tendas e homens dormindo no chão. Sentinelas montavam guarda a cada vinte passadas ao longo de toda a paliçada de toras. Não era o que Mat queria, mas, caso houvesse um ataque surpresa...

O terreno ali era quase plano, o que lhe permitia uma visão bem clara de Rand vindo em sua direção — e não estava sozinho: dois Aiel velados avançavam a seu lado, atentos, virando a cabeça sempre que um dos homens do Bando se revirava durante o sono ou quando um sentinela mudava de posição para observá-los. Aquela Aviendha também estava com ele, carregando uma trouxa às costas e avançando a passos duros, parecendo prestes a pular na garganta do primeiro que cruzasse seu caminho. Mat não entendia por que Rand não a mandava para longe. *Essas Aiel só trazem problemas*, pensou, mal-humorado, *e nunca vi uma mulher mais disposta a criar problemas do que essa aí*.

— Aquele é mesmo o Dragão Renascido? — perguntou Olver, impressionado, quase pulando de tanta empolgação, o jogo enrolado bem apertado junto ao peito.

— É, sim — confirmou Mat. — Agora vá para a cama. Aqui não é lugar para garotos.

Olver foi embora resmungando, mas se calou logo ao chegar nos limites da tenda mais próxima. De rabo de olho, Mat foi acompanhando enquanto ele saía de vista, correndo em disparada, e o viu reaparecer ali perto, bisbilhotando.

Deixou o garoto em paz, mesmo depois de notar a expressão de Rand — pela cara dele, Mat não sabia se aquele seria lugar para homens adultos, quanto mais para um garoto como Olver. Aquele rosto parecia tão duro que poderia ser usado como arma de cerco para derrubar uma muralha, mas ainda havia um vislumbre de alguma emoção tentando se revelar — ansiedade, talvez, ou empolgação. Os olhos de Rand emitiam um brilho febril. Ele trazia um pergaminho grande enrolado em uma das mãos, e a outra alisava o punho da espada distraidamente. A fivela de Dragão do cinto reluzia à luz do fogo, e volta e meia a cabeça de um dos Dragões despontava por baixo das mangas do casaco.

Quando chegou diante de Mat, Rand não perdeu tempo com cumprimentos.

— Preciso falar com você. A sós. Preciso que você faça uma coisa.

A noite parecia um forno escuro. Rand usava um casaco verde de gola alta com bordados de ouro, mas não suava nem uma gota.

Daerid, Talmanes e Nalesean estavam parados a poucas passadas de distância, observando, cada um deles já meio despido para a cama. Mat gesticulou para que aguardassem e meneou a cabeça, indicando a própria tenda para Rand. Deixou o amigo entrar primeiro, então atravessou a abertura do tecido apalpando a cabeça de raposa de prata através da camisa. Pelo menos não tinha com o que se preocupar. Talvez.

Rand dissera que a conversa seria a sós, mas Aviendha parecia pensar que aquilo não se aplicava a ela: ficou parada a exatamente duas passadas dele, nem um triz a mais ou a menos. Ela passava quase todo o tempo encarando Rand com uma expressão indecifrável, mas volta e meia disparava uma olhadela para Mat, franzindo o cenho e analisando-o de alto a baixo. Rand a ignorava completamente. Toda a pressa de antes parecia ter desaparecido. Ele passou os olhos pela tenda — Mat se perguntou, incomodado, se o homem estava mesmo vendo alguma coisa. Bem, não havia muito o que ver: Olver botara as lamparinas de volta sobre a mesinha dobrável, e havia uma cadeira também dobrável, assim como o lavatório e a cama. Tudo era de laca preta com linhas douradas. Se tinha dinheiro, melhor gastar. Ainda dava para ver as fendas abertas pelos Aiel no tecido da tenda, apesar de terem sido muito bem remendadas.

O silêncio começou a incomodar Mat.

— O que foi, Rand? Espero que não tenha decidido mudar os planos tão em cima da hora.

Nenhuma resposta. Ao ouvi-lo, Rand mudou de expressão, como se só então se desse conta de onde estava, o que deixou Mat um pouco nervoso. A despeito do que Daerid e o restante do Bando pensassem, ele se esforçava muito para ficar longe de qualquer batalha, mas, ainda assim, às vezes o fato de ser *ta'veren* pesava contra sua sorte. Pelo menos era assim que via a questão. Achava que Rand tinha algo a ver com aquilo, já que era o *ta'veren* mais forte — tão forte que, de vez em quando, Mat praticamente sentia o puxão que o levava de volta para perto do tal Dragão Renascido. Se Rand resolvesse se meter, Mat não ficaria surpreso de, ao ir tirar um cochilo em um celeiro isolado, acabar acordando no meio de uma batalha.

— Mais alguns dias e chego em Tear. As balsas vão levar o Bando até o outro lado do rio, então, alguns dias depois, alcançaremos Weiramon. Já é tarde demais para uma maldita intromissão...

— Quero que você leve Elayne para... para Caemlyn — começou Rand, de repente. — Quero que a conduza em segurança até Caemlyn, aconteça o que acontecer. E não saia do lado dela até que ela ocupe o Trono do Leão. — A Aiel atrás dele pigarreou. — Ah, sim... — Por algum motivo, sua voz ficou tão fria e dura quanto o rosto. Bem, se ele estava enlouquecendo, precisava mesmo de um motivo? — Aviendha vai com você. Acho melhor assim.

— *Você* acha melhor assim? — indagou ela, indignada. — Se eu não tivesse acordado na hora em que acordei, nunca teria descoberto que você tinha encontrado Elayne. Você não pode me mandar ir a lugar nenhum, Rand al'Thor. Tenho que falar com Elayne para me... Tenho meus motivos para falar com ela.

— Acho mesmo ótimo você ter encontrado Elayne — começou Mat, escolhendo bem as palavras. Se ele fosse Rand, teria deixado aquela doida onde estava. Luz, até Aviendha seria melhor! Pelo menos as Aiel não andavam por aí de nariz empinado, achando que o sujeito devia dar um pinote só porque tinham mandado ele pular. Claro que alguns dos joguinhos das mulheres do Deserto eram bem pesados, e elas realmente tentavam matar homens inocentes de vez em quando... — Só não entendo por que você precisa de mim. Pegue um daqueles seus portões, ponha a mulher no colo, dê um beijo nela e a arraste de lá.

Aviendha o encarou, ultrajada. Pelo ar ofendido, parecia até que Mat aconselhara o amigo a roubar um beijo *dela*.

Rand desenrolou o enorme pergaminho sobre a mesa, usando as lamparinas para prender as extremidades.

— É bem aqui que ela está. — Era um mapa, um trecho do Rio Eldar com cerca de cinquenta milhas para o lado em cada margem. Uma seta azul fora desenhada apontando para a floresta, e a legenda indicava Salidar. Rand cutucou um ponto próximo à margem leste do mapa; também era arborizado. Era quase tudo mato. — Aqui tem uma clareira bem grande, dá para ver que a aldeia mais próxima fica a quase vinte milhas a norte. Vou abrir um portão até a clareira para você e o Bando.

Mat deu um jeito de fazer a hesitação sair como um sorriso forçado.

— Olha, se tem que ser eu, por que não vou só eu? Faça esse seu portão até Salidar, eu coloco a mulher no lombo de um cavalo e...

E o quê? Rand também abriria um portão de Salidar para Caemlyn? Era uma longa cavalgada do Eldar até Caemlyn — bem longa, e acompanhado apenas de uma nobre metida e uma Aiel, a viagem pareceria ainda mais longa.

— O Bando, Mat — irrompeu Rand. — Você e o Bando todo! — Ele inspirou fundo, trêmulo, e amansou a voz. Mas o rosto não perdeu a rigidez, e os olhos continuavam com aquele brilho febril. Quase dava para pensar que ele estava doente ou sentindo muita dor. — Tem Aes Sedai em Salidar, Mat. Não sei quantas. Centenas, pelo que ouvi, mas não ficaria surpreso se estiver mais para cinquenta. Do jeito que elas falam sobre a Torre, essa história de estar inteira e pura, duvido que você vá ver mais que isso. Quero colocar você a uns dois ou três dias de distância, para que elas saibam que você está a caminho. Não tem por que assustá-

las, elas poderiam pensar que é um ataque dos Mantos-brancos. Essas mulheres começaram uma rebelião contra Elaida e devem estar assustadas o bastante para que você não precise fazer muito mais do que chegar dizendo que Elayne precisa ser coroada em Caemlyn para elas permitirem que ela vá. Se você achar que são confiáveis, ofereça sua proteção a elas. E a minha. Já que supostamente estão do meu lado, pode ser que fiquem felizes até com a *minha* proteção. Aí você escolta Elayne e quantas das Aes Sedai quiserem ir junto. Vá direto por Altara e Murandy até chegar em Caemlyn. É só mostrar meus estandartes e anunciar o que está fazendo, duvido de que os altaranos e murandianos criem problemas, basta você se manter na estrada. Se encontrar algum Devoto do Dragão, pode levar junto. Acho que a maioria deles vai acabar virando bandido se eu não amarrar todos com uma corda logo, logo. E olha que já ouvi um ou dois boatos sobre isso. Bem, você vai atrair esse tipo se levantar meus estandartes. — Ele abriu um sorriso súbito e irritado, mas nada se comparava àqueles olhos em chamas. — Quantos coelhos com uma cajadada só, Mat? Você atravessa Altara e Murandy com seis mil homens, arrasta os Devotos do Dragão junto e ainda pode acabar me entregando esses dois países.

Tantos aspectos daquilo o deixavam irritado que Mat já não daria mais a mínima nem se Rand estivesse com dez dentes doendo e espinhos enfiados nas duas botas. Deixar as Aes Sedai achando que ele pretendia atacá-las? Não mesmo. E ainda teria que intimidar cinquenta delas? Não tinha medo de Aes Sedai, nem mesmo se fossem cinco ou seis juntas, mas *cinquenta*? Apalpou outra vez a cabeça de raposa através da camisa — talvez acabasse descobrindo até onde ia sua sorte, afinal. E já até podia ver o desastre que seria atravessar Altara e Murandy a cavalo: todos os nobres cujas terras cruzasse ficariam inflados feito galos pomposos e tentariam bicá-lo assim que ele virasse as costas. Se aquela loucura de *ta'veren* se manifestasse, era provável que trombasse com algum lorde ou lady reunindo um exército bem no seu caminho.

Mat tentou mais uma vez.

— Rand, não acha que isso pode atrair a atenção de Sammael para o norte? Você não quer que ele se concentre no leste? É para isso que estou aqui, lembra? Para fazer ele se voltar para cá.

Rand balançou a cabeça, enfático.

— Ele só vai ver uma guarda de honra escoltando a Rainha de Andor até Caemlyn, isso se descobrir antes de vocês chegarem no Trono do Leão. Quanto tempo para você se aprontar?

Mat abriu a boca para protestar, mas desistiu. Nada o faria mudar de ideia.

— Duas horas.

Precisava de menos tempo para o Bando estar arrumado e já nas selas, mas Mat não estava com pressa, e a última coisa que queria era que o Bando achasse que eles estavam se deslocando para um ataque.

— Ótimo. Também preciso de mais ou menos uma hora. — Para o quê, Rand não disse. — Fique junto de Elayne, Mat. Cuide bem dela, mantenha-a segura. Nada disso fará sentido se ela não chegar viva para a coroação.

Rand achava mesmo que ele não sabia que passara os dias se enroscando com a Filha-herdeira em cada canto da Pedra, na última vez em que estiveram juntos?

— Vou tratá-la como minha própria irmã. — As irmãs tinham feito de tudo para tornar a vida de Mat uma desgraça. Bem, esperava o mesmo de Elayne, só que de um jeito diferente. Talvez Aviendha fosse um pouco melhor. — Não vou perder a mulher de vista até enfiá-la no Palácio Real.

E se ela ficar bancando a metidinha comigo, vai levar um belo de um chute!

Rand aquiesceu.

— Isso me lembra uma coisa: Bodewhin está em Caemlyn. Com Verin e Alanna, além de mais duas garotas de Dois Rios. Estão indo treinar para virar Aes Sedai. Não sei bem onde vai ser esse treinamento, mas não tem a menor chance de eu permitir que elas sigam para a Torre, do jeito que as coisas estão. Talvez as Aes Sedai que você levar para lá possam cuidar disso.

Mat ficou boquiaberto. Sua irmã, Aes Sedai? Bo, que sempre corria para contar para a mãe toda vez que ele tentava fazer alguma coisa divertida?

— Tem mais — continuou Rand. — Egwene talvez chegue em Salidar antes de você. Acho que descobriram que ela vinha se passando por Aes Sedai. Faça o possível para livrá-la de qualquer punição. Diga que vou fazer ela voltar para as Sábias assim que possível. É provável que ela esteja mais do que disposta a acompanhar você, mas pode ser que não. Você sabe como ela sempre foi teimosa. Elayne é o principal. Lembre-se: não saia do lado dela até chegar a Caemlyn.

— Prometo que não vou sair — resmungou Mat. Como, sob a Luz, Egwene podia estar em algum ponto do Eldar? Tinha certeza de que a mulher estava em Cairhien quando ele saiu de Maerone. A menos que ela tivesse aprendido o truque dos portões de Rand, mas aí nesse caso poderia voltar na hora em que quisesse. Ou talvez dar um pulo em Caemlyn e ainda criar um portão para ele e o Bando. — E não precisa se preocupar com Egwene; vou arrastar ela para longe de lá, não importa o problema em que tiver se metido, não importa nem se ela resolver dar uma de mula empacada.

Não seria a primeira vez que tiraria as castanhas de Egwene da lareira antes que queimassem. E dessa vez também era bem provável que não fosse receber nenhum agradecimento. *Bo ia virar Aes Sedai? Sangue e malditas cinzas!*

— Ótimo — disse Rand. — Ótimo. — Ele continuava encarando o mapa com atenção, até que desviou os olhos. Por um instante, Mat achou que ele pretendia dizer algo a Aviendha. Mas apenas desviou o rosto, irritado. — Thom Merrilin deve estar com Elayne. — Rand puxou uma carta do bolso, dobrada e lacrada. — Dê um jeito de entregar isto a ele. — Rand enfiou a carta nas mãos de Mat e saiu depressa da tenda.

Aviendha deu um passo para segui-lo, fazendo menção de erguer a mão, abrindo a boca daquele jeito de quem está prestes a falar. Então, rápida como se movera, fechou a boca, enterrou as mãos nas saias e estreitou os olhos. Ah, então era assim que soprava o vento, não era? *E ela quer conversar com Elayne.* Como Rand tinha conseguido se meter naquela confusão? O amigo sempre soubera lidar com as mulheres. Ele e Perrin.

Ainda assim, não era problema seu. Mat encarou a carta. O nome de Thom estava escrito com uma letra feminina, e o selo era de um tipo que ele não reconhecia, uma árvore frondosa encimada por uma coroa. Que nobre estaria escrevendo para um velho enrugado feito Thom? Também não era problema dele. Jogou a carta em cima da mesa e apanhou o cachimbo e a algibeira.

— Olver — chamou, enchendo o forninho de tabaco de Dois Rios —, peça para Talmanes, Nalesean e Daerid virem aqui falar comigo.

Veio um gritinho de surpresa lá de fora, junto da aba da tenda, seguido de uma resposta e de alguém saindo a passos apressados:

— Sim, Mat.

Aviendha o encarou, os braços cruzados e a expressão firme, mas Mat se antecipou:

— Enquanto estiver viajando com o Bando, você está sob o meu comando. Não quero confusão, e espero que você faça a sua parte para evitar problemas.

Se a mulher provocasse o mínimo que fosse, seria entregue a Elayne amarrada na algibeira de uma sela, nem que precisasse de dez homens para a enfiar lá.

— Eu sei obedecer, líder de batalha. — Ela pontuou a frase com uma fungada sarcástica. — Mas você já deveria saber que nem todas as mulheres são moles feito as aguacentas. Se tentar colocar uma mulher em cima de um cavalo contra a vontade, ela pode acabar enfiando uma faca nas suas costelas.

Mat quase deixou o cachimbo cair. Sabia que as Aes Sedai não podiam ler pensamentos — se pudessem, seu couro já estaria pendurado em alguma parede da Torre Branca havia muito —, mas talvez as Sábias Aiel... *Claro que não. É só um daqueles truques femininos.* Se parasse para pensar, conseguiria descobrir como ela fazia aquilo. Só não se deu ao trabalho.

Pigarreou, enfiou o cachimbo apagado entre os dentes e se curvou para examinar o mapa. Se ele forçasse a marcha, o Bando provavelmente conseguiria cobrir a distância entre a clareira e Salidar em um dia, mesmo naquele terreno arborizado, mas Mat queria que levassem dois ou até três. Daria muitos avisos para as Aes Sedai; não as queria mais assustadas do que já deviam estar. E pensar em uma Aes Sedai assustada era quase uma contradição. Mesmo com o medalhão, não estava nem um pouco ansioso para descobrir do que uma Aes Sedai assustada seria capaz.

Sentia os olhos de Aviendha cravados em sua nuca, ouvindo um ruído irritante. A jovem, sentada de pernas cruzadas apoiada na parede da tenda, passava a lâmina da faca do cinto por uma pedra de amolar enquanto o observava.

Quando Nalesean entrou com Daerid e Talmanes, Mat já foi logo falando:

— Estamos indo fazer cócegas em umas Aes Sedai, resgatar uma mula e levar uma garota de nariz empinado até o Trono do Leão. Ah, sim: esta aqui é Aviendha. Não olhem feio para ela, ou a mulher vai tentar cortar sua garganta e acabar rasgando a própria traqueia por engano.

Aviendha gargalhou, como se ele tivesse feito a piada mais engraçada do mundo. Mas não parou de amolar a faca.

* * *

Por um momento, Egwene não conseguiu entender por que a dor tinha parado de aumentar. Em seguida, tratou de se levantar, erguendo o corpo com dificuldade dos tapetes da tenda, soluçando tanto que até tremia. Queria muito assoar o nariz. Não sabia por quanto tempo chorara daquele jeito tão desesperado, só conseguia pensar no fogo que sentia da cintura até a parte de trás dos joelhos. Quase não conseguiu ficar de pé. A camisola que estava usando quando tudo começou, uma proteção mínima, havia sido descartada muito tempo antes. As lágrimas escorriam por seu rosto, mas ela só ficou ali, parada, chorando copiosamente.

Sorilea, Amys e Bair a encaravam com expressões muito sóbrias, e não eram as únicas, embora quase todas as outras estivessem sentadas em almofadas ou apenas estiradas, conversando e desfrutando do chá servido por uma *gai'shain* esbelta. Uma mulher, graças à Luz. Todas ali eram mulheres, Sábias e aprendizes — mulheres para as quais Egwene mentira alegando ser Aes Sedai. Foi uma felicidade saber que só a mentira explícita contava, e não a simples omissão ou ter deixado entenderem que era Aes Sedai — não teria sobrevivido a isso! A punição era apenas para as vezes em que a mentira saía de sua boca. Mas houvera algumas surpresas. Tanto Estair quanto Cosain, uma loura esguia dos Miagoma Cordilheira da Espinha, dissera com aspereza que Egwene não tinha *toh* para com ela, mas que ficaria para o chá. Aeron, por outro lado, parecia querer cortá-la em dois, e Surandha...

Piscando para limpar os olhos daquela nuvem de lágrimas, Egwene olhou para Surandha. A mulher estava sentada com três Sábias, conversando e olhando volta e meia na direção de Egwene. Surandha fora absolutamente impiedosa — não que alguma delas tivesse aliviado a mão. O cinto que Egwene encontrara em um de seus baús era fino e flexível, mas duas vezes mais largo que sua mão, e aquelas mulheres tinham braços pesados. A meia dúzia de golpes que levou de cada uma delas foi se acumulando até uma dor insuportável.

Nunca sentira tanta vergonha em toda a vida, e não fora por ter ficado nua, toda vermelha e chorando feito um bebê — bem, o choro era um fator. O problema não fora todas elas a terem visto amarrada, quando não estavam se revezando com cinto. O que a envergonhava era ter reagido tão mal a tudo. Até uma criança Aiel teria sido mais estoica — bem, criança nenhuma jamais precisaria passar por aquilo, mas ainda não deixava de ser verdade.

— Acabou? — Aquela voz rouca e hesitante era mesmo a dela? Como aquelas mulheres ririam se

soubessem como ela se esforçara para reunir coragem para se pronunciar.

— Só você sabe o valor da sua honra — respondeu Amys, em um tom neutro, ainda segurando o cinto pela fivela, a tira de couro balançando ao lado do corpo. O murmúrio das conversas cessara.

Egwene respirou fundo, tremendo entre cada soluço. Bastava uma palavra sua e pronto: tudo estaria terminado. Poderia ter dito que já bastava depois que cada mulher lhe batera uma única vez. Poderia...

Ela se encolheu, se ajoelhou e se deitou nos tapetes. Enfiou as mãos por baixo das saias de Bair, agarrando-se aos tornozelos ossudos dela por cima das botas macias. Desta vez, Egwene se manteria firme em sua coragem. Desta vez, não choraria. Desta vez, não daria pontapés, não se debateria e nem... O cinto ainda não a golpeará. Ela ergueu a cabeça e piscou, tentando ver as Sábias por trás do borrão de lágrimas.

— O que estão esperando? — Sua voz ainda saía trêmula, mas também continha mais que um quê de raiva. Iam fazê-la *esperar*, além de tudo? — Tenho uma viagem para iniciar ainda hoje à noite, caso tenham esquecido. Andem logo com isso.

Amys largou o cinto ao lado da cabeça de Egwene.

— Esta mulher não tem *toh* para comigo.

— Esta mulher não tem *toh* para comigo. — Era a voz fina de Bair.

— Esta mulher não tem *toh* para comigo — acrescentou Sorilea, com mais ênfase, então se curvou e afastou o cabelo úmido do rosto de Egwene. — Eu sabia que, em seu coração, você era uma Aiel. Agora não se exceda em seu orgulho, garota. Você cumpriu seu *toh*. Levante-se, antes que a gente ache que você está se exibindo.

Então as três a ajudaram a ficar de pé, abraçando-a e secando suas lágrimas, depois lhe deram um lenço para que ela enfim pudesse assoar o nariz. As outras mulheres se aproximaram, cada uma anunciando que Egwene não tinha *toh* para com ela antes de oferecerem seus próprios abraços e sorrisos. Os sorrisos é que foram o mais chocante. Surandha sorria com a mesma alegria de sempre. Pensando bem, era óbvio: a *toh* deixava de existir assim que era cumprida. Fosse lá o que tivesse causado a obrigação poderia muito bem jamais ter acontecido. A pequena parte de Egwene que não estava completamente envolvida na vida regida pelo *ji'e'toh* achava que o que tinha dito no final talvez também tivesse ajudado, assim como — e principalmente — o fato de ter voltado a se prostrar. Talvez não tivesse começado com a indiferença de uma Aiel, mas, no fim das contas, Sorilea tinha razão: Egwene se tornara Aiel em seu coração. E achava que agora uma parte sua sempre seria Aiel.

As Sábias e as aprendizes foram saindo aos poucos. Parecia que deveriam passar a noite toda ou até mais lá, rindo e conversando com Egwene, mas era só um costume, e não *ji'e'toh*. Então, com a ajuda de Sorilea, conseguiu convencê-las de que simplesmente não tinha tempo. Por fim, restaram apenas ela, Sorilea e as duas Andarilhas dos Sonhos. Todos os abraços e sorrisos tinham reduzido as lágrimas de Egwene a um gotejar, e, mesmo que seus lábios ainda tremessem, ela pelo menos conseguia sorrir. A verdade era que queria chorar de novo, mas por um outro motivo — quer dizer, pelo menos em parte por outro motivo, já que ainda sentia o traseiro pegando fogo.

— Vou sentir tanta saudade de todas vocês.

— Bobagem. — Sorilea bufou, enfatizando como achava aquilo uma tolice. — Se tiver sorte, elas vão lhe dizer que agora você nunca mais vai poder ser Aes Sedai. Aí poderá voltar para nós. Você vai ser minha aprendiz. Daqui a três ou quatro anos, vai ter seu próprio forte. Já tenho até um marido para você: o neto mais novo da minha neta Amaryn, um rapaz chamado Taric. Ele um dia vai ser chefe de clã, acho, então você precisa ficar de olhos abertos para encontrar uma esposa-irmã que possa ser a senhora do teto dele.

— Obrigada. — Egwene riu. Parecia que teria para onde voltar se o Salão de Salidar a mandasse mesmo embora.

— E Amys e eu encontraremos você em *Tel'aran'rhiod* — avisou Bair —, para contar o que ficarmos sabendo sobre os acontecimentos daqui e tudo o que envolver Rand al'Thor. Você agora vai trilhar seu próprio caminho em *Tel'aran'rhiod*, mas, se quiser, eu ainda posso ensiná-la.

— Eu quero, sim. — Isso se o Salão permitisse que ela sequer se aproximasse de *Tel'aran'rhiod*. Bem, não era como se aquelas mulheres pudessem impedi-la de ir ao Mundo dos Sonhos. Não importava o que decidissem, isso elas não tinham como fazer. — Por favor, vigiem Rand e as Aes Sedai de perto. Não sei o que aquele garoto está tramando, mas tenho certeza de que é mais perigoso do que ele imagina.

Amys não se pronunciou sobre continuar ensinando a Egwene, claro. A mulher tinha dado sua palavra sobre o que faria, e aquilo não seria apagado nem mesmo por Egwene ter cumprido sua *toh*. Em vez disso, ela disse:

— Sei que Rhuarc vai se arrepender de não estar aqui hoje à noite. Ele foi atrás dos Shaido no norte, por conta própria. Não fique receosa por não ter cumprido sua *toh* para com ele. Você terá a oportunidade de se redimir assim que os dois se encontrarem de novo.

Egwene ficou boquiaberta, mas conseguiu disfarçar a surpresa assoando o nariz pelo que parecia a décima vez. Esquecera-se completamente de Rhuarc. Claro que nada dizia que ela era obrigada a pagar suas obrigações para com ele da mesma maneira que pagara para as Sábias. Talvez seu coração fosse ao menos em parte Aiel, mas, por um momento, sua mente buscou outra solução. Tinha que haver um jeito. E teria bastante tempo para descobrir como resolver isso antes de voltar a vê-lo.

— Ficarei muito grata — respondeu, baixinho.

E também havia Melaine. E Aviendha. Luz! Achava que já tinha terminado com aquilo. Não conseguia parar de se contorcer, não importava quanto tentasse ficar imóvel. Tinha que haver outro jeito.

Bair abriu a boca para dizer algo, mas Sorilea a interrompeu.

— Precisamos deixar Egwene se vestir. Ela tem uma jornada pela frente.

O pescoço fino de Bair se enrijeceu, e a boca de Amys arqueou para baixo. Estava claro que nenhuma das duas aprovava o que Egwene tentaria fazer.

Talvez as duas quisessem ficar ali para tentar convencê-la a não ir, mas Sorilea começou a resmungar sozinha sobre pessoas tolas que tentam impedir uma mulher de fazer o que ela achava que precisava ser feito. As mais novas endireitaram os xales — Bair devia ter setenta ou oitenta anos, mas com certeza era mais nova que Sorilea —, deram abraços de despedida em Egwene e saíram com murmúrios de “Que você sempre encontre água e sombra”.

Sorilea esperou só um pouco mais.

— Pense no que eu disse sobre Taric. Eu devia ter pedido para ele ir à tenda de vapor para que você pudesse vê-lo. Bem, lembre-se disso enquanto a mente ainda conseguir lembrar: nós sempre sentimos mais medo do que gostaríamos, mas sempre temos como ser mais corajosas do que esperamos. Mantenha-se fiel ao seu coração, e as Aes Sedai não conseguirão ferir quem você é de fato, que é o cerne de seu coração. Elas não estão tão acima de nós quanto pensávamos. Que você sempre encontre água e sombra, Egwene. E lembre-se sempre de seguir seu coração.

Sozinha, Egwene ficou alguns momentos ali, parada, olhando para o nada e refletindo. Seu coração. Talvez tivesse mesmo mais coragem do que pensava. Ali com as Sábias, fizera o que precisava ser feito e se tornara uma Aiel. Em Salidar, precisaria se lembrar disso. Os métodos das Aes Sedai eram bem diferentes dos das Sábias em alguns aspectos, mas as mulheres não a tratariam com mais brandura se soubessem que Egwene se passara por Aes Sedai. Se soubessem. Não conseguia imaginar por que mais a convocariam com tanta frieza, mas Aiel nenhum se rendia antes de encarar a batalha.

Com um sobressalto, voltou a si. *Se não vou me render sem lutar*, pensou, ácida, *é melhor encarar logo a*

batalha.





A JORNADA PARA SALIDAR

Egwene precisou lavar o rosto duas vezes. Pegou os alforjes e ajeitou suas coisas. Guardou o espelho, o pente e a escova de marfim, assim como a caixinha de costura — um pequeno cubo de madeira cheio de lindas douraduras que, muito provavelmente, já abrigara algum dia as joias de uma lady — e uma pasta branca de sabão com aroma de rosas, meias-calças, camisolas e lenços limpos, fora outra porção de coisas. As bolsas de couro acabaram tão inchadas que ela mal conseguia afivelar as abas. Vários vestidos, mantos e um xale Aiel sobraram para uma outra trouxa, que ela amarrou muito bem com uma corda. Feito isso, olhou em volta em busca de algo mais que talvez quisesse levar. Era tudo seu. Ganhara até aquela tenda, que com certeza era pesada demais para carregar, assim como os tapetes e as almofadas. O lavatório de cristal era bem bonito, mas pesadíssimo. O mesmo valia para os baús, apesar de vários terem alças ricamente trabalhadas e lindos entalhes.

Só então, enquanto pensava nos baús e em tudo mais, que se deu conta de que estava tentando postergar a pior parte daquela preparação.

— Coragem — lembrou a si mesma, seca. — Tenha um coração Aiel.

Descobriu que não era muito complicado vestir as meias-calças ainda de pé, só deu alguns pulinhos de um lado a outro para se equilibrar. Em seguida calçou os sapatos robustos, bons para o caso de precisar andar muito, e vestiu uma anágua de seda branca e macia, botando por cima o vestido de cavalgada verde-escuro, com as saias plissadas e estreitas que, por azar, acabaram ficando um pouco apertadas no quadril — o suficiente para lembrá-la, sem necessidade, de que passaria um bom tempo sem querer se sentar.

Não havia razão para sair da tenda. Bair e Amys deviam estar deitadas, mas não queria correr o risco de que uma das duas a visse fazendo aquilo. Seria como dar um tapa na cara delas — e isso se desse certo. Se não desse, teria uma longa cavalgada pela frente.

Esfregando os dedos nas palmas, muito nervosa, ela abraçou *saidar* e se deixou preencher. E remexeu os pés. *Saidar* a deixava mais consciente de tudo, inclusive do próprio corpo, coisa que no momento ela preferia esquecer. Tentar uma habilidade nova, uma coisa que, até onde sabia, ninguém jamais tentara, deveria ser feito devagar e com cuidado, mas, dessa vez, Egwene queria se ver livre da Fonte Verdadeira o mais rápido possível. Canalizou os fluxos de Espírito depressa, sem muita atenção.

O ar no meio da tenda tremeluziu ao longo da tessitura, ocultando o outro lado em brumas. Se estivesse certa, tinha acabado de criar um lugar onde o interior da própria tenda era tão similar a seu reflexo em

Tel'aran'rhiod que não existia diferença nenhuma — um lado *era* o outro. Bem, só havia um jeito de ter certeza.

Egwene jogou os alforjes por cima do ombro, enfiou a trouxa debaixo do braço, atravessou a tessitura e soltou *saidar*.

Estava em *Tel'aran'rhiod*. Teve certeza só de ver que as lamparinas, antes acesas, já não ardiam mais, porém ainda havia luz no ambiente. Tudo parecia se mover e mudar alguns detalhes entre uma olhada e outra — o lavatório, um dos baús. Estava em *Tel'aran'rhiod*, e em carne e osso. A sensação não era diferente de quando ia lá em sonho.

Egwene se agachou e saiu da tenda. Estava em uma Cairhien que parecia estranhamente distante e envolta por sombras, onde uma lua crescente derramava seu brilho por sobre tendas sem nenhum fogo crepitando nem ninguém se movendo. Só lhe restava descobrir como chegar a Salidar. Já havia pensado naquilo. Boa parte da questão dependia de saber se tinha tanto controle do ambiente em carne e osso quanto ao entrar em sono.

Concentrando a mente no que iria encontrar, deu a volta ao redor da tenda... e sorriu. Ali estava Bela, a égua baixinha e desgrenhada que usara para ir embora de Dois Rios no que parecia uma vida inteira atrás. Só uma Bela de sonhos, mas a égua robusta ergueu o focinho ao vê-la e relinchou.

Egwene largou a bagagem e abraçou a cabeça do animal.

— Também estou feliz de ver você de novo — sussurrou.

Aquele olho escuro e úmido que a encarava *era* de Bela, reflexo ou não.

A égua também estava com a sela de patilha alta que Egwene imaginara — era confortável para viagens longas, mas nada macia. Olhou de soslaio para aquele troço, se perguntando como a sela ficaria com um acolchoado, quando um pensamento lhe ocorreu. Podia mudar qualquer coisa em *Tel'aran'rhiod*, até a si própria, bastava saber como. Se tinha controle suficiente para fazer Bela aparecer quando estava no Mundo dos Sonhos em carne e osso... Egwene se concentrou no próprio corpo.

Com um sorriso, apertou os alforjes e a trouxa atrás da sela e montou, assentando-se com bastante conforto.

— Não é trapaça — explicou para a égua. — Elas não esperavam que eu fosse cavalgando desse jeito até Salidar. — Bem, parando para pensar, talvez esperassem. Mas tudo tinha limites, com ou sem coração Aiel. Virou Bela e esporou as costelas da égua com delicadeza. — Preciso ir o mais rápido possível, então você vai ter que correr como o vento.

Antes que tivesse tempo de rir da imagem que lhe veio à mente, visualizando a égua rechonchuda correndo feito o vento, Bela já estava em disparada. A paisagem virou um borrão, passando depressa como um raio. Por um momento, Egwene se grudou no cepilho da sela, boquiaberta. Era como se cada passo em trote de Bela as transportasse por várias milhas. Logo no primeiro passo, Egwene só teve um instante para se dar conta de que estavam na margem do rio abaixo da cidade, com embarcações flutuando nas águas escuras por entre intervalos de luz do luar. Quando fez menção de puxar as rédeas para impedir que a égua fosse correndo em disparada e caísse no rio, o passo seguinte levou-as para colinas cheias de touças.

Jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Aquilo era maravilhoso! Fora a paisagem borrada, não sentia como se estivesse indo tão rápido. O cabelo mal tinha tempo de esvoaçar antes que o vento daquela correria parasse e retornasse no momento seguinte. A marcha de Bela tinha o mesmo trote arrastado de que ela se recordava, mas o salto repentino de tudo o que a cercava era emocionante. Estava em uma rua de aldeia, silenciosa e sem lua no céu, mas, no instante seguinte, chegou a uma estrada de interior serpenteando por entre colinas, e depois a um prado onde o feno se erguia quase à altura dos ombros do animal. Egwene só fazia uma pausa aqui e ali para se orientar — o que não era nenhum problema, com aquele mapa maravilhoso ainda fresco na cabeça, cortesia daquela mulher que também se chamava Siuan. Fora isso, deixava Bela trotar

livre. As aldeias e as cidades surgiam e sumiam em borrões, grandes cidades — teve quase certeza de que uma delas era Caemlyn, quando avistou as muralhas de um branco prateado na noite. Em dado momento, ao passar por entre colinas arborizadas, viu a cabeça e os ombros de uma imensa estátua despontando do chão, resquício de alguma terra perdida na história. A cara de pedra, feia e desgastada, surgiu tão de repente ao lado de Bela que Egwene quase gritou — só se segurou porque a imagem sumiu antes que pudesse soltar o berro preso na garganta. A lua não se movia entre um salto e outro e quase não saía do lugar conforme avançavam à toda. Um ou dois dias para chegar a Salidar? Era o que Sheriam dissera. As Sábias estavam certas: todos tinham passado tanto tempo acreditando que as mulheres da Torre sabiam de tudo que até as próprias Aes Sedai acreditavam nisso. Naquela noite, Egwene provaria que elas estavam erradas, mas era improvável que as Aes Sedai fossem dar sinais de ter reparado naquela prova. Ainda assim, elas *saberiam*.

Depois de algum tempo, quando tinha certeza de que já estava em um ponto qualquer bem dentro do território de Altara, Egwene começou a permitir que Bela desse saltos menores, puxando as rédeas com mais frequência e até cavalgando normalmente durante alguns intervalos, sobretudo quando havia alguma aldeia por perto. Algumas estalagens cobertas pela escuridão da noite informavam o nome da aldeia em suas placas, como a Estalagem Marella ou a Estalagem Fonte Ionina, e o luar combinado com aquela iluminação inusitada particular de *Tel'aran'rhiod* facilitava muito a leitura. Pouco a pouco, Egwene foi tendo certeza de onde estava em relação a Salidar e passou a dar saltos ainda menores, até não saltar mais, apenas conduzir Bela em seu trote normal, avançando por florestas com árvores altas que tinham acabado com quase toda a vegetação rasteira e em que tudo o que sobrara fora levado pela seca.

Ainda assim, ela se surpreendeu quando uma aldeia de tamanho considerável apareceu de repente, silenciosa e escura sob o luar. Só podia ser o lugar certo.

Parando diante da linha de casas de pedra com telhados de palha, Egwene desmontou e descarregou seus pertences. Estava tarde, mas talvez ainda houvesse pessoas por ali, no mundo desperto. Não havia por que assustá-las aparecendo do nada. Se uma Aes Sedai a visse e confundisse sua identidade, ela poderia acabar sem a oportunidade de encarar o Salão.

— Você correu mesmo como o vento — murmurou, dando um último abraço em Bela. — Queria que você pudesse ir comigo.

Uma fantasia tola. O que acontecia em *Tel'aran'rhiod* só poderia existir lá. Aquela não era a Bela de verdade. Ainda assim, sentiu uma pontada de tristeza quando deu as costas para a égua a fim de tecer a cortina de Espírito bruxuleante — não pararia de imaginar Bela, permitiria que ela existisse ali enquanto possível. De cabeça erguida, atravessou a passagem. Estava com o coração Aiel pronto para encarar o que viesse.

Mal dera o primeiro passo quando parou de repente, arregalando os olhos.

— Ai!

Assim como Bela, as transformações que criara em *Tel'aran'rhiod* não perdurariam no mundo real: a ardência voltou com tudo, trazendo junto a voz de Sorilea ao pé do ouvido: *Se você fizer parecer que a consequência de cumprir sua toh nunca aconteceu, como terá cumprido sua toh? Não vá se esquecer de que tem seu coração de Aiel, garota.*

Sim. Não esqueceria. Estava ali para uma batalha, quer as Aes Sedai soubessem quer não. Estava pronta para lutar pelo direito de ser Aes Sedai, para encarar... Luz, o que estava acontecendo?

Tinha gente nas ruas, algumas poucas pessoas andando por entre as casas de janelas acesas. Mancando de leve, Egwene abordou uma mulher magricela de avental branco e rosto sofrido.

— Com licença, meu nome é Egwene al'Vere e sou uma Aceita — a mulher lançou um olhar cortante para seu vestido de cavalgada — e acabei de chegar. Poderia me levar a Sheriam Sedai? Preciso falar com

ela. — Era muito provável que Sheriam já estivesse dormindo, mas, se fosse o caso, Egwene pretendia acordá-la. Tinham ordenado que ela fosse o mais rápido possível, então ia fazer tudo ao seu alcance para que Sheriam soubesse que chegara.

— Ah, todo mundo sempre vem atrás de mim — resmungou a mulher. — Será que ninguém sabe resolver nada sozinho? Não, querem sempre que Nildra resolva. Vocês, Aceitas, são as piores. Olha, não tenho a noite inteira. Se quer mesmo que eu a leve, então é melhor apertar o passo. Se não, acho que você consegue encontrar Sheriam por conta própria. — Nildra saiu andando sem nem olhar para trás.

Egwene seguiu em silêncio. Se abrisse a boca, temia que fosse dizer à mulher o que pensava, o que só serviria para começar a estadia em Salidar com o pé esquerdo — não importava quão curta fosse ser essa estadia. Egwene gostaria que seu coração Aiel e sua cabeça de Dois Rios pudessem se fundir.

Não era tão longe assim. Seguiram um trecho da rua de terra batida e viraram a esquina até uma outra ainda mais estreita. Ela ouviu risadas de algumas das casas. Nildra parou diante de uma construção silenciosa, embora a luz ainda brilhasse pelas janelas do aposento da frente.

A mulher parou apenas por tempo suficiente para bater à porta e entrou sem esperar resposta. Ao passar pela porta, fez uma mesura perfeitamente adequada, ainda que rápida, e falou em um tom um tanto mais respeitoso do que o que usara com Egwene:

— Aes Sedai, tem uma garota aqui dizendo que se chama Egwene e ela... — Não conseguiu falar mais.

Todas as sete Aes Sedai do Coração da Pedra estavam lá, e nenhuma parecia pronta para dormir, embora todas, exceto a jovem chamada Siuan, estivessem de robe. Estavam sentadas com as cadeiras muito próximas, e Egwene teve a impressão de que interrompera alguma conversa séria. Sheriam foi a primeira a se levantar, acenando para que Nildra saísse.

— Luz, criança! Já?

Ninguém deu a menor importância para a reverência de Nildra ou para sua fungada de desgosto por ser dispensada daquele jeito.

— Não estávamos esperando você — completou Anaiya, tomando Egwene pelos braços com um sorriso caloroso. — Não tão cedo. Seja bem-vinda, criança. Bem-vinda.

— Teve algum efeito colateral? — indagou Morvrin. Ela não se levantou, assim como Carlinya e a jovem Aes Sedai, mas se inclinou para a frente, ansiosa pela resposta. Todas usavam robes de seda de diversos tons, alguns bordados ou adornados, mas o dela era de lã marrom comum, embora parecesse macio e muito bem-feito. — Você está sentindo alguma mudança depois da experiência? Tínhamos pouquíssimo conhecimento para basear nosso palpite. Para ser sincera, estou surpresa por ter dado certo.

— Teremos que ver isso na prática para saber se funciona mesmo tão bem. — Beonin fez uma pausa para tomar um gole de chá, então depositou a xícara e o pires em uma mesinha lateral de pernas bambas. A xícara e o pires não combinavam, mas nenhuma mobília ali combinava, e a maior parte parecia tão bamba quanto a mesinha. — Se houver efeitos colaterais, ela pode ser Curada. Vai ficar tudo bem.

Egwene se afastou depressa de Anaiya e largou seus pertences junto à porta.

— Não, estou muito bem. Estou mesmo.

Poderia ter hesitado. Anaiya a teria Curado sem nem perguntar. Mas seria uma trapaça.

— Ela parece bastante bem — opinou Carlinya, tranquila. Estava mesmo de cabelo curto, os cachos escuros mal cobrindo as orelhas, não fora apenas em *Tel'aran'rhiod*. A mulher ainda usava branco, claro, até os bordados da roupa eram brancos. — Podemos pedir a uma das Amarelas que faça um exame mais minucioso mais tarde, só para garantir.

— Deixem a menina botar os pés no chão antes de começar a arrastá-la para lá e para cá — disse Myrelle, rindo. Flores frondosas amarelas e vermelhas cobriam seu robe, eram tantas que mal se via algum verde. — Ela acabou de percorrer mil léguas em uma noite. Em horas.

— Vocês não têm tempo para deixar a garota ficar de pé pra cima — ponderou a jovem Aes Sedai com firmeza. A mulher parecia mesmo um peixe fora d'água naquela reunião, com o seu vestido amarelo de saias listradas em azul e a gola redonda bem cavada com bordados azuis. Além da roupa, era a única de quem dava para deduzir a idade. — Pela manhã, o Salão vai fazer um enxame completo. Se ela não estiver preparada, Romanda vai estripá-la feito uma carpa gorda.

Egwene ficou boquiaberta. Prestou mais atenção na voz do que nas palavras.

— Você é Siuan Sanche. Impossível!

— Ah, é possível, sim — retrucou Anaiya, seca, encarando a jovem Aes Sedai com um olhar resignado.

— Siuan voltou a ser Aes Sedai — explicou Myrelle, com um olhar mais exasperado do que resignado.

Só podia ser verdade — as Aes Sedai tinham *dito* que era —, mas Egwene não conseguia acreditar. Achou difícil acreditar mesmo com a explicação de Sheriam. Nynaeve tinha Curado um *estancamento*? Siuan não parecia nem um dia mais velha que Nynaeve porque *tinha sido estancada*? Siuan sempre fora uma comandante durona e muito séria, com um coração igualmente duro, não uma mulher bonita e de bochechas rosadas, dona de uma boca quase delicada.

Egwene não conseguiu tirar os olhos da antiga Amyrlin enquanto Sheriam falava. Aqueles olhos azuis ainda eram os mesmos. Como podia ter visto aquele olhar, forte o bastante para martelar pregos, e não ter se dado conta? Bem, aquele rosto já era um bom motivo. Mas Siuan também sempre fora muito forte com o Poder. Quando uma garota começava a canalizar, era preciso fazer testes para verificar quão forte ela seria, mas não depois que sua força já se assentara e estabelecera. Egwene já tinha conhecimento suficiente para avaliar outra mulher, pelo menos em determinados aspectos. Além da própria Egwene, Sheriam era a mais forte ali, seguida de Myrelle, embora fosse difícil saber com certeza. Todo o resto parecia semelhante, exceto Siuan — ela era a mais fraca, e por uma boa margem.

— Esta foi mesmo a descoberta mais notável de Nynaeve — afirmou Myrelle. — As Amarelas estão aprendendo com ela e fazendo suas próprias inovações, mas foi Nynaeve quem começou com tudo. Sente-se, criança. É uma história longa demais para ouvir de pé.

— Prefiro continuar de pé, obrigada. — Quando viu a cadeira de espaldar reto com assento de madeira que Myrelle indicou, Egwene mal conseguiu conter um calafrio. — E Elayne? Também está bem? Quero saber tudo sobre ela e Nynaeve.

A descoberta *mais* notável de Nynaeve? Aquilo implicava que havia mais de uma. Parecia que ficara para trás junto com as Sábias e teria que correr para alcançar as amigas. Ao menos achava que ainda teria permissão para estudar. Era difícil que aquelas mulheres a tivessem saudado com tanta animação se fossem expulsá-la. Egwene não fizera reverências ou chamara qualquer uma delas de Aes Sedai uma única vez, porém isso fora mais por falta de chance do que por qualquer motivo. Não era uma boa ideia enfrentar as Aes Sedai demonstrando rebeldia. Ainda assim, nenhuma delas a repreendera. Talvez não soubessem, afinal. Mas, então, por que a tinham convocado?

— Bem, tirando um probleminha com panelas que ela e Nynaeve estão enfrentando... — começou Sheriam, mas Siuan a interrompeu, meio irritada:

— Por que vocês ficam tagarelando feito garotas desmioladas? É tarde demais para ficar com medo de seguir em frente. Já começou, e vocês é que começaram. Ou acabam logo com isso, ou Romanda vai pendurar o couro de todas para secar ao sol ao lado desta garota. E Delana, Faiselle e todo o Salão estarão lá para ajudar a prendê-las na corda.

Sheriam e Myrelle se viraram para encará-la quase ao mesmo tempo. Todas as Aes Sedai se viraram, aliás, e Morvrin e Carlinya até giraram o corpo nas cadeiras. Rostos gélidos de Aes Sedai fitando com olhos gélidos de Aes Sedai.

Siuan primeiro respondeu àqueles olhares com uma encarada igualmente desafiadora, tão Aes Sedai

quanto elas, ainda que parecesse muito mais jovem. Então sua cabeça fraquejou um pouco, e manchas vermelhas surgiram em suas bochechas. Ela se levantou da cadeira, mantendo os olhos baixos.

— Eu me precipitei — resmungou.

Mas seus olhos não mudaram. Talvez as Aes Sedai não tenham percebido, mas Egwene notou. Ainda assim, não era do feitio de Siuan.

Egwene também reparou que não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. Não se tratava só de uma Siuan Sanche dócil feito uma gata de casa, ainda que obrigada a agir com docilidade. Isso era o menos significativo. O que aquelas mulheres tinham começado? Por que *ela* seria colocada ao sol para secar, caso decidissem parar?

As Aes Sedai se entreolharam da forma mais indecifrável que podiam. Morvrin foi a primeira a assentir.

— Você foi convocada por um motivo muito especial, Egwene — anunciou Sheriam, solene.

Egwene sentiu o coração bater mais rápido. Elas não sabiam de sua farsa. Não sabiam. Mas o que era, então?

Sheriam finalmente explicou:

— Você será o próximo Trono de Amyrlin.





NO SALÃO DAS VOTANTES

Egwene encarou Sheriam, imaginando se deveria rir. Podia ser que, no tempo que passara com os Aiel, ela tivesse se esquecido do que era considerado engraçado entre as Aes Sedai. Sheriam a encarou de volta com aquele rosto sem idade definida, imperturbável, e os olhos verdes amendoados pareciam nem piscar. Egwene olhou para as demais. Sete rostos sem expressão, apenas um ar de expectativa. Siuan talvez até estivesse sorrindo de modo discreto, mas esse suposto sorriso poderia muito bem ser a curva natural dos seus lábios. A luz oscilante das lamparinas tornou suas feições repentinamente estranhas e inumanas.

Egwene se sentia tonta, os joelhos bambos. Sem pensar, ela se deixou desabar na cadeira de encosto reto. Também se levantou de um pulo. Aquilo, com certeza, a ajudou a clarear a mente. Um pouco, pelo menos.

— Nem Aes Sedai eu sou — afirmou, sem fôlego. A declaração parecia suficientemente evasiva. Tinha que ser algum tipo de brincadeira ou... ou... ou *alguma* coisa.

— Podemos dar um jeito nisso — respondeu Sheriam com firmeza, apertando ainda mais o laço da sua faixa azul-clara para enfatizar o que tinha dito.

As tranças cor de mel de Beonin balançavam enquanto ela assentia com a cabeça.

— Ela é Aes Sedai, o Trono de Amyrlin. A lei é bem clara. Em vários pontos se menciona “o Trono de Amyrlin como Aes Sedai”, mas não consta em lugar nenhum que é necessário ser Aes Sedai para se tornar Amyrlin. — Qualquer Aes Sedai estaria familiarizada com as leis da Torre, mas, como mediadoras, as Cinzas tinham que conhecer as leis de todas as terras, e Beonin assumiu um tom professoral, como se explicasse algo que ninguém conhecesse tão bem quanto ela. — A lei que estabelece como a Amyrlin deve ser escolhida faz referência apenas à “mulher que é convocada” ou “àquela que se apresenta diante do Salão” ou algo assim. Do começo ao fim elas não são mencionadas uma única vez, as palavras “Aes Sedai”. Nunca. Alguns diriam que era essa a intenção das legisladoras, e ela deve ser considerada, mas está claro, seja qual for a intenção das mulheres que escreveram a lei, que... — Beonin franziu a testa quando Carlinya a interrompeu.

— Sem dúvida, elas acharam tão óbvio que não havia a necessidade de deixar explícito. Por outro lado, é lógico que uma lei significa o que nela está escrito, a despeito da interpretação das legisladoras.

— As leis raramente dizem respeito à lógica — afirmou Beonin, ácida. — Neste caso, no entanto — admitiu ela após alguns instantes —, você tem toda a razão. — Ela se virou para Egwene e prosseguiu: — E ele também enxerga assim, o Salão.

Todas estavam sérias, inclusive Anaiya, quando disse:

— Você vai se tornar Aes Sedai, criança, assim que for elevada ao Trono de Amyrlin. De maneira bem geral, é isso.

Até Siuan parecia estar falando sério, apesar daquele sorriso minúsculo. Era um sorriso.

— Você vai poder fazer os Três Juramentos logo que voltarmos para a Torre — avisou Sheriam. — Chegamos a considerar que você os pronunciasse de qualquer forma, mas, sem o Bastão dos Juramentos, pode ser visto como uma farsa. Melhor esperar.

Egwene quase se sentou de novo antes de se conter. Talvez as Sábias tivessem razão. Talvez viajar por *Tel'aran'rhiol* em carne e osso tivesse afetado a mente dela de algum modo.

— Isso é uma loucura — protestou Egwene. — Eu não posso ser Amyrlin. Eu sou... Eu sou... — As objeções se embolavam em sua língua em um emaranhado que não a deixava dizer nada. Ela era jovem demais. A própria Siuan fora a Amyrlin mais jovem de todos os tempos, e já tinha trinta anos quando foi elevada. Egwene mal iniciara seus estudos, independentemente de quanto soubesse sobre o Mundo dos Sonhos. As Amyrlins eram cultas e experientes. E sábias. Deveriam, com certeza, ser sábias. Ela só se sentia confusa e desorientada. A maioria das mulheres passava dez anos como noviça e dez como Aceita. Algumas progrediam mais rápido, verdade, e até bem mais rápido. Foi o caso da própria Siuan. Mas Egwene passara menos de um ano como noviça e fora Aceita por menos tempo ainda. — É impossível! — Foi o melhor que acabou conseguindo dizer.

A bufada de Morvrin a fez se lembrar de Sorilea.

— Acalme-se, criança, ou eu mesma vou cuidar disso. Não é hora de você começar a se agitar ou de desmaiar em cima de nós.

— Mas eu não saberia o que fazer! Não faria a mínima ideia! — Egwene respirou fundo. Aquilo não chegou a acalmar seu coração acelerado, mas ajudou. Um pouco. Coração de Aiel. O que quer que aquelas mulheres fizessem, ela não permitiria que a intimidassem. Com o olhar fixo no rosto sério e duro de Morvrin, acrescentou: *Ela pode até me arrancar o couro, mas não vai me intimidar.* — Isso é ridículo, isso sim. Não vou bancar a tola na frente de todo mundo, e a minha decisão é essa. Se foi para isso que o Salão me convocou, minha resposta é não.

— Receio que você não tenha essa opção. — Anaiya soltou um suspiro enquanto alisava o robe, que era, surpreendentemente, de seda rosa com babados e delicadas rendas marfim nas bainhas. — Você não pode recusar uma convocação para se tornar Amyrlin, assim como não pode recusar uma convocação para um julgamento. Até os textos das convocações são os mesmos. — *Aquilo* era encorajador. Ah, sim, e como era.

— A escolha agora é do Salão. — Myrelle soou levemente triste, o que não melhorou em nada o astral de Egwene.

Com um sorriso repentino, Sheriam pôs o braço em torno dos ombros de Egwene.

— Não se preocupe, criança. Nós vamos ajudá-la e guiá-la. É para isso que estamos aqui.

Egwene não disse nada. Não conseguia formular uma resposta. Obedecer a lei não significava ser intimidada, mas a sensação era a mesma. Para elas, o silêncio era consentimento, e Egwene supôs que fosse o caso. Sem delongas, ordenou-se que Siuan, que saiu resmungando por ter recebido a incumbência, se retirasse e fosse acordar pessoalmente as Votantes para avisá-las que Egwene havia chegado.

A casa se transformou em um furacão antes mesmo de Siuan chegar à porta. O vestido de cavalcada de Egwene entrou na pauta de uma discussão importante — da qual ela não participou. Uma serviçal rechonchuda foi despertada do seu cochilo em uma cadeira no quarto dos fundos e, com duras advertências para que ela não deixasse escapar uma palavra sobre o assunto, ordenada a se retirar para ir buscar todo e qualquer vestido de Aceita que conseguisse encontrar que tivesse alguma chance de caber em Egwene. Ela experimentou oito ali mesmo, no quarto da frente, antes de achar um que, de certa maneira, cabia. Era

apertado demais no busto, mas, felizmente, folgado no quadril. Enquanto a serviçal ficou levando vestidos para Egwene experimentar, Sheriam e as outras aproveitaram para, uma de cada vez, saírem para se vestir e, revezando-se, orientavam-na a respeito do que iria acontecer e do que ela precisava fazer e dizer.

As mulheres a obrigavam a repetir tudo. As Sábias achavam que falar uma vez só bastava, e coitada da aprendiz que não as ouvisse com atenção. Egwene se lembrava de uma parte do que precisava dizer por conta de uma aula para noviças na Torre e acertou todas as palavras logo na primeira tentativa, mas as Aes Sedai repassavam tudo de novo, e de novo e depois de novo. Egwene não conseguia entender. Fossem quaisquer outras pessoas que não as Aes Sedai, teria afirmado que elas estavam nervosas, rostos serenos ou não. Egwene começou a se perguntar se estava cometendo algum erro e passou a enfatizar palavras diferentes.

— Fale do jeito que nós dissermos — irrompeu Carlinya, fria feito gelo trincando, e Myrelle, tão gélida quanto, completou:

— Você não pode cometer nenhum erro, criança. Nenhum!

Elas a obrigaram a repetir tudo outras cinco vezes, e quando Egwene protestou que havia pronunciado todas as palavras de maneira correta e listou quem estaria em que lugar e quem diria o quê da mesma maneira que elas tinham dito, achou que Morvrin fosse esbofeteá-la. Isso se Beonin ou Carlinya não a estapeassem primeiro. Ali, seus cenhos franzidos eram tão duros quanto tapas, e Sheriam fitava-a como se ela estivesse se comportando feito uma noviça emburrada. Egwene suspirou e começou outra vez.

— Eu entro com três de vocês me escoltando...

Foi uma procissão silenciosa que abriu caminho pelas ruas quase vazias iluminadas pelo luar. Apenas uma ou outra das pessoas que ainda estavam ali fora sequer as olhava de relance. Seis Aes Sedai com uma única Aceita entre elas podiam ser ou não uma imagem comum por ali, mas a impressão era de que não se tratava de uma situação suficientemente estranha para gerar falatório. Janelas que estiveram iluminadas mais cedo já se encontravam escuras, e a cidade estava tão quieta que os passos das mulheres na terra batida eram audíveis. Egwene trazia no dedo o anel da Grande Serpente, de volta em sua mão esquerda. Seus joelhos tremiam. Ela estivera preparada para encarar qualquer coisa, mas sua lista de “quaisquer coisas” jamais incluía aquilo.

Elas pararam diante de uma construção retangular de pedra de três andares. Todas as janelas estavam escuras, mas, à luz do luar, o prédio tinha o aspecto de uma estalagem. Carlinya, Beonin e Anaiya iriam permanecer ali, e as duas primeiras, pelo menos, não estavam muito contentes. Não fizeram nenhuma reclamação, tal como não tinham feito ainda na casa, mas ajeitavam as saias sem necessidade e mantinham as cabeças eretas de maneira rija, sem nem olhar para Egwene.

Anaiya alisou o cabelo de Egwene para tranquilizá-la.

— Vai dar tudo certo, criança. — Trazia uma trouxa debaixo do braço, o vestido que Egwene usaria depois que tudo estivesse terminado. — Você aprende rápido.

Dentro da construção de pedra, um gongo emitiu um som profundo, uma, duas, três vezes. Egwene quase deu um pulo. Silêncio por um instante, e então o gongo repetiu a melodia. Myrelle alisou o vestido sem parecer se dar conta. Silêncio de novo, então as três batidas.

Sheriam abriu a porta e Egwene a acompanhou, Myrelle e Morvrin em seus calcanhares. Pelo modo como as três a cercavam, Egwene não teve como não pensar em guardas estrategicamente posicionados para garantir que ela não fugisse.

O aposento interno grande e de pé-direito alto não estava escuro, longe disso. Havia lamparinas alinhadas sobre as cornijas das quatro grandes lareiras de pedra, e outras mais se enfileiravam nos degraus que conduziam ao andar seguinte e no passadiço com gradil que dava para o aposento. Duas luminárias de chão compridas e cheias de ramificações foram colocadas diante de espelhos em lados opostos do aposento para aumentar a luminosidade. Cobertores presos às janelas mantinham toda aquela luz lá dentro.

Nove cadeiras haviam sido dispostas de cada lado do aposento, viradas para o centro em fileiras de três.

As mulheres que as ocupavam, as Votantes das seis Ajahs representadas em Salidar, usavam seus xales e vestidos nas cores das suas respectivas Ajahs. As cabeças giraram em direção a Egwene, os rostos sem exibir nada além de uma serenidade plácida.

Na extremidade oposta do aposento havia outra cadeira sobre uma pequena plataforma mais parecida com uma caixa achatada. Alta e pesada, os pés e o encosto com espirais entalhados, a cadeira fora pintada de amarelo e azul, verde e branco, cinza, marrom e vermelho. Uma estola jazia perpassada sobre os braços, listrada em sete cores. Parecia que milhas separavam o ponto em que Egwene estava e a estola.

— Quem se apresenta perante o Salão da Torre? — indagou Romanda com uma voz alta e clara. Estava sentada bem abaixo da cadeira colorida, em frente às três irmãs Azuis. Sheriam deu um passo suave para o lado e revelou Egwene.

— Alguém que vem com obediência, pela Luz — respondeu Egwene. Sua voz deveria estar trêmula. Claro que elas não iriam mesmo seguir adiante com aquilo.

— Quem se põe perante o Salão da Torre? — Romanda tornou a perguntar.

— Alguém que vem com humildade, pela Luz. — Em algum momento, aquela farsa se transformaria no julgamento dela por fingir ser Aes Sedai. Não, isso não. Se esse fosse o caso, elas teriam simplesmente feito uma blindagem e a deixado trancada até que chegasse a hora. Mas com certeza...

— Quem se apresenta perante o Salão da Torre?

— Alguém que vem sob a convocação do Salão, obediente e humilde pela Luz, pedindo apenas para aceitar a vontade do Salão.

Entre as Cinzas abaixo de Romanda, levantou-se uma mulher esbelta de pele escura. Por ser a Votante mais jovem, Kwamesa ficou responsável por proferir a indagação ritual que datava da Ruptura do Mundo:

— Há alguém presente que não seja mulher?

Romanda jogou o xale para trás deliberadamente e, ao se levantar, deixou-o sobre o encosto da cadeira. Como a mais velha, seria a primeira a responder. Também de maneira deliberada, desamarrou o vestido e o baixou até a cintura, descendo a anágua junto.

— Eu sou mulher — pronunciou.

Com cuidado, Kwamesa repousou seu xale sobre a sua própria cadeira e se desnudou até a cintura.

— Eu sou mulher — disse.

As outras então se levantaram e começaram a se despir, cada qual enunciando as mesmas palavras tão logo provava que também era mulher. Egwene sentiu um pouco de dificuldade com o corpete apertado do vestido de Aceita que lhe fora encontrado e precisou da ajuda de Myrelle com os botões, mas, bem depressa, todas as quatro estavam tão nuas quanto qualquer uma das demais.

— Eu sou mulher — falou Egwene junto com as outras.

Kwamesa andou devagar pelo aposento, fazendo uma pausa diante de cada mulher para uma encarada quase insultuosa, e então parou de novo à frente da própria cadeira para anunciar que não havia ninguém presente que não fosse mulher. As Aes Sedai se sentaram e a maior parte delas começou a vestir os corpetes de volta. Não exatamente com pressa, mas também foram poucas as que se demoraram. Egwene quase balançou a cabeça. Não podia se cobrir até um momento posterior da cerimônia. Muito tempo atrás, a pergunta de Kwamesa teria demandado mais provas. Naqueles dias, as cerimônias formais eram realizadas “sob a vestimenta da Luz”, o que significava dizer que não se usava nada além da própria pele. O que aquelas mulheres achariam de uma tenda de vapor Aiel ou de um banho shienarano?

Não havia tempo para imaginar isso.

— Quem representa esta mulher — indagou Romanda —, e se compromete por ela, coração por coração, alma por alma, vida por vida? — A mulher se sentava ereta com toda a dignidade, seu busto redondo ainda desnudo.

— Eu me comprometo — afirmou Sheriam com firmeza, seguida um instante depois pelas vozes fortes de Morvrin e Myrelle, uma de cada vez.

— Aproxime-se, Egwene al’Vere — ordenou Romanda com rispidez. Egwene deu três passos e se ajoelhou. Sentia-se entorpecida. — Por que você está aqui, Egwene al’Vere?

Ela estava, de fato, entorpecida. Não era capaz de sentir nada. Também não conseguia se lembrar das suas respostas, mas, de alguma forma, elas lhe saíram rolando pela língua.

— Fui convocada pelo Salão da Torre.

— O que deseja, Egwene al’Vere?

— Servir à Torre Branca, nada mais e nada menos. — Luz, elas iam mesmo seguir adiante com aquilo!

— E como pretende servir, Egwene al’Vere?

— Com meu coração, minha alma e minha vida, pela Luz. Sem medo ou favoritismo, pela Luz.

— Onde pretende servir, Egwene al’Vere?

Egwene respirou fundo. Ainda *podia* parar com aquela idiotice. Não era possível que estivesse mesmo prestes a...

— No Trono de Amyrlin, se for da vontade do Salão da Torre. — Sua respiração paralisou. Já era tarde demais para voltar atrás. Desde o Coração da Pedra talvez já fosse tarde demais.

Delana foi a primeira a se levantar, depois Kwamesa e Janya, e então outras, até nove Votantes estarem de pé à frente das suas cadeiras, o que significava aceitação. Romanda ainda estava firme em seu assento. Nove de dezoito. A aceitação precisava ser unânime, já que o Salão sempre buscava o consenso. Ao final, todas as votações eram unâнимes, embora muita conversa fosse necessária para se chegar lá, mas, naquela noite, não haveria conversas além das frases cerimoniais, e aquilo significava quase a rejeição absoluta. Sheriam e as outras haviam feito pouco caso da sugestão de Egwene de que aquilo talvez acontecesse, desprezando a ideia com tanta rapidez que ela poderia ter ficado preocupada se a coisa toda não fosse tão ridícula, mas, quase por alto, tinham avisado que sim, isso poderia ocorrer. Não uma rejeição, mas uma manifestação de que as Votantes que permaneceram em seus assentos não pretendiam servir de capacho. Só um gesto simbólico, segundo Sheriam, mas, com base na expressão severa de Romanda, bem como na de Lelaine, só um pouco menos severa acima do peito nu, Egwene não tinha nenhuma certeza daquilo. Elas também haviam dito que talvez fossem três ou quatro mulheres.

Sem dar um pio, as mulheres de pé retomaram seus lugares. Nenhuma delas falou, mas Egwene sabia o que fazer. Seu entorpecimento desaparecera.

Ela se levantou e se moveu na direção da Votante mais próxima, uma Verde de rosto penetrante chamada Samalin, que permanecera sentada. Quando Egwene tornou a se ajoelhar à frente de Samalin, Sheriam ficou de joelhos ao lado dela, segurando uma bacia larga com água. Ondulações dançavam na superfície do líquido. Sheriam parecia tranquila e seca, enquanto Egwene começava a reluzir de suor, mas as mãos de Sheriam tremiam. Morvrin se ajoelhou e entregou um pano para Egwene, enquanto Myrelle ficou aguardando ao lado com pedaços de um tecido atalhado sobre o braço. Por algum motivo, Myrelle aparentava estar zangada.

— Por favor, me permita servir — disse Egwene. Com o olhar fixo à frente, Samalin suspendeu as saias até a altura do joelho. Seus pés estavam descalços. Egwene lavou cada pé e os secou, e então foi até a Verde seguinte, uma mulher levemente rechonchuda chamada Malind. Sheriam e as demais lhe haviam dito os nomes de todas as Votantes. — Por favor, me permita servir. — Malind tinha um rosto bonito, com lábios carnudos e olhos escuros que davam a impressão de que gostavam de sorrir, mas, naquele momento, não havia sorriso. Era uma das que haviam se levantado, mas seus pés também estavam descalços.

Os pés de todas as Votantes estavam descalços. Enquanto lavava todos aqueles pés, Egwene se perguntou se as Votantes já sabiam quantas permaneceriam sentadas. Estava tão óbvio que elas já sabiam que algumas ficariam, que aquele serviço seria exigido. Quase tudo o que Egwene sabia a respeito de como funcionava o

Salão da Torre fora do que ouvira naquela aula enquanto noviça: para todos os fins práticos, não sabia nada. Sua única opção era continuar.

Ela lavou e secou o último pé — pertencia a Janya, que tinha o cenho franzido como se tivesse outros assuntos em mente. Pelo menos fora uma das que se levantaram. Largando o pano na bacia, voltou para o seu lugar ao pé das fileiras e se ajoelhou.

— Por favor, me permitam servir. — Mais uma chance.

Novamente, Delana foi a primeira a se levantar, mas Samalin desta vez fez o mesmo logo depois. Ninguém se pôs de pé de um salto, mas, uma a uma, todas foram se levantando, até que apenas Lelaine e Romanda continuavam sentadas olhando uma para a outra, e não para Egwene. Por fim, Lelaine deu de ombros sutilmente, puxou o corpete sem a menor pressa e se levantou. Romanda virou a cabeça e olhou para Egwene. Encarou-a por tanto tempo que Egwene tomou consciência do suor que lhe escorria por entre os seios e pelas costelas. Enfim, com uma vagarosidade imponente, Romanda se vestiu e se juntou às demais. Egwene escutou um arquejo de alívio vindo de trás dela, onde Sheriam e as outras estavam aguardando.

Ainda não havia acabado, claro. Romanda e Lelaine se aproximaram ao mesmo tempo para conduzi-la até a cadeira colorida. Egwene ficou de pé diante dela enquanto as duas lhe puxaram o corpete e puseram a estola do Trono de Amyrlin sobre seus ombros. Em uníssono, todas as Votantes disseram:

— Você está elevada ao Trono de Amyrlin, pela glória da Luz, que a Torre Branca possa perdurar para sempre. Egwene al’Vere, a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin. — Lelaine removeu o anel da Grande Serpente da mão esquerda de Egwene e entregou-o a Romanda, que o passou para a mão direita. — Que a Luz ilumine o Trono de Amyrlin e a Torre Branca.

Egwene riu. Romanda apenas piscou, chocada, enquanto Lelaine se sobressaltou — e elas não foram as únicas.

— Acabei de me lembrar de uma coisa — disse ela, acrescentando: —, filhas. — Era como a Amyrlin chamava as Aes Sedai. Do que ela se lembrara foi o que veio em seguida. Egwene não pôde deixar de pensar que se tratava de uma compensação pelo alívio que tivera em sua viagem por *Tel’aran’rhiod*. Egwene al’Vere, a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin, foi capaz de se sentar naquela cadeira de madeira dura sem aparentar muito cuidado e sem se retrair de dor. Considerou as duas coisas triunfos da sua força de vontade.

Sheriam, Myrelle e Morvrin deram um passo à frente — olhando os rostos igualmente serenos, não era possível saber qual delas tinha soltado uma exclamação surpresa — e as Votantes formaram uma fila logo atrás delas que se estendia até a porta. Foi organizada por ordem de idade, com Romanda na última posição.

Numa mesura profunda, Sheriam abriu as saias.

— Por favor, me permita servir, Mãe.

— Você pode servir à Torre, filha — respondeu Egwene no tom mais sério que pôde. Sheriam beijou seu anel e se afastou, enquanto Myrelle fez sua mesura.

Foi assim ao longo da fila inteira. Aquele arranjo proporcionou algumas surpresas. Nenhuma das Votantes era jovem de fato, apesar dos seus rostos de Aes Sedai, mas Delana, com seus cabelos claros, que Egwene pensara ser tão velha quanto Romanda, estava mais ou menos pelo meio da fila. Lelaine e Janya, duas mulheres bem bonitas sem um único fio grisalho em seus cabelos escuros, ficaram à frente apenas da Amarela de cabelo louro. Cada qual fez sua reverência e beijou o anel de Egwene com o rosto impassível — embora algumas tenham olhado de relance para as faixas da bainha de Egwene — e deixaram o aposento por uma porta nos fundos sem dar mais nenhum pio. O normal era que tivesse havido mais rituais, mas o restante da cerimônia deveria esperar até de manhã.

Enfim, Egwene se viu sozinha com as três mulheres que haviam se comprometido por ela. Ainda não tinha certeza do que aquilo significava. Assim que ela se levantou, Myrelle saiu para deixar entrar as três que

havam ficado do lado de fora.

— O que teria acontecido se Romanda não tivesse se levantado? — Em tese, teria havido mais uma chance, mais uma rodada de lavagem de pés e pedidos de permissão para servir, mas Egwene tinha certeza de que, se Romanda tivesse votado não na segunda vez, também teria votado na terceira.

— Então é bem provável que ela própria fosse se elevar a Amyrlin daqui a alguns dias — opinou Sheriam. — Ela ou Lelaine.

— Não foi isso que eu quis dizer — rebateu Egwene. — O que teria acontecido comigo? Teria simplesmente voltado a ser uma Aceita? — Anaiya e as outras apareceram apressadas, sorrindo, e Myrelle começou a ajudar Egwene a trocar o vestido branco com faixas por um de seda verde-clara que ela só iria usar pelo tempo que levasse para chegar até sua cama. Era tarde, mas a Amyrlin não podia andar por aí com um vestido de Aceita.

— Muito provavelmente — disse Morvrin após alguns instantes. — Não posso dizer se isso seria sorte ou não, ser uma Aceita que todas as Votantes sabiam que quase havia ocupado o Trono de Amyrlin.

— Aconteceu pouquíssimas vezes — explicou Beonin —, mas uma mulher que é recusada após se apresentar para ser elevada ao Trono de Amyrlin costuma ser exilada. O Salão busca sempre a harmonia, e, querendo ou não, ela sempre acabaria causando desarmonia.

Sheriam encarou os olhos de Egwene, como que para reforçar suas palavras.

— Nós teríamos sido exiladas. Myrelle, Morvrin e eu, com certeza, já que nos comprometemos por você, e é provável que Carlinya, Beonin e Anaiya também. — Seu sorriso foi abrupto. — Mas não foi isso que aconteceu. A nova Amyrlin deveria passar a primeira noite em contemplação e oração, mas, assim que Myrelle terminar com esses botões, talvez seja melhor lhe darmos ao menos uma palavrinha sobre como estão as coisas em Salidar.

Todas observavam Egwene. Myrelle estava atrás dela, cuidando do último botão, mas ela conseguia sentir os olhos da mulher em sua nuca.

— É, eu acho que é melhor, sim.





A AMYRLIN É ELEVADA

Egwene levantou a cabeça do travesseiro, olhou em volta e por um momento ficou surpresa ao se ver em uma cama com dossel em um grande quarto. A primeira luz da manhã entrava pelas janelas, e uma mulher bonita e rechonchuda trajando um vestido simples de lã cinza estava colocando um grande jarro branco de água quente no lavatório. Chesa lhe fora apresentada na véspera como sua criada. A criada da Amyrlin. Uma bandeja tampada já estava ao lado do seu pente e da sua escova em uma mesinha estreita diante de um espelho com moldura trabalhada em prata. O quarto cheirava a pão quente e peras cozidas.

Anaiya havia preparado o quarto para a chegada de Egwene. Os móveis ali também não combinavam, mas eram os melhores de Salidar, da poltrona acolchoada estofada com seda verde ao espelho de chão no canto, com todas as suas douraduras intactas, e ao armário com entalhes decorativos que agora guardava seus pertences. Infelizmente, parecia que o gosto de Anaiya pendia fortemente para babados e rendas espalhafatosas. Ambos bordejavam o dossel e as cortinas da cama, que estavam abertas, e um ou outro adornavam a mesa e seu banquinho, os braços e os pés da poltrona acolchoada, a manta que Egwene jogara no chão e até mesmo o lençol fino de seda que ela deixara cair logo em seguida. As cortinas das janelas também eram rendadas. Egwene deitou a cabeça. Havia rendas nas extremidades dos travesseiros também. Corria um sério risco de morrer sufocada pelos babados e rendas daquele quarto.

Tinham conversado muito depois que Sheriam e as outras a levaram para aquele lugar, ao qual se referiam como a Pequena Torre, mas Egwene quase não abrira a boca. As mulheres não estavam muito interessadas no que ela achava que Rand estaria tramando, ou no que Coiren e as demais poderiam querer. Havia uma missão diplomática a caminho de Caemlyn a cargo de Merana, que sabia o que fazer, embora elas tivessem sido bem vagas quanto a qual seria, exatamente, a missão. Na maior parte do tempo, elas falaram e Egwene escutou, e suas perguntas foram deixadas de lado. As respostas a algumas delas não tinham importância, disseram-lhe, ao menos por enquanto. As que foram respondidas tiveram apenas uma explicação rápida antes que as mulheres voltassem ao que era mais importante. Missões diplomáticas haviam sido despachadas para cada governante, e o nome de cada um deles foi revelado a Egwene, com uma explicação sobre o porquê de ele ou ela ser absolutamente vital para a causa de Salidar — ao que parecia, todos eram. Elas não chegaram a dizer com todas as letras que tudo estaria perdido se ao menos um dos governantes se posicionasse contra, mas a ênfase dada a cada um já deixava isso claro. Gareth Bryne estava montando um exército que acabaria se mostrando forte o bastante para defender seus direitos — ou os de Egwene — diante

de Elaida, se fosse preciso. As Aes Sedai não pareciam achar que seria o caso, apesar da exigência de Elaida para que voltassem à Torre. Elas pareciam acreditar que, assim que a notícia sobre a elevação de Egwene al’Vere ao Trono de Amyrlin se espalhasse, as Aes Sedai viriam até ela, inclusive algumas das que estavam na Torre naquele momento, o suficiente para que Elaida não tivesse outra opção a não ser aceitar a exigência de renunciar. Por algum motivo, os Mantos-brancos andavam quietos, de forma que Salidar estava tão segura quanto qualquer outro local, até onde sabiam. O fato de Logain ter sido Curado, assim como Siuan — e também Leane, naturalmente, já que estava em Salidar —, surgiu na conversa quase por acaso.

— Não precisa se preocupar com isso — disse Sheriam de modo tranquilizador. Estava de pé junto a Egwene, que se encontrava sentada na poltrona acolchoada, com as demais formando um arco ao seu redor. — O Salão vai ficar discutindo se deve ou não amansar Logain de novo até ele morrer de velhice e a questão se resolver sozinha.

Egwene tentou conter outro bocejo — estava ficando tarde — e Anaiya disse:

— Temos que deixá-la dormir. Amanhã vai ser quase tão importante quanto hoje, criança. — De repente ela fez uma pausa e riu. — Mãe. Amanhã também é importante, Mãe. Vamos mandar Chesa vir ajudá-la a se preparar para dormir.

Mesmo após elas terem saído, ir para a cama não foi fácil. Enquanto Chesa ainda desabotoava o vestido de Egwene, Romanda apareceu com várias sugestões para a Amyrlin, oferecendo-as com uma voz firme e equilibrada, e, tão logo ela saiu, Lelaine entrou, como se só estivesse esperando a saída da Amarela. A Azul tinha seus próprios conselhos, dados com Egwene já sentada na cama após Chesa ter sido expulsa do quarto com palavras gentis, mas firmes. Suas recomendações eram completamente diferentes das de Romanda — que por sua vez também se contrapunham às de Sheriam — e vieram acompanhadas de um sorriso caloroso e até afetuoso, mas seu tom, como o das outras duas, traía a certeza de que Egwene precisaria ser guiada durante os seus primeiros meses. Nenhuma mulher disse exatamente que teria mais preparo do que Sheriam para orientar Egwene e garantir que ela tomasse as melhores decisões para a Torre, ou que elas pudessem dar conselhos ruins, mas tudo isso ficou subentendido. Romanda e Lelaine também insinuaram que a outra poderia ter suas próprias intenções ocultas, que, sem a menor dúvida, causariam sofrimentos incalculáveis.

Quando canalizou para apagar a última lamparina, Egwene esperava um sono repleto de pesadelos. Na verdade, na manhã seguinte só se lembrou de dois. No primeiro, ela era Amyrlin — uma Aes Sedai, mas sem prestar os juramentos — e tudo o que fazia resultava em desastres. Ela despertou só para poder escapar, mas teve certeza de que não se tratava de nada com algum significado oculto. Foi uma experiência muito parecida com aquela pela qual passou dentro do *ter’angreal* em que fizera o teste para se tornar uma Aceita. Até onde se sabia, elas não tinham nenhuma relação com a realidade. Não com aquela realidade. O outro foi o tipo de bobagem que Egwene esperava. Ela já conhecia os próprios sonhos o suficiente para saber disso, ainda que tenha precisado acordar para finalmente escapar também daquele segundo. Sheriam tinha tirado a estola dos ombros dela e todas as pessoas ao redor começaram a gargalhar e apontar para Egwene, uma bobalhona que acreditou mesmo que uma garota que mal tinha dezoito anos poderia ser Amyrlin. Não estavam só as Aes Sedai, mas todas as Sábias, além de Rand, Perrin e Mat, Nynaeve e Elayne, e quase todo mundo que ela conhecera algum dia, enquanto ela ficava lá nua, tentando desesperadamente colocar um vestido de Aceita que talvez coubesse em uma garotinha de dez anos.

— Você já não pode passar o dia todo deitada na cama, Mãe.

Egwene abriu os olhos.

A expressão no rosto de Chesa era de uma falsa severidade, e ela sorria com os olhos. Com pelo menos o dobro da idade de Egwene, a mulher, desde o momento em que foram apresentadas, assumira logo de cara a mistura de respeito e familiaridade que se poderia esperar de uma criada experiente.

— O Trono de Amyrlin não pode dormir até tarde, ainda mais num dia como hoje.

— Isso nem passou pela minha cabeça. — Egwene se levantou da cama com dificuldade e se espreguiçou antes de tirar a camisola suada. Mal podia esperar pelo dia em que sua experiência com o Poder a faria parar de suar. — Vou usar o de seda azul com as estrelas d'alva brancas na gola. — Egwene notou que Chesa fez questão de desviar o olhar das pernas de Egwene ao lhe entregar uma anágua limpa. Os efeitos de ter cumprido sua *toh* haviam diminuído um pouco, mas sua pele continuava visivelmente marcada. — Sofri um acidente na vinda para cá — disse, enfiando a cabeça com pressa na anágua nova.

Chesa assentiu com a cabeça, entendendo na mesma hora.

— Cavalos são criaturas terríveis e pouco confiáveis. Você nunca vai me ver em cima de um, Mãe. Uma carroça boa e robusta é sempre muito mais segura. Se eu caísse assim de um cavalo, também não contaria para ninguém. Nildra não falaria noutra coisa, e Kaylin... Ah, você não iria acreditar nas coisas que algumas mulheres são capazes de dizer assim que você vira as costas. Claro que com o Trono de Amyrlin é diferente, mas é o que eu faria. — Segurando a porta do armário aberta, a criada olhou de soslaio para ver se Egwene havia entendido.

Egwene sorriu para ela.

— Gente é gente, independente da posição — afirmou com sinceridade.

Chesa abriu um largo sorriso e foi buscar o vestido azul. Anaiya podia até tê-la escolhido, mas ela era criada do Trono de Amyrlin, e era leal ao Trono de Amyrlin. E ela também tinha razão quanto à importância daquele dia.

Comendo rápido — apesar de Chesa resmungar baixinho que engolir a comida fazia mal ao estômago e que leite morno com mel e especiarias era imbatível para acalmar uma barriga nervosa —, Egwene esfregou os dentes e se lavou às pressas, deixou Chesa dar uma escovada de leve em seu cabelo e se vestiu o mais depressa que a criada permitiu, ajudando-a a passar o vestido de seda azul pela cabeça. Ajustou a estola de sete listras nos ombros e parou para se olhar no espelho. Com ou sem estola, não se parecia muito com o Trono de Amyrlin. *Mas eu sou. Isso não é um sonho.*

No amplo aposento do andar de baixo, as mesas continuavam tão vazias quanto na véspera. Apenas as Votantes estavam presentes, usando seus xales e divididas de acordo com as Ajahs. Sheriam estava sozinha. Todas ficaram quietas enquanto Egwene descia a escada e fizeram medidas quando ela chegou lá embaixo. Romanda e Lelaine lhe lançaram olhares penetrantes e então se viraram, claramente evitando olhar para Sheriam, e retomaram suas conversas. Quando Egwene permanecia calada, as outras faziam o mesmo. Vez ou outra, uma delas lhe dava uma olhadinha. Mesmo cochichando, suas vozes pareciam altas demais. Fazia silêncio lá fora, uma quietude absoluta. Egwene puxou o lenço da manga e secou o rosto com delicadeza. Nenhuma *delas* suava uma gota sequer.

Sheriam se aproximou e ficou ao lado dela.

— Vai dar tudo certo — disse em voz baixa. — Basta você se lembrar do que deve dizer. — Aquele foi outro ponto que elas haviam repassado com riqueza de detalhes na noite anterior. Egwene tinha um discurso para fazer naquela manhã.

A Amyrlin assentiu. Era estranho. Seu estômago deveria estar se revirando, os joelhos, trêmulos. Não estavam, e ela não conseguia entender por quê.

— Não precisa ficar nervosa — disse Sheriam. A mulher falava como se pensasse que Egwene estava, e sua intenção era tranquilizá-la, mas, antes que pudesse tornar a abrir a boca, Romanda falou bem alto:

— Está na hora.

Com um farfalhar de saias, as Votantes se alinharam de acordo com suas idades, Romanda à frente dessa vez, e marcharam até o lado de fora. Egwene andou até junto da porta. Nada de palpitações, ainda. Talvez Chesa tivesse razão quanto ao leite morno.

Após mais alguns momentos de silêncio, Romanda finalmente se pronunciou, a voz mais alta do que seria

possível sem a ajuda do Poder:

— Temos um Trono de Amyrlin.

Egwene pôs os pés do lado de fora e sentiu um calor que não teria esperado para aquela hora do dia. Quando terminou de descer os degraus da entrada, seu pé pousou numa plataforma tecida com Ar. As filas de Votantes se estendiam em ambos os lados de Egwene, cada qual brilhando com a luz de *saidar*.

— Egwene al’Vere — entoou Romanda, sua voz chegando mais longe com a ajuda das tessituras do Poder —, a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin.

As mulheres suspenderam-na com Ar durante o pronunciamento de Romanda, literalmente elevando a Amyrlin até que ela ficasse quase na altura do telhado de palha. Para qualquer mulher que não fosse capaz de canalizar, Egwene pareceria capaz de caminhar sobre o ar.

Havia bastante gente reunida para vê-la delineada pelo sol que se levantava, e uma segunda tessitura fez a luz formar um halo ao redor dela. Homens e mulheres lotavam as ruas. Nas esquinas, perdia-se a multidão de vista. Pessoas observavam de cada porta, janela e telhado, exceto os da própria Pequena Torre. O brado que se elevou da multidão quase abafou a voz de Romanda, e as ondas de aclamações se espalharam pela aldeia. Egwene correu os olhos pela multidão em busca de Nynaeve e Elayne, mas não conseguiu encontrá-las naquele mar de rostos voltados para ela. Uma era inteira pareceu se passar antes que tudo estivesse suficientemente calmo para que ela falasse. A tessitura que transportara a voz de Romanda passou para a dela.

Elas haviam preparado o discurso, Sheriam e as demais, uma exortação empolada que Egwene talvez fosse capaz de realizar sem ficar ruborizada caso tivesse o dobro da idade que tinha, ou, ainda melhor, o triplo. Então ela decidira fazer algumas modificações.

— Nós nos unimos em uma busca pela verdade e pela justiça que só vai acabar quando a falsa Amyrlin, Elaida, for deposta do lugar que usurpou. — A única mudança foi o “só vai” no lugar de “só pode”, o que ela considerou melhor e mais forte. — Como Amyrlin, vou liderá-los nessa busca e não vou fraquejar, como sei que vocês também não vão. — Tratava-se de uma baita exortação. Ela não tinha a intenção de permanecer ali em cima pelo longo tempo que seria necessário para repetir tudo o que elas queriam que fosse dito. Afinal, estaria apenas repetindo o que já fora dito com outras palavras. — Como minha Curadora das Crônicas, eu nomeio Sheriam Bayanar.

Aquelas palavras geraram aclamações bem mais tímidas. Uma Curadora não era uma Amyrlin, afinal. Egwene olhou para baixo e aguardou até avistar Sheriam saindo às pressas, ainda envolvendo os ombros com a estola da Curadora, em azul, para mostrar que fora elevada da Ajah Azul. Havia sido decidido que não se faria uma cópia do cajado da Amyrlin, encimado por uma chama dourada, que a Curadora tradicionalmente carregava. Até que o cajado verdadeiro fosse recuperado da Torre Branca, elas teriam que passar sem ele. Sheriam estivera esperando um discurso bem mais longo, e olhou para Egwene com nítida exasperação. Nas filas de Votantes, as expressões de Romanda e Lelaine permaneceram impassíveis. Cada qual tinha sido muito enfática em sua sugestão para Curadora, e era desnecessário dizer que nenhuma das duas sugerira Sheriam.

Egwene respirou e se voltou para a multidão que esperava.

— Em honra a este dia, decreto que todas as Aceitas e noviças estão absolvidas de suas penitências. — Essa era uma tradição, e o anúncio gerou gritos de júbilo apenas de garotas vestidas de branco e de algumas Aceitas que ficaram felizes demais para se lembrarem de agir com decoro. — Em honra a este dia, decreto que Theodrin Dabei, Faolain Orande, Nynaeve al’Meara e Elayne Trakand, a partir de agora, estão elevadas ao xale, tornando-se irmãs completas e Aes Sedai. — A frase foi recebida com uma espécie de silêncio questionador e murmúrios aqui e ali. Essa parte não estava nem um pouco de acordo com os costumes. Longe disso. Mas agora a ordem já fora proferida, e foi bom Morvrin ter mencionado Theodrin e Faolain. Hora de retornar ao que as mulheres lhe haviam escrito. — Decreto que este é um dia de festa e celebração. Que não

se realize nenhum trabalho além do necessário para a alegria. Que a Luz brilhe sobre todos vocês e que a mão do Criador os proteja. — A última parte acabou engolida por um clamor tão alto que sobrepujou a tessitura que transportava as palavras de Egwene. Algumas pessoas começaram a dançar ali mesmo na rua, embora mal houvesse espaço para se mexer.

A plataforma de Ar talvez tenha baixado um tantinho mais rápido do que ascendera. As Votantes fitavam-na quando ela desceu, e o brilho de *saidar* das mulheres se apagou assim que Egwene tocou o chão.

Sheriam disparou para agarrar o braço de Egwene, que sorria para as Votantes com suas expressões pétreas.

— Tenho que mostrar para a Amyrlin o gabinete dela. Me perdoem. — Egwene não diria exatamente que Sheriam quase a arrastou para dentro, mas também não podia dizer que não fora o caso. Não acreditava que Sheriam tentaria levá-la à força, mas achou melhor apanhar as saias com a mão livre e dar passadas mais largas para não correr o risco de descobrir.

O gabinete, nos fundos da sala de espera, acabou se mostrando um pouco menor que o quarto dela, com duas janelas, uma escrivaninha, uma cadeira de encosto vertical por trás e outras duas à frente. Mais nada. Carcomidos pelos besouros, os painéis das paredes haviam sido encerados e ganharam um brilho meio fosco, mas a mesa estava vazia. Havia um pequeno tapete florido no chão.

— Perdoe-me se fui abrupta, Mãe — desculpou-se Sheriam, soltando o braço de Egwene —, mas achei que deveríamos conversar em particular antes que você falasse com qualquer uma das Votantes. Todas ajudaram na preparação do seu discurso e...

— Eu sei que fiz algumas mudanças — disse Egwene com um largo sorriso —, mas eu me sentiria uma idiota ali em cima, falando sem parar. — *Todas* elas tinham ajudado? Então não era de se surpreender que o discurso parecesse escrito por uma velha pomposa que não sabia calar a boca. Egwene quase gargalhou. — Seja como for, eu disse o que precisava ser dito, a alma do discurso. Elaida precisa ser deposta, e eu vou liderá-las para cumprir nosso objetivo.

— Certo — concordou Sheriam sem muita certeza —, mas pode ser que haja algumas perguntas sobre algumas das outras... mudanças. Theodrin e Faolain com certeza vão ser elevadas a Aes Sedai assim que tivermos de volta a Torre e o Bastão dos Juramentos, e é bem provável que Elayne também, mas Nynaeve ainda não consegue nem acender uma vela sem primeiro puxar a trança na cara das pessoas.

— Era exatamente esse ponto que eu queria levantar — intrometeu-se Romanda, entrando sem bater. — Mãe — acrescentou, após uma pausa bem evidente. Lelaine também chegou e quase bateu na cara de várias outras Votantes.

— Me pareceu a coisa certa a se fazer — ponderou Egwene, arregalando os olhos. — Pensei nisso ontem à noite. Fui elevada a Aes Sedai sem ter sido testada e sem fazer os Três Juramentos, e, se eu fosse a única, isso me tornaria uma exceção. Com outras quatro, já não vai mais parecer tão estranho. Não para quem está aqui, pelo menos. Elaida pode tentar tirar algum proveito disso quando ficar sabendo, mas a maioria das pessoas sabe tão pouco sobre as Aes Sedai que, de um jeito ou de outro, não vai nem saber no que acreditar. O que mais importa nisso tudo são as pessoas. Elas precisam confiar em mim.

Qualquer pessoa que não fosse Aes Sedai teria ficado boquiaberta. Romanda, por sua vez, quase gaguejou.

— Pode até ser verdade — começou a dizer Lelaine, em tom irritado, dando um puxão em seu xale de bordas azuis, e então parou. *Era verdade*. Mais que isso, o Trono de Amyrlin decretara publicamente que aquelas mulheres eram Aes Sedai. O Salão talvez conseguisse mantê-las como Aceitas, ou o que quer que Theodrin e Faolain fossem, mas não podia apagar memórias e não evitaria que todos soubessem que elas haviam se mostrado contrárias à Amyrlin em seu primeiro dia. Seria uma maneira de garantir que as pessoas jamais confiassem em Egwene.

— Eu espero, Mãe — ponderou Romanda com a voz firme —, que, na próxima vez, você primeiro

consulte o Salão. Ir contra os costumes pode ter consequências inesperadas.

— Ir contra a lei pode ter consequências infelizes — afirmou Lelaine sem rodeios, acrescentando, atrasada: — Mãe. — Aquilo era um absurdo, ou perto disso. As condições para alguém ser elevada a Aes Sedai estavam definidas pela lei, era um fato, mas a Amyrlin podia decretar quase tudo o que quisesse. Ainda assim, uma Amyrlin sábia não compraria brigas com o Salão, a menos que fosse inevitável.

— Ah, no futuro eu vou consultar, sim — respondeu Egwene, séria. — Mas me pareceu a forma correta de agir. Agora vocês me dão licença, por favor? Eu realmente preciso conversar com a Curadora.

As mulheres quase estremeceram. As medidas foram discretas, as palavras de despedida perfeitamente corretas no que dizia respeito a palavras, mas resmungadas, no caso de Romanda, e, no de Lelaine, pronunciadas em tom cortante.

— Você se saiu muito bem — disse Sheriam depois que as mulheres se retiraram. Parecia surpresa. — Mas é preciso ter em mente que o Salão pode criar problemas para qualquer Amyrlin. Um dos motivos para eu ser a sua Curadora é poder aconselhá-la e mantê-la bem longe desse tipo de problema. É melhor você me perguntar antes de decretar as coisas. E, caso eu não esteja por perto, pergunte para Myrelle, Morvrin e as outras. Estamos aqui para ajudá-la, Mãe.

— Eu compreendo, Sheriam. Prometo escutar com atenção qualquer coisa que vocês disserem. Eu gostaria de falar com Nynaeve e Elayne, se for possível.

— Deve ser — disse Sheriam, sorrindo —, embora eu talvez tenha que arrancar Nynaeve de alguma Amarela. Siuan está vindo ensinar você a etiqueta da função de Amyrlin, e há muito o que aprender sobre esse assunto, mas vou dizer para ela vir um pouco mais tarde.

Depois que Sheriam saiu, Egwene ficou olhando para a porta. Em seguida, virou-se e ficou encarando a mesa. Absolutamente vazia. Nenhum relatório para ser lido, nenhum registro a estudar. Nem mesmo caneta e tinta para escrever um bilhete, muito menos um decreto. E Siuan vindo dar aulas sobre etiqueta.

Quando ouviu uma tímida batidinha na porta, ela ainda estava ali de pé.

— Entre — respondeu, imaginando se seria Siuan ou, quem sabe, uma serviçal trazendo bolo de mel já devidamente cortado em pedacinhos para o lanche.

Hesitante, Nynaeve pôs a cabeça para dentro, e então Elayne empurrou-a gabinete adentro. Lado a lado, ambas executaram medidas perfeitas, profundas, abrindo as saias brancas de barras listradas e murmurando:

— Mãe.

— Não façam isso, por favor — reprovou Egwene. Na verdade, saiu mais como uma lamentação. — Vocês são as duas únicas amigas que eu tenho, e se começarem... — Luz, Egwene estava quase a ponto de chorar!

Elayne antecipou-se ao choro por muito pouco e abraçou Egwene. Nynaeve ficou calada e, nervosa, mexia e remexia um bracelete fino de prata.

— Ainda somos suas amigas, Egwene, mas você é o Trono de Amyrlin. Luz, eu lembro que um dia falei que você seria a Amyrlin, quando eu fosse... — Elayne não terminou a frase, fazendo uma leve careta. — Bem, em todo caso, você é. Não podemos simplesmente chegar para a Amyrlin e dizer “Egwene, esse vestido me deixa gorda?”. Não seria adequado.

— Seria, sim — retrucou Egwene, resoluta. — Pelo menos quando estivermos a sós — acrescentou após um instante. — Quando estivermos só nós três, eu *quero* que vocês me digam se um vestido me deixa gorda ou se... ou o que vocês quiserem. — Sorrindo para Nynaeve, ela deu um puxão bem delicado na trança da mulher. Nynaeve tomou um susto. — E quero que você dê puxões na sua trança perto de mim, se sentir vontade. Preciso de amigas, de alguém que não veja apenas essa... essa maldita estola o tempo todo, ou eu vou acabar ficando louca. Falando em vestidos, por que vocês ainda estão com esses? Eu tinha certeza de que, a esta altura, vocês já poderiam ter se trocado.

Nynaeve realmente deu um puxão na trança ao ouvir isso.

— Aquela Nisao me falou que devia ter sido um erro qualquer e me arrastou com ela, dizendo que não iria desperdiçar a sua vez só por causa de uma celebração. — Do lado de fora, os sons dos festejos começavam a aumentar, um burburinho indistinto, alto o bastante para penetrar as paredes de pedra, além de uma música ecoando ao longe.

— Não houve erro nenhum, ora — contestou Egwene. Era a vez de Nisao? Bem, não era o melhor momento para pedir explicações. Nynaeve não parecia nada feliz, e Egwene queria que a ocasião fosse o mais alegre possível. Puxando a cadeira de trás da mesa, viu duas almofadas gorduchas de retalhos no assento e sorriu. Chesa. — Nós vamos nos sentar aqui e conversar, e depois eu vou ajudar vocês a encontrar os dois melhores vestidos de Salidar. Me falem sobre essas descobertas de vocês. Anaiya tocou no assunto e Sheriam também, mas não consegui fazer as duas sossegarem por tempo suficiente para me contar os detalhes.

Ao mesmo tempo, as duas fizeram uma pausa antes de se sentar e se entreolharam. Por algum motivo, pareciam relutantes em falar sobre qualquer coisa que não fosse Nynaeve ter Curado Siuan e Leane — Nynaeve repetiu três vezes, e com bastante nervosismo, que Curar Logain havia sido um acidente — e sobre Elayne ter aprendido a fazer *ter'angreal*. Eram feitos notáveis, em especial o de Nynaeve, mas não havia muito o que elas pudessem contar, e Egwene não podia apenas continuar repetindo que elas haviam feito coisas maravilhosas e ela estava com inveja. A demonstração de Nynaeve não durou muito. Egwene não tinha a menor aptidão para Cura, e menos ainda, em particular, para aquela complicada tapeçaria que Nynaeve tecia sem nem pensar. Embora tivesse certa afinidade com metais e fosse bastante forte tanto com o Fogo quanto com a Terra, Elayne perdeu a atenção dela quase de imediato. Claro que elas queriam saber como era a vida entre os Aiel. Pelas expressões surpresas e risadas chocadas, interrompidas de forma abrupta, Egwene não sabia se as amigas acreditaram em tudo o que contou, e ela com certeza deixou muito de fora. Falar nos Aiel as fez falar em Rand, naturalmente. As duas prestaram atenção durante toda a narrativa de Egwene sobre o encontro dele com as Aes Sedai. Concordaram que ele não sabia onde estava se metendo e que precisava de alguém para guiá-lo antes que caísse numa armadilha. Elayne achou que Min poderia ajudar nesse sentido, assim que a missão diplomática chegasse a Caemlyn — foi a primeira notícia que Egwene tivera de que Min estava com ele, ou que estivera em Salidar —, embora, na realidade, Elayne parecesse desanimada. E ela acabou resmungando algo bem estranho, como se estivesse repetindo uma verdade desagradável.

— Min é uma mulher melhor que eu. — Por algum motivo, aquilo suscitou um olhar de compaixão da parte de Nynaeve. — Eu queria que *eu* estivesse lá — prosseguiu Elayne com uma voz mais forte. — Para guiá-lo, quero dizer. — Seu olhar passou de Egwene para Nynaeve, e suas bochechas ficaram vermelhas. — Ah, e por outros motivos também. — Nynaeve e Egwene começaram a gargalhar tanto que quase caíram das cadeiras, e Elayne se juntou às duas quase de imediato.

— Isso, sim, é algo que vale a pena contar, Elayne — brincou Egwene, sem fôlego, ainda tentando se recuperar. Foi quando percebeu exatamente o que iria dizer, e por quê. Luz, em que enrascada ela havia se metido, e enquanto gargalhava! — Eu lamento pela sua mãe, Elayne. Você não imagina o quanto eu gostaria de ter oferecido as minhas condolências antes. — Elayne pareceu confusa, como seria de se esperar. — A questão é que Rand pretende conceder a você o Trono do Leão e o Trono do Sol. — Para a surpresa de Egwene, Elayne se empertigou na cadeira.

— Ah, é, é? — indagou, a voz serena e impassível. — Ele pretende me conceder os dois. — Ergueu o queixo de leve. — Eu tenho direito de reivindicar o Trono do Sol, de certa forma, e se optar por fazer isso, vou fazer isso por conta própria. Quanto ao Trono do Leão, quem Rand al'Thor pensa que é para me *conceder* o que é meu por direito?

— Não foi isso que ele quis dizer — protestou Egwene. *Será que foi?* — Ele ama você, Elayne. Eu sei que

ama.

— Quem dera fosse simples assim — resmungou Elayne. Egwene não sabia o que a amiga queria dizer com aquilo.

Nynaeve fungou com desdém.

— Os homens sempre se justificam falando que não era bem “isso” que eles queriam dizer. Daria até para pensar que falam outra língua.

— Quando eu puser as mãos nele de novo — disse Elayne com determinação —, vou ensiná-lo a falar a língua certa. Me *conceder*! Como ousa!

Egwene teve que se esforçar ao máximo para não cair na gargalhada de novo. Na próxima vez que Elayne pusesse as mãos em Rand, estaria ocupada demais procurando um cantinho isolado para pensar em ensinar alguma coisa. Era como nos velhos tempos.

— Agora que é Aes Sedai, pode ir até ele na hora em que quiser. Ninguém pode impedir você.

As duas se entreolharam de novo.

— O Salão não vai deixar ninguém simplesmente arrumar a mala e ir embora — ponderou Nynaeve. — E, mesmo que ela pudesse partir, nós encontramos algo que eu acho mais importante.

Elayne assentiu.

— Também acho. Vou admitir: a primeira coisa que me passou pela cabeça quando ouvi você ser anunciada como Amyrlin foi que, agora, eu e Nynaeve talvez pudéssemos ir procurar nós mesmas. Bem, a segunda. A primeira foi uma espécie de alegria estarrecida.

Egwene apenas piscou, confusa.

— Vocês encontraram algo. Mas agora precisam ir procurar. — Inclinando-se para a frente, as duas quase se atropelaram para responder.

— Encontramos — explicou Elayne —, mas só em *Tel'aran'rhiod*.

— Nós usamos a necessidade como guia — acrescentou Nynaeve. — Nós, com certeza, precisávamos de *algo*.

— É uma tigela — continuou Elayne —, um *ter'angreal*, e eu acho que pode ser forte o bastante para alterar o clima.

— Só que a tigela está em algum ponto de Ebou Dar, num labirinto tenebroso de ruas sem nenhuma placa ou qualquer coisa que ajude. O Salão mandou uma carta para Merilille, mas ela nunca vai encontrar sozinha.

— Ainda mais porque ela deve estar ocupada convencendo a Rainha Tylin de que a *verdadeira* Torre Branca está aqui.

— Nós dissemos a elas que um homem precisava participar da canalização. — Nynaeve suspirou. — Claro que isso foi antes de Logain, apesar de eu achar que elas não confiariam nele.

— Não precisa de um homem, na verdade — emendou Elayne. — Nós só queríamos fazê-las acreditar que elas *precisavam* de Rand. Não sei quantas mulheres são necessárias de fato. Talvez um círculo completo com treze.

— Elayne diz que ele é muito poderoso, Egwene. Poderia consertar o clima. Eu ficaria feliz se encontrássemos só por eu poder voltar a escutar o vento direito.

— A tigela *pode* consertar as coisas, Egwene. — Elayne trocou olhares alegres com Nynaeve. — Tudo o que você precisa fazer é nos mandar a Ebou Dar.

O turbilhão cessou, e Egwene tornou a se recostar em sua cadeira.

— Vou fazer o possível. Pode ser que não haja objeções, agora que vocês são Aes Sedai. — Porém ela teve a sensação de que haveria. Elevá-las parecera uma decisão ousada, mas Egwene estava começando a acreditar que não era assim tão simples.

— O que for possível? — contestou Elayne, incrédula. — Você é o Trono de Amyrlin, Egwene. Basta você dar a ordem, e todas as Aes Sedai pulam na hora para obedecer. — Ela abriu um sorrisinho rápido. — Diga “pule” e eu provo para você.

Fazendo careta, Egwene se remexeu nas almofadas.

— Eu sou a Amyrlin, mas... Elayne, Sheriam não precisa se esforçar muito para se lembrar de uma noiva chamada Egwene, olhando para tudo com os olhos arregalados e sendo mandada passar o ancinho no Jardim Novo só por ter comido maçãs depois da hora de ir para a cama. Ela pretende me pegar pela mão e me guiar a cada passo, ou talvez até me levar arrastada pela orelha. Romanda e Lelaine queriam ser a Amyrlin, as duas, e também ainda se lembram muito bem daquela noiva. E elas pretendem me dizer por onde andar tanto quanto Sheriam.

Preocupada, Nynaeve franziu a testa, mas Elayne ficou indignada.

— Não pode deixá-las simplesmente... *intimidarem você*. Você é a *Amyrlin*. É a Amyrlin quem diz para o Salão como proceder, e não o contrário. Você precisa mostrar autoridade e fazê-las verem o Trono de Amyrlin, não a noiva.

A gargalhada de Egwene teve um quê de amargura. Havia sido mesmo na noite anterior que ela tinha se sentido tão resistente contra intimidações?

— Isso vai levar um pouco de tempo, Elayne. Veja só, eu finalmente entendi por que elas me escolheram. Em parte por Rand, eu acho. Talvez elas acreditem que ele vai nos dar ouvidos mais fácil se me vir usando a estola. O outro motivo é por elas *se lembrarem* daquela noiva. Uma mulher, ou melhor, uma garota! E que está tão acostumada a fazer o que mandam que será fácil fazê-la agir como elas querem. — Ela passou o dedo na estola listrada ao redor do pescoço. — Bem, quaisquer que tenham sido as razões delas, elas me escolheram como Amyrlin, e eu pretendo *ser* a Amyrlin, mas preciso tomar cuidado, pelo menos de início. Talvez Siuan fizesse o Salão pular toda vez que franzia o rosto — Egwene ficou se perguntando se aquilo era verdade mesmo —, mas, se eu tentar fazer o mesmo, posso virar a primeira Amyrlin deposta um dia depois de ter sido elevada.

Elayne parecia atônita, mas Nynaeve assentiu devagar com a cabeça. Ter sido Sabedoria e lidado com o Círculo das Mulheres em Dois Rios talvez tivesse lhe dado uma noção melhor do real funcionamento do Trono de Amyrlin e do Salão da Torre do que todo o treinamento de Elayne como Filha-herdeira.

— Quando a notícia se espalhar e os governantes souberem a meu respeito, Elayne, vou poder começar a fazer o Salão perceber que elas escolheram uma Amyrlin, e não um fantoche, mas, até lá, elas de fato poderiam arrancar essa estola de mim tão rápido quanto me deram. Se eu não sou mesmo uma Amyrlin, ora, então não é difícil se ver livre de mim. Poderia haver alguns resmungos contrários, mas eu não tenho dúvida de que elas conseguiriam calá-los bem depressa. Se qualquer pessoa fora de Salidar ouvisse falar algum dia que alguém chamada Egwene al’Vere foi elevada a Amyrlin, não passaria de um daqueles boatos estranhos que surgem sobre as Aes Sedai.

— O que você vai fazer? — perguntou Elayne bem baixinho. — Você não vai aceitar isso tão fácil.

As palavras fizeram Egwene abrir um sorriso sincero. Não era uma pergunta, mas uma afirmação contundente.

— Não, eu não vou. — Ela escutara vários sermões de Moiraine para Rand a respeito do Jogo das Casas. À época, pensava que o Jogo era algo absurdo, pior que uma trama ardilosa. Mas ali estava ela desejando que pudesse se lembrar de tudo o que ouvira. Os Aiel sempre diziam: “Use as armas que tiver.” — O fato de elas estarem tentando apertar três coleiras diferentes no meu pescoço pode ser útil. Eu posso fingir que estou sendo conduzida por uma ou por outra, dependendo de qual esteja mais perto do que eu mesma quero fazer. De vez em quando, posso fazer o que eu bem entender, como fiz quando elevei vocês duas, mas ainda não com tanta frequência. — Ela endireitou os ombros e as encarou. — Eu gostaria de afirmar que elevei vocês duas

porque vocês mereceram, mas a verdade é que eu fiz isso porque vocês são minhas amigas e porque eu espero que, como irmãs completas, vocês possam me ajudar. Realmente não sei mais em quem posso confiar além de vocês duas. Vou mandar vocês para Ebou Dar assim que puder, mas, antes e depois disso, vocês são as duas pessoas com quem eu posso conversar. Sei que vão me dizer a verdade. A tal viagem a Ebou Dar pode não demorar tanto quanto vocês talvez estejam pensando. Vocês duas andaram descobrindo todo tipo de coisas, foi o que eu ouvi dizer, mas, se eu conseguir desvendar algumas coisas, posso também ter feito minha própria descoberta.

— Vai ser maravilhoso — disse Elayne, embora seu tom de voz fosse quase distraído.



QUANDO A BATALHA COMEÇA

O silêncio que se seguiu foi muito peculiar, e Egwene não conseguia entender o porquê. Elayne olhou para Nynaeve, e então ambas fitaram o fino bracelete de prata de Nynaeve. A amiga mais velha finalmente se voltou para Egwene, de olhos bem arregalados, e logo voltou a encarar o chão.

— Tenho uma confissão — disse ela, quase sussurrando. Sua voz se manteve baixa, mas as palavras saíram feito uma rajada. — Eu capturei Moghedien. — Sem levantar os olhos, ergueu o pulso onde estava o bracelete. — Isso é um *a'dam*. Ela é nossa prisioneira, mas ninguém sabe. Exceto Siuan, Leane e Birgitte. E agora você.

— Fomos obrigadas — explicou Elayne, inclinando-se para a frente. — Elas a teriam executado, Egwene. Sei que seria merecido, mas ela sabe coisas sobre as quais nem sonhamos. Foi assim que fizemos todas as nossas *descobertas*. Exceto Nynaeve ter Curado Siuan, Leane e Logain, e o meu *ter'angreal*. Elas a teriam executado sem tentar aprender nada!

As perguntas que vieram à mente de Egwene foram tantas que ela quase ficou tonta. Elas haviam capturado uma Abandonada? Como? Elayne fizera um *a'dam*? Egwene sentiu um calafrio e mal conseguiu olhar para o bracelete. Não se parecia em nada com o *a'dam* que ela conhecia até bem demais. Ainda assim, como as duas tinham conseguido esconder uma Abandonada entre tantas Aes Sedai? Uma Abandonada fora feita prisioneira. Não tinha sido julgada nem executada. Desconfiado do jeito que estava, se algum dia Rand descobrisse aquilo, jamais voltaria a confiar em Elayne.

— Quero falar com ela — acabou por dizer, sem emoção. Nynaeve pulou da cadeira e saiu correndo para buscar Moghedien. Os ruídos de celebração, risadas, músicas e canções entraram por alguns instantes antes que a porta se fechasse. Egwene esfregou a têmpora. Uma Abandonada. — É um baita segredo para se guardar.

As bochechas de Elayne enrubesceram. Por quê, sob a Luz...? Claro.

— Elayne, não tenho nenhuma intenção de fazer perguntas sobre... sobre ninguém de quem eu não deveria saber a respeito.

A mulher de cabelos dourados se sobressaltou.

— Eu... Talvez eu possa contar. Mais tarde. Amanhã. Talvez. Egwene, você precisa me prometer que não vai dizer nada, para ninguém, a menos que eu deixe. Pouco importa o que você... o que você vir.

— Se é isso que você quer... — Egwene não entendia por que a amiga estava tão agitada. Não fazia a menor ideia. Elayne tinha um segredo do qual Egwene sabia, mas a descoberta não só fora por acaso como, desde então, ambas vinham fingindo que ainda se tratava de um segredo que só pertencia a Elayne. Ela se encontrara com Birgitte, a heroína das lendas, em *Tel'aran'rhiod*. Talvez ainda se encontrassem. Mas... Nynaeve havia revelado algo mais. Birgitte sabia a respeito de Moghedien. Será que ela estava mesmo falando da mulher esperando em *Tel'aran'rhiod* até que a Trombeta de Valere a convocasse de volta? Será que *Nynaeve* sabia do segredo que Elayne se recusara a admitir para Egwene mesmo após ela ter sido descoberta? Não. Egwene deixou o pensamento de lado. Não queria que aquilo se transformasse em uma rodada de acusações e negativas.

— Elayne, eu sou a Amyrlin, a Amyrlin de fato, e já tenho planos. As Sábias que conseguem canalizar manejam boa parte das suas tessituras de modo diferente das Aes Sedai. — Elayne já sabia das Sábias, apesar de, agora que fazia uma pausa e pensava no assunto, Egwene não saber dizer se as Aes Sedai também sabiam. As outras Aes Sedai, no caso. — Às vezes, o que elas executam é mais complicado ou mais rudimentar, porém algumas vezes é mais simples do que como nos ensinaram na Torre e funciona tão bem quanto.

— Você quer que as Aes Sedai estudem com as Aiel? — A boca de Elayne se retorceu como se a amiga estivesse prestes a rir. — Egwene, elas *nunca* vão concordar com isso, nem se você viver mil anos. Mas suponho que, quando ficarem sabendo, elas vão querer testar as garotas Aiel para ver se poderiam virar noviças.

Ajeitando-se em suas almofadas, Egwene hesitou. As Aes Sedai estudando com as Sábias, como aprendizes? Impossível, mas Romanda e Lelaine, em especial, poderiam se beneficiar de algumas aulas sobre *ji'e'toh*. E Sheriam, e Myrelle, e... Ela encontrou um jeito mais confortável de se sentar e desistiu das suas fantasias.

— Duvido que as Sábias fossem concordar com a ideia de garotas Aiel virarem noviças. — Algum dia talvez tivessem concordado, mas com certeza não àquela altura. No momento, o máximo que Egwene podia esperar era que elas falassem com as Aes Sedai de maneira civilizada. — Pensei em algum tipo de parceria. Existem menos de mil Aes Sedai, Elayne. Se a gente contar com as que ainda estão no Deserto, acho que existem mais Sábias capazes de canalizar do que Aes Sedai. Talvez bem mais. Seja como for, elas não perdem nenhuma que nasceu com a centelha. — Quantas mulheres haviam morrido neste lado da Espinha do Dragão só porque, de repente, conseguiam canalizar, talvez sem nem perceber, e não havia ninguém para ensinar a elas? — Quero trazer mais mulheres, Elayne. Que tal mulheres capazes de aprender, mas que não foram encontradas por nenhuma Aes Sedai antes que as considerassem velhas demais para se tornar noviças? Eu acho que, se a mulher quiser aprender, precisamos deixá-la tentar, mesmo que já tenha quarenta ou cinquenta anos, ou que seus netos já tenham netos.

Elayne gargalhou tanto que chegou a abraçar a própria barriga.

— Ah, Egwene, as Aceitas vão *adorar* dar aula para essas suas noviças.

— Elas vão ter que aprender a gostar — retrucou Egwene com firmeza. Ela não via problema algum. As Aes Sedai sempre disseram que às vezes a pessoa era velha demais para se tornar uma noviça, mas se a pessoa quisesse aprender... Elas já haviam mudado parcialmente de ideia. Na multidão, Egwene tinha visto rostos mais velhos que o de Nynaeve usando o branco das noviças. — A Torre sempre foi severa demais na hora de excluir pessoas, Elayne. Se você não for forte o bastante, elas a mandam embora. Recuse-se a fazer o teste e você é expulsa. Se fizer o teste, mas não passar, adeus. Elas deveriam ter permissão para ficar, se quisessem.

— Mas os testes existem para garantir que sejamos fortes o bastante — protestou Elayne. — Não só com o Poder Único, mas por dentro. Você com certeza não vai querer Aes Sedai que vão se entregar ou

desistir no primeiro obstáculo, não é? Ou então Aes Sedai que mal conseguem canalizar.

Egwene fungou com desdém. Sorilea teria sido mandada embora da Torre sem nem fazer o teste para Aceita.

— Talvez elas não possam ser Aes Sedai, mas isso não significa que sejam inúteis. Afinal, já se confia que essas mulheres são capazes de usar o Poder com certo discernimento, ou elas não seriam liberadas da Torre. O meu sonho é que todas as mulheres capazes de canalizar estejam conectadas com a Torre de alguma forma. Absolutamente todas.

— Até as Chamadoras de Ventos? — Elayne se encolheu quando Egwene assentiu com a cabeça.

— Você não as traiu, Elayne. Não consigo acreditar que elas tenham conseguido guardar segredo por tanto tempo.

Elayne soltou um suspiro profundo.

— Bem, o que está feito, está feito. “O mel não volta para o favo”, como dizem por aí. Mas se essas suas Aiel tiverem uma proteção especial, o Povo do Mar também deveria ter. Deixe as Chamadoras ensinarem as garotas delas. As mulheres do Povo do Mar também não devem ser levadas por Aes Sedai contra a sua vontade.

— De acordo. — Egwene cuspiu na palma da mão e estendeu-a, e, após um momento, Elayne cuspiu na dela e sorriu quando as duas apertaram as mãos para selar o pacto.

O sorriso foi sumindo devagar.

— Isso tem a ver com Rand e a anistia dele, Egwene?

— Em parte. Elayne, como esse homem consegue ser tão...? — Não sabia como concluir a frase, e a amiga também não sabia como responder, de qualquer forma. A outra mulher apenas assentiu com um quê de tristeza, talvez também de compreensão, concordância ou ambos.

A porta se abriu, e uma mulher forte trajando lã escura apareceu trazendo uma bandeja de prata com três copos e um jarro de prata de gargalo comprido contendo vinho. Tinha um rosto sofrido, o rosto da mulher de um fazendeiro, mas seus olhos escuros reluziam enquanto ela analisava Egwene e Elayne com um olhar irrequieto. Egwene mal teve tempo de se sentir surpresa ao ver o colar de prata apertado no pescoço da mulher, apesar do vestido sem graça; Nynaeve entrou depois dela e fechou a porta. Devia ter corrido feito o vento, já que havia encontrado tempo para trocar o vestido de Aceita por um de seda azul-marinho bordado com ornamentos dourados ao longo da gola e da bainha. Não era nem de perto tão decotado quanto o que Berelain usava, mas, ainda assim, era consideravelmente mais revelador do que Egwene esperava ver em Nynaeve.

— Essa é *Marigan* — disse Nynaeve, puxando a trança por cima do ombro em um movimento ensaiado. Seu anel dourado da Grande Serpente estava na mão direita.

Egwene teve o impulso de perguntar por que ela enfatizou tanto o nome, quando, de repente, percebeu que o colar de “Marigan” combinava com o bracelete no pulso de Nynaeve. Não conseguiu deixar de encarar. A mulher certamente não se parecia em nada com o que ela esperaria de uma Abandonada. Egwene disse exatamente isso e Nynaeve gargalhou.

— Veja só, Egwene.

Ela fez mais que ver: quase saltou da cadeira e abraçou *saidar*. Tão logo Nynaeve falou, o brilho já envolvia “Marigan”. Apenas por um instante, mas, antes que desaparecesse, a mulher no vestido simples de lã mudou por completo. Mudanças pequenas, na verdade, mas que, somadas, mostravam uma mulher completamente diferente, de traços fortes porém belos, e nem um pouco acabada — uma mulher orgulhosa e até majestosa. Só os olhos permaneciam os mesmos, com um brilho perigoso, mas, apesar de inquietos, Egwene era capaz de acreditar que aquela mulher era Moghedien.

— Como? — Foi tudo o que disse. Egwene escutou com atenção quando Nynaeve e Elayne explicaram

como teciam disfarces e invertiam tessituras, mas seus olhos permaneceram em Moghedien. Ela *estava* orgulhosa e cheia de si, orgulhosa por voltar a ser ela mesma.

— Transformem de novo — ordenou Egwene assim que as duas terminaram a explicação. Uma vez mais, o brilho de *saidar* só durou uns poucos instantes e, assim que esvaneceu, não havia tessituras que ela conseguisse enxergar. Moghedien estava acabada e simples outra vez, uma mulher do campo que vivera uma vida difícil e que parecia mais velha do que a idade que tinha. Seus olhos negros fitavam Egwene, tomados pelo ódio e também, talvez, por asco dela própria.

Ao perceber que ainda abraçava *saidar*, Egwene se sentiu uma tola. Nem Nynaeve nem Elayne haviam abraçado a Fonte. Porém, Nynaeve estava usando aquele bracelete. Egwene se levantou sem tirar os olhos de Moghedien e estendeu a mão. Nynaeve pareceu até ansiosa para tirar aquela coisa do pulso, o que Egwene podia compreender.

Ao entregar o bracelete, Nynaeve disse:

— Ponha a bandeja na mesa, Marigan. E trate de se comportar bem. Egwene tem vivido com os Aiel.

Egwene virou o bracelete prateado em suas mãos, examinando-o, e tentou não sentir um calafrio. Um trabalho de muita astúcia, segmentado de modo tão inteligente que aparentava ser quase sólido. Ela já havia estado na outra extremidade de um *a'dam*. Um artefato Seanchan, com uma corrente de prata ligando o colar ao bracelete, mas, no fim das contas, a mesma coisa. Seu estômago agora estava agitado de um modo que não estivera nem diante do Salão nem da multidão, em um rebuliço que parecia tentar compensar a calma de antes. Em um gesto decidido, fechou o bracelete de prata em torno do pulso. Tinha alguma ideia do que esperar, mas, mesmo assim, quase pulou de susto. As emoções da outra mulher foram reveladas diante dela, além do seu estado físico, tudo reunido em uma porção delimitada de sua mente. Em especial, sentia um medo pulsante, mas o asco de si mesma que Egwene achava que percebera vibrava de maneira quase tão intensa quanto o medo. Moghedien não gostava da sua aparência atual. Talvez não gostasse, em especial, após o breve retorno a quem ela era de fato.

Egwene pensou em quem era aquela mulher diante de seus olhos: uma Abandonada, alguém cujo nome fora usado para atemorizar crianças durante séculos, uma mulher cujos crimes mereciam centenas de vezes a pena de morte. Pensou no conhecimento que havia naquela cabeça. Obrigou-se a sorrir. Um sorriso nada bonito. Não pretendia que fosse, mas acreditava que não teria conseguido mesmo que tivesse tentado.

— Ela falou a verdade. Eu estava vivendo entre os Aiel. Então, se você espera que eu seja tão bondosa quanto Nynaeve e Elayne, trate de esquecer. Dê um único passo em falso comigo e eu vou fazer você implorar pela morte. Só que eu não vou matar você. Só vou encontrar um jeito de tornar esse sofrimento permanente. Por outro lado, se você fizer algo pior que um único passo em falso... — Egwene foi abrindo ainda mais seu sorriso, até deixá-lo absolutamente ameaçador.

O medo ficou tão intenso que sobrepujou todas as outras emoções e chegou a tentar derrubar as paredes daquele espaço delimitado na mente de Egwene. De pé diante da mesa, Moghedien agarrou as saias com os nós dos dedos já esbranquiçados, tremendo visivelmente. Nynaeve e Elayne olhavam para Egwene como se jamais a tivessem visto. Luz, as duas esperavam que ela fosse educada com uma Abandonada? Sorilea amarraria a mulher em uma estaca sob o sol para obrigar Moghedien a obedecê-la, isso se simplesmente não lhe cortasse a garganta com as próprias mãos.

Egwene se aproximou de Moghedien. A outra mulher era mais alta, mas se curvou para trás, contra a mesa, derrubando os copos de vinho da bandeja e fazendo o jarro balançar. Egwene deixou a voz ainda mais fria — não que a diferença fosse muito grande.

— O dia em que eu perceber qualquer mentira sua, eu juro que executo você eu mesma. Preste atenção. Considerei a hipótese de viajar de um lugar para o outro fazendo um buraco, digamos, daqui até lá. Um buraco através do Padrão, de forma que não haja distância entre uma ponta e a outra. Vai funcionar?

— Não, nem com você nem com qualquer mulher — respondeu Moghedien na hora, sem fôlego. Àquela altura, o medo que fervia dentro dela estava estampado em seu rosto. — Os homens é que Viajam assim. — Ela estava se referindo a um dos Talentos perdidos. — Se você tentar, vai ser sugada para... Não sei o que é aquilo. O espaço entre os fios do Padrão, talvez. Acho que você não sobreviveria por muito tempo. Sei que jamais voltaria.

— Viajar — resmungou Nynaeve com desgosto. — Nunca pensamos em Viajar!

— Não mesmo. — Elayne não parecia mais satisfeita consigo mesma. — Fico me perguntando no que mais nós nunca pensamos.

Egwene as ignorou.

— Como, então? — perguntou com delicadeza. Uma voz calma era sempre melhor que gritaria.

Moghedien se encolheu como se ela tivesse gritado.

— Tornando os dois lugares idênticos no Padrão. Posso mostrar a você. Exige um certo esforço, por causa da... do colar, mas eu posso...

— Assim? — indagou Egwene, abraçando *saidar* e tecendo fluxos de Espírito. Desta vez, não estava tentando tocar no Mundo dos Sonhos, mas esperava um efeito parecido, caso desse certo. O que aconteceu foi bem diferente.

A fina cortina que ela teceu não produziu o efeito tremeluzente esperado e só durou um momento, antes de se fechar e estourar em uma linha vertical que, de repente, virou um rasgo de luz azul prateada. A própria luz se expandiu depressa, ou talvez, como pareceu para ela, se transformou em... algo. Ali, bem no meio do assoalho, havia um... portão, mas que nada tinha a ver com a imagem indistinta que ela tivera de *Tel'aran'rhiod* em sua tenda, um portão que se abria para uma terra tão arrasada pelo sol que a pior seca em Salidar ainda pareceria de uma diversidade exuberante. Pináculos de pedra e picos afiados avultavam-se sobre uma planície empoeirada cor de barro rasgada por fissuras e pontilhada por alguns arbustos de matagal que, mesmo à distância, tinham um aspecto espinhoso.

Egwene ficou encarando o portão. Dava para o Deserto Aiel, na metade do caminho entre o Forte das Pedras Frias e o vale de Rhuidean, um ponto onde era muito improvável que fosse haver alguém para vê-lo — ou se ferir. As precauções de Rand com seu aposento especial no Palácio do Sol serviram que ela também se precavesse — mas Egwene não tivera certeza se conseguiria alcançá-lo, apenas esperanças, e pensara que o portão consistiria em uma cortina tremeluzente.

— Luz! — respirou Elayne. — Você sabe o que fez, Egwene? Sabe? Eu acho que consigo também. Se você fizer a tessitura de novo, sei que vou me lembrar.

— Se lembrar do quê? — perguntou Nynaeve quase em tom choroso. — Como foi que ela conseguiu? Ah, *maldito* bloqueio idiota! Elayne, dê um chute no meu tornozelo. Por favor.

O rosto de Moghedien tinha ficado quieto demais. A incerteza corria pelo bracelete com quase a mesma intensidade que o medo. Decifrar emoções era bem diferente de ler palavras em uma página, mas aquelas duas estavam claras.

— Quem...? — Moghedien lambeu os lábios. — Quem lhe ensinou isso?

Egwene sorriu como tinha visto as Aes Sedai sorrirem. Ao menos, esperava ter transmitido mistério.

— Nunca tenha tanta certeza de que eu já não saiba a resposta — respondeu, fria. — Lembre-se. Você só vai mentir para mim uma única vez. — De repente, percebeu como aquilo poderia soar para Nynaeve e Elayne. Elas haviam capturado e mantido a mulher prisioneira em meio às circunstâncias mais impossíveis, arrancado dela todo tipo de informação. Virando-se para as duas, Egwene soltou uma risadinha triste. — Me desculpem. Não era a minha intenção tomar as rédeas de nada.

— Por que você deveria se desculpar? — Elayne exibia um largo sorriso. — *Espera-se* que você tome as rédeas, Egwene.

Nynaeve deu um puxão na trança e então olhou para o cabelo.

— Parece que nada funciona! Por que não consigo ficar com raiva? Ah, por mim, você pode ficar com ela. Não conseguimos levá-la para Ebou Dar, afinal. *Por que* eu não consigo ficar com raiva? Oh, sangue e malditas cinzas! — Seus olhos se arregalaram assim que se deu conta do que dissera, e ela cobriu a boca com a palma da mão.

Egwene deu uma olhada para Moghedien. A mulher estava colocando os copos novamente de pé e servindo o vinho com aroma de especiarias doces, mas algo passara pelo bracelete enquanto Nynaeve estava falando. Um choque, talvez? Talvez ela preferisse senhoras que já conhecia, em vez de uma que a ameaçou de morte quase que desde o primeiro instante.

Ouviram-se batidas firmes à porta, e Egwene soltou *saidar* às pressas. A abertura para o Deserto desapareceu.

— Entre.

Siuan deu um passo para dentro do gabinete e parou, analisando Moghedien, o bracelete no pulso de Egwene, Nynaeve e Elayne. Ao fechar a porta, fez uma reverência tão mínima quanto as de Romanda e Lelaine.

— Mãe, vim para instruí-la sobre etiqueta, mas se preferir que eu volte mais tarde... — Suas sobancelhas se ergueram de modo interrogativo.

— Pode ir — disse Egwene a Moghedien. Se Nynaeve e Elayne a deixavam à solta, o *a'dam* devia limitá-la de alguma maneira, ainda que não tanto quanto uma corrente. Correndo o dedo pelo bracelete, que ela odiava, mas que pretendia usar dia e noite, Egwene prosseguiu: — Mas fique por perto. Vou tratar uma tentativa de fuga como uma mentira. — O medo chegou em borbotões pelo *a'dam* enquanto Moghedien saía apressada. Aquilo poderia ser um problema. Como Nynaeve e Elayne tinham conseguido viver com aquelas torrentes de terror? Em todo caso, era assunto para depois.

Ela encarou Siuan e cruzou os braços.

— Não adianta fazer essa cara, Siuan. Eu sei de tudo. Filha.

Siuan inclinou a cabeça.

— Às vezes, saber algo não dá nenhum tipo de vantagem. Às vezes, significa apenas compartilhar o perigo.

— Siuan! — exclamou Elayne, parte chocada e parte em tom de ameaça, e, para a surpresa de Egwene, a outra mulher fez algo que ela nunca esperara ver Siuan Sanche fazer: ficou ruborizada.

— Você não pode esperar que eu me transforme em outra pessoa da noite para o dia — resmungou a mulher, irritada.

Egwene suspeitou de que Nynaeve e Elayne poderiam ajudar com o que ela tinha que fazer em seguida, mas, se fosse mesmo ser a Amyrlin, Egwene tinha de fazê-lo sozinha.

— Você deve estar louca para tirar esse vestido de Aceita, Elayne. Por que não vai dar um jeito nisso? E depois vá ver o que consegue descobrir sobre Talentos perdidos. Você também, Nynaeve.

As duas se entreolharam, deram uma olhadela para Siuan e se levantaram para fazer reverências perfeitas.

— Como ordenar, Mãe — murmuraram respeitosamente. Siuan não reagiu, apenas se manteve de pé, observando Egwene com uma expressão sarcástica enquanto as duas saíam.

Egwene tornou a abraçar *saidar*, por um breve instante, apenas para fazer a cadeira deslizar de volta para o seu lugar atrás da mesa, e então ajustou a estola e se sentou. Por um longo momento, ficou encarando Siuan em silêncio.

— Preciso de você — disse, por fim. — Você sabe o que é ser a Amyrlin, o que a Amyrlin pode e não

pode fazer. Você conhece as Votantes, como elas pensam, o que querem. Preciso de você e pretendo tê-la ao meu lado. Sheriam, Romanda e Lelaine podem achar que eu ainda uso o branco das noviças por debaixo desta estola, e talvez todas elas pensem assim, mas você vai me ajudar a mostrar para elas que não é o caso. Eu não estou pedindo, Siuan. Eu *vou* ter a sua cooperação. — Tudo o que se podia fazer, então, era esperar.

Siuan ficou olhando-a, então balançou de leve a cabeça e riu baixinho.

— Elas cometeram um erro muito grande, não foi? Eu errei primeiro, claro. A piabinha que elas iam servir como petisco no jantar acaba por se mostrar um lúcio do tamanho da sua perna. — Abrindo bem as saias, fez uma mesura profunda, inclinando a cabeça. — Mãe, me permita servi-la e aconselhá-la, por favor.

— Desde que você saiba que é só para aconselhar, Siuan. Já tem gente demais pensando que pode amarrar fios nos meus braços e nas minhas pernas como se eu fosse uma marionete. Não vou aceitar isso de você.

— Eu preferiria tentar amarrar fios em mim mesma — respondeu Siuan, seca. — Sabe, eu nunca gostei muito de você. Talvez fosse porque eu via muito de mim mesma em você.

— Nesse caso — ponderou Egwene em um tom de voz igualmente seco —, pode me chamar de Egwene. Quando estivermos sozinhas. Agora sente-se e me explique por que o Salão ainda está sentado de braços cruzados aqui e como posso colocá-las para trabalhar.

Siuan começou a puxar uma das cadeiras antes de se lembrar de que, naquele momento, poderia movê-la usando *saidar*.

— Elas estão paradas porque, quando descruzarem os braços, a Torre Branca vai estar dividida de verdade. Com relação a como colocá-las para trabalhar, o meu conselho é... — O conselho de Siuan tomou um bom tempo. Parte dele seguiu por caminhos que Egwene já tinha pensado, e todo ele pareceu muito bom.

* * *

Em seu quarto na Pequena Torre, Romanda servia chá de menta para três outras Votantes, só uma delas Amarela. O aposento ficava nos fundos, mas os barulhos da comemoração chegavam até lá. Romanda fazia questão de ignorá-los. Aquelas três estiveram prontas para apoiá-la para o Trono de Amyrlin, e votar pela garota havia sido, acima de tudo, uma maneira de evitar que Lelaine fosse elevada. Lelaine ficaria furiosa se algum dia descobrisse aquilo. Agora que Sheriam tinha posto sua garotinha no Trono, as três ainda estavam dispostas a ouvir. Especialmente após a decisão de elevar Aceitas ao xale por decreto. Aquilo tinha que ser obra de Sheriam. Ela e o grupinho dela haviam mimado as quatro. Fora ideia delas pôr Theodrin e Faolain acima das demais Aceitas, e, certa vez, elas também tinham sugerido o mesmo para Elayne e Nynaeve. Com a testa franzida, ela se perguntava por que Delana estava atrasada, mas deu início à reunião mesmo assim, após tecer alguns selos de proteção no quarto para evitar que alguém as bisbilhotasse com o Poder. Quando chegasse, Delana teria que pegar a conversa pelo meio. O que importava era que Sheriam iria aprender que não tinha tanto poder quanto pensava só por ter conseguido se tornar Curadora.

* * *

Em uma casa no outro lado de Salidar, Lelaine estava servindo vinho frio para quatro Votantes, só uma delas da Ajah Azul. Uma tessitura de *saidar* protegia o ambiente contra qualquer um que tentasse ouvir a conversa. Os sons da celebração a fizeram sorrir. As quatro mulheres que a acompanhavam haviam sugerido que ela própria tentasse se tornar o Trono de Amyrlin, e Lelaine não se mostrara relutante, mas se falhasse isso teria significado que, em vez dela, Romanda seria elevada, o que seria tão doloroso quanto ser exilada. Como Romanda rangeria os dentes se descobrisse algum dia que todas haviam votado na garota só para evitar que a

estola fosse parar nos ombros da própria Romanda. O que aquelas mulheres tinham se reunido para discutir, porém, era como diminuir a influência de Sheriam, que conseguira tomar para si a estola de Curadora. Que absurda aquela história de elevar Aceitas a Aes Sedai por meio do decreto da garota! O poder tinha subido à cabeça de Sheriam. Conforme a conversa prosseguiu, Lelaine começou a se perguntar onde estaria Delana. Àquela altura, já deveria ter chegado.

* * *

Delana estava sentada em seu quarto e encarava Halima, sentada na beira da cama de Delana. O nome Aran'gar jamais deveria ser utilizado. Por vezes, Delana temia que Halima fosse ficar sabendo mesmo que ela apenas pensasse nele. A proteção contra bisbilhotagem com o Poder era pequena, estendendo-se só a elas duas.

— Isso é uma loucura — conseguiu dizer, por fim. — Você não entende? Se eu continuar tentando apoiar todas as facções, mais cedo ou mais tarde elas vão descobrir!

— Todo mundo precisa correr alguns riscos. — A firmeza na voz da mulher contradizia o sorriso naquela boca macia. — E você vai continuar pressionando para Logain ser amansado de novo. Ou isso ou matá-lo. — Uma careta sutil acabou tornando a mulher, de alguma forma, ainda mais bonita. — Se elas algum dia o deixassem sair daquela casa, eu mesma resolveria a questão.

Delana não conseguia imaginar como, mas não duvidaria da mulher até vê-la falhar.

— O que eu não entendo é por que você está com tanto medo de um homem que vive com seis irmãs blindando-o de sol a sol.

Os olhos verdes de Halima ardiam de raiva quando ela se levantou de um pulo.

— Eu não estou com medo, e nunca mais insinue isso! Quero ver Logain apartado ou morto, e isso é tudo o que você precisa saber. Estamos entendidas?

Não foi a primeira vez que Delana considerou matar a outra mulher, mas, como sempre, teve uma incômoda certeza de que seria ela quem morreria. De alguma forma, Halima sabia quando ela abraçava *saidar*, mesmo que a própria Halima não conseguisse canalizar. O pior de tudo era a possibilidade de que, caso falhasse, Halima não a matasse por ainda precisar dela. Delana não conseguia imaginar o que ela poderia fazer em vez disso, mas a vaga ameaça já lhe dava calafrios. Ela deveria conseguir de matar a mulher ali, naquele momento.

— Estamos, Halima — respondeu, mansa, e sentiu ódio de si mesma.

* * *

— Que bondade a sua — murmurou Siuan, segurando a xícara para Lelaine acrescentar um pingüinho de conhaque em seu chá. O sol já se punha, avermelhado, mas as ruas lá fora ainda estavam em polvorosa. — Você não tem ideia do quanto é cansativo tentar ensinar etiqueta àquela garota. Ela parecia achar que, desde que se comportasse como uma Sabedoria da terra dela, tudo estaria bem. Achava que o Salão era como o Círculo das Mulheres ou algo do tipo.

Lelaine emitiu sons compreensivos em cima do próprio chá.

— Você falou que ela estava reclamando de Romanda.

Siuan deu de ombros.

— Sim, ela falou algo sobre Romanda insistir para ficarmos aqui, em vez de marchar contra Tar Valon, pelo que entendi. Luz, a garota tem o gênio de um bica-peixe na época do acasalamento. Fiquei com vontade

de agarrar os ombros dela e sacudi-la, mas claro que, agora, é ela que usa a estola. Bem, assim que eu terminar as aulas, não quero mais olhar na cara dela. Você se lembra...?

Sorrindo por dentro, Siuan observou Lelaine sorver suas armadilhas junto com o chá. Só a primeira frase havia sido realmente importante. Aquela parte sobre o temperamento difícil havia sido acréscimo dela, mas poderia servir para fazer algumas das Votantes tomarem um pouco mais de cuidado com Egwene. Além disso, ela suspeitava que pudesse ser verdade. Ela própria jamais voltaria a ser a Amyrlin, e tinha quase certeza de que tentar manipular Egwene seria tão fútil quanto tentar manipulá-la havia sido, e igualmente doloroso, mas ensinar uma Amyrlin a ser Amyrlin... Siuan ansiava por isso como não ansiara por nada em muito tempo. Egwene al'Vere seria uma Amyrlin que faria tronos tremerem.

* * *

— Mas e o meu bloqueio? — questionou Nynaeve, e Romanda franziu a testa para ela. Elas estavam no quarto da Votante na Pequena Torre, e aquele era o momento em que, de acordo com o esquema montado pelas Amarelas, Romanda deveria recebê-la. A música e as risadas lá fora pareciam irritar a Aes Sedai mais velha.

— Você não estava tão ansiosa para tratar disso antes. Ouvi dizer que você falou para Dagdara que também era Aes Sedai e que ela podia ir atrás de um lago para enfiar a cabeça.

O calor se intensificou no rosto de Nynaeve. Claro que seu gênio difícil sempre tinha que dificultar as coisas.

— Talvez eu só tenha me dado conta de que só porque virei Aes Sedai isso não significa que agora eu seja capaz de canalizar quando quero.

Romanda fungou com desdém.

— Aes Sedai. Seja como for, você ainda tem um longo caminho até chegar lá... Muito bem, então. Algo que ainda não tentamos até agora. Fique pulando num pé só. E conversar. — Ela se sentou numa poltrona entalhada perto da cama, ainda de cara feia. — Podemos fofocar, eu acho. Falar de coisas leves. Por exemplo, sobre o que foi que a Amyrlin disse que Lelaine queria conversar?

Por um momento, Nynaeve fitou-a de volta indignada. Pular num pé só? Aquilo era ridículo! Ainda assim, ela não estava ali por causa do bloqueio. Suspendeu as saias e começou a pular.

— Egwene... a Amyrlin... não falou muita coisa. Algo sobre ter que permanecer em Salidar. — Melhor que aquilo funcionasse, ou Egwene iria ouvir poucas e boas, sendo a Amyrlin ou não.

* * *

— Acho que este aqui vai funcionar melhor, Sheriam — disse Elayne, entregando um anel retorcido com manchas azuis e vermelhas que, naquela manhã, havia sido pedra. Na verdade, não era diferente de nenhum outro que ela confeccionara. Elas estavam afastadas da multidão, na entrada de uma viela estreita iluminada pelo sol vermelho. Em algum ponto atrás delas, músicos tocavam rabecas e flautas.

— Obrigada, Elayne. — Sheriam enfiou o *ter'angreal* na bolsinha do cinto sem nem olhar direito. Elayne finalmente conseguira a atenção de Sheriam quando a mulher fizera uma pausa para descansar da dança. Seu rosto estava um pouco avermelhado por debaixo de toda aquela serenidade de Aes Sedai, mas o olhar verde e límpido que fizera os joelhos de Elayne tremerem em seus tempos de noviça estava fixo no rosto da garota. — Por que eu estou com a sensação de que esse não é o único motivo para você ter vindo falar comigo?

Elayne fez uma careta, revirando o anel da Grande Serpente em sua mão direita. Mão direita. Ela não

podia esquecer que agora também era Aes Sedai.

— É sobre Egwene. Quer dizer, sobre a Amyrlin. Ela está preocupada, Sheriam, e eu pensei que talvez você pudesse ajudá-la. Você é a Curadora, e eu *não* sei a quem mais recorrer. Ainda estou um pouco perdida. Você sabe como Egwene é. Não diria um “ai” nem se o pé dela fosse amputado. Creio que o problema seja Romanda, embora ela tenha mencionado Lelaine. Acho que uma delas, ou ambas, não a deixa em paz, querendo que ela prometa ficar aqui em Salidar e não se deslocar por ser perigoso demais.

— É um bom conselho — ponderou Sheriam devagar. — Não sei desse perigo, mas é o conselho que eu mesma daria a ela.

Elayne deu de ombros com ar derrotado.

— Eu sei. Ela me falou que você disse isso, mas... Ela não admitiu com essas palavras, mas acho que Egwene está com um pouco de medo daquelas duas. Eu sei que ela agora é a Amyrlin, mas acho que elas fazem Egwene se sentir como uma noviça. Acho que Egwene tem medo de que, se fizer o que elas querem, mesmo que seja um bom conselho, as duas vão esperar que ela faça o mesmo numa próxima vez. Eu acho... Sheriam, ela está com medo de não conseguir dizer não na próxima vez, caso diga sim agora. E... e eu também estou com medo. Ela é o *Trono* de Amyrlin, Sheriam. Ela não deveria ter que obedecer a Romanda, a Lelaine e nem a ninguém. Só *você* pode ajudá-la. Não sei como, mas você é a única que pode ajudar.

Sheriam ficou quieta por tanto tempo que Elayne começou a achar que a outra mulher iria lhe dizer que tudo aquilo era ridículo.

— Vou fazer o que puder — garantiu Sheriam, por fim.

Elayne sufocou um suspiro de alívio antes de perceber que não teria atrapalhado a atuação.

* * *

Inclinada para a frente, Egwene estava com os braços apoiados nas laterais da banheira de cobre, sem prestar atenção na tagarelice de Chesa, que lhe esfregava as costas. Ela havia sonhado com um banho de verdade, mas o fato era que estar sentada naquela água com sabão, aromatizada com um óleo floral, lhe causava certa estranheza depois das tendas de vapor Aiel. Ela dera seu primeiro passo como Amyrlin, comandara seu exército em desvantagem e iniciara seu ataque. Lembrava-se de ouvir Rhuarc dizer que, uma vez que a batalha começasse, um comandante já não tinha mais nenhum controle sobre os acontecimentos. Àquela altura, tudo o que podia fazer era esperar.

— Mesmo assim — afirmou baixinho para si mesma —, acho que as Sábias estariam orgulhosas.





UM SÚBITO DESÂNIMO

O sol calcinante ainda subia por trás de Mat. Estava feliz por seu chapéu de aba larga lhe garantir uma pequena sombra no rosto. O inverno deixava as árvores da floresta altarana desfolhadas e mais marrons do que seria de se esperar na estação. Pinheiros, folhas-de-couro e outras árvores perenes tinham um aspecto ressequido, enquanto carvalhos, freixos e liquidâmbares estavam completamente pelados. O meio-dia ainda estava por vir, assim como o pior do calor, e o dia já parecia um forno. O manto de Mat estava jogado por cima dos alforjes, mas o suor deixava sua fina camisa de linho grudada no corpo. As patas de Pips esmigalhavam as samambaias mortas e as folhas caídas que cobriam o solo, e o deslocar do Bando fazia o chão da mata estalar. Poucas aves davam as caras, não passando de lampejos rápidos em meio aos galhos, e não se viam esquilos. Havia moscas, no entanto, além de picadinhas, como se se estivesse no auge do verão, e não a menos de um mês da Festa das Luzes. Nada diferente do que Mat encontrara lá no Erinin, na realidade, mas se ver diante daquilo até mesmo naquela região o deixava desconfortável. O mundo inteiro estaria realmente em chamas?

Aviendha ia caminhando ao lado de Pips com sua trouxa às costas, não parecendo incomodada nem com as árvores moribundas nem com as moscas que os picavam, além de fazer muito menos barulho do que o cavalo, apesar das saias. Seus olhos vasculhavam as árvores do entorno como se ela não confiasse nos batedores e flanqueadores do Bando para impedirem que eles caíssem em uma emboscada. Aviendha não aceitara cavalgar nem uma única vez, o que Mat, de qualquer forma, já esperara, sabendo como os Aiel se sentiam em relação a cavalos, mas ela também não criara problemas, a menos que ter afiado sua faca a cada pausa do grupo para descansar pudesse ser encarado como uma provocação. A não ser pelo que acontecera com Olver. Montado no capão cinza que Mat encontrara para ele em meio aos animais reserva, Olver mantinha um olhar cuidadoso direcionado a ela. O garoto havia tentado matar a mulher com sua faca de cinto logo na segunda noite, gritando a plenos pulmões que os Aiel haviam matado seu pai. Claro que Aviendha só desarmou o menino, mas mesmo depois de Mat tê-lo rendido e tentado explicar a diferença entre os Shaido e os outros Aiel — algo que Mat não tinha certeza nem se ele próprio compreendia —, Olver passava o tempo todo olhando para ela. Não gostava dos Aiel. Aviendha, por sua vez, também parecia incomodada com o garoto, o que Mat não entendia nem um pouco.

As árvores eram altas o bastante para ter permitido que uma brisa soprasse sob a esparsa cobertura vegetal acima deles, mas o estandarte da Mão Vermelha pendia inerte, assim como os dois que Mat

desenterrara na outra noite, tão logo Rand os mandara por aquele portão até um prado escuro: um estandarte do Dragão, a figura vermelha e dourada escondida nos vincos brancos, e um daqueles que o Bando chamava de Estandarte de al'Thor, o antigo símbolo das Aes Sedai, felizmente também encolhido pela falta de vento. Um porta-estandarte grisalho trazia o da Mão Vermelha, um sujeito de olhos estreitos e com mais cicatrizes que Daerid que insistia em carregar o estandarte por algumas horas diariamente, o que poucos porta-estandartes faziam. Talmanes e Daerid haviam escolhido homens do segundo esquadrão para carregar os outros dois, jovens de rosto saudável que se mostraram firmes o bastante para assumir aquela pequena responsabilidade.

Fazia três dias que eles atravessavam Altara, três dias na floresta sem o menor sinal de um único Devoto do Dragão — ou de ninguém mais, aliás —, e Mat torcia para que continuassem assim por pelo menos aquele quarto dia antes de chegarem a Salidar. Além das Aes Sedai, Mat não sabia como faria para evitar que Aviendha avançasse na garganta de Elayne. Ele tinha um palpite sobre por que ela vivia amolando aquela faca, cujo gume cintilava feito pedras preciosas. Temia acabar precisando levar a Aiel presa até Caemlyn, com a maldita Filha-herdeira exigindo, a cada passo da jornada, que ele a enforcasse. Rand e suas malditas mulheres! Na opinião de Mat, qualquer coisa que atrasasse o Bando e o mantivesse longe da enrascada que ele esperava enfrentar em Salidar era uma boa. Parar cedo e marchar tarde ajudava. Bem como os carroções com mantimentos ao fim da coluna, deslocando-se lentamente pela floresta. Mas o Bando não viajava devagar o suficiente. Em pouco tempo, Vanin com certeza encontraria algo.

Como se tivesse ouvido os pensamentos de Mat, o batedor gorducho surgiu em meio às árvores mais adiante acompanhado de quatro cavaleiros. Ele havia partido com seis antes do amanhecer.

Mat ergueu o punho cerrado para sinalizar uma parada, e murmúrios percorreram a coluna. Sua primeira ordem ao sair do portão havia sido “nada de tambores, nada de trompetes, nada de flautas e nenhuma maldita cantoria”, e, se no começo houvera alguns rostos desalentados, após o primeiro dia de viagem por aquele terreno de mata fechada, onde nunca era possível enxergar com clareza a mais de cem passadas, as objeções cessaram.

Com a lança repousada atravessada na sela, Mat esperou até que Vanin parasse e, em um gesto casual, levasse o punho à testa.

— Encontrou?

Ainda montado em seu cavalo, o homem quase careca se inclinou para um dos lados para cuspir pelo espaço entre dois dentes. Suava tanto que parecia prestes a derreter.

— Encontrei. A oito ou dez milhas a oeste. Há Guardiões por aquelas bandas. Vi um capturar Marr. Surgiu do nada com um daqueles mantos de camuflagem e o varreu do alto da sela. Bateu bastante nele, mas acho que não matou. Ladwin também não apareceu mais, imagino que pelo mesmo motivo.

— Então elas sabem que estamos aqui. — Com força, Mat soltou ar pelo nariz. Não esperava que nenhum homem fosse conseguir esconder qualquer informação dos Guardiões, e menos ainda das Aes Sedai. Bem, elas acabariam sabendo, mais cedo ou mais tarde. Mat só desejara que fosse mais tarde. Ele tentou matar uma mosca-azul, que escapou e saiu zumbindo após deixar um pontinho de sangue em seu pulso. — Quantas?

Vanin cuspiu de novo.

— Mais do que eu esperava. Cheguei na aldeia a pé e vi aqueles rostos de Aes Sedai por toda parte. Duzentas, talvez trezentas. Ou quatrocentas. Eu não quis ser óbvio demais e perder tempo contando. — Antes que Mat tivesse tempo de assimilar aquele golpe, o homem deu outro. — Elas também têm um exército. Acampado principalmente ao norte. Maior que o seu. Talvez com o dobro do tamanho.

Enquanto isso, Talmanes, Nalesean e Daerid haviam cavalgado até ali em cima, suando e tentando — sem sucesso — espantar moscas e picadinhas.

— Vocês ouviram? — perguntou, e os três assentiram de modo sombrio. Sua sorte para as batalhas era

ótima, mas uma desvantagem de dois para um, além das Aes Sedai, podia derrotar a sorte de qualquer um. — Não estamos aqui para lutar — lembrou ele, mas não houve mudança nos semblantes ansiosos. O lembrete, aliás, também não o ajudou a se sentir melhor. O que importava era se as Aes Sedai queriam ou não que o exército delas lutasse.

— Preparem o Bando para o caso de sofrermos um ataque — ordenou ele. — Desmatem o máximo que puderem e usem os troncos para montar barricadas. — A careta de Talmanes foi quase tão feia quanto a de Nalesean. Eles gostavam de lutar montados e em movimento. — Pensem. Pode haver Guardiões nos observando neste exato momento. — Mat ficou surpreso ao ver Vanin assentir e dar uma olhada significativa para a direita deles. — Se virem que estamos nos preparando para nos defender, então vai ficar claro que não pretendemos atacar. Pode ser que isso faça com que eles decidam nos deixar em paz, e, caso isso não ocorra, pelo menos vamos estar prontos. — Aquilo fez sentido mais rápido para Talmanes que para Nalesean. Daerid já estava assentindo desde o início.

Enrolando sua barba oleada, Nalesean resmungou:

— E depois você pretende fazer o quê? Apenas sentar e esperar por eles?

— É isso que vocês vão fazer — informou Mat. *Que a Luz queime Rand e suas “mais para cinquenta Aes Sedai”! Que a Luz queime Rand e seu “basta chegar dizendo” isso ou aquilo!* Ter que ficar ali esperando alguém da aldeia aparecer e perguntar quem eles eram e o que queriam parecia uma ideia muito boa. Nada de contar com seus poderes de *ta'veren*. Qualquer possível batalha teria que ir atrás dele. Não era ele que iria atrás.

— Eles estão para lá? — perguntou Aviendha, apontando. Sem esperar resposta, pôs a trouxa nas costas e partiu em direção ao oeste.

Mat ficou olhando para a mulher. *Malditos Aiel*. Era provável que algum Guardião também tentasse capturá-la e se arrependesse amargamente. Ou talvez não, Guardiões sendo como eram. Se ela tentasse esfaquear um deles, era possível que o Guardião a ferisse. Além disso, se ela encontrasse Elayne primeiro e as duas comesçassem a puxar os cabelos uma da outra por causa de Rand, ou, pior, se a Aiel resolvesse esfaquear a Filha-herdeira... Aviendha ia caminhando depressa, quase correndo, doida para chegar a Salidar. *Sangue e malditas cinzas!*

— Talmanes, você está no comando até eu voltar. Só arredem o pé daqui se alguém pular com as duas botas em cima do Bando. Esses quatro vão contar a você o que talvez tenha que encarar. Vanin, você vem comigo. Olver, fique junto de Daerid para o caso de ele precisar mandar mensagens. Você pode ensinar a ele a jogar Cobras e Raposas — acrescentou, com um sorrisinho para Daerid. — Ele me disse que gostaria de aprender. — Daerid ficou boquiaberto, mas Mat já estava indo embora. Seria ótimo se um Guardião acabasse arrastando-o para Salidar com um galo na cabeça. Como diminuir as chances de aquilo acontecer? Os estandartes lhe chamaram a atenção. — Você, fique aqui — disse ele para o porta-estandarte grisalho. — Vocês dois, venham comigo. E mantenham essas coisas enroladas.

O pequeno e estranho destacamento de Mat logo alcançou Aviendha. Se havia alguma coisa que podia convencer os Guardiões a deixá-los passar desimpedidos era olhar para eles. Uma mulher e quatro homens não representavam ameaça alguma, ainda mais quando não faziam o menor esforço para se esconder, com dois estandartes a tiracolo. Ele passou pelos homens do segundo esquadrão. Ainda não havia brisa alguma, mas eles mantinham os estandartes presos aos mastros. Seus rostos estavam tensos. Só um tolo iria querer passar a cavalo em meio às Aes Sedai e ver aqueles troços se desfraldarem com uma brisa súbita.

Aviendha olhou para Mat de soslaio e então tentou tirar a bota dele do estribo.

— Me deixe subir — ordenou ela, rude.

Por que, sob a Luz, ela agora queria ir a cavalo? Bem, ele não iria deixá-la montar aos trancos e barrancos e, muito provavelmente, derrubá-lo da sela. Já tinha visto Aiel montarem num cavalo uma ou duas vezes. Não

era uma cena bonita.

Mat deu outro tapa em uma mosca, inclinou-se e pegou a mão dela.

— Segure-se — disse ele, puxando-a para cima com um grunhido e colocando-a atrás dele. Aviendha era quase da altura dele, e pesada. — Coloque o braço em torno da minha cintura. — Ela só olhou para ele e ficou se retorcendo de um jeito esquisito até se sentar com uma perna para cada lado, a pele nua acima dos joelhos, mas sem se mostrar minimamente preocupada com aquilo. Belas pernas, mas Mat não se envolveria com nenhuma outra Aiel, mesmo que ela não estivesse caidinha por Rand.

Depois de um tempo, Aviendha falou às costas dele:

— O garoto, Olver. Os Shaido mataram o pai dele?

Mat assentiu sem virar o rosto. Será que ao menos veria algum Guardião antes que fosse tarde demais? À frente do grupo, Vanin, como sempre, cavalgava arriado feito uma saca de sebo, mas com os olhos atentos a tudo.

— A mãe dele morreu de fome? — continuou ela.

— Isso, ou de alguma doença. — Os Guardiões usavam aqueles mantos que podiam se camuflar em qualquer lugar. Era possível passar bem na frente deles sem nem saber. — Olver não foi muito claro e eu não fiquei pedindo detalhes. Ele mesmo a enterrou. Por quê? Você acha que deve algo a ele pelos Aiel terem matado sua família?

— Dever algo a ele? — Ela soou assustada. — Não matei nenhum deles, e, se tivesse matado, eram Assassinos da Árvore. Como eu poderia ter *toh*? — Sem fazer nenhuma pausa, seguiu em frente como se estivesse apenas continuando a frase. — Você não cuida direito dele, Mat Cauthon. Eu sei que homens não entendem nada a respeito de criar crianças, mas ele é jovem demais para passar todo o tempo com homens adultos.

Mat ficou sem reação. Aviendha tinha tirado o lenço e estava ocupada passando um pente de pedra-verde polida nos cabelos avermelhados. Toda a sua concentração parecia estar naquilo. Naquilo e em não cair. Ela também colocara um colar de prata trabalhado e um bracelete largo de marfim entalhado.

Mat balançou a cabeça e voltou a examinar a floresta. Aiel ou não, todas as mulheres eram iguais em alguns aspectos. *O mundo pode estar acabando e mesmo assim uma mulher vai querer um tempo para ajeitar o cabelo. O mundo pode estar acabando e mesmo assim uma mulher vai ter tempo de apontar para um homem alguma coisa que ele fez errado.* Isso teria sido o suficiente para fazê-lo sorrir, se ele não estivesse ocupado demais imaginando se os Guardiões não estariam observando-o naquele exato momento.

O sol atingiu o zênite e já começava a descer no momento em que a floresta terminou abruptamente. Menos de cem passadas de área desmatada a separavam das árvores da aldeia e, a julgar pelo aspecto do solo, não fazia muito tempo que havia sido desbastado. Salidar era uma aldeia de tamanho considerável de edificações cinzentas de pedra e telhados de palha, e as ruas estavam movimentadas. Mat vestiu seu manto. Da melhor lã verde, bordado em ouro nos punhos e na gola alta, deveria ser um traje suficientemente adequado para um encontro com as Aes Sedai. Mat, no entanto, o deixou aberto. Não morreria de calor nem pelas Aes Sedai.

Ninguém tentou detê-lo quando o grupo adentrou a cavalo, mas as pessoas interromperam o que faziam e todos os olhos se voltaram para Mat e sua pequena e estranha comitiva. Elas sabiam, então. Todos sabiam. Ele desistiu de contar os rostos de Aes Sedai quando a soma atingiu cinquenta, número ao qual chegou rápido demais para conseguir qualquer paz de espírito. Não havia soldados na multidão, a menos que contasse com os Guardiões, alguns trajando aqueles mantos que pareciam mudar de cor e outros correndo os dedos pelo punho da espada conforme os observavam passar. A ausência de soldados na aldeia significava simplesmente que todos estavam nos acampamentos que Vanin mencionara. Todos os soldados acampados significava que eles estavam se preparando para fazer alguma coisa. Mat esperava que Talmanes estivesse seguindo suas

instruções. Talmanes tinha algum juízo, mas poderia estar quase tão ansioso para partir para o ataque contra alguém quanto Nalesean. Mat preferiria ter deixado Daerid no comando — Daerid já presenciara batalhas demais para ficar ansioso —, mas o nobre jamais teria aceitado. Parecia que em Salidar também não havia nenhuma mosca. *Talvez elas saibam de algo que eu não sei.*

Uma mulher atraiu sua atenção, uma bela mulher com roupas estranhas, largas calças amarelas e um casaco branco curto, seu cabelo dourado preso numa elaborada trança que ia até a cintura. Carregava um arco, o que era bem curioso. Não eram muitas as mulheres que optavam pelo arco. Ela percebeu que o homem a observava e se esgueirou por uma viela estreita. Algo nela lhe pareceu familiar, mas Mat não sabia dizer o quê. Esse era um problema de todas aquelas lembranças antigas. Ele sempre via pessoas que o faziam recordar de alguém que já estava morto havia mais de mil anos quando, por fim, identificava quem era. Talvez já tivesse até visto alguém parecido com ela. Aquelas lacunas nas lembranças da própria vida eram confusas e tortuosas. *É provável que seja mais uma Caçadora da Trombeta*, pensou ele com sarcasmo, e tirou-a da mente.

Não fazia sentido continuar montado esperando alguém falar com ele. Mat tinha a impressão de que ficaria esperando até ter cabelos brancos. Puxou as rédeas e meneou a cabeça para uma mulher magra de cabelo escuro, que ergueu um olhar frio e questionador em sua direção. Bonita, mas magra demais para o gosto dele, mesmo sem aquele rosto de idade indefinida. Quem queria ossos lhe espetando toda vez que desse um abraço?

— Meu nome é Mat Cauthon — disse ele em um tom de voz neutro. Se ela esperava reverências e um tom respeitoso era melhor esperar sentada, mas mostrar-se hostil também seria tolice. — Estou procurando Elayne Trakand e Egwene al’Vere. Ou então Nynaeve al’Meara. — Rand não a mencionara, mas Mat sabia que ela tinha ido com Elayne.

Surpresa, a Aes Sedai pestanejou, mas logo recobrou a serenidade. Analisou Mat e os demais um a um, detendo-se em Aviendha, e então passou tanto tempo olhando para os homens do esquadrão que Mat ficou se perguntando se ela conseguia divisar o Dragão e o disco preto e branco pelo tecido dobrado.

— Sigam-me — disse, por fim. — Vou ver se o Trono de Amyrlin pode recebê-los. — Segurou as saias e partiu rua acima a passos rápidos.

Quando Mat esperou Pips para fazê-lo seguir a mulher, Vanin deixou seu baio ficar para trás, resmungando:

— Pedir qualquer coisa para uma Aes Sedai nunca é uma boa ideia. Eu poderia ter mostrado a você aonde ir. — Ele moveu a cabeça na direção de uma construção de pedra de três andares logo à frente. — Elas chamam o lugar de Pequena Torre.

Mat deu de ombros de um jeito desconfortável. Pequena Torre? E elas tinham alguém ali que chamavam de Trono de Amyrlin? Ele duvidava de que a mulher estivesse se referindo a Elaida. Rand estava enganado de novo. Estas mulheres não estavam apavoradas. Estavam malucas, convencidas demais para sentir medo.

Diante da construção de pedra, a Aes Sedai magricela afirmou categoricamente:

— Esperem aqui. — E desapareceu porta dentro.

Aviendha deslizou para o chão e Mat foi logo fazendo o mesmo, pronto para agarrá-la caso aquela Aiel maluca tentasse sair em disparada. Mesmo que lhe custasse um pouco de sangue, ele não iria permitir que Aviendha saísse correndo e cortasse a garganta de Elayne antes que ele pudesse falar com essa tal Amyrlin. Mas a Aiel só ficou ali parada, os olhos fixos à frente, as mãos cruzadas à cintura e o xale jogado por cima dos ombros. Dava a impressão de estar absolutamente tranquila, mas Mat achava que ela também poderia muito bem estar apavorada. Se tivesse um pinga de juízo, ela estaria. Eles haviam atraído uma multidão.

Mais Aes Sedai apareceram, cercando-os contra a entrada da sua Pequena Torre, fitando-o em silêncio, e, quanto mais tempo ele passava ali, mais grosso ficava o arco de mulheres. Na verdade, elas pareciam tão interessadas em Aviendha quanto nele, mas Mat podia sentir cada um daqueles olhares frios e indecifráveis.

Foi por pouco que não correu os dedos pela cabeça de raposa de prata pendurada sob a camisa.

Uma Aes Sedai sem qualquer expressão no rosto abriu caminho até a frente da multidão, conduzindo uma jovem esbelta de olhos grandes que trajava branco. Mat se lembrava vagamente de Anaiya, mas ela mal reparou nele.

— Tem certeza, criança? — perguntou ela para a noviça.

A boca da jovem se comprimiu um pouco, mas ela não deixou a irritação transparecer em sua voz.

— Ele ainda parece reluzir, ter um brilho. Eu estou enxergando, sim. Só não sei por quê.

Anaiya abriu um sorriso satisfeito para a garota.

— Ele é *ta'veren*, Nicola. Você descobriu seu primeiro Talento. Você é capaz de enxergar *ta'veren*. Agora, de volta para a aula. Rápido. Você não vai querer ficar para trás. — Nicola fez uma mesura profunda e, com uma última olhadela para Mat, adentrou a multidão de Aes Sedai que os cercava e foi embora.

Anaiya, então, voltou sua atenção para Mat com um daqueles olhares de Aes Sedai cujo objetivo era desestabilizar um homem. E foi exatamente o que ela fez. Claro que algumas Aes Sedai sabiam a respeito dele — algumas sabiam bem mais do que ele gostaria e, parando para pensar, ele se lembrou de que Anaiya era uma dessas —, mas ouvir aquilo ser anunciado daquela maneira, diante de só a Luz sabia quantas mulheres com aqueles olhos frios de Aes Sedai... Suas mãos alisaram o cabo entalhado da lança. Com ou sem cabeça de raposa, elas estavam em número suficiente para simplesmente pôr as mãos nele e carregá-lo para onde quisessem. *Malditas Aes Sedai! Maldito Rand!*

Mat, no entanto, só reteve o interesse de Anaiya por um momento. Aproximando-se de Aviendha, ela disse:

— E qual é o seu nome, criança? — Seu tom de voz era agradável, mas deixava claro que ela esperava uma resposta.

Aviendha encarou-a de frente, uma cabeça mais alta e usando cada fio de cabelo a seu favor.

— Sou Aviendha, do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad.

A boca de Anaiya ensaiou um leve sorriso por conta daquele quê de desafio.

Mat ficou se perguntando quem iria vencer aquele duelo de olhares, mas, antes que pudesse fazer uma aposta consigo mesmo, uma outra Aes Sedai se juntou a elas, uma mulher cujas maçãs do rosto ossudas sugeriam certa idade, apesar das bochechas sem rugas e do cabelo castanho brilhoso.

— Garota, você sabia que, no caso, é capaz de canalizar?

— Sabia — respondeu Aviendha, curta e grossa, fechando a boca em seguida como se não pretendesse dizer mais nada. Concentrou-se em ajustar o xale, mas já dissera o bastante. As Aes Sedai cercaram-na feito abelhas, empurrando Mat para longe.

— Quantos anos você tem, criança?

— Você é muito forte, mas poderia aprender muito mais como noviça.

— Morrem muitas garotas Aiel de uma doença misteriosa quando ainda são alguns anos mais jovens que você?

— Há quanto tempo você...?

— Você poderia...

— Você deveria mesmo...

— Você tem que...

Nynaeve surgiu tão de repente à porta que pareceu ter brotado no ar. Com os punhos apoiados na cintura, encarou Mat.

— O que você está fazendo em Salidar, Matrim Cauthon? Como chegou aqui? Acho que é pedir demais que você tenha alguma coisa a ver com esse exército de Devotos do Dragão que está prestes a nos atacar.

— Na verdade — retrucou ele, seco —, eu estou no comando.

— Você...! — Nynaeve ficou ali de pé boquiaberta e então se recompôs, puxando o vestido azul como se precisasse ajustá-lo. Era mais revelador do que qualquer outro que Mat se recordava de tê-la visto usando antes, o bastante para ostentar algo que podia ser chamado de decote, com arabescos amarelos ao redor da gola e da bainha. Totalmente diferente do que ela usara em casa. — Bem, venha comigo — disse ela com firmeza. — Vou levar você até a Amyrlin.

— Mat Cauthon — chamou Aviendha, a respiração um pouco sôfrega. Olhava por cima e para um lado e para o outro das Aes Sedai tentando encontrá-lo. — Mat Cauthon. — Apenas isso, mas, para uma Aiel, parecia desesperada.

As Aes Sedai que a cercavam continuavam a falar, as vozes calmas, ponderadas e implacáveis.

— Para você, o melhor seria...

— Você precisa considerar...

— É bem melhor...

— Nem cogite...

Mat deu um sorrisinho. Ela poderia sacar sua faca em um instante, mas, em meio àquela multidão, ele duvidou de que lhe seria de grande serventia. Aviendha não sairia à caça de Elayne tão cedo, isso era certo. Mat se perguntou se a encontraria usando um vestido branco quando voltasse, então arremessou sua lança para Vanin e disse:

— É só mostrar o caminho, Nynaeve. Vamos lá falar com essa sua *Amyrlin*.

Ela olhou para ele com a testa muito franzida e o levou para dentro dando puxões em sua trança e resmungando — apenas em parte consigo mesma:

— Isso é coisa de Rand, não é? Eu sei que é. Deve ter dedo dele nessa história. Mas que ideia, quase matou todo mundo de susto. Olhe bem por onde anda, *Senhor General* Cauthon, ou eu juro que você vai desejar que eu tivesse pego você roubando mirtilos de novo. Ele deixou todo mundo apavorado! Até mesmo um homem deveria ter mais juízo! E tire esse sorrisinho da cara agora mesmo, Mat Cauthon. Não sei o que ela vai achar disso tudo.

Havia Aes Sedai nas mesas lá dentro — parecia o salão de uma estalagem para Mat, mesmo com aquelas mulheres sérias rabiscando ou dando ordens a criados —, mas elas não fizeram mais do que dar uma olhadela para ele e Nynaeve quando ambos atravessaram o ambiente. A cena ilustrava bem o nível do espetáculo que elas estavam apresentando ali. Uma Aceita passou resmungando sozinha e nenhuma das Aes Sedai a repreendeu. Mat ficara na Torre pelo menor tempo que pôde, mas sabia que aquele não era o modo como as Aes Sedai tocavam suas atividades.

Nos fundos do aposento, Nynaeve empurrou uma porta em condições ruins. Tudo lá dentro estava em condições ruins, para dizer a verdade. Mat entrou logo depois... e ficou paralisado. Ali estava Elayne, linda de morrer com aqueles cabelos dourados, mas com aquele seu ar de importância costumeiro, em um vestido de seda verde com gola alta rendada e exibindo um daqueles sorrisos condescendentes, as sobrancelhas erguidas para ele. E ali estava Egwene, sentada atrás de uma mesa, um sorriso inquisitivo no rosto. E uma estola com sete listras por sobre o vestido amarelo-claro. Mat deu uma rápida espreitada lá fora e fechou a porta antes que alguma Aes Sedai pudesse olhar para dentro.

— Talvez vocês achem isso engraçado — rosnou ele, atravessando o trecho atapetado o mais rápido que conseguiu —, mas elas vão arrancar o couro de vocês se descobrirem essa brincadeira. Elas *nunca* vão deixar vocês irem embora, nenhuma de vocês, se... — Arrancando a estola do pescoço de Egwene, ele começou a arrastá-la da cadeira... e a cabeça de raposa de prata ficou fria como a morte em seu peito.

Mat deu um último empurrãozinho para afastar Egwene da mesa e fitou as três. Egwene só o olhou, perplexa, mas Nynaeve ficou boquiaberta, e os enormes olhos azuis de Elayne pareciam prestes a saltar das órbitas. Uma delas havia tentado usar o Poder contra ele. A única coisa boa que resultara da jornada dele

dentro daquele *ter'angreal* era o medalhão com a cabeça de raposa. Mat supunha que o objeto também só podia ser um *ter'angreal*, mas, ainda assim, estava grato por ele. Desde que o medalhão estivesse tocando sua pele, o Poder Único não podia atingi-lo. Pelo menos não *saidar*. Ele já tivera mais provas disso do que gostaria. O medalhão ficava frio sempre que alguém tentava.

Arremessando a estola e seu chapéu em cima da mesa, Mat fez menção de se sentar, mas precisou de uma pausa rápida para tirar algumas almofadas da cadeira e jogá-las no chão. Descansou uma das botas em cima da mesa e ficou olhando para aquelas tolas.

— Vocês vão precisar dessas almofadas se essa tal Amyrlin descobrir essa brincadeirinha de vocês.

— Mat — começou Egwene com a voz firme, mas ele a interrompeu.

— Não! Se você quisesse falar, deveria ter falado, em vez de me atacar com o seu maldito Poder. Agora você vai ouvir.

— Como você...? — quis saber Elayne, admirada. — Os fluxos simplesmente... desapareceram.

Quase no mesmo instante, Nynaeve se pronunciou num tom ameaçador:

— Mat Cauthon, você está cometendo o maior...

— Eu mandei vocês ouvirem! — Ele apontou para Elayne. — Você eu vou levar de volta para Caemlyn, isso se conseguir salvá-la de Aviendha. Se não quiser que cortem esse seu pescocinho esbelto, é melhor não sair da minha vista e fazer o que eu mandar, sem questionar! — O dedo passou a apontar para Egwene. — Rand disse que vai mandá-la de volta para as Sábias se você quiser, e se o que eu vi até agora é alguma indicação dos problemas em que estão prestes a se meter, acho melhor você aceitar e arrumar as malas agora mesmo! Como parece que você sabe Viajar — Egwene se sobressaltou —, pode abrir um portão até Caemlyn para o Bando. Não quero discussão, Egwene! E você, Nynaeve! Eu devia deixá-la aqui, mas, se quiser vir junto, pode vir. Mas vou logo avisando: puxe essa sua trança uma única vez para mim e eu juro que deixo esse seu traseiro ardido!

As três encaravam-no como se chifres de Trolloc tivessem brotado em sua testa, mas pelo menos se mantiveram de boca fechada. Talvez ele tivesse conseguido enfiar um pouco de juízo na cabeça delas. Não que qualquer uma delas fosse lhe agradecer algum dia por ter salvado seus couros. Ah, não, elas não. Como de costume, diriam que teriam pensado em um plano sozinhas com só um pouquinho mais de tempo. Aquelas mulheres eram capazes de dizer que você estava se metendo onde não era chamado quando as salvava de uma masmorra, então Mat esperava qualquer coisa delas.

Mat tomou fôlego e continuou:

— É o seguinte: quando a pobre coitada que elas escolheram para ser a Amyrlin aparecer aqui, deixem que eu falo. Ela não deve ser das mais espertas, ou elas nunca teriam conseguido enfiá-la na função. Que ideia mais ridícula, o Trono de Amyrlin de uma aldeia no meio do nada. Tratem de ficar de boca fechada, façam suas melhores medidas e deixem que eu tiro vocês dessa confusão. — Elas só ficaram olhando. Ótimo. — Já sei tudo sobre o exército dela, mas também tenho o meu. Se ela for louca o bastante para achar que é capaz de tirar a Torre de Elaida... Bem, duvido de que ela se arrisque a sofrer baixas só para manter vocês três aqui. Abra o tal do portão, Egwene, e eu deixo vocês três em Caemlyn amanhã, ou no máximo no dia seguinte, e aí essas malucas podem ir ser mortas por Elaida, se é o que querem. Talvez vocês até tenham companhia. Não é possível que sejam todas loucas. Rand está disposto a oferecer um refúgio. Basta uma medida aqui, um juramento de lealdade a ele ali e Rand vai evitar que Elaida enfie a cabeça delas em estacas na frente de Tar Valon. Elas não podem pedir mais que isso. Então? Algo a declarar? — Até onde Mat pôde ver, as três nem piscaram. — Um simples “Obrigada, Mat” já basta. — Nenhuma palavra. Nem uma piscadinha.

Uma tímida batida à porta foi seguida por uma noviça, uma linda garota de olhos verdes que fez uma medida profunda, os olhos bem abertos em total veneração.

— Me mandaram ver se desejava algo, Mãe. Para o... general. Vinho ou... ou...

— Não, Tabiya. — Egwene puxou a estola listrada de baixo do chapéu de Mat e arrumou-a nos ombros.

— Quero falar a sós com o *General* Cauthon um pouco mais. Diga a Sheriam que vou mandar chamá-la daqui a pouco para me aconselhar.

— Feche essa boca, Mat, antes que você engula uma mosca — disse Nynaeve, em um tom de voz repleto de satisfação.





POSSIBILIDADES

Ajustando a estola, Egwene examinou Mat. Esperara vê-lo com cara de urso encurralado, mas ele só parecia perplexo e suado. Havia tantas perguntas que ela desejava fazer — Como Rand descobriu onde ficava Salidar? Como sabia que ela aprendera a Viajar? O que Rand achava que estava fazendo? —, mas não iria fazê-las. Mat e seu Bando da Mão Vermelha a tinham deixado com a mente em turbilhão. Talvez Rand tivesse lhe entregado um presente dos céus.

— A minha cadeira — pediu ela, calma. Torcia para que Mat tivesse percebido que ela não estava suando, assim como Elayne e Nynaeve. A segunda suava um pouquinho, na verdade. Siuan ensinara o truque, que não tinha nada a ver com o Poder; era só uma questão de se concentrar de um certo modo. Nynaeve ficara bem zangada por Siuan não ter lhes ensinado antes, o que não era surpresa, mas a mulher só fez responder com toda a calma que aquele conhecimento se destinava às Aes Sedai, não às Aceitas. Até então, Egwene tinha conseguido controlar os pensamentos de modo adequado quando havia irmãs por perto, e o rosto sereno, em vez de suado, de fato parecia ajudar no comportamento delas. De algumas delas. Deveria funcionar às maravilhas com Mat. Isso se algum dia ele parasse de ficar só olhando fixo para ela e a enxergasse de verdade. — Mat? A minha cadeira.

Ele se sobressaltou, então se levantou e se afastou para o lado, sem dar um pio e com os olhos indo de Egwene para Elayne e para Nynaeve como se elas fossem algum tipo de quebra-cabeças. Bem, Nynaeve e Elayne também estavam olhando para ele quase da mesma forma, e com certeza tinham motivos melhores para tal.

Egwene sacudiu o pó das almofadas antes de recolocá-las na cadeira. Lembrou-se de Chesa com carinho. Depois de dois dias, já não precisava mais das almofadas macias, não muito, mas ou ela abria mão de tomar banho ou as aceitava até que as manchas roxas sumissem por completo. Se Egwene mandasse, Chesa retiraria as almofadas. Rosto suado ou sereno, ela era o Trono de Amyrlin, perante o qual reis e rainhas se curvavam, embora nenhum tivesse feito isso ainda. Era ela quem faria Elaida ser julgada e executada, normalizando a situação da Torre Branca e, conseqüentemente, do mundo. Chesa lhe obedeceria, mas lançaria olhares tão sentidos e acusatórios por ter sido impedida de cuidar dela que deixar as almofadas ali era bem mais fácil de suportar.

Ela se ajeitou na cadeira com as mãos sobre a mesa e disse:

— Mat...

— Isso é mesmo uma loucura, sabia? — interrompeu ele, em voz baixa. Baixa, mas bem firme. — Vão acabar cortando a sua cabeça, Egwene. A de todas vocês. Vão cortar... as cabeças... de vocês.

— Mat — interveio ela num tom mais severo, mas ele seguiu em frente.

— Olha, vocês ainda podem sair dessa. Se elas pensam que você é a Amyrlin, você pode ir comigo para... inspecionar o Bando. Aí você abre um portão e nós vamos embora antes que essa cambada de lunáticas com cérebro de cabra consiga piscar.

Nynaeve vira com os próprios olhos que Mat era imune a *saidar*, mas já lidara com homens teimosos muito antes de ter aprendido a canalizar. Rosnando um “Deixar *o meu* traseiro ardido?” abafado que Egwene achou que não era para ter sido ouvido, Nynaeve levantou as saias e deu um pontapé certo no traseiro *dele*, com tanta força que Mat cambaleou até a parede, onde se apoiou com uma das mãos. Elayne deixou escapar o início de uma gargalhada que foi imediatamente sufocada, embora a Filha-herdeira continuasse balançando com o esforço de se conter, os olhos ainda risonhos.

Egwene mordeu o lábio para também abafar o riso. A cena foi cômica, de fato. Mat virou a cabeça devagar para encarar Nynaeve, os olhos arregalados em um misto de indignação e ultraje. Em seguida, suas sobranceiras baixaram e, endireitando o manto desabotoado, ele começou a caminhar lentamente em direção a ela. Lentamente porque estava mancando. Egwene cobriu a boca. Gargalhar não seria bom mesmo.

Nynaeve se empertigou, e, então, talvez, algumas coisas lhe tenham ocorrido. Ela podia estar zangada o suficiente para canalizar, mas *saidar* parecia não surtir efeito com ele. Mat era alto para um homem de Dois Rios, bem mais alto que ela, além de bem mais forte, e havia, decididamente, um brilho perigoso em seu olhar. Nynaeve deu uma olhadinha para Egwene e ajeitou o vestido, tentando manter o rosto impassível. Mat chegou ainda mais perto, o rosto tal qual um trovão. Outra olhadinha afobada, com a preocupação começando a transparecer, e Nynaeve chegou a dar um passinho para trás.

— Mat — disse Egwene em um tom equilibrado. Ele não parou. — Mat, pare com essa besteira. Você está numa bela encrenca, mas eu devo conseguir salvar sua pele, caso você tenha juízo.

Por fim, ele parou. Com uma última encarada e balançando o dedo em riste para Nynaeve, Mat se virou de costas para ela e plantou os punhos na escrivaninha.

— *Eu* estou encrencado? Egwene, você saltou de uma árvore para dentro da jaula de um urso e só acha que está tudo bem porque ainda não terminou de cair!

Ela sorriu para ele com toda a calma.

— Mat, não são muitos aqui em Salidar que têm os Devotos do Dragão em alta conta. Lorde Bryne com certeza não é um deles, nem os soldados sob seu comando. Já ouvimos histórias bem perturbadoras. E algumas repugnantes.

— Devotos do Dragão! — ganiu ele. — O que eu tenho a ver com isso? Eu não sou nenhum maldito Devoto do Dragão!

— Claro que é, Mat. — Ela fez aquilo soar como a maior obviedade do mundo. O que era, parando para pensar. — Você vai aonde quer que Rand mande. O que mais você seria se não um Devoto do Dragão? Mas, se você me escutar, posso impedir que eles enfiem *a sua* cabeça num pique. Na verdade, acho que Lorde Bryne não usaria um pique, já que está sempre reclamando de não ter piques suficientes, mas tenho certeza de que ele usaria alguma outra coisa.

Mat olhou para as outras duas mulheres e Egwene comprimiu os lábios por um instante. A Amyrlin fora bem clara, mas Mat aparentava estar em busca de uma pista sobre o que ela estava querendo dizer. Elayne lhe devolveu um meio sorriso e um aceno de cabeça confirmatório. Podia até não estar entendendo aonde Egwene queria chegar, mas sabia que ela não estava falando só por gostar de ouvir a própria voz. Nynaeve, ainda se esforçando para manter uma expressão severa e dando puxões na trança, só fazia encará-lo, mas talvez fosse

melhor assim, embora ela estivesse começando a transpirar. Nynaeve perdia a concentração quando se zangava.

— Agora ouça, Egwene — continuou Mat. Bem, talvez a ajuda das amigas não fosse suficiente, afinal. Ele deu um jeito de combinar um tom razoável com a complacência mais ofensiva possível. — Se você quer se chamar de Amyrlin, você pode se chamar de Amyrlin. Rand a receberia de braços abertos em Caemlyn mesmo se você não levasse todas essas Aes Sedai até ele, mas eu sei que ele ficaria nas nuvens se você ainda por cima fizesse isso. Sejam quais forem os seus problemas com Elaida, ele pode resolver. Ela sabe que ele é o Dragão Renascido. Luz, você se lembra da carta dela. Ora, você vai ter a sua Torre Branca reunificada antes que consiga dizer Jak das Brumas. Sem batalhas. Sem derramamento de sangue. Você sabe que não quer um banho de sangue, Egwene.

Isso ela não queria. Assim que a primeira gota de sangue fosse derramada entre Salidar e Tar Valon, seria difícil reunificar a Torre. Assim que o primeiro sangue de Aes Sedai fosse derramado, poderia ser impossível. No entanto, Elaida tinha que ser deposta, e Egwene faria o que precisava ser feito. Só não gostaria nem um pouco. E não gostava de ver Mat lhe dizendo o que ela já sabia, e gostava menos ainda de ele estar certo. E definitivamente menos ainda naquele tom de voz. Manter as mãos paradas sobre a mesa exigiu um esforço tremendo. Sua vontade era levantar e esbofeteá-lo.

— Independentemente de como eu decidir lidar com Rand — retrucou ela com tranquilidade —, você pode ter certeza de que não vai ser conduzindo as Aes Sedai para jurar lealdade a ele ou a qualquer outro homem. — Tranquila, e sem discutir. Uma exposição serena dos fatos. — E Elaida é problema meu, não seu. Se você tiver algum bom senso, Mat, vai manter essa boca fechada enquanto estiver em Salidar e vai pisar de mansinho. Se sair por aí falando para as outras Aes Sedai o que Rand vai fazer quando elas se ajoelharem diante dele, pode ser que você não goste das respostas que vai ouvir. Se continuar com essa história de me levar embora, ou mesmo Nynaeve ou Elayne, vai ser *muita* sorte se não lhe enfiarem uma espada goela abaixo.

Com um olhar penetrante, ele se empertigou.

— Vou conversar de novo com você quando estiver pronta para escutar a voz da razão, Egwene. Thom Merrilin está por aqui? — Ela respondeu com um breve gesto de cabeça. O que ele queria com Thom? Provavelmente, se embriagar de vinho. Bem, boa sorte para ele na tentativa de achar uma taverna em Salidar. — Quando você estiver pronta para escutar — repetiu Mat emburrado, e foi mancando em direção à porta.

— Mat — disse Elayne —, se eu fosse você, não tentaria ir embora. Entrar em Salidar é muito mais fácil do que sair.

Ele abriu um sorriso insolente para ela, e, pelo modo como a olhou de cima a baixo, teve sorte de Elayne não ter lhe dado um tapa tão forte que lhe afrouxasse todos os dentes.

— Você, minha bela lady, eu vou levar de volta para Caemlyn e para Rand nem que tenha que ser amarrada, e que a Luz me queime se eu estiver mentindo. E eu vou embora na maldita hora em que quiser. — A reverência que fez para Elayne e Egwene foi debochada. Nynaeve só recebeu um olhar assassino e mais um dedo em riste balançado ameaçadoramente em sua direção.

— Como Rand consegue ser amigo de um sujeito tão grosseiro, baixo e insuportável? — Elayne não dirigiu a pergunta a ninguém em particular, e falou antes mesmo que a porta fosse fechada.

— Seu linguajar, com certeza, está cada dia pior — rosnou Nynaeve com a voz profunda, jogando a cabeça de um jeito que fez sua trança girar por cima do ombro. Egwene achou que ela poderia estar com medo de que fosse arrancá-la pela raiz caso não a deixasse fora de alcance.

— Eu deveria tê-lo deixado fazer o que queria, Nynaeve. Você precisa se lembrar de que agora é Aes Sedai. Não pode sair por aí chutando as pessoas, nem dando bofetadas, e nem as espancando com pedaços de pau.

Nynaeve encarou Egwene, boquiaberta, e ficou vermelha. Elayne começou a examinar o tapete com

muito interesse.

Com um suspiro, Egwene dobrou a estola listrada e repousou-a sobre um dos lados da mesa. Era sua maneira de lembrar a Elayne e Nynaeve que elas estavam sozinhas. Às vezes, a estola as fazia falar com o Trono de Amyrlin, e não com Egwene al'Vere. Como de costume, funcionou. Nynaeve respirou bem fundo. Antes que ela pudesse falar, no entanto, Elayne disse:

— Você pretende juntar Mat e esse Bando da Mão Vermelha às forças de Gareth Bryne?

Egwene balançou a cabeça. Os Guardiões disseram que havia seis ou sete mil pessoas no Bando de Mat, mais do que ela se lembrava de Cairhien, e um número considerável, ainda que não tão grande quanto o que aqueles dois homens capturados diziam, mas os soldados de Bryne de fato não gostavam muito de Devotos do Dragão. Além disso, Egwene tinha seu próprio plano, que explicou enquanto elas puxaram as outras cadeiras para perto da mesa. Era como se sentar para conversar na cozinha. Egwene afastou a estola ainda mais.

— Isso é brilhante. — O sorriso sincero de Elayne indicava que ela realmente pensava assim. Mas, para falar a verdade, Elayne sempre dizia o que pensava. — Eu também achava que o outro não iria funcionar, mas esse *é* brilhante.

Nynaeve fungou, irritada.

— O que faz você pensar que Mat vai concordar? Ele vai dificultar as coisas só por diversão.

— Acho que ele fez uma promessa — disse Egwene simplesmente, e Nynaeve concordou com a cabeça. Devagar, relutante, mas concordou. Elayne parecia perdida, claro. Não o conhecia. — Mat só faz o que quer, Elayne. Sempre foi assim.

— Pouco importa quantos nabos ele já teve que descascar como punição por causa disso — resmungou Nynaeve — ou quantas surras acabou levando.

— É, o Mat é assim mesmo — suspirou Egwene. Ele fora o garoto mais irresponsável do Campo de Emond, e talvez de Dois Rios. — Mas, se dá a palavra, ele cumpre. E acho que ele prometeu para Rand que levaria você de volta para Caemlyn, Elayne. Perceba que no meu caso ele recuou e passou a pedir — de certo modo, era isso que estava fazendo —, mas, com você, ele não mudou de ideia. Acho que ele vai tentar ficar tão perto de você quanto a bolsinha do seu cinto. Mas nós não vamos deixá-lo nem pôr os olhos em você, a menos que ele faça o que queremos. — Ela fez uma pausa. — Elayne, se você quiser ir com ele, tudo bem. Ir para Rand, quero dizer. Depois que tirarmos todo o proveito que pudermos de Mat e do Bando dele.

Elayne mal hesitou antes de balançar a cabeça, e o fez com firmeza.

— Não, Ebou Dar é importante demais. — Aquela fora uma baita vitória sobre as outras Aes Sedai, obtida, de maneira surpreendente, com uma simples sugestão. Elayne e Nynaeve iriam se juntar a Merilille na corte de Tylin. — Se ele ficar mesmo por perto, pelo menos vou ter alguns dias para tentar dar uma olhada nesse *ter'angreal*. Só pode ser isso, Egwene. Não tem outra explicação.

Egwene não podia discordar. Sua intenção havia sido apenas envolvê-lo em Ar e paralisá-lo, só um lembrete gentil de com quem ele estava tentando bancar o durão, mas os fluxos encostaram nele e derreteram. Era a única explicação. Os fluxos deixaram de existir no instante em que tocaram nele. Egwene ainda ficava chocada ao se lembrar daquele momento e percebeu que não era a única que, de repente, estava aquecendo saias que não precisavam ser aquecidas.

— Podemos mandar alguns Guardiões revirarem os bolsos dele. — Nynaeve soou mais do que satisfeita ao imaginar a cena. — Vamos ver o que o Mestre Mat Cauthon acha disso.

— Se nós tirarmos coisas dele — ponderou Egwene com paciência —, vocês não acham que ele pode se recusar quando começarmos a lhe dizer o que fazer? — Mat nunca fora muito bom em acatar ordens, e sua resposta habitual às Aes Sedai e ao Poder Único era aproveitar a primeira chance para dar um jeito de ir embora. Talvez sua promessa a Rand o segurasse por mais tempo, e ele tinha que ter prometido, já que nada mais explicava o seu comportamento, mas ela não iria correr o risco. Com muita má vontade, Nynaeve

aquiesceu.

— Talvez... — Elayne ficou pensativa por um momento, olhando para o nada e tamborilando na mesa. — Talvez pudéssemos levá-lo a Ebou Dar. Assim, posso ter mais sorte com o *ter'angreal*. Só que, se ele bloqueia *saidar*, não sei como vou conseguir estudá-lo.

— Levar aquele rufião com a gente?! — Nynaeve se empertigou na cadeira. — Você não pode estar falando sério, Elayne. Ele transformaria cada dia em um suplício. É muito bom nisso. Nunca faz o que mandam. Além disso, Mat jamais vai aceitar. Está tão decidido a levá-la a Caemlyn que você não conseguiria fazê-lo desempacar nem com uma alavanca e uma parelha de cavalos.

— Mas se a intenção dele é ficar de olho em mim até eu estar em Caemlyn — analisou Elayne —, então ele não tem escolha senão ir conosco. É perfeito.

— Talvez não seja má ideia — opinou Egwene enquanto Nynaeve buscava algum outro argumento. Mandá-lo ir atrás da tigela ainda parecia correto, porém quanto mais ela pensava em onde elas teriam que procurar, mais preocupada ficava. — Alguns soldados podem ser uma boa ideia, a menos que vocês já tenham escolhido Guardiões sem que eu soubesse. Thom e Juilin são ótimos, Birgitte também, mas o lugar para onde vocês vão não é nada tranquilo.

— *Alguns* soldados podem não ser de todo ruim — ponderou Elayne, enrubescendo de leve. — Desde que eles saibam obedecer a ordens.

Nynaeve não chegou a olhar para Elayne, mas houve uma nítida pausa antes que ela balançasse a cabeça de maneira irritada.

— Não estamos indo lá para disputar duelos, Egwene, não importa quão esquentadinhos esses eboudarianos sejam. Thom e Juilin já vão bastar. Na minha opinião, creio que a intenção por trás de todas essas histórias que temos ouvido é nos fazer querer desistir. — Todos já haviam escutado histórias sobre Ebou Dar desde que se espalhara a notícia de que elas estavam indo para lá. Chesa ouvira várias, cada qual mais deplorável e horrenda que a outra, com estranhos sendo assassinados em um piscar de olhos apenas por olharem torto para alguém, esposas enviuvadas e crianças órfãs por causa de uma palavra atravessada, e *mulheres* lutando com facas nas ruas. — Não, se sobrevivemos a Tanchico só com Thom e Juilin, além de Liandrin e algumas outras irmãs Negras, vamos nos sair muito bem em Ebou Dar sem Mat Cauthon ou qualquer soldado. Mat comandando soldados! Ele só se lembrava de ordenhar as vacas do pai dele quando o sentavam no banquinho e entregavam o balde.

Egwene soltou um leve suspiro. Qualquer menção a Birgitte resultava nisso. Elas se assustavam como se tivessem sido picadas por uma agulha de costura, e depois ou ficavam gaguejando ou seguiam em frente como se nem tivessem mencionado seu nome. Um olhar convencera Egwene de que a mulher que seguia Elayne e Nynaeve por aí — Elayne em especial, por algum motivo — era a mulher que ela havia visto em *Tel'aran'rhiod*, a Birgitte das lendas, a arqueira que nunca errava, uma dentre os heróis mortos que aguardavam o chamado da Trombeta de Valere. Uma heroína morta, não uma mulher viva andando pelas ruas de Salidar, mas, ainda assim, a mesma mulher. Elayne não dera nenhuma explicação, apenas um murmúrio tímido e cuidadoso sobre não poder falar a respeito de algo que tinham combinado manter segredo. A própria Birgitte, a heroína das lendas, começava a andar em outra direção ou se metia em vielas estreitas sempre que via Egwene se aproximar. Ordenar que a mulher fosse ao seu gabinete e exigir uma explicação estava fora de questão, já que, afinal, ela prometera isso, por mais que a situação a fizesse se sentir tola. Em todo caso, não parecia haver muito perigo. Ela só gostaria de saber o porquê daquilo. E o como.

Egwene afastou Birgitte de seus pensamentos e se inclinou sobre a mesa na direção de Nynaeve.

— Pode ser que a gente não consiga exatamente que Mat obedeça às nossas ordens, mas não seria ótimo vê-lo de cara feia por ter que ser seu guarda-costas?

— Com certeza valeria a pena — ponderou Elayne, pensativa —, caso Rand realmente o tenha nomeado general. Mamãe costumava dizer que os melhores homens eram relutantes em receber ordens, e que sempre valia a pena ensinar a eles. Não consigo ver Mat como um dos melhores, e Lini bem diz que “os tolos só escutam a si mesmos”, mas, se pudermos lhe ensinar o suficiente para que ele não se faça de idiota em um lugar em que não haja ninguém para resgatá-lo, vamos estar fazendo um grande favor a Rand. Além disso, eu preciso de *tempo* se for mesmo estudar o *ter’angreal*.

Egwene tentou não sorrir. Elayne sempre entendia tudo tão rápido. E, além disso, ela provavelmente tentaria ensinar Mat a se sentar direito. Algo que ela pagaria para ver. Egwene gostava de Elayne e admirava sua força, mas, nessa disputa, apostaria em Mat. Por um triz.

Nynaeve acabou cedendo, embora teimosamente. Mat não batia bem da cabeça, diria “para baixo” se elas dissessem “para cima” só para atazaná-las. Era capaz de criar problemas mesmo preso dentro de um barril. Elas passariam a noite inteira arrastando-o para fora de tavernas e antros de jogatina. Mais para o final da conversa, só restou a Nynaeve dizer que Mat provavelmente beliscaria Elayne na primeira vez em que a garota virasse de costas, então Egwene soube que estavam finalmente derrubando as objeções dela. Era verdade que Mat passava muito tempo correndo atrás de mulheres, o que Egwene não podia aprovar, mas Nynaeve com certeza sabia tão bem quanto ela que, apesar de olhares inapropriados em momentos impróprios, ele parecia ter uma habilidade incomum para identificar quais mulheres queriam ser cortejadas, até as mais improváveis. Infelizmente, justo quando ela tinha certeza de que Nynaeve estava prestes a dar o braço a torcer, uma batida na porta anunciou Sheriam.

A mulher não esperou ter permissão para entrar. Nunca esperava. Com os olhos tranquilos e sua estola azul, parou e fitou Nynaeve e Elayne. Vice da Amyrlin ou não, a Curadora não tinha nenhuma autoridade real sobre as Aes Sedai, exceto pelo que a Amyrlin decidia conceder a ela e, com certeza, nenhuma autoridade para dispensar ninguém da presença da Amyrlin, ainda que aquele olhar certamente fosse de dispensa.

Elayne se levantou em um movimento gracioso e fez uma mesura profunda e formal para Egwene.

— Se me dá licença, Mãe, é melhor eu ir procurar Aviendha.

Nynaeve, por outro lado, ficou encarando Sheriam até Egwene pigarrear e recolocar a estola listrada sobre os ombros.

Enrubescendo, Nynaeve fez uma mesura e se levantou.

— Melhor eu ir também. Janya disse que iria conversar comigo sobre Talentos perdidos.

A recuperação daqueles Talentos estava se provando não ser tão fácil quanto Egwene esperara. As irmãs estavam suficientemente dispostas a falar. O problema era fazer Moghedien compreender o que estava sendo dito apenas por uma vaga descrição ou às vezes só por um nome, e então torcer para que ela realmente soubesse de algo. Ótimo saber, por exemplo, que Alinhar a Matriz fortalecia metais, mas a mulher entendia ainda menos de metais que da Cura. E o que, sob a Luz, significava Girar Fogo Terrestre? E Ordenhar Lágrimas?

Moghedien parecia disposta a ajudar, desesperada até, em especial depois que Siuan ensinou o truque de ignorar o calor. Ao que parecia, ela havia mentido para Nynaeve e Elayne a respeito daquilo. Convencida de que Egwene interpretaria isso como “uma única mentira” dela, a mulher ficara de joelhos, chorando e implorando, batendo os dentes e beijando-lhes as barras das saias. Ansiosa para ajudar ou não, seu medo se elevara a novos patamares. A chuva nauseante e incessante de terror choroso era insuportável. Apesar do que Egwene pretendia fazer inicialmente, o bracelete do *a’dam* estava guardado em sua bolsinha. Àquela altura, ela já o teria dado a Nynaeve — e estaria feliz por se ver livre dele —, mas ficar passando aquilo para lá e para cá na frente dos outros acabaria gerando comentários mais cedo ou mais tarde.

Em vez disso, ela falou:

— Nynaeve, talvez seja melhor você evitar Mat até que ele se acalme. — Ela não tinha certeza de que

Mat de fato levaria sua ameaça adiante, mas se havia alguém que o incitasse a tal, esse alguém era Nynaeve, e não seria possível convencê-la se isso acontecesse. — Ou pelo menos tome o cuidado de só se dirigir a ele quando houver muita gente em volta. Talvez alguns Guardiões.

Nynaeve abriu a boca e então, momentos depois, fechou. Suas bochechas empalideceram um pouco e ela engoliu em seco.

— Certo. É, acho que pode ser melhor, Mãe.

Sheriam assistiu à porta se fechar com o cenho levemente franzido, e a expressão permaneceu quando ela se virou para Egwene.

— A conversa foi difícil, Mãe?

— Apenas o que se espera quando velhos amigos se encontram depois de muito tempo. Nynaeve se lembra de Mat como um moleque travesso, mas ele já não tem mais dez anos e se ressentiu disso. — Impedidas de mentir por conta do Juramento, as Aes Sedai haviam transformado meias verdades e insinuações em arte. Uma arte muito útil, na opinião de Egwene. Especialmente com Aes Sedai. Os Três Juramentos não eram bons para ninguém, menos ainda para as Aes Sedai.

— Às vezes é difícil lembrar que as pessoas mudam. — Sheriam se sentou sem ter sido convidada e arrumou suas saias azuis de seda com cuidado. — Presumo que quem quer que esteja no comando dos Devotos do Dragão tenha mandado o jovem Mat com uma mensagem de Rand al'Thor, não? Espero que você não tenha dito nada que ele possa interpretar como uma promessa, Mãe. Um exército de Devotos do Dragão a menos de dez milhas daqui nos põe em uma posição muito delicada. Não vai ajudar em nada se o comandante deles acreditar que descumprimos uma promessa.

Egwene analisou a outra mulher por um momento. Nada abalava Sheriam. Não que ela deixasse alguém perceber, pelo menos. Sheriam sabia bastante sobre Mat, assim como o sabiam várias outras irmãs em Salidar. Será que aquilo poderia ser usado para pressioná-lo na direção correta ou o faria dar no pé? *Depois eu cuido de Mat*, pensou ela com firmeza. *Preciso me concentrar em Sheriam*.

— Você poderia pedir para alguém trazer chá, Sheriam? Estou com um pouquinho de sede.

O rosto de Sheriam se alterou apenas levemente, um mero estreitamento daqueles olhos amendoados, tão pequeno que mal perturbou sua aparente serenidade. Egwene, no entanto, podia quase enxergar a pergunta querendo brotar. O que ela dissera a Mat e que agora não queria revelar? Que promessas tinha feito? De que enrascada Sheriam teria de resgatá-la sem ter que ceder a Romanda e Lelaine?

A única coisa que Sheriam fez foi dizer umas poucas palavras para alguém do lado de fora e, quando retomou seu assento, Egwene não lhe deu chance para abrir a boca. Em vez disso, acertou-a entre os olhos, por assim dizer.

— Parece que Mat é o comandante, Sheriam, e, de certa forma, o exército é a mensagem. Aparentemente, Rand gostaria que todas nós fôssemos para junto dele em Caemlyn. Houve até uma menção a juramentos de lealdade.

Sheriam levantou a cabeça, os olhos se arregalando. Só em parte, porém, em ultraje àquela sugestão. Havia um claro quê de... bem, em qualquer pessoa que não fosse Aes Sedai, Egwene teria chamado de medo. Bastante compreensível, se fosse o caso. Se ela tivesse prometido aquilo — e eles eram da mesma aldeia, e uma das *utilidades* de ter Egwene como Amyrlin era o fato de ela ter sido criada com Rand —, seria como tentar escapar de um atoleiro sem fim. A notícia se espalharia a despeito do que Sheriam fizesse para abafá-la. Uma parte do Salão talvez pusesse a culpa nela, ou usaria o caso como pretexto, de qualquer forma. Romanda e Lelaine não eram as únicas Votantes a ter alertado Egwene quanto a seguir os conselhos de Sheriam sem consultar o Salão. Na verdade, Delana era a única que parecia apoiar Sheriam sem restrições, mas sempre advertia que Romanda e Lelaine também deveriam ser ouvidas, como se realmente fosse possível seguir por três caminhos de uma só vez. E, ainda que se pudesse contornar o Salão, tão logo a notícia

da promessa, bem como da sua revogação, chegasse aos ouvidos de Rand, seria dez vezes mais difícil lidar com ele. Cem vezes.

Egwene só aguardou até que os lábios de Sheriam se abrissem, e então tornou a se antecipar:

— Claro que eu falei para ele que era uma ideia ridícula.

— Claro. — A voz de Sheriam não estava tão firme quanto já estivera. Muito bom.

— Mas você tem toda razão. A situação é delicada. É uma pena. O seu conselho sobre como lidar com Romanda e Lelaine foi bom, mas creio que aumentar os preparativos para um deslocamento já não seja mais suficiente.

Romanda a colocara contra a parede e a advertira com severidade quanto à pressa levar à ruína. O exército de Gareth Bryne deveria ter seus números aumentados, até ficar grande o bastante para que a notícia sobre o seu tamanho intimidasse Elaida. Por sinal, Romanda não poderia ser mais contundente ao enfatizar uma vez mais que missões diplomáticas para governantes *tinham* que ser suspensas. Somente as Aes Sedai deveriam saber de quaisquer problemas na Torre. Lelaine não dava a mínima nem para o exército do Lorde Bryne nem para governantes — ambos eram irrelevantes —, embora tenha recomendado cautela e espera. As abordagens adequadas às Aes Sedai que ainda estavam na Torre por certo dariam frutos: Elaida poderia ser removida do Trono de Amyrlin e Egwene empossada de tal forma que ninguém além de umas poucas irmãs jamais teria certeza do que realmente ocorreria. Com o tempo, o fato de a Torre Branca um dia ter se rompido seria visto como não mais que um boato de camponês. Poderia até ter dado certo, se elas tivessem mais tempo. Caso esperar não desse a Elaida exatamente a mesma chance de atuar junto às irmãs que estavam ali.

A outra diferença com relação a Lelaine era que ela dissera tudo aquilo com um sorriso apropriado para se dirigir a uma noviça promissora ou a uma Aceita da qual ela estava orgulhosa. Egwene ter redescoberto a Viagem fez com que várias Aes Sedai sorrissem, embora só umas poucas fossem fortes o bastante para abrir um portão maior que o necessário para a passagem de um braço, e a maioria, nem isso. Romanda queria usar os portões para retirar da Torre o Bastão dos Juramentos e certos outros objetos — não disseram a Egwene exatamente quais —, para que elas pudessem elevar Aes Sedai “de verdade” em Salidar, privando Elaida dessa capacidade, e era certo que Egwene queria ser uma Aes Sedai “de verdade”. Lelaine concordava com esse último ponto, mas não com o uso de portões na Torre. Havia grandes chances de que eles fossem detectados, e, se as mulheres na Torre aprendessem a Viajar, uma vantagem importante demais seria perdida. Esses argumentos haviam tido um peso considerável junto ao Salão, o que não deixou Romanda nada satisfeita.

Sheriam também tinha sorrido por finalmente concordar com Lelaine em alguma coisa, mas, àquela altura, já não sorria mais.

— Não tenho certeza se entendi, Mãe — disse ela, em um tom tolerante demais. — Preparativos certamente são o bastante para mostrar ao Salão que você não vai se deixar intimidar. Mas avançar antes que tudo esteja em ordem pode ter consequências desastrosas.

Egwene deu um jeito de exibir uma expressão inocente.

— Eu entendo, Sheriam. Não sei o que eu faria sem os seus conselhos. — Como ela queria que chegasse o dia em que poderia acabar com aquilo. Sheriam seria uma excelente Curadora, e talvez até uma boa Amyrlin, mas Egwene sentiria muito prazer no dia em que pudesse ensinar à mulher que ela era a *Curadora*, não a Amyrlin. A ela e ao Salão. — É que agora Mat está com esse exército de Devotos do Dragão aqui na nossa porta. O que Lorde Bryne vai fazer? Ou alguns dos soldados dele, talvez por conta própria? Todo mundo fala sobre como ele queria enviar homens para caçar esses Devotos do Dragão que supostamente andam incendiando aldeias. Sei que disseram para ele manter as rédeas bem curtas, mas...

— Lorde Gareth vai agir exatamente como nós... como você ordenar, e nada mais.

— Pode ser. — Ele não estava tão feliz com essa rédea curta quanto Sheriam acreditava. Siuan passava

um bom tempo com Gareth Bryne, por mais que reclamasse do homem, e ele lhe contava coisas. Egwene, entretanto, não podia dizer nada a Sheriam que denunciasse a relação dos dois. — Espero que se possa dizer o mesmo de todos os soldados dele. Não podemos nos deslocar para o oeste e entrar em Amadícia, mas achei que talvez pudéssemos seguir rio abaixo, para Ebou Dar. Talvez por um portão. Tenho certeza de que as Aes Sedai são bem-vindas lá. Lorde Bryne poderia acampar fora da cidade. Se nos deslocássemos, estaríamos enfatizando que não vamos aceitar a... oferta de Rand, se é que pode ser chamada disso. E se vamos fazer mais preparativos, tenho certeza de que acharíamos tudo muito mais fácil numa cidade grande, com estradas e navios chegando e saindo do porto.

O controle de Sheriam titubeou de novo, a ponto de chegar a deixá-la com a voz fraca.

— Ebou Dar não é um lugar muito convidativo assim, Mãe. Algumas irmãs é algo bem diferente de algumas centenas, ainda mais com um exército às costas. Isso pode fazer Tylin achar que nossa intenção é tomar a cidade, Mãe. Não só Tylin como também vários nobres altaranos que adorariam ter uma desculpa para derrubá-la e se apossar do Trono dos Ventos. Uma enrascada desse tipo arruinaria nossa imagem diante de todos os governantes. Não, Mãe, é totalmente fora de cogitação.

— Mas como podemos ficar aqui agora? Mat não vai fazer nada, mas basta que um punhado de soldados de Lorde Bryne resolva fazer justiça com as próprias mãos. — Egwene franziu o cenho olhando para as saias, alisou-as como se estivesse preocupada, e então suspirou. — Quanto mais ficarmos aqui sentadas sem fazer nada com um exército de Devotos do Dragão olhando para nós, pior vai ser. Não vou ficar surpresa se ouvir boatos de que eles pretendem nos atacar, e pessoas dizendo que deveríamos fazer isso primeiro. — Se a conversa não funcionasse, esses boatos com certeza surgiriam. Nynaeve, Elayne, Siuan e Leane cuidariam disso. Seria perigoso, mas ela poderia encontrar um jeito de fazer Mat recuar antes de a coisa pegar fogo, caso se chegasse a esse ponto. — Olha, pela forma como os boatos se espalham, eu não ficaria surpresa se em menos de um mês metade de Altara achasse que *nós* somos Devotas do Dragão. — Esse era um boato que, se soubesse como, ela teria refreado. O Salão não trazia mais nobres para se encontrar com Logain desde que ele tinha sido Curado, mas os recrutadores de Bryne continuavam saindo, assim como grupos de Aes Sedai que iam caçar novas noviças, e homens que, com suas carroças e seus carroções, empreendiam a longa jornada até as aldeias mais próximas para comprar comida. Com caminhos para rumores se espalharem, e bastava um. — Sheriam, eu sinto como se estivéssemos presas dentro de um caixote, e, se não sairmos logo, nada de bom vai acontecer. Nada mesmo.

— A solução é mandar os Devotos do Dragão embora — retrucou Sheriam, já sem a mesma paciência de antes. — Eu lamento deixar Mat escapar de novo, mas não há o que fazer, infelizmente. Você disse para ele que recusávamos a *oferta*, então mande-o embora.

— Quem me dera fosse simples assim. Não acho que basta a gente pedir a ele que vá embora, Sheriam. Mat deu a entender que ficaria onde está até que alguma coisa acontecesse. Ele pode estar esperando ordens de Rand, ou até o próprio Rand. Corria um boato em Cairhien de que ele passou a gostar de Viajar de vez em quando com alguns daqueles homens que reuniu. Aqueles que ele está ensinando a canalizar, sabe? Se isso acontecer, não sei o que vamos fazer.

Sheriam encarou-a, a respiração ofegante para alguém com feições tão tranquilas.

Um barulhinho à porta foi seguido por Tabiya trazendo uma bandeja de prata lisa. Sem perceber o clima pesado, ela resolve arrumar as xícaras e o bule de chá de porcelana verde com todo o esmero, assim como o pote de mel de prata, o jarrinho de creme e os guardanapos de linho com bordas rendadas, até Sheriam finalmente explodir com a garota e mandá-la terminar logo que Tabiya soltou um ganido, abaixou-se com os olhos arregalados para fazer uma medida que quase terminou com sua cabeça enfiada no chão e saiu correndo.

Por um momento, enquanto recuperava a compostura, Sheriam se ocupou em alisar as saias.

— Talvez — disse, por fim, relutante —, seja mesmo necessário deixar Salidar. Antes do que eu

gostaria.

— Mas o único caminho que resta é o norte. — Egwene arregalou os olhos. Luz, como ela odiava aquilo! — Vai parecer que estamos indo em direção a Tar Valon.

— Eu sei — retrucou Sheriam, quase irritada. Respirou fundo e moderou o tom. — Me perdoe, Mãe. Me sinto um pouco... Não gosto de ser forçada a nada, e meu medo é de que Rand al'Thor tenha nos forçado a entrar no jogo antes de estarmos prontas.

— Vou ter uma conversa séria com ele quando o encontrar — afirmou Egwene. — Não consigo nem imaginar o que eu faria sem os seus conselhos. — Talvez ela descobrisse um jeito de mandar Sheriam ir estudar com as Sábias como aprendiz. A ideia de Sheriam depois de, digamos, meio ano com Sorilea a fez abrir um sorriso tão grande que a Curadora chegou até a sorrir de volta. — Com mel ou amargo? — perguntou Egwene, levantando o bule.





GARGALHADA INESPERADA

— Você precisa me ajudar a colocar algum juízo na cabeça delas — disse Mat sem tirar o cachimbo da boca.

— Está ouvindo, Thom?

Os dois estavam sentados em barriletes tombados na sombra pífia de uma casa de dois andares, fumando seus cachimbos, e o menestrel velho e magrelo parecia mais interessado em examinar a carta que Rand lhe enviara. Àquela altura, já a enfiara no bolso do manto com o selo em cera azul ainda intacto. O zum-zum-zum de vozes e o rangido de eixos vindos da rua no final da viela pareciam distantes. O suor pingava do rosto de ambos. Naquele momento, ao menos uma coisa já estava resolvida. Mat saíra da Pequena Torre para descobrir que um grupo de Aes Sedai havia arrastado Aviendha para algum lugar. Ela não esfaquearia ninguém tão cedo.

Thom tirou o cachimbo da boca. Tinha uma piteira bem comprida, com folhas de carvalho e nozes entalhadas.

— Uma vez eu tentei resgatar uma mulher, Mat. Laritha era um botão de rosa e casada com um brutamontes de olhar furioso que confeccionava botas numa aldeia onde fiz uma parada por alguns dias durante minhas viagens. Um brutamontes. Gritava com ela caso o jantar não estivesse pronto na hora e a ameaçava com um chicote se a visse trocar mais que duas palavras com qualquer homem.

— Thom, onde é que no Poço da Perdição isso tem alguma coisa a ver com aquelas mulheres passarem a ter algum juízo?

— Apenas me ouça, garoto. O modo como ele tratava a mulher era de conhecimento geral na aldeia, mas foi a própria Laritha que me contou, se lamuriando o tempo todo sobre como gostaria que alguém a resgatasse. Eu tinha ouro na minha bolsa e uma bela carruagem, com condutor e serviçal. Eu era jovem e bonito. — Thom esfregou o bigode branco e suspirou. Era difícil acreditar que aquele rosto envelhecido já havia sido bonito. Mat piscou. Uma carruagem? Desde quando um menestrel tinha carruagem? — A situação daquela mulher partiu o meu coração, Mat. E não vou negar que o rosto dela também me conquistou. Como eu disse, eu era jovem, achei que estava apaixonado, como um herói saído das histórias. Então um dia, sentado debaixo de uma macieira que estava florando, bem longe da casa do fabricante de botas, me ofereci para levá-la embora. Eu daria uma criada e uma casa só para ela, e a cortejaria com músicas e versos. Quando ela finalmente entendeu, me deu um chute tão forte no joelho que passei um mês inteiro mancando, além de ter

me batido com o banco.

— Parece que todas elas gostam de dar chutes — resmungou Mat, ajustando seu peso em cima do barrilete. — Suponho que ela não tenha acreditado em você, e quem pode culpá-la?

— Ah, ela acreditou. E se sentiu ultrajada por eu ter achado que algum dia ela abandonaria o amado marido dela. Palavra dela: amado. Ela saiu correndo de volta para ele o mais rápido que os pés dela aguentavam, e só me restou escolher entre matá-lo ou pular para dentro da minha carruagem. Tive que deixar para trás quase tudo o que eu tinha. Creio que ela ainda esteja vivendo com ele exatamente como antes: segurando os cordames da bolsa bem apertado em sua mão e dando com a vassoura na cabeça dele toda vez que ele vai à estalagem para tomar uma cerveja. De mesmo jeito que ela sempre fez, como eu descobri depois de algumas discretas investigações. — Ele meteu o cachimbo de volta entre os dentes como se tivesse chegado a uma conclusão.

Mat coçou a cabeça.

— Não entendi o que uma coisa tem a ver com a outra.

— Você não deveria pensar que conhece a história toda quando só ouviu uma parte. Por exemplo, você sabia que Elayne e Nynaeve vão partir para Ebou Dar daqui um ou dois dias? E que Juilin e eu devemos ir junto?

— Ebou...! — Mat quase não conseguiu pegar o cachimbo antes que ele caísse nas ervas daninhas mortas que recobriam a viela. Nalesean contara algumas histórias sobre uma visita a Ebou Dar, e mesmo Mat sabendo que ele exagerava quando se tratava de mulheres que conhecera e brigas em que se metera, o lugar parecia difícil. Então elas achavam que conseguiriam levar Elayne embora na calada da noite, é? — Thom, você precisa me ajudar...

— O quê? — interrompeu Thom. — A salvá-las do artesão de botas? — Soprou uma serpentina de fumaça azul. — Não vou fazer isso, garoto. Você ainda não sabe a história toda. Como você se sente com relação a Egwene e Nynaeve? Pensando melhor, considere só Egwene.

Mat franziu a testa, imaginando se o homem pensava que conseguiria confundi-lo ao ficar andando em círculos.

— Eu gosto de Egwene. Eu... Que a Luz me queime, Thom, ela é a Egwene. Só isso já diz tudo. Por isso é que eu estou tentando salvar o pescoço daquela idiota.

— Salvá-la do artesão de botas dela, você quer dizer — murmurou Thom, mas Mat continuou.

— O pescoço dela e o de Elayne também. Até o de Nynaeve, se eu mesmo resistir à tentação de estrangulá-la com as minhas próprias mãos. Luz! Eu só quero ajudá-las. Além disso, Rand vai quebrar o *meu* pescoço se eu deixar alguma coisa acontecer com Elayne.

— Você já pensou em ajudá-las a fazer o que elas querem, em vez do que você quer? Se eu pudesse fazer as coisas do meu jeito, já estaria com Elayne num cavalo a caminho de Andor. Ela precisa fazer outras coisas primeiro, *precisa*, eu acho, então eu fico correndo por aí atrás dela, preocupado dia e noite se alguém vai conseguir matá-la sem que eu possa fazer nada para evitar. Ela só vai para Caemlyn quando estiver pronta. — Cheio de complacência, Thom trouxe o cachimbo, mas sua voz soou levemente cortante no final, como se não gostasse tanto das suas palavras quanto fingia gostar.

— A impressão que eu tenho é de que elas querem entregar a cabeça delas para Elaida. — Quer dizer que Thom estaria com aquela juvenzinha tola em cima de um cavalo, não é? Um menestrel levando a Filha-herdeira na marra para ser coroada! Realmente Thom se tinha em alta conta.

— Você não é bobo, Mat — disse Thom, calmo. — Você sabe muito bem. Egwene... É difícil ver aquela criança como Amyrlin... — Mat soltou um grunhido amargo, concordando. Thom nem lhe deu atenção. — ... mas creio que ela tenha estômago para isso. Ainda é muito cedo para dizer se algumas coisas são só coincidência, mas estou começando a acreditar que ela também pode ter o cérebro. A questão é: será que ela

é forte o bastante? Se lhe faltar isso, elas vão comê-la viva, estômago, cérebro e tudo.

— Quem? Elaida?

— Ah, ela. Se tiver a chance. Essa aí tem força de sobra. Mas as Aes Sedai daqui mal veem Egwene como Aes Sedai. Como Amyrlin, talvez, mas não como Aes Sedai, mesmo que isso seja difícil de se acreditar. — Thom balançou a cabeça. — Eu não entendo, mas é verdade. O mesmo vale para Elayne e Nynaeve. Elas tentam manter isso só entre elas, mas nem as Aes Sedai disfarçam tanto quanto acreditam, se você olhar bem e prestar atenção. — O homem tornou a puxar a carta e só ficou virando-a nas mãos para um lado e para o outro, sem olhar. — Egwene está caminhando na beira de um precipício, Mat, e três facções aqui em Salidar... até onde sei são três... podem empurrá-la lá de cima se ela der um único passo em falso. Elayne vai junto se isso acontecer, e Nynaeve também. Ou talvez elas empurrem primeiro as duas para que Egwene seja arrastada junta.

— Só aqui em Salidar — repetiu Mat, sem emoção. Thom assentiu com a cabeça calmamente, e Mat não conseguiu evitar que sua voz subisse de tom. — E você quer que eu as deixe aqui?

— Quero que pare de pensar que você vai *obrigá-las* a fazer o que for. Elas já decidiram o que vão fazer, e você não tem como mudar isso. Mas talvez, e só talvez, você possa me ajudar a mantê-las vivas.

Mat se levantou rapidamente. A imagem de uma mulher com uma faca enterrada entre os seios lhe viera à mente, e não se tratava de uma das lembranças emprestadas. Ele chutou o barrilete em que estivera sentado e o fez sair rolando viela abaixo. Ajudar um *menestrel* a mantê-las vivas? Uma lembrança tênue ressurgiu, algo com relação a Basel Gill, um estalajadeiro de Caemlyn, falando alguma coisa a respeito de Thom, mas foi como se Mat tentasse agarrar fumaça, e o pensamento se dissipou.

— De quem é a carta, Thom? De alguma outra mulher que você resgatou? Ou você a deixou num lugar onde ela poderia acabar decapitada?

— Deixei — respondeu Thom, tranquilo. Levantou-se e se afastou sem dizer mais nenhuma palavra.

Mat fez menção de detê-lo e chegou até a abrir a boca. Só não conseguia pensar no que dizer. *Velho maluco!* Não, não era maluco. Egwene era teimosa como uma mula, e Nynaeve a fazia parecer dócil. Pior, ambas subiriam numa árvore para enxergar melhor um relâmpago. Quanto a Elayne, as mulheres nobres nunca tinham bom senso suficiente para sair da chuva. E depois ficavam indignadas quando se molhavam.

Dando tapinhas para esvaziar o cachimbo, Mat apagou as brasas com os calcanhares antes que as ervas daninhas secas pudessem pegar fogo, então apanhou o chapéu no chão e saiu mancando pela rua. Precisava obter informações de uma fonte melhor que um menestrel que tinha delírios de grandeza por ter passado tempo demais com aquela Filha-herdeira de nariz em pé. À sua esquerda, ao longe, Mat viu Nynaeve saindo da Pequena Torre e disparou atrás dela, serpenteando por entre carroças puxadas por bois ou cavalos. Talvez ela pudesse ajudá-lo a entender melhor. Se quisesse. Sentiu uma pontada no quadril. *Que me queime, ela me deve algumas respostas.*

Foi quando Nynaeve o avistou e ficou visivelmente tensa. Por um momento, observou-o se aproximar e então, de maneira abrupta, apressou-se na direção contrária, numa clara tentativa de evitá-lo. Ela olhou por cima do ombro duas vezes antes de as pessoas e as carroças a encobrirem.

Mat parou, com a expressão carrancuda, e puxou o chapéu para baixo. Primeiro, a mulher lhe dera um pontapé sem motivo e agora se recusava a falar com ele. Estavam querendo deixá-lo abalado, ela e Egwene, até que Mat saísse correndo sempre que elas lhe apontassem o dedo. *Bem, elas escolheram o homem errado para esse joguinho, e que a Luz queime seus couros!*

Vanin e os demais estavam do lado de fora de um estábulo, junto de uma construção de pedra que, no passado, com certeza fora uma estalagem. Àquela altura, Aes Sedai entravam e saíam do local. Pips e o restante dos cavalos estavam amarrados a um poste, e Vanin e os dois batedores que haviam sido capturados

estavam agachados junto da parede. Não havia dois homens mais diferentes entre si do que Marr e Ladwin; um alto, magrelo e de rosto duro, o outro baixo, troncudo e de aspecto pacato, mas ambos pareciam absolutamente envergonhados quando Mat apareceu. Nenhum dos dois havia se recuperado de como a captura dele tinha sido fácil. Rijos, os dois homens do esquadrão estavam de pé e ainda seguravam os estandartes bem justos junto às hastes, como se ainda houvesse sentido naquilo. Pareciam mais do que só um pouco apreensivos. Uma batalha era uma coisa, todas aquelas Aes Sedai eram outra bem diferente. Numa batalha, um homem tinha chances de vencer. Havia dois Guardiões de olho neles. Não abertamente. Estavam do outro lado do pátio do estábulo, mas não teriam optado por ficar ali, de pé no sol a pino, só para conversar.

Mat alisou o focinho de Pips e, em seguida, instantes depois, começou a examinar os olhos do cavalo. Um sujeito de colete de couro saiu do estábulo e seguiu rua acima empurrando um carrinho de mão cheio de esterco. Vanin se aproximou para observar o olho de Pips. Sem olhar para ele, Mat disse:

— Você consegue ir até o Bando?

— Talvez. — Vanin franziu o cenho e levantou a pálpebra de Pips. — Com um pouco de sorte, talvez. Mas odeio ter que abandonar o meu cavalo.

Mat assentiu, observando o olho mais de perto.

— Avise a Talmanes que eu disse para ele ficar onde está. Pode ser que eu fique aqui alguns dias, e não quero nenhuma maldita tentativa de resgate. Tente voltar para cá. Sem ser visto, se possível.

Vanin cuspiu na poeira debaixo de Pips.

— Um homem que se mistura com Aes Sedai põe uma rédea em si mesmo e uma sela em suas costas. Vou voltar assim que puder. — Balançando a cabeça, ele se misturou à multidão, um gorducho desalinhado e de andar bamboleante que ninguém suspeitaria de que fosse capaz de ser furtivo.

Um dos homens do esquadrão pigarreou com hesitação e deu um passo em direção a Mat.

— Milorde, está tudo...? Foi isso que você planejou, não foi, milorde?

— Tudo dentro do plano, Verdin — respondeu Mat, dando tapinhas em Pips. Ele fora enfiado de cabeça numa saca, e com os barbantes bem amarrados. Havia prometido a Rand que levaria Elayne em segurança a Caemlyn e não podia ir embora sem ela. E também não podia dar no pé e deixar Egwene com o pescoço estirado no cepo. Podia ser que... Luz, como aquilo o irritava! Mas podia ser que ele tivesse de seguir o conselho de Thom. Tentar manter a maldita cabeça daquelas malditas mulheres sobre seus malditos ombros dando um jeito de ajudá-las a fazer aquele plano completamente maluco dar certo. E, de quebra, tentava manter o próprio pescoço intacto. Sem falar em deixar Aviendha bem longe da goela de Elayne. Bem, pelo menos ele poderia estar por perto para levá-las embora quando tudo desse errado. Belo consolo. — Está tudo indo às mil maravilhas.

* * *

Elayne esperara encontrar Aviendha na sala de espera ou talvez no lado de fora, mas não precisou investigar muito para descobrir por que a Aiel não estava nem num lugar nem noutro. Havia dois assuntos nas conversas entre as outras Aes Sedai, e todas elas estavam falando, os papéis importantes abandonados sobre as mesas. A maioria das línguas se ocupava com Mat. Até as serviçais e noviças que passavam às pressas pela sala de espera faziam pausas na realização das suas incumbências para trocar uma ou outra palavra a respeito dele. Ele era *ta'veren*. Era seguro permitir que um *ta'veren* permanecesse em Salidar? Ele havia estado mesmo na Torre e simplesmente teve permissão para ir embora? Era verdade que comandava um exército de Devotos do Dragão? Será que ele seria preso pelas atrocidades das quais elas tinham ouvido falar? Era verdade que ele era da mesma aldeia que o Dragão Renascido e a Amyrlin? Havia boatos de *dois ta'veren* ligados ao Dragão

Renascido. Quem seria o segundo e onde ele poderia ser encontrado? Talvez Mat Cauthon soubesse. Parecia haver tantas opiniões quanto pessoas para dá-las.

Havia duas perguntas que Elayne esperava ouvir e que não ouviu: o que Mat queria em Salidar e como Rand soubera para onde mandá-lo? Ninguém as fez, mas, num canto, uma Aes Sedai mexia de repente no xale como se estivesse com frio e se sobressaltava quando alguém falava com ela, e, no outro, uma serviçal parada no meio do aposento olhava para o nada antes de recobrar a consciência com uma sacudidela, ou uma noviça disparava olhares apavorados para as irmãs. Mat não era exatamente um gato à solta entre os pombos, mas chegava perto. O simples fato de Rand saber onde elas estavam parecia o suficiente para causar calafrios.

Aviendha gerava menos comentários, mas as irmãs não tinham como evitar falar sobre ela, e não só para mudar de assunto. Não era todo dia que uma bravia simplesmente aparecia por conta própria, em especial com aquela força notável e, ainda por cima, sendo uma Aiel. Esse último aspecto causava verdadeiro fascínio em todas as irmãs. Nenhuma Aiel jamais treinara na Torre, e poucas Aes Sedai já haviam adentrado o Deserto Aiel.

Bastou uma única pergunta para ela descobrir onde estavam mantendo-a presa. Não oficialmente presa, mas Elayne sabia como as Aes Sedai podiam ser quando queriam que uma mulher se tornasse noviça.

— Ao cair da noite, ela já vai estar de branco — afirmou Akarrin de modo confiante. A Marrom esbelta assentia para dar ênfase a quase todas as palavras. As duas irmãs que a acompanhavam aquiesceram com a mesma certeza.

Resmungando sozinha, Elayne saiu apressada para a rua. À sua frente, conseguia avistar Nynaeve quase trotando e olhando por cima do ombro com tanta frequência que acabava esbarrando nas pessoas. Sem se importar em ter companhia, Elayne cogitou alcançá-la, mas não estava disposta a correr naquele calor, com ou sem a concentração que a impedia de suar, e aquela parecia ser a única alternativa. Ainda assim, ela acabou suspendendo um pouco as saias e apertou o passo.

Antes que tivesse percorrido cinquenta passadas, sentiu Birgitte se aproximando e virou-se para vê-la correndo rua abaixo. Areina estava com ela, mas parou não muito longe e cruzou os braços fazendo cara feia. A mulher era intratável, e com certeza não mudara de opinião só porque Elayne passara a ser de fato uma Aes Sedai.

— Achei que você deveria saber — disse Birgitte, em voz baixa. — Acabei de saber que, quando formos partir para Ebou Dar, Vandene e Adeleas vão junto.

— Entendi — murmurou Elayne. Podia ser que a dupla, por algum motivo, fosse se juntar a Merilille, embora já houvesse três Aes Sedai na corte de Tylin, ou talvez tivessem uma missão específica em Ebou Dar. Elayne não acreditava em nenhuma das duas hipóteses. Areina já tinha feito seus julgamentos, e o Salão também: Elayne e Nynaeve teriam duas Aes Sedai *de verdade* como babás. — Ela já entendeu bem que *ela* não vai.

Birgitte espiou na direção para onde Elayne estava olhando, para Areina, e deu de ombros.

— Ela sabe, e não está nem um pouco contente com isso. Da minha parte, não vejo a hora de ir.

Elayne hesitou por um breve momento. Tinha prometido que guardaria segredos, o que não gostava de fazer, mas não que pararia de tentar convencer a outra mulher de que não havia necessidade.

— Birgitte, a Egwene...

— Não!

— Por que não? — Não fazia muito tempo que Elayne tinha Birgitte como Guardiã quando decidira que, assim que estabelecesse um elo com Rand, daria um jeito de obrigá-lo a prometer que ele a obedeceria, ao menos nas coisas importantes. Nos últimos dias, ela se contentaria com uma outra promessa: ele teria que responder às perguntas dela. Birgitte respondia quando queria, fazia-se de desentendida quando tinha vontade e às vezes só exibia uma expressão teimosa, como era o caso naquele momento. — Me diga por que não e, se a

justificativa for boa, eu nunca mais pergunto de novo.

De início, Birgitte apenas encarou-a com raiva, mas, em seguida, pegou Elayne pelo braço e quase a arrastou até a entrada de uma viela. Nenhum transeunte deu mais que uma única olhadela para as duas, e Areina permaneceu onde estava, ainda que com uma expressão mais irritada do que antes, mas Birgitte, mesmo assim, olhou com cuidado para os lados e falou sussurrando:

— Sempre que a Roda girou e lançou para fora, eu nasci, vivi e morri sem saber que estava presa à Roda. Eu só ficava sabendo disso nos intervalos, em *Tel'aran'rhiod*. Algumas vezes, eu me tornei conhecida, e até famosa, mas era como qualquer outra pessoa, e não alguém que saiu de uma lenda. Desta vez, eu fui arrancada, não lançada. É a primeira vez em carne e osso que eu sei quem sou. Pela primeira vez, outras pessoas também podem saber. Thom e Juilin sabem. Não falam nada, mas eu tenho certeza. Eles não olham para mim como as outras pessoas me olham. Se eu dissesse que iria escalar uma montanha de vidro e matar um gigante só com as mãos, eles só perguntariam se eu iria precisar de alguma ajuda para encontrar o caminho, e não esperariam que eu precisasse.

— Eu não estou entendendo — disse Elayne devagar e Birgitte suspirou, baixando a cabeça.

— Não sei se estou à altura disso tudo. Em outras vidas, eu fiz o que tinha de fazer, o que parecia certo, o bastante para Maerion, Joana ou qualquer mulher. Agora, eu sou a *Birgitte* das histórias. Todos que sabem disso vão ter *expectativas*. Me sinto como uma dançarina com tanga de pena chegando num conclave tovano.

Elayne nem perguntou. Quando Birgitte mencionava coisas de vidas passadas, as explicações costumavam gerar mais confusão que a pura ignorância.

— Isso é bobagem — opinou ela com firmeza, pegando a outra mulher pelo braço. — *Eu sei, e eu* com certeza não espero que você saia matando gigantes. Egwene também não. E ela *já* sabe.

— Enquanto eu não admitir — resmungou Birgitte — é como se ela não soubesse. Nem tenha o trabalho de dizer que isso também é bobagem. Eu sei que é, e isso não muda nada.

— E o que você me diz do seguinte: ela é a Amyrlin e você é uma Guardiã. Ela merece a sua confiança, Birgitte. Ela precisa dela.

— Você já terminou o que tinha para fazer com ela? — quis saber Areina, a uma passada de distância. — Se você está indo embora e vai me abandonar, o mínimo que pode fazer é me ajudar com o arco, como disse que faria.

— Eu vou pensar — disse Birgitte, com tranquilidade, para Elayne. Virando-se para Areina, ela pegou a mulher pela trança junto à base da nuca. — Nós vamos conversar sobre o arco, sim — confirmou, puxando-a rua acima —, mas, primeiro, vamos falar sobre boas maneiras.

Balançando a cabeça, Elayne de repente se lembrou de Aviendha e saiu às pressas. A casa não ficava muito longe.

Ela levou um momento para reconhecer Aviendha. Estava acostumada a vê-la de *cadin'sor*, com seu cabelo avermelhado cortado bem curto, não de saia, blusa e xale, com o cabelo abaixo dos ombros e preso atrás da cabeça por um lenço dobrado. À primeira vista, não parecia estar em nenhuma dificuldade. Sentada meio sem jeito numa cadeira — os Aiel não estavam habituados a cadeiras —, dava a impressão de estar bebericando chá em absoluta paz com outras cinco irmãs que formavam um círculo na sala de estar. Casas que abrigavam Aes Sedai tinham essas coisas, apesar de Elayne e Nynaeve ainda estarem em seu quartinho apertado. Numa segunda análise, Aviendha lançava olhares assustados para as Aes Sedai por cima da borda da xícara de chá. Não houve tempo para uma terceira análise. Ao ver Elayne, Aviendha se pôs de pé instintivamente e deixou a xícara cair no chão limpo. Exceto na Pedra de Tear, Elayne tinha visto poucos Aiel, mas sabia que eles escondiam suas emoções, coisa que Aviendha fazia muito bem. Só que, dessa vez, sua expressão era sofrida.

— Me desculpem — disse Elayne para todas as presentes em um tom suave —, mas eu preciso tirá-la da

conversa com vocês por alguns momentos. Talvez vocês possam falar com ela mais tarde.

A hesitação de várias irmãs beirou os protestos, embora não devesse ter havido nenhuma. Era bem claro que ela era, de longe, a mais forte do aposento, tirando Aviendha, e nenhuma daquelas Aes Sedai era Votante ou fazia parte do conselho de Sheriam. Elayne ficou muito feliz por Myrelle não estar lá, já que a mulher morava na casa. Ela optara pela Verde, fora aceita, e só então descobriu que Myrelle era a líder da Ajah Verde em Salidar. Myrelle, que não fazia nem quinze anos que era Aes Sedai. Com base em coisas que já haviam sido ditas, Elayne sabia que existiam Verdes em Salidar que já usavam o xale havia ao menos cinquenta anos, embora nenhuma delas exibisse um único fio grisalho. Se Myrelle estivesse presente, toda a força de Elayne não teria valido de nada caso a líder da sua Ajah quisesse manter Aviendha ali. Como não era o caso, apenas Shana, uma Branca dos olhos saltados que Elayne achava parecida com um peixe, não fez mais que abrir a boca um pouco mais e depois tornar a fechá-la, ainda que de forma bem contrariada, após Elayne ter erguido uma das sobrelhas.

As cinco mais que comprimiram os lábios, mas Elayne ignorou a tensão.

— Obrigada — agradeceu, com um sorriso sem vontade.

Aviendha jogou uma trouxa escura nas costas, mas só deixou de hesitar quando Elayne de fato pediu para ela ir. Já na rua, Elayne disse:

— Peço desculpas por elas. Vou tomar cuidado para que não se repita. — Ela devia ser capaz de proteger Aviendha, tinha certeza. Ou Egwene seria, por certo. — Infelizmente não há muitos lugares para se conversar a sós. Meu quarto é bem quente a esta hora do dia. Poderíamos tentar encontrar uma sombra, ou tomar um chá, caso elas ainda não tenham entupido você.

— No seu quarto. — Ela não chegou a ser exatamente rude, mas estava claro que Aviendha não queria conversar, ainda não. De repente, ela disparou na direção de uma carroça com lenha que passava e apanhou um dos galhos que seriam partidos em gravetos, maior que seu braço e mais grosso que seu polegar. A Aiel voltou para perto de Elayne e começou a descascá-lo com a faca do seu cinto. A lâmina afiada raspava os galhinhos menores feito uma navalha. A expressão não era mais sofrida. Ela parecia determinada.

Elayne observou-a de soslaio enquanto as duas caminhavam. Não pensava que Aviendha pretendia lhe fazer qualquer mal, a despeito do que dissera aquele ogro chamado Mat Cauthon. E então... Ela sabia um pouco sobre *ji'e'toh*. Aviendha lhe explicara alguns pontos quando elas estiveram juntas na Pedra. Talvez Rand tivesse dito ou feito algo. Talvez aquele labirinto desconcertante de honras e obrigações exigisse que Aviendha... Não parecia possível. Mas talvez...

Quando chegaram ao quarto, Elayne decidiu tocar primeiro no assunto. Cara a cara com a outra mulher — e, muito deliberadamente, sem abraçar *saidar* —, ela falou:

— Mat diz que você veio até aqui para me matar.

Aviendha ficou sem reação.

— Aguamentos sempre invertem tudo — afirmou, surpresa. Ela deixou o graveto no pé da cama de Nynaeve e depositou a faca ao lado com todo o cuidado. — Minha quase-irmã Egwene me pediu para vigiar Rand al'Thor para você, o que eu prometi que faria. — A trouxa e o xale foram parar no chão junto da porta. — Tenho *toh* para com ela, mas maior ainda para com você. — Ela desamarrou a blusa, puxou-a por sobre a cabeça, depois baixou a anágua até a cintura. — Eu amo Rand al'Thor, e certa vez me permiti me deitar com ele. Tenho *toh*, e peço a você que me ajude a cumpri-la. — Virando-se de costas, ficou de joelhos no pequeno espaço que ainda restava. — Você pode usar o graveto ou a faca como quiser. A *toh* é minha, mas a escolha é sua. — Aviendha ergueu o queixo e esticou o pescoço. Seus olhos se fecharam. — O que você escolher, eu aceito.

Elayne pensou que seus joelhos fossem ceder. Min dissera que a terceira mulher seria perigosa, mas

Aviendha? *Espere! Ela disse que...* Com Rand! Sua mão se contraiu em direção à faca em cima da cama, e ela tratou de cruzar os braços, prendendo as mãos junto do corpo.

— Levante-se. E vista a sua blusa. Eu *não* vou bater em você... — Talvez só algumas vezes? Ela retesou os braços para manter as mãos onde estavam. — E *com certeza* não vou encostar naquela faca. Por favor, tire isso daqui. — Elayne até a teria entregado para a outra mulher, mas não estava certa de que era seguro tocar em uma arma naquele momento. — Você não tem *toh* para comigo. — Acreditava que a frase fosse aquela. — Eu amo Rand, mas não me importo se você o amar também. — A mentira lhe queimou a língua. Aviendha havia mesmo *se deitado* com ele?

Girando de um lado para o outro ainda de joelhos, Aviendha franziu o cenho.

— Não tenho certeza se entendi. Você está propondo dividi-lo comigo? Elayne, nós somos amigas, eu acho, mas, se vamos ser esposas-irmãs, devemos ser como irmãs-primeiras. Vai levar tempo para saber se podemos ser.

Ao perceber que sua boca estava escancarada, Elayne fechou-a.

— Suponho que sim — ponderou com a voz fraca. Min vivia dizendo que elas iriam dividi-lo, mas com certeza não daquele jeito! Só pensar naquilo já era indecente! — É um pouco mais complicado do que você sabe. Tem uma outra mulher que também o ama.

Aviendha ficou de pé tão rápido que simplesmente pareceu estar num lugar e, logo depois, no outro.

— Qual é o nome dela? — Seus olhos verdes ardiam, e a tal faca estava em sua mão.

Elayne quase gargalhou. *Uma hora, fala de dividir, na outra, fica tão violenta quanto... quanto...* Tão violenta quanto eu, concluiu, não muito contente com o pensamento. Aquilo poderia ter sido pior, bem pior. Poderia ter sido Berelain. Já que teria de ser alguém, melhor que fosse Aviendha. *E é melhor eu aceitar, em vez de ficar chutando as minhas saias como se fosse uma criancinha.* Ela se sentou na cama e entrelaçou as mãos no colo.

— Trate de embainhar isso e se sente aqui, Aviendha. E, por favor, vista a sua blusa. Tenho uma porção de coisas para falar com você. Tem uma mulher, uma amiga minha, minha quase-irmã, chamada Min...

Aviendha chegou a se vestir, mas se passou um tempo considerável até que ela se sentasse, e outro ainda mais considerável até que Elayne conseguisse convencê-la de que elas não deveriam se juntar para matar Min. Ao menos com isso Aviendha concordou. Relutante, ela disse:

— Eu preciso conhecê-la. Não vou dividi-lo com uma mulher que eu não consiga amar como uma irmã-primeira. — E tudo isso com um olhar inquisitivo para Elayne, que suspirou.

Aviendha consideraria dividi-lo com ela. Min estava preparada para dividi-lo com ela. Seria ela a única normal das três? Com base no mapa sob o colchão, Min deveria estar em Caemlyn em pouco tempo, ou talvez já estivesse. Elayne não sabia o que queria que acontecesse lá, apenas que Min usasse suas visões para ajudá-lo. O que significava que Min tinha que permanecer perto dele. Enquanto Elayne ia para Ebou Dar.

— Existe alguma coisa simples na vida, Aviendha?

— Não quando envolve homens.

Elayne não sabia qual a surpresa maior: a gargalhada dela ou a de Aviendha.





UMA AMEAÇA

Apesar de conduzir o cavalo a um passo lento pelas ruas de Caemlyn, exposta sob o sol escaldante do meio da manhã, Min não viu muito da cidade. Mal reparou nas pessoas a pé ou em liteiras, carroções e carruagens que atulhavam a cidade, exceto quando desviava a égua baia ou abria caminho para alguém. Sempre sonhara em morar em uma cidade grande e viajar para lugares estranhos, mas as torres coloridas cobertas de azulejos cintilantes e a linda vista das colinas quase passaram despercebidas. Grupos de Aiel caminhavam pela multidão, atraindo a atenção conforme as pessoas lhes davam passagem. Seu olhar também se voltava para as patrulhas de homens a cavalo, todos com nariz aquilino e quase sempre barbados, mas só porque elas a lembravam dos boatos que chegaram à boca do povo quando ela ainda estava em Murandy. Merana ficara irritada com aquelas histórias, e ainda mais nas duas vezes em que toparam com os restos carbonizados que indicavam a passagem dos Devotos do Dragão, mas Min achava que algumas das outras Aes Sedai estavam mais para preocupadas do que para irritadas. O melhor era evitar falar sobre o que achavam da anistia de Rand.

Parou diante da praça em frente ao Palácio Real, puxando as rédeas de Rosa, e secou o suor do rosto com toda a delicadeza, usando um lenço de bordas rendadas que tratou de enfiar de volta na manga do casaco. Apenas umas poucas pessoas pontilhavam a grande praça oval, mas essa ausência de gente talvez pudesse ser explicada pelos Aiel montando guarda nos portões principais do palácio, bem abertos. Havia mais Aiel de pé nas varandas de mármore e andando para lá e para cá pelas pontes e travessias elevadas, apoiadas em colunas. O Leão Branco de Andor tremulava ao sabor da brisa acima da cúpula mais alta do palácio, e outra bandeira carmesim panejava em um dos pináculos, um pouco mais baixo que a cúpula branca. A brisa movia o tecido rubro apenas o suficiente para deixar ver o antigo símbolo das Aes Sedai, preto e branco.

Vendo os Aiel, ficou feliz por ter recusado a oferta de uma dupla de Guardiões como escolta — suspeitava de que misturar os dois grupos poderia causar atritos. E também não fora exatamente uma oferta, e sua recusa só fora bem-sucedida por Min ter ido embora de fininho uma hora antes do que deveria estar marcado no relógio da cornija da lareira da estalagem. Quando as duas finalmente chegaram, logo antes do amanhecer, foram direto para o que Merana, que era de Caemlyn, dizia ser a melhor estalagem da Cidade Nova.

Ainda assim, não eram os Aiel que deixavam Min hesitante — ao menos não só eles, pois já ouvira toda sorte de histórias terríveis sobre Aiel de véus negros. Ela usava casaco e calças da melhor e mais suave lã que

se podia encontrar em Salidar, toda de um tom rosa-claro e com florezinhas azuis e brancas bordadas nas lapelas, nos punhos e pela lateral externa das pernas. A camisa também tinha o corte típico das vestimentas masculinas, mas era de seda creme. Depois que seu pai morrera, quando ainda estava em Baerlon, as tias tentaram transformá-la no que alegavam ser uma “mulher direita” — tia Miren talvez soubesse que, depois de Min passar dez anos nas minas usando roupas de menino, talvez fosse tarde demais para enfiar a sobrinha em vestidos, mas elas tentaram mesmo assim. Min combateu as tentativas com a mesma teimosia com que se recusara a aprender a manejar a agulha. Tirando aquele episódio infeliz quando estava servindo mesas na estalagem Pouso dos Mineiros — o lugar era barra-pesada, mas ela não passara muito tempo lá: assim que ficaram sabendo do novo trabalho de Min, Rana, Jan e Miren fizeram questão de tirá-la de lá, apesar dos protestos da sobrinha sobre já ter vinte anos. Tirando essa única vez, nunca usara um vestido de bom grado. Só que, ali parada, estava pensando que talvez devesse ter mandado fazer um, em vez de usar aquele conjunto de casaco e calças. Quem sabe um vestido de seda, com decote profundo e justo no corpete e...

Ele vai ter que me aceitar como sou, pensou, irritada, mexendo nas rédeas. *Não vou mudar por homem nenhum*. Ainda assim, nem tanto tempo antes Min teria usado roupas tão simples como as de um fazendeiro, não estaria com o cabelo quase até os ombros e arrumado em cachos, e não ouviria aquela vozinha sussurrando em sua mente: *Você vai ser o que achar que ele quer que seja*. Min massacrou aquelas palavras com a mesma força e intensidade com que massacrava qualquer cavaliário que tentava ser mais grosseiro e, com um mínimo a mais de delicadeza, esporou Rosa. Sentia ódio só de pensar em como as mulheres podiam ser fracas quando se tratava de um homem. Só que o problema é que tinha quase certeza de que, muito em breve, sentiria aquela fraqueza na pele.

Desmontou bem na frente dos portões do palácio e, examinando os Aiel com desconfiança, deu um tapinha amigável na égua, explicando que o chute não fora de propósito. Metade dos Aiel ali eram mulheres e, tirando uma, eram todas bem mais altas que ela. Os homens eram quase sempre tão grandes quanto Rand, alguns até maiores. Todos estavam bem atentos à sua presença — bem, pareciam atentos a tudo, então com certeza também estavam prestando atenção nela. De tão atentos, parecia que nenhum deles sequer piscava. Portavam lanças e broquéis, além dos arcos presos às costas e as aljavas na cintura, junto das facas largas — pareciam prontos para matar. Aquelas tiras de pano negro pendendo sobre o peito deviam ser os véus. Já ouvira falar que os Aiel não matavam ninguém sem cobrir os rostos. *Espero que seja verdade*.

Decidiu falar com a menor mulher ali. O rosto bronzeado, emoldurado por um cabelo ruivo reluzente e tão curto quanto Min usava antes, era tão rígido que poderia muito bem ter sido entalhada em madeira, mas a mulher chegava até a ser um pouco mais baixa que ela.

— Vim ver Rand al’Thor — anunciou, um tanto insegura. — O Dragão Renascido. — Aqueles Aiel não piscavam nunca? — Eu me chamo Min. Ele me conhece, e trago uma mensagem importante.

A ruiva se virou para as outras Aiel, fazendo alguns gestos rápidos com a mão livre. Quando ela se virou de volta para responder, as mulheres estavam rindo.

— Vou levá-la até ele, Min. Mas se ele não souber quem você é, vai sair de lá muito mais rápido do que entrou. — Algumas das Aiel também riram disso. — Eu me chamo Enaila.

— Ele me conhece — insistiu Min, ruborizando. Levava um par de facas escondidas nas mangas do casaco. Aprendera a usar as lâminas com Thom Merrillin, mas tinha a sensação de que aquela Enaila não teria dificuldades em desarmá-la e descascá-la com as próprias facas. Viu uma imagem tremeluzir sobre a cabeça da mulher, mas desapareceu rápido. Alguma guirlanda, mas não tinha ideia do que poderia significar. — É para eu levar minha égua junto? Acho que Rand não está com saudades dela. — Para sua surpresa, alguns dos Aiel deram risadinhas, tanto homens quanto mulheres, e Enaila contorceu os lábios, como se também quisesse rir.

Um sujeito veio pegar Rosa — também parecia Aiel, apesar dos olhos tristonhos e do robe branco —,

então ela acompanhou Enaila portões adentro, cruzando um largo pátio até o Palácio propriamente dito. Foi um certo alívio ver serviçais de uniforme vermelho e branco atravessando apressados os corredores repletos de tapeçarias, todos observando os Aiel que ficavam por ali com cautela — mas a mesma cautela com que olhariam para um cão estranho. Min já estava achando que encontraria um Palácio povoado apenas de Aiel, com Rand cercado por aquela gente, talvez até usando casaco e calças naqueles tons de marrom, cinza e verde e encarando-a sem nunca piscar.

Enaila a levou até portas duplas, largas e imensas, entalhadas com leões. Estavam abertas, e ela fez uma pausa e deu um aceno para a Aiel que estava de guarda. Todas ali eram mulheres. Uma delas, de cabelo claro e consideravelmente mais alta do que a maioria dos homens, remexeu os dedos em resposta.

— Espere aqui — advertiu Enaila, e entrou.

Min fez menção de segui-la, mas, em um movimento despreocupado, a Aiel de cabelos claros bloqueou seu caminho com a lança — quer dizer, talvez não tenha sido tão despreocupado, mas Min não ligava. Consequia ver Rand dali.

Ele estava sentado em um grande trono dourado que parecia todo feito de Dragões, usando um casaco vermelho cheio de brocados de ouro, e, para a surpresa de Min, portava um cabo de lança borlado verde e branco. Um segundo trono, também dourado, repousava sobre um pedestal logo atrás, esse com um leão de pedras preciosas brancas encrustado no fundo vermelho. O Trono do Leão, segundo os rumores. Bem, Rand poderia estar usando o trono até como apoio para os pés e Min não teria se importado. Ele parecia cansado. Ah, e era tão bonito que ela sentia um aperto no peito. Via imagens dançando ao redor dele, sem parar. Quando aquela enxurrada acontecia com as Aes Sedai e os Guardiões, ela sempre tentava sair de perto — não sabia o que significavam as visões, não mais do que saberia se fosse outra pessoa qualquer, mas as visões estavam *sempre* lá. Com Rand, Min precisava se concentrar para vê-las, senão ficaria apenas encarando o rosto dele. Uma das imagens ela já conhecia, pois a vira toda vez que esteve diante dele: milhares de luzes cintilantes, como estrelas ou pirilampos, investiam contra uma massa escura enorme, querendo preenchê-la, mas acabavam engolidas. Parecia que tinha mais luzes do que nunca, mas a escuridão também absorvia os pontos brilhantes mais depressa. E tinha algo mais, algo novo: uma aura amarela, marrom e roxa que fez seu estômago se retesar.

Tentou examinar as imagens dos nobres parados diante de Rand — só podiam ser nobres, com aqueles casacos bordados e ricos vestidos de seda —, mas não havia o que ver — e era quase sempre assim, com quase todos; quando ela de fato via algo, era quase certo que não teria ideia do que a imagem predizia. Ainda assim, estreitou os olhos e tentou. Se conseguisse identificar uma imagem, uma aura que fosse, talvez pudesse ajudar Rand. Pelas histórias que ouvira desde que chegara a Andor, Rand parecia precisar de toda a ajuda que pudesse ter.

Suspirando pesadamente, ela enfim desistiu. Estreitar os olhos e forçar a vista só faria diferença se houvesse o que ver.

Foi quando notou que os nobres estavam se retirando. Rand se levantou e Enaila gesticulou para que ela entrasse. Rand estava sorrindo, e Min achou que o coração fosse sair pela boca. Então era assim que se sentiam aquelas mulheres de quem ela tanto rira ao vê-las se jogando aos pés de algum homem. Não. *Ela* não era frívola. Era mais velha que Rand, dera seu primeiro beijo quando, para ele, pastorear ovelhas ainda era a coisa mais divertida do mundo, tinha... *Luz, por favor, que meus joelhos não cedam.*

* * *

Rand largou o Cetro do Dragão na poltrona em que estivera sentado, saltou do estrado de um pulo só e

atravessou correndo o Grande Salão. Assim que alcançou Min, agarrou-a em um abraço e a rodopiou no ar várias vezes, sem nem esperar Dyelin e os outros saírem. Alguns nobres ficaram olhando. Que olhassem à vontade: Rand não estava nem aí.

— Luz, Min, mas como é bom ver seu rosto!

Ele riu. Era um rosto consideravelmente melhor que as feições pétreas de Dyelin ou de Ellorien. E teria ficado feliz em vê-la mesmo que Aemlyn, Arathelle, Pelivar, Luan e todos os outros parecessem felizes com a notícia de que Elayne estava a caminho de Caemlyn, em vez de simplesmente o encararem cheios de dúvida, parecendo achar que ele estava mentindo.

Quando ele a botou de volta no chão, Min se deixou cair contra seu peito, abraçando-o com força, ofegante.

— Ah, me desculpe — pediu Rand. — Não queria deixar você tonta. É que estou mesmo feliz em vê-la.

— Bem, e você realmente me deixou tonta, seu pastorzinho cabeça de lã — balbuciou ela contra seu peito. Min se afastou e, de cara feia, ergueu os olhos de cílios compridos para ele. — A cavalgada foi bem longa, cheguei praticamente no meio da noite, e você me joga de um lado e para o outro feito uma saca de aveia. Não lhe ensinaram a ter modos?

— Cabeça de lã! — Ele riu baixinho. — Min, pode me chamar de mentiroso, se quiser, mas juro que senti saudade de ouvir você me chamar assim.

Ela não respondeu, só ergueu os olhos para ele, já sem fazer cara feia. Seus cílios de fato pareciam mais compridos do que ele se recordava.

Rand se lembrou de onde estavam, então segurou sua mão e a puxou atrás de si. O salão do trono não era lugar para reencontrar velhos amigos.

— Vamos, Min. Podemos tomar um ponche gelado na sala de estar. Somara, vou para meus aposentos. Pode mandar todo mundo embora.

Somara não pareceu muito feliz com aquilo, mas dispensou todas as Donzelas, restando apenas ela mesma e Enaila. Ambas pareciam um pouco emburradas, o que Rand não compreendeu. Ele só permitira que Somara mantivesse tantos Aiel dentro do palácio porque Dyelin e os outros tinham ido visitá-lo. E Bashere estava fora, no acampamento dos cavaleiros dele ao norte da cidade, pelo mesmo motivo. As Donzelas ficaram no palácio como lembrete, e Bashere fora mandado para longe porque talvez fosse lembrete demais. Esperava que aquelas duas não planejassem dar uma de mãe — achava que elas se revezavam mais do que deviam na guarda dele, mas Nandera era tão irredutível quanto Sulin, quando ele tentava definir que donzela deveria fazer o quê. Rand até podia comandar as *Far Dareis Mai*, mas não era uma Donzela, e aquilo não era da sua conta.

Enquanto conduzia Min pela mão pelo corredor, viu que ela analisava as tapeçarias, as mesas, os baús incrustados, as vasilhas douradas e os vasos compridos de porcelana do Povo do Mar arrumados em alguns nichos. A jovem examinou Enaila e Somara da cabeça aos pés três vezes, mas mal olhou para ele e não disse uma palavra. Sua mão envolvia toda a dela, e Rand podia sentir a pulsação de Min mais acelerada que cavalos a galope. Torcia para que ela não estivesse irritada de verdade por ele tê-la deixado tonta.

Para seu imenso alívio, Somara e Enaila assumiram seus lugares uma de cada lado da porta. Ainda assim, elas apenas o encararam quando ele pediu ponche, e Rand precisou se repetir. Na sala de estar, ele tirou o casaco e o jogou sobre uma cadeira.

— Sente-se, Min. Sente-se. Fique à vontade. Alguém já deve estar trazendo o ponche. Agora me conte tudo. Por onde você andou, como chegou aqui, por que chegou no meio da noite. Não é muito seguro viajar de noite, Min. E menos ainda nesses tempos. Vou botar você nos melhores aposentos do Palácio. Quer dizer, no segundo melhor, já que estou ocupando os melhores. E vou destacar uma escolta Aiel para levar você aonde quiser. Qualquer encenqueiro vai tirar o chapéu e abaixar a cabeça na hora, isso se não sair correndo pelas

ruas laterais de onde você estiver passando.

Rand achou que ela fosse rir, parada junto à porta, mas Min apenas respirou fundo e sacou uma carta do bolso.

— Não posso contar de onde vim. Eu prometi, Rand. Mas Elayne está lá e...

— Salidar — interrompeu ele, então sorriu ao vê-la arregalar os olhos, surpresa. — Eu sei de algumas coisas, Min. Talvez mais do que acham que sei.

— É... parece que sabe mesmo — retrucou ela, sem forças. Então empurrou a carta nas mãos dele e se afastou de volta. Com a voz mais firme, completou: — Jurei que lhe entregaria isto assim que o visse. Leia de uma vez.

Rand reconheceu o selo — um lírio pressionado na cera amarela escura — ao lado de seu nome, escrito na caligrafia floreada de Elayne, e hesitou antes de abrir. Era melhor acabar tudo de uma vez, e Rand tomara o cuidado de acabar com tudo mesmo, mas não conseguiu se conter ao ver aquela carta em suas mãos. Leu, então se sentou, sem reparar que estava em cima do casaco, e leu de novo. Era bem curta.

Rand,

Deixei meus sentimentos bem claros, e saiba que nada mudou. Espero que você sinta por mim o mesmo que sinto por você. Min pode ajudá-lo, se você aceitar os conselhos dela. Eu a amo como a uma irmã, e espero que você a ame da mesma forma.

Elayne

A tinta devia estar acabando, porque as últimas linhas saíram em um garrancho apressado, bem diferente da caligrafia elegante do restante da mensagem. Min passara aquele tempo todo inquieta, se remexendo e tentando ler a carta sem que ele reparasse, mas se afastou depressa quando ele se levantou para tirar o casaco de baixo do corpo — o *angreal* do homenzinho gordo estava no bolso, incomodando.

— Será que todas as mulheres fazem o possível para enlouquecer os homens? — murmurou.

— O quê?

Rand fitou a carta e murmurou, quase falando sozinho.

— Elayne é tão linda que é difícil tirar os olhos dela, mas metade das vezes não sei se ela quer que eu a beije ou que eu me ajoelhe a seus pés. E é verdade que algumas vezes eu quis mesmo me ajoelhar e... e idolatrá-la, a Luz que me ajude. Aqui ela diz que eu sei como ela se sente, mas recebi duas cartas antes desta; uma cheia de declarações de amor e a outra dizendo que ela nunca mais queria me ver. Ah, quantas vezes não fiquei desejando que a primeira fosse verdade e a outra fosse alguma brincadeira, um engano ou... E tem Aviendha. Ela também é bem bonita, mas cada dia era uma batalha. Nada de me beijar, não mais, e não deixava nenhuma dúvida do que sente por mim. E acho que ela ficou mais feliz de poder se afastar de mim do que eu fiquei em vê-la partir. Só que continuo achando que vou vê-la sempre que me viro. E, quando não a vejo, é como se faltasse um pedaço de mim. Até sinto falta daquela luta constante, e algumas vezes me pego pensando: *há coisas pelas quais vale a pena lutar*.

Algo no silêncio de Min o fez erguer os olhos. Ela o encarava, o rosto tão inexpressivo quanto o de uma Aes Sedai.

— Ninguém nunca lhe falou que não é educado falar de uma mulher para outra? — Sua voz estava completamente neutra. — E muito menos de *duas* outras?

— Min, você é minha amiga — protestou ele. — Não vejo você como mulher.

Era a coisa errada a se dizer, e ele soube assim que as palavras saíram da boca.

— Ah, é?

Ela arrancou o casaco e plantou as mãos na cintura. Não era aquela postura irritada tão familiar, nada disso. Apoiara as mãos de forma que os dedos apontavam para cima, em vez de na direção do umbigo, e por algum motivo isso fazia toda a diferença. Além disso, ela ficou parada com um dos joelhos um pouco flexionado, e aquilo... Pela primeira vez, Rand a enxergou de verdade. Não viu apenas sua amiga Min, também notou sua aparência. Ela não usava o casaco marrom e comum e as calças de sempre, e sim um traje vermelho-claro com bordados. E não usava mais o cabelo cortado de qualquer jeito e mal cobrindo as orelhas, agora tinha cachos que chegavam até o pescoço.

— Eu por acaso pareço um menino?

— Min, eu...

— Eu pareço um homem? Um cavalo?

Em um único passo rápido, a jovem cruzou a distância entre eles dois e se plantou em seu colo.

— Min — começou Rand, perplexo —, o que você está fazendo?

— Convencendo você de que eu sou mulher, seu cabeça de lã. Eu não pareço uma mulher? Não tenho cheiro de mulher? — Rand só agora percebia o leve perfume de flores que emanava dela. — Meu toque não é...? Bem, já chega. Responda à pergunta, pastorzinho.

Rand teria ficado alarmado, mas o “pastorzinho” e o “cabeça de lã” o tranquilizaram. Na verdade, era bom senti-la sentada em seu colo. Mas aquela era Min, que o achava um camponês com cabelo ainda cheio de feno e sem nenhum juízo.

— Luz, Min, eu sei que você é mulher. Não falei por mal, mas você também é minha amiga. Eu me sinto à vontade com você, é isso. Não me importo de fazer papel de bobo na sua frente. Posso lhe contar coisas que não diria a mais ninguém, nem mesmo para Mat ou Perrin. Quando estou com você, eu relaxo e todo o peso em meus ombros parece desaparecer. Entende? Eu gosto de ficar perto de você. E senti saudades.

Cruzando os braços, Min olhou para ele de soslaio, franzindo o cenho. Ela sacudia a perna — se o pé encostasse no chão, ela estaria batendo o pé, ansiosa e impaciente.

— E toda aquela conversa sobre Elayne e essa... Aviendha. Quem é ela, aliás? Parece que você ama as duas. Ah, pare de enrolar! Você me deve algumas respostas, depois de dizer que não sou... Bem, responda de uma vez: você ama as duas?

— Pode ser que sim — respondeu ele, hesitante. — Que a Luz me ajude, acho que amo, sim. Ah, Min, o que eu sou: um devasso, ou só um idiota ganancioso? — Min abriu a boca, então fechou e balançou a cabeça, irritada, comprimindo os lábios. Rand se apressou para explicar, antes que ela pudesse lhe dizer qual das duas combinava mais com ele. Não queria ouvir aquilo vindo dela, não mesmo. — Ah, seja como for, isso não importa mais. Acabou. Mandeí Aviendha embora e não vou deixar que ela volte. Nem vou me permitir ficar a uma milha que seja dela e de Elayne. Ou mesmo dez milhas, se puder impedir.

— Pela Luz...! Por quê, Rand? O que lhe dá o direito de fazer uma escolha dessas por elas?

— Você não entende, Min? Eu sou um alvo. E qualquer mulher que eu ame também se torna um alvo. A flecha pode acertar essa mulher, mesmo que estejam mirando em mim. E poderia ser mirada nela. — Ele soltou um suspiro e se recostou, apoiando os cotovelos nos braços com entalhes de rosas da poltrona. Min se virou um pouco, examinando-o com a expressão mais séria que ele já vira em seu rosto. Min estava sempre sorrindo, sempre parecia se divertir um pouco com tudo. Era bom ver que ela não parecia se divertir muito naquela situação; ele próprio estava seriíssimo. — Lan me falou que pareço com ele em muitas coisas, e é verdade. E disse que existem homens que irradiam morte. Como ele. E eu. Quando um homem desses se apaixona, o melhor presente que pode dar à mulher é se manter o mais longe possível dela. Você entende?

— O que eu entendo... — Ela hesitou por um momento. — Olha só, eu sou mesmo sua amiga, é verdade, e acho ótimo que você saiba disso. Mas não vá pensando que vou desistir. Ainda vou convencer você

de que eu não sou nem um homem nem um cavalo.

— Min, eu disse que...

— Ah, não, pastorzinho. Isso não basta. — Ela se contorceu em seu colo de um jeito que o fez pigarrear, então cutucou seu peito, ameaçadora. — Quero ver lágrimas nos seus olhos, quando você se convencer. Quero você babando e gaguejando. Não pense que não vou fazer você pagar por isso.

Rand não conseguiu evitar uma gargalhada.

— Min, é tão bom ter você aqui. Você só me vê como um plebeu de Dois Rios, não é?

O temperamento dela mudou do nada, rápido como um relâmpago.

— Eu vejo você, Rand — rebateu ela, estranhamente calma. — Eu só vejo você. — Min pigarreou e se ajeitou, toda empertigada, botando as mãos nos joelhos. Pelo menos o mais empertigada que dava para ficar sentada no colo dele. — Melhor eu continuar com o que vim fazer aqui. Parece que você já sabe de Salidar. Garanto que isso vai surpreender muita gente. Mas o que você provavelmente não sabe é que não vim sozinha. Tem uma missão diplomática de Salidar aqui em Caemlyn, elas vieram ver você.

Lews Therin praguejou baixinho, como um trovão ao longe. Desde Alanna e a criação do elo, qualquer menção às Aes Sedai sempre o despertava tão facilmente quanto a presença de Taim.

Mesmo com os resmungos de Lews Therin, Rand quase sorriu. Suspeitara de que Salidar enviara alguém assim que Min lhe entregou a carta de Elayne, e, bem, a confirmação era mais uma prova de que estava certo em seu palpite de que as Aes Sedai de Salidar estavam apavoradas. E não poderiam estar de outro jeito, em rebelião aberta contra a Torre, vendo-se obrigadas a se esconder nos arredores das regiões onde os Mantos-brancos eram mais influentes. E era muito provável que também estivessem buscando descobrir um jeito de voltar para a Torre Branca, roendo as unhas enquanto pensavam em uma maneira de reconquistar a boa vontade de Elaida. Pelo que conhecia da Vermelha, achava que aquelas mulheres tinham uma chance muito pequena de conseguir voltar às boas graças da Torre, e elas decerto sabiam disso melhor que ele. Se tinham enviado uma missão diplomática para o Dragão Renascido, um homem capaz de canalizar, deviam estar quase prontas para aceitar sua proteção — não eram como Elaida, que parecia achar que Rand poderia ser comprado e mantido preso em uma gaiola de vime como um pardal cantador. As promessas nebulosas de Egwene sobre Aes Sedai que o apoiavam estavam prestes a se cumprir.

— Quem veio com você? — indagou para Min. — Talvez eu a conheça.

Não conhecia nenhuma Aes Sedai muito bem — tirando Moiraine, que já estava morta —, mas já se encontrara com algumas. Se fosse alguma conhecida, as coisas talvez ficassem um pouco mais difíceis. Quando Moiraine o conheceu, ele ainda era o camponês de quem Min tanto falava, um fazendeiro que se encolhia todo quando alguma Aes Sedai sequer olhava em sua direção.

— Tem mais de uma, Rand. Na verdade, são nove. — Rand se sobressaltou, e ela acrescentou depressa: — É uma honra, Rand, um sinal de respeito. É três vezes mais mulheres do que mandariam para um rei ou uma rainha. Quem está no comando é Merana, uma Cinza. Ela vem aqui sozinha, hoje à tarde. Sempre que vierem falar com você, será uma Aes Sedai sozinha, sem nenhuma outra, a menos que você aceite ficar perto de mais de uma ao mesmo tempo. Elas estão hospedadas na estalagem A Coroa de Rosas, na Cidade Nova. Ocuparam quase o lugar todo, com todos os Guardiões e serviçais que trouxeram. Merana me mandou vir aqui antes de todas porque já nos conhecemos, para preparar o terreno. Elas não têm a menor intenção de lhe fazer mal. Tenho certeza.

— E essa certeza vem de uma visão ou é a sua opinião? — perguntou Rand.

A princípio parecia estranho ter uma conversa séria com uma mulher sentada em seu colo, mas aquela era Min, o que mudava tudo. Só não podia parar de lembrar isso a si mesmo.

— É minha opinião — admitiu ela, relutante. — Rand, passei todos os dias da longa jornada desde Salidar observando cada uma delas. Se essas mulheres quisessem lhe fazer algum mal, eu teria notado. Tenho

certeza de que eu já teria notado alguma visão suspeita, depois de todo esse tempo. — Ela se remexeu, mudando de posição, e o encarou com um olhar preocupado, que logo se transformou em uma expressão firme e determinada. — Melhor eu lhe contar logo essa outra coisa, enquanto ainda está fresca na minha cabeça: vi uma aura ao seu redor na sala do trono. Algumas Aes Sedai vão lhe fazer mal, ou pelo menos algumas mulheres capazes de canalizar, enfim. Foi bem confuso. Não tenho muita certeza sobre a parte das Aes Sedai. E ainda pode ser que aconteça mais de uma vez, talvez fosse por isso que tudo parecia tão embaralhado. — Rand a encarou, sem dizer nada, e ela sorriu. — Eu gosto disso em você, Rand. Você aceita o que eu posso interpretar e não reclama sobre o que não sei, não pergunta se tenho certeza ou quando é que algo vai acontecer. Você nunca pergunta mais do que eu sei.

— Bem, Min, uma coisa eu vou ter que perguntar. Você pode ter certeza de que essas Aes Sedai da sua visão não são as mesmas Aes Sedai com quem você veio para cá?

— Não — respondeu ela, sem rodeios. E *ele* gostava disso: Min nunca tentava se esquivar de dizer a verdade.

Preciso tomar cuidado, sussurrou Lews Therin, absorto. *Até essas garotas destreinadas podem ser perigosas, se estiverem em nove. Preciso...*

Eu é que preciso, retrucou Rand, firme. Lews Therin pareceu confuso por um instante, então escapou de volta para os recônditos obscuros da mente. Era o que passara a fazer sempre que Rand falava com ele — o problema era que Lews Therin parecia estar vendo e ouvindo mais do mundo, além de planejando fazer algo a respeito do que percebia. Não houvera nenhum outro incidente em que o homem tentara agarrar *saidin*, mas Rand agora tomava cuidado. Aquele louco queria sua mente e seu corpo para si, acreditava que fossem dele. Rand não podia garantir que conseguiria recuperar o controle se aquela voz em sua mente conseguisse assumir as rédeas uma só vez que fosse. Lews Therin Telamon voltaria a andar pelo mundo, e Rand al'Thor não passaria de uma voz em sua cabeça.

— Rand — começou Min, ansiosa —, não olhe assim para mim. Estou do seu lado, se é para eu me posicionar, e pode ser que eu precise me posicionar. Elas acham que eu vou contar tudo o que você me falar, mas não vou, Rand. Elas só querem saber como lidar com você, o que esperar das reuniões, mas não vou dizer uma única palavra sem a sua autorização. E minto se você me pedir para mentir. Elas não sabem das minhas visões. Minhas visões são suas, Rand. Você sabe que não tenho problemas em ler quem quer que você me peça para ler, e isso inclui Merana e as outras.

Rand se obrigou a suavizar a expressão, acalmando os lábios que se retesavam em um rosnado, e tentou deixar a voz agradável antes de falar:

— Fique tranquila, Min. Sei que você está do meu lado. — Era a mais pura verdade: suspeitar de Min seria como suspeitar de si mesmo. Lews Therin estava apaziguado, pelo menos por enquanto, então era hora de lidar com essa Merana e sua missão diplomática. — Diga a elas para virem de três em três.

Fora o conselho de Lews Therin, quando ele recebeu as Aes Sedai em Cairhien: não mais que três de uma vez. O homem parecia acreditar que conseguiria dar conta de três Aes Sedai — inclusive, parecia desdenhar um pouco das mulheres que se intitulavam Aes Sedai, naqueles tempos. Mas agora as coisas eram diferentes: o número, que em Cairhien fora um limite imposto, parecia mais uma concessão ali. Merana queria que Rand fosse tranquilizado e os ânimos estivessem acalmados antes que qualquer única Aes Sedai se aproximasse dele. Bem, ela que ficasse tentando decifrar o convite para três mulheres de uma vez.

— Além disso — continuou —, avise que nenhuma delas pode entrar na Cidade Interna sem minha permissão. E nada de tentar canalizar perto de mim. Diga isso a elas, Min. Vou saber no instante em que elas agarrarem a Fonte, e não vou ficar nada contente. Diga isso a elas.

— Elas também não vão ficar muito contentes com isso, pastorzinho — rebateu a jovem, seca. — Mas vou dizer.

Um estrondo fez Rand virar a cabeça.

Sulin estava de pé junto à porta, usando o vestido vermelho e branco. Seu rosto estava tão corado que a cicatriz na bochecha parecia se sobressair, ainda mais pálida que o habitual. O cabelo branco crescera bastante desde que ela começara a usar o uniforme de serviçal, mas ainda era mais curto que o comum para as mulheres que trabalhavam no castelo. A Senhora Harfor mandara arrumar as mechas em um emaranhado de cachos, e Sulin odiava o penteado. Uma bandeja de prata com a borda de entalhes de ouro estava a seus pés, os cálices dourados com detalhes em prata deitados de lado no chão. O cântaro de vinho bambeou uma última vez e, como que por milagre, acabou parando de pé, mas parecia ter tanto ponche na bandeja e no tapete quanto talvez ainda restasse no cântaro.

Min já estava se levantando, sem jeito, quando Rand agarrou sua cintura e a puxou de volta para o colo dele — já fazia tempo mais que suficiente para que todas ali compreendessem que ele não queria mais nada com Aviendha, e Min não se importaria de ajudar a esclarecer aquilo. Tanto não se importaria que, depois de um instante de resistência, ela se inclinou contra ele, apoiando a cabeça em seu peito.

— Sulin, uma boa serviçal não fica jogando bandejas por aí — ralhou. — Agora trate de juntar tudo e fazer como se deve.

Sulin o encarou com um olhar sombrio, quase tremendo de raiva.

Em um golpe de genialidade, Rand tinha encontrado um jeito de permitir que Sulin cumprisse sua *toh* ao mesmo tempo que minimizava ao menos parte de sua obrigação para com ela. Colocara a mulher para cuidar de seus aposentos, atendendo apenas aos pedidos dele de trazer e levar o que quer que fosse. Ela odiava, claro, sobretudo porque Rand a via naquela situação todos os dias, mas pelo menos não arrasava a coluna esfregando o chão do Palácio todo ou carregando uma quantidade infinita de pesados baldes de água para lavar roupa. Rand suspeitava de que a mulher preferiria que todos os Aiel que estavam do lado de cá da Muralha do Dragão testemunhassem sua vergonha no lugar dele, mas o novo arranjo diminuiria consideravelmente a carga de trabalho de Sulin, o que aliviara parte do peso que ele sentia na consciência. E se trabalhar para ele a fazia decidir que sua *toh* seria cumprida mais rápido... bem, melhor ainda. Sulin devia usar o *cadin'sor* e carregar lanças, não ficar dobrando roupas de cama metida em uma libré de serviçal.

Ela pegou a bandeja, atravessou o aposento às pressas e a largou sem cuidado sobre uma mesa incrustada de marfim. Quando se virou para sair, Rand continuou:

— Sulin, esta aqui é Min. Ela é minha amiga e não conhece bem os modos dos Aiel. Eu não ficaria nada feliz se ela acabasse enfrentando dificuldades por isso. — Acabara de lhe ocorrer que as Donzelas também deviam ter uma opinião em vê-lo mandar Aviendha embora só para segurar outra mulher nos braços assim que ela virava as costas. Deviam ter mais que uma opinião: poderiam até ter uma maneira própria de lidar com a situação. — Na verdade, se algum mal acontecer a ela, vou considerar um mal feito a mim.

— Por que alguém além de Aviendha desejaria fazer mal a essa mulher? — questionou Sulin, irritada. — Ela desperdiçou tempo demais sonhando com você, mas passou poucas horas ensinando o que você deveria saber. — Ela se recompôs e disse, em um rosnado que Rand achou que era para ter sido um murmúrio: — Milorde Dragão. — A mulher quase perdeu o equilíbrio duas vezes ao fazer a mesura, antes de voltar a ficar ereta, e bateu a porta com força ao sair.

Min virou a cabeça para encará-lo.

— Acho que nunca tinha visto uma criada dessas... Se ela tivesse uma faca, teria cortado seu pescoço.

— Ah, ela até me chutaria, mas não chegaria a me esfaquear — gracejou Rand. — Sulin me tem como um irmão que não via há muito tempo. — O olhar de Min se tornou distante e confuso. Dava para ver centenas de perguntas que ela gostaria de fazer. — É uma longa história, eu conto melhor depois.

Contaria só uma parte, claro. Ninguém iria saber de tudo o que ele tinha que aguentar de Enaila, Somara e algumas das outras. Bem, todas as Donzelas já sabiam, porém mais ninguém precisava ouvir aquilo.

Melaine entrou na sala daquele jeito dos Aiel. Ou seja, meteu a cabeça porta adentro, deu uma espiada e só então entrou de vez no aposento. Rand nunca conseguira descobrir o que faria um Aiel recuar e esperar do lado de fora. Chefes, Sábias e Donzelas já tinham entrado com ele só de roupas de baixo, deitado ou tomando banho. A Sábida de cabelos dourados se aproximou com um tilintar dos braceletes, aninhou-se no tapete poucas passadas diante dele e de Min, mantendo as pernas cruzadas, e ajeitou as saias com todo o cuidado. Seus olhos verdes observavam Min com uma expressão neutra.

Dessa vez, Min não fez nem menção de se levantar. Aliás, pelo modo como a jovem estava se apoiando nele, com a cabeça em seu peito, e pela respiração cada vez mais lenta, Rand achava que ela talvez estivesse pegando no sono. Min não tinha dito que chegara no meio da noite, afinal? De repente, reparou na mão que mantinha encaixada na curva da cintura dela e agarrou, determinado, o braço da cadeira. Min soltou um suspiro quase queixoso e se aconchegou mais a seu corpo. Com certeza estava quase dormindo.

— Tenho novidades — informou Melaine —, mas não sei bem qual é a mais importante. Egwene foi embora das tendas, está a caminho de um lugar chamado Salidar, onde há outras Aes Sedai. Essas são as Aes Sedai que talvez o apoiem, e não viemos falar delas antes porque Egwene nos pediu. Bem, agora venho lhe dizer que essas mulheres são teimosas, indisciplinadas, briguentas e convencidas além da conta. — A voz foi se acalorando conforme a Sábida falava, pontuando as palavras com um balançar enfático da cabeça.

Ah, então uma das Andarilhas dos Sonhos de Cairhien tinha entrado nos sonhos de Melaine e conversado com ela — era praticamente tudo o que sabia a respeito das capacidades das Andarilhas; uma habilidade que poderia lhe ser útil, mas era raro as Sábias se dispuserem a colocá-la à disposição dele. A novidade era toda aquela irritação de Melaine. Os Aiel quase todos agiam como se achassem que as Aes Sedai fossem lhes dar uma surra a qualquer instante e ainda acreditavam que seria merecido, tendo toda a intenção de suportar cada golpe sem nem vacilar. Até as Sábias falavam com respeito das Aes Sedai, isso quando falavam. Algumas coisas tinham mesmo mudado. Ainda assim, Rand respondeu com um simples:

— Eu sei. — Se Melaine tivesse qualquer intenção de lhe contar por que pensava daquela forma, contaria sem que ele perguntasse. Se ela não quisesse contar, perguntar não traria nenhuma resposta. — E também sei sobre Egwene e sobre Salidar. Tem nove mulheres de Salidar aqui em Caemlyn. Esta aqui é Min, que veio com elas.

Min se remexeu contra seu peito e murmurou qualquer coisa. Lews Therin voltou a resmungar, mas baixo demais para que ele conseguisse entender, e Rand ficou feliz com a distração da sensação de Min em seu colo. Tê-la ali era bem... agradável. Min ficaria ofendidíssima se soubesse — ou, considerando a promessa que ela fizera mais cedo, talvez fosse rir. Talvez. Ela às vezes podia ser bem temperamental.

Melaine não demonstrou nenhuma surpresa por ele saber, nem sequer mexeu no xale. Desde que se casara com Bael, a mulher parecia estar mais... bem, “calma” não era bem o termo, uma palavra plácida demais para Melaine. Mas de fato ficara menos irritadiça.

— Essa era a minha segunda notícia. Você precisa tomar muito cuidado com elas, Rand al’Thor, e ter mão firme. Só assim elas vão respeitá-lo.

É, as coisas tinham mesmo mudado.

— Você vai ter duas filhas — murmurou Min. — Gêmeas idênticas.

Melaine compensou toda a falta de surpresa de antes com o assombro em ouvir aquelas palavras de Min. Ela arregalou os olhos e quase pulou de susto.

— Como você...? — começou, incrédula, mas parou para se recompor. Quando prosseguiu, ainda parecia incrédula. — Eu mesma só fui ter certeza de que carregava uma criança hoje de manhã. Como você sabia?

Min enfim se levantou, lançando a Rand um olhar que ele conhecia muito bem — ela o culpava, sabia a Luz por que motivo. Até mesmo Min tinha lá seus defeitos, mesmo que pequenos. Ela começou a remexer no

casaco, olhando para todos os lados, menos para Melaine. Quando seus olhos pousaram nele de novo, foi com uma variação do primeiro olhar. Rand a metera naquilo, ele é que devia tirá-la da enrascada.

— Está tudo bem, Min — tranquilizou-a Rand. — Melaine é uma Sábia, imagino que ela saiba de coisas que a deixariam de cabelo em pé. — Só que o cabelo de Min já estava um tanto para cima, bagunçado depois de ela ter passado tanto tempo encostada nele. Mas continuava sedoso.... como as mulheres conseguiam? — Tenho certeza de que ela vai jurar guardar seu segredo, e você pode confiar na promessa dela.

Melaine quase atropelou as palavras, tão rápida foi ao jurar segredo.

Não adiantou nada: Rand recebeu mais um olhar daqueles antes que Min se sentasse ao lado de Melaine. Tinha um toque de repreensão. Como Min *esperava* que ele fosse conseguir tirá-la dessa enrascada? Melaine não deixaria o assunto de lado só por um pedido seu, mas manteria a promessa e guardaria segredo. Pelo menos era muito boa em não contar nada para Rand.

Apesar de toda a relutância, Min deu uma explicação bem mais detalhada do que ele próprio já ouvira — o que talvez tenha sido resultado das muitas perguntas de Melaine e também da sua mudança de atitude. Era como se a Sábia tivesse passado a pensar que a habilidade de Min fazia dela uma igual, não uma mera aguacenta.

— Impressionante — afirmou Melaine, por fim. — É como interpretar um sonho sem sonhar. Gêmeos, é? Duas garotas? Bael vai ficar tão feliz... Dorindha lhe deu três filhos, mas nós duas sabemos que ele queria uma menina.

Min piscou, atônita, e ficou sem entender. Claro. Como ela poderia saber daquela história de esposa-irmã?

Dali, as duas logo mudaram de assunto para os partos. Nenhuma delas nunca tivera filhos, mas ambas já haviam auxiliado parteiras.

Rand pigarreou bem alto. Não que algum daqueles detalhes o incomodasse, já ajudara no parto de ovelhas, éguas e vacas. Só ficava irritado de as duas ficarem ali, sentadas, entre cochichos, como se ele tivesse deixado de existir. Min e Melaine só o encararam quando ele pigarreou uma segunda vez, alto o bastante para cogitar se teria machucado a garganta.

Melaine se inclinou ainda mais para perto de Min e cochichou, mas em um tom que daria para ouvir da sala ao lado:

— Os homens sempre desmaiam.

— E sempre no pior momento possível — concordou Min, no mesmo tom.

O que elas diriam se o vissem no celeiro do pai de Mat, coberto de sangue e de fluidos de parto até os ombros, com três costelas quebradas pelo coice que levava — era o primeiro parto da égua, que estava apavorada. Ela não coiceou mais na segunda gestação. Mas, ah, que belo potro fora aquele.

— Bem, antes que eu desmaie — começou, sarcástico, juntando-se às duas no tapete —, talvez seja melhor uma de vocês falar mais sobre as Aes Sedai?

Teria se levantado ou se sentado no chão com Melaine mais cedo, se não estivesse com o colo ocupado. Entre os Aiel, apenas os chefes de clãs possuíam cadeiras, que só eram usadas para passar julgamentos ou aceitar a submissão de um inimigo.

As duas mulheres assumiram uma expressão culpada — e era bom que tivessem mesmo entendido a reprimenda. Nenhuma falou nada, mas ajustaram respectivamente o xale e o casaco, sem necessidade, e não cruzaram o olhar com o dele. Tudo acabou assim que elas começaram a falar. Min continuou a insistir que as Aes Sedai de Salidar não representavam perigo para Rand e que poderiam sim prestar auxílio, se fossem tratadas direito — ou seja: com o máximo respeito em público. Ela contaria a Rand sobre cada sussurro que escutasse, quando estivessem a sós.

— Entenda que não estou traindo ninguém, Melaine. Conheci Rand muito antes de encontrar qualquer Aes

Sedai. Exceto Moiraine, é verdade, mas o fato é que ele conquistou minha lealdade muito antes de ela morrer.

Melaine não via Min como traidora, muito pelo contrário, e a jovem pareceu até subir em seu conceito. As Sábias tinham sua própria versão do que os Aiel entendiam como espiões. Ainda assim, Melaine argumentava que, com algumas poucas exceções, as Aes Sedai eram tão dignas de confiança quanto os Shaido — ou seja, só seriam de confiança depois de capturadas e transformadas em *gai'shain*. Ela não chegou a sugerir que as Aes Sedai fossem mantidas cativas na estalagem em que estavam, mas não ficou muito longe disso.

— Como você pode confiar nelas, Rand al'Thor? Na minha opinião, essas mulheres não têm honra. Só Egwene al'Vere, e ela... — Melaine mexeu outra vez no xale. — Só confiarei em uma Aes Sedai quando ela me demonstrar tanta honra quanto Egwene demonstrou, mas não antes.

O próprio Rand mais ouviu que falou, e mesmo sem soltar mais que dez palavras aprendeu um bocado. Rebatendo as argumentações de Melaine, Min listou todas as integrantes da missão diplomática, contando o que cada mulher dissera sobre apoiar ou não Rand e acabando por admitir que nem tudo era um mar de rosas. Merana Ambrey e Kairen Stang, uma Azul, eram ambas andorianas e, mesmo com toda aquela história de que as Aes Sedai renunciavam a qualquer aliança que não fosse com a Torre Branca — e talvez até por terem se rebelado contra a Torre —, as duas se preocupavam em ver Rand ocupando Caemlyn, assim como se preocupavam com os rumores de que ele poderia ter assassinado Morgase. Rafela Cindal, também Azul, até estava feliz com as mudanças que Rand realizara em Tear, onde antes a canalização era ilegal e uma garota que se descobrisse capaz de manejar o Poder era levada às pressas para fora do país, mas falou pouco e também estava preocupada com o desaparecimento de Morgase. Seonid Traighan, uma Verde, sempre ficava pensativa quando ouvia algum boato sobre Cairhien, onde nascera, e guardava suas opiniões só para si. E Faeldrin Harella, a outra irmã Verde, às vezes comparava as atrocidades que os Devotos do Dragão tinham cometido em Altara e Murandy ao que estava acontecendo em Tarabon, recusando-se a reconhecer que a guerra civil já devastara aquela terra antes mesmo de começarem a surgir os primeiros Devotos do Dragão por aquelas bandas. Bem, não importava quanto Melaine pressionasse: Min insistia que cada uma daquelas Aes Sedai reconhecia Rand como o Dragão Renascido, alegando inclusive que, durante a jornada, todas tinham vindo perguntar — e com todo o respeito e a delicadeza — como ele era e qual seria a melhor forma de abordá-lo sem ofendê-lo nem o assustar.

Rand grunhiu alto ao ouvir como aquelas mulheres estavam com medo de assustá-lo. Melaine começou a insistir que, se a maioria das mulheres daquela missão diplomática tinha tantos motivos para estar contra Rand, então não se poderia contar com o grupo nem para apanhar esterco para a fogueira. Min, tomando o cuidado de parar um momento e lançar um olhar arrependido para Rand, tratou de continuar seu relato. Arad Doman já tinha tantos Devotos do Dragão quanto Tarabon, e a guerra civil também já chegara lá, mas Demira Eriff, da Ajah Marrom, só parecia preocupada com dois assuntos: o encontro com Rand e o rumor de que ele abrira alguma escola em Cairhien — a seus olhos, nenhum homem que tivesse aberto uma escola podia ser assim tão ruim. Berenicia Morsad, uma irmã Amarela de Shienar, ouvira de alguns conterrâneos que estavam por Salidar que Rand fora recebido em Fal Dara pelo grande capitão Lorde Agelmar Jagad, uma honra que ela parecia considerar grandiosa, visto que Lorde Agelmar jamais teria recebido um canalha, um rufião ou um desmiolado — e isso também parecia pesar muito para Masuri Sokawa, uma Marrom de Arafel, que fazia fronteira com Shienar. E, por fim, Valinde Nathenos parecia muito ávida — o que Min considerava um comportamento atípico para alguém da Ajah Branca — para que Rand expulsasse Sammael de Illian. Segundo Min, caso Rand promettesse que faria isso, ou que ao menos tentaria, não seria nenhuma surpresa se Valinde acabasse jurando fidelidade a ele. Melaine deixou bem clara sua descrença e chegou até a revirar os olhos, alegando que nunca vira uma Aes Sedai com tanto bom senso. Para Rand, esse comentário foi mais que surpreendente: a Sábria gargalharia se ele lhe pedisse um juramento do tipo. Ainda assim, Min insistia que era

tudo verdade, a despeito do que a Aiel dissesse.

— Vou dedicar o máximo de respeito possível às Aes Sedai sem me ajoelhar — declarou Rand, assim que Min concluiu seu relato. Então acrescentou, para Melaine: — E não confiarei nem um pouco em nenhuma delas até que me provem o contrário.

Achava que aquilo fosse agradar as duas, já que, no fim das contas, cada uma tinha conseguido o que queria. Mas, a julgar pelos cenhos franzidos, nenhuma delas ficou muito satisfeita.

Depois de tanta discussão, Rand achou que as duas acabariam engalfinhadas, mas parecia que a gravidez de Melaine e a visão de Min tinham servido para criar um laço entre elas. Quando todos enfim se levantaram, as mulheres eram só sorrisos e abraços, e Melaine ainda disse:

— Achei que eu não fosse gostar de você, Min, mas gosto. Nomearei uma de minhas filhas em sua homenagem, porque você foi a primeira pessoa a saber da existência dela. Tenho que ir contar a Bael, para ele não ficar com ciúmes de Rand al'Thor ter descoberto antes dele. Que você sempre encontre água e sombra, Min. — E, para Rand, acrescentou: — Fique de olho nessas Aes Sedai, Rand al'Thor, e ofereça sua proteção a Min sempre que ela precisar. Essas mulheres vão tentar feri-la se souberem que ela é fiel a você. — Depois da advertência, ela partiu com a mesma falta de cerimônia da chegada, apenas meneando a cabeça em despedida.

Rand ficou outra vez a sós com Min. O que, por algum motivo, o deixou um pouco constrangido.





A TORRE NEGRA

Rand e Min ficaram ali parados, olhando um para o outro, até que ele finalmente falou:

— Quer visitar a fazenda comigo?

Min se sobressaltou ao ouvi-lo falar tão de repente.

— Que fazenda?

— Na verdade, é uma escola. Um lugar para os homens que vierem até mim pela anistia.

Min ficou pálida.

— Não, acho que não... Merana deve estar esperando notícias. E é melhor elas saberem logo das suas regras. Pode ser que acabem perambulando pela Cidade Interna sem saber, e você não iria gostar nada disso... Tenho mesmo que ir.

Rand não entendia. Min tinha medo daqueles alunos, daqueles homens capazes de canalizar ou que queriam aprender como, mesmo sem conhecer nenhum deles. Acharia bem compreensível se fosse qualquer outra pessoa, mas *ele* canalizava, e Min não parecia ver nenhum problema em bagunçar seu cabelo, cutucar suas costelas ou lhe dizer algumas verdades.

— Quer uma escolta para voltar até A Coroa de Rosas? Tem salteadores pela cidade, mesmo de dia. Não são muitos, mas não quero que nada lhe aconteça.

Min riu, uma risada um tanto hesitante. Ela estava mesmo incomodada com a fazenda.

— Eu já me cuidava sozinha enquanto você estava atrás das ovelhas, camponês. — De repente, ela empunhou uma faca em cada mão. Com um único floreio, mas sem a mesma fluidez de antes, as lâminas voltaram para o esconderijo das mangas do casaco. Ela então prosseguiu, mais séria: — Você precisa se cuidar, Rand. Durma um pouco. Parece cansado. — Para sua surpresa, a jovem se ergueu na pontinha dos pés e esticou o pescoço, roçando os lábios nos dele em um beijo rápido. — Foi bom ver você, pastorzinho.

E com outra risada, agora muito satisfeita, ela saiu.

Resmungando sozinho, Rand vestiu o casaco e foi até o quarto para pegar a espada atrás do guarda-roupa, um móvel grande e escuro com entalhes de rosas, alto e largo o suficiente para abrigar as roupas de quatro homens. Estava mesmo virando um bode sem-vergonha. Min estava só se divertindo à custa dele. Só podia imaginar quanto tempo ela ficaria provocando, só para se vingar de um comentário inocente.

Escondida sob as meias guardadas em uma cômoda encrustada de lápis-lazúli estava uma bolsa de pano um tanto larga, e o conteúdo retiniu quando ele a enfiou em um dos bolsos do casaco. Pegou outra bolsa de veludo, essa bem menor, e a deixou por cima do *angreal*. O prateiro que confeccionara os conteúdos da bolsa

maior ficara mais do que feliz por servir ao Dragão Renascido e tentara recusar o pagamento só pela honra do trabalho. O ourives que fabricara a peça única na bolsa de veludo exigira quatro vezes o que Bashere dissera que o serviço valia e ainda pedira que uma dupla de Donzelas o escoltasse até ele acabar.

Já fazia um tempo que ele andava planejando essa ida até a fazenda. Não gostava de Taim, e Lews Therin sempre aparecia quando o sujeito estava por perto, mas não podia continuar evitando a escola. Ainda mais agora. Até onde sabia, Taim conseguira manter os alunos longe da cidade — pelo menos ele não ficara sabendo de nenhum incidente, e teria ouvido relatos —, mas as notícias de Merana e a missão diplomática acabariam chegando à fazenda junto com as carroças de suprimentos ou com os novos alunos. E, sabendo como eram os boatos, nove Aes Sedai logo se tornariam nove irmãs Vermelhas — ou noventa — caçando homens para serem amansados. Qualquer que fosse a reação diante da novidade, de alunos fugindo à noite a alunos vindo a Caemlyn para dar o primeiro golpe, ele tinha que se adiantar antes que os rumores provocassem pânico.

Já corriam boatos demais sobre as Aes Sedai pelas ruas de Caemlyn, outro motivo para ir até lá. Considerando o que se ouvia nas ruas, Alanna, Verin e as garotas de Dois Rios já tinham virado quase meia Torre, e ainda havia uma infinidade de outras histórias de Aes Sedai chegando escondidas na cidade, esgueirando-se portões adentro durante a noite. Havia um boato persistente de que uma Aes Sedai andava curando gatos de rua, e o próprio Rand já estava quase acreditando naquilo. Ainda assim, todos os esforços de Bashere para verificar a veracidade dos rumores o levavam a crer que a história era tão verídica quanto o boato de que as mulheres que escoltavam o Dragão Renascido por toda parte eram, na verdade, Aes Sedai disfarçadas.

Rand se virou, sem nem notar que o fazia, e ficou encarando uma parede listrada com relevos de leões e rosas — na verdade, fitava algo além. Alanna não estava mais na estalagem O Sabujo de Culain. E estava tensa; se ela não fosse Aes Sedai, Rand poderia dizer que a mulher estava com os nervos à flor da pele. Rand acordara no meio da noite porque ela estava chorando, de tão forte fora a sensação. Às vezes, quase se esquecia de que ela estava ali, até que uma coisa dessas acontecia. Bem, pelo visto era possível se acostumar a qualquer coisa. Naquela manhã, Alanna estava... ansiosa — é, essa parecia ser a palavra certa. Rand poderia apostar Caemlyn inteira que, se seguisse em linha reta até Alanna, ele a encontraria na estalagem A Coroa de Rosas. E poderia apostar que Verin estava junto. Não eram nove Aes Sedai. Eram onze.

Lews Therin murmurou, desconfortável. Um homem se perguntando se estava ou não encurralado. E Rand se perguntava o mesmo. Onze, e bastava treze para capturá-lo tão fácil quanto se apanhassem uma criança. Isso se ele lhes desse a chance. Lews Therin começou a rir baixinho, uma risada mesclada a um choro rouco. Então foi para longe outra vez.

Rand refletiu um pouco sobre Somara e Enaila, então abriu um portão ali mesmo, em cima do tapete com estampas azuis e douradas do quarto. Carrancudas como estavam naquela manhã, uma das duas com certeza acabaria soltando alguma bronca antes que voltassem da fazenda. Além do mais, considerando as visitas anteriores, não queria os alunos preocupados, com medo de serem alvo das quase vinte Donzelas de sua escolta. Era o tipo de coisa que não ajudava muito a aumentar a autoconfiança de seus homens, e eles precisariam de autoconfiança para sobreviver.

Bem, em uma coisa concordava com Taim: agarrado a *saidin*, um homem sabia que estava vivo, e isso ia além dos sentidos aguçados. Apesar da mácula do Tenebroso, apesar daquela sensação oleosa de matéria em decomposição manchando os ossos, era quando o Poder tentava derreter seu corpo e congelá-lo até estilhar, era quando um passo em falso ou um momento de fraqueza significava a morte... Luz, era então que um homem sabia que estava vivo. Ainda assim, afastou-se da Fonte logo que adentrou o portão, e não só para se livrar da mácula antes que o estômago decidisse se esvaziar — ela agora parecia ainda pior, ainda mais vil, se é que era possível. Não, abandonara o Poder porque não se achava capaz de encarar Taim com *saidin* ainda

pulsando no corpo enquanto Lews Therin ocupava sua mente.

A vegetação rasteira da clareira estava mais marrom do que ele se lembrava, com mais folhas estalando sob suas botas e menos ainda nas árvores. Alguns pinheiros estavam amarelos, e várias folhas-de-couro pareciam mortas, os troncos cinzentos e desfolhados. Mas a mudança da clareira não era nada comparada com a fazenda, que fora alterada quase além do reconhecível.

A casa sede ficara muito melhor com a nova cobertura de sapé, e o celeiro decerto fora inteiramente reconstruído, já que estava bem maior e nem um pouco torto, com um enorme cercado cheio de cavalos na lateral, enquanto os currais de vacas e ovelhas tinham sido deslocados mais para longe. As cabras também estavam presas, e o galinheiro tinha fileiras de gaiolas organizadas. Tinham derrubado mais um tanto da floresta, que parecia mais distante, e havia uma fileira de mais de dez barracas brancas e compridas atrás do celeiro. Ali perto também se viam os pilares de madeiras de duas construções bem maiores que a sede, com um grupo de mulheres sentadas do lado de fora, costurando e cuidando de algumas crianças que jogavam bola, rolavam argolas e brincavam de boneca. Ainda assim, a maior mudança era nos alunos: a maioria agora usava casacos pretos justos de gola alta, e apenas poucos ainda suavam. Devia haver bem mais de cem, e de todas as idades. Rand não sabia que as viagens de recrutamento de Taim tinham sido tão bem-sucedidas. *Saidin* parecia tomar o ar. Alguns homens praticavam tessituras, ateando fogo a cepos, espatifando rochas ou enredando uns aos outros em espirais de Ar; enquanto outros canalizavam para apanhar água — sustentando os baldes com Ar —, empurrar carroças de esterco até o celeiro ou empilhar lenha. Mas nem todos canalizavam. Henre Haslin mantinha o olhar atento a uma fileira de homens de peito nu, todos praticando as posturas com espadas de treino. Haslin, que tinha apenas uma leve penugem de cabelo branco e um nariz bulboso vermelho, suava mais que seus alunos, sem dúvida por conta da ânsia por vinho, mas ele os observava com atenção, corrigindo as formas com tanto afincamento quanto na época em que era Mestre Espadachim da Guarda da Rainha. Saeric, um Goshien Água Vermelha de cabelo grisalho que não tinha mais mão direita, encarava duas fileiras de homens sem camisa com aquele olhar de pedra. Os homens de uma fileira praticavam chutes no ar, alternando os pés que erguiam bem acima da cabeça enquanto o outro ficava plantado no chão. A outra fila praticava socos, golpeando o nada à sua frente com toda a velocidade que conseguiam. A situação mudara completamente desde sua última visita — aquele não era mais o grupo deplorável de antes.

Um sujeito de casaco preto já quase chegando à meia-idade parou diante dele. Tinha o nariz afilado e um sorriso sarcástico.

— E quem é você? — inquiriu, com seu sotaque taraboniano. — Deve ter vindo aqui para a Torre Negra querendo aprender, sim? Devia ter esperado o carroção que vem de Caemlyn. Assim teria aproveitado pelo menos mais um dia com esse seu belo casaco.

— Eu sou Rand al'Thor — rebateu Rand, tranquilo. Mantivera a voz tranquila para não deixar escapar o súbito arroubo de raiva. Não custava nada ser educado, e se aquele idiota não reparasse logo que era melhor ser gentil do que pagar o preço...

O desdém apenas se acentuou.

— Então você é ele, é? — O homem o encarava de cima a baixo, insolente. — Mas você não parece tão magnânimo. Acho que eu mesmo poderia...

O fluxo de Ar só se formou quase no instante em que o golpe acertou o sujeito, um sopapo bem no pé do ouvido. Ele caiu duro no chão.

— Às vezes precisamos de uma disciplina mais firme — comentou Taim, aproximando-se para examinar o homem caído. Sua voz saiu quase divertida, mas os olhos negros que o encaravam de viés lançaram um olhar quase assassino ao homem que golpeara. — Não dá para dizer a um homem que ele tem poder suficiente para fazer a terra tremer e depois esperar que ele seja humilde. — Os Dragões que subiam

pelas mangas do casaco preto reluziam à luz do sol. O dourado devia ser bordado com fios de ouro, mas o que fazia aquele dragão azul brilhar tanto? Taim gritou de repente: — Kisman! Rochaid! Levem Torval daqui e joguem água na cara dele até o infeliz acordar. E nada de usar a Cura. Uma dor de cabeça talvez ensine a ele a segurar a língua.

Dois sujeitos de casaco preto vieram correndo. Eram mais jovens que Rand. Os dois se curvaram sobre Torval, mas pararam de repente e olharam, meio culpados, para Taim. Um instante depois, Rand sentiu *saidin* preenchê-los. Fluxos de Ar ergueram o corpo flácido de Torval, e a dupla saiu andando rápido, levando o sujeito flutuando.

Eu devia ter matado esse homem há muito tempo, grunhiu Lews Therin. *Devia... devia...* Ele tentou alcançar a Fonte.

Não, que o queime!, pensou Rand. *Não, você não vai! Você não passa de uma droga de voz!* Lews Therin fugiu, seu gemido se perdendo na distância.

Rand respirou fundo. Taim o encarava, ainda ostentando aquele meio sorriso.

— Você ensina os homens a Curar?

— A primeira coisa que aprendem é o pouco que sei. Isso antes até de como não morrer de tanto suar, neste calor. Qualquer arma perde a utilidade se não pode mais ser usada logo na primeira ferida. Até o momento, um se matou agarrando demais da Fonte e três acabaram por se exaurir, mas ninguém morreu por conta de uma espada. — Ele conseguiu impor uma boa dose de desdém à palavra “espada”.

— Entendi — respondeu Rand, sem rodeios. Um morto e três exauridos. Será que as Aes Sedai perdiam tantas mulheres, na Torre? Bem, em todo caso, elas iam com mais calma, porque podiam se dar ao luxo. — O que é essa Torre Negra de que o sujeito estava falando? Não gosto nada disso, Taim.

Lews Therin voltara a resmungar e a se lamuriar de novo, mas ainda não dava para distinguir nenhuma palavra.

O sujeito de nariz aquilino deu de ombros, examinando a fazenda e os alunos com o olhar orgulhoso de um dono.

— É só um nome que os alunos deram. Não dava para continuar chamando o lugar de “fazenda”. Eles não se sentiam bem com isso e queriam algo mais. Então veio a Torre Negra, como contraponto à Torre Branca. — Taim inclinou a cabeça, examinando Rand quase de soslaio. — Posso reprimir isso, se você quiser. É fácil tirar uma palavra da boca dos homens.

Rand hesitou. Talvez fosse mesmo fácil tirar uma palavra da boca daqueles homens, mas não das mentes. O lugar precisava mesmo de um nome, não tinha pensado nisso antes. E por que não Torre Negra? Se bem que, examinando a casa sede e a estrutura das novas construções — que eram maiores, mas ainda eram apenas madeira —, aquele nome até o fazia abrir um sorriso.

— Deixe estar — retrucou.

Talvez, no começo, a Torre Branca também fosse igualmente humilde. Não que a Torre Negra fosse ter tempo de crescer e se transformar em algo que rivalizasse com a Branca — pensar nisso desfez o sorriso em seu rosto, e ele olhou com pesar para as crianças que brincavam ali perto. Assim como elas, Rand estava brincando, fingindo que havia alguma chance de construir algo duradouro.

— Reúna os alunos, Taim. Tenho algumas coisas para falar com eles.

Rand tinha ido até ali na expectativa de reunir os alunos, avaliar quantos eram, talvez falar de cima daquela velha carroça bamba que já parecia ter sido descartada. Mas Taim mandara fazer uma plataforma de pronunciamentos, um simples bloco de pedra preta lavrada e tão bem polida que brilhava feito um espelho à luz do sol, com dois degraus talhados na parte de trás. Ficava em um descampado atrás da casa sede, e o chão em volta era de terra batida, muito plano. As mulheres e crianças ficaram meio de lado, assistindo e ouvindo.

Do alto do bloco, Rand conseguia ter uma noção melhor de quão longe fora Taim com o seu

recrutamento. Jahar Narishma, aquele jovem com a centelha de quem Taim lhe falara, tinha olhos escuros grandes como os de uma garota e um rosto pálido cheio de confiança; o rapaz usava o cabelo comprido em duas tranças com sinos de prata nas pontas. Taim tinha dito que fora até Arafel, mas Rand reconheceu a cabeça raspada e o coque shienarano em outro homem, e mais duas pessoas usavam os véus transparentes de Tarabon. Também notou olhos enviesados de Saldaea e homens baixos e de pele clara, um tipo tão comum em Cairhien. Um sujeito mais velho tinha a barba oleada e de corte pontiagudo, imitando um lorde taireno — coisa que sem dúvida não era, não com o rosto todo marcado de sol —, e pelo menos três ostentavam barbas sem bigode. Rand torcia para que Taim não tivesse despertado o interesse de Sammael, quando fora recrutar em Illian. Estava esperando ver homens jovens, mas os rostos imberbes de Eben e Fedwin faziam frente a cabeças grisalhas ou quase carecas, algumas com até mais fios cinza que a de Damer. Ora, pensando bem, não havia mistério — era bem compreensível haver tanto avôs quanto garotos querendo aprender.

Rand não sabia fazer discursos, mas já pensara bastante no que queria dizer àqueles homens. Só não pensara nas primeiras notícias, mas isso, com sorte, acabaria rápido.

— Todos vocês já devem ter ouvido histórias de que a Torre... a Torre Branca... está dividida. Bem, é verdade. Algumas Aes Sedai rebeldes podem decidir se juntar a mim, e elas enviaram emissárias. São nove, e estão em Caemlyn neste exato momento, esperando que eu dê o ar da graça. Então, quando ouvirem falar em Aes Sedai em Caemlyn, quero que não acreditem em qualquer boato. Vocês sabem por que elas estão lá e podem rir na cara do sujeito que vier contar histórias mirabolantes.

Não houve reação. Eles só ficaram ali, parados, encarando-o quase sem piscar. Taim tinha uma expressão sarcástica, muito sarcástica. Apalpando a sacola de pano maior no bolso do casaco, Rand prosseguiu com o discurso, entrando na parte que já planejava melhor.

— Vocês precisam de um nome. Na Língua Antiga, “Aes Sedai” significa “Servo ou Serva de Todos” ou algo bem próximo. Não é fácil traduzir a Língua Antiga. — Ele próprio só sabia umas poucas palavras, coisas que aprendera de Asmodean e de Moiraine, outras que tinham escapado de Lews Therin. Mas Bashere é que fornecera o que ele precisava. — Outra palavra na Língua Antiga é *asha'man*, que significa “guardião” ou “guardiões”. Ou “defensor”, e talvez signifique mais que isso. Como já disse, a Língua Antiga é muito flexível. Ainda assim, a melhor tradução parece ser “guardião”. Só que não é qualquer defensor ou guardião, a expressão *asha'man* não pode ser usada para definir um homem que defende uma causa injusta, nem nunca poderia ser usada para alguém mau. Um *asha'man* era um homem que defendia a verdade, a justiça e o que era certo para todos. Um guardião que não sucumbiria nem quando já não restasse esperança. — Só a Luz sabia como toda a esperança acabaria quando chegasse Tarmon Gai'don, isso se não acabasse antes. — E vocês estão aqui para se tornar um desses defensores. Quando terminarem o treinamento, serão considerados Asha'man.

Ergueu-se uma onda de murmúrios, como folhas mexidas pela brisa, todas aquelas vozes repetindo a mesma palavra. Mas as vozes logo esmaeceram. Rostos atentos erguiam o olhar para ele, dava até para ver cada rosto ansioso para ouvir as palavras seguintes. Pelo menos era um pouco melhor que a reação anterior. A sacola de pano tilintou de leve quando ele a retirou do bolso do casaco.

— Aes Sedai começam como noviças, depois viram Aceitas, e então, por fim, são elevadas a Aes Sedai completas. Vocês também terão níveis, mas não como os delas. Não haverá expulsões ou dispensas. — Dispensas? Luz, faria tudo que estivesse a seu alcance para manter ali todo e qualquer homem capaz de canalizar. Tudo, menos amarrá-lo contra a vontade. — Quando um homem chegar à Torre Negra... — não gostava nada daquele nome — ... será chamado de soldado, porque é isso que um homem se torna quando se junta a nós, o que todos vocês se tornaram: soldados na luta contra a Sombra. E não só contra a Sombra, também contra qualquer um que se oponha à justiça ou oprima os mais fracos. Quando um soldado atingir certo estágio em suas habilidades, passará a ser chamado de Dedicado, então vai poder usar isto. — Ele tirou

da bolsa um dos distintivos que o prateiro confeccionara, uma pequena espada de prata reluzente e perfeita com o punho comprido, o guarda-mão inclinado e a lâmina um tanto curva. — Taim.

Taim andou a passos rígidos até o bloco de pedra, e Rand se curvou para prender a espada de prata no alto da gola de seu casaco. O broche parecia brilhar ainda mais forte sobre a lã negríssima. O rosto de Taim era tão expressivo quanto a pedra logo abaixo das botas de Rand, que lhe entregou a bolsa com um sussurro:

— Entregue os broches para aqueles que você achar que estão prontos. Mas tenha certeza de que estão prontos.

Ele se endireitou outra vez, torcendo para que houvesse broches o bastante. Não esperara ver tantos homens ali.

— Dedicados que avançarem o bastante em suas habilidades serão chamados de Asha'man. Eles usarão isto.

Rand tirou a bolsinha de veludo do bolso e pegou outro broche, erguendo-o para mostrar a todos. A luz do sol cintilava no ouro ricamente trabalhado e no belo esmalte vermelho da forma sinuosa idêntica à que havia no estandarte do Dragão. O broche também foi preso na gola de Taim, do lado oposto do anterior: uma espada e um Dragão reluziam de cada lado da garganta dele.

— Bem, imagino que eu tenha sido o primeiro Asha'man — disse Rand para os alunos —, mas Mazrim Taim é o segundo. — O rosto de Taim poderia fazer uma pedra parecer macia. Qual era o problema com ele? — Espero que todos acabem se tornando Asha'man, mas, quer esse dia chegue, quer não, lembrem-se de que todos somos soldados. Ainda há muitas batalhas por vir, talvez nem sempre as que esperamos. E, no fim de tudo, haverá a Grande Batalha. Queira a Luz que seja a última. Se a Luz brilhar sobre nós, vamos vencer. E vamos vencer porque não há outra opção que não a vitória.

Deveria ter havido algum viva qualquer quando ele terminou de falar. Rand não se achava o tipo de orador capaz de fazer a multidão dar pulos e vivas, mas aqueles homens sabiam por que estavam ali. Dizer a eles que acabariam vencendo deveria ter gerado uma resposta, mesmo que fraca. Mas a resposta foi apenas silêncio.

Rand desceu do bloco de pedra e Taim se pronunciou:

— Dispensados para suas aulas e tarefas.

Os alunos — os soldados — tomaram seus rumos. Continuavam quase que no mesmo silêncio de antes, no máximo trocavam alguns sussurros. Taim saiu na direção da casa sede; segurava a bolsa com os broches de espada com tanta força que era de se espantar que não tivesse sido espetado através do pano.

— Milorde Dragão por acaso tem tempo para uma taça de vinho?

Rand assentiu. Queria encerrar aquele assunto antes de voltar ao Palácio.

A sala de entrada da casa sede era exatamente o que se poderia esperar, com o chão simples muito bem varrido e poltronas de couro descombinadas dispostas diante de uma lareira de tijolinhos vermelhos tão limpa que parecia impossível que algum dia já tivesse sido acesa. Um pano branco com flores bordadas recobria uma mesinha. Sora Grady entrou sem fazer barulho e pousou em cima do pano uma bandeja de madeira com um cântaro azul brilhoso cheio de vinho e duas canecas brancas vitrificadas. Rand achava que o olhar dela não o machucaria mais, depois de tanto tempo, mas a acusação em seus olhos o fez suspirar de alívio quando ela saiu. Percebeu que ela estivera suando. Taim jogou a bolsa na bandeja e tratou de esvaziar uma caneca de vinho.

— Você não ensina aquele truque da concentração para as mulheres? — indagou Rand. — É crueldade deixar elas suando tanto enquanto seus maridos não transpiram uma só gota.

— A maioria não quer se meter — respondeu Taim, sem paciência. — Os maridos e os namoradinhos tentam ensinar, mas a maioria se recusa sequer a ouvir. Sabe, talvez tenha a ver com *saidin*.

Rand espiou o vinho escuro na caneca. Precisava ir com calma. Nada de estragar as coisas só porque ficara irritado.

— Fico feliz de ver o recrutamento indo tão bem. Você disse que acabaria fazendo frente à Torre... à Torre Branca... — Torre Branca, Torre Negra. O que diriam nas histórias? Isso se houvesse um futuro para ter histórias. — ... e que conseguiria isso em menos de um ano. Se mantiver esse ritmo, vai mesmo conseguir. Não entendo como você encontra tantos homens.

— Se peneirar bastante areia, vai acabar encontrando alguns grãos de ouro — rebateu Taim, firme. — Já comecei a delegar o recrutamento, tirando uma ou duas incursões que eu mesmo faço. Tenho Damer, Grady e mais uns dez homens em quem posso confiar para saírem sozinhos por um dia, homens com idade suficiente para não fazer nenhuma burrice. E tenho jovens fortes o suficiente para abrir um portão, se não bem mais que isso, e eles acompanham os mais velhos que não são capazes de fazer essa tessitura. Em menos de um ano você terá os mil que queria. E aqueles que eu mandei para Caemlyn? Já montou um exército com eles? Já tem os seus mil por lá, até bem mais.

— Deixo isso a cargo de Bashere — afirmou Rand, sem se alterar.

Taim contorceu os lábios em desdém, e Rand pousou a caneca de volta na mesa antes que a quebrassem sem querer, tamanha a força com que a apertava. Pelo que sabia, Bashere estava em um acampamento em algum ponto a oeste da cidade, lidando com aqueles homens como podia, considerando que eram, como se dizia em Saldaea, um grupo de fazendeiros falidos, aprendizes fugitivos e artesãos sem sucesso que nunca tinham empunhado uma espada, montado um cavalo encilhado ou viajado para mais de cinco milhas além do local onde haviam nascido. Rand já tinha muito com o que se preocupar, não daria importância a esse tipo de coisa, e dissera a Bashere para que fizesse o que bem entendesse com os homens e que só o perturbasse se alguns se amotinasse.

Encarando Taim, que não fazia o menor esforço para esconder o desdém, botou as mãos para trás das costas e cerrou os punhos. Lá longe, Lews Therin resmungava, um eco de sua própria raiva.

— O que deu em você? Parece que tem um carrapicho nas calças desde que lhe entreguei os distintivos. Tem alguma coisa a ver com eles? Se for, então não entendo. Aqueles homens vão respeitar mais os distintivos por terem visto você receber os seus diretamente do Dragão Renascido. Aliás, eles vão respeitar mais *você*. Talvez não precise mais sair dando pancadas na cabeça de ninguém para manter a disciplina. Então, o que me diz?

Começara bem o bastante, em um tom calmo e controlado, ainda que não exatamente ameno — mesmo porque não queria soar ameno. Mas, enquanto falava, sua voz foi ficando mais alta e firme. Não chegou a virar um grito, apesar de a última pergunta ter estalado feito um chicote.

Taim sofreu uma transformação das mais notáveis, começando a tremer visivelmente — e Rand achava que era de raiva, não de medo —, mas, quando a tremedeira cessou, retomou à calma pétrea de antes. Não era uma atitude amigável, não mesmo, e tinha um quê de zombaria, mas Taim parecia muito relaxado e controlado.

— Como você deve saber, o que me preocupa são as Aes Sedai. E você, claro. Nove Aes Sedai chegaram em Caemlyn, onde já há mais duas, então são onze. Aí, pode ser que haja mais uma ou outra... Ainda não consegui encontrar nenhuma, mas...

— Eu falei para você ficar longe da cidade — declarou Rand, impassível.

— Encontrei homens que podem fazer perguntas por mim — retrucou Taim, em um tom seco como poeira. — Onde estamos agora foi o mais perto que cheguei da cidade desde que o salvei daquele Homem Cinza.

Rand deixou passar, mas por pouco. Quase não conseguiu. A voz em sua cabeça estava baixa demais para ser compreendida, mas soava como um trovão frio.

— Mais fácil conseguirem agarrar fumaça com os dedos do que ouvirem algum boato útil. — Aquelas palavras saíram com todo o desdém que Rand sentia. Taim dissera que o *salvara*?

Taim pareceu inquieto — por fora, ainda mantinha a aparente tranquilidade, mas seus olhos reluziam como gemas escuras.

— E se elas se juntarem às Vermelhas? — Sua voz estava serena e bem-humorada, mas aquele brilho em seus olhos... — Tem irmãs Vermelhas espalhadas pelo interior. Vários grupos chegaram nos últimos dias, querendo interceptar os homens a caminho daqui.

Vou matar esse homem, berrou Lews Therin, e Rand sentiu sua tentativa atrapalhada de alcançar *saidin*.

Vá embora, mandou Rand, com firmeza. Ele continuou a tentar. Permaneceu gritando.

Vou matar primeiro ele, depois os outros. Os outros só podem servir a ele. É óbvio que os outros só podem servir a ele.

Vá embora, rebateu Rand, aos gritos, mas ainda em silêncio. *Você é só uma voz na minha cabeça!* Ele continuava tentando alcançar a Fonte.

Ah, Luz, eu matei todos. Todos os que eu amava. Mas vai ser bom matar esse homem. Vou me redimir se eu finalmente conseguir matar esse maldito. Não... nada pode redimir o que eu fiz. Mas posso matá-lo mesmo assim. Vou matar todos. Tenho que matar, tenho.

Não! gritou Rand, ainda na mente. *Você está morto, Lews Therin. Eu estou vivo. Que o queime, você está morto! Você está morto!*

Foi quando, de repente, percebeu que estava debruçado sobre a mesa, os joelhos quase cedendo. E resmungava baixinho:

— Você está morto! Eu estou vivo e você está morto!

Mas não agarrara *saidin*. E nem Lews Therin. Estremecendo, ele olhou para Taim, surpreso de ver preocupação em seu semblante.

— Você precisa aguentar firme — disse Taim, baixinho. — Se puder se agarrar à sanidade, então é isso que tem que fazer. O preço do fracasso é alto demais.

— Não vou fracassar — afirmou Rand, endireitando-se. Lews Therin estava quieto. Parecia não haver nada em sua mente além dele mesmo. E da presença constante de Alanna, claro. Rand finalmente perguntou: — Essas Vermelhas pegaram alguém?

— Não que eu saiba. — Taim o examinava, receoso, como se esperasse outro arroubo. — Quase todos os alunos agora chegam por meio de portões. E, mesmo assim, com tanta gente pelas estradas não deve ser fácil identificar um homem vindo para cá. A menos que o sujeito saia gritando aos quatro ventos. — Ele hesitou. — Em todo caso, posso dar um jeito nelas.

— Não. — Lews Therin tinha mesmo sumido? Gostaria que sim, mas sabia que seria tolice acreditar nisso. — Terei que tomar alguma atitude se as Aes Sedai começarem a capturar os homens. Mas, por ora, elas não representam nenhuma ameaça se ficarem no campo. E pode acreditar: nenhuma enviada de Elaida vai querer se juntar às Aes Sedai na cidade. Mais fácil essas mulheres aceitarem ter você entre elas do que aceitarem se unir às rivais.

— E essas que não estão no campo? Não são onze? Alguns acidentes poderiam reduzir esse número para algo bem mais seguro. Se não quiser sujar suas mãos, eu sempre posso...

— Não! Quantas vezes tenho que dizer? Se sentir algum homem capaz de canalizar em Caemlyn, venho atrás de você na hora, Taim. Juro pela Luz. E não pense que basta ficar longe do Palácio e isso vai me impedir de sentir qualquer coisa. Se qualquer uma dessas Aes Sedai cair morta sem motivo, vou saber muito bem de quem é a culpa. Não duvide de mim!

— Você impõe limites demais — reclamou Taim, seco. — Se Sammael ou Demandred decidirem provocá-lo com algumas Aes Sedai mortas à sua porta, então minhas veias acabarão abertas?

— Eles ainda não fizeram isso, e é melhor torcer para que não comecem agora. Eu já avisei.

— E eu já ouvi, milorde Dragão, e claro que vou obedecer. — O homem de nariz aquilino se curvou bem devagar em uma reverência. — Ainda assim, repito que onze é um número perigoso.

Rand riu, mesmo sem querer.

— Taim, tenho toda a intenção de ensinar essas mulheres a dançarem ao som da minha flauta.

Luz, fazia quanto tempo que não tocava flauta? E onde estava sua flauta? Bem ao longe, ouviu Lews Therin soltar uma risadinha.





A COROA DE ROSAS

A carruagem que Merana alugara sacolejava ao longo do lento trajeto pelas ruas cheias de gente até a estalagem A Coroa de Rosas. Por fora, Merana estava calma: uma mulher de cabelos escuros e olhos mel tranquilos, os dedos magros cruzados por sobre as saias de seda cinza clara. Por dentro, não estava tão serena. Trinta e oito anos antes, tivera por puro acaso a oportunidade de negociar um tratado entre Arad Doman e Tarabon — um tratado que, em teoria, colocaria um ponto final na disputa pela Planície de Almoth. Domaneses e tarabonianos passaram o encontro todo tentando se esquivar e quase acabaram declarando três guerras diferentes durante as negociações. Ela passara todo aquele tempo sorridente e com uma expressão de absoluta boa vontade. Quando as assinaturas enfim secaram no papel, Merana sentia como se tivesse sido enfiada dentro de um barril cheio de espetos e rolada ladeira abaixo por colinas acidentadas. Depois de tudo aquilo, o tratado acabou valendo menos que a cera das fitas para a feitura dos selos. Esperava que o que iniciara naquela tarde, no Palácio Real, terminasse melhor — tinha que terminar —, mas, por dentro, sentia como se tivesse acabado de sair de um segundo barril.

Min estava recostada no assento, de olhos fechados. A jovem sempre parecia cochilar quando não havia nenhuma Aes Sedai se dirigindo a ela. As outras duas irmãs na carruagem volta e meia olhavam para a garota; Seonid, serena e reservada em seu verde brocado, e Masuri, de corpo magro e olhar alegre, usando um vestido marrom com bainha bordada com vinhas florescentes. Todas tinham se vestido com formalidade, usando os xales e as cores das Ajahs.

Merana tinha certeza de que as outras pensavam o mesmo sempre que olhavam para Min. Seonid decerto compreendia a jovem, mas não dava para ter certeza — ela era metódica e prática demais no trato com os próprios Guardiões, comportando-se um pouco como a dona de um par de lobos premiados pelos quais até sentia certa afeição. Bem, Masuri talvez compreendesse o coração da garota, já que gostava tanto de danças e até de flertes, apesar da propensão a se esquecer do pobre coitado com quem estava sempre que ouvia qualquer rumor sobre algum manuscrito antigo escondido. A própria Merana não se apaixonava desde bem antes daquele Quinto Tratado de Falme, mas se lembrava bem da sensação. Bastara ver como Min olhava para al'Thor para saber que a mulher perdera o juízo e resolvera que era uma ótima ideia pensar com o coração.

Não que aquilo fosse prova de que Min ignorara todas as advertências e quebrara a promessa que fizera, contando tudo para al'Thor, mas o fato é que o rapaz sabia de Salidar. E mais: ele sabia que Elayne estava lá e até achara graça — graça! — em suas tentativas de se esquivar das perguntas. Bem, não importava muito se

Min havia traído ou não a confiança que tinham nela; só por a menina estar apaixonada já teriam que passar a tomar cuidado com o que diziam perto dela. De qualquer forma, a situação como um todo era assustadora — e Merana não estava acostumada com a sensação. Claro que já sentira medo antes, e com alguma frequência, como no ano seguinte ao da morte de Basan — jamais criara um elo com outro Guardião depois dele, e ao menos parte dessa resistência era por não querer passar por tudo aquilo de novo, embora a outra parte fosse estar ocupada demais para procurar o homem certo. Ainda assim, aquela tinha sido a última vez em que sentira mais que apreensão antes da Guerra dos Aiel. Só que agora estava com medo, e não gostava nada disso. Talvez tudo ainda fosse dar certo e nada desastroso tivesse ocorrido naquela reunião, afinal, mas o próprio al'Thor a deixava de pernas bambas.

A carruagem alugada deu um último solavanco e parou no estábulo da estalagem. Cavalariços usando colete com bordados de rosas se adiantaram para remover as rédeas dos animais e abrir as portas.

O salão da estalagem combinava bem com a construção de três andares de pedra branca bem lavrada: tinha as paredes cobertas de painéis de madeira escura polida e imensas lareiras revestidas de mármore branco. Uma das cornijas abrigava um relógio bem largo, com badalos marcando as horas e algumas douraduras delicadas. As serviçais usavam vestidos azuis e aventais brancos com bordado de anéis de rosas. Todas sorriam, eram educadas e eficientes, e mesmo as que não eram bonitas tinham boa aparência. A Coroa de Rosas era a estalagem favorita dos nobres que vinham do interior, mas que não possuíam mansões em Caemlyn. Naquele momento, no entanto, havia apenas Guardiões às mesas, sem contar Alanna e Verin, sentadas lá no fundo. Se dependesse só de Merana, elas estariam esperando nas cozinhas, junto das serviçais. Todas as outras irmãs tinham saído. Não havia tempo a perder.

— Se não se importa — pediu Min —, acho que vou dar uma volta. Queria ver um pouco de Caemlyn antes de anoitecer.

Merana concordou. A jovem saiu depressa, e ela trocou olhares com Seonid e Masuri, perguntando-se quanto tempo Min levaria para voltar ao Palácio.

A Senhora Cinchonine apareceu de repente, tão redonda quanto qualquer estalajadeira que Merana já vira, distribuindo mesura e esfregando as mãos rosadas no avental.

— Posso ajudar em alguma coisa, Aes Sedai? Deseja que eu providencie algo? — A mulher já recebia Merana com frequência, e sempre muito bem, desde antes de descobrir que ela era Aes Sedai.

— Chá de frutas vermelhas — pediu Merana, sorrindo. — Na sala privada lá de cima.

Manteve o sorriso no rosto até a estalajadeira sair apressada, chamando uma das serviçais. Acenou rápido para Alanna e Verin, para que as duas a acompanhassem escada acima, e as cinco subiram em silêncio.

Quem quisesse olhar pelas janelas da sala de estar teria uma boa vista da rua, mas Merana não estava muito interessada. Tratou de fechar as janelas ainda abertas, diminuindo um pouco do barulho que entrava, e se virou para as outras. Seonid e Masuri já estavam sentadas, mas Alanna e Verin permaneciam de pé, bem entre as outras. Mesmo bem-passado, o vestido de lã escura de Verin tinha um aspecto amarrotado, e a mancha de tinta na ponta do nariz não ajudava a complementar o visual, mas a Marrom tinha olhos de pássaro, aguçados e vigilantes. Os olhos de Alanna também cintilavam, mas o mais provável é que fosse de raiva — suas mãos volta e meia pareciam tremer de leve, e ela agarrava as saias do vestido de seda azul e corpete amarelo, tão amarrotado que parecia que a mulher dormira naquela roupa. E até havia desculpa, no caso dela. Havia mesmo, mas não era o suficiente.

— Ainda não sei se seus atos surtiram algum efeito negativo, Alanna — começou Merana, a voz firme. — Ele não mencionou o elo que você criou *contra a vontade dele*, mas foi contundente, muito contundente, e...

— Ele impôs mais restrições? — interrompeu Verin, inclinando a cabeça de leve. — Me parece que tudo está indo bem. Ele não fugiu quando ouviu a notícia de que vocês estavam por aqui e ainda recebeu três irmãs de uma vez. E com alguma cortesia, ou vocês estariam cuspiendo marimbondos. O rapaz sente um pouco de

medo, o que é bom, ou não estaria impondo limites. Mas, se ele não tiver imposto mais nenhuma restrição, continuamos tendo tanta liberdade quanto antes, o que significa que ele não está apavorado. O mais importante é não assustá-lo além da conta.

A maior dificuldade era que Verin e Alanna não faziam parte da delegação de Merana, que, portanto, não tinha autoridade sobre elas. As duas haviam ouvido sobre a história de Logain e as Vermelhas e concordado que não se podia permitir que Elaida permanecesse no Trono de Amyrlin, mas aquilo não queria dizer nada. Alanna ainda não era um problema, mas poderia se tornar — ela e Merana tinham quase a mesma força, tão próximas que só se poderia dizer qual vinha na frente se houvesse uma disputa direta, coisa de noviças, pelo menos até as noviças serem pegas. Alanna passara seis anos como noviça, e Merana ficara apenas cinco; o mais relevante, no entanto, era que Merana já era Aes Sedai havia mais de trinta anos quando a parteira ajudou a trazer Alanna para o colo da mãe, e isso encerrava a questão e lhe dava precedência. Ninguém considerava aqueles termos até que não houvesse jeito, mas ambas sabiam daquilo e ajustavam seu comportamento de acordo. Não que Alanna fosse acatar suas ordens, mas sua deferência instintiva a manteria sob algum nível de controle — isso e, claro, o que Alanna fizera.

O problema era Verin, e fora ela quem a fizera pensar nessa questão de força e precedência. Merana se permitiu sentir outra vez a força da outra mulher com o Poder, mesmo já tendo certeza do que encontraria: não havia como afirmar qual delas era mais forte. Cada uma passara cinco anos como noviça e seis como Aceitas — o tipo de coisa que todas as Aes Sedai sabiam umas sobre as outras, mesmo que não soubessem mais nada além do nome. Só que Verin era mais velha — e talvez a diferença de idade fosse similar à dela para Alanna. O toque grisalho nos cabelos de Verin só enfatizava isso. Se a Marrom fosse parte da missão diplomática, talvez não houvesse nenhuma dificuldade na questão. Mas não era, e mesmo assim Merana percebeu que a ouvia com atenção e agia com deferência mesmo sem pensar. Já precisara parar duas vezes só naquela manhã para lembrar a mesma de que Verin *não estava* no comando. Só o que tornava a situação tolerável era Verin provavelmente sentir que compartilhava parte da culpa de Alanna. Sem isso, a Marrom decerto teria se sentado em uma das cadeiras, agindo como igual, em vez de ficar de pé ao lado da Verde. Se houvesse ao menos algum jeito de fazê-la passar dia e noite no salão da estalagem onde estava, O Sabujo de Culain, para vigiar aquele maravilhoso tesouro que havia encontrado nas garotas de Dois Rios...

Escolhendo seu lugar para que ela, Seonid e Masuri cercassem a dupla, Merana se sentou e ajustou as saias e o xale com todo o cuidado. Sentia uma certa elevação moral por se ver sentada enquanto as outras permaneciam de pé. O que Alanna fizera era quase um estupro.

— Na verdade, ele impôs uma nova restrição. Não há o menor problema em vocês duas terem descoberto onde fica essa *escola* dele, mas agora faço questão de sugerir que deixem de lado qualquer ideia que possam ter tido sobre fazer uma visita. Ele cobrou que... que ficássemos bem longe de seus... homens.

Ainda podia vê-lo se inclinando para a frente naquele trono monstruoso, o Trono do Leão em destaque logo atrás, sobre um pedestal, enquanto empunhava um pedaço de lança entalhado — sem dúvida um costume Aiel.

— *Ouça bem, Merana Sedai — começou ele, em um tom firme e cordial. — Eu não quero problemas entre as Aes Sedai e os Asha'man. Já falei para os soldados ficarem longe de vocês, mas não vou permitir que eles acabem virando presa das Aes Sedai. Se forem caçar na Torre Negra, podem acabar virando o jantar. E ambos queremos evitar isso.*

Merana já era Aes Sedai havia tempo suficiente para não ficar aterrorizada sempre que sentia um calafrio, mas daquela vez foi por pouco. Asha'man. A Torre Negra. Mazrim Taim! Como isso podia ter ido tão longe? E Alanna tinha certeza de que havia mais de cem homens, embora não tenha dado detalhes de como descobrira isso — claro: nenhuma irmã expunha seus olhos-e-ouvidos à toa. Bem, não importava como. Já dizia o velho ditado: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. E al'Thor era o pássaro mais importante do mundo, então teriam que deixar outros de lado.

— Ele...? Ele ainda está aqui ou já foi? — Verin e Alanna pareciam encarar a aparente capacidade de Viajar de al'Thor com muita tranquilidade, enquanto pensar que *ele* redescobriria esse Talento só deixava Merana enjoada. O que mais ele aprendera sozinho que as Aes Sedai já tinham se esquecido? — Alanna? Alanna!

A irmã Verde esbelta levou um susto e só então despertou de seus pensamentos. Ela vinha se distraindo muito.

— Ele está na cidade. Acho que está no Palácio. — Ela ainda soava um tanto distante. — Foi... Ele está machucado na lateral do corpo. É uma ferida antiga, mas ainda não terminou de cicatrizar. Tenho vontade de chorar sempre que me permito pensar nela. Como ele consegue viver com uma coisa dessas?

Seonid a encarou com um olhar de repreensão. Toda mulher que já estabelecera um elo com um Guardião já sentira suas feridas, mas ela sabia o que Alanna estava enfrentando, tão cedo depois de perder Owein. Quando Seonid falou, sua voz soou quase gentil e só um pouco severa.

— Ora, Teryl e Furen sofreram lesões que quase me fizeram desmaiar, mesmo que a sensação para nós seja sempre embotada. Mas eles nunca nem diminuíram o passo. Nem uma única vez.

— Eu acho que estamos perdendo o fio da meada — comentou Masuri, com a voz tranquila. Ela sempre falava com a mesma tranquilidade, mas, ao contrário de muitas Marrons, era sempre bem direta.

Merana aquiesceu.

— É verdade. Considerei assumir o lugar de Moiraine ao lado dele...

Uma batida na porta anunciou uma mulher de avental branco com a bandeja, trazendo um bule de chá de prata e xícaras de porcelana. A Coroa de Rosas estava habituada a atender à nobreza. O chá foi servido e a serviçal saiu, e Alanna já não parecia mais distante: seus olhos escuros cintilavam com todo aquele fogo que Merana sempre via neles. As Verdes tinham bastante ciúme de seus Guardiões, e al'Thor agora pertencia a Alanna, não importava como o elo tinha sido estabelecido. Nessa questão, a deferência ia por água abaixo. A Verde ficou ali, de pé, empertigada e pronta feito uma lâmina, só esperando as próximas palavras de Merana para decidir se iria mesmo golpear e cortar. Mas Merana esperou até o chá de mirtilo estar servido, com todas já de volta a suas cadeiras, e chegou até a dizer a Verin e Alanna que se sentassem. Aquela tonta merecia passar um pouco de desgosto, mesmo considerando o que estava sofrendo por Owein. O que ela fez talvez não fosse apenas *quase* um estupro.

— Considerei — continuou, finda a pausa —, mas rejeitei a ideia. Talvez tivesse seguido com a possibilidade se você não tivesse feito o que fez, Alanna, mas ele agora está tão desconfiado das Aes Sedai que talvez ria na minha cara se eu sugerir uma coisa dessas.

— Está tão arrogante quanto qualquer rei — opinou Seonid, sucinta.

— Ele é tudo o que Elayne e Nynaeve disseram e mais — acrescentou Masuri, balançando a cabeça. — Alega saber quando uma mulher canaliza. Quase abracei *saidar* para mostrar que ele estava enganado, mas ele poderia ficar muito alarmado com qualquer demonstração que eu fizesse com o poder.

— E todos aqueles Aiel... — comentou Seonid, a voz bem tensa. Ela era cairhiena, afinal. — Tanto homens quanto mulheres. Acho que aqueles selvagens tentariam nos atacar com suas lanças se piscássemos rápido demais. E tinha uma, aquela mulher de cabelo dourado, a única com a decência de usar saia, que não fazia o menor esforço para esconder o quanto estava descontente com nossa presença.

Merana às vezes achava que Seonid não tinha muita noção de que o próprio al'Thor poderia representar perigo.

Sem reparar no que fazia, Alanna mordiscava o lábio inferior feito uma garotinha. Bom saber que a mulher tinha Verin para cuidar dela, já que não parecia em condições de andar por aí sozinha. A Marrom só bebericava o chá e observava a conversa, assistindo a tudo com aqueles olhos tão desconcertantes.

Merana acabou cedendo. Lembrava-se muito bem de como ficara fragilizada depois da morte de Baran,

os nervos à flor da pele.

— Por sorte, parece que as suspeitas dele talvez tenham rendido bons frutos. Ele recebeu emissárias de Elaida, lá em Cairhien, e não fez questão de esconder o fato. Acredito que essa desconfiança toda vai fazer com que ele mantenha distância delas.

Seonid pousou a xícara no pires.

— Al'Thor acha que vai nos colocar umas contra as outras.

— E talvez consiga — ponderou Masuri, secamente. — Ao menos sabemos mais sobre ele do que Elaida jamais poderia saber. Acho que ela deve ter mandado as emissárias para encontrar um pastor, mesmo que um pastor de casaco de seda. E, bem, seja lá o que ele tenha se tornado, al'Thor já não é mais isso. Parece que Moiraine o treinou bem.

— Já tinham nos avisado disso — concordou Merana. — E realmente acho muito provável que elas tenham recebido o mesmo aviso.

Alanna piscou de modo surpreso, encarando as emissárias.

— Então eu não estraguei tudo? — As três assentiram, e ela enfim respirou fundo, alisando as saias de cenho franzido, como se tivesse acabado de notar o tecido amassado. — Eu talvez ainda consiga fazer com que ele me aceite. — Ela acalmou o rosto, perdendo a expressão de preocupação, a voz mais calma e confiante a cada palavra. — Quanto a essa anistia dele... bem, talvez tenhamos que suspender nossos planos, por enquanto, mas isso não significa que não podemos planejar nada. Esse tipo de perigo não pode ser ignorado.

Por um momento, Merana se arrependeu de ter cedido — depois de fazer aquilo a um homem, a única coisa que de fato preocupava a Verde era se sua atitude comprometera as chances de sucesso da Torre. Mas, relutante, acabou admitindo que, se aquilo servisse para garantir a obediência de al'Thor, ela taparia o nariz.

— Primeiro temos que tomar as rédeas de al'Thor, por assim dizer. E suspenderemos nossos planos pelo tempo que for preciso, Alanna.

A Verde estreitou a boca, mas enfim aquiesceu — ou ao menos pareceu aceitar ouvir.

— E como faremos para assumir as rédeas dele? — indagou Verin. — Al'Thor precisa ser tratado com delicadeza, ele é um lobo preso a uma correia da grossura de um barbante.

Merana hesitou. Não era sua intenção compartilhar tudo com aquelas duas, ainda mais porque ambas demonstravam uma lealdade muito tênue para com o Salão de Salidar. Temia pelo que aconteceria se Verin tentasse assumir as rédeas — e ainda mais se ela tivesse êxito. Mas sabia manejar a situação, tinha sido escolhida justamente por ter vivido uma vida dedicada à mediação de disputas delicadas e à negociação de tratados entre partes que se odiavam. Era parte da natureza humana ver acordos quebrados e tratados violados, mas, nos seus oitenta anos de ofício, seu único insucesso real foi o Quinto Tratado de Falme. Merana sabia bem disso tudo, mas ainda havia os instintos e as cautelas que aprendera ao longo dos anos, já tão enraizados.

— Estamos fazendo contato com alguns nobres. Por sorte, estão todos em Caemlyn agora...

* * *

— Eu me preocupo é com Elayne — comentou Dyelin, com firmeza.

A mulher falava com ainda mais firmeza por estar sozinha com uma Aes Sedai na sala de estar — uma mulher da Torre podia fazer uma pressão forte quando a pessoa fraquejava por estar sozinha. Sobre tudo quando ninguém mais sabia desse encontro a sós.

Kairen Sedai sorriu, mas nem o sorriso e nem os olhos azuis serenos revelavam qualquer coisa.

— É bem possível que a Filha-herdeira acabe se sentando no Trono do Leão. Obstáculos que podem parecer insuperáveis para outros raramente o são para as Aes Sedai.

— O Dragão Renascido diz que...

— Os homens dizem muitas coisas, Lady Dyelin, mas você sabe que eu não minto.

* * *

Luan olhou para os lados, para o caso de algum criado entrar nas estrebarias, e deu um tapinha no pescoço do garanhão tairino cinzento. Mal conseguiu desviar da mordida daqueles dentes terríveis. O Guardião de Rafela os alertaria caso alguém se aproximasse, mas Luan não confiava em ninguém, nos últimos tempos. Ainda mais com uma visita daquela.

— Não sei bem se entendi direito — respondeu, sem rodeios.

— A unidade é melhor que a divisão — respondeu Rafela —, a paz é melhor que a guerra, a paciência é melhor que a morte. — Luan mexeu a cabeça em contrariedade àqueles chavões, e a Aes Sedai de rosto redondo sorriu. — Não vai ser melhor para Andor se Rand al'Thor deixar a terra unida e em paz, Lorde Luan?

* * *

Segurando o robe fechado, Ellorien fitava a Aes Sedai que conseguira abordá-la durante o banho — e sem ser anunciada, talvez até sem ser vista por mais ninguém. A mulher de pele cor de cobre a encarava, sentada em um banquinho no outro lado da banheira de mármore cheia, agindo com toda a naturalidade.

— E quem ocuparia o Trono do Leão, Demira Sedai? — perguntou, por fim.

— Há de ser o que a Roda tecer. — Foi a única resposta, e Ellorien sabia que não teria nenhuma outra.





A COR DA CONFIANÇA

Tão logo Vanin havia partido para dizer ao Bando que ficasse onde estava, Mat descobriu que não restava nenhuma estalagem em Salidar que não tivesse sido ocupada pelas Aes Sedai, e que até os cinco estábulos estavam completamente lotados. Porém, quando deslizou uma moedinha de prata para um cavaleiro de rosto fino, o sujeito foi buscar sacas de aveia e fardos de feno em um pátio rodeado por paredes de pedra que abrigaria seis cavalos. Também mostrou para Mat e os outros quatro homens do Bando lugares para dormir no depósito de feno, que era um pouco mais fresco que o lado de fora.

— Não peçam nada — advertiu Mat para seus homens enquanto dividia o restante das moedas entre eles. — Paguem por tudo e não aceitem presentes. O Bando não vai ficar devendo nada a ninguém daqui.

Seu falso ar de confiança se transmitiu aos demais, que nem hesitaram quando ele os mandou afixarem os estandartes junto à porta de entrada do depósito para que pendessem à frente do estábulo, em carmesim e branco, o disco branco e preto e o Dragão bem à vista de todos. Os olhos do cavaleiro se arregalaram e ele exigiu saber o que Mat estava fazendo.

Ele apenas sorriu e jogou um marco de ouro para o camarada de rosto fino.

— Só para que todos saibam quem está aqui. — Mat queria que Egwene entendesse que ele não seria intimidado, e, algumas vezes, fazer as pessoas enxergarem isso significava ter que tomar algumas atitudes esquisitas.

O problema foi que os estandartes não surtiram efeito. Ah, todos que passavam por ali ficavam boquiabertos e apontavam para eles, e várias Aes Sedai vinham só para dar uma olhada, os olhos frios e sem expressão, mas Mat estivera esperando um pedido indignado para que eles fossem removidos, o que nunca aconteceu. Quando ele voltou para a Pequena Torre, uma Aes Sedai, que — milagrosamente — conseguia ter cara de ameixa seca apesar das bochechas lisas e do rosto de idade indefinida, mexeu no xale de franjas marrons e disse a ele, irredutível, que o Trono de Amyrlin estava ocupado e que talvez pudesse recebê-lo dentro de um ou dois dias. Talvez. Elayne parecia ter desaparecido, assim como Aviendha, mas ninguém parecia ter tentado assassinar ninguém ainda. Mat suspeitava de que a Aiel poderia estar em algum lugar metida em um vestido branco. Para ele, não mudava nada, desde que a paz fosse mantida, já que Mat não queria ter que contar a Rand que uma havia matado a outra. Ele chegou a avistar Nynaeve, mas a mulher se esgueirou por uma esquina e já havia sumido quando Mat alcançou o local.

Ele passou a maior parte da tarde à procura de Thom e Juilin. Tinha esperança de que um dos dois

pudesse explicar melhor o que estava acontecendo e, além disso, Mat precisava se desculpar com Thom por seus comentários sobre aquela carta. Infelizmente, ninguém também parecia saber onde os homens se encontravam. Bem antes do cair da noite, Mat chegou à conclusão de que eles estavam sendo mantidos longe dele. Egwene queria mesmo desestabilizá-lo, deixá-lo cozinhando, mas ele a faria perceber que não estava nem em fogo baixo. Para ajudá-lo com isso, Mat saiu para dançar.

A impressão era de que as celebrações por conta da nova Amyrlin deveriam prosseguir durante um mês, e embora todos em Salidar parecessem atarefados ao longo do dia, fogueiras eram acesas em todas as esquinas assim que a noite caía, e surgiam rabecas, flautas e até um ou dois saltérios. Música e gargalhadas tomavam conta do ar, e os festejos reinavam até a hora de ir para a cama. Mat via Aes Sedai dançando nas ruas com carroceiros e cavalaria ainda trajando suas roupas pesadas de trabalho e Guardiões dançando com serviçais e cozinheiras que haviam deixado de lado os aventais. Nada de Egwene, no entanto. O maldito Trono de Amyrlin não ficaria saltitando e rodopiando pelas ruas. Nada também de Elayne ou Nynaeve, e nada de Thom ou Juilin. Thom não teria dispensado uma dança nem com as duas pernas quebradas, a menos que tivesse realmente sido impedido. Mat sossegou para poder se divertir, deixar que todos vissem que ele não dava a mínima para qualquer outra coisa. Acabou não funcionando exatamente como ele queria.

Mat dançou um pouco com a mulher mais linda que já tinha visto em toda a sua vida, magra e de seios fartos, que queria saber tudo sobre Mat Cauthon. A atenção o deixara lisonjeado, especialmente quando ela perguntou se ele queria dar uma voltinha. Mas, depois de um tempo, Mat notou que Halima tinha um jeitinho de encostar nele, de se inclinar para olhar para alguma coisa, de um modo que não lhe dava escolha senão olhar seu decote. Era provável que Mat tivesse gostado, o problema era que ela toda vez olhava para o rosto dele com um olhar penetrante e um sorriso divertido. Não era uma boa dançarina — para começo de conversa, ficava tentando conduzi-lo —, até que ele, por fim, pediu licença e foi embora.

Não deveria ter sido um problema, mas, antes que Mat tivesse dado dez passos, a cabeça de raposa pendurada em seu pescoço ficou fria feito gelo. Ele se virou e, furioso, procurou pela culpada. O que viu foi Halima encarando-o à luz da fogueira. Apenas por um instante, até que a mulher pegou um Guardião alto pelos braços e voltou a rodopiar e dançar, mas Mat tinha certeza de ter identificado uma expressão surpresa naquele lindo rosto.

As rabecas entoavam uma melodia conhecida. Uma das velhas lembranças em sua mente a reconheceu, pelo menos, pois não havia mudado muito, considerando-se que já se passara bem mais de mil anos. Os versos da canção deviam ter mudado por completo, já que as velhas palavras que ecoavam em sua mente jamais teriam sido aprovadas ali:

Pode confiar em mim, disse a Aes Sedai.

Lembre: sem mim, o mundo inteiro cai.

Confie em mim, sempre faço o que é certo.

Cuidarei de tudo, ficarei aqui por perto.

Mas a confiança é da cor das trevas brotando.

A confiança é da cor do sangue pingando.

A confiança é da cor do derradeiro corte.

A confiança é da cor da morte.

— Aes Sedai? — repetiu desdenhosamente uma jovem rechonchuda quando ele foi perguntar a respeito de Halima. Era bonita e, em outras circunstâncias, Mat poderia ter investido em busca de uns beijinhos e de calor humano. — Halima é só a secretária de Delana Sedai. Sempre provocando os homens, essa aí. Como

uma criancinha com um brinquedo novo. Provoca só para ver se consegue. Já teria ficado com água quente até o pescoço umas dez vezes, se Delana não a protegesse.

*Pode confiar em mim, disse a rainha,
lembre: carrego esse fardo sozinha.
Confie em mim para liderar, julgar e governar,
que você é um tolo, homem nenhum vai pensar.
Mas a confiança é o som do mau auguro.
A confiança é som do ardil no escuro.
A confiança é o som do derradeiro corte.
A confiança é o som da morte.*

Talvez ele tivesse se enganado. Talvez ela só tivesse ficado chocada por ele ter ido embora. Poucos homens dispensariam uma mulher com aquela aparência, pouco importando seu jeito de provocar ou dançar. Tinha que ser isso. Mas ainda restava a dúvida: então quem e por quê? Mat olhou em volta, para quem dançava e para as pessoas que observavam do limiar das sombras, onde esperavam sua vez. A Caçadora da Trombeta de cabelos dourados que lhe parecera familiar saiu rodopiando com um sujeito de rosto particularmente encaroçado, sua trança quase que se sobressaindo às costas. Mat conseguia identificar Aes Sedai pelos seus rostos — na maioria dos casos, pelo menos —, mas não havia como saber qual delas tinha tentado... o que quer que tivesse tentado.

Ele saiu andando rua abaixo em direção à fogueira seguinte mais para escapar daquela canção do que por qualquer outro motivo, antes que, em sua mente, a letra da música passasse de “o rei no alto” e “a lady e o lorde” para “o amor da sua vida”. Naquela velha lembrança, ele se recordava de ter escrito aquela canção por conta do amor da sua vida. *A confiança tem o gosto da morte*. Na outra esquina, um rabequista e uma mulher com uma flauta tocavam o que soava como “Afofem as Penas”, uma bela dança do interior.

Até onde ele podia confiar em Egwene? Ela agora era Aes Sedai. Devia mesmo ser, se agora era a Amyrlin, ainda que uma Amyrlin de meia-tigela numa aldeia de meia-tigela. Bem, o que quer que fosse, ela era Egwene, e ele não conseguia acreditar que ela o atacaria do nada daquele jeito. Claro que Nynaeve seria capaz, mesmo sem a intenção real de machucá-lo. Seu quadril, porém, ainda doía. O chute o deixara com um hematoma. E só a Luz sabia do que uma mulher como Elayne seria capaz. Elas ainda estavam tentando forçá-lo a ir embora, ele concluiu. Era provável que houvesse outras tentativas. O melhor a fazer era ignorá-las. Mat quase torcia para que elas tentassem de novo. Não podiam tocá-lo com o Poder e, quanto mais tentassem e fracassassem, ora, mais teriam que reconhecer que ele não seria manipulado.

Myrelle apareceu e ficou ao lado dele, observando o povo que dançava. Mat se lembrava dela vagamente. Não achava que ela soubesse de algo perigoso a seu respeito. Pelo menos achava que não. Não era tão bela quanto Halima, claro, mas, ainda assim, era bem mais que apenas bonita. Sombras tremeluzentes dançavam em seu rosto de modo que Mat quase poderia esquecer que ela era Aes Sedai.

— Noite quente — disse a mulher, sorrindo, e começou a fazer um discurso tão descontraído enquanto Mat se deleitava olhando para ela que ele precisou de um certo tempo para perceber aonde ela estava querendo chegar com aquela conversa.

— Acho que não — respondeu educadamente ele quando ela fez uma pausa. Era isso que dava esquecer. Aes Sedai eram Aes Sedai.

Ela apenas sorriu.

— Haveria muitas vantagens, e eu não tentaria prendê-lo às minhas saias. Muitas vantagens. Você

escolheu uma vida perigosa, ou a escolheram para você. Um Guardiã deve ter mais chances de sobreviver.

— Eu realmente acho que não. Eu recuso, mas agradeço a proposta.

— Pense um pouco, Mat. A menos que... A Amyrlin criou um elo com você?

— Não. — Egwene não faria isso. Faria? Ela não poderia enquanto ele estivesse usando o medalhão, mas será que faria se ele não o usasse? — Você me dá licença? — Mat fez uma curta reverência e partiu na direção de uma bela jovem de olhos azuis que batia o pé no ritmo da música. Ela tinha uma boca suculenta, perfeita para beijar, e ele queria se divertir, maldição. — Eu vi os seus olhos e não pude deixar de vir aqui. Quer dançar?

Já era tarde demais quando ele viu o anel da Grande Serpente na mão direita da mulher, justo quando aquela boca suculenta se abriu e uma voz que ele reconheceu disse, seca:

— Uma vez eu perguntei, garoto, se você estaria presente quando a casa comesse a pegar fogo, mas parece que você gosta de pular em fogueiras. Agora saia daqui e encontre alguém que queira dançar com você.

Siuan Sanche! Ela tinha sido estancada e morta! Mas ali estava ela, fitando-o com o rosto que roubara de alguma jovem, fosse ela o que fosse, e usando um anel de Aes Sedai! Ele tinha tirado *Siuan Sanche* para dançar!

Enquanto Mat ainda tinha os olhos fixos nela, uma domanesa jovem e esbelta veio rodopiando com um vestido verde-claro transparente o bastante para que a luz da fogueira delineasse toda a sua silhueta. Lançando um olhar gélido na direção de Siuan, que o devolveu com interesse, a domanesa praticamente arrastou Mat para o meio das pessoas dançando. Era tão alta quanto uma Aiel, os olhos escuros até um pouco mais altos que os dele.

— Meu nome é Leane, aliás — disse a mulher com uma voz que parecia uma carícia açucarada —, caso você não tenha me reconhecido. — Sua risadinha baixa também era quase uma carícia.

Mat deu um pulo e quase se atrapalhou todo no primeiro giro. Ela também usava o anel. Ele concluiu o passo apenas por instinto. Alta ou não, Leane era como uma pluma nas mãos dele, graciosa como um cisne, mas com certeza nada disso era suficiente para abafar a pergunta que continuava a explodir na cabeça dele feito os fogos de artifício de um Iluminador: Como? Como, sob a Luz? Para completar, quando a dança acabou, ela disse:

— Você dança muito bem — disse naquela voz sedutora, e então o beijou com uma intensidade com que Mat jamais havia sido beijado. Ele ficou tão chocado que nem tentou se afastar. Suspirando, ela lhe deu um tapinha na bochecha. — Dança muito bem mesmo. Na próxima vez, pense nisso como uma dança e você vai se sair bem melhor. — E lá foi ela embora gargalhando, de volta para dançar com algum sujeito que tirou do meio dos espectadores.

Mat decidiu que já passara pelo máximo que um homem poderia suportar em uma única noite. Voltou ao estábulo e caiu no sono usando a própria sela como travesseiro. Seus sonhos teriam sido agradáveis, se não tivessem envolvido Myrelle, Siuan, Leane e Halima. Em se tratando de sonhos, um homem simplesmente não tinha bom senso suficiente nem para tirar uma pedra da própria bota.

O dia seguinte só poderia ser melhor, pensou ele, em especial quando a alvorada chegou revelando Vanin no depósito, dormindo em sua sela. Ele contou que Talmanes tinha recebido a mensagem e ficaria onde estava. Guardiões haviam sido vistos observando os preparativos do Bando, sem dúvida porque se permitiram ser vistos, mas nenhum deles se aproximara dos homens de Mat. Uma surpresa menos agradável foi deparar com o cavalo cinza de Olver no pátio atrás do estábulo, e o próprio Olver todo enrolado nos lençóis em um canto.

— Você precisa de alguém na retaguarda — justificou-se o menino, sombrio, quando Mat perguntou o que ele estava fazendo ali. — Não pode confiar nela. — Não precisou citar o nome de Aviendha.

Olver não mostrou interesse em brincar com as crianças da aldeia, e Mat teve que suportar olhares e

sorrisos conforme o garoto o seguia por toda Salidar, fazendo seu melhor para imitar o andar fluido de um Guardião e olhando em nove direções ao mesmo tempo à procura de Aviendha. E Mat continuava sem vê-la em lugar algum, assim como Elayne e Nynaeve. E a “Amyrlin” ainda estava ocupada. Thom e Juilin também estavam “ocupados”. Vanin conseguiu ouvir algumas coisas, mas nada que deixasse Mat feliz. Se Nynaeve realmente tivesse Curado Siuan e Leane, ela estaria pior do que nunca. Ela sempre se tivera em alta conta e, depois de conseguir fazer o que ninguém julgara possível, seu peito estaria mais estufado que o de um pombo. Mas essa não era a pior parte. A história sobre Logain e a Ajah Vermelha deram calafrios em Mat. Aquilo soava como o tipo de coisa que nenhuma Aes Sedai perdoaria. Se Gareth Bryne era o líder do exército delas, não se tratava de um amontoado de fazendeiros e varredores de rua com alguns Guardiões para dar mais corpo. Considerando-se tudo isso e as provisões que Vanin viu serem empacotadas ou acondicionadas em barris para viagem, a única conclusão era que haveria problemas. O pior tipo de problema que Mat poderia imaginar, pouco melhor do que dar de cara com um dos Abandonados na mesa ao lado e mais uma dúzia de Trollocs entrando pela porta. Nada daquilo as tornava menos tolas, apenas tolas muito perigosas. Thom e seu “ajudá-las a fazer o que elas querem”. Se o menestrel saísse da toca algum dia, talvez pudesse tirar um “como” daquelas suas histórias.

À noite, Myrelle voltou a conversar com Mat a respeito de ele se tornar um Guardião, e seus olhos se estreitaram em desagrado quando Mat lhe disse que a proposta dela era a quinta que ele dispensava desde o nascer do sol. Ele não teve certeza se ela acreditou, já que a mulher foi embora com o andar mais exasperado que ele já vira em uma Aes Sedai. Porém, era verdade. A primeiríssima, quando ele ainda tentava tomar o café da manhã, fora da mesma Delana para quem Halima trabalhava, uma mulher corpulenta de cabelo claro e olhos azuis que chegou perto de tentar intimidá-lo a aceitar. Naquela noite, ele se manteve longe da dança e foi dormir com as músicas e gargalhadas em seus ouvidos. Desta vez, soavam amargas.

Foi no meio da tarde do segundo dia inteiro de Mat em Salidar que uma garota de vestido branco, bonita, sardenta e se esforçando bastante para demonstrar uma dignidade gélida — e quase sendo bem-sucedida —, abordou-o com uma convocação exatamente assim:

— Você vai se apresentar imediatamente perante o Trono de Amyrlin. — Ponto final, e mais nenhuma palavra.

Mat sinalizou para que ela fosse na frente. Pareceu adequado, e ela pareceu gostar.

Estavam todas elas naquele aposento da Pequena Torre, Egwene, Nynaeve, Elayne e Aviendha, embora Mat tenha precisado olhar duas vezes para reconhecer a Aiel em um vestido azul de lã cara, com gola e punhos rendados. Pelo menos nem Aviendha nem Elayne estavam tentando estrangular uma a outra, mas ambas tinham uma expressão pétrea. Assim como Egwene e Nynaeve, aliás. Os rostos estavam todos indecifráveis, e todos os olhos voltaram-se para ele. Conseguiu segurar a língua enquanto Egwene expôs as alternativas de Mat, na opinião dela, sempre sentada por detrás da mesa e com aquela estola listrada sobre os ombros.

— Caso você ache que não é capaz de fazer nenhuma das duas coisas — concluiu ela —, lembre-se de que eu posso amarrar você no seu cavalo e mandá-lo de volta para esse seu Bando da Mão. Em Salidar, não há lugar para preguiçosos e gente que faz corpo mole. Eu não vou permitir uma coisa dessas. Você tem duas escolhas, Mat: ou vai para Ebou Dar com Elayne e Nynaeve ou vai embora para ver quem você consegue impressionar com bandeiras e estandartes.

O que o deixava sem escolha, claro. Quando ele apontou isso, nenhuma expressão se alterou. Se muito, Nynaeve se mostrou ainda mais severa. E Egwene disse apenas:

— Fico feliz que tudo esteja resolvido, Mat. Agora tenho mil coisas para fazer. Vou tentar vê-lo antes de você ir. — Dispensado feito um cavaliço. A Amyrlin estava ocupada. O mínimo que poderia ter feito era lhe jogar uma moeda de cobre.

Foi por isso que na terceira manhã de Mat em Salidar ele foi até a entrada do lugar, na área descampada

entre a aldeia e a floresta.

— Pode ser que elas continuem aqui até eu voltar — disse Mat para Talmanes, olhando por cima do ombro em direção às casas. Elas viriam logo, e Mat não queria que nada daquilo chegasse aos ouvidos de Egwene. Se pudesse, ela tentaria pôr um fim nos seus planos. — Bem, é o que eu espero. Se elas se deslocarem, siga-as aonde quer que seja, mas nunca tão de perto a ponto de assustá-las. E se uma jovem chamada Egwene aparecer, não faça perguntas, trate apenas de capturá-la e levá-la para Caemlyn, mesmo que seja preciso passar por cima de Gareth Bryne. — Claro que eles poderiam estar pretendendo ir a Caemlyn. Havia essa chance. Mas Mat temia que o alvo delas fosse Tar Valon. Tar Valon e o machado do carrasco. — E leve Nerim com você.

Talmanes balançou a cabeça.

— Se Nalesean estiver indo com você, vou ficar ofendido se você não permitir que eu envie um dos meus homens para cuidar das suas coisas. — Mat gostaria que Talmanes sorrisse de vez em quando. Ajudaria a saber quando ele estava falando sério. Ele certamente soava sério.

Nerim estava parado de pé ali perto, com Pips, e sua própria égua marrom roliça, além de dois burros de carga com cestos de vime atulhados até a boca. O homem de Nalesean, um sujeito robusto chamado Lopin, conduzia apenas um animal de carga, além do seu capão com focinho em formato de martelo e do imenso garanhão negro de Nalesean.

A comitiva não acabava aí. Ninguém parecia querer dizer a Mat mais do que o ponto de encontro e quando ele deveria estar lá, mas, durante outra conversa tentando convencê-lo a se tornar Guardião, Myrelle deixara escapar que já não havia mais problema se ele se comunicasse com o Bando, desde que não tentasse trazê-los para mais perto de Salidar. Ele nem tinha cogitado uma coisa dessas. Vanin estava ali naquela manhã porque suas habilidades como batedor seriam úteis, assim como cerca de dez soldados do Bando, selecionados por conta dos ombros pesados e por terem se mostrado capazes de manter a ordem enquanto ainda eram Braços Vermelhos em Maerone. Pelo que Nalesean dissera, clavas e punhos ligeiros deveriam dar conta de qualquer confusão em que Nynaeve e Elayne se metessem, ao menos por tempo suficiente para levá-las embora na surdina. Lá no final vinha Olver, montado no cavalo cinza que batizara de Vento, um nome que o animal de pernas compridas até poderia merecer. Claro que ele levaria Olver junto. O Bando poderia muito bem se meter em problemas se acabasse tendo que acompanhar aquele monte de malucas. Talvez não problemas com Bryne, mas havia grandes chances de os nobres ficarem eriçados ao verem dois exércitos cruzando suas terras e resolverem atacar os cavalos à noite e atirarem flechas matagal sim, matagal não. Para um garoto, qualquer cidade havia de ser mais segura que isso.

Ainda não havia qualquer sinal de nenhuma Aes Sedai, e o sol já começava a assá-los por sobre as copas das árvores.

Num gesto irritado, Mat puxou o chapéu para baixo.

— Nalesean conhece Ebou Dar, Talmanes. — O taireno deu um risinho em meio ao suor e assentiu. A expressão de Talmanes não se alterou. — Ah, está bem. Nerim vem com a gente. — Talmanes inclinou a cabeça. Talvez tivesse falado sério.

Por fim, houve uma movimentação na aldeia, um grupo de mulheres conduzindo cavalos. Elayne e Nynaeve estavam acompanhadas, embora Mat não estivesse esperando mais ninguém. Aviendha trajava um vestido de cavalgada cinza, mas olhava para a sua égua parda esguia com um ar mais que duvidoso. Aquela Caçadora da trança dourada demonstrava mais confiança com um capão de ancas pesadas da cor de um camundongo, e parecia estar tentando convencer Aviendha de algo em relação à sua égua. O que aquelas duas estavam fazendo ali? Também havia duas Aes Sedai — outras duas Aes Sedai além de Nynaeve e Elayne, melhor dizendo —, mulheres esbeltas com cabelos brancos que Mat ainda não tinha visto em Aes Sedai. Um sujeito de certa idade, magro, porém musculoso, e quase careca — os poucos fios que ainda restavam eram

grisalhos — vinha atrás delas com um animal de carga, além da sua própria montaria. Mat levou um tempo para perceber que se tratava de um Guardião, com um daqueles mantos furta-cor lhe pendendo às costas. Essa era a vida de um Guardião. As Aes Sedai faziam o sujeito trabalhar até ele perder os cabelos, e então, depois que o pobre coitado morresse, provavelmente ainda encontrariam serventia para os seus ossos.

Thom e Juilin vinham não muito atrás, e também traziam um burro de carga. As mulheres pararam a umas cinquenta passadas à esquerda junto do Guardião idoso, mal olhando para Mat e seus homens. O menestrel deu uma olhada furtiva na direção de Nynaeve e as demais e, a seguir, falou com Juilin, e ambos conduziram seus cavalos na direção de Mat, parando um pouco antes dele como se não tivessem certeza de que eram bem-vindos. Mat se aproximou.

— Tenho que lhe pedir desculpas, Mat — disse Thom, apertando o bigode. — Elayne foi bem enfática ao me proibir de continuar conversando com você. Só mudou de ideia hoje de manhã. Num momento de fraqueza há alguns meses, prometi obedecer às ordens dela, e ela joga isso na minha cara nas situações mais esquisitas. Ela não ficou muito feliz por eu ter lhe dito o que disse.

— Nynaeve ameaçou me dar um soco no olho se eu chegasse perto de você — revelou Juilin em tom tristonho, apoiando-se em seu cajado de bambu. Estava usando um chapéu taraboniano vermelho que não oferecia tanta proteção contra o sol, e até o chapéu parecia triste.

Mat desviou o olhar na direção das mulheres. Nynaeve o espiava por cima da própria sela, mas, quando percebeu que ele estava olhando, agachou-se atrás do animal, uma égua marrom atarracada. Ele não teria pensado que nem Nynaeve seria capaz de mandar em Juilin, mas o apanhador de ladrões de pele escura estava bem longe de ser o homem com quem Mat convivera um pouco em Tear. Aquele Juilin se mostrara pronto para tudo. Este Juilin, com a testa franzida, parecia sempre preocupado com alguma coisa.

— Nós vamos ensinar para elas um pouco de boas maneiras durante esta viagem, Juilin. Thom, eu é que tenho que pedir desculpas. Aquilo que eu disse sobre a carta... Foi o calor que me fez falar sem pensar, e eu estava preocupado com certas mulheres idiotas. Espero que as notícias tenham sido boas. — Foi tarde demais quando ele se recordou do que Thom dissera. O homem abandonara à morte a mulher que tinha escrito aquela carta.

Thom, porém, só deu de ombros. Mat não sabia o que pensar dele sem o manto de menestrel.

— Notícias boas? Eu ainda nem decifrei aquela carta. É comum não se saber se uma mulher é amiga, inimiga ou amante até já ser tarde demais. Às vezes, ela é os três. — Mat esperava uma gargalhada, mas Thom franziu a testa e suspirou. — As mulheres parecem gostar de se passar por misteriosas, Mat. Posso dar um exemplo. Você se lembra de Aludra?

Mat precisou pensar.

— A Iluminadora que salvamos em Aringill?

— A própria. Juilin e eu a encontramos durante as nossas viagens e ela não sabia quem eu era. Não que ela não tenha me reconhecido, já que é normal conversar com companheiros de viagem desconhecidos para poder conhecê-los melhor. Aludra não quis me conhecer, e mesmo sem eu saber por quê, não vi razão para impor nada. Encontrei-a como uma estranha e a deixei como uma estranha. E aí, você a veria como uma amiga ou uma inimiga?

— Talvez como amante — respondeu Mat, seco. Ele não se importaria em encontrar Aludra de novo. Ela lhe dera alguns fogos de artifício que se provaram bem úteis. — Se você quiser saber sobre mulheres, pergunte para Perrin, não para mim. Não entendo nada desse assunto. Eu costumava achar que Rand entendia, mas Perrin com certeza entende. — Elayne estava conversando com as duas Aes Sedai de cabelo branco sob o olhar atento da Caçadora. Uma das Aes Sedai mais velhas deu uma olhada inquisitiva na direção de Mat. Agiam como Elayne, serenas como uma rainha em seu maldito trono. — Bem, com sorte, não vou precisar aturar essas malucas por muito tempo — resmungou Mat consigo mesmo. — Com sorte, o que quer que

elas estejam indo fazer lá não vai demorar muito e em cinco ou dez dias estaremos de volta. — Com sorte, ele poderia estar de volta antes que o Bando precisasse começar a seguir aquelas loucas. Seguir não apenas um exército, mas dois, seria fácil como roubar tortas, claro, mas Mat não queria passar nem um dia a mais que o necessário na companhia de Elayne.

— Dez dias? — indagou Thom. — Mesmo com esse tal de “portão”, Mat, vamos precisar de cinco ou seis dias só para chegar a Ebou Dar. É melhor que uns vinte, mas...

Mat parou de prestar atenção. Cada gota de irritação que ele vinha acumulando desde a primeira vez em que tornou a pousar os olhos em Egwene transbordou de uma só vez. Ele apanhou o chapéu e foi andando decidido até Elayne e as outras. Deixá-lo sem saber nada já era ruim o bastante — como ele poderia mantê-las longe de confusão se elas não lhe contavam nada? —, mas aquilo era ridículo. Nynaeve o viu se aproximando e, por algum motivo, escondeu-se atrás de sua égua.

— Vai ser interessante viajar com um *ta'veren* — comentou uma das Aes Sedai de cabelo branco. Mesmo de perto, ele ainda não conseguia dizer quantos anos a mulher tinha, mas, de alguma forma, algo em seu rosto transmitia certa idade. Devia ser o cabelo. A outra Aes Sedai parecia um reflexo da primeira. Talvez elas realmente fossem irmãs. — Meu nome é Vandene Namelle.

Mat não estava no clima para falar sobre ser um *ta'veren*. Nunca sentia vontade de fazer isso, mas menos ainda naquele momento.

— Que história é essa de que a gente vai levar cinco ou seis dias para chegar a Ebou Dar? — O velho Guardião se endireitou, encarando-o com severidade, e Mat também o reavaliou. Podia ser magro, mas era duro feito raízes velhas. Mas isso não bastou para fazê-lo moderar o tom de voz. — Vocês podem abrir um portão na frente de Ebou Dar. Não somos nenhum maldito exército que vá assustar alguém, e, quanto a aparecer do nada, vocês são Aes Sedai. As pessoas já esperam que vocês apareçam do nada e atravessem paredes.

— Receio que você esteja falando com a Aes Sedai errada — disse Vandene. Mat olhou para a outra mulher de cabelo branco, que balançou a cabeça enquanto Vandene disse: — Não, não Adeleas. Parece que não somos fortes o bastante para algumas das novidades.

Mat hesitou, então afundou o chapéu na cabeça e se virou para Elayne.

A mulher empinou o nariz imediatamente.

— Parece que você sabe ainda menos do que pensa, Mestre Cauthon — afirmou ela com frieza. Não estava suando, ele percebeu, não mais que as duas... as outras duas... Aes Sedai. A Caçadora olhava para ele de modo desafiador. Por acaso ele tinha enfiado uma abelha no seu ouvido para ela ficar olhando-o com aquela cara? — Há aldeias e fazendas num entorno de cem milhas de Ebou Dar — prosseguiu Elayne, como se tentasse explicar o óbvio para alguém não muito inteligente. — Portões são perigosos. Não quero matar as ovelhas e vacas de um pobre coitado qualquer, e muito menos o próprio pobre coitado.

Não era só aquele tom de voz que Mat odiava. Elayne estava certa, e ele também odiava isso. Mas não estava a ponto de admitir, não para ela, e, buscando uma maneira de se retirar, avistou Egwene saindo da aldeia acompanhada por vinte ou mais Aes Sedai, a maioria delas usando os xales com as franjas coloridas. Ou melhor, ela vinha, e as mulheres a seguiam. Cabeça bem erguida, Egwene olhava para a frente, aquela estola listrada sobre os ombros. As outras vinham caminhando logo atrás em pequenos grupos. Sheriam, trajando a estola azul da Curadora, conversava com Myrelle e uma Aes Sedai de rosto austero que conseguia ter uma expressão maternal. Exceto por Delana, ele não reconheceu nenhuma das demais — uma tinha o cabelo grisalho preso num coque, e ele se perguntou quantos anos uma Aes Sedai precisava ter para que seu cabelo ficasse completamente grisalho ou branco —, mas todas conversavam entre si, ignorando a mulher que haviam elevado a Amyrlin. Egwene poderia muito bem estar sozinha. Parecia sozinha. Mat a conhecia bem, e sabia que ela provavelmente estava fazendo tudo a seu alcance para se tornar quem aquelas mulheres

queriam que ela fosse, e ainda assim elas a deixavam caminhar sozinha daquela forma e ficavam apenas olhando.

Elas que vão para o Poço da Perdição se acham que podem tratar desse jeito uma mulher de Dois Rios, pensou Mat, irritado.

Apertou o passo para alcançar Egwene, então tirou o chapéu e fez uma reverência, executando o melhor movimento de perna que conseguiu — Mat sabia que era capaz de fazer alguns floreios quando precisava.

— Bom dia, Mãe, e que a Luz brilhe sobre você — cumprimentou, alto o bastante para ser ouvido até na aldeia. Mat se ajoelhou, tomou a mão direita de Egwene e beijou o anel da Grande Serpente. Sabendo que Egwene impedia seu rosto de ser visto pelas mulheres atrás dela, ele lançou um rápido olhar de reprovação para Talmanes e os outros, que se ajoelharam aos trancos e barrancos e bradaram “Que a Luz a ilumine, Mãe” ou algo do tipo. Até Thom e Juilin os imitaram.

De início, Egwene pareceu assustada, embora logo tenha escondido isso. Então, sorriu e, com delicadeza, disse:

— Obrigada, Mat.

Por um momento, ele apenas ficou olhando para a amiga, então pigarreou e se levantou, esfregando os joelhos. Sheriam e todas as outras atrás de Egwene o observavam.

— Eu não esperava ver vocês aqui — afirmou ele, em voz baixa —, mas, pelo visto, parece que há muitas coisas que eu não esperava. A Amyrlin sempre se despede das pessoas que vão viajar? Você não quer mesmo me contar do que se trata tudo isso?

Por um instante, Mat achou que ela fosse contar, mas a boca de Egwene se comprimiu e ela balançou de leve a cabeça.

— Eu sempre me despeço dos meus amigos, Mat. Eu teria falado com você antes de hoje se não andasse tão ocupada. Tente não se meter em problemas em Ebou Dar, Mat.

Ele apenas a olhou, indignado. Mat tinha se ajoelhado e beijado o seu anel de Aes Sedai, e agora ela vinha dizer para *ele* ficar longe de confusão, quando tudo o que queria era evitar que arrancassem a pele de Elayne e Nynaeve.

— Vou tentar, Mãe — retrucou, sarcástico, mas não muito. Sheriam e algumas das demais poderiam estar perto o bastante para ouvir. — Se me dá licença, preciso ir cuidar dos meus homens.

Outra reverência, e ele recuou alguns passos ainda virado para ela antes de sair caminhando até onde Talmanes e os outros continuavam ajoelhados.

— Vocês pretendem ficar assim até criar raízes? — resmungou ele. — Montem. — Mat obedeceu à própria ordem e todos, menos Talmanes, subiram em suas selas o mais rápido possível.

Egwene foi se despedir de Elayne e Nynaeve enquanto Vandene e Adeleas conversavam com Sheriam, e então logo chegou a hora, depois de dias de tanta enrolação. Mat até esperava algum tipo de cerimônia, com Egwene ali presente com a estola de Amyrlin, mas ela e as demais só se afastaram um pouco. Elayne se afastou e, de repente, um rasgo de luz surgiu à sua frente e se ampliou até virar um buraco com vista para o que parecia ser o topo de uma colina baixa coberta por uma vegetação marrom, que girou até parar. Exatamente como o de Rand fez.

— Desmontem — ordenou Mat. Elayne demonstrava estar bem satisfeita consigo mesma. Quem visse aquele sorriso de pura alegria, que pedia que Nynaeve e Aviendha sorrissem com ela, nunca suspeitaria de como ela era uma mulher intragável. Mas, contente ou não, o portão não era tão grande quanto o que Rand abria para o Bando. Claro que o grupo atual era bem menor, mas o mínimo que ela poderia ter feito era abrir um portão com altura suficiente para que o atravessassem a cavalo.

Do outro lado, Mat via colinas suaves com grama seca até onde a vista alcançava, mesmo quando tornou a montar em Pips, embora uma massa escura ao sul parecesse sugerir uma floresta. Colinas secas e com

muita poeira.

— Melhor não forçarmos muito os cavalos — sugeriu Adeleas, montando com extrema facilidade em sua égua baia tão logo o portão desapareceu. O animal rechonchudo provavelmente se sairia muito melhor em um celeiro.

— Ah, não mesmo — concordou Vandene. A montaria da mulher era um capão negro de flancos quadrados e passos leves. As duas partiram rumo ao sul, sinalizando para que todos as seguissem. O velho Guardião as seguia de perto.

Nynaeve e Elayne trocaram olhares irritados, e então esporaram suas éguas para alcançar as mulheres mais velhas, levantando poeira até emparelharem. A Caçadora da trança dourada as acompanhava da mesma maneira que o Guardião seguia a outra dupla.

Com um suspiro, Mat desatou o lenço preto em seu pescoço e o amarrou por cima do nariz e da boca. Mesmo que adorasse ver as Aes Sedai mais velhas ensinarem aquelas duas a se comportarem direito, o que ele queria mesmo era uma cavalgada tranquila, uma estadia curta em Ebou Dar, e estar de volta a Salidar o mais rápido possível, antes que Egwene fizesse algo estúpido e irremediável. As mulheres sempre lhe criavam problemas. Ele não compreendia por quê.

* * *

Quando o portão se apagou, Egwene soltou um suspiro. Talvez Elayne e Nynaeve, juntas, conseguissem evitar que Mat se metesse em confusões demais. Mantê-lo completamente longe de problemas era pedir muito. Ela sentia uma pontada de arrependimento por usá-lo, mas ele poderia vir a ser útil em Ebou Dar e precisava ser afastado do Bando. Além disso, Mat merecia. Talvez Elayne *fosse* ensinar-lhe algumas boas maneiras.

Virando-se para as demais, o Salão, Sheriam e seu círculo, disse:

— Vamos? Já está na hora.

Todos os olhos se voltaram para o cairhieno de manto escuro que só àquela altura montava em seu cavalo junto às árvores. Egwene achava que Mat dissera que o nome do homem era Talmanes. Ela não ousara fazer muitas perguntas. Ele examinou-as por um momento e balançou a cabeça antes de cavalgar de volta para a floresta.

— Aquele ali tem cara de quem vai criar problemas — afirmou Romanda.

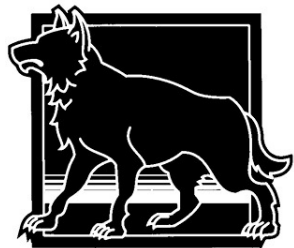
Lelaine aquiesceu.

— Vai ser muito bom ter algumas milhas entre nós e aqueles homens.

Egwene não se permitiu sorrir. O Bando de Mat havia servido ao seu primeiro propósito, mas muita coisa dependia exatamente de que ordens ele deixara com esse tal de Talmanes. Egwene achava que podia contar com Mat. Siuan dissera que aquele tal de Vanin desencavara certas coisas antes que ela pudesse colocá-las debaixo do nariz dele. E se fosse para ela “escutar a voz da razão” e correr atrás do Bando em busca de proteção, então o Bando teria que estar perto dela.

— Vamos buscar os cavalos? — perguntou. — Se partirmos agora, devemos alcançar Lorde Bryne bem antes do pôr do sol.





UM PENSAMENTO AMARGO

Vilnar estava perdido em pensamentos, cogitando fazer a barba enquanto conduzia a patrulha montada pelas ruas da Cidade Nova, não muito longe da imensa muralha externa, cujas pedras cinzentas reluziam em listras brancas e prateadas ao sol do meio-dia. Alguns dos outros homens já estavam de rosto liso. Mesmo que todos dissessem que aquele calor não era normal, com certeza devia estar mais fresco em Saldaea.

Ali era seguro o suficiente para ele deixar os pensamentos vagarem. Conseguia conduzir o cavalo até de olhos fechados, e só um ladrãozinho muito tolo para tentar exercer seu ofício tão perto de dez saldaeanos. A patrulha cavalgava sem roteiro certo, para que os sujeitos nunca soubessem onde era seguro operar. Aliás, era mais comum os bandidos se entregarem do que eles terem que ir atrás de foragidos. O valentão mais durão de Caemlyn preferiria correr para os braços de um saldaeano do que deixar que um Aiel o prendesse. Por isso, Vilnar mantinha só metade da atenção na rua, deixando a mente viajar. Pensava na garota que o esperava em Melar, sua terra natal. O pai dela era mercador, e sua vontade de ter um filho soldado talvez só fosse maior que a vontade de Teryane de se casar com um. Pensou no jogo que aquelas Aiel tinham sugerido — “O Beijo da Donzela” parecia uma brincadeira inocente, mas viu um brilho suspeito nos olhos delas quando deram a sugestão. No entanto, pensava principalmente nas Aes Se dai.

Vilnar sempre quis ver uma Aes Sedai de perto, e com certeza não havia lugar melhor para realizar seu desejo do que ali em Caemlyn, a menos que algum dia viajasse para Tar Valon. Parecia que havia Aes Sedai por toda Caemlyn — fora visitar a estalagem O Sabujo de Culain, onde os rumores diziam que havia cem, mas não teve coragem de entrar. Era bem valente com uma espada na mão, um cavalo entre as pernas e homens ou Trollocs à frente, mas ficava tímido só de pensar nas Aes Sedai. E aquela estalagem não teria acomodado cem mulheres, aliás. E nenhuma das garotas que vira poderia ser Aes Sedai, sem chance. Também fora visitar A Coroa de Rosas, que ficara observando do outro lado da rua, mas não deu para ter certeza se alguma das mulheres que avistara era uma Aes Sedai, o que só poderia significar que não eram.

Olhou desconfiado para uma mulher magra de nariz grande que saiu de uma casa imponente que devia pertencer a algum mercador. A mulher ficou um tempo parada, encarando a rua de cenho franzido, antes de finalmente enfiar um chapéu de palha de aba larga na cabeça e ir embora apressada. Vilnar balançou a cabeça. Não sabia afirmar a idade dela, mas isso só não bastava. Sabia reconhecer uma Aes Sedai. Jidar podia continuar dizendo que eram mulheres tão bonitas que podiam matar qualquer homem só com um sorriso; e Rissen podia insistir que todas eram um pé mais altas que qualquer homem — Vilnar sabia que era pelo rosto

que se sabia se a mulher era ou não Aes Sedai, aquele rosto sem idade definida, o rosto de uma imortal. Era algo impossível de confundir.

Vilnar se esqueceu de vez das Aes Sedai quando a patrulha parou diante do enorme arco abobadado do Portão da Ponte Branca. Do outro lado, uma das feiras se estendia ao longo da estrada, com grandes barracões de pedra cobertos com telhas vermelhas ou roxas; currais repletos de bezerros, porcos e carneiros, galinhas, patos e gansos; e barracas que vendiam de tudo, de feijões a nabos. O normal nessas feiras era uma cacofonia de mercadores oferecendo seus produtos, mas não se ouviam as vozes humanas, restando apenas o som dos animais conforme a marcha silenciosa avançava mercado adentro até o portão, uma das procissões mais estranhas que ele já vira.

Quatro fileiras de feirantes formavam uma longa coluna, quase todos a cavalo, e parecia haver carroções logo atrás — só podiam ser os fazendeiros, considerando seus casacos grosseiros, mas Vilnar notou que cada homem trazia a tiracolo o maior arco que ele já vira, além de uma aljava cheia pendurada de um lado do corpo e uma faca comprida ou espada curta do outro. À frente da procissão havia um estandarte branco com bordas vermelhas e uma cabeça de lobo vermelha, e quem encabeçava a procissão era um grupo tão inusitado quanto a própria coluna: três Aiel — todos a pé, claro, sendo duas Donzelas —, junto com um sujeito cujo casaco vistoso de listras verdes e as calças de um tom amarelo berrante indicavam ser um Latoeiro, mas que só podia ser outra coisa, considerando a espada que levava às costas. O homem de roupas berrantes conduzia um cavalo de tração de Nashun com uma sela apropriada para um gigante. O líder parecia um sujeito de cabelo desgrenhado, com ombros largos e barba curta, levando no cinto um machado pavoroso. A seu lado vinha uma saldaeana com saias divididas estreitas e escuras, e a mulher não parava de lançar olhares afetuosos ao sujeito...

Vilnar se endireitou mais para a frente na sela. Reconhecia a saldaeana e pensou em Lorde Bashere, que estava no Palácio Real. E mais: pensou em Lady Deira, e isso fez seu sangue gelar — ela também estava no Palácio. Vilnar acharia uma maravilha se alguma Aes Sedai sacudisse os braços e transformasse toda aquela coluna em Trollocs. Talvez aquele fosse o preço de sonhar acordado. Se tivesse ele mantido a mente concentrada no dever, a patrulha já estaria bem longe dali e ele não teria que lidar com aquilo. Ainda assim, tinha ordens a cumprir.

Posicionou os homens diante do portão, cogitando se Lady Deira mandaria cortarem a sua cabeça.

* * *

Perrin deixou o garanhão castanho seguir a um passo lento, só puxando as rédeas a menos de dez passadas do portão da cidade. Galope também ficou feliz em parar, pois não gostava nada do calor. A julgar pelos narizes pronunciados e pelos olhos enviesados, os homens a cavalo que bloqueavam o portão só podiam ser saldaeanos. Alguns ostentavam lustrosas barbas negras, outros usavam bigodes grossos, mas havia alguns de rosto limpo. Todos, menos um, estavam com a mão pousada no punho da espada. Mesmo sem brisa, o ar parecia se agitar ao redor deles, e não havia cheiro de medo. Olhou para Faile, que estava curvada por cima do pescoço arqueado de Andorinha, muito concentrada em tatear a rédea da égua negra. Ela cheirava a sabão de ervas e ansiedade, mas era um cheiro tênue. Tinham ouvido sobre os saldaeanos em Caemlyn nas últimas duzentas milhas ou mais de viagem. As tropas supostamente eram comandadas pelo pai de Faile. Aquilo não pareceu preocupá-la, mas a menina tinha certeza de que a mãe também estaria em Caemlyn — e dizia que aquilo também não a preocupava.

— Nem precisamos dos arqueiros — opinou Aram, baixinho, passando a mão no punho da espada despontando por cima do ombro. Seus olhos escuros denotavam certa ansiedade, e ele de fato cheirava a

ansiedade. — Só são dez. Eu e você sozinhos daríamos conta de passar por cima deles.

Gaul já velara o rosto, e Perrin estava quase certo de que Bain e Chiad, do outro lado de Faile, tinham feito o mesmo.

— Nada de arqueiros, e nada de passar por cima de ninguém — retrucou Perrin. — E nada de lanças, Gaul.

Não falou nada com Bain ou Chiad — as duas só davam ouvidos para Faile, em todo caso, e ela não parecia disposta a erguer os olhos ou dizer uma palavra que fosse, não tão cedo. Gaul simplesmente deu de ombros e baixou o véu. Aram franziu o cenho, desapontado.

Perrin manteve o rosto tranquilo enquanto se virava para os saldaeanos. Seus olhos amarelos às vezes deixavam os homens nervosos.

— Eu sou Perrin Aybara. Acho que Rand al'Thor vai querer me receber.

O sujeito barbado, o único que não encostara na espada, fez uma pequena reverência do alto da sela.

— Lorde Aybara, eu sou Vilnar Barada, subtenente jurado pela espada ao Lorde Davram Bashere. — O homem falou bem alto. Perrin reparou que ele também evitava olhar para Faile. Sua esposa suspirou com a menção ao pai e fez uma careta para Barada; seu olhar ficou ainda mais feio quando o homem continuou a ignorá-la. — Pelas ordens de Lorde Bashere — continuou, então completou, como se só então tivesse se lembrado —, e do Lorde Dragão, nenhum nobre pode ter permissão de entrar em Caemlyn com mais de vinte homens armados ou cinquenta serviçais.

Aram ficou inquieto, ainda montado. Ele ficava ainda mais irritado com ataques à suposta honra de Perrin do que Faile, que já o defendia com unhas e dentes. Graças à Luz ele não desembainharia a espada contra as ordens que recebera.

Perrin virou para trás e falou, por cima do ombro:

— Dannil, leve todo mundo de volta para aquela campina, umas três milhas atrás, e monte acampamento. Se algum fazendeiro aparecer para reclamar, dê um pouco de ouro e trate de acalmar o sujeito. Deixe bem claro que ele vai receber compensação por qualquer prejuízo. Aram, vá com eles.

Dannil Lewin, um sujeito magro feito um caniço com um bigode grosso que quase escondia a boca, levou a mão à testa, mesmo Perrin tendo dito tantas vezes que bastava um simples “tudo bem”. Ele na mesma hora começou a dar as ordens de meia-volta. Claro que Aram se enrijeceu todo — ele nunca gostava de ficar longe de Perrin —, mas também claro que ele não protestou. Às vezes, Perrin achava que o antigo Latoeiro era na verdade um cão de caça. Não era bom que homem nenhum se comportasse daquela maneira, mas não sabia o que fazer a respeito.

Achava que Faile fosse reclamar bastante da ordem para que todos voltassem, e ficou esperando ela mencionar os direitos da suposta posição que ele ocupava e insistir em levar os vinte homens que Barada permitiria, junto com o mais próximo dos cinquenta servos que conseguissem arranjar. Mas Faile estava inclinada para fora da sela, cochichando com Bain e Chiad. Perrin fez questão de não ouvir, mas conseguiu entender algumas partes. Algo sobre homens, e com um ar divertido. As mulheres sempre pareciam ou divertidas ou irritadas quando falavam sobre homens. Era por causa de Faile que tinha toda aquela gente atrás dele — e isso sem falar no estandarte, mesmo Perrin ainda não tendo entendido de onde ela tirara aquilo. E havia *serviçais* nos carroções lá atrás, homens e mulheres usando *libré* com uma cabeça de lobo bordada no ombro. Nem mesmo a gente de Dois Rios reclamava, e todos pareciam tão orgulhosos daquilo quanto qualquer um dos refugiados.

— Satisfeito? — perguntou a Barada. — Você pode nos escoltar até Rand, se não quiser que a gente fique à solta por aí.

— Acho que... — Os olhos escuros de Barada encontraram os de Faile, mas voltaram depressa. — Acho que seria melhor.

Faile se endireitou, e Bain e Chiad trotaram até a linha de cavaleiros, passando pelo meio como se nem houvesse gente ali. Os saldaeanos não pareceram surpresos — deviam estar acostumados com os Aiel, todos os boatos mencionavam que Caemlyn já estava repleta deles.

— Preciso encontrar meus irmãos-de-lança — anunciou Gaul, de repente. — Que você sempre encontre água e sombra, Perrin Aybara. — E lá se foi atrás das mulheres. Faile escondeu um sorriso divertido com a mão enluvada.

Perrin balançou a cabeça. Gaul queria que Chiad se casasse com ele, mas era ela quem precisava pedir, de acordo com os costumes Aiel. Segundo Faile, a mulher até estava disposta a se tornar amante dele, mas não abriria mão da lança para se casar. Gaul parecia tão ofendido quanto uma garota de Dois Rios ficaria em seu lugar. E Bain também parecia fazer parte daquilo, mas Perrin não entendia como. Faile afirmou que não sabia, mesmo tendo mudado de assunto depressa demais, e Gaul ficava meio mal-humorado sempre que ele perguntava. Os Aiel eram mesmo um povo estranho.

Os saldaeanos foram abrindo caminho pela multidão, mas Perrin prestou pouca atenção às pessoas ou à cidade. Já vira Caemlyn antes, ao menos em parte, e já não gostava tanto de cidades grandes. Era raro os lobos se aproximarem da área urbana, e já fazia dois dias que ele não sentia nenhum de seus irmãos. Em vez disso, se ocupou de analisar a esposa com olhares discretos, tentando não ser surpreendido. Bem, não teria feito diferença se a tivesse encarado abertamente: Faile sempre cavalgava ereta, mas estava rija sobre a sela, os olhos cravados nas costas de Barada — que, por sua vez, estava curvado como se conseguisse sentir o peso do olhar de Faile. Nem um falcão cravava um olhar tão intenso quanto ela.

Perrin achava que Faile estava preocupada com a mesma coisa que ele, embora talvez não exatamente da mesma forma: a reação do pai dela. Sua esposa talvez tivesse que dar algumas explicações, afinal, fugira para se tornar uma Caçadora da Trombeta, mas Perrin é que teria que encarar Lorde Bashere, Tyr e Sidona para anunciar que um ferreiro se casara com sua filha e herdeira — e não estava muito ansioso para isso. Perrin não se achava lá muito corajoso, nem julgava que fosse bravura simplesmente fazer o que precisava ser feito, mas nunca pensara em si como um covarde. Até aquele momento. Ficava com a boca seca só de pensar no pai de Faile. Talvez fosse melhor acompanhar a montagem do acampamento, poderia enviar uma carta explicando tudo a Lorde Bashere. Deveria levar dois ou três dias para escrever uma boa carta, talvez até mais, já que não era muito bom com as palavras.

Bastou um vislumbre do estandarte carmesim que tremulava preguiçosamente acima do Palácio Real para que se recompusesse. Já ouvira rumores sobre aquele símbolo e sabia que não era o estandarte do Dragão, a despeito do que diziam os boatos — os boatos eram dos mais loucos, havia até quem afirmasse que o símbolo indicava que as Aes Sedai estavam servindo a Rand, enquanto outros alegavam que era o Dragão quem servia às mulheres da Torre. Perrin ficou se perguntando por que o amigo não estendera o próprio estandarte sobre o Palácio. Pensou em Rand. Ainda conseguia senti-lo puxando, um *ta'veren* maior atraindo um menor — aquilo não servia para indicar a posição exata do amigo, não era aquele tipo de puxão. Perrin deixara Dois Rios pensando em cavalgar até Tear, ou para onde só a Luz sabia, mas acabara chegando ali depois da enxurrada de rumores e histórias que atravessavam Andor. Histórias e rumores perturbadores. Não, o que sentia era mais uma necessidade de estar perto de Rand — ou quem sabe a necessidade que Rand tinha de sua presença —, tudo isso se traduzindo em um comichão entre os ombros, em um ponto onde ele não dava conta de coçar. Agora sentia como se quase estivesse alcançando o ponto exato da coceira, mas chegava a desejar que não estivesse. Tinha um sonho. Faile, que gostava tanto de se meter em aventuras, daria risada se soubesse. Sonhava em morar com ela em uma casinha em algum lugar do interior, longe de cidades e de confusão. Sempre havia confusão perto de Rand. Mas o amigo precisava de Perrin, então ele faria o que precisava ser feito.

Quando chegaram a um belo pátio ladeado por colunas e cercado por varandas de mármore e pináculos

pontiagudos, Perrin largou o cinto sobre a sela — era um alívio estar livre do peso daquele machado, ao menos por um tempo. Um homem e uma mulher de robe branco vieram buscar Galope e Andorinha. Depois de trocarem algumas palavras, Barada deixou ele e Faile com alguns Aiel de olhar frio, muitos usando lenços escarlate com aquele disco branco e preto. Os Aiel os levaram para dentro e, com ainda menos palavras do que a troca de antes, deixaram-nos a cargo de Donzelas, todas tão frias quanto qualquer Aiel. Perrin não reconheceu nenhuma delas da Pedra, e seus esforços para iniciar alguma conversa foram recebidos com olhares inexpressivos. Elas gesticulavam na linguagem de sinais das Donzelas, e uma delas, uma mulher magra de cabelo cor de areia que parecia ter mais ou menos a idade de Faile, foi escolhida para conduzir os dois Palácio adentro. A mulher se apresentou como Lorian, e foi só aquilo que falou, além das advertências para que não perambulassem por ali. Perrin queria que Bain ou Chiad estivessem por lá. Seria bom ver um rosto familiar. Faile deslizava pelos corredores como a lady que era, mesmo olhando depressa para os lados a cada cruzamento — ela obviamente não queria ser surpreendida pelo pai.

Enfim chegaram diante de portas duplas, cada qual com um leão entalhado. Duas Donzelas que estavam agachadas ali montando guarda se levantaram e começaram a conversar com Lorian naquela língua de sinais, até que a Donzela de cabelo cor de areia entrou sem bater.

Perrin ficou se perguntando se dali em diante seria sempre daquele jeito quando estivesse perto de Rand: um monte de guardas Aiel, todas caladas. De repente, as portas se escancaram e lá estava Rand, em camisa de manga.

— Perrin! Faile! Que a Luz brilhe sobre seu casamento — cumprimentou ele, risonho, e cumprimentou Faile com um leve beijo na bochecha. — Queria ter estado lá.

Faile parecia tão confusa quanto Perrin se sentia.

— Como você soube? — perguntou ele para o amigo, e Rand riu outra vez, dando-lhe um tapa amigável no ombro.

— Bo está bem aqui, Perrin. Bo, Jancy e todas elas. Quer dizer, estão em Caemlyn, no caso. Verin e Alanna trouxeram todas para cá antes de ficarem sabendo do que aconteceu na Torre. — Ele parecia cansado, os olhos vermelhos, mas sua risada soava animada. — Luz, Perrin, me falaram de tanta coisa que você andou aprontando... Lorde Perrin de Dois Rios, é? O que a Senhora Luhhan acha disso?

— Ela me chama de Lorde Perrin — respondeu, irônico. Quando ainda era criança, levava mais palmadas de Alsbet Luhhan do que da própria mãe. — Ela faz até medidas, Rand! Não estou brincando.

Faile olhou para ele de soslaio. A mulher sempre dizia que Perrin deixava as pessoas constrangidas quando tentava fazê-las parar com todas aquelas medidas e reverências, e explicava que o constrangimento que ele sentia quando os outros agiam assim era apenas parte do preço a se pagar.

A Donzela que entrara antes deles passou por Rand, saindo, e ele levou um susto.

— Luz, deixei vocês na porta! Entrem, entrem. Lorian, avise a Sulin que preciso de mais ponche. De melão, agora. E diga para ela ser rápida. — Inexplicavelmente, as três Donzelas riram como se Rand tivesse feito alguma piada.

Depois de dar um único passo para dentro do aposento, Perrin não precisou nem olhar para o ambiente para saber que havia uma mulher ali dentro — sentiu logo um aroma floral no ar. Quando a viu, ficou encarando.

— Min? — O cabelo estava diferente, arrumado em cachos, e as calças e o casaco azul bordado não eram nada como ele se lembrava, mas o rosto era o mesmo. — Min, é você! — Ele a ergueu num abraço apertado, rindo. — Ah, pelo visto é uma reunião. Faile, esta aqui é Min. Eu já falei dela.

Foi aí que Perrin reparou no cheiro que emanava da esposa, então tratou de pôr Min de volta no chão enquanto a amiga ainda estava sorrindo. De repente, teve total consciência de como aquelas calças justas delineavam o contorno das pernas de Min. Faile era uma mulher de poucos defeitos, mas de fato tinha uma

tendência a sofrer de ciúmes. Não era para ele saber que a mulher perseguira Calle Coplin com um pedaço de pau por meia milha — como se ele fosse olhar para qualquer outra mulher, agora que tinha aquela a seu lado.

— Faile — cumprimentou Min, estendendo a mão. — Qualquer mulher capaz de aguentar este cabeludo idiota e se casar com ele tem minha admiração. Talvez ele até possa render um bom marido, depois que você o treinar.

Faile tomou as mãos de Min com um sorriso, mas aquele aroma pungente era arrepiante.

— Ainda não consegui treiná-lo, Min, mas vou insistir até pelo menos ele aprender o mínimo.

— A Senhora Luhhan faz reverências quando vê você? — Rand balançava a cabeça, incrédulo. — Só acredito vendo ! E Loial? Veio? Vocês não deixaram ele lá fora, não é?

— Mais ou menos — respondeu Perrin, tentando ficar de olho em Faile sem parecer muito óbvio. — Ele ficou pelo caminho, disse que não conseguia vir por enquanto. Ele falou que estava cansado, que precisava encontrar um *pouso*, então mandei ele para um que eu conhecia, um lugar abandonado ao norte da estrada que sai de Ponte Branca. Ele foi logo andando para lá, dizendo que conseguiria sentir o local exato quando estivesse a menos de dez milhas.

— Você deve conhecer Rand e Perrin muito bem — deduziu Faile.

Min deu uma olhadinha para Rand.

— Faz um tempinho. Conheci os dois logo depois que eles saíram de Dois Rios pela primeira vez. Quando ainda achavam que Baerlon era uma cidade enorme.

— A pé? — perguntou Rand.

— Isso — confirmou Perrin, hesitante. O cheiro de Faile estava mudando, o ciúme esmaecendo. Mas por quê? — Ele preferiu ir do jeito dele, entende? E ainda apostou uma coroa de ouro que estaria aqui em Caemlyn menos de dez dias depois da gente. — As duas mulheres se olhavam, Faile sorrindo e Min corando de leve. Pelo cheiro, Min estava um tanto constrangida, e Faile parecia contente. Contenta e surpresa, embora sua expressão disfarçasse isso. — Não quis tomar o dinheiro dele, já que ele precisou se afastar cinquenta milhas ou mais do caminho, mas Loial insistiu. Queria apostar cinco dias.

— Loial sempre disse que conseguia correr mais rápido que qualquer cavalo — comentou Rand, com uma risadinha, que morreu logo. — Espero que ele chegue bem — afirmou, mais sério.

Rand *estava mesmo* cansado, e também estava diferente. O Rand que Perrin vira em Tear não parecera fraco, longe disso, mas aquele ali fazia o de Tear parecer um moleque inocente do interior. O amigo mal piscava, como se só de piscar pudesse deixar de ver alguma coisa importante. E Perrin reconhecia alguma coisa naquele olhar, vira o mesmo nos semblantes dos homens de Dois Rios, depois de ataques de Trollocs — depois do quinto, do décimo, quando parecia que não havia mais esperança, mas todos continuavam lutando, porque o preço de desistir era alto demais.

— Milorde Dragão — começou Faile. Perrin levou um susto: ela sempre o chamara de Rand, mas já ouviam o título desde Ponte Branca. —, se você me perdoa, quero dar uma palavrinha com meu marido, mas depois deixo vocês dois conversarem.

Faile mal esperou Rand assentir, surpreso, para se aproximar de Perrin e virá-lo, ficando de costas para Rand.

— Estarei logo ali, meu coração. Min e eu vamos conversar sobre assuntos que provavelmente o deixariam entediado. — Então, ajeitando as lapelas do casaco dele, a mulher começou a falar bem rápido e baixinho, em uma voz tão delicada que só ele conseguia ouvir sem precisar se esforçar muito. Às vezes, Faile se lembrava de sua audição aguçada. — Não esqueça que ele não é mais o seu amigo de infância, Perrin. Ao menos, não é mais só isso. Ele é o Dragão Renascido, o Lorde Dragão. E você é o Lorde de Dois Rios. Sei que vai defender a si mesmo e à sua terra. — Ela abriu um sorriso cheio de amor e confiança, e Perrin quis beijá-

la ali mesmo. — Pronto — anunciou, já em um tom normal. — Já arrumei. — Faile já não exalava o menor cheiro de ciúme.

A mulher fez uma medida graciosa a Rand, murmurando um “Milorde Dragão”, e estendeu a mão para Min, chamando-a.

Min tinha bem menos prática em fazer medidas, e Rand se sobressaltou ao vê-la se curvar.

Antes que as duas chegassem à saída, uma das portas se abriu com um estrondo, e uma mulher alta e uniformizada entrou com uma bandeja com cálices e um cântaro que exalava aroma de vinho e suco de melão doce. Perrin teve que se conter para não ficar encarando a mulher. Apesar do vestido vermelho e branco, ela poderia ser mãe de Chiad — ou talvez a avó, com aquele cabelo branco curto e cacheado. Franzindo a testa para as mulheres que saíam, ela avançou a passos largos até a mesa mais próxima e deixou a bandeja lá. Seu semblante era uma máscara de docilidade que parecia congelada no rosto.

— Disseram quatro pessoas, milorde Dragão — comentou ela, em um tom esquisito, como se estivesse tentando demonstrar respeito e humildade, mas com algo entalado na garganta —, então trouxe quatro xícaras .

A medida dela fazia a de Min parecer elegante, e a mulher bateu a porta ao sair.

Perrin olhou para Rand.

— Às vezes você não acha que as mulheres são... estranhas?

— Por que está me perguntando isso? Você é que é casado. — Rand encheu um cálice chanfrado em prata e o entregou a Perrin. — Se *você* não sabe, vai ter que perguntar para o Mat. Entendo menos de mulheres a cada dia que passa.

— Eu também — retrucou Perrin, com um suspiro. O ponche era mesmo refrescante. Rand não parecia nem estar suando. — Aliás, cadê o Mat? Se eu tiver que tentar adivinhar, diria que está na taverna mais próxima, com um copo com dados na mão ou com uma garota no colo.

— Espero que você esteja muito errado — retrucou Rand, sarcástico, pousando o cálice sem nem tocar no ponche. — Ele está incumbido de trazer Elayne para cá, para ser coroada. E espero que traga Egwene e Nynaeve também. Luz, tenho tantas coisas para fazer antes de ela chegar... — Ele olhou de um lado a outro, feito um urso acuado, então fixou o olhar em Perrin. — Você iria a Tear para mim?

— Tear! Rand, faz mais de dois meses que estou na estrada, meu traseiro já ficou com o formato da sela.

— Com minha ajuda, você poderia chegar lá hoje à noite. Hoje mesmo. E aí pode dormir numa tenda de general e ficar bem longe de selas pelo tempo que quiser.

Perrin o encarou. Rand parecia sério. Foi quando se perguntou como andaria a sanidade do amigo. Luz, ele precisava se manter são , pelo menos até Tarmon Gai'don. Tomou um gole demorado de ponche, tirando aquele pensamento amargo da boca. Uma péssima coisa a se pensar a respeito de um amigo.

— Rand, mesmo que você pudesse me fazer chegar na Pedra de Tear neste exato momento, eu ainda diria não. Tenho assuntos a tratar com uma pessoa que está aqui em Caemlyn. E também queria ver Bo e as outras.

Rand não parecia estar ouvindo. Ele se jogou em uma das poltronas com douraduras e fitou Perrin, o olhar vazio.

— Você se lembra de como Thom fazia malabarismos com todas aquelas bolas e ainda fazia parecer fácil? Bem, eu estou fazendo malabarismos , tentando com todas as minhas forças, e não é fácil. Sammael está em Illian, e só a Luz sabe onde estão os outros Abandonados... Às vezes, acho que eles nem são a pior parte. Ainda tem os rebeldes, que acham que eu sou um falso Dragão. E os Devotos do Dragão, que acham que podem incendiar aldeias em meu nome... Já ouviu falar no Profeta, Perrin? Bem, não importa. Ele não é pior que o resto. Tenho aliados que se odeiam, e o melhor general que eu poderia nomear para enfrentar Illian só quer saber de atacar e acabar sendo morto. Com sorte, Elayne chega aqui em um mês e meio, talvez, mas pode ser que uma rebelião acabe caindo no meu colo antes disso. Luz, quero entregar uma Andor unida. Pensei

em ir buscá-la eu mesmo, mas é a pior coisa que eu poderia fazer... — Ele esfregou o rosto com as mãos, então enfatizou, por entre os dedos: — A pior.

— E o que Moiraine diz disso tudo?

Rand baixou as mãos apenas o suficiente para encará-lo por cima dos dedos.

— Moiraine morreu, Perrin. Ela matou Lanfear e morreu.

Perrin se sentou. Moiraine? Impossível.

— Se Alanna e Verin estão aqui... — Ele girava o cálice entre as palmas das mãos. Não conseguia se convencer de que podia confiar em nenhuma das duas. — Você pediu o conselho delas?

— Não! — Rand fez um gesto brusco com a mão, como se cortasse alguma coisa. — Elas têm que ficar longe de mim, Perrin. Deixei isso bem claro para as duas.

Perrin decidiu pedir a Faile que falasse com Alanna ou Verin e descobrisse o que tinha acontecido. Aquelas duas sempre o deixavam um tanto desconfortável, mas Faile parecia se dar bem com elas.

— Rand, nós dois sabemos muito bem como é perigoso irritar uma Aes Sedai. Moiraine veio atrás da gente... ou melhor, de você, mas algumas vezes achei que ela fosse matar *nós três*. — Rand não respondeu, mas ao menos parecia ouvir, a cabeça inclinada. — Se um décimo das histórias que venho escutando desde Baerlon forem só meias verdades, esta talvez seja a pior época para ter Aes Sedai irritadas com você. Não vou dizer que sei o que está acontecendo na Torre, mas...

Rand se recompôs e chegou mais perto.

— A Torre está dividida, Perrin. Metade acha que sou um porco que pode ser comprado num mercado, a outra metade... Não sei bem o que elas acham. Passei três dias seguidos me encontrando com a missão diplomática que elas enviaram, e deve ter outra hoje à tarde, mas ainda não sei dizer. Elas perguntam bem mais do que respondem e não parecem muito felizes em não ter mais respostas do que me dão. Pelo menos Elaida, que é a nova Amyrlin, caso você não tenha ouvido falar... pelo menos o pessoal dela fala alguma coisa, mesmo parecendo achar que vou ficar tão impressionado em ver Aes Sedai fazendo medidas para mim que não vou nem querer saber o que elas querem.

— Luz... — Perrin suspirou. — Luz! Está dizendo que tem mesmo uma rebelião entre as Aes Sedai e que você acabou se enfiando exatamente entre a Torre e as rebeldes? São dois ursos prontos para brigar, e você colhendo amoras-silvestres entre os dois! Nunca pensou que as Aes Sedai talvez já lhe trouxessem problemas suficientes sem isso? Olha, Rand, vou ser bem sincero: Siuan Sanche fazia meus dedos se encolherem todos dentro das botas, mas, com ela, pelo menos dava para saber onde se estava pisando. A mulher me fazia sentir como se eu fosse um cavalo e ela estivesse tentando decidir se eu serviria para uma cavalgada longa, mas pelo menos deixava claro que não era ela que iria me encilhar.

Rand riu, uma risada rouca demais para parecer alegre.

— Acha mesmo que as Aes Sedai me deixariam em paz só porque as deixei em paz? Eu, sendo quem sou? Para mim, a Torre se dividir foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Elas estão ocupadas demais umas com as outras para concentrar toda a atenção em mim. Sem isso, haveria vinte Aes Sedai para qualquer lugar que eu me virasse. Cinquenta. Pelo menos tenho Tear e Cairhien comigo, além de ter um ponto de apoio aqui. Sem essa divisão, a cada vez que eu abrisse a boca teria alguém dizendo: “É, mas segundo as Aes Sedai...” Perrin, Moiraine fez o que pôde para amarrar cordas em mim, até eu obrigá-la a parar. E, verdade seja dita, não tenho tanta certeza de que ela tenha mesmo parado. Quando uma Aes Sedai fala que vai aconselhar você e deixá-lo decidir, na verdade está dizendo que sabe muito bem o que você deveria fazer e que, se puder, vai obrigá-lo a fazer o que ela acha melhor. — Ele ergueu o cálice e bebeu com sofreguidão. Quando o baixou, parecia mais calmo. — Se a Torre estivesse unida, eu teria tantas cordas amarradas a mim que já não conseguiria mover um dedo sem pedir permissão para seis Aes Sedai.

Perrin também quase deu risada — e uma tão sem alegria quanto a de Rand.

— Então acha que é melhor fazer o quê, colocar as Aes Sedai rebeldes contra a Torre? “Torça para o touro ou torça para o urso. Torcendo para os dois, vai acabar pisoteado e jantado.”

— Não é tão simples assim, Perrin, mas elas não sabem disso — afirmou Rand muito convencido, balançando a cabeça. — Tem um terceiro lado, um lado pronto para se ajoelhar aos meus pés. Isso se conseguirem fazer contato outra vez. Luz! Não é assim que deveríamos estar passando nossa primeira hora juntos depois de tanto tempo, falando sobre Aes Sedai. E Campo de Emond, Perrin? — Sua expressão se suavizou, quase voltando a ser o Rand de que Perrin se lembrava, então abriu um sorriso ansioso. — Passei pouquíssimo tempo com Bo e as outras, mas elas falaram de todo tipo de mudanças. Me conte o que mudou, Perrin. Me conte o que está igual.

Os dois passaram um bom tempo falando sobre os refugiados e todas as coisas novas que aquelas pessoas tinham trazido, como novos tipos de feijões e abóboras, novas variedades de peras e maçãs, a fiação de belos tecidos e talvez tapetes, a confecção de tijolos e telhas, trabalhos em pedra e madeira mais ornamentados que qualquer coisa que chegava a Dois Rios havia muito tempo, se era que algum dia chegara. Perrin acabara se acostumando com a grande quantidade de pessoas que tinham cruzado as Montanhas da Névoa, mas isso foi uma surpresa para Rand. Falaram bastante sobre as vantagens e desvantagens da muralha que alguns queriam erguer em torno de Campo de Emond e das outras aldeias, assim como da diferença entre muralhas de pedra ou de troncos. Rand às vezes soava como seu velho amigo, rindo de como todas as mulheres começaram criticando os vestidos tarabonianos e domaneses, mas que depois se dividiram entre as que não usariam nada que não fossem os bons e resistentes vestidos de Dois Rios e as que tinham transformado todos os antigos vestidos em retalhos. Ou de como vários homens mais jovens estavam cultivando bigodes como os dos tarabonianos ou domaneses, vez ou outra com direito a um cavanhaque de Planície de Almoth, e os mais desajuizados pareciam ter um bichinho peludo preso bem debaixo dos narizes. Perrin não se deu ao trabalho de acrescentar que barbas como a dele estavam ainda mais populares.

Mas foi um choque quando Rand deixou claro que não tinha intenção de visitar o acampamento, apesar de vários conhecidos seus estarem por lá.

— Não posso proteger você nem Mat — explicou, em voz baixa —, mas posso proteger essas pessoas.

A conversa foi morrendo aos poucos, até Rand enfim reparar que ele é que dera o golpe final. Ele então se levantou, suspirando e esfregando as mãos no cabelo, olhando para os lados com certa insatisfação.

— Você deve querer se lavar e descansar, Perrin. Não vou mais prender você aqui. Vou mandar preparar quartos para você. — Então, levando Perrin até a porta, acrescentou: — Você vai pensar a respeito de Tear? Preciso de você lá. Não tem nenhum perigo. Vou contar o plano todo, caso você decida ir. E você seria apenas o quarto homem a conhecer o verdadeiro plano. — O semblante de Rand se endureceu. — E precisa guardar isso só para você, Perrin. Não conte nem para Faile.

— Eu consigo segurar a língua — retrucou Perrin, rígido. E um pouco triste. O novo Rand estava de volta. — E vou pensar sobre Tear.





ALÉM DO PORTÃO

Perrin mal prestou atenção às instruções que Rand deu a uma Donzela.

— Mande Sulin preparar quartos para Perrin e Faile e diga que é para obedecer aos dois como obedeceria a mim. — Considerando o modo como gargalharam, chegando até a bater nas próprias coxas de tanto rir, as duas Aiel nunca tinham ouvido piada mais engraçada.

Perrin nem deu atenção, estava concentrado em um sujeito esguio um pouco mais à frente no corredor repleto de tapeçarias. Não tinha a menor dúvida de que aquele era Davram Bashere. Não achava isso só porque o sujeito era saldaeano — afinal, ele não era nada parecido com Faile, com aquele bigode espesso cheio de fios grisalhos e curvos que quase escondia a boca. Também não era alto como Faile, talvez fosse até um pouco mais baixo. A questão era o modo como ele se portava, os braços cruzados, o rosto feito o de um falcão com os olhos cravados em um galinheiro. Era aquilo que fizera Perrin ter certeza. E o homem sabia, disse Perrin também tinha certeza.

Perrin terminou de se despedir de Rand, respirou fundo e saiu pelo corredor. Chegou até a desejar que estivesse com o machado, já que o homem portava uma espada.

— Lorde Bashere? — Ele até fez uma reverência, que não foi correspondida. Uma fúria gélida emanava daquele homem. — Eu sou Perrin Aybara.

— Nós vamos conversar — respondeu Bashere, sem rodeios, então deu meia-volta e saiu andando. Perrin não teve opção senão ir atrás. E mesmo tendo as pernas mais longas que as do sogro, precisou apressar o passo.

Depois de virarem em dois corredores, Bashere o conduziu a uma salinha de estar e fechou a porta. Janelas altas deixavam entrar bastante luz e até mais calor do que o pé-direito alto conseguia aliviar. Havia duas cadeiras almofadadas de espaldar alto com volutas entalhadas, uma de frente para a outra, e um jarro de prata de gargalo comprido com duas taças também de prata repousavam em uma mesa incrustada de lápis-lazúli. Não era ponche — pelo cheiro, devia ser algum vinho encorpado.

Bashere encheu as taças e estendeu uma para Perrin, então gesticulou para uma das cadeiras, como se o mandasse se sentar. Ele parecia sorrir por trás do bigode, mas os olhos e o sorriso podiam muito bem vir de dois rostos distintos. Aquele olhar era tão duro que poderia servir para martelar pregos.

— Eu imagino que Zarine tenha lhe falado sobre minhas propriedades antes de você... se casar com ela. Tenha contado tudo sobre a Coroa Partida. Ela sempre foi bem tagarela.

O homem permaneceu de pé, então Perrin não se sentou. Que coroa partida? Faile nunca tinha mencionado nenhuma coroa, muito menos partida.

— Ela começou dizendo que o senhor era comerciante de peles. Ou talvez primeiro tenha sido comerciante de madeira, só depois de peles. E o senhor também já vendeu pimentas-de-gelo. — Bashere parecia incrédulo, murmurando “Comerciante de peles?” Perrin tratou de continuar: — A história sempre mudava, mas aqui e ali ela comentava alguma coisa que o senhor tinha dito sobre como um general deveria se comportar, e decidi perguntar de uma vez. — Olhou para o vinho, então se forçou a encarar os olhos do homem. — Quase desisti do casamento quando descobri quem o senhor era, mas Faile já tinha decidido. E, quando Faile mete alguma coisa na cabeça, é mais fácil lidar com uma parelha de mulas que decidiram empacar todas de uma vez. E eu a amava. Amo.

— Faile? — indagou Bashere. — Pelo Poço da Perdição, quem é Faile? Estamos falando é da minha filha, Zarine, e do que você fez com ela!

— Faile é o nome que ela adotou quando se tornou Caçadora da Trombeta — explicou Perrin, muito paciente. Precisava causar uma boa impressão. Viver em conflito com o sogro era quase tão ruim quanto viver em conflito com a sogra. — Isso foi antes de ela me conhecer.

— Se tornou Caçadora? — O orgulho era evidente na voz do homem, e o súbito sorriso também se fazia notar. O cheiro de raiva quase sumiu. — Essa danadinha nunca me falou disso. É, tenho que admitir: Faile combina mais com ela do que Zarine. O nome foi ideia da mãe, e eu... — Ele se recompôs, de repente, e encarou Perrin com suspeita. O cheiro de raiva voltou a emanar. — Não tente mudar de assunto, garoto. Estamos tratando é de você, da minha filha e desse suposto casamento.

— Suposto? — Perrin sempre fora muito bom em controlar o temperamento. A Senhora Luhhan até dizia que ele nem parecia se irritar nunca. Quando a pessoa era maior e mais forte que os outros garotos e podia acabar machucando alguém sem querer, logo aprendia a controlar o temperamento. Mas, naquele momento, manter o controle estava sendo um tanto complicado. — Nossa Sabedoria realizou a cerimônia, a mesma com a qual todos se casam em Dois Rios desde sempre.

— Garoto, não faria a menor diferença nem se a cerimônia tivesse sido oficializada por um Ancião Ogier com seis Aes Sedai como testemunhas. Zarine ainda não tem idade para se casar sem a permissão da mãe, coisa que ela não solicitou e muito menos recebeu. Ela está com Deira agora. Se a menina não convencer a mãe de que já tem idade para casar, vai voltar para o acampamento, provavelmente para trabalhar como ajudante da mãe. E você... — Bashere acariciou o punho da espada, parecendo nem reparar que o fazia. Então completou, em um tom quase alegre: — Você eu mesmo mato.

— Faile é minha — grunhiu Perrin. Sentiu vinho escorrer pelo pulso e, surpreso, baixou o olhar para a caneca: estava amassada em seu punho. Com todo o cuidado, depositou o monte de prata retorcida na mesa, ao lado do jarro. Só não conseguiu fazer nada para conter a voz. — Ninguém pode tirar ela de mim. Ninguém! Se você tentar levá-la de volta para o seu acampamento ou qualquer lugar que seja, eu vou atrás dela!

— Tenho nove mil homens sob meu comando — rebateu o general, em um tom surpreendentemente ameno.

— E algum deles é mais difícil de matar que um Trolloc? Nem tente levar Faile para longe de mim! Ou nós vamos descobrir!

Perrin percebeu que tremia, as mãos estavam cerradas em punho com tanta força que até doíam. Ficou chocado. Fazia tanto tempo que não sentia raiva, que não ficava zangado de verdade, que já nem lembrava como era.

Bashere o encarou de alto a baixo e balançou a cabeça.

— Seria uma pena matar você. Precisamos de sangue novo. A Casa está se enfraquecendo. Meu avô

sempre dizia que estávamos ficando mais moles, e ele até tinha razão. Sou metade do homem que ele foi, e, mesmo que me envergonhe admitir, Zarine é terrivelmente mole. Não é fraqueza, entenda... — Ele franziu o cenho, mas aquiesceu ao notar que Perrin não interviria alegando que Faile era fraca. — ... mas ela é mole, o que dá no mesmo.

Aquilo deixou Perrin tão chocado que ele teve que se sentar — não tinha nem reparado que andara até a cadeira. Quase se esqueceu da raiva. Aquele homem era louco, mudando de ideia daquela maneira? E Faile era mole? Bem, ela às vezes era macia e suave, verdade, mas qualquer homem que a achasse mole daquele jeito que Bashere sugeria acabaria sofrendo as consequências terríveis da ira de Faile. Inclusive Perrin.

Bashere pegou a caneca amassada e a analisou, então recolocou-a na mesa e se sentou na outra cadeira.

— Zarine me falou muito a seu respeito antes de ir se encontrar com a mãe, contou tudo sobre o Lorde Perrin de Dois Rios, Assassino de Trollocs. Essa parte é boa. Gosto de homens capazes de ficar frente a frente com um Trolloc sem recuar. Mas quero saber que tipo de homem você é. — Dito isso, ele começou a bebericar o vinho e ficou esperando resposta.

Perrin queria ainda ter um pouco daquele ponche de melão que bebera com Rand, ou talvez até a caneca de vinho ainda intacta. Sentiu a garganta secar. Queria causar uma boa impressão, mas teve que começar pela verdade:

— A verdade dos fatos é que eu não sou nenhum lorde. Sou um ferreiro. Veja bem, quando os Trollocs apareceram... — Ele parou de falar porque Bashere gargalhava tanto que teve até que secar as lágrimas.

— Garoto, as Casas não foram feitas pelo Criador. Há quem se esqueça disso, mas, voltando no tempo, toda Casa começou com um plebeu que demonstrou uma coragem incomum ou que manteve a calma e assumiu o comando quando todos corriam de um lado para o outro feito gansos depenados. E repare que muitos também gostam de esquecer que o caminho ladeira abaixo também pode começar assim de repente. Tenho duas criadas em Tyr que seriam ladies se, duzentos anos atrás, seus antepassados não tivessem sido tão tolos que nem mesmo um tolo os seguiria. E conheço um lenhador em Sidona que afirma que seus ancestrais de antes de Artur Asa-de-gavião eram reis e rainhas. Ele pode estar falando a verdade, já que é um bom lenhador. Há tantas subidas quanto descidas, e o caminho ladeira abaixo é tão escorregadio quanto qualquer outro. — Bashere bufou tão forte que o bigode se mexeu. — O tolo fica se lamuriando quando a sorte o coloca para baixo, mas só um verdadeiro tolo lamenta quando a sorte o faz subir. Não quero saber o que você era, nem estou tão interessado no que você é agora, estou querendo que você me conte como é por dentro. Se minha esposa não arrancar o couro de Zarine e se você sair vivo daqui... bem, você sabe como tratar uma esposa?

Ainda tentando causar uma boa impressão, Perrin decidiu não explicar que acharia muito melhor voltar a ser ferreiro.

— Trato Faile tão bem quanto sei tratar alguém — respondeu, hesitante.

Bashere bufou.

— Tão bem quanto sabe tratar alguém. — A voz neutra já virara um rosnado. — Melhor saber bem, ou eu vou... Escute aqui: uma esposa não é nenhum subordinado, para sair correndo depois de uns gritos. Dá para dizer que as mulheres são mais como pombas: é preciso segurar com metade da força que você acha necessária, ou pode acabar machucando a coitada. E você não quer machucar Zarine. Está me entendendo? — Ele de repente abriu um sorriso desconcertante, a voz assumindo um tom quase amigável. — Você pode servir bem como genro, Aybara, mas, se deixar minha menina triste... — Ele bateu o punho da espada outra vez.

— Vou tentar fazer Faile feliz — afirmou Perrin, muito sério. — A última coisa que quero é machucar minha esposa.

— E acho bom, porque seria a última coisa que você faria, garoto. — Aquilo também foi dito com um

sorriso, mas não havia dúvidas de que Bashere faria valer cada palavra. — Acho que está na hora de irmos falar com Deira. Se ela e Zarine ainda não tiverem acabado a discussão, é melhor a gente se meter antes que acabem se matando. Elas sempre ficam com os ânimos um pouco exaltados sempre que discutem, e Zarine já está grande demais para Deira encerrar o assunto com umas bofetadas. — Bashere pousou a taça na mesa e continuou falando enquanto o conduzia até a porta. — Olha, você precisa entender que as mulheres, quando dizem que acreditam em alguma coisa, não estão necessariamente falando a verdade. Podem até acreditar, mas a coisa não vira necessariamente verdade só porque uma mulher acredita que seja. Nunca se esqueça disso.

— Não vou esquecer. — Perrin achou que tinha entendido. Faile e a verdade muitas vezes pareciam apenas meras conhecidas. Nunca quando se tratava de algo importante, ou pelo menos que ela considerasse importante, mas, quando a mulher prometia que faria algo que não queria fazer, sempre dava um jeito de deixar uma frestinha aberta por onde poderia escapar ainda mantendo a promessa, mesmo fazendo exatamente o que queria. Só não conseguia entender o que aquilo poderia ter a ver com o encontro que teria com a sogra.

Foi uma longa caminhada pelo Palácio, passando por corredores com colunatas e subindo vários lances de escada. Não parecia haver muitos saldaeanos por ali, mas havia um bom número de Aiel, incluindo Donzelas e vários serviçais uniformizados que se curvavam ou faziam reverências, além de homens e mulheres usando robes brancos iguais aos das pessoas que tinham pegado os cavalos quando ele chegou. Esses de branco zanzavam apressados, carregando bandejas ou pilhas de toalhas, mantendo os olhos baixos e parecendo não notar a presença de ninguém. Notou, surpreso, que vários usavam o mesmo pano escarlate preso à testa que muitos Aiel — também deviam ser do Deserto. E ainda notou mais um detalhe: tanto mulheres quanto homens de branco usavam o lenço escarlate, assim como muitos homens de calça e casaco pardos, mas nenhuma Donzela, ao menos não que ele tenha visto. Gaul já lhe falara um pouco sobre os Aiel, mas nunca mencionara aqueles lenços.

Quando ele e Bashere entraram em um aposento com mesinhas e poltronas incrustadas de marfim dispostas sobre um tapete com padrões vermelhos, dourados e verdes, seus ouvidos captaram vozes femininas abafadas, cada vez mais elevadas, discutindo em um aposento interno próximo. Não conseguiu compreender as palavras que captava através da porta de madeira grossa, mas conseguia reconhecer a voz de Faile. De repente, ouviu uma bofetada, logo seguida de outra. Perrin se retraiu. Só um perfeito cabeça de lã se metia entre a sogra e a esposa durante uma discussão — nos poucos eventos em que presenciara algo assim, ambas acabaram se voltando contra o pobre infeliz. Além disso, sabia muito bem que, em circunstâncias normais, Faile era mais que capaz de se defender sozinha. Em todo caso, já vira mulheres fortes, muitas mães e até avós, se permitirem ser tratadas como crianças pelas próprias mães.

Perrin estufou o peito e foi até a porta, mas Bashere chegou primeiro, batendo tranquilamente, como se tivessem todo o tempo do mundo. Claro que o homem não escutava o que os ouvidos de Perrin captavam com tanta clareza quanto um sujeito normal ouviria dois gatos se digladiando dentro de uma sacola. E gatos molhados.

As batidas de Bashere interromperam a briga, cortando a discussão como uma faca afiada.

— Pode entrar — autorizou uma voz serena, em alto e bom som.

Perrin teve que fazer o maior esforço do mundo para não empurrar Bashere para o lado. Assim que entrou, seus olhos ansiosos logo buscaram Faile: estava sentada em uma poltrona de braços largos, posicionada no ponto exato em que a luz que vinha das janelas parecia iluminar menos. Ali o tapete era quase todo vermelho-escuro, um tom que lembrava sangue, e uma das tapeçarias estampava uma mulher a cavalo matando um leopardo com uma lança, enquanto outra ilustrava uma batalha furiosa sob um estandarte do Leão Branco. O cheiro que ela emanava era uma mistura de emoções que Perrin não conseguia discernir, e a

bochecha esquerda tinha a marca vermelha de uma mão. Mas ela sorriu, ainda que fosse um sorriso tênue.

Perrin ficou surpreso quando finalmente pôs os olhos na mãe de Faile. Estava esperando uma mulher frágil, com toda aquela conversa de Bashere sobre pombas, mas Lady Deira era algumas polegadas mais alta que o marido e tinha um porte... escultural. Não era grande como a Senhora Luhhan, que também era bem roliça, nem como Daise Congar, que parecia forte o bastante para manejar um martelo de ferreiro. Lady Deira tinha seios fartos — coisa que homem nenhum devia reparar a respeito da sogra — e, olhando para ela, ficava bem claro de onde vinha a beleza de Faile. O rosto de sua esposa era igual ao da mãe, mas sem a faixa branca no cabelo, saindo das têmporas. Se era assim que Faile ficaria naquela idade, Perrin era um homem de muita sorte. Por outro lado, quando os olhos enviesados da sogra se cravaram nele, aquele nariz pronunciado a fez parecer uma águia — uma águia de olhar ardente, pronta para enfiar as garras bem fundo naquele coelho particularmente insolente. A mulher cheirava a fúria e desprezo. Ainda assim, a verdadeira surpresa foi a marca vermelha de uma mão em sua bochecha.

— Ah, papai, estávamos falando de você — comentou Faile, com um sorriso amoroso, deslizando até Bashere e tomando suas mãos. Beijou as bochechas do pai, e Perrin sentiu uma súbita estocada de desapontamento. Pai nenhum merecia toda aquela atenção quando o marido estava de pé logo ali, depois de receber apenas um breve sorriso.

— Opa, é melhor eu sair correndo e me esconder, Zarine? — gracejou Bashere, dando uma risadinha. Ah, e que risadinha animada... ele nem pareceu notar que a esposa e a filha tinham se agredido!

— Ela agora prefere Faile, Davram — retrucou Lady Deira, em um tom bem distraído. Cruzando os braços sob aquele busto farto, ela encarou Perrin de cima a baixo, sem fazer o menor esforço para disfarçar.

Perrin ouviu quando Faile sussurrou para o pai, bem baixinho.

— Agora só depende dele.

Bem, e devia depender, mesmo, se ela e a mãe tinham mesmo chegado a se agredir. Estufando o peito, ele se preparou para dizer à sogra que trataria Faile com a mesma delicadeza que usaria para lidar com uma gatinha e que ele próprio seria dócil como uma ovelha. Essa última parte era mentira, claro, já que Faile faria picadinho de qualquer homem muito dócil, mas a paz precisava ser mantida. Além do quê, para falar a verdade, *tentava* ser gentil com a esposa. Talvez fosse por causa de Lady Deira que Bashere falara tanto em gentileza, já que homem nenhum teria coragem de tratar aquela mulher de outra forma.

Antes que pudesse abrir a boca, a mãe de Faile se adiantou.

— Os olhos amarelos sozinhos não fazem o lobo. Você é forte o bastante para dar conta da minha filha, garoto? Pelo que ela me disse, você é um mariquinhas que cede a todos os caprichos e deixa a menina fazer gato e sapato de você.

Perrin encarou a sogra. Bashere se sentara na poltrona que Faile ocupava quando eles chegaram, concentrado em examinar as botas com complacência, as pernas cruzadas e os pés apoiados um sobre o outro. Faile, sentada no braço largo da poltrona, encarou a mãe de cenho franzido, indignada, então sorriu para Perrin com toda a confiança que demonstrara quando disse que ele deveria enfrentar Rand.

— Eu não acho — retrucou, hesitante. Faile até que tentava, mas Perrin não achava que tivesse deixado isso acontecer. Talvez vez ou outra, só para agradá-la.

Lady Deira fungou de um jeito desdenhoso que já transmitia tudo o que queria dizer.

— Os fracotes nunca acham. As mulheres precisam de homens fortes, pelo menos mais fortes que elas. Uma força que vem daqui. — Dizendo isso, cutucou o peito de Perrin com tanta força que ele chegou a grunhir. — Nunca vou me esquecer da primeira vez que Davram me agarrou pela nuca e me mostrou que era o mais forte de nós dois. Foi magnífico! — Perrin ficou sem reação. Aquela imagem mental não parecia apropriada. — Se a mulher for mais forte que o homem, vai acabar desprezando o marido, pois suas duas opções vão ser tiranizá-lo ou se diminuir para não diminuí-lo. Mas, se o marido for forte... — ela o cutucou

outra vez com ainda mais força —, a mulher pode ser tão forte quanto ele, tão forte quanto puder ser. E você vai ter que provar para Faile que é mesmo forte. — Outra cutucada, ainda mais forte. — As mulheres da minha família são leopardos. Se você não puder treiná-la para caçar sob seu comando, Faile vai pintar e bordar com você, e vai ser merecido. Você é forte? — Desta vez, o cutucão o fez recuar um passo.

— Pode parar com isso? — grunhiu Perrin. Conseguiu se conter e não esfregar o peito. Faile não estava ajudando em nada, só ficava com aquele sorriso de encorajamento. Bashere o encarava, erguendo uma das sobranceiras. — Se eu às vezes faço as vontades dela, é porque quero. Gosto de ver Faile sorrir. Se espera que eu vá atropelá-la, então pode esquecer. — Talvez, com aquilo, tivesse perdido. A sogra o encarou com uma expressão inusitada, e seu cheiro era um emaranhado que ele não conseguia discernir, embora a raiva ainda estivesse presente, junto com um desdém gélido. Bem, passando uma boa impressão ou não, estava farto de tentar dizer o que Bashere e a esposa queriam ouvir. — Eu amo Faile, e ela me ama. Até onde eu sei, é isso que importa.

— Ele disse — começou Bashere, devagar — que, se você levar nossa filha embora, vai lá buscá-la de volta. E parece achar que nove mil saldaeanos a cavalo não são páreo para algumas centenas de arqueiros de Dois Rios.

Lady Deira encarou Perrin com um olhar pensativo. Então se recompôs, endireitando a postura e erguendo a cabeça.

— E parece tudo ótimo, mas qualquer homem consegue manejar uma espada. O que eu quero saber é se você pode domar uma mulher obstinada, cabeça-dura, desobediente...

— Já chega, Deira — interrompeu Bashere, com toda a delicadeza. — Já que ficou óbvio que você decidiu que Zarine... ou melhor, Faile não é mais criança, acho que o rapaz vai se sair bem.

Para a surpresa de Perrin, a sogra curvou a cabeça, dócil.

— Como quiser, meu coração. — Então encarou Perrin com uma olhada nada dócil, como se dissesse que era assim que um homem devia tratar uma mulher.

Bashere murmurou alguma coisa sobre netos e sobre voltar a fortalecer o sangue. E Faile? Ela abriu um sorriso que Perrin nunca tinha visto em seu rosto, uma expressão que o deixava decididamente desconfortável. Com as mãos entrelaçadas, os tornozelos cruzados e a cabeça enviesada para um dos lados, ela parecia... submissa. Faile, submissa! Talvez tivesse entrado para uma família de malucos.

* * *

Rand fechou a porta quando Perrin saiu, terminou de beber a taça de ponche e foi se esparramar em uma poltrona, pensativo. Torcia para que Perrin se desse bem com Bashere, mas se os dois acabassem trocando farpas, o amigo poderia passar a ver a ida a Tear com bons olhos. Precisava de Perrin ou Mat por lá para convencer Sammael de que aquele era o verdadeiro ataque. O pensamento lhe trouxe uma risada fraca e amarga. Luz, que coisa a se pensar sobre um amigo. Lews Therin dava risadinhas e resmungava coisas indistintas sobre amigos e traição. Ah, Rand queria poder passar um ano dormindo.

Min entrou sem bater ou ser anunciada, claro. As Donzelas às vezes olhavam estranho para ela, mas, depois do que quer que Sulin ou talvez Melaine tivesse dito, Min fora incluída na pequena lista dos que podiam entrar não importava o que ele estivesse fazendo. E a jovem já tirava proveito disso. Em uma das vezes, insistira em se sentar no banquinho ao lado da banheira e ficar conversando enquanto ele tomava banho como se aquilo fosse muito normal. Depois de entrar, a jovem só se deteve para encher um cálice de ponche, então se acomodou no colo dele, se remexendo um pouquinho. Seu rosto estava coberto de uma leve camada reluzente de suor. Min nem quisera tentar aprender o truque para ignorar o calor, só dava risada e dizia que

não era Aes Sedai e nem tinha planos de se tornar uma. Rand agora era seu assento favorito para aqueles encontros, mas tinha certeza de que, se fingisse não notar, Min logo desistiria daquele jogo. Por isso que se escondera o máximo que pôde na água da banheira, em vez de vender os olhos dela com Ar. Se ela soubesse que o estava afetando, nunca pararia com aquilo. Além disso, ainda que se envergonhasse de admitir, ter uma garota no seu colo o fazia se sentir bem. Ele não era feito de pedra, afinal.

— A conversa com Faile foi boa?

— Não durou muito. O pai dela apareceu e a chamou, e ela estava ocupada demais pendurada no pescoço dele para notar minha presença. Aí fui dar uma vultinha.

— Não gostou dela? — indagou Rand, e Min esbugalhou os olhos, os cílios longos fazendo-os parecer ainda maiores. As mulheres nunca esperavam que um homem percebesse ou compreendesse algo que não queriam que ele notasse.

— Não é que eu desgoste dela, não exatamente... — começou Min, forçando as palavras. — É que... Bem, ela quer o que quer e na hora que quer e não aceita não como resposta. Tenho pena do coitado do Perrin, casado com ela. Sabe o que Faile queria comigo? Se assegurar de que eu não tinha nenhuma intenção de me aproximar demais de seu precioso marido. Você não deve ter notado, os homens nunca notam essas coisas... — Ela parou e ergueu os olhos para Rand, encarando-o cheia de suspeita por trás daqueles cílios compridos. Ele já demonstrara ser capaz de notar certas coisas, afinal. Assim que ficou satisfeita em ver que ele não parecia prestes a rir ou fazer algum gracejo, prosseguiu: — Só com aquele encontro rápido, vi que Perrin está enfeitiçado por ela, coitado. E ela por ele, se é que isso é bom. Acho que ele nem sequer olharia para qualquer outra mulher, mas Faile não acredita. Pelo menos não se essa outra mulher olhar primeiro. Enfim, ele encontrou o falcão, e eu não me surpreenderia se ela o matar quando o gavião aparecer. — Min fez uma pausa para respirar, então ergueu os olhos para Rand outra vez e tratou de beber o ponche.

Min explicaria aquela coisa de falcão e gavião, se ele perguntasse — até onde Rand lembrava, a mulher nunca revelava nada sobre suas visões que não dissesse respeito à pessoa que perguntava, mas algo fizera Min mudar em relação a ele nos últimos tempos. Passara a tentar ter visões de qualquer pessoa que ele pedisse, contando tudo o que visse. Só que fazer aquilo a deixava desconfortável.

Cale-se!, gritou para Lews Therin, em sua cabeça. *Vá embora! Você está morto!* Não adiantou. Já fazia um tempo que parara de funcionar. A voz continuou balbuciando alguma coisa, talvez sobre ser traído por amigos, talvez sobre trai-los.

— Você viu algo que tenha a ver comigo? — perguntou.

Com um sorriso agradecido, Min se aninhou em seu peito com uma intimidade de amigos de longa data — ao menos era o que ela provavelmente pretendia que fosse... se bem que, pensando melhor, talvez não — e começou a falar entre um gole de ponche e outro.

— Quando vocês dois estavam juntos, vi aqueles vagalumes e a escuridão mais fortes do que nunca. Hum... Eu gosto de ponche de melão. Mas, com os dois no mesmo ambiente, os vagalumes pareciam resistir, em vez de serem engolidos mais rápido do que conseguiam se juntar, que é o que acontece quando você está sozinho. E vi uma outra coisa quando vocês estavam juntos: haverá duas ocasiões em que Perrin deverá estar presente, ou você... — Ela encarou o cálice, sem querer ver o rosto de Rand. — Se ele não estiver, algo ruim vai acontecer com você. — A voz soava diminuta e assustada. — Algo muito ruim.

Mesmo querendo saber mais — como por exemplo o quê, onde e quando —, Rand não fez perguntas. Min teria contado, se soubesse.

— Então só preciso manter Perrin por perto — ponderou, no tom mais animado que conseguiu. Não gostava de ver Min assustada.

— Não sei se isso basta — murmurou ela, para o ponche. — *Vai* acontecer se ele não estiver presente, mas não vi nada que indicasse que não aconteceria se ele estivesse. E vai ser bem ruim, Rand. Só de pensar

naquela visão, eu fico...

Rand ergueu o rosto dela e se surpreendeu ao ver lágrimas.

— Eu não sabia que essas visões podiam machucar tanto você, Min — comentou ele, com a voz suave. — Me desculpe.

— Você não sabe de um montão de coisas, pastorzinho — resmungou ela, arrancando um lenço com bordas rendadas da manga e secando os olhos. — Entrou um cisco, só isso. Você devia mandar Sulin limpar este lugar com mais frequência. — O lenço voltou para o lugar com um floreio. — Melhor eu voltar para A Coroa de Rosas. Só precisava contar o que vi a respeito de Perrin.

— Tenha cuidado, Min. Talvez não seja bom você vir tanto aqui. Não acho que Merana a deixaria impune se descobrisse o que você anda fazendo.

Ela abriu um sorriso que lembrava muito o da antiga Min, e seus olhos pareciam alegres, mesmo ainda brilhando com as lágrimas.

— Pode deixar que eu me preocupo com isso, pastorzinho. Elas acham que estou toda abobalhada com o que vejo em Caemlyn, como qualquer outra jeca de interior. Se eu não viesse aqui todo dia, como você ficaria sabendo que elas estão se reunindo com os nobres?

A caminho do Palácio, no dia anterior, Min por acaso vira Merana despontando na janela de uma mansão que ela descobrira pertencer a Lorde Pelivar. As chances de que Pelivar e seus convidados fossem os únicos presentes eram as mesmas de que Merana tivesse ido até lá para limpar os ralos.

— Tenha cuidado — insistiu Rand, com firmeza. — Não quero que você se machuque, Min.

Ela o analisou por um instante, muda, então se ergueu só o suficiente para o beijar bem de leve nos lábios. Ao menos... Bem, foi de leve, mas aquilo acabara se tornando uma espécie de costume sempre que ela ia embora, e Rand achava que aqueles beijos estavam ficando um pouco menos leves a cada dia.

— Preferia que você não fizesse isso — comentou, apesar de todas as promessas que fizera a si mesmo. Deixar que ela se sentasse em seu colo era uma coisa, mas aqueles beijos já estavam indo longe demais.

— Sem choro, fazendeiro. — Ela sorriu. — E sem gaguejar. — Min afagou seu cabelo como se Rand ainda tivesse dez anos e foi andando até a porta. Só que ela o fez em um balançar gracioso que podia não produzir lágrimas nem deixá-lo gaguejando, mas que com certeza tornavam difícil desviar os olhos, não importava quanto tentasse evitar. Quando Min se virou, Rand tratou de levar os olhos depressa para o rosto dela. — Ora, como você está corado, pastorzinho. Achei que o calor não incomodasse mais você. Bem, não importa. Só queria dizer que vou tomar cuidado. Nos vemos amanhã. Não se esqueça de calçar meias limpas.

Assim que a porta se fechou com firmeza atrás dela, Rand deixou escapar um longo suspiro. Meias limpas? Ora, botava roupas limpas todos os dias! Só lhe restavam duas alternativas: poderia continuar fingindo que Min não estava causando nenhum impacto até que ela desistisse ou poderia se resignar e gaguejar, como ela queria — ou talvez implorar. Se implorasse, ela talvez parasse, mas aí poderia espeznhá-lo com isso para o resto da vida, e como ela gostava de provocar... A única outra opção, que era manter seus encontros sempre curtos e agir com muita frieza, também estava fora de questão. Min era sua amiga. Seria como tentar ser frio com... só conseguia pensar em Aviendha e Elayne, mas elas não se encaixavam na situação. Seria como ser frio com Mat e Perrin. Só não entendia por que ainda se sentia tão confortável perto de Min. Não deveria, com ela provocando-o daquele jeito, mas era assim que se sentia.

Os murmúrios de Lews Therin tinham começado a se intensificar no instante em que Min mencionou as Aes Sedai, e ele já falava com toda a clareza. *Se elas estão tramando algo com os nobres, tenho que tomar uma providência.*

Vá embora, ordenou Rand.

Em nove, elas são perigosas, mesmo destreinadas. Muito perigosas. Não posso permitir. Não. Ah, não...

Vá embora, Lews Therin!

Eu não estou morto! , ganiu a voz. Eu mereço morrer, mas estou vivo! Vivo! Vivo!

Você está morto! , rebateu Rand gritando dentro da própria mente. Você está morto, Lews Therin!

A voz foi definhando, ainda uivando “*Vivo!*” até desaparecer.

Trêmulo, Rand se levantou e encheu o cálice outra vez, bebendo tudo de um gole só. Seu rosto pingava de suor, a camisa estava colada ao corpo. Retomar a concentração demandava esforço. Lews Therin estava cada vez mais persistente. Uma coisa era certa: se Merana estivesse tramando algo com os nobres, sobretudo com os nobres que estavam a ponto de declarar rebelião caso ele não apresentasse Elayne rápido o bastante, então precisava mesmo tomar uma providência. Infelizmente, não tinha ideia de qual.

Mate as mulheres, sussurrou Lews Therin. Em nove, elas são perigosas demais. Mas se eu matar algumas, se expulsar as outras daqui... é só matar... deixá-las com medo de mim... Ai não vou morrer de novo...

Eu mereço morrer, mas quero viver... Ele começou a chorar, mas continuou sussurrando.

Rand encheu o cálice outra vez e tentou não ouvir.

* * *

Quando viu o Portão Origan, a entrada para a Cidade Interna, Demira Eriff diminuiu o passo. Vários homens na multidão a olhavam com admiração conforme se espremiavam para passar, e, no que talvez fosse a milésima vez, ela considerou que talvez devesse parar de usar os vestidos de sua terra natal, Arad Doman — e, também pelo que devia ser a milésima vez, desconsiderou imediatamente. Vestidos não faziam tanta diferença, já fazia anos que apenas mandava fazer cópias dos mesmos seis modelos, e se algum homem não notasse que ela era Aes Sedai e ficasse um pouco mais atrevido, não era difícil fazê-lo entender com quem estava se metendo. Aquilo sempre os fazia largar de seu pé bem depressa, quase sempre tão rápido quanto conseguiam correr.

Naquele instante, só tinha olhos para o Portão Origan, um grande arco de mármore branco cravado na muralha branca e cintilante, e para o fluxo de gente, carroças e carroções que o cruzavam sob os olhares dos dez Aiel — suspeitava de que eles não estivessem tão desatentos e relaxados quanto pareciam, e talvez pudessem reconhecer uma Aes Sedai só de olhar. Era surpreendente, mas algumas pessoas tinham essa capacidade. Além disso, fora seguida desde A Coroa de Rosas — aqueles casacos e calças feitos para se camuflar na paisagem de rochas e arvoredos chamavam muita atenção nas ruas da cidade. Então, mesmo que ela quisesse entrar na Cidade Nova, mesmo que estivesse disposta a correr o risco de irritar Merana, entrando sem a permissão de al’Thor, não conseguiria. Ah, como aquilo a irritava! Aes Sedai precisando da *permissão* de um homem. Só queria ver Milam Harnder, o Segundo Bibliotecário do Palácio Real, seu agente havia quase trinta anos.

A biblioteca do Palácio não se comparava à da Torre Branca, ou mesmo à Biblioteca Real de Cairhien, ou à Biblioteca Terhana, em Bandar Eban, mas conseguir acesso a qualquer uma dessas seria tão fácil quanto criar asas e voar. Bem, se Milam tivesse recebido sua mensagem, já teria começado a procurar os livros de que ela precisava. A biblioteca do Palácio poderia muito bem ter informações sobre os selos da prisão do Tenebroso, quem sabe até algumas fontes catalogadas — mas talvez isso já fosse esperar demais. A maioria das bibliotecas possuía alguns volumes largados, livros que já deveriam ter sido registrados havia muito, mas que permaneceram esquecidos por cem ou quinhentos anos, às vezes até mais. Quase todas as bibliotecas guardavam segredos de que nem os bibliotecários suspeitavam.

Ficou esperando, com toda a paciência, deixando a multidão fluir ao redor, atenta apenas às pessoas que saíam pelo portão, mas não avistou a cabeça calva e o rosto redondo de Milam. Por fim, suspirou. Ele não recebera a mensagem, ou teria inventado alguma desculpa para estar ali na hora marcada. Teria que esperar

pela sua vez de acompanhar Merana até o Palácio e torcer para que o jovem al'Thor lhe desse permissão — *permissão!* — para procurar na biblioteca.

Desviou os olhos da multidão, sem querer cruzando olhar com o de um sujeito alto de rosto magro com colete de carroceiro que a fitava com admiração excessiva. Quando seus olhos se encontraram, ele deu uma piscadela!

Ah, não aguentaria aquilo durante todo o caminho de volta até a estalagem. *Eu não posso me esquecer de mandar fazer uns vestidos mais comuns*, pensou, perguntando-se por que ainda não tomara essa providência. Por sorte, já visitara Caemlyn antes, alguns anos atrás. Stevan estaria esperando na estalagem A Coroa de Rosas — o homem poderia ser um bom sinalizador para acrescentar àquelas caminhadas, se houvesse necessidade. Deslizou para a penumbra de uma abertura estreita entre a oficina de um couteleiro e uma taverna.

Da última vez que visitara a cidade, as vielas estreitas de Caemlyn estavam enlameadas. Agora, mesmo secas, quanto mais ela avançava, pior era o cheiro. As paredes eram lisas, sem janelas, e era raro ver uma porta estreita ou um portão apertado, e os que ela via pareciam não ser abertos havia muito tempo. Gatos raquíticos espiavam em silêncio do alto de barris e de paredes, e cães de rua com costelas pronunciadas voltavam as orelhas para trás, por vezes rosnando antes de escaparem, sorrateiros, por alguma passagem transversal, que era como chamavam essas vielas naquela região. Não tinha nenhum medo de ser arranhada ou mordida. Os gatos sempre pareciam sentir algo nas Aes Sedai, e nunca ouvira falar de uma que tivesse sido arranhada nem mesmo pelo gato mais feroz. Verdade que os cães sempre se mostravam hostis, praticamente como se pensassem que as Aes Sedai *fossem* gatos, mas quase sempre saíam de fininho depois de rosnar um pouco.

Havia bem mais cães e gatos nas passagens do que ela se lembrava, todos magrelos, mas tinha bem menos gente. Não vira uma alma sequer até dobrar uma última esquina e dar de cara com cinco ou seis Aiel que vinham em sua direção, todos rindo e conversando. Pareceram assustados em vê-la.

— Perdão, Aes Sedai — murmurou um deles, e todos se apertaram contra uma das laterais da passagem, mesmo já havendo espaço o bastante para passar.

Demira se perguntou se seriam os mesmos que a haviam seguido mais cedo, já que um daqueles rostos parecia um tanto familiar — era um sujeitinho atarracado com olhos vilanescos. Ainda assim, assentiu e agradeceu baixinho enquanto passava.

O choque foi tão grande ao sentir a lança penetrando a lateral do corpo que Demira nem gritou. Buscou *saidar*, desesperada, mas sentiu outra pontada trespassando pelo lado do corpo, então caiu na poeira. Aquele rosto familiar estava colado ao seu, os olhos negros com um brilho zombeteiro, rosnando palavras que ela não ouvia enquanto tentava abraçar *saidar*, tentava... Então veio a escuridão.

* * *

Quando Perrin e Faile finalmente se viram livres daquela entrevista interminável com os pais dela, Sulin, aquela serviçal esquisita, já estava esperando no corredor. Perrin estava ensopado de suor, que deixara manchas escuras em seu casaco, e sentia como se tivesse corrido dez milhas sendo açoitado a cada passada. Faile tinha um sorriso estampado no rosto e andava quase saltitando. Estava radiante, bonita, e parecia tão orgulhosa de si mesma quanto na ocasião em que chegara com os homens de Colina da Vigília no exato instante em que os Trollocs estavam prestes a quebrar o cerco de Emond. Sulin fazia uma medida toda vez que um dos dois olhava para ela, sempre tão desajeitada que ficava a ponto de cair. Seu rosto coriáceo com a cicatriz descendo pela bochecha estava congelado em um sorriso prestativo, mas que parecia pronto para se espantificar com uma única respiração. Donzelas transitavam pelos corredores, gesticulando umas para as outras

com as mãos, e Sulin também fazia reverências para elas, ainda que rangesse os dentes alto o bastante para Perrin ouvir com clareza. Até Faile começou a olhar para ela com cautela.

Depois que a mulher os conduziu a seus aposentos — uma sala de estar e um quarto com uma cama de dossel grande o bastante para dez pessoas, além de uma varanda de mármore comprida que dava para um pátio com uma fonte —, ela insistiu em explicar e mostrar tudo, até o que já conseguiam ver. Os cavalos haviam sido esfregados e levados para a estrebaria. Os alforjes tinham sido retirados da bagagem e pendurados no guarda-roupa, junto com a cinta do machado de Perrin, e quase todos os seus escassos pertences estavam guardados em perfeita ordem em um gaveteiro. O machado de Perrin estava escorado ao lado da lareira de mármore cinza, como se tivesse sido feito para cortar gravetos. Dois jarros de prata reluzentes por conta da condensação continham chá gelado de menta e ponche de ameixa. Sulin fez questão de apontar os dois espelhos de moldura dourada, mesmo que fossem tão evidentes que nem um cego teria deixado de ver; um estava apoiado sobre uma mesa de cabeceira, sobre a qual também estavam a escova e o pente de marfim de Faile; o outro era um espelho grande de pé com suportes entalhados.

Enquanto Sulin explicava que estavam trazendo a água para o banho e mostrava as banheiras de cobre, Perrin enfiou uma coroa de ouro em sua palma calejada.

— Obrigado — agradeceu —, mas se você não se incomodar, pode ir... — Por um momento, achou que a mulher fosse atirar a moeda em cima dele, mas ela simplesmente fez outra reverência trêmula e bateu a porta ao sair.

— Ora, acho que quem treina as criadas não entende muito do assunto — opinou Faile. — Uma solução ótima, aliás. Você foi educado, mas firme. Se ao menos fosse assim com os *nossos* serviçais. — Quando ela virou as costas magras, baixou a voz a um murmúrio: — Desabotoa o vestido para mim?

Perrin sempre sentia que tinha dedos muito grossos e desajeitados quando precisava lidar com os botõezinhos minúsculos das roupas de Faile, e sempre ficava com receio de arrancá-los ou de rasgar o vestido. Por outro lado, gostava de despir a esposa. Ela em geral pedia ajuda a uma criada, e Perrin tinha certeza de que era por causa dos muitos botões que já perdera.

— Aquelas bobagens para a sua mãe... alguma coisa daquilo era a sério?

— Ora, meu marido, você não me domou? — retrucou Faile, sem nem se virar para olhá-lo. — Não me ensinou que devo me empoleirar em seu pulso ao menor chamado? Eu não corro para fazer suas vontades? Não obedeço até seus menores caprichos?

Faile estava com um cheiro quase debochado, e sua voz com certeza soava divertida. O problema era que também parecia estar falando sério, com o mesmo tom e ênfase que falara aquelas mesmas palavras para a mãe, mantendo a cabeça erguida e imbuindo a voz com o máximo de orgulho que podia sentir. As mulheres eram mesmo estranhas, não havia o que fazer. E a mãe dela...! Aliás, até o pai...!

Talvez fosse melhor mudar de assunto. O que era mesmo aquele negócio que Bashere mencionara?

— Faile, o que é uma coroa partida? — Tinha certeza de que era aquele o nome.

Ela soltou um muxoxo irritado e começou a cheirar meio incomodada.

— Rand está fora do Palácio, Perrin.

— E qual é o problema? — Ele se curvou para encarar um botãozinho de madreperla minúsculo de perto e franziu o cenho às costas dela. — Como é que você sabe?

— As Donzelas. Bain e Chiad me ensinaram um pouco daquela linguagem de sinais. Não conte para ninguém, Perrin. Pela cara que fizeram quando ficaram sabendo que tinha Aiel aqui na cidade, acho que não deviam ter me ensinado. Bem, talvez seja bom entender as conversas sem que elas saibam. Ficam tantas perto de Rand... — Ela se virou, encarando-o com um olhar malicioso e passando a mão em sua barba. — Aquelas primeiras Donzelas que encontramos acharam que você tem ombros bonitos, mas não acharam isso aqui muito charmoso. As Aiel não sabem apreciar uma bela barba.

Balançando a cabeça, Perrin esperou Faile dar as costas de novo para guardar no bolso, sorrateiro, o botão que caíra quando ela virou de repente. Talvez ela não notasse. Ele mesmo passara uma semana sem um dos botões do casaco, só reparou quando Faile comentou. Quanto à questão da barba, a julgar pelo que Gaul lhe contara, os Aiel sempre se mantinham de rosto liso. Bain e Chiad tinham feito brincadeirinhas estranhas sobre a barba espessa de Perrin — naquele calor, ele mais de uma vez chegara a considerar raspá-la, mas Faile gostava mesmo da barba.

— E Rand? Por que está me contando que ele saiu do Palácio?

— Só porque você deveria saber o que seu amigo anda fazendo pelas suas costas. Óbvio que você não sabia que ele ia sair. Não se esqueça de que ele é o Dragão Renascido. É quase como um rei, um rei dos reis, e os reis às vezes usam até os próprios amigos, tanto por acaso quanto de propósito.

— Rand não faria uma coisa dessas. O que você está sugerindo, afinal? Que eu fique espionando meu amigo?

Tinha sugerido aquilo de brincadeira, mas Faile respondeu:

— Você não, meu amor. Essa é uma missão para uma esposa.

— Faile! — Perrin se endireitou tão depressa que quase arrancou outro botão, então segurou-a pelos ombros e virou-a de frente para ele. — Você não vai espionar Rand, está me ouvindo? — Ela o encarou com um olhar obstinado, abrindo a boca para retrucar e estreitando os olhos. A mulher estava praticamente fedendo a teimosia, mas Perrin também sabia ser teimoso. — Faile, quero ver um pouco daquela obediência de que você estava se gabando mais cedo. — Faile sempre só fazia o que ele pedia quando queria. Do contrário, ela simplesmente não obedecia e nem levava em conta se ele estava ou não certo em pedir o que fosse. — Estou falando sério, Faile. Quero que me prometa que não vai fazer isso. Eu não vou participar de...

— Eu prometo, meu coração — interrompeu ela, tocando de leve a boca de Perrin com os dedos. — Prometo que não vou espionar Rand. Viu? Eu obedeço ao meu marido. Você ainda se lembra de quantos netos minha mãe falou que quer?

Perrin piscou, pego de surpresa pela súbita mudança de assunto. Bem, ao menos ela prometera, e isso é que importava.

— Seis, eu acho. Perdi a conta quando ela começou a falar de quantos meninos e meninas.

Lady Deira os fizera ouvir alguns conselhos assustadoramente francos a respeito de como poderiam atingir logo a quantidade ideal de netos de cada sexo, e Perrin por sorte não prestara atenção — estava mais ocupado se perguntando se era mesmo para ficar ali na sala até ela terminar. Faile apenas assentira, como se fosse a coisa mais natural do mundo falar daquilo com o marido e o pai presentes.

— Pelo menos seis — corrigiu ela, com um sorriso realmente perverso. — Perrin, minha mãe só vai nos deixar em paz quando eu puder dizer que o primeiro já vem logo, então pensei que se algum dia você conseguisse abrir o resto dos meus botões... — Ela ainda ruborizava, mesmo depois de meses de casamento, mas aquele sorriso malicioso permaneceu. — Ver uma cama de verdade depois de tantas semanas me deixa atrevida feito uma fazendeira na época da colheita.

Perrin às vezes ficava pensando nessas garotas de fazenda saldaeanas de que Faile sempre falava. Enrubescendo ou não, se fossem tão atrevidas quanto a esposa era quando ficavam a sós, aquele país nunca devia ver uma safra colhida. Arrebentou outros dois botões enquanto tirava o vestido de Faile, que não se importou nem um pouco e até deu um jeito de rasgar sua camisa.

* * *

Demira ficou surpresa ao abrir os olhos, chocada por se ver deitada na cama do próprio quarto na estalagem

A Coroa de Rosas. Deveria estar morta, não nua e metida entre lençóis de linho. Stevan estava sentado em um banco ao pé da cama. Conseguiu parecer aliviado, preocupado e irritado ao mesmo tempo. O esbelto Guardião cairhieno era uma cabeça mais baixo que ela e quase vinte anos mais jovem, mesmo com todos os fios grisalhos nas têmporas, mas, às vezes, tentava se comportar como um pai e praticamente afirmava que ela não conseguiria dar conta de si mesma sem ele para conduzi-la pela mão. Demira só temia que esse episódio fosse lhe dar crédito nas disputas intermináveis que os dois teriam, durante os meses por vir. Merana estava ao lado da cama, solene, e Berenicia estava do outro lado. A irmã Amarela e rechonchuda sempre tinha um ar um tanto solene, mas dessa vez estava ainda pior.

— Como? — perguntou com dificuldade.

Luz, estava fraca. Era efeito da Cura. Precisou de um esforço enorme para tirar os braços de sob o lençol. Devia ter chegado muito perto da morte. A Cura não deixava cicatrizes, mas a memória da dor e a fraqueza já eram mais que suficientes.

— Um homem veio beber no salão da estalagem — explicou Stevan. — Pediu um pouco de cerveja. E disse que tinha visto alguns Aiel seguindo uma Aes Sedai. Ele descreveu você toda, dos pés à cabeça, e falou que os Aiel tinham a intenção de matar a mulher. Assim que ele falou, eu senti...

O rosto do guardião ficou sombrio.

— Stevan me pediu para ir junto — contou Berenicia. — Só faltou me arrastar, e não paramos de correr nem um segundo. Para ser sincera, eu não sabia se tínhamos chegado a tempo até ver você abrir os olhos, agora.

— Claro que foi tudo parte da mesma armadilha, do mesmo aviso — ponderou Merana, a voz neutra. — Os Aiel e aquele homem. Uma pena termos deixado ele escapar, mas estávamos tão preocupadas com você que ele conseguiu escapulir antes que alguém sequer pensasse em detê-lo.

Demira estava pensando em Milam e em como aquilo afetaria a busca na biblioteca, em quanto tempo precisaria para Stevan se acalmar. Só as últimas palavras de Merana lhe chamaram a atenção.

— Detê-lo? Aviso? Do que você está falando?

Berenicia resmungou sobre Demira só entender se a explicação estivesse escrita em um livro. A Amarela às vezes tinha uma língua bem ácida.

— Viu alguém entrar no salão da estalagem e pedir uma bebida desde que chegamos aqui, Demira? — perguntou Merana, muito paciente.

Verdade, ninguém ia lá. Uma ou duas Aes Sedai não afetavam muito a clientela de uma estalagem em Caemlyn, mas, quando eram nove, a conversa mudava. Nos últimos dias, a Senhora Cinchonine parecia fazer questão de ressaltar isso.

— Então o objetivo era que vocês soubessem que aqueles Aiel tinham me matado. Ou talvez era para eu ser encontrada antes de morrer... — Então se lembrou dos grunhidos daquele sujeito de rosto vilanesco. — Me mandaram avisar a vocês que é para ficar longe de al'Thor. As palavras foram: “Avisar às outras bruxas para ficarem longe do Dragão Renascido.” Bem, eu não tinha como dar o recado morto, não é mesmo? As feridas foram onde?

Stevan se remexeu no banco, encarando-a com olhar sofrido.

— Foram dois cortes, nenhum atingiu qualquer órgão que pudesse tê-la matado na hora, mas a quantidade de sangue que você perdeu...

— E o que vamos fazer? — perguntou Demira para Merana. Não queria dar chance para Stevan apontar como fora tola por se deixar apanhar daquele jeito.

— Acho que deveríamos encontrar os Aiel responsáveis e usá-los para dar o exemplo — respondeu Berenicia, com firmeza. Ela era da área onde havia disputas territoriais, as Marcas de Shienar, e ataques Aiel tinham sido uma constante em sua juventude. — Seonid concorda comigo.

— Ah, não! — protestou Demira. — Não vou deixar arruinarem minha primeira chance de estudar os Aiel. Eles mal nos dirigem duas palavras do jeito que está agora. E foi o meu sangue, afinal. Além do quê, a menos que o homem que tenha dado o aviso também fosse Aiel, acho bem óbvio que eles agiram sob ordens de alguém. E só há um homem em Caemlyn que pode dar ordens para os Aiel.

— Eu e as outras concordamos com você, Demira — interveio Merana, encarando Berenicia com firmeza. — Não quero mais ouvir falar em perder tempo e energia para encontrar uma matilha de cães em meio a centenas quando o homem que os manda sair para caçar anda por aí com um sorriso no rosto.

Berenicia pareceu um pouco irritada antes de baixar a cabeça e assentir, mas isso já era comum.

— Temos que pelo menos mostrar a al'Thor que ele não pode tratar nenhuma Aes Sedai desse jeito — concluiu Berenicia, contundente. Uma olhadela de Merana a fez moderar o tom, mas ela ainda não soava muito satisfeita ao continuar: — Mas não com tanta firmeza a ponto de arruinar os nossos planos, claro.

Demira tocou os lábios com as pontas dos dedos e suspirou. Estava mesmo fraca.

— Bem, mas ainda temos uma questão: se o acusarmos abertamente, claro que ele vai negar, e não temos provas para jogar na cara dele. E não só isso: pode ser mais inteligente deixar todos saberem que ele se sente livre para caçar Aes Sedai como coelhos. — Merana e Berenicia se entreolharam e aquiesceram, ainda com firmeza. O pobre Stevan franziu o cenho, irritadíssimo. Nunca deixara ninguém que a machucara sair impune. — Será que não é melhor simplesmente não dizer nada? Isso com certeza vai fazê-lo queimar um pouco os miolos. Vai ficar se perguntando por que não dissemos nada, querendo saber o que vamos fazer... Não sei medir quanto somos capazes de abalar a confiança dele, mas podemos pelo menos deixá-lo um tanto inquieto.

— Um argumento válido — comentou Verin, junto à porta. — Al'Thor precisa respeitar as Aes Sedai, ou não teremos como trabalhar com ele. — Ela gesticulou para que Stevan saísse. O Guardião esperou o meneio de Demira, claro, mas saiu. A Marrom se sentou no banco que ele ocupara. — Pensei que, como você é que foi o alvo... — Então parou e fez cara feia para Merana e Berenicia. — Vocês não vão se sentar? Não quero ficar com torcicolo de ter que olhar para cima. — Verin prosseguiu enquanto as duas ainda traziam a única cadeira do quarto e um segundo banquinho ao lado da cama. — Como você foi o alvo, Demira, seria bom nos ajudar a decidir como Mestre al'Thor deve aprender essa lição. E parece que você já começou a pensar nisso.

— O que eu acho... — começou Merana, mas Verin a cortou.

— Só um momento, Merana. Demira tem direito de fazer a primeira sugestão.

Demira prendeu a respiração, esperando pelo rompante de Merana. Ela sempre parecia querer que suas decisões fossem aprovadas por Verin — o que era até natural, dadas as circunstâncias, embora um tanto constrangedor —, mas era a primeira vez que Verin simplesmente assumia o controle. Ao menos na frente de outras. Ainda assim, Merana apenas encarou a Marrom rechonchuda por um momento, comprimindo os lábios, então baixou a cabeça. Demira ficou se perguntando se aquilo significava que Merana estava abrindo mão da missão diplomática em favor de Verin, já que não parecia haver outra coisa que pudesse fazer. Todas se voltaram para Demira, esperando. O olhar de Verin era particularmente penetrante.

— Se quisermos deixar o rapaz preocupado com o que vamos fazer, sugiro que ninguém vá ao Palácio hoje. Talvez sem nenhuma explicação, ou, caso achem isso um pouco extremo demais, ao menos com uma explicação que o deixe apreensivo. — Merana assentiu. Então, o que parecia mais importante, a julgar por como a situação estava se desenrolando, Verin também assentiu. Demira decidiu se aventurar um pouco mais. — Talvez seja bom passar vários dias sem mandar ninguém, deixá-lo pensando no que pode ter acontecido. Com certeza o comportamento de Min vai nos indicar o momento em que ele estiver mais agitado e...

Não importava o que elas decidissem fazer, queria estar envolvida. O sangue derramado fora *dela*, afinal, e só a Luz sabia por quanto tempo teria que postergar suas pesquisas na biblioteca — isso por si só já era

quase uma razão tão boa para ensinar uma bela lição a al'Thor quanto ele ter se esquecido de como se comportar diante das Aes Sedai.





A MULHER ERRANTE

Mat desejara uma cavalgada tranquila até Ebou Dar, e, de certa forma, seu desejo foi atendido. Mas, por viajar com seis mulheres, quatro delas Aes Sedai, aborrecimentos não lhe faltaram.

Eles chegaram à floresta distante no primeiro dia, com o sol ainda relativamente alto no céu, e cavalgaram por várias horas debaixo de copas de árvores com ramos praticamente desfolhados. Os cascos dos cavalos faziam estalar os galhos secos e as folhas mortas no chão durante a passagem do grupo, até pararem pouco antes do pôr do sol para montar acampamento próximo de um tímido córrego. Harnan, com sua mandíbula fina e um falcão tatuado na bochecha, encabeçava a fileira e logo tratou de cuidar para que os homens do Bando se instalassem, os cavalos fossem esfregados e coxeados, as sentinelas se posicionassem e as fogueiras fossem acesas. Nerim e Lopin andavam de um lado para o outro se lamuriando por não terem levado tendas. Como um homem poderia adivinhar que passaria várias noites dormindo no chão sem que seu mestre lhe dissesse nada?, choramingavam. Aliás, se esse mestre acabasse morto, a culpa não seria deles. Um era magricelo e o outro, robusto, mas os dois conseguiam soar como ecos. Vanin cuidou de si mesmo, claro, apesar de ter ficado de olho em Olver e até esfregado as partes de Vento que o garoto não conseguia alcançar nem se usasse sua sela como banco. Todos sempre cuidavam de Olver.

Tecnicamente, as mulheres ficaram no mesmo acampamento, mas, de certa forma, o seu lado ficava tão à parte que era como se estivesse a cinquenta passadas de distância. Uma linha invisível parecia dividir o acampamento ao meio, com algum aviso implícito advertindo os homens do Bando para que não atravessassem. Nynaeve, Elayne e as duas mulheres de cabelo branco se reuniram em torno da própria fogueira junto com Aviendha e a Caçadora de cabelo dourado, e era raro que até mesmo olhassem na direção em que Mat e seus homens estendiam seus cobertores. Conversavam em murmúrios que Mat mal conseguia escutar, e o pouco que foi capaz de identificar tinha a ver com a preocupação de Vandene e Adeleas de que Aviendha pretendesse arrastar seu cavalo até Ebou Dar, em vez de montá-lo. Thom tentou trocar umas palavras com Elayne e acabou recebendo um tapinha amigável na bochecha antes de ela mandá-lo voltar a se sentar com Juilin e Jaem, o Guardião idoso e magro — embora musculoso — que pertencia a Vandene e que parecia passar todo o seu tempo afiando a espada.

Mat não se opunha às mulheres ficarem separadas. Pairava sobre elas uma tensão que ele não conseguia compreender. Pelo menos era assim com Nynaeve e Elayne, e a Caçadora também parecia contaminada. Às vezes, ficavam olhando para as Aes Sedai — as *outras* Aes Sedai, e ele não tinha certeza se algum dia

conseguiria se acostumar a pensar em Nynaeve e Elayne como tal — com certo excesso de concentração, apesar de Vandene e Adeleas parecerem tão distraídas quanto Aviendha. Fosse qual fosse o motivo, Mat não queria parte naquilo. Uma discussão parecia estar se armando e, independentemente do desfecho, um homem sábio passaria longe de discussões entre mulheres. Com ou sem medalhão de raposa, um homem sábio passaria ainda mais longe se essas mulheres fossem Aes Sedai.

Tratava-se apenas de um pequeno aborrecimento, assim como o seguinte, que no caso era culpa dele mesmo: a comida. Não demorou muito para sentirem cheiro de carneiro e de algum tipo de sopa, vindo da fogueira das Aes Sedai. Esperando uma viagem curta e rápida até Ebou Dar, ele não mencionara nada sobre comida para Vanin e os demais, o que significava que os homens traziam nos alforjes um pouco de carne-seca e pedaços duros de pão ázimo. Mat mal vira um pássaro ou um esquilo, muito menos qualquer sinal de um veado, de forma que caçar estava fora de questão. Quando Nerim montou uma mesinha dobrável e um banquinho para Mat — Lopin estava montando outro para Nalesean —, Mat mandou que ele dividisse entre o grupo o que ele havia enfiado nos cestos dos burros de carga. O resultado não foi tão bom quanto ele esperava.

Nerim ficou por perto da mesa de Mat, servindo água com um jarro de prata como se fosse o vinho mais fino e observando com ar pesaroso as iguarias desaparecerem nas goelas dos homens do Bando.

— Ovos de codorna na salmoura, milorde — anunciava ele em tom fúnebre. — Teriam caído muito bem no café de manhã de milorde em Ebou Dar. E a melhor língua defumada, milorde. Se milorde fizesse ideia do que eu precisei passar para encontrar língua defumada com mel naquela aldeia horrorosa, correndo contra o tempo, pois tudo o que havia de melhor já tinha sido tomado pelas Aes Sedai. — Na realidade, a maior queixa do homem parecia ser o fato de Lopin ter encontrado cotovias em conserva para Nalesean. Toda vez que este dava uma mordida em seu jantar, o sorriso convencido de Lopin aumentava, assim como a careta infeliz de Nerim. Mas ficava claro, pelo modo como alguns homens farejavam o ar, que eles prefeririam ter comido um pedaço de carneiro ou uma tigela de sopa do que todo o estoque de Mat de língua defumada com mel ou de patê de fígado de ganso. Olver olhava para a fogueira das mulheres com olhar abertamente desejoso.

— Quer ir comer com elas? — Mat perguntou para o menino. — Se quiser, não tem problema.

— Eu adoro enguia curada — respondeu Olver com determinação. Em um tom mais sombrio, acrescentou: — De qualquer forma, ela pode colocar alguma coisa dentro. — Seus olhos acompanhavam Aviendha sempre que ela se movia, e o garoto aparentava ter começado a implicar também com a Caçadora, talvez por ela passar boa parte do tempo conversando amigavelmente com a Aiel. Aviendha devia ter sentido o olhar do menino, já que o encarou de volta com o cenho franzido.

Mat esfregava o queixo e observava a fogueira das Aes Sedai — pensando bem, ele próprio também preferiria ter comido carneiro e tomado sopa — quando se deu conta de que Jaem não estava à vista. Vanin se irritou por ter sido mandado sondar o terreno de novo, mas Mat o enviou pelo mesmo motivo que designara o homem para ir como batedor à frente durante o dia, apesar do fato de Jaem também tê-lo feito. Não queria depender do que as Aes Sedai escolhiam lhe contar. Poderia ter confiado em Nynaeve — não achava que ela fosse mentir para ele, já que, enquanto Sabedoria, Nynaeve sempre fora implacável com mentirosos —, mas ela continuava espreitando-o por cima do ombro de Adeleas de um modo muito suspeito.

Para a surpresa dele, Elayne se levantou assim que Mat terminou de comer e, como que deslizando pelo chão, atravessou aquela linha invisível. Algumas mulheres tinham um andar tão elegante que pareciam mal tocar o chão.

— Quer dar uma volta comigo, Mestre Cauthon? — indagou em tom frio. Não exatamente educada, mas também não exatamente rude.

Mat gesticulou para que Elayne fosse na frente, e ela saiu flutuando em direção às árvores sombreadas

pelo luar, logo depois das sentinelas. Aquela cabeleira dourada se lhe caía pelos ombros, emoldurando um rosto que atrairia o olhar de qualquer homem. O luar atenuava seu ar arrogante. Fosse ela qualquer coisa diferente do que era... E Mat não se referia apenas a ser Aes Sedai, nem mesmo ao fato de ela pertencer a Rand. Aliás, Rand parecia estar se envolvendo com o pior tipo de mulher, considerando que sempre tivera jeito com elas. Foi então que Elayne começou a falar, e Mat se esqueceu de todo o resto.

— Você tem um *ter'angreal* — afirmou, sem preâmbulos e sem sequer olhar para ele. Apenas seguia deslizando, farfalhando as folhas no solo como que esperando que ele seguisse em seu encalço feito um cão de caça. — Há quem afirme que todos os *ter'angreal* pertencem às Aes Sedai, mas não vou exigir que você se desfaça dele. Ninguém vai tirá-lo de você. Só que esses objetos precisam ser estudados. Por esse motivo, quero que você me entregue o *ter'angreal* toda noite, quando pararmos. Eu vou devolvê-lo todas as manhãs antes de sairmos.

Mat olhou para ela de soslaio. Estava falando sério, não havia dúvida.

— Muito gentil da sua parte me deixar ficar com o que é meu. Mas não sei por que você acha que eu estou com um desses... como foi que você disse? Ter'alguma coisa?

Ah, aquilo a fez se enrijecer e também dirigir o olhar a Mat. Ele ficou surpreso por não ver nenhum fogo saltar dos olhos dela para iluminar a noite. Sua voz, por outro lado, era o mais puro cristal de gelo.

— Você sabe *muito bem* o que é um *ter'angreal*, Mestre Cauthon. Eu ouvi quando Moiraine lhe falou a respeito deles na Pedra de Tear.

— Na Pedra? — estranhou ele, desinteressado. — Sim, eu me lembro da Pedra. Foram dias ótimos os que todos nós passamos por lá. Você se lembra de algo na Pedra que lhe dá o direito de me exigir alguma coisa? Eu não. Só estou aqui para evitar que ninguém arranque o seu couro e o de Nynaeve em Ebou Dar. Você pode perguntar para Rand sobre o *ter'angreal* depois que eu entregar você para ele.

Por um longo momento, ela ficou encarando-o como se pretendesse vencê-lo só com a força do pensamento, e então deu uma volta sem dizer mais uma palavra. Ele a acompanhou de volta ao acampamento e se surpreendeu ao vê-la caminhar ao longo da fileira de cavalos coxeados. Ela examinou as fogueiras e o modo como os cobertores estavam dispostos, fazendo uma pausa para balançar a cabeça com pesar ao ver os restos da refeição dos homens do Bando. Mat não fez ideia do que Elayne pensava até ela se virar para ele com o nariz empinado.

— Seus homens se saíram muito bem, Mestre Cauthon — disse, alto o bastante para que todos ouvissem. — De modo geral, estou mais que satisfeita. Mas se você tivesse planejado tudo antes de maneira adequada, eles não precisariam ter se empanturrado de comidas que vão deixá-los sem dormir direito. Ainda assim, no geral, você se saiu bem. Tenho certeza de que você vai se planejar melhor no futuro. — Completamente tranquila, foi andando de volta para a própria fogueira antes que Mat pudesse pronunciar uma única palavra.

Porém, se aquilo fosse tudo, se os problemas se resumissem à maldita Filha-herdeira achar que ele era um dos súditos dela, e a tanto ela quanto Nynaeve ficarem sempre de cara feia perto de Vandene e Adeleas... Se aquilo fosse tudo, ele teria dançado uma giga. Logo depois da “inspeção” de Elayne, antes mesmo que ele conseguisse deitar nos seus cobertores, a cabeça de raposa ficou gelada.

O choque foi tão grande que Mat só ficou ali parado, olhando para o próprio peito, sem nem pensar em olhar em direção à fogueira das Aes Sedai. Quando finalmente fez isso, ele as viu de pé lado a lado ao longo daquela linha invisível que os dividia. Aviendha estava com elas. Elayne murmurou algo que ele não conseguiu ouvir e as duas Aes Sedai de cabelo branco assentiram, Adeleas o tempo todo mergulhando apressada a ponta de uma caneta num frasco de tinta dentro de uma espécie de bainha em sua cintura e fazendo anotações em um livreto. Nynaeve puxava sua trança e resmungava sozinha.

Tudo isso só durou alguns instantes. Em seguida, a cabeça de raposa voltou à temperatura normal e todas retornaram à fogueira conversando em voz baixa. De vez em quando, uma delas olhava de soslaio na direção de Mat, até que ele, por fim, foi se deitar.

No segundo dia, eles chegaram a uma estrada e Jaem tirou seu manto de Guardião. Era um trecho largo de terra batida onde, em alguns lugares, uma ponta de um velho paralelepípedo ainda se fazia ver, mas a via não tornou a viagem tão mais rápida. Para começar, ia serpenteando pelo meio de uma floresta cada vez mais acidentada. Algumas daquelas colinas mereciam ser chamadas pelo menos de pequenas montanhas, formações pontudas com picos escarpados e pináculos pedregosos erguendo-se em meio às árvores. Além disso, um fluxo constante de pessoas, ainda que tímido, seguia em ambas as direções, em sua maioria amontoados de gente encardida com semblantes distantes que mal pareciam ter o bom senso de sair do meio do caminho da carroça de roda grande puxada pelos bois de um fazendeiro, e muito menos do comboio de um mercador, com seus carroções cobertos de lona viajando a toda por detrás das parelhas de seis ou oito cavalos. Algumas fazendas com casas e celeiros de pedra clara pareciam presas por um fio nas encostas das colinas, e, na metade do terceiro dia, foi avistada a primeira aldeia de construções de reboco branco com telhados achatados cobertos por telhas claras avermelhadas.

Os aborrecimentos, porém, continuavam. Elayne seguia com suas inspeções noturnas. Quando, no acampamento da segunda noite, ao lado da estrada, Mat lhe disse de forma sarcástica que estava contente por ela estar satisfeita, Elayne abriu um daqueles seus sorrisos majestosos e deliberados.

— Você deveria estar mesmo, Mestre Cauthon — disse ela, soando como se cada palavra dele tivesse sido sincera.

Quando eles passaram a parar em estalagens, ela começou a inspecionar os cavalos nos estábulos e o local de dormir dos homens do Bando nos depósitos de feno. Quando pediu a ela que não fizesse isso, recebeu como resposta apenas uma sobrancelha arqueada. Quando mandou, não recebeu nem o arquear da sobrancelha. Ela simplesmente o ignorou. Elayne o mandava fazer coisas que ele já decidira fazer, tais como verificar as ferraduras de todos os cavalos na primeira estalagem que tivesse um ferrador, e, mais irritante ainda, coisas que ele já teria resolvido se tivesse ficado sabendo delas antes de Elayne. Como ela descobriu que Tad Kandel estava tentando esconder um furúnculo no traseiro, Mat não fazia ideia, nem como ela ficara sabendo que Lawdrin Mendair tinha nada menos que cinco cantis de conhaque escondidos em seus alforjes. Irritação não começava nem a descrever o que significava fazer algo que ela mandara, mas o furúnculo de Kandel precisava ser lancetado — alguns membros do Bando haviam adotado a resistência de Mat com relação a serem Curados — e o conhaque de Mendair precisou ser jogado fora, além de diversas outras coisas pequenas.

Mat quase queria que ela o mandasse fazer, uma única vez, algo que não precisava ser feito, só para poder responder que não faria. Definitivamente, não! Se ela tivesse pedido o *ter'angreal* de novo teria sido perfeito, mas ela jamais voltou a mencioná-lo. Mat explicou para os homens do Bando que eles não tinham obrigação de obedecer a ela, e ele nunca chegara a ver nenhum deles obedecendo, mas os homens começaram a dar sorrisinhos satisfeitos sempre que Elayne fazia elogios a respeito de quão bem eles cuidavam dos cavalos, e estufavam o peito quando ela dizia que, aos olhos dela, eles pareciam bons soldados. Quando viu Vanin levar a mão à testa e murmurar um “Obrigado, milady” para Elayne sem um pinga de ironia, Mat quase morreu de desgosto.

Ele tentava ser agradável, mas nenhuma das mulheres lhe dava abertura, não só Elayne. Aviendha lhe disse que ele não tinha honra e que se ele não fosse capaz de demonstrar mais respeito por Elayne, ela própria o ensinaria a ser respeitoso. Logo Aviendha! A mulher que Mat ainda suspeitava de que estava só esperando uma chance para cortar a goela de Elayne! Ela passara a chamar Elayne de sua quase-irmã! Vandene e Adeleas o olhavam como se ele fosse um inseto esquisito pregado numa tábua. Mat se ofereceu para atirar flechas com a

Caçadora por algumas moedas ou só por diversão — o arco que ela carregava devia ter atizado a imaginação fértil da mulher, já que seu nome de Caçadora era Birgitte —, mas ela só fez lançar um olhar muito esquisito para Mat e recusou a oferta. Aliás, manteve-se bem longe dele depois disso. Ficava grudada em Elayne, exceto quando a Filha-herdeira se aproximava dele. E Nynaeve...

Por todo o caminho desde Salidar, ela o evitou como se ele estivesse cheirando mal. Na terceira noite de viagem, a primeira em uma estalagem, um lugarzinho chamado A Faca de Casamento, Mat a encontrou no estábulo coberto por telhas dando uma cenoura murcha para a égua roliça que montava, e decidiu que, independentemente de qualquer outra coisa que estivesse acontecendo, ele poderia ao menos conversar com ela sobre Bo. Não era todo dia que a irmã de um homem ia embora para se tornar uma Aes Sedai, e Nynaeve saberia o que Bo tinha pela frente.

— Nynaeve — chamou Mat, aproximando-se dela —, eu quero falar com você... — Não conseguiu nem terminar a frase.

A mulher praticamente pulou três palmos com o susto e já desceu balançando o punho para ele, apesar de logo tê-lo escondido em uma das pregas da saia.

— Me deixe em paz, Mat Cauthon — quase gritou. — Está me ouvindo? Me deixe em paz! — E foi saindo apressada, passando por ele meio de lado e tão eriçada que ele esperava ver a trança dela erguida feito orabo de um gato. Depois daquilo, Mat não só cheirava mal, como também devia ter alguma doença repugnante e contagiosa. Se tentasse até mesmo se aproximar de Nynaeve, ela se escondia atrás de Elayne e ficava encarando-o por cima do ombro da outra mulher, parecendo que estava prestes a lhe mostrar a língua. As mulheres eram completamente malucas. Não havia outra explicação.

Ao menos Thom e Juilin se mostravam dispostos a cavalgar ao lado dele durante o dia, sempre que Elayne não exigia a atenção dos dois. Ela às vezes o fazia só para mantê-los longe de Mat, ele tinha certeza, embora não conseguisse entender o porquê. Tão logo o grupo passou a se hospedar em estalagens, os dois ficaram mais do que felizes em tomar uma caneca de cerveja ou de ponche com ele e Nalesean à noite. Eram estalagens de interior, com salões tranquilos e paredes de alvenaria, onde a diversão era ficar observando o gato malhado local e nas quais a própria estalajadeira servia as mesas, sempre uma mulher cujos quadris davam a impressão de que, caso alguém se arriscasse a dar um beliscão, acabaria com os dedos quebrados. A conversa girava principalmente em torno de Ebou Dar, lugar do qual Thom sabia bastante, mesmo sem nunca ter estado lá. Sempre que lhe faziam perguntas, Nalesean se mostrava mais que disposto a relembrar sua única visita ao local, apesar de preferir se concentrar nos duelos que presenciara e nas apostas em corridas de cavalos. Juilin sabia de histórias de homens que conheciam sujeitos que haviam estado lá, isso quando o relato não tinha fontes ainda mais distantes, que pareciam impossíveis de se acreditar até Thom ou Nalesean as confirmarem. Em Ebou Dar, homens travavam duelos por mulheres, *mulheres* duelavam *por homens*, e, em ambos os casos, o prêmio — era a palavra que se usava — concordava em ficar com o ganhador. No dia do casamento, os homens davam uma faca de presente para as mulheres e pediam que elas a utilizassem para matá-los caso eles as desagradassem — as *desagradassem!* —, e o assassinato de um homem por uma mulher era considerado justificável, a menos que se provasse o contrário. Em Ebou Dar, os homens pisavam em ovos perto das mulheres e se forçavam a sorrir diante de ofensas que teriam sido motivo para matarem outro homem. Elayne iria adorar aquele lugar. Nynaeve também.

Algo mais surgiu daquelas conversas. Parecia que Mat não havia imaginado o desprazer de Nynaeve e Elayne com relação a Vandene e Adeleas, por mais que elas tivessem tentado esconder esse fato. Nynaeve aparentava se contentar em ficar encarando as outras duas e murmurando coisas para si mesma. Elayne não fazia cara feia nem murmurava nada, mas tentava assumir o controle o tempo todo e parecia pensar que já era a Rainha de Andor. A despeito da quantidade de anos que aqueles rostos de Aes Sedai escondiam, Vandene e Adeleas tinham que ter idade suficiente para serem mães das duas mais jovens, se não avós. Mat não se

surpreenderia se descobrisse que elas já eram Aes Sedai quando Nynaeve e Elayne eram bebês. Nem Thom era capaz de compreender tanta tensão, e parecia que, para quem não passava de um simples menestrel, o homem de fato entendia de uma porção de assuntos. Quando Thom tentou fazer um delicado protesto, Elayne quase arrancou o nariz dele e lhe *disse* que ele não entendia, nem podia entender. Parecia que as duas Aes Sedai mais velhas eram extremamente tolerantes. Quando Elayne dava ordens, Adeleas agia como se nem tivesse reparado, e tanto ela quanto Vandene pareciam ficar surpresas quando acabavam se dando conta.

— Vandene falou para ela: “Bem, criança, se você faz questão, claro que podemos” — murmurou Juilin antes de tomar um gole de cerveja ao rememorar um incidente. — Seria de se imaginar que alguém que não passava de uma Aceita há poucos dias ficaria contente. Mas os olhos de Elayne me pareceram uma tempestade de inverno. Nynaeve rangeu os dentes com tanta força que eu achei que eles fossem rachar.

Eles estavam no salão da estalagem A Faca de Casamento. Vanin, Harnan e os demais ocupavam bancos nas outras mesas, junto com vários locais. Os homens trajavam coletes compridos, alguns coloridos o suficiente para um Latoeiro, a maioria sem camisa por baixo, e as mulheres usavam vestidos claros com decotes profundos, as saias levantadas até um dos joelhos, deixando à mostra anáguas tão coloridas que acabavam por fazer os coletes empalidecerem. Muitos dos homens e todas as mulheres ostentavam grandes brincos de argola e costumavam trazer nas mãos três ou quatro anéis que reluziam com vidros coloridos. Tanto homens quanto mulheres corriam os dedos por longas facas curvadas enfiadas em seus cintos e lançavam olhares sombrios para os forasteiros. Havia dois comboios de mercadores de Amadícia hospedados ali, mas os mercadores tinham jantado em seus quartos e os condutores permaneciam nos carroções. Elayne, Nynaeve e o restante das mulheres também se encontravam no andar de cima.

— As mulheres são... diferentes — afirmou Nalesean às gargalhadas em resposta a Juilin, embora, cofiando a ponta da barba, dirigisse as palavras a Mat. Não costumava ser tão formal com plebeus, mas Juilin era um plebeu taireno, e isso parecia fazer certa diferença, especialmente porque Juilin o olhava nos olhos quando Nalesean falava com ele. — Há um ditado camponês em Tear: “Uma Aes Sedai é dez mulheres numa única pele.” Os camponeses têm uma boa dose de sabedoria, às vezes, e que minha alma queime se não é verdade.

— Pelo menos ninguém fez nada, digamos, drástico — ponderou Thom —, apesar de eu ter achado que chegou perto quando Elayne deixou escapar que tinha transformado Birgitte na primeira Guardiã dela.

— A Caçadora?! — exclamou Mat. Vários locais lhe lançaram olhares firmes, e ele baixou a voz. — Ela também é Guardiã? Guardiã de Elayne? — Aquilo com certeza explicava algumas coisas.

Thom e Juilin se entreolharam por cima da borda das canecas.

— Ela vai ficar feliz por saber que você achou que ela era uma Caçadora da Trombeta — afirmou Thom, limpando a cerveja do bigode. — Ela é Guardiã, sim, e foi isso que quase causou um bate-boca. Jaem passou a encará-la como uma irmã mais nova, mas Vandene e Adeleas... — O menestrel soltou um suspiro profundo. — Nenhuma das duas ficou muito contente por Elayne já ter escolhido uma Guardiã. Aparentemente, a maioria das Aes Sedai passa anos sozinha antes de formar um elo. E não ficaram contentes por ela ainda por cima ter escolhido uma mulher. E o fato de elas não estarem contentes deixou Elayne ainda mais zangada.

— Elas não parecem gostar de fazer coisas que ainda não foram feitas — acrescentou Juilin.

— Uma Guardiã mulher — resmungou Nalesean. — Eu sabia que tudo iria mudar com o Dragão Renascido, mas uma Guardiã mulher?

Mat deu de ombros.

— Eu creio que ela vai dar conta, desde que saiba mesmo atirar com aquele arco. Desceu pelo buraco errado? — perguntou para Juilin, que começara a se engasgar com a cerveja. — Troco uma espada por um bom arco em qualquer situação. O melhor é um cajado, mas um arco também serve. Só espero que ela não tente se meter no meu caminho quando chegar a hora de levar Elayne para Rand.

— Acho que ela sabe. — Thom inclinou-se por cima da mesa para dar um tapinha nas costas de Juilin.
— Acho que ela sabe, Mat.

Mas se Nynaeve e as demais estavam prestes a puxar os cabelos umas das outras — e Mat não iria querer ficar a menos de dez milhas delas se algo assim acontecesse, com ou sem o amuleto de raposa —, não demonstravam nada disso. Tudo o que ele via era uma frente sólida, e mais tentativas de canalizar nele, começando enquanto ele encilhava Pips na manhã seguinte à primeira tentativa. Por sorte, ele estava ocupado tentando dispensar Nerim, que achava que encilhar o cavalo de Mat era tarefa sua e insinuava que era capaz de fazer aquilo melhor que ele, mas, como o lampejo frio só durou um instante, Mat não deu sinal de que chegara a perceber algo. Aquela, ele determinou, seria a sua resposta. Nada de encarar, nada de fazer cara feia, nada de acusar. Ele as ignoraria e as deixaria cozinhar em seu próprio caldo.

Mat teve diversas oportunidades para ignorá-las. O medalhão de prata se resfriou mais duas vezes antes que eles encontrassem a estrada, e várias vezes mais durante o dia, naquela noite, e em todos os dias e noites subsequentes. Às vezes, o frio vinha e sumia em um piscar de olhos, e às vezes ele tinha certeza de que perdurava por uma hora. Não era possível dizer qual delas era a responsável, claro. Ou normalmente não era possível. Uma vez, quando o calor o presenteara com uma assadura nas costas e o cachecol em torno do pescoço pareceu a ponto de lhe decapitar como uma serra, ele flagrou Nynaeve olhando para ele no momento em que o medalhão foi esfriando. A mulher fazia uma careta tão feia que um fazendeiro que passava ali perto, cutucando seu boi com um pedaço de pau para tentar fazer o animal andar mais rápido, espiou-a por cima do ombro como se estivesse com medo de que aquele olhar pudesse se voltar para ele a qualquer momento, talvez matando o boi preso às traves da carroça. Foi só quando Mat devolveu a careta que se sobressaltou e quase caiu da sela, e o frio cessou. Quanto às demais ocasiões, ele simplesmente não conseguia saber. Algumas vezes, podia ver duas ou três delas observando-o, inclusive Aviendha, que continuava a pé puxando sua égua. Outras, no momento em que ele se virava para olhá-las, estavam conversando entre si ou observando uma águia a voar pelo céu límpido, ou um grande urso negro, com uma vez e meia a altura de um homem, ficar de pé em meio às árvores numa encosta íngreme à vista da estrada. A única coisa boa em tudo isso era que Mat tinha a impressão de que Elayne estava descontente. Ele não sabia por quê, e não se importava. Como ela ousava. Inspecionava os seus homens. Elogiava-o com tapinhas nas costas. Fosse ele o tipo de homem capaz deste tipo de coisa, teria dado um pontapé nela.

Na realidade, contudo, ele começou a ficar um pouco presunçoso. O que quer que aquelas mulheres estivessem fazendo, não surtia nenhum efeito nele que um dedo de uma das pomadas de Nerim não pudesse curar. Nerim lhe garantiu que não se tratava de uma ulceração. Mat se sentiu presunçoso até a quarta tarde. Estava voltando depois de guardar Pips no estábulo da estalagem — O Arco do Sul era uma construção imunda de dois andares de tijolos com reboco branco em So Tehar, uma aldeia imunda de tijolos com reboco branco e muitas moscas — quando algo macio o acertou em cheio entre os ombros. Com as narinas impregnadas do cheiro de esterco de cavalo, ele se virou, pronto para torcer o pescoço de algum jovem cavalição ou de um dos grosseirões taciturnos de So Tehar, sem nem ligar se o sujeito tinha ou não uma faca. Não havia nenhum jovem cavalição e nenhum grosseirão. Só Adeleas, rascunhando compenetrada em seu livreto e assentindo para si mesma. Suas mãos estavam bem limpas.

Mat entrou, pediu um ponche para a estalajadeira, e então mudou de ideia e a fez lhe servir, em vez disso, um conhaque, um líquido turvo que a mulher magricela jurava ser feito de ameixa, mas cujo sabor era de algo que talvez servisse para remover ferrugem. Juilin se contentou em apenas fungar, e Thom não fez nem isso. Até Nalesean só fez dar um golinho antes de pedir um ponche, e Nalesean bebia qualquer coisa. Mat perdeu a conta de quantos minúsculos copinhos de estanho esvaziou, mas, independentemente de quantos tenham sido, foram necessários Nerim e Lopin juntos para levá-lo para a cama. Ele nunca se permitira pensar muito sobre se a cabeça de raposa tinha algum limite. Já tivera provas mais que suficientes de que ela deteria *saidar*, mas

se tudo o que elas precisassem fazer fosse usar o Poder para apanhar algum objeto e arremessá-lo nele... *Melhor que nada*, ficava repetindo para si mesmo, deitado em seu colchão encaroçado e observando as sombras do luar cruzarem o teto devagar. *Bem melhor que nada*. Mas, se tivesse sido capaz de levantar sozinho, teria voltado lá para baixo para tomar mais conhaque.

E era por isso que ele estava de péssimo humor, com a língua parecendo estar revestida de penas e a cabeça tomada por tocadores de tambor a martelá-los, além do suor lhe escorrendo pelo corpo por conta do sol a pino, quando, no quinto dia, a estrada chegou ao topo de uma elevação que revelou Ebou Dar ali abaixo, estendendo-se no amplo Rio Eldar com uma grande baía repleta de navios mais além.

Sua primeira impressão da cidade foi o branco. Construções brancas, palácios brancos, pináculos e torres brancas. Nas cúpulas parecidas com nabos ou peras brancas afiadas, viam-se com frequência anéis carmesins, azuis ou dourados, mas a cidade era, principalmente, branca, e refletia a luz do sol até quase doer nos olhos. O portão para onde a estrada conduzia dava num arco largo, alto e pontiagudo numa parede de reboco branco tão grossa que Mat cavalgou à sombra por vinte passadas antes de tornar a emergir para o sol. Parecia ser uma cidade de praças, canais e pontes, praças grandes cheias de gente, com fontes e estátuas no centro, canais largos e canais estreitos com homens prendendo barcas a estacas ao longo de seus cursos, pontes de todos os tamanhos, umas baixas, outras arqueando lá em cima, algumas tão grandes que até lojas se enfileiravam em suas laterais. Palácios com grossos pórticos colunados ficavam lado a lado com lojas que ofertavam tapetes e tecidos. Casas de quatro andares com imensas janelas em arco escondidas por detrás de venezianas horizontais ladeavam estábulos, cuteleiros e peixeiros.

Foi numa dessas praças que Vandene puxou as rédeas para discutir algo com Adeleas, enquanto Nynaeve franzia o cenho para as duas e Elayne observava tudo como se seus olhos fossem transformá-las em gelo. A pedido de Elayne, Aviendha montara em seu baio magricelo para a entrada na cidade, mas, àquela altura, já tinha descido com a mesma falta de habilidade com que subira na sela. Olhava para tudo quase com a mesma curiosidade de Olver, cujos olhos haviam se arregalado desde o primeiro momento em que a cidade surgiu. Birgitte dava a impressão de estar tentando se manter no encalço de Elayne numa imitação de Jaem com Vandene.

Mat aproveitou a oportunidade para se abanar com o chapéu e dar uma olhada no entorno.

O maior palácio que ele já tinha visto ocupava um lado inteiro da praça, repleto de cúpulas, pináculos e colunatas três ou quatro andares acima do chão. Nos outros três lados, casarões se misturavam a estalagens e lojas, cada qual tão branca quanto a outra. Uma estátua de mulher com as vestes ao vento, mais alta que um Ogier, ficava num pedestal ainda mais alto bem no meio da praça, um dos braços erguido para apontar para o sul, na direção do mar. Só havia umas poucas pessoas andando pelos paralelepípedos claros, o que, naquele calor, não era de se surpreender. Algumas faziam sua refeição do meio-dia no primeiro degrau do pedestal, e pombos e gaivotas revoavam aqui e ali lutando por restos de comida. Era uma cena de pura tranquilidade. Mat não entendeu por que, de repente, sentiu os dados rolando em sua cabeça.

Conhecia muito bem aquela sensação. Às vezes, sentia-a na jogatina quando sua sorte estava à toda. Ela sempre aparecia quando uma batalha se aproximava. E a sensação também parecia surgir quando havia alguma decisão vital a ser tomada, do tipo em que a escolha errada poderia muito bem ser fatal.

— Agora vamos entrar por um dos portões menores — anunciou Vandene. Adeleas estava assentindo com a cabeça. — Merilille vai cuidar para que nos deem quartos para descansar.

Aquilo devia significar que aquele era o Palácio Tarasin, onde Tylin Quintara, da Casa Mitsobar, ocupava o Trono dos Ventos e, na prática, governava talvez até cem milhas em torno de Ebou Dar. Uma das poucas coisas que Mat conseguira descobrir a respeito dos objetivos da viagem era que elas iriam se encontrar com outra Aes Sedai no palácio, e com Tylin, claro. As Aes Sedai teriam um encontro com a Rainha. Mat olhou para aquela imensidão de mármore reluzente e pedra com reboco branco e pensou em como seria ficar

naquele local. Costumava apreciar palácios. Gostava, pelo menos, de qualquer lugar com serviçais e ouro, e uma cama de penas cairia bem. Mas um Palácio Real significava avistar nobres sempre que se virasse a cabeça para o lado. Mat preferia nobres em doses moderadas — até Nalesean podia ser irritante. Um palácio daquele tamanho ou o faria se perguntar o tempo inteiro onde Nynaeve e Elayne estariam ou talvez ficar o tempo todo de olho nelas. Mat não tinha certeza se seria pior se elas permitissem que ele as acompanhasse até lá como um guarda-costas ou se recusassem. Ele quase era capaz de escutar Elayne dizendo com aquela voz calma: “Encontrem por gentileza acomodações para Mestre Cauthon e para os meus homens. Cuidem para que eles sejam alimentados e tenham água.” Ah, ela com certeza faria isso. Apareceria de supetão para as suas inspeções e para mandá-lo fazer alguma coisa que ele já estava a ponto de fazer. Ainda assim, se havia algum local onde ela e Nynaeve estariam seguras, esse local era dentro do palácio de uma rainha. Além disso, o que Mat queria era algum lugar onde pudesse colocar os pés para cima e tomar ponche com uma garota em seu colo para lhe acalmar os ânimos. Toalhas úmidas também cairiam bem. Sua cabeça doía. O sermão afetado que Elayne dera naquela manhã sobre os males da bebida e sobre dar exemplo para os outros homens ainda ecoava em seus ouvidos. Era mais uma razão pela qual ele precisava bater o pé. Estivera fraco demais para retrucar, tendo acabado de sair da cama e já se perguntando se conseguiria se lançar sobre o dorso de Pips, e ela já tinha ido longe demais muitas vezes. Se ele não botasse logo um ponto final naquilo, Elayne acabaria fazendo com que *ele* a saudasse com a mão na testa.

Tudo aquilo lhe passou pela cabeça no intervalo de tempo necessário para Vandene virar seu capão baio na direção do palácio.

— Vou providenciar quartos em uma destas estalagens para os meus homens — disse ele bem alto. — Se você ou Elayne quiserem sair para a rua, Nynaeve, podem mandar me avisar, e eu trato de trazer alguns homens para acompanhá-las por aí. — Provavelmente não iriam querer, já que quando uma mulher achava que sabia cuidar de si, ninguém poderia convencê-la do contrário, mesmo se ela estivesse querendo pular numa fossa com ursos para lutar com as próprias mãos, mas Mat podia apostar que Vanin conseguiria dar um jeito de descobrir sempre que elas saíssem. E, se não, havia Juilin. Um caçador de ladrões deveria ser capaz disso. — Pode ser aquela ali. — Escolhendo aleatoriamente, Mat apontou para uma construção larga no outro lado da praça. Uma placa que ele não conseguia identificar balançava em cima da entrada em arco.

Vandene olhou para Adeleas. Elayne olhou para Nynaeve. Aviendha franziu a testa para ele.

Mat, porém, não deu chance para que nenhuma delas dissesse nada.

— Thom, Juilin, que tal umas canecas de ponche? — Talvez água fosse melhor. Nunca em sua vida ele havia bebido tanto assim.

Thom balançou a cabeça.

— Quem sabe mais tarde, Mat. Melhor eu ficar por perto, caso Elayne precise de mim. — O sorriso quase paternal que o homem dirigiu a ela sumiu quando ele a viu encarando Mat com uma expressão pasma. Juilin não sorriu, o que já quase não fazia nos últimos tempos, mas também respondeu que deveria ficar por perto e que, mais tarde, talvez.

— Como quiserem — respondeu Mat, recolocando o chapéu. — Vanin. Vanin! — O gordo tomou um susto e desfez o olhar de veneração que dirigia a Elayne. Chegou até a enrubescer! Luz, aquela mulher era má influência.

Enquanto Mat girava Pips, a voz de Elayne o alcançou pelas costas, ainda mais afetada que naquela manhã:

— Você não pode deixar que eles bebam em excesso, Mestre Cauthon. Alguns homens não sabem a hora de parar. Você com certeza não deveria permitir que um garotinho veja marmanjos bebendo além da conta.

Mat trincou os dentes e cruzou a praça a cavalo sem olhar para trás. Olver estava olhando para ele. Mat teria de alertar os homens quanto a ficarem bêbados na frente do garoto, Mendair em especial. Luz, mas como Mat odiava que ela lhe dissesse o que ele deveria fazer!

A estalagem acabou por se chamar A Mulher Errante, mas a placa acima da porta e o salão prometiam tudo o que Mat queria. O aposento de pé-direito alto por certo era mais fresco que a rua, com suas janelas largas em arco escondidas por detrás de venezianas de madeira entalhadas em forma de arabesco. Parecia haver mais buracos que madeira, mas elas ensombreciam o ambiente. Forasteiros misturavam-se aos locais, um murandiano magricelo com bigode curvo, um kandoriano robusto com duas correntes de prata a lhe perpassarem o peitoral do casaco, e outros que Mat não reconheceu logo de cara. Uma névoa sutil de fumaça de cachimbo preenchia o ar, e duas mulheres tocando flautas estridentes e um sujeito com um tambor entre os joelhos ofereciam um tipo estranho de música. O melhor de tudo: as atendentes eram bonitas e homens jogavam dados em quatro mesas. O mercador kandoriano estava jogando cartas.

A imponente estalajadeira se apresentou como Setalle Anan, embora seus olhos cor de mel não fossem de Ebou Dar.

— Bem, milordes... — Grandes argolas de ouro em suas orelhas se sacudiram quando ela curvou a cabeça tanto para Mat quanto para Nalesean. — A Mulher Errante poderia lhes oferecer suas humildes acomodações?

Apesar de alguns fios grisalhos, a mulher era bonita, mas Mat observou seus olhos. Setalle usava uma faca de casamento que pendia de uma gola justa, o cabo cravejado de pedras vermelhas e brancas aninhando-se em seu decote generoso, e ela também carregava na cintura uma daquelas facas curvas. Mesmo assim, ele não pôde deixar de sorrir.

— Senhora Anan, eu já me sinto em casa.

O estranho era que os dados haviam parado de rolar em sua cabeça.





APOIADAS NA FACA

Nynaeve saiu da grande banheira de cobre, uma toalha branca enrolada na cabeça, e se secou bem devagar. A serviçal roliça de cabelos grisalhos tentou ajudar a vesti-la, mas Nynaeve a mandou embora, ignorando seus protestos e olhares assustados, e botou as roupas sozinha, examinando no espelho o vestido verde-escuro de saias estreitas e gola larga de renda de Merada clara. O pesado anel de ouro de Lan repousava em sua bolsinha — melhor nem pensar nele — ao lado de um dos anéis *ter'angreal* retorcidos, enquanto a Grande Serpente reluzia no terceiro dedo da mão direita. Mão direita. Melhor também não pensar naquilo.

Havia uma pintura bonita no teto alto, um céu azul com nuvens brancas, e, apesar de toda a mobília estar elevada e amparada por patas de leão douradas estranhamente grandes e os suportes da cama, pés das cadeiras e qualquer armário ou mesinha ter caneluras e douraduras demais para seu gosto, ainda era um quarto mais confortável do que qualquer um em que estivera em muito tempo. Um aposento agradável, fresco e ameno. Todas essas observações eram porque Nynaeve estava tentando se acalmar.

Não funcionou, claro. Sentira *saidar* sendo tecida e, assim que saiu do quarto, viu o selo de proteção que Elayne confeccionara e atara ao redor da sala de estar. Birgitte e Aviendha também já estavam lá, todas asseadas e vestidas.

Quatro quartos davam para uma única sala de estar, o que Birgitte afirmou se tratar de um arranjo até bem comum na região. A sala também tinha o teto alto com pinturas de céu e nuvens, e quatro janelas altas em arco se abriam para uma comprida varanda envolvida por uma grade de ferro pintado de branco e forjado em padrão tão intrincado que uma pessoa ali, parada, conseguiria espiar a Praça Mol Hara lá embaixo sem ser vista por quem estivesse andando pela frente do Palácio. Uma brisa tênue entrava pelas janelas, trazendo cheiro de maresia, e — o que era incrível — deixando o ambiente até um pouco fresco. A raiva interferia na concentração, e Nynaeve estava morrendo de calor desde que tinham chegado ao Palácio Tarasin.

Thom e Julin haviam sido alojados em um quarto em algum lugar nas profundezas dos alojamentos dos serviçais, o que pareceu irritar mais Elayne do que qualquer um dos dois. Thom até riu. Em todo caso, *ele* podia se dar ao luxo de rir dessas coisas.

— Tome um pouco deste chá, Nynaeve, está delicioso — recomendou Elayne, cobrindo as saias azuis com um guardanapo branco.

Assim como tudo na sala de estar, a cadeira larga em que a jovem estava acomodada tinha aquelas mesmas bolas douradas nos pés, além de outras no topo do imenso espaldar acima de sua cabeça. Aviendha

estava sentada ao lado dela, mas no chão, mantendo as pernas cruzadas sob a saia de um vestido de gola alta que por pouco não tinha o tom exato do ladrilho verde-claro abaixo. O intrincado colar de prata caía muito bem com a roupa. Nynaeve achava que nunca vira a Aiel sentada em uma cadeira — ela havia recebido alguns olhares estranhos nas duas estalagens em que tinham se hospedado.

— É de menta e amoras-silvestres — acrescentou Birgitte, enchendo outra delicada xícara de porcelana dourada, sem esperar que ela concordasse em beber.

Birgitte usava calças folgadas de um tom cinza e um casaquinho curto azul. Vez ou outra a mulher até usava vestidos, mas Nynaeve nunca ficava muito feliz com a escolha dos modelos. Ah, estavam todas as três vestidas e enfeitadas, mas ninguém as queria.

O cântaro de prata reluzia com a condensação, e o chá estava gelado e refrescante. Nynaeve admirou o rosto de Elayne, calmo e seco — ela própria já se sentia meio suada de novo, apesar da brisa.

— Devo dizer que esperava uma recepção diferente — resmungou.

— Esperava mesmo? — indagou Elayne. — Depois da forma como Vandene e Adeleas nos trataram?

Nynaeve suspirou.

— Tudo bem, tudo bem: *torcia* por uma recepção diferente. Finalmente virei Aes Sedai, uma Aes Sedai de verdade, e ninguém parece acreditar. Estava mesmo torcendo para ver alguma diferença depois de sair de Salidar.

O encontro delas com Merilille Caendevin não tinha ido bem. A apresentação delas para a mulher, melhor dizendo. Vandene as apresentara com palavras quase superficiais, então foram dispensadas para que as *verdadeiras* Aes Sedai pudessem conversar. Merilille apenas dissera que elas com certeza gostariam de se refrescar um pouco, mas tinha sido uma dispensa, e lhes restara apenas a opção de saírem da sala como Aceitas obedientes ou de se recusarem feito crianças mimadas. Só de lembrar, Nynaeve falhava em todas as tentativas de se acalmar e o suor voltava a escorrer por seu rosto.

Serem dispensadas não foi a pior parte, na verdade. Merilille era uma cairhiena esbelta, com a pele de uma palidez elegante, cabelo preto lustroso e olhos grandes e límpidos. A mulher era uma Cinza que parecia não se surpreender com nada — nem nunca ter se surpreendido na vida, aliás —, mas arregalara os olhos escuros quando ouviu que Nynaeve e Elayne eram Aes Sedai, e mais ainda ao ficar sabendo que Egwene fora elevada a Trono de Amyrlin. E também ficou ainda mais pasma ao saber que Birgitte era Guardiã, apesar de àquela altura já ter conseguido se recuperar a ponto de conter a reação a uma simples encarada e uma breve contração dos lábios. Aviendha foi a que escapou mais fácil; Merilille só murmurou alguma coisa sobre como a Aiel iria adorar ser noviça. Então veio a dispensa, junto com uma sugestão — uma sugestão que mais soara uma ordem — para que passassem vários dias se *recuperando* dos rigores da viagem.

Nynaeve tirou o lenço da manga e abanou o rosto com o quadrado rendado. Claro que não adiantou de muita coisa.

— Ainda acho que elas estão escondendo alguma coisa.

— Sério, Nynaeve? — Elayne balançou a cabeça. — Eu também não gosto nada de como estamos sendo tratadas, mas você está fazendo tempestade num copo d'água. Se Vandene e Adeleas quiserem procurar fugitivas, deixe procurarem. Preferiria que estivessem tentando assumir o controle da busca pela tigela?

Fora exatamente o medo de ter as duas mais velhas assumindo o comando da busca que as levava a quase não mencionarem o *ter'angreal* durante a viagem.

Tivessem aqueles temores se concretizado ou não, Nynaeve ainda achava que aquelas duas estavam escondendo algo. Elayne só não queria admitir. Adeleas não percebeu quando Nynaeve a ouviu comentar que buscariam fugitivas assim que elas chegassem a Ebou Dar, e quando perguntou se as duas achavam mesmo que encontrariam alguma, Vandene respondeu depressa demais, alegando que sempre se mantinham alertas para jovens que tivessem fugido da Torre. E aquilo não fazia sentido. Ninguém fugira de Salidar, apesar de algumas

noviças de fato fugirem da Torre Branca, volta e meia — a vida dura lá não era fácil, e teriam anos de obediência pela frente, antes de poderem se dar ao luxo de começar a agir de acordo com a própria vontade —, e até algumas Aceitas mais desesperadas com a perspectiva de o dia de usar o xale nunca chegar, mas até Nynaeve sabia que poucas conseguiam sair da ilha de Tar Valon e quase todas acabavam arrastadas de volta. Claro que a pessoa poderia ser expulsa, fosse pela falta de força com o Poder, por não passar ou até se recusar a fazer o teste para Aceita ou para Aes Sedai — teste do qual ela e Elayne tinham se livrado, aliás. Mas ir embora da Torre nunca era uma decisão pessoal, a menos que a pessoa já usasse o xale.

Então, se era tão raro haver fugitivas bem-sucedidas, por que Vandene e Adeleas achavam que encontrariam alguma em Ebou Dar? E por que tinham ficado tão quietas quando ela perguntou? Bem, de todo modo, achava que sabia a resposta da última pergunta e teve que se controlar muito para não puxar a trança. Achava que estava ficando melhor naquela coisa de autocontrole.

— Pelo menos Mat finalmente sabe que somos Aes Sedai — grunhiu. Ah, pelo menos agora podia dar conta dele. Mat que tentasse alguma coisa, aí veria como era ser alvo de tudo o que ela conseguisse jogar nele com fluxos de Ar. — Já não era sem tempo.

— Por isso que você o evita feito uma cheltana fugindo do coletor de impostos? — indagou Birgitte, abrindo um sorriso, e Nynaeve sentiu o rosto enrubescer. Estivera convencida de que tinha conseguido disfarçar seus sentimentos.

— Ele é muito irritante, até para um homem — murmurou Aviendha. — Você deve ter viajado muito, Birgitte. Sempre comenta de lugares de que eu nunca ouvi falar. Um dia, queria viajar pelas terras aguacentas e ver todos esses lugares estranhos. Onde fica essa... Cheltan? Chelta?

A pergunta tirou aquele sorriso irritante da cara de Birgitte. Fosse onde fosse, aquele lugar já devia estar morto havia mil anos, talvez até datasse de uma Era mais antiga. Ah, ela sempre falava de lugares e objetos antigos. Nynaeve queria ter estado lá para vê-la admitir para Egwene o que esta já sabia — a jovem adquirira uma força impressionante durante o tempo que viveu com os Aiel, e passara a tolerar poucas coisas que considerasse bobagem. Birgitte voltara da conversa com cara de quem levava uma boa bronca.

Ainda assim, gostava bem mais de Birgitte que de Aviendha — a Aiel às vezes a deixava muito desconfortável, com aqueles olhares firmes e a sua sede de sangue. E não importava quão irritante Birgitte pudesse ser: Nynaeve prometera que a ajudaria a guardar seu segredo.

— Mat... me ameaçou — afirmou, mais do que depressa. Foi o primeiro assunto que lhe veio à cabeça para distrair Aviendha, mas era a última coisa que gostaria que alguém mais soubesse. Sentiu as bochechas esquentarem outra vez. Elayne até chegou a sorrir, embora tenha tido a delicadeza de esconder o rosto com a xícara. — Não desse jeito que vocês estão pensando — acrescentou, quando Aviendha franziu o cenho e levou a mão à faca do cinto. A Aiel parecia pensar que tudo se resolvia com violência. — Foi só... — Aviendha e Birgitte a encararam, todas ouvidos. — Ele só disse...

Elayne a acudiu, como ela fizera com Birgitte.

— Acho que chega de falar sobre Mestre Cauthon — opinou a Filha-herdeira, com firmeza. — Ele só está aqui para que não fique amolando Egwene, e posso descobrir como lidar com aquele *ter'angreal* mais tarde. — Ela comprimiu os lábios por um momento. Não ficara nada feliz quando Vandene e Adeleas começaram a canalizar em Mat sem nem se consultar com ela, e menos ainda quando o rapaz escapou para aquela estalagem. Claro que não havia o que fazer. Elayne alegava que, ao mandá-lo fazer o que ele já teria que fazer de qualquer jeito, poderia fazê-lo criar o hábito de obedecer-lhe. Bem, boa sorte para ela. Elayne concluiu o pensamento com uma voz ainda mais firme: — Ele é o que menos importa nesta viagem.

— É mesmo. — Nynaeve quase não conseguiu disfarçar o alívio na voz. — É, o que importa é a tigela.

— Acho que é melhor eu primeiro fazer um reconhecimento do lugar — ponderou Birgitte. — Ebou Dar me parece mais turbulenta do que me lembro, e o distrito que você descreveu pode ser ainda pior que... —

Ela tentou disfarçar quando olhou para Aviendha. — Que o resto da cidade — concluiu, com um suspiro.

— Se temos que fazer algum reconhecimento — intrometeu-se a Aiel, ansiosa —, quero estar envolvida. Ainda tenho um *cadin'sor*.

— Um bom batedor sempre precisa se misturar — retrucou Elayne, com toda a delicadeza. — Acho melhor encontrarmos vestidos típicos daqui para *todas* nós, aí poderemos ir procurar juntas, e assim ninguém vai chamar atenção. Se bem que vai ser muito mais fácil para Nynaeve — acrescentou, sorrindo para Birgitte e Aviendha.

Até onde tinham visto, as locais tinham cabelo escuro, e a maioria parecia ter olhos quase negros.

Aviendha soltou um suspiro desalentado, e Nynaeve quase a imitou, pensando naqueles decotes reveladores. Eram profundos demais, mesmo que fossem estreitos. Birgitte até sorriu — a mulher não tinha o menor pudor.

Antes que a conversa progredisse, uma mulher de cabelo preto e curto trajando o uniforme da Casa Mitsobar entrou sem bater, o que Nynaeve considerava falta de educação, não importava quanto Elayne insistisse que se tratava de um comportamento adequado para serviçais. A mulher usava um vestido branco cuja saia aberta na altura do joelho esquerdo deixava à mostra a anágua verde, com um corpete apertado com o brasão da Âncora e da Espada bordado em verde no seio esquerdo. Até o decote estreito do uniforme era tão baixo quanto qualquer vestido local, pelo que Nynaeve se lembrava. A mulher rechonchuda, já em algum ponto da meia-idade, hesitou ao entrar, então fez uma reverência e se dirigiu a todas:

— A Rainha Tylin deseja ver as três Aes Sedai, caso seja possível.

Nynaeve trocou olhares inquisitivos com Elayne e as outras.

— Somos apenas duas Aes Sedai — respondeu Elayne, depois de um instante. — Será que não era com Merilille que você deveria ter ido falar?

— Fui orientada até aqui... Aes Sedai. — A pausa foi tão curta que mal se podia notar, mas o título foi acompanhado de um leve tom indagativo.

Elayne se levantou, alisando as saias. Nenhum estranho suspeitaria de que aquele rosto calmo escondia alguma raiva, mas havia um quê de tensão nos cantos dos olhos e da boca.

— Vamos, então? Nynaeve? Aviendha? Birgitte?

— Eu não sou Aes Sedai, Elayne — retrucou Aviendha.

A serviçal logo ressaltou:

— Apenas as Aes Sedai, foi o que me disseram.

— Aviendha e eu podemos dar uma olhada na cidade enquanto vocês conversam com a Rainha — sugeriu Birgitte, antes que Elayne pudesse abrir a boca.

A Aiel pareceu se animar. Elayne lançou um olhar penetrante para as duas, mas acabou acrescentando, com um suspiro:

— Bem, ao menos tomem cuidado. Nynaeve, você vem ou também quer ir dar uma olhada na cidade? — A última frase saiu meio seca, com mais uma olhadela para Birgitte.

— Ah, eu não perderia isso por nada — rebateu Nynaeve. — Vai ser bom finalmente conversar com alguém que... — Não podia terminar a frase com a criada ali, então apenas disse: — Melhor não deixarmos a Rainha esperando.

— Ah, não — concordou a serviçal. — Melhor não arriscar, já que o preço é alto.

Não importava qual fosse o preço, ainda levaram um tempo atravessando os corredores. Como se para compensar todo o branco lá fora, o Palácio era cheio de cor. Um dos corredores tinha o teto pintado de verde e as paredes de azul, e outro tinha paredes amarelas e o teto rosa-claro. Os ladrilhos do piso eram em forma de diamantes, alguns em variados tons de vermelho, outros de uma combinação em branco e preto, outros em azul e amarelo e em quase qualquer combinação e tom. Havia pouquíssimas tapeçarias, e em geral de

cenas marinhas, mas uma boa quantidade de compridos vasos de porcelana dourada do Povo do Mar repousava em nichos arqueados, junto com grandes pedaços de cristal entalhado, estatuetas, vasos e vasilhas — tudo aquilo saltava aos olhos de Nynaeve e também de Elayne.

Claro que havia serviçais apressados por toda parte, e a versão masculina do uniforme era composta de calças brancas e um colete verde bem longo por cima de uma camisa branca com mangas pregueadas e folgadas. Antes que avançassem muito, Nynaeve avistou uma pessoa vindo na direção delas e agarrou o braço de Elayne. Era Jaichim Carridin. Quando ele passou, Nynaeve não conseguiu tirar os olhos do sujeito alto e grisalho, com aqueles olhos profundos e cruéis que sequer se viraram para as duas, o manto branco esparramando-se atrás dele. O rosto estava coberto de suor, mas ele ignorava as gotículas com a mesma ênfase que as ignorou.

— O que ele está fazendo aqui? — indagou Nynaeve.

Aquele homem fora responsável por uma carnificina em Tanchico, e só a Luz sabia por onde mais a matança se espalhara.

A serviçal a encarou, questionadora.

— Ora, os Filhos da Luz também enviaram uma missão diplomática, meses atrás. A Rainha... Aes Sedai?

— Outra vez aquela hesitação ao usar o título.

Elayne conseguiu aquiescer com toda a graça e delicadeza do mundo, mas Nynaeve não conseguiu disfarçar a aspereza na própria voz:

— Bem, melhor não a deixar esperando.

Merilille deixara escapar que a tal de Tylin se tratava de uma mulher muito meticulosa e formal. Mas, se também começasse a duvidar de que as duas eram Aes Sedai... bem, Nynaeve estava com o humor certo para provar seu título.

A serviçal as conduziu até um grande aposento de teto azul-claro e paredes amarelas, e uma sucessão de imensas janelas de arcos triplos dava para uma comprida varanda de ferro, por onde entrava uma brisa marinha bastante agradável. Ao se ver diante da Rainha, Nynaeve e Elayne fizeram suas medidas, ambas apropriadas a uma Aes Sedai diante de um governante: uma inclinação sutil, acompanhada de uma discreta medida com a cabeça.

Tylin era uma mulher das mais imponentes. Da altura de Nynaeve, portava-se com tamanha majestade que Elayne precisaria se esforçar muito para fazer frente a ela, mesmo em seus melhores dias. A mulher deveria ter respondido com uma medida idêntica, mas não o fez. Em vez disso, seus grandes olhos negros as examinaram com uma intensidade imperial.

Nynaeve retribuiu o olhar o melhor que pôde. Ondas de cabelo negro lustroso, já grisalho nas têmporas, pendiam até bem abaixo dos ombros de Tylin, emoldurando o rosto bonito, ainda que com rugas. Para sua surpresa, viu duas cicatrizes nas bochechas da Rainha, ambas muito finas e tão antigas que já tinham quase desaparecido. Claro que ela usava uma daquelas facas curvas enfiada em um cinto de ouro trançado, o punho e a bainha com gemas tão grandes incrustadas que Nynaeve teve certeza de que eram puro exibicionismo. O vestido de seda azul de Tylin não era nada que alguém fosse trajar para um duelo, com babados de renda brancos como a neve que ficavam a ponto de esconder os dedos caso ela abaixasse as mãos. A frente da saia acabava logo acima dos joelhos, expondo camadas de anáguas de seda verde e branca, mas atrás se esparramavam por uma passada ou mais. O corpete, enfeitado com a mesma renda, era tão apertado que Nynaeve não sabia se devia ser mais desconfortável ficar sentada ou de pé com aquilo. Uma gargantilha de ouro trançado sobre a gola alta do vestido, com ainda mais renda acumulando sob o queixo, sustentava uma faca de casamento, com o cabo para baixo, pendendo sobre a fenda oval do decote — um decote tão profundo que rivalizava com qualquer um que ela já vira.

— Vocês duas devem ser Elayne e Nynaeve. — Tylin ocupou uma cadeira entalhada para imitar bambu,

ainda que coberta de douraduras, e arrumou as saias com cuidado, sem tirar os olhos das duas. Tinha uma voz profunda, melodiosa e impositiva. — Soube também de uma terceira... Aviendha?

Nynaeve e Elayne se entreolharam. Não houvera nenhum convite para que se sentassem, nem mesmo uma olhada na direção de alguma cadeira.

— Ela não é Aes Sedai — começou Elayne, com toda a calma.

Antes que a jovem pudesse dizer qualquer outra coisa, Tylin se adiantou:

— E vocês são? Você viveu no máximo dezoito invernos, Elayne. E você, Nynaeve, me encarando feito um gato com o rabo preso, viveu quantos? Vinte e dois? Vinte e três, talvez? Ah, que me espetem o fígado! Já visitei Tar Valon, fui à Torre Branca. Duvido que alguma mulher da idade de vocês já tenha usado esse anel de serpente na mão direita.

— Vinte e seis! — retrucou Nynaeve. Depois de viver com boa parte do Círculo das Mulheres de Campo de Emond a achando jovem demais para ser Sabedoria, tinha adquirido o hábito de se vangloriar de todos os dias do nome que pudesse reivindicar para si. — Tenho vinte e seis e sou uma Aes Sedai da Ajah Amarela. — Ainda sentia uma pontada de orgulho ao dizer aquilo. — Elayne até pode ter dezoito, mas também é Aes Sedai, e da Ajah Verde. Acha que Merilille ou Vandene nos deixariam usar estes anéis de brincadeira? Muita coisa mudou, Tylin. O Trono de Amyrlin, Egwene al’Vere, tem a mesma idade de Elayne.

— Tem, é? — retrucou a Rainha, com a voz neutra. — Não me disseram. Primeiro a Aes Sedai que estive ao meu lado desde que assumi o trono, e que, antes de mim, aconselhava meu pai, volta para a Torre de repente e sem nenhuma explicação, só depois descubro que os boatos sobre a Torre dividida são verdadeiros... Depois os Devotos do Dragão parecem brotar do chão, então uma Amyrlin é escolhida para se opor a Elaida, e as dissidentes reúnem um exército comandado por um dos grandes capitães, dentro de Altara sem eu nem ficar sabendo... Bem, com tudo isso acontecendo, não se pode esperar que eu vá morrer de amores com essas surpresas.

Nynaeve torcia para que seu rosto não transmitisse o enjoo que sentia. Por que não aprendia a controlar a língua? De repente, percebeu que não conseguia mais sentir a Fonte Verdadeira — a raiva e a vergonha não conviviam muito bem. Bom, talvez fosse melhor assim. Se pudesse canalizar, talvez fizesse ainda mais papel de tola.

Sem nem hesitar, Elayne tomou a iniciativa de pôr panos quentes:

— Sei que já ouviu isto antes, mas me permita acrescentar minhas desculpas às de Merilille e as outras. Foi um erro reunir um exército dentro de suas fronteiras sem sua permissão. Só o que posso lhe oferecer como atenuante é que tudo aconteceu muito rápido e que nós, em Salidar, também acabamos pegas de surpresa com a magnitude de tudo. Não que isso seja desculpa. Posso jurar que não há intenção de fazer nenhum mal a Altara e que nunca tivemos a menor intenção de insultar o Trono dos Ventos. Agora mesmo, enquanto conversamos, Gareth Bryne está conduzindo o exército para o norte, para fora de Altara.

Tylin a encarou sem nem piscar.

— Não ouvi nenhuma palavra de desculpas ou de arrependimento antes das suas. Bem, qualquer governante de Altara deve aprender a engolir insultos de forças mais poderosas, e sem um copo d’água para ajudá-los a descer. — Ela respirou fundo e indicou a cadeira, as rendas das mangas balançando. — Sentem-se, as duas. Apoiem-se nas facas e soltem a língua. — O pequeno sorriso que ela abriu parecia prestes a se alargar. — Não sei como dizem isso em Andor. Fiquem à vontade e podem falar o que vier à cabeça.

Nynaeve achou ótimo ver os olhos azuis de Elayne se arregalarem de surpresa, já que ela própria arfou bem alto. Era aquela a mulher que Merilille afirmara exigir cerimônia entalhada em mármore polido? Ficou mais que satisfeita em se sentar. Considerando todas as correntes que se escondiam entre as Aes Sedai de Salidar, ficou se perguntando se Tylin estaria tentando... bem, tentando o quê? Já passara a esperar que todos que não fossem amigos bem próximos tentassem manipulá-la. Elayne se sentou bem na pontinha da cadeira,

muito rija.

— Eu estou falando sério — insistiu Tylin. — Não importa o que as duas disserem, prometo não me ofender.

Ainda assim, a julgar pelo modo como ela tamborilava no punho incrustado da faca presa à cintura, o silêncio poderia ser considerado uma ofensa.

— Não sei bem por onde começar — disse Nynaeve por fim, um tanto hesitante. Preferia que Elayne não tivesse aquiescido ao ouvi-la falar aquilo. Ela é que devia saber como lidar com reis e rainhas. Por que a menina não começava logo a falar?

— Bem, comece contando o porquê — rebateu a Rainha, impaciente. — Por que mais quatro Aes Sedai vieram de Salidar aqui para Ebou Dar? Não pode ser para diminuir a influência da missão diplomática de Elaida, já que Teslyn nem se atreve a se chamar disso, e só vieram ela e Joline... Ah, vocês não sabiam? — Jogando o corpo para trás, na cadeira, a Rainha começou a rir, apertando a mãos contra os lábios. — Vocês pelo menos sabem dos Mantos-brancos, não sabem? — Ela sacudiu a mão livre, como se cortasse o ar diante de si. O arroubo de divertimento foi se amainando aos poucos. — Mas que ousadia dos Manto-brancos! Mas, bem, preciso ouvir a todos que me cortejam, tanto o Lorde Inquisidor Carridin quanto os outros.

— Mas por quê? — indagou Nynaeve. — Fico feliz que você não goste dos Mantos-brancos, mas, nesse caso, por que precisa escutar Carridin? Aquele homem é um carnicheiro!

Na mesma hora, soube que cometera outro erro. Soube disso assim que viu o modo como Elayne de repente passou a analisar a enorme lareira branca, com a larga cornija entalhada em ondas altíssimas — a certeza veio antes mesmo que o último vestígio da risada de Tylin se apagasse feito uma vela.

— Bem, vocês de fato me levaram ao pé da letra — afirmou a Rainha, tranquila. — Ora, eu disse para vocês soltarem a língua, então... — Aqueles olhos escuros se voltaram para os ladrilhos do piso, e ela pareceu se recompor.

Em busca de alguma pista do que fizera de errado — ou melhor, de como consertar as coisas —, Nynaeve olhou para Elayne, que apenas a encarou de soslaio e balançou a cabeça bem de leve, antes de voltar a analisar as ondas de mármore. Será que também deveria evitar olhar para Tylin? Mas a Rainha, ainda encarando o chão, fez algo que lhe chamou a atenção: com uma das mãos, alisou o punho da adaga curva enquanto, com a outra, correu os dedos pelo punho da arma menor, aninhada entre os seios.

A faca de casamento dizia muito sobre Tylin. Vandene e Adeleas tinham se mostrado mais que dispostas a explicar algumas coisas sobre Ebou Dar, em geral os aspectos que faziam a cidade parecer pouco segura para qualquer um que não andasse cercado por dez guardas em armaduras. A bainha branca indicava que a Rainha ficara viúva e não pretendia voltar a se casar, enquanto as quatro pérolas e a gota de fogo incrustada no punho da arma, envolto em ouro, indicavam que ela dera à luz quatro filhos e uma filha. Por sua vez, o esmalte branco que amparava a gota de fogo e o esmalte vermelho em três das pérolas salientavam que apenas um dos filhos sobrevivera — e todos tinham pelo menos dezesseis anos quando morreram em algum duelo, ou as joias estariam amparadas em esmalte preto. Como seria carregar aquela lembrança o tempo todo? Vandene dissera que as mulheres viam o esmalte vermelho e o branco como motivo de orgulho, fossem para amparar pérolas, gotas de fogo ou vidro colorido. Vandene ainda dissera que muitas mulheres removiam as pedras dos filhos com mais de dezesseis anos que se recusavam a duelar e nunca mais sequer dirigiam a palavra a eles.

Depois de um bom tempo, Tylin ergueu a cabeça. Estava com o rosto tranquilo, e a mão soltou a adaga no cinto. Ainda assim, ela não parou de dedilhar a faca de casamento, distraída.

— Quero que meu filho me suceda no Trono dos Ventos — comentou, em tom ameno. — Beslan tem a sua idade, Elayne. Esse seria o curso normal das coisas em Andor, embora ele tivesse que ser mulher... — Ela abriu um sorriso sincero, parecendo achar aquilo divertido. — E seria assim em qualquer outra terra, exceto Murandy, onde as questões são bem parecidas com Altara. Nos mil anos que se passaram desde o reinado de

Artur Asa-de-gavião, apenas uma Casa ocupou o trono por cinco gerações, e a queda de Anarina foi tão abrupta que, até hoje, a Casa Todande lambe as botas de qualquer um que deixe. Nenhuma outra Casa jamais teve mais do que dois governantes em sequência.

“Quando o meu pai assumiu o trono, havia Casas com mais posses pela cidade do que os Mitsobar. Se ele sáisse deste palácio sem guardas, seria amarrado numa saca cheia de pedras e jogado no rio. Quando ele morreu, deixou para mim tudo o que tenho hoje. É pouco, em comparação com outros governantes. Um homem com cavalos descansados conseguiria atingir os limites de meus domínios em apenas um dia de cavalgada intensa. Bem, mas não fiquei aqui parada sem fazer nada. Quando chegaram as notícias sobre o Dragão Renascido, tive certeza de que poderia entregar o dobro do que possuo a Beslan e deixar ainda mais aliados para ele. A Pedra de Tear e *Callandor* mudaram tudo. Agora, agradeço a Pedron Niall quando ele faz algum acordo para que Illian tome apenas uma faixa de cem milhas do território de Altara, em vez de nos invadir de vez. Recebo Jaichim Carridin sem cuspir na cara dele, a despeito dos muitos altaranos que morreram na Guerra dos Mantos-brancos. Escuto Carridin, Teslyn e Merilille e rezo para que com isso ainda me reste algo para passar ao meu filho, em vez de acabar afogada na banheira do meu quarto no mesmo dia em que Beslan sofrer um acidente fatal durante uma caçada.”

Tylin respirou fundo. Seu rosto permanecia calmo, mas a voz saía cortante.

— Chega. Já me expus como se estivesse com os seios nus no mercado de peixe. Agora me respondam: por que essa honra de receber mais quatro Aes Sedai?

— Estamos aqui atrás de um *ter'angreal* — respondeu Elayne. Nynaeve a encarou, perplexa, mas a jovem contou tudo, desde *Tel'aran'rhiod* até os detalhes sobre a poeira que cobria a sala onde estava a tigela.

— Ah, acertar o clima seria uma bênção, um milagre — divagou Tylin, hesitante. — Mas parece que vocês estão descrevendo o bairro Rahad, do outro lado do rio. Até a Guarda Civil pisa em ovos por lá. Me perdoem, entendo que vocês sejam Aes Sedai, mas, se forem ao Rahad, podem acabar com uma faca enterrada nas costas em um piscar de olhos. E, se as suas roupas forem de boa qualidade, eles vão usar uma lâmina bem estreita para não sangrar muito. Talvez seja melhor deixar essa busca a cargo de Vandene e Adeleas. Acho que elas já viveram alguns anos a mais, já andaram por lugares desse tipo.

— Elas falaram alguma coisa sobre a tigela?! — questionou Nynaeve, franzindo o cenho, mas a Rainha fez que não com a cabeça.

— Só disseram que estavam aqui procurando alguma coisa. As Aes Sedai nunca dizem mais que o estritamente necessário. — Mais uma vez aquele sorriso. Ela parecia feliz, embora o sorriso deixasse suas cicatrizes mais evidentes, linhas finas lhe cortando as bochechas. — Isso era o que eu pensava antes de conhecer vocês duas. Que os anos não as transformem tanto assim. Sempre me pego pensando em como seria bom se Cavandra não tivesse voltado para a Torre, a gente conseguia ter essas conversas bem francas. — Ela se levantou, mas gesticulou para que as duas permanecessem sentadas, então foi até o outro lado da sala, golpeando um gongo de prata com um martelo de marfim. O badalar foi bem alto para um cilindro tão pequeno. — Vou mandar trazer chá de menta fresco, aí podemos conversar. E vocês vão me dizer como posso ajudar. Se eu enviar soldados para o Rahad, vai ser pior que os Motins do Vinho. E quem sabe vocês até possam me explicar por que a baía está cheia de navios do Povo do Mar, mas eles nunca atracam nem fazem comércio...

As três passaram um bom tempo entre chá e conversas, principalmente sobre os perigos em Rahad e o que Tylin não poderia fazer por elas. Acabaram convocando Beslan, um jovem tranquilo que se curvou respeitosamente e as encarou com seus belos olhos negros. O garoto até pareceu aliviado quando a mãe disse que ele podia sair. Beslan não duvidou nem por um momento de que elas fossem Aes Sedai. Depois de um tempo, as duas atravessaram outra vez os corredores coloridos no caminho de volta para seus aposentos.

— Então elas também querem assumir a busca — murmurou Nynaeve, olhando de um lado para o outro,

querendo se certificar de que não havia serviçais perto o bastante para ouvir. Tylin ficara sabendo de muito e bem rápido. E não importava quanto sorrisse: estava contrariada com a presença das Aes Sedai em Salidar. — Elayne, acha que foi mesmo inteligente contar tudo para ela? Talvez ela ache que a melhor maneira de garantir que o garoto assuma o trono é nos deixar encontrar a tigela e depois contar para Teslyn.

Ainda se lembrava um pouco de Teslyn, uma Vermelha muito desagradável.

— Eu sei como a minha mãe se sentia a respeito das Aes Sedai viajando por Andor sem avisar ou falar o que estavam fazendo. E sei como eu me sentiria. Além do quê, finalmente me lembrei do que aprendi sobre aquela frase de se apoiar na faca e tudo mais. A única maneira de insultar quem lhe disse aquilo é contar uma mentira. — Ela empinou o nariz de leve. — Quanto a Vandene e Adeleas... bem, elas acham que assumiram o controle. Rahad pode até ser um lugar perigoso, mas não consigo pensar em nada pior que Tanchico, e não teremos que nos preocupar com a Ajah Negra aqui. Aposto que já teremos a tigela daqui a dez dias, e que também já vou saber o que permite que o *ter'angreal* de Mat faça o impossível e que já estaremos voltando para Egwene com ele levando a mão à testa tão rápido quanto Mestre Vanin. E Vandene e Adeleas ainda vão estar aqui com Merilille e Teslyn tentando descobrir o que aconteceu.

Nynaeve não conseguiu conter a gargalhada. Um serviçal magrelo que endireitava um vaso imenso de porcelana dourada a encarou, e ela mostrou a língua para o sujeito. O homem quase deixou o vaso cair.

— Não entro nessa aposta, tirando a parte de Mat. Dez dias, então.





O ESPELHO DE BRUMAS

Rand, muito satisfeito, baforava o cachimbo, sentado sem o casaco, apoiado em uma das colunas brancas e delgadas que rodeavam o pequeno pátio oval enquanto assistia à água que borrifava na fonte de mármore à frente, as gotas cintilando feito gemas à luz do sol. Como era de manhã, ainda havia uma sombra agradável naquele trecho do pátio. Até Lews Therin estava quieto.

— Tem certeza de que não vai reconsiderar a ida para Tear?

Sentado contra a coluna ao lado e também sem casaco, Perrin soprou dois anéis de fumaça e encheu outra vez o cachimbo, um trambolho muito ornamentado entalhado com cabeças de lobo.

— E as visões de Min?

Rand tentou fazer seu próprio anel de fumaça, mas se atrapalhou dando um grunhido amargo, o que resultou em uma mera baforada. Min não tinha o direito de mencionar aquilo onde Perrin poderia ouvir.

— Quer mesmo ficar amarrado no meu cinto, Perrin?

— O que eu quero não parece contar muito desde que conhecemos Moiraine, lá em Campo de Emond — retrucou o amigo, seco. Ele suspirou. — Você é quem é, Rand. Se você cair, tudo vem abaixo.

Ele se inclinou para a frente e franziu o cenho, encarando uma porta larga atrás das colunas, à esquerda dos dois.

Um longo instante depois, Rand ouviu passos naquela direção — passos pesados demais para serem de algum humano. A figura corpulenta que se agachou ao passar pela porta e veio caminhando a passos largos até o pátio tinha mais que o dobro da altura da serviçal que quase corria para acompanhar as pernas compridas do Ogier.

— Loial! — exclamou Rand, levantando-se de um pulo. Ele e Perrin chegaram ao Ogier ao mesmo tempo. O sorriso na boca larga de Loial quase dividia o enorme rosto em dois. O casaco comprido que chegava a cobrir o topo das botas de abas dobradas que iam até o joelho ainda estava empoeirado da viagem. Os bolsos enormes também estavam salientes, cheios de formas quadradas. Loial nunca ficava longe dos livros. — Tudo bem com você?

— Você parece cansado — comentou Perrin, conduzindo o Ogier até a fonte. — Sente-se aí na beirada.

Loial se deixou levar, mas as longas sobrancelhas que pendiam do rosto e as orelhas cheias de tufo tremeram, meio atrapalhadas, enquanto ele olhou de um para o outro. Sentado, era tão alto quanto Perrin de pé.

— Tudo bem? Cansado? — A sua voz era um estrondo. — Claro que estou bem. E, se estou cansado, é

porque andei bastante. Preciso admitir que voltar a andar com meus próprios pés foi ótimo. Sempre dá para saber aonde nossos pés estão nos levando; com um cavalo, nunca dá para ter certeza. Bem, seja como for: meus pés são mais rápidos. — De repente, ele deixou escapar uma gargalhada ensurdecadora. — Ah, Perrin, você me deve uma coroa de ouro, Perrin. Você e seus dez dias! Aposto outra coroa que você não chegou aqui mais do que cinco dias antes de mim.

— Você vai ganhar a sua coroa — respondeu Perrin, com uma risada. Então, se virou para Rand: — Gaul o corrompeu. Loial agora joga dados e aposta em corridas de cavalo, mesmo mal conseguindo diferenciar um bicho do outro.

O comentário deixou as orelhas de Loial vibrando de indignação. Rand sorriu. Loial sempre vira os cavalos sob uma luz meio duvidosa — o que não era de se surpreender, já que tinha pernas mais compridas que as de qualquer equino.

— Tem certeza de que está tudo bem, Loial?

— Encontrou o *pouso* abandonado? — indagou Perrin, com o cachimbo na boca.

— Ficou lá por tempo o bastante?

— Do que vocês dois estão falando? — Loial franziu o cenho de um jeito que fazia as extremidades das sobrancelhas descerem até as bochechas. — Só queria voltar a ver um *pouso*, sentir um... Já estou pronto para mais dez anos.

— Não é o que a sua mãe diz — contestou Rand, sério.

Loial se levantou antes mesmo de Rand terminar a frase, olhando para todos os lados, as orelhas apontadas para trás, tremelicando.

— Minha mãe? Aqui? Ela está aqui?

— Não, não está — tranquilizou-o Perrin. As orelhas de Loial ficaram flácidas de alívio. — Mas parece que ela está em Dois Rios. Ou pelo menos estava, um mês atrás. Rand fez um truque dele para viajar por aí, levando sua mãe e o Ancião Haman... Qual é o problema?

Quando ouviu o nome do Ancião Haman, Loial, que já estava tornando a se sentar, ficou paralisado, os joelhos ainda meio dobrados. De olhos fechados, ele se abaixou o que restava até a beira da fonte, bem devagar.

— O Ancião Haman — murmurou, esfregando o rosto com a mão de dedos grossos. — O Ancião Haman e minha mãe... — Ele olhou para Perrin. Então para Rand. Baixou a voz, ou ao menos o fez para os padrões Ogier. Ainda soava como um zangão gigante zumbindo dentro de um garrafão quando perguntou, em um tom falsamente despreocupado: — Tinha mais alguém com eles?

— Sim, uma jovem Ogier chamada Erith — respondeu Rand. — Você... — Mas foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Com um gemido, Loial se levantou de um salto. Os serviçais enfiaram as cabeças para dentro das portas e janelas, querendo descobrir a origem daquele barulho tão alto, mas desapareceram de volta quando viram Rand. Loial começou a andar de um lado a outro, as orelhas e sobrancelhas tão caídas que ele parecia estar derretendo.

— Uma esposa... — balbuciou. — Não pode ser outra coisa, não com mamãe e o Ancião Haman. Uma esposa! Sou jovem demais para me casar! — Rand escondeu um sorriso atrás de uma das mãos. Loial podia até ser jovem para um Ogier, mas isso significava que tinha pelo menos mais de noventa anos. — Ela vai me arrastar de volta para o Pouso Shangtai. Sei que não vai me deixar viajar com vocês, e ainda estou longe de juntar anotações suficientes para meu livro. Ah, Perrin, pode rir. Faile faz tudo o que você manda. — Perrin se engasgou com a fumaça do cachimbo e resfolegou até Rand dar um tapa em suas costas. — Mas é diferente com o meu povo — explicou Loial. — Não fazer o que a esposa manda é considerado rude, *muito* rude. Sei que ela vai me fazer trabalhar em algo mais seguro e respeitável, como cantar para as árvores ou... — Ele

franziu o cenho e parou de andar. — Você disse Erith? — Rand assentiu. Perrin parecia estar recuperando o fôlego, mas encarava Loial com uma espécie de prazer malévolo. — Erith, filha de Iva, filha de Alar? — Rand assentiu outra vez, e Loial tornou a se sentar na fonte. — Mas eu a conheço. Você se lembra dela, Rand. Nós a conhecemos no Pouso Tsofu.

— Isso era o que eu estava tentando lhe dizer — respondeu Rand, com toda a paciência e uma boa dose de bom humor. — Foi aquela que falou que você era bonito. E que lhe deu uma flor, se me lembro bem.

— Ah, pode ter falado. — murmurou Loial, na defensiva. — Pode ter falado, mas não me lembro. — Mesmo alegando aquilo, a mão foi inconscientemente tatear um bolso do casaco cheio de livros, e Rand podia apostar que ele guardara a flor entre alguma daquelas páginas. O Ogier pigarreou, produzindo um estrondo profundo. — Erith é muito bonita. Nunca vi ninguém tão linda. E inteligente. Ela ficou escutando com toda a atenção quando expliquei a teoria de Serden. Serden, filho de Kolom, filho de Radlin... ele escreveu sua teoria há cerca de seiscentos anos. E, quando expliquei a teoria de como os Caminhos... — Ele parou de falar, como se tivesse acabado de notar os sorrisos largos dos dois. — Bem, ela ouviu. Com atenção. Estava muito interessada.

— Com certeza estava — concordou Rand, evasivo.

Aquela menção aos Caminhos o fez pensar: quase todos os Portais dos Caminhos ficavam perto de *pousos*, e se o que a mãe de Loial e o Ancião Haman diziam fosse verdade, Loial precisava estar em um *pouso* — bem, Rand não poderia levá-lo para dentro de um por meio de um portão, já que, assim como não se podia canalizar dentro de um *pouso*, também não dava para chegar lá canalizando.

— Escute, Loial. Quero colocar guardas em todos os Portais dos Caminhos. Para isso, preciso de alguém que possa encontrá-los, mas que também seja capaz de conversar com os Anciões e conseguir a permissão deles.

— Luz — grunhiu Perrin, desanimado. Deu tapinhas para esvaziar o cachimbo e, com o calcanhar da bota, amassou o resto de tabaco no paralelepípedo do pátio. — Luz! Você manda Mat ir atrás das Aes Sedai, quer me enfiar no meio de uma guerra de Sammael com algumas centenas de homens de Dois Rios, alguns inclusive conhecidos seus, e agora quer mandar Loial embora, sendo que ele acabou de chegar? Que o queime, Rand! Olhe só para ele! Loial precisa descansar. Tem alguém que você não vá usar? Não quer que Faile vá caçar Moghedien ou Semirhage? Luz!

A raiva brotou dentro de Rand, uma tempestade que o fez tremer. Aqueles olhos amarelos o encaravam, carrancudos, mas ele rebateu feito um trovão:

— Vou usar quem for preciso. Você mesmo falou: eu sou o que sou. E estou me usando, Perrin, porque é preciso. Estou me usando assim como vou usar qualquer um que for preciso. Não tenho mais escolha. Ninguém tem: nem eu, nem você, nem ninguém!

— Rand, Perrin — murmurou Loial, preocupado. — Fiquem calmos. Não briguem. Não quero vocês brigando. — A mão do tamanho de um pernil de porco deu um tapinha desajeitado no ombro de cada um. — Vocês dois deveriam ir descansar em um *pouso*. São lugares muito tranquilos, muito relaxantes.

Rand encarou Perrin, que o encarava de volta. Ainda sentia a raiva, os lampejos e relâmpagos numa tempestade que não se dissiparia. Ao longe, os resmungos de Lews Therin de vez em quando ribombavam.

— Me desculpem — pediu, baixinho.

Perrin gesticulou, talvez sinalizando que não havia nada pelo que se desculpar, talvez aceitando, mas não ofereceu um pedido de desculpas. Em vez disso, virou a cabeça de volta para as colunas, na direção da porta por onde Loial entrara. Mais uma vez passaram-se alguns momentos antes que Rand ouvisse alguém se aproximando.

Min adentrou o pátio em uma carreira desabalada. Ignorando Loial e Perrin, ela tomou Rand pelos braços.

— Elas estão vindo — ofegou. — Já estão a caminho.

— Calma, Min — falou Rand. — Acalme-se. Eu estava começando a achar que todas estavam de cama que nem... como foi que você disse que ela se chamava? Demira?

Na verdade, sentia um alívio considerável com a vinda das mulheres, embora os queixumes e as risadas de Lews Therin tivessem aumentado com a simples menção das Aes Sedai. Merana passara três dias indo ao castelo, tão regular quanto a arte dos melhores relojoeiros e sempre acompanhada de duas irmãs, mas as visitas tinham cessado cinco dias antes sem nenhuma explicação. Min não fazia ideia de por quê. Rand andara preocupado que elas tivessem se ofendido com suas ordens e planejassem ir embora.

Mas Min ainda o fitava, parecendo angustiada. Percebeu que ela estava tremendo.

— Me escute! São sete, não três, e não me mandaram vir pedir permissão ou informar você ou nada disso. Escapei de lá antes delas e vim a galope com Rosa. Elas querem entrar no Palácio antes que você perceba que estão aqui. Ouvi Merana falando com Demira quando não sabiam que eu estava por preto. Pretendem chegar ao Grande Salão primeiro, para que você tenha que ir ao encontro delas.

— Acha que pode ser a sua visão? — conjecturou, ainda calmo.

Min tinha dito que mulheres capazes de canalizar iam feri-lo. São *sete!*, sussurrou Lews Therin, rouco. Não! Não! Não! Rand o ignorou. Não havia muito mais que pudesse fazer.

— Não sei — respondeu Min, aflita. Rand ficou surpreso em perceber que o brilho em seus olhos escuros era resultado de lágrimas contidas. — Acha que eu não diria se soubesse? Só sei que elas estão vindo e que...

— E que não há nada a temer — interrompeu Rand, com firmeza.

As Aes Sedai deviam ter mesmo a assustado, para ela estar a ponto de chorar. *Sete*, gemeu Lews Therin. Não consigo enfrentar sete, não de uma vez. *Sete, não*. Rand pensou no *angreal* do homenzinho gordo, e a voz esmaeceu até os murmúrios, mas ainda parecia incomodada. Pelo menos Alanna não era uma delas. Rand podia senti-la a alguma distância, parada — ou pelo menos sem avançar em sua direção. Não tinha certeza se ousaria ficar cara a cara com ela outra vez.

— Mas também não temos tempo a perder — completou. — Jalani?

A jovem Donzela de bochechas rechonchudas surgiu tão de repente de trás de uma coluna que Loial ficou de orelha em pé. Min pareceu finalmente se dar conta da presença do Ogier e de Perrin. E também se assustou.

— Jalani, diga a Nandera que estou indo para o Grande Salão, onde espero as Aes Sedai daqui a pouco.

A mulher tentou manter uma expressão tranquila, mas o sorriso satisfeito fez suas bochechas parecerem ainda mais cheias.

— Beralna já foi informar Nandera, *Car'a'arn*.

Ao ouvir o título, as orelhas de Loial tremeluziram de surpresa.

— Então poderia ir dizer para Sulin me encontrar nos quartos de vestir atrás do Grande Salão e levar meu casaco? E o Cetro do Dragão.

Jalani abriu um largo sorriso.

— Sulin já saiu correndo com o vestido de aguacenta, indo mais rápido que uma égua de focinho cinza que se sentou em espinhos de *segade*.

— Nesse caso, pode levar meu cavalo para o Grande Salão.

A jovem Donzela ficou boquiaberta, ainda mais quando Perrin e Loial se curvaram de tanto rir.

Min socou suas costelas, fazendo-o soltar um grunhido.

— Isso não é motivo para brincadeiras, seu fazendeiro cabeça dura! Merana e as outras estavam se enrolando nos xales como se estivessem vestindo armaduras. Agora preste atenção: vou ficar de lado, atrás das colunas, de modo que você possa me ver e elas não. Aí, se eu vir alguma coisa, faço um sinal.

— Você vai ficar aqui com Perrin e Loial — retrucou ele. — Não sei que tipo de sinal você poderia fazer que eu entendesse, e se elas a virem, vão saber que você me avisou. — Min olhou feio para ele com as mãos nos quadris, aquela postura típica das mulheres irritadas. — Min?

Para sua surpresa, ela suspirou e respondeu:

— Está bem, Rand — disse, com voz mansa.

Vinda dela, aquela obediência o deixava tão desconfiado quanto se tivesse vindo de Elayne ou Aviendha, mas, se quisesse estar no Grande Salão antes de Merana, não tinha tempo de ficar conjecturando. Aquiescendo, esperou não aparentar toda a insegurança que sentia.

Enquanto se perguntava se não deveria ter pedido a Perrin e Loial que a mantivessem ali — Min teria adorado —, Rand foi depressa até os quartos de vestir atrás do Grande Salão, com Jalani em seus calcanhares, ainda resmungando querendo saber se o cavalo fora ou não brincadeira. Sulin já estava lá, estendendo um casaco vermelho com bordados em ouro e o Cetro do Dragão. A ponta de lança gerou um grunhido de aprovação, embora ela sem dúvida a teria achado mais aceitável sem as borlas verdes e brancas, com uma haste de tamanho apropriado e sem entalhes. Rand tateou para se assegurar que o *angreal* estava no bolso. Estava. Enfim respirou com mais tranquilidade, apesar de Lews Therin ainda ofegar de ansiedade.

Rand atravessou correndo o quarto de vestir com painéis de leões e adentrou o Grande Salão, só para descobrir que todos tinham sido tão rápidos quanto Sulin. Bael, de braços cruzados, se assomava ao lado do estrado do trono, e Melaine estava de pé no outro lado, ajustando o xale escuro com toda a calma. Agachadas sobre um dos joelhos e sob o olhar vigilante de Nandera, cem ou mais Donzelas no traje completo, com as lanças, os broquéis, arcos de chifre cobertos às costas e aljavas cheias nas cinturas, formavam filas a partir de todas as portas. Só os olhos despontavam acima dos véus negros. Jalani correu para se juntar a uma das filas. Por trás delas, mais Aiel atulhavam-se em meio às espessas colunas, tanto homens quanto Donzelas, apesar de nenhum parecer estar armado com mais que as facas de lâminas pesadas. Ainda assim, havia vários rostos soturnos — não deviam estar vendo com bons olhos a ideia de um confronto com as Aes Sedai, e não por medo do Poder. Não importava o que Melaine e as Sábias dissessem a respeito das mulheres da Torre, quase todos os Aiel ainda tinham o antigo fracasso de seu povo muito vivo na memória.

Bashere não estava presente, claro — ele e a esposa estavam em um dos campos de treinamento —, assim como nenhum dos nobres andorianos que andavam em grupos pelo Palácio. Rand tinha certeza de que Naeen, Elenia, Lir e todo aquele pessoal tinham ficado a par daquela assembleia assim que os preparativos começaram — eles nunca perdiam uma audiência do trono, a menos que Rand os mandasse embora. Sua ausência só poderia indicar que, enquanto estavam a caminho do Grande Salão, também tinham descoberto o motivo. O que significava que as Aes Sedai já estavam no Palácio.

De fato, assim que Rand se sentou no Trono do Dragão com o Cetro em seus joelhos, a Senhora Harfor entrou às pressas, nervosa, o que era bastante incomum para ela. Encarando Rand e todos os Aiel com a mesma perplexidade, anunciou:

— Mandei serviçais para todos os lados atrás de você. Tem Aes Sedai... — Foi tudo o que ela conseguiu dizer antes que sete Aes Sedai surgissem diante das enormes portas duplas.

Rand sentiu Lews Therin tentando buscar *saidin* e tocar o *angreal*, mas assumiu o controle da situação, agarrando a torrente furiosa de fogo e gelo, imundície e doçura, com tanta força quanto segurava o pedaço de lança Seanchan.

Sete, balbuciou Lews Therin, sombrio. *Eu mandei virem só três, e vieram sete. Preciso ser cauteloso. Sim. Cauteloso.*

Quem mandou vir três foi eu, Lews Therin, retrucou Rand. *Eu! Rand al'Thor!* A voz ficou em silêncio, mas os resmungos distantes não tardaram a recomeçar.

Alternando o olhar entre Rand e as sete mulheres nos xales com franjas, a Senhora Harfor pareceu decidir que ali no meio não era lugar para se estar. As Aes Sedai receberam a primeira reverência, e Rand ficou com a segunda, então, em uma excelente demonstração de calma, a mulher caminhou até uma das laterais da porta. Porém, quando as Aes Sedai entraram e se alinharam uma ao lado da outra, a Senhora Harfor acabou deslizando para fora com um leve quê de pressa.

Em cada uma das suas três visitas, Merana trouxera Aes Sedai diferentes, e Rand reconheceu todas — menos uma —, de Faeldrin Harella, na extrema direita, com o cabelo escuro preso em uma profusão de trancinhas finas trabalhadas com contas de cores brilhantes, à robusta Valinde Nathenos, na extrema esquerda, usando o xale de franjas brancas e o vestido também branco. Todas usavam as cores das suas Ajahs. Rand sabia quem devia ser a única que não reconheceu: a mulher bela e graciosa de pele morena e vestido de seda bronze só podia ser Demira Eriff, a irmã Marrom que Min dissera estar de cama. Mas ela estava de pé bem no centro da fila, um passo à frente das outras, enquanto Merana se punha entre Faeldrin e a rechonchuda Rafela Cindal, com seu rosto redondo, que parecia ainda mais séria do que durante o encontro em que viera com Merana, seis dias antes. Todas pareciam muito sérias.

Elas hesitaram um momento e o encararam, impassíveis, ignorando os Aiel. Então deslizaram para a frente, primeiro Demira, depois Seonid e Rafela, então Merana e Masuri — uma ponta de flecha apontada diretamente para Rand. Não precisou do formigamento na pele para saber que tinham abraçado *saidar*. A cada passo, elas pareciam mais altas.

Então elas acham que vão me impressionar com o Espelho de Brumas? A risada incrédula de Lews Therin foi se dissipando até minguar em risinhos ensandecidos. Rand não precisava de explicação: já vira Moiraine fazer algo parecido, e Asmodean também chamara aquilo de Espelho de Brumas — assim como de Ilusão.

Melaine mexeu no xale, irritada, e fungou alto com desdém, mas Bael parecia prestes a enfrentar sozinho uma investida de centenas. Pela sua expressão, não pretendia recuar, mas também não esperava nenhum resultado positivo. Aliás, algumas Donzelas se agitaram, até que Nandera as olhou feio por cima do véu. Isso não fez cessar o discreto ruído de pés Aiel se movendo inquietos em meio às colunas.

Demira Eriff começou a falar, e ficou bem claro que aquilo também envolvia canalização. Ela não gritou, mas sua voz preencheu o Grande Salão, parecendo vir de todos os lados.

— Dadas as circunstâncias, chegamos ao consenso de que eu deveria falar por todas. Hoje não viemos com a intenção de lhe fazer mal algum, mas as restrições que aceitamos antes para que você se sentisse seguro agora serão refutadas. Você obviamente não aprendeu a ter o devido respeito pelas Aes Sedai, mas agora precisa aprender. Daqui em diante, passaremos a ir e vir conforme nossa vontade, mas ainda o manteremos informado com certa antecedência, se nos aprouver, quando quisermos falar com você. Os vigias Aiel posicionados em volta de nossa estalagem serão removidos, e ninguém deve nos vigiar nem seguir. Qualquer futuro insulto à nossa dignidade será punido, embora devemos considerar aqueles a quem devemos punir como crianças, sendo você o responsável pela dor que sofrerem. É assim que deve ser; é assim que será. Saiba que somos Aes Sedai.

Quando aquela longa ponta de flecha parou diante do trono, Rand notou que Melaine o encarava de cenho franzido, sem dúvida se perguntando se ele estaria impressionado. E, se não tivesse alguma noção do que estava acontecendo, ele com certeza estaria, e mesmo assim não podia afirmar com certeza que não estava um pouco impressionado, no fim das contas. As sete Aes Sedai pareciam duas vezes mais altas que Loial, talvez até mais, as cabeças a quase meio caminho do teto abobadado, com suas janelas de vitrais coloridos. Fria e impassível, Demira o encarava como se pensasse se o agarrava ou não com uma das mãos, que parecia grande o bastante.

Rand se forçou a continuar reclinado, em uma postura muito tranquila e casual, estreitando os lábios ao perceber que aquilo lhe demandava certo esforço, ainda que nada tão grande. Lews Therin ainda se mantinha

distante, mas gritava algo sobre não esperar, sobre atacar ali mesmo. Demira enfatizara algumas palavras, como se ele devesse compreender seu significado. Dadas quais circunstâncias? Elas tinham aceitado as restrições antes, por que aquilo de repente virara uma falta de respeito? Por que as Aes Sedai tinham decidido de uma hora para a outra que, em vez de precisar fazer com que ele se sentisse seguro, podiam ameaçá-lo?

— As emissárias da Torre em Cairhien aceitam essas mesmas restrições e não parecem ofendidas. — Bem, pelo menos não muito. — E, em vez de ameaças vagas, me oferecem presentes.

— Não somos elas. Elas não estão aqui. Nós não vamos comprá-lo.

O desdém na voz de Demira foi como um tapa. As articulações dos dedos de Rand doíam pela força com que ele agarrava o Cetro do Dragão. A raiva que sentia era um eco da de Lews Therin, e ele de repente notou que o homem voltava a tentar agarrar a Fonte.

Que o queime!, pensou Rand. Pensou em criar uma blindagem sobre elas, mas Lews Therin se pronunciou, ofegante e quase em pânico.

Não há força o bastante. Mesmo com o angreal, talvez não haja força o bastante. Não para deter sete delas. Seu tolo! Você esperou tempo demais! É perigoso demais!

Criar uma blindagem de fato exigia uma boa dose de força. Com o *angreal*, Rand estava convencido de que conseguiria lidar com as sete, mesmo já abraçadas a *saidar*. Mas se ao menos uma delas conseguisse quebrar a blindagem... Ou mais de uma. Queria impressioná-las com sua força, não oferecer uma chance de superá-lo. Bem, havia outra maneira: tecendo Espírito, Fogo e Terra com todo o cuidado, investiu quase como se fosse de fato criar uma barreira.

O Espelho de Brumas das Aes Sedai se estilhaçou. De repente, tudo o que havia diante dele eram sete mulheres normais e estupefatas. Mas o choque logo se dissipou por detrás da fachada de tranquilidade Aes Sedai.

— Você ouviu nossas exigências — afirmou Demira, com a voz normal, mas ainda impositiva, como se nada tivesse acontecido. — Esperamos que sejam cumpridas.

Rand as encarou, surpreso. O que precisava fazer para mostrar que não seria intimidado? *Saidin* rugia dentro dele, uma fúria em ebulição. Não ousava soltá-lo. Lews Therin gritava feito um maníaco, tentando se agarrar à Fonte, tirá-la de suas mãos. Rand fazia de tudo para continuar firme. Então se levantou, bem devagar. Com a altura adicional do estrado, erguia-se acima delas. Sete rostos de Aes Sedai inabaláveis levantaram os olhos para ele.

— As restrições estão mantidas — avisou, tranquilo. — E tenho mais outra exigência: de agora em diante eu é que espero ver o respeito que mereço. Eu sou o Dragão Renascido. Estão dispensadas. Esta audiência acabou.

Durante o tempo de quase dez batidas do coração, as mulheres permaneceram ali, sem nem piscar, como se quisessem demonstrar que não dariam um único passo para lhe obedecer. Então Demira assentiu, em um movimento minúsculo, e se virou. Quando passou por Seonid e Rafela, as duas a seguiram, e as outras também, uma de cada vez, todas deslizando suavemente e sem pressa, percorrendo os ladrilhos vermelhos e brancos até saírem do Grande Salão.

Rand desceu do estrado enquanto as mulheres ainda desapareciam corredor adentro.

— O *Car'a'carn* lidou bem com elas — opinou Melaine, alto o bastante para ser ouvida de todos os cantos. — É preciso ser duro com as Aes Sedai para elas aprenderem o que é honra, mesmo que isso as faça chorar.

Bael não conseguia esconder o desconforto por ouvir falarem daquele jeito sobre Aes Sedai.

— Será que também não é assim que se deve lidar com as Sábias? — indagou Rand, abrindo um sorriso. Melaine baixou a voz e mexeu no xale, irritada.

— Não seja tolo, Rand al'Thor.

Bael deu uma risadinha, o que fez a esposa cravar os olhos nele. Bem, pelo menos Rand conseguira arrancar uma risada. Ainda assim, não achou muita graça na própria piada, e não só por causa da proteção do Vazio. Quase queria ter deixado Min comparecer. Havia muitas jogadas ocultas por ali, muito que ele não conseguia compreender, e temia que houvesse ainda outras que ele sequer percebia. O que aquelas mulheres queriam de verdade?

* * *

Min fechou a pequena porta do quarto de vestir, recostou-se em um painel de parede escuro com um leão entalhado e respirou bem fundo. Faile fora buscar Perrin para tratar de alguma coisa, e apesar de Loial ter protestado, alegando que Rand queria que ela ficasse ali, o Ogier acabara sucumbindo a seu argumento de que Rand não tinha o direito de obrigá-la a fazer o que fosse. Era óbvio que, se Loial tivesse alguma noção do que ela pretendia fazer, talvez tivesse tentado segurá-la — com toda a gentileza, claro — e ficado no pátio lendo para ela.

A questão era que, mesmo tendo ouvido tudo, não vira muita coisa além das Aes Sedai se agigantando diante do trono e do estrado. Deviam estar canalizando, o que em geral obscurecia as imagens e auras, mas Min ficara tão pasma que sequer teria percebido se houvesse alguma imagem para ver. Quando enfim se recompôs, as Aes Sedai já estavam menores, e a voz de Demira não vinha mais de todas as direções.

Min começou a pensar, desesperada, mordiscando o lábio inferior. Até onde via, tinha dois problemas, e o primeiro era Rand e suas exigências de respeito, o que quer que ele quisesse dizer com aquilo. Se esperava que Merana fosse fazer medidas até enterrar a cabeça no chão, teria que esperar sentado. Depois do que ele fizera, elas decerto estariam zangadas. Devia haver alguma maneira de pôr panos quentes, só precisava saber como. O segundo problema eram as Aes Sedai. Rand parecia achar que aquilo era alguma espécie de rompante que ele conseguiria aplacar caso se posicionasse com firmeza, mas Min não achava que as Aes Sedai tinham rompantes. E, se tivessem, estava convencida de que aquilo era mais sério. Ainda assim, só conseguiria descobrir do que se tratava de volta na estalagem.

Depois de pegar Rosa no estábulo, foi trotando com a égua baia de volta para a estalagem, onde a deixou com um cavalição orelhudo, pedindo que o animal fosse esfregado e alimentado com um pouco de aveia. A égua galopara com presteza até o Palácio, então merecia uma recompensa por ter ajudado a frustrar o plano de Merana e das outras. Considerando a fúria gélida na voz de Rand, Min não sabia dizer o que teria acontecido caso ele acabasse descobrindo tarde demais, e de surpresa, que sete Aes Sedai o esperavam no Grande Salão.

O salão da estalagem parecia quase o mesmo de quando ela zanzara apressada pelas cozinhas, mais cedo. Havia Guardiões às mesas, alguns jogando dominó ou pedras, outros lançando dados. Quase como se fossem um, todos ergueram o olhar quando ela entrou; então, reconhecendo-a, retomaram o que estavam fazendo. A Senhora Cinchonine estava de pé diante da adega — nada de barris de cerveja e vinho empilhados ao longo da parede do salão, não naquela estalagem —, de braços cruzados e uma expressão amarga no rosto. Os Guardiões eram os únicos clientes e, via de regra, bebiam pouco e muito raramente. Uma boa quantidade de canecas e copos de estanho repousava sobre as mesas, mas, pelo que viu, estavam intocados. E também viu um homem que poderia estar disposto a lhe contar certas coisas.

Mahiro Shukosa estava sentado, sozinho, tentando decifrar alguns quebra-cabeças de taverna. As duas espadas que costumava usar às costas ainda estavam à mão, apoiadas na parede. Com os cabelos já meio grisalhos nas têmporas e um nariz nobre, Mahiro tinha uma beleza meio grosseira, e só uma mulher

apaixonada diria que ele era bonito. Um lorde de Kandor, já tinha visitado as cortes de quase todas as terras e viajava sempre com uma pequena biblioteca. Mahiro ganhava e perdia jogatins com o mesmo sorriso fácil, mas sabia recitar poesia e tocar harpa, além de dançar como um sonho. Em suma: exceto por ser Guardião de Rafela, era exatamente o tipo de homem de quem Min gostava antes de conhecer Rand — e ainda gostava, na verdade, quando conseguia olhar para quem fosse sem pensar em Rand. Para sua sorte — ou seu azar —, Mahiro a via de um jeito que Min suspeitava de que fosse peculiar de Kandor: uma espécie de irmã mais nova que, vez ou outra, precisava de alguém para conversar e lhe dar conselhos de forma a não acabar quebrando o pescoço enquanto fazia suas maluquices. Mahiro dizia que ela tinha pernas bonitas, mas que jamais pensaria em tocá-las e que quebraria o pescoço de quem pensasse em fazer isso sem a permissão dela.

Deslizando as intrincadas peças de ferro com toda a destreza de volta para os lugares, Mahiro deixou o quebra-cabeças na pilha dos que já solucionara e pegou um da outra pilha enquanto Min se sentava à sua frente.

— E aí, repolhinha — cumprimentou ele, abrindo um sorriso. — Vejo que voltou com o pescoço intacto, não foi sequestrada e ainda está solteira.

Algum dia ainda ia perguntar o que significava aquela frase que ele sempre repetia.

— Aconteceu alguma coisa depois que eu saí, Mahiro?

— Fora as irmãs voltando do Palácio parecendo uma tempestade nas montanhas?

Como era de se esperar, o quebra-cabeças foi solucionado como se ele tivesse canalizado.

— Por que ficaram tão irritadas?

— Imagino que tenha alguma coisa a ver com al'Thor. — O quebra-cabeças voltou à posição inicial com a mesma rapidez, então foi jogado na pilha de descartes. O seguinte da pilha de ainda não solucionados também passou direto para a segunda. — Já resolvi esse há uns anos — explicou.

— Mas como, Mahiro? O que aconteceu?

Os olhos escuros a encararam. Se os leopardos tivessem olhos quase negros, seriam como os de Mahiro.

— Min, um potro que enfia o focinho na toca errada pode acabar perdendo as orelhas.

Min se retraiu. Era verdade. Ah, as tolices que uma mulher fazia por amor...

— É o que eu quero evitar, Mahiro. Só estou aqui para levar mensagens entre Merana e o Palácio, mas sempre entro lá sem a menor ideia de em que estou me metendo. Não sei por que as irmãs pararam de encontrar com ele todos os dias, nem por que voltaram e nem por que várias foram lá hoje, em vez de apenas três. Se eu não souber, posso acabar sem mais que as orelhas. E Merana não vai contar, ela nunca me fala nada que não seja “vá lá e faça isso”. Só uma dica, Mahiro. Por favor.

O homem analisou o quebra-cabeças em suas mãos, mas Min soube que ele estava pensando em outra coisa só de ver que as peças interligadas se moveram entre seus dedos compridos, mas nada se soltou.

Uma movimentação nos fundos do salão chamou sua atenção, e Min começou a virar a cabeça — até que congelou. Duas Aes Sedai voltavam do banho, a julgar pelo aspecto de quem acabara de se lavar. Fazia meses que não via aquelas duas, desde que tinham deixado Salidar com base no palpite de Sheriam de que Rand estava em algum lugar do Deserto Aiel. Bera Harkin e Kiruna Nachiman tinham ido para o Deserto, não para Caemlyn.

Não fosse o rosto de idade indefinida, Bera pareceria uma mulher de fazendeiro qualquer, com seu cabelo castanho curto emoldurando o rosto quadrado. Mas, naquele momento, aquele rosto estava determinado e carrancudo. Kiruna, sempre elegante e muito escultural, parecia exatamente quem era: irmã do Rei de Arafel, uma lady poderosa por direito. Seus enormes olhos escuros reluziam como se ela estivesse prestes a ordenar uma execução com todo o prazer. Imagens e auras piscavam ao redor das duas, como sempre acontecia com Aes Sedai e Guardiões. Uma em especial chamou a atenção de Min, piscando em volta das duas mulheres ao mesmo tempo, tudo em um tom amarelo amarronzado somado a um púrpura intenso. As cores em si não significavam nada, mas aquela aura fez Min perder o fôlego.

A mesa não ficava longe do pé da escada, mas as duas nem olharam para Min quando se viraram para subir. Nenhuma nem mesmo olhara para ela com atenção, quando estavam em Salidar, e agora estavam absortas em sua própria conversa.

— Alanna já deveria ter botado ele em seu lugar faz tempo. — Kiruna falava baixo, mas a raiva em sua voz era quase explícita. — Era o que eu teria feito. Quando ela chegar, vou falar o que penso, e que o Tenebroso carregue a formalidade.

— Deveriam amarrar logo uma rédea nele — concordou Bera, em um tom neutro —, antes que ele possa fazer mais mal a Andor. — Ela era andoriana, afinal. — E quanto antes, melhor.

Conforme as duas foram subindo os degraus, Min percebeu o olhar de Mahiro fixo nela.

— Como elas vieram parar aqui? — perguntou, surpresa por como a voz parecia perfeitamente normal.

Com Kiruna e Bera, já eram treze. Treze Aes Sedai. E aquela aura.

— Elas seguiram as notícias de al'Thor. Estavam na metade do caminho para Cairhien quando ouviram que ele estava aqui. Eu ficaria longe delas, Min. Os Gaidin das duas disseram que elas estão de mau humor.

Kiruna tinha quatro Guardiões, e Bera, três.

Min conseguiu abrir um sorriso. Queria dar no pé da estalagem, mas isso levantaria suspeitas até em Mahiro.

— Acho que é um bom conselho. E a minha dica?

O sujeito hesitou por mais um momento, então pousou o quebra-cabeças na mesa.

— Não vou dizer o que é nem o que não é, mas, para bom entendedor... Talvez al'Thor esteja irritado. Talvez seja bom pensar em perguntar se outra pessoa não pode entregar as mensagens, quem sabe um de nós. — Ele estava falando dos Guardiões. — Talvez as irmãs tenham decidido ensinar a ele uma lição sobre humildade. E isso, repolhinha, talvez seja um pouco mais do que eu deveria ter dito. E então, vai pensar a respeito?

Min não sabia se a “pequena lição” era o que acontecera no Palácio ou se era algo que ainda estava para acontecer, mas tudo se encaixava. E aquela aura...

— Também me parece um bom conselho. Mahiro, se Merana vier me procurar para levar alguma mensagem, pode dizer que eu vou passar os próximos dias visitando a Cidade Interna?

— Uma longa jornada. — Ele deu uma risadinha zombeteira, mas gentil. — Se não tomar cuidado, vai acabar sequestrando um marido.

O moço orelhudo da estrebaria olhou surpreso quando Min insistiu para que ele tirasse Rosa da cocheira e a encilhasse outra vez. Deixou o pátio do estábulo a um passo tranquilo, mas, logo que a primeira curva fez A Coroa de Rosas sumir de vista, enfiou os calcanhares na égua, fazendo a multidão pular para sair do caminho quando partiu a galope direto para o Palácio, correndo o máximo que Rosa podia.

* * *

— Treze — repetiu Rand, em um tom neutro.

Foi o suficiente para Lews Therin tentar tomar outra vez o controle de *saidin*. Rand entrou em uma luta muda contra aquela fera, que rosnava e mostrava os dentes. Assim que Min falou que, na verdade, havia treze Aes Sedai em Caemlyn, Rand mal conseguiu agarrar o Poder antes de Lews Therin se lançar para cima da Fonte. O suor escorria por seu rosto, e manchas escuras se espalhavam pelo casaco — só conseguia se concentrar em manter *saidin* fora do alcance de Lews Therin. Um músculo da bochecha pulsava com o esforço. A mão direita tremia.

Min parou de andar a passos rápidos de um lado para o outro, cruzando o tapete da sala quase pulando de

ansiedade.

— Não é só isso, Rand — alertou, desesperada. — É a aura. Sangue, morte, o Poder Único, aquelas mulheres e você... tudo ao mesmo tempo e no mesmo lugar. — Estava outra vez com os olhos brilhando, mas agora as lágrimas escorriam livremente pelas bochechas. — Kiruna e Bera não gostam de você, nem um pouco! Lembra-se daquela visão que tive sobre você? Mulheres capazes de canalizar lhe fazendo mal. As auras, e as treze, e tudo... Rand, é coisa demais!

Min sempre dizia que suas visões todas as vezes se tornavam realidade, mas nunca podia afirmar se isso aconteceria dali a um dia, um ano ou dez — e, se permanecesse ali em Caemlyn, Rand achava que seria questão de dias. Mesmo que a voz se limitasse a um rosnado em sua cabeça, sabia que Lews Therin queria atacar Merana e as outras antes que elas tivessem qualquer chance de atacá-lo. Aliás, aquela ideia lhe parecia tão atraente que chegava a ser desconfortável. Talvez fosse apenas obra do acaso, algo como sua distorção de *ta'veren* se voltando contra ele, mas não dava para negar os fatos: Merana decidira desafiá-lo no mesmíssimo dia em que passou a haver treze Aes Sedai na cidade.

Ele se levantou e foi até o quarto, mas só para pegar a espada guardada atrás do armário, já presa ao cinturão com fivela em forma de Dragão.

— Você vem comigo, Min — anunciou, pegando o Cetro do Dragão e indo até a porta.

— Para onde? — indagou a jovem, secando as bochechas com um lenço.

Apesar da pergunta, Rand já estava no corredor, e ela acabou indo atrás. Jalani se levantou com um pinote um tantinho mais ligeiro que o de Beralna, uma ruiva magrela de olhos azuis e sorriso ferino.

Quando havia apenas Donzelas por perto, Beralna sempre o encarava como se estivesse considerando fazer ou não o grande favor de atender a seus pedidos. Daquela vez, Rand tratou de encará-la primeiro. O Vazio deixava sua voz fria e distante. Lews Therin estava contido, choramingando baixinho, mas Rand não ousava relaxar — não em Caemlyn, não *perto* de Caemlyn.

— Beralna, vá atrás de Nandera e diga para ela me encontrar nos aposentos de Perrin com quantas Donzelas quiser levar. — Não podia deixar Perrin para trás, e não por conta daquela visão de Min. Quando Merana tivesse notícia de sua partida, poderia muito bem mandar uma das Aes Sedai criar um elo com Perrin, assim como Alanna fizera com ele. — Pode ser que eu não volte mais para cá. Se alguém vir Perrin, Faile ou Loial, diga a eles para também me encontrarem por lá. Jalani, vá falar com a Senhora Harfor. Avise a ela que preciso de caneta, tinta e papel. — Tinha que escrever algumas cartas antes de partir. Sentiu que as mãos voltaram a tremer, então acrescentou: — Bastante papel. O que estão esperando? Vão logo! Vão!

As duas trocaram um único olhar e saíram correndo. Rand seguiu na direção oposta, com Min quase trotando para conseguir acompanhá-lo.

— Para onde estamos indo, Rand?

— Cairhien. — Com o Vazio envolvendo-o, a resposta saiu com a frieza de uma bofetada na cara. — Min, confie em mim. Não vou machucar você. Seria mais fácil cortar meu braço fora do que machucar você.

A jovem ficou quieta, até que Rand enfim baixou os olhos. Min o encarava com um semblante esquisito.

— Muito bom ouvir isso, pastorzinho. — A voz estava tão estranha quanto o rosto. Devia ter ficado mesmo apavorada com a ideia de treze Aes Sedai atrás dele. O que não era de se espantar, claro.

— Min, se eu tiver que enfrentar essas mulheres, prometo dar um jeito de manter você longe do perigo.

Como um homem conseguiria enfrentar treze delas? Só de pensar naquilo, Lews Therin explodiu outra vez, aos berros.

Para a surpresa de Rand, Min tirou as conhecidas facas das mangas com um floreio, então guardou tudo de volta com a mesma delicadeza — devia estar treinando.

— Você pode me puxar pela orelha daqui até Cairhien ou qualquer outro lugar, mas acho bom você pensar duas vezes se pretende me mandar para onde for, pastorzinho.

Rand não sabia por quê, mas tinha certeza de que não era aquilo que ela pretendia dizer quando começou a falar. Foi apenas o que acabou saindo.

Quando chegaram aos aposentos de Perrin, Rand deu de cara com uma multidão. De um dos lados da sala de estar estavam Perrin e Loial, ambos sem nem terem vestido o casaco, sentados de pernas cruzadas sobre o tapete azul enquanto fumavam seus cachimbos com Gaul, um Cão de Pedra que Rand se lembrava de ter visto na queda da Pedra de Tear. Faile estava sentada do outro lado do aposento, igualmente no chão, junto de Bain e Chiad, que também tinham estado presentes na Pedra. Pela porta aberta que dava para o aposento anexo, Rand viu Sulin trocando as roupas de cama, jogando-as de qualquer jeito como se preferisse rasgá-las em pedacinhos. Todos ergueram os olhos quando ele e Min entraram, e Sulin veio até a porta.

Houve uma boa dose de confusão quando Rand explicou sobre as treze Aes Sedai e o que Min ouvira. Mas nada sobre as visões. Alguns ali sabiam, mas alguns poderiam não saber, e ele não contaria aquilo para ninguém — não sem que Min decidisse contar, o que não era o caso. E também não falou nada de Lews Therin, claro. Não que tivesse medo do que poderia lhe acontecer em uma cidade com treze Aes Sedai, mesmo que elas não fizessem nada. Aquelas mulheres que pensassem que ele estava com medo, se quisessem — e ele próprio não podia afirmar que não estava. Lews Therin se mantivera calado, mas Rand ainda podia senti-lo, olhos intensos observando-o durante a noite. Raiva e medo e talvez até pânico se arrastavam pela parede externa do Vazio feito aranhas enormes.

Perrin e Faile começaram a arrumar a bagagem na mesma hora, e Bain e Chiad conversaram naquela linguagem de sinais antes de anunciar que iriam acompanhar Faile, ao que Gaul anunciou que acompanharia Perrin. Rand não entendia o que estava se passando ali, mas tinha algo a ver com Gaul não olhar para Bain ou Chiad e as duas não olharem para ele. Loial saiu correndo, resmungando sozinho sobre quanto Cairhien era bem mais longe de Dois Rios do que Caemlyn e sobre a fama da mãe de conseguir andar bastante. Quando ele voltou, carregava uma trouxa mal amarrada debaixo do braço e alforjes imensos por cima do ombro, com camisas saindo pelos bolsos e pelas aberturas. Loial estava pronto para partir imediatamente. Sulin também sumiu e voltou trazendo uma trouxa de vestidos vermelhos e brancos. Com a expressão congelada naquela expressão servil incongruente, ela grunhiu alguma coisa sobre ter recebido ordens de servir a *ele*, a Perrin e a Faile, e só um lagarto com insolação acharia isso possível com ela em Caemlyn enquanto todos estavam em Cairhien. Até acrescentou um “Milorde Dragão” no final, que soou mais como um xingamento, e uma mesura. Surpreendentemente, daquela vez ela não perdeu o equilíbrio em nenhum momento, o que pareceu deixá-la tão impressionada quanto Rand.

Nandera chegou quase junto com a Senhora Harfor, que trazia um estojo com várias canetas de ponta de aço, além de papel, tinta e cera de selagem suficientes para cinquenta cartas, o que acabou por vir a calhar.

Perrin quis escrever para Dammil Lewin, mandando-o seguir viagem com os outros homens de Dois Rios — não parecia ter a menor intenção de deixá-los para as Aes Sedai —, e só não pediu para que levassem Bo e as outras garotas quando Rand e Faile salientaram que, para começo de conversa, as Aes Sedai não as deixariam ir e que, além de tudo, era pouco provável que elas quisessem acompanhá-los. Faile fora com ele à estalagem, mais de uma vez, e até mesmo Perrin teve que admitir que as garotas pareciam impacientes para se tornarem logo Aes Sedai.

A própria Faile tinha duas cartas rápidas para escrever, tanto para a mãe quanto para o pai, para que eles não se preocupassem. Rand não sabia qual carta era para quem, mas as duas pareciam ter sido escritas em tons muito diferentes. A primeira, Faile recomeçou várias vezes para então rasgar o pergaminho, e cada palavra a deixava de cenho franzido; a outra foi escrita às pressas, em meio a sorrisos e risadinhas — Rand achou que devia ser a da mãe. Min escreveu para um amigo chamado Mahiro, também hospedado com as Aes Sedai. Por algum motivo, ela fez questão de dizer a Rand que se tratava de um homem mais velho, mesmo corando ao mencionar a idade do sujeito. Até Loial pegou papel e caneta, depois de alguma hesitação. Teve

que usar sua própria pena, já que as canetas humanas seriam engolidas naquelas mãos enormes. Ele selou o bilhete e o entregou à Senhora Harfor com um pedido acanhado para que, se houvesse oportunidade, ela o entregasse pessoalmente. O polegar do tamanho de uma salsicha gorda cobria quase todo o nome do destinatário, escrito tanto no alfabeto humano quanto nas letras dos Ogier, mas, com o Poder Único aguçando a visão, Rand identificou o nome de Erith. Ainda assim, Loial não demonstrava querer esperar e entregar ele mesmo a mensagem.

Suas cartas foram tão difíceis de escrever quanto a primeira mensagem de Faile, mas por motivos distintos. O suor que gotejava do rosto fazia a tinta se espalhar, e sua mão tremia tanto que ele precisou recomeçar mais de uma vez depois de tanto manchar e borrar o papel. Ainda assim, Rand sabia muito bem o que queria dizer. Para Taim, enviou um alerta sobre as treze Aes Sedai e uma reiteração das ordens de se manter longe das mulheres. Para Merana mandou um tipo diferente de alerta, junto com uma espécie de convite. Era inútil que tentasse se esconder, já que Alanna poderia encontrá-lo em qualquer lugar do mundo, mas o encontro seria em seus termos, se ele pudesse garantir isso.

Passou um tempo encarando a Senhora Harfor quando ela lhe entregou um selo de pedra-verde com um Dragão entalhado, mas a mulher respondeu com um olhar neutro inabalável. Quando enfim selou as cartas, Rand se virou para Nandera.

— Já reuniu suas vinte Donzelas?

Nandera ergueu as sobrancelhas.

— Vinte? Seu recado foi para eu trazer quantas quisesse e que talvez você não fosse voltar. Tenho quinhentas, e teria trazido mais se não tivesse decidido eu própria estabelecer um limite.

Rand apenas assentiu. Sua cabeça estava quieta, apenas com os próprios pensamentos, mas *sentia* Lews Therin ali, junto com ele no Vazio, aguardando feito uma mola tensionada. Só depois de passar todos pelo portão que dava para a câmara em Cairhien e deixar a passagem se fechar, diminuindo a percepção de Alanna para uma vaga impressão de que ela estava em algum ponto a oeste; só então Lews Therin pareceu se afastar. Foi como se, exaurido pela luta por controle, o homem tivesse caído no sono. Por fim, Rand afastou *saidin*, só então reparando em quanto estava desgastado por conta do embate. Loial teve que o carregar até seus aposentos no Palácio do Sol.

* * *

Merana estava sentada, bem quieta, junto à janela da sala de estar, de costas para a rua, com a carta de Rand al'Thor no colo. Já sabia o conteúdo de cor.

Começava com “Merana”. Não com “Merana Aes Sedai”, nem mesmo “Merana Sedai”.

Merana,

Certa vez, um amigo me disse que, na maioria dos jogos de dados, o número treze é considerado quase tão azarado quanto lançar os Olhos do Tenebroso. Também acho que treze é um número azarado. Estou indo para Cairhien. Pode me seguir como puder, sem levar mais que cinco outras irmãs. Assim, estará em pé de igualdade com as emissárias da Torre Branca. Ficarei muito descontente se você tentar levar mais mulheres. Não me pressione mais. Me resta pouca confiança para depositar em quem quer que seja.

Rand al'Thor, o Dragão Renascido

A parte final fora escrita com tanta força que a caneta quase rasgara o papel. Em comparação com o

restante da carta, aquelas duas últimas linhas quase pareciam ter sido escritas por outra mão.

Merana estava sentada bastante quieta. Não estava sozinha. As outras mulheres da missão diplomática — se ainda podia ser chamada assim — haviam se acomodado em cadeiras ao longo das paredes, em vários estados. O que mais a irritava era que apenas Berenicia se encontrava sentada com a mesma quietude e humildade que ela, as mãos gorduchas entrelaçadas sobre o colo, a cabeça meio baixa, os olhos sérios e bem atentos. Não dizia uma palavra, a menos que se dirigissem a ela. Faeldrin, por sua vez, ostentava uma postura bem orgulhosa e falava quando queria, assim como Masuri e Rafela. Seonid estava quase como elas, sentada bem na beira da cadeira e volta e meia abrindo um sorriso obstinado. As outras agiam mais como Valinde: quase calmas. Todas estavam presentes, exceto Verin e Alanna, e um Gaidin fora enviado para encontrá-las. Kiruna e Bera, paradas de pé no meio da sala, faziam notar sua presença.

— Tenho nojo só de pensar que existe alguém capaz de enviar uma carta dessas para uma Aes Sedai. — Kiruna não falava alto, e sua voz soava ao mesmo tempo serena, calma e enérgica. Mas seus olhos escuros relampejavam. — Demira, seu informante pode confirmar se al'Thor foi mesmo para Cairhien?

— Ele Viajou — murmurou Bera, incrédula. — E pensar que justo ele redescobriu esse Talento...

As contas brilhantes nas tranças de Faeldrin tilintaram quando ela assentiu.

— É impossível cogitar outra possibilidade. Talvez ele seja mais poderoso até do que Logain ou Mazrim Taim, sim?

— Não podemos fazer nada a respeito de Taim? — O rosto redondo de Rafela, sempre calmo e aprazível, estava severo, e a voz, em geral doce, soava impassível. — Tem pelo menos cem homens capazes de canalizar, cem! E a menos de vinte milhas daqui.

Kairen aquiesceu, resoluta, mas não se pronunciou.

— Eles vão ter que esperar — retrucou Kiruna, com firmeza. — Luz e honra, não sei quantas irmãs vamos precisar para dar conta de tantos. Al'Thor é que importa, e desse nós damos conta. Demira?

Demira tinha esperado as outras terminarem, claro. Baixando a cabeça bem de leve, respondeu:

— Só sei que ele foi embora, ao que parece levando um grande número de Aiel, e é bem possível que também tenha levado Perrin Aybara.

Verin, que tinha entrado sem fazer alarde logo que Demira começou a falar, acrescentou:

— Não podemos ter dúvidas quanto ao paradeiro de Perrin. Mandeí Tomas verificar o acampamento do pessoal de Dois Rios. Parece que enviaram dois homens ao Palácio para apanhar os cavalos de Perrin e da esposa, e os outros já largaram os carroções e serviçais e estão cavalgando para o leste o mais depressa possível. Marcham com a cabeça de lobo de Perrin e a Águia Vermelha de Manetheren.

Um sorriso fraco curvou de leve os lábios de Verin, como se ela achasse aquilo divertido. Kairen deixava bem claro que não era da mesma opinião, soltando um murmúrio de surpresa e comprimindo os lábios logo em seguida, formando uma linha estreita.

Merana também não achou aquilo nada engraçado, mas era um detalhe tão ínfimo em comparação com o todo... Um cheirinho ténue de coisa estragada quando já estavam sentadas sobre um monte de dejetos; um cachorro rosnando para alguém já com as saias abocanhadas por lobos. E pensar que se preocupara demais com Verin, se esforçara tanto... A verdade era que a Marrom mal conseguira botar os planos em prática, exceto por levar Demira a sugerir aquele confronto infeliz. Tudo tinha sido conduzido com muita habilidade, e Merana achava que ninguém que não fosse da Ajah Cinza teria percebido. No entanto, ela própria concordara com o curso de ação: bater de frente com al'Thor — ou pelo menos tentar — era o mínimo que poderiam ter feito. Tinha se preocupado com Verin, então Kiruna e Bera apareceram. Nenhuma das duas respondia à sua autoridade e ambas eram pelo menos tão fortes quanto Masuri, Faeldrin ou Rafela.

— Isso, sim, é jogar um nabo estragado no cozido — resmungou Bera, emburrada.

Kairen e várias outras assentiram.

— Mas é um nabinho de nada — rebateu Kiruna, o tom bem seco. Quase todas assentiram, tirando Merana e Verin. Merana apenas suspirou baixinho, e Verin ficou examinando Kiruna com aquele olhar de pássaro, a cabeça enviesada. — Por que Alanna está demorando? — indagou a mulher, perguntando para ninguém em particular. — Não quero ter que me repetir.

Bem, Merana achava que talvez ela mesma tivesse começado com aquilo tudo, abstendo-se da disputa de poder com Verin. Ainda era a líder da delegação e todas seguiam suas ordens, inclusive Masuri, Rafela e Faeldrin, mas todas tinham notado a mudança de poder. E não tinha certeza se Kiruna ou Bera agora estavam no comando — e nem fazia diferença, no que dizia respeito à posição entre as Aes Sedai, que uma tivesse nascido na fazenda e a outra, em um palácio. Bem, sua única certeza era de que sua missão diplomática estava desmoronando ao seu redor, o tipo de coisa que jamais teria acontecido quando a Torre Branca era inteira, quando uma embaixadora contava com todo o poder da Torre e do Trono de Amyrlin, pouco importando se levava trinta anos para ascender ao xale e mal tivesse força para ter sido aceita. Àquela altura, elas não passavam de um punhado de Aes Sedai que adotavam para suas posições na cadeia de poder geral sem nem fazer uma pausa para pensar.

Como se tivesse ouvido tocarem em seu nome, Alanna apareceu na sala assim que Bera abria a boca — ela e Kiruna atacaram a recém-chegada:

— Al'Thor afirma que foi para Cairhien — começou Bera, sem rodeios. — Você tem algo a acrescentar?

Alanna encarou as duas com orgulho e um brilho perigoso nos olhos escuros. Estavam falando de seu Guardião, afinal.

— Ele está em algum lugar a leste, é tudo o que eu sei. Pode ser Cairhien.

— Se ia criar um elo sem primeiro falar com ele — começou Kiruna, o tom bem impositivo —, por que, pela Luz mais sagrada, não usou esse elo para fazê-lo se curvar à sua vontade? Em comparação com o que você fez antes, isso é só um tapa no pulso.

Alanna ainda mantinha pouco controle sobre as próprias emoções. As bochechas ficaram coradas, em parte pela raiva, a julgar pelo lampejo em seus olhos, e, com toda a certeza, em parte pela vergonha.

— Ninguém falou para vocês? — indagou a Verde, alegre demais. — Bem, imagino que ninguém queira pensar no assunto, mesmo. Eu, com certeza, não quero. — Faeldrin e Seonid encaravam o chão, e não eram as únicas. — Tentei compelir al'Thor logo que estabeleci o elo — explicou, como se não tivesse notado o constrangimento no ambiente. — Já tentou arrancar um carvalho do chão só com as mãos, Kiruna? Foi igualzinho.

Kiruna foi arregalando os olhos e soltando um suspiro lento. Bera murmurou:

— Isso é impossível. Impossível.

Alanna jogou a cabeça para trás e gargalhou. As mãos na cintura deram um ar de desdém à risada, fazendo Bera comprimir os lábios e deixando os olhos de Kiruna com um brilho frio. Verin as encarava, e Merana achou, com certo desconforto, que parecia o olhar de um pintarroxo observando minhocas. Verin sempre parecia deferir sem deferir, embora Merana não conseguisse entender como.

— Ninguém nunca criou um elo com um homem capaz de canalizar — afirmou Alanna, quando parou de rir. — Pode ser que seja isso.

— Bem, seja como for — rebateu Bera, com a voz e o olhar muito firmes. — Seja como for. Você ainda consegue localizá-lo.

— Isso mesmo — concordou Kiruna. — Você virá conosco, Alanna.

A Verde piscou, como se recobrasse a consciência. Então baixou um tanto a cabeça, aquiescendo.

Merana decidiu que aquela era a hora. Se quisesse manter a delegação unida, aquela era sua última chance. Ela se levantou, dobrando a carta de al'Thor para ocupar as mãos.

— Quando eu trouxe esta missão diplomática até Caemlyn — começou, lembrando a todas que era a líder. Graças à Luz, conseguiu falar com uma voz estável —, recebi ordens muito flexíveis, ainda que o objetivo da missão parecesse óbvio. Então nós — escolheu o pronome para lembrá-las de que todas compunham a delegação — nos dedicamos à questão com uma expectativa justa de sucesso. Al'Thor deveria ser incitado a sair de Caemlyn para trazermos Elayne de volta e vê-la coroada, deixando Andor a nosso lado. Aos pouquinhos, al'Thor se convenceria de que éramos dignas de confiança, pois não lhe faríamos mal. E ele também seria levado a nos demonstrar o devido respeito. Duas ou três, escolhidas com todo o cuidado, assumiriam o lugar de Moiraine, aconselhando-o e guiando-o. Alanna inclusive, claro.

— Como você sabe se não foi ele quem matou Moiraine — interrompeu Bera —, já que dizem que ele matou Morgase?

— Temos ouvido boatos de todo tipo a respeito da morte dela — acrescentou Kiruna. — Alguns até dizem que ela morreu lutando contra Lanfear. A maioria, no entanto, afirma que ela estava sozinha com al'Thor quando morreu.

Merana precisou se esforçar um pouco para não responder. Se permitisse uma só palavra a seus instintos tão enraizados, eles acabariam assumindo o controle de todas elas.

— Isso tudo estava sendo tratado quando vocês duas chegaram — continuou. — Sei que só nos encontraram aqui por acaso, e apenas obedecendo às instruções que receberam de encontrá-lo, mas vocês elevaram o número de Aes Sedai a treze. Que homem da estirpe de al'Thor não fugiria o mais rápido possível ao ouvir que há treze Aes Sedai reunidas? Bem, o fato, puro e simples, é que qualquer prejuízo causado aos nossos planos deve ser atribuído a você, Kiruna, e a você, Bera. — Depois daquilo, só lhe restava esperar. Se tivesse conseguido elevar um pouco a própria moral...

— Você já acabou? — perguntou Bera, fria.

Kiruna foi ainda mais direta. Apenas se virou para as outras e falou:

— Faeldrin, você pode vir conosco para Cairhien, se quiser. E vocês também, Masuri e Rafela.

Merana estremeceu, amassando a carta dobrada no punho.

— Vocês não entendem? — berrou. — Vocês falam como se pudéssemos continuar como antes, como se nada tivesse mudado. Tem uma missão diplomática de Elaida em Cairhien, uma missão da Torre Branca. É isso que al'Thor deve estar pensando. Precisamos mais dele do que ele precisa de nós, e meu medo é que ele saiba disso!

Por um momento, todos os rostos pareceram chocados — todos, menos o de Verin, que só assentiu, pensativa, abrindo um sorrisinho dissimulado. Por um momento, todos os outros rostos eram só olhos esbugalhados, estupefatos. Aquelas palavras pareciam reverberar no ar. *Precisamos mais dele do que ele precisa de nós.* Não precisavam dos Três Juramentos para saber que era verdade.

Então Bera disse, com toda a firmeza:

— Sente-se, Merana, e se acalme.

Sem nem reparar que obedecia, Merana já estava sentada. Ainda trêmula, ainda querendo gritar, mas sentada, apertando a missiva de al'Thor com toda a força.

Kiruna se virou de costas deliberadamente.

— Seonid, você vem, claro. Dois Gaidin a mais são sempre úteis. E Verin, eu acho. — Verin assentiu, como se aquilo fosse um pedido. — Demira — prosseguiu Kiruna —, sei que você tem certa prioridade nas queixas sobre o garoto, mas não queremos deixar al'Thor em pânico outra vez, e alguém precisa levar aquela coleção extraordinária de garotas de Dois Rios até Salidar. Você, Valinde, junto com Kairen e Berenicia, vão auxiliar Merana nisso.

As outras quatro murmuraram, acatando as ordens sem a menor hesitação. Merana sentiu um calafrio. A delegação não estava desmoronando, estava virando pó.

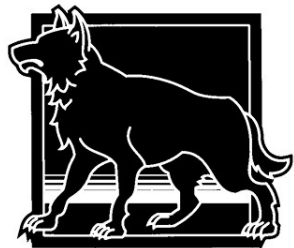
— Eu... — Ela parou de falar quando os olhares de Bera e de Kiruna se voltaram para ela. E também os de Masuri, Faeldrin e Rafela. Virado pó, levando junto toda a sua autoridade. — Vocês com certeza conseguiriam encontrar serventia para uma Cinza — ponderou, em um fio de voz. — Com certeza haverá negociações, e... — As palavras continuavam a traí-la. Isso *nunca* teria acontecido quando a Torre ainda estava inteira.

— Muito bem — cedeu Bera, por fim, em um tom que fez com que Merana usasse todo o seu autocontrole para evitar que as bochechas ficassem vermelhas de vergonha.

— Demira, você leva as garotas para Salidar — ordenou Kiruna.

Sentada, Merana nem se mexia. Rezava para que, àquela altura, o Salão já tivesse escolhido uma Amyrlin. Alguém muito forte no Poder e no coração. Precisariam de uma nova Deane ou outra Rashima, para voltar a fazer delas o que já tinham sido. Rezava para que Alanna as conduzisse a al'Thor antes que ele decidisse aceitar a missão de Elaida. Do contrário, nem mesmo uma nova Rashima as salvaria.





ESPINHOS

Rand passou o restante do dia em seus aposentos no Palácio do Sol, deitado naquela cama imensa com quatro pilares quadrados de madeira negra polidos e lustrosos mais grossos que sua perna e pés de marfim marchetado. Como se escolhida para contrastar com todo o ouro da antessala e sala de estar, a mobília do quarto era toda de madeira negra e marfim, mas tão cheia de linhas retas quanto qualquer decoração do palácio.

Sulin entrava e saía, afofando as plumas dos travesseiros e ajeitando o lençol de linho por cima dele, resmungando que era mais saudável dormir no chão, trazendo chá de menta que ele não pedira e ponche que ele não queria, até que Rand a mandou parar.

— Como milorde Dragão ordenar — rosnou a mulher, com um sorriso doce. Fez sua segunda medida perfeita, mas saiu pisando duro e com tanta determinação que parecia que nem se daria ao trabalho de abrir a porta, atravessando-a direto.

Min também ficou ali com Rand, sentada no colchão, segurando a mão dele com cara de preocupação. Rand até começou a suspeitar de que Min achava que ele estava morrendo. Por fim, também a botou para fora, ao menos por tempo suficiente para vestir um robe de seda cinza que sempre ficava naquele guarda-roupas. E encontrou outra coisa, bem no fundo do armário: um estojo de madeira estreito e liso com uma flauta, presente de Thom Merrill em uma época que parecia de outra vida. Sentou-se junto de uma das janelas compridas e estreitas e tentou tocar. Depois de tanto tempo, no começo só saíram guinchos e sopros silenciosos do que qualquer coisa. E foram os barulhos estranhos que trouxeram Min de volta.

— Toque para mim — pediu ela, com uma risada satisfeita. Satisfeita ou surpresa, não dava para saber.

Claro que ela se sentou no colo de Rand enquanto ele tentava, com pouco sucesso, produzir qualquer coisa que lembrasse uma nota musical reconhecível. E foi exatamente assim que as Sábias surpreenderam os dois. Amys, Bair, Sorilea e mais quase dez daquelas Aiel de xales entraram, e Min se levantou bem rápido, sem jeito, com as bochechas vermelhas e ajeitando o casaco de um jeito que parecia que os dois estavam lutando.

Bair e Sorilea pararam ao lado de Rand antes que ele pudesse sequer dizer uma palavra.

— Olhe para a esquerda — ordenou Sorilea, erguendo sua pálpebra com o polegar e enfiando aquela cara enrugada diante da dele. — Olhe para a direita.

— Seu pulso está rápido demais — murmurou Bair, com os dedos ossudos pressionando a lateral do pescoço de Rand com firmeza.

Ao que parecia, Nandera mandara uma Donzela atrás das Sábias assim que os joelhos dele falharam. E Sorilea selecionara aquela horda dentre o pequeno exército de Sábias que tinham se voluntariado para ir ao palácio. E, ao que tudo indicava, com ou sem Sorilea para contê-las, todas queriam sua vez com o *Car'a'carn*. Depois que ela e Bair terminaram, vieram Amys e Colinda, uma mulher esguia com olhos cinza penetrantes que ainda não parecia ter chegado à meia-idade, mas com uma presença quase tão forte quanto Sorilea — coisa que Amys também tinha, claro, bem como tantas outras. Rand era cutucado, agulhoado, encarado e chamado de teimoso quando se recusava a ficar pulando. Elas pareciam ter certeza de que ele obedeceria.

Min não foi ignorada enquanto as Sábias se revezavam para ficar com ele: as que ficavam de fora a rodeavam e a enchiam de perguntas, todas sobre suas visões. Aquilo a deixou de olhos arregalados, para dizer o mínimo, olhando das Sábias para Rand como se perguntasse se estavam todos lendo seus pensamentos. Amys e Bair explicaram como sabiam — Melaine não conseguira fazer segredo da notícia sobre as filhas —, e os olhos de Min quase saltaram das órbitas, de tão arregalados. Até Sorilea parecia concordar com Melaine que a habilidade de Min a deixava quase em pé de igualdade com as Sábias. Ainda assim, as Sábias já estavam tão acostumadas a fazer as coisas à sua própria maneira e ter tudo como queriam — igualzinho às Aes Sedai — que obrigaram Min a repetir tudo para cada uma delas — e ocasionalmente repetir mais de uma vez, já que estavam tão ocupadas se preocupando com Rand que às vezes perdiam uma ou outra palavra, e queriam se certificar de que compreendiam tudo.

Sorilea e as outras enfim concluíram, ainda que muito relutantes, que Rand só precisava descansar um pouco. Depois que foram embora, deixando a ordem de que ele fosse repousar de uma vez, Min voltou para o seu colo.

— Elas conversam nos *sonhos*? — perguntou, balançando a cabeça. — Não parece possível, parece coisa das lendas. — Estava com o cenho franzido. — Quantos anos você acha que Sorilea tem? E aquela Colinda. Eu vi... não. Não, não tem nada a ver com você. Talvez seja o calor me afetando. Quando eu sei, eu *sempre* sei. Deve ser o calor. — Um brilho malicioso surgiu nos olhos dela, e Min foi se aproximando mais, bem devagar, fazendo um biquinho como se fosse beijá-lo. — Se deixar eles assim — murmurou, quando sua boca já quase tocava a dele —, pode ser que ajude. O último pedaço que você tocou até lembrava um pouco “O Galo na Gomeira”.

Ele levou um instante para entender a piada, com aqueles olhos preenchendo seu campo de visão. Quando finalmente compreendeu o que estava se passando, deve ter feito uma cara muito engraçada. Min desabou, gargalhando com a cabeça apoiada em seu peito.

Pouco depois chegou um bilhete de Coiren inquirindo sobre sua saúde, fazendo votos de que não estivesse doente e perguntando se ela poderia visitá-lo com duas de suas irmãs — estava oferecendo Cura, caso ele desejasse. Lews Therin se remexeu enquanto Rand lia, como se acordasse de seu sono, mas o murmúrio vago e ranzinza não chegava nem perto da ira de Caemlyn, e ele voltou a dormir assim que Rand deixou a carta de lado.

Era um forte contraste em relação ao comportamento de Merana, assim como um lembrete de que nada acontecia no Palácio do Sol que Coiren não ficasse sabendo antes do pôr do sol do mesmo dia, senão mais cedo. Respondeu com um agradecimento e uma recusa educada. Fora da cama ou não, ainda se sentia cansado. Queria estar em perfeito juízo quando desse de cara com alguma Aes Sedai. Aquilo era apenas parte do motivo para responder.

No mesmo bilhete, Rand também pediu que Gawyn o visitasse. Só encontrara o irmão de Elayne uma vez, mas gostava do rapaz. No entanto, Gawyn não foi vê-lo nem respondeu à carta. Com pesar, Rand concluiu que o rapaz acreditava nos boatos que circulavam sobre como se dera a morte de sua mãe. Não era bem o tipo de coisa que ele poderia pedir que a pessoa parasse de acreditar. Ficava com o humor tão azedo toda vez que pensava naquilo que Min pareceu desistir de tentar animá-lo. Nem Perrin nem Loial conseguiam ficar por

perto de Rand quando ele se encontrava naquele estado de espírito.

Três dias depois, veio outra solicitação de Coiren, ainda no mesmo tom cortês, e uma terceira após mais três dias, mas Rand inventou desculpas educadas para todas essas. Em parte por causa de Alanna — a sensação ainda era vaga e distante, mas ela se aproximava mais a cada dia. Aquilo não era surpresa: Rand tinha certeza de que Merana escolheria Alanna como uma das seis que a acompanhariam. Não tinha a menor intenção de deixar que a Verde chegasse a menos de uma milha dele, pelo menos não se pudesse vê-la, mas tinha dito que as deixaria em pé de igualdade com Coiren, e era isso que pretendia fazer, de forma que Coiren teria que esperar mais um pouco, e com paciência. Além do mais, estava mesmo ocupado.

Foi fazer uma rápida visita à escola, no antigo palácio de Barathanes, mas acabou se demorando bastante. Idrien Tarsin o aguardava outra vez diante da porta para mostrar diversas invenções e descobertas, quase todas incompreensíveis, além das lojas onde agora se fabricavam arados, ancinhos e segadoras de modelos variados para a venda. O problema, no entanto, era Herid Fel. Ou talvez Min. Fel devaneou como de costume, e o homem se esqueceu de que Min estava lá — esqueceu várias vezes. Quando Rand finalmente conseguia fazer Fel falar mais que duas frases sobre um assunto específico, o sujeito reparava na presença dela, levava um baita susto e perdia o fio da meada mais uma vez. Ele ficava se desculpando pelo cachimbo meio fumado que nunca se lembrava de acender, removendo cinzas de cima do barrigão opulento e alisando os finos cabelos grisalhos. Min parecia gostar, embora Rand não entendesse por que alguém apreciaria um sujeito que se esquecia de sua presença. Ela até beijou o cocuruto de Fel ao se levantar para ir embora com Rand, o que deixou o sujeito absolutamente chocado. Não foi de muita ajuda para saber o que Fel descobrira sobre os Selos na prisão do Tenebroso ou a Última Batalha.

No dia seguinte, Rand recebeu um bilhete escrito em um pedaço de pergaminho rasgado.

Crença e ordem fornecem força. É preciso limpar o cascalho antes de começar a construir. Explicarei da próxima vez que nos virmos. Não traga a garota. Bonita demais.

Fel

Era um garrancho escrito às pressas, a assinatura espremida quase no ponto em que o papel fora rasgado, e nada daquilo fazia o menor sentido para Rand. Quando tentou ir outra vez falar com Fel, descobriu que o homem dissera a Idrien que se sentia jovem outra vez e fora pescar. No meio de uma seca. Rand se perguntou se o velho enfim teria perdido o juízo. Min achou o bilhete engraçado e perguntou se podia guardá-lo, e Rand a viu relendo-o diversas vezes, sempre rindo.

Tendo Fel perdido o juízo ou não, Rand decidiu que não levaria Min na próxima vez — bem, a verdade era que estava cada vez mais difícil mantê-la por perto quando queria que ela estivesse ali. A mulher parecia passar mais tempo com as Sábias do que com ele. Não entendia por que isso o irritava tanto, mas percebeu que tendia a ser rude com os outros quando Min estava nas tendas. Era bom que a mulher não passasse tempo demais com ele. As pessoas logo perceberiam, então falariam e pensariam coisas inapropriadas. Em Cairhien, onde os serviçais jogavam sua própria versão do Jogo das Casas, podia ser perigoso ter gente achando que Min era importante. Era bom ela ficar longe. Rand tentava não ser rude.

Claro que precisava de Min por perto para saber as auras dos nobres que começavam a visitá-lo, um de cada vez, sempre perguntando sobre sua saúde — a fraqueza nos joelhos decerto tinha provocado rumores —, e sempre sorrindo e inquirindo por quanto tempo ele pretendia ficar em Cairhien e quais eram seus planos, se ele não se incomodava se perguntassem. E sorrindo cada vez mais, sempre sorrindo. O único que não abria um sorriso tão intenso era Dobraine, ainda com a frente da cabeça raspada à moda dos soldados e as listras do casaco puídas pela placa peitoral que nunca usava no palácio. E Dobraine fez aquelas

mesmíssimas perguntas em um tom tão lúgubre que Rand ficou quase tão feliz quando ele saiu quanto ficava ao se ver livre dos demais nobres.

Min sempre dava um jeito de comparecer a essas audiências, espremendo-as no meio daquelas visitas misteriosas às Sábias — Rand não iria perguntar o que se passava entre elas. O problema era escondê-la dos nobres.

— Posso fingir ser sua concubina — sugeriu Min, rindo. — Posso me enroscar em seu pescoço e dar uvas na sua boca. Quer dizer, passas... faz tempo que não vejo uma uva. E você pode me chamar de lábios de mel. Daí ninguém questionaria o motivo da minha presença.

— Não — retrucou ele, mais que depressa, e Min pareceu bem séria.

— Acha mesmo que os Abandonados viriam atrás de mim só por isso?

— Pode ser — respondeu ele, no mesmo tom sério. — Um Amigo das Trevas como Padan Fain viria, se ele ainda estiver vivo. Eu não arriscaria, Min. De todo modo, não permitirei que esses cairhienos imundos fiquem pensando essas coisas de você. E nem os tairenos.

Os Aiel eram outra história. Eles achariam a brincadeira muito engraçada, muito divertida.

Min era mesmo volúvel. Passou de séria a radiante sem meio-termo e ficou toda sorrisos. Ao menos até as audiências começarem.

Fracassaram com o biombo de madeira ornamentada com douraduras montado no canto da antessala. Os olhos escuros e cintilantes de Maringil evitavam tanto aquele ponto do aposento que Rand sabia que o homem reviraria o Palácio do Sol de cima a baixo para descobrir quem ou o que estava escondido ali. Tiveram mais sucesso com as reuniões na sala de estar, com Min espiando pelas frestas das portas para a antessala, mas nem todos os nobres exibiam imagens ou auras durante as audiências, e o pouco que ela via quando circulavam pelos corredores não levava a nada. Maringil, de cabelos brancos, magro feito uma lâmina e frio como gelo, morreria envenenado. Colavaere, que mantivera o rosto mais que belo muito calmo e contido depois de descobrir que Aviendha não estava ali, morreria enforcada. Meilan, com a barba pontuda e voz melíflua, morreria com uma facada. O futuro trazia uma conta pesada para os Grão-Lordes de Tear. Segundo Min, Aracome, Maraconn e Gueyam também enfrentariam mortes sangrentas, talvez em batalhas. Ela comentou que nunca vira tantas mortes em um só grupo de pessoas.

Assim que viu sangue cobrindo o largo rosto de Gueyam, no quinto dia em que estavam em Cairhien, ela se sentiu tão mal que Rand a obrigou a se deitar e mandou que Sulin trouxesse panos úmidos para molhar sua testa. Foi ele quem ficou sentado segurando a mão dela dessa vez. Min apertava sua mão de volta com bastante força.

Mas mesmo assim ela não parou com as provocações. Ele sempre podia contar com sua presença quando praticava com a espada, treinando as formas com quatro ou cinco dos melhores soldados tairenos e cairhienos, e quando ele e Rhuarc ou Gaul se engalfinhavam tentando acertar a cabeça um do outro. Ela sempre passava o dedo pelo peito nu de Rand e fazia alguma piada sobre pastores não suarem muito por conta do costume de vestir a lã grossa das ovelhas, ou coisa do tipo. Min às vezes tocava a cicatriz na lateral de seu corpo, aquela ferida que nunca cicatrizara direito, o círculo de pele rosada. Mas era um toque diferente, mais suave, e ela nunca fazia piadas sobre o ferimento. Então ela beliscava seu traseiro, o que o deixava no mínimo espantado quando havia gente por perto. As Donzelas e Sábias quase rolavam de tanto rir sempre que ele dava um pulo, e Sulin parecia que ia explodir tentando conter o riso. E Min também se aninhava em seu colo e o beijava sempre que podia, e até ameaçou ir esfregar suas costas no banho, alguma noite. Quando Rand fingiu chorar e gaguejar, Min riu e disse que não era bom o bastante.

Ela sempre parava quando alguma Donzela enfiava a cabeça para anunciar uma visita, sobretudo Loial — o Ogier nunca ficava muito e passava o tempo todo falando da Biblioteca Real —, ou Perrin, que passava ainda menos tempo e parecia cada vez mais cansado. Min pulava para longe ainda mais depressa se Faile

estivesse com algum dos dois. Nas duas vezes em que isso aconteceu, a jovem logo escolheu um livro entre os que Rand guardava no dormitório e se sentou, fingindo ler, abrindo o livro em algum ponto no meio, como se já tivesse se dedicado a ele por algum tempo. Rand não entendia os olhares frios que as duas trocavam. Não pareciam haver bem uma animosidade ou inimizade entre elas, mas Rand suspeitava de que, se qualquer das duas fizesse uma lista das pessoas com as quais preferia não se encontrar, o nome da outra estaria logo no início.

O mais engraçado foi que, na segunda vez, ela escolheu o primeiro volume, encadernado em couro, dos *Ensaios sobre a Razão*, de Daria Gahand — livro que Rand considerara de difícil compreensão e que pretendia enviar de volta à Biblioteca da vez seguinte que Loial aparecesse. Min de fato prosseguiu com a leitura por um tempo depois que Faile foi embora e, apesar das carrancas e dos resmungos, levou o livro para os próprios aposentos na ala de hóspedes, naquela noite.

Reinava um frio desinteresse entre Min e Faile, mas entre Min e Berelain os sentimentos beiravam a hostilidade. Quando Somara anunciou a chegada da Primeira de Mayene, na tarde do segundo dia, Rand vestiu o casaco e foi para a antessala a passos firmes, ocupando a cadeira comprida e dourada sobre o palanque antes de mandar Somara trazê-la. Min demorou para chegar ao salão. Quando Berelain entrou, deslumbrante como sempre em um vestido azul muito decotado, e deitou os olhos em Min, de casaco rosa-claro e calças... Por longos instantes, foi como se Rand não existisse. Berelain avaliou Min de cima a baixo, sem disfarçar, e Min pareceu se esquecer de que ainda estava no quarto de Rand. Ela pôs as mãos na cintura e permaneceu ali, com um joelho dobrado, analisando Berelain com a mesma franqueza. As duas trocaram sorrisos — Rand chegou a sentir os pelos da nuca se eriçando com aquela cena; só conseguia pensar em duas gatas que acabavam de descobrir terem sido trancadas no mesmo quatinho. Parecendo decidir que não havia sentido em se esconder, Min foi andando — ou, melhor dizendo, foi rebolando; conseguiu fazer o caminhar de Berelain parecer o de um menino! — e se sentou, cruzando as pernas, ainda sorrindo. Luz, como aquelas mulheres sorriam.

Berelain enfim virou-se para Rand, abrindo bem as saias e inclinando-se em uma medida profunda. Ele ouviu Lews Therin em sua cabeça, apreciando a visão daquela mulher belíssima e mais do que generosa em exhibir seus atributos. Rand também apreciou o que viu, apesar de se perguntar se deveria desviar o olhar pelo menos até que Berelain se levantasse outra vez, mas havia um motivo para ter optado pelo palanque. Ele tentou soar sensato e firme.

— Rhuarc deixou escapar que você vem negligenciando suas obrigações, Berelain. Parece que você andou se escondendo nos seus aposentos durante dias, depois da minha última visita. Soube que ele teve que ralar com você para que saísse de lá. — Rhuarc não tinha dito exatamente isso, mas dera essa impressão. As bochechas dela coraram, sugerindo que Rand acertara. — Você sabe que está no comando, não ele. Deve escutar os conselhos de Rhuarc, não deixar tudo a cargo dele. Não preciso de uma rebelião dos cairhienos por pensarem que você colocou um Aiel para governá-los.

— Eu estava... preocupada, milorde Dragão. — Apesar da hesitação e do rosto corado, a voz dela saiu serena. — Desde a chegada das Aes Sedai, os rumores vêm crescendo feito ervas daninhas. Se me permite a pergunta, quem é que o senhor pretende colocar no governo deste lugar?

— Elayne Trakand, a Filha-herdeira de Andor. Agora Rainha de Andor. — Ao menos seria, em breve. — Não sei de que rumores você está falando, mas preocupe-se em deixar Cairhien nos eixos, eu me preocupo com as Aes Sedai. Elayne ficará grata pelo que está fazendo aqui.

Por algum motivo, Min fungou com desdém.

— É uma boa escolha — comentou Berelain, pensativa. — Eu acho que os cairhienos vão aceitá-la, talvez até os rebeldes das colinas. — Era bom ouvir aquilo. Berelain era boa em avaliar correntes políticas, talvez tanto quanto qualquer cairhieno. Ela respirou fundo, fazendo pausar a voz de Lews Therin. — Quanto às Aes

Sedai... os boatos dizem que elas vieram para escoltá-lo até a Torre Branca.

— E *eu* já disse para deixar as Aes Sedai comigo.

Não que desconfiasse de Berelain. Confiava nela para governar Cairhien até que Elayne assumisse o Trono do Sol, e até confiava que ela própria não almejasse o trono. Mas também sabia que, quanto menos gente soubesse que ele tinha qualquer plano em relação às Aes Sedai, menor a chance de Coiren descobrir que ele visava algo além de seu ouro e suas joias.

Min fungou outra vez assim que as portas se fecharam atrás de Berelain. Na verdade, foi mais uma bufada.

— Não sei por que ela se dá ao trabalho de usar roupas. Bem, cedo ou tarde ainda vai aprender uma lição. Não vi nada de útil a você, só que um homem de branco vai deixá-la de quatro. Ah, certas mulheres não têm vergonha!

Naquela mesma manhã, Min pediu algumas moedas para contratar costureiras, posto que chegara a Caemlyn apenas com a roupa do corpo. As mulheres começaram a produzir casacos, calças e blusas de seda e brocados de todas as cores. Algumas blusas pareciam ter decotes mais reveladores, mesmo por baixo dos casacos, e Rand não fazia ideia de como a mulher conseguia entrar em algumas das calças. Min também praticava arremesso de facas todos os dias de manhã, e ele até viu Nandera e Enaila ensinando a ela a lutar com as mãos e os pés, uma forma de luta bem diferente da masculina. As Donzelas não gostaram de tê-lo como plateia e se recusaram a continuar até que ele saísse. Talvez Perrin tivesse entendido alguma coisa, mas Rand concluiu, pela milésima vez, que não compreendia as mulheres e jamais compreenderia.

Rhuarc ia vê-lo todos os dias, ou então Rand ia ao gabinete que o Aiel dividia com Berelain. Ficava satisfeito em vê-la trabalhando arduamente, debruçada sobre relatórios de carregamentos de grãos, reassentamentos de refugiados e reparos aos danos causados pelo que alguns cairhienos já chamavam de Segunda Guerra dos Aiel, apesar de todos os esforços para denominá-la Guerra dos Shaido. Rhuarc alegava ter decidido ignorar o que chamava de brincadeiras cairhienas em relação ao *ji'e'toh*, embora ainda resmungasse sempre que via uma cairhiena com uma espada ou jovens rapazes e moças vestidos de branco. Os rebeldes ainda pareciam esperar nas colinas, cada vez em maior número, mas isso também não o preocupava. Estava apreensivo era com os Shaido e com quantas lanças ainda rumavam para o sul a cada dia, em direção a Tear. Os batedores que voltavam relatavam que os Shaido na Adaga do Fratricida pareciam inquietos. Não havia indício da direção para onde o grupo pretendia seguir, e nem quando. Rhuarc até mencionou os Aiel que ainda se entregavam à Desolação e abriam mão da lança, ou se recusavam a parar de usar o branco dos *gai'shain* mesmo depois de terminado o tempo da obrigação, e se referiu também aos poucos que ainda rumavam para o norte, a fim de se juntar aos Shaido. Era uma medida da inquietação que sentia. Rand descobriu, para sua surpresa, que Sevanna fora às tendas e até visitara a cidade, mas que tinha ido embora no dia seguinte à chegada de Rand. Rhuarc só mencionou aquilo de passagem.

— Não seria melhor ter prendido a mulher? — perguntou Rand. — Rhuarc, sei que ela se apresenta como Sábia, mas, pelo que entendi do processo, isso não pode ser verdade. Eu não me surpreenderia se os Shaido passassem a ter sensatez, sem ela.

— Duvido — respondeu Rhuarc, em um tom seco. Estava sentado em uma almofada, encostado na parede do gabinete, fumando seu cachimbo. — Amys e as outras ainda se entreolham pelas costas de Sevanna, mas a acolhem como Sábia. Se as Sábias dizem que Sevanna é uma delas, então ela é. Já vi chefes a quem não daria uma bolsa d'água, mesmo que estivesse entre dez lagos, mas eles mesmo assim eram chefes.

Suspirando, Rand analisou o mapa aberto sobre a mesa. Rhuarc de fato não parecia precisar dele; mesmo sem olhar, sabia dizer qualquer característica do terreno retratado. Berelain permanecia sentada na poltrona de espaldar alto, do lado oposto da mesa, os pés enroscados sob o corpo e uma pilha de papéis no colo. Segurava uma pena na mão, e um frasco de tinta jazia sobre a mesinha ao lado da poltrona. Ela de vez em

quando olhava em sua direção, mas baixava a cabeça de volta para os informes sempre que via Rhuarc olhando. E este, por alguma razão, fechava a cara sempre que olhava para ela, que, por sua vez, corava e cerrava os dentes, demonstrando teimosia. Rhuarc às vezes exibia um olhar de desaprovação, o que não fazia o menor sentido, já que Berelain voltara a cuidar de suas obrigações.

— Você vai ter que parar de mandar lanças para o sul — declarou Rand, por fim. Não gostava nada daquilo. Era de suma importância que Sammael visse o maior martelo do mundo avançando para cima dele, mas não ao custo de ter que arrancar os Shaído de Cairhien outra vez. — Não vejo outra saída.

Os dias passaram e Rand continuou ocupado. Teve que receber lordes e ladies que trocavam tantos sorrisos e cordialidades que só podiam estar tramando uns contra os outros por baixo dos panos. As Sábias vinham aconselhá-lo sobre como lidar com as Aes Sedai, fossem as da Torre ou as de Salidar. As sugestões de Amys e Bair faziam Melaine parecer meiga, e Sorilea fazia seu sangue gelar. Jovens cairhienos se rebelavam nas ruas contra a proibição dos duelos que Rhuarc estabelecera, e o Aiel respondia dando um gostinho do que de fato era se tornar *gai'shain*: botava os rebeldes para passarem o dia sentados, nus, debaixo de sol, muito bem vigiados. Aquilo saciou um pouco o furor, mas o Aiel não iria tão longe contra os próprios costumes, colocando aguacentos vestidos de branco, visto que os capturados pelos Escudos Vermelhos começaram a se vangloriar da situação. Rand entreouviu Selande dizer a outra jovem, também portando espada e com os cabelos cortados bem curtos, em um tom bastante presunçoso, que a mulher só compreenderia o *ji'e'toh* quando fosse capturada pelos Aiel. Alegava que era uma experiência edificante, fosse lá o que estivesse querendo dizer com aquilo.

Porém, apesar dos Shaído, dos nobres, das Sábias e dos protestos, apesar da dúvida se Fel algum dia voltaria daquela pescaria, os dias foram... agradáveis. Revigorantes, até. Talvez fosse só porque ele chegara tão cansado na cidade. E talvez de fato fosse só em comparação com aquelas últimas horas em Caemlyn, mas Lews Therin parecia mesmo mais quieto. Rand até se pegou apreciando as brincadeirinhas de Min, e uma ou duas vezes teve que lembrar a si mesmo de que tudo não passava de uma provocação. Por volta do décimo dia em Cairhien, começou a pensar que não seria um jeito tão ruim de passar o resto da vida. Claro que aquilo não poderia durar.

* * *

Para Perrin aqueles dez dias não foram nada agradáveis. Ele tratou de buscar a companhia de Loial, mas o Ogier encontrara seu paraíso na Biblioteca Real, onde passava a maior parte dos dias. Perrin gostava de ler, e talvez tivesse apreciado aquelas salas imensas cheias de livros até os tetos abobadados altíssimos, mas sempre havia uma Aes Sedai rondando aquelas salas — uma mulher magra e de cabelos negros que nunca piscava. Ela não parecia notar sua presença, mas Perrin não confiava muito naquelas mulheres, mesmo antes dos eventos em Caemlyn. Sem a possibilidade da companhia de Loial, Perrin saía bastante para caçar com Gaul, e algumas vezes com Rhuarc, que conhecera na Pedra. O problema de Perrin era Faile. Ou talvez fosse Berelain. Ou ambas. Se Rand não estivesse tão ocupado, Perrin teria ido se aconselhar com ele. Rand em geral entendia bem de mulheres, mas tinha coisas que homem nenhum simplesmente saía falando por aí.

Começou logo no primeiro dia, e só estivera em Cairhien por tempo suficiente para ser conduzido a seus aposentos do Palácio do Sol. Faile tinha saído com Bain e Chiad para explorar, e Perrin estava se lavando, sem camisa, quando sentiu um perfume no ar. Não era um cheiro forte, mas seu olfato era apurado. Uma voz cálida atrás dele comentou:

— Sempre imaginei que você tivesse costas lindas, Perrin.

Ele se virou tão depressa que quase bateu no lavatório.

— Ouvi dizer que você veio com... uma esposa? — Berelain estava parada diante da porta da sala de estar, sorrindo.

Sim, tinha mesmo. Uma esposa que não ficaria nada satisfeita em encontrá-lo sozinho e sem camisa com qualquer pessoa que usasse vestido, sobretudo a Primeira de Mayene. Enfiando uma camisa de qualquer jeito, tratou de dizer a Berelain que Faile tinha saído e que ele não sabia quando ela estaria de volta para receber visitas, então escoltou-a até o corredor o mais rápido que pôde sem tocá-la nem a jogar para fora. Achou que aquilo encerraria a questão. Berelain foi embora, e ele tinha conseguido chamar Faile de esposa em todas as seis frases que dissera, reforçando, por duas vezes, quanto a amava. Berelain sabia que ele era casado e sabia que ele amava a esposa. Aquilo não se repetiria.

Quando Faile voltou, algum tempo depois, deu dois passos para dentro do quarto e começou a exalar odores de ciúmes e raiva, muito pungentes — uma mistura que poderia ter feito o nariz de Perrin sangrar. Ele não entendeu o motivo. Ainda podia sentir o perfume de Berelain, mas seu olfato era quase tão aguçado quanto o de um lobo, coisa que o de Faile decerto não era. Foi tudo muito estranho. Faile sorriu, e nenhuma palavra indócil saiu de sua boca. Ela estava amorosa como sempre e até mais ferosa do que de costume. Chegou a arranhar seus ombros — coisa que jamais fizera.

Depois, enquanto examinava os cortes sangrentos à luz do lampião, ela mordiscou sua orelha e riu.

— Em Saldaea — murmurou —, fazemos um talho nas orelhas dos cavalos. Mas acho que isso basta para marcar você. — Ela ainda exalava aquele cheiro forte de ciúmes e raiva.

Se tivesse sido só aquilo, estaria tudo resolvido. O ciúme de Faile podia até arder feito fogo de forja crepitando ao vento forte, mas sempre morria tão rápido quanto se inflamava, bastava que ela percebesse que não havia motivo para tanto. Porém, na manhã seguinte, Perrin a viu conversando com Berelain no corredor, ambas sorrindo como se falassem com uma amiga querida. Conseguiu ouvir a última frase de Berelain, antes que ela virasse as costas.

— Eu sempre cumpro as minhas promessas. — Era um estranho lembrete, e aquilo fez o cheiro acre e ciumento voltar a emanar de Faile.

Até perguntou à esposa que promessa era aquela da qual Berelain estava falando, mas talvez aquilo tivesse sido um erro. Faile piscou, surpresa — às vezes se esquecia de como ele ouvia bem —, e respondeu:

— Eu realmente não me lembro. Ela é o tipo de mulher que faz muitas promessas que não é capaz de cumprir.

Os ombros dele ganharam um *segundo* conjunto de arranhões, e não estavam nem no meio da manhã!

Berelain passou a persegui-lo pelo castelo. No começo aquilo não ficava tão aparente. A mulher até flertara com ele certa vez, na Pedra de Tear, um flerte sutil e não muito incisivo, e ela sabia que Perrin agora era casado. A princípio, eram só alguns encontros acidentais pelos corredores, Perrin tinha certeza, com umas poucas palavras inofensivas trocadas de passagem. Mas, depois de um tempo, teve certeza de que ou a sua energia de *ta'veren* estava influenciando o acaso ou Berelain estava planejando aqueles encontros, por mais improvável que parecesse. Tentou dizer a si mesmo que aquilo era ridículo, que deveria estar se achando tão bonitão quanto Wil al'Seen. Wil era o único homem que ele já vira ser disputado por mulheres, e ninguém nunca correria atrás de Perrin Aybara. Ainda assim, aqueles “encontros acidentais” já estavam frequentes demais.

E Berelain sempre o tocava. Não era nenhum toque óbvio e ostensivo, apenas um roçar de dedos em sua mão por um instante ou no braço ou no ombro. Mal se notava. No terceiro, Perrin se lembrou de algo que lhe deu calafrios: para domar um cavalo nunca antes montado, era preciso começar com toques leves, até que o animal reconhecesse que não seria maltratado e ficasse quieto ao ser tocado. Depois disso vinha o teliz, e então a sela. A rédea sempre vinha por último.

Começou a ter pavor do perfume de Berelain sempre que o sentia por perto. Começou a dar meia-volta e

fugir assim que sentia um leve indício daquele cheiro, só que não podia dedicar todos os momentos preocupado em detectar a presença dela. Primeiro porque parecia haver um grande número de jovens cairhienos meio tontos e muito cheios de si entrando e saindo do palácio, a maioria mulheres — mulheres com espadas! Sempre contornava qualquer grupo de jovens que se colocavam deliberadamente em seu caminho, mas por duas vezes teve que derrubar algum idiota que ficava dançando de um lado a outro diante dele, impedindo sua passagem. Até se sentiu meio mal por aquilo — os cairhienos eram todos muito menores que ele —, mas não dava para jogar com a sorte diante de um homem com a mão no punho da espada. Certa vez, uma moça tentou o mesmo, mas fez um escarcéu até Perrin lhe devolver a espada que tomou sem a menor dificuldade — o que pareceu deixá-la chocada. Ela o seguiu aos berros, gritando que ele não tinha honra, até que algumas Donzelas a levaram, ralhando com ela em um tom bem firme.

E as pessoas ali do palácio sabiam que ele era amigo do Dragão Renascido. Mesmo se não tivesse chegado a Cairhien com aquele portão de Rand, alguns Aiel e tairenos ainda se lembravam dele da Pedra, e as notícias correram rápido. Lordes e ladies que ele nunca vira na vida vinham se apresentar nos corredores, e Grão-lordes tairenos que o encaravam com arrogância na Pedra dirigiam-se a ele feito velhos amigos, agora que estavam em Cairhien. A maioria cheirava a medo e mais um odor que ele não sabia definir. E reparou que todos pareciam querer a mesma coisa.

— Receio que o Lorde Dragão nem sempre me faça confidências, milady — respondeu, com toda a educação, a uma mulher de olhar frio chamada Colavaere. — E, quando faz, a senhora não pode pensar que eu quebraria essa confiança.

A mulher tinha um sorrisinho cheio de superioridade e um ar de quem se perguntava se o couro de Perrin serviria como cobertor de colo. Ela exalava um cheiro estranho, ao mesmo tempo duro e suave e, de alguma maneira... cheio de soberba.

— Não sei muito bem o que Rand pretende fazer — disse ele a Meilan. O homem ainda tinha o mesmo olhar de superioridade de antes, apesar de ter passado a sorrir quase tanto quanto Colavaere. E exalava o mesmo cheiro, com a mesma intensidade. — Talvez o senhor deva perguntar a ele.

— Se eu soubesse mesmo disso, não sairia espalhando pela cidade — respondeu a Maringil, um sujeito matreiro de cabelos brancos com dentes demais no sorriso. Já estava se cansando de tantas tentativas de descobrir o que ele sabia. Maringil também exalava o mesmo cheiro, e com a mesma intensidade dos outros dois.

Nos três, a força daquele odor era muito maior do que qualquer outro nobre. Sabia, em seu íntimo, que era um cheiro tão perigoso quanto o cume de uma montanha logo antes de uma avalanche.

Dividido entre se manter atento aos jovens idiotas e aquele cheiro estranho e tão arriscado, só conseguiu notar o perfume de Berelain no ar quando ela já estava perto o suficiente para dar o bote. Bem, a verdade era que a mulher andava pelos corredores com passadas lânguidas, um cisne nadando em um lago plácido, mas ainda assim ele sentia como se levasse um bote.

Perdeu a conta de quantas vezes mencionou Faile. Não importava: Berelain parecia não ouvir. Pediu que ela parasse com aquilo, mas a mulher perguntou do que ele estava falando. Mandou que ela o deixasse em paz, mas Berelain riu, deu um tapinha em seu rosto e perguntou o que é que ela tinha que parar de fazer. Aquilo, naturalmente, ocorreu no instante exato em que Faile irrompia no cruzamento daquele corredor com outro, no exato instante antes de Perrin se afastar com um pulo. Óbvio que Faile acabou com a impressão de que ele só se afastara porque a vira. Sem hesitar por nenhum segundo, a mulher deu meia-volta. Ela nem sequer diminuiu ou apressou o passo.

Perrin correu atrás da esposa, alcançou-a e foi andando a seu lado, envolvido naquele silêncio doloroso. Era difícil dizer o que precisava ser dito rodeado de toda aquela gente. Faile abriu um sorriso satisfeito que sustentou por todo o trajeto até o quarto, mas como era ácido e espinhoso o cheiro que exalava. Muito

espinhoso.

— Não era o que parecia — anunciou, assim que a porta se fechou. Faile não disse uma só palavra, apenas ergueu as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. — Bom, até que foi... Berelain me deu um tapinha no rosto... — Ela ainda sorria, mas com as sobrancelhas erguidas de um jeito um tanto mais sombrio, com uma raiva pungente entre aquele cheiro terrível. — Mas ela simplesmente bateu... Eu não dei nenhuma abertura, Faile. Ela simplesmente... — Queria que ela dissesse alguma coisa, mas a mulher apenas o encarava. Achou que ela estivesse esperando alguma coisa, mas o quê? Sentiu um lampejo de genialidade e disse: — Faile, me desculpe.

A raiva ficou cortante como uma navalha.

— Entendi — declarou ela, e saiu do quarto deslizando em um passo elegante.

Bem, tinha mesmo trocado os pés pelas mãos, e ainda se atrapalhara todo no processo, embora não conseguisse entender direito no que errara. Tinha pedido desculpas, e nem sequer fizera qualquer coisa pela qual devesse se desculpar.

Naquela mesma tarde, encontrou Bain e Chiad debatendo se deveriam ajudar Faile a dar uma surra nele. Que atrevimento! Não havia como dizer se fora por sugestão de Faile — ela era mesmo feroz, mas será que àquele ponto? Ainda assim, suspeitou de que a dupla quisesse que ele ouvisse a conversa, o que só o deixou irritado. Estava claro que a esposa andava conversando sobre suas questões conjugais com aquelas duas, e eram assuntos que deveriam permanecer entre marido e mulher. Aquilo só o deixou ainda mais irritado. Sobre que outras partes da vida íntima dos dois ela conversava durante um chazinho? Aquela noite, ficou olhando, estupefato, quando Faile vestiu uma camisola grossa de lã, a despeito do calor. Quando tentou dar um beijo quase casto em seu rosto, ela resmungou que estava muito cansada e rolou para o lado, ficando de costas. A mulher cheirava a fúria, um cheiro tão pungente que parecia empestear o quarto.

Perrin não conseguia dormir com aquele fedor, e, quanto mais tempo continuava ali, deitado ao lado dela, encarando o teto em meio à escuridão, mais irritado ficava. Por que Faile estava fazendo aquilo? A mulher não via que era a única que ele amava? Ele já não demonstrara, vezes sem fim, que seu maior desejo era abraçá-la para sempre? Era culpa sua uma mulher idiota estar querendo flertar? O que precisava fazer era virá-la de cabeça para baixo e espalmar as mãos em seu traseiro até Faile recobrar o juízo. Só que já testara aquilo, quando Faile achou que tinha o direito de socá-lo toda vez que quisesse defender seu ponto de vista. A longo prazo, a atitude o ferira muito mais do que a ela. Não gostava nem de pensar em Faile se machucando. Queria estar em paz com ela — e só com ela.

Foi por isso que, ali, deitado, tomou uma decisão enquanto via as primeiras luzes cinzentas despontando pela janela. Já era o sexto dia em Cairhien. Quando estava na Pedra, soubera de Berelain flertando com vários homens. Fosse lá o motivo que a levara a escolhê-lo como presa, a mulher logo escolheria outro, se ele sumisse de vista por um tempo. E, quando Berelain escolhesse outra vítima, Faile recobriria o bom senso. Parecia simples.

Portanto, jogou umas roupas no corpo assim que pareceu sensato se levantar e foi encontrar Loial para o café da manhã, depois o acompanhou até a Biblioteca Real. Quando avistou aquela Aes Sedai esguia e ouviu de Loial que a mulher ia lá todos os dias — o Ogier ficava acanhado perto de Aes Sedai, mas não se incomodaria de ter vinte à sua volta —, farejou Gaul e foi chamá-lo para caçar. Não havia muitos cervos ou coelhos nas colinas próximas, claro, e os poucos que viram pareciam sofrer tanto com a seca quanto o povo local. Bem, se estivessem mesmo atrás de carne, o olfato de Perrin poderia levá-los a tantas presas quanto fosse preciso. Não chegou a encaixar nenhuma flecha no arco, mas insistiu em ficar por lá até Gaul começar a perguntar se ele estava querendo caçar morcegos ao luar. Perrin às vezes esquecia que os outros não conseguiam ver tão bem à noite quanto ele. No dia seguinte, também ficou caçando até de noite, assim como em todos os dias que se seguiram.

O problema foi que aquele plano simples começou a desandar. Na primeira noite, quando voltou ao Palácio do Sol com o arco no ombro, cansado de tanto caminhar, uma sutil remexida do ar trouxe o perfume de Berelain bem a tempo de impedir que ele entrasse pela porta principal. Gesticulando um pedido mudo de silêncio aos guardas Aiel, Perrin fugiu, sorrateiro, até a porta dos serviçais, e teve que socar a madeira até que um sujeito sonolento o deixasse entrar. Na noite seguinte, Berelain aguardava no corredor logo ao lado dos aposentos de Perrin, e ele teve que passar quase metade da noite escondido em um canto, até ela desistir. Cada noite, a mulher esperava em um ponto diferente, como se fosse forçar um encontro fortuito quando todos, exceto uns poucos serviçais, estivessem dormindo. Era loucura, por que ela não resolvia perseguir outro? Além do mais, quando ele enfim conseguia entrar no quarto, sorrateiro, com as botas nas mãos, Faile estava dormindo com aquela maldita camisola de lã grossa. Muito antes da sexta noite seguida sem dormir, já tinha admitido que a ideia fora uma burrice, embora ainda não conseguisse entender por quê. Ah, mas parecera tão fácil... Só queria uma palavra de Faile, uma dica do que dizer ou fazer, mas ouvia apenas seus próprios dentes rangendo na escuridão.

* * *

No décimo dia, Rand recebeu mais um pedido de Coiren para uma audiência. A carta veio no mesmo tom cordial dos três primeiros. Ele ficou um tempo sentado, pensativo, esfregando o espesso pergaminho cor de creme entre o polegar e o indicador. De fato, não tinha como dizer exatamente a que distância estava Alanna, ainda que a sentisse. Bem, comparando a força do primeiro dia com a daquele momento, achava que ela estava a meio caminho de Cairhien. Se fosse aquilo mesmo, Merana não estava perdendo tempo. O que era bom — queria que ela ficasse mesmo ansiosa. E um pouquinho de remorso também ajudaria, porém era mais fácil desejar a lua — a mulher era Aes Sedai, afinal. Mais dez dias até que chegassem a Cairhien, se mantivessem o ritmo, e era provável que mantivessem. Tempo suficiente para mais dois encontros com Coiren, de modo que teria concedido três audiências a cada grupo. Que Merana pensasse nisso quando chegasse. Nenhuma vantagem para ela, a Torre Branca do outro lado, e nenhuma necessidade de que ela soubesse que preferia enfiar a mão em um ninho de vespas do que chegar perto da Torre, ainda mais com Elaída como Amyrlin. Mais dez dias, e comeria as próprias botas se dez mais se passassem antes que Merana concordasse em dar a ele o apoio de Salidar, sem nenhuma daquela bobajada de querer liderar ou mostrar o caminho. Então, por fim, poderia voltar toda a atenção a Sammael.

Quando se sentou para escrever para Coiren dizendo que ela poderia trazer duas de suas irmãs ao Palácio do Sol no dia seguinte de manhã, Lews Therin começou a resmungar audivelmente. *Sim. Sammael. Dessa vez ele morre. Demandred e Sammael e todos eles, desta vez. Sim, vou matá-los.*

Rand nem percebeu.





A CAPTURA

Rand deixou Sulin ajudá-lo com o casaco só porque para impedi-la teria sido necessário arrancar a peça das mãos dela. Como de costume, a Aiel tentou enfiar a roupa nele sem a menor consideração para detalhes mínimos como, por exemplo o ponto em que de fato ficavam os braços. Claro que, com isso, acabaram envolvidos em uma dancinha pelo quarto. Lews Therin tagarelava sem parar, gargalhando com uma alegria insana, alto o bastante para se fazer ouvir. *Sammael, ah, sim! Mas Demandred primeiro. Antes de tudo, eu me livro dele. Depois de Sammael. Ah, sim...* Se aquela voz tivesse um corpo e mãos, não pararia de esfregá-las, todo satisfeito. Rand o ignorou.

— Aja com respeito — resmungou Sulin, entre dentes. — Você não demonstrou o devido respeito àquelas Aes Sedai de Caemlyn e viu o que aconteceu. As Sábias... ouvi as Sábias falarem umas coisas... você tem que agir com o devido respeito. Milorde Dragão — acrescentou, como se só então tivesse se lembrado.

Rand conseguiu terminar de botar o casaco, aos trancos.

— Min já chegou?

— Ela por acaso está aqui? Milorde Dragão. — Sulin puxou um fio imaginário da seda vermelha, então começou a fechar os botões. Era mais fácil nem tentar impedi-la. — Min virá quando vier, se vier. Sorilea vai encerrar a lição dela nas tendas quando for a hora. — Ela o encarou com um olhar penetrante. — O que é que você quer com a menina? Duvido que queira uns beliscões no traseiro na frente das Aes Sedai. — Ela nem tentou esconder o sorriso. — Milorde Dragão.

Foi muito difícil não fechar a cara. Tudo estava indo tão bem, mas agora isso... Sorilea sabia que ele precisava de Min mais do que em qualquer audiência que já acontecera, não podiam passar a chance de ela ter alguma visão em relação a Coiren e duas outras emissárias de Elaida. Sorilea prometera que a devolveria a tempo. Rand se afastou outra vez, mas Sulin foi atrás, ainda fechando os botões.

— Sulin, quero que você vá à tenda de Sorilea. Encontre Min e traga ela aqui. Sem perguntas, Sulin. Só obedeça.

A mulher tentou sorrir e ranger os dentes ao mesmo tempo, em uma cena memorável.

— Como milorde Dragão ordenar.

Com uma mesura suave, ela abriu as saias vermelhas e brancas e baixou o rosto quase até o chão.

— Até quando? — perguntou Rand, quando ela se virou para ir. Não precisava explicar a pergunta, e a

hesitação de Sulin deixou claro que ela compreendera.

A Aiel enfim respondeu, com calma e firmeza, sem murmúrios.

— Até minha vergonha se igualar à delas. — Ela o encarou bem nos olhos e, por um instante, voltou a ser a antiga Sulin, mesmo com os cabelos mais compridos. Mas a máscara logo voltou. — Se milorde Dragão me der licença, preciso correr para lhe obedecer.

E ela correu: erguendo as saias até os joelhos, Sulin saiu em disparada. Rand balançou a cabeça e fechou os últimos botões sozinho.

A verdade era que até se sentia bem. Exceto por Min, claro. Sorilea lhe prometera... Min lhe prometera. Assim que se esquivasse das inevitáveis perguntas de Coiren sobre ir ou não para Tar Valon, ele se sentaria com Min e... não tinha certeza do que viria depois. Mas Alanna estava cada dia mais perto. Depois de dar alguma atenção a Coiren, treinaria com a espada por uma hora.

Demandred, rosnou Lews Therin. *Ele queria Ilyena!* Como de costume, a lembrança de Ilyena o fez voltar ao choro e às lamúrias. *Ilyena! Ah, Luz, Ilyena!*

Rand pegou o Cetro do Dragão e foi até a antessala. Ponderando quem Coiren levaria daquela vez, sentou-se na cadeira de espaldar alto sobre o palanque, para não ficar andando de lá para cá — e não seria por conta das Aes Sedai, mas sim de Min. A mulher sabia quanto Rand precisava dela. Sabia.

Até que uma das portas se entreabriu para deixar passar uma mulher... era Chiad, não Min.

— As Aes Sedai estão aqui, *Car'a'carn*. — O título saiu em um tom rígido, como se ela ainda não conseguisse aceitar que um aguacento era o chefe dos chefes ou que ele de fato fosse o filho de uma Donzela.

Rand assentiu, levantando-se e apoiando a ponta do Cetro do Dragão no joelho.

— Mande elas entrarem.

Teria uma conversa séria com Min sobre essa coisa de dedicar todo o tempo às Sábias.

Coiren adentrou, deslizando como um cisne roliço e presunçoso, logo seguida de Galina e outra mulher de olhos duros, cabelos negros feito as penas de um corvo e aquela expressão de Aes Sedai. Estavam todas de cinza, e Rand suspeitou de que a cor tinha sido escolhida para disfarçar a poeira. Para sua surpresa, mais uma vez serviçais com sobrecapas leves vieram atrás das Aes Sedai — quase dez, carregando dois pesados baús trabalhados em latão, nenhum dos dois pequeno. Algumas das jovens o encaravam, mas a maioria mantinha a cabeça baixa, talvez por medo, talvez por estarem concentradas no esforço da tarefa em questão.

Rand quase fez uma careta, mas conseguiu se conter. Aquelas mulheres achavam mesmo que podiam comprá-lo.

— Uma pena que sua irmã *Verde* não esteja aqui hoje — comentou Galina.

Os olhos de Rand se desviaram das serviçais e se voltaram para ela na hora. As três Aes Sedai o encaravam atentamente. Como poderiam saber a respeito de Alanna?

Porém, não havia tempo para questionamentos. Quase no mesmo instante, ele sentiu a pele começar a se arrepiar.

Foi tomado pela fúria, e Lews Therin também se abalou. Os dois agarraram *saidin* quase no mesmo instante. Somada ao desprezo, a ira branca e incandescente se revolia nos limites do Vazio, enquanto ele cravava os olhos em Coiren, Galina e fosse lá quem fosse a terceira. O rosto suave e redondo de Coiren era pura determinação, e as outras duas chegavam a exibir um sorriso ávido e nem um pouco agradável. Eram tão idiotas quanto Merana e aquelas outras.

Uma barreira deslizou entre ele e a Fonte Verdadeira, como o fechamento de uma comporta. O fluxo de *saidin* desapareceu, deixando apenas o resíduo imundo da mácula. O choque foi tão grande que quase não sentiu o ar que parecia se solidificar à volta dele, dos pés à cabeça. Aquele escudo o deixou de olhos arregalados — era impossível. Três mulheres sozinhas não conseguiriam apartá-lo da Fonte depois que ele tomava o controle

de *saidin*, a menos que fossem fortes como Semirhage, Mesaana, ou... tentou tocar a Fonte, esmurrou aquela muralha de pedras invisível com mais força, mais força... Lews Therin rosnava feito uma besta frenética, esmurrando, atacando. Um deles tinha que conseguir tocar *saidin*; derrubar aquela barreira erguida por apenas três.

O bloqueio só estava erguido havia poucos instantes quando uma das serviçais deu um passo à frente, parando ao lado de Galina, e Rand sentiu o rosto empalidecer. Quatro pares de olhos o encaravam em quatro rostos de idade indefinida.

— É mesmo uma pena que tenhamos chegado a este ponto. — Coiren falava em um tom sereno e claro, mais parecendo se dirigir a um grupo do que a um só homem. — Queria muito que você viesse a Tar Valon por vontade própria, mas ficou óbvio que sua única intenção era protelar até desistirmos. Bem, imagino que você tenha entrado em contato com aquelas pobres coitadas que fugiram depois que Sanche foi estancada. Achava mesmo que elas poderiam lhe oferecer alguma coisa melhor do que conseguiria com a Torre Branca? — A mulher de fato parecia decepcionada com ele.

Rand só conseguia mexer os olhos. Encarou as serviçais ocupadas com um dos baús que jazia aberto. As mulheres tiraram uma bandeja rasa de lá de dentro. Alguns daqueles rostos pareciam jovens, mas outros... eram todas Aes Sedai, tinha certeza. As cinco mais moças ainda não tinham o rosto de idade indefinida. Eram as cinco que haviam olhado para ele, diminuindo suas suspeitas, enquanto o restante permanecera de rosto escondido. Quinze Aes Sedai: treze para se unirem e tecerem um escudo que homem nenhum poderia quebrar, e duas para atá-lo. Treze para... Lews Therin fugiu aos berros.

Galina arrancou o Cetro do Dragão da mão de Rand, balançando a cabeça.

— Agora eu assumo, Coiren. — Ela nem o olhou. Rand poderia muito bem ser uma parte da cadeira. — Segundo o acordo, caso chegássemos a este ponto, a Ajah Vermelha assumiria o comando. — Então mandou, entregando o Cetro do Dragão à outra mulher de cabelos negros e de roupa cinza: — Ponha isto em algum lugar, Katherine. Pode ser um bom souvenir para a Amyrlin.

A Ajah Vermelha. Rand sentia o suor brotar de seu rosto. Se ao menos as Donzelas lá fora entrassem. Ou as Sábias, Sulin... qualquer pessoa que pudesse gritar por ajuda, despertar o Palácio. Treze Aes Sedai, e a Ajah Vermelha no comando. Se pudesse abrir a boca, teria gritado.

* * *

Quando as portas se abriram, Bain ficou surpresa. Rand al'Thor acabara de receber as Aes Sedai. Mas seu olhar automaticamente se desviou ao ver as serviçais carregando os baús para fora. Uma Aes Sedai de cabelos negros plantou-se diante dela, e Bain tratou de se levantar. Mal sabia o que pensar da história que as outras Donzelas tinham contado em Caemlyn, coisas das quais apenas os chefes e as Sábias tinham conhecimento, mas os olhos negros daquela mulher pareciam saber tudo sobre o fracasso dos Aiel, tanto tempo antes. Aqueles olhos se fixaram nos de Bain até que ela tomasse apenas vaga ciência da outra Aes Sedai de cabelos negros que confrontava Chiad, e da outra, cheia de pompa, que conduzia as mulheres com os baús para longe. Bain se perguntou se a Aes Sedai que a encarava pretendia matá-la pelo fracasso dos Aiel. Bem, elas decerto já teriam começado a matança, se fosse essa a intenção, já que decerto sabiam de tudo. Ainda assim, aqueles olhos escuros cintilavam com uma dureza que trazia o presságio claro da morte. Bain não tinha medo de morrer, só queria tempo para se velar antes.

— Parece que o jovem Mestre al'Thor está acostumado a ir e vir de Cairhien a hora que bem entende — comentou a Aes Sedai, a voz dura como pedra. — Não estamos acostumadas a ter alguém virando as costas para nós de maneira tão rude. Se ele voltar ao Palácio nos próximos dias, então também voltaremos. Senão...

nossa paciência não é infinita.

Ela foi embora, desfilando ao lado da outra, indo atrás das mulheres com os baús.

Bain e Chiad trocaram olhares apressados e correram até os aposentos de Rand al'Thor.

* * *

— Como assim, ele sumiu? — inquiriu Perrin.

As orelhas de Loial tremelicaram na direção dele, mas o Ogier manteve o olhar fixo no tabuleiro de pedras, assim como Faile. Ela cheirava... Perrin não conseguia distinguir nada no amontoado de aromas que vinha dela — aquela combinação de odores o deixava desesperado.

Nandera simplesmente deu de ombros.

— Ele faz isso às vezes. — Parecia bastante calma, os braços cruzados e o rosto impassível, mas cheirava a irritação, aquele fedor que remetia a pequenos espinhos. — Ele foge das Donzelas e às vezes passa o dia todo fora. E acha que a gente não sabe. Pensei que você pudesse saber aonde ele foi. — Algo em sua voz dava a entender que, se ela descobrisse o paradeiro de Rand, pretendia ir atrás.

— Não — respondeu, com um suspiro. — Não faço ideia.

— Preste atenção no jogo, Loial — resmungou Faile. — Claro que você não pretendia pôr uma pedra aí.

Perrin suspirou outra vez. Tinha decidido passar o tempo inteiro ao lado de Faile. Cedo ou tarde a mulher teria que falar com ele, e Berelain decerto o deixaria quieto se ele estivesse com a esposa. Bem, ao menos Berelain o deixara em paz. Assim que Faile percebeu que ele não sairia para caçar, laçou Loial antes que o Ogier pudesse correr para a Biblioteca, e os dois estavam engatando uma partida de jogo de pedras atrás da outra. E praticamente sem falar. Perrin queria estar onde quer que Rand estivesse.

* * *

Deitado de costas na cama, Rand encarava as grossas vigas do porão, mas não olhava para elas de fato. A cama não era grande, mas os dois colchões com travesseiros de penas de ganso e os bons lençóis de linho proporcionavam conforto. No quarto também havia uma cadeira robusta e uma mesa pequena e simples, porém muito bem-feita. Ainda sentia dor nos músculos por conta do transporte até ali dentro de um dos baús. Com o Poder, foi fácil dobrar seu corpo, enfiando a cabeça entre os joelhos, e cordas simples bastaram para transformá-lo em um embrulho.

O som de metal contra metal o fez virar a cabeça. Galina usara uma grande chave para destrancar uma portinhola na jaula de ferro que circundava a cama, a mesa e a cadeira. Uma mulher grisalha de rosto enrugado estendeu os braços jaula adentro apenas o suficiente para botar uma bandeja coberta por um pano na mesa, então se afastou quase com um salto.

— Pretendo levar você até a Torre com a saúde razoável — declarou Galina, com frieza, enquanto trancava a portinhola. — Coma, ou será forçado a comer.

Rand voltou a encarar as vigas. Seis Aes Sedai estavam sentadas em cadeiras ao redor da jaula, sustentando a blindagem. Manteve o Vazio, para caso as mulheres vacilassem, mas não investiu contra a barreira. Quando elas o empurraram, trôpego, para dentro da jaula, ele tentou derrubar aquele muro invisível. Algumas riram, ao menos as que perceberam. Em vez disso, decidiu avançar com cautela em direção à fúria de *saidin*, uma tempestade de fogo e gelo logo fora de seu campo de visão. Alcançou-a, sentiu a muralha invisível que o apartava da Fonte, deslizou ao longo dela como se tentasse encontrar uma aresta. O que encontrou foi um local onde a muralha parecia se dividir em seis pontos — serviam para barrá-lo tão

bem quanto a parede, mas eram seis, não um, e definitivamente eram pontos distintos.

Fazia quanto tempo que estava ali? Uma desolação se abatera sobre ele, embotando a passagem do tempo, mergulhando-o em um estado de letargia. Estava ali havia tempo suficiente para sentir fome, mas o Vazio deixava a sensação distante, e nem mesmo o cheiro de cozido quente e pão fresco vindo da bandeja suscitava algum interesse. Levantar-se requeria esforço demais. Até então, doze Aes Sedai se revezavam ao redor da jaula, nenhuma com um rosto que ele conheceria antes de chegar naquele porão. Quantas estariam naquela casa? Isso talvez fosse importante mais tarde. Onde ficava aquela casa, afinal? Não fazia ideia da distância que percorrera dentro do baú, sacolejando em alguma carruagem ou carroção. Por que se esquecera do conselho de Moiraine? Não podia confiar em nenhuma Aes Sedai, nem um pouquinho, nem por um instante. Seis Aes Sedai usando o poder para sustentar aquela blindagem deveria ser detectável para qualquer mulher capaz de canalizar que estivesse lá fora. Só precisava que Amys, Bair ou alguma outra passasse na rua e desconfiasse. Elas deviam estar achando que ele desaparecera logo que Coiren deixou o palácio. Bem, isso se houvesse uma rua lá fora. Só precisava...

Tateou outra vez a blindagem, bem lentamente, para que elas não percebessem. Seis pontos. Seis pontos que poderiam ser descritos como *macios*. Aquilo só podia significar alguma coisa. Desejou que Lews Therin voltasse a falar, mas o único som em sua cabeça eram seus próprios pensamentos vagando pelo Vazio. Seis pontos.

* * *

Avançando depressa pela rua que passava junto à grande casa de pedra onde estavam as Aes Sedai, Sorilea mal sentia que as mulheres ainda canalizavam lá dentro. Sentia pouco porque só podia canalizar bem pouco, mas não foi por isso que ignorou o que se passava ali. Aquelas mulheres estavam canalizando dia e noite desde que haviam chegado, e mais nenhuma das Sábias continuava perdendo tempo se perguntando o porquê. Sorilea decerto tinha questões mais importantes em que pensar. No palácio do Assassino da Árvore, as Donzelas já começavam a ficar irritadas com Rand al'Thor, resmungando que o *Car'a'carn* teria que dar algumas explicações quando voltasse. Sorilea já vivera um bom tempo a mais que qualquer uma daquelas Donzelas, um bom tempo a mais que qualquer Sábua, fosse fraca no Poder ou não, e estava apreensiva. Como quase todo homem, Rand al'Thor saía e voltava quando queria, indo sempre para onde queria — nesse aspecto, os homens eram como os gatos —, mas desta vez ele sumira ao mesmo tempo que Min desaparecera, em algum ponto do caminho entre as tendas e o Palácio. Sorilea não gostava de coincidências, não importava quanto elas fossem frequentes quando o assunto era o *Car'a'carn*. Apertando o xale contra o corpo para amenizar aquele súbito frio na espinha, rumou depressa de volta para as tendas.





TESSITURAS DO PODER

Os homens sentados em torno da mesa do salão da estalagem A Mulher Errante eram, em sua maioria, locais. Os que trajavam o colete comprido típico da região ostentavam a peça em seda brilhante, em geral brocada, sobre camisas claras com mangas largas. Pedras preciosas ou pérolas adornavam os anéis, os brincos de argola eram de ouro, não apenas folheados, e pedras-da-lua e safiras cintilavam nos pomos das facas curvas enfiadas nos cinturões. Vários deles estavam com os coletes de seda jogados por sobre os ombros, com uma corrente de prata ou ouro presa entre as estreitas lapelas bordadas com flores ou animais. Os casacos pareciam realmente estranhos — eram pequenos demais para serem vestidos, sem nenhuma outra finalidade que não a de uma capa —, mas seus portadores carregavam espadas finas e compridas, bem como a adaga curva, e pareciam estar muito dispostos a usar qualquer uma das duas, fosse por ouvir um desaforo, receber um olhar atravessado ou por simplesmente sentirem vontade.

Ou seja, era um público bem variado. Dois mercadores murandianos com bigodes enrolados e aquelas barbichas ridículas na ponta do queixo, um domanês de bigode fino e cabelo abaixo dos ombros que usava um bracelete de ouro, um colar também de ouro bem justo e uma pérola bem grande na orelha esquerda. Um Atha'an Miere de pele escura com um casaco verde brilhoso, as mãos tatuadas e duas facas presas por uma faixa vermelha, um taraboniano com um véu transparente cobrindo o bigode grosso que quase lhe escondia a boca, além de vários forasteiros que poderiam ser de qualquer lugar. Mas todos tinham à sua frente uma pilha de moedas, ainda que de variados tamanhos. Tão perto do Palácio Tarasin, A Mulher Errante atraía clientes com ouro para gastar.

Mat girou os cinco dados no copo de couro e os lançou sobre a mesa. Quando pararam, havia duas coroas, duas estrelas e uma taça. Um bom lançamento, nada mais que isso. Sua sorte vinha em ondas, e, àquela altura, a maré parecia baixa, o que significava que ele havia ganhado não mais que metade dos lances. Até aquele momento, Mat conseguira perder dez seguidas, sequência incomum para ele em qualquer situação. Os dados passaram para um forasteiro de olhos azuis, um homem de rosto duro e fino que parecia ter moedas de sobra para jogar, apesar do casaco marrom bem simples.

Vanin se curvou para cochichar no ouvido de Mat:

— Saíram de novo. Thom diz que ainda não sabe como. — Mat olhou para o homem gorducho com uma cara tão feia que o fez se endireitar mais rápido do que seria de se esperar de alguém do seu tamanho.

Mat engoliu metade do ponche de melão da sua taça de prata e franziu o cenho para a mesa. De novo! O

lançamento do homem de olhos azuis rolou por toda a mesa e os dados pararam mostrando três coroas, uma rosa e uma barra. Os homens ao redor da mesa sussurraram uns para os outros quando ele ganhou.

— Sangue e cinzas — resmungou Mat. — Só falta a Filha das Nove Luas entrar aqui e me pegar. — O sujeito de olhos azuis se engasgou com a bebida. — Você reconhece esse nome? — perguntou Mat.

— Meu ponche desceu pelo lugar errado — respondeu o homem com um sotaque discreto e arrastado que Mat não reconheceu. — Que nome você disse?

Mat fez um gesto para que o homem deixasse o assunto para lá. Já vira brigas começarem por muito menos. Arrastando o ouro e a prata de volta para dentro da bolsa, enfiou-a no bolso do casaco ao se levantar.

— Para mim já chega. Que a Luz abençoe a todos aqui. — A mesa inteira repetiu a bênção, inclusive os forasteiros. As pessoas eram bastante educadas em Ebou Dar.

Mesmo que ainda não estivesse nem no meio da manhã, o salão estava relativamente cheio, e uma nova partida de dados contribuiu com sua cota de gargalhadas e lamúrias. Dois dos filhos mais novos da Senhora Anan estavam ajudando as atendentes a servir o café da manhã dos que haviam levantado tarde. A própria estalajadeira se encontrava sentada nos fundos do aposento, perto da escada de pedra branca sem corrimão, de olho em tudo, ao lado de uma bela jovem em cujos grandes olhos negros se via um cintilar de alegria, como se ela conhecesse uma piada que ninguém mais conhecia. Seu rosto tinha um formato oval perfeito, emoldurado pelo cabelo preto brilhoso, e a gola cavada do vestido cinza com cinto vermelho proporcionava uma visão tentadora. O divertimento em seus olhos se intensificou quando ela sorriu para Mat.

— Com a sorte que você tem, Lorde Cauthon — disse a Senhora Anan —, meu marido deveria lhe perguntar para onde mandar os barcos de pesca dele. — Por algum motivo, seu tom de voz foi bastante seco.

Mat aceitou o título sem pestanejar. Em Ebou Dar, poucos que não fossem lordes desafiariam um outro lorde. Para ele, era um simples cálculo de riscos. Havia bem menos lordes que plebeus, o que significava menos chances de que alguém fosse tentar lhe enfiar uma faca. Ainda assim, Mat tivera que rachar três cabeças nos últimos dez dias.

— Receio que minha sorte não se estenda a esse tipo de coisa, senhora.

Olver pareceu surgir do nada ao lado dele.

— Podemos ir para a corrida de cavalos, Mat? — quis saber ele, impaciente.

Frielle, a filha do meio da Senhora Anan, chegou correndo e pegou o garoto pelos ombros.

— Me perdoe, Lorde Cauthon — desculpou-se, ansiosa. — Ele escapou de mim agora mesmo. Juro pela Luz, ele escapou. — Prestes a se casar, com a gargantilha de prata bem justa para a faca de casamento já envolvendo o pescoço esbelto, ela se oferecera para cuidar de Olver, rindo ao dizer que queria ter seis filhos homens. Mat suspeitava de que a garota estivesse começando a torcer para só ter filhas.

Foi Nalesean, descendo a escada, que atraiu o olhar de Mat, contundente o bastante para deixar o taireno paralisado. Era Nalesean quem havia inscrito Vento em duas corridas, e botado Olver para cavalgar — ali, eram os garotos que cavalgavam —, e sem Mat saber de nada até tudo já estar feito. Que Vento tivesse se provado tão rápido quanto seu nome não ajudava em nada. Duas vitórias atijaram o paladar de Olver para outras mais.

— Não é culpa sua, senhorita — disse Mat para Frielle. — Pode enfiá-lo num barril se precisar. Tem a minha bênção.

Olver lhe dirigiu um olhar acusatório, mas, logo depois, virou-se de repente para Frielle para lhe abrir um sorriso insolente que havia aprendido em algum lugar. Com suas orelhonas e aquela boca grande, pareceu estranho. Ele jamais se tornaria um rapaz bonito.

— Vou ficar sentado bem quietinho se puder ficar olhando para esses seus olhos. Eles são lindos.

Frielle tinha muito da mãe, e não só na aparência. Ela riu com doçura e lhe fez um carinho debaixo do queixo, deixando-o enrubescido. Sua mãe e a jovem de olhos grandes sorriram diante da cena.

Balançando a cabeça, Mat começou a subir a escada. Precisava ter uma conversa com o garoto. Ele não podia sorrir daquele jeito para todas as mulheres que visse. E ainda dizer para uma mulher que ela tinha olhos bonitos! Com aquela idade! Mat não sabia de onde Olver tirara aquilo.

Quando se pôs lado a lado com Nalesean, o homem disse:

— Escaparam de novo, não é. — Não foi uma pergunta, e, quando Mat assentiu, ele deu um puxão na barba pontuda e soltou um palavrão. — Vou reunir os homens, Mat.

Nerim estava irrequieto no quarto de Mat, esfregando a mesa com um pano como se as criadas já não a tivessem limpado naquela manhã. Ele dividia com Olver um quarto menor bem ao lado e raramente saía da estalagem. Segundo ele, Ebou Dar era libertina e pouco civilizada.

— Milorde vai sair? — indagou Nerim num tom lúgubre quando Mat apanhou seu chapéu. — Com esse casaco? Receio que haja uma mancha de vinho de ontem à noite no ombro. Eu a teria removido se Milorde não tivesse se vestido com tanta pressa hoje de manhã, e também tem um rasgo na manga, feito por uma faca, acredito, que eu teria remendado.

Mat permitiu que o homem trouxesse um casaco cinza com volutas prateadas bordadas nos punhos e na gola alta e entregou a ele o verde bordado em ouro.

— Espero que milorde pelo menos tente não o sujar de sangue hoje. Manchas de sangue são muito difíceis de remover.

Os dois haviam chegado a um acordo. Mat aguentava o semblante sombrio e as observações melancólicas de Nerim, além de deixar o homem apanhar, limpar e lhe entregar objetos que ele próprio poderia pegar facilmente, e, em troca, Nerim concordara, com relutância, em não tentar vesti-lo.

Mat verificou as facas acomodadas em suas mangas, debaixo do casaco e nas abas viradas para baixo das botas, deixou a lança encostada em um canto, junto com o arco sem corda, e desceu para a frente da estalagem. Aquela lança parecia atrair idiotas a fim de briga tanto quanto o mel atraía moscas.

Apesar do chapéu, o suor formou gotículas em seu rosto tão logo ele saiu da sombra e do relativo frescor da estalagem. O sol daquela manhã equivalia ao do meio-dia de dias normais em pleno verão, mas a Praça Mol Hara estava apinhada de gente. De início, Mat só ficou ali de pé, o cenho franzido para o Palácio Tarasin. Com Thom e Juilin vigiando lá dentro e Vanin do lado de fora, como elas estavam conseguindo sair sem ser vistas? Vinham saindo quase todos os dias. Depois da terceira vez, Mat designara homens para ficar de olho em cada porta de saída daquela montanha abobadada de pedra branca e gesso, e eles assumiam seus postos antes do amanhecer. Com mais Nalesean e ele, estavam em quantidade suficiente. Ninguém avistara um vestígio sequer, mas, pouco antes do meio-dia, Thom veio dizer que as mulheres tinham dado um jeito de escapular. O velho menestrel dava a impressão de ter perdido a paciência e parecia prestes a arrancar os cabelos do bigode. Mat sabia muito bem o que estava acontecendo. Elas vinham fazendo aquilo só por despeito, para atazanar o juízo dele.

Nalesean e os demais estavam aguardando, formando um grupo de homens suados e desanimados. Nalesean corria os dedos pelo punho da espada como se torcesse para ter uma oportunidade de usá-la.

— Hoje vamos dar uma olhada no outro lado do rio — afirmou Mat. Vários Braços Vermelhos se entreolharam desconfortavelmente. Já tinham ouvido as histórias.

Vanin balançou a cabeça, inquieto.

— É uma perda de tempo — disse ele, sem rodeios. — Lady Elayne jamais iria se meter num lugar desses. A Aiel talvez, ou Birgitte, mas não Lady Elayne.

Mat fechou os olhos por um instante. Como Elayne fora capaz de arruinar um homem tão bom em tão pouco tempo? Ele continuava torcendo para que um tempo longe da influência negativa dela endireitasse Vanin, mas estava começando a perder as esperanças. Luz, como ele detestava as mulheres nobres.

— Bem, se não as virmos por lá hoje, podemos esquecer o Rahad, já que, naquele lugar, elas vão chamar a

atenção feito cotovias coloridas em meio a uma revoada de melros, mas minha intenção é encontrá-las mesmo que estejam escondidas debaixo de uma cama no Poço da Perdição. Procurem em duplas, como de costume, e protejam uns aos outros. Agora vamos tratar de encontrar barqueiros que nos atravessem até lá. Que me queime, eu só espero que não estejam todos vendendo frutas para os navios do Povo do Mar.

* * *

Para Elayne, a rua parecia como em *Tel'aran'rhiod*, construções de alvenaria de cinco e seis andares cobertas de maneira desigual por gesso branco, erguendo-se coladas uma à outra por sobre um calçamento irregular. Só àquela hora do dia, com o sol dourado ardendo acima da cabeça, era que as sombras desapareciam por completo daquelas vielas estreitas. Moscas zumbiam por toda parte. As únicas diferenças em relação ao Mundo dos Sonhos eram as roupas lavadas dependuradas nas janelas, as pessoas — não havia muitas pela rua naquele horário, claro — e o cheiro, um miasma pungente e podre que a obrigava a tentar não respirar muito fundo. Infelizmente, todas as ruas pareciam iguais no Rahad.

Ela pôs uma das mãos no braço de Birgitte para detê-la e divisou um escabroso amontoado de tijolos com roupas lavadas encardidas balançando em metade das janelas. A fraca lamúria de um bebê chorando ecoava de algum lugar ali dentro. O número de andares era correto: seis. Ela tinha certeza de que eram seis. Nynaeve insistia em cinco.

— Acho que não deveríamos ficar aqui olhando — opinou Birgitte com delicadeza. — As pessoas estão atentas.

Não era bem verdade, apenas Birgitte preocupando-se com ela. Homens sem camisa com coletes em geral esfarrapados andavam pomposos pela rua, a luz do sol refletindo nos brincos de argola de latão e nos anéis também de latão com vidros coloridos incrustados, ou se esgueiravam feito vira-latas que tanto poderiam rosnar quanto morder. As mulheres também, aliás, com seus vestidos costumeiramente desgastados e suas próprias joias de latão e vidro. Todos carregavam uma faca curva presa ao cinto e, com frequência, uma faca simples de trabalho também.

Na verdade, ninguém olhava duas vezes para ela ou para Birgitte, embora o semblante do rosto envelhecido de Birgitte costumasse ser desafiador e ela própria fosse alta para uma eboudariana. Suas aparências tinham sido transformadas por tessituras não tão simples de Ar e Fogo que Elayne invertera e amarrara. Quando olhava para Birgitte, o que ela via era uma mulher com rugas sutis nos cantos dos olhos negros e um cabelo preto com toques de grisalho. Os disfarces eram mais fáceis quando se mantinham parecidos com os traços originais, de forma que o cabelo que descia pelas costas de Birgitte, amarrado em quatro pontos com uma fita verde maltrapilha, era consideravelmente mais comprido que o cabelo das eboudarianas, mas, em todo caso, Elayne também não havia cortado o seu cabelo e ninguém parecia ligar. Era um disfarce perfeito. Ela só gostaria que também não precisasse suar. Além dessa havia a bem mais complexa tessitura de Espírito que mascarava a habilidade de uma mulher de canalizar, e graças à qual Elayne tinha passado sem problemas por Merilille ao sair do palácio naquela manhã. Ela ainda estava usando-a, já que elas haviam avistado Vandene e Adeleas mais de uma vez naquele lado do rio.

As vestimentas não faziam parte das tessituras, claro, e eram vestidos de lã surrados com bordados puídos nas mangas e em volta dos decotes profundos. As anáguas e meias também eram de lã, e as de Elayne, pelo menos, pinicavam. Tylin fornecera a indumentária, além de vários pequenos conselhos e das facas de casamento com bainhas brancas. Parecia que mulheres casadas tinham menos probabilidade de ser desafiadas do que as solteiras, e viúvas que rejeitaram outro casamento, menos ainda. A idade também ajudava. Ninguém desafiava uma avó de cabelos grisalhos, embora mulheres mais velhas pudessem muito bem desafiar

alguém.

— Acho que deveríamos entrar — afirmou Elayne, e Birgitte se colocou à frente dela, uma das mãos na faca que trazia no cinto pouco elegante de lã marrom, para empurrar e abrir a porta sem pintura. Lá dentro havia um corredor à meia-luz com uma sucessão de portas rústicas e, nos fundos, uma escadinha apertada e íngreme de tijolo lascado. Elayne chegou bem perto de soltar um suspiro de alívio.

Com ou sem bainhas brancas, entrar em um edifício onde não se morava era uma boa maneira de acabar se metendo em uma briga de facas. Assim como fazer perguntas ou se mostrar curiosa demais. Tylin dera conselhos a respeito disso, mas, no primeiro dia, elas haviam visitado estalagens, identificadas apenas pelas portas azuis, planejando dizer que estavam querendo comprar objetos de antigos armazéns para reformar e vender. Ela formara uma dupla com Birgitte e juntara Nynaeve com Aviendha para que pudessem cobrir uma área maior. Os salões eram escuros e sujos e, nas duas estalagens onde pararam, Birgitte saíra com ela às pressas, ambas com as adagas em punho, antes de uma confusão mais séria acontecer. Na segunda, Elayne precisou canalizar rapidamente para derrubar duas mulheres que foram até a rua atrás delas, e, ainda assim, Birgitte estivera convencida de que alguém passara o resto do dia seguindo-as. Nynaeve e Aviendha enfrentaram o mesmo tipo de dificuldade, tirando a parte de serem seguidas. Nynaeve chegara até a bater numa mulher com um banquinho. Assim, mesmo as perguntas mais inócuas pararam de ser feitas, e elas torciam para que, ao cruzar uma porta, não dessem de cara com uma faca.

Birgitte subiu os degraus íngremes à sua frente, apesar de não parar de olhar por cima do ombro, atenta à retaguarda. Os cheiros de comida sendo feita e a fedentina típica do Rahad formavam uma mistura repugnante. O bebê parou de chorar, mas, em algum ponto do edifício, uma mulher começou a gritar. No terceiro andar, um homem de ombros largos sem camisa nem colete abriu uma porta no exato instante em que elas subiam. Birgitte fez cara feia e ele levantou as duas mãos, as palmas voltadas para elas, e saiu do corredor, fechando a porta com um chute. No último andar, onde deveria ficar o armazém caso aquele fosse o edifício correto, uma mulher sombria trajando uma camisola áspera de linho estava sentada em um banco junto da porta, onde pegava toda e qualquer brisa que soprasse enquanto afiava sua adaga. A cabeça da mulher se virou na direção delas, e a lâmina parou de percorrer a pedra de amolar. Ela não tirou o olho das duas quando elas recuaram devagar e desceram os degraus, o som do metal raspando na pedra só recomeçando quando elas chegaram ao pé do lance de escadas. Foi só aí que Elayne deixou escapar um suspiro de alívio.

Ela ficou mais do que feliz por Nynaeve não ter topado a aposta. Dez dias. Seu otimismo fora uma tolice. Estavam no décimo primeiro dia desde que ela contara com o ovo dentro da galinha, cantando vitórias que ainda não tinha alcançado, onze dias em que, às vezes, sentia como se à noite estivesse na mesma rua onde já haviam procurado de manhã, onze dias sem nenhuma pista da tigela. Por vezes, elas haviam permanecido no palácio só para esfriar a cabeça. Aquela busca era muito frustrante. Pelo menos, Vandene e Adeleas tampouco vinham tendo sorte. Até onde Elayne tinha visto, ninguém no Rahad diria nem duas palavras de bom grado para Aes Sedai. As pessoas sumiam assim que percebiam o que elas eram. Elayne já tinha visto duas mulheres tentarem esfaquear Adeleas, sem dúvida para roubar a tola que andava pelo Rahad com um vestido de seda, e no momento em que a irmã Marrom levantou ambas com fluxos de Ar e as atravessou por uma janela dois andares acima, já não se via mais vivalma na rua. Bem, ela não iria permitir que aquelas duas encontrassem a sua tigela e a tomassem de debaixo do seu nariz.

Assim que voltou à rua, Elayne teve mais um lembrete de que havia coisas piores no Rahad do que a frustração. Bem à sua frente, um homem esbelto com o peito todo sujo de sangue e uma faca na mão saltou por uma porta e girou imediatamente para enfrentar outro homem que o seguia, esse segundo mais alto, mais pesado e com a lateral do rosto sangrando. Os dois se rodearam, os olhos cravados um no outro, as lâminas estendidas brilhando enquanto os homens ensaiavam estocadas. Como se brotasse do chão, uma pequena multidão se reuniu para assistir. Nenhuma pessoa veio correndo, mas ninguém ignorou a cena.

Elayne e Birgitte se afastaram para a lateral da rua, mas não foram embora. No Rahad, sair chamaria a atenção, a última coisa que elas queriam. Misturar-se significava ficar assistindo, mas Elayne deu um jeito de manter a concentração além dos dois homens, enxergando-os como meros borrões se movendo depressa, até que, de repente, os movimentos ficaram lentos. Ela piscou e se forçou a olhar. O homem com o peito sujo de sangue pavoneava-se, sorrindo e gesticulando com uma lâmina da qual escorria o mesmo líquido vermelho. O homem mais corpulento estava deitado de cara no chão, tossindo de forma áspera e debilitada, a menos de vinte passadas dela.

Instintivamente, Elayne se aproximou — sua ínfima habilidade com a Cura era melhor que nada quando um homem estava sangrando até a morte, e que o que qualquer um ali pensasse das Aes Sedai fosse parar no Poço da Perdição —, mas, antes que desse um segundo passo, uma outra mulher já se punha ajoelhada ao lado do homem. Talvez um pouco mais velha que Nynaeve, usava um vestido azul com cinto vermelho num estado de conservação um tanto melhor que o da maioria dos vestidos do Rahad. De início, Elayne achou que ela fosse a amada do homem agonizante, em especial quando o vencedor do duelo retomou a sobriedade. Ninguém movia um músculo para ir embora, todos observando em silêncio enquanto a mulher virava o homem de barriga para cima.

Elayne tomou um susto quando, em vez de enxugar com ternura o sangue dos lábios dele, a mulher tirou da bolsa o que pareceu ser um punhado de ervas e enfiou algumas delas às pressas na boca do homem. Antes que sua mão se afastasse do rosto dele, o brilho de *saidar* a envolveu e ela começou a tecer fluxos de Cura com mais destreza do que Elayne poderia ter feito. O homem arquejou com intensidade suficiente para expelir a maior parte das folhas, estremeceu... e permaneceu deitado, os olhos entreabertos fitando o sol.

— Tarde demais, ao que parece. — A mulher se levantou e encarou o sujeito esguio. — Você tem que ir contar para a esposa de Masic que matou o marido dela, Baris.

— Sim, Asra — respondeu Baris, submisso.

Asra se virou sem voltar a olhar para nenhum dos dois homens e a pequena multidão foi se abrindo diante dela. Quando ela passou perto de Elayne e Birgitte, Elayne notou dois detalhes a respeito da mulher. O primeiro foi sua força, que Elayne avaliou de propósito. Esperava sentir uma força considerável, mas o provável era que jamais se permitisse que Asra fizesse o teste para Aceita. A Cura devia ser seu Talento mais forte — talvez o único, já que ela devia ser uma bravia —, e muito bem lapidado com o uso. Talvez até acreditasse que aquelas ervas eram necessárias. A segunda coisa que Elayne percebeu foi o rosto da mulher. Não era bronzeado, como ela supunha de início. Era quase certo que Asra fosse domanesa. O que, sob a Luz, uma bravia domanesa estava fazendo no Rahad?

Elayne poderia ter seguido a mulher, não fosse o fato de Birgitte tê-la puxado para a direção oposta.

— Eu reconheço essa expressão no seu olhar, Elayne. — Os olhos de Birgitte sondaram a rua como se ela presumisse que algum transeunte estivesse ouvindo as duas às escondidas. — Não sei por que você quer ir atrás daquela mulher, mas ela parece ser respeitada. Abordá-la pode nos trazer mais lâminas do que eu e você juntas damos conta.

Era a pura verdade, assim como o fato de que bravias domanesas não eram o que ela tinha ido procurar em Ebou Dar.

Tocando no braço de Birgitte, ela meneou a cabeça para dois homens que viravam a esquina logo à frente. Com seu casaco azul com listras de cetim, Nalesean tinha toda a pinta de um lorde taireno. A indumentária acolchoada o cobria até o pescoço, e seu rosto suado reluzia quase tanto quanto a barba oleosa. Encarava qualquer pessoa que lhe desse qualquer olhadela com uma expressão que, àquela altura, com certeza já teria arranjado briga, exceto por estar acariciando o punho da espada como se aceitasse uma de bom grado. Mat, por outro lado, não fazia nenhuma careta. Pavoneava-se ao lado dele e, não fosse por um ar de descontentamento, poderia até estar se divertindo. Com o casaco desabotoado, o chapéu puxado para baixo e

aquele cachecol enrolado no pescoço, parecia ter passado a noite de taverna em taverna, o que podia muito bem ser o caso. Para a sua surpresa, Elayne percebeu que passara vários dias sem pensar nele. Suas mãos coçavam para analisar aquele *ter'angreal* dele, mas a tigela era infinitamente mais importante.

— Eu nunca tinha pensado nisso — murmurou Birgitte —, mas acho que Mat é o mais perigoso daqueles dois. Um N'Shar em Mameris. Fico me perguntando o que eles estão fazendo neste lado do Eldar.

Elayne ficou olhando para ela. Um o quê, onde?

— Provavelmente já beberam todo o vinho do outro lado. É sério, Birgitte, eu gostaria muito que você se concentrasse no que viemos fazer. — Desta vez, ela *não* iria pedir uma explicação sobre os termos estranhos.

Quando Mat e Nalesean passaram por elas, Elayne tratou de esquecê-los no mesmo instante e começou a examinar a rua. Seria maravilhoso encontrar a tigela logo naquele dia. Em especial porque ela formaria dupla com Aviendha na vez seguinte em que saíssem. Elayne estava começando a gostar da mulher, apesar de suas ideias *extremamente* peculiares a respeito de Rand e delas, mas ela de fato tinha uma tendência a encorajar mulheres que pareciam prontas para sacar uma faca. Aviendha chegava a parecer desapontada pelos homens baixarem o olhar quando ela os encarava, em vez de sacarem uma lâmina como as mulheres fariam!

— Aquele ali — disse Elayne, apontando. Nynaeve estava enganada sobre a construção ter cinco andares. Ou será que não? Elayne torcia muito para que Egwene tivesse encontrado uma solução.

* * *

Egwene esperava pacientemente enquanto Logain bebia um pouco mais de água. A tenda dele não era tão espaçosa quanto haviam sido os alojamentos em Salidar, mas ainda era maior que a maioria das demais no acampamento. Tinha de haver espaço para as seis irmãs, sentadas em banquinhos, blindando-o noite e dia. A sugestão de Egwene para que a blindagem fosse amarrada fora encarada com algo próximo ao choque e não muito distante do desdém. Nenhuma das irmãs estava disposta a acatar a sugestão, em particular naquele momento, tão pouco tempo depois de ela ter elevado quatro mulheres a Aes Sedai sem fazerem o teste ou proferirem os votos com o Bastão dos Juramentos, e talvez nunca. Siuan dissera que elas não iriam. O costume mandava que fossem seis, embora, caso ele estivesse tão enfraquecido quanto Siuan e Leane, quaisquer três irmãs no acampamento certamente poderiam ter dado conta de prendê-lo, e o costume dizia que a blindagem em um homem devia ser mantida por mulheres canalizando, e não amarrada. Uma única lamparina provia uma iluminação fraca. Ela e Logain estavam sentados em lençóis dispostos como se fossem tapetes.

— Deixe-me entender — disse Logain ao baixar o copo de estanho. — Você quer saber o que *eu* acho da anistia de al'Thor? — Algumas irmãs se agitaram em seus banquinhos, talvez por ele não a ter chamado de “Mãe”, embora mais provavelmente por ficarem incomodadas com aquele assunto.

— Quero saber o que você pensa, sim. Você com certeza deve ter uma opinião. Se estivesse em Caemlyn ao lado dele, é muito provável que você já tivesse recebido um lugar de honra. Aqui, você pode ser amansado a qualquer momento. Outra coisa, você diz que conseguiu evitar a loucura por seis anos. Qual é a chance, na sua opinião, de que quaisquer homens que forem até ele possam fazer o mesmo?

— Elas realmente pretendem me amansar de novo? — Sua voz estava calma, mas o tom de voz era ferido e raivoso. — Eu me coloquei inteiramente do lado de vocês e fiz tudo o que me pediram. Me ofereci para prestar qualquer juramento que vocês mandassem.

— O Salão vai decidir em breve. Algumas prefeririam que, convenientemente, você morresse. Se as Aes Sedai recontarem a sua história... Bem, todos sabem que as Aes Sedai não podem mentir. Mas eu não acredito que você precise ficar com medo disso. Você nos serviu bem demais para eu permitir que lhe façam mal. E,

aconteça o que acontecer, você ainda pode servir e ver a Ajah Vermelha ser punida, como deseja.

Logain se pôs de joelhos, rosnando de modo ameaçador, mas Egwene abraçou *saidar* e, em um piscar de olhos, envolveu-o com segurança em fluxos de Ar. As irmãs que mantinham a blindagem estavam com toda a sua força voltada só para isso — outro costume, segundo o qual se devia usar toda a força disponível para manter um homem blindado —, mas várias eram capazes de dividir suas tessituras e, caso elas achassem que Logain fosse machucá-la, uma delas poderia ter desviado uma parte para ele. Mas Egwene não queria correr o risco de que o ferissem.

Os fluxos o mantiveram ali de joelhos, mas ele parecia ignorá-los.

— Vocês querem saber o que eu penso sobre a anistia de al'Thor? Eu queria estar com ele agora! Que queimem todas vocês! Eu fiz tudo o que vocês pediram! Que a Luz queime todas vocês!

— Fique calmo, Mestre Logain. — Egwene se surpreendeu por sua voz ter saído com tanta sobriedade. O coração estava acelerado, embora não por medo dele, claro. — Uma coisa eu juro: nunca vou machucá-lo e, caso esteja ao meu alcance, não vou permitir que qualquer pessoa que me siga lhe faça mal, a não ser que você se volte contra nós. — A fúria desaparecera do seu rosto, substituída por firmeza. Será que ele estava ouvindo? — Mas o Salão vai fazer o que decidir. Está calmo agora? — Logain assentiu de modo cansado, e Egwene soltou os fluxos. Ele tornou a afundar no chão, sem olhar para ela. — Vou conversar com você sobre a anistia quando você estiver mais calmo. Talvez amanhã ou depois. — Logain voltou a fazer que sim com a cabeça, seco e ainda sem encará-la.

Quando ela se abaixou e saiu da tenda, os dois Guardiões que montavam guarda do lado de fora fizeram uma reverência. Ao menos os Gaidin não se importavam por ela ter dezoito anos, uma Aceita elevada a Aes Sedai só por ter sido elevada a Amyrlin. Para os Guardiões, uma Aes Sedai era uma Aes Sedai, e a Amyrlin era a Amyrlin. Ainda assim, ela só se permitiu soltar a respiração quando já estava longe o bastante para que os dois não escutassem.

O acampamento era bem grande, tendas para centenas de Aes Sedai espalhadas pela floresta, para Aceitas, noviças e serviçais, carroças, carroções e cavalos por toda parte. O cheiro de comida da refeição noturna estava forte no ar. Ao redor, estendiam-se as fogueiras do exército de Gareth Bryne, e a maior parte dos homens estava dormindo no chão, não em tendas. O Bando da Mão Vermelha encontrava-se acampado a não mais que dez milhas ao sul. Por mais de duzentas milhas, Talmanes não havia permitido que essa distância variasse mais que cerca de uma milha para qualquer direção, de dia ou de noite. Eles continuavam a desempenhar seu papel no plano de Egwene, conforme sugerido por Siuan e Leane.

As forças de Gareth Bryne haviam crescido nos dezesseis dias desde a partida de Salidar. Dois exércitos marchando devagar rumo ao norte pelo meio de Altara, claramente hostis um ao outro, chamavam atenção. Nobres e suas tropas se adiantavam para se aliarem ao mais forte entre os dois. É verdade que nenhum daqueles lordes e ladies teria feito os juramentos que fez se soubesse que não haveria nenhuma grande batalha em suas terras. É verdade que, se pudessem escolher, todos teriam dado no pé assim que perceberam que o alvo de Egwene era Tar Valon, não um exército de Devotos do Dragão. Mas eles haviam feito os juramentos, ao menos para *uma* Amyrlin, perante Aes Sedai que se intitulavam o Salão da Torre, com centenas de outras pessoas assistindo. Quebrar esse tipo de voto acabaria trazendo sérias consequências. Além disso, mesmo que a cabeça de Egwene terminasse enfiada numa estaca na Torre Branca, nenhum deles acreditava que Elaida esquecería o pacto que eles tinham feito. Apesar de se verem presos a uma aliança e a uma fidelidade que não tinham pretendido jurar, estariam entre os seus partidários mais fervorosos. A única saída que tinham dessa situação difícil era ver Egwene usando a estola em Tar Valon.

Siuan e Leane estavam bastante decididas quanto àquilo. Egwene não tinha certeza de como se sentia. Se tivesse havido algum jeito de remover Elaida sem derramar uma única gota de sangue, ela teria aceitado na hora. No entanto, achava que não havia.

Após um pequeno jantar com carne de cabra, nabo e algo que ela não investigou muito de perto para ver o que era, Egwene se retirou para a sua tenda. Não era a maior do acampamento, mas com certeza a maior ocupada por uma única pessoa. Chesa estava lá esperando para ajudá-la a se despir, radiante por ter adquirido da criada de uma lady altarana um pedaço do melhor linho que se poderia imaginar, um material translúcido que renderia camisolas frescas. Egwene costumava deixar Chesa dormir na tenda com ela para lhe fazer companhia, ainda que uma pilha de lençóis não chegasse aos pés da cama dobrável da criada. Naquela noite, Egwene mandou a mulher sair assim que ficou pronta para ir para a cama. Ser a Amyrlin implicava em ter alguns privilégios. Tais como uma tenda exclusiva para a sua criada ou poder dormir sozinha em noites em que isso era necessário.

Ela ainda não estava suficientemente cansada para ir dormir, o que não era problema. Conseguir pegar no sono era uma missão simples para quem fora treinada por Andarilhas dos Sonhos Aiel. Egwene adentrou *Tel'aran'rhiod*...

... e se viu de pé no aposento que fora seu gabinete na Pequena Torre durante um período bem curto. A mesa e as cadeiras permaneciam lá, claro. Móvel não era algo que se levasse quando se viajava com um exército. Qualquer lugar parecia vazio no Mundo dos Sonhos, mas a impressão era ainda mais forte nos lugares de fato desabitados. A Pequena Torre já parecia... oca.

De repente, Egwene percebeu que a estola da Amyrlin estava sobre seus ombros. Ela a fez desaparecer bem a tempo. No instante seguinte, Nynaeve e Elayne estavam lá, Nynaeve tão sólida quanto ela, Elayne, enevoadas. Siuan se mostrara relutante em abrir mão do anel *ter'angreal* original, e uma ordem firme de Egwene havia sido necessária para fazê-la obedecer. Elayne trajava um vestido verde com rendas que se derramavam sobre as suas mãos e delineavam um decote estreito, ainda que assustadoramente cavado, que revelava uma faquinha que pendia de uma gargantilha de ouro bem justa, o punho aninhado entre seus seios compondo uma massa de pérolas e gotas de fogo. Aonde quer que fosse, Elayne sempre parecia aderir imediatamente à moda local. Nynaeve, como esperado, usava uma lã pesada de Dois Rios, escura e simples.

— Já encontraram? — indagou Egwene, esperançosa.

— Ainda não, mas vamos encontrar. — Elayne pareceu tão otimista que Egwene quase ficou desconcertada. Era claro seu esforço para soar daquele jeito.

— Estou certa de que não vai demorar muito — garantiu Nynaeve, soando ainda mais positiva.

As duas deviam estar empacadas. Egwene suspirou.

— Talvez vocês devessem se juntar a mim de novo. Tenho certeza de que vocês poderiam encontrar a tigela daqui a mais alguns dias, mas fico preocupada com todas aquelas histórias. — Elas eram capazes de se cuidar. Egwene sabia disso, e seriam ótimas palavras para se gravar nos túmulos das duas. Siuan disse que *nenhuma* das histórias que elas haviam contado era exagerada.

— Ah, não, Egwene — protestou Nynaeve. — A tigela é importante demais. Você sabe que é. Se não encontrarmos, as consequências serão terríveis.

— Além disso — acrescentou Elayne —, em que tipo de confusão podemos nos meter? Passamos todas as noites no Palácio Tarasin, caso você tenha se esquecido, e Tylin pode até não nos dar um beijo de boa-noite, mas chega perto disso. — O vestido dela estava diferente. O corte permanecia inalterado, mas o material ficara áspero e desgastado. Nynaeve trajava quase uma cópia dele, exceto por sua faca não conter mais do que nove ou dez contas de vidro no punho. Não pareciam roupas para palácio nenhum. Pior, ela estava tentando parecer inocente. Nynaeve não tinha nenhuma prática naquilo.

Egwene deixou passar. A tigela *era* importante, as duas *eram* perfeitamente capazes de cuidar de si mesmas, e ela sabia muito bem que as amigas não estavam procurando no Palácio Tarasin. Ela quase deixou passar, na verdade.

— Vocês estão usando Mat, não estão?

— Nós... — De repente, Elayne reparou no vestido e se assustou. Por algum motivo, porém, pareceu que foi a faquinha que realmente a assustou. Com os olhos se esbugalhando, ela apertou o punho, um monte de contas de vidro vermelhas e brancas bem grandes, e seu rosto se ruborizou por completo. No instante seguinte, já trajava um vestido andoriano de gola alta de seda verde.

O engraçado foi Nynaeve ter percebido o que estava usando só um piscar de olhos depois de Elayne e ter reagido exatamente da mesma maneira. Igualzinho. A exceção talvez tenha sido que, se Elayne ficou da cor de um pôr do sol, Nynaeve ficou da cor de dois. Antes até de Elayne ter se trocado, ela já estava de novo com suas lãs de Dois Rios.

Elayne pigarreou e, com a voz ofegante, disse:

— Mat é bastante útil, eu tenho certeza, mas não podemos deixar que ele nos atrapalhe, Egwene. Você sabe como ele é. Mas você pode ter certeza de que, se formos fazer algo perigoso, estaremos com ele e todos os soldados dele um do lado do outro ao nosso redor. — Nynaeve se manteve em silêncio e com uma cara azeda. Talvez estivesse se lembrando das ameaças de Mat.

— Nynaeve, você não vai pegar muito pesado com Mat, vai?

Elayne gargalhou.

— Ela não está nem falando com ele, Egwene.

— É a pura verdade — tratou de acrescentar Nynaeve. — Eu não discuti com ele nenhuma vez desde que chegamos a Ebou Dar.

Em dúvida, Egwene assentiu com a cabeça. Ela poderia resolver aquela questão, mas seria preciso... Deu uma olhadinha para baixo para se certificar de que a estola não havia reaparecido e só a viu surgir e sumir tão rápido que nem ela teria sido capaz de reconhecê-la.

— Egwene — disse Elayne —, você já conseguiu falar com as Andarilhas dos Sonhos?

— É — acrescentou Nynaeve. — Elas sabem qual é o problema?

— Já falei — suspirou Egwene. — Não sabem, não.

Tinha sido uma reunião estranha, apenas alguns dias antes, cujo início se dera quando Egwene achou os sonhos de Bair. Melaine e Bair foram encontrá-la na Pedra de Tear. Amys dissera que não a ensinaria mais, e, portanto, não foi. No começo, Egwene se sentiu pouco à vontade. Não conseguia reunir forças para contar para aquelas mulheres que era Aes Sedai, e menos ainda a Amyrlin, por medo de que elas fossem pensar que se tratava de mais uma mentira. Com certeza não precisara se preocupar com a estola aparecer de repente. E também havia a *toh* dela em relação a Melaine. Egwene tocou no assunto, pensando o tempo todo em quantas milhas teria que passar em cima de uma sela no dia seguinte, mas Melaine estava tão satisfeita porque teria filhas — a mulher contou, felicíssima, sobre a visão de Min — que não só foi logo anunciando que Egwene não tinha nenhuma *toh* em relação a ela, como disse que daria a uma das filhas o nome de Egwene. Aquele fora um pequeno momento de prazer numa noite cheia de perda de tempo e irritação.

— O que elas disseram — prosseguiu ela — foi que nunca tinham ouvido falar de ninguém tentando encontrar de novo uma coisa por necessidade depois de já tê-la encontrado. Bair achou que talvez fosse parecido com tentar comer a mesma... maçã duas vezes. — A mesma *motai*, fora a expressão que Bair tinha usado. Uma *motai* era uma espécie de larva encontrada no Deserto. Bem doce e crocante, até Egwene descobrir o que estava comendo.

— Você está dizendo que nós *não podemos* encontrar um jeito de voltar para o armazém? — suspirou Elayne. — Eu estava torcendo para que estivéssemos fazendo alguma coisa errada. Ah, pois bem. Nós vamos encontrar mesmo assim. — Elayne hesitou, e seu vestido tornou a mudar, embora ela não tivesse percebido. Ainda era andoriano, mas vermelho, com os Leões Brancos de Andor subindo pelas mangas e por todo o corpete. Um vestido de rainha, mesmo sem a Coroa de Rosas repousando em seus cachos louros levemente

avermelhados. Mas era um vestido de rainha com corpete bem justo que talvez tivesse um decote maior do que uma rainha andoriana usaria. — Elas falaram alguma coisa sobre Rand, Egwene?

— Ele está em Cairhien, refestelando-se lá pelo Palácio do Sol, pelo que entendi. — Egwene conseguiu não se encolher toda. Nem Bair nem Melaine haviam revelado muito, mas Melaine chegara a resmungar alguma coisa sobre Aes Sedai enquanto Bair dizia que todas elas mereciam uma boa surra e que, independentemente do que Sorilea dissesse, uma surra comum devia adiantar. Egwene tinha muito medo de que Merana, de alguma forma, tivesse metido os pés pelas mãos. Pelo menos ele estava se esquivando das emissárias de Elaida. Ela não achava nem de longe que ele soubesse lidar tão bem com elas quanto achava que sabia. — Perrin está com ele. E a esposa de Perrin! Ele se casou com Faile! — Aquilo gerou exclamações. Nynaeve disse que Faile era boa demais para ele, mas o comentário foi acompanhado de um largo sorriso. Elayne falou que torcia para que os dois fossem felizes, mas, por algum motivo, soou como quem duvidava daquilo. — Loial também está lá. E Min. Só falta Mat e nós três.

Elayne mordiscou o lábio inferior.

— Egwene, você daria... um recado para Min pelas Sábias? Diga a ela... — Ela hesitou, mordiscando o lábio enquanto pensava. — Diga a Min que eu torço para que ela venha a gostar de Aviendha tanto quanto gosta de mim. Eu sei que parece estranho. — Ela riu. — É um assunto particular nosso. — Nynaeve olhou para Elayne de um jeito tão esquisito quanto a própria Egwene devia estar olhando.

— Dou, sim, claro. Mas não pretendo falar com elas de novo por um bom tempo. — Não havia muita razão para tal quando elas se mostravam tão relutantes em compartilhar informações sobre Rand. E tão hostis em relação às Aes Sedai.

— Ah, tudo bem — disse Elayne depressa. — Não é tão importante assim. Bem, se não podemos apelar para a necessidade, vamos ter que apelar para a mobilidade, e, em Ebou Dar, os meus pés estão doendo neste exato momento. Se vocês não se importam, vou voltar para o meu corpo e dormir de verdade um pouco.

— Pode ir — disse Nynaeve. — Vou ficar só mais um pouco. — Quando Elayne desapareceu, ela se virou para Egwene. Seu vestido também mudou, e Egwene achou que sabia muito bem por quê. Virou um azul delicado, decotado. Havia flores no cabelo, e fitas por toda a trança, como haveria caso ela se casasse em Dois Rios. O coração de Egwene ficou apertado por ela. — Você ouviu alguma coisa sobre Lan? — perguntou Nynaeve calmamente.

— Não, Nynaeve, não ouvi. Eu lamento muito. Gostaria de poder lhe dizer mais que isso. Sei que ele ainda está vivo, Nynaeve. E sei que ele ama você tanto quanto você o ama.

— Claro que ele está vivo — rebateu Nynaeve com firmeza. — Não vou permitir nada diferente disso. Quero que ele seja meu. Ele é meu, e eu não vou deixar que o matem.

Quando Egwene acordou, Siuan estava sentada ao lado da cama dobrável, pouco visível na escuridão.

— Já? — perguntou Egwene.

O brilho envolveu Siuan à medida que ela teceu um pequeno selo de proteção contra bisbilhotagem em torno das duas.

— Das seis irmãs em serviço a partir da meia-noite, só três têm Guardiões, e esses Gaidin vão montar guarda do lado de fora. Alguém vai trazer chá de menta para elas, com um pequeno ingrediente a mais cujo gosto elas não devem sentir.

Egwene fechou os olhos por um instante.

— Eu estou agindo certo?

— Você pergunta para *mim*? — Siuan se engasgou. — Eu fiz o que mandou, Mãe. No que dependesse de mim, eu preferiria pular no meio de um cardume de lúcios famintos do que ajudar aquele homem a escapar.

— Elas vão amansá-lo, Siuan. — Egwene debatera esse assunto com ela, mas precisava repassar tudo de novo sozinha para convencer a si mesma de que não estava cometendo um erro. — Nem mesmo Sheriam dá

mais ouvidos a Carlinha, e Lelaine e Romanda estão pressionando. Ou é isso ou alguém vai realmente fazer o que Delana tem insinuado. Eu não vou permitir assassinatos! Se não pudermos julgar um homem e executá-lo, não temos o direito de *dar um jeitinho* de fazer com que ele morra “acidentalmente”. Eu não vou deixar que o assassinem, e não posso permitir que ele seja amansado. Se Merana realmente deixou Rand irritado por algum motivo, isso vai jogar ainda mais lenha na fogueira. Eu só gostaria de ter certeza de que ele vai atrás de Rand para se juntar a ele, em vez de fugir para sabe lá a Luz onde, para fazer sabe lá a Luz o quê. Assim, pelo menos, poderia haver algum jeito de controlar o que ele faz. — Ela escutou Siuan se mexendo na escuridão.

— Eu sempre pensei que a estola pesasse mais ou menos o mesmo que três homens de bom tamanho — ponderou Siuan, tranquila. — A Amyrlin tem poucas decisões fáceis para tomar, e mais raras ainda são as decisões das quais está completamente certa. Faça o que deve e, se errar, assuma as consequências. Às vezes, é preciso enfrentar consequências mesmo quando se acerta.

Egwene riu baixinho.

— Tenho a impressão de já ter ouvido isso antes. — Depois de um tempinho, sua alegria se dissipou. — Não deixe ele machucar ninguém durante a fuga, Siuan.

— Como ordenar, Mãe.

* * *

— Isso é terrível — resmungou Nisao. — Se ficarem sabendo, a condenação vai ser suficiente para mandá-la para o exílio, Myrelle. E eu vou junto. Quatrocentos anos atrás, poderia até ter sido corriqueiro, mas ninguém vai pensar isso nos dias de hoje. Alguns vão dizer que é um crime.

Myrelle ficou contente pela lua já estar baixa. Isso escondia sua careta. Ela era capaz de manejar a Cura sozinha, mas Nisao vinha estudando como tratar enfermidades da mente, algo que o Poder não podia tocar. Myrelle não estava muito convencida de que aquilo contava como uma enfermidade, mas tentaria qualquer ferramenta que pudesse dar certo. Nisao podia estar reclamando, mas Myrelle sabia que a outra preferiria cortar a própria mão a deixar passar aquela chance de aprofundar seus estudos.

Ela conseguia senti-lo lá fora na noite, aproximando-se. Estavam bem longe das tendas, bem além dos soldados, só com árvores esparsas rodeando-as. Sentira-o desde o momento em que seu elo passou para ela, o crime que tanto preocupava Nisao. Um elo com um Guardião passado de uma Aes Sedai para outra sem o consentimento dele. Nisao tinha razão em um ponto: teriam que guardar aquele segredo pelo máximo de tempo possível. Myrelle conseguia sentir os ferimentos dele, alguns quase curados, outros recentes. Alguns gravemente infectados. Ele não teria procurado brigas. Ele tinha que vir atrás dela, tão certo quanto um pedregulho empurrado do alto de uma montanha tinha que rolar até a base. Mas ele também não teria nem tentado fugir de uma batalha. Ela sentira a jornada dele à distância e no sangue. O sangue dele. Por toda Cairhien e Andor, Murandy e, àquela altura, Altara, por terras infestadas de rebeldes e canalhas, bandidos e Devotos do Dragão, concentrado nela feito uma flecha voando em direção ao alvo, abrindo caminho pelo meio de quaisquer homens armados que se interpusessem em seu trajeto. Nem ele conseguiria fazer aquilo sem se ferir. Em sua mente, ela foi somando todas as lesões dele e se admirou por ele ainda estar vivo.

Primeiro, ela ouviu o ruído das patas de um cavalo, uma cadência regular, e só então foi capaz de divisar na noite o imenso cavalo de guerra negro. O cavaleiro também parecia ser a própria noite. Só podia estar trajando seu manto. O cavalo parou a uma boa distância, a umas cinquenta passadas dela.

— Você não deveria ter mandado Nuhel e Croi irem me encontrar — afirmou o cavaleiro indistinto com uma voz ríspida. — Eu quase matei os dois antes de ver quem eram. Avar, já pode sair de trás da árvore. —

Mais à direita, a noite pareceu se mover. Avar também usava seu manto e não esperaria ter sido visto.

— Isto é uma loucura — murmurou Nisao.

— Fique quieta — murmurou Myrelle. Falando mais alto, ela intimou: — Venha até mim. — O cavalo não se moveu. Um cão de caça de luto por sua senhora morta não iria até uma nova senhora com tanta boa vontade. Com delicadeza, ela teceu Espírito e tocou a parte dele que continha o elo com ela. Tinha de ser com delicadeza, ou ele ficaria sabendo, e só o Criador sabia que tipo de explosão poderia resultar daquilo. — Venha até mim.

Dessa vez, o cavalo se aproximou e o homem girou e desceu para, a passos largos, percorrer as últimas passadas; um homem alto, as sombras do luar fazendo com que seu rosto anguloso desse a impressão de ter sido entalhado em pedra. Ali estava ele diante dela, olhando-a de cima, e, ao fitar os olhos frios de Lan Mandragoran, ela viu a morte. Que a Luz a ajudasse. Como ela conseguiria mantê-lo vivo por tempo suficiente?





O FESTIVAL DAS LUZES

Perrin já estava ficando irritado com o povo dançando nas ruas de Cairhien, tão cheias que era quase impossível abrir caminho pela multidão. Uma fileira de pessoas passou por ele, serpenteando atrás de um sujeito narigudo e sem camisa tocando flauta. A última da fila era uma mulherzinha redonda e saltitante, gargalhando feliz, que soltou uma das mãos agarrada à cintura do homem à sua frente e tentou puxar Perrin para a fileira. Ele balançou a cabeça em negativa, e ou os olhos amarelos assustaram a mulher ou seu mau humor era visível, pois ela engoliu o sorriso e seguiu adiante, sem parar de olhá-lo por cima do ombro até sumir na multidão. Uma mulher grisalha e ainda vistosa, ostentando listras coloridas até a cintura no vestido de seda escura, agarrou o pescoço de Perrin com os braços esguios e foi com a boca ávida em direção à dele. Acabou levando um susto quando Perrin a agarrou com toda a delicadeza por debaixo dos braços e a tirou do caminho. Um grupo de homens e mulheres mais ou menos da sua idade que andava cabriolando ao som de tambores trombou com ele, rindo alegremente e puxando seu casaco. Eles ignoraram o balançar negativo da cabeça, até que Perrin empurrou um dos homens para longe com força e soltou um rosnado para os outros. Por um instante, o riso deu lugar a olhares embasbacados, mas o grupo logo voltou a berrar, tentando imitar o rosnado, antes de sair galhofando pela multidão.

Era o primeiro dia do Festival das Luzes, o dia mais curto e o último do ano, e a cidade celebrava de formas que Perrin jamais teria imaginado. Claro que o povo de Dois Rios gostava de dançar durante os festejos, mas aquilo era...! Os cairhienos pareciam determinados a compensar o ano inteiro de reserva e seriedade naqueles dois dias de festa. O decoro fora posto de lado, assim como todas as barreiras entre nobres e plebeus, ao menos publicamente. Mulheres transpirando sob a lã áspera e simples agarravam homens suados em roupas de seda escura com listras coloridas, puxando-os para a dança; homens usando casacos de condutor e coletes de cavalaria rodopiavam mulheres cujos vestidos exibiam listras coloridas às vezes até a cintura. Homens de torso desnudo derrubavam vinho no próprio corpo e em quem mais estivesse por perto. Ao que parecia, qualquer homem podia beijar qualquer mulher, e qualquer mulher podia beijar qualquer homem. E, em cada canto onde Perrin olhava, todos pareciam fazer exatamente aquilo. Tentava não ficar olhando muito tempo para uma só cena. Algumas das nobres que usavam os cabelos em torres de cachos elaboradas estavam nuas até a cintura, usando apenas capas leves, que faziam pouco esforço para manter fechadas. Entre os plebeus, poucas mulheres que tinham tirado as blusas se davam ao trabalho de usar qualquer cobertura além dos próprios cabelos, que eram quase sempre curtos demais para dar conta do recado — elas também jogavam vinho por cima do corpo, aliás, e espalhavam bebidas em todos por perto,

no mesmo descontrolo dos homens. Gargalhadas sonoras disputavam espaço com mil notas musicais diferentes, vindas de flautas, tambores, cornetas, cítaras, sabiolas e saltérios.

O Círculo das Mulheres de Campo de Emond teria tido um ataque com aquilo, e o Conselho da Aldeia também teria ficado sem palavras, mas aquela depravação era só mais um detalhe para se somar à irritação de Perrin. Quando Nandera foi procurá-lo, disse que Rand provavelmente sumiria por umas poucas horas, mas já tinham se passado seis dias desde seu desaparecimento. E ou Min tinha ido com ele ou estava com os Aiel, só que ninguém parecia saber de nada. Fora aquela tal de Sorilea, as Sábias eram tão evasivas quanto as Aes Sedai — isso quando Perrin conseguia botar alguma contra a parede. Sorilea mandou, sem rodeios, que cuidasse da própria esposa e mantivesse o bedelho fora de assuntos que não diziam respeito aos aguacentos. Perrin não fazia ideia de como Sorilea sabia do problema entre ele e Faile, mas não queria nem saber. Sentia o puxão de Rand feito uma comichão por sob toda a pele, e estava mais forte a cada dia. Estava voltando da escola, onde fora em uma última tentativa de encontrá-lo, mas todos por lá estavam ocupados com bebedeiras, dança e devassidão, feito o restante de Cairhien. Uma mulher chamada Idrien foi apontada como diretora da escola, mas quando ele enfim conseguiu — com alguma dificuldade e muito constrangimento — tirá-la dos beijos que dava em um rapaz com idade para ser filho dela por tempo suficiente para perguntar o que queria, a mulher só conseguiu responder que talvez um sujeito chamado Fel soubesse de alguma coisa. Bem, acabou que o tal Fel estava dançando com três jovens que poderiam ser suas netas. E com as três ao mesmo tempo! Fel mal conseguia lembrar o próprio nome — o que talvez, dadas as circunstâncias, não fosse muito surpreendente. Ah, que a Luz queimasse Rand! Tinha ido embora sem uma palavra, mesmo sabendo sobre a visão de Min, mesmo sabendo que precisaria de Perrin. Ao que parecia, até as Aes Sedai tinham ficado chocadas com aquilo. Naquela mesma manhã, Perrin ficara sabendo que elas tinham partido de volta para Tar Valon havia três dias, depois de afirmarem que não havia mais sentido em permanecer por ali. O que Rand estaria aprontando? Aquela comichão estava deixando Perrin desesperado.

Quando chegou ao Palácio do Sol, encontrou todas as lamparinas acesas e velas queimando em todos os cantos possíveis, fazendo os corredores brilharem feito pedras preciosas sob o sol. Em Dois Rios, todas as casas também estariam iluminadas com todos os lampiões e velas disponíveis pelos dois dias seguintes, até o amanhecer. A maioria dos serviços do palácio estava pelas ruas, e os poucos que permaneciam lá dentro dançavam, cantavam e gargalhavam quase tanto quanto trabalhavam. Mesmo ali, viam-se mulheres nuas até a cintura, tanto garotas que mal teriam idade para trançar os cabelos em Dois Rios quanto avós de cabeça branca. Os Aiel nos corredores pareciam incomodados quando reparavam nas comemorações, embora na maioria das vezes não esboçassem reação. As Donzelas em particular pareciam furiosas, embora Perrin suspeitasse de que aquela raiva não tivesse a ver com o despudor das cairhienas — desde o sumiço de Rand, as Donzelas ficavam mais parecidas com gatas irritadas.

Ali dentro, pelo menos Perrin conseguiu avançar a passos largos pelos corredores. Quase desejou que Berelain o atacasse. Na imagem que lampejou em sua mente, cravava os dentes na nuca da mulher e a sacudia até que ela saísse correndo com o rabo entre as pernas. Talvez tenha sido a sorte que o fez chegar a seus aposentos sem avistar sequer um fio de cabelo dela.

Teve certeza de que Faile quase desviou os olhos do tabuleiro de pedras quando ele entrou. A mulher ainda exalava aquele cheiro de ciúmes, mas não era o mais forte no momento; a raiva estava mais aguçada, ainda que não estivesse no auge. Em vez disso, o odor mais poderoso era um cheiro insípido e embotado que ele identificou como decepção. Por que a mulher estava decepcionada com ele? Por que não queria conversar? Bastava uma palavra, uma só dica de que tudo voltaria a ser como era, que Perrin cairia de joelhos e aceitaria a culpa por qualquer coisa que Faile quisesse despejar sobre ele. Mas ela apenas moveu uma pedra preta e murmurou:

— É a sua vez, Loial. Loial?

As orelhas do Ogier se remexeram, incomodadas, e as compridas sobrancelhas desabaram. Loial podia ter um péssimo olfato — bem, tão ruim quanto o de Faile, por exemplo —, mas podia perceber mudanças de humor que nenhum humano percebia. Quando Perrin e Faile estavam no mesmo ambiente, o Ogier sempre parecia com vontade de chorar. Ele apenas suspirou, um som que pareceu uma ventania em uma caverna, e depositou uma pedra branca em um ponto em que prenderia grande parte das pedras de Faile, se ela não reparasse e tomasse uma providência. E Faile decerto faria algo a respeito. Ela e Loial eram oponentes do mesmo nível, jogadores muito melhores do que Perrin.

Sulin saiu do dormitório com um travesseiro nos braços, franzindo o cenho para Faile e Perrin. Seu cheiro remetia a uma loba que aguentara quanto pudera enquanto um sem-número de lobinhos puxavam seu rabo em brincadeiras. Também cheirava a preocupação. E, estranhamente, a medo — bem, Perrin não sabia dizer por que era estranho encontrar uma serviçal de cabelos brancos cheirando a medo, por mais que fosse uma de cara curtida e cheia de cicatrizes como Sulin.

Ele pegou um livro de capa de couro trabalhada com douraduras, afundou em uma poltrona e abriu o exemplar. Só que não leu, nem sequer olhou para o livro direito para saber qual volume tinha em mãos. Inspirou profundamente, deixando tudo de fora, menos Faile. Decepção, raiva, ciúmes, e por baixo de tudo aquilo, ainda mais sutil que o suave aroma herbóreo de sabão, estava ela. Sorveu-a com sofreguidão. Uma palavra, era só o que ela precisava dizer.

Bateram à porta e Sulin saiu do quarto pisando duro, balançando as saias de tecido vermelho e branco e cravando os olhos em Perrin, Faile e Loial como se perguntasse por que nenhum deles atendera. Quando viu Dobraine ali, parado, Sulin chegou até a rosnar — coisa que vinha fazendo com bastante frequência desde o sumiço de Rand —, então respirou fundo, como se reunisse forças, e se obrigou a assumir uma postura servil. A mesura profunda poderia ter saudado um rei que fizesse as vezes de carrasco, e a mulher permaneceu naquela posição, com o rosto quase colado ao chão. De repente, começou a tremer. O cheiro de ira se dissolveu, e até a preocupação foi sobrepujada por um cheiro como milhares de estilhaços, todos finos como fios de cabelo e afiados feito a ponta de uma agulha. Perrin já farejara vergonha na Aiel, mas daquela vez ela parecia prestes a morrer daquilo. Sentiu o cheiro agriçoce que as mulheres exalavam quando choravam de emoção.

Dobraine, naturalmente, sequer se virou para ela — seus olhos fundos analisaram Perrin, com o rosto sério e até meio sombrio por sob a testa raspada e empoadada. Dobraine não cheirava nem de leve a bebida, e também não parecia ter dançado recentemente. Da única vez em que Perrin o vira, achou que o homem cheirava a cautela — não era medo, era mais como se ele atravessasse uma mata densa cheia de cobras venenosas. Aquele cheiro estava dez vezes mais forte.

— Que a graça o favoreça, Lorde Aybara — cumprimentou Dobraine, inclinando a cabeça. — Podemos conversar em particular?

Perrin deitou o livro no chão ao lado da poltrona e apontou para o assento à sua frente.

— Que a Luz brilhe sobre o senhor, Lorde Dobraine. — Se o homem queria ser formal, Perrin podia ser formal. Mas havia limites. — Seja lá o que o senhor queira dizer, minha esposa pode ouvir. Não guardo segredos dela. E Loial é meu amigo.

Sentia o olhar de Faile fixo nele, e o cheiro súbito *dela* quase o arrebatou. Por alguma razão, associava aquele cheiro ao amor que Faile sentia por ele, pois costumava surgir em seus momentos mais carinhosos ou quando ela o beijava com mais ardor. Pensou em pedir que Dobraine se retirasse, assim como a Loial e Sulin — se Faile estava exalando aquele odor, ele sem dúvida poderia dar um jeito de acertar as coisas —, mas o cairhieno logo foi se sentando.

— Um homem que tem uma esposa de confiança, Lorde Aybara, tem uma graça maior que a riqueza. — Ainda assim, Dobraine encarou Faile por um instante antes de prosseguir. — Hoje, Cairhien sofreu dois

infortúnios. Esta manhã, Lorde Maringil foi encontrado morto em sua cama. Foi envenenado, ao que tudo indica. E, pouquíssimo tempo depois, o Grão-lorde Meilan foi vítima da facada de um salteador em plena rua. O que é algo muito incomum durante o Festival das Luzes.

— Por que está me contando isso? — perguntou Perrin, hesitante.

Dobraine espalmou as mãos.

— O senhor é amigo do Lorde Dragão, e ele não está aqui. — O homem hesitou e, quando prosseguiu, parecia forçar as palavras a saírem. — Ontem à noite, Colavaere jantou com convidados de algumas das Casas menores. Daganred, Chuliandred, Annallin, Osiellin, dentre outros. São Casas pequenas, porém numerosas. O assunto foi a aliança com a Casa Saighan e o apoio a Colavaere em sua reivindicação ao Trono do Sol. A mulher fez pouco esforço para manter a reunião em segredo. — Dobraine fez outra pausa, avaliando Perrin com o olhar. Fosse lá o que o sujeito tinha visto, parecia pensar que a situação exigia mais explicações. — Isso é muito estranho, porque tanto Maringil quanto Meilan almejavam o trono, e os dois teriam sufocado Colavaere com o próprio travesseiro se ficassem sabendo do acontecido.

Perrin enfim compreendeu a situação, embora ainda não entendesse por que o homem tinha feito tantos rodeios. Desejou que Faile se pronunciasse — a mulher tinha muito mais talento do que ele para aquele tipo de coisa. Podia vê-la com rabo de olho, a cabeça inclinada por cima do tabuleiro de pedras, observando-o de esguelha.

— Se acredita que Colavaere cometeu um crime, Lorde Dobraine, o senhor deveria ir... até Rhuarc.

Evitou dizer o nome de Berelain, mas mesmo assim o fio tênue do ciúme se intensificou de leve em Faile.

— O Aiel selvagem? — bufou Dobraine. — É melhor ir a Berelain, se tanto. Admito que aquela ali até sabe comandar uma cidade, mas ela acha que todos os dias são o Festival das Luzes. Colavaere vai mandar fatar e cozinhar a mulher com pimentas. O senhor é amigo do Dragão Renascido. Colavaere... — Ele parou, depois de enfim perceber que Berelain entrara sem bater, trazendo nos braços algo comprido e delgado envolto em um cobertor.

Perrin tinha ouvido o clique da fechadura da porta, mas ao ver a mayenense ali, com metade dos seios expostos, a fúria quase varreu todos os seus outros pensamentos. A mulher fora *até ali* para continuar com aquele flerte, na frente de sua *esposa*? A ira o fez se levantar, e ele uniu as mãos espalmadas com um estrépito.

— Fora! Fora, mulher! Fora, agora! Saia, ou eu mesmo vou jogá-la para fora, e com tanta força que vai quicar no chão!

Berelain levou um susto tão grande logo no primeiro berro que deixou cair o que segurava e deu um passo atrás, arregalando os olhos, mas não se retirou. Quando Perrin terminou de gritar, percebeu que todos o encaravam. Dobraine parecia impassível, mas seu odor era de assombro. As orelhas de Loial estavam rígidas e eretas, o queixo batendo no peito. E Faile estava com um sorriso frio... Perrin não conseguia entender. Já estava esperando as ondas de ciúme, com Berelain bem ali, mas por que ela também tinha aquele cheiro tão forte de mágoa?

Foi quando Perrin viu o que Berelain deixara cair. O cobertor se abriu, revelando a espada de Rand e o cinto com a fivela do Dragão. Rand tinha deixado aquilo para trás? Perrin gostava de pensar antes de agir — caso se precipitasse, podia acabar magoando os outros sem intenção —, mas aquela espada caída no chão foi como o golpe de um raio. No trabalho da forja, era burrice e desleixo agir com pressa, mas, ali, Perrin sentiu os pelos da nuca se arrepiarem, e um rosnado ressoou fundo em sua garganta.

— Ele foi levado! — gritou Sulin, de repente, para surpresa de Perrin. Jogando a cabeça para trás e fechando os olhos com força, ela soltou um gemido para o teto, em um tom que fez Perrin estremecer. — As Aes Sedai levaram meu irmão-primeiro! — Seu rosto estava molhado de lágrimas.

— Acalme-se, minha boa mulher — retrucou Berelain, com firmeza. — Vá até o quarto ao lado e acalme-se. — Para Perrin e Dobraine, acrescentou: — Não podemos permitir que ela espalhe isso...

Sulin tratou de interrompê-la, irada:

— Você não está me reconhecendo com este vestido e o cabelo mais comprido. Se falar outra vez de mim como se eu não estivesse aqui, farei o que ouvi dizer que Rhuarc fez com você na Pedra de Tear, coisa que eu já devia ter feito há tempos.

Perrin trocou olhares confusos com Dobraine, Loial e até Faile, antes de a mulher desviar os olhos. Berelain, por outro lado, alternava-se entre o rubor e a palidez. Seu cheiro era pura mortificação, um odor trêmulo e encolhido.

Sulin avançou até a porta em passos firmes e abriu-a com vigor antes que qualquer um dos outros pudesse se mover — Dobraine até fez menção de impedi-la, mas não foi rápido o suficiente. Uma Donzela jovem e loura que passava a viu e escancarou um sorriso bem-humorado.

— Tire esse sorriso da cara, Luaine — vociferou a Aiel, o corpo bloqueando o movimento que fazia com as mãos. O sorriso escancarado de Luaine de fato sumiu no mesmo instante. — Diga a Nandera que venha aqui agora mesmo. E Rhuarc. E traga meu *cadin'sor* e tesouras para que eu corte o cabelo direito. Corra, mulher! Você é *Far Dareis Mai* ou *Shae'en M'taal*?

A Donzela saiu em disparada e Sulin voltou para o salão assentindo com a cabeça, satisfeita, e bateu a porta. Faile estava de queixo caído.

— A graça está conosco — disse Dobraine, aliviado. — Ela não disse nada à Aiel, a mulher deve estar louca. Podemos decidir o que contar a eles depois de prendê-la e amordaçá-la.

Ele avançou para fazer justamente aquilo, já puxando um lenço verde-escuro do bolso do casaco, mas Perrin agarrou seu braço.

— Ela é Aiel, Dobraine — avisou Berelain. — É uma Donzela da Lança. Só não entendi o uniforme...

Para surpresa de Perrin, Berelain foi alvo de um olhar de advertência de Sulin.

Perrin soltou um suspiro lento. E pensar que tentara proteger aquela velha grisalha de Dobraine. O cairhieno o encarou com um olhar inquisitivo, erguendo um pouco a mão que segurava o lenço — ao que parecia, ele ainda era a favor de atá-la e amordaçá-la. Perrin postou-se entre os dois e apanhou a espada de Rand.

— Quero ter certeza. — De súbito, percebeu que se aproximara bastante de Berelain. A mulher olhou para Sulin, aflita, e aproximou-se ainda mais dele, como se buscasse proteção. Mas ela exalava um odor de determinação, não de quem estava aflita. Era o cheiro de uma caçadora. — Não quero tirar conclusões precipitadas — continuou ele, caminhando para perto da cadeira de Faile. Sem se afoitar, apenas um homem indo postar-se ao lado da esposa. — Esta espada por si só não é prova de nada.

Faile levantou-se e contornou a mesa, com muita elegância, observando o tabuleiro por trás do ombro de Loial — ou melhor, por trás do cotovelo. Berelain também avançou, indo em direção a Perrin. Ela ainda lançava olhares temerosos a Sulin, mas não exalava o menor cheiro de medo. A mayenense ergueu a mão como se fosse tomar o braço de Perrin, que foi atrás de Faile, tentando parecer displicente.

— Rand disse que três Aes Sedai não poderiam lhe fazer mal algum, se ele tomasse cuidado — continuou. Faile deslizou pelo outro lado da mesa, de volta até a cadeira. — Duvido muito que ele tenha deixado mais de três se aproximarem. — Berelain o seguiu, lançando olhares comoventes para ele e claramente temerosos na direção de Sulin. — Fui informado de que apenas três estiveram aqui, no dia em que ele sumiu.

Perrin foi atrás de Faile, um pouco mais depressa. A mulher se levantou da cadeira de um pulo, voltando para o lado de Loial. O Ogier gemia, apoiando a cabeça nas mãos — um gemido que era baixo para um Ogier. Berelain seguiu Perrin outra vez, arregalando os olhos já grandes, a personificação de uma mulher buscando proteção. Luz, ela cheirava a determinação!

Perrin virou-se para encará-la, cravando o indicador no peito dela, o que bastou para fazê-la guinchar de

susto.

— Pare aí mesmo! — mandou. Então percebeu onde o dedo estava aninhado e recolheu a mão, como se o contato tivesse queimado a pele. Ainda assim, conseguiu manter a voz dura. — Fique aí!

Afastou-se da mayenense, cravando os olhos com força suficiente para rachar uma muralha de pedras. Entendia por que o ciúme de Faile preenchia suas narinas, mas por que ela cheirava ainda mais a mágoa do que antes?

— Poucos homens conseguem minha obediência — comentou Berelain, com uma risadinha —, mas acho que você é um deles. — O rosto, o tom de voz e, mais importante, o odor assumiram um ar de seriedade. — Fui dar uma busca nos aposentos do Lorde Dragão porque estava com medo. Todos sabiam que as Aes Sedai tinham vindo para escoltá-lo até Tar Valon, e eu não estava entendendo por que elas de repente pareciam ter desistido. Eu mesma recebi pelo menos dez visitas de várias irmãs para me aconselhar a respeito do que eu deveria fazer quando ele voltasse à Torre. Pareciam todas muito confiantes de que era isso que ele faria. — Ela hesitou, e, embora a mulher não olhasse para Faile, Perrin teve a impressão de que estava avaliando se deveria dizer algo na frente dela. E na frente de Dobraine, mas o problema maior parecia ser Faile. O cheiro de caçadora voltou. — Dessas conversas, acabei com a forte impressão de que queriam que eu voltasse a Mayene, por bem ou por mal.

Sulin resmungou entredentes, mas as orelhas de Perrin ouviram com clareza.

— Rhurc é um idiota. Se ela fosse mesmo filha dele, o homem não teria tempo de fazer nada além de dar umas surras nela.

— Dez? — perguntou Dobraine. — Eu só recebi uma visita. Acho que a mulher ficou bem decepcionada quando deixei claro que havia jurado lealdade ao Lorde Dragão. Mas, sejam dez ou uma, Colavaere é a chave. Ela sabe tanto quanto qualquer um que o Lorde Dragão pretende entregar o Trono do Sol a Elayne Trakand. — O homem fez uma careta. — Deveria ser Elayne Damodred. Taringail deveria ter insistido para que Morgase adotasse o Damodred dele, em vez de ter ele adotado o sobrenome Trakand. E ela teria concordado, porque precisava dele demais. Bom, Elayne Trakand ou Elayne Damodred, ela tem tanto direito ao trono quanto qualquer um, e de longe mais direito do que Colavaere. Ainda assim, estou convencido de que Colavaere mandou matar Maringil e Meilan para assegurar o direito ao trono. Ela jamais teria ousado fazer isso se pensasse que o Lorde Dragão fosse retornar.

— Então é por isso. — Berelain franziu o cenho de leve, deixando transparecer uma leve irritação. — Tenho provas de que ela mandou um serviçal envenenar o vinho de Maringil. Ela foi descuidada, e eu trouxe dois bons caçadores de ladrões... Mas não sabia o motivo. — Ela inclinou a cabeça um tantinho, reconhecendo o olhar de admiração de Dobraine. — Ela será enforcada por isso. Se houver alguma forma de trazer o Lorde Dragão de volta. Se não houver, temo que seja melhor descobrirmos uma maneira de preservar nossas próprias vidas.

Perrin apertou a bainha de couro de javali.

— Eu vou resgatar Rand — declarou, com um rosnado. Dannil e os outros homens de Dois Rios ainda deviam estar na metade do caminho até Cairhien, com o peso dos carroções. Mas ele tinha os lobos. — Nem que eu tenha que ir sozinho, vou trazê-lo de volta.

— Sozinho, não — retrucou Loial, a voz dura e inflexível feito uma pedreira. — Você nunca ficará sozinho enquanto eu estiver aqui, Perrin. — Ele remexeu as orelhas, constrangido. Sempre ficava envergonhado quando testemunhavam sua bravura. — Afinal de contas, meu livro não vai acabar bem se Rand for aprisionado na Torre. E eu não vou poder escrever sobre o resgate se não estiver presente.

— Você não vai sozinho, Ogier — acrescentou Dobraine. — Posso arranjar quinhentos homens de confiança até amanhã. Bem, não sei o que poderemos fazer contra seis Aes Sedai, mas mantenho minha palavra. — Olhando para Sulin, ele dedilhou o lenço ainda em sua mão. — Mas até onde podemos confiar nos

selvagens?

— Até onde podemos confiar nos Assassinos da Árvore? — inquiriu Sorilea, com uma voz tão rígida e curtida quanto ela própria, entrando sem bater e avançando a um passo firme.

Rhuarc vinha a seu lado, com um cheiro soturno, acompanhado de Amys, com o rosto suspeitamente jovem emoldurado por aqueles cabelos brancos e uma expressão tão fria quanto a de qualquer Aes Sedai, e também de Nandera, que exalava um forte odor de fúria e carregava um embrulho cinza, marrom e verde.

— Vocês sabem? — perguntou Perrin, incrédulo.

Nandera atirou o embrulho para Sulin.

— Já passa da hora de ver que sua *toh* foi satisfeita. Quase quatro semanas e meia, um mês inteiro mais metade. Até os *gai'shain* dizem que você é orgulhosa demais.

Ela e Sulin desapareceram dormitório adentro.

Uma rajada daquele cheiro de irritação irrompeu de Faile assim que ela ouviu a pergunta de Perrin.

— A linguagem de sinais das Donzelas — murmurou a mulher, baixinho demais para qualquer ouvido além do dele.

Perrin olhou para a esposa, agradecido, mas ela parecia concentrada no tabuleiro de pedras. Por que não estava participando da discussão? Ela dava bons conselhos, e Perrin ficaria muito grato com qualquer sugestão que ela estivesse disposta a oferecer. Faile posicionou uma pedra e olhou feio para Loial, que estava atento a Perrin e aos outros.

Tentando não suspirar, Perrin disse, simplesmente:

— Não me interessa quem confia em quem. Rhuarc, está disposto a enviar seus Aiel contra as Aes Sedai? São seis delas. Acho que cem mil Aiel dariam a elas o que pensar...

Aquele número o fez refletir: dez mil homens já não era pouco para um exército, mas Rand falara em cem mil, e, pelo que vira no acampamento Aiel das colinas, Perrin acreditava que houvesse mesmo cem mil. Para sua surpresa, Rhuarc exalou um odor de hesitação.

— Não conseguiríamos um número tão alto — respondeu o chefe de clã, hesitante, então fez uma pausa antes de prosseguir: — Chegaram batedores hoje de manhã e informaram que um grande número dos Shaido está se deslocando para o sul, saídos da Adaga do Fratricida, em direção ao coração de Cairhien. Eu talvez tenha homens o suficiente para impedir o avanço, já que parece que não são todos que estão a caminho. Mas, se eu retirar tantas lanças desta terra, tudo o que já fizemos terá que ser refeito. Na melhor das hipóteses, os Shaido terão terminado de pilhar a cidade muito antes de voltarmos. Ninguém pode afirmar quanto eles terão avançado, até mesmo para dentro de outras terras, e quantos serão levados se dizendo *gai'shain*. — Um forte odor de desprezo emanou dele com essa última frase, mas Perrin não entendeu. De que interessava quanta terra teriam que reconquistar, ou mesmo quanta gente morreria? Se bem que essa última parte do raciocínio vinha cheia de sofrimento e relutância. Mas a verdade era que não sabia como poderiam comparar aquilo à magnitude de ver Rand, o Dragão Renascido, sendo levado como prisioneiro de Tar Valon.

Sorilea estava encarando Perrin havia algum tempo. Os olhos das Sábias eram como os das Aes Sedai e sempre o faziam se sentir medido e avaliado nos menores detalhes. Sorilea era um caso à parte e o fazia sentir-se desmantelado feito um arado quebrado, cada pino erguido e examinado para ver se deveria ser consertado ou substituído.

— Conte tudo a ele, Rhuarc — mandou a mulher, ríspida.

Amys apoiou a mão no ombro de Rhuarc.

— Ele tem o direito de saber, sombra do meu coração. É quase-irmão de Rand al'Thor. — A voz dela era mansa, mas o cheiro era bem firme.

Rhuarc lançou um olhar duro às Sábias e encarou Dobraine com uma expressão de desdém. Então empertigou-se o máximo que pôde.

— Só posso levar Donzelas e *siswai'aman*. — Pelo tom e cheiro, ele preferia perder um braço a proferir aquelas palavras. — Muitos dos outros não vão dançar as lanças contra nenhuma Aes Sedai.

Os lábios de Dobraine se curvaram em uma expressão de desprezo.

— Quantos cairhienos aceitam lutar contra Aes Sedai? — perguntou Perrin, baixinho. — Seis Aes Sedai, e nós só temos aço.

Quantas dessas Donzelas e sis-alguma-coisa Rhuarc conseguiria reunir? Não importava, sempre havia os lobos. Mas quantos lobos morreriam?

Dobraine desfez a carranca.

— Eu lutarei, Lorde Aybara — declarou, rígido. — Eu e meus quinhentos, mesmo que sejam sessenta Aes Sedai.

Até a risada de Sorilea soava coriácea.

— Não tema as Aes Sedai, Assassino da Árvore.

De repente, para surpresa de Perrin, uma chama diminuta dançou no ar diante dela. A mulher podia canalizar!

Sorilea deixou a chama se esvaír enquanto começavam os planejamentos, mas a imagem não saiu da cabeça de Perrin — era uma chama, tremeluzindo fraquinha, mas era uma declaração de guerra mais forte que trompetes, o princípio de um combate mortal.

* * *

— Se você cooperar — começou Galina, em um tom casual —, sua vida será mais agradável.

A garota a encarou de volta, taciturna, e se remexeu no banquinho, ainda um pouco dolorida. Suava bastante, mesmo sem estar com o casaco. A tenda devia estar bem quente. Galina às vezes se esquecia completamente da temperatura. Mais uma vez, sentiu-se curiosa a respeito daquela Min — ou Elmindreda ou qualquer que fosse seu nome de verdade. Da primeira vez que a vira, a garota usava roupas de homem e acompanhava Nynaeve al'Meara e Egwene al'Vere. E Elayne Trakand, mas eram as outras duas que estavam ligadas a al'Thor. Da segunda vez, Elmindreda revelou ser o tipo de mulher que Galina odiava: toda suspirante e cheia de babados, sob proteção pessoal de Siuan Sanche. Não conseguia imaginar como Elaida pudera ser tola o bastante para sequer permitir que ela sáísse da Torre. Que conhecimentos aquela garota guardava? Bem, talvez Elaida não precisasse ter a menina tão cedo — se bem usada, a garota talvez a ajudasse a capturar Elaida em sua rede feito uma andorinha. Apesar de Alviarin, Elaida se tornara uma daquelas Amyrlins fortes e capazes que tomavam as rédeas nas próprias mãos firmes — era por isso que aprisioná-la decerto enfraqueceria Alviarin. Ah, se bem usada, a garota...

Uma mudança nos fluxos que estava sentindo fez Galina se endireitar na cadeira.

— Conversaremos mais depois que você tiver um tempo para pensar, Min. Pense muito bem sobre quantas lágrimas um homem vale. — Então, saindo, vociferou para o Guardião de ombros largos que estava de vigia: — Trate de vigiar direito desta vez.

Carilo não estivera montando guarda durante o incidente da noite anterior, mas os Gaidin eram mimados demais por suas Aes Sedai. Já que precisavam daqueles homens, melhor tratá-los como meros soldados e nada mais.

Ignorando a mesura do Guardião, ela se afastou e foi procurar Gawyn. O rapaz andava muito recluso desde a captura de al'Thor, e quieto demais. Não estava disposta a ter tudo arruinado por conta de um garoto que tentava vingar a mãe. Mas, quando o encontrou, Gawyn estava na orla do campo, sentado em seu cavalo, conversando com um bando daqueles garotos que se denominavam Jovem Guarda.

Tinham parado cedo por necessidade, e o sol da tarde projetava sombras compridas das tendas e dos carroções que ladeavam a estrada. Morros suaves e colinas baixas circundavam o acampamento, com apenas alguns arbustos esparsos à vista, a maioria escassos e pequenos. Trinta e três Aes Sedai somavam-se às seis originais, junto com os serviçais e Guardiões — nove eram Verdes, apenas treze Vermelhas, e as demais eram Brancas, da antiga Ajah de Alviarin —, formando um grupo notável mesmo sem contar com Gawyn e seus soldados. O foco da atenção eram sete Aes Sedai, seis das quais estavam sentadas em banquinhos ao redor de um baú com bordas de latão, posicionado de modo a pegar todos os raios de sol que ainda restavam. A sétima era Erian — a mulher não se afastara do baú desde que al'Thor fora colocado de volta lá, na noite anterior. O rapaz tivera permissão de sair assim que se afastaram de Cairhien, mas Galina suspeitou de que Erian fosse querer que ele passasse o restante da viagem dentro do baú.

Assim que se aproximou, a Verde virou-se para ela. Erian sempre fora muito bonita, com o rosto claro, refinado e oval, mas suas bochechas estavam vermelhas desde a noite anterior, e os encantadores olhos escuros estavam injetados.

— Ele tentou vencer a blindagem outra vez, Galina. — A ira se mesclava ao desprezo pela insensatez do homem, tornando sua voz dura e áspera. — Ele deve ser punido de novo, no caso. Quero cuidar disso eu mesma.

Galina hesitou. Seria melhor punir Min — aquilo sim deixaria al'Thor quietinho. Ele ficara furioso ao vê-la ser punida na noite anterior — punição essa que, por sua vez, fora suscitada pela atitude da jovem ao vê-lo sendo punido. O incidente todo se dera logo depois que al'Thor descobriu que Min estava no acampamento, quando um dos Guardiões tivera o descuido de deixá-la sair andando noite adentro, em vez de mantê-la confinada na tenda. Quem teria imaginado que al'Thor, blindado e cercado, ficaria transtornado daquele jeito? Além de tentar destruir a blindagem, ele matara um Guardião com as próprias mãos e ferira outro com a espada do morto — um ferimento tão grave que o homem acabou morrendo durante a Cura. E isso tudo durante os poucos instantes que as irmãs levaram para se recuperar do choque e refreá-lo com o Poder.

Se dependesse de Galina, já teria reunido as outras Vermelhas e amansado al'Thor dias antes. Como aquilo estava proibido, melhor entregá-lo à Torre ileso — desde que ele demonstrasse o mínimo de educação, claro. Mesmo naquela situação, Galina prezava pela eficácia, e o mais eficaz seria levar Min até ali e deixar que al'Thor a ouvisse chorar e soluçar, sabendo que era o responsável pela dor que a mulher sofria. Porém, por acaso, os dois Guardiões mortos eram de Erian. A maioria das irmãs consideraria a punição direito dela, e a própria Galina queria que a Verde, uma illianense com cara de boneca, extravasasse a ira de uma vez. Seria muito melhor percorrer o restante do trajeto podendo admirar aquele rostinho de porcelana com uma expressão serena.

Galina assentiu.

* * *

Rand piscou com a claridade quando a luz inundou o baú de repente. Também foi inevitável se encolher — ele sabia o que estava por vir. Lews Therin jazia no Vazio, imóvel e silencioso — era por pouco que ele ainda sustentava o Vazio, mas tinha plena consciência dos próprios músculos, que urraram em câimbras quando ele foi posto de pé. Travou a mandíbula e tentou não estreitar os olhos para se proteger do que parecia o brilho do meio-dia. O ar estava fresco e maravilhoso, e a camisa ensopada grudou no corpo, empapado de suor. Nenhuma corda o prendia, mas não podia dar um passo sequer, nem que fosse para salvar a própria vida. Se não estivesse sendo sustentado pelo Poder, teria desabado no chão. Só percebeu quanto tempo passara preso quando notou como o sol estava baixo no céu — todo aquele tempo preso com a cabeça entre os joelhos,

banhado em uma poça de seu próprio suor.

Ainda assim, mal prestou atenção ao sol. Seus olhos se voltaram para Erian antes mesmo que a Aes Sedai se posicionasse diante dele. A mulher pequena e esguia ergueu a cabeça para encará-lo, os olhos escuros cheios de fúria, e ele quase se encolheu outra vez. Ao contrário da noite anterior, ela não falou. Simplesmente começou.

O primeiro golpe invisível o atingiu entre os ombros; o segundo, no peito; e o terceiro bateu atrás das coxas. O Vazio se despedaçou. Ar. Era apenas Ar. Pensando assim, parecia menos dolorido. Só que cada golpe era uma chibatada desferida por um braço mais forte que o de qualquer homem. Já estava com hematomas por conta da última surra, manchas roxas que iam dos ombros aos joelhos. Tinha consciência daquelas marcas no corpo — e mais consciência do que gostaria; sentira vontade de chorar mesmo dentro do Vazio. Quando o Vazio se foi, ele quis berrar.

Mas, em vez disso, cerrou o maxilar. Às vezes um grunhido escapava entre os dentes e Erian redobrava os esforços quando isso acontecia, como se quisesse mais. Rand se recusava a dar o que ela queria. Não podia impedir os tremores a cada golpe daquela chibata invisível, porém não lhe daria mais do que isso. Encarava-a nos olhos, recusando-se a desviar o olhar e a piscar.

Eu matei minha Ilyena, gemia Lews Therin a cada golpe.

Rand tinha sua própria ladainha. A dor lhe fustigava o peito. *Isso é por confiar nas Aes Sedai.* O fogo assolava as costas. *Nunca mais, nem um pouquinho, nem por um instante.* Era como a lâmina de uma navalha. *Isso é por confiar nas Aes Sedai.*

Elas achavam que podiam subjugá-lo. Achavam que podiam fazê-lo rastejar até Elaida! Obrigou-se a fazer a coisa mais difícil que já fizera na vida: sorriu. Claro que o sorriso não chegava aos olhos, mas encarou Erian e sorriu. A mulher arregalou os olhos e sibilou. As chibatadas começaram a vir de todos os lugares ao mesmo tempo.

O mundo era dor e fogo. Rand não conseguia ver, apenas sentir. Por algum motivo, tinha ciência das mãos tremendo incontrolavelmente dentro das algemas invisíveis, mas concentrava-se em manter os dentes cerrados. *Isso é por — Não vou gritar! Não vou grit — Nunca mais, nem um pouqu — Nem um pouquinho, nem por um instante! Nunca ma — Eu não vou! Nunca ma — Nunca! Nunca! NUNCA!*

A primeira coisa que reparou foi que respirava. Ar, tragado avidamente pelas narinas. Seu corpo latejava, era uma chama pulsante, mas as pancadas tinham cessado. Reparar nisso foi quase um choque. O cessar de algo que uma parte dele se convencera de que jamais chegaria ao fim. Sentiu gosto de sangue e percebeu que a mandíbula doía quase tanto quanto o resto do corpo. Bom. Não tinha gritado. Os músculos do rosto estavam travados em uma câimbra dolorosa e seria um esforço abrir a boca, mesmo se quisesse muito.

A visão foi a última a voltar, e então ele se perguntou se estava alucinando por conta da dor. Viu um grupo de Sábias entre as Aes Sedai, todas remexendo os xales e encarando as mulheres com a maior arrogância possível. Quando concluiu que a visão era real — a menos que Galina estivesse conversando com um produto da imaginação de Rand —, seu primeiro pensamento foi de que estava sendo resgatado. De algum jeito, as Sábias tinham... era impossível, mas elas... então reconheceu a mulher que conversava com Galina.

Sevanna andou até ele com um sorriso nos lábios carnudos e vorazes. Os olhos verde-claros daquele rosto lindo emoldurado por cachos dourados o perscrutaram. Rand preferia estar diante de um lobo raivoso. Havia uma estranheza na postura da mulher, que avançava meio inclinada para a frente, os ombros para trás. Por mais ferido que estivesse, de repente teve vontade de rir — e teria rido, se tivesse certeza do som que produziria caso abrisse a boca. Lá estava ele, prisioneiro, apanhando quase até a morte, as pancadas ainda ardendo e o suor aguilhoando, e aquela mulher que o odiava — tinha certeza disso — e que provavelmente o culpava pela morte do homem que ela amava estava achando que ele olharia seu decote!

A mulher passou a unha lentamente por sua garganta — na verdade, ela envolveu seu pescoço o mais que

pôde com as pontas das garras —, como se imaginasse sua decapitação. O que seria apropriado, considerando o fim de Couladin.

— Pronto, já o vi — declarou a mulher, com um suspiro satisfeito e um pequeno arrepio de prazer. — Você honrou sua parte no acordo, e eu honrei a minha.

A Aes Sedai então o obrigou a se dobrar de volta e o enfiou de novo no baú, a cabeça mais uma vez entre os joelhos, agachado naquela pequena poça de suor. A tampa se fechou, e a escuridão o envolveu.

Ele só então remexeu o maxilar até conseguir abrir a boca e soltou um suspiro longo e trêmulo. Não tinha certeza se, mesmo agora, conseguiria emitir qualquer som. Luz, estava pegando fogo!

O que Sevanna estava fazendo ali? Que acordo? Não. Muito bem, tinha descoberto que havia algum acordo entre a Torre e os Shaído, mas depois se preocuparia com aquilo. Tinha que se concentrar em Min. Precisava escapar. Aquelas mulheres tinham machucado Min — um pensamento tão terrível que quase abafava a dor. Quase.

Erguer outra vez o Vazio foi como cruzar um pântano de agonia, mas enfim viu-se rodeado daquele nada, tentando tocar *saidin*... apenas para encontrar Lews Therin na mesma prontidão, dois pares de mãos tentando agarrar uma luz que apenas um deles conseguiria segurar.

Que o queime!, rosnou Rand, na própria cabeça. *Que o queime! Se pelo menos você trabalhasse ao meu lado uma vez na vida, em vez de ficar contra mim!*

Trabalhe você comigo!, vociferou Lews Therin, em resposta.

Rand quase perdeu o Vazio, de tão chocado. Era inegável: Lews Therin tinha ouvido e respondido. *Podemos trabalhar juntos, Lews Therin*. Não queria trabalhar junto com ele, queria que o homem saísse de sua cabeça — mas precisava pensar em Min. E sabe-se lá quantos dias ainda teriam até Tar Valon. Tinha a certeza de que, se elas conseguissem botá-lo dentro da Torre, não haveria mais chances. Nunca mais.

A resposta veio na forma de uma risada apreensiva e indecisa. *Juntos?* Outra risada, completamente transtornada. *Juntos. Seja lá quem você for*. E a voz e a presença desapareceram.

Rand estremeceu. Ajoelhado ali, acrescentando suor à poça onde sua cabeça repousava, ele estremeceu.

Tentou tocar *saidin* outra vez, aos poucos... e deu de cara com a blindagem, claro. Bem, era ela que estava procurando, afinal. Bem devagar, com toda a delicadeza, bateu toda a extensão daquela barreira invisível, até onde o plano rígido se transformava em pontos macios.

Macios, declarou Lews Therin, ofegante. *Porque elas ainda estão aqui, sustentando a tessitura. Fica mais rígido quando elas amarram os fluxos. Não há o que fazer quando os pontos ainda estão assim, macios, mas consigo desfazer o nó se elas atarem os fluxos. Com algum tempo*. A voz ficou em silêncio por tanto tempo que Rand achou que tivesse ido embora outra vez. *Você é real?*, sussurrou por fim. Então foi embora de vez.

Aos poucos, com todo o cuidado, Rand foi bateando pela blindagem até chegar aos pontos macios. As seis Aes Sedai. Com algum tempo? Isso se atassem os fluxos, o que ainda não acontecera em... o quê? Seis dias? Sete? Oito? Não importava. Não podia se dar ao luxo de esperar tanto. Chegava mais perto de Tar Valon a cada dia. No dia seguinte tentaria romper a blindagem outra vez — tinha sido como esmurrar um bloco de pedra, mas esmurrara com toda a força. No dia seguinte, quando Erian o açoitasse — tinha certeza de que seria ela —, abriria outro sorriso. Então, quando a dor aumentasse, ele se permitiria gritar. No outro dia, não faria mais do que triscar a barreira, talvez com força suficiente para elas sentirem, porém não mais que isso, e só repetiria a tentativa depois de ver se seria ou não punido. Talvez implorasse por água. Tinha bebido um pouco ao anoitecer, mas estava com sede outra vez. Mesmo que o deixassem beber mais de uma vez ao dia, implorar seria adequado. Se ainda estivesse no baú, talvez implorasse também para ser solto. Achava que estaria — não eram grandes as chances de que o libertassem por muito tempo sem ter certeza de que ele aprendera a lição. Seus músculos se contorciam em câimbras diante da ideia de mais dois ou três dias

enfiado ali. Não havia espaço para se mexer, mas o corpo tentava. Mais dois ou três dias, e as Aes Sedai teriam certeza de que ele fora subjugado. Pareceria assustado e evitaria olhar as pessoas nos olhos, como um pobre coitado que poderia ficar fora do baú sem oferecer riscos. Mais importante: um pobre coitado que elas não precisariam vigiar tão de perto. Então, talvez, elas decidissem que não precisavam de seis para manter a blindagem, ou que podiam simplesmente atar a trama ou... qualquer coisa. Precisava de alguma brecha. Qualquer coisa!

Era um plano desesperado. Percebeu que ria — ria e não conseguia parar. Também não conseguia parar de tatear a barreira, feito um cego desesperado deslizando os dedos por um pedaço de vidro liso.

* * *

Galina franziu o cenho depois que as Aiel foram embora, avançando até o topo de uma montanha e desaparecendo do outro lado do cume. Cada uma daquelas mulheres, tirando a própria Sevanna, conseguia canalizar, e muitas tinham força considerável. Sevanna decerto se sentira mais segura rodeada por aquela dezena de bravias — que engraçado. Aquele bando de selvagens não era nada confiável. Dentro de poucos dias teria mais alguma serventia para elas, na segunda parte do “acordo” com Sevanna. A triste morte de Gawyn Trakand e a melhor parte da Jovem Guarda.

De volta ao centro do acampamento, encontrou Erian ainda vigiando o baú de al’Thor.

— No caso, Galina, ele está mesmo chorando — comentou a mulher, a voz feroz. — Está ouvindo? Ele está sim... — De repente, lágrimas começaram a correr pelo rosto de Erian. Ela ficou ali, parada, soluçando baixinho, agarrando as saias com os punhos cerrados.

— Vamos para a minha tenda — chamou Galina, em um tom tranquilizador. — Tenho um bom chá de mirtilo e posso colocar um pano gelado e úmido na sua testa.

Erian sorriu em meio às lágrimas.

— Obrigada, Galina, mas é melhor eu ir. Rashan e Bartol estão me esperando. Eles estão sofrendo mais do que eu, no caso. Além de sentirem meu sofrimento, eles sofrem porque sabem que eu soffro. Preciso consolar os dois. — Apertando a mão de Galina de leve, agradecida, a Verde foi embora.

Galina franziu o cenho, encarando o baú. Al’Thor de fato parecia chorar — ou isso, ou estava rindo, o que ela duvidava bastante. Olhou para Erian, que desaparecia no interior da tenda de seus Guardiões. Ah, al’Thor ia chorar. Tinham pelo menos mais duas semanas até Tar Valon e a entrada triunfal que Elaida planejava. Sim, pelo menos mais vinte dias. Dali para a frente, Rand seria punido todos os dias, ao amanhecer e ao anoitecer, não importava se Erian quisesse participar ou não. Quando o conduzisse até a Torre Branca, Rand beijaria o anel de Elaida, só falaria quando se dirigissem a ele e, quando não fosse requisitado, ficaria ajoelhado a um canto. Com o olhar firme, foi beber o chá de mirtilo sozinha.

* * *

Quando entraram no bosque imenso, Sevanna virou-se para as outras, pensando em como era impressionante que agora encarasse as árvores com tanta indiferença. Nunca tinha visto tantas árvores juntas, e tão grandes, antes de cruzar a Muralha do Dragão.

— Vocês viram todas os meios que elas usaram para prendê-lo? — perguntou, fazendo soar como se dissesse “todos”, em vez de “todas”.

Therava encarou as outras, que assentiram.

— Sabemos tecer tudo o que elas fizeram — anunciou a mulher.

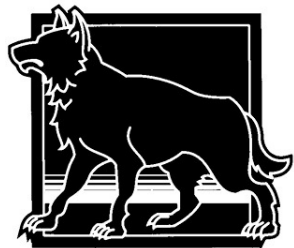
Assentindo, Sevanna correu os dedos pelo cubinho de pedra com entalhes intrincados em seu bolso — o estranho aguacento que lhe dera aquilo a orientara a usá-lo quando al’Thor estivesse preso. E ela de fato pretendia usar, até que viu al’Thor preso. Naquele momento, decidira jogar o cubo fora. Era viúva de um chefe que fora a Rhuidean e de um homem que fora chamado de chefe sem ter feito essa visita. Agora seria a esposa do próprio *Car’a’cam*. Cada lança dos Aiel estaria presa a ela. Ainda sentia no dedo o pescoço de al’Thor, onde traçara a linha da coleira que poria nele.

— Está na hora, Desaine — anunciou.

Claro que Desaine apenas piscou, surpresa, e só conseguiu gritar de susto antes que as outras iniciassem o trabalho. A mulher não parava de reclamar a respeito da posição de Sevanna, que decidira que poderia empregar melhor seu tempo do que ter que lidar com a mulher. Exceto por Desaine, todas as outras presentes a seguiam, e outras mais estavam a seu lado.

Sevanna ficou olhando o que as outras Sábias faziam. O Poder Único a fascinava. Tantos feitos milagrosos realizados sem qualquer esforço... E era muito importante que ficasse claro que Desaine fora liquidada com o Poder. Ah, era tão espantoso que um corpo humano pudesse ser despedaçado espirrando tão pouco sangue...





O CHAMADO

O sol ainda era um brilho tênue sobre a linha do horizonte, mas as ruas de Cairhien já estavam apinhadas de gente comemorando o segundo dia do Festival das Luzes. A bem da verdade, as pessoas sequer tinham se recolhido à noite. A celebração deixava a multidão em uma espécie de frenesi, e pouca gente dispensava mais que uma olhadela ao homem de barba crespa e rosto soturno, com o machado preso na cintura enquanto cavalgava um baio alto pelas ruas retas até o rio. Mas alguns até fizeram uma pausa para olhar seus companheiros de viagem. Ver Aiel andando por aí já se tornara corriqueiro, por mais que o povo do Deserto mal tivesse posto o pé nas ruas desde o começo das celebrações, mas não era todo dia que se via um Ogier — a criatura mais alta que o homem a cavalo ainda por cima estava carregando um machado apoiado no ombro, o cabo quase de sua altura. A expressão do Ogier fazia o homem barbado parecer alegre.

Os navios no Alguenya estavam com as lanternas todas acesas, inclusive a embarcação do Povo do Mar que gerara tamanho falatório — tanto por simplesmente estar ali em Cairhien quanto por permanecer todo aquele tempo ancorada quase sem contato com a costa. Segundo os rumores que Perrin tinha ouvido, o Povo do Mar via os acontecimentos recentes da cidade com ainda mais desaprovação que os Aiel, e ele tinha achado que Gaul morreria de choque em ver tantos homens e mulheres se beijando. O fato de as mulheres estarem ou não vestidas incomodava muito menos Gaul do que ver todos se beijando no meio da rua, à vista de todos — aquilo para ele era uma indecência.

Os embarcadouros compridos avançavam sobre o rio, flanqueados por paredões altos, com barcos de todos os tipos e tamanhos — incluindo balsas que conseguiriam levar até cinquenta cavalos — amarrados ao longo dos píeres de madeira, mas Perrin não viu nenhum com mais de um homem. Parou o baio ao chegar a uma embarcação grande e sem mastro com seis ou sete braças de comprimento presa a uma das estacas de pedra. Um sujeito grisalho e corpulento, sem camisa, estava ali no deque, sentado em um barril, com uma mulher grisalha ostentando mais de cinco listras coloridas no decote do vestido escuro empoleirada em seus joelhos.

— Queremos cruzar o rio — anunciou Perrin, bem alto, tentando olhar apenas por tempo o suficiente para verificar se o casal parava de se agarrar. Não pararam. Jogou uma coroa andoriana dentro da balsa, e o som da moeda pesada quicando no convés fez o sujeito erguer a cabeça. — Queremos cruzar o rio — repetiu, mostrando uma segunda coroa de ouro na palma da mão. Depois de um instante, acrescentou outra.

O balseiro umedeceu os lábios.

— Vou ter que achar remadores — resmungou, encarando as moedas.

Com um suspiro, Perrin pegou mais duas coroas da bolsa — havia um tempo em que seus olhos teriam saltado das órbitas só de ver uma daquelas.

O balseiro deu um salto, e a mulher caiu sentada no chão com um baque surdo. Ele subiu a rampa correndo, ofegante, gritando que levaria só um minutinho, milorde, só um minutinho. A mulher encarou Perrin com um olhar cheio de reprovação e saiu desfilando pelo embarcadouro — até tentou ostentar uma postura digna enquanto avançava, mas o fato de ela ainda estar esfregando o ponto dolorido em que o traseiro batera no chão atrapalhou um pouco. A nobre não avançou muito antes de desistir, erguer as saias e sair correndo para se juntar a um grupo de dançarinos que cabriolavam perto da margem. Perrin ouviu sua risada de longe.

Levou mais que um minutinho, mas a promessa de ouro parecia ter sido suficiente: em pouco tempo o balseiro tinha reunido homens suficientes para operar quase todos os remos compridos. Perrin foi afagando o nariz do baio enquanto a embarcação sacolejava rio adentro. Ainda não decidira o nome do cavalo, que pegara no estábulo do Palácio do Sol — a ferradura era boa e fora bem colocada, e o bicho de patas dianteiras brancas parecia tenaz, mas nem de longe tanto quanto Galope.

O arco de Dois Rios, desencordado, estava enfiado de um dos lados da cilha da sela, e a aljava cheia pendia logo à frente da sela de patilha alta, sustentando um embrulho comprido, estreito e muito bem embalado — a espada de Rand. Faile fizera questão de embalar o fardo ela mesma e lhe entregara sem uma palavra. Ela só se pronunciou depois que Perrin lhe deu as costas para ir, ao perceber que não ganharia um beijo de despedida.

“Se você cair”, sussurrou ela, “vou assumir sua espada”.

Ainda não sabia ao certo se ela pretendia ou não que ele ouvisse. O odor que Faile exalava era uma mixórdia tão intensa que Perrin não conseguiu distinguir nada.

Sabia que deveria estar concentrado no que estava prestes a fazer, mas Faile sempre dava um jeito de voltar a seus pensamentos. Em determinado ponto, teve certeza de que ela anunciaria que iria junto, e seu coração se apertou. Se Faile tivesse decidido ir, achava que não poderia ter se forçado a recusar — afinal, não conseguiria negar nada a Faile, depois de tudo o que a fizera sofrer. Mas estavam indo ao encontro de seis Aes Sedai, e o conflito traria sangue e morte. Se Faile morresse, Perrin sabia que enlouqueceria. Achou que ela diria que ia junto quando Berelain anunciou que lideraria a Guarda Alada de Mayene no resgate. Por sorte, a ideia da Primeira fora posta de lado, ainda que de modo estranho.

“Quantos rumores surgirão se você deixar a cidade onde Rand al’Thor a colocou para fazer valer a vontade dele?”, perguntou Rhurc, baixinho. “Quantos rumores não vão surgir se enviar todas as suas lanças? E o que pode nascer dessas histórias?”

Aquilo soava como um conselho, mas ao mesmo tempo, não — algo na voz do chefe de clã conferia muito mais força àquelas simples perguntas.

Berelain encarou Rhurc de cabeça erguida, cheirando a teimosia. Mas o odor de teimosia aos poucos se esvaiu, e ela murmurou para si mesma:

“Às vezes acho que tem homens demais que conseguem...” Só Perrin conseguiu ouvir. Sorrindo, ela declarou, com a voz bem alta e um tom bastante majestoso: “Esse é um conselho sensato, Rhurc. Acho que vou segui-lo.”

O mais notável, entretanto, fora a forma como os odores dela e do Aiel se mesclavam. Para Perrin lembravam um lobo macho e um filhote quase crescido, um pai indulgente e terno lidando com a filha amada, embora às vezes ainda fossem necessários alguns puxões de orelha para que a jovem se comportasse de maneira adequada. O mais importante, no entanto, foi ver a intenção de se pronunciar desaparecer dos olhos de Faile. O que ele podia fazer? Se vivesse para ver a esposa outra vez, o que poderia fazer?

No começo da travessia, os remadores, todos com roupas muito simples e alguns até sem camisa, entoavam piadas grosseiras em tom quase amistoso sobre como ouro nenhum poderia comprar o que estavam

perdendo. Eles riam enquanto andavam pelo convés a passadas largas, remando, todos alegando que estavam dançando ou trocando beijos com uma nobre quando foram interrompidos. Um sujeito magricela e de queixo pontudo até afirmou que estava com uma nobre *tairena* no colo quando saiu para atender ao chamado de Manal, o balseiro, mas ninguém acreditou — muito menos Perrin. Quando os tairenos viram o que estava acontecendo, a divisão foi bem clara: os homens mergulharam de cabeça na folia, mas as mulheres tinham se trancado nos quartos e botado guardas nas portas.

As piadas e brincadeiras não duraram muito. Gaul ficou o mais no centro do barco que podia, os olhos meio perturbados e fixos na costa ao longe, empoleirado nas pontas dos pés como se estivesse pronto para saltar. Era toda aquela água, claro, mas os balseiros não tinham como saber daquilo. E Loial, apoiado na arma que encontrara no Palácio do Sol, um machado de cabo longo e com a cabeça imensa toda ornamentada, mais parecia uma estátua, o rosto largo dando a impressão de ter sido esculpido em granito. Os balseiros fecharam o bico e remaram com toda a força, sem nem se atrever a olhar para os passageiros. Quando a balsa enfim atracou em um cais de pedra na margem oeste do Alguenya, Perrin deu ao dono da balsa — ao menos esperava que o homem fosse o dono da balsa — o restante do ouro e um punhado de prata para que repassasse aos remadores, para tentar compensá-los pelo medo que sentiram de Loial e Gaul. O homem gordo pegou as moedas tentando tocar nele o mínimo possível e fez uma medida tão profunda, apesar do tamanho da barriga, que a cabeça quase encostou nos joelhos. Talvez não fossem só as caras de Gaul e Loial que metiam medo.

Construções enormes, todas sem janelas, estavam envolvidas por andaimes de madeira, a pedra escurecida e avariada em vários pontos. Os celeiros tinham sido incendiados em motins, algum tempo antes, e só agora estavam sendo reformados, mas não havia vitalma nas ruas cheias de celeiros, estábulos, armazéns e pátios de carroções. Todos os trabalhadores dali encontravam-se na cidade. Não havia ninguém à vista, até que, vindos de uma rua lateral, chegaram dois sujeitos a cavalo.

— Estamos prontos, Lorde Aybara — anunciou Havien Nurelle, entusiasmado.

O jovem de rosto corado, consideravelmente mais alto que seu companheiro, era bem espalhafatoso, com a placa peitoral e o capacete pintados de vermelho, além de uma única pluma vermelha bem fina no topo do elmo. Ele até cheirava a empolgação — empolgação e juventude.

— Já estava achando que não viriam — resmungou Dobraine. O nobre estava sem capacete, usando manoplas com dorso de aço e uma placa peitoral surrada, ainda com resquícios da antiga ornamentação dourada. Ele olhou para Perrin e acrescentou: — Pela Luz, Lorde Aybara, não foi minha intenção lhe faltar com o respeito.

— Temos um longo caminho a percorrer — respondeu Perrin, virando o baio. Talvez Tenaz fosse um bom nome. E o que ele faria em relação a Faile? Sentia o puxão de Rand, fazendo a pele formigar. — Elas já têm quatro dias de vantagem.

Cravou os calcanhares bem de leve e incitou Tenaz a um trote firme. Seria uma longa caçada, então era melhor tomar cuidado para não dar aguamento nos cascos dos cavalos. Loial e Gaul não teriam a menor dificuldade de acompanhar o passo.

A maior das ruas retas virava a Estrada de Tar Valon — bem, era a Estrada de Tar Valon de Cairhien, mas havia outras —, uma larga faixa de terra batida que avançava para noroeste por entre colinas cobertas de florestas, mais baixas que as elevações onde Cairhien se assentava. Depois de avançarem uma milha pela estrada, agora já cercada de floresta, duzentos homens da Guarda Alada de Mayene e quinhentas cabeças do exército da Casa Taborwin se juntaram a eles, todos montados nos melhores animais que conseguiram encontrar.

Os mayenenses usavam placas peitorais vermelhas e capacetes que pareciam caçarolas, com abas que cobriam a nuca, e as lanças ostentavam bandeiras vermelhas. Muitos pareciam quase tão ávidos quanto

Nurelle. Os cairhienos, mais baixos, usavam placas peitorais lisas e capacetes feito sinos cortados, deixando à mostra os rostos severos, e a maioria de seus capacetes e placas estava amassada. As lanças não ostentavam adornos, embora aqui e ali saltasse aos olhos o *con* de Dobraine — um quadrado pequeno e rígido preso em um bastãozinho azul com dois diamantes brancos, identificando os oficiais ou lordes menores da Casa Taborwin. Nenhum parecia ávido para lutar, apenas taciturno. Já tinham visto muitas batalhas. Em Cairhien, a expressão era “já ter visto o lobo”.

Quando ficou sabendo da expressão, Perrin riu. Ainda não chegara a hora dos lobos.

Perto do meio-dia, um pequeno grupo de Aiel emergiu das árvores e desceu correndo a colina até a estrada. Duas Donzelas avançaram para junto de Rhuarc. Eram Nandera e Sulin, que Perrin só reconheceu depois de um tempo — a Aiel estava muito diferente no *cadin'sor*, com os cabelos brancos cortados rentes exceto pelo rabo de cavalo despontando da nuca. Parecia mais... à vontade, algo que jamais parecera no uniforme de serviçal. Amys e Sorilea vinham junto, os xales enrolados nos braços e os colares e braceletes de ouro e marfim tilintando. Embora erguessem as saias pesadas quando corriam colina acima, acompanhavam o passo das outras sem dificuldade.

Perrin desceu do cavalo para caminhar com eles, à frente de todos os outros.

— Quantos? — Foi sua única pergunta.

Rhuarc olhou para Gaul e Loial, que caminhavam ao lado de Dobraine e Nurelle, na dianteira da marcha. Mesmo que tivessem a audição de Perrin, estavam longe demais para ouvi-los, considerando o barulho dos cascos, o tilintar das rédeas e o chiado das selas, mas Rhuarc manteve a voz baixa.

— Cinco mil homens de sociedades diferentes, talvez um pouco mais. Não consegui trazer muitos. Timolan já ficou bastante desconfiado por eu não ter ido com ele enfrentar os Shaido. Se souberem que as Aes Sedai estão mantendo o *Car'a'cam* prisioneiro, acho que a Desolação vai engolir todos nós. — Nandera e Sulin tossiram alto e cravaram os olhos uma na outra, mas Sulin logo desviou o olhar, enrubescida. Rhuarc, que cheirava a exasperação, apenas olhou rápido para elas e murmurou: — Também tenho quase mil Donzelas. Se eu não tivesse mantido o pulso firme, teriam vindo todas correndo atrás de mim, carregando uma tocha para gritar ao mundo que Rand al'Thor está correndo perigo. — Ele endureceu a voz. — Qualquer Donzela que vier atrás de nós vai aprender como eu falo sério.

Sulin e Nandera coraram, algo difícil naqueles rostos queimados de sol.

— Eu... — começaram as duas, no mesmo instante.

Trocaram olhares outra vez, e Sulin desviou o olhar de novo, o rosto ainda mais vermelho. Perrin não se lembrava de ver Bain e Chiad — as duas únicas Donzelas que realmente conhecia — corando tanto.

— Eu prometi — retrucou Nandera, em um tom rígido —, e *todas* as Donzelas entraram no juramento. Será como o chefe ordenou.

Perrin se absteve de perguntar o que era aquela tal de Desolação, e também não quis saber como Rhuarc fizera os Aiel atravessarem o Alguenya sem balsas, considerando que uma grande barreira de água era a única coisa capaz de conter um Aiel. Teria gostado de saber, mas aquelas respostas não tinham muita importância. Seis mil Aiel, quinhentos soldados do exército de Dobraine e duzentos homens da Guarda Alada. Isso tudo contra seis Aes Sedai, seus Guardiões e cerca de quinhentos guardas — parecia ser o bastante. Só que as Aes Sedai estavam com Rand. Se o ameaçassem com uma faca no pescoço, quem ousaria erguer um braço?

— Também temos noventa e quatro Sábias — anunciou Amys. — São as mais fortes com o Poder Único dentre as que estão próximas à cidade. — A frase saiu com relutância, mas ela firmou a voz. Perrin achou que as Aiel não gostassem de admitir que tinham a capacidade de canalizar. — Não teríamos trazido tantas, mas todas quiseram vir. — Sorilea pigarreou, e foi a vez de Amys corar. Teria que perguntar sobre aquilo a Gaul. Os Aiel eram tão diferentes de qualquer povo que já conhecera... talvez comessem a corar com a idade. — Sorilea está na liderança — acrescentou a Sábida, e a mulher mais velha bufou, parecendo muito satisfeita.

Sem dúvida exalava um cheiro muito satisfeito.

Perrin teve que evitar balançar a cabeça. O que sabia sobre o Poder Único cabia em um dedal, com espaço de sobra para mais um polegar gorducho, mas viajara com Moiraine e vira o que Verin e Alanna eram capazes de fazer. Aquela chama de Sorilea... Se ela era uma das Sábias mais fortes com o Poder, não duvidava de que seis Aes Sedai conseguiriam embrulhar todas as noventa e quatro em uma trouxinha. Bem, àquela altura não podia dispensar nem um grupo de camundongos.

— Elas devem estar setenta ou oitenta milhas à frente — anunciou. — Talvez até cem, se estiverem forçando os carroções. Temos que ir o mais rápido possível.

Enquanto montava de volta na sela, Rhuarc e os outros Aiel já trotavam de volta colina acima. Perrin ergueu uma das mãos e Dobraine sinalizou para que os cavaleiros avançassem. Nem lhe ocorreu cogitar por que homens com idade para ser seu pai e mulheres com idade para ser sua mãe, além de homens e mulheres acostumados a comandar, estavam seguindo seu comando.

Estava era preocupado com o deslocamento. Sabia que os Aiel de *cadin'sor* conseguiam acompanhar o ritmo dos cavalos, mas no começo ficara apreensivo com as Sábias de saia, algumas talvez da idade de Sorilea. Bem, com ou sem saias, de cabelos brancos ou não, as Sábias avançavam no mesmo passo rápido que todos os outros, acompanhando os cavalos enquanto conversavam baixinho.

A estrada à frente estava vazia. Ninguém viajava durante o Festival das Luzes, e mesmo nos dias que antecediavam os festejos poucos pegavam a estrada, a menos que o assunto fosse tão urgente quanto o dele. O sol subia, as colinas desciam, e, fim do dia, quando o grupo ergueu acampamento, Perrin estimou que deveriam ter avançado trinta e cinco milhas. Um bom dia de viagem, excelente para um grupo tão grande — o dobro do que as Aes Sedai poderiam dar conta, a não ser que estivessem querendo matar as parelhas à frente dos carroções. Já não se preocupava em alcançá-las antes de chegarem a Tar Valon, e sim com o que faria quando esse momento chegasse.

Deitado nos cobertores, a cabeça acomodada na sela, Perrin sorriu para a lua crescente no céu limpo. Se houvesse uma só nuvem, a noite já não seria tão clara. Aquela era uma boa noite para a caça. Uma boa noite para os lobos.

Uma imagem se formou em sua mente: um jovem touro selvagem de pelo encrespado, imponente, com chifres lustrosos feito metal polido ao resplendor da manhã. Correu o polegar pelo machado que jazia a seu lado, com a lâmina curva mortal e a ponteira afiada. Os chifres de aço do Jovem Touro — era como os lobos o chamavam.

Deixou a mente divagar, enviando a imagem noite adentro. Haveria lobos, e eles saberiam quem era o Jovem Touro. A notícia de um humano capaz de falar com lobos correria pela terra tão rápido quanto o vento. Perrin conhecera apenas dois humanos como ele — um era seu amigo, o outro era um pobre coitado que não tinha conseguido preservar a humanidade. Ouvira relatos dos refugiados que chegavam em Dois Rios, contando histórias antigas de homens que viravam lobos, narrativas em que poucos acreditavam e que só serviam para entreter crianças. Três deles, no entanto, afirmavam ter conhecido homens que se transformaram em lobos descontrolados, e, por mais que Perrin considerasse os detalhes estranhos, o desconforto com que dois deles evitavam seus olhos amarelos era quase uma confirmação. Esses dois, uma mulher de Tarabon e um homem da Planície de Almoth, não saíam à noite. E não paravam de presenteá-lo com comidas feitas com alho, que ele comia com grande prazer. Perrin já não tentava encontrar outros como ele.

Sentiu lobos, e seus nomes começaram a vir: Duas Luas, Fogo Selvagem, Velho Cervo e outros tantos vieram à sua mente em cascata. Não eram bem nomes, e sim imagens e sensações. Jovem Touro era uma imagem bastante simples para denominar um lobo. Duas Luas era um pequeno lago refletindo o céu da noite, a superfície lisa feito gelo instantes antes de a brisa soprar seu forte odor de outono, com uma lua cheia no

alto e outra refletida tão perfeitamente na água que era difícil dizer qual era a verdadeira. Essa era a imagem mais concisa possível.

Durante um tempo houve apenas troca de nomes e odores. Então Perrin pensou: *Procuro gente mais à frente de mim. Aes Sedai e homens com cavalos e carroções*. Não foi exatamente isso o que pensou, claro, assim como Duas Luas não era apenas a imagem de duas luas. As pessoas eram “duas-pernas”, e os cavalos foram definidos como “quatro-pernas de pés-duros”. Aes Sedai eram “fêmeas de duas-pernas que tocam o vento que move o sol e chama o fogo”. Os lobos não gostavam de fogo, e eram ainda mais cautelosos com as Aes Sedai do que com os outros humanos — achavam impressionante que ele não fosse capaz de distinguir facilmente uma Aes Sedai de uma mulher comum, e Perrin só descobrira aquela capacidade dos lobos por acaso. Para eles, era uma habilidade tão corriqueira quanto ele achava fácil distinguir um cavalo branco entre uma tropa de pretos: nada que valesse menção ou que pudesse ser explicado com clareza.

O céu noturno parecia rodopiar em sua mente, de súbito coroando um acampamento de carroções, tendas e fogueiras. A imagem era um pouco distorcida — os lobos não ligavam muito para nada humano, então os carroções e as tendas eram vultos indistintos, enquanto as fogueiras pareciam rugir perigosamente e os cavalos tinham um ar bem apetitoso. Ainda por cima, a mensagem foi passando de lobo a lobo, até chegar a ele. O acampamento era maior do que Perrin esperava, mas Fogo Selvagem não tinha dúvidas; sua matilha inclusive vinha margeando os arredores de onde estavam as “fêmeas de duas-pernas que tocam o vento que move o sol e chama o fogo”. Perrin tentou perguntar quantas eram, mas os lobos não dominavam os números — contavam quantas coisas havia mostrando quantas tinham visto, e Fogo Selvagem e sua matilha desistiram de se aproximar mais assim que notaram a presença de Aes Sedai.

Longe quanto? Aquela resposta foi mais clara, ainda que precisasse pensar um pouco para decifrá-la. E tinha sido outra vez passada de lobo a lobo. Fogo Selvagem disse que conseguiria andar até a colina onde estava um macho azedo chamado Meio Rabo, alimentando sua matilha com um cervo, no tempo em que a lua avançava determinado ponto no céu. Meio Rabo anunciou que alcançaria Fuça de Coelho — um macho aparentemente jovem e muito feroz — enquanto a lua seguia o mesmo tanto, mas de um ponto a outro. E assim foi, até que chegou a mensagem de Duas Luas, que sempre mantinha um silêncio digno, adequado a um macho velho com mais branco que preto no focinho. Ele e a matilha estavam a pouco mais de uma milha de distância de Perrin, e seria um insulto sugerir que Perrin não sabia exatamente onde estavam.

Calculando o melhor que pôde, Perrin chegou a um total de sessenta ou setenta milhas. No dia seguinte conseguiria dizer melhor a rapidez com que estava se aproximando. As Aes Sedai sem dúvida não estavam se deslocando tão depressa quanto ele, não com os carroções.

Por quê? A pergunta veio de Meio Rabo, trazendo seu odor marcante mesmo depois de passar por tantos lobos.

Perrin hesitou antes de responder. Era a parte que temia. Sentia o mesmo pelos lobos que pelo povo de Dois Rios. *Elas enjaularam o Matador de Sombras*, pensou, por fim. Era como os lobos chamavam Rand, mas não tinha ideia se consideravam Rand importante ou não.

O choque que assomou sua mente valeu como resposta, porém a noite foi tomada de uivos, próximos e distantes — uivos cheios de raiva e de medo. No acampamento, os cavalos relincharam, temerosos, batendo os cascos, encolhendo-se e repuxando as cordas das estacas. Alguns homens correram para acalmá-los, enquanto outros foram perscrutar a escuridão, como se estivessem esperando o ataque de uma imensa matilha descendo das colinas.

Estamos indo, anunciou Meio Rabo, por fim. Só isso. Então outros responderam, matilhas com as quais Perrin já conversara naquela noite e matilhas que tinham ouvido em silêncio, admirando o duas-pernas que sabia falar como os lobos. *Estamos indo*. Nada mais.

Perrin rolou de lado e dormiu. Sonhou que era um lobo percorrendo colinas intermináveis. Na manhã seguinte, não havia nem sinal dos lobos, e nem mesmo os Aiel tinham visto algum. Mas Perrin podia senti-los, várias centenas deles e ainda mais a caminho.

O terreno foi se aplainando durante os quatro dias seguintes, até que os aclives mais altos das colinas suaves sequer faziam jus ao nome “colina”, se comparados aos das cercanias do Alguenya. A floresta foi minguando até se esvair em pastos marrons e ressequidos, com moitas cada vez mais espaçadas. Os rios e os córregos que agora cruzavam mal molharam os cascos dos cavalos, e já eram pequenos antes daquela seca que os encolhera até virarem rastros de água espremidos por entre ribanceiras de pedra e lama ressequida pelo sol. Todas as noites, os lobos contavam a Perrin a que distância as Aes Sedai estavam, que não era muita. A matilha de Fogo Selvagem as seguia, mas um pouco afastada. Uma coisa ficou bem clara: o grupo de Perrin sempre percorria a mesma distância do primeiro dia e a cada dia a diferença entre eles e as Aes Sedai diminuía em cerca de dez milhas. Mas e quando as alcançassem, o que fariam?

Todas as noites, antes de falar com os lobos, Perrin sentava-se com Loial, e os dois fumavam cachimbo e conversavam em voz baixa. Era sobre o “e então” que Perrin queria conversar. Dobraine parecia ser a favor de atacar e morrer dando o melhor de si. Rhuarc dizia apenas que precisavam aguardar para ver como seria o dia de amanhã e que uma hora os homens deviam acordar do sonho, o que não era tão diferente de Dobraine. Loial podia ser um Ogier jovem, mas tinha lá seus noventa e tantos — Perrin suspeitava de que Loial lera mais livros do que ele já vira em toda a vida, e o Ogier sempre revelava conhecimentos surpreendentes em relação às Aes Sedai.

— Existem muitos livros sobre a conduta das Aes Sedai em relação aos homens capazes de canalizar. — Loial franziu o cenho, a boca no cachimbo. O forninho entalhado com folhas era do tamanho dos dois punhos de Perrin. — Elora, filha de Amar, filha de Coura, escreveu *Homens de fogo e mulheres de ar* logo no início do reinado de Artur Asa-de-gavião. E Ledar, filho de Shandin, filho de Koimal, escreveu *Um estudo sobre homens, mulheres e o Poder Único entre humanos* faz só trezentos anos. Esses são os dois melhores, na minha opinião. O de Elora em particular, já que ela escrevia em um estilo de... não. Serei breve. — Perrin duvidava daquilo. A brevidade não estava nem de longe entre as virtudes de Loial quando o assunto era livros. O Ogier pigarreou. — Pela lei das Aes Sedai, o homem deve ser levado à Torre Branca para ser julgado antes de poder ser amansado. — As orelhas de Loial tremelicaram com força, e as sobrancelhas compridas desabaram, desanimadas, mas isso só durou um instante: ele deu um tapinha no ombro de Perrin, em um esforço para consolá-lo. — Não acho que seja essa a intenção delas, Perrin. Ouvi dizer que essas Aes Sedai falaram que iam honrá-lo, e ele é o Dragão Renascido. Elas sabem disso.

— Honrar? — perguntou Perrin, baixinho. — Talvez estejam botando Rand para dormir em lençóis de seda, mas um prisioneiro é um prisioneiro.

— Tenho certeza de que o estão tratando bem, Perrin. Tenho certeza. — O Ogier não parecia confiante, e seu suspiro saiu feito uma ventania retumbante. — E Rand está seguro até de fato chegar em Tar Valon. O que eu não entendo é como elas conseguiram capturá-lo. — Ele balançou a imensa cabeça, claramente intrigado. — Perrin, tanto Elora quanto Ledar dizem que, quando as Aes Sedai encontram um homem muito poderoso, sempre reúnem treze para vencê-lo. Ah, elas recontam histórias de quatro ou cinco, e ambas mencionam Caraighan, que levou um homem até a Torre sozinha, percorrendo mais de duas mil milhas, depois que ele matou seus dois Guardiões. Mas... Perrin, eles escreveram sobre Yurian Arco-de-pedra e Guaire Amalasan; sobre Raolin Algoz-as-trevas e até sobre Davian, mas são os dois primeiros que me preocupam. — Ele acabara de citar quatro dos homens mais poderosos dentre os que tinham afirmado ser o Dragão Renascido, todos havia muito tempo, antes do império de Artur Asa-de-gavião. — Seis Aes Sedai tentaram capturar Arco-de-pedra, mas ele matou três e capturou as outras. Seis tentaram derrotar Amalasan: ele matou uma e estancou mais duas. Rand sem dúvida é mais forte que Arco-de-pedra e Amalasan, então

será que são apenas seis, mais adiante? Isso explicaria muita coisa.

Talvez explicasse, mas não trazia nenhum consolo. Treze Aes Sedai conseguiriam derrotar, sozinhas, sem Guardiões e guardas, qualquer ataque que Perrin preparasse. Treze Aes Sedai podiam ameaçar amansar Rand, caso Perrin atacasse. Claro que não amansariam — elas sabiam que Rand era o Dragão Renascido, sabiam que ele precisava estar presente na Última Batalha —, mas Perrin não sabia se seria capaz de arriscar, com ou sem a lei da Torre. Ah, e quem conhecia os motivos por trás das atitudes das Aes Sedai? Nunca conseguira se forçar a confiar nem mesmo em Aes Sedai que se mostravam amistosas — aquelas mulheres sempre guardavam segredos. Como um homem poderia ter certeza de qualquer coisa se as sentia tramando por suas costas, por mais que sorrissem na cara dele? Quem podia dizer o que as Aes Sedai fariam?

A bem da verdade, Loial não sabia de muita coisa que pudesse ajudar quando o dia chegasse e estava muito mais interessado em falar sobre Erith. Perrin sabia que ele deixara duas cartas com Faile, uma endereçada à mãe e outra a Erith, para serem entregues assim que possível, caso algo lhe acontecesse. O que Loial se desdobrou para garantir que não aconteceria — o Ogier sempre se preocupava muito em não alarmar os outros. Perrin escrevera sua própria carta para Faile e Amys a levava para deixar com as Sábias no acampamento dos Aiel.

— Ela é tão bonita — murmurou Loial, encarando a noite como se a visse diante de si. — Tem um rosto tão delicado, mas ao mesmo tempo forte... Quando vi aqueles olhos dela, não consegui ver mais nada. E as orelhas! — As orelhas dele vibraram, e Loial engasgou no cachimbo. — Por favor — pediu, ofegante —, esqueça que eu mencionei... eu não devia ter falado das... você sabe que eu não sou um grosseirão, Perrin.

— Já esqueci — respondeu Perrin, sem forças. *As orelhas?*

Loial queria saber como era ser casado. Não que tivesse qualquer intenção de se casar tão cedo, apressou-se em esclarecer. Ainda era muito jovem, tinha seu livro para terminar. Não estava pronto para sossegar e nunca mais deixar o *pouso*, a não ser se fosse para visitar outro, como com certeza seria a vontade de uma esposa. Só estava curioso, só isso. Mais nada.

Então Perrin falou da vida com Faile, de como ela o arrancara de suas raízes sem ele nem perceber. Dois Rios já tinha sido sua casa, mas sua casa agora era onde Faile estivesse. Pensar que ela o esperava quando voltasse o fazia apressar o passo. Sua presença iluminava o ambiente e seu sorriso apagava qualquer preocupação. Naturalmente, ele não podia falar sobre o sangue que fervia quando pensava nela, nem sobre o coração que disparava só de olhá-la — não seria decente —, e sem dúvida não tinha intenção de mencionar a preocupação que ela lhe trazia nos últimos tempos. O que ia fazer? Estava mesmo disposto a ajoelhar-se diante dela, mas sua teimosia ferrenha exigia que a mulher primeiro falasse com ele. Se pelo menos ela dissesse que queria que as coisas voltassem a ser como antes...

— E o ciúme dela? — perguntou Loial. Foi a vez de Perrin engasgar. — Todas as esposas são assim?

— Ciúme? — retrucou Perrin, tentando não se abalar. — Faile não é ciumenta. De onde você tirou isso? Ela é perfeita.

— Claro que sim — murmurou Loial, espiando o forninho do cachimbo. — Você tem mais tabaco de Dois Rios? Depois deste aqui eu só tenho uma folha cairhiena azeda.

Se tudo tivesse corrido daquele jeito, a jornada teria sido razoavelmente tranquila — ou tão tranquila quanto era possível tratando-se de uma caçada daquele porte. A terra passava sem vivalma à vista. O sol brilhava feito ouro fundido, verdade, o que deixava o ar um forno, mas muitos falcões circundavam o céu azul sem nuvens e os lobos, sem quererem humanos por perto, conduziam cervos para a estrada, muito mais do que um grupo grande precisaria para viver, e não era incomum avistarem machos imponentes de galhadas altas e cheias, junto com as fêmeas e alguns filhotes, parados à plena vista. Mas havia um antigo ditado: “Só vive em paz quem não tem umbigo.”

Claro que os cairhienos não eram nada simpáticos com os Aiel, sempre olhando de cara feia ou com

desprezo escancarado. Mais de uma vez, Dobraine reclamou sobre eles estarem em número doze vezes maior — o lorde respeitava as habilidades de luta daquele povo do Deserto, mas apenas como alguém respeitaria o caráter perigoso de uma horda de leopardos raivosos. Os Aiel não olhavam de cara feia e nem com desprezo, apenas deixavam claro que os cairhienos não eram nem dignos de nota. Perrin não ficaria surpreso se visse um Aiel tentando passar por cima de um cairhieno só por se recusar a admitir que o sujeito existia. Rhuarc dizia que não haveria problemas entre os dois grupos, mas que isso dependia apenas dos Assassinos da Árvore. Dobraine dizia que não haveria problemas, mas que isso dependia apenas de os selvagens não se meterem em seu caminho. Perrin queria ter certeza de que os grupos não começariam a matar uns aos outros antes mesmo de chegarem às Aes Sedai que estavam com Rand.

Nutria certa esperança de que os mayenenses pudessem servir de ponte entre os dois grupos, mas algumas vezes se arrependia de pensar assim. Os homens com placas peitorais vermelhas se davam bem com os mais baixos, de armadura lisa — Mayene e Cairhien nunca tinham declarado guerra entre si —, e também se entendiam com os Aiel — fora a Guerra dos Aiel, os mayenenses nunca tinham enfrentado o povo do Deserto. Dobraine era bem amistoso com Nurelle, com frequência partilhando a refeição noturna, e Nurelle se habituara a ir fumar cachimbo com muitos dos Aiel, sobretudo Gaul. Era daí que vinha o arrependimento.

— Andei conversando com Gaul — comentou Nurelle, em um tom acanhado.

Era o quarto dia na estrada, e o sujeito se afastara do grupo de mayenenses para cavalgar ao lado de Perrin, na dianteira. Perrin escutava sem muita atenção — Fogo Selvagem permitira que um dos machos mais jovens da matilha fosse espreitar as Aes Sedai, depois que o grupo começara as movimentações da manhã, e o lobo não conseguira farejar Rand. Ao que parecia, todos os lobos conheciam o cheiro do Matador de Sombras. Ainda assim, apesar de toda a incerteza do que Nuens da Manhã vira, apenas um dos carroções do grupo das Aes Sedai não parecia levar barris cobertos por lonas. Rand decerto estava dentro de algum carroção, muito mais confortável e protegido do sol — Perrin já estava pingando de suor.

— Ele estava me contando sobre a Batalha de Campo de Emond — prosseguiu Nurelle — e de sua campanha de Dois Rios. Lorde Aybara, eu ficaria muito honrado em ouvi-lo falar pessoalmente sobre suas batalhas.

Perrin de repente se empertigou na sela, encarando o garoto — não, não era um garoto, apesar das bochechas rosadas e da franqueza no rosto. Nurelle decerto tinha mais ou menos a sua idade. Mas o cheiro do homem, um cheiro vivaz e meio trêmulo... Perrin quase ganiu. Sentira aquele mesmo odor nos garotos de casa, mas ser idolatrado como herói por um homem de sua idade era quase mais do que ele podia tolerar.

Ainda assim, não teria se incomodado se aquilo tivesse sido o pior. Já esperava que os Aiel e os cairhienos não se dessem bem. Já esperava que um rapaz que nunca presenciara uma batalha fosse admirar alguém que já lutara contra Trollocs. O que esgotava seus nervos eram as coisas que ele não podia prever — o imprevisível podia agarrá-lo pelo pé quando menos se esperasse e quando você menos pudesse se dar ao luxo de se distrair.

Exceto por Gaul e Rhuarc, todos os Aiel usavam uma tira de tecido vermelho amarrado na testa, com o disco branco e preto logo acima das sobrancelhas. Perrin já vira aquela tira em Cairhien e em Caemlyn, mas, quando perguntou a Gaul e depois a Rhuarc se era aquilo que os marcava como os tais *siswai'aman* de quem o chefe de clã havia falado, ambos tentaram fingir que não sabiam do que se tratava, como se não conseguissem ver cinco mil homens com faixas vermelhas na testa. Perrin perguntou até ao sujeito que parecia abaixo de Rhuarc no comando — Urien, um Reyn Duas Torres que ele já conhecera muito tempo antes. Mas Urien também se fez de desentendido. Bem, Rhuarc tinha dito que só poderia levar *siswai'aman*, então era assim que Perrin os via, mesmo sem saber o que o nome significava.

O que de fato sabia era que poderia haver algum desentendimento entre os *siswai'aman* e as Donzelas. Perrin sempre farejava uma lufada de inveja quando alguns daqueles homens olhavam para as Donzelas. Já o odor de algumas das Donzelas olhando para os *siswai'aman* lembrava um lobo acorrido por sobre a carcaça

de um cervo, sem querer que mais ninguém da matilha desse uma mordida, nem que morresse engasgado por engolir tudo de uma vez. Perrin nem conseguia começar a decifrar o motivo, mas o cheiro lá estava e era bem forte.

Aquilo talvez fosse importante algum outro dia. Havia assuntos mais relevantes no momento. Durante os primeiros dois dias depois de sair da cidade, Sulin e Nandera se adiantavam toda vez que Rhuarc dizia qualquer coisa em relação às Donzelas — e era sempre Sulin quem cedia, corando muito, mas ela sempre voltava a tentar tomar a dianteira na oportunidade seguinte. Na segunda noite, quando o grupo montou acampamento, as duas tentaram se matar com as próprias mãos.

Pelo menos, foi o que lhe pareceu. As duas se chutavam, socavam e se derrubavam no chão, e Perrin teve certeza de que alguém acabaria com um braço quebrado... até que a mulher em desvantagem conseguia se desvencilhar com um giro ou um golpe. Rhuarc o deteve quando ele tentou interferir, até parecendo um pouco surpreso por ele querer se meter. Um bom número de cairhienos e mayenenses se reuniu ao redor das duas para assistir e fazer apostas, mas nenhum Aiel sequer olhou para a luta, nem mesmo as Sábias.

Sulin enfim imobilizou Nandera de cara para baixo, um braço dobrado dolorosamente atrás do corpo, então agarrou-a pelos cabelos e bateu sua cabeça no chão até a mulher desabar, o corpo inerte. Sulin ficou um bom tempo olhando para baixo, encarando a mulher que acabara de vencer, então jogou uma Nandera inconsciente por cima dos ombros e saiu cambaleante.

Perrin concluiu que Sulin tomaria a frente das conversas a partir de então, mas não foi o caso. A mulher ainda estava sempre presente, mas era Nandera, cheia de hematomas, que respondia às perguntas de Rhuarc e seguia suas ordens, enquanto Sulin, igualmente machucada, permanecia em silêncio e acatava qualquer comando da outra sem nem hesitar. Perrin só coçava a cabeça e se perguntava se os olhos estavam mesmo certos: será que tinha se enganado a respeito de como a briga terminara?

As Sábias sempre avançavam em grupos, todos variando em tamanho e com as integrantes sempre mudando. Ao fim do primeiro dia, Perrin percebeu que toda a movimentação na verdade se centrava em torno de duas mulheres: Sorilea e Amys. Ao fim do segundo dia, teve certeza de que as duas instigavam dois pontos de vista bastante diferentes, e havia muitas carrancas e olhares atravessados. De vez em quando Perrin as ouvia mencionarem as Aes Sedai, pescando fragmentos sobre “costume” e “batalha”, mas nunca entendia bem. Amys começou a recuar menos nas discussões, corando bem menos. Às vezes Rhuarc exalava um fraco odor de ansiedade ao olhar para a esposa, mas aquele era o único indício de que estava ciente do que se passava. No terceiro acampamento montado fora da cidade, Perrin quase esperava que as duas Sábias fizessem uma reinterpretação da briga entre Sulin e Nandera.

Em vez disso, as duas apanharam um cantil e se afastaram um pouco, sentando-se sozinhas no chão e retirando os lenços da cabeça, soltando os longos cabelos. Ficou olhando as duas sob a escuridão, iluminadas apenas pelo fraco luar, mantendo distância suficiente para não bisbilhotar, nem que fosse por acidente, até a hora de se deitar. Mas as duas apenas beberam água e conversaram. Na manhã seguinte, as Sábias ainda pareciam divididas em dois grupos, mas, antes que a comprida fileira completasse três milhas de marcha, Perrin notou que tudo passara a se centrar em torno de Sorilea. De vez em quando ela e Amys se afastavam até um canto da estrada para conversar, mas não se viam mais olhares atravessados. Se as duas fossem lobos, Perrin diria que alguém desafiara o líder da matilha e fora derrotado, mas, pelos odores que exalavam, Sorilea agora aceitara Amys quase como igual — coisa que nada condizia com os lobos.

No sétimo dia da partida de Cairhien, enquanto cavalgava sob o escaldante sol da manhã, Perrin se preocupava com qual seria a surpresa seguinte dos Aiel. Será que eles e os cairhienos passariam mais um dia sem se matarem? O que ele faria quando encontrasse as Aes Sedai, dali a mais dois ou três dias?

Tudo isso sumiu de sua mente com um chamado de Meio Rabo. Um grande grupo de homens — e talvez de mulheres, mas os lobos tinham certa dificuldade em distinguir humanos machos de fêmeas — estava a

apenas algumas milhas a oeste, cavalgando depressa na mesma direção para onde Perrin seguia. Mas foi a silhueta dos dois estandartes erguidos acima da fileira em marcha que lhe chamou a atenção.

Não demorou a reunir Dobraine, Nurelle, Rhurc, Urien, Nandera, Sulin, Sorilea e Amys.

— Sigam em frente — disse ao grupo, virando Tenaz para oeste. — Talvez alguns amigos venham se juntar a nós, mas não queremos perder tempo.

O grupo de fato seguiu em frente enquanto ele se afastava, mas não o deixou sozinho. Perrin não cobrira nem um quarto de milha quando viu em seu rastro quase dez homens da Guarda Alada, o mesmo número de cairhienos, pelo menos vinte Donzelas lideradas por Sulin e um número igual de *siswai'aman* atrás de um homem grisalho de olhos verdes e rosto pétreo. Perrin só ficou surpreso por não ver uma ou duas Sábias.

— Amigos — resmungou Sulin, baixinho, trotando junto ao estribo dele. — Amigos que aparecem de repente, sem aviso, e ele do nada sabe que estão chegando. — Ela ergueu os olhos para Perrin e falou, mais alto. — Prefiro não ver você repetir um feito como o de tropeçar nos lençóis e cair de cara no chão.

Perrin balançou a cabeça, imaginando o que mais ela teria arranjado contra ele enquanto usava o disfarce de serviçal. Os Aiel eram estranhos.

Cavalgou por quase uma hora sob o sol, guiado pelos lobos, sem desviar do caminho. Ao chegar no topo de um aclave suave, não ficou surpreso com o que viu talvez duas milhas adiante: uma longa fileira encabeçada por dois cavaleiros. Homens de Dois Rios trazendo à frente seu próprio estandarte da Cabeça de Lobo Vermelha que oscilava sob a brisa leve. O que o surpreendeu foi que de fato havia mulheres no grupo — nove, pelo que contou —, além de alguns homens que Perrin tinha certeza de que não eram de Dois Rios. Mas o que o fez cerrar a mandíbula foi o segundo estandarte: a Águia Vermelha de Manetheren. Perdera a conta de quantas vezes orientara o grupo a não levar nenhum daqueles símbolos para fora de Dois Rios — uma das poucas coisas que não conseguira impedir apenas pela força de sua presença fora o hasteamento daquela bandeira. Ainda assim, a imagem imprecisa enviada pelos lobos mostrando os estandartes já o preparara.

A fileira não demorou a ver Perrin e seus companheiros, claro; havia bons olhos naquele grupo. Os homens se aprumaram, à espera, e alguns até tiraram os arcos das costas — os grandes arcos de Dois Rios, capazes de matar um homem a mais de trezentas passadas de distância.

— Ninguém entra na minha frente — ordenou Perrin. — Eles não vão atirar se me reconhecerem.

— Parece que esses olhos amarelos enxergam longe — comentou Sulin, em um tom inexpressivo. Alguns entre os outros o encaravam com uma expressão estranha.

— Fiquem atrás de mim e pronto — retrucou Perrin, com um suspiro.

Enquanto se aproximava, na liderança daquele estranho grupo, os arcos que haviam sido erguidos foram baixados, e as flechas, desencaixadas. Ficou feliz em ver que Galope vinha com eles, mas sentiu um leve receio ao notar Andorinha — Faile não o perdoaria se ele deixasse a égua preta se machucar. Seria bom voltar a montar o garanhão castanho, mas talvez também ficasse com Tenaz. Um lorde podia se dar ao luxo de ter dois cavalos, mesmo um lorde com talvez menos de quatro dias de vida pela frente.

Dannil saiu cavalgando da fileira de Dois Rios, esfregando o bigode grosso, junto com Aram e as mulheres que vinham com eles. Perrin reconheceu os rostos de idade indefinida de Aes Sedai mesmo antes de distinguir Verin e Alanna, cavalgando na retaguarda. Não conhecia nenhuma das outras, mas tinha certeza de quem eram, por mais que não soubesse como tinham chegado até ali. Nove. Nove Aes Sedai poderiam ser de grande utilidade dali a três ou quatro dias, mas até onde podia confiar nelas? Eram nove, e Rand dissera a elas que só poderiam enviar seis para Cairhien. Ele se perguntou qual delas seria Merana, a líder.

Uma Aes Sedai de rosto quadrado com aspecto de fazendeira, apesar do rosto de idade indefinida, pronunciou-se antes que Dannil pudesse fazer isso. Ela montava uma égua marrom lisa.

— Então o senhor é Perrin Aybara. Lorde Perrin, devo dizer. Ouvimos falar muito do senhor.

— É uma surpresa encontrar o senhor aqui — completou uma mulher arrogante, porém bela, com uma

voz fria — com tantas companhias tão singulares. — Ela cavalgava um capão escuro de olhar feroz, e Perrin podia apostar que o animal fora treinado como cavalo de batalha. — Dávamos por certo que o senhor ainda estaria adiante.

Ignorando as duas — uma devia ser Merana, e ainda não sabia ao certo o que responder —, Perrin olhou para Dannil.

— Não que eu não esteja feliz em ver vocês, mas como foi que chegaram até aqui?

Dannil olhou de relance as Aes Sedai e afagou o bigode, ansioso.

— Partimos como o senhor disse, Lorde Perrin, e o mais rápido possível. Quer dizer, deixamos os carroções e tudo, já que parecia haver alguma razão para que o senhor tivesse saído tão depressa. Então Kiruna Sedai, Bera Sedai e as outras nos alcançaram e disseram que Alanna conseguia encontrar Rand... quer dizer, o Lorde Dragão... E, já que o senhor estava com ele, achei que encontraríamos o senhor onde ele estivesse, e não havia meio de saber se o senhor tinha saído de Cairhien, e... — Ele respirou fundo. — De todo modo, parece que elas estavam certas, não é mesmo, Lorde Perrin?

Perrin franziu o cenho, perguntando-se como Alanna podia encontrar Rand. Bem, devia mesmo poder, senão Dannil e os outros não estariam ali. Ela e Verin continuavam na retaguarda, junto de uma mulher esguia de olhos cor de mel que suspirava bastante.

— Eu sou Bera Harkin — anunciou a mulher de rosto quadrado —, e esta é Kiruna Nachiman. — Ela apontou para a companheira altiva. Ao que parecia, as outras ainda não careciam de apresentações. — Pode nos dizer por que está aqui enquanto o jovem al'Thor... o Lorde Dragão... está a vários dias de distância a norte?

Não precisava ponderar muito. Não havia muito o que pudesse fazer para impedir aquelas nove de se juntarem às Aes Sedai mais adiante, se era o que pretendiam. Mas ter nove Aes Sedai a seu lado...

— Ele foi capturado. Uma Aes Sedai chamada Coiren e pelo menos cinco outras estão levando Rand para Tar Valon. Pelo menos é o que pretendem. Eu pretendo impedir isso. — Aquilo deixou todos chocados. Dannil arregalou os olhos, e as Aes Sedai começaram a falar, todas ao mesmo tempo. Aram era o único que não parecia afetado, mas, por outro lado, parecia não ligar para qualquer coisa que não fosse Perrin e sua espada. Apesar das expressões tranquilas, as Aes Sedai exalavam cheiro de medo e ultraje.

— Precisamos impedi-las, Bera — disse uma mulher de cabelos enfeitados com tranças e contas tarabonianas.

— Não podemos permitir que ele caia nas mãos de Elaida, Bera — decidiu, ao mesmo tempo, uma cairhiena pálida, montada em uma égua baia e magricela.

— Seis? — perguntou a mulher de olhos cor de mel, incrédula. — Não teria como apenas seis o levarem. Tenho certeza.

— Eu falei que ele estava ferido — interveio Alanna, meio chorosa. Perrin conhecia aquele cheiro bem o bastante: era dor. — Eu falei.

Verin permaneceu em silêncio, mas cheirava a fúria... e a medo.

Kiruna encarou o grupo de Perrin com um olhar sombrio e desdenhoso.

— E o senhor pretende impedir as Aes Sedai com isso, meu jovem? Verin não nos contou que o senhor era um tolo.

— Tem um pouco mais ainda avançando pela Estrada de Tar Valon — retrucou Perrin, em um tom seco.

— Então vocês podem se juntar a nós — respondeu Kiruna, como se fizesse uma concessão. — Isso será bom, Bera, não será? — A outra assentiu.

Não conseguia entender por que a atitude de Kiruna o irritava tanto, mas não era hora de tentar descobrir.

— Também tenho trezentos arqueiros de Dois Rios que pretendo levar comigo. — Como Alanna podia saber se Rand estava ferido? — Vocês Aes Sedai são bem-vindas a nos acompanhar.

As mulheres não gostaram nada de ouvir aquilo. Elas se afastaram um tanto para debater — nem mesmo Perrin conseguia ouvir, deviam estar usando o Poder —, e ele achou que seguiriam cavalgando sozinhas.

No fim das contas, as mulheres se juntaram a ele. Bera e Kiruna foram o caminho todo até a estrada junto dele, uma de cada lado, alternando-se em repetir que a situação era perigosa e delicada demais e que ele não devia fazer nada que colocasse al'Thor em perigo. Bera, pelo menos, lembrou-se de chamar Rand de Dragão Renascido algumas vezes. Bem, as duas deixaram uma coisa bem clara: Perrin não deveria dar um passo sequer sem consultá-las. Bera começou a demonstrar certa irritação por ele não repetir tudo o que ela dizia, mas Kiruna parecia achar que ele já repetira. Perrin começou a se perguntar se chamá-las para ir junto tinha sido um erro.

Se as Aes Sedai ficaram impressionadas com o grupo de Aiel, mayenenses e cairhienos que avançavam pela estrada, não deram sinais, nem no olhar e nem no odor. Ainda assim, acrescentaram seu bocadinho de borbulhas ao caldeirão. Os mayenenses e os cairhienos pareciam bastante encorajados com a chegada de nove Aes Sedai e dezesseis Guardiões e se curvavam em reverências quase até o chão sempre que uma das mulheres se aproximava. Donzelas e *siswai'aman* olhavam as mulheres como se esperassem ser pisoteados por elas, mas as Sábias, por mais que tivessem a expressão tão plácida quanto as das Aes Sedai, exalavam ondas de pura fúria. No começo, as Aes Sedai ignoraram as Sábias por completo, exceto por uma Marrom chamada Masuri. Mas, depois de Masuri ser rejeitada pelo menos duas dezenas de vezes nos poucos dias seguintes — ela era persistente, mas as Sábias eram tão rápidas em evitar as Aes Sedai que Perrin achava que já virara instintivo —, Bera, Kiruna e as outras passaram a encarar as Sábias e conversar entre si por detrás de alguma barreira invisível e inacessível a seus ouvidos de lobo.

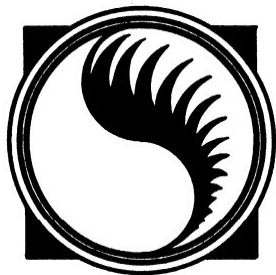
Teria bisbilhotado, se pudesse, já que as mulheres tinham mais segredos do que sua conversa sobre as Aiel. Para começar, Alanna recusava-se a revelar como sabia onde Rand estava e sequer admitia ter afirmado que ele estava ferido. “Alguns conhecimentos acabariam com a mente de qualquer pessoa que não seja Aes Sedai”, retrucara, fria e misteriosa, mas exalando um cheiro forte e pungente de dor e ansiedade. Verin mal dirigia a palavra a ele, limitando-se a observar tudo com aqueles escuros olhos de ave e um sorrisinho misterioso, embora exalasse ondas de raiva e frustração. Pelo cheiro, achava que a líder do grupo era Bera ou Kiruna — Bera, talvez, embora fosse por um triz e às vezes a outra parecia assumir o controle por um tempo. Todos os dias, uma ou a outra vinha cavalgar do lado dele durante cerca de uma hora, repetindo variações dos “conselhos” originais e basicamente pressupondo que estavam no comando. Nurelle parecia concordar, seguindo as ordens delas sem sequer olhar para Perrin, e Dobraine só se dava ao trabalho de olhá-lo antes de aquiescer. Perrin passou um dia e meio achando que Merana tinha permanecido em Caemlyn, e foi um choque ouvir quando chamaram a mulher esguia de olhos cor de mel daquele nome. Rand tinha dito que ela estava à frente da missão diplomática de Salidar, mas Perrin a identificou como o lobo de mais baixo status da matilha — por mais que as Aes Sedai parecessem iguais a quem olhasse de fora. Ela cheirava a ansiedade, resignação e desilusão. Não era surpresa que as Aes Sedai guardassem segredos, claro, mas pretendia resgatar Rand das mãos de Coiren e do bando mais à frente. E gostaria de poder saber se também precisaria resgatá-lo das mãos de Kiruna e suas companheiras.

Pelo menos era bom estar de volta com Dannil e os outros, ainda que eles fossem quase tão servís em relação às Aes Sedai quanto os mayenenses e os cairhienos. Os homens de Dois Rios ficaram tão felizes em vê-lo que poucos resmungaram quando ele os mandou baixar a Águia Vermelha — seria erguida de novo, Perrin tinha certeza. Ainda assim, Tell, irmão quase idêntico de Dannil, exceto pelo nariz adunco e o bigode comprido à moda domanesa, dobrou o estandarte com todo o cuidado e o guardou nos alforjes. Naturalmente, o grupo ainda ostentava flâmulas. Primeiro ia a Cabeça de Lobo Vermelha dele — os homens teriam apenas ignorado se ele os mandasse guardá-la, e o olhar frio e desdenhoso de Kiruna o fazia querer exibir seu estandarte. Dobraine e Nurelle também estenderam seus estandartes, posto que já havia um à

mostra. Não era o Sol Nascente de Cairhien nem o Gavião Dourado em voo de Mayene: cada um trouxera um par dos emblemas de Rand — o Dragão vermelho e dourado no fundo branco e o disco branco e preto no fundo carmesim. Os Aiel não pareciam se importar, fosse como fosse. As Aes Sedai encararam aquilo com bastante frieza, mas as insígnias pareciam apropriadas a Perrin.

No décimo dia, com o sol já quase a meio caminho do meio do céu, Perrin sentia-se taciturno, a despeito dos estandartes, dos homens de Dois Rios e da garupa de Galope. O grupo alcançaria os carroções das Aes Sedai logo depois do meio-dia, mas ele ainda não sabia o que faria. Foi quando veio o chamado dos lobos. *Venha agora. Muitos duas-pernas. Muitos, muitos, muitos! Venha agora!*





POÇOS DE DUMAI

Cavalgando à frente da coluna, Gawyn tentava se concentrar na paisagem. Com seus amontoados de árvores esparsas, aquele tipo de terreno com colinas suaves era plano o bastante para fazer qualquer um pensar que era capaz de enxergar a uma distância bem longa, quando, na verdade, alguns daqueles morros baixos e espinhaços longos não eram assim tão baixos quanto pareciam. Naquele dia, o vento vinha levantando ondas de poeira, e a poeira também podia esconder muita coisa. Os Poços de Dumai se localizavam à direita dele junto da estrada, três poços de pedra num pequeno bosque. Os barris de água precisavam ser enchidos, e faltavam ao menos quatro dias para verem água de novo, isso se a Fonte Alianelle não tivesse secado, mas Galina dera ordens para que não parassem. Gawyn tentava manter a atenção onde deveria, mas não conseguia.

De tempos em tempos, ele se virava na sela, olhando para trás para aquela longa fila de carroções serpenteando a estrada, com Aes Sedai e Guardiões cavalgando lado a lado, e serviçais que não estavam nos carroções vindo a pé. A maior parte da Jovem Guarda estava no fim da fila, onde Galina ordenara que ficassem. Gawyn não conseguia ver o único carroção descoberto no centro da coluna, sempre acompanhado de perto por seis Aes Sedai a cavalo. Se pudesse, Gawyn teria matado al'Thor, mas o que aquelas mulheres vinham fazendo o enojava. Até Erian se recusara a participar depois do segundo dia, e a Luz sabia que ela tinha seus motivos para odiar al'Thor. Galina, porém, estava irredutível.

Ele firmou o olhar à frente e tocou na carta de Egwene no bolso do casaco, onde ela se encontrava cuidadosamente envolta em camadas e camadas de seda. Só umas poucas palavras para dizer que o amava, mas que precisava partir de repente. Nada mais. Ele a lia cinco ou seis vezes por dia. Ela não citou a promessa dele. Bem, Gawyn nunca levantara a mão contra al'Thor. Ele ficara em choque ao descobrir que o homem estava preso e que já estava aprisionado havia vários dias quando ficou sabendo. Ele precisaria dar um jeito de fazer Egwene entender. Havia lhe prometido que não tocaria em um fio de cabelo do homem, e pretendia manter a promessa mesmo se isso lhe custasse a vida, mas tampouco moveria uma palha para ajudá-lo. Egwene tinha que entender. Luz, esperava que ela entendesse.

O suor escorria pelo seu rosto, e ele enxugou os olhos com a manga da roupa. No que se referia a Egwene, ele ainda não podia fazer nada além de rezar. Quanto a Min, podia. Precisava dar um jeito de ajudá-la. Ela não merecia ser levada para a Torre como uma prisioneira. Ele não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Se os Guardiões pelo menos afrouxassem o cerco, ele poderia... De repente, Gawyn notou um cavalo galopando de volta pela estrada em meio a ondas de poeira em direção aos carroções, aparentemente

sem ninguém montado.

— Jisao — ordenou ele —, mande os condutores dos carroções pararem. Hal, fale para Rajar deixar a Jovem Guarda a postos. — Sem dizer nada, os dois deram meia-volta em seus cavalos e saíram galopando. Gawyn ficou esperando.

Aquele era o capão cinza de Benji Dalfor, e, à medida que o animal foi se aproximando, Gawyn pôde ver Benji, curvado e agarrado à crina do cavalo. O capão quase passou por Gawyn antes que ele conseguisse tomar as rédeas.

Benji virou a cabeça sem se endireitar e, com olhos vidrados, olhou para Gawyn. Havia sangue ao redor da boca e um dos braços apertava o peito como se o homem estivesse tentando se manter inteiro.

— Aiel — murmurou ele. — Milhares. Por todos os lados, eu acho. — De repente, ele sorriu. — Frio hoje, não... — Sua boca jorrou sangue, e ele tombou na estrada, os olhos fixos, sem piscar, no sol.

Gawyn deu meia-volta em seu garanhão e galopou até os carroções. Mais tarde haveria tempo para enterrar Benji, se algum deles sobrevivesse.

Galina cavalgou ao seu encontro, a sobrecapa de linho drapejando atrás dela, os olhos escuros ardendo em fúria naquele rosto sereno. Ela estava permanentemente furiosa desde o dia seguinte ao que al'Thor tentou escapar.

— Quem você pensa que é, dando ordens para os carroções pararem? — indagou ela.

— Há milhares de Aiel se aproximando de nós, Aes Sedai. — Ele conseguiu manter um tom de voz educado. Pelo menos os carroções foram contidos e a Jovem Guarda estava entrando em formação, mas os condutores corriam os dedos pelas rédeas de modo impaciente, os serviçais espiavam tudo enquanto se abanavam e as Aes Sedai conversavam com os Guardiões.

Os lábios de Galina se retorceram de desdém.

— Seu tolo. São só os Shaido. Sevanna disse que nos traria uma escolta. Mas, se você duvida, pegue a sua Jovem Guarda e vá ver você mesmo. Estes carroções vão continuar seguindo em direção a Tar Valon. Já passou da hora de você entender que sou eu quem dá as ordens aqui, não...

— E se não forem os seus Aiel mansinhos? — Não era a primeira vez nos últimos dias que ela sugeria que ele próprio encabeçasse um grupo de batedores. Gawyn suspeitava que, se o fizesse, encontraria Aiel, e nada mansos. — Quem quer que sejam, eles mataram um dos meus homens. — Pelo menos um, já que ainda havia seis batedores investigando o terreno. — Talvez você devesse considerar a possibilidade de que sejam os Aiel de al'Thor vindo resgatá-lo. Quando começarem o ataque, já vai ser tarde demais.

Foi só então que ele se deu conta de que estava gritando, mas a raiva de Galina acabou desaparecendo. Ela deu uma olhada para o ponto da estrada em que Benji estava caído e, em seguida, assentiu devagar.

— Talvez não seja insensato ter cautela desta vez.

* * *

Rand lutava para respirar. O ar dentro do baú lhe parecia denso e quente. Por sorte, ele já não conseguia mais sentir o fedor. Jogavam um balde d'água fria nele todas as noites, mas aquilo não chegava a ser um banho e, por um tempo, depois que fechavam a tampa em cima dele a cada manhã e o trancavam lá dentro, o mau cheiro de mais um dia exposto ao sol quente lhe feria o nariz. Manter-se no Vazio demandava esforço. Seu corpo estava coberto pelas marcas do chicote dos ombros aos joelhos, e elas já ardiam antes mesmo de o suor começar a escorrer, como dez mil chamas tremeluzindo no limiar do Vazio, tentando consumi-lo. À distância, a ferida não cicatrizada na lateral do corpo latejava, mas a vacuidade ao seu redor ameaçava desaparecer a cada pontada. Alanna. Ele conseguia sentir Alanna. Perto. Não. Não podia perder tempo

pensando nela. Mesmo que ela o tivesse seguido, seis Aes Sedai não seriam capazes de libertá-lo. Isso se não decidissem se unir a Galina. Não podia confiar nela. Nunca mais confiaria em uma Aes Sedai. De todo modo, talvez ele estivesse imaginando coisas. Às vezes, preso ali dentro, ele imaginava coisas, brisas frescas, caminhadas. Às vezes, seu pensamento se perdia de tudo e, tendo alucinações, ele andava em liberdade. Apenas andava. Horas desperdiçadas. Rand lutava para respirar e começou a examinar a blindagem escorregadia como gelo que o apartava da Fonte. Apalpava repetidamente aqueles seis pontos macios. Macios. Ele não conseguia parar. Era importante continuar examinando.

Escuro, lamuriou-se Lews Therin nas profundezas da mente de Rand. *Chega de escuridão. Já chega.* Repetidas vezes. Mas sem incomodar tanto. Desta vez, Rand só o ignorou.

De repente, Rand perdeu o fôlego. Sentiu o baú se mover, rangendo alto ao escorregar pelo carroção. Já era noite? A carne açoitada se encolheu de maneira involuntária. Haveria outra surra antes que ele fosse alimentado, depois viria o balde d'água e ele então seria amarrado para dormir do jeito que conseguisse. Mas ele estaria fora da caixa. A escuridão em torno dele não era total, estava mais para um cinza profundo. A minúscula fresta ao redor da tampa permitia a entrada da mais tênue nesga de luz, embora ele não pudesse ver nada com a cabeça enfiada entre os joelhos, ademais de seus olhos a cada dia demorarem tanto para enxergar qualquer coisa além da escuridão quanto seu nariz demorava para se acostumar ao mau cheiro. Ainda assim, devia ser noite.

Rand não pôde deixar de soltar um gemido quando o baú virou. Não havia espaço para deslizar, mas ele se mexeu, forçando músculos já doloridos além da conta. Sua diminuta prisão chocou-se com força contra o chão. A tampa não demoraria a se abrir. Quantos dias sob o sol escaldante? Quantas noites? Perdera a conta. Esta vez seria qual? Rostos giravam em sua mente. Ele gravara o rosto de cada mulher que se revezou para açoitá-lo. Àquela altura, eram uma confusão só. Lembrar-se de qual delas veio antes ou depois parecia além das suas capacidades. Mas ele sabia que Galina, Erian e Katherine tinham sido as mais frequentes, as únicas que vieram mais de uma vez. Seus rostos reluziam na mente dele com uma luz selvagem. Com que frequência queriam ouvir seus gritos?

Foi de repente que Rand se deu conta de que, àquela altura, o baú já deveria ter sido aberto. Será que elas pretendiam deixá-lo ali a noite inteira e depois sob o sol do dia seguinte e... Músculos doloridos e extenuados demais para se mover deram um jeito de se impulsionar freneticamente.

— Me tirem daqui! — berrou ele, a voz rouca. Cheios de dor, os dedos arranharam o baú às suas costas sem qualquer efeito. — Me tirem daqui! — gritou. Pensou ter ouvido a risada de uma mulher.

Durante um tempo, chorou, mas suas lágrimas logo secaram para, como uma fornalha, se transformar em fúria. *Me ajude*, rosnou ele para Lews Therin.

Me ajude, gemeu o homem. *Que a Luz me ajude.*

Resmungando de modo sombrio, Rand voltou a sentir às cegas aquela área plana e lisa até os seis pontos macios. Mais cedo ou mais tarde, elas o deixariam sair. Mais cedo ou mais tarde, arrefeceriam a guarda em cima dele. E quando o fizessem... Ele nem percebeu quando começou a soltar uma gargalhada rouca.

* * *

Rastejando pelo aclave, Perrin espiou por cima do pico e viu uma cena digna dos sonhos do Tenebroso. Os lobos haviam lhe dado certa noção do que esperar, mas noções empalideciam diante da realidade. A talvez uma milha de onde ele se encontrava deitado sob o sol do meio-dia, uma imensa montanha de Shaido cercava inteiramente o que parecia ser um círculo de carroções e homens reunidos em um pequeno grupo de árvores não muito longe da estrada. Vários carroções já tinham sido incendiados, as chamas dançando ao longe. Bolas

de fogo, algumas pequenas como um punho e outras grandes como pedregulhos, alvejavam os Aiel e explodiam em bolhas de fogo, transformando dezenas deles em tochas vivas de uma só vez. Relâmpagos irrompiam de um céu sem nuvens, fazendo voar terra e figuras indistintas trajando o *cadin'sor*. Entretanto, os raios prateados dos relâmpagos também atingiam os carroções, e os Aiel também atiravam suas bolas de fogo. Boa parte das chamas se dissipava de repente ou explodia antes de atingir o alvo, muitos dos raios se interrompiam de repente, mas, embora a batalha parecesse pender ligeiramente a favor das Aes Sedai, a mera quantidade de Shaido acabaria se provando devastadora.

— Deve haver umas duzentas ou trezentas mulheres canalizando ali embaixo, se não mais. — Kiruna, deitada ao lado dele, soava impressionada. Sorilea, ao lado da irmã Verde, com certeza parecia estar. A Sábua cheirava a preocupação. Não medo, mas uma espécie de apreensão. — Nunca vi tantas tessituras juntas — prosseguiu a Aes Sedai. — Acho que há pelo menos trinta irmãs no acampamento. Você nos trouxe para um caldeirão fervendo, jovem Aybara.

— Quarenta mil Shaido — resmungou um emburrado Rhuarc do outro lado de Perrin. Tinha até cheiro de emburrado. — Pelo menos quarenta mil, o que explica, tarde demais, por que eles não mandaram mais para o sul.

— O Lorde Dragão está lá embaixo? — perguntou Dobraine, olhando por cima de Rhuarc. Perrin assentiu. — E você pretende ir até lá e trazê-lo para cá? — Perrin tornou a fazer que sim com a cabeça, e Dobraine suspirou. Cheirava a resignação, não medo. — Nós vamos entrar na batalha, Lorde Aybara, mas não acredito que vamos sair. — Rhuarc aquiesceu ao ouvir o comentário.

Kiruna olhou para os homens.

— Vocês estão vendo que não estamos em número suficiente. Nove. Mesmo que suas Sábias sejam capazes de canalizar alguma coisa, não somos o bastante para fazer frente àquilo. — Sorilea bufou alto com desdém, mas Kiruna manteve os olhos onde estavam.

— Então dê meia-volta e cavalgue para o sul — disse-lhe Perrin. — Não vou deixar Rand cair nas garras de Elaida.

— Ótimo — retrucou Kiruna, sorrindo. — Porque eu também não vou. — Perrin gostaria que o sorriso dela não lhe desse arrepios. Claro que, tivesse ela visto o olhar malévolo que Sorilea direcionou às suas costas, ela própria também poderia ter ficado arrepiada.

Perrin apontou para as pessoas que se encontravam na base do espinhaço, e Sorilea e a Verde escorregaram colina abaixo até que pudessem voltar a se levantar, para dispararem em direções opostas.

O que eles tinham não era bem um plano. Em resumo, a ideia era dar um jeito de alcançar Rand, libertá-lo de alguma forma e depois torcer para que ele não estivesse ferido demais para abrir um portão para quem pudesse escapar com ele antes que os Shaido e as Aes Sedai no acampamento conseguissem matá-los. Sem dúvida, não passavam de pequenos obstáculos para o herói de uma história ou um caso contado por um menestrel, mas Perrin gostaria de ter tido tempo para um plano de verdade, não só o que ele, Dobraine e Rhuarc haviam formulado com o chefe de clã correndo o mais rápido que podia em meio aos cavalos dos três. Entretanto, tempo era uma das muitas coisas que eles não tinham. Não havia como afirmar se as Aes Sedai da Torre seriam capazes de conter os Shaido nem mesmo por mais uma hora.

Divididos em duas companhias, os primeiros a se deslocar foram os homens de Dois Rios e a Guarda Alada, uns cercando a pé as Sábias, e os outros, as Aes Sedai e os Guardiões a cavalo. Atravessaram o espinhaço pela direita e pela esquerda. Dannil permitiu que voltassem a carregar o estandarte da Águia Vermelha, além da Cabeça de Lobo Vermelha. Rhuarc nem olhava na direção em que Amys caminhava não muito longe do capão escuro de Kiruna, mas Perrin escutou o homem murmurar “Que possamos ver o sol nascer juntos, sombra do meu coração”.

Os homens de Dois Rios e os mayenenses dariam cobertura às Sábias e às Aes Sedai caso batessem em

retirada, ou talvez fosse o contrário. Em todo caso, Bera e Kiruna não pareceram gostar do plano e queriam muito estar junto de Rand.

— Tem certeza de que não vai a cavalo, Lorde Aybara? — perguntou Dobraine do alto de sua sela. Para ele, o pensamento de lutar a pé era quase ofensivo.

Perrin deu um tapinha no machado pendurado em sua cintura.

— Isto aqui não tem muita serventia em cima de um cavalo. — Tinha, na verdade, mas ele não queria expor nem Galope nem Tenaz ao que vinha pela frente. Homens podiam escolher se queriam ou não se lançar no meio de armas e da morte e, como era ele que decidia pelos seus cavalos, naquele dia escolheu não os expor ao perigo. — Quem sabe você não me empresta um estribo quando chegar a hora. — Como cairhienos faziam pouco uso de infantaria, Dobraine ficou chocado, mas logo pareceu entender e fez que sim com a cabeça.

— Está na hora de os flautistas tocarem — avisou Rhuarc, levantando o véu negro, embora ali não fosse haver nenhum flautista tocando, o que desagradou alguns dos Aiel. Muitas das Donzelas não gostavam das tiras de pano que foram obrigadas a amarrar em torno do braço para que os aguacentos as distinguissem das Donzelas Shaído. Elas pareciam achar que qualquer pessoa deveria saber só de olhar.

Formando uma coluna compacta, *siswai'aman* e Donzelas com véus negros começaram a correr encosta acima, e Perrin desceu com Dobraine para onde Loial já se encontrava de pé à frente dos cairhienos, as duas mãos agarradas com firmeza ao machado e as orelhas apontadas para trás. Aram também estava lá, a pé e armado com a espada. O antigo Latoeiro exibia um sorriso ansioso. Por detrás dos estandartes gêmeos de Rand, Dobraine acenou com os braços para que eles avançassem, e as selas rangeram quando uma pequena floresta de quinhentas lanças foi escalando ao lado dos Aiel.

Nada mudara na batalha, o que foi uma surpresa para Perrin, até ele se dar conta de que só alguns momentos haviam se passado desde a vez anterior que a observara. O intervalo parecera bem maior. A grande massa de Shaído ainda pressionava as forças encurraladas, carroções ainda eram queimados, talvez mais do que antes, os relâmpagos continuavam caindo do céu, e o fogo voava em bolas e vagalhões.

Os homens de Dois Rios estavam quase em posição, com os mayenenses, as Aes Sedai e as Sábias, deslocando-se praticamente sem pressa pela planície de colinas suaves. Perrin os teria mantido mais para trás para dar a eles mais chance de escaparem quando chegasse a hora, mas Dannil continuou insistindo que eles precisavam se aproximar e se posicionar a pelo menos trezentas passadas para que seus arcos fossem eficazes, e Nurelle se mostrara igualmente ansioso para não ficar para trás. Até as Aes Sedai, que Perrin estava convencido de que só precisavam estar perto o bastante para enxergar com clareza, haviam insistido em se aproximar mais. Nenhum dos Shaído notara a presença deles. Ou pelo menos ninguém apontava para a ameaça que se aproximava devagar por trás deles. Ninguém virara o corpo para encará-los. Todos pareciam concentrados em investir contra o círculo de carroções, recuando momentaneamente diante do fogo e dos relâmpagos, mas logo voltando a atacar. Bastaria que um deles olhasse para trás, mas o inferno à frente prendia a atenção deles.

Oitocentas passadas. Setecentas. Os homens de Dois Rios desmontaram e empunharam os arcos. Seiscentas. Quinhentas. Quatrocentas.

Dobraine sacou sua espada e ergueu-a bem alto.

— Ao Lorde Dragão, a Taborwin e à vitória! — bradou, e o grito ecoou de quinhentas gargantas no momento em que as lanças se posicionaram.

Perrin só teve tempo de agarrar o estribo de Dobraine antes que o cairhieno avançasse com toda a fúria. As longas pernas de Loial acompanhavam os cavalos passada a passada. Deixando o cavalo puxá-lo com passos e saltos compridos, Perrin enviou a mensagem mental. *Venham*.

Um solo coberto com vegetação marrom, à primeira vista vazio, de repente revelou cerca de mil lobos,

grande parte deles esguios lobos marrons da planície, mas também seus primos mais escuros e mais pesados da floresta, correndo rente ao chão para, com os dentes arreganhados, pular nas costas dos Shaído assim que as primeiras flechas compridas de Dois Rios começaram a chover sobre os inimigos mais adiante. Uma segunda leva logo já se arqueava bem alto. Mais relâmpagos caíam junto com as flechas, e novas bolas de fogo surgiram. Os Shaído velados que se viravam para enfrentar os lobos só tiveram alguns instantes para perceber que os animais não eram a única ameaça antes que uma lança Aiel robusta e o machado dos lanceiros cairhienos lhes perfurassem.

Sacando seu machado, Perrin investiu contra um Shaído que vinha em sua direção e, enquanto o homem caía, saltou por cima dele. Eles tinham que alcançar Rand. Tudo dependia daquilo. Ao lado de Perrin, o grande machado de Loial se ergueu, desceu e girou, abrindo caminho com violência. Aram parecia dançar com sua espada, gargalhando ao sair cortando todos os que se punham à sua frente. Não havia tempo para pensar em mais ninguém. Perrin manjava o machado de forma metódica, e era como se derrubasse madeira, não carne. Ele tentava não ver o sangue que jorrava, mesmo quando seu rosto ficou molhado pelos respingos resultantes de seus golpes. Precisava alcançar Rand. Ele estava abrindo um caminho entre arbustos espinhosos, só isso.

Perrin só pensava no próximo homem à sua frente. Escolhia sempre pensar neles como homens mesmo quando a altura indicava que podia se tratar de uma Donzela. Não estava convencido de que poderia girar aquela lâmina em meia-lua que gotejava em vermelho caso se permitisse pensar que estava atacando uma mulher. Apesar do esforço para não ver além, outras coisas acabavam chamando a atenção enquanto ele abria caminho à frente. O golpe prateado de um relâmpago lançou vultos de *cadin'sor* pelos ares, alguns usando o lenço escarlate, outros não. Um outro raio arremessou Dobraine de cima do cavalo. O cairhieno se pôs de pé com dificuldade, golpeando com a espada em todas as direções. O fogo envolveu um grupo de cairhienos e Aiel, homens e cavalos transformados em tochas a berrar, no caso dos que ainda conseguiam fazê-lo.

Tudo isso se passava diante dos olhos de Perrin, mas ele não se permitia ver nada. Diante dele só havia os homens, os arbustos que deveriam ser podados com os machados dele e de Loial e com a espada de Aram. Foi quando ele avistou algo que lhe tirou a concentração: um cavalo empinando e um cavaleiro caindo, sendo puxado da sela enquanto lanças Aiel o perfuravam. Um cavaleiro com uma armadura peitoral vermelha. E havia mais um das Guardas Aladas, além de um punhado deles, investindo suas lanças, com a pluma de Nurelle tremulando acima do elmo. No momento seguinte, ele viu Kiruna, o rosto sereno e despreocupado, andando feito uma rainha das batalhas por um caminho aberto para ela por três Guardiões e pelos fogos que lhe saltavam das próprias mãos. E lá estava Bera e, um pouco mais além, Faeldrin, Masuri e... O que, sob a Luz, todas elas estavam fazendo ali? O que qualquer uma delas fazia ali? Elas deviam estar com as Sábias!

De algum lugar à frente ouviu-se o reverberar de uma explosão, como o estampido de um trovão rasgando o alarido de gritos e berros. Logo depois, um feixe de luz apareceu a menos de vinte passadas dele, fatiando vários homens e um cavalo feito uma imensa navalha que foi se alargando até virar um portão. Um homem de casaco preto empunhando uma espada saltou de dentro dele e caiu no chão com uma lança Shaído atravessada no peito, mas, no momento seguinte, mais oito ou nove e, armados com espadas, brotaram lá de dentro enquanto o portão se dissipava, formando um círculo ao redor do homem morto. Com mais do que espadas, na verdade. Alguns dos Shaído que vinham em disparada até eles sucumbiam diante das lâminas, mas outros explodiam em chamas. Cabeças estouravam feito melões arremessados de certa altura contra uma pedra. A talvez cem passadas à frente, Perrin achou ter visto um outro círculo de homens de casaco preto cercados por fogo e morte, mas não teve tempo de investigar. Shaído também já o cercavam.

Colocando-se costas com costas com Loial e Aram, ele retalhava e golpeava desesperadamente. Àquela altura, não havia como avançar. Tudo o que ele podia fazer era permanecer ali de pé onde estava. O sangue pulsava em seus ouvidos, e ele era capaz de escutar a si mesmo lutando para respirar. Também conseguia escutar Loial, que resfolegava feito um imenso fole. Com seu machado, Perrin tratou de desviar para o lado a

investida de uma lança, rasgou um outro Aiel com o cravo quando girou o machado de volta, segurou a ponta de uma lança com a mão sem nem se preocupar com o corte sangrento que ela abriu, e partiu um rosto coberto pelo véu negro. Achava que eles não iriam resistir por tanto tempo. Cada polegada do seu corpo só se concentrava em permanecer vivo por mais um piscar de olhos. Praticamente cada polegada. Um cantinho da sua mente guardava uma imagem de Faile e o pensamento triste de que ele não seria capaz de se desculpar por não voltar para ela.

* * *

Curvado dolorosamente dentro do baú, Rand tateava, ofegante, a blindagem entre ele e a Fonte. Gemidos fluíam pelo Vazio, uma fúria sinistra e um medo pulsante deslizando por seu limiar. Ele já não tinha mais certeza absoluta do que era dele e o que era de Lews Therin. De repente, sua respiração congelou. Seis pontos, mas um deles tinha ficado rígido. Não macio. Rígido. E, a seguir, um segundo. E um terceiro. Uma gargalhada áspera lhe preencheu os ouvidos. Era dele, percebeu após alguns momentos. Um quarto nó se enrijeceu. Ele esperou, tentando conter o que soava desconfortavelmente como uma risadinha demente. Os dois últimos pontos permaneceram macios. A gargalhada abafada desapareceu.

Elas vão sentir, gemeu Lews Therin, desesperado. *Elas vão sentir e chamar as outras de volta.*

Rand percorreu os lábios rachados com a língua quase igualmente seca. Toda a água em seu corpo parecia ter ido para o suor que deslizava pelo seu corpo e fazia arder as marcas do açoite. Se ele falhasse, não haveria uma segunda chance. Ele não podia esperar. Talvez nem houvesse uma segunda chance, afinal.

Com toda a cautela, ele tateou às cegas os quatro pontos rígidos. Não havia nada concreto ali, assim como a própria blindagem não era algo que ele pudesse sentir ou enxergar, mas, de alguma forma, ele foi capaz de sentir *o contorno* daquele nada, sentir sua forma. Como se fossem nós. Em um nó, independentemente de quão apertado ele estivesse, sempre havia espaço entre as cordas, espaços mais finos que um fio de cabelo por onde apenas o ar poderia passar. Devagar, muitíssimo devagar, e meio desajeitado, ele tateou um daqueles espaços e se espremeu pelas frestas infinitesimais entre o que nem parecia estar ali. Devagar. Faltava quanto tempo para as outras voltarem? Se elas comessem tudo de novo antes que ele encontrasse uma maneira de escapar por aquele labirinto tortuoso... Devagar. E, de repente, Rand foi capaz de sentir a Fonte, como se a roçasse com a unha, a pontinha da unha. *Saidin* ainda estava além dele — a blindagem ainda estava lá, aquela barreira invisível —, mas ele conseguia sentir Lews Therin se enchendo de esperança. Esperança e trepidações. Duas Aes Sedai continuavam segurando suas partes da blindagem, ainda conscientes do que prendiam ali.

Rand não teria sido capaz de explicar o que fez em seguida, embora Lews Therin tivesse dado uma explicação enquanto emergia por alguns instantes das suas próprias fantasias loucas, entre imensos rompantes de fúria e as lamúrias por sua Ilyena perdida, entre as algaravias de que merecia morrer e os gritos de que não permitiria que o apartassem da Fonte. Era como se ele flexionasse o que tinha estendido por dentro do nó, flexionasse o máximo que pudesse. O nó resistiu. Tremeu. E então, explodiu. Só havia cinco. A blindagem se afinou. Ele conseguia senti-la diminuir. Uma parede invisível de apenas cinco tijolos, não seis. As duas Aes Sedai também deviam ter sentido, apesar de talvez não terem entendido bem o que aconteceu, ou como. Por favor, Luz, não agora. Ainda não.

Bem depressa, de modo quase frenético, ele foi atacando um dos nós restantes de cada vez. O segundo se dissipou e a blindagem se enfraqueceu. Àquela altura, o processo ficava mais rápido a cada nó, como se ele estivesse pegando o jeito, embora esse jeito fosse diferente a cada nó. O terceiro se foi. E um terceiro ponto macio apareceu. Talvez as Aes Sedai não soubessem o que ele estava fazendo, mas não ficariam de braços

cruzados enquanto a blindagem se enfraquecia. Em um ritmo verdadeiramente frenético, Rand se pôs a desatar o quarto nó. Precisava desatá-lo antes que uma quarta irmã viesse ajudar na blindagem. Quatro poderiam dar conta de mantê-la, não importando o que ele fizesse. Quase aos prantos, ele se esforçou para vencer as curvas complexas enquanto deslizava entre o nada. Enlouquecido, flexionou-se e arrebentou o nó. A blindagem ainda resistia, mas era mantida apenas por três pontos. Se ele conseguisse se mover rápido o bastante...

Quando Rand agarrou *saidin*, a barreira invisível ainda estava lá, mas já não parecia feita de pedra ou tijolo. A blindagem foi cedendo à medida que ele forçou, curvando-se com a pressão dele, curvando-se, curvando-se. De repente, rompeu-se diante dele feito tecido apodrecido. O Poder o preencheu e, enquanto fazia isso, ele agarrou aqueles três pontos macios e os estraçalhou sem piedade com punhos de Espírito. Com exceção daquilo, ele continuava sendo capaz de canalizar só onde enxergava, e tudo o que conseguia enxergar, e mal, era o interior do baú, e só o que ele conseguia ver dele com a cabeça presa entre os joelhos. Antes mesmo que terminasse de usar os punhos de Espírito, canalizou Ar. O baú explodiu para longe dele com um ruidoso estrondo.

Livre, Lews Therin suspirou aliviado em um eco do pensamento de Rand. *Livre*. Ou talvez fosse ao contrário.

Elas vão me pagar, grunhiu Lews Therin. *Eu sou o Senhor da Manhã*.

Rand sabia que precisava se mover ainda mais rápido, mais rápido e com mais violência, porém, de início, nem conseguiu se mexer. Músculos surrados duas vezes por dia por sabia-se lá quanto tempo, e presos dentro de um baú todos os dias, eram músculos que gritavam quando ele rangeu os dentes e, bem devagar, se ergueu até se apoiar nas mãos e nos joelhos. Era um grito distante, o corpo de uma outra pessoa doendo, mas ele não era capaz de fazer aquele corpo se mover mais depressa independentemente de quão mais forte *saidin* o fazia se sentir. A vaziez embotava a emoção, mas algo próximo do pânico tentava se espalhar pelo Vazio como trepadeiras.

Ele se viu num grande amontoado de árvores esparsas, com fachos largos de luz do sol passando por entre galhos quase desfolhados, e ficou chocado ao ver que ainda estava claro, e talvez fosse até meio-dia. Ele precisava se mexer. Mais Aes Sedai estariam a caminho. Duas encontravam-se caídas no solo perto dele, aparentemente inconscientes, uma delas com um corte sério na testa. A terceira, uma mulher magra, estava ajoelhada olhando para o nada, agarrando a cabeça com as mãos e gritando a plenos pulmões. Parecia ter escapado ilesa dos estilhaços e dos pedaços do baú. Rand não reconheceu nenhuma das três. Um instante de arrependimento por não ter sido nem Galina nem Erian que ele estancara — não tinha certeza de que tivera a intenção de fazer aquilo, já que Lews Therin falara em detalhes a respeito de como pretendia apartar permanentemente cada uma das que o haviam aprisionado. Rand esperava que tivesse sido ideia dele mesmo, ainda que precipitada — apenas um instante, e ele avistou um outro vulto estirado no chão, coberto por pedaços do baú. Trajava calças e casaco cor-de-rosa.

A mulher magra não olhou para ele e não parou de soltar seu grito esganiçado nem quando Rand, por acidente, empurrou-a por cima da borda baixa de pedra de um poço ao passar rastejando por ela. Desesperado, ficou se perguntando por que ninguém atendia aos gritos dela. Na metade do caminho até Min, ele reparou nos relâmpagos vindos do céu e nas bolas de fogo explodindo lá no alto. Consequia sentir o cheiro da madeira queimando, ouvir os homens berrando, o ruído do metal, a cacofonia da batalha. Não se importava se já era Tarmon Gai'don. Se tivesse matado Min... Ele a virou com gentileza.

Grandes olhos escuros fitaram-no.

— Rand. — Ela suspirou. — Você está vivo. Eu estava com medo de olhar. Ouvi um barulho horrórico, vi pedaços de madeira voando por toda parte, então reconheci uma parte do baú e... — Lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas. — Pensei que elas tinham... Fiquei com medo de que você... —

Ela esfregou o rosto com as mãos atadas e respirou fundo. Os tornozelos também estavam amarrados. — Não vai me desamarrar, pastor de ovelhas, e abrir um dos seus portões para bem longe daqui? Aliás, não precisa perder tempo me desamarrando. Só me jogue por cima do seu ombro e vamos embora daqui.

Com destreza, Rand manejou Fogo e consumiu as cordas que a prendiam.

— Não é tão simples assim, Min. — Aquele local não era familiar. Um portão aberto ali poderia dar em qualquer lugar, isso caso se abrisse. Se ele conseguisse abrir um. A dor e a fadiga flutuavam nas extremidades do Vazio. Rand não tinha certeza de quanto Poder seria capaz de canalizar. De repente, notou que conseguia sentir *saidin* sendo canalizado em todas as direções. Por entre as árvores, depois dos carroções em chamas, podia ver os Aiel lutando contra Guardiões e os soldados de casaco verde de Gawyn, sendo empurrados para trás pelo fogo e pelos relâmpagos das Aes Sedai, mas, ainda assim, tornando a investir. De algum modo, Taim o encontrara e trouxera soldados Asha'man e Aiel. — Ainda não posso ir. Acho que alguns amigos vieram atrás de mim. Não se preocupe. Eu vou proteger você.

Uma labareda prateada pontuda rachou uma árvore ao meio no limiar do bosque, perto o bastante para fazer o cabelo de Rand balançar. Min tomou um susto.

— Amigos — murmurou ela, esfregando os pulsos.

Ele gesticulou para que ela permanecesse onde estava — exceto por aquele único raio perdido, o matagal parecia intacto —, mas, quando deu um jeito de se pôr de pé, lá estava ela, segurando-o pela lateral do corpo. Cambaleando até a linha de árvores esparsas, ele ficou grato pelo apoio dado por Min, mas obrigou-se a se endireitar e parou de se escorar nela. Como ela poderia acreditar que ele a protegeria se precisava dela para não cair de cara no chão? Apoiar a mão no tronco destroçado da árvore atingida pelo relâmpago ajudou. Filetes de fumaça subiam do local, que, mesmo assim, não se incendiara.

Os carroções formavam um grande círculo em torno das árvores. Alguns dos serviçais pareciam estar tentando manter os cavalos juntos — todas as parelhas ainda permaneciam atreladas —, mas a maior parte se escondia onde podia na esperança de evitar toda aquela fúria caindo do céu. Na verdade, tirando aquele único raio, parecia que todos os ataques visavam os carroções e os homens em batalha. Talvez as Aes Sedai também. Elas se mantinham sentadas em seus respectivos cavalos, um pouco afastadas da confusão de lanças, espadas e chamas, mas não tão longe assim, e, por vezes, se punham de pé nos estribos para enxergar melhor.

Rand logo identificou Erian, uma figura esguia e de cabelos escuros montada em uma égua cinza-claro. Lews Therin soltou um rosnado e Rand atacou quase sem pensar. Enquanto fazia isso, sentiu o desapontamento do outro homem. Espírito para blindá-la, com uma tênue resistência que indicava que sua ligação com *saidar* fora cortada, e, mesmo depois de amarrar os fluxos que manteriam a blindagem, formou um porrete de Ar para derrubá-la da sela e deixá-la inconsciente. Se ele decidisse estancá-la, queria que ela soubesse quem estava fazendo aquilo e por quê. Uma das Aes Sedai gritou para alguém ajudar Erian, mas ninguém olhou na direção das árvores. Nenhuma delas conseguia sentir *saidin*. Todas achavam que ela havia sido derrubada por algo vindo de fora dos carroções.

Os olhos de Rand fizeram uma varredura entre as outras mulheres a cavalo e se detiveram em Katherine, virando seu capão baio de pernas compridas para um lado e para o outro, o fogo ardendo entre os Aiel para onde quer que ela olhasse. Espírito e Ar, e, desacordada, ela desabou, um dos pés preso no estribo.

Isso, gargalhou Lews Therin. E agora Galina. Eu quero ela, em especial.

Rand fechou os olhos com força. O que estava fazendo? Era Lews Therin quem queria tanto aquelas três que não conseguia pensar em outra coisa. Rand queria vingança pelo que tinham feito com ele, mas uma batalha estava acontecendo, homens morriam enquanto ele perdia tempo caçando Aes Sedai específicas. Donzelas morriam também, sem dúvida.

Ele capturou a Aes Sedai seguinte, vinte passadas à esquerda de Katherine, com Espírito e Ar, e então foi para trás de outra árvore e derrubou Sarene Nemdahl, inconsciente e blindada. A passos lentos, ele

cambaleou pela linha das árvores, atacando aqui e ali como um ladrão furtivo. Min parou de tentar apoiá-lo, ainda que o perseguisse de mãos erguidas, prontas para agarrá-lo caso ele vacilasse.

— Elas vão ver a gente — murmurou Min. — Uma delas vai olhar em volta e reparar na gente.

Galina, grunhiu Lews Therin. *Onde ela está?*

Rand o ignorou, bem como Min. Coiren tombou, além de duas outras cujos nomes ele não sabia. Ele ia ajudar como pudesse.

As Aes Sedai não tinham como saber o que estava acontecendo. Ao longo de todo o círculo de carroções, irmãs desabavam subitamente de cima dos seus cavalos. As que permaneciam acordadas se espalharam ainda mais, tentando cobrir todo o perímetro, passando a cavalgar com certa ansiedade, redobrando a fúria com que o fogo inflamava os Aiel e com que os relâmpagos irrompiam no céu. Só podia ser algo externo, mas as Aes Sedai sucumbiam sem saber como nem por quê.

Seus contingentes diminuía, e os efeitos começavam a ficar evidentes. Menos clarões cortavam o ar, e mais relâmpagos desabavam em meio aos Guardiões e soldados. Menos bolas de fogo explodiam ou desapareciam de repente antes de alcançar os carroções. Aiel ameaçavam passar entre os carroções, e alguns deles chegaram a ser virados. Poucos momentos depois, havia Aiel de véus negros por toda parte, e o caos reinava. Rand observava a cena, pasmo.

Guardiões e soldados de casaco verde lutavam em grupos contra os Aiel, e Aes Sedai se cercavam de chuvas de fogo. Mas também havia Aiel enfrentando Aiel, homens com o lenço escarlate dos *siswai'aman* e Donzelas com faixas vermelhas amarradas nos braços se defrontavam com Aiel no *cadin'sor* habitual. E lanceiros cairhienos com seus elmos em forma de sino e mayenenses com armaduras peitorais vermelhas também surgiram subitamente em meio aos carroções, investindo contra Aiel e também contra Guardiões. Será que ele acabara enlouquecendo, no fim das contas? Mas Rand sentia Min, pressionada contra as costas dele, tremendo. Ela era real. O que ele estava vendo devia ser real.

Cerca de uma dezena de Aiel, cada qual tão ou mais alto que Rand, disparou na direção dele. Não usavam nada vermelho. Rand os observou com curiosidade até que, a menos de uma passada, um deles ergueu uma lança ao contrário como se fosse uma clava. Rand canalizou, e o fogo envolveu todos os Aiel que se aproximavam. Corpos carbonizados e retorcidos tombaram aos pés dele.

De súbito, Gawyn apareceu puxando as rédeas de um garanhão baio a menos de dez passos à frente dele, espada na mão e vinte ou mais homens de casaco verde cavalgando logo atrás. Por um instante, os dois se encararam, e Rand rezou para que não precisasse ferir o irmão de Elayne.

— Min — disse Gawyn com uma voz áspera —, eu posso tirar você daqui.

Ela se espichou por cima do ombro de Rand para fazer que não com a cabeça. Segurava-o com tanta força que ele achou que não teria conseguido soltá-la nem mesmo se quisesse.

— Eu vou ficar com ele, Gawyn. Gawyn, Elayne ama Rand.

Graças ao Poder, Rand conseguiu ver as juntas dos dedos do homem embranquecerem no punho da espada.

— Jisao — chamou ele em um tom de voz neutro. — Reúna a Jovem Guarda. Vamos abrir caminho e sair daqui. — Se antes sua voz soara neutra, àquela altura estava ainda mais despida de emoção. — Al'Thor, eu ainda vou ver você morrer. — Gawyn enfiou as esporas no cavalo e saiu galopando, ele e todos os demais gritando "Jovem Guarda!" a plenos pulmões, com mais homens de casaco verde abrindo caminho para se juntar a eles.

Um homem de casaco preto disparou à frente de Rand, os olhos cravados em Gawyn, e o solo irrompeu em uma bolha de fogo e terra que fez tombar meia dúzia de cavalos que iam alcançando os carroções. Rand viu Gawyn balançar no alto da sela no instante em que derrubou o homem de casaco preto no chão com um golpe de Ar. Ele não conhecia o jovem de rosto severo que rosnou para ele, mas o sujeito usava tanto a espada

quanto o Dragão no colarinho alto, e *saidin* o preenchia.

Taim apareceu de repente, Dragões azuis e dourados enroscados em volta das mangas do casaco preto, o olhar baixo na direção do jovem. Seu colarinho não exibia broche algum.

— Você não atacaria o Dragão Renascido, Gedwyn — disse Taim, delicado e duro ao mesmo tempo, e o homem de expressão severa se levantou com dificuldade, saudando-o com o punho sobre o peito.

Rand olhou na direção onde Gawyn estivera, mas tudo o que conseguiu enxergar foi um grupo grande de homens com um estandarte de Javali Branco abrindo caminho cada vez mais entre os Aiel que os circundavam, com mais homens de casaco verde lutando para se juntar a eles.

Taim se voltou para Rand, seus lábios com aquele quase sorriso.

— Dadas as circunstâncias, estou confiante de que você não vai me repreender por ter desobedecido à sua ordem quanto a enfrentar as Aes Sedai. Eu tinha motivos para ir vê-lo em Cairhien e... — Ele deu de ombros. — Você está com uma cara péssima. Quer que eu... — Seus lábios discretamente torcidos se endireitaram assim que Rand deu um passo para trás a fim de evitar sua mão estendida, puxando Min consigo. Ela se agarrava a ele com mais firmeza do que nunca.

Lews Therin começara a vociferar seu ímpeto de matá-lo como sempre fazia quando Taim aparecia, divagando feito um louco a respeito de Abandonados e de matar todo mundo, mas Rand parou de ouvir e isolou o homem até transformá-lo no zumbido de uma mosca. Tratava-se de um truque que ele aprendera dentro do baú, quando não havia nada para fazer além de tatear a blindagem e escutar uma voz em sua cabeça que soava insana com alguma frequência. No entanto, mesmo sem Lews Therin, ele não queria ser Curado pelo homem. Achava que, se Taim algum dia encostasse nele com o Poder, ainda que por um motivo inocente, acabaria matando-o.

— Como quiser — rebateu com ironia o homem de nariz aquilino. — Acredito que dominamos o acampamento.

Aquilo pareceu suficientemente verdadeiro. Corpos estavam espalhados pelo chão, mas, dentro do círculo de carroções, poucos homens ainda lutavam. De repente, uma redoma de Ar cobriu todo o acampamento, a fumaça dos carroções incendiados escapando por um buraco deixado no topo. Não era uma tessitura sólida de *saidin*. Rand conseguia identificar onde as tessituras individuais se emendavam umas nas outras para criar aquela proteção. Achou que podia haver cerca de duzentos homens de casaco preto sob a redoma. Uma chuva de relâmpagos e fogo atingiu a barreira e explodiu sem causar danos. O próprio céu dava a impressão de crepitar e se incendiar, e seu clamor alto se fazia ouvir por toda a parte. Donzelas com tiras vermelhas pendendo dos braços e *siswai'aman* se punham de pé ao longo da parede que não eram capazes de ver, misturados a mayenenses e cairhienos, muitos também a pé. Do outro lado, uma massa compacta de Shaido fitava a barricada invisível que os mantinha isolados dos seus inimigos, por vezes golpeando-a com lanças ou atirando seus próprios corpos contra ela. As lanças paravam no meio do caminho e os corpos batiam e voltavam.

Dentro da redoma, o último confronto se encerrou. Sob o olhar de um pequeno punhado de Donzelas e homens identificados com a cor vermelha, Shaido desarmados removiam as roupas com semblantes estoicos. Capturados em batalha, usariam o branco dos *gai'shain* por um ano e um dia mesmo que os Shaido, de alguma forma, acabassem conseguindo invadir o acampamento. Em número quase igual ao de prisioneiros, cairhienos e mayenenses funcionavam como guardas de um grande grupo de integrantes da Jovem Guarda e Guardiões enfurecidos misturados com serviçais temerosos. Uma dúzia de Aes Sedai estava sendo blindada por um número igual de Asha'man usando a espada e o Dragão. As Aes Sedai tinham um aspecto combalido e amedrontado. Rand reconheceu três, embora Nesune fosse a única de cujo nome ele se lembrava. Não reconheceu nenhum dos captores Asha'man. Várias das mulheres que Rand blindara e deixara inconscientes estavam entre as prisioneiras, algumas delas começando a acordar, enquanto soldados de casaco preto e

Dedicados com a espada prateada nos colarinhos usavam *saidin* para arrastar outras pelo chão e juntá-las à fileira. Alguns deles estavam trazendo as duas Aes Sedai inconscientes e a mulher magra do bosque. Ela ainda gritava. Quando foram levadas para perto do grupo, algumas das Aes Sedai vomitaram.

Havia outras Aes Sedai presentes, essas cercadas por Guardiões e vigiadas por homens de casaco preto, ainda que não blindadas, e elas observavam os Asha'man com o mesmo desconforto com que o faziam as mulheres já presas. Também fitavam Rand e, não fosse pelos Asha'man, claramente teriam ido até ele. Rand as encarava de volta. Alanna estava entre elas. Ele não estivera alucinando. Rand não reconheceu todas as que a acompanhavam, mas um número suficiente delas. Eram nove no total. Nove. Uma fúria súbita arremeteu contra o Vazio, e o zumbido de mosca de Lews Therin foi ficando mais intenso.

Aquela altura, Rand mal ficou surpreso ao ver Perrin se levantar cambaleante, o rosto e a barba ensanguentados, seguido por um Loial mancando com seu enorme machado e por um sujeito de olhos brilhantes que, com seu casaco de listras vermelhas, aparentava ser um Latoeiro, apesar da espada que carregava, a lâmina completamente ensanguentada. Rand quase olhou em volta para ver se Mat, de alguma forma, também não estaria ali. Avistou Dobraine, a pé com uma espada numa mão e o mastro do estandarte carmesim de Rand na outra. Nandera se juntou a Perrin, deixando seu véu cair, além de uma outra Donzela que Rand, de início, quase não reconheceu. Foi bom ver Sulin usando o *cadin'sor* outra vez.

— Rand — disse Perrin, sem fôlego —, graças à Luz você ainda está vivo. Nossa ideia era você abrir um portão para escaparmos daqui, mas não podemos. Rhurc e a maioria dos Aiel ainda estão entre os Shaido, a maior parte dos mayenenses e cairhienos também, e eu não sei o que aconteceu com o pessoal de Dois Rios nem com as Sábias. As Aes Sedai deveriam ter ficado com eles, mas... — Ele colocou a cunha do machado no solo e, com uma careta de dor, se apoiou no cabo. Dava a impressão de que, sem aquele suporte, poderia desabar no chão.

Ao longo da barreira, surgiam homens a cavalo, bem como Aiel com lenços vermelhos e Donzelas também com tiras vermelhas amarradas nos braços. A barreira também os isolava. Onde quer que aparecessem, os Shaido os atacavam feito um enxame e os engoliam.

— Desfaçam essa redoma — ordenou Rand.

Surpreendentemente, Perrin suspirou aliviado. Será que ele tinha achado que Rand deixaria seu próprio povo ser trucidado? Mas Loial também suspirou. Luz, o que eles pensavam a respeito dele? Min começou a lhe esfregar as costas, murmurando baixinho em um tom tranquilizador. Por alguma razão, Perrin dirigiu a ela um olhar bastante surpreso.

Taim poderia estar surpreso, mas com certeza não estava aliviado.

— Milorde Dragão — disse ele com a voz tensa —, eu diria que ainda há várias centenas de mulheres Shaido lá fora, algumas, ao que parece, nada fracas no Poder. E isso sem falar nos milhares de Shaido com suas lanças. A menos que você realmente queira descobrir se é imortal, sugiro esperar algumas horas até conhecermos este lugar bem o bastante para abrir portões com relativa certeza de onde eles vão dar, e então irmos embora. Batalhas geram baixas. Perdi vários soldados hoje, nove homens que vão ser mais difíceis de serem substituídos do que qualquer quantidade de renegados Aiel. Quem quer que morra aí fora está morrendo pelo Dragão Renascido. — Se o homem estivesse prestando a mínima atenção a Nandera e Sulin, poderia ter moderado seu tom de voz e escolhido as palavras com mais cuidado. Rápidos gestos na linguagem de sinais foram trocados entre as duas, que pareciam prontas para matá-lo ali mesmo.

Perrin forçou-se a se endireitar, os olhos amarelos cravados em Rand, firmes e ansiosos ao mesmo tempo.

— Rand, mesmo que Dannil e as Sábias tenham ficado para trás conforme o plano, eles não vão embora enquanto virem isto. — Ele gesticulou para a redoma acima deles, onde o fogo e os relâmpagos criavam uma explosão de luz constante. — Se ficarmos horas e horas aqui parados, os Shaido, mais cedo ou mais tarde,

vão atrás deles, isso se já não tiverem ido. Luz, Rand! Dannil, Ban, Wil, Tell... Amys está lá, e Sorilea, e...! Que o queime, Rand, mais gente já morreu por você do que imagina! — Perrin respirou fundo. — Pelo menos me deixe sair. Se eu conseguir chegar até lá, vou poder contar que você está vivo e eles vão poder bater em retirada antes de serem mortos.

— Dois de nós podem escapular — opinou Loial com calma, erguendo aquele machado imenso. — Se formos nós dois, teremos mais chances de conseguir. — O Latoeiro apenas sorriu, mas parecia mal poder esperar pela batalha.

— Eu vou abrir um buraco na barreira — começou a dizer Taim, mas Rand o interrompeu com contundência.

— Não! — Não pelo povo de Dois Rios. Ele não podia parecer se preocupar nem um pouco a mais com eles que com as Sábias. Verdade seja dita, tinha que parecer se preocupar ainda menos. Amys estava lá? As Sábias nunca participavam de confrontos, permaneciam intocadas em meio a batalhas e rixas de sangue. Vindo atrás dele, elas haviam quebrado os costumes ou até mesmo as leis. Seria mais fácil deixar Perrin voltar para aquele banho de sangue do que abandoná-las. Mas não podia ser pelas Sábias nem pelo povo de Dois Rios. — Sevanna quer a minha cabeça, Taim. Ao que parece, ela achava que podia conseguir isso hoje. — O tom distante que o Vazio conferia à voz dele era apropriado. Porém, aquilo pareceu preocupar Min, que lhe esfregava as costas como que para acalmá-lo. — Quero que ela se dê conta do erro que cometeu. Eu falei para você criar armas, Taim. Mostre para mim como elas são mortais. Disperse os Shaido. Acabe com eles.

— Como ordenar. — Se antes Taim estivera rígido, agora virara uma pedra.

— Ponham meu estandarte no alto de modo que eles consigam enxergar — ordenou Rand. Pelo menos isso mostraria para todos lá fora quem comandava o acampamento. Talvez as Sábias e o povo de Dois Rios recuassem quando o vissem.

As orelhas de Loial se contorceram em desconforto, e Perrin agarrou o braço de Rand quando Taim foi embora.

— Eu vi o que eles fazem, Rand. É... — Apesar do rosto e do machado ensanguentados, ele soava enojado.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Rand. — O que mais eu posso fazer?

A mão de Perrin o soltou, e o amigo suspirou.

— Não sei. Mas não sou obrigado a gostar disso.

— Grady, erga o Estandarte da Luz! — mandou Taim, com o Poder transformando sua voz num estrondo.

Usando fluxos de Ar, Jur Grady tirou o estandarte carmesim da mão de Dobraine, que ficou chocado, e ergueu-o até fazê-lo passar pelo topo vazado da redoma. O fogo rebentou em torno dele e relâmpagos piscaram conforme o vermelho brilhante se ergueu em meio à fumaça que se elevava dos carroções em chamas. Rand reconheceu vários homens de casaco preto, mas só conhecia os nomes de uns poucos além de Jur: Damer, Fedwin e Eben, Jahar e Torval. Desses, só Torval trazia o Dragão no colarinho.

— Asha'man, formem a linha de batalha! — disse Taim, a voz ampliada pelo Poder.

Homens de casaco preto correram para se posicionar entre a redoma e os demais, todos menos Jur e aqueles que vigiavam as Aes Sedai. Excetuando-se Nesune, que espiava tudo com atenção, o grupo da Torre afundara apaticamente de joelhos, sem nem olhar para os homens que as blindavam, e mesmo Nesune ainda parecia prestes a passar mal. O grupo de Salidar observava com frieza os Asha'man que as vigiavam, embora, aqui e ali, voltassem aqueles olhos gélidos para Rand. Alanna só tinha olhos para ele. Rand notou que sua pele formigava ligeiramente. Para ele estar sentindo, mesmo com toda aquela distância, todas as nove deviam estar abraçando *saidar*. Ele esperava que elas tivessem juízo suficiente para não canalizar. Os homens de expressão pétrea que as encaravam abraçavam *saidin* a ponto de quase explodir, e tinham uma aparência tão

tensa quanto a dos Guardiões que corriam os dedos por suas espadas.

— Asha'man, levantem a barricada duas braças! — Ao comando de Taim, as extremidades da redoma se levantaram em toda a sua circunferência. Shaido surpresos, que vinham empurrando o que não conseguiam ver, deram um tropeção para a frente. Recuperaram-se de imediato, uma massa de véus negros em ofensiva, mas só tiveram tempo para um passo antes do grito seguinte de Taim: — Asha'man, matem!

A vanguarda dos Shaido explodiu. Não havia outra maneira de descrever a cena. Figuras de *cadin'sor* despedaçaram-se em jorros de sangue e carne. Fluxos de *saidin* penetraram por aquela bruma densa, disparando de Aiel em Aiel num piscar de olhos. A fileira seguinte de Shaido sucumbiu, depois outra e mais outra, como se eles estivessem correndo para dentro de um enorme moedor de carne. Observando a carnificina, Rand engoliu em seco. Perrin se curvou para esvaziar o estômago, o que Rand compreendeu perfeitamente. Outra fileira morta. Nandera cobriu os olhos com a mão e Sulin deu as costas para a cena. Os restos ensanguentados de seres humanos começaram a formar uma muralha.

Ninguém era capaz de fazer frente àquilo. Entre uma explosão de morte e a seguinte, os Shaido da frente de repente começaram a tentar ir no sentido contrário, forçando-se a recuar para o meio da massa que lutava para avançar. Esse próprio nó humano logo explodiu, e então todos começaram a recuar. Não, a correr. A chuva de fogo e relâmpagos que se abatia contra a redoma fraquejou.

— Asha'man — ecoou a voz de Taim —, anel de Terra e Fogo!

Sob os pés dos Shaido mais próximos aos carroções, o solo irrompeu de repente em fontes de chamas e terra, lançando homens em todas as direções. Enquanto os corpos ainda voavam pelo ar, mais bolhas de fogo jorraram do solo, depois mais, em um anel que se expandiu em torno dos carroções, perseguindo os Shaido por cinquenta passadas, cem, duzentas. Àquela altura, a única coisa que havia ali fora era pânico e morte. Lanças e broquéis foram abandonados. A redoma lá no alto agora estava transparente, exceto pela fumaça que subia dos carroções em chamas.

— Pare! — O estrondo das explosões engoliu o berro de Rand da mesma maneira como engolia com os gritos dos homens. Ele teceu os fluxos que Taim havia usado. — Já chega, Taim! — Sua voz crepitou como um trovão por sobre todo o local.

Mais um anel de erupções, então Taim ordenou:

— Asha'man, descansem!

Por um momento, um silêncio ensurdecedor pareceu preencher o ar. Os ouvidos de Rand zumbiam. Então ele conseguiu escutar gritos e gemidos. Feridos levantavam-se em meio às pilhas de mortos. E, mais à frente deles, Shaido corriam, deixando para trás grupos isolados de *siswai'aman* e Donzelas com panos vermelhos nos braços, cairhienos e mayenenses, alguns ainda em seus cavalos. Quase hesitantes, esses últimos começaram a se deslocar em direção aos carroções, alguns Aiel baixando os véus. Com o Poder aperfeiçoando a sua visão, ele conseguiu identificar Rhuarc, mancando, um dos braços inerte ao lado do corpo, mas de pé. E, bem além dele, um grupo grande de mulheres trajando saias escuras volumosas e blusas claras, com uma escolta de homens com casacos de Dois Rios carregando arcos compridos. Estavam longe demais para que ele pudesse discernir os rostos, mas, pelo modo como os homens de Dois Rios encaravam os Shaido que fugiam, estavam tão estupefatos quanto qualquer outra pessoa.

Uma enorme sensação de alívio brotou em Rand, ainda que não o bastante para sossegar a agitação distante em seu estômago. Min pressionava o rosto na camisa dele. Estava chorando. Ele passou uma das mãos pelo cabelo dela.

— Asha'man — Rand nunca ficara tão contente pelo Vazio apagar as emoções da sua voz —, vocês se saíram bem. Eu o saúdo, Taim. — Ele virou de costas para que não fosse obrigado a continuar olhando os efeitos da carnificina e mal escutou os brados de “Lorde Dragão!” e “Asha'man!” que os homens de casaco preto faziam retumbar.

Quando se virou, deu de cara com as Aes Sedai. Merana estava bem lá atrás, mas Alanna estava quase cara a cara com ele, ladeada por duas Aes Sedai que Rand não reconheceu.

— Você se saiu bem — disse uma das duas, uma mulher de rosto quadrado. Uma fazendeira, com rosto de idade indefinida e olhos que por pouco mantinham a serenidade, ignorando os Asha'man ao seu redor. Obviamente ignorando-os. — Sou Bera Harkin e esta é Kiruna Nachiman. Viemos para resgatá-lo... com o auxílio de Alanna. — Um óbvio adendo, e apenas por causa do súbito cenho franzido de Alanna. — Apesar de me parecer que você não precisa muito de nós. Ainda assim, as intenções continuam valendo, e...

— O lugar de vocês é com elas — afirmou Rand, apontando para as Aes Sedai blindadas. Vinte e três, ele contou, e Galina não estava entre elas. O zumbido de Lews Therin se avolumou, mas ele se recusou a dar ouvidos. Não era hora para rompantes insanos.

Cheia de orgulho, Kiruna se empertigou. O que quer que fosse, com certeza não era uma reles fazendeira.

— Você se esquece de quem somos. Elas podem até ter lhe tratado mal, mas nós...

— Não me esqueço de nada, Aes Sedai — cortou Rand com frieza. — Eu disse que poderiam vir seis, mas estou contando nove. Disse que vocês estariam em pé de igualdade com as emissárias da Torre, e, por terem desobedecido, vão estar mesmo. Elas estão de joelhos, Aes Sedai. Ajoelhem-se!

Rostos friamente serenos encaravam-no de volta. Rand sentiu os Asha'man preparando barreiras de Espírito. Um ar de desafio foi tomando o semblante de Kiruna, Bera e das outras. Duas dezenas de homens de casaco preto formaram um círculo em torno de Rand e das Aes Sedai.

Rand nunca vira Taim sorrir, mas o homem chegou bem perto.

— Ajoelhem-se e jurem fidelidade ao Lorde Dragão — ordenou ele em voz baixa — ou serão postas de joelhos. Podem escolher.

Como acontece com as histórias, o caso se espalhou por toda Cairhien, pelo norte e pelo sul com os comboios de mercadores, os mascates solitários e por meio das fofocas de estalagens. Como acontece com as histórias, a cada conto aumentava-se um ponto. Os Aiel haviam se voltado contra o Dragão Renascido e o matado, nos Poços de Dumai ou algum outro lugar. Não, as Aes Sedai tinham salvado Rand al'Thor. Foram as Aes Sedai que o haviam matado... não, amansado... não, tinham-no levado a Tar Valon à força, onde ele apodreceu em uma masmorra da Torre Branca. Ou onde o próprio Trono de Amyrlin ficou de joelhos diante dele. Excepcionalmente, em se tratando de histórias, algo muito próximo da verdade era no que se acreditava com mais frequência.

Em um dia de fogo e de sangue, um estandarte esfarrapado se agitou acima dos Poços de Dumai, exibindo o antigo símbolo das Aes Sedai.

Em um dia de fogo, de sangue e do Poder Único, conforme a profecia sugerira, a torre imaculada, dividida, ajoelhou-se perante o símbolo esquecido.

As primeiras nove Aes Sedai juraram fidelidade ao Dragão Renascido, e o mundo mudou para sempre.





A RESPOSTA

O homem só parou por tempo suficiente para repousar a mão na porta da liteira e, assim que Falion pegou o bilhete entre seus dedos, afastou-se. A pancada seca da mulher colocou os dois carregadores em movimento antes mesmo que o sujeito trajando o uniforme do Palácio Tarasin sumisse em meio à multidão na praça.

Só havia uma palavra no quadradinho de papel: *Sumiram*. Ela o amassou no punho. De algum modo, elas tinham escapado de novo sem que o seu pessoal lá dentro visse. Meses de buscas infrutíferas haviam-na convencido de que não existia nenhum *angreal* escondido, a despeito do que Moghedien acreditasse. Ela chegara até a considerar interrogar uma ou duas Mulheres Sábias. Uma delas talvez soubesse seu paradeiro, se o tal *angreal* existisse. Era o mesmo que esperar que cavalos voassem. Entretanto, ela se mantinha naquela cidade deplorável porque quando um dos Escolhidos dava uma ordem, obedecia-se até que essa ordem fosse modificada. Qualquer outra atitude era um caminho bem curto para uma morte dolorosa. Mas se Elayne e Nynaeve estavam ali... Elas haviam arruinado os planos sobre Tanchico. Fossem elas ou não irmãs completas de fato — por mais impossível que tal coisa parecesse —, Falion não encararia a presença delas como mera coincidência. Talvez existisse mesmo um esconderijo. Era a primeira vez que ela ficava contente por Moghedien tê-la ignorado desde que dera suas ordens tantos meses antes em Amadícia. O que fora sentido como um abandono ainda poderia se mostrar uma chance de subir no conceito da Escolhida. Aquelas duas talvez ainda a conduzissem ao esconderijo, e, mesmo se não existisse esconderijo nenhum... Moghedien parecera demonstrar interesse em Elayne e Nynaeve. Entregá-las à Escolhida com certeza seria melhor do que um *angreal* que nem existia.

Ela se recostou no assento e deixou o balanço da cadeira relaxá-la. Odiava mesmo aquela cidade — em seus tempos de noviça, chegara até ali como fugitiva —, mas podia ser que aquela visita, afinal, terminasse de forma agradável.

* * *

Sentado em seu gabinete, Herid espiava dentro do cachimbo e se perguntava se tinha em mãos os meios para acendê-lo quando o *gholam* se espremeu por baixo da porta. Claro que, mesmo que Fel estivesse prestando atenção, não teria acreditado, e, depois que o *gholam* entrou no aposento, poucos homens teriam tido alguma

chance.

Quando Idrien mais tarde foi ao gabinete de Fel, ficou olhando para algo empilhado de maneira nada organizada no chão, ao lado da mesa. Ela levou uns instantes para compreender o que era e, quando o fez, desmaiou antes de conseguir gritar. Embora já tivesse ouvido falar de esquartejamentos, era muito diferente ver os resultados de um diante de si.

* * *

No topo da colina, o homem deu meia-volta com seu cavalo para uma última olhada em Ebou Dar, branca sob o sol brilhante. Uma bela cidade para se pilhar, e, pelo que ele aprenderia sobre o povo local, as pessoas resistiriam, de forma que o Sangue permitiria pilhagens. Elas iriam resistir, mas ele torcia para que os outros olhos estivessem trazendo relatos da desunião que ele testemunhara. A resistência não duraria muito num local em que uma suposta rainha governava um pedaço diminuto de chão, e isso sugeria as melhores possibilidades. Ele cavalgou para o oeste. Não havia como saber. Talvez o comentário daquele sujeito tivesse sido profético. Talvez o Retorno não tardasse, e, com ele, viria a Filha das Nove Luas. Aquele seria, certamente, o maior presságio de uma vitória.

* * *

Deitada para dormir, Moghedien olhava para o teto da minúscula tenda que tinham lhe permitido como uma das criadas da Amyrlin. De tempos em tempos, seus dentes rilhavam, mas, tão logo se dava conta disso, ela tornava a se acalmar, bastante consciente do colar do *a'dam* em torno do pescoço. A tal Egwene al'Vere era mais dura do que Elayne e Nynaeve. Tolerava menos e exigia mais. E quando passava o bracelete para Siuan ou Leane, especialmente Siuan... Moghedien estremeceu. Se Birgitte pudesse usar o bracelete, deveria ser igual.

A aba da tenda se moveu para o lado, deixando a luz do luar penetrar só o suficiente para ela identificar uma mulher se agachando para entrar.

— Quem é você? — perguntou Moghedien com aspereza. Quando mandavam ir buscá-la à noite, quem quer que viesse sempre trazia uma lanterna.

— Me chame de Aran'gar, Moghedien — respondeu uma voz bem-humorada, e uma luzinha se fez dentro da tenda.

Ouvir o próprio nome fez a língua de Moghedien grudar no céu da boca. Ali, aquele nome significava morte. Ela estava com dificuldades para falar, para dizer que seu nome era Marigan, quando, de repente, reparou na luz. Uma pequena bola branca cintilante, pálida, pairando no ar próxima da cabeça dela. Estando com o *a'dam*, não podia fazer mais do que pensar em *saidar* sem permissão, mas ainda era capaz de senti-la sendo canalizada, de ver os fluxos sendo tecidos. Desta vez, não sentiu nada, não viu nada. Só uma minúscula bolinha de pura luz.

Ela ficou encarando a mulher que se apresentara como Aran'gar, finalmente a reconhecendo. Halima, ela achava. Secretária de uma das Votantes, talvez. Com certeza, contudo, uma mulher, ainda que uma que parecesse ter sido desenhada por um homem. Uma mulher. Mas aquela bola de luz tinha que ser resultado de *saidin*!

— Quem é você? — Sua voz estava apenas um pouco trêmula, e ela se surpreendeu por soar tão firme.

A mulher sorriu — um sorriso bastante divertido — enquanto se colocou ao lado do catre.

— Já falei, Moghedien. Eu me chamo Aran'gar. Você vai aprender esse nome no futuro, se tiver sorte. Agora me escute bem e não pergunte mais nada. Eu vou lhe dizer o que você precisa saber. Daqui a pouco, vou

tirar esse seu lindo colar. Em seguida, você vai desaparecer com a mesma rapidez e discrição de Logain. Se não me obedecer, vai morrer aqui mesmo. E isso seria uma pena, porque você foi convocada até Shayol Ghul nesta mesmíssima noite.

Moghedien umedeceu os lábios. Convocada até Shayol Ghul. Isso poderia significar a eternidade no Poço da Perdição, a imortalidade governando o mundo, ou qualquer coisa entre os dois extremos. Havia pouca chance de ela ser nomeada Nae'blis, não se o Grande Senhor soubesse o suficiente a respeito de como ela havia passado os meses anteriores a ponto de mandar alguém vir libertá-la. Ainda assim, tratava-se de uma convocação que ela não podia ignorar. E, pelo menos, estaria livre do *a'dam*.

— Sim. Tire. Eu vou imediatamente. — De todo modo, não havia motivos para protelar. Ela era mais forte que qualquer mulher naquele acampamento, mas não pretendia dar a um círculo de treze mulheres nenhuma chance de enfrentá-la.

— Eu achava que você fosse dizer isso. — Halima, ou Aran'gar, riu com gosto. Devagar, ela tocou no colar, encolhendo-se de dor, e Moghedien tornou a se espantar com uma mulher que parecia capaz de canalizar *saidin* e se feria, ainda que muito pouco, por tocar no que só deveria ferir um homem capaz de canalizar. Em seguida, o colar se soltou e foi guardado depressa na algibeira da mulher. — Vá, Moghedien. Vá agora.

* * *

Quando Egwene chegou à tenda e colocou a cabeça e a lanterna lá dentro, encontrou apenas lençóis amarrotados. Devagar, ela recuou.

— Mãe — alvoroçou-se Chesa atrás dela —, você não deveria sair no sereno. O ar da noite faz mal. Se queria falar com Marigan, eu poderia ter vindo buscá-la.

Egwene olhou em volta. Sentira o *a'dam* se soltar e sentira o lampejo de dor que indicava que um homem capaz de canalizar tocara o colar. A maior parte das pessoas já dormia, mas umas poucas ainda estavam sentadas fora das suas tendas em torno do fogo baixo, algumas não muito longe. Talvez fosse possível descobrir qual homem tinha ido à tenda de “Marigan”.

— Acho que ela fugiu, Chesa — afirmou Egwene. Os resmungos zangados de Chesa sobre mulheres que abandonavam suas senhoras a seguiram por todo o caminho de volta até sua tenda. Não poderia ter sido Logain, poderia? Ele não poderia ter voltado, não poderia saber a verdade. Poderia?

* * *

Demandred ajoelhou-se no Poço da Perdição e, desta vez, não se importou que Shaidar Haran estivesse observando sua tremedeira com aquele semblante impassível, sem olhos.

— Não me saí bem, Grande Senhor?

A gargalhada do Grande Senhor ressoou dentro de sua cabeça.



A torre imaculada se divide e se ajoelha perante o símbolo esquecido.
Os mares seguem em tormenta e nuvens de tempestade se armam incógnitas.
Além do horizonte, chamas escondidas se avolumam e serpentes se aninham em seu seio.
O que foi exaltado é rechaçado, o que foi rechaçado é elevado.
A ordem queima para abrir caminho para ele.

— fragmento de *As Profecias do Dragão*, tradução de Jeorad Manyard, Governador da Província de Andor
sob o Grão-Rei Artur Paendrag Tanreall.

Fim
do Sexto Livro
de *A Roda do Tempo*





Uma nota sobre datas neste glossário. O Calendário Tomano (elaborado por Toma dur Ahmid) foi adotado aproximadamente dois séculos após a morte do último homem Aes Sedai e registrou os anos Depois da Ruptura do Mundo (DR). Muitos registros foram destruídos nas Guerras dos Trollocs, tanto que, ao fim das guerras, havia controvérsia sobre o ano exato de acordo com o antigo sistema. Um novo calendário foi proposto por Tiam de Gazar, comemorando a libertação da ameaça dos Trollocs e registrando cada ano como um Ano Livre (AL). O Calendário Gazarano ganhou ampla aceitação nos vinte anos seguintes ao fim das guerras. Artur Asa-de-gavião tentou estabelecer um novo calendário com base na fundação de seu império (DF, Desde a Fundação), mas apenas historiadores o conhecem. Após a destruição e as mortes provocadas pela Guerra dos Cem Anos, um terceiro calendário foi desenvolvido por Uren din Jubai Gaivota-Voadora, acadêmico do Povo do Mar, e promulgado pela Panarca Farede de Tarabon. O Calendário de Farede, que definiu arbitrariamente uma data para o fim da Guerra dos Cem Anos e registra os anos da Nova Era (NE), encontra-se atualmente em uso.

***a'dam*:** Dispositivo para controlar uma mulher capaz de canalizar, só utilizável ou por uma mulher capaz de canalizar ou por uma mulher a quem se pode ensinar a canalizar, e que não tem efeito em mulheres que não são capazes de canalizar. O dispositivo une as duas mulheres no Poder. A versão Seanchan consiste em uma coleira — chamada de colar — e um bracelete ligados por uma correia, tudo feito de metal prateado. Se um homem capaz de canalizar for unido a uma mulher por um *a'dam*, a provável consequência é a morte de ambos. Quando o *a'dam* estiver sendo usado por uma mulher capaz de canalizar, o simples toque no dispositivo por parte de um homem também capaz de canalizar pode resultar em dor. *Ver também* união; Seanchan.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai da Era das Lendas, o que os classifica entre os mais poderosos de todos os tempos. Aes Sedai que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra diante da promessa de imortalidade. Entre si, intitulavam-se “os Escolhidos”. De acordo com as lendas e os fragmentos de registros, foram aprisionados com o Tenebroso quando a prisão foi resselada. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças. Eles são: Aginor, Asmodean, Balthamel, Be'lal, Demandred, Graendal, Ishamael, Lanfear, Mesaana, Moghedien, Rahvin, Sammael e Semirhage.

Aceitas: Jovens mulheres em treinamento para se tornarem Aes Sedai que alcançaram certo nível de poder e passaram por determinados testes. Em geral, são necessários de cinco a dez anos para que uma noviça seja elevada a Aceita. Um pouco menos limitadas às regras do que as noviças, as Aceitas podem escolher

as próprias áreas de estudo, dentro de alguns limites. Uma Aceita usa o anel da Grande Serpente, no terceiro dedo da mão esquerda. Quando uma Aceita é elevada a Aes Sedai, escolhe a própria Ajah, adquire o direito a usar o xale e pode passar a usar o anel em qualquer dedo, ou não o usar, se as circunstâncias assim justificarem. *Ver também* Aes Sedai.

Aes Sedai: Pessoas capazes de canalizar o Poder Único. Desde o Tempo da Loucura, sobreviveram apenas as Aes Sedai mulheres. Respeitadas e reverenciadas por muitos, mas também alvo de desconfiança, medo e até mesmo ódio. Não são poucos os que as culpam pela Ruptura do Mundo e as acusam de interferirem nos assuntos das nações. Ao mesmo tempo, poucos governantes optam por não ter uma conselheira Aes Sedai, mesmo nas terras em que a existência desse aconselhamento precisa ser mantida em segredo. Parece que depois de alguns anos canalizando o Poder Único, as Aes Sedai adquirem uma característica de idade indefinida, de forma que uma mulher com idade suficiente para ser avó pode não exibir os sinais do passar dos anos, exceção feita a talvez alguns cabelos grisalhos. *Ver também* Ajah; Ruptura do Mundo; Trono de Amyrlin.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos, cobrem o rosto com um véu negro antes de matar. Guerreiros mortíferos com armas ou punhos, jamais tocam em espadas ou montam a cavalo, a menos que obrigados. Os Aiel chamam a luta de “a dança” e “a Dança das Lanças”. São divididos em doze clãs: os Chareen, os Codarra, os Daryne, os Goshien, os Miagoma, os Nakai, os Reyn, os Shaarad, os Shaido, os Shiande, os Taardad e os Tomanelle. Cada clã é dividido em ramos. Às vezes, falam de um décimo terceiro clã, o Clã Que Não Era, os Jenn, que construíram Rhuidean. Todos sabem que os Aiel falharam com as Aes Sedai e acabaram banidos para o Deserto Aiel por conta disso, e que serão destruídos caso algum dia isso volte a acontecer. *Ver também* Deserto Aiel; Rhuidean; *gai’shain*; Sociedades guerreiras dos Aiel; Desolação.

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, às quais todas as Aes Sedai, exceto o Trono de Amyrlin, pertencem. Sete no total, são designadas por cores: Azul, Vermelha, Branca, Verde, Marrom, Amarela e Cinza. Cada uma segue uma filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai. A Ajah Vermelha, por exemplo, dedica-se a encontrar homens capazes de canalizar o Poder e amansá-los. A Ajah Marrom se dedica à busca por conhecimento, enquanto a Ajah Branca, amplamente abstêmia do mundo e dos valores da sabedoria mundana, dedica-se às questões filosóficas e à busca da verdade. A Ajah Verde (chamada de Ajah Guerreira durante as Guerras dos Trollocs) mantém-se a postos para Tarmon Gai’don, a Amarela se concentra no estudo da Cura, e as irmãs Azuis se envolvem com certas causas e com a justiça. As Cinzas são mediadoras, buscando a harmonia e o consenso. Os rumores sobre uma Ajah Negra, dedicada a servir ao Tenebroso, são negados oficialmente.

Altara: Nação no Mar das Tempestades que, na verdade, se mantém unida por pouca coisa além do nome. Em Altara, as pessoas se veem primeiro como habitantes de uma aldeia ou cidadezinha, ou como o povo daquele senhor ou daquela senhora, e só então, e quando o fazem, como altaranas. Poucos nobres pagam impostos para a coroa ou oferecem uma vassalagem apenas em nome, se tanto. O governante de Altara (por ora, a Rainha Tylin Quintara, da Casa Mitsobar) raramente é algo mais que a nobre mais poderosa da nação, e, por vezes, não chega nem a isso. O Trono dos Ventos detém tão pouco poder que muitos nobres poderosos o desprezaram quando podiam tê-lo assumido.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de extinguir a capacidade de um homem de canalizar o Poder Único. É necessário, pois os homens que aprendem a canalizar enlouquecem por causa da mácula de *saidin* e, em sua loucura, acabam fazendo coisas horríveis com o Poder antes que a mácula os mate. Um homem amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas não curada, e pode-se evitar a morte caso o procedimento seja feito suficientemente cedo. No entanto, um homem que é amansado acaba desistindo

de querer viver, e aqueles que não conseguem cometer suicídio costumam morrer de um jeito ou de outro em um ou dois anos. *Ver também* estancamento; Poder Único.

Amigos das Trevas: Os que seguem o Tenebroso e acreditam que ganharão poder, grandes recompensas e até a imortalidade quando ele for libertado. Entre si, às vezes usam o antigo nome de Amigos da Escuridão.

Amys: Sábia do Forte das Pedras Frias e Andarilha dos Sonhos. Aiel do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad, esposa de Rhuarc e esposa-irmã de Lian, que é a senhora do teto do Forte das Pedras Frias. Amys é irmã-da-mãe de Aviendha.

Andarilha dos Sonhos: Nome Aiel para uma mulher capaz de adentrar *Tel'aran'rhiod*, interpretar sonhos e conversar com as outras pessoas em seus sonhos. As Aes Sedai também usam o termo, ainda que raramente, em referência às Sonhadoras. *Ver também* Talentos; *Tel'aran'rhiod*.

angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a qualquer um capaz de canalizar o Poder Único manejar uma quantidade maior do Poder do que seria possível ou seguro sem ajuda. Alguns foram fabricados para uso de mulheres, outros, de homens. Os rumores de *angreal* usáveis tanto por homens quanto por mulheres nunca foram confirmados. Não se sabe mais como fabricá-los e restam poucos no mundo. *Ver também* canalizar; *sa'angreal*; *ter'angreal*.

Arad Doman: Nação no Oceano de Aryth. Atualmente devastada pela guerra civil e por guerras simultâneas contra aqueles que se declararam a favor do Dragão Renascido e contra Tarabon. As domanesas são famosas — ou infames — por serem belas, sedutoras e usarem roupas escandalosas.

Artur Asa-de-gavião: Rei lendário, Artur Paendrag Tanreall governou entre 943-994 AL e unificou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo. Chegou a enviar exércitos para o outro lado do Oceano de Aryth (992 AL), mas ninguém teve notícias dessas tropas depois de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos. Seu símbolo era um gavião dourado em pleno voo. *Ver também* Guerra dos Cem Anos.

Atha'an Miere: *Ver* Povo do Mar.

Avendoraldera: Uma árvore que cresceu na cidade de Cairhien a partir de um ramo de *Avendesora*, um presente dos Aiel em 566 NE, apesar de nenhum registro escrito revelar qualquer ligação entre os Aiel e a lendária Árvore da Vida.

Bair: Sábia do ramo Haido dos Aiel Shaarad e Andarilha dos Sonhos. Não é capaz de canalizar. *Ver também* Andarilha dos Sonhos.

Berelain sur Paendrag: Primeira de Mayene, Abençoada da Luz, Defensora das Ondas, Grão-trono da Casa Paeron. Jovem, bonita e obstinada, é uma governante habilidosa. *Ver também* Mayene.

Birgitte: Heroína de lendas e histórias, famosa tanto pela beleza quanto pela bravura e destreza no arco e flecha. Diz-se que carregava um arco de prata e flechas também de prata, com os quais jamais errava o alvo. Ela é uma entre os heróis convocados de volta sempre que a Trombeta de Valere é tocada. Sempre relacionada ao herói-espadachim Gaidal Cain. Exceto por sua beleza e destreza com o arco, tem pouco a ver com o que se fala dela nas histórias. *Ver também* Trombeta de Valere.

bravia: Mulher que aprende sozinha a canalizar o Poder Único. Apenas uma em cada quatro sobrevive à crise gerada por esse aprendizado. Tais mulheres costumam criar bloqueios para se impedirem de dar conta do que estão fazendo, mas, quando essas barreiras são transpostas, as bravias revelam-se entre as mais poderosas capazes de canalizar. O termo costuma ser usado de forma pejorativa.

Bryne, Gareth: Antigo Capitão-general da Guarda da Rainha em Andor. Exilado pela Rainha Morgase. Considerado um dos maiores generais vivos. O selo da Casa Bryne é um touro selvagem com a Coroa de Rosas de Andor em torno do pescoço. Tem como símbolo pessoal três estrelas douradas, cada uma com cinco raios.

cadin'sor: Indumentária dos guerreiros Aiel, composta de casaco e calças marrom e cinza que se camuflam junto às pedras e sombras, bem como botas macias até os joelhos, presas com cadarços. Na Língua Antiga, “roupas de trabalho”, embora essa seja, obviamente, uma tradução imprecisa.

Cairhien: Nome de uma nação nos limites da Espinha do Mundo cuja capital recebe o mesmo nome. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel, assim como muitas outras cidades e aldeias. O consequente abandono das lavouras próximas da Espinha do Mundo tornou necessária a importação de grãos. O assassinato do Rei Galldrian (998 NE) resultou em uma guerra civil pela sucessão do Trono do Sol, na interrupção dos carregamentos de grãos e na fome. A cidade foi sitiada pelos Shaido no episódio a que alguns se referem como Segunda Guerra dos Aiel, num cerco derrotado por outros Aiel sob o comando de Rand al'Thor. Cairhien tem como estandarte um sol nascente com muitos raios em um fundo de céu azul. *Ver também* Guerra dos Aiel.

calendário: Há 10 dias na semana, 28 dias no mês e 13 meses no ano. Vários dias festivos não fazem parte de nenhum mês, incluindo o domingo (o dia mais longo do ano), a festividade de Ação de Graças (de quatro em quatro anos no equinócio de primavera), e a festividade da Salvação de Todas as Almas, também chamada de Dia de Todas as Almas (de dez em dez anos no equinócio de outono).

Callandor: A Espada Que Não É Espada, a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Uma espada de cristal que, no passado, ficou guardada na Pedra de Tear. Poderoso *sa'angreal* masculino, sua retirada da câmara conhecida como Coração da Pedra foi, junto com a queda da Pedra, um sinal importante do Renascimento do Dragão e da aproximação de Tarmon Gai'don. Recolocada no Coração e reinserida na pedra por Rand al'Thor. *Ver também* Dragão Renascido; Pedra de Tear; *sa'angreal*.

canalizar: Controlar o fluxo do Poder Único. *Ver também* Poder Único.

Car'a'carn: Na Língua Antiga, “o chefe dos chefes”. De acordo com a profecia Aiel, um homem que viria de Rhuidean na alvorada, marcado com dois Dragões, e os lideraria até o outro lado da Muralha do Dragão. Segundo a Profecia de Rhuidean, ele vai unir os Aiel e depois destruí-los, e sobreviverá apenas o restante de um restante. *Ver também* Aiel; Rhuidean.

Caraighan Maconar: Irmã Verde lendária (212-373 DR), é a heroína de centenas de aventuras a que se atribui façanhas que até algumas Aes Sedai considerariam improváveis, apesar de sua presença nos registros da Torre Branca, tais como debelar sozinha uma rebelião em Mosadorin e pôr um fim aos Motins de Comaidin, em um período em que não contava com nenhum Guardião. Um símbolo da Ajah Verde e um modelo para todas as irmãs dessa cor. *Ver também* Aes Sedai, Ajah.

Carridin, Jaichim: Inquisidor da Mão da Luz, alto oficial dos Filhos da Luz e Amigo das Trevas.

Cauthon, Abell: Fazendeiro de Dois Rios. Pai de Mat Cauthon. Marido de Natti e pai de outras duas filhas, Eldrin e Bodewhin, cujo apelido é Bo.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon, do Trono de Amyrlin e das Aes Sedai. É uma representação estilizada de uma chama, uma lágrima branca com a ponta para cima.

Cinco Poderes, os: O Poder Único tem fios, batizados conforme o elemento que afetam — Terra, Ar (às vezes chamado de Vento), Fogo, Água e Espírito — e que recebem o nome de Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único será mais forte em um ou talvez dois, mas raramente mais que isso, e será mais fraco com os demais. Na Era das Lendas, enquanto Espírito era encontrado igualmente em homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra ou Fogo era muito mais frequente em homens, e com Água ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 1 pé; 3 pés = 1 passada; 2 passadas = 1 braça; 1.000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

Deane Aryman: Trono de Amyrlin que salvou a Torre Branca dos danos causados por Bonwhin em sua tentativa de controlar Artur Asa-de-gavião. Nascida em cerca de 920 AL na aldeia de Salidar, em Shiotia, foi elevada a Amyrlin a partir da Ajah Azul em 992 AL. Ela convenceu Souran Maravaile a suspender o cerco a Tar Valon (que se iniciara em 975 AL) após a morte de Artur Asa-de-gavião. Deane restabeleceu o prestígio da Torre, e acredita-se que à época da sua morte, em 1084 AL, ao cair de um cavalo, ela estava a ponto de convencer os nobres que guerreavam pelo que restara do império de Asa-de-gavião a aceitarem a liderança da Torre Branca como forma de restaurar a unidade da região. *Ver também* Artur Asa-de-gavião; Trono de Amyrlin.

Deserto Aiel: Terra inóspita, severa e praticamente desprovida de água que fica a leste da Espinha do Mundo. Chamada pelos Aiel de Terra da Trindade. Poucos forasteiros se aventuram na região porque os Aiel se consideram em guerra com todos os povos, e estrangeiros não são bem-vindos. Apenas mascates, menestrelis e Tuatha'an têm entrada permitida em segurança, ainda que os Aiel evitem qualquer contato com os Tuatha'an, a quem chamam de "Perdidos". Não se sabe da existência de qualquer mapa do Deserto.

Desolação: Nome dado pelos Aiel para os efeitos apresentados por muitos deles ao descobrirem que, em vez de sempre terem sido ferozes guerreiros, seus ancestrais eram pacifistas radicais que foram forçados a se defender durante a Ruptura do Mundo e nos anos subsequentes. Muitos creem ter sido essa a falha dos Aiel com as Aes Sedai. Alguns Aiel abandonam suas lanças e fogem, enquanto outros se recusam a deixar de usar o branco dos *gai'shain* mesmo após cumprirem o período de um ano e um dia. Há ainda os que negam que isso seja verdade e, com isso, obrigatoriamente não reconheçam que Rand al'Thor seja de fato o *Car'a'cam*. Para esses, há duas alternativas: voltar para o Deserto Aiel ou aliar-se aos Shaido que se opõem a ele. *Ver também* Aiel; *Car'a'cam*; Deserto Aiel; *gai'shain*.

Dragão Renascido: De acordo com as Profecias do Dragão, diz-se do homem que é o Renascimento de Lews Therin, o Fratricida. A maioria das pessoas, mas não todas, reconhece Rand al'Thor como o Dragão Renascido. *Ver também* Dragão, falso; Dragão, o; Dragão, Profecias do.

Dragão, falso: Nome dado aos vários homens que afirmaram ser o Dragão Renascido. Alguns desencadearam guerras que envolveram diversas nações. Ao longo dos séculos, a maioria era incapaz de canalizar, mas alguns podiam fazer isso. Todos, porém, desapareceram, foram capturados ou mortos sem cumprir nenhuma das Profecias do Dragão. Entre os capazes de canalizar, os mais poderosos foram Raolin Algoz-das-trevas (335-36 DR), Yurian Arco-de-pedra (cerca de 1300-1308 DR), Davian (351 AL), Guaire Amalasan (939-43 AL), Logain (997 NE) e Mazrim Taim (998 NE). *Ver também* Dragão Renascido.

Dragão, o: Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra da Sombra, há uns três mil anos, ou mais. Sofrendo da loucura que se abateu sobre todos os Aes Sedai do sexo masculino, Lews Therin matou todas as pessoas de seu sangue e todos que amava, recebendo então a alcunha de Fratricida. *Ver também* Dragão Renascido; Dragão, Profecias do.

Dragão, Profecias do: Pouco conhecidas, exceto entre os bem instruídos, e raramente comentadas, as Profecias registradas em O Ciclo de Karaethon predizem que o Tenebroso será libertado mais uma vez, e que Lews Therin Telamon, o Dragão, Renascerá para lutar em Tarmon Gai'don, a Última Batalha contra a Sombra. Segundo as Profecias, ele vai salvar o mundo e então causar uma nova Ruptura. *Ver também* Dragão, o.

Elaida do Avriny a'Roihan: Aes Sedai que era da Ajah Vermelha e que foi elevada ao Trono de Amyrlin. Antiga conselheira da Rainha Morgase, de Andor. Às vezes Profetiza.

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que

Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais atualmente só se pode sonhar. *Ver também* Guerra da Sombra; Ruptura do Mundo.

Espinha do Mundo: Cadeia de altíssimas montanhas com poucos pontos de travessia que separa o Deserto Aiel das terras a oeste. Também chamada de Muralha do Dragão.

esposa-irmã: Termo de parentesco Aiel. Mulheres Aiel que são quase-irmãs ou irmãs-primeiras e que descobrem que amam o mesmo homem, ou que simplesmente não querem a presença de um homem entre as duas, acabam casando-se com ele, tornando-se assim esposas-irmãs. Às vezes, mulheres que amam o mesmo homem tentam descobrir se podem se tornar quase-irmãs e irmãs-primeiras adotadas, um primeiro passo para se tornarem esposas-irmãs.

estancamento: Ato realizado pelas Aes Sedai que consiste em isolar definitivamente do Poder Único uma mulher capaz de canalizar. Uma mulher que tenha sido estancada pode sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Oficialmente, resulta do julgamento e da sentença por um crime. Noviças da Torre Branca são obrigadas a aprender os nomes e os crimes de todas as mulheres que foram estancadas. Quando ocorre acidentalmente, é chamado de exaurimento, mas, na prática, o termo é usado em ambos os casos. Acontecendo de um jeito ou de outro, mulheres que foram estancadas costumam não viver muito e parecem simplesmente desistir e morrer, a menos que encontrem algo que substitua o vazio deixado pelo Poder Único.

Fain, Padan: Um mascate que fazia comércio em Dois Rios e Amigo das Trevas, foi transformado em Shayol Ghul não só para adquirir a capacidade de rastrear o jovem que se tornaria o Dragão Renascido tal qual um cão de caça, mas também para implantar nele a necessidade constante de rastreá-lo. A dor desse processo incutiu em Fain um ódio tanto pelo Tenebroso quanto por Rand al'Thor. Enquanto seguia al'Thor, deparou-se com a alma aprisionada de Mordeth em Shadar Logoth, alma que tentou tomar seu corpo. Porém, por conta do que havia sido feito a Fain, o resultado foi um amálgama que, em grande parte, manteve a essência do próprio Fain, mas com habilidades além das que os dois homens possuíam antes da fusão, embora Fain ainda não as compreenda completamente. A maior parte dos homens teme o olhar sem olhos de um Myrddraal, mas os Myrddraal temem o olhar de Fain.

Far Dareis Mai: Na Língua Antiga, literalmente “Donzelas da Lança”. Sociedade guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite mulheres, e apenas mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. (“Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum pode lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.”) *Ver também* Aiel; Sociedades guerreiras dos Aiel.

Filha-herdeira: Título da herdeira do Trono do Leão de Andor. Sem filhas vivas, o trono passa à parente consanguínea mais próxima da Rainha. Divergências quanto a quem era exatamente a parente consanguínea mais próxima já levaram a diversas disputas pelo poder na região, a última sendo “a Sucessão”, chamada assim em Andor, ou “a Terceira Guerra pela Sucessão Andoriana” em outros lugares, acontecimento que entronou Morgase, da Casa Trakand.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas que não deve lealdade a nenhuma nação, dedicada a derrotar o Tenebroso e a destruir todos os Amigos das Trevas. Foi fundada durante a Guerra dos Cem Anos com o objetivo de pregar contra o crescente número de Amigos das Trevas, mas evoluiu no decorrer da guerra até se tornar uma organização militar. Extremamente rígidos em suas crenças e convencidos de que são os únicos que conhecem a verdade e sabem o que é certo. Consideram as Aes Sedai e qualquer um que as apoie Amigos das Trevas. Chamados pejorativamente de Mantos-brancos. Têm como símbolo um sol dourado em um fundo branco. *Ver também* Questionadores.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo que faz girar a Roda do Tempo. Divide-se em uma metade

masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham ao mesmo tempo com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres, a *saidar*. Há mais de três mil anos, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

gai'shain: Na Língua Antiga, “Comprometido com a Paz nas Batalhas”. Por conta do *ji'e'toh*, exige-se de um Aiel feito prisioneiro por outro Aiel durante uma incursão ou uma batalha que sirva ao seu captor com humildade e obediência durante um ano e um dia, sem tocar em armas ou protagonizar nenhum ato de violência. Sábias, ferreiros, crianças e mulheres com filhos menores de dez anos não podem ser feitos *gai'shain*. *Ver também* vazio, o.

Gaidin: Na Língua Antiga, “Irmão nas Batalhas”. Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões. *Ver também* Guardião.

Galad: Lorde Galadedrid Damodred, chamado de Galad. Meio-irmão de Elayne e Gawyn, com quem compartilha o mesmo pai, Taringail Damodred. Tem como símbolo uma espada de prata alada com a ponta para baixo.

Gawyn da Casa Trakand: Filho da Rainha Morgase e irmão de Elayne, será o Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne subir ao trono. Meio-irmão de Galad. Tem como símbolo um javali branco.

Grande Praga, a: Região no extremo norte inteiramente corrompida pelo Tenebroso. Local onde vivem Trollocs, Myrddraal e outras criaturas da Sombra.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro é uma blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade que já era antigo antes do início da Era das Lendas, consiste em uma serpente mordendo a própria cauda. Um anel na forma da Grande Serpente é dado às mulheres elevadas a Aceitas entre as Aes Sedai.

Grão-lordes de Tear: Com atuação semelhante à de um conselho, os grão-lordes são, historicamente, os governantes da nação de Tear, onde não há rei ou rainha. Seu número não é fixo, varia ao longo dos anos, pode ser tão alto quanto vinte ou tão baixo quanto seis. Não devem ser confundidos com os Senhores da Terra, que são lordes tairanos menores.

Guardião: Guerreiro que tem um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único e concede dádivas como Cura acelerada, capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso, e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso à distância. Enquanto o Guardião permanece vivo, a Aes Sedai com quem ele tem o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que esteja, da mesma forma que, quando ele morre, ela sabe o momento e a forma como seu Guardião morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que é natural uma Aes Sedai ter um elo com apenas um Guardião de cada vez, a Ajah Vermelha se recusa a estabelecê-los e a Ajah Verde crê que seja possível estabelecer elos com quantos Guardiões a Aes Sedai quiser. Por ética, é preciso que o Guardião aceite o elo, mas há casos em que este foi feito involuntariamente. O que a Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado. *Ver também* Aes Sedai.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder, encerrou a Era das Lendas. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso, em um ataque liderado por Lews Therin Telamon, o Dragão, e uma centena de Aes Sedai do sexo masculino chamados de Cem Companheiros. O contra-ataque do Tenebroso maculou *saidin* e enlouqueceu Lews Therin e os Cem Companheiros, dando início ao Tempo da Loucura e à Ruptura do Mundo. *Ver também* Dragão, o; Poder

Único.

Guerra do Poder: *Ver* Guerra da Sombra.

Guerra dos Aiel (976-978 NE): Quando o Rei Laman de Cairhien cortou *Avendoraldera*, quatro clãs dos Aiel cruzaram a Espinha do Mundo. Eles saquearam e incendiaram a capital de Cairhien e muitas outras cidades e vilarejos, e o conflito se estendeu até Andor e Tear. A opinião geral é de que os Aiel foram finalmente derrotados na Batalha das Muralhas Reluzentes, diante de Tar Valon, mas a verdade é que Laman foi morto naquela batalha, e, tendo cumprido seu objetivo, os Aiel cruzaram a Espinha de volta. *Ver também* *Avendoraldera*; Cairhien; Espinha do Mundo.

Guerra dos Cem Anos (994-117 AL): Série de guerras concomitantes entre alianças que mudavam constantemente, iniciada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. O conflito deixou grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel quase desabitadas, do Mar das Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tanta que restam apenas alguns registros da época. Com as guerras, o império de Artur Asa-de-gavião se fragmentou e as nações dos dias atuais se formaram. *Ver também* Artur Asa-de-gavião.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram mais de trezentos anos, ao longo dos quais, sob o comando de Myrddraal e Senhores do Medo, exércitos de Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os Trollocs foram mortos ou forçados a voltar à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentados. *Ver também* Myrddraal; Senhores do Medo; Trollocs.

Homem Cinza: Homem ou mulher que entregou voluntariamente sua alma ao Tenebroso com o intuito de se tornar um assassino a serviço da Sombra. Homens Cinza possuem uma aparência tão comum que os olhos podem percorrê-los sem se darem conta do que veem. A grande maioria dos Homens Cinza é de fato homem, mas há um número pequeno de mulheres. Também chamados de Desalmados.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

irmã-primeira, irmão-primeiro: Termo de parentesco Aiel que significa ter a mesma mãe. Entre os Aiel, isso indica uma relação mais próxima do que ter o mesmo pai.

Jogo das Casas: Nome dado às articulações, armações, tramas e manipulações feitas pelas Casas Nobres na busca de poder. Nele, dá-se grande valor à dissimulação, a buscar um objetivo enquanto parece-se estar buscando outro, e ao alcance de suas metas com o menor esforço visível. Também conhecido como Grande Jogo e, às vezes, por seu nome na Língua Antiga: *Daes Dae'mar*.

Juilin Sandar: Caçador de ladrões de Tear.

Juramentos, Três: Juramentos feitos por uma Aceita ao ser elevada a Aes Sedai. São proferidos enquanto ela segura o Bastão dos Juramentos, um *ter'angreal* que confirma seu compromisso com os votos. São eles: (1) Não dizer palavra que não seja verdadeira. (2) Não criar arma com a qual um homem possa matar outro. (3) Nunca usar o Poder como arma, exceto contra Crias da Sombra ou, em casos extremos, em defesa da própria vida, da vida de seu Guardião ou de outra Aes Sedai. O segundo juramento foi o primeiro a ser adotado, em reação à Guerra da Sombra. O primeiro juramento, embora levado ao pé da letra, em geral pode ser contornado escolhendo-se bem as palavras. Acredita-se que os dois últimos sejam invioláveis.

Kerenmosa, Rashima: Conhecida como a Amyrlin Soldada. Nascida por volta de 1150 DR e elevada a Amyrlin a partir da Ajah Verde em 1251 DR. Liderando pessoalmente os exércitos da Torre, obteve inúmeras vitórias, com destaque para a Passagem Kaisin, o Passo Soralle, Larapelle, Tel Norwin e Maighande, onde morreu em 1301 DR. Seu corpo foi descoberto após a batalha cercado por seus cinco Guardiões e uma enorme parede de Trollocs e Myrddraal que continha os cadáveres de não menos que

nove Senhores do Medo. *Ver também* Aes Sedai; Ajah; Guardiões; Senhores do Medo; Trono de Amyrlin.

Lan; al'Lan Mandragoran: Rei Não Coroado de Malkier, uma terra engolida pela Praga no ano do seu nascimento (953 NE), Dai Shan e último sobrevivente dos lordes malkieris. Aos 16 anos, iniciou uma guerra solitária contra a Praga e a Sombra, o que continuou até ele se unir a Moiraine como seu Guardião em 979 NE. *Ver também* Guardião; Moiraine.

Latoeiros: Mais precisamente, os Tuatha'an, também chamados de Povo Errante. Um povo nômade que vive em carroções muito coloridos e que segue uma filosofia pacifista chamada Caminho da Folha. Estão entre os poucos que conseguem atravessar o Deserto Aiel sem serem atacados, já que os Aiel evitam contato com eles. Pouquíssimas pessoas sequer suspeitam da origem comum dos Tuatha'an e dos Aiel, que se separaram durante a Ruptura do Mundo numa tentativa de encontrar um modo de retornar aos tempos de paz. *Ver também* Aiel.

Lews Therin Telamon; Lews Therin Fratricida: *Ver* Dragão, o.

Língua Antiga: A língua falada durante a Era das Lendas. Espera-se que os nobres e os cultos saibam falá-la, mas a maioria conhece apenas algumas poucas palavras. Traduzi-la costuma ser difícil, já que se trata de uma língua com muitos significados diferentes e sutis. *Ver também* Era das Lendas.

Lini: Babá de Lady Elayne e, antes, da mãe dela, Morgase, e também da avó de Elayne. Mulher de fibra, muito observadora e dona de um arsenal de ditados.

Logain: Homem que afirmava ser o Dragão Renascido. Capturado depois de deflagrar guerras por Ghealdan, Altara e Murandy, foi levado à Torre Branca e amansado, vindo a escapar posteriormente durante a confusão que se sucedeu à deposição de Siuan Sanche. Um homem que ainda há de viver dias de glória.

Manetheren: Uma das dez nações que formaram o Segundo Pacto. Também é o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram destruídas nas Guerras dos Trollocs. O símbolo de Manetheren era uma Águia Vermelha em pleno voo. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

Mantos-brancos: *Ver* Filhos da Luz.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Mayene: Cidade-estado no Mar das Tempestades, circundada e historicamente oprimida por Tear. A governante de Mayene é denominada "Primeira", que advém do antigo termo Primeiro Lorde ou Primeira Lady. As Primeiras alegam ser descendentes de Artur Asa-da-gavião. O título de Segundo (a), que já foi exclusivo de um único lorde ou lady, chegou a ser usado, nos últimos quatrocentos anos, por até nove pessoas ao mesmo tempo. Seu estandarte é um gavião dourado em pleno voo em um fundo azul.

Melaine: Sábia do ramo Jhirad dos Aiel Goshien e Andarilha dos Sonhos. Tem força moderada com o Poder Único. Casada com Bael, chefe de clã dos Goshien. Esposa-irmã de Dorindha, senhora do teto do Forte das Fontes de Fumaça. *Ver também* Andarilha dos Sonhos.

menestréis: Viajantes contadores de histórias, músicos, malabaristas, acrobatas e mestres do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos de retalhos multicoloridos, apresentam-se principalmente em aldeias e cidades pequenas.

Moiraine Damodred: Aes Sedai da Ajah Azul. Nascida em Cairhien, na Casa Damodrehd. Nasceu em 956 NE no Palácio Real de Cairhien. Após chegar à Torre Branca como noviça em 972 NE, sua ascensão foi meteórica, com elevação a Aceita em apenas três anos e a Aes Sedai em só mais outros três, ao final da Guerra dos Aiel. Foi então que ela iniciou a busca pelo jovem que, de acordo com Gitara Moroso, Aes Sedai com o Talento da Previsão, nascera nas encostas do Monte do Dragão durante a Batalha das Muralhas Reluzentes e que seria o Dragão Renascido. Foi ela que levou Rand al'Thor, Mat Cauthon, Perrin

Aybara e Egwene al’Vere embora de Dois Rios. Desapareceu ao entrar num *ter’angreal* em Cairhien enquanto lutava contra Lanfear, aparentemente matando tanto a si mesma quanto a Abandonada.

Morgase: Pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-trono da Casa Trakand. No momento, em exílio e tida como morta, assassinada pelo Dragão Renascido, como muitos pensam. Seu símbolo são três chaves douradas. O símbolo da Casa Trakand é uma pedra angular prateada.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de Trollocs nas quais o material humano para criá-los ressurge, mas maculado pelo mal que originou os Trollocs. Não têm olhos, mas enxergam como águias, tanto na luz quanto no escuro. Têm certos poderes que vêm do Tenebroso, inclusive a habilidade de causar um medo paralisante com uma encarada e de sumir onde quer que haja sombras. Uma das poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar água corrente. Espelhos os refletem de maneira enevoadá. Em terras diferentes, são conhecidos por diversos nomes, entre os quais Meios-homens, Sem-olhos, Homens das Sombras, Espreitados, Espectros e Desvanecidos.

Ogier: (1) Raça não humana, caracterizada por altura elevada (um adulto do sexo masculino tem cerca de dez pés de altura, em média), porte largo, narizes muito parecidos com focinhos e orelhas longas e peludas. Vivem em áreas chamadas de *pousos*, das quais saem muito pouco, e costumam ter pouco contato com humanos. O conhecimento sobre eles entre os humanos é escasso, e muitos creem que Ogier são apenas lendas, embora eles sejam exímios construtores e tenham construído a maior parte das grandes cidades erguidas depois da Ruptura. Apesar de serem considerados um povo pacífico e extremamente difícil de ser irritado, algumas histórias antigas contam que eles lutaram ao lado dos humanos nas Guerras dos Trollocs, e que são inimigos implacáveis. Em geral, apreciam o conhecimento e, não raro, seus livros e suas histórias contêm informações perdidas para os humanos. A expectativa de vida típica de um Ogier é pelo menos o triplo ou o quádruplo da de um humano. (2) Qualquer indivíduo pertencente a essa raça não humana. *Ver também* *pouso*; Ruptura do Mundo.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a substância da realidade para aquela Era. *Ver também* *ta’veren*.

Pedra de Tear: Grande fortaleza na cidade de Tear que dizem ter sido construída por meio do Poder Único logo após a Ruptura do Mundo. Sitiada e atacada sem sucesso incontáveis vezes, caiu numa única noite pelas mãos do Dragão Renascido e de algumas centenas de Aiel, tornando realidade duas partes das Profecias do Dragão. *Ver também* Dragão, Profecias do.

Poder Único: O poder retirado da Fonte Verdadeira. A grande maioria das pessoas é incapaz de aprender a canalizá-lo. Pouquíssimos podem vir a aprender, e uma parcela ainda menor nasce com essa centelha. Para esses poucos, não há necessidade de aprendizado, pois acabarão canalizando o Poder independentemente da sua vontade, e talvez sem nem perceber. Essa habilidade inata costuma se manifestar no fim da adolescência ou no início da idade adulta. Caso não aprendam a controlar, com ajuda ou por si mesmos (algo bem difícil, com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o Tempo da Loucura, homem algum é capaz de canalizar sem enlouquecer de forma terrível e então, mesmo se tiver adquirido certo controle, acabar morrendo de uma espécie de doença degenerativa que faz com que o portador apodreça ainda vivo. Assim como a loucura, essa doença é causada pela mácula do Tenebroso em *saidin*. *Ver também* Aes Sedai; canalizar; Cinco Poderes; Fonte Verdadeira; Ruptura do Mundo.

pouso: Terras dos Ogier. Muitos *pousos* foram abandonados desde a Ruptura do Mundo. Têm alguma forma de proteção que impede Aes Sedai de canalizar o Poder Único ou mesmo sentir a Fonte Verdadeira em

seu interior, embora o conhecimento a respeito de como ou por que isso ocorre tenha se perdido. Mesmo tentativas de usar o Poder Único fora de um *pouso* não terão qualquer efeito em seu interior. A menos que seja obrigado, nenhum Trolloc entra em um *pouso*, e mesmo um Myrddraal só fará isso em caso de extrema necessidade e com grande relutância. Até os Amigos das Trevas, quando muito dedicados, sentem-se desconfortáveis dentro de um *pouso*.

Povo do Mar: Seu nome mais adequado é Atha'an Miere. Um povo misterioso. Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam pouco tempo em terra firme, levando grande parte de suas vidas nos navios. A maior parte do comércio marítimo é feita nos navios do Povo do Mar.

Praga: *Ver Grande Praga*, a.

quase-irmã, quase-irmão: Termos de parentesco Aiel para indicar amigos quase tão próximos quanto irmãs-primeiras e irmãos-primeiros. Quase-irmãs costumam se adotar formalmente como irmãs-primeiras, mas quase-irmãos raramente o fazem.

Questionadores, os: Ordem dentro dos Filhos da Luz cujos objetivos são descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, o método usual de interrogatório é a tortura. Costumam agir como se já soubessem a verdade e precisassem apenas de uma confissão. Os Questionadores referem-se a si mesmos como a Mão da Luz, a Mão que desenterra a verdade, e por vezes agem como se fossem completamente independentes dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos. Têm como símbolo o cajado vermelho-sangue de um pastor. *Ver também* Filhos da Luz.

Rhuidean: Uma grande cidade, a única no Deserto Aiel, e totalmente desconhecida para o mundo exterior. Abandonada por quase três mil anos. No passado, só se permitia que um homem Aiel entrasse em Rhuidean uma única vez para que, dentro de um grande *ter'angreal*, ele passasse pelo teste de chefe de clã (apenas um de cada três sobrevivia a essa prova). Mulheres Aiel entravam na cidade apenas duas vezes: primeiro para serem testadas no mesmo *ter'angreal* e depois para se tornarem Sábias, mas com uma taxa de sobrevivência consideravelmente maior. Atualmente, a cidade voltou a ser habitada pelos Aiel. Um grande lago alimentado por um oceano subterrâneo de água doce ocupa uma das extremidades do vale de Rhuidean, e esse lago, por sua vez, alimenta o único rio no Deserto. *Ver também* Aiel.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era. Conforme a Roda gira, as Eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez está sujeito a mudanças maiores.

Ruptura do Mundo: Durante o Tempo da Loucura, Aes Sedai do sexo masculino tomados pela loucura transformaram o mundo, arrasando antigas cadeias de montanhas e construindo novas, erguendo terra onde havia mar e fazendo o mar invadir a terra. Muitas partes do mundo ficaram completamente despovoadas, e os sobreviventes se dispersaram como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada em contos, lendas e na história como a Ruptura do Mundo.

sa'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a canalização de muito mais Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém mais poderoso. O volume de Poder que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. Não se sabe mais como fabricá-los. Assim como ocorre com os *angreal*, existem *sa'angreal* de uso masculino e de uso feminino. Restam apenas alguns, muito mais raros que os *angreal*.

Sabedoria: Nas aldeias, é a mulher escolhida pelo Círculo das Mulheres por seu conhecimento em áreas

como a cura e a previsão do tempo, assim como seu bom senso. Geralmente, é considerada equivalente ao Prefeito, e em algumas aldeias é sua superior. O cargo de Sabedoria é vitalício, e é raro uma deixar o ofício antes de morrer. Dependendo da região, o título pode ser outro, como Guia, Curandeira, Sábia ou Buscadora.

Sábia: Entre os Aiel, as Sábias são mulheres escolhidas por outras Sábias e treinadas para a cura, uso de ervas e outras habilidades, de forma muito similar às Sabedorias. São detentoras de grande autoridade e responsabilidade, bem como de forte influência entre os chefes dos ramos e clãs, embora esses homens com frequência as acusem de se intrometerem em seus assuntos. Boa parte das Sábias é capaz de canalizar pelo menos um pouco. Elas encontram todas as Aiel nascidas com a centelha e a maior parte das que são capazes de aprender. Por costume, não se fala entre os Aiel sobre as Sábias serem capazes de canalizar. Também por costume, e mais até que os outros Aiel, as Sábias evitam qualquer tipo de contato com as Aes Sedai. Sábias ficam de fora de todas as rixas e batalhas, e, de acordo com o *ji'e'toh*, não podem ser feridas ou capturadas. Uma Sábia que tomasse parte em uma batalha estaria incorrendo em uma grande violação dos costumes e das tradições. Três Sábias ainda em vida são Andarilhas dos Sonhos, podendo adentrar *Tel'aran'rhiod* e, entre outras coisas, conversar com pessoas que estejam sonhando. *Ver também* Andarilha dos Sonhos; *Tel'aran'rhiod*.

saidar; saidin: *Ver* Fonte Verdadeira.

Seanchan: (1) Descendentes dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth e que, lá, conquistaram terras. Acreditam que qualquer mulher capaz de canalizar deva ser controlada para a segurança de todos, e que, pelo mesmo motivo, qualquer homem capaz de canalizar deva ser morto. (2) A terra onde vivem esses descendentes.

Senhores do Medo: Homens e mulheres capazes de canalizar que passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, atuando como generais das forças dos Trollocs e dos Amigos das Trevas. Às vezes, os menos instruídos os confundem com os Abandonados.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, além da Grande Praga. Local da prisão do Tenebroso.

Sociedades guerreiras dos Aiel: Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das doze sociedades guerreiras, que são os Andarilhos do Trovão (*Sha'mad Conde*), os Buscadores das Águas (*Duadhe Mahdi'in*), os Cães de Pedra (*Shae'en M'taal*), os Dançarinos da Montanha (*Hama N'dore*), as Donzelas da Lança (*Far Dareis Mai*), os Escudos Vermelhos (*Aethan Dor*), os Irmãos da Águia (*Far Aldazar Din*), os Lanças Noturnas (*Cor Darei*), os Mensageiros da Aurora (*Rahien Sorei*), os Mãos de Faca (*Sovin Nai*), os Olhos Negros (*Seia Doon*) e os Sangues Verdadeiros (*Tain Shari*). Cada sociedade tem seus próprios costumes e, às vezes, deveres específicos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia, os Cães de Pedra muitas vezes são usados para cuidar da retaguarda durante a retirada de um grupo de investida, enquanto as Donzelas assumem com frequência a função de batedoras. É comum os clãs invadirem o território uns dos outros e lutarem entre si, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, ainda que os clãs o façam. Dessa forma, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs, mesmo quando em guerra declarada. *Ver também* Aiel; Deserto Aiel; *Far Dareis Mai*.

Sonhador: *Ver* Talentos.

Sorilea: Sábia do Forte Shende, uma Aiel Jarra Chareen. Quase incapaz de canalizar, é a Sábia mais velha, embora a diferença de idade para a segunda não seja tão grande quanto muitos pensam.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vidas próximas, talvez todos os fios de todas as vidas. *Ver também* Padrão de uma Era.

Taim, Mazrim: Falso Dragão que, até ser derrotado e capturado, causou um tumulto em Saldaea. É muito forte no Poder. *Ver também* Dragão, falso.

Talentos: Habilidades relativas ao uso do Poder Único em áreas específicas. A aptidão em vários Talentos varia bastante de indivíduo a indivíduo e raramente tem a ver com a força da capacidade desse indivíduo de canalizar. Há Talentos maiores, e o mais conhecido e disseminado entre eles é a Cura. Outros exemplos são a Dança das Nuvens (controle do clima) e o Canto da Terra (que envolve o controle de movimentos da terra, como a prevenção ou a indução de terremotos e avalanches). Também há Talentos menores que raramente recebem nomes, como a capacidade de enxergar *ta'veren* ou de duplicar o efeito de um *ta'veren* de influenciar o acaso, ainda que numa área bem pequena e restrita que dificilmente cobre mais que alguns pés quadrados. Alguns Talentos, como o de Viajar (habilidade de ir de um lugar a outro sem cruzar o espaço físico), só agora estão sendo redescobertos. Outros, como o da Profecia (capacidade de prever eventos futuros, mas de forma geral) e o da Detecção (localização de minérios e sua possível retirada do solo), são muito raros. Outro Talento que havia muito se pensava não mais existir é o de Sonhar, que envolve a interpretação dos sonhos do Sonhador para prever eventos futuros de maneira mais específica do que as Profecias o fazem. Alguns Sonhadores têm a capacidade de adentrar *Tel'aran'rhiod*, o Mundo dos Sonhos, e (é o que se diz) até mesmo os sonhos de outras pessoas. A última Sonhadora de que se tinha notícia era Corianin Nedeal, que morreu em 526 NE, mas agora há outra. Ver também *Tel'aran'rhiod*.

Tallanvor, Martyn: Tenente da Guarda da Rainha que ama sua rainha mais do que sua honra ou a própria vida.

Tam al'Thor: Fazendeiro e pastor de Dois Rios. Ainda jovem, deixou o local para se tornar soldado e retornou com uma esposa, Kari, já falecida, e um filho, Rand.

Tarabon: Nação no Oceano de Aryth cuja capital é Tanchico. Outrora local de grandes negociações, fonte de tapetes, tintas e fogos de artifício, entre outros produtos confeccionados pela Guilda de Iluminadores. Poucas notícias chegaram de Tarabon desde que a nação passou a ser assolada pela anarquia e pela guerra civil, além das guerras simultâneas contra Arad Doman e os Devotos do Dragão, pessoas que juraram seguir o Dragão Renascido.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Dragão, Profecias do; Trombeta de Valere.

Tear: Nação no Mar das Tempestades cuja capital, de mesmo nome, é uma grande cidade portuária. O estandarte de Tear exibe três luas crescentes brancas que se inclinam em um fundo metade vermelho, metade dourado. *Ver também* Pedra de Tear.

Telamon, Lews Therin: *Ver* Dragão, o.

Tel'aran'rhiod: Na Língua Antiga, “Mundo Invisível” ou “Mundo dos Sonhos”. Um mundo ou lugar vislumbrado em sonhos que os antigos acreditavam permear e circundar todos os outros mundos possíveis. Muitos podem tocar *Tel'aran'rhiod* por alguns momentos em seus sonhos, mas são poucos os que já tiveram a capacidade de adentrá-lo de acordo com sua vontade, embora alguns *ter'angreal* concedam essa capacidade. Ao contrário dos outros sonhos, o que acontece às criaturas vivas no Mundo dos Sonhos é real: uma ferida sofrida lá ainda existirá ao despertar, e quem lá morre não acorda jamais. Tirando esses dois casos, porém, nada do que acontece por lá afeta de modo algum o mundo desperto. *Ver também* *ter'angreal*.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan. A fonte de todo mal, antítese do Criador. Aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador no momento da Criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas. *Ver também* Dragão, Profecias do.

ter'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que utilizam o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para determinado objetivo. Alguns são usados pelas Aes Sedai, mas seu

propósito original é, em grande medida, desconhecido. Alguns requerem canalização, ao passo que outros podem ser usados por qualquer pessoa. Alguns matarão qualquer mulher que os use ou destruirão sua habilidade de canalizar. Assim como com os *angreal* e *sa'angreal*, os conhecimentos de como fabricá-los se perdeu com a Ruptura do Mundo. Ver também *angreal*; *sa'angreal*.

Terras da Fronteira: As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar. Sua história é de ataques e guerras infinitas contra Trollocs e Myrddraal. *Ver também* Grande Praga.

Thom Merrilin: Um menestrel e viajante nada comum. *Ver também* Jogo das Casas; menestréis.

Torre Branca: Centro e núcleo do poder das Aes Sedai, localizada no coração da grande cidade-ilha de Tar Valon.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso cuja origem remonta à Guerra da Sombra. De imensa estatura, são uma mistura distorcida entre animais e humanos. Malignos por natureza, matam por puro prazer. Traíçoeiros ao extremo, só são confiáveis quando coagidos pelo medo. Comem qualquer coisa, ou qualquer um. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

Trombeta de Valere: Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Dizem poder convocar os heróis mortos para lutar contra a Sombra. Uma nova Caçada à Trombeta foi convocada, e Caçadores da Trombeta declarados podem ser encontrados em muitas nações.

Trono de Amyrlin: (1) Título da líder das Aes Sedai. O Salão da Torre, formado por três representantes de cada uma das Ajahs — chamadas de as Votantes —, elege uma mulher para esse cargo vitalício. O Trono de Amyrlin tem, ao menos em teoria, autoridade quase suprema entre as Aes Sedai, e seu status equivale ao de um rei ou uma rainha. Uma forma de tratamento um pouco menos formal é apenas “Amyrlin”. (2) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

união: Capacidade das mulheres que canalizam de combinarem seus fluxos do Poder Único. Ainda que o fluxo combinado não seja tão poderoso quanto a soma total dos fluxos individuais, ele é direcionado pela mulher que lidera a conexão e pode ser utilizado com muito mais precisão e com um efeito muito maior do que os fluxos individuais o poderiam. Homens não são capazes de se unir sem a presença de uma mulher ou de mulheres no círculo. Até 13 mulheres podem se unir sem a presença de um homem. Com a inclusão de um, o círculo pode se expandir para 26 mulheres. Dois homens podem levar o círculo a ter 34 mulheres, e assim por diante, até que se atinja o limite de 6 homens e 66 mulheres. Há círculos que contam com mais homens e menos mulheres, mas, exceto quando se unem um homem e uma mulher, uma mulher e dois homens, ou, é claro, dois homens e duas mulheres, sempre deve haver no círculo pelo menos uma mulher a mais do que há homens. Na maioria dos casos, ou um homem ou uma mulher podem controlar a ligação, mas um homem deve necessariamente ter esse controle no círculo de 72 pessoas ou nos círculos mistos de menos de 13 pessoas. Apesar de os homens, em geral, serem mais fortes com o Poder Único do que as mulheres, os círculos mais poderosos são os que contêm o máximo possível de igualdade no número de homens e mulheres. *Ver também* Aes Sedai.

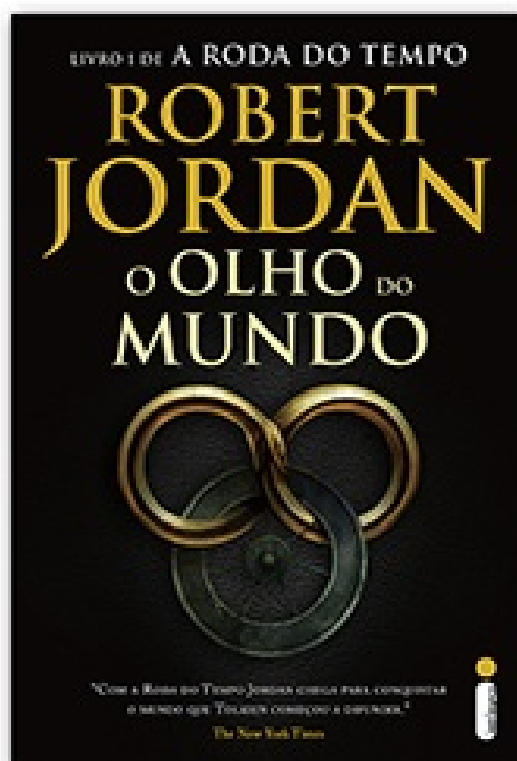
SOBRE O AUTOR

©Liza Groen Trombi/Locus Publications

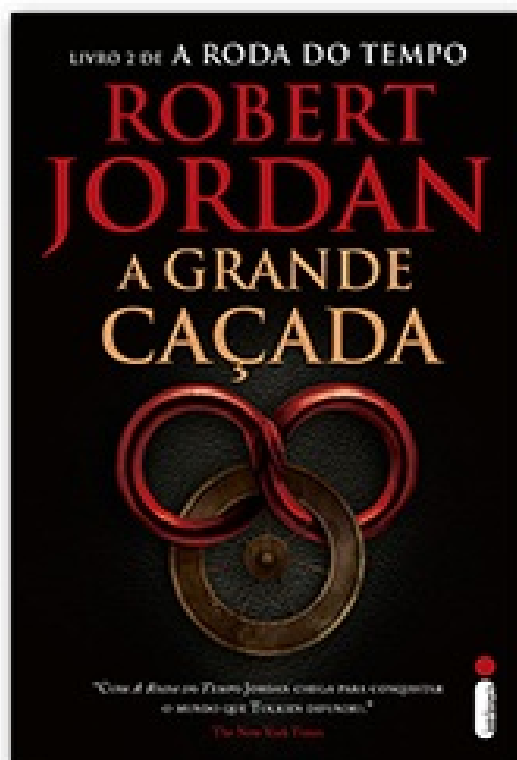


ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 17 de outubro de 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos 5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Julio Verne. Serviu na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *O Senhor do Caos* é o sexto dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, considerada a maior e mais elaborada obra de literatura fantástica já criada desde os livros de J.R.R. Tolkien. Robert Jordan morreu em 16 de setembro de 2007.

CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE

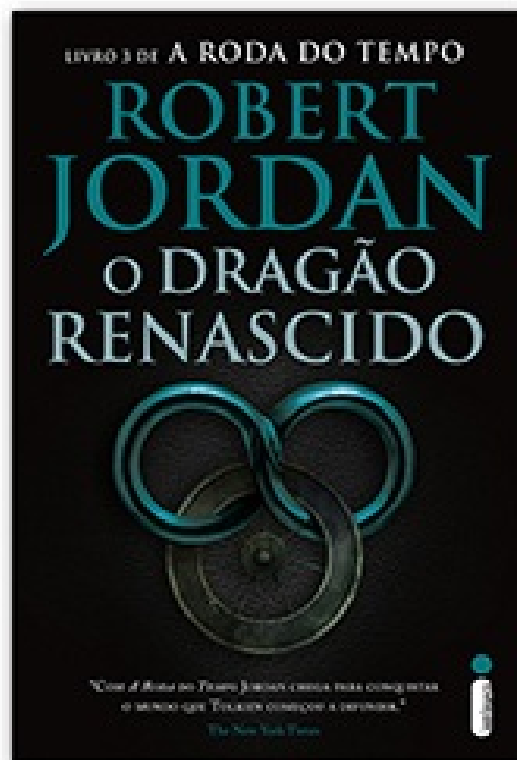


[O olho do mundo](#)
[\(Livro 1\)](#)

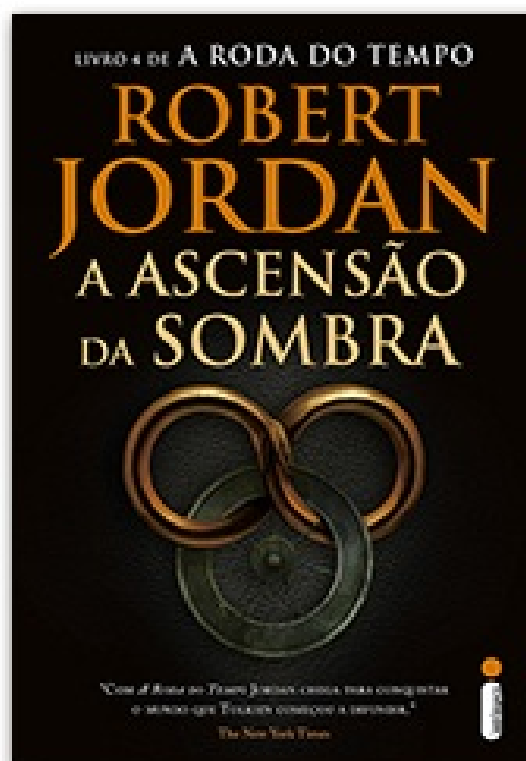


[A grande caçada](#)

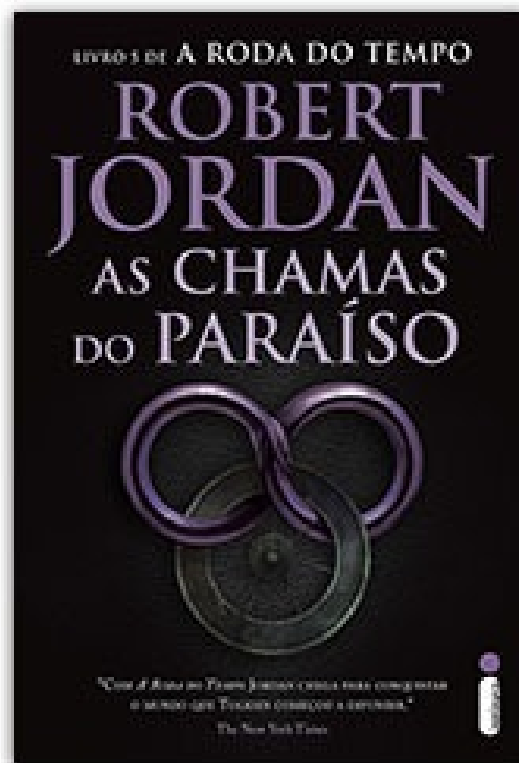
[\(Livro 2\)](#)



[O dragão renascido](#)
[\(Livro 3\)](#)

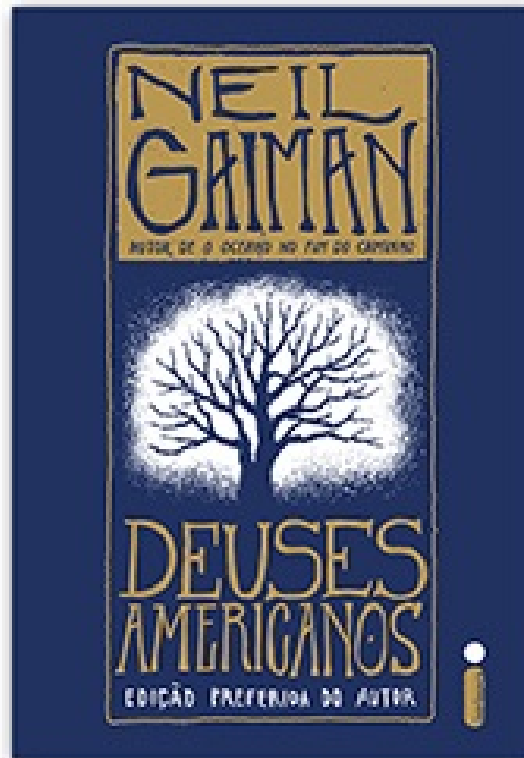


[A ascensão da sombra](#)
[\(Livro 4\)](#)

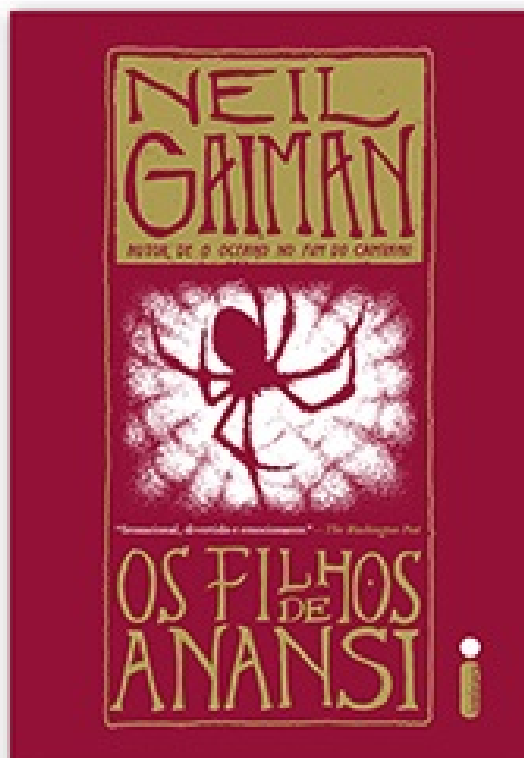


[As chamas do Paraíso](#)
[\(Livro 5\)](#)

LEIA TAMBÉM

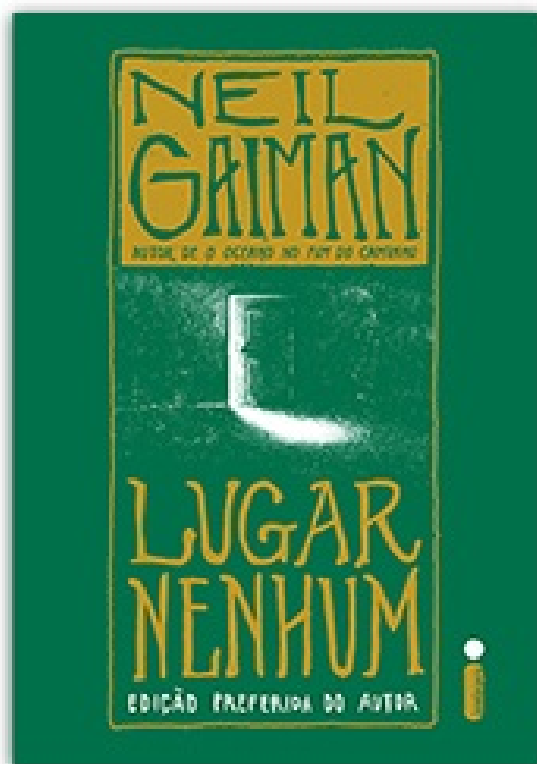


[*Deuses americanos*](#)
[Neil Gaiman](#)

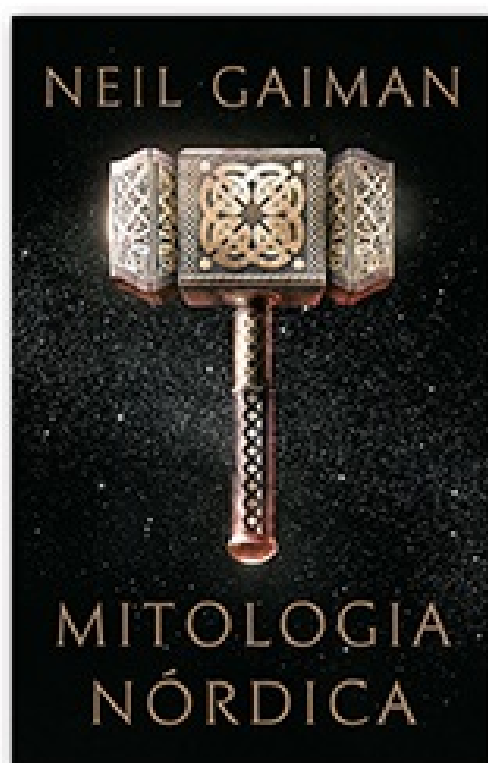


[*Os filhos de Anansi*](#)

[Neil Gaiman](#)



[Lugar nenhum](#)
[Neil Gaiman](#)



[Mitologia nórdica](#)
[Neil Gaiman](#)



[*Ordem vermelha: Filhos da Degradação*](#)
[Felipe Castilho](#)